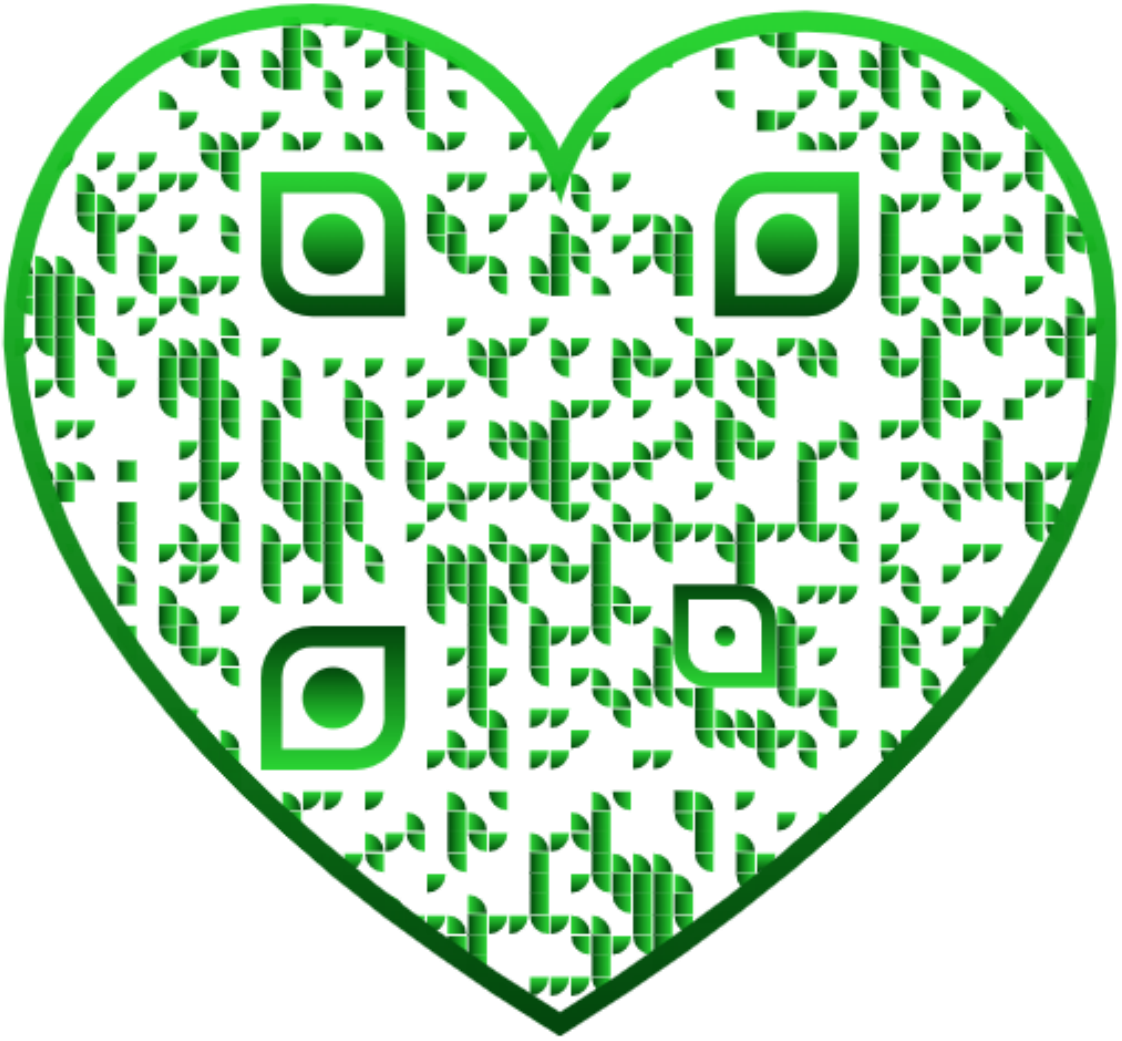
FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

AS GRANDES

OBRAS



Fiódor Dostoiévski

AS GRANDES OBRAS

autor | FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

capa | MIMÉTICA

imagem da capa | VASILY PEROV: RETRATO DE DOSTOIÉVSKI (1872)

paginação | MIMÉTICA

copyright | 2019 © MIMÉTICA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Índice

CRIME E CASTIGO
OS IRMÃOS KARAMAZOV
O IDIOTA
OS POSSESSOS
GENTE POBRE
RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS
O ETERNO MARIDO
NETOCHKA NEZVANOVA
O SONHO DO TIO
O JOGADOR
O PEQUENO HERÓI

CRIME E CASTIGO

PARTE 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
PARTE 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
PARTE 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
PARTE 4
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
PARTE 5
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
PARTE 6
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Capítulo 7
EPÍLOGO
Capítulo 1
Capítulo 2

Parte 1

Capítulo 1

Numa magnífica noite de julho, excessivamente quente, um rapaz saiu do quarto que ocupava nas águas-furtadas de um grande prédio de cinco andares, situado no bairro S..., e, com passos lentos e um ar irresoluto, tomou o caminho da ponte de K...

Teve a boa sorte de não encontrar na escada a senhoria, que habitava o andar inferior. A cozinha, cuja porta estava quase sempre aberta, dava para a escada. Quando saía, tentava subtrair-se aos olhares da hospedeira, o que o fazia experimentar a forte sensação de quem se evade. Devia-lhe uma soma importante e por isso receava encontrá-la.

Nunca a pobre mulher o havia ameaçado ou ultrajado; pelo contrário. Porém havia algum tempo que ele se achava num estado de excitação nervosa, vizinho da hipocondria. Isolando-se e concentrando-se, chegara ao ponto de não só evitar encontrar-se com a hospedeira, mas até mesmo a deixar de manter relações com os seus semelhantes. Noutros tempos a pobreza parecia esmagá-lo; todavia, nestes últimos dias, chegara a ser-lhe insensível. Renunciara em absoluto às suas ocupações. De resto, pouco lhe importava a hospedeira e as disposições que ela pudesse adotar contra ele. Ser surpreendido na escada, ouvir reclamações, suportar recriminações, aliás pouco prováveis, ter de responder com evasivas, ou antes, desculpas de mau pagador, mentiras... — isso não! O melhor era esgueirar-se sem ser visto, deslizar como um gato medroso.

Desta vez, porém, quando chegou à rua, pareceu-lhe estranho o receio que tivera de encontrar a credora.

«É inacreditável que, quando tenho em mente um projeto tão arriscado, me preocupe com tais ninharias», pensou ele com um sorriso singular. «Sim! o homem tem tudo entre as mãos e se tudo deixa escapar, é porque tem medo... É axiomático! Não se me dava saber de que é que temos mais medo. Estou em acreditar que aquilo que mais receamos é o que nos faz sair dos nossos hábitos. Todavia, com tanto divagar, é que nada faço. É verdade que poderia alegar esta outra razão: porque nada faço é que divago tanto. Há um mês que me habituei a falar só, encolhido a um

canto durante dias inteiros, preocupado com disparates. Vejamos no que me vou meter! Serei capaz *disto?* Será *isto* sério? Não, *isto* não é sério. São ninharias que preocupam o meu espírito, ou antes, simples fantasias.»

O calor era asfixiante. A multidão, a vista dos montes de cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro especial, tão conhecido do habitante de S. Petersburgo que não pode alugar uma casa de campo no verão, tudo contribuía para irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes nesta parte da cidade, e os bêbados que a cada momento se encontravam, conquanto fosse um dia de trabalho, completavam o quadro, dando-lhe um horrível colorido. As delicadas feições do mancebo refletiram, por momentos, uma impressão de profunda náusea. A propósito deve-se dizer que não era fisicamente destituído: de estatura mais que regular, franzino, elegante, tinha uns bonitos olhos escuros e uns cabelos castanhos. Pouco a pouco foi caindo numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a coisa alguma. De longe em longe, apenas, murmurava consigo umas ligeiras palavras, porque, como ele próprio reconhecia, havia algum tempo que tinha a mania de falar só. Neste momento notava que por vezes as ideias se lhe confundiam e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias, quase se podia dizer, que não comia.

Qualquer outro se envergonharia de exibir em pleno dia semelhantes andrajos, tão mal vestido estava. No entanto, o bairro permitia qualquer vestuário. Nos arredores do Mercado do Feno, nas ruas de S. Petersburgo onde vive o operariado, o vestuário mais singular não causa a menor surpresa. Porém acumulava-se na alma do infeliz rapaz um tal desprezo por tudo que, apesar do seu pudor por vezes muitíssimo ingénuo, não se envergonhava de passear pelas ruas os seus farrapos.

O caso seria diferente se encontrasse pessoas conhecidas, ou alguns dos seus antigos companheiros cuja aproximação em geral evitava. De repente parou, vendo-se alvo da atenção dos transeuntes por estas palavras pronunciadas em voz irónica: «Vejam, um chapeleiro alemão!» Eram proferidas por um bêbado que era levado, não se sabe para onde, nem para quê, numa carroça.

Com um gesto nervoso tirou o chapéu e pôs-se a mirá-lo. Era um feltro de copa alta, comprado na casa de Zimerman, muitíssimo usado, de cor esverdeada, quase sem abas, e com inúmeras nódoas e buracos. Era um

chapéu deveras miserável. No entanto, longe de se sentir ofendido no seu brio, o possuidor de tão estranho objeto sentia-se mais inquieto do que humilhado.

«Isto é realmente o pior!», murmurou ele. «Esta miséria! E qualquer coisa pode deitar a perder o negócio. De facto este chapéu dá muito na vista, está mesmo um horror! Ninguém traz uma coisa destas na cabeça... E então este, que se torna reparado a quilómetros de distância! Lembrar-se-ão, recordar-se-ão dele... pode ser um indício... É indispensável que desperte o menos possível a atenção. As coisas mais insignificantes têm às vezes grande importância e é regra geral por elas que a gente se perde...»

Não ia para muito longe. Conhecia muito bem a distância entre a sua morada e o local para onde se dirigia: setecentos e trinta passos, nem mais, nem menos um. Contara-os quando o projeto tinha ainda no seu espírito a forma vaga de um sonho. Nessa época nunca supusera que tal ideia viesse a tomar corpo e a fixar-se. Limitara-se a acariciar no seu íntimo uma utopia duplamente pavorosa e irresistível. Todavia, passado um mês, começara a ver as coisas sob outro aspeto. Conquanto nos seus solilóquios se lamentasse da sua pouca energia e irresolução, tinha-se, no entanto, habituado a pouco e pouco, mau grado seu, a julgar possível a realização dessa sonhada quimera, a despeito de não confiar ainda muito em si. Ia agora precisamente repetir o ensaio do seu projeto e, a cada passo que dava, sentia-se mais e mais dominado por uma forte agitação.

Com o coração oprimido e os membros muito agitados por um tremor nervoso, aproximou-se de um enorme casarão, que olhava de um lado para o canal e do outro para a rua... Esta grande casa era dividida em inúmeros compartimentos, habitados por criaturas de todas as categorias: alfaiates, serralheiros, engenheiros alemães de várias espécies, mulheres de vida fácil, pequenos empregados... Uma grande multidão entrava e saía pelas duas portas. Três ou quatro porteiros faziam o serviço. Com grande satisfação não encontrou nenhum deles. Transposto o limiar, galgou a escada da direita, que conhecia bem, bastante estreita e de uma obscuridade que não deixava de lhe agradar. Ali não havia a recear olhares indiscretos.

«Se tenho agora tanto medo, o que será quando for a valer», pensou ele, ao chegar ao quarto andar. Aí teve que parar. Alguns carregadores faziam a mudança da mobília de uma das divisões ocupadas — e o nosso homem sabia-o — por um alemão e sua família. «Com a partida deste, a

velha fica sendo a única moradora do andar. Vim em boa ocasião». E puxou o cordão da campainha, que soou gravemente, como se fosse de cobre. Nestas casas as campainhas são em geral de lata.

Este pormenor esquecera-lhe. O som especial da campainha lembrou-lhe o que quer que fosse, porque teve um estremecimento: sentia os nervos numa grande lassidão. Um momento depois entreabriram a porta e pela estreita fenda a dona da casa examinou o recém-chegado com visível desconfiança; apenas se lhe percebiam, na escuridão, os olhos brilhando como pontos luminosos. Porém vendo os carregadores sentia ânimo e abria a porta de par em par. O rapaz entrou para uma saleta escura, dividida por um tabique, que a separava de uma pequena cozinha. Diante dele, de pé, a velha interrogava-o com o olhar. Tinha sessenta anos, era baixa e magra, nariz recurvo e olhar malicioso. Na cabeça descoberta viam-se-lhe os cabelos desmanchados e untados de azeite.

Trazia em volta do magro e esguio pescoço, que lembrava uma perna de galinha, um farrapo de lã. Apesar do calor, pendia-lhe dos ombros uma capa de peles, coçada e amarela. Tossia quase sem cessar. O rapaz olhou-a, talvez de modo singular, porque os seus olhos retomaram a expressão de desconfiança.

— Raskólnikov, estudante. Já aqui vim uma vez, há um mês — apressou-se a informar o visitante, com uma mesura, pensando que era conveniente mostrar-se amável.

— Recordo-me, menino, recordo-me muito bem— respondeu a velha, sem tirar do rapaz os olhos desconfiados.

— Tanto melhor... Venho aqui também hoje para um negócio do mesmo género, — continuou Raskólnikov, perturbado e surpreendido pela desconfiança que inspirava.

«Talvez isto seja feitio dela», pensou o estudante, «mas da outra vez não me pareceu desconfiada». A velha manteve-se calada por algum tempo. Parecia refletir... Em seguida indicou a porta do quarto e afastou-se para dar passagem a Raskólnikov.

— Entre, menino.

O compartimento para onde entrou era forrado de papel amarelo; pelas janelas, com cortinas de cassa e tendo no peitoril vasos de gerânios, entrava a luz do sol, quase no ocaso, iluminando mal o aposento. «Da outra vez o sol também brilhava assim!», pensou o estudante, passando

uma rápida inspeção em volta de si, como se quisesse inventariar os objetos que o cercavam e retê-los na memória.

Nada havia contudo ali de particular. A mobília, de uma madeira amarela, era muito velha. Um canapé a desfazer-se tinha em frente uma mesa de forma oval. No lado oposto estava uma cómoda e um espelho na parede, entre duas das janelas. Mais umas cadeiras e umas insignificantes gravuras, representando moças alemãs com pássaros nas mãos — eis tudo.

A um lado, junto de uma pequena imagem, ardia uma lamparina. Mobília e soalho resplandeciam de asseio. «Anda aqui por força a mão da Isabel», pensou o rapaz. Não se via um átomo de pó em todo o quarto. «É preciso vir a casa destas viúvas, velhas e rabugentas, para se ver tal limpeza», monologava ele, reparando com curiosidade no cortinado de chita que ocultava a porta que dava para um outro quarto, onde nunca entrara e onde estavam o leito e a cómoda da velha. A casa compunha-se desses dois quartos.

— Que quer, então? — interrogou sem mais preâmbulos a velha, que, depois de ter seguido o visitante, se colocou em frente dele, de pé, para lhe ver bem o rosto.

— Apenas empenhar um objeto.

E tirou do bolso uma corrente de aço e um velho relógio de prata, tendo gravado na tampa um globo.

— Mas ainda não satisfez a importância que há tempos lhe emprestei! Sabe que o prazo findou anteontem!?

— Venho pagar-lhe os juros deste mês. Tenha paciência. Espere mais uns dias.

— Terei paciência ou venderei o seu penhor, como melhor me aprouver.

— Quanto me dá por este relógio?

— Isto não vale nada, menino. Já da outra vez lhe emprestei «dois papelinhos» sobre o anel, quando podia comprar um novo por um *rublo* e meio.

— Dê-me quatro *rublos* e levanto o outro penhor. Era de meu pai. hei de receber dinheiro brevemente e...

— Um *rublo* e meio, descontando já o juro.

— Um *rublo* e meio!

— É para quem quer!

E a velha estendeu-lhe o relógio. Raskólnikov pegou nele, irritado, e ia retirar-se, quando refletiu que a usurária era o seu único recurso. E, além disso, mais alguma coisa o trouxera ali.

— Vamos, deixe lá ver o dinheiro — disse ele com um modo sacudido.

A velha remexeu a algibeira, procurando as chaves, e passou ao outro quarto. Só, no meio da casa, o estudante pôs-se a escutar, com atenção, entregando-se, ao mesmo tempo, a diversas deduções. Ouviu a usurária abrir o móvel. «Deve ser a gaveta de cima», calculou ele. «Traz as chaves na algibeira direita... todas numa argola de aço... Uma delas, muito maior que as outras e dentada, não é por certo a do móvel. É singular! As chaves dos cofres de ferro têm em geral esse feitio. Mas, afinal, como tudo isto é infame!»

A velha voltou.

— Aqui tem, menino. Se levar uma *grivna* por mês e por *rublo,* de um *rublo* e meio hei de deduzir quinze *kopecks,* porque o juro é pago adiantadamente. Depois, como pede que lhe espere ainda um mês pelo pagamento dos dois *rublos* que lhe emprestei, fica-me devendo por essa transação vinte *kopecks,* o que ascende à totalidade de trinta e cinco. Tem, pois, a receber sobre o seu relógio um *rublo* e quinze *kopecks.* Tome lá…

— Como assim? Então não me dá mais que isto?

— Nada mais tem a receber.

Sem opor a menor objeção, pegou no dinheiro e ficou a olhar para a mesa, sem pressa de se retirar. Parecia querer dizer ou fazer alguma coisa, mas nem sabia o quê.

— É provável que muito em breve lhe traga um outro objeto..., uma cigarreira de prata, muito bonita... Emprestei-a a um amigo..., quando ele ma trouxer...

Pronunciou estas palavras com ar comprometedor.

— Nessa altura falaremos, menino...

— Até depois... Ainda está só? Sua irmã não lhe faz companhia? — perguntou ele, num tom indiferente, na ocasião em que passava para a antecâmara.

— Que tem que ver com a minha irmã?

— Nada... Fiz a pergunta sem intenção. E a senhora... Adeus, Alena!

Raskólnikov retirou-se muito perturbado. Descendo a escada, parou repetidas vezes, bastante comovido. Uma vez na rua, exclamou: «Meu Deus, como tudo isto é medonho. Será possível que eu... Não! É uma

loucura, um absurdo! Como pude ter tão horrível lembrança? Seria capaz de semelhante infâmia? Isto é odioso, é ignóbil, repugnante! E, contudo, durante um mês, eu...»

As palavras eram insuficientes para exprimir a agitação que o estava dominando. A sensação de repugnância profunda que o oprimira a princípio, quando se dirigia para a casa da velha, atingia neste momento tão grande intensidade que não sabia como livrar-se de tal suplício. Caminhava como um ébrio, não vendo quem passava, esbarrando-se com toda a gente. Na rua imediata serenou um pouco. Olhando em redor, viu uma taberna. Uma escada que descia do passeio dava ingresso na sub-loja. Raskólnikov viu sair dali dois bêbados, que se amparavam, dizendo mútuas injúrias.

Hesitou um momento, antes de descer. Nunca tinha entrado numa taberna, mas neste momento a cabeça andava-lhe à roda e sentia uma sede horrível. Apeteceu-lhe cerveja. Depois de abancar a um canto sombrio, pediu-a e bebeu o primeiro copo de um trago.

Experimentou um grande alívio. O espírito esclareceu-se-lhe. «Tudo isto é absurdo», pensou ele, confortado, «e realmente não havia motivo para me assustar. Era apenas um incómodo passageiro! Um copo de cerveja e um pedaço de bolacha e num instante reaverei a minha lucidez e o predomínio da minha energia! Oh! como tudo isto é insignificante!» Apesar desta conclusão desdenhosa, a sua aparência era outra, como se de súbito o tivessem aliviado de um grande peso. Olhava amigavelmente para toda a gente, porém tinha, ao mesmo tempo, uma vaga desconfiança de que fosse transitório este regresso da energia.

Estava pouca gente na taberna. Após os dois ébrios, saíra um grupo de cinco músicos. Reinava nela relativo sossego, pois só haviam ficado três pessoas. Um sujeito, um pouco embriagado, denunciando a sua origem burguesa, estava sentado em frente de uma garrafa de cerveja. Junto dele dormitava, num banco, muito bêbado, um homenzarrão de barba branca, vestindo um comprido sobretudo.

De quando em quando despertava sobressaltado. Espreguiçava-se, dava estalidos com os dedos e entoava uma canção sem nexo, cujo seguimento parecia procurar na baralhada memória:

Durante um ano amimei minha mulher,
Du...rante um ano a…mi…mei minha mulher.

Ou então:

Na Podiatcheskaïa
Encontrei a minha amiga…

Ninguém se associava à alegria do melómano. O companheiro escutava silencioso, com ar aborrecido. O terceiro bebedor parecia um antigo funcionário público. Sentado a um canto, levava de quando em quando o copo à boca e lançava os olhos pela sala. Também parecia dominado por uma certa agitação.

Capítulo 2

Raskólnikov não estava habituado a ver-se no meio de uma multidão e, como já dissemos, havia algum tempo evitava mesmo encontrar-se com qualquer pessoa. Porém agora, de súbito, sentia a necessidade de convivência. Parecia operar-se nele uma transformação; o instinto de sociabilidade readquiria os seus direitos. Votado todo um mês aos sonhos doentios que a solidão produz, o nosso homem estava tão fatigado do seu isolamento que precisava avistar-se, embora só por momentos, com alguém. Assim, por pouco decente que fosse a taberna, ocupou o seu lugar com verdadeiro prazer.

O dono da casa estava num outro compartimento, mas aparecia frequentemente na sala. As botas de canhões encarnados que trazia despertavam a atenção geral. Vestia uma *paddiovka* e por cima um colete de cetim preto constelado de nódoas, o que não era de admirar, pois todo o estabelecimento parecia untado com azeite.

Ao balcão estava sentado um rapaz de catorze anos e um outro, ainda mais novo, servia a clientela. Os pratos expostos consistiam em rodelas de pepino, bolacha negra e postas de peixe, exalando tudo um cheiro nauseabundo. O calor era asfixiante e a atmosfera estava tão saturada de vapores alcoólicos que parecia dever-se ficar embriagado após cinco minutos de permanência na sala.

Sucede às vezes encontrarmos pessoas desconhecidas por quem nos interessamos logo à primeira vista, antes mesmo de termos trocado com elas uma só palavra. Foi este o efeito que produziu em Raskólnikov o indivíduo que tinha aparência de antigo funcionário. Mais tarde, recordando essa primeira impressão, o mancebo atribuiu-a a um pressentimento. Não desviava os olhos do homem, talvez porque este não cessava também de o observar, parecendo desejar travar conversa com ele. Aos outros fregueses e ao dono da taberna o desconhecido encarava-os com altivez, como criaturas muito inferiores à sua condição social e educação.

Este homem, de mais de cinquenta anos, era de estatura regular e aparência robusta. A cabeça, quase calva, conservava uns raros cabelos já grisalhos. O rosto cheio, de um amarelo esverdeado, denunciava a intemperança. Por entre as pálpebras inchadas brilhavam os pequenos olhos, avermelhados e penetrantes. A característica desta fisionomia era o olhar, onde brilhavam ao mesmo tempo a chama da inteligência e uma expressão de loucura. Vestia um velho e roto fraque preto, com um único botão. O colete, cor de ganga, deixava ver o peito da camisa, amarrotado e enodoado. A ausência da barba denunciava o funcionário, porém devia ter-se barbeado há muito, porque uma espessa camada de pelos azulava-lhe o rosto. Nas suas maneiras havia alguma coisa da gravidade burocrática; no entanto, neste momento, parecia comovido. Passava os dedos pelos raros cabelos e de quando em quando, apoiando-se à mesa viscosa, sem se preocupar com os cotovelos esburacados, encostava a cabeça às mãos. Subitamente, disse em voz alta, voltado para Raskólnikov:

— Não serei indiscreto dirigindo-lhe a palavra? É que, a despeito do seu vestuário, vejo no senhor um homem de educação e não um frequentador assíduo de tabernas. Sempre apreciei a boa educação, aliada aos dotes de coração. Pertenço ao *Tchin.* Permita-me que me apresente: Marmeladov, conselheiro titular. É empregado?

— Não senhor, estudo... — respondeu Raskólnikov, surpreendido com aquela polidez de linguagem e um pouco perturbado, ao ver assim um desconhecido dirigir-lhe a palavra sem mais nem menos. Com quanto nesse instante se sentisse disposto a conviver, notou que se apossava dele o mau humor que experimentava sempre que um desconhecido se lhe dirigia para tentar entabular relações.

— Então é ou foi estudante! — continuou o outro. — É mesmo o que eu imaginava! Nunca me engano! A minha longa experiência!

E levou a mão à fronte, como a indicar as suas grandes faculdades cerebrais.

— Estuda! Mas com sua licença...

Ergueu-se, engoliu o resto da cerveja e foi sentar-se junto de Raskólnikov. Apesar de já estar embriagado, falava com correção. Quem o visse lançar-se sobre o estudante, como sobre uma presa, julgaria que também ele havia muito não falava.

— Senhor — recomeçou com ar solene —, a pobreza não é na verdade um vício! Sei também que a embriaguez não é uma virtude, o que é para

lastimar! Todavia a indigência, a indigência é um vício. Na pobreza conserva-se ainda um pouco da dignidade natural dos nossos sentimentos; na indigência não se conserva nada. O indigente nem sequer é expulso à pancada da sociedade humana; é à vassourada, o que é muito mais humilhante! E há, sem dúvida, razão nisto, porque o indigente é sempre o primeiro a aviltar-se. Aí está a significação da taberna! Há um mês que o senhor Lébéziatnikov bateu em minha mulher. Ora, tocar na minha Catarina é ferir-me na corda mais sensível! Percebe? Dê-me licença para que lhe faça ainda uma outra pergunta, por simples curiosidade. Já passou alguma noite no Neva, deitado num barco de feno?

— Não, nunca me sucedeu isso. Porquê?

— Pois eu há cinco noites que lá fico.

Encheu um copo que bebeu de um trago e ficou pensativo. De facto viam-se-lhe, no fato e nos cabelos, aqui e acolá, pedaços de feno. Naturalmente havia cinco dias que não se despia nem lavava. Nas grossas e avermelhadas mãos, com unhas orladas de negro, era onde a imundície se tornava mais evidente.

Na taberna toda a gente o escutava, sem ligarem todavia grande importância ao seu arrazoado. Por trás do balcão os moços riam. O patrão entrara na sala, decerto para ouvir esta criatura estranha. Sentado a certa distância, bocejava com um ar de importância. Marmeladov era, com certeza, muito conhecido na casa, e a sua loquacidade era devida ao hábito de conversar com as pessoas que o acaso lhe deparava. Para alguns bêbados este hábito converte-se numa necessidade, em especial para aqueles que em casa são tratados com rudeza pelas mulheres pouco generosas. A consideração que lhes falta em casa, procuram-na nas tabernas, entre os companheiros de orgia.

— Que grande pândego! — exclamou o taberneiro. — Porque não trabalhas, porque não vais para o serviço, visto que és funcionário?

— Porque não trabalho? — respondeu Marmeladov, dirigindo-se a Raskólnikov, como se fosse deste que tivesse partido a pergunta. — Porque não trabalho? E não será um desgosto para mim o ser inútil? Pensa que não sofri muitíssimo, quando o senhor Lébéziatnikov bateu em minha mulher, enquanto eu, perdido de bêbado, assistia à cena? Perdão, meu amigo, já lhe sucedeu... sim... já lhe aconteceu solicitar sem esperança um empréstimo?

— Conforme o que quiser dizer com as palavras *sem esperança?*

— Quero dizer, sabendo antes que não arranja o que pretende. Suponhamos: o senhor tem a certeza que este homem, este bom e honrado cidadão, não lhe empresta dinheiro pela razão simples... Sim, porque razão lho havia ele de emprestar, se sabe que o senhor lho não paga? Por compaixão? Mas o senhor Lébéziatnikov, apóstolo das ideias novas, explicou há dias que a compaixão agora é condenada pela ciência, e que é esta a doutrina corrente na Inglaterra, onde a economia política é o que o senhor sabe. Por que razão, repito, lhe havia este homem de emprestar dinheiro? O senhor tem por isso a certeza de que ele lho não empresta, e no entanto dirige-se-lhe...

— Para que se lhe há de dirigir, nesse caso? — interrompeu Raskólnikov.

— Porque é necessário ir a algum lado e porque se precisa de dinheiro. Há certas ocasiões em que nos decidimos, quer queiramos, quer não, a fazer uma tentativa! Quando a minha única filha se matriculou, tive de ir também... porque a minha filha tem o livrinho amarelo — acrescentou ele, olhando desconfiado para Raskólnikov. — Isto é-me por completo indiferente! — apressou-se a declarar, com aparente fleuma, ao passo que por trás do balcão os dois rapazes mal continham o riso e o próprio patrão sorria. — Pouco me importo com as suas piscadelas de olhos, porque toda a gente sabe disso e não há segredo que se não descubra: não é com desprezo, mas com resignação que encaro esta situação. Está bem, está bem! *Ecce homo!* Porém diga-me lá, o senhor pode, ou atreve-se, pondo agora os olhos em mim, a negar que sou um porco?

Raskólnikov não respondeu.

O orador esperou, com um grande ar de serena dignidade, que cessassem as risadas provocadas pelas suas últimas palavras e continuou:

— No entanto, embora seja um porco, ela é uma senhora! Tenho em mim as características do animal. Porém Catarina Ivanovna, minha esposa, é uma criatura de fina educação, filha de um oficial superior. Bem sei que sou um mal-amanhado, mas minha mulher tem um belo coração, sentimentos nobres e educação esmerada. E portanto... Oh, se ela tivesse pena de mim! Senhor, toda a gente precisa encontrar compaixão em alguém! Todavia, Catarina, apesar da sua boa alma, é injusta. E, conquanto compreenda bem, quando ela me arrepela os cabelos, que é pelo meu próprio interesse... sim, não tenho dúvida em o repetir: ela puxa-me pelos cabelos — insistiu com um gesto de altivez, ouvindo novas risadas. —

Desejava, meu Deus, e ainda que fosse apenas uma vez, que ela... Mas não, não falemos mais nisso. Nem uma só vez obtive o que desejava, nem uma só vez teve piedade de mim, contudo... o seu génio é assim, sou mesmo um animal!

— Acredito! — respondeu o taberneiro, bocejando.

Marmeladov deu um murro na mesa.

— Sou assim! Sabe, senhor, até lhe bebi as meias, veja lá! Os sapatos, compreendia-se, mas as meias?! Pois bebi as suas meias! E bebi o seu xaile de lã de cabrito, com que a tinham presenteado; um objeto que já lhe pertencia de solteira, que era propriedade dela, que devia ser sagrado para mim. E vivemos num quarto frigidíssimo, onde ela este inverno apanhou uma horrível constipação e tosse, a ponto de expetorar sangue! Temos três filhos e Catarina trabalha todo o santo dia: faz a barrela e lava os pequenos, porque desde criança a habituaram ao asseio. Infelizmente é de constituição débil, tem predisposição para a tuberculose e Deus sabe quanto sofro com isso. Oh, sim... sofro muito, e muito! Quanto mais bebo, mais sinto essa amargura. E é para a sentir e sofrer mais que me embebedo... Bebo porque quero sofrer duplamente!

E inclinou a cabeça sobre a mesa, desalentado.

— Meu caro — continuou ele, empertigando-se — parece-me estar lendo tal ou qual desgosto na sua fisionomia. Logo que o vi, tive essa impressão, e foi a razão porque lhe dirigi a palavra. Se lhe conto a minha vida não é pelo prazer de me expor às gargalhadas destes biltres, que, afinal, há muito sabem tudo. Não! É porque necessito da simpatia de um homem bem-educado. Saiba que minha mulher foi educada num colégio aristocrático da província e ao sair de lá dançou de xaile diante do governador e das outras autoridades, tal era o seu contentamento por ter obtido uma medalha de ouro e o diploma. A medalha... vendemo-la há muito tempo... O diploma, conserva-o minha mulher numa caixa e ainda há pouco o mostrava à nossa hospedeira. Apesar de estar a ferro e fogo com essa mulher, ou por isso mesmo, gosta de lhe pôr diante do nariz esse papel, que representa as suas glórias passadas. Não lhe levo isso a mal, porque atualmente o seu único prazer é recordar o bom tempo decorrido. Tudo o mais se sumiu como o fumo! Sim, sim, ela tem uma alma ardente, nobre e acolhedora. Em casa come pão negro, mas não admito que lhe faltem ao respeito. Não tolerou a bestialidade do senhor Lébéziatnikov, e quando, para se vingar dela lhe ter dado uma boa ensinadela, ele lhe bateu,

ficou de cama, sofrendo mais com a injúria feita à sua dignidade do que com as pancadas. Quando casámos era viúva e tinha três filhos. Casara em primeiras núpcias com um oficial de infantaria que a raptara da casa dos pais. Amava muito o marido. Este jogava, teve as suas questões com a justiça e morreu. Nos últimos tempos batia-lhe. Sei que não o tratava muito bem; no entanto a recordação desse primeiro homem ainda lhe mareja os olhos de lágrimas, e não se cansa de estabelecer entre ele e a minha pessoa comparações pouco agradáveis para o meu brio. Porém até gosto. Consola-me a ideia de a ver pensar que já foi feliz algum dia. Depois da morte do marido ficou só com as três crianças, numa região longínqua e selvagem. Foi lá que a encontrei. A sua penúria era tal que eu, já conhecedor de toda a casta de misérias, nem sei de palavras para a descrever. Todos os parentes a tinham abandonado. De resto, o seu orgulho não lhe permitiria recorrer à compaixão dos seus... Então eu, que também era viúvo e também tinha uma filha de catorze anos, ofereci a minha mão a essa desditosa criatura, tanto dó me causou o seu sofrimento. Apesar de instruída, prendada e de uma família honrada, consentiu em casar comigo. Calcule, por isto, como se encontrava. Ouviu o meu oferecimento com lágrimas, soluçando, torcendo as mãos, mas aceitou-o, porque não tinha outro caminho a seguir. Percebe bem a significação destas palavras: «não tinha outro caminho a seguir»? Não! *O senhor não pode perceber estas coisas!* Durante um ano cumpri lealmente a minha palavra, sem pensar sequer nisto — e indicou a garrafa — porque tinha caráter. Nada porém ganhei com isso. Entretanto perdi a minha colocação, sem que tivesse incorrido na menor falta: o meu emprego foi suprimido por questões de ordem administrativa e foi desde então que comecei a beber! Vai em dezoito meses que, depois de muitas sensaborias e de uma vida errante, fixámos residência nesta soberba capital. Aqui consegui empregar-me de novo, mas de novo perdi o emprego. Desta vez foi minha a culpa. Foi o meu vício que deu origem a tal desgraça... Agora vivemos num cubículo, em casa de Amália Fédorovna Lippevechzel. Se me perguntar de que vivemos e com que pagamos a renda, não lhe saberei responder. Além de nós, há lá muitos inquilinos. É um verdadeiro cortiço aquela casa... Entretanto a filha que tive da minha primeira mulher ia crescendo. O que sofreu à madrasta não é coisa que se conte. Apesar de ser dotada de belos sentimentos, Catarina é uma criatura irascível, incapaz de conter os arrebatamentos do seu génio. Mas para que havemos de falar nisso?

Também, como deve compreender, Sofia não teve grande instrução. Há quatro anos tentei ensinar-lhe geografia e história universal, porém, como não sou muito forte nas duas matérias, e além disso não possuía bons livros, os estudos não a cansaram muito. Ficámos em Ciro, rei da Pérsia. Depois, quando chegou à adolescência, leu romances. O senhor Lébéziatnikov emprestou-lhe, ainda há pouco, a *Fisiologia,* de Ludwig. Conhece? Sofia achou a obra muito interessante e leu-nos alguns trechos. Nisso se resume a sua cultura intelectual... Agora, meu caro, diga-me com sinceridade: julga, em face da razão, que é possível a uma pobre moça, pobre e honesta, viver apenas do seu trabalho? Se não possuir algum dom especial, ganhará quinze *kopecks* diários, e ainda assim, para atingir essa soma, não pode perder um instante! Que estou dizendo? Sofia fez umas seis camisas de pano da Holanda para o conselheiro Ivanovitch Klopstock (tem ouvido falar?) que não só lhe não pagou o trabalho, mas pô-la na rua com uma tremenda descompostura, a pretexto de que a moça não tinha tomado bem a medida dos colarinhos. Ao passo que isto sucedia, os pequenos tinham fome. Catarina passeava no quarto, torcendo com desespero as mãos, com as faces afogueadas pelas rosetas escarlates que anunciam a marcha da terrível enfermidade. «Mandriona», increpava ela a pequena, «não tens pejo de viver nesta casa sem trabalhar? Comes, bebes e tens cama lavada!» O que podia a pobre moça comer e beber, se havia três dias que nem as crianças viam uma côdea de pão! Por mim estava então doente, de cama... isto é, estava com uma grande bebedeira. Ouvi a Sofia responder a medo, com a sua linda vozita (ela é loura e o rosto muito pálido parece o de uma santa): «Mas, Catarina, posso lá cometer tal infâmia?» Devo dizer que já por três vezes uma tal Daria Frantzovna, criatura abominável, muito conhecida da polícia, lhe fizera propostas por intermédio da nossa senhoria. «Pois então!», replicou enfurecida e irónica a Catarina, «um tesouro desses deve-se guardar como uma pedra preciosa!» Não a acuse, senhor, não a acuse! Ela não media o alcance das suas palavras. Estava apoquentada, doente, via as crianças esfomeadas, chorando, e o que dizia era mais para irritar a Sofia do que para a arrastar à depravação... Catarina Ivanovna é assim: se ouve chorar os filhos, bate-lhes, ainda mesmo que eles chorem com fome. Já tinham dado cinco horas quando vi a Sofia pôr a capa e sair. Às sete horas voltou, foi direita a Catarina e, sem dizer uma única palavra, colocou trinta moedas de *rublo* sobre a mesa, diante de minha esposa. Depois pegou num grande lenço

verde, que serve a toda a família, embrulhou com ele a cabeça e deitou-se na cama, voltada para a parede, tremendo muito... Eu continuava na mesma. De repente vi Catarina, sem fazer o menor ruído, ajoelhar-se junto da camita da Sofia e ali passou toda a noite, prosternada, beijando os pés da minha filha. Assim adormeceram nos braços uma da outra... ambas... ambas... sim, e eu no mesmo estado, isto é, perdido de bêbado!

Marmeladov calou-se, como se a voz se lhe tivesse estancado. Encheu bruscamente o copo, bebeu-o de um trago e continuou, após curto silêncio:

— Desde esse dia, senhor, em consequência de uma malfadada circunstância, e por uma vilíssima denúncia de criaturas infames, pois Daria Frantzovna tomara parte ativa e principal nesse negócio e queria vingar-se de uma suposta falta de consideração, desde esse dia a minha filha ficou inscrita no registo policial, vendo-se obrigada a abandonar-nos. A nossa hospedeira, Amália Fédorovna, mostrou-se inflexível a esse respeito, esquecendo-se que ela própria favorecera em tempo as intrigas de Daria. O senhor Lébéziatnikov afinou pelo mesmo diapasão... Foi por causa da Sofia que Catarina teve com ele a questão de que lhe falei. A princípio era muito assíduo junto da Sofia; mas de um dia para o outro, o seu orgulho revoltou-se. «É lá possível que um homem da minha condição», disse ele, «possa viver na mesma casa com tal criatura?» Catarina tomou o partido de Sofia, o que deu em resultado acabar tudo em bordoada... Agora a nossa filha vem ver-nos, regra geral ao fim da tarde, e ajuda quanto pode Catarina. A pobrezinha está hospedada em casa de Kapernaoumov, um alfaiate coxo e gago. Tem família numerosa e todos os filhos gaguejam como ele. A mulher tem também qualquer coisa na língua... Vivem todos no mesmo quarto, porém a Sofia ocupa um compartimento especial, separado por um tabique da parte que eles habitam... Hum! gente paupérrima e todos gagos... sim! Uma manhã levantei-me, vesti os meus farrapos, ergui as mãos ao céu e fui procurar Sua Excelência, Ivan Afanasievitch. Conhece Sua Excelência? Não? Pois então não conhece um santo. Aquilo é um círio a alumiar a face do Senhor! A minha triste história, que Sua Excelência se dignou escutar com o maior interesse, comoveu-o até às lágrimas. «Vamos, Marmeladov», disse-me ele, «apesar de já uma vez faltares ao que tinhas prometido, consinto em tomar-te sob a minha proteção.» Foram as suas palavras. «Vê se te lembras disto e vai com Deus!» Beijei a sola das suas botas, em espírito é claro, porque ele nunca consentiria que eu tal fizesse. É um

homem muito saturado das ideias modernas para poder admitir semelhantes homenagens. Ah! meu Deus! como me receberam em casa quando anunciei que ia de novo trabalhar, ter ordenado...

A comoção estrangulou outra vez a voz de Marmeladov. Nesse momento a taberna foi invadida por alguns indivíduos meios embriagados. À porta tocavam realejo e a voz fraca de um pequenote de sete anos cantava a *Cabana.* Na sala o ruído aumentou. Patrão e criados andavam numa roda viva, servindo os fregueses. Sem atentar no que se passava, Marmeladov continuou a sua história. A embriaguez, aumentando, tornava-o ainda mais expansivo. Recordando o seu recente regresso ao serviço, a fisionomia iluminava-se-lhe de um raio de alegria. Raskólnikov não perdia uma só das suas palavras.

— Isto foi há umas cinco semanas, senhor. Sim! Logo que Catarina e Sofia receberam a notícia, senti-me como que transportado ao paraíso! Dantes não ouvia senão injúrias: «Deita-te, meu besta!». Depois andavam com mil precauções, em bicos de pés, e mandavam calar as crianças: «Chut! O pai está cansado de trabalhar, deixem-no dormir!» De manhã, antes de sair, davam-me uma chávena de café com leite. Compravam bom leite, sabe?! E onde teriam ido elas arranjar onze *rublos* e cinquenta *kopecks* para *me* vestir? Sei lá! Sei apenas que me vestiram dos pés à cabeça: boas botas, excelentes camisas, tudo bem feito e por onze *rublos* e meio. Há seis dias, quando levei para casa o meu ordenado intacto, vinte e três *rublos* e quarenta *kopecks,* a mulher beliscou-me na cara e chamou-me «seu petisco». Estávamos sós, é claro. Não acha que foi amável?

Marmeladov sorriu e um tremor repentino agitou-lhe o queixo. Por fim conseguiu dominar a comoção. Raskólnikov não sabia o que pensar deste indivíduo singular, bêbado havia cinco dias, dormindo nos barcos de feno e revelando, a despeito de tudo, uma afeição doentia pela família. Escutava-o com a máxima atenção, mas com um grande mal estar. Estava arrependido de ali haver entrado.

— Senhor! senhor! — continuou Marmeladov — talvez ache, como os outros, que isto é ridículo, talvez o esteja enfastiando, contando-lhe todos estes miseráveis pormenores da minha vida doméstica. Para mim, porém, não são ridículos: sinto tudo isto... Durante esse bendito dia, tive sonhos encantadores: pensava na organização da nossa casa, em vestir as crianças, em conseguir uma vida tranquila para a mulher e desviar da abominação a minha única filha... Quantos projetos concebi! Pois bem, senhor —

estremeceu de repente, ergueu a cabeça e fitou o seu interlocutor — no dia imediato, há precisamente cinco dias, depois de ter acariciado todos estes sonhos, como um larápio roubei a chave a Catarina e tirei do cofre o resto do dinheiro que lhe entregara. Quanto? Não me lembro. Aqui está. Há cinco dias abandonei a minha casa, os meus não sabem o que foi feito de mim, perdi o emprego, deixei o fato numa taberna junto da ponte de Egipetsky e deram-me em troca estes andrajos. Ora aqui está!

Deu um murro na cabeça, rangeu os dentes e, fechando os olhos, encostou-se à mesa. Momentos depois a sua fisionomia variou de expressão, olhou para Raskólnikov com um mal simulado cinismo e disse, rindo:

— Fui hoje a casa da Sofia pedir-lhe dinheiro para beber. Eh! Eh! Eh!

— E ela deu-to? — perguntou, rindo, um dos recém-chegados.

— Esta meia garrafa foi paga com o seu dinheiro — respondeu Marmeladov, dirigindo-se a Raskólnikov. — Foi buscar trinta *kopecks* e entregou-mos com as suas próprias mãos. Era todo o seu dinheiro, que bem vi... Não me disse nem uma palavra. Pôs-se a olhar para mim... Uns olhos que não são como os nossos, mas sim são como os dos anjos, que choram as culpas humanas, sem as condenarem! É muito mais triste assim, quando nos não censuram! Trinta *kopecks,* sim! e talvez lhe façam muita falta! Que lhe parece, meu caro senhor? Ela agora precisa andar bem vestida, e a elegância que é preciso manter na sua posição sai cara. Compreende? É preciso ter cremes, saias engomadas, botas que favoreçam o pé e sirvam para mostrar, ao saltar uma poça de água... Percebe, percebe bem que importância tem tudo isto? Pois fui eu, eu, o seu próprio pai, quem lhe arrancou esses trinta *kopecks* para beber! E bebo-os! E é que já estão bebidos! Ora, quem há de ter dó de um homem como eu? Agora, senhor, ainda terá compaixão de mim? Diga, mereço a sua compaixão? Sim ou não? Eh! Eh! Eh!

Ia recorrer de novo à garrafa, mas viu que estava vazia.

— Porque se há de ter dó de ti? — interrogou o taberneiro.

Ouviram-se gargalhadas, entrecortadas de injúrias.

Dir-se-ia que o borrachão apenas esperava a pergunta do taberneiro para dar largas à sua verbosidade. Ergueu-se e, estendendo o braço, disse:

— Porque hão de ter compaixão de mim? — gritou, exaltado. — Diz, porque hão de ter compaixão de mim? Bem sabes que não há motivo! Crucifiquem-me, preguem-me numa cruz e não me lastimem... Crucifica-

me, juiz. No entanto, crucificando-me, tem piedade de mim. Irei por minha vontade para o suplício, porque não tenho sede de alegria, mas sim de dores e de lágrimas! Julgas, traficante, que a tua meia garrafa me deu algum prazer? Procurei a tristeza, a tristeza e as lágrimas no fundo dela, e encontrei-as e saboreei-as, como só saboreou também, fica sabendo, Aquele que teve e há de ter piedade de todos nós, os homens, Aquele que tudo compreende, é o único Juiz. Virá no último dia e perguntará: «Onde está a filha que se sacrificou por uma madrasta invejosa e tuberculosa, por umas crianças que não eram seus irmãos? Onde está a filha que teve compaixão do seu pai terrestre e não se afastou horrorizada desse devasso bêbedo?» E Ele dirá: «Vem! Já te perdoei uma vez! Já te perdoei uma vez! Agora mesmo todos os teus pecados serão perdoados, porque muito amaste...» E Ele há de perdoar à minha Sofia. Ele há de perdoar, bem o sei... Senti-o há pouco, aqui, no coração, quando estava em casa dela! Todos serão julgados por Ele e Ele a todos perdoará: aos bons e aos maus, aos impudentes e aos humildes… E quando tiver acabado com esses, chegará a nossa vez: «Aproximai-vos, vós, também», nos dirá Ele. «Aproximem-se os bêbedos, aproximem-se os covardes, aproximem-se os devassos...» Aproximar-nos-emos sem receio e Ele dirá: «Sois uns porcos, sois umas bestas, contudo, não importa, vinde». Nessa altura os justos e os inteligentes dirão: «Senhor, porque recebes esses?» Ele responderá: «Recebo-os porque nenhum deles se julgou digno desse favor...» Então estender-nos-á os braços, onde nos lançaremos banhados em lágrimas. Compreenderemos tudo. Todos compreenderão tudo. Catarina também. Senhor, venha a nós o vosso Reino…

Fatigado, deixou-se cair no banco, sem olhar para ninguém. Alheado de quanto o cercava, absorveu-se em profunda meditação. As suas palavras produziram certa impressão. Por um momento mesmo cessou o ruído. A breve trecho, porém, recomeçaram as gargalhadas e as invetivas.

— Falou admiravelmente!

— Que estopada!

— Que grande burocrata!

— Vamo-nos daqui, senhor — disse de súbito Marmeladov, erguendo a cabeça e dirigindo-se a Raskólnikov. — Acompanhe-me até ao pátio da casa Kozel. É tempo de voltar... a casa de Catarina...

Desde há muito que Raskólnikov desejava retirar-se. Pensava mesmo em oferecer o seu auxílio a Marmeladov, que, sentindo as pernas mais

fracas do que a voz, se apoiava ao braço do companheiro. A distância a percorrer era de duzentos a trezentos passos. À medida que o bêbedo se aproximava do seu domicílio, cada vez parecia ficar mais inquieto e perturbado.

— Não é a Catarina que receio agora — balbuciou ele, no meio da sua comoção. — Tenho a certeza de que me puxará pelos cabelos..., mas isso pouco importa! Antes quero até que me puxe por eles! Não é isso que receio... Contudo tenho medo dos seus olhos, das rosetas das suas faces. Assusta-me também a sua respiração. Reparou alguma vez como os tuberculosos respiram, quando se deixam dominar por uma comoção violenta? Apavora-me o choro das crianças... Porque se a Sofia não lhes acudiu, não sei do que terão vivido! Das pancadas não tenho medo. Fique sabendo que essas pancadas, não só não me fazem sofrer, mas até constituem para mim um prazer. Parece que não posso passar sem elas. Antes assim. Pode bater-me à vontade, se com isso minora o seu sofrimento. Mais vale isso! Cá está a casa... Casa Kozel... O proprietário é um rico serralheiro alemão. Acompanha-me?

Depois de terem atravessado o pátio, começaram a subida para o quarto andar. Eram quase onze horas, e conquanto, por assim dizer, naquela época do ano quase não haja noite em S. Petersburgo, quanto mais subiam, mais escura era a escada, no alto da qual reinava a mais completa obscuridade.

A porta, enegrecida pelo fumo, que dava para o patamar, estava aberta. Um resto de vela bruxuleante iluminava um quarto extremamente pobre, com uns dez passos de comprimento. Este compartimento, que se via por completo da porta, estava no maior desarranjo. Pelo chão viam-se espalhadas roupas de criança. Um lençol esburacado isolava uma parte do quarto, a mais afastada da porta. Para lá desse improvisado biombo estava talvez uma cama. O quarto não continha mais do que duas cadeiras e um sofá, coberto de um oleado, tendo em frente uma mesa de cozinha, ordinária, despolida e sem resguardo. Sobre essa mesa acabara de arder, num castiçal de ferro, um outro pedaço de vela. Marmeladov tinha os seus aposentos à parte, não num canto do compartimento, mas no fundo do corredor. A porta que dava para os quartos dos outros inquilinos de Amália Lippevechzel estava entreaberta. Toda essa gente fazia um ruído ensurdecedor. Tinham-se reunido para jogar às cartas e tomar chá. Ouviam-se gritos, gargalhadas e por vezes palavrões.

Raskólnikov reconheceu logo Catarina. Era alta, magra, elegante, mas de aspeto muito doentio. Tinha ainda um bonito cabelo castanho e, como dissera Marmeladov, grandes rosetas nas faces. Com os lábios contraídos e as mãos apertando o peito, passeava a todo o comprimento do quarto. A sua respiração era curta e desigual, e o olhar, brilhante de febre, duro e imóvel. Iluminada pela luz trémula da vela, a sua fisionomia de tuberculosa metia compaixão. Pareceu-lhe que Catarina não tinha mais de trinta anos; era de facto muito mais nova do que o marido. Não deu pela chegada dos dois. Dir-se-ia que havia perdido as faculdades de audição e visão.

Com quanto o calor do quarto fosse sufocante e da escada subissem exalações infetas, não pensava em abrir a janela, nem em fechar a porta do patamar. A porta interior, apenas entreaberta, dava passagem a uma espessa fumarada de tabaco, que lhe provocava tosse, mas de que não procurava livrar-se.

A pequenita mais nova, que teria dois anos, dormia, sentada no chão, com a cabaça apoiada no sofá; o rapaz, mais velho do que ela um ano, tremia e chorava a um canto. Percebia-se que lhe tinham batido.

A mais velha, uma moça de nove anos, delgada e alta, vestia uma camisa esburacada e cobria-lhe os ombros nus uma velha capa de pano fino, que teria sido feita para ela dois anos antes e que nesta altura mal lhe chegava aos joelhos. De pé, com os compridos braços, magros como um pavio, em volta do pescoço do irmãozito, falava-lhe baixinho, tentando calá-lo e seguindo ao mesmo tempo a mãe com um olhar assustado! Os olhos negros, esgazeados pelo medo, pareciam ainda maiores no pequeno rosto descarnado.

Marmeladov, em vez de entrar, ajoelhou-se à porta enquanto, com um gesto, convidou Raskólnikov a adiantar-se. A mulher, vendo um desconhecido, parou abstrata diante dele e durante um segundo procurou explicar a si mesma a presença, ali, daquela criatura. «O que virá este homem aqui fazer?», perguntou a si própria. Porém ocorreu-lhe logo a ideia de que procurava com certeza outros inquilinos, visto que o quarto da família Marmeladov dava passagem para os outros compartimentos. Assim, sem ligar atenção ao desconhecido, ia abrir a porta de comunicação quando, de repente, soltou um grito: acabava de ver o marido, de joelhos, no limiar da porta.

— Ah! voltaste! — gritou ela com voz vibrante de cólera. — Celerado! Monstro! Que fizeste do dinheiro? Que tens nas algibeiras? Deixa ver! Esse não é o teu fato! Que fizeste dele? O que fizeste do dinheiro? Diz!

Apalpou-o. Longe de opor resistência, Marmeladov afastou os braços para facilitar a busca. Não tinha consigo um *kopeck* que fosse.

— Onde está então o dinheiro? — exclamou ela. — Oh! meu Deus! Pois será possível que tenha bebido tudo! Havia ainda doze *rublos* na gaveta!

E num grande acesso de raiva, agarrou o marido pelos cabelos e puxou-o com força para dentro do quarto. A serenidade de Marmeladov não se alterou. Seguiu docilmente sua mulher, arrastando-se de joelhos atrás dela.

— Isto enche-me de consolação. Não creia que isto seja para mim um sofrimento, mas sim um prazer, caro senhor! — exclamava ele enquanto Catarina lhe abanava com força a cabeça, chegando mesmo a bater com ela no soalho. A criança que dormia no chão acordou e desatou a chorar. O rapazito, de pé, ao canto, não pôde suportar tal espetáculo; trémulo, começou a gritar, agarrando-se à irmã. Parecia preso de uma convulsão, tal era o medo. A filha mais velha tremia como um vime.

— Bebeu tudo! tudo! — vociferou Catarina com desespero — e não traz o fato! Eles têm fome! Eles têm fome! — gritava ela, torcendo as mãos e indicando as crianças. — Oh! Vida três vezes maldita! E o senhor não tem pejo de vir aqui, depois de ter saído da taberna? — gritou, investindo para Raskólnikov. — Bebeu com ele, hein? Bebeu com ele? Saia daqui!

O mancebo não esperou segunda intimação e retirou-se sem pronunciar palavra. Abriram a porta interior de par em par e no limiar apareceram muitos curiosos, de olhares insolentes e escarninhos. Conservavam as cabeças descobertas e fumavam, uns, cachimbo, outros, cigarros. Uns estavam cobertos com simples roupões; outros vestiam tão ligeiramente que chegavam a estar indecentes. Alguns traziam cartas nas mãos. O que mais os divertiu foi ouvir Marmeladov, todo arrepelado, declarar que aquilo lhe dava grande prazer.

Principiavam já a invadir o quarto quando se ouviu uma voz irritada: era Amália Lippevechzel que, abrindo caminho, vinha restabelecer a ordem a seu modo. Pela centésima vez a senhoria intimou a desgraçada

mulher a abandonar a casa no dia imediato. Como é de prever, esta intimação foi feita nos termos mais injuriosos. Raskólnikov trazia consigo o troco do *rublo* com que pagara na taberna. Antes de sair, tirou da algibeira algum dinheiro e, sem que ninguém visse, colocou-o no parapeito da janela. Depois, já na escada, arrependeu-se da sua generosa ação. Esteve tentado a voltar ao quarto dos Marmeladov.

«Que disparate fiz eu!», pensou ele. «Têm a sua Sofia e eu não tenho ninguém.» Refletiu, no entanto, que não podia tornar a pegar no dinheiro e que, ainda que o pudesse fazer, não o faria. Decidiu-se pois a continuar o caminho. «A Sofia carece de cremes», continuou ele, com amargo sorriso e caminhando sempre rua fora, «e aquele *chic* custa dinheiro... Hum! parece que a Sofia não ganhou nada hoje. De facto, a caçada ao homem é como a caçada às feras: corre-se por vezes o risco de ficar logrado... Se não fosse o meu dinheiro, viam-se amanhã em grandes apuros! Ah! sim, a Sofia! Acharam nela uma boa vaca leiteira! E sabem aproveitá-la! Isso não lhes dá volta ao estômago. Já estão habituados... A princípio deitaram a sua lágrima, depois, com o tempo, veio o hábito. O homem é pusilânime e conforma-se com tudo».

Raskólnikov ficou pensativo.

«E pode ser que me engane!», continuou ele. «Se o homem não é de facto pusilânime, deve calcar todos os receios, todos os preconceitos que o detêm!»

Capítulo 3

Ergueu-se tarde no dia imediato, após um sono agitado que não lhe reparara as forças. Ao despertar sentiu que estava de mau humor e lançou à sua volta um olhar de tédio. O cubículo, com seis passos de comprimento, tinha o aspeto mais miserável que se possa imaginar, com as paredes amareladas, deterioradas e imundas de poeira. O teto era tão baixo, que um homem de estatura elevada não se sentiria à vontade naquela toca, com o permanente receio de bater com a cabeça em cima. A mobília estava em harmonia com o recinto: três velhas cadeiras com falta de pés e, a um canto, uma mesa de pinho pintada, na qual se amontoavam livros e cadernos cobertos também de uma densa camada de poeira, evidente prova de que havia muito lhes não tocavam; e ainda, num outro lado, um grande e desmantelado sofá, com o estofo a desfazer-se.

Este móvel, que ocupava, a bem dizer, metade do quarto, servia-lhe de cama. Dormia nele, quase sempre vestido e sem lençóis, cobrindo-se com a velha capa de estudante, encostando a cabeça a uma pequena almofada, debaixo da qual metia toda a sua roupa, limpa e suja. Em frente do sofá havia uma outra pequena mesa.

A misantropia de Raskólnikov conciliava-se muito bem com toda aquela porcaria. Tomara tal aversão a todo o ser humano, que só o ver a própria criada que lhe arranjava o quarto, o exasperava. Isto é frequente em certos monomaníacos, preocupados com uma ideia fixa.

Havia quinze dias que a dona da casa eliminara o fornecimento de refeições ao hóspede, mas Raskólnikov não pensara ainda em ir entender-se com ela.

Quanto à Nastásia, a cozinheira e única criada da casa, não se apoquentava em ver o inquilino nessa disposição, porque esse procedimento importava uma diminuição do trabalho: deixara, por completo, de arranjar e limpar o quarto do Raskólnikov, vindo apenas uma vez por semana dar uma vassourada. Neste momento entrou ela, para o acordar.

— Levanta-te... Como podes estar a dormir a estas horas? Já são nove. Trago-te o chá. Queres uma chávena? Sempre estás com uma cara!

Raskólnikov abriu os olhos, espreguiçou-se e reconheceu Nastásia.

— É a patroa que manda o chá? — perguntou ele enquanto se sentava a custo.

— Bem se importa ela com isso!

A criada colocou diante dele o bule, onde havia ainda um resto de chá, e pôs ao lado dois torrões de açúcar.

— Toma — disse ele, procurando na algibeira e tirando umas moedas. — Faz o favor de me ires comprar um pãozito e traz-me do salchicheiro um pedaço de chouriço, do mais barato.

— Num minuto estarei de volta com o pão, mas, em vez de chouriço, não queres antes *chtchi*? É de ontem e está o que se chama uma beleza. Já ontem à noite te guardei um bocado, porém entraste tão tarde! Está uma delícia.

Foi buscar o *chtchi*. Raskólnikov começou a comer, enquanto ela se sentou no sofá, ao seu lado, tagarelando, como camponesa que era.

— Prascóvia Pavlovna vai queixar-se de ti à polícia.

A fisionomia do rapaz alterou-se.

— À polícia? Porquê?

— Porque não lhe pagas e não te queres ir embora! Porque havia de ser?

— Essa só pelo diabo! Não me faltava mais nada! — rugiu ele por entre dentes. — Muito fora de propósito vem isso agora. É tola! — acrescentou em voz alta. — Logo vou falar-lhe.

— Tola? É tão tola como eu. No entanto, tu, que és esperto, para que passas os dias deitado como um mandrião? Que fazes ao dinheiro, que ninguém to vê? Dantes parece que davas lições! Porque não fazes o mesmo agora?

— Sempre faço alguma coisa... — respondeu com modo brusco e como quem estava ofendido.

— Que fazes então?

— Um trabalho.

— Que trabalho?

— Penso — respondeu ele secamente, depois de um curto silêncio.

Nastásia desatou a rir. O seu caráter era jovial; contudo, quando ria, era com um riso silencioso e interior que a fazia tremer toda e acabava por

a cansar.

— E quanto ganhas a pensar? — perguntou a moça, logo que pôde falar.

— Não posso sair a dar lições porque não tenho botas. De resto, estou cuspindo para tudo isso!

— Olha lá, não te caia o cuspo na cara.

— Pelo que se ganha com tais lições! Para que chegam uns míseros *kopecks*? — disse ele, num tom áspero, interrogando-se mais a si próprio do que dirigindo-se à criada.

— Querias talvez arranjar uma fortuna de um momento para o outro?

Fitou-a com um ar singular e por momentos manteve-se calado.

— Sim, uma fortuna! — respondeu em tom firme.

— Lá chegarás... Metes-me medo! És terrível! Sempre queres que te vá buscar o pãozito?

— Como queiras.

— Olha, esquecia-me uma coisa! Enquanto andaste por lá, veio uma carta para ti.

— Uma carta? Para mim? De quem?

— De quem é, não sei! Dei, do meu dinheiro, três *kopecks* ao distribuidor. Fiz bem, não?

— Dá-ma, por Deus! Dá-ma! — exclamou Raskólnikov inquieto. — Meu Deus!

Um instante depois tinha a carta nas mãos. Não se enganara; era da sua mãe e trazia o carimbo de R... Ao recebê-la, empalideceu. Havia muito que não tinha notícias da família, o que lhe confrangia o coração.

— Vai-te, Nastásia, por favor! Aqui tens os teus três *kopecks,* e por Deus, deixa-me ficar só.

A carta tremia-lhe nas mãos. Não queria abri-la na presença da Nastásia. Esperou que a moça se retirasse. Uma vez só, levou-a aos lábios e beijou-a.

Depois releu com atenção o endereço e reconheceu que as palavras haviam sido escritas por mão querida: era a letra fina e inclinada da sua mãe, tal como outrora, quando o ensinara a ler e a escrever. Hesitava, parecendo sentir um certo receio. Por fim rasgou o envelope. A carta era muito extensa: duas grandes folhas de papel, escritas por todos os lados.

Meu querido Rodia,

Há mais de dois meses que não converso contigo por este meio, e isso tem-me causado tal desgosto que até o sono me tem tirado. Tu, porém, desculpas o meu silêncio involuntário. Bem sabes quanto te quero. Dounia e eu temos-te apenas a ti. És tudo para nós: a nossa esperança e a nossa felicidade futura. Quanto sofri quando soube que, há alguns meses, te viras na necessidade do abandonar a Universidade por falta de meios e que não tinhas lições nem qualquer outro recurso!

Como valer-te se temos apenas os cento e vinte rublos anuais da pensão? Os quinze que te mandei há quatro meses pedi-os emprestados, como sabes, a um negociante nosso patrício, Afanase Ivanovitch Vakrouchine. É uma excelente criatura e foi muito amigo de teu pai. Todavia, tendo-lhe dado plenos poderes para receber a pensão, nada podia mandar-te enquanto ele não estivesse reembolsado, o que só há pouco sucedeu.

Agora, graças a Deus, creio que poderei mandar-te mais alguma coisa, pois apresso-me a dizer-te que podemos regozijar-nos com a nossa sorte. E deixa-me já dar-te uma notícia, que estás longe de esperar: a tua irmã está junto de mim há seis semanas e não mais me deixará. Deus seja louvado! Acabaram os seus tormentos. Vamos no entanto por ordem, porque quero que saibas como tudo se passou e aquilo que até agora te havíamos ocultado.

Há dois meses escreveste-me, dizendo que te tinham falado na falsa posição em que a Dounia se encontrava em casa da família Svidrigailov, e pedias-me que te dissesse o que havia a tal respeito. O que podia eu dizer-te? Se te tivesse posto ao facto do que se passava, terias abandonado tudo para vires ter connosco, ainda mesmo que tivesses de vir a pé, porque, com o teu caráter e sentimentos, não consentirias que insultassem tua irmã. Eu própria estava na maior aflição. Mas que havia de fazer? Nem eu então sabia toda a verdade. O pior é que a Dounia, quando entrou o ano passado como professora para essa casa, tinha recebido adiantadamente dez rublos que deviam ser descontados todos os meses, vendo-se, portanto, obrigada a permanecer ali enquanto não pagasse a dívida.

Esta quantia, e hoje posso dizer-te tudo, pediu-a adiantada, principalmente para te mandar os sessenta rublos de que tanto

carecias e que recebeste o ano passado. Enganámos-te, dizendo-te que esse dinheiro era de velhas economias da Dounia. E digo-te agora toda a verdade porque Deus permitiu que as coisas tomassem de súbito um bom caminho, e também para que fiques sabendo quanto a Dounia te estima e quão bondoso é o seu coração!

O caso é que o senhor Svidrigailov foi a princípio bastante grosseiro: à mesa cometia com ela as maiores indelicadezas, chegando a ofendê-la com sarcasmos... Para que hei de insistir agora nestes dolorosos pormenores, que serviriam apenas para te magoar profunda e inutilmente, uma vez que tudo já lá vai? Em suma, apesar de ser tratada com todas as atenções por Marfa Petrovna, a esposa de Svidrigailov, e por todos os da casa, Dounia sofria muito, em especial quando o senhor Svidrigailov, que no quartel se habituou a beber, se encontrava sob a influência do álcool. E isto não era ainda tudo! Imagina que, sob aquela aparência de grosseria e de desprezo, o pobre néscio ocultava uma paixão pela Dounia!

Por fim tirou a máscara, isto é, fez propostas desonestas à Dounia e tentou seduzi-la com promessas, declarando estar pronto a abandonar a família, indo viver com ela para outra terra ou mesmo para outro país.

Calcula quanto a Dounia sofreria! Não só o adiantamento de te que falei lhe não permitia abandonar desde logo as suas funções, como não se atrevia a proferir palavra sobre o assunto, para não despertar as suspeitas de Marfa Petrovna e introduzir a discórdia na família.

O desenlace deu-se quando menos se esperava. Marfa Petrovna surpreendeu o marido no jardim no momento em que apoquentava Dounia com as suas propostas, e compreendendo mal o que se passava, atribuiu as culpas à tua irmã. Deu-se entre elas uma cena tremenda. A senhora Svidrigailov não quis atender a coisa nenhuma, gritando durante uma hora contra a suposta rival. Chegou até a bater-lhe e por último mandou-a para casa, numa carroça, sem lhe dar tempo a arranjar as malas.

Tudo quanto pertencia à Dounia, roupa, vestidos, etc., veio a monte no veículo. Chovia torrencialmente. Depois de ter sofrido

tantos vexames, teve de percorrer dezassete quilómetros na companhia de um mujik, num carro sem capota. Em face disto, que resposta podia dar à carta que me escreveste há dois meses? Estava aflitíssima. Não tinha coragem para te dizer a verdade, porque sabia que te ia desgostar e irritar, e além disso a Dounia tinha-mo proibido. Para te escrever uma carta cheia de frivolidades, não me sentia com coragem para o fazer, tendo o coração amargurado. Em resultado de tudo isto fomos, durante um mês, o assunto de todas as conversas na cidade e as coisas chegaram a tal ponto que nem a Dounia, nem eu podíamos ir à missa, sem ouvirmos cochichar à nossa passagem, com um ar de desprezo.

E tudo isto por causa de um mal-entendido de Marfa Petrovna, que não perdeu um momento em difamar Dounia por toda a cidade. Esta criatura conhece toda a gente de região, e durante todo este mês tem vindo aqui quase todos os dias. Como é muito faladora e gosta de se queixar do marido a todos, espalhou logo a infâmia, não só na cidade, mas por todo o distrito. A minha saúde sofreu um forte abalo. Dounia foi mais forte do que eu. Não só não sucumbiu em face da calúnia, como até me consolou, procurando por todas as formas incutir-me coragem. Se a visses, então! Que anjo!

Entretanto aprouve à divina misericórdia pôr termo ao nosso infortúnio. O senhor Svidrigailov refletiu e, talvez com dó da pobre pequena que havia comprometido, apresentou à esposa as mais exuberantes provas da inocência da Dounia.

Por felicidade conservava uma carta que, antes da cena do jardim, ela se vira obrigada a escrever-lhe, a fim de recusar uma entrevista solicitada. Nessa carta, Dounia censurava-lhe a indignidade do seu procedimento para com a esposa, recordando-lhe os seus deveres de pai e marido, e lembrando-lhe quanto era ignóbil perseguir uma desventurada e indefesa moça.

Desde então não restou a Maria Petrovna a menor dúvida sobre a inocência de Dounia. No dia seguinte, domingo, veio a nossa casa, contou-nos tudo e lançou-se nos braços de Dounia, a quem pediu perdão, banhada em lágrimas. Percorreu depois as casas da cidade e por toda a parte rendeu o mais caloroso elogio

à honestidade de Dounia, bem como à nobreza dos seus sentimentos e ao seu exemplar comportamento. Não satisfeita com isto, mostrou e leu a todos a carta de Dounia ao senhor Svidrigailov, chegando a mandar tirar várias cópias, o que na minha opinião era desnecessário. Reabilitou assim por completo tua irmã, No entanto o marido saiu desta aventura coberto de desonra, e chego a ter pena deste pobre maluco, tão severamente castigado.

Dounia recebeu logo propostas para lecionar em várias casas, mas não aceitou nenhuma. Todos começaram, de um momento para o outro, a demonstrar-lhe a máxima consideração, e esta brusca mudança de opinião foi devida, em especial, ao inesperado acontecimento que, por assim dizer, vai modificar a nossa situação.

Fica sabendo, querido Rodia, que se apresentou um pretendente à mão da tua irmã e que esta aceitou. É com a maior alegria que me apresso a participar-to. Estou convencida de que nos desculparás da falta de tudo termos decidido sem te havermos consultado, quando souberes que o caso não admitia delongas e que não era possível esperarmos pela tua resposta para darmos a nossa. De resto, estando tu tão longe, apreciarias as coisas sem perfeito conhecimento de causa.

Eis como tudo se passou. O noivo, Pedro Petrovitch Lougine, é um advogado, parente afastado de Marfa Petrovna, que neste assunto procedeu com toda a correção. Foi ela quem no-lo apresentou. Recebemo-lo com a maior afabilidade, tomou café connosco e logo no dia imediato nos dirigiu uma carta, muito atenciosa, fazendo o seu pedido e solicitando resposta tão pronta, como categórica. Este homem tem uma vida muito ativa e está em vésperas de partir para S. Petersburgo, de forma que não tem um minuto a perder.

A princípio ficámos pasmadas, tão longe estávamos de esperar semelhante pedido. Durante todo o dia examinámos a questão. Pedro Petrovitch está muito bem colocado: ocupa dois cargos e possui já uma fortuna importante. É certo que tem quarenta e cinco anos, porém é simpático e compreende-se que uma mulher goste dele. É homem sério e bem-educado. Acho-o apenas um

pouco reservado e severo, mas quantas vezes as aparências não iludem!

Ficas pois prevenido, querido Rodia: quando o vires em S. Petersburgo, o que não tardará muito, não o julgues à primeira impressão, nem o condenes sem agravo, como costumas, se nesse primeiro momento te inspirar pouca simpatia. Parece-me conveniente prevenir-te disto, conquanto esteja convencida de que não te causará má impressão. De resto, para conhecermos uma pessoa, é necessário termos convivido com ela, observando-a a cada momento; de contrário cometem-se erros de apreciação que por vezes são difíceis de corrigir.

Pelo que diz respeito a Pedro Petrovitch, tudo leva a crer que é um homem de respeito. Logo na sua primeira visita nos disso ser muito positivo: «No entanto», acrescentou, «partilho em muitos pontos das ideias da moderna geração e sou inimigo de todos os preconceitos». Disse muitas outras coisas mais, porque é, se não me engano, um pouco vaidoso e retórico, o que me parece não é grande defeito.

Pela minha parte confesso que não compreendi as suas palavras, limitando-me por isso a transmitir-te a opinião de Dounia: «Ainda que não muito instruído», disse-me ela, «é inteligente e parece bondoso». Conheces o caráter da tua irmã. É uma moça corajosa, ajuizada, paciente, bondosa, e possui um coração apaixonado, como tive ensejo de me convencer. Não se trata, de facto, nem de um, nem doutro lado, de um casamento de amor. Todavia a Dounia não é apenas uma moça inteligente; a sua bondade é verdadeiramente angélica e se o marido se propuser torná-la feliz, impor-se-á o dever de lhe corresponder da mesma forma.

Sendo homem sensato, como é, Pedro Petrovitch há de compreender que a felicidade da esposa será a melhor garantia da sua própria. Ao princípio pareceu-me um pouco rude, o que foi talvez devido à forma, sem rodeios, como disse as coisas. Na segunda visita, depois de feito o pedido, disse-nos, durante a conversa, que antes mesmo de conhecer Dounia já estava resolvido a casar apenas com uma menina honesta, sem dote, e que tivesse sofrido privações. Na opinião dele é para desejar que

o homem não deva obrigações à esposa; antes, é mais conveniente que ela veja no marido um benfeitor.

Não foram estas precisamente as suas palavras. Reconheço que se exprimiu de maneira diversa, muito mais delicada; contudo foi este o sentido. Disse isto sem refletir, escapando-lhe a frase no calor da conversa. E tanto assim que procurou logo atenuar-lhe o efeito. Apesar disso achei a frase dura e mais tarde disse-o à Dounia. Respondeu-me, irritada, que palavras leva-as o vento, o que é verdade. Na noite que antecedeu a resolução, Dounia não conseguia conciliar o sono. Julgando-me a dormir, ergueu-se e pôs-se a passear no quarto de um lado para o outro. Por fim ajoelhou, e depois de uma longa e fervorosa prece, declarou-me no dia seguinte que estava resolvida a aceitar o pedido de Petrovitch.

Já te disse que este parte em breve para S. Petersburgo. Interesses importantes levam-no a essa capital, onde pensa estabelecer banca de advogado. Há muito que está no foro e acaba agora mesmo de vencer uma causa importante. A sua viagem a S. Petersburgo é motivada pela necessidade de seguir de perto certa questão nos tribunais superiores. Por tal motivo, querido Rodia, pode prestar-te excelentes serviços. Eu e Dounia pensámos já que poderias começar, sob a proteção de Petrovitch, a tua futura carreira. Ah! se assim fosse! Terias tanto a ganhar que teríamos de atribuir tudo a um favor especial da Divina Providência.

A Dounia não pensa noutra coisa. Já falámos um pouco no caso a Pedro Petrovitch. Respondeu com certa reserva: «hei de talvez precisar de um secretário», disse, «e prefiro antes confiar esse lugar a um parente do que a um estranho, uma vez que seja capaz de bem o desempenhar». Parece recear, no entanto, que com os teus trabalhos universitários não tenhas tempo para te ocupares dos assuntos do escritório. Nessa ocasião a conversa ficou por aqui, mas, como já te disse, a Dounia não pensa noutra coisa. Na sua exaltada imaginação vê-te já trabalhando sob a direção de Pedro Petrovitch, e mesmo seu associado, tanto mais que estás na Faculdade de direito. Quanto a mim, penso da mesma

maneira, e os projetos da tua irmã sobre o teu futuro, parecem-me muito viáveis.

Apesar da resposta duvidosa de Pedro Petrovitch, que aliás se compreende muito bem, visto que ainda te não conhece, a Dounia confia em absoluto na sua influência de esposa para dispor as coisas à nossa vontade. Está claro que não lhe demos a entender que poderias vir um dia a ser seu associado.

É um homem positivo, e por certo acolheria mal uma ideia que por enquanto não passa de um sonho.

E agora, muito em segredo e por motivos que, de resto, não dizem respeito a Pedro Petrovitch e não passam talvez de tontices de velha, creio que, depois do casamento, será melhor que continue a viver em minha casa, em vez de ir para junto deles. Estou persuadida que é bastante delicado para me pedir que não me separe da minha filha. Se até agora nada disse, é porque supõe que o caso está subentendido. Por enquanto tenciono recusar.

Se for possível, ficarei vivendo na sua vizinhança. Digo isto, porque guardei o mais agradável para o fim. Imagina, querido filho, que dentro em poucos dias nos reuniremos os três e que de novo nos abraçaremos, após esta longa separação de três anos! Está já decidido que vamos a S. Petersburgo. Quando, não sei ao certo; em todo o caso deve ser num prazo curto, dentro de oito dias, talvez. Depende tudo das conveniências de Pedro Petrovitch, que deve mandar-nos as suas instruções, logo que esteja aí quase estabelecido. Deseja apressar, por certas razões e tanto quanto possível, a cerimónia nupcial. Se não houver inconveniente, é de crer que o casamento se realize num dos dias do Entrudo ou, o mais tardar, logo depois da festa da Assunção. Oh! com que prazer te apertarei contra o coração!

A Dounia está satisfeitíssima com a ideia de te voltar a ver. Já me disse, cheia de alegria, que só por isto casaria da melhor vontade com Pedro Petrovitch. É um anjo! Nada acrescenta à minha carta, porque, segundo diz, teria tantas coisas a contar-te que não vale a pena escrever-te só algumas palavras. Incumbe-me de te mandar um estreito abraço. Apesar de em breve nos reunirmos, espero enviar-te por estes dias o dinheiro de que puder dispor. Logo que se espalhou a notícia de que a Dounia ia casar

com Pedro Petrovitch, o meu crédito tornou-se maior e sei de boa fonte que Afanase Ivanovitch está pronto a emprestar-me até setenta rublos sobre a minha pensão.

Poderei talvez mandar-te, dentro de alguns dias, vinte e cinco ou trinta rublos. Enviar-te-ia mesmo mais se não tivesse de contar com a viagem. É verdade que Pedro Petrovitch teve a bondade de tomar a si o encargo de uma parte das nossas despesas de viagem. Ofereceu-nos até uma grande mala, onde cabem todas as nossas coisas. No entanto, sempre temos de pagar os bilhetes até S. Petersburgo e não vamos chegar aí sem um kopeck na algibeira.

Calculámos tudo: a viagem não deve ficar-nos cara. Da nossa casa ao caminho de ferro são umas noventa verstas e ajustámos com um carroceiro conhecido levar-nos na sua carripana até à estação. Depois seguiremos satisfeitas num compartimento de terceira classe. Enfim, bem feitas as contas, talvez consiga mandar-te trinta rublos e não vinte e cinco.

Envio-te, meu querido Rodia, um grande abraço, juntamente com a minha bênção, enquanto o não faço pessoalmente. Não deixes de ter uma grande afeição por tua irmã. Lembra-te de que te estima muito mais que a si própria, e paga-lhe da mesma forma. Escusado é dizer-te que é um anjo, e tu, Rodia, tudo quanto temos no mundo: a nossa esperança e a nossa futura felicidade. Se fores feliz, também nós o seremos. Adeus, ou antes, até à vista. Abraço-te mil vezes.

Tua até à morte,

Pulquéria Raskólnikov

Durante a leitura da carta, os olhos de Raskólnikov encheram-se por vezes de lágrimas. Quando terminou, um amargo sorriso contraía-lhe a fisionomia pálida e transtornada. Deixando cair a cabeça sobre a sujíssima almofada, ficou absorto em profunda meditação. O coração palpitava-lhe com violência e as ideias entrechocavam-se-lhe no cérebro. Sentia-se oprimido e sufocado, nesse cubículo de cor amarelada, que lhe parecia mais um armário ou um baú.

Pegou no chapéu e saiu, sem recear, desta vez, encontrar na escada quem quer que fosse. Já nem se lembrava da hospedeira. Dirigiu-se a Vasili Ostrov, pela Avenida V. Caminhava a passos largos, como se fosse

para um serviço urgente. Como de costume não atendia a coisa alguma. Ia monologando por entre dentes, chamando a atenção dos transeuntes, alguns dos quais o julgaram ébrio.

Capítulo 4

A carta da mãe sensibilizara-o muito. Todavia, quanto ao ponto principal, não teve um momento de hesitação. Ainda não havia terminado a leitura e já tinha tomado a sua resolução: «Enquanto viver, este casamento não se realiza. Que vá para o inferno o senhor Loujine! O caso é claro!», murmurou ele, sorrindo, com ar triunfante, como se estivesse seguro do resultado. «Não, mãe; não, Dounia; não me enganam! E ainda se desculpam por terem tomado tal resolução sem me consultarem! Julgam agora que é impossível desmanchar o projetado casamento! Pois veremos se é ou não! E que motivos alegam: 'Pedro Petrovitch tem tantos afazeres que só pode casar a vapor!' Não, Dounia, compreendi tudo, adivinho o que me querias dizer, sei quanto pensaste toda a noite, passeando no teu quarto, e o que pediste à Virgem de Kazan, cuja imagem está no quarto da nossa mãe. O Gólgota custa a subir! Hum! Eis o que está combinado: Dounia vai casar com um homem positivo e que tem já uma fortuna, o que não é para desprezar; tem duas colocações e simpatiza, segundo as palavras da minha mãe, com as ideias das gerações modernas. A própria Dounia diz que *parece* boa pessoa. Este *parece* vale um mundo! Confiando nesta *aparência* é que a Dounia vai casar! Admirável! Sempre gostava de saber o motivo porque a mãe se refere na sua carta às 'gerações modernas'! Será apenas para acentuar bem qual o caráter do personagem ou será com o fim de captar a minha simpatia em favor do senhor Loujine? Oh! que tática! Há ainda um outro facto que desejava esclarecer: até que ponto teriam elas levado a sua franqueza, uma para com a outra, durante o dia e a noite que antecederam a resolução da Dounia? Chegariam a alguma formal explicação ou ter-se-iam compreendido, sem quase terem necessidade de dizer o que pensavam? A julgar pela carta, sinto-me mais inclinado para esta última hipótese. A mãe achou-o um tanto vaidoso e, dada a sua simplicidade, comunicou-o à Dounia. Esta, por sua vez, aborreceu-se e respondeu zangada. Era bem de ver! Uma vez que assim estava decidido, que já não podia voltar atrás com a sua palavra, a observação da mãe era, pelo menos, inútil. E para que me diz ela: 'Estima

muito a tua irmã. Lembra-te de que te adora muito mais do que a si própria'? Não sentirá a consciência a acusá-la de ter sacrificado a filha ao filho? 'És a nossa felicidade futura e tudo quanto temos no mundo'... Oh, minha mãe!»

A sua exaltação aumentava de momento a momento e se nesse instante tivesse encontrado o senhor Loujine, talvez não resistisse ao desejo de o assassinar.

«Hum! É verdade», continuou ele, tentando coordenar as ideias que se lhe baralhavam na cabeça, «é verdade que, para conhecer uma pessoa, é necessário ter convivido com ela, observando-a com cuidado. Além disso o senhor Loujine não deve ser difícil de compreender. Em primeiro lugar é um homem de negócios e 'parece' bondoso; o resto, são coisas infantis, com um certo ar de graça. 'Ofereceu-nos até uma grande mala!' Depois desta prova, como duvidar da sua bondade? A noiva e a futura sogra metem-se ao caminho numa carroça, tendo apenas para as resguardar da chuva um reles toldo. Como se não conhecesse essas carripanas! Que importa? O trajeto até à estação é apenas de noventa *verstas*. Depois vêm com o maior prazer 'num compartimento de terceira classe...' Têm razão: a capa deve-se talhar conforme o pano. No entanto, em que pensa o senhor Loujine? Não esqueçamos que se trata da sua noiva! Será possível que ignore que, para fazerem esta viagem, necessitaram de um empréstimo sobre a pensão? Com certeza o seu espírito mercantil considerou isto como uma espécie de sociedade, na qual cada associado tem que entrar com a sua quota parte; no entanto não há paridade alguma entre o custo da mala, por muito grande que seja, e o da viagem. Não compreendem isto ou fingem não compreender. O caso é que parecem satisfeitas! Contudo, que frutos poderemos esperar de semelhantes flores? O que mais me irrita neste procedimento não é tanto a mesquinhez como o mau gosto; o namorado dá a entender o que será o marido... E a mãe, que atira o dinheiro pela janela fora, conquanto chegará a S. Petersburgo? Com três *rublos* em metal ou com dois *bilhetinhos,* como diz... a... velha... Com que meios contará para viver? Devido a quaisquer razões, reconheceu que era preferível separar-se da Dounia quando casasse. Alguma palavra indiscreta desse amável cavalheiro foi um clarão para ela, por mais que queira fechar os olhos à realidade. Tenciona recusar, diz ela ainda! Então com que recursos conta viver? A sua pensão de cento e vinte *rublos*, sujeita ao desconto da importância emprestada por Afanase Ivanovitch? Na aldeia

ainda tecia lenços de malha e bordava, apesar de que esse trabalho não lhe rendia mais de vinte *rublos* por ano. Evidentemente, a despeito de tudo, conta com a generosidade do senhor Loujine. 'Ele próprio insistirá para não me separar da minha filha'. Pois sim! A mãe é assim, não há que admirar! Mas a Dounia? É impossível que não compreenda esse homem e vai desposá-lo! A sua liberdade moral e a sua alma eram-lhe muito mais queridas do que o seu bem-estar! Para não ter que renunciar a elas, preferia comer pão negro e beber água. Não as trocaria pelo Sleswig-Holstein, quanto mais pelo senhor Loujine. Era assim a Dounia que eu conheci, e por certo ainda não mudou! Bem sei que é penoso viver sob o teto de qualquer Svidrigailov, ou andar de terra em terra, ou passar a vida inteira a aturar rapazes, ganhando duzentos *rublos* por ano. Não é das melhores coisas, não! Mas a minha irmã preferia ir trabalhar para casa de um plantador da América ou de um alemão da Lituânia a aviltar-se, unindo por mero interesse pessoal a sua existência à de um homem a quem não amasse e com quem nada tivesse de comum! Ainda que o senhor Loujine fosse de ouro puro ou de brilhantes, não se prestaria a ser a sua legítima mulher. Que motivo a resolveu então? Qual será a chave do enigma?»

Refletiu um momento.

«Ora», exclamou, «o motivo é bem claro. Não procede em proveito próprio. Por quantia alguma se venderia para conseguir o seu bem-estar ou mesmo para escapar à morte. Entretanto vende-se por uma outra pessoa, por um ente querido e adorado! É esta a explicação do mistério: é por nós, pela mãe e por mim, que ela se sacrifica. Vende toda a sua vida! Oh! nesse caso violenta-se o senso moral: leva-se ao mercado a liberdade, o repouso, a própria consciência, tudo! Perca-se embora a vida, mas que as pessoas adoradas sejam felizes! Mais ainda, recorre-se à subtil casuística dos jesuítas, transige-se com os próprios escrúpulos, chegamos mesmo a persuadir-nos de que é preciso proceder assim, visto a utilidade do fim justificar o meio. Eis como nós somos e a razão porque andamos por cá! É certo que aqui, no primeiro plano, se encontra Rodia Romanovitch Raskólnikov. É preciso garantir-lhe a felicidade, conseguir-lhe os meios de concluir o seu curso, de vir a ser sócio do senhor Loujine, de chegar a fazer fortuna, nome, glória, se possível for! E a mãe? Essa só pensa no seu querido Rodia, no seu primogénito. Não é natural que sacrifique a filha a este filho, o seu predileto? Corações ternos e injustos! Mas isto que vão fazer, equivale a aceitar a sorte de Sofia Marmeladov, a eterna Sofia, que

há de existir enquanto existir o mundo! Mediste bem a teu sacrifício? Sabes, Dounia, que viver com o senhor Loujine é igualares-te à Sofia? 'Aqui não pode haver amor', escreve a mãe. Então, se não pode haver amor, nem estima, se pelo contrário há antipatia, repulsão quase, em que difere esse casamento da prostituição? Maior desculpa portanto tem a Sofia; esta vendeu-se, não para aumentar um relativo bem-estar, mas porque viu a fome, a verdadeira fome, instalada entre os seus! E se mais tarde o sacrifício for superior às tuas forças, se vieres a arrepender-te do teu ato, quantas lágrimas verterás em silêncio… porque tu não és Marfa Petrovna! E então o que será da mãe? Quando agora já está inquieta, o que fará quando vir as coisas por outro prisma, como elas na verdade são? E eu? Porque eu, sim, também sou alguém! Não aceito o teu sacrifício, Dounia, nem o teu, minha mãe. Enquanto viver não se realizará esse casamento.»

De repente, parou,

«Não se há de realizar? Mas que podes fazer para o impedir? Opor o teu *veto?* E com que direito? O que podes prometer-lhes para te permitires tanta arrogância? Comprometer-te-ás a dedicar-lhes toda a tua vida, todo o teu futuro, *quando tiveres acabado o curso e obtido uma colocação? E isso é ainda para depois,* mas agora? É necessário fazer já alguma coisa, percebes? E o que fazes tu agora? Vives à custa delas. Levas uma a pedir emprestado sobre a sua pensão e a outra a solicitar um adiantamento de ordenado aos Svidrigailov! Com o pretexto de que mais tarde serás milionário, pretendes hoje dispor a teu belo prazer da sorte das duas! No entanto poderás desde já tomar sobre ti o encargo de ocorrer às suas necessidades? Daqui a dez anos, talvez! Entretanto tua mãe cegará a tecer lenços de malha ou a chorar, com a saúde arruinada, devido a privações de toda a espécie. E tua irmã? Vamos, pensa nos perigos que a tua irmã pode correr nesse largo período de dez anos! Pensaste?»

Experimentava um amargo prazer, fazendo a si próprio estas dolorosas perguntas, que de resto não eram novas para ele. Havia muito que elas o assaltavam a cada instante, exigindo respostas que ele se sentia incapaz de lhes dar. A carta da mãe fulminara-o como se fosse um raio. Reconhecia agora que passara a época das lamentações, que nada remedeiam, e que, em vez de increpar a sua impudência, lhe cumpria fazer fosse o que fosse e o mais depressa possível. Era necessário tomar desde já uma resolução qualquer ou...

«Ou renunciar à vida!», exclamou ele, de súbito. «Aceitar, de uma vez por todas, o destino como ele é, abafar todas as aspirações, abdicar em definitivo do direito de ser livre, de viver, de amar!»

Raskólnikov lembrou-se de repente das palavras que Marmeladov proferira na véspera: «Compreende, compreende, senhor, o que significam estas palavras: *não ter para onde ir*?»

Estremeceu, Um pensamento que na véspera o assaltara apresentou-se de novo ao seu espírito. Não foi, contudo, a lembrança desse pensamento que o fez estremecer. Sabia já, ou antes, pressentia que havia de voltar, e esperava-o. Contudo essa ideia não era em absoluto como a da véspera e a diferença estava no seguinte: o que há um mês, ou ontem ainda, era apenas um sonho, surgia agora sob um novo aspeto deveras assustador. O jovem rapaz tinha a consciência dessa diferença... Sentia uma grande agitação no cérebro e uma nuvem toldar-lhe a vista.

Olhou em volta, procurando alguma coisa. Precisava sentar-se e o que procurava era um banco. Encontrava-se na Avenida de E... A cem passos havia um. Caminhou para ele a toda a pressa, mas no trajeto sucedeu-lhe uma pequena aventura que durante alguns momentos o absorveu por completo.

Quando olhava na direção do banco avistou uma mulher que seguia a uns vinte passos de distância. A princípio não lhe ligou maior importância do que às diversas coisas que encontrara no caminho. Muitas vezes lhe sucedera, por exemplo, entrar em casa sem conseguir lembrar-se do itinerário que seguira; geralmente caminhava sem reparar em coisa alguma. Todavia essa mulher tinha uma aparência tão estranha que Raskólnikov não pôde deixar de a notar. À surpresa sucedeu a curiosidade, contra a qual tentou opor-se, mas bem depressa se tornou superior à sua vontade. De súbito quis reconhecer o que havia de extraordinário nessa mulher. Pela aparência, a transeunte devia ser muito nova. Apesar do excessivo calor, ia com a cabeça descoberta, sem guarda-sol nem luvas, agitando os braços de uma maneira ridícula. Levava no pescoço um lenço atado ao lado; o vestido era de seda, muito malposto, desacolchetado e rasgado na cintura, junto ao cós. Pelo rasgão via-se um farrapo oscilar de um lado para o outro. E, a juntar a isto todo, a passeante, não se podendo suster nas pernas, cambaleava. Este encontro acabou por absorver toda a atenção de Raskólnikov. Aproximou-se da moça, precisamente quando ela chegava junto do banco, no qual se deitou, em vez de se sentar, inclinando

a cabeça para trás e cerrando os olhos, como uma pessoa prostrada de cansaço. Não lhe foi difícil concluir que estava embriagada. O caso pareceu-lhe tão extraordinário que a si próprio perguntou se não estaria enganado. Tinha diante de si uma esbelta criança de dezassete anos, talvez mesmo de quinze. O rosto emoldurado por uns cabelos louros, era bonito, mas estava afogueado. Parecia inconsciente.

Tudo levava a crer que não sabia onde se encontrava.

Raskólnikov não se sentou, nem se quis retirar, e por isso ficou de pé, diante dela, sem saber o que devia fazer. Já dera uma hora e sentia-se um calor insuportável. Raras pessoas passavam nessa Avenida, que em geral é pouco frequentada, Todavia, a uns quinze passos, se tanto, na beira do passeio, estava parado um homem que, com certeza, desejava aproximar-se da moça com reservadas intenções. Também, por certo, a avistara à distância e a seguira. No entanto a presença de Raskólnikov incomodava-o: olhava-o irritado, de soslaio, esperando com impaciência o momento em que este farrapilha lhe cedesse o lugar. Vestindo com elegância, este indivíduo, que devia ter uns trinta anos, era espadaúdo, forte, corado, de lábios vermelhos e farta bigodeira. Raskólnikov encolerizou-se e sentiu vontade de o insultar.

Deixou por momentos a moça e aproximou-se dele:

— Olá, Svidrigailov! Que faz por aqui? — exclamou ele, cerrando os punhos, enquanto um sorriso sardónico lhe entreabriu os lábios, que começavam a orlar-se de espuma.

O elegante cavalheiro franziu o sobrolho e na fisionomia desenhou-se-lhe uma expressão de altivez e de surpresa.

— Que quer isso dizer? — interrogou com arrogância.

— Quer dizer que dê meia volta, que se ponha a andar...

— Cuidado com a língua, seu canalha...

E ergueu a bengala. Raskólnikov, com os punhos cerrados, atirou-se a ele, sem pensar na desigualdade de forças. Porém sentiu que o agarravam pelas costas. Era um polícia que punha termo à questão.

— Então, meus senhores, então, não lutem no meio da rua. O que querem? Quem é o senhor? — perguntou com ar severo a Raskólnikov, reparando nos seus andrajos.

Este olhou atentamente para quem lhe fazia a pergunta. O polícia, que usava bigode e suíças brancas, tinha o aspeto de um valente soldado e parecia inteligente.

— É exatamente do senhor que preciso — disse ele, agarrando-o por um braço. — Fui estudante e chamo-me Raskólnikov... O senhor pode também saber isto — acrescentou, voltando-se para o outro. — Venha comigo, vou mostrar-lhe uma desgraça...

E continuando a segurar o polícia pelo braço, conduziu-o junto do banco.

— Aqui está uma moça embriagada. Veio até aqui quase aos tombos. É difícil saber a sua situação social, porém não tem aparência de vadia. O mais provável é que a tenham obrigado a beber e abusassem dela! É talvez uma principiante... compreende? Depois, a cair de bêbeda, puseram-na na rua. Veja em que estado trás o vestido. Não foi ela que se vestiu, vestiram-na; e foram mãos imperitas, mãos de homem, que fizeram esse trabalho. Agora olhe para este lado: este janota, em quem queria bater há pouco, não o conheço e vi-o agora pela primeira vez. Encontrou-a também na rua, certificou-se de que estava embriagada, que não tinha consciência de coisa alguma, e queria aproveitar-se dessa circunstância para a levar a alguma casa suspeita... É isto mesmo, pode ter a certeza que não me engano... Reparei como ele a olhava e seguia. Transtornei-lhe os planos e sua excelência esperava agora que me fosse embora. Como se lhe há de tirar das mãos esta presa? Como havemos de conseguir que vá para casa?

O polícia, que compreendeu tudo, pôs-se a refletir. Não podia ter dúvidas sobre as intenções do homem espadaúdo. Inclinou-se sobre a moça para a ver mais de perto e na sua fisionomia desenhou-se uma profunda compaixão.

— Que desgraça! — exclamou, abanando a cabeça. — É ainda uma criança. Caiu numa cilada, com certeza... Olhe lá, menina, onde, mora? Diga, onde mora?

Entreabriu a custo as pálpebras, olhou espantada para os dois e fez um gesto, como que para os afastar.

Raskólnikov remexeu a algibeira e tirou vinte *kopecks*.

— Tome — disse. — Alugue uma carruagem e leve-a a casa. O que é preciso é saber a morada.

— Menina — gritou outra vez o polícia, depois de guardar o dinheiro — vou buscar um carro e eu próprio a levo a casa. Onde fica a sua casa? Onde mora?

— Oh! meu Deus! eles agarram-me! — murmurou ela, repetindo o mesmo gesto que fizera há pouco.

— Que coisa ignóbil! Que infâmia! — disse o polícia, cheio de compaixão e indignado. — A grande dificuldade é saber-se onde mora! — continuou, dirigindo-se a Raskólnikov, que de novo examinou dos pés à cabeça, parecendo-lhe muito estranho este indigente tão generoso. — Encontrou-a longe daqui?

— Já lhe disse que caminhava na minha frente, aos bordos, por esta mesma Avenida. Quando chegou junto do banco, deixou-se cair.

— Que barbaridades se praticam por este mundo, meu Deus! Uma moça tão nova e embebedar-se desta maneira! Enganaram-na, certamente! Tem o vestido rasgado! Muito vício há por aí! Talvez os pais sejam gente nobre, caída na miséria. Há tanta gente assim, agora! A aparência dela é de filha de boa família.

E mais uma vez se inclinou para a moça.

Talvez ele próprio fosse pai de moças bem-educadas, que parecessem filhas de famílias nobres.

— O que é necessário — continuou Raskólnikov — é não a deixarmos à mercê deste patife! É claro que o tratante tem o seu plano formado e não arreda pé dali!

Levantara a voz e indicava o sujeito com o gesto. Este, percebendo que falavam a seu respeito, quis zangar-se, mas depressa mudou de tática, limitando-se a lançar ao inimigo um olhar de desprezo. Em seguida, e muito devagar, afastou-se uns dez passos e voltou a parar.

— Não lhe há de deitar a mão — disse com ar pensativo o polícia. — Ao menos, se dissesse onde reside! Sem essa indicação... Menina, menina! — chamou, inclinando-se sobre a moça.

Esta abriu de repente os olhos, olhou fixamente os dois e pareceu voltar a si. Levantou-se e seguiu em sentido inverso ao caminho por onde viera.

— Que importunos! Que desavergonhados! Agarraram-se a mim! — exclamou, agitando de novo os braços, como para afastar alguém.

Caminhava muito depressa, mas com pouca firmeza. O janota começou a segui-la pelo outro passeio, sem a perder de vista.

— Esteja tranquilo, não a há de apanhar — disse o polícia. E seguiu atrás deles.

Neste momento operou-se nas disposições de espírito do Raskólnikov uma reviravolta tão completa como rápida.

— Ouça! — gritou ao polícia, que se voltou. — Deixe-o lá. Que se divirtam! O que tem o senhor com isso?

O polícia, surpreendido, olhou para Raskólnikov, que começou a rir-se. Não fez caso e continuou a seguir o desconhecido e a moça.

«E lá se foi com os meus vinte *kopecks*», disse ele com os seus botões quando ficou só. «há de aceitar também dinheiro do outro e deixa-o com a moça. Que diabo de ideia a minha de armar em benfeitor! Tenho, porventura, obrigação de defender a primeira criatura que me aparece? Com que direito? Em honra de que santo? Ainda que se devorem uns aos outros, que tenho com isso? Para que dei eu os vinte *kopecks?*»

A despeito destas palavras, sentia o coração oprimido. Sentou-se no banco. As suas ideias baralhavam-se, sentia-se incoerente. Custava-lhe a pensar fosse no que fosse. Ambicionava cair num sono profundo, em que esquecesse tudo por completo, e acordar de forma a começar uma vida nova...

«Pobrezinha!», exclamou ele, olhando para o banco onde a moça se deitara. «Quando voltar a si, há de chorar; depois a mãe saberá da aventura, bater-lhe-á, para juntar a humilhação à dor. É provável até que a ponha na rua... Ou quando não a abandone, qualquer Daria Frantzovna farejará a caça e teremos a rapariguita aos trambolhões, indo de queda em queda até ao hospital, o que não sucederá muito tarde. Logo que estiver curada, recomeçará a desgraça, até ir de novo parar ao hospital, com escala pela cadeia. Com dois ou três anos de vida, aos dezoito ou dezanove, estará perdida. Quantas que começaram como esta tenho visto acabar assim! Mas, enfim, dizem que é preciso! É uma percentagem, um prémio que tem de ser pago... certamente ao diabo para garantir a tranquilidade dos outros. Uma percentagem! Inventam na verdade lindas palavras e dão-lhes um ar científico que lhes fica a matar! Quando se diz 'tantas por cento' está dito tudo, é um caso arrumado. Se lhe dessem outro nome, talvez a coisa causasse mais preocupações... E, quem sabe? Talvez que a Dounia seja compreendida na percentagem do ano próximo, ou talvez ainda na deste! Onde queria eu ir?», pensou ele repentinamente. «É extraordinário. Tinha destino quando saí de casa. Logo que li a carta, saí... Ah! sim, agora me lembro: ia procurar Razoumikhine, em Vasili Ostrov... Mas que ia lá fazer? Como me veio à ideia visitar agora Razoumikhine? É singular!»

Nem ele próprio se entendia. Razoumikhine era um dos seus antigos condiscípulos da Universidade. É de notar que, quando Raskólnikov seguia o curso de direito, vivia muito só, não frequentava a casa de nenhum dos condiscípulos e não lhe aprazia receber as suas visitas, o que não tardaram em pagar-lhe na mesma moeda. Nunca tomava parte em reuniões, nem nos próprios divertimentos académicos. Era admirado pela sua aplicação ao estudo, mas não gozava da simpatia de ninguém. Muito pobre, orgulhoso e concentrado, a sua existência parecia envolver um mistério. Os condiscípulos queixavam-se dele por os olhar com indiferença, como se fossem crianças ou pessoas muito abaixo da sua craveira intelectual.

No entanto ligara-se a Razoumikhine ou, para melhor dizer, tinha mais confiança nele do que noutro qualquer. Talvez o seu génio franco e alegre lhe despertasse uma maior simpatia. Era um rapaz muito vivo, expansivo e de uma bondade extrema. Os mais inteligentes condiscípulos reconheciam-lhe o merecimento e estimavam-no. Não era tolo, conquanto às vezes fosse de uma ingenuidade infantil. Os seus cabelos pretos, a cara por barbear e o seu tipo esguio e magro atraíam logo a atenção.

Tinha fama de valente. Uma noite, percorrendo as ruas de S. Petersburgo em companhia de alguns amigos, atirou ao chão, com um murro, um polícia que media um metro e noventa, aproximadamente. Por vezes entregava-se à embriaguez, mas quando lhe convinha mantinha-se na maior sobriedade. Se às vezes praticava loucuras imperdoáveis, noutras ocasiões mostrava uma prudência e juízo inexcedíveis. Nunca o viram acabrunhado ou sucumbido por qualquer contrariedade. Era homem para dormir num telhado, sofrer o frio e a fome, sem por um momento perder o seu bom humor habitual. Muitíssimo pobre, limitado aos seus próprios recursos, ganhava a vida regularmente, pois era ativo e conhecia uns certos locais onde, trabalhando, lhe era possível obter dinheiro.

Passou todo um inverno sem fogão e dizia a toda a gente que lhe era muito mais agradável, pois dorme-se muito melhor quando se tem frio. Tivera também de abandonar a Universidade por falta de meios; contudo, esperava continuar em breve o seu curso, não desprezando coisa alguma para melhorar a sua precária situação. Havia quatro meses que Raskólnikov não o visitava e Razoumikhine não sabia a sua morada. Tinham-se encontrado havia uns dois meses, porém Raskólnikov atravessara logo para o outro passeio, buscando esconder-se do condiscípulo. Este vira-o, mas receando incomodá-lo, fizera vista grossa.

Capítulo 5

«Na verdade, ainda não há muito tempo que tencionava ir procurar Razoumikhine, a fim de lhe pedir para me conseguir algumas lições, ou um trabalho qualquer...», pensava Raskólnikov. «Mas, nesta altura, em que me pode ser útil? Dê-mos de barato que me arranja algumas lições, suponhamos mesmo que, dispondo de alguns *kopecks,* se sacrifica, emprestando-me dinheiro para umas botas e um fato decentes, indispensáveis a um professor. Hum! E depois? O que posso fazer com algumas *piastras*? É só disso que preciso agora? Parece-me que é uma tremenda tolice se for a casa de Razoumikhine...»

O desejo de saber o que iria fazer a casa do condiscípulo intrigava-o muito mais do que a si próprio confessava. Procurava qualquer sinistra significação nesse facto, na aparência o mais natural.

«Será possível que no meio das minhas contrariedades e apoquentações só tenha esperança em Razoumikhine? Só ele de facto poderá salvar-me?»

Refletiu, esfregou os olhos e, como um relâmpago, depois de ter por algum tempo atormentado o espírito, surgiu-lhe no cérebro uma ideia muito extraordinária.

«Vou a casa do Razoumikhine», afirmou como se tivesse tomado uma última resolução. «Vou a casa do Razoumikhine, não há que duvidar, mas não neste momento... Irei visitá-lo... no dia seguinte, quando *aquilo* estiver concluído e as minhas coisas tiverem mudado de aspeto.»

Ao pronunciar estas palavras, reconsiderou logo:

«Quando *aquilo* estiver concluído!», exclamou com um tal sobressalto que se levantou. «Então *aquilo* realizar-se-á? Será possível?»

Levantou-se e caminhou a passo rápido. O seu primeiro movimento foi voltar a casa, todavia custava-lhe entrar nesse horrível cubículo onde passara mais de um mês planeando tudo *aquilo!* Esta ideia despertou-lhe uma certa repulsão. Pôs-se a caminhar ao acaso.

O temor nervoso tomara um caráter febril. Sentia calafrios, apesar da elevada temperatura do dia. Quase maquinalmente, como que cedendo a

uma necessidade interior, procurava fixar a atenção num sem número de factos, os mais diversos, para fugir à obsessão de uma ideia perturbadora. Debalde procurava distrair-se; voltava sempre aos mesmos pensamentos. Quando ergueu a cabeça para olhar à sua volta, esqueceu por momentos aquilo que o preocupava e até mesmo o local onde se encontrava. Foi assim que atravessou todo o Vasili Ostrov até junto do Pequeno Neva, passou a ponte e chegou às ilhas.

As árvores e a brisa fresca desanuviaram-lhe a princípio os olhos, acostumados já à poeira, à cal e às pirâmides de alvenaria. Respirava-se ali bem. Não havia exalações mefíticas, nem tabernas. Bem depressa porém essas novas sensações perderam o encanto, cedendo o lugar a uma doentia irritação. Por vezes parava em frente de alguma casa de campo, envolvida por forte vegetação: olhava pelas grades, via nas janelas mulheres vestidas com elegância e crianças correndo pelos jardins. De quando em quando passavam a seu lado cavaleiros e amazonas, ou esplêndidas carruagens. Observava-os com um olhar investigador e esquecia-os, antes mesmo de deixar de os ver.

De súbito parou e contou o dinheiro que trazia: uns trinta *kopecks*. «Dei vinte ao polícia e três à Nastásia pela carta; foram portanto 47 ou 50 que dei ontem aos Marmeladov». Verificando a situação da sua bolsa, obedecera a qualquer razão; porém um momento depois não se lembrava do motivo porque contara o dinheiro; ocorreu-lhe mais tarde, passando em frente de uma taberna. O estômago reclamava.

Entrou, bebeu um cálice de aguardente e trincou um bolo que foi comendo pelo caminho. Havia muito que não tomava bebidas alcoólicas. A pouca aguardente que bebera produziu logo efeito. Fraquejavam-lhe as pernas e começou a sentir uma forte sonolência. Quis voltar para casa; ao chegar todavia a Pétrovsky Oskov, percebeu que não podia continuar.

Dirigiu-se para os campos, deitou-se na relva e adormeceu profundamente.

Num estado mórbido, os sonhos têm, por vezes, um relevo extraordinário, uma espantosa semelhança com a realidade. Por vezes o quadro é monstruoso; no entanto o cenário e a efabulação são tão naturais, os pormenores são tão subtis e apresentam no seu imprevisto um tão artificioso engenho que o sonhador, mesmo que fosse um artista como Pouchkine ou Tourguenev, seria incapaz de pintar com tanta perfeição.

Esses sonhos mórbidos gravam-se na memória e influem poderosamente no organismo já alquebrado do indivíduo.

Raskólnikov teve um sonho horrível. Regressara à infância e à pequena cidade onde vivia então com a família. Tinha sete anos. Numa tarde de festa passeava com o pai, fora de portas. O tempo estava enevoado, o ar pesado e os lugares eram tal e qual como a memória lhos recordava. Em sonho encontrou até mais de um pormenor esquecido na sua reminiscência. Distinguiu bem a pequena cidade, em cujos arredores não havia um único salgueiro branco. Lá muito ao longe, na linha extrema do horizonte, a mancha negra de um pequeno bosque. Para lá do último jardim da cidade havia uma taberna, junto da qual o pequeno nunca podia passar, quando passeava com o pai, sem sentir uma impressão de terror. Havia sempre ali uma multidão que gritava, ria, enfurecia-se e brigava, ou então cantava com voz rouca coisas de apavorar! Nos arredores andavam sempre ébrios de rostos horríveis! Se se aproximavam, Rodia agarrava-se ao pai, tremendo como um vime. O carreiro que levava à taberna estava sempre coberto de uma poeira negra. A trezentos passos esse caminho desviava para a direita e contornava o cemitério da cidade, no centro do qual se levantava uma igreja em pedra, com cúpula verde, onde em criança ia com os pais ouvir missa, duas vezes por ano, quando se celebravam ofícios sufragando a alma da sua avó, falecida havia muito e que não chegara a conhecer. Levava sempre um bolo de arroz, tendo no cimo uma cruz feita com passas. Gostava muito dessa igreja, das suas imagens e do velho padre de cabeça trémula. Ao lado da lápide que cobria a terra onde repousavam os restos da velhinha existia um pequeno túmulo, o de seu irmão mais novo, que morrera aos seis meses. Também não o conhecera, porém tinham-lhe dito que tivera um irmão. Por isso, sempre que ia ao cemitério fazia o sinal da cruz quando chegava junto do túmulo, inclinava-se respeitosamente e beijava-o. Relatemos agora o sonho de Raskólnikov: segue, com o pai, pelo caminho que leva ao cemitério e passam em frente da taberna. O pequeno agarra-se à mão do pai e olha assustado para a casa odiada, onde se ouve uma algazarra superior à do costume. Estão lá muitos burgueses e camponeses, com os seus trajes dos dias festivos. Toda aquela ralé está embriagada e todos cantam. Em frente à porta da taberna está um destes carroções que servem para transportar pipas de vinho e que em geral são puxados por vigorosos cavalos, com pernas grossas e farta crina. Raskólnikov experimentava sempre prazer em admirar esses enormes

animais, capazes de arrastar os mais pesados cargos sem sentirem a menor fadiga. Contudo, agora, estava atrelado ao carroção um cavalicoque de uma magreza horrível, um desses tristes animalejos que os *mujiks* obrigam a arrastar enormes carros de lenha ou de feno e que atormentam com pancadaria, chegando mesmo a bater-lhe nos olhos quando os desgraçados empregam baldados esforços para mover o veículo atolado na lama. Esse espetáculo, que Raskólnikov por vezes presenciara, humedecia-lhe sempre os olhos e a mãe nunca, em tais casos, deixara de o afastar da janela. De súbito levanta-se um grande tumulto. Da taberna saem, gritando, cantando e tocando guitarra, *mujiks* completamente embriagados, vestindo camisas vermelhas e azuis e com os capotes aos ombros.

— Subam, subam! — gritou um rapaz muito novo, de pescoço grosso e avermelhado. — Levo-os a todos, subam!

Estas palavras provocaram gargalhadas e exclamações.

— Vais meter ao caminho este lazarento?

— Estás doido, Mikolka. Então vais pôr um cavalo tão pequeno e velho a semelhante carro?!

— Isto é animal dos seus vinte anos!

— Subam, subam, levo-os a todos — exclamou de novo Mikolka, que saltou para o carro, pegou nas rédeas e ficou de pé na boleia do veículo. — O cavalo baio levou-o há pouco o Matvié e este diabo, meus amigos, faz-me de fel e vinagre. A minha vontade era matá-lo. Não ganha para o que come. Subam, subam e verão como o faço galopar! Olé, se faço!

E pegou no chicote, satisfeito com a ideia de bater no pobre animal.

— Subam, vamos! Não diz que o mete a galope? — disse alguém, por troça, de entre a multidão que cercava o carroção.

— Há dez anos, com certeza, que não galopa.

— Deve correr como o vento!

— Não tenham dó, meus amigos! Pegue cada um no seu chicote e preparem-se!

— Está dito, vamos a isso!

Sobem para a carroça de Mikolka, rindo e chalaceando. Já lá estão seis passageiros e há ainda um lugar. Entre eles está uma aldeã gorducha, de faces rubicundas, vestindo jaleca de algodão vermelho e na cabeça uma espécie de touca ornada de missangas. Trinca avelãs e de quando em quando solta uma gargalhada. Da multidão que rodeia o carroção rompem também as risadas. E na verdade, quem não há de rir ao pensar que tal

animalejo vai arrastar a galope toda aquela gente! Dois dos homens que subiram para o veículo pegam em chicotes, dispostos a ajudar Mikolka.

— Agora! — grita este.

O animal puxa com toda a sua pouca força, mas, longe de galopar, mal pode dar um passo; escorrega, resfolga e encolhe-se todo ao receber as repetidas chicotadas que os três lhe vibram sobre o dorso. Redobra a alegria no carro e entre a multidão. Todavia Mikolka perde a paciência e, desesperado, bate furiosamente no cavalo como se de facto esperasse fazê-lo galopar.

— Deixem-me subir também! — exclamou de entre os circunstantes um rapagão que estava desejoso por se juntar ao alegre rancho.

— Sobe — respondeu Mikolka. — Subam todos, pois ele pode... há de poder por força!

— Paizinho, paizinho — gritou o pequeno — que está a fazer aquela gente? Estão a bater no pobre cavalito!

— Vamos, vamos! — diz o pai. — São uns bêbedos que estão a divertir-se, são uns estúpidos... Vem, não olhes para lá! — E tentou levá-lo. Rodia porém desprendeu-se da mão paterna e correu para junto do cavalo. O pobre animal não podia mais. Arquejante, após um momento de descanso, voltou a puxar inutilmente.

— Chicote até dar cabo dele! — gritou Mikolka. — Não há outra coisa a fazer. Vamos a isto!

— Bem se vê que não és cristão, meu lobisomem! — exclamou um velho de entre a turba.

— Viu-se porventura, alguma vez, um animal como este puxar um tão grande carroção? — acrescentou outro.

— Biltre! — vociferou um outro.

— Ele não é teu, ouviste? É meu. Posso fazer-lhe o que me apetecer. Suba mais gente, subam todos. há de galopar por força!

A voz de Mikolka foi abafada pelas ruidosas gargalhadas. À força de pancadas e apesar da sua extrema fraqueza, o cavalo principiou aos coices. A hilaridade geral propagou-se até ao velho. O caso era mesmo para rir: um animal, que não se sabia porque milagre se aguentava nas pernas, a escoicear!

De entre a multidão adiantam-se dois indivíduos, armados de chicotes, e vão, um da esquerda, outro da direita, espancar o cavalo.

— Deem-lhe na cabeça! nos olhos! nos olhos! — gritou, fulo, Mikolka.

— Vamos a uma canção, rapaziada? — propôs um dos do carro. E todos entoaram em coro uma canção que um pandeiro ia acompanhando. A aldeã continuava a trincar avelãs e a rir.

Rodia aproximou-se do animal e viu que lhe batiam nos olhos! O coração confrangeu-se-lhe e as lágrimas correram-lhe em fio. O chicote de um dos facínoras toca-lhe na cara; nem o sente. Estorce com desespero as mãozitas e soluça. Acerca-se do velho de barbas e cabelo branco que, abanando a veneranda cabeça, reprova aquela selvageria. Uma mulher agarra-o pela mão e tenta afastá-lo daquele bárbaro espetáculo. Ele esquiva-se e volta para junto do animal, que já não pode mais e faz um último esforço para escoicear.

— Ah, desalmado! — grita Mikolka, com a cabeça perdida. Larga o chicote, tira do fundo do carro uma grossa e pesada tranca e, pegando-lhe por uma extremidade com as duas mãos, brande-a com esforço por cima do cavalo.

— Escangalha-o! — gritaram em redor.

— Mata-o!

— É meu! — grita Mikolka. E a tranca, vibrada pelos seus vigorosos braços, cai com estrondo no costado do animal.

— Cheguem-lhe! Cheguem-lhe! Porque param? — repetem várias vozes de entre a turba.

De novo a tranca se ergue, de novo cai sobre o dorso do desgraçado animal, que fica estendido com a violência da pancada. Faz no entanto um supremo esforço e, com o pouco alento que lhe resta, puxa em diferentes direções, tentando escapar ao suplício; porém de todos os lados vibram os chicotes dos seus algozes. A tranca, manejada por Mikolka, vibra várias vezes sobre a vítima. O bruto está furioso por não matar o animal de uma só pancada.

— Tem fôlego de gato — gritam os espectadores.

— Não o terá por muito tempo. A sua última hora soou — observa alguém.

— Um machado! — lembra outro. — É a maneira de acabar mais depressa com ele.

— Deixem-me passar! — grita Mikolka, largando a tranca e procurando no fundo da carroça uma alavanca de ferro. — Afastem-se! —

exclama ele, e dá uma violenta pancada sobre o animal.

O cavalo quase cai; quer ainda puxar, mas uma segunda pancada atira-o por terra, como se de um só golpe lhe tivessem cortado as pernas.

— Vamos dar cabo deste diabo, — brada Mikolka, saltando em terra.

E toda aquela canalha lança mão do que encontra: paus, chicotes, fueiros, e atira-se sobre o pobre cavalo agonizante. Mikolka, junto do animal, bate-lhe sem descanso com a alavanca de ferro. O animal estica-se, estende o pescoço e dá um último arranco.

— Morreu! — gritou a multidão.

— Não há mal! É meu! — exclama Mikolka, brandindo a alavanca, com os olhos injetados, parecendo lastimar-se de que a morte lhe tivesse roubado a vítima tão depressa.

— Bem se vê que não és cristão! — dizem indignados muitos curiosos.

O pequeno, desvairado e soluçando, abre caminho por entre a turba que rodeia o animal; segura a cabeça ensanguentada do cavalo e beija-a com ternura nos olhos... Depois, num movimento de cólera, com os punhos cerrados, atira-se a Mikolka. Nesse momento o pai, que há muito o procurava, descobre-o e leva-o dali.

— Vamos, vamos para casa!

— Paizinho, porque... mataram... o pobre animal? — pergunta a criança por entre soluços. A respiração dificulta-se-lhe. Da garganta oprimida saem-lhe sons abafados.

— São selvajarias de bêbedos. Não temos nada com isso, vamos — responde o pai.

Rodia agarra-lhe a mão contra o coração, mas pesa-lhe muito sobre o peito. Quer respirar, gritar, e acorda arquejante, com o corpo alagado e os cabelos empastados em suor.

Sentou-se junto de uma grande árvore e respirou longamente.

«Graças a Deus foi um sonho!», pensou. «Mas não será tudo isto um princípio de febre? Um sonho tão horroroso dá-me que pensar».

Sentia os membros lassos e a alma envolta num negro véu de confusão. Apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

«Meu Deus!», monologou. «Será possível que tenha de abrir o crânio dessa mulher com um machado! Será possível que tenha de pisar o sangue morno e vá arrombar a fechadura, roubar e depois esconder-me, a tremer, todo ensanguentado... Senhor, isto será possível?»

Tremia em convulsões.

«Para que fui pensar nisto?», continuou, num tom de profunda surpresa. «Bem sabia que não era capaz de praticar tal crime. Para que tenho até agora vivido atormentado com esta ideia? Ainda ontem, quando fui fazer aquele ensaio, compreendi perfeitamente que aquilo era superior às minhas forças. Depois, quando descia a escada, reconheci que era ignóbil, infame, repugnante... Só a ideia de tal horror me aterrava! Não, não terei coragem! É superior às minhas forças! Quando mesmo os meus raciocínios não dessem lugar à menor dúvida, quando mesmo todas as conclusões a que cheguei durante um mês fossem claras como a luz, exatas como a aritmética, não podia decidir-me a tal fazer! Sou incapaz disso! Todavia porque será, sim, porque será que mesmo agora?»

Ergueu-se, olhou espavorido em volta, como que admirado de se encontrar em tal local e seguiu pela ponte de T... Estava pálido, os olhos brilhavam-lhe, a fraqueza manifestara-se em todo o seu ser, mas começava a respirar com mais desembaraço. Sentia-se aliviado do horrível peso que por tanto tempo o oprimira, e na sua alma pacificada a serenidade entrava de novo.

«Senhor!», suplicou. «Mostra-me o caminho do dever o renunciarei a este sonho maldito!»

Atravessando a ponte, contemplou o rio e a majestade do crepúsculo. Apesar da sua muita fraqueza, não sentia a fadiga. Dir-se-ia que o tumor que há um mês se lhe formara no coração acabava de rebentar. Agora estava livre! O horrível malefício não produzia já o seu efeito.

Mais tarde Raskólnikov lembrou-se da forma como empregou o tempo, nesses dias da crise, minuto a minuto. Entre outras, uma circunstância lhe acudia muitas vezes à ideia e, conquanto não tivesse nada de extraordinário, nunca pensara nela sem uma espécie de terror supersticioso, dada a influência importante que exercera no seu destino.

Eis o facto, que ficou sendo para ele um enigma: como se explicava que, estando fatigado, exausto e devendo, como era natural, voltar para casa pelo caminho mais curto e mais direito, tivesse tido a ideia de tomar pelo Mercado Geral, ao qual nada, absolutamente nada, o chamava? É certo que essa volta não lhe alongava muito o caminho, mas era em absoluto desnecessária. É certo, também, que muitas vezes lhe sucedera chegar a casa sem saber qual o itinerário seguido. «Mas», perguntava aos seus botões, «como se deu aquele encontro tão importante, tão decisivo

para mim, e em todo o caso tão fortuito, que tive no Mercado Geral, onde nada havia que me chamasse lá? Porque se deu esse encontro na hora própria, naquela em que, nas disposições em que me encontrava, devia ter as mais graves e as mais funestas consequências?» Parecia-lhe ver nessa fatal coincidência o efeito de uma predestinação.

Eram nove horas, mais ou menos, quando chegou ao Mercado Geral. Os comerciantes fechavam as lojas, os vendedores preparavam-se para ir embora e os fregueses iam saindo. Junto das tabernas, que no Mercado ocupam o rés do chão da maior parte das casas, aglomeravam-se operários e indigentes. Esta praça e os *pereouloks* vizinhos eram os locais que Raskólnikov frequentava com prazer, quando saía de casa sem destino. Com efeito, naqueles sítios os seus andrajos não davam nas vistas, podendo passear à vontade. À esquina do *pereoulok* K... uns quinquilheiros, marido e mulher, vendiam miudezas, dispostas em dois tabuleiros.

Com quanto se dispusessem também a ir para casa, tinham-se demorado a conversar com alguém que se aproximara deles. Esse alguém era Isabel Ivanovna, irmã mais nova de Alena Ivanovna, a usurária, a casa de quem Raskólnikov fora no dia anterior empenhar o relógio e fazer o seu *ensaio.* Havia muito que estava informado acerca de Isabel e esta também o conhecia um pouco. Era uma solteirona esguia e mal-amanhada, de trinta e cinco anos; era tímida, com seus modos suaves e meia idiota. Tremia diante da irmã, que a tratava como a uma escrava, obrigando-a a trabalhar dia e noite, e batendo-lhe uma vez por outra. Nesse momento a sua fisionomia tinha um ar de indecisão. Estava de pé, com um pequeno embrulho na mão, ouvindo atentamente o que diziam os quinquilheiros, que lhe explicavam qualquer coisa num tom caloroso. Quando Raskólnikov avistou Isabel, teve uma sensação estranha, como de espanto, se bem que o encontro nada tivesse de singular.

— É preciso aparecer por cá para se tratar do negócio — disse o vendedor. — Venha amanhã, das seis para as sete horas. Eles também virão.

— Amanhã? — interrogou com voz dolente Isabel Ivanovna, que parecia contrariada.

— Tem receio de Alena Ivanovna? — interrompeu a vendedeira com ar decidido. — É inacreditável que se deixe dominar em absoluto por uma criatura que não é mais, afinal, do que sua irmã de leite!

— Desta vez não diga nada a Alena Ivanovna — interrompeu o marido. — Aconselho-a a que venha, sem lhe pedir licença. Trata-se de um negócio vantajoso. A sua irmã convencer-se-á depois.

— E a que horas devo vir?

— Amanhã, das seis para as sete. há de vir também alguém de casa deles. É preciso estar presente para a coisa se poder tratar.

— Haverá uma chávena de chá para si — continuou a mulher do vendedor.

— Está bem, virei — respondeu Isabel pensativa. E preparou-se para se despedir.

Raskólnikov passara já pelo grupo formado pelos três e não pôde ouvir mais. De caso pensado retardara o passo, para não perder uma única palavra da conversa. À surpresa do primeiro momento, sucedeu no seu espírito um terror que o fez tremer. O acaso acabava de lhe fazer saber que no dia seguinte, às seis horas da noite em ponto, Isabel, a irmã e única companhia da velha, estaria ausente, e portanto, no dia seguinte, às seis horas, a velha *estaria só em casa.*

Raskólnikov estava a poucos passos de casa. Entrou no seu cubículo como se tivesse sido condenado à morte. Não pensava, nem podia pensar em coisa alguma. Sentia em todo o seu ser que não dispunha nem de vontade, nem de livre arbítrio, e que estava em definitivo resolvido.

É evidente que poderia esperar anos inteiros por uma ocasião propícia, provocá-la mesmo, sem encontrar ensejo tão azado como o que acabava de se lhe oferecer.

Ainda assim, ser-lhe-ia difícil saber na véspera e de boa fonte, sem correr risco algum, sem se comprometer com perguntas perigosas, que no dia imediato, a tal hora, uma certa velha que queria matar estaria só em casa.

Capítulo 6

Raskólnikov soube depois com que intuito o quinquilheiro e a mulher convidaram a Isabel a ir a sua casa. O caso era simples. Uma família estrangeira, na miséria, queria desfazer-se de alguns objetos, em especial vestuário e roupas de mulher. Essa gente desejava entender-se com uma adeleira, e Isabel exercia essa profissão. Tinha larga clientela, porque era muito honrada e não pedia preços exorbitantes. Com ela não era necessário regatear. Falava pouco. Como dissemos, era concentrada e tímida.

Havia algum tempo que Raskólnikov se tornara supersticioso, e mais tarde, quando pensava no caso, não tinha dúvidas em ver nele a razão de ações estranhas e misteriosas. No inverno antecedente, um estudante seu conhecido, Pokoriev, antes de regressar a Kharkov, dera-lhe, conversando, o endereço da velha Alena Ivanovna, para o caso de necessitar empenhar qualquer objeto. Durante muito tempo Raskólnikov não foi a casa da velha, porque as suas lições garantiam-lhe o sustento. Mês e meio antes dos acontecimentos que referimos lembrou-se do endereço. Tinha dois objetos pelos quais poderia obter algum dinheiro de empréstimo: um relógio de prata, que pertencera a seu pai, e uma aliança de ouro com três pequenas pedras encarnadas, oferta de sua irmã no momento de se separarem.

Decidiu-se então a levar o pequeno anel a Alena Ivanovna. Logo à primeira vista, e antes mesmo de saber qualquer coisa a seu respeito, a velha inspirou-lhe ódio. Depois de ter recebido das suas mãos usurárias *dois bilhetinhos,* entrou num *Kaktir,* de mau aspeto, que encontrou no caminho. Abancou, pediu chá e pôs-se a refletir. Um pensamento estranho, vago, ainda mal definido, dominava-lhe por completo o espírito. Numa mesa próxima estava sentado, junto de um oficial, um estudante que não se lembrava de ter encontrado. Os dois acabavam de jogar o bilhar e dispunham-se a tomar chá. No meio da conversa, Raskólnikov ouviu o estudante dar ao oficial o endereço de Alena Ivanovna, viúva de um prefeito de colégio que emprestava sobre penhores. Ao nosso homem pareceu extraordinário ouvir falar de uma criatura a casa de quem fora

pouco antes. Isto foi sem dúvida um mero acaso. Porém Raskólnikov lutava nesse momento com uma impressão que não podia vencer, e eis senão quando, como se fosse de propósito, alguém vem tornar maior essa impressão: o estudante contava ao amigo diversos pormenores acerca da vida de Alena Ivanovna.

— É um excelente recurso — dizia ele. — Em casa dela encontra-se sempre meio de obter dinheiro. Rica como um judeu, pode, de um instante para o outro, emprestar cinco mil *rublos,* e no entanto aceita penhores do valor de um. É uma criatura providencial, para nós! Todavia não passa de uma hedionda megera!

E contou que era má e caprichosa, que nem vinte e quatro horas de espera concedia, que todo o penhor que não fosse retirado no dia fixado no contrato estava irremediavelmente perdido para o mutuário. Emprestava por um objeto apenas a quarta parte do seu valor, levando cinco e seis por cento de juros ao mês, etc. O estudante, disposto a tagarelar, informou ainda que a miserável velha era de pequena estatura, muito baixa, o que não a impedia de por vezes bater na irmã Isabel e de a manter na mais completa dependência, a despeito dos seus dois *archines* e oito *verchoks* de altura.

— Essa é outro fenómeno! — disse ele, rindo.

A conversa derivou para Isabel. O estudante falava dela jovialmente, rindo sempre. O oficial escutava-o com atenção e pediu-lhe para lha mandar a casa a fim de a encarregar do arranjo da roupa. Raskólnikov não perdeu uma única palavra dessa conversa; soube assim muitas coisas. Mais nova do que Alena Ivanovna, de quem era apenas irmã colaça, Isabel tinha trinta e cinco anos. Trabalhava dia e noite para a velha. Em casa desempenhava os serviços de cozinheira e lavadeira, fazia trabalhos de costura, que vendia, ia aos dias lavar casas, e tudo quanto ganhava passava-o às garras aduncas da irmã. Não se atrevia a aceitar qualquer trabalho ou encomenda sem prévia autorização de Alena Ivanovna.

Esta, e Isabel bem o sabia, fizera já testamento, no qual a irmã era apenas contemplada com a mobília. Querendo estabelecer uma série perpétua de orações, em sufrágio da sua alma, a velha legara toda a fortuna a um convento da província de N... Isabel pertencia à classe burguesa e não ao *tchin.* Era uma mulher alta e desenxovalhada. Tinha uns pés enormes, sempre metidos nuns velhos sapatos sem tacões, mas muito

cuidadosa com a sua pessoa. O que mais provocava o espanto e a hilaridade do estudante era a Isabel andar sempre grávida...

— E dizes que é um horror! — observou o militar.

— É muito trigueira, realmente. Parece um soldado vestido de mulher. Contudo não se pode dizer que é um monstro. A fisionomia é muito bondosa e os olhos têm uma grande expressão de ternura. A prova está em que agrada a muita gente. É muito sossegada, paciente, meiga e de caráter dócil... E o sorriso chega a ser atraente.

— Dar-se-á o caso de gostares dela? — perguntou o oficial, rindo.

— Agrada-me pela excentricidade. Quanto à maldita velha, asseguro-te que era capaz de a assassinar para a roubar, sem o menor remorso — acrescentou o estudante.

O oficial riu-se e Raskólnikov estremeceu. Estas palavras tinham um tão extraordinário eco no seu coração!

— Olha lá, vou fazer-te uma pergunta a sério — disse muito animado o estudante. — Há pouco gracejava, sem dúvida, mas atende: de um lado temos uma velha doente, parva, estúpida e má, um ente que não é útil a ninguém, antes pelo contrário, prejudicial a todos, cuja existência não se justifica e que pode amanhã morrer de morte natural... Estás entendendo?

— Entendo, sim! — respondeu o oficial que, vendo o amigo entusiasmado, o escutava com interesse.

— Bem. Do outro lado está o vigor da mocidade, a frescura que se fana e perde por falta de amparo… e como este vemos aos milhares e por toda a parte! Quantas centenas ou milhares de obras úteis se poderiam realizar com o dinheiro que aquela velha vai legar a um convento? Poderiam talvez reconduzir-se ao bom caminho centenas, milhares de criaturas; dezenas de famílias arrancadas às garras da miséria, à dissolução, à ruína, ao vício, aos hospitais… e tudo com o dinheiro daquela mulher! Matem-na e apliquem o seu dinheiro em benefício da humanidade! E julgas que o crime (se é que nisto havia crime!) não seria sobejamente compensado por um sem número de obras meritórias? Por uma só vida, milhares de vidas arrancadas à perdição! Por uma criatura de menos, cem criaturas restituídas à vida! É uma questão de aritmética! Quanto pesa na balança social a vida de uma mulher caquética, estúpida e má? Menos do que a vida de um piolho ou de um percevejo; menos, por certo, porque essa velha é uma criatura malfazeja, um flagelo dos seus

semelhantes. Num destes dias, encolerizada, mordeu com tal fúria um dedo da Isabel que pouco faltou para lho cortar!

— De facto, não é digna de viver! — observou o oficial. — Mas que queres tu? a natureza…

— Oh! meu caro amigo, a natureza corrige-se, emenda-se. Se assim não fosse, ficava-se sempre amarrado a preconceitos. Sem isso, não haveria grandes homens. Fala-se do dever, da consciência (e eu nada direi em contrário!), porém, como interpretamos nós essas palavras? Se me dás licença, vou ainda fazer-te outra pergunta.

— Perdão, cabe-me agora a vez de te interrogar. Deixa-me perguntar-te uma coisa.

— Pergunta!

— É isto: estás aí a falar com assomos de eloquência, que parece estares convencido e pretendes convencer. No entanto, se te perguntar: És capaz de matar essa velha? Que dizes? Sim ou não?

— Certamente que não! Falo em nome da Justiça... Não se trata de mim...

— Então, e uma vez que declaras não seres capaz de a matar, é porque a ação não seria muito regular! Jogamos mais uma partida?

Raskólnikov sentia-se muitíssimo agitado. Por certo esse diálogo nada tinha de singular, nada que o impressionasse. Mais de uma vez ouvira expor ideias análogas; apenas o tema era diferente. Não obstante, como foi o estudante desenvolver pensamentos iguais aos que nesse momento afluíam ao cérebro de Raskólnikov? E porque singular acaso, quando ele saía de casa da velha, ouvia falar dela? Tal coincidência pareceu-lhe sempre extraordinária. Estava escrito que esta simples conversa de café teria uma influência decisiva no seu destino...

Quando voltou do Mercado Geral, atirou-se sobre o sofá, onde ficou imóvel durante uma hora. No quarto reinava a mais completa escuridão. Não tinha velas e, ainda que as tivesse, não pensaria em acendê-las. Nunca pôde lembrar-se se durante esse tempo pensou nalguma coisa. Por fim apoderaram-se dele os mesmos arrepios febris de há pouco e então ocorreu-lhe a ideia de se deitar no sofá. Um sono profundo se apoderou desde logo dele.

Dormiu muito mais do que costumava e não sonhou. Nastásia, que entrou no quarto no dia seguinte, às dez horas, teve dificuldade em o

acordar. A moça trazia-lhe pão e, como no dia antecedente, o resto do seu chá.

— Ainda se não levantou! — exclamou, indignada. — Como se pode dormir assim!

Raskólnikov ergueu-se com esforço. Tinha dores de cabeça. Pôs-se a pé, deu uma volta pelo quarto e de novo se deixou cair no sofá.

— Outra vez! — exclamou Nastásia. — Está doente?

Não respondeu.

— Quer chá?

— Depois — murmurou a custo. E fechando os olhos, voltou-se para a parede.

Nastásia, de pé, observava-o.

«Talvez esteja doente», pensou, antes de se retirar.

Às duas horas voltou, trazendo um caldo. Raskólnikov estava ainda deitado. Não tomara o chá. A moça zangou-se e começou a abaná-lo com violência.

— O que tem para dormir dessa forma? — perguntou, olhando-o com desprezo.

Sentou-se, não respondeu uma única palavra e manteve os olhos fitos no chão.

— Está ou não doente? — interrogou Nastásia.

Gomo a primeira, esta segunda pergunta não obteve resposta.

— Devia sair — aconselhou ela com mais brandura, após um breve silêncio. — O ar devia fazer-lhe bem. Come alguma coisa, não?

— Logo — murmurou Raskólnikov com voz débil. — Deixa-me — e apontou-lhe a porta.

Nastásia demorou-se ainda um momento, observando-o com compaixão, e por fim saiu.

Ao cabo de alguns minutos ergueu os olhos e, deparando com o chá e o caldo, começou a comer.

Engoliu três ou quatro colheradas sem apetite, maquinalmente. A dor de cabeça passara. Quando terminou a ligeira refeição, estendeu-se outra vez no sofá. Não pôde conciliar o sono e ficou de bruços, imóvel, com o rosto sobre a almofada. A sua fantasia mórbida recordava quadros fantásticos. Imaginava-se em África. Fazia parte de uma caravana parada num oásis. Em volta do acampamento cresciam palmeiras, os camelos descansavam e os viajantes dispunham-se a jantar. Dessedentaram-se

numa límpida fonte, através de cuja água azulada, de uma deliciosa frescura, se viam no fundo pedras de diversas cores e areias palhetadas de ouro.

De repente o som de um relógio chegou-lhe aos ouvidos, fazendo-o estremecer. Chamado à realidade, levantou a cabeça, olhou para a janela e, depois de ter calculado que horas seriam, ergueu-se a toda a pressa. Andando nos bicos dos pés, aproximou-se da porta, abriu-a com a maior precaução e escutou. O coração palpitava-lhe com violência. A escada estava no mais completo silêncio. Dir-se-ia que toda a gente da casa dormia. «Como pude deixar tudo para o último momento? Nada fiz, nada preparei!», disse de si para consigo, sem se dar a razão de tal descuido. E talvez fossem seis as horas que acabavam de soar!

À inércia sucedeu uma atividade extraordinária e febril. De resto, os preparativos não eram demorados. Procurava não se esquecer de coisa alguma; o coração palpitava-lhe de tal forma, que com dificuldade respirava. Em primeiro lugar tinha de fazer um nó corredio e adaptá-lo ao casaco: trabalho de um minuto. Procurou entre a roupa que lhe servia de travesseiro uma camisa velha, que já não fosse suscetível de conserto. Rasgou-a e com as tiras fez uma espécie de ligadura de oito palmos do comprimento e um de largura.

Depois de a ter dobrado em duas, despiu o casaco de fazenda de algodão, espessa e forte — era o único que possuía — e começou a coser pelo lado de dentro, debaixo do sovaco esquerdo, as duas pontas da ligadura. As mãos tremiam-lhe ao executar este trabalho; completou-o ainda assim com tal perfeição que, quando vestiu o casaco, nenhum vestígio deixava transparecer. Havia muito tempo que comprara a agulha e a linha. Bastara-lhe tirá-las da gaveta.

Quanto ao nó corredio, destinado a transportar o machado, era resultado de uma ideia engenhosa que tivera quinze dias antes. Aparecer na rua com um machado na mão era impossível! Esconder a arma sob o casaco era ver-se na necessidade de a segurar sempre com a mão, e essa posição forçada chamaria sem dúvida a atenção; ao passo que apoiado pelo lado do ferro, no nó corredio, o machado não cairia nem o obrigaria a constranger-se. Podia mesmo evitar que se movesse; bastava segurar a extremidade do cabo com a mão metida na algibeira. Dada a largura do casaco — um verdadeiro saco — o movimento da mão na algibeira não podia ser notado.

Concluída a tarefa, Raskólnikov estendeu o braço sobre o sofá e, introduzindo os dedos numa fenda do soalho, tirou de lá o penhor de que tivera o cuidado de se munir há muito. Na verdade esse objeto nada valia; era uma simples régua de madeira envernizada, com o comprimento e a largura de uma cigarreira de prata usual. Num dos seus passeios encontrara por acaso esse bocado de madeira num pátio, junto de uma oficina de marcenaria. Aplicou-lhe uma pequena chapa de ferro, delgada e polida, mas de menores dimensões, que também apanhara na rua. Depois de as apertar uma contra a outra, ligou-as com um cordel e embrulhou tudo num pedaço de papel branco.

Esse pequeno embrulho, ao qual diligenciara dar uma aparência graciosa, foi em seguida atado, por forma a tornar-se demorada a operação de o desatar. Era um meio de prender por momentos a atenção da velha. Enquanto ela procurasse desmanchar o nó, Raskólnikov poderia aproveitar a ocasião própria. A chapa de ferro destinava-se a fazer pesar mais o embrulho, a fim de que, no primeiro momento, a usurária não desconfiasse que lhe levavam uma simples régua de madeira. Raskólnikov metera o embrulho na algibeira quando ouviu alguém dizer do lado de fora:

— Já deram seis há muito!

«Há muito!... Oh! meu Deus!»

Correu para a porta, aplicou o ouvido e começou a deslizar pelos degraus como um gato. Faltava o essencial: ir buscar o machado que estava na cozinha. Há muito que decidira servir-se de um machado. Tinha em casa uma espécie de sacho, porém essa arma inspirou-lhe pouca confiança, e menos confiança ainda lhe mereciam as suas forças. A escolha recaiu no machado. Deve notar-se, a propósito, uma singular particularidade: à medida que as suas resoluções tomavam caráter definitivo, mais claramente percebia o absurdo e o horror delas. Apesar da tremenda luta que se travava no seu foro íntimo, nem por um momento podia admitir que viesse a executar os seus projetos!

Mais! se o problema tivesse fácil solução, se todas as dúvidas se desvanecessem, se todas as dificuldades se removessem, talvez tivesse renunciado logo ao seu intento, como a um absurdo, a uma monstruosidade, a um impossível. Contudo restava-lhe ainda um certo número de pontos a esclarecer, de problemas a resolver. Quanto a conseguir o machado, não se preocupara com isso. Nada mais fácil!

Nastásia, à noite, quase nunca estava em casa; ia para casa das vizinhas amigas ou para as lojas, o que provocava grandes ralhos da patroa.

Na ocasião própria bastaria, pois, entrar na cozinha e tirar o machado, indo pô-lo no seu lugar uma hora depois, quando tudo estivesse concluído. Ainda assim poderiam surgir dificuldades: «Suponhamos», pensava Raskólnikov, «que daqui a uma hora, quando vier pôr o machado na cozinha, a Nastásia já está em casa? Nesse caso terei de esperar uma nova ausência da criada. Mas se tiver dado pela falta dele? Procura-o, resmunga... quem sabe? porá talvez a casa em alvoroço e aí está uma circunstância perigosa!»

Tudo isto eram pormenores com que não queria preocupar-se, pois não tinha tempo para isso. Tratava do essencial, pondo de lado os acessórios, nos quais pensaria apenas quando tivesse tomado uma resolução sobre o caso. Esta última condição, a essencial, parecia-lhe irrealizável. Não supunha que no momento preciso iria deixar de refletir e seguiria direito ao fim... Mesmo no último *ensaio* — na visita que fizera à velha para se assegurar em absoluto da situação — faltou-lhe muito para se *ensaiar* por completo. Comediante sem convicção, não pudera sustentar o papel e fugira indignado contra si próprio.

No entanto, sob o ponto de vista moral, Raskólnikov tinha razões para considerar a questão resolvida. A sua casuística, como uma lâmina afiada, cortara todas as objeções, e não as encontrando já no espírito, tentava encontrá-las fora dele. Dir-se-ia que, impulsionado por um poder irresistível e sobre-humano, procurava a todo o transe um ponto fixo a que se agarrasse. Os acontecimentos operaram nele de uma forma absolutamente automática; tal como um homem que, apanhado pelo casaco nas rodas de uma engrenagem, ficasse logo preso pela própria máquina.

O que mais o preocupava e aquilo em que muitas vezes pensava era a razão porque todos os crimes são descobertos com tanta facilidade, bem como a pista de quase todos os criminosos.

Chegou a diversas conclusões curiosas. A seu ver, a principal razão do facto consistia menos na impossibilidade material de ocultar o crime do que na própria personalidade do criminoso: num grande número de casos este experimentava, na ocasião do crime, uma diminuição da vontade e do entendimento e era por isso que procedia com uma leviandade pueril, uma

rapidez extraordinária, quando mais necessárias lhe eram a circunspeção e a prudência.

Raskólnikov comparava este eclipse das faculdades intelectuais e o desfalecimento da vontade a uma afeção mórbida que se manifestava a pouco e pouco, que atingia o máximo de intensidade pouco antes de praticado o crime e que subsistia sob a mesma forma durante o ato e ainda depois — mais ou menos tempo conforme os indivíduos — para terminar em seguida, como todas as doenças. Um ponto sobre que tinha dúvida era se a doença determinava o crime ou se o próprio crime, em virtude da sua natureza, não seria sempre acompanhado de algum fenómeno mórbido. Todavia Raskólnikov não se sentia ainda em estado de resolver esta questão.

Raciocinando assim, persuadiu-se de que estava ao abrigo de semelhantes desordens morais que conservaria sempre a inteligência e a vontade enquanto praticasse o atentado, pela simples razão de que esse atentado «não era um crime». Passaremos sobre os argumentos que o levaram a esta última conclusão, limitando-nos a dizer que, nas suas preocupações, o lado prático, as dificuldades meramente materiais, ficaram em último plano. «Conserve eu a serenidade e a força de vontade, quando chegar o momento, e triunfarei de todos os obstáculos...» Porém não se decidia. Confiava menos do que nunca na persistência das suas resoluções e, quando chegou o momento, despertou como de um sonho.

Não chegara ainda ao fundo da escada quando uma insignificante circunstância o desnorteou. No patamar onde a hospedeira residia encontrou aberta, como sempre, de par em par, a porta da cozinha e olhou para dentro: não estaria lá a dona da casa, na ausência da Nastásia, e quando não estivesse, teria a porta do quarto bem fechada? Não o veria, quando entrasse a buscar o machado? Era disso que pretendia certificar-se. Ficou portanto admirado ao ver que Nastásia se encontrava na cozinha, tirando roupa de um cesto e estendendo-a numas cordas. Quando o nosso homem se aproximou, a moça, interrompendo o trabalho, voltou-se e fitou-o até ele desaparecer.

Raskólnikov desviou os olhos e passou, fingindo não ter reparado. Lá fora tudo por água abaixo: não tinha machado! Esta contrariedade abalou-o.

«Como me persuadi», pensava ele, descendo os últimos degraus da escada, «de que nesta ocasião a Nastásia devia estar ausente? Como se me

encasquetou isto na cabeça?»

Sentia-se sucumbido. Despeitado, teve vontade de se rir de si próprio. Em todo o seu ser refervia uma cólera selvagem.

Parou indeciso no portal. Ir para a rua sem destino? Não estava disposto a isso. Por outro lado era muito desagradável voltar a subir e ir meter-se no quarto. «E pensar que perdi uma ocasião como esta!», resmungou, de pé, em frente do cubículo do porteiro, cuja porta estava aberta.

De repente estremeceu. No escuro do compartimento, a dois passos, brilhava qualquer coisa debaixo de um banco, à esquerda... Raskólnikov olhou em redor. Ninguém. Aproximou-se com cautela do cubículo, desceu os dois degraus e chamou em voz baixa pelo porteiro. «Bem, não está cá, mas não deve ter ido para longe, porque deixou a porta aberta». Com a rapidez do relâmpago correu para o machado — era na verdade um machado — e tirou-o de baixo do banco, onde estava entre duas achas. Colocou-o no nó corredio, meteu as mãos nos bolsos e saiu. Ninguém o vira? «Não foi a inteligência que me ajudou neste lance, foi o diabo!», pensou, com um sorriso estranho. O feliz acaso que acabava de o auxiliar contribuiu muitíssimo para o animar.

Na rua caminhou tranquilamente, *gravemente,* sem se apressar, receando causar suspeitas. Não olhava para ninguém e procurava mesmo atrair o menos possível a atenção. De súbito, pensou no chapéu. «Meu Deus! Anteontem tive dinheiro e podia ter comprado um boné!» E do fundo da sua alma rompeu uma praga.

Olhando por acaso para uma loja verificou serem sete horas e dez minutos. O tempo urgia e no entanto não podia deixar de dar uma volta, porque não queria que o vissem chegar a casa da velha por aquele lado.

Há dias, quando tentava representar na mente a situação em que se encontrava agora, parecia-lhe, por vezes, que devia estar muito assustado. Ao contrário, porém, da sua espectativa, não sentia receio algum. No espírito borbulhavam-lhe pensamentos estranhos ao seu desígnio, mas de curta duração. Quando passou junto do jardim Ionssoupov, pensou na utilidade de estabelecer em todas as praças públicas fontes que refrescassem a atmosfera. Depois, por uma série de insensíveis transições, pensou que se o Jardim de verão tivesse a extensão do Campo de Marte e ligasse com o Jardim do Palácio Miguel seria uma maravilha...

«É talvez desta forma que as pessoas levadas ao suplício fixam o pensamento em todas as coisas que encontram no caminho...» Procurou afastar esta ideia. Entretanto ia-se aproximando; o portão estava à vista. De súbito ouviu uma badalada. «Já serão sete horas e meia? É impossível. Deve estar adiantado!»

Mais uma vez o acaso o favoreceu. No momento em que chegava em frente da casa, um grande carro com feno passava pelo portão, ocupando-o em quase toda a largura. Raskólnikov pôde transpor o limiar sem ser visto, deslizando pelo espaço entre o carro e o umbral.

Logo que entrou no pátio, cortou à direita. Do outro lado do carro uns homens questionavam, gritando. Não o viram. Muitas das janelas que davam para o enorme saguão estavam abertas, mas Raskólnikov nem ergueu a cabeça: não teve coragem. O seu primeiro movimento foi alcançar a escada que levava aos aposentos da velha.

Respirando e pondo a mão sobre o coração para amortecer as violentas palpitações, preparou-se para subir a referida escada, depois de verificar que o machado estava bem seguro no nó corredio. A cada momento aplicava o ouvido. A escada estava deserta e as portas fechadas. Não encontrou ninguém. No segundo andar estava aberto um compartimento desabitado no qual trabalhavam uns pintores, que também não o viram. Parou um instante, refletiu e continuou a subir. «Seria melhor que ali não estivessem, mas... por cima ainda há dois andares...»

Chegara enfim ao quarto andar, à porta de Alena Ivanovna. A casa em frente estava desocupada. No terceiro andar, a divisão situada por baixo daquela que a velha habitava encontrava-se também desocupada; o bilhete existente na porta já lá não estava, porque o inquilino havia mudado. Raskólnikov sufocava. Houve um momento em que hesitou: «Não faria melhor indo-me embora?» Deixando porém a pergunta sem resposta, pôs-se à escuta: em casa da usurária não se ouvia o menor ruído. Na escada também reinava o mais absoluto silêncio. Depois de escutar por certo tempo, Raskólnikov lançou de novo um olhar em volta e apalpou o machado. «Não estarei muito pálido? Não se me notará a perturbação?», pensou. «Ela é desconfiada. É melhor deixar passar algum tempo para serenar».

Em vez de diminuírem, as pulsações do coração redobravam-lhe de violência. Não pôde esperar mais e, deitando a mão ao cordão da campainha, puxou. Segundos depois voltou a tocar com mais força.

Ninguém respondeu. Puxar pela campainha muitas vezes era inútil e comprometedor. Por certo a velha, como estava só em casa e era desconfiada, não queria abrir. Raskólnikov conhecia os hábitos de Alena Ivanovna e aplicou de novo o ouvido à porta. As circunstâncias teriam desenvolvido nele uma especial faculdade de perceção — o que, regra geral, é difícil de admitir! — ou de facto seria o ruído facilmente percetível? Como quer que fosse, distinguiu que umas mãos se pousavam com cuidado no puxador e um vestido roçava pela porta. Pela parte de dentro alguém fazia o mesmo que ele: escutava junto da fechadura, procurando dissimular a sua presença.

De propósito fez barulho, proferiu algumas palavras e tocou a campainha, pela terceira vez e devagar, como quem não está impaciente.

Esse minuto deixou a Raskólnikov uma recordação imperecível. Mais tarde, ao pensar nele, não compreendia como pudera proceder com tanta astúcia quando sentia uma emoção tal que o privava por instantes de todas as faculdades intelectuais e físicas. Momentos depois percebeu que corriam o fecho.

Capítulo 7

Como da sua última visita, Raskólnikov viu que entreabriam a porta devagar e, pela fenda, dois olhos brilhantes se fixaram nele com uma expressão de desconfiança. Nessa altura a serenidade abandonou-o e cometeu um disparate de tal ordem que podia ter deitado tudo a perder.

Receando que Alena Ivanovna tivesse medo de se encontrar a sós com um indivíduo cujo aspeto não era dos mais tranquilizadores, puxou a porta para fora de forma que a velha não voltasse a fechá-la. A usurária não tentou fazê-lo, porém não largou o fecho, sendo assim arrastada para o patamar. Como se mantivesse atravessada no limiar e não deixasse a passagem livre, Raskólnikov avançou para ela. Assustada, deu um passo para trás, quis falar, mas não pôde pronunciar uma palavra e fitou o visitante com um olhar de grande espanto.

— Boa tarde, Alena Ivanovna — cumprimentou ele, no tom mais despreocupado que pôde afetar. — Trago-lhe... um objeto... mas entremos... para o avaliar. É preciso examiná-lo à luz... — E sem esperar que a velha o convidasse a entrar, passou para o quarto. A usurária seguiu-o, ao mesmo tempo que se lhe desentravava a língua.

— Meu Deus! Mas que quer? Quem é o senhor? O que deseja?

— Então, Alena Ivanovna, não me conhece? Sou Raskólnikov! Tome, é o penhor de que lhe falei no outro dia. — E apresentou-lhe o embrulho.

Alena Ivanovna ia examiná-lo, mas, reconsiderando, ergueu a cabeça, cravou um olhar penetrante e desconfiado no visitante que, com tal sem-cerimónia, se tinha introduzido em sua casa. Fitou-o assim durante um minuto. Raskólnikov julgou ler no olhar da velha uma expressão escarninha, como se desconfiasse de tudo. Sentiu que perdia o sangue-frio, que chegava a ter medo e que, se esse mudo inquérito durasse mais meio minuto, com certeza deitaria a fugir.

— Porque olha desse modo para mim, como se não me conhecesse? — interrogou ele com aspeto de zangado. — Se aceita o objeto, está muito bem; se não o quer, acabou-se, vou a outra parte. O que não é necessário é fazer-me perder tempo.

Estas palavras escaparam-lhe sem as ter premeditado.

A linguagem decidida de Raskólnikov produziu ótima impressão na velha.

— Porque tem tanta pressa, menino? E o que vem a ser isto? — perguntou ela, mirando o embrulho.

— É a cigarreira de prata de que lhe falei há dias.

A velha estendeu a mão.

— Como está pálido! E as mãos tão trémulas! Está doente, menino?

— Tenho febre — respondeu ele com secura. — Como não estar pálido se não tenho que comer! — concluiu a custo. As forças abandonavam-no de novo.

Tentou dar à resposta um tom natural. A velha aceitou o penhor.

— O que é? — perguntou ainda outra vez, tomando o peso ao embrulho e olhando o interlocutor.

— Um objeto... uma cigarreira... de prata... Veja.

— É singular, não parece de prata! E como isto está atado!

Enquanto Alena Ivanovna tentava desatar o pequeno embrulho, ia-se aproximando da luz — a despeito do calor asfixiante, pois fechara todas as janelas. — Nessa posição voltara as costas ao visitante e durante alguns momentos não se preocupou com ele. Raskólnikov desabotoou o casaco e puxou o machado, sem o tirar de todo do nó corredio, limitando-se a segurá-lo com a mão direita. Sentia que os membros se lhe paralisavam. Receou deixar cair a arma, ao mesmo tempo que a cabeça começou a andar-lhe à roda.

— Que demónio está aqui dentro — exclamou Alena Ivanovna zangada, fazendo um movimento para o lado de Raskólnikov.

Não havia um momento a perder. Tirou o machado debaixo do casaco, levantou-o no ar, segurando-o com ambas as mãos e, quase maquinalmente, porque se sentia sem forças, deixou-o cair sobre a cabeça da velha. Porém, vibrado o primeiro golpe, voltou-lhe logo a energia perdida.

Alena Ivanovna estava, como de costume, com a cabeça descoberta. Os cabelos grisalhos e raros, untados com azeite, formavam uma delgada trança, presa na nuca por um bocado de pente de chifre. O golpe fendeu-lhe a nuca, para o que contribuiu a pequena estatura da vítima, que apenas soltou um gemido e cambaleou, tendo, contudo, ainda forças para levar as mãos à cabeça, numa das quais conservava o embrulho. Então

Raskólnikov, cujos braços recuperaram todo o vigor, vibrou mais dois golpes na cabeça da usurária. O sangue golfou abundante e o corpo caiu pesadamente no chão. Vendo cair a vítima, Raskólnikov recuou; mas, de repente, inclinou-se sobre o rosto da velha: estava morta. Os olhos muito abertos pareciam querer saltar das órbitas e os arrancos da agonia tinham-lhe dado às feições um aspeto horrível.

O assassino pousou o machado no chão e preparou-se para revistar o cadáver, tomando as maiores precauções a fim de não se manchar com o sangue. Recordava-se de que, na sua última visita à velha, esta tirara as chaves da algibeira direita do vestido. Estava na plena posse das suas faculdades intelectuais; não sentia vertigens nem o menor atordoamento, no entanto as mãos continuavam a tremer-lhe. Mais tarde recordou-se de que fora muito cauteloso e que tivera o maior cuidado em não se sujar... Depressa encontrou as chaves. Como da outra vez, estavam todas presas numa argola de aço.

Raskólnikov passou logo ao quarto da cama.

Este compartimento era muito pequeno. De um lado havia um grande oratório cheio de imagens e do outro um leito muito limpo, com coberta de seda, feita de retalhos e acolchoada. Junto da parede estava uma cómoda. Caso singular! Quando Raskólnikov começou a experimentar as chaves, um arrepio percorreu-lhe todo o corpo. Pensou por um momento em abandonar tudo e retirar-se, mas essa ideia durou um instante: era já tarde para recuar.

Um sorriso contraiu-lhe os lábios ao pensar em tal, para logo em seguida ter um sobressalto terrível: se por acaso a velha não estivesse morta e voltasse a si? Largou as chaves, correu para junto do corpo da velha, pegou no machado e preparou-se para descarregar novo golpe sobre a vítima; porém a arma, já erguida, não desceu. Alena Ivanovna estava morta e bem morta, não havia dúvida. Inclinando-se mais uma vez para a examinar de perto, verificou que o crânio estava despedaçado. O sangue empapava no chão. Reparando de repente num cordão que a usurária tinha ao pescoço, puxou-o com força, mas o cordão resistiu e não partiu. O assassino tentou então tirá-lo, fazendo-o descer ao longo do corpo. Foi mais feliz nesta tentativa. O cordão encontrou um obstáculo e deixou de descer. Raskólnikov levantou, cheio de impaciência, o machado, pronto a ferir o cadáver, para cortar com o mesmo golpe o nó. Resolveu no entanto não proceder com tanta brutalidade. Por fim, depois de dois minutos de

esforços que lhe deixaram as mãos arroxeadas, conseguiu partiu o cordão com o gume do machado, sem tocar no cadáver. Como supusera, do cordão pendia uma bolsa a par de uma pequena medalha esmaltada e duas cruzes, uma de cipreste e outra de cobre. A bolsa, ensebada — um pequeno saco de camurça — estava cheia. Raskólnikov meteu-a na algibeira, sem verificar o conteúdo, atirou as cruzes sobre o peito da velha e, levando o machado, entrou a toda a pressa no quarto da cama.

A sua impaciência era enorme. Agarrou nas chaves e voltou à tarefa interrompida. Eram baldadas as tentativas para abrir o móvel, o que se devia atribuir mais aos repetidos enganos do que à tremura das mãos; via, por exemplo, que uma chave não servia na fechadura e teimava em fazê-la entrar. Entretanto recordou-se de uma conjetura que fizera na sua última visita: a chave grande, dentada, junta às outras mais pequenas, devia ser de algum cofre onde Alena tivesse talvez todo o seu dinheiro. Abandonando o móvel, procurou debaixo da cama, lembrando-se que é costume das velhas esconderem os pecúlios em tais sítios.

De facto, lá estava um cofre de pouco mais de um *archine* de comprimento, forrado de marroquim vermelho. A chave grande servia perfeitamente na fechadura. Logo que o abriu, viu sobre um pano branco uma peliça com guarnições encarnadas, debaixo da qual estava um vestido de seda e depois deste um xaile. No fundo parecia haver apenas farrapos. O assassino limpou ao marroquim vermelho as mãos ensanguentadas. «No encarnado o sangue percebe-se menos». Depois reconsiderou: «Meu Deus, estarei doido?»

Apenas porém tocou nas roupas, caiu de entre as peles um relógio de ouro. Revolveu então o conteúdo do cofre. Entre os farrapos havia vários objetos de ouro, representando, talvez, cada um deles um penhor. Eram pulseiras, cadeias, brincos, alfinetes de gravata, uns encerrados em estojos, outros embrulhados em pedaços de papel e atados com fios.

Raskólnikov não hesitou: encheu as algibeiras das calças e do casaco com as joias, sem abrir os estojos, sem tocar nos embrulhos. Porém teve de interromper-se.

Ouviu passos no quarto onde estava o cadáver. Sentiu-se gelado de pavor. Mas o ruído deixou de se ouvir. Julgou-se vítima de uma alucinação, quando, de repente, ouviu muito bem um grito, ou antes, um fraco gemido. Passado um minuto ou dois, tudo recaiu de novo num silêncio de morte. Raskólnikov sentara-se no chão, junto ao cofre, e

esperava, respirando com dificuldade. De súbito estremeceu, agarrou no machado e saiu do quarto da cama.

No meio do aposento, Isabel, sobraçando um grande embrulho, contemplava com um olhar aterrado o corpo hirto da irmã. Pálida como um cadáver, parecia não ter forças para soltar um grito. À brusca aparição do assassino começou a tremer e um suor gelado inundou-lhe o rosto. Tentou erguer os braços, abrir a boca, mas não fez o menor gesto, não emitiu o menor som, e recuando a passos lentos, com os olhos fitos em Raskólnikov, meteu-se num canto. A pobre recuara sem dizer uma palavra, como se a respiração lhe faltasse. O assassino avançou para ela com o machado erguido. Os lábios da infeliz contraíram-se e tremeram como os das crianças, que têm medo, olhando fixamente o objeto que as aterra.

O terror dominava por tal forma a desgraçada que, vendo-se ameaçada pela arma, nem sequer pensou em preservar a cabeça, com esse gesto maquinal que em tais casos sugere o instinto da conservação. Afastou apenas o braço esquerdo e estendeu-o na direção do assassino, como para o desviar. O ferro abriu-lhe o crânio, fendendo toda a parte superior da fronte, até quase ao nariz. Isabel caiu como que fulminada, morta. Com a cabeça perdida, Raskólnikov pegou no embrulho que a segunda vítima trazia para logo o largar e correr para a casa de entrada.

Estava cada vez mais alterado, sobretudo desde que cometera o segundo assassinato, que não premeditara. Tinha pressa de fugir. Se naquele momento estivesse em estado de compreender melhor as coisas, se lhe tivesse sido possível calcular todas as dificuldades da situação, vê-la tão desesperada, tão horrorosa, tão absurda como de facto era, compreender quantos obstáculos tinha ainda a remover, talvez mesmo novos crimes a praticar, para poder abandonar essa casa e refugiar-se na rua, teria talvez renunciado à luta e ido, ato contínuo, denunciar-se. Não se podia dizer que fosse a pusilanimidade que o levara a isso, mas o horror do que fizera. Essa impressão ia tomando vulto a cada momento. Por coisa alguma se aproximaria agora do cofre, nem entraria no quarto.

A pouco e pouco o seu espírito preocupou-se com outros pensamentos e caiu numa espécie de vaga meditação. Por momentos o assassino parecia esquecer-se de si, ou antes, esquecer-se do principal para pensar em ninharias. Lançando os olhos para a cozinha, viu um alguidar com água: lembrou-se de se lavar e limpar o machado. O sangue tornara-lhe as mãos glutinosas. Depois de mergulhar na água o gume do machado, pegou num

pedaço de sabão que estava no parapeito da janela e começou as suas limpezas. Quando acabou de lavar as mãos, ensaboou o cabo do machado, que estava também ensanguentado.

Limpou-se em seguida a uma roupa estendida a secar numa corda que atravessava a cozinha. Terminada a operação, aproximou-se da janela para examinar com cuidado o machado. Os vestígios de sangue tinham desaparecido, mas o cabo estava ainda húmido. Raskólnikov escondeu-o com cuidado debaixo do casaco, pendurando-o no nó corredio. Inspecionou depois o fato, tanto quanto permitia a fraca luz que iluminava a cozinha. À primeira vista o casaco e as calças nada apresentavam que originasse suspeitas, contudo as botas estavam manchadas de sangue. Limpou-as com um pano molhado.

Estas precauções, no entanto, não o sossegaram em absoluto, porque não podia ver bem e era possível ter-lhe passado despercebida qualquer mancha. Permanecia de braços caídos, no meio da sala, obsidiado por ideias aflitivas: o pensamento de que endoidecia, de que nesse momento estava incapaz de tomar alguma resolução e de garantir a sua segurança, de que o seu procedimento não era, porventura, o que convinha em tal situação... «Meu Deus! Devo partir, sem demora, o mais depressa possível», murmurou ele, e passou à casa de entrada, onde o esperava a impressão de terror mais intensa que até então experimentara.

Ficou petrificado, sem querer acreditar no que via: a porta exterior, que abria sobre o patamar, aquela a que batera e por onde pouco antes entrara, estava aberta. Por precaução, talvez, a velha não a fechara: nem tinha dado volta à chave, nem correra o fecho. Mas, meu Deus, não viera depois Isabel! Porque não lhe ocorrera então que a adeleira entrara pela porta? Bem sabia que não podia entrar pela fechadura.

Fechou a porta e correu o fecho.

— Não, não é isto... Preciso sair, depressa...

Puxou de novo o fecho e, entreabrindo a porta, pôs-se à escuta.

Aplicou o ouvido durante muito tempo. Em baixo, naturalmente à porta da rua, duas pessoas injuriavam-se. «Quem será esta gente?» Esperou com paciência. Por fim deixaram de se ouvir os doestos. Os contendores haviam-se retirado. Preparava-se para sair quando, no andar inferior, abriram uma porta e alguém começou a descer, cantando. «Porque fará esta gente tanto ruído?», pensou ele. E fechou outra vez a porta, continuando a esperar. Por fim o silêncio restabeleceu-se, mas no

momento em que se preparava para descer, o seu ouvido apurado percebeu novo ruído.

Era o barulho distante de passos, de quem subia os primeiros degraus da escada. No entanto, logo que os ouviu, adivinhou a verdade: vinham, com certeza, para ali, para o quarto andar, para casa da velha. Como explicar esse pressentimento? O que havia nesses passos de tão significativo? Eram pesados, vagarosos e regulares.

«*Ele* já chegou ao primeiro andar e continuou a subir... cada vez se ouve melhor... respira como um asmático... Prepara-se para subir ao terceiro andar... Aí vem!»

Raskólnikov teve a sensação de uma paralisia geral, como num pesadelo, quando nos julgamos perseguidos por inimigos que já estão próximos de nós, que vão assassinar-nos, e ficamos petrificados num sítio, sem podermos fazer o menor movimento.

O desconhecido começava a subir a escada do quarto andar. Raskólnikov, a quem o terror até então imobilizara no patamar, pôde enfim vencer o torpor e entrou a toda a pressa em casa, fechando logo a porta e correndo o fecho sem fazer o menor ruído. Neste momento foi guiado mais pelo instinto do que pela reflexão. Encostou-se à porta e escutou, mal se atrevendo a respirar. O visitante estava já no patamar. Apenas a porta os separava. O desconhecido estava para com Raskólnikov na mesma situação em que este se encontrara há pouco para com a velha.

O visitante respirou com esforço, por várias vezes. «Deve ser nutrido», pensou o assassino, apertando o cabo do machado. Tudo aquilo lhe parecia um sonho. O desconhecido puxou com violência pelo cordão da campainha.

Julgou, por certo, ouvir ruído no interior, porque durante alguns segundos pôs-se à escuta. Depois tornou a tocar, esperou ainda algum tempo e de repente, impacientado, puxou com toda a força pelo puxador da porta. Raskólnikov olhava aterrado para o fecho que oscilava na chapa, esperando a cada instante vê-lo saltar, tão fortes eram os empurrões. Pensou em o segurar com a mão, mas o *homem* podia desconfiar. A cabeça recomeçava a andar-lhe à roda. «Estou perdido!», pensou. Todavia recuperou a serenidade quando o visitante começou a monologar.

— Estarão a dormir ou alguém tê-las-ia estrangulado? Mulheres três vezes malditas! — resmungava. — Olá! Alena Ivanovna, velha bruxa!

Isabel Ivanovna, beleza maravilhosa! Abram, suas excomungadas! Estarão a dormir?

Exasperado, tocou umas poucas de vezes seguidas, com toda a força. Este homem era, sem dúvida, íntimo da casa.

Ao mesmo tempo ouviram-se na escada uns passos ligeiros, apressados. Era mais alguém que subia para o quarto andar. Raskólnikov não percebeu a princípio a presença do recém-chegado.

— Será possível que não esteja ninguém? — perguntou este com voz alegre, dirigindo-se ao primeiro visitante, que continuava a puxar pelo cordão da campainha. — Bom dia, Koch!

«A julgar pela voz, deve ser um rapazito!», pensou Raskólnikov.

— Eu sei lá! Por pouco não arrombei já a fechadura — respondeu Koch. — De onde me conhece o senhor?

— Que pergunta! Ainda anteontem, no Gambrimos, lhe ganhei três partidas seguidas de bilhar.

— Ah!

— Então não estão em casa? É extraordinário! Direi mesmo, é estúpido! Onde teria ido a velha? Precisava falar-lhe.

— Também eu, meu rapaz, precisava falar com ela.

— E que remédio se lhe há de dar? Irmo-nos embora... Ai! ai! E eu que vinha pedir-lhe dinheiro emprestado! — exclamou o rapaz.

— Certamente não há outro remédio senão irmo-nos embora. Mas para que diabo me disse ela que viesse cá? Foi a própria bruxa que me marcou a hora. E é tão longe de minha casa aqui! Onde iria ela? Não entendo! Ela, que mal se move durante todo o ano, que está aqui a apodrecer, que sofre de reumatismo, logo hoje é que saiu!

— E se perguntássemos ao porteiro?

— Para quê?

— Para saber onde foi e quando volta.

— Hum... que diabo! perguntar! Ela nunca sai! — E voltou a abanar o puxador da porta. — Que diabo, não há remédio senão irmo-nos!

— Espere! — exclamou o rapaz. — Olhe, vê como a porta resiste quando se puxa?

— Então?

— É a prova de que não está fechada só com a chave, mas sim também com o fecho. Não o sente mover-se?

— E depois?

— Não percebe? É claro que alguma delas está em casa. Se ambas tivessem saído, teriam fechado a porta por fora com a chave e não corriam o fecho por dentro. Não ouve o barulho que ele faz? Ora, para qualquer pessoa fechar uma porta por dentro é preciso estar em casa. É portanto evidente que estão cá.

— É verdade, é! — exclamou Koch, surpreendido. — Então estão cá!

E pôs-se a abanar a porta furiosamente.

— Veja lá, não puxe com tanta força. Aqui há qualquer coisa... O senhor tocou, puxou pela porta com toda a força e não abriram. Está claro que ou ambas estão desmaiadas ou...

— Ou… o quê?

— O que devemos fazer é ir chamar o porteiro, para ele próprio as acordar.

— Não é má ideia!

— Espere. Não saia daqui enquanto o vou chamar.

— Para que hei de ficar?

— Ninguém sabe o que poderá acontecer!

— Está bem, fico.

— Ainda espero vir a ser juiz instrutor! Aqui há qualquer coisa que não se percebe! — disse com vivacidade o rapaz, descendo a quatro e quatro os degraus da escada.

Ficando só, Koch tornou ainda a tocar, porém com menos força. Depois pôs-se a mover, com ar pensativo, o puxador, fazendo oscilar a lingueta, para se convencer de que a porta estava igualmente segura com o fecho.

Em seguida, respirando com esforço, agachou-se para olhar pelo buraco da fechadura, mas, como a chave estava pela parte de dentro, nada conseguiu ver.

Encostado à porta, Raskólnikov apertava o cabo do machado.

Tinha a impressão de estar delirando, mas entretanto preparou-se para fazer frente aos dois homens quando transpusessem o limiar. Mais de uma vez, ouvindo-os bater à porta, o assaltou a ideia de pôr termo àquilo e de os interpelar. Sentia vontade de os insultar. «Quanto mais depressa isto acabar, melhor!», pensava ele. «Ora esta...»

O tempo passava e não vinha ninguém. Koch impacientava-se.

— Ora, adeus! — exclamou ele, farto de esperar e descendo ao encontro do rapaz. A pouco e pouco o ruído dos passos, que ressoavam na

escada, foi esmorecendo.

«Meu Deus! Que hei de fazer?»

Raskólnikov correu o fecho e entreabriu a porta.

Animado com o silêncio que reinava em todo o prédio e não estando nesse momento em estado de refletir, saiu, fechou a porta e começou a descer a escada.

Descera já alguns degraus quando ouviu um grande barulho ao fundo da escada. Onde havia de se meter? Não havia maneira de se poder esconder em parte alguma. Voltou a subir a toda a pressa.

— Ó diabo! diabo! para!

Aquele que assim gritava acabava de sair de um dos andares inferiores e descia os degraus a toda a pressa.

— Mitka! Mitka! O diabo leve o doido!

O afastamento não permitiu ouvir mais. O homem que proferira estas exclamações estava já longe. Restabeleceu-se o silêncio. Porém, mal cessara este incidente, outro se produziu: uns poucos de homens, discutindo, subiam em tumulto a escada. Eram três ou quatro. Raskólnikov distinguiu a voz sonora do rapaz. «São eles!», exclamou.

Não esperando já escapar-lhes, correu ousadamente ao seu encontro: «Suceda o que suceder!», pensou consigo. «Se me prenderem, deixá-lo! Se me deixarem passar, passarei. No entanto hão de lembrar-se de se terem cruzado comigo na escada.» Ia dar-se o encontro. Só um andar os separava... De súbito Raskólnikov encontrou a salvação! Uns degraus mais e, à direita, o aposento do segundo andar, onde trabalhavam os pintores, estava desabitado e com a porta aberta. Muito a propósito acabavam de o abandonar.

«Foram eles talvez que saíram há pouco, fazendo aquela algazarra.» Percebia-se que a pintura das portas estava ainda fresca. Tinham deixado no meio do quarto uma lata de tinta e um grande pincel. Num segundo Raskólnikov introduziu-se no quarto desocupado e escondeu-se com a parede. Foi no tempo devido: os seus perseguidores chegaram um momento depois ao patamar, continuando a subir para o quarto andar e falando alto. Esperou que se afastassem e logo em seguida saiu na ponta dos pés e desceu a toda a pressa.

Ninguém na escada! Ninguém à porta! Transpôs, sempre a correr, o portal e, chegando à rua, tomou pela esquerda.

Raskólnikov tinha a certeza de que naquele momento os visitantes da velha, depois de se admirarem por verem a porta aberta, contemplavam cheios de horror os dois cadáveres. «Não lhes será por certo necessário mais de um minuto para adivinharem que o assassino conseguiu escapulir-se enquanto subiam a escada. Talvez mesmo desconfiem de que estava escondido no compartimento desocupado do segundo andar, quando subiam ao quarto». Enquanto fazia estas reflexões, não se atrevia a estugar o passo, apesar de estar ainda um pouco distante da primeira esquina. «Se entrasse num portal e esperasse lá um instante? Nada, isso não tem jeito! Se atirasse com o machado para qualquer parte? Se me metesse num trem? Nada, nada disso...»

Chegou por fim a um largo, mais morto do que vivo. Sabia que podia considerar-se salvo. Ali as suspeitas não podiam incidir nele. E depois era-lhe mais fácil não despertar a atenção no meio dos transeuntes. As sucessivas comoções tinham-no de tal modo prostrado que sentiu que as pernas se lhe vergavam.

Corriam-lhe pelo rosto grandes gotas de suor.

— Já tens a tua conta — disse-lhe alguém quando ia a desembocar no canal, julgando-o bêbedo.

Estava atordoado. Quanto mais caminhava, mais se lhe baralhavam as ideias. Quando chegou ao cais, assustou-se por ver tão pouca gente e, receando que o notassem em lugar tão pouco concorrido, voltou ao largo. Se bem que mal se aguentasse de pé, fez um grande rodeio para voltar a casa.

Quando lá chegou, ainda não estava na posse da sua serenidade. Por isso só se lembrou do machado, ao subir a escada. E, no entanto, o problema que tinha a resolver era dos mais sérios: tornar a colocar a arma onde a encontrara sem atrair a atenção. Se estivesse em estado de apreciar a sua situação, teria por certo compreendido que, em vez de colocar o machado no seu lugar, seria preferível desfazer-se dele, atirando-o para o pátio de uma casa qualquer.

Todavia, tudo correu à medida dos seus desejos.

A porta do cubículo estava encostada, mas não fechada, o que levava a crer que o seu morador estava em casa. Porém Raskólnikov perdera a tal ponto o raciocínio que abriu a porta. Se o dono da casa lhe perguntasse «O que quer?», talvez, sem dizer uma palavra, lhe tivesse entregado o

machado. Por sorte não estava lá, como horas antes, e Raskólnikov pôde colocar o machado debaixo do banco, onde o tinha encontrado.

Subiu depois a escada e chegou ao quarto sem encontrar vivalma. A porta da hospedeira estava fechada. Logo que entrou em casa, deitou-se, mesmo vestido, no sofá. Não dormiu, mas caiu numa espécie de torpor. Se alguém tivesse então entrado no quarto ter-se-ia levantado e não poderia conter um grito. No seu cérebro chocavam-se pensamentos diversos e, por mais esforços que tenha feito, não conseguiu seguir nenhum...

Parte 2

Capítulo 1

Raskólnikov esteve deitado durante muito tempo. Às vezes parecia sair do seu torpor e então notava que a noite ia adiantada. Não lhe acudia contudo a ideia de se levantar. Por fim notou os primeiros alvores do dia. Estendido de costas, não conseguira ainda libertar-se do letargo que pesava sobre ele. Gritos horríveis de desespero, soltados na rua, chegaram aos seus ouvidos; deviam ser os que ouvia todas as noites, às duas horas, debaixo da sua janela. Desta vez acordaram-no. «Ah! são os bêbedos que saem das tabernas», pensou ele. «São duas horas». Sentia uma impressão estranha, como se alguém o erguesse do sofá. «Será possível que já sejam duas horas?» Sentou-se e, sem querer, recordou-se de tudo.

Nos primeiros momentos julgou que perdia o juízo. Percorria-lhe o corpo uma terrível sensação de frio, originada pela febre que o acometera durante o sono. Tremia tanto que os dentes batiam uns contra os outros. Abriu a porta e escutou. No prédio todos dormiam. Lançou em volta de si um olhar espavorido. Como se esquecera de correr o fecho da porta quando entrara? Como se deitara sobre o sofá, com o chapéu na cabeça? Lá estava ele no chão, para onde rolara, junto do travesseiro. «Se alguém aqui entrasse o que julgaria? Que eu estava bêbedo ou...»

Correu à janela. Era já dia claro. Inspecionou-se dos pés à cabeça para verificar se o fato não estava manchado. Não podia confiar porém nessa inspeção incompleta. Despiu-se e passou nova revista à roupa, reparando em tudo com minuciosidade. Por três vezes recomeçou esse exame. Salvo umas gotas de sangue coalhado na parte inferior das calças, nada descobriu.

Pegou num canivete e cortou as extremidades franjadas das calças. Lembrou-se depois que tinha nas algibeiras a bolsa e os objetos que tirara do cofre da velha! Não pensara ainda neles e menos em escondê-los em qualquer parte.

Num momento despejou tudo sobre a mesa. Em seguida, tendo voltado os bolsos para se certificar de que nada lá ficara, levou todo o roubo para um canto do aposento, onde o forro que revestia a parede estava roto. Foi

aí, debaixo do papel, que guardou as joias e a bolsa. «Pronto! Ficam em bom sítio!», pensou, satisfeito, erguendo-se um pouco e olhando com ar pasmado para o canto onde o forro, aluído, mostrava um grande vão. Porém logo um tremor convulso lhe agitou os ombros: «Meu Deus!», murmurou com desespero. «O que terei eu? Estará aquilo bem escondido? Será assim que se escondem as coisas?»

De facto, não contara com as joias. Pensara apenas em lançar mão do dinheiro da velha. Assim, a necessidade de esconder o roubo encontrava-o desprevenido.

«Mas agora, neste momento, terei razões para estar satisfeito?», pensou. «Será assim, realmente, que se escondem as coisas? Parece que a razão me foge!»

Extenuado, deixou-se cair sobre o sofá, sentindo de novo um arrepio. Quase sem querer, pegou num casaco de inverno, em tiras, que estava sobre uma cadeira e cobriu-se. Logo o sono se apoderou dele, acompanhado de delírio. Não teve mais a noção das coisas.

Cinco minutos depois acordou aflitíssimo e o seu primeiro movimento foi inclinar-se cheio de angústia sobre a roupa. «Como me deixei adormecer outra vez sem ter posto tudo em ordem! Porque ainda não fiz nada! O nó está na mesma pregado à manga do casaco. Não me lembrei disso. É uma prova esmagadora!» Arrancou a faixa de pano, rasgou-a em pedaços e meteu-a no embrulho que lhe servia de travesseiro. «Estes trapos não podem causar suspeitas... pelo menos na minha opinião!», repetiu ele, de pé, no meio do quarto, E com uma atenção que o esforço tornava penosa, olhou em redor para se certificar de que nada lhe esquecera.

Sofria de uma maneira horrível ao convencer-se de que tudo o abandonava: a própria memória, a mais elementar prudência...

«Será isto o princípio do castigo? É isso, é!»

De facto as franjas das calças, que cortara, estavam no chão, no meio do quarto, expostas ao olhar de quem ali entrasse.

«Onde tenho eu a cabeça?», exclamou, desanimado.

Acudiu-lhe então uma ideia singular: pensou que o fato estava talvez enodoado do sangue e que o enfraquecimento das suas faculdades não lhe permitira distinguir as manchas, como se lembrou ainda que a bolsa podia estar também ensanguentada. «Mas então a algibeira deve estar suja de sangue, porque a bolsa estava húmida quando a guardei!» Puxou logo o

forro da algibeira, que na verdade tinha nódoas. «Ao menos o raciocínio ainda não me abandonou por completo. Não perdi, portanto, nem a memória, nem a reflexão. Se as tivesse perdido, como me lembraria disto?», pensou triunfante, soltando um fundo suspiro de satisfação. «Tive apenas um acesso febril, que por instantes me perturbou a inteligência.»

E arrancou o forro da perna esquerda das calças. Nesse momento um raio de luz incidiu na bota esquerda. Pareceu-lhe descobrir um indício revelador. Descalçou-a. «Era na verdade um indício! A ponta da bota estava manchada de sangue. Com certeza pus, sem querer, o pé no sangue empapado... Como hei de arranjar isto? Como hei de livrar-me desta bota, destas franjas, do forro da algibeira?»

E deixou-se ficar no meio do quarto, tendo nas mãos todos esses objetos denunciadores.

«Se atirasse tudo ao fogão? Se calhar vão lá procurar... E se queimasse isto? Mas como hei de eu queimar isto? Não tenho fósforos... O melhor é deitar tudo fora», disse, sentando-se no sofá. «E já, sem perda de um momento!» Não obstante, em vez de pôr em prática essa resolução, encostou mais uma vez a cabeça ao travesseiro. Sentiu novo arrepio e voltou a embrulhar-se nos farrapos. Durante muito tempo, horas mesmo, no seu espírito fixou-se esta ideia: «É preciso ir já atirar com isto para qualquer parte!» Quis levantar-se, mas não pôde. Por fim, umas pancadas vibradas com violência na porta arrancaram-no a esse torpor.

Era Nastásia.

— Anda, abre, se és vivo! — gritou ela. — Estás sempre a dormir. Passas dias inteiros enroscado como um cão. És tal e qual, tal e qual um cão! Abre, não ouves? Já lá vão as dez horas.

— Talvez não esteja — disse uma voz de homem.

«Ah! é o porteiro... Que quererá ele?»

Estremeceu e sentou-se no sofá. O coração parecia querer saltar-lhe fora do peito.

— Então quem havia de fechar a porta com o fecho? — replicou Nastásia. — O senhor fechou-se! Tem talvez receio de que o raptem! Abre, anda, acorda!

«Que quererão eles? A que virá o porteiro? Está tudo descoberto. Devo resistir ou abrir a porta? Que vão para o diabo!»

Ergueu-se um pouco, estendeu o braço e correu o fecho. O quarto era tão pequeno que, mesmo deitado no sofá, Raskólnikov podia abrir a porta.

Nastásia e o porteiro entraram.

A moça fitou o hóspede com um modo estranho. Raskólnikov olhou para o porteiro, como quem perdeu de todo a esperança, e este estendeu-lhe em silêncio um papel cinzento, dobrado pelo meio e lacrado.

— É uma citação do comissariado — disse ele.

— De que comissariado?

— Do da polícia, naturalmente. Já se sabe que de outro não podia ser.

— Chamam-me à polícia! Porquê?

— Não sei. Como o chamam, tem de vir.

Examinou com atenção o inquilino, olhou à sua volta e ia a sair quando Nastásia disse, olhando para Raskólnikov:

— Parece que estás pior!

A estas palavras o porteiro voltou-se.

— Desde ontem que tem febre.

Raskólnikov não respondeu, conservando o papel na mão, sem o abrir.

— Ora deixa-te estar — disse a criada compadecida, vendo que se ia erguer. — Estás doente? Não vás! Não será coisa de urgência. Que tens aí na mão?

Raskólnikov olhou: tinha na mão direita as franjas das calças, a bota e o forro arrancado da algibeira. Adormecera agarrado a tudo isso. Mais tarde, procurando a explicação do caso, lembrou-se de que estivera desfalecido devido a um acesso de febre e que, depois de ter apertado tudo na mão, adormecera profundamente.

— Dorme agarrado a uns trapos, como se fossem um tesouro! — E, dizendo isto, Nastásia estorcia-se com o riso nervoso que lhe era peculiar.

Raskólnikov escondeu, num gesto rápido, debaixo da roupa, tudo quanto tinha nas mãos e fitou a criada com um olhar penetrante. Conquanto não se sentisse em estado de refletir, compreendia que não se lhe dirigiam daquela forma se soubessem tudo. «Mas a polícia?»

— Queres chá? Queres que to traga? Ainda há lá uma gota...

— Não. Vou já à polícia — balbuciou.

— Nem tens força para descer a escada!

— Devo lá ir...

— Faz o que quiseres.

E a moça saiu atrás do porteiro. Raskólnikov foi logo examinar à janela as franjas das calças e a ponta da bota: «Têm manchas, mas não se distinguem: a lama e o atrito encobrem a cor. Quem não souber, não dá por

isso. Por consequência a Nastásia, do lugar onde estava, não podia notar coisa alguma. Graças a Deus!» Então, com as mãos trémulas, abriu o papel e leu-o repetidas vezes, acabando no final por compreender. Era uma citação redigida nos termos do costume: o comissário da polícia do bairro intimava Raskólnikov a apresentar-se no comissariado às nove horas e meia.

«Quando chegou a citação? Por mim, nada tenho com a polícia... E logo hoje», pensou, sentindo-se dominado por uma horrível ansiedade. «Senhor, oxalá que isto acabe o mais depressa possível!» E quando ia prosternar-se para rezar, desatou a rir, não da prece, mas de si mesmo. Começou a vestir-se. «Vou perder-me! mas deixá-lo, acabou-se! Vou calçar a bota! Afinal, com a poeira das ruas, as manchas cada vez desaparecerão mais». Porém, apenas a acabou de calçar, cheio de receio e repugnância, descalçou-a logo.

Refletindo em seguida que não tinha outras botas, voltou a calçá-la, sorrindo. «Tudo isto é condicional, relativo e talvez até haja apenas desconfiança e nada mais». Esta ideia, a que se agarrava sem convicção, não o impedia de sentir um tremor geral. «Vamos! Até que enfim me calcei!» Todavia a hilaridade deu lugar à prostração. «Não! É demasiado para as minhas forças...», pensou. As pernas vergavam-se-lhe. «É medo», disse de si para si.

O calor atordoava-o. «É uma cilada! Arranjaram este pretexto para me apanharem. Quando lá chegar, vão diretos à questão», continuou ele com os seus botões, dirigindo-se para a escada. «O pior é que estou meio dementado e posso cair nalguma indiscrição...»

Já na escada, lembrou-se que os objetos roubados estavam mal-escondidos no forro da parede. «Talvez me chamem de propósito para virem revistar o quarto durante a minha ausência!», pensou. Estava no entanto tão desalentado, aceitava a hipótese da sua prisão com um tal desprendimento que essa apreensão deteve-o apenas um segundo.

«Oxalá que isto acabe depressa!»

Chegando à esquina da rua, por onde na véspera seguira, lançou um olhar furtivo e inquieto na direção da *casa.* Desviou porém logo os olhos.

«Se me interrogarem, talvez confesse», pensou ao aproximar-se do comissariado.

A repartição mudara há pouco para o quarto andar de uma casa situada a um quarto de *versta* da sua habitação.

Antes da polícia se instalar na nova casa, Raskólnikov tivera uma vez de ajustar contas com ela, mas por um caso insignificante e havia já muito tempo. Quando transpôs o portal, viu à direita uma escada por onde descia um *mujik* com um livro na mão. «Naturalmente é um porteiro. A repartição deve, portanto, ser aqui». E subiu ao acaso. Não queria pedir indicações.

«Entro, ajoelho-me e conto tudo...», pensava enquanto subia ao quarto andar.

A escada era estreita e íngreme, coberta de uma lamice escorregadia. O calor sufocava. Os contínuos subiam e desciam, sobraçando livros, cruzando com agentes de polícia e com grande número de pessoas que tinham assuntos a tratar com a autoridade. A porta do comissariado estava aberta de par em par.

Raskólnikov entrou e parou na primeira sala, onde alguns *mujiks* esperavam.

Ali, como na escada, o calor era intensíssimo; além disso, a casa, pintada de fresco, tresandava a óleo até provocar náuseas. Depois de esperar um instante, Raskólnikov resolveu-se a entrar na sala imediata. Seguiam-se muitos cubículos estreitos e baixos. O rapaz estava cada vez mais intrigado. Ninguém reparava nele. Na segunda sala trabalhavam alguns amanuenses, um pouco mais bem vestidos do que ele. Toda essa gente tinha uma aparência singular. Dirigiu-se a um deles:

— O que quer?

Mostrou a citação.

— É estudante? — interrogou o amanuense depois de lançar os olhos sobre o documento.

— Fui, fui estudante.

O empregado olhou para ele, mas sem curiosidade. Era um homem de cabeleira desgrenhada que parecia dominado por uma ideia fixa.

«Por este não chego a saber nada. Tudo lhe é indiferente», pensou Raskólnikov.

— Dirija-se ao chefe da repartição — disse o amanuense indicando com o dedo o último compartimento.

Raskólnikov entrou. Esta divisão, a quarta, era estreita e estava cheia de gente um pouco mais bem vestida do que aquela que vira até ali. Entre os assistentes havia duas senhoras. Uma delas estava vestida de preto, mas

muito pobre. Sentada em frente do funcionário escrevia qualquer coisa que este lhe ditava.

A outra era uma criatura bastante cheia, rosto avermelhado, trajando com luxo: um enorme broche que trazia no peito atraía as atenções. Estava de pé, um pouco afastada, na atitude de quem espera. Raskólnikov entregou a intimação ao funcionário. Este lançou-lhe um olhar rápido e disse-lhe:

— Espere um pouco. — E continuou ditando à senhora de luto.

O rapaz respirou mais livremente. «Decerto não foi por causa daquilo que me chamaram!» A pouco e pouco foi recuperando a serenidade. Pelo menos diligenciava, tanto quanto possível, encher-se de ânimo.

«A menor indiscrição, a mais pequena imprudência, bastam para me trair! Hum, o diabo é não se poder respirar aqui», acrescentou. «Sufoca-se! Tenho a cabeça azoada como nunca...»

Sentia um horrível mal-estar e receava não poder manter-se senhor de si. Quis fixar o pensamento em qualquer coisa diferente, porém não conseguiu. A sua intenção fixava-se somente no chefe da repartição. Queria decifrar a fisionomia daquela criatura. Era um rapaz de vinte e dois anos, cujo rosto trigueiro, de uma grande mobilidade, o fazia parecer mais velho. Vestia com elegância, tinha o cabelo apartado até à nuca por uma risca feita com arte. Nas suas mãos, tratadas a preceito, brilhavam alguns anéis e sobre o colete pendia uma corrente de ouro. Dirigiu-se, em francês, a um estrangeiro que ali se encontrava, falando com toda a correção.

— Luísa Ivanovna, sente-se — disse ele à senhora ricamente vestida, que continuava de pé, conquanto tivesse uma cadeira ao lado.

— *Ich danke* — respondeu ela, e sentou-se, compondo as saias, impregnadas de perfumes.

Espalhado em volta da cadeira, o vestido de seda azul, guarnecido de rendas brancas, ocupava quase metade da pequena sala. A dama parecia contrariada por exalar tanto perfume e ocupar tanto espaço. Sorria com expressão ao mesmo tempo tímida e audaciosa; no entanto a sua inquietação era evidente.

A senhora de luto levantou-se. No mesmo instante entrou com estrondo um oficial, de aspeto resoluto, que movia os ombros a cada passo que dava. Atirou para cima da mesa com o capacete e sentou-se numa cadeira de braços.

Ao vê-lo, a dama luxuosamente vestida levantou-se e fez uma grande vénia. O oficial não lhe ligou a menor importância, mas ela não ousou voltar a sentar-se na sua presença. Este personagem era o adjunto do comissário da polícia. Tinha grandes bigodes ruivos espetados e feições delicadas, porém pouco expressivas, denunciando apenas uma certa audácia. Olhou de lado para Raskólnikov, não sem um certo ar de indignação. Conquanto fosse muito modesta a aparência do nosso herói, a sua atitude contrastava com a miséria do vestuário. Esquecendo a mais rudimentar noção de prudência, Raskólnikov afrontou com tanta altivez o olhar do oficial que este se sentiu irritado.

— Que queres? — interrogou ele, com certeza admirado por um maltrapilho não baixar os olhos ante o seu olhar fulminante.

— Mandaram-me aqui vir... fui citado... — respondeu Raskólnikov.

— É o estudante a quem exigem o dinheiro — explicou o chefe da repartição, desviando a atenção da papelada que tinha diante de si. — Aqui tem — e estendeu a Raskólnikov um processo, designando-lhe certo ponto. — Leia.

«Dívida? Que dívida?», pensou ele. «Então não é por *aquilo!*» E estremeceu de alegria. Experimentou um alívio extraordinário, inexprimível.

— Mas para que horas foi citado, senhor? — perguntou o oficial, cujo mau humor aumentava. — Intimam-no para as nove horas e aparece às onze?

— Entregaram-me esse papel há um quarto de hora — respondeu logo Raskólnikov, já irritado. — Doente, com febre, não foi sem custo que aqui vim!

— Não grite tanto!

— Não grito, estou falando no meu natural. O senhor é que está gritando. Sou estudante e não admito que me falem desse modo.

Esta resposta encolerizou o oficial a tal ponto que por momentos nem pôde proferir palavra. Dos seus lábios saíam apenas sons inarticulados. Deu um salto na cadeira.

— Cale-se, pois não sabe que está na presença da autoridade. Não seja insolente.

— O senhor também está na presença da autoridade — replicou com aspereza Raskólnikov — e não só grita, como fuma. É, portanto, o senhor quem nos ofende a todos.

Sentia um grande alívio ao proferir estas palavras.

O chefe da repartição sorria, olhando os interlocutores. O petulante oficial ficou por momentos pasmado.

— O que tem o senhor com isso? — perguntou ele por fim, afetando grande serenidade para ocultar o seu desconserto. — Faça a declaração que lhe pedem, ande! Mostre-lhe isso, Gregorievitch. Há queixas contra si. Não paga o que deve. É uma boa sanguessuga!

Raskólnikov não o escutava já. Pegara no papel, impaciente por descobrir a decifração daquele enigma. Leu primeira e segunda vez e não entendeu.

— O que é isto? — perguntou ele ao chefe da repartição.

— É um documento de dívida do qual lhe pedem o pagamento. Pode pagá-lo desde já com os juros ou declarar quando poderá efetuar o pagamento. Neste caso é necessário comprometer-se a não se ausentar da capital e a não vender nem sonegar os seus haveres até integral pagamento. Pelo que diz respeito ao credor, esse pode vender-lhe os bens e persegui-lo com o rigor da lei.

— Mas eu... eu não devo nada a ninguém.

— Não temos nada com isso. Vieram aqui entregar uma letra protestada, no valor de cento e quinze *rublos,* assinada pelo senhor, há nove meses, à senhora Zarnitzine, viúva de um professor, e que essa senhora entregou em pagamento ao conselheiro Tchebarrov. Mandámo-lo, portanto, intimar para que viesse prestar as suas declarações.

— Essa senhora é a minha hospedeira!

— E então, o que tem isso?

O chefe da repartição olhou, com um sorriso indulgente e ao mesmo tempo triunfante, para este noviço que ia aprender, à sua custa, o processo usado para com os devedores. Contudo, que lhe importava agora a letra? Que importância tinha a reclamação da hospedeira? Valia lá a pena apoquentar-se com isso, ligar-lhe a menor atenção!? Estava ali lendo, escutando, respondendo, interrogando, mas fazendo tudo isso maquinalmente. A certeza de estar salvo, a satisfação de ter escapado a um perigo iminente, eis o que nessa ocasião predominava no seu espírito.

Por enquanto as precauções e os cuidados estavam afastados. Foi um minuto de verdadeiro alívio, de uma satisfação indiscritível. Entretanto nessa ocasião rebentou uma verdadeira tempestade na repartição. O oficial, que não engolira ainda a afronta ao seu orgulho, procurava um

desforço. E começou de repente a tratar com indelicadeza a senhora vestida com elegância que, desde que ele fizera a sua imponente entrada, não cessara de o olhar com um sorriso estúpido.

— E tu, desvergonhada? — vociferou ele, numa grande gritaria. A senhora de luto saíra já. — O que sucedeu a noite passada em tua casa? Hein? Não deixas de dar escândalo! Sempre rixas e bebedeiras! Apetece-te ir para a cadeia? Já te disse que acabaria por perder a paciência. És de facto incorrigível!

O próprio Raskólnikov deixou cair o papel e examinou espantado a elegante dama, tratada com tão pouca cerimónia. Não tardou porém a compreender do que se tratava e a história começou a interessá-lo. Escutava aquilo com prazer, dava-lhe até vontade de rir. Sentia os nervos irritados.

— Ilia Petrovitch! — atalhou o chefe da repartição, reconhecendo logo que seria inoportuna a sua intervenção naquele momento porque sabia, por experiência própria, que era impossível retê-lo quando o oficial seguia naquela carreira desenfreada.

A elegante dama tremera a princípio, sentindo a tempestade desencadear-se-lhe sobre a cabeça; no entanto, coisa singular, à medida que ia ouvindo, a fisionomia tomava-lhe uma expressão cada vez mais sorridente, não tirando os olhos do terrível oficial! A cada momento fazia vénias e esperava a oportunidade para tomar a palavra.

— Em minha casa não houve gritos nem rixas, senhor — apressou-se ela a dizer logo que lhe foi possível. Falava bem o russo, mas com acentuação alemã. — Não se deu nenhum escândalo. Aquele homem apareceu lá bêbedo e pediu três garrafas de cerveja. Pôs-se a tocar piano com os pés, o que ó impróprio de uma casa respeitável como a minha, e partiu as teclas. Observei-lhe que não devia proceder daquela forma, e então agarrou numa garrafa e começou a bater com ela em toda a gente. Chamei logo Karl, o porteiro. Assim que o viu, atirou-lhe com a garrafa à cabeça e fez outro tanto à Henriqueta. A mim deu-me cinco bofetadas. É inacreditável tal procedimento numa casa tão séria, senhor oficial. Gritei por socorro. Ele abriu a janela que deita sobre o canal e começou a grunhir como um porco. Que vergonha! Isto atura-se, porventura? Ir para a janela grunhir como um porco! *Forrom! Forrom! Forrom!* O Karl puxou-o para dentro e com efeito nessa ocasião arrancou-lhe uma aba do casaco. Reclamou por tal quinze *rublos* de indemnização. Para o calar, paguei do

meu bolso cinco *rublos* pela aba, senhor oficial. Foi esse malcriado quem fez escândalo!

— Basta, basta! Já te disse, já te repeti...

— Ilia Petrovitch! — atalhou outra vez o chefe da repartição.

O oficial lançou-lhe um olhar rápido e viu-o abanar cabeça.

— Pois bem, pelo que te diz respeito, nada mais tenho a dizer-te, veneranda Luísa Ivanovna — continuou o oficial. — Se houver mais algum escândalo na tua respeitável casa, meto-te na jaula, como vulgarmente se diz. Entendeste? Vai com Deus e lembra-te de que te não perco de vista.

Com amabilidade requintada, Luísa Ivanovna cumprimentou para todos os lados, mas, quando ia recuando e fazendo mesuras, esbarrou de costas com um garboso militar, de porte risonho e expressivo, possuidor de umas magníficas suíças louras. Era o comissário de polícia, Nikodim Fomitch.

Luísa Ivanovna curvou-se quase até ao chão e saiu com passinhos miúdos.

— Outra vez o raio, os relâmpagos, o trovão, a tromba de água, a tempestade! — disse, em tom jovial, Nikodim Fomitch ao seu adjunto. — Excitaram-te e desesperaste-te! Ouvi-te na escada.

— Então que fazer! — disse Ilia Petrovitch, mudando-se com uma enorme papelada para outra mesa. — Aquele senhor estudante, ou ex-estudante, não paga o que deve, assina letras e recusa abandonar a casa que habita. Temos várias queixas contra ele, e é este cavalheiro que se ofende por eu fumar um cigarro na sua presença. Antes de achar que os outros lhe faltam ao respeito, não seria conveniente respeitar-se mais a si próprio? Olhe para ele, não parece que o seu aspeto requer a maior consideração?

— A pobreza não é vício. Bem sabemos quanto o meu amigo *Pólvora* se incendeia com facilidade! Provavelmente julgou-se ofendido e não pôde conter-se — continuou Nikodim Fomitch, dirigindo-se a Raskólnikov. — Mas não andou bem. Este senhor é uma excelente pessoa, afirmo-lho eu, porém um pouco arrebatado! Exalta-se, enfurece-se, mas depois de ter desabafado, acabou-se tudo. É um coração de ouro! No regimento chamavam-lhe «Tenente *Pólvora*...»

— E que regimento aquele! — exclamou Ilia Petrovitch, sensibilizado com as últimas palavras do comissário.

Raskólnikov desejou dizer-lhe alguma coisa agradável.

— Queira desculpar, senhor — começou, dirigindo-se a Nikodim Fomitch. — Coloquem-se os senhores na minha situação... Estou pronto a dar a este senhor todas as explicações se por acaso fui incorreto com ele. Sou um estudante doente, pobre, esmagado pela miséria. Abandonei a Universidade porque nesta ocasião não tenho meios de subsistência. Espero dentro em pouco receber dinheiro... Minha mãe e minha irmã residem na província de... Por estes dias devem-me mandar dinheiro e então pagarei. A minha hospedeira é uma boa mulher, todavia, como já não dou lições e há quatro meses não lhe pago, não me dá de jantar. Não compreendo esta história da letra! Então quer que lhe pague nesse momento? Não o posso fazer! Os senhores bem vêm que não…

— Não temos nada com isso... — observou o chefe da repartição.

— Também é essa a minha opinião. Mas dê-me licença para me explicar... — continuou Raskólnikov, dirigindo-se sempre a Nikodim Fomitch e não ao chefe. Diligenciava assim despertar a atenção de Ilia Petrovitch, conquanto este afetasse nada ouvir e fingisse ocupar-se em absoluto com os seus papéis. — Deixe-me dizer-lhe que vivo em casa dela há quase quatro anos, desde que cheguei da província, e em tempos… afinal, porque não hei de confessar?... comprometi-me a casar com a filha. Fiz-lhe uma promessa formal nesse sentido. Ela agradava-me, ainda que não estivesse perdido de amores. Em resumo, era um criançola; a hospedeira deu-me largas e levei uma vida... pouco regular...

— Ninguém lhe pede essas explicações e não temos tempo para lhas ouvir — atalhou de um modo insolente Ilia Petrovitch.

Raskólnikov continuou porém com animação.

— Dê-me, no entanto, licença para lhe contar como o caso se passou, posto que reconheça a inutilidade desta declaração. Há um ano essa menina morreu de febre tifoide. Continuei a ser hóspede da senhora Zarnitzine, e quando foi viver para a casa que agora habita disse-me, amigavelmente, que lhe merecia a maior confiança... mas que, para sua garantia, desejava que lhe assinasse uma letra de cento e quinze *rublos,* quantia que representava o total da minha dívida. Assegurou-me, uma vez de posse desse documento, que continuaria a conceder-me crédito ilimitado e que nunca, «nunca (foram estas as suas palavras) negociaria essa letra»... Agora que não tenho lições, agora que não tenho que comer, vem exigir o pagamento. Como se há de classificar este procedimento?

— Todos esses pormenores, senhor, nada importam — replicou com dureza Ilia Petrovitch. — O que é necessário é fazer a declaração que lhe exigiram. O resto, a história dos seus amores e as outras não vêm ao caso.

— Oh! que severidade — interrompeu Nikodim Fomitch, que se sentara à secretária e folheava vários papéis um tanto contrariado, ao que parecia.

— Escreva — intimou o chefe da repartição a Raskólnikov.

— Mas o que hei de escrever? — perguntou este, num tom sacudido.

— Eu vou ditar.

Raskólnikov teve a impressão que, depois da sua confissão, o chefe da repartição tratava-o com mais desdém. Contudo, caso singular, passou a ser-lhe indiferente o juízo que dele fizessem, e essa mudança operou-se rápida como um relâmpago. Se refletisse por um momento, admirar-se-ia de ter podido, um minuto antes, conversar daquela forma com os empregados da polícia e levá-los até a ouvirem-lhe as suas confidências. Agora, pelo contrário, se em vez de estar cheia de gente da polícia, a sala se enchesse de repente dos seus amigos mais queridos, não encontraria talvez uma palavra para lhes dizer, tanto sentia o coração vazio de sentimentos.

Experimentava apenas a penosa sensação de um grande isolamento. Não se sentia magoado pela circunstância de Ilia Petrovitch haver sido testemunha das suas confidências; nem fora a petulância do oficial que de repente produzira na sua alma essa revolução. Que lhe importava, nessa altura, a sua própria ignomínia? Que lhe importavam aquelas fanfarronices, aqueles militares, a letra, o comissariado da polícia? Se nesse momento o condenassem a ser queimado vivo, não se comoveria, nem escutaria até ao fim a leitura da sentença.

Dava-se nele um fenómeno inteiramente novo, sem precedentes. No seu foro íntimo compreendia ou — o que era muito pior — sentia que estava para sempre afastado do convívio dos homens, que lhe era proibida qualquer expansão sentimental, como a de há pouco, que lhe era impossível sustentar qualquer conversa, não só com a gente da polícia, mas até com os seus próprios parentes. Nunca, até esse momento, experimentara sensação tão cruel.

O chefe da repartição começou a ditar a fórmula da declaração usada em tais casos: «Não posso pagar. Comprometo-me no entanto a satisfazer

esse débito em... Não sairei da cidade. Não venderei nem farei cedência dos meus haveres, etc.»

— Mas o senhor não pode escrever. A pena treme-lhe na mão — observou o funcionário, olhando-o com curiosidade. — Está doente?

— Estou... Sinto que a cabeça me anda à roda... Queira continuar.

— É apenas isso. Assine.

O chefe da repartição pegou no papel e desviou a sua atenção para outros indivíduos.

Raskólnikov pousou a pena, mas em vez de se retirar encostou os cotovelos à mesa e apertou a cabeça entre as mãos. Parecia que lhe enterravam um prego no pescoço. Nessa altura acudiu-lhe uma ideia extraordinária: dirigir-se a Nikodim Fomitch e contar-lhe o caso da velha com todos os seus pormenores. Levá-lo em seguida ao seu quarto e mostrar-lhe os objetos escondidos no buraco da parede. Esta ideia dominou-o por tal forma que chegou a levantar-se para a pôr era prática. «Não será melhor refletir um momento?», pensou. «Ou devo seguir a primeira inspiração e ver-me livre deste peso quanto antes?» Hesitando, ficou como que chumbado ao chão. Entre Nikodim Fomitch e Ilia Petrovitch travou-se uma animada conversa, que Raskólnikov ouviu.

— É impossível. Ponham-nos em liberdade aos dois. Em primeiro lugar há uma série de coisas inverosímeis. Veja bem: se tivessem praticado o crime, para que haviam de chamar o porteiro? Para se denunciarem? Por astúcia? Não. Isso era de uma grande subtileza. Enfim, o estudante Pestriakov foi visto pelos dois porteiros e por uma mulher, junto do portal, na ocasião em que entrava em casa: ia com mais três, que o deixaram à porta, e, antes de se afastar, ouviram-no perguntar aos porteiros onde morava a velha. Se fosse ali para a matar, teria feito tal pergunta? Quanto a Koch, sabe-se que esteve meia hora em casa do joalheiro do rés do chão antes de ir a casa da velha. Eram oito horas menos um quarto quando o deixou para subir ao quarto andar. Agora veja…

— Todavia, nas declarações deles há coisas inexplicáveis: afirmam que bateram à porta e que esta estava fechada. Ora, três minutos depois, quando voltaram com o porteiro, a porta estava aberta!

— Aí é que está o nó górdio. Não há dúvida que o assassino estava em casa da velha e que se fechara por dentro. Tê-lo-iam agarrado se o Koch não cometesse a imprudência de ir procurar o porteiro. Foi nesse entretanto que o assassino conseguiu escapar-se. O Koch benze-se ao falar

nisto. «Ah! que se lá fico, o assassino saía de repente e matava-me com o machado.» Diz que vai mandar celebrar um *Te Deum.* Ah! ah! ah!

— E ninguém conseguiu ver o assassino?

— E como o haviam de ver? Aquilo não é casa, é a Arca de Noé! — observou o chefe da repartição, que ia seguindo a conversa.

— O caso é claro, bastante claro — repetiu Nikodim Fomitch.

— Não é tal. Escuro e bem escuro é que ele é! — declarou Ilia Petrovitch.

Raskólnikov pegou no chapéu e ia retirar-se, mas não chegou à porta.

***

Quando voltou a si, encontrou-se sentado numa cadeira. Alguém, à direita, o amparava, e à esquerda outro indivíduo tinha na mão um copo cheio de um líquido amarelo. Nikodim Fomitch, de pé, em frente dele, observava-o com atenção. Raskólnikov levantou-se.

— Então, sente-se doente? — perguntou num tom severo o comissário.

— Há pouco, quando escrevia a declaração, mal podia segurar a pena — disse o chefe da repartição, voltando a sentar-se à secretária e recomeçando o exame da sua papelada.

— Já se sente doente há muito? — perguntou do seu lagar Ilia Petrovitch, que também folheava papéis. Como os outros, aproximara-se de Raskólnikov quando este desmaiou. Porém, vendo que o rapaz recuperava os sentidos, voltou logo para o seu lugar.

— Desde ontem — balbuciou Raskólnikov.

— Mas ontem saiu de casa?

— Saí.

— E já estava doente?

— Já!

— E a que horas saiu?

— Das sete para as oito da tarde.

— E onde foi?

— Para a rua.

— Isso é claro!

Branco como cal, Raskólnikov respondeu a todas as perguntas em tom breve e sacudido. Os seus olhos pretos e profundos não se baixaram ante o

olhar de Ilia Petrovitch.

— Não vês que mal se pode ter de pé! — interveio Nikodim Fomitch. — E...

— Não tem dúvida! — respondeu em tom enigmático Petrovitch.

O comissário da polícia quis ainda dizer alguma coisa. Calou-se, porque reparou que o chefe da repartição não desviava os olhos dele. Emudeceram todos, o que não deixou de ser estranhável.

— Está bem, não queremos mais nada — disse por fim Ilia Petrovitch.

Raskólnikov dirigiu-se para a porta. Ainda não tinha saído da sala e já a conversa se estabelecera de novo, muito animada, entre os três funcionários policiais. Dominando as outras vozes, a de Nikodim Fomitch formulava perguntas. Na rua, Raskólnikov sentiu-se por completo senhor do si.

«Vão proceder desde já a uma busca!», monologou, dirigindo-se a toda a pressa para casa. «Os mariolas desconfiaram!» O terror que momentos antes experimentara dominava-o agora de novo.

Capítulo 2

«E se eles se me tivessem antecipado? Se os encontrasse ao chegar a casa?»

Está enfim no quarto. Tudo está em ordem. Não veio ninguém. Nem a própria Nastásia tocou em coisa alguma. Mas, Senhor!, como pôde deixar tudo aquilo em tal esconderijo?

Correu ao canto e, enfiando a mão pelo buraco, tirou os estojos, num total de oito. Havia duas caixas que continham brincos ou coisa parecida — ele não ligara importância a isso —, quatro estojos de marroquim, uma corrente de relógio embrulhada num pedaço de jornal e, também entre papéis, um outro objeto que parecia uma condecoração.

Raskólnikov meteu tudo nas algibeiras, diligenciando acomodá-los sem fazer grande volume. Guardou também a bolsa e saiu do quarto, deixando a porta aberta.

Caminhava a passos rápidos, mas firmes. Apesar de estar muito fraco, não lhe faltava presença de espírito. Receava que o perseguissem, que, dentro de meia hora, de um quarto de hora talvez, procedessem a um inquérito sobre a sua pessoa. Era, por consequência, necessário fazer desaparecer o roubo enquanto lhe restava alguma força e energia. Onde iria?

«Atiro tudo ao canal e o caso morre afogado.»

Assim decidira na noite anterior, quando delirava, sentindo o desejo de se levantar e ir a toda a pressa atirar tudo fora. Não era fácil porém a execução desse projeto.

Durante mais de meia hora passeou de um para outro lado no cais do Canal Catarina. Examinava as várias escadas que desciam para a água, à medida que as ia encontrando. Contudo o azar opunha sempre algum obstáculo à realização do seu intento. Agora era uma barca com lavadeiras, logo outras barcas amarradas à praia. Depois, o cais estava cheio de gente que não deixaria de reparar num ato tão fora do comum. Não era possível, sem levantar suspeitas, descer até à linha de água e atirar com um objeto para o canal. E se, como era natural, os estojos flutuassem

em vez de desaparecerem na água? Toda a gente notaria isso. Raskólnikov já se julgava alvo de todas as atenções; parecia-lhe que todos o observavam.

Pensou por fim em ir deitar o embrulho ao Neva. Aí havia menos gente no cais, corria menor risco de ser notado e, circunstância importante, estaria mais afastado do seu bairro. «Mas», perguntou a si próprio, «para que ando há mais de meia hora de um lado para o outro, em locais que não me garantem a menor segurança? As objeções que se apresentam agora ao meu espírito, não as poderia ter feito há mais tempo? Se perdi meia hora a preparar a realização de um projeto insensato foi apenas porque tomei tal resolução num momento de delírio!» Tornara-se muito distraído e esquecido, e não ignorava essa circunstância. Entretanto nesta altura era necessário proceder com a máxima rapidez.

E partiu a caminho do Neva, pela avenida de Y... No caminho teve de repente outra ideia. «Para que hei de ir ao Neva? Para que hei de atirar com isto ao rio? Não será preferível ir à outra margem, bastante longe, a uma ilha? Aí, sim, poderei procurar um sítio deserto, uma floresta, e enterrar tudo junto de uma árvore, na qual tomarei sentido para mais tarde a reconhecer!» Posto se sentisse incapaz de tomar naquele momento uma decisão razoável, a ideia pareceu-lhe prática e resolveu pô-la em execução.

O acaso quis porém que fosse de outra forma. Quando desembocava da avenida V... para a praça, reparou num pátio de altos muros, por completo coberto de fuligem. Ao fundo havia um alpendre que era dependência de uma oficina qualquer; certamente havia ali uma marcenaria ou uma correaria.

Não vendo ninguém no pátio, entrou e, depois de ter olhado em volta, pensou que em parte alguma se lhe ofereceria melhor local para a realização do seu plano. Junto do muro, ou antes, do tapume de madeira que separava o pátio da rua, à esquerda da porta, estava encostada uma pedra de umas sessenta libras de peso. Para lá do tapume era o passeio. Ouvia os passos dos transeuntes, quase sempre numerosos neste sítio, mas da rua ninguém podia vê-lo. Para tal seria necessário entrar no pátio.

Inclinou-se sobre a pedra, agarrou-a com as mãos e, puxando-a para si, conseguiu voltá-la. O terreno, no lugar onde a pedra estava colocada, fazia uma pequena depressão; atirou para lá tudo quanto trazia nas algibeiras. A bolsa ficou sobre as joias. Em seguida removeu a pedra para o sítio de

onde a havia tirado, parecendo agora um pouco mais elevada. Com o pé cercou-lhe a base de terra. Nada podia notar-se.

Então saiu e dirigiu-se para a praça. Como horas antes, no comissariado, sentiu-se, durante um momento, invadido por uma grande alegria. «Pronto! Desapareceu o corpo de delito! Quem se há de lembrar de o ir procurar debaixo da pedra? Talvez esteja ali desde a construção da casa do lado e quem sabe por quanto tempo lá estará! E quando mesmo venham a descobrir o que está debaixo desse bloco, quem poderá adivinhar o intuito de quem o lá pôs? Está tudo acabado. Não há provas!» E pôs-se a rir. Lembrou-se mais tarde que atravessara a praça a rir, com um riso nervoso e insistente. Porém quando chegou à avenida K… essa hilaridade cessou logo.

Todos os seus pensamentos gravitavam agora em volta de um ponto culminante, de que a si próprio confessava a grande importância. Reconhecia que, pela primeira vez havia dois meses, se encontrava em face desse problema.

«Que o diabo leve tudo isto!», exclamou ele num repentino acesso de mau humor. «Vamos, a taça está cheia e é necessário bebê-la. Que martírio de vida! Como isto é estúpido, Senhor! Quantas mentiras tenho dito, quantas baixezas tenho cometido hoje... A que miserável servilismo tive de me baixar há pouco para conseguir a benevolência desse imbecil, desse Ilia Petrovitch! No entanto, que importa isso? Rio-me de todos eles e das covardias que porventura mostrei. Não é isso o que importa! Nada disso!»

De um salto estacou, preocupado, aturdido com um novo pensamento, tão inesperado como simples:

«Se na verdade te conduziste em tudo isto como uma criatura esperta e não como um parvo, se tinhas um objeto perfeitamente meditado, como explicar o facto de não teres verificado o conteúdo da bolsa? Como podes ainda ignorar quanto te rendeu esse ato em cujo risco e em cuja infâmia não receaste incorrer? Não ias, há pouco, deitar à água a bolsa e as joias a que mal lançaste os olhos? Que dizes a isto?»

Chegado ao cais do pequeno Neva, em Vasili Ostrov, parou junto da ponte. «É aqui, é nesta casa que ele mora», pensou. «Que quer isto dizer? Parece que as pernas me trouxeram por conta própria a casa de Razoumikhine! É o caso de outro dia... Passeava sem destino e o acaso conduziu-me aqui! Dizia eu... anteontem... que havia de vir vê-lo depois

daquilo, no dia imediato. Pois bem, vou vê-lo! Não poderei já fazer uma visita?»

Subiu ao quinto andar, onde o seu amigo vivia. Razoumikhine estava metido no quarto a escrever e foi ele mesmo quem veio abrir. Havia quatro meses que os dois não se viam. Com o cabelo desgrenhado, vestindo um roupão em pedaços e os pés, sem meias, enfiados numas velhas chinelas, Razoumikhine não se tinha ainda lavado nem barbeado. Na fisionomia leu-se o espanto que a visita lhe causou.

— Ah! és tu? — exclamou, examinando dos pés à cabeça o recém-chegado, ao mesmo tempo que se pôs a assobiar. — Pois será possível que os negócios te corram tão mal? O caso é que me excedes em elegância — continuou ele depois de ter inspecionado de novo os andrajos do amigo. — Senta-te, pois estás cansado! — E quando Raskólnikov se deixou cair sobre um sofá turco, forrado de oleado, ainda mais miserável do que o seu, Razoumikhine notou que o amigo estava doente.

— Estás gravemente doente, sabes?

Quis tomar-lhe o pulso, mas Raskólnikov retirou depressa o braço.

— Não te incomodes — disse ele —, vim… eu te digo porquê: não tenho lições... e queria... mas afinal não preciso de lições para nada...

— Sabes que mais? Estás doido! — objetou Razoumikhine, que observava com atenção o amigo.

— Não, não estou doido — atalhou Raskólnikov, levantando-se.

Ao entrar em casa do Razoumikhine não pensou que ia encontrar-se frente a frente com o seu antigo condiscípulo. Ora, naquele momento, uma conversa, fosse com quem fosse, era o que mais lhe repugnava. Estava quase sufocado pelo desespero sentido contra si próprio quando se dirigiu para a porta de saída.

— Adeus! — disse bruscamente.

— Vem cá, homem! Sempre me saíste um pateta!

— Não insistas! — continuou, puxando a mão que o amigo segurava.

— Então para que diabo vieste cá? Estás doido? Não vês que isso é ofensivo? Não te deixo sair assim...

— Pois está bem... Ouve lá! Vim procurar-te porque só tu me podias auxiliar... a principiar... porque és melhor do que os outros... quero dizer, mais inteligente... podes apreciar... Contudo, vejo agora que não preciso de coisa alguma. Não preciso nem de favores, nem da simpatia de ninguém. Cá me arranjarei. Deixem-me em paz!

— Espera um momento, meu limpa-chaminés! Estás com a transmontana perdida! Por mais que me digas, não me convences do contrário. Também tenho lições, sabes? Porém estou-me a rir para isso. Tenho um editor, Raskólnikov, que, no género, é uma lição viva. Não o trocaria por cinco lições em casas de argentários! O homem publica uns folhetos de ciências naturais que se vendem como pão! O caso está em dar-lhe um título! Dizias a todo o momento que eu era estúpido; pois então fica sabendo que há muito pior do que eu! O meu editor, que não sabe ler, está no galarim; eu, está claro, vou-o animando. Aqui estão, por exemplo, estas duas folhas de texto alemão, que no meu entender são do mais cretino charlatanismo. O autor trata esta momentosa questão: *A mulher será um homem?* Como é natural, sustenta a afirmativa e demonstra-a com ar de triunfo. Estou traduzindo este opúsculo para Kherouvicuov, que o considera da atualidade, neste momento em que tanto se debate o feminismo. Com estas duas folhas e meia de original alemão, vamos fazer seis. Pomos-lhe um título de efeito, que ocupe meia página, e venderemos cada volume por cinquenta *kopecks*. Vai ter um êxito colossal! Pagam-me a tradução a seis *rublos* por folha, ou sejam ao todo quinze *rublos,* dos quais já me adiantaram seis. Diz-me lá, queres traduzir a segunda folha? Se queres, leva o original, penas e papel (tudo por conta do Estado) e consente que te adiante três *rublos*. Como recebi seis adiantados pelas primeiras duas folhas, tens a receber três, e outro tanto quando acabares o trabalho. Não vás agora persuadir-te de que me ficas devendo um grande favor. Pelo contrário, logo que entraste pensei nisto: que me ias ser útil, porque, em primeiro lugar, o meu forte não é a ortografia, e depois porque conheço o alemão muito mal, de forma que num grande número de casos invento em vez de traduzir. Regozijo-me com a ideia de que acrescento algumas belezas ao texto, mas talvez me iluda. Então, que dizes, aceitas?

Raskólnikov pegou, sem nada dizer, nas folhas da brochura e nos três *rublos;* depois saiu sem proferir uma única palavra. Razoumikhine seguiu-o, com um olhar de espanto. Porém, quando ia a voltar a primeira esquina, retrocedeu a toda a pressa e voltou a entrar em casa do amigo. Colocou sobre a mesa a brochura e os três *rublos,* e tornou a sair sem dizer palavra.

— Mas isto é de doido! — gritou Razoumikhine, exasperado. — Que história é esta? Até me fazes perder a serenidade! Para que diabo então vieste cá?

— Não preciso de traduções — murmurou Raskólnikov, descendo a escada.

— Olha lá, onde moras?

A pergunta ficou sem resposta.

— Vai para o diabo!

Raskólnikov já estava na rua. Chegou a casa perto da noite, sem saber por onde voltara. Tremendo dos pés à cabeça, como um cavalo estafado, despiu-se, estendeu-se sobre o sofá e, depois de se ter coberto com o capote, adormeceu em sono profundo.

Era já noite fechada quando um grande ruído o acordou. Que horrível cena se estaria passando, Senhor! Eram gritos, gemidos, ranger de dentes, vociferações como ele nunca ouvira. Aterrado, sentou-se no sofá. De momento a momento o seu terror ia aumentando, pois cada vez lhe chegava mais nítido aos ouvidos o som das pancadas, as lamentações e as vociferações. De súbito, com grande surpresa, reconheceu a voz da hospedeira.

A pobre mulher gemia e suplicava, aflitíssima. Era impossível distinguir o que dizia. Decerto pedia que não lhe batessem mais, pois percebia-se que estavam a desancá-la na escada. Quem assim a maltratava vociferava com voz rouca, alterado pela cólera, de forma que as suas palavras eram também ininteligíveis. Raskólnikov tremia como varas verdes. Reconhecera aquela voz: era a de Ilia Petrovitch. «O Ilia Petrovitch está ali a bater na hospedeira! Dá-lhe pontapés, bate-lhe com a cabeça nos degraus! É claro que não me engano! O ruído, os gritos da vítima, tudo indica que se trata de vias de facto. O que será isto?»

Os inquilinos dos diversos andares corriam para a escada. Ouviam-se vozes e exclamações. Subiam, desciam, empurravam com força as portas ou fechavam-nas com estrondo. «Mas porque é tudo isto? Porquê? Como é isto possível?», repetia ele, começando a acreditar que a loucura se lhe apoderara do cérebro. Mas qual! Distinguia nitidamente os ruídos! «Porque não vêm ao meu quarto, se... tudo isto é talvez por causa da história... Meu Deus!» Quis correr o fecho da porta, mas não teve força para levantar o braço. De resto, sabia bem que essa precaução de nada lhe serviria! O terror gelava-lhe a alma.

O barulho durou uns dez minutos, cessando a pouco e pouco. A dona da casa ainda gemia. Ilia Petrovitch continuava a vomitar insultos e ameaças. Por fim também se calou, ou pelo menos já não se ouvia. Ter-se-

ia ido embora? «Meu Deus! Sim, lá se vai também a hospedeira, sempre a chorar e a gemer. Com que ruído fechou a porta do quarto! Os inquilinos recolhem-se, com exclamações de espanto, ora aos gritos, ora falando em voz baixa. Devia ser muita gente, pois acudiram todos, ou quase todos! Oh! meu Deus, será possível? Porque razão viria ele aqui?»

Raskólnikov caiu exausto no sofá, mas não pôde adormecer. Durante meia hora foi dominado por um terror que nunca experimentara. Todavia, passado esse tempo, uma luz brilhante iluminou o quarto. Era Nastásia que entrava com uma vela e um prato com caldo. A moça olhou para ele com atenção e, convencida de que não dormia, colocou o castiçal sobre a mesa, bem como o mais que trouxera: pão, sal, um prato e uma colher.

— Parece-me que não comes desde ontem. Tens para aí estado todo o dia a arder em febre.

— Ó Nastásia, porque bateram na hospedeira?

Esta fitou-o, como a querer ler-lhe no íntimo e depois disse:

— Quem foi que lhe bateu?

— Há pouco... talvez há meia bora, o Ilia Petrovitch, o adjunto do comissário da polícia, deu-lhe uma grande coça, ali na escada. Porque diabo a espancaria assim? E que veio ele cá fazer?

Nastásia franziu o sobrolho sem dizer palavra e continuou a examinar o hóspede. Este olhar penetrante confundiu-o.

— Porque não respondes, Nastásia? — perguntou por fim, com voz débil.

— É o sangue — murmurou ela, como se pensasse em voz alta.

— O sangue! Que sangue? — balbuciou Raskólnikov, perdendo a cor e recuando até à parede.

Nastásia, cada vez mais surpresa, disse num tom seco:

— Ninguém bateu na senhora.

Raskólnikov olhou para ela, respirando com dificuldade.

— Ouvi perfeitamente... Não dormia... Estava sentado no sofá — disse em voz tímida. — Escutei durante muito tempo. Veio o ajudante do comissário da polícia... Os inquilinos correram todos à escada...

— Não veio ninguém. Isso tudo é do sangue a ferver. Quando não encontra saída, coalha e vem o delírio. Queres comer?

Não respondeu. Nastásia, entretanto, continuava a observá-lo.

— Tenho sede, Nastasinha.

A moça saiu e voltou momentos depois com uma vasilha de barro cheia de água. E ficavam por aqui as reminiscências de Raskólnikov. Lembrava-se apenas de que tinha bebido água. Em seguida perdera os sentidos.

Capítulo 3

Enquanto durou a doença, Raskólnikov não esteve em absoluto privado do uso da razão: era como que um estado febril com delírio, uma meia inconsciência. Mais tarde recordou-se de muitas coisas. Umas vezes julgava ver à sua volta indivíduos que o queriam levar, discutindo com calor a seu respeito. Outras vezes via-se só no quarto. Toda a gente se retirara com medo dele; apenas de vez em quando entreabriam a porta para o vigiar. Ameaçavam-no, cochichavam, riam e faziam-no encolerizar. Notou muitas vezes que Nastásia estava à sua cabeceira. Via também um homem que lhe parecia conhecer muito bem; mas quem era ele? Não conseguia ligar o nome à pessoa e isso afligia-o a ponto de o fazer chorar.

Por vezes afigurava-se-lhe que havia já um mês que estava de cama; noutros momentos parecia-lhe que todos os incidentes da sua doença tinham sucedido num único dia. Porém *aquilo* tinha-lhe esquecido em absoluto. No entanto, a cada momento pensava que se esquecera de alguma coisa de que devia lembrar-se, e apoquentava-se, fazia esforços de memória, ficava furioso ou dominado por um terror indescritível em não se recordar. Por fim erguia-se na cama, queria fugir, mas sempre alguém o segurava com pulso rijo. Estas crises deixavam-no numa prostração enorme e terminavam sempre por um desmaio. Dias depois recuperou por completo o uso da razão.

Seriam dez horas da manhã. O tempo estava bom e o sol entrava àquela hora no quarto, projetando uma extensa faixa de luz na parede do lado direito, que se estendia até ao canto, próximo da porta. Nastásia estava junto do leito com um indivíduo que ele não conhecia e o observava com curiosidade. Era um rapaz quase imberbe, vestindo blusa como a dos operários. Pela porta entreaberta a dona da casa espreitava. Raskólnikov ergueu-se um pouco.

— Quem é, Nastásia? — interrogou ele, apontando o desconhecido.

— Veja, voltou a si! — exclamou a criada.

— Já voltou a si! — repetiu o desconhecido.

A estas palavras a hospedeira fechou a porta e desapareceu. À sua timidez eram desagradáveis as explicações. Esta mulher, que teria quarenta anos, tinha olhos e sobrancelhas pretas, era muito nutrida e de aparência agradável. Bondosa, como em geral são as pessoas gordas e indolentes, era extremamente tímida.

— Quem é o senhor? — continuou Raskólnikov a perguntar, dirigindo-se ao desconhecido.

Neste momento abriram a porta, de novo, para dar passagem a Razoumikhine, que entrou, curvando-se um pouco por causa da sua elevada estatura.

— Que cubículo! — exclamou ele. — Bato sempre com a cabeça no teto. E chamam a isto um quarto! Então, meu amigo, já voltaste a ti, segundo me disse agora Pachenka?

— Só agora recuperou de todo os sentidos — repetiu como um eco o desconhecido, sorrindo.

— Mas quem é o senhor? — perguntou bruscamente Razoumikhine. — Eu chamo-me Razoumikhine, sou estudante, filho de um fidalgo, e este senhor é meu amigo. Agora fará o favor de dizer quem é.

— Sou empregado no estabelecimento do negociante Chelopaiev e venho aqui tratar de um negócio.

— Sente-se nessa cadeira — disse Razoumikhine, sentando-se do outro lado da mesa. — Meu amigo, fizeste bem em voltar a ti — continuou o estudante, dirigindo-se a Raskólnikov. — Há quatro dias que, por assim dizer, não comes nem bebes. Tomavas apenas umas colheres de chá. Trouxe-te duas vezes o Zozimov. Examinou-te com cuidado e disse que não era nada. A tua doença, acrescentou ele, era apenas um esgotamento nervoso resultante de má alimentação, mas sem consequências. É um indivíduo muito completo, o Zozimov! Já faz clínica por sua conta... Não quero porém tomar-lhe o tempo — informou Razoumikhine, desviando o olhar para o empregado de Chelopaiev. — Queira dizer o motivo da sua visita. Nota, Raskólnikov, que é a segunda vez que o patrão deste senhor aqui manda alguém. Mas da primeira vez não foi este. Quem foi que esteve cá antes do senhor?

— Refere-se talvez ao indivíduo que veio cá anteontem; foi o Albino Semenovitch, também empregado da casa.

— Tem a língua mais desempenada do que o senhor, não acha?

— Sim, é pessoa mais apresentável...

— Modéstia digna do maior elogio! Queira ter a bondade de continuar.

— O caso é este — começou o rapazola, dirigindo-se a Raskólnikov. — A pedido de sua mãe, Afanase Ivanovitch Vakrouchine, de quem por certo tem ouvido falar muita vez, enviou-lhe uma certa quantia por intermédio da nossa casa. Se está em seu juízo, queira passar o recibo destes trinta e cinco *rublos,* que a pedido de sua mãe Semen Semenovitch recebeu de Afanase Ivanovitch para lhe serem entregues. Recebeu talvez aviso da remessa deste dinheiro?

— Sim... Tenho ideia... Vakrouchine... — balbuciou Raskólnikov com ar pensativo.

— Ele vai assinar. Traz o livro? — perguntou Razoumikhine.

— Trago, sim senhor. Aqui está.

— Dê-mo cá. Vamos lá, faz um pequeno esforço. Vê se te podes sentar. Eu ajudo-te. Pega na pena. Anda, assina, meu amigo, e lembra-te que atualmente o dinheiro é o mel da humanidade.

— Não preciso dele! — exclamou Raskólnikov, afastando a pena.

— Como assim?

— Não assino!

— Mas é preciso que passes o recibo!

— Não tenho necessidade... de dinheiro...

— Não tens necessidade de dinheiro! Quanto a isso, meu caro amigo, faltas à verdade. Sou testemunha! Não se apoquente, senhor, ele não sabe o que está a dizer. Regressou outra vez ao país dos sonhos. Isto também lhe sucede no estado normal. O senhor, que é um homem de juízo, vai-me ajudar a ampará-lo e ele há de assinar. Vamos, ajude-me.

— Mas eu volto depois...

— Nada, nada, para que se há de incomodar? Vamos, não demores este senhor, bem vês que está esperando... — E Razoumikhine preparava-se para guiar a mão de Raskólnikov.

— Deixa. Não preciso de auxílio para isso — respondeu o doente. E pegando na pena, assinou.

O empregado de Chelopaiev entregou o dinheiro e retirou-se.

— Muito bem! Agora, meu amigo, queres tomar alguma coisa?

— Quero — respondeu Raskólnikov.

— Haverá caldo?

— Há um resto de ontem — respondeu Nastásia, que se conservava no quarto.

— Com arroz e batatas?

— Sim.

— Bem. Vai buscar o caldo e traz também chá.

— Sim, senhor.

Raskólnikov olhava para todos e para tudo com profunda surpresa, com um ar aterrado e imbecil. Decidiu calar-se e esperar o que desse e viesse. «Creio que já não deliro!», pensou ele. «Tudo isto me parece real».

Dez minutos depois a Nastásia voltou com o caldo e a promessa de que o chá não tardaria. Trazia duas colheres, dois pratos, sal, pimenta, mostarda para a carne, etc. Havia muito que aquela mesa não era posta com tanta opulência. Até a toalha era limpa.

— Nastásia — disse Razoumikhine —, Prascóvia Pavlovna não faria nenhum disparate se nos mandasse duas garrafas de cerveja.

— Não queres que te falte coisa alguma — resmungou a criada. E saiu.

O doente continuava a observar tudo com inquietação. Entretanto, Razoumikhine viera sentar-se no sofá, junto dele. Com a ternura de um irmão amparava com o braço esquerdo a cabeça do amigo, que — diga-se — não precisava desse apoio, ao passo que com a mão direita lhe chegava aos lábios uma colher de caldo, tendo o cuidado de o arrefecer, soprando-o várias vezes para que o doente se não escaldasse ao engoli-lo. E, no entanto, o caldo estava quase frio. Raskólnikov sorvera avidamente três colheradas quando Razoumikhine interrompeu a tarefa, declarando que não lhe dava mais sem consultar Zozimov.

Nastásia entrou, trazendo as duas garrafas de cerveja.

— Queres chá?

— Quero.

— Vai buscar o chá num instante, Nastásia, porque quanto a essa beberagem creio que se poderá passar sem o consentimento da Faculdade.

— Aqui está a cerveja!

Voltou a sentar-se, puxou para si o prato de caldo e a carne, e pôs-se a jantar com tanto apetite como se há três dias não comesse.

— Agora, amigo Raskólnikov, janto todos os dias em tua casa — disse ele, com a boca cheia. — É a Pachenka, a tua amável hospedeira, quem me obsequeia desta maneira. Tem por mim uma grande consideração. Não me oponho, está claro. Para que havia de protestar? Aí vem a Nastásia com o chá. É desembaraçada, a moça! Queres cerveja, Nastásia?

— Estás a caçoar comigo?
— Mas chazinho queres, hein?
— Chá, sim... quero.
— Serve-te. Nada, espera, eu mesmo te vou servir. Senta-te.

E tomando a sério o seu papel de anfitrião, encheu duas chávenas, depois do que saiu da mesa e voltou a sentar-se no sofá. Como momentos antes, quando se tratara do caldo, foi com os maiores cuidados que Razoumikhine fez beber o chá a Raskólnikov. Este consentia tudo sem dizer palavra, posto se sentisse com forças para poder estar sentado sem que ninguém o amparasse, segurar a chávena e talvez mesmo andar. Todavia, com um maquiavelismo quase instintivo, lembrou-se de aparentar uma grande prostração, de simular até uma certa falta de inteligência, conservando sempre os olhos atentos e os ouvidos aparados. A repugnância foi porém superior à sua resolução. Depois de ter tomado algumas colheres de chá, o doente voltou a cabeça com um movimento brusco, afastou a colher e deixou-se cair sobre o travesseiro. Esta palavra não era agora uma metáfora. Raskólnikov tinha um bom travesseiro de penas, com fronha limpa. Ao notar essa circunstância, ficou impressionado.

— É preciso que a Pachenka nos mande ainda hoje o xarope de framboesas para fazermos o refresco para o doente — disse Razoumikhine, voltando ao seu lugar e continuando o jantar interrompido.

— Onde há de ela ir buscar o xarope? — perguntou Nastásia, que bebia o chá pelo pires, pousado na palma da mão.

— Ora, minha amiga, que o mande comprar. Sabes, Raskólnikov, deu-se aqui um facto de que não tens conhecimento. Quando fugiste da minha casa como um larápio, sem me dizeres onde moravas, fiquei tão arreliado que decidi procurar-te para me vingar de ti por forma solene. Nesse mesmo dia procedi a indagações. O que andei e o que perguntei! Tinha-me esquecido do teu endereço pela melhor das razões: porque nunca o soube. Quanto ao teu antigo alojamento, lembrava-me que era nos Cinco-Cantos, na casa Kharlamov. Vou nessa pista e descubro a casa Kharlamov, que afinal não tem esse nome, mas sim é a casa Boukh. Eis aqui como confundimos às vezes os nomes próprios! Estava fulo. Resolvi no dia imediato ir à repartição do registo de moradas, apesar da nenhuma esperança que tinha no bom resultado da tentativa. Pois, meu caro, em dois minutos informaram-me da tua residência. Estás lá inscrito!

— Estou inscrito?

— Estás, mas entretanto não souberam indicar a morada do general Kobelov a alguém que a pedia! Em resumo, logo que aqui cheguei, puseram-me ao facto de quanto te dizia respeito. Sei tudo. A Nastásia te contará isso depois. Travei relações com o Nikodim Fomitch, apresentaram-me o Ilia Petrovitch, o porteiro, o Alexandre Gregorievitch, o Zametov, o chefe da repartição, e por último Pachenka. Esta foi o ramo final, a Nastásia que te diga...

— Enfeitiçaste-a — disse a moça com um sorriso significativo.

— O teu grande mal, meu amigo, foi não saber levá-la desde o princípio. Não devias proceder com ela como procedeste. O caráter dessa mulher é muito extraordinário! Depois falaremos do seu caráter... O que fizeste tu, por exemplo, para que te suspendesse as comedorias? E a letra? Estavas maluco quando assinaste tal documento. E o projeto de casamento quando a filha era viva! Sei tudo! Mas vejo que te estou magoando o sou uma besta; perdoa-me! A propósito de besta, não és de opinião que Prascóvia Pavlovna é menos tola do que poderia supor-se à primeira vista?

— Sim… — balbuciou Raskólnikov, desviando o olhar e não percebendo que lhe era mais conveniente sustentar a conversa.

— Não é verdade? — continuou Razoumikhine. — Também não se pode dizer que seja inteligente. É uma criatura única! O que te afianço é que não a compreendo... Vai fazer quarenta anos, mas diz que tem trinta e seis e pode fazê-lo sem correr risco de passar por mentirosa. De resto, juro-te que não posso avaliá-la se não intelectualmente, porque as nossas relações são as mais singulares que possas imaginar! Não percebo nada. Vamos contudo ao que importa. Viu que tinhas abandonado a Universidade, que não lecionavas e que não tinhas fato; por outro lado, depois da morte da filha, deixou de existir a razão porque eras considerado como pessoa de família. Em tais circunstâncias, teve receio. Pelo teu lado, em vez de manteres com ela as antigas relações, vivias metido no buraco. Aí está porque te quis pôr na rua. Havia muito que pensava nisso. Todavia, como tinhas assinado a letra e lhe asseguravas que tua mãe pagaria...

— Procedi de uma maneira indigna, dizendo isso... Minha mãe vive também quase na miséria. Menti para garantir por mais tempo o alimento e este abrigo — disse Raskólnikov em voz clara e vibrante.

— Sim, tinhas razão procedendo assim. O que deitou tudo a perder foi a intervenção do Tchebarov. Se não fosse ele, a Pachenka não teria ido tão

longe. É demasiado tímida para isso. Porém o Tchebarov não é tímido e foi talvez ele quem pôs as coisas nestes termos: «O homem tem com que pagar? Tem, porque a mãe, embora possua apenas uma pensão de cento e vinte *rublos,* privar-se-ia de comer para salvar o seu Rodia de uma dificuldade, e a irmã, essa seria capaz de se vender por ele como uma escrava». Foi desta ideia que o senhor Tchebarov partiu. Porque te afliges? Compreendo bem o teu pensamento. Fizeste mal em não desabafar no seio da Pachenka, quando ainda via em ti um futuro genro. Ao passo que o homem sensível precisa de desabafar, o homem de negócios concentra-se em proveito próprio. Em resumo, endossou a letra, em pagamento, a esse Tchebarov, que não esteve com cerimónias para te exigir o reembolso. Logo que soube de toda esta história, quis, por descargo de consciência, tratar o Tchebarov a choques elétricos; mas, entretanto, estabeleceram-se magníficas relações entre mim e a Pachenka, e consegui que o processo fosse sustado, responsabilizando-me pela dívida. Percebes, meu amigo? Apresentei-me como teu fiador. O Tchebarov apareceu, rolhámos-lhe a boca com dez *rublos* e ele entregou o papel que tenho a honra de te apresentar. Agora és apenas devedor sobre palavra. Aqui o tens, toma...

— Era a ti que eu não conhecia durante o delírio? — perguntou Raskólnikov após um curto silêncio.

— Era. E até mesmo a minha presença te causou crises, principalmente quando trouxe o Zametov.

— Zametov? O chefe da repartição da polícia? Para que o trouxeste cá?

Proferindo estas palavras, Raskólnikov mudou logo de posição e não desviou o olhar de Razoumikhine.

— Que tens? Porque te assustas? Desejava conhecer-te. Foi ele próprio quem quis vir, porque tínhamos falado muito a teu respeito... Se não fosse ele, como saberia eu tantas coisas? É um excelente rapaz, muito meu amigo e extraordinário... no seu género, já se deixa ver! Agora somos amigos; vemo-nos todos os dias, porque mudei os meus aposentos para este bairro. Ainda não sabias, é verdade! Mudei-me há pouco tempo. Já fui duas vezes com ele à casa da Luísa. Recordas-te da Luísa, da Luísa Ivanovna?

— Disse disparates quando delirava?

— Decerto. Não sabias o que dizias.

— Mas que disse eu?

— Ora, o que pode dizer um homem que não está em seu juízo! Agora é preciso não perdermos tempo. Pensemos no que interessa.

Levantou-se e pegou no chapéu.

— Mas que disse eu?

— Tens muita vontade de o saber? Receias ter revelado algum segredo? Tranquiliza-te. Não disseste uma única palavra acerca da condessa! Falaste muito num relógio, em brincos, em correntes de relógio, na ilha de Krestovsky, num porteiro, em Nikodim Fomitch e no Ilia Petrovitch. Preocupavas-te também muito com uma das tuas botas: «Deem-ma!», dizias, choramingando. O Zametov procurou-a por todos os cantos e trouxe-te esta porcaria, em que não teve nojo de pegar com as suas mãos brancas, perfumadas e cheias de anéis. Então sossegaste e durante vinte e quatro horas conservaste essa imundície entre as mãos. Era impossível arrancar-ta e deve estar ainda debaixo do cobertor. Pedias também as franjas de umas calças e com que lágrimas! Desejava muito saber que valor tinham para ti tais franjas, mas era impossível deduzir qualquer coisa da incoerência das tuas palavras. Falemos porém de coisas mais importantes. Estão aqui trinta e cinco *rublos*. Levo dez e daqui a duas horas dir-te-ei como os empreguei. Passarei por casa de Zozimov. Há muito que devia cá estar. Já passa das onze... Durante a minha ausência, Nastásia, que nada falte ao nosso hóspede e traz-lhe algum refresco. Eu próprio vou fazer algumas recomendações à Pachenka. Até logo.

— Chama-lhe Pachenka! Oh! que mariola! — disse a criada quando ele voltou costas. Em seguida saiu e pôs-se a escutar junto da porta. Não podendo conter-se, desceu a toda a pressa, inquieta por saber o que Razoumikhine dizia à hospedeira. Que Nastásia tinha uma verdadeira admiração pelo estudante, não oferecia dúvida alguma!

Mal ela fechou a porta, o doente afastou a roupa e saltou, como desvairado, da cama. Esperava com a maior impaciência o momento de se encontrar só para se entregar à sua tarefa. Mas a que tarefa! Disso é que já se não lembrava. «Meu Deus! Permiti que saiba apenas uma coisa: já sabem tudo ou ainda o ignoram? Talvez já saibam, no entanto dissimulam por eu estar doente. Então hão de dizer-me que havia muito sabiam tudo... O que hei de fazer? Parece incrível: não me recordo e ainda não há um minuto pensava nisso!»

Estava de pé, no meio do quarto, olhando em volta, perplexo. Aproximou-se da porta, abriu-a e aplicou o ouvido. Não era bem isso. De

repente pareceu voltar-lhe a memória. Correu ao canto, onde o forro estava aluído, introduziu a mão no buraco e apalpou. Mas também não era isso. Abriu o fogão e revolveu a cinza. As franjas e o forro das algibeiras das calças ainda ali estavam, como quando para lá as deitara. Era, pois, evidente, que não tinham ido procurar ao fogão.

Pensou então na bota de que Razoumikhine falara. Realmente estava sobre o sofá e debaixo do cobertor. Depois do crime, contudo, sofrera tantos atritos e enlameara-se tanto que, sem dúvida, Zametov nada teria notado.

«Esta agora! Zametov... A repartição da polícia! Para que me chamam àquela casa? Onde está a citação? Ah! estou a confundir tudo. Foi há dias que me mandaram chamar. Também nessa ocasião examinei a bota, porém agora... Agora estive doente. Para que viria cá o Zametov? Para que o traria cá o Razoumikhine?», balbuciou Raskólnikov, sentando-se desfalecido no sofá. «O que será isto? Ainda estarei delirando ou as coisas são como as vejo? Parece-me que não estou a sonhar... Ah! lembro-me agora: é necessário partir, e quanto antes. É absolutamente necessário. Sim... mas partir para onde? E onde está o fato? Não tenho botas! Eles levaram tudo, esconderam tudo! Compreendo! Ah! cá está o casaco! É que não o viram! Dinheiro em cima da mesa, graças ao Senhor! A letra também cá está... Meto o dinheiro na algibeira e escapulo-me, vou alugar outro quarto e não me tornam a encontrar! Sim, mas a repartição das moradas? Vão logo dar comigo! O Razoumikhine descobre-me, com certeza. É melhor emigrar, ir para a América. Lá não me importo com eles! É necessário levar também a letra, pois pode servir-me. E que mais hei de levar? Julgam-me doente, pensam que não estou em estado de dar um passo, eh! eh! Li-lhes nos olhos que sabem tudo! Basta descer a escada. E se a casa está cercada? Se fosse encontrar lá em baixo a polícia? Que é aquilo? Chá?! e também cerveja?! Como isto me vai consolar!»

Pegou na garrafa, que conteria tanto como um copo grande, e bebeu-a sem interrupção, com verdadeiro prazer, porque tinha o peito a arder. Ainda não passara um minuto e já a cerveja lhe causava tonturas e sentia que um ligeiro arrepio lhe percorria as costas. Deitou-se e cobriu-se com o cobertor. As suas ideias, incoerentes, começaram a confundir-se cada vez mais. Pouco depois cerravam-se-lhe as pálpebras. Pousou com voluptuosidade a cabeça no travesseiro, embrulhou-se mais na macia

coberta que substituirá o esfrangalhado capote e adormeceu num sono profundo.

O ruído de passos acordou-o. Era Razoumikhine que acabava de abrir a porta, mas hesitava em entrar, conservando-se de pé no limiar. Raskólnikov ergueu-se de um salto e olhou para o amigo, como se procurasse recordar-se de alguma coisa.

— Como estás acordado, entro! Nastásia, traz para aqui o embrulho — ordenou Razoumikhine à criada, que estava em baixo. — Tenho de te prestar contas...

— Que horas são? — perguntou o doente, lançando em volta de si um olhar espantado.

— Dormiste como uma criança, meu amigo. O dia vai declinando, são quase seis horas. Dormiste mais de seis horas.

— Meu Deus! Como pude dormir tanto!

— Ora essa! Isso até te faz bem! Tinhas algum negócio urgente? Talvez alguma entrevista amorosa! Agora temos o tempo livre. Há três horas que estou esperando que despertes. Já aqui tinha vindo duas vezes e sempre te encontrei a dormir. Também fui duas vezes a casa de Zozimov. Não o encontrei, mas deve vir com certeza. Tinha ainda de tratar de umas coisas minhas, pois tive de mudar hoje de domicílio. Mudei tudo, incluindo o meu tio... Não sei se sabes que meu tio vive agora comigo... Mas basta de parola. Vamos ao que importa. Traz para aqui o embrulho, Nastásia. Como te sentes agora, meu velho?

— Bem, já não estou doente... Há muito tempo que estás aqui, Razoumikhine?

— Acabo de te dizer que estive três horas à espera que acordasses.

— Não é isso. Antes…

— Antes?

— Desde quando tens vindo aqui?

— Ainda agora to disse! Não te lembras?

Raskólnikov concentrou-se nas suas ideias. Os incidentes do dia apareciam-lhe como que em sonho. Foram infrutíferos os esforços da sua memória. Com o olhar interrogava Razoumikhine.

— Hum! — disse este. — Com que então não te lembras! Já tinha percebido que não estavas ainda no teu estado normal... Este sono fez-te bem. Realmente estás com muito melhor aparência. Não te preocupes agora com essas coisas. Logo te lembrarás. Olha para isto, meu caro.

Desatou o embrulho que era objeto de todas as suas preocupações.

— Tinha um empenho especial nisto. É que é necessário fazer de ti um janota. Vamos a isto. Comecemos por cima. Vês esta boina? — disse ele, tirando do embrulho uma boina ordinária, mas ainda toda jeitosa. — Dás-me licença que a experimente?

— Não, agora não, depois — disse Raskólnikov, afastando o amigo com um gesto de impaciência.

— Nada, há de ser já. Deixa-me ver como te fica. Logo seria tarde, e depois não dormiria a pensar no caso, porque comprei por cálculo, visto não ter a medida da tua cabeça. Serve-te muito bem! — exclamou triunfante, depois de ter posto a boina na cabeça do amigo. — Parece que foi feita de encomenda! Calcula por quanto a comprei. Nastásia — disse ele à criada, vendo que o amigo se conservava calado.

— Duas *grivnas,* talvez — respondeu Nastásia.

— Duas *grivnas?* Perdeste o juízo! — exclamou Razoumikhine desconsolado. — Oito *grivnas* e foi por já ter sido usada! Vejamos agora as calças. Declaro-te que estou contentíssimo com elas.

E estendeu em frente de Raskólnikov umas calças cinzentas, de um tecido leve de verão.

— Nem o mais pequenino buraco, nem uma nódoa e em excelente uso, apesar de serem em segunda mão. O colete é da mesma cor, como a moda exige. Também, se tudo isto não é novo, a dizer a verdade, nem por isso é pior. O fato, com o uso, adquire mais elasticidade, torna-se mais flexível. Sabes, na minha opinião, o meio de irmos para diante neste mundo é vestirmo-nos conforme a estação. As pessoas de distinção não comem espargos em janeiro: foi esse princípio que me guiou ao fazer estas compras. Estamos no verão? Comprei fato de verão! Quando chegar o outono hás de precisar de fato mais quente e então porás este de parte. Tanto mais que até ao outono tem tempo de se estragar. Vê lá, calcula quanto isto custou! Quanto julgas tu? Dois *rublos* e vinte e cinco *kopecks*! Agora vejamos as botas... Que te parece? Vê-se que foram usadas, mas hão de prestar ainda excelente serviço durante dois meses. Isto não é obra de cá. Eram de um secretário da embaixada inglesa, que as vendeu a semana passada. Usou-as apenas dois dias e vendeu-as porque estava muito precisado de dinheiro... Custaram um *rublo* e cinquenta *kopecks*. Uma pechincha!

— Talvez lhe não sirvam! — observou Nastásia.

— Não servem! Ora essa! E para que serviu... isto? — replicou Razoumikhine, tirando da algibeira uma bota velha de Raskólnikov, esburacada e imundíssima. — Tinha-me prevenido. A medida foi tirada por esta delícia. Procedeu-se em tudo com o maior cuidado. Por causa da roupa branca é que sustentei uma verdadeira luta com a adeleira. E por último, aqui tens três camisas com peitilhos da moda. Agora vamos a contas: boina, oito *grivnas;* calças e colete, dois *rublos* e vinte e cinco *kopecks;* botas, um *rublo* e cinquenta *kopecks;* roupa branca, cinco *rublos;* total, nove *rublos* e cinquenta *kopecks.* Tenho, portanto, a entregar-te quarenta e cinco *kopecks.* Aqui os tens, guarda-os. Por uma bagatela transformaste-te num janota, porque me parece que o casaco não só pode servir-te, como até mesmo é elegante. Vê-se que foi feito no Charmal! Com relação a meias e a outras miudezas, não pensei nisso. Depois as comprarás. Temos ainda vinte e cinco *rublos.* Não te preocupes com a Pachenka nem com o aluguer do quarto. Já te disse que tens crédito ilimitado... Agora, meu amigo, vamos mudar essa roupa. A camisa cheira a febre.

— Deixa-me, não quero! — resmungou Raskólnikov, afastando-o.

Durante a alegre exposição de Razoumikhine, conservara um ar taciturno.

— Tem paciência, meu caro, vamos lá. Então para que andei a romper solas? — insistiu Razoumikhine. — Nastásia, não te faças tola e vem ajudar-me. Assim mesmo!

E a despeito da resistência oposta por Raskólnikov, conseguiram mudar-lhe a roupa.

O doente caiu sobre o travesseiro e durante dois minutos não proferiu palavra. «Quando me deixarão em paz?», pensava ele.

— Com que dinheiro foi tudo isto comprado? — perguntou alto, voltando-se para a parede.

— A pergunta não é má! Com o teu dinheiro. Tua mãe mandou-te, por intermédio de Vakrouchine, trinta e cinco *rublos,* que há pouco recebeste. Já te não lembras?

— Lembro-me agora... — disse Raskólnikov depois de ter estado durante algum tempo pensativo e triste.

Razoumikhine, com o sobrolho franzido, contemplava-o com inquietação.

Abriram a porta e um homem de estatura elevada entrou no quarto. As suas maneiras indicavam que não era visita íntima de Raskólnikov,

— Zozimov! Até que enfim! — exclamou Razoumikhine com alegria.

Capítulo 4

O recém-chegado teria vinte e sete anos, era alto, reforçado, rosto cheio, pálido e barbeado com esmero. Os cabelos, de um louro quase branco, trazia-os penteados ao alto, arrepiados como os pelos de uma escova. Usava lunetas e no indicador da sua grande mão brilhava um grosso anel de ouro. Percebia-se que gostava de andar à vontade, conquanto o fato não deixasse de ter um talhe elegante. Vestia um largo casaco de verão e calças claras. A camisa era irrepreensível e sobre o colete brilhava uma pesada cadeia de ouro. Havia nas suas maneiras o que quer que fosse de moroso e fleumático, por mais que se esforçasse por aparentar o contrário. De resto, via-se logo que era um pretensioso. Todas as pessoas das suas relações o achavam insuportável, mas tinham-no na conta de um excelente médico.

— Fui duas vezes procurar-te a casa, meu amigo... Sabes, o doente já voltou a si! — exclamou Razoumikhine.

— Bem vejo... Então como se sente hoje? — perguntou Zozimov a Raskólnikov, observando-o com atenção enquanto se instalava no extremo do sofá, junto dos pés do enfermo, tentando arranjar ali lugar suficiente para a sua alentada pessoa.

— Ainda está hipocondríaco — continuou Razoumikhine. — Há pouco, quando lhe mudámos a roupa, quase desatou a chorar.

— Compreende-se; podias ter feito isso mais tarde, sem o contrariar... O pulso está magnífico. A cabeça ainda dói, não é verdade?

— Estou bem, sinto-me perfeitamente! — informou Raskólnikov, irritado, ao mesmo tempo que se ergueu de chofre no sofá. Os olhos pareciam despedir faíscas. Porém, um momento depois, caiu de novo sobre o travesseiro e voltou-se para a parede.

Zozimov observava-o com atenção.

— Bem, não há nada de extraordinário. Tem comido alguma coisa?

Disseram-lhe o que o doente tinha comido e perguntaram o que podiam dar-lhe.

— Qualquer coisa... Caldo, chá... É evidente que os cogumelos e os pepinos estão proibidos. Não deve também comer carne nem... Mas estou aqui a perder tempo sem necessidade. — Trocou um olhar com Razoumikhine. — Nada de medicamentos e amanhã volto cá. Podiam já hoje... Não faz mal, é o mesmo...

— Amanhã à tarde há de ir passear! — acrescentou Razoumikhine. — Iremos ambos ao Jardim Ioussoupov e depois ao Palácio de Cristal.

— Amanhã talvez seja muito cedo, no entanto um pequeno giro... Enfim, veremos.

— O que me custa é ter de inaugurar hoje mesmo a minha nova casa, aqui mesmo ao lado. Queria que fosse dos nossos, ainda que tivesse de estar deitado no sofá! Tu vais? — perguntou Razoumikhine a Zozimov. — Prometeste... Não faltes.

— Não falto, porém só irei mais tarde. Há baile?

— Qual baile! Há chá, aguardente, arenques e um pastelão. É uma despretensiosa reunião de amigos.

— Quem são os convidados?

— Companheiros e um tio velho que veio tratar dos seus negócios a S. Petersburgo. Está cá desde ontem e vemo-nos de cinco em cinco anos.

— E que faz ele?

— Tem vegetado toda a vida num distrito onde foi diretor do correio. Recebe uma pequena pensão e tem sessenta e cinco anos. Sou-lhe afeiçoado. Espero também o Porfírio Petrovitch, o juiz de instrução, um jurisconsulto... Mas, agora me lembro, esse conheces tu, não?

— Também é teu parente?

— É, porém muito afastado. Porque franzes o sobrolho? Lá porque um dia tiveste uma questão julgas que não deves ir?

— Oh! Quero lá saber dele!

— Fazes bem. Enfim, aparecerão lá estudantes, um professor, um empregado, um músico, um oficial, o Zametov...

— Diz-me lá, o que tens tu e... — com um aceno de cabeça, Zozimov indicou Raskólnikov — de comum com Zametov?

— Na verdade, entre mim e Zametov alguma coisa há de comum: empreendemos um negócio de sociedade.

— Sempre desejava saber o que é o tal negócio.

— É ainda aquele caso do pintor. Empregámos as nossas diligências para o pôr em liberdade. Agora as coisas tomaram um caminho mais

favorável. O caso já não oferece dúvidas. A nossa intervenção serviu para precipitar o desenlace.

— A que pintor te referes?

— Ainda te não falei nisso? Ah! agora me lembro que só te contei o princípio da história... É aquela do assassinato da velha usurária. Prenderam o pintor como autor do crime.

— Sim! sim! Já antes de me falares nisso tinha ouvido qualquer coisa a tal respeito e o caso chegou a interessar-me... Tenho lido o que os jornais têm dito. Ah! é verdade...

— Também mataram a Isabel! — exclamou, dirigindo-se a Raskólnikov e a Nastásia, que não saíra do quarto e se conservara de pé, junto à porta, ouvindo o que se dizia.

— A Isabel! — balbuciou o doente com voz débil.

— Sim, a Isabel, a adeleira, não a conhecias? Vinha cá a casa. Até te fez uma camisa — disse Nastásia.

Raskólnikov voltou-se para a parede e ficou-se a fitar muito uma das pequenas flores estampadas no papel que forrava o quarto. Sentia os membros presos. Contudo não tentava mover-se e o olhar conservava-se fixo na flor.

— Havia alguns indícios contra esse pintor? — perguntou Zozimov, atalhando com evidente impaciência a loquacidade de Nastásia, que emudeceu, soltando um fundo suspiro.

— Sim, mas indícios que nada valem, e é isso mesmo que nós havemos de demonstrar. A polícia seguiu nesta questão um caminho errado, principiando pela asneira de suspeitar e deter Koch e Pestriskov! Por mais alheio que se seja à questão, causa revolta o ver uma investigação tão mal encaminhada! O Pestriskov talvez vá esta noite a minha casa. A propósito, Raskólnikov, conheces o caso? Ocorreu antes da tua doença, mesmo na véspera do dia em que desmaiaste no comissariado, quando falavam nisso...

Zozimov olhou para Raskólnikov com curiosidade. Este porém não se mexeu.

— Preciso não te perder de vista. Entusiasmas-te de mais por coisas que não te dizem respeito — observou o médico.

— Pode ser, mas não faz mal. Havemos de arrancar esse desgraçado às garras da justiça! — exclamou Razoumikhine, dando um murro na mesa. — O que mais me irrita não é a inépcia dessa gente, pois todos podem

enganar-se. O erro é tão desculpável quanto é certo que por ele se chega muitas vezes a descobrir a verdade. O que me desespera é que, apesar de caírem em erro, continuam a julgar-se infalíveis. Simpatizo com o Porfírio, todavia... Vê lá o que a princípio os desnorteou! A porta estava fechada, porém quando o Koch e o Pestriskov chegaram com o porteiro, encontraram-na aberta: logo, Koch e Pestriskov são os assassinos! Aqui tens a lógica dessa gente!

— Não te exaltes! Prenderam-nos e não podiam nem deviam deixar de o fazer. E a propósito desse tal Koch, que já tive ocasião de encontrar, parece que mantinha negócios com a velha, comprando-lhe os objetos que não eram desempenhados no prazo competente.

— Sim, ele é um espertalhão de marca! Também negoceia em letras. A sua desdita não me comove. O que me irrita bastante são as praxes arcaicas e estúpidas que eles seguem religiosamente. Parece que já é tempo de adotarem processos novos, de darem uma vassourada na rotina. Só indícios de caráter psicológico podem conduzir à verdadeira pista. «Temos factos!», dizem eles. No entanto os factos não bastam. Para o bom êxito de uma investigação criminal, o essencial é a maneira de os interpretar.

— E tu sabes interpretar os factos?

— Oh! meu caro amigo, não quero dizer-te que sei interpretar os factos! O que te digo é que é impossível a gente calar-se quando se sente, quando se tem a convicção absoluta de que se poderia ajudar a fazer luz se... Conheces os pormenores?

— Falaste-me num pintor de casas, contudo não conheço a história.

— Então escuta. Dois dias depois de praticado o crime, ao passo que a polícia prosseguia nas suas investigações em relação ao Koch e ao Pestriskov, surgia pela manhã o mais imprevisto dos acidentes. Um tal Douchkine, que tem uma taberna em frente da casa onde foi perpetrado o crime, foi entregar ao comissário da polícia um estojo com um par de brincos de ouro e contou-lhe a seguinte história: «Anteontem, pouco antes das oito horas» (repara nesta coincidência!), «um pintor chamado Mikolaï, que frequenta o meu estabelecimento, pediu-me que lhe emprestasse dois *rublos* sobre os brincos. Quando lhe perguntei onde os arranjara, respondeu que os achara na rua. Não lhe fiz mais perguntas» (é ainda o Douchkine quem fala) «e dei-lhe um *rublo,* porque disse comigo: se não ficar com isto, apresentar-se-á outro como seu dono e tudo perderei; por

outro lado, se houver reclamação, se vier a saber que os brincos foram roubados, irei entregá-los à polícia». É claro que o nosso amigo mentia com todo o descaro. Conheço-o: é um recetador. Quando apanhou os brincos, que valiam trinta *rublos,* não lhe passou pela mente entregá-los à polícia. Se o fez foi sob a influência do medo. Porém a história de mestre Douchkine não ficou por aqui, e assim disse: «Conheço desde pequeno o tal Mikolaï Demeutiev, pois somos ambos da província de Razan, distrito da Zaraisk. Sem ser o que se chama um bêbedo, às vezes toma a sua pinga a mais. Sabia que andava a trabalhar naquela casa com o Mitrei, que também é nosso patrício. Logo que recebeu o *rublo,* bebeu dois copos de vinho, trocou a moeda para pagar e foi-se com o troco. O Mitrei não o acompanhava. No dia seguinte ouvi dizer que tinham assassinado com um machado Alena Ivanovna e a irmã, Isabel, que conhecia muito bem. Então tive suspeitas acerca dos brincos, porque sabia que a velha emprestava dinheiro sobre joias. Com o fim de esclarecer essas suspeitas, fui à casa da velha e perguntei pelo Mikolaï. O Mitrei informou-me de que andava a gozar. Tinha voltado a casa de madrugada, bêbedo, e dez minutos depois saíra. Desde então o Mitrei não o tornara a ver e estava terminando, sozinho, o trabalho. A escada de serviço da casa das vítimas conduz também ao compartimento onde os dois operários trabalhavam, o qual fica no segundo andar. Depois de saber tudo isto, não disse coisa alguma a ninguém. Tratei de obter o maior número de informações que pude sobre as circunstâncias do crime e voltei para casa, sempre preocupado com as mesmas suspeitas. Numa das manhãs seguintes, às oito horas, quer dizer, dois dias depois do crime, o Mikolaï entrou na minha loja. Percebia-se que tinha bebido, mas não estava muito embriagado e entendia bem o que se lhe dizia. Sentou-se. Quando entrou, estava lá só um freguês que dormia estirado num banco e os meus dois caixeiros. 'Viste o Mitrei?', perguntei-lhe. 'Não', disse ele, 'não o vi.' 'Não trabalhaste hoje ali?' 'Desde anteontem que não', respondeu. 'E onde dormiste esta noite?' 'No Areal, em casa de Kolomensky.' 'E onde foste arranjar os brincos que me trouxeste outro dia?' 'Achei-os na rua', disse ele com um ar singular, evitando olhar para mim. 'Não ouviste dizer que nessa tarde, à mesma hora, se passou alguma coisa de extraordinário no prédio em que trabalhavas?' 'Não, não sei de coisa nenhuma.' Então contei-lhe o que se passara e ele ouviu-me com os olhos esgazeados. De repente fez-se branco como a cal, pegou no boné e levantou-se. Ia agarrá-lo: 'Espera aí,

Mikolaï', disse-lhe, 'não bebes um copo de vinho?' Ao mesmo tempo fiz sinal ao caixeiro para se ir pôr à porta e saí para fora do balcão. Porém, percebendo a minha intenção, deitou a correr e um momento depois desaparecia na primeira esquina. Desde esse momento não tenho dúvidas sobre a sua culpabilidade».

— Também me parece... — concordou Zozimov.

— Mas espera, ouve o resto! Naturalmente a polícia procurou o Mikolaï. O Douchkine e o Mitrei ficaram detidos. Procedeu-se a uma busca em casa dos dois e na dos Kolomensky e só anteontem é que o Mikolaï foi preso, numa hospedaria dos subúrbios, em circunstâncias muito extraordinárias. Quando chegou à hospedaria, entregou uma cruz de prata ao dono da locanda e pediu um copo de aguardente. Momentos depois uma mulher do campo ia mungir as vacas e como olhasse, por acaso, através de uma fenda do tabique para um curral ao lado, viu o infeliz preparando-se para se enforcar. A mulher gritou e acudiu gente. «Então é nisto que gastas o tempo?» «Levem-me a uma esquadra policial que confesso tudo». Fizeram-lhe a vontade e levaram-no à esquadra mais próxima, que era a do nosso bairro. Procedeu-se ao costumado interrogatório. «Quem és tu? Que idade tens?» «Vinte e dois anos, etc...» Pergunta: «Enquanto trabalhavas com o Mitrei, não viste ninguém na escada, entre as oito e as nove horas?» Resposta: «Pode ser que passasse alguém, porém não demos por isso». «E não ouviste ruídos?» «Nada ouvimos de extraordinário». «E não sabias que nesse dia, à tardinha, mataram a Alena e a irmã?» «Ignorava. Só anteontem é que o soube, na taberna. Disse-mo Afanase Paolitch». «E onde foste arranjar os brincos?» «Achei-os na rua». «Porque não foste no dia imediato trabalhar com o Mitrei?» «Porque andei na pândega». «E onde foi a pândega?» «Em sítios diversos». «Porque razão fugiste de casa de Douchkine?» «Porque tive medo». «De que tinhas medo?» «De ser preso e processado.» «Como podias ter esse receio se estavas inocente?» Pois, Zozimov, quer acredites quer não, o interrogatório foi feito como te digo. Sei-o de com toda a certeza, porque conheço o questionário em todas as suas minúcias. E agora, que te parece?

— Mas aí há provas.

— Quais, não farás favor de me dizer? Porém não é disso que se trata. Trata-se de um interrogatório, da maneira como a polícia aprecia e julga a natureza humana! Enfim, adiante. Apertaram tanto o desgraçado que este

acabou por confessar! «Não foi na rua que achei os brincos. Foi no quarto onde trabalhava com o Mitrei». «Como foi que os achaste?» «O Mitrei e eu tínhamos estado a pintar todo o dia. Eram oito horas e preparávamo-nos para sair quando o Mitrei pegou num pincel, besuntou-me a cara e fugiu. Corri atrás dele. Desci os degraus a quatro e quatro, gritando como um doido. No momento porém em que chegava ao fundo da escada, correndo desenfreadamente, esbarrei com o porteiro e dois sujeitos que estavam com ele. Não me lembro quantos eram. Então o porteiro insultou-me, bem como um dos dois sujeitos. A mulher do primeiro andar apareceu e fez coro com eles. Por último, um outro sujeito, que ia entrando com uma senhora, descompôs-nos também ao Mitrei e a mim, porque estávamos à porta, impedindo a passagem. Tinha-o agarrado pelos cabelos, deitara-o ao chão e esmurrava-o. Ele agarrava-me também pelo cabelo e dava-me quantas podia, apesar de estar por baixo. Fazíamos isto tudo em ar de brincadeira. Às tantas o Mitrei soltou-se e deitou a fugir. Corri atrás dele, porém não o alcancei e voltei ao quarto, porque precisava de pôr em ordem as minhas coisas. Enquanto as arrumava, esperava que o Mitrei voltasse. Nessa ocasião, na sala de entrada, mesmo no canto, pus o pé sobre uma coisa. Olhei e vi um objeto embrulhado num papel. Desdobrei o embrulho e encontrei uma caixinha com uns brincos...»

— Atrás da porta? Estava atrás da porta? Atrás da porta? — exclamou de repente Raskólnikov, olhando com terror para Razoumikhine e diligenciando erguer-se no sofá.

— Estava... E então? Mas que tens tu? Porque te afliges assim? — disse Razoumikhine, erguendo-se também.

— Não é nada! — respondeu com voz débil Raskólnikov, que deixou cair a cabeça no travesseiro e se voltou de novo para a parede.

Todos ficaram, por momentos, calados.

— Se calhar estava meio adormecido ou a sonhar — disse Razoumikhine, interrogando Zozimov com o olhar.

Este acenou negativamente com a cabeça.

— Continua — disse o médico. — E depois?

— Sabes o resto. Logo que se viu de posse dos brincos, não pensou mais no trabalho nem no Mitrei. Pôs o boné e foi logo à loja do Douchkine. Como já disse, recebeu um *rublo* do taberneiro e enganou-o dizendo-lhe que achara o estojo na rua. Depois foi para a pândega. Com respeito ao crime, as suas declarações não variam: «Não sei de nada. Só

tive conhecimento do assassinato dois dias depois». «Mas porque motivo desapareceste todo esse tempo?» «Porque não me atrevia a aparecer». «E porque querias enforcar-te?» «Porque tive medo». «Medo de quê?» «De ser perseguido». Aí tens a história. Agora que conclusão julgas que a polícia tirou de tudo isto?

— Eu sei. Existe de facto uma presunção talvez discutível, mas que nem por isso deixa de ser valiosa. Querias que pusessem o homem em liberdade?

— Mas é que eles atribuem-lhe o assassinato. A tal respeito não têm a menor dúvida.

— Vamos, não te exaltes. Lembra-te dos brincos. No mesmo dia, pouco depois de praticado o crime, uns brincos que estavam no cofre da vítima foram vistos em poder do homem. hás de concordar que a primeira coisa que há a fazer neste caso é indagar como se achava de posse deles. É um caso que o juiz instrutor não pode deixar de apurar.

— Como se achava de posse deles?! — exclamou Razoumikhine. — A tua obrigação, meu caro doutor, é conhecer primeiro o homem. Tens, mais do que qualquer outro, ocasião de estudar a natureza humana. Pois bem! Será possível que, com todos esses elementos não percebas qual seja o espírito deste Mikolaï? Não vês, *a priori,* que todas as suas declarações, durante o interrogatório, são a verdade nua e crua? Obteve os brincos tal como conta. Pôs o pé sobre o estojo e apanhou-o...

— A verdade nua e crua! Mas ele próprio reconheceu que mentira da primeira vez.

— Ora ouve-me com atenção: os dois porteiros, o Koch e o Pestriakov, a mulher do primeiro andar, a tendeira que estava então no cubículo do porteiro e o conselheiro Krukov, que nesse mesmo momento descia da carruagem e entrava no pátio do prédio, dando o braço a uma senhora, toda esta gente, ou seja oito testemunhas, declaram unanimemente que o Mikolaï deitou ao chão o Mitrei, segurando-o pelos cabelos e que o outro lhe fazia o mesmo. Os dois estavam atravessados na porta e intercetavam a passagem. Todos os insultam e eles, «como duas crianças» (palavras das testemunhas) gritam, descompõem-se, riem e correm um atrás do outro até à rua. Estás entendendo? Agora atende à circunstância de que entretanto estão no quarto andar dois cadáveres ainda quentes. Nota que estavam ainda quentes quando deram com eles. Se o crime foi perpetrado pelos dois pintores, ou só pelo Mikolaï, permite-me que te faça uma pergunta:

será de admitir tanta despreocupação, tanta presença de espírito, em indivíduos que acabam de cometer dois assassinatos seguidos de roubo? Não haverá incompatibilidade entre esses gritos, essas gargalhadas, essa luta de crianças e a disposição moral em que devem achar-se os assassinos? Então cinco ou dez minutos depois de terem assassinado (porque, insisto, encontraram os cadáveres ainda quentes) saem, deixando aberta a porta do quarto onde ficam estendidos os corpos das suas vítimas e, sabendo que alguém sobe para casa da velha, entretêm-se a foliar à porta da rua, tapam a passagem, riem, atraindo a atenção de toda a gente, como todas as testemunhas dizem?

— É de facto extraordinário. Parece impossível, mas...

— Não há *mas* nem meio *mas,* meu caro. Reconheço que os brincos vistos nas mãos de Mikolaï, pouco depois do crime, constituem contra ele uma suspeita grave. Porém o facto é explicado satisfatoriamente pelas declarações do acusado, se bem que essas declarações estejam sujeitas a discussão. Além disso, há ainda que considerar os factos justificativos, tanto mais que esses estão «fora da discussão». No entanto, e dado o espírito da nossa jurisprudência, os nossos magistrados são incapazes de admitir que um facto justificativo, assente sobre uma mera impossibilidade psicológica, possa lançar por terra indícios materiais, qualquer que seja a sua natureza. Não, nunca o hão de admitir pela simples razão de terem encontrado o estojo e por o homem ter tentado enforcar-se, «o que não faria, se não se reconhecesse culpado!» Esta é a questão máxima e é por isso que me irrito, compreendes?

— Sim, bem vejo que te exaltas. Todavia, ouve lá: esquecia-me de te fazer uma pergunta. Qual a prova de que o estojo que encerrava os brincos foi roubado de casa da velha?

— Isso está bem provado — exclamou Razoumikhine, nervoso. — O Koch reconheceu o objeto e indicou a pessoa que lá o foi empenhar, a qual por seu turno deu provas de que o estojo lhe pertencia.

— Tanto pior. Uma última pergunta. Não haverá quem visse o Mikolaï, enquanto o Koch e o Pestriakov subiam ao quarto andar, e não se poderia assim estabelecer o alibi*?*

— Não, ninguém o viu — disse já irritado Razoumikhine —, e isso é de facto deplorável! O próprio Koch e o Pestriakov não viram os pintores quando subiram a escada: também, agora, o seu testemunho não teria grande valor. «Reparámos», dizem eles, «que o compartimento estava

aberto e calculámos que talvez lá estivessem trabalhando, porém passámos sem dar atenção e não nos recordamos se ao tempo lá estavam ou não operários».

— Hum! Então a justificação do Mikolaï baseia-se apenas nas gargalhadas e no pugilato com o camarada. Sim, será uma excelente presunção a favor da sua inocência, no entanto... Permite-me que te pergunte qual o juízo que formas sobre o caso: admitindo como verdadeira a versão do acusado, como explicas o achado dos brincos?

— Como o explico? Que tem isso que explicar? O caso é claro. Pelo menos o caminho está nitidamente traçado à instrução e indicado, sem admitir dúvidas, pelo estojo. O verdadeiro culpado deixou cair os brincos. Estava em cima quando o Koch e o Pestriakov bateram à porta. Tinha-se fechado por dentro. O Koch caiu na asneira de descer. Então o assassino desceu também, porque não tinha outro meio de escapar. Na escada evitou ser visto pelo Koch, pelo Pestriakov e pelos porteiros refugiando-se no compartimento do segundo andar, no momento em que os operários acabavam de o abandonar. Escondeu-se atrás da porta enquanto todos subiam para casa da velha. Esperou que entrassem e desceu sem pressa a escada na altura em que os pintores chegavam à rua. Como cada um seguiu seu rumo, não encontrou ninguém. Pode ser mesmo que o vissem, mas ninguém reparou nele. Quem está a reparar em todas as pessoas que entram ou saem de um prédio? Quanto ao estojo, deixou-o cair da algibeira enquanto esteve escondido atrás da porta, e não deu por isso porque havia outras coisas que o preocupavam. O estojo demonstra, portanto, sem dúvidas, que o assassino se escondeu no compartimento do segundo andar, onde não estava ninguém. E assim está explicado o mistério.

— É engenhoso, meu caro, e faz honra à tua imaginação. É mesmo muito engenhoso!

— Porquê?

— Porque todos os pormenores estão bem combinados, porque todas as circunstâncias são naturais... Tal qual como no teatro!

Razoumikhine ia protestar quando abriram a porta e os três viram aparecer um sujeito que nenhum deles conhecia.

Capítulo 5

Era um homem de meia idade, com certo ar de pedantismo e de fisionomia parada e severa. Hesitou primeiro um momento, lançando os olhos em volta, com um espanto que não dissimulou e que por isso mesmo era menos indulgente. «Onde vim parar!», parecia dizer a si próprio. Não era sem desconfiança, mas até com afetado receio, que examinava o cubículo onde se encontrava. O seu olhar manifestou o mesmo espanto quando encontrou Raskólnikov, que estava deitado no execrável sofá em atitude pouco correta. Este não fez um único movimento; apenas olhou também com impertinente curiosidade para o desconhecido, o qual, mantendo sempre o seu porte altivo, observava agora a barba crescida e a cabeleira desgrenhada de Razoumikhine. Durante um minuto reinou um estranho silêncio entre todos. Tendo talvez compreendido que a ninguém causava impressão a sua atitude empertigada, o homenzinho dirigiu-se cortesmente a Zozimov.

— Rodion Romanovitch Raskólnikov, estudante ou ex-estudante? — perguntou, pronunciando bem cada sílaba.

Zozimov levantou-se e ia talvez responder quando Razoumikhine se apressou a informar.

— É a pessoa que está deitada naquele sofá. Porém o cavalheiro que deseja?

A maneira expedita como a resposta foi dada desconsertou o grave personagem. Ia dirigir-se a Razoumikhine, mas, reconsiderando talvez, voltou-se para Zozimov.

— Ali está o Raskólnikov! — disse com enfado o médico, indicando o doente com um ligeiro movimento de cabeça. E, bocejando sem cerimónia, tirou da algibeira um grande relógio de ouro, que consultou e tornou a guardar.

Raskólnikov, deitado de costas, não dizia uma única palavra, e posto os olhos se lhe não desviassem do recém-chegado, percebia-se que o pensamento estava longe dali. Desde que deixara de fitar a flor, o seu rosto, muito pálido, denunciava um grande sofrimento. Parecia que

acabara de sofrer uma operação melindrosa ou fora submetido a um suplício. Porém, pouco a pouco, a presença do desconhecido despertou nele um interesse crescente: ao princípio foi surpresa, depois curiosidade e, por fim, como que receio. Quando o médico disse: «Ali está o Raskólnikov!», ergueu-se de repente, sentou-se no sofá, e com voz débil que não deixava de trair um tom de provocação, disse:

— Sim, senhor, sou o Raskólnikov. Que deseja?

O desconhecido olhou para ele com atenção e respondeu com grande altivez:

— Pedro Petrovitch Loujine. Creio que o meu nome não lhe é desconhecido.

Raskólnikov, que estava longe de esperar aquela visita, limitou-se a olhar em silêncio para Loujine, com um ar de espanto, como se pela primeira vez ouvisse tal nome.

— Será possível que nunca tivesse ouvido falar em mim? — perguntou o noivo de Dounia.

Raskólnikov deixou-se cair vagarosamente sobre o travesseiro, cruzou os braços debaixo da cabeça e fitou o teto. Foi a sua resposta. Na fisionomia de Pedro Petrovitch lia-se o descontentamento provocado por tal irreverência. Zozimov e Razoumikhine observavam o recém-chegado com curiosidade, o que acabou por lhe desconsertar a famosa atitude.

— Estava persuadido de que uma carta deitada há dez, ou talvez mesmo quinze dias...

— Mas para que há de o senhor ficar aí? — interrompeu Razoumikhine. — Se tem qualquer coisa a dizer, queira sentar-se, porque a Nastásia e o senhor não cabem ambos aí no vão da porta, que é estreita. Nastásia, afasta-te, deixa passar esse senhor! Ora faça favor, aqui tem uma cadeira. Veja se pode passar.

Afastou a cadeira da mesa, deixando um pequeno espaço livre entre esta e os seus joelhos, e esperou, numa posição incómoda, que o visitante fizesse a travessia dessa estreita passagem.

Era impossível recusar. Pedro Petrovitch chegou, não sem bastante custo, até à cadeira e, depois de se sentar, olhou com desconfiança para Razoumikhine.

— Não faça cerimónia — disse o estudante com arrogância. — O Rodion está doente há cinco dias, em três dos quais delirou; no entanto agora recuperou os sentidos e até já come com apetite. Este senhor é o

médico. Eu sou condiscípulo do Rodion e sirvo-lhe de enfermeiro. Não se importe, pois, connosco e queira continuar a conversa como se não estivéssemos aqui.

— Muito obrigado. Mas a conversa não fatigará o doente? — perguntou Pedro Petrovitch, dirigindo-se a Zozimov.

— Não senhor, é mesmo uma distração para ele — respondeu o médico em tom de indiferença, bocejando outra vez.

— Há muito que recuperou o uso das suas faculdades. Foi esta manhã! — informou Razoumikhine, cuja sem cerimónia respirava uma bonomia tão sincera que Pedro Petrovitch começou a sentir-se mais à vontade. Depois, esse homem indelicado e malvestido era um estudante.

— Sua mãe...

— Hum! — resmungou Razoumikhine.

Loujine ergueu para ele os olhos, admirado.

— Não faça caso, é um tique. Queira continuar...

— Sua mãe começara uma carta para si, antes da minha partida. Quando aqui cheguei, demorei a minha visita alguns dias, para ter a certeza, ao vir aqui, de que o senhor já sabia tudo. Todavia vejo com espanto...

— Eu sei, eu sei! — atalhou Raskólnikov, um tanto irritado. — O senhor é o noivo, já sei. — Escusava de ter dito tanto. Estas palavras e o modo como foram proferidas magoaram Pedro Petrovitch, que se manteve calado, perguntando a si próprio o que queria dizer tudo aquilo.

A conversa ficou por momentos interrompida. Raskólnikov, que, para responder, se voltara um pouco para o lado onde Loujine estava, recomeçou a examiná-lo com grande atenção, como se há pouco não tivesse tido tempo para o ver bem ou como se alguma coisa que a princípio lhe tivesse passado despercebida o houvesse agora impressionado. Ergueu-se um pouco no sofá para o ver mais à vontade. O caso é que a aparência de Pedro Petrovitch tinha alguma coisa de particular, que parecia justificar o nome de *noivo* pelo qual fora há pouco designado por uma forma quase irritante.

Percebia-se à primeira vista, e até muitíssimo, que Petrovitch, mal chegara à capital, se dera pressa em «tornar-se cativante» e preparar-se para a próxima chegada da noiva. Isto era não só desculpável, mas até louvável. Talvez Loujine deixasse transparecer, mais do que convinha, a satisfação que lhe causava o completo êxito do seu propósito; contudo, tal

fraqueza num noivo é o que há de mais perdoável. Vestia um fato novo e a sua elegância apenas num ponto merecia reparo de crítica: era muito recente e traia ingenuamente um intuito. Eram dignos de notar-se os cuidados com que o visitante tratava o seu esplêndido chapéu alto, recentemente comprado, e a delicadeza com que segurava, numa das mãos, umas lindas luvas amareladas que não se atrevera a calçar. No seu vestuário predominavam os tons claros. O jaquetão, de um tecido leve, era elegante, e a calça e o colete, da mesma cor, eram bonitos. A camisa, de finíssima bretanha, acabara de sair da loja do camiseiro, bem como a gravata de cambraia com riscas cor de rosa. De resto, manda a verdade dizer, Pedro Petrovitch tinha boa aparência com este vestuário, que parecia mesmo remoçá-lo.

Do rosto corado rompiam umas suíças pretas, talhadas em forma de costeleta, sob as quais sobressaia a alvura do queixo barbeado com cuidado. Tinha poucos cabelos brancos na cabeleira frisada a primor. Se na sua grave e correta fisionomia alguma coisa havia de antipático e desagradável, isso devia atribuir-se a outras causas. Depois de ter contemplado descortesmente Loujine, Raskólnikov teve um sorriso escarninho, deixou-se de novo cair sobre o sofá e fitou outra vez o teto.

Porém o senhor Loujine parecia estar resolvido a não se preocupar com coisas mínimas: fez vista grossa a estas estranhas maneiras e esforçou-se por continuar a conversa.

— Creia que é com bastante pesar que o venho encontrar em tal estado. Se soubesse da sua doença teria vindo há mais tempo, apesar de ter muita coisa a que atender! Além disso, vejo-me obrigado a acompanhar na última instância um processo muito importante. Nem é bom falar nas preocupações constantes que essa causa me dá. Espero de um momento para o outro a sua família, isto é, a sua mãe e a sua irmã...

Raskólnikov pareceu querer dizer alguma coisa; a fisionomia exprimiu uma certa agitação. Petrovitch deteve-se, esperou, mas vendo que permanecia calado continuou:

— De um momento para o outro. Arranjei-lhes casa...

— Onde? — perguntou Raskólnikov com voz muito fraca.

— Aqui próximo, casa Bakaleiev...

— É na «vila» Voznesesky — informou Razoumikhine. — São dois andares mobilados. Quem aluga é o negociante Jouchine.

— Sim, alugam quartos mobilados...

— É uma pocilga imunda e que não tem boa reputação. Passaram-se lá casos pouco edificantes. Fui lá uma vez por causa de uma aventura escandalosa. Os quartos, porém, não são caros.

— Compreende, não podia saber disso, uma vez que acabo de chegar da província! Como quer que seja, porém, os dois quartos que aluguei são muito limpos e como é para pouca demora... Já aluguei a nossa futura casa — continuou ele, dirigindo-se a Raskólnikov — e já estão a arranjá-la. Por enquanto também estou numa Pensão. É muito perto daqui, em casa da senhora Lippevechzel, onde resido com o meu amigo, André Semenitch Lébéziatnikov.

— Lébéziatnikov? — disse lentamente Raskólnikov, como se este nome lhe tivesse despertado alguma recordação.

— Sim, André Semenitch Lébéziatnikov, empregado no ministério...

— Sim... não... — respondeu Raskólnikov.

— Perdão, a sua pergunta fez-me supor que o conhecia... É um rapaz muito simpático, de ideias liberais… Gosto do convívio dos rapazes. É por eles que se sabe o que vai pelo mundo.

Dizendo isto, Pedro Petrovitch olhou para os seus ouvintes, esperando ler-lhes nas fisionomias qualquer sinal de aprovação.

— Sob que ponto de vista? — perguntou Razoumikhine.

— Sob o mais sério de todos, isto é, sob o ponto de vista social — respondeu Loujine, satisfeitíssimo por lhe haverem feito a pergunta. — Há dez anos que não vinha a S. Petersburgo. Todas as novidades, todas as reformas, todas as ideias chegam até nós, provincianos; no entanto, para se poder conhecer melhor, para bem se apreciar tudo, é indispensável vir a S. Petersburgo. Ora, a meu ver é da instrução das novas gerações que podemos obter os melhores resultados. E confesso que fiquei encantado...

— Com quê?

— A sua pergunta é de uma certa amplitude. Estarei enganado, mas parece-me ter notado uma visão mais nítida das coisas, um espírito mais crítico, uma atividade mais...

— É exato — interrompeu Zozimov com ar despreocupado.

— Não será isto? — replicou Petrovitch, que agradeceu ao médico com um olhar amável. — O meu amigo há de concordar — prosseguiu, dirigindo-se a Razoumikhine — que há progressos evidentes, pelo menos no que respeita aos ramos científico e económico...

— Um lugar comum!

— Perdão, isto não é um lugar comum! Por exemplo, se me disserem: «Ama o teu semelhante» e eu queira realizar este conselho, o que resultará daí? — perguntou Loujine com calor. — Rasgo a minha capa, dou metade ao próximo e ficamos ambos seminus. É tal como diz um provérbio nosso, «quando se perseguem muitas lebres ao mesmo tempo não se apanha nenhuma». A ciência, pelo seu lado, manda-me atender apenas à minha pessoa, uma vez que tudo neste mundo se baseia no interesse pessoal. Aquele que segue esta doutrina cuida como deve dos seus interesses e fica com a capa inteira. Acrescenta a economia política que uma sociedade será tanto mais sólida e venturosa quanto maior for o número de fortunas particulares ou de capas inteiras dentro dessa sociedade. Portanto, trabalhando apenas para mim trabalho também, por essa mesma razão, para todos os outros, do que resulta o meu semelhante vir a receber mais do que a metade de uma capa, e isso, não mercê de liberalidades particulares ou individuais, mas em consequência do progresso geral. A ideia é simples e, infelizmente, levou muito tempo a propagar-se e a triunfar da quimera e do devaneio. Todavia não me parece que seja necessária uma grande inteligência para compreender...

— Perdão, mas eu pertenço ao grémio dos tolos — interrompeu Razoumikhine. — Fiquemos por aqui. Tinha um objetivo ao encetar esta conversa, contudo há três anos a esta parte tenho os ouvidos tão causticados desse palavreado, de todas essas banalidades, que chega a repugnar-me falar e mesmo ouvir falar nelas. O senhor porém apressou-se a explanar-nos as suas teorias. Era escusado, mas não o censuro por isso. Apenas desejo saber quem o senhor é, porque, diga-se a verdade, nestes últimos tempos lançou-se sobre os negócios públicos uma multidão de especuladores de tal ordem que, só procurando apenas o seu próprio interesse, têm dado cabo de tudo em que põem a nefasta mão. Vamos andando!

— Senhor! — replicou Loujine escandalizado. — Parece querer insinuar que eu...

— Ora.... por forma alguma… No entanto fiquemos por aqui! — redarguiu Razoumikhine, que se voltou para Zozimov e reatou a conversa que a chegada de Petrovitch interrompera.

Este teve o bom senso de aceitar, tal como fora dita, a explicação do estudante. De resto, decidira ir-se embora.

— Agora que nos conhecemos — disse ele, dirigindo-se a Raskólnikov — espero que as nossas relações continuem logo que recupere a saúde e se tornem mais íntimas pela circunstância que conhece. Desejo-lhe completo e rápido restabelecimento.

Raskólnikov pareceu não ter ouvido. Pedro Petrovitch levantou-se.

— Foi talvez algum devedor que a matou! — disse Zozimov.

— Decerto! — repetiu Razoumikhine. — O Porfírio não diz o que pensa, mas chamou a depor as pessoas que tinham negócios com ela.

— Houve interrogatórios? — perguntou com voz forte Raskólnikov.

— Sim, e então?

— Nada.

— Porém como soube ele quem é essa gente? — perguntou Zozimov.

— O Koch designou alguns, acharam-se os nomes de outros escritos nos papéis que envolviam os objetos e alguns houve que se apresentaram de motu próprio, quando souberam...

— O assassino deve ser um marau hábil e experimentado! Que decisão! Que audácia!

— Pois não é tal. Aí é que tu e todos os outros se enganam redondamente — replicou Razoumikhine. — Na minha opinião, não é nem hábil, nem experiente, e este crime foi com certeza a sua estreia. Na hipótese de o assassino ser um facínora calejado, não há explicação possível, porque as inverosimilhanças surgem de todos os lados. Se, pelo contrário, o supusermos um principiante, devemos admitir que só o acaso lhe permitiu escapar-se. De que não será capaz o acaso? Quem sabe? O assassino talvez nem mesmo previsse todos os obstáculos! E como executou ele o seu plano? Encheu as algibeiras com objetos que valem dez e vinte *rublos,* encontrados na caixa onde a velha guardava algum vestuário. Ora na gaveta superior da cómoda encontrou-se uma caixa com mil e quinhentos *rublos* em metal, não entrando em conta com as notas! Nem mesmo soube roubar, soube só matar! Insisto: foi uma estreia. O homem perdeu a cabeça, e se não foi agarrado deve dar graças ao acaso, mais do que à sua habilidade.

Pedro Petrovitch preparava-se para apresentar as suas despedidas, mas não quis sair sem dizer algumas palavras conceituosas. Queria deixar uma impressão favorável da sua pessoa e a vaidade foi superior ao bom senso.

— Referem-se, sem dúvida, ao recente assassinato da velha viúva de um prefeito de colégio? — perguntou, dirigindo-se a Zozimov.

— Exatamente. Ouviu falar nisso?

— Ora essa! Na sociedade…

— Conhece os pormenores?

— Por completo, não. Esse caso interessa-me sobretudo por uma questão de ordem geral que estabelece. Já não quero referir-me ao progressivo aumento dos crimes nas classes baixas nestes últimos cinco anos. Ponho de parte a série ininterrupta de roubos e incêndios. Há, acima de tudo, um facto que me impressiona sobremaneira: é que nas classes superiores a criminalidade vai numa progressão de alguma forma paralela.

— Mas o que é que o preocupa? — interrogou Raskólnikov. — Isso, afinal, é a sua teoria posta em prática.

— O quê? Como assim?

— A conclusão lógica do princípio que o senhor há pouco estabeleceu: é que é lícito matar...

— Essa agora! — protestou Loujine.

— Não, não é isso — observou Zozimov.

Raskólnikov, muito pálido, respirava a custo. O lábio superior tremia-lhe.

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra — prosseguiu com altivez Pedro Petrovitch. — As ideias económicas, que eu saiba, não levam ao assassinato, e pelo facto de se enunciar um princípio...

— É verdade — interrompeu Raskólnikov com a voz alterada pela cólera — é verdade o senhor ter dito à sua futura esposa, precisamente quando ela acabava de aceder ao seu pedido, que o que mais lhe agradava nela... era a sua pobreza... visto que era preferível casar com uma mulher pobre para depois a poder dominar e atirar-lhe à cara os benefícios recebidos?

— Senhor! — gritou Loujine com voz entrecortada pela ira. — Senhor! Modificar por tal forma o meu pensamento! Permita-me que lhe diga que a informação que lhe deram não tem o menor fundamento, e eu... desconfio de quem... enfim, esse golpe... enfim, sua mãe... Já me tinha parecido, a despeito das suas excelentes qualidades, um tanto exaltada e romanesca! Estava porém muito longe de supor que pudesse dar tal interpretação às minhas palavras, citando-as e alterando-as por essa forma. E por fim...

— Olhe, sabe? — gritou Raskólnikov, erguendo-se sobre o travesseiro e despedindo centelhas pelos olhos. — Sabe?

— O quê?

E Loujine parou, esperando em atitude de desafio. Houve uma ligeira pausa.

— Se tem o atrevimento... de dizer mais uma palavra... com respeito a minha mãe, atiro-o pela porta fora!

— Então, o que é isso? — acudiu Razoumikhine.

— É isto, mais nada.

Loujine tornou-se muito pálido e mordeu os lábios. Estava furioso, conquanto fizesse um grande esforço para se conter.

— Ouça, senhor — começou ele após curto silêncio. — O acolhimento que me fez não me deixa dúvidas acerca da sua inimizade. Demorei, porém, de propósito a minha visita para que não me ficassem dúvidas a tal respeito. Poderia desculpar tudo a um doente, a um parente, mas isso... nunca. Eu não...

— Eu não estou doente! — gritou Raskólnikov.

— Tanto pior!

— Vá para o diabo!

Loujine não esperara por esta intimação para se retirar. Saiu rapidamente, sem olhar para ninguém, nem mesmo baixar a cabeça a Zozimov, que há muito lhe fazia sinais para deixar o doente em paz.

— Que disparate! — disse, abanando a cabeça, Razoumikhine.

— Deixem-me, deixem-me todos — exclamou Raskólnikov exaltadíssimo. — Não me deixarão em paz, seus verdugos? Não os temo! Não tenho medo de ninguém! Saiam! Quero ficar só, só, só!

— Vamos! — disse Zozimov, fazendo sinal a Razoumikhine.

— E havemos de deixá-lo neste estado?

— Vamos — insistiu o médico, saindo.

Razoumikhine refletiu um momento e depois resolveu-se a sair.

— O que tem ele?

— Um abalo profundo que o arrancasse àquela preocupação fazia-lhe bem. Tem alguma coisa que o preocupa muito. É isso o que me inquieta.

— Pode ser que este Pedro Petrovitch não seja estranho a isso. Pela conversa que acabamos de lhes ouvir, parece que o cavalheiro está para casar com a irmã do Raskólnikov e que o nosso amigo recebeu, pouco antes de adoecer, uma carta a esse respeito.

— Sim! O diabo foi esse homem aparecer. Talvez a sua visita estragasse tudo. Não sei se notaste que só uma parte da conversa

interessou o doente, levando-o a sair daquela apatia e daquele mutismo. Logo que se fala naquele crime, exalta-se.

— Sim, notei isso! — retorquiu Razoumikhine. — Dava atenção ao que se dizia e estava inquieto. Será talvez devido a que, no próprio dia em que adoeceu, o aterraram no comissariado e chegou a perder os sentidos.

— Hás de contar-me isso logo com todas as minúcias e eu também te hei de dizer uma coisa. Este rapaz interessa-me muito! Daqui a meia hora volto para me informar do seu estado. De resto, não há que recear por agora.

— Agradeço o teu cuidado. Agora vou conversar um pouco com a Pachenka e deixo lá a Nastásia a vigiá-lo.

Depois de os dois terem saído do quarto, Raskólnikov pôs-se a olhar para a criada com impaciência. Ela, porém, hesitava em retirar-se.

— Queres tomar agora o chá? — perguntou a moça.

— Logo! Agora quero dormir! Deixa-me!

E voltou-se para a parede num brusco movimento convulsivo. Nastásia retirou-se.

Capítulo 6

Logo que a moça saiu, Raskólnikov correu o fecho da porta e começou a vestir o fato que Razoumikhine lhe trouxera. Caso singular: à exasperação de há minutos e ao pânico dos últimos dias parecia haver sucedido uma absoluta tranquilidade. Era o primeiro instante de uma serenidade estranha e repentina. Os seus movimentos, regulares e precisos, denotavam uma resolução enérgica. «Hoje mesmo!», murmurava ele. No entanto não compreendia que estava muito fraco. A forte tensão moral que lhe restituíra a calma dava-lhe vigor e confiança; julgava poder aguentar-se de pé, na rua. Depois de se ter vestido, olhou de novo para o dinheiro espalhado sobre a mesa, refletiu um momento e meteu-o na algibeira. Eram vinte e cinco *rublos*. Guardou também o troco dos dez *rublos* despendidos por Razoumikhine na compra do fato. Abriu depois com precaução a porta, saiu e desceu a escada. Ao passar em frente da cozinha, cuja porta estava aberta, lançou um olhar para o interior; Nastásia, de costas para a porta, soprava ao *samovar* da hospedeira e não o viu. De resto, quem poderia prever aquela fuga? Momentos depois estava na rua.

Eram oito horas. Tinha acabado de se pôr o sol. Conquanto a atmosfera estivesse asfixiante, Raskólnikov respirava com avidez o ar poeirento, portador das exalações mefíticas da grande cidade. Sentia a cabeça andar-lhe à roda. Os olhos inchados, o rosto emagrecido e lívido exprimiam uma alegria selvagem. Não sabia para onde dirigir-se, nem pensava em tal. Sabia apenas que era preciso acabar com «isto» hoje mesmo e de uma vez. De outra forma não tornaria a entrar em casa, «porque não queria viver assim». Como acabar com aquilo? Não tomara sobre o caso resolução alguma e diligenciava afastar essa ideia, essa pergunta que o atormentava. Sentia e sabia somente que precisava que tudo mudasse; fosse como fosse, «custe o que custar», repetia.

Obedecendo a um velho hábito, caminhou em direção ao mercado do feno. Antes de lá chegar, encontrou, parado em frente a uma loja, um tocador de realejo, um rapazinho de cabeleira negra que ia fazendo com que o instrumento gemesse uma melodia sentimental. O pequeno músico

acompanhava ao realejo uma rapariguinha de quinze anos, aprumada em frente dele, vestindo como uma dama, mantilha, luvas e chapéu de palha preta ornado com uma pluma cor de fogo, tudo velho e desbotado. Cantava uma *romanza* com voz áspera, mas extensa e suportável, esperando que da loja lhe atirassem alguma moeda de dois *kopecks*. Duas ou três pessoas tinham parado a ouvi-la. Raskólnikov deteve-se um momento, tirou da algibeira uma *piastra* e meteu-a na mão da moça. Esta sustentou a *romanza* na nota mais aguda e sentimental, gritou ao companheiro que parasse e seguiram ambos para o estabelecimento imediato.

— O senhor gosta das canções da rua? — perguntou Raskólnikov com modo brusco a um transeunte de certa idade que, ao lado dele, estivera escutando os músicos ambulantes. O interpelado olhou surpreendido para ele. — Eu — prosseguiu Raskólnikov, como se falasse de coisa muito diversa da música das ruas — eu aprecio o canto, ao som do realejo, por uma tarde de outono, sombria, húmida e fria, em especial quando há humidade, quando os transeuntes têm um aspeto mórbido e esverdeado; ou, o que é melhor, quando a neve cai verticalmente sem ser impelida pelo vento, e os candeeiros da iluminação pública brilham através dela!

— Não sei... desculpe... — balbuciou o outro admirado da pergunta e assustado com o modo estranho de Raskólnikov. E passou para o outro lado da rua.

Raskólnikov pôs-se a caminho, chegando pouco depois à esquina do mercado, ao local onde, dias antes, o quinquilheiro e a mulher conversavam com Isabel. Já lá não estavam. Reconhecendo o local, parou, olhou em volta e dirigiu-se a um rapaz de camisola encarnada que bocejava à porta de uma padaria.

— Naquela esquina não costumam estar a vender um quinquilheiro e a mulher?

— Aqui toda a gente vende — respondeu o outro, medindo o interpelante com um olhar desdenhoso.

— Como se chama esse homem?

— Chama-se pelo nome!

— Tu não és de Zaraisk? A que província pertences?

O rapaz olhou de novo o seu interlocutor.

— Alteza, não pertencemos a uma província, mas sim a um distrito. Meu irmão saiu e eu nada sei... Queira Vossa Alteza perdoar-me.

— Aquilo ali em cima é uma taberna?

— É um café, com bilhar, frequentado por princesas... Vai lá muito boa gente!

Raskólnikov seguiu para a outra extremidade da praça, onde estacionava uma multidão de *mujiks*. Meteu-se entre eles, lançando um olhar a cada um e desejando dirigir a palavra a toda a gente. Porém os aldeões não reparavam nele e, em pequenos grupos, conversavam animadamente sobre os seus negócios. Após um momento de reflexão, saiu do mercado e entrou no bairro.

Já por várias vezes seguira este caminho, que forma um ângulo e conduz à praça de Sadovaïa. Nestes últimos tempos gostava de passar em todos esses sítios, quando começava a aborrecer-se, para se aborrecer ainda mais. Agora dirigia-se para aquele lado, sem um propósito determinado. Havia aí uma vasta casa cujas lojas eram ocupadas por depósitos de vinho e tabernas. Destas baiucas saíam a cada momento marafonas em cabelo, malvestidas. Juntavam-se em grupos, em vários pontos do passeio, muito em especial junto das escadas que davam acesso a subterrâneos duvidosos.

Num destes havia naquele momento alegre vozearia. Cantava-se, tocava-se, gritava-se e a algazarra que ia por lá, ouvia-se de um extremo ao outro da rua. A entrada desse antro havia grande número de mulheres, umas sentadas nos degraus, outras no passeio, outras de pé, conversando. Um soldado bêbedo, de cigarro na boca, andava aos bordos, vociferando. Parecia querer entrar em qualquer parte de que não se recordava. Dois maltrapilhos insultavam-se mutuamente. Um homem, em completo estado de embriaguez, estava estendido na rua.

Raskólnikov parou junto do maior grupo de mulheres, que conversavam em voz alta. Estavam todas vestidas de cassa, cabeça descoberta e nos pés, sapatos de pele de cabrito. Algumas tinham já dobrado o cabo dos quarenta anos, outras não teriam mais de dezassete. Quase todas tinham os olhos inchados.

A algazarra que se elevava do subterrâneo atraiu a atenção do nosso Rodia. Por entre as gargalhadas e o vozear, uma guitarra acompanhava uma voz esganiçada, enquanto alguém dançava com desespero, batendo com os tacões. Raskólnikov, no alto da escada, escutava, sombrio e pensativo, não querendo perder uma palavra da canção, como se para ele fosse caso da maior importância. «Se eu entrasse?», pensava ele. «Estão satisfeitos, estão bêbedos! E se me embebedasse também?»

— Não entra, querido fidalgo? — perguntou uma das do grupo, de voz um pouco timbrada e conservando ainda alguma frescura. Era ainda nova e a única do grupo que não causava repulsão.

— Que bonita moça! — disse Raskólnikov, olhando-a.

Ela sorriu, lisonjeada com o cumprimento.

— Também o senhor é bonito — respondeu.

— Bonito, este esqueleto! — observou com voz rouca, outra mulher. — Parece que saiu agora do hospital!

Neste momento aproximou-se do grupo um *mujik,* com ar abandalhado, vestuário em desordem e cara radiante.

— Parecem filhas de generais, porém têm o nariz chato! Oh, formosas!

— Entra, já que cá vieste!

— Vou entrar, minha beldade!

E desceu ao subterrâneo.

Raskólnikov ia afastar-se.

— Olhe lá, fidalgo! — gritou-lhe a moça.

— Que é?

— Querido, desejava passar uma hora consigo, mas agora não me sinto muito à vontade na sua presença. Dá-me seis *kopecks* para uma bebida?

Raskólnikov tirou da algibeira três *piastras.*

— Ai que lindo fidalgo!

— Como te chamas?

— Pergunte pela Douklida.

— Olhem para aquilo! — exclamou uma das do grupo, indicando Douklida com um aceno de cabeça. — Não sei como se tem descaramento para pedir! Parece-me que morria de vergonha.

Raskólnikov olhou com curiosidade para a mulher que falara deste modo. Era uma trintona, picada das bexigas, coberta de equimoses, com o lábio superior inchado. Censurava a outra em tom sereno e grave.

«Onde li eu», pensava Raskólnikov, afastando-se, «aquela frase, atribuída a um condenado à morte, uma hora antes do suplício? Se tivesse de passar a vida sobre um alcantil, sobre um rochedo perdido na imensidade do mar, que me oferecesse apenas o espaço suficiente para firmar os pés; se tivesse de viver assim mil anos, sobre o espaço de um pé quadrado, na solidão, na treva, exposto a todas as intempéries, preferiria a

morte a tal existência! Viver, seja como for, mas viver! Como isto é verdadeiro, meu Deus, como é verdadeiro! O homem é covarde! E também é covarde o que covarde lhe chama!», acrescentou ele, um momento depois.

Havia muito tempo que caminhava ao acaso quando reparou na tabuleta de um café: «O Palácio de Cristal! O Razoumikhine falou no Palácio de Cristal, ainda agora... E que queria eu? Ah! sim, ler! O Zozimov disse que tinha lido nos jornais...»

— Há jornais? — perguntou, entrando no estabelecimento, posto com luxo, mas onde estava pouca gente. Dois ou três fregueses tomavam chá. Numa sala afastada, quatro indivíduos sentados a uma mesa bebiam champanhe. Pareceu-lhe que um deles era Zametov, porém a distância não lhe permitiu distinguir.

«Afinal, o que importa?», pensou ele.

— Que deseja? — perguntou um criado.

— Traga-me chá, bem como os jornais dos últimos cinco dias. — E deu-lhe uma boa gorjeta.

— Aqui estão os de hoje. Quer também *cognac*?

Quando o criado trouxe os jornais, pôs-se a procurar: «Izler… Izler… Os Azteques… Os Azteques… Izler... Bartola… Máximo… Oh! que estopada... Ah! cá está enfim o noticiário: Mulher que caiu por uma escada… Um negociante embriagado… Incêndio no Areal… O incêndio de Petersburgskaia… Izler… Izler… Izler… Izler… Máximo... Ah! cá está...»

Tendo achado o que procurava, começou a leitura. As linhas dançavam-lhe diante dos olhos. Conseguiu ainda assim ler a notícia até ao fim, passando com crescente curiosidade aos «novos pormenores» nos números seguintes. Folheava os jornais com mão trémula, sentindo uma impaciência febril.

De repente alguém se sentou ao seu lado. Raskólnikov ergueu os olhos. Era Zametov, trajando como naquele dia em que o encontrara no comissariado. Eram os mesmos anéis, a mesma corrente, o mesmo cabelo preto, frisado, lustroso de pomada, apartado por uma risca até à nuca, a sobrecasaca um pouco coçada e a camisa um pouco amarrotada.

O chefe da repartição de polícia parecia alegre, sorrindo com jovial bonomia. O seu rosto trigueiro estava um tanto rosado, mercê do champanhe que acabara de ingerir.

— O senhor por aqui? — interrogou ele, com ar atónito e no tom com que falaria a um camarada. — Ainda ontem o Razoumikhine me disse que o senhor continuava doente. É extraordinário! Sabe que estive em sua casa!...

Raskólnikov percebeu que o funcionário policial queria entabular conversa. Pôs de parte os jornais e voltou-se para Zametov com um sorriso constrangido.

— Soube da sua visita — respondeu. — Sei que procurou a minha bota... O Razoumikhine está perdido pelo senhor. Ouvi dizer que tinha ido com ele a casa de Luísa Ivanovna, aquela cuja defesa quis tomar há dias, recorda-se? O meu amigo fazia sinais ao tenente Pólvora, que não os percebia. Não era preciso ter uma inteligência excecional para os entender. A coisa era clara... hein?

— É levado da breca!

— O Pólvora?

— Não! O seu amigo Razoumikhine.

— A si é que a vida corre bem, senhor Zametov. Tem entrada gratuita em toda a parte. Quem lhe ofereceu há pouco champanhe?

— Porque me haviam de oferecer champanhe?

— Como gratificação! O meu amigo faz render tudo! — disse Raskólnikov escarninho. — Não se zangue, excelente amigo! — acrescentou, batendo uma palmada familiar no ombro de Zametov. — Disse isto sem intenção de o ofender. É brincadeira, como dizia, a propósito dos socos que deu no Mitka, o pintor que prenderam por causa do assassinato da velha.

— Mas como sabe isso?

— Talvez saiba mais do que o meu amigo.

— O senhor é um homem muito singular! Na verdade está ainda muito doente. Não fez bem em sair.

— Acha-me singular?

— Muito. O que estava o senhor aí a ler?

— Jornais.

— Fala-se muito em incêndios.

— Ora, que me importam os incêndios! — Olhou de um modo estranho Zametov e aos lábios assomou-lhe novo sorriso de escárnio. — Não, os incêndios não me interessam — continuou, piscando os olhos. —

Confesse, no entanto, meu caro, que tinha empenho em saber o que estava lendo.

— Eu? Tenho lá empenho algum! Perguntei-lhe o que lera para dizer alguma coisa. Havia inconveniente em perguntar-lho? Porque é que o senhor...

— Ouça: o meu amigo é um homem instruído, ilustrado, não é verdade?

— Tenho o curso de preparatórios até ao sexto ano — respondeu com ar desvanecido Zametov.

— Até ao sexto ano! Oh, que maganão! E traz o cabelo bem apartado, anéis... é um felizardo! E bonito! — Dizendo isto, Raskólnikov desatou a rir na cara do chefe da repartição de polícia, que recuou, não ofendido, mas muito surpreendido.

— Que singular criatura! — repetiu com grande seriedade, Zametov. — Quer-me parecer que ainda está delirando.

— Eu? Delirando? Está a caçoar, meu amigo! Com que então sou uma criatura singular? Quer o meu amigo dizer, na sua, que me acha curioso, hein? Curioso?

— Sim.

— E deseja saber o que lia nos jornais? Veja os números que mandei vir. Isso dá-lhe que pensar, não é assim?

— Vamos, diga lá...

— Imagina então que acertou?

— Com quê?

— Depois lho direi. Agora, meu caro, declaro-lhe, ou antes, confesso... Não, não é bem isto. Faço um depoimento e o senhor toma nota, é o que é! Pois bem, digo que procurava e achei... — Raskólnikov piscou os olhos e esperou. — Foi até para isso que aqui entrei! Os pormenores relativos ao assassinato da velha que emprestava sobre penhores.

Raskólnikov pronunciou as últimas palavras em voz baixa, aproximando o rosto de Zametov, que sustentou, sem pestanejar nem afastar a cabeça, o olhar do rapaz. O que mais tarde pareceu muito estranho ao funcionário policial foi que, durante um minuto, os dois se olharam sem dizer palavra.

— Que me importa o que o senhor leu? — exclamou por fim Zametov, irritado, pelos modos enigmáticos do outro. — Que tenho com isso?

— Sabe? — continuou em voz baixa Raskólnikov, sem reparar na exclamação de Zametov. — É aquela mesma velha de quem falavam outro dia, no comissariado, quando perdi os sentidos. Percebe agora?

— O quê? Percebo agora, o quê? — perguntou Zametov, quase assustado.

A fisionomia imóvel e grave do rapaz mudou de súbito de expressão, soltando em seguida uma gargalhada nervosa, como se lhe fora impossível conter-se.

Invadira-o uma sensação idêntica à que experimentara no dia do crime, quando sitiado no quarto da velha pelo Koch e pelo Pestriakov, sentira vontade de os interpelar, de os insultar, de lhes rir na cara.

— Olhe, ou o senhor está doido ou... — começou Zametov, e deteve-se, impressionado por uma ideia súbita.

— O quê? Que ia dizer? Acabe!

— Não! — replicou Zametov. — Tudo isto é absurdo!

Calaram-se. Depois do excesso de hilaridade, Raskólnikov caiu em sombria meditação. Com o cotovelo apoiado na mesa, a cabeça encostada à mão, parecia ter esquecido por completo Zametov.

O silêncio prolongava-se.

— Tome o seu chá. Está a esfriar — observou o chefe da repartição de polícia.

— Hein? O quê? O chá? Ah! sim!

Raskólnikov levou a chávena aos lábios, mastigou um pedaço de pão, e lançando um olhar a Zametov, abandonou as suas preocupações. Na fisionomia desenhou-se-lhe de novo a expressão sarcástica.

— Estes crimes são agora muito frequentes. Ainda há pouco tempo li na *«Moskovskia viedomosti»* que tinham prendido em Moscovo uns moedeiros falsos. Foi uma quadrilha inteira. Falsificavam notas de banco.

— Ora, onde vai isso! há de haver um mês que li esse caso — respondeu com toda a fleuma Raskólnikov. — Acha que são ladrões? — acrescentou ele, sorrindo.

— Então o que hão de ser?

— Eles? Uns criançolas, uns patetas e nunca uns ladrões. Vão juntar-se cinquenta para tal fim! Isso é coisa que se conceba? Num tal caso, três já são de mais, e é necessário que cada um dos membros da associação tenha mais confiança nos sócios do que em si próprio. Não sendo assim, basta que um deles diga uma palavra imprudente e lá vai tudo por água

abaixo. Uns imbecis! Mandam sujeitos, em que não têm confiança absoluta, trocar as notas ao Banco, como se essa missão se pudesse confiar a qualquer! Porém, admitamos a hipótese de que esses parvos se saiam bem e suponhamos que a operação rendia um milhão a cada um. E depois? Ficavam para toda a vida sob a dependência uns dos outros. Mais vale enforcar-se do que viver assim! Nem mesmo souberam dar saída ao papel. Um deles apresenta-se num Banco, dão-lhe o troco de cinco mil *rublos* e tremem-lhe as mãos ao receber o dinheiro. Conta quatro mil e mete o quinto milhar ao bolso sem o contar, tal é a pressa que tem de se ver dali para fora. Foi assim que nasceram as suspeitas e o negócio deu em vaza-barris devido a um único imbecil. Compreende-se isto?

— O quê? Que as mãos lhe tremessem? — perguntou Zametov. — É claro que se compreende e chego mesmo a achar o facto muito natural. Num certo número de casos não se é facilmente senhor de si. Aqui temos nós uma prova bem recente. O assassino dessa velha deve ser um mariola bem audacioso, porque não hesitou em perpetrar o crime de dia e nas condições mais arriscadas. Só por milagre é que escapou. Pois, apesar disso, as mãos tremiam-lhe. Não soube roubar. Perdeu a serenidade. Os factos demonstram-no à evidência...

Estas palavras estimularam Raskólnikov.

— Parece-lhe? Pois deitem-lhe a mão, descubram-no — vociferou, sentindo um enorme prazer em excitar o funcionário policial.

— Deixe estar, lá iremos... Havemos de descobri-lo.

— Quem? O senhor? O senhor é quem o vai descobrir? Oh, meu caro, perde o seu tempo. O ponto de partida dos senhores é sempre o mesmo: se fulano faz ou não faz despesas. fulano, que não tinha um *kopeck,* começa de um momento para o outro a gastar dinheiro como um perdulário: é ele o culpado. Regulando-se por essa lógica, uma criança, se quiser, escapa às suas pesquisas.

— O que é certo é que todos caem pela mesma forma — redarguiu Zametov. — Depois de procederem com uma habilidade e astúcia inexcedíveis, deixam-se apanhar numa taberna, são sempre as despesas que os traem. Nem todos são espertos como o meu amigo. Aposto que o senhor não ia frequentar tabernas?

Raskólnikov franziu o sobrolho e fitou Zametov.

— Parece que também deseja saber como eu procederia em tais circunstâncias? — perguntou em tom de enfado.

— Desejava — replicou logo o empregado de polícia.

— Tem muito empenho nisso?

— Tenho.

— Perfeitamente. Pois vai ouvir o que eu faria — começou Raskólnikov em voz baixa e aproximando-se de Zametov, a quem fitou com insistência, olhos nos olhos. Desta vez o chefe da repartição de polícia estremeceu. — Aqui está o que eu faria: metia na algibeira o dinheiro e as joias e procurava sem perda de um minuto um local ermo e vedado, um pátio ou uma horta, por exemplo. Depois verificava se a um canto do pátio, encostada à vedação, haveria alguma pedra de quarenta ou sessenta quilos de peso. Deslocaria essa pedra e na depressão do terreno, causada pelo peso dela, depositaria o dinheiro e as joias, depois do que removeria a pedra para o seu lugar, chegava-lhe alguma terra junto da base, calcava-a e ia-me embora. Deixava ali ficar o roubo um, dois, três anos... E que o procurassem!

— O senhor está doido! — respondeu Zametov. Sem que possamos dizer porquê, pronunciou também estas palavras em voz baixa e afastou-se de Raskólnikov. Os olhos deste brilhavam, o rosto estava deveras pálido e um tremor convulso agitava-lhe o lábio superior. Inclinou-se tanto quanto lhe era possível para o lado do funcionário policial, mexendo com os lábios, sem proferir uma única palavra.

Assim decorreu meio minuto. Raskólnikov sabia o que fazia, porém não podia conter-se. A terrível confissão estava prestes a escapar-lhe.

— E se fosse eu o assassino? — perguntou de repente. Mas logo o sentimento do perigo lhe voltou.

Zametov olhou para ele com ar estranho e fez-se branco como a cal. A boca franziu-se-lhe num sorriso contrafeito.

— Será possível? — balbuciou com voz tão débil que mal se ouviu.

Raskólnikov fitou-o com um mau olhar.

— Confesse que acreditou. Ora confesse...

— De modo algum. Agora acredito-o menos do que nunca — apressou-se Zametov a protestar.

— Afinal sempre confessa, meu caro. Assim, acreditou-o *antes,* visto agora dizer que «acredita menos do que nunca».

— Não, de modo nenhum — repetiu Zametov um pouco incomodado. — Foi o senhor que quis insinuar essa ideia!

— Nesse caso, não acredita? E acerca de que conversavam, outro dia, quando saí do seu gabinete? Para que interrogou o Pólvora, depois de eu recuperar os sentidos? Olá, rapaz, quanto devo? — gritou ele ao criado, levantando-se e pegando na boina.

— Trinta *kopecks* — respondeu o criado.

— Aqui os tens e mais vinte de gorjeta. Veja que dinheirão possuo! — prosseguiu, mostrando a Zametov algumas notas. — Entre vermelhas e azuis, vinte e cinco *rublos*. Donde me vem tanto dinheiro? E como se explica que apareça agora de ponto em branco? O senhor bem sabe que não possuía um *kopeck!* A estas horas já obrigou a Pachenka a dar à língua... Vamos, basta de conversa! Até à vista!

Saiu, agitado por uma sensação estranha. O rosto convulsionado, parecia o de um homem que acabasse de ter um ataque apoplético. Entretanto a fadiga foi-se apoderando dele. Há pouco, estimulado por uma grande excitação, recuperara de súbito as forças; agora, tendo cessado o efeito desse estimulante transitório, surgiu em seu lugar uma prostração crescente.

Zametov permaneceu ainda por muito tempo no mesmo lugar onde tivera a conversa antecedente. Raskólnikov transtornara inopinadamente todas as suas ideias sobre determinado caso e o funcionário da polícia estava deveras perplexo.

— O Ilia Petrovitch é um asno! — concluía por fim.

Abrindo a porta da rua, Raskólnikov encontrou-se com Razoumikhine, que ia a entrar. À distância de um passo ainda se não tinham avistado e por um triz não esbarraram um com o outro. Durante algum tempo olharam-se sem trocar palavra. Razoumikhine estava pasmado, mas de repente o seu olhar brilhou de cólera.

— Até que afinal apareceste! — gritou com voz atroadora. — Safou-se da cama, este traste! E eu a procurá-lo por toda a parte, até debaixo do sofá! E por causa dele estive quase a fazer um feixe com os ossos da Nastásia! E aqui está para onde sua excelência veio! Que quer isto dizer? Diz a verdade, confessa! Ouves!

— Isto quer dizer que todos me estão aborrecendo muito e que quero estar só, — respondeu Raskólnikov com a maior tranquilidade.

— Queres ficar só quando ainda te não aguentas nas pernas, quando estás pálido como um cadáver, quando te não podes mexer? Imbecil! Que vieste fazer ao Palácio de Cristal? Diz lá!

— Deixa-me passar! — replicou Raskólnikov, querendo afastá-lo.

Razoumikhine exasperou-se e agarrou o amigo pelo ombro.

— Deixa-me passar! Tu ousas dizer: «deixa-me passar»? Sabes o que vou já fazer? Vou levar-te como um embrulho, debaixo do braço, para o teu quarto, onde te fecharei à chave.

— Ouve, Razoumikhine — começou Raskólnikov em voz baixa e num tom um tanto mais severo —, ainda não percebeste que dispenso os teus favores! E que mania é essa de me obsequiares à força e contra a minha vontade? Que ideia foi essa de te instalares à minha cabeceira quando adoeci? Quem te diz que a morte não seria para mim a felicidade? Não te disse hoje, de uma forma mais terminante, que me martirizavas, que me eras insuportável? Tens prazer em me apoquentar? Crê que tudo isto atrasa a minha cura, trazendo-me numa contínua irritação. Bem viste que o Zozimov se foi embora para não me afligir. Deixa-me pois também tu, por amor de Deus!

Razoumikhine ficou por um momento pensativo; depois largou o braço do amigo.

— Pois então vai para o diabo! — exclamou com voz desalentada.

Porém, logo que Raskólnikov deu o primeiro passo, prosseguiu:

— Ouve lá! Sabes que festejo hoje a estreia da minha nova casa. Talvez mesmo já lá estejam os convidados. Meu tio foi incumbido de os receber. Ora, se não fosses um imbecil, um grande imbecil... olha, Raskólnikov, bem sei que és inteligente! mas és também imbecil! Ora, pois! Se não fosses um imbecil, vinhas passar a noite connosco em vez de gastares as botas a vadiar por essas ruas, sem destino. Já que fizeste a asneira de sair, aceita o meu convite. Mando-te para lá uma cadeira estofada, que os meus hospedeiros têm... Tomas uma chávena de chá e estás na nossa companhia... Se não te deres bem com a cadeira, podes deitar-te numa cama. Ao menos estarás connosco! Olha, o Zozimov vai. E tu?

— Não.

— Essa resposta não vale nada — replicou com vivacidade Razoumikhine. — Como sabes tu que não vais? Não podes responder por ti... Quantas vezes me aconteceu mandar ao diabo a sociedade e, depois de a abandonar, voltar para ela a toda a pressa... Envergonhamo-nos da nossa misantropia e procuramos de novo o nosso semelhante! Vê lá, não te esqueças: casa Potchinkov, terceiro andar...

— Não vou, Razoumikhine! — E dizendo isto, afastou-se.

— Ora, se vais! — gritou-lhe o amigo. — Se não, nunca mais nos falamos. Espera! Olha, está cá o Zametov?

— Está.

— Viu-te?

— Viu.

— E falou-te?

— Falou.

— A propósito de quê? Se não queres dizer, não digas... Casa Potchinkov, número 47, compartimento Babouchkine. Não te esqueças!

Chegando à Sadovaïa, Raskólnikov voltou à esquerda. Depois de o ter seguido com um olhar inquieto, Razoumikhine decidiu-se a entrar, porém chegando a meio da escada, estacou:

«Que os diabos o levem!», continuou ele, quase em voz alta. «Fala com lucidez e como se... Mas que parvo eu sou! Os doidos nem sempre dizem incoerências! Parece-me que o Zozimov também receava...» E pôs a ponta do indicador na testa. «E se... como é possível deixá-lo entregue... É capaz de se deitar ao rio... Fiz asneira, não há dúvida. Nada, não há um momento a perder!» E deitou a correr na direção que Raskólnikov seguira. Não o encontrou e teve de voltar a largos passos ao Palácio de Cristal, para interrogar Zametov.

Raskólnikov caminhou direito à ponte ***, parou no meio e, encostando-se ao parapeito, pôs-se a olhar ao acaso. A fraqueza aumentara-lhe a tal ponto, depois de deixar Razoumikhine, que se arrastara até ali com dificuldade. Sentia necessidade de se sentar ou deitar em qualquer parte, mesmo na rua. Inclinado sobre a água, fitava distraidamente o último reflexo do sol no ocaso, e a casaria sobre que vinham caindo as sombras da noite.

«Isto tem de ser!», resolveu ele. Saindo da ponte tomou a direção do comissário da polícia. No seu coração fizera-se um grande vácuo. Não sentia a menor angústia. A energia que há pouco se lhe manifestara, quando saíra de casa para acabar com «aquilo», cedera o passo a uma grande apatia.

«Afinal, é uma saída!», resmungava ele, enquanto seguia muito devagar pelo cais do canal. «Assim, ao menos, o desenlace é uma consequência da minha vontade. Mas que fim este! E será possível que seja o fim? Confessarei ou não? Ai! que diabo, já não posso mais. Se

pudesse deitar-me ou sentar-me em qualquer parte! O que mais me incomoda é a estupidez do caso! Acabou-se, não pensemos mais nisso! Que tolas ideias nos ocorrem às vezes!»

Para ir ao comissariado da polícia, Raskólnikov tinha de seguir em linha reta e voltar pela segunda rua, à esquerda. No entanto, quando chegou à primeira esquina, parou, consultou-se por um momento e entrou num bairro. Percorreu duas ou três ruas, talvez sem fim determinado, talvez para ganhar tempo e refletir. De súbito, parecendo que alguém lhe murmurava alguma coisa ao ouvido, levantou os olhos e viu que estava em frente da porta *daquela casa.* Não voltara ali depois do crime.

Impelido por uma tentação tão irresistível como inexplicável, entrou, tomou pela escada à direita e dispôs-se a subir ao quarto andar. Parava em cada patamar e olhava em volta com curiosidade. No primeiro andar tinham posto um vidro novo na janela. «Este vidro ainda aqui não estava então», pensou ele. Chegou ao segundo andar, junto do quarto onde trabalhavam Mikolai e Mitka. «Está fechado. A porta está pintada de fresco e a casa está por certo alugada». Continuou a subir: terceiro andar, quarto... «É aqui». Teve um momento de hesitação. A porta estava aberta. Havia gente lá dentro, pois ouvia-se falar. Raskólnikov não previra essa eventualidade, mas depressa tomou uma resolução: subiu os últimos degraus e entrou.

Estava-se tratando de proceder a obras. Andavam lá operários, o que cansou a Raskólnikov profundo espanto. Pensava ir encontrar o compartimento da velha tal qual o deixara; talvez mesmo pensasse que os cadáveres estavam ainda estendidos no chão. Agora, com grande surpresa, via as duas paredes nuas e os quartos desguarnecidos de mobília. Aproximou-se da janela e sentou-se no peitoril.

Na sala estavam apenas os operários, dois rapazes mais ou menos da mesma idade. Substituíam o antigo papel amarelo, já muito sujo, por papel branco matizado de flores roxas. Esta circunstância — ignoramos porquê — desagradou a Raskólnikov. Olhava irritado para o papel novo, como se todas estas modificações o contrariassem.

Os operários preparavam-se para sair. Mal atentaram no visitante e continuaram conversando.

Raskólnikov levantou-se e entrou na alcova, onde noutros tempos estavam a caixa, o leito e a cómoda. O quarto, sem o mobiliário, pareceu-lhe muito pequeno. O papel não fora ainda substituído. Ao canto ainda se

conhecia o lugar que o oratório ocupava. Depois de satisfazer a sua curiosidade, voltou a sentar-se no peitoril da janela. Um dos operários olhou para ele de soslaio e dirigiu-se-lhe:

— O que faz aí?

Em vez de responder, Raskólnikov levantou-se, dirigiu-se à porta e pôs-se a puxar o cordão da campainha. Era a mesma, dando o som da folha de Flandres! Tocou segunda, terceira vez, aplicando o ouvido e concentrando as suas reminiscências. A impressão horrível que sentira no dia do assassinato à porta da velha voltava-lhe com uma nitidez e vivacidade crescentes. A cada toque da campainha estremecia, sentindo nisso um prazer indescritível.

— Quem é o senhor? — interrogou com sobranceria um dos operários.

Raskólnikov entrou no compartimento.

— Quero alugar uma casa e vim ver esta — respondeu.

— Não se veem casas de noite e quem as pretende faz-se acompanhar pelo porteiro.

— Lavaram o soalho... e vão pintá-lo? — prosseguiu Raskólnikov. — Já não se percebem as manchas de sangue.

— Qual sangue?

— O da velha e da irmã, que foram assassinadas. Havia aqui uma poça de sangue.

— Mas quem é o senhor? — perguntou o operário, desconfiado.

— Eu?

— Sim.

— Desejas sabê-lo? Acompanha-me ao comissariado e lá to direi.

Os dois operários olharam para ele estupefactos.

— São horas de nos irmos. Anda, Alechka, vamos fechar os compartimentos — disse um para o outro.

— Então vamos — disse Raskólnikov com ar indiferente. E saiu adiante, descendo passo a passo a escada. — Eh, porteiro! — gritou, quando chegou ao portal.

Dirigiu-se a um grupo de pessoas que estavam à porta, entre as quais dois porteiros, uma aldeã e um burguês de roupão.

— O que deseja? — perguntou um deles.

— Foi ao comissariado da polícia?

— Vim agora mesmo de lá, porquê?

— Ainda lá estão?

— Estão.

— E o adjunto do comissário também lá está?

— Estava há pouco. Mas o que queria?

Raskólnikov não respondeu.

— Este senhor veio ver o andar — disse um dos operários, aproximando-se do grupo.

— Que andar?

— Aquele onde estamos trabalhando.

O porteiro examinou melhor Raskólnikov e, de sobrecenho carregado, interrogou:

— Quem é o senhor?

— Rodion Romanovitch Raskólnikov, estudante. Moro aqui próximo, no bairro vizinho, casa Chill, quarto número onze. Pergunte ao porteiro...

Deu esta informação com a maior indiferença e tranquilidade, olhando obstinadamente para a rua, sem voltar uma só vez a cabeça para o interlocutor.

— Que foi fazer lá em cima?

— Fui ver o andar.

— Para quê?

— E se o prendêssemos e levássemos à delegação? — propôs o burguês.

Raskólnikov olhou para ele com atenção.

— Vamos — respondeu sem se alterar.

— É claro que o devemos levar à polícia! — repetiu com vivacidade o outro. — Se ele lá foi a cima é porque tem alguma coisa a pesar-lhe na consciência.

— Talvez esteja bêbedo — lembrou um dos operários.

— O que queres? — interrogou outra vez, em tom ameaçador, o porteiro, que já estava irritado. — Para que vieste apoquentar-nos?

— Tens medo de ir ao comissariado? — perguntou Raskólnikov em tom escarninho.

— Medo de quê? Que tal está o homem!

— É um gatuno — disse a aldeã.

— Para que havemos de estar a discutir com ele? — interveio o outro porteiro, que era um *mujik* enorme com o gibão desabotoado, trazendo à cintura um molho de chaves. — É talvez um gatuno! Já daqui para fora! Rua!

E agarrando Raskólnikov por um braço, empurrou-o com violência. Por um triz não foi a terra. Equilibrando-se, olhou toda aquela gente sem proferir palavra e afastou-se.

— Que figura tão singular! — observou um dos operários.

— Há agora tanta gente assim! — exclamou a aldeã.

— Deixá-lo haver! Devíamos tê-lo levado à delegação! — insistiu o burguês.

«Irei ou não?», pensava Raskólnikov, parado e olhando em redor como se esperasse ouvir a opinião de alguém. A pergunta, porém, ficou sem resposta. Tudo em volta dele era mudo como as pedras da calçada. De repente, a duzentos passos de distância, no extremo de uma das ruas, distinguiu um grupo de onde saíam gritos e palavras proferidas com vivacidade. Rodeavam uma carruagem. «Que será aquilo?» Raskólnikov seguiu à direita, no sentido dos gritos, metendo-se entre a multidão. Dir-se-ia que queria distrair-se, preocupar-se com o menor incidente, e este pueril desejo fazia-o sorrir, porque tomara uma resolução e chegara a convencer-se de que, momentos depois, «acabaria com tudo aquilo».

Capítulo 7

No meio da rua estava parada uma magnífica carruagem particular, tirada por uma parelha de cavalos baios. Dentro não havia ninguém e o próprio cocheiro descera da almofada. Os cavalos estavam seguros pelo freio. Em volta da carruagem uma multidão de curiosos era com dificuldade contida pela polícia. Um deles, com uma lanterna, curvado sobre a calçada, iluminava o quer que fosse, que estava junto das rodas do carro. Toda aquela gente falava e gesticulava com evidente consternação. O cocheiro, desorientado, só dizia de quando em quando:

— Que desgraça, que desgraça!

Raskólnikov abriu a custo caminho por entre a multidão e viu por fim o que dera causa a tal ajuntamento. Por terra, ensanguentado e inerte, jazia um homem que acabava de ser atropelado pelos cavalos. Com quanto estivesse malvestido, via-se que não era um homem do povo. O crânio e o rosto jorravam sangue por feridas horríveis. Ao vê-lo, compreendia-se logo que o desastre fora muito grave.

— Meu Deus! — exclamava o cocheiro — não foi possível evitar isto! Se os cavalos viessem a galope, a culpa era minha; porém a carruagem vinha devagar, como muita gente viu. Infelizmente um bêbedo nunca atende a coisa alguma. Vi-o atravessar a rua cambaleando e por isso gritei-lhe que se arredasse, uma, duas e três vezes! Segurei os cavalos, contudo o homem caminhou direito a eles como se o fizesse de propósito! Os animais são fogosos, não pude contê-los tão depressa como queria, e ele gritou, o que ainda os assustou mais... E foi assim que se deu esta desgraça!

— Sim, foi tal e qual — confirmou alguém que presenciara o desastre.

— Exatamente, o cocheiro gritou-lhe três vezes que se arredasse — disse outro sujeito.

— Lá isso gritou, que toda a gente ouviu — informou um terceiro.

O cocheiro, no entanto, não parecia muito preocupado com as consequências do caso. O dono da carruagem era um personagem rico e bem colocado, e esta circunstância determinou, em especial, a

benevolência dos agentes da polícia. Entretanto, era necessário remover sem demora o ferido para o hospital. Ninguém o conhecia.

Raskólnikov, que à força de encontrões conseguira aproximar-se, reconheceu à luz da lanterna o infeliz.

— Eu conheço-o! Eu conheço-o! — exclamou ele enquanto, afastando as pessoas que o rodeavam, chegava à primeira fila de curiosos. — É um antigo funcionário, o conselheiro honorário Marmeladov! Mora aqui perto, na casa Kozel... Chamem um médico, depressa! Eu pago tudo. Aqui está o dinheiro!

E tirando dinheiro da algibeira, mostrou-o a um polícia. Estava dominado por uma agitação extraordinária.

Os agentes da polícia ficaram satisfeitos por se ter reconhecido a identidade do atropelado. Raskólnikov deu o nome e o endereço, e solicitou com a maior energia que o ferido fosse imediatamente transportado para casa. Se se tratasse do próprio pai, não teria mostrado mais zelo.

— É já aqui adiante — dizia ele — em casa do Kozel, um alemão rico... Talvez recolhesse a casa bêbedo... Conheço-o, é um casco avinhado. Vive com a família; tem mulher e filhos. Antes de o levarem para o hospital, será bom que o médico o veja. Aqui perto deve haver algum. Eu pago, eu pago! No estado em que está, se não o socorrem já, não chega vivo ao hospital.

Meteu algum dinheiro na mão de um dos agentes da polícia. Afinal, o que ele exigia era perfeitamente regular. Levantaram Marmeladov e alguns homens ofereceram-se logo para o transportarem ao seu domicílio. A casa Kozel ficava a uns trinta passos do local do desastre. Raskólnikov seguiu atrás, sustentando com caridosa precaução a cabeça do ferido e indicando o caminho.

— Aqui! Aqui! Cuidado na escada. É preciso que não vá com a cabeça pendente. Virem... assim! Eu pago, eu pago tudo! Obrigado!

Nesse momento Catarina Ivanovna passeava, tal como lhe sucedia sempre que tinha um instante de descanso, a todo o comprimento do cubículo; ia da janela ao fogão e do fogão à janela, com os braços cruzados sobre o peito, monologando e tossindo. Nos últimos tempos conversava mais amiúde com a filha mais velha, Polenka. Com quanto a criança, que apenas tinha dez anos, não percebesse muita coisa, compreendia, no entanto, a necessidade que a mãe tinha dela. Os seus olhos inteligentes

fitavam-se em Catarina Ivanovna e, sempre que a mãe se lhe dirigia, diligenciava compreender, ou pelo menos parecer que compreendia.

Polenka despia o irmão, que durante o dia estivera doente e ia deitar-se. Enquanto esperava que lhe tirassem a camisa para a lavarem durante a noite, a criança, com a fisionomia muito grave, mantinha-se sentada numa cadeira, calada e imóvel, escutando, com os olhos muito abertos, o que a mãe dizia à irmã. A pequenina Lidotchka, vestida de farrapos, esperava a sua vez, de pé, junto do biombo. A porta que dava para o patamar estava aberta para deixar sair o fumo do tabaco que vinha do quarto próximo e que, a cada momento, fazia tossir cruelmente a pobre tuberculosa. Catarina parecia mais abatida do que há oito dias. As sinistras rosetas das faces tinham agora um colorido mais intenso.

— Não podes fazer ideia, Polenka — dizia ela, passeando sempre — como a vida era brilhante e alegre em casa de meu pai e quanto aquele bêbedo nos fez a todos desgraçados. Meu pai tinha um emprego civil que correspondia ao posto de coronel. Era quase governador; mais um degrau na escada e seria governador. Toda a gente lhe dizia: «Ivan Mikhailitch, já o consideramos nosso governador...» Cá-Cá-Cá... Oh! vida três vezes maldita!

Cuspiu e apertou as mãos contra o peito.

— A água está pronta. Dá-me a camisa. E as meias? Lida — disse ela, dirigindo-se à pequenita — esta noite dormes sem camisa… põe as meias ao pé... lava-se tudo junto. E aquele bêbedo sem voltar! Queria lavar-lhe também a camisa para não ter de me fatigar duas noites seguidas... Senhor! Cá-Cá-Cá! O que será? — disse vendo o vestíbulo encher-se de gente, ao mesmo tempo que alguns homens entravam no quarto trazendo uma espécie de fardo. — O que é isso? Que trazem aí? Meu Deus!

— Onde o pousamos? — perguntou um polícia, olhando em redor enquanto introduziam no quarto Marmeladov, coberto de sangue e sem sentidos.

— No sofá! Estendam-no ao comprido no sofá! A cabeça para este lado — indicou com solicitude Raskólnikov.

— É um bêbedo atropelado! — informou alguém no vestíbulo.

Catarina Ivanovna, muito pálida, respirava a custo. As crianças estavam aterradas. Lidotchka correu para a irmã mais velha e, toda trémula, abraçou-a.

Depois de ter ajudado a deitar Marmeladov sobre o sofá, Raskólnikov dirigiu-se a Catarina Ivanovna:

— Tranquilize-se, não se assuste! — disse ele com vivacidade. — Ia a atravessar a rua e uma carruagem atropelou-o. Não se aflija, vai recuperar os sentidos... Mandei transportá-lo para aqui... Já aqui estive, mas talvez não se lembre. há de voltar a si. Eu pagarei tudo!

— Não resiste a esta! — exclamou Catarina, correndo para o marido inanimado.

Raskólnikov percebeu logo que esta mulher não era das que perdem facilmente a presença de espírito. A cabeça do infeliz já descansava numa almofada, o que a ninguém ainda ocorrera.

Catarina começou a despir Marmeladov, a examinar-lhe as feridas e a prodigalizar-lhe os mais inteligentes cuidados. Apesar da comoção, não perdia a serenidade; mordia os lábios trémulos e reprimia no peito gritos de angústia.

Entretanto, Raskólnikov conseguira que alguém fosse chamar um médico que morava numa casa próxima.

— Mandei chamar um médico — disse ele a Catarina. — Não se aflija, eu pago tudo! Não tem água... Dê-me também uma toalha, um guardanapo, um pano qualquer... Ainda se não pode avaliar a gravidade dos ferimentos. Está ferido, mas não está morto, creia!... Veremos o que diz o médico.

Catarina correu à janela, junto da qual, ao canto e sobre uma velha cadeira, estava uma bacia cheia de água que destinava à lavagem da roupa do marido e dos filhos. Esta barreia noturna fazia-a Catarina por suas próprias mãos, pelo menos duas vezes por semana, porque os Marmeladov tinham chegado a tal miséria que lhes faltava em absoluto a roupa para mudarem. Cada um possuía apenas a camisa que trazia vestida. Ora, Catarina não tolerava a falta de asseio e preferia fatigar-se, lavando de noite a roupa de toda a família, para que no dia imediato a encontrassem lavada e engomada, a consentir que na sua miserável casa houvesse falta de limpeza.

Logo que Raskólnikov lhe pediu água, trouxe a bacia, cujo peso a fazia vergar. O rapaz, tendo encontrado uma toalha, molhou-a e lavou o rosto ensanguentado de Marmeladov. Catarina, de pé, ao lado de Raskólnikov, respirava a custo e apertava as mãos contra o peito. «Talvez procedesse mal, mandando-o transportar para aqui», pensou Raskólnikov.

O polícia não sabia também o que havia de fazer.

— Polenka! — gritou Catarina. — Corre a casa da Sofia e diz-lhe que o pai foi atropelado por uma carruagem; que venha já. Se não a encontrares em casa, diz aos Kapernaoumov que lhe deem a notícia logo que ela volte. Depressa! Põe este lenço na cabeça!

Entretanto, entrava tanta gente no quarto que um alfinete não cairia no chão. Os polícias saíram. Ficou apenas um, que fazia recuar a multidão para o patamar. Enquanto procedia a esta operação, pela porta interior entravam, no quarto, quase todos os inquilinos da senhora Lippevechzel, aglomerando-se primeiro à entrada e invadindo depois o aposento. Catarina Ivanovna encolerizou-se.

— Ao menos deixem-no morrer em paz! — gritou ela. — Vêm ver o espetáculo, de cigarro na boca? Cá-cá-cá!... De chapéu na cabeça! Saiam! Tenham respeito pela morte!

A tosse que a sufocava não lhe deixou proferir nem mais uma palavra. A severa reprimenda porém produzia o efeito desejado. Os inquilinos, que pareciam ter um certo receio de Catarina, foram saindo um a um, levando no coração aquele estranho sentimento de satisfação que o homem mais compassivo não deixa de experimentar à vista da desgraça alheia.

Logo que saíram, as suas vozes fizeram-se ouvir do outro lado da porta, dizendo que se devia mandar o ferido para o hospital a fim de não se perturbar o sossego da casa.

— Já a morte perturba! — vociferou Catarina, preparando-se para os fulminar com a sua indignação. Todavia, quando corria para a porta de comunicação, encontrou-se com a senhora Lippevechzel, que acabava de ser informada do desastre e vinha estabelecer a ordem. Era uma alemã bastante malcriada.

— Meu Deus! — exclamou ela, juntando as mãos. — O seu marido estava bêbedo e foi atropelado por uma carruagem! Que vá para o hospital! Sou dona da casa...

— Amália Ludvigovna, pense no que está dizendo! — começou Catarina, em tom exaltado. Era assim que costumava falar-lhe, para a chamar «ao caminho das conveniências», e mesmo em tal momento não pôde eximir-se a esse prazer. — Amália Ludvigovna!

— Já lhe disse mil vezes que não me chamo Amália Ludvigovna, mas sim Amália Ivanovna!

— A senhora não é Amália Ivanovna, mas sim Amália Ludvigovna, assim como não faço parte do grupo dos seus aduladores, tal como o senhor Lébéziatnikov, que deve estar agora a rir-se por trás daquela porta. — «Lá vão elas a agatanhar-se! qss! qss!», diziam de facto no quarto próximo. — Hei de chamar-lhe sempre Amália Ludvigovna, embora não perceba o motivo porque não lhe agrada esse apelido. A senhora sabe o que sucedeu a Semen Zakharovitch, o qual está quase a expirar. Faça o favor de fechar aquela porta e de não deixar entrar aqui ninguém. Deixem-no morrer em paz! Se não, afianço-lhe que amanhã o governador geral saberá do seu procedimento. O príncipe conhece-me desde pequena e lembra-se muito bem de Semen Zakharovitch, a quem mais de uma vez prestou serviços. Toda a gente sabe que meu marido tinha muitos amigos que o protegiam. Foi ele próprio que, cônscio do seu desgraçado vício, deixou do os procurar por um sentimento de nobre delicadeza. Agora, porém — continuou ela, indicando Raskólnikov — encontrámos proteção neste generoso rapaz, que é rico, está bem relacionado e era desde criança amigo de Semen Zakharovitch. Não tenha dúvida, Amália Ludvigovna...

Esta tirada foi dita com grande rapidez, mas a tosse interrompeu bruscamente a eloquência de Catarina. Neste momento, Marmeladov, voltando a si, soltou um gemido. Ela correu para junto do marido, que abrira os olhos e, sem perceber o que se passava, olhava para Raskólnikov, que estava de pé, à cabeceira. Respirava a custo, com os cantos da boca tintos de sangue e a fronte aljofrada de suor. Catarina dirigiu-lhe um olhar aflito e severo, mas bem depressa as lágrimas lhe saltaram dos olhos.

— Meu Deus! Tem o peito esmagado! Que quantidade de sangue! É preciso tirar-lhe a roupa. Vira-te, se podes, Semen Zakharovitch — disse-lhe ela.

Marmeladov reconheceu-a.

— Um padre! — murmurou.

Catarina foi para junto da janela, encostou a cabeça aos vidros e exclamou no auge da angústia:

— Oh! vida três vezes maldita!

— Um padre! — repetiu o moribundo depois de um minuto de silêncio.

— Chut! — fez Catarina.

O doente obedeceu e calou-se. Os seus olhos procuravam a mulher com uma expressão de timidez e ansiedade. Ela voltou para a cabeceira.

Marmeladov sossegou um pouco. Não foi por muito tempo. O olhar vago demorou-se sobre a sua favorita, Lidotchka, que tremia toda e o fitava com uns olhos de criança aterrada.

— Ah! Ah — disse ele, agitando-se e indicando a criança. Percebia-se que queria dizer alguma coisa.

— Que é? — perguntou Catarina.

— Não tem sapatos! Não tem sapatos! — murmurou, soluçando, enquanto o seu olhar se não desviava dos pés descalços da pequenita.

— Cala-te! Bem sabes porque não tem sapatos!

— Graças a Deus, aí vem o médico! — exclamou Raskólnikov.

Entrou um velho alemão, com ar de pessoa metódica, olhando em redor, desconfiado. Aproximou-se do ferido, tomou-lhe o pulso e examinou com atenção a cabeça. Depois, auxiliado por Catarina, desabotoou a camisa ensanguentada e descobriu o peito, que apareceu horrorosamente esmagado. No lado direito havia algumas costelas partidas; no esquerdo, junto do coração, via-se uma grande nódoa negra, orlada de amarelo, causada por uma patada de cavalo. O médico não estava satisfeito. O agente da polícia que o fora chamar contara-lhe que o atropelado ficara entalado numa roda e assim fora arrastado numa distância de trinta passos.

— Parece incrível que ainda viva — disse, dirigindo-se a Raskólnikov.

— Então? — perguntou este.

— Não há que fazer. Está perdido.

— Não tem esperança?

— Nenhuma! Está a expirar... A ferida da cabeça é gravíssima... Podia tentar uma sangria... Tudo, porém, o que se fizesse, seria inútil. Não pode viver mais de cinco ou seis minutos.

— Mas tente...

— Pois sim. Contudo fica prevenido de que isso de nada servirá.

Neste momento ouviu-se um novo ruído de passos e a gente que se aglomerava no patamar abriu passagem. No limiar apareceu um padre de cabelos brancos. Trazia a extrema-unção ao moribundo. O médico cedeu logo o lugar ao padre, com quem trocou um olhar de inteligência. Raskólnikov pediu-lhe que se demorasse um pouco, ao que acedeu, encolhendo os ombros.

Afastaram-se todos. A confissão durou instantes: Marmeladov já não compreendia o que se lhe dizia e apenas proferia sons ininteligíveis.

Catarina ajoelhou ao canto, próximo do fogão, e mandou ajoelhar os filhos. A pequenita Lidotchka tremia sempre e o pequeno, em camisa, imitava os sinais da cruz que a mãe fazia e prosternava-se, rojando a fronte pelo chão. Dir-se-ia que tinha nisto um prazer especial. Catarina, mordendo os lábios, continha as lágrimas. Ao passo que rezava, ia compondo a criança irrequieta. Sem interromper a oração nem se levantar, tirou da gaveta da cómoda um lenço que lançou sobre os ombros nus de Lidotchka. Entretanto a porta de comunicação foi de novo aberta pelos inquilinos e no vestíbulo crescia também o número de espectadores. Todos os inquilinos dos outros andares estavam ali reunidos, não ousando transpor o limiar. A cena era apenas iluminada por um coto de vela.

Polenka, que fora buscar a irmã, atravessou neste momento, a toda a pressa, por entre a gente que se apinhava à porta. Quando entrou, mal podia respirar. Depois de se desembaraçar do lenço, procurou com o olhar a mãe, aproximou-se dela e disse-lhe: «Vem já. Encontrei-a na rua!» Catarina Ivanovna mandou-a ajoelhar. Sofia, timidamente e sem espalhafato, abriu caminho por entre a multidão. Nesse cubículo, onde reinavam a miséria, o desespero e a morte, a sua aparição produziu um efeito estranho. Conquanto pobremente vestida, trajava com a elegância especial das Messalinas da viela. Chegando à porta, a moça não transpôs o limiar e lançou em volta um olhar de espanto.

Parecia ter perdido a consciência de tudo e ter-se esquecido do seu vestido de seda, comprado em segunda mão, cuja cor berrante e cauda exagerada estavam ali muito deslocadas; da sua enorme saia de balão, que tomava a porta em toda a largura; das suas garridas botas; do guarda-chuva que trazia sem necessidade; e do seu espantoso chapéu de palha, ornado com uma pluma encarnada. Por sob esse chapéu, inclinado a um lado com petulância, via-se um rostozinho doentio e pálido, com a boca entreaberta e os olhos numa imobilidade de terror. Sofia tinha dezoito anos. Era loura, pequenina e magra, e um tanto formosa: os olhos claros eram realmente bonitos. Ora olhava para o corpo inanimado do pai, ora para o padre. Tal como sucedera à irmã, estava cansadíssima pela pressa com que viera. Por fim, algumas palavras proferidas pela multidão chegaram-lhe aos ouvidos. Baixando um pouco a cabeça, transpôs o limiar e entrou no quarto. Parou porém logo à entrada.

O moribundo recebera a bênção e a esposa voltara para junto dele. Antes de se retirar, o padre dirigiu a Catarina algumas palavras

consoladoras.

— O que será deles? — murmurava ela com desespero, indicando as crianças.

— Deus é infinitamente bom e misericordioso, por isso espere o seu socorro — respondeu o sacerdote.

— É, é bom e misericordioso, mas não para nós!

— Isso é um pecado, minha senhora, uma blasfémia! — observou o padre.

— E isto que é? — perguntou ela, apontando o moribundo.

— É possível que aqueles que sem querer a privaram do marido, que era o seu amparo, a socorram.

— O senhor não me entende — exclamou agastada Catarina. — Porque me haviam de socorrer? Foi ele que, embriagado, se atirou para debaixo das patas dos cavalos! Ele, o meu amparo! Nunca foi para mim senão um tormento. Deixava-nos sem pão para ir beber na taberna o dinheiro que ganhava. Deus foi misericordioso livrando-nos dele. Para nós foi uma verdadeira esmola!

— A um moribundo perdoa-se, minha senhora. Esses sentimentos são um enorme pecado!

Enquanto conversava com o padre, Catarina não deixava de atender ao ferido: dava-lhe de beber, limpava-lhe o suor e o sangue da cabeça, e ajeitava-lhe a cabeceira. As últimas palavras do padre encolerizaram-na.

— Ora, palavras, palavras e mais nada! Perdoar! Hoje, se não tivesse sido atropelado, teria voltado bêbedo. Como não tem outra camisa senão a que traz vestida, teria de lha lavar enquanto ele dormia, juntamente com a roupa dos pequenos. Depois tinha de pôr tudo a secar para passar a ferro pela manhã. Aí está como passo as noites. E ainda me vem falar de perdão! Mais do que devia, já eu lhe perdoei!

Um violento acesso de tosse impediu-a de continuar. Escarrou num lenço enquanto comprimia o peito dorido. O lenço estava todo manchado de sangue.

O padre curvou a cabeça e não disse mais nada.

Marmeladov estava agonizante. Os seus olhos fixaram-se no rosto da mulher, que de novo se inclinara sobre ele. Parecia querer dizer alguma coisa, percebia-se que tentava um esforço para falar, mas só proferia sons inarticulados. Catarina, compreendendo que ele queria pedir perdão, gritou-lhe:

— Cala-te! É escusado. Já sei o que queres dizer.

O ferido calou-se e o seu olhar, seguindo na direção da porta, encontrou-se com o de Sofia.

Até então não dera pela sua presença, no canto mal iluminado onde a moça se deixara ficar.

— Quem está aí? Quem é? — perguntou com voz débil e estertorosa, olhando aterrado para a porta junto da qual a filha se conservava de pé, e tentando erguer-se.

— Não te levantes, deixa-te estar quieto! — gritou Catarina.

Todavia, por um esforço sobre-humano, Marmeladov conseguiu erguer-se sobre o cotovelo. Fitou a filha por algum tempo. Parecia não a reconhecer, pois era a primeira vez que a via assim vestida.

Tímida, corando de humilhação e vergonha sob as suas garridices canalhas de prostituta, a infeliz esperava com humildade que lhe fosse permitido despedir-se do pai. De repente reconheceu-a e no seu rosto já desfigurado espalhou-se uma nuvem de imensa amargura,

— Sofia!... Minha filha! perdoa-me! — exclamou.

Quis estender-lhe a mão, porém, perdendo o ponto de apoio, caiu pesadamente no chão. Levaram-no e estenderam-no na cama. Sofia soltou um grito, correu para o pai e abraçou-o. Marmeladov expirou nos seus braços.

— Está morto! — exclamou Catarina, contemplando o cadáver do marido. — Que hei de fazer agora? Onde hei de ir arranjar dinheiro para o enterro? O que hão de estas crianças comer amanhã?

Raskólnikov aproximou-se dela.

— Catarina Ivanovna — disse ele — há dias Marmeladov contou-me a sua vida. Sei das suas circunstâncias... Referiu-se à senhora com uma estima que era quase adoração. A partir desse dia, vendo quanto ele amava os seus, quanto, em especial, a admirava e apreciava, a despeito do seu desgraçado vício, concedi-lhe a minha amizade… Consinta, por isso, que neste doloroso momento... a auxilie no cumprimento dos últimos deveres para com o meu falecido amigo. Aqui ficam vinte *rublos,* e se lhe for necessário para alguma coisa, enfim... numa palavra, virei com certeza vê-los amanhã. Sim, amanhã... Adeus!

E saiu a toda a pressa. No vestíbulo encontrou-se com Nikodim Fomitch que, tendo tido conhecimento do desastre, vinha cumprir os

deveres que o seu cargo lhe impunha. Não tornara a avistar Raskólnikov depois que o encontrara no comissariado, mas reconheceu-o logo.

— O senhor aqui? — perguntou ele.

— Morreu agora — disse Raskólnikov. — Teve os socorros da ciência e da religião. Nada lhe faltou. Não apoquente muito a infeliz mulher. É uma tuberculosa e esta desgraça talvez a atire mais depressa para a cova. Anime-a, se puder... Sei que o senhor é bondoso — acrescentou, sorrindo e encarando o comissário.

— Mas o senhor está manchado de sangue — observou Nikodim Fomitch, que vira umas nódoas no colete de Raskólnikov.

— Sim, de facto estou todo enodoado de sangue! — disse Raskólnikov com ar estranho. Depois sorriu, saudou o comissário com uma ligeira mesura e afastou-se.

Desceu a escada, sem se apressar. Agitava-lhe todo o corpo um arrepio. Sentia afluir-lhe ao coração um sangue novo e rico. Esta sensação poderia comparar-se à de um condenado à morte, a quem de súbito viessem dar a notícia de que estava perdoado. A meio da escada afastou-se para deixar passar o padre. Os dois trocaram uma saudação cerimoniosa e muda. Contudo, ao chegar aos últimos degraus, Raskólnikov ouviu atrás de si passos apressados de alguém que queria alcançá-lo. Era Polenka, que galgava os degraus, gritando-lhe:

— Olhe, ouça lá!

Voltou-se para a jovem, que já vinha no último lanço e parou em frente dele. Do pátio vinha uma luz tenuíssima. Raskólnikov fixou o rosto chupado, mas formoso da pequenita, que sorria para ele e o fitava com os seus olhos grandes e ternos. Tinham-na encarregado de uma missão que lhe era muito agradável.

— O senhor como se chama? E... onde mora? — perguntou rapidamente.

Raskólnikov apoiou as mãos sobre os ombros da criança e pousou nela os olhos, que brilhavam de felicidade. Porque experimentava um tal prazer ao contemplar a pequenita? Nem ele próprio o sabia.

— Quem a mandou fazer-me essas perguntas?

— Foi a Sofia — respondeu ela, sorrindo.

— Já calculava que vinha a mando da Sofia.

— E da minha mãe, também. A Sofia foi quem me mandou, mas a mãe disse logo: «Vai depressa, Polenka!»

— É amiga da Sofia?

— Mais do que qualquer outra pessoa! — respondeu com vivacidade Polenka, e o seu sorriso tomou uma expressão grave.

— E de mim? há de ser minha amiga?

Por única resposta a criança chegou o rosto ao de Raskólnikov e estendeu os lábios para o beijar. Os seus bracitos magros cingiram-lhe o pescoço e, inclinando a cabeça sobre o ombro do Rodion, desatou a chorar.

— Pobre pai! — exclamou ao cabo de meio minuto, erguendo a cabeça e limpando as lágrimas com as mãos. — Para nós não há senão desgraças! — acrescentou num tom grave, como se compreendesse toda a sua desventura.

— O paizinho era seu amigo?

— Gostava mais da Lidotchka — respondeu ela. — Era a sua predileta por ser a mais pequena e porque é muito doentinha. Trazia-lhe sempre presentes. Ensinava-nos a ler e a mim dava-me lições de gramática e doutrina — acrescentou com dignidade. — A mãe não dizia nada, porém percebíamos que isso lhe agradava e o paizinho também o sabia. A minha mãe quer-me ensinar o francês porque diz que já é tempo de principiar a minha educação.

— E já sabe rezar?

— Que pergunta! Se sei rezar! Há muito tempo. Como sou a mais velha, rezo só. O Polia e a Lidotchka rezam em voz alta com a mãe. Dizem primeiro a ladainha de Nossa Senhora, depois o «Meu Deus, concedei o vosso perdão e a vossa bênção à nossa irmã Sofia» e depois o «Meu Deus, concedei o vosso perdão e a vossa bênção ao nosso outro pai», porque tínhamos um pai que morreu há muito tempo. Este era outro, no entanto também rezávamos pelo primeiro.

— Polenka, eu chamo-me Rodion. Quando se lembrar, reze também por mim e basta apenas isto: «Perdoai também ao vosso servo Rodion».

— Hei de rezar sempre por si — respondeu com vivacidade a criança, voltando a abraçá-lo com ternura.

Raskólnikov disse-lhe o nome e a morada e prometeu voltar no dia seguinte. A pequena estava encantada. Tinham dado dez horas quando Rodion saiu.

«Basta», disse ele consigo, «acabaram os espectros, os fantasmas e os vãos terrores! Ainda vivo! Não senti há pouco que vivia? A minha vida não terminou com a da velha. Deus tenha em paz a tua alma, mulher, e vai

sendo tempo de deixares a minha em sossego. Agora que reavi a inteligência, a vontade e a energia, veremos! Agora nós!», exclamou, como que lançando um repto a algum poder invisível. «Por enquanto estou muito fraco, no entanto... estou convencido de que já não estou doente. Quando saí de casa, sabia bem que a doença não tardaria a abandonar-me. Espera... A casa Potchinkov fica aqui perto. Vou ter com o Razoumikhine. Deixá-lo ganhar a aposta. Vai talvez caçoar de mim, mas não me importo. A força é necessária e sem ela nada se faz. Uma força origina outra e isso é o que eles ignoram», concluiu com convicção. A sua audácia, a confiança em si mesmo aumentavam de momento a momento. Raskólnikov sentia que se operava nele como que uma mutação.

Não teve dificuldade em encontrar o compartimento de Razoumikhine. Na casa Potchinkov o novo inquilino era já conhecido. A meio da escada Raskólnikov ouviu o rumor produzido pela animada reunião. A porta que dava para o patamar estava aberta.

A parte do andar ocupada por Razoumikhine era bastante espaçosa. Estavam lá umas quinze pessoas. O visitante parou na primeira sala, onde estavam dois *samovars,* garrafas, pratos, tabuleiros cheios de pastéis e *sandwichs,* e duas criadas que andavam açodadas à roda de tudo isto. Raskólnikov mandou chamar Razoumikhine, que se não fez esperar, muito bem-disposto. Percebia-se logo à primeira vista que bebera bem e conquanto, em geral, fosse quase impossível ao estudante embriagar-se, nesta ocasião via-se que a regra sofrera especial exceção.

— Sabes? — começou Raskólnikov. — Vim só para te dizer que tinhas ganho a aposta, confirmando-se o preceito: ninguém sabe o que virá a acontecer-lhe. Mas não entro. Sinto-me ainda muito fraco. Não me aguento nas pernas. Adeus. Passa amanhã lá por casa.

— Espera, vou acompanhar-te. Se estás assim...

— E os teus convidados? Quem é aquele homenzinho de cabelo frisado que entreabriu a porta?

— Creio que nem o diabo sabe quem ele é. Talvez algum amigo de meu tio ou um maganão qualquer que veio sem convite. Ficam com meu tio. É uma criatura que vale o que pesa em ouro. Sinto que não possas hoje relacionar-te com ele. De resto, que o diabo os leve a todos. Já não os posso suportar! Tenho necessidade de ar. Nunca chegaste tanto a propósito, meu amigo. Se não aparecesses, dentro de dois minutos toda esta malta sentiria o peso das minhas mãos. Dizem tanta parvoíce! Não podes

imaginar as divagações de que um homem é capaz. E no fim de contas podes! Não estamos nós aqui a divagar? Deixá-los lá dizer tolices... hão de acabar... Espera um momento, vou buscar o Zozimov.

O médico veio logo. Avistando o doente, desenhou-se-lhe no rosto a surpresa.

— É preciso ir deitar-se já, sem perda de um momento — disse ele. — Seria conveniente tomar qualquer coisa que lhe provocasse um sono tranquilo. Olhe, aqui tem um medicamento que preparei de propósito para si. Toma-o?

— Tomarei — respondeu Raskólnikov.

— Acompanha-o — observou Zozimov a Razoumikhine. — Amanhã veremos como está. Por agora não vai mal. Operou-se uma diferença notável de há pouco para cá. Viver para aprender...

— Queres saber o que o Zozimov me disse há pouco? — começou Razoumikhine, com a voz presa pela embriaguez logo que chegou à rua. — Recomendou-me que te fizesse falar e lhe desse conta, depois, das tuas palavras. Cisma que estás doido ou pouco menos! Já viste pateta igual? Em primeiro lugar és muitíssimo mais inteligente do que ele. Depois, como não estás doido, podes rir-te da opinião que faz de ti, e em terceiro lugar aquela bola de carne, cuja especialidade é a cirurgia, há tempos a esta parte só pensa apenas em afeções mentais. Todavia modificou o seu diagnóstico por causa da conversa que tiveste com o Zametov.

— O Zametov contou-te?

— Disse-me tudo e fez muito bem. Agora já percebemos toda a história. Sim, em resumo, Rodion... o caso é... Olha que estou meio embriagado, mas não há dúvida... O caso é que aquela ideia... entendes? Aquela ideia tinha ocorrido aos dois... entendes? Nenhum deles se atrevia a dizer o que pensava porque era um tremendo absurdo; mas logo que prenderam o pintor, tudo caiu por terra. Então virei-me contra o Zametov e aqui para nós: peço-te, por tudo quanto há que não dês a entender que sabes. Ele é todo cheio de suscetibilidades. Foi em casa da Luísa que o caso se passou. Agora está tudo explicado e devido, em especial, ao Ilia Petrovitch. Desconfiava por causa da síncope que tiveste no comissariado, contudo foi o primeiro a arrepender-se de tal suposição, segundo me disse...

Raskólnikov escutava com atenção e ansiedade. Sob a ação do álcool, o outro ia falando sempre.

— A síncope foi em resultado do excessivo calor e do cheiro das tintas... Sufocava! — informou Raskólnikov.

— E tu ainda a dares explicações! Nem era necessário o cheiro das tintas. Há um mês que trazias a doença incubada. O Zozimov que o diga. Não calculas a cara com que o parvo do Zametov está. «Nada valho, a par daquele homem», diz ele, referindo-se a ti. Não é mau rapaz... mas a lição que hoje lhe deste no Palácio de Cristal foi de mestre! Ao princípio meteste-lhe medo. Estava aterrado e quase o levaste a acreditar de novo no estúpido despropósito, porém de repente convenceste-o de que estavas a brincar com ele. De primeiríssima ordem! Ficou de cara à banda! És um mestre, meu amigo, e permitisse Deus que todos fossem como tu. Que pena tive de não estar presente para gozar essa cena! O Zametov estava lá em casa. Havia de ter prazer em ver-te! O Porfírio também deseja conhecer-te.

— Ah! também esse... Porque julgam eles que estou doido?

— Não é bem isso. Não te julgam doido. Parece-me que estou dando de mais à língua! O que causou impressão ao Zametov, há pouco, foi interessares-te em absoluto por aquele caso. Agora porém sabe-se já o motivo porque te interessa. Conhecendo todas as circunstâncias do caso, a impressão que te produziu na ocasião e a correlação que teve com a tua doença... Estou com uma tremenda piela! Olha, o que te sei dizer é que ele lá tem as suas razões! É um mágico que só pensa apenas em afeções mentais. Não te importes com isso.

Durante meio minuto os dois não pronunciaram uma única palavra.

— Ouve, Razoumikhine, vou falar-te com franqueza — começou Raskólnikov. — Venho de casa de um morto, um antigo funcionário público. Deixei lá todo o meu dinheiro... e depois fui beijado por uma criança que, ainda que eu tivesse assassinado alguém... por fim vi lá outra criatura... com uma pluma cor de fogo. Cá estou eu a divagar... Sinto-me muito fraco. Ampara-me. Cá está a escada...

— O que tens? O que tens tu? — inquiria Razoumikhine assustado.

— Estou atordoado, mas isto não é nada. O pior é que estou muito, muito triste! Como uma mulher! Olha! que é aquilo? Olha, olha!

— O quê?

— Não vês? Há luz no meu quarto! Pela fenda da porta, repara.

Estavam no penúltimo patamar, junto à porta da hospedeira; daí via-se realmente luz no quarto de Raskólnikov.

— É boa! Talvez a Nastásia lá esteja — lembrou Razoumikhine.

— Nunca vai ao meu quarto a estas horas e deve estar deitada há muito. Mas... que importa isso!... Adeus!

— Não, acompanho-te.

— Bem sei, porém quero apertar-te a mão aqui, despedir-me aqui de ti. Dá cá a tua mão e adeus!

— O que tens tu, Rodion?

— Nada! Subamos. Vais ver...

Enquanto subiam, acudiu a Razoumikhine o pensamento de que talvez Zozimov tivesse razão. «É possível que o perturbasse com a minha bisbilhotice», pensou ele.

Quando se aproximaram da porta ouviram vozes no quarto.

— O que será isto? — perguntou Razoumikhine.

Raskólnikov, que ia adiante, empurrou a porta e estacou, como petrificado.

Sua mãe e sua irmã, sentadas no sofá, esperavam-no havia meia hora.

Como explicar que a visita das duas o encontrasse desprevenido? Porque não pensou nisso, quando, nesse mesmo dia, lhe tinham anunciado a chegada da família de um momento para o outro? As duas senhoras não haviam feito outra coisa senão interrogar a Nastásia, que ainda ali estava junto delas. A criada dera já todas as informações possíveis acerca de Raskólnikov. Quando souberam que saíra doente, e talvez durante um acesso febril, a acreditar nas palavras da Nastásia, ficaram aterradas e julgaram-no perdido. Quantas lágrimas choradas e que aflição a dessa meia hora de espera!

Quando os viram aos dois, as duas senhoras soltaram gritos de alegria e correram para Raskólnikov. Este ficou imóvel como uma estátua. Um pensamento horrível gelara-lhe o sangue nas veias. Nem pôde abrir-lhe os braços. Mãe e irmã apertaram-no contra o peito e beijaram-no com ternura, rindo e chorando ao mesmo tempo. Raskólnikov deu um passo e caiu sem sentidos.

Susto, gritos de aflição, soluços... Razoumikhine, que se conservara à porta, correu para Raskólnikov, ergueu-o nos vigorosos braços e deitou-o no sofá.

— Isto não é nada, não vale nada! — disse ele, tranquilizando as duas senhoras. — Um simples desmaio, sem consequências. O médico disse

ainda agora que está muito melhor, quase restabelecido... Água! Olhem, volta a si, veem?

E ao passo que ia falando, apertava sem querer o braço de Dounia, obrigando-a a curvar-se sobre o sofá a fim de se convencer de que, realmente, o irmão recuperava os sentidos. Razoumikhine assumia proporções de verdadeira Providência. Nastásia contara às duas quantas provas de dedicação tinha dado durante a doença de Rodion «aquele desembaraçado moço», como nessa mesma noite lhe chamara Pulquéria Alexandrovna, ao conversar com Dounia.

Parte 3

Capítulo 1

Raskólnikov ergueu meio corpo e sentou-se no sofá.

Com um aceno convidou Razoumikhine a suspender o curso da sua eloquência consoladora. Em seguida, tomando nas suas mãos as de sua mãe e de sua irmã, contemplou-as alternadamente por largo espaço, sem proferir palavra. No seu olhar, onde se estampava uma dolorosa sensibilidade, havia ao mesmo tempo o quer que fosse de insensatez. Pulquéria Alexandrovna, aterrada, desatou a chorar.

Dounia Romanovna estava pálida e a mão tremia-lhe na de Raskólnikov.

— Voltem para casa... com ele — disse o rapaz com a voz entrecortada, apontando para Razoumikhine. — Amanhã, amanhã, tudo... Quando chegaram?

— Chegámos esta noite, Rodion — respondeu Pulquéria Alexandrovna. — O comboio veio muito atrasado. Agora, por nada deste mundo consentiria em separar-me de ti. Passarei a noite aqui, junto do...

— Não me apoquentem — replicou ele com um gesto de irritação.

— Eu fico com ele — atalhou Razoumikhine. — Não me afasto de junto dele e que os meus convidados vão para o diabo! Que se zanguem, se quiserem. Demais, lá está meu tio para lhes fazer as honras da casa.

— Como havemos de agradecer-lhe? — começou Pulquéria, apertando entre as suas mãos as de Razoumikhine.

O filho porém cortou-lhe a palavra.

— Não posso, não posso... — repetia ele enfadado. — Não me apoquentem! Basta, vão-se embora. Não posso!

— Retiremo-nos, minha mãe — disse em voz baixa Dounia, inquieta. — Saiamos do quarto, por um instante que seja. É evidente que a nossa presença o aflige.

— E não me há de ser dado passar um momento junto dele, depois de uma separação de três anos? — murmurou Pulquéria Alexandrovna.

— Esperem um instante! — disse Raskólnikov. — Interrompem-me sempre e fazem-me perder o fio das ideias... Viram o Loujine?

— Não, Rodion, mas já sabe que chegámos. Soubemos que teve a bondade de vir hoje procurar-te — acrescentou, com timidez, Pulquéria Alexandrovna.

— Sim... teve essa bondade. Porém disse-lhe que o atirava pela escada fora e mandei-o para o diabo.

— Que dizes, Rodion?! Pois tu... não é possível! — começou a mãe aterrada. Um volver de olhos de Dounia obrigou-a a calar-se.

Esta, com os olhos fitos no irmão, aguardava que ele se explicasse mais claramente. Já informadas da ocorrência pela Nastásia, que lha relatara a seu modo e da maneira como lhe fora possível compreendê-la, as duas senhoras estavam numa cruel perplexidade.

— Dounia — prosseguiu com esforço Raskólnikov — não consinto nesse casamento. Por consequência, amanhã mesmo despede o Loujine e não falemos mais nisso.

— Meu Deus! — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

— Meu irmão, pensa bem no que dizes! — observou com veemência Dounia. Contendo-se, porém, logo continuou: — Neste momento não estás no teu estado normal! Estás fatigado! — concluiu ela com brandura.

— Estou delirando? Não estou... Casavas com o Loujine por minha causa, mas eu não aceito esse sacrifício. Portanto escreves-lhe uma carta... para o desobrigares do seu compromisso... Dás-ma de manhã para eu a ler e acabou-se.

— Não posso fazer isso! — exclamou ela, ofendida. — Com que direito?

— Dounia, também começas a encolerizar-te! Basta! Amanhã... Pois não vês... — balbuciou a mãe assustada, detendo a filha. — É melhor irmo-nos embora!

— Está com a cabeça transtornada — bradou Razoumikhine, numa voz que traía a embriaguez. — A não ser assim, não se atrevia... Amanhã terá recuperado a razão. Hoje, com efeito, pôs o sujeito na rua. O homem zangou-se... Estava aqui a discursar, a explanar as suas teorias, mas lá se foi indo embora. Ia como uma bicha!

— Então sempre é certo? — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

— Até amanhã meu irmão — disse em tom compassivo Dounia. — Vamos, minha mãe. Adeus, Rodion!

Este fez um esforço para lhe dirigir algumas palavras.

— Ouve, Dounia, não estou delirando: esse casamento seria uma infâmia. Embora seja eu um infame, tu é que não o deves ser... Um já é de mais! Por mais miserável que seja, renegar-te-ia como irmã se contraísses uma tal união. Ou eu ou Loujine. Vão-se embora!

— Perdeste a cabeça! Estás um déspota! — vociferou Razoumikhine.

Raskólnikov não respondeu. Talvez já não estivesse em estado de responder. Exausto, estendeu-se no sofá e voltou-se para a parede. Dounia Romanovna olhou, cheia de curiosidade, para Razoumikhine: os seus olhos negros brilhavam. O estudante estremeceu sob este olhar. Pulquéria Alexandrovna estava consternada.

— Não posso resolver-me a ir-me embora! — murmurou ela, aflita, ao ouvido de Razoumikhine. — Fico aqui em qualquer parte... Acompanhe a Dounia.

— Vai agravar a situação! — respondeu no mesmo tom o estudante, com vivacidade. — Saiamos ao menos do quarto. Nastásia, alumia-nos!... Juro-lhe — continuou ele, logo que saíram para o patamar — que há pouco vi jeitos de nos bater, ao médico e a mim! Entende? Ao próprio médico! Além disso é impossível deixar Dounia Romanovna sozinha naquela hospedaria. Imagina em que casa as alojaram! Aquele patife do Petrovitch devia ter-lhes dado uma casa mais respeitável! Devo dizer-lhes que bebi uma pinga a mais e aí está porque as minhas expressões... são um tanto arrebatadas. Não façam caso...

— Pois bem — prosseguia Pulquéria Alexandrovna — vou ter com a hospedeira do Rodion e peço-lhe que nos dê qualquer canto, para eu e a Dounia aqui ficarmos esta noite. Não posso abandoná-lo neste estado, não posso!

Esta conversa travara-se no patamar, em frente da porta da hospedeira. Nastásia, em pé, no último degrau, ficara alumiando. Razoumikhine estava muitíssimo animado. Meia hora antes, quando acompanhara Raskólnikov a casa, tagarelava de mais, como ele próprio reconhecera; porém nesta altura já tinha a cabeça desanuviada, apesar da enorme quantidade de vinho que havia ingerido. Contudo agora estava mergulhado numa espécie de êxtase e a influência capitosa do vinho fazia-se sentir com dupla intensidade. Apoderara-se das mãos das duas senhoras e dirigia-se-lhes numa linguagem bastante íntima. Talvez no intuito de as convencer melhor, acentuava quase todas as palavras com uma formidável pressão

nos dedos das suas interlocutoras. Ao mesmo tempo, com a maior sem-cerimónia, devorava com os olhos Dounia Romanovna.

De quando em quando, vencidas pela dor, as pobres senhoras tentavam soltar os dedos presos por aquela grande mão ossuda; mas ele resistia e continuava a apertar. Se lhe pedissem, como um favor especial, que se atirasse pela escada, de cabeça para baixo, o rapaz não hesitaria um segundo em lhes satisfazer o desejo. Pulquéria Alexandrovna bem percebia que Razoumikhine era muito excêntrico e, sobretudo, que as suas mãos eram de ferro. Todavia, entregue por completo ao pensamento do seu Rodion, fechava os olhos às maneiras originais do rapaz, que naquele momento era para ela uma Providência.

Quanto a Dounia Romanovna, posto partilhasse das preocupações de sua mãe e não fosse tímida de natureza, não era, contudo, sem surpresa e até sem certo receio que via fixarem-se nela os olhares inflamados do amigo de seu irmão. Se não fosse o ter-lhe inspirado ilimitada confiança, naquele homem singular, a entusiástica narrativa da Nastásia, não teria resistido à tentação de deitar a fugir, arrastando consigo a mãe. Depois compreendia que naquele momento o estudante lhes era indispensável. De resto, ao cabo de dez minutos, serenaram as apreensões da jovem: em qualquer disposição de espírito que Razoumikhine se encontrasse, a feição especial do seu caráter era revelar-se por completo, logo à primeira vista, de modo que se percebia sem custo com que género de indivíduo se tratava.

— É impossível pedir isso à hospedeira, minha senhora. Isso era o cúmulo do absurdo! — replicou com vivacidade a Pulquéria Alexandrovna. — O facto de ser mãe de Rodion não obstará que ele fique desesperado, em sabendo que ficou aqui, e então sabe Deus o que acontecerá! Ouça o que vou propor-lhe: enquanto Nastásia fica a tomar conta dele, vou acompanhá-las a sua casa, porque é imprudente aventurarem-se, sozinhas a estas horas, pelas ruas de S. Petersburgo. Depois de as deixar em casa, volto aqui num pulo e daí a um quarto de hora, dou-lhes a minha palavra de honra, voltarei a fazer-lhes o meu relatório, dizendo-lhes como ele está, se pôde conciliar o sono, etc. Em seguida corro a minha casa (estão lá alguns amigos meus, todos bêbedos, por sinal) basear o Zozimov, que não está bêbedo, pois nunca bebe. É o médico que está tratando do Rodion. Trago-o aqui para ver o doente e em seguida levo-o a sua casa. No intervalo de uma hora terá, assim, duas

vezes notícias de seu filho: primeiro por mim e depois pelo médico, o que é muito mais positivo. Se estiver pior, juro-lhes que as tornarei a trazer aqui; se estiver melhor, deitam-se. Por mim, passarei a noite aqui na saleta (ele não o saberá) e mando deitar o Zozimov em casa da hospedeira para o ter à mão, em caso de necessidade. Neste momento parece-me que a presença do médico sempre será mais útil ao Rodion do que a das senhoras. Assim, voltem para casa! Quanto a ficarem em casa da hospedeira, é impossível. Eu posso fazê-lo, mas as senhoras não. Não consentiria em hospeda-las, porque... é tola. A dizer a verdade, gosta muito de mim e era capaz de ter ciúmes de Dounia Romanovna e da senhora também... mas de Dounia Romanovna com toda a certeza! Tem um génio muito especial! No fim de contas sou também um grande burro. Vamos, venham daí! Têm confiança em mim? Têm ou não têm?

— Vamos, minha mãe — disse Dounia Romanovna. — Estou certa de que fará o que prometeu. Meu irmão deve a vida aos seus cuidados e se o médico consentir, com efeito, em passar aqui a noite, que melhor poderíamos desejar?

— Ora aí está! A menina compreende-me porque é um anjo! — exclamou Razoumikhine com exaltação. — Vamos embora! Nastásia, sobe já para cima e deixa-te estar junto do doente; eu não demoro.

Posto não estivesse ainda muito convencida, Pulquéria Alexandrovna não fez mais objeções. Razoumikhine tomou um braço a cada uma das senhoras e obrigou-as a descer a escada. A mãe não estava livre de cuidados: «É evidente que é desembaraçado e que se interessa por nós. Poderemos, porém, contar com as suas promessas no estado em que se encontra?»

O mancebo adivinhou este pensamento.

— Percebo! Imaginam que estou sob a influência das bebidas! — disse ele, enquanto seguia pelo passeio, a largos passos, sem atender a que as senhoras mal podiam acompanhá-lo. — Isto não quer dizer nada! Isto é, bebi como uma cabra, mas não vale a pena pensar nisso. Não é o vinho o que me embriaga. Logo que as vi, deu-me a impressão de que me tinham descarregado uma paulada na cabeça... Não reparem. Estou a dizer disparates e sou indigno de as acompanhar. Logo que as deixe em casa, vou aqui ao Canal, despejo dois baldes de água na cabeça e fico fino... Se soubessem que afeição me inspiram ambas! Não se riam, nem se zanguem comigo! Sou amigo dele e por consequência também o quero ser das

senhoras... Bem tinha o pressentimento do que havia de suceder! O ano passado, houve um momento... Mas qual, não podia ter esse pressentimento, visto que, por assim dizer, caíram do céu. Já sei que não prego olho esta noite. O Zozimov há bocado estava com medo que ele endoidecesse. É por isso que não devemos irritá-lo.

— O que diz? — exclamou a mãe.

— Será possível que o médico tivesse dito isso? — perguntou, assustada, Dounia Romanovna.

— Disse, mas engana-se, engana-se por completo. Também deu ao Rodion um medicamento em pó, que eu vi; neste meio tempo porém chegaram as senhoras! Seria melhor se tivessem chegado amanhã. Bom foi que nos retirássemos. Daqui por uma hora, já o Zozimov vem trazer-lhes notícias. Esse não está bêbedo e por mim também já o não estarei. Porque motivo me deixei excitar? Porque me fizeram discutir, os malditos! Já havia feito o protesto de não me tornar a meter naquelas discussões! Dizem tanto disparate! Por pouco não me peguei com eles. Lá ficou o meu tio para fazer as honras da casa... Pois não querem saber? Então não são partidários da impersonalidade completa? Lá para eles o progresso supremo consiste em parecer-se a gente o menos possível consigo mesmo. Apraz-nos, a nós russos, vivermos das ideias dos outros e saturámo-nos delas. É isto ou não verdade? — bradou Razoumikhine, apertando as mãos das duas senhoras.

— Oh! meu Deus! não sei! — disse a pobre Pulquéria Alexandrovna.

— Sim, sim... No entanto não estou de acordo com o senhor — acrescentou com gravidade Dounia Romanovna.

Mal acabara porém de pronunciar estas palavras, soltou um grito de dor, provocado por um enérgico aperto de mão de Razoumikhine.

— Sim? Disse que sim? Então nesse caso a menina é... — bradou Razoumikhine num transporte de júbilo. — …é um conjunto de bondade, de bom senso e... de perfeições! Dê-me a sua mão, dê... dê-me também a sua, minha senhora. Quero beijar-lhes já as mãos, aqui mesmo, de joelhos!

E ajoelhou-se no meio da rua que, por felicidade, estava deserta nesse momento.

— Basta, peço-lhe! O que faz? — exclamou Pulquéria Alexandrovna assustadíssima.

— Levante-se! — disse Dounia rindo, mas também com um certo receio.

— Isso nunca! Pelo menos enquanto não me derem as mãos. Ora bem, aqui estou já de pé... Vamos lá! Não passo de um imbecil, indigno das senhoras, e de mais a mais nesta ocasião, avinhado! Sinto vergonha... Bem sei que não sou digno de as amar, no entanto prostrar-se na sua frente é dever de todo aquele que não for uma cavalgadura! Foi por isso que me prostrei... Aqui está a sua casa... Ainda que não fosse senão por causa dela, o Rodion fez muito bem em correr com o tal Pedro Petrovitch! Como ousou metê-las nesta hospedaria? É escandaloso! Sabem que espécie de gente mora aqui? E é a sua noiva! Declaro-lhe que depois de tal ação o seu futuro marido é um patife.

— Ouça, senhor Razoumikhine, esquece-se... — começou Pulquéria Alexandrovna.

— Sim, sim, tem razão. Esqueci-me, com efeito, e sinto-me envergonhado — desculpou-se o estudante — mas... mas... não devem querer-me mal pelas minhas palavras. Se disse isto é porque sou franco e não porque... Hum! Seria ignóbil. Numa palavra, não é pelo facto de eu a... Há pouco, por ocasião da sua visita, todos percebemos que aquele homem não era do nosso meio. Mas basta! Está tudo perdoado. Não é verdade que me perdoam? Pois então vamos lá! Conheço este corredor. Já aqui vim uma vez. Olhem, aqui no número três houve um escândalo... Em que quarto estão? Em que número? No oito? Nesse caso fechem bem a porta por dentro e não abram a ninguém. Daqui a um quarto de hora trago-lhes notícias e meia hora depois voltarei com o Zozimov. Adeus, até já!

— Meu Deus! O que será de nós, Dounia? — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

— Tranquilize-se, minha mãe — respondeu Dounia, tirando o chapéu e a mantilha. — Foi a Providência que nos enviou este rapaz. Apesar de ter vindo de uma orgia, sinto confiança nele. E o que tem feito pelo Rodion!

— Deus sabe se ele voltará! Como pude resolver-me a abandonar o Rodion! Quem diria que o havia de encontrar assim? E porque forma nos recebeu! Parece que a nossa vinda o contrariou! — E dizia isto a chorar.

— Não, minha mãe, não é isso. E que não o via bem. As lágrimas não lho deixaram ver. Acaba de passar por uma crise gravíssima e é essa a causa de tudo.

— Ah! Essa doença! Como acabará tudo isto? E como ele te falou, Dounia! — continuou a pobre mãe, procurando ler nos olhos da filha, e mais tranquilizada por ver que Dounia tomara a defesa do irmão e por

consequência lhe perdoara. — Estou convencida de que amanhã terá outra opinião — acrescentou ela, desejando continuar o seu inquérito.

— E eu afirmo-lhe que há de dizer a mesma coisa... a tal respeito — respondeu Dounia Romanovna.

O caso era tão melindroso que Pulquéria Alexandrovna não ousou prosseguir. Dounia beijou a mãe, que, sem dizer uma única palavra, a apertou muito ao coração. Em seguida Pulquéria sentou-se, esperando com ansiedade a chegada de Razoumikhine. Com os olhos ia seguindo a filha, que, pensativa e com os braços cruzados, passeava a todo o comprimento do quarto. Sempre que alguma coisa a preocupava, Dounia Romanovna passeava de um extremo ao outro da casa sem que a mãe lhe perturbasse as reflexões.

Razoumikhine, animado pelo álcool e enamorando-se logo de Dounia, tornou-se deveras ridículo. Mas, contemplando a gentil moça, enquanto pensativa e triste passeava com os braços cruzados sobre o peito, qualquer pessoa desculparia o estudante sem mesmo levar em linha de conta a atenuante da embriaguez. A figura de Dounia Romanovna era digna de atenção: de estatura elevada, muito bem constituída, de uma singular pureza de linhas, cada um dos seus gestos varonis acusava uma confiança em si que nada prejudicava a graça e a delicadeza tão próprias do sexo fraco. O rosto, que se parecia com o do irmão, era uma beleza. Como Rodion, Dounia tinha cabelos castanhos, mas mais claros. Nos seus olhos negros lia-se aquela altivez que não exclui a bondade. Era pálida, porém a sua palidez nada tinha de mórbida: o rosto irradiava frescura e saúde. A boca era pequena, tendo o lábio inferior de um vivo carmim, um pouco saliente, bem como a extremidade do mento. Esta irregularidade única que se podia notar naquele formoso rosto, dava-lhe, ainda assim, uma singular expressão de firmeza e orgulho. Razoumikhine nunca vira criatura semelhante. Jovem e perturbado pelos vapores do álcool, sentiu-se impressionado. Demais, quis o acaso que ele se encontrasse pela primeira vez com Dounia no momento em que o júbilo de voltar a ver o irmão nimbava de uma luz de ternura o rosto da moça. Depois vira-a soberba de indignação ante as palavras insolentes de Rodion. O seu coração não pôde resistir.

De resto, dissera a verdade quando há pouco, nas suas divagações, dera a entender que a hospedeira de Raskólnikov, Prascóvia Pavlovna, teria ciúmes, não só de Dounia Romanovna, como também de Pulquéria

Alexandrovna. Conquanto tivesse quarenta e três anos, a mãe de Raskólnikov conservava vestígios da sua antiga formosura. Parecia ter menos idade, caso que se verifica frequentes vezes nas mulheres que chegam à velhice com o coração puro e o espírito lúcido. Os cabelos começavam a branquear e os contornos dos olhos apergaminhavam-se. As atribulações tinham-lhe cavado as faces; no entanto o seu rosto era ainda formoso. Era o retrato de Dounia, com vinte anos mais e sem a saliência do lábio inferior, que caracterizava a fisionomia da filha. Pulquéria Alexandrovna era uma alma sensível, mas dessa sensibilidade que exclui a pieguice. Tímida por índole, cedendo por hábito, sabia, contudo, deter-se no caminho das concessões, desde que a sua honestidade ou as suas convicções lhe impusessem essa atitude.

Vinte minutos precisos, após a partida, Razoumikhine batia à porta.

— Não entro, não tenho tempo! — apressou-se ele a dizer quando abriram a porta. — Dorme como um justo, um sono sossegadíssimo, que Deus permita se prolongue por dez horas! A Nastásia está junto dele, com ordem de não o abandonar um momento até que eu volte. Agora vou buscar o Zozimov. Ele diz-lhes o que tem a dizer e as senhoras vão logo deitar-se, porque estão a cair de fadiga.

E deitou a correr pelo corredor.

— Que rapaz tão desembaraçado, que delicadeza! — exclamou Pulquéria, sorrindo.

— Parece de boa índole! — respondeu com certa vivacidade Dounia Romanovna, continuando no seu passeio.

Uma hora depois ouviram-se passos no corredor e de novo bateram à porta. Razoumikhine voltava com Zozimov, que não hesitara em abandonar o banquete para ir ver Raskólnikov. Todavia, não foi sem relutância que se decidira a ir a casa da mãe e da irmã do doente, porque não queria acreditar nas palavras de Razoumikhine, que lhe parecia ter deixado uma boa parte da razão no fundo dos copos. Não tardou porém que a vaidade do médico se sentisse lisonjeada: Zozimov compreendeu que era esperado como um oráculo.

Nos dez minutos que a sua visita durou, conseguiu tranquilizar em absoluto Pulquéria Alexandrovna. Com o ar grave e a circunspeção que convêm a um médico chamado em circunstâncias excecionais, testemunhou pelo doente o maior interesse. Não ultrapassou o assunto exclusivo da sua visita, nem mostrou desejar estabelecer relações de

intimidade com as duas interlocutoras. Tendo, logo à entrada, notado a formosura de Dounia Romanovna, hesitava em olhar para a jovem e dirigia-se quase que exclusivamente a Pulquéria.

Encontrara Raskólnikov em estado satisfatório. A doença fora em parte devida às más condições materiais em que Rodion vivia há alguns meses e a outras causas de ordem moral. Era, por assim dizer, o resultado complexo de influências múltiplas, tanto físicas como psicológicas, tais como: preocupações, cuidados, receios, etc. Percebendo, sem o dar a entender, que Dounia o escutava com manifesta atenção, demorou-se por condescendência neste tema.

Interrogado pela inquieta mãe se notara no filho qualquer sintoma de loucura, respondeu, sorridente, que tinham exagerado o alcance das suas palavras: apenas se notava no doente uma ideia fixa, uma espécie de monomania, porém devia sossegar, pois ele estudava em especial este interessante ramo da medicina.

— Mas — prosseguiu — devemos não esquecer que o doente esteve até hoje quase sempre delirante e a chegada das senhoras deve ser para ele benéfica, contribuindo para a restauração das forças, exercendo uma forte ação salutar... caso seja possível evitar-lhe novos abalos — concluiu com intenção.

Levantou-se e depois de fazer um cumprimento, ao mesmo tempo cerimonioso e cordial, saiu, coberto de bênçãos e efusões de reconhecimento. Dounia chegou mesmo a estender-lhe a mão. Enfim, Zozimov estava muito contente com a sua pessoa e com o efeito da sua visita.

— Amanhã conversaremos muito. Agora vão descansar, que já vai sendo tempo! — aconselhou Razoumikhine, saindo com Zozimov. — De manhã virei trazer-lhes notícias.

— Que deliciosa criatura esta Avdotia! — observou Zozimov logo que os dois chegaram à rua.

— Deliciosa? Disseste deliciosa? — gritou Razoumikhine, deitando as mãos ao pescoço do médico. — Se tiveres o atrevimento... Entendes? Percebes? — bradava ele, segurando-o pela gola do casaco e levando-o de encontro à parede. — Percebeste-me bem?

— Larga-me, beberrão! — exclamou Zozimov, tentando ver-se livre dele. Depois, quando Razoumikhine o largou, fitou-o com atenção e deu uma gargalhada.

O estudante estava em frente dele com os braços pendentes e um ar de tristeza.

— Não há dúvida nenhuma! Sou um pedaço de asno! — disse ele com o sobrolho carregado. — Mas tu és outro.

— Não, meu caro, não sou. Não penso em disparates.

Caminharam sem trocar palavra e só quando chegaram próximo do prédio onde Raskólnikov morava é que Razoumikhine, preocupado, disse:

— Olha lá, tu és um bom rapaz, porém tens uma linda coleção de vícios. És, em especial, um voluptuoso, um miserável sibarita. Gostas das tuas comodidades, engordas como um porco, não te recusas coisa alguma. Ora eu sou de opinião que isso é ignóbil, porque conduz em linha reta à torpeza. Sendo, como és, uma criatura efeminada, não posso compreender como, apesar disso, és também um bom médico e, o que é mais, um médico dedicado. Dormes em colchão de penas (um médico!) e no entanto levantas-te a qualquer hora para visitar um doente! Diabos me levem se daqui a três anos fores capaz de te levantar, por mais que te batam à porta! Mas não é a isso que pretendo chegar. Aqui está o que queria dizer-te: vou-me deitar na cozinha e tu passas a noite nos aposentos da hospedeira. Não foi sem grande dificuldade que obtive o seu consentimento! Terás ensejo de travar com Pachenka um conhecimento mais íntimo. Não é o que tu pensas! Meu amigo, nem por sombras...

— Mas eu não penso nada, absolutamente nada.

— Meu amigo, é uma criatura pudibunda, tímida, de uma castidade a toda a prova e ao mesmo tempo de uma meiguice e de uma ternura! Livra-me dela, peço-te, por quantos diabos há! É muito amável, sem dúvida, mas já a não posso aturar. Dou homem por mim.

Zozimov soltou uma gargalhada.

— Não sabes o que dizes! Porque lhe havia de fazer a corte?

— Afirmo-te que te não será difícil captar-lhe a simpatia. Basta que lhe fales seja sobre o que for; o caso está em te sentares ao pé dela e dar à língua. Depois és médico: cura-a de qualquer coisa. Afianço-te que te não hás de arrepender. Tem um piano, e eu, como sabes, canto. Pois cantei-lhe uma canção que começa assim: «Choro lágrimas amargas!» Ela adora as melodias sentimentais! Foi aí que a coisa começou. Ora tu és um mestre de piano, um *virtuose* da força de Rubinstein... Crê que te não hás de dar mal.

— Mas que ganho eu com isso?

— Parece que não me faço entender! Ouve lá: estais, como se diz, talhados um para o outro. Não foi hoje nem ontem que pensei em ti... Uma vez que hás de acabar fatalmente por isso, que diabo te pode importar que seja agora ou depois? Aqui tens colchão de penas e coisa melhor! Aqui encontrarás tudo, desde o abrigo até aos excelentes *blines,* não contando com o *samovar,* à noite, e a botija aos pés. Estarás como um morto, com uma simples diferença: viverás. Uma dupla vantagem! Basta porém de palavreado. São horas de nos deitarmos. Olha lá: sucede-me acordar muitas vezes; aproveitarei essas ocasiões para ir ver o Rodia. Se me ouvires subir, não te preocupes. Se te parecer conveniente vai vê-lo e, no caso de notares qualquer alteração para pior, acorda-me. Estou certo de que não será necessário.

Capítulo 2

No dia seguinte Razoumikhine acordou, depois das sete horas, preocupado com cuidados que até esse momento nunca haviam perturbado a sua existência. Recapitulou todos os incidentes da noite antecedente e percebeu que sofrera uma impressão diferente de todas as que até então experimentara. Ao mesmo tempo tinha a convicção de que o sonho que lhe atravessara a mente era em absoluto irrealizável. Pareceu-lhe a tal ponto absurda essa quimera que teve pejo de demorar nela o pensamento. Por isso deu-se pressa a passar a outras questões de ordem prática que o malfadado dia da véspera igualmente lhe legara.

O que mais o apoquentava era ter-se mostrado no dia anterior sob a aparência de um patife. Não somente o tinham visto bêbedo, como além disso, abusando da vantagem que a situação de protetor lhe dava sobre uma moça obrigada a recorrer a ele, vilipendiara, por um sentimento de inepto e súbito ciúme, o desposado dessa moça sem saber que relações existiam entre um e outro, nem quem era, ao certo, esse indivíduo.

Que direito lhe assistia para apreciar de tal forma Pedro Petrovitch? E quem lhe perguntara a sua opinião? Além disso, seria admissível que uma mulher como Avdotia Romanovna fosse casar por interesse com um homem indigno dela? Logo, Pedro Petrovitch devia ter de facto algum merecimento. Havia na verdade a questão da casa que lhes arranjara. Porém, saberia ele o que era essa casa? De resto, aquelas senhoras achavam-se ali provisoriamente, pois estava tratando de lhes preparar outra casa... Oh! como tudo isto era miserável! E poderia justificar-se, alegando a sua embriaguez? Esta tola desculpa ainda o aviltava mais. No vinho reside a verdade, e sob a influência do vinho revelara toda a verdade, isto é, os baixos sentimentos de um coração deveras ciumento. Era-lhe porventura lícito ter semelhante sonho? O que valia ele, comparado com essa moça, ele, o bêbedo grulha e brutal da véspera? O que haveria de mais odioso e de mais ridículo do que a ideia de uma ligação entre dois entes tão dissemelhantes?

Já sucumbido, em presença de um tão estulto pensamento, recordou-se de repente de haver dito na véspera, na escada, que a hospedeira o amava e que teria ciúmes de Avdotia Romanovna. Esta lembrança veio a talho de foice para pôr remate à sua turbação. Era demais! Descarregou um formidável murro sobre o fogão da cozinha e partiu um tijolo.

«Sem dúvida», murmurou ele, ao cabo de um minuto, com um sentimento de profunda humilhação, «sem dúvida, agora não há meio de apagar todas aquelas torpezas... É escusado, portanto, pensar nisso. Apresentar-me-ei sem dizer nada, desempenhar-me-ei em silêncio da minha tarefa e... não apresentarei desculpas, nada direi. Agora é tarde e o mal está feito!» E, contudo, cuidava do seu vestuário com particular esmero. Tinha apenas um fato, porém ainda que tivesse mais talvez vestisse o da véspera, só para não parecer que se arranjava de propósito. E no entanto uma falta de asseio seria do pior gosto. Não lhe assistia o direito de ferir os sentimentos alheios, muito em especial quando, como no caso presente, se tratava de pessoas que tinham necessidade dele e lhe haviam pedido espontaneamente que viesse vê-las. Por consequência escovou com cuidado o fato. Pelo que dizia respeito à roupa branca, Razoumikhine trazia-a sempre muitíssimo limpa.

Tendo encontrado sabão no quarto da Nastásia, procedeu às suas abluções: lavou o cabelo, o pescoço e, com mais cuidado, as mãos. Quando chegou o momento de decidir se faria a barba — Prascóvia Pavlovna tinha excelentes navalhas, herança do seu falecido marido, o senhor Zarnitzine — resolveu a questão negativamente e até mesmo com uma certa irritação. «Nada, estou assim muito bem! Eram capazes de pensar que tinha feito a barba para… Isso nunca!»

Este monólogo foi interrompido pela chegada de Zozimov. Depois de ter passado a noite em casa de Prascóvia Pavlovna, o doutor fora a sua casa e voltava agora para visitar o doente. Razoumikhine disse-lhe que Raskólnikov estava dormindo como um arganaz. Zozimov proibiu que o despertassem e prometeu voltar das dez para as onze horas.

— Contanto que esteja em casa, porque, com um doente que se escapa com tanta facilidade, nunca se pode contar! Sabes se ficou de ir a casa delas ou se elas virão cá?

— Presumo que virão — respondeu Razoumikhine, percebendo o motivo porque lhe era dirigida esta pergunta. — É de crer que tenham de

conversar em negócios de família e por isso sairei. Tu, na tua qualidade de médico, tens mais direito que eu a ficar.

— Eu não sou confessor. Além disso tenho mais que fazer do que estar a escutar-lhes os segredos. Também me irei embora.

— Há uma coisa que me preocupa — prosseguiu Razoumikhine franzindo o sobrolho. — Ontem estava bêbedo e, quando acompanhei aqui o Rodia, não tive cuidado com a língua. Entre outras tolices, disse-lhe que receavas que tivesse predisposição para a loucura.

— Foste mesmo dizer isso às senhoras?!

— Bem sei que foi asneira! Bate-me, se queres! Mas aqui para nós, e com toda a sinceridade, qual é a tua opinião sobre o caso?

— Que te hei de eu dizer? Tu mesmo mo apresentaste como um monomaníaco, quando me trouxeste aqui... E ontem ainda nós lhe perturbámos mais o espírito; digo nós, porém foste mais tu com a história do pintor! Ora aí está um belo assunto para conversar, em presença de um homem cujo desarranjo intelectual provém exatamente desse caso. Se a esse tempo conhecesse em todos os seus pormenores a cena que se passou no comissariado da polícia, se soubesse que tinham recaído sobre ele as suspeitas de um canalha, ter-te-ia cortado a loquacidade logo às primeiras palavras. Para estes monomaníacos uma gota de água é um oceano, as fantasias da sua imaginação aparecem-lhes como se fossem realidades... Pelo que o Zametov nos contou ontem na tua ceia, começo agora a compreender metade do caso. A propósito, aquele Zametov é muito boa pessoa, no entanto, hum!... fez mal em dizer ontem tudo aquilo. É um terrível tagarela!

— Mas a quem contou ele o caso? A ti e a mim.

— E ao Porfírio.

— E então? Que tem que ele contasse ao Porfírio?

— E antes de mais nada; tens alguma influência sobre a mãe e a irmã? Era conveniente que elas fossem circunspectas com ele...

— Eu lho direi! — respondeu com ar contrariado Razoumikhine.

— Bem, até logo. Agradece por mim a Prascóvia Pavlovna a sua hospitalidade. Ela fechou-se no quarto. Gritei-lhe «Bons dias!» através da porta e não me respondeu. No entanto estava levantada desde as sete horas. Encontrei-me no corredor com a criada, que lhe levava o *samovar*... Não se dignou receber-me.

Às nove horas em ponto chegava Razoumikhine à casa Bakaleiev. As duas senhoras esperavam-no, havia muito, com uma impaciência febril: tinham-se levantado antes das sete horas. Entrou, sombrio como a noite, cumprimentou secamente e logo em seguida sentiu um amargo despeito por se ter apresentado por tal forma. Calculara mal a ansiedade com que era esperado: Pulquéria Alexandrovna correu ao seu *encontro,* agarrou-lhe em ambas as mãos e por pouco não as beijou. O visitante lançou um olhar tímido a Avdotia Romanovna e, em vez do olhar motejador, de desdém voluntário e mal dissimulado que esperava encontrar naquele altivo semblante, leu nele uma tal expressão de gratidão e de afetuosa simpatia que a sua confusão aumentou. Por fortuna tinha um assunto obrigatório e deu-se pressa em encetar a conversa.

Ao saber que o filho não estava ainda acordado, mas que o seu estado era satisfatório, declarou que tudo estava correndo pelo melhor, pois tinha grande necessidade de conferenciar com Razoumikhine. A mãe e a filha perguntaram em seguida ao estudante se já havia tomado chá e, como ele respondesse negativamente, convidaram-no a tomá-lo na sua companhia, porque tinham aguardado a sua chegada para se sentarem à mesa.

Avdotia Romanovna agitou a campainha e apareceu um criado. Ordenou-lhe que trouxesse o chá, que foi servido de um modo tão inconveniente, tão pouco asseado, que as duas senhoras se sentiram corar de pejo. Razoumikhine proferiu enérgicos impropérios contra uma tal «espelunca». Pensando todavia em Loujine, calou-se e ficou perturbado para logo se sentir feliz por escapar a tão desagradável situação, mercê de um sem número de perguntas que Pulquéria Alexandrovna lhe fez.

Interrogado a cada momento, falou durante três quartos de hora e contou tudo quanto sabia com relação aos principais factos da vida de Rodia Romanovitch no último ano. Concluiu pela narrativa circunstanciada da doença do seu amigo. É bem de ver que não se referiu ao que convinha calar; por exemplo, à cena do comissariado e às suas consequências. As duas senhoras escutaram-no avidamente. Já ele julgava ter-lhes referido todos os pormenores suscetíveis de as interessar e ainda a sua curiosidade se não dava por satisfeita.

— E diga-me, diga-me, como lhe parece... Ah! perdão! ainda não sei o seu nome — disse com vivacidade Pulquéria Alexandrovna.

— Dmitri Prokofitch Razoumikhine.

— Pois bem, Dmitri Prokofitch! Tinha vontade de saber como em geral... ele agora encara as coisas ou, para melhor dizer, o que lhe agrada e o que lhe desagrada. Continua a irritar-se com frequência? Quais são os seus desejos, as suas aspirações, para melhor dizer? Que influência particular o está dominando neste momento?

— O que posso eu responder? Conheço Rodia há dezoito meses: é taciturno, reservado, orgulhoso e altivo. Nestes últimos tempos (mas talvez esta disposição existisse nele há muito) tornou-se desconfiado e hipocondríaco. Tem bom coração e é generoso. Não gosta de revelar os seus sentimentos e custa-lhe menos ferir as pessoas do que mostrar-se expansivo. Outras vezes nada tem de carrancudo; mostra-se, porém, frio e insensível até à desumanidade. Dir-se-ia que há nele dois caráteres opostos, que alternadamente se manifestam. Em certas ocasiões é de uma extrema taciturnidade: tudo lhe pesa, todos o incomodam e fica dias inteiros deitado, sem fazer coisa alguma. Não gosta de escarnecer dos outros, não porque ao seu espírito falte causticidade, mas porque despreza a zombaria como um passatempo demasiado frívolo. Não ouve até ao fim o que se lhe diz: nunca se interessa pelas coisas que interessam a toda a gente. Tem-se num alto conceito e nesse ponto quer-me parecer que não deixa de ter razão. Que posso acrescentar mais? Estou convencido de que a presença da mãe e da irmã hão de exercer sobre ele uma ação das mais salutares.

— Ai! Deus queira! — exclamou Pulquéria Alexandrovna, a quem estas revelações sobre o caráter do seu Rodia haviam deixado inquieta.

Por fim Razoumikhine atreveu-se a olhar com mais audácia para Avdotia Romanovna. Enquanto falava, tinha-a por várias vezes examinado, porém de fugida e desviando logo os olhos. A moça, ora se sentava junto da mesa, escutando com atenção, ora se levantava e, segundo o seu costume, passeava de um para o outro lado do quarto com os braços cruzados e os lábios comprimidos, fazendo de quando em quando uma pergunta sem interromper o passeio. Tinha também o costume do irmão de não escutar até ao fim o que se lhe dizia. Trazia um vestido leve, de tecido escuro, e em volta do pescoço uma gola branca de renda. Razoumikhine não tardou em reconhecer por diversos indícios que as duas mulheres eram muito pobres. Se Avdotia Romanovna trajasse como uma rainha, talvez se não tivesse intimidado tanto; entretanto que ao vê-la tão pobremente vestida, experimentava junto dela um grande receio e media com extremo

cuidado cada uma das suas expressões, cada um dos seus gestos, o que ainda mais aumentava a perturbação de um homem já pouco senhor de si.

— Deu-nos muitos pormenores curiosos acerca do caráter de meu irmão e... deu-no-los com imparcialidade. Antes assim. Cheguei a pensar que ele lhe inspirava admiração — observou Avdotia Romanovna com um sorriso. — Quer-me parecer que anda ali mulher — acrescentou ela, pensativa.

— Não digo isso, mas pode ser que tenha razão, somente...

— O quê?

— Ele não ama ninguém. Talvez nunca venha a amar — prosseguiu Razoumikhine.

— Quer dizer que o julga incapaz de amar?

— Sabe, Avdotia Romanovna: acho-lhe em todos os sentidos uma extraordinária semelhança com seu irmão! — deixou escapar estouvadamente o rapaz. Depois recordou-se, de súbito, do juízo que acabava de fazer de Raskólnikov, perturbou-se e fez-se vermelho como uma lagosta. Avdotia Romanovna não pôde deixar de sorrir ao vê-lo assim.

— É possível que ambos se enganem a respeito do Rodia — notou Pulquéria Alexandrovna um tanto familiarizada. — Não falo do presente, Dounia. O que Pedro Petrovitch escreve naquela carta... e o que ambas supusemos, pode não ser verdade. O senhor não pode imaginar até que ponto é original e caprichoso. Tinha apenas catorze anos e já o seu caráter era para mim uma contínua surpresa. Agora mesmo, julgo-o capaz de cometer um despropósito que não viesse ao pensamento de nenhum outro homem. Sem ir mais longe: sabe que há dezoito meses esteve a ponto de ser a causa da minha morte quando se lhe meteu na cabeça casar com aquela... com a filha daquela senhora Zarnitzine, sua hospedeira...

— Conhece os pormenores dessa história? — perguntou Avdotia Romanovna.

— Supõe talvez — prosseguia a mãe com animação — que tivesse contemplação com as minhas instâncias, com as minhas lágrimas, com a minha doença e com o receio de me ver morrer, ou até mesmo que a nossa miséria o comovesse? Qual! Teria posto em prática o seu projeto, com a máxima tranquilidade, sem se deixar demover por qualquer consideração. E, todavia, pode admitir que não nos adore?

— Nunca me disse coisa alguma a esse respeito — respondeu com reserva Razoumikhine. — O que sei foi-me dito pela senhora Zarnitzine,

que também não é muito expansiva, o que não deixa de ser muito extraordinário.

— Então o que foi que soube? — perguntaram as duas senhoras.

— Oh! alguma coisa de particularmente interessante, na verdade! Sei que esse casamento, que já era assunto combinado e que ia realizar-se quando a noiva faleceu, desagradava em extremo à própria senhora Zarnitzine... Dizem, também, por outro lado, que a moça não era bonita ou, o que é melhor, que era feia; demais, parece que era muito doente e… excêntrica. No entanto é possível que tivesse certas qualidades... devia tê-las, com certeza, de outra forma não se compreenderia...

— Estou convencida de que essa moça era aceitável — observou Avdotia Romanovna.

— Deus me perdoe, mas regozijei-me com a sua morte e, no entanto, não sei a qual dos dois teria sido mais funesto — concluiu a mãe. Em seguida, com cautela, e depois de muitas hesitações, deitando do quando em quando os olhos para Dounia, a quem parecia desagradar sobremaneira esta conversa, pôs-se a interrogar de novo Razoumikhine acerca da cena da véspera entre Rodia e Loujine.

Este incidente parecia dar-lhe mais cuidado do que qualquer outra coisa e causar-lhe verdadeiro terror. O mancebo voltou a fazer a narrativa circunstanciada da altercação de que fora testemunha, e acrescentou desta vez a conclusão. Acusou Raskólnikov de haver insultado, de caso pensado, Pedro Petrovitch, e não invocou a doença para desculpar o procedimento do seu amigo.

— Antes de adoecer já tinha premeditado isso — concluiu ele.

— Assim penso também — disse Pulquéria Alexandrovna, em cujo rosto se desenhava a consternação.

Ficou contudo muito surpreendida, vendo que desta vez Razoumikhine falara de Pedro Petrovitch em termos convenientes e até mesmo com tal ou qual estima. Esta circunstância não passou também despercebida a Avdotia Romanovna.

— E é essa a sua opinião com respeito a Pedro Petrovitch? — perguntou Pulquéria Alexandrovna.

— Não posso ter outra acerca do futuro esposo de sua filha — respondeu Razoumikhine, em tom firme e veemente. — E não é uma formalidade banal o que assim me faz falar: digo isto, porque.... porque.... acabou-se! Basta ser o homem a quem Avdotia Romanovna, por sua livre

vontade, honrou com a sua escolha. Se ontem me exprimi em termos injuriosos a seu respeito é que ontem estava muito bêbedo e além disso... doido. Perdi a cabeça, estava por completo desassisado… e hoje envergonho-me do que fiz e disse!

Corou e calou-se. As faces de Avdotia Romanovna avermelharam-se, mas a gentil moça conservou-se calada. Desde que se falava a respeito de Loujine, não mais proferira uma palavra.

No entanto, privada do auxílio da filha, Pulquéria Alexandrovna encontrava-se em visíveis embaraços. Por fim tomou a palavra com voz hesitante e, levantando a todos os momentos os olhos para Dounia, declarou que uma circunstância a preocupava muitíssimo nesse momento.

— Diz-me, Dounia — começou ela. — Achas que devo ser franca com Razoumikhine?

— Sem dúvida, minha mãe — respondeu com certo tom autoritário Avdotia Romanovna.

— Trata-se do seguinte — apressou-se a dizer a mãe, como se lhe tivessem tirado um grande peso de cima do peito, permitindo-lhe comunicar aos outros as suas mágoas. — Esta manhã recebemos uma carta de Pedro Petrovitch, em resposta a uma que lhe enviámos ontem a participar-lhe a nossa chegada. Pedro devia esperar-nos na estação, como tinha prometido. Em seu lugar encontrámos um criado, que nos conduziu aqui, anunciando-nos para hoje de manhã a visita do seu senhor. Ora, sucede que, em vez de vir, mandou-nos esta carta... Há aí uma coisa que me inquieta bastante... Vai ver já o que é... e dir-me-á francamente a sua opinião! Conhece melhor que ninguém o caráter do Rodia e melhor que ninguém poderá aconselhar-nos. Devo dizer-lhe que Dounia decidiu logo a questão. Por minha parte, confesso que não sei qual o partido que deva tomar...

Razoumikhine desdobrou a carta, datada da véspera, e leu o que se segue:

Sra. Pulquéria Alexandrovna

Tenho a honra de a informar que circunstâncias imprevistas me impediram de a ir esperar à estação do caminho de ferro, motivo porque me fiz substituir por pessoa da minha inteira confiança. Os negócios privar-me-ão também da honra de a ver amanhã de manhã, além de que não desejo servir de estorvo à sua

entrevista com seu filho, nem à de Avdotia Romanovna com seu irmão. Por conseguinte, só às oito da noite é que terei o prazer de lhe ir apresentar os meus cumprimentos. Rogo-lhe com insistência que me poupe, durante essa entrevista, ao dissabor de me encontrar com Rodia Romanovitch, porque esse cavalheiro me insultou, da forma mais grosseira, por ocasião da visita que lhe fiz ontem. Independentemente desta circunstância, é-me forçoso ter com a senhora uma explicação pessoal a respeito de um ponto que os dois não interpretaremos talvez da mesma forma. Tenho a honra de a prevenir com antecedência de que se, apesar do formal desejo expresso na presente carta, encontrar em sua casa Rodia Romanovitch, ver-me-ei forçado a retirar-me logo e então não terá de que se queixar que não seja de si própria.

Faço esta prevenção partindo do princípio que Rodia Romanovitch, que parecia estar tão doente por ocasião da minha visita, recobrou a saúde duas horas depois e pode, por conseguinte, ir a sua casa. Com efeito, ontem vi-o em casa de um bêbedo que pouco antes fora esmagado por uma carruagem. E, a pretexto de pagar o funeral, deu vinte e cinco rublos à filha do falecido, uma moça cuja crónica escandalosa é conhecida de toda a gente. Causou-me o facto grande admiração porque sei à custa de quantas privações a senhora conseguiu aquela quantia! Resta-me agora pedir-lhe que transmita as minhas homenagens a Avdotia Romanovna e que permita que me assine, com respeitosa dedicação,

Seu obediente criado,

P. Loujine

— Que fazer agora? — perguntou Pulquéria Alexandrovna, quase a chorar. — Como poderemos dizer a Rodia que não venha? É capaz de vir aqui quando souber disto e... que acontecerá então?

— Siga o conselho de Avdotia Romanovna — respondeu tranquilamente e sem a menor hesitação Razoumikhine.

— Deus meu! — disse Pulquéria. — Então é também de opinião que é preferível, ou antes, indispensável que Rodia venha esta noite aqui, pelas oito horas, e se encontre com Pedro Petrovitch... Por mim, preferiria não lhe mostrar a carta e usar de subterfúgios para o impedir de vir. Contava

sair-me bem deste passo difícil com o seu auxílio. Não sei de que bêbedo esmagado por um carro e de que filha se trata nesta carta. Não posso compreender como deu a esta as últimas moedas de prata... que...

— Que representam tantos e tantos sacrifícios para a mãe — concluiu Avdotia.

— Ontem não estava no seu estado normal — disse Razoumikhine com ar pensativo. — Se soubesse a que passatempo se entregou num café! De resto, fez muito bem! Com efeito, falou-me de um morto e de uma moça, na ocasião em que o acompanhei a casa, porém não compreendi nem palavra... É verdade que eu estava também...

— O melhor, mãe, é ir a casa dele e aí afianço-lhe que havemos de ver qual é o melhor caminho a seguir. E é tempo de tomar uma resolução. Deus do céu! Já dez horas! — exclamou Dounia, consultando um soberbo relógio de ouro esmaltado que usava suspenso do pescoço por uma delicada cadeia de Veneza e que contrastava de uma forma singular com o conjunto do vestuário.

«É um presente do namorado», pensou Razoumikhine.

— Ah! é muito tarde! O tempo foge! — disse Pulquéria Alexandrovna.

— Pensa talvez que ficámos sentidas com a receção que nos fez ontem e não estranhará a nossa demora.

E assim falando, apressou-se a pôr o chapéu e a mantilha. Dounia preparou-se também para sair. As luvas não somente eram muito usadas, como estavam até esburacadas, o que não passou despercebida a Razoumikhine. No entanto, estes trajos, cuja pobreza saltava logo aos olhos de toda a gente, davam às duas senhoras um certo ar de dignidade, como acontece sempre às mulheres que sabem trajar modestamente.

— Meu Deus! — exclamou Pulquéria Alexandrovna. — Quem havia de sonhar que iria recear uma entrevista com meu filho, com o meu querido Rodia! Tenho medo! — acrescentou ela, olhando com timidez o mancebo.

— Nada receie, mãezinha — disse Dounia, beijando-a. — Quanto a mim, tenho confiança.

— Ah! meu Deus, por minha parte tenho confiança também, todavia não dormi em toda a noite! — tornou a pobre mulher.

Os três saíram.

— Sabes tu — disse, dirigindo-se a Dounia — que esta manhã, ao romper do dia, meio amodorrada, vi em sonhos a falecida Marfa Petrovna?

Estava vestida de branco! Ah! meu Deus! Com certeza Razoumikhine não sabe ainda que Marfa Petrovna morreu!

— Não, não sabia... Que Marfa Petrovna é essa?

— Morreu de repente! E imagine que...

— Logo contará isso — interveio Dounia. — Ele não sabe ainda de que Marfa se trata.

— Ah! não a conhece? Pensei que já lhe havia explicado toda esta história. Desculpe-me, ando com a cabeça transtornada há dois dias! Já o considero como a nossa providência e daí a razão porque me persuado de que anda ao corrente de todos os nossos negócios. Trato-o como pessoa de família... Ah! meu Deus, que tem na mão? está ferido?

— Sim, feri-me — murmurou Razoumikhine com satisfação.

— Às vezes sou muito curiosa e Dounia até me censura por isso... Ora vejam em que pocilga ele vive! E aquela mulher, a hospedeira, chama àquilo um quarto! Ora ouça: disse-me que ele não gosta de abrir-se com pessoa alguma! Quem sabe se não lhe irei causar aborrecimento com as... minhas fraquezas! Não me dá algumas indicações a este respeito? Como devo proceder para como ele? Bem vê que estou sem saber o que faça.

— Não lhe faça muitas perguntas se vir que franze a testa. Evite, sobretudo, falar-lhe da saúde, porque o Rodia não gosta disso.

— Ah! como é triste, algumas vezes, a posição de quem é mãe! Olhem para a escada... Que horror!

— Está branca como a cal da parede. Sossegue! — exclamou Dounia, acariciando a mãe. — Para que amofinar-se dessa forma quando deve ser para ele uma felicidade vê-la? — acrescentou Dounia, cujos olhos tinham um fulgor estranho.

— Ouçam, vou adiante para ver se está acordado.

Razoumikhine tomou a dianteira e as duas senhoras subiram, sem fazer ruído, atrás dele. Chegadas ao quarto, notaram que a porta da hospedeira estava entreaberta e que, pela estreita abertura, dois olhos pretos e penetrantes as observavam. Quando os olhares se cruzaram, fecharam logo a porta, e com um tal estrondo que Pulquéria Alexandrovna quase deixou escapar um grito de terror.

Capítulo 3

— Está melhor! Muito melhor! — disse alegremente Zozimov, vendo entrar as duas senhoras.

Estava ali havia dez minutos, sentado no mesmo lugar da véspera. Raskólnikov, na outra extremidade do sofá, estava todo vestido, tendo-se dado mesmo ao incómodo de lavar a cara e de se pentear, operações que não praticava havia muito tempo. Conquanto da chegada de Razoumikhine e das duas senhoras resultasse a ocupação literal do aposento, Nastásia encontrou meio de entrar com eles e achar sítio próprio para ouvir o que se dissesse.

De facto o doente estava muito melhor, porém muito pálido e mergulhado em profunda meditação.

Quando Pulquéria entrou com a filha, Zozimov notou com surpresa o sentimento que a fisionomia do enfermo denunciou. Não era a alegria, antes pelo contrário, era uma espécie de resignado estoicismo. Rodia parecia chamar em seu auxílio toda a coragem para suportar durante uma ou duas horas uma tortura que não podia evitar. Assim que se entabulou a conversa, o médico observou que, por assim dizer, cada palavra parecia reabrir uma ferida na alma do seu doente; mas, ao mesmo tempo, surpreendia-se em vê-lo relativamente senhor de si. O monomaníaco furioso da véspera dominava-se agora, até certo ponto, e conseguia dissimular as próprias impressões.

— Sim, sinto que estou quase restabelecido — disse Raskólnikov abraçando a mãe e a irmã com uma cordialidade que fez surgir a alegria no rosto de Pulquéria. — E hoje não digo isto como o dizia ontem — acrescentou, dirigindo-se a Razoumikhine e apertando-lhe a mão com afeto.

— Eu próprio me declaro encantado ao vê-lo hoje tão bem-disposto — disse Zozimov. — Continuando assim, dentro de três ou quatro dias temos homem, temos o Raskólnikov de há um mês ou dois... ou talvez mesmo três. Esta doença estava incubada há muito, não é assim? Confesse que até

certo ponto contribuiu para este resultado — terminou, sorrindo, porém receando ainda que o doente se irritasse.

— É muito possível — respondeu friamente Raskólnikov.

— Agora que podemos conversar consigo — continuou Zozimov — desejo convencê-lo de que é em absoluto necessário afastar as causas primárias do desenvolvimento da sua doença. Se fizer isto, curar-se-á; se fizer o contrário, o mal agravar-se-á sem remédio. Ignoro quais sejam as causas primárias a que aludi; no entanto o meu amigo deve conhecê-las. O senhor é um homem inteligente e sem dúvida ter-se-á observado a si próprio. Quero crer que a saúde começou a alterar-se após a sua saída da Universidade. É opinião minha que o meu amigo não deve entregar-se à ociosidade, como tem feito. Ser-lhe-ia muito útil que se entregasse ao trabalho, que tivesse um fim qualquer em vista, seguindo-o com persistência.

— Sim, sim. Tem razão... Voltarei o mais depressa possível para a Universidade e então tudo volverá à normalidade.

O médico dera estes sensatos conselhos, em especial para produzir efeito diante das senhoras. Quando terminou, olhou para Raskólnikov e ficou um tanto desconsertado, por lhe ler no rosto um ar de troça. Em breve porém teve a recompensa da sua profunda deceção. Pulquéria agradeceu-lhe os bons serviços prestados e confessou-se muito reconhecida pela visita que lhe fizera e à filha na noite anterior.

— Como? O senhor Zozimov foi a sua casa ontem à noite? — perguntou Raskólnikov com a voz um pouco alterada. — De modo que não descansaram ainda, depois de uma tão longa viagem?

— Não eram ainda duas horas. Em nossa casa nunca nos deitávamos cedo.

— Não sei como agradecer-lhe tantos favores — continuou Raskólnikov, que franzia o sobrolho, fazendo uma vénia. — Pondo de parte a questão do dinheiro, e desculpe-me aludir a ele, não sei porque motivo lhe pude merecer um tal interesse. Não percebo e... direi até que me pesa uma tão excessiva benevolência, porque, quanto a mim, nada a justifica. Como vê, sou muito franco.

— Não lhe dê isso cuidado — respondeu Zozimov, afetando um sorriso. — Suponha que é o meu primeiro cliente. Ora, nós, os médicos, ficamos tão amigos dos nossos primeiros clientes como se fossem nossos

próprios filhos. E, pelo que me diz respeito, deve compreender que não tenho ainda uma clientela numerosa.

— Não digo uma palavra a seu respeito — disse Raskólnikov, designando Razoumikhine — que não seja uma injúria e causo-lhe as maiores sensaborias.

— Que tolices estás para aí a dizer? Já vejo que estás hoje sentimental — disse Razoumikhine.

Se fosse mais perspicaz teria visto que, longe de estar sentimental, o seu amigo encontrava-se numa disposição de espírito por completo oposta. Todavia Avdotia não era tão falta de perspicácia e pôs-se a observar o irmão, um tanto inquieta.

— De si, minha mãe, quase que nem ouso falar — disse ainda Raskólnikov, com ar de quem repetia uma lição decorada de manhã. — Só hoje pude atingir quanto teria sofrido ontem, esperando a minha volta.

Proferiu estas palavras sorrindo e estendeu a mão à irmã sem nada dizer. O seu sorriso exprimia agora um sentimento verdadeiro. No rosto de Rodia não se notava qualquer dissimulação. Dounia apertou com efusão a mão que se lhe oferecia. Era o primeiro momento de atenção que o irmão lhe dava, depois da altercação da véspera. Esta cena muda de reconciliação entre os dois irmãos encheu de satisfação Pulquéria Alexandrovna.

Razoumikhine deu um pulo na cadeira.

— Só por isto, amá-la-ia sempre! — disse ele, com a sua tendência para exagerar tudo.

«Que bonita ação!», pensou a mãe. «Que nobres sentimentos ele tem! Este simples facto de estender a mão à sua irmã, olhando-a com afetuosidade, não seria a forma mais franca e delicada de pôr termo ao incidente da véspera?»

— Ah! Rodia, não podes imaginar — apressou-se a responder à observação do filho — quanto eu e Dounia fomos ontem... infelizes! Agora que tudo terminou e estamos satisfeitos, agora pode-se contar. Ora ouve lá: mal saímos do comboio, viemos numa grande corrida para te abraçar e a criada... (Olha, ela está aqui! Bom dia, Nastásia!) ...disse-nos, mal entrámos, que estando de cama com febre, tinhas acabado de sair, delirando, e que andavam à tua procura. Não podes calcular em que estado ficámos!

— Sim, sim, isso foi realmente pouco agradável — murmurou Raskólnikov. Disse isto de uma maneira tão distraída, para não dizer com

indiferença, que Dounia contemplou-o surpreendida. — Que mais ia eu dizer? — continuou ele, fazendo um esforço para se recordar. — Ah, sim! Peço-lhes que não suponham que não quisesse ser o primeiro a ir visitá-las hoje e que esperasse me viessem ver...

— Mas porque dizes isso? — exclamou Pulquéria, desta vez não menos espantada do que a filha.

«Dir-se-ia que nos atende por simples delicadeza», pensou Dounia. «Reconcilia-se como se cumprisse uma simples formalidade ou recitasse uma lição!»

— Logo que acordei quis ir procurá-las, porém não tinha fato. Tencionava dizer ontem à Nastásia que lavasse este sangue. Só há bocado é que pude vestir-me.

— Sangue? — perguntou Pulquéria assustada.

— Não é nada, não se aflija. Ontem, enquanto passeava delirante, socorri um homem que acabava de ser esmagado por um carro. Daí a razão porque ensanguentei o fato...

— Enquanto estavas com delírio? Mas então recordas-te de tudo! — interrompeu Razoumikhine.

— Lembro-me, sim! — respondeu Raskólnikov, pensativo. — Lembro-me de tudo, até das coisas mais insignificantes. O que é singular é que não consigo explicar a mim próprio porque razão fiz isto, porque disse aquilo, porque fui a tal lugar...

— É um fenómeno muito vulgar — observou Zozimov. — O ato é às vezes praticado com uma destreza e habilidade extraordinária. Todavia, o princípio de que emana altera-se no alienado e depende de diversas impressões mórbidas.

A palavra «alienado» produziu uma impressão desagradável. Zozimov deixara-a escapar distraidamente, todo entregue ao prazer de fazer frases sobre o seu tema predileto. Raskólnikov, sempre absorto, pareceu não ter dado atenção alguma às palavras do médico. Um sorriso singular pairava nos seus lábios descorados.

— Quem é esse homem esmagado? — apressou-se a atalhar Razoumikhine.

— O quê? — perguntou Raskólnikov, como se acordasse. — Ah! sim... ensanguentei-me quando o ajudei a conduzir a casa... A propósito, minha mãe, fiz ontem uma coisa imperdoável! Era preciso de facto que estivesse com a cabeça perdida! Todo o dinheiro que me mandou dei-o... à viúva do

tal homem para o enterro. A pobre mulher faz pena... Está tísica... Ficou com três crianças sem ter que lhes dar de comer... e há ainda outra moça... A mãe talvez fizesse o mesmo que eu fiz se visse aquele horror. No entanto, reconheço-o, não tinha o direito de dar aquele dinheiro sabendo quanto lhe custou a arranjar-mo.

— Não penses nisso! Para mim, tudo quanto fazes é bem feito! — respondeu a mãe.

— Pois não tem muitas razões para pensar assim — replicou, dissimulando um sorriso.

A conversa ficou suspensa durante algum tempo. Palavras, silêncio, reconciliação, perdão, tudo era um tanto forçado e todos o sentiam.

— Sabes que morreu Marfa Petrovna? — disse de repente Pulquéria.

— Qual Marfa Petrovna?

— A mulher de Svidrigailov, não te recordas? Falei-te tanto dela na minha última carta!

— Ah, sim, lembro-me agora... Então morreu? Essa agora! — disse ele, estremecendo de súbito, como quem acorda. — Custa a acreditar que ela morresse. De que morreu?

— Morreu de repente! — apressou-se a dizer Pulquéria, animada a prosseguir pela curiosidade que o filho manifestava. — Morreu no mesmo dia que te escrevi a carta... Segundo dizem, foi o miserável do marido o causador da morte. Disseram que a moeu com pancadaria.

— Era costume dele? — perguntou Raskólnikov, dirigindo-se à irmã.

— Não, pelo contrário: mostrava-se até muito atencioso e delicado com ela. Ocasiões havia em que lhe dava mesmo provas de grande indulgência, e isso durou sete anos... Contudo, um belo dia, perdeu a paciência.

— Então não era tão mau como o pintam, uma vez que teve paciência durante sete anos! Parece que o desculpas.

Avdotia Romanovna franziu as sobrancelhas.

— Era realmente um homem terrível. Não posso imaginar nada pior — respondeu ela com ar pensativo.

— Diz-se à boca pequena que de manhã houve entre eles uma grande cena — continuou Pulquéria. — Depois disso parece que mandou preparar a carruagem para ir à cidade, após o jantar, como costumava fazer. Dizem que comeu com bastante apetite...

— Apesar da sova?

— Estava habituada. Depois de jantar tomou um banho. Tratava-se pela hidroterapia e tomava banho numa fonte que há em casa deles. Mal entrou na água, teve uma apoplexia.

— Pudera! — observou Zozimov.

— E tendo apanhado uma tremenda sova...

— Mas a que vem tudo isso? — perguntou Avdotia Romanovna.

— Hum! Não sei porque conta tais tolices — disse Raskólnikov bastante irritado.

— Oh, filho! Não sabia sobre que falar... — confessou Pulquéria com ingenuidade.

— Parece que ambas têm medo de mim! — continuou ele com um sorriso contrafeito.

— E é verdade — respondeu Dounia, fixando nele um severo olhar. — Quando subíamos a escada, a mãe até se persignou, tão assustada vinha.

A expressão severa do rosto de Rodia transformou-se.

— Que estás para aí a dizer? Não te zangues, Rodia... Como dizes essas coisas, Dounia! — desculpou-se Pulquéria, toda confusa. — A verdade é que durante a viagem, sentada ao canto da carruagem, não deixei de pensar na grande felicidade de te tornar a ver e de estar contigo... Felicidade tão grande que até a viagem me pareceu pequena, tão enlevada vinha nessa ideia. E agora sinto-me feliz, feliz por estar ao teu lado, Rodia!

— Basta, minha mãe — murmurou ele agitado, sem a encarar e apertando-lhe a mão. — Temos tempo de conversar!

Pronunciou estas palavras perturbado e pálido. De novo sentiu um frio de morte na alma, de novo reconheceu que acabava de mentir horrivelmente e que daí em diante já não podia conversar à vontade, nem com sua mãe, nem com pessoa alguma. E a impressão desse pensamento cruel foi tão viva que, esquecendo-se dos seus visitantes, levantou-se e encaminhou-se para a porta.

— Onde vais? — gritou-lhe Razoumikhine, agarrando-o por um braço.

Raskólnikov voltou a sentar-se e volveu os olhos em redor: todos o examinavam com espanto.

— Parece que estão empenhados em me aborrecer! — exclamou ele por fim. — Digam alguma coisa! Porque estão para aí mudos? Falem! Não é para estarmos calados que nos reunimos. Conversemos!

— Louvado seja o Senhor! Já pensava que ias ter outro acesso como ontem — disse Pulquéria, que se tinha persignado.

— Mas que tens tu, Rodia? — perguntou com inquietação Avdotia Romanovna.

— Nada. Foi um disparate que me passou pelo espírito — respondeu ele, desatando a rir.

— Está bem, se é um disparate, tanto melhor! Eu por mim receava... — murmurou Zozimov, levantando-se. — Agora vou deixá-los. Verei se posso voltar logo.

Despediu-se e saiu.

— Que excelente rapaz! — observou Pulquéria.

— É um bom rapaz, com efeito, filho de boa família, instruído e inteligente — disse Raskólnikov com uma animação desusada. — Já não me recordo onde o encontrei antes da minha doença. Creio que o encontrei em qualquer parte... E aqui está outro rapaz excelente! — acrescentou ele, indicando Razoumikhine. — Mas onde vais?

Razoumikhine, com efeito, tinha-se levantado.

— Preciso de me ir embora também. Tenho que fazer — disse ele.

— Não tens tal que fazer. Deixa-te estar. Porque Zozimov saiu, também te queres ir embora. Não vás. Mas que horas são? É meio-dia? Que bonito relógio tens! — disse, dirigindo-se a Dounia. — Porque se tornam a calar outra vez? Ninguém fala senão eu!

— Foi um presente de Marfa Petrovna — respondeu Dounia.

— E foi muito caro! — continuou Pulquéria.

— Julguei qua fosse um presente do Loujine.

— Não. Ainda não lhe deu nada.

— Ah! Lembra-se, mãe, quando namorei e quis casar? — disse ele bruscamente, voltando-se para ela, deixando-a admirada da feição imprevista que acabava de dar à conversa e do tom com que falava.

— Ah! sim, meu filho! — respondeu Pulquéria, trocando um olhar com Dounia e Razoumikhine.

— É verdade! Que direi eu? Já não me lembra nada disso. Era uma moça fraquinha, sempre adoentada — continuou ele pensativo e de olhos baixos. — Gostava de dar esmolas aos pobres e o seu pensamento constante era entrar para um convento. Um dia vi-a desfazer-se em lágrimas quando me falou nisso. Lembro-me muito bem e parece que a estou vendo. Era mais feia do que bonita. A dizer a verdade, nem sei

porque me afeiçoei a ela. Talvez por ser muito doente... Se, além disso, fosse também coxa ou corcunda, parece-me que a teria amado mais ainda... — E sorriu tristemente. — Enfim, isso não tinha importância... Foi uma doidice de rapaz.

— Não, não foi só uma doidice de rapaz — observou Dounia, muito convicta.

Raskólnikov fitou a irmã, mas não ouviu bem, ou antes, não entendeu as suas palavras. Depois, com um ar melancólico, levantou-se, abraçou a mãe e tornou a sentar-se no mesmo lugar.

— E ainda a amas? — disse com voz sentida Pulquéria.

— Ainda a amo? Ah! sim... fala dela! Não. Tudo isso está agora muito longe de mim... e já há muito tempo. De resto, tudo quanto me rodeia, me dá a mesma impressão...

Olhou com atenção as duas mulheres.

— Ora vejam: a mãe e a Dounia estão aqui ao pé de mim... Pois bem, parece-me que as vejo a uma distância de mil *verstas*. Mas para que diabo falámos nisto! E para que me estão interrogando? — acrescentou ele, agastado. Depois começou a roer as unhas e voltou a cair no seu devaneio.

— Que medonho quarto arranjaste! Parece um túmulo — disse Pulquéria para romper o silêncio. — Estou certa de que foi ele que contribuiu mais para a tua hipocondria.

— Este quarto? — replicou ele abstrato. — Sim, talvez contribuísse, já tenho pensado nisso. No entanto, se a mãe soubesse que singular ideia acaba de exprimir! — acrescentou ele de súbito, com um sorriso enigmático.

Raskólnikov estava de tal forma que lhe custava suportar a presença da mãe e da irmã, de quem tinha estado separado durante três anos, mas com as quais sentia ser impossível sustentar qualquer conversa. Havia porém uma questão que não podia sofrer adiamento: pouco antes, quando se levantou, dissera a si mesmo que havia de ser decidida nesse mesmo dia de um modo ou de outro. Neste momento foi para ele uma fortuna encontrar nessa questão um meio de sair do embaraço.

— Eis o que quero dizer-te — começou ele, num tom seco, voltado para Dounia. — Peço-te que me desculpes do incidente do ontem, porém julgo do meu dever recordar-te que mantenho os termos do meu dilema: ou eu ou Loujine. Posso ser infame, mas tu não deves sê-lo. Um é bastante.

Portanto, se casas com Loujine, deixo desde esse instante de te considerar minha irmã.

— Rodia! Rodia! Lá estás outra vez a falar como ontem! — exclamou Pulquéria, desconsolada. — Porque te chamas sempre infame? Não posso suportar isso. Já ontem dizias a mesma coisa.

— Meu irmão — respondeu Dounia num tom que não ficava atrás, nem em secura, nem em aspereza, ao de Raskólnikov — o equívoco que nos desune provém de um erro em que estás. Refleti muito nisso esta noite e descobri em que consiste. Supões que me sacrifico por alguém. Ora, aí é que te enganas. Caso única e simplesmente por minha causa, porque a minha situação pessoal é difícil. Sem dúvida, mais tarde, estimarei muito ser útil à minha família, podendo fazê-lo; porém não é esse o motivo principal da minha resolução.

«Mente!», pensou consigo Raskólnikov, que, de raiva, voltou a roer as unhas. «Orgulhosa! Não confessa que quer ser minha benfeitora. Que arrogância! Oh! que caráteres baixos! O seu amor parece-se com o ódio... Como eu os detesto a todos!»

— Numa palavra — continuou Dounia — caso com Pedro Petrovitch porque, de dois males, escolho o menor. Tenho intenção de cumprir com lealdade tudo quanto espera de mim. Por conseguinte não o engano... Porque sorriste ainda agora?

Corou e um relâmpago de cólera brilhou-lhe nos olhos.

— Cumprirás tudo? — perguntou ele, sorrindo com amargura.

— Até um certo limite. Pela maneira como Pedro Petrovitch pediu a minha mão, percebi logo o que lhe é necessário. Ele forma talvez um alto conceito de si próprio; no entanto espero que também saberá apreciar-me... Porque voltas a rir-te?

— E tu porque tornas a corar? Mentes, minha irmã. Não podes estimar Loujine. Vi-o e conversei com ele. Por conseguinte, casas por interesse. Em qualquer caso, porém, cometes uma baixeza. Ao menos estimo ver que ainda sabes corar!

— Isso não é verdade. Eu não minto! — gritou a jovem, perdendo todo o sangue-frio. — Não me casarei sem estar bem certa de que me aprecia e estima. Não casarei sem estar plenamente convencida de que eu própria posso estimá-lo. Por felicidade tenho um meio de ficar com essa certeza de uma maneira decisiva e, o que é mais, já hoje mesmo. Todavia, mesmo que tivesses razão, mesmo que de facto estivesse resolvida a uma baixeza,

não é uma crueldade de tua parte falares-me dessa maneira? Porque exiges de mim um heroísmo que talvez não tenhas? Isso é tirania, é uma violência! Se prejudico alguém, sou eu a prejudicada... Ainda não matei ninguém. Porque estás a olhar para mim desse modo? Porque empalideces? Rodia, que tens? Rodia, querido!

— Meu Deus! Desmaiou, e tu é que foste a causa! — exclamou Pulquéria.

— Não, isto não é nada, que disparate!... Foi a cabeça que se me trastornou um pouco. Não foi desmaio... Os desmaios são bons para as senhoras. Mas o que queria eu dizer? Ah! como hás de convencer-te ainda hoje que podes vir a estimar Loujine e que... ele te aprecia... porque era isto o que dizias ainda agora, não é verdade? Ou eu não ouvi bem?

— Mostre a meu irmão a carta de Pedro Petrovitch — disse Dounia, virando-se para a mãe.

Pulquéria estendeu a carta com mão trémula. Raskólnikov leu-a com atenção, por duas vezes. Todos ficaram à espera de alguma cena. A mãe, em especial, estava muito inquieta.

Depois de pensar um instante, o mancebo entregou-lhe a carta.

— Não compreendo nada — começou ele sem se dirigir a ninguém em particular. — É advogado, tem pretensões a orador e escreve como um ignorante.

Estas palavras provocaram o pasmo em todos. Ninguém esperava tal resposta.

— Pelo menos não escreve muito literariamente. O estilo é o de um ignorante. Escreve como um homem de negócios — acrescentou Raskólnikov.

— Pedro Petrovitch também não oculta que recebeu pouca instrução e orgulha-se de dever tudo ao seu trabalho — disse Dounia, um pouco melindrada pelo tom em que o irmão falara.

— Sim, poderá orgulhar-se com razão, não digo o contrário. Parece que estás magoada, porque, tendo feito uma observação frívola a respeito dessa carta, julgas que insisto de propósito em tais ninharias para te arreliar? De modo nenhum. Em relação ao estilo, reparei que, no caso presente, está longe de não ter importância. Esta frase: «Não terá de que se queixar se não de si mesma» não deixa nada a desejar sob o ponto de vista de clareza. Além disso, adverte que se retirará logo se me encontrar quando as for visitar. Esta ameaça significa simplesmente que se não lhe

obedecerem, as abandonará, depois de as ter obrigado a vir a S. Petersburgo. Então que te parece? Estas palavras da parte de Loujine ofendem do mesmo modo, como se tivessem sido escritas por este — apontou para Razoumikhine — por Zozimov ou por qualquer de nós?

— Não — respondeu Dounia. — Compreendo que traduziu com pouca delicadeza o seu pensamento e que não é talvez muito hábil escritor. A tua observação é muito judiciosa. Nem esperava...

— Admitindo que escreve como um homem de negócios, não podia exprimir-se de outra forma e não foi talvez por sua culpa que se mostrou tão grosseiro. De resto, devo desiludir-te um pouco. Nessa carta há uma outra frase que contém uma calúnia bem vil. Dei ontem algum dinheiro a uma viúva tísica e prostrada pela desgraça, não, como ele escreve, «a pretexto de pagar o funeral», mas sim para o funeral. Essa quantia entreguei-a à própria viúva e não à filha do falecido (essa moça «cuja crónica escandalosa é conhecida de toda a gente», segundo ele diz) e que vi ontem pela primeira vez. Em tudo isto descubro apenas o propósito de me desacreditar na tua opinião e na da nossa mãe. Ainda neste ponto escreve em estilo jurídico, isto é, revela em absoluto o seu fim, e prossegue no seu caminho, sem rodeios, nem cerimónias. É inteligente, mas, para se proceder assisadamente, a inteligência só não basta. Tudo isto retrata o homem e não creio que te aprecie muito. Falo-te assim para teu governo, porque desejo com toda a sinceridade a tua ventura.

Dounia não respondeu. Desde o princípio que a sua resolução estava tomada e só esperava pela noite.

— Então, Rodia, o que decides? — perguntou Pulquéria, cuja inquietação aumentara desde que ouvira o filho discutir como um homem de negócios.

— Que quer a mãe dizer com isso?

— Viste o que escreveu Pedro Petrovitch: deseja que não vás a nossa casa esta noite e declara que se irá embora se lá fores. É por isso que pergunto o que pensas fazer.

— Não tenho que decidir coisa nenhuma. A mãe e a Dounia é que devem ver se essa exigência de Pedro Petrovitch não é ofensiva para ambas. Farei o que lhes agradar — acrescentou friamente.

— Dounia já resolveu essa questão e sou também do seu parecer — apressou-se a responder Pulquéria.

— Por mim entendo que é indispensável que assistas a essa entrevista e peço-te por tudo para lá ires — disse Dounia. — Vais?

— Vou.

— Peço-lhe também o favor de ir a nossa casa às oito horas — continuou ela, dirigindo-se a Razoumikhine.

— Fazes bem, Dounia. Está decidido. Faça-se conforme o teu desejo — acrescentou Pulquéria. — De resto, para mim é um alívio. Não gosto de fingir nem de mentir, e mais vale uma explicação franca... E agora o Pedro Petrovitch que se zangue à vontade!

Capítulo 4

Neste momento alguém abriu a porta. Uma moça entrou, olhando timidamente em volta. A sua presença causou surpresa geral e todos os olhares se fixaram nela. A princípio Raskólnikov não a conheceu. Era Sofia Semanovna Marmeladov. Vira-a na véspera pela primeira vez, porém, em tais circunstâncias e com um vestuário tão diferente, que outra havia sido a imagem que se lhe tinha fixado na memória. Agora era uma moça modesta e pobre, de maneiras honestas e humildes. Trajava um vestidinho simples e um chapéu velho, fora de moda. Dos enfeites da véspera, nenhum trazia a não ser o guarda-sol. Vendo todas aquelas pessoas que não esperava encontrar, sentiu-se envergonhada e ia a retirar-se.

— Ah, é a Sofia — exclamou Raskólnikov admiradíssimo e sentindo-se ele próprio, de repente, perturbado.

Lembrou-se da carta de Pedro Petrovitch, que a mãe e a irmã tinham lido, e que continha uma alusão a certa pessoa de «notório mau comportamento». Acabava de protestar contra a calúnia de Loujine e de declarar que só na véspera vira aquela moça pela primeira vez. E era precisamente nessa ocasião que ela entrava em sua casa. Lembrou-se também de que não protestara contra as palavras «notório mau comportamento». Contudo, observando com mais atenção a pobre criatura, viu-a muito envergonhada e teve piedade dela. Quando, assustada, ia retirar-se, operou-se nele uma certa revolta.

— Não a esperava! — disse-lhe logo, convidando-a com o olhar a que ficasse. — Queira sentar-se. Vem decerto da parte de Catarina lvanovna. Com licença, aí não. Sente-se aqui...

À chegada de Sofia, Razoumikhine, sentado junto da porta, numa das três cadeiras que havia no quarto, levantou-se para a deixar passar. A vontade de Raskólnikov fora oferecer-lhe um lugar no sofá, onde Zozimov estivera sentado; porém pensando na aplicação especial desse móvel, que lhe servia de cama, mudou de parecer e ofereceu a Sofia a cadeira de Razoumikhine.

— Tu sentas-te aqui — disse ele ao amigo, indicando-lhe o lugar que o médico tinha ocupado.

Sofia sentou-se, trémula, e olhou, tímida, para as duas senhoras, sentindo quanto era humilhante a sua situação junto delas. E tal comoção lhe causou esta ideia que se levantou com um modo brusco e muito agitada dirigiu-se a Raskólnikov.

— Eu... eu vim apenas por um momento. Desculpe-me tê-lo incomodado. Catarina lvanovna mandou-me cá… porque não tinha mais ninguém. Pede-lhe com empenho que assista amanhã de manhã… à cerimónia fúnebre em S. Mitrofane, e passe depois por nossa casa... para tomar alguma coisa... Espera que lhe dê essa honra.

Tendo pronunciado estas palavras com muita dificuldade, calou-se.

— Farei a diligência, farei todo o possível — respondeu Raskólnikov, já levantado. — Tenha a bondade de se sentar — disse-lhe de repente — peço-lhe. Está com pressa? Precisava falar-lhe. Conceda-me dois minutos.

Ao mesmo tempo, com o gesto, convidava-a a sentar-se. Sofia obedeceu. Olhou de novo, com timidez, para as duas senhoras e baixou os olhos.

A fisionomia de Raskólnikov contraiu-se, o rosto, de pálido, tornou-se carmesim, e os olhos chamejaram.

— Minha mãe — disse em voz alta — é Sofia Semanovna Marmeladov, filha do infeliz Marmeladov, que ontem foi esmagado por uma carruagem e de quem lhe falei há pouco.

Pulquéria olhou para Sofia e cerrou as pálpebras. Apesar dos receios que sentia diante do filho, não pôde deixar de permitir-se essa satisfação. Dounia voltou-se para a pobre moça e examinou-a com ar severo. Chamada por Raskólnikov, Sofia levantou outra vez os olhos, sentindo-se mais embaraçada.

— Queria perguntar-lhe — disse ela — o que se passou hoje em sua casa. Incomodaram-nas muito? O inquérito da polícia deve tê-las apoquentado…

— Não, não houve nada... A causa da morte era evidente e por isso deixaram-nos em paz. Apenas os inquilinos se mostram descontentes.

— Porquê?

— Dizem que o corpo está em casa há muito tempo. Com este calor, o cheiro... de modo que hoje à tarde é removido para a capela do cemitério,

onde ficará depositado até amanhã. A princípio Catarina não queria, mas acabou por concordar, pois não podia deixar de ser...

— Então o cadáver é trasladado esta noite?

— Catarina espera que nos dê a honra de assistir amanhã ao funeral e que em seguida vá a nossa casa tomar parte na refeição fúnebre...

— Ela dá banquete?

— Dá uma pequena refeição... Encarregou-me também de lhe transmitir os seus agradecimentos pelo auxílio que nos prestou... Se não fosse o senhor, não poderíamos fazer o enterro.

Um tremor repentino agitou os lábios e o queixo da moça, mas dominando a comoção, baixou de novo os olhos.

Durante este diálogo, Raskólnikov observou-a com atenção. Sofia era magra e pálida; o nariz arrebitado e o queixo anguloso prejudicavam o conjunto, que não lhe dava foros de beleza. Em compensação, os olhos azuis eram de uma doce limpidez e, quando se animavam, davam-lhe à fisionomia uma grande expressão de bondade. Ainda uma outra particularidade lhe caracterizava o rosto: parecia mais nova do que na verdade era e, conquanto tivesse dezoito anos, tinha o aspeto de uma rapariguita.

— Mas poderá Catarina satisfazer tantas despesas com tão poucos recursos? E pensa ainda num banquete? — perguntou Raskólnikov.

— O enterro será modesto... não custará caro... Calculámos as despesas e chega ainda para a refeição... Catarina faz empenho nela... Não se deve contrariar... Sempre é uma consolação... Bem sabe como ela está...

— Compreendo... sem dúvida... Está reparando no meu quarto? Minha mãe disse já que parecia um túmulo.

— Ontem despojou-se do que possuía por nossa causa! — respondeu Sofia, com a voz entrecortada e pondo os olhos no chão. Os lábios e o queixo começaram de novo a tremer. Logo que entrara, havia notado a pobreza de Raskólnikov e aquelas palavras escaparam-lhe sem querer. Houve um silêncio. Os olhos de Dounia iluminaram-se e Pulquéria olhou Sofia com ternura.

— Rodia — disse ela, levantando-se — fica combinado que jantas connosco. Vamos, Dounia. Entretanto, deves sair e dar um pequeno passeio; depois descansas um pouco e vais ter connosco o mais cedo possível. Receio que te tivesses fatigado.

— Sim, vou — respondeu apressado Rodia, levantando-se também. — Demais, tenho ainda que fazer.

— Olha lá, não deixes de ir jantar — insistiu Razoumikhine, olhando admirado para Raskólnikov. — Vê o que fazes.

— Vou, com certeza. Porém tu ficas aqui um bocado. A mãe não precisa já dele? Não lhe faz agora falta?

— Não. Dmitri Prokofitch, que é muito amável, acederá também em vir jantar connosco.

— Sou eu que lhe peço — acrescentou Dounia.

Razoumikhine inclinou-se radiante. Durante um momento todos se sentiram contrafeitos.

— Adeus, Rodia, isto é, até logo. Não gosto nunca de dizer adeus.

Pulquéria teve a intenção de cumprimentar Sofia, porém, apesar de toda a sua boa vontade, não se resolveu e saiu precipitadamente. Dounia não procedeu da mesma forma e parecia mesmo ter esperado com impaciência aquele momento. Quando, depois de sua mãe, passou junto de Sofia, fez-lhe um cumprimento em regra. A pobre moça comoveu-se, inclinou-se, e no rosto leu-se-lhe uma impressão dolorosa, como se a delicadeza de Dounia a tivesse magoado.

— Adeus, Dounia — gritou Raskólnikov à saída. — Dá-me a tua mão!

— Já te disse adeus — respondeu Dounia, voltando-se para ele afavelmente, apesar de se sentir pouco à vontade. — Esqueceste-te.

— Bem, aperta-me a mão outra vez!

Apertou com força os pequeninos dedos da irmã. Dounia, sorriu, corando, e retirando a mão de repente, seguiu a mãe. Também ela se sentia feliz, sem que soubesse porquê.

— Está muito bem! — disse Raskólnikov, voltando para junto do Sofia e encarando-a com serenidade. — Que o Senhor conceda a paz aos mortos e nos deixe viver os vivos! Não é assim?

Sofia notou que Raskólnikov estava agora mais satisfeito. Durante algum tempo olhou para ela em silêncio: recordava-se de tudo o que Marmeladov lhe dissera da filha.

— Aqui está o que te quero dizer — informou Raskólnikov, chamando Razoumikhine, que ficara no vão da janela.

— Posso então dizer a Catarina que vai?

— Já a atendo. Não temos segredos e creia que não incomoda. Tinha ainda que dizer-lhe. — E, interrompendo-se, disse a Razoumikhine: — Tu

conheces um... como se chama ele? Porfírio Petrovitch?

— Se conheço! É meu parente! — respondeu Razoumikhine muito intrigado com a pergunta.

— Não disseram ontem que era ele quem instruía o processo do homicídio?

— Sim, e então? — perguntou Razoumikhine, abrindo muito os olhos.

— Disse que vai interrogar todos aqueles que tinham penhores em casa da velha. Ora, tinha lá empenhado algumas coisas: um anel de minha irmã, que me deu quando vim para S. Petersburgo, e um relógio de prata que pertenceu a meu pai. Não valerá a pena falar nisso. É certo que só vale tudo cinco *rublos,* mas têm grande valor estimativo para mim. Que devo fazer? Não queria perder esses objetos, sobretudo o relógio. Receei há pouco que minha mãe me pedisse para lho mostrar, quando se falou no de Dounia. É o único objeto que possuímos de meu pai. Se o relógio se perde, minha mãe adoece! As mulheres! Diz-me o que devo fazer! Ir à polícia, bem sei. Contudo, não seria melhor dirigir-me ao próprio Porfírio? Que te parece? Preciso tratar disto já. Verás que, antes do jantar, minha mãe me pergunta pelo relógio.

— Não é à polícia que deves ir, mas a casa do Porfírio! — disse Razoumikhine. — Poderemos lá ir já. É a dois passos daqui. Tenho a certeza que o encontraremos.

— Pois sim, vamos...

— Há de gostar do te conhecer. Falei-lhe diversas vezes em ti... ainda ontem. Vamos! Tu, então, conhecias a velha? Tudo se liga admiravelmente! Ah! sim... Sofia Ivanovna...

— Sofia Semanovna — retificou Raskólnikov. — Este meu amigo Razoumikhine é um belo rapaz.

— Se tem que sair... — começou por dizer Sofia, a quem esta apresentação embaraçou e que não se atrevia a erguer os olhos para Razoumikhine.

— Pois sim, vamos! — decidiu Raskólnikov. — Irei a sua casa ainda de dia. Porém diga-me a sua morada.

Disse isto com dificuldade e querendo evitar os olhares dela. Sofia deu-lhe a morada, corando. Os três saíram juntos.

— Não fechas a porta? — perguntou Razoumikhine.

— Nunca a fechei. Há dois anos que estou para comprar uma fechadura. Felizes (não é verdade?) aqueles que não têm que fechar —

acrescentou rindo-se e dirigindo-se a Sofia.

No portal pararam.

— Segue para a direita, Sofia? A propósito, como soube a minha morada?

Percebia-se que não era isto o que queria dizer, fixando os olhos meigos e claros da moça.

— O senhor disse-o a Poletchka.

— Que Poletchka? Ah! sim! a pequena… É sua irmã? Foi a ela então que eu disse?

— Já se tinha esquecido?

— Não, agora me lembro.

— Tinha já ouvido falar de si a meu pai... No entanto, não sabia o seu nome, nem ele também. E quando ontem o soube, perguntei hoje: mora aqui o senhor Raskólnikov? Não sabia que vivia também numa casa de pensão... Adeus... Direi a Catarina...

Muito contente por poder finalmente ir-se embora, Sofia afastou-se a toda a pressa, baixando os olhos. Desejava chegar à esquina da rua para fugir às vistas dos dois rapazes e refletir, sem testemunhas, nas peripécias desta visita. Nunca experimentara sensações semelhantes. Um mundo ignorado surgia confusamente na sua alma. Lembrou-se que Raskólnikov tinha, sem lho pedir, manifestado a intenção de ir vê-la nesse dia. Talvez fosse de seguida.

«E se não fosse hoje!», murmurou ela, aflita. «Meu Deus! Em minha casa, naquele quarto, compreenderá... Oh! meu Deus!» Ia muito preocupada para notar que um desconhecido a seguia desde que saíra da casa de Raskólnikov. Na ocasião em que os três pararam na rua a conversar, o acaso quis que esse sujeito passasse por eles. As palavras dela: «perguntei hoje: Mora aqui o senhor Raskólnikov?» chegaram-lhe ao ouvido e fizeram-no estremecer. Olhou de soslaio para os três e em especial para Raskólnikov, com quem ela falava: depois examinou-lhe o rosto para a reconhecer mais tarde. Tudo isto foi feito num instante e sem chamar a atenção. Em seguida o desconhecido afastou-se devagar, como se esperasse alguém. Esperava pela Sofia. Viu-a despedir-se deles e seguir o seu caminho.

«Onde mora ela? Já vi esta cara em qualquer parte. Preciso saber».

Quando chegou à esquina, passou para o outro lado da rua, ao mesmo tempo que se voltou para ver a moça. Esta caminhava no mesmo sentido

que ele, mas não o viu. Ao cabo de uns sessenta passos, atravessou de novo a rua, aproximou-se dela e seguiu-a a pequena distância.

Era um homem de cinquenta anos, bem conservado, parecendo mais novo. De estatura mais que mediana, era corpulento, tendo os ombros largos e um pouco abaulados, Vestido com elegância, levava luvas novas e segurava uma bela bengala com que batia no passeio a cada passo que dava. Tudo denunciava um homem da sociedade. A fisionomia era agradável. Os cabelos louros começavam a tornar-se grisalhos. A barba comprida, forte, abundante, era mais clara que a cabeleira. Nos olhos azuis lia-se a firmeza e a severidade.

O desconhecido tivera muito tempo para observar a Sofia e certificar-se que ela ia distraída e pensativa. Ao chegar diante da casa, a moça atravessou o pátio de entrada. Ele continuou a segui-la um pouco admirado. Depois de transpor o pátio, subiu a escada da direita, a que ia dar à sua porta. «Ah!», exclamou o indivíduo, e subiu também a mesma escada. Só então Sofia deu pelo desconhecido. Chegando ao terceiro andar, tomou por um corredor e bateu no número nove, onde se liam, no cimo da porta, estas palavras escritas a giz: *Kapernaoumov, alfaiate.* «Ah!», repetiu o desconhecido, surpreendido com a coincidência, e bateu ao lado, no número oito. As duas portas ficavam a seis passos uma da outra.

— Mora com o Kapernaoumov? — perguntou ele, rindo. — Ainda ontem me consertou este colete. Vivo junto de si, aqui em casa da senhora Gertrudes Karlovna.

Sofia olhou-o com atenção.

— Somos vizinhos — continuou ele alegremente. — Estou aqui desde anteontem. Não sou de S. Petersburgo. Quando terei o prazer de a voltar a ver?

Sofia não respondeu. Abriram a porta e ela entrou apressada. Sentia-se com medo e envergonhada.

Razoumikhine ia, muito satisfeito, com Raskólnikov a casa de Porfírio.

— Está muito bem! — repetia ele muitas vezes. — Estou satisfeito! Não sabia que também tinhas penhores em casa da velha. E... e... há já muito tempo? Quer dizer, há muito tempo que estiveste em casa dela?

— Deixa-me ver… quando foi? — respondeu Raskólnikov, como que interrogando a memória. — Parece-me que estive lá na antevéspera do dia do crime. De resto, não se trata de desempenhar os objetos — acrescentou

logo, como se fosse isso o que mais o preocupasse — pois não tenho mais que um *rublo* devido às tolices que fiz ontem sob a influência daquele maldito delírio!

Acentuou de um modo especial a palavra «delírio».

— Sim, sim! — continuou Razoumikhine, respondendo a um pensamento íntimo. — Tinha já percebido. Enquanto durou o delírio só falavas em anéis, cadeias, relógios! Agora tudo se explica.

«Ora aí está!», pensou consigo Raskólnikov. «Esta ideia assenhoreou-se do seu espírito! Isto é uma prova... Este homem deixava-se crucificar por minha causa e sente-se feliz por poder *explicar* a razão porque falei em anéis durante todo o tempo que delirei. As minhas palavras confirmaram-lhe todas as suspeitas!»

— E encontrá-lo-emos? — perguntou em voz alta.

— Com certeza — respondeu sem hesitar Razoumikhine. — É um belo sujeito, vais ver! Um pouco brusco, é certo, porém não é nada tolo; antes pelo contrário, muito inteligente e tem um modo de pensar estranho... É incrédulo, cético, cínico e gosta de mistificar. Fiel a processos antigos, só admite provas materiais. Sabe do ofício. O ano passado esclareceu um processo de assassínio, onde não havia a menor pista! Tem o maior desejo de conhecer-te.

— Porquê?

— Oh, nada imagines! É que nestes últimos tempos, durante a tua doença, ouviu muitas vezes falar a teu respeito. Assistia às nossas conversas... Quando soube que eras estudante da Universidade, exclamou: «Que pena!» Daí concluí... quero dizer, disse muitas outras coisas de ti. Ontem, Zametov… Ouve: ontem, quando te levei a casa, ia embriagado, por isso falava de tudo. Receio que tivesses tomado a sério as minhas palavras.

— Não! Que me importa que digam que sou doido? E talvez tenham razão! — respondeu Raskólnikov, com um riso forçado.

Calaram-se. Razoumikhine estava satisfeitíssimo, o que desesperava Raskólnikov. O que o amigo acabava de lhe dizer acerca do juiz da instrução não podia deixar de o inquietar.

— Nessa casa cinzenta... — disse Razoumikhine.

«O essencial é saber», pensou Raskólnikov, «se Porfírio soube da visita que fiz ontem à casa da bruxa e do que perguntei a propósito do

sangue. É preciso que, ao entrar na sala, leia no rosto desse homem. De outra forma...

— Sabes uma coisa? — disse de repente a Razoumikhine, com um sorriso malicioso. — Parece-me que desde pela manhã andas numa agitação extraordinária. Será certo?

— Isso sim! — respondeu Razoumikhine vexado.

— Parece-me que não me engano. Há bocado, quando estavas sentado, parecia que tinhas cãibras. Não podias estar quieto. O teu humor variava a cada momento. De vez em quando irritavas-te e em seguida ficavas doce como o mel. Até coravas; em especial quando te convidaram para jantar, ficaste vermelho como uma papoila.

— Não, que tolice... Mas porque dizes isso?

— Francamente, tens ingenuidades de colegial.

— Estás insuportável.

— Mas o que significa essa confusão, Razoumikhine? Deixa estar que ainda hoje hei de contar o caso em certo lugar. O que minha mãe se há de rir… e ainda outra pessoa!

— Ouve, ouve, isso é sério? Repara que... Olha que... — titubeou Razoumikhine, gelado de medo. — Que vais dizer? Sempre és de má raça!

— Uma verdadeira rosa de primavera! Um Romeu de dois *archines* e doze *verchoks!* Espera, hoje lavaste e limpaste as unhas, não é verdade? Quando fizeste isso? Deus me perdoe se não puseste pomada no cabelo. Deixa-me cheirar!

— Atrevido!

Raskólnikov desatou a rir, com uma hilaridade que parecia não ter fim e que durava ainda quando chegaram a casa de Porfírio Petrovitch. Da sala podiam ouvir-se as gargalhadas do visitante no vestíbulo, e Raskólnikov desejava que fossem ouvidas.

— Se dizes uma palavra, desanco-te! — exclamou Razoumikhine furioso, agarrando o amigo por um braço.

Capítulo 5

Raskólnikov entrou em casa do juiz de instrução com a fisionomia de um homem que faz todo o possível por se manter sério, mas que só o consegue a muito custo. Atrás dele caminhava, com ar comprometido, Razoumikhine, vermelho como uma papoila, com as feições transtornadas pela cólera e pela vergonha. A figura desengonçada e a fisionomia atarantada do rapaz eram naquela ocasião suficientemente cómicas para justificarem a hilaridade do seu companheiro. Porfírio Petrovitch, em pé, no meio da sala, interrogava com o olhar os dois visitantes. Raskólnikov inclinou-se diante do dono da casa, trocou com ele um aperto de mão e pareceu fazer um violento esforço para abafar a vontade de rir enquanto declinava o nome e a qualidade. Porém, apenas cobrou o seu sangue-frio e balbuciou algumas palavras, mesmo no meio da apresentação, os seus olhos encontraram Razoumikhine. Nessa altura não pôde conter-se e toda a sua serenidade foi substituída por uma gargalhada, tanto mais estrondosa quanto é certo que tinha sido muito tempo reprimida. Razoumikhine serviu, sem saber, os intuitos do amigo, porque aquele riso escarninho pô-lo numa irritação que acabou por dar a toda esta cena a aparência de uma alegria franca e natural.

— Oh! que grande patife! — gritou ele, com um movimento furioso do braço.

Este gesto brusco deu em resultado fazer cair uma pequena mesa redonda sobre a qual se achava um copo com chá.

— Não é preciso estragar a mobília, meus senhores! É um prejuízo que causam ao Estado! — exclamou de um modo alegre Porfírio.

Raskólnikov ria de tal maneira que, durante alguns instantes, esqueceu a mão na do juiz de instrução. Teria sido contudo pouco natural o lá deixá-la muito tempo e por isso a retirou no momento próprio, para dar verosimilhança ao seu papel. Quanto a Razoumikhine, estava mais atrapalhado do que nunca, depois de ter feito cair a mesa e ter partido o copo. Tendo considerado com um olhar sombrio as consequências do seu arrebatamento, dirigiu-se para a sacada e lá, voltando as costas aos dois,

pôs-se a olhar pela vidraça, sem de resto ver coisa nenhuma. Porfírio ria também por delicadeza, mas, como era natural, aguardava explicações. A um canto, numa cadeira, estava sentado Zametov. À aparição dos visitantes tinha-se levantado um pouco, esboçando um sorriso. Todavia não parecia ter muita fé na sinceridade daquela cena e observava Raskólnikov com particular curiosidade. Este último não esperava encontrar o chefe da polícia, por isso a sua presença causou-lhe uma desagradável surpresa.

«Mais uma circunstância a ponderar», pensou ele.

— Peço-lhe o favor de me desculpar... — começou, com embaraço simulado.

— Ora essa, dá-me muito gosto. O senhor entrou de uma maneira tão agradável… Então, nem sequer me dás os bons-dias? — acrescentou Porfírio, dirigindo-se a Razoumikhine.

— A dizer a verdade não sei porque se zangou comigo. Apenas lhe disse no caminho que parecia um Romeu... e... e demonstrei-lho... Não houve mais nada.

— Malandrim! — gritou Razoumikhine sem voltar a cabeça.

— Deve ter tido motivos muito fortes para se ofender desta maneira com um gracejo tão insignificante — observou, rindo, Porfírio.

— Basta de asneiras! Vamos ao nosso caso. Apresento-te o meu amigo Rodia Romanovitch Raskólnikov, que tem ouvido falar muito de ti e desejava conhecer-te para tratar contigo um pequeno assunto. Olá, Zametov! Que acaso o trouxe por aqui? Conhecem-se? Desde quando?

«Que quer dizer mais isto agora?», perguntou a si mesmo Raskólnikov, um tanto inquieto.

A pergunta de Razoumikhine pareceu embaraçar um pouco Zametov.

— Foi ontem em tua casa que travámos relações — informou ele com desembaraço.

— Pois então foi a mão de Deus que fez tudo. Imagina, Porfírio, que ainda na semana passada me havia manifestado um vivo desejo de te ser apresentado! Parece que não foi precisa a minha intervenção... Tens tabaco?

Porfírio estava em trajos da manhã: roupão e pantufas. Era um homem dos seus trinta e cinco anos, estatura menos que mediana, cheio e até um pouco ventrudo. Não usava barba e trazia o cabelo cortado rente. A sua

grande cabeça redonda apresentava uma rotundidade particular na nuca. O rosto gordo e um pouco chato tinha certa vivacidade e inspirava simpatia.

Notar-se-ia uma certa harmonia na sua figura, se não fosse a expressão dos olhos que, abrindo sob as pestanas quase brancas, piscavam a cada instante como para fazer sinais de inteligência a alguém. À primeira vista o físico do juiz de instrução oferecia uma certa analogia com o de uma camponesa, no entanto a sua máscara não enganava por muito tempo um observador perspicaz.

Desde que soube que Raskólnikov tinha *um pequeno assunto* a tratar com ele, Porfírio convidou-o a tomar lugar no sofá, sentou-se ele próprio na outra extremidade e pôs-se à disposição do mancebo com a maior solicitude. Quase sempre nos sentimos um pouco constrangidos quando um homem que mal conhecemos manifesta uma tal curiosidade em nos escutar; porém o nosso embaraço é ainda maior se o assunto que temos de tratar é, aos nossos próprios olhos, pouco digno da extrema atenção que se nos demonstra. Todavia, Raskólnikov, nalgumas palavras breves e precisas, expôs claramente o caso. Pôde até, ao mesmo tempo, observar muito bem Porfírio Petrovitch. Este não despregava os olhos dele. Razoumikhine, sentado na frente dos dois, escutava com impaciência e os seus olhares iam sem descanso do amigo para o juiz de instrução, ou vice-versa, talvez um pouco demasiadamente.

«Imbecil», praguejava no íntimo Raskólnikov.

— É preciso fazer uma declaração à polícia — respondeu Porfírio com o ar mais indiferente. — O senhor declarará que, informado de tal acontecimento, isto é, daquela morte, deseja fazer saber ao juiz de instrução encarregado dessa questão que tais e tais objetos lhe pertencem e quer desempenhá-los... ou... mas de resto... depois lhe escreverão.

— Infelizmente — prosseguiu Raskólnikov com uma confusão fingida — estou longe de possuir grandes fundos neste momento e os meus meios não me permitem mesmo desempenhar essas ninharias. Queria apenas por agora limitar-me a declarar que esses objetos são meus e que quando tiver dinheiro...

— Isso não faz nada ao caso — respondeu Porfírio, que acolheu com frieza esta explicação financeira. — Do resto, se o senhor quiser, pode-me escrever diretamente, declarando que, sabendo do caso, me deseja fazer ciente de que tais objetos lhe pertencem e que...

— Posso fazer essa declaração em papel comum? — interrompeu Raskólnikov, afetando sempre não ver mais que o lado pecuniário da questão.

— Oh! sim, em qualquer papel!

Porfírio Petrovitch pronunciou estas palavras com um ar de troça, piscando os olhos a Raskólnikov. Pelo menos iria jurar que esse piscar de olhos se lhe dirigia e traía, porventura, algum pensamento reservado. Talvez, no fim de contas, se enganasse, porque isso durou um segundo.

«Sabe!», pensou ele.

— Peço-lhe desculpa de o ter incomodado por tão pouca coisa — replicou bastante desanimado. — Esses objetos valem ao todo cinco *rublos,* porém a sua proveniência torna-os para mim muitos valiosos e queridos, e confesso que fiquei muito inquieto quando soube...

— Foi por isso que ontem barafustaste tanto quando me ouviste dizer a Zozimov que Porfírio interrogava os proprietários dos objetos penhorados! — notou com evidente intenção Razoumikhine.

Era de mais. Raskólnikov não se pôde conter e lançou ao desastrado falador um olhar faiscante de cólera. Compreendeu logo que acabara de cometer uma imprudência e esforçou-se por a reparar.

— Parece que estás a troçar de mim — disse ele a Razoumikhine, afetando uma viva contrariedade. — Reconheço que me preocupo talvez de mais com coisas em absoluto insignificantes aos teus olhos. Todavia, isso não é razão para me considerares ávido e egoísta. Essas misérias podem ter um grande valor para mim. Como te dizia ainda agora, aquele relógio de prata, que vale um *groch,* é tudo quanto me resta de meu pai. Podes rir-te de mim à vontade, mas a minha mãe veio visitar-me — dizendo isto, voltou-se para Porfírio — e se ela soubesse — continuou, dirigindo-se de novo a Razoumikhine com voz trémula — se ela soubesse que não estava de posse desse relógio, juro-te que ficaria desesperada. São mulheres!

— Não estou tal! Não era isso que eu queria dizer! Não compreendeste o sentido das minhas palavras! — protestava Razoumikhine desolado.

«Andei bem? Fui natural? Não forcei a nota?», perguntava a si mesmo Raskólnikov. «Para que disse eu: São mulheres!»

— Ah! Sua mãe veio visitá-lo? — perguntou Porfírio.

— Veio.

— Quando chegou ela?

— Ontem à noite.

O juiz de instrução ficou um momento calado. Parecia refletir.

— Os seus objetos não podiam de maneira nenhuma perder-se — prosseguiu ele em tom sereno e frio. — Há muito que esperava a sua visita.

Dizendo estas palavras aproximou o cinzeiro de Razoumikhine, que sacudia nervoso, sobre o tapete, a cinza do cigarro. Raskólnikov estremeceu, mas o juiz de instrução não mostrou ter dado por isso, tão ocupado estava em preservar o tapete.

— Como? Esperavas a visita dele? Sabias que tinha empenhado lá alguma coisa? — perguntou Razoumikhine.

Sem lhe responder, Porfírio dirigiu-se a Raskólnikov.

— Os seus objetos, um anel e um relógio, estavam em casa dela, embrulhados num papel, e sobre esse papel estava escrito a lápis o seu nome, com a indicação do dia em que os recebeu do senhor.

— Que memória o senhor tem para tudo isto! — disse Raskólnikov com um sorriso contrafeito. Esforçava-se, sobretudo, por olhar com firmeza para o juiz de instrução. Todavia não pôde impedir-se de acrescentar, de um modo brusco: — Fiz esta observação porque, sendo muitos os proprietários dos objetos empenhados, o senhor devia ter uma certa dificuldade em se lembrar de todos. Ora vejo, pelo contrário, que não lhe esqueceu um... e... e...

«Parvo! Idiota! que necessidade tinha de acrescentar isto?»

— Quase todos se deram já a conhecer. Só o senhor é que ainda não tinha vindo — respondeu Porfírio num tom um pouco motejador.

— Tenho estado um pouco doente.

— Ouvi dizer isso. Disseram-me até que estava muito mal. Agora mesmo está bastante pálido.

— Ora essa! Não estou pálido. Pelo contrário, passo muito bem! — replicou Raskólnikov, num tom brutal e violento.

Sentia ferver dentro de si a cólera que não podia dominar.

«O arrebatamento vai-me fazer dizer algum disparate!», pensou de novo. «Mas para que me fazem eles desesperar?»

— Tem estado um pouco doente! Ora aí está um eufemismo! — gritou Razoumikhine. — A verdade é que até ontem esteve quase sempre sem dar acordo de si... Queres saber, Porfírio? Ontem, mal podendo ter-se nas pernas, aproveitou o momento em que Zozimov e eu o acabávamos de

deixar para se vestir, safar-se às escondidas e ir passear, Deus sabe para onde, até à meia-noite... Isto, em completo estado de delírio. Podes imaginar uma coisa semelhante? É um caso dos mais extraordinários!

— Sim, realmente! Em estado de completo delírio? — disse Porfírio com um gesto de cabeça, peculiar das camponesas russas.

— É falso! Não acreditem! De resto, não vale a pena cansar-me: a sua convicção está formada! — disse Raskólnikov, arrebatado pela cólera.

Porfírio pareceu não ter ouvido essas palavras singulares.

— Como poderias ter saído se não estivesses delirando? — replicou Razoumikhine, excitando-se. — Para que tinhas de sair? Com que fim? E sobretudo a circunstância de te safares assim às escondidas! Vamos, reconhece que não estavas em teu juízo. Agora que o perigo passou, digo-to com toda a franqueza.

— Ontem tinham-me aborrecido todos muitíssimo — disse Raskólnikov, dirigindo-se ao juiz de instrução com um sorriso que parecia um desafio. — Para me desembaraçar deles, saí a fim de alugar um quarto onde não pudessem dar comigo. Levei para isso uma certa quantia. O senhor Zametov viu o dinheiro. Pois bem, senhor Zametov, estava ontem em meu juízo ou delirava? Queira ser juiz nesta questão.

Neste momento teria de boa vontade estrangulado o chefe da polícia, que o irritou pelo seu mutismo e pela expressão equívoca do olhar.

— Na minha opinião o senhor falava muito sensatamente e até mesmo com muita subtileza, apenas o que estava era irascível — declarou Zametov, sem mais rodeios.

— E hoje — acrescentou Porfírio — Nikodim Fomitch disse-me que o tinha encontrado ontem, a uma hora muito avançada da noite, em casa de um funcionário que acabava de ser esmagado por uma carruagem...

— Tudo isso vem em apoio do que acabo dizer! — prosseguiu Razoumikhine. — Não procedeste como um doido em casa desse tal funcionário? Privaste-te de todos os recursos para lhe pagar o enterro! Admito que quisesses socorrer a viúva, porém podias dar-lhe quinze *rublos,* vinte mesmo, e guardar alguma coisa para ti. Mas não. Em vez disso, deixas lá tudo quanto tinhas, isto é, os vinte e cinco *rublos!*

— Mas encontrei talvez um tesouro! E isso não sabes tu... Ontem estava com a mania da generosidade... O senhor Zametov, que me não deixará mentir, sabe que encontrei um tesouro... Peço-lhes mil vezes perdão por os ter enfastiado com tanto palavreado inútil — continuou ele,

com os beiços trémulos e dirigindo-se a Porfírio. — O senhor está aborrecidíssimo, não é verdade?

— Não diga tal, por quem é! Pelo contrário! Se soubesse como simpatizo consigo! Acho-o muito interessante, tanto só vê lo como ouvi-lo... Confesso que me felicito por finalmente haver recebido a sua visita.

— E se mandasses vir chá, hein? Temos as gargantas secas — exclamou Razoumikhine.

— Boa ideia! No entanto, antes do chá, talvez tomasses alguma coisa mais sólida?

— Não o digas outra vez. Manda vir já isso!

Porfírio saiu para mandar fazer o chá. Um tumulto de pensamentos redemoinhavam no cérebro de Raskólnikov. Estava muito excitado.

«Nem ao menos se dão ao trabalho de fingir. Não fazem cerimónia comigo, não há dúvida! Se o Porfírio não me conhecia, que tinha que conversar a meu respeito com Nikodim Fomitch? Nem pensam em reservas, dando a entender que me andam no encalço como uma matilha de cães! Positivamente, escarram-me na cara!», pensou, tremendo de raiva. «Pois bem! Procedam com franqueza; nada de brincar comigo como um gato com um rato! É uma grosseria, Porfírio Petrovitch, e isso não to admito! Se chego a perder a cabeça, digo-vos toda a verdade na cara e vereis como vos desprezo!»

Respirou com esforço.

«Mas... se tudo isto não existisse senão na minha imaginação? Se tudo isto fosse uma ilusão? Se tivesse interpretado mal? Diligenciemos sustentar o nosso ignóbil papel e não vamos perder-nos como um idiota! Quem sabe se lhes atribuo intenções que não têm? De facto as suas palavras nada têm de extraordinário; sob elas deve ocultar-se um pensamento reservado. Porque é que o Porfírio disse somente ‘em casa dela’, referindo-se à velha? Porque é que Zametov observou que eu tinha falado *com muita subtileza?* Porque falam eles assim? Sim, é bastante esquisito... E como é que nada disto impressionou Razoumikhine? Esse parvajola não dá por coisa alguma! Bonito, cá estou com febre outra vez! Será verdade que Porfírio me piscou os olhos há pouco ou me enganou com uma simples aparência? É um absurdo. Para que havia de me piscar os olhos? Talvez queiram bulir-me com os nervos, irritar-me, provocar-me... Ou isto é uma fantasmagoria ou eles sabem tudo! O próprio Zametov é insolente. Deve ter refletido depois da cena de ontem. Bem me parecia

que havia de mudar de opinião. Está como em sua casa e é a primeira vez que aqui vem... hum! Porfírio não o trata como a uma pessoa de cerimónia: senta-se, voltando-lhe as costas. Estes dois homens são amigos e a sua amizade tem com certeza certa correlação comigo. Estou capacitado de que falavam a meu respeito quando entrámos. Saberão da minha visita à casa da velha? Quem me dera saber... Quando disse que tinha saído para ir alugar um quarto, Porfírio não fez a menor observação. Foi bom dizer isso, pois talvez mais tarde essa mentira me sirva! Pelo que respeita ao delírio, o juiz de instrução não pareceu acreditar muito nele. Parece bem informado sobre a maneira como passei a noite! Ignorava a chegada de minha mãe... E aquela bruxa que tomou nota do dia em que fui empenhar os objetos! Não, não, com a confiança que afetam não me iludem: até agora não têm factos, fundam-se em vagas conjeturas! Citem-me um facto, se podem, se lhes é possível alegar um único contra mim! A minha ida a casa da velha não tem significação alguma. Explica-se em absoluto pelo delírio. Recordo-me muito bem do que disse aos operários e ao porteiro... Saberão que fui lá? Não sairei daqui ignorando o que há a esse respeito! Para que vim cá? Lá me vou irritar agora e isso é que é o diabo! Afinal, vale mais talvez que assim seja. Estou o melhor possível na minha situação de doente... Este diabo vai provocar-me e eu perco a trasmontana! Ora, para que vim cá!»

Todas estas ideias atravessaram o espírito de Rodia com a rapidez de um relâmpago.

Passados alguns momentos Porfírio voltou. Parecia de muito bom humor.

— Ontem, quando saí da tua casa, meu amigo, tinha uma dor de cabeça horrível — começou ele, dirigindo-se a Razoumikhine com uma afabilidade que ainda não usara até então. — Felizmente, passou...

— E então, foi interessante a conversa? Abandonei-os no melhor momento... A quem coube a vitória?

— A ninguém, como é natural. Fartaram-se de discutir as suas velhas teses.

— Imagina, Rodia, que a discussão versava sobre a seguinte questão: há crimes ou não há crimes? Que quantidade de asneiras não disseram a esse respeito!

— Que há nisso de extraordinário? É uma velha questão social que nem sequer tem o mérito da novidade — respondeu distraidamente

Raskólnikov.

— A questão não foi posta dessa maneira — observou Porfírio.

— Não era bem assim, de facto — concordou Razoumikhine, que exagerara, na forma do costume. — Ouve, Rodia, e dá-nos a tua opinião, que desejo conhecer. Ontem excitaram-me e fizeram-me sair do meu normal. Esperava-te, tendo-lhes prometido a tua comparência... Os socialistas começaram por expor a sua teoria, que é conhecida: o crime é um protesto contra uma ordem social mal-organizada e nada mais. Tendo dito isto, disseram tudo. Não admitem outra causa para os atos criminosos. Para eles, o homem é levado ao crime pela influência irresistível do meio e só por ela. É o seu cavalo de batalha.

— A propósito de crime e de meio — disse Porfírio, dirigindo-se a Raskólnikov — recordo-me de um trabalho seu que me interessou muito: *Acerca do crime*... não me recordo bem de todo o título. Li-o há dois meses na *Palavra Periódica.*

— O meu artigo? Na *Palavra Periódica?* — perguntou Raskólnikov, surpreendido. — Há seis meses, quando abandonei a Universidade, escrevi um artigo a propósito de um livro, mas mandei-o para a *Palavra Hebdomadária* e não para a *Palavra Periódica*.

— Porém foi nesta que apareceu.

— Entretanto a *Palavra Hebdomadária* suspendeu a publicação e foi por isso que o meu artigo não foi publicado,

— Sim, mas quando suspendeu, a *Palavra Hebdomadária* fundiu-se com a *Palavra Periódica*, e aí está como há quase dois meses esta última gazeta publicou o seu artigo! Não sabia disso?

Raskólnikov ignorava-o.

— Pois pode ir reclamar a importância do artigo. Que criatura tão singular o senhor é!... Vive tão retirado que até aquilo que mais lhe diz respeito não chega ao seu conhecimento! É extraordinário!

— Bravo, Rodia! Aqui estou eu, que também não sabia disso! — exclamou Razoumikhine. — Hoje mesmo vou procurar o jornal ao gabinete de leitura. Há dois meses que o artigo foi publicado? Em que data? Não importa, encontrá-lo-ei. Ora aí está um caso engraçado. E o maroto muito calado!

— Mas como soube o senhor que o artigo era meu? Assinei apenas com uma inicial.

— Soube-o por acaso e ainda há bem pouco tempo. O redator principal é um dos meus melhores amigos e foi ele quem traiu o segredo do seu anonimato. Esse artigo interessou-me muitíssimo.

— Eram umas observações, se bem me lembro, sobre o estado psicológico do criminoso durante a prática do crime.

— Isso mesmo. Pretendia demonstrar que o criminoso, no momento em que pratica o crime, é sempre um doente. É uma opinião muito original, porém não foi essa parte do seu trabalho que mais me interessou. Notei, em especial, um pensamento que vinha no fim do artigo e que por infelicidade o senhor se limitou a indicar muito sumariamente. Em resumo, se a memória me não falha, o senhor dava a entender que existem na terra homens que podem, ou melhor dizendo, que têm o direito absoluto de cometer toda a casta de ações criminosas, homens para quem, de certo modo, não existe a lei.

A esta pérfida interpretação do seu pensamento, Raskólnikov sorriu.

— Como assim? O quê? O direito ao crime? Não quereria dizer antes que o criminoso é impelido ao crime pela influência irresistível do meio? — perguntou Razoumikhine com surpresa e inquietação.

— Não, não, não é isso — respondeu Porfírio. — No artigo de que se trata, os homens são divididos em *ordinários* e *extraordinários*. Os primeiros devem viver na obediência e não têm o direito de desrespeitar a lei, por isso são ordinários; os segundos têm o direito de cometer todos os crimes e de violar todas as leis, pela razão simplíssima de que são criaturas extraordinárias. Foi isto o que o senhor escreveu, se me não engano.

— Isso não pode ser assim! — balbuciou Razoumikhine, estupefacto.

Raskólnikov sorriu de novo. Compreendeu que lhe queriam arrancar uma profissão de fé, uma declaração de princípios e, recordando-se do artigo, não hesitou em explicá-lo.

— Não é bem isso — começou ele, com uma certa modéstia. — Confesso, de resto, que o senhor reproduziu quase o meu pensamento; direi mesmo... todo ele... — e disse estas últimas palavras com manifesto prazer. — Simplesmente não disse, como o senhor insinuou, que os homens extraordinários podem cometer toda a série de crimes. De resto, é evidente que a censura não permitiria a publicação de um artigo sustentando tal doutrina. Eis o que afirmei: o homem extraordinário tem o direito, não oficialmente, mas por sua própria vontade, de autorizar a

consciência a saltar por cima de certos obstáculos, no caso especial em que assim o exija a realização da sua ideia, a qual pode muitas vezes ser útil ao género humano. Diz o senhor que o meu artigo não é claro. Vou tentar explicar-lho, e talvez me não engane supondo que é esse o seu desejo. Na minha opinião, se as invenções de Kepler ou de Newton, em virtude de circunstâncias especiais, só tivessem podido fazer-se conhecer mediante o sacrifício de uma, de dez, de cem ou de maior número de vidas que fossem obstáculos a essas descobertas, Newton ou Kepler teriam tido o direito, ainda mais, teriam sido obrigados a *suprimir* esses dez ou cem homens a fim de que essas descobertas aproveitassem ao mundo inteiro. Isto, é evidente, não quer dizer que Newton ou Kepler tivessem o direito de assassinar à vontade ou de ir todos os dias roubar ao mercado. Recordo-me de que, em vários pontos do artigo, insisto sobre a ideia de que todos os legisladores e guias da humanidade, a principiar pelos mais antigos e a continuar em Licurgo, Sólon, Maomet, Napoleão, etc., que todos, sem exceção, foram criminosos, promulgando novas leis, violando, portanto, as antigas observadas religiosamente pela sociedade e transmitidas pelos antepassados. Com certeza que não recuavam ante a efusão de sangue, desde o momento que ele lhes pudesse ser útil. E notável até que quase todos esses benfeitores e guias da espécie humana foram bastante sanguinários. Por consequência, não somente todos os grandes homens, mas todos os que se elevam um pouco acima do nível comum, que são capazes de dizer alguma coisa de novo, devem, em razão da sua própria natureza, ser criminosos, mais ou menos, é claro. De outra forma, ser-lhes-ia difícil sair da obscuridade. Quanto a ficar nela, talvez não estejam para aí voltados e creio até que o próprio Deus o proíbe. Em suma: está vendo que, até aqui, não há nada de particular ou de novo no meu artigo. Isto terá sido dito e impresso muitas vezes. Quanto à minha divisão dos indivíduos em ordinários e extraordinários, convenho em que é um pouco arbitrária, mas ponho de parte a questão de egoísmo, que não faz nada ao caso. Suponho que, no fundo, o meu pensamento é justo. Quero estabelecer o princípio de que a natureza divide os homens em duas categorias: uma inferior, a dos ordinários, espécie de matéria, tendo por única missão reproduzir-se, a outra, superior, compreendendo os homens que têm o dever de fazer ouvir no seu meio uma palavra nova. As subdivisões são talvez inumeráveis, todavia as duas categorias apresentam traços distintos muito característicos. À primeira pertencem, na generalidade, os

conservadores, os homens da ordem, que vivem na obediência e têm por ela um culto. Na minha opinião, são mesmo obrigados a obedecer, porque é essa a missão que o destino lhes impõe, e isso nada tem de humilhante para eles. O segundo grupo compõe-se apenas de homens que transgridem a lei, ou tentam transgredi-la, segundo as circunstâncias. Como é natural, os seus crimes são relativos e de uma gravidade variável. A maior parte deles reclamam a distinção do que é esse nome e do que deve ser. No entanto, se em defesa da sua ideia forem obrigados a derramar sangue, a passar por sobre cadáveres, podem em consciência fazer uma coisa e outra… no interesse dessa ideia, é claro. É nesse sentido que o meu artigo lhes reconhece o direito ao crime. O senhor lembra-se que o nosso ponto de partida foi uma questão jurídica… De resto, não há motivos para nos inquietarmos a esse respeito: quase sempre as massas lhes reconhecem esse direito. Cortam-lhes a cabeça ou enforcam-nos (mais ou menos) e dessa maneira exercem a sua missão conservadora até ao dia em que essas mesmas massas erigem estátuas a esses mesmos supliciados e os veneram (mais ou menos). O primeiro grupo é sempre o senhor do presente e o segundo é o senhor do futuro. Um conserva o mundo e multiplica-lhe os habitantes; o outro move o mundo e dirige-o ao seu fim. Estes e aqueles têm em absoluto o mesmo direito à existência e (Viva a guerra eterna!) até à nova Jerusalém, bem entendido.

— Então o senhor acredita na nova Jerusalém?

— Creio — respondeu com convicção Raskólnikov que, durante o seu longo exórdio, tinha conservado os olhos baixos, olhando sempre para o tapete.

— E crê em Deus? Desculpe-me esta curiosidade.

— Creio — repetiu o mancebo, erguendo os olhos para Porfírio.

— E na ressurreição de Lázaro?

— Também. Porque me pergunta tudo isso?

— Acredita nela de certeza?

— Em absoluto.

— Desculpe-me ter-lhe feito estas perguntas, que me interessam. Mas dê-me licença (volto ao assunto de que falámos há bocado), nem sempre eles são executados. Há pelo contrário alguns que...

— Que triunfam na vida?

— Sim, isso acontece a alguns, e então...

— São esses que conduzem os outros ao suplício.

— Sendo necessário, e a dizer a verdade, é o caso mais frequente. De um modo geral, a sua observação é muito justa.

— Muito obrigado. Porém diga-me: como é que se podem distinguir esses homens extraordinários dos homens Ordinários? Trazem alguns sinais quando nascem? Parece-me que seria conveniente nesse ponto um pouco mais de precisão, uma delimitação de algum modo mais aparente. Desculpe esta inquietação natural num homem prático e bem-intencionado. Todavia, não poderiam trazer, por exemplo, um vestuário particular, um emblema qualquer? Porque, o senhor deve concordar, se houver uma confusão, se um indivíduo de uma categoria imagina que pertence a outra e entra, segundo a sua feliz expressão, a «suprimir todos os obstáculos», então...

— Oh, isso sucede muitas vezes! Essa segunda observação é mais subtil ainda que a primeira.

— Muito obrigado.

— Não há de quê. Lembre-se que o erro é só possível na primeira categoria, isto é, naqueles a que chamei, talvez sem razão, homens *ordinários*. Não obstante a sua tendência inata para a obediência, muitos de entre eles, em virtude de um capricho da natureza, querem passar por homens da vanguarda, por *destruidores,* creem-se chamados a fazer ouvir *uma palavra nova,* e essa ilusão é neles muitíssimo sincera. Ao mesmo tempo, quase nunca reparam nos verdadeiros inovadores, desprezam-nos até, como gente atrasada e sem elevação de espírito. Porém, quanto a mim, não pode haver nisso grande perigo e o senhor não tem de que se inquietar, porque nunca vão muito longe. Poder-se-iam, sem dúvida, açoitar uma vez por outra para os punir da sua loucura e colocá-los no devido lugar. Seria o bastante e ainda assim não seria preciso incomodar o executor. Eles próprios se açoitam, porque são pessoas muito virtuosas; ora fazem esse serviço uns aos outros, ora se fustigam por suas próprias mãos. Veem-se, em público, infligindo-se diversas penitências, o que não deixa de ser edificante. Numa palavra, o senhor não tem que se preocupar com eles.

— Bom, por esse lado, pelo menos, o senhor tranquilizou-me um pouco. Por outro lado, no entanto, há ainda uma coisa que me apoquenta. Diga-me, por favor: há muitos desses indivíduos *extraordinários* que têm o direito de assassinar os outros? Estou pronto a inclinar-me diante deles, mas se forem muito numerosos, devo confessar que o caso será um pouco desagradável, não?

— Oh! Também não se deve inquietar por isso — prosseguiu no mesmo tom Raskólnikov. — Em geral nasce um número muito restrito de homens que tenham uma ideia nova, ou mesmo capazes de dizerem o quer que seja de novo. É evidente que a distribuição dos nascimentos pelas diversas categorias e subdivisões da espécie humana deve ser determinada com exatidão por alguma lei da natureza. Essa lei, bem entendido, é-nos desconhecida até hoje, todavia creio que ela existe e que poderá mesmo ser conhecida um dia. Uma enorme massa de pessoas só existe sobre a terra para, depois de demorados e misteriosos cruzamentos de raças, dar por fim nascimento a um homem que, entre mil, terá alguma independência. À medida que o grau de independência aumenta, encontra-se apenas um homem, em dez mil, em cem mil (números aproximados). Conta-se um génio em muitos milhões de indivíduos e milhares de milhões de homens passam talvez sobre a terra sem que surja uma dessas altas inteligências que renovam a face do mundo. Em suma, não fui espreitar pela retorta onde tudo isto se opera, contudo deve haver a este respeito uma lei fixa. Nisto não pode existir o acaso.

— Estais a gracejar? — exclamou Razoumikhine. — Estais a mistificar-vos reciprocamente, não é verdade? Não estais a divertir-vos um à custa do outro?! Estás a falar sério, Rodia?

Sem lhe responder, ergueu para ele o rosto pálido. Examinando a fisionomia serena e triste do seu amigo, achou esquisito o tom cáustico, provocante e indelicado que Porfírio tinha tomado.

— Na verdade, estás de facto a falar sério? Tens com efeito razão quando dizes que isso não é novidade nenhuma e que se parece muito com o que temos lido e ouvido mil vezes. Entretanto, o que há de facto nisso tudo de original, e que só a ti pertence, digo-o contristado, é o direito moral de derramar sangue que tu concedes e defendes, perdoa-me dizê-lo, com tanto fanatismo... Eis, por consequência, o pensamento principal do teu artigo. Essa autorização moral de matar é, na minha opinião, muito mais espantosa do que seria a autorização legal.

— Tal qual. É muito mais espantosa, com efeito — observou Porfírio.

— Não pode ser. A expressão ultrapassou o teu pensamento e não foi isso o que quiseste dizer. hei de ler o teu artigo... A conversar, às vezes deixamo-nos arrastar! Não podes pensar desse modo... hei de ler...

— Nada disso está no meu artigo, pois mal toquei na questão — disse Raskólnikov.

— Sim, sim — prosseguiu Porfírio — agora compreendo a sua maneira de encarar o crime. Contudo... desculpe a minha insistência: se um jovem imaginar ser um Licurgo ou um Maomet... futuro, compreende-se que deva principiar por suprimir todos os obstáculos que o impeçam de cumprir a sua missão... «Empreendo uma longa campanha», dirá ele, «e para uma campanha é necessário dinheiro...» Por consequência procurará recursos... o senhor adivinha de que maneira?

A estas palavras Zametov respirou fundo no seu canto. Raskólnikov nem levantou os olhos para ele.

— Sou obrigado a reconhecer — respondeu com placidez — que tais casos possam suceder de facto. É uma armadilha que o amor-próprio arma aos vaidosos e aos tolos. Os mancebos, sobretudo, deixam-se agarrar por ela muitas vezes.

— Isso é verdade... E então?

— Então, o quê? — replicou rindo Raskólnikov. — Não tenho culpa de que assim seja. Isso vê-se e ver-se-á sempre. Ainda há pouco este me acusava de autorizar o assassinato — acrescentou, indicando Razoumikhine. — Que importa? A sociedade não é suficientemente protegida pelas deportações, pelas prisões, pelos juízes de instrução e pelas galés? Porque havemos, pois, de nos inquietar? Procurem o ladrão!

— E se o encontrarmos?

— Tanto pior para ele.

— O senhor ao menos é lógico. Mas o que lhe dirá a sua consciência?

— O que tem o senhor com isso?

— É uma questão que interessa ao sentimento humano.

— Aquele que tem consciência sofre, reconhecendo o erro. É o castigo, independente do das galés.

— Então — perguntou Razoumikhine, franzindo as sobrancelhas — os homens de génio, aqueles a quem é dado o direito de matar, não devem sentir, nem mesmo quando derramam sangue?

— Que vem fazer a palavra *devem?* O sofrimento não lhes é permitido, nem proibido. Que sofram à vontade, se têm piedade da vítima... O sofrimento acompanha sempre uma inteligência elevada e um coração profundo. Os homens que são de facto superiores devem, parece-me, experimentar uma grande tristeza — acrescentou Raskólnikov, acometido de uma melancolia súbita que contrastava com o tom da conversa precedente.

Levantou os olhos, encarou todos os assistentes com ar distraído, sorriu e pegou no boné. Estava muito sereno, comparando com a atitude que tinha ao entrar, e notava essa diferença. Todos se levantaram.

Porfírio Petrovitch voltou ainda à questão.

— Quer me injurie ou não, quer se zangue ou não, preciso ainda dirigir-lhe uma pequena pergunta, que não resisto à tentação de deixar de lhe fazer... Na verdade tenho vergonha de abusar desta maneira... Enquanto penso nisto e para não me esquecer, queria ainda dar-lhe parte de uma ideia que me acudiu...

— Diga a sua ideia — respondeu Raskólnikov, em pé, pálido e sério, em frente do juiz de instrução.

— É o seguinte. Na verdade, não sei como hei de exprimir-me... É uma ideia bizarra, psicológica... Ao escrever o seu artigo, é muito provável, é... é... que o senhor se considerasse um desses homens *extraordinários* de que falava... É ou não verdade?

— É muito possível — respondeu Raskólnikov sorrindo com desdém.

Razoumikhine fez um movimento.

— Sendo assim, não estaria o senhor decidido também (quer para triunfar de embaraços materiais, quer para fazer progredir a humanidade), não estaria o senhor resolvido a transpor esse tal obstáculo? Por exemplo, a matar e a roubar?

Ao mesmo tempo piscava o olho esquerdo e ria em silêncio, tal qual como há bocado.

— Se estivesse decidido a isso, com certeza lho não dizia — replicou Raskólnikov, com um acento altivo de desafio.

— A minha pergunta era uma simples curiosidade literária. Fiz-lha com o único fim de melhor interpretar o sentido do seu artigo.

«Oh! Como o laço é grosseiro! Que malícia cosida a linha branca!», pensou Raskólnikov, desanimado.

— Permita-me que lhe observe — respondeu ele de um modo seco — que não me creio um Maomet, nem um Napoleão, nem qualquer outro personagem desse género. Por conseguinte não posso informá-lo sobre o que faria se estivesse nessas circunstâncias.

— Ora adeus! Quem é que entre nós, na Rússia, não se julga um Napoleão? — disse com brusca familiaridade o juiz de instrução.

Desta vez a própria entonação da voz traía um pensamento reservado.

— Não teria sido um futuro Napoleão que trucidou a Alena Ivanovna na passada semana! — disse de repente Zametov do seu canto.

Sem pronunciar uma palavra, Raskólnikov fitou Porfírio com um olhar firme e penetrante. As feições de Razoumikhine alteraram-se. Parecia estar um pouco desconfiado de alguma coisa. Volveu em volta de si um olhar irritado. Durante um minuto houve um silêncio pesado. Raskólnikov preparou-se para sair.

— Parte já! — disse graciosamente Porfírio, estendendo a mão ao mancebo com uma extrema amabilidade. — Estou encantado por o haver conhecido. E quanto à sua petição, esteja descansado. Escreva no sentido que lhe indiquei. Ou melhor, vá o senhor mesmo procurar-me, um dia destes... amanhã, por exemplo. Estarei na repartição, sem falta, às onze horas. Arranjaremos tudo... Conversaremos um pouco... Como o senhor foi um dos últimos que lá esteve, poderá talvez dizer-me alguma coisa — acrescentou, com ar ingénuo.

— O senhor quer interrogar-me com todas as regras? — perguntou Raskólnikov em tom ríspido.

— Para quê? Não se trata disso. O senhor não me compreendeu. Aproveito todas as ocasiões, compreende? E... e conversei já com todos aqueles que tinham objetos empenhados em casa da vítima... Muitos forneceram-me esclarecimentos úteis... e como o senhor foi o último... A propósito! — exclamou com uma alegria súbita. — Ainda bem que me lembrou a tempo, pois já ia a esquecer-me! — Dizendo isto, voltou-se para Razoumikhine. — Outro dia aturdias-me os ouvidos a respeito daquele Mikolai... Pois bem, eu próprio estou convencido da sua inocência — prosseguia, dirigindo-se de novo a Raskólnikov. — Mas que fazer? Foi necessário inquietar também Mitka... Eis o que lhe queria perguntar: quando subiu as escadas, foi entre as sete e as oito horas que o senhor foi lá a casa?

— Foi — respondeu Raskólnikov, e logo em seguida se arrependeu de ter dado esta resposta, que poderia não ter dado.

— Bem! E subindo as escadas entre as sete e as oito horas não viu no segundo andar, num quarto que tinha a porta aberta (está lembrado?), não viu dois operários, ou pelo menos um deles? Andavam a pintar o quarto. Não reparou por acaso neles? Isto é muito importante!

— Pintores? Não vi... — respondeu muito devagar Raskólnikov com ar de quem interroga as suas lembranças. Durante um segundo retesou

todas as molas do espírito para descobrir, o mais depressa possível, qual o laço que se escondia na pergunta do juiz de instrução. — Não, não os vi, e nem mesmo tenho ideia de nenhum quarto aberto — continuou ele muito satisfeito por se ter livrado desta. — No quarto andar, sim, recordo-me que o empregado que vivia em frente de Alena andava a fazer a mudança. Lembro-me muito bem... encontrei alguns homens que transportavam um sofá e até tive de me encostar à parede. Agora pintores não, não me recordo de os ter visto, não tenho mesmo ideia nenhuma de um quarto com a porta aberta.

— Que estás tu a dizer? — bradou de repente Razoumikhine, que até então tinha escutado, parecendo refletir. — No próprio dia do assassinato é que os pintores trabalharam nesse aposento e dois dias antes é que ele foi a casa da velha! Porque lhe estás a perguntar isso?

— É verdade! Ora esta! Confundi as datas! — exclamou Porfírio batendo na testa. — Diabos me levem! Este caso faz-me perder a cabeça — acrescentou, como que desculpando-se, dirigindo-se a Raskólnikov. — É tão importante para nós saber se alguém os viu no aposento entre as sete e as oito horas que, sem mais reflexão, julguei que o senhor me poderia dar esse esclarecimento... Confundi por completo as datas!

— Pois seria bom que desses mais atenção ao que dizes — resmungou Razoumikhine.

Estas últimas palavras foram ditas na antecâmara. Porfírio acompanhou os visitantes até à porta, sempre muito amável. Estes estavam de aspeto carrancudo quando saíram e seguiram sem trocar uma palavra. Raskólnikov respirava como quem acaba de passar por uma prova difícil.

Capítulo 6

— Não acredito! Não posso acreditar nisso! — repetiu Razoumikhine, que fazia todos os esforços por repetir as conclusões de Raskólnikov.

Estavam já próximos da casa Bakaleiev, onde, desde há muito, os esperavam Pulquéria e Dounia. No decorrer da discussão, Razoumikhine parava a cada instante na rua.

Estava muito agitado, pois era a primeira vez que os dois conversavam abertamente a respeito *daquilo.*

— Não acredites, se queres! — respondeu Raskólnikov com um sorriso frio e indiferente. — Segundo o teu costume, não reparaste em nada, porém eu pesei todas as palavras.

— És desconfiado e é por isso que descobres em tudo pensamentos reservados... Hum! Com efeito, concordo que o tom em que Porfírio falou era bastante singular e sobretudo aquele aparte de Zametov... Tens razão. Havia nele um não sei quê... Mas como pode isso ser, como?

— Mudando de opinião de ontem para cá.

— Não, estás enganado! Se tivessem essa estúpida ideia teriam, pelo contrário, tratado de a dissimular. Esconderiam o jogo para te inspirarem uma confiança capciosa, esperando o momento de descobrirem as baterias... Na hipótese em que te colocas, a sua maneira de proceder de hoje seria tão desastrada como insolente!

— Se tivessem factos ou presunções um pouco fundadas, sem dúvida que se esforçariam por esconder o jogo na esperança de obterem novas vantagens sobre mim. De resto, já teriam feito há muito uma busca no meu domicílio. Porém não têm uma única prova. Tudo para eles se reduz a conjeturas, a suposições, e é por isso que recorrem ao descaramento. Não devemos talvez ver nisso mais que o despeito de Porfírio, que está furioso por não encontrar provas. Ou talvez tenha as suas intenções... Parece inteligente. Talvez me quisesse amedrontar. Também tem a sua psicologia, meu amigo. De resto, todas essas questões são repugnantes de esclarecer. Deixemos isso!

— É odioso, isso é! Compreendo-te! E visto que abordámos este assunto (acho que fizemos bem) não hesitarei em confessar-te que já há muito tempo tinha notado neles essa ideia. Bem entendido, ela mal ousava formular-se. Flutuava no seu espírito em estado de dúvida vaga, mas já não é pouco que eles a pudessem conceber mesmo sob essa forma! E o que foi que lhes despertou tão abomináveis desconfianças? Se soubesses que furor isto me faz! Pois quê, aparece um pobre estudante em luta com a miséria e a hipocondria, em vésperas, talvez, de uma doença grave; um rapaz desconfiado, cheio de amor-próprio, tendo consciência do seu valor, há seis meses fechado num quarto onde não vê ninguém; apresenta-se vestido de farrapos, calçando botas sem solas perante miseráveis chefes de polícia, dos quais sofre as insolências; reclamam-lhe à queima-roupa o pagamento de uma letra protestada; a sala está repleta de gente e há um calor de trinta graus Reaumur; o cheiro das tintas torna a atmosfera ainda mais insuportável e o desgraçado, com o estômago vazio, ouve falar do assassinato de uma pessoa a casa de quem fora na véspera e desmaia. Em tais condições, quem não desmaiaria!? E é sobre esta síncope que se baseia tudo! Eis o ponto de partida da acusação! Que os leve o diabo! Compreendo que estejas vexado. No teu lugar ria-me na cara deles todos, ou melhor, atirava-lhes o meu desprezo num jato de cuspo. Assim é que eu lhes responderia. Coragem! Escarra-lhes na cara! É vergonhoso!

«Disse o seu exórdio com convicção!», pensou Raskólnikov.

— Escarrar-lhes na cara? Isso é bom de dizer... E amanhã tenho outro interrogatório! — respondeu ele. — Será preciso baixar-me a dar-lhes explicações? Já estou arrependido de ter conversado ontem com Zametov no café...

— Que o leve o diabo! Irei a casa do Porfírio! É meu parente. hei de aproveitar-me disso para lhe tirar uns macaquinhos do sótão. há de pôr para ali tudo em pratos limpos. E quanto a Zametov...

«Enfim, o peixe mordeu a isca!», disse consigo Raskólnikov.

— Espera! — disse de repente Razoumikhine, agarrando o amigo pelo ombro. — Espera! Divagavas ainda agora! Onde vias um ardil? Dizes que a pergunta relativa aos operários ocultava um laço? Ora, raciocina um pouco: se tivesses feito *aquilo,* serias tão tolo que fosses dizer que tinhas visto os pintores a trabalhar no segundo andar? Pelo contrário, ainda mesmo que os tivesses visto, terias negado! Quem faz declarações que o comprometam?

— Se tivesse feito *aquela coisa* não teria omitido a declaração de ter visto os operários — replicou Raskólnikov, que parecia continuar a conversa com grande repugnância.

— Para que se hão de fazer declarações nocivas à própria causa?

— Porque só os *mujiks* e os estúpidos é que negam tudo de caso pensado. Um acusado, de mediana inteligência, confessa todas as provas materiais que não pode destruir. Apenas explica de outra maneira, modifica-lhes a significação e apresenta-as sob um aspeto novo. Muito provavelmente o Porfírio contava que eu fosse responder desse modo. Julgava que, para dar mais verosimilhança às minhas declarações, iria confessar ter visto os operários, explicando depois o facto num sentido favorável à minha causa.

— Porém responder-te-ia logo que, na antevéspera do dia do crime, não podias ter lá encontrado os operários e que, por conseguinte, tinhas estado em casa da vítima no próprio dia do assassinato, entre as sete e as oito horas. Estavas apanhado!

— Contava que não tivesse tempo de refletir e que, obrigado a responder da maneira mais verosímil, esquecesse essa circunstância: a impossibilidade de os operários estarem na casa na antevéspera do dia do crime.

— Mas como se podia esquecer isso?

— Nada mais fácil! Esses pormenores são o escolho dos maliciosos. Quando são interrogados por essa forma é que se contradizem. Quanto mais fino é um homem, menos suspeita o perigo das perguntas insignificantes. Porfírio sabe-o bem. Está longe de ser tão parvo como julgas...

— Se é como dizes, o que é então é um canalha!

Raskólnikov não pôde deixar de sorrir. No mesmo instante, porém, admirou-se de ter ouvido esta última explicação com verdadeiro prazer, ele que até então não sustentara a conversa senão contra vontade e por ser obrigado a isso pelo fim que queria atingir.

«Parece que estou a tomar gosto por estas questões!», pensou.

Quase ao mesmo tempo apoderou-se dele uma inquietação súbita. Os dois estavam já à porta da casa Bakaleiev.

— Entra — disse bruscamente Raskólnikov. — Eu volto já.

— Onde vais?

— Tenho que fazer uma coisa… Volto daqui a meia-hora. Diz-lhes...

— Está bem, acompanho-te!

— Que diabo! Também juraste perseguir-me até à morte?

Esta exclamação foi proferida com tal acento de furor e com um ar tão desesperado que Razoumikhine não insistiu. Ficou algum tempo à porta, seguindo com um olhar sombrio Raskólnikov, que caminhava a grandes passadas na direção do seu bairro. Por fim, depois de ter rangido os dentes, cerrado os punhos e haver prometido espremer Porfírio como um limão nesse mesmo dia, subiu para tranquilizar Pulquéria, já inquieta por aquela longa ausência.

Quando Raskólnikov chegou a casa tinha as fontes a latejar e húmidas de suor. Respirava com dificuldade. Subiu as escadas a quatro e quatro, entrou no quarto, que tinha ficado aberto, e fechou a porta com o gancho. Em seguida, trémulo de medo, correu ao esconderijo, introduziu a mão sob o papel e explorou o buraco em todos os sentidos. Não encontrando coisa alguma depois de ter apalpado com cuidado, levantou-se e deu um suspiro de desafogo. Havia pouco, ao chegar à casa Bakaleiev, surgiu-lhe de repente a ideia de que algum dos objetos roubados tivesse podido escorregar para qualquer fenda da parede. Se um dia lá fossem encontrar uma cadeia de relógio, uns botões de punho ou mesmo um dos papéis que envolviam esses objetos e que tinham anotações escritas pela mão da velha, que terrível prova contra si!

Ficou mergulhado numa vaga meditação e um sorriso singular, quase demente, flutuava-lhe nos lábios. Por fim, pegou no chapéu e saiu do quarto sem ruído. As ideias barulhavam-se-lhe. Pensativo, desceu as escadas e chegou à porta.

— Olhe, ele ali está! — bradou uma voz forte.

O mancebo levantou a cabeça.

O porteiro, de pé, à porta do cubículo, indicava Raskólnikov a um homem de pequena estatura e de aparência burguesa. Esse indivíduo vestia uma espécie de capa e um jaquetão. De longe parecia uma camponesa. A cabeça, coberta por um chapéu sebento, inclinava-se-lhe sobre o peito. A julgar pelo rosto pálido e cheio de rugas, devia ter passado os cinquenta. Os olhos pequenos tinham o quer que fosse de mau.

— O que há? — perguntou Raskólnikov, aproximando-se do porteiro.

O burguês mirou-o de lado, examinando-o com cuidado; depois, sem proferir palavra, voltou-lhe as costas e afastou-se.

— Mas o que é isto? — exclamou Raskólnikov.

— O que é? É um homem que veio informar-se se habitava aqui um estudante. Disse o seu nome e perguntou em casa de quem o senhor morava. Nesse meio tempo o senhor desceu, indiquei-lho e foi-se sem nada dizer... Ora aí está!

O porteiro estava também um pouco admirado. Depois de ter refletido um momento, entrou para o cubículo.

Raskólnikov seguiu na peugada do burguês.

Apenas saiu de casa, viu-o caminhando do outro lado da rua com passo lento e regular, olhos fitos no chão, meditativo. O mancebo alcançou-o a breve trecho, mas durante algum tempo limitou-se a seguir-lhe os passos. Por último, colocou-se-lhe ao lado e mirou-lhe obliquamente o rosto. O burguês notou-o também, lançou-lhe um golpe de vista rápido e depois baixou de novo os olhos. Durante um minuto caminharam assim ambos, lado a lado, sem dizerem uma palavra.

— O senhor perguntou por mim... ao porteiro? — começou Raskólnikov, sem elevar a voz.

O burguês não deu resposta e nem mesmo olhou para quem lhe falava. Houve novo silêncio.

— O senhor veio procurar-me... e não diz nada... O que quer isso dizer? — prosseguiu Raskólnikov com voz entrecortada.

Desta vez o outro levantou os olhos e olhou para o mancebo com ar sinistro.

— Assassino! — exclamou ele em voz baixa, de um modo brusco, mas nítido e distinto.

Raskólnikov caminhava ao lado dele. Sentiu de repente que lhe enfraqueciam as pernas e um arrepio perpassou-lhe pela espinha. Durante um segundo o coração teve como que um delíquio, mas bem depressa bateu com uma violência extraordinária. Os dois homens andaram assim uma centena de passos, um ao lado do outro, sem proferirem uma só palavra.

— Mas quem é o senhor? Que disse? Quem é um assassino? — balbuciou Raskólnikov, com voz quase ininteligível.

— És *tu* que és um assassino — disse o outro, acentuando esta réplica com mais nitidez e energia do que da primeira vez. Ao mesmo tempo parecia ter nos lábios um sorriso de ódio triunfante e olhava fixamente para o rosto pálido de Raskólnikov, cujos olhos se tinham tornado vítreos.

Aproximavam-se então de uma encruzilhada. O burguês tomou por uma rua à esquerda e seguiu o seu caminho sem olhar para trás. Raskólnikov deixou-o afastar-se, mas acompanhou-o por muito tempo com os olhos. Depois de ter andado cinquenta passos o desconhecido voltou-se para observar o mancebo, sempre parado no mesmo sítio. A distância não permitia ver bem. Todavia, Raskólnikov julgou notar que o outro o olhava ainda com o seu sorriso de ódio frio e vencedor.

Transido de terror, foi-se arrastando até casa e meteu-se no quarto. Depois de atirar com o chapéu sobre a mesa, ficou em pé, imóvel, durante dez minutos. Quando já sem forças, deitou-se no sofá e estendeu-se devagar com um fundo suspiro.

Meia hora depois ouviu passos precipitados e a voz de Razoumikhine. Fechou os olhos e fingiu que dormia. Razoumikhine abriu a porta e durante alguns minutos ficou no limiar, parecendo não saber o que devia fazer. Resolveu-se a entrar pé ante pé e aproximou-se com precaução do sofá.

— Não o acordes, deixa-o dormir. Comerá depois — disse Nastásia em voz baixa.

— Tens razão — respondeu Razoumikhine.

Saíram na ponta dos pés e fecharam a porta.

Passou ainda mais meia hora. Raskólnikov abriu os olhos, levantou o corpo por um movimento brusco e cruzou as mãos sob a cabeça.

«Quem é ele? Quem é este homem saído das entranhas da Terra? Onde estava ele e o que viu? Que viu tudo é indubitável. Onde se achava ele então? De que sítio viu *aquilo?* Como é que só agora dá sinal de vida? Como pôde ver? Pois será possível? Hum!», continuou Raskólnikov, tomado de um tremor glacial. «E o estojo que Nicolau encontrou atrás da porta, quem poderia esperar tal coisa?»

Sentia que as forças físicas o abandonavam e teve nojo de si mesmo.

«Devia saber isto», pensou ele, com um sorriso amargo. «Como me atrevi a praticar um crime? Tinha obrigação de saber isto antes... e de resto bem o sabia!», murmurou desesperado.

Por momentos demorou-se num certo pensamento:

«Não, essas criaturas não são assim: o verdadeiro *dominador,* a quem tudo é permitido, bombardeia Toulon, massacra Paris, esquece um exército no Egito, perde meio milhão de homens na batalha de Moscovo, salva-se em Vilna por um trocadilho e, depois de morto, levantam-lhe estátuas.

Tudo, portanto, lhe é permitido. Não, esses indivíduos não são feitos de carne, mas de bronze!»

Uma ideia que lhe ocorreu de momento quase o fez rir.

«Napoleão, as pirâmides, Waterloo, e uma velha viúva de um prefeito de colégio, uma ignóbil usurária que tem um cofre de marroquim vermelho debaixo da cama, como poderia Porfírio fazer uma tal comparação? A estética opõe-se a tal. Napoleão ter-se-ia escondido porventura debaixo da cama de uma velha?», dizia. «Eh! que disparate!»

Apoderara-se dele uma intensa exaltação febril.

«A velha não significa nada», continuou. «Suponhamos que a velha é um erro, não se trata dela! A velha não foi mais que um acidente... Queria dar o salto o mais breve possível. Não foi uma criatura humana que matei, foi um princípio! De facto matei o princípio, mas não soube passar por cima dele. Fiquei do lado de cá... Não soube senão matar. E ainda assim, parece que não foi muito bem. Um princípio? Porque é que esse imbecil do Razoumikhine atacava ainda há pouco os socialistas? São homens de negócios laboriosos. 'Ocupam-se da felicidade comum...' Não. Tenho apenas uma vida e não estou para esperar pela *felicidade universal*. Quero viver para mim próprio, pois de outra maneira não vale a pena existir. Não quero viver ao lado dessa mãe esfomeada, guardando o meu *rublo* no bolso sob o pretexto de que um dia todo o mundo será feliz. *Coloco*, dizem, *a minha pedra no edifício da felicidade e isso basta para a tranquilidade do coração*. Ah! Ah! Então porque se esqueceram de mim? Visto que só vivo uma vez, quero desde já a minha parte de felicidade. Eh! Sou um verme esteta, nada mais», acrescentou de repente, rindo como um louco. Agarrou-se a esta ideia e experimentou um prazer acre a sondá-la em todos os sentidos e a voltá-la sob todas as faces. «Sim, sou com efeito um verme: primeiro, porque estou meditando agora se o sou ou não; depois, porque durante um mês importunei a divina Providência, tomando-a por testemunha de que me decidia àquela empresa, não para procurar satisfações materiais, mas tendo em vista um fim grandioso. Ah! Ah! Em terceiro lugar, porque na execução quis proceder com a maior justiça possível: entre todas as pragas sociais escolhi a mais nociva e, matando-a, contava encontrar em casa dela aquilo que me era preciso para garantir a minha entrada na vida, nem mais, nem menos… o que sobrasse iria para o mosteiro a que tinha legado a fortuna. Ah! ah! Sou, sem dúvida, uma praga», acrescentou, rangendo os dentes, «porque sou talvez ainda mais vil

e mais ignóbil que a praga que matei e porque *pressentia* que, depois de a ter morto, diria isto mesmo! Há alguma coisa comparável a um tal horror? Oh! baixeza! Oh! vergonha! Oh, como compreendo o Profeta, a cavalo, de alfange em punho! Alá manda, logo obedece, *pusilânime criatura!* Tem razão, tem razão o profeta quando dispõe a sua tropa no campo e fere sem distinção o justo e o pecador sem mesmo se dignar explicar-se! Obedece, *pusilânime criatura*, e *livra-te de querer,* porque isso não te é dado... Oh! nunca perdoarei à velha!»

Tinha os cabelos ensopados em suor, os lábios ressequidos agitavam-se e o olhar imóvel não desfitava o teto.

«Minha mãe, minha irmã, como eu as amava! Porque as detesto agora? Sim, detesto-as fisicamente e não posso suportá-las junto de mim... Ainda há pouco, se bem me lembro, aproximei-me da minha mãe e beijei-a... Beijei-a... e pensar que se ela soubesse! Oh, como odeio agora a velha! Parece-me que, se ressuscitasse, a matava ainda outra vez. Pobre Isabel, porque acaso foi ela lá ter? É singular. Quase que nem penso nela, como se não a tivesse morto! Isabel, Sofia! Pobres e ternas criaturas de olhos meigos... Queridas! Porque não choram elas? Porque se não lamentam? Vítimas resignadas, aceitam tudo em silêncio. Sofia, Sofia, encantadora Sofia!»

Perdera a consciência de si próprio e, com grande surpresa, percebeu que estava na rua. A noite ia muito adiantada. As trevas condensavam-se, a lua cheia resplandecia com um brilho cada vez mais vivo, mas a atmosfera era sufocante. Havia muita gente nas ruas; alguns operários e pequenos empregados recolhiam-se a casa, outros passeavam. Havia no ar um cheiro de cal, de pó, de água estagnada. Raskólnikov caminhava aflito e preocupado. Lembrava-se de que tinha saído de casa com um fim, que tinha de fazer qualquer coisa urgente, mas o quê? Esquecera-se. Num repelão parou e viu que do outro passeio um homem lhe fazia sinal com a mão. Atravessou a rua para ir ter com ele, mas de súbito esse homem voltou-se e continuou o seu caminho, com a cabeça inclinada, sem se voltar. «Enganar-me-ia?», pensou Raskólnikov. Todavia continuou a segui-lo.

Ainda não tinha dado dez passos quando de repente o conheceu e ficou aterrado; era o burguês de há bocado, curvado do mesmo modo, vestindo o mesmo casacão. Raskólnikov, cujo coração batia com violência, caminhava à distância. Entraram num bairro e o outro continuava a

caminhar sem se voltar. «Perceberá que o sigo?», perguntava a si próprio Raskólnikov. O burguês transpôs o limiar de uma grande casa. Raskólnikov adiantou-se, apressado, para a porta e pôs-se a olhar, pensando que talvez esse misterioso personagem se voltasse e o chamasse. De facto, logo que o burguês entrou no pátio, voltou-se de um salto e pareceu chamar outra vez o mancebo com um gesto. Este obedeceu, mas, chegando ao pátio, já não encontrou o desconhecido. Presumindo que tivesse tomado pelas primeiras escadas, subiu-as. Com efeito, quando chegou ao segundo andar ouviu passos lentos e regulares. Coisa singular, parecia-lhe conhecer aquelas escadas! Eis a janela do primeiro andar. Através dos vidros entrava, misteriosa e triste, a luz da lua. Eis o segundo andar. O quê?! Era o aposento onde trabalhavam os pintores... Porque não reconhecera logo a casa? Os passos do homem que o precedia cessaram de se ouvir. «Por conseguinte parou ou escondeu-se nalgum lado. Este é o terceiro andar. Terei de subir ainda mais? E que silêncio! Tal silêncio é aterrador...» Todavia prosseguia na ascensão pela escadaria. O ruído dos seus próprios passos metia-lhe medo. «Meu Deus, que escuridão! O burguês escondeu-se, com certeza, por aqui, nalgum canto. Ah!» O aposento que dava para o patamar estava aberto de par em par. Raskólnikov refletiu um instante e depois entrou. A antecâmara estava vazia e muito escura. O mancebo passou à sala nas pontas dos pés. A luz da lua iluminava por completo o recinto e a mobília não fora mudada: viu nos seus antigos lugares as cadeiras, o espelho, o sofá amarelo e as estampas emolduradas. Pela janela via-se a enorme face redonda e vermelho-acobreada da lua. Esperou por muito tempo num profundo silêncio. De repente ouviu um ruído seco, igual ao que se faz quando se parte uma lasca, recaindo logo de novo no silêncio. Uma mosca que acordara foi, voando, esbarrar na vidraça e pôs-se a zumbir. No mesmo instante, num canto, entre o pequeno armário e a janela, Raskólnikov julgou ver uma capa de mulher pendurada na parede. «Porque está ali aquela capa?», pensou. «Antes não estava lá...» Aproximou-se devagarinho e desconfiou que, por detrás da capa, alguém devia estar escondido. Afastou-a com precaução e viu que numa cadeira, ao canto, estava sentada a velha, dobrada em duas, com a cabeça de tal maneira pendida que não pôde distinguir-lhe as feições. Era na verdade Alena Ivanovna. «Tem medo!», disse consigo Raskólnikov. Desprendeu com cautela o machado do laço e por duas vezes lho descarregou sobre a nuca. Mas coisa singular,

Alena nem se mexeu. Dir-se-ia que era de pedra. Estupefacto, curvou-se sobre ela para a examinar; porém esta baixou ainda mais a cabeça. Curvou-se então até ao sobrado, mirou-a de baixo para cima e, divisando-lhe o rosto, ficou abismado: Alena ria, sim, ria com um riso silencioso, contendo-se para não ser ouvida. No mesmo instante pareceu-lhe que a porta do quarto de dormir estava aberta e que lá dentro alguém ria e cochichava.

Enfurecido, começou a vibrar golpes na cabeça da velha, mas a cada machadada os risos e as murmurações do quarto de dormir percebiam-se cada vez mais. A velha estorcia-se com riso. Quis fugir, porém a antecâmara estava cheia de gente, bem como o patamar e a escada. Todos olhavam, mas escondidos e esperando em silêncio. O coração comprimiu-se-lhe. Sentia os pés chumbados ao chão.

Respirou com esforço e julgava ainda sonhar quando avistou, de pé, no limiar da porta do quarto, aberta de par em par, um desconhecido que o examinava com atenção.

Raskólnikov, que mal abrira os olhos, voltou a fechá-los. Deitado de costas, nem se mexeu. «Será a continuação do sonho?», pensou ele e levantou um pouco as pálpebras para lançar um olhar tímido sobre o desconhecido. Este, sempre no mesmo lugar, não deixava de o observar. De um salto transpôs o limiar, fechou devagar a porta, aproximou-se da mesa e, depois de ter esperado um minuto, sentou-se sem ruído na cadeira, perto do sofá.

Durante todo este tempo não tinha perdido de vista Raskólnikov. Em seguida, pousou o chapéu no chão, apoiou-se ao castão da bengala e encostou o queixo às mãos, como quem se prepara para esperar muito tempo. Pelo que Raskólnikov pudera julgar por um olhar furtivo, aquele homem já não era jovem. Tinha uma aparência robusta e usava barba espessa, de um louro quase branco.

Dez minutos se passaram assim. Ainda se via, mas era já tarde. No aposento reinava o mais profundo silêncio. Das escadas não vinha ruído algum. Ouvia-se apenas o zumbido de uma grande mosca que, voando, esbarrara na janela. Por fim aquele silêncio tornou-se insuportável. Raskólnikov não se pôde conter e sentou-se subitamente no sofá.

— Fale... O que deseja o senhor?

— Bem sabia que o seu sono era apenas aparente — respondeu o desconhecido com um sorriso. — Permita que me apresente: Arcade

Ivanovitch Svidrigailov.

Parte 4

Capítulo 1

«Estarei bem acordado?», pensou Raskólnikov, olhando desconfiado para essa inesperada visita.

— Svidrigailov? Isso não pode ser! — disse por fim, não podendo acreditar no que ouvira.

Esta exclamação não surpreendeu Svidrigailov.

— Vim a sua casa por duas razões: primeira, porque desejava conhecê-lo pessoalmente, pois que durante muito tempo ouvi falar de si nos termos mais lisonjeiros; segunda, porque espero que não me recusará o seu auxílio numa empresa que interessa em especial a sua irmã. Só, sem apresentação, seria difícil que ela me recebesse, visto que está ressentida comigo. Apresentado, porém, por si, calculo que o caso será diferente.

— Fez mal em contar comigo — tornou Raskólnikov.

— Essas senhoras só chegaram ontem? Permita-me que lhe faça esta pergunta.

Raskólnikov não respondeu.

— Foi ontem, já sei. Eu mesmo só vim anteontem. Pois bem, ouça o que vou dizer-lhe a tal respeito. É supérfluo justificar-me, no entanto permita-me que o interrogue: o que há, afinal, em tudo isto de procedimento criminoso da minha parte, bem entendido, se se apreciarem as coisas com serenidade e sem preconceitos?

Raskólnikov continuava a observá-lo, calado.

— Vai dizer-me (não é verdade?) que tentei seduzir em minha casa uma moça indefesa e que a *insultei com propostas vergonhosas?* Eu próprio faço a acusação! Todavia pense apenas que sou um homem *et nihil humanum*... numa palavra, que sou suscetível de um arrebatamento, de me apaixonar (o que é independente da nossa vontade) e então tudo se explica da maneira mais natural. Toda a questão é esta. Serei um monstro ou antes uma vítima? Sim, sou uma vítima. Quando propus à pessoa amada fugir comigo para a América ou para a Suíça dominavam-me, sem dúvida, os mais respeitosos sentimentos e pensava assegurar-lhe uma felicidade

comum! A razão não é mais que uma escrava da paixão. Foi a mim próprio sobretudo que prejudiquei...

— Não é disso que se trata — respondeu Raskólnikov. — Procedesse bem ou mal, não posso evitar o ódio que lhe tenho. Não quero saber quem é. Saia!

Svidrigailov soltou uma gargalhada.

— Não há maneira de o iludir — disse ele, continuando a rir. — Quis servir-me de um estratagema, mas vejo que não deu resultado.

— Agora mesmo continua a enganar-me.

— Mas em quê? Em quê? — repetia Svidrigailov, rindo com vontade. — É uma guerra leal, como dizem os franceses. A minha astúcia era permitida! Porém não me deixou acabar. Ora, voltando ao assunto, devo dizer-lhe que nada ouve de desagradável a não ser o caso do jardim. Marfa Petrovna...

— Diz-se ainda que foi o senhor que matou Marfa Petrovna! — interrompeu bruscamente Raskólnikov.

— Ah, também lhe falaram nisso? De resto, não é para admirar... Com respeito a essa história, apesar da tranquilidade da minha consciência, não sei o que deva responder-lhe. Não imagine que receio a continuação desse processo. Todas as formalidades foram cumpridas de uma forma o mais minuciosa possível. Os médicos afirmaram que morreu de uma apoplexia em resultado de um banho que tomou depois de uma refeição abundante em que bebeu quase uma garrafa de vinho... Nada mais! Não é isso porém o que me inquieta. Por várias vezes, na minha viagem para S. Petersburgo, perguntei a mim próprio se não haveria contribuído para essa... desgraça com qualquer desgosto que desse a Marfa ou de qualquer outra forma. Acabei por concluir que não tinha motivo para essas apreensões.

Raskólnikov riu-se.

— Que preocupações as suas!

— Porque se ri? Bati-lhe apenas com um chicote, algumas vergastadas, que não deixaram o menor vestígio... Não me julgue um cínico. Sei muito bem que foi ignóbil da minha parte, etc., mas sei também que os meus excessos de brutalidade não desagradavam a Marfa Petrovna. O que se passou com sua irmã foi espalhado por toda a cidade por minha mulher, que aborreceu todas as pessoas que conhecia com a famosa carta… soube decerto que a dava a ler a toda a gente? Foi então que o chicote entrou em ação!

— Gostava muito de se servir dele? — perguntou-lhe, distraído.

— Nem por isso — respondeu, com a maior calma, Svidrigailov. — Raras vezes tínhamos discussões. Vivíamos em muito boa harmonia e ela estava sempre contente comigo. Durante os sete anos da nossa vida de casados, o chicote trabalhou apenas duas vezes (ponho de parte um terceiro caso, de resto um pouco duvidoso): a primeira foi dois meses depois do nosso casamento, quando chegámos a uma casa de campo, onde tencionávamos passar um certo tempo; a segunda e última foi nas circunstâncias que referi há pouco. Considera-me por isso um monstro, um retrógrado, um partidário da escravidão?

Raskólnikov estava convencido de que este homem tinha algum plano habilmente oculto e que era um grande velhaco.

— Deve ter passado muitos dias consecutivos sem falar a ninguém.

— Essa suposição é quase verdadeira. Todavia admira-se (não é verdade?) que eu tenha um tão bom caráter?

— Acho-o até excelente!

— Por me ter formalizado com as perguntas atrevidas que me faz? Porque havia de me melindrar? Tal como me interrogou, respondi-lhe — disse Svidrigailov com singular expressão de bonomia. — Na verdade, quase nada ou mesmo nada me interessa — continuou ele. — Agora, em especial, não tenho onde empregar o meu tempo... Fica-lhe o direito de supor que tento captar as suas boas graças, tanto mais que preciso falar a sua irmã, como já lhe disse. Afirmo-lhe com franqueza: aborreço-me muito! Nestes três últimos dias, então, foi de mais, de forma que estou contentíssimo em o ver... Não se zangue se lhe disser que me parece um homem como não é vulgar encontrar-se. Há em si qualquer coisa de anormal, sobretudo agora; não neste momento, mas desde certa época. Contudo calo-me e não tome esse aspeto severo! Não sou a fera que imagina.

— Talvez não seja uma fera — disse Raskólnikov. — Afigura-se-me uma pessoa de boa sociedade, ou pelo menos que o sabe ser quando é preciso.

— Não me importo com a opinião que se faça a meu respeito — respondeu Svidrigailov com um ligeiro ar de desprezo. — E porque não se hão de aceitar as maneiras de um homem pouco educado, num país onde elas são tão cómodas, e... e sobretudo quando há para isso uma propensão natural? — acrescentou, rindo.

Raskólnikov olhou para ele de semblante carregado.

— Se assim é, para que veio a minha casa não tendo em vista algum fim?

— Realmente estou muito relacionado em S. Petersburgo — tornou o visitante, sem responder à pergunta que lhe era feita. — Há três dias que passeio pelas ruas da capital e já encontrei algumas pessoas amigas. Reconheci-as e creio que também me reconheceram. Apresento-me bem e sou tido por homem de fortuna. A abolição da escravatura não me arruinou: no entanto... não desejo reatar as antigas relações. Já outrora as achava insuportáveis. Cheguei anteontem e ainda ninguém se lembrou de que existo. É preciso que a sociedade dos *clubes* e os frequentadores do *restaurante* Dussand passem sem mim. E afinal, que prazer há em roubar ao jogo?

— Ah, roubava ao jogo?

— Decerto! Há oito anos formávamos uma sociedade completa (homens da mais elevada posição, capitalistas, poetas...), que entretínhamos o tempo a jogar e a roubarmos uns aos outros o mais que podíamos. Já reparou que na Rússia as pessoas de distinção são gatunos? Naquela época, um grego de Niejine a quem devia 70000 *rublos* mandou-me prender por dívidas. Apareceu então Marfa Petrovna. Entrou em combinações com o meu credor e, mediante 30000 *rublos* que lhe pagou, obteve a minha liberdade. Casámos e em seguida levou-me para a sua terra como um tesouro. Era mais velha que eu cinco anos e amava-me muito. Durante sete anos não saí da aldeia. Note que manteve sempre em seu poder, como precaução, a letra que tinha assinado ao grego e que ela comprara: se tentasse sacudir o jugo, mandar-me-ia logo para a prisão. Oh, apesar de todo o seu afeto, não hesitaria! As mulheres têm destas contradições!

— E se não procedesse assim, o senhor abandonava-a?

— Não sei que responder-lhe. Esse documento, no entanto, incomodava-me. Não tinha vontade de sair dali. Por duas vezes, Marfa Petrovna, vendo que me aborrecia, disse-me para ir ao estrangeiro viajar. Porém tinha já visitado a Europa e andei sempre muito e muito aborrecido. Não há dúvida que os grandes espetáculos da Natureza provocam a nossa admiração, mas enquanto se contempla um nascer do sol ou o mar, ou a baía de Nápoles, sente-se uma enorme tristeza, e o mais humilhante é que não se sabe porquê. Não se está melhor na nossa casa. Agora partiria

talvez para o Polo Norte, porque o vinho, que era o meu último recurso, acabou por não me saber bem. Já não o posso beber. Diz-se que no domingo há uma ascensão aerostática no jardim Iousoupov: Berg tenta uma grande viagem aérea e aceita companhia por um certo preço. Será verdade?

— Deseja viajar em balão?

— Eu? Não... Sim... — murmurou Svidrigailov, que parecia cismar.

«Que espécie de homem será este?», pensou Raskólnikov.

— Não, a letra não me incomodava — continuou Svidrigailov. — Foi por minha vontade que ficámos na aldeia. Haverá talvez um ano, minha esposa, no dia do meu aniversário, deu-me esse papel, com uma importante quantia, a título de presente. Era muito rica. «Vê como confio em ti», disse-me ela. Foram estas as suas palavras. Deve-se acreditar? Como sabe, desempenhava-me por completo dos meus deveres de proprietário rural: todos lá me estimavam. De resto, para me entreter mandava vir livros. Marfa Petrovna, a princípio, aprovava o meu gosto pela leitura: mais tarde receou que tanta aplicação me fatigasse.

— A morte de Marfa Petrovna devia deixar um grande vácuo na sua existência?

— Talvez... Sim... É possível... A propósito, acredita em visões?

— Em que visões?

— Em visões, no sentido vulgar da palavra.

— E o senhor acredita?

— Sim e não; se quer, não acredito, contudo...

— Já lhe apareceu alguma?

Svidrigailov olhou para o seu interlocutor de um modo estranho.

— Marfa Petrovna vem visitar-me — disse ele enquanto a boca se lhe torceu num sorriso indefinível.

— Vem visitá-lo?

— Sim, já por três vezes. A primeira vez vi-a no próprio dia do enterro, uma hora depois de ter voltado do cemitério. Foi na véspera da minha partida para S. Petersburgo. Voltei a vê-la depois, durante a viagem. Apareceu-me anteontem de madrugada na estação de Malaia Vichera; a terceira vez foi há duas horas, no quarto que habito, onde me achava só.

— Estava acordado?

— Estava. De todas as três vezes estava acordado. Ela vem, conversa um momento e sai pela porta, sempre pela porta. Parece que a ouço

caminhar.

— Sempre pensei que deviam dar-se factos dessa natureza — disse rápido Raskólnikov, ao mesmo tempo que se admirava de ter pronunciado esta frase. Sentia-se muito agitado.

— De certeza? Já o tinha pensado? — perguntou Svidrigailov surpreendido. — Será possível? Veja como tinha razão quando dizia existir entre nós um ponto de contacto!

— Nunca me disse tal! — respondeu irritado Raskólnikov.

— Não disse?

— Não!

— Julguei que tinha dito. Há pouco, quando aqui entrei e o vi deitado com os olhos fechados, parecendo que dormia, pensei comigo: «É aquele mesmo!»

— «Aquele mesmo!» Que significam essas palavras? A quem aludia? — perguntou Raskólnikov.

— A quem? Com franqueza, não sei... — respondeu embaraçado Svidrigailov.

Por momentos os olhares dos dois cruzaram-se.

— Isso, afinal, não significa nada — exclamou com violência Raskólnikov. — Que lhe diz ela quando aparece?

— Ela fala-me de futilidades, de coisas insignificantes, e veja o que é o homem: isso irrita-me! Da primeira vez que me apareceu, estava muito cansado: a cerimónia fúnebre, o *Requiem,* o jantar, tudo isso me fatigara. Estava só no meu gabinete, fumando, absorvido nas minhas reflexões, quando a vi entrar pela porta: «Arcade Ivanovitch», disse-me, «com a lida que tiveste hoje, esqueceu-te dar corda ao relógio da casa de jantar». Fui eu, de facto, que durante sete anos dei corda a esse relógio todas as semanas, e se me esquecia era ela que vinha lembrar-mo. No dia seguinte parti para S. Petersburgo. De madrugada, tendo chegado a uma estação, apeei-me e entrei no *bufete.* Como dormira mal, tinha os olhos inchados. Tomei uma chávena de café. De repente, que vejo? Marfa Petrovna sentada a meu lado, com um baralho de cartas na mão: «Queres que adivinhe o que acontecerá durante a tua viagem?», perguntou-me. Ela deitava muito bem as cartas. Estou arrependido de não ter sabido então a minha sina. Fugi, aterrado, tanto mais que a sineta chamava os viajantes. Hoje, depois de um jantar detestável que custou a digerir, estava sentado no meu quarto e tinha acendido um charuto quando a vi aparecer de novo, muito bem vestida: um

vestido novo, de seda verde, com cauda comprida: «Bom dia! Gostas do meu vestido? Aviska ainda não fez outro igual». Aviska era uma costureira da nossa aldeia, que foi criada e veio aprender para casa de uma modista de Moscovo. Era um apetitoso pedacinho de mulher! Olhei para o vestido, depois fixei com atenção minha mulher e disse-lhe: «É inútil incomodares-te para me falares de semelhantes bagatelas». «Ah! meu Deus!», exclamou ela, «não há maneira de te meter medo!» «Vou casar-me», continuei eu, querendo irritá-la um pouco. «És livre. Contudo não fazes bem, tendo enviuvado há tão pouco tempo. Ainda que faças uma boa escolha, não terás os aplausos da gente séria». Dito isto saiu e eu julguei ter ouvido o arrastar da cauda do vestido! Não acha curioso?

— Mas quem me garante que não está a mentir?

— É raro mentir — respondeu Svidrigailov pensativo e sem fazer reparo na rudeza da pergunta.

— E antes disso, alguma vez lhe tinham aparecido visões?

— Uma vez, há seis anos. Um criado meu, chamado Filka, tinha morrido. No dia em que foi enterrado, por distração, chamei-o, como de costume: «Filka, o meu cachimbo!» Apareceu e foi direito ao armário onde estavam os meus objetos de fumar. «Não está contente comigo!», pensei, porque pouco tempo antes da sua morte tínhamos tido uma altercação. «Como te atreves», disse-lhe, «a apresentar-te diante de mim com o casaco roto nos cotovelos? Sai já daqui!» Deu meia volta, saiu e nunca mais voltou. Não contei o caso a Marfa Petrovna. A princípio tencionei mandar dizer uma missa por alma do pobre homem, mas depois refleti que era uma criancice.

— Consulte o médico!

— Esse conselho é supérfluo. Compreendo que estou doente, conquanto, na verdade, não saiba de quê. Parece-me, contudo, que passo muito melhor que o senhor. Não lhe perguntei: acredita que se vejam essas aparições? Ou melhor: acredita que há visões ou espectros?

— Não, não acredito! — respondeu logo Raskólnikov, bastante irritado.

— Regra geral que se diz? — monologou Svidrigailov, com a cabeça pendida, olhando de revés. — Todos dizem: «O senhor está doente, por consequência o que julga ver é apenas um sonho próprio do delírio». Isto não é raciocinar com toda a severidade da lógica. Admito que essas visões

só aparecem aos doentes, o que prova apenas que é preciso estar doente para as observar, mas não que elas não existam.

— Com certeza não existem! — replicou bruscamente Raskólnikov,

Svidrigailov fitou-o por momentos.

— Não existem? É a sua opinião? Então não se poderá deduzir: «As visões ou os espectros são, por qualquer forma, fragmentos ou pedaços doutros mundos. O homem saudável não tem, como é natural, motivo para as ver, visto que é, sobretudo, um ser material e por consequência vive apenas a vida terrestre. Porém, desde que seja um doente, desde que saia da normalidade, da Terra ou do seu organismo, começa logo a manifestar-se-lhe a possibilidade de um outro mundo; à medida que a doença se agrava, multiplicam-se as suas relações com o outro mundo até que a morte o faça lá entrar a pé firme». Há muito tempo que faço este raciocínio, e se acredita na vida futura tem por força de o aceitar.

— Não acredito na vida futura — respondeu Raskólnikov.

Svidrigailov meditava.

— E se lá houvesse somente aranhas ou outras coisas semelhantes? — perguntou de repente.

«É doido», pensou Raskólnikov.

— Imaginamos sempre a eternidade de uma forma que não pode compreender-se; uma coisa imensa, imensa! Mas porque há de ser assim? E se em vez disso supusermos que é um quarto pequeno, uma espécie de quarto de banho enegrecido pelo fumo, com aranhas em todos os cantos? Assim a imagino muitas vezes.

— Será possível que não tenha sobre o assunto uma ideia mais consoladora e mais justa? — exclamou Raskólnikov contrafeito.

— Mais justa? Quem sabe? Talvez que essa maneira de ver seja a melhor, e sê-lo-ia de certeza se dependesse de mim! — respondeu Svidrigailov, esboçando um vago sorriso.

Esta cínica resposta causou calafrios a Raskólnikov. Svidrigailov ergueu a cabeça, fitou bem o interlocutor e desatou a rir.

— É curioso! — disse. — Há meia hora ainda não nos tínhamos visto e considerávamo-nos como inimigos. Entre nós havia um assunto a tratar: pomos de parte esse assunto e começamos a filosofar! Bem dizia eu que somos plantas do mesmo terreno!

— Perdão — objetou Raskólnikov, contrariado. — Faça favor de me explicar, sem mais delongas, a que devo a honra da sua visita. Tenho

pressa, pois preciso sair...

— Já! Sua irmã vai casar com o senhor Loujine?

— Peço-lhe que não fale em minha irmã e que nem mesmo pronuncie o seu nome. Nem compreendo como se atreve a tal na minha presença, e se é de verdade Svidrigailov!

— Mas se vim para lhe falar nela, como hei de deixar de pronunciar o seu nome?

— Então fale, mas depressa.

— Esse senhor Loujine é meu parente por afinidade. Creio que o senhor deve ter já formado opinião a seu respeito, se é que já o viu, por pouco tempo que fosse, ou se alguma pessoa digna de crédito lhe falou nele. Não é partido que convenha a Dounia. Quanto a mim, sua irmã sacrifica-se de uma forma tão magnânima, como impensada, pela família. Tudo o que sabia de si levava-me a crer que estimaria o rompimento desse enlace, se fosse possível fazê-lo, sem prejuízo para os interesses de sua irmã. Agora que o conheço pessoalmente não tenho dúvida alguma a tal respeito.

— Tudo isso da sua parte parece-me bastante imprudente — respondeu Raskólnikov.

— Calcula então que tenho intuitos reservados? Sossegue. Se trabalhasse para mim, escondia melhor o jogo. Não sou assim tão imbecil. Vou, a propósito, contar-lhe uma singularidade psicológica. Há pouco desculpava-me de ter amado sua irmã, dizendo que eu próprio fora uma vítima. Pois bem, agora não tenho por ela nenhum amor, o que me chega a surpreender, visto que estive bastante apaixonado...

— Era um capricho de homem sem ocupação e além disso vicioso — interrompeu Raskólnikov.

— Na verdade sou ocioso e vicioso. De resto, sua irmã possui bastantes atrativos para impressionar mesmo um libertino como eu. Reconheço agora, porém, que tudo isso era fogo de vista.

— Desde quando pensa assim?

— Desde há muito. Contudo só anteontem me convenci em definitivo, ao chegar a S. Petersburgo. Em Moscovo ainda estava decidido a conseguir a mão de Dounia, apresentando-me como rival de Loujine.

— Desculpe-me interrompê-lo. Não poderia resumir e entrar desde já no assunto, objeto da sua visita? Repito-lhe que tenho pressa e preciso dar umas voltas...

— Pois não! Resolvido agora a fazer certa... viagem, queria, primeiro, regular diferentes negócios. Os meus filhos ficam com a tia. São ricos, não precisam de mim. Está a observar-me no meu papel de pai? Não trouxe mais que o dinheiro que Marfa Petrovna me deu há um ano. Chega. Desculpe-me, mas vou agora entrar no assunto. Antes de partir hei de conseguir que Loujine desapareça. Não é porque o deteste, no entanto foi ele a causa da última desinteligência que tive com minha mulher. Indignei-me quando soube que projetava este casamento. Dirijo-me a si para conseguir avistar-me com Dounia: se quiser, pode assistir à entrevista. Desejaria que sua irmã pesasse bem os inconvenientes resultantes do casamento com Loujine, que me perdoasse todos os desgostos causados e me desse licença para lhe oferecer dez mil *rublos,* os quais compensariam o rompimento que, estou persuadido, não lhe repugnaria se visse a possibilidade de o realizar.

— O senhor é doido, positivamente doido! — gritou Raskólnikov, mais surpreendido do que encolerizado. — E como se atreve a falar assim?

— Já sabia que havia de se exaltar outra vez, mas começarei por lhe dizer que, não sendo rico, posso dispor muito bem desses dez mil *rublos,* pois não me fazem falta alguma. Se Dounia não os aceitar, Deus sabe que loucuras farei com eles! Além disso a minha consciência está tranquila; este oferecimento não obedece a qualquer premeditação. Acredite ou não acredite, o futuro lho provará, tanto a si como à Dounia. Em resumo, procedi muito mal com a sua digna irmã. Sinto por isso um profundo arrependimento e desejo muitíssimo não reparar, com uma compensação pecuniária, as contrariedades que sofreu, mas prestar-lhe um pequeno serviço para que não se diga que só lhe fiz mal. Se a minha proposta ocultasse algum pensamento reservado, não a faria de uma maneira tão franca e não me limitaria a oferecer hoje dez mil *rublos* quando há cinco semanas ofereci muito mais. De resto, vou casar muito em breve com uma menina daqui; portanto, também não poderão suspeitar que pretendi seduzir Dounia. Por último, dir-lhe-ei que, embora ela venha a ser esposa de Loujine, receberá essa quantia por outra forma... Mas não se zangue e aprecie a sangue-frio!

Svidrigailov pronunciou estas palavras com extraordinária fleuma.

— Peço-lhe que termine — disse Raskólnikov. — Essa proposta é de uma insolência imperdoável.

— Não acho. Além disso o homem, neste mundo, só pode fazer mal ao seu semelhante. Tendo de vingar-se, não lhe assiste o direito de fazer o menor bem. As conveniências sociais opõem-se. É absurdo? Por exemplo, se eu morresse e deixasse em testamento esta importância a sua irmã, ela recusava-a?

— É muito possível.

— Não falemos mais nisso. Seja como for, peço-lhe que faça o meu pedido a sua irmã.

— Nada lhe direi.

— Nesse caso empregarei outros meios para me encontrar com ela, o que decerto a incomodará.

— E se lhe comunicar a sua proposta, não pretenderá falar-lhe em particular?

— Não sei o que hei de responder-lhe. Desejava estar com ela uma vez, ao menos.

— Perca as esperanças.

— Mau é isso. O senhor não me conhece. Poderíamos estabelecer relações de amizade.

— Julga isso?

— Porque não? — disse, sorrindo, Svidrigailov, levantando-se e pegando no chapéu. — Não desejo impor-me à sua simpatia e mesmo, vindo aqui, não contava... Esta manhã impressionou-me...

— Onde me viu esta manhã? — perguntou sobressaltado Raskólnikov.

— Vi-o por acaso... Imagino sempre que somos dois frutos da mesma árvore.

— Está bem. Permita-me que lhe pergunte se tenciona partir muito breve.

— Partir?

— Não me falou há pouco numa viagem?

— Eu? Numa viagem? Ah! sim! Se soubesse o que veio despertar em mim! — acrescentou secamente. — Talvez que em vez de viajar, case. Estão tratando de me arranjar um casamento.

— Aqui?

— Sim.

— Desde que chegou a S. Petersburgo não tem perdido o tempo.

— Até mais ver... Ah! Já me esquecia! Diga a sua irmã que Maria Petrovna lhe legou três mil *rublos*. Minha mulher fez as suas disposições

testamentárias oito dias antes de morrer.

— Isso é verdade?

— É. Diga-lho. Um seu criado... Moro muito perto daqui.

À saída, Svidrigailov encontrou-se na escada com Razoumikhine.

Capítulo 2

Eram quase oito horas. Os dois dirigiram-se logo para a casa Bakaleiev, pois queriam lá estar antes da Loujine.

— Quem saía de tua casa quando entrei? — perguntou Razoumikhine ao chegarem à rua.

— Svidrigailov, o proprietário em casa de quem minha irmã esteve como professora e de onde saiu porque ele lhe fazia a corte. Marfa Petrovna, a mulher desse sujeito, despediu-a. Mais tarde, porém, pediu perdão a Dounia. Morreu há dias, de repente. Era dela que minha mãe falava às vezes. Não sei porquê, esse homem assustou-me. É muito extraordinário e tem alguma firme resolução tomada... Dir-se-ia que sabe alguma coisa. Chegou aqui, logo depois do enterro da mulher... É preciso proteger Dounia contra ele. Aqui tens o que queria dizer-te, ouviste?

— Protegê-la! Que pode ele fazer contra Dounia? Agradeço-te por me teres avisado. Protegê-la-emos, descansa! Onde mora ele?

— Não sei.

— Porque não lho perguntaste? Que demónio! hei de reconhecê-lo!

— Viste-o? — perguntou Raskólnikov, depois de um curto silêncio.

— Oh, vi! Reparei bem nele!

— Estás bem certo? Viste-o bem? — insistiu Raskólnikov.

— Perfeitamente. Lembro-me muito bem da sua fisionomia. Reconhecê-la-ia entre mil.

Calaram-se outra vez.

— Olha, sabes, parece-me sempre que sou vítima de uma ilusão — murmurou Raskólnikov.

— Porque dizes isso? Não te compreendo.

— Queres ver — continuou Raskólnikov, fazendo uma careta que pretendia ser um sorriso. — Todos dizem que sou doido e há bocado julguei que tinham razão. Tive a impressão que via apenas um espectro.

— Que ideia!

— Quem sabe? Talvez seja de facto doido e os acontecimentos dos últimos dias só teriam existido na minha imaginação.

— Perturbaram-te mais o espírito! Que te disse ele? Para que foi a tua casa?

Raskólnikov não respondeu. Razoumikhine refletiu um momento.

— Escuta, vou dizer-te o que fiz — começou ele. — Fui por tua casa, mas dormias ainda. Depois jantámos e em seguida fui a casa do Porfírio. Zametov ainda lá estava. Comecei a arengar, porém não fui feliz ao princípio; não conseguia entrar na matéria. Os dois pareciam não me perceber, sem contudo apresentarem a menor objeção. Levei Porfírio para a janela. Recomecei, mas não fui melhor sucedido. Cada um de nós olhava para o seu lado. Por fim aproximei-lhe a mão fechada da cara, em atitude agressiva, e disse-lhe que o esmagava. Olhou para mim sem dizer palavra. Escarrei e voltei-lhe as costas. Uma tolice. Com Zametov não troquei palavra. Vinha zangado comigo mesmo, pela forma estúpida como tinha procedido, quando uma súbita reflexão me consolou. Ao descer a escada perguntei a mim próprio: valerá a pena preocuparmo-nos tanto com isto? É evidente que se algum perigo corresse, as coisas passavam-se de outra maneira. Que tens a recear? Não és culpado e portanto não te podem inquietar. Mais tarde rir-nos-emos da sua parvoíce e no teu lugar sentia até grande prazer em troçar deles. Como essa gente pode cometer um erro tão grosseiro! Manda-os passear. Esses asnos só merecem desprezo.

— É justo! — respondeu Raskólnikov. «Que dirás tu amanhã?», disse consigo. E caso curioso, até então nunca pensara em interrogar-se: «Que dirá Razoumikhine quando souber que sou culpado?»

Olhou com insistência para o amigo. A descrição da visita a Porfírio interessara-o pouco. A sua preocupação era outra.

No corredor encontraram Loujine. Tinha chegado às oito horas em ponto. Devido porém a ter esquecido o número, entraram juntos sem se olharem, nem cumprimentarem. Raskólnikov e Razoumikhine entraram logo. Loujine, sempre fiel observador das conveniências, demorou-se na antecâmara a despir o sobretudo. Pulquéria dirigiu-se-lhe logo. Dounia e Raskólnikov cumprimentaram-se, dando as boas-tardes.

Loujine cumprimentou as senhoras de uma forma muito amável, mas com extrema gravidade. Via-se que estava preocupado. Pulquéria, que também parecia não estar à vontade, pediu a todos que se sentassem à mesa. Dounia e Loujine ficaram em frente um do outro, nas extremidades da mesa. Razoumikhine e Raskólnikov, em frente de Pulquéria: o primeiro ao lado de Loujine e o segundo junto da irmã.

Durante algum tempo ninguém proferiu palavra. Loujine tirou da algibeira um lenço de cambraia perfumado e assoou-se. As suas maneiras eram as de um bom homem, ferido na sua dignidade e firmemente resolvido a exigir explicações. Na ocasião em que despira o sobretudo, chegara a pensar se o melhor castigo a infligir a essas senhoras não seria o retirar-se desde logo! Todavia não o fizera porque gostava das situações definidas. Elas que assim procediam é porque tinham alguma razão para o fazer. Mas que razão? Mais valia pôr as coisas a claro; era sempre tempo de castigar e a punição pela demora não era menos certa.

— Fez boa viagem, não é verdade? — perguntou, por delicadeza, a Pulquéria.

— Graças a Deus!

— Estimo muito. E Dounia também se fatigou ou não?

— Sou nova e forte, nada me fatiga; porém, para a minha mãe a viagem foi bastante incómoda — respondeu Dounia.

— Tem de ser assim! Os nossos caminhos de ferro são muito extensos, a Rússia é muito grande... Apesar dos meus bons desejos, não pude ir ontem esperá-las. Como chegaram bem...

— Oh, desculpe-me, mas encontrámo-nos numa situação embaraçosa — respondeu desde logo Pulquéria, com uma entoação reservada. — E se Deus não nos enviasse Dmitri Prokofitch não saberíamos na realidade o que havíamos de fazer... Permita-me que lhe apresente o nosso salvador: Dmitri Prokofitch Razoumikhine.

— Já ontem tive o prazer de... — interrompeu Loujine, lançando a Razoumikhine um olhar de antipatia.

Loujine era uma dessas criaturas que se esforçam por parecer amáveis e educadas, mas que à menor contrariedade perdem logo a serenidade, a ponto de mais parecerem rapazolas amuados do que cavalheiros de fino trato. O silêncio reinou de novo. Raskólnikov mantinha-se numa obstinada mudez. Dounia não julgava a ocasião oportuna para falar. Razoumikhine não tinha que dizer, e portanto Pulquéria viu-se ainda na necessidade de manter a conversa.

— Já sabe que morreu Marfa Petrovna? — começou ela, empregando este supremo recurso em semelhante caso.

— Já sei! Fui logo informado do triste acontecimento e posso até dizer-lhes que depois do enterro de sua mulher, Arcade Ivanovitch

Svidrigailov veio a toda a pressa para S. Petersburgo. Recebi esta notícia de boa fonte.

— Aqui? — perguntou assustada Dounia, trocando um olhar com a mãe.

— Em S. Petersburgo?

— É verdade. E deve supor-se que não veio sem alguma intenção; a precipitação da partida e o conjunto de circunstâncias precedentes assim o levam a crer.

— Meu Deus! Virá apoquentar de novo a Dounia? — exclamou Pulquéria.

— Parece-me que não têm razões para se inquietarem com a presença dele em S. Petersburgo, pelo menos por agora. Por mim, estou de atalaia.

— Ah!... Não calcula como me assustou! — disse Pulquéria. — Vi esse homem somente duas vezes e pareceu-me terrível... terrível! Tenho a certeza que foi ele o causador da morte da infeliz Marfa Petrovna.

— As informações que recebi não levam a essa conclusão. De resto, não vejo que o seu procedimento tivesse, até certo ponto, abreviado o curso natural das coisas. Agora quanto ao seu comportamento e às suas qualidades morais, estamos de acordo. Ignoro se ficou rico com o que Marfa Petrovna lhe deixou. Sabê-lo-ei em breve. O que é certo é que, achando-se em S. Petersburgo, não tardará a voltar aos antigos hábitos, por poucos que sejam os seus recursos pecuniários. Não há homem mais vicioso e depravado! Marfa Petrovna, que teve a infelicidade de se apaixonar por ele, que há oito anos lhe pagou todas as dívidas, ainda lhe foi útil noutra questão: à custa de muitos esforços e sacrifícios conseguiu abafar um processo que podia muito bem ter levado o senhor Svidrigailov à Sibéria. Tratava-se de um assassinato cometido em terríveis condições, por assim dizer fantásticas! Aqui tem o que é esse homem.

— Oh! Meu Deus! — exclamou Pulquéria.

Raskólnikov escutava com atenção.

— Segundo nos disse, as suas informações são de origem segura? — perguntou Dounia.

— Limito-me a repetir o que ouvi à própria Marfa Petrovna. É preciso notar que, sob o ponto de vista jurídico, esse caso era muito obscuro. Naquela época vivia aqui (e parece que ainda vive) uma tal Resslich, estrangeira, que emprestava a juros e exercia ainda outras profissões. Entre essa mulher e Svidrigailov existiam desde há muito tempo relações

íntimas e misteriosas. Vivia com ela uma parenta afastada, sobrinha, suponho eu, moça de catorze ou quinze anos, surda muda. A Resslich não podia aturar a moça e por isso dava-lhe maus tratos, batendo-lhe sem piedade. Um dia a infeliz foi encontrada enforcada. As investigações do costume concluíram que se tratava de um suicídio. O caso ficava por ali quando a polícia recebeu denúncia de que a pequena tinha sido violada por Svidrigailov. Com franqueza, tudo isto era pouco claro; a denúncia fora feita por uma outra alemã, mulher de imoralidade notória e cujo depoimento não podia valer muito. Daí a pouco tempo ninguém mais falou do processo. Marfa Petrovna pusera-se em campo, espalhara dinheiro e conseguira travar a ação da justiça. Nem por isso deixaram de se formar as mais desagradáveis opiniões acerca de Svidrigailov. Conhecem também o que se passou com o criado Filipe, que morreu vítima de maus tratos. O caso passou-se há seis anos, quando havia ainda a escravatura.

— Ouvi dizer que o Filipe se enforcara.

— Pois sim, mas foi levado a isso, ou melhor dizendo, obrigado a isso pelas brutalidades incessantes e vexames contínuos a que o patrão o sujeitava.

— Não sabia — respondeu apenas Dounia. — Ouvi a esse respeito uma história bastante curiosa: esse Filipe parece que era hipocondríaco, uma espécie de criado filósofo. Os companheiros diziam que as leituras o tinham perturbado, e pelo que eles contam conclui-se que se enforcou não por causa dos maus tratos de Svidrigailov, mas pelas troças de que era alvo. Sempre vi Svidrigailov tratar os criados com humanidade; todos gostavam dele, conquanto lhe atribuíssem a morte do Filipe.

— Vejo que toma a peito defender Svidrigailov — respondeu Loujine com um sorriso equívoco. — É verdade que é homem hábil para se insinuar no coração das senhoras. A infeliz Marfa Petrovna, morta em circunstâncias tão singulares, provou-o tristemente. Quero preveni-las apenas, a si e a sua mãe, prevendo quaisquer tentativas que não deixará de renovar. Quanto a mim, estou em absoluto convencido de que esse homem acabará na prisão por dívidas. Marfa Petrovna pensava muito no futuro dos filhos e por isso não deve ter deixado ao marido uma parte importante da fortuna. Legou-lhe o bastante para viver sem dificuldades, mas com o seu génio dissipador, antes de um ano terá gasto tudo.

— Peço-lhe que não fale mais de Svidrigailov. Desagrada-me essa conversa.

— Foi a minha casa procurar-me — disse de súbito Raskólnikov, que até então se mantivera calado.

Todos se voltaram para ele com exclamações de surpresa. Até Loujine pareceu intrigado.

— Há uma hora, estava eu a dormir, entrou no meu quarto, acordou-me e apresentou-se — continuou Raskólnikov. — Mostrava-se alegre e muito à vontade. Espera que eu venha a ser seu amigo. Entre outras coisas deseja muito falar contigo, Dounia, e pediu-me para servir de medianeiro nesse sentido. Tem uma proposta a fazer-te e disse-me em que consistia. Assegurou-me que Marfa Petrovna te deixara, em testamento, três mil *rublos,* e que podes receber esse dinheiro quando bem entenderes.

— Louvado seja Deus! — exclamou Pulquéria, benzendo-se. — Reza por ela, Dounia, reza!

— O facto é verdadeiro — disse Loujine.

— E depois? — perguntou com interesse Dounia.

— Depois, disse-me que não tinha ficado rico e que toda a fortuna pertencia aos filhos, que estão agora em casa de uma tia. Disse-me também que morava perto de mim... mas onde? Ignoro-o, porque não lho perguntei.

— Que proposta quer então fazer à Dounia? — perguntou Pulquéria, sobressaltada. — Disse-ta?

— Disse.

— Então o que é?

— Mais tarde contarei.

Depois de ter dado esta resposta, começou a tomar o chá.

Loujine consultou o relógio.

— Um negócio urgente obriga-me a deixá-las e assim não me torno importuno para o que têm a dizer — acrescentou num tom que revelava sentir-se melindrado. E levantou-se.

— Fique. Tinha prometido passar a noite connosco. De mais, dizia na sua carta que desejava falar com minha mãe.

— É verdade — respondeu, voltando a sentar-se, mas ficando com o chapéu na mão. — Desejava, com efeito, falar com sua mãe e consigo sobre um assunto da mais alta gravidade. Porém como seu irmão não pode contar diante de mim as propostas de Svidrigailov, não posso também, nem quero, explicar-me diante... de terceiras pessoas... sobre uma questão

de extrema importância. De resto, manifestei, nos termos mais positivos, um desejo de que não fez caso.

A fisionomia de Loujine tomou um aspeto severo e altivo.

— Tinha-nos pedido, de facto, para que meu irmão não assistisse a esta nossa entrevista; porém se ele não respeitou a sua vontade foi a meu pedido — respondeu Dounia. — Na sua carta dizia-nos que meu irmão o insultou: ora desejo que se reconciliem, pondo termo ao mal-entendido que há entre os dois. Se Rodia o ofendeu, deve pedir-lhe desculpa, e com certeza o fará.

Ouvindo estas palavras, Loujine sentiu-se menos do que nunca disposto a fazer concessões.

— Apesar da minha melhor vontade, querida Dounia, há certas injúrias que não podem esquecer-se. Em tudo há um limite que é perigoso ultrapassar, porque uma vez que tal suceda é impossível voltar para trás.

— Então — interrompeu Dounia, comovida — seja o homem inteligente e nobre que sempre conheci, e que desejo ver sempre em si. Fiz-lhe a promessa de ser sua mulher. Confie pois em mim nesta questão e creia que a julgarei com imparcialidade. O papel de árbitro que estou tomando não deve ser surpresa para nenhum dos dois. Quando hoje, depois de receber a sua carta, instei com meu irmão para vir aqui, nada lhe disse das minhas intenções. Compreendem que, se recusam reconciliar-se, serei forçada a optar por um e a excluir o outro. É assim que a questão fica posta para os dois. Não quero, nem devo enganar-me na escolha que fizer. Se o escolher, abandonarei meu irmão; escolhendo meu irmão, abandoná-lo-ei a si. Posso e quero agora julgar dos seus sentimentos a meu respeito. Vou saber se tenho em Rodia um irmão e se tenho em si um marido disposto a estimar-me.

— Dounia — respondeu Loujine — as suas palavras prestam-se a diversas interpretações. Direi mais, são ofensivas para a situação em que tenho a honra de estar para consigo. Sem falar no quanto me magoam, por me ver considerado como indivíduo orgulhoso, elas parecem significar a possibilidade de que o nosso casamento se não realizará. Disse que vai escolher entre mim e seu irmão! Assim me mostra quanto lhe mereço! Não posso aceitar isso, dadas as nossas relações e... os compromissos recíprocos.

— Como! — exclamou Dounia corando. — Então ligo os seus interesses ao que tenho de mais caro na vida e diz-me que me merece

pouco!

Raskólnikov mostrou um sorriso cruel, Razoumikhine fez uma careta e Loujine não se sentiu sossegado com a resposta de Dounia, pois cada vez estava mais corado e mais rude.

— O amor pelo marido, pelo futuro companheiro da vida, deve ser superior ao amor fraterno — declarou ele, sentenciosamente — e por isso não posso ser posto a par... Com quanto tivesse dito há pouco que não queria, nem podia explicar-me na presença de seu irmão acerca do principal motivo da minha visita, há um ponto muito importante para mim que desejava esclarecer desde já com sua mãe. Seu filho — continuou ele, dirigindo-se a Pulquéria — ontem, diante do senhor Razoumikhine… Não é assim que se chama? Desculpe-me, esqueceu-me o seu nome — disse ele a Razoumikhine, cumprimentando-o todo amável — ofendeu-me pelo modo como alterou uma frase pronunciada por mim na ocasião em que tomava café em sua casa. Disse que, quanto a mim, uma moça pobre e que já sofreu privações dava a um marido mais garantias de moralidade e felicidade do que uma que nunca sentiu a falta de coisa alguma. Seu filho, de propósito, deu um sentido absurdo às minhas palavras, atribuindo-me intenções odiosas, e presumo que se fundou, para o fazer, nas suas cartas. Far-me-ia um grande favor se me provasse que estou enganado. Diga-me, com a máxima exatidão, porque palavras reproduziu o meu pensamento na carta que escreveu a Rodia Romanovitch.

— Não me lembro — respondeu embaraçada Pulquéria — mas reproduziu-o conforme o percebi. Não sei como Rodia lhe repetiu essa frase. É possível que tenha alterado ou trocado as palavras.

— Se o fez, foi por inspiração da sua carta.

— Senhor — ripostou com dignidade Pulquéria — a prova de que Dounia e eu não demos um mau sentido às suas palavras é que estamos aqui.

— Exatamente, minha mãe — aprovou Dounia.

— Então fui eu que andei mal! — disse Loujine magoado.

— O senhor parece que se compraz em acusar sempre o Rodia: ainda há pouco a sua carta o culpava de um facto que é falso — disse Pulquéria, animada pela aprovação da filha.

— Não me lembro de ter escrito nenhuma falsidade.

— Segundo a sua carta — interrompeu com dureza Raskólnikov sem se voltar para Loujine — o dinheiro que ontem deixei à viúva de um

homem que foi esmagado por uma carruagem, dei-lho por causa da filha, que eu via pela primeira vez. O senhor escreveu isso com a intenção de me indispor com a minha família e, para melhor o conseguir, qualificou do modo mais ignóbil a vida de uma moça que não conhece. Isso é uma reles difamação.

— Desculpe, senhor — respondeu Loujine, trémulo de cólera. — Se na minha carta fiz considerações a seu respeito foi apenas porque sua mãe e sua irmã me pediram para lhes dizer a situação em que o encontrara e a impressão que me causara. De resto, desafio-o a provar a falsidade da passagem a que se refere. Negará que gastou o dinheiro em extravagâncias, e quanto à família de que se trata, atrever-se-á a garantir a respeitabilidade de todos os seus membros?

— Na minha opinião, apesar de toda a sua respeitabilidade, o senhor não vale um dedo da pobre moça que caluniou.

— Dessa forma não hesitará em introduzi-la em casa de sua mãe e de sua irmã?

— Se o deseja saber, dir-lhe-ei que já as apresentei. Hoje mesmo, a meu pedido, esteve sentada junto de minha mãe e de Dounia.

— Rodia! — exclamou Pulquéria.

Dounia corou, Razoumikhine franziu as sobrancelhas e Loujine teve um sorriso de desprezo.

— Veja — disse ele, dirigindo-se a Dounia — se é possível chegarmos a um acordo. Espero que esta questão fique por aqui e que nunca mais falemos em tal. Retiro-me para não interromper esta reunião de família; de mais, devem ter confidências a fazer. — Levantou-se e pegou no chapéu. — Permitam que lhes diga, antes de me ir, que desejo, de hoje para o futuro, nunca mais ter de me encontrar com semelhantes companhias. É a si, em especial, minha senhora, que faço este pedido, tanto mais que a minha carta foi dirigida a si e a mais ninguém.

Pulquéria irritou-se.

— Imagina que nos governa, Loujine? Dounia já lhe disse porque não foi satisfeito o seu desejo; as intenções dela eram boas. Mas, com franqueza, a sua carta era muito imperiosa. Devemos aceitar os seus desejos como ordens? Pelo contrário, e agora muito mais, deve tratar-nos com muita consideração, porque a nossa confiança em si é tanta que tudo deixámos para vir até aqui, e por consequência colocar-nos à sua discrição.

— Isso não é bem assim, sobretudo no momento em que sabe do legado de Marfa Petrovna a sua filha. Esses três mil *rublos* chegam muito a propósito, a julgar pelo tom arrogante como me fala — disse Loujine.

— Essa observação faz supor que o senhor especulou com as nossas privações — observou irritada Dounia.

— Mas agora já não posso fazer o mesmo e não quero impedi-las de ouvirem as propostas secretas de Svidrigailov, que seu irmão está encarregado de lhes transmitir. Pelo que vejo ligam-lhes importância capital e talvez até lhes sejam muito agradáveis!

— Oh, meu Deus! — exclamou Pulquéria.

Razoumikhine parecia inquieto.

— Não te sentes envergonhada, minha irmã? — perguntou Raskólnikov.

— Sinto, Rodia — respondeu Dounia. — Saia, Loujine! — exclamou ela, pálida de cólera.

Este não esperava semelhante desfecho. Presumira muito da sua pessoa e contara ainda mais com a sua força e com a fraqueza das suas vítimas. Mesmo agora ainda não acreditava no que ouvira.

— Dounia — disse ele mudando de cor e com os lábios trémulos — se sair neste momento, fique certa de que nunca mais volto. Pense bem! Tenho uma só palavra.

— Que arrojo! — exclamou Dounia. — Não compreendeu ainda que não quero que volte?

— Sério? — gritou Loujine, fora de si, ao ver realizado um rompimento que julgara impossível. — Pois seja! Mas saiba que posso protestar...

— Que significa esse modo de falar? — perguntou com energia Pulquéria. — Como pode protestar? Que direito tem para isso? Vou lá entregar a minha filha a um homem como o senhor! Saia, vá-se embora, deixe-nos em paz. No que andámos muito mal foi em consentir intimidades, e eu então, eu...

— Contudo — respondeu Loujine, furioso — tinha a sua palavra, que vejo retira agora, e enfim... enfim... sempre fiz despesas...

Estas palavras tão próprias do caráter de Loujine fizeram rir Raskólnikov, apesar da raiva que o dominava. Pulquéria, porém, é que não pôde conter-se:

— Despesas? — perguntou com violência. — Vai falar da mala que nos mandou? Então não nos disse que obtivera o seu transporte gratuito... Tínhamos dado a nossa palavra? Mas as situações mudaram. Éramos nós que estávamos às suas ordens e não o senhor que estava às nossas.

— Basta, minha mãe, basta! — disse Dounia. — Pedro Petrovitch, faça-nos o favor de se retirar.

— Eu saio, mas uma última palavra apenas — respondeu ele, muito exaltado. — Sua mãe parece ter esquecido que lhe pedi a sua mão numa ocasião em que toda a gente dizia a seu respeito coisas bem pouco agradáveis. Afrontei a opinião pública, restabeleci o seu bom nome. Tinha motivos para esperar algum reconhecimento... Porém agora abriram-me os olhos! Vejo que o meu procedimento foi pouco refletido e que talvez fizesse mal em desprezar o que se dizia.

— Quer que lhe quebrem a cara! — exclamou Razoumikhine, pondo-se de pé para castigar o insolente.

— O senhor é um vilão, um miserável! — disse Dounia.

— Nem uma palavra! Nem um gesto! — objetou Raskólnikov, sustendo Razoumikhine. — Vá-se embora — disse em voz baixa, mas perfeitamente distinta — e nem mais uma palavra, se não...

Pedro Petrovitch, com o rosto pálido e contraído pela cólera, olhou para ele durante alguns segundos. Em seguida voltou as costas e desapareceu, levando no coração um ódio mortal contra Raskólnikov, a quem atribuía toda a sua desgraça. Deve notar-se que enquanto descia a escada ia pensando que não estava tudo perdido e que a reconciliação era possível — quanto à mãe e quanto à filha!

Capítulo 3

Durante cinco minutos todos se sentiram contentes, traduzindo-se mesmo a satisfação por gargalhadas. Apenas a fisionomia de Dounia era de vez em quando de um aspeto sombrio, como se a formosa moça se lembrasse da cena anterior. De todos, o que ficou mais satisfeito foi Razoumikhine. A alegria que não se atrevia ainda a manifestar abertamente traía-se por uma excitação febril que o dominava em absoluto. Agora tinha o dever de consagrar toda a sua vida àquelas senhoras, de lhes prestar todos os serviços. Contudo, afastava estas ideias para longe, receando que elas tomassem corpo. Raskólnikov conservava-se imóvel e aborrecido, não tomando parte na alegria geral: podia dizer-se que o seu espírito não estava ali. Tanto insistira nesse rompimento com o Loujine, e agora que ele se efetuara era quem menos importância lhe ligava. Pulquéria observava-o com inquietação.

— Que te disse Svidrigailov? — perguntou Dounia, aproximando-se do irmão.

— Ah, é verdade! — exclamou Pulquéria.

Raskólnikov ergueu a cabeça.

— Svidrigailov quer por força dar-te dez mil *rublos* e deseja ver-te uma única vez, estando eu presente.

— Vê-la! Isso nunca! — exclamou Pulquéria. — E como se atreveu a vir oferecer-te dinheiro?

Raskólnikov contou o que se passara entre ele e Svidrigailov. Dounia ficou pensativa por muito tempo.

— Preparou algum indigno projeto! — murmurou sobressaltada.

Raskólnikov impressionou-se com os receios da irmã.

— Hei de tornar a encontrar-me com ele — disse.

— Havemos de dar com ele! Descobri-lo-ei! — acrescentou com vivacidade Razoumikhine. — Não o perco de vista, pois Rodia autorizou-me. Ainda há pouco me disse: «Protege minha irmã». Consente, Dounia?

Dounia sorriu e estendeu-lhe a mão; todavia notava-se no seu rosto que continuava apreensiva. Pulquéria olhou para ela com ar tímido; de

resto, os três mil *rublos* tinham-na tranquilizado bastante.

Um quarto de hora depois conversavam com animação. Raskólnikov, mantendo-se calado, prestava no entanto atenção ao que se dizia.

— Porque se há de ir embora? — perguntava Razoumikhine com convicção. — Que vai fazer para a sua terra, tão pequena e tão ruim? O ponto capital a considerar é que, estando aqui, estão todos juntos, e como precisam uns dos outros, quanto mais próximos estiverem tanto melhor. Fiquem algum tempo... Aceitem-me como amigo ou como sócio, e asseguro-lhes que faremos um excelente negócio. Vou explicar-lhes com todas as minúcias o meu projeto. Esta manhã, antes de tudo o que se passou, já tinha tida esta ideia... Quer ver? Tenho um tio (hei de apresentar-lho: é um velho muito gentil e muito agradável) e creio que possui um capital de mil *rublos,* porque apenas gasta o ordenado que lhe garante as despesas. Há dois anos que não se cansa de me oferecer essa quantia a seis por cento. Compreende: é um modo de querer auxiliar-me. O ano passado não precisava de dinheiro, porém este ano espero apenas que o velhote chegue para lhe dizer que aceito o oferecimento. Aos mil *rublos* de meu tio juntam-se os mil *rublos* seus e aqui temos a sociedade formada! E que vamos fazer?

Então Razoumikhine pôs-se a desenvolver os seus projetos: segundo o seu modo de ver, a maior parte dos livreiros e dos editores faziam maus negócios porque não sabiam do ofício. Com boas obras, devia-se e podia-se ganhar muito dinheiro. Havia já dois anos que trabalhava para diversas livrarias e por isso estava ao facto do negócio, e sabia muito bem três línguas europeias. Seis dias antes dissera a Raskólnikov que sabia pouco de alemão; este porém não percebera a mentira, dita apenas com o intuito de o decidir a colaborar numa tradução que lhe devia dar alguns *rublos*.

— Porque havemos de deixar de fazer um bom negócio se dispomos do mais essencial dos meios de ação; o dinheiro? — continuou, animando-se. — Sem dúvida é preciso trabalhar muito, mas trabalharemos. Dedicar-nos-emos todos a essa empresa: Dounia, eu e Rodia... Há publicações que dão grandes lucros. Temos ainda a vantagem de saber escolher o que se há de traduzir. Seremos ao mesmo tempo tradutores, editores e professores. Agora posso ser útil, porque já tenho a experiência. Há dois anos que ando metido com livreiros, conheço todos os segredos do negócio e não se trata de beber o mar. Quando se oferece a ocasião para ganhar alguma coisa, porque não se há de aproveitar? Posso citar dois ou três livros estrangeiros

cujas traduções hão de dar muito dinheiro. Se os indicasse a um dos nossos editores, só por isso receberia mais de quinhentos *rublos*. Estão porém bem livres de que o faça! E talvez esses imbecis hesitassem! Quanto à parte material da empresa (impressão, papel, venda), encarrego-me eu dela! Sei bem como tudo isso se faz! Começaremos modestamente. A pouco a pouco iremos desenvolvendo o negócio e havemos de fazer fortuna.

Os olhos de Dounia brilharam.

— A sua proposta agrada-me muito — disse ela.

— Não percebo nada dessas coisas — acrescentou Pulquéria — mas talvez o projeto seja bom. Deus o sabe! Decerto seremos obrigadas a ficar aqui algum tempo — disse, relanceando um olhar para o filho.

— E que pensas a tal respeito? — perguntou Dounia.

— Acho a ideia excelente — respondeu Raskólnikov. — Claro está que não se improvisa de um dia para o outro uma grande livraria, no entanto há cinco ou seis livros que garantem um sucesso. Podem ter toda a confiança na competência de Razoumikhine. Sabe do ofício... Porém têm tempo para falar sobre o assunto.

— Hurra! — gritou Razoumikhine. — Agora, esperem, há aqui neste mesmo prédio uma casa independente que se aluga; não é cara, está mobilada e tem três compartimentos. Aconselho-as a que a aluguem. Ficam lá muito bem, podendo viver todos juntos.

— Onde vais tu, Rodia? — perguntou Pulquéria, inquieta.

— Nesta ocasião? — gritou Razoumikhine.

Dounia olhou para o irmão surpreendida e desconfiada. Este tinha o chapéu na mão e preparava-se para sair.

— Dir-se-ia que é uma separação eterna! Reparem que não vou a enterrar! — disse com modo estranho.

Sorriu… Mas que sorriso!

— E, quem sabe, talvez seja a última vez que nos vemos! — acrescentou de repente.

Estas palavras vieram-lhe sem querer aos lábios.

— Que tens tu? — perguntou, ansiosa, a mãe.

— Onde vais? — interrogou a irmã, dando à pergunta uma acentuação particular.

— Preciso partir — respondeu ele. A voz era hesitante, mas o rosto pálido exprimia uma resolução firme. — Queria-lhes dizer... ou antes,

vindo aqui... queria dizer a uma e à outra que era melhor separarmo-nos por algum tempo. Não me sinto bem e necessito de repouso. Voltarei mais tarde... voltarei logo que possa. Não as esqueço e amá-las-ei muito... Mas deixem-me! Deixem-me só! A minha resolução é irrevogável. Aconteça o que acontecer, quero estar só. Esqueçam-me por completo. Vale mais... Não queiram saber de mim. Quando for preciso, virei. Tudo se há de arranjar, talvez... De contrário, havia de odiá-las... Sinto-o... Adeus!

— Meu Deus! — suspirou Pulquéria.

As duas mulheres e Razoumikhine estavam aterrados.

— Rodia! Rodia! Faz as pazes connosco, sejamos amigos como dantes! — suplicava a pobre mãe.

Raskólnikov encaminhou-se para a porta. Dounia acercou-se dele.

— Meu irmão! Como podes tratar assim a nossa mãe? — O seu olhar chamejava de indignação.

Fez um grande esforço para olhar para ela.

— Não é nada! Voltarei! — disse a meia voz. E saiu.

— Egoísta! Coração sem piedade! — exclamou Dounia.

— Não é um egoísta, é um alienado! Está doido, digo-lhe eu. Talvez não pareça. Porém, nestas circunstâncias nós é que não temos piedade — disse Razoumikhine ao ouvido de Dounia, apertando-lhe a mão com força.

— Já volto! — disse ele em voz alta a Pulquéria, sucumbida, e saiu.

Raskólnikov esperava-o ao fundo do corredor.

— Bem sabia que vinhas ter comigo — disse-lhe ele. — Vai para junto delas e não as abandones... Fica ao pé delas até amanhã… e sempre... Eu... voltarei... se puder... talvez... Adeus!

Ia a afastar-se sem apertar a mão de Razoumikhine.

— Mas onde vais? — perguntou este, estupefacto. — O que tens? Porque procedes assim?

Raskólnikov parou de novo.

— Uma vez por todas: nunca mais me interrogues, que não te posso responder... Não voltes a minha casa. Talvez aqui venha... Deixa-me, mas a elas... *não as abandones.* Compreendes-me?

O corredor era escuro, porém os dois estavam perto de um candeeiro. Olharam-se em silêncio. O estudante viu nessa ocasião toda a vida de Raskólnikov, cujo olhar fixo e fulgurante parecia querer penetrar-lhe até ao fundo da alma. De repente Razoumikhine estremeceu, tornou-se pálido como um cadáver: a horrível verdade acabava de se lhe revelar.

— Compreendes agora? — perguntou de súbito Raskólnikov, com a fisionomia horrivelmente alterada. — Volta para junto delas — disse, e afastou-se a passos rápidos.

É inútil descrever a cena que se passou à volta de Razoumikhine. Como se compreende, o estudante empregou todos os meios para tranquilizar as senhoras. Assegurou-lhes que Rodia estava doente e precisava descansar. Jurou-lhes que havia de voltar e que o veriam todos os dias. Rodia estava muito afetado no seu moral e era preciso não o contrariar. Prometeu vigiá-lo e fazê-lo tratar por um bom médico, pelo melhor até. Se fosse necessário, chamaria os príncipes da ciência para o observarem.

A partir daquela noite Razoumikhine foi considerado pelas duas como um filho e um irmão.

Capítulo 4

Raskólnikov dirigiu-se para casa de Sofia. O prédio, que tinha três andares, era uma velha construção pintada de verde. Não sem custo encontrou o porteiro e por ele soube onde morava o alfaiate Kapernaoumov. Depois de ter descoberto ao canto do pátio uma escada estreita e escura, subiu ao segundo andar e seguiu pela galeria em frente. Ao fundo encontrou uma porta, onde bateu maquinalmente.

— Quem está aí? — perguntou uma voz trémula de mulher.

— Sou eu... Venho visitá-la — respondeu Raskólnikov, e entrou para um cubículo onde, em cima de uma mesa ordinária, ardia uma vela numa palmatória de cobre amolgada.

— Ah, é o senhor! — disse Sofia, muito abatida, parecendo não ter forças para se mexer.

— É aqui que mora? Aqui?

E Raskólnikov passou em seguida para o quarto da cama sem olhar para a moça.

Momentos depois Sofia estava junto dele, com a palmatória na mão, de pé, dominada por uma agitação indefinida. Essa inesperada visita incomodava-a, assustava-a. De repente corou e as lágrimas humedeceram-lhe os olhos. Sentia um enternecido acanhamento... Raskólnikov desviou-se um pouco, sentando-se na cadeira, junto da mesa. Num relance analisou tudo o que havia no quarto.

Só essa casa grande, mas muito baixa, é que os Kapernaoumov tinham alugado a Sofia: à esquerda havia uma porta que dava para o quarto deles e, à direita, uma outra que estava sempre fechada. O quarto da Sofia parecia um armazém com a forma de um retângulo muito irregular. A parede, em que havia três janelas deitando para o canal, fazia um ângulo muito agudo em cujo vértice nada se podia distinguir porque a luz da vela era muito fraca. O ângulo oposto era, pelo contrário, muito obtuso. No quarto quase não havia móveis. No canto da direita havia uma cama; entre a cama e a porta uma cadeira; do mesmo lado, mas em frente da porta fechada, uma mesa de madeira coberta com um pano azul; e junto da

mesa, duas cadeiras de verga. Encostada à outra parede, próximo do ângulo agudo, uma cómoda que nunca fora envernizada parecia perdida no espaço. E era tudo. O papel que forrava as paredes, amarelado e sujo, estava muito negro nos cantos, talvez por efeito da humidade e do fumo do carvão. Tudo respirava pobreza. A cama nem tinha cortinas.

Sofia observou, silenciosa, o visitante, que examinava o quarto com muita atenção e sem cerimónia; por fim começou a tremer de medo, como se tivesse diante de si o juiz da sua sorte.

— Venho vê-la pela última vez — disse, todo triste, Raskólnikov, parecendo esquecer-se de que era também a primeira vez que ali ia. — Talvez nunca mais a veja...

— Vai... para fora?

— Não sei… amanhã tudo...

— Então não vai amanhã a casa da Catarina Ivanovna? — disse Sofia com voz trémula.

— Não sei... amanhã tudo... Não se trata disso: vim para lhe dar uma palavra.

Olhou para ela pensativo e só então notou que a moça estava de pé.

— Então, porque está de pé? Sente-se! — disse ele com voz suave e carinhosa.

Sofia obedeceu. Durante algum tempo Raskólnikov olhou-a com ternura.

— Como está magra! Que mãos! Através delas pode ver-se o sol. Os seus dedos parecem de um cadáver.

Tomou-lhe a mão. Sofia sorriu.

— Fui sempre assim...

— Mesmo quando vivia com seus pais?

— Sim!

— Ah, decerto! — disse ele com mau modo. Uma súbita mudança se lhe operou de novo no rosto e nas palavras. Olhou ainda uma vez em volta de si. — É em casa do Kapernaoumov que mora?

— É.

— Eles moram ali?

— Moram. O quarto é igual a este.

— Têm só um quarto para todos?

— Só.

— Eu, num quarto assim, de noite, tinha medo — disse ele com aspeto taciturno.

— Estes vizinhos são boas pessoas, muito delicados — respondeu Sofia sem ter recobrado ainda toda a presença de espírito — e toda a mobília, tudo... é deles. São muito bondosos e os filhos vêm muitas vezes ver-me.

— Eles são gagos?

— São. O pai é gago e coxo, e a mãe também. Não gagueja, mas tem um defeito na pronúncia. É uma boa mulher. Kapernaoumov foi escravo. Têm sete filhos. O mais velho também é gago e os outros são doentes, mas não gaguejam. Mas como sabe tudo isto? — perguntou admirada.

— Foi seu pai quem mo contou. Também foi por ele que soube toda a sua história. Disse-me que Sofia saiu às seis horas, que quando voltou passava das oito e que a Catarina se ajoelhara junto da cama.

Sofia perturbou-se.

— Parece-me que já hoje o vi — disse ela hesitante.

— A quem?

— A meu pai, na rua, na esquina mais próxima, seriam nove ou dez horas. Parecia caminhar diante de mim. Ia jurar que era ele. Estive para o dizer a Catarina...

— Passeou?

— Passeei — respondeu Sofia, baixando os olhos, confusa.

— Catarina batia-lhe?

— Oh, não! Porque diz isso? Não! — repetia a moça, olhando com medo para Raskólnikov.

— Gostava dela?

— Mas porque pergunta isso?! — interrogou Sofia com a voz sufocada e juntando as mãos, como a pedir piedade. — Ah, o senhor não a... não a conhece, não! Ela é uma criança. Tem o espírito afetado... pela desgraça. Noutros tempos era tão inteligente! Como é boa e generosa… O senhor não sabe nada, nada... Ah!

Sofia proferiu estas palavras com desespero. Dominava-a uma grande agitação e torcia as mãos. As faces pálidas tinham-se colorido outra vez e nos olhos lia-se-lhe uma grande dor. Via-se que lhe haviam tocado na corda mais sensível e ela tomara a peito a defesa de Catarina.

— Ela, bater-me... Que diz o senhor! Ela, bater-me! E ainda que o fizesse! O senhor não sabe nada, nada... É tão infeliz, ah! tão infeliz! E

doente... O seu ideal é a justiça... É pura... e boa, uma santa! Podem dizer mal dela, porém tudo o que diz e faz é justo.

— E a Sofia, o que vai ser de si?

A moça interrogou-o com o olhar.

— Agora toda aquela gente fica ao seu cuidado. É verdade que já agora era a mesma coisa: até o morto lhe vinha pedir dinheiro para se embebedar! Mas agora como há de ser?

— Não sei — respondeu ela tristemente.

— Eles ficam naquela casa?

— Não sei. Devem muito à senhoria e parece que ela já hoje disse que ia despedi-los. Por sua vez Catarina também diz que não fica ali nem mais um minuto.

— E em que se fia ela? É consigo que conta?

— Não, não diga isso. A nossa bolsa é comum, os nossos interesses são os mesmos! — respondeu logo Sofia com uma irritação que se assemelhava à inofensiva cólera de um passarinho. — De resto, que havia ela de fazer? — perguntou, animando-se cada vez mais. — E como chorou hoje! Ela não está bem da cabeça, já reparou? Às vezes apoquenta-se como uma criança com o que tem a fazer no dia seguinte, para que tudo esteja bem arranjado. É o jantar, a casa... Outras vezes desespera-se, torce as mãos, deita escarros de sangue, bate com a cabeça nas paredes. Depois resigna-se, põe todas as suas esperanças no senhor, em quem vê agora o seu protetor. Fala em pedir dinheiro emprestado para voltar para a sua terra comigo: aí fundará um pensionato para meninas nobres e dar-me-á o lugar de inspetora da casa. «Uma vida nova por completo, uma vida feliz vai começar para nós», disse-me, beijando-me muito. Estas ideias consolam-na e tem-nas como certas. Pergunto: deve-se contrariá-la? Passou todo o dia de hoje a lavar e a arranjar a casa. Fraquinha como está, armou uma peça no quarto; porém muito cansada, não podendo mais, caiu de cama. De manhã, tínhamos ido ambas às lojas comprar calçado para a Poletchka e para a Lena, que andavam descalcinhas. Infelizmente o dinheiro era pouco, não chegava. Tinha escolhido umas botas muito bonitas, porque tem muito gosto. Não imagina... Na própria loja pôs-se a chorar diante de toda a gente porque não podia comprá-las... Que espetáculo tão triste!

— Depois disso, compreende-se que Sofia... viva assim — observou Raskólnikov com um sorriso forçado.

— E não tem pena dela? — perguntou Sofia. — O senhor mesmo, eu sei, gastou com ela os seus últimos recursos e contudo não sabia de nada. Mas se visse tudo! Quantas vezes, quantas vezes eu a fiz chorar! Ainda na semana passada! Que desgosto tive durante todo o dia ao lembrar-me disso.

Sofia torcia as mãos tanto essa lembrança lhe era dolorosa.

— Era então muito má?

— Era, sim. Tinha ido vê-los — continuou ela a chorar — e meu pai disse-me: «Sofia, dói-me a cabeça, lê-me alguma coisa... Aqui tens um livro». Era um volume de André Semenitch Lebeziatnikov, que, como deve saber, são sempre muito realistas. «Tenho de sair», respondi. Não gostava nada de ler e fora lá apenas para mostrar a Catarina uma compra que fizera. Isabel tinha-me vendido uns punhos e uma gola de renda quase novos por uma bagatela. Catarina gostou muito deles, pô-los, vendo-se ao espelho, e achou-os muito bonitos. «Dás-mos, Sofia? Peço-te!», disse-me ela. Não lhe serviam para nada, mas Catarina é assim; lembra-se sempre do tempo feliz da sua mocidade. Vê-se muito ao espelho e há quantos anos ela não tem vestidos, nem nada. A mim custava-me dar-lhos. «Para que queres tu isso, Catarina?», perguntei-lhe. Olhou para mim tão aflita que fazia impressão vê-la... E não era porque tivesse pena da gola e dos punhos, não; o que a desgostou foi a minha recusa, bem o percebi. Ora, isso para o senhor é indiferente!

— Conheceu essa Isabel?

— Conheci... E o senhor também? — perguntou Sofia, um pouco admirada.

— Catarina está tuberculosa no último grau. Não vive muito tempo — disse Raskólnikov depois de uma pausa, sem responder à pergunta.

— Oh, não, não! — E Sofia, sem consciência do que fazia, apertava-lhe as mãos, como se a sorte de Catarina dependesse dele.

— Melhor será que ela morra!

— Oh, não, isso não! — disse ela aterrorizada.

— E os filhos! Que fará deles, visto não os poder ter aqui?

— Oh, nem sei! — exclamou muito desolada, encostando a cabeça à mão. Era evidente que este pensamento a preocupava muitas vezes.

— Suponhamos que Catarina vive ainda algum tempo. Entretanto a Sofia pode adoecer, e se a levarem para o hospital o que sucederá então? — prosseguiu cruelmente Raskólnikov,

— Ah, que quer dizer? É impossível!

O terror transtornava o rosto de Sofia.

— Como, impossível? — tornou ele com um riso sarcástico. — Ninguém tem a certeza de não adoecer. E depois? Toda a família ficará na rua: a mãe a pedir esmola e a tossir, batendo com a cabeça nas paredes, como hoje, e os pequenos a chorar... Catarina cairá na rua, levá-la-ão para o hospital, onde morrerá, e os filhos...

— Oh, não! Deus não há de permitir! — disse Sofia com a voz estrangulada.

Até então escutara tudo sem lhe responder, com as mãos erguidas numa súplica muda, como se ele pudesse conjurar as desgraças que profetizava.

Raskólnikov levantou-se e começou a passear pelo quarto. Sofia continuava de pé, os braços caídos e a cabeça baixa, sofrendo atrozmente.

— E a Sofia não pode fazer economias, pôr algum dinheiro de parte, para quando chegarem esses dias maus? — perguntou Raskólnikov, parando de repente junto dela.

— Não.

— Não é como quem diz! Já experimentou? — perguntou ainda com ironia.

— Já.

— E não tirou resultado? Compreende-se! Não se lhe pode exigir mais...

E continuou a passear no quarto. Houve um momento de silêncio. Depois, Raskólnikov perguntou:

— Não ganha dinheiro todos os dias?

A esta pergunta Sofia perturbou-se ainda mais, corando.

— Não — respondeu ela em voz baixa, com grande esforço.

— O mesmo acontecerá a Poletchka — disse ele com mau modo.

— Não, não, não é possível! — gritou Sofia, como se aquelas palavras fossem uma punhalada que lhe atravessasse o coração. — Deus não há de consentir semelhante abominação!

— Ele consente tantas!

— Deus há de protegê-la! — repetiu a moça fora de si.

— Mas talvez Deus não exista — insistiu Raskólnikov, rindo e olhando muito para ela.

Uma mudança repentina se operou na fisionomia de Sofia: todos os músculos da face se lhe contraíram. Lançou ao interlocutor um olhar severo, cheio de censuras, e quis falar; porém nenhuma palavra lhe saiu dos lábios e começou a soluçar, cobrindo o rosto com as mãos.

— Disse-me que Catarina tem o espírito afetado; vejo que o seu também está na mesma.

Decorreram cinco minutos.

Continuava a passear, sempre sem falar, nem olhar para a Sofia. Por fim aproximou-se dela. Tinha os olhos brilhantes e os lábios trémulos. Pondo-lhe as mãos nos ombros, lançou um olhar de fogo sobre aquele rosto humedecido pelas lágrimas. De repente curvou-se até ao chão e beijou-lhe os pés. Ela recuou, assustada, como se estivesse diante de um doido. E nesse momento Raskólnikov parecia de facto ter perdido o juízo.

— Que faz? — exclamou, empalidecendo e sentindo o coração opresso.

Levantou-se logo.

— Não foi diante de ti que me curvei, mas diante de todo o sofrimento humano — disse, indo encostar-se à janela. — Escuta — prosseguiu, voltando outra vez para junto de Sofia — disse há pouco a um insolente que não valia o teu dedo mínimo e que tinha honrado deveras minha irmã dizendo-lhe que se sentasse ao pé de ti.

— Ah, como pôde dizer semelhante coisa? E diante dela? — perguntou Sofia, estupefacta. — Sentar-se ao pé de mim é uma honra! Mas eu sou... uma criatura sem honra... Para que disse isso?

— Falando assim, não pensava nos teus erros nem na tua desonra, mas só no teu grande sofrimento. Sem dúvida, és culpada — continuou ele com uma comoção cada vez maior — mas se o és, é somente para bem de outros. Sei que és uma infeliz. Viver nesta lama que detestas e ao mesmo tempo saber (porque não podes ter ilusões a tal respeito) que isso de nada serve e que o teu sacrifício não salva ninguém! Mas diz-me, — terminou ele, exaltando-se cada vez mais — como, com tantas delicadezas de alma, te resignas a semelhante opróbrio? Mais valia que te afogasses!

— E eles? Que havia de ser deles? — perguntou Sofia com voz fraca, erguendo uns olhos de mártir, ao passo que não se admirava do conselho que ele lhe dava. Raskólnikov analisava-a com singular curiosidade.

Aquele olhar dissera-lhe tudo. Ela já tinha pensado no suicídio. Muitas vezes, no auge do desespero, lembrara-se de recorrer à morte: pensara

nisso tanto a sério que não se surpreendia agora ao ouvir a proposta dessa solução. Não percebeu a crueldade daquelas palavras, como também não entendeu a significação das censuras de Raskólnikov. O ponto de vista particular porque encarava a desonra de Sofia — e ele assim o pensou — era letra morta para ela. Porém compreendia muito bem quanto a torturava a ideia da sua situação infamante e perguntava a si próprio o que a havia impedido até então de acabar com a vida. A única resposta a esta pergunta estava na dedicação da pobre moça por essas crianças e por Catarina, a desgraçada mulher tuberculosa e quase louca que batia com a cabeça nas paredes.

Parecia-lhe contudo que Sofia, com o seu caráter e a sua educação, não podia ficar assim toda a vida. Mal se explicava como, não recorrendo ao suicídio, ainda não enlouquecera. Bem percebia que a posição de Sofia era um fenómeno social de exceção, todavia não seria isso mais uma razão para que a vergonha a matasse à entrada de um caminho de que tudo devia afastá-la, tanto o seu passado honesto como a sua cultura intelectual um tanto elevada? Porque se mantinha nesta situação? Seria pelo gosto de uma vida dissoluta? Não, o seu corpo estava prostituído, mas o vício não penetrara até à alma! Raskólnikov bem o sentia, pois lia-lhe no coração como num livro aberto.

«A sorte dela está determinada», pensava ele. «Tem na sua frente o canal, o hospital de doidos, ou... o envilecimento». Repugnava-lhe contudo admitir esta última eventualidade; no entanto, cético como era, não deixava de acreditar nela como a mais provável. «Sucederá assim?», dizia consigo. «Poderá esta criatura, que conserva ainda toda a pureza da alma, atolar-se por completo no lodo? Não andou já por ele? E se até ao presente pôde suportar esta vida, não será porque o vício perdeu para ela a hediondez? Não, não é possível!», exclamava no seu íntimo como se tivesse pouco antes gritado a Sofia: «Não, o que até hoje a impediu de se atirar ao canal foi o receio de cometer um pecado e a afeição que *lhes* tem... Se ainda não enlouqueceu… Mas quem pode afirmar que não? Haverá quem se exprima por aquelas palavras? Quem não está perturbado, raciocina da maneira porque ela o fez? Uma criatura equilibrada fecha, com aquela tranquilidade, os ouvidos a todos os conselhos? É um milagre que ela espera? Com certeza. E não são esses os sintomas da alienação mental?»

Fixara-se por demais nesta ideia. Sofia doida! Esta perspetiva desagradava-lhe menos que qualquer outra. Começou a examiná-la com atenção.

— Rezas muito, Sofia?

De pé, junto dela, esperava a resposta.

— Que seria de mim se não fosse Deus? — disse em voz baixa, mas firme, fixando em Raskólnikov os olhos brilhantes e apertando-lhe a mão com força.

«Não me engano!», pensou ele.

— Mas que te faz Deus? — interrogou Raskólnikov, desejando esclarecer as suas dúvidas.

Sofia ficou muito tempo calada, como se não pudesse responder. A comoção fazia-lhe arfar o peito.

— Cale-se! Não me interrogue! Não tem direito para isso! — gritou, irritada. — Ele concede tudo! — murmurou rapidamente, com os olhos no chão.

«Está tudo explicado!», concluiu ele mentalmente, observando Sofia com grande curiosidade.

Raskólnikov experimentava uma sensação nova, estranha, quase doentia, ao contemplar essa carita pálida, magra e angulosa, esses olhos azuis e meigos que no entanto lançavam chamas e exprimiam uma paixão veemente; enfim, esse franzino corpo, ainda trémulo de indignação e de cólera! Tudo isto lhe parecia muito singular, quase fantástico. «Está doida! Doida!», repetia consigo.

Em cima da cama estava um livro. Raskólnikov já o tinha visto enquanto passeava pelo quarto. Pegou nele e examinou-o: era uma tradução do Novo Testamento.

— De onde veio este livro? — perguntou ele a Sofia, de longe, no extremo do quarto.

A moça conservava-se sempre no mesmo lugar, a três passos da mesa.

— Emprestaram-mo — respondeu contrariada e sem olhar para Raskólnikov.

— Quem to emprestou?

— Isabel... tinha-lho pedido...

«Isabel! É curioso!», pensou ele. Aproximou-se da luz e folheou o livro.

— É aqui que vem o episódio da ressurreição de Lázaro? — perguntou de súbito.

Sofia, com os olhos baixos, continuou calada e afastou-se um pouco da mesa.

— A ressurreição de Lázaro? Procuras-me essa passagem, Sofia?

Esta olhou de través para Raskólnikov.

— Não é aí... é no quarto evangelho — respondeu num tom seco, sem se mexer.

— Procura essa passagem e lê-a — disse ele, sentando-se e encostando a cabeça à mão, desalentado e dispondo-se a ouvir.

Sofia hesitou em aproximar-se da mesa. O desejo manifestado parecia-lhe pouco sincero. Contudo pegou no livro.

— Nunca a leu? — perguntou-lhe, olhando-o de lado. A voz tornava-se-lhe cada vez mais áspera.

— Há muito tempo... quando era pequeno. Lê!

— Nunca a ouviu na igreja?

— Eu... não vou lá. Tu vais lá muitas vezes?

— Não — murmurou Sofia.

Raskólnikov sorriu.

— Compreendo... Então não assistes amanhã ao enterro de teu pai?

— Assisto. Ainda na semana passada fui à igreja... ouvir missa.

— Por alma de quem?

— De Isabel. Mataram-na.

— Davas-te muito com ela?

— Dava... Era muito bondosa. Raras vezes vinha a minha casa, pois não era livre. Líamos juntas e conversávamos. Está no céu!

Raskólnikov pensava: «Sobre que versariam as conversas de duas idiotas como Sofia e Isabel? Endoideço! Respira-se aqui a loucura!»

— Lê! — disse em voz alta, muito irritado.

Sofia continuava hesitando. O coração batia-lhe com força. Parecia que tinha receio de ler. Ele olhou com uma expressão quase dolorosa para «a pobre alienada».

— Que lhe importa isto se não acredita? — murmurou a moça com voz sufocada.

— Lê, quero eu! — insistia Raskólnikov. — Tu lias à Isabel!

Sofia abriu o livro e procurou a passagem indicada. Tremiam-lhe as mãos e as palavras paravam-lhe na garganta. Duas vezes tentou ler e não

pôde articular uma sílaba.

— «Um certo Lázaro, de Betânia, estava doente» — proferiu por fim, com esforço. Mas de repente, à terceira palavra, a voz esmoreceu e expirou-lhe nos lábios, tal como uma corda de violino que se retesa demais e parte. Respirava com dificuldade.

Raskólnikov compreendia em parte a hesitação de Sofia em obedecer-lhe e, à medida que melhor a compreendia, mais reclamava a leitura. Sentia o quanto custava à pobre moça o manifestar-lhe de algum modo o que lhe ia na alma. Via-se que não podia, sem custo, resolver-se a fazer confidências a um estranho, dos sentimentos que, desde a infância, talvez, a tinham embalado, que haviam sido o seu viático moral quando, entre um pai que se embebedava e uma madrasta enlouquecida pela desgraça, no meio de crianças esfomeadas, ouvia apenas recriminações e clamores injuriosos. Raskólnikov percebia tudo isso; mas percebia também que, não obstante essa repugnância, Sofia sentia um grande desejo de ler, de ler para *ele,* muito em especial *agora,* «sucedesse o que sucedesse em seguida». Os seus olhos bem mostravam a agitação de que estava dominada... Por um violento esforço sobre si, Sofia venceu o espasmo que lhe apertava a garganta e continuou a ler o capítulo XI do evangelho de S. João. Assim chegou ao versículo 19:

— «Muitos judeus tinham vindo a casa de Marta e de Maria para as consolar da morte do irmão. Marta, sabendo que Jesus ia chegar, correu ao seu encontro e Maria ficou em casa. Então Marta disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas eu sei que mesmo agora Deus te concederá tudo o que lhe pedires'.

Aqui fez uma pausa para triunfar da comoção que lhe embargava de novo a voz.

— «Jesus disse-lhe: 'Teu irmão ressuscitará'. Marta disse-lhe: 'Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia'. Jesus respondeu-lhe: '*Eu sou a ressurreição e a vida.* Aquele que crê em Mim, quando morrer, viverá. E quem vive e crê em Mim, não morrerá na eternidade. Acreditas?'»

Conquanto respirasse com dificuldade, Sofia elevou a voz como se, ao ler as palavras de Marta, fizesse ela própria a sua profissão de fé:

— «Sim, Senhor, eu creio que és o Cristo, o Filho de Deus, que vieste ao mundo!»

Interrompeu-se, levantando os olhos para ele. Baixou-os porém logo sobre o livro e continuou a ler. Raskólnikov escutava, imóvel, sem se voltar para ela, encostado à mesa e olhando de revés. A leitura continuou até ao versículo 32:

— «Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, tendo-o visto, lançou-se-lhe aos pés e disse-lhe: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido'. Jesus, vendo-a chorar, bem como aos judeus que a acompanhavam, comoveu-se muito e disse-lhes: 'Onde foi que o enterraram?' Responderam-lhe: 'Senhor, vem connosco e vê'. Jesus então chorou. E os judeus disseram: 'Como Ele o amava!' Mas alguns acrescentaram: 'Não poderia evitar que esse homem morresse, Ele que já deu vista a um cego?'»

Raskólnikov olhou para Sofia, muito agitado.

A moça estava trémula, cheia de febre. Era o que ele esperava. Ao chegar à descrição do milagre, um sentimento de triunfo se apoderara dela. A voz tornara-se firme e tinha sonoridades metálicas. No último versículo, «Não poderia evitar que esse homem morresse, Ele, que já deu vista a um cego», baixou a voz, acentuando com paixão a dúvida, a blasfémia, a censura desses judeus incrédulos e cegos que, num momento, iam, como fulminados pelo raio, cair de joelhos, soluçar e crer. «E *ele, ele* que também é cego e incrédulo, será também, num instante, tocado da graça divina! Acreditará! sim! sim! já, agora mesmo!», pensava ela, animada por essa doce esperança.

— «Jesus foi ao sepulcro. Era uma gruta, que tinham tapado com uma pedra. Jesus disse: 'Tirem a pedra'. Marta, a irmã do morto, disse: 'Senhor, cheira mal, porque há *quatro* dias que o morto está aqui'.»

E acentuou muito a palavra *quatro.*

— «Jesus respondeu: 'Não te disse Eu que se creres verás a glória de Deus?' Tiraram então a pedra e Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: 'Meu Pai! Eu te agradeço por Me ouvires. Por Mim, sei que Me ouves sempre, mas falo-Te por este povo que Me rodeia a fim de que ele acredite que foste Tu quem Me enviou'. Tendo dito estas palavras, gritou com voz forte: 'Lázaro, sai do túmulo!' E o *morto saiu*.» — Lendo estas linhas, Sofia estremeceu como se ela própria tivesse presenciado o milagre. — «Tendo as mãos atadas com ligaduras e o rosto envolvido num pano, Jesus disse: 'Tirem-lhe essas ligaduras e deixem-no caminhar'.

Então alguns judeus que tinham vindo com Maria e viram o que Jesus fez acreditaram nele.»

Não pôde ler mais. Fechou o livro e levantou-se, como impelida por uma mola oculta.

— É por causa da ressurreição de Lázaro! — disse em voz baixa, dominando-se, e sem olhar para aquele a quem se referia. Parecia receosa de levantar os olhos para Raskólnikov. O tremor febril durava-lhe ainda. A vela, quase no fim, iluminava mal o quarto onde um assassino e uma prostituta acabavam de ler um livro sagrado. Passaram-se mais de cinco minutos.

De um salto brusco, Raskólnikov levantou-se e aproximou-se de Sofia.

— Vim aqui para tratarmos de um negócio — disse ele com voz forte.

Dizendo isto, franziu a testa. A moça atentou nele e leu-lhe na severidade do olhar uma resolução feroz.

— Hoje — continuou ele — cortei relações com minha mãe e minha irmã. Nunca mais volto a casa delas.

— Porquê? — perguntou Sofia, admirada. O encontro que tivera com Pulquéria e Dounia havia-lhe deixado uma impressão agradável, ainda que pouco clara. Uma espécie de terror a assaltou ao saber que Raskólnikov rompera com a família.

— Agora não tenho mais ninguém senão tu — acrescentou. — Partamos juntos... Vim para te fazer esta proposta. Ambos estamos amaldiçoados. Pois bem, partamos juntos!

Os olhos faiscavam-lhe. «Está doido», pensou também Sofia.

— Para onde? — exclamou ela, cheia de espanto e afastando-se, sem querer, dele.

— Como o posso eu saber? Sei apenas que o caminho e o fim são os mesmos para nós. Disso tenho a certeza!

Sofia olhou para ele sem compreender.

Uma verdade apenas ressaltava das palavras de Raskólnikov: que era muitíssimo desgraçado.

— Ninguém te compreenderá quando falares — continuou ele. — Porém eu compreendi-te. Preciso de ti e por isso te procurei.

— Não percebo... — murmurou Sofia.

— Mais tarde perceberás. Não fizeste como eu? Tu também saíste fora do normal... Tiveste essa coragem. Destruíste uma vida, a tua… é tudo a mesma coisa! No entanto não podes ficar assim e se continuas *só,* perdes a

razão, como eu, também. Agora mesmo pareces uma doida. É preciso portanto que caminhemos juntos, que sigamos pela mesma estrada! Partamos!

— Mas porquê? Porque diz isso? — perguntou Sofia, perturbada com semelhante linguagem.

— Porquê? Porque não podes ficar assim, ora aí está... É preciso raciocinar muito a sério, ver as coisas pelo verdadeiro prisma, em vez de chorares como uma criança ou de esperares tudo de Deus. Se amanhã te levarem para o hospital, o que sucede? Catarina quase doida e tuberculosa morre logo: e que há de ser das crianças? Poletchka perde-se, com certeza.

— Mas que fazer? Que fazer? — repetia Sofia a chorar.

— O que é preciso fazer? Acabar com o mal de uma vez e ir para diante, aconteça o que acontecer. Não me compreendes? Mais tarde compreenderás... Ser livre e poder, mas sobretudo poder! Dominar todas as criaturas fracas, todo esse formigueiro!... Aqui tens o que é preciso fazer! Lembra-te disto! É o legado que te faço em testamento. Talvez te esteja falando pela última vez. Se não vier amanhã, saberás tudo e então lembra-te das minhas palavras. Mais tarde, daqui a alguns anos, com a experiência da vida, compreenderás talvez o que elas significam. Se vier amanhã, dir-te-ei quem matou Isabel. Adeus!

Sofia estremeceu e olhou para ele desvairada.

— Mas sabe quem a matou? — perguntou, gelada de terror.

— Sei e hei de dizê-lo, mas só a ti! Escolhi-te. Não virei pedir-te perdão, mas apenas dizer-to. Há muito tempo que te escolhi. Tive essa ideia quando teu pai me falou em ti, ainda Isabel vivia. Adeus. Não me dês a mão. Até amanhã.

Saiu, deixando Sofia sob a impressão de que estava doido. Ela própria estava desvairada e sentiu-o. A cabeça andava-lhe à roda. «Oh! meu Deu! como sabe ele quem matou a Isabel? Que significam aquelas palavras? É extraordinário!» Contudo, não teve a menor suspeita da verdade. «Oh, deve ser muito e muito desgraçado! Abandonar a mãe e a irmã! Porquê? O que haveria? Quais serão as suas intenções? O que foi que me disse? Beijou-me os pés e disse-me... disse-me, sim, foram estas as suas palavras, que não podia viver sem mim! Meu Deus!»

A porta fechada dava para um quarto que estava vago e que pertencia à casa de Gertrudes Karlovna Resslich. Era para alugar, como indicava um anúncio pregado na porta de entrada e os escritos colados nas janelas que

deitavam sobre o canal. Sofia sabia que não morava ali ninguém. Todavia, durante a cena anterior, Svidrigailov, escondido atrás da porta, escutara com toda a atenção a conversa. Quando Raskólnikov saiu, o inquilino da Resslich refletiu um momento, depois voltou sem fazer o menor ruído ao seu quarto, contíguo ao que estava vago, pegou numa cadeira e foi encostá-la à porta. O que tinha acabado de ouvir interessava-o sobremaneira, de forma que essa cadeira serviria para escutar mais vezes sem ter de estar de pé tanto tempo.

Capítulo 5

Quando no dia seguinte, às onze horas em ponto, Raskólnikov foi ao juiz de instrução, admirou-se de que o fizessem esperar tanto. Presumia que deviam recebê-lo logo. No entanto decorreram dez minutos antes que Porfírio Petrovitch o mandasse entrar. Pela sala de espera ia e vinha gente que parecia não se importar nada com ele. Na sala imediata, a secretaria, escreviam alguns empregados e era evidente que nenhum deles se preocupava com o visitante.

Olhou desconfiado para todos os lados. Não estaria por ali alguém, algum espia misterioso encarregado de o vigiar e de impedir que fugisse se tentasse fazê-lo? Nada viu porém que lhe desse tal impressão; os amanuenses continuavam o seu trabalho e os outros não faziam caso dele. Tranquilizou-se. «Se com efeito», pensou, «esse personagem misterioso de ontem, esse espectro saído debaixo da terra soubesse tudo, conhecesse tudo, deixar-me-ia andar à solta como tenho andado? Não me teriam prendido já em vez de esperarem que viesse aqui por minha vontade? Portanto, ou esse homem não fez revelação alguma ou... ou nada sabe, nada viu. E como podia ter visto? Com certeza os meus olhos se enganaram: tudo aquilo que ontem me atormentou não passa de uma ilusão da minha imaginação doentia». Cada vez lhe parecia mais aceitável esta explicação, que já na véspera se lhe tinha apresentado ao espírito na ocasião em que se sentira mais inquieto.

Refletindo em tudo isto e preparando-se para novo combate, Raskólnikov surpreendeu-se, de repente, a tremer. Indignou-se ao pensar que era o receio da entrevista com o odioso Porfírio que originava esse tremor. Para ele, o pior era tornar a encontrar-se com esse homem; odiava-o e receava que o seu ódio o atraiçoasse. A indignação foi tão violenta que até deixou de tremer. Preparou-se para entrar, sereno e firme, prometendo a si próprio falar o menos possível, estar sempre em guarda, enfim, dominar a todo o custo a irascibilidade do seu temperamento. Neste entretempo foi levado à presença de Porfírio.

Estava só no gabinete. Era uma sala regular, com uma mesa grande diante de um sofá forrado de oleado, uma secretária, uma estante a um canto e algumas cadeiras, tudo de mogno. Na parede, ou antes no tabique que ficava ao fundo, havia uma porta fechada, o que faria supor a existência de outras divisões para além do gabinete.

Logo que Porfírio viu Raskólnikov, foi imediatamente fechar a porta por onde ele entrara. O juiz de instrução recebeu-o, pelo menos na aparência, com o modo mais afável; só passados alguns minutos é que Raskólnikov percebeu as maneiras um pouco afetadas do magistrado. Pareceu-lhe que o fora interromper em meio de um trabalho secreto.

— Ah, meu caro! Por aqui por estas nossas paragens... — começou Porfírio, estendendo-lhe ambas as mãos. — Então sente-se... Talvez não goste que o trate por «meu caro», assim, *tout court*? Peço-lhe, por quem é, que não repare nem leve a mal tanta intimidade. Aqui, no sofá...

Raskólnikov sentou-se sem tirar os olhos do juiz de instrução.

Essas palavras, «nas nossas paragens», as desculpas pela intimidade com que o tratava, essa expressão francesa *tout court*, que significava tudo isso? «Estendeu-me as duas mãos e não me apertou nenhuma, retirando-as a tempo», pensava, desconfiado, Raskólnikov. Ambos se estavam observando, porém quando os seus olhares se encontravam desviavam-nos com a rapidez do relâmpago.

— Vim aqui para lhe entregar este papel... a respeito do relógio... Aqui está. Estará assim bem ou será preciso fazer outro?

— Mas que documento é esse? Ah, sim, sim! Não se incomode, está muito bem, — respondeu com precipitação Porfírio antes de examinar o papel. E em seguida, tendo-o visto: — Está muito bem, é o que é preciso — continuou, falando muito depressa e pondo a declaração em cima da mesa. Um minuto depois, fechou-a na secretária.

— Ontem pareceu-me que o senhor tinha desejos de me interrogar... em forma... acerca das minhas relações com... a vítima? — disse Raskólnikov.

«Mas porque disse eu *pareceu-me?»,* pensou ele de repente consigo. «Ora, mas que importa? Que posso recear?»

Pelo simples facto de estar na presença de Porfírio, com quem tinha apenas trocado duas palavras, a sua desconfiança tomou proporção exagerada. Percebeu essa circunstância e que tal disposição de espírito era

muito perigosa. A agitação e a irritabilidade dos nervos aumentavam-lhe. «Mau! Mau! Sou capaz de fazer tolice».

— Não se apoquente. Temos tempo — disse Porfírio, que sem nenhuma intenção aparente passeava pelo gabinete, indo da janela até à mesa e voltando da mesa para a secretária, estacando às vezes por momentos e olhando para Raskólnikov. Era um espetáculo ridículo o desse homem baixo, gordo e redondo fazendo evoluções como uma bola que ricocheteasse de uma parede para a outra. — Não há pressa, não há pressa! Fuma? Tem tabaco? Aqui tem cigarros — disse, oferecendo-lhe um maço. — Recebo-o aqui, mas habito uma casa para a qual aquela porta dá comunicação. Estou aqui provisoriamente enquanto se fazem obras... Estão acabadas, ou quase a acabar. Não sei se sabe que é magnífico ter uma casa dada pelo Estado. Não lhe parece?

— Decerto, deve ser magnífico — respondeu Raskólnikov com ar trocista.

— Uma coisa famosa, uma coisa famosa! — repetia Porfírio, pensando em assunto diverso. — Sim, uma coisa famosa! — disse com modo brusco, levantando a voz, parando ao pé de Raskólnikov e fitando-o de repente. A incessante e disparatada repetição daquela frase, «que uma casa dada pelo Estado era uma coisa famosa», contrastava, pela pouca importância, com o olhar sério, profundo e enigmático que o magistrado lhe dirigia.

Percebendo isto, Raskólnikov sentiu que a raiva lhe aumentava e desafiou o juiz de instrução por uma forma trocista e imprudente.

— Sabe — começou ele, olhando-o de uma forma insolente e fazendo gala dessa insolência — que me parece ser uma regra jurídica, um princípio estabelecido por todos os juízes de instrução, falar primeiro de ninharias ou mesmo num assunto sério, mas em absoluto estranho à questão, a fim de animarem aqueles que pretendem interrogar, ou antes distraí-los, adormecer-lhes a prudência; depois, de súbito, vibram-lhes em cheio o golpe da questão capital. Não é verdade? Não é o uso piedosamente observado na sua profissão?

— Julga então que se lhe falei na casa dada pelo Estado era para…

Ao dizer isto Porfírio fechou os olhos, o rosto tomou uma expressão de alegria maliciosa e as rugas da testa desapareceram. Depois, olhando para Raskólnikov, desatou a rir, um riso seco, prolongado que lhe punha em movimento todo o corpo. Raskólnikov riu também, embora contra

vontade, o que redobrou a hilaridade de Porfírio a ponto de o juiz ficar vermelho como uma lagosta. Raskólnikov, sentindo-se vexado, perdeu toda a prudência: cerrou os dentes, franziu as sobrancelhas e, enquanto durou a alegria de Porfírio, que parecia fictícia, olhou para ele com rancor. Nem um nem outro se tinham observado. Porfírio, rindo tanto na cara de Raskólnikov, não notou o descontentamento deste. Esta circunstância dava que pensar a Rodia: imaginou que a sua visita nada incomodava o juiz de instrução, quando, pelo contrário, fora ele que caíra numa armadilha. Tornava-se evidente que havia ali alguma cilada; a mina estava carregada e devia rebentar em pouco tempo.

Atacando a questão, levantou-se e pegou no chapéu.

— O senhor — disse com firmeza, mas num tom que denotava a sua irritação — manifestou ontem o desejo de me sujeitar a um interrogatório. — Acentuou muito a palavra *interrogatório.* — Vim pôr-me à sua disposição. Se tem perguntas a fazer-me, faça-as; caso contrário, permita que me retire. Não posso aqui estar a perder o meu tempo. Tenho mais que fazer... preciso ir ao enterro do funcionário que foi esmagado pela carruagem e de quem... o senhor ouviu falar... — acrescentou, arrependendo-se logo de ter proferido aquela frase. Depois, continuou, ainda mais irritado —: Tudo isto me aborrece, percebe? Foi, em parte, o que me fez adoecer... Numa palavra — disse ele, mais contrariado ainda por ter compreendido que falar na doença fora despropósito ainda maior do que proferir a outra frase — numa palavra, interrogue-me ou passa pelo desgosto de me ver sair. Porém se me interrogar, há de fazê-lo como é costume em semelhantes casos, aliás não lhe respondo: e enquanto esse interrogatório não chega, vou-me embora, visto que nesta ocasião nada tenho a fazer aqui.

— Mas que é isso? Para que hei de interrogá-lo já? — respondeu o juiz de instrução, deixando de rir. — Não se apoquente, peço-lhe.

Insistia com Raskólnikov para se sentar, continuando a passear ao longo do gabinete.

— Temos tempo, temos tempo, e isso não tem importância nenhuma! Estimo muito até que viesse procurar-me... É como visita que o recebo. Quanto ao riso, desculpe-me... Sou um nervoso e achei muito engraçada a finura das suas observações. Há ocasiões em que o riso me faz saltar como uma bola de borracha. Às vezes isso dura mais de meia hora. Este meu

temperamento até já me fez recear uma apoplexia... Mas sente-se, não esteja de pé. Então... assim imagino que está zangado comigo...

Raskólnikov, manifestamente contrariado, escutava e observava. Por fim, sentou-se.

— Vou dizer-lhe uma coisa que há de servir-lhe para explicar o meu caráter — recomeçou Porfírio, evitando os olhares de Raskólnikov. — Vivo só, como sabe, e não frequento a sociedade. Sou quase desconhecido e sinto-me no declinar da existência, muito acabado. E... tem reparado que entre nós, quero dizer, na Rússia, em especial nos círculos de S. Petersburgo, quando se encontram dois homens inteligentes que pouco se conhecem, mas que se estimam, como nós, por exemplo, neste momento, não têm nada para dizer na primeira meia hora e ficam como petrificados em frente um do outro? Toda a gente tem um assunto sobre que converse: as senhoras, as pessoas da sociedade, as pessoas de situação mais elevada... nesse meio há sempre em que se fale, é de rigor! Porém a gente da classe média, como nós, é sempre acanhada e taciturna. Porque é isto? Não temos nós também interesses sociais? Ou será porque a nossa honestidade nos proíbe de enganar os outros? Não sei. Qual é a sua opinião? Ponha aqui o seu chapéu. Dir-se-ia que se quer ir embora...

Raskólnikov pôs o chapéu sobre uma cadeira. Calado, de testa franzida, escutava o palavreado oco do Porfírio. «Está dizendo estas tolices todas para distrair a minha atenção».

— Não lhe ofereço café, porque o lugar não é próprio. Compreende... Peço-lhe não repare que esteja sempre a passear. Desculpe-me, mas preciso tanto de fazer exercício! Estou sempre sentado, de modo que é para mim grande fortuna poder dar à perna durante cinco minutos. Sofro de hemorroidas... e tenho pensado em tratar-me pela ginástica. Hoje em dia a ginástica é uma verdadeira ciência. Quanto aos deveres do nosso cargo, os interrogatórios, todas essas formalidades... é o que o senhor dizia há pouco... «Os interrogatórios desarmam às vezes o magistrado mais experimentado...» — A sua observação tinha tanto de espirituosa como de verdadeira, pois Raskólnikov não fizera nenhuma observação. — Sobre as nossas rabulices estou de completo acordo consigo. Qual é o acusado que desconhece, por muito ignorante que seja, que se começa por fazer perguntas fora da questão para o adormecer, segundo a sua feliz expressão, e depois vibra-se-lhe um golpe de machado em plena cabeça? Eh! eh! eh! Em plena cabeça!, para me servir da sua engenhosa metáfora. Eh! eh! Por

isso pensou que falava na casa para... O senhor é levado da breca! Adiante! Não falemos mais nisso! Ah, sim, a propósito: uma palavra puxa outra, isto é, os pensamentos atraem-se uns aos outros. Há pouco falou-me na forma como procedem os juízes de instrução. Mas como é essa forma? Como sabe, num grande número de casos ela nada significa. Muitas vezes, uma simples conversa, uma visita amigável dão melhores resultados. A rabulice nunca desaparecerá, decerto; todavia não se pode obrigar um juiz de instrução a ficar amarrado a ela. A missão de quem inquire é, no seu género, uma arte liberal, ou coisa muito parecida.

Porfírio parou um momento para respirar. Falava sem interrupção, ora contando puras bagatelas, ora metendo-se por dissertações graves, com palavrinhas enigmáticas, para continuar a dizer ninharias. Aquele passeio no gabinete tomava as proporções de um exercício a prémio: as grossas pernas do magistrado moviam-se cada vez mais depressa, quase sempre de olhos pregados no chão, a mão direita no bolso do casaco enquanto com a outra fazia gestos que não estavam em harmonia com o que dizia. Raskólnikov viu, ou julgou ver, que enquanto passeava, por duas vezes parou junto da porta, parecendo escutar. «Esperará alguma coisa?»

— Tem muita razão — continuou Porfírio, olhando para Rodia com uma bonomia que o fez desconfiar — as nossas rabulices judiciais merecem, de facto, as suas espirituosas ironias. Esses processos que pretendem ser inspirados numa profunda psicologia são muito ridículos e muitas vezes improfícuos. Ora, com respeito à *forma,* vai ver! Suponhamos que estou encarregado da instrução de um processo e que sei, ou julgo saber, que o criminoso é um certo indivíduo... Destina-se à advocacia?

— Sim, estudei...

— Pois aqui tem um exemplo que mais tarde lhe pode servir. Mas, por Deus, não imagine que vou arvorar-me em seu professor. Não pretendo ensinar seja o que for a um homem que escreve nos jornais sobre questões de criminologia. Tomo apenas a liberdade de lhe citar um facto a título de exemplo. Suponho ter descoberto o verdadeiro criminoso. Para que havia de alarmá-lo, mesmo que tivesse provas contra ele? Outro qualquer não procedia assim. Mandava-o prender logo. Mas porque não havia de o deixar passear pela cidade? Vejo que me compreende muito bem, contudo vou explanar o caso... Se me desse pressa em o mandar prender, dava-lhe, por assim dizer, um ponto de apoio moral... Ri-se? — Raskólnikov nem

pensava em se rir. Tinha os lábios cerrados e o olhar incendiado não se desviava dos olhos de Porfírio. — Todavia, isto é assim... Mas se há provas?, perguntar-me-á... Pois sim. O senhor sabe bem o que são provas: num grande número de casos conduzem às conclusões mais diversas e eu sou juiz de instrução, homem portanto, e portanto sujeito a errar. Ora, queria dar ao meu inquérito o rigor absoluto de uma demonstração matemática; queria que as conclusões a que chegasse fossem tão claras, tão indiscutíveis como a afirmação de que dois e dois são quatro! Logo, se prendesse esse indivíduo privava-me dos meios ulteriores de estabelecer a sua culpabilidade. Como assim?, perguntará. Porque lhe dou uma posição definida. Mandando-o para a prisão, sossego-o, reintegro-o na sua situação psicológica e daí em diante está prevenido contra mim. Se, pelo contrário, deixo completamente à vontade o suposto criminoso, se não o prendo logo, se o não alarmo, mas se a todas as horas, se a todos os momentos está obcecado pela ideia de que sei tudo, que não o perco de vista dia e noite, que é para mim objeto de uma constante vigilância, o que sucede? Acomete-o sem dúvida uma vertigem. Virá ter comigo, fornecer-me-á armas contra si próprio, colocar-me-á na situação de tirar conclusões do meu inquérito com um caráter de evidência matemática, o que não deixa de ter o seu encanto. Se este processo dá resultado com qualquer ignorante, não é menos eficaz quando se trata de um homem inteligente, ilustrado, distinto até! Porque o importante é adivinhar em que sentido o indivíduo se tem desenvolvido. Este é inteligente, mas tem os nervos excitados e doentes! E a bílis, a bílis, que importante papel representa! Repito, nestas manifestações mórbidas há uma mina de informações. Que me importa que ele passeie por aí? Deixá-lo gozar à vontade esse resto de liberdade. É minha a presa e não me escapará! De resto, para onde irá? Para o estrangeiro, responder-me-ão. Um polaco fugiria para o estrangeiro, mas *ele* não, tanto mais que o tenho sob a minha vigilância e as medidas adotadas não falham. Fugirá para o interior do país? Mas aí vivem somente os *mujiks,* russos primitivos, gente sem civilização; e esse homem superior preferirá a prisão a viver em semelhante meio. Isto, porém, não tem significação alguma, é o lado exterior da questão. Ele não foge, não só porque não sabe para onde há de ir, mas ainda, e sobretudo, porque *psicologicamente* me pertence. Que tal acha esta expressão? Por uma lei natural não fugirá, mesmo que o pudesse fazer. Já tem visto a borboleta em volta da chama? É o mesmo caso: há de andar sempre à

minha volta como a borboleta em volta da chama: cada vez mais inquieto, cada vez mais cansado. Eu vou-lhe dando tempo e ele porta-se de tal maneira que a sua culpabilidade ressalta nítida, clara como dois e dois serem quatro! E girará sempre, sempre em volta de mim, em círculos cada vez mais apertados, até que por fim, zás! entra-me na boca e engulo-o. É muito agradável! Não acha?

Raskólnikov continuou calado. Pálido e imóvel, observava o rosto de Porfírio com um grande esforço de atenção.

«A lição é boa», pensava ele, aterrado. «Já não é, como ontem, o gato a brincar com o rato. Fala-me assim para sentir o prazer de me mostrar a sua força... Deve ter um outro fim... mas qual? Continua, pois tudo o que dizes é para me meter medo! Não tens provas e o homem de ontem não existe. Queres aniquilar-me por boas maneiras, irritar-me e dar-me então o golpe decisivo. Enganas-te e lamentarás depois o tempo perdido. Para que fala ele de uma maneira tão enigmática? Está a especular com a irritabilidade do meu sistema nervoso... Não, amigo, por mais esforços que faças não me vences. Vamos a ver que cilada preparas.»

E preparou-se para afrontar com coragem a catástrofe terrível que previa. Havia momentos em que tinha vontade de o estrangular. Desde que entrara no gabinete, o seu maior receio era não poder dominar a cólera. O coração batia-lhe com violência. Resolveu calar-se, pensando que, em tais circunstâncias, era o melhor que tinha a fazer. Não só não se comprometia como talvez conseguisse irritar o adversário e apanhar-lhe alguma palavra imprudente. Tal era a esperança de Raskólnikov.

— Vejo que não acredita. Imagina que estou a gracejar! — tornou Porfírio, que parecia cada vez mais alegre e continuava o passeio pelo gabinete. — Voltando ao *caso particular* de que falávamos, devo acrescentar que é preciso contar com a realidade, com a natureza. É uma coisa importante e que triunfa muitas vezes da habilidade mais consumada! Ouça o que lhe diz um velho. Escusado será dizer que falo seriamente. — Pronunciando estas palavras, Porfírio, que contava apenas trinta e cinco anos, parecia na verdade ter envelhecido de repente. Uma súbita metamorfose se operara na sua pessoa e até na voz. — Demais, sou franco... Sou ou não um homem franco? Que lhe parece? Creio que não se pode ser mais: digo-lhe todas estas coisas sem mira na recompensa! Eh, eh! Continuemos: a finura de espírito é o ornamento da natureza, a consolação da vida, e com ela pode-se com facilidade embaraçar um pobre

juiz de instrução, que já é muitas vezes enganado pela sua própria imaginação, visto que é homem! Porém a natureza vem em auxílio do juiz, eis o mal! E é nisto que não pensa a mocidade, que confia na sua inteligência, que «calca aos pés todos os obstáculos», segundo o seu modo de dizer, tão fino e tão engenhoso... No *caso particular* de que tratamos, o criminoso, admito-o, mentirá com superioridade: todavia, quando julgar que toda a gente foi enganada pela sua habilidade, *crac!,* desmaia no próprio sítio onde semelhante acidente se torna mais comentado. Suponhamos que pode atribuir essa síncope ao estado de fraqueza, à atmosfera sufocante da sala, nem por isso deixa de levantar suspeitas! Mentiu de uma forma incomparável, mas não soube precaver-se contra a natureza. Aí é que está a armadilha. De outra vez, levado pelo seu génio trocista, diverte-se a enganar quem tiver suspeitas dele e, por brincadeira, diz ser o criminoso que a polícia procura. Depressa porém volta a representar a comédia com *naturalidade,* o que é ainda um indício. Num certo momento o interlocutor pode ser mistificado, mas como não é um pateta, fica de prevenção. O nosso homem compromete-se a todos os instantes. Que digo! Aparecerá ele próprio, sem que o chamem, dirá frases imprudentes em alegorias que todos perceberão! Quererá saber porque não o prendem! E isto acontece ao espírito mais elevado, a um literato! A natureza é o espelho mais transparente, basta contemplá-la… Porque está tão pálido? Sente muito calor? Quer que lhe abra a janela?

— Não se incomode, peço-lhe! — gritou Raskólnikov, desatando a rir. — Não faça caso.

Porfírio parou diante dele e de repente começou também a rir. Raskólnikov, cuja hilaridade cessara, levantou-se.

— Porfírio Petrovitch — disse ele com voz clara e forte, conquanto sentisse dificuldade em se aguentar nas pernas — estou convencido de que suspeita que fui eu quem assassinou a velha e a irmã. Ora devo declarar-lhe que estou farto de tudo isto. Se julga dever perseguir-me, prenda-me. Mas não consinto que faça troça de mim ou que me martirize...

Num minuto os lábios começaram a tremer-lhe, os olhos chamejaram, a voz, que até então tinha dominado, atingia o mais elevado diapasão.

— Não consinto! — gritou ele, dando um vigoroso murro na mesa. — Percebe, Porfírio? Não consinto!

— Oh, meus Deus! O que foi que lhe deu? — exclamou o juiz de instrução, aparentemente muito assustado. — Meu bom amigo! O que

tem?

— Não consinto! — repetiu Raskólnikov.

— Fale mais baixo! Podem ouvir, aparecer alguém, e o que havemos de dizer? Pelo amor de Deus! — murmurou assustado Porfírio, aproximando-se de Raskólnikov.

— Não consinto! Não consinto! — repetiu, sem querer, mas agora em voz baixa, de modo a que só o juiz o ouvisse.

Porfírio correu a abrir a janela.

— É preciso arejar este gabinete. Se bebesse um copo de água?

Dirigiu-se para a porta a chamar o criado quando viu a garrafa da água.

— Beba — disse, oferecendo-lhe um copo — há de fazer-lhe bem...

O susto e a solicitude de Porfírio pareciam tão naturais que Raskólnikov se calou e atentou no magistrado com sombria curiosidade. Com um gesto recusou a água que lhe oferecia.

— Então! Meu amigo! Se assim continua, dá em doido, afirmo-lhe... Beba, beba aos goles!

Quase à força meteu-lhe o copo na mão. Sem saber o que fazia, Raskólnikov levou-o aos lábios, mas de repente caiu em si e pô-lo em cima da mesa.

— Creia, teve um ataque! Se não tiver cautela, pode ter uma recaída! — observou, muito afetuoso, o juiz de instrução, que parecia bastante preocupado. — Meu Deus! É possível que se faça tão pouco caso da saúde? O mesmo aconteceu a Razoumikhine, que esteve cá ontem... Concordo que tenho um génio cáustico, que sou pouco simpático, contudo, meu Deus!, que significação dão às minhas inofensivas tagarelices! Ele esteve cá ontem depois da sua visita. Estávamos a jantar. Disse coisas que… Valha-nos Deus! Foi o senhor que o mandou, não é verdade? Mas sente-se, sente-se.

— Não o mandei cá! Sabia no entanto dessa visita e a razão dela — respondeu com secura Raskólnikov.

— Sabia?

— Sabia! E daí, que conclui?

— Concluo que sei muita coisa a seu respeito; estou informado de tudo. Sei que ontem pretendeu *alugar certa casa*, que puxou pelo cordão da campainha, que fez uma pergunta a respeito de certa poça de sangue, que os seus modos deixaram estupefactos os operários e toda a gente que o

viu. Ah, compreendo a situação moral em que se encontrava... Porém não é menos verdade que essas agitações darão comigo em doido! Por toda a parte as suas palavras permitem que em voz alta lhe façam acusações. Essas insinuações estúpidas tornam-se-lhe insuportáveis e quer acabar com elas o mais breve possível. Não é isto verdade? Adivinhei os sentimentos que o dominam? Com isso, não só transtorna a própria cabeça, como também dá cabo do meu pobre Razoumikhine, o que é de facto uma pena! A sua grande bondade expõe-no, mais do que a qualquer outro, a sofrer o contágio da sua doença... Quando se acalmar, hei de contar-lhe. Mas sente-se! Peço-lhe que sossegue. Está transtornado. Sente-se.

Raskólnikov sentou-se. Agitava-o um tremor febril. Ouvia-o com profunda surpresa, prodigalizando-lhe demonstrações de interesse. Impressionava-o sobretudo a referência à visita a casa da velha, na véspera: «Como soube ele isso e para que mo diz?», pensava.

— Conheço um caso psicológico quase análogo, um caso mórbido — continuou Porfírio. — Certo homem foi acusado de um assassinato que não tinha cometido. Pois declarou-se culpado: contou toda uma história resultante de uma alucinação que tivera, e o que dizia era tão verosímil, parecia por tal forma concordar com os factos que não podia haver a menor dúvida. Como se pode explicar isto? Sem intenção alguma, esse indivíduo tinha sido, em parte, causador de um crime. Quando soube que, sem o querer, facilitara a obra do assassino, teve tal desgosto que perdeu a razão, imaginando ser ele próprio o assassino! Por fim o tribunal, revendo o processo, encontrou provas da inocência do desgraçado. Mas se não fosse isso, o que aconteceria a esse pobre diabo! Aqui está o que o apoquenta também, meu amigo. Pode-se ficar monomaníaco quando se vai de noite puxar pelas campainhas e fazer perguntas a respeito do sangue! No exercício da minha profissão tenho tido ocasião de estudar toda essa psicologia. É uma atração semelhante que leva um homem a atirar-se de uma janela ou de uma torre... O senhor está doente! Fez mal em negar ao princípio essa doença. Devia ter consultado um médico experimentado em vez de se tratar com esse Zozimov! Tudo isto é efeito do delírio!

Durante um momento Raskólnikov julgou ver os objetos andarem-lhe à roda. «Será possível que ainda esteja a mentir?», perguntava. E fazia esforços para afastar essa ideia, pressentindo a que extremos de raiva ela o podia levar.

— Não delirava! — gritou Raskólnikov ao passo que torturava o espírito para compreender até onde o juiz queria chegar. — Estava em perfeito juízo, percebe?

— Percebo, percebo! Já ontem me disse que não tinha delírio e insistiu mesmo muito nesse ponto! Compreendo tudo quanto me pode dizer! Permita-me, no entanto, ainda uma observação, meu caro. Se com efeito estivesse culpado ou tivesse tomado parte nesta maldita questão, pergunto: continuaria sustentando que tinha procedido em pleno uso da razão e não em delírio? Na minha opinião dizia o contrário: sustentaria que tinha procedido por efeito do delírio! Não lhe parece?

O tom com que a pergunta fora feita permitia suspeitar uma cilada. Pronunciando aquelas palavras, Porfírio voltou-se para Raskólnikov que, recostando-se no sofá, olhou em silêncio para ele.

— Tal e qual como no caso da visita de Razoumikhine. Se o senhor estivesse culpado, diria que veio a minha casa por sua livre vontade e ocultava que o instigou a vir. Ora, pelo contrário, confessa que foi o senhor que o mandou.

Raskólnikov, que não afirmara tal, sentiu arrepios pela espinha.

— Continua a mentir! — disse com voz fraca e vagarosa, e esboçando um triste sorriso. — Quer-me convencer de que está lendo na minha fisionomia, que sabe tudo o que lhe vou responder — continuou, sentindo que não pesava já as palavras que proferia — quer-me meter medo ou caçoar comigo...

Falando assim, Raskólnikov não deixava de olhar para o juiz de instrução. De repente, uma violenta cólera lhe incendiou de novo os olhos.

— O senhor não faz outra coisa senão mentir! — exclamou. — Sabe muito bem que a melhor tática para um criminoso é confessar o que é impossível ocultar. Não acredito em si!

— Como sabe disfarçar — murmurou Porfírio — mas apesar disso vejo que não pensa noutra coisa. É o efeito da monomania. Não acredita em mim? Pois digo-lhe que já vai acreditando um pouco e teria muito prazer em que acreditasse por completo, porque gosto muito de si e tenho por si muita simpatia.

Os lábios de Raskólnikov começaram a agitar-se.

— Quero-lhe bem, creia — continuou Porfírio, tomando-lhe amigavelmente o braço — e mais uma vez lhe digo: trate-se. De mais, sua

família veio agora para S. Petersburgo. Pense um pouco nela. Podia fazê-la feliz e, pelo contrário, só lhe causa inquietações.

— Isso que lhe importa? Como soube o senhor disso? Para que se mete nessas coisas? E então, além de me vigiar, diz-mo?

— Não se esqueça que aquilo que sei foi o senhor que mo disse! Não reparou sequer que na sua agitação falava, sem que ninguém lho perguntasse, das suas coisas, não só comigo, mas com os outros. Várias particularidades interessantes foi Razoumikhine quem mas contou. Ia dizer-lhe, quando me interrompeu, que apesar de todo o seu espírito, não está vendo as coisas com clareza, mercê da sua índole desconfiada. Ora veja, por exemplo, esse incidente da campainha: um facto precioso, um facto sem igual para o juiz de instrução! Refiro-lho em toda a sua simplicidade, e isso não lhe abre bem os olhos? Se o supusesse culpado, procedia desta maneira? A minha linha de conduta em tal caso era com certeza outra: começava, muito ao contrário, por adormecer a sua desconfiança, afetando ignorar o facto e atraía-lhe a atenção para um ponto oposto. Depois, bruscamente, descarregava o golpe decisivo, perguntando-lhe: «Que foi o senhor fazer ontem às dez horas da noite a casa da vítima? Para que puxou pelo cordão da campainha? Para que perguntou pelo sangue? Para que pediu a toda a gente que o levasse à polícia?» Aqui tem como teria procedido se suspeitasse de si. Submetia-o a um interrogatório em forma ou ordenava investigações, informava-me... Porém, se não fiz nada disso é porque não tenho a menor suspeita! O senhor perdeu a noção das coisas e não vê nada, repito-lhe!

Raskólnikov tremia, o que não passou despercebido a Porfírio.

— O senhor mente! — gritou. — Não sei quais são as suas intenções, mas mente... Há pouco falava-me de outra maneira! Não me ilude! Mente!

— Minto? — disse Porfírio com certa vivacidade, conservando-se no entanto sereno e não ligando importância à opinião que Raskólnikov fazia dele. — Minto? Que lhe disse há pouco? Eu, juiz de instrução, sugeri-lhe os argumentos psicológicos com que o senhor podia defender-se: a doença, o delírio, as torturas do amor próprio, a hipocondria, a afronta recebida no comissariado da polícia, etc. Não foi isto? Seja dito de passagem que esses meios de defesa não são dos melhores: podiam voltar-se contra si. Se dissesse: «Estava doente, delirava, não sabia o que fazia, não me lembro de nada», podiam responder-lhe: «Tudo isso está muito bem; mas porque é

que o delírio se lhe manifesta sempre com o mesmo caráter? Podia manifestar-se por outras formas!» Não lhe parece?

Raskólnikov levantou-se, lançando ao magistrado um olhar de profundo desprezo.

— No fim de contas — disse — quero saber se sim ou não suspeita de mim. Fale, Petrovitch, explique-se sem rodeios imediatamente! Já!

— Valha-o Deus! Está como as crianças que querem a lua! — respondeu Porfírio com um sorriso cético. — Porém, que necessidade tem de saber tanto se até agora o têm deixado tranquilo? Para que se assusta dessa maneira? Para que vem ter comigo sem ninguém o chamar? Que razões tem para o fazer?

— Repito-lhe — gritou Raskólnikov furioso — que já não posso suportar...

— O quê? A incerteza? — interrompeu o juiz de instrução.

— Não me obrigue a extremos... Não quero! Digo-lhe que não quero... Nem posso, nem quero! Ouve? — continuou Raskólnikov com voz de trovão, dando outro murro na mesa.

— Fale baixo! Podem ouvi-lo! Vou dar-lhe um conselho muito sério: tome cautela consigo! — murmurou Porfírio.

O rosto do juiz de instrução perdera a expressão de bonomia: franzia a testa e falava como senhor absoluto. Contudo, essa atitude durou um instante. Intrigado, Raskólnikov depressa sentiu novos acessos de cólera; todavia, facto curioso, ainda desta vez, apesar de ter chegado ao auge do desespero, obedeceu à ordem de falar baixo. Sentia que não podia deixar de o fazer e essa ideia mais contribuía para o irritar.

— Não me deixarei martirizar! — murmurou. — Prenda-me, vigie-me, investigue, mas proceda na forma do costume e não esteja brincando comigo!

— Não lhe dê cuidado a forma — interrompeu Porfírio com o seu modo irónico, enquanto o contemplava com mal dissimulado júbilo. — Foi como amigo que o convidei a vir ver-me!

— Não quero a sua amizade nem preciso dela. Percebeu? E agora, pego no chapéu e vou-me embora. O que me diz se tem a intenção de me prender?

Contudo, quando se aproximava da porta, Porfírio agarrou-o outra vez pelo braço.

— Não quer ver uma surpresa? — perguntou o juiz de instrução, cada vez mais animado, o que desnorteava por completo Raskólnikov.

— Que surpresa é? Que quer dizer? — perguntou este, parando de súbito e olhando Porfírio com certa inquietação.

— Uma surpresazinha que está ali atrás da porta! — Apontava para a porta fechada que comunicava com os seus aposentos. — Até a fechei à chave para que não me fugisse.

— O que é?

Raskólnikov aproximou-se da porta e quis abri-la, mas não pôde.

— Está fechada! Aqui está a chave!

Dizendo isto, o juiz de instrução tirou a chave do bolso e mostrou-lha.

— Mentes! — gritou Raskólnikov, furioso. — Mentes, maldito palhaço!

E atirou-se a Porfírio, que se desviou para a porta, sem manifestar o mínimo receio.

— Compreendo tudo! Tudo! — gritou Raskólnikov. — Mentes e desesperas-me para me trair...

— Mas não é preciso trair-se... E não grite.

— Mentes, não tens surpresa nenhuma. Chama a tua gente! Sabias que estava doente e quiseste irritar-me para me arrancares alguma confissão. Aqui está onde querias chegar! Mas as provas? Não as tens. Baseias-te em miseráveis suposições, nas conjeturas de Zametov! Conhecias-me o caráter, quiseste desnortear-me até mandares aparecer os teus agentes... Espera-los, não é assim?

— Para que fala em agentes? Ora que ideia! A forma do costume, para me servir dos seus próprios termos, não permite isso. O senhor não percebe nada destas coisas, meu caro amigo... — murmurou Porfírio, que se havia encostado à porta a escutar.

De facto havia um certo barulho na sala próxima.

— Ah, aí vêm eles — exclamou Raskólnikov. — Manda-os entrar a todos: delegado, testemunhas... Manda entrar quem quiseres! Estou pronto!

Neste momento, porém, deu-se um acontecimento tão extraordinário que nem Raskólnikov nem Porfírio podiam prevê-lo.

Capítulo 6

O barulho na outra sala aumentou de repente e abriram a porta.

— Quem é? — gritou zangado Porfírio. — Tinha dito...

Ninguém respondeu, mas a origem do ruído adivinhava-se: alguém queria entrar no gabinete do juiz de instrução e havia quem o impedisse, empregando a força.

— Mas o que é? — repetiu Porfírio.

— É que trouxeram o acusado Nicolau — disse uma voz.

— Levem-no! Espere lá! Para que o trouxeram? Que desordem é esta? — censurou o magistrado, dirigindo-se para a porta.

— Foi ele que... — tornou a mesma voz, parando de repente.

Durante momentos ouviu-se o ruído de uma luta entre dois homens; depois um deles repeliu o outro com força e entrou bruscamente no gabinete.

Tinha um aspeto singular. Olhava a direito, mas parecia não ver ninguém. Nos olhos brilhantes lia-se a firmeza de uma resolução. Estava lívido como um condenado a caminho do cadafalso. Os lábios descorados tremiam um pouco.

Era muito novo ainda, magro, de estatura mediana e vestindo como um operário. Trazia o cabelo cortado à escovinha. As linhas fisionómicas eram delicadas. O outro, um polícia que ele tinha repelido, entrou a seguir, agarrando-o pelo ombro, mas Nicolau conseguiu soltar-se.

À porta agrupavam-se curiosos. Tudo isto se passou em muito menos tempo do que o preciso para se contar.

— Vai-te embora, ainda é cedo! Espera que te chamem! Para que te trouxeram? — resmungou Porfírio, tão irritado quanto surpreendido.

Mas de repente Nicolau pôs-se de joelhos.

— Que fazes? — gritou o juiz de instrução cada vez mais admirado.

— Perdão! Eu sou o criminoso! Eu sou o assassino! — disse de súbito Nicolau com voz forte, apesar da comoção que o sufocava.

Durante segundos houve um silêncio profundo, como se todos tivessem sido atacados de catalepsia. O polícia não tentou agarrar outra

vez o preso e dirigiu-se sem querer para a porta, onde ficou imóvel.

— Que dizes? — gritou Porfírio quando o pasmo lhe permitiu falar.

— Eu sou... o assassino... — repetiu Nicolau após um breve silêncio.

— Como? Tu? Quem é que assassinaste?

O juiz de instrução estava em absoluto desnorteado.

Nicolau não respondeu logo.

— Eu... assassinei... com um machado, Alena Ivanovna e sua irmã Isabel. Tinha o espírito transtornado... — acrescentou de repente. Depois calou-se, conservando-se de joelhos.

Tendo ouvido aquela resposta, Porfírio refletiu um pouco. Em seguida, com um gesto violento, mandou sair as pessoas presentes. Todos obedeceram e fechou a porta.

Raskólnikov, de pé a um canto, contemplava Nicolau. Durante algum tempo o juiz de instrução observou com atenção os dois. Por fim dirigiu-se a Nicolau com mau modo:

— Espera que te interroguem e não te antecipes. Não te perguntei se tinhas o espírito transtornado. Responde agora: tu mataste?

— Eu sou o assassino, confesso... — respondeu Nicolau.

— Ah! E como mataste?

— Com um machado. Tinha-o levado de propósito.

— Não tenhas pressa! Sozinho?

Nicolau não percebeu a pergunta.

— Não tinhas cúmplices?

— Não. Mitka está inocente, não tomou parte alguma no crime.

— Não tenhas pressa em desculpar Mitka, pois que ainda não falei nele... Como se explica que tu e o Mitka fossem vistos descendo a escada a correr?

— Foi de propósito que corri atrás do Mitka para desviar as suspeitas.

— Basta! — gritou Porfírio enfurecido. — Não diz a verdade! — murmurou em seguida como se falasse sozinho, e de súbito os seus olhos encontraram-se com os de Raskólnikov, cuja presença esquecera durante o diálogo com Nicolau. Vendo-o, o juiz de instrução ficou perturbado. Dirigiu-se-lhe logo. — Raskólnikov, desculpe-me, já não tem aqui nada que fazer... Ora veja... que surpresa!

Tomara-o pelo braço, indicando-lhe a porta.

— Parece que não esperava isto — observou-lhe Raskólnikov.

Na verdade, o que se acabava de passar era ainda para ele um enigma; contudo, recobrara uma grande parte da sua serenidade.

— O senhor também não contava com semelhante episódio. Como a sua mão treme!

— Também o senhor treme, Porfírio.

— É verdade. Não esperava.

Estavam à porta. O juiz de instrução queria ver-se livre dele.

— Então não me mostra a surpresa?

— Com que dificuldade ganhou forças para falar e já está com ironias! É um homem muito singular! Até mais ver...

— Suponho que era melhor dizer *adeus*!

— Será como Deus quiser! — disse Porfírio com um sorriso forçado.

Atravessando a secretaria reparou que os empregados o olhavam muito. Na antecâmara reconheceu, entre a multidão, os dois homens *daquela casa* a quem pedira para o levarem ao comissariado da polícia. Pareciam estar à espera de alguma coisa. Nisto ouviu a voz de Porfírio. Voltou-se e viu o juiz de instrução, que se cansava, correndo atrás dele.

— Uma palavra, Raskólnikov. Esta questão há de resolver-se como Deus quiser. No entanto, por causa das fórmulas, terei que pedir-lhe ainda algumas informações... e por isso voltaremos a ver-nos, com certeza! — E Porfírio parou diante dele, sorrindo. — Com certeza! — repetiu.

Poderia supor-se que queria ainda dizer mais alguma coisa, mas calou-se.

— Desculpe-me aqueles modos bruscos de há pouco, Porfírio... Excitei-me demasiado — começou a dizer Raskólnikov, que, senhor de si, sentia uma vontade irresistível de troçar do magistrado.

— Não falemos mais nisso — disse Porfírio, quase alegre. — Eu mesmo... tenho umas maneiras muito desagradáveis, confesso. Mas até breve! Se Deus quiser havemos de nos ver ainda muitas vezes!

— E havemos de dar-nos muito? — perguntou Raskólnikov.

— Havemos de dar-nos muito — respondeu, como um eco, Porfírio, piscando os olhos e fitando muito a sério o seu interlocutor. — Vai a algum jantar?

— A um enterro.

— Ah está bem. Tenha cuidado com a saúde...

— Pela minha parte, não sei o que lhe hei de desejar! — respondeu Raskólnikov, começando a descer a escada. De súbito voltou-se para

Porfírio: — Desejo-lhe maior sucesso que o de hoje. Como as suas funções são cómicas!

A estas palavras o juiz de instrução, que ia a retirar-se para o seu gabinete, perguntou ainda:

— Que têm elas de cómico?

— Ora essa! Aí está o caso desse pobre Nicolau... Como devia tê-lo atormentado e perseguido para lhe arrancar tais confissões! Dia e noite, por certo, repetiu-lhe em todos os tons: «És o assassino, és o assassino...» Perseguiu-o sem descanso, segundo o seu método psicológico. E agora que o desgraçado se conhece culpado, começa a zombar dele, cantando-lhe outra ária: «Mentes, mentes, não és o assassino, não o podes ser, não dizes a verdade». Ora, depois disto não tenho o direito de achar cómicas as suas funções?

— Ah! Notou então que eu disse a Nicolau que ele não dizia a verdade?

— Como não havia de notar?

— Tem um espírito muito subtil, nada lhe escapa! E tem graça, cultiva a facécia... O senhor tem a veia humorística. Diz-se que era a característica do nosso escritor Gogol…

— Sim, de Gogol...

— É verdade, de Gogol... Até mais ver!

— Até mais ver.

Raskólnikov voltou diretamente para casa. Estendeu-se no sofá e, durante um quarto de hora, diligenciou pôr em ordem as ideias que se lhe baralhavam no cérebro. Não tentou sequer explicar o caso de Nicolau, convencido de que havia um mistério cuja chave, naquela ocasião, era inútil procurar. De resto, não tinha ilusões sobre as consequências prováveis do incidente; a confissão do operário em breve seria reconhecida como falsa e então as suspeitas recairiam de novo sobre si. Enquanto porém esperava os acontecimentos, era livre e devia tomar as suas precauções, prevendo o perigo que julgava iminente.

Até que ponto estava ameaçado? A situação começava a aclarar-se. Raskólnikov sentia calafrios ao lembrar-se da entrevista com o juiz de instrução. Decerto não podia compreender todas as intenções de Porfírio, mas o que adivinhava era mais do que suficiente para ver o terrível perigo a que havia escapado. Um pouco mais e ter-se-ia perdido sem remédio. Conhecendo-lhe a irritabilidade nervosa, o magistrado caíra sobre ele a

fundo e com audácia descobrira-lhe o jogo. Raskólnikov comprometera-se muito; todavia, as imprudências que reconhecia ter cometido não constituíam uma única prova. Tinham apenas importância relativa. Não se enganaria pensando assim? Qual era o fim que Porfírio tinha em vista? Teria na verdade maquinado qualquer intriga, preparado algum golpe? Em que consistia esse golpe? Sem a aparição imprevista de Nicolau, como teria acabado aquela visita?

Raskólnikov estava sentado no sofá, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos. Um tremor nervoso continuava a agitar-lhe todo o corpo. Por fim levantou-se, pegou no chapéu e, depois de pensar um momento, dirigiu-se para a porta.

«Pelo menos hoje nada há a recear». E uma grande alegria surgiu: lembrou-se de ir desde logo a casa da Catarina. Era muito tarde para o enterro, porém chegaria à hora do jantar e veria Sofia.

Parou, refletiu e um sorriso triste lhe pairou nos lábios:

«Hoje! Hoje!», repetia. «Sim, hoje mesmo! É preciso...»

Quando ia a abrir a porta, alguém lhe poupou o trabalho. Recuou espantado, vendo aparecer o enigmático personagem da véspera, o homem *que saíra de debaixo da terra.*

O misterioso personagem parou e, depois de olhar em silêncio para Raskólnikov, entrou. Vestia como na véspera, mas dir-se-ia que a fisionomia não era a mesma. Parecia muito aflito, soltando fundos suspiros.

— Que deseja? — perguntou-lhe Raskólnikov, pálido como um cadáver.

O outro não respondeu e curvou-se até ao chão; pelo menos bateu do sobrado com o anel que trazia na mão direita.

— Quem é o senhor? — interrogou Raskólnikov.

— Peço-lhe perdão — disse o homem em voz baixa.

— De quê?

— Das minhas más ideias.

Olharam um para o outro.

— Estava zangado... Quando outro dia, com o espírito perturbado pela bebida, o senhor perguntou pelo sangue e pediu para o levarem à polícia, vi, com pesar, que ninguém dava importância ao que dizia, tomando-o por um ébrio. Lembrando-me porém da sua morada, vim ontem aqui...

— Foi o senhor que veio procurar-me? — interrompeu Raskólnikov.

Começava a fazer-se luz no seu espírito.

— Sim. Insultei-o...

— Estava então naquela casa?

— Estava à porta quando o senhor lá foi. Não se lembra? Moro lá há muito tempo...

Raskólnikov recordou-se então de toda a cena da antevéspera. Com efeito, além dos porteiros, estava mais gente à porta: homens e mulheres. Alguém aconselhou que o levassem logo à polícia. Não podia lembrar-se da fisionomia de quem fizera aquela observação, nem mesmo agora a reconheceria, mas lembrava-se de ter respondido qualquer coisa.

Assim se explicava o espantoso mistério da véspera! E, sob a horrível impressão que lhe causara uma circunstância tão insignificante, estivera quase a perder-se! Esse homem só pudera contar que Raskólnikov se apresentara para alugar a casa da velha e tinha perguntado pelo sangue. Portanto, salvo este passo dado por um *doente delirante,* Porfírio não sabia mais nada. Não havia factos, nada de positivo. «Por consequência, se não surgirem novos acontecimentos (e não surgirão, tenho a certeza), o que me podem fazer? Ainda mesmo que me prendam, como poderão estabelecer em definitivo a minha culpabilidade?»

Uma outra conclusão tirava Raskólnikov daquelas palavras: havia pouco ainda que Porfírio soubera da sua visita a casa da vítima.

— O senhor disse hoje ao Porfírio que eu tinha lá estado? — perguntou ele, iluminado por uma ideia súbita.

— Qual Porfírio?

— O juiz de instrução.

— Disse.

— Hoje?

— Cheguei um minuto depois do senhor. Ouvi tudo. Ele fez-lhe passar um mau quarto de hora!

— Onde? O quê? Quando?

— Estava lá, na sala contígua ao gabinete. Estive lá sempre.

— Como? Então o senhor era a tal surpresa? Mas como foi isso? Conte-me, peço-lhe.

— Vendo que os porteiros se recusavam a ir prevenir a polícia sob o pretexto de que era muito tarde e que o comissariado estava fechado, resolvi-me a saber quem o senhor era. No dia seguinte, isto é, ontem, tomei as minhas informações e fui ter com o juiz de instrução. Da

primeira vez que lá fui, não estava. Uma hora depois voltei, mas não me recebeu; por fim, da terceira vez, mandou-me entrar. Contei como as coisas se tinham passado. Ouvindo-me, pulava no gabinete como uma bola de borracha: «Aí está como estes marotos fazem o serviço!», exclamou. «Se tenho sabido isso mais cedo, mandava-o prender!» Em seguida saiu a toda a pressa, chamou alguém, a quem falou num canto da sala. Depois voltou para junto de mim e pôs-se a interrogar-me, proferindo sempre imprecações. Ficou ciente de tudo. Contei-lhe que o senhor não se atrevera a responder-me e que não me tinha reconhecido. Ele continuava batendo murros, gritando e pulando. Neste entretanto vieram anunciar a sua chegada: «Retira-te para ali e não te mexas, ouças o que ouvires», disse-me. Quando lhe trouxeram o Nicolau, o juiz de instrução despediu o senhor e depois mandou-me sair.

— Interrogou o Nicolau diante de si?

— Saí logo depois do senhor e só então é que começou o interrogatório.

Terminando a narrativa, o burguês curvou-se outra vez até ao chão.

— Perdoe-me a denúncia e o mal que lhe causei.

— Que Deus te perdoe! — respondeu Raskólnikov.

O outro curvou-se de novo e retirou-se.

«Não há acusações precisas, não há provas diretas», pensou Raskólnikov, sentindo renascer-lhe a esperança. E saiu.

«Podemos ainda lutar», disse com um sorriso feroz enquanto descia a escada. E era a si próprio que ele odiava, pensando, humilhado, na sua *pusilanimidade*.

Parte 5

Capítulo 1

No dia imediato àquele em que teve a explicação com a mãe e a irmã de Raskólnikov, Petrovitch compreendeu, com grande pesar, que o corte de relações em que na véspera ainda não podia acreditar era um facto consumado. A serpente negra do amor próprio mordeu-lhe o coração durante toda a noite. Logo que se levantou, o seu primeiro movimento foi ver-se ao espelho: receava ter tido alguma descarga de bílis.

Por felicidade essa apreensão não tinha fundamento. Vendo o rosto pálido e distinto, sentiu uma certa satisfação, pensando que não teria dificuldade em substituir Dounia — e quem sabe? — talvez com vantagem. Em breve porém abandonou essa esperança quimérica e cuspiu para o lado, o que fez sorrir com ar trocista o seu amigo e companheiro de quarto, André Semenovitch Lebeziatnikov.

Loujine reparou naquele sorriso e lançou-o na conta do amigo, conta que estava muito carregada desde algum tempo. O desespero tornou-se maior ao refletir que não lhe devia ter contado essa história. Uma asneira que o seu temperamento arrebatado lhe levara a cometer naquela tarde: cedeu à necessidade de desabafar a irritação.

Durante todo o dia o azar perseguiu Petrovitch. No tribunal, a questão de que tratava, reservava-lhe um desgosto. O que sobretudo o vexava era não poder dar uma razão ao proprietário da casa, que tinha arrendado, por causa do seu próximo casamento. Esse indivíduo, de origem alemã, era um antigo operário a quem a fortuna sorrira. Não aceitava transação alguma e reclamava o pagamento por inteiro, estipulado no contrato, ainda que Petrovitch lhe entregasse a casa desde já.

O estofador não era menos exigente. Não queria restituir um só *rublo* da quantia que Petrovitch dera de sinal pelo mobiliário que encomendara para a sua nova residência de casado. «Pois será possível que tenha de casar por causa da mobília?», dizia, rangendo os dentes, o infeliz homem de negócios. «O mal não terá remédio?» A lembrança dos encantos de Dounia enterrou-se-lhe no coração como um espinho. Nesse terrível

momento, se pudesse por um simples desejo tirar a vida a Raskólnikov, tê-lo-ia morto logo.

«Outra tolice minha foi não lhes dar dinheiro», pensava, voltando todo triste para o cubículo de André. «Porque diabo fui tão avarento? Andei mal. Deixando-as por momentos na dependência, imaginei que veriam em mim um recurso providencial e por fim fogem-me das mãos! Se lhes tenho dado mil e quinhentos *rublos* para o enxoval, se lhes tenho comprado presentes no Armazém Inglês, o meu procedimento era ao mesmo tempo nobre e... hábil! Não me abandonavam com tanta facilidade como o fizeram! Com os seus escrúpulos julgar-se-iam obrigadas a restituir-me, no caso de rompimento, presentes e dinheiro, e isso havia de ser difícil! E ainda era um caso de consciência: 'Como', diriam, 'se há de despedir um homem que se mostrou tão generoso e delicado?' Fiz uma grande asneira!»

Petrovitch rangeu mais uma vez os dentes e chamou-se imbecil... de si para si, bem entendido.

Chegado a esta conclusão sobre a sua pessoa, voltou para casa muito mais aborrecido do que quando saíra. Contudo despertou-lhe a curiosidade o movimento que havia em casa de Catarina com os preparativos para o jantar. Já na véspera ouvira falar em tal. Lembrou-se até que fora convidado, mas as suas preocupações tinham-no impedido de prestar atenção ao convite.

Na ausência de Catarina — que estava no cemitério — a senhora Amália andava açodada, dando ordens em volta da mesa do banquete. Conversando com ela, Petrovitch soube que se tratava de um verdadeiro banquete fúnebre para que tinham convidado todos os inquilinos do prédio, entre os quais havia alguns que nem conheciam o falecido. André Semenovitch recebera convite apesar de ter cortado relações com Catarina. Enfim, havia o maior desejo de que Petrovitch honrasse o ato com a sua presença, visto que era o mais respeitável de todos os inquilinos.

Catarina, esquecendo todos os agravos da senhoria, entendeu que devia dirigir-lhe um convite em forma. Era portanto com a maior satisfação que Amália Ivanovna tratava, naquela ocasião, dos preparativos do jantar. Fizera uma rica *toilette;* e conquanto trajasse de luto, tinha grande vaidade em apresentar-se com um belo vestido de seda, novo. Informado de todas estas particularidades, Petrovitch voltou pensativo para o seu quarto, ou antes para o de André. Soubera que Raskólnikov era um dos convidados.

Naquele dia, por qualquer motivo, André não saíra. Entre ele e Petrovitch existiam relações um pouco singulares, mas explicáveis: este detestava-o quase desde o dia em que lhe pedira hospitalidade, não se sentindo por isso à vontade diante dele.

Chegando a S. Petersburgo, Petrovitch fora para casa de André, não só por economia, mas ainda por outra razão. Na província ouvira falar de André, seu antigo pupilo, como um dos rapazes da capital de ideias avançadas e ainda como homem que ocupava uma posição em evidência nalguns centros que se tornaram lendários. Esta circunstância interessava-o. Desde muito novo sentia um vago receio por estes centros poderosos que sabiam tudo, que não respeitavam ninguém e que declaravam guerra a toda a gente.

É inútil acrescentar que a distância a que se achava não lhe permitia ver as coisas. Como os outros, ouvira dizer que havia em S. Petersburgo progressistas, niilistas, etc., etc.; mas no seu espírito, como no da maior parte da gente, estas palavras tinham uma significação exagerada até ao absurdo. O que ele receava, em especial, eram as *devassas feitas* contra tal ou tal indivíduo pelo partido revolucionário. Certas reminiscências dos primeiros tempos da sua carreira contribuíram bastante para fortalecer este receio, desde que acariciara o sonho de ficar em S. Petersburgo.

Dois personagens de elevada categoria que o tinham protegido sofreram os ataques dos radicais, sentindo-lhes as terríveis consequências. De forma que, logo que chegou a S. Petersburgo, Petrovitch observou de que lado soprava o vento e, pelo sim pelo não, tratou de conquistar as boas graças da *geração nova.* Contava para isso com André. Pela conversa que o vimos ter com Raskólnikov, percebe-se que já se apropriara, em parte, da linguagem dos reformadores.

André era empregado num ministério. Era baixo, magro, escrofuloso; tinha cabelos de um louro quase branco e suíças em forma de costeleta, que eram o seu grande orgulho. Estava quase sempre doente dos olhos. Bom homem, porém no fundo era um razoável pedante, falava de papo, com arrogância e entono, em contraste ridículo com a sua fraca figura.

De resto, era tido por um dos melhores inquilinos da Amália, porque não se embriagava e pagava a renda com pontualidade. À parte estes méritos, André era de facto um insignificante. Um entusiasmo de simplório levara-o a enfileirar sob a bandeira progressista. Era um dos

numerosos ingénuos escravos da ideia em moda e que muitas vezes, pela sua parvoíce, desacreditam a causa pela qual sinceramente combatem.

No entanto, apesar do seu belo caráter, André achou insuportável o seu hóspede e antigo tutor. A antipatia era recíproca. E não obstante a sua simplicidade, André começava a compreender que, no íntimo, Petrovitch desprezava-o e que «não havia nada a fazer com aquele homem». Expusera-lhe as teorias de Fourier e de Darwin, mas Petrovitch, que o escutara com ar trocista, não hesitava em dizer coisas que magoavam o jovem catequizador. O facto é que Petrovitch acabou por suspeitar que André não era apenas um imbecil, mas também um falador sem importância alguma dentro do partido a que pertencia. A sua função especial era a *propaganda,* todavia ainda aí não estava muito seguro, porque tropeçava a cada passo na exposição das suas teorias. Na verdade, que se podia recear de semelhante criatura?

Note-se que, desde que se instalara em casa de André — em especial nos primeiros dias — Petrovitch aceitava-lhe com prazer, ou pelo menos sem reserva, as atenções. Quando ele, por exemplo, manifestava um grande zelo em estabelecer uma co*muna* na rua dos Burgueses e lhe dizia: «O senhor é muito inteligente para se zangar com sua mulher um mês depois do casamento se ela tiver um amante; um homem inteligente como o senhor não manda batizar os filhos», etc., etc., Petrovitch não pestanejava, tanto lhe agradava o diploma de inteligente que ele lhe passava.

Vendera alguns títulos de manhã e agora, sentado à mesa, contava o dinheiro que recebera. André Semenovitch, que quase nunca tinha dinheiro, passeava pelo quarto, afetando grande indiferença pelos maços de notas. Petrovitch não acreditava na sinceridade daquela indiferença. Por seu turno, André adivinhava com pesar o pensamento cético de Petrovitch e dizia consigo que ele era muito capaz de lhe estender diante dos olhos todo o seu dinheiro para o humilhar e lembrar-lhe a distância a que a fortuna os havia colocado.

Desta vez Petrovitch estava maldisposto e prestava menos atenção do que era costume a André, que desenvolvia o seu tema favorito: o estabelecimento de uma nova *comuna* de um novo género. Não interrompia as suas contas senão para fazer alguma observação irónica e desagradável. André porém não se incomodava com isso. O mau humor de Petrovitch explicava-o pelo despeito de um apaixonado que fora

despedido. Tinha pressa de versar esse assunto porque desejava emitir a esse respeito algumas observações *progressistas* que podiam consolar o seu respeitável amigo e contribuir para o seu desenvolvimento futuro.

— Parece que se prepara um banquete em casa da viúva? — perguntou à queima-roupa Petrovitch, interrompendo André no ponto mais interessante da sua exposição.

— Como se o senhor não soubesse! Ainda ontem lhe falei nisso, expondo-lhe até a minha opinião acerca dessas cerimónias... Pelo que ouvi dizer, ela convidou-o. Mesmo o senhor falou-lhe...

— Não podia acreditar que, na miséria em que essa imbecil está, fosse gastar num jantar todo o dinheiro que recebeu desse outro imbecil... do Raskólnikov. Há pouco, quando entrei, fiquei admirado vendo todos aqueles preparativos… Os vinhos! E parece que convidou muita gente. O diabo que a entenda! — continuou Petrovitch, que parecia falar com atenção. — Disse que me convidou? — perguntou ainda, levantando a cabeça. — Quando? Não me lembro. Mas não vou. Que vou lá fazer? Conheço-a apenas de ontem, quando trocámos algumas palavras. Disse-lhe que, como viúva de um funcionário, podia obter algum auxílio. Seria por isto que me convidou?

— Também não tenho tenção de lá ir — disse André.

— Não faltava mais nada! O senhor já lhe bateu! Compreende-se que tenha escrúpulo em lá ir jantar.

— Bati-lhe? A quem se refere? — perguntou André, fazendo-se muito corado.

— Refiro-me a Catarina Ivanovna, em quem o senhor bateu há de haver um mês! Soube-o ontem... Ora aí estão as suas convicções! Aí está o seu modo de resolver a questão da mulher!

Dita esta frase, que o aliviou, continuou a contar o dinheiro.

— É uma infâmia, é uma calúnia! — ripostou logo André, que não gostava que lhe falassem em tal. — Não foi nada disso! O que lhe contaram é falso. Defendi-me apenas. Foi Catarina que se atirou a mim para me arranhar. Puxou-me pelas suíças... Todos os homens, penso eu, têm o direito de se defender. De resto, sou inimigo da violência, venha de onde vier, por princípio, porque é quase despotismo. Que devia fazer? Deixar que me batesse? Repeli-a, simplesmente.

— Ah! ah! ah! — riu Petrovitch.

— O senhor, como está de mau humor, quer sofismar o que digo. Isto não significa nada, nem tem relação alguma com a questão da mulher. Fiz este raciocínio: se está admitido que o homem é igual à mulher em tudo, até em força (como agora começa a sustentar-se), então a igualdade deve existir também neste caso. Refleti que não havia motivo para debater esta questão porque nas sociedades futuras não haverá vias de facto, pela simples razão de que não haverá disputas... Por consequência é absurdo pensar na igualdade na luta. Não sou tão tolo… ainda que, de resto, haja conflitos... isto é, mais tarde não os haverá... mas por agora ainda não é possível evitá-los... Com os diabos, consigo atrapalha-se uma pessoa! Não é isso que me leva a não aceitar o convite de Catarina. Se não vou lá jantar é apenas por causa dos princípios, para não sancionar com a minha presença o costume idiota desses jantares de enterro, ora aí tem! De resto, podia ir para ridicularizar tudo aquilo... Infelizmente não vão lá padres, porque se fossem não faltava.

— Quer dizer que ia sentar-se à mesa da mulherzinha para dizer mal dela e da forma porque o recebia, não é verdade?

— Não era para dizer mal. Era para protestar e com um fim útil. Posso, de uma maneira indireta, auxiliar a propaganda civilizadora, como é dever de todo o homem. Talvez essa missão se cumprisse melhor se houvesse menos pieguices. Eu posso semear a ideia, o grão... Desse grão nascerá um fruto. Trabalhar assim prejudica alguém? Primeiro arrepiam-se, mas depois compreendem que se lhes prestou um serviço...

— Seja! — interrompeu Petrovitch. — Mas diga-me: conhece a filha do falecido, essa magricela... diz-se que ela... hein? É verdade?

— Pois então! Quanto a mim, isto é, a minha convicção pessoal é que a situação dela é a situação normal da mulher. Por que não! Distingamos: na sociedade atual este género de vida não é normal, porque é forçado: porém na sociedade futura será em absoluto normal, porque será livre. Agora mesmo ela tinha obrigação de o seguir. Já estava desgraçada e, por isso, porque não havia de dispor como lhe aprouvesse do seu capital? Bem entendido que na sociedade futura o capital não terá razão alguma de existir, no entanto a situação da mulher acessível será outra, regulada por uma forma racional. Quanto a Sofia, vejo o seu procedimento como um protesto enérgico contra a organização da sociedade e tenho-lhe até por isso muita estima. Direi mais: quando a vejo sinto-me feliz.

— Todavia contaram-me que a tinha posto fora desta casa!

André irritou-se.

— É outra mentira! Não foi nada disso! Catarina Ivanovna contou essa história de um modo inexato porque não percebeu nada. Nunca desejei os favores da Sofia. Limitava-me apenas a instruí-la nas minhas ideias sem nenhum pensamento reservado, esforçando-me por despertar a ideia do protesto. Não tentei outra coisa: ela própria compreendeu que não podia continuar a viver aqui!

— Tinha-a convidado para a comuna?

— Sim. Nesta ocasião procuro atraí-la para a comuna. Ali estará em condições muito diversas daquelas em que vive aqui! De que se ri? Queremos fundar a nossa comana sob bases mais amplas do que as precedentes. Vamos mais longe que todos os outros. Se Dobroliuabov e Bielinsky saíssem do túmulo encontravam-me como adversário! No entanto, continuo a incutir estas ideias em Sofia. É uma bela, uma belíssima organização!

— E aproveita então essa organização? Ah! Ah!

— Não, não! Pelo contrário!

— Pelo contrário, é boa!

— Pode acreditar em mim: porque motivo lhe havia de ocultar a verdade? E sabe? Há mesmo uma coisa que me admira: parece sempre contrafeita, tem um pudor, uma timidez...

— E o senhor então instrui-a? Ah! ah! Demonstra-lhe que esse pudor é idiota.

— Não! Não! Oh, que sentido tão grosseiro, tão estúpido mesmo (desculpe!) que o senhor dá à palavra instruir! Como o senhor está atrasado! Não percebe nada! Nós procuramos a liberdade da mulher e o senhor pensa somente na porcaria da... Pondo de parte a questão da castidade e do pudor feminino, coisas inúteis e até absurdas, admito perfeitamente as reservas dela diante de mim, visto que assim usa da sua liberdade, exerce os seus direitos. Com certeza, se ela me dissesse: «quero que sejas meu», sentia-me feliz, porque essa moça agrada-me muito. Porém, no atual estado de coisas, ninguém é mais delicado nem mais conveniente para com ela do que eu. Nunca fizeram justiça às suas qualidades... mas eu não a perco de vista e espero. Aí está!

— Dê-lhe um presente. Aposto que ainda não pensou nisso!

— O senhor não percebe nada, já lhe disse! A sua situação especial permite-lhe esses sarcasmos, no entanto a questão não é o que o senhor

julga. O senhor despreza-a. O senhor, fundando-se num facto que julga desonesto, recusa tratar com humanidade essa criatura. Pois não sabe que mulher ali está!

— Diga-me — disse Petrovitch — pode... ou tem bastantes relações com ela para lhe pedir que venha aqui uns minutos? Já devem ter chegado do cemitério... Parece-me ouvi-los subir a escada. Desejava ver essa moça.

— Mas para quê? — perguntou admirado André Semenovitch.

— Preciso falar-lhe. Devo partir hoje ou amanhã e tenho que lhe dizer... Pode assistir à nossa entrevista... é mesmo conveniente... De contrário, sabe Deus o que o senhor pensaria.

— Não pensava nada. Fiz essa pergunta para dizer alguma coisa. Se tem que lhe dizer é muito fácil mandá-la cá vir. Vou chamá-la e pode crer que os não incomodarei.

De facto, cinco minutos depois André trazia Sofia, muito surpreendida. Quando se via em tais situações, ficava sempre inquieta. As caras novas faziam-lhe medo. Petrovitch apresentou-se com delicadeza. Um homem sério e respeitável como ele não podia deixar de receber uma criatura tão nova e tão interessante sem lhe fazer um acolhimento gentil, familiar até. Primeiro tratou de *sossegá-la,* pedindo-lhe que se sentasse defronte dele. Sofia obedeceu, olhando ora para o André, ora para o dinheiro que estava sobre a mesa; depois fixou os olhos em Petrovitch. Dir-se-ia que este exercia sobre ela uma forte fascinação. André ia a sair. Petrovitch fez sinal a Sofia para que se sentasse e deteve André.

— Raskólnikov já chegou? — perguntou em voz baixa.

— Raskólnikov? Já... Veio agora. Já o vi... Porquê?

— Nesse caso peço-lhe o favor de ficar para não me deixar a sós com esta menina. A questão de que se trata é simples, mas Deus sabe que conjeturas podia ocasionar. Não quero que Raskólnikov vá contar para *lá...* Compreende porque lhe digo isto?

— Compreendo! Compreendo! — respondeu André. — Está no seu direito. Por mim acho muito exagerados os seus receios... Porém isso não faz ao caso. Está no seu direito. Fico. Vou para a janela e não os incomodo. A minha opinião é que está no seu direito.

Petrovitch voltou a sentar-se em frente da Sofia e olhou-a com demora, com uma expressão grave, severa que parecia dizer-lhe: «Não imagine que vou dizer-lhe alguma coisa inconveniente ou imprópria»! Sofia sentiu-se mais à vontade.

— Em primeiro lugar, peço-lhe apresente as minhas desculpas a sua mãe. Não me engano, exprimindo-me desta forma? Catarina tem-lhe servido de mãe? — começou Petrovitch com um ar muito sério e muito amável. O seu propósito era sério na verdade.

— Sim, ela tem sido para mim uma segunda mãe — respondeu Sofia.

— Queria dizer-lhe quanto me desgosta não poder aceitar o seu amável convite por circunstâncias independentes da minha vontade.

— Vou já dizer-lho — disse logo Sofia, levantando-se.

— Não é ainda tudo — continuou Petrovitch, sorrindo ao ver a ingenuidade da pobre moça e a sua ignorância das práticas sociais. — Não me conhece, Sofia, se julga que por um motivo tão fútil a incomodei. O meu fim é outro.

A um gesto do seu interlocutor, Sofia sentou-se outra vez. As notas de diferentes cores em cima da mesa apresentaram-se-lhe de novo aos olhos, que ela desviou logo para Petrovitch. Olhar para o dinheiro dos outros parecia-lhe grande inconveniência, sobretudo na sua posição. Fixava a luneta com aros de ouro que Petrovitch segurava com a mão esquerda ou o grande anel com uma pedra amarela que brilhava no dedo médio dessa mão. Por fim, não sabendo para onde olhar, fixou o rosto do Petrovitch, o qual prosseguiu:

— Troquei ontem algumas palavras com Catarina e pelo pouco que lhe ouvi convenci-me que se encontra numa situação anormal.

— Anormal, sim — repetiu Sofia com doçura.

— Ou, mais simplesmente, num estado mórbido...

— Ou, mais simplesmente, está doente.

— Ora, por sentimento humanitário e... e... de compaixão queria ser-lhe útil, prevendo que ela vai achar-se com certeza numa situação muito triste. Agora, segundo parece, essa pobre família conta só com a Sofia.

A moça levantou-se de um salto.

— Desculpe a minha pergunta, mas o senhor não disse a Catarina que podia receber uma pensão? Ela contou-me que o senhor se encarregara de a obter. É verdade?

— Não é bem assim. Limitei-me a dar-lhe a perceber que, como viúva de um funcionário que morrera em serviço, poderia obter um auxílio temporário se tivesse proteções. Parece contudo que, além de não haver servido o tempo necessário para a reforma, seu pai não estava ao serviço quando morreu. Numa palavra, pode-se esperar sempre, mas essas

esperanças são pouco fundadas porque não há direito a esse favor, pelo contrário. E ela já a pensar numa pensão... Vê tudo muito fácil.

— Sim, ela contava com isso. É muito boa e fia-se em tudo. A sua bondade leva-a a acreditar em tudo... e... tem a cabeça perdida. Desculpe-a, sim? — disse Sofia, levantando-se outra vez.

— Ainda não ouviu tudo.

— Não ouvi tudo? — repetiu Sofia.

— Sente-se.

Sofia, muito envergonhada, sentou-se pela terceira vez.

— Vendo-a em semelhante situação, rodeada de crianças, queria, como disse, ser-lhe útil dentro dos meus recursos. Compreenda bem, *dentro dos meus recursos,* nada mais. Poderia, por exemplo, organizar em favor dela uma subscrição, uma tômbola ou qualquer coisa análoga, como fazem em tais casos as pessoas que desejam auxiliar os parentes ou os estranhos.

— Pois sim. Faça — balbuciou Sofia com os olhos fixos em Petrovitch.

— Pode fazer-se, mas... depois falaremos nisso. Ver-nos-emos logo e conversaremos sobre o caso. Volte às sete horas. André assistirá à nossa entrevista. Mas... antes de tudo... há um ponto que precisa ser examinado com cuidado. Foi por esse motivo que a incomodei. Parece-me que não se deve entregar o dinheiro a Catarina. Era uma grande tolice. Para o provar, basta este jantar de hoje. Não tem calçado, não tem a sua subsistência garantida por dois dias e compra rum da Jamaica, vinho da Madeira e café! Vi eu, quando passava. Amanhã toda a família fica a seu cargo e a Sofia terá de a sustentar. Portanto, acho que se devia fazer a subscrição para a infeliz viúva, mas deve ser a Sofia a administrar o dinheiro. Que lhe parece?

— Não sei. Hoje é que está assim. Isto sucede-lhe uma vez na vida... Queria honrar a memória do falecido. De resto, será como quiser. Ser-lhe-ei sempre muito... muito... todos lhe serão... e Deus há de... e os órfãos...

Sofia não pôde acabar, banhada em lágrimas.

— Bem, é uma questão resolvida. Agora aceite, para ela, esta quantia, que representa a minha parte. Desejo que o meu nome não seja preferido. Aqui está... Tenho tido também algumas dificuldades de dinheiro e sinto não poder dar mais.

E Petrovitch entregou a Sofia uma nota de dez *rublos.* Esta recebeu-a, corando muito e, pronunciando palavras ininteligíveis, despediu-se.

Petrovitch acompanhou-a até à porta. Sofia voltou para casa de Catarina numa agitação extraordinária.

Durante esta cena, André conservou-se à janela a fim de não perturbar a conversa. Quando Sofia saiu, chegou-se a Petrovitch e estendeu-lhe a mão com solenidade:

— Ouvi tudo e *vi* tudo — disse, acentuando com intenção a palavra *vi*. — É nobre, quero dizer, é *humano,* porque não admito a palavra nobre. Nem quis aceitar os agradecimentos, bem vi! E, conquanto, por uma questão de princípios, seja inimigo da beneficência às escondidas, que longe de extirpar radicalmente a miséria lhe favorece os progressos, não posso deixar de reconhecer que o seu procedimento é digno de aplauso. Sim, agradou-me!

— É quanto há de mais simples! — exclamou Petrovitch, embaraçado e fitando André com particular atenção.

— Não é a mais simples das coisas, não! Um homem que, ferido como o senhor por uma afronta recente, ainda é capaz de se interessar pela desgraça dos outros, um tal homem pode estar em oposição à economia social que não é por isso menos digno de estima. Não esperava isso de si, tanto mais que com as suas ideias... Ah, como está ainda eivado de tais ideias. Como se incomodou por causa dessa história de ontem! — exclamou André, que sentia voltar-lhe a simpatia por Petrovitch. — E que necessidade tem de se casar *legalmente,* meu caro Petrovitch? Para que insiste numa união *legal?* Bata-me, se quiser, mas declaro-lhe que me regozijo com o seu insucesso, que me sinto satisfeito ao pensar que é livre, que não está por completo perdido para a humanidade. Como vê, sou franco!

— O casamento legal evita que outros olhem para nós com sorrisos e desdéns, dá-me a convicção de que educo os filhos e de que sou pai, o que não acontece no seu casamento livre — respondeu Petrovitch para dizer alguma coisa. Estava pensativo e ouvia distraído o que o seu interlocutor dizia.

— Os filhos? Fala nos filhos? — tornou André, animando-se de súbito como um cavalo de combate que ouve o toque de clarim. — Os filhos é uma questão social que será depois tratada em separado. Há mesmo quem os não considere como fazendo parte da família. Falaremos deles mais tarde. Ocupemo-nos por agora do adultério... Oh, que espantalho! Oh, que insignificância! Precisamente no casamento livre é que não existe esse

perigo que tanto medo lhe mete. O adultério é a consequência natural, o corretivo, por assim dizer, do casamento legal, o protesto contra um laço indissolúvel; e sob este ponto de vista nada tem de humilhante. Se alguma vez (o que é absurdo supor) contraísse casamento legal, estimaria muito que minha mulher me enganasse. Dir-lhe-ia: «Até agora, minha querida, só tinha amor por ti; de ora em diante respeito-te também porque soubeste protestar!» Ri? É porque não tem a força necessária para romper com os preconceitos! Compreendo que na união legítima seja desagradável ser enganado, porém isso é o miserável efeito de uma situação que desagrada por igual aos dóis cônjuges. Quando as hastes simbólicas do adultério rompem na testa (refiro-me ao caso especial do casamento livre) deixam de ter significação e de se chamar chifres. Pelo contrário, a mulher prova assim ao homem que o estima, visto que o julga incapaz de pôr obstáculos à sua felicidade e muito inteligente para tirar vingança de um rival. Penso às vezes que se fosse casado (livremente ou legitimamente, pouco importa) e que se a mulher não arranjasse um amante, seria eu próprio quem lho iria procurar e dizia-lhe: «Minha querida, amo-te, mas quero em especial que me estimes: aqui tens!» Não me dá razão?

Estas palavras apenas conseguiram fazer rir Petrovitch, cujo pensamento estava longe dali. Esfregava as mãos muito preocupado. André só mais tarde se lembrou dessa preocupação.

Capítulo 2

Seria difícil dizer com exatidão como a insensata ideia do jantar nasceu no cérebro de Catarina Ivanovna, que gastou nesse banquete, de facto, mais de metade do dinheiro que Raskólnikov lhe dera para o enterro de Marmeladov. Talvez Catarina julgasse que tinha o dever de honrar «convenientemente» a memória do marido para provar a todos os inquilinos, e em particular a Amália Ivanovna, «que o morto valia tanto como eles, se não mais». Talvez obedecesse ao orgulho especial dos pobres que, em certos casos da vida, batismo, casamento, enterro, etc., leva os infelizes ao sacrifício dos últimos recursos com o fim de «fazer as coisas tão bem como os outros». É ainda permitido supor que no momento em que se via reduzida à extrema miséria, Catarina queria mostrar a toda essa *gente insignificante* que não só *sabia viver e receber,* mas que, filha de um coronel, «educada numa casa rica, *aristocrática até, podia dizer-se»,* não fora criada para esfregar o sobrado ou ensaboar a roupa dos seus petizes.

As garrafas de vinho não eram numerosas, nem de marcas variadas. Madeira não havia. Petrovitch exagerara. Havia vinho, aguardente, rum e vinho do Porto de qualidade inferior, mas em quantidade suficiente. O jantar, preparado na cozinha de Amália, compreendia, além do *koutia,* três ou quatro pratos. Havia dois *samovares* para os convidados que quisessem tomar chá ou *punch* depois do jantar. Catarina fizera as compras acompanhada por um polaco famélico, que morava, Deus sabe em que condições, no prédio de Amália.

Desde o primeiro momento esse pobre diabo pôs-se à disposição da viúva e durante trinta e seis horas andou por toda a parte com um zelo que Catarina não se fartava de apregoar. A todo o momento, pela menor bagatela, corria, atarefado, a pedir instruções. Tendo declarado primeiro que sem o auxílio «desse homem serviçal» nada poderia ter feito, terminou por o achar em absoluto insuportável. Era o seu feitio: via em tudo cores brilhantes e encontrava em toda a gente merecimentos que só existiam na sua imaginação, mas em que ela acreditava de todo o coração.

Depois, ao entusiasmo sucedia uma brusca desilusão; então despedia com violência e palavras injuriosas aquele que, horas antes, tinha enchido de louvores excessivos.

Amália Ivanovna também subira muito na consideração de Catarina, talvez pela simples razão de ter tomado sobre si a responsabilidade do jantar, de se ter encarregado de pôr a mesa, por ter emprestado as louças, as toalhas, etc., etc., e ter cozinhado até.

Saindo para o cemitério, Catarina delegou-lhe plenos poderes e Amália mostrou-se digna dessa confiança. A mesa estava muito bem-disposta. As louças, os vidros, as chávenas, os garfos, as facas que os inquilinos haviam emprestado traíam, pela diversidade, as origens diferentes.

Porém à hora marcada estava tudo no seu lugar.

Quando voltou do cemitério, Catarina reparou na expressão de triunfo no rosto de Amália Ivanovna. Satisfeita por ter cumprido tão bem a sua missão, impava de orgulho dentro do vestido novo. Pusera também uma guarnição nova na touca. Este orgulho, conquanto legítimo, não agradou a Catarina. «Como se não se pusesse a mesa sem o auxílio dela!» A touca também não lhe agradou. «Não veem esta alemã maluca fazendo um figurão? Como é proprietária dignou-se, por bondade de alma, vir auxiliar os pobres inquilinos! Ora vejam! Em casa do meu pai, quando coronel, havia às vezes quarenta pessoas a jantar, porém nunca se receberia, nem mesmo numa ocasião destas, uma Amália Ivanovna!» Catarina não quis manifestar logo tudo quanto sentia, todavia prometeu a si própria colocar no seu devido lugar e nesse mesmo dia aquela impertinente.

Uma outra circunstância concorreu ainda para irritar a viúva: à exceção do polaco, que fora até ao cemitério, poucos dos outros inquilinos convidados para o enterro lá tinham ido. Em compensação, quando se tratou de comer, vieram todos e alguns apresentaram-se até de uma forma bastante inconveniente. Os dois mais limpos parecia que tinham combinado não vir, a começar por Pedro Petrovitch, o melhor de todos. Contudo, na véspera à noite, Catarina tinha dito dele maravilhas a toda a gente, isto é, a André, a Poletcka, a Sofia e ao polaco. Era, dizia ela, um homem nobre, generoso, muito rico e possuindo excelentes relações. Fora amigo do seu primeiro marido, frequentara muito a casa do pai e prometera-lhe toda a sua influência para lhe obter uma pensão importante. Note-se que Catarina, quando falava da fortuna e das relações das pessoas

que conhecia, fazia-o sem cálculo, sem interesse pessoal, mas apenas para realçar o prestígio da pessoa que elogiava.

Como Petrovitch, e «talvez para seguir o seu exemplo», faltou também «esse palhaço do André». Que ideia faria ele de si? Catarina convidara-o porque morava com Petrovitch: sendo agradável a um, tinha de o ser ao outro. Notou-se igualmente a ausência de uma «grande dama» e de sua filha. Havia só quinze dias que as duas moravam no prédio; contudo já tinham feito algumas observações por cansa do barulho constante em casa dos Marmeladov, muito em especial quando o marido entrava bêbedo. Como é de supor, a senhoria levou logo essas queixas ao conhecimento de Catarina. À força de incessantes discussões com a inquilina, Amália Ivanovna ameaçava pôr na rua os Marmeladov, «visto que», gritava ela, «incomodam pessoas distintas a cujos calcanhares não chegam». Por tal razão, Catarina tivera o cuidado de convidar estas senhoras «a cujos calcanhares não chegava», tanto mais que ao encontrá-las na escada elas desviavam-se com arrogância. Era a maneira de mostrar a essas figuronas quanto lhes era superior em sentimentos, e depois a mãe e a filha poderiam convencer-se naquele jantar de que ela não nascera para a vida horrível que suportava. Estava decidida a explicar-lhes isso à mesa, a atirar-lhes à cara que o pai desempenhara o cargo de governador e que, por consequência, não tinham razão para lhe voltarem a cara quando a encontravam. Um gordo tenente-coronel — na verdade capitão reformado do estado-maior — também faltava. Mas esse tinha desculpa: desde a véspera que a gota o tinha paralisado numa cadeira.

Como compensação, além do polaco, chegou primeiro um padre, feio, oleoso, vestindo um casaco cheio de nódoas, cheirando mal e mudo como um peixe; depois um antigo empregado dos correios, um velhinho surdo e quase cego a quem alguém pagava a renda do quarto havia muito. A estes dois seguiu-se um tenente da reserva, que entrou já embriagado, rindo às gargalhadas e, «imaginem, sem colete!» Um outro convidado entrou e foi logo sentar-se à mesa, sem mesmo falar a Catarina. Outro, que não tinha fato, apresentou-se em pijama. Era de mais: o polaco e Amália não o deixaram entrar. O polaco trouxera dois dos seus compatriotas que não eram inquilinos de Amália e que ninguém conhecia.

Tudo isto causou grande descontentamento a Catarina.

«Valeu bem a pena fazer tanta despesa para receber semelhante gente!» Com receio que à mesa, que ocupava todo o comprimento do

quarto, não coubessem todos os convidados, tinham posto os talheres das crianças em cima de uma mala, ao canto; Poletcka, como mais velha, devia olhar pelas outras, servi-las e assoá-las. Desapontada, Catarina recebeu os convidados com arrogância quase insolente. Tornando Amália Ivanovna responsável, e sabe-se porquê, da ausência dos convidados mais distintos, tratou-a com tais modos que esta se melindrou muito. Por fim foram para a mesa.

Raskólnikov apareceu então e Catarina ficou muito contente ao vê-lo; primeiro porque de todos os presentes era o único homem ilustrado — apresentou-o, como devendo dentro de dois anos ocupar uma cadeira de professor na Universidade de S. Petersburgo —, depois porque se desculpou respeitosamente de não ter podido assistir aos funerais, apesar dos seus desejos. Catarina sentou-o à sua esquerda, porque Amália Ivanovna tinha ocupado a direita. Entabulou com ele, a meia voz, uma conversa muito animada e tão seguida quanto lho permitiam os seus deveres de dona de casa.

A doença de que sofria tomara nos últimos dias um caráter alarmante e a tosse que lhe despedaçava o peito não a deixava muitas vezes acabar as frases; contudo sentia-se feliz por ter com quem desabafar a indignação de que estava possuída diante dessa sociedade exótica.

A princípio a sua cólera manifestou-se por epigramas aos convidados e em particular à senhoria.

— Tudo isto por culpa daquela imbecil. Sabe por quem falo? — E Catarina indicava Amália com um movimento de cabeça. — Olhe para ela. Percebe que falamos a seu respeito, mas como não sabe o que estamos a dizer arregala os olhos como bolas do loto. Ora a coruja! Ah, ah! Ih, ih! E aquela touca? É para me dar a entender que me honra muito sentando-se à minha mesa. Tinha-lhe pedido que convidasse pessoas distintas, muito em especial os conhecidos do morto. Veja que coleção de porcos e de lambões ela recrutou! Está ali um que nunca se lavou. E esses desgraçados polacos... Ah, ah! Ih, ih! Ninguém os conhece. É a primeira vez que os vejo. Parecem duas cebolas! Eh! — gritou para um deles. — Sabe-lhe bem? Coma. Beba cerveja. Quer aguardente? Está aí. Esperem... Levantou-se... e agradece! São decerto alguns pobres diabos que não têm onde cair mortos! Para eles tudo corre bem contanto que comam. Ao menos não fazem barulho... apenas... apenas receio pelos talheres de prata da

senhoria! Amália Ivanovna — disse em voz alta —, se por acaso roubarem as colheres, não me responsabilizo!

Depois desta satisfação dada ao seu descontentamento, voltou-se outra vez para Raskólnikov e começou a ridicularizar a senhoria.

— Ah! Ah! Ah! Não compreendeu! Não compreendeu nada! Fica sempre de boca aberta. Repare: é uma verdadeira coruja. Ah, ah, ah!

Esta gargalhada terminou por um acesso de tosse que durou cinco minutos. Catarina levou o lenço aos lábios e mostrou-o depois a Raskólnikov manchado de sangue. As gotas de suor desciam como pérolas pelo rosto da tuberculosa, que estava muitíssimo corada e respirava com dificuldade. Contudo, continuou conversando em voz baixa com grande animação.

— Confiei-lhe a delicada missão de convidar essa senhora e a filha... sabe a quem me refiro? Era necessário muito tato. Pois bem, fez as coisas de modo que essa estrangeira tola, essa mulher que veio a S. Petersburgo para pedir uma pensão como viúva de um major e que pela manhã até à noite corre os ministérios com a cara pintada, essa delambida recusou o convite sem mesmo dar uma desculpa, como a mais vulgar delicadeza manda que se faça em tais casos. Também não compreendo porque foi que Petrovitch não veio. Mas onde está a Sofia? Ah! Ela aí vem... Sofia, onde estavas? É esquisito que num dia como o de hoje sejas tão pouco pontual! Raskólnikov, deixe-a sentar ao pé de si. Aqui tens o teu lugar, Sofia... Como quiseres. Recomendo-te o caviar, que está excelente. Já te trazem o resto. Serviram as crianças? Poletcka não te esqueças! Bom, bom! Lena, está quieta, não mexas assim com as pernas. Porta-te como uma menina de boa família. Que dizes, Sofia?

Sofia apresentou à madrasta as desculpas de Petrovitch, falando alto para que todos a ouvissem. Não contente de reproduzir os termos delicados de que ele se serviu, ampliou-os ainda. Petrovitch, disse, encarregara-a de lhe dizer que viria vê-la o mais depressa possível para conversarem acerca de *negócios* e combinarem o que haviam de fazer depois... etc., etc.

Sofia sabia que isto tranquilizava Catarina e, sobretudo, que lisonjeava o seu amor próprio. Sentando-se ao lado de Raskólnikov cumprimentou-o rapidamente, lançando-lhe um olhar cheio de curiosidade. Porém, durante o jantar não reparou nele nem lhe falou. Parecia até que estava distraída, com os olhos fixos em Catarina, para lhe adivinhar os desejos.

Nenhuma delas estava de luto. Sofia tinha um vestido cor de canela escuro; a viúva vestia um roupão indiano, escuro, o único que possuiu.

As desculpas de Petrovitch foram bem-recebidas.

Depois de ter ouvido Sofia com prazer, Catarina informou-se, com ar grave, da saúde de Petrovitch. E sem se ocupar dos outros convidados, fazia notar a Raskólnikov o quanto Petrovitch, um homem considerado e respeitável, estaria deslocado numa sociedade tão «ordinária». Compreendia, pois, que ele não viesse, apesar dos velhos laços de amizade que o prendiam à sua família.

— Aqui tem porque lhe agradeço, muito em particular, o não ter recusado a minha hospitalidade oferecida nestas condições — disse em voz alta. — Estou convencida de que foi apenas a amizade que tinha a meu pobre marido que o decidiu a vir.

Em seguida Catarina pôs-se a gracejar com os convivas. De repente dirigiu-se em especial ao velho surdo e gritou-lhe:

— Quer mais carne assada? Serviram-no de vinho do Porto?

O outro não respondeu e esteve muito tempo sem perceber, até que lhe explicaram o que Catarina lhe dissera enquanto se riam. Ele olhou em volta e ficou de boca aberta, aumentando assim a hilaridade geral.

— Que estúpido! Para que o convidariam? — dizia Catarina a Raskólnikov. — Sempre esperei que Petrovitch viesse. Com certeza — prosseguiu, dirigindo-se a Amália Ivanovna — não se parece com as suas damas janotas. Essas, nem meu pai as queria para cozinheiras, e se meu marido as recebesse era só por compaixão.

— Gostava de beber, tinha um fraco pela pinga! — gritou de novo o antigo empregado da assistência, esvaziando o duodécimo copo de aguardente.

Catarina proferiu com energia estas palavras inconvenientes:

— Sim, meu marido tinha esse defeito, como todos sabem, no entanto era um homem que estimava e respeitava a família. Só podia ser acusado pela sua demasiada bondade. Aceitava como amigos todos os depravados e sabe Deus quem o acompanhava a beber! Gente que não lhe chegava às solas das botas! Imagine, Raskólnikov, encontraram-lhe na algibeira um galo doce e um bolo: mesmo no auge da embriaguez não se esquecia dos filhos.

— Um galo? Foi um galo que disse? — gritou o mesmo indivíduo.

Catarina não se dignou responder. Soltou um suspiro e ficou pensativa.

— Talvez pense, como todos, que era muito severa com ele — disse Catarina a Raskólnikov. — É um erro. Ele estimava-me. Tinha por mim o maior respeito, pois a alma era boa. Muitas vezes me inspirou piedade! Quando, sentado a um canto, levantava os olhos para mim, sentia-me tão enternecida que não podia dominar a comoção. Dizia porém a mim própria: «Se te deixas vencer, não larga o vício». Só à força de severidade é que se continha um pouco.

— Bem sei, puxando-lhe pelos cabelos, o que lhe aconteceu mais de uma vez — disse o outro, bebendo novo copo de aguardente.

— Há certos indivíduos a quem não só se deviam puxar os cabelos como até correr a pau. Não me refiro a meu marido — respondeu com veemência Catarina.

As faces purpureavam-se-lhe e o peito arfava com violência. Uma palavra mais e ela faria escândalo. Muitos riam, achando o caso engraçado e incitando o empregado da assistência.

— Permita-me que lhe pergunte a quem se refere. Diga a quem é — atirou ele com voz ameaçadora. — Mas não. É inútil! Não vale a pena! Uma viúva! Uma pobre viúva… Está perdoada. Não faço caso.

E engoliu outro copo de aguardente.

Raskólnikov ouvia silencioso. Sentia pena de tudo aquilo. Por delicadeza, apenas provava as iguarias de que Catarina o servia.

Não tirava os olhos de Sofia, que, cada vez mais receosa, seguia com inquietação o desespero crescente de Catarina. Pressentia que o jantar acabaria mal. Entre outras coisas, Sofia sabia que fora por sua causa, em parte, que as tais senhoras não tinham vindo ao jantar. Soubera por Amália que, ao receberem o convite, a mãe ficara ofendida e perguntara: «Como hei de sentar minha filha ao lado daquela meretriz?»

Sofia imaginava que Catarina já sabia isto. Ora um insulto a Sofia era para Catarina muito pior do que um insulto feito a ela própria, a seus filhos ou à memória de seu pai: era um ultraje mortal. Sofia adivinhava que naquele momento Catarina só tinha um desejo: provar a essas duas provincianas o que elas eram. Ora nessa ocasião um conviva, sentado na cabeceira da mesa, passou a Sofia um prato com dois corações atravessados por uma seta, feitos com miolo de pão. Catarina afirmou, rubra de cólera e com voz retumbante, que o autor desse gracejo era algum *burro bêbedo.*

Depois declarou que desejava retirar-se, logo que obtivesse a pensão, para F..., sua terra natal, onde fundaria uma casa de educação para meninas nobres. Referiu-se ao diploma de que o falecido Marmeladov falara a Raskólnikov quando se encontraram na loja de bebidas. Esse documento dava-lhe direito a fundar um pensionato. Tinha-o consigo só para confundir as duas fúfias, se elas tivessem aceitado o convite. Demonstrar-lhes-ia que «a filha de um coronel, descendente de uma família nobre, para não dizer aristocrática, valia mais do que as aventureiras cujo nome se tornara tão conhecido». O documento correu à roda da mesa, pois os convivas avinhados passavam-no de mão em mão sem que Catarina se opusesse, porque esse papel confirmava que era filha de um conselheiro da corte, o que a autorizava quase a dizer-se filha de um coronel.

A viúva contou então a existência encantadora que tencionava levar em F... Abriria um concurso para professores das várias disciplinas; entre eles contava-se Maujot, um velho muito respeitável que lhe ensinara francês. Este não hesitaria em ir dar lições ao pensionato por um preço módico. Por fim, anunciou a intenção de levar Sofia para F... e confiar-lhe a direção do estabelecimento. A estas palavras rebentou uma gargalhada na extremidade da mesa.

Catarina fingiu não ter ouvido. Elevando contudo a voz, declarou que Sofia possuía todas as qualidades requeridas para a substituir nessa missão. Depois de ter elogiado a meiguice de Sofia, a sua paciência, abnegação, cultura intelectual e nobreza de sentimentos, afagou-a com a mão e beijou-a duas vezes com efusão. Sofia corou e Catarina desatou a chorar.

— Estou com os nervos muito excitados — disse ela, desculpando-se — e não posso mais. Vai servir-se o chá.

Amália Ivanovna, muito vexada por não ter podido meter a sua colherada na conversa, escolheu este momento para fazer uma tentativa e observou à futura diretora do pensionato que devia ter muito cuidado com a roupa branca das educandas e não as deixar ler romances durante a noite. A fadiga e o desespero aumentavam a impaciência de Catarina, que recebeu com mau modo os conselhos de Amália, que na sua opinião não entendia nada do caso.

— Num pensionato de meninas nobres a roupa branca está a cargo de uma criada e não da diretora, e quanto à observação relativa à leitura de

romances era apenas uma inconveniência, pelo que pedia a Amália que se calasse.

Em vez de ceder a esse pedido, a senhoria respondeu com azedume. Tinha dito aquilo «para seu bem», além do que tivera a seu respeito sempre as melhores intenções, e tanto assim que havia muito tempo não lhe pagava a renda sem que ela a incomodasse.

— Mente quando fala nas suas boas intenções — respondeu a viúva. — Ainda ontem, e diante do cadáver do meu marido, veio fazer cenas a propósito da renda.

Apanhada em mentira, Amália mudou o rumo à conversa e disse que «tinha convidado essas senhoras, mas que elas não aceitaram o convite porque eram nobres e não podiam frequentar a casa de quem o não era». Catarina respondeu que uma cozinheira não sabia avaliar a verdadeira nobreza.

Amália Ivanovna, muito ofendida, respondeu que o «seu *vatel* era um homem importantíssimo em Berlim, pois passeava com as mãos nas algibeiras, bufando sempre: 'Puff! Puff!'» Para dar dele uma ideia mais clara, a senhora Ivanovna levantou-se, meteu as algibeiras e, inchando as faces, imitou o baralho de um fole de ferreiro. Houve uma risada geral em todos os inquilinos que, na expectativa de uma luta entre as duas mulheres, se entretinham a excitar Amália. Catarina, perdendo então toda a gravidade, declarou que Amália nunca tivera *vatel,* que era apenas uma cozinheira ou coisa pior. Amália, furiosa, retorquiu que Catarina é que não tivera *vatel;* o seu era de Berlim, vestia grandes sobrecasacas e estava sempre: «Puff! Puff!» A viúva observou que todos conheciam a sua origem e que o seu diploma dava-a como filha de um coronel, enquanto Amália — supondo que tivesse pai — devia ser filha de algum leiteiro da Finlândia. Nem sabia o seu apelido paterno; umas vezes era Amália lvanovna, outras, Amália Ludvigovna. A senhora, fora de si, exclamou, dando murros na mesa, que era Ivanovna e não Ludvigovna, que o seu *vatel* se chamava Ioobann e que fora governador, o que nunca sucedera ao *vatel* de Catarina. Esta, levantando-se, exclamou, afetando uma serenidade que era desmentida pela agitação do peito e a palidez do rosto:

— Se ousa outra vez pôr em paralelo o seu miserável *vatel* e o meu pai, arranco-lhe a touca e piso-a aos pés.

Ouvindo isto, Amália começou a correr pelo quarto, gritando que era a dona da casa e que Catarina havia de sair desde já. Furiosa, arrecadou os

talheres de prata. Houve uma confusão enorme, uma balbúrdia indescritível. As crianças começaram a chorar e Sofia agarrou-se à madrasta para evitar alguma violência. Amália aludiu porém em voz alta ao «livrete amarelo». Catarina soltou-se dos braços da enteada e atirou-se à senhoria para lhe arrancar a touca. Neste momento abriram a porta e apareceu Pedro Petrovitch. Olhou com severidade para todos. Catarina dirigiu-se-lhe logo.

Capítulo 3

— Pedro Petrovitch! — gritou ela — acuda-me! Obrigue essa criatura a compreender que não deve falar assim a uma senhora nobre e infeliz, e que não é permitido... hei de queixar-me à autoridade... há de ser chamada à polícia... Em atenção ao que lhe fez meu pai, defenda estes órfãos.

— Dê-me licença, minha senhora, dê-me licença — disse Petrovitch, fazendo um gesto para a afastar. — Nunca tive a honra de conhecer seu pai — ouviu-se uma ruidosa gargalhada — e não é intenção minha intrometer-me nas suas questões com a Amália... Venho aqui porque desejo falar com Sofia... É assim que ela se chama, parece-me. Dá licença que entre...

E deixando Catarina, Petrovitch dirigiu-se para Sofia.

Catarina parecia pregada ao chão. Não percebia porque Petrovitch negava ter conhecido o seu pai. O que a desconsolava ainda mais era o tom seco, altivo, quase ameaçador com que lhe falara. Com a chegada de Petrovitch o silêncio estabeleceu-se pouco a pouco. A sua *toilette* correta contrastava com a de todos os convivas, que concordavam em que só um motivo de excecional gravidade podia explicar a presença daquele personagem. Todos esperavam qualquer acontecimento. Raskólnikov, que ficara ao lado de Sofia, afastou-se para Petrovitch passar.

Um momento depois apareceu André; mas em vez de entrar, ficou à porta, escutando com curiosidade sem saber do que se tratava.

— Desculpem-me vir perturbar a reunião, porém sou forçado a isso por um motivo grave — começou Petrovitch, sem se dirigir a nenhum deles. — Estimo bastante poder explicar-me diante de toda a gente. Amália Ivanovna, na sua qualidade de dona da casa, peço-lhe para escutar o que vou dizer a Sofia Ivanovna.

Em seguida, chamando de parte Sofia, surpreendida e cheia de medo, disse:

— Sofia Ivanovna, depois da sua visita dei pela falta de uma nota de cem *rublos* que estava em cima da mesa, no quarto do meu amigo André Semenovitch. Se sabe o que é feito dessa nota e se mo disser, dou-lhe a minha palavra de honra, diante de todas as pessoas presentes, que o caso

não tem consequências. De contrário, serei obrigado a recorrer a outros meios e então...

Seguiu-se um profundo silêncio. Até as crianças deixaram de chorar. Sofia, pálida como um cadáver, olhava para Petrovitch sem poder responder. Parecia que não tinha compreendido.

— Então, que responde? — perguntou ele, olhando-a com atenção.

— Não sei... não sei nada... — pronunciou ela a custo.

— Não? Não sabe nada? — interrogou Petrovitch. — Ora pense, reflita, pois dou-lhe tempo. E atenda a que não sou homem para fazer sem base uma acusação formal: tenho larga experiência do foro para me expor às consequências de uma difamação. Esta manhã saí, levando vários títulos no valor de três mil *rublos,* que vendi. Ao voltar para casa tornei a contar o dinheiro. André Semenovitch estava presente. Depois de ter contado dois mil e trezentos *rublos,* meti-os numa carteira que guardei na algibeira da minha sobrecasaca. Em cima da mesa ficaram quinhentos *rublos,* mais ou menos, em notas. Entre elas havia, com certeza, três notas de cem *rublos.* Ora, a meu pedido, a menina foi a minha casa e durante essa curta visita esteve sempre agitadíssima. Por três vezes até, levantou-se para sair sem que a conversa tivesse terminado. André Semenovitch é testemunha. Creio que não nega que a mandei chamar por André com o único fim de tratarmos da situação desgraçada da sua madrasta (a casa de quem não podia vir) e da maneira de a auxiliar por meio de uma tômbola ou subscrição, ou de qualquer outra forma. Agradeceu-me com as lágrimas nos olhos. (Entro em todos estes pormenores para lhe provar que tenho tudo bem presente.) Em seguida tirei da mesa uma nota de dez *rublos* e dei-lha para as primeiras despesas de Catarina. André Semenovitch viu tudo isto. Depois acompanhei-a até à porta e via retirar-se com a mesma agitação. Fiquei ainda conversando uns dez minutos com André, que depois saiu. Em seguida, quando ia guardar o dinheiro, com grande surpresa dei pela falta de uma nota de cem *rublos.* Agora pense: desconfiar de André Semenovitch é impossível! É-me impossível mesmo conceber semelhante ideia. Também não podia enganar-me nas contas, porque momentos antes tinha-as verificado. Concorde portanto em que, lembrando-me da sua agitação, da pressa que tinha em sair e ainda do facto de ter estado a mexer na mesa; enfim, considerando a sua posição social, os hábitos que ela traz, devia, embora contra minha vontade, chegar a uma suspeita cruel, sem dúvida, mas legítima! Por mais convencido que

esteja da sua culpabilidade, repito-lhe que sei ao que me exponho fazendo esta acusação. Contudo não hesito em fazê-la e vou dizer porquê: é apenas pela sua negra ingratidão. Pois quê! Chamo-a porque me impressiona a situação da sua madrasta, dou-lhe para ela dez *rublos* e é assim que me agradece! Não, isso não pode ser! É preciso um corretivo! Reflita: peço-lhe como o seu melhor amigo. Senão serei inflexível... Então, confessa?

— Não lhe tirei nada! — disse Sofia cheia de espanto. — Deu-me dez *rublos,* aí os tem.

Tirou o lenço da algibeira, desatou um nó e tirou a nota de dez *rublos*, que entregou a Petrovitch.

— Continua a negar o roubo dos cem *rublos*? — perguntou ele sem pegar na nota.

Sofia, lançando um olhar em volta de si, viu que todos estavam indignados. Olhou para Raskólnikov. De pé, encostado à parede com os braços cruzados, não desviava dela os olhos chamejantes.

— Oh, meu Deus! — suspirou ela.

— Amália Ivanovna, é preciso chamar a polícia. Peço-lhe que mande subir o porteiro — disse ele com voz suave.

— *Gott der barwherzig*... Bem sabia que era uma ladra! — exclamou Amália, esfregando as mãos.

— Sabia? — perguntou Petrovitch. — Alguns factos anteriores permitiam-lhe tirar essa conclusão? Peço-lhe que não esqueça o que acaba de dizer. Que de resto há testemunhas!

— O quê! — exclamou Catarina, saindo de repente da letargia em que se conservara e adiantando-se para Petrovitch. — Pois acusa-a de roubar? Oh, canalha, canalha! — E aproximando-se dela, apertou-a com efusão contra o peito, com os braços emagrecidos. — Sofia, como pudeste aceitar os dez *rublos* desse homem? Entrega-lhos. Dá-lhe todo esse dinheiro. Aí estão.

Catarina tirou a nota das mãos de Sofia, amarrotou-a e atirou-a à cara de Petrovitch. O papel, feito numa bola, tocou-lhe no rosto e rolou pelo chão. Amália Ivanovna apanhou-o logo. Petrovitch irritou-se.

— Segurem essa doida! — gritou.

Nessa ocasião houve aglomeração à porta. Entre os curiosos viam-se as duas senhoras da província.

— Doida, dizes tu? É a mim que chamas doida, imbecil? — gritava Catarina. — Tu, tu és um reles fabricante, um homem ordinário! Sofia

roubou-te dinheiro! Sofia uma ladra! Ela era capaz de dar-te muito mais, estúpido! — E Catarina, nervosa, desatou a rir. — Já viu um parvo assim? — dizia ela, interrogando um por um todos os presentes e indicando-o. De repente olhou para a Amália e não pôde mais conter-se. — E tu, miserável, tu também, infame prussiana, tu também dizes que ela é uma ladra! Ah, pois não! Não viste que nem saiu de casa? Foi daqui ao outro quarto, ao teu, patife! E voltou logo a sentar-se à mesa connosco, como todos viram. Sentou-se ao lado de Raskólnikov. Revistem-na. Como não foi a mais sítio algum, deve ter o dinheiro. Se não lho encontrares, pagarás o que disseste. Vou queixar-me ao imperador, ao czar misericordioso. Vou deitar-me aos pés dele hoje mesmo. Sou órfã! hão de deixar-me entrar. Julgas que não me recebe? Enganas-te! Como ela é muito boa, imaginavas que nada tinhas a recear. Contavas com a sua timidez? Mas se ela é tímida, eu não tenho medo. Os teus cálculos saíram errados! Procura, procura! Vamos, despacha-te!

Assim falando, agarrava-o e empurrava-o para Sofia.

— É isso o que eu quero. Mas sossegue — dizia ele —, bem vejo que não tem medo! Na polícia é que isto se devia fazer. Porém há aqui bastantes testemunhas... Vamos. Todavia é impróprio de um homem, por causa do sexo... Se Amália Ivanovna quisesse... Contudo não é assim que as coisas se fazem.

— Mande-a revistar por quem quiser — gritou Catarina. — Sofia, mostra-lhe as algibeiras! Aí estão! Aí estão! Olha vê bem, monstro! Vês que está vazia? Um lenço, nada mais! Agora, a outra. Aí está, aí está! Vês!

Não contente de tirar o que havia nas algibeiras de Sofia, Catarina virou-as. Na ocasião porém em que virava a algibeira direita, saltou um papelinho que, descrevendo no ar uma parábola, caiu aos pés de Petrovitch. Todos viram e alguns soltaram um grito de espanto. Este baixou-se, apanhou o papel e desdobrou-o: *coram populo.* Era uma nota de cem *rublos* dobrada em oito. Mostrou-a a todos, para que não restasse dúvida alguma sobre a culpabilidade da Sofia.

— Ladra! Fora daqui! A polícia! A polícia! — gritou a Amália. — Rua!

Todos faziam comentários. Raskólnikov, silencioso, só desviava os olhos de Sofia para olhar para Petrovitch. A moça parecia mais aparvalhada do que surpreendida. De repente corou e cobriu a cara com as mãos.

— Não fui eu! Não roubei nada! Não sei como isso foi! — exclamou ela com uma voz cheia de amargura e dirigindo-se a Catarina, que lhe abriu os braços como um asilo inviolável.

— Sofia! Sofia! Não acredito! Bem vês que não acredito! — repetiu Catarina, rebelde à evidência. E dizia isto com afetuosidade, beijando-a, tomando-lhe as mãos, embalando-a nos braços como uma criança. — Roubares alguma coisa! Que gente tão estúpida! Oh, meu Deus! São todos uns parvos! — gritava ela aos circunstantes. — Não sabem que coração está aqui, o que é esta moça! Ela, roubar, ela! Para os socorrer, se tivessem necessidades, era capaz de andar descalça, vender a última camisa. Até se sujeitou à humilhação do «livrete amarelo» porque os meus filhos morriam de fome! Vendeu-se por nossa causa! Ah, meu pobre marido! Oh! Deus! Mas defendam-na todos, em vez de ficarem impassíveis. Raskólnikov, porque não a defende? Também acredita que ela é culpada? Todos os que aqui estão, por mais que sejam, não valem uma unha das dela. Oh, Deus, defende-a!

As lágrimas, as súplicas, o desespero da pobre Catarina causavam profunda impressão. O seu rosto chapado de tuberculosa, os lábios secos, a voz apagada exprimiam um sofrimento tão intenso que comovia os mais insensíveis.

— Minha senhora — disse com solenidade Petrovitch — esta questão não lhe diz respeito. Ninguém deseja acusá-la de cumplicidade. Demais, foi a senhora quem, virando as algibeiras, descobriu o roubo. Isto basta para provar a sua completa inocência. Quero ser indulgente para esse ato de Sofia, provocado talvez pela miséria. Mas porque não o confessou? Receava o escândalo? Compreende-se, compreende-se muito bem! Veja, contudo, ao que se expôs! Meus senhores — disse, voltando-se para todos — movido por um sentimento de piedade, perdoo, apesar das injúrias pessoais que me dirigiram. — Depois, voltando-se para Sofia: — Que a vergonha por que passou lhe sirva de lição para o futuro. Não dou parte à polícia.

Petrovitch olhou de revés para Raskólnikov. Os olhares dos dois encontraram-se. O de Raskólnikov chamejava. Catarina parecia não ter ouvido nada e continuava beijando Sofia com efusão. A exemplo da mãe, as crianças estendiam-lhe os braços. Poletcka, sem compreender do que se tratava, chorava, enquanto apoiava a sua linda cabecita no ombro da Sofia.

De repente, da porta, retumbou uma voz sonora:

— Como isto é vergonhoso!

Pedro Petrovitch voltou-se logo.

— Que miséria! — repetiu André fixando Petrovitch, que estremeceu. — E atreveu-se a invocar o meu testemunho? — disse, aproximando-se dele.

— Que significam essas palavras? De quem fala? — perguntou ele hesitante.

— Estas palavras significam que o senhor é um caluniador! Aí tem o que elas significam! — respondeu André.

Via-se que estava possuído de violenta cólera. Enquanto fixava Petrovitch, os olhos deste tinham uma expressão desusada. Raskólnikov escutava ansioso com o olhar fixo no jovem socialista.

Ninguém proferiu palavra. A perturbação de Petrovitch era manifesta.

— É a mim que o senhor... — balbuciou ele — mas o que tem? Está no seu juízo?

— Estou, estou no meu juízo, e o senhor é… um pulha! Como isto é vergonhoso! Ouvi tudo e não falei mais cedo para poder avaliar bem o seu caráter. Porque fez tudo isso?

— O que foi que eu fiz? Deixe-se de enigmas. Talvez bebesse de mais?

— Oh, miserável! Se algum de nós bebeu, não fui eu! Nunca bebo aguardente, porque isso é contra os meus princípios. Imaginem que foi ele, ele próprio, quem deu a nota de cem *rublos* à Sofia. Eu vi, sou testemunha, posso jurá-lo! Foi ele, ele! — repetiu André.

— Estará doido? — interrogou o atacado. — Ela própria afirmou aqui, diante de todos, há um instante, que só lhe dei dez *rublos*. Como pode dizer que lhe dei mais?

— Eu vi, eu vi! — repetiu com energia André. — E conquanto isso esteja em oposição com os meus princípios, estou pronto a jurá-lo perante a justiça. Vi-o meter-lhe disfarçadamente o dinheiro na algibeira sem que ela desse por isso! Julguei que o fazia (que asneira a minha!) por generosidade. Quando se despediu, estendeu-lhe a mão direita e com a outra introduziu-lhe a nota à socapa. Eu vi! Eu vi!

Petrovitch fez-se branco.

— Que linda história! — respondeu ela com insolência. — Estava encostado à janela e pôde ver tudo Isso? A sua doença de olhos enganou-o. Foi vítima de uma ilusão, é o que é.

— Não me enganei! Apesar da distância, vi tudo muito bem, tudo! Da janela era difícil distinguir a nota (nesse ponto a sua observação é justa), mas por uma circunstância particular sabia que era uma nota de cem *rublos*. Quando deu os dez *rublos* à Sofia, estava eu então junto à mesa e vi-o pegar ao mesmo tempo numa nota de cem. Não me esqueci desse facto porque então tive uma ideia. Depois de dobrar a nota apertou-a na palma da mão. Quando se levantou, passou-a para a mão esquerda. Ocorreu-me do novo a mesma ideia: isto é, não queria que Sofia lhe agradecesse diante de mim. Podem imaginar com que atenção observei todos os seus movimentos. Vi, então, que lhe tinha metido o papel na algibeira. Vi, vi, vou jurá-lo!

André estava quase sufocado de indignação. De todos os lados se cruzavam exclamações; a maior parte delas exprimiam espanto, mas algumas eram ameaçadoras. Os convivas juntaram-se em volta de Petrovitch. Catarina dirigiu-se a André.

— André Semenovitch! Desconhecia-o. Defende-a! É o único que toma o partido dela. Foi Deus que o mandou para socorrer a órfã! André Semenovitch, meu amigo!

E Catarina, quase sem consciência do que fazia, caiu de joelhos diante dele.

— Isso são asneiras! — gritou Petrovitch, encolerizado. — O senhor não sabe o que diz! «Esqueci-me, lembrei-me, voltei a esquecer-me, voltei a lembrar-me…» O que é que isto significa? De forma que, se acreditassem em si, era eu que tinha introduzido os cem *rublos* na algibeira da moça! Porquê? Com que fim? Que tenho eu de comum com essa...

— Porquê? Isso é que não compreendo. Limito-me a contar o facto tal qual se passou, sem pretender explicá-lo, mas garantindo a sua exatidão. Engano-me tão poucas vezes, vil criminoso, que me lembro de ter feito a mim mesmo essa pergunta quando o felicitava, apertando-lhe a mão. Porque fizera o senhor aquela ação às escondidas? Talvez, disse comigo, quisesse ocultar-mo por saber que sou em princípio inimigo da caridade às ocultas. Depois pensei que talvez quisesse fazer uma surpresa à Sofia: há de facto pessoas que gostam de exercer a caridade dessa forma. Depois tive outra ideia: a sua intenção era experimentar a Sofia. Queria saber se, quando ela encontrasse a nota, viria agradecer-lhe. Ou então desejava furtar-se aos agradecimentos, conforme o preceito de que a mão direita

deve ignorar... Deus sabe todas as hipóteses que fiz. O seu procedimento intrigava-me tanto que tencionava refletir nele mais tarde, nas horas de ócio. Imaginei que faltava aos deveres de delicadeza dando-lhe a entender que conhecia a sua ação. Nesta ocasião lembrei-me que Sofia, ignorando o seu ato de generosidade, podia por acaso perder a nota. Aqui tem para que vim aqui: para lhe dizer que tinha cem *rublos* na algibeira. Antes porém entrei em casa das senhoras Kobylianikov. Fui restituir a *Revue Générale de la Mèthode Positive* e recomendar-lhes em especial o artigo de Piderit (o de Wagner também não deixa de ter valor). Chego aqui e presenceio toda esta cena! Podia ter todas estas ideias, fazer todos estes raciocínios se não o tivesse visto meter os cem *rublos* na algibeira da Sofia?

Quando terminou, André estava fatigadíssimo: o suor escorria-lhe pelo rosto.

Mesmo em russo, tinha grande dificuldade em exprimir-se. Esse esforço oratório tinha-o esgotado. As suas palavras produziram um efeito extraordinário. O tom de sinceridade com que as pronunciara convenceu a todos. Pedro Petrovitch sentiu que estava em mau terreno.

— Que me importam as tolices que lhe ocorreram! — exclamou ele. — O senhor sonhou todas essas histórias. Digo-lhe que mente! Mente e calunia-me para satisfazer o seu ódio! A verdade é que o senhor é meu inimigo porque tenho combatido o radicalismo ímpio das suas doutrinas antissociais!

Este ataque, em vez de favorecer Petrovitch, provocou violentos protestos.

— É só isso o que tens a responder-me! Não é muito! — respondeu André. — Chama a polícia, que vou jurar que a Sofia está inocente. Uma só coisa fica sem explicação para mim: o motivo que te levou a cometer uma ação tão vil! Oh, que miserável! Que covarde!

Raskólnikov avançou.

— Posso eu explicar esse procedimento e se for preciso vou também depor! — disse com voz firme.

À primeira vista aquela afirmação serena provava que conhecia a fundo a questão e que o imbróglio ia terminar.

— Agora compreendo tudo — continuou Raskólnikov, dirigindo-se a André. — Desde o começo do incidente que havia farejado alguma intriga ignóbil. As minhas suspeitas fundavam-se em certas circunstâncias só por mim conhecidas, mas que vou revelar porque esclarecem esta questão. Foi

o senhor André Semenovitch que, pela sua declaração, fez luz no meu espírito. Peço a todos que ouçam. Este senhor — continuou ele, apontando Petrovitch — pediu há poucos dias a mão da minha irmã Dounia. Chegado há pouco a S. Petersburgo, procurou-me anteontem. Logo à primeira entrevista tivemos uma questão e eu pu-lo fora de casa, como duas testemunhas podem declarar. Este homem é um infame... Anteontem ainda não sabia que morava com André Semenovitch; por esta circunstância que ignorava, achava-se presente na ocasião em que, como amigo de Marmeladov, dei algum dinheiro a Catarina para as despesas do enterro. Logo escreveu a minha mãe, dizendo-lhe que eu dera o dinheiro a Sofia e não a Catarina, qualificando Sofia com os termos mais ultrajantes e dando a entender que mantinha com ela relações íntimas. O fim, compreendem, era indispor-me com a minha família, insinuando que gastava em deboches o dinheiro de que ela se privava para custear as minhas despesas. Ontem à tarde, na ocasião em que ele visitava minha mãe e minha irmã, restabeleci a verdade dos factos: «Esse dinheiro», disse eu, «dei-o a Catarina para pagar o enterro do marido e não a Sofia, que nem de vista conhecia». Furioso por ver que as suas calúnias não obtinham o efeito desejado, insultou minha mãe e minha irmã. Houve então um rompimento definitivo e puseram-no fora de casa. Isto tudo passou-se ontem à tarde. Agora pensem e compreenderão o interesse que tinha, na presente circunstância, de estabelecer a culpabilidade de Sofia. Se conseguisse convencê-la do roubo, era eu que ficava culpado aos olhos da minha família, visto que não receava enxovalhá-la, mantendo relações com uma ladra. Ele, pelo contrário, atacando-me, defendia a consideração da minha irmã, sua futura mulher. Era o meio de me indispor com os meus ao mesmo tempo que lhe caía em graça. Aqui está o cálculo que fez.

Raskólnikov foi várias vezes interrompido por exclamações do auditório. Apesar disso a sua palavra conservou até ao fim uma serenidade e firmeza imperturbáveis. A voz vibrante, o tom de convicção com que falava comoveram o auditório.

— É isso, é isso! — disse André. — O senhor deve ter razão, porque no momento em que Sofia entrou no meu quarto, ele perguntou-me se Raskólnikov cá estava, se o tinha visto entre os convivas de Catarina. Chamou-me para o vão da janela para me fazer essa pergunta. Portanto convinha-lhe que o senhor estivesse aqui! Sim, é isso!

Petrovitch, muito pálido, conservou-se silencioso, sorrindo com desdém. Parecia procurar maneira de sair de situação tão equívoca. Talvez mesmo quisesse retirar-se, mas nessa ocasião a retirada era quase impossível; ir-se embora seria reconhecer implicitamente o fundamento das acusações que lhe faziam, confessando-se culpado.

Por outro lado, a atitude dos espectadores, excitados por copiosas libações, não era tranquilizadora. O empregado da assistência, que aliás não estava bem ao facto do caso, gritava mais do que todos e dizia coisas muito desagradáveis para Petrovitch. De resto, todos estavam já embriagados. Os três polacos, muito indignados, ameaçavam-no.

Sofia escutava, mas parecia não ter ainda recobrado toda a presença de espírito. Dir-se-ia que voltara a si após um desmaio. Não desfitava os olhos de Raskólnikov, sentindo que estava nele todo o seu apoio. Catarina, aflitíssima, respirava com grande dificuldade.

Amália Ivanovna parecia nada ter percebido, com a boca enorme escancarada, olhando pasmada para todos. Apenas compreendia que Petrovitch estava em mau campo. Raskólnikov quis falar outra vez, mas desistiu por ver que não conseguiria ser ouvido. De todos os lados choviam ameaças e injúrias contra Petrovitch, à roda do qual se havia formado um grupo tão compacto quanto hostil. Vendo que a partida estava em definitivo perdida, Petrovitch recorreu ao descaramento.

— Deem licença, meus senhores, deixem-me passar — disse ele, tentando abrir caminho. — É inútil, afirmo-lhes, meterem-me medo. Não me assusto por tão pouco. Serão os senhores que responderão no tribunal pela proteção com que encobrem um ato criminoso. O roubo está mais do que provado e apresentarei a queixa. Os juízes são pessoas esclarecidas e... não se embebedam: recusarão o testemunho de dois ímpios, dois revolucionários que me acusam de vingança pessoal. Com licença.

— Não quero por mais tempo respirar a mesma atmosfera que o senhor respira. Faça o favor de abandonar o meu quarto. Tudo está acabado entre nós. Quando penso que durante quinze dias suei sangue para lhe expor...

— Saio já, André Semenovitch. Já lhe tinha dito que partia. O senhor é que instava comigo para ficar. Por agora limito-me a dizer-lhe que é um imbecil. Desejo-lhe as melhoras do espírito e dos olhos! Com licença, meus senhores!

Conseguiu passar. O empregado da assistência, porém, achando que as injúrias não eram castigo suficiente, pegou num copo e atirou-o a Petrovitch. Por desgraça, o projétil que lhe era destinado acertou em Amália, que começou a gritar. Ao atirar o copo, o empregado desequilibrou-se e rolou pesadamente para debaixo da mesa. Petrovitch voltou ao quarto de André e uma hora depois abandonou a casa.

Tímida por natureza, Sofia, antes desta cena, já sabia que a sua situação a expunha a todos os ataques e que qualquer um podia ultrajá-la. Todavia, imaginou sempre que podia desarmar ódios à força de circunspeção, de humildade e de bondade para com todos. Fugia-lhe agora essa ilusão. Decerto tivera muita paciência para suportar tudo com resignação, mas a deceção desse momento fora cruel. Mesmo que a sua inocência triunfasse da calúnia quando lhe passasse a dolorosa impressão daquele momento, o coração havia de apertar-se-lhe angustiado ao pensar no seu abandono, no seu isolamento da vida. Teve um ataque de nervos. Por fim, não podendo mais, fugiu dali e voltou a toda a pressa para casa.

O incidente do copo causou hilaridade geral. Só a senhoria não gostou da brincadeira e desfechou toda a sua cólera sobre Catarina, que, vencida pelo sofrimento, se tinha deitado.

— Saia já daqui! Vamos! Saia!

Dizendo isto agarrava em todos os objetos que pertenciam a Catarina e atirava-os em monte para o meio do chão. Alquebrada, quase desfalecida, a pobre Catarina saltou da cama e arremeteu contra Amália. A luta porém era muito desigual. A senhoria não teve dificuldades em repelir o assalto.

— Pois não lhe basta ter caluniado a Sofia e mete-se agora comigo! No dia do enterro de meu marido expulsa-me de casa? Depois de ter recebido a minha hospitalidade, põe-me na rua com os meus filhos? Mas para onde hei de ir? — soluçava a infeliz mulher. — Oh, meu Deus! — exclamou ela, levantando os olhos para o céu. — Pois já não há justiça? Quem é que defendes, se não nos defendes a nós, que somos órfãos? Veremos. Na terra ainda há tribunais e juízes. Vou dirigir-me a eles. Espera um pouco, malvada! Poletcka, toma conta das crianças. Já volto. Se te puserem fora, espera-me na rua. Veremos se há justiça na terra!

Deitou pela cabeça o lenço verde a que Marmeladov aludira, atravessou a multidão avinhada e ruidosa dos inquilinos que continuavam a encher o quarto e, com o rosto banhado em lágrimas, desceu com a firme resolução de ir procurar justiça, custasse o que custasse. Poletcka,

espantada, tinha nos braços os dois irmãozitos; as três crianças esperaram, a tremer, o regresso da mãe.

Amália, como uma fúria, passeava pelo quarto, rugindo raivosa e atirando ao chão tudo o que podia agarrar.

«É tempo de me ir embora!», pensou Raskólnikov. «Sofia Semenovna, vamos a ver o que dizes agora!»

E dirigiu-se para casa de Sofia.

Capítulo 4

Raskólnikov tinha pleiteado com o máximo interesse a causa de Sofia contra Petrovitch, a despeito das suas preocupações e angústias. Além do interesse que tinha por ela, aproveitara com alegria, depois das torturas da manhã, aquele incidente para afastar impressões que não podia suportar. A sua próxima entrevista com Sofia preocupava-o, assustava-o até. *Devia* revelar-lhe que tinha morto Isabel e, no entanto, pressentindo quanto essa confissão lhe era difícil, tratava de desviar o pensamento dela.

Quando ao sair de casa de Catarina exclamou: «Sofia Semenovna, vamos a ver o que dizes agora!», era o combatente exaltado pela luta, excitado ainda pela vitória sobre Petrovitch que pronunciava essa frase de desafio. Mas, coisa singular, quando chegou ao cubículo Kapernaoumov, a serenidade abandonou-o, cedendo o passo ao medo. Passou indeciso diante da porta: «Será forçoso dizer-lhe que matei a Isabel?» A pergunta era na verdade extraordinária, porque nesse momento sentia a impossibilidade daquela confissão.

Não sabia porque lhe era impossível confessar o seu crime, mas *sentia-o* e ficou esmagado pela dolorosa conveniência da sua fraqueza. Para se poupar a mais longos tormentos, abriu a porta e parou no limiar, olhando para Sofia, que estava sentada com os cotovelos encostados à mesa e o rosto escondido nas mãos. Ao ver Raskólnikov levantou-se logo e dirigiu-se para ele, como se o esperasse.

— Que seria de mim sem o senhor! — disse ela, conduzindo-o até ao meio do quarto. Parecia que pensava apenas no serviço que lhe tinha prestado e que tinha pressa de lho agradecer.

Raskólnikov aproximou-se da mesa e sentou-se na cadeira da Sofia, que ficou de pé, a dois passos dele, tal como na véspera.

— Então, Sofia! — disse de repente, com voz trémula. — Toda a acusação se baseava sobre *a sua posição social e os costumes que ela implica*. Compreendeu isto, ainda agora?

Sofia entristeceu.

— Não me fale como ontem! — respondeu ela. — Peço-lhe que não recomece. Tenho já sofrido tanto!

E sorriu, receando que aquela censura melindrasse Raskólnikov.

— Há pouco saí como doida. O que irá por lá agora? Queria lá voltar, mas pensei... que o senhor viesse.

Raskólnikov contou-lhe que Amália despedira os Marmeladov e que Catarina fora *procurar justiça.*

— Ah, meu Deus, vamos depressa.

E agarrou na mantilha.

— Sempre a mesma! — disse Raskólnikov. — Só pensa neles! Deixe-se estar um pouco comigo!

— E... Catarina Ivanovna?

— Ora! Catarina vem aqui ter, descanse — respondeu ele com ar enfadado. — Se não a encontrar, a culpa será sua...

Sofia sentiu-se cheia de ansiedade. Raskólnikov, com os olhos no chão, pensava.

— Petrovitch, hoje, queria apenas fazer-lhe perder a reputação — começou ele, sem olhar a moça. — E se nós lá não estivéssemos e ele quisesse mandá-la prender, estava agora na prisão, não é verdade?

— É — respondeu ela com voz fraca. — É... — repetiu maquinalmente, distraída da conversa pela inquietação que a dominava.

— Ora eu podia muito bem lá não estar e foi por um simples acaso que André ali se encontrou.

Sofia ficou calada.

— E se a tivessem prendido, o que sucederia? Lembre-se do que ontem lhe disse.

Continuava calada, esperando ocasião para responder.

— Pensava que me ia dizer: «Ah! não me fale nisso!» — continuou Raskólnikov com um sorriso zombeteiro. — Mas cala-se? — perguntou passado um minuto. — É preciso que eu sustente a conversa? Tinha curiosidade em saber como é que resolveria uma *questão,* como diz André. — O embaraço tornava-se visível. — Falo com seriedade. Suponha que antes lhe haviam contado os projetos de Petrovitch, que sabia desses projetos atinentes a perder Catarina e os filhos, sem contar consigo; suponha que Poletcka era condenada a uma vida como a sua. Ora, se dependesse de si fazer desaparecer Petrovitch, isto é, salvar Catarina e a

família, ou deixá-lo viver e realizar os seus infames projetos, pergunto: o que decidiria?

Sofia olhou para ele, inquieta. Nestas palavras proferidas com voz trémula adivinhava algum pensamento reservado.

— Não esperava por semelhante pergunta — disse, interrogando-o com o olhar.

— Talvez, mas o que decidia?

— Que interesse tem em saber o que eu faria numa circunstância que não pode dar-se? — respondeu Sofia.

— Deixaria então Petrovitch cometer todas as vilanias? Parece que não tem coragem para o dizer.

— Não sei os segredos da Providência... Para que me pergunta o que hei de fazer num caso impossível? Como pode a existência de um homem depender da minha vontade? Quem confiou ao meu arbítrio a vida ou a morte dos outros?

— Desde que apela para a Providência, nada mais tenho que dizer — respondeu Raskólnikov com respeito.

— Diga-me com franqueza o que tem a dizer-me! — exclamou Sofia, aflita. — Está a empregar subterfúgios? Veio aqui para me apoquentar?

Chorava. Durante cinco minutos observou-a com um aspeto sombrio.

— Tem razão, Sofia — disse em voz baixa.

Uma transformação súbita se havia operado nele. A gravidade afetada, o tom altivo com que falara havia pouco tinha desaparecido. Agora mal se fazia ouvir.

— Disse-te ontem que não viria aqui pedir-te perdão e foi quase a pedir-te desculpas que comecei a conversa... Falando-te em Petrovitch, desculpava-me, Sofia...

Quis sorrir, porém a fisionomia conservou o mesmo aspeto sombrio. Baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

De repente julgou perceber que detestava Sofia. Surpreendido, admirado até de semelhante descoberta, levantou a cabeça e olhou para a moça com atenção: ela fixava nele um olhar em que brilhava a chama do amor. Desde logo a dúvida desapareceu: havia-se enganado no sentimento que o agitara. Isso significava apenas que tinha chegado o momento fatal.

De novo escondeu o rosto nas mãos e baixou a cabeça. Em seguida empalideceu, levantou-se e, depois de tornar a olhar para Sofia, foi sentar-se na cama sem proferir palavra.

A impressão de Raskólnikov foi a mesma que sentiu, quando, de pé, atrás da velha, se preparava para a matar e dizia: «Não há um momento a perder».

— Que tem? — perguntou Sofia?

Não pôde responder. Tencionava *explicar-se* noutras condições e não compreendia agora o que se passava nele, que não o podia fazer. Ela aproximou-se muito meiga de Raskólnikov, sentou-se-lhe ao lado, e esperou, sem deixar de o olhar. A situação era insuportável. Ele ergueu para ela os olhos, pálido como um cadáver, e contraiu os lábios, querendo falar. Sofia estava aterrada.

— Que tem? — repetiu ela, afastando-se um pouco.

— Nada, não te assustes... Com franqueza, isto não vale nada, é uma tolice — disse com ar desvairado. — Para que vim eu apoquentar-te? — perguntou de repente, olhando para Sofia. — Sim, para quê? É o que eu não cesso de perguntar...

Um quarto de hora antes fizera a si próprio a mesma pergunta, mas nesse momento a sua fraqueza era tanta que apenas tinha consciência de si, porque se sentia tremer.

— Está incomodado — disse Sofia.

— Não é nada! Queres saber o que é? — Durante dois minutos um sorriso frouxo pairou-lhe nos lábios. — Lembras-te do que ontem te queria dizer?

Sofia escutava, inquieta.

— Disse-te, quando saí, que talvez me despedisse de ti para sempre, porém se hoje voltasse dir-te-ia... quem matou Isabel.

Ela estremeceu.

— Aqui tens para que vim.

— Sim, foi o que ontem me disse — respondeu Sofia com voz pouco firme. — Mas como sabe?

A moça sentia que lhe faltava a respiração. O rosto tornava-se-lhe cada vez mais pálido.

— Sei...

— Já o descobriram? — perguntou ela, receosa, depois de um curto silêncio.

— Não, não o descobriram...

Houve um silêncio.

— Então com sabe? — perguntou de novo com uma voz que mal se percebia.

Raskólnikov voltou-se para a moça, fixou-a muito enquanto um sorriso lhe flutuava nos lábios.

— Adivinha — disse ele.

— Para que me assusta?

— Se o sei é porque me dou muito com *ele* — respondeu Raskólnikov, sem força para desviar os olhos dos de Sofia. — À Isabel, *ele* não a queria matar… assassinou-a sem premeditação... Queria apenas matar a velha... quando ela estivesse sozinha... Entretanto apareceu a Isabel... e matou-a.

Um silêncio lúgubre seguiu-se a estas palavras. Ambos continuavam com os olhos um no outro.

— Então não adivinhas? — perguntou de súbito, sentindo a sensação de quem se precipita de uma torre.

— Não — respondeu Sofia com voz sumida.

— Vê lá...

Quando pronunciou estas palavras sentiu a alma gelar-se-lhe: parecia-lhe ver no rosto de Sofia a expressão fisionómica de Isabel quando a desgraçada mulher recuava diante do assassino que avançava para ela de machado em punho. Nesse momento supremo, Isabel erguera os braços, como as crianças medrosas que, quase a chorar, fixam o olhar espantado, imóvel, no objeto que as assusta. Era assim que Sofia manifestava um indizível terror: estendeu também os braços, empurrou ao de manso Raskólnikov, pondo-lhe as mãos no peito e afastando-se pouco a pouco sem deixar de o olhar fixamente. O terror dela comunicou-se-lhe. Pôs-se a contemplá-la com os olhos esgazeados.

— Adivinhaste?

— Meu Deus! — exclamou a Sofia.

Caiu exausta na cama, escondendo a cara no travesseiro. De repente levantou-se e, aproximando-se dele, tomou-lhe as mãos, apertando-as com os dedos como tenazes, e lançou-lhe um demorado olhar. Não se teria enganado?

— Basta, Sofia, basta! — suplicou ele, comovido.

Todas as suas previsões saíram erradas, porque não era *assim* que ele tencionara confessar o crime.

Sofia parecia fora de si. Saltou da cama para o meio do quarto, torcendo as mãos, e voltou a sentar-se outra vez ao pé dele, quase

encostada ao seu ombro. De súbito estremeceu, soltou um grito e caiu de joelhos diante dele.

— Está perdido! — disse com desespero.

Depois levantou-se, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o com imensa ternura.

Raskólnikov afastou-a de si e, com a voz repassada de tristeza, disse-lhe:

— Não te compreendo, Sofia. Beijas-me, depois de te dizer isto... Não tens consciência do que fazes.

Ela não o ouviu.

— Não há na terra homem mais desgraçado do que tu! — exclamou, cheia de piedade e desatando a chorar.

Raskólnikov sentia comover-se pela influência de um afeto que desde há muito tempo não conhecia. Não tentou lutar contra essa impressão: duas lágrimas brilharam-lhe dos olhos sem que chegassem a cair.

— Não me abandonas, Sofia? — perguntou-lhe com o olhar suplicante.

— Nunca! Nunca! Em parte alguma! Acompanho-te para onde quiseres! Oh, meu Deus, como sou infeliz! Porque não te conheci antes?

— Vês como vim!

— E agora? Que se há de fazer agora? Juntos, juntos! — repetiu ela, exaltada, beijando-o muito. — Irei contigo até ao degredo.

Estas palavras causaram uma triste impressão em Raskólnikov. Um sorriso cheio de amargura e quase altivo pairou-lhe nos lábios.

— Por ora não estou resolvido a ir para o degredo.

Sofia continuava olhando para ele. Nunca sentira tanta piedade por um desgraçado. Aquelas palavras e a maneira como foram ditas tornavam a lembrar-lhe que ele era um assassino. Olhou-o pasmada. «Ele! Ele! Um assassino! Não é possível!».

— Não! Não é verdade! Onde estou eu? — perguntava ela, como se despertasse de um sonho. — Como foi que tomou essa resolução? Um homem como o senhor! Para quê?

— Para roubar! Basta, Sofia! — disse-lhe ainda, fatigado e aborrecido.

Sofia ficou estupefacta, porém tornou:

— Tinhas fome? Foi para ajudares tua mãe, foi?

— Não — respondeu ele. — Queria, com efeito, ajudar minha mãe... mas não foi essa a verdadeira razão... Não me aflijas!

Sofia sentia-se muito nervosa.

— Pois será verdade tudo isto? É possível, meu Deus? Como acreditar nisso? Pois quê! Mataste para roubar, tu que és capaz de ficar sem nada para dar tudo aos outros? Ah! — exclamou ela — esse dinheiro que deste a Catarina... esse dinheiro... Oh, meu Deus, será possível que esse dinheiro…

— Não, Sofia — interrompeu logo Raskólnikov —, esse dinheiro não era... sossega! Foi minha mãe que mo mandou, quando estive doente, por intermédio de um negociante. Tinha-o recebido havia pouco quando o dei à Catarina. Razoumikhine viu... Esse dinheiro era meu, muito meu!

Sofia escutava-o muito atenta.

— Quanto ao dinheiro da velha... que nem sei se lá havia dinheiro... tirei-lhe do pescoço uma bolsa que parecia estar recheada, mas não verifiquei o que continha, porque não tive tempo. Roubei diferentes coisas, botões de punhos, cadeias de relógio... Esses objetos e a bolsa escondi-os no dia seguinte de manhã, debaixo de uma grande pedra, num pátio que dá para V... Ainda lá está tudo...

Sofia redobrava de atenção.

— Porque não ficaste com alguma coisa, visto teres morto para roubar? — perguntou ela, aferrando-se a uma última e vaga esperança.

— Não sei, nem mesmo decidi ainda ficar ou não com esse dinheiro — respondeu Raskólnikov, hesitante. Depois rindo: — Que história tão tola te contei.

«Estará doido?», perguntava ela a si própria. Porém logo repelia esta ideia. Havia ali outra coisa. Não compreendia nada.

— Sabes o que te digo, Sofia? Se a necessidade, apenas, me levasse ao assassinato — disse ele, acentuando cada palavra e tendo no olhar o que quer que fosse de enigmático — seria agora *feliz!* Fica sabendo! Mas que te importa o motivo, desde que ouviste a horrível confissão! — exclamou com desespero um momento depois.

Sofia ia falar, porém deteve-se.

— Ontem pedi-te que fugisses comigo porque não tenho mais ninguém.

— Para que me queres contigo? — interrompeu ela com timidez.

— Não é para matar nem para roubar, descansa — respondeu Raskólnikov com ironia. — Não somos gente dessa laia. E sabes, só há pouco compreendi porque te pedi ontem para vires comigo. Quando te fiz

esse pedido, nem sabia para que o fazia. Sei-o agora: é que não queria que me abandonasses. Tu não me deixas, Sofia?

Ela apertou-lhe a mão.

— Para quê, para que disse eu o que fiz? — exclamou ele um minuto depois, olhando para ela com infinita compaixão. — Esperas que te dê explicações, pelo que vejo, mas que hei de eu dizer, Sofia? Nada perceberias e afligir-te-ias muito mais! Porque choras, porque me beijas? Porque não tenho coragem para suportar o peso do fardo e o descarrego noutra pessoa? Porque procuro no sofrimento um alívio ao meu desgosto? E podes gostar de semelhante homem?

— Tu não sofres também? — exclamou Sofia.

Durante um minuto os dois sentiram-se sensibilizados.

— Sofia, tenho mau coração, repara: isto explica-te muita coisa. Foi por ser mau que vim aqui. Poucas pessoas seriam capazes de o fazer. Sou... um infame... Porque te vi eu? Nunca me perdoarei!

— Não, não, fizeste bem em vir! — exclamou Sofia. — É melhor que eu saiba tudo, muito melhor!

Raskólnikov olhou-a, cheio de compaixão.

— Queria tornar-me um Napoleão! Aqui tens porque matei. Já percebes?

— Não — respondeu Sofia — mas fala, fala... hei de compreender!

— Compreenderás? Veremos...

Durante algum tempo Raskólnikov concentrou-se.

— O facto é que um dia apresentei a mim próprio esta questão: se Napoleão estivesse no meu lugar, se não tivesse no começo da sua carreira Toulon, o Egito, a passagem do monte Branco, e se se encontrasse ante um assassinato a cometer para assegurar o seu futuro, repugnar-lhe-ia matar uma velha e roubar-lhe três mil *rublos?* Uma tal ação seria desprovida de prestígio e muito... criminosa? Durante muito tempo quebrei a cabeça com esse problema e senti-me envergonhado quando, por fim, reconheci que ele não teria hesitado, que nem mesmo teria admitido a possibilidade de hesitar. Não tendo outra saída, fá-lo-ia sem o menor escrúpulo. Desde então nunca mais hesitei. Escudei-me com a autoridade de Napoleão! Ris? Tens razão, Sofia.

Ela não tinha vontade nenhuma de rir.

— Diga-me antes, com franqueza... sem exemplos — disse com voz sumida.

Raskólnikov voltou-se para ela, olhou-a com tristeza e pegou-lhe nas mãos.

— Tens razão, Sofia. Tudo isto é absurdo, palavreado apenas! Ouve lá: minha mãe, como sabes, está sem recursos. O acaso permitiu que minha irmã recebesse uma certa educação e está condenada a ser professora. Todas as esperanças das duas assentavam apenas em mim. Entrei na Universidade, mas por falta de meios interrompi os meus estudos. Suponhamos que os continuei: no melhor dos casos podia, passados dez ou quinze anos, ser nomeado professor ou obter um emprego público com o ordenado de mil *rublos*... Mas até que isso chegasse, os cuidados e os desgostos arruinariam a saúde da minha mãe e... talvez à minha irmã sucedesse pior. Privar-me de tudo, deixar minha mãe na miséria, sofrer a desonra de minha irmã seria vida? E tudo isto porquê? Depois de ter enterrado os meus, poderia constituir família nova. Deixaria, ao morrer, mulher e filhos sem um bocado de pão! Pois bem! Pensei que, na posse do dinheiro da velha, não continuaria a ser pesado a minha mãe, poderia voltar para a Universidade e em seguida assegurar o meu começo de vida... Aí está. Com certeza fiz mal em matar a velha, mas basta!

Raskólnikov estava extenuado.

— Não é isso, não é isso! — exclamou Sofia cheia de tristeza. — É verdade que não houve outro motivo?

— Não houve outro motivo, não. O que disse é a verdade!

— A verdade! Oh, meu Deus!

— Afinal, Sofia, matei apenas um verme ignóbil, nocivo...

— Esse verme era uma criatura humana!

Raskólnikov pareceu não ter ouvido.

— Tens razão, Sofia, foram outros os motivos. Há muito tempo que não conversava... sinto uma violenta dor de cabeça...

Os olhos brilharam-lhe, febris. Parecia delirar. Um sorriso inquietador pairava-lhe nos lábios. Aquela animação fictícia esgotara-o. Sofia compreendeu o quanto ele sofria. Também ela julgava que ia perder a razão. Que linguagem extravagante! Apresentar tais explicações como plausíveis! Não acreditava e torcia as mãos com desespero.

— Não, Sofia, não é isso — prosseguiu, levantando a cabeça. — Não é isso. Imagina que sou um odre de amor próprio, invejoso, mau, vingativo e com tendência para a loucura. Disse-te que abandonei a Universidade. Pois podia não o ter feito. Minha mãe pagava-me as matrículas e eu ganhava

com o meu trabalho para me vestir e sustentar. Podia pois viver assim. Tinha lições que me rendiam cinquenta *kopecks*. Razoumikhine trabalha muito. Esse sim! Eu estava farto, não queria mais. Sim, farto é o termo! Então imobilizei-me no quarto, como a aranha num canto. Conheces a minha trapeira, já lá estiveste... Sabes que se sufoca nos quartos baixos e estreitos? Oh, como odiava esse cubículo! Contudo, não queria mudar. Ficava lá dias inteiros, deitado, ocioso, não me preocupando sequer com o que havia de comer. «Se Nastásia me trouxer alguma coisa, bem está», dizia eu, «se não passarei sem comer». Estava muito irritado para pedir alguma coisa. Tinha renunciado ao estudo e vendido todos os livros. Havia uma polegada de pó sobre as minhas notas e cadernos. De noite, não tinha luz: para ter com que comprar uma vela seria preciso trabalhar e eu não queria trabalhar. Preferia divagar, deitado no sofá! É inútil dizer-te em que consistiam os meus devaneios. Foi então que comecei a pensar. Não, não é isto! Ainda não conto as coisas como são. Ouve, Sofia, dizia sempre comigo: «Visto saberes que os outros são tolos, porque não procuras ser mais inteligente do que eles?» Em seguida, reconheci que para estar à espera de o mundo ser inteligente seria preciso ter uma grande paciência. Mais tarde convenci-me de que esse momento mesmo nunca chegaria, de que os homens não mudarão nunca e de que se perde o tempo a querer modificá-los! Sim, é isto mesmo! É uma lei... Sei agora, Sofia, que para os homens o «Senhor» é aquele que possui uma inteligência poderosa. Quem ousa muito tem razão aos olhos deles. Aquele que os provoca e os despreza impõe-se ao seu respeito. É o que se tem visto sempre e sempre se há de ver!

Enquanto falava, Raskólnikov olhava para Sofia, porém já sem se importar que ela o compreendesse. Estava possuído de uma grande exaltação. A moça sentiu que aquele catecismo feroz era a sua fé e a sua lei.

— Então, Sofia, convenci-me — continuou, cada vez mais excitado — que o poder só é concedido àquele que ousa baixar-se para o tomar: é necessário *ousar*. Desde o dia em que se me revelou esta verdade, clara como a luz do sol, quis *ousar* e matei... querendo somente praticar um ato de audácia. Foi esse, Sofia, o móvel da minha ação!

— Oh, cale-se, cale-se! — gritou a moça, fora de si. — O senhor descreu de Deus e Deus castigou-o, entregando-o ao diabo!

— Com que então, Sofia, quando todas estas ideias iam visitar-me na escuridão do meu quarto, era o diabo que me tentava, hein?

— Cale-se. Não ria. O senhor é um ímpio, não compreende nada!

— Cala-te, Sofia. Não estou a rir. Sei muito bem que foi o diabo que me arrastou. Cala-te, Sofia, cala-te! — repetiu com uma sombria insistência. — Sei tudo. Tudo o que possas dizer-me, disse-o a mim próprio mil vezes, deitado às escuras... Que lutas interiores sofria! Como todos esses sonhos me eram insuportáveis e como queria desembaraçar-me deles para sempre! Julgas que matei como um estouvado, como um cabeça de vento! Não, não procedi senão depois de maduras reflexões e foi isso que me perdeu! Pensas que me iludi? Quando me interrogava sobre se tinha direito ao poder, sentia perfeitamente que não, por isso mesmo que o punha em dúvida. Quando perguntava a mim próprio se uma criatura é um animal maléfico, sabia muito bem que para mim não o era, mas sim para o audacioso que não tivesse feito a si mesmo essa pergunta, que seguisse o seu caminho sem atormentar o espírito com tal ninharia... Enfim, o simples facto de propor ao meu espírito este problema: «Napoleão teria morto esta velha?», bastava para me provar que não era um Napoleão. Por fim, renunciava a procurar justificações subtis; quis matar sem casuística, matar para mim, só para mim! Não pensei em iludir a minha consciência. Se matei não foi nem para aliviar o infortúnio de minha mãe, nem para consagrar ao bem da humanidade o poder e a riqueza que, no meu cálculo, essa morte me devia ajudar a conquistar. Não, não, tudo isso estava longe do meu espírito. Naquele momento com certeza não me inquietava a dúvida sobre se fazia bem a alguém ou se continuaria a ser toda a vida um parasita social! E o dinheiro não foi para mim o principal motivo do assassinato; foi outra razão que em especial me determinou. Vejo-o agora muito bem... Ouve: se pudesse voltar atrás talvez não fizesse o que fiz. Nessa altura eu queria sobretudo saber se era um animal como os outros ou um homem na verdadeira aceção da palavra; se tinha ou não em mim a força necessária para saltar por cima do obstáculo, se era um pusilânime ou se tinha o *direito*...

— O direito de matar? — perguntou Sofia, estupefacta.

— Eh! Sofia! — disse ele irritado, e veio-lhe aos lábios uma resposta, mas absteve-se de a dizer. — Não me interrompas, Sofia! Queria somente provar-te uma coisa: o diabo conduziu-me a casa da velha e em seguida fez-me compreender que não tinha o direito de lá ir, visto que sou um

animal tal como os mais! O diabo caçoou comigo. E agora venho a tua casa! Se não fosse um animal viria fazer-te esta visita? Escuta: quando fui a casa da velha queria apenas fazer uma *experiência*... Fica sabendo!

— E matou! Matou!

— Bem, mas como foi que eu matei? É assim que se mata? Faz-se o que eu fiz quando se vai assassinar alguém? Um dia te contarei os pormenores. E por ventura matei a velha? Não, a mim é que eu matei e perdi-me sem remédio... Quanto à velha, foi morta pelo diabo e não por mim. Basta, basta, Sofia, basta! Deixa-me — gritou ele de repente —, deixa-me!

Apoiou os cotovelos nos joelhos e apertou, estorcendo-se, a cabeça entre as mãos.

— Como ele sofre! — gemeu Sofia.

— E agora? Diz-me o que hei de fazer agora — perguntou ele, levantando de súbito a cabeça.

Tinha as feições horrivelmente transtornadas.

— O que hás de fazer? — exclamou a moça. Correu para ele e os seus olhos, até ali rasos de lágrimas, incendiaram-se de repente. — Levanta-te! — E dizendo isto agarrou Raskólnikov pelo ombro. Este levantou-se um pouco e olhou para Sofia com um ar surpreendido. — Vai já, neste mesmo instante, à viela próxima, roja-te pelo chão e beija a terra que manchaste. Em seguida inclina-te para todos os lados e grita a toda a gente: «Matei!» Então Deus te restituirá a vida. Vais? Vais? — perguntou ela a tremer, apertando-lhe as mãos com uma força extraordinária e fixando nele os olhos inflamados.

Esta súbita exaltação da moça mergulhou Raskólnikov num pesar profundo.

— Então queres que vá para o degredo, Sofia? Preciso denunciar-me, não é verdade? — perguntou com ar sombrio.

— É preciso que aceites a expiação e te regeneres por meio dela.

— Não, Sofia, não irei denunciar-me.

— E viver? Como viverás tu? — replicou ela com força. — É possível agora? Como poderás suportar o olhar de tua mãe? Oh, o que será delas agora? Mas que digo eu? Já abandonaste há muito tua mãe e tua irmã. Por isso é que quebraste os laços de família. Oh, Senhor! — exclamou. — Ele próprio já compreende tudo isto... E agora como hás de ficar fora da humanidade? O que há de ser de ti agora?

— Pensa bem, Sofia — disse Raskólnikov com doçura. — Para que me hei de apresentar à polícia? Que diria eu a essa gente? Tudo isto não quer dizer nada. Eles próprios matam milhões de homens e fazem disso alarde. São uns canalhas e uns cobardes, Sofia! Não vou lá. Que lhes havia de dizer? Que cometi um assassinato e que, não ousando aproveitar-me do dinheiro roubado, o escondi debaixo de uma pedra? — acrescentou com um sorriso amargo. — Zombariam de mim, diriam que sou um imbecil e um poltrão. Eles, Sofia, não compreenderiam nada, são incapazes disso. Para que hei de ir entregar-me? Não vou. Pensa bem, Sofia.

— Trazer sobre ti semelhante fardo... E toda a vida, toda a vida!

— Reabilitar-me-ia? — perguntou com um ar feroz. — Escuta — prosseguiu um momento depois —, basta de lágrimas. É tempo de falarmos a sério. Vim dizer-te que já andam à minha procura para me prenderem.

— Ah! — exclamou Sofia, aflita.

— Então, que é isso? Pois se tu própria desejas que vá para o degredo, porque te assustas? Porém ainda não me apanharam. hei de dar-lhes que fazer e, no fim de contas, não conseguirão nada. Não têm indícios positivos. Ontem corri grande perigo e julguei que estava perdido; hoje reparou-se o mal. Todas as provas deles se prestam a duas interpretações, isto é, os argumentos apresentados contra mim posso explica-los no interesse da minha causa, compreendes?, e não terei muita dificuldade em o fazer. Por certo me vão meter na cadeia. Sem uma circunstância muito fortuita, é até muito provável que já me tivessem engaiolado hoje. Estou em risco de ser ainda preso antes de acabar o dia... Isso no entanto não vale nada, Sofia. Se me prenderem serão obrigados a soltar-me, porque não têm uma prova real e não a terão, afianço-te. Por simples presunções não se pode condenar um homem. Está bem, basta... Desejava só prevenir-te... Quanto à minha mãe e à minha irmã vou arranjar as coisas de maneira que elas não se inquietem. Parece que minha irmã está agora ao abrigo de necessidades; posso pois estar descansado também com relação a minha mãe. Bem! Tem prudência. Irás ver-me quando estiver preso?

— Pois decerto! Pois decerto!

Estavam sentados um ao lado do outro, tristes e abatidos como dois náufragos lançados pela tempestade sobre uma plaga deserta.

Olhando para Sofia, Raskólnikov sentia quanto ela o amava e, coisa singular, aquela imensa ternura de que se via objeto causou-lhe de súbito

uma impressão dolorosa.

Dirigira-se a casa da Sofia dizendo de si para si que o seu único refúgio, a sua única esperança estavam nela: cedera a uma necessidade irresistível de desabafar as suas penas; e agora que a moça lhe dava todo o seu coração julgava-se muito mais desgraçado do que antes.

— Sofia, é melhor que não me vás ver.

Esta não respondeu; chorava. Passaram-se alguns minutos.

— Trazes alguma cruz contigo? — perguntou ela, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia súbita.

A princípio ele não percebeu a pergunta.

— Não, não tens? Então toma lá esta, que é de cipreste. Eu tenho outra de cobre, que me deu a Isabel. Fizemos uma troca: ela deu-me a cruz e eu dei-lhe uma imagem. Agora vou usar a cruz da Isabel e tu trarás esta. Toma... é a minha! — insistiu ela. — Iremos ambos para a expiação, conduziremos ambos a nossa cruz.

— Dá cá! — disse Raskólnikov para não a desgostar. Estendeu a mão, mas quase no mesmo instante retirou-a.

— Não, agora não, Sofia. É melhor mais tarde.

— Pois sim, mais tarde — respondeu ela. — Dar-ta-ei no momento da expiação. Virás aqui, eu ponho-ta ao pescoço, rezaremos e depois partiremos.

Neste momento bateram três vezes à porta.

— Sofia Semenovna, pode-se entrar? — perguntou uma voz afável.

Sofia, inquieta, correu a abrir. O visitante era André.

Capítulo 5

André Semenovitch tinha a fisionomia transtornada.

— Vinha procurá-la. Peço desculpa... Já esperava encontrá-lo aqui — disse bruscamente a Raskólnikov. — Quero dizer, não imaginava nada de mal, não vá supor... mas pensava de facto... Catarina Ivanovna voltou para casa e enlouqueceu — concluiu ele, dirigindo-se de novo a Sofia.

A moça deu um grito.

— Pelo menos é o que parece. Puseram-na na rua, a gente da casa onde foi, e parece que lhe bateram... Pelos menos é o que se depreende. Tinha ido procurar o chefe de Simão Zakharitch, porém não o encontrou; tinha ido jantar a casa de um dos seus colegas. Dirigiu-se logo à casa do tal sujeito e insistiu em querer falar ao chefe de Zakharitch, que ainda estava à mesa. Naturalmente puseram-na na rua, pois conta que o injuriou e lhe atirou com qualquer coisa à cabeça. Nem sei como não a prenderam! Agora deu-lhe para contar os seus projetos a toda a gente, incluindo a Amália Ivanovna. Está numa tal agitação que pouco se percebe do que diz. Como não lhe resta recurso algum quer ir tocar realejo pelas ruas, acompanhando os filhos, que cantarão e dançarão solicitando a caridade dos transeuntes. Diz que todos os dias irá colocar-se debaixo das janelas do general... «hão de gozar o espetáculo dos filhos de uma família nobre pedindo esmola pelas ruas!» Bate nas crianças, que choram com desespero. Ensina a «Minha Choupana» à Lena e dá lições de dança ao pequeno e à Poletcka. Despedaça os poucos trapos que possui para fazer fatos de saltimbancos e à falta de instrumentos quer levar uma bacia de metal para servir de tambor. Não admite uma palavra que não vá de encontro aos seus projetos e opiniões. Enfim, só visto!

André preparava-se para continuar, porém Sofia, que o escutara quase sem respirar, pôs o chapéu e saiu a toda a pressa. Os dois seguiram-na.

— Está de facto doida — disse André a Raskólnikov. — Para ir preparando a Sofia, disse-lhe que apenas o parecia; no entanto não há dúvidas de que está doida varrida. Nos tuberculosos parece que é frequente formarem-se tubérculos no cérebro.

— O senhor falou-lhe em tubérculos?

— Não! Nem ela teria compreendido. Mas faça o favor de me dizer: se o senhor convencer alguém, com o rigor da sua lógica, de que no fundo não há razão alguma que justifique o choro, esse alguém deixará de chorar? É claro que sim. Porque havia de continuar a chorar, não me dirá?

— Se assim fosse, a vida era deliciosa! — respondeu Raskólnikov, que estava nesse momento em frente da sua casa.

Saudou com toda a cerimónia André e entrou. Quando chegou ao seu cubículo, perguntou a si próprio porque voltara para casa. O olhar fixou-se-lhe no papel amarelado e no velho sofá em que dormia. Do pátio subia a todo o momento um ruído seco, como marteladas. Estariam pregando alguma coisa? Foi à janela, pôs-se nas pontas dos pés e olhou por algum tempo com a maior atenção. Não viu ninguém. Por fim, sentou-se no sofá. Nunca sentira tamanha sensação de isolamento. Sim, de novo sentia que com efeito detestava Sofia e que a detestava precisamente depois de ter aumentado a sua desgraça. Para que fora ele fazê-la chorar? Que necessidade tinha de lhe envenenar a vida? Que cobardia! «Ficarei só», disse com resolução, «e ela não irá ver-me à prisão!» Cinco minutos depois levantou a cabeça e sorriu a uma ideia que lhe ocorreu no momento. «Talvez fosse melhor…»

Quanto tempo durou esse devaneio? Nunca se pôde lembrar disso. De súbito abriram a porta, dando passagem a Dounia, que parou no limiar, olhando o irmão com atenção. Depois aproximou-se e sentou-se à frente dele, numa cadeira, no mesmo lugar da véspera. Raskólnikov fitou-a em silêncio.

— Não te enfades, Rodia. Demoro-me apenas um momento. — A sua fisionomia era grave, mas não severa, e o olhar límpido e terno. Raskólnikov compreendeu que a irmã viera trazida pela grande afeição que lhe tinha. — Meu irmão, sei tudo, tudo. Razoumikhine contou-me tudo. Perseguem-te, atormentam-te, és vítima de suspeitas tão insensatas como odiosas. Ele é de opinião que nada há a recear e que não tens motivos para te incomodares dessa maneira. Não partilho essa opinião: compreendo bem a tua indignação e não me surpreenderia se toda a tua vida te ressentisses disso... E é de facto o que receio. Tu deixaste-nos. Não discuto a tua resolução, não ouso discuti-la, e peço-te que me perdoes as palavras desagradáveis que te disse. Sinto que, em idênticas circunstâncias, faria como tu: evitaria todo o convívio. É claro que não

direi à nossa mãe uma única palavra a este respeito, mas falar-lhe-ei de ti a todo o momento e dir-lhe-ei da tua parte que não tardarás em ir vê-la. Não te preocupes por causa dela, pois eu a tranquilizarei. Pela tua parte não te aflijas. Vai lá, ainda que seja só uma vez; lembra-te de que é tua mãe! Eu vim, Rodia — disse Dounia levantando-se — para te dizer que, se por acaso tiveres necessidade de mim, seja para o que for, estou à tua disposição para a vida e para a morte! Chama-me e eu virei. Adeus!

Dirigiu-se para a porta.

— Dounia — chamou Raskólnikov, levantando-se também e avançando para a irmã —, esse Razoumikhine é um excelente rapaz.

Dounia corou um pouco.

— Então? — interrogou ela depois de esperar um minuto.

— É ativo, laborioso, honesto e capaz de uma afeição sólida... Adeus, Dounia.

No meio da sua perturbação, Dounia teve um sobressalto.

— Mas então apartamo-nos para sempre, Rodia? Parece que me estás dando os últimos conselhos…

— Não faças caso. Adeus!

Virou-lhe as costas e dirigiu-se para a janela. Dounia esperou um momento olhando para ele e retirou-se muito inquieta.

Não, não era indiferença o que ele sentia pela irmã. Houvera até um momento, o ultimo, em que sentira um violento desejo de a apertar nos braços e de lhe contar tudo. Todavia não pudera sequer estender-lhe a mão. «Mais tarde estremeceria ao lembrar-se disso... e depois, suportaria tal confissão?», acrescentou ele mentalmente. «Não, não suportaria. *Estas mulheres* não sabem suportar coisa alguma.» E o seu pensamento voou para Sofia.

Pela janela entrava uma brisa cariciosa. O dia declinava.

Raskólnikov pôs o chapéu e saiu.

Era evidente que não pensava tratar-se; no entanto os terrores, as contínuas aflições que sentia deviam produzir as suas naturais consequências, e se a febre o não tinha ainda prostrado era devido à força fictícia que lhe dava por momentos aquela agitação moral.

Caminhou à toa, sem destino. Anoitecia. Havia já algum tempo que Raskólnikov sofria muitíssimo, entrevendo os longos anos que ia passar numa ansiedade mortal, «a eternidade passada no espaço de um pé quadrado». Era de ordinário à tarde que esse pensamento o acabrunhava.

«Com este estúpido mal-estar em que nos deixa o pôr do sol, como deixar de fazer tolices? Vou apenas a casa da Sofia ou vou também a casa da Dounia?», murmurava ele.

Ouvindo o seu nome, voltou-se: era André que o chamava.

— Venho de sua casa, fui procura-lo. Imagine, a mulherzinha pôs o plano em execução e anda por essas ruas com os pequenos! Sofia Semenovna e eu tivemos grande dificuldade em os encontrar. Por fim, lá demos com eles: a mãe a rafar numa panela e os pequenos a dançar. As desgraçadas crianças faziam dó. Param nas praças e em frente dos estabelecimentos, seguidos por uma multidão de vagabundos. Venha depressa.

— E Sofia? — perguntou Raskólnikov sobressaltado, seguindo a toda a pressa André Semenovitch.

— Ora, coitada, está quase como a madrasta. A polícia não deixa de intervir no caso e o senhor faz ideia do efeito que isso vai produzir na pobre moça. Agora estão eles no canal, perto da ponte de ***, próximo da casa da Sofia. É já aqui, a dois passos.

No canal, a pequena distância da ponte, estacionava uma multidão composta na maior parte por crianças. A voz rouca e desafinada de Catarina Ivanovna ouvia-se já da ponte. De facto, o espetáculo era demasiado singular para não atrair a atenção dos transeuntes. Com um chapéu de palha e o seu velho vestido, sobre o qual tinha lançado um xaile esfrangalhado, Catarina Ivanovna justificava em absoluto as palavras de André. Estava exausta, arquejante. O rosto exprimia um sofrimento maior do que nunca — de resto, as pessoas que sofrem do peito, ao sol, na rua, têm sempre muito pior aspeto do que em casa — e não obstante a fraqueza, estava numa agitação extraordinária que aumentava de momento a momento.

Corria para os filhos, repreendia-os com vivacidade, preocupada com a educação coreográfica e musical, lembrando-lhes porque motivo os fazia dançar e cantar. Depois exprobava-lhes a apoucada inteligência e batia-lhes.

Interrompia-se a cada momento para se dirigir ao público; e se avistava na multidão um homem vestido com mais decência, apressava-se a explicar-lhe as circunstâncias extremas a que estavam reduzidos os filhos «de uma família nobre, podia mesmo dizer-se, aristocrática». Se ouvia risos ou ditos escarnecedores, insultava os atrevidos.

O facto é que muitos faziam troça, outros abanavam a cabeça, e em geral todos olhavam com curiosidade para aquela doida rodeada de crianças aterradas. Catarina Ivanovna batia as mãos com cadência, enquanto Poletcka cantava e Lena e Katia dançavam. Às vezes, ela própria tentava cantar também; porém, quase sempre a segunda nota era interrompida por um acesso de tosse: então desesperava-se, amaldiçoava a doença e chorava.

O que em especial a encolerizava eram as lágrimas e o medo de Katia e de Lena. Como dissera André, esforçara-se por vestir os filhos como os cantores das ruas. O pequeno tinha na cabeça uma espécie de turbante. Não tendo pano para fazer um fato à Lena, Catarina limitara-se a pôr-lhe na cabeça o barrete de dormir do falecido Simão Zakharitch, ornado com uma pena branca de avestruz que outrora pertencera à «viúva Catarina Ivanovna» e que esta tinha guardado como uma lembrança de família. Poletcka trazia o seu vestido de todos os dias. Não largava a mãe, de quem adivinhava o desarranjo mental, e, olhando para ela toda tímida, procurava esconder-lhe as suas lágrimas. A pobre pequena estava admirada por se encontrar assim na rua, no meio daquela multidão. Sofia, seguindo Catarina e chorando, suplicava-lhe que voltasse para casa. Catarina porém não cedia.

— Cala-te, Sofia — gritava ela, tossindo. — Nem sabes o que pedes! És uma criança. Já te disse que não volto para casa dessa bêbeda alemã. Que todo o mundo, que toda a gente de S. Petersburgo veja reduzidos à mendicidade os filhos de um nobre pai que toda a sua vida serviu com lealdade a Pátria e que pode dizer-se morreu ao seu serviço! — Fixara-se lhe esta ideia na cabeça e era impossível convencê-la do contrário. — Que esse canalha do general seja testemunha da nossa miséria! Tu és tola, Sofia. E comer? Já te explorámos bastante, não estou para mais! Ah, é o senhor Rodia Romanovitch! — exclamou ela, avistando Raskólnikov e correndo para ele. — Por favor, faça compreender a essa imbecil que é o melhor partido que podemos tomar. Assim como se dá esmola aos tocadores de realejo, também no-la darão. hão de reconhecer em nós uma família nobre reduzida à miséria e esse vilão do general será demitido, o senhor verá! Havemos de ir todos os dias para debaixo das suas janelas; o imperador passará e eu lançar-me-ei a seus pés, mostrar-lhe-ei os meus filhos e dir-lhe-ei: «Pai, protege-nos!», o senhor verá! E esse maroto do general... Lena, põe-te à direita! Tu, Katia, vais já recomeçar esse passo.

Que estás a choramingar? Isso acabará. De que é que tens medo, pedaço de asno? Senhor! Que se há de fazer com eles, Rodia Romanovitch? Se soubesse como são estúpidos! Não há meio de fazer nada deles.

Ela própria tinha lágrimas nos olhos — o que não a impedia de falar sem descanso — enquanto mostrava a Raskólnikov os filhos lacrimosos. O mancebo tentou persuadi-la de que devia ir para casa. Julgando movê-la pelo amor próprio, observou-lhe que não era conveniente andar pelas ruas como os tocadores de realejo quando tencionava abrir um colégio para meninas nobres.

— Um colégio... Ah, ah, ah! Que ideia! — exclamou Catarina Ivanovna por entre um violento acesso de tosse. — Não, Rodia, esse sonho desvaneceu-se. Toda a gente nos abandonou. E aquele general... Sabe, Rodia, que lhe atirei à cara com um tinteiro que estava na mesa da antecâmara, ao lado do livro onde os visitantes se inscrevem? Depois de ter escrito o meu nome atirei-lhe com o tinteiro e saí pela porta fora. Oh, os covardes! Os covardes! Mas afinal não me apoquento. Agora sustentarei eu própria os meus filhos. Não farei mesuras a ninguém. Já a martirizámos bastante! — acrescentou ela, apontando para Sofia. — Poletcka, quanto recebeste já? Deixa ver o dinheiro. O quê! Dois *kopeks*! Ah, avarentos! Não dão nada e seguem-nos, deitando-nos a língua de fora! Então? De que se ri aquele parvo? — Indicava alguém entre a multidão. — É sempre por culpa de Katia, por causa da sua imbecilidade, que se riem de nós. Que queres tu, Poletcka? Fala-me em francês. Dei-te lições e já sabes algumas frases... De outra forma, como reconhecerão que pertenceis a uma família nobre, que sois crianças bem-educadas e não músicos ambulantes? Não cantemos canções vulgares, entoemos romanzas... Ah, sim, é verdade! Que vamos nós cantar? Interrompem-me sempre e não nos deixam escolher reportório, porque, como o senhor Rodia sabe, estávamos desprevenidos, não tínhamos nada preparado. Precisamos de fazer um ensaio e em seguida iremos para a Avenida Neusky, onde para um maior número de pessoas de distinção. Aí chamaremos desde logo a atenção geral. Lena sabe a «Minha cabana», todavia essa canção já se vai tornando insuportável. Não se ouve outra coisa. Então Katia, não tens uma ideia? Auxilia tua mãe. Já não tenho memória. É verdade, porque não havemos de cantar o *«Hussard e o seu saber?»* Não será melhor cantarmos em francês os *«Cinq sous?»* Essa já eu te ensinei e tu aprendeste-a. E depois, como é uma canção francesa logo veem que pertenceis à nobreza e isso

será muito mais tocante. Poderemos mesmo juntar-lhe *«Malbrough s'en va-t-en guerre!»*... Tanto mais que esta cançoneta infantil é a mais cantada em todas as casas aristocráticas para adormecer as crianças.

E começou a cantar:

Malbrough s'en va-t-en guerre
Qui sait s'il reviendra...

— Mas não, *«Cinq sous»* será melhor! Vamos, Katia, a mão no quadril, com elegância! E tu, Lena, põe-te na frente dele. Poletcka e eu faremos o acompanhamento.

Cinq sous, cinq sous,
Pour monter notre mènage...

— Poletcka, levanta o vestido, que está a cair — disse ela enquanto tossia. — Não se esqueçam de mostrar os pés para que se veja que são filhos de um gentil-homem. Agora um polícia... O que quererá ele?

Um guarda abria passagem por entre a multidão. Ao mesmo tempo aproximou-se da louca um sujeito de aspeto respeitável, comovido ante aquele espetáculo. O recém-chegado era condecorado, circunstância que alegrou a Catarina Ivanovna e não deixou também de produzir o seu efeito no polícia. Estendeu a Catarina Ivanovna uma nota de três *rublos*. Ao recebê-la, a viúva de Marmeladov inclinou-se com a delicadeza cerimoniosa de uma grande senhora.

— Muito agradecida, senhor — começou ela, num tom cheio de dignidade. — As causas que nos conduziram a isto... Toma o dinheiro, Poletcka! Como vês, ainda há senhores generosos e magnânimos, prontos a socorrerem uma senhora nobre caída na desgraça. Os órfãos que tem na sua presença, senhor, são nobres; pode até dizer-se que são aparentados com a primeira aristocracia... E aquele general estava comendo uma perdiz... Bateu o pé porque tive a ousadia de o procurar. V. Exa. — perguntou — conheceu Simão Zakharitch? Defenda os órfãos que ele deixou neste mundo. No dia do seu enterro a filha foi caluniada pelo mais ínfimo dos mariolas. Outra vez o polícia. Proteja-me! — exclamou ela, dirigindo-se ao seu benfeitor. — Porque é que este homem não me larga? Já nos expulsaram da rua dos Burgueses... O que é que quer, seu imbecil?

— É proibido fazer escândalo nas ruas. Porte-se como deve, com decência.

— O senhor é que é inconveniente. Eu estou no caso dos tocadores de realejo. Deixe-me em paz!

— Os tocadores de realejo têm uma licença e a senhora não a traz e está provocando ajuntamentos. Onde mora?

— Como, uma licença! — gritou Catarina lvanovna. — Enterrei hoje o meu marido e creio que isso é uma verdadeira licença!

— Minha senhora, minha senhora, sossegue! — exclamou o desconhecido, intervindo. — Vou conduzi-la... A senhora não está no seu lugar entre esta gente... A senhora está doente...

— Oh, o senhor não sabe nada! — bradou Catarina. — Nós vamos para a Avenida Neuski... Sofia! Sofia! Onde está ela? Também a chorar! Mas que tendes vós? Katia, Lena, onde estão? — gritou, inquieta. — Oh, crianças doidas! Katia, Lena! Onde estão eles?

Quando viram o polícia, Katia e Lena, já muito assustados com a multidão e as excentricidades da mãe, dominados por um terror louco, desataram a fugir quanto podiam. A pobre Sofia e Poletcka seguiram-nos.

— Fá-los voltar, Sofia! Chama-os. Oh, que crianças tolas e ingratas! Poletcka, agarra-os! É por vós que eu...

Na corrida tropeçou e caiu.

— Oh, meu Deus! Feriu-se e está coberta de sangue! — exclamou Sofia, debruçando-se sobre a madrasta.

Não tardou a formar-se um ajuntamento em volta das duas mulheres. Raskólnikov e André foram dos primeiros a acudir, assim como o desconhecido benfeitor e o polícia.

— Vão-se embora! Vão-se embora! — não cessava de dizer este último, esforçando-se por dispersar os curiosos.

Examinando bem Catarina Ivanovna, descobriu-se que não se tinha ferido como julgava Sofia e que o sangue que avermelhava o chão era proveniente de uma hemoptise.

— Eu sei o que isto é — murmurou o desconhecido ao ouvido dos dois mancebos —, é a tuberculose. Não há ainda muito tempo tive um exemplo numa minha parenta: o sangue, jorrando com violência, produziu a sufocação. Nada há a fazer. Ela vai morrer.

— Para aqui, para aqui, para minha casa! — suplicou Sofia. — Moro aqui adiante. A segunda casa... mas depressa, depressa, depressa! Mandem

procurar um médico... Oh, meu Deus! — repetia ela, aflita.

Graças à ativa intervenção do desconhecido, arranjou-se tudo. O próprio polícia ajudou a transportar Catarina, que estava como morta quando a deitaram na cama de Sofia. A hemorragia continuou ainda por algum tempo, mas pouco a pouco a doente pareceu voltar a si. No aposento entraram, além de Sofia, Raskólnikov, André e o desconhecido. O polícia entrou depois de haver primeiro dispersado os curiosos, muitos dos quais tinham acompanhado o triste cortejo até à porta.

Poletcka apareceu, conduzindo os dois fugitivos, que tremiam e choravam. Vieram também os Kapernaoumov: o alfaiate, coxo e cego de um olho, era um indivíduo singular, com os cabelos e as suíças ásperas como sedas de porco. Entre outras pessoas apareceu também, de repente, Svidrigailov. Ignorando que habitava naquela casa e não se lembrando de o ter visto entre os curiosos, Raskólnikov ficou muito admirado de o encontrar ali.

Falou-se em chamar um médico e um padre.

Foi Kapernaoumov que se encarregou de ir procurar um médico.

No entretanto Catarina Ivanovna estava um pouco mais sossegada e a hemorragia cessara por momentos.

A desgraçada dirigiu um olhar magoado, mas fixo e penetrante, à pobre Sofia, que, trémula e pálida, lhe limpava o rosto com um lenço. Por fim pediu que a sentassem na cama. Sentaram-na, amparando-a de ambos os lados.

— Onde estão as crianças? — perguntou com voz fraca. — Trouxeste-as, Poletcka? Oh, que imbecis! Então porque fugiram? Oh!

Tinha ainda os lábios purpureados de sangue. Olhou à sua volta.

— Aqui está como tu vives, Sofia... Nunca tinha vindo a tua casa. Foi preciso isto para cá vir...

Lançou à moça um olhar de piedade.

— Nós explorámos-te, Sofia! Poletcka, Lena e Katia, cheguem-se cá... Ali os tens, Sofia, toma-os... Entrego-os nas tuas mãos. Por mim estou farta... Acabou-se a festa. Ah! Larguem-me, deixem-me morrer tranquila.

Fizeram-lhe a vontade. Deixou-se pois cair sobre o travesseiro.

— O quê? Um padre? Não preciso... O senhor tem por acaso um *rublo* a mais? Não tenho pecados na consciência! E ainda que tivesse, Deus deve perdoar-me. Ele bem sabe o que sofri! Se me não perdoar, deixá-lo!

As suas ideias confundiam-se cada vez mais. De vez em quando estremecia, olhava em volta e reconhecia durante um minuto todos aqueles que a rodeavam, mas logo o delírio se apoderava dela outra vez. Respirava com dificuldade, como que se ouvindo dentro da garganta.

— Eu disse-lhe: «Vossa excelência»... — exclamava ela, parando a cada palavra. — Aquela Amália Ludvigona... Ah! Lena, Katia! Mãos nas ilhargas e mexam esses pés, vá, ligeiros! *Du hast Diamanten und Perlen...* Como é depois? Era o que se devia ter cantado.

Não há olhos mais liados que os teus!
Que mais podes desejar, pequena?

— Sim, que mais quer a imbecil? Ah, é verdade:

Numa campina do Daghestan,
Onde o sol dardeja a prumo...

— Ah, como eu gostava... como eu adorava esta canção, Poletcka! Teu pai cantava-a antes do nosso casamento... Oh, tempos! Aí está o que nós deveríamos cantar! Então, então! Ora esta, já me esqueci... Lembrai-me o resto!

Bastante agitada, esforçava-se por se levantar na cama. Por fim, com voz rouca, estrangulada, sinistra, começou a cantar, respirando a cada palavra enquanto o rosto exprimia um terror crescente:

Numa campina do Daghestan,
Onde o sol dardeja a prumo...
Uma bala no peito...

Logo em seguida começou a chorar numa desolação comovedora.

— Excelência — exclamou —, proteja os órfãos! Em atenção à hospitalidade que recebeu em casa do falecido Simão Zakharitch... Pode dizer-se até aristocrática… Ah!

Estremeceu de repente e, como que procurando lembrar-se onde estava, olhou aflita para todos. Reconhecendo Sofia, pareceu surpreendida por a ver diante de si.

— Sofia! Sofia! — disse com voz terna. — Sofia, minha querida, estás aqui?

Levantaram-na de novo.

— Basta! Acabou-se! Desfez-se a carcaça! — exclamou com amargo desprezo, e deixou cair a cabeça sobre o travesseiro.

O pescoço retesou-se-lhe, a boca abriu-se e as pernas estenderam-se em convulsões. Deu um profundo suspiro e morreu.

Sofia, mais morta do que viva, precipitou-se sobre o cadáver, estreitando-o nos braços, e apoiou a cabeça sobre o peito emagrecido da falecida. Poletcka, soluçando, pôs-se a beijar os pés de sua mãe. Katia e Lena, muito crianças para compreenderem o que acontecera, como que adivinhavam a terrível catástrofe. Passaram os bracitos em volta do pescoço uma da outra, miraram-se mutuamente nos olhos e começaram a gritar. Estavam ainda vestidos de saltimbancos, isto é, um com o turbante e a outra com o barrete de dormir ornado de uma pena de avestruz.

Raskólnikov dirigiu-se para a janela. André apressou-se a ir ter com ele.

— Está morta! — disse este.

Svidrigailov aproximou-se deles.

— Rodia Romanovitch, desejava dizer-lhe duas palavras.

André cedeu logo o lugar e afastou-se com discrição.

Todavia Svidrigailov julgou dever conduzir para um canto Raskólnikov, que se sentia intrigado.

— Encarrego-me disto, quer dizer, do enterro. O senhor sabe que isto vai custar muito dinheiro e, como já lhe disse, tenho algum de que não preciso. Poletcka e os dois pequenos fá-los-ei entrar num asilo de órfãos, onde ficarão bem, e farei um depósito de mil e quinhentos *rublos* para cada um até à sua maior idade, para que a Sofia não tenha que preocupar-se com eles. Quanto a esta, retirá-la-ei do lodaçal, porque tem um belo caráter, não é verdade? E o senhor pode dizer a Dounia qual o emprego que dei ao dinheiro que lhe destinava.

— Com que fim é o senhor tão generoso? — perguntou Raskólnikov.

— Oh, que grande cético o senhor é! — respondeu, rindo, Svidrigailov. — Já lhe disse que este dinheiro não me é preciso e procedo apenas por generosidade. O senhor não admite isto? No fim de contas — acrescentou, indicando com o dedo o canto onde repousava a falecida —, aquela mulher não era «um animal» como certa usurária. Concorda «que valia mais que

ela morresse e que Petrovitch vivesse para praticar infâmias?» Sem o meu auxílio, Poletcka, por exemplo, estaria condenada à mesma existência do que a irmã...

Disse estas palavras num tom malicioso e, enquanto falou, não desviou os olhos de Raskólnikov. Este empalideceu e sentiu-se estremecer, ouvindo as expressões quase textuais de que se tinha servido na conversa com Sofia. Recuou bruscamente e olhou para Svidrigailov, espantado.

— Como... sabe o senhor isso? — balbuciou.

— É que habito ali, do outro lado, em casa da senhora Resslich, minha velha e excelente amiga. Sou vizinho da Sofia.

— O senhor?

— Eu — continuou Svidrigailov, que ria às gargalhadas — e dou-lhe a minha palavra de honra, meu querido Rodia, que nos voltaremos a encontrar. E o senhor verá como sou um homem acomodatício! Verá que ainda se pode viver comigo!

Parte 6

Capítulo 1

A situação de Raskólnikov era singular: dir-se-ia que uma densa névoa o envolvia e isolava da humanidade. Quando, mais tarde, se recordava dessa época da sua vida, supunha que devia ter perdido por vezes a consciência de si próprio e que esse estado durara até à catástrofe definitiva. Estava em absoluto convencido de que cometera muitos erros; por exemplo, que a sucessão cronológica dos acontecimentos lhe tinha escapado muitas vezes. Pelo menos, quando mais tarde quis reunir e coordenar as suas reminiscências, foi-lhe necessário recorrer a testemunhos estranhos para saber um grande número de particularidades. Confundia os factos, considerava tal incidente como consequência de outro que existia apenas na sua imaginação. Algumas vezes era dominado por um temor doentio que degenerava em terror e pânico. Lembrou-se também que tinha tido momentos, horas e talvez mesmo dias, em que, pelo contrário, mergulhou numa apatia comparável somente à indiferença de certos moribundos.

Em geral, naqueles últimos tempos, em vez de procurar ter uma ideia nítida da sua situação, fazia todos os esforços por não pensar nisso. Certos factos da vida corrente, que não admitiam adiamento, impunham-se, contra vontade, à sua atenção; em compensação, parece que tinha gosto em desprezar as questões cujo esquecimento, na sua posição especial, só lhe podia ser fatal.

Tinha sobretudo medo de Svidrigailov. Desde que este lhe tinha repetido as palavras pronunciadas no quarto da Sofia, os pensamentos de Raskólnikov como que tinham tomado nova direção. Conquanto porém essa complicação nova o inquietasse em extremo, não se apressava a pôr o caso a limpo. Às vezes, quando errava por algum bairro longínquo e solitário da cidade ou abancava nalguma reles taberna sem saber porque razão lá tinha entrado, e pensava de súbito em Svidrigailov, fazia tenção de ter o mais cedo possível uma explicação decisiva com esse homem que lhe atormentava o espírito.

Um dia em que fora passear para fora de barreiras, chegou a supor que havia marcado um encontro com Svidrigailov para aquele mesmo sítio. Outra vez, acordando antes da aurora, ficou muito admirado de se encontrar deitado no chão, no meio de uma mata. De resto, durante os dois ou três dias que se seguiram à morte de Catarina Ivanovna, Raskólnikov teve apenas duas vezes ocasião de o encontrar: a primeira, no quarto da Sofia e depois no vestíbulo, perto da escada que conduzia ao aposento da moça.

Nessas duas ocasiões limitaram-se a trocar algumas palavras e abstiveram-se de falar sobre o ponto capital, como se, por um acordo tácito, se tivessem entendido para afastar por momentos essa questão.

O cadáver de Catarina Ivanovna estava ainda sobre a cama e já Svidrigailov dava ordens para o funeral. Sofia estava também muito ocupada. No último encontro, aquele participou a Raskólnikov que as suas diligências em favor dos filhos de Catarina tinham sido coroadas do melhor êxito. Graças a certas pessoas, pudera obter a admissão das três crianças em asilos. Os mil e quinhentos *rublos* com que cada um dos pequenos fora dotado desbravaram muito o caminho dessas diligências, porque nos asilos eram recebidos de preferência os órfãos dotados. Acrescentou algumas palavras a respeito da Sofia, prometeu ir num dia próximo a casa de Raskólnikov e deu a entender que havia certas coisas sobre que desejava conversar com ele. Enquanto falava, não cessava de observar o interlocutor. De repente calou-se; depois perguntou, baixando a voz:

— Mas que tem, Rodia Romanovitch? Parece que não está bem senhor de si. Ouve, olha e parece não compreender! Tenha sangue frio. Precisamos conversar um pouco. Infelizmente ando muito ocupado tanto pelos meus próprios negócios, como pelos dos outros... Eh, Rodia — acrescentou de um modo brusco —, todos os homens precisam de ar, ar, ar... primeiro que tudo.

Afastou-se para deixar passar um padre e um sacristão que subiam a escada. Iam celebrar o ofício de defuntos. Svidrigailov quis que essa cerimónia se realizasse duas vezes por dia. Raskólnikov, depois de um momento de reflexão, seguiu o padre até casa da Sofia.

Ficou à porta. O ofício começou com a triste solenidade do costume. Desde criança Raskólnikov sentia uma espécie de terror místico perante o aparato da morte, por isso evitava quase sempre assistir a estas

cerimónias. Demais, esta em especial tinha para ele um caráter comovente: as três crianças estavam ajoelhadas junto do caixão. Poletcka chorava. Atrás delas, Sofia orava, procurando esconder as lágrimas.

«Durante estes dias», pensou ele, «não levantou os olhos para mim e não me disse nem uma palavra!» O sol iluminava bastante o quarto, por entre o fumo do incenso que subia em turbilhões espessos.

O padre leu a oração usual: «Dá-lhe, o Senhor, o eterno descanso!» Raskólnikov ficou até ao fim. Depois de lançar a bênção e de se despedir, o padre olhou em roda com um ar compungido. Raskólnikov aproximou-se de Sofia. Esta pegou-lhe logo nas mãos e inclinou a cabeça sobre o ombro do mancebo, a quem esta demonstração de amizade causou um profundo assombro. O quê? Sofia não lhe manifestava a menor aversão, o menor horror! As suas mãos não tremiam nas dele. Era o cúmulo da abnegação. Pelo menos foi isso que ele julgou. A moça não disse uma palavra. Raskólnikov apertou-lhe a mão e saiu.

Sentia um mal-estar insuportável. Se lhe fosse possível naquele momento encontrar a solidão nalguma parte, ainda que ela devesse durar toda a sua vida, ter-se-ia julgado feliz. Ah, desde algum tempo, conquanto estivesse quase sempre só, não podia dizer que o estava. Acontecia-lhe ir passear para fora da cidade e enfiar por uma estrada qualquer. Uma vez mesmo meteu-se por um bosque. No entanto, quanto mais solitário era o sítio, mais Raskólnikov sentia perto de si um ser invisível cuja presença o aterrava, muito menos do que o irritava. Por isso apressava-se a voltar à cidade, misturava-se com a multidão, entrava nos cafés, ia ao Tolhantka ou à Siennaia. Aí estava mais à vontade e até mais só!

Ao cair da noite cantavam numa taberna. Passou ali uma hora sentindo um grande prazer. Por fim a inquietação assenhoreou-se de novo dele; um pensamento acabrunhante como um remorso começou a torturá-lo.

«Estou para aqui a escutar cantigas e não era isso que devia fazer!», disse consigo. Adivinhava que não era essa a sua única preocupação; uma outra questão devia ser resolvida sem demora; todavia, por mais que ela se lhe impusesse, não podia decidir-se a dar-lhe solução. «Não! Mais vale a luta, mais vale encontrar-me em face de Porfírio ou de Svidrigailov... Sim, sim, antes um adversário qualquer, um ataque a repelir!»

A esta reflexão, saiu a toda a pressa da taberna. De súbito o pensamento de sua mãe e de sua irmã lançou-o numa espécie de pânico. Passou essa noite nas matas de Krestowski-Ostrov. Antes do dia romper,

acordou, tremendo com febre, e pôs-se a caminho de casa, onde chegou pela manhã. Após algumas horas de sono, a febre desaparecera. Eram duas horas quando acordou.

Lembrou-se de que esse dia era o fixado para as exéquias de Catarina Ivanovna e felicitou-se por não ter assistido à cerimónia. Nastásia levou-lhe o almoço. Comeu e bebeu com apetite, quase com avidez. Sentia-se mais sereno. Num dado momento espantou-se até dos acessos de pânico que tivera.

Abriram a porta e Razoumikhine entrou.

— Ah, comes! Então não estás doente — disse o visitante, sentando-se junto da mesa, em frente de Raskólnikov. Estava muito agitado e não o dissimulava. Via-se também que estava bastante encolerizado, mas falava devagar e sem elevar muito a voz. — Escuta — começou ele de novo num tom decidido. — Deixo-vos a todos, porque reconheço agora, da maneira mais clara, que o vosso procedimento é inexplicável. Não venho interrogar-te, não julgues isso! Nada me importa de tudo isso. Tenho mais que fazer do que tirar minhocas da cabeça. Agora se me disséssеis todos os vossos segredos, era muito provável que os não quisesse ouvir: ia-me embora. Vim cá somente para verificar o teu estado mental. Sabes que há pessoas que se julgam doidas ou em vésperas disso! Confesso-te que eu mesmo estava muito disposto a aceitar essa opinião, em vista da tua maneira de proceder, estúpida, vil e inexplicável. O que se há de pensar do teu procedimento para com tua irmã? Que homem, a não ser um doido ou um canalha, se comportaria com elas como tu fizeste? Com certeza estás doido...

— Estiveste com elas?

— Ainda há pouco. E não as vais ver? Fazes o favor de me dizer onde é que gastas um dia inteiro? Já vim três vezes a tua casa. Desde ontem tua mãe está bastante doente. Quis vir ver-te. Dounia tentou dissuadi-la disso, mas Pulquéria Alexandrovna não atendeu a coisa alguma. «Se está doente», dizia ela, «se tem a cabeça transtornada, quem deve tratar dele senão sua mãe?» Viemos aqui todos e pelo caminho suplicámos-lhe que sossegasse. Quando chegámos, estavas ausente. Ficámos calados, de pé, junto dela. «Se ele sai», disse tua mãe quando se levantou, «é porque não está doente. Esquece-se de sua mãe. Não devo portanto mendigar a afeição de meu filho.» Voltou para casa e meteu-se na cama. Agora está com febre. «Vejo bem», disse ela há pouco, «que é a ela que ele consagra todo o

seu tempo». Supõe que Sofia é tua noiva ou tua amante. Fui logo a casa da Sofia, porque, meu amigo, tardava-me saber o que havia a esse respeito. Entro e que vejo? Um caixão, crianças a chorar e a Sofia cosendo fatos de luto. Não estavas lá. Desculpei-me, saí e fui contar a Dounia o resultado da minha visita. Por conseguinte toda esta ausência não significou nada, não se tratava de amores; resta, pois, como mais provável, a hipótese da loucura. Ora chego aqui e encontro-te a devorar carne assada como se não comesses há quarenta e oito horas. Sem dúvida, o facto de alguém estar doido não impede esse alguém de comer; porém, apesar de ainda não me teres dito uma palavra... não, não estás doido, punha as mãos no fogo! Isso para mim está fora de discussão. Portanto, mando-vos a todos para o diabo, visto que se trata de um mistério e não tenciono quebrar a cabeça com a vossa charada. Vim apenas para te dizer isto... para desabafar. Enfim, sei o que tenho a fazer.

— Que vais fazer?

— Que te importa?

— Vais-te embebedar.

— Como adivinhaste?

— A coisa era difícil de adivinhar, lá isso!

Razoumikhine ficou um momento calado.

— Foste sempre muito inteligente e nunca, nunca estiveste doido — observou ele com vivacidade. — Disseste a verdade: vou-me embebedar. Adeus.

E deu um passo para a porta.

— Anteontem, se bem me lembro, falei de ti a minha irmã — disse Raskólnikov.

Razoumikhine estacou.

— De mim... Mas... onde foi que a viste anteontem? — perguntou ele, empalidecendo, muito perturbado.

— Veio cá a casa e conversou comigo.

— Ela?

— Sim, ela.

— E que lhe disseste... a meu respeito, bem entendido?

— Disse-lhe que eras um excelente rapaz, honesto e laborioso. Não lhe disse que a amavas, porque isso já ela sabe.

— O quê!

— Pois já se vê que sabe! Para onde quer que eu vá, aconteça-me o que acontecer, ficas sendo o seu amparo. Entrego-a, por assim dizer, nas tuas mãos, Razoumikhine. Digo-te isto porque sei muito bem que a amas e estou convencido da pureza dos teus sentimentos. Sei também que há de vir a amar-te, se não te ama. Agora decide se deves ou não ir embebedar-te.

— Rodia... Tu sabes... bem, que diabo! mas... onde vais? Se é segredo, não falemos mais nisso. Porém eu... eu hei de saber do que se trata... Estou convencido que não é nada sério, que são ninharias de que a tua imaginação fez monstros. Afinal és um excelente rapaz. Um excelente rapaz!

— Queria acrescentar, mas interrompeste-me — disse Raskólnikov — que tinhas muita razão ainda agora quando declaravas renunciar a conhecer o tal segredo. Não te inquietes. As coisas descobrir-se-ão a seu tempo e saberás tudo quando chegar a ocasião própria. Ontem alguém me disse que o homem precisava de ar, ar, ar! Vou sem demora perguntar-lhe o que queria ele dizer com estas palavras.

Razoumikhine pensou: «É um conspirador político, com toda a certeza! E está em vésperas de alguma tentativa audaciosa! É isso, é! Não pode ser outra coisa... e... e Dounia sabe-o.» Depois, dirigindo-se a Rodia:

— Então Dounia veio a tua casa e tu vais procurar alguém que te disse que é preciso ar... É provável que a carta tenha também sido enviada por esse alguém — concluiu ele como um à parte.

— Que carta?

— Ela recebeu hoje uma carta que a deixou muito inquieta. Quis falar-lhe de ti, porém não deixou, dizendo-me que nos separaríamos talvez num prazo muito breve e agradeceu-me não sei que favores. Em seguida foi-se fechar no quarto.

— Ela recebeu uma carta? — perguntou de novo Raskólnikov, pensativo.

— Recebeu. Não sabias? Hum…

Houve um minuto de silêncio.

— Adeus, Rodia... Eu, meu amigo... houve tempo... Bem, adeus! Devo também ir-me embora. Quanto a embebedar-me, não, não farei isso, é inútil.

Saiu de rompante, mas mal tinha fechado a porta voltou a abri-la e disse, olhando de revés:

— A propósito! Lembras-te daquela morte, do assassinato daquela velha? Fica sabendo que descobriram o assassino. Confessou-se culpado e forneceu todas as provas em apoio das suas palavras. Imagina que é um daqueles pintores que defendi com tanto calor. Queres crer? A folia dos dois operários, enquanto o porteiro e as duas testemunhas subiam, os sopapos que davam a rir, tudo isso foram habilidades postas em prática pelo assassino para desviar suspeitas. Que astúcia! Que presença de espírito tem aquele mariola! Custa a crer, mas ele próprio explicou tudo do modo mais conveniente. E como eu fui na rede! Aquela criatura é o génio da dissimulação e da astúcia. Depois daquilo não podemos admirar-nos de nada. Como eu tinha os olhos tapados! E as lanças que quebrei na defesa desses dois malandros!

— Diz-me cá uma coisa: como soubeste isso e porque é que esse negócio te interessa tanto? — perguntou Raskólnikov, em cujo rosto se lia uma visível agitação.

— Porque me interessa? Tem graça a pergunta! Quanto aos factos, tive conhecimento deles por muitas pessoas, entre elas o Porfírio. Foi ele quem me disse quase tudo.

— Porfírio?

— Sim.

— E então... que te disse ele? — inquiriu Raskólnikov, inquieto.

— Explicou-me o caso de uma forma maravilhosa, segundo o seu método psicológico.

— Ele explicou?

— Ele próprio, sim. Adeus. Mais tarde dir-te-ei ainda mais alguma coisa, mas agora sou forçado a deixar-te... Houve um tempo em que pensei... Bem, contar-te-ei isso outro dia. Que necessidade tenho eu agora de beber? As tuas palavras bastam para me embriagar. Neste momento, Rodia, estou bêbedo, bêbedo a cair, sem ter bebido uma gota de vinho. Adeus, até breve.

E saiu.

«É um conspirador político, isto é positivo, positivo!», concluiu Razoumikhine enquanto descia as escadas. «E arrastou a irmã na empresa. A conjuntura é muito provável, dado o caráter de Dounia. Têm tido as suas conversas. Ela já me tinha feito supor, por algumas palavras. Agora compreendo a que se referiam certas alusões. Sim, é isso! De resto, como achar outra explicação para este mistério? Hum! E tinham-me vindo à

cabeça... Oh, meu Deus! O que tinha imaginado! Sim, cheguei a pensar nalguns momentos uma coisa horrível! Caluniei-o. No outro dia, no corredor, contemplando o seu rosto iluminado pela luz da lâmpada, tive um minuto de desvario. Que horrível ideia me passou pelo espírito! Nicolau fez muito bem em confessar... Sim, até este momento tudo quanto se tem passado se explica: a doença de Rodia, a singularidade do seu procedimento, aquele humor sombrio e feroz que manifestava já no tempo em que era estudante... Contudo, que significa aquela carta? De onde veio ela? Aqui há coisa! Desconfio... Hum! Não, eu hei de descobrir toda esta história.»

Cada vez que se lembrava de Dounia sentia gelar-se-lhe o sangue e ficava como que pregado ao chão. Teve de fazer um violento esforço para continuar o seu caminho.

Logo depois da partida de Razoumikhine, Raskólnikov levantou-se. Aproximou-se da janela, depois passeou de um lado para o outro, parecendo ter-se esquecido das dimensões exíguas do quarto. Por fim tornou a sentar-se no sofá. Uma transformação completa parecia ter-se operado nele. Tinha ainda que lutar: era um recurso!

Sim, um recurso, um meio de escapar à situação aflitiva em que estava, à agonia em que vivia desde a aparição de Nicolau em casa do Porfírio. Nesse mesmo dia e depois desse dramático incidente, dera-se a cena em casa de Sofia, cena cujas peripécias e desfecho tinham por completo iludido as previsões de Raskólnikov. Mostrara-se fraco. Reconhecera, bem como a moça, e de uma maneira bem sincera, que não podia sozinho com tal fardo. E Svidrigailov? Svidrigailov era um enigma que o inquietava, mas não tanto. Havia talvez um meio de se desembaraçar dele, ao passo que com Porfírio o caso mudava de figura.

«De modo que foi o próprio Porfírio que explicou a Razoumikhine a culpabilidade de Nicolau, segundo o célebre método *psicológico!*», monologava Raskólnikov. «Até nisso se serviu da sua maldita psicologia! Porfírio? Como pôde Porfírio, por um só instante, supor o Nicolau culpado depois da cena que se passou entre nós e que só admite *uma* explicação? Durante esse frente a frente, as suas palavras, os seus gestos, os seus olhares, o som da sua voz, tudo nele ostentava uma convicção tão inabalável que nenhuma das pretendidas confissões de Nicolau deve ter podido abafar. Mas quê? Razoumikhine começava também a desconfiar de qualquer coisa. O incidente do corredor deve-lhe ter, sem dúvida, sugerido

reflexões. Correu logo a casa de Porfírio. E porque o enganou este de tal maneira? Com que fim é que engana Razoumikhine a respeito de Nicolau? É evidente que não fez isso sem motivo. Deve ter as suas intenções. Quais são elas? Na verdade, já lá vão bastantes horas e não tornei a ter notícias do Porfírio. Quem sabe, contudo, se isso não é antes um mau sinal?»

Pegou no chapéu e, depois de refletir um instante, decidiu-se a sair. Naquele momento, pela primeira vez desde há muito tempo, sentia-se em plena posse das suas faculdades intelectuais. «É preciso liquidar isto com Svidrigailov», pensava ele, «e, custe o que custar, decidir esta questão o mais depressa possível. Mais a mais, parece esperar a minha visita.» Nesse instante trasbordou-lhe do coração um ódio tão violento que se pudesse matar um ou outro desses dois seres detestados, Svidrigailov ou Porfírio, não teria hesitado em o fazer.

Mal abrira porém a porta, encontrou-se cara a cara com o próprio Porfírio. O juiz de instrução procurava-o. No primeiro momento Raskólnikov ficou estupefacto. Mas, coisa singular, essa visita não o espantou muito e não lhe causou nenhum receio. «É talvez o desfecho! Porque amorteceria ele o ruído dos passos? Não ouvi nada. Estava a escutar atrás da porta».

— Não esperava a minha visita, Rodia Romanovitch? — disse com jovialidade Porfírio. — Já há muito tencionava vir visitá-lo e ao passar agora por diante da sua casa lembrei-me de subir. O senhor ia sair? Não o demorarei. Cinco minutos somente, o bastante para fumar um cigarro, se o não incomodo...

— Mas sente-se, Porfírio, sente-se — disse Raskólnikov oferecendo uma cadeira ao juiz com um ar tão afável e satisfeito que ele próprio ficaria surpreendido se se pudesse ver. Todos os vestígios das suas impressões anteriores haviam desaparecido, como sucede a quem, tendo sido atacado por salteadores e tendo passado meia hora de ânsias mortais, já não sente muitas vezes medo nenhum quando lhe põem o punhal ao peito.

Sentou-se em frente de Porfírio e fixou nele um olhar firme.

O juiz de instrução piscou os olhos e começou por acender um cigarro.

«Fala para aí, diabo! Fala para aí!», bradava em mente Raskólnikov.

Capítulo 2

— Oh, estes cigarros! — começou por fim Porfírio. — Sinto que serão a causa da minha morte e não posso renunciar a eles. Estou sempre a tossir, tenho um princípio de irritação na laringe e sou asmático. Consultei há poucos dias Baktine, que examina todos os doentes pelo menos meia hora. Depois de me ter auscultado disse-me, entre outras coisas: «O tabaco faz-lhe mal e o senhor tem os pulmões dilatados». Pois sim, mas como hei de eu abandonar o tabaco? Porque hei de substituí-lo? Eu bebo. Aí é que está o mal. Tudo é relativo, amigo Rodia!

«Cá está mais um preâmbulo tresandando a rabulice jurídica!», resmungava de si para si Raskólnikov. A sua recente conversa com o juiz de instrução acudiu-lhe logo ao espírito e a essa lembrança a cólera despertou-lhe no coração.

— Já vim a sua casa ontem à noite, não sabia? — continuou Porfírio, olhando em volta. — Entrei neste mesmo quarto. Encontrei-me por acaso na sua rua, como hoje, e veio-me à ideia fazer-lhe uma visitinha. A porta estava aberta, entrei, esperei um momento, depois saí sem dizer o nome à sua criada. O senhor não costuma fechar a porta?

A fisionomia de Raskólnikov tornava-se cada vez mais sombria. Porfírio adivinhava, sem dúvida, no que ele pensava.

— Venho explicar-me, meu caro Rodia. Devo-lhe uma satisfação — prosseguiu ele, sorrindo e batendo ligeiramente sobre o joelho do mancebo. Quase no mesmo instante o seu rosto tomou uma expressão grave e triste, com grande espanto de Raskólnikov, a quem o juiz de instrução se mostrara com um aspeto por completo inesperado. — A última vez que nos vimos, passou-se entre nós uma cena esquisita. Sou talvez muito culpado para consigo... Lamento. O senhor lembra-se de como nós nos separámos? Ambos tínhamos os nervos muito excitados, ambos faltámos às mais elementares regras da civilidade e, contudo, somos dois cavalheiros.

«Onde quer ele chegar?», perguntava a si próprio Raskólnikov, que não cessava de examinar Porfírio com uma curiosidade inquieta.

— Pensei que faríamos melhor, agora, procedendo com sinceridade — continuou o juiz de instrução, baixando a cabeça como se receasse dessa vez perturbar com o olhar a sua vítima. — É preciso que se não repitam semelhantes cenas. Se não fosse a inesperada aparição de Nicolau, não sei até onde as coisas teriam chegado. O senhor é muito irascível. Era sobre essa base que tinha armado a minha bateria, porque, quando o irritam de mais, um homem deixa às vezes escapar os seus segredos. «Se puder», dizia comigo, «arrancar-lhe uma prova qualquer, por mais insignificante que seja, mas uma prova real, tangível, palpável, enfim, uma coisa diferente de todas estas induções psicológicas…» Aí está o cálculo que eu tinha feito. Este processo, muitas vezes, dá resultado, porém nem sempre, como tive ocasião de me convencer. Confiei demasiado no seu caráter.

— Mas... a que vem tudo isso? — balbuciou Raskólnikov, sem saber bem o que perguntava. «Julgar-me-á, por acaso, inocente?», pensava.

— A que vem tudo isto? Considero como um dever sagrado explicar-lhe a minha conduta. Porque, reconheço-o com grande pesar, submeti-o no outro dia a uma tortura cruel e não quero que me tome por um monstro. Vou, pois, para me justificar, expor os antecedentes desta questão. A princípio circularam certos boatos sobre cuja natureza e origem julgo supérfluo alargar-me; é também inútil dizer-lhe em que ocasião a sua personalidade se envolveu no caso. Quanto a mim, o que me deu o alarme foi uma circunstância, aliás fortuita, de que também não tenho que falar agora. De todos esses boatos e factos acidentais resultou para mim a mesma conclusão. Confesso-o com franqueza porque, a dizer a verdade, fui o primeiro a meter o seu nome na questão. Pus de parte as anotações juntas aos objetos que se encontraram em casa da velha. Esse indício e muitos outros do mesmo género não significam nada. Nesse meio tempo tive ocasião de saber do incidente ocorrido no comissariado da polícia. Essa cena foi-me contada com todos os pormenores por alguém que nela representara o papel principal e que, sem dar por isso, a tinha conduzido superiormente. Ora bem, nestas condições como podia deixar de me voltar para o seu lado? Cem coelhos não valem um cavalo, cem conjeturas não valem uma prova, diz o provérbio inglês. É a paixão que fala assim, e vá-se lá lutar contra as paixões! Ora um juiz de instrução é homem e por conseguinte apaixonado. Lembrei-me também do trabalho que o senhor tinha publicado numa revista. Tinha apreciado muito (como amador, já se vê) esse primeiro ensaio da sua pena. Reconhecia-se nele uma convicção

sincera, um entusiasmo ardente. Esse artigo deve ter sido escrito com mão febril durante uma noite de insónia. «O autor não ficará por aqui», pensei ao lê-lo. Porque não havia de aproximar esse artigo dos acontecimentos ulteriores, pergunto eu? O declive é irresistível... Note que me refiro ao passado, que se trata de um pensamento que então me ocorreu. O que penso agora? Nada, isto é, quase nada. Neste momento tenho Nicolau entre as mãos e há factos que o acusam. Digam o que disserem, há factos! Se lhe falo agora de tudo isto é, repito, para que, julgando na sua alma e consciência, não impute como criminosa a minha conduta do outro dia. Mas, perguntará o senhor, porque não veio fazer uma busca à minha casa? Cá vim (he, he!), cá vim quando o senhor estava doente na cama. Não como magistrado, não com caráter oficial, mas cá vim. O seu quarto, logo às primeiras suspeitas, foi remexido de cima a baixo sem resultado! Depois disse comigo: «Agora este homem vai a minha casa, ele mesmo irá procurar-me e daqui a muito pouco tempo. Se está culpado, não pode deixar de ir. Qualquer outro não iria, este irá». O senhor lembra-se do falatório de Razoumikhine. De propósito transmitimos-lhe parte das nossas suspeitas na esperança de que ele lhe contasse tudo, porque sabíamos que Razoumikhine não poderia conter a indignação. O Zametov tinha, sobretudo, notado a sua audácia e, de facto, é preciso ser audaz para ousar dizer em pleno café: «Matei!» Era na verdade muito arriscado! Fiquei à sua espera, impaciente, porém com toda a confiança, e eis que Deus mo envia. Como me bateu o coração quando o vi aparecer. Porque, enfim, que necessidade tinha então o senhor de lá ir? Se está lembrado, o senhor entrou a rir-se às gargalhadas. O seu riso deu-me muito que pensar. Se não estivesse de pé atrás como na verdade estava, não teria reparado nele. E Razoumikhine, então... Ah, a pedra, o senhor lembra-se da pedra sob a qual estão escondidos os objetos? Parece-me vê-la daqui, em qualquer parte, num pomar... E foi num pomar que o senhor falou a Zametov? Em seguida, quando a conversa se estabeleceu, por detrás de cada uma das suas palavras julgávamos descobrir um sentido oculto. Aí está como a minha convicção se firmou pouco a pouco. Decerto, meu amigo, tudo isto se explica de outra maneira, é claro. Mais valeria uma pequenina prova. E surgiu quando soube a história do cordão da campainha. Nessa altura, não duvidei mais, julguei estar por fim na posse da pequenina prova tão desejada e não refleti em coisa alguma. Nesse momento teria dado com muito gosto mil *rublos* da minha algibeira para o

ver, com os meus próprios olhos, andar cem passos ao lado de um burguês que lhe chamou assassino sem que o senhor ousasse responder-lhe! Por certo que não se pode ligar grande importância às palavras e obras de um doente que procede sob a influência do delírio. Contudo, depois de tudo isto, como se pode admirar da maneira como me comportei com o senhor? E porque motivo, naquele momento preciso, foi o senhor a minha casa? Algum diabo, com certeza, lá o levou e, em verdade, se Nicolau não tivesse aparecido... O senhor lembra-se da chegada do Nicolau? Foi como que um raio. Não acreditei em nada do que ele disse, o senhor bem viu. Depois da sua partida, continuei a interrogá-lo. Respondeu-me sobre certos pontos de uma maneira tal que fiquei espantado; e, no entanto, as suas declarações deixaram-me incrédulo.

— Razoumikhine disse-me ainda há bocado que o senhor agora estava convencido da culpabilidade de Nicolau, que o senhor mesmo lhe afiançou que...

Não pôde acabar, pois faltou-lhe o fôlego.

— Razoumikhine! — exclamou Porfírio, que parecia muito satisfeito por ter ouvido enfim sair uma observação da boca de Raskólnikov. — He, he, he! Disse-lhe isso para me desembaraçar dele. Púnhamo-lo de parte. Quanto a Nicolau, quer saber o que penso? Antes de tudo, é como uma criança, ainda não chegou à maioridade. Sem ser de natureza cobarde, é impressionável como um artista. Não se ria, é assim mesmo! É ingénuo, sensível, lunático! Na sua aldeia canta, dança e conta histórias. Acontece-lhe beber até perder a razão, não porque seja de facto um bêbedo, mas porque não é capaz de resistir ao exemplo quando está com camaradas. Não compreende que cometeu um roubo, apropriando-se do estojo que achou: «Encontrei-o no chão», diz ele, «logo tinha todo o direito de o apanhar». Segundo dizem os patrícios dele, era de uma devoção exaltada, passava noites a rezar e lia sempre livros religiosos, «os antigos, os verdadeiros». S. Petersburgo modificou-o muito; depois que aqui chegou, entregou-se ao vinho e às mulheres, o que lhe fez esquecer a religião. Soube que um dos nossos artistas se tinha interessado por ele e começara a dar-lhe lições. Nesse meio tempo sucedeu esta desgraça de caso. O pobre rapaz amedrontou-se e deitou um laço ao pescoço. Que quer o senhor? O nosso povo está convencido de que todo o homem procurado pela polícia é um homem condenado. Na prisão, Nicolau voltou ao misticismo dos seus primeiros anos; nesta altura deseja a expiação da sua vida desregrada e é

esse o único motivo que o obriga a confessar-se culpado. A minha convicção a este respeito baseia-se em certos factos que ele próprio não conhece. No fim acabará por me confessar toda a verdade. O senhor julga que ele manterá o papel até ao fim? Espere um pouco e verá como se retrata de tudo quanto disse. Enfim, se conseguiu dar, sobre certos pontos, um caráter de verosimilhança às suas declarações, em compensação noutros acha-se em completa contradição com os factos e disso é que ele não desconfia! Não, Rodia, o culpado não é o Nicolau. Estamos em presença de um caso fantástico e sombrio. Este crime tem a marca do nosso tempo, o cunho de uma época que faz consistir a vida na procura do conforto. O culpado é um homem de teorias, uma vítima dos livros; desenvolveu uma grande audácia, mas essa audácia é a de um homem que se precipita do cume de uma montanha ou do alto de uma torre. Esqueceu-se de fechar a porta e matou duas pessoas para obedecer a uma teoria. Matou e não se apoderou do dinheiro; o que pôde levar foi escondê-lo debaixo de uma pedra. Não lhe bastaram as aflições porque passou na antecâmara enquanto ouvia as pancadas na porta e o tilintar repetido da campainha: cedendo a uma necessidade irresistível de sentir as mesmas sensações, foi mais tarde visitar o aposento vazio e puxar o cordão da campainha... Lancemos isso à conta de doença, de delírio (seja!), mas eis ainda outro ponto a notar: matou, mas nem por isso se julga menos respeitável, despreza toda a gente e dá-se uns certos ares. Não, não se trata de Nicolau, meu caro Rodia, não é ele o culpado!

Ao receber este golpe direto e inesperado depois das desculpas com que o juiz de instrução começara a conversa, Raskólnikov sentiu um estremecimento por todo o corpo.

— Então... quem foi? — balbuciou com voz estrangulada.

O juiz de instrução endireitou-se na cadeira com o espanto que pareceu causar-lhe uma tal pergunta.

— Como, quem foi? — replicou ele, como se lhe custasse a acreditar no que ouvira. — Foi o senhor, Rodia, foi o senhor quem matou! O senhor... — acrescentou ele em voz baixa e num tom de convencido.

Raskólnikov levantou-se com um movimento brusco, ficou de pé alguns segundos e depois voltou a sentar-se sem proferir uma palavra. Ligeiras convulsões agitavam-lhe todos os músculos do rosto.

— Lá está o beiço a tremer como no outro dia — notou com ar de interesse Porfírio. — O senhor julgo que não compreendeu o fim da minha

visita — prosseguiu ele depois de um momento de silêncio —, por isso é que está estupefacto. Vim aqui precisamente para dizer tudo, para aclarar toda a verdade.

— Não fui eu que matei — gaguejou o mancebo, defendendo-se como uma criança quando é apanhada nalguma falta.

— Foi tal, foi o senhor, foi o senhor e só o senhor — replicou de um modo severo o juiz de instrução.

Ambos se calaram e, coisa singular, esse silêncio prolongou-se durante dez minutos.

Encostado à mesa, Raskólnikov passava a mão trémula pelo cabelo e Porfírio esperava sem dar sinal algum de impaciência. De repente o mancebo olhou com desprezo para o magistrado.

— O senhor volta aos seus processos antigos. É sempre a mesma coisa.

— Deixe lá os meus processos! A coisa seria outra se estivéssemos em presença de testemunhas; mas estamos conversando a sós. O senhor bem vê que não vim aqui para o apanhar como se fosse uma peça de caça. Que o senhor confesse ou não, neste momento isso é-me indiferente. Em qualquer dos casos a minha convicção é inabalável.

— Se assim é, porque veio cá? — perguntou Raskólnikov irritado. — Repito a pergunta que já lhe fiz: se me julga culpado, porque não expede um mandado de captura contra mim?

— Que pergunta! Em primeiro lugar, a sua captura não me serviria de nada.

— Como, não lhe serviria de nada? Desde o momento que o senhor está convencido, deve...

— Mas que importa a minha convicção? Até este momento só assenta sobre nuvens. E para que hei de encarcerá-lo? O senhor bem o sabe, visto que pede que o prendam. Suponho que, acareado com o burguês, o senhor dir-lhe-ia: «Tinhas bebido ou não? Quem me viu contigo? Tomei-te apenas por um bêbedo, como de facto estavas.» Que poderia eu replicar, tanto mais que o homem é conhecido como bêbedo? Sem dúvida, mandá-lo-ei prender, vim cá para o avisar disso, e no entanto não hesito em lhe declarar que isso não me servirá de nada. O segundo fim da minha visita...

— Qual é? — disse Raskólnikov, ofegante.

— Já lho disse. Queria, sobretudo, explicar-lhe a minha conduta, porque não desejo passar aos seus olhos por um monstro, em especial

agora que estou bem-disposto a seu favor, quer o senhor creia quer não. Em virtude do interesse que tenho pelo senhor, convido-o a ir denunciar-se. Vim também para lhe dar este conselho. É com certeza o melhor partido para o senhor e para mim, que ficava desembaraçado desta questão. Então, sou ou não franco?

Raskólnikov refletiu um minuto.

— Escute, Porfírio, o senhor só tem contra mim a sua famosa psicologia e todavia aspira à evidência matemática. Quem lhe diz que se não engana?

— Não, não me engano. Tenho uma prova. Deus é que ma enviou!

— Qual é ela?

— Não lha direi... Porém, em todo o caso, agora já não tenho o direito de contemporizar; vou mandá-lo prender. Não me interessa pois qualquer resolução que o senhor tome. Tudo o que lhe tenho dito é apenas e só apenas para seu bem. A melhor solução é a que lhe indico, esteja certo disso

Raskólnikov esboçou um sorriso de cólera.

— A sua linguagem é mais que ridícula, é imprudente. Vejamos: supondo que eu seja o criminoso (o que não confesso de modo nenhum), para que hei de ir denunciar-me se o senhor próprio me disse já que na prisão o culpado está em *repouso?*

— Eh! Rodia, não tome essas palavras muito à letra: pode lá encontrar *repouso* e pode também não encontrar. Sou de opinião, sem dúvida, que a prisão acalma o culpado, mas é uma simples teoria pessoal: ora, serei eu uma autoridade para o senhor? Quem sabe se neste momento não lhe oculto alguma coisa? O senhor não pode exigir que lhe diga todos os meus segredos... He, he! Quanto ao proveito que tirará desse procedimento, é incontestável. Ganha com ele, com certeza, o diminuírem-lhe muitíssimo a pena. Ora veja em que ocasião o senhor iria denunciar-se: no momento em que um outro assumiu a responsabilidade do crime e veio atrapalhar a instrução! Pela parte que me toca, comprometo-me formalmente perante Deus a empregar todos os meus esforços para que o tribunal lhe conceda o maior benefício possível por motivo da sua iniciativa. Os juízes, afirmo-lho sob palavra de honra, ignoram que suspeitei do senhor e a sua ação terá portanto aos seus olhos um caráter de absoluta espontaneidade. Ver-se-á apenas no seu crime o resultado de um desvario fatal, e no fundo não foi outra coisa. Sou um homem honesto, Rodia, e cumprirei a minha palavra.

Raskólnikov baixou a cabeça e refletiu por algum tempo; por fim sorriu de novo, porém desta vez o seu sorriso era terno e melancólico.

— E que ganho com isso? Que me importa a diminuição da pena? Não preciso dela — disse, sem reparar que esta linguagem equivalia quase a uma confissão.

— Aí está o que eu receava — exclamou Porfírio, como a custo. — Já desconfiava que o senhor rejeitaria a nossa indulgência.

Raskólnikov olhou para ele com ar grave e triste.

— Eh, não seja desdenhoso! — continuou o juiz de instrução. — Ainda há de viver muitos anos. O quê, o senhor não quer uma diminuição da pena? É bem difícil de contentar!

— Que terei depois em perspetiva?

— A vida. O senhor é profeta para saber o que ela lhe reserva? Procure e achará. Quem sabe se tudo isto não é uma prova a que Deus o sujeita? Afinal o senhor não será condenado por toda a vida...

— Obterei circunstâncias atenuantes... — disse, rindo, Raskólnikov.

— É talvez um sentimento de ridículo amor próprio que o impede, contra sua vontade, de se confessar culpado. Seja superior a essas ninharias!

— Oh, bem me importo com isso! — murmurou, num tom de desprezo. Tornou a fazer menção de se levantar, porém sentou-se outra vez bastante abatido.

— O senhor é desconfiado e pensa que quero enganá-lo... O senhor nasceu ontem. Que sabe o senhor da vida? O senhor imaginou uma teoria, que na prática lhe deu consequências tão pouco originais que hoje está envergonhado. Cometeu um crime, é verdade; contudo não é um criminoso perdido e sem remissão. Está muito longe disso... Qual é a minha opinião a seu respeito? Considero-o como um destes homens que deixariam arrancar as entranhas, contanto que tivessem encontrado uma fé ou um Deus. Pois bem, procure-os e viverá. Primeiro que tudo, há muito tempo que o senhor precisa de mudar de ar. Depois, o sofrimento é uma boa coisa. Sofra. Nicolau tem talvez razão em querer sofrer. Sei que o senhor é um cético, mas entregue-se sem raciocinar à corrente da vida. Ela o levará a alguma parte. Onde? Não se inquiete com isso, pois irá ter a um porto qualquer. Qual? Ignoro-o. Creio apenas que o senhor ainda tem muito tempo para viver. Está por aí a julgar que estou a representar o meu papel de juiz de instrução! Talvez mais tarde se lembre das minhas palavras e então lhes dê

o devido valor. Eis a razão porque lhe falo desta maneira. Ainda é uma sorte que o senhor só tenha morto uma velha usurária! Com outra teoria teria cometido uma ação cem mil vezes pior. Ainda pode dar graças a Deus! Quem sabe? Talvez Ele tenha os seus desígnios a respeito do senhor. Portanto, tenha coragem e não recue, por pusilanimidade, diante da justiça. Sei que o senhor não acredita em mim; todavia, com o tempo, há de tomar de novo gosto pela vida. Hoje falta-lhe somente ar, ar!

Raskólnikov estremeceu.

— Mas quem é o senhor — exclamou ele — para me fazer essas profecias? Que alta sabedoria lhe permite adivinhar o meu futuro?

— Quem sou eu? Sou um homem acabado, nada mais. Um homem sensível e compassivo a quem a experiência ensinou talvez alguma coisa, porém um homem que liquidou, que por completo acabou. Quanto ao senhor, o caso é outro: o senhor está no começo da existência e esta aventura (quem sabe?) não deixará talvez vestígio algum na sua vida. Porque há de recear tanto a mudança que vai operar-se na sua situação? É do bem-estar que um coração como o seu pode ter pena? Aflige-se com a ideia de estar por muito tempo enterrado na obscuridade? Do senhor depende porém que essa obscuridade não seja eterna. Faça-se um sol e toda a gente o verá. Porque está outra vez a sorrir? O senhor está dizendo lá consigo: isto é palavreado de juiz de instrução... É muito possível, he, he, he! Não lhe peço que acredite em mim, Rodia. Sou primeiro que tudo juiz, concordo; apenas acrescento isto: mais do que as minhas palavras, os factos lhe demonstrarão se sou um intrujão ou um homem honrado.

— Quando tenciona prender-me?

— Posso conceder-lhe ainda um dia e meio ou dois dias de liberdade. Reflita, meu amigo. Peça a Deus que o inspire. O conselho que lhe dou é o melhor que tem a seguir, acredite.

— E se eu fugir? — perguntou Raskólnikov com um sorriso estranho.

— Não foge. Um *mujik* fugiria ou um revolucionário vulgar, visto o seu credo o prender por toda a vida. O senhor porém já não acredita na sua teoria. Que levaria se fugisse? E pensou já na existência ignóbil e odiosa de um fugitivo?! Se fugisse, voltaria por sua própria vontade. *O senhor não pode passar sem nós.* Quando o mandar prender, daqui a um mês ou dois, ou mesmo três se quiser, o senhor lembrar-se-á das minhas palavras e confessará. O senhor será levado a isso sem sentir, quase sem querer. Estou mesmo persuadido de que, depois de refletir, se decidirá a aceitar a

expiação. Neste momento não acredita, mas verá... É que, com efeito, o sofrimento é uma grande coisa. Na boca de um gorducho que não se priva de coisa alguma esta linguagem pode dar vontade de rir. Não importa. Há uma ideia no sofrimento. Nicolau tem razão... Não, o senhor não fugirá.

Raskólnikov levantou-se e pegou no chapéu. Porfírio fez outro tanto.

— Vai passear? A noite deve estar magnífica, a não sobrevir alguma tempestade. Aliás, não seria mau refrescar a temperatura.

— Porfírio — disse o mancebo com um modo seco — peço-lhe, não vá pensar que lhe fiz alguma confissão. O senhor é um homem singular e eu escutei-o por mera curiosidade. Não confessei nada... não se esqueça disto.

— Basta, não me esquecerei. Eh, eh, como ele treme! Não se inquiete, meu caro amigo, tomo nota da sua recomendação. Passeie um pouco, mas não ultrapasse certos limites… É verdade, tenho ainda que fazer-lhe um pedido — acrescentou, baixando a voz. — É um pouco delicado, contudo tem sua importância: no caso de, aliás pouco provável na minha opinião, durante estas quarenta e oito horas se lhe encasquetar a ideia de acabar com a vida (desculpe-me esta suposição absurda), deixe sempre um bilhetinho, duas linhas apenas, indicando o lugar onde se encontra a pedra. Seria uma ação nobre. Até à vista e que Deus o ilumine.

Porfírio retirou-se, evitando olhar para Raskólnikov. Este aproximou-se da janela e esperou com impaciência o momento em que, segundo o seu cálculo, o juiz de instrução estivesse longe da sua casa. Em seguida saiu a toda a pressa.

Capítulo 3

Estava ansioso por ver Svidrigailov. O que podia esperar desse homem, ele próprio o ignorava. Essa criatura tinha sobre ele um poder misterioso. Desde que Raskólnikov se convencera disso, a inquietação devorava-o e já não podia esperar mais o momento de uma explicação.

No caminho, um pensamento em especial o preocupava: Svidrigailov teria ido a casa de Porfírio? Pelo que ele podia julgar, não, Svidrigailov não fora lá. Raskólnikov tê-lo-ia jurado. Rememorando todas as circunstâncias da visita de Porfírio, chegava sempre à mesma conclusão negativa.

Se Svidrigailov não tinha ido a casa do juiz de instrução, deixaria de lá ir?

Sobre este ponto acabava também por responder negativamente. Porquê? Não podia dar as razões da sua maneira de ver, e ainda mesmo que pudesse explicá-la não iria quebrar a cabeça por esse motivo.

Tudo isso o apoquentava e ao mesmo tempo deixava-o quase indiferente. Coisa singular, quase inacreditável: por muito crítica que fosse a sua situação atual, pouco se afligia; o que o atormentava era alguma coisa bem mais importante, pois o interessava pessoalmente. Afora isso, sentia uma imensa fadiga moral, conquanto estivesse mais em estado de raciocinar do que nos dias anteriores.

Depois de tantos combates, seria preciso começar uma nova luta para triunfar dessas miseráveis dificuldades? Valia a pena, por exemplo, ir fazer o cerco a Svidrigailov, tentar enganá-lo com medo de que fosse a casa do juiz de instrução?

Oh, como tudo isso lhe mexia com os nervos!

No entanto tinha pressa em ver Svidrigailov. Esperava dele o quer que fosse de *novo,* um conselho, um meio de salvação. Os afogados agarram-se a uma palha. Era o destino ou o instinto que impelia aqueles dois homens um para o outro? Ou Raskólnikov procurava Svidrigailov apenas por já não saber para onde se havia de voltar? Teria necessidade de outra pessoa e agarrava-se a Svidrigailov por não encontrar melhor? E Sofia? Mas porque

iria ele agora a casa de Sofia? Para a fazer chorar mais? Depois, Sofia assustava-o; era para ele a sentença inexorável, a decisão sem apelo. Naquele momento, sobretudo, não se sentia em estado de afrontar a presença da moça. Não, não valeria mais fazer uma tentativa com Svidrigailov? Com mágoa confessava a si próprio que já há muito tempo Svidrigailov lhe era de certo modo necessário.

Entretanto, que podia haver de comum entre eles? A perversidade de Svidrigailov não era de molde a aproximá-los. Esse homem desagradava-lhe muito: era de facto um homem sem vergonha, um impostor, talvez um malvado. Corriam lendas sinistras a seu respeito. É verdade que protegia os filhos de Catarina Ivanovna: mas quem podia dizer o motivo desse procedimento?

De um tal homem não era lícito esperar qualquer coisa de bom. Desde há dias havia um outro pensamento que não deixava de inquietar Raskólnikov, conquanto se esforçasse por afastá-lo por lhe ser doloroso. «Svidrigailov anda sempre à minha roda», dizia-se a si mesmo muitas vezes. «Descobriu o meu segredo. Pretendeu o amor da minha irmã e talvez o pretenda ainda, o que é o mais provável. Se agora que conhece o meu segredo quisesse servir-se dele como de uma arma contra Dounia?»

Este pensamento, que por vezes o inquietava até em sonhos, não lhe tinha ainda ocorrido com tanta clareza como naquele momento em que ia a casa de Svidrigailov. A princípio lembrou-se de dizer tudo à irmã, o que mudaria muito a situação. Depois lembrou-se de que faria melhor indo denunciar-se para prevenir alguma imprudência da parte de Dounia. E a carta? Naquela manhã Dounia tinha recebido uma carta. Quem podia ter-lhe escrito em S. Petersburgo? Não seria Petrovitch? É verdade que Razoumikhine lá estava de guarda, mas Razoumikhine não sabia nada! «Não deveria ter-lhe já contado tudo?», perguntou Raskólnikov a si próprio com uma revolta do coração. «Em todo o caso é preciso ver Svidrigailov o mais cedo possível. Graças a Deus os pormenores aqui importam menos do que o fundo da questão; porém, se tem a audácia de tentar alguma patifaria, alguma cilada contra Dounia, então mato-o!»

Parou no meio da rua e olhou em volta. Que caminho tomara ele? Onde estava? Achava-se na Avenida ***, a trinta ou a quarenta passos do Mercado do Feno, que acabara de atravessar. O segundo andar da casa à esquerda era todo ocupado por um café. As janelas estavam abertas de par em par. A julgar pela gente que nelas se via, o estabelecimento devia estar

cheio. Na sala cantavam e tocavam clarinete e violino. Ouviam-se gritos de mulheres. Surpreendido por se ver naquele sítio, ia voltar pelo mesmo caminho quando de repente, a uma das janelas, avistou Svidrigailov. Isso causou-lhe espanto e receio ao mesmo tempo. Este examinava-o em silêncio e, coisa que espantou ainda mais Raskólnikov, fez menção de se levantar como se quisesse evitar que ele o visse. Raskólnikov fingiu que não o via e pôs-se a olhar distraidamente para o lado, mas sem contudo deixar de o examinar. A inquietação fazia-lhe palpitar o coração com violência. De facto Svidrigailov tinha interesse em não ser visto. Tirou o cachimbo da boca e quis ocultar-se dos olhares de Raskólnikov, porém levantando-se e afastando a cadeira reconheceu que já era tarde. Estava-se dando entre eles o mesmo jogo de cena da sua primeira entrevista no quarto de Raskólnikov. Cada um deles sabia que era observado pelo outro. Um sorriso malicioso, cada vez mais acentuado, pairava nos lábios de Svidrigailov. Por fim deu uma estrondosa gargalhada.

— Bem, entre, se lhe apraz: aqui estou! — gritou ele da janela.

O interpelado subiu.

Encontrou Svidrigailov próximo de um salão onde um grande número de frequentadores — mercadores, funcionários, artistas, etc. — tomava chá, ouvindo as cançonetistas que faziam um baralho infernal. Numa sala vizinha jogava-se bilhar. Svidrigailov tinha diante de si uma garrafa de champanhe e um copo quase cheio. Estava em companhia de dois músicos ambulantes, um pequeno tocador de órgão e uma moça dos seus dezoito anos, fresca e sadia, com um chapéu tirolês enfeitado com espalhafato. Acompanhada pelo órgão, cantava, com uma voz de contralto bastante forte, uma cantiga trivial.

— Está bem, basta! — interrompeu Svidrigailov quando Raskólnikov entrou.

A moça calou-se logo e esperou em atitude respeitosa.

— Eh! Filipe, um copo! — gritou Svidrigailov.

— Não bebo — disse Raskólnikov.

— Como quiser. Bebe, Katia. Agora já não preciso de ti, podes ir-te embora.

Encheu um grande copo de vinho à moça e deu-lhe uma pequena nota. Katia bebeu a pequenos goles e, depois de ter pegado na nota, beijou a mão de Svidrigailov, que aceitou muito sério esse testemunho de respeito servil. A cantora retirou-se, seguida do pequeno tocador de órgão.

Ainda não havia oito dias que Svidrigailov estava em S. Petersburgo e tomá-lo-iam já por um antigo freguês da casa? O criado Filipe conhecia-o e mostrava ter por ele uma consideração muito especial. Svidrigailov estava como em sua casa naquela saleta onde passava dias inteiros. O café, sujo e ignóbil, nem pertencia à categoria média dos estabelecimentos daquele género.

— Ia a sua casa — começou Raskólnikov. — Porém, como se explica que, saindo do Mercado do Feno, eu tenha tomado pela avenida ***? Nunca por aqui passo. Tomo sempre à direita quando saio do Mercado do Feno. Também não é o caminho para ir para sua casa... E apenas me volto para este lado, encontro-me com o senhor! É singular!

— Porque não diz o senhor antes «é um milagre»?

— Porque é talvez apenas um simples acaso.

— É um sestro que toda a gente aqui tem. Nem quando de facto acreditam num milagre ousam confessá-lo! O senhor mesmo diz que é «talvez» apenas um simples acaso. Não pode imaginar, Rodia, como aqui há pouca gente com a coragem da sua opinião. O senhor tem uma opinião pessoal e não receia afirmá-la. É mesmo por isso que atraiu a minha curiosidade.

— Só por isso?

— Acha pouco?

Via-se que Svidrigailov estava bastante excitado, embora só tivesse bebido meio copo de vinho.

— Parece-me que quando foi a minha casa ignorava ainda se tinha o que o senhor chama uma opinião pessoal — observou Raskólnikov.

— Então era outra coisa... Quanto ao milagre, dir-lhe-ei que parece que o senhor tem estado a dormir todos estes dias. Eu próprio lhe indiquei este café e não é de espantar que o senhor cá tenha vindo ter. Indiquei-lhe o caminho e as horas a que podia ser aqui encontrado. Lembra-se?

— Esqueci-me disso — respondeu Raskólnikov com surpresa.

— Acredito, dei-lhe essas indicações por duas vezes. O endereço gravou-se sem querer na sua memória e esta guiou-o sem o senhor dar por isso. De resto, enquanto lhe falava, via bem que o seu espírito estava longe. O senhor não se observa bastante… Mas eis ainda outra coisa: tenho constatado que em S. Petersburgo muitas pessoas andam pelas ruas monologando. É uma cidade de lunáticos. Se quiséssemos, os médicos e os filósofos poderiam aqui fazer estudos muito curiosos, cada um na sua

especialidade. Não há lugar onde a alma humana seja submetida a influências tão sombrias e tão estranhas. A ação do clima só por si é funesta. Por desgraça, S. Petersburgo é o centro administrativo do país e o seu caráter preocupa-se com isso neste momento. Queria dizer-lhe que já o vi passar muitas vezes pela rua. O senhor sai de casa com a cabeça levantada. Depois de ter andado vinte passos, baixa-a e cruza as mãos atrás das costas. Olha, mas é evidente que não vê nada, nem para a frente nem para os lados. Por fim põe-se a mexer os beiços e a conversar sozinho: às vezes gesticula, declama, para no meio da rua por mais ou menos tempo. Isto não quer dizer nada, mas assim como eu, talvez outros reparem e portanto torna-se perigoso. No fundo, nada me importa com isso; não tenho a pretensão de o curar, porém o senhor compreende-me, sem dúvida...

— Sabe se me espionam? — perguntou Raskólnikov, lançando a Svidrigailov um olhar perscrutador.

— Não, não sei nada — respondeu este com ar admirado.

— Bom! Então não falemos mais de mim — tartamudeou Raskólnikov, franzindo o sobrolho.

— Pois bem, não falemos mais do senhor.

— Responda antes a esta pergunta: se é verdade que por duas vezes me indicou este café como sítio onde podia encontrá-lo, porque é que, ainda há pouco, quando levantei os olhos para a janela, o senhor se escondeu e tentou evitar que o visse? Notei isso.

— Eh, eh! E porque é que no outro dia, quando entrei no quarto, o senhor fingiu que dormia apesar de estar bem acordado? Também notei isso.

— Podia ter... razões... o senhor bem sabe...

— E eu podia também ter as minhas razões, conquanto o senhor não as conheça.

Havia um minuto que Raskólnikov examinava com atenção o rosto do seu interlocutor. Aquela figura causava-lhe sempre espanto. Ainda que bela, tinha alguma coisa de bastante antipática. A cor do rosto era muito fresca, os lábios muito vermelhos, a barba muito loura, os cabelos muito espessos e os olhos muito azuis e parados. Svidrigailov vestia um elegante fato de verão. A camisa era de uma brancura e de uma finura irrepreensíveis. Um grosso anel ornado de uma pedra valiosa brilhava-lhe num dos dedos.

— Entre nós as tergiversações já não têm razão de ser — disse Raskólnikov. — Apesar de o senhor estar em condições de me fazer muito mal se tiver vontade disso, vou falar-lhe com franqueza. Fique pois sabendo que se o senhor ainda tem a mesma pretensão a minha irmã e se conta servir-se, para chegar aos seus fins, do segredo que surpreendeu nestes últimos dias, matá-lo-ei antes que o senhor me meta na cadeia. Dou-lhe a minha palavra de honra. Em segundo lugar pareceu-me notar nestes últimos dias que o senhor desejava ter comigo uma conversa particular: se tem alguma coisa a comunicar-me, apresse-se, porque o tempo é precioso e daqui a pouco talvez seja tarde.

— Mas porquê tanta pressa? — perguntou Svidrigailov.

— Cada um tem os seus negócios — replicou Raskólnikov com ar sombrio.

— O senhor convida-me a ser franco e à primeira pergunta que lhe faço recusa responder-me! — observou Svidrigailov, sorrindo. — Julga que ainda tenho certos projetos e por isso está descansado a meu respeito. Na sua posição isso compreende-se muito bem. Todavia, por melhores desejos que tenha de viver em boa inteligência consigo, não me incomodarei a desenganá-lo. Na verdade não vale a pena, nem eu tenho nada de particular a dizer-lhe.

— Então que me quer o senhor? Porque anda sempre à minha volta?

— Apenas porque é um indivíduo curioso para observar. Agradou-me pelo lado fantástico da sua situação, ora aí está! Além disso é irmão de uma pessoa que me interessa muito, que me falou muitas vezes a seu respeito e me convenceu de que o senhor tem uma grande influência sobre ela. Não são ainda razões suficientes? Eh, eh, eh! De resto, confesso-o, a sua pergunta é complexa e é-me difícil responder-lhe. Ora aí tem. Se veio ver-me não foi só para tratar de negócios, mas na esperança de que lhe dissesse alguma coisa de novo, não é verdade? — disse com um sorriso malicioso Svidrigailov. — Ora imagine que também eu, vindo a S. Petersburgo, contava que o senhor me dissesse alguma coisa de *novo,* esperava pedir-lhe alguma coisa. Aí está como nós somos, os ricos!

— Pedir-me o quê?

— Eu sei lá o quê? O senhor vê em que miserável café passo todo o santo dia — continuou Svidrigailov —, não porque me divirta aqui, mas porque, em suma, é preciso passar o tempo nalguma parte. Distraio-me com aquela pobre Katia que acaba de sair. Se tivesse a fortuna de ser

gastrónomo, bem estaria; porém não! Aí está o que eu posso comer! — Apontava para um prato de zinco que continha os restos de um mau bife com batatas. — A propósito, já jantou? Quanto a vinho, bebo apenas champanhe e um copo chega-me para um dia. Se hoje pedi esta garrafa é porque tenho de ir a certo sítio e quis esquentar-me um pouco antes de ir. O senhor encontra-me numa disposição de espírito particular. Há pouco escondi-me como um colegial porque receava que a sua visita me ocasionasse algum transtorno; agora creio que ainda posso passar uma hora consigo: são quatro e meia — acrescentou depois de ter consultado o relógio. — Talvez o senhor não acredite: há momentos que tenho pena de não ser qualquer coisa: proprietário, pai de família, fotógrafo, jornalista... É horrível não ter que fazer. Na verdade pensei que me queria dizer alguma coisa de novo.

— Quem é o senhor e que veio cá fazer?

— Quem sou eu! O senhor já o sabe... Sou um gentil-homem, servi dois anos em cavalaria, depois passei por S. Petersburgo, em seguida casei com Marfa Petrovna e fui viver para a aldeia. Eis a minha biografia.

— O senhor parece que é jogador.

— Eu, jogador? Não, diga antes que sou batoteiro.

— Ah, o senhor fazia trapaça ao jogo?

— Fazia.

— Deve ter apanhado a sua bofetada!

— Com efeito, levei algumas. Porquê?

— É porque nesse caso poderia bater-se em duelo; isso sempre lhe dava certas sensações.

— Não tenho que objetar-lhe, pois não sou forte na discussão filosófica. Confesso que, se vim a S. Petersburgo, foi sobretudo por causa das mulheres.

— Logo depois de ter enterrado Marfa Petrovna?

Svidrigailov sorriu.

— Sim, imediatamente — respondeu ele com uma franqueza desorientadora. — O senhor parece escandalizado.

— Admira-se que a estroinice me escandalize?

— Porque é que me havia de contrafazer, diga-me cá? Porque havia de renunciar às mulheres se gosto delas? Ao menos é uma ocupação.

Raskólnikov levantou-se. Sentia-se pouco à vontade e arrependia-se de ter ido ali. Svidrigailov parecia-lhe o patife mais depravado que podia

haver no mundo.

— Eh, deixe-se estar um momento, mandei vir chá. Vamos, sente-se. Quer o senhor que lhe conte como uma mulher empreendeu converter-me? Será até uma resposta à sua primeira pergunta, pois que se trata de sua irmã. Posso contar? Sempre se mata o tempo...

— Seja, no entanto espero que o senhor...

— Oh, não tenha receio! De resto, mesmo a um homem tão vicioso como eu, Dounia só pode inspirar a mais profunda estima. Creio tê-la compreendido e orgulho-me disso. Contudo, o senhor bem sabe, quando se não conhecem ainda bem as pessoas está-se sujeito a enganos e foi o que me aconteceu com sua irmã. Diabos me levem, mas para que é ela tão formosa? Não tenho culpa de que o seja. Numa palavra, isto principiou em mim por um capricho libidinoso dos mais violentos. Devo dizer-lhe que Marfa Petrovna tinha-me permitido as camponesas. Ora tinham-nos mandado para criada de quarto uma moça de uma aldeia vizinha chamada Paracha. Era muito bonita, porém muitíssimo tola; as lágrimas e os gritos com que sobressaltou toda a casa ocasionaram um verdadeiro escândalo. Um dia, depois do jantar, chamou-me de parte e, mirando-me com olhos faiscantes, *exigiu* de mim que deixasse em paz a Paracha. Era talvez a primeira vez que conversávamos frente a frente. Como é natural, apressei-me a obedecer ao pedido, tentei parecer comovido, perturbado; em suma, fiz o meu papel com consciência. A partir desse momento tivemos frequentes conversas íntimas durante as quais ela me pregava moral e me suplicava, com as lágrimas nos olhos, que mudasse de vida... Sim, com as lágrimas nos olhos! Eis até onde chega, em certas moças, a mania da propaganda! Já se vê, imputava todos os meus desatinos ao destino e por fim empreguei um meio que nunca falha sobre o coração das mulheres: a lisonja. Espero que o senhor se não zangará se acrescentar que a própria Dounia não foi a princípio insensível aos louvores com que lhe enchi os ouvidos. Por infelicidade a minha impaciência e toleima deitaram o negócio a perder. Devia ter moderado o brilho dos olhos quando conversava com sua irmã: isso inquietou-a e acabou por se lhe tornar odioso. Sem entrar em pormenores, bastará dizer-lhe que rompemos, depois do que fiz novas tolices. Expandi-me em sarcasmos grosseiros. Paracha tornou a entrar em cena e foi seguida de muitas outras; numa palavra, comecei a levar uma vida irregularíssima. Oh, se o senhor visse então os olhos de sua irmã ficaria sabendo que faíscas eles podem lançar

às vezes! Asseguro-lhe que os olhares dela me perseguiam, até quando dormia. Tinha chegado a nem poder suportar o frufru do seu vestido. Cheguei a acreditar que ia ter ataques epiléticos. Nunca supusera que pudesse apoderar-se de mim uma tal loucura. Era preciso em absoluto que me reconciliasse com Dounia e a reconciliação era impossível. Imagine o que eu faria então! A que grau de estupidez pode levar a raiva de um homem! Nunca empreenda coisa alguma nesse estado! Lembrando-me que Dounia era afinal de contas uma pobre (oh, perdão, não queria dizer isto... mas a palavra não faz ao caso), enfim, que vivia do seu trabalho, que tinha a seu cargo a mãe e o senhor (oh, diabo, lá torna o senhor a franzir o sobrolho...), decidi-me a oferecer-lhe toda a minha fortuna (podia então liquidar uns trinta mil *rublos*) e a propor-lhe que fugisse comigo para S. Petersburgo. Já se vê, assim que aqui estivéssemos ter-lhe-ia jurado um amor eterno, etc. Quer acreditar? Andava tão maluco por ela nessa época que se Dounia me dissesse: «Apunhala ou envenena Marfa Petrovna e casa comigo», tê-lo-ia feito imediatamente. Mas tudo acabou pela catástrofe que o senhor conhece e pode julgar como fiquei irritado quando soube que minha mulher tinha negociado o casamento de Dounia com esse miserável trapaceiro do Petrovitch, porque, enfim (que diabo!), tanto valia a sua irmã aceitar o meu oferecimento como casar com semelhante homem. Não é verdade? Vejo que me escutou com a maior atenção... interessante rapaz...

Svidrigailov deu um violento murro na mesa. Estava muito corado e, apesar de ter bebido apenas dois copos de champanhe, a embriaguez começava já a manifestar-se. Raskólnikov percebeu isso e resolveu aproveitar-se dessa circunstância para descobrir as intenções secretas daquele que considerava o seu mais perigoso inimigo.

— Depois de tudo isso já não duvido que o senhor veio a S. Petersburgo por causa da minha irmã! — declarou ele, com tanta mais confiança quanto queria irritar Svidrigailov.

Este tentou logo destruir o efeito produzido pelas suas palavras.

— Ora adeus! Ainda lhe não disse... de resto, sua irmã não me pode ver.

— É a minha opinião, mas não se trata disso.

— É sua opinião que ela não me pode ver? — replicou Svidrigailov, piscando o olho e sorrindo com ar de zombaria. — O senhor tem razão, ela não me ama; porém nunca afirme nada a respeito do que se passa entre marido e mulher ou entre um homem e a sua amante. Há sempre um

cantinho que fica escondido a todos e só é conhecido dos interessados. Ousaria o senhor afirmar que eu causava repugnância à Dounia?

— Certas palavras da sua narração provam-me que o senhor tem ainda neste momento desígnios infames acerca dela e que tenciona pô-los em execução o mais depressa possível!

— Como! Deixei escapar semelhantes palavras? — disse Svidrigailov, muito inquieto, além de que não se formalizou de modo nenhum com o epíteto com que foram qualificados os seus desígnios.

— Neste mesmo momento o senhor está manifestando os seus pensamentos íntimos. Porque tem medo? De onde vem esse receio súbito que manifesta neste momento?

— Receio? Receio de si? Que história é essa? O senhor, meu caro amigo, é que deve temer-me. Estou bêbedo, bem vejo; por pouco não dizia mais alguma tolice. Diabos levem o vinho! Eh, rapaz! Água!

Atirou a garrafa pela janela fora. Filipe trouxe água.

— Tudo isso é absurdo — disse Svidrigailov, molhando uma toalha que passou em seguida pelo rosto — e eu posso, com uma palavra, reduzir a nada todas as suas desconfianças. Sabe que vou casar?

— Já mo disse.

— Já lho disse? Tinha-me esquecido. Porém quando lhe anunciei o meu próximo casamento não podia ainda falar-lhe senão de uma forma duvidosa, porque então não havia nada decidido. Agora é um negócio concluído e se estivesse livre neste momento, conduzi-lo-ia a casa da minha futura noiva; desejava muito saber se aprovaria a minha escolha. Oh, diabo, não tenho senão dez minutos. Entretanto vou contar-lhe a história do meu casamento, pois é bastante curiosa... Então, ainda se quer ir embora?

— Não, agora não o largo.

— Não me larga? Havemos de ver isso! Sem dúvida hei de mostrar-lhe a minha noiva, mas não agora, porque nos separamos daqui a pouco. O senhor vai para a direita e eu para a esquerda. Ouviu talvez falar da senhora Resslich, em casa de quem moro nesta altura? Foi ela quem me arranjou tudo isso. «Aborreces-te», dizia-me ela, «e o casamento será para ti uma distração momentânea». De facto, sou um triste, um sensaborão. Julga que sou alegre? Desengane-se, pois tenho um génio muito esquisito; não faço mal a ninguém, mas tenho ocasiões de estar três dias a fio num canto, sem dizer uma palavra. Bem sei que essa boa amiga da Resslich tem

qualquer coisa em vista; calcula que me enfastiarei depressa de minha mulher, que a deixarei, e ela então lançá-la-á na circulação. O pai está doente há três anos, com as pernas tolhidas, enterrado numa cadeira; a mãe é uma senhora muito inteligente; o filho está não sei onde, na província, e não se importa com os pais, e a filha mais velha não dá notícias. Têm a sustentar dois sobrinhos pequenos. A filha mais nova foi retirada do colégio antes de acabar os estudos. Faz dezasseis anos no mês próximo e é dela que se trata, é ela a minha noiva... Munido destes esclarecimentos, apresentei-me à família como um proprietário, viúvo, de boa família, com relações e fortuna. Os meus cinquenta anos não suscitaram a mais ligeira objeção. Era preciso ver-me conversando com o pai e a mãe! Que cómico! Chega a pequena, de vestido curto, e cumprimenta-me, corada como uma papoila. Sem dúvida tinham-lhe ensinado a lição... Não conheço o seu gosto em questões de mulheres, mas, para mim, aqueles dezasseis anos, aqueles olhos ainda infantis, aquela timidez, aquelas lagrimazinhas pudicas, tudo isso tinha mais encanto do que a beleza. De resto, a pequena é muito bonita, com os cabelos claros, anelados a capricho, os lábios purpurinos e levemente tímidos, os seiozinhos nascentes... Em suma, travámos conhecimento, disse-lhe que uns negócios de família me obrigavam a apressar o casamento e no dia seguinte, isto é, anteontem, ficámos noivos. Desde então, quando vou vê-la, tenho-a sentada nos joelhos durante toda a visita e beijo-a a cada momento. Ela cora, mas consente. A mãe com certeza lhe deu a entender que um futuro marido pode permitir-se aquelas familiaridades. Assim compreendidos, os direitos do noivo não são menos agradáveis de exercer do que os do marido. Pode dizer-se que é a verdade e a natureza que falam naquela criança! Conversei duas vezes com ela. Não é nada tola e tem um modo tão disfarçado de olhar para mim que incendeia todo o meu ser. A sua fisionomia parece-se um pouco com a da Madona Sistina. O senhor já notou a expressão fantástica que Rafael deu a essa cabeça de virgem? No dia imediato ao das escrituras levei à minha futura noiva uns mil e quinhentos *rublos* de presente: diamantes, pérolas e um serviço de *toillete* em prata. A carita da *madona* estava radiante. Ontem não me constrangi em a sentar nos joelhos: ela corou e vi-lhe nos olhos umas pequeninas lágrimas que tentava esconder. Deixaram-nos sós. Ela então deitou-me os braços ao pescoço e, beijando-me, jurou-me que seria para mim uma esposa obediente e fiel, que me faria feliz, e em troca pedia-me apenas a *minha*

estima, nada mais. «Não tenho necessidade de presentes!», disse ela. Ouvir um anjo de dezasseis anos, com as faces coloridas pelo pudor virginal, fazer-nos uma tal declaração com lágrimas de entusiasmo nos olhos, há de concordar que é delicioso, não? Bem, ouça... hei de levá-lo a casa da minha noiva, porém agora não pode ser!

— Numa palavra, essa tremenda diferença de idade excita a sua sensualidade! Será possível que o senhor pense muito a sério em contrair tal casamento?

— Que austero moralista! — disse Svidrigailov num tom de mofa. — Onde a virtude se foi aninhar! Ah, ah! Sabe que me está divertindo com a sua indignação?

Chamou Filipe e, depois de ter pago a despesa, levantou-se.

— Lamento sinceramente — continuou ele — não poder conversar mais tempo consigo. Havemos de nos voltar a ver. O senhor há de ter paciência...

Saiu do café. Raskólnikov acompanhou-o. A embriaguez de Svidrigailov dissipava-se de uma forma bem visível; franzia a testa e parecia muito preocupado, como um homem que vai empreender um negócio extremamente importante. Já há alguns minutos uma certa impaciência se lhe traía nas maneiras, ao mesmo tempo que a linguagem era cáustica e agressiva. Tudo isto parecia justificar cada vez mais as apreensões de Raskólnikov, que resolveu seguir a inquietante personagem.

Estavam no passeio.

— Agora separemo-nos: o senhor vai para a direita e eu para a esquerda, ou vice-versa. Adeus, meu amigo, até à vista!

E partiu na direção do Mercado do Feno.

Capítulo 4

Raskólnikov seguiu-o.

— Que significa isto? — exclamou Svidrigailov, voltando-se. — Julgava ter-lhe dito...

— Isto significa que estou decidido a acompanhá-lo.

— O quê?

Ambos pararam e durante uns instantes mediram-se com os olhos.

— Na sua meia-embriaguez o senhor disse-me o bastante para me convencer de que, longe de ter renunciado aos seus odiosos projetos contra minha irmã, mais do que nunca se preocupa com ela. Sei que minha irmã recebeu esta manhã uma carta. O senhor não perdeu tempo desde que chegou a S. Petersburgo. Que no decorrer das suas idas e vindas o senhor tenha encontrado uma mulher, é possível; contudo isso não significa nada. Desejo assegurar-me pessoalmente...

De quê? Isso é que Raskólnikov não poderia dizer.

— Sim! Quer que chame a polícia?

— Chame!

Pararam de novo em frente um do outro. Por fim o rosto de Svidrigailov mudou de expressão. Vendo que a ameaça não intimidara Raskólnikov, prosseguiu num tom o mais alegre e o mais agradável possível.

— Que grande ratão o senhor é! Não lhe falei do seu caso muito de propósito, apesar da grande curiosidade que ele me despertou. Queria deixar isso para outra ocasião. Na verdade o senhor é de fazer perder a paciência a um morto... Bem, venha comigo. Advirto-o de que entro em casa só para ir buscar dinheiro. Em seguida sairei, meter-me-ei num trem e irei passar toda a noite nas ilhas. Que necessidade tem o senhor de me seguir?

— Tenho que fazer na casa em que habita, porém não é ao seu domicílio que vou, mas sim ao da Sofia. Vou pedir-lhe desculpa por não ter assistido ao enterro da madrasta.

— Como queira, mas a Sofia está ausente. Foi levar as três crianças a casa de uma senhora do meu conhecimento, que está à testa de um asilo de órfãos. Dei um grande prazer a esta senhora entregando-lhe o dinheiro para os pequenos de Catarina Ivanova e mais um donativo para o estabelecimento que dirige; enfim, contei-lhe a história da Sofia sem omitir nenhuma particularidade. A minha narração produziu um efeito indiscritível. Eis a razão porque a Sofia foi convidada a ir hoje ao hotel ***, onde a diretora em questão habita provisoriamente desde a sua vinda da aldeia.

— Não importa, irei a casa dela.

— À vontade. Eu porém é que não o acompanho lá. Para quê? Diga-me... Estou convencido de que o senhor desconfia de mim. Espero que me responda, pois tive a delicadeza de lhe não fazer até agora perguntas escabrosas. Adivinha ao que aludo? Ia apostar que a minha discrição lhe pareceu extraordinária. Ora vá lá uma pessoa ser delicado para ser recompensado desse modo!

— O senhor acha delicado escutar às portas?

— Ah, ah! Estava admirado por me não ter feito ainda essa observação — respondeu rindo Svidrigailov. — Se supõe que não é permitido escutar às portas, mas que se pode assassinar à vontade, e como os magistrados talvez não sejam dessa opinião, não faria mal em safar-se para a América o mais depressa possível. Parta depressa, meu rapaz. Talvez ainda seja tempo. Falo-lhe com toda a sinceridade. É o dinheiro que lhe falta? Dar-lhe-ei o que precisar para a viagem.

— Tenho mais em que pensar — replicou Raskólnikov com tédio.

— Compreendo: no que o senhor pensa é em saber se procedeu segundo a moral, como é digno de um homem e de um cidadão. Devia ter pensado nisso mais cedo; agora já vem um pouco fora de tempo. Eh, eh! Se julga ter cometido um crime, dê um tiro nos miolos. É o que tenciona fazer?

— Parece que me quer irritar na esperança de se ver livre de mim...

— Que desconfiado o senhor é! Porém, chegámos. Tenha o incómodo de subir as escadas. Aqui tem o quarto da Sofia... Não está cá ninguém. Não acredita? Pergunte aos Kapernaoumov, a quem ela deixa a chave. Eis justamente a senhora Kapernaoumov... Então? O quê? (Ela é um pouco surda.) A Sofia saiu? Onde foi? Agora está convencido? Não está cá e com certeza vem muito tarde, talvez muito de noite. Vamos agora a minha casa.

O senhor não tinha tenções de me fazer uma visita? Eis-nos no meu quarto. A senhora Resslich saiu. Aquela mulher tem sempre entre mãos mil negócios, mas é uma excelente pessoa, asseguro-lhe... Talvez lhe fosse útil se o senhor fosse mais razoável. Ora veja. Tiro da minha secretária um título de cinco por cento (veja quantos me ficam ainda). Este vai hoje ser vendido. Viu bem? Como não tenho aqui mais nada que fazer, fecho a secretária, fecho o meu quarto... e cá estamos outra vez na escada. Se quer, vamos chamar um trem. Eu vou para as ilhas. Não lhe agrada um passeio de carro? O senhor percebe? Ordeno ao cocheiro que me conduza à ponte de Elaguina... Recusa? Já está satisfeito? Ora deixe-se tentar... A chuva está a ameaçar, mas o carro tem capota.

Svidrigailov estava já no trem. Raskólnikov, sem responder uma palavra, deu meia volta e dirigiu-se para o Mercado do Feno.

Se tivesse voltado a cabeça, teria visto que Svidrigailov se apeava e pagava ao cocheiro. Todavia caminhava sem olhar para trás. Daí a pouco voltou à esquina. Como sempre quando se achava só, não tardou a cair num profundo devaneio. Chegando à ponte, parou junto à balaustrada e fixou os olhos no canal. De pé, a pequena distância de Raskólnikov, Dounia observava-o.

Ao subir para a ponte, passara perto da irmã, mas não a tinha visto. Quando o avistou, Dounia experimentou um sentimento de surpresa e mesmo de inquietação. Ficou um momento hesitando se deveria ir ter com ele. De repente avistou do lado do Mercado do Feno Svidrigailov, que se dirigia a passos rápidos para ela.

Parecia avançar com prudência e mistério. Não subiu à ponte e parou no passeio, esforçando-se por escapar à vista de Raskólnikov. Tinha visto Dounia e já há minutos que lhe estava a fazer sinais. A jovem pareceu perceber que ele a chamava e lhe pedia que não atraísse a atenção de Raskólnikov.

Obedecendo a este convite mudo, Dounia afastou-se sem ruído e aproximou-se de Svidrigailov.

— Vamos mais depressa — disse-lhe este em voz baixa. — Tenho empenho em que Rodia ignore a nossa entrevista. Previno-a de que foi procurar-me ainda agora a um café aqui perto e que me custou a desembaraçar-me dele. Seu irmão sabe que lhe escrevi uma carta e desconfia de alguma coisa. Decerto não foi a senhora que lhe falou nisso. Mas se não foi a senhora, quem foi?

— Já voltámos a esquina — interrompeu Dounia. — Meu irmão já não nos pode ver agora. Declaro-lhe que não vou mais longe. Diga-me o que tem a dizer.

— Em primeiro lugar não é na rua que se podem fazer semelhantes confidências; em segundo lugar, a senhora deve ouvir Sofia Semenovna; em terceiro lugar preciso mostrar-lhe certos documentos. Enfim, se não quer ir a minha casa, recuso-me a dar o mais pequeno esclarecimento e retiro-me neste mesmo instante. De resto, peço-lhe que se não esqueça de que tenho nas minhas mãos um segredo muito curioso que interessa a seu querido irmão.

Dounia parou indecisa e fixou o olhar penetrante em Svidrigailov.

— De que tem receio? — observou este com tranquilidade. — A cidade não é a aldeia. E mesmo na aldeia, a senhora fez-me mais mal a mim do que eu a si.

— A Sofia Semenovna está prevenida?

— Não, não lhe disse uma palavra, no entanto estou convencido de que está agora em casa. Deve lá estar... Foi hoje o enterro da madrasta e não é dia para fazer visitas. Por agora não quero falar disto a ninguém e lamento mesmo, até certo ponto, ter-me aberto com a senhora. Em tais casos, a palavra mais insignificante pronunciada sem discrição equivale a uma denúncia. Moro aqui, nesta casa. Cá está o nosso porteiro. Conhece-me muito bem e cumprimenta-me, como vê. Viu que venho com uma senhora e decerto reparou já no seu rosto. Esta circunstância deve serená-la, se desconfia de mim. Peço perdão por lhe falar desta forma... Estou aqui numa casa de hóspedes. O meu quarto e o de Sofia Semenovna são apenas separados por um tabique. Todo o andar é ocupado por diferentes inquilinos. Porque tem medo como uma criança? Que tenho eu de terrível?

Svidrigailov tentou esboçar um sorriso gracioso, mas o rosto recusou obedecer-lhe. O coração batia-lhe com força e sentia o peito oprimido. Afetava elevar a voz para esconder a agitação crescente que sentia. Precaução supérflua, de resto, porque Dounia não lhe notava nada de particular: as últimas palavras de Svidrigailov tinham irritado muito a orgulhosa moça para que pensasse noutra coisa que não fosse o seu amor próprio ferido.

— Conquanto saiba que o senhor é uma criatura... sem honra, não lhe tenho medo. Conduza-me — disse ela em tom sereno, desmentido pela extrema palidez do rosto.

Svidrigailov parou diante do quarto de Sofia.

— Permita-me que verifique se está em casa. Não, não está cá... Um contratempo inesperado. Sei no entanto que voltará dentro de pouco tempo. Não pode ter-se ausentado, a não ser para ir ver uma senhora que se interessa pelos órfãos. Fui eu que tratei desse negócio. Se Sofia Semenovna não chegar dentro de dez minutos e se a menina tem interesse em falar-lhe, mandá-la-ei hoje mesmo a sua casa. Aqui estão os meus aposentos; compõem-se destas duas divisões. No quarto, para o qual dá esta porta, vive a minha hospedeira, a senhora Resslich. Agora olhe para aqui; esta porta dá para um aposento de duas divisões, que está vazio. Olhe... é preciso que a menina tome conhecimento exato do local.

Svidrigailov ocupava dois quartos mobilados, bastante espaçosos. Dounia olhava em volta com desconfiança, contudo não descobriu nada de suspeito. Poderia ter notado, por exemplo, que Svidrigailov habitava entre dois aposentos desabitados. Para chegar aos seus quartos era preciso atravessar duas divisões quase vazias que faziam parte do domicílio da hospedeira. Abrindo a porta, que da sua alcova dava acesso ao aposento não alugado, mostrou-lhe também este último. A moça parou à porta, não compreendendo porque a convidavam a ver, mas a explicação foi-lhe logo dada por Svidrigailov:

— Veja este grande quarto, o segundo. Repare nesta porta fechada à chave. Ao lado está uma cadeira, a única que há nas duas divisões. Fui eu que a trouxe para aqui a fim de escutar em condições mais cómodas. A mesa de Sofia está colocada justamente atrás desta porta. A moça estava ali e conversava com Rodia enquanto eu, sentado na cadeira, ouvia sem nada perder da conversa. Estive aqui duas noites seguidas e duas horas de cada vez. Pude, portanto, ouvir alguma coisa, não lhe parece?

— O senhor escutava à porta?

— Escutava. Agora voltemos ao meu quarto. Aqui não podemos sentar-nos.

Conduziu Dounia para a sala e ofereceu-lhe uma cadeira, junto da mesa, sentando-se também a distância respeitosa. Os seus olhos brilhavam, como é de crer, com o mesmo fogo que da outra vez tanto tinha atemorizado Dounia. A jovem estremeceu, apesar da serenidade que afetava, e de novo olhou desconfiada em volta de si. O isolamento dos aposentos de Svidrigailov acabou por atrair a sua atenção.

— Aqui está a sua carta — começou ela, pousando-a sobre a mesa. — Será possível o que me escreveu? O senhor dá a entender que meu irmão cometeu um crime. As suas insinuações são muito claras. Não tente, pois, recorrer a subterfúgios. Antes das suas pretendidas revelações já tinha ouvido falar dessa história absurda, de que não acredito uma palavra. O odioso apenas cede neste caso ao ridículo. Essas suspeitas são-me conhecidas e também não ignoro o que as fez nascer. O senhor não pode ter prova alguma. Uma vez, porém, que prometeu provar, prove! No entanto previno-o de que não acredito em si.

Dounia pronunciou estas palavras com extrema rapidez e durante um instante a emoção que experimentou fez-lhe subir a cor às faces.

— Se não acreditasse em mim, ter-se-ia resolvido a vir a minha casa? Então porque veio? Por mera curiosidade?

— Não me mortifique. Fale, fale!

— É preciso concordar que é uma corajosa moça. Julguei que pediria ao senhor Razoumikhine para a acompanhar. Pude convencer-me de que, se não veio consigo também não a seguiu à distância. É uma moça audaz! Foi sem dúvida uma atenção da sua parte para com Rodia. De resto, na menina tudo é divino... Quanto a seu irmão, que lhe hei de dizer? A menina ainda o viu há pouco. Como lhe pareceu?

— Não é, por certo, sobre isso que o senhor funda a sua acusação.

— Não, não é sobre isso, mas sobre as próprias palavras de Rodia. Veio por duas vezes passar a noite a casa da Sofia. Indiquei-lhe já onde eles se sentavam. Seu irmão fez à moça uma confissão completa. É um assassino. Matou uma velha usurária, em casa de quem tinha objetos empenhados. Poucos instantes depois, uma irmã da vítima, chamada Isabel e adeleira de profissão, entrou por acaso e ele matou-a também. Serviu-se, para assassinar as duas mulheres, de um machado que tinha levado. A sua intenção era roubar e roubou: dinheiro e outros objetos... Só ela conhece esse segredo, porém não tomou parte no assassinato. Longe disso. Ao ouvir a narração ficou tão aterrada como a menina está neste momento. Esteja tranquila, pois não será ela quem irá denunciar seu irmão.

— É impossível! — balbuciaram os lábios lívidos de Dounia, arquejando. — É impossível! Ele não cometia esse crime... É mentira!

— O roubo foi o móbil do crime. Raskólnikov roubou dinheiro e joias. É verdade que, segundo ele próprio confessou, não se aproveitou nem de

um nem de outras, e foi escondê-los debaixo de uma pedra, onde estão ainda.

— É lá crível que tenha roubado? Pode sequer ter-lhe passado isso pela ideia? — exclamou Dounia, levantando-se. — O senhor conhece-o, tem-no visto: parece-lhe que seja um ladrão?

— Pertence a um número de pessoas que praticam tais ações julgando-as louváveis. Eu próprio recusaria, como a menina, dar fé a essa história se a tivesse sabido por via indireta. Fui porém obrigado a acreditar no que ouvia... Onde vai, Dounia?

— Quero ver a Sofia — respondeu Dounia com voz fraca. — Para onde se vai para o quarto dela? Talvez já tenha vindo... Quero vê-la sem perda de tempo. É preciso que ela...

Dounia não pôde acabar; estava sufocada.

— Talvez a Sofia não esteja de volta antes da noite!

— Ah! Já vejo que mentiu, que só tem dito apenas mentiras... Não acredito em si, não acredito! — bradou Dounia num transporte de cólera.

Quase desfalecida, caiu sobre uma cadeira que Svidrigailov se apressara a oferecer-lhe.

— Que tem? Então! Beba um gole de água, aqui tem!

Borrifou-lhe o rosto com água. A jovem estremeceu e voltou logo a si.

«Produziu efeito», murmurou consigo mesmo Svidrigailov, franzindo a testa.

— Sossegue, Dounia. Rodia tem amigos. Salvá-lo-emos. Quer que o leve para o estrangeiro? Tenho dinheiro... Daqui a três dias terei liquidado todos os meus haveres. Esteja tranquila. Seu irmão pode vir a ser ainda um grande homem. Então que tem? Como se sente?

— Deixe-me...

— Mas onde quer ir?

— Procurá-lo. Onde está ele? O senhor sabe? Porque fechou a porta? Foi por ela que entrámos e agora está fechada à chave. Para que a fechou?

— Não era necessário que em toda a casa se ouvisse o que dizíamos. No estado em que a menina está, para que há de ir procurar seu irmão? Quer perdê-lo? O seu procedimento vai enfurecê-lo e ele próprio irá denunciar-se. Demais, não o perdem de vista e a menor imprudência da sua parte pode ser-lhe funesta. Espere um momento: vi-o e falei-lhe ainda há pouco. Pode ainda salvar-se... Sente-se. Vamos combinar o que se deve

fazer. Foi para tratarmos desta questão que a convidei a vir a minha casa. Mas sente-se.

Dounia sentou-se.

Svidrigailov tomou lugar ao lado dela.

— Tudo depende da menina, só da menina — começou em voz baixa.

Os olhos faiscavam-lhe e a sua agitação era tal que mal podia falar.

Dounia, assustada, recusou a cadeira.

— A menina... só uma palavra sua e seu irmão está salvo! — continuou ele, trémulo. — Eu... salvá-lo-ei. Tenho dinheiro e amigos. Fá-lo-ei partir sem demora para o estrangeiro, arranjar-lhe-ei passaporte. Arranjarei dois: um para ele e outro para mim. Tenho amigos com cuja dedicação posso contar. Quer? Arranjarei também um passaporte para si e outro para sua mãe. Que lhe importa Razoumikhine? O meu amor vale bem o dele, e eu amo-a muito. Deixe-me beijar-lhe a orla do vestido, peço-lhe. O roçagar do seu vestido alucina-me... Mande: executarei todas as suas ordens, sejam elas quais forem. Farei o impossível. Todas as suas vontades serão as minhas. Não olhe para mim desse modo! Sabe que me mata?

Delirava. Dir-se-ia que acabava de ser atacado por uma alienação mental. Dounia correu para a porta, que se pôs a abanar com todas as suas forças.

— Abra! Abra! — gritou ela, esperando que a ouvissem de fora. — Abra! Não há ninguém nesta casa?

Svidrigailov levantou-se. Tinha recuperado o sangue frio. Um sorriso de mofa pairava com amargura nos seus lábios ainda trémulos.

— Não está cá ninguém — disse ele lentamente. — A minha hospedeira saiu e a menina não ganha nada em estar a gritar dessa maneira. É inútil...

— Onde está a chave? Abra já a porta, seu vil homem!

— Perdi a chave, não a encontro.

— Ah, é então uma emboscada? — vociferou Dounia, pálida como a morte e correndo para um canto, onde se entrincheirou, colocando diante de si uma pequena mesa.

Depois calou-se, mas sem desfitar o inimigo, de quem vigiava os menores movimentos. De pé, em frente dela, na outra extremidade do quarto, Svidrigailov não se mexia.

— Dounia, se há emboscada calcula que tomei as minhas precauções. A Sofia não está em casa e cinco divisões nos separam do domicílio de Kapernaoumov... Além disso sou, pelo menos, duas vezes mais forte que a menina, se bem que nada tenho a recear, porque se a menina se queixar de mim seu irmão está perdido. De resto, ninguém acreditará em si: todas as aparências depõem contra si, que veio sozinha ao domicílio de um homem. E, ainda mesmo que se atrevesse a sacrificar seu irmão, não poderia provar nada: é muito difícil provar um desfloramento!

— Miserável! — disse Dounia em voz baixa, mas vibrante de indignação.

— Pois sim... Note que até aqui tenho raciocinado sob o ponto de vista da sua hipótese. Pessoalmente, sou da sua opinião e acho que o desfloramento é um crime abominável. Tudo quanto tenho dito é para tranquilizar a sua consciência, no caso de a menina... no caso de a menina consentir em salvar seu irmão, como lhe proponho. Poderá dizer que só cedeu às circunstâncias, à força... se for necessário empregar esta palavra. Pense bem: a sorte de seu irmão e de sua mãe está nas suas mãos. Serei seu escravo... toda a minha vida... Espero a sua resposta.

Sentou-se no sofá, a oito passos de Dounia.

A jovem não duvidava de que a resolução de Svidrigailov fosse inabalável. Conhecia-o bem.

Com um gesto brusco e rápido tirou da algibeira um revólver e colocou-o sobre a mesa, ao alcance da mão. Svidrigailov deu um grito de surpresa e fez um movimento de recuo.

— Ah!... Temos a situação mudada! Isso alivia-me muito a consciência. Onde obteve esse revólver? Emprestou-lho o senhor Razoumikhine? Espere... é o meu, reconheço-o muito bem. Com efeito, tinha-o procurado sem resultado. As lições de tiro que tive a honra de lhe dar no campo não foram então inúteis!

— Este revólver não era teu, mas de Marfa Petrovna, que mataste, celerado! Nada te pertencia! Apossei-me dele quando comecei a desconfiar do que eras capaz. Se dás um passo, juro que te mato!

Dounia, desesperada, preparava-se para executar a ameaça se fosse preciso.

— E seu irmão? É por curiosidade que faço a pergunta — disse Svidrigailov, sempre de pé no mesmo lugar.

— Denuncia-o, se quiseres! Não avances ou disparo! Envenenaste tua mulher, que eu bem sei. Tu é que és um assassino!

— Tem a certeza de que envenenei Marfa Petrovna?

— Tenho! Foste tu mesmo que mo deste a entender. Falaste-me de veneno... e sei que o tinhas arranjado... Foste tu... Foste tu, com certeza, infame!

— Ainda mesmo que isso fosse verdade, tê-lo-ia feito por ti. Tu é que terias sido a causa.

— Mentes! Sempre te detestei, sempre...

— Parece teres esquecido de quando, no teu zelo pela minha conversão, te encostavas a mim com olhares lânguidos. Lia-te nos olhos... Lembras-te da noite de luar enquanto cantava o rouxinol?

— Mentes! — A raiva incendiou as pupilas de Dounia.

— Minto? Pois bem, minto. Menti... As mulheres não gostam que lhe lembrem essas pequeninas coisas — replicou ele, rindo. — Sei que vais disparar, belo monstrinho. Pois bem, vamos a isso!

Dounia apontou a arma, não esperando senão um movimento dele para fazer fogo. Uma palidez mortal cobria-lhe o rosto. O lábio inferior tremia-lhe de cólera e os grandes olhos negros lançavam chamas. Nunca Svidrigailov a tinha visto tão bela. Avançou um passo. Uma detonação ecoou. A bala deslizou-lhe pelos cabelos e foi cravar-se na parede. Ele estacou.

— Uma picada de vespa — disse sorrindo. — Apontas à cabeça... O que é isto? Sangue!

Tirou o lenço para limpar um delgado fio de sangue que lhe escorria ao longo da fonte direita: a bala roçara pela pele do crânio. Dounia baixou a arma e olhou para Svidrigailov com uma espécie de entorpecimento. Parecia não compreender o que acabava de fazer.

— Então, erraste a pontaria, recomeça! Espero... — replicou Svidrigailov, cujo bom humor tinha não sei quê de sinistro. — Se demoras, terei tempo de te agarrar antes que te ponhas em defesa.

Toda trémula, agarrou rapidamente o revólver e ameaçou de novo o seu perseguidor.

— Deixa-me! — disse com desespero. — Juro que disparo outra vez... Mato-te!

— A três passos é impossível errar, de facto. Mas se me não matas...

Nos olhos rutilantes de Svidrigailov podia ler-se o resto do seu pensamento. Ele deu ainda mais dois passos.

Dounia disparou, mas o revólver falhou.

— A arma não foi bem carregada. Não importa, isso pode remediar-se; ainda lhe resta uma cápsula. Eu espero.

Em pé, a dois passos de Dounia, fixava nela o olhar inflamado que exprimia a mais indomável resolução. Dounia compreendeu que morreria, mas não renunciaria ao seu desígnio. E agora que estava apenas a dois passos dela, matá-lo-ia com certeza!

De repente arremessou o revólver para longe.

— Não quer disparar? — disse Svidrigailov, espantado e respirando com força.

O receio da morte não era talvez o mais pesado fardo de que sentia a alma liberta; todavia ser-lhe-ia difícil explicar a si mesmo a natureza do alívio que sentira.

Aproximou-se de Dounia e agarrou-a pela cintura. Ela não resistiu, porém olhou para ele trémula, com olhos suplicantes. Svidrigailov quis falar, mas não pôde proferir uma só palavra.

— Deixa-me! — implorou Dounia.

Ouvindo esta súplica, numa voz que já não era a de há pouco, Svidrigailov estremeceu.

— Então não me amas? — perguntou ele em voz baixa.

Dounia fez com a cabeça um sinal negativo.

— E... não poderás amar-me um dia? Nunca? — continuou ele com um acento de desespero.

— Nunca — murmurou ela.

Durante um instante houve uma luta terrível na alma de Svidrigailov. Os seus olhos fixavam Dounia com uma expressão indizível. Com um gesto rápido retirou o braço que lhe tinha passado em volta da cintura e afastou-se com um salto, indo colocar-se em frente da janela.

— Aqui está a chave! — disse ele depois de um momento de silêncio. Tirou-a do bolso esquerdo do casaco e pô-la atrás de si, em cima da mesa, sem se voltar para Dounia. — Parta depressa!

Fazia um esforço em olhar para a janela.

Dounia aproximou-se da mesa para pegar na chave.

— Depressa, depressa! — repetiu Svidrigailov.

Não mudara de posição e não olhava para ela; no entanto a palavra «depressa» era pronunciada num tom sobre cuja significação não podia haver dúvidas.

Dounia pegou na chave, correu para a porta, abriu-a a toda a pressa e saiu do quarto. Um instante depois corria como uma louca ao longo do canal, na direção da ponte ***.

Svidrigailov ficou ainda três minutos junto da janela. Por fim, voltando-se devagar, olhou em volta e passou a mão pelo rosto. As feições desfiguradas por um sorriso estranho exprimiam o mais profundo desespero. Reparando que tinha sangue nas mãos, ficou encolerizado; depois, molhou uma toalha e lavou a ferida.

A arma, arremessada por Dounia, tinha rolado até à porta. Levantou-a e pôs-se a examiná-la. Era um pequeno revólver de três tiros, modelo antigo; tinha ainda duas cargas e uma cápsula. Depois de refletir um momento, meteu-o no bolso, pegou no chapéu e saiu.

Capítulo 5

Até às dez horas da noite Svidrigailov correu as tabernas e os cafés. Tendo encontrado Katia numa dessas espeluncas, pagou-lhe bebidas, bem como ao tocador de órgão, aos criados e a dois escreventes, para os quais o tinha atraído uma simpatia singular: notara que esses dois rapazes tinham ambos o nariz torto e que um deles o tinha voltado para a direita e o outro para a esquerda. Por último deixou-se levar por eles até um «jardim de recreio» onde lhes pagou a entrada. Esse estabelecimento, que tinha o pomposo nome de *Waux-Hall,* não passava de um café-cantante dos mais ordinários. Os escreventes encontraram lá alguns conhecidos com os quais se travaram de razões. Pouco faltou para haver pancadaria. Svidrigailov foi escolhido para árbitro. Depois de ter ouvido durante um quarto de hora as recriminações confusas das duas partes, pareceu-lhe compreender que um dos escreventes tinha furtado qualquer coisa que vendera a um judeu, sem querer partilhar com os outros o produto da operação. O objeto roubado era uma colher de chá pertencente ao *Waux-Hall.* Foi reconhecida pelos empregados do estabelecimento e a questão ameaçava tomar um aspeto grave se Svidrigailov não tivesse indemnizado os queixosos. Eram então perto das dez horas.

Em toda a noite não tinha bebido uma gota de vinho. No *Waux-Hall* limitara-se a pedir chá para não deixar de mandar vir alguma coisa. A temperatura estava sufocante e espessas nuvens escureciam o céu.

Pelas dez horas rebentou uma violenta tempestade. Svidrigailov chegou a casa encharcado até aos ossos. Fechou-se no quarto, abriu a secretária, de onde retirou todos os seus fundos, e assinou dois ou três papéis. Depois de ter metido o dinheiro na algibeira, pensou em mudar de fato, mas como a chuva continuava a cair entendeu que não valia a pena, pegou no chapéu e saiu sem fechar a porta. Foi direito ao quarto de Sofia, a quem encontrou em casa. A moça não estava só: tinha em volta de si os quatro pequenos dos Kapernaoumov, que tomavam chá.

Recebeu com todo o respeito o visitante, olhou com surpresa para o seu fato molhado, mas não disse uma palavra. À vista desse estranho, as

crianças deitaram a fugir.

Svidrigailov sentou-se perto da mesa e convidou a moça a fazer outro tanto. Preparou-se, muito tímida, para escutar o que tinha a dizer-lhe.

— Sofia — começou ele — vou talvez viajar até à América e como nos vemos com certeza pela última vez venho pôr em ordem alguns negócios. Foi a casa daquela senhora? Sei o que ela lhe disse, é inútil contar-mo. — Sofia fez um movimento e corou. — Aquela gente tem os seus preconceitos. Quanto às suas irmãs e ao seu irmão, a sorte deles está garantida; o dinheiro com que os dotei está depositado em mãos seguras. Aqui estão os recibos; guarde-os, para o que der e vier. Agora aqui tem para si três títulos de cinco por cento, que representam a importância de três mil *rublos*. Desejo que tudo fique entre nós e que a menina não dê conhecimento disto a ninguém. Este dinheiro é-lhe preciso, porque a menina não pode continuar a viver assim.

— O senhor prestou já tantos benefícios aos órfãos, à falecida e a mim... — balbuciou Sofia. — Se ainda mal lho agradeci, não creia...

— Basta, basta, não falemos nisso.

— Quanto a este dinheiro, fico-lhe muito agradecida, porém agora não preciso dele. Cá me arranjarei. Não me acuse de ingratidão por recusar o seu dinheiro. Visto que é tão caritativo, esta quantia...

— Guarde-a, Sofia, e peço-lhe que não me faça objeções; não tenho tempo para as ouvir. Rodia só tem a escolher entre meter uma bala na cabeça ou ir para a Sibéria.

A estas palavras Sofia pôs-se a tremer e olhou assustada para o seu interlocutor.

— Não se inquiete — prosseguiu Svidrigailov. — Ouvi tudo da sua própria boca e não sou bisbilhoteiro. Não o direi a ninguém. A menina procedeu muito bem, aconselhando-o a que fosse denunciar-se. É sem dúvida o melhor partido a tomar. Ora bem, quando for para a Sibéria, a menina acompanha-o, não é verdade? Então há de precisar de dinheiro. Ser-lhe-á preciso para ele, compreende? A soma que ofereço à menina é a ele que a dou por seu intermédio. Demais, a menina prometeu pagar à Amália Ivanovna o que lhe deviam... Para que toma sobre si tais encargos? A devedora a essa alemã não era a menina, mas sim a Catarina Ivanovna. A Sofia devia ter mandado a alemã para o diabo. É preciso ter mais tento na vida... Bem, se amanhã ou depois de amanhã alguém a interrogar a meu respeito não fale da minha visita e não diga a ninguém que lhe dei

dinheiro. E agora, adeus. — Levantou-se. — Apresente os meus cumprimentos ao Rodia. A propósito: faria bem em confiar o dinheiro, por enquanto, ao senhor Razoumikhine. É um excelente rapaz. Entregue-lho amanhã ou quando tiver ocasião. Daqui até lá, veja se não se deixa roubar.

Sofia tinha-se levantado também e olhava inquieta para Svidrigailov. Tinha vontade de dizer alguma coisa, porém estava perturbada e não sabia por onde começar.

— Então o senhor... então o senhor vai sair com um tempo destes?

— Quando se parte para a América, não se faz caso da chuva. Adeus, querida Sofia. Viva e viva por muito tempo. A menina é útil aos outros. Apresente também os meus cumprimentos ao senhor Razoumikhine. Diga-lhe que Svidrigailov o cumprimenta. Não se esqueça.

Depois de ter saído, Sofia sentiu-se oprimida por um vago sentimento de medo.

Na mesma noite Svidrigailov fez uma outra visita muito singular e muito inesperada. A chuva continuava a cair. Às onze horas e vinte minutos apresentou-se todo molhado em casa dos pais da sua noiva, que ocupavam uma pequena casa em Vasili-Ostrov.

Teve grande dificuldade em que lhe abrissem a porta e a sua chegada a uma hora tão insólita causou, no primeiro momento, estupefação. Julgaram a princípio que fosse uma extravagância de homem embriagado; contudo essa impressão só durou um instante, porque, quando queria, tinha as mais sedutoras maneiras. A inteligente mãe fez rodar para o pé dele a cadeira do pai e encetou a conversa por um assunto estranho. Nunca ia direita a um fim: se queria saber, por exemplo, quando quereria Svidrigailov que fosse celebrado o casamento, começava por interrogá-lo com curiosidade sobre Paris, sobre a sociedade elegante parisiense, para o levar pouco a pouco a Vasili-Ostrov.

Das outras vezes esse estratagema dera sempre bom resultado. Nesta ocasião Svidrigailov mostrou-se mais impaciente do que de costume. Pediu para ver sem demora a noiva, apesar de lhe dizerem que já estava deitada. Já se deixa ver, apressaram-se a satisfazer-lhe a vontade. Disse à pequena que sendo obrigado, por um negócio urgente, a ausentar-se por algum tempo de S. Petersburgo, lhe trazia quinze mil *rublos* e que lhe pedia para aceitar aquela ninharia, de que tencionava fazer-lhe presente antes do casamento. Não havia relação lógica entre aquele presente e a partida anunciada; também não parecia que para isso fosse em absoluto

precisa uma visita àquelas horas da noite e chovendo como chovia. Todavia, por mais equívocas que pudessem parecer estas explicações, foram bem acolhidas. Os pais da pequena quase nem se mostraram surpreendidos com um procedimento tão estranho. Muito sóbrios de perguntas e exclamações de espanto, desfizeram-se em agradecimentos calorosos aos quais a inteligente mãe misturou as suas lágrimas. Svidrigailov levantou-se, beijou a noiva, afagou-a e assegurou-lhe que muito em breve estaria de volta. A pequena olhava para ele com um ar intrigado; lia-se-lhe nos olhos mais que uma simples curiosidade infantil. Svidrigailov reparou nesse olhar; beijou-a de novo e retirou-se, pensando, com despeito, que o seu presente seria com toda a certeza guardado à chave pela mais inteligente das mães.

À meia-noite entrava na cidade pela ponte ***. A chuva cessara, mas o vento soprava com fúria. Durante quase meia hora Svidrigailov andou à toa pela imensa avenida ***, parecendo procurar alguma coisa. Pouco tempo antes tinha notado, do lado direito da avenida, um hotel que, se bem se lembrava, era o *Andrinople*. Por fim encontrou-o. Era um comprido edifício de madeira onde, apesar da hora avançada, se via ainda brilhar uma luz. Entrou e pediu um quarto a um moço esfarrapado que encontrou no corredor. Depois de deitar uma vista de olhos a Svidrigailov, conduziu-o a um pequeno quarto situado na extremidade do corredor, debaixo da escada. Era o único que havia disponível.

— Há chá? — perguntou Svidrigailov.

— Pode-se fazer.

— O que há mais?

— Há vitela, aguardente, bolachas e frutas.

— Traz-me vitela e chá.

— O senhor não quer mais nada? — perguntou o rapaz com uma espécie de hesitação.

— Não.

O moço esfarrapado afastou-se muito desapontado.

«Em que demónio de casa me vim meter», pensou Svidrigailov. «Não deve haver novidades, pois devo ter o ar de quem, voltando de um café-cantante, teve uma aventura no caminho. Em todo o caso estou com curiosidade em saber que espécie de gente frequenta esta espelunca».

Acendeu a vela e fez um exame minucioso ao quarto. Era muito estreito e tão baixo que Svidrigailov mal se podia conservar de pé. A

mobília compunha-se de uma cama imunda, uma mesa de madeira pintada e uma cadeira. O papel da parede estava esfrangalhado e tão coberto de pó que mal se lhe conhecia a cor original. A escada cortava o teto em oblíquo, o que dava ao quarto a aparência de uma água-furtada. Passou a vela sobre a mesa, sentou-se na cama e ficou pensativo. Um ruído incessante de vozes, que se ouviam no quarto vizinho, acabou por lhe atrair a atenção. Levantou-se, pegou na vela e foi espreitar por uma fenda do tabique.

Num quarto um pouco maior que o seu avistou dois indivíduos: um de pé e outro sentado numa cadeira. O primeiro, em mangas de camisa, era corado e tinha o cabelo anelado. Apostrofava o companheiro com lágrimas na voz: «Não tinhas posição e estavas na última miséria. Tirei-te do atoleiro e depende de mim voltares para lá».

O outro tinha o ar de quem quer esquivar-se e não pode. De vez em quando lançava um olhar embasbacado ao companheiro. Via-se que não compreendia uma palavra do que ele lhe dizia, talvez nem mesmo ouvisse nada.

Sobre a mesa, em que uma vela acabava de se consumir, estava uma garrafa de aguardente quase vazia, copos de dimensões diversas, pão, pepinos e algumas chávenas de chá. Depois de ter contemplado este quadro com atenção, Svidrigailov deixou o seu posto de observação e voltou a sentar-se na cama.

Quando trouxe o chá e a vitela, o moço não pôde deixar de perguntar outra vez a Svidrigailov se queria mais alguma coisa. Tendo recebido resposta negativa, retirou-se. Este apressou-se a beber uma chávena de chá para aquecer, mas foi-lhe impossível comer. A febre que começava a agitá-lo tirava-lhe o apetite. Despiu o sobretudo e o casaco, envolveu-se nos cobertores e deitou-se.

Estava vexado. «Agora é que havia de adoecer!», disse consigo, sorrindo. A atmosfera era sufocante, a vela alumiava mal, o vento bramia lá fora e ouvia-se a um canto o barulho de um rato, Não era de admirar, visto que um cheiro a ratos e a couro enchia o quarto todo.

Estendido sobre a cama, Svidrigailov devaneava mais do que pensava. As suas ideias sucediam-se em confusão. Queria fixar a imaginação nalguma coisa. «É sem dúvida algum jardim que há por baixo da janela; as árvores são agitadas pelo vento. Como detesto este barulho das árvores, de noite, com tempestade e às escuras!»

Recordou-se que havia pouco, ao passar ao lado do parque Petrovsky, tinha sentido a mesma impressão dolorosa. Em seguida lembrou-se do Neva e teve de novo o estremecimento que sentira, quando, de pé, sobre a ponte, contemplava a água. «Nunca gostei de água, nem mesma nas paisagens», pensou ele. De repente uma ideia estranha fê-lo sorrir. «Parece que, neste momento, devia importar-me pouco com a estética e com o conforto, todavia estou como os animais que têm sempre o cuidado de escolher a cama... em casos idênticos. Se tivesse ido a Petrovsky Ostrov? Parece que tive medo do frio e da escuridão... He, he! Preciso de sensações agradáveis! Porque não apago a vela?» Apagou-a. «Os meus vizinhos deitaram-se», acrescentou, não vendo luz na fenda do tabique.

«Agora, Marfa Petrovna, é que a tua visita vinha a propósito. Está escuro, o lugar é propício e a situação é excecional. E justamente agora é que não hás de vir.»

Dounia ergueu-se diante dele e um tremor súbito o agitou.

Continuava a não ter sono. Pouco a pouco a imagem de Dounia aparecia-lhe ao lembrar-se da cena que tivera com ela poucas horas antes. «Não, não pensemos mais nisso. Coisa singular: nunca odiei ninguém, nunca experimentei mesmo o desejo de me vingar de quem quer que fosse... É mau sinal, muito mau sinal... Também nunca fui desordeiro nem violento… outro mau sinal! Que promessas lhe fiz há bocado! Ela levar-me-ia longe...» Calou-se e cerrou os dentes. A imaginação mostrou-lhe de novo Dounia como quando, depois de ter disparado o revólver e incapaz de resistência, fixava nele o olhar espantado. Lembrou-se de como se apiedara dela naquele momento, como sentira o coração oprimido. «Diabos levem tais pensamentos!»

Quase adormecido, pareceu-lhe de repente que, debaixo da roupa, alguma coisa lhe corria ao longo do braço e da perna. Estremeceu.

«Diabo! É com certeza um rato... Deixei a vitela em cima da mesa...»

Receando apanhar frio, não queria descobrir-se nem levantar-se, mas de súbito sentiu num dos pés um novo contacto desagradável. Arremessou a roupa e acendeu a vela. Curvou-se sobre a cama e examinou-a, porém não descobriu coisa alguma. Sacudiu os cobertores e um murganho saltou sobre a cama.

Tentou agarrá-lo, mas ele descrevia ziguezagues em todos os sentidos e escapava-se sempre. De repente, meteu-se debaixo do travesseiro.

Svidrigailov atirou o travesseiro para o chão, mas no mesmo instante sentiu que alguma coisa tinha saltado sobre ele e lhe passeava pelo corpo, por baixo da camisa. Começou a tremer nervosamente e... acordou.

A escuridão era absoluta. Estava deitado na cama, envolvido na roupa. O vento continuava a bramir lá fora. «É de arrepiar!», disse consigo, encolerizado.

Sentou-se na borda da cama, com as costas voltadas para a janela. «É melhor não dormir!», decidiu.

Pela vidraça entrava uma lufada húmida. Sem se levantar, puxou a roupa para si e envolveu-se nela. Não acendeu a vela.

Não pensava em coisa alguma, nem queria pensar, no entanto pelo cérebro passavam-lhe visões e ideias incoerentes. Estava como que numa espécie de meia sonolência. Seria o efeito do frio, das trevas, da humidade ou do vento que agitava as árvores? O que é certo é que esses devaneios tomavam um aspeto fantástico.

Tinha diante dos olhos uma risonha paisagem: era no dia da Santíssima Trindade e o tempo estava soberbo.

Por entre alegretes floridos surgia uma elegante vivenda em estilo inglês. Junto da escada emaranhavam-se trepadeiras e nos degraus, cobertos por um rico tapete, havia vasos chineses com flores raras.

Nas janelas, em vasos meios cheios de água, mergulhavam jacintos brancos, inclinados nas hastes verdes, rescendendo um perfume capitoso. Esses vasos atraíam em especial a atenção de Svidrigailov, que não podia afastar-se deles; no entanto subiu as escadas e entrou numa grande sala onde, por toda a parte, nas janelas, junto da porta que dava acesso para o terraço e no próprio terraço, havia flores.

O sobrado estava alcatifado de erva cortada de fresco e exalando um cheiro que tornava a brisa da sala deliciosa. Os pássaros chilreavam debaixo das janelas.

No meio da sala, sobre uma mesa coberta de cetim branco, estava colocado um caixão cercado de grinaldas de flores; por dentro era revestido de tafetá e de seda branca. Nele repousava, sobre uma cama de flores, uma moça vestida de tule branco, com os braços cruzados sobre o peito. Parecia uma estátua de mármore. Tinha os cabelos de um louro claro em desordem e molhados; uma coroa de rosas cingia-lhe a fronte. O perfil severo e inteiriçado do rosto parecia também esculpido e o sorriso dos lábios arroxeados exprimia uma tristeza profunda, penetrante, uma

desolação que não é peculiar na infância. Svidrigailov conhecia aquela moça. Não havia junto do esquife imagens, luzes ou orações. A morta era uma suicida, uma afogada. Aos catorze anos fora-lhe despedaçado o coração por um ultraje que tinha transformado a sua consciência infantil, que lhe enlutara a sua alma angélica com uma vergonha imerecida e lhe arrancara do peito um supremo grito de desespero, grito abafado pelos mugidos do vento, por uma sombria e húmida noite de gelo...

Svidrigailov despertou, levantou-se e aproximou-se da janela. Depois de ter procurado o fecho às apalpadelas, abriu-a, expondo o rosto e o torso, apenas protegido pela camisa, à lufada glacial que se engolfava pelo quarto. Em baixo devia com efeito haver um jardim. Talvez um jardim de recreio. De dia devia cantar-se ali e tomar-se chá em pequenas mesas. Porém agora estava mergulhado em trevas e os objetos só se revelavam à vista por manchas escuras e mal esboçadas. Durante cinco minutos Svidrigailov, encostado ao peitoril, olhou para baixo, para a escuridão. Ouviram-se dois tiros de canhão.

«Ah, é um sinal! O Neva sobe!», pensou ele. «Pela manhã, a parte baixa da cidade estará toda inundada e os ratos afogar-se-ão nas adegas; os inquilinos do rés do chão, a escorrerem, praguejando, salvarão os seus trastes expostos à chuva e ao vento... Que horas serão?»

Mal fizera esta pergunta, um relógio vizinho deu três horas. «Bem! Daqui a uma hora é dia. Porque hei de estar à espera? Vou partir já para a ilha Petrovsky.» Fechou a janela, acendeu a vela e vestiu-se. Depois, com o castiçal na mão, saiu do quarto para ir acordar o moço, pagar a conta e ir embora. «É o momento mais favorável.»

Vagueou algum tempo pelo corredor, comprido e estreito. Não encontrando ninguém, ia chamar quando, de repente, num canto sombrio entre um velho armário e uma porta, descobriu um objeto estranho, o quer que fosse que parecia vivo. Inclinando-se com a luz viu que era uma pequenita de cerca de cinco anos, trémula e chorosa. O vestidito estava encharcado. A presença de Svidrigailov não pareceu atemorizá-la. Fixou nele os seus grandes olhos negros com uma impressão de surpresa embasbacada. Continuava a soluçar, de quando em quando como as crianças que, depois de chorarem muito tempo, começam a resignar-se. Tinha o rosto pálido e desfigurado, e tremia com frio. «Como se encontrava ela ali? Com certeza se tinha escondido naquele canto e não dormira em toda a noite». Svidrigailov interrogou-a.

Animando-se, a pequenita começou, com voz infantil e gaguejando um pouco, uma história interminável onde entrava muitas vezes «a mãe» e uma «chávena partida». Svidrigailov compreendeu que se tratava de uma criança pouco estimada: a mãe, talvez alguma cozinheira do hotel, embebedava-se e maltratava-a.

A pequena quebrara uma chávena e, temendo o castigo, fugira de casa na ocasião em que chovia a torrentes. Mais tarde entrara em segredo e tinha-se escondido atrás do armário, onde passara a noite, tremendo e chorando com medo da escuridão e com a ideia de ser castigada não só por causa da chávena partida, mas também pela fuga.

Svidrigailov tomou-a nos braços, levou-a para o quarto e, depois de a ter deitado na cama, despiu-a.

Não tinha meias e os sapatos esburacados estavam tão húmidos como se tivessem estado metidos toda a noite num charco. Depois de lhe ter tirado o fatito, deitou-a e envolveu-a com cuidado nos cobertores. A pequena adormeceu logo. Svidrigailov recaiu nos pensamentos tristes.

«Com o que me estou preocupando!», disse ele de si para si, encolerizado. «Que parvoíce!» Irritado, pegou no castiçal para ir à procura do criado e deixar o hotel o mais depressa possível. «Ora! Um fedelho!», disse, rugindo uma praga no momento em que abriu a porta. Voltou porém a cabeça para deitar uma vista de olhos à pequenita e certificar-se se ela dormia. Levantou com precaução a roupa que lhe cobria a cabeça. A criança dormia profundamente. Aquecera e as faces tinham já recuperado a cor.

Todavia, coisa singular!, o rosado do rosto era muito mais vivo do que o do estado normal. «É da febre», pensou Svidrigailov. Dir-se-ia que a pequena tinha bebido. Os lábios purpurinos pareciam abrasados. De súbito, pareceu-lhe ver mexer um pouco as longas pestanas da criança adormecida; sob as pálpebras semicerradas adivinhava-se um olhar malicioso, dissimulado, nada infantil. «Não estaria ela a dormir?» Com efeito, os lábios sorriam, tremendo nas extremidades, como quando se tem grande vontade de rir. A certa altura deixou de se constranger e riu à vontade. Um não sei quê de descarado e de provocante irradiava daquele rosto que já não era o de uma criança, mas sim o de uma prostituta, de uma rapariguita sem vergonha.

As pálpebras abriram-se por completo e envolveram Svidrigailov num olhar lascivo e apaixonado.

«O quê! Com esta idade?», murmurou ele, deveras espantado. «Será possível?!»

Voltou para ele o rosto inflamado e estendeu-lhe os braços.

«Ah, maldita!», exclamou Svidrigailov, com horror. Levantou a mão para ela, mas no mesmo instante acordou. Estava deitado e envolvido na roupa. Amanhecia.

«Toda a noite tive pesadelos!»

Ergueu meio corpo. Lá fora havia um nevoeiro espesso através do qual não se distinguia coisa alguma. Eram perto das cinco horas: dormira muito.

Levantou-se, vestiu o fato ainda húmido e, sentindo o revólver no bolso, tirou-o para se certificar que a cápsula estava bem colocada.

Em seguida sentou-se e na primeira página da carteira escreveu algumas linhas em grandes letras.

Depois de as ter relido, encostou-se à mesa e ficou absorvido nas suas reflexões. As moscas regalavam-se com a fatia de vitela que tinha ficado intacta. Esteve a olhar para elas por muito tempo, até que começou a dar-lhes caça. Por fim espantou-se da ocupação a que se entregara e, recuperando por completo a consciência da sua situação, saiu a toda a pressa do quarto. Um instante depois estava na rua.

Um espesso nevoeiro envolvia a cidade. Svidrigailov caminhava na direção do Neva. Enquanto seguia pela escorregadia calçada de madeira, a imaginação apresentava-lhe a ilha Petrovsky com as suas relvas, as suas árvores, os seus maciços, as suas ruazinhas estreitas. Em toda a avenida não se avistava um fiacre, uma única criatura. As casitas amarelas, com as janelas fechadas, tinham um ar sujo e triste.

O frio e a humidade começavam a fazer tiritar o passeante matinal. De espaço a espaço, quando avistava a tabuleta de alguma loja, lia-a maquinalmente.

Tendo chegado ao fim da calçada, junto a uma grande casa, viu um cão muito grande que atravessava a rua com o rabo entre as pernas.

Um bêbedo estava estatelado no meio do passeio, com o rosto voltado para o chão. Svidrigailov olhou para ele um instante e passou adiante. À esquerda viu de repente uma casa de guarda. «Aqui está um bom sítio! Que necessidade tenho de ir à ilha Petrovsky? Deste modo a coisa poderá ser constatada por uma testemunha oficial.» Sorrindo a esta ideia, tomou pela rua ***, onde vira a casa de guarda.

À porta estava encostado um homenzinho, envolvido numa capa de soldado e com um capacete grego na cabeça. Ao ver Svidrigailov aproximar-se, lançou-lhe de esguelha um olhar enfastiado. A sua fisionomia tinha a expressão de melancolia azeda que é a marca secular dos israelitas. Durante algum tempo ambos se examinaram em silêncio. Por fim pareceu esquisito ao guarda que um indivíduo que não estava bêbedo parasse a três passos dele e o fitasse sem lhe dizer uma palavra.

— Que quer o senhor? — perguntou, sempre encostado à porta.

— Nada, meu caro amigo. Bom dia! — respondeu Svidrigailov.

— Siga o seu caminho.

— Meu caro amigo, vou para o estrangeiro.

— Como, para o estrangeiro?

— Para a América.

— Para a América?

Svidrigailov tirou o revólver da algibeira e armou-o. O soldado redobrou de atenção.

— Olá, isso não são brincadeiras para aqui!

— Porquê?

— Porque aqui não é lugar para essas coisas...

— Não importa, meu caro amigo, o local é excelente. Se o interrogarem, responda que parti para a América.

Apoiou o cano do revólver à fonte direita.

— Isso não se pode fazer aqui, não é lugar próprio! — replicou o soldado, esgazeando os olhos.

Svidrigailov pressionou o gatilho.

Capítulo 6

Nesse mesmo dia, entre as seis e as sete horas da tarde, Raskólnikov foi a casa da mãe e da irmã. As duas mulheres habitavam agora na casa Baskaleiov os aposentos de que Razoumikhine lhes tinha falado. Quando subia as escadas, Raskólnikov parecia ainda hesitar. Todavia, por motivo algum voltaria para trás: estava decidido a fazer aquela visita. «Demais, elas ainda não sabem nada», pensava ele, «e já estão habituadas a ver em mim um original». O fato estava coberto de lama e esfarrapado; por outro lado, a fadiga física, juntamente com a luta que se travava dentro dele havia vinte e quatro horas, tinham-lhe desfigurado o rosto. Passara toda a noite Deus sabe onde. Em suma, tomara a sua decisão.

Bateu à porta. Foi a mãe quem abriu. Dounia tinha saído e a criada também não estava naquele momento. Pulquéria Alexandrovna ficou a princípio muda de surpresa e de alegria, depois agarrou a mão do filho e arrastou-o para o quarto.

— Até que enfim te vejo! — disse ela com a voz trémula de emoção. — Não te zangues, Rodia, se tenho a fraqueza de te acolher com lágrimas. É a felicidade que as faz correr. Julgas que estou triste? Não, estou alegre, muito alegre. Apenas tenho este tolo costume de chorar. Desde a morte de teu pai choro por qualquer coisa. Senta-te, querido filho. Estás cansado, bem vejo! Ah, como estás sujo!

— Foi da chuva de ontem, minha mãe — começou Raskólnikov.

— Deixa lá isso! — interrompeu Pulquéria. — Pensavas que ia apoquentar-te com a minha curiosidade de velha? Descansa, compreendo tudo. Agora já estou um pouco iniciada nos usos de S. Petersburgo e, na verdade, vejo que são aqui mais espertos do que na nossa terra. Disse comigo, de uma vez para sempre, que não tenho necessidade de me intrometer nas tuas coisas e de te pedir contas por elas. Tendo talvez o espírito ocupado, Deus sabe por que pensamentos, havia de ir perturbar-te com as minhas perguntas importunas? Nada, nada. Vês tu, Rodia, estava a ler, pela terceira vez, o artigo que publicaste numa revista. Trouxe-mo Razoumikhine. Foi uma revelação para mim; desde então, com efeito, tudo

se explicou e reconheci quanto tenho sido estúpida. «Aí está o que o preocupa», disse comigo. «Anda com ideias novas na cabeça e não gosta que o vão arrancar às suas reflexões: todos os sábios são assim». Apesar da atenção com que li o teu artigo, meu filho, há nele bastantes coisas que me escapam. Ignorante, porém, como sou, não admira que não compreenda tudo.

— Deixe-mo ver, minha mãe.

Raskólnikov pegou no número da revista e lançou uma rápida vista de olhos pelo artigo. Um autor experimenta sempre um vivo prazer ao ver o seu trabalho impresso pela primeira vez, sobretudo quando tem apenas vinte e três anos. Conquanto o seu espírito estivesse preocupado com cruéis cuidados, Raskólnikov não pôde esquivar-se a essa impressão que não lhe durou, no entanto, mais do que um rápido instante. Depois de ter lido algumas linhas, franziu o sobrolho e um espantoso sofrimento lhe comprimiu o coração.

Aquela leitura tinha-lhe de súbito recordado todas as agitações morais dos últimos meses. Foi com um sentimento de violenta repulsão que arremessou a brochura para cima da mesa.

— Apesar de ser muito ignorante, tenho, todavia, a convicção de que dentro de muito pouco tempo ocuparás um dos primeiros lugares, se não o primeiro, no mundo da ciência. E eles a pensarem que estavas doido! Ah, ah, ah! Não sabias que tiveram essa ideia? Coitados! De resto, como poderiam eles compreender tão alta inteligência? Pensar que Dounia, sim, a própria Dounia não estava muito longe de acreditar nisso! É incrível. Há seis ou sete dias, Rodia, afligia-me por ver como vives: a tua casa, o teu fato, como te alimentas... Agora reconheço que era mais um disparate da minha parte. De facto, logo que queiras, com o teu espírito e o teu talento alcançarás a fortuna. Por enquanto não te importas com isso; ocupas-te de coisas mais importantes.

— Dounia não está cá, minha mãe?

— Não, Rodia. Passa muito tempo fora, deixa-me só. Razoumikhine tem a bondade de me vir ver e sempre me fala de ti. Ele estima-te muito, meu filho. Quanto à tua irmã, não me queixo, porque ela tem para comigo menos atenções. Tem lá o seu génio, como eu tenho o meu. Não me quer dar a conhecer os seus negócios. Isso é lá com ela! Por mim não oculto nada aos meus filhos. Estou persuadida de que Dounia é muito inteligente, que além disso nos tem muita afeição, a mim e a ti... Entretanto não sei o

que tudo isto dará de si... Lamento que não possa aproveitar a boa visita que me fazes. Quando voltar para casa, dir-lhe-ei: «Na tua ausência veio cá teu irmão: por onde andaste durante este tempo?» Lá esta digo-lha! Por ti, não te prendas comigo; quando puderes vir ver-me sem te fazer transtorno, vem; quando te fizer desarranjo, não te incomodes, terei paciência. Bastar-me-á saber que me amas. Lerei as tuas obras, ouvirei falar de ti a toda a gente e de tempos a tempos receberei a tua visita. Que mais posso desejar? Hoje vieste consolar tua mãe, bem vejo...

As lágrimas vieram interrompê-la.

— Cá estou eu outra vez! Não repares, sou doida! Ah! Senhor! Mas não penso em coisa nenhuma! — exclamou ela, levantando-se de repente. — Há ali café e não to ofereci. Vê o que é o egoísmo das velhas! É um instante!

— Não vale a pena, minha mãe, já me vou embora. Não vim aqui para isso. Faça favor de me ouvir.

Pulquéria aproximou-se do filho.

— Minha mãe, aconteça o que acontecer, ainda que ouça dizer de mim as coisas mais extraordinárias, amar-me-á sempre, como agora? — perguntou ele.

Estas palavras saíram-lhe espontaneamente do fundo do coração antes que pudesse medir o seu alcance.

— Rodia! Rodia! Que tens tu? Como podes fazer-me essa pergunta? Quem ousará algum dia dizer-me mal de ti? Se alguém se atrevesse a isso, recusaria ouvi-lo e expulsá-lo-ia da minha casa.

— O fim da minha visita era afirmar-lhe que sempre a amei e estimo bem que estejamos sós, estimo até que Dounia não esteja — prosseguiu com a mesma animação. — Talvez a mãe venha a ser infeliz; pois bem, fique certa de que o seu filho a amará sempre mais do que a si próprio e de que a mãe não teve razão duvidando da minha afeição. Nunca deixarei de a amar... Bem... basta... Queria, antes de tudo, asseverar-lhe isto de uma forma terminante.

Pulquéria beijou em silêncio o filho e apertou-o contra o peito, chorando.

— Não sei o que tens Rodia — disse ela por fim. — Até aqui julguei que a nossa presença te enfadava. Agora vejo que uma desgraça te ameaça e que vives numa grande ansiedade. Andava desconfiada, Rodia. Perdoa-me falar-te nisso, mas não penso noutra coisa, a ponto de não dormir. A

noite passada tua irmã sonhou e proferiu o teu nome bastantes vezes. Ouvi algumas palavras, porém não entendi nada. Desde a manhã até que vieste sofri como um condenado à espera da execução. Tinha o pressentimento de alguma coisa má! Rodia, Rodia, onde vais? Porque estás para partir, não é assim?

— Sim, vou partir...

— Tinha-o adivinhado! Posso ir contigo, não é verdade? Dounia acompanhar-nos-á; ela ama-te muito. Até, se for preciso, levaremos também connosco Sofia Semenovna. Não tenho dúvida em a aceitar por filha. Razoumikhine ajudar-nos-á nos preparativos da partida... mas... onde vais tu?

— Adeus, minha mãe.

— O quê? Hoje mesmo? — exclamou ela como se se tratasse de uma separação eterna.

— Não posso demorar-me. É preciso deixá-la...

— E não posso ir contigo?

— Não, mas ajoelhe-se e rogue a Deus por mim. Talvez ele atenda as suas orações.

— Oxalá ele as ouça! Recebe a minha bênção... Oh, meu Deus!

Na verdade estimava bem que a irmã não assistisse àquela entrevista. Para se expandir à vontade, a sua ternura tinha necessidade daquele frente a frente e uma testemunha qualquer, mesmo que fosse Dounia, tê-lo-ia embaraçado.

Caiu aos pés da mãe e beijou-os. Pulquéria e o filho abraçaram-se, chorando, sem que ela lhe pudesse fazer qualquer pergunta. Compreendera que atravessava uma crise terrível e que a sua sorte ia decidir-se em breve.

— Rodia, meu querido filho — disse por fim, através das lágrimas —, estás tal qual eras na infância; era assim que vinhas oferecer-me as tuas carícias e os teus beijos. Outrora, quando teu pai era vivo, não tínhamos, no meio das nossas infelicidades outra consolação senão a tua presença, e depois que ele morreu quantas vezes não fomos, tu e eu, chorar sobre o seu túmulo, abraçados como estamos agora! Se choro há tanto tempo é porque o meu coração de mãe tinha pressentimentos sinistros. Na noite em que chegámos a S. Petersburgo, logo à nossa primeira entrevista, o teu rosto disse-me tudo e hoje, quando te abri a porta, pensei, ao ver te, que era chegada a hora fatal. Rodia, Rodia, não partes já?

— Não.

— Ainda voltas?

— Sim, volto.

— Rodia, não te zangues por te interrogar. Diz-me só duas palavras: vais para muito longe?

— Para muito longe.

— Mas terás lá um emprego, uma posição?

— Terei o que Deus quiser... Peça-lhe por mim nas suas orações...

Raskólnikov queria sair, no entanto ela agarrou-se a ele e encarou-o em pleno rosto com uma expressão do mais profundo desespero.

— Basta, minha mãe — disse ele, que ao ver aquela dor intensíssima se arrependeu de lá ter ido.

— Não vais para sempre, pois não? Não partes já? Ainda cá vens amanhã?

— Venho, venho, adeus.

Conseguiu por fim escapar-se.

A noite estava quente, mas não sufocante. O tempo melhorara desde a manhã. Raskólnikov foi para casa. Queria acabar tudo antes do pôr do sol. Naquela ocasião qualquer encontro ser-lhe-ia muito desagradável. Ao subir para o seu quarto notou que Nastásia, então ocupada a preparar o chá, interrompera o serviço, seguindo-o com um olhar curioso.

«Estará alguém no meu quarto?», pensou ele; e, sem querer, lembrou-se do odioso Porfírio. Ao abrir a porta do quarto avistou Dounia. A jovem, sentada no sofá, estava pensativa; decerto esperava o irmão há muito tempo. Rodia parou no limiar. Ela teve um movimento de espanto, mas tranquilizou-se logo e encarou-o por momentos.

Uma imensa desolação se lia nos seus olhos.

Esse olhar provou a Raskólnikov que ela sabia tudo.

— Devo entrar ou retirar-me? — perguntou ele com hesitação.

— Passei todo o dia à tua espera em casa da Sofia Semenovna. Contávamos que lá fosses.

Raskólnikov entrou e deixou-se cair numa cadeira, em enorme prostração.

— Sinto-me fraco, Dounia. Estou muito fatigado e neste momento, sobretudo, precisava de todas as minhas forças.

Lançou a sua irmã um olhar desconfiado.

— Onde estiveste toda a noite passada?

— Não me lembro bem. Queria tomar uma resolução... A única coisa que me lembra é que muitas vezes me aproximei do Neva. A minha intenção era acabar desse modo... mas... não pude resolver-me... — concluiu em voz baixa, procurando ler no rosto da irmã a impressão produzida pelas suas palavras.

— Louvado seja Deus! Era isso mesmo o que eu e Sofia receávamos. Ainda tens esperança na vida, por Deus!

Raskólnikov sorriu com amargura.

— Não tenho esperança na vida e no entanto, há pouco, em casa da nossa mãe, abraçámo-nos chorando e pedi-lhe para rezar por mim. Deus sabe como isto pode ser, Dounia... Eu próprio não compreendo nada do que sinto.

— Estiveste em casa da nossa mãe? Falaste-lhe? — exclamou Dounia, assustada. — Terias coragem para lhe falar *naquilo?*

— Não, não lhe disse nada. No entanto desconfia de alguma coisa! Ouviu-te sonhar em voz alta a noite passada. Estou certo de que já adivinhou metade do segredo. Fiz talvez mal em ir vê-la. Não sei mesmo porque o fiz. Sou um miserável, Dounia.

— Mas pronto a expiar a tua culpa. Vais, não é verdade?

— O mais depressa possível. Para evitar esta desonra, queria afogar-me; todavia, no momento em que ia atirar-me à água disse comigo que um homem forte não deve ter medo da vergonha. Será orgulho, Dounia?

— É, Rodia!

Uma espécie de clarão iluminou os seus olhos embaciados. Parecia feliz com a ideia de ter conservado o seu orgulho.

— Não julgas, Dounia, que tenha tido medo da água? — perguntou ele com um sorriso amargo.

— Oh! Rodia, basta! — respondeu ela magoada com esta suposição.

Ambos ficaram calados durante dez minutos. Raskólnikov tinha os olhos baixos e Dounia contemplava-o com uma expressão dolorosa. De repente ele levantou-se.

— As horas vão passando e é tempo de partir. Vou entregar-me, mas não sei porque o faço!

Grossas lágrimas corriam pelas faces de Dounia.

— Choras, minha irmã, e ainda podes estender-me a mão?

— Pois julgavas que não?

Apertou-o com força contra o peito.

— Oferecendo-te à expiação não destróis metade do teu crime! — exclamou ela, beijando-o.

— O meu crime? Qual crime? — replicou, num súbito excesso de cólera. — O de ter morto um bicho imundo e maléfico, uma velha usurária, nociva a toda a gente, um vampiro que chupava o sangue dos pobres? Essa morte devia antes conceder-me indulgência para quarenta pecados! Nem penso em tal... Todos a gritarem-me aos ouvidos: «Crime, crime!» Agora que me decidi a afrontar essa desonra, agora é que o absurdo da minha covarde determinação me aparece com toda a clareza. Só por baixeza e por pusilanimidade é que me resolvo a isso, a não ser que seja também por interesse, como dizia Porfírio...

— Rodia, meu irmão, que dizes? Não vês que derramaste sangue? — respondeu Dounia, consternada.

— E então? Toda a gente o derrama — prosseguiu ele com veemência crescente. — Em todos os tempos correram ondas de sangue sobre a terra: os que o derramam como champanhe sobem em seguida ao Capitólio e são proclamados benfeitores da humanidade. Examina as coisas um pouco mais de perto antes de as julgares. Também queria fazer bem aos homens! Centenas e milhares de boas ações teriam compensado por completo essa única tolice, e quando digo tolice devia dizer antes falta de habilidade, porque a ideia não era tão má como agora pode parecer: depois do insucesso, os projetos mais bem combinados parecem idiotices. Queria apenas conseguir uma situação independente, garantir os meus primeiros passos na vida, angariar recursos; depois levantaria voo... Fui malsucedido e é por isso que sou um miserável. Se tivesse sido bem-sucedido, ter-me-iam coroado, ao passo que assim lançar-me-ão às feras.

— Não se trata disso! Que dizes, meu irmão?

— É verdade que não procedi segundo as regras da estética! Não há maneira de compreender porque é mais glorioso bombardear uma cidade do que matar alguém a golpes de machado! A preocupação estética é o primeiro sinal de fraqueza... Nunca o senti melhor do que nesta altura e cada vez compreendo menos qual é o meu crime. Nunca me senti mais forte, mais convencido do que estou agora.

O seu rosto pálido e transtornado tinha-se colorido de súbito. Quando acabou de proferir esta última exclamação, os seus olhos encontraram os de Dounia. Esta olhava para ele com uma tal expressão de tristeza que a

sua exaltação desapareceu logo. Não pôde deixar de dizer consigo que havia feito a desgraça daquelas duas pobres mulheres.

— Dounia, minha querida Dounia, se sou culpado, perdoa-me, conquanto não mereça perdão, se de facto sou culpado. Adeus! Não discutamos. É tempo, é mais do que tempo de partir. Peço-te que não me sigas, pois tenho ainda uma visita a fazer. Vai já para casa e deixa-te estar junto da nossa mãe. Peço-to por tudo; é o último pedido que te faço. Não a abandones. Deixei-a muito inquieta e receio que não resista à sua dor: ou morre ou endoidece. Vela, pois, por ela. Razoumikhine não vos abandonará; já falei com ele... Não chores por mim: apesar de assassino, farei toda a minha vida por ser corajoso e honesto. Talvez um dia ouças falar de mim. Não desonrarei o nosso nome, verás! Provarei ainda… Agora, adeus — disse ele, notando de súbito uma expressão singular nos olhos de Dounia. — Porque estás a chorar desse modo? Não chores, não nos deixamos para sempre! Ah, é verdade! Espera, esquecia-me...

Pegou num grosso livro que estava sobre a mesa, coberto de pó, e tirou dele uma pequena aguarela pintada sobre marfim. Era o retrato da filha da hospedeira, a moça que ele amara. Durante um momento contemplou-lhe o rosto expressivo e angustiado, que beijou, e entregou-o a Dounia.

— Conversei muitas vezes com ela a respeito *daquilo,* só com ela — disse pensativo. — Confiei ao seu coração esse projeto que havia de ter um resultado tão lamentável. Tranquiliza-te — continuou, dirigindo-se a Dounia —, revoltou-se tanto como tu e estimo bem que tivesse morrido.

Depois, voltando ao objeto principal das suas preocupações:

— O essencial, agora — disse — é saber se calculei bem o que vou fazer e se estou pronto a aceitar todas as consequências. Dizem que é necessária esta prova. Será assim? Que força moral terei quando sair das galés, alquebrado por vinte anos de sofrimento? Ainda valerá a pena viver? E resignar-me-ei a carregar com o peso de uma tal existência? Oh, senti que era um covarde, esta manhã, quando quis atirar-me ao Neva!

Por fim, saíram ambos. Só o amor fraternal tinha amparado Dounia naquela penosa entrevista. Separaram-se na rua.

Depois de ter andado cinquenta passos, voltou-se para ver uma última vez o irmão. Este, quando chegou à esquina, voltou-se também. Os seus olhares encontraram-se; porém Raskólnikov, notando o olhar da irmã fixo nele, fez um gesto de impaciência e mesmo de cólera para a convidar a continuar o seu caminho. Em seguida desapareceu.

Capítulo 7

Começava a escurecer quando Raskólnikov chegou a casa da Sofia. A moça esperara-o cheia de ansiedade durante o dia. Pela manhã recebera a visita de Dounia, que fora vê-la por ter ouvido dizer na véspera a Svidrigailov que ela sabia *aquilo.*

Não referiremos com pormenores a conversa das duas mulheres; limitamo-nos a dizer que choraram, abraçadas uma à outra, e ficaram amigas de alma e coração. Dessa entrevista Dounia levou, pelo menos, a consolação de pensar que seu irmão não estaria só; fora Sofia quem primeiro ouvira a sua confissão, fora a ela que ele se dirigira quando sentiu a necessidade de confiar a um ser humano o seu segredo; acompanhá-lo-ia para qualquer parte, para onde o levasse o destino. Sem ter feito nenhuma pergunta a esse respeito, estava certa disso. Tratou Sofia com uma espécie de veneração, a qual se julgava indigna de levantar os olhos para Dounia. Desde a sua visita a casa de Raskólnikov, a imagem da encantadora criatura que a tinha saudado tão graciosamente nesse dia ficara-lhe na alma como uma das visões mais belas e mais indeléveis da sua vida.

Por fim Dounia decidiu-se a ir esperar o irmão a casa dele, pensando que Rodia não deixaria de lá ir. Assim que Sofia ficou só, o pensamento do suicídio provável de Raskólnikov sobressaltou-a. Esse era também o receio de Dounia. Contudo, enquanto estiveram juntas, as duas moças tinham dado uma à outra toda a espécie de razões para se tranquilizarem e tinham-no conseguido em parte.

Logo que se separaram, acordou a inquietação em ambas.

Sofia lembrou-se do que Svidrigailov lhe dissera na véspera: «Raskólnikov só tem a escolher: ir para a Sibéria ou...» A juntar a isto, conhecia o seu orgulho e a sua falta de sentimentos religiosos.

«Será possível que se resigne a viver apenas por pusilanimidade, por medo da morte?», pensava ela com desespero. Já não duvidava que o desgraçado tivesse acabado com a vida quando este lhe entrou em casa.

Um grito de alegria se escapou do peito da moça. Depois, observando-lhe melhor o rosto, empalideceu de súbito.

— Ora bem! — disse Raskólnikov a rir. — Venho buscar a tua cruz, Sofia. Pediste-me que me rojasse na terra e a beijasse, e agora que vou satisfazer o teu desejo tens medo?

Sofia contemplou-o, espantada. Parecia-lhe estranho o tom em que ele falava. Um estremecimento percorreu-lhe todo o corpo; mas passado um minuto compreendeu que aquela firmeza de ânimo era fingida. Raskólnikov, ao falar-lhe, olhava para um canto e parecia ter receio de fixar os olhos nela.

— Afinal pensei que era melhor assim. Há uma circunstância... porém levaria muito tempo a contar e não tenho tempo. Sabes o que me irrita, Sofia? Sinto-me furioso com a ideia de que daqui a um instante todos aqueles brutos me rodearão, arregalarão os olhos para mim e me farão perguntas estúpidas a que será necessário responder. Apontar-me-ão a dedo... Não vou a casa do Porfírio. Acho-o insuportável. Prefiro ir procurar o amigo Pólvora. Como vai ficar surpreendido! Podia contar um belo sucesso... Era preciso ter mais sangue frio; nestes últimos tempos tornei-me muito irritável. Queres acreditar? Pouco faltou, ainda há bocado, para que ameaçasse minha irmã só porque se voltou para me ver uma última vez. A que baixeza cheguei! Então onde está a cruz?

O pobre rapaz não parecia estar no estado normal. Não podia estar um minuto no mesmo lugar, nem fixar o pensamento sobre uma ideia qualquer. Estas sucediam-se-lhe sem transição ou, para dizer melhor, o seu espírito tresvariava.

As mãos tremiam-lhe.

Sofia não dizia palavra. Tirou de uma caixa as duas cruzes: uma de cipreste e outra de cobre. Em seguida persignou-se e, tendo repetido essa operação na pessoa de Raskólnikov, passou-lhe em volta do pescoço a cruz de cipreste.

— É uma maneira simbólica de exprimir que vou carregar com uma cruz... He, he! Como se só hoje começasse a sofrer! A cruz de cipreste é a dos pobres diabos. A de cobre pertencia à Isabel, guarda-a para ti. Deixa vê-la. Trazia-a naquele momento? Tinha mais objetos de devoção; uma cruz de prata e uma medalha. Lancei-as *então* sobre o peito da velha. Era o que agora devia pôr ao pescoço. Só digo frioleiras e esqueço-me do que importa... Ouve, Sofia, vim cá, sobretudo, para te prevenir, para que

saibas... Bem, eis tudo... Não vim senão para isto. Hum! Contudo parece-me que tinha mais alguma coisa a dizer-te! Ora bem, tu mesmo é que o exigiste de mim. Vou entregar-me. Satisfaço o teu desejo. Porque choras então? Também tu! Basta, basta! Oh, como tudo isto me incomoda!

Partia-se-lhe o coração vendo Sofia em lágrimas. «O que sou para ela?», dizia consigo. «Porque se interessa por mim, tal como poderia fazê-lo minha mãe ou a Dounia?»

— Faz o sinal da cruz, diz uma oração — suplicou a moça com voz trémula.

— Pois sim! Rezarei quanto queiras.

Persignou-se muitas vezes. Sofia atou-lhe em volta da cabeça um lenço verde, provavelmente o mesmo de que Marmeladov lhe falara na taberna e que servia então a toda a família. Esse pensamento atravessou o espírito de Raskólnikov, que se absteve de fazer perguntas a tal respeito. Notara que tinha contínuas distrações e que estava bastante perturbado. Isto inquietava-o. Reparou então que Sofia se preparava para sair com ele.

— Que fazes? Onde vais? Fica, fica... Quero ir só — exclamou ele, irritado e dirigindo-se para a porta. — Que necessidade tenho de levar companhia? — resmungou quando saía.

Sofia não insistiu. Raskólnikov nem lhe disse adeus, pois esqueceu-se dela. Uma única ideia o preocupava naquele momento.

«Está então tudo acabado? Já não há meio de voltar atrás, de arranjar tudo... e de não ir lá?», dizia consigo ao descer as escadas.

No entanto continuou o caminho, compreendendo que a hora das hesitações tinha passado. Na rua lembrou-se de que não tinha dito adeus a Sofia, que parara no meio do quarto, que as suas palavras a tinham como que fixado ao chão. E então dirigiu a si próprio outra pergunta que minutos antes se lhe apresentara ao espírito sem se formular com nitidez.

«Para que lhe fiz esta visita? Para lhe participar que vou para lá? Para lhe dizer que a amo? Agora mesmo acabo de repeli-la como um cão! Quanto à sua cruz, que necessidade tinha eu dela? A que baixeza cheguei! Não, do que eu precisava era das suas lágrimas e o que eu queria era dilacerar-lhe o coração. E talvez também o que procurei, indo vê-la, foi ganhar tempo, retardar um pouco o momento fatal! E sonhei em altos destinos, julguei-me chamado a fazer grandes coisas, eu, tão vil, tão miserável, tão cobarde!» Caminhava ao longo do cais e não tinha de ir

mais longe. Quando chegou porém à ponte, parou um instante e depois seguiu para o Mercado do Feno.

Os seus olhares dirigiam-se ávidos, ora para a direita, ora para a esquerda, fazia esforços por examinar cada objeto que encontrava e não podia concentrar a atenção em coisa alguma. «Daqui a oito dias, a um mês», pensava ele, «tornarei a passar por esta ponte; uma carruagem celular me conduzirá a qualquer parte. Com que olhos contemplarei então este canal? Ainda repararei naquela tabuleta? Leio nela a palavra *Companhia:* ainda a lerei então como leio agora? Quais serão as minhas sensações e os meus pensamentos? Meu Deus, como todas estas preocupações são mesquinhas! Pareço um menino, estou a *pousar* para mim próprio; e afinal porque hei de corar dos meus pensamentos? Eia! que multidão! Este gorducho (deve ser alemão) que me empurrou imaginará em quem tocou com o cotovelo? E esta mulher que traz uma criança pela mão e pede esmola, imagina-me naturalmente mais feliz do que ela! Tem graça! Devia dar-lhe alguma coisa pela singularidade do facto. Hein? Por acaso terei cinco *kopeks* no bolso? Bem! Toma lá, Matovelka!»

— Que Deus te conserve! — disse a mendiga em tom lacrimoso.

O Mercado do Feno estava então cheio de gente. Essa circunstância desagradou muito a Raskólnikov. Todavia, dirigiu-se para o lado onde a multidão era mais compacta. Teria comprado a solidão por todo o preço, no entanto sentiu que não poderia gozá-la um só minuto. Tendo chegado ao meio da praça, lembrou-se de repente das palavras da Sofia: «Corre à rua, saúda o povo, beija a terra que manchaste com o teu pecado e diz bem alto, a todo o mundo: «Sou um assassino!»

A essa lembrança, estremeceu.

As angústias dos dias precedentes tinham-no de tal maneira transformado que se sentiu feliz por se ver ainda acessível a esta sensação, a que se abandonou por completo.

Invadiu-o uma onda de ternura e dos olhos brotaram-lhe lágrimas.

Pôs-se de joelhos no meio da praça, curvou-se até ao chão e beijou o solo lamacento.

Depois de se ter levantado, ajoelhou de novo.

— Aqui está um que se não poupou! — disse um engraçado ao lado dele.

Esta observação foi acolhida com gargalhadas.

— É um peregrino que vai a Jerusalém, meus amigos: despede-se dos filhos e da Pátria; saúda toda a gente e dá o beijo de despedida à cidade de S. Petersburgo, à capital — acrescentou um burguês muito embriagado.

— É ainda novo — disse um terceiro.

— E é nobre — observou alguém mais seriamente.

— Agora já se não distinguem os nobres dos que o não são.

Vendo que estava sendo objeto da atenção geral, Raskólnikov perdeu um pouco a serenidade e as palavras «Eu assassinei», quase a saírem-lhe da boca, expiraram-lhe nos lábios. De resto, as exclamações e os impropérios da multidão deixaram-no indiferente e foi com a maior placidez que se dirigiu para o comissariado da polícia. Pelo caminho, só uma visão atraía o seu olhar: é certo que contava já encontrá-la e não se admirou de a ver.

No momento em que no Mercado do Feno acabava de se prostrar pela segunda vez, tinha avistado a Sofia. A moça tentara escapar-lhe, escondendo-se atrás de umas barracas de madeira.

De modo que ela o acompanhava enquanto ele ia subindo o seu calvário!

Desde esse instante Raskólnikov teve a convicção de que Sofia lhe pertencia para todo o sempre e o seguiria para toda a parte, ainda que o seu destino o levasse para o fim do mundo.

Chegou por fim ao sítio fatal. Entrou no pátio com passo bastante firme. O comissariado da polícia era no terceiro andar.

Como por ocasião da sua primeira visita, a escada estava coberta de imundices, empestada pelas exalações das cozinhas abertas sobre cada patamar.

As pernas enfraqueciam-lhe à medida que ia subindo.

Parou um instante para tomar fôlego, para preparar a entrada. «Mas para quê?», perguntou a si próprio. «Visto que é preciso esgotar este cálice, que importa a maneira de o beber? Quanto mais amargo for, melhor». Depois lembrou-se de Porfírio Petrovitch. «De facto é a ele que vou falar? Não poderia dirigir-me a outro, a Nikodim Fomitch, por exemplo? Se fosse procurar o comissário da polícia a casa e lhe contasse tudo em particular... Não, não! Falarei ao Porfírio Petrovitch. Acaba-se mais depressa com isto.»

Tremendo, sem ter bem consciência de si, Raskólnikov abriu a porta do comissariado. Desta vez encontrou na antecâmara um porteiro e um

homem do povo. O contínuo nem deu por ele. Dirigia-se à sala imediata, onde trabalhavam dois escreventes. Nem Zametov nem Nikodim Fomitch lá estavam.

— Não está mais ninguém? — perguntou ele a um dos empregados.

— Quem procura o senhor?

— A... a... ah! Sem lhe ouvir as palavras e sem lhe ver a cara, adivinhei a presença de um russo, como se diz não sei já em que comédia... Os meus respeitos! — disse do lado uma voz conhecida.

Raskólnikov estremeceu: Porfírio Petrovitch estava diante dele. Acabava de sair de uma terceira sala. «O destino assim o quis», pensou com ele.

— O senhor, por aqui? Que se passa? — exclamou Porfírio, que parecia estar de muito bom humor e até um tanto alegre. — Se vem para tratar de alguma coisa, ainda é muito cedo. Estou cá por acaso. De resto, em que posso... Confesso que não sei... Como? Como? Peço perdão...

— Raskólnikov.

— Ah, sim, Raskólnikov! O senhor julgou que me tinha esquecido! Peço-lhe que não me julgue tão... Rodia Ro... Rodionitch, não?

— Rodia Romanovitch.

— Sim, sim, sim! Rodia Romanovitch! Tinha o nome debaixo da língua. Confesso-lhe que lamento muito a maneira como procedemos com o senhor em tempos. Mais tarde explicaram-me a coisa; soube que o senhor era um jovem escritor, um sábio mesmo! Soube que se tinha estreado na carreira das letras... Eh, meu Deus! Qual é o literato, qual é o sábio que nos seus princípios não teve mais ou menos a vida de boémio? Minha mulher e eu adoramos a literatura, mas minha mulher, então! É doida pelas letras e pela arte! Salvo o nascimento, tudo o mais se pode adquirir pelo talento: o saber, a inteligência, o génio! O que significa, por exemplo, um chapéu? Posso ir comprar um ao Zimmermann; contudo o que se abriga sob o chapéu, isso é que não compro em parte nenhuma. Confesso que queria até ir visitá-lo, para lhe dar explicações, porém pensei que talvez o senhor mesmo... Parece que a sua família está agora em S. Petersburgo?

— Sim, minha mãe e minha irmã.

— Já tive a honra e o prazer de encontrar sua irmã. É uma senhora tão encantadora como distinta. Na verdade, deploro que há tempos altercássemos daquela maneira. Quanto às conjeturas fundadas sobre o seu

desmaio, depois reconheceu-se a evidente falsidade delas. Compreendo a indignação que o senhor deve ter sentido! Agora, como a sua família veio para S. Petersburgo, vai talvez mudar de casa?

— Não, por enquanto não. Vinha procurar... Julgava encontrar o Zametov.

— Já cá não está. Deixou-nos ontem; houve até, antes da sua partida, uma troca de palavras azedas entre nós. É um pobre diabo, nada mais; dava algumas esperanças, no entanto teve a desgraça de frequentar certa sociedade brilhante e meteu-se-lhe na cabeça fazer exame para se poder impor como sábio. Bem entendido, Zametov não tem nada de comum com o senhor, por exemplo, ou com o senhor Razoumikhine, seu amigo. Os senhores abraçaram a carreira da ciência e, apesar dos seus revezes, não a abandonaram mais. Para os senhores as comodidades da vida não valem nada; têm tido a existência austera, ascética e monacal do homem de estudo. Um livro, uma pena atrás da orelha, uma indagação científica a fazer, isso lhes basta para a sua felicidade! Eu próprio, até certo ponto... O senhor leu a correspondência de Livingstone?

— Não li.

— Eu li. Como sabe, o número dos niilistas aumentou muitíssimo, o que não é para admirar numa época como a nossa. Aqui entre nós... com certeza o senhor não é niilista? Responda com franqueza.

— N...ão...

— Não tenha receio de ser franco comigo como o seria consigo mesmo. Uma coisa é o serviço, outra coisa... o senhor julgou que ia dizer *amizade?* Enganou-se! Amizade não, mas o sentimento da humanidade e o amor ao Todo-Poderoso. Posso ser um personagem oficial, um funcionário; nem por isso deixo de ser um homem, um cidadão. O senhor falava de Zametov. É um rapaz que imita o bom tom francês, que faz barulho nas casas duvidosas mal bebe um copo de champanhe ou de vinho do Don! Aí está o que é o seu Zametov! Fui talvez um pouco severo com ele; no entanto, se a minha indignação me levou muito longe, nem por isso deixava de obedecer a um sentimento elevado: o zelo pelos interesses do serviço. De resto, tenho um emprego, uma certa situação, uma importância social. Sou casado e pai de família. Cumpro o meu dever de homem e de cidadão, enquanto ele... O que é ele, permita-me que lhe pergunte? Dirijo-me ao senhor como a um homem ilustrado. Aí tem por exemplo as parteiras que se multiplicaram também de uma maneira extraordinária...

Raskólnikov olhou para ele com um ar aturdido. As palavras de Porfírio, que de facto acabara de jantar, ressoavam-lho aos ouvidos na maior parte como vazias de sentido. Todavia, melhor ou pior, compreendia algumas delas. Naquele momento interrogava com os olhos o interlocutor e não sabia como tudo aquilo acabaria.

— Refiro-me a essas moças que usam o cabelo cortado à Tito — continuou o inesgotável Porfírio. — Chamo-lhes parteiras e o nome parece-me bem achado. Eh, eh! Médicas, mulheres que estudam anatomia! Ora diga-me cá, se adoecer hei de tratar-me com uma moça? Eh, eh!

Porfírio pôs-se a rir, encantado com o seu espírito.

— Compreendo que toda a gente tenha vontade de se instruir. Mas não poderá haver instrução sem se cair em todos estes excessos? Para que é preciso ser insolente? Para que é preciso insultar homens respeitáveis, como esse mariola do Zametov? Porque me injuriou ele, pergunto eu? Outra epidemia que faz terríveis progressos é a dos suicídios. Comem tudo quanto têm e depois matam-se. Velhos, rapazotes, pequenitas, passam-se desta para melhor! Ainda há pouco soubemos que um sujeito, chegado aqui recentemente, acabava de pôr termo à vida... Nil Pavlitch, eh! Nil Pavlitch! Como se chamava o sujeito que deu um tiro nos miolos em Petersbougskaia?

— Svidrigailov — respondeu com voz encatarrada alguém que se encontrava na sala imediata.

Raskólnikov estremeceu.

— Svidrigailov! Svidrigailov deu um tiro nos miolos? — exclamou ele.

— Como! O senhor conhecia-o?

— Conhecia... Tinha chegado há pouco tempo...

— De facto, tinha chegado há pouco. Enviuvara. Era um boémio. Matou-se com um tiro de revólver em condições bastante escandalosas. Encontraram-lhe na carteira um bilhete com estas palavras: «Morro em plena posse das minhas faculdades intelectuais. Não acusem ninguém da minha morte.» Esse homem parece que tinha fortuna. De onde o conhecia?

— Eu... minha irmã tinha sido professora em casa dele.

— Bem! Então o senhor pode dar-nos esclarecimentos. Desconfiou deste fim...

— Vi-o ontem... estava a beber champanhe... Não desconfiei de nada...

Raskólnikov sentia como que uma montanha em cima do peito.

— Aí está o senhor a empalidecer outra vez, se não me engano. A atmosfera desta casa está sufocante...

— Sim, é tempo de me ir embora — balbuciou o visitante. — Peço desculpa de o ter incomodado...

— Ora essa, estou sempre à sua disposição. O senhor deu-me muito prazer e tenho muito gosto em declarar...

Pronunciando estas palavras, Porfírio estendeu-lhe a mão.

— Queria somente... precisava do Zametov...

— Compreendo, compreendo... Encantado pela sua visita.

— Eu... também estava encantado... Até outra vez... — disse Raskólnikov com um sorriso.

Saiu com passo vacilante. A cabeça andava-lhe à roda. Mal se podia ter de pé e ao descer a escada foi forçado a apoiar-se contra a parede para não cair. Pareceu-lhe que um porteiro, que se dirigia para o comissariado, o acotovelara ao passar, que um cão ladrava no primeiro andar e que uma mulher gritava para fazer calar o animal. Atravessou o pátio. De pé, não longe da porta, Sofia, pálida como a morte, contemplava-o com ar estranho. Parou em frente dela. A moça bateu com as mãos uma na outra; a sua fisionomia exprimia o mais terrível desespero. Atentando nisso, Raskólnikov sorriu... com que sorriso! Um instante depois entrou de novo no comissariado da polícia.

Porfírio estava em frente da sua papelada. Junto dele, de pé, o mesmo *mujik* que pouco antes, ao subir a escada, acotovelara Raskólnikov.

— Ah! O senhor outra vez! Esqueceu-lhe alguma coisa? Que tem?

Com os lábios descorados, o olhar fixo, Raskólnikov adiantou-se lentamente para Porfírio. Apoiando a mão na mesa diante da qual ele estava sentado, quis falar, mas só pôde proferir sons ininteligíveis.

— O senhor não está bom. Uma cadeira. Sente-se! Água!

Raskólnikov deixou-se cair sobre a cadeira que lhe ofereciam sem deixar de fitar Porfírio, cujo rosto exprimia grande surpresa.

Durante um minuto ambos se olharam em silêncio.

Trouxeram água.

— Fui eu... — começou Raskólnikov.

— Beba.

O mancebo repeliu com um gesto o copo que lhe era apresentado e, em voz baixa, mas distinta, fez, interrompendo-se por diferentes vezes, a declaração seguinte:

— Fui eu que assassinei a golpes de machado, para as roubar, a velha penhorista e a sua irmã Isabel.

Porfírio chamou.

Acudiu gente de todos os lados.

Raskólnikov renovou as suas declarações.

Epílogo

Capítulo 1

A Sibéria.

Na margem de um rio largo e deserto eleva-se uma cidade, um dos centros administrativos da Rússia: na cidade há uma fortaleza e na fortaleza, uma prisão. Na prisão está detido, há nove meses, Rodia Romanovitch Raskólnikov, condenado a trabalhos forçados. Perto de dezoito meses decorreram desde o dia em que cometeu o crime.

A instrução do processo não encontrou dificuldade. O culpado renovou as suas declarações com tanta nitidez como precisão, sem embrulhar as circunstâncias, sem lhes suavizar o horror, sem disfarçar os factos, sem esquecer as menores particularidades. Fez uma narração completa do assassinato: desvendou o mistério do objeto encontrado nas mãos da velha — lembram-se de que era um pedaço de madeira ligado a uma lâmina de ferro —; contou como tinha tirado as chaves da algibeira da vítima; descreveu essas chaves, descreveu o cofre e indicou o seu conteúdo; explicou a morte de Isabel, que até então fora um enigma: contou como Koch chegara e batera à porta e como depois dele chegara o estudante; referiu palavra a palavra a conversa entre os dois; como em seguida ele, assassino, correra para a escada, ouvira os gritos de Nicolau e Mitka, se escondera no aposento vazio e depois voltara para sua casa. Por fim, quanto aos objetos roubados disse que os ocultara sob uma pedra, num pátio que dava para a avenida da Ascensão: lá foram encontrados de facto. Em suma, fez-se luz sobre todos os pontos. O que, entre outras coisas, espantou muito os juízes foi que, em vez de se aproveitar do roubo, o assassino fosse escondê-lo debaixo de uma pedra; e ainda menos compreendiam que não só se não lembrasse de todos os objetos roubados, mas que até se enganasse quanto ao número deles.

Achava-se sobretudo inverosímil que não tivesse aberto a bolsa uma única vez e que ignorasse o seu conteúdo. — Continha trezentos e dezassete *rublos* e três moedas de vinte *kopeks*. Devido à humidade, as notas do fundo estavam muito deterioradas. — Durante muito tempo deu-lhes que pensar a razão por que sobre esse único ponto o acusado mentia,

ao passo que sobre tudo o mais dizia espontaneamente a verdade. Por fim, alguns — em especial os psicólogos — admitiram a possibilidade de não ter aberto a bolsa e de se ter, portanto, desembaraçado dela sem saber o que continha. Disso concluíram logo que o crime fora talvez cometido sob a influência de uma loucura momentânea: o culpado — disseram eles — cedera à monomania doentia do assassinato e do roubo sem fim ulterior, sem cálculo interesseiro. Era uma ocasião magnífica de proclamar a teoria moderna da alimentação temporária, teoria com a ajuda da qual se procura hoje tantas vezes explicar os crimes de certos malfeitores. Além disso, a afeção hipocondríaca de que sofria Raskólnikov era atestada por numerosas testemunhas: o doutor Zozimov, os antigos companheiros do acusado, a sua hospedeira e as criadas. Tudo isto levou a crer que Raskólnikov não era um assassino vulgar. Com grande espanto dos próprios partidários desta opinião, o culpado não tentou defender-se; interrogado sobre os motivos que o tinham levado ao assassinato e ao roubo, declarou, com franqueza brutal, que fora impelido pela miséria. «Esperava», disse ele, «encontrar em casa da vítima pelo menos três mil *rublos* e contava com essa soma garantir o meu começo de vida». O seu caráter, um pouco de cabeça no ar, azedado pelas privações e pelos revezes, fizera dele um assassino. Quando lhe perguntaram porque fora denunciar-se, respondeu com franqueza que tinha representado a comédia do arrependimento. Tudo isto foi dito com ar cínico.

Todavia a sentença foi menos severa do que se poderia presumir em atenção ao crime cometido. Foi talvez favorável ao acusado a circunstância de, em vez de pretender desculpar-se, se mostrar antes empenhado em acusar-se. Todas as particularidades singulares do caso foram tomadas em consideração. O estado de doença e de pobreza em que se encontrava o acusado antes de praticar o crime não podia oferecer a menor dúvida.

Como se não aproveitou dos objetos roubados, supôs-se ou que o remorso o tinha impedido disso ou que as suas faculdades intelectuais não eram regulares quando cometera o atentado. A morte não premeditada de Isabel forneceu também um argumento em apoio desta última conjetura: um homem comete dois assassinatos e esquece-se de que a porta está aberta! Por fim, fora denunciar-se: e isso, no momento em que as falsas confissões de um fanático com o espírito desarranjado — Nicolau — acabavam de desnortear por completo a instrução; na ocasião em que a

justiça estava a mil léguas de conhecer o verdadeiro culpado — Porfírio Petrovitch cumpriu religiosamente a sua palavra. — Todas estas circunstâncias contribuíram para moderar a severidade da sentença.

Por outro lado, os debates puseram em evidência muitos factos honrosos para o acusado. Uns documentos apresentados pelo estudante Razoumikhine provaram que, estando na Universidade, Raskólnikov tinha repartido os seus magros recursos, durante seis meses, com um camarada pobre, doente do peito, que morrera deixando na penúria o pai enfermo, de quem era, desde os treze anos, o único amparo; Raskólnikov fizera entrar o velho numa casa de saúde e mais tarde pagara as despesas do enterro.

O testemunho da viúva Zamitzine foi também muito favorável ao acusado. Declarou que na época em que habitava nos Cinco-Cantos com o seu inquilino, tendo havido um incêndio numa casa, de noite, arriscara a vida salvando das chamas duas criancinhas e que ficara até gravemente ferido ao praticar esse ato de coragem. Fez-se um inquérito a respeito desse facto e numerosas testemunhas certificaram a sua exatidão. Em suma, o tribunal, atendendo às confissões do culpado assim como aos seus bons antecedentes, condenou-o somente a oito anos de trabalhos forçados.

Logo que começaram os debates, a mãe de Raskólnikov adoeceu. Dounia e Razoumikhine acharam um meio de a afastar de S. Petersburgo durante o decorrer do processo. Razoumikhine escolheu uma cidade onde passava o caminho de ferro e situada a pequena distância da capital; nessas condições podia assistir às audiências e ver bastantes vezes Dounia.

A doença de Pulquéria era uma afeção nervosa, com desarranjo, pelo menos parcial, das faculdades mentais.

Quando voltou para casa, depois da sua última entrevista com o irmão, Dounia encontrara a mãe bastante doente, febril e delirando. Nessa mesma noite combinou com Razoumikhine as respostas a dar quando Pulquéria pedisse notícias de Rodia: inventaram uma história em que Raskólnikov era mandado para muito longe, para os confins da Rússia, numa missão que devia trazer-lhe muita honra e proveito. Porém, com grande surpresa, a pobre mulher nunca os interrogou a esse respeito, nem então nem mais tarde.

Ela própria tinha inventado um romance para explicar a brusca desaparição do filho: contava, chorando, a visita de despedida que lhe tinha feito, dando a entender que conhecia muitas circunstâncias misteriosas e graves: Rodia era obrigado a esconder-se porque tinha

inimigos muito poderosos. A juntar a isto, não duvidava de que o seu futuro fosse brilhante logo que removessem certas dificuldades. Assegurava a Razoumikhine que, com o decorrer dos tempos, seu filho viria a ser um homem eminente; tinha a prova disso no artigo que escrevera e no qual demonstrava um talento literário notável.

Esse artigo lia-o a todos os momentos, às vezes até em voz alta; quase se podia dizer que dormia com ele. E, no entanto, não perguntava onde Rodia estava, apesar do cuidado que havia em evitarem esse assunto, o que lhe devia parecer suspeito.

O silêncio estranho de Pulquéria sobre certos pontos acabou por inquietar Dounia e Razoumikhine, Por exemplo: nem sempre se queixava de o filho lhe não escrever quando, outrora, esperava sempre com impaciência as cartas do seu querido Rodia.

Esta última circunstância era de tal modo inexplicável que Dounia começou a afligir-se.

Quase se convenceu de que sua mãe tinha o pressentimento de uma desgraça terrível, sucedida a Rodia, e que não ousava interrogá-los com receio de saber alguma coisa ainda pior.

Em todo o caso Dounia percebia que Pulquéria tinha o cérebro desarranjado.

Ela própria, por duas vezes, dirigiu a conversa por tal maneira que foi impossível responder-lhe sem lhe indicar onde se encontrava Rodia naquela ocasião. Em seguida às respostas ambíguas e embaraçosas que lhe deram, caiu numa tristeza profunda; durante muito tempo viram-na sombria e taciturna como nunca.

Dounia reconheceu por fim que as mentiras e as histórias inventadas não surtiam efeito e que o melhor era fazer silêncio absoluto sobre certos pontos; todavia, cada vez se lhe tornou mais evidente que Pulquéria suspeitava o quer que fosse de horroroso. Dounia sabia em especial — tinha-lho dito o irmão — que a mãe a ouvira falar, sonhando, na noite posterior à sua entrevista com Svidrigailov, e que se haviam fixado no espírito da pobre senhora as palavras então proferidas.

Depois de dias e até semanas de um mutismo sombrio e lágrimas silenciosas, surgia por vezes na doente uma espécie de exaltação histérica. Punha-se de repente a falar muito alto do filho, das suas esperanças, do seu futuro.

A sentença foi lida cinco meses depois da confissão feita pelo criminoso a Porfírio Petrovitch. Logo que lhe foi possível, Razoumikhine foi ver o condenado. Sofia também o visitou. Chegou enfim o momento da partida. Dounia e Razoumikhine juraram a Rodia que aquela separação não seria eterna. Este tinha um projeto delineado no espírito: juntariam algum dinheiro durante três ou quatro anos e depois partiriam para a Sibéria, país onde tantas riquezas só esperam por capitais e braços para serem exploradas. Estabelecer-se-iam na cidade onde estivesse Rodia e começariam juntos uma vida nova. Todos choraram à despedida. Desde alguns dias Raskólnikov mostrava-se muito inquieto, multiplicava as perguntas a respeito da mãe, pedia notícias dela a todo o instante. Essa excessiva preocupação do irmão afligia Dounia. Quando lhe disseram a verdade sobre o estado de Pulquéria, ficou muitíssimo sombrio.

Com Sofia estava sempre muito taciturno. Munida do dinheiro que lhe entregara Svidrigailov, a moça estava há muito resolvida a acompanhar a leva de prisioneiros de que Raskólnikov fizesse parte. Nunca a esse respeito se trocara uma palavra entre eles, mas ambos sabiam que seria assim.

No momento do último adeus o condenado teve um sorriso estranho, ouvindo sua irmã e Razoumikhine falarem-lhe em termos calorosos do futuro próspero que se abriria para eles depois da sua saída da prisão; previa que a doença da mãe não tardaria a atirá-la para a cova. Por fim, Raskólnikov e Sofia partiram.

Dois meses depois Dounia casou com Razoumikhine. Foi uma boda modesta e triste. Entre os convidados viam-se Porfírio Petrovitch e Zozimov. Havia algum tempo que Razoumikhine se transformara por completo. Dounia acreditava em absoluto que poria em execução todos os seus projetos e não podia deixar de acreditar nele, porque lhe conhecia a vontade de ferro. Razoumikhine começou por reentrar na Universidade para terminar o curso. Os dois esposos falavam todos os dias dos planos do futuro; tinham um e outro a firme intenção de partir para a Sibéria dentro de cinco anos. Enquanto não iam, contavam com Sofia para lá os substituir.

Pulquéria deu com prazer a mão de sua filha a Razoumikhine; porém, depois do casamento, pareceu ficar ainda mais desassossegada e triste. Para lhe proporcionar alguns momentos agradáveis, Razoumikhine contou-lhe a bela ação de Raskólnikov relativa ao estudante e ao seu velho

pai; contou-lhe também como, no ano precedente, Rodia expusera a vida para salvar duas crianças prestes a morrer num incêndio. Essas narrações exaltaram até ao mais alto grau o espírito já perturbado de Pulquéria. Não tornou a falar de outra coisa. Na rua, mesmo, contava esses casos aos transeuntes, apesar de Dounia a acompanhar sempre. Nos carros, nas lojas, por toda a parte onde encontrava um ouvinte benévolo, referia-se logo ao filho, à generosidade do filho para com um estudante, à corajosa dedicação de que o filho dera provas num incêndio, etc. Dounia não sabia como fazê-la calar. Aquela excitação doentia tinha os seus perigos; além de esgotar as forças da pobre senhora, podia muito bem dar-se o caso de alguém, ouvindo nomear Raskólnikov, começar a falar do processo. Pulquéria conseguiu até saber a morada da mulher cujos filhos tinham sido salvos por Rodia e quis ir vê-la. Por fim a sua agitação atingiu o limite. Às vezes desfazia-se em lágrimas, tinha acessos febris durante os quais delirava.

Uma manhã declarou que, segundo os seus cálculos, Rodia já devia estar de volta, porque quando lhe fora dizer adeus tinha dito que voltaria daí a nove meses. Começou, pois, a preparar tudo, na previsão da próxima vinda do filho, destinando-lhe o seu próprio quarto. Pôs-se a arranjá-lo: espanejou os móveis, lavou o sobrado, substituiu as cortinas, etc. Dounia, muito aflita, não dizia nada e até a ajudava.

Em seguida a um dia todo passado em visões loucas, em sonhos felizes e em lágrimas, Pulquéria foi atacada de uma intensa febre. Quinze dias depois morreu. Algumas palavras pronunciadas pela doente durante o delírio deram a entender que adivinhara quase todo o terrível segredo cujo conhecimento se tinham esforçado por lhe encobrir.

Raskólnikov ignorou por muito tempo o falecimento de sua mãe, conquanto desde a sua chegada à Sibéria recebesse regularmente notícias da família por intermédio da Sofia. Todos os meses a moça escrevia uma carta a Razoumikhine e todos os meses lhe respondiam de S. Petersburgo. A princípio as cartas de Sofia pareciam a Dounia e a Razoumikhine um pouco secas e insuficientes; mais tarde ambos compreenderam que era impossível escrevê-las melhor, visto que encontravam nelas os dados mais completos e mais precisos possíveis sobre a situação do seu desgraçado irmão. Sofia descrevia de uma maneira muito simples e muito clara toda a existência de Raskólnikov na prisão. Não falava das suas primeiras esperanças nem das suas conjeturas quanto ao futuro, nem dos seus sentimentos pessoais. Em vez de explicar o estado moral, a vida interior

do condenado, limitava-se a citar factos, isto é, as próprias palavras pronunciadas por ele; dava notícias pormenorizadas de Raskólnikov, dizia quais os desejos por ele manifestados, que perguntas tinha feito, de que missões a encarregara nas suas entrevistas, etc.

Porém estas indicações, por muito circunstanciadas que fossem, não eram, sobretudo nos primeiros tempos, muito consciadoras.

Dounia e o marido viam pela correspondência de Sofia que o irmão se conservava sombrio e taciturno. Quando a moça lhe comunicava as notícias recebidas de S. Petersburgo, quase nem lhe dava atenção. Às vezes pedia informações da mãe e quando Sofia, ao ver que adivinhara a verdade, lhe anunciou por fim a morte de Pulquéria, notou, com grande surpresa, que ficara quase impassível.

«Conquanto pareça por completo estranho a tudo aquilo que o cerca», escrevia Sofia, entre outras coisas, «encara sem fraquezas a sua vida nova, compreende muito bem a situação, não espera nada de melhor, não se embala com nenhuma esperança frívola nem sucumbe neste meio que difere tanto do antigo; o seu estado de saúde é satisfatório. Vai para o trabalho sem repugnância. É quase indiferente à alimentação, porém, salvo ao domingo e aos dias de festa, é tão má que consentiu em aceitar de mim algum dinheiro para ter chá todos os dias. Quanto ao resto, pede-me que não me inquiete, porque lhe é desagradável o preocupar-me com ele.»

«Na prisão», dizia noutra carta, «vive em comum com os outros presos. Não visitei ainda o interior da fortaleza, mas tenho razões para pensar que se vive lá muito mal. Rodia dorme numa cama de campanha com uma coberta de feltro e não quer outra. Se recusa tudo quanto possa tornar-lhe a existência material menos penosa, não é talvez por princípio ou em virtude de premeditação, mas apenas por indiferença.»

Sofia confessava que, sobretudo no princípio, as suas visitas, em vez de darem prazer a Raskólnikov, causavam-lhe uma espécie de irritação: só saía da sua mudez para proferir grosserias contra a pobre moça. Mais tarde, é verdade, essas entrevistas tinham-se tornado para ele num hábito, quase que numa necessidade, a tal ponto que ficara muito triste quando uma indisposição de alguns dias havia obrigado Sofia a interrompê-las.

Nos dias santificados viam-se ou à porta da prisão, ou na casa da guarda, onde conduziam por alguns minutos o prisioneiro quando ela o mandava chamar. Nos dias úteis ia procurá-lo ao trabalho: nas oficinas, nos fornos, nos telheiros estabelecidos nas margens do Istych.

Em relação a ela dizia que criara relações, que vivia da costura e que, não havendo na cidade nenhuma modista, arranjara já uma razoável clientela. O que não dizia é que tinha impetrado proteção para o Raskólnikov; que, graças a ela, o prisioneiro fora dispensado dos trabalhos mais violentos, etc.

Finalmente, Razoumikhine e Dounia souberam que Raskólnikov evitava toda a gente, que os seus companheiros de cativeiro não o estimavam, que ficava calado dias inteiros e estava muito abatido.

Dounia já tinha notado uma certa inquietação nas últimas cartas da Sofia. Um dia a moça escreveu que o condenado caíra gravemente doente, tendo dado entrada no hospital da prisão.

Capítulo 2

Já há muito que estava doente; contudo, o que lhe quebrara as forças não tinham sido os horrores do cativeiro, nem o trabalho, nem a alimentação, nem a vergonha de lhe raparem a cabeça à navalha e de andar vestido de andrajos. Oh, que lhe importavam todas essas tribulações, todas essas misérias? Pelo contrário, tinha até satisfação em trabalhar; a fadiga física, pelo menos, produzia-lhe algumas horas de sono tranquilo. E que significava para ele a alimentação — aquela detestável sopa de couves onda se encontravam baratas? Outrora, quando era estudante, muitas vezes se daria por feliz se tivesse isso para comer. O fato era quente e apropriado ao seu género de vida. Quanto à grilheta, nem lhe sentia o peso. Restava a humilhação de trazer a cabeça rapada e o vestuário de condenado. Mas diante de quem havia ele de corar? Diante de Sofia? Ela era amiga dele; como podia corar diante dela?

Todavia a vergonha apoquentava-o mesmo para com a própria Sofia; era por isso que se mostrava pouco delicado e desdenhoso com a moça. Essa vergonha não procedia nem da grilheta, nem da cabeça rapada; o seu orgulho fora ferido cruelmente e dessa ferida é que Raskólnikov sofria. Oh, como ele teria sido feliz se se pudesse acusar! Então suportaria tudo, mesmo a vergonha e a desonra. Mas, por mais que pensasse, a sua consciência endurecida não encontrava no passado nenhuma falta horrorosa ou considerada como tal. Apenas se arrependia de ter sido malsucedido, o que podia acontecer a toda gente. O que o humilhava era ver-se, ele, Raskólnikov, perdido de uma forma tão estúpida, perdido sem remédio, e ter de se submeter, de se resignar se quisesse encontrar um pouco de repouso.

Uma inquietação sem objetivo e sem fim, no presente, um sacrifício contínuo e estéril no futuro, eis o que lhe restava sobre a terra. Vã consolação para pensar que dali a oito anos só teria trinta e dois e que nessa idade podia ainda recomeçar a vida! Viver para quê? Viver para viver? Mas sempre estivera pronto a jogar a existência por uma ideia, por uma esperança, até por uma fantasia. Fizera sempre pouco caso da vida

pura e simples; quisera sempre mais alguma coisa. Talvez só a força dos seus desejos lhe fizera crer outrora que era desses homens a quem é permitido mais do que aos outros.

Ainda se o destino lhe tivesse concedido o arrependimento — o arrependimento lancinante que despedaça o coração, que afasta o sono, o arrependimento cujos tormentos são tais que um homem se enforca ou se afoga para lhe escapar! Oh, ele tê-lo-ia acolhido com alegria! Sofrer e chorar ainda é viver. Porém não se arrependia do seu crime.

Pelo menos poderia repreender-se, como noutros tempos, pelas ações estúpidas e odiosas que o tinham conduzido à prisão. Agora, no isolamento do cativeiro, refletia de novo sobre todo o seu procedimento passado e já o não achava tão odioso nem tão estúpido como noutros tempos.

«Em que era a minha ideia», pensava ele, «mais estúpida do que as outras ideias e teorias que se debatem no mundo desde que o mundo existe? Basta encarar o caso sob um ponto de vista largo, independente, despido de preconceitos e então talvez essa ideia já não pareça tão... singular. Oh, vós os que vos dizeis livres pensadores, filósofos de cinco *kopecks,* porque parais a meio do caminho? E porque classificam de odioso o meu procedimento?», perguntava a si próprio. «Porque é um crime? O que significa a palavra crime? A minha consciência está tranquila. Sem dúvida cometi um ato ilegal, violei a letra da lei, derramei sangue; pois bem, enforquem-me... e acabou-se! Decerto, nesse caso, muitos dos próprios benfeitores da humanidade, daqueles que não tiveram o poder por herança, mas que se apoderaram dele à viva força, deveriam ter sido supliciados. Esses foram até ao fim e é isso o que os justifica; ao passo que eu não soube prosseguir. Por conseguinte, não tinha o direito de começar.»

Só reconhecia que fizera mal numa coisa: em ter fraquejado, em ter ido denunciar-se.

Outro pensamento o fazia sofrer também: porque não se matara? Porque preferira entregar-se à polícia em vez de se atirar à água? Era assim tão difícil vencer o amor à vida? Todavia Svidrigailov triunfara dele!

Interrogava-se com mágoa a esse respeito e não podia compreender como no próprio momento em que, junto do Neva, pensava no suicídio, pressentia talvez em si próprio e nas suas convicções um erro profundo. Não compreendia que esse pressentimento pudesse conter em gérmen uma

nova conceção da vida, que pudesse ser o prelúdio de uma revolução na sua existência, o primeiro sinal da sua ressurreição. Admitia somente que tinha cedido por covardia e falta de caráter à força bruta do instinto.

O espetáculo que lhe ofereciam os companheiros de prisão espantava-o. Como todos eles amavam a vida! Como a apreciavam! Parecia até a Raskólnikov que esse sentimento era mais vivo no prisioneiro do que no homem livre. Que horrorosos sofrimentos suportavam alguns daqueles desgraçados, os vagabundos, por exemplo! Como se compreendia que um raio do sol, um bosque sombrio, uma fresca fonte tivessem a seus olhos tanto valor. E à medida que os observava com atenção, cada vez descobria factos ainda mais inexplicáveis.

Na prisão, no meio em que se encontrava, muitas coisas, sem dúvida, lhe escapavam: de resto, não queria fixar a atenção em coisa nenhuma. Vivia, por assim dizer, com os olhos meios fechados, achando insuportável olhar em volta. Com o tempo, muitas circunstâncias o impressionaram e de certo modo e a seu pesar começou a notar o que a princípio nem tinha presumido. O que mais o admirava era o abismo espantoso, invencível, que existia entre ele e toda aquela gente. Dir-se-ia que ele e os outros pertenciam a nações diferentes. Encaravam-se com uma desconfiança e uma hostilidade recíprocas. Sabia e compreendia as causas gerais desse fenómeno, mas nunca até então as supusera tão fortes nem tão profundas. Além dos criminosos de direito comum, havia na fortaleza polacos condenados por crimes políticos. Estes consideravam os outros como simples brotos e desprezavam-nos. Raskólnikov não podia concordar com essa maneira de ver, pois observava que sob muitos pontos de vista esses brutos eram muito mais inteligentes do que os próprios polacos. Também lá havia russos — um antigo oficial e dois seminaristas — que desprezavam a plebe da prisão. Raskólnikov notou igualmente o seu erro.

Quanto a ele, Rodia, não o estimavam e evitavam-no. Acabaram mesmo por odiá-lo. Porquê? Ignorava-o. Malfeitores, cem vezes mais culpados do que ele, desprezavam-no, escarneciam dele; o seu crime era objeto dos seus sarcasmos.

— Tu és um parvo! — diziam-lhe. — Não devias assassinar a golpes de machado: isso não é próprio de um homem ilustrado.

Na segunda semana da quaresma teve de assistir aos ofícios religiosos com o seu camarada. Foi à igreja e rezou como os outros. Um dia, sem

mesmo saber por que motivo, os companheiros fizeram-no passar um mau quarto de hora. Viu-se num instante assaltado por eles:

— És um ateu! Não crês em Deus! — gritaram furiosos. — Matemo-lo!

Nunca lhes falara nem de Deus, nem da religião, e contudo queriam matá-lo como ateu. Não lhes respondeu uma palavra. Um prisioneiro, no auge da fúria, lançava-se já sobre ele; Raskólnikov, sereno e silencioso, esperava-o sem pestanejar, sem que músculo algum do rosto se movesse. Um guarda lançou-se a tempo entre ele e o assassino; um instante mais tarde teria corrido sangue.

Havia ainda outra coisa inexplicável para ele; porque era que todos estimavam tanto Sofia? Ela não procurava captar as boas graças de ninguém; poucas vezes tinham ocasião de a encontrar; só uma vez por outra a viam no estaleiro ou na oficina quando ia passar alguns instantes junto dele. E no entanto todos a conheciam, não ignoravam que ela o tinha seguido, sabiam como vivia e onde vivia. A moça não lhes dava dinheiro, nem na verdade lhes prestava serviços. Só uma única vez, pelo Natal, levou um presente para toda a turma: bolos e aguardente. Pouco a pouco, entre eles e Sofia estabeleceram-se certas relações íntimas: escrevia-lhes as cartas para as famílias e punha-as no correio. Quando os parentes dos condenados vinham à cidade, era nas mãos de Sofia que entregavam os objetos e até o dinheiro destinado a estes. As mulheres e as amantes dos presos conheciam-na e iam a casa dela. Quando visitava Raskólnikov trabalhando entre os companheiros ou quando encontrava um grupo de prisioneiros dirigindo-se para o trabalho, todos tiravam os bonés, todos se inclinavam: «Matouchka, Sofia Semenovna, és a nossa querida mãe!», diziam os brutos condenados à pequena e delicada criatura. Ela saudava-os sorrindo e todos ficavam contentes com aquele sorriso. Gostavam até da sua maneira de andar e voltavam-se para a seguirem com os olhos quando se ia embora. E que elogios lhe faziam! Até a louvavam por ser pequenina.

Raskólnikov passou no hospital quase toda a quaresma e a semana da Páscoa. Restabelecido, lembrou-se dos sonhos que tivera durante a doença. Parecia-lhe então ver o mundo inteiro assolado por um flagelo terrível e sem precedentes que, vindo do fundo da Ásia, caíra sobre a Europa. Todos deviam morrer, salvo um pequeníssimo número de privilegiados. Uns seres microscópicos, triquinas de uma nova espécie, introduziam-se nos corpos das pessoas. Esses seres eram espíritos dotados de inteligência e

vontade. Os indivíduos infetados ficavam no mesmo instante doidos e furiosos. Todavia, coisa singular, nunca os homens se tinham julgado tão sábios, tão seguros da posse da verdade como julgavam estar esses desgraçados. Nunca tinham tido mais confiança na infalibilidade dos seus juízos, na solidez das suas conclusões científicas e dos seus princípios morais. Aldeias, cidades, povos inteiros eram atacados daquela moléstia e perdiam a razão, não se compreendendo uns aos outros.

Cada um julgava saber, ele só, a inteira verdade e, contemplando os seus semelhantes, afligia-se, batia no peito, chorava e torcia as mãos. Ninguém se entendia sobre o bem e sobre o mal, nem sabiam quem se havia de condenar e quem se havia de absolver. Matavam-se uns aos outros, movidos por uma cólera absurda. Reuniam-se, formando grandes exércitos; porém, começada a campanha, as tropas dividiam-se bruscamente, as fileiras rompiam-se, os guerreiros atiravam-se uns aos outros, assassinavam-se e devoravam-se. Nas cidades tocava-se a rebate todo o dia, mas porquê e a que propósito? Ninguém sabia e toda a gente andava inquieta. Cada um propunha as suas ideias, as suas reformas e nunca havia acordo; a agricultura fora abandonada. Aqui e acolá reuniam-se vários grupos, combinavam uma ação comum, juravam não se separarem. Um instante depois esqueciam-se da resolução tomada, começavam a acusar-se uns aos outros, a bater-se, a matar-se. Os incêndios e a fome completavam este triste quadro. Homens e coisas, tudo perecia. O flagelo estendia-se cada vez mais. No mundo inteiro só podiam salvar-se alguns homens, predestinados a refazer o género humano, a renovar a Terra; ninguém via esses homens em parte alguma, ninguém ouvia as suas palavras.

Essas palavras...

Estes sonhos absurdos deixaram no espírito de Raskólnikov uma impressão dolorosa que levou muito tempo a desvanecer-se. Chegou a segunda semana da Páscoa. O tempo estava quente, sereno, parecia primavera, por isso abriram as janelas do hospital — janelas gradeadas sob as quais passeava uma sentinela. — Durante toda a doença de Raskólnikov, Sofia só pudera fazer-lhe duas visitas. De cada vez era preciso pedir autorização, a qual era difícil de obter. Por isso, muitas vezes, sobretudo à tardinha, ia ao pátio do hospital e, durante um minuto, ficava ali a olhar para as janelas.

Uma tarde, o prisioneiro, já quase restabelecido, tinha adormecido. Quando acordou, aproximou-se por acaso da janela e avistou Sofia que, de pé junto da porta do hospital, parecia esperar alguma coisa. Ao vê-la, sentiu como que o coração atravessado, estremeceu e afastou-se depressa da janela. No dia seguinte Sofia não veio, no dia imediato também não: notou que a esperava com ansiedade. Ao voltar à prisão os companheiros participaram-lhe que Sofia estava doente e não saía do quarto.

Ficou muito inquieto e mandou saber notícias dela. Soube em breve que a doença não era perigosa. Sofia, sabendo-o tão preocupado com o seu estado, escreveu-lhe uma carta a lápis, informando-o de que ia muito melhor, que tinha tido um ligeiro resfriamento e que não tardaria a ir vê-lo. Ao ler essa carta, o coração de Raskólnikov bateu com mais violência.

Às seis horas da manhã foi trabalhar para a margem do rio, onde fora construído, sob um telheiro, um forno. Tinham sido mandados para lá apenas três operários. Um deles, acompanhado do guarda, foi buscar uma ferramenta à fortaleza e o outro começou a aquecer o forno. Raskólnikov saiu do telheiro, sentou-se num banco de madeira e pôs-se a contemplar o rio deserto. Daquela margem elevada descobria-se um horizonte bastante largo. Ao longe, do outro lado de Istych, cantavam canções de que um vago eco chegava aos ouvidos do prisioneiro. Na imensa estepe inundada de sol, as barracas dos nómadas pareciam pequenos pontos negros. Lá havia liberdade, lá viviam homens que não se pareciam nada com os de cá, lá dir-se-ia que o tempo não tinha caminhado desde a época de Abraão e dos seus rebanhos. Raskólnikov devaneava com os olhos fixos naquela longínqua visão; não pensava em coisa alguma, todavia uma espécie de inquietação o oprimia.

De repente viu junto de si Sofia. Aproximara-se sem ruído e sentara-se ao lado dele. A frescura da manhã ainda se fazia sentir um pouco. Sofia trazia o seu velho albornoz e o lenço verde. O rosto pálido e emagrecido denunciava a doença recente. Quando chegou junto do prisioneiro, sorriu, mas, segundo o costume, foi com timidez que lhe estendeu a mão. Às vezes até não ousava oferecer-lha, como se receasse vê-la repelida. Ele parecia sempre apertar-lha com repugnância, mostrando-se algumas vezes agastado quando a moça chegava e não lhe dizia uma única palavra. Havia dias em que tremia diante dele e retirava-se muitíssimo aflita. Desta vez as suas mãos apertaram-se prolongadamente. Raskólnikov olhou para

Sofia, não proferiu uma palavra e baixou os olhos. Estavam sós, ninguém os via. O guarda tinha-se afastado por momentos.

De um salto e sem que ele mesmo soubesse como isso foi, uma força invisível lançou o prisioneiro aos pés da moça. Abraçou-se-lhe aos joelhos, chorando. No primeiro momento ficou assustada e o rosto tornou-se-lhe lívido. Levantou-o logo e, a tremer, olhou para Raskólnikov. Bastou-lhe esse olhar para compreender tudo. Uma felicidade imensa se lia nos seus olhos radiantes. Não podia já duvidar de que finalmente a amava com um amor infinito.

Quiseram falar e não puderam. Tinham lágrimas nos olhos. Estavam ambos pálidos, contudo nos seus rostos adoentados brilhava já a aurora de uma renovação, de um renascimento completo. O amor regenerava-os, o coração de um encerrava uma fonte de vida inesgotável para o coração do outro.

Resolveram esperar, ter paciência. Tinham ainda sete anos de Sibéria. De que sofrimentos intoleráveis e de que felicidade infinita devia ser preenchido para eles esse espaço de tempo! Mas Raskólnikov tinha ressuscitado, sentia-se em todo o seu ser, e Sofia... Sofia só vivia da vida de Raskólnikov.

À noite, depois de encerrarem os prisioneiros, o mancebo deitou-se e pensou nela. Parecia-lhe até que nesse dia todos os presos, os seus antigos inimigos, o tinham olhado de outra maneira. Fora o primeiro a dirigir-lhes a palavra e eles tinham-lhe respondido com afabilidade.

Pensava nela. Lembrava-se dos desgostos que tantas vezes lhe tinha dado; revia em espírito o seu pequeno rosto pálido e magro. Agora, porém, essas lembranças eram apenas um remorso para ele; reconhecia quanto a fizera sofrer e ela redimia-o por um amor enorme, eterno, sem limites.

Sim, o que importavam todas as misérias do passado? Naquela primeira alegria do regresso à vida, tudo, até o seu crime, até a sua condenação e a sua ida para a Sibéria, tudo lhe parecia como um facto exterior, estranho; parecia até duvidar que isso tivesse acontecido. De resto, naquela noite estava incapaz de refletir por muito tempo, de fixar o pensamento num objeto qualquer, de resolver uma questão com conhecimento de causa; só tinha sensações. A vida tinha substituído nele o raciocínio.

À cabeceira da cama estava uma Bíblia. Pegou nela sem querer. Aquele livro pertencia a Sofia, fora nele que ela lhe lera outrora a

passagem da ressurreição de Lázaro.

No princípio do cativeiro esperava uma perseguição religiosa por parte da moça. Julgava que ela lhe atiraria a todo o momento com a Bíblia à cara. Com grande admiração sua, nem uma única vez fez derivar a conversa para esse assunto, nem uma única vez lhe oferecera o livro santo. Fora ele próprio que lho pedira pouco tempo antes da sua doença e ela levou-lho sem dizer palavra. Até então não o tinha aberto.

Também não o abriu desta vez, mas um pensamento atravessou rapidamente o seu espírito: «As suas convicções podem agora ser diferentes das minhas? Poderei ter outros sentimentos, outras tendências que não sejam as dela?»

Durante esse dia Sofia esteve também muito agitada. Estava tão contente e aquela felicidade era uma surpresa tão grande para ela que quase tinha medo. Sete anos, *somente* sete anos! Na embriaguez das primeiras horas, pouco faltou para que ambos considerassem esses sete anos como sete dias. Raskólnikov ignorava que a nova vida não lhe seria concedida de graça e que tinha de adquirir o poder de longos e dolorosos esforços.

Aqui começa porém uma segunda história, a da lenta renovação de um homem, da sua regeneração progressiva, da sua passagem gradual de um mundo para o outro. Podia ser a matéria de uma nova narração... A que quisemos oferecer ao leitor acabou aqui.

OS IRMÃOS KARAMAZOV

PARTE 1
Livro 1 — História de uma Família
Capítulo 1 — Fedor Pavlovitch Karamazov
Capítulo 2 — O Filho Abandonado
Capítulo 3 — Do Segundo Matrimónio e Seu Primeiro Fruto
Capítulo 4 — Aliocha
Capítulo 5 — O Presbítero
Livro 2 — Reunião Frustrada
Capítulo 1 — No Mosteiro
Capítulo 2 — O Sempre Eterno Bobo
Capítulo 3 — Mulheres Crédulas
Capítulo 4 — Uma Senhora de Pouca Fé
Capítulo 5 — O Que Virá
Capítulo 6 — Por Que Vive Semelhante Homem
Capítulo 7 — Um Jovem Aproveitado
Capítulo 8 — O Escândalo
Livro 3 — Os Sensuais
Capítulo 1 — Os Criados
Capítulo 2 — Lizaveta
Capítulo 3 — Confissão Poética de Uma Alma Apaixonada
Capítulo 4 — Confissão Anedótica de Uma Alma Apaixonada
Capítulo 5 — Confissão de Uma Alma Rolando pela Encosta
Capítulo 6 — Smerdyakov
Capítulo 7 — A Controvérsia
Capítulo 8 — Influências do Álcool
Capítulo 9 — Os Sensuais
Capítulo 10 — As Duas Mulheres
Capítulo 11 — Uma Reputação Perdida
PARTE 2
Livro 4 — Incómodos
Capítulo 1 — O Padre Feraponte
Capítulo 2 — Em Casa do Pai
Capítulo 3 — Ao Sair da Escola
Capítulo 4 — Em Casa de Hohlakov
Capítulo 5 — Incómodos no Salão
Capítulo 6 — Incómodos no Cubículo
Capítulo 7 — Ao Ar Livre
Livro 5 — Prós e Contras
Capítulo 1 — Prometidos
Capítulo 2 — O Guitarrista Smerdyakov
Capítulo 3 — Os Irmãos Intimam
Capítulo 4 — Rebelião
Capítulo 5 — O Grande Inquisidor

Capítulo 6 — Momentos de Angústia
Capítulo 7 — Dá Gosto Falar com Um Homem de Talento
Livro 6 — O Monge Russo
Capítulo 1 — O Padre Zossima e os Seus Amigos
Capítulo 2 — Recordações da Juventude
Capítulo 3 — Práticas e Exortações do Padre Zossima
PARTE 3
Livro 7 — Aliocha
Capítulo 1 — Hálito de Corrupção
Capítulo 2 — Momentos Críticos
Capítulo 3 — Uma Cebola
Capítulo 4 — Caná de Galileia
Livro 8 — Mitya
Capítulo 1 — Kuzma Samsonov
Capítulo 2 — Lyagavy
Capítulo 3 — As Minas de Ouro
Capítulo 4 — Nas Trevas
Capítulo 5 — Uma Decisão Súbita
Capítulo 6 — «Aqui Estou eu Também!»
Capítulo 7 — O Seu Primeiro e Digno Amante
Capítulo 8 — Delírio
Livro 9 — As Primeiras Investigações
Capítulo 1 — Os Começos da Carreira de Perkotin
Capítulo 2 — O Alarme
Capítulo 3 — As Torturas de Uma Alma: o Primeiro Testemunho
Capítulo 4 — Segundo Testemunho
Capítulo 5 — Terceiro Testemunho
Capítulo 6 — Mitya Surpreendido pelo Procurador
Capítulo 7 — O Grande Segredo de Mitya Recebido de Modo Ridículo
Capítulo 8 — Declarações das Testemunhas. A Criança de Peito
Capítulo 9 — A Prisão de Mitya
PARTE 4
Livro 10 — Os Rapazes
Capítulo 1 — Kolya Krassotkin
Capítulo 2 — Crianças
Capítulo 3 — O Condiscípulo
Capítulo 4 — O Cão Perdido
Capítulo 5 — Junto de Ilucha
Capítulo 6 — Precocidade
Capítulo 7 — Ilucha
Livro 11 — Ivan
Capítulo 1 — Em Casa de Gruchenka
Capítulo 2 — O Pé Magoado
Capítulo 3 — Um Diabinho
Capítulo 4 — Um Hino e um Segredo
Capítulo 5 — Tu, Não!
Capítulo 6 — Primeira Entrevista com Smerdyakov
Capítulo 7 — Segunda Entrevista com Smerdyakov
Capítulo 8 — Terceira e Última Entrevista com Smerdyakov
Capítulo 9 — O Diabo: o Pesadelo de Ivan

Capítulo 10 — «Disse-mo Ele»
Livro 12 — Erro Judicial
Capítulo 1 — O Dia Fatal
Capítulo 2 — Testemunhas Perigosas
Capítulo 3 — A Informação Médica e o Meio Quilo de Nozes
Capítulo 4 — A Sorte Sorri a Mitya
Capítulo 5 — A Catástrofe
Capítulo 6 — A Acusação: Rasgos Característicos
Capítulo 7 — Um Relance Histórico
Capítulo 8 — Investigação Sobre Smerdyakov
Capítulo 9 — A «Troika» Veloz. Final da Acusação
Capítulo 10 — A Defesa. Um Punhal de Dois Gumes
Capítulo 11 — Não Há Dinheiro. Não Há Roubo
Capítulo 12 — E Também Não Há Assassínio
Capítulo 13 — A Letra e o Espírito
Capítulo 14 — Os Camponeses Mantêm-se Firmes
Epílogo
Capítulo 1 — Planos de Evasão
Capítulo 2 — Por Momentos, a Mentira Troca-se em Verdade
Capítulo 3 — O Enterro de Ilucha. O Sermão de Despedida

Parte 1

Livro 1 — História de uma Família

Capítulo 1 — Fedor Pavlovitch Karamazov

Tal fama havia adquirido Fedor Pavlovitch Karamazov que, decorridos treze anos após a sua morte, de maneira sombria e trágica como vereis a devido tempo, ainda causa comentários cheios de interesse aos vizinhos da comarca onde viveu. Por agora, limitar-me-ei apenas a afirmar que este proprietário que não dedicou um só dia às suas terras era um tipo raro. Não porque não abundem aqueles que à degradação dos vícios unam a insensatez das ideias; mas Fedor pertencia a esse grupo de isentos capazes de se aferrar obstinadamente ao interesse material dos seus negócios e não dedicar qualquer espécie de interesse a tudo o resto. Começou com quase nada e com uma posição das mais modestas; mas impondo a sua presença em casa dos vizinhos e conquistando com arte um lugar às mesas postas, amontoou os cem mil rublos que, em moedas, foram encontrados em arcas aquando da sua morte. Recebeu sempre as honras dispensadas aos homens mais extravagantes e fantásticos de uma região. Dissemos que não era tolo, já que muito astutos e inteligentes são estes indivíduos fantasiosos; mas era caracterizado por essa insensatez peculiar do russo que possui uma manifestação própria.

Casou duas vezes e teve três filhos: um, Dmitri, o mais velho, da primeira mulher, e dois, Ivan e Alexey, da segunda. A primeira esposa, Adelaide Ivanovna, pertencia à família dos Miusov, uma das mais nobres e opulentas, e dona de considerável extensão do nosso território. Não tentarei explicar como foi possível que uma rica herdeira, que à sua formosura unia a fortaleza de espírito e inteligência tão comuns às jovens de hoje, mas que, naqueles tempos, eram um dom raro, contraísse matrimónio com um aldrabão tão desprezível, como todos apelidavam o marido.

Sei de uma jovem da geração «romântica» que, depois de longos anos passados a esconder um amor enigmático, deu em maquinar obstáculos insuperáveis à união com o objeto dos seus amores, de quem poderia ter feito seu esposo com toda a facilidade, e acabou por se lançar, numa noite tempestuosa, do alto de um precipício em cujo fundo rugia a corrente

caudalosa de um rio. Matou-se para satisfazer assim uma emulação caprichosa de Ofélia shakespeariana. Mas se o precipício, paragem predileta dos seus sonhos, fora menos pitoresco ou o rio deslizasse por uma margem plana e monótona, certamente o suicídio não se teria consumado. O caso é verídico e poderia acrescentar acontecimentos análogos nas duas ou três gerações passadas. O de Adelaide Ivanova pode contar-se entre os desta natureza. Deveu-se, sem dúvida, a influências estranhas, ao prurido de ostentar a independência dos seus atos e pensamentos, rebelando-se contra os preconceitos de casta e o despotismo do lar, e talvez a uma imaginação cheia de arrojo feminino que lhe apresentava Fedor Pavlovitch, com os seus defeitos de parasita, como um exemplo desses homens ousados e mordazes que lhe pareciam o sumo do progresso, embora na realidade não passasse de um impostor malicioso. O mais picante de tudo e o que exaltou de sobremaneira a fantasia da jovem foi a fuga com que iniciaram o casamento.

A precária situação de Fedor Pavlovitch impedia-o de empreender qualquer coisa nessa altura e ansiava com toda a sua alma por alcançar uma posição desafogada, sem olhar a meios.

Juntar-se a uma família rica, embolsando um belo dote, era solução demasiado atraente para que pudesse resistir-lhe; pois que amor parecia não haver entre ambos. Mas a noiva era muito bela e ele possuía um temperamento voluptuoso que o levava a perseguir as «saias» com uma constância digna de Don Juan.

Logo após o arrebatamento da fuga, Adelaide Ivanovna convenceu-se de que não sentia pelo marido mais do que desprezo e todas as prosaicas realidades do matrimónio se desvendaram na sua mais crua nudez; e embora os pais de Adelaide aceitassem com resignação os factos consumados, dando à fugitiva o dote estipulado, os esposos mergulharam numa vida de desordem que originou incessantes e lamentáveis cenas conjugais. Dizia-se que a recém-casada se manifestou incomparavelmente mais nobre e generosa do que Fedor Pavlovitch, de quem sabemos que arrecadou os vinte e cinco mil rublos do dote sem que ela reclamasse o dinheiro ou o tornasse a ver. Durante muito tempo tentou Fedor obter a transferência a seu favor de uma pequena aldeia e uma magnífica quinta que faziam parte do dote da mulher, e esta tê-lo-ia consentido por falta de ânimo, pelo desejo de se ver livre ou pelo desprezo e repugnância que lhe inspirava aquela pegajosa e vil impertinência se a sua família não tivesse

intervindo afortunadamente, pondo fim a tal ambição. Posso dar como certo que os cônjuges passavam com frequência das palavras às obras e acredito nos rumores de que no campo dos golpes era a mulher quem superava, sem que Fedor ousasse voltar-se contra aquela terrível fêmea que punha as forças musculares, de que estava naturalmente dotada, ao serviço da sua impetuosidade e bravura.

Adelaide Ivanovna fugiu por fim com um pobre estudante de Teologia, deixando o filho Dmitri, de três anos, nos braços do pai.

Fedor Pavlovitch apressou-se a converter a sua casa num harém e a regalar-se em orgias desenfreadas; e nos raros intervalos dessa vida procurava as pessoas conhecidas para se queixar do abandono de Adelaide Ivanovna, revelando, com os olhos arrasados de lágrimas, pormenores da vida de casado cuja simples recordação envergonharia qualquer marido.

A julgar pela minúcia e cuidado que punha no relato das suas penas, dir-se-ia que a situação ridícula de marido burlado o enchia de satisfação e apagava por completo o seu amor-próprio.

«Qualquer pessoa julgará que alcançaste uma graça, pois todas essas tristezas não cobrem a alegria que brilha no teu rosto», diziam-lhe em chalaça. E acrescentavam alguns que, por certo, se sentia feliz ao ver crescer o repertório das suas fanfarronices com o pouco decoro de que fingia não se prevenir para causar mais efeito. Mas quem sabe se não se reduzia tudo a mera simplicidade...

Um dia soube onde se encontrava a mulher. A desgraçada vivia em Petersburgo, abandonada pelo estudante e seguindo caminhos de completa emancipação. Fedor Pavlovitch entregou-se imediatamente a afanosos preparativos de viagem sem que ele próprio soubesse que propósitos o impeliam para a capital. E teria decerto partido se, quando decidiu pôr-se em marcha, não lhe tivesse despertado a necessidade de fortalecer os ânimos, alagando-os em vinho. Durante a festa chegou a notícia da quase repentina morte da mulher numa mansarda; uns diziam que o tifo a matara; outros, que fora a miséria. Fedor Pavlovitch ouviu a notícia entre dois copos e dizem que saiu para a rua correndo e gritando com os braços levantados ao céu: «Agora, Senhor, deixa que o teu servo parta em paz!»

Segundo outra versão, chorou como um menino e tão desconsoladamente que inspirou compaixão até àqueles que o detestavam como ser repulsivo. Talvez tenham todos razão e Fedor se regozijasse com a sua nova liberdade, chorando a morta ao mesmo tempo.

Os homens, em geral, mesmo os malvados, são todos iguais, mais ingénuos e bondosos do que quase sempre supomos.

Capítulo 2 — O Filho Abandonado

É de calcular a educação que tal homem daria aos filhos; nem dele se podia esperar outra conduta do que a observada com o primogénito, a quem abandonou, não por maldade ou passados agravos conjugais, mas por verdadeiro esquecimento. Enquanto o pai se entregava a impingir a todo o mundo choros e lamentos, e a tornar a sua casa no mais grosseiro dos bordéis, crescia a terna criança sob os cuidados de Grigory, o velho e fiel criado da família graças ao qual escapou de completo desamparo e miséria.

Porque, ao princípio, todos, até a família de sua mãe, se afastaram. Morto o avô, a viúva refugiou-se em Moscovo, onde uma grave doença a retinha. As tias, casadas, só podiam dar atenção aos próprios filhos e Mitya teve que passar um ano inteiro com Grigory no pavilhão destinado aos criados. Ali o deixaria Fedor se se recordasse que tinha um filho, pois não vamos admitir que o esquecimento da sua paternidade fosse eterno, nem que quisesse que a criança fosse testemunha dos seus vícios vergonhosos. Isto não pôde, no entanto, ser comprovado, porque, de Paris, chegou um primo da mãe de Mitya.

Pyotr Alexandrovitch Miusov, que havia de passar grande parte da vida no estrangeiro, era já um moço que se destacava na família pela cultura e certas boas maneiras europeias, adquiridas à sua passagem pelas principais capitais. Declarara-se abertamente partidário do liberalismo que explodia nessa altura, honrando assim a amizade que no decorrer da sua carreira o uniu aos homens mais cultos e avançados da época. Conhecera pessoalmente Proudhon e Bakunin e, durante a velhice, agradava-lhe bastante relatar as jornadas da revolução de fevereiro de 1848, deixando transparecer nas suas palavras a glória que lhe coube nas barricadas de Paris. Esta data guardava, sem dúvida, as recordações mais gratas da juventude. Era dono e senhor de umas mil almas (para designar a sua propriedade à moda antiga) num feudo que, no fim dos arrabaldes da cidade, estava ligado às terras de um famoso mosteiro a cujos monges levantou uma ação interminável logo que entrou na posse da herança, não

sei se sobre certo direito de pescar no rio ou de cortar lenha no bosque. O necessário era cumprir o dever de cidadão e de homem culto, e atacar os clérigos de qualquer modo.

Quando soube da morte de Adelaide Ivanovna, por quem sentira uma doce inclinação, e o vergonhoso viver de Mitya, quis intervir, ainda que todo o seu sangue jovem fervesse de indignação e desprezo por Fedor Pavlovitch. Visitando este último, expôs-lhe plenamente o desejo de tomar o encargo da educação do filho. Contava, mais tarde, com uma particularidade surpreendente que, quando começou a falar de Mitya, Fedor Pavlovitch o olhou por longo espaço de tempo como se não compreendesse de que rapazinho pudessem estar a falar e se mostrou surpreendido ao saber que tinha um filho em casa. Poderá haver certo exagero nisto, mas aproxima-se muito da verdade.

Fedor Pavlovitch passava todo o tempo atuando no palco da vida, ansioso por representar um papel surpreendente, embora destoasse sempre com as circunstâncias episódicas que vivera e sempre com desvantagem para a sua pessoa, como no caso a que nos referimos. Na verdade, este pormenor caracteriza grande número de mortais que põem na sua atuação mais ou menos destreza.

Pyotr Alexandrovitch tratou do assunto com energia e conseguiu ser nomeado cotutor com Fedor. Mitya, a quem cabia uma pequena propriedade da herança materna, passou à custódia do tio; mas como o célebre cavalheiro se apressou a regressar a Paris para assegurar as rendas dos seus domínios, deixou o rapaz à guarda de umas primas de Moscovo, e a vida parisiense e os dias agitados da revolução de fevereiro, que tão definitivamente o impressionaram para o resto da vida, distraíram-no até esquecer por completo a tutela. Morta a tia de Moscovo, Mitya foi para casa de outra e creio que continuou a mudar de asilo mais quatro vezes; mas não posso deter-me nesta peregrinação quando me resta tanto para dizer do primeiro filho de Fedor Pavlovitch. Limitar-me-ei a apontar os factos essenciais que me permitam entrar plenamente na minha história.

Digamos, antes de mais, que este Mitya, ou melhor, Dmitri Fedorovitch, foi o único dos três irmãos que cresceu planeando emancipar-se com a sua fortuna ao chegar à maioridade. A mocidade transcorreu-lhe tão desordenada como a infância. Malogrou a carreira empreendida ao entrar numa escola militar; foi enviado ao Cáucaso e obteve promoções; bateu-se em duelos, foi degradado, recuperou as «estrelas» e levou sempre

uma vida turbulenta e dispendiosa. Conheceu então o pai, junto de quem o levou somente o propósito de esclarecer a herança.

Estas relações não provocaram o menor afeto filial na sua alma nem foram duradouras. Apressou-se a partir logo que conseguiu determinada soma e a promessa de futuras remessas dos rendimentos das suas terras, acerca de cujas rendas e valor — caso digno de se notar — não conseguiu quaisquer informações do pai. É também de notar que, naquela altura, começou o pai a perceber os vagos e exagerados planos que o filho forjava para os bens que possuía, o que o contentou grandemente pelo muito que lhe ia facilitar os seus avessos planos. Pensou que o moço, frívolo, arrojado, impetuoso, desleixado e impaciente se daria por muito feliz — pouco lhe importava que passageiramente — por receber dinheiro. Em consequência, resolveu tirar partido desta vantagem, enviando-lhe de quando em quando pequenas somas por conta. E quando, quatro anos mais tarde, Mitya regressou devorado pela ansiedade de regular definitivamente a questão com o pai, soube em terrível sobressalto que nada lhe restava, que recebera já toda a herança em dinheiro, que por vários acordos formulados de antemão, segundo o seu expresso desejo, não tinha direito de esperar nada, etc., etc. Mitya deixou-se abater, receando traições e fraudes que o traziam fora de si. Esta deceção iria provocar a tragédia que consistiu o assunto, ou melhor, a essência da primeira parte da minha obra. Mas, antes, digamos qualquer coisa dos outros dois filhos de Fedor e da esposa de quem os teve.

Capítulo 3 — Do Segundo Matrimónio e Seu Primeiro Fruto

Fedor Pavlovitch voltou a casar quando Mitya contava quatro anos, casamento este que duraria oito anos. Conheceu a segunda mulher, uma jovem chamada Sofia Ivanovna, numa outra província aonde o levara um negócio de pouca monta em companhia de um judeu; porque apesar de se encontrar sempre bêbado e submerso em vícios, não descuidava acrescentar o seu capital, manejando os assuntos com habilidade e êxito, sempre superiores aos seus escrúpulos.

Filha de um obscuro diácono, mas órfã desde a infância, Sofia cresceu em casa da viúva de um general, uma velha opulenta que foi para a moça anjo e verdugo ao mesmo tempo. Não conheço pormenores, mas ouvi dizer que a pobrezita, toda doença e gentileza, chegou a chorar no chão ao querer entregar o pescoço a um laço corrediço para se libertar das horríveis torturas a que a submetia o capricho insaciável de uma velha que, sem aparentar maldade, se portava como um tirano cruel por puro prazer.

Fedor Pavlovitch apresentou ofertas à velha que foram recusadas seguindo o conselho de conhecidos e propôs então à moça a fuga, como no seu primeiro matrimónio. De certeza não teria acedido ela a casar-se por nada deste mundo se conhecesse aquele homem, por pouco que fosse; mas a distância a que vivia e a escassa reflexão de uma jovem de dezasseis anos, pensando que pelo menos se está melhor no fundo de um rio do que amarrada a uma proteção odiosa, decidiram-na a trocar de benfeitor. Fedor Pavlovitch não obteve, desta vez, nem um *maravedi,* pois da generala só receberam enfurecidas maldições. Bom, verdade se diga que Fedor também não contava com um dote. A rara formosura e a inocência da moça seduziam-no: o seu ar de candura possuía singular atrativo para um depravado que até então só admirara os mais grosseiros tipos de mulher.

«Estes olhos inocentes cravam-se-me na alma como navalhas», dizia com o seu riso falso sem que se pudesse interpretar a metáfora para mais do que uma expressão de afeto sensual. Como quase «a havia libertado da

corda que a enforcava», não fazia cerimónia e, declarando-se «prejudicado», valia-se da ilimitada docilidade e submissão de Sofia para ignorar a mais elementar decência da vida conjugal, recebendo libertinas debaixo do mesmo teto e entregando-se a orgias desenfreadas na presença da esposa. Tenho que dizer, para que vejam a que ponto chegaram as coisas, que Grigory, o sombrio, estúpido, teimoso e respondão criado que tinha aversão à primeira mulher, Adelaide Ivanovna, se mostrou decidido partidário desta. Capitaneava a sua causa, injuriando Fedor Pavlovitch de maneira pouco conveniente a um criado e, certa ocasião, desmanchou uma festa, pondo fora de casa, sem cerimónia, todas as amigas do amo. A desgraçada mulher que vivera desde a infância dominada pelo terror acabou por contrair uma dessas doenças nervosas tão frequentes entre as mulheres do povo, a quem se crê «possuídas do demónio». Por vezes, os seus ataques de histerismo faziam-na perder o conhecimento.

Deu a Fedor Pavlovitch dois filhos: Ivan, no primeiro ano do matrimónio, e Alexey, três anos depois. Este contava quatro anos quando perdeu a mãe e, por estranho que pareça, consta-me que a recordou, ainda que vagamente, toda a vida. Morta a mãe, os filhos tiveram uma sorte parecida com a do irmão mais velho, Mitya. Ficaram no abandono e esquecimento completos. Também deles cuidou Grigory na sua cabana, de onde os levou a despótica velha que criara a mãe. Incapaz de esquecer o que considerava um insulto de Sofia, durante aqueles oito anos não cessou de obter notícias exatas da maneira como vivia e, a par da doença e da horrível companhia que tinha de suportar, declarou mais de uma vez às suas visitas e amizades:

— É bem feito! Deus castigou a ingrata.

Transcorreram três meses e uma tarde apareceu de imprevisto a mesma generala, não parando até chegar a casa de Fedor Pavlovitch. Pouco tempo se demorou, mas conseguiu muito. O viúvo da sua protegida, a quem não via desde antes da boda, recebeu-a bêbado que nem um cacho e dizem que quando a velha o viu à sua frente se aproximou dele decididamente e, sem outro preâmbulo que duas sonoras bofetadas aplicadas com mão de mestra, uma em cada face, lhe agarrou nas guedelhas e o sacudiu como se de um boneco de trapos se tratasse. Depois dirigiu-se como uma flecha ao pavilhão dos criados em busca dos rapazes e, notando à primeira vista que estavam sujos e cheios de miséria, pregou a Grigory, sem qualquer advertência, um soco em pleno rosto e,

anunciando-lhe que levava as duas crianças, embrulhou-as num cobertor, meteu-as no coche e mandou este partir imediatamente.

Grigory aceitou o golpe sem pestanejar. Com a resignação de um escravo, acompanhou a velha senhora até à carruagem e despediu-se com uma profunda reverência e estas palavras de ternura:

— Deus vos pague a caridade que tendes para com os órfãos.

— Tendes todos cabeça de pedra! — gritou-lhe a generala quando o coche arrancou.

Fedor Pavlovitch chegou à conclusão de que o sucedido era «uma grande coisa» e não viu qualquer inconveniente em dar o seu consentimento formal a quantas propostas lhe fez a viúva do general com respeito à educação dos filhos. Quanto aos sopapos... nem cão nem gato se livrou de ouvir como lhos haviam pregado.

E sucedeu que a velha morreu pouco depois, mas não sem ter deixado no testamento mil rublos a cada criança «para a sua educação; de tal maneira que os usarão eles só e com a condição de que sejam divididos proporcionalmente até que cheguem aos vinte e um anos, pois a soma é mais do que suficiente para esses rapazes». Não li o testamento, mas disseram-me que contém cláusulas originais pelo seu estilo, numa redação caprichosíssima. Afortunadamente, o herdeiro principal, Yefim Petrovitch Polenov, chefe da nobreza da província, era um homem com grande coração.

Escreveu a Fedor Pavlovitch e, compreendendo que nada conseguiria de quem, sem negar diretamente nada para a educação dos filhos, só dava opiniões sem interesse, embora mostrando-se efusivo e sentimental, encarregou-se a sós da educação dos órfãos. Inspirava-lhe carinho especial o mais novo, Alexey, que viveu muito tempo como membro da sua família. Rogo ao leitor que dê atenção a isto desde já. Toda a educação e boas maneiras as deveram, os dois irmãos, mais do que a ninguém, a Yefim Petrovitch, homem de alma nobre e bondosa como há poucos. Guardou-lhes os mil rublos e quando chegaram à maioridade receberam a soma duplicada por acumulação de juros. Educou-os à sua custa e gastou, para cada um, mais de mil rublos. Não quero analisar pormenorizadamente a infância e juventude dos dois órfãos: mencionarei somente alguns dos mais importantes acontecimentos.

De Ivan direi apenas que criou esse caráter triste e reservado que nada tem a ver com a timidez. Aos dez anos dava-se perfeita conta de que vivia

da caridade de gente estranha e de que não podia falar de seu pai sem se envergonhar. Muito cedo, pelo menos assim o asseguravam, revelou uma extraordinária disposição para as ciências. Não sei precisamente a que se deveu o facto de deixar a casa de Yefim, quando contava apenas treze anos, para entrar numa academia de Moscovo, hospedando-se em casa de um célebre professor, amigo do seu protetor.

O mesmo Ivan declarou depois que fora tudo causado pela «paixão» que Yefim Petrovitch «sentia pelos livros» e a quem dominava a ideia de que o talento de uma criança requer um guia de talento. Mas nem o mecenas nem o professor eram já deste mundo quando o jovem entrou com os primeiros títulos académicos na universidade. O estudante passou com dificuldades os primeiros anos da carreira universitária porque Yefim não tivera o cuidado de deixar regulada a entrega da herança da tirânica velha e, sofrendo os atrasos que implicam os indispensáveis requisitos na Rússia, teve que ganhar a vida enquanto duraram os seus estudos. É preciso ver que nunca tentou recorrer ao pai, fosse por orgulho, por repugnância ou porque o seu sereno juízo o avisasse de que nenhuma ajuda dali poderia esperar. Não perdeu o jovem, por isso, o alento e teve a sorte de encontrar trabalho ao princípio, dando lições por uma quantia mesquinha e depois escrevendo artigos para jornais sobre ocorrências do dia a dia nas ruas, com a assinatura de «A testemunha ocular». Estes artigos eram tão interessantes e mordazes, segundo contam, que não tardaram em alcançar um notável êxito. Isto já prova a superioridade prática e intelectual do estudante sobre a massa desses necessitados e infelizes de ambos os sexos que pululam pelos escritórios e redações, incapazes de oferecer outros serviços que não sejam os de copiar artigos e traduzir do francês. Adquiriu relações entre os escritores, soube conservá-las e, nos seus últimos anos de carreira, publicou brilhantes críticas de livros que lhe deram fama nos círculos literários. No último ano de curso conseguiu chamar a atenção fora do reduzido círculo dos seus leitores, adquirindo certa popularidade. Foi um caso curioso.

Terminados os estudos, preparava-se para uma viagem ao estrangeiro com os seus dois mil rublos quando publicou num dos mais procurados periódicos um oportuno artigo que despertou o interesse geral, sobre um assunto que poderíamos pensar seria desconhecido por completo a um estudante de ciências naturais. Falava da atuação dos tribunais eclesiásticos, tema muito discutido naqueles tempos. Depois de estudar

várias opiniões, dava a sua, sendo o mais surpreendente o tom e o inesperado das conclusões do artigo. Grande parte do clero acolheu-o indiscutivelmente como defensor da sua causa; exaltaram-no os leigos e mesmo os ateus lhe deram aplausos, até que algumas pessoas, mais sagazes ou clarividentes, opinaram que o artigo se reduzia a uma sátira audaz, a uma burla insolente. Aponto este feito porque o artigo produziu um desconcerto dos diabos na comunidade do nosso vizinho mosteiro a que importava de maneira especial o comportamento dos tribunais. O nome do autor não os orgulhou pouco ao saberem que era da cidade e nada menos que filho «desse Fedor Pavlovitch».

E com isto chegou o próprio autor até nós. Recordo que eu mesmo fiquei inquieto perguntando-me porque teria vindo e não encontrei explicação suficiente para a causa dessa malfadada visita que ocultava a origem de gravíssimas consequências. Pensando bem, é de surpreender que um jovem culto, orgulhoso e precavido habitasse uma casa tão mal-afamada com um pai desnaturado que nunca lhe prestou atenção, sabendo apenas vagamente que existia, e que por nada do mundo lhe teria prestado a menor assistência. Aliás, temera sempre que Ivan e Alexey lha pudessem pedir. Ivan alojou-se em casa dele e viveu nela nas melhores relações durante dois meses. E era isto que causava admiração tanto aos outros como a mim. Pyotr Alexandrovitch Miusov, de quem já falámos, viera de Paris visitar as suas propriedades e recordo que se mostrou mais surpreendido do que ninguém ao conhecer o jovem cujo trato lhe interessava em extremo e com quem discutia às vezes, amargando-lhe intimamente a vantagem que o jovem levava sobre si em conhecimentos.

— O seu orgulho — afirmava — não lhe permitiria mendigar nada. Além disso, o que tem chega e sobra-lhe para partir para o estrangeiro. Que espera daqui? Salta à vista que não se deixa ficar por interesse, pois seu pai nunca lhe daria um centavo. Não é amigo de bebidas nem de folguedos e o pai nada pode fazer sem ele. Se vivem como dois íntimos!...

E era verdade que exercia evidente influência sobre o pai. Conseguiu este portar-se com mais decência e a todo o momento se mostrava disposto a obedecer ao filho, embora sempre, e apesar de tudo, continuasse sendo um pervertido.

Mais tarde soubemos que a vinda de Ivan se devia, em parte, ao pedido e interesse de seu irmão Dmitri, que conheceu então, mas com quem, antes de deixar Moscovo, mantivera correspondência sobre um assunto que

interessava mais ao outro que a si. Saberão oportunamente de que se tratava. Mas embora conhecendo estas circunstâncias especiais, não me pareceu menos enigmático o caráter de Ivan, nem menos misteriosa a sua visita.

Acrescentarei que por essa altura deixou bem clara a sua mediação no conflito surgido entre o pai e Dmitri, que ruminava sempre como armar-lhe contenda.

Já disse que os irmãos se reuniam e conheciam pela primeira vez, e embora Alexey viesse um ano antes é-me mais difícil falar dele do que dos outros. Mas darei alguns antecedentes, ainda que só para vos explicar a sua tomada de hábito. Estava no nosso mosteiro e parecia contentíssimo com a sua vida de convento.

Capítulo 4 — Aliocha

Por esta altura contava vinte anos, seu irmão Ivan tinha vinte e três, e vinte e sete o mais velho, Dmitri. Declaro que este Aliocha não era fanático e ainda estou convencido de que não chegava a místico. Prefiro dar a minha sincera opinião desde o princípio, dizendo que era simplesmente um precoce filantropo e que elegeu a vida monástica porque o seduziu então como uma porta que se lhe abria nas trevas da iniquidade mundana às claridades da paz e do amor. E levou-o a lançar-se-lhe com júbilo o ser extraordinário que, lá dentro, lhe estendia os braços: o nosso famoso e venerável Zossima, a quem se ligou com todo o afeto do seu ardente coração. Não negarei que, por esses tempos, era dominado por um caráter muito raro e que foi original desde o berço. Já afirmei que manteve toda a vida a recordação do rosto da mãe e das suas carícias: «Parece que a estou a ver a meu lado.» É sabido que tais recordações se podem guardar desde uma idade muito tenra, mesmo a partir dos dois anos, mas só como vislumbres nas trevas da vida, como fragmentos de um quadro que escapou aos agentes que borravam o resto da pintura. Assim se guardavam dentro de si. Recordava uma janela aberta à ténue brisa de uma tarde de verão; os fracos raios do Sol poente foi o que melhor impresso ficou na sua mente. Num recanto da sala, uma imagem bendita ante a qual ardia uma lamparina e se prostrava sua mãe, agitada por soluços, como que atacada de histerismo, em pranto clamoroso, segurando-o nos braços, apertando-o contra o seio a ponto de o magoar, rogando pela criança à Mãe de Deus e erguendo-o depois até à imagem como que para pô-lo sob a proteção da Virgem... e logo aparecia uma criada que o arrancava com terror do regaço maternal. Era este o quadro. O rosto da mãe, naquele transe, estava iluminado pelo delírio, mas formosíssimo, segundo confessava o filho aos raros confidentes desta visão retrospetiva.

Desde criança mostrou-se muito pouco expansivo. Detestava tanto a loquacidade quanto amava o silêncio, e não por desconfiança, mau humor ou misantropia, mas por certa preocupação íntima e pessoal que em nada se relacionava com o próximo, mas tão arreigada que ameaçava afastá-lo

de todos. E a verdade é que queria tanto ao próximo que se bem que ninguém pudesse tomá-lo por bobo ou incauto, parecia ter-lhe confiado implicitamente toda a sua vida. Certas delicadezas de trato deixavam transparecer que não se permitia julgar os demais, que nunca tomaria o direito de criticar os atos alheios nem condenar ninguém por coisa alguma. Vivendo aos vinte anos no lar paterno convertido num asqueroso lugar abominável, retirava-se em silêncio quando a sua pureza não suportava certas cenas, mas sem deixar sequer antever que mereciam desprezo e maldição. O pai, que além de ser impertinente e brigão recordava os próprios anos de parasita, olhava-o a princípio com receio e resmungando sempre: «Nada diz, mas cisma muito.»

Onde quer que fosse, este moço conquistava logo a estima de quem com ele tratava. Quando chegou à casa senhorial do seu benfeitor Yefim Petrovitch Polenov, toda a família ficou presa a ele até ao ponto de o tratar como a um filho. A sua tenra idade permite atribuir isto aos desígnios de conquistar afeto com artifícios. Fazia com que lhe quisessem espontaneamente por uma virtude inata que brotava, por assim dizer, da sua alma e do seu sangue. E o mesmo sucedia na escola, embora se assemelhasse a um desses rapazes destinados a atrair a desconfiança, a burla e a malvadez dos companheiros, porque era meditabundo e apartadiço, e desde os primeiros anos gostava de se retirar para um canto para ler tranquilamente. Contudo, foi o favorito enquanto frequentou a escola e, embora raramente o vissem divertido ou jovial, ninguém lho levava a mal sabendo-o franco e bondoso. Nunca tentou distinguir-se entre os companheiros e talvez por isso não temesse ninguém. Os próprios rapazes compreenderam que não era orgulhoso de si mesmo e parecia não se precaver com o seu ânimo e valentia. Nunca se mostrou ofendido e quando isso se justificaria, dirigia a palavra ou respondia a quem o injuriava com tal confiança e candura que ninguém acreditaria que se tivesse passado alguma coisa. E não é que se esforçasse por esquecer a afronta, mas que não se considerava nunca ofendido. Isto cativava os companheiros. É de notar uma característica a que ficou a dever o facto de todos os rapazes se juntarem para rir de Alexey, mais por vontade de se divertir do que por malícia. Não podia ouvir certas palavras e conversas alusivas ao outro sexo. Há certas frases picantes tão arreigadas entre os estudantes que até rapazes puros de coração e pensamento, quase ainda crianças, mostram uma afeição desmedida em as referir em voz alta

relacionando-as com pinturas e imagens, com tal à vontade que ruborizariam até um soldado. Muitos veteranos ignoram certos pormenores muito familiares aos jovens da nossa classe alta e intelectual. E não é depravação amoral ou cinismo, embora talvez pareça, que os envaidece como se se tratasse de uma prova de refinamento, de masculinidade, de agudeza, de algo estimável e digno de imitação. Mas Aliocha tapava os ouvidos para não ouvir obscenidades e então os seus condiscípulos afastavam-lhe as mãos à força e lançavam-lhe uma rajada de grosserias de cada lado, enquanto ele opunha resistência conforme podia, caía ao chão e tratava de se escapulir sem uma palavra de recriminação, suportando os insultos em silêncio. Acabavam por deixá-lo e até pararam de lhe aplicar a alcunha de «menina», vendo no seu recato natural uma debilidade digna de compaixão. É preciso ainda dizer que era dos mais aplicados, embora nunca alcançasse o primeiro lugar na classe.

Quando morreu Yefim Petrovitch, faltavam dois anos a Aliocha para acabar os estudos na academia da província. A inconsolável viúva partiu em seguida para uma grande viagem por Itália, em companhia das filhas, e Aliocha passou a viver com duas senhoras, parentes longínquas de Yefim a quem nunca vira. Isto pouco importava ao jovem; nunca o preocupou quem o mantinha. Oferecia um verdadeiro contraste com o irmão, Ivan, que lutou com necessidades durante os primeiros anos da sua carreira, mantendo-se com o próprio esforço e a quem amargurava, já em criança, pensar que vivia da caridade. Mas no meu entender esta particularidade de Aliocha não se deve criticar muito severamente, pois por pouco que se o conhecesse descobria-se nele um desses jovens do tipo dos religiosos entusiastas que, se entram de repente na posse de uma fortuna, não tardam a desfazer-se dela em obras de caridade ou em favor do primeiro malandro que lhes aparece. Ignorava o valor do dinheiro; claro que não num sentido literal, e quando obtinha algum, sem nunca o pedir, era-lhe igual gastá-lo num momento ou deixá-lo para sempre no bolso por não saber que fazer-lhe.

Anos atrás, Pyotr Alexandrovitch Miusov, homem muito impressionável no tocante a riquezas, dizia de Aliocha:

— É uma pessoa a quem poderíeis abandonar com os bolsos vazios entre um milhão de habitantes sem lhe causar grande dano; não morreria de fome nem de frio, embora não conhecesse ninguém. Alguém lhe ofereceria num momento amparo e alimentação e, quando não, ele mesmo

encontraria, sem esforço nem humilhação, um protetor a quem, longe de se lhe tornar uma carga, proporcionaria verdadeiro prazer.

Um ano antes de terminar os estudos na academia anunciou às senhoras que partia para ver o pai a fim de resolver um assunto. As senhoras, ainda que desgostosas e cheias de pesar, não lhe consentiram que empenhasse o relógio, preciosa recordação do seu benfeitor, para a custosa viagem. Entregaram-lhe dinheiro de sobra e equiparam-no esplendidamente de roupa. Aliocha devolveu-lhes metade da quantia monetária, declarando o seu desejo de viajar em terceira classe. Ao chegar à cidade, e à pergunta do pai por que vinha sem acabar os estudos, não deu resposta e permaneceu algumas horas como que absorto. Logo se deu conta de que queria visitar a campa da mãe e, ao princípio, desejou veementemente que fosse este o único objetivo da sua viagem; mas era demasiado difícil admitir que não havia outro motivo. Provavelmente, o próprio Aliocha não compreendia ou não podia explicar que voz imperiosa se fazia ouvir na sua alma, obrigando-o a tomar uma senda nova, desconhecida, mas inevitável. Fedor Pavlovitch não sabia dizer onde se encontrava enterrada a segunda mulher. Desde que lançara os primeiros punhados de terra sobre o ataúde, não se preocupara em voltar mais ao cemitério, e com os anos esqueceu por completo o sítio onde fora aberta a cova.

Além disso, Fedor Pavlovitch não estivera sempre na cidade. Três ou quatro anos após a morte da mulher viajou pelo Sul da Rússia e instalou-se em Odessa durante vários anos. Começou, segundo contava, relacionando-se com «uma porção de judeus maltrapilhos e toda a sua parentela, e acabou por ser admitido em casa dos mais endinheirados com a mesma consideração que na dos mais miseráveis». É de supor que nessa altura se desenvolveu nele uma pequena destreza para adquirir e amontoar dinheiro. Chegou à nossa cidade só três anos antes de Aliocha. As antigas amizades acharam-no terrivelmente envelhecido, ainda que muito distante da senilidade. O velho manhoso mostrava-se muito próspero a difundir a sua vaidade entre os outros; a sua depravação com mulheres era ainda mais repugnante e, em pouco tempo, semeou a comarca de tabernas. Dono de cem mil rublos, ou pouco menos, muitos vizinhos da cidade e conterrâneos lhe ficaram prontamente devedores e estavam, portanto, a bom recato. Mais tarde parecia muito inchado, mais irresponsável, mais vaidoso e incoerente; começava uma coisa, logo a abandonando para começar outra,

como se estivesse transtornado. Cada dia eram mais frequentes as suas bebedeiras e, se não fosse o criado Grigory, que também envelhecera consideravelmente e o tratava como um tutor, ter-se-ia visto em gravíssimos apuros.

A chegada de Aliocha pareceu afetar a sua moralidade, como se despertasse qualquer coisa que, havia tempo, estava morta na alma daquele velho.

— Sabes que te pareces imenso com a pobre louca? — perguntava ao contemplar a semelhança entre o filho e a mãe.

E foi Grigory quem mostrou a Aliocha a campa da «pobre louca», como lhe chamava o viúvo. Acompanhou-o até ao cemitério e mostrou-lhe, num canto afastado, um modesto epitáfio de ferro fundido com o nome e a idade da defunta e a data da sua morte e, abaixo, uma estrofe segundo a moda antiga da classe média. Surpreendeu o jovem que tudo aquilo fosse obra de Grigory; este colocara o epitáfio sobre a sepultura da «pobre louca», pagando-o do próprio bolso quando se cansou de o pedir em vão ao amo antes da partida deste para Odessa sem ter cuidado da campa nem de nada. Aliocha não revelou grande emoção perante o espaço de terra onde jazia sua mãe e escutou cabisbaixo o relato solene e minucioso da construção do simples monumento, retirando-se em seguida sem articular palavra. E já não voltou ao cemitério senão depois de passado, pelo menos, um ano.

Este episódio tão insignificante influenciou Fedor Pavlovitch de maneira bem original. Num arrebatamento, pegou em mil rublos e deu-os ao mosteiro para que dissessem missas de requiem por sua mulher; não pela mãe de Aliocha, a «pobre louca», mas pela primeira, Adelaide Ivanovna, que parecia assombrá-lo. Embriagou-se naquela mesma noite e encheu de injúrias os monges, em frente de Aliocha. Longe de ser devoto, pode dizer-se que nunca na sua vida acendeu uma vela a um santo; mas com frequência se dão tais tipos a esses súbitos impulsos de sentimentalismo.

Já apontei que parecia inchado. Os traços do rosto eram testemunho fiel de toda a sua vida relaxada. Por entre os enormes papos que existiam nele viam-se uns olhos pequeninos que encaravam as pessoas sempre descaradamente, entre suspeitosos e irónicos; as rugas que sulcavam as faces e a nudez da garganta que se destacava em várias papadas sob a barba pontiaguda davam uma impressão repulsiva de sensualismo. A boca

abria-se, demasiado grande e de lábios grossos, por onde espreitava a ruína de uma dentadura em péssimo estado. Começava sempre a falar arfando. Gostava de se servir do próprio rosto para gracejar, mas creio que o satisfazia possuí-lo; por qualquer coisa dedicava um cuidado especial ao nariz, de conspícuo e delicado perfil aquilino.

— Um perfeito nariz de romano — comentava com orgulho. — Com a minha barbicha, tenho todo o aspeto de um velho patrício na decadência.

Poucos depois, Aliocha comunicava-lhe sem preâmbulos o seu maior e mais santo desejo de entrar no convento, onde já o aguardavam os monges de braços abertos, e pedia-lhe a necessária autorização. O astucioso velho, que adivinhava quão vivamente o venerável Zossima, que vivia num retiro no eremitério, impressionara o seu «belo rapaz», escutou o pedido pensativo e em silêncio, e sem deixar antever a menor surpresa começou em jeito de sermão:

— Este é o mais honrado dos monges, desde já. Bem! Com que então queres viver com ele, meu belo rapaz!...

Estava quase bêbado e gesticulava com esses gestos lentos em que o alcoólico parece tentar uma infeliz luta.

— Bem! Já pressentia que acabarias com qualquer coisa nesse estilo. Acreditas em mim? E fazes bem, caramba! Já tens os dois mil rublos que serão o teu dote; além disso, nunca te abandonarei, meu anjo; darei por ti tudo o que me pedirem, se mo pedirem. Mas claro que se nada pedem, porque havemos de nos atormentar? Não te parece? Afinal tu não gastas mais do que um canário, dois grãos por semana. Bom! Sabes que junto de um convento há sempre um lugar onde nem as crianças ignoram que vivem as «mulheres dos monges», como lhes chamam? Trinta fêmeas, creio! Eu mesmo as vi. Digo-te que são de primeira, pois que na variedade está o gosto. O mal é que todas são russas de respeito; não há francesas. Claro que lhes sobra dinheiro para as poderem trazer quando quiserem. Se soubessem como é bom, fá-las-iam acudir de todo o lado. Bom, aqui não há nada disso: os monges não têm amigos, vivem honestamente e jejuam, concedido... Bom, bom... Com que então desejas fazer-te monge? Digo-te que me causa verdadeira tristeza a nossa separação, Aliocha. Queres acreditar que te idolatrava? Bem, és uma dádiva da providência; tu rogarás por nós, pecadores, porque se pecou muito, muito nesta casa. Sempre me preocupei sem saber quem quereria rezar por mim e duvidava se encontraria alguém no mundo que quisesse encarregar-se desse trabalho,

porque se me vens com rezas e pregações tenho que confessar-te que sou um solene estúpido! Não fazes ideia!... Um solene estúpido! Mas repara; por parvo que seja em assuntos celestiais, pensei neles. Pensei algumas vezes, não julgues que foi sempre. É impossível que, quando morrer, os diabos não deixem de me arrastar com as suas cadeias. E o que me intriga são as cadeias. De onde as tiram? De que são? De ferro? Em que lugar se forjam? Possuem lá uma forja? Os monges do mosteiro devem crer que no inferno há um teto, por exemplo. É mais distinto, mais explicável, mais luterano, isso é. Depois de tudo, pouco importa que haja ou não haja teto; mas esse teto implica uma endiabrada questão, sabes? Se lá não existem fábricas, não pode haver cadeias, e se não há cadeias vem tudo por água abaixo e não temos mais em que pensar; o que também é inverosímil porque, então, como me arrastariam para o inferno? E se não me arrastam para o mais fundo, que justiça há neste mundo? *Il faudrait les inventer,* estas cadeias, mesmo que só para mim, porque se tu soubesses, Aliocha, que patife eu sou...

— Mas ali não fazem falta as cadeias! — assegurou Aliocha, olhando seu pai com doçura e seriedade.

— Sim, sim; já nem há sombras das cadeias. Já sei, já sei. Ouve como um francês pinta o inferno: *J'ai vu l'ombre d'un cocher, qui avec l'ombre d'une brosse frottait l'ombre d'une carosse.* Mas quem te disse que não existem tais cadeias, querido? Quando estiveres entre os monges, dançarás a outro compasso. Parte e procura a verdade, e então vem dizer-me o que há de certo. Qualquer caminho para o outro mundo nos será mais cómodo se soubermos o que ali se passa. Além disso, é mais conveniente para ti a companhia dos monges do que a de um velho bêbado e a de mulherzinhas... embora, como és um anjo, nada te manche. Era capaz de jurar que nem lá diminuirá a tua pureza; deixo-te ir, porque assim o espero. Agora pões nesse teu desejo todos os sentidos, toda a inteligência. Ao princípio arderás até te consumires, mas em se acabando a tua fogosidade voltarás para casa. Aqui te aguardarei; vejo que és a única pessoa no mundo que não me condena. Acredita em mim, meu filho, que o adivinho; não posso deixar de o adivinhar.

E começou a choramingar. Era um sentimental; tão malvado como queiram, mas um sentimental.

Capítulo 5 — O Presbítero

Talvez alguém pense que Aliocha seria um jovem doente, pálido e consumido por devoções e desmaios. Mas não; era um moço de dezanove anos, de estatura regular, rosto corado e olhar claro e simpático. O cabelo castanho escuro enquadrava um rosto de linhas harmoniosas, delicadamente ovaladas, com testa espaçosa e olhos rasgados e brilhantes. Tudo isto lhe dava um ar concentrado sem perda da sua tranquilidade.

Seria preciso afirmar que o rosto corado não é incompatível com o misticismo e o fanatismo, mas parece-me que Aliocha era tão realista como qualquer outro. Sim, não nego que o mosteiro acreditaria de todo em milagres; mas no meu entender os milagres não são nunca uma pedra de escândalo para os realistas, nem os predispõem a acreditar. O verdadeiro realista, que também seja incrédulo, sempre encontrará forças e argúcias para negar o milagre, e se dá com ele como um feito irrefutável preferirá não dar fé aos seus sentidos a admitir o acontecimento. E se o admite, tê-lo-á como um fenómeno natural que está ainda fora da investigação científica. Para um realista não nasce a fé do milagre, antes o inventa, e quando o realista crê chega mesmo a confiar ao seu realismo a aceitação do milagre.

O apóstolo Tomé disse que não creria sem primeiro ver, mas quando viu exclamou: «Meu Senhor e meu Deus!» Será que acreditou obrigado pelo milagre? Não é provável; acreditou apenas porque desejava acreditar e é possível que no seu coração já acreditasse quando dizia: «Não acreditarei enquanto não o vir.»

Talvez tenha deixado suspeitar que Aliocha era de pouco alcance, pouco desenvolvido, que abandonou os estudos e outras coisas. No que respeita aos estudos é verdade; mas dizer que era estúpido ou duro de compreensão seria uma grande injustiça. Decidiu-se a mudar de vida, como antes disse, por considerá-lo um meio de elevar a alma acima das trevas. Isso sem contar que, até certo ponto, pertencia a esses jovens da passada época que, guiados pela sua honradez nata, procuravam a verdade crendo nela e estavam prontos a colocar ao seu serviço todas as suas

forças, toda a sua atividade e a sacrificar-lhe tudo, mesmo a própria vida. Infelizmente, esses jovens não compreendem que o sacrifício da vida é, em muitos casos, o mais fácil e o de cinco ou seis anos, por exemplo, da sua fogosa juventude, que lhes pode permitir multiplicar por dez os meios de serem úteis à verdade e à causa que querem servir, é um sacrifício superior às forças de muitos. O caminho que Aliocha seguiu também ia em sentido oposto, mas empreendeu-o com um ardente desejo de heroísmo. Desde que começou a refletir seriamente convenceu-se da existência de Deus e da Imortalidade e, em seguida, dizia como que por instinto: «Quero viver para a vida eterna, afastado de tudo o que a possa comprometer.» Se tivesse decidido que nem Deus existia nem a sua alma era imortal, ter-se-ia declarado do mesmo modo socialista ou ateu, porque o socialismo não é meramente um problema de trabalho: antes do mais, é a forma em que se apresenta hoje o ateísmo, é o problema da torre de Babel construída nas costas de Deus, não para subir da terra ao céu, mas para que o céu desça à terra. Ao jovem, era superior a si mesmo continuar a viver como até então; chegou a ser-lhe impossível, depois de ver o que estava escrito: «Se queres ser perfeito, dá o que tens aos pobres e segue-me.»

E Aliocha pensava: «Poderei eu entregar dois rublos em vez de *tudo* e contentar-me em ir à missa em vez de O seguir?»

Talvez que as recordações de infância o fizessem inclinar-se para o convento a cuja igreja a mãe o levava com frequência; trabalhassem poderosamente na sua vocação os raios de um sol caduco e a santa imagem a quem o oferecera um dia a «pobre louca» ou, preocupado com a ideia da perfeição, talvez tivesse vindo a casa verificar se poderia desprender-se de tudo o que o rodeava ou apenas dos «dois rublos», e o Presbítero faria o resto...

Permiti agora que explique o que era um presbítero nos mosteiros russos. Custa-me não estar perfeitamente documentado, mas tentarei dar uma ideia superficial em meia dúzia de palavras. Cronistas autorizados afirmam que a instituição dos Presbíteros não data de mais de um século entre nós, embora a igreja ortodoxa do Oriente, com mais profundas raízes nos montes Sinai e Athos, tenha mais de mil anos de duração. Há quem defenda essa antiguidade na Rússia, mas que desapareceu entre as calamidades que transtornaram este país: os tártaros, a guerra civil, a interrupção de relações com o Oriente depois da ruína de Constantinopla, até que um dos grandes «ascetas», como chamam a Paissy Velitchkovsky e

os seus discípulos, a restauraram. Hoje são poucos os mosteiros russos que gozam da graça de ter um presbítero, alguns dos quais ou se viram perseguidos como inovadores odiosos ou adquiriram sumo poderio, como os célebres de Kozetsk e Optin. Como e quando se introduziu esta instituição no nosso mosteiro, não poderei dizê-lo; só sei que Zossima era o último dos quatro que teve, que estava já muito acabado devido aos jejuns e doenças, não havendo ninguém que o pudesse substituir, o que era um grave problema para um mosteiro que não se distinguiu em nada até ali, nem em relíquias de santos, imagens prodigiosas, tradição de glória, ou por uma simples proeza histórica. Gozou de prosperidade e estendeu o seu nome por toda a Rússia graças ao prestígio dos seus Presbíteros a quem visitavam milhares de peregrinos procedentes de todo o lado.

O que é um presbítero? Um presbítero apodera-se da vossa alma e vontade para moldá-las à própria alma e vontade. Ao eleger a sua direção espiritual submeteis-vos abnegadamente renunciando a vós mesmos. A este noviciado, a esta escola de renúncia, entram de livre vontade os que anseiam pela conquista e domínio de si mesmos a fim de alcançarem através de uma vida de obediência a liberdade perfeita, desligados de toda a paixão que promove a própria desconfiança. Nenhuma teoria esclarece esta instituição formada no Oriente por mil anos de prática. O compromisso que contrai o devoto de um Presbítero não se limita à obediência vulgar que se observa em qualquer convento, pois que fica obrigado à confissão e a unir-se-lhe por laços indissolúveis.

Contam que, nos primeiros anos do cristianismo, um noviço desobediente ao presbítero abandonou o seu mosteiro na Síria e chegou ao Egito onde, depois de feitos muito importantes, mereceu sofrer o martírio. Quando a Igreja lhe tributava honras de santo, pois que por tal o conhecia, dizem que quando o diácono proferiu «Saiam os profanos» o féretro que continha o corpo do mártir se moveu precipitando-se para fora do templo. Três vezes se repetiu o prodígio. Perceberam então que aquele santo tinha quebrado o voto de obediência e não poderia ser perdoado, com todas as suas virtudes, sem a absolvição do Presbítero a quem abandonara. Só depois de obtida esta, puderam levar a cabo os funerais. Bom, é uma velha lenda, mas conto em seguida um exemplo recente:

Um monge recebeu do seu Presbítero a ordem de sair de Athos, que era um lugar sagrado e um porto de refúgio; teria de visitar o Santo Sepulcro e partir logo para o Norte da Sibéria, porque «é ali o teu posto e

não aqui». Abatido, pesaroso, dirige-se o monge ao Patriarca ecuménico de Constantinopla solicitando-lhe que o dispense da sua obediência O Patriarca responde que não pode fazer-lhe a vontade, pois não há poder na terra que possa valer-lhe a não ser o do próprio Presbítero a quem se havia submetido.

Em certos casos, os Presbíteros achavam-se revestidos de uma autoridade sem limites, inexplicável, a que se deveu a resistência e quase perseguição que em alguns conventos lhes foi oposta. Não obstante, esses seres atraíam imediatamente a vontade e simpatia do povo ignorante e de bom número de pessoas de posição, que acudiam em massa aos nossos mosteiros para lhes expor as suas dúvidas, os seus pecados e misérias, e pedir conselho e penitência. Gritavam os inimigos que isto depreciava a confissão de maneira arbitrária, embora o direito que tinham o monge e o leigo de abrir os seus corações não participasse em absoluto do caráter sacramental. A instituição acabou por prevalecer. Claro que este instrumento que deu testemunho durante dez séculos da regeneração moral do homem que passa da escravidão à liberdade e perfeição espiritual podia ser uma arma de dois gumes e conduzir tanto à humildade e a uma pronta tranquilidade de consciência como à mais satânica soberba; quero dizer, à servidão e não à liberdade.

O venerável Zossima andava nos sessenta e cinco anos. Pertencia a uma casa abastada e na sua juventude fora militar e servira como oficial no Cáucaso. Algum dote peculiar o devia ter prendido a Aliocha, a quem amava e por quem se deixava tratar. O jovem vivia na cela do velho, desligado de obrigações e com liberdade para ir aonde lhe apetecesse podendo mesmo permanecer ausente durante vários dias. Usava o hábito por gosto, para não se diferenciar dos outros noviços. É possível que a fama e a autoridade do Presbítero agitassem vivamente a sua imaginação juvenil, pois dizia-se que tantas e tantas almas haviam confessado ao Padre Zossima as suas culpas, pedindo-lhe palavras de consolo e de saúde, que chegou a adquirir uma pronta intuição em saber à primeira vista o que desejava um desconhecido e descobrir-lhe as inquietações da consciência. Com frequência surpreendia e alarmava quem o visitava dizendo-lhes os segredos antes que falassem.

Notava Aliocha que muitos, quase todos, se aproximavam pela primeira vez com temor assustado e partiam de rosto radiante de felicidade, e admirava-se de que o ancião se mostrasse sempre mais

propenso à alegria do que à austeridade. Dizia-se no convento que exercia especial atrativo sobre os maus e despertava mais amor nos outros pecadores. Alguns monges chegaram até a odiá-lo por inveja, e entre os invejosos, que eram poucos e calados, havia monges de grande prestígio, como um dos mais velhos, que se distinguiu sempre pelo rigor dos jejuns e do silêncio. A maioria defendia o Padre Zossima e amava-o com toda a alma, sem que faltassem os devotos fanáticos que declaravam em voz baixa estar fora de dúvida a santidade do Presbítero. Como vissem perto o seu fim, prometiam-se milagres, gozando adiantadamente a imensa glória que havia de alcançar o mosteiro com as suas relíquias... Aliocha tinha uma fé tão inquebrantável na virtude taumaturga do Presbítero como na história do féretro que se precipitou para fora da igreja. Vira muita gente procurá-lo para que impusesse as suas mãos sobre os filhos ou parentes doentes e logo, talvez mesmo no dia seguinte, despedir-se dele chorando e ajoelhando-se a seus pés em ação de graças por lhes haver obtido a saúde.

A Aliocha não se punha a questão de tais fenómenos serem verdadeiras curas ou simples períodos de melhoria; acreditava firmemente no poder do mestre e regozijava-se com a sua fama, na sua glória, sentindo-se participante de todos os triunfos. Batia-lhe fortemente o coração, subindo-lhe ao rosto uma chama de alegria sempre que se apresentava com o seu diretor a um grupo de romeiros que, vindos de todos os cantos da Rússia, esperavam vê-lo obter-lhe a bênção. Prostravam-se em frente, choravam, beijavam-lhe os pés e a terra que pisava, enquanto as mulheres gemiam oferecendo os filhos e arrastando para perto dele os «endemoninhados». O Presbítero dirigia-lhes a palavra, lia uma breve oração e, dando-lhes a bênção, despedia-os. Ultimamente, os seus achaques deixavam-no tão abatido que raras vezes abandonava a cela, e os que haviam peregrinado para o ver tinham que esperar vários dias até que recobrasse um pouco de ânimo. Não maravilhava Aliocha aquele amor tão provado, nem que as pessoas chorassem com emoção ao contemplá-lo; compreendia bem que para os camponeses simples, oprimidos por penas e trabalhos e ainda mais por inúmeras injustiças e maldades próprias e de toda a gente, nada há de mais necessário e consolador que ter um santo ou algo que seja santo perante quem se prostrar em adoração.

«Vivemos em pecado e em iniquidade, cedendo à tentação, mas em algum lado há um eleito, um santo graças ao qual não foge a terra debaixo

dos nossos pés; porque ele mantém pura a verdade que há de luzir um dia em nós para reinar em todo o mundo, como nos foi prometido.»

Pensava Aliocha que assim sentia e raciocinava o povo, e enquanto o Padre Zossima fosse o santo custódio da verdade divina abundava em si próprio o mesmo convencimento dos aldeãos que choravam de simplicidade, e das mulheres que mostravam os seus filhos. A certeza de que proporcionaria na morte dias de glória ao mosteiro estava mais arreigada nele do que em qualquer outro e acabou por inflamar o seu coração em chamas de êxtase divino. A presença do Presbítero como único exemplo de santidade não o perturbava no mínimo porque pensava: «Que importa? Ele é santo e tem na sua alma o segredo da regeneração universal, esse poder que estabelecerá por fim a verdade sobre a terra. Todos os homens serão então bons, amar-se-ão uns aos outros e não haverá mais pobres nem ricos, grandes nem pequenos, porque todos serão filhos de Deus e o verdadeiro reino de Cristo será nosso.»

A chegada dos seus dois irmãos impressionou-o grandemente. Deu-se com mais intimidade com Dmitri, o último a chegar, do que com Ivan. Encontrava-se este já havia dois meses na cidade e ainda se não tratavam com afabilidade, embora se vissem com frequência e o noviço sentisse um extraordinário afeto por ele. Aliocha era calado por natureza, parecia recolhido em si mesmo e envergonhado, e Ivan, que ao princípio lhe falava com muita curiosidade, depressa se manifestou desinteressado de todo.

Aliocha notou-o com certa pena, atribuindo-o à diferença de idades e educação; mas pensou logo que esta falta de carinho e simpatia podia obedecer a outras causas inteiramente desconhecidas. E imaginou Ivan embrenhado em problemas importantes, empenhado nalgum de difícil solução que não lhe deixava tempo para pensar em si. Também suspeitou que podia haver algum desdém por parte de um sábio incrédulo contra um noviço infeliz, pois sabia que seu irmão era ateu.

Contudo, não se ofendeu por aquele desdém, se é que o havia, antes, com certo sobressalto do seu íntimo que nem ele compreendeu, apreciava a companhia do irmão. Dmitri falava-lhe de Ivan com grande respeito e admiração, e por ele soube com minúcia do negócio que unia os dois irmãos mais velhos em estreita amizade. Os elogios tributados por Dmitri realçavam Ivan aos olhos de Aliocha, tanto mais quanto o primeiro era um inculto ao lado do segundo e ambos ofereciam tal contraste que com dificuldade se encontraria duas pessoas de caráter mais oposto.

Nessa altura levou-se a efeito o encontro ou reunião desta família heterogénea na cela do Presbítero. O pretexto foi a tensão de relações, que estavam a ponto de se romper entre Dmitri e o pai. Este sugeriu a ideia da reunião na cela do Padre Zossima para que, sem apelar para uma intervenção direta e tão só sob a influência da sua presença conciliadora, pudessem chegar a entender-se. Dmitri, que não conhecia o Presbítero, acreditou que o pai tratava de o intimidar; mas no fundo sentia os arrebatamentos a que se deixava levar com ele e aceitou o compromisso. Tenho que advertir que não vivia, com Ivan, na casa paterna, mas só, no outro extremo da cidade.

Pyotr Alexandrovitch Miusov, que passava justamente aquela temporada na comarca, acolheu a ideia com entusiasmo. A um liberal dos pés à cabeça, livre pensador e ateu, não podia guiá-lo mais do que a ideia de se distrair; o caso é que se apoderou dele o mais vivo desejo de visitar o mosteiro e o santo varão. Todavia não estava terminado o seu assunto e desejou ver o superior sob pretexto de combinar tudo amigavelmente. Uma visita chegada com tão nobres propósitos, por força havia de ser recebida mais acolhedora e atenciosamente do que a de curiosos excursionistas. Procuraram-se influências do mesmo mosteiro para que se lhes abrissem as portas do Presbítero, que já há algum tempo se via na obrigação de as ter fechadas mesmo aos seus devotos. Por fim decidiu-se a recebê-los e foi fixado o dia.

— Quem me pôs de juiz perante eles? — perguntou, sorrindo a Aliocha.

Aliocha, quando soube da visita, ficou muito confuso, porque só Dmitri lhe oferecia garantias de seriedade. Os outros que iam intervir na contenda estariam presentes por motivos frívolos se não fosse para injuriar o Presbítero.

Sabia-o demasiado bem. Ivan e Miusov iriam apenas por curiosidade e seu pai já devia estar a ensaiar alguma cena cómica. Aliocha conhecia-o; já aqui dissemos que era mais esperto do que parecia.

À medida que a data da visita se aproximava oprimia-se-lhe o coração, meditando em como acabaria aquela discórdia. Mas a maior ansiedade era por causa do Presbítero. Tremia pela sua glória, temendo que lhe causasse uma afronta a cortês e afilada ironia de Miusov ou a arrogância fingida do talentoso Ivan. Por duas vezes esteve a ponto de pôr o mestre de sobreaviso e não chegou a aventurar-se. Na véspera escreveu ao irmão,

Dmitri, recordando-lhe a sua amizade e esperando que cumprisse a promessa. Dmitri pensou e tornou a pensar, sem conseguir lembrar-se do que havia prometido, e respondeu-lhe por escrito que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para não se encolerizar por velhacaria a mais ou a menos; mas que, não obstante o respeito que lhe mereciam o Presbítero e seu irmão Ivan, estava plenamente convencido de que a reunião ou era um laço que lhe estendiam ou uma farsa indigna.

«Mas não temas, porque preferia arrancar a língua a faltar ao respeito a esse santo que tão profundamente admiras», escrevia no final da carta que não conseguiu, de qualquer modo, animar o noviço.

Livro 2 — Reunião Frustrada

Capítulo 1 — No Mosteiro

Brilhava escaldante aquele dia de agosto. Tinham fixado a entrevista com o Presbítero para as onze e meia, depois do ofício, e os convidados chegaram depois de ditas as missas. Num coche de luxo, aberto, puxado por uma parelha de cavalos magnífica, vinha Miusov com seu parente afastado Pyotr Fomitch Kalganov, amigo de Aliocha, jovem de vinte anos que se preparava para entrar na universidade, indeciso entre a de Zurique ou a de Iena, segundo o conselho daquele, ou cursar os estudos no país. Era um moço absorto e distraído, de boa presença e de compleição invejável; olhava, por vezes com uma fixidez estranha, como essas pessoas ensimesmadas que fincam os olhos num objeto sem o ver. O seu mutismo revelava estupidez e, se na intimidade era surpreendido por um arranque de loquacidade e expansão, ou se ria de qualquer ninharia ou apagava-se de repente o alvoroço. Vestia sempre muito bem e até com esmero minucioso. A fortuna permitia-lhe viver desafogadamente, esperando grandes heranças.

Muito atrasados chegaram Fedor Pavlovitch e seu filho Ivan num coche de aluguer, velho, grande e que rangia arrastado por dois remelosos cavalos castanhos. Dmitri, a quem se avisara na véspera, não havia meio de chegar. Pararam as carruagens na hospedaria vizinha e os seus ocupantes caminharam até às portas do mosteiro.

Apenas Fedor Pavlovitch o tinha visitado e Miusov, que provavelmente não entrara em nenhuma igreja nos últimos trinta anos, olhava em volta com curiosidade e afetada indiferença. Interessou-lhe muito pouco a igreja em si, de onde ainda saíam os últimos devotos. Entre as pessoas de condição mais humilde destacavam-se duas ou três senhoras e um decrépito general que se alojavam na pousada. Os visitantes viram-se rodeados de pedintes e mostraram-se duros, mas o jovem Kalganov sacou de uma moeda de prata com grande embaraço, só Deus sabia porquê, e largou-a precipitadamente na mão de uma velha, encarregando-a de que a repartisse pelos outros. Nenhum dos outros reparou na sua caridade e o jovem esmoler ficou por isso muito surpreendido.

Aliás estavam-no todos, mas por não terem aquela honrosa acolhida que pode esperar de uma comunidade quem fez um donativo de mil rublos, e o abastado e sábio proprietário, de quem depende de certo modo a riqueza que representa para um convento o direito de pesca, que lhe pode ser tirado de um momento para o outro. Ninguém, nem um leigo, esperava a sua chegada.

Miusov, contemplando os sepulcros alinhados em torno da igreja, refreava um comentário sobre as quantias que deviam ter sido pagas pelos defuntos para descansarem naquele lugar sagrado e a sua ironia de homem liberal transformou-se em irritação.

— Mas que diabo procuramos aqui? Temos de pensar que o tempo voa — observou, falando para consigo mesmo.

Acercou-se deles um velhinho, calvo, de olhitos afetuosos e envolto numa fina capa de pregas largas. Tirou o chapéu e deu-se a conhecer com uma efusão maçadora como Maximov, proprietário de Tula, que o aceitassem como amigo.

— O Padre Zossima vive no eremitério, no seu retiro, a quatrocentos passos daqui, do outro lado do bosque.

— Eu já sabia que era do outro lado do bosque — observou Fedor Pavlovitch —, mas não me recordo do caminho. Há muito tempo que cá não venho.

— Sigam essa direção, por essa porta, e depois em frente, pela alameda... pela alameda. Querem que os acompanhe? Poderei guiá-los, pois que vou para lá... Sigam-me. Por aqui, por aqui...

Atravessou a entrada e torceu na direção do bosque, e Maximov, um sexagenário, corria mais do que andava, voltando-se a cada momento para olhar os que o seguiam com uma inquietação e uma curiosidade incríveis. Os olhos pareciam querer sair-lhe das órbitas.

— Sim, homem! Vamos ver o Presbítero por causa de um assunto que a si lhe não interessa — advertiu Miusov com severidade. — Esse senhor concedeu-nos uma audiência particular; assim, pois, agradecemos-lhe a bondade de nos ensinar o caminho, mas não se incomode em nos acompanhar.

— Já estive... sim já ali estive! *Un chevalier parfait* — e Maximov fez um gesto com os dedos.

— Quem é esse *chevalier?* — perguntou Miusov.

— O Presbítero, o magnífico Presbítero, o Presbítero! A glória e a honra do mosteiro. Mas que Presbítero!

As suas admirações incoerentes acabaram com a chegada de um monge pálido, magro e enfezado que lhes saía ao encontro. Fedro Pavlovitch e Miusov pararam.

O monge fez-lhes uma reverência extremamente cortês e anunciou:

— Cavalheiros: o Padre Superior convida-os para a sua mesa logo que tenham visitado o santuário. Não mais tarde do que a uma hora. E a vós também — acrescentou dirigindo-se a Maximov.

— Não faltarei! — exclamou Fedor Pavlovitch, muito agradado. — Creia-me, estamos todos empenhados em nos portarmos aqui com toda a correção... Também irás, Pyotr Alexandrovitch?

— Claro que sim! Pois não vim para observar todos os costumes? Apenas a tua companhia me estorva...

— Sim, Dmitri Fedorovitch não dá sinais de vida.

— Só falta que não queira vir. Mas que rico papel que vou fazer a teu lado! Bem, iremos almoçar. Os nossos agradecimentos ao Superior — disse voltando-se para o monge.

— Desculpem, trago o encargo de os acompanhar ao Presbítero.

— Então, irei eu direito ao Padre Superior... ao Padre Superior — murmurou Maximov.

— O Padre Superior está ocupado, agora. Mas faça o que entender.

— Que homem tão importuno! — notou Miusov vendo aquele correr na direção do mosteiro.

— Parece-se com Von Sohn — atalhou Fedor Pavlovitch.

— E isso o que pensas dele? E em que se parece? Conheces esse Von Sohn?

— Vi o seu retrato; mas não digo isso pelo rosto, mas sim por causa de algo indefinível. É igual. Poderei dar-te lições sobre esse particular.

— Não ponho em dúvida que és um fisionomista apurado, mas repara, Fedor Pavlovitch. Acabas de prometer moderação. Não te esqueças disso. Põe-te de sobreaviso, porque se começas a dizer baboseiras abandono-te aqui mesmo... O senhor está a ver como é... uma pessoa até treme de se encontrar com ele entre pessoas decentes — acrescentou voltando-se para o monge, em cujos lábios secos aparecia um sorriso de fina astúcia que encobriu com o silêncio imposto pelo sentimento da sua própria dignidade.

A testa de Miusov enrugou-se de ódio.

«Para o diabo com todos! Um porte moldado a exemplo de séculos e séculos e, por detrás, nada a não ser charlatanice e imbecilidade», pensou.

— Aqui está o santuário. Chegámos! — gritou redor Pavlovitch. — As portas estão fechadas.

E começou a distribuir bênçãos pelas imagens pintadas no portão.

— Se fores a Roma, faz como os romanos. Neste recinto há vinte e cinco que vivem para a glória, contemplando-se uns aos outros e comendo couves; e nenhuma mulher jamais passou este umbral. E notável!... mas é a pura verdade. Mas... não dizem que o Presbítero recebe senhoras? — perguntou de repente ao monge.

— Já irá ver como as camponesas descansam no pórtico, esperando. Para as senhoras de boa sociedade construiu-se essa hospedaria, fora do recinto, até onde vai o venerável ancião por uma passagem interior. Elas ficam sempre do lado de fora. Repare, ali está a senhora Hohlakov, esperando. É de Karkov e tem a filha doente. Deve ter-lhes prometido lá ir, embora de há uns tempos para cá se encontre tão fraco que apenas se mostra ao povo.

— Ao fim e ao cabo sempre resta uma abertura por onde as damas podem passar furtivamente... Não suponha que digo isto com má intenção, padre; mas creio que sabe que em Athos não se permite alguma visita de mulher, não se admitindo mesmo fêmea de nenhuma espécie... nem galinhas... velhas ou novas...

— Fedor Pavlovitch, aviso-te que darei meia volta e te deixarei aqui sozinho. Ao menos que te arrastem à força na minha presença.

— Mas que mal te faço eu, Pyotr Alexandrovitch? Olhem! — exclamou em seguida adiantando-se dentro do recinto. — Olhem que encanto de rosas há aqui!

Não havia rosas, mas os muros desapareciam sob a alegria de lindas flores outonais que cresciam por todo o lado obedecendo a mãos habilidosas: canteiros vistosos rodeavam a igreja, enfeitavam as campas e submergiam na sua vegetação a casa de madeira pintada que o ancião habitava.

— Estava tal e qual no tempo do outro Presbítero, o de Varsonofy? Ele não gostaria desta elegância. Dizem que se levantava, arrebatado, e afugentava as mulheres dando-lhes com o bastão — observou Fedor Pavlovitch, parando no primeiro degrau da entrada.

— O venerável Varsonofy tinha muitas coisas raras, mas quase tudo o que contam são coisas inventadas; nunca bateu em ninguém — respondeu o monge. — Esperem um momento cavalheiros; vou anunciar a vossa chegada.

Miusov apressou-se a advertir Fedor em voz baixa:

— Pela última vez, Fedor Pavlovitch, não te esqueças do combinado, hem? Ou te portas convenientemente ou saberás quem eu sou.

— Não compreendo por que te inquietas — replicou Fedor Pavlovitch com velhacaria. — Como se não fosse pelos teus pecados... Dizem que lê nos olhos as intenções de cada um. Mas não sabia que tomavas tão a sério esta opinião, tu, um parisiense, e dos avançados. Na verdade deixas-me pasmado!

Miusov não pôde responder ao trocista porque já os chamavam e entrou um pouco irritado e pensativo:

«Conheço-me e acho que estou indisposto. Neste momento seria capaz de puxar os cabelos a qualquer, desprezando a minha dignidade e as minhas ideias.»

Capítulo 2 — O Sempre Eterno Bobo

Saía o Presbítero do seu dormitório acompanhado de Aliocha e de outro noviço quando a visita entrou na sala onde já se encontravam esperando os monges do santuário, o arquivista e o Padre Paissy, homens de grande cultura, pouca saúde e idade madura, e um jovem de vinte e dois anos em traje secular que não se moveu de um canto enquanto durou a entrevista, observando tudo com os olhos escondidos por detrás das sobrancelhas, por força da atenção. Era um teólogo de rosto largo e saudável que vivia do amparo do mosteiro. Embora se mostrasse respeitoso, julgava que a sua situação de subordinado o afastava tanto dos hóspedes que estava dispensado de os saudar.

Os dois monges levantaram-se, inclinando-se perante o Padre Zossima até tocar o chão com os dedos; em seguida beijaram-lhe a mão. Ele correspondeu depois de lhes conceder a bênção. Efetuou-se a cerimónia com aquela unção que por vezes falta nos ritos quotidianos, mas Miusov, que estava diante dos outros, imaginou que tudo obedecia a um intencionado propósito de produzir efeito no público. Ele devia então aproximar-se, segundo pensara na véspera, só por cortesia, já que era esse o costume, e receber a bênção do Presbítero, mesmo sem lhe beijar a mão. Mas perante tanto beijo e tanta reverência por parte dos monges, mudou de opinião. Muito sério, fez uma gentil cortesia um tanto convencional e afastou-se para um canto. Fedor Pavlovitch imitou-o como um macaco. Ivan curvou-se com dignidade, mas sem tirar as mãos dos bolsos, enquanto Kalganov estava tão atordoado que se esqueceu da reverência. O velho deixou cair a mão levantada para os benzer e, inclinando-se de novo para eles, pediu-lhes que se sentassem. As faces de Aliocha ficaram vermelhas de vergonha. Todos os seus temores se haviam cumprido.

O Padre Zossima ocupou um sofá de acaju com assento de couro enegrecido pelo uso e tão estragado como as quatro cadeiras de material igual que estavam na parede em frente e nas quais tomaram assento os convidados. Acomodou-se um dos monges na porta e outro na janela, enfeitada com dois jarrões com flores. O estudante e os noviços ficaram

quietos. A cela, não muito espaçosa, oferecia um aspeto fantástico. A mobília era pobre, tosca e insuficiente, mas abundavam os quadros por todos os lados. Perante uma imagem antiga da Virgem ardia uma lamparina e junto dela, como que para aproveitar a luz, encontravam-se dois santos de pomposas vestes, querubins talhados em madeira, trastes de porcelana, uma cruz católica de marfim à qual se abraçava uma Mater Dolorosa e várias reproduções litográficas de meritórias obras italianas de séculos passados, que competiam com outras de mais tosca pintura russa compradas a vendedores ambulantes. As paredes estavam cobertas de retratos de bispos, defuntos e vivos.

Miusov passou o seu olhar distraído por aquela fantástica ornamentação e fixou-o no Presbítero. Gostava de estudar de perto os caráteres mais reservados: fraqueza perdoável num homem que aos seus cinquenta anos acresce uma desafogada posição e uma certeza de experiência mundana. E assim formou imediatamente um mau conceito de Zossima. Havia, com efeito, certos rasgos característicos no velho capazes de desgostar a outros menos exigentes que Miusov. Era pequeno, miúdo e encurvado, tremiam de fraqueza as suas pernas e parecia ter mais dez anos do que os sessenta e cinco que contava; o rosto, muito chupado, estava coberto de uma rede de pregas que se recolhiam e destacavam dos pequeninos olhos, vivos e brilhantes como dois carbúnculos; um tufo de cabelos grisalhos encimava-lhe a fronte e a barba rala e em ponta deixava ver-lhe os lábios secos, delgados e finos sob um nariz diminuto e agudo como o bico de um pássaro.

«Tudo revela uma alma cheia de vaidade e malícia», julgou Miusov, que começava a sentir-se doente.

Um relógio de parede quebrou o silêncio e a circunspeção geral dos que se encontravam reunidos, dando doze badaladas.

— A hora exata! — exclamou Fedor Pavlovitch. — E esse meu filho Dmitri sem vir! Peço que lhe perdoe, sagrado velho. — Aliocha estremeceu ao ouvir o «sagrado». — Eu sou muito pontual: nem minuto a mais nem a menos. Recordo sempre que a pontualidade é o ornamento dos reis.

— Mas ainda te falta muito para seres rei — murmurou Miusov sem se poder dominar.

— Sim, é verdade, não sou rei. Acreditas, Pyotr Alexandrovitch, que já me dei conta disso? Mas que hei de fazer? Falo sempre fora de propósito.

Vossa Reverência — exclamou em tom patético — encontra-se frente a um verdadeiro bobo! Tenho gosto em apresentar-me assim. Um hábito muito arreigado move a minha língua com bastante frequência e fá-la disparatar com o bom intento de divertir as pessoas e tornar-me simpático. Um homem deve sempre procurar ser grato aos outros, não é verdade? Uma vez, há sete anos, fui com uns amigos, comerciantes de uma cidade de pouca importância, ver o chefe da polícia não sei já porquê e convidámo-lo para comer connosco. Era um homem alto, bem constituído, sério e de caráter azedo: o tipo mais perigoso para tais casos. Pois bem: sem me encomendar a Deus nem ao Diabo, aproximei-me e, com a desenvoltura de um homem do mundo, disse-lhe: «Senhor Ispravnik, seja o nosso Nepravnik». «Que entendeis por Nepravnik?», perguntou-me. Vi em seguida que a graça lhe havia assentado mal e que o desejava mostrar. «Nada», respondi-lhe. «Queria fazer graça para rir à custa do senhor Nepravnik, que é o nosso conhecido diretor de orquestra, já que necessitamos de algo parecido para chegar a um acordo», respondi muito razoavelmente. «Perdoai», volveu-me. «Eu sou um Ispravnik e não tolero que alguém brinque com a minha profissão.» Voltou-me as costas e foi-se embora. Eu segui-o, gritando: «Sim, sim. Sois inspetor e não diretor!» «Não», insistiu. «Haveis querido que seja diretor e sê-lo-ei!» Crede-me, dirigiu tão bem o nosso negócio que ficámos arruinados... É sempre o mesmo... sempre o mesmo. A minha cortesia nunca me serviu para mais do que prejuízo. Uma vez disse a uma personalidade de grande influência: «Vossa esposa é muito melindrosa», falava eu no sentido de honestidade e aludindo às suas virtudes. Mas ele perguntou-me: «Haveis tocado as suas suscetibilidades?» E eu julguei cumprir um dever de delicadeza respondendo afirmativamente. Pois podeis crer-me que agora, já depois de tanto tempo passado, ainda sinto a vergonha na cara após aquele tremendo bofetão. Prejudico-me sempre de igual maneira.

— Bem se vê! Estás fazendo o mesmo agora — murmurou, aborrecido, Miusov.

— Agora mesmo? Pois acredita que o sabia, Pyotr Alexandrovitch, e deixa-me dizer-te que quando comecei o temia. Imagina que também me parecia que serias tu o primeiro a dar por isso. Quando estou um minuto sem brincar, Reverendo Padre, sinto no rosto como se me arrancassem a mandíbula inferior e pinta-se-me no rosto uma expressão de pasmo. Isto sucede-me desde a juventude, quando comecei a correr de casa em casa,

divertindo todos para conseguir ganhar a vida. Tenho sido um farsista incorrigível; vem-me do berço, reverência; é uma mania como outra qualquer. Estou em dizer que há em mim um diabo; bom, pelo menos um diabrete, porque um diabo sério preferiria outra morada. Mas não a tua alma. Pyotr Alexandrovitch; não tens posto digno de um nem de outro. Eu creio em Deus e se tive alguma dúvida acerca da sua existência, aqui me tendes disposto a escutar palavras de sabedoria. Nisto faço como Diderot. Não sabíeis, Santíssimo Padre, que Diderot foi ver o metropolitano Platão, nos tempos da imperatriz Catarina? Pois foi. Chegou e disse de repente: «Não existe Deus.» Ao que o grande bispo respondeu, alçando as mãos: «O néscio diz no seu coração que não existe Deus.» Imediatamente caiu o outro a seus pés, exclamando: «Creio e peço o batismo!» Foi batizado, tendo por padrinhos a princesa Dachkov e Ptyomkin.

— Fedor Pavlovitch, isto passa já de brincadeira! Bem sabes que dizes mentiras e que essa anedota grosseira não está certa. Porque te armas em tonto? — admoestou Miusov com voz trémula.

— Sempre suspeitei de que não fosse certa — gritou aquele, convencido — e quero que saibam toda a verdade, senhores. Venerável ancião, perdoai o que acabo de vos contar referente ao batismo de Diderot. Nada estava mais longe do meu pensamento, até agora, que me ocorreu para amenizar a conversa. Se faço de tonto, Pyotr Alexandrovitch, é para agradar, embora muitas vezes não saiba eu próprio para que o faço. Quanto a Diderot, ouvi cem vezes na minha juventude, a pessoas instruídas, aquela frase «o néscio diz no seu coração» e, sem ir mais longe, tua tia foi quem me contou a história. Toda a tua família estava persuadida de que o infiel Diderot discutiu Deus com o metropolitano Platão...

Miusov deu um salto na cadeira, esquecendo a moderação, furioso por ser posto em ridículo.

Era verdadeiramente incrível o que estava a suceder naquela cela que durante anos e anos, desde os primeiros Presbíteros, só sentimentos de profundo respeito havia inspirado a quantos a visitavam. Quase todos os que ali eram admitidos se mostravam orgulhosos do favor especial que lhes era concedido e muitos permaneciam ali durante todo o tempo da receção, de joelhos. Nobres, sábios e alguns livres pensadores, atraídos pela curiosidade, todos se mostravam igualmente respeitosos e recolhidos, como é próprio de um local onde não se tratam questões de interesse, mas pelo contrário onde brota o colóquio do amor e da bondade, onde se

procura a penitência ou se resolve um problema de crise espiritual. Era forçoso que semelhante bobice sobressaltasse desconcertadamente a maioria dos presentes. Os monges ainda que parecessem a ponto de se levantar, indignados, como Miusov, esperaram, imóveis, que falasse o ancião. Aliocha permanecia cabisbaixo, com os olhos cheios de lágrimas, afligido especialmente por Ivan, a sua única esperança naquele transe, e capaz como ninguém de pôr cobro àquela maluqueira de seu pai, se manter quieto com o olhar no chão, como quem aguarda com interesse que acabe um incidente que não provocou. Aliocha não ousava olhar Rakitin, o estudante amigo, cujas ideias conhecia melhor que a ninguém do mosteiro.

— Perdoai — começou Miusov, dirigindo-se ao Padre Zossima — se vos fiz pensar que tomava parte nesta comédia absurda. Enganei-me ao crer que um homem como Fedor Pavlovitch pudesse chegar a portar-se com a correção que impõe uma visita a uma pessoa tão digna e suponho que não necessito desculpar-me pelo mero feito de haver vindo com ele.

Miusov perturbou-se de confusão e vergonha e, sem mais, quis ir-se embora. Mas o velho foi atrás dele, caminhando com dificuldade e, pegando-lhe em ambas as mãos, deteve-o.

— Não se aflija, por Deus! Não se aflija e olhe-me como se eu fosse um amigo especial. Sou eu que lho peço... — E inclinando-se perante o ofendido voltou a ocupar a sua cadeira.

— Falai, grande Presbítero! Ou estais enojado da minha cantilena? — interrompeu Fedor, agarrando-se a ambos os braços da cadeira como que disposto a fugir se a resposta não o satisfizesse.

— Também lhe hei de pedir que não se incomode nem se desgoste por nada — disse o velho afetuosamente. — Esteja como em sua casa e perfeitamente à vontade. O pior de tudo é que uma pessoa tenha vergonha de si própria.

— Como em casa? Com naturalidade? Oh! Isso é já um excesso de bondade. Agradeço-vos profundamente, mas mais valera, Santo Padre, não me convidar a uma manifestação singela e expansiva do meu caráter. Não arrisqueis tanto... Por esta vez quero desobedecer pelo respeito que vos devo. Bem, aí tendes os outros, embrenhados ainda nas névoas da incerteza; e aposto que não falta quem gostasse e tivesse um vivo prazer em retratar-me ao vivo. Por ti o digo, Pyotr Alexandrovitch. Quanto a vós, santa criatura, tenho de vos confessar que me deixais extasiado.

Levantou-se bruscamente e, elevando as mãos ao alto, exclamou:

— Bendito seja o ventre que vos gerou e os peitos que vos criaram!... especialmente os peitos. Quando há pouco dizíeis que «o pior é uma pessoa ter vergonha de si mesma», penetráveis no meu íntimo e líeis no meu coração. Numa reunião sinto-me sempre o mais trivial e creio que todos me tomam por um palhaço, e é nessas alturas que digo a mim mesmo: «Pois façamos palhaçadas a sério sem temer o que dirão, já que sou um palhaço eles ultrapassam-me em maldade». Por isto, nem mais nem menos, sou um bobo; por vergonha, bom velho, por vergonha. Apenas um excesso de sensibilidade me torna tão buliçoso. Se tivesse a certeza de que me tomavam pelo melhor e pelo mais prudente dos homens, ah, senhor, que santo eu não seria!... Mestre — continuou, caindo de joelhos —, que devo fazer para ganhar a vida eterna?

Era muito difícil adivinhar se estava a fantasiar ou se se encontrava realmente comovido.

O Padre Zossima olhou-o e disse, sorrindo:

— Por que faz essa pergunta, se já sabe a resposta há tanto tempo? Tem bastante discernimento: não se entregue à bebida e corrija a língua; ame a continência e não demasiadamente a riqueza. Feche as tabernas; se não puder fechá-las todas, duas ou três, pelo menos. Sobretudo... não minta.

— Dizeis isso por causa de Diderot?

— Não por isso, mas porque apenas se enganará a si próprio, e o homem que escuta como certas as próprias mentiras chega a não poder discernir a verdade do que pensam dele e perde o respeito que deve a si mesmo e ao próximo. Com o respeito desaparece o amor, e então em nada poderá gozar a não ser que se deixe arrastar pelos mais grosseiros prazeres, que acabam por bestializá-lo completamente. E tudo isso pelo vício da mentira. O embusteiro, além disso, expõe-se mais do que ninguém a receber uma ofensa. Crê o senhor, talvez, que por vezes é agradável ofender alguém, não? O homem enganoso sabe que ninguém o insultou, mas como há que ser gracioso e divertido, ele próprio toma uma palavra, faz uma montanha de um grão de areia e a atira contra si para se dar ao gosto de manifestar enfado por uma ofensa por si inventada; e disto ao verdadeiro rancor não vai mais do que um passo. Mas agora levante-se e volte para o seu lugar. Não é franca essa atitude...

— Santo varão, dai-me a vossa mão para que a beije! — E Fedor Pavlovitch saltou, deixando um beijo na mão nodosa do velho. — É muito,

muito agradável dar-se uma pessoa por ofendida. Haveis expressado a ideia como nunca a ouvi. Sim, passei toda a vida a fazer-me de ofendido para me divertir e por uma razão de estética, já que não é tão agradável e distinto ser o objeto de insultos... haveis esquecido, grande senhor, que não é tão distinto. Se fosse a vós, apontaria isso. Mas claro que estive a mentir, o que se diz mentir de verdade, durante a minha vida inteira sem perder um dia ou uma hora. Na realidade, eu sou a própria mentira, o pai da mentira, embora não acredite nisso. Sou um solene charlatão. Dizei talvez o filho da mentira e será bastante. Apenas que... anjo meu!... posso por vezes falar de Diderot e não preciso ter cuidado. Diderot é inofensivo: são certas palavras apenas as que ofendem. E a propósito, Grande Presbítero, agora recordo que vivi dois anos com a intenção de vir consultar-vos sobre certas dúvidas. Mas dizei a Pyotr Alexandrovitch que não me interrompa. A questão reduz-se ao seguinte: é verdade, insigne Padre, que a Martirologia fala de um santo que quando o decapitaram se levantou e, pegando na cabeça do chão, a «beijou devotamente» e caminhou durante um grande bocado levando-a nas mãos? É certo isso ou não, venerável Padre?

— Não, isso é falso — respondeu o velho.

— Não vi nunca nada parecido nas vidas dos santos. A qual deles se refere? — perguntou o padre bibliotecário.

— Não sei como lhe chamam. Não sei e não posso dizê-lo. Enganaram-me. Como me contaram assim o conto agora. E sabeis quem mo contou? Pois foi Pyotr Alexandrovitch, aqui presente, a quem tanto escandalizou a história de Diderot. Foi ele próprio!

— Isso não é verdade! Nunca te falei de semelhante coisa!

— Concordo que não era a mim que o contavas; mas eu estava presente naquela reunião. Foi há três anos, lembro-me bem. E se me lembro foi porque essa história ridícula fez quebrar a minha fé. Pouco suspeitavas tu naquele dia que eu me afastava com a minha crença de rastos e que desde aí enfraqueceu de dia para dia. Sim, Pyotr Alexandrovitch, tu foste a causa da minha grande queda moral. Não foi Diderot, não!

Fedor Pavlovitch estava excitado, patético, embora brincasse manifestamente, e conseguiu zangar Miusov, que murmurou:

— Acaba com essa tontice! Este homem não faz mais nada do que falar desatinadamente! Talvez eu tenha dito isso... mas não foi a ti. Quem

mo contou, em Paris, foi um francês que tinha passado muitos anos na Rússia estudando os nossos grandes estadistas e disse-me que o ouvira durante a missa na qual liam *Vidas de Santos*... Eu nunca as li nem as lerei... mas em banquete fala-se de tudo... nessa altura estávamos a comer.

— Sim, tu estavas a comer e eu a perder a minha fé — disse o outro, arremedando-o.

«Que me importa a tua fé?», esteve a ponto de saltar Miusov, mas conteve-se e apenas disse com desprezo:

— Corrompes tudo aquilo em que tocas!

O ancião levantou-se vivamente.

— Perdoem, cavalheiros, se os abandono por um momento. Esperam-me outros que chegaram antes de vós. E não digam mentiras durante a minha ausência, hem? — acrescentou, voltando-se para Fedor Pavlovitch risonhamente.

Saiu acompanhado por dois noviços que se apressaram a oferecer-lhe apoio para descer a escada. Aliocha, que estava sem alento, reanimou-se mais ao ver a saída do mestre, ao vê-lo alegre e sossegado.

O Padre Zossima dirigia-se ao pórtico a fim de dar a bênção ao povo que o aguardava, mas Fedor Pavlovitch deteve-o na porta da cela.

— Homem de Deus! — exclamou emocionado. — Permiti que volte a beijar-vos a mão. Sim, vejo que convosco se pode tratar e fazer algo. Ou julgais que estou sempre a mentir como agora? Pois sabei que tudo o que fiz aqui foi para vos experimentar. E crede, estou convencido de que se pode confiar em vós completamente. A minha humilde pessoa terá encontrado graça junto de vossa santidade? Pois bem; vou honrá-la demonstrando como se pode conviver convosco. E agora ponto final na minha boca. Durante a entrevista não me moverei da cadeira. Tu tens a palavra, Pyotr Alexandrovitch. És o personagem principal... durante dez minutos.

Capítulo 3 — Mulheres Crédulas

À sombra do portal aberto do outro lado do recinto, umas vinte mulheres do povo aguardavam, impacientes, a anunciada saída do Presbítero. Duas senhoras, a viúva Hohlakov e sua filha, sabedoras da fausta nova, tinham-se aproximado e esperavam num apartamento contíguo, destinado às pessoas de consideração.

A mãe era uma senhora rica, elegante e vistosa, um pouco pálida e de olhos negros e vivos, ainda jovem, pois não passava dos trinta e três anos embora já fosse viúva há cinco.

Sua filha, uma moça de catorze primaveras, sofria de uma paralisia parcial que havia seis meses a retinha numa cadeira de rodas, mas vibrava a vida no seu rosto de grande beleza, afinado pela doença. Os olhos eram rasgados e brilhavam com uma inocente travessura entre as sombras das longas pestanas. A mãe quisera levá-la ao estrangeiro na primavera, mas fora surpreendida pelo verão enquanto tratava dos seus intermináveis assuntos.

Chegadas à cidade havia sete dias, mais para atender aos negócios do que à devoção, só haviam visto o Presbítero uma vez, três dias antes, e embora soubessem que agora mal se deixava ver, voltaram a fim de suplicar encarecidamente se lhes seria concedida «a dita de ver de novo o *grande médico».*

A dama ocupava uma cadeira junto à pobre inutilizada e, perto delas, estava um velho frade de uma ordem obscura vindo do Norte longínquo, ansiando também pela bênção do Padre Zossima.

Quando este apareceu dirigiu-se primeiro às camponesas aglomeradas na escadaria que ia dar ao vestíbulo; deteve-se no degrau superior e, colocando uma estola ao pescoço, começou a distribuir bênçãos às mulheres que se apertavam à sua volta.

Com grande dificuldade apresentaram-lhe uma doente que ao ver o velho se agitou em terríveis convulsões, lançando gritos e arquejando cheia de suores como se estivesse com as dores de parto. Aplicou o ancião

uma das extremidades da estola sobre a fronte da mulher, leu uma oração curta e a calma e a quietude voltaram.

Não sei como se praticam atualmente os exorcismos, mas quando era pequeno presenciava com frequência nas aldeias e mosteiros muitos casos de cura de «possessas». Eram conduzidas à igreja, cuja paz ficava perturbada com os seus guinchos semelhantes ao ladrar de cães, e quando o Santíssimo ficava exposto e as arrastavam perante a divina veneração do altar cessava de repente a «possessão» e a doente acalmava-se, pacificando-se por algum tempo. Que impressão isto produzia na minha imaginação jovem e como me intrigava! Gente ignorante e até os meus mestres diziam que se tratava de uma doença simulada para se livrarem do trabalho e que apenas uma disciplina vigorosa e inquebrantável poderia acabar com tanta preguiça. E para o provar contavam várias anedotas. Mas logo soube com assombro, lendo obras de especialistas, que não existe tal ficção, mas sim uma terrível doença de que são vítimas as mulheres submetidas a trabalhos pesados, trabalhos esses que tão brutalmente afligem a camponesa da nossa terra.

É uma doença que se alimenta da natureza esgotada de uma parturiente recente que tenha dado à luz anormalmente e sem assistência médica, na mulher extenuada pelas privações, misérias e maus tratos, insuperáveis pela sua frequência.

A rara e súbita cura destas mulheres frenéticas perante a Eucaristia, que se deseja ainda atribuir a malícia e engano dos clérigos, deve ser a coisa mais natural. A doente e as mulheres que a conduzem creem a pés juntos que o espírito maligno não pode resistir à presença de Deus sacramentado, nem à adoração que a sua vítima lhe renda. O desejo veemente de uma cura milagrosa e a arreigada crença de que se realizará produzirá uma forte convulsão, uma espécie de reação em todo o organismo de uma mulher, cujo sistema nervoso está completamente gasto, no momento preciso em que se cumpre o rito em que confia. E isto é o que sucede e isto mesmo sucedeu quando o Presbítero tocou na doente com a sua estola.

Algumas mulheres choravam de admiração e entusiasmo perante o prodígio; outras comprimiam-se para conseguirem beijar o hábito; ouviam-se rezas em voz baixa.

Benzeu-as todas e ficou a conversar um pouco com algumas. Conhecia bem a «endemoninhada», pois já ali a haviam levado. Era de uma aldeia

próxima.

— Mas essa vem de longe — acrescentou, apontando para uma mulher de meia idade, fraca e cansada, de rosto enegrecido pelo sol, quase curtido, e que permanecia de joelhos, com os olhos cravados no Presbítero, como que fascinada.

— De muito longe, Padre, de muito longe! De duzentas milhas! É muito longe! — queixou-se a aludida acompanhando-se de um balanço que deu ao corpo e sem tirar a cara do apoio da mão.

Que silêncio de dor encerra o sofrimento do povo, afogando-o na amargura do seu íntimo! Por vezes rompe-se e desfaz prantos e gemidos inconsoláveis, especialmente entre as mulheres; mas essas lágrimas não mitigam a dor, porque caem ardentes na mesma ferida da alma, despedaçando-a ainda mais. É uma dor que não quer consolo, que nasce e se mantém do desespero, irrita-se e geme com o desejo persistente de o aplacar.

— Tu não és do campo, pois não? — perguntou o Padre Zossima, olhando-a fixamente.

— Não, Padre; da cidade. Somos aldeãos, mas vivemos na cidade. Vim para vos ver, Meu Padre! Ouvi falar de vós, ouvi falar de vós! Enterrei o meu filho, e logo em seguida começou a minha peregrinação. Passei por três mosteiros e em todos me disseram: «Que procuras aqui, Nastásia? Procura-o a ele», que é o mesmo que dizer a vós. E por isso vim: ontem assisti ao ofício e hoje tenho estado a esperar-vos.

— Por que choras?

— Pelo meu filho, padre. Tinha três anos. Três anos menos três meses... Por meu filho, Padre. Estou cheia de pesar pelo meu pequenino. Foi o último que morreu. Tivemos quatro, o meu Nikita e eu, e ficámos sem filhos. Todos se foram, os pobrezitos! Os três primeiros não me deixaram tanta pena que não fosse possível consolar-me, mas o último não posso esquecê-lo. Parece-me que o tenho sempre diante de mim, que não me quer abandonar. Despedaçou o meu coração! Contemplo as suas roupinhas, as suas camisinhas, os sapatos pequeninos... e começo logo a chorar; olho para os seus brinquedos e tudo o que lhe pertencia, tudo aquilo em que tocava, e sinto-me desfalecer. Por isso disse ao meu marido, ao meu Nikita: «Deixa-me ir em peregrinação, meu senhor!» Ele é condutor de carros e não somos pobres, padre, não somos. O carro e o cavalo são nossos. Mas para que queremos agora tudo isto? O meu Nikita

começou a beber na minha ausência. Já o fazia antes, quando eu lhe voltava as costas... Que se governe! Há três meses que ando por este mundo e nunca mais pensei nele, nunca mais pensei em nada, nem quero lembrar-me de alguma coisa. Que faríamos agora para viver juntos? Acabei com ele e com tudo. Não tenho para quem cuidar da minha casa nem dos meus bens, nem de nada deste mundo!

— Ouve, mãe — disse o velho. — Um grande santo da antiguidade encontrou um dia no templo uma mulher que chorava como tu por causa do seu filhinho, o único, ter sido levado por Deus. «Não sabes», disse-lhe o santo, «com que audácia estas criaturas pedem diante do trono de Deus? Realmente não há ninguém que se atreva a tanto no reino dos céus. *Tu deste-nos a vida, Senhor, e apenas podemos vê-la e logo a arrebataste.* E pedem e pedem com tal afinco e justiça que Deus acaba por os colocar no coro dos anjos… porque o teu filho está com o Senhor, em companhia dos anjos.» Assim falou um santo, um grande santo que não podia mentir. Fica tu também a saber, mãe aflita, que o teu filho está junto do trono de Deus, alegre e feliz, pedindo por ti. Chora, mas que as tuas lágrimas sejam de alegria.

A mulher escutava sem levantar a cabeça que apoiava na mão e dava grandes suspiros.

— Com essas mesmas palavras tentava Nikita consolar-me. «Tonta», dizia, «por que choras? Acaso não estará o nosso filho com os anjos cantando louvores a Deus?» Queria animar-me e enquanto falava assim principiava a chorar como eu, que lhe respondia: «Já sei, Nikita, já sei que só poderá estar com Nosso Senhor. Mas aqui, connosco, como estava dantes, não voltará a estar.» Se ao menos o pudesse ver durante um momento, vê-lo só por um momento, sem me aproximar nem dizer-lhe uma palavra. Sim, mesmo que fosse de um esconderijo e o pudesse ver brincando e pudesse ouvir a sua voz chamando-me: *Mamã, onde estás?* De maneira que pudesse escutar o ruído dos seus passos uma vez, apenas uma vez... porque me lembro tão bem da sua maneira de correr para mim, gritando e rindo! Se apenas ouvisse os seus passos, reconhecê-lo-ia! Mas voou, Padre, voou, e não ouvirei mais nada. Tenho aqui o seu cinto, mas a ele não o verei, não o ouvirei nunca mais...

Tirou do seio um cinto bordado, olhou-o durante um instante e desatou a soluçar. Ocultou os olhos nas mãos e as lágrimas corriam por entre os seus dedos finos.

— Eis aqui a antiga Raquel — disse o Presbítero — chorando os filhos e não querendo ser consolada porque não se lhos poderá devolver. É este o património das mães: o desconsolo. Não é consolação o que pretendeis, mas sim o choro. Chorar sem consolo, chorar... Chora, então, mas que o pranto te recorde sempre que o teu filho é um anjo de Deus que te olha do céu e recolhe com alegria as tuas lágrimas para as mostrar ao Senhor. A tua dor de mãe durará ainda muito, mas por fim tornar-se-á numa doce calma e as tuas lágrimas serão então lágrimas de ternura que purificarão o teu coração, limpando-o do pecado. Eu rezarei pelo descanso da alma do teu filho. Como se chamava?

— Alexey, meu padre.

— Que nome tão doce! É seu protetor Alexey, o homem de Deus?

— Sim, Padre.

— Foi um grande santo! Lembrar-me-ei do teu filho e das tuas dores, mãe, nas minhas orações; e também pedirei pela saúde do teu marido. Cometes um pecado se o abandonas. Teu filho verá, lá do céu, que seu pai está abandonado e chorará de tristeza. Por que hás de perturbar a sua felicidade? Ele vive, pois a alma é imortal, e embora não esteja presente na tua casa, está de maneira invisível muito perto de vós. Como há de voltar a casa se tu não gostas de lá estar? E aonde há de ir se não encontra juntos os pais? Ele visita-te em sonhos e os sonhos são dolorosos para ti. Volta para casa e verás como os sonhos serão doces e repousados no amor do teu filho. Volta para o teu marido, mulher, volta hoje mesmo.

— Irei, Padre, obedecendo à vossa palavra. Irei. Haveis comovido a minha alma. Nikita, estás esperando que chegue?

A mulher continuou a soluçar, mas o ancião havia já posto a sua atenção numa velhota que não vestia segundo o uso dos peregrinos e em cujos olhos se via claramente que viera da cidade com um objetivo determinado que ansiava por explicar. Disse que era viúva de um oficial, que vivia na cidade próxima e que o filho, Vasenka, estava empregado na Fazenda pública de Irkutsk, na Sibéria. Havia-lhe escrito duas vezes, mas agora já há um ano que não tinha notícias. Perguntara, mas não sabia a quem dirigir-se em busca de informações oficiais.

— E no outro dia, Stepanida Ilyinichna, a mulher de um rico comerciante, aconselhou-me: «Prokorovna, vá inscrever o seu nome na igreja para que lhe digam um responso e reze a senhora também pelo descanso da sua alma, nem mais nem menos como se tivesse morrido.

Então a alma dele ficará desgostosa e tenho a certeza que se apressará a escrever-vos.» E Stepanida Ilyinichna disse-me que esta experiência costuma dar sempre bons resultados e é coisa segura. Mas eu tenho as minhas dúvidas... Vós sois a luz da nossa ignorância. Dizei-me se é verdade ou falso e se o devo fazer.

— Nem pensar! É uma vergonha até perguntá-lo! Rezar por uma alma viva! E nada menos que a mãe! É um grande pecado, parecido com a bruxaria, e que só por ignorância te será perdoado. Melhor será que peças à Rainha dos Céus, nossa doce protetora, a saúde de teu filho e o perdão do teu mau pensamento. Mas vou dizer-te outra coisa, Prokorovna: o teu filho ou virá daqui a pouco ou te escreverá. Vai e fica tranquila e certa de que vive. Sou eu que to digo.

— Deus vos pague! Deus vos pague, Padre amantíssimo e benfeitor nosso que rogais por todos nós pecadores!

Mas o Presbítero já havia fixado a sua atenção em uma jovem camponesa que, confundida no grupo, o olhava afincadamente em silêncio com os olhos cansados e inflamados de febre, olhos suplicantes que contam a ânsia de quem deseja comunicar e não se atreve.

— Que desejas, filha?

— Que me absolvas. Padre — articulou ela docemente, caindo de joelhos aos pés do santo. — Pequei e tenho medo.

Sentou-se o ancião no último degrau e a jovem aproximou-se-lhe, andando com os joelhos no chão.

— Há três anos que sou viúva — começou com uma voz velada e trémula. — A minha vida conjugal foi um tormento. O meu marido era um velho que me tratava cruelmente. Ficou doente e eu tratava dele, mas temendo sempre que se curasse e que deixasse a cama. Foi então que me ocorreu a ideia...

— Espera! — interrompeu o Padre, e aproximou o ouvido dos lábios da penitente. — Dizes que isso foi há três anos?

— Sim. Ao princípio estava tranquila, mas agora enfraqueço muito e morro de remorsos.

— Vens de muito longe?

— De umas trezentas milhas.

— Já confessaste o teu pecado?

— Sim, duas vezes.

— Deixaram que tomasses a comunhão?

— Sim, mas tenho medo da hora da morte.

— Nada temas e não desalentes. Se não falta o arrependimento, Deus perdoa tudo. Não há pecado que Deus não possa perdoar a uma alma arrependida! Os homens não pecam bastante para que esgotem a misericórdia divina. Teria de ser um pecado muito grande que excedesse o amor de Deus! Pensa apenas na penitência, numa penitência contínua, e não temas. Crê que Deus te ama como não podes calcular; ama-te com o teu pecado e por causa dele. É sabido que há mais regozijo no céu por um pecador arrependido do que por dez justos. Vai e não temas. Não sejas cruel com os teus semelhantes e paga o mal com o bem. Perdoa do fundo do coração ao teu defunto o mal que te fez e a paz reinará contigo. Se te sentes arrependida é porque amas, e se amas estás em graça de Deus. O amor reconcilia tudo, salva tudo. Se eu, um pobre pecador, sinto pena de ti, que sentirá Deus? O amor é um tesouro tão inapreciável que, por ele, podes não só expiar os teus próprios pecados, mas também os pecados dos outros.

Fez três vezes o sinal da cruz e impôs-lhe uma medalha que tirou de um fio que trazia ao pescoço.

A jovem dobrou-se até tocar no chão, sem dizer uma palavra.

O Presbítero levantou-se e sorriu a uma mulher roliça que trazia um bebé nos braços.

— De Vyshegorye, meu Padre.

— Andaste cinco milhas com o teu filho às costas? E para quê?

— Para vos ver. Não é a primeira vez que venho. Não me conheceis? Pois não será muita a vossa memória se não vos lembrais de mim. Diziam que estáveis doente e pensei «Tens de o ir ver». E aqui estou e vejo-vos são e ainda com vinte anos para viver, sem dúvida. Deus te valha! Mas como haveis de estar doente se há tantas almas que pedem por vós?

— Obrigado, mulher, obrigado.

— A propósito: tenho de vos pedir um favor. Não é grande coisa. Eis aqui sessenta kopeks. Gostaria que os distribuísseis, Padre, por alguém mais pobre do que eu. Pensei que seria mais proveitosa a esmola, passando pelas vossas mãos. Sabeis, por certo, de quem necessitará dela.

— Graças, minha filha! Obrigado. Tendes um bom coração. Cumprirei o teu pedido. É esta a tua filha?

— Sim. Lizaveta, Padre.

— Que Deus vos bendiga a ambas! Haveis enchido de alegria a minha alma, boa mulher! Adeus, meus filhos, adeus, adeus.

Deu a bênção em geral e despediu-se saudando todos com uma profunda reverência.

Capítulo 4 — Uma Senhora de Pouca Fé

A que esperava na sala de honra tinha contemplado a cena e acabara por levar o lenço aos olhos e chorar em silêncio. Era uma dama distinta, dotada de muito bons sentimentos, que saiu a encontrar-se com o Presbítero dizendo entusiasmada:

— Oh, que coisa tão comovedora!

E foi obrigada a calar-se, pois a emoção não a deixava continuar.

— E que bem se compreende que o povo vos queira. Eu também gosto do povo; preciso de o amar. Como é possível não sentir carinho pelo nosso povo russo, tão generoso e tão humilde?

— Como está sua filha? Desejava falar comigo?

— Oh! Pedi-lho com toda a alma. Pedi e insisti e estava disposta a ficar três dias ajoelhada diante a vossa porta para conseguir de vós um momento apenas. Viemos. reverendo Padre, para vos expressar a nossa mais ardente gratidão. Minha Lisa está curada. Haveis curado a minha filha por completo e só rezando por ela e impondo-lhe as mãos. Apressámo-nos a beijar essas mãos e a render-vos o tributo da nossa admiração e agradecimento.

— Mas diz que está curada? Então por que não sai da cadeira e anda?

— Pelo menos acabou-lhe a febre noturna desde quinta-feira — contestou, apressada, a senhora. — As pernas estão mais fortes e esta manhã levantou-se muito restabelecida depois de descansar durante toda a noite. Já tem as faces rosadas e os olhos brilhantes! Antes queixava-se a toda a hora, mas agora ri e sente-se alegre e feliz. Esta manhã empenhou-se em que a deixasse levantar e esteve assim durante uns minutos sem qualquer apoio. Já sonha em dar um baile dentro de poucos dias. Chamei o doutor Herzenstube e ele encolheu os ombros, dizendo: «Não entendo, não se deve à ciência esta mudança.» Como havíamos de deixar de vir importunar-vos, de deixar de vos vir agradecer? Lisa, mostra-te grata, agradece.

A formosa e risonha cara da pequena obscureceu-se. Ergueu-se tanto quanto lhe foi possível estendendo as mãos unidas na direção do monge e,

perdendo o equilíbrio, deu uma gargalhada.

— É dele, é dele! — disse, apontando para Aliocha com desgosto infantil por não ter conseguido conter o riso.

— Tem um recado para vós, Alexey Fedorovitch. Como está? — interveio a mãe, estendendo a mão enluvada ao noviço.

O ancião voltou-se e todos fixaram a atenção no jovem, que se acercou da inválida sorrindo encolhidamente para a saudar. A pequena estendeu-lhe a mão e tomou-se de um ar muito solene.

— Catalina Ivanovna envia-lhe isto — disse, entregando-lhe uma carta — e pede encarecidamente que a vá ver o mais depressa possível. Não falte!

— Ela pede que eu vá a sua casa? Eu? Para quê? — murmurou Aliocha, em cujo rosto se pintava a surpresa e a ansiedade.

— É algo que diz respeito a Dmitri Fedorovitch e... a tudo o que se tem passado nestes últimos dias — apressou-se a mãe a explicar. — Catalina tomou uma resolução e quer consultá-lo. Com que objetivo, não sei, apenas o deseja ver quanto antes. E espera que o faça. É um dever de cristão.

— Apenas a vi uma vez — replicou Aliocha com grande perplexidade.

— Ah! É uma excelente moça. Incomparável! Ainda que não seja pelo que tem sofrido... Pense no que passou e no que se passa agora com ela! E que futuro! É horrível, horrível!

— Pois bem, irei — decidiu Aliocha depois de olhar para a carta, que era uma súplica encarecida para uma entrevista, sem dar qualquer classe de explicações.

— Que generoso e agradável que sois! — exclamou Lisa com ardor. — Eu que afirmava à mamã que se negaria porque só lhe interessaria a salvação das almas! Que bom! Sempre o tive num grande conceito, gosto de o dizer!

— Lisa! — admoestou a mãe, sem poder reprimir um sorriso. E acrescentou: — Esqueceu-nos por completo, Alexey Fedorovitch; nunca mais nos veio visitar. E isso que Lisa diz é verdade. Nunca se encontra melhor senão quando está convosco.

Aliocha levantou os olhos, corou ainda mais e sorriu sem saber porquê. O Presbítero já não o olhava, distraído com o monge que havia esperado a sua chegada em companhia da dama, homem humilde, de origem campesina, ideias estreitas e uma fé impetuosa e obstinada. Disse

que viera do Norte, de Obdorsk, de São Silvestre, um pobre mosteiro de dez monges, entre os quais ele se encontrava. O Padre Zossima deu-lhe a bênção e convidou-o a ir à sua cela sempre que tivesse gosto em fazê-lo.

— Como explicais estes acontecimentos? — perguntou logo o monge, indicando significativamente e com modo solene a paralítica.

— Fala do seu coração? É prematuro tudo o que se diga dela. Um alívio pode obedecer a várias causas, mas a cura, se é que houve algo disso, só à vontade de Deus se pode atribuir. Tudo vem de Deus... Venha visitar-me, padre, pois que raras vezes posso receber. Sinto-me doente e sei que os meus dias estão contados.

— Ah, não, não! Deus não o afastará de nós! Vivereis ainda muito, muito tempo — gritou a senhora. — E que tendes, se o vosso semblante mostra saúde, alegria e felicidade?

— Hoje sinto-me muito melhor, mas reconheço que as minhas melhoras são passageiras. Sei perfeitamente o alcance das oscilações da minha doença e se pareço feliz (que felicidade me dá, dizendo isso) é apenas porque o homem foi criado para isso, e quando na verdade o é poderá dizer: «Cumpri a vontade de Deus neste mundo». Todos os justos, todos os santos, todos os mártires se sentiram felizes.

— Que palavras, senhor! Com que confiança pronunciais coisas tão sublimes que se espetam na alma como flechas! Porquê... a felicidade?... Onde está a felicidade? Quem pode afirmar de si mesmo que é feliz? Já que tivestes a bondade de nos conceder esta entrevista, permiti que vos diga tudo o que não vos pude dizer antes por falta de coragem, tudo o que me oprime e atormenta há tempos. Sofro, sofro muito! Perdoai-me.

E num rasgo de exaltação, estendeu para ele as suas mãos unidas.

— O que é que a faz sofrer?

— Faz-me sofrer... a falta de fé.

— A falta de fé em Deus?

— Não, em Deus não! Nem me atrevo a pensar nisso! Mas na vida futura... é um enigma! E ninguém o pode resolver. Ouvi. Vós sois um médico versadíssimo em males do espírito e eu não pretendo que acrediteis completamente em mim; mas dar-vos-ei a minha palavra de que não falo de ânimo leve. A ideia da vida para além da morte enche-me de angústia e de terror, e não sei a quem me dirigir nem sequer a quem comunicar as minhas dúvidas. Oh, Deus! Que pensareis de mim?

E, na sua dor, torcia e retorcia as mãos.

— Tranquilize-se sobre a minha opinião. Estou convencido de que a sua dor é sincera.

— Como vos agradeço! Pois, sim, cerro os olhos e pergunto-me: «De onde vem esta crença que todos têm?» E uns dizem que tem origem no medo dos fenómenos terríveis da natureza, sem que corresponda a qualquer realidade. E penso: «De que me servirá crer durante toda a minha vida se só me espera o cardo que há de crescer sobre a minha campa?» É terrível! Como, como adquirir a fé? Só acreditei em pequenita, quando não pensava naquilo em que tinha crença. Mas onde estão as provas? Tendes aqui a minha alma para que a alumieis. Se perco esta ocasião, perguntarei em vão durante todo o resto da minha vida. Uma prova, algo que me convença! Que desgraçada sou! Olho à minha volta e não há ninguém que me compreenda. A ninguém preocupam hoje em dia estas coisas; estas coisas cuja ignorância se me torna insuportável. É horrível... horrível!

— Sim, é horrível! Não há quem o possa provar, mas podemo-nos convencer.

— Como?

— Pelo exercício de um amor prático. Esforce-se por amar ao próximo ativamente, sem cessar. À medida que o seu amor aumentar, ir-se-á convencendo da existência de Deus e da imortalidade da alma, e quando alcançar a abnegação, o sacrifício de si mesma no amor dos outros, resplandecerá a sua fé sem qualquer sombra de dúvida. É uma verdade baseada na experiência.

— O amor ativo! Essa é outra questão... E que questão! Verei que tenho sentido tanto amor pela humanidade que várias vezes pensei em deixar a Lisa o que possuo e fazer-me irmã de caridade. Em tais momentos fecho os olhos e, entregue aos meus pensamentos, aos meus sonhos, sinto-me capaz de vencer todos os obstáculos. Não me arredariam feridas nem chagas de pestilentos; tratá-las-ia com as minhas próprias mãos, consolaria os aflitos e beijar-lhes-ia as úlceras.

— É santo e bom que conceba tais sonhos que o tempo poderia converter em realidade.

— Sim, mas poderia eu suportar durante muito tempo esta espécie de vida? — prosseguiu ela com denodo quase delirante. — É isso o principal, o que mais me inquieta. Fecho os olhos e pergunto-me: «Seria perseverante na minha vocação? Se o paciente cuja ferida lavasse se tornasse ingrato em vez de agradecido, sem apreciar nem notar sequer os

meus serviços caritativos, e começasse a abusar pedindo com rudeza ou queixando-se de mim aos superiores (como é frequente nos doentes, cujo caráter azeda ainda mais), que faria eu então? Não enfraqueceria a minha amorosa solicitude?» E tenho então a certeza de que todo o meu amor se desfaria na ingratidão, que não valho mais do que uma servente assalariada que trabalha pelo que recebe pontualmente, quero dizer, pelos elogios, atendendo que amor com amor se paga. Sem esta reciprocidade sou incapaz de amar a alguém.

Sentia, ao falar assim, que o desprezo de si mesma lhe dava forças para desafiar o olhar do santo.

— Isto parece-se com o que me contou um médico — observou o velho. — Já não era novo e tinha grande sabedoria. Falava com franqueza igual, mas tomava as coisas sempre a brincar. «Eu próprio me admiro pelo amor que sinto pela humanidade», dizia-me, «porque este amor que sinto está em razão inversa do que me inspira o indivíduo. Por vezes entusiasmo-me traçando planos para bem da espécie humana, deixar-me-ia crucificar se o mundo necessitasse de vez em quando de um redentor e não posso conviver dois dias seguidos com uma pessoa. Quando alguém se aproxima, a paz e a alegria que gozo a sós abandonam-me. Em vinte e quatro horas o homem melhor torna-se-me odioso, ou porque demora demasiado tempo a comer ou porque se trata se está constipado. Sinto-me inimigo de todos os que se aproximam de mim, mas o que é incrível é que, à medida que o indivíduo se me torna detestável, aumenta em mim o amor pela humanidade.»

— E que fazer? Que fazer em tais casos? Teremos de nos entregar ao desespero?

— Não. Basta a aflição que isto vos causa. Faça o que puder e ser-lhe-á levado em conta. Já não é pouco conhecer-se e ser sincera. Se me abrisse o coração apenas com o objeto de me arrancar elogios à sua franqueza nada conseguiria no terreno do amor ativo. Tudo seria reduzido a sonhos e passaria a vida como um fantasma, acabando por não pensar sequer na vida futura e por se tranquilizar com respeito à hora da morte.

— Fazeis-me medo! Agora compreendo que realmente procurava a vossa aprovação quando vos disse com franqueza que não poderia tolerar a ingratidão. Haveis descoberto o que a mim mesma ocultava, lendo na minha consciência e revelando-me os meus próprios segredos.

— Isso que dizeis é verdade? Pois mesmo após uma tal confissão creio que é sincera e nobre. Se não consegue ser feliz, lembre-se sempre de que está no bom caminho e procure não sair dele. Sobretudo, afaste a mentira e todo o género de lisonja, especialmente aqueles que tendem a enganar-vos a vós mesma. Mantenha-se sempre alerta neste ponto e não brinque nunca, quer consigo quer com o próximo, pois que todas as imperfeições da sua alma começarão a purificar-se desde que as reconheça. Não se admire se tiver dúvidas que lhe atrasem o passo do seu amor ativo. Não tema, porque por vezes o medo engendra a mentira. Não devem amedrontá-la excessivamente as más ações. Sinto não poder dar-lhe conselhos mais consoladores, porque o amor ativo é terrível, espantoso ao lado do amor especulativo. Este é ardente, pronto a trabalhar, rápido na execução e certeiro no que ataca, e o homem que o possui daria a sua vida se os juízos de Deus não tivessem de se prolongar e se houvesse público que o aplaudisse, como nos grandes estádios. Mas o outro é trabalho e fortaleza e, para alguns, uma ciência completa. Não importa; asseguro-vos que quando virdes com terror que todos os vossos esforços, em vez de vos aproximar, vos afastam do fim que pretendeis, asseguro-vos, repito, que estareis então a ponto de o alcançar e reconhecereis claramente o milagroso poder de Deus, que durante todo o tempo terá sido o vosso guia amoroso e oculto. Perdoai-me se tenho de me despedir. Esperam-me. Adeus.

A senhora chorava.

— Lisa, Lisa! Dai-lhe a vossa bênção! — gemeu.

— Não a merece porque foi má. Porque te ris de Alexey? — disse o Presbítero em tom bondoso.

A jovem não havia parado de troçar do noviço, divertida com o recato e o empenho que este punha em não a olhar. Lisa vigiava o jovem a fim de o surpreender ao menor descuido do seu olhar, e como Aliocha não pôde resistir àquele olhar tão intenso olhou-a por fim e o riso da doente soou ainda mais triunfal, desconcertando e humilhando ainda mais o noviço, que se defendeu colocando-se atrás do Presbítero. Mas pouco depois não conseguiu resistir à curiosidade de ver se o olhava e deu com Lisa a levantar-se da cadeira e quase caindo para o alcançar com a vista. Então riu ela tão estrepitosamente que o velho não pôde conter uma repreensão.

— Porque te ris assim dele, menina travessa?

Lisa corou e os olhos brilharam. O rosto adquiriu um ar grave e começou a falar com nervosismo e num tom ressentido:

— Porque se arma em tonto, como se tudo tivesse esquecido. Como se não se lembrasse de que andou comigo ao colo e brincou comigo aos cavalos quando eu era pequena!... Pois se ele me ensinou a ler! Há dois anos, quando se despediu, disse que nunca me esqueceria, que seríamos amigos para sempre, para sempre! E agora, sem mais nem menos, tem medo de mim. Crê que vou comê-lo? Por que não se aproxima? Por que não fala? Se não vem lá a casa não é porque vós o impeçais, pois já sabemos que vai aonde lhe apetece. Será bonito que eu o tenha de convidar? Se não me tivesse esquecido, não faria falta o convite. Ah! Agora pensa apenas em salvar a sua alma! Por que razão veste ele esta roupa tão larga? Se correr, cai como um saco!

E, não podendo conter-se mais, ocultou a cara entre as mãos e soltou uma gargalhada prolongada, irresistível e nervosa.

O Presbítero escutou-a, sorrindo, e deu-lhe a bênção com ternura. Quando ela lhe pegou na mão para a beijar, apertou-a bruscamente, retendo-a em frente dos olhos, e rompeu em soluços:

— Não vos envergonheis de mim! Sou uma tonta e não presto para nada... Aliocha deve ter motivos para não querer conversas com uma miúda ridícula como eu.

— Mandá-lo-ei a tua casa. Prometo — disse o Presbítero.

Capítulo 5 — O Que Virá

Uns vinte e cinco minutos permaneceu o ancião fora da sua cela. Tinham tocado já as doze horas e meia e Dmitri ainda não havia comparecido, apesar de ter sido a seu pedido que se realizava a reunião.

O Presbítero encontrou os visitantes embrenhados em animada conversa, sustida principalmente por Ivan e pelos dois monges. Miusov pretendia intervir com mais vontade do que acerto, pois como se encontrava pouco a par do assunto de que se tratava, as suas observações não eram tomadas em consideração e isto aumentava-lhe a irritabilidade. Nunca suportou certo velado desprezo com que o tratava Ivan nas disputas que haviam tido.

«Envelheci nas primeiras filas do progresso europeu e, agora, estes criançolas querem pôr-me de lado!», pensava.

E Fedor Pavlovitch, que havia cumprido por um momento a promessa de permanecer quieto e mudo, olhava Miusov sorrindo maliciosamente e deleitando-se no gosto que experimentava na sua derrota.

Por fim, não pôde deixar escapar a ocasião que lhe apresentava o espírito de vingança e, inclinando-se para o outro, murmurou-lhe com a pior intenção:

— Por que não partiste depois da saudação de cortesia? Como podes permanecer entre pessoas tão mal-educadas? Sentes-te mortificado e furioso, e esperas poder vingar-te confundindo-nos com a tua portentosa inteligência? Não tenhas medo, não te irás sem ter desfiado o teu talento perante estes senhores.

— Voltas ao mesmo?... Pois vou-me, agora.

— Hás de ser o último de todos! — acometeu de novo o velho no momento em que o Padre Zossima entrava.

Houve uma trégua na conversa, mas o Presbítero, retomando o seu lugar, olhou-os como se os convidasse a continuar.

Aliocha viu no semblante do ancião uma terrível prostração apenas dissimulada pelo esforço. Há dias que sofria desmaios de tão extenuado que se encontrava e tinha agora a mesma palidez, a mesma brancura que se

lhe notava nos lábios antes de ser atacado por aqueles acessos de debilidade. Mas era evidente o seu desejo de que a visita não se malograsse; parecia querer mantê-la com um objetivo especial. Qual? Aliocha olhava o Presbítero intensamente com esperança de o decifrar na expressão.

— Estávamos a discutir o interessante artigo deste cavalheiro — anunciou o Padre Yosif, o bibliotecário, dirigindo-se ao que regressava e indicando Ivan. — Contam muitas coisas novas, mas penso que o assunto se pode canalizar em dois sentidos. O artigo é a contestação ao livro de uma autoridade da Igreja sobre os tribunais eclesiásticos e o campo da sua jurisdição.

— Sinto não ter lido o seu artigo, mas ouvi falar nele — disse o Presbítero, fixando Ivan com olhar bondoso e penetrante.

— Defende-se nele uma posição de grande interesse — confirmou o bibliotecário. — No que respeita à jurisdição da Igreja, manifesta-se oposto à separação desta e do Estado.

— É interessante, mas em que sentido? — perguntou a Ivan o Padre Zossima.

Aquele respondeu com cortesia, desvanecendo o temor do irmão e sem deixar transparecer no discurso modesto e circunspecto o menor segundo pensamento.

— Parto do princípio de que esta confusão de elementos, quero dizer, dos princípios essenciais da Igreja e do Estado continuará, embora seja impossível que se liguem, pois tal ligação não pode levar a resultados normais e sólidos porque está cheia de falsidades na sua própria origem. Na minha maneira de ver, um compromisso entre a Igreja e o Estado sobre a jurisdição, por exemplo, não pode admitir-se num sentido real. O meu ilustre antagonista mantém que a Igreja defende uma posição precisa e definida dentro do Estado, e eu acho que, pelo contrário, a Igreja deve abarcar o Estado e não ocupar um lugar nele; e se, por alguma razão, isto é atualmente impossível, deve ao menos considerar-se como o seu fim primordial no futuro desenvolvimento da cristandade.

— Perfeitamente de acordo! — assentiu com fervor e decisão o douto Padre Paissy.

— Puro ultramontanismo! — exclamou Miusov com impaciência, retorcendo os dedos.

— Mas não somos sequer montanistas! — interveio o Padre Yosif e, voltando-se para o Presbítero, prosseguiu: — Vede a maneira de responder às seguintes proposições «fundamentais e essenciais» do adversário que é, como já sabeis, um eclesiástico. Primeira: «Nenhuma organização social pode ou deve atribuir-se o poder de dispor do direito civil e político dos seus membros.» Segunda: «A jurisdição civil e criminal não só não deve pertencer à Igreja, como é incompatível com a sua natureza, já como divina instituição, já como uma organização de homens que se associam para um fim religioso»; e, finalmente: «O reino da Igreja não é deste mundo.»

— Jogo de palavras indigno de um clérigo! — exclamou o Padre Paissy, não podendo travar o arrebatamento. — Li a obra a que o senhor responde — continuou, dirigindo-se a Ivan — e detive-me surpreendido perante a frase: «O reino da Igreja não é deste mundo.» Pois se não é deste mundo, que faz a Igreja na terra? No Evangelho, usam-se as palavras: «Não é deste mundo» num sentido diferente; é intolerável que se jogue com elas. Nosso Senhor Jesus Cristo veio estabelecer a Sua Igreja sobre a Terra. O Reino dos Céus não é, portanto, deste mundo, é dos Céus; mas aqui trata-se da Igreja que foi fundada sobre a Terra, e isto é tão claro que servir-se frivolamente dessas palavras é um jogo imperdoável e impróprio. A Igreja é, na verdade, um reino ordenado para o governo e, no fim, há de acabar imperando sobre toda a Terra. Temos disso a promessa divina.

Calou-se, como se tentasse reprimir-se.

Ivan, que havia escutado atenta e respeitosamente, tomou a palavra dirigindo-se ao Presbítero com marcada compostura e cordialidade:

— Todo o espírito do meu artigo assenta no facto de que, durante os três primeiros séculos, o cristianismo existiu apenas na Igreja e não foi mais do que a Igreja. Quando o império pagão de Roma desejou tornar-se cristão sucedeu, inevitavelmente, que a Igreja se encontrou no seio de um Estado que continuava a ser pagão em várias províncias. Isto é, na realidade, o que se depreende dos factos. Ora bem: Roma como Estado conservou, em grande parte, a sua cultura e civilização pagãs, como o Direito e os principais fundamentos do Estado, que não pôde, naturalmente, derrubar a Igreja cristã quando esta passou a fazer parte dele porque os considerava rocha em que se apoiava; não podia nem devia perseguir outros fins que aqueles que Deus mesmo lhe havia apontado pela revelação e entre os quais se conta o de acolher no seu seio todo o Mundo

e, por conseguinte, o próprio Estado pagão da Antiguidade. Em tal sentido, isto é, com vista ao futuro não tem a Igreja razão para solicitar uma posição definida no Estado como «uma organização qualquer» ou como «uma sociedade com propósitos religiosos a cumprir», segundo o meu opositor define a Igreja, mas, ao contrário, todo o Estado tem de ser absorvido completamente pela Igreja de modo a que não seja mais do que uma Igreja que repila os negócios que nada tenham a ver com os seus fins. Isto de modo algum diminuiria a sua honra nem menosprezaria a glória que lhe coubesse como grande Estado, nem a glória dos que fossem chamados a regê-la, mas antes a desviaria do caminho enganoso e torto de um «é ou não é pagão» para seguir verdadeira e reta senda que leva ao fim eterno. Por isso o autor de *As Origens da Jurisdição Eclesiástica* teria julgado com sabedoria se, ao estudar o assunto, tivesse assentado esses princípios a título de compromisso inevitável nestes tempos de pecado e imperfeição; mas a partir do momento em que se atreve a declarar que os princípios que sustém (alguns dos quais nos acabam de ser citados pelo Padre Yosif) têm caráter permanente, essencial e eterno, vai diretamente contra a Igreja e contra a sua missão divina e eterna. É este o ponto essencial do meu artigo.

— Em resumo — juntou o Padre Paissy, acentuando cada uma das suas palavras —, segundo certas teorias que não foram formuladas claramente até ao nosso século, a Igreja deve transformar-se em Estado à medida que este evolucione progressivamente em formas mais nobres e elevadas até que desapareça nela pelo avanço da ciência, do espírito da época e da civilização. E se a Igreja não quiser, se resistir, terá sempre um lugar reservado no Estado sob cuja inspeção viverá... e isto em todos os países da Europa Moderna. Mas as aspirações e as ideias da Rússia exigem não que a Igreja passe a ser um símbolo mais perfeito dentro do Estado, mas que o Estado chegue a conseguir ser Igreja e nada mais. Ámen! Ámen!

— Vamos! Haveis-me tranquilizado um pouco — comentou Miusov, sorrindo, sem deixar de retorcer os dedos. — Pelos vistos a realização de tanta beleza está muito longe, na segunda vinda de Cristo. Muito bem! Não passa de uma bela utopia o sonho da abolição da guerra, da diplomacia, dos bancos, etc... uma coisa que ultrapassaria o socialismo. Imaginava que tudo era a sério e que a Igreja podia atualmente julgar os criminosos e condená-los a açoites, à prisão e à morte...

— Se não houvesse outro tribunal a não ser o eclesiástico, a Igreja não ditaria, nem mesmo nos nossos tempos, a sentença de prisão ou de morte. O crime e o conceito que dela tem mudaria fatalmente, senão de imediato, em muito pouco tempo — replicou Ivan com calma.

— Falas a sério?

— Se tudo viesse a parar na Igreja, esta expulsaria da sua assembleia o criminoso, mas não lhe cortaria nunca a cabeça. E eu pergunto: que seria do expulsado? Ver-se-ia afastado não só dos homens, como agora, mas também de Cristo, porque o seu crime não só seria contra a humanidade, mas contra a Igreja de Cristo. Estritamente falando, é o que sucede hoje, embora não se possa afirmar abertamente, pois com frequência, com muita frequência, o criminoso dos nossos dias tranquiliza a sua consciência, dizendo: «Estão todos enganados, vivem todos em erro, toda a humanidade é uma falsa igreja; eu, um ladrão, um assassino, represento a única, a verdadeira Igreja de Cristo.» Digo-vos que é muito difícil que um homem chegue a falar assim; isto requereria um conjunto de raríssimas circunstâncias. Por outro lado, examinemos o ponto de vista sob o qual a Igreja considera o crime. Não tende naturalmente a renunciar à atitude quase pagã que se observa hoje em dia, substituindo essa separação material dos membros apodrecidos para preservar a sociedade com a doutrina eternamente honrosa da regeneração do homem, da sua emenda e salvação?

— Que queres dizer? — interrompeu Miusov. — Também agora não te entendo. Parece que contas um sonho de maneira confusa e incompreensível. Porque, vejamos, que é a excomunhão, essa separação de que falas? Suspeito de que te ris, Ivan Fedorovitch.

— Sim, mas já se sabe que assim é, na realidade — comentou o Padre Zossima, atraindo todos os olhares. — Sem a Igreja de Cristo, nada poderia conter o criminoso na sua maldade nem castigá-lo devidamente. Hoje aplicam-se penas materiais que, na maior parte dos casos, endurecem o coração; mas não são o verdadeiro castigo, a sanção eficaz que amedronta e enternece, e consiste no reconhecimento do pecado pela consciência.

— Como é isso, se pode saber-se? — perguntou Miusov com viva curiosidade.

— Todas as sentenças de desterro e trabalhos forçados, e os açoites que se usavam dantes, não puderam reformar ninguém e apenas detiveram

um dos braços criminais; não diminuíram os crimes, mas parece que ainda aumentam de dia para dia. Tendes que admitir isto. Não fica a salvo a segurança da sociedade se, ao separar dela materialmente um membro daninho, vier a ocupar o seu lugar um outro pior ou, às vezes, dois. Se alguma coisa deve preservar a sociedade, ainda nos nossos tempos, e regenerar e corrigir os criminosos é a lei de Cristo, trabalhando na sua consciência. Só reconhecendo-se culpado como filho da sociedade cristã, quero dizer, da Igreja, sentirá o peso do seu pecado contra a sociedade, ou seja, contra a Igreja, de maneira que o criminoso só pode reconhecer que pecou contra a Igreja, não contra o Estado. Se a sociedade constituída em Igreja tivesse jurisdição já saberia a quem expulsar e com quem se reconciliar; mas como atualmente não dispõe senão do poder de condenar moralmente, deixa de lado os castigos materiais e, em vez de excomungar o malvado, obstina-se paternalmente em exortá-lo; e ainda mais, dá-lhe esmola e trata-o mais como cativo do que como presidiário. E que seria dos criminosos, Deus meu, se a sociedade cristã, a Igreja, os repelisse como os repele a lei civil, desamparando-os? Que seria deles se a Igreja os castigasse com a sua excomunhão, secundando as leis do Estado? Não haveria desespero mais terrível, pelo menos para os condenados russos; porque o russo, mesmo no seu crime, mantém a integridade da fé. Sucederia talvez algo mais terrível porque, no desespero da sua alma, o criminoso poderia perder a fé, e que seria dele então? Mas a Igreja, como uma mãe terna e amorosa, separa-se de todo o castigo material, já que o criminoso sofre sob o poder da lei civil e deve haver alguém que, ao menos, se compadeça de si; e separa-se perante tudo porque o seu juízo é o único verdadeiro e não pode, prática e moralmente, avalizar outro juízo, nem mesmo como compromisso passageiro; não pode tornar-se solidária, não pode assinar um pacto. Dizem que os criminosos de outros países raras vezes se arrependem, porque as mesmas doutrinas modernas confirmam-lhes que o seu crime não é crime, mas a reação natural contra uma força injusta e opressora. A sociedade expulsa-os do seu seio com um poder que deles triunfa materialmente e (pelo menos assim o confessam os europeus) esta expulsão é acompanhada pela aversão, pelo esquecimento, pela mais profunda indiferença, como se fosse este o destino fatal de um irmão extraviado. Tudo se pode esperar sem a piedosa intervenção da Igreja, que falta em muitos casos; pois se continuam de pé as instituições eclesiásticas, como os templos sumptuosos, há séculos que se esforçam

por passar da Igreja a Estado e lograram desaparecer neste por completo. Tal sucedeu, pelo menos, nos países luteranos e, quanto a Roma, faz já mil anos que se constituiu em Estado em vez de Igreja. Claro que assim o criminoso, não podendo sentir-se membro da Igreja, cai num desespero total. Se volta à sociedade é acolhido com tal repugnância que a própria sociedade o afugenta. Julguem vós próprios como vai acabar. Em muitos casos parece que o mesmo se passa entre nós, mas temos a vantagem de que ao lado da justiça humana está a Igreja, que recebe sempre os criminosos como filhos amados e prediletos. Além disso, a opinião pública ainda respeita o juízo da Igreja, que se tem força para produzir resultados práticos mantém, contudo, viva a confiança no futuro, e isto é um consolo para a alma do sentenciado. Está também certo o que atribuíeis há pouco à jurisdição da Igreja, porque se fosse posto em prática com todo o seu poder, transformando-se a sociedade toda em Igreja, não só influiria o seu juízo na reforma do criminoso, o que se não consegue agora, mas o número de crimes diminuiria de forma incrível. E quem duvida de que a Igreja julgará o delito e o delinquente no futuro, de maneira distinta, esforçando-se por reabilitar o culpado, conter os que forjam o mal, levantar o caído? A verdade é — acrescentou o Padre Zossima, sorrindo — que a sociedade cristã não está ainda preparada; talvez não haja nem mais do que sete justos, mas como estes nunca hão de faltar, manter-se-á firme esperando completa transformação de uma sociedade mais poderosa. Assim seja, assim seja. Sucederá no fim dos tempos, porque foi assim ordenado. Mas não nos inquiete o tempo nem as estações, que o segredo do tempo e das estações está na sabedoria de Deus, na Sua Presciência e no Seu amor, e o que, segundo os homens, ainda vem muito longe, podemos pela vontade divina tê-lo à mão como em vésperas da sua aparição. Ámen!

— Ámen, ámen! — repetiu com gravidade e reverência o Padre Paissy.

— Surpreendente, muito surpreendente! — murmurou Miusov com acanhada indignação.

— Mas o que é que o surpreende tanto? — perguntou cautelosamente o bibliotecário.

— O quê?! Isto passa já de todos os limites! — gritou Miusov, rebentando por fim. — Elimina-se o Estado e ergue-se a Igreja no seu lugar. Isto não é só ultramontanismo, é já arquiultramontanismo! Isto ultrapassa as quimeras do Papa Gregório VII!

— Isso é um erro — comentou o Padre Paissy serenamente. — Tenho presente que a Igreja não se há de transformar em Estado. Esse é o sonho de Roma, a terceira tentação do Demónio. Não; é o Estado que se converterá, ele próprio, por evolução ascendente, em Igreja sobre todo o Mundo, o que, além de não estar conforme em absoluto com o ultramontanismo, nem com Roma nem com a sua interpretação, é o destino glorioso que anunciou a Providência à Igreja ortodoxa. No Oriente se levantará a estrela!

Miusov mantinha-se calado de um modo significativo, transbordado de dignidade em toda a sua pessoa, enquanto aos lábios assomava um arrogante sorriso de condescendência.

Aliocha não podia calar os gemidos no peito; aquela conversa comovia os fundamentos da sua vida. O olhar fixou-se em Rakitin, que continuava imóvel junto da porta, ouvindo atentamente o que se dizia em volta sem desviar o olhar do chão e deixando adivinhar na sua expressão a agitação do espírito. Aliocha sabia bem a que se devia ela.

Inesperadamente, Miusov, adotando o ar majestoso que lhe era peculiar, falou:

— Permitam-me que vos conte uma história, cavalheiros. Há uns anos, pouco depois do golpe de estado de dezembro, encontrando-me de visita em casa de uma personagem de grande influência no Governo, tive ocasião de conhecer um homem muito interessante. Não era precisamente um polícia, mas o capitão de um regimento de agentes policiais, cargo que lhe dava grande poder. Desde logo me dominou a curiosidade de conversar com ele, aproveitando a oportunidade que se me oferecia, e como ele não estava ali de visita, mas como subordinado cumprindo as suas funções, e havia presenciado o amável acolhimento que me dispensara o dono da casa, dignou-se falar-me com franqueza, até certo ponto, desde o princípio. Era mais que franco, cortês, como só os franceses sabem sê-lo, especialmente com um forasteiro; mas entendi-o perfeitamente. Falámos sobre os socialistas revolucionários que eram perseguidos naqueles dias. Citarei apenas o que de mais notável me confessou aquele homem: «Todos esses socialistas, anarquistas, ímpios e revolucionários», disse-me, «não nos dão muito que temer. Vigiamo-los e estamos ao corrente daquilo que tramam. Mas há certos homens que acreditam em Deus e são, ao mesmo tempo, cristãos e socialistas. Essa, essa é a gente mais terrível. São de respeito. É preciso ter mais cuidado com o socialista cristão do que com o

socialista ateu.» Estas palavras intrigaram-me nessa altura e acodem-me agora espontaneamente à memória, meus senhores.

— E aplicai-no-las, tomando-nos por socialistas? — inquiriu o Padre Paissy sem titubear.

Pyotr Alexandrovitch não teve tempo de encontrar resposta porque a porta se abriu nessa altura e o esperado visitante, Dmitri Fedorovitch, entrou. Tanto havia demorado que a sua chegada causou, de imediato, certa surpresa.

Capítulo 6 — Por Que Vive Semelhante Homem

Dmitri Fedorovitch, jovem de estatura média e presença agradável, aparentava mais de vinte e oito anos. O seu desenvolvimento muscular prometia uma força extraordinária que contrastava com o rosto de aspeto doentio e fraco, e tez pálida. Os olhos grandes sobressaíam violentos e vagarosos e, mesmo quando a excitação e a ira o levavam a falar, não expressavam o seu estado de ânimo, mas sim qualquer coisa incoerente com o que se passava. Era portanto difícil adivinhar o que lhe ia na mente e, quando o julgavam pensativo e mal-humorado, surpreendia a todos com a mais fresca gargalhada, dando testemunho da jovialidade e contentamento que se escondiam sob aqueles olhos sombrios. Era compreensível certa tensão nervosa no seu rosto, pois ninguém desconhecia a vida inquieta e frívola que levava e os arrebatamentos de ira a que se entregava nas contínuas disputas com o pai. Sobre isto corriam muitas histórias na cidade. Era irascível como toda a «cabeça instável e sem contrapeso», como no-lo descreve, muito oportunamente, o juiz de paz Katchalnikov.

Vestia de maneira rigorosa, com casaca cuidadosamente abotoada, luvas pretas e cartola; usava ainda o bigode bizarro de soldado, sem barba, e os cabelos castanhos apartados com uma risca caíam-lhe sobre a testa em duas madeixas. O andar era marcial e decidido.

Deteve-se um momento à entrada e, passando o olhar pelos presentes, dirigiu-se prontamente ao Presbítero, adivinhando nele o dono da casa; saudou-o com uma profunda reverência e pediu-lhe a bênção. O Padre Zossima deu-lha, levantando-se. O jovem beijou-lhe a mão, e, com grande sentimento, quase enfadado, suplicou:

— Tende a generosidade de me perdoar o muito que vos fiz esperar. É que Smerdyakov, o criado que me enviou meu pai, me assegurou por duas vezes que a visita estava marcada para a uma. E agora vejo que...

— Não se preocupe — interrompeu o Presbítero. — Não vale a pena. Chega com um pouco de atraso, mas não tem importância...

— Mil obrigados. Não esperava menos da vossa bondade.

Dmitri saudou o Padre Zossima de novo e, voltando-se para o pai, repetiu a saudação com uma inclinação respeitosa e profunda. Isto foi de certeza um ato premeditado e sério, sinal de respeito e boa disposição.

Fedor Pavlovitch ficou momentaneamente como que desorientado, mas recompôs-se logo de seguida. Levantou-se e respondeu à reverência do filho com outra materialmente igual. O seu rosto adquirira o ar solene e sério que pressagiava a maldade da alma. Dmitri saudou os restantes presentes e, sem entreabrir os lábios e com passos decididos, foi ocupar a única cadeira vaga junto da janela, ao lado do Padre Paissy, dispondo-se a ouvir a conversa que interrompera.

A discussão foi retomada, mas Miusov não achou conveniente dar resposta ao Padre Paissy, cuja teimosia o irritava.

— Permitam-me que evite essa questão — observou com certo ar complacente de homem magnânimo. — Presta-se a demasiadas subtilezas. Ivan Fedorovitch sorri; deve ter alguma coisa interessante a dizer. Pergunte-lhe.

— Nada de interesse, apenas uma pequena observação — respondeu Ivan. — Em geral, os liberais europeus e os nossos diletantes confundem com frequência os fins do socialismo e os do cristianismo, porque de ambos têm a mesma falsa noção. Mas não são só os liberais e os diletantes que confundem socialismo com cristianismo. Também a polícia os confunde muitas vezes, até a francesa, claro. A vossa história é muito significativa, Pyotr Alexandrovitch.

— Pois deixemos isso, senhores — repetiu Miusov — e contar-lhes-ei outra história mais interessante, mais significativa do mesmo Ivan Fedorovitch. Ainda não há cinco dias, numa reunião em que abundavam as senhoras, declarava ele, provando-o com argumentos, que nada no mundo pode fazer com que um homem ame o seu próximo, que não há lei natural que nos obrigue a amar a humanidade e que, se há algum amor no mundo, não se deve a uma lei natural, mas meramente à fé que o homem tem na imortalidade. Juntava, entre parêntesis, que toda a lei natural descansava na fé e que se desaparecesse no homem a crença na imortalidade, não só o amor como também toda a força vital que contribuiu para manter a vida no mundo, terminaria *ipso facto*, aniquilada. Por consequência, não haveria nada imortal; tudo seria permitido, até a antropofagia. E ainda mais. Acabou afirmando que em cada indivíduo, ao acabar de crer em Deus ou na imortalidade, tornar-se-ia imediatamente a lei moral da natureza no

contrário do que era como lei religiosa e que, portanto, o egoísmo e o crime não seriam somente legais como também seriam reconhecidos inevitavelmente como a mais racional e nobre consequência da condição humana. Por este paradoxo, senhores, podeis julgar o resto da teoria do nosso querido e extravagante Ivan Fedorovitch.

— Um momento! — exclamou Dmitri. — Se não entendi mal, o crime não só é permitido, como tem de ser reconhecido como a inevitável e mais natural consequência da condição de um ímpio. É isto ou não é?

— Nem mais nem menos — consentiu o Padre Paissy.

— Não o esquecerei — murmurou Dmitri secamente. Todos o olharam com curiosidade.

— Está convencido de que tal seria a consequência do desaparecimento da fé na outra vida? — perguntou o Presbítero a Ivan.

— Em absoluto. O meu lema é este: «Não há virtude sem imortalidade.»

— Bendito seja por tal crença; ainda que, depois de tudo, seja muito desgraçado.

— Desgraçado? Porquê?

— Porque o mais provável é que não creia nem na imortalidade da alma nem em nada do que escreveu sobre a jurisdição da Igreja.

— Talvez tenhais razão!... Mas asseguro-vos que nem tudo o que digo é gracejo — apressou-se a confessar Ivan, corando no seu sorriso.

— Não graceja de tudo, é certo. A questão inquieta a sua alma e fica por resolver. Mas o atormentado gosta de se divertir com o próprio desespero. Quem sabe se, mesmo no seu desespero, procura distrair-se escrevendo em revistas, e discutindo em tertúlias, ainda que não creia nos próprios argumentos e no fundo da sua alma doente zombe deles... Não, a questão não está resolvida dentro de si e essa é a sua dor, uma dor que clama a verdade.

— Mas posso eu resolvê-la, e resolvê-la afirmativamente? — replicou o outro, olhando ainda o ancião com o mesmo sorriso indecifrável.

— Se não a puder resolver afirmativamente, também a não resolverá negativamente. Aí está o mal da sua alma; é isso que a tortura. Mas agradeço ao Criador que lhe tenha dado um coração corajoso, capaz de sofrer sem desmaios, e uma inteligência que pensa e procura coisas elevadas, pois a nossa morada está no céu. Deus queira que encontre a paz na terra. Deus guie os seus passos.

O ancião ergueu a mão direita para fazer o sinal da cruz sobre Ivan. Este aproximou-se, beijou a mão que o abençoava a regressou ao mesmo lugar em silêncio, com grande domínio da sua pessoa. Isto e a conversa precedente, mantida com tanto aprumo e certa solenidade por Ivan, deixou a todos tão surpreendidos que permaneceram mudos por um momento e até o próprio Aliocha parecia embargado. Mas Miusov encolheu os ombros e Fedor Pavlovitch saltou imediatamente do lugar onde estava.

— Santo Padre! — exclamou, apontando Ivan. — Este é o meu filho, carne da minha carne, o predileto do meu coração! É o meu respeitabilíssimo Marl Moor, por assim dizer, enquanto aquele que acaba de entrar, Dmitri, contra quem vos peço justiça, é o díscolo Franz Moor, os dois bandidos de Schiller; eu sou o poderoso conde Von Moor. Julgai-nos e salvai-nos! Necessitamos das vossas orações e ainda mais das vossas profecias!

— Deixe-se de chalaças e não comece a insultar os seus filhos — respondeu o Presbítero com voz débil e cansada. Era óbvio que se fatigava e as forças começavam a abandoná-lo.

— Uma farsa indecente! O que eu temia! — gritou Dmitri indignado. E levantando-se também, dirigiu-se ao Presbítero. — Perdão, reverendo Padre; sou um homem sem cultura e não sei em que termos me devo dirigir a vós, mas surpreende-me a vossa bondade em nos conceder esta reunião. Meu pai só deseja dar um escândalo. Ele sabe porquê, sempre tem algum motivo. E eu também creio saber...

— Todos me censuram, todos! — saltou Fedor Pavlovitch. — Mesmo Pyotr Alexandrovitch! Sim, senhor, sim! Também tu me culpaste — repetiu, voltando-se para Miusov, que nem sonhava em interrompê-lo. — Acusam-me de me ter abotoado com o dinheiro dos meus filhos e de o ter estafado. Mas acaso não temos juízes? Eles apreciarão, Dmitri Fedorovitch, em vista dos teus recibos, das tuas cartas e das tuas assinaturas quanto tinhas, quanto gastaste e quanto te sobra. Por que é que Pyotr Alexandrovitch, que te conhece, se recusa a emitir o seu juízo? Porque todos se voltaram contra mim, como se Dmitri não me devesse ainda dinheiro, e não pouco. A sua dívida alcança alguns milhares, segundo provarei com documentos. Toda a cidade fala da sua libertinagem. E quando estava na guarnição, várias vezes tirou mil e dois mil rublos para seduzir alguma moça honesta. Sabemos tudo, Dmitri Fedorovitch, sabemo-lo com os mais pequenos pormenores! E prová-lo-ei! Quereis

crer, santo Padre, que conquistou a mais honrada jovem de uma nobre e rica família, filha de um antigo chefe, um bravo coronel, cheio de honras e condecorações? Pois bem, comprometeu-a com promessas de casamento e agora que se encontra aqui, órfã, ele pôs-se a rondar como um palerma, sob o nariz da noiva, certa sedutora, uma sedutora que vivia... maritalmente, não sei como dizê-lo, com um homem muito digno de respeito e é pelo seu caráter independente uma fortaleza inacessível, tanto quanto o pode ser uma mulher legítima porque ela é virtuosa; sim, senhor, é virtuosa. Dmitri Fedorovitch quer abrir esta fortaleza com uma chave de ouro, e aqui tendes porque é insolente para comigo, tentando arrancar-me dinheiro. Não lhe chegam os milhares que já gastou com essa mulher. Está continuamente empenhado em a conquistar, e nunca adivinharíeis quem ela é. Digo-o, Mitya?

— Cale-se! — gritou Dmitri. — Espere até eu sair daqui. Não se atreva a manchar na minha presença o nome de uma jovem honrada. Não lhe permitirei o ultraje de pronunciar uma palavra que a ela se refira! — terminou já sem alento.

— Mitya! Mitya! — exclamou o pai num arranque de sentimentalismo. — Já não te importa a bênção paternal? E se eu te amaldiçoasse?

— Hipócrita desavergonhado! — rugiu Dmitri, cheio de furor.

— Já veem como trata o próprio pai! O seu pai! Como será com os outros? Imaginai, senhores; vive aqui um homem pobre, mas bom e carregado de filhos, um capitão que tive de demitir, mas sem escândalo, sem processo, sem manchar a sua honra; pois há três semanas Dmitri agarrou-o pelas barbas numa taberna, arrastou-o assim até à rua e, diante de toda a gente, deu-lhe uma sova brutal, tudo porque esse homem é meu mandatário em certos negócios sem importância.

Dmitri tremeu de raiva.

— É mentira! Na aparência é verdade, mas mentira na realidade. Eu não justifico os meus atos, pai. Sim, senhores, confesso-o. Portei-me brutalmente com esse capitão e ainda agora me não passou o desgosto da minha crueldade. Mas esse capitão, esse mandatário vosso, fora a casa da que vós apelidais de sedutora propondo-lhe que aceitasse as dívidas que vós tínheis minhas e me perseguisse até me enviar para a cadeia se eu persistisse nas minhas legítimas reclamações. Agora condena a minha inclinação por tal senhora quando o senhor mesmo a incitava a cativar-me.

Ela mesma mo disse... Disse-mo rindo-se de si... De si que desejava meter-me na prisão por ciúmes, porque a assediava procurando conquistar os seus favores; também isso eu conheço, até ao mais pequeno pormenor, porque ela me contou tudo, rindo-se, ouve? Rindo-se. E é este o moralista, o pai que repreende o filho vicioso. Perdoem a minha cólera, senhores, mas pressentia já que esta velha raposa nos reunia com a intenção de provocar um escândalo. Vim para lhe perdoar se me estendesse a mão; para lhe perdoar e para obter o seu perdão. Mas já que injuriou, não a mim precisamente, mas a uma digníssima jovem por quem sinto tal respeito que não me atrevo a pronunciar o seu nome em vão, não vejo qualquer inconveniente em o desmascarar, embora seja meu pai.

Não pôde continuar. Os olhos lançavam faíscas, a respiração cortava-se-lhe. Todos estavam comovidos; todos se tinham levantado, com exceção do Padre Zossima, cuja decisão os monges esperavam com gravidade.

O Presbítero permaneceu sentado, pálido, mais por cansaço do que por excitação; um sorriso suplicante aflorava-lhe aos lábios e, de quando em quando, erguia as mãos como para conter os raios daquela tormenta que dissiparia com um gesto. Mas parecia esperar algum acontecimento e vigiava atentamente uns e outros, procurando descobrir o que ainda se não revelara com claridade.

Miusov parecia humilhado e envelhecido e disse com ardor:

— Somos todos responsáveis por esta cena vergonhosa. Mas tenho de confessar que não a esperava, embora soubesse com quem estava a tratar. É preciso que isto acabe imediatamente. Creiam, vossas reverências, que não fazia nenhuma ideia de quanto aqui se disse; nunca quis acreditar no que por aí se murmura e que acabo de ouvir pela primeira vez. Um pai ciumento das relações do filho com uma mulher de vida fácil, com quem quer tecer intrigas para o meterem na cadeia! É esta a companhia com quem me vejo obrigado a apresentar! Fui enganado! Declaro diante de todos que fui o primeiro a ser enganado!

— Dmitri Fedorovitch! — gemeu Fedor Pavlovitch num tom estranho. — Se não fosses meu filho, desafiava-te neste momento para um duelo... com pistola, a três passos... de olhos vendados — terminou, batendo com o pé no chão.

Há momentos na vida dos velhos trocistas em que sentem o seu papel tão ao vivo que tremem e derramam lágrimas de sinceridade, embora de

seguida digam a si mesmos: «Vamos, quem te julgas tu, desavergonhado empedernido?! Estás a fazer figura de palhaço apesar da tua *santa ira*».

Dmitri franziu o sobrolho e cravou no pai um olhar de desprezo, dizendo com voz afável de contida paixão:

— Eu que pensava... que pensava ir para casa com o anjo do meu amor, com a minha noiva, adoçar o resto dos dias de um velho, e encontro-me com um louco e vil comediante!

— Um duelo! — gemeu ainda o pobre insensato, com a respiração entrecortada. — E tu, Pyotr Alexandrovitch, fica sabendo que nunca, entendes, nunca houve na tua família uma mulher mais amável e digna que essa da «vida fácil», como ousas chamar-lhe. E tu, Dmitri, se abandonas a tua noiva por ela é porque a tua noiva não vale o chão que essa «mulher de vida fácil» pisa.

— Que indecência! — interrompeu o Padre Yosif.

— Indecente e desavergonhado! — acrescentou timidamente Kalganov, corando como um tomate.

— Por que vive tal homem? — murmurou Dmitri como se delirasse, movendo o corpo de tal maneira que mostrava bem a sua ferocidade. — Digam-me. Pode-se tolerar que corrompa a terra? — E olhava em volta, indicando o velho.

— Ouvi, monges, ouvi o parricida! — gritou Fedor Pavlovitch, precipitando-se contra o Padre Yosif. — Aí tendes a vossa «indecência»! O que é a indecência? Essa «vil criatura», essa mulher de «vida fácil» é talvez mais santa que vós mesmos, monges, que não pensais em mais nada para além da vossa salvação! Terá caído na sua juventude, empurrada pelas circunstâncias; mas amou muito e o próprio Cristo perdoou à mulher «que amou muito».

— Não a perdoou Cristo por esse amor — disse docemente o Padre Yosif.

— Sim, por esse amor, monges, por esse amor! Vós buscais aqui a saúde da alma comendo couves e já vos considerais uns santos. Comem um gobião por dia e pensam que podem subornar Deus com gobiões.

— É intolerável! — murmuraram de todos os lados.

A cena acabou da maneira mais inesperada. O Padre Zossima deixou o seu lugar. Aliocha, que morria de angústia pelo Presbítero e por todos, teve ainda ânimo para lhe oferecer o braço como apoio. O ancião acercou-se de Dmitri e caiu de joelhos perante o espanto de Aliocha, que o julgou

desmaiado. Mas não foi isto. O ancião, por sua vontade, prostrou-se diante de Dmitri até tocar o chão com a testa. Aliocha ficou tão estupefacto que se esqueceu de o ajudar a levantar.

Nos lábios bailava-lhe um sorriso.

— Adeus! Perdoem-me, perdoem-me todos! — murmurou saudando os visitantes.

Dmitri ficou como que petrificado. Como? Fora para si aquela tão grande veneração?

— Meu Deus! — exclamou de súbito e, apertando a fronte entre as mãos, correu para fora do aposento.

Todos saíram atrás dele, esquecendo no seu aturdimento de se despedir do hospedeiro. Só os monges se aproximaram dele para receber a bênção.

— Que significa uma reverência tão profunda? É simbólica ou quê? — perguntou Fedor Pavlovitch, já severo, querendo reatar a conversa, mas sem ousar dirigir-se a ninguém em particular.

Acabavam de atravessar o recinto do eremitério. Miusov voltou-se e respondeu com mau humor:

— Nada entendo de manicómios nem de loucos, mas sei que me separarei de ti para sempre. Podes crer-me, Fedor Pavlovitch, para sempre... Onde está aquele monge?

O monge que os convidara para almoçar com o Hegúmeno aguardava-os e juntou-se-lhes naquele preciso momento.

— Reverendo Padre, do fundo da alma vos agradecerei se apresentardes as minhas saudações respeitosas ao Padre Superior e me desculpardes ante Sua Reverência, a mim em particular, Miusov, lembrai-vos, dizendo-lhe quanto sinto que circunstâncias imprevistas me privem da honra de o acompanhar à mesa, como era o meu grande desejo — pediu Miusov sem poder acalmar a irritação.

— Esta «circunstância imprevista» sou eu — saltou Fedor Pavlovitch. — Entendeis, Padre? Este cavalheiro detesta a minha companhia, sem a qual não faltaria ao almoço. Mas irás, Pyotr Alexandrovitch, rogo-te que almoces com o Superior, e bom proveito! Sou eu quem declina essa honra e não vós. Para casa. Em minha casa comerei. Encontro-me ali mais à vontade, Pyotr Alexandrovitch, meu querido parente.

— Não sou seu parente nem o fui nunca, homem vil!

— Disse-o para te fazer rabiar, porque sempre negas o parentesco que nos une; não obstante as tuas evasivas, és meu parente, e provar-to-ei com

o calendário eclesiástico. Quanto a ti, Ivan, fica se quiseres. Mando-te o coche depois. As conveniências, Pyotr Alexandrovitch, exigem que vejas o Superior e lhe dês satisfações por este rebuliço.

— De verdade que te vais? Não mentes?

— Pyotr Alexandrovitch! Como me atreveria depois do sucedido?... Queria levantar-me e caí mais baixo; perdoai-me, senhores. Estou envergonhado! Mas, senhores, uns têm o coração de Alexandre, o Macedónio e outros o do cãozito Fido. Estou confundido! Depois desta fuga com o rabo entre as pernas, como posso comer e engolir os alimentos do mosteiro? Não posso, estou envergonhado; perdoai-me...

«Só o diabo sabe se nos está a enfiar um barrete», pensou Miusov, perplexo enquanto o velho se afastava.

Este voltou-se e, notando que Miusov o olhava, atirou-lhe um beijo.

— Então, tu vens? — perguntou Miusov secamente a Ivan.

— Por que não, se o Hegúmeno me convidou pessoalmente antes de ontem?

— Por desgraça, vejo-me também comprometido a assistir a este almoço que Deus confunda — comentou o outro, sem notar que o monge o ouvia. — Temos que nos desculpar, explicar que o sucedido não foi por nossa culpa. Que te parece?

— Sim, está bem. Além disso, como meu pai não está...

— Bom, assim espero. Maldito almoço.

Começaram a andar. O monge, que escutava em silêncio, advertiu-os, enquanto atravessavam o bosque, que o Hegúmeno esperava há mais de meia hora. Ninguém lhe respondeu. Miusov olhava Ivan com ódio, pensando:

«Vai comer como se nada se tivesse passado. Um estômago de abutre e uma consciência de Karamazov!»

Capítulo 7 — Um Jovem Aproveitado

Aliocha acompanhou o ancião até à sua cela e ajudou-o a sentar-se na cama. Era um quartito pequeno, com apenas o necessário: um catre de ferro estreito com uma esteira a fazer de colchão e, a um canto, estampas religiosas e uma grande estante com uma cruz sobre os Evangelhos. O Presbítero caiu extenuado sobre o leito; os seus olhos brilhavam de febre e a respiração soava cansada.

Olhou Aliocha fixamente, como que absorto nas suas meditações, e disse:

— Vai, meu filho, vai; Porfiry chegará para me ajudar. Apressa-te que fazes lá falta. Vai e serve o almoço.

— Deixai que vos ajude — suplicou Aliocha.

— A tua presença é mais necessária lá, onde não há paz, e tu estarás de vigília enquanto serves o almoço. Se os demónios se agitarem, reza uma oração. E é preciso que saibas, meu filho — gostava de o chamar assim — que não está aqui o teu futuro. Assim que Deus se digne chamar-me à Sua presença, abandona o mosteiro e parte logo.

O jovem vacilava.

— Que tens? Não é este o teu lugar por agora. Abençoo-te pelas boas obras que realizarás neste século. Espera-te uma grande peregrinação. Terás de te casar e de sofrer grandes provas antes de voltares aqui; mas não duvido de ti, sei que te envio fortalecido. Cristo acompanha-te; sê-lhe fiel e não te abandonará. No meio das tuas desgraças, sentir-te-ás ditoso. É esta a minha derradeira mensagem; procura a felicidade nas tuas penas e trabalha, trabalha sem descanso. Não esqueças as minhas palavras pois que, embora tenha ocasião de voltar a falar contigo, sei que não só os meus dias, mas também as minhas horas estão contadas.

O rosto de Aliocha mostrou nova perturbação e os lábios tremeram-lhe.

— Mas que se passa contigo? — perguntou o Presbítero sorrindo bondosamente. — É natural que os leigos chorem os seus mortos, mas nós temos que nos regozijar quando um padre empreende a última viagem, e

rogar por ele. Deixa-me, que tenho de fazer as minhas orações. Anda, corre e não percas de vista os teus irmãos; não a um só, mas aos dois.

O ancião ergueu a mão direita para o abençoar. Aliocha dispôs-se a obedecer sem protestar, por grande que fosse o desejo de ficar. Também ardia por lhe perguntar o significado da profunda saudação feita a Dmitri. Tinha a pergunta na ponta da língua, mas não se atrevia a formulá-la ao pensar que o ancião a teria explicado já espontaneamente se não tivesse vontade de ocultá-la. Mas aquela ação impressionou Aliocha de uma maneira terrível, fazendo-o crer cegamente no seu significado misterioso. Misterioso e talvez espantoso.

Ao passar pelo muro do eremitério, apressando-se para chegar a tempo de servir o almoço ao Hegúmeno, Aliocha sentiu que o coração se lhe oprimia de angústia e teve de parar um momento. Cruzavam-lhe a memória as palavras do Padre Zossima predizendo a sua própria morte. Não podia deixar de cumprir-se uma predição tão rotunda, estava fora de dúvida! E que seria de si então, sem poder ver ou ouvir o seu mestre? Onde iria, que faria se o proibira de chorar, se o mandara abandonar o mosteiro? Senhor, quem dera não sentir tal tristeza!

Reatou a marcha através do bosque que separava o eremitério do convento e, não podendo suportar mais os seus pensamentos, distraiu-se olhando os pinheiros que ladeavam o atalho. Este não era mais longo que uns quinhentos passos e a esta hora do dia encontrava-se deserto; mas pouco depois encontrou Rakitin parado como se espreitasse!

— Esperavas-me? — perguntou Aliocha, juntando-se-lhe.

— Sim — reconheceu o outro. — Já sei que tens pressa porque o Hegúmeno dá um banquete. E que banquete! Não houve outro melhor desde a visita do Bispo e do General Pakatov, lembras-te? Eu não vou. Tu terás de servir os molhos... Mas diz-me, Alexey, que queria dizer aquela extravagância?

— Que extravagância?

— A de se inclinar diante do teu irmão Dmitri. Bateu no chão com a testa e tudo!

— Falas do Padre Zossima?

— Sim, dele mesmo.

— E dizes que bateu no chão?

— Não me expresso com respeito? Bom, mas afinal, depois de tudo, que significa isso?

— Eu não sei, Micha.

— Já calculava que não te explicaria! Embora não me surpreenda; são as santas bobices de sempre. Mas não deixa de ser um truque excelente. Todas as beatas dariam que fazer à língua, espalhando-o pela comarca e atiçando a imaginação. Por mim, acho que o velho tem um bom olfato e fareja o crime. A tua casa cheira a sangue.

— Que crime?

Rakitin parecia disposto a dizer qualquer coisa.

— Um crime que se cometerá na tua família, entre os teus irmãos e o teu opulento pai. Zossima prostrou-se frente àquilo que podia vir. Se acontecer alguma coisa, dir-se-á: «Ah! O santo homem previu-o, profetizou-o!» Embora seja um modo de profetizar bem triste, o de andar às cabeçadas no chão. «Ah, mas isso foi um símbolo», dirão, «um vaticínio» e o diabo sabe que mais! E recordar-se-á a sua glória: «Predizia o crime e apontava o criminoso.» É o que se passa com os fanáticos ignorantes, benzem-se na taberna e apedrejam o templo. O mesmo se passa com o nosso Presbítero: dá uma descompostura ao justo e cai aos pés do assassino.

— Mas que crime e que assassino? Que estás a dizer?

Pararam, olhando-se frente a frente.

— Que assassino? Como se não o soubesses! Apostava que tinhas já pensado nisto. Vamos, homem, não teimes! Olha, Aliocha, tu nunca mentes; mas pões-te sempre entre o sol e a sombra. Já tinhas pensado, sim ou não? Responde...

— Sim, já... — respondeu Aliocha com voz apagada.

Rakitin, que avançava já, voltou-se, gritando:

— Como? É verdade que tinhas pensado nisso?

— Eu... vamos... pensar nisso, precisamente, não — balbuciou Aliocha. — Mas ao ouvir-te falar de maneira tão estranha, lembrei-me de que já me havia ocorrido algo semelhante...

— Ah, vês? Magnífico! Quando hoje olhavas teu pai e Mitya, pensavas num crime. Assim, não me enganei!

— Mas espera, espera um momento. Como chegaste a essa conclusão? O que te levou a pensar nisso? Isso é o principal!

— Duas perguntas diferentes, mas lógicas. Vamos por partes: em primeiro lugar, dir-te-ei como cheguei a esta conclusão. Nada me ocorreria se num dado momento não tivesse compreendido teu irmão

Dmitri, vendo-lhe o mais recôndito da alma. Todos os homens se me revelam por um rasgo que lhes deixa o coração a descoberto. O teu irmão é desses homens honrados e veementes que têm um limite para além do qual transbordam, sem que os impeça um dique ou a censura de um pai. E o teu é um velho bêbado e depravado que não respeita limites; se são deixados sós, dirigem-se fatalmente para o abismo.

— Não, Micha, não! Se não é mais do que isso, ainda me dás ânimo. Não chegarão a tanto.

— Por que tremes? Olha, admitindo ainda que Mitya é honrado, bruto mas honrado, nunca deixará de ser um sensual. Este é o seu caráter essencial, a herança do sangue. Bem sabes, Aliocha, quanto admiro a tua pureza quando penso que és um Karamazov! Na tua família, a sensualidade apresenta-se sob um estado de aguda morbidez. Esses três sensuais espreitam-se mutuamente com o punhal no cinto. hão de partir a cabeça uns aos outros e talvez tu sejas o quarto.

— Se o dizes por causa dessa mulher, enganas-te. Dmitri... despreza-a — advertiu Aliocha com um certo gaguejar.

— A Gruchenka? Não, irmão, tira isso da cabeça! Como a há de desprezar se abandona a noiva por ela? Há nisso alguma coisa que tu não podes ainda compreender. Um homem prende-se por uma beleza, pela beleza física, ou por um pormenor do corpo de uma mulher. Um sensual pode compreender isto. É até capaz de abandonar os filhos e vende o pai e a mãe e a pátria inteira. Se é honrado, rouba; se é humanitário, mata; se ama a verdade, mente. Pushkin, o poeta dos pés femininos, celebra-os nos seus versos; outros não os cantarão, mas tão pouco os podem olhar sem se perturbar. E quem diz os pés, diz outras coisas. De nada serve o desprezo, irmão. Dmitri pode odiar Gruchenka, mas não pode arrancá-la da sua alma.

— Compreendo-o — suspirou Aliocha.

— Ah, sim? Acredito, acredito, porque não consideras o que dizes — insinuou Rakitin maliciosamente. — Falaste do *ex abundantia cordis* sem te dares conta de que fazias uma confissão preciosa. Isso indica que o sensualismo é para ti um assunto familiar, sobre o que cismaste muito. Ó alma virginal! És muito pacífico, Aliocha, um santinho. Mas só Deus sabe o que pensas e o que conheces já! És cândido, mas já perscrutaste o fundo do abismo. Há algum tempo que te observo!... És um Karamazov, um perfeito Karamazov, a voz do sangue fala em ti. És um voluptuoso por

parte do pai e um «santinho» por parte da mãe. Por que tremes? Não direi a verdade? Sabes que Gruchenka me pediu que te levasse a vê-la? E não poderás imaginar com que empenho: «Traz-mo, traz-mo, e verás como o faço mudar de hábitos!» Inspiras-lhe um vivo interesse. Acredita, é uma mulher extraordinária!

— Agradece-lhe e diz-lhe que não irei — respondeu Aliocha, esforçando-se por sorrir. — Acaba o teu discurso para que eu te exponha aquilo que penso.

— Não há nada por acabar, está tudo bem claro. Sais-te sempre com a mesma, irmão. Se tu és um sensual, como será Ivan, tão Karamazov como tu? Sois uns sensuais, uns desordenados de avareza e loucura! O teu irmão Ivan escreve artigos sobre teologia por diversão, por loucura. Nem ele mesmo sabe porquê, pois é um ateu que não acredita no que diz. Tenta roubar a noiva a Dmitri e penso que o conseguirás, até com o próprio consentimento deste, que a cederá para ficar livre com Gruchenka. Dmitri dispõe-se a fugir com esta, apesar de toda a sua nobreza e desinteresse. Estes são os homens sobre quem cai com todo o rigor a fatalidade. Não sei que diabo se passa com eles! Conhecem toda a vileza dos seus atos e não podem evitá-los. E, ouve ainda, o velho do teu pai quer lançar a armadilha a Mitya. Está louco por Gruchenka; baba-se todo quando a olha. Por ela, nada mais que por ela, armou tal escândalo aqui. Sobretudo porque Miusov lhe chamou «mulher de vida fácil». Está mais «encornado» do que um gato ciumento. Ao princípio tratava com ela só como encarregado das tabernas e não sei que outros negócios pouco limpos. Mas agora viu o que ela valia e encheu-se de uma paixão que precisa de camisa de forças. Importuna-a com as suas ofertas, pouco aceitáveis para quem se considera digna, e por fim, por este andar, pai e filho chocarão inevitavelmente. Mas ela não atende nem a um nem a outro, coqueteando com ambos e fazendo-os sofrer enquanto não decide qual dos dois mais lhe convém. O papá é rico e a ela poderia tirar-lhe mais dinheiro, mas não se casaria e, pela certa, a avareza venceria o amor e fechar-lhe-ia a bolsa. É isto o que dá vantagem a Mitya, porque está disposto a casar-se. Sim, senhor, está disposto a abandonar a noiva, uma beleza incomparável, filha de um rico coronel, e a casar-se com Gruchenka, a antiga amiga de Samsonov, um negociante cheio de vícios, bruto e sem nenhuma educação. Tudo isto pode originar um conflito sangrento e teu irmão Ivan não espera outra coisa, pois bem gostava de ver todos a três metros do chão. Ficará com Catalina

Ivanovna, por quem suspira tanto como pelos seus sessenta mil rublos. Já é bastante isso para atrair um pobre homem que não espera melhor futuro do que um cão. Além do mais já percebeu que, longe de atraiçoar Mitya, lhe prestará um enorme serviço. Ainda a semana passada, um tanto embriagado, declarava em voz alta que era indigno de Katya, sua noiva, e que seu irmão Ivan era o único homem que a merecia. Catalina Ivanovna acabará por se render à sedução de Ivan. Já vacila entre um e outro. Mas quem é Ivan, que todos adoram? E ele rir-se-á, zombando de vocês!

— Como sabes? Como podes estar tão bem informado? — perguntou Aliocha com enfado.

— Porque perguntas se tens medo que te responda? Tu mesmo estás confessando que digo a verdade.

— Não gostas de Ivan. Ele não se deixa tentar por dinheiro.

— Verdade? E a formosura de Catalina Ivanovna? Não é só o dinheiro! Claro que sessenta mil rublos é sempre um bom atrativo!

— Meu irmão está acima de tudo isso. O dinheiro não poderia preencher as suas aspirações. Talvez mesmo se sacrifique!

— Que quimera é essa? Que raio de aristocratas!

— Ó Micha! O espírito dele exalta-se, esforça-se por deitar abaixo os muros que o encerram na dúvida; não procura milhões, mas sim uma solução para os problemas que o absorvem.

— Isso é um plágio, Aliocha. Estás a repetir as frases do Presbítero. Achas então que Ivan é para ti um enigma? — replicou Rakitin com evidente malícia. — Que enigma tão imbecil! É indecifrável! Pensa bastante e compreenderás tudo. O artigo dele é absurdo, ridiculamente absurdo. E já ouviste a sua formosa teoria: «Se a alma não é imortal não há virtude e tudo é legal.» Lembra-te de como o teu irmão gritou: «Tê-lo-ei em conta!» Uma teoria que vem a propósito para os malvados! O quê, para os malvados? Digo mal, para os pedantes e fanfarrões que incham de profundas dúvidas sem solução! Ele fala *ex-catedra* e o que decidir que é certo devemos admiti-lo e confessá-lo! A sua teoria é uma pura patranha! A humanidade encontrará em si mesma a forma de viver pela virtude, sem necessidade de crer na imortalidade da alma. Essa força está no amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade.

Rakitin exaltava-se. De repente, como se se lembrasse de algo, deteve-se e disse com um sorriso torcido:

— Bem, basta. De que te ris? Pensas que sou um imbecil?

— Nunca pensei em tal. Já sei que és inteligente, mas... não faças caso. Ria tolamente ao ver a tua exaltação. Qualquer pessoa que te ouvisse pensaria que Catalina Ivanovna te não é de todo indiferente. Há algum tempo já que penso ser por isso que detestas meu irmão Ivan. Terás ciúmes dele?

— E o dinheiro que espera receber? Por que não falas nele?

— Não, não falo no dinheiro. Não quero ofender-te.

— Acredito, já que o dizes, mas vão fazer o inferno para outro lado, tu e o teu irmão. Não compreendes que se possa esquecer, sem Catalina Ivanovna? E por que diabo havia eu de gostar dele? Se ele me dá a honra de me desprezar, não poderei corresponder-lhe com três quartos desse mesmo desprezo?

— Nunca o ouvi falar de ti. Nem bem, nem mal. Nunca fala no teu nome.

— Pois disseram-me que antes de ontem me colocou que nem um disparate em casa de Catalina Ivanovna. Já vês como tem interesse pelo teu humilde servo. De modo que qual dos dois é ciumento, irmão? Foi tão bom para comigo que pomposamente declarou que se não obtenho imediatamente o cargo de arquimandrita ou me faço monge, irei a São Petersburgo como redator crítico de uma revista qualquer importante da qual serei dono ao fim de dez anos. Orientá-la-ei para o liberalismo e o ateísmo, com toques de socialismo, mantendo-me na expectativa, iludindo o povo. Segundo o teu irmão, esse toque de socialismo não me impedirá de arranjar recursos e prosperar com a ajuda de algum judeu, até poder, por fim, construir para mim uma grande casa para onde mudarei a redação, cobrando renda pelos andares superiores. Até já está marcado, como solar para a minha quinta, o local onde atualmente se encontra uma ponte sobre o rio Neva.

— Mas, Micha, poderá isso vir a cumprir-se à risca?! — disse Aliocha, incapaz de esconder o riso.

— Também tu gostas do sarcasmo, Alexey Fedorovitch!

— Não, era a brincar. Desculpa! Tinha outra coisa na cabeça... Perdoa-me... mas como sabes tudo isso? Estavas com Catalina Ivanovna quando falaram de ti?

— Eu não, mas estava Dmitri Fedorovitch. Eu próprio o ouvi contar. Serei franco contigo. Não foi a mim que o disse, mas escutei tudo

involuntariamente, escondido na alcova de Gruchenka durante uma das visitas que lhe fiz.

— Ah, cala-te! Tinha-me esquecido que ainda sois parentes.

— Parentes? Eu, parente de Gruchenka? — exclamou Rakitin, enrubescendo. — Estás louco? Perdeste a cabeça?

— Pois então? Não sois parentes? Tinham-me dito...

— Quem to poderá ter dito? Estes Karamazov julgam-se a família de melhor ascendência avoenga quando o pai foi um triste palhaço de sobremesa que se dava por muito feliz se o deixavam comer entre os criados. Eu posso ser filho de um pope e valer bem pouco aos vossos olhos de nobres, mas não me ofendeis a ponto de me arrastar tanto. Também possuo o sentimento da honra, Alexey Fedorovitch, e vê se entendes de uma vez que não sou parente de uma prostituta como a Gruchenka.

Rakitin ardia em cólera.

— Perdoa-me, por piedade! Não queria... além de que... por que razão lhe chamas prostituta? Ela é... uma dessas mulheres? — E o sangue afluiu ao rosto de Aliocha. — Repito que me disseram que tinham laços de parentesco. Tu visita-la com frequência e afirmaste mesmo que não era tua amiga. Não podia acreditar que a desprezavas tanto. Merecerá um tratamento assim tão severo?

— Se vou vê-la é porque tenho razões para o fazer. A ti isso não importa. Quanto ao parentesco, tu é que o deves ter, pelo teu pai e pelo teu irmão, melhor do que eu. Bom, já cá estamos. É melhor que vás para a cozinha. Olé! Que aconteceu? Mas que é isto? Chegámos tarde. Como pode ter acabado já o almoço? De certeza que os Karamazov fizeram outra brincadeira de mau gosto. Aposto que sim! Teu pai foge do Superior seguido de Ivan. Olha o Padre Isidor, como chama por eles da porta e teu pai grita, agitando os braços! Deve tratar-se de discussão. Sim, Miusov põe os cavalos a galope. E o velho Maximov a correr! Deram escândalo e adeus almoço! Que não tenha sido à pancada com o Superior!... Quem sabe se foram eles que apanharam? Bem o merecem!

Katikin não se enganava. Acabava de dar-se uma cena escandalosa, sem precedentes, provocada de maneira fulminante.

Capítulo 8 — O Escândalo

Ao chegar perto do Hegúmeno, Miusov procurou acalmar-se como convinha a um cavalheiro de boa educação. Sentia vergonha do mau humor manifestado na cela do diretor, culpando-se do facto de um ser tão desprezível como Fedor Pavlovitch haver conseguido apeá-lo da sua dignidade. «Não há que culpar os monges, que são pessoas decentes. Creio mesmo que o Superior é de sangue nobre. Devo mostrar-me amável e cortês. Não discutirei. Falarei com eles amigavelmente, provando-lhes a minha boa educação e... convencer-se-ão de que nada tenho a ver com esse Esopo, com esse Pierrot, que me meteu num tão grande sarilho.»

Decidira cancelar o litígio, cedendo ao mosteiro, de uma vez, os direitos de corte de árvores e pesca, o qual não lhe foi muito penoso, pois além das poucas vantagens que isso representava para si, não sabia sequer de que rio e bosque se tratava.

Tão boas intenções foram corroboradas ao entrar na sala de jantar do Hegúmeno, a qual não o era na verdade, pois que os aposentos reservados àquele compunham-se de duas salas contíguas, mais espaçosas e arranjadas do que as do Padre Zossima, embora sem qualquer luxo. Os móveis eram de acaju e couro segundo o decadente estilo de 1820, o chão não estava encerado, mas tudo brilhava de limpeza e as janelas alegravam-se numa profusão de flores exóticas. O mais sumptuoso naquele momento era a mesa, preparada com grande esmero e certa elegância. A toalha era branca de neve, os talheres reluzentes e o pão ricamente dourado de três espécies. Havia duas garrafas de vinho, outras duas de excelente hidromel e uma de *kvas.* As duas últimas, feitas no mosteiro, eram muito apreciadas no país. Não havia *vodka.*

Rakitin sabia já que se serviriam cinco pratos: uma sopa à marinheira com pastéis de peixe; um peixe grande cozido e enfeitado de maneira especial; filetes de salmão, pudim gelado e compota e, por fim, manjar branco. Rakitin estava bem informado, porque não pôde resistir à tentação de andar cheirando pela cozinha, onde tinha sempre o nariz. Aliás metia-o sempre onde havia algo para cheirar. Era um moço fora do vulgar e

invejoso, muito convencido do seu talento e habilidoso em apanhar tudo o que andasse no ar, do que se aproveitava excessivamente. Julgava-se chamado a ocupar um posto proeminente, mas Aliocha, que se lhe havia afeiçoado, afligia-se ao notar que o amigo era desonesto sem inquietações de consciência. Alardeava, pelo contrário, a sua integridade, já que não roubava o dinheiro que encontrasse descuidado.

Rakitin não merecia a consideração de ser convidado para comer. Da comunidade, apenas o haviam sido os padres Yosif e Paissy e outro monge que esperavam já na sala em companhia de Maximov, quando chegaram Miusov, Kalganov e Ivan. O Superior avançou uns passos ao seu encontro. Era um velho alto, magro, forte, de cabelos negros que começavam a embranquecer, o rosto alongado e ascético. Saudou em silêncio e os convidados acercaram-se para receberem a bênção. Miusov pretendeu beijar-lhe a mão, mas ele impediu-o, retirando-a. Contudo, Ivan e Kalganov tomaram-na num momento de descuido e beijaram-na como fazem os camponeses.

— Temos de pedir a Sua Reverência — disse Miusov sorrindo afavelmente e em tom grave e respeitoso — que nos desculpe se vimos sem um cavalheiro, Fedor Pavlovitch, que também estava convidado, mas que recusou, não sem motivo, a honra da sua hospitalidade. Na cela do reverendo Padre Zossima exaltou-se, aborrecendo-se com o filho e deixando escapar certas palavras fora de propósito... Na realidade, inconvenientes mesmo, como já deve saber Sua Reverência — e olhou de lado os monges. — Reconhecendo a falta cometida e sentindo-se arrependido e envergonhado, pediu-nos que expressemos o seu sincero desgosto. Numa palavra, espera e quer corrigir-se para sempre, pede a vossa bênção e o perdão de tudo o que se passou.

Quando Miusov terminou aquela peroração não restava no seu aspeto o mais pequeno vestígio de rancor. Estava contente consigo mesmo e amava a humanidade de todo o coração.

O Hegúmeno escutara-o gravemente, baixou depois a cabeça e disse:

— Sinto muito a sua ausência. Talvez que durante o almoço tivesse aprendido a gostar de nós e nós dele. Sentai-vos, senhores.

Perante uma imagem, rezou em voz alta a bênção da mesa e todos mantiveram as cabeças inclinadas. Maximov uniu as mãos em atitude de piedade.

Naquele momento, Fedor Pavlovitch preparava uma das suas. Ao princípio estivera determinado a ir-se embora e sentia-se incapaz de se apresentar ao Superior depois do seu desditoso procedimento com o Presbítero, mas não porque estivesse envergonhado, antes pelo contrário. Julgou que não ficaria bem aceitar o almoço e ia para casa. Entrara já na carruagem que o aguardava na pousada, mas quando ia a arrancar mudou subitamente de ideias.

Pensou no que dissera ao Presbítero: «Quando estou em sociedade parece-me que sou o mais vil de todos e que terão de me tomar por palhaço. Por isso faço palhaçadas, porque todos e cada um são mais vis e patetas do que eu.» Considerou delicioso vingar-se nos outros das próprias indecências e recordou que em certa ocasião lhe tinham perguntado por que odiava tanto uma pessoa. Respondera com o descaramento de sempre: «Pois olha, ele nunca me fez nada, mas eu portei-me mal com ele. Por isso o odeio.»

Sorriu maliciosamente a tal recordação, ainda hesitando. Os olhos lançavam chispas, tremiam-lhe os lábios. Decidiu-se.

— Acabemos, já que começámos.

As sensações que experimentava ficaram traduzidas nestas frases:

— Bom, agora eles não vão reabilitar-me e, portanto, mais vale que os exceda na afronta por aquilo que me fizeram sofrer. Demonstrar-lhes-ei que não me importa a sua opinião!

Mandou esperar o cocheiro e voltando depressa ao mosteiro dirigiu-se aos aposentos do Hegúmeno. Sem um plano determinado, sabia que não era dono da sua pessoa e que o mais pequeno choque lhe podia arrancar as maiores insolências, embora evitasse de todo o que o pudesse comprometer legalmente. Apareceu à porta da sala no preciso momento em que, acabado o *benedicite,* se sentavam à mesa.

Sem entrar, observou os comensais e riu prolongada, impudica e maliciosamente, troçando de todos e de cada um.

— Julgavam que me tinha ido embora, mas estou aqui! — exclamou sem dirigir-se particularmente a ninguém.

Todos o olharam, atónitos, pressentindo uma cena repugnante, grotesca, escandalosa. Miusov passou bruscamente da mais beatífica placidez à irritação mais selvagem. Naquele momento despertaram em si todos os seus sentimentos rancorosos.

— Não posso suportar isto! Impossível! Impossível!... Decerto... em absoluto!

Todo o sangue lhe subiu à cara. Queria ser categórico no que dizia, mas como não encontrasse palavras adequadas procurou o chapéu.

— Não podes com quê? — gritou Fedor Pavlovitch. — O que é que é impossível, certo e absoluto? Reverendo Padre! Entro ou não? Admitis-me como convidado?

— Seja bem-vindo à minha mesa. Digo-o com todo o afeto da minha alma — respondeu o Superior. — Cavalheiros, atrevo-me a pedir-lhes que esqueçam as vossas contendas e não estraguem a paz e a harmonia familiar que pedimos ao Senhor nos conceda no nosso humilde almoço.

— Impossível! Impossível! — replicou Miusov, fora de si.

— Se é impossível para Pyotr Alexandrovitch, também o é para mim. E já não entro! Voltei para estar sempre junto de Pyotr. Se ele se vai, também eu vou. Se ficar, ficarei. Enfadou-se, Padre Superior, por lhe terdes falado de harmonia familiar. Não quer ser meu parente. Verdade, Von Sohn? Que tal, Von Sohn?

— Falais comigo? — balbuciou Maximov, confundido.

— A quem, pois, queres que fale? O Padre Superior não será certamente Von Sohn!

— Nem eu tão pouco. Eu chamo-me Maximov e não Von Sohn.

— Não, tu és Von Sohn. Sabe Vossa Reverência quem é Von Sohn? É um caso muito célebre. Mataram-no numa casa de perdição... Creio que é assim que vocês chamam a esses lugares... Mataram-no, roubaram-no e, sem consideração pela sua idade venerável, encerraram-no numa caixa e faturaram-no como um fardo, de Petersburgo a Moscovo, num comboio de mercadorias. Enquanto o embalavam, as meretrizes cantavam e tocavam harpa. Quero dizer, piano. E agora resulta que este é Von Sohn, ressuscitado dos mortos. Não é, Von Sohn?

— Mas que se passa? O que é isto? — murmuraram os monges.

— Vamos embora! — gritou Miusov para Kalganov.

— Não. Esperai um pouco — atalhou Fedor Pavlovitch, adiantando um passo. — Acabo já. Classificou-se de inconcebível o meu procedimento porque falei diante do Padre Zossima em comer gobiões. Miusov, meu parente, prefere *plus de noblesse que de sincerité* nas suas palavras e eu prefiro nas minhas *plus de sincerité que de noblesse*... Para o diabo com a nobreza! Não é verdade, Von Sohn? Permiti Padre Superior.

Embora me apresente como um palhaço, sou um cavalheiro e mereço que me escute. Sim, sou um cavalheiro honrado, ao passo que Pyotr Alexandrovitch não é mais do que um vaidoso. Vim aqui para ver o que se passava e para dizer o que sinto. O meu filho Aliocha vive convosco para obter a salvação. Eu sou seu pai e hei de olhar pelo seu bem-estar, como é minha obrigação. Enquanto eu fazia de louco, escutava e verificava tudo dissimuladamente. Agora pretendo representar o último ato da peça. Que se passa aqui, no convento? Por acaso quando um cai não se levanta? Cai para sempre? Nada disto! Pois eu também me quero levantar. Santo Padre, sinto-me indignado! A confissão é um grande sacramento perante o qual me inclino, reverente. Mas naquela cela todos se ajoelham e confessam os seus pecados em voz alta. Será isso permitido? Os padres da Igreja estabeleceram o segredo da confissão; é essa a condição primordial do sacramento desde a sua velha instituição. Como posso eu explicar a todos que fiz isto, isso ou aquilo?... Bem, já sabeis a que pecados me refiro... Certas coisas, melhor é calá-las. É um escândalo! Não, padres, por este andar depressa retrocederíamos à época da penitência dos açoites. Na primeira ocasião que se me apresente denunciá-lo-ei ao Santo Sínodo. Até lá levo Aliocha comigo.

Há que advertir que Fedor Pavlovitch não sabia que caminho trilhava. Haviam chegado aos ouvidos do Arcebispo as murmurações de que eram objeto os Presbíteros, pela importância que o povo lhes dava em detrimento do respeito que se devia ao superior, porque abusavam do sigilo da confissão e por outras absurdas calúnias que ficaram esquecidas por si sós. Mas o espírito de insensatez que se apoderou de Fedor, deixando-o à mercê do seu nervosismo, cada vez mais transformado em infâmia, sugeriu-lhe esta velha e esquecida ignomínia. Não entendia palavra acerca do sacramento da penitência, não teria podido provar nada, já que ninguém se tinha ajoelhado para se confessar na cela do Diretor, nem nada parecido. Falava apenas devido a uma confusa recordação de antigas calúnias e, ao dar-se conta das tolices que estava a dizer, procurou arranjá-las convencendo todos e a si próprio de que falava a sério. Não conseguiu, contudo, mais do que embrulhar-se no seu endiabrado aranzel.

— Que miserável! — gritou Pyotr Alexandrovitch.

— Perdão! — disse o Hegúmeno. — Já há muito se diz: «Encher-me-ão de calúnias e de injúrias, e eu ouvi-los-ei pensando na prova que o

Senhor me envia para abater o meu orgulho.» Por isso lhe dou graças com toda a humildade, querido hóspede. — E inclinou-se profundamente.

— Ta! Ta! Ta! Música celestial! Beatices e comédia! Já sabemos o que valem essas saudações até ao chão: um beijo nos lábios e um punhal no coração, como nos *Bandidos* de Schiller. A mentira não me agrada, irmãos; quero a verdade. Mas a verdade não se encontra comendo gobiões, e é isto que é preciso declarar em voz alta. Padres, monges, porque jejuam? Porque esperam ser recompensados no céu? Ah! Por tal recompensa também eu jejuaria. Não, santos monges. Ser virtuosos no mundo e úteis à sociedade sem vos encerrardes num mosteiro para viver a expensas do povo, nem esperar recompensa alguma ser-vos-ia bastante mais difícil. Também sei falar com propriedade, Padre Superior. Que tinham preparado? — E aproximou-se da mesa. — Vinho do Porto velho, água-mel fabricada por Eliseyev. Uf! Uf! Isto é mais do que gobião. Vejam só que garrafas os padres têm! E quem paga isto tudo? O camponês, o operário, que vos traz o mísero oitavo que ganha com as suas mãos calejadas e que nega aos filhos e ao Estado! Explorais o povo, santos padres!

— É intolerável! — disse o Padre Yosif.

O Padre Paissy permanecia calado. Miusov saiu da sala a correr e Kalganov seguiu-o.

— Bom, Padre, vou com Pyotr Alexandrovitch e já não voltarei por aqui. Ainda que mo pedísseis de joelhos, não viria. Dei-vos mil rublos, por isso me olhais docemente. Não, não vos direi nada. Estou vingado de todas as humilhações que me fizestes sofrer na minha juventude. — E bateu na mesa com o punho, num arrebato de sentimento fingido. — Este mosteiro fez-me andar cansado e farto toda a vida! Custa-me muitas lágrimas amargas. Púnheis inimizades entre mim e a pobre louca da minha mulher, amaldiçoáveis-me e difamáveis-me em toda a parte. Agora basta, padres. Estamos na época do liberalismo, do vapor e do caminho de ferro. Não tereis de mim nem mil nem cem rublos, nem dez cêntimos.

Digamos ainda que nada teve que ver o mosteiro com a vida daquele homem que jamais havia chorado uma lágrima de amargura, mas, arrastado pela emoção fictícia do momento, até ele próprio acreditava nisso.

Achou que era altura de partir, mas o Superior inclinou a fronte ao ouvir tais mentiras e falou gravemente:

— Também está escrito: «Suporta com paciência e alegria as injúrias que caiam sobre a tua inocência; não percas a calma nem te enfades com quem te insulta.» Observemos a máxima.

— Ta! Ta! Ta! Observai a máxima ou o que vos faça mais raiva, padres. Eu vou-me embora e levo Alexey com o direito da minha autoridade paterna. Ivan Fedorovitch, meu mais respeitado filho, permite que te ordene que me sigas, e tu, Von Sohn, que fazes aqui? Vem para minha casa. É mais divertida do que isto e não tens de andar muito. Em vez de abstinência dar-te-ei um leitão. Comeremos e beberemos conhaque, licores... Tenho vinhos que fazem chispas... Então, Von Sohn, não deixes escapar esta oportunidade! — E saiu gritando e gesticulando.

Aquele foi o momento em que Rakitin o viu e o mostrou a Aliocha.

— Alexey! — gritou-lhe de longe o pai. — Vem hoje mesmo para casa. Traz a almofada e o colchão e não deixes rasto.

Aliocha, sem se mover nem responder palavra, viu como o pai subia para o coche seguido de Ivan, com ar sombrio, sem ter para ele uma palavra de despedida. E então aconteceu a cena grotesca que pôs fim a este episódio.

De súbito apareceu Maximov perto do coche, correndo e tropeçando por medo de chegar tarde. Tão precipitado andou na sua impaciência que assentou o pé no estribo antes de Ivan retirar o seu e, agarrado à portinhola, esforçou-se por entrar.

— Eu também vou com vocês! — gritava com riso jovial que lhe dava um aspeto de imbecilidade. — Levem-me!

— Toma! — exclamou Fedor Pavlovitch entusiasmado.

— Bem te disse que era Von Sohn. É mesmo ele ressuscitado dos mortos! Mas... como conseguiste escapulir-te? Também na tumba fazias de Von Sohn? E como vieste sem comer? Deves estar feito um valente canalha! Eu também sou canalha, mas palavra que me deixas admirado, irmão! Entra, entra. Deixa-o passar, Ivan. há de divertir-nos, estendido aos nossos pés. Queres deitar-se aos nossos pés, Von Sohn, ou sentar-te com o cocheiro? Vai, vai para lá, Von Sohn!

Sem dizer uma palavra, Ivan, que já se sentara, deu um tremendo empurrão a Maximov, fazendo-o escorregar para o chão. Só por milagre não partiu a cabeça.

— Toca a andar — ordenou Ivan ao cocheiro em voz irada.

— Porquê, por que fizeste isso? — protestou Fedor Pavlovitch.

A carruagem já estava em marcha e Ivan não replicou.

— És um canalha! — grunhiu o pai. Pouco depois acrescentou olhando o filho de través: — Não foste tu que promoveste esta excursão ao mosteiro? Aprovaste a reunião e deste-lhe pressa. Por que te enfadas agora?

— Já disse bastantes disparates; descanse um pouco agora — respondeu Ivan secamente.

Fedor Pavlovitch calou-se por dois minutos e voltou a sentenciar:

— Um golo de aguardente vinha agora às mil maravilhas.

Ivan não respondeu.

— Também tu beberás um pouco quando chegarmos a casa.

Ivan fez-se de mudo e Fedor Pavlovitch aguardou de novo uns dois minutos.

— Tirarei Aliocha do mosteiro por muito que o tenhas de sentir, meu respeitável Karl von Moor.

Ivan sacudiu os ombros desdenhosamente e voltou-se para olhar o caminho, durante o qual não falaram mais.

Livro 3 — Os Sensuais

Capítulo 1 — Os Criados

Não ficava muito central a casa dos Karamazov, mas também não se podia dizer que se situasse nos subúrbios. Conservava, apesar de velha, aspeto agradável e compunha-se de dois corpos pintados de cinzento com telhados de beirais encarnados. Espaçosa, cómoda e em bom estado de solidez, abundavam nela as despensas, quartos e escadas privativas por onde corriam as ratazanas, que não enojavam Fedor Pavlovitch, o qual não se sentia tão só quando não tinha outra companhia. Costumava aferrolhar-se de noite, fazendo dormir os criados no pavilhão grande e sólido que se erguia no pátio. Aqui lhe preparavam a comida porque não gostava do cheiro dos guisados, e tanto de inverno como de verão se viam passar os manjares por ali. Na casa, que teria dado bem para uma numerosa família, não vivia mais ninguém naquela altura além de Fedor Pavlovitch e de seu filho Ivan, e no pavilhão, ou portaria, três criados. Eram eles o velho Grigory, sua mulher Marfa e um moço chamado Smerdyakov, de quem diremos algumas palavras.

Já fizemos a apresentação de Grigory. Inquebrantável, decidido e teimoso, caminhava às cegas para o seu objetivo quando acreditava ter razão, o que ocorria com muita frequência e falta de lógica. Era leal e incorruptível e a velha Marfa Ignacievna mostrou-se-lhe submissa durante toda a vida, embora o tivesse arreliado porfiadamente quando foi decretada a emancipação dos servos, para que deixasse a casa de Fedor Pavlovitch e abrisse uma loja com os seus pequenos aforros. Mas Grigory sentenciou naquele dia para todo o sempre que «as mulheres falam sem sentido porque todas são desleais» e que não deviam abandonar o amo, por indigno que fosse, porque «era seu dever ficar».

— Tu entendes o que é o dever? — perguntou à mulher.

— Sei muito bem o que significa, Grigory Vasilyevitch, mas o que não entendo é que tenhamos de permanecer aqui — contestou ela firmemente.

— Pois não entendas; mas cala-te e fica.

E assim foi. Não saíram e Fedor Pavlovitch destinou-lhes uma pequena quantia como salário, que pagou religiosamente. Não deixava de

notar Grigory a influência que exercia sobre o dono, e embora este, por palhaço que fosse, soubesse conduzir-se de modo reto em alguns «negócios da vida prática», sentia-se fraco e atrapalhado para sair-se bem de alguns compromissos. Conhecia a sua fraqueza e tinha medo dela. Há situações em que se requer, e faz falta, um homem de confiança. Grigory era esse homem. Quantas vezes evitou Fedor Pavlovitch uma sova graças à oportuna intervenção do criado e quantas escutou deste um bom sermão! Mas não eram as sovas o que ele mais temia. Passava por transes dificílimos *e* complicados durante os quais era para ele inapreciável a companhia de um ser firme, abnegado e discreto que, sem necessidade de o chamar, estivesse oportunamente a seu lado. Corrompido e por vezes cruel na sua luxúria, como certo inseto venenoso, sobrevinham-lhe, nas horas de embriaguez, transportes de terror supersticioso, de agitação moral, que participavam da sua doença. «Sinto a alma tremer-me na garganta», dizia. E em tais momentos gostava de saber-se ao lado ou próximo, pelo menos, de um homem forte, leal, virtuoso, de hábitos puros que conhecesse todos os seus excessos, todos os seus segredos e soubesse tolerá-los sem repreensões nem ameaças para esta vida nem para a outra e, em caso de necessidade, defendê-lo... Defendê-lo contra quem? Contra todo o perigo terrível e misterioso. Precisava de alguém de alma diferente da sua, um velho e fiel amigo a quem chamar naqueles momentos de apuro, ainda que mais não fosse do que para lhe olhar o rosto ou trocar algumas palavras. Se o criado não se enfadava, sentia-se já consolado, mas se manifestava mau humor, ficava ainda mais abatido. Algumas vezes, poucas, foi ele próprio, Fedor Pavlovitch, acordar Grigory para falar um bocado no pavilhão. Quando aparecia o velho servidor, o dono da casa falava-lhe do assunto mais trivial e despedia-o com um gesto, encostava-se e dormia o sono dos justos. Com Aliocha o caso era idêntico. Este «conquistava-lhe o coração» porque «vivendo com ele e sabendo de tudo, a nada punha reparo». Mas Aliocha trazia consigo algo que seu pai não conhecia ainda naquela altura: uma completa transigência, uma bondade invariável e um afeto desinteressado pelo velho que tão pouco útil lhe fora. Isto surpreendia muito o ser degenerado que rompera todos os laços de família e foi uma lição admirável para quem até então só tivera inclinação para o mal. Quando Aliocha partiu, o pai declarou que nunca aprendera de ninguém tão belas coisas.

Já dissemos que Grigory detestou Adelaide Ivanovna, a mãe de Dmitri, e protegeu Sofia Ivanovna, a «pobre louca», contra o amo e quantos falavam dela indignamente. Esta simpatia era para ele coisa tão sagrada que nem que passassem vinte anos deixaria sem castigo qualquer ofensa à memória da desgraçada. Grigory era um homem frio, grave, taciturno. Falava pouco, medindo as palavras. Era difícil saber se gostava da sua dócil mulher, mas amava-a, sem dúvida, e ela tinha disso a certeza.

Maria Ignacievna não era uma imbecil. Mais esperta do que o marido e pelo menos mais prudente e mais prática, embora se tivesse submetido em tudo à vontade dele, reconhecia e respeitava a superioridade do seu caráter. Surpreendia o pouco que falava o casal, e só sobre os assuntos ordinários. Como o marido guardasse para si dúvidas e inquietações, acabou por conformar-se, pensando que não precisava dos seus conselhos. Também Grigory respeitava o silêncio da mulher e esta tomava-o como prova de bom sentido. Só uma vez ele se zangou. Um ano depois do primeiro casamento de Fedor Pavlovitch, este quis que as jovens da aldeia, então escravas, se reunissem diante da casa a cantar e a bailar. Quando entoaram *Nos verdes prados*, Maria, que era então muito nova, adiantou-se fazendo cabriolas e bailou a *Dança Russa,* não ao estilo da aldeia, mas como aprendera das atrizes que haviam sido contratadas em Moscovo para dançar no teatro particular dos ricos Miusov, em cuja casa servia na ocasião. Grigory presenciou a dança da mulher e uma hora mais tarde dava-lhe uma lição, puxando-lhe pelos cabelos. Isto aconteceu uma vez, nunca mais se repetiu. Mas Maria Ignacievna nunca mais dançou.

Deus não se dignou dar filhos a este casal. Tiveram apenas um, que morreu. Grigory adorava crianças e não se envergonhava disso. Quando Adelaide Ivanovna fugiu, pegou em Dmitri, lavou-o, penteou-o e fez de pai dele durante um ano. Depois cuidou também de Ivan e de Aliocha, e por agradecimento lhe deu a viúva do coronel uma bofetada. A sua grande esperança, o seu próprio filho, nasceu prematuramente causando-lhe pena e horror. O pobre homem ficou tão estupefacto ao ver que a criatura tinha seis dedos que, até ao dia do batizado, não articulou palavra, nem apareceu a ninguém. Durante aqueles três dias, que eram de primavera, ouviu-se, persistente, o ruído do enxadão na horta vizinha. Cavando e pensando, chegou a uma conclusão, e quando entrou no pavilhão onde o esperavam o clero e os convidados, entre os quais Fedor Pavlovitch, o padrinho, desatou-se-lhe a língua dizendo que o miúdo «não devia ser batizado».

Participou-o com calma, com parcimónia, acentuando cada palavra e olhando o sacerdote com marcada significância.

— Por que não? — perguntou este, jovialmente surpreendido.

— Porque é um dragão — murmurou Grigory.

— Um dragão? Porquê um dragão!

Grigory calou-se durante um momento e depois resmungou, sem vontade de dizer mais.

— Um monstro da Natureza!

Todos riram e, claro, a criança foi batizada. O pai rezou devotamente no batistério, sem mudar a sua opinião nem meter-se em nada. Enquanto o pequeno viveu, o pai apenas o olhava e saía; mas quando, aos quinze dias, morreu de aftas, ele próprio o meteu no ataúde, contemplou-o com angústia e, quando o baixaram à cova, caiu de joelhos, encostando a fronte à terra. Nunca mais falou do filho. Marfa tão pouco o mencionava. Notou a mulher que, desde o dia do enterro, se entregou o marido de corpo e alma às suas devoções. Afastava-se para um canto solitário, punha os óculos de aros de prata e mergulhava na leitura de a *Lenda de Ouro.* Quase nunca lia em voz alta; e isso apenas na Quaresma. O *Livro de Job* entusiasmava-o e procurara um exemplar das *Máximas e Predições do Servo de Deus Padre Isaac da Síria,* que não largou durante anos e anos, tendo-o em tanto mais apreço quanto menos o entendia.

A doutrina dos açoites, de que fazia uma ideia superficial, não a considerava digna da nova fé, embora durante algum tempo os sectários estabelecidos no país o houvessem feito vacilar. O hábito de ler assuntos teológicos deu-lhe ainda maior gravidade à fisionomia.

Grigory tinha propensão para o misticismo e à impressão que lhe deixou na alma o nascimento e a morte do filho deformado juntou-se, como por desígnio especial, outro acontecimento não menos impressionante. Na noite do mesmo dia em que enterraram o filho, Marfa despertou sobressaltada, ouvindo vagidos. Chamou Grigory, que escutou e lhe pareceu que, mais do que pranto de criança, eram lamentos de alguma mulher. Saltou da cama, vestiu-se e, ao chegar à porta, ouviu distintamente uns gemidos que vinham do jardim. Estava uma noite quente de maio. A grade que separava o pátio ficava fechada de noite e não havia outro acesso, pois rodeava-a uma cerca muito alta e espessa. Grigory retrocedeu para pegar numa lanterna e na chave e, sem fazer caso do terror da mulher, que continuava a ouvir o choro de um bebé, precisamente o do seu, que a

chamava, foi abrir a porta do jardim e verificou que os lamentos vinham do quarto de banho, junto à cancela.

Empurrou a porta e deteve-se, assombrado. Uma idiota que vagabundeava pelas ruas da cidade e a quem todos conheciam pelo nome de Lizaveta Smeryastachaya — Lizaveta, a Hedionda — metera-se na casa de banho, onde acabava de dar à luz um filho que jazia junto a ela, quase moribundo.

A desgraçada não falou, porque era muda.

Capítulo 2 — Lizaveta

Uma circunstância perturbava Grigory muito particularmente, confirmando as horríveis e repugnantes suspeitas que albergava. Lizaveta era uma moça baixita, com pouco mais de um metro e meio, de cara gorducha, rosada e cheia de saúde e idiotice, que não contrastava com a expressão de doçura porque os seus olhos olhavam inquietadoramente fixos.

Viam-na andar sempre descalça e tanto no inverno como no verão só usava uma camisa de tecido grosseiro. A cabeleira, negra e crespa, enredava-se-lhe como lã de carneiro, parecendo um gorro feito de uma mistura de lama, folhas, fios e gravetos. O pai era um alcoólico infeliz que vivia miseravelmente de fazer recados a alguns comerciantes. Viúvo havia muito tempo, doente e colérico, maltratava a filha sempre que esta o visitava. Mas isto acontecia raramente pois ela vivia da caridade das pessoas que consideravam a idiota um ser predileto do Senhor. Os amos de Ilya e outras boas almas, geralmente comerciantes, empenhavam-se em a vestir e calçar, e várias vezes lhe deram botas e samarras para que não sentisse frio.

Deixava-se vestir sem resistência, mas quando chegava a alguma paragem, quase sempre à porta da Catedral, aí deixava as suas galas e volvia a andar descalça e em camisa. Em certa ocasião foi vista por um governador de província nomeado recentemente que vinha passar a visita de inspeção e os seus escrúpulos de novato sobressaltaram-se. Advertiram-no de que era idiota, mas ele achou que uma jovem que andava em camisa alterava a ordem e exigiu providências que foram esquecidas logo que virou costas. Quando o pai morreu, a órfã foi ainda mais grata aos olhos das pessoas piedosas. Todos gostavam dela e nem os garotos a maçavam agora. É bom lembrar que os rapazes das nossas escolas são feitos da pele de Barrabás!

Podia entrar na casa de qualquer pessoa sem que ninguém a incomodasse; antes pelo contrário, era recebida com uma palavra amável e algum socorro. Se lhe davam uma moeda, tomava-a e ia deitá-la na caixa

das esmolas de uma igreja ou de um cárcere; se um pão ou um bolo, alegrava com ele o primeiro miúdo que lhe aparecesse. Aconteceu, por vezes, deter uma senhora rica para lho oferecer e ser-lhe aceite com carinho. Ela apenas se alimentava de pão negro e água. A ninguém inquietava a sua presença numa loja onde houvesse ao alcance da mão objetos de luxo ou dinheiro, pois tinham a certeza de que não tocava sequer numa agulha. Dormia de preferência no átrio de qualquer igreja ou nas hortas, onde penetrava saltando as valas de caniços que por então eram a única defesa. Costumava, uma vez por semana, «ir a casa», à dos antigos donos de seu pai, e todas as noites no inverno a fim de dormir no vestíbulo ou no curral. Era para admirar que suportasse aquela vida, mas havia-se acostumado a ela e embora fosse enfezada era de constituição robusta. Andavam enganados os que atribuíam a orgulho a sua conduta. Que orgulho pode ter uma mulher que, por expressão, só lança um grunhido de vez em quando?

E numa noite quente de setembro aconteceu que um grupo de boémios um pouco tocados voltavam do casino, fora da cidade, aproveitando a lua. Ao chegar junto da ponte que atravessava um charco de águas malcheirosas a que chamávamos rio, distinguiram Lizaveta entre as sarças. Pararam a olhar para ela, trocando frases agudas que provocavam gargalhadas satíricas.

Então, um jovem elegante lembrou-se de perguntar se consideravam possível tratar aquele animal como uma mulher e quase todos foram da mesma opinião, negando a possibilidade com gestos de repugnância. Mas Fedor Pavlovitch, que estava no grupo, declarou solenemente perante os outros cinco que não só havia de ser possível como até muito interessante tal aventura... Certo que na ocasião exagerava as chalaças e comprazia-se em adiantar-se uns passos aos companheiros para os divertir, tratando-os de igual para igual, ainda que na realidade apenas o admitissem a título de palhaço. Acabava de morrer a primeira mulher e ele havia posto uma fita preta no chapéu, o que contrastava vergonhosamente com a sua conduta repugnante.

Os companheiros, divertidos, riram daquela inesperada saída e houve quem o estimulasse, mas os demais acharam mal e todos se afastaram sem parar de rir.

Fedor Pavlovitch bem jurou logo que seguiu com eles; e talvez fosse assim, ainda que ninguém jamais saberá a verdade. O caso é que cinco ou

seis meses depois toda a cidade falava com sincera indignação da gravidez de Lizaveta, perguntando-se quem teria podido ultrajá-la tão vilmente, e em seguida correu um grave rumor em que se misturava, para o condenar, o nome de Fedor Pavlovitch. Quem o divulgara? Do grupo de foliões só se encontrava um na cidade, respeitável funcionário civil, entrado nos anos e pai de umas moças já crescidas a quem não convinha meter-se no assunto, ainda que para isso houvesse algum fundamento. Fedor Pavlovitch foi execrado por todas as línguas. Pouco se importava ele o que dissessem os benditos comerciantes; a sua reputação não podia estar em pior circunstâncias e o orgulho não lhe permitia «rebaixar-se» a dialogar mais do que com o círculo de oficiais e nobres a quem tanto divertia.

Grigory susteve brigas com toda a gente, saindo tão energicamente em defesa do amo que conseguiu desviar as suspeitas da maioria.

«A moça é que tem a culpa», afirmava, e o cúmplice seria Karp, um criminoso escapado da prisão que, temíamos, se ocultava na cidade e que, efetivamente, durante aquele outono, roubou em três povoados da comarca.

Tudo isto não esfriou a simpatia de que se rodeava a pobre idiota, e a rica viúva de um comerciante, uma tal Kondratyevna, quis tê-la na sua casa desde abril para cuidar dela depois do nascimento. Mas por muita que fosse a vigilância, Lizaveta conseguiu fugir ao sentir as primeiras dores e introduziu-se no jardim de Fedor Pavlovitch. Como conseguiu, no seu estado, saltar a enorme vala é que não se sabe. Uns diziam que devia ter sido ajudada por alguém, outros imaginaram coisas impossíveis. O mais natural é que, exercitada em saltar muros para dormir nos hortos, o tivesse conseguido de qualquer modo, caindo do outro lado e queixando-se.

Grigory correu a buscar Marfa, a quem encarregou de tomar conta de Lizaveta enquanto ele ia chamar um médico vizinho. O bebé salvou-se, mas a mãe morreu ao nascer do dia. Grigory pegou na criaturinha, levou-a para casa e, fazendo sentar a mulher, colocou-lha no regaço, dizendo:

— Um filho de Deus... todos somos pais de um órfão e nós mais do que ninguém. O nosso morto envia-nos este, que nasceu do diabo e de uma santa inocente. Cria-o e não chores mais.

Marfa cuidou do pequeno, que foi batizado com o nome de Pavel, ao qual não tardou que acrescentassem o de Pavlovitch, filho de Fedor. Este não pôs reparos em nada disto, que o divertia, mas negou sempre obstinadamente a sua paternidade. Todos aprovaram que recolhesse na sua

casa a criança abandonada, para quem mais tarde inventou o nome de Smerdyakov, segundo o mote da mãe.

E aqui tendes como chegou Smerdyakov a ser o segundo criado de Fedor e vivia com Grigory e Marfa, dedicando-se principalmente a misteres culinários. Falta-me ainda dizer algo deste Smerdyakov, mas custa-me cansar a atenção do leitor com referências domésticas e deixá-lo-ei para quando vier a propósito, no decorrer desta história.

Capítulo 3 — Confissão Poética de Uma Alma Apaixonada

Aliocha ficou pensativo logo que seu pai lhe gritou do coche, mas longe de se apressar a obedecer, foi à cozinha a fim de se inteirar do que acontecera. Ao sair confiava em que, pelo caminho, Deus lhe mandaria um raio de luz sobre as dúvidas que o atormentavam. A ordem gritada para que voltasse a casa com «a almofada e o colchão» não lhe dava cuidado, sabendo de sobra que aqueles gritos eram fanfarronices de desabafo. Recordava que um comerciante, que celebrava o dia do seu santo patrono com uns amigos que acabaram por se aborrecer perante a insistência para que bebessem mais, partiu no chão toda a louça e vários móveis, rasgou as roupas e as da mulher e, por fim, fez em estilhaços os vidros das janelas, tudo para produzir efeito. No dia seguinte, já serenado, lamentava a ruína da baixela. Aliocha sabia que antes de vinte e quatro horas, talvez naquela mesma tarde, o pai o deixaria voltar ao mosteiro. Estava convencido de que o pai podia prejudicar alguém, mas a ele não; a ele ninguém lhe desejava qualquer mal, ninguém o podia ofender. Isto era um axioma e não se inquietava um momento com esse particular. Confiava em si mesmo.

Mas a grande ansiedade que o perturbava naqueles momentos, precisamente porque não podia concretizar os motivos, derivava do temor de uma mulher, Catalina Ivanovna, que com tanta urgência o chamava por intermédio da senhora Hohlakov. Esta chamada havia inquietado a sua alma desde o princípio, deixando-lhe uma pena da qual não puderam distraí-lo os acontecimentos que se tinham dado. Não era o ignorar o que iriam dizer-lhe e o que responderia, nem a proximidade e o colóquio com uma fêmea o que sobressaltava a sua timidez, pois ainda que soubesse pouco de mulheres vivera com elas até ao ingresso no mosteiro. Era ela, Catalina Ivanovna, precisamente, quem o amedrontava. Temia-a desde que a vira pela primeira vez e só a tinha encontrado duas ou três vezes, trocando apenas algumas palavras. Recordava que era bela, presumida e imperiosa. Não que a beleza dela lhe provocasse temor, mas sim algo cuja vacuidade aumentava a sua emoção espantadiça. Sabia que as intenções da

jovem eram as mais nobres e que queria salvar Dmitri apesar da sua deslealdade, mas ao mesmo tempo que reconhecia e admirava estes sentimentos generosos tremia à medida que se aproximava da casa dela. Calculava que a tal hora não encontraria Ivan, o amigo, pois que seu pai o retinha, nem tão pouco teria de pensar na companhia de Dmitri. Estariam sós. Desejava vivamente entrevistar-se antes com Dmitri para saber o que resolver, sem lhe mostrar a carta; mas o irmão vivia longe e decerto estaria ausente. Deteve-se um momento e decidiu-se. Benzeu-se atropeladamente e, sorrindo, avançou resoluto para casa da terrível mulher.

Ainda que a cidade não seja grande, as casas estão disseminadas e a certa distância umas das outras. Se seguisse pela rua principal, cruzando a Praça do Mercado, daria uma grande volta e talvez não lhe sobrasse tempo para ver o pai, que estaria esperando com a sua presença o cumprimento da ordem que lhe dera. Assim, resolveu cortar caminho pelas ruas mais pequenas, saltando espinhos e abrolhos e atravessando hortas que conhecia palmo a palmo e cujos donos o saudavam, sorrindo. Chegou ao horto de um vizinho do pai, que rodeava uma casita em ruínas de quatro janelas, onde vivia uma velha doente com a filha. Esta, que servira como criada de crianças a várias famílias de alta estirpe de Petersburgo, havia um ano que tratava da mãe e vestia luxuosamente, embora a extrema miséria as obrigasse a buscar o prato de sopa e o pão que Marfa lhes dava diariamente de esmola na cozinha de Fedor Pavlovitch sem que empenhasse ou vendesse os ricos vestidos, alguns de comprida cauda, como lhe contara Rakitin, que sabia de todos os pormenores. Este só Aliocha voltou a recordar quando lhe associou a ideia de olhar para as janelas, dando nessa altura com um espetáculo completamente inesperado.

Por detrás do muro e ao lado de uma elevação, inclinando-se todo para fora, Dmitri agitava vigorosamente as mãos para lhe chamar a atenção em silêncio, com manifesto medo de ser ouvido. Aliocha aproximou-se:

— Graças a Deus que te ocorreu levantar a cabeça! Estava a ponto de gritar — murmurou, divertido. — Sobe por aqui. Pareces caído do Céu! Pensava em ti!

Também Aliocha se sentiu contente, mas não sabia onde se agarrar. Mitya segurou-lhe no braço com força prodigiosa para o ajudar e, arregaçando a sotaina, o noviço saltou com a agilidade de um equilibrista.

— Muito bem! Agora, vamos — disse o outro com entusiasmo refreado.

— Aonde? — perguntou baixo Aliocha, vendo o jardim deserto e a casa a uns cinquenta passos. — Por que falamos tão baixo? Não há aqui ninguém!

— Porquê? Diabos! — exclamou Dmitri, surpreendido com a sua voz forte. — Que deceções da maliciosa natureza! Estou aqui em segredo, espiando. Já te conto tudo, mas a força do segredo faz-me baixar a voz como a um tolo, mesmo quando não faz falta. Vamos para acolá e não digas nada. Mas espera; antes quero dar-te um beijo.

Glória a Deus no mundo,
Glória a Deus em mim!

era o que eu repetia antes de apareceres.

O horto tinha pouco mais de um hectare de superfície, rodeado de árvores entre as quais abundavam as macieiras, o arce, a tília e o vimeiro. O resto, salvo algumas plantações de framboesas e groselhas e a divisão de hortaliças que se via junto à casa, era terreno inculto que dava vários quintais de feno a quem o arrendava durante o verão por uns rublos.

Dmitri levou o irmão para o local mais escondido, onde as plantas trepadoras cresciam livremente emaranhadas pelas ruínas de um pequeno caramanchão cujo teto oferecia ainda algum abrigo. Deus sabe quem teria construído aquele local... Talvez um coronel reformado, um tal Von Schmidt que há cinquenta anos era proprietário da quinta, em cujo teto as vigas apodreciam, já sem madeiras de sustentação, com os ferros de travamento cheios de ferrugem e ameaçando iminente ruína. No caramanchão havia uma mesa de madeira verde, cravada na terra, com alguns bancos que ainda aguentavam o peso de um homem. Aliocha, que havia notado já a excitação do irmão, viu, ao entrar, uma garrafa meia e um copo.

— É aguardente — riu Mitya. — Já sei no que pensas: «Ainda bebe.» Não tenhas ilusões.

Despreza a opinião do povo
E deixa-te de dúvidas e receios.

— Eu não bebo, só beberrico, como diz esse porco do Rakitin, teu amigo, que há de chegar a conselheiro do Estado falando das excelências

de beberricar. Senta-te. Queria apertar-te contra o meu peito até deixar-te sem alento, Aliocha, porque em todo o mundo, de verdade, o que se diz, de verdade... entendes?... Não gosto de ninguém mais do que de ti!

Pronunciou as últimas palavras com exaltação e logo acrescentou:

— De ti e de uma vadia por quem estou apaixonado, para ruína minha. Não é o mesmo uma pessoa enamorar-se do que amar. Podemos sentir-nos enamorados de uma mulher e odiá-la ao mesmo tempo. Não te esqueças! Ainda te posso dizer sobre isto coisas muito divertidas. Senta-te à mesa, perto de mim, para que te olhe. Está quieto e cala-te porque quem vai falar sou eu... já que chegou a altura. Mas repara que falarei baixo, porque nunca se sabe se as paredes têm ouvidos. Vou contar-te tudo. Não gosto de histórias em fascículos. Sabes por que te esperava com tal ansiedade agora e todos os dias? Há já cinco que a âncora está deitada neste sítio. Não sabes? Pois é porque só a ti posso dizer-te tudo. Porque preciso de ti, porque amanhã levantarei voo e será o fim e o princípio da vida. Nunca sonhaste que caías ao fundo de um abismo? Pois eu sinto-me cair, agora, mas acordado, e não tenho medo, nem o tenhas tu. Bom, tenho medo, sim, mas é agradável; quero dizer, agradável não, mas é um estado de arrebatamento, de êxtase... Que o diabo o entenda! Alma forte, alma débil, alma feminina... Pró diabo! Para mim é igual! Louvemos a natureza! Olha que Sol, que céu tão puro! Toda a folhagem permanece ainda verde. Estamos no verão e que paz às quatro da tarde! Aonde ias?

— A casa, mas queria ver Catalina Ivanovna primeiro.

— Oh, que coincidência! É assombroso! Sabes porque te esperava? Por que razão ansiava ver-te com toda a minha alma, com todo o meu coração? Para que fosses a casa de Catalina e a casa do meu pai, e acabar assim de uma vez com um e com outro. Para lhes mandar um anjo. Se pudesse mandar qualquer pessoa... mas queria que fosse um anjo. E, afinal, encontro-te já a caminho...

— De verdade? Querias mandar-me? — perguntou Aliocha com expressão dorida.

— Cala-te! Já sabias! Vejo que compreendeste tudo. Mas não fales; não me venhas agora com lágrimas e lamentos.

Dmitri levantou-se e ficou pensativo, com o indicador na fronte.

— Ela chamou-te ou escreveu-te. Por isso vais. De outra maneira não irias.

— Está aqui a carta que me enviou — disse Aliocha, tirando-a do bolso.

Mitya leu-a rapidamente.

— E tu ias pelo atalho! Ó deuses! Bendito sejais por haverdes dirigido os seus passos, por mo haverdes trazido como o peixe de ouro ao pobre e velho pescador do conto! Escuta, Aliocha, escuta, irmão. Quero dizer-te tudo pois devo confessá-lo a alguém. Um anjo do céu já o sabe, mas agora terá de sabê-lo um anjo da terra. Tu és esse anjo da terra. Tu entenderás, julgarás e perdoarás. Necessito que outro, que não seja eu, me perdoe. Escuta. Supõe que dois seres desligados de qualquer laço terrestre vão empreender o voo para o desconhecido, ou pelo menos um dos dois, e que antes de voar ou de desaparecer busca o outro e lhe diz: «Faz isto por mim», um favor daqueles que só se pedem no leito de morte. Como poderia o outro negar-se, se for um amigo ou um irmão?

— Fá-lo-ei. Mas de que se trata? Fala depressa.

— Fala depressa!... Ah!... Não tenhas pressa, irmão; não percas a calma e a paciência. Não precisamos de correr agora que o mundo anda de outro modo. Ai, Aliocha, que pena que a tua alma não possa chegar à exaltação, ao êxtase! Mas que te estou a dizer? Como se não pudesse! Sou um estúpido! Que digo!? «Homem, sê nobre...» De quem é isto?

Aliocha resolveu esperar com paciência, acreditando que a sua missão talvez começasse ali. Mitya ficou pensativo durante um tempo, de cotovelos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos. De repente, rompeu o silêncio.

— Aliocha, és o único que pode ouvir-me sem rir. Queria começar a minha confissão com o *Hino de Alegria* de Schiller, *An die freude!* Não sei alemão, sei apenas essa frase. Não julgues que falo desatinadamente, por embriaguez, pois estou bem calmo. A aguardente é tudo, mas preciso de duas garrafas para me parecer com Sileno,

com o seu rosto rubicundo,
sobre o asno que tropeça.

Não bebi nem meio quartilho e não estou embriagado. Não estou, não. Estou, isso sim, iluminado, porque vou direito ao problema para o resolver. Perdoa a graça e todas as que me ocorrerem durante o dia. Não te impacientes. Tudo o que eu disser é porque tenho de o dizer. Falo a sério e

vou ao assunto diretamente. Não quero que fiques em suspenso. Espera, como começa?

Selvagem e temeroso, na sua caverna
Se ocultava o desnudo troglodita,
O nómada sem teto andava errante
Devastando as férteis campinas

Com a lança e as flechas, pela selva
O feroz caçador se extraviava...
Ai de quem as ondas arrojassem
Aquelas duras e inimigas costas!

Desde o cume do altivo Olimpo
Desce, impetuosa, a Ceres maternal,
Em busca do oculto paradeiro
Da sua raptada filha, Prosérpina.

A Deusa não encontra asilo nesta terra
Adusta, nem acolhida hospitaleira
Entre os homens; nem é testemunho um templo
Do culto dos deuses.

Nem dos campos nem dos vinhedos
Se colhe o fruto para os festins
Só carnes sangrentas das vítimas
Do sacrifício fumegam no altar

E aonde quer que a triste deusa
Converta o seu olhar
Contempla na mais vil degradação
A pobre desviada humanidade.

Desatou a chorar e pegou numa das mãos de Aliocha.

— Ó amigo, amigo! Ainda caímos na mesma degradação! Tudo é dor para o homem que habita a terra, porque de todo o lado o invade a dúvida e o tormento. Não me julgues um bruto que, vestido de uniforme militar se

alegra revolvendo-se no chiqueiro dos vícios, que quase não penso noutra coisa mais que neste homem degradado. E se não me engano... Que Deus o não permita... penso tanto, porque eu próprio sou esse homem.

Se quer subir limpo de vileza
Até afundar na luz a sua digna fronte
Volva o homem à antiga Mãe-Terra,
Abraçado ao seu seio para sempre...

Mas a dificuldade está na maneira de identificar-se com a Mãe-Terra. Não posso estreitá-la num abraço, não posso fender o seu seio. Terei de fazer-me camponês ou pastor? Avanço e não sei se me espera a ignomínia ou a luz e a alegria. É o que me traz inquieto, porque tudo o que é deste mundo é um enigma! Sempre que me afundo na lama do meu aviltamento, o que é muito frequente, recito estes versos a Ceres e ao homem. Ter-me-ei emendado? Nunca! Não é em vão que sou um Karamazov, e quando caio no abismo de cabeça para baixo e pés para cima sinto o gozo de tão humilhante atitude e orgulho-me disso. E do fundo da minha vilania elevo as minhas súplicas. Que eu seja maldito; que seja baixo e detestável; mas que possa, ao menos, beijar a orla do véu em que o meu Deus se esconde. Ainda que eu seja a própria obra do diabo, sou teu filho, Senhor, e adoro-Te e sinto a alegria, sem a qual o mundo não pode viver!

Envaidece a alegria eterna
A alma de todos os seres
E na taça da vida
Transborda tal como lava ardente.
Por ela a humilde palha
Levanta-se na direção da luz,
O sistema solar rompe
O caos e as sombras
E os espaços povoam-se
De mundos que o sábio ignora.
Dos seios generosos
Da grande Natureza,
Brota a eterna alegria
Que bebe tudo o que alenta

Pássaros, bestas, répteis
Vão aonde ela os leva
E ela dá ao homem o amigo
O bom vinho e a coroa,
O trono de Deus... ao anjo;
Ao inseto... a luxúria.

Acabe-se a poesia. Sinto os olhos cheios de lágrimas. Deixa-me chorar. Todos se ririam deste parvo caprichoso; mas tu, não. A ti, o olhar brilha. Basta de poesia! Quero falar-te agora dos insetos, dos que Deus fez luxuriosos... Eu sou um deles, irmão, e a mim, especialmente, se refere o verso. Todos nós, os Karamazov, somos como insetos. E mesmo em ti, que és um anjo, vive este inseto que provocará uma tempestade no teu sangue... Tormentas, porque a concupiscência é uma tormenta... pior ainda! Que terrível, que imponente é a beleza! É terrível porque não foi abraçada, nem poderá sê-lo nunca, pois Deus não nos dá mais que enigmas. Limita-nos e por todo o lado vemos contradições. Sou um ignorante, irmão, mas refleti muito sobre isto. E que mistérios há neste mundo! É terrível! Pesam sobre os pobres mortais demasiados enigmas e nós temos de os resolver, que é o mesmo que querer passear a pé enxuto por meio da água. A beleza! Posso imaginar que um homem de grande prudência e clara inteligência comece com o ideal da Madona e acabe com o de Sodoma. Mas o mais espantoso é que um homem que tem na alma o ideal de Sodoma não só não renuncie ao ideal da Madona, mas que este lhe inflame o coração como nos dias da sua inocente juventude! O homem é demasiado difuso nas suas conceções e eu gostaria de o concretizar. O diabo saberá se isto seria o melhor! O que perante a alma é vergonhoso aparece perante o mundo como belo. Existe beleza em Sodoma? Crê-me, para a maior parte das pessoas, a beleza é tão misteriosa como terrível. É uma luta entre Deus e o demónio, e o campo de batalha é o coração do homem. Mas falamos sempre daquilo que nos dói. Escuta, irmão, vamos aos factos.

Capítulo 4 — Confissão Anedótica de Uma Alma Apaixonada

— Tenho levado uma vida dissipada. Meu pai acusa-me de haver gasto milhares de rublos seduzindo jovens honradas. É mentira. Não há nada disso e mesmo que o houvesse não necessitaria de dinheiro, que é para mim um acessório, o sobejo do coração. Hoje tenho uma dama, amanhã uma mulher da rua e entre as duas não faço escolha, atiro o dinheiro às mãos cheias para que haja música, barulho e zíngaros. Às vezes também lhes recheio a bolsa, o que aceitam, contentes e agradecidas. As damas apreciam-me... nem todas, mas muitas, muitas... Eu procuro com predileção pelos passeios, nas obscuras azinhagas, fora do caminho trilhado. É aí que se encontram mais surpresas e aventuras; o precioso metal anda na lama. Falo metaforicamente, claro. Na cidade não há azinhagas escuras senão no sentido moral e se fosses como eu compreendê-lo-ias. Gosto do vício, da libertinagem e da crueldade; sou um parasita, um inseto pernicioso, um Karamazov, em suma! Em certa ocasião, alugámos sete trenós para darmos um passeio. Éramos um bom número de jovens e começava a escurecer, numa noite de inverno. Comecei a apertar a mão da moça que me coube por companhia até a obrigar a devolver-me os beijos. Era filha de um funcionário; uma criatura doce, graciosa, submissa, que me permitiu muitas liberdades na sombra, porque pensava, a pobrezita, que na manhã seguinte a iria pedir a seus pais. Julgavam-me um bom partido. Pois eu não lhe disse nada durante cinco meses e via-a constantemente, em bailes e noutros sítios, a olhar-me como que encandeada. Que encantadora imaginação havia no lume dos seus olhos e como se deleitava no seu tormento o mau bicho que tenho na alma! Casou-se depois com um empregado e deixou a cidade, ainda aborrecida e talvez enamorada de mim. Agora vivem felizes. Aviso-te que ninguém sabe de nada, nunca me gabei disto. Ainda que cheio de instintos perversos e dado a leviandades, não me desonro com uma conduta ruim. Estás afogueado, os teus olhos brilham. Já não podes com tanta imundície... Em suma, tudo isto não são mais do que flores do caminho,

como diria Paul de Kock, que o cruel inseto agitou na minha alma. Tenho um álbum completo de recordações; irmão. Deus bendiga as pobres que nele têm um lugar. Já tentei destruí-lo, sem ter pena de o fazer, e não fui capaz de lhe arrancar uma só folha. Também não ostento favores recebidos. Mas, por agora, já basta. És capaz de acreditar que te trouxe aqui para falar de todas estas asneiras e não é assim. Vou, porém, contar-se uma coisa mais interessante. Que te não surpreenda ver-me alegre, ainda que tenha motivos para me envergonhar.

— Dizes isso porque me ruborizei — interrompeu Aliocha. — Mas não foi pelo que disseste ou fizeste, e sim porque sou como tu.

— Tu? Vamos, exageras!

— Não exagero! — replicou Aliocha com vivacidade, sinal manifesto de que a ideia já lhe acudira ao espírito. — A escada é a mesma. Eu estou em baixo, no primeiro degrau; tu, em cima, levas-me vantagem de uns treze. Vejo o caso deste modo, mas na realidade é igual. Quem subiu o primeiro degrau pode subi-los todos...

— Então mais valia não começar.

— Sim, quem o possa evitar, mais vale.

— E tu não poderias?

— Não o creio.

— Cala-te, Aliocha, cala-te! Comoves-me. Essa Gruchenka tem um olho para os homens!... Disse-me uma vez que te comeria, mais tarde ou mais cedo. Mas bom... deixemos isso. Passemos deste terreno atolado de misérias e baixezas para a minha tragédia, manchada de igual modo de infâmias. Mentiram, chamando-me sedutor de inocentes, mas há algo disso no meu caso, apesar de o ter sido só uma vez e de não ter consumado a vilania. Também, quem o disse, não sabe disto. A ninguém o contei senão a Ivan, e esse é uma tumba.

— Ivan, uma tumba?

— Sim.

Aliocha redobrou de atenção.

— Quando era alferes num regimento de linha e estava ainda sob vigilância, consideravam-me extraordinariamente na pequena guarnição. Julgavam que tinha haveres, porque esbanjava muito. Até eu próprio acreditava na minha opulência. Devia agradar-lhes também mais qualquer coisa pois moviam a cabeça quando eu passava, mas gostavam de mim. O meu coronel, um velho, tomou-me aversão e estava sempre a atacar-me.

Acontecia que eu tinha amigos poderosos e a simpatia de toda a cidade e que, assim, ele não conseguia prejudicar-me grande coisa. Eu era culpado pois me negara a tratá-lo com o respeito que lhe devia. Por orgulho, apenas. O velho teimoso, que no fundo era um bom homem, amável e hospitaleiro, enviuvara duas vezes. Sua primeira mulher, de famílias humildes, deu-lhe uma filha muito ingénua. Quando a conheci tinha vinte e quatro anos e vivia com o pai e uma tia, irmã da mãe, mulher simples e ignorante. Gosto de usar galanteria com toda a gente e na minha vida nunca conheci caráter tão encantador como o de Agafya... Vê bem. Chamava-se Agafya Ivanovna. Não era uma beleza, mas sim um tipo russo, alta, forte, de boa presença, olhos formosos e cara um pouco rústica. Teve dois pretendentes que repeliu sem quebra da sua amabilidade. Cheguei a lidar com ela sem qualquer outro móbil que a pura amizade, que muitas vezes mantive com senhoras em termos da mais santa inocência. Falava-lhe de coisas chocantes que lhe provocavam o riso. Muitas mulheres apreciam essa familiaridade. O que eu me divertia com aquela moça livre de hipocrisias e falsos recatos de senhora! Sem se colocar ao nível do povo, viviam tia e sobrinha com certa humildade voluntária. Esta possuía um raro talento de modista, de que se servia para agradar a todas as amigas que pediam os seus primores, sem que auferisse qualquer dinheiro pelo seu trabalho. Também não recusava os presentes que algumas lhe ofereciam. O coronel era outra coisa. Como fosse uma das autoridades do local, vivia à larga, abrindo os seus salões, recebendo toda a cidade e dando ceias e bailes. Quando me incorporei no batalhão, não se falava noutra coisa senão da próxima chegada da segunda filha do coronel, um modelo de beleza que acabava de sair de um aristocrático pensionato da capital. Era Catalina Ivanovna, filha da segunda esposa, que pertencia a uma família de raízes avoengas, embora pobre. Era muito bem aparentada, isso sim; mas toda a fortuna que dela esperou o coronel se reduziu a castelos no ar.

»Pois bem, quando a jovem veio, toda a cidade se pôs em movimento. Dois generais, uma coronela e as mais distintas senhoras da nossa sociedade, disputavam-se e davam festas em sua honra. Ela era a rainha dos salões e de todos os lugares. Numa ocasião em que se realizavam quadros plásticos com o fim de conseguir socorros para aias necessitadas, eu, que continuava bravio como sempre, realizei uma proeza que deu que falar a toda a cidade. Aconteceu uma noite, em casa do comandante de

bateria. Ela olhou-me dos pés à cabeça e eu voltei-lhe as costas, como que negando-me grosseiramente a ser-lhe apresentado. Poucos dias depois, numa velada, aproximei-me e comecei a falar-lhe, mas ela armou-se em distraída, deixando-me ver um muito pronunciado trejeito de desdém. «hás de pagar», pensei, e durante aqueles dois dias portei-me com deliberada intenção, em várias ocasiões, como um solene maçador. O pior de tudo era que eu percebia perfeitamente que «Katenka» não era uma cândida colegial, mas sim uma mulher de caráter, nobre e muito instruída, enquanto eu não era uma coisa nem outra. Pensas que a galanteava? Não. Só queria vingar-me por não me ter reconhecido um herói...

»Continuei a minha alvoroçada vida de dissipação até que o coronel me prendeu por três dias! Foi nessa ocasião que o meu pai me mandou seis mil rublos contra a renúncia formal de todos os meus direitos, liquidando desse modo a nossa conta corrente e comprometendo-me a não reclamar nem esperar mais nada. Não entendi palavra. Desde que vim para concluir o negócio, até à hora presente, Aliocha, não consegui ver acerto nestas embrulhadas contas de meu pai. Mas não faças caso. Já falamos disso.

»De posse dessa tal soma, recebi uma carta de um amigo que me interessou muito. Soube que o coronel era mal visto pelos superiores, a quem haviam chegados rumores de certas irregularidades, e que os seus inimigos lhe preparavam uma surpresa desagradável. Com efeito, apresentou-se o chefe de divisão e deu-lhe uma batida que deixou o pobre homem sem alento. Ainda não havia recobrado e já o constrangiam a pedir a reforma. Num instante, não sei como aquilo aconteceu, mas o certo é que tinha inimigos… toda a cidade se mostrou fria e insensível para com ele e com a família. Até os mais íntimos lhe voltaram as costas. Então dei o primeiro passo. Avistei-me com Agafya Ivanovna, a quem não deixara de falar e disse-lhe:

»— Sabe que se descobriu um *déficit* de quatro mil e quinhentos rublos nos fundos à guarda de seu pai?

»— Como? Por que diz isso se há poucos dias ainda esteve cá o general e encontrou tudo em ordem?

»— Nessa altura, sim; mas não agora.

»— Não me assuste — pediu ela, espantada. — Quem... quem disse semelhante coisa?

»— Acalme-se — respondi. — Ninguém saberá de nada por mim. Sou calado como uma tumba. Só queria dizer-lhe, prevendo possíveis

acontecimentos, que se lhe pedem esses quatro mil e quinhentos rublos e ele não os puder apresentar, seu pai será julgado em conselho de guerra e condenado a servir como soldado raso, a menos que você mande a sua irmã a minha casa. Eu tenho dinheiro. Entregar-lhe-ei essa quantia e guardarei segredo religiosamente.

»— Canalha! — gritou ela. — Malvado! Não tem ponta de vergonha!

»E afastou-se, indignada e furiosa, sem atender os meus protestos de que guardaria o segredo.

»Agafya e a tia conduziram-se com *Katya* como se fossem anjos, a quem idolatravam, preservando-a de qualquer notícia desagradável que por vias estranhas lhe pudesse chegar. Mas eu soube logo que Agafya lhe contou a conversa que tivéramos, secundando involuntariamente os meus vis desígnios.

»De repente, para tomar o comando do regimento, veio o novo chefe. O antigo coronel adoeceu e viu-se obrigado a ficar dois dias na cama, sem que pudesse prestar contas. O doutor Kravchenco tornou mais amplo o certificado de doença e ele continuou em casa. Eu sabia que, durante aqueles quatro anos, o dinheiro não estivera nas gavetas do coronel senão durante a visita de inspeção. Costumava emprestá-lo a uma pessoa de confiança, a um velho comerciante chamado Trifonov, de longa barba e lentes com aros de ouro, que fazia grandes negócios nas férias e em seguida lhe devolvia a quantia, acrescentada dos respetivos juros e de um presente. Pois bem, desta vez, o coronel não viu o presente nem o dinheiro. Tive conhecimento disso casualmente pelo filho e herdeiro de Trifonov, uma cabeça perdida e o rapaz mais viciado do mundo. E quando o reclamou, o velhaco do comerciante contentou-se em dizer:

»— O empréstimo? Que empréstimo? Na minha vida recebi de vós algum dinheiro? Ter-me-ia acautelado bem se aceitasse um cêntimo que fosse!

»Na casa do coronel andavam todos muito atarefados pondo-lhe, sem descanso, compressas de gelo na fronte quando chegou uma ordenança com o livro das contas e a ordem de fazer a entrega do dinheiro do regimento dentro de duas horas. O coronel assinou. Vi a sua assinatura no livro. Levantou-se dizendo que ia vestir o uniforme, correu ao quarto, carregou a espingarda de caça e, apontando-a ao coração, apoiou o pé direito, que havia descalçado, no gatilho. Mas Agafya, que se lembrava das minhas palavras e que vivia em contínuo receio, tinha deslizado para

perto da porta e naquele preciso momento atirou-se sobre o pai, por detrás, e empurrou a arma, cujo tiro se cravou no teto sem outro resultado pior que o sobressalto com que todos a acudiram a conter o desesperado.

»Eu tinha-me penteado, perfumara o lenço e acabava de vestir o sobretudo quando se abriu a porta dos meus aposentos e me encontrei frente a Catalina Ivanovna.

»De que misteriosas cumplicidades se rodeiam certos acontecimentos! Ninguém a vira na rua, ninguém, pois sabia o propósito daquela visita! Eu vivia com duas senhoras que cuidavam da minha roupa, duas velhotas muito dedicadas em quem podia ter toda a confiança. Seriam mais caladas que um madeiro. Compreendi tudo, então. Ela entrou olhando-me fixamente. Nos seus olhos havia resolução e firmeza, mas os lábios tremiam-lhe, incertos, ao falar:

»— Minha irmã disse que me daria quatro mil e quinhentos rublos se os viesse buscar eu mesma. Aqui me tem... E venha o dinheiro...

»Não podia falar, de sufocada que estava. Toda ela tremia e a voz embargava-se-lhe na garganta. Mas Aliocha, ouves-me ou dormes?

— Mitya, sei que me dirás toda a verdade — respondeu o outro emocionado.

— Saberás tudo, sim. Já não posso deter-me no caminho da sinceridade por que enveredei. O meu primeiro pensamento foi o de... um Karamazov, claro. Uma vez fui picado por uma centopeia e tive duas semanas de febre. Pois bem, irmão, naquele momento senti a picada do venenoso inseto no meu coração, entendes? Passeei o olhar por todo o corpo dela. Já a viste? É uma beldade, mas naquela altura a beleza sublimava-a aos meus olhos maus. O sacrifício pelo pai a um inseto vil elevava-a ao cume das generosidades. Estava, em corpo e alma, nas minhas mãos vis... Ela, à minha mercê. Confesso-te que esta ideia, esta venenosa ideia, me impressionou de tal modo que julguei perder os sentidos. Pareceu-me impossível resistir-lhe, ainda que tivesse de proceder como um parasita, como um lacrau, sem ponta de piedade. Sentia-me desfalecer! Asseguro-te que no dia seguinte teria ido a sua casa pedir-lhe a mão para terminar nobremente o que seria um segredo para todos. Pois infame e tudo o resto, não deixo de ser honrado. Mas uma voz interior falou-me claramente naquele momento decisivo. «Se vais amanhã com oferecimentos, esta moça negar-se-á a receber-te e mandará um lacaio pôr-te na rua, como a um cão. Já podes apregoar a tua façanha por toda a

cidade», dirá, «não te temo.» Olhei-a e a minha voz interior foi corroborada. Não havia dúvida. O rosto dela dizia que eu seria expulso de sua casa. Tive um acesso de cólera. Desejava dar o passo mais infame, dirigir-lhe um olhar de desprezo e humilhá-la, falando-lhe com a linguagem de um merceeiro.

»—Quatro mil rublos! Acreditaste nisso? Pois estava a brincar. Contais com as coisas muito levemente, senhora. Duzentos, se quereis, com muito gosto, mas quatro mil rublos não é soma para se deixar ir por uma futilidade. Maçastes-vos em vão.

»Eu teria perdido neste jogo, porque ela ir-se-ia embora. Mas a vingança era diabólica, digna das circunstâncias. Arrepender-me-ia durante toda a minha vida. Quererás acreditar que nunca me aconteceu olhar uma mulher com aversão? Pois juro-te que então a contemplei durante dois segundos, ou talvez mais, com um ódio terrível, com esse ódio que não está separado do amor por mais do que um cabelo.

»Fui à janela e apoiei a testa ao vidro gelado. Recordo-me que queimava como uma brasa. Não a retive muito, não julgues. Voltei-me para a mesa, abri uma arca e tirei uma nota de banco de cinco mil rublos que tinha posto entre as páginas de um dicionário francês. Mostrei-lha sem dizer palavra, dobrei-a, coloquei-lha nas mãos, abri a porta e fiz-lhe uma vénia profunda, respeitosa e solene. Acredita! Toda ela tremeu, olhou-me pálida como uma morta, sem a sua aturdida impetuosidade, mas com vivacidade encantadora, inclinou-se ante mim, não com a cortesia de uma colegial, mas com a rendição do povo russo, humilhando a testa até ao chão. Quando partiu, desembainhei a espada para enterrá-la no peito. Não sei porquê. Devia estar louco!... Creio que por gosto... Compreendes que alguém se possa matar por gosto? Mas contentei-me com beijar a lâmina e voltei a metê-la na bainha... o que não fazia falta que te contasse. Até sinto um pouco de vanglória ao falar das minhas lutas íntimas. Que vão para o inferno os que se metem em coisas do coração! Bom, já basta da minha *aventura* com Catalina Ivanovna. Só tu e Ivan a conhecem... mais ninguém!

Dmitri levantou-se terrivelmente excitado, deu alguns passos limpando a testa com o lenço e voltou a sentar-se do outro lado de Aliocha, que teve de mover-se de maneira a poder encará-lo.

Capítulo 5 — Confissão de Uma Alma Rolando pela Encosta

— Sei até aqui a primeira parte — disse Aliocha.

— A primeira parte, sim. A primeira parte é um drama que foi representado lá; a segunda, uma tragédia que terá lugar aqui.

— Uma tragédia? Não compreendo.

— E eu... Julgas que o entendo?

— Ouve-me, Dmitri. É muito importante que aclaremos uma coisa. Ela foi e continua a ser tua noiva?

— Foi minha noiva apenas três meses depois da aventura. No dia seguinte dava tudo por acabado, pensando que aquilo não teria consequências e porque considerei uma baixeza ir pedir a sua mão. Por parte dela, não deu sinal de vida durante as seis semanas em que permaneceu na cidade, senão no dia imediatamente a seguir ao da visita. A criada dela veio a minha casa e entregou-me um sobrescrito fechado que continha o excesso da quantia pedida. Com o troco, a nota sofrera um desconto de mais de duzentos rublos, porque me devolviam uns duzentos e sessenta, não me lembro bem. Mas não o acompanhava a menor explicação, quer por escrito quer verbal. Dei voltas e voltas ao envelope procurando qualquer traço de lápis... nada. Gastei depois esse dinheiro numa orgia tão estrondosa que o novo chefe me passou uma forte reprimenda.

»O coronel entregou o dinheiro do regimento, com grande assombro de todos, pois ninguém acreditava que a caixa estivesse intacta. Imediatamente caiu doente, de cama, e morreu ao fim de um mês de uma lesão cerebral. Foi enterrado com todas as honras militares devidas ao posto que ocupava, pois ainda não fora formalizada a sua demissão. Dias depois, Catalina partia para Moscovo com a tia e a irmã. Eu não as vira nem me despedira delas, mas à hora da partida recebi um pequeno bilhete azul com algumas palavras. Dizia: “Escrever-vos-ei. Aguardai. C.” Nada mais.

»Contarei agora o resto. Em Moscovo a situação delas variou com a rapidez do relâmpago, como num conto de fadas. A generala, sua parente, que numa semana acabava de perder duas sobrinhas e herdeiras diretas, vítimas da varíola, recebeu Katya como uma filha carinhosa e retificou o testamento em favor da órfã. Enquanto esperava a fortuna, deu-lhe como dote oitenta mil rublos para que fizesse deles o que quisesse. Era uma histérica. Conheci-a mais tarde, em Moscovo.

»Podes calcular a minha surpresa ao receber pelo correio, quando menos esperava, quatro mil e quinhentos rublos. Três dias mais tarde veio a carta prometida. Tenho-a comigo, sempre. Levá-la-ei comigo, também, quando morrer. Queres vê-la? É necessário que a leias. Oferece-se para ser minha esposa! Oferece-se ela própria! "Amo-vos com loucura", diz. "Mesmo que não me queirais, não importa. Sede meu marido. Não temais que vos moleste, serei um móvel da vossa casa, o tapete que pisais. Quero amar-vos eternamente, salvar-vos de vós mesmo." Aliocha! Eu não sou digno de repetir estas frases com a minha língua vil e torpe, que não tem emenda. Esta carta despedaça-me o coração ainda hoje. Pensas que posso esquecê-la... esquecê-la um só momento? Porque não podia ir a Moscovo, respondi-lhe em seguida, molhando a carta com as minhas lágrimas. Mas envergonhar-me-ei sempre de uma coisa; recordava-lhe que era rica e bem dotada, enquanto eu não era mais do que um miserável. Escrevi então a Ivan, contando-lhe tudo numa carta de seis páginas e encarregando-o de fazer-lhe uma visita. Por que me olhas assim? Já sei. Ivan apaixonou-se por ela e continua a amá-la. Para toda a gente o meu comportamento foi o de um pateta, mas é possível que essa patetice nos salve a todos, agora. Oh! Não vês que estima tem por ele? Como o respeita? Crês que, se nos comparar, me pode preferir a ele depois do que se passou?

— Tenho a certeza de que ela te prefere, de que gosta de ti e não dele.

— O que ela quer é a sua *virtude* e não a minha pessoa — atalhou Dmitri com mais malícia do que reflexão. Deu uma gargalhada, mas em seguida os olhos brilharam-lhe, corou e deu um tremendo murro na mesa. — Juro-te, Aliocha! — gritou raivosamente, indignado contra si mesmo. — Podes não acreditar em mim, mas tão certo como a misericórdia de Deus, como Cristo é Deus, te juro que se acabo a rir-me dos seus nobres sentimentos reconheço que a minha alma está um milhão de vezes mais baixa do que a dela, e que os seus sentimentos são tão puros como os de um anjo! É esta a tragédia, sei-o bem. Trazemo-la dentro de nós e não

importa que deixemos ver algumas das suas cenas, como eu faço com toda a sinceridade. Quanto a Ivan, compreendo que diga mal da natureza. Ele, tão inteligente, ver-se substituído... Por quem? Para quê? Por um monstro que arrasta publicamente os seus esponsais na orgia, perante os olhos da prometida! Um homem como eu ser preferido, enquanto ele é repelido! E tudo porquê? Porque uma senhorita quer sacrificar a vida e a alma em altares de gratidão! É ridículo! Nunca disse uma palavra disto a Ivan e, por seu lado, ele não me deixou prever nada. Mas o destino cumprir-se-á e o que for digno guardará a sua fortaleza, enquanto o outro se perderá para sempre nos caminhos tortuosos, nos caminhos hediondos, nos caminhos da concupiscência, onde viverá como na própria casa, afundando-se à sua vontade no lodo pestilento em que ele resume a liberdade e a felicidade. Falo como um néscio. Não encontro palavras adequadas e digo tudo à maluca, mas acontecerá como te digo. Eu afundar-me-ei e ela casará com Ivan.

— Espera, Dmitri — atalhou Aliocha. — Há um ponto a que não respondeste claramente. Continuas noivo, não é verdade? Como quebrarás o compromisso se ela, a noiva, não o consente?

— Sim, formal e solenemente. À minha chegada a Moscovo celebrámos os esponsais com toda a pompa. Houve imagens santas, cerimónias e todos os requisitos. A generala deu-nos a bênção e até... Queres crer que felicitou Katya? «Escolheste com acerto», disse. «Basta olhar para ele.» E acreditas que Ivan lhe foi tão antipático que apenas correspondeu ao seu cumprimento? Em Moscovo falei com Katya durante muito tempo. Revelei-lhe a minha maneira de ser com inteira sinceridade e honradez. Ela escutou-me, sempre atenta e efusiva.

Do rapto de amor inquieto
Brotava a doce frase.

Doce e amarga, por vezes atrevida. Arrancou-me a promessa solene de que me corrigiria. Prometi e... vês o que aconteceu.

— O quê?

— Que te chamei e te trouxe aqui hoje, hoje mesmo, lembra-te bem, para te mandar, precisamente neste dia, a casa de Catalina Ivanovna.

— E depois?

— Quero que saibas que não a tornarei a ver. Diz-lhe isto: «Meu irmão encarregou-me de lhe apresentar os seus respeitos.»

— É possível?

— Por não o ser de outra maneira, te envio. Como o havia de dizer eu mesmo?

— E aonde vais tu?

— À lama da rua!

— Com Gruchenka, não? — lamentou Aliocha, unindo as mãos. — É possível que Ratikin me tenha dito a verdade? Julgava que a tinhas visitado e nada mais.

— Tu dirás se um noivo pode fazer tais visitas com uma prometida como a minha e à vista de toda a gente! Vamos, homem! Ainda me resta um pouco de honra. Quando comecei a frequentar essa casa, deixei de considerar-me comprometido e homem de palavra. É assim que eu entendo estas coisas. Que esperas? Tens de saber que fui vê-la com a intenção de lhe dar uma sova. Sabia que esse capitão, às ordens de meu pai, havia dado a Gruchenka um vale meu a fim de me apanhar uma renúncia por medo de ir para a prisão. Fui lá para lhe dar uma lição. Apenas a vira uma vez; não é mulher que deslumbre à primeira vista. Sabia que teve um amante que jaz agora paralítico numa cama e lhe deixará uma pequena fortuna. Sabia também que gosta muito de dinheiro, que faz negócio emprestando com altos juros. É uma usurária e uma gastadora sem remissão. Fui para me zangar e... fiquei. Desencadeou-se a tormenta que me colheu, contaminando-me a lepra do pecado. Continuo empestado e sei que tudo se acabou, que não há remédio para mim. Consumou-se o ciclo dos tempos. A minha história estava escrita. Sou um pedinte, mas a fatalidade quis que, naquela ocasião, levasse no bolso três mil rublos. Fui com Gruchenka a Mokroe, a vinte e cinco *verstas* daqui, e correu champanhe para todos os camponeses, bebendo mulheres e até crianças, e ouvimos zíngaros. Em três dias fiquei sem nada, inteiramente liso, mas feito um herói. Crês que consegui tudo dela, não? Pois nem tanto como isto! Digo-te que essa Gruchenka tem o corpo flexível e escorregadio como uma serpente. Convencer-te-ás disso se lhe vires os pés, pequenos, ou até mesmo os dedos mais pequenos. Eu vi-os e beijei-os, mas nada mais. «Casarei contigo», disse-me, «embora sejas pobre, se tu o quiseres. Promete que não me impedirás de fazer o que me apeteça e talvez me case.» Desatou a rir e creio que ainda não parou.

Dmitri levantou-se, brusco e enfurecido. Parecia um bêbado com os olhos injetados de sangue.

— E pensas mesmo casar com ela?

— É para já, se quiser! E se não quiser, para mim é igual. Serei seu criado, Aliocha! — rugiu. E parando perto do irmão, segurou-o pelos ombros e começou a sacudi-lo violentamente. — Não sabes, inocente criatura, que isto é um delírio, um delírio louco que gera uma tragédia?! Tens de saber, Alexey, que posso ser um ruim, um degenerado, um saco de abjetas paixões, mas um ladrão, um gatuno, Dmitri Karamazov jamais o poderá ser! Pois bem, eu sou um ladrão indecente. No dia em que fui a casa de Gruchenka com ânimo de lhe aplicar uma sova, Catalina Ivanovna pediu-me com grande segredo (não sei porquê, mas devia ter as suas razões) que fosse à capital sem que ninguém soubesse para entregar três mil rublos a Agafya Ivanovna que estava em Moscovo. Foi com esses três mil rublos que visitei Gruchenka e foi esse o dinheiro que gastámos em Mokroe. Claro que anunciei ter ido à capital, mas nunca apresentei o recibo. A Catalina disse que havia mandado o dinheiro e que já lhe daria o recibo dos Correios; mas claro que ainda o espera e eu ando a fazer-me de esquecido. Que pensas dizer-lhe hoje quando a fores ver e depois da frase: «Ele envia os seus respeitos», ela te perguntar: «O que há sobre o dinheiro?» Poderás acrescentar: «É um sensual degenerado, um homem vil, incapaz de refrear as suas paixões. Não cumpriu o vosso encargo e gastou o dinheiro. É um bruto que não sabe dominar-se.» Ah! Se pudesses acrescentar: «Não é um ladrão. Aqui estão os três mil rublos, que vos devolve, para que vós mesma os envieis a Agafya, encarregando-me que vos saúde da sua parte...» Mas o quê?

— És um infeliz, Mitya! Mas não tanto como tu próprio crês. Não te aflijas até estares desesperado.

— Pensas que vou dar um tiro na cabeça por não poder restituir o dinheiro? Não cuides nisso, não tenho esse capricho. Depois, quem sabe? Mas agora vou a casa de Gruchenka, à conta de Deus!

— E assim...?

— Assim serei seu marido, se me quiser como tal, e quando vierem os amantes retirar-me-ei para a sala ao lado. Limparei as botas dos amigos, acenderei o «samovar» quando quiserem tomar chá e farei os recados.

— Catalina Ivanovna tomará conta de tudo — disse Aliocha com solenidade. — Compreenderá a enormidade desta desgraça e perdoará. O

seu espírito elevado far-lhe-á ver que és o mais desgraçado dos homens.

— Não perdoará nada — disse Dmitri com uma careta. — Há algo mais nisto, irmão, que nenhuma mulher esqueceria. Sabes o que seria melhor?

— O quê?

— Devolver-lhe os três mil rublos.

— E aonde os vamos buscar? Eu tenho dois mil, Ivan pode dar-te outros mil... Devolve-os e fica em paz.

— Quando os terei? Tu ainda és menor. Além de que é necessário, absolutamente necessário, que hoje mesmo, com dinheiro ou sem dinheiro, me despeças dela, pois as coisas estão de tal ordem que não posso esperar mais. Amanhã já será tarde. Vai a casa do pai...

— A casa do nosso pai?

— Sim, antes de ires a casa dela, e pede-lhe os três mil rublos.

— Mas, Mitya, sabes que não mos dará!

— Oh, sim. Sei-o bem de mais. E tu conheces o desespero, Aliocha?

— Sim, conheço.

— Ouve. Legalmente, nada me deve, mas moralmente sim. Que não? Já sabes que com os vinte e oito mil rublos de minha mãe ganhou cem mil? Que me dê apenas três mil e tirará a minha alma deste inferno, espiando assim muitos dos seus pecados. Por esses três mil rublos empenho a minha palavra de honra de que não lhe pedirei mais nada, nem saberá mais nada de mim. Pela última vez, ofereço-lhe a ocasião de se portar como um pai. Diz-lhe que é o próprio Deus quem envia esta oportunidade.

— Mitya, por nada ele os dará.

— Eu sei; sei perfeitamente. E agora ainda menos. Mas não é tudo. O pior é que me constou que há alguns dias, ou talvez só desde ontem, é que ele soube *de verdade,* repara bem, *de verdade,* que Gruchenka não brinca e que pensa a sério casar-se comigo. Ele conhece-a bem, sabe do que é capaz essa gata, e compreenderás que não vai ajudar-me com o seu dinheiro quando anda perdido por ela. Ainda há mais para dizer, espera. Sei que há uns cinco dias tirou três mil rublos do banco, em notas de cem, e as meteu num envelope que lacrou. Vês como estou bem informado! No envelope escreveu: «Ao meu anjo Gruchenka, para quando vier.» Ninguém sabe da existência deste dinheiro a não ser Smerdyakov, em quem tem absoluta confiança. Há três ou quatro dias que a espera. Julga que irá pelo dinheiro,

pois que lho fez saber e respondeu que talvez fosse. Se for, como poderei eu casar com Gruchenka? Compreendes agora por que me oculto aqui e a quem espio?

— A ela?

— Justo. Foma, que habita um quarto em casa destas perdidas, está do meu lado. Era soldado no meu regimento e agora trabalha como um negro para elas. De noite faz de guarda e durante o dia caça galos silvestres. Instalei-me no seu quarto e nem ele nem a dona da casa sabem para quê.

— Só Smerdyakov o sabe?

— Só. E há de avisar-me se a Gruchenka lá vai.

— Foi ele que te disse do dinheiro?

— Sim, é segredo. Nem Ivan o sabe. O velho quer enviá-lo dois ou três dias a Tchermachnya. Apresentou-se um comprador para o bosque que lá tem e quer vendê-lo por oito mil rublos. Pediu a Ivan que o ajudasse neste negócio, que o reteria fora dois ou três dias, para assim poder fazer o que quer, que é receber a Gruchenka durante a sua ausência.

— E espera-a hoje?

— Não, hoje não irá, segundo parece. É a opinião de Smerdyakov. Nosso pai está neste momento bebendo com Ivan. Vai, Aliocha, e pede-lhe os três mil rublos — gritou, Dmitri.

— Mitya, querido! Que é isso? — exclamou o noviço, levantando-se para olhar mais de perto o rosto transtornado do irmão, supondo-o louco por um momento.

— O quê? Não, não estou louco — disse Dmitri sustendo aquele olhar com o seu, vivo e intenso. — Não temas. Envio-te a casa de meu pai e sei o que digo. Creio em milagres!

— Em milagres!

— Num milagre da Providência divina. Deus conhece o meu coração, vê o meu desespero. Deus vê tudo e, decerto, não permitirá que ocorram coisas atrozes. Creio em milagres, Aliocha. Vai!

— Vou, sim. Mas diz-me, esperar-me-ás aqui?

— Claro. Já sei que não é «chegar e andar», porque deve estar bebido. Esperarei três horas... quatro, cinco, seis, sete... Mas lembra-te de que hoje sem falta terás de ver Catalina Ivanovna, nem que seja à meia-noite, *com dinheiro ou sem dinheiro.*

— Mitya! E se Gruchenka vai lá hoje, amanhã ou outro dia?

— Gruchenka? hei de vê-la antes que chegue e impedir-lhe a entrada.

— Mas...

— Se há um «mas», matarei. Não poderei remediá-lo.

— Matarás quem?

— O velho. Nunca ela!

— Que dizes, irmão?

— Ah! Sei lá... sei lá. Talvez não o mate, talvez o mate mesmo... Temo que de repente me pareça tão odioso e repugnante o seu rosto, naquele momento... Dá-me asco aquela cara, aquele nariz, aqueles olhos e aquele sorriso de sem-vergonha. Revolvem-me o estômago. É isto o que faz medo. Não poder resistir...

— Vou-me, Mitya. Deus disporá as coisas para que não aconteça um horror semelhante.

— Eu fico aqui, aguardando o milagre. Mas se não se realizar...

Aliocha encaminhou-se, pensativo, para casa de seu pai.

Capítulo 6 — Smerdyakov

Encontrou de facto o pai sentado à mesa, não na sala de jantar, mas sim, como sempre, no salão, que era o quarto mais amplo e mobiliado segundo as exigências da moda antiga: móveis brancos e tão envelhecidos como os tapetes de seda encarnada onde sobressaíam. Entre as janelas, cornucópias em molduras lavradas com paciência e estucadas de branco. Nas paredes, cobertas também de papel branco que saía solto nalguns locais, havia grandes retratos: o de um príncipe que governara a província treze anos antes e o de um bispo já falecido, Deus sabia quando. No canto mais afastado da entrada, via-se um grupo de imagens alumiadas por uma luz que ardia durante toda a noite... não tanto por piedade como para que não ficasse a sala às escuras. Fedor Pavlovitch deitava-se tarde, às três ou quatro da madrugada, e até lá dava voltas na casa e refletia sentado numa cadeira. Era um dos seus hábitos mais arreigados. Às vezes dormia só em casa, mas Smerdyakov geralmente ficava a fazer-lhe companhia, deitando-se num banco.

Quando Aliocha entrou acabavam de almoçar e estavam a servir os doces e o café. Fedor apreciava muito as guloseimas com aguardente. Ivan sorvia o café em silêncio e os dois criados estavam de pé, refletindo no seu rosto a alegria do amo, que ria às gargalhadas. Este riso penetrante anunciou a Aliocha, antes que entrasse, que o pai estava muito contente, mas longe ainda da bebedeira.

— Aqui está! Aqui está! — gritou o velho entusiasmado ao ver Aliocha. — Vem cá! Senta-te! O café é um prato quaresmal e está quente e saboroso. Não te ofereço aguardente para não quebrares o jejum. Queres um pouco? Não, melhor para ti será um copinho do nosso famoso licor. Smerdyakov, abre o armário. É a segunda prateleira, à direita. Toma as chaves.

Aliocha recusou o licor.

— Não importa. Se tu não queres, queremos nós — disse Fedor, radiante. — Mas diz-me... Já almoçaste?

— Sim — respondeu Aliocha, que apenas havia comido um bocado de pão e bebido um copo de *kvass* na cozinha do Superior. — Tomo apenas uma chávena de café.

— Bravo! Bonito menino! Quer café, venha! Estará bem quente? Sim, está a ferver. É um senhor café, preparado por Smerdyakov, um artista do café, dos pastelinhos de peixe e da sopa à marinheira também. Que sopa! Vem cá prová-la, um destes dias. Avisa antes... mas... não te disse esta manhã que viesses com o colchão e a almofada? E então? Trouxeste o colchão?

— Não, não trouxe — respondeu Aliocha, sorrindo.

— Ah! Mas esta manhã tinhas medo, não é verdade! Já sabes, meu filho, que sou incapaz de te afligir. Ivan, não posso conter a minha alegria quando me olha sorrindo desta maneira. Faz-me rir mesmo sem vontade. Gosto tanto dele! Aliocha, quero dar-te a minha bênção, a minha bênção de pai!

Aliocha levantou-se, mas o pai mudara já de ideias.

— Não, não — disse. — Vou apenas fazer sobre ti o sinal da cruz. Senta-te. Vais ouvir o que estávamos a dizer, que nem de propósito para ti. Vais rir. A burra de Balaão falou há pouco... e como fala! como fala!

A burra de Balaão era Smerdyakov, moço de vinte e quatro anos, de feitio arisco e taciturno, o qual não se devia a caráter tímido ou ferino, pois pelo contrário, mostrava-se orgulhoso e parecia desprezar toda a gente.

Cremos oportuno dizer aqui mais alguma coisa sobre ele. Foi educado por Marfa e Grigory, mas o rapaz cresceu «sem o sentido da gratidão». Afastava-se de toda a companhia e parecia olhar toda a gente com desconfiança. Durante a infância gostava de estrangular gatos e de os enterrar com muita solenidade. Para isto enrolava-se num lençol à guisa de sobrepeliz e cantava e agitava qualquer objeto à maneira de turíbulo, incensando o morto. Fazia tudo isto em surdina e secretamente. Um dia, Grigory surpreendeu-o nesta diversão, e como lhe desse uma sova, o rapaz refugiou-se num canto, onde esteve durante uma semana, a resmungar.

— Este monstro — dizia Grigory à mulher — não tem pisca de carinho por nós; não gosta de ninguém. Serás um ser humano? — acrescentava, dirigindo-se ao miúdo. — Que hás de tu ser, se saíste da lama do quarto de banho...

Smerdyakov não pôde esquecer nunca semelhante humilhação. Grigory ensinou-o a ler e a escrever, e quando o discípulo cumpriu os doze anos começou a explicar-lhe as Sagradas Escrituras, no que o moço adiantou pouco. À segunda ou terceira lição, começaram as suas caretas de desconformidade.

— Por que fazes isso? — perguntou o mestre, olhando-o ameaçador através dos óculos.

— Por nada. Deus criou a luz ao primeiro dia e no quarto, o Sol, a Lua e as Estrelas. De onde vinha a luz nos primeiros dias?

Grigory ficou pasmado. Aquele rapaz olhava-o de maneira sarcástica em que adivinhava o desprezo pelo professor. Este não pôde conter-se:

— Já te mostro de onde vinha! — gritou, dando-lhe uma tremenda bofetada.

O rapaz não abriu a boca, mas esteve uns dias no recanto onde sofria os acessos de enfado e tristeza. Ao fim de oito sobreveio-lhe o primeiro ataque de epilepsia, doença que nunca mais o abandonou.

Quando Fedor Pavlovitch soube disso, mudou bruscamente de conduta para com o órfão, de quem pouco se ocupava ainda que nunca se tivesse zangado com ele. Sempre que o encontrava dava-lhe alguns cêntimos, chegando o seu carinho a mandar-lhe alguns doces da sua mesa sempre que estava bem disposto. Quando soube que o pequeno adoecera, mostrou por ele extraordinário interesse. Mandou vir um médico e não poupou meios para combater a doença que se tornou incurável. Sucediam-se as crises com intervalos de um mês, pouco mais ou menos, variando em violência. Umas eram relativamente ligeiras, outras apresentavam os mais graves sintomas. Fedor Pavlovitch proibiu severamente Grigory de castigar o miúdo e permitiu a este que frequentasse a casa grande. Também proibiu que por algum tempo se lhe exigissem trabalhos de atenção. Um dia, tinha ele quinze anos, Fedor Pavlovitch viu-o muito entretido perante a sua pequena biblioteca, esforçando-se em ler através da vitrina os títulos dos livros, uma bonita coleção de uns cem tomos que talvez o velho nunca houvesse lido. Logo lhe deu a chave.

— Toma, lê. Serás o meu bibliotecário. Estarás melhor sentado e lendo do que a passear pelo pátio. Toma, lê este. — E deu-lhe *Tardes da Casa de Campo.*

Leu um pouco e não gostou. Sem um sorriso acabou por fechar o livro com frieza.

— Porquê? Não é divertido? — perguntou Fedor.

Smerdyakov ficou silencioso.

— Responde, imbecil.

— Tudo o que diz é mentira — murmurou o rapaz com uma careta.

— Pois vai para o diabo, alma de lacaio!... Aqui tens a História Universal de Smaragdov. Tudo o que diz é verdade. Lê.

Mas ele só leu umas dez páginas. Achava-o pesado. E a biblioteca fechou-se para sempre.

Pouco depois, Marfa e Grigory contaram ao senhor que Smerdyakov se mostrava cada dia mais escrupuloso e afetado. Ficava em frente da sopa durante muito tempo, pegava na colher, voltava a olhar o prato, cheirava-a e, tomando uma colherada, mirava-a à luz.

— Que tem? Alguma barata? — perguntara Grigory.

— Talvez uma mosca — observara Marfa.

O apreensivo moço não respondera, mas fazia o mesmo com o pão, com a carne e com toda a comida. Pegava num bocado com o garfo, aproximava-o da luz e só depois de grande e minuciosa observação se decidia a levá-lo à boca.

— Puf! Que ares de senhor delicado! — murmurava Grigory.

Quando Fedor Pavlovitch soube deste novo capricho de Smerdyakov, decidiu fazê-lo seu cozinheiro e mandou-o a Moscovo para que aprendesse o ofício. Esteve ali vários anos e voltou notavelmente mudado. Envelhecido, pálido, magro e muito efeminado. O caráter era o mesmo: misantropo como sempre, não suportava a companhia de ninguém. Em Moscovo tinha apanhado o hábito de se calar. A cidade desgostara-o e viveu nela sem aprender nada. Um dia foi ao teatro, de onde saiu enfadado para não voltar. Por outro lado chegou de Moscovo muito janota. Tanto a sua roupa interior como o fato de fora eram limpos e feitos por medida. Nunca deixava de escovar-se duas vezes por dia com muita ponderação e gostava de dar lustro aos sapatos até ficarem brilhantes como espelhos. E, na verdade, saiu um excelente cozinheiro. Fedor Pavlovitch fixou-lhe um salário que ele gastava quase todo em roupa, perfumes, cosméticos e enfeites. Parecia sentir tanto desprezo pelas mulheres como pelos homens e pelo que a elas respeitava mostrava-se discreto e completamente inacessível. Fedor Pavlovitch começou a olhá-lo de maneira diferente, e como os ataques epiléticos eram mais frequentes e não o contentavam os pratos de Marfa, disse-lhe um dia, olhando-o de través:

— Isto vai de mal a pior. Devias casar-te. Queres que te procure uma mulher?

Smerdyakov empalideceu de cólera, sem responder, e o amo deixou-o em paz com um gesto de impaciência. A única coisa boa era que tinha absoluta confiança na honradez do mancebo desde o dia em que, muito bêbado, perdeu três notas de cem rublos que acabara de receber e por cujo desaparecimento não deu até ao dia seguinte quando, ao começar a procurá-las, as viu sobre a mesa. Smerdyakov encontrara-as no pátio e pusera-as ali no dia anterior.

— Bom rapaz! — dissera o patrão. — Não vi outro como tu. — E ofereceu-lhe dez rublos.

Fedor Pavlovitch não só acreditava na honradez do criado como lhe dedicava um afeto especial. Ele lá sabia porquê, pois o jovem era pouco sociável com ele como o era com os demais. Quase nunca falava e o mais esperto psicólogo teria tido pouca sorte se pretendesse descobrir naquele semblante os seus pensamentos e intenções. Frequentemente se via parar a meio da sala, do pátio ou da rua e permanecer durante dez minutos como perdido em si mesmo. Dir-se-ia que não matutava, cismava ou refletia, e que sofria antes um rapto contemplativo. O pintor Kramskoy deu-nos um quadro «Contemplação». É um bosque no inverno. No caminho solitário que o atravessa, vê-se um aldeão com um sobretudo e umas botas grossas. Está, ao que parece, absorto em meditação, mas não medita nem pensa; está extasiado em «contemplação». Se alguém lhe tocasse, voltar-se-ia desconcertado, como quem desperta. Mas se lhe perguntassem em que pensava, nada recordaria, embora oculte na alma a impressão que o dominou durante o arroubo. Impressão de impressões gostosas que se têm ido vertendo no seu íntimo, penetrando-o de maneira impercetível e inconsciente. Não sabe porquê nem como. E anos depois de ter acumulado estas impressões, pode suceder que, de repente, tudo o abandone e parta em peregrinação a Jerusalém buscando a salvação da sua alma ou se levante e incendeie a aldeia onde nasceu. Talvez faça, até, as duas coisas. Existem muitos contemplativos entre os camponeses e Smerdyakov era talvez um de entre tantos, que acumulava impressões sem saber porquê nem para quê.

Capítulo 7 — A Controvérsia

A burra de Balaão tinha falado de súbito e o tema era o mais peregrino. Quando Grigory fora fazer as compras do dia, o lojista Lukyanov contou-lhe a história de um soldado raso, segundo relatavam os jornais da manhã. O tal soldado caíra prisioneiro num remoto país da Ásia e ameaçaram-no com uma morte cruel se não renunciasse ao Cristianismo para abraçar a religião de Maomé. O cristão negou-se a atraiçoar a sua fé, foi esfolado vivo e morreu louvando a Cristo. Grigory repetiu a história ao amo, que gostava de falar e de rir à sobremesa. Naquela tarde, como estava de bom humor e loquaz como nunca, disse que havia de canonizar aquele soldado e de lhe trasladar a pele para um mosteiro.

— As pessoas apareceriam ali aos montes e far-se-ia um bom negócio!

Grigory franziu as sobrancelhas vendo que Fedor Pavlovitch não só não se tinha emocionado como levava tudo para a brincadeira, aliás seu costume.

Naquele momento, Smerdyakov, que se aproximava da sala de jantar no fim das refeições, riu-se da porta.

— Que caretas são essas? — perguntou Fedor, colhendo no ar o sorriso e a intenção do cozinheiro contra Grigory.

— Creio — saltou Smerdyakov, levantando a voz repentina e inesperadamente — que a ação do soldado é muito louvável em si, mas não teria cometido, na minha opinião, nenhum pecado se tivesse renegado, por assim dizer, o nome de Cristo e a sua fé cristã em qualquer transe para salvar uma vida que pudesse depois empregar em boas ações com que expiaria a sua cobardia.

— Isso seria um grande pecado! Não sabes o que dizes. Se pensas assim, irás para o inferno e assar-te-ão como um pedaço de carne — observou Fedor Pavlovitch.

Foi então que entrou Aliocha, com grande regozijo de seu pai, como já vimos.

— Pois é verdade. Estávamos a falar de coisas que tu entendes — dizia o velho fazendo sentar o noviço para que escutasse.

— Quanto a assar-me como um pedaço de carne, não há tal coisa e, ainda que houvesse, não seria para tanto se fosse conforme a justiça — sustentou Smerdyakov com bravura.

— Que entendes por «conforme a justiça»? — gritou com alegria crescente o amo, tocando em Aliocha com o joelho.

— Este é um canalha e nada mais! — estalou Grigory na sua indignação, fazendo cara ao cozinheiro.

— Essa de canalha — contestou Smerdyakov com calma — terá de esperar um pouco, Grigory Vasilyevitch, e pensarás melhor. Suponhamos agora que caio prisioneiro dos inimigos da religião cristã e me obrigam a maldizer o nome de Deus e a renunciar ao santo batismo. Ora eu sou livre de proceder segundo me dite a razão, desde o momento que não seja pecado.

— Já o disseste antes, não o repitas e prova-o — gritou o amo.

— Miserável! — grunhiu Grigory.

— Se sou ou não miserável, espera um pouco que já to direi, Grigory Vasilyevitch. Mas não insultes, porque tão depressa diga a esses inimigos que não sou cristão e blasfeme contra o verdadeiro Deus incorro em anátema e vejo-me separado da Santa Igreja, nem mais nem menos do que se fosse pagão. Não faz falta que o diga em voz alta, basta que pense dizê-lo e fico excomungado logo nesse instante. É ou não é assim, Grigory Vasilyevitch?

Dirigia-se ao velho criado, muito satisfeito, contestando à pergunta do senhor e atribuindo-a intencionalmente a Grigory.

— Ivan! — gritou logo Fedor Pavlovitch. — Aproxima-te para que te fale ao ouvido. Esse quer reconciliar-se contigo. Deseja os teus elogios. Aplaude-o.

Ivan escutou o pai sem lhe ligar importância.

— Ouve, Smerdyakov! Cala-te um momento — voltou a gritar o velho. — Ivan, ouve o que te digo ao ouvido.

O jovem inclinou de novo a cabeça sem variar a sua expressão de seriedade.

— Gosto tanto de ti como de Aliocha. Não penses o contrário. Outro copo?

— Bem. — E Ivan ficou a olhar fixamente o pai enquanto pensava: «Boa bebedeira que ele já tem!»

O pai observava Smerdyakov com grande curiosidade.

— Tu sejas maldito e excomungado desde agora — atalhou Grigory. — Canalha! Como te atreves ainda a discutir se...

— Não te zangues com ele, Grigory, não te zangues — interrompeu o dono da casa.

— Espera um momento, Grigory Vasilyevitch, e deixa-me acabar. Naquela altura fico anatematizado e converto-me imediatamente num pagão, de modo que o meu batismo para nada tem de ser tomado em conta. Não é isso?

— Despacha-te e acaba de uma vez — estimulou Fedor, sorvendo com deleite o licor.

— Pois se deixei de ser cristão, não engano o inimigo ao afirmar, quando me pergunta se o sou, que o mesmo bom Deus me desobrigou de todo o compromisso com a minha religião, antes de pronunciar uma palavra e só porque queria dizê-la. E se estou livre de todo o compromisso, de que modo e com que justiça me fariam responsável no outro mundo como cristão por haver negado a Cristo se ao negá-lo, só de pensamento, tinham ficado apagadas todas as promessas do batismo? Se deixei de ser cristão, não posso negar a Cristo, com quem nada tenho que ver. Pedirias contas a um turco, e ainda por cima no céu, porque não nasceu cristão, Grigory Vasilyevitch? E como o castigarias por isso, tu que és incapaz de esfolar um cordeiro? Pois ainda que o mesmo Deus omnipotente fizesse os turcos responsáveis quando morre um destes e há que aplicar-lhe o castigo merecido, em caso que deva ser castigado, eu acho que não será julgado culpado por ter vindo ao mundo impuro como todo o pagão que é nascido de pagãos. Deus não pode dizer que um pagão é cristão. Isso seria mentir. E pode o Senhor dos céus e da Terra dizer uma mentira?

Grigory olhava o orador, desconcertado, com os olhos saídos das órbitas. Não entendia bem o que dizia, mas no meio da sua confusão compreendia aqui e ali algumas das frases e parecia então dar com a cabeça contra uma parede invisível. Fedor Pavlovitch esvaziou o copo e deu uma gargalhada.

— Aliocha! Aliocha! Que te parece? Não é um casuísta? Deve ter estado entre jesuítas, Ivan. Oh, como pensam esses jesuítas hediondos! Mas estás a disparatar, casuísta, não dizes senão disparates, disparates. Não chores, Grigory. Reduzi-lo-emos a pó num instante. Diz-me, burrico. Ficarias muito bem perante os teus inimigos, mas terias atraiçoado a fé no teu coração e tu mesmo reconheces que ficarias excomungado. Crês que

não basta isso para ir direito para o inferno? Que dizes, jesuíta pouco esperto?

— Não resta dúvida de que teria atraiçoado a minha fé, mas não seria nenhum pecado especial. Se há pecado nisso é dos mais correntes.

— Como, dos mais correntes?

— Mentes, maldito! — resmungou Grigory.

— Pensa bem, Grigory Vasilyevitch — continuou Smerdyakov, sereno, querendo tratar com generosidade um inimigo que considerava vencido. — Pensa bem, Grigory Vasilyevitch. Diz a Escritura que se tiverdes fé «como um grão de mostarda» e disserdes a uma montanha que se precipite no mar, obedecerá à vossa ordem imediatamente. Pois bem, já que eu não tenho fé e que tu tens tanta para me molestar, prova-o, ordenando a essa montanha que se atire, não ao mar que está demasiado longe, mas à valeta de rega que passa pela horta. Verás como fica quieta e tão segura no seu posto, demonstrando que não tens uma fé verdadeira senão para zombares dos que têm menos do que tu. E convence-te que não só tu, mas ninguém nos nossos dias, desde o mais alto personagem ao mais baixo aldeão, é capaz de mover a montanha, exceto talvez algum homem, ou mesmo dois, que se ocultem nos desertos do Egito, fazendo penitência sem deixar que alguém os veja. Pois bem, sendo os outros uns incrédulos, terá Deus que maldizer-nos a todos, a todos os habitantes da Terra menos a esses dois solitários, sem que a Sua infinita misericórdia perdoe a ninguém? Estou convencido de que as minhas dúvidas serão perdoadas se chorar arrependido.

— Cala-te! — gritou Fedor Pavlovitch num transporte de entusiasmo. — Assim, pois, crês que existem dois homens capazes de mover montanhas... Aponta esta, Ivan. Já tens motivo para um artigo. É toda a alma da Rússia.

— Tendes razão. É isto o que caracteriza a fé do nosso povo — assentiu Ivan, sorrindo.

— Concordas? Pois se tu o dizes é porque deve ser. Não é verdade, Aliocha? É a fé de toda a Rússia, hem?

— Não, Smerdyakov não representa a fé da Rússia, nem muito menos — replicou Aliocha, grave e resoluto.

— Não falo da sua fé. Refiro-me à ideia de esses que vivem no deserto. Não é própria da Rússia?

— Isso, sim. É uma razão peculiar das crenças russas — concedeu Aliocha, sorridente.

— As tuas palavras valem ouro, asno, e dar-to-ei hoje mesmo. Mas disparataste às mil maravilhas. hás de saber, estúpido, que se a nossa fé é pouca, isso se deve a que não temos tempo para mais, e descuidamo-la. Temos demasiados assuntos que nos ocupam e Nosso Senhor fixou-nos apenas vinte a quatro horas por dia, de tal modo que mal nos resta para dormir e muito menos para nos arrependermos. Mas tu negaste a tua fé perante o inimigo quando não tinhas mais em que pensar do que salvar a alma! Já vês que isto é um grande pecado.

— Um pecado, é possível, mas atenuado pelas circunstâncias. Se crendo, como se deve crer, não tivesse suportado as torturas pela minha fé e me houvesse convertido ao maometanismo, cometeria, isso sim, uma grave falta. O caso é que já não chegara aos tormentos com verdadeira fé, porque se não, quando me quiseram pôr a mão em cima, teria ordenado à montanha que se movesse, esmagando-os como a um sapo e eu teria fugido, louvando e glorificando a Deus. Pois agora, suponde que naquele momento o tentei, gritando à montanha que esmagasse os meus verdugos e ela não o fez, como podia deixar de duvidar naquele transe solene, naquela hora espantosa de prova e de terror mortal? Além do mais, já podia desconfiar de conseguir alguma coisa da plenitude do reino dos céus, pois que se as montanhas se não movessem ao meu mandado seria porque lá em cima pouco crédito dão à minha fé e, portanto, pouca coisa me espera na vida futura. Por que razão tinha de me deixar arrancar a pele sem qualquer fim? Pois se nem com as costas meio esfoladas fizera a montanha caso dos meus gritos, nem só podem sobrevir as dúvidas como é fácil que se perca a razão, e que o próprio medo deixe uma pessoa incapacitada para pensar. E depois de tudo, que culpa teria eu se, não vendo vantagem ou recompensa nesta vida nem na outra, guardasse ao menos a pele? Por isso, confiado inteiramente na graça do Senhor, espero em todo o caso ser perdoado.

Capítulo 8 — Influências do Álcool

A controvérsia acabou ali e Fedor Pavlovitch, que estivera tão alegre, ficou melancólico de repente, acrescentando alguns copos de aguardante aos que já bebera em demasia.

— Vão-se embora, jesuítas! — gritou aos criados. — Vai-te, Smerdyakov! Já te dou o dinheiro prometido, mas vai-te. Não chores, Grigory. Anda, que Marfa te consolará e te porá na cama. Estes velhacos não nos deixam em paz nem depois das refeições — acrescentou mal-humorado quando desapareceram. — Esse Smerdyakov vem todos os dias farejar os doces. Ou serás tu que lhe interessas, Ivan? Que lhe deste para estar fascinado assim?

— Nada. Sofre porque o tenho em boa opinião. É um lacaio e um espírito servil; o melhor combustível para a revolução, quando a hora chegar.

— Para a revolução?

— Fazem falta outros homens, já sei. Mas esses também servem. Esses são os primeiros e preparam o posto aos que vêm a seguir.

— Quando será isso?

— Há de disparar-se um foguete para que apite. Os camponeses não gostam muito de escutar esses cozinheiros.

— Mas uma burra de Balaão como essa, fala e fala, e sabe o diabo aonde irá parar.

— Tem feito um bom aprovisionamento de ideias — disse Ivan, sorrindo abertamente.

— Pois aviso-te que não pode suportar-me; nem a mim nem a ninguém. Apesar do alto conceito que tem de ti, despreza-te, e também a Aliocha. No entanto, não rouba, o que é uma grande coisa. Não gosta de intrigas, sabe fechar a boca e não anda por aí com as nossas roupas. Além do mais faz uns pastéis de peixe deliciosos. Mas que vá para o diabo; não vale a pena falarmos tanto dele!

— Claro!

— Quanto às ideias que possa ter, digo-te que, em geral, o aldeão nisso necessita mais de pancada do que de ideias. Tal foi sempre a minha opinião. Os nossos camponeses são uns velhacos ladinos que não fazem caso algum de piedade e, em troca, aproveitam bem uns açoites. A Rússia é rica em vimes, mas se os bosques se destroem, está perdida. Eu tiro o chapéu perante um homem douto. Deixámos de açoitar os camponeses porque nos julgamos muito adiantados, mas eles açoitam-se a si mesmos. Ainda há outra coisa: «Na mesma medida com que medirdes sereis medidos», ou lá como é, porque de qualquer modo teremos de o ser. Que a Rússia é toda uma imundície! Se soubesses, querido, como a detesto! Quero dizer, à Rússia não, aos seus vícios... *Tout cela c'est de la cochonnerie...* Sabes do que gosto? Do engenho.

— Ainda outro copo? Já basta!

— Espera um pouco. Beberei outro e outro e nada mais. Mas calai-vos, não me interrompais. Em Mokroe falei com um velho que me dizia: «Nada nos causa mais prazer do que condenar as moças a serem açoitadas, tarefa de que encarregamos os rapazes. E sucede que o moço pede quase sempre a mão da jovem a quem no dia anterior açoitou. É uma vantagem para elas», disse. «É um meio de saciar os nossos instintos sádicos, mas mais do que tudo é isto feito com engenho.» «Havemos de presenciá-lo, hem?», respondi-lhe. Aliocha, estás a corar! Não sejas tímido, criatura. Sinto não ter almoçado com o teu Superior e haver falado aos monges nas moças de Mokroe. Aliocha, não me guardes rancor por esta manhã ter ofendido o Superior. É o meu caráter que me perde. Se há Deus, se existe, sou culpado e dar-lhe-ei contas de tudo. Mas se não há Deus, não é verdade que merecem isso e muito mais, os padres? Nem cortando-lhes a cabeça pagariam, porque detêm o progresso. Queres crer, Ivan, que isto me atormenta? Ah, leio nos teus olhos que não me crês! Tu acreditas no que dizem por aí; que não sou mais do que um bobo... Tu também não vês em mim outra coisa?

— Não, não vos tenho como tal.

— Julgo que dizes a verdade. Tu olhas francamente e falas com sinceridade. Ivan não. Ivan é orgulhoso... Eu acabaria com os vossos monges, apesar de ser o mesmo. Colheria toda esta caterva de rústicos e suprimi-la-ia da face da Rússia para fazer entrar os loucos na razão. Então nadaríamos em ouro e prata...

— E para que os suprimiria? — perguntou Ivan.

— A fim de que a verdade prevalecesse. É isso.

— Se a verdade prevalece, o pai será o primeiro despojado e suprimido.

— Ah! Pois quase tendes razão. Sou um burro! — saltou Fedor Pavlovitch, batendo na testa. — Pois bem, se assim é, que fique em paz o teu mosteiro, Aliocha, e nós, homens de génio, gozemos a tranquilidade esvaziando garrafas. Já vês, Ivan, que o mesmo Omnipotente arranjou as coisas deste modo. Diz, Ivan, existe Deus ou não? Espera, diz a verdade, fala com formalidade. De que te ris?

— Do seu engenho em estar a observar a crença de Smerdyakov na existência de dois santos que podem remover montanhas.

— Porquê? Achas que me pareço com ele neste momento?

— Muito.

— Melhor. Isso prova que sou um russo de boa cepa. Tu também serás colhido em renúncia da mesma maneira, por filósofo que te arvores. Por que te apanho?... Que apostas a que amanhã te apanho? Não importa, fala. Há Deus ou não? Mas formal, hem? Necessito que sejas formal.

— Não, não há Deus.

— Aliocha, há Deus?

— Sim.

— E a imortalidade, Ivan? Existe a imortalidade? Por pouca, por pequena que seja?

— Não há imortalidade.

— De nenhum modo?

— De nenhum modo.

— Então existiria o nada absoluto. Mas acaso não haverá algo? Algo é melhor do que nada!

— Nada é absoluto.

— Existe a imortalidade, Aliocha?

— Sim, existe.

— Deus e a imortalidade?

— Deus e a imortalidade. A imortalidade está n' Ele.

— E pensar que o homem gastou tão mal tanta fé, tantas energias por nada, por uma quimera, durante tantos séculos... Quem troça assim do homem? Ivan, pela última vez e para sempre. Há Deus, ou não? Pergunto-o pela última vez.

— Pois pela última vez, não.

— Quem se ri da humanidade, Ivan?

— O diabo, talvez. — E Ivan deu uma gargalhada.

— Mas existe, o diabo?

— Não, também não há diabo.

— É pena. Mal haja o primeiro homem que inventou Deus. Não sei que lhe faria! Pendurá-lo pelos pés numa árvore seria para ele uma carícia.

— Se não tivesse inventado Deus não haveria agora civilização.

— Não existiria sem Deus?

— Não. Nem aguardente, esta aguardente que devo tirar-lhe da frente.

— Espera, espera, espera, querido filho. Só mais um copinho. Ofendi os sentimentos de Aliocha. Não estás zangado comigo, Alexey?

— Não me zango. Conheço-o. Tem o coração melhor do que a cabeça.

— O coração melhor do que a cabeça, não é? Ah, Senhor! E é ele quem o diz! Ivan, gostas de Aliocha?

— Sim.

— Tens de gostar — retorquiu o pai, perdido de bêbado. — Ouve, Aliocha, esta manhã portei-me com grosseria para com o teu diretor. Estava muito excitado. Mas tem talento, esse Presbítero, não te parece, Ivan?

— É possível.

— Sim, sim, tem. *Il y a du Piron lá dedans.* É um jesuíta russo. Como é um cavalheiro, sente uma profunda indignação ao ver-se obrigado a representar o papel de santo.

— Mas crê em Deus.

— Nem pisca. Não sabes o que diz a toda a gente? Vamos lá, a toda a gente não, aos homens de talento que o vão ver. Não há muito, disse textualmente ao governador Schultz: «Creio, mas não sei em quê.»

— É verdade?

— É, pois. Mas eu aprecio-o. Há nele algo de Mefistófeles, ou melhor, do *Herói do dia...* Arbenin ou lá como se chama... É um sensual, já vês. Tão voluptuoso que não estaria tranquilo se minha filha ou minha mulher se lhe confessassem. Se o ouvisses quando começa a contar coisas... Há três anos convidou-nos para tomar chá com licores, dos que lhe enviam as senhoras, e contou então a sua vida passada... Bom, quase rebentámos de riso... Especialmente ao ouvir-lhe como curou uma paralítica. «Se as minhas pernas quisessem sustentar-me», disse-nos, «ensinar-lhes-ia uma dança». Que tal? «A que eu costumava dançar nos meus tempos!»,

continuou. Do comerciante Demidov ficaram lá, uma vez, sessenta mil rublos!

— Como? Roubou-os?

— O outro confiou-lhos como a um homem honrado, dizendo: «Guarda-me isto, amigo, pois que vão fazer um registo na minha casa.» Ele guardou-os. «Deste-os à Igreja», declarou logo. O outro respondeu-lhe: «És um canalha.» «Não», replicou, «não sou canalha, sou é esperto.» Mas não era ele, o Presbítero nada tem a ver com isto. Estou a fazer confusão. Anda, bebe outro copo e pronto. Tira-me a garrafa, Ivan. Estou a falar sem tino. Por que não me fazes parar? Por que me deixas mentir?

— Já sabia que pararia sozinho.

— Mentes. Procedeste com perfídia, com toda a tua perfídia. Desprezas-me. Vieste desprezar-me na minha própria casa!

— Pois bem, vou-me já embora. O pai bebeu demasiado.

— Pedi-te pelas chagas de Cristo que fosses a Tchermachnya por dois dias e não foste.

— Irei amanhã, se o empenho é tanto.

— Não irás. O que tu queres é vigiar-me, malvado. Por que não vais?

O velho obstinava-se, chegado a este estado de embriaguez em que o homem, inofensivo até ali, busca agora disputas para manter com teimosia uma ideia qualquer.

— Por que me olhas? Por que me olhas desse modo? Os teus olhos estão a dizer-me: «Bêbedo horrível!» Há deslealdade e orgulho nos teus olhos... Vieste com desígnios ocultos. Aliocha, olha-me francamente. Aliocha não me despreza. Aliocha, não gostes de Ivan.

— Não se irrite contra o meu irmão e deixe já de o atacar — interrompeu o noviço com firmeza.

— Bom, acabou-se. Uf! Dói-me a cabeça. Afasta essa garrafa, Ivan, já to disse três vezes.

Ficou em atitude desconfiada e uma careta azedou-lhe o rosto.

— Não te enfades com um velho, Ivan. Já sei que não gostas de mim, mas não te enfades. Também não tens razões para gostar, essa é que é a verdade... Vai a Tchermachnya. Irei buscar-te e dar-te-ei um presente. Apresento-te a uma moça que conheci lá. Anda descalça, mas não desdenhes das moças que andam assim... pois são como pérolas! — E beijou com ruído glutão as pontas dos dedos. — Na minha opinião — continuou com vivacidade surpreendente, como que serenado pelo seu

tema favorito — na minha opinião... Ah, rapazes! Na minha opinião!... Eu, durante toda a minha vida, só encontrei uma mulher feia. O meu lema é... podereis compreendê-lo? Oh, mas como poderes entender estas coisas se tendes orchata em vez de sangue nas veias? E ainda não rompestes a casca de ovo? O meu lema é que cada mulher possui um encanto diabólico que não têm as outras! A questão é saber encontrá-lo. É necessário talento! Na minha opinião não há mulheres feias. Só o facto de ser mulher já vale muito... mas que sabeis vós? Ainda nas *vieilles filles,* nas solteironas, se descobrem qualidades que vos fazem admirar a estupidez dos homens que as deixaram envelhecer sem lhes tirar o proveito. As maltrapilhas ou pouco atrativas, há que conhecê-las de surpresa. Não o sabíeis? É preciso assombrá-las até que fiquem fascinadas, transtornadas, envergonhadas de que todo um senhor se tenha prendido de uma pessoa vil. É muito divertido que haja sempre amos e escravos neste mundo, porque desse modo existirão sempre donzelas que se prestarão a todos os caprichos do seu senhor, e já sabeis que não faz falta outra coisa para a felicidade. Cala-te... Repara, Aliocha. Também acontecia deixar a tua mãe surpreendida, mas de maneira diferente. Não me importava com ela, nem muito nem pouco, mas quando a ocasião se apresentava era um autêntico devoto. Deitava-me a seus pés e beijava-os, e sempre, recordo-me como se fosse hoje, conseguia arrancar-lhe aquelas gargalhadas cristalinas, pacíficas, nervosas e tão peculiares. Já sabia que os seus ataques começavam assim, que no dia seguinte teríamos chiliques de histerismo e que aquela hilaridade não era uma expressão de alegria. No entanto, imitava-a muito bem. É importante saber onde cada uma tem cócegas. Um dia, Beliabski, que andava sempre agarrado a ela, esbofeteou-me na sua presença. Oh, que doce cordeirinho! Como se pôs do meu lado! Eu que julgava que iria também ajudar aos golpes! «Tentavas vender-me», dizia. «Como ousa maltratar-te na minha presença?», gritava. «Que não volte a pôr os pés nesta casa! Nunca! Corre e provoca-o para um duelo!» Tive que levá-la ao mosteiro para que acalmasse. Os bons padres conseguiram-lhe a razão com as suas orações. Mas juro por Deus, Aliocha, que nunca insultei a pobre louca. Talvez, por acaso, no primeiro ano do nosso casamento, porque estava sempre rezando, e nas festas de Nossa Senhora até me proibia de entrar no seu quarto de dormir. Propus-me arrancá-la daquele misticismo e um dia disse-lhe: «Olha, vês este santo perante o qual te ajoelhas? Fora com ele! Despedaço-o! Tu julga-lo milagroso, mas eu

cuspo-lhe em cima e nada me acontece...» Deus! Quando viu aquilo, pensava que me iria matar, mas não. Levantou-se sobressaltada, torceu as mãos e, ocultando nelas o rosto, começou a tremer dos pés à cabeça e caiu sem sentidos... como uma boneca de trapos. Aliocha! Aliocha! Que tens?

O velho levantou-se, assustado. Desde que começara a falar da mulher o semblante de Aliocha principiara a desfigurar-se. Muito corado, de olhos fulgurantes, um tremor agitava-lhe os lábios. O velho bêbedo, na sua conversa insensata, não se apercebeu de nada até que se repetiu no filho o que estava a descrever acerca da mãe. Aliocha levantara-se, retorcera as mãos, ocultara com elas o rosto e caiu, com um paroxismo violento, agitado de convulsões, soluçando de histerismo. A extraordinária semelhança com o que acabava de recordar impressionou terrivelmente o velho.

— Ivan! Ivan! Corre, traz água! Está como ela, exatamente como ela! Deita-lhe um pouco de água na boca, como eu fiz com ela. Caiu como a mãe, como a mãe...

— A mãe dele e a minha! Ou não seria também minha mãe? — disse Ivan com manifesta ira e desprezo.

O velho estremeceu perante o olhar faiscante de Ivan. E aconteceu uma coisa esquisita que apenas durou um momento, um momento durante o qual o velho bêbedo não conseguiu recordar que a mãe de Aliocha era também a de Ivan.

— Tua mãe? — murmurou sem compreender. — Que queres dizer? De que mãe falas? Dela?... Mas que diabo! É verdade! É claro que era a tua também! Diabo! Nunca tive a cabeça tão confusa! Perdão, devia estar a pensar... Ah! ah! — Calou-se e uma careta de ébrio, grotesca, transformou-lhe o rosto por completo.

Naquele instante ouviu-se um ruído espantoso vindo do vestíbulo. Ouviram-se gritos violentos e furiosas imprecações. Abriu-se a porta e Dmitri entrou com ímpeto no salão. O velho, aterrado, precipitou-se para o lado de Ivan.

— Vai-me matar! Vai-me matar! Não deixes que se aproxime! — uivava, agarrando-se às abas da casaca do filho.

Capítulo 9 — Os Sensuais

Por detrás de Dmitri apareceram Grigory e Smerdyakov, que haviam lutado em vão para lhe cortar a entrada, fiéis às ordens recebidas dias antes. Como um raio e valendo-se de um momento de hesitação de Dmitri, Grigory lançou-se para o lado oposto da sala e, depois de fechar a porta que dava para as habitações interiores, ficou diante dela de braços cruzados, disposto a defendê-la «até à última gota de sangue». Dmitri, prevenido por esta manobra, bramou mais do que disse:

— Ah! Então está aí! Está aí escondida, não é? Afasta-te, velhaco!

Tratou de empurrar o criado, mas este repeliu a acometida com um encontrão. Louco de furor, Dmitri atirou-se contra Grigory, batendo-lhe com toda a sua alma. O velho caiu como um saco e o outro passou-lhe por cima, desaparecendo no quarto.

Smerdyakov, pálido e trémulo, apoiava-se ao lado de Fedor Pavlovitch.

Dmitri gritava:

— Está aqui! Vi-a entrar agora mesmo, mas não pude alcançá-la. Onde se meteu? Onde se meteu ela?

Todo o medo de Fedor Pavlovitch se desvaneceu ao ouvir semelhante notícia.

— Apanhai-o! Prendei-o! — E correu em perseguição do seu rival enquanto Grigory se levantava meio tonto e Ivan e Aliocha se precipitavam atrás do pai.

Na terceira sala ouviu-se a queda de um objeto, seguido de estilhaços de louça. Era um jarrão de pouco valor, com o seu pedestal, em que Dmitri tropeçara ao passar.

— A ele! Socorro! — vociferava o velho.

Ivan e Aliocha alcançaram-no, obrigando-o a voltar ao salão.

— Por que razão o persegue? Matá-lo-á como o lobo ao cão — gritou Ivan, colérico.

— Ivan! Aliocha! Meus filhos! Está na minha casa! Gruchenka está aqui! Ele diz que a viu entrar!

Falava sem alento. Não a esperava tão cedo e só a ideia de a ter em casa transtornava-o por completo, fazendo-o tremer da cabeça aos pés num transporte de delírio.

— Já se vê que não está! — gritou Ivan.

— Pode ter entrado pela outra porta.

— Está fechada e a chave está consigo.

— Apanhai-o! — gritou Fedor Pavlovitch de repente, vendo Dmitri que reaparecia no salão.

Encontrara de facto fechada a outra porta e as janelas de todos os quartos, de modo que Gruchenka não podia ter entrado nem escapado por lado algum.

— Apanhai-o! — repetiu o velho. — Roubou-me dinheiro da alcova! — E soltando-se de Ivan, lançou-se contra Dmitri.

Mas este recebeu-o com as mãos levantadas, agarrou-o pelas duas mechas de cabelo que lhe restavam nas fontes, sacudiu-o a seu gosto e atirou-o ao chão como um objeto desprezível. Depois deu-lhe dois ou três pontapés em pleno rosto, e não foram mais porque Ivan, menos forte do que o irmão, o abraçou por detrás e o apartou, ajudado por Aliocha, que o empurrava pela frente com as suas poucas forças.

— Louco! — gritou Ivan. — Mataste-o!

— Pois bom proveito lhe faça! — respondeu o outro sem alento. — Se o não matei agora, será depois. E podeis vir em sua ajuda!...

— Dmitri! Vai-te embora! — ordenou Aliocha imperiosamente.

— Alexey! Diz-me, estava aqui? Só em ti confio, como sabes. Eu próprio a vi deslizando sob as sebes, nesta direção. Chamei-a e fugiu.

— Juro-te que aqui não esteve; e ninguém a esperava.

— Mas eu vi-a... Decerto que terá... hei de encontrá-la, seja como for... Adeus, Alexey... Nem uma palavra a Esopo acerca do dinheiro, por agora. Vai já a casa de Catalina e não te esqueças de dizer-lhe que lhe mando as minhas respeitosas saudações! Nada mais que saudações e boa viagem. Descreve-lhe esta cena.

Entretanto, Ivan e Grigory levantavam o velho e acomodavam-no numa cadeira. O rosto estava ensanguentado, mas não perdera os sentidos e escutava ansiosamente o que Dmitri gritava. Ainda acreditava que Gruchenka se escondia nalgum canto da casa. Dmitri lançou-lhe um olhar de ódio e disse rancorosamente:

— Não me arrependo de haver derramado o teu sangue! Fica com as tuas ilusões, velho! Fica com elas porque eu também tenho as minhas. Maldito sejas! Renego-te!

E saiu a correr.

— Está aqui! De certeza que está aqui! Smerdyakov! Smerdyakov! — balbuciou Fedor Pavlovitch, arquejando e fazendo sinais com a mão.

— Não está não, velho lunático! — repreendeu Ivan, exasperado. — Bonito! Agora desmaia! Água! Uma toalha! Depressa, Smerdyakov!

Smerdyakov foi buscar a água. Despiram o ferido e deitaram-no, deixando-lhe uma toalha molhada na cabeça como se fosse um turbante. Extenuado pela embriaguez, pela emoção violenta e pelas feridas, fechou os olhos e adormeceu logo que se encostou à almofada. Ivan e Aliocha voltaram ao salão e Smerdyakov apanhou os cacos do jarrão enquanto Grigory, junto da mesa, olhava o chão sombriamente.

— Fazia-te bem uma compressa de água fria na cabeça, e seria melhor deitares-te — aconselhou Aliocha. — Nós trataremos de meu pai. Dmitri fez-te um grande golpe.

— Injuriou-me! — lamentou-se Grigory com voz lúgubre. — Dei-lhe banho tantas vezes... e injuriou-me! — repetia o pobre velho.

— Vai para o diabo! A ele, se não lho tiro das mãos, matava-o. Pouco bastaria para acabar com Esopo, não te parece, Aliocha? — continuou Ivan em voz baixa.

— Que Deus o defenda!

— Por que há de defender? — perguntou Ivan no mesmo tom, com um gesto maligno. — Um réptil devora outro réptil, e está muito bem.

Aliocha estremeceu.

— Pela minha parte, farei o que puder para evitar um crime, assim como evitei agora. Fica aqui, Aliocha. Vou dar uma volta pelo pátio. Tenho a cabeça a arder.

Aliocha entrou no quarto do pai e ficou sentado à cabeceira da cama durante quase uma hora. De repente, o velho abriu os olhos e ficou a contemplá-lo em silêncio, como que fazendo grande esforço de memória. Em seguida, mostrando enorme excitação no rosto, murmurou a medo:

— Aliocha, onde está Ivan?

— No pátio. Dói-lhe a cabeça. Está a vigiar.

— Dá-me esse espelho. Esse aí de cima... Dá-mo... Dá-mo cá...

Aliocha entregou-lhe um espelho de mão que se encontrava sobre a consola e o velho contemplou-se nele. O nariz estava muito inchado e do lado esquerdo da testa ressaltava a congestão avermelhada de uma contusão.

— Que disse Ivan? Aliocha, querido, meu único filho, tenho medo de Ivan. Tenho mais medo dele do que do outro. Tu és o único que não me espanta...

— Nada tema de Ivan. Está zangado, mas defende-o.

— E o outro, Aliocha? Voou para casa de Gruchenka, não foi? Diz-me a verdade, meu anjo. Ela esteve aqui há pouco?

— Ninguém a viu. Foi um engano. Nunca aqui esteve.

— Sabes uma coisa? Mitya quer casar com ela!

— Mas ela não quer.

— Não quer, não quer. Não quer por nada deste mundo!

O velho exaltou-se de gozo e, como se nada pudesse ouvir de mais agradável, pegou na mão de Aliocha e apertou-a contra o peito. Nos seus olhos algumas lágrimas tremiam.

— A imagem da Mãe de Deus de que eu falava, lembras-te? Dou-ta, podes levá-la. Podes voltar ao mosteiro... Esta manhã brincava, não estejas zangado. Dói-me a cabeça, Aliocha, tranquiliza-me. Sê o meu anjo da guarda e diz-me a verdade.

— Ainda pensa que ela esteve aqui? — perguntou o jovem pesaroso.

— Não, não. Acredito no que me dizes. Olha, vai a casa de Gruchenka ou procura-a aonde quer que esteja. Vai depressa e fala com ela; procura saber por ti mesmo a quem dos dois prefere: a ele ou a mim. Que tal? Achas que o poderás fazer?

— Se a vir, pergunto-lhe — murmurou Aliocha atordoadamente.

— Não, ela nunca to diria. É uma raposa. Começará a beijar-te, dizendo que gosta é de ti. É uma falsa, uma sem-vergonha. Não deves lá ir! Não, não vás!

— Não, pai. Além disso não seria de todo conveniente, não ficaria bem.

— Aonde te mandava ele quando gritou «Vai!»?

— A casa de Catalina Ivanovna.

— Para lhe pedir dinheiro?

— Não.

— Pois ele não tem nem um cêntimo. Esta noite refletirei e hei de determinar alguma coisa. Podes ir-te embora... Talvez a encontres... Mas não deixes de vir amanhã de manhã sem falta. Terei que dizer-te algo. Virás?

— Sim, virei.

— Quando entrares, faz de conta que só vens saber de mim. Não digas a ninguém o que te disse. Nem uma palavra a Ivan.

— Muito bem.

— Adeus, meu filho. Nunca esquecerei que me defendeste. Amanhã dir-te-ei algo... mas tenho que pensar.

— Como se sente agora?

— Amanhã levanto-me e poderei sair, já completamente bom.

Ao atravessar o pátio, Aliocha viu Ivan que, sentado num banco perto da porta, escrevia num caderno. Contou-lhe que o pai despertara restabelecido e que lhe permitira ir dormir ao mosteiro.

— Aliocha, gostava muito que nos víssemos amanhã de manhã — disse Ivan, levantando-se. Fê-lo tão afetuosamente que o irmão ficou surpreendido.

— Amanhã tenho de ir a casa das Hohlakov e talvez à de Catalina Ivanovna, se não a encontrar hoje.

— Ah! Então vais agora? Por conta dos «respeitosos respeitos», hem?

Ivan falava com lentidão e Aliocha ficou desconcertado.

— Creio ter compreendido as exclamações de Dmitri e algo das frases que te disse antes. Roga-te que vás vê-la e que lhe digas que ele... enfim... que o dê por despedido.

— Irmão! Como acabará este horror entre o nosso pai e Dmitri? — exclamou Aliocha.

— Quem sabe? Talvez em nada. Tudo pode reduzir-se a espuma. Essa mulher é má rês. De qualquer modo, reteremos o velho em casa e não deixaremos entrar Dmitri.

— Permite-me ainda uma pergunta, irmão. Tem alguém o direito de julgar outro homem e decidir se é digno da vida?

— A que vem a questão de dignidade ou de mérito? Isso resolve-se quase sempre no coração dos homens, sobre princípios mais naturais. Quanto ao direito... quem não tem o direito de desejar?

— Ainda que seja a morte de outro?

— A morte de outro? O que é isso? Teremos de nos convencer de que se o homem é assim é, talvez, porque não pode ser de outro modo. Se aludes às minhas palavras de que está bem que um réptil devore outro réptil, posso pensar da tua parte que me julgas capaz, tal como Dmitri, de verter o sangue de Esopo e até mesmo de o assassinar, hem?

— Que dizes, Ivan? Jamais tive essa ideia, nem creio que Dmitri seja capaz de tal coisa.

— Obrigado pelas tuas palavras — agradeceu o outro, sorrindo. — Defendê-lo-ei sempre, mas deixo os meus desejos em completa liberdade. Até amanhã. Não me condenes nem me tomes por um malvado — acrescentou, voltando a sorrir.

Apertaram-se as mãos como nunca o haviam feito e Aliocha sentiu que o irmão dava o primeiro passo na sua direção com determinado desígnio.

Capítulo 10 — As Duas Mulheres

Aliocha deixou o lar paterno extremamente abatido. No seu espírito revolto dominava o terror, o afinco de fixar numa ideia geral as sugeridas pelos angustiosos acontecimentos daquele dia. Do mais profundo do seu íntimo chegavam-lhe, pela primeira vez, os pontapés do desespero e com todo o peso de uma montanha caía, transtornando-o por completo, a fatal pergunta: em que iria parar a rivalidade entre pai e filho por aquela mulher terrível?

Acabava de ser testemunha do que nunca poderia ter imaginado e ainda que pensasse que, naquela luta, Dmitri seria a vítima expiatória, a mais desgraçada, apareciam envolvidas outras pessoas de que antes não suspeitara e que davam ao assunto um caráter misterioso. Ivan, ao aproximar-se de si, o que tanto desejara, fazia-lhe medo. E aquela mulher? Coisa rara! Sentia-se desligado de toda a perturbação que lhe travava os pés nessa manhã, quando se dirigia a casa de Catalina Ivanovna, e agora corria a vê-la como se fosse ao encontro da melhor conselheira, levando um recado terrivelmente sobrecarregado. Era já irremediável a questão dos três mil rublos e Dmitri, perdida a última esperança de recobrar a honra do seu nome, deixar-se-ia abater pelo declive dos vícios. Até porque o encarregara de contar a Catalina a cena que se dera em casa do pai.

Eram sete horas e as primeiras sombras da noite caíam sobre a cidade quando Aliocha chegou perto de um dos mais sumptuosos edifícios da Rua Maior, onde Catalina vivia com duas tias. Uma era a da meia irmã, Agafya Ivanovna, mulher leiga que tratara dela quando saíra do pensionato; a outra, uma senhora de Moscovo, de escassos recursos económicos. Ambas deixavam à sobrinha completa liberdade e viviam a cargo dela na qualidade de damas de companhia. A jovem só tinha que se sujeitar à benfeitora, a viúva do general que, doente em Moscovo, lhe exigia duas cartas por semana com a explicação de todas as minúcias da sua vida.

Ao entrar e dar o nome à criada para que o anunciasse, compreendeu que já estavam avisados da sua vinda. Talvez o houvessem visto da janela. Aliocha ouviu certo barulho, como que de passos ligeiros e roçagar de

sedas. Duas ou três mulheres tinham fugido da sala aonde o conduziam e, verificando que provocava tal transtorno, ficou muito intrigado.

O salão era amplo e estava mobilado com uma riqueza e elegância que em vão o gosto provinciano tentaria imitar. Espalhados com arte, viam-se divãs, poltronas, escabelos, mesas grandes e pequenas, candeeiros e jarras preciosas com flores abundantes. Havia quadros nas paredes e, na janela, um aquário. Sentiu o ambiente fresco. Aliocha afastou a capa que parecia abandonada no sofá onde se sentou e viu na mesa ao lado duas chávenas meias de chocolate, biscoitos, um cestinho de uvas moscatéis e uma taça de bombons. Deduziu, assim, que interrompera uma reunião e perturbou-se. Mas no mesmo momento reparou que Catalina Ivanovna entrava, sorrindo encantadoramente, avançando com rapidez para o jovem, de mãos estendidas.

Uma criada seguia-a com duas velas acesas que colocou numa mesa.

— Graças a Deus! Até que por fim apareceu! Oh, quanto tenho desejado vê-lo hoje! Sente-se!

A beleza de Catalina surpreendera Aliocha três semanas antes, quando o irmão os apresentara a pedido da noiva. Nessa altura não falaram porque ela quis respeitar a timidez de Alexey, dialogando apenas com Dmitri. Aliocha observou-a atentamente em silêncio, admirando-lhe a arrogância, a fina desenvoltura e o domínio com que se movia, dentro da maior naturalidade. Notou que os magníficos olhos negros, muito rasgados e brilhantes, se harmonizavam com a escura palidez do rosto ovalado. Mas naqueles olhos e nas delicadas linhas dos seus lábios surpreendeu algo capaz de apaixonar o irmão, mas não de lhe inspirar um amor duradouro. Quando, depois da visita, Dmitri pediu e suplicou que nada ocultasse sobre o que lhe parecia a noiva, respondera-lhe com toda a franqueza:

— Serás feliz com ela, mas talvez... não gozes de tranquilidade.

— Eterna, irmão. Estas mulheres não mudam, não cedem nem ao destino. Pensas que não a amarei sempre?

— Talvez a ames sempre, mas é possível que nem sempre sejas feliz com ela.

Aliocha sentiu-se corar e ficou maldisposto logo que cedeu às súplicas do irmão, expressando a opinião que formara com tal falta de jeito. Acusou-se de imprudente e teve vergonha de qualificar com tanta certeza e irreflexão uma senhora que, agora, ao vê-la de perto, modificava o seu juízo, como que iluminando de súbito o erro em que se mantivera. Uma

bondade pura, ardente e sincera irradiava da beleza do seu rosto. O «orgulho altaneiro», que tanto preocupava Aliocha, revelava-se numa expressão de energia natural e de confiança em si mesma. Um olhar, uma palavra bastaram a Aliocha para saber que ela dominava a sua trágica situação com respeito ao homem a quem amava. Perante a luz do rosto e a fé que patenteava no futuro, Aliocha sentiu-se culpado, rendido e cativado ao mesmo tempo. A jovem estava tomada de viva excitação nervosa, quase delirante.

— Esperava-o com impaciência porque só de si e de mais ninguém posso esperar toda a verdade.

— Eu vim... — balbuciou Aliocha — eu vim... foi ele que me mandou.

— Ah! Ele é que o mandou? Suspeitava disso. Agora já sei tudo... tudo! — exclamou Catalina, com clarões nos olhos. — Espere um pouco, Alexey Fedorovitch, e dir-lhe-ei por que ansiava vê-lo. Não é preciso que me conte nada, porque eu devo estar mais bem informada do que julga. Não quero novidades, apenas pretendo que me diga a impressão com que ficou da sua última conversa; que me confesse sem rodeios e claramente (e se for preciso da maneira mais grosseira que o possa dizer) o que pensa dele e qual a sua situação exata a partir da última entrevista. Será preferível à explicação que ele me possa dar, já que não quer vir. Compreende o que lhe peço? Pois fale francamente sem omitir palavra do recado que lhe confiou para me dar... Já sabia que o iria mandar cá.

— Encarregou-me de lhe apresentar os seus respeitos... que lhe dissesse que não voltaria... mas que expressasse as suas respeitosas saudações.

— Respeitosas saudações? Disse isso? E falou dessa maneira?

— Sim.

— Talvez por casualidade confundisse as palavras ou quisesse explicar algo diferente.

— Não. Sublinhou-as bem, encarregando-me de que não as esquecesse por duas ou três vezes.

O semblante da jovem tornou-se cor de púrpura.

— Ajude-me, Alexey Fedorovitch. Agora, sim, agora é que eu necessito da sua ajuda. Vou dizer-lhe o que penso e dir-me-á depois se estou certa ou errada. Ora escute: se ele lhe tivesse pedido para me cumprimentar sem mais nem menos, sem repetir as palavras nem as acentuar, tudo estaria acabado; mas se insistiu e repetiu o recado para que

não se esquecesse de me transmitir as próprias palavras é porque se encontrava agitado e talvez fora de si. Espantava-o a sua decisão e não se afastava de mim com passo firme, mas sim pulando loucamente. Esse recado enfático parece uma fanfarronada.

— Sim, sim — exclamou Aliocha, acalorado. — Estamos de perfeito acordo.

— Então nem tudo está perdido. Ainda o posso salvar. Ele não lhe falou de dinheiro? De três mil rublos?

— Sim, falou. É isso o que mais o atormenta. Diz que perdeu a honra e que nada lhe interessa — respondeu Aliocha, animando-se com a esperança de encontrar ainda um caminho de salvação. — Mas sabeis o que aconteceu ao dinheiro? — acrescentou, voltando ao desalento.

— Sei há bastante tempo. Telegrafei para Moscovo e sei que não o receberam. Não o enviou, mas eu não disse nada. Há alguns dias inteirei-me de que necessitava de dinheiro. O que eu pretendo é que saiba a quem deve recorrer, como ao seu melhor amigo. Mas não, não quer reconhecer-me como amiga verdadeira e empenha-se em considerar-me apenas como mulher. Passei uma semana de tormentos refletindo no que poderei fazer para que me olhe sem se envergonhar de si mesmo ou de quem esteja no segredo, mas para mim... A Deus tudo pode confessar sem corar. Não compreende quanto tenho sofrido por ele? Como, como não me conhece? E como pode não me conhecer depois do que se passou? Mas quero salvá-lo. Que não me considere sua noiva! Bem! Mas que tema apresentar-se desonrado aos meus olhos!... Se lhe abriu o coração sem qualquer temor, Alexey Fedorovitch, por que não merecerei eu o mesmo?

A voz tremia-lhe e algumas lágrimas correram-lhe pelo rosto.

— Tenho de lhe contar — disse Aliocha com voz trémula. — Tenho de lhe contar o que aconteceu entre ele e o nosso pai.

E referiu tudo: como o havia mandado pedir dinheiro, a sua chegada, como atacara o pai e o estranho modo como voltara a incumbi-lo de o despedir dela.

— Foi para casa dessa mulher — acabou Aliocha por fim, debilmente.

— E julgais que não posso suportá-la? E ele o mesmo, hem? Pois não casará com ela, não! — E desatou a rir, com os nervos tensos. — Um Karamazov será capaz, por acaso, de sentir uma paixão eterna? Sim, porque ele sente paixão e não amor. Não casará, não. Ela não o quer.

— Quem sabe? Talvez dependa dele — disse o noviço, baixando os olhos com tristeza.

— Pois digo-lhe que não. Essa moça é um anjo, sabia? — exclamou Catalina com extraordinária vivacidade. — É o ser mais fantástico de todos. Sei bem quanto é sedutora, mas também como é boa, reta e nobre. De que se admira, Alexey Fedorovitch? Crê que exagero ou que não digo a verdade? Agrafena Alexandrovna, meu anjo! — gritou de repente, voltando-se para a porta em que alguém esperava. — Vem cá. É um amigo meu. É Aliocha, que está ao corrente de tudo. Vem para que te veja.

— Esperava só que me chamasses — respondeu uma voz de mulher em tom doce.

E Gruchenka apareceu, radiante, dirigindo-se à mesa. Aliocha sentiu que o coração lhe caía aos pés. Os olhos ficaram presos naquela mulher terrível, naquela «má rés», como Ivan acabara de lhe chamar. De momento, sugeria a ideia de um ser simples e bondoso, de uma criatura doce e encantadora, mas semelhante a tantas mulheres de formosura vulgar. Certo que era de agradável presença e fiel modelo dessa beleza russa perante quem tantos homens suspiram de amor. Alta, sem contudo alcançar a majestosa altura da sua companheira; forte, de movimentos leves, mansos, brandos, dotados de certa graça, como a tonalidade da voz. Aproximou-se com um passo silencioso, cadenciado, firme e decidido que contrastava com o de Catalina e sentou-se numa cadeira com delicados barulhos de seda preta, os do seu vestido. Um xaile de caxemira, branco, aconchegava-lhe o pescoço e as costas. Tinha vinte e dois anos e não aparentava mais nem menos. A pele era branquíssima, com um leve tom rosado nas faces. No oval do rosto, pouco pronunciado, apenas a maxila inferior era um pouco proeminente; o lábio superior, muito delgado, contrastava com o outro, que parecia inchado. A cabeleira, opulenta e magnífica, castanha, as sobrancelhas negras e os olhos feiticeiros, de um azul acinzentado, com longas pestanas, ficavam na memória de qualquer um que, ao cruzar-se com ela entre o público e a rua, parasse um pouco a contemplá-la. Aliocha apreciou singularmente o ar de candura infantil que adornava aquele rosto. O olhar era inocente e alegre como o de uma criança e, como tal, curiosa e impaciente por receber uma guloseima, acercou-se da mesa. A luz dos seus olhos alegrava a alma, pensou Aliocha. Possuía outro encanto que o jovem não compreendia ou não sabia definir, ou ainda que o afetava apenas de modo inconsciente. Era aquela brandura,

aquela voluptuosa flexibilidade, a ondulação felina do seu corpo robusto e cheio. Sob o xaile moldavam-se as costas amplas e maciças e os seios eram túrgidos de fêmea nova. Toda ela sugeria as linhas da Vénus de Milo, proporcionadamente exageradas. Os entusiastas das beldades russas prediriam que aquela formosura, tão fresca e juvenil, perderia a sua harmonia aos trinta anos ao engordar; o rosto intumescer-se-ia, aparecendo rugas na testa e «pés de galinha» nos olhos. A complexão sanguínea dilatar-se-ia no pior dos aspetos e seria, numa palavra, uma beleza efémera, essa beleza prematura tão comum entre as mulheres russas. Aliocha não deu atenção a isso, pois ainda estava fascinado, e não deixou de observar com pena e certo desencantamento aquela languidez e pobreza de linguagem. Ela devia pensar que seria de bom tom usar uma afetada cadência de canção, péssimo costume que revela pouca educação e uma falsa ideia do bom gosto. Aliocha não podia conciliar esta ausência de naturalidade com a expressão de felicidade pueril daquelas feições e a alegria de boneca que brilhava nos olhos doces. Catalina Ivanovna havia-a feito sentar frente a ele e beijava-a repetidamente nos lábios.

— É a primeira vez que nos vemos, Alexey Fedorovitch — disse. — Desejava conhecê-la, vê-la apenas. Quis ir a sua casa, mas tão cedo soube do meu desejo, veio ela. Arranjaremos tudo entre as duas. Diz-mo o coração. Pediram-me que não desse este passo, mas eu pressentia que não haveria tropeços e estava no caminho certo. Gruchenka explicou-me tudo, até mesmo o que pensais fazer. É um anjo de bondade que nos traz a paz e a alegria.

— E não me haveis menosprezado, minha doce e excelente senhora — cantou Gruchenka sem deixar o seu adorável sorriso.

— Não me fales assim, feiticeira. Minha bruxinha! Menosprezar-te, eu! Pois hei de beijar-te outra vez nos lábios, esse que parece um pouco inchado precisa de ficar mais, muito mais. Olha como ri, Alexey Fedorovitch! Depois de ver este anjo até nos sentimos bons.

O jovem corou de vergonha, agitado de um leve tremor.

— É demasiado boa, senhora, e talvez não mereça tanto carinho.

— Não merece? Não merece tanto carinho? — gritou Catalina Ivanovna com a mesma exaltação. — Pois digo-lhe, Alexey Fedorovitch, que somos caprichosas, indomáveis, mas melhores do que a crosta do pão. Somos nobres e generosas, permita que o diga. Infelizmente, a desgraça aninhou-se no nosso coração e estamos dispostas a sacrificar-nos por um

homem indigno ou talvez volúvel. Um oficial a quem amámos e por quem tudo sacrificámos desde há uns cinco anos esqueceu-nos, abandonando-nos para se casar. Agora é viúvo, escreveu-nos, esperamo-lo de um dia para o outro. E sabia? É o único homem a quem amámos e amaremos toda a vida! Voltará e Gruchenka será de novo feliz, esquecendo estes cinco anos de tristeza. Quem pode recriminar a sua conduta? Quem pode gabar-se de haver obtido os seus favores? Esse carunchoso traficante, que é mais pai, amigo e protetor? Ah! Encontrou-a desesperada de angústia pelo abandono do seu amado. A ponto de afogar-se... e foi esse velho comerciante que a salvou.

— Defende-me com grande valentia, minha querida. Arranja tudo em grande velocidade — anotou Gruchenka com a sua languidez de sempre.

— Defender-te! Por que hei de defender-te? Como ousaria fazê-lo? Gruchenka, meu anjo, dá-me a tua mão. Veja, Alexey, como é suave e delicada. Olhe! Foi ela que me devolveu a felicidade, foi ela que me ressuscitou. Vou comê-la com beijos. Assim, assim!

E beijou três vezes com entusiasmo aquela mão encantadora, com efeito, ainda que um tanto gorducha. Gruchenka acompanhava esta adoração com um risinho nervoso e sonoro, observando a outra e visivelmente agradada.

«Para quê tal arrebato, Senhor!». pensou, corando, Aliocha, a quem incomodava de certo modo aquela cena.

— Não conseguirá envergonhar-me, beijando-me assim em frente de Alexey Fedorovitch, querida senhora.

— Pensas que o desejo? — perguntou a outra, surpreendida. — Ah, querida, conheces-me tão mal!

— Também a mim me não conhece bem. Talvez não seja tão boa como lhe pareço. Tenho um mau coração e faço o que me apetece. Seduzi Dmitri apenas para brincar com ele.

— Mas agora hás de salvá-lo. Prometeste-mo. Vais explicar-lhe tudo e, para o desenganar, dizes que há anos que amas outro que te ofereceu agora a sua mão.

— Ah, não! Eu não prometi tal coisa. A senhora é que compôs toda essa história. Eu não prometi sequer uma palavra.

— Pois não te entendo! — disse Catalina em voz surda. — Prometeste...

— Ah, não, senhora angelical; eu nada prometi — interrompeu Gruchenka com o seu acento melado, sem mudar a alegre expressão do rosto. — Já vê, querida senhora, como sou perversa comparada consigo. Não obedeço a mais nada do que aos meus caprichos. É possível que acabe por lhe prometer alguma coisa, mas neste momento penso que Mitya pode ainda vir a estar-me agradecido. Amei-o muito, uma vez... amei-o quase durante uma hora. E é possível que agora lhe vá dizer que venha viver comigo para sempre. Repare como sou versátil!

— Mas se ainda há um momento dizias... o contrário — murmurou Catalina Ivanovna com desalento.

— Há um momento! Pois se soubesse como sou fraca e ignorante! Pense quanto sofreu por mim. Que hei de fazer se, quando chegar a casa, me deixar tomar de piedade por ele?

— Não esperava...

— Ah, senhora! Quanto melhor é do que eu e quanto mais nobre! E agora que me conhece, talvez não faça caso desta imbecil. Dê-me a sua linda mãozinha, criatura angelical — disse com ternura, apoderando-se da mão de Catalina. — Sim, querida, quero beijá-la como beijou a minha. Beijou-a três vezes, mas eu devo fazê-lo trezentas para ficar em paz. Pois bem, deixemos isso e seja o que Deus quiser. Talvez mude de ideia e me submeta às suas ordens, como uma escrava. Deixemos que se cumpra a vontade de Deus sem nos metermos em promessas nem recompensas. Que mão tão fina! Que mão tão fina tem, minha doce amiga! É de uma formosura incomparável!

Lentamente, ia levando a mão aos lábios com o propósito de nela depositar os beijos prometidos.

Catalina Ivanovna não opunha resistência e escutou, medrosamente espantada, as últimas palavras relativas à possível submissão servil de Gruchenka, pois que ainda que esta as pronunciasse de maneira estranha, os olhos revelavam sempre a mesma inocência, serena e confiada, a mesma serena alegria. Tanto que, olhando-os fixamente, pensou Catalina, animada de um raio de esperança: «Será possível que esta criatura não seja uma ingénua?»

Gruchenka, que parecia maravilhar-se com aquela «linda mãozinha», aproximou-a mais ainda dos seus lábios, manteve-a ao alto durante algum tempo, como que meditando e, de repente, disse com voz mais branda e melíflua do que nunca:

— Sabeis, querida senhora, sabeis que, ao fim e ao cabo, não penso beijar-vos a mão? — E deu uma risada aguda e jubilosa.

— Como queiras! Que te aconteceu? — perguntou Catalina, estremecendo.

— Isto fá-la-á recordar que me beijou a mão e que eu não beijei a sua — respondeu a outra, olhando-a fixamente de olhos fulgurantes.

— Insolente! — exclamou Catalina como se algo lhe fosse revelado de súbito. E, toda corada, saltou da cadeira.

Gruchenka também se levantou, mas devagar.

— Contarei a Mitya que me beijou a mão e que eu não o quis fazer. O que ele se vai rir!

— Miserável! Saia da minha casa!

— Oh! Que vergonha para si! Que palavras tão indignas de uma senhora!

— Fora daqui, mulher vendida! — gritou Catalina de semblante transtornado, agitada de ira.

— Vendida, sim! Talvez a senhora não tenha aproveitado a sombra da noite para fazer visitas a jovens por dinheiro, para vender a sua beleza?... Ah! Isto sabe-se tudo!

Catalina deu um grito e ter-se-ia atirado a ela se Aliocha o não impedisse com toda a força.

— Nem um passo, nem mais uma palavra! Não fale, não responda. Já se vai embora... Já se vai.

Acudiram as duas tias e uma criada que rodearam, cheias de espanto, a moça.

— Vou-me embora... vou-me embora — disse Gruchenka apanhando o xaile do sofá. — Aliocha, acompanha-me a casa, querido!

— Vá-se embora, vá-se embora! E depressa! — gritou o jovem, unindo as mãos num gesto suplicante.

— Queridinho, acompanha-me e dir-te-ei uma coisa muito bonita. Foi por ti que «fiz» esta cena, Aliocha. Anda, querido, acompanha-me e não te arrependerás.

Aliocha voltou-se, retorcendo as mãos, e Gruchenka desapareceu, desfeita numa gargalhada musical.

A dona da casa, acometida de uma crise nervosa, agitava-se em terríveis convulsões. Todos a rodearam.

— Já te tinha avisado — dizia a mais velha das tias. — Eu bem pretendia dissuadir-te, mas és tão impulsiva, filha! Que querias combinar com ela? Não conheces esta classe de mulheres! Pois olha que é a pior de todas! Tu és demasiado teimosa!

— Essa é mesmo um tigre! — gritou a jovem. — Por que me prende, Alexey? Tê-la-ia feito em pedaços!

Não podia dominar-se, nem perante o noviço, ou talvez a presença deste a excitasse mais.

— Deveria ser açoitada publicamente!

Aliocha começou a dirigir-se para a porta.

— Meu Deus! — exclamou Catalina juntando as mãos. — Mas ele, ele!... Como pôde ser tão ignóbil, tão desapiedado, para contar a essa mulherona o que se passou naquele maldito dia? «Quis vender a minha beleza.» Ela sabe-o! Seu irmão é um canalha, Alexey Fedorovitch!

Este quis falar, mas não conseguiu. O coração saltava-lhe pela boca.

— Ide-vos, Alexey Fedorovitch. É vergonhoso, é horrível para mim. Amanhã... peço-lho de joelhos, venha cá amanhã. Não me julgue mal. Perdoe-me. Não sei o que vai ser de mim!

Aliocha saiu para a rua a cambalear. Também sentia vontade de chorar. Chamaram-no logo em seguida e, quando se voltou, viu a criada junto de si.

— A menina esqueceu-se de lhe entregar esta carta que a senhora Hohlakov deixou ao meio-dia.

Aliocha pegou maquinalmente no pequeno sobrescrito rosado e enfiou-o no bolso.

Capítulo 11 — Uma Reputação Perdida

O mosteiro distava quase uma milha da cidade. Aliocha acelerava o passo pela estrada, deserta àquela hora e tão escura que apenas distinguia claramente a seis metros de distância.

Ao chegar perto da encruzilhada que fica a meio caminho, reparou que por detrás de um salgueiro saía um vulto que lhe cortou o passo, gritando brutalmente:

— A bolsa ou a vida!

— Ah! Claro que és tu, Mitya! — exclamou Aliocha refreando um movimento de pânico.

— Ah! ah! ah! Não pensavas encontrar-me, hem? Não sabia onde esperar-te. Perto de casa há três caminhos e poderia ter-te perdido. Por fim, ocorreu-me vir aqui, por onde necessariamente devias passar de volta ao mosteiro. O que há? Diz-me a verdade. Esmaga-me como a um inseto... Mas que tens?

— Nada, irmão... é que me fazes medo, Dmitri. Nosso pai continua a sangrar das feridas! — E Aliocha começou a chorar. O que o oprimia há tanto tempo obrigava-o agora a desfazer-se em lágrimas. — Por pouco o matavas... amaldiçoaste-o... e agora vens com essas brincadeiras... «A bolsa ou a vida!»

— Pois bem, e depois? Não está certo? Não estou à altura da situação?

— Não, é que...

— Ouve. Olha para a noite, como é negra. Que nuvens, que vento se levantou. Escondi-me atrás deste salgueiro para esperar por ti. E, como Deus existe, asseguro-te que pensava: para quê continuar a sofrer e a aguardar? Aqui está a minha árvore, tenho um lenço e uma camisa e num abrir e fechar de olhos se fabrica uma corda com laço e tudo, e é das coisas mais fáceis livrar a terra da minha vil presença. Antes isso que a desonra. Mas nessa altura vi que te aproximavas... Céus! Parecia que um sentimento novo inundava a minha alma, de repente. Ainda havia um homem de quem gostava. E eis que vinha até mim esse homem, o meu querido irmão, a quem amo mais do que a ninguém neste mundo, o único a

quem quero. E quis-te tanto, tanto naquele momento que pensei atirar-me ao teu pescoço, e quando ia fazê-lo resolvi fazer de tolo e assustar-te, de brincadeira, e gritei como um idiota: «A bolsa!» Não faças caso da minha imbecilidade... Foi uma tolice, mas crê que o fundo da minha alma é reto... Conta-me o que se passou. Despedaça-me, esmaga-me sem piedade! Estará furiosa?

— Não, não... Nada disso, Mitya. Encontrei as duas ali...ali.

— As duas? Mas que duas?

— Gruchenka e Catalina Ivanovna.

Dmitri ficou estupefacto.

— Impossível! — exclamou. — Tu sonhas! Gruchenka estava com ela?

Aliocha contou-lhe o que se passara em casa de Ivanovna. Falou sem parar durante dez minutos, sem eloquência nem grande rigor na expressão dos factos, mas com muita franqueza e procurando não omitir nada importante, exprimindo a sua opinião em termos vivos e oportunos. Dmitri escutava, olhando-o com fixidez e imobilidade de esfinge, dando a impressão exata de entender o justo alcance de todos os pormenores. Mas à medida que a narração avançava, nublava-se-lhe o rosto de sombras e ameaças. Franziu o sobrolho, rangeu os dentes e o olhar tornou-se ainda mais rígido, mais concentrado, mais terrível. Bruscamente, porém, com incrível rapidez, dissipou-se a borrasca, mudou o rosto selvagem, entreabriram-se os lábios oprimidos e rompeu numa gargalhada estrepitosa, franca e irresistível. Podia quase dizer-se que rebentava, e tão desenfreado era o riso que o impediu de falar por muito tempo.

— Então ela não quis beijar-lhe a mão? E não a beijou? E saiu de lá a correr? — exclamava num transporte de gozo que se podia classificar de perverso, se não fosse tão nervoso e espontâneo. — A outra chamou-lhe tigre, não foi? Pois é o que ela é! Precisava de ser açoitada na praça pública! Creio que sim, que devia! Há tempo que o merece. O que são as coisas, irmão. Que a açoitem, melhor para mim. Reputo-a rainha da «pouca vergonha». É mesmo dela, essa ação de «beija-mãos». Viste bem aquela diabólica? É a rainha de todas as que há neste mundo! No seu tipo, é magnífica! Foi para casa, não foi? Quero lá ir vê-la... Ah!... Vou a correr! Não me acuses, Aliocha. Concordo que o melhor seria vê-la pendurada na forca.

— E Catalina?

— Também irei vê-la! Agora conheço-a melhor do que nunca! É como o famoso descobrimento dos quatro continentes, quero dizer, dos cinco. Foi um feito heroico, o seu! É a mesma Katya que não teme fazer frente a um grosseiro oficial, nada cortês, expondo-se a um ultraje supremo pelo generoso impulso de salvar o pai. E também por orgulho, por amor ao perigo, por curiosidade de azar e por sede de infinito. Dizes que a tia pretendia dissuadi-la? Tem domínio sobre ela, sabes? É irmã da generala de Moscovo e mais comedida do que esta, mas o marido foi desapossado de tudo o que tinha porque se descobriu que roubava dinheiro ao Governo. Desde então, ela nunca mais levantou a cabeça. Bem pode dar conselhos a Katya, que não os escutará. Crê que pode submeter todos à sua vontade, que tudo poderá vender. Pensou que encantaria Gruchenka, se isso lhe passou pela cabeça, e acreditou firmemente que sim. Que vaidade! Ela é que tem a culpa. Tu crês que se antecipou a beijar a mão de Gruchenka com intenção deliberada, com algum fim em vista? Não, na realidade deixou-se fascinar por ela. Não pela pessoa propriamente dita, mas pela ideia, pela ilusão. Tudo aquilo era a ilusão forjada na sua vaidade. Aliocha, como conseguiste fugir dessas mulheres? Escapaste deixando-lhes a túnica nas mãos? Ah! ah! ah!

— Irmão, pensaste tão pouco no ultraje infligido a Catalina Ivanovna ao confiar a Gruchenka o segredo daquele dia. Atirou-lhe à cara que ia vender a sua beleza a casa dos jovens. Podes imaginar pior insulto, irmão?

O que mais afligia o pobre Aliocha era o prazer que parecia causar ao irmão a humilhação de Catalina.

— Ora! — disse Dmitri, o rosto mudando de aspeto e batendo na testa como que desgostado por a recordação o perseguir, e a frase de Catalina tratando-o de canalha lhe ferir ainda os ouvidos. — Sim, por acaso contei a Gruchenka o que se passou naquele «dia fatal», como Katya diz. Sim, contei. Recordo-me agora de que o fiz. Foi em Mokroe, estava bêbedo, a música tocava... Mas eu soluçava, soluçava, rezando de joelhos perante a imagem de Katya, e Gruchenka compreendeu. Compreendeu tudo naquele momento. Lembro-me de que também ela chorou... Que diabo! Que bom final de sentimentos... Naquela altura, chorou e hoje enterra a faca no coração! São assim, as mulheres.

Inclinou a cabeça, absorto nos seus pensamentos.

— Sim — concordou de súbito com acento lúgubre. — Sim, sou um canalha, um perfeito canalha. Não importa se chorei ou não chorei. Sou

um canalha! Diz-lhe que estou de acordo, se isso puder servir de algum consolo. Bom, por agora basta. Adeus. Segue o teu caminho que eu seguirei o meu. Não quero ver-te senão no último momento. Passa bem, Alexey.

Apertou fortemente a mão de Aliocha e, sem levantar a cabeça para o olhar e como que sentindo dor no próprio ser, tomou a direção da cidade.

Aliocha ficou a olhá-lo, atónito, sem poder crer em tão brusca despedida.

— Espera, Alexey! — gritou Dmitri, voltando atrás. — Tenho de confessar-te uma coisa, mas só a ti. Olha-me; olha-me bem. Aqui, aqui está a minha vergonha, o meu terrível opróbrio. — E dizendo isto batia no peito de maneira estranha, como se a sua desonra se ocultasse ali, em alguma parte determinada, talvez num bolso ou pendurada ao pescoço. — Já sabes quem sou: um canalha, um canalha declarado, mas aviso-te que nada do que até agora fiz e farei, para o futuro, pode comparar-se em vileza com a infâmia que neste momento preciso tenho no peito, aqui, aqui; infâmia que quero levar até ao fim, ainda que seja perfeitamente livre para a impedir. Posso cometer a infâmia ou não, entendes? Mas fica sabendo que a consumarei, que nada me deterá. Disse-te tudo, mas ocultava isto porque me faltava atrevimento. Ainda posso deter-me. Se o fizesse, amanhã mesmo reconquistaria metade da minha honra perdida; mas não será assim. Realizarei o meu desígnio, embora infame, e tu serás testemunha de to haver anunciado. Trevas e perdição! Nada de explicações; saberás tudo a seu tempo. A imunda evasiva e a mulher diabólica. Adeus. Não rezes por mim, que não sou digno nem me faz falta para nada, para nada... Não me faz falta! Fora!

E afastou-se então decididamente. Aliocha seguiu a caminho do convento, ruminando: «Mas o quê, Deus meu? Nunca mais o verei? Que dizia ele? Amanhã mesmo terei de o procurar. Falar-lhe-ei e pedirei que me explique. Que pensará ele fazer?»

***

Deu volta ao mosteiro e, atravessando o pinhal, chegou à porta do eremitério, que lhe abriram, embora ninguém fosse admitido a tais horas. O coração palpitava-lhe aturdidamente quando entrou na cela do Padre Zossima.

«Porquê? Por que havia saído? Por que o enviara ao mundo? Aqui a paz, a santidade. Do outro lado a desordem, as trevas em que se perde o caminho e se extraviam os homens.»

Na cela encontravam-se o noviço Porfiry e o Padre Paissy, que a todas as horas ia perguntar pelo estado do Diretor. Aliocha alarmou-se quando lhe disseram que se agravara por momentos, de tal modo que naquele dia omitira o colóquio que costumava ter diariamente com os irmãos da comunidade.

Todas as noites, como que cumprindo uma regra, acudiam os monges depois do ofício ao aposento do Padre Zossima para confessarem em alta voz as faltas cometidas durante o dia, os maus pensamentos e as tentações, e até mesmo as mais insignificantes contendas, se as houvesse. Alguns confessavam-se de joelhos. O Presbítero absolvia, reconciliava, admoestava, impunha penitência, abençoava-os a todos e despedia-os em paz. Contra esta «confissão» em comum protestavam os inimigos dos presbíteros, sustentando que era uma profanação quase sacrílega do sacramento da penitência, embora fosse uma coisa diferente. Alegavam perante as autoridades diocesanas que tal confissão, longe de alcançar santos resultados, levava a uma refinada tentação e à repetição do mesmo pecado. Muitos irmãos que não estavam de acordo acudiam ao Presbítero contra vontade, porque todos iam, ainda que só por medo de censuras de orgulhosos ou de espíritos rebeldes. Contava-se de alguns monges que concordavam em dizer: «Confesso que me enfadei convosco esta manhã e vós confirmai-lo», para assim terem matéria de confissão. Aliocha sabia que algumas vezes isto se passava, assim como havia sempre quem se lamentasse de que as cartas da família fossem entregues ao Presbítero para que as lesse antes do destinatário.

Pretendia-se, claro está, que tudo aquilo era praticado livremente e de boa fé, atendendo a uma submissão voluntária e a um preceito saudável, muito falso e forçado na prática. Os diretores e monges mais experimentados alegavam em defesa da Instituição que para os que procuravam dentro daqueles muros a sua salvação, tal obediência e tal sacrifício eram saudáveis e de grande benefício; por outro lado os que se aborreciam com aquelas práticas e murmuravam não eram verdadeiros monges; haviam errado a vocação e o seu lugar era no mundo. Que nem no templo nos podemos ver livres do pecado e do demónio; portanto não se lhes daria excessiva importância.

— Está muito fraco e apodera-se dele uma obstinada sonolência — murmurou o Padre Paissy ao ouvido de Aliocha depois de lhe impor o sinal da cruz. — É muito difícil despertá-lo e isso mesmo não é conveniente. Esteve acordado cinco minutos e enviou a bênção à Comunidade, pedindo que rezassem por ele durante a noite. Amanhã deseja receber de novo o viático. Lembrou-se de ti, Alexey. Perguntou se tinhas saído e dissemos-lhe que estavas na cidade. «Que Deus o abençoe», disse. «O seu lugar é lá e não aqui, por enquanto.» Foram estas as palavras que pronunciou. Falou de ti com grande amor e interesse. Sabes que te estima? Mas como se explica a decisão de que passes algum tempo no mundo? Deve ter previsto o teu destino. Tem presente, Alexey, que se voltares ao mundo terás de submeter-te à vontade do teu Diretor, que não te envia, com toda a certeza, para te entregares às vaidades e aos prazeres.

O Padre Paissy saiu. Aliocha já não duvidou de que o Padre Zossima estava a morrer, ainda que vivesse um ou dois dias, e decidiu com firmeza e ardor não se separar dele até ao fim, apesar das promessas feitas ao pai, à senhora Hohlakov e a Catalina Ivanovna. O coração ardia-lhe de amor e culpava-se amargamente de ter abandonado no seu leito de morte o homem que estimava mais do que tudo no mundo. Entrou no dormitório do doente, caiu de joelhos e inclinou-se até ao chão perante o padre que dormia em paz, o peito elevando-se-lhe um pouco devido à respiração apenas percetível.

Aliocha voltou à sala onde o Padre Zossima costumava receber todas as manhãs os seus visitantes e, descalçando-se, deitou-se num sofá duro, estreito, onde já era hábito dormir sem mais conforto do que uma almofada. Há muito que não utilizava o colchão de que seu pai falara. Tirou o hábito que lhe servia de cobertor e antes de adormecer ajoelhou e rezou fervorosamente, não pedindo a Deus que o iluminasse naquela confusão, mas sim ansiando pela deliciosa emoção que lhe enchia a alma depois da oração e das súplicas ardentes que eram o seu exercício espiritual de todas as noites. Ao acabar adormecia venturosamente embalado naquele suave e delicado gozo de alma. As orações quedaram-lhe de repente nos lábios, porque encontrou no bolso a carta que a criada de Catalina Ivanovna lhe entregara. Mas passado o sobressalto da recordação, continuou a rezar. Ao terminar, teve ainda um gesto de dúvida, e por fim decidiu abri-la. Era de Lisa Hohlakov, aquela moça que horas antes fizera troça dele perante o Presbítero.

Alexey Fedorovitch, escrevo-vos sem que ninguém, nem mesmo minha mãe, o saiba. Reconheço que é mal feito, mas não posso viver sem vos manifestar o sentimento que brotou no meu coração e que, por agora, deve ficar entre nós dois. Como poderei expressar o que tão ansiosamente quero dizer-vos? Dizem que o papel não cora. Pois juro-vos que isso é falso e que este cora de vergonha como eu. Querido Aliocha, amo-vos. Amei-vos sempre desde a minha infância, desde os nossos dias de Moscovo, quando ereis tão diferente do que sois agora. Amar-vos-ei toda a minha vida. Sois o eleito do meu coração e temos de unir as nossas vidas até sermos velhos, sob condição, naturalmente, de que saiais do mosteiro. Quanto à idade, saberemos esperar o tempo fixado pela lei. Nessa altura estarei curada por completo: correrei e dançarei. Ou tendes dúvidas?

Já vedes como tudo calculei. Só não posso prever o que pensareis de mim quando lerdes esta carta. Estou sempre a rir e a fazer diabruras. De manhã desgostei-vos, mas asseguro-vos que antes de pegar na pena rezei à Mãe de Deus. Ainda rezo e quase choro.

O meu segredo está nas vossas mãos. Não sei se poderei olhar-vos quando vierdes amanhã. Ah, Alexey! E se não conseguir conter-me e começar a rir como uma estúpida, como hoje? Pensareis que sou louca, que me quero divertir à vossa custa e não dareis crédito a minha carta. Pois não olheis muito para o meu rosto durante a visita, porque se os nossos olhares se cruzarem tenho a certeza de que me rirei. Sobretudo por vos ver de sotaina. Só de pensar nisto estremeço. Não me olheis, pois. Olhai minha mãe... ou a janela...

Já terminei a carta de amor. Oh! Que fiz eu, meu amado?! Não me desprezeis, Aliocha, e se cometi uma coisa horrível e vos magoei, perdoai-me. À vossa mercê fica a minha reputação, perdida talvez para sempre.

Pressinto um dia de lágrimas. Adeus, até à vista, até esse terrível momento em que nos tornaremos a ver.

Lisa.

P. S. — Aliocha, é necessário, absolutamente necessário que venhas.

Aliocha leu a carta com assombro, releu-a mais devagar, refletiu um pouco e começou a rir, doce e tranquilamente. Sobressaltou-se. O seu riso parecia-lhe pecaminoso, mas de seguida voltou a fazê-lo com doçura e felicidade. Com cuidado, guardou a folha no sobrescrito, persignou-se e deitou-se. A perturbação desaparecera-lhe repentinamente.

— Senhor, tem piedade de todos eles, guarda esses desgraçados turbulentos sob a tua custódia e guia-lhes os passos. Vossos são todos os caminhos. Dá-lhes alegria — murmurou Aliocha, e adormeceu em paz.

Parte 2

Livro 4 — Incómodos

Capítulo 1 — O Padre Feraponte

Aliocha levantou-se antes do romper do dia. O Padre Zossima estava acordado e embora se sentisse muito fraco quis sair da cama e sentar-se numa cadeira. Tinha a cabeça vazia e no seu rosto, que exprimia fadiga intensa, brilhava a alegria comunicada por um gozo íntimo, pela bondade generosa que o possuía.

— Talvez não passe de hoje — disse a Aliocha.

Em seguida manifestou o desejo de se confessar e receber os sacramentos. Foi seu confessor, como sempre, o Padre Paissy, que lhe deu a Comunhão e administrou a Extrema-Unção. Acudiram monges e a cela foi-se enchendo a pouco e pouco dos habitantes do eremitério. Ao amanhecer, começou a chegar gente do mosteiro.

Acabado o ofício matinal, o Presbítero quis abraçar toda a comunidade e despedir-se de cada um; e como a cela fosse muito pequena, os que chegaram primeiro retiraram-se para dar lugar aos outros. Aliocha permaneceu ao lado do ancião, que tomara assento na sua cadeira e, esforçando a voz fatigada, disse, sorrindo e olhando com emoção todos quantos o rodeavam:

— Instruí-vos e conversei convosco durante tantos anos que, acostumada a minha boca às palavras de todos os dias, queridos padres e irmãos, me seria difícil contê-la, mesmo nestes momentos de extrema debilidade.

Aliocha, que recolheu grande parte do que disse, recordava que o velho se expressou com claridade e voz firme, mas com pouca ligação. Falou de muitas coisas. Parecia apressar-se para que a morte o não surpreendesse sem deixar dito tudo o que durante a vida não dissera, não para que lhes servisse de exemplo, mas pelo novo desejo de fazer participar a todos os homens da sua arrebatada alegria e de abrir a todos, uma vez mais, o coração.

— Amai-vos uns aos outros, padres — disse o Presbítero, como depois recordava Aliocha. — Amai o povo de Deus, porque o facto de estarmos encerrados nestas paredes não nos torna mais santos do que os que vivem

lá fora, antes pelo contrário. Quando nos recolhemos aqui, confessamo-nos piores do que os outros, do que todos os que estão no século... E quanto mais vive o monge no seu retiro, melhor o reconhece. Se não fosse assim, que motivo podia alegar para aqui estar? Só quando chega a sentir-se plenamente pior do que os outros, e até mesmo culpado e responsável perante os homens de tudo o que acontece, dos pecados da humanidade, tanto nacionais como individuais, poderá considerar atingido o fim para que veio para o claustro. Não duvideis, meus queridos, de que cada um de nós terá de responder por todos os homens sobre tudo o que acontece na terra, não só no que respeita à maldade deste mundo em geral, mas cada um, pessoalmente, por toda a humanidade e por cada um dos homens em particular. Só moldando os seus atos a esta convicção conseguirá o monge o prémio que tem preparado para o fim da sua vida, porque ele não é diferente dos outros, mas sim como esses outros deviam ser, e a convicção disto trará ao vosso coração as doçuras de um amor infinito, universal e insaciável que vos dará forças para avassalar todo o mundo e limpá-lo com as vossas lágrimas de todo o pecado... Fazei exame de consciência e confessai incessantemente as vossas culpas, mas não vos deixeis amedrontar por elas. Reconhecei-as e procurai apagá-las com a penitência, mas sem impor a Deus condições. Repito-vos que não sejais orgulhosos; não o sejais nem com os humildes nem com os poderosos. Não odieis os que vos afastam nem os que vos insultam, injuriam ou caluniam. Não vos enfadeis com os ateus, com os que ensinam o mal, com os materialistas, bons ou maus, porque entre eles há muitos que são bons, especialmente nos tempos que correm. Não detesteis tão pouco os malvados. Lembrai-vos deles nas vossas orações: «Salvai, Senhor, a todos os que não têm ninguém que peça por eles; salvai aqueles que não querem rezar.» E acrescentai: «Não é o orgulho que me dita esta súplica, Senhor, porque reconheço que sou o mais indigno de todos...» Amai ao povo de Deus e não confieis o vosso rebanho a guardas mercenários, pois se adormecerdes no prazer ou se vos descuidardes no vosso orgulho e, no que seria mais lamentável, na ambição, de todos os lados surgiriam pastores falsos que o desencaminhariam. Pregai sem descanso o Evangelho ao povo... sem insistir... Não estimeis os bens da terra, não acumuleis riquezas... Empunhai a bandeira da fé e sustentai-a muito alta.

Dizia isto mais desarticuladamente do que Aliocha conseguia escrever; por vezes deixava uma frase suspensa e parava para cobrar

alento, mas parecia falar extasiado, de tal maneira que causava emoção aos que o ouviam, muitos dos quais, sem deixar de admirar as suas palavras, as achavam obscuras... Não obstante, todos as guardaram bem impressas na memória.

Quando Aliocha teve de deixar a cela por um momento, participava a sua alma do embargo sobressaltado que a todos os que ali estavam reunidos envolvia, manifestando-se na viva ansiedade de uns e na fervorosa piedade de outros, porque não havia ninguém que não esperasse que a morte do Presbítero faria suceder algo de prodigioso, e a expectativa que, de certo modo, era coisa frívola alcançava os mais austeros monges, a julgar pelo semblante do Padre Paissy, o mais grave de todos.

Um deles havia anunciado em segredo a Aliocha que Rakitin o esperava com uma carta da senhora Hohlakov, que acabava de trazer da cidade e a qual informava de um acontecimento tão curioso como oportuno. Sucedia que uma das mulheres que tinha ido na véspera receber a bênção do Padre Zossima, velha e viúva de um sargento, chamada Prokorovna, perguntara se podia rezar pelo descanso da alma do filho, Vassenka, morador em Irkutsk, de quem não recebia notícias havia um ano. O Padre Zossima respondera-lhe severamente, proibindo-o e lembrando que rezar pelos vivos como se fossem almas penadas era coisa de magia. Contudo, perdoou-lhe por causa da sua ignorância e acrescentou, «como se lesse no livro da vida», estas palavras de consolo: «Que seu filho Vassenka estava seguramente vivo e que ou voltaria a casa daí a pouco ou escreveria. Que fosse em paz e esperasse.» E «quereis acreditar?», exclamava a senhora Hohlakov, entusiasmada. «A profecia cumpriu-se ao pé da letra e ainda mais!» Quando a anciã chegou a casa já a esperavam para lhe entregar uma carta que viera da Sibéria. Mas isso não é tudo. Na carta, fechada em Ekaterinenburg, Vassenka anunciava a sua volta e a esperança de abraçar a mãe três semanas depois de receber a notícia da viagem.

A senhora Hohlakov pedia encarecidamente a Aliocha que notificasse o Hegúmeno e toda a comunidade deste novo milagre profético. «Toda a gente, toda a gente deve sabê-lo!», acabava a carta, cujas linhas demonstravam a precipitação e exaltado nervosismo com que fora escrita. Mas não fez falta que Aliocha falasse porque todos os monges o sabiam já. Rakitin havia encarregado o mesmo monge de «advertir respeitosamente o reverendo Padre Paissy de que tinha que dizer-lhe algo cuja gravidade não

permitia adiá-lo um momento, e que desde já lhe pedia perdão pelo incómodo». Como o monge avisara o Padre Paissy antes de o fazer ao noviço, este já não teve mais do que confirmar com o escrito o que fora contado por aquele.

O mesmo Padre, que era um homem precavido, embora houvesse franzido as sobrancelhas ao ler a missiva, não pôde livrar-se por completo de certa emoção íntima que lhe brilhou nos olhos e fixou no austero e imponente sorriso dos seus lábios.

— Vamos ver algo de grande! — deixou escapar.

— Veremos algo grande, algo grande! — prometiam-se os monges que o rodeavam.

Mas o Padre Paissy, fazendo uma careta de desgosto, suplicava a todos que se abstivessem de falar daquilo por algum tempo, «até que se comprove, tendo presente a excessiva credulidade que há no mundo para tomar como prodígios coisas que podem suceder naturalmente», acrescentou. Mas apesar deste prudente conselho, queria tranquilizar a sua consciência e todos notaram claramente que acreditava pouco na própria desconfiança.

Em menos de uma hora, o milagre foi o tema de todas as conversas do mosteiro e entre os fiéis que haviam acudido a ouvir missa. Mas ninguém se mostrava tão impressionado como o monge de São Silvestre, que viera na véspera do pequeno mosteiro ao norte de Obdorsk e que, encontrando-se com a senhora Hohlakov, perguntara ao Padre Zossima, intrigado pela saúde da filha daquela dama:

— Como conseguis realizar tais portentos?

Agora, cheio de indecisão, não sabia em quem crer. No dia anterior, à tarde, visitara o Padre Feraponte na sua cela, afastada e solitária, e ficara horrivelmente perturbado pela visita. Era aquele maduro monge tão dado aos jejuns e ao silêncio, a quem citámos já como antagonista do Padre Zossima e da instituição dos presbíteros em geral, que ele considerava uma inovação detestável e pouco séria. Embora levasse a prática do silêncio ao extremo de trocar apenas uma frase com alguém, era um inimigo formidável pelo número de monges que participavam do seu modo de sentir e dos muitos que o consideravam um santo asceta, não obstante o julgassem atacado de loucura, pois isto era principalmente o que lhe achavam de atrativo.

Nunca visitou o Presbítero, e embora pertencesse ao eremitério não se via constrangido à observância das regras por causa da sua conduta, própria de um demente.

Passava já dos setenta e cinco anos e vivia retirado num sítio afastado onde se erguia uma cabana feita de toros de madeira, noutros tempos, por um asceta memorável, o Padre Foma, que chegara à bonita idade de cento e cinco anos e sobre cuja santidade não deixava de se falar no mosteiro e em toda a comarca.

O Padre Feraponte havia escolhido este retiro sete anos antes e, embora não fosse mais cómodo do que a cabana de um pastor, parecia um santuário, com exagerado número de santos iluminados perpetuamente por lâmpadas que os devotos lhe levavam ao convento como ofertas a Deus. O monge cuidava das divinas estampas e de manter a luz perpétua das lamparinas. Dizia-se, e é de crer, que duas libras de pão lhe chegavam para três dias. O procurador do convento, encarregado de lhe levar o pão de três em três dias, raramente lhe dirigia a palavra. Uma quarta libra, que regularmente lhe mandava o Hegúmeno todos os domingos depois da missa, com a Eucaristia, constituía todo e o único extraordinário das suas rações da semana. A água do cântaro era renovada todos os dias.

Raríssima a sua presença no ofício divino, quem ia visitá-lo para expressar o sentimento da devoção via-o todo o dia ajoelhado em oração infindável, sem sequer se voltar para olhar. Quando o fazia era de maneira rápida, brusca, aborrecida e quase sempre com grosseria. Poucas vezes admitia o colóquio com os seus devotos. Em geral dizia-lhes algumas palavras que, pela falta de sentido, resultavam num verdadeiro enigma, e então não valiam súplicas para que acrescentasse uma sílaba que o decifrasse. Corria a crença, em especial nos mais ignorantes, que este leigo mantinha comunicação com os espíritos celestiais e que, para conversar com eles, guardava silêncio com os homens.

O monge de Obdorsk chegou ao local onde se encontrava a cela do asceta seguindo a direção indicada pelo procurador, monge de igual modo silencioso e arisco, que o avisara:

— O mesmo pode suceder que vos fale porque sois um forasteiro ou que não sejais capaz de lhe arrancar uma só palavra.

Por isso, contou o visitante, se aproximara cheio de receio. A tarde estava no fim. O solitário encontrava-se sentado num banquito à porta da

cela, sob uma árvore gigantesca que produzia um doce sussurro. O monge de Obdorsk prosternou-se, implorando a bênção do santo.

— Quereis que também eu me incline diante de ti, monge? — perguntou o Padre Feraponte. — Levanta-te!

O monge obedeceu.

— A minha bênção? Sê bendito e senta-te a meu lado. De onde vens?

O que mais surpreendeu o pobre monge foi a robustez e excelente saúde que conservava o padre, apesar da vida de penitente e da avançada idade. Era alto, de cara chupada, mas de aspeto fresco e vigoroso. Mantinha-se direito e não deixava dúvidas de possuir ainda uma grande força física. Apenas começava agora a ter alguns cabelos brancos que na cabeça e na barba cresciam espessos e emaranhados. Os olhos, pardos, grandes e brilhantes, pareciam saltar das órbitas.

Falava grosseiramente e vestia um largo manto de burel avermelhado, tosco tecido de presidiário, como é conhecido, e atado à cintura com uma corda grossa. Pescoço e peito apareciam nus entre as pregas da camisa de pano ordinário e quase negra da sujidade acumulada durante vários meses. Dizia-se que, sob as roupas, usava cilícios-de ferro que pesavam trinta libras. Os pés, nus, assomavam por entre os buracos dos sapatos velhos e encortiçados.

— Do humilde mosteiro de Obdorsk, de São Silvestre — respondeu o monge com modéstia enquanto dirigia ao eremita um olhar rápido, entre assustadiço e perscrutador.

— Já estive em casa do teu Silvestre. Fui seu hóspede. Está bom?

O monge tremeu.

— Sois uns insensatos! Como observais o jejum?

— O nosso regime está de acordo com as antigas regras monásticas. Durante a Quaresma não comemos nada à segunda-feira, à quarta e à sexta. À terça e à quinta temos pão branco, compota, mel, legumes, couves temperadas e toda a comida leve. Aos sábados, sopa de couve-flor com ervilhas e *kacha* temperado com azeite. Durante os dias da semana servem-nos peixe da estação e *kacha* com sopa de couves. Desde segunda-feira até à tarde de sábado da Semana Santa, seis dias inteiros, não se coze nada e temos de estar a pão e água, e isso muito parcamente. Se possível, devemos observar abstinência absoluta, nem mais nem menos do que como se ordena durante a primeira semana da Quaresma. Na Sexta-feira Santa não se come nada e no Sábado de Aleluia, às três horas, apenas

comemos um pouco de pão e água e bebemos um copo de vinho. Quinta-feira Santa, bebemos vinho e come-se qualquer coisa cozida, mas sem azeite e, às vezes, nada se coze, atendendo ao que se disse no Concílio de Laodiceia: «É impróprio mitigar o jejum de Quinta-feira Santa malogrando o mérito de toda a Quaresma.» Já vedes como observamos o jejum. Mas que é ele comparado com o que vós fazeis, santo padre? — acrescentou o monge em tom confidencial. — Porque vós, durante todo o ano, nem mesmo no dia de Páscoa, provais outra coisa que pão e água, e vos basta durante toda a semana o que nós comeríamos em dois dias. É admirável a vossa rigorosa abstinência!

— E os cogumelos? — perguntou o solitário, bruscamente.

— Os cogumelos? — repetiu o outro, surpreendido.

— Sim, os cogumelos. Eu posso atirar fora o pão que me dão; não preciso dele para nada porque vou ao bosque e ali posso viver de cogumelos e de legumes; mas eles não podem prescindir do pão porque todos são escravos do demónio. Nos nossos dias, o diabo convence-nos de que não têm necessidade alguma de jejum. Soberbo e impuro é o seu juízo!

— É verdade — suspirou o monge.

— Não viste os diabos que vivem com eles?

— Com eles? Com quem? — balbuciou timidamente o visitante.

— No ano passado fui cumprimentar o Padre Superior, a quem nunca mais voltei a ver. Pois no peito trazia ele um diabo que se ocultava entre as pregas do seu hábito e só mostrava os cornos de fora. Outro olhava-me com temor do bolso de certo monge. Um outro ainda tinha o diabo sentado em cima do ventre; e depois vi mais um em cujo pescoço se enrolava o Maligno, sem que ninguém o notasse.

— Mas vós podeis ver os espíritos? — perguntou assustado o de Obdorsk.

— Se posso! Não te digo que os vi? Olha, quando me despedi do Superior reparei que um se escondia de mim, atrás da porta. Mas bom moço! O mais pequeno tinha apenas uma jarda e meia e uma cauda grossa, comprida, de cor escura e cujo extremo parava no topo da porta. Prendi-lha. Vi-o e corri a fechá-la com força, num instante. E logo começou a gritar, esforçando-se de tal maneira que tive de acabar com ele fazendo por três vezes o sinal da cruz. Ficou como um sapo. Ninguém ali os ouve

nem os vê. Faz um ano que nunca mais lá fui. Conto-te isto porque és um forasteiro.

— As vossas palavras são terríveis! Mas, santo e bendito padre — disse o outro cada vez mais animado —, é certo o rumor chegado ao meu longínquo país de que estais em comunicação constante com o Espírito Santo?

— Algumas vezes digna-se baixar, voando.

— Como voa? Em forma de quê?

— Como um pássaro.

— Em forma de pomba?

— Uma coisa é o Espírito Santo e outra o espírito dos santos. O Espírito Santo pode aparecer sob a forma de aves diferentes. Umas vezes fá-lo como andorinha, outras como pintassilgo e outras ainda como verdelhão.

— E como O conheceis num vulgar verdelhão?

— No modo como fala.

— Como e em que língua?

— Na nossa.

— E que vos diz?

— Pois hoje mesmo me disse que me visitaria um imbecil que me faria perguntas impertinentes. Queres saber demasiado, monge!

— São terríveis as vossas palavras, santíssimo e venerado padre — murmurou o de Obdorsk com sinais de surpresa, ainda que nos olhitos houvesse uma luminosidade de maliciosa dúvida.

— Vês esta árvore? — perguntou Feraponte depois de uma pausa.

— Sim, bendito padre.

— Tu crês que é um olmo, mas para mim é outra coisa bem diferente.

O monge ficou suspenso. Depois, recobrando o ânimo, atreveu-se:

— Que coisa?

— Isto acontece de noite. Vês estes dois ramos? São os braços de Cristo que se estendem para mim, suplicantes. Vejo-o como te estou a ver agora, a ti, e tremo. É horrível, horrível!

— Como pode ser horrível se é o próprio Cristo?

— É porque me quer apanhar e levar.

— Vivo?

— Pela alma e glória de Elias! Não to estou a dizer? Como tomar-me nos braços e arrebatar-me às alturas!

***

Ainda que de volta à cela se mostrasse muito perturbado da conversa que manteve com um dos irmãos acerca do solitário, no fundo da alma sentia mais respeito e veneração por este do que pelo Padre Zossima. Acérrimo partidário do jejum, não podia admirar-se de que quem o levava a tal rigor, como o Padre Feraponte, se fizesse digno de «ver prodígios». Certo que as suas palavras eram um tanto originais, mas Deus sabia o sentido que ocultavam. E ao fim e ao cabo não se manifesta vulgarmente mais extravagantes em atos e em palavras quem sacrifica a sua inteligência à glória de Deus? Acreditava naquilo de agarrar o diabo pela cauda sem qualquer dúvida, a pés juntos e não precisamente no sentido metafórico. Além do mais, havia chegado ao mosteiro já com um arreigado preconceito contra os presbíteros que, embora ele os não conhecesse mais do que por certas referências, os julgava coisa detestável. Ao fim de poucas horas de permanência no mosteiro descobrira logo as secretas murmurações de alguns irmãos intriguistas que repudiavam a Instituição. Era um intrometido, um curioso impertinente que metia o nariz em tudo, e o recente «milagre» do Padre Zossima deixou-o aturdido de perplexidade. Aliocha recordava as idas e vindas daquele farejador que caminhava pelos corredores metendo a cabeça em todos os buracos para escutar e perguntar, na cela do Presbítero e onde quer que fosse que se reunissem mais do que dois monges.

Alexey Fedorovitch não prestava atenção a tais afãs nem pôde observar durante muito tempo as impertinências do monge forasteiro porque quando o Padre Zossima, que se sentia muito fatigado, se retirou para descansar quis ver o noviço antes de adormecer e mandou-o chamar. Chegou a correr e no aposento apenas se encontravam o Padre Paissy, Iosif e Porfiry. O doente abriu os olhos cansados e olhando Aliocha perguntou-lhe:

— Meu filho, não estão à tua espera?

O jovem perturbou-se.

— Não fazes falta nalguma parte? Não é verdade que combinaste com alguém que hoje os veríeis?

— Sim, com meu pai, com meus irmãos e com alguém mais.

— Vês? Pois deves ir. Não te aflijas. Podes estar tranquilo. Não morrerei sem que ouças as minhas últimas palavras. Serão para ti, meu filho. O meu último conselho ser-te-á dirigido. A ti, meu querido, porque sei que gostas de mim. Mas agora cumpre o que prometeste.

Aliocha obedeceu imediatamente, separando-se do mestre, consternado apesar da promessa de que as últimas palavras e o último conselho lhe pertenceriam. Isso enchia-lhe a alma de um arrebatamento celestial. Queria apressar-se, ter acabado já o que havia a fazer na cidade e estar de volta. O Padre Paissy, que saiu com ele da cela, despediu-o com um sermão que acabou por afervorá-lo e o deixou ternamente comovido.

— Não esqueças nunca, jovem — começou sem preâmbulos —, que a ciência deste mundo, que alcançou um grande desenvolvimento, resolveu, especialmente durante o século em que vivemos, analisar tudo o que nos foi revelado nos livros santos. Nada do que era respeitado como sagrado e intangível escapa a esta análise descarnada dos sábios dos nossos dias. Mas não fizeram mais do que analisar em parte e examinar o todo ao de leve, porque o todo continua inalterável perante os seus olhos e as portas do inferno não prevalecerão contra ele. Porventura depois de dezanove séculos não mantém a palavra divina o seu vigor de origem e o seu poder sobre a alma do indivíduo e a massa do povo? Vê-se ainda poderosa e viva na alma dos próprios incrédulos que que querem destruir tudo! Até os que renegaram Cristo e atacam a sua doutrina conformam ao ideal cristão os sentimentos e os atos da sua vida, porque até aqui nem as subtilezas da mente nem os ardores do coração conseguiram apresentar um ideal que exceda em humanidade e em virtude o que Cristo aconselhou ao mundo antigo. Sempre foram grotescos os resultados de qualquer tentativa de substituição. Agora que o teu diretor te envia ao mundo deves ter isto muito presente. Talvez a recordação deste grande dia se associe a estas palavras, saídas do fundo do meu coração para que te sirvam de guia. És jovem e as tentações do século são numerosas e talvez mesmo superiores às tuas forças. Pois bem, já podes partir, querido órfão — terminou o Padre Paissy, fazendo sobre ele o sinal da cruz.

Aliocha afastou-se do mosteiro com a grata impressão de ter encontrado inesperadamente um novo amigo e um carinhoso mestre no austero monge que até ali o havia tratado com secura. Parecia-lhe um legado inapreciável que o Padre Zossima lhe deparava com a sua morte, e em seguida ocorreu-lhe que bem podia obedecer a uma recomendação do

Presbítero aquela demonstração de amizade. Aquelas reflexões filosóficas que tão inesperadamente acabava de ouvir revelavam, sem dúvida, um coração ardente e zeloso, preocupado em armar o rapaz para todo e qualquer conflito de tentação e em preservar-lhe a alma juvenil por todos os meios ao alcance da sua imaginação.

Capítulo 2 — Em Casa do Pai

Antes de mais nada, Aliocha encaminhou-se para casa do pai. Lembrava-se de que insistira no dia anterior para que fosse vê-lo sem que Ivan o soubesse. «Porquê?», perguntava-se surpreendido. «Mesmo que meu pai tivesse um segredo para me revelar por que razão o havia de esconder? Não o entendo; terá, por acaso a emoção de ontem embargado as suas palavras?» E suspirou quando Marfa Ignacievna, que lhe abriu o gradil da porta em substituição do marido que estava doente, lhe respondeu que Ivan Fedorovitch saíra havia um par de horas.

— E meu pai?

— Está lá em cima, tomando café — respondeu ela, em tom seco.

Aliocha entrou. O velho, sentado à mesa, calçava sapatilhas e tinha um casaco curto muito usado. Distraía-se passando e repassando sem atenção umas faturas. Encontrava-se só em casa, pois Smerdyakov também saíra naquele dia para fazer compras. Embora se tivesse levantado cedo, procurando mostrar coragem, notava-se que estava cansado e débil. Trazia a testa atada com um lenço encarnado, pois ali se lhe haviam formado grandes cicatrizes durante a noite. Isto e o nariz, enormemente inchado e tumefacto por causa dos pontapés, davam-lhe ao rosto um aspeto maligno e repugnante. Tinha consciência disso e lançou a Aliocha um olhar carregado de ódio.

— O café está frio — gritou em tom azedo. — Não to ofereço. Só pretendia que me servissem uma sopa quaresmal, de peixe, para a qual não convidei ninguém. Por que razão vieste cá?

— Vim saber como estava.

— Ah, sim? Eu disse-te que viesses, mas não há nada do que te falei e maçaste-te em vão. Já sabia que ias cair.

O seu tom era de franca hostilidade. Levantou-se e foi mirar no espelho o nariz, ato que repetira quarenta vezes durante a manhã ao mesmo tempo que corrigia algumas pregas na ligadura.

— O encarnado fica melhor. A ligadura branca recorda demasiado o hospital — observou formalmente. — Bem, e que há por lá? Como está o

teu diretor?

— Muito mal. Talvez morra hoje mesmo — respondeu Aliocha.

Mas o pai não o ouvia; esquecera já a pergunta.

— Ivan saiu — disse de repente. — Está empenhado em arrebatar a noiva a Mitya. Por isso tem ficado aqui — acrescentou malignamente, torcendo a boca e voltando-se para Aliocha.

— Foi ele que o disse?

— Sim, há tempos. Parece incrível, não? Disse-mo há três semanas. Julgas que também ele veio para me matar? Por alguma coisa foi.

— Que diz? Por que fala assim? — perguntou Aliocha, confundido.

— É verdade que não me pede dinheiro, mas também não lhe daria um cêntimo. Tenho intenção de viver o mais tempo possível, não me importo que o saibas, querido Aliocha. Assim, vou precisar de todos os centavos e quanto mais viver, mais necessidade terei de dinheiro. — Continuava a dar grandes passadas na sala, as mãos nos bolsos do gabão, sujo e desleixado. — Aos cinquenta e cinco anos ainda me sinto um homem válido e continuarei assim por mais vinte. Bem sabes que quando envelhecer não serei uma preciosidade que atraia as moças. Vou necessitar de dinheiro, se quiser alguma coisa. Portanto, meu filho, poupo e continuarei a poupar para mim, só para mim. Penso repetir os meus pecados até ao fim, já to digo. O pecado é agradável. Todos o amaldiçoam, mas ninguém vive sem ele. A maior parte das pessoas esconde-o, eu tenho orgulho nele. Por isso me atacam os pecadores, por eu ser franco. O teu paraíso não me agrada, Alexey, aviso-te. Supondo até que exista, não é o lugar que corresponde a um cavalheiro. Creio que um dia adormecerei para não acordar mais: e é tudo. Podes rezar pela minha alma se tiveres prazer nisso. Se não quiseres, não rezes, que diabo! É esta a minha filosofia. Ivan é que dizia bem, ontem, embora todos estivéssemos bem bebidos. É um fanfarrão que não tem grande talento... nem educação. Cala-se e ri-se das pessoas em silêncio para se dar ares de sábio.

Aliocha escutava sem respirar.

— Por que não se digna falar-me? E quando o faz dá-se aqueles ares!... O teu Ivan é um velhaco! Casarei com Gruchenka agora mesmo, se me der na gana. Porque se tiveres dinheiro, Alexey Fedorovitch, só é preciso desejares uma coisa para a conseguires. É isso o que assusta Ivan. Vigia-me para impedir que me case. Por isso anima Mitya para que se case com ela. Julga que, assim, me afastará de Gruchenka... como se lhe deixasse o

meu dinheiro se não me casasse! Por outro lado, se Mitya casar com ela tira-lhe a noiva, que é muito rica. São esses os seus cálculos. É um canalha, o teu Ivan!

— Que aborrecido está, pai! É por causa do que se passou ontem? Seria melhor deitar-se — disse Alexey.

— Olá! — exclamou o velho como que despertado da sua modorra. — Dizes isso e não me aborreço contigo. Se fosse Ivan já estávamos a discutir. Só contigo me sinto bem; já sabes que não sou um malvado.

— Não, mas está a ver mal as coisas — recomendou o filho, sorrindo.

— Ouve: pensava mandar prender esse rufia do Mitya esta manhã, e ainda não me decidi. Já sei que é moda, agora, considerar o respeito aos pais um preconceito, mas a lei ainda não aprova que derrubeis o vosso velho, agarrando-o pelos cabelos, que lhe deis pontapés na própria casa nem que o ameaceis de morte, tudo em presença de testemunhas. Se quisesse, metia-o imediatamente na prisão pelo que fez ontem.

— Então não pensa instaurar-lhe um processo?

— Ivan já me dissuadiu disso. Não é Ivan que me importa, há outra coisa.

Inclinou-se ao ouvido de Aliocha e murmurou confidencialmente:

— Se mando esse rufião para a prisão, ela sabe-o logo e irá vê-lo; mas se lhe disserem que me maltratou, a mim que sou velho e tenho um pé na sepultura, talvez o abandone e me venha visitar... As mulheres são assim, espíritos de contradição! Tomas um gole de aguardente? Então café, e deito-lhe dois dedos de bebida. Saberás como é bom, rapaz.

— Não, obrigado. Levo este pão, se mo permite — pediu Aliocha, guardando no bolso um pequeno pão de dez cêntimos. — Faria muito melhor se não bebesse também — aconselhou a medo, fixando os olhos do pai.

— Tens razão. Altera-me os nervos em vez de me acalmar. É só um copinho. Vou buscá-lo.

Abriu o armário, pegou numa garrafa da qual encheu um copo, voltou a fechá-lo e guardou as chaves, dizendo:

— Tenho bastante. Não é por um copo que rebentarei.

— Está mais bem disposto, parece — animou Aliocha, sorrindo.

— Hum! De ti gosto, com álcool ou sem ele, mas com os canalhas sou um canalha também. Ivan não foi a Tchermachnya porquê? Para espiar e ver quanto dou a Gruchenka, se ela vier. São uns canalhas! Eu não percebo

Ivan, palavra que não o entendo. A quem sairá ele? Não tem o nosso espírito nem o nosso sangue. Como se eu fosse obrigado a deixar-lhe alguma coisa! Não tenho testamento nem tenciono ter, já o sabes. Quanto a Mitya, esmagá-lo-ei como a um cão. À noite esmago com os pés as baratas que aparecem à minha frente. Ao teu Mitya farei o mesmo. Digo *ao teu* porque sei que gostas dele. Sim, gostas. Isso pouco me rala. Se Ivan gostasse dele seria diferente, mas esse não gosta de ninguém, não é como nós. Os homens iguais a Ivan são feitos de outro barro, meu filho... São como o pó... quando o vento sopra, levanta-se... Disse-te ontem que viesses porque tinha na cabeça uma ideia estúpida. Queria que te avistasses com Mitya. Se eu lhe desse mil ou dois mil rublos, achas que esse cobarde mendigo consentiria em afastar-se por cinco anos, ou melhor por trinta e cinco, deixando Gruchenka e renunciando totalmente a ela... Que te parece?

— Hei de perguntar-lhe — balbuciou Aliocha. — Se lhe desse três mil, talvez...

— Tolices! Não deves dizer-lhe nada. Já mudei de ideias. Foi um disparate que me ocorreu. Não lhe darei nada, nem um cêntimo. Quero o meu dinheiro para mim — gritou o velho, abanando a cabeça. — Sem dinheiro, esmagá-lo-ei como a um bicho. Não lhe digas nada, assim esperará. Mas a noiva, Catalina Ivanovna, a quem tão ciumentemente tem mantido afastada de mim, está disposta a casar-se com ele ou não? Creio que foste visitá-la ontem, não?

— Por nada no mundo quer abandoná-lo.

— Estás a ver como se enamoram tão ternamente de um libertino, de um canalha?... Participo-te que essas senhoras pálidas e olheirentas são umas pobres criaturas, bem diferentes de... Ah! Se eu tivesse a tua juventude e o bom aspeto de então... porque eu, aos vinte e oito anos, era de muito melhor presença... seria um galã tão afortunado como ele, que é um grosseirão. Mas não terá Gruchenka, por mais que se empenhe. Não, não a terá! Dou cabo dele antes!

Exacerbado de súbito furor, gritou:

— E tu, vai-te! Nada tens que fazer aqui!

Aliocha levantou-se para se despedir e beijou-o no ombro.

— O quê? — perguntou o velho, surpreendido. — Voltaremos a ver-nos ou tu crês que não?

— Creio que sim; não foi essa a minha intenção.

— Acredito. Disse isto por dizer — saltou Fedor. — Ouve, ouve. Apressa-te e volta. Mandarei que te preparem uma sopa de peixe. Verás como até lambes os dedos. Não deixes de vir. Amanhã, ouviste? Vem amanhã.

E assim que o filho abandonou a sala, aproximou-se do armário e encheu meio copo de aguardente.

— Não quero mais — murmurou, rouco, enquanto olhava as garrafas e guardava depois as chaves. Dirigiu-se ao quarto em seguida, deitou-se extenuado na cama e adormeceu profundamente.

Capítulo 3 — Ao Sair da Escola

«Não me perguntou por Gruchenka, graças a Deus», pensou Aliocha quando, já longe da morada do pai, virou na direção da casa da senhora Hohlakov. «Senão teria de lhe contar o que aconteceu ontem.»

Doía-lhe que os adversários tivessem concentrado as suas energias desde a véspera e se preparassem para uma luta rude e irremediável. «Meu pai está irritado e lançar-se-á, enfurecido, a executar os planos em que medita. E Dmitri? Dmitri estará, com certeza, mais excitado que ontem. O seu furor torná-lo-á mais intransigente e também terá traçado os seus planos. Tenho de falar com ele hoje mesmo, seja como for.»

Um acontecimento de pouca importância, mas que o impressionou profundamente, afastou-o das suas reflexões. Acabava de cruzar a praça e, ao virar uma esquina para seguir pela Rua de Mikailovsky, atravessada por fossos desde a Rua Alta como a maior parte das nossas ruas, viu na ponte um grupo de rapazes de nove a doze anos que, saídos da escola, se dirigiam a casa. Uns levavam às costas a mochila com os livros, outros uma pasta encostada descuidadamente a um lado. Vestiam sobretudos pequenos ou jaquetas, sem que faltasse quem usasse pequenas botas de montar com rugas nos tornozelos nas quais gostam de mostrar orgulho os miúdos das casas ricas. Todos falavam arrebatadamente, como que em concílio.

Desde os seus dias felizes de Moscovo, Aliocha não podia passar por um grupo de crianças sem lhes fazer perguntas, e embora sentisse predileção pelos de três ou quatro anos, encantavam-no também os estudantes de dez e onze. Perante aqueles que ali estavam afastou as preocupações e juntou-se-lhes sorridente. Em seguida, percebeu que levavam os bolsos cheios de pedras. Do lado oposto da ponte, e por detrás de um caniçal que se erguia a uns trinta passos, escondia-se um outro miúdo, um rapazito de dez anos, pálido, doente, de olhos inflamados, que tinha a pasta dos livros a tiracolo e dirigia um olhar de receio e acometimento aos outros, seus condiscípulos, com quem parecia estar em guerra.

Aliocha aproximou-se de um, louro e corado, que tinha o cabelo encaracolado e vestia de preto, e disse-lhe:

— Quando usava pasta como tu, punha-a sempre do lado esquerdo para deixar livre o braço direito; mas tu usa-la ao contrário e, assim, andarás sempre embaraçado.

Aliocha recorria a estas observações sem artifício nem premeditação, sabendo que dão sempre resultados eficazes para se ganhar a confiança de um pequeno e ainda mais quando se trata de um grupo. Instintivamente, adivinhava que era preciso começar dando importância a qualquer ninharia para ficar ao nível daquelas criaturinhas.

— É porque ele é canhoto — advertiu logo um outro, alto e robusto. E todos ficaram a olhar para Aliocha.

— Faz tudo com a mão esquerda — acrescentou um terceiro.

Naquele momento, uma pedra disparada com força pelo rapaz do lado de lá do fosso atravessou o grupo, roçando pelo canhoto.

— Dá-lhe! Aponta-lhe bem, Smurov! — gritaram os outros.

Mas o canhoto, sem necessidade de conselhos, vingava-se já, lançando uma pedra que caiu sem atingir o alvo. O inimigo, cujos bolsos pareciam cheios de calhaus, contestou com outro «tiro» que foi dar com força no ombro de Aliocha.

— Acertou-lhe! Mas que ideia! Atirou contra si porque é um Karamazov, não é? — saltaram os miúdos, rindo. — Venha. Vamos todos contra ele! — E seis projéteis fenderam o ar. Uma das pedras deu na cabeça do inimigo comum, derrubando-o. Mas o pequeno levantou-se logo, voltando à briga, mais agressivo do que nunca. O apedrejamento tornou-se feroz.

— O que vão fazer? Não têm vergonha? Seis contra um? Vão matá-lo! — gritava Aliocha, pondo-se diante deles para proteger com o seu corpo o pequeno do caniçal, com risco mesmo de ser ferido.

Três ou quatro ficaram desarmados.

— Foi ele que começou! — gritou, irritado, um mocinho de pouca idade que vestia uma camisa encarnada. — É uma besta. Ao sair da escola feriu o Krassotkin com um canivete e fez-lhe sangue. Krassotkin não vai queixar-se, mas ele merece uma sova.

— Mas porquê? Por que razão o perseguem?

— Outra pedra! Bateu-lhe nas costas! Conheceu-o — gritou o miúdo. — Agora vira-se contra si. Vamos todos a ele! Não erres a pontaria,

Smurov!

E as pedradas continuaram com mais ardor. Um pedaço de cascalho atingiu o peito do que combatia para lá do fosso, arrancando-lhe um grito de dor e obrigando-o a uma penosa retirada, gemendo, enquanto os inimigos comentavam:

— Cobarde! Agora, foge. Galinha!

— Não faz ideia de como é bruto, Karamazov. Merecia que o matassem — disse com olhos chamejantes o enlutado, parecendo ser o mais velho.

— Mas que mal vos fez? — perguntou Aliocha. — É um inventor de história ou quê?

Os miúdos olharam uns para os outros, sem saberem se haviam de rir.

— Vai segui-lo pela Rua de Mikailovski? — perguntou o mesmo. — Faça-o ver que... Cuidado, parou. Espera-o e observa-o!

— Está a olhar para cá, está! — gritaram os outros em coro.

— Diga-lhe que é uma galinha, ouviu? Diga-lhe! — E os rapazes romperam em barulhenta risota que parou quando Aliocha os olhou com severidade.

— Nem se aproxime, que se magoa! — aconselhou Smurov calorosamente.

— Julgam que lhe vou chamar cobarde? Não. É assim que vocês o provocam. Vou perguntar-lhe por que razão não gostam dele.

— Pois que o diga — exclamaram todos.

Aliocha passou a ponte e logo que alcançou o caniçal, com grande custo, correu na direção do carrancudo pequeno.

— Não se fie! — gritavam-lhe da ponte. — Não o assusta e fere-o à traição, como fez a Krassotkin.

O miúdo esperava-o a pé firme. Era um rapazote de nove anos, fraco e enfezado, de rosto sumido e pálido, olhos grandes que o fixavam ameaçadores. Vestia um sobretudo velho, muito usado. O dono tinha crescido, como indicavam os braços que saíam excessivamente das mangas. Viam-se grandes remendos nas joelheiras das calças e o dedo grande do pé direito saía pelo buraco aberto no sapatão, que procurara esconder com tinta. Os bolsos do casaco ameaçavam soltar-se com o peso das pedras de que estavam cheios. A três metros de distância, Aliocha deteve-se, contemplando-o fixamente. O outro, compreendendo que não

vinha em pé de guerra, desistiu da sua atitude de desafio para dizer, encolerizado:

— Eles são seis e eu estou só. Mas mesmo só, hão de pagar tudo.

— Creio que foste atingido por uma pedra — observou Aliocha.

— Eu também acertei na cabeça de Smurov.

— Disseram que me conhecias e que, por isso, me atiravas também pedras.

O pequeno olhou-o carrancudo, em silêncio, e Aliocha continuou:

— Eu não te conheço. E tu? Conheces-me?

— Deixe-me em paz! — gritou irritado o miúdo sem se mexer. Parecia indeciso e nos seus olhos brilhou de novo a ameaça.

— Bem, vou-me embora — disse Aliocha. — Mas é bom que se saiba que não te conheço e que não te fiz mal algum; pelo contrário, queria evitar que aqueles continuassem a perseguir-te. Adeus!

— Seu frade de calções de seda! — gritou o rapaz, seguindo o noviço em atitude hostil e defensiva ao mesmo tempo, certo de que o outro se viraria para se vingar.

Aliocha deu meia volta, contemplou-o por um momento e retomou a marcha. Não havia dado três passos quando uma pedrada nas costas o fez gemer e voltar-se.

— Com que então atacas pelas costas! Assim têm razão os que dizem que feres à traição!

Outra pedra disparada pelo díscolo deu-lhe apenas tempo para defender o rosto com o braço e recebê-la com o cotovelo.

— Não tens vergonha? Que te fiz eu? — gritou.

Como resposta, o miúdo pôs-se em guarda contra o ataque de Aliocha. Mas vendo que nem agora queria castigá-lo, deu um salto de animal selvagem acossado, atirando-se contra o noviço e, antes que este pudesse evitá-lo, pegou-lhe numa mão e mordeu-lhe o dedo médio com a zanga frenética que o excitava. Foi um momento de luta feroz. Os dentes fincavam-se, agudos, na carne de Aliocha, fazendo-o dar gritos de dor. Depois fez um esforço para se soltar. O pequeno deixou-o, pondo-se à distância de um salto. O dedo de Aliocha, aberto até ao osso na raiz da unha, começou a sangrar. Tirou o lenço e aconchegou a ferida. A ferazita estava imóvel, contemplando a operação que durou um minuto. Depois Aliocha levantou os seus olhos doces e ficou-se a olhá-lo.

— Muito bem — disse. — Já viste com que crueldade me trataste. Estás satisfeito, hem? Pois agora quero que me digas o que foi que te fiz.

O pequeno olhava-o, admirado.

— Não te conheço. É a primeira vez que te vejo, hoje — continuou o noviço, sem perder a serenidade. — Mas devo ter-te feito alguma coisa. Não me tratarias assim sem mais nem menos. Diz-me, pois, o que aconteceu. Conta-me tudo.

O rapaz não conseguiu responder. Desatou a chorar e afastou-se de Aliocha. Este foi atrás dele, sem apressar a marcha, pela Rua Mikailovski. Durante um bom bocado, ouviu os soluços do miúdo, que se ia afastando, e como agora não podia perder tempo, resolveu procurá-lo em melhor ocasião para decifrar o enigma.

Capítulo 4 — Em Casa de Hohlakov

Aliocha pôs-se em casa da senhora Hohlakov em breve tempo. O edifício, de dois pisos, era um dos mais fortes e bonitos da cidade. A proprietária vivia na província, onde possuía também uma vasta fazenda, e em Moscovo, onde tinha casa própria. A da nossa cidade fora-lhe deixada pelos avós, com um rendimento que, conquanto importante em tempos, era já muito reduzido agora.

A senhora apressou-se a acorrer ao salão onde o noviço se encontrava.

— Recebeu a carta acerca do novo milagre? — perguntou arrebatada e nervosa.

— Sim, recebi.

— E participou o seu conteúdo a toda a gente? Sabe, o filho já voltou a casa da mãe!

— Está a morrer, o Presbítero — disse Aliocha.

— Sim, eu sei. Oh, quantas coisas tenho a contar-lhe sobre isto! A si e a certa pessoa. Não, a si, a si! E pena tenho de não o poder ver! Toda a cidade está comovida, presa de uma geral expectativa. Mas agora... Sabe que Catalina Ivanovna está cá?

— Ah! Que sorte! — exclamou Aliocha. — Assim poderei vê-la. Precisamente ontem pediu-me que passasse lá por casa.

— Eu sei. Sei tudo. Contou-me o que aconteceu... e a abominável conduta dessa mulher. *C'est tragique,* e estivera eu no seu lugar não sei o que teria feito. Seu irmão, Dmitri Fedorovitch? Que pensa dele? Deus me valha! Com esta louca imaginação esquecia-me de lhe dizer, Alexey, que seu irmão também aqui está com ela. Não o que ontem se mostrou terrível e espantoso, mas o outro, Ivan Fedorovitch. Estão numa conversa muito séria. Se soubesse o que se passa entre os dois... É tremendo! Asseguro-lhe que isto parece um pesadelo. Sofrem os dois sem saberem porquê. Eles próprios o reconhecem, mas têm prazer no tormento. Eu esperava-o. E com que ânsia! Isto é superior às minhas forças, o que torna o caso pior. Já lhe conto tudo. Porém, agora, devo falar-lhe de outra coisa mais importante de que me ia esquecendo. Ora vamos a ver: como se explica

que Lisa tenha tido um ataque de nervos? Apenas lhe disseram que chegara, começou a transtornar-se.

— Mamã, quem vai ficar transtornada és tu, eu não!

A voz de Lisa chegava até eles, trémula de riso contido, pela porta do lado, e Aliocha compreendeu que estivera a espreitá-lo.

— Não duvido, filha, não duvido. Os teus caprichos enlouquecem-me. Mas está doente, Alexey Fedorovitch. Passou uma noite horrível, com febre e sem deixar de gemer um só momento. Desesperei enquanto não foi dia para chamar Herzenstube, que nos disse que nada pode fazer e que precisamos de paciência. É sempre o que o médico diz. Quando o viu chegar pôs-se a dar gritos, com uma crise nervosa, e insistiu para que o levássemos para essa sala aí ao lado.

— Eu não sabia que vinha, mamã! E a ele pouco se lhe importa o meu desejo de permanecer aqui!

— Isso não é verdade, Lisa, porque Júlia, que estava à porta por tua ordem, avisou-te da sua chegada.

— Não fazes grande honra à tua educação, mamã querida; mas se queres emendar essa confusão com palavras de maior talento, não terás mais que dizer ao nosso digno visitante que mostrou verdadeira falta de tato atrevendo-se a vir aqui depois do que se passou ontem, quando é causa de riso para toda a gente.

— Lisa! Tens a língua demasiado solta! Obrigas-me a ser severa. Quem se ri dele? Eu estou bem contente por estar aqui. Preciso dele e nada posso fazer só. Que desgraçada sou, Alexey!

— Mas... o que tens, mamã querida?

— Que hei de ter? Os teus caprichos, Lisa; a tua doença e a tua irreflexão. E o pior é esse sempiterno Herzenstube! É tudo, tudo... Até esse milagre! Oh, como me transtornou, amigo Alexey! E, para cúmulo, essa tragédia no salão, que está para além do que posso suportar! Não posso, não, e é possível que seja mais uma farsa do que uma tragédia. Diga-me: acha que o Padre Zossima viverá até amanhã? Viverá? Ah! Meu Deus! Que tenho eu que sempre que fecho os olhos vejo como tudo é absurdo!

— Agradecia-lhe imenso — interrompeu Aliocha de súbito — que me desse um trapo limpo para ligar este dedo. Tenho-o ferido e dói-me muito. — E retirou o lenço ensopado de sangue.

A senhora deu um grito e exclamou, fechando os olhos:

— Deus do Céu, que ferida! É horrível!

Naquele momento a porta da sala contígua abriu-se com força e Lisa apareceu no vão, gritando autoritariamente:

— Venha, venha cá! E deixe-se de brincadeiras! Meu Deus! O que o fez estar sem dizer nada até agora? Podia morrer de uma hemorragia, mamã! Como fez isso? Água, água! Primeiro que tudo é preciso limpar bem o dedo, pondo-o em água fria para acalmar a dor. Deixa-o estar um bocado e... Depressa, mamã, água numa bacia. Mas apressa-te! — acabou nervosamente, espantada perante a ferida.

— Não seria conveniente mandar chamar Herzenstube? — lembrou a mãe.

— Mamã, queres que eu morra? O teu querido Herzenstube virá apenas para dizer que não pode fazer nada. Água, água! Mamã, por favor, por todos os santos, vai tu mesma e apressa a Júlia. Aquele estafermo não é capaz de andar mais depressa por nada deste mundo. Depressa, mamã, ou queres que morra?

— Mas isto não é nada! — interrompeu Aliocha, alarmado por tanto barulho.

Júlia entrou com a água e Aliocha banhou o dedo.

— Uma gaze, mamã, por favor. Traz-me uma gaze e a loção para feridas!... Como se chama? Ainda há um resto. Sabes onde tens o frasco, mamã? No teu quarto, no armário da direita. Está lá também um maço de algodão.

— Trago-o já, Lisa, mas não me grites. Repara como sofre. Onde arranjou essa ferida tão profunda?

E saiu a buscar o que Lisa lhe pedia.

— Antes de tudo o mais, diga-me onde se feriu tão brutalmente — suplicou a moça com impaciência logo que a mãe os deixou sós. — Responda depressa, tenho outras perguntas a fazer-lhe.

Aliocha compreendeu que ela queria aproveitar a ausência da mãe e, em poucas palavras, contou precipitadamente o extraordinário encontro com os rapazes da escola. Lisa segurou-lhe nas mãos e, como se tivesse algum direito sobre ele, repreendeu-o, lamentando amargamente:

— Mas por que se juntou com os miúdos, mais a mais vestindo saias? É pior do que eles! Depois me conta a história desse demónio. Quero saber tudo, porque deve haver nisso algum mistério. Mas antes, outra coisa. Acha que a dor o impedirá de falar de assuntos sérios?

— Não. Já pouco me dói.

— Porque tem o dedo dentro de água. É preciso renová-la. Daqui a pouco estará quente. Júlia, traz-me gelo e água limpa. Ah! Foi-se embora! Já posso falar. Devolva-me a carta que lhe mandei ontem, querido Alexey. Depressa, que a mamã não tarda e não quero...

— Não a tenho comigo.

— Mentira! Quer enganar-me. Tem-na no bolso. Toda a noite me incomodou esta brincadeira. Dê-me a carta. Dê-ma!

— Deixei-a na cela.

— Toma-me por uma louca, por uma criança, depois dessa brincadeira estúpida? Desculpe a minha tolice, mas deve trazer-me a carta, se não a tem consigo. É necessário que ma entregue hoje mesmo, sem falta!

— Hoje é impossível. Tenho de voltar ao mosteiro e já não poderei sair durante dois dias pelo menos... talvez três ou quatro... porque o Padre Zossima...

— Quatro dias! Não seja tonto. Diga-me: riu-se muito?

— Não me ri nada.

— Troça de mim!

— Não, senhora! Quando a li, pensava que tudo podia ser como dizia, pois quando o Padre Zossima morrer terei de abandonar o hábito. Voltarei a casa e acabarei os meus estudos. Casaremos quando tiver idade. hei de querer-lhe muito porque, ainda que não houvesse tempo para refletir, não creio que seja possível encontrar mulher melhor, e o Padre Zossima diz que devo casar-me.

— Mas se eu sou uma inválida, presa a uma cadeira? — ria Lisa, com as faces coradas.

— Eu próprio a levarei, mas tenho a certeza de que nessa altura não será preciso, pois estará curada.

— Mas você é um louco se toma a sério o que não passa de brincadeira! — atalhou ela nervosamente. — Aqui está a mamã, que chega a tempo! Mamã, que indolente! Por onde andaste? E cá está a Júlia com o gelo!

— Lisa, por Deus, não grites! Fico tonta com os teus gritos... Que queres que faça se colocaste a gaze noutro sítio e tive que revolver tudo?

— Quem ia adivinhar que vinha com uma ferida? Esconder a gaze? Querida mamã, começam a ocorrer-te coisas estranhas.

— Não se me ocorre nada, mas digo-te que fico admirada por te mostrares tão delicada de sentimentos perante a dor de Alexey. Ai, meu

amigo! O que me mata não é isto precisamente, nem o Herzenstube, mas sim tudo junto, que é demasiado para as minhas forças empobrecidas.

— Ó mamã! Deixa o Herzenstube em paz! — riu Lisa. — Dá-me essas gazes e essa loção! Isto não é mais do que água de Goulard, Alexey. Agora me lembro do nome, mas é prodigiosa. Nunca adivinharias como ele arranjou esta ferida, mamã. Imagina que se meteu numa briga de miúdos e um deles mordeu-lhe o dedo. Diz-me lá se ele não é mesmo uma criança e se depois disto se pode considerar apto para o matrimónio? Porque sabes, mamã? Quer casar-se. Não faria rir se não fizesse chorar só a ideia de que estava casado?

E Lisa deu largas ao seu riso nervoso, olhando Aliocha de revés.

— Casado? Porquê? Quem te faz falar disso? Foi com certeza outra coisa... talvez o miúdo estivesse raivoso.

— Então, mamã! Os miúdos não ficam raivosos!

— Por que não, Lisa? Julgas que é tolice? Esse rapaz podia sofrer de raiva em consequência da mordedura de um cão raivoso e, como este, morder a quem se lhe aproximasse. Está muito bem tratado, Alexey. Eu não teria tido coragem. Ainda lhe dói?

— Isto não é nada.

— Já começa a ter aversão à água? — perguntou Lisa.

— Então! Isso é demasiado! Pelo facto de falar na raiva não tens o direito de o incomodar. Catalina, quando soube que se encontrava aqui, Alexey, disse-me que morria por o ver. Olhe que ela disse que «morria»...

— Vai lá tu, mamã. Ele não pode sair daqui, sofre ainda muito.

— Nada. Posso ir muito bem.

— Como? Que diz agora? Já se vai?

— Bom... virei de novo quando acabar e falaremos durante o tempo que quiser. Queria ver Catalina o mais depressa possível. Estou desejoso de voltar ao mosteiro.

— Leva-o daqui, mamã. E você não se moleste em tornar a ver-me. Corra para o seu convento e que lhe faça muito bom proveito. Necessito dormir, não preguei olho durante toda a noite.

— Lisa, falas a troçar, mas não sabes como ficaria contente se dormisses!

— Não refleti no que disse... Ficarei ainda mais três minutos, cinco mesmo, se quiser — balbuciou Aliocha.

— Cinco! Tira-o da minha frente, mamã, pronto. É um monstro!

— Estás louca, filha! Deixemo-la, Alexey. Hoje só tem caprichos e temo contrariá-la. Senhor, como se vive sem tranquilidade com filhas tão nervosas! Talvez consiga dormir agora, depois de o ver. Parece impossível que diga ter sono!

— Ah, mamã! Que amável és por falares assim! Vem cá dar-me um beijo!

— Eu também quero beijar-te, Lisa. Espere, Alexey Fedorovitch — continuou, cochichando misteriosamente e com ansiedade. — Não quero sugerir-lhe nada nem levantar o véu, mas entre e veja você mesmo o que se passa. É espantoso! A mais fantástica das farsas. Ama seu irmão Ivan e esforça-se com toda a alma por se convencer a si própria que o amado é Dmitri. É terrível! Vou entrar consigo e ficarei a ver como termina, se o consentirem.

Capítulo 5 — Incómodos no Salão

A conversa terminara. Catalina Ivanovna sentia em si grande agitação, embora parecesse resolvida perante Ivan. Este levantou-se para se despedir ao ver que entrava alguém na sala. Estava pálido e Aliocha olhou-o com ansiedade. Ia por fim deixar de ter dúvidas, descobrir o intrincado enigma que o torturava desde que ouvira dizer que Ivan gostava de Catalina e, o que era pior, que pensava tirá-la a Dmitri. Embora ao princípio aquilo lhe parecesse monstruoso e absurdo, não deixava contudo de o trazer em grande perplexidade e sobressalto. Temia a rivalidade que existia entre os dois irmãos porque gostava muito deles, mas ainda no dia anterior Dmitri lhe expressara da maneira mais específica o contentamento que lhe causava a rivalidade de Ivan, de quem esperava uma boa ajuda. Ajuda de quê? Por casar-se com Gruchenka? Cada vez pior. Até à tarde anterior, Aliocha estava certo de que Catalina Ivanovna sentia forte paixão por Dmitri e continuava a imaginá-la incapaz de amar um homem como Ivan.

Durante a cena provocada por Gruchenka mudara de pensar, mas agora a senhora Hohlakov fazia-o tremer com a palavra «dilacerador» que ela usara, recordando-lhe que, até de madrugada, ao despertar, não fizera outra coisa senão repeti-la em voz alta, como se fosse um triste comentário ao pesadelo que toda a noite o oprimira, com desfigurações do que sucedera em casa de Catalina. O que o apoquentava mais do que tudo era a rotunda e persistente afirmação de que esta amava Ivan e se enganava a si própria torturando-se com o suposto amor por Dmitri, por falsos respeitos de dever e gratidão, não de todo isentos do prurido de parecer interessante, mesmo a troco de se tornar desgraçada.

«Talvez que isto seja o mais certo», pensou Aliocha. Mas qual seria então a situação de Ivan? Porque ele acreditava que um caráter avassalador como o de Catalina poderia dominar Dmitri, mas nunca Ivan. Era mais fácil Dmitri acabar por se submeter *para sua felicidade* — que mais teria desejado Aliocha? — mas Ivan não; Ivan não se submeteria, nem seria feliz com ela. Isto era evidente para Aliocha. E depois destas dúvidas e

reflexões que o assaltavam agora que se encontrava diante do par, perguntou-se: «E se ela não gostar nem de um nem de outro?»

É de notar que os seus próprios pensamentos o envergonhavam e culpava-se de cada vez que os tinha. «Que percebo eu de amor e de mulheres para me armar em juiz?», dizia, triste, entre dúvidas e suspeitas. Mas não podia afastar tais ideias, porque compreendia com facilidade a imensa importância que a rivalidade dos irmãos tinha no destino de cada um.

«Um réptil devorará outro réptil», dissera Ivan, falando colericamente contra o pai e Dmitri. De modo que Ivan olhava Dmitri como um réptil e esta opinião já era antiga. Quem sabe se desde o tempo em que conhecera Catalina Ivanovna... Há muito que essas palavras se lhe haviam escapado impensadamente, mas nessa altura ainda pior, pois se dizia o que sentia que probabilidade poderia haver de paz? Não revelavam, pelo contrário, um fundo insuspeito de aversão e hostilidade? Que partido tomar? Ambos eram seus irmãos e amava-os por isso, e no meio de tantos interesses não sabia de que lado ponderar os bons desejos conciliadores. Encontrava-se como perdido naquele labirinto e o seu coração, movido por um amor eminentemente ativo já que era incapaz do contrário, não podia suportar tal incerteza. Quando sentia inclinação por uma pessoa entregava-se com todas as forças à sua ajuda. Mas neste caso necessitava saber a quem se dirigir e ter a certeza de qual era a mais positiva conveniência para cada um, que, após descoberta, era coisa natural para ele falar-lhes nela, e ali não encontrava alvo onde apontar os seus tiros, apenas via confusão e perplexidade por todos os lados. Era verdadeiramente dilacerador, como ouvira dizer. Mas que podia ele entender daqueles quebrantos e amarguras se não percebia uma só palavra da confusão que o envolvia?

Ao ver Aliocha, Catalina Ivanovna apressou-se a pedir com alegria a Ivan, que já estava de pé para sair:

— Um momento! Espere um pouco! Desejo conhecer a opinião deste senhor, que me merece inteira confiança. Fique — acrescentou pela senhora Hohlakov. E fez sentar Aliocha a um lado enquanto a dona da casa tomava lugar em frente, junto de Ivan. — Estou rodeada de todos os meus amigos, de tudo o que me resta de amor neste mundo — começou com voz quente, que tremia de choro e de contido pesar. Aliocha sentiu um desejo repentino de a consolar. — Você, Alexey Fedorovitch, foi testemunha, ontem, daquela cena abominável e viu como procedi. Você não viu nada,

Ivan Fedorovitch, mas ele sim. Não sei o que terá pensado de mim, apenas tenho a certeza de uma coisa: se o mesmo se repetisse hoje, agora, manifestaria a mesma animosidade, com os mesmos sentimentos, as mesmas palavras, as mesmas ações. Lembra-se de tudo, Alexey? Repreendeu-me num dos meus arrebatamentos... — Ao dizer isto as faces tornaram-se-lhe vermelhas e os olhos faiscaram. — Confesso que não posso remediá-lo. Escute, Alexey: não sei se na verdade o amo; sinto por ele uma grande piedade, o que é uma pobre demonstração de amor. Se o amasse, se o amasse verdadeiramente, a sua conduta provocar-me-ia tristeza e também ódio.

A voz tremia; lágrimas abundantes corriam-lhe pelo rosto e Aliocha sentiu a alma perturbada.

«Esta mulher é reta e leal», pensou, «e não gosta de Dmitri nem um bocadinho.»

— É verdade, é verdade — suspirou a senhora Hohlakov.

— Espera, querida. Ainda não disse o melhor, a decisão que tomei durante a noite. Talvez seja demasiado terrível, mas sinto que nada, nada me levará a modificá-la; pelo menos enquanto tiver um sopro de vida. O meu bom, fiel e generoso conselheiro de sempre, o melhor amigo que tenho, Ivan Fedorovitch, com o seu grande conhecimento do mundo, aprova e reforça a minha decisão. Ele que o diga.

— Sim, aprovo-a — assentiu Ivan em voz alta e submissa.

— Mas eu queria que Aliocha, perdoe-me este trato familiar, queria que Alexey me dissesse, perante os meus amigos, se tenho ou não razão. Sei que você, Aliocha, querido irmão, pois é um irmão, para mim... Prevejo — continuou, apertando a mão fria do rapaz entre as suas, escaldantes — que a sua decisão me trará a paz, pois que, mesmo sofrendo muito, me submeterei com calma ao que me indicar, tenho a certeza disso.

— Não sei o que me pede — contestou Aliocha, enrubescendo. — Não sei nada mais além de que gosto de si e que neste momento lhe desejo a felicidade, mais do que para mim próprio... Mas não entendo nada destes negócios — apressou-se a acrescentar sem saber porquê.

— Nestes negócios, Alexey, nestes negócios... o principal é a honra, o dever e algo de mais elevado... não sei o quê, mas algo que está acima do dever e que me impele irresistivelmente. Di-lo-ei em duas palavras. Estou decidida, mesmo que se case com essa... criatura, a quem jamais perdoarei, *a não o abandonar.* Para o futuro, nunca mais o abandonarei! —

exclamou com arrebato. — E não porque esteja resolvida a ir atrás dele continuamente ou a pôr-me no seu caminho para o mortificar, isso não. Irei para outra cidade, aonde vocês queiram, mas velarei por ele toda a minha vida; velarei por ele sem descanso. Quando for infeliz com essa mulher, o que não tardará a acontecer, que venha ter comigo e encontrará uma amiga, uma irmã... Nada mais do que uma irmã, claro, uma irmã constante; e, por fim, convencer-se-á de que esta irmã gosta dele realmente, a ponto de lhe sacrificar toda a sua vida. Com perseverança, conseguirei que se conheça e confie em mim sem reservas — gritou acaloradamente. — Serei o Deus a quem ele rezará; e isso será o mesmo que me deve, depois da sua infidelidade e do que sofri ontem por ele. Que veja que lhe sou fiel toda a minha vida, apesar de haver sido desleal e traidor. Para ganhar a sua felicidade, converter-me-ei em escrava ou (que direi?) no instrumento, na máquina da sua dita, e isto durante toda a minha vida, toda. Ele verá! É esta a minha decisão. Ivan Fedorovitch aprova-a inteiramente.

Estava sufocada. Talvez tivesse querido falar com mais dignidade, com mais calma e mais arte, mas as palavras atropelavam-se, rompendo o seguimento das ideias, e o seu ímpeto juvenil deixava a descoberto o ressentimento da véspera e a vingança que o seu orgulho pedia. E, ao dar-se conta disso, o rosto perturbou-se-lhe e os olhos brilharam duramente, como que de metal. Aliocha olhava-a cheio de piedade, mas o irmão Ivan agravou a situação examinando a extensão do que afirmara.

— Já lhe disse o que penso. Aquilo que noutra qualquer seria afetado, ou mesmo forçado, em si não o é. Outra mulher usaria mentiras, mas você usa a retidão. Não sei como explicar, mas desde o momento em que você é absolutamente sincera, acho que tem toda a razão.

— Mas isso é agora! E quem faz caso de uma resolução repentina quando ainda está viva a ofensa de ontem?

A senhora Hohlakov não pôde reprimir esta observação, apesar do seu propósito de não se envolver no assunto.

— Bem, bem! — replicou Ivan com energia que denotava não ter de ser interrompido. — Noutra mulher dever-se-ia à impressão de ontem e não duraria mais do que um momento, mas dado o caráter de Catalina, este momento preencherá toda a sua vida. O que para outras seria uma promessa, para ela é um dever eterno, ainda que sombrio e doloroso, e manter-se-á no sentimento do dever cumprido. A sua vida, Catalina, irá

deslizando, desfalecendo na dolorosa evolução dos seus próprios sentimentos, da sua heroica desventura; mas ao fim de algum tempo o sofrimento mitigar-se-á, transformando-se na doce contemplação do cumprimento de um desígnio altivo e firme que, ainda que nascido do orgulho e talvez do desespero, a conduzirá ao triunfo. E nele encontrará um manancial de satisfação que a consolará de tudo o resto.

Isto foi dito com certa malícia e com ironia intencionada que não se importou de esconder.

— Ó Deus! Que falso é isso que diz! — exclamou a senhora Hohlakov.

— Alexey Fedorovitch, fale! Estou impaciente por conhecer a sua opinião. — E, dizendo isto, Catalina começou a soluçar.

Aliocha levantou-se do sofá.

— Não é nada — continuou ela, chorando — nada. Estou cansada porque não dormi, mas junto dos amigos sinto-me forte, pois sei que não me abandonarão.

— Desgraçadamente — respondeu Ivan — tenho de voltar a Moscovo, talvez mesmo amanhã, vendo-me obrigado a deixá-la por algum tempo... Infelizmente, é inevitável.

— Amanhã? Amanhã vai para Moscovo? — lamentou Catalina, mudando de expressão. — Mas... mas... meu Deus, que sorte! — exclamou, variando de tom e parando de chorar.

A sua transformação foi tão rápida e completa que surpreendeu Aliocha. Aquela moça que, momentos antes, chorava com o coração despedaçado, convertia-se numa mulher dona de si mesma, contente e feliz, excessivamente alegre.

— Não é sorte termos de nos separar, claro — corrigiu em seguida, com um sorriso de rara graça mundana. — Nem você, meu bom amigo, o poderia supor. Fico bastante triste por me abandonar. — E num dos seus impulsos levantou-se e apertou as mãos de Ivan. — O que me agrada é que em Moscovo poderá ver a minha tia e Agafya, e explicar-lhes a minha horrível situação. Poderá falar com minha irmã com inteira franqueza, mas terá que fazê-lo reservadamente a minha tia, com toda a prudência de que dispuser. Se soubesse da minha tormenta, ao pensar como lhes iria descrever tudo isto... bem vê... são coisas que nunca se contam bem por carta... Mas se você as vir e lhes disser, já será mais fácil escrever. Quanto me agrada a sua ida! Creia-me que é só por isso. Parece-me que não há

ninguém que seja mais indicado... Vou depressa fazer a carta — terminou, afastando-se para sair.

Mas a senhora Hohlakov deteve-a, dizendo-lhe com ar desaprovador e sarcástico:

— E Aliocha? Que faremos com a sua opinião, opinião que há pouco tanto desejavas?

— Não o esqueci! — respondeu Catalina, parando. — Não compreendo por que razão fala assim comigo nesta altura — continuou em tom ressentido. — Já lhe disse e repito: preciso da sua opinião e do seu conselho que será decisivo para mim. O que ele disser será o que eu faço. Já vê como espero as suas palavras, Alexey Fedorovitch... Mas... que tem?

— Nunca o teria acreditado! Não consigo entender! — exclamou Aliocha com a voz embargada.

— Como? O quê?

— Diz Ivan que parte para Moscovo e você grita de alegria. Afirma-o num acesso impetuoso e, em seguida, afirma que não está alegre, mas sim cheia de pena pela partida de um amigo. Isto é uma comédia... será que representa um papel como se fosse num teatro?

— Teatro? Mas que papel? Que pensa? — repetiu Catalina admirada, corando e franzindo as sobrancelhas.

— Digo que, ao mesmo tempo que afirma que sente pena por o perder como amigo, insiste em fazer-lhe crer que é uma sorte o facto de partir — disse Aliocha, apoiando-se a uma mesa, sem alento.

— Que diz? Não o entendo.

— Nem eu próprio me entendo... Parecia-me ver a verdade como se fosse a luz de um relâmpago... Já sei que não falo com qualquer direito, mas procurarei explicar-me — continuou ele com a voz entrecortada. — O que vi faz-me crer que você nunca gostou de Dmitri. Dmitri, por seu lado, também nunca a amou... nem tão pouco a aprecia... Realmente não sei como me atrevo a dizer isto, mas alguém tem de pronunciar a verdade... e aqui ninguém parece tomar essa iniciativa.

— Que verdade? — perguntou Catalina, muito nervosa.

— Di-la-ei — contestou Aliocha com a precipitação desesperada de quem se atira de um quinto andar. — Chame Dmitri, eu encarregar-me-ei de o ir buscar... que venha e que tome a sua mão e a de Ivan e as una. Afinal você está a torturar Ivan, que a ama, amando Dmitri

atormentadamente, com um amor fictício que não corresponde ao juramento que se impôs.

Aliocha respirou, aliviado, e ficou em silêncio.

— Você... você... você é um fradeco desprezível! É isso o que você é! — saltou Catalina, pálida e trémula de coragem.

Ivan desatou a rir e levantou-se com o chapéu na mão.

— Enganas-te, meu bom Aliocha — disse com uma expressão de sinceridade juvenil e de sentida devoção que seu irmão jamais lhe havia visto. — Catalina Ivanovna nunca gostou de mim. Sabia que eu a amava, embora nunca lhe tivesse declarado uma só palavra ou uma só frase de amor. Sabia-o, mas não me correspondeu. Tão pouco fui seu amigo, nem por um instante. É demasiado orgulhosa para que necessitasse da minha amizade. Admitia-me a seu lado para vingar comigo e em mim todas as injúrias que recebeu de Dmitri desde que se conheceram, pois o primeiro encontro deles deixou logo na sua alma a recordação indelével de uma ofensa que lhe amarga a existência. Nunca me falou de outra coisa que do amor que sente por ele. Vou-me embora, mas creia-me, Catalina, você gosta mais dele verdadeiramente e amá-lo-á mais quanto mais ele a ofender... o que é, em si, deplorável. Ama-o tal e qual ele é, precisamente porque a ofende. Precisa de Dmitri como do espelho no qual possa contemplar a própria fidelidade heroica e as infidelidades dele. A culpa é do orgulho que tem. Sem dúvida que existe nisto uma grande parte de humilhação e baixeza moral, mas até isso nasce do seu orgulho... Sou muito novo e amei-a demasiado, embora reconheça que não deveria falar e que seria mais digno da minha parte e menos ofensivo para si ir-me embora sem nada lhe dizer. Vou para longe e não tenciono voltar. Vou para sempre. Não quero presenciar cenas tão degradantes... tão... não sei que mais dizer. Já disse tudo, creio... Adeus, Catalina; e não se zangue comigo porque cem vezes mais castigado sou eu, já que não tornarei a vê-la. Adeus! Não quero que me estenda a mão. Torturou-me com demasiado rancor para que possa perdoar-lhe neste momento. Talvez mais tarde... Agora não desejo apertar-lhe a mão. *Don Dank, Dame, begehr ich nicht* — acrescentou com um sorriso forçado, provando que sabia ler Schiller, pois que o citava de cor, coisa que Aliocha nunca acreditaria. E saiu sem se despedir da dona da casa.

— Ivan! — gritou Alexey atrás dele, unindo as mãos. — Volta, Ivan! Ah! Por nada no mundo voltará — continuou, sentindo essa certeza. —

Sou eu que tenho a culpa por haver começado. Mas Ivan falava injustamente e com ira. Deve voltar... deve voltar! — exclamava como louco.

Catalina afastou-se para uma sala contígua.

— Não fez mal nenhum, antes pelo contrário, portou-se muito bem, como um anjo — sussurrou a senhora Hohlakov ao ouvido de Aliocha. — Farei tudo o que puder para que Ivan não parta.

O seu rosto brilhava de alegria em que sobressaía a profunda pena de Aliocha, mas Catalina voltou daí a pouco com duas notas de cem rublos na mão e dirigiu-se ao moço com voz tranquila e firme, como se nada se tivesse passado.

— Tenho de lhe pedir um grande favor, Alexey Fedorovitch. Há uma semana... sim, creio que há uma semana, Dmitri inculpou-se de uma leve e injusta ação, uma ação muito feia. Encontrou numa taberna esse tal oficial reformado que seu pai emprega nos negócios. Dmitri perdeu a calma com ele não sei porquê, agarrou-lhe nas barbas e arrastou-o para a rua dessa maneira tão humilhante enquanto o filho, ainda pequeno e que frequenta a escola, ia atrás deles, segundo me contaram, chorando de raiva, pedindo pelo pai, pedindo socorro a toda a gente enquanto todos se riam. Perdoe-me, mas não posso pensar neste caso desagradável sem me indignar... só ele, na sua cólera e na sua paixão. Não poderei explicá-lo... não encontrarei palavras adequadas. Perguntei pela vítima e disseram-me que é um homem que vive numa grande penúria. Chama-se Snegiryov. Cometeu alguma incorreção no exército e foi expulso. Não faço ideia do que terá feito. O certo é que agora se encontra numa extrema miséria com a família, tem filhos doentes e a mulher está demente. Há algum tempo que vive na cidade onde trabalhou como amanuense, mas não faz nada. Creio que se você... quero dizer, creio... não sei. Estou transtornada. Escute, desejava pedir-lhe que fosse, que inventasse uma desculpa para ir lá a casa, à do capitão e... quero dizer... Jesus, que complicadas são as minhas palavras!... e que, com delicadeza e grande cautela, como só você pode fazê-lo — Aliocha corou —, lhe leve isto como ajuda. São duzentos rublos. Decerto que os aceitará... Quero dizer, faça com que os aceite... Ou melhor, que ia eu a dizer? Ah! Sim! Isto não tem a intenção de dissuadi-lo de se queixar, como creio; antes, sim, é uma prova de simpatia, um desejo que tem a noiva de Dmitri Fedorovitch de aliviar a sua situação. Por ela própria e não por ele... Já sabe... Iria eu mesma, mas você saberá fazê-lo

melhor do que eu. Vive na Rua do Charco, em casa de uma mulher chamada Kalmikov. Por Deus, Alexey, faça isto por mim, e agora... agora sinto-me muito cansada. Adeus!

Deu meia volta e desapareceu tão depressa que Aliocha não teve tempo de pronunciar uma palavra, embora desejasse imenso falar para lhe pedir perdão e desculpar-se. Sentia o coração oprimido e não podia sair dali sem o fazer; mas a senhora Hohlakov acompanhou-o à antessala, levando-o pela mão e, aí, disse-lhe ao ouvido:

— É orgulhosa e debate-se consigo própria, mas é boa, encantadora e generosa. Gosto muito dela, em certas ocasiões mais do que noutras. Agora, por exemplo, estou contente por tudo. Tenho que lhe dizer, querido Alexey, porque não o sabe, que todas nós, as duas tias e eu, e até mesmo Lisa, nos esforçámos em vão durante um mês para que abandone Dmitri, que não faz caso dela e a quem não ama, e se case com Ivan, esse jovem excelente e educado que a ama acima de todas as coisas deste mundo. Organizámos uma intriga para a o conseguir e eu fiquei cá quase só por causa disso.

— Mas chorou e ofendeu-se outra vez — lamentou Aliocha.

— Não acredite nas lágrimas de uma mulher. Nestes casos ponho-me sempre ao lado dos homens.

— Mamã, estás a corrompê-lo! Escandalizas Alexey — gritou Lisa de trás da porta.

— Não, a culpa é minha. Tenho muito de que me culpar — repetiu Aliocha inconsolável, ocultando o rosto entre as mãos cheio de remorsos.

— Pelo contrário, portou-se como um anjo. Como um anjo! Estou pronta a repeti-lo mil vezes!

— Mamã, como é possível que se tenha portado como um anjo? — ouviu-se dizer Lisa.

— Pensei, de repente — replicou Aliocha como se não a tivesse ouvido — que amava Ivan e por isso falei estupidamente... Que irá acontecer agora?

— A quem? A quem? — gritou Lisa. — Mamã, desejas realmente que eu morra? Estou a perguntar-te e não me respondes.

Naquele momento entrou a criada.

— Catalina Ivanovna está mal disposta... Chora e rebola-se toda numa crise de nervos.

— Que se passa? — perguntou Lisa, ansiosa. — Mamã, sou eu e não ela quem vai ter uma crise.

— Lisa, em nome de Deus, não me atormentes. Na tua idade não se pode saber o mesmo que as pessoas mais velhas. Deus nos acuda! Lá vou, lá vou... A crise de nervos é um bom sinal, Alexey. É excelente que a tenha. Assim deve ser. Nestes casos sou inimiga das mulheres e de todas as suas lágrimas e ataques de histerismo. Vem, Júlia, e diz-lhe que aqui vou. Só ela tem a culpa de que Ivan parta assim; mas não irá! Lisa, peço-te por todos os santos, que não nos perturbes! Sim, não és tu, sou eu que o faço. Perdoa à mamã, mas eu estou contentíssima, contentíssima! Reparou, Alexey, em como Ivan estava jovem quando disse tudo aquilo e se foi embora? Quando penso quanto ele é instruído, tão sábio e, de repente, como se portou, tão apaixonado, tão simples, tão jovem com a inexperiência dos seus poucos anos, mostrando-se tão esperto como você... Quando recitou aquele verso alemão era exatamente como você. Mas tenho de o deixar, tenho de o deixar, Alexey! Cumpra depressa o recado e volte a correr. Lisa, que queres agora? Não entretenhas o Alexey um momento sequer. Ele volta não tarda nada.

E a senhora Hohlakov acabou por se pôr a correr. Antes de sair, Aliocha quis ver Lisa e abriu a porta.

— Não faz falta, não faz falta! — gritou ela. — Fale através disto. Como foi que se transformou num anjo? É só isso o que quero saber.

— Foi uma saída de estúpido, Lisa. Adeus!

— Não te atrevas a sair dessa maneira! — ordenou ela.

— Estou cheio de pena. Já volto, mas saio com um grande pesar... com um grande pesar...

E saiu precipitadamente.

Capítulo 6 — Incómodos no Cubículo

Raramente havia passado por transe tão doloroso como ao intervir com tal torpeza naquele assunto; nada menos do que um assunto de amor. «E que sei eu disso? Quem me manda meter em negócios que não conheço?», recriminava-se pela centésima vez, vermelho de ira. «Não basta sentir vergonha, mereço que os outros me envergonhem. E o mal é que causei uma grande desgraça... E o padre Zossima que me mandou de propósito para os reconciliar e unir, alcançando-lhes a paz! Será esta a maneira de o conseguir?» E, recordando como havia tentado unir-lhes as mãos, ainda mais humilhado se sentiu, e concluiu, sem mudar o seu aspeto triste: «O que fiz foi com plena sinceridade, mas daqui em diante será necessário ter mais tato.»

O recado de Catalina Ivanovna levava-o à Rua do Charco, que cruzava com a de seu irmão Dmitri e, como estava perto, decidiu subir antes de chegar a casa do capitão, embora suspeitasse que não o encontraria ou que, em todo o caso, ele quereria retê-lo; mas fosse como fosse, devia vê-lo. O tempo passava e nem por um momento sequer, desde a sua saída do mosteiro, deixara de pensar que o seu diretor estava moribundo.

Interessava-lhe de maneira especial uma particularidade daquela missão: quando Catalina Ivanovna falara no filho do capitão, no rapaz que chorava atrás do pai, assaltara-o a ideia de que seria o aluno que se lhe agarrara ao dedo quando ele lhe perguntara o que havia feito para que atirasse pedras. Agora tinha a certeza de que era, embora não compreendesse o motivo. Distraído com este pensamento, consolou-se um pouco e resolveu não se incomodar mais com o «mal» que provocara nem deixar-se arrastar por arrependimentos, mas sim cumprir o seu dever e esperar os acontecimentos. Ao entrar na rua onde vivia o irmão sentiu fome e, pegando no pequeno pão que trouxera de casa do pai, comeu-o e achou-se mais fortalecido.

Dmitri não estava em casa. Os porteiros, um velho entalhador, seu filho e a mulher, já de certa idade, olharam-no com desconfiança.

— Há três noites que não vem dormir — acabou o velho por confessar.

Aliocha adivinhou que repetia o que lhe tinham ordenado que dissesse e, quando lhes perguntou, fingindo indiferença, se não estaria em casa de Gruchenka ou escondido na de Foma, os três mostraram-se alarmados. «Gostam dele e interessam-se pelo que lhe possa acontecer», pensou Aliocha. «Já não é nada mau.»

Chegou por fim à casa da Rua do Charco, decrépita, que se encostava a outra por um lado e tinha três janelas para a rua. Atravessou o pátio e abriu a porta que dava para o corredor. Numa das divisões morava a porteira com a filha mais velha. As duas pareciam surdas e só depois de muito perguntar pelo capitão compreendeu uma delas que se referia aos inquilinos e indicou a porta ao fundo. A casa do capitão reduzia-se a um cubículo miserável. Com a mão na aldraba, a ponto de chamar, Aliocha ficou surpreendido pelo silêncio que reinava lá dentro ao recordar que Catalina Ivanovna lhe dissera que aquele homem tinha família. «Talvez estejam a dormir já ou se tenham calado ao ouvir-me entrar, esperando que chame.» E chamou. A resposta fez-se esperar uns momentos.

— Quem é? — gritou lá do fundo uma voz rouca e hostil.

Então empurrou as madeiras e entrou, encontrando-se numa sala espaçosa de aspeto muito pobre onde se amontoavam os utensílios caseiros e permaneciam caladas várias pessoas. A um lado havia um grande forno do qual partia uma corda, com farrapos estendidos até à janela, atravessando o quarto todo. Encostadas à parede e de cada lado, duas camas cobertas com colchas deselegantes, numa das quais quatro almofadas cheias de nódoas de gordura e de vários tamanhos formavam uma pirâmide, enquanto na outra havia apenas um pequeno travesseiro. O fundo estava separado por uma cortina ou lençol, que pendia de uma corda e deixava ver um banco e uma cadeira que serviam de cama. As três janelas, por cujos vidros esverdeados e esfumados a luz passava dificilmente, fechadas, deixavam o quarto às escuras. Junto à do meio encontrava-se a mesa, um móvel tosco, de madeira lisa, em cima da qual havia uma frigideira com restos de ovos fritos, um pedaço de pão e uma garrafa com um pouco de *vodka.*

Ao lado de uma cama sentava-se uma mulher de rosto pálido e enrugado, cujas faces cavadas revelavam à primeira vista que se encontrava doente. O que mais chamou a atenção de Aliocha foi a expressão dos seus olhos, grandes e castanhos, que se moviam com inquietação interrogativa e altaneira para um e outro interlocutor,

enquanto ele falava com o marido. Perto dela, de pé, uma rapariguita feia, de cabelos louros pouco fartos, vestida pobre mas decentemente, examinava o recém-chegado com desdém. Encostada ao outro leito, via-se outra jovem de uns vinte anos, que atraía a comiseração de qualquer devido à corcunda e às pernas atrofiadas. Ao alcance das suas mãos estavam as muletas. De vez em quando voltava para Aliocha os seus olhos de grande doçura e beleza surpreendente. À mesa, um homem de quarenta e cinco anos acabava os ovos fritos. Fraco, miúdo, doente, tinha os cabelos louros desgrenhados e a barba descuidada que lhe caía como um molho de estopa.

Ao jovem acudiu-lhe fazer essa comparação por uma razão que se explicou logo. Este cavalheiro era, sem dúvida, o que respondera, já que não se via ali outro.

Quando Aliocha entrou ele levantou-se e, esfregando a barba com um guardanapo roto, precipitou-se ao seu encontro.

— É um monge que vem pedir para o mosteiro. A bom sítio acode! — disse em voz alta a moça que estava de pé.

— Não, Bárbara, tu és má! — admoestou o homem, voltando para ela sobressaltado e com a voz entrecortada. E acrescentou, dirigindo-se a Aliocha: — Permita-me que lhe pergunte o motivo que o traz ao... nosso retiro.

O monge olhou atentamente aquele homem que via pela primeira vez, encolhido, audacioso e alarmado ao mesmo tempo. Acabara de beber, mas estava sereno e na sua expressão misturavam-se a obstinação e o medo de um modo indescritível. Olhava como quem se havia submetido duramente muito tempo e por fim se rebela e trata de defender-se, ou melhor, como aquele que quer medrosamente dar-vos um golpe e teme que lho devolvais. Até nas suas palavras e na entoação da sua voz penetrante se apreciava algo de imbecilidade conforme mudava a cada momento de rancorosa para chorona. Disse aquela do «nosso retiro» tremendo da cabeça aos pés, revirando os olhos e dando um salto para o visitante que, instintivamente, recuou um passo. Vestia um gabão de fazenda escura, muito andrajoso e cheio de nódoas, e umas calças de pano ordinário, muito apertadas e passadas de moda e tão curtas e enrugadas que parecia ter crescido o dono usando-as desde pequeno.

Aliocha apresentou-se antes de responder:

— Sou Alexey Karamazov...

— Sei-o perfeitamente, senhor — interrompeu o homem para o convencer de que já o conhecia. — Eu sou o capitão Snegiryov, mas antes do mais gostaria de saber a que se deve...

— Oh! Nada de particular. Queria dizer-lhe umas palavras... se mo permite.

— Nesse caso, aqui está uma cadeira, senhor; tenha a amabilidade de sentar-se, como se diz nas velhas comédias. «Tenha a amabilidade.» — E pegando numa cadeira de pés toscos e sem espaldar aproximou-se a metade da distância e logo em seguida sentou-se ele noutra do mesmo estilo, tão perto do jovem que quase lhe bateu no nariz ao dizer: — Pois sim, senhor. Nicolay Ilytch Snegiryov, antigo capitão da infantaria russa, coberto de vergonha pelos seus vícios, mas capitão, ainda que pelo meu modo de falar o não pareça. Que quer? Durante a segunda etapa da minha vida tenho tido que aprender a dizer «senhor». Quando aparece alguém há que empregar-se esta palavra.

— Tem razão — sorriu Aliocha —, mas isso diz-se porque sim ou com algum propósito?

— Como Deus sabe, digo-a bem a meu pesar e não só por dizer! Na minha vida pronunciei-a muitas vezes, mas desde que caí no lodaçal só me sai *senhor, senhor* a cada momento. É obra de um poder que se eleva acima de nós. Vejo que lhe interessam estes assuntos tão dos nossos dias... mas como consegui excitar-lhe a curiosidade vivendo eu numa situação que me torna impossível o exercício da hospitalidade?

— Venho por esse assunto.

— Que assunto? — interrompeu o capitão impacientemente.

— A zanga com meu irmão Dmitri Fedorovitch — informou Aliocha com certo vagar e sem qualquer consideração.

— Que zanga, senhor? Não tenho conhecimento de qualquer zanga. Ah! Refere-se talvez ao «molho de estopa»? — E aproximou-se tanto que os seus joelhos bateram nos de Aliocha. Os lábios comprimiam-se com tal força que haviam desaparecido.

— O que é isso de «molho de estopa»? — murmurou o monge.

— Veio queixar-se de mim, papá, porque lhe mordi um dedo — gritou uma voz de criança que Aliocha reconheceu como sendo a do aluno. Naquele instante, a cortina moveu-se, deixando ver o miúdo deitado na cama improvisada com um banco e uma cadeira, sob os santos, ao fundo.

Abrigava-se apenas com a roupa que vestia e uma velha colcha e, a julgar pelo brilho dos olhos, que o olhavam sem medo, convencidos de que ninguém ousaria tocar-lhe em sua casa, jazia prostrado pela febre.

— Como? Mordeu-lhe o dedo? — E o capitão levantou-se para repetir: — Foi a si que ele mordeu?

— Sim. Ele e outros atiravam-se pedras. Eram seis contra um. Dirigi-me a ele para o ajudar e atirou-me uma e logo outra que me acertou na cabeça. Perguntei-lhe se lhe havia feito mal e então precipitou-se contra mim, mordendo-me ferozmente num dedo, ainda não sei por que razão.

— Vou dar-lhe uns açoites, senhor. Agora mesmo. — E o capitão levantou-se de novo.

— Mas eu não me estou a queixar; conto apenas o sucedido... Não quero que lhe bata. Além disso, parece-me doente.

— Pensava então que eu ia bater-lhe, que tocava no Ilucha para lhe fazer a vontade? Parece-me bem que gostaria que o castigasse imediatamente, senhor — disse o capitão voltando-se de modo arrebatado para Aliocha como se os olhos lhes saltassem. — Sinto muito que o seu dedo tenha ficado magoado, mas antes de bater a Ilucha preferiria cortar a mim próprio quatro dedos com essa faca que está na mesa, se isso acalmasse a sua cólera. Creio que quatro dedos seriam bastantes para saciar a sua vingança e que não exigiria o quinto.

Deteve-se embargado pela emoção; cada linha do seu rosto se transformava num esgar violento de provocação, dando-lhe o aspeto de um louco furioso.

— Agora compreendo tudo — disse Aliocha com voz doce e triste, sem se mover do assento. — Assim, seu filho é um bom rapaz que gosta do pai e me atacou apenas por eu ser o irmão do seu ofensor... Agora compreendo! — repetiu pensativamente. — Mas o meu irmão Dmitri Fedorovitch está arrependido da sua má ação e disposto a visitá-lo, ou melhor, a encontrar-se consigo em qualquer sítio a fim de lhe pedir perdão diante de toda a gente, se assim o desejar.

— Pretende então pedir-me perdão depois de me arrancar a barba? Julga ele então que assim tudo ficará composto satisfatoriamente?

— Não, pelo contrário. Ele fará o que desejar e da maneira que lhe for indicada.

— De modo que se eu disser a «sua alteza» que se ponha de joelhos diante de mim, na taberna *La Metropoli* ou na Praça do Mercado, o fará?

— Sim, ajoelhará.

— Corta-se-me o coração, senhor; e faz-me chorar! Sou demasiado sensível à generosidade do seu irmão. Permita-me que lhe apresente a minha família: as minhas duas filhas, meu filho... toda a minha ninhada. Se morrer, quem cuidará deles? E quem, senão eles, cuidarão de um pobre diabo como eu, enquanto viver? Não é maravilhoso que Deus assim o tenha disposto para os homens da minha laia, senhor? Deste modo, um miserável como eu sempre encontra alguém que o ame.

— É uma grande verdade! — exclamou Aliocha.

— Eh! Acaba de armar em louco! Não fazes mais do que envergonhar-nos perante qualquer imbecil que apareça — gritou uma das moças dirigindo-se ao pai com desprezo e orgulho ao mesmo tempo.

— Então, Bárbara! — replicou o pai com autoridade e dirigindo-lhe um olhar de aprovação. Acrescentou depois voltando-se para Aliocha: — É o seu caráter.

E em toda a natureza nada há
que graça tenha a seus olhos...

ou melhor dito: «No mundo feminino que graça tenha a seus olhos.» Mas, agora, permita-me que lhe apresente minha mulher, Arina Petrovna. Tem quarenta e três anos e está paralítica de modo que apenas pode arrastar-se. É de origem humilde. Arina Petrovna, mostra um pouco de compostura perante o senhor Alexey Fedorovitch Karamazov! Levante-se, Alexey Fedorovitch! — acrescentou, pegando-lhe num braço e puxando-o. — Deve estar de pé para ser apresentado a uma senhora. — Este, mamã, não é o Karamazov que... bom... etc., mas um seu irmão, esclarecido com maiores virtudes. Vamos, Arina Petrovna, estende a tua mão para que a beije.

E beijou com ternura e respeito a mão da mulher. A moça do olhar doce voltou-se, indignada, para não ver a cena, enquanto um gesto de indecifrável cordialidade apagava a expressão arrogante da mulher, ao cumprimentar:

— Bons-dias. Sente-se, senhor Chernomazov.

— Karamazov, mamã, Karamazov. Somos humildes, muito humildes — murmurou de novo.

— Bom, Karamazov, ou o que quer que seja... eu digo sempre Chernomazov... Sente-se. Não sei por que o fizeram levantar. Disseram-lhe que estou tolhida e não é verdade: apenas sinto as pernas pesadas como se fossem de chumbo e acabo dobrada ao meio. Dantes era muito gorda, mas agora estou que nem uma agulha.

— Somos de origem humilde — rezava o capitão.

— Papá! Papá! — admoestou, sem se voltar, a moça inválida que até ali estivera em silêncio, levando um lenço aos olhos.

— Bobo! — gemeu a outra.

— Está a ouvir? — disse a mãe, apontando as filhas. — Parece uma tempestade que cai sobre nós, mas a tempestade passa e em seguida vem a gritaria. Quando éramos militares recebíamos visitas de todas as qualidades. Havia-as para todos os gostos. A mulher do diácono dizia, quando vinha: «Alexandro Alexandrovitch é o mais nobre dos corações, mas Anastasia Petrovna é obra do inferno.» «Bom», respondia-lhe eu, «é tudo uma questão de gosto, mas tens uma língua bem comprida.» «E tu devias manter-te nuns certos termos» «E a ti, espada negra, quem te manda tocar-me?», dizia-lhe eu, e ela insistia: «Mas ao menos o meu hálito é puro e o teu empesta.» «Por acaso andas a perguntar aos oficiais se o meu bafo tem peste?» Lembro-me de tudo. Não há muito, encontrando-me sentada aqui mesmo, vi que entrava um general que tinha vindo passar a Páscoa e perguntei-lhe: «Excelência, poderá ser desagradável o hálito de uma senhora?» «Sim», respondeu-me, «e devia abrir uma porta ou uma janela, porque se nota aqui um ar muito carregado.» São todos o mesmo. Não sei que mal lhes pode fazer o meu hálito. Pior cheiram os mortos! «Não quero corromper o ar», disse eu. «Vou pedir uns chinelos e pôr-me a andar.» Queridos, não troceis da vossa mãe. Por que não aprecias a minha companhia, Nicolay Ilytch? Só Ilucha gosta de mim quando sai da escola. Ainda ontem me trouxe uma maçã. Perdoai à vossa mãe... perdoai a uma pobre abandonada. Por que vos é insuportável a minha respiração?

A pobre louca começou a soluçar e as lágrimas correram-lhe pelas faces. O capitão precipitou-se a beijar-lhe ambas as mãos e acariciando-lhe o rosto dizia:

— Mamã, mamã! Não chores, pobrezita! Não estás abandonada! Todos te queremos, todos te adoramos. — E pegando no lenço começou a enxugar-lhe as lágrimas. Aliocha pensou que não seria capaz de conter as

suas, quando se voltou para ele enfurecido e lhe disse, referindo-se à pobre louca: — Vê? Vê? Está a ouvir?

— Sim — balbuciou o monge.

— Pai, pai! Como pode com ele? Deixe-o! — gritou o rapaz sentando-se na cama e olhando o pai com veemência.

— Acaba de fazer de louco e deixa-te de tontarias que não levam a nada! Será sempre a mesma coisa! — acrescentou Bárbara batendo com força no chão com o pé.

— Desta vez a tua cólera é justa, Bárbara. Vou fazer-te a vontade. Ponha o chapéu, Alexey Fedorovitch, e saiamos. Tenho que falar-lhe de algo muito sério, mas não será aqui dentro. Esta moça que está aqui sentada é minha filha Nina. Esqueci-me de lha apresentar. É um anjo de Deus que voou para a terra... creio que compreende o que quero dizer.

— Tremem-lhe os braços e as pernas! Parece ter convulsões! — gritou Bárbara, indignada.

— E aquela que não acaba de me patear, chamando-me palhaço, também é um anjo do céu encarnado, e tem razão em me chamar assim. Siga-me, Alexey Fedorovitch. Acabemos com isto de uma vez!

E puxando-o pela mão, levou-o para a rua.

Capítulo 7 — Ao Ar Livre

— Aqui respira-se bem, não é como em minha casa. Passeemos um pouco, senhor, e agradecer-lhe-ei do fundo da alma a sua amável atenção.

— Eu também quero dizer-lhe algo de muito sério — respondeu Aliocha. — Só não sei como começar.

— Suponho que sim, pois de outro modo não viria a minha casa. Mas que venha apenas para se queixar do meu filho, acho incrível. Lá dentro não podia explicar, mas agora vou contar-lhe a cena. A semana passada tinha a barba mais crescida, a estopa, como lhe chamam os rapazes da escola. Pois bem, seu irmão Dmitri Fedorovitch agarrou-me pela barba sem que eu lhe fizesse nada, porque estava furioso e por acaso eu encontrava-me na sua frente. Arrastou-me para fora da taberna e para o meio da praça. Ilucha vinha a sair da escola com os colegas e, ao ver-me naquele estado, precipitou-se para mim, gritando: «Papá! Papá!» E, abraçando-me, tentava arrastar-me consigo enquanto suplicava ao meu verdugo: «Largue-o, largue-o que é meu pai! Tenha piedade!» Sim, gritava: «Tenha piedade!» Pegou então na mão dele entre as suas diminutas e beijou-a... Lembro-me da carinha que fez e não a esquecerei! Nunca mais a esquecerei!

— Juro que meu irmão lhe pedirá sinceramente perdão ainda que tenha de se ajoelhar no meio da praça... Fá-lo-á ou deixará de ser meu irmão! — afirmou Aliocha.

— Ah, sim! Terá que lho sugerir e isso não procederá dele, mas sim da nobreza do vosso coração. Podia tê-lo dito deste modo. Não, em tal caso, permita-me que lhe fale do grande cavalheirismo e nobreza militar que seu irmão manifestou na altura. Quando acabou de me puxar pela barba disse: «Somos oficiais os dois. Se encontrar um homem honrado que lhe possa servir de testemunha, mande-o ter comigo. Estou pronto a dar-lhe satisfação, ainda que você seja um canalha.» Sem dúvida que falava inspirado pelo seu espírito cavalheiresco... Eu afastei-me com Ilucha, em cuja alma se gravou para sempre a recordação desta cena. Não, não têm direito a reclamar para vós o privilégio da nobreza. Julgue o senhor por si

mesmo que esteve na minha casa. O que viu lá? Três mulheres: uma sofrendo de paralisia, outra inútil e imbecil, e a terceira se não está no mesmo estado pouco lhe falta, porque é uma estudante que não deseja mais do que voltar a Petersburgo para se dedicar à emancipação da mulher russa na beira do Neva. E não falemos de Ilucha, que tem só nove anos. Eu estou só no mundo, e se morro o que será deles? Não vale a pena dizer mais nada, pois se o provoco para um duelo e caio, o que acontecerá? Ainda pior se em vez de me matar me inutiliza, porque então não posso trabalhar e sou mais uma boca a comer. Quem me sustentaria a mim e aos meus? Tiro Ilucha da escola e mando-o pedir para a rua? É isto o que para mim representa o duelo! É uma loucura!

— Pedir-lhe-á perdão. Arrastar-se-á a seus pés, na praça — repetiu Aliocha com os olhos brilhantes.

— Pensava queixar-me — prosseguiu o capitão —, mas que satisfação me concederia o nosso código por uma ofensa pessoal? Também Agrafena Alexandrovna me chamou e ameaçou: «Não sonhes sequer com isso! Se o perseguires nos tribunais contarei a toda a gente que castigou o teu procedimento desonrado, e de acusador passarás a acusado.» Pois que venha Deus e que diga quem é aqui o desonrado, e se fazia outra coisa que não fosse cumprir as ordens dela e as de Fedor Pavlovitch. E o pior é que me disse que prescindiria de mim e não me daria a ganhar nem mais um cêntimo. Falaria ao seu comerciante, o tal velho, para que me despedisse. Como ganharei a vida se isso acontece? Só os tenho aos dois, pois que Fedor Pavlovitch, vosso pai, não só deixou de me dar trabalho por outro motivo como pensa servir-se de documentos que assinei para me perseguir perante a lei. Por isso fiquei quieto em casa, como viu. Mas Ilucha magoou-o muito? Não quis perguntar-lhe à frente dele.

— Sim, muito; estava irritadíssimo. Agora compreendo que vingava o pai num Karamazov. Se o visse a atirar pedras contra os companheiros! É perigoso, podiam matá-lo! São miúdos sem juízo e é fácil acertar na cabeça.

— Pois foi o que aconteceu. Hoje mesmo foi atingido por uma, não na cabeça, mas no peito, ao lado do coração. Chegou a casa chorando, queixando-se, e está mal.

— Pois saiba para seu governo que ele é o primeiro a atacar e a armar barulho. Não há muito feriu com um canivete um rapaz chamado Krassotkin.

— Sim, já sei; é um perigo. Krassotkin é órfão de um alto empregado e temos de estar alerta.

— Eu aconselharia que não o mandasse à escola — continuou Aliocha com ardor. — Precisa acalmar... até que a cólera lhe passe.

— Cólera! — repetiu o capitão. — É isso precisamente. A sua cólera é imensa; nem o senhor calcula! Desde aquele incidente, os rapazes não fazem outra coisa senão divertir-se com o «molho de estopa». Os colegiais são uma ralé sem piedade. Individualmente são uns anjos, mas juntos transformam-se na pele do diabo, sobretudo na escola. Os insultos incitaram o generoso e galhardo espírito de Ilucha. Qualquer filho, um filho estúpido, talvez se deixasse avassalar, envergonhando-se do pai; mas ele saiu em minha defesa contra todos, em defesa do pai, da verdade e da justiça. Só Deus sabe quanto sofreu ao beijar a mão de seu irmão pedindo-lhe perdão; Deus e eu, que sou pai dele. Porque os nossos filhos, e não os vossos, os filhos dos pobres fidalgos a quem todos desprezam têm já aos nove anos um verdadeiro sentido da justiça, senhor. Como o hão de ter os ricos se nunca na vida esquadrinham o íntimo do coração? Pois o meu filho, quando beijava aquela mão na praça, alcançou todo o significado da justiça; e a verdade penetrou-lhe no íntimo, esmagando-o para sempre — disse com entusiasmo, batendo com o punho na palma da mão esquerda a fim de explicar como Ilucha ficara confuso pela «verdade». — Naquele dia sentiu-se doente e passou a noite delirando. Mal me disse uma palavra, mas reparei que me observava de um canto, de rosto virado para a janela, para que julgássemos que estudava as lições. No entanto, o seu pensamento estava longe dos livros. Cheguei a embriagar-me para fazer calar a minha dor. Sou um pecador e as minhas recordações desaparecem depressa. A mamã começou a chorar e eu, que gosto dela com toda a minha alma, gastei o último centavo para afogar as minhas penas em vinho. Não me despreze por isto, senhor. Na Rússia, os que bebem são os melhores. Os melhores homens entre nós são os bêbados. Adormeci, não me recordando mais de Ilucha até ao dia em que os rapazes o seguiram ao sair da escola, escarnecendo-o e gritando: «Molho de estopa! Molho de estopa! Tiraram o teu pai da taberna puxando-o pela barba de estopa e tu corrias atrás dele pedindo perdão! Molho de estopa!» Ao terceiro dia voltou da escola triste e pálido negando-se a dizer-me o que tinha. Claro que em casa não podíamos falar sem que a mamã e as pequenas se inteirassem, e Bárbara, que conseguiu apanhar qualquer coisa, começou a

dizer: «Sois uns loucos, uns palhaços e nada de sério se pode esperar de vós. É pena que não se emendem.» Como naquela altura fiquei sem emprego, saía de tarde com o meu filho, a passeio, e fazíamos sempre o mesmo caminho, o mesmo de agora... de casa até à grande pedra que, perto da estrada, assinala a entrada dos pastos municipais. É um sítio bonito e recolhido, ao abrigo de uma margem. Passeávamos como de costume, de mão dada. A dele é fraca e fria, pois padece do peito. «Papá! Papá!», disse. «O que há?», perguntei. Os olhos brilhavam. «Como te maltratou, papá!» «Eu não podia fazer nada, Ilucha.» «Pois não lhe perdoes, papá. Não lhe perdoes. Dizem na escola que por isso te deu dez rublos.» «Não, Ilucha, por nada do mundo receberia dinheiro dele.» Todo o seu corpito tremia e senti que segurava a minha mão entre as suas e a beijava. Depois, continuou: «Papá, desafia-o para um duelo! Lá na escola dizem que és cobarde e aceitaste dez rublos!» «Não posso bater-me com ele, Ilucha», respondi-lhe dando a explicação que já conhece. Depois de me ouvir atentamente, replicou: «De qualquer modo, papá, não te reconcilies com ele pois quando eu crescer provocá-lo-ei e hei de matá-lo.» Os seus olhos brilhavam de ódio e eu, como pai, tive de dizer que é um pecado matar, mesmo em duelo. «Quando crescer», continuou, «derrubá-lo-ei, apoderar-me-ei do seu sabre e, apontando-lhe ao peito, direi: 'Poderia matar-te, mas perdoo-te.'» A sua imaginação estava tão excitada durante aqueles dias que só arquitetava planos de vingança com os quais sonhava de noite. Chegava da escola muito abatido e desgostoso. Antes de ontem dei conta disso e... acho que o senhor tem razão, não o mandarei para lá mais. Temo que se volte sozinho contra todos e os desafie cheio de rancor e amargura. Durante outro passeio parou para me perguntar: «Papá, os ricos são os mais fortes do mundo?» «Sim, lincha, não há nada terra tão forte como os ricos.» «Pois então quero ser rico para me tornar oficial e conquistar tudo. O czar há de dar-me um prémio e então voltarei aqui e veremos quem se atreve!...» Calou-se durante alguns minutos, os lábios tremendo, e continuou em seguida: «Que asquerosa cidade é esta, pai!» «Sim, Ilucha, não é muito limpa, não.» «Pois mudemo-nos para outra que o seja e onde ninguém nos conheça.» «Iremos, sim, Ilucha, iremos», prometi, «mas tenho, primeiro, de economizar.» Sentia-me feliz quando apartava o pensamento das suas penas, e começámos então a fazer projetos para partirmos, comprarmos um cavalo e um carro. «Pomos nele a mamã e as tuas irmãs. Nós iremos a pé. Tu poderás subir de vez em quando, eu

guiarei o cavalo, pois não poderemos ir todos.» Estava entusiasmado, encantado com a ideia de ter um cavalo e de lhe pôr os arreios. Parece que todos os miúdos russos nasceram em cavalariças. Falámos muito sobre o mesmo assunto e eu dava graças a Deus porque julgava tê-lo distraído e consolado. Mas tudo mudou, ontem à noite. Veio da escola deprimido. À tarde levei-o a passear e não quis falar. Não havia sol, soprava um vento frio e avançámos taciturnos sentindo precipitar-se na nossa alma aquele crepúsculo outonal. Rompi então o silêncio para o devolver à alegria da véspera: «Bem, meu filho, que me dizes de novo acerca da nossa viagem?» Apenas obtive como resposta o tremor da sua mão entre os meus dedos. Não fiz caso, pensando que seria do frio, e ao chegar a esta pedra em que nos encontramos, sentei-me. Moviam-se no ar muitos papagaios de papel. À vista, havia pelo menos trinta, porque é a época de se brincar com eles. «Escuta, Ilucha, temos de consertar o teu do ano passado. Onde o tens?» Meu filho, que parecia distraído, não me respondeu e veio sentar-se-me ao lado enquanto uma aragem mais forte levantava o pó do caminho. De súbito atirou-se ao meu pescoço, apertando-me fortemente entre os bracitos. Talvez o senhor não saiba que quando um rapaz taciturno e orgulhoso, desses que reprimem o pranto, chega ao ponto de a dor lhe rebentar no peito, chora em torrentes. O que senti no meu rosto foram lágrimas ardentes enquanto ele gemia e soluçava convulsivamente, apertado de encontro a mim, lamentando-se: «Papá, papá, o que ele te fez!» Por fim, o mesmo soluço sacudia os nossos peitos, unidos num só abraço. «Ilucha, querido Ilucha!» Ninguém nos via, a não ser Deus. Espero que se recorde e mo leve em conta. Pode agradecer a seu irmão, Alexey Fedorovitch; por mim, não castigarei o meu filho para lhe dar uma satisfação.

E voltou a usar o tom de bobo ressentido que usara ao princípio. Aliocha compreendeu, não obstante, que lhe conquistara a confiança pois que não falaria a outro tão francamente, e animou-se quando quase rompia em pranto e se lhe desfalecia o coração.

— Oh! Como gostaria de ser amigo do seu filho! — exclamou. — Será possível consegui-lo?

— Com certeza, senhor — balbuciou o capitão.

— Mas agora tenho de falar-lhe de outra coisa — continuou Aliocha. — Trago um recado. O meu próprio irmão, Dmitri, ofendeu também a noiva, uma moça muito bondosa de quem já deve ter ouvido falar. Creio

que tenho o direito de me referir à sua injúria porque precisamente por ela se ter inteirado do que o senhor sofreu, e vir a saber da sua triste situação, me encarregou agora mesmo, há um momento, de lhe trazer este socorro da sua parte... apenas da sua parte, não de Dmitri nem de qualquer outra pessoa. Pede que aceite esta ajuda... Foram, os dois, injuriados pelo mesmo homem e pensou em si agora que acaba de receber uma afronta semelhante à sua... semelhante em crueldade, claro. Pretende que seja como uma irmã que ajuda um irmão na desgraça... Encarregou-me de que o persuadisse a aceitar estes duzentos rublos como se proviessem de uma irmã que conhece as suas necessidades. Ninguém o saberá e ninguém o difamará por isso. Aqui estão os duzentos rublos e afirmo que os deve aceitar a não ser... a não ser que não haja neste mundo mais do que inimigos! Mas creio que não, creio que há também irmãos... o senhor tem uma alma nobre... e compreenderá isto deste modo. — E Aliocha apresentou duas notas novas e policromadas de cem rublos.

Estavam junto à pedra, sós naquele local resguardado. A vista das notas produziu enorme impressão no capitão, que teve um movimento mais de surpresa do que de outra coisa, e perante o resultado da conversa era o que menos esperava. Nada tão longe do seu pensamento como receber ajuda de alguém. E que ajuda!

Pegou nas notas e ficou um momento sem saber o que dizer enquanto o rosto mudava totalmente de expressão.

— Para mim? Tanto dinheiro? Duzentos rublos! Santo Deus! Mas se há mais de quatro anos que não vejo uma quantia semelhante! Obrigado, obrigado! E disse ela que era uma irmã?... De verdade?

— Juro que é verdade tudo o que lhe disse.

O capitão corou.

— Escute, escute, meu amigo. Não me portarei como um canalha se os aceitar? Não serei um cobarde aos seus olhos, Alexey Fedorovitch? Não, ouça-me, ouça-me. — E tocava em Aliocha com ambas as mãos. — Aconselha-me a aceitá-los dizendo que é uma irmã que mos dá, mas interiormente, no seu coração, não me desprezará se lhes pegar?

— Não, não. Juro-o pela minha salvação! E ninguém mais do que eu o saberá... eu, ela e outra senhora, uma amiga íntima.

— Não importa essa senhora! Escute-me. Nestes momentos acho que deve ouvir, pois não pode imaginar a importância que têm atualmente para mim duzentos rublos. — E o pobre homem deixou-se arrebatar a pouco e

pouco por um entusiasmo incoerente, impetuoso. Falava com vertiginosa rapidez, como se temesse que não lhe permitissem dizer tudo o que desejava. — Além de que não é desonra aceitar dinheiro de uma «irmã» tão digna de respeito e reverência. Sabe que tenho de cuidar da mamã e de Nina, o meu anjo de corcunda? O doutor Herzenstube dignou-se visitá-las com a bondade do seu coração e depois de uma hora de exame disse que não podia fazer nada, mas receitou uma água mineral que vendem numa farmácia, uns banhos e um outro remédio. A água mineral custa trinta *kopeks* e necessita tomar, pelo menos, quarenta garrafas. Como é tão cara, peguei na receita e coloquei-a sob as imagens dos santos, onde ainda se encontra. A Nina receitou banhos quentes com uma solução qualquer, duas vezes por dia. Como podemos aplicar em casa tais remédios sem criados, sem recursos, sem casa de banho e sem água? Nina está prostrada pelo reumatismo e de noite sofre horrivelmente de todo o lado direito, causando-lhe angústias mortais. Talvez não acredite que aquele anjo não se queixa sequer, com medo de nos acordar? Comemos o que podemos comprar e ela junta as sobras, tudo aquilo que nem a um cão se daria. «Não o mereço, sou uma carga», parece dizer com os olhos. Não deixa que a trate dizendo que é uma inútil, que não serve para nada. Ah! Como se a sua doçura angelical não fosse a salvação de todos nós! Garanto-lhe que sem ela a minha casa seria um inferno! Consegue ter mão em Bárbara e não pense que esta é desagradável, pois também é um anjo e já sofreu muito. Quando veio cá passar o verão trouxe dezasseis rublos que conseguiu poupar do dinheiro que ganhava dando lições. Queria guardá-los para voltar a Petersburgo em setembro, mas gastámo-los e agora não o pode fazer... Além de que trabalha em casa como uma escrava. É ela que trata de nós todos. Cose, lava, varre e deita a mamã. E como esta é teimosa, chorona e louca! Com este dinheiro poderei arranjar uma criada, compreende, Alexey Fedorovitch? Comprarei remédios para as pobres doentes e enviarei a minha estudante para Petersburgo. Poderei comprar carne à vontade. Santo Deus, isto é um sonho!

Aliocha estava encantado por ser o portador de tanta alegria e por o pobre homem se dignar admiti-la.

— Ouça, ouça, Alexey Fedorovitch — continuou o capitão, exaltado com a ideia de um novo projeto e atropelando as palavras. — Sabe que assim poderemos realizar o meu plano e o de Ilucha? Compraremos um cavalo e um carrito. Um cavalo negro. O meu filho pretende que seja dessa

cor e sairemos daqui cumprindo os desejos do miúdo. Tenho um bom amigo na província de K..., um advogado que me daria um lugar de escrivão no seu escritório. Foi um homem digno de crédito que mo disse e talvez seja verdade. Sim, sim, só terei de colocar a mamã e Nina no carrito. Ilucha poderá conduzi-lo e eu irei andando, andando... Mas se eu pudesse recuperar uma dívida perdida, talvez o dinheiro me chegasse para tudo isto!

— Há de tê-lo! — exclamou Aliocha. — Catalina Ivanovna dar-lhe-á tudo o que necessitar e eu também tenho dinheiro. Aceite o que fizer falta como se fosse de um irmão, como de um amigo, pagar-me-á mais tarde... Quando for rico, porque eu acredito que o há de ser um dia. Sabe que é uma ideia excelente essa de ir para outra cidade? Seria a sua salvação e especialmente a de seu filho... Deve é apressar-se antes que o inverno chegue e aperte o frio. Depois poderá escrever-me e seremos como irmãos... Não, não é um sonho!

Aliocha sentia-se feliz, tão feliz que o teria abraçado como uma criança, mas ao olhá-lo conteve-se surpreendido. A cara daquele homem estava pálida, transtornada. As veias do pescoço distendiam-se horrorosamente e os lábios, esticados para a frente, moviam-se com agitação para dizer algo, sem poderem articular um só som.

— Que tem? — perguntou, assustado.

— Alexey Fedorovitch... Eu... o senhor... — balbuciou o capitão, gaguejando, olhando-o fixamente de um modo selvagem, estranho e, contudo, com um ar de desesperada resolução, enquanto os lábios se despregavam num trejeito. — Eu... o senhor... gostaria que lhe ensinasse um jogo que eu sei? — terminou em voz baixa.

— Que jogo?

— Muito bonito — murmurou com a boca torcida para um lado e piscando o olho esquerdo sem afastar o olhar de Aliocha.

— Que jogo é? — perguntou Aliocha completamente alarmado.

— Pois então olhe — guinchou o capitão. E mostrando-lhe as notas que segurava entre os dedos, enrugou-as brutalmente e esmagou-as com força na mão esquerda. — Vê? Vê? — gritou, rouco e enfurecido, levantando a mão e atirando com força para o chão a bola de papel. — Vê? Olhe!

Com fúria selvagem começou a dar pontapés às notas, enquanto exclamava:

— Tome o seu dinheiro! Tome o seu dinheiro! Tome o seu dinheiro!

Depois, encarando Aliocha com uma expressão de indescritível orgulho, gritou, agitando os braços:

— Diga a quem o mandou que «molho de estopa» não vende a sua honra!

Voltando as costas, afastou-se, correndo. Não havia dado meia dúzia de passos quando voltou atrás, amansado, e beijou a mão de Aliocha. Correu em seguida outros cinco passos e voltou de novo, o rosto estremecendo com um caudal de lágrimas, a gritar entarameladamente, gemendo e suspirando:

— Que diria eu ao meu filho se aceitasse o dinheiro da nossa vergonha?

Afastou-se definitivamente. Aliocha fixou-se a olhá-lo, cheio de pena. Ah! Bem se via que até ao último momento não ocorrera ao pobre a ideia de rasgar as notas. Não voltaria. Aliocha compreendia que ele não voltaria mais. Compreendeu também que seria inútil ir atrás dele, suplicar que voltasse. Quando o perdeu de vista apanhou as notas que, embora maltratadas, se conservavam inteiras. Alisou-as, dobrou-as com cuidado e guardou-as no bolso, voltando de novo a casa de Catalina Ivanovna a fim de lhe dar conta do resultado da sua missão.

Livro 5 — Prós e Contras

Capítulo 1 — Prometidos

A senhora Hohlakov apareceu também a receber Aliocha, mas desta vez parecia atordoada. Algo de importante acontecera. A crise nervosa de Catalina Ivanovna acabara com um desmaio seguido de uma espantosa debilidade que a tinha prostrado com os olhos em alvo e o delírio da febre. Herzenstube fora chamado, assim como as tias da doente. Estas já estavam junto dela, esperando a chegada do médico. Catalina permanecia sem sentidos, e oxalá que a febre lhe não subisse ao cérebro!

A senhora Hohlakov parecia muito alarmada. «É sério, é sério», repetia a cada palavra, como se até ali nunca nada de mau lhe houvesse acontecido. Aliocha ouvia-a com tristeza e depois começou a contar a sua aventura, mas ela interrompeu-o dizendo que «não podia escutar». Pediu-lhe que ficasse, esperando, ao lado da filha.

— A Lisa — murmurou-lhe ao ouvido —, a Lisa deixou-me surpreendida há um momento, amigo Alexey Fedorovitch. Enterneceu-se tanto que lhe perdoa de todo o coração. Imagine que apenas o senhor saiu sentiu-se sinceramente arrependida de se haver rido de si nestes últimos dois dias; ainda que não se ria senão por brincadeira. Mas entristeceu-se tanto que chegou ao ponto de chorar, o que me surpreendeu muito pois nunca se arrepende senão a brincar. Tem-no, a si, em muito bom conceito e acho que não se deve mostrar ofendido nem desgostoso. Eu nunca sou dura com ela porque é uma rapariguinha tão viva de espírito! Agora mesmo dizia que você, Alexey, é um amigo da sua infância, «o melhor amigo». E se eu lhe contasse tudo!... Ah! A sensibilidade e a memória que possui sugerem-lhe coisas extraordinárias, e quando menos se espera salta com uma frase oportuníssima na qual jogam os vocábulos mais inesperados. No outro dia, por exemplo, falava de um pinheiro. Quando ela era pequenina, havia um no nosso jardim. Bem, na verdade ela ainda o é e não há razão para falar do passado. Os pinheiros não são como os homens, Alexey Fedorovitch, que mudam tão de repente. «Mamã, recordo aquele pinheiro como se o visse em sonhos», e acrescentou algo tão original acerca disto que nem sei repeti-lo. Bom, adeus. Estou tão cansada que não sinto a

cabeça. Ah, Alexey Fedorovitch! Já estive fora de mim por duas vezes! Vá ver a Lisa e anime-a como só você sabe fazê-lo. Lisa! — gritou, aproximando-se da porta — aqui tens o teu Alexey Fedorovitch, a quem ofendeste tanto. Asseguro-te que não te guarda rancor; admirou-se, até, ao contrário, de que possas imaginá-lo assim.

— Obrigada, mamã. Entre, Alexey.

Entrou. Lisa parecia muito perturbada, e corou. Sentia-se confusa devido a qualquer coisa e, como as pessoas de humilde condição em tais casos, começou a falar de coisas supérfluas, como se naquele momento fossem para ela o que havia de mais interessante.

— A mamã falou-me nos duzentos rublos que levou a esse pobre oficial... e a injúria de que foi alvo... e embora a mamã fique atordoada... e embrulhe sempre tudo... chorei ao ouvi-la. Sempre lhe deu o dinheiro? E que diz o infeliz?

— A verdade é que não lho dei... é todo um drama — respondeu Aliocha. E embora a ele o preocupasse enormemente o fracasso da sua missão, Lisa compreendeu que preferia também falar de outras coisas.

Sentou-se perto da mesa e começou a contar o sucedido, perdendo depois de algumas palavras toda a sua timidez e ganhando por completo a atenção da moça. Pôs nas suas palavras todo o sentimento que lhe inspirava a impressão do momento, e a narração foi completa e minuciosa. No tempo que passara em Moscovo gostava de visitar Lisa para lhe contar tudo o que lhe acontecia ou falar-lhe das suas leituras e recordações de criança. Era frequente traçarem planos e urdirem novelas, geralmente encantadoras e divertidas. Naquela ocasião pareceu-lhes terem retrocedido dois anos, àqueles dias felizes de Moscovo. Lisa escutava-o comovida e Aliocha pôs toda a sua unção e entusiasmo ao descrever Ilucha e o arrebatamento do desgraçado pai quando pisara o dinheiro. Lisa não pôde deixar de gritar, unindo as mãos:

— Ah! Mas não lhe deu o dinheiro? E deixou-o ir-se embora? Por que não correu atrás dele?

— Não, Lisa. Foi melhor não o seguir — disse Aliocha, levantando-se e começando a passear de um lado para o outro, pensativo.

— Como? Como pode ser preferível se não têm que comer e o seu caso é desesperado?

— Não é desesperado pois ainda lhes restam os duzentos rublos. Amanhã há de aceitá-los, pode ter a certeza — afirmava Aliocha,

corroborando com os passos as suas palavras. Parando depois em frente de Lisa, continuou: — Vê? Cometi uma falta, mas ainda é melhor.

— Que falta? E por que diz que é melhor?

— Já vai sabê-lo. Ele é um homem débil e de caráter tímido. Sofreu muito, mas é bom. Conseguiu surpreender-me a sua súbita indignação, mas asseguro-lhe que, momentos antes, não tinha a menor intenção de pisar as notas. Agora vejo que talvez tivesse motivos para se ofender... e que aquilo era inevitável, dada a sua situação... Até porque lhe foi doloroso mostrar-se tão alegre pelo dinheiro na minha presença, sem tratar de me ocultar o seu alvoroço. Sentir-se contente, mas não em tal extremo, não se manifestando, fingindo escrúpulos e pondo dificuldades como toda a gente faz quando recebe dinheiro, teria sido a solução para o aceitar. Mas mostrou-se puerilmente alvoroçado, o que deitou tudo a perder. Ah, Lisa, que homem tão bom, tão leal! É isso o pior do negócio! Ao falar, a voz tornou-se-lhe lânguida, interrompia-se, precipitando-se, atropelando-se... e ria de uma maneira... talvez chorasse... Sim, estou certo de que chorava... estava tão contente... E falava dos filhos, da situação que poderia alcançar noutra cidade... Como me descobriu o seu coração, sentiu vergonha de que eu me debruçasse sobre o fundo da sua alma e odiou-me. Pertence àquela espécie de gente terrivelmente sensível. E, como vê, o que lhe fez sentir mais vergonha foi a facilidade com que me teve por amigo. Ao princípio, quase se atirou sobre mim e tratou de me intimidar. Mas quando viu o dinheiro começou a abraçar-me, a manusear-me, e isso deve tê-lo humilhado ao máximo quando cometi a imensa tolice de lhe dizer que se não tinha suficiente dinheiro para a viagem, eu lho daria, o que na verdade estou pronto a fazer. É possível que o meu oferecimento de ajuda o tenha impressionado. Compreenda, Lisa, como deve ser amargo para um homem ofendido que os outros o tratem com ares de proteção... Isso foi o que o Padre Zossima me ensinou. Não sei o que acontece, mas tenho-o notado com frequência e posso falar por experiência própria. O mais estranho do caso é que, apesar de ele não ter sentido a ofensa até ao momento de pisar as notas, estou certo de que a pressentia... É terrível, mas ainda bem. Ao fim e ao cabo, creio que foi o melhor que podia acontecer.

— Por quê? Por quê? — exclamou Lisa, surpreendida.

— Porque se tivesse aceitado o dinheiro, choraria a sua humilhação logo que chegasse a casa. E o mais provável seria procurar-me amanhã para me atirar o dinheiro e pisá-lo como fez hoje, enquanto agora se sente

orgulhoso e triunfante, embora «certo da sua ruína». E como já provou que é homem de honra, desprezando o dinheiro, amachucando-o sob os pés... nada mais fácil do que fazer com que o aceite amanhã... Não sabia ele, quando fazia isso, que lho levarei mesmo, e deve sentir mais do que nunca a falta desse dinheiro, pois por orgulhoso que seja pensará todo o dia na ajuda que desperdiçou. Durante a noite ainda pensará mais. A ideia atormentá-lo-á durante o sono e talvez amanhã esteja disposto a vir pedir-me perdão. Nessa altura apresento-me e digo-lhe: «Pois bem, o senhor já mostrou que é um homem de honra, mas agora tome o dinheiro e perdoe-nos.» há de aceitá-lo!

Aliocha estava feliz ao afirmar a sua crença. «há de aceitá-lo.» Lisa uniu as mãos.

— Ah! Pois é verdade! Agora entendo-o perfeitamente. Como sabe dessas coisas? Tão jovem e já conhece a alma humana... Eu nunca teria raciocinado desse modo.

— O importante agora é persuadi-lo de que está, em relação a nós, num plano de igualdade, ainda que recebendo o nosso dinheiro — continuou ele, entusiasmando-se — e não só de igualdade, mas também de superioridade.

— De superioridade, Alexey Fedorovitch! É estupendo! Mas vá lá, vá lá...

— Crê então que não há expressão como essa da superioridade, hem? Mas não importa, porque...

— Não, claro que não importa. Perdoe-me, amigo Aliocha... Sabe que até agora apenas o respeitei... quero dizer, respeitei-o num plano igual, mas agora começo a considerá-lo num plano superior. Não se aborreça, querido, por esta brincadeira — suplicou com sincero sentimento. — Sou absurda e não valho nada; mas você, você! Escute, Alexey Fedorovitch, não há em toda a nossa análise... quero dizer na sua... não, melhor será que lhe chame nossa... não há certo desprezo para com ele, contra esse pobre homem, na maneira de dissecar a sua alma como se ela se nos revelasse lá do alto, hem? E em decidir com tal certeza que aceitará esse dinheiro?

— Não, Lisa, não há desprezo — respondeu ele, como se esperasse a pergunta. — Pensei nisso quando vinha para cá. Não pode haver desprezo desde que nos consideremos seus semelhantes, seus iguais. Você já sabe que somos iguais e não melhores. A verdade é que não somos mesmo, posto que eu, em seu lugar, faria como ele... Não respondo por si, Lisa.

Quanto a mim, sei dizer que possuo um espírito mesquinho em muitas coisas, enquanto o seu é excessivamente sensível... Não, não posso sentir desprezo por ele. Repare, Lisa: um dia, o Venerável disse-me que tratara a maior parte dos homens como se fossem crianças e muitos como se fossem doentes.

— Querido Alexey, tratemos então as pessoas como o faríamos aos doentes.

— Sim, Lisa, estou disposto a isso ainda que não seja muito hábil, pois que me impaciento por não ver as coisas. Muito diferente do que acontece consigo.

— E eu que não o acreditava! Que sorte a minha, Alexey!

— Como gosto de a ouvir falar assim, Lisa!

— A sua bondade é admirável, embora afetada, por vezes... Não, na realidade não tem pisca de afetação. Ande, abra a porta disfarçadamente e veja se a mamã nos escuta — murmurou, agitada.

Aliocha fez o que ela disse e certificou-se de que ninguém escutava.

— Venha aqui, Alexey — disse então Lisa, corando ainda mais. — Dê-me a sua mão... muito bem. Tenho de confessar que ontem não lhe escrevi por brincadeira, antes, sim, foi formalmente que o fiz. — E ocultou os olhos nas mãos, manifestando-se envergonhada por aquela confissão.

De repente apoderou-se da mão dele e beijou-a três vezes com arrebatamento.

— Ah, Lisa, que bom! — exclamou Aliocha. — Já sabia que era a sério.

— Sabia? Que engraçado! — Deixou cair a mão do jovem sem a soltar e, muito vermelha, riu com ar feliz.

Aliocha estava completamente submetido.

— Quereria ser-lhe agradável a todo o momento, Lisa, mas não sei como — murmurou, corando de igual modo.

— Aliocha, querido, como é frio e carrancudo. Vê? Elegeu-me como mulher e está convencido disso. Está certo de que eu fiz as coisas a sério. Que conversa! É uma impertinência! Já compreendeu agora?

— Mas é algum mal-estar convencido? — perguntou Aliocha, desatando a rir.

— Pelo contrário, está deliciosamente bem — gritou ela olhando-o com ternura.

Aliocha permaneceu de pé, em frente dela, tendo a mão na sua. De repente, inclinou-se e beijou-a nos lábios.

— Que fez? — gritou Lisa e ele ficou coradíssimo.

— Ah! Perdoe-me se não devia... Sou um maçador... Como me disse que era frio, beijei-a... Vejo que cometi uma asneira.

Ela riu de novo, com o rosto entre as mãos.

— E com esse hábito! — proferiu a meio do seu regozijo. Mas logo parou de rir e ficou séria, quase grave. — Aliocha, temos de nos abster destas coisas. Não está o forno pronto para os bolos e há que esperar muito tempo — acrescentou. — Mais vale que me diga como se fitou numa tonta e pobre inútil como eu, você que é tão expedito, tão inteligente e tão sagaz. Ah, Aliocha! Estou louca de alegria, mas não sirvo para nada.

— Sim, Lisa. Ao deixar o claustro devo casar-me. Eu sei, ele mesmo mo disse. E com quem melhor do que você?... Quem me aceitaria por esposo? Pensei no assunto muito bem. Em primeiro lugar, conhece-me desde pequeno e é dotada de muitas qualidades que a mim me faltam. É mais alegre do que eu e, sobretudo, é muito boa. Foi educada num ambiente mais amplo e variado do que o meu... Ah! E além do mais não tem em conta que eu, eu, sou um Karamazov. Não importa que se ria e troce de mim. Continue. Sou tão feliz! Ri como uma garota e pensa como uma mártir!

— Como uma mártir? Porquê?

— Sim, Lisa. A sua pergunta acerca de manifestarmos desprezo para com esse desgraçado ao dissecar a sua alma revela uma tortura íntima... Repare, não sei como expressar-me, mas quem pensa em tais coisas é capaz do sofrimento. Presa à sua cadeira, deve ter refletido muito.

— Aliocha, dê-me a sua mão. Por que se retira? — murmurou Lisa, a voz fraca de felicidade. — Vamos a ver, Aliocha, que vestirá quando sair do convento? Que trajo? Não ria nem o tome a mal, mas é muito importante para mim.

— Ainda não pensei nisso, mas vestirei o que quiser.

— Pois gostarei de uma casaca de veludo azul-escuro, um colete de *piqué* branco e um chapéu cinzento... Diga-me, Aliocha, acreditou que não o amava quando neguei sinceridade à carta que lhe escrevi?

— Não, não acreditei.

— Oh, que presunção tão insuportável a sua! É incorrigível!

— Verá, sabia que... parecia interessar-se por mim; mas fiz ver que não acreditava nisso para que estivesse mais tranquila.

— Isso é pior, pior do que tudo! Aliocha, estou loucamente enamorada. Antes de o ver, esta manhã, decidi provar a minha sorte. Pedir-lhe-ia a minha carta e se a tirasse calmamente e ma entregasse, como supunha, seria a prova de que não me amava, de que não sentia nada, de que era um maçador do qual não se poderia tirar nenhum partido e que eu estava perdida. Mas, afinal, deixou a carta em casa e isso alegrou-me. Se não a trazia consigo era porque sabia que eu a iria reclamar. Foi por isso, não?

— De maneira nenhuma, Lisa. Não me apartei da carta e esta manhã tinha-a no bolso. Está aqui.

Aliocha tirou a carta entre gargalhadas e mostrou-a à distância.

— Não lha vou dar, não! Pode olhar, mas é de longe!

— Então mentiu-me! Oh, um monge a dizer mentiras!

— Menti, se assim o deseja — riu Aliocha —, mas fi-lo para não lhe dar a carta. Representa um tesouro para mim — acrescentou com muito sentimento e corando ao mesmo tempo. — Sê-lo-á sempre e a ninguém a entregarei!

Lisa olhava-o cheia de felicidade.

— Aliocha — pediu em voz baixa —, dê uma olhadela por aí. Que a mamã não esteja a escutar.

— Muito bem, Lisa, lá vou; mas não é preferível não ver? Por que suspeita de tal baixeza da parte de sua mãe?

— Qual baixeza? Espiar uma filha é um direito de mãe e não baixeza! — gritou Lisa, zangada. — Posso afirmar-lhe, Alexey Fedorovitch, que quando eu for mãe e tiver uma filha, a hei de espiar.

— Realmente, Lisa... isso não está bem.

— Bondade divina! Mas que mal há nisto? Se escutasse uma conversa mundana qualquer, seria mal feito; mas quando a própria filha está só com um jovem... Ouça, Aliocha, fique sabendo que também a si o hei de espiar quando nos casarmos e permita que lhe anuncie que abrirei todas as suas cartas. Já se pode preparar.

— Bom, claro que sim... — balbuciou o rapaz — mas não está bem.

— Que insolente! Aliocha, querido, não nos zanguemos já no primeiro dia! Vou ser franca. Sem dúvida que é feio espiar as pessoas e claro que não tenho razão. Mas espiá-lo-ei do mesmo modo.

— Pois faça-o. Não encontrará nada...

— E será condescendente comigo, Aliocha? Temos que decidir isto também.

— Terei sumo prazer em sê-lo, Lisa. Em tudo menos no que for mais essencial. Quando não for da minha opinião nos assuntos graves, farei o que o dever me ditar.

— Acho bem, mas permita que lhe diga que eu estou disposta a condescender, não só nos assuntos de mais importância, como em tudo. E estou disposta a jurá-lo neste mesmo momento. Em tudo e por toda a minha vida! — gritou ela com ardor. — E com muito gosto! E ainda mais. Juro que nunca o espiarei num lerei uma só das suas cartas, porque acho que tem razão. Ainda que me visse horrivelmente tentada a espiar, sei que não o faria, já que considera a espionagem como coisa vil. Será para mim a própria consciência... Ouça, Alexey Fedorovitch, por que está tão triste desde ontem? Notei como que uma inquietação e ansiedade no seu rosto. Tem alguma pena interior que o faça sofrer em segredo?

— Sim, Lisa, tenho uma dor secreta — disse ele com tristeza. — Vejo que me ama, posto que o descobriu.

— Que dor? Que se passa? Poderá dizer-me?

— Dir-lho-ei, mas mais tarde — respondeu o jovem, confuso. — Agora é difícil de entender e difícil de explicar.

— Já sei que seu pai e seus irmãos o fazem sofrer.

— Sim... meus irmãos, sobretudo.

— Não gosto de Ivan, Aliocha — atalhou Lisa.

O monge ficou admirado por esta observação, mas não replicou.

— Os meus irmãos perdem-se, meu pai também. E fazem com que outros se percam. É a força ancestral dos Karamazov, como disse o Padre Paissy no outro dia, uma força bestial, desenfreada e sensual. Elevará sobre a terra o espírito de Deus, esta força? Não sei. Só sei que também sou um Karamazov... Eu, um monge! Serei mesmo um monge, Lisa? Acabou agora de mo dizer!

— Sim.

— E acaso eu próprio creio em Deus?

— O quê? Mas o que lhe aconteceu? — perguntou Lisa com calma e gentileza.

Nas últimas palavras de Aliocha havia algo misterioso, algo intuitivo, pouco claro até para ele, mas que o atormentava.

— E agora, em cima de tudo isto, o meu amigo, o melhor dos homens, abandona-me e morre! Se soubesse, Lisa, como a minha alma o ama! E vou ficar só!... Virei vê-la, Lisa... No futuro, viveremos juntos.

— Sim, juntos, juntos. No porvir, as nossas vidas serão uma só! Vá, beije-me, dou-lhe licença.

Aliocha beijou-a.

— Agora, vá-se embora. Que Cristo o acompanhe. — E fez sobre ele o sinal da cruz. — Volte depressa para perto dele, enquanto viver. Fui cruel em retê-lo aqui. Hoje rezarei pelos dois. Tenho a certeza de que seremos felizes, não seremos?

— Assim o espero, Lisa.

Pensou que o melhor seria sair sem se despedir da senhora Hohlakov, mas ao abrir a porta achou-se em frente dela. Compreendeu em seguida que o esperava porque se lhe dirigiu com intermináveis exclamações.

— É terrível, Alexey Fedorovitch! Isso são ridicularias, tontarias... Confio em que não sonhará... Seria uma loucura, nada mais do que uma loucura!

— Bem, mas não lhe diga nada, porque lhe produziria um transtorno que pode ser-lhe fatal.

— Bonito conselho para um jovem! De modo que você, Alexey, só a atende por compaixão para com a sua doença porque não quer desgostá-la, contrariando-a?

— Oh, de maneira nenhuma! Disse-lhe tudo muito a sério — respondeu Aliocha resolutamente.

— Não há seriedade que valha. Fique sabendo que não o iremos ver mais e que a tirarei daqui. Pode ter disso a certeza!

— Para quê? — perguntou ele. — Isso está muito longe. Temos de esperar um ano e meio.

— É verdade. Em ano e meio terão tempo para discutir e separar-se mil vezes. Mas sou tão desgraçada que até essas tontices me confundem. Pareço-me com Famusov na última cena de *Tristeza de Espírito*. Você é Tchatsky e ela Sofia, e imagine que eu saí para o encontrar na escada onde decorre o desenlace do drama. Vi tudo e quase que morro. Já tenho a explicação da sua horrível noite e dessa crise de nervos! Isto é amar a filha e matar a mãe. Estou certa de que isto me levará à cova em pouco tempo. E o mais importante: que carta é essa que lhe escreveu? Quero vê-la, agora mesmo!

— Não, não faz falta. Diga-me, como está Catalina Ivanovna? Convém-me sabê-lo.

— Continua delirando, sem voltar a si. Estão com ela as tias, mas não podem fazer nada. Herzenstube veio e alarmou-se tanto que fiquei sem saber o que fazer com ele. Estive para chamar outro médico que o auxiliasse. Levaram-no a casa no meu coche. Agora só me faltava você e a sua carta! É verdade que nada pode acontecer em ano e meio... Em nome de todos os santos, em nome do Venerável agonizante, mostre-me a carta, Alexey Fedorovitch. Sou mãe dela. Segure no papel, se quiser; mas deixe-me lê-la.

— Não, não lha mostrarei. Mesmo que ela mo permitisse não o faria. Amanhã voltarei e, se o desejar, falaremos de muitas coisas. Por agora, adeus.

Aliocha desceu a escada apressadamente e saiu para a rua.

Capítulo 2 — O Guitarrista Smerdyakov

Não havia que perder tempo. Ao despedir-se de Lisa, acudiu-lhe à ideia um estratagema para se encontrar com Dmitri, que sem dúvida lhe fugia. Estava a fazer-se tarde, eram quase três horas. O espírito de Aliocha voou ao mosteiro para junto do santo moribundo, mas a necessidade de ver o irmão impôs-se a tudo o resto. A convicção de que uma inevitável catástrofe estava a ponto de suceder enevoava-lhe o ânimo à medida que o tempo passava, até porque nem sabia que catástrofe era nem para que desejava ver o irmão.

«Ainda que o meu benfeitor deva morrer sem mim, não quero que a consciência me acuse por não ter salvo quem podia salvar, apressando-me a voltar a casa. Até porque cumprindo os meus propósitos sigo o seu grande preceito.»

O seu plano consistia em apanhar o irmão descuidado e, para isso, saltaria a cerca por onde o fizera no dia anterior. Saltaria para o jardim e esperaria no largo do caramanchão. Se não encontrasse Dmitri não anunciaria a sua presença a Foma ou à patroa. Ocultar-se-ia até à noite, se fosse preciso; se, como antes, Dmitri aguardava que Gruchenka aparecesse, não deixaria de ali ir. Aliocha não se deteve a examinar os pormenores deste plano, mas estava completamente resolvido a realizá-lo ainda que para isso tivesse de permanecer todo o dia ausente do mosteiro.

Sem obstáculos, levou tudo a cabo; saltou para o jardim no mesmo sítio do dia anterior e ocultou-se no caramanchão sem ser visto. Temia que o descobrissem porque se a dona da casa ou Foma soubessem que ele andava ali, cumprindo um dever de lealdade, seguiriam as instruções do irmão impedindo-lhe a entrada no jardim ou avisando-o de que era procurado.

Não havia ninguém naquele canto abandonado. Sentou-se a esperar, contemplando minuciosamente o local, que lhe pareceu mais velho e mais triste, ainda que a tarde estivesse a declinar, como no dia anterior. Um círculo na mesa denunciava ainda o copo de aguardente que Dmitri havia esgotado várias vezes. À mente de Aliocha acudiram ideias vagas e

indiferentes, próprias do tédio da espera. Surpreendia-se, por exemplo, por se ter sentado precisamente no mesmo lugar da véspera. Chegou a sentir-se oprimido por um sentimento de pasmo e incerteza. Um quarto de hora passou. De súbito foi atraído pelo som apagado de uma guitarra. Havia gente sentada ou que acabava de sentar-se nas ervas bravias, a uns vinte passos. Aliocha recordou-se de ter visto, antes, uns bancos verdes. Era aí que deviam encontrar-se, mas quem seria?

E logo começou a cantar uma voz de homem, aguda e doce, acompanhada à guitarra:

Com força inquebrantável
Me abraço à minha querida.
Tende piedade, Senhor,
De mim e dela
De mim e dela
De mim e dela!

A voz, entoando uma canção popular, parou para deixar ouvir outra de mulher, insinuante e tímida, que perguntava com fingida afetação:

— Por que está tanto tempo sem nos vir ver, Pavel Fedorovitch? Por que está sempre a desprezar-nos?

— Quem? Eu? — contestou uma voz afável com dignidade enfática. Era claro que o homem tinha todas as vantagens sobre a mulher que avançava concessões.

E Aliocha pensou: «Deve ser Smerdyakov, pela voz. E a moça deve ser a filha da dona da casa, essa que veio de Moscovo, que tem vestidos de cauda e vai ter com Marfa para que lhe dê a sopa.»

— Gosto imenso de versos, desde que rimem — continuou a mulher. — Por que não continua a cantar?

A voz do homem fez-se ouvir:

Que importa a saúde do rei
Se a da minha querida é boa
Tende piedade, Senhor,
De mim e dela,
De mim e dela,
De mim e dela!

— No outro dia soava melhor, era mais terno — observou a mulher. — «Se está bem a minha amada», dizia o verso. Suponho que o esqueceu, hoje.

— A poesia não serve de nada — disse Smerdyakov em tom brusco.

— Oh, não! Eu por mim fico encantada.

— Inútil, inútil! E vendo bem, quem é que no mundo fala em verso? Se as autoridades nos mandassem falar assim, diríamos muito pouco. A poesia não é nada sério, Maria Kondratyevna.

— Que inteligente você é! Como aprofunda todos os assuntos! — exclamou a mulher, cada vez mais insinuante.

— E podia fazer e saber mais se o meu destino me tivesse dado outra infância. Poderia matar em duelo qualquer um que se atrevesse a insultar-me porque sou filho de uma asquerosa vagabunda e não tenho pai. Em Moscovo, todos mo deitavam em cara. A culpa é de Grigory Vasilievitch, que o contou a toda a gente. Está sempre a repreender-me quando amaldiçoo o dia em que nasci, mas eu ter-lhes-ia perdoado que me tivessem morto ao nascer, que não me deixassem vir ao mundo. No mercado estão sempre a dizer, e a sua mãe também, com toda a falta de delicadeza, que os cabelos dela formavam uma touca empastada e que a sua estatura era a de uma anã, porque tinha só cinco pés. Por que razão lhe chamavam anã quando podiam chamar-lhe pequena como a qualquer outra? Têm de irritar os bons sentimentos de um camponês. Poderá dizer-se que um camponês russo sente como um homem educado? Um ignorante, pode dizer-se que carece de todo o sentimento. Desde pequeno, sempre ouvi chamar-lhe anã e cheguei ao ponto de quase rebentar de raiva. Odeio toda a Rússia, Maria Kondratyevna.

— Se você fosse um cadete da Academia Militar ou um jovem *hússar,* em vez de falar assim puxaria da espada em defesa da Rússia.

— Não quero ser *hussar,* Maria Kondratyevna. Gostaria, pelo contrário, que a milícia fosse abolida.

— E se viesse o inimigo, quem nos defenderia?

— Nem nos faz falta. Em 1812, Napoleão invadiu a Rússia. Era o primeiro imperador dos franceses, pai do atual; e teria sido melhor que nos tivesse conquistado. Uma nação inteligente conquista outra estúpida anexando-a. Talvez nesse caso tivéssemos tido instituições bem diferentes.

— Vive-se melhor nesse país do que neste? Não trocaria um janota que conheço por três jovens ingleses — observou a mulher com ternura. E sem dúvida que devia ter acompanhado as suas palavras com o mais lânguido olhar.

— Depende do gosto de cada um.

— Você é agora como um estrangeiro, como o mais nobre deles. Digo-lhe isto, ainda que me envergonhe.

— Se quer saber a verdade, os dali e os daqui são semelhantes nos vícios. São todos uns safados, mas os malandros de lá dão lustro às botas e aqui espojam-se no lodo e ninguém vê isso com maus olhos. O povo russo necessita de chicote, como dizia muito bem, ontem, Fedor Pavlovitch, embora seja um louco, como os filhos.

— Dizia que gostava muito de Ivan...

— Sim, mas chamou-me lacaio hediondo. Toma-me por um perdulário e engana-se. Se tivesse junto uma certa soma já me tinha posto a andar. Dmitri Fedorovitch é o mais baixo dos lacaios pela sua conduta, pela sua inteligência e pela sua pobreza. É incapaz de fazer algo que proveito tenha e, em troca, todos o respeitam. Eu sou um cozinheiro, mas com um pouco de sorte talvez possa abrir um bar em Petrovska, em Moscovo, porque tenho uma arte que lá ninguém possui, exceto os estrangeiros, e mesmo estes não estão especializados como eu. Dmitri Fedorovitch é um mendigo, mas se provocar para um duelo um filho de um conde bater-se-á com ele. E em que é ele melhor do que eu? Pois se é mais bruto e gastador?

— O duelo deve ser uma coisa muito bonita — observou Maria Kondratyevna.

— Porquê?

— Deve ser tão espantoso e tão valente o feito de dois oficiais, de pistola na mão, que se batem pelo amor de uma dama! Que quadro tão horroroso! Ah, se fosse permitido às jovens observar um duelo gostaria de ver pelo menos um.

— Isso está muito bem para aquele que dispara contra o inimigo, mas se você visse que lhe apontavam ao focinho não acharia muito divertido e optaria por fugir.

— Isso quer dizer que você desataria a correr?

Smerdyakov não iludiu a resposta. Depois de um curto silêncio dedilhou de novo a guitarra e elevou a sua voz de falsete:

Digas tu o que disseres,
Eu escaparia,
A viver longe de ti
Com alegria,
Sem lamentos,
Sem, penas,
Sem intentos,
De recordar-me de ti.

Nessa altura aconteceu algo imprevisto: Aliocha espirrou. Fez-se silêncio. O monge saiu do seu esconderijo e aproximou-se do par. Smerdyakov vestia e calçava com elegância e o cabelo brilhava de pomadas e ondas. No banco estava a guitarra. A companheira, filha da casa, tinha um vestido azul-claro, de cauda de dois metros. Jovem e bem-parecida, o rosto era redondo e cheio de sardas.

— O meu irmão irá demorar-se? — perguntou o mais serenamente que conseguiu articular.

Smerdyakov levantou-se com lentidão e Maria Kondratyevna também se pôs de pé.

— Como poderei sabê-lo? Serei por acaso seu guardião? — respondeu Smerdyakov, tranquilo e arrogante.

— Pergunto apenas se sabe — explicou Aliocha.

— Não sei nada dele nem vontade tenho de saber.

— Pois meu irmão disse-me que costumava pô-lo ao corrente de tudo o que se passava lá em casa e prometeu avisá-lo de quando viesse Agrafena Alexandrovna.

Smerdyakov dirigiu-lhe um olhar penetrante e, sem mover os olhos, perguntou-lhe:

— Como foi que entrou aqui, se há uma hora que a grade está fechada?

— Saltei a cerca pela parte de trás e meti-me no caramanchão. Espero que me desculpem — acrescentou, dirigindo-se mais a Maria Kondratyevna. — Tinha bastante urgência em ver meu irmão.

— Oh, como se isto fosse pecado! — disse Maria tomando como lisonja a desculpa. — Dmitri não vai por outro caminho para o caramanchão. A maior parte das vezes está lá e nós não o sabemos.

— Queria muito vê-lo ou que me digam onde posso encontrá-lo. Tenho de comunicar-lhe um assunto de grande importância.

— Ele nada nos disse — gaguejou a moça.

— Ainda que esteja aqui como amigo da casa — interpôs Smerdyakov —, Dmitri Fedorovitch não faz outra coisa senão moer-me sem piedade com as suas incessantes perguntas sobre o meu amo. «Que há de novo?», pergunta. «Que se faz lá por casa? Quem entra e quem sai?» Não posso dar resposta a tudo e por isso me ameaçou de morte duas vezes.

— De morte? — exclamou, surpreendido, Aliocha.

— Julga que é preciso muito, com o caráter que lhe observei ontem? Pois disse que se Agrafena Alexandrovna for lá a casa e passar lá a noite, serei eu o primeiro a pagar por isso. Meteu-me medo e avisaria até a polícia se não fosse já bastante. Deus sabe o que fará!

— Ainda no outro dia lhe disse: «Dou cabo de ti com um tiro!» — acrescentou Maria.

— Sendo assim, falava por falar — observou Aliocha. — Se o vir, hei de dizer-lhe qualquer coisa acerca disso.

— Só tenho que acrescentar — explicou Smerdyakov, querendo provar que andava bem informado — que estou aqui como velho amigo e vizinho. Mas estaria perdido se não tivesse vindo. Por outro lado, Ivan Fedorovitch mandou-me esta manhã à Rua do Charco com o encargo verbal de convidar Dmitri Fedorovitch a almoçar com ele no restaurante do mercado. Não encontrei Dmitri em casa e eram apenas oito horas. «Veio a casa, mas partiu logo», foram as palavras da senhoria, como se entre eles houvesse uma combinação. Talvez esteja no restaurante, com Ivan, pois este não foi almoçar a casa e Fedor Pavlovitch comeu só, há uma hora, e depois foi deitar-se. Peço-lhe, no entanto, que não fale de mim nem do que lhe disse, porque seria capaz de me matar por qualquer outra coisa.

— Meu irmão convidou Dmitri para jantar com ele? — perguntou vivamente Aliocha.

— Sim, senhor.

— Na taberna *La Metropoli,* da praça?

— Isso mesmo.

— É muito possível! — exclamou Aliocha, excitado. — Obrigado, Smerdyakov! O que tenho a dizer-lhe é muito importante. Vou-me embora a correr.

— Não lhes fale de mim! — gritou-lhe o lacaio.

— Oh, não! Passarei por lá como que por acaso. Não estejas preocupado.

— Espere um pouco. Vou abrir-lhe a porta — gritou Maria Kondratyevna.

— Não é preciso, obrigado. Vou mais depressa se saltar a cerca.

Aliocha dirigiu-se à taberna, muito emocionado pelo que acabava de ouvir. Era-lhe impossível entrar naquele estabelecimento com o hábito, mas perguntaria pelos irmãos ao porteiro e faria com que viessem falar-lhe. Precisamente quando chegou lá abriu-se uma janela e Ivan chamou por ele lá de dentro:

— Aliocha! Podes entrar? Agradecia-te imenso.

— Claro que posso, mas com o hábito... não sei se deva...

— Estou num gabinete separado. Sobe que vou ao teu encontro.

Um momento depois, Aliocha sentava-se ao lado do irmão, que comia só.

Capítulo 3 — Os Irmãos Intimam

Ivan estava não no gabinete particular, mas num canto da primeira sala, atrás de um biombo que o impedia de ser visto. Perto, de encontro à parede, a porta da cozinha por onde os criados entravam e saíam.

O único cliente daquela sala era um velho militar retirado que tomava chá muito em paz, mas de dentro chegava a barafunda própria de uma taberna e uma mistura de gritos dos moços, estampidos de garrafas ao serem desrolhadas, o bater de bolas de bilhar e o som do órgão. Aliocha sabia que Ivan não gostava daquela taberna nem de nenhuma outra e pensou que devia ter ido só para se avistar com Dmitri, que não aparecera.

— Vou pedir que te sirvam uma sopa de peixe ou qualquer outra coisa, pois ninguém pode passar só com chá — disse Ivan, muito contente por estar com o irmão.

— Pois venha a sopa e depois o chá. Tenho fome — concordou Aliocha.

— E presunto doce? Aqui tens. Lembras-te de que gostavas tanto disto quando eras pequeno?

— E tu, lembras-te? Pois que venha o presunto, que ainda aprecio.

Ivan chamou o criado e pediu uma sopa, presunto e chá.

— Lembro-me de tudo, Aliocha. Há tanta diferença entre quinze e onze anos que os irmãos dessa idade não se sentem companheiros. Não sei se nessa altura gostava de ti. Durante os primeiros cinco anos passados em Moscovo não me lembro de ti para nada. Recordo apenas que quando tu vieste só te vi uma vez, não sei onde. E agora passei aqui mais de três meses e apenas trocámos algumas palavras. Vou-me embora amanhã e pensava em como me despediria quando te vi passar.

— Tinhas então desejo de me ver?

— Tinha, sim. Queria conhecer-te e queria que me conhecesses, para levantar voo. Quanto a mim, é preferível que as pessoas se conheçam antes de se separarem. Durante estes três meses notei que me olhavas com atenção. Os teus olhos revelaram uma fiscalização que me foi insuportável, afastando-me sempre. Por fim, aprendi a respeitar-te. És um

homem pequeno, mas de vontade firme, pensei. Não faças caso se me rir, porque te falo em tom sério. Não é certa essa tua firmeza? Pois eu gosto dos homens firmes, sejam quais forem os seus princípios, ou que apenas sejam uns homenzinhos como tu. Os teus olhos encantadores deixaram de me incomodar e cheguei até a gostar deles por isso. Ao mesmo tempo parece-me, Aliocha, que também tu me tens um afeto especial.

— Gosto de ti, Ivan. Dmitri diz que és uma tumba, mas acho que és um enigma. Continuas a sê-lo mesmo neste momento. Contudo, comecei a ver algo em que não reparara até esta manhã.

— O que é? — riu Ivan.

— Não te zangas? — perguntou Aliocha, rindo também.

— Vamos, homem!

— Que és tão jovem como qualquer outro de vinte e três anos, tão fresco, tão bom e tão jovial. Não terei sido demasiado cruel na minha apreciação?

— Pelo contrário, admira-me uma coincidência — exclamou Ivan, animado e de bom humor. — Acreditas que desde que nos vimos, hoje, não pensei noutra coisa senão na minha bizarra juventude? E, como se o tivesses adivinhado, pões-te a falar-me do mesmo. Sentado aqui dizia a mim próprio: ainda que não acreditasse na vida, ainda que perdesse a fé na minha amada e na ordem das coisas e me convencesse que tudo é desordem e um caos maldito e infernal, e me invadisse o horror de todas as desilusões humanas, desejaria viver, e uma vez provado o cálice não o abandonaria até havê-lo acabado. Aos trinta anos talvez o deite fora mesmo sem o ter esvaziado, e afastar-me-ei, não sei para onde. Mas até lá a minha juventude triunfará de tudo, de toda a desilusão, de todos os desgostos do viver. Várias vezes me perguntei se há no mundo um desespero capaz de mitigar esta sede frenética, talvez inconveniente, de vida, que sinto em mim, e cheguei à conclusão de que não existe, de que até aos trinta andarei sedento e então apagar-se-á em mim esse ardor. Alguns malabaristas apáticos, irascíveis e fracos de espírito, entre os quais abundam os poetas, reputam de vileza esta sede de viver. Bem sei que é característico dos Karamazov esta sede de vida sem consideração seja pelo que for e tu mesmo a sentes, mas o que tem de vil tal ansiedade? A força centrípeta mantém-se no mundo em todo o seu vigor, Aliocha. Sinto um imenso anseio de viver e viverei, a despeito de toda a lógica. Posso não crer na ordem do Universo, mas amo a ternura suculenta das folhas que se

abrem na primavera, o azul do céu, certa classe de gente a quem se ama por vezes sem saber porquê. Amo os atos heroicos de alguns homens que de outro modo não me inspirariam confiança; mas amo-os por hábito inveterado de ponderação e apreço. Aqui está a sopa. Come que te faz bem. É uma sopa de primeira, é estupenda. Desejo viajar pela Europa, Aliocha, e ficarei a viver longe daqui. Bom, já sei que, ao fim e ao cabo, irei parar a um cemitério, mas a um cemitério mais sumptuoso do que este; isso, sim. Ali descansam os restos de preciosos mortos, cujas lápides sepulcrais falam de uma vida tão ardente, de uma tão apaixonada fé no trabalho, na verdade, na luta e na ciência dos próprios sepultados, que tenho a certeza de cair por terra, de beijar as pedras e de as molhar com as minhas lágrimas; e não com o convencimento de que é tudo um cemitério e nada mais. Não chorarei de desespero, mas pelo prazer das lágrimas, pelo deleite de fundir a minha alma na emoção. Amo as ternas folhas da primavera, o céu azul e... é tudo. Não há nisto raciocínio nem lógica, não há mais do que amor de dentro, amor de estômago. É o impulso da primeira juventude o que se ama. Entendes alguma coisa desta embrulhada, Aliocha? — E Ivan soltou uma gargalhada,

— Entendo-o demasiado bem, Ivan. Ansiamos amar com todas as entranhas, com o estômago. Falaste muito bem e as tuas ânsias de vida entusiasmam-me! — exclamou o monge. — Eu creio que se deve amar a vida sobre todas as coisas.

— Amar a vida mais do que o seu sentido?

— Sim, a vida, sem considerações nem lógica, como tu dizes; quando não nos importarmos com a sua lógica compreenderemos o seu sentido. Há algum tempo já que penso o mesmo. Tu tens feito metade do trabalho, Ivan, porque amas a vida; procura agora fazer o que falta e serás salvo.

— Tu pretendes a minha salvação, mas não estou perdido. E que entendes por aquilo que falta?

— Tens que ressuscitar os teus mortos que, ao fim e ao cabo, talvez ainda não tenham morrido. Olha, dá-me chá. Sinto-me contente por estar a falar contigo.

— Vejo que estás inspirado. A mim encanta-me ouvir a *profession de foi* dos lábios de um noviço como tu. És um homem de caráter, Alexey. É verdade que queres deixar o mosteiro?

— Sim. O meu Venerável envia-me para o século.

— Pois ver-nos-emos lá. Encontrar-nos-emos antes que eu cumpra os trinta anos, quando tenha chegado às fezes e esteja a ponto de rejeitar o cálice. O nosso pai não quer deixá-lo antes dos setenta e ainda pretende chegar aos oitenta, apurando-o, segundo diz. Embora seja um brincalhão, os seus propósitos são, quanto a isto, os mais sérios. Permanece firme como uma rocha, apoiado no seu sensualismo, ainda que eu creia que, depois dos trinta anos, não resta nada que seja sólido... Aguentar-se até aos setenta é repugnante, vale mais deixá-lo já aos trinta. Pode-se conservar uma aparência de nobreza enganando-se a si mesmo. Viste Dmitri, hoje?

— Não, mas vi Smerdyakov.

E Aliocha contou o seu encontro com o criado. Ivan escutava-o com ansiedade e fazia-lhe perguntas.

— Pediu-me que não repita a Dmitri nada do que me disse dele — acrescentou Aliocha.

Ivan franziu a testa e mostrou gestos de ponderação.

— Inquietas-te por causa de Smerdyakov? — perguntou Aliocha.

— Sim, por Smerdyakov. Diabo! Desejava ver Dmitri, mas agora tanto faz — disse Ivan com desgosto.

— E partes tão depressa, irmão?

— Sim.

— Que me dizes de Dmitri e do nosso pai? Como acabará tudo isto? — perguntou Aliocha com grande interesse.

— Estás sempre repisando no mesmo! Que tenho eu a ver com isso? Acaso serei o guardião de meu irmão? — exclamou Ivan, irritado, mas logo sorriu com amargura. — A resposta de Caim acerca do irmão assassinado, não é verdade? É o que pensas, sem dúvida. Mas que diabo! Não posso ficar aqui para o vigiar! Já acabei o que tinha que fazer e vou-me embora. Crês que tenho ciúmes de Dmitri, que durante estes três meses tratei de lhe roubar a sua formosa Catalina Ivanovna. Endoideceste! Tinha os meus assuntos a resolver, resolvi-os e vou-me. Acabei tudo há pouco, tu próprio o viste.

— Com Catalina Ivanovna?

— Sim, e recobrei a minha liberdade para sempre. Ao fim e ao cabo, que tenho a ver com Dmitri? Dmitri não entra neste cozinhado. Eu tinha os meus assuntos particulares a resolver com Catalina Ivanovna. Bem sabes que o nosso irmão se portava como se entre os dois houvesse um mútuo acordo. Nada lhe pedi, foi ele que a colocou solenemente nas minhas mãos

e nos deitou a bênção. Sim, é de rebentar a rir! Se soubesses, Aliocha, como está exaltado hoje o meu coração! Acreditas que enquanto comi estive quase a pedir champanhe para celebrar a primeira hora da minha liberdade? Puf! Passei seis meses de escravidão e, de repente, acabo com tudo e declaro-me livre. Ontem ainda não podia sonhar que fosse assim tão fácil acabar com isto, embora o desejasse.

— Mas... falas do teu amor, Ivan?

— Do meu amor, se assim o queres. Sim, estava apaixonado por essa moça. Fazíamo-nos sofrer mutuamente. Nada me preocupava mais do que ela... e num instante tudo se desvaneceu. Esta manhã falava eu com uma unção inspirada... pois bem, ao sair para a rua rompi em gargalhadas. Acredita-me. É a pura das verdades.

— Parece que isso te diverte muito — observou o monge, olhando-o atentamente no rosto que, de súbito, se tornara mais corado.

— Mas como poderia eu dizer que não me interessa nada? Ah, isso não poderei fazer! Mostrou-se-me sempre tão atraente que até mesmo agora falei sob a influência dos seus encantos. Dir-te-ei também que me atrai imenso quando te estou a afirmar que é fácil deixá-la. Ou pensarás que isto é vaidade?

— Não, mas não me parece que seja amor.

— Aliocha — disse Ivan, rindo —, não me venhas com reflexões sobre o amor; não te ficariam bem. Como te misturaste hoje na conversa! Parti sem te beijar por causa disso... Sabes como me sentia torturado? Estava à beira de um abismo de dor. Ela sabia que eu estava apaixonado! Amava-me a mim e não a Dmitri! — insistiu Ivan, alegremente. — O seu afeto por Dmitri não era outro senão o gosto de sentir o coração inundado. Tudo o que eu lhe disse até agora não é mais do que a verdade, mas o pior é que vai precisar de quinze ou vinte anos para compreender que não é a Dmitri a quem ama, mas a mim, que sofro por ela... é até capaz de nunca na vida o entender, apesar da lição de hoje. Pois bem, mais vale assim. Que o meu afastamento lhe seja proveitoso. A propósito, como está ela? Que sucedeu depois de me despedir?

Aliocha contou-lhe a crise de Catalina, acrescentando que continuava sem sentidos e delirante, segundo as últimas informações.

— Não estará a exagerar, a senhora Hohlakov?

— Não creio.

— Hei de sabê-lo. Ninguém morre de uma crise nervosa. Não tem importância. Deus fez as mulheres histéricas para que desabafem à vontade. Não voltarei a vê-la, não. Por que razão me hei de colocar à sua frente?

— Por que lhe disseste que nunca gostou de ti?

— Fi-lo de propósito. Aliocha, vou pedir champanhe, hem? Bebamos pela minha liberdade. Ah! Se soubesses como estou contente!

— Não, irmão. É melhor que não bebamos — respondeu o monge. — Além do mais sinto uma certa opressão no peito.

— Isso já é crónico em ti. Há muito que o noto.

— Sempre estás decidido a partir amanhã?

— Amanhã? Eu não disse que iria de manhã... Mas talvez o faça. Acreditas que se estou aqui a comer, hoje, é apenas para não ter que acompanhar o velho à mesa? Aborreço-o! Se fosse só por ele, há muito que o teria deixado. Mas por que razão te há de inquietar assim a minha partida? Ainda temos tempo. Resta-nos uma eternidade!

— Mas que eternidade, se partes amanhã!

— E depois? — perguntou Ivan rindo. — Temos tempo suficiente para falar, por isso estamos aqui. Por que me olhas tu surpreendido? Diz-me. Por que estamos aqui? Para falar do meu amor por Catalina Ivanovna, do velho e de Dmitri, de viagens, da situação fatal da Rússia ou do imperador Napoleão? Que dizes?

— Que não.

— Então deves saber para quê. Noutras cidades é diferente, mas entre a nossa juventude há que expor acima de tudo os problemas eternos. São o objeto da nossa predileção. Hoje em dia, os jovens russos não falam de outra coisa que de questões eternas, enquanto os velhos não dão atenção mais do que a questões práticas. Por que razão me olhaste com tal interesse durante três meses? Para me perguntares em que acreditava e em que deixava de acreditar? Eu, pelo menos lia essa pergunta nos teus olhos. Não foi assim?

— É possível — sorriu Aliocha. — Estás a rir-te de mim, Ivan?

— Eu? Rir-me? Não desejaria desgostar um irmão que durante três meses me olhou com olhos tão cheios de esperança. Aliocha, repara em mim. Não sou mais do que um moço como tu, embora não seja noviço. E que fazem agora os rapazes russos, ou grande parte deles? Reúnem-se num canto de uma taberna horrível como esta. Conhecem-se de outros lados, e

quando deixam a taberna não tornam a ver-se durante quarenta anos. Sabes de que falam enquanto dura a sua amizade transitória de taberna? De questões eternas, da existência de Deus, da imortalidade. E os que não creem em Deus falam de socialismo ou anarquismo, da evolução da humanidade para uma nova ordem; de modo que tudo tende para o mesmo, a mesma pergunta posta de outra maneira. As massas, as massas da mais castiça juventude russa não falam senão de questões eternas. Não é verdade?

— Com efeito — respondeu Aliocha olhando o irmão, sorridente e inquisidor ao mesmo tempo —, para os verdadeiros russos a existência de Deus e a imortalidade, ou como tu dizes, a mesma pergunta posta ao contrário, é o principal e o mais interessante. E assim deve ser!

— Bem, Aliocha; não dá provas de grande inteligência quem quer ser um russo em tudo, mas nada se pode imaginar de tão estúpido como a maneira de perder o tempo com essas sempre eternas conversas. Contudo, há um mocito russo chamado Aliocha a quem eu quero muito.

— Com que finura o dizes! — riu o monge.

— Pois bem, por onde vamos começar? Tu é que mandas. Pela existência de Deus?

— Como queiras. Ontem afirmavas em casa do nosso pai que Deus não existe.

Aliocha dirigiu a seu irmão um olhar penetrante.

— Disse-o para te contrariar. Reparei como os teus olhos brilhavam! Mas agora não tenho inconveniente em discutir contigo. Formalmente! Desejo que sejamos amigos, Aliocha, porque estou sem amizades e quero tê-las. Pois bem; supõe que admito a existência de Deus. Surpreende-te, não?

— Naturalmente, a não ser que brinques.

— Não brinco, não. Quando me divirto, como ontem diante do Venerável, é o que digo. Já sabes, meu filho, que no século XVIII existiu um pecador empedernido que declarou que se Deus não existisse teria que se inventar? *S'il n'existait pas Dieu*, *il faudrait l'inventer.* E, com efeito, o homem inventou Deus. O estranho do caso, e o que se torna maravilhoso, não é que Deus exista realmente, mas que essa ideia, a ideia da necessidade de Deus penetre no cérebro de um animal tão feroz e degradado como o homem. Tão santa, tão sábia, tão comovedora ideia, honra grandemente aquele que a possui. Quanto a mim, há tempo que

resolvi não pensar se foi Deus que criou o homem ou se foi o homem que criou Deus. Não quero deixar-me arrastar por todos esses axiomas tão sovados pela juventude russa e reduzidos a tal objeto de hipótese europeia, pois o que ali se apresenta como hipótese é aceite como axioma entre os rapazes russos, e não só entre a rapaziada, entre os próprios professores que, com frequência, na Rússia, são os mesmos. Omitamos, pois, toda a hipótese e sigamos um caminho novo. Procurarei expor-te, o mais breve possível, o essencial do meu ser, que classe de homem sou, em que creio e em que espero, não é assim? Por conseguinte, tenho de começar declarando simplesmente que admito a existência de Deus. Mas deves ter em conta que se Deus existe e se foi Ele na realidade que criou o mundo, subentende-se que o fez segundo a geometria de Euclides, dotando a inteligência humana do conceito das três dimensões do espaço, embora existam geómetras e filósofos de grande prestígio que põem em dúvida que o universo, ou falando mais em geral, tudo o que existe, tenha sido criado estritamente segundo as leis de Euclides; e atrevem-se a supor que duas linhas paralelas que segundo o mesmo Euclides não podem encontrar-se na terra, poderão encontrar-se em algum ponto do infinito. Eu cheguei à conclusão de que se nem isto posso chegar a compreender, tentarei em vão chegar ao conhecimento de Deus. Humildemente reconheço que as minhas pobres faculdades não podem expor esta questão, porque com uma inteligência eminentemente euclidiana, terrestre, como irei resolver problemas que não são deste mundo? E aconselho-te, querido Aliocha, que nunca penses nessas coisas, especialmente em Deus, exista ou não exista. Tais questões escapam em absoluto a uma inteligência feita para conceber apenas a ideia de três dimensões. Pois bem, admito a existência de Deus de boa vontade e, ainda mais, concedo a sua sabedoria, a sua providência, que está inteiramente fora do nosso alcance; creio na ordem sobrenatural e no sentido da vida; creio na harmonia eterna com que um dia temos de nos confundir. Creio no Verbo para que tende o Universo e que estava em Deus e que o mesmo era Deus, etc., etc., até ao infinito: porque isto pode expressar-se de mil maneiras. Parece que vou por bom caminho, não é verdade? Pois crê-me, em definitivo, não admito este mundo de Deus. Sei que existe, mas não o admito de maneira nenhuma. Não que contradiga a existência de Deus, entendamo-nos. O que não admito, nem posso admitir, é o mundo criado por Ele. Eu explico: estou convencido, como uma criança, de que os sofrimentos se acalmarão

e desaparecerão, de que o humilhante absurdo das contradições humanas se desvanecerá como uma pobre ilusão, como uma vil invenção desse débil átomo de espírito euclidiano, que no fim do mundo, chegado o momento da harmonia infinita, se produzirá algo tão precioso que bastará para satisfazer todos os corações, para acalmar todas as indignações, para expiar todos os crimes da humanidade e todo o sangue por ela vertido; que será possível não só esquecer, mas sim justificar quanto sucedeu sobre a terra. Tudo isso pode ser, mas não o aceito. Não quero aceitá-lo. Ainda que duas linhas paralelas se encontrem e eu o veja, veria e diria que se encontram, mas não o acreditaria. Isto é o que existe arreigado em mim, Aliocha. É este o meu credo e falo-te seriamente. Comecei da maneira mais tonta possível, mas cheguei à minha confissão, que é o que tu querias. Não te interessava que te falasse de Deus, mas sim conhecer de que vivia o espírito do teu querido irmão. Pois agora já sabes.

Ivan terminou o seu longo discurso com uma vivacidade insuspeitada.

— E por que começaste da maneira mais tonta possível? — perguntou Aliocha olhando-o atónito.

— Primeiro que tudo, porque sou russo. As conversas dos russos sobre este tema têm sempre uma origem estúpida. Ora diz-se que quanto mais estúpido se é, tanto mais perto se está da realidade. Quanto mais tonto, mais claro. A estupidez é concisa, não tem má fé, ao passo que a inteligência se esconde e se torce. Na inteligência há velhacaria e na estupidez nobreza e retidão. As minhas palavras deixaram a descoberto o meu desespero, e quanto mais estupidamente o tenha apresentado melhor para mim.

— Dir-me-ás por que razão não admites o mundo? — perguntou Aliocha.

— Com certeza! Não é um segredo; queria chegar a isso, precisamente. Irmão, não quero corromper-te nem arrancar-te aos teus princípios; antes pelo contrário, quereria curar-me com a tua ajuda. — E Ivan sorriu como uma boa criança, como Aliocha nunca o havia visto sorrir.

Capítulo 4 — Rebelião

— Devo fazer-te uma confissão — começou Ivan. — Nunca compreendi que se possa amar ao próximo. É precisamente ao próximo, no sentido restrito, o que não se pode amar, pois à distância ainda concebo e admito que se ame ao próximo. Não sei onde li acerca de João, o Misericordioso, que quando lhe aparecia um vagabundo morto de fome e de frio lhe dava acolhimento no seu leito, estreitava-o nos braços e colava a sua boca à do mísero, talvez infetada e corrupta por alguma doença, a fim de lhe dar alento. Estou convencido de que fazia isto vencendo uma espantosa repugnância, cumprindo um dever imposto por um falso conceito da caridade, como uma penitência. Para se amar um homem é necessário estar escondido. Desde que se mostre o rosto, desaparece o amor.

— O Padre Zossima falou-nos disso em várias ocasiões — observou Aliocha — dizendo que o rosto de um homem afasta com frequência o amor de muitos corações inexperientes. Mas na humanidade existe ainda muito amor, e amor como o de Cristo. É o que consta, Ivan.

— Pois eu não sei nada disso nem posso compreendê-lo, e acontece o mesmo com a maior parte da humanidade. A questão é saber se isso se deve à maldade do homem ou é algo inerente à sua natureza. Em meu entender, um amor como o de Cristo é um milagre, impossível de realizar na Terra. Cristo era Deus e nós não somos deuses. Suponhamos, por exemplo, que eu sofro profundamente. O meu próximo não pode suspeitar até que ponto sofro porque ele é outro e não eu. Além disso, raramente está o homem disposto a admitir que outro sofra, como se isto fosse uma distinção. E porquê? Sabe-lo? Por outro lado há sofrimentos e sofrimentos. O meu benfeitor consentirá, por acaso, que me faça sofrer alguma coisa ignóbil, algo que me deixe em ridículo, que me humilhe, como por exemplo a fome. Mas se o meu sofrimento se eleva a uma causa ideal, não é fácil que mo conceda porque, na melhor das hipóteses, a minha cara não terá a impressão que segundo ele deveria ter a de quem sofre por um ideal. Na mesma ocasião me recusará a piedosa ajuda, e isso não será

precisamente por maldade de coração. Os indigentes em especial, os pobres fidalgos, não devem deixar nunca que os vejam, mas sim solicitar a caridade através da imprensa. É possível amar ao próximo em abstrato ou de longe, mas ao vizinho é quase impossível. Se ao menos acontecesse o que se passa na cena ou nos bailes, os mendigos que vestem farrapos de seda e faixas de fantasia nem sequer pedem, quando dançam... Mas nem mesmo assim os amaríamos. Bem, por ora basta: apenas queria mostrar-te o meu ponto de vista. Gostaria de te falar sobre a dor da humanidade em geral, mas limitar-me-ei ao que sofrem as crianças. Isto reduzirá o alcance do meu argumento a dez por cento. Fiquemos pelas crianças, ainda que a força do meu assunto enfraqueça. Amam-se as crianças mesmo que estejam perto, sujas ou sejam feias. Tenho de te confessar que, para mim, não existem crianças feias. Não quero falar dos adultos porque além de serem desagradáveis e indignos de estima têm a compensação de haver comido a maçã, e conhecendo o bem e o mal são «como deuses» e continuam a comê-la. Os pequenos, por outro lado, como nada comeram, são inocentes. Gostas de crianças, Aliocha? Já sei que sim e compreenderás por que prefiro falar-te delas. Se elas sofrem também horrivelmente na Terra, há que imputá-lo aos pecados dos pais; são castigados porque eles comeram a maçã, mas esta lógica é de ordem sobrenatural e torna-se incompreensível para o coração do homem na Terra. Os inocentes não devem sofrer os pecados dos outros e ainda menos esses anjinhos! Podes admirar-te, Aliocha, mas a mim entusiasmam-me as crianças. Repara que os homens cruéis e violentos, os Karamazov, se mostram enamorados com frequência das ternas criaturas. É que os miúdos, enquanto são pequenitos, até aos sete anos, por exemplo, diferem tanto dos adultos que até parecem pertencer a outra espécie. Conheci um condenado que durante a sua carreira de bandido havia assassinado famílias inteiras e várias crianças. Pois na prisão mostrava um raro afeto pelos miúdos. Passava o tempo a contemplar até as brincadeiras deles, no pátio. Ensinou um a trepar à sua janela e tornaram-se bons amigos... Sabes por que te digo tudo isto, Aliocha? Dói-me a cabeça e sinto uma tristeza...

— Tens um aspeto estranho — notou o monge, num esforço. — Parece que deliras.

— Pois não há muito encontrei em Moscovo um búlgaro — continuou Ivan, como se não tivesse ouvido o que dizia o irmão — que me contou os crimes cometidos pelos turcos e pelos circassianos em todo o seu país,

sem medo de uma sublevação geral dos eslavos. Incendeiam as povoações, assassinam, ultrajam as mulheres e as crianças, cravam os prisioneiros às paliçadas pelas orelhas e deixam-nos assim até ao dia seguinte. Então enforcam-nos... Quantas brutalidades possas imaginar. As pessoas falam de crueldades ferozes, mas isto, além de injusto, é uma injúria que se faz às feras; uma fera nunca será tão cruel como um homem, tão artisticamente cruel. Tudo o que o tigre pode fazer é matar e dilacerar. Nunca se lembraria de prender gente pelas orelhas, ainda que o pudesse fazer. Pois os turcos encontram um profundo prazer em torturar as crianças, em arrancar os bebés ao seio maternal, em lançar ao ar os de peito para os apanharem na ponta da baioneta perante o olhar das mães. Que estas vejam isso é o que os diverte de verdade. E ainda há outro caso que me parece muito interessante. Imagina uma mãe tremendo com o filho nos braços no meio de um ajuntamento de turcos. Querem divertir-se e acariciam o pequenino, rindo para fazê-lo rir. Conseguem-no, por fim. Então um deles aponta-lhe uma pistola à cara, a quatro dedos de distância. O pequeno ri com gosto e abre as suas mãozinhas para mexer na arma. O outro aperta o gatilho e a bala atravessa o rosto da criança. Artístico, hem? Algum motivo há em dizer que os turcos apreciam as coisas belas.

— Mas aonde iremos parar, irmão? — perguntou Aliocha.

— Pensa que o diabo não existe, mas que o homem o criou à sua imagem e semelhança.

— Então como a Deus?

— «É admirável como dás voltas às palavras», disse Polónio, no *Hamlet* — riu Ivan. — Viras contra mim as minhas próprias palavras. Pois bem, alegro-me com isso. Bonito ficaria Deus se o homem o criasse à sua imagem e semelhança! Pois aonde iremos nós parar? Olha, sou colecionador de recortes de certos acontecimentos que recolho dos jornais e livros, anedotas que valham a pena e creio que sou dono de uma coleção bem pitoresca. Os turcos, ainda que estrangeiros, também lá tiveram o seu lugar. Mas especializei-me em feitos dos nossos, que são de mais gosto do que os deles. Já sabes como somos dados aos açoites. A vara e o chicote são a nossa instituição. Perfurar as orelhas é algo incompreensível para nós, que somos europeus antes de mais nada. Mas quanto ao cajado e ao chicote, empunhamo-los sempre, não os podemos deixar. Fora da Rússia já quase não se açoita agora, talvez porque as leis protegem o homem contra os açoites. Não obstante, substitui-se o nosso castigo nacional por outros

não menos genuínos, de tal modo que seria materialmente impossível para nós aplicá-los, apesar de acreditar que seremos contagiados, se pega entre a nobreza o movimento religioso que começa a notar-se. Possuo um delicioso folheto traduzido do francês que refere a execução de um réu, um assassino chamado Ricardo, em data recente, há uns cinco anos. Era um jovem de vinte e três, se não me engano, que, arrependido, se converteu à fé cristã quase nos degraus do patíbulo. Ricardo, um bastardo cujos pais o abandonaram aos seis anos, viveu com uns pastores alpinos que o criaram a seu modo. Cresceu como uma ferazinha, sem a menor noção de nada, comendo pouco e vestindo pior, sempre atrás do rebanho desde os sete anos sem que ninguém se preocupasse com a sua vida selvagem. Os pastores acreditavam ter todos os direitos sobre ele, consideravam-no como um objeto e não viam a necessidade de o alimentar. O próprio Ricardo conta que durante aqueles anos ansiava, como filho pródigo do Evangelho, participar da comida que davam aos porcos para os engordar por lucro, mas nem isso lhe era consentido, e quando furtava algo aos porcos recebia um tabefe. Assim passou a infância e a juventude, até que se achou com bastante força para fugir e fazer-se ladrão. O selvagem começou a ganhar a vida como vendedor de jornais, em Genebra. Bebia tudo, vivendo em completo embrutecimento até que um dia matou um velho para o roubar. Apanharam-no, processaram-no e foi condenado à morte. Ali não há sentimentalismos que valham. No cárcere vê-se imediatamente rodeado de padres, de membros de várias irmandades, de irmãs de caridade. Ensinam-no a ler e a escrever, explicam-lhe o Evangelho. Exortam-no, afagam-no, entontecem-no, até que por fim confessa solenemente o seu crime. Converte-se. Escreve ele mesmo ao tribunal apelidando-se de monstro, mas que Deus teve a bondade de o iluminar, mostrando-lhe a Sua Graça. Toda a cidade de Genebra, da filantrópica e religiosa Genebra, se comove. Toda a nobreza, toda a alta sociedade acode ao cárcere e quer abraçar e beijar Ricardo. «Tu és nosso irmão e conseguiste a graça.» Ele não faz mais do que chorar, chorar de emoção. «Sim, encontrei a graça! Até agora apetecia-me a comida dos porcos, mas por fim encontrei a graça e morrerei no Senhor!» «Sim, Ricardo, morrerás no Senhor. Derramaste o sangue do teu próximo e deves morrer. Não era culpa tua se não conhecias a Deus quando cobiçavas a comida dos cerdos e te davam um tabefe cada vez que roubavas algo destinado à sua engorda (no que fazias mal porque roubar é proibido). Mas

derramaste sangue e deves morrer.» Chega o dia marcado. Ricardo, muito débil, chora, chora e repete sem descanso: «Este é o dia mais feliz da minha vida. Vou para o Senhor!» «Sim», repetem o pastor, os juízes e as damas caridosas, «é o dia mais feliz da tua vida, porque vais para o Senhor!» A pé ou a cavalo, todos se dirigem ao patíbulo que se ergue em frente do cárcere. Ali gritam-lhe: «Morre, irmão, morre no Senhor, em quem encontraste graça para sempre!» E coberto com os beijos dos irmãos, Ricardo sobe ao estrado e chega à guilhotina. E corta-se-lhe a cabeça fraternalmente porque estava na graça de Deus! Queres coisa mais pitoresca? Este folheto, traduzido por um russo, filantropo de alta estirpe e de aspirações evangelistas, foi distribuído para ilustração do povo. O caso é de grande interesse pelo típico que encerra, e ainda que a nós nos pareça absurdo cortar a cabeça a um homem porque se fez nosso irmão e encontrou a graça de Deus, também nós temos a nossa especialidade e talvez nisto os superemos. O nosso passatempo tradicional consiste na delícia de torturar. Nekrassov, descrevendo as chicotadas que dá o camponês ao cavalo, nos olhos, «nos doces olhos», tem rasgos que todos deviam conhecer, porque são peculiarmente russos. Uma égua esquelética sucumbiu sob a excessiva carga e não pode mover-se. O camponês bate-lhe brutalmente, bate-lhe sem saber o que faz, no paroxismo da sua crueldade. «Por cansada que estejas, levanta-te e puxa. Mesmo que rebentes!» A besta faz um esforço, estremece toda e então descarrega o homem toda a sua ira nos «doces olhos» que parecem chorar de impotência. O animal, enlouquecido, arranca num esforço supremo e arrasta a carga, cambaleando, procurando ar para a sua asfixia, num avanço espasmódico e sobrenatural. Nekrassov é terrível nesta passagem. Mas quê? Trata-se de uma égua e Deus deu-no-la para os nossos açoites. Assim nos ensinaram os tártaros, legando-nos esse instrumento como recordação. Mas também se podem chicotear os homens. Um senhor distinto e culto e sua mulher açoitavam a própria filha com um molho de varas. Era uma pequenita de sete anos. Tenho boas referências dele. Ao papá agradava-lhe que as varas fossem de silva. Consta-me que há gente que a cada golpe se congestiona sentindo um prazer sensual que cresce com a dor que infligem. E açoitam um minuto, cinco, dez, aumentando de entusiasmo e de crueldade. A pequena chora, chora até que já não pode chorar e geme entre angústias: «Papá! Papazinho!» Por uma dessas raras casualidades que prepara o diabo, o caso vai aos tribunais. Procura-se um

letrado. Os russos chamam desde há muito, aos advogados, «uma consciência de aluguer». O letrado protesta em defesa do seu cliente. «É um caso sem importância», diz, «um assunto de família dos que se apresentam todos os dias. O pai castiga o filho. É vergonhoso para nós que se tragam tais assuntos aos tribunais.» O júri deixa-se convencer e emite um veredicto de inculpabilidade. O público acolhe com entusiasmo a absolvição do verdugo. Ah! Ali não há piedade! Eu teria proposto uma subscrição em sua honra!... Que formoso quadro! Mas ainda os tenho melhores, sobre crianças. Possuo uma coleção estupenda referente a crianças russas, Aliocha. Há uma de uns pais que aborrecem a filha de cinco anos e são pessoas respeitáveis, bem-nascidas e educadas. Olha, tenho de repetir-te que a característica de muita gente é precisamente esse gosto de torturar as pobres criaturas. Portam-se com todos da maneira mais suave e benévola, qual europeus cultos e humanitários, mas sentem um gosto especial em atormentar os miúdos, em amá-los talvez desta maneira. O vê-los completamente indefesos tenta estes verdugos, a angelical confiança do pequeno que não têm onde se amparar, nem de que valer-se, excita-lhes o sangue. Em cada homem, esconde-se um demónio; o demónio da crueldade, o demónio da sensualidade exacerbada pelos gritos do martirizado, o demónio da ilegalidade desencadeada, o demónio das enfermidades que arrastam os vícios, etc. Pois bem, estes ilustres pais submetiam a pobre criatura a todo o género de torturas: açoitavam-na, davam-lhe pancadas, espancavam por qualquer coisa até que o corpo dela ficava completamente torturado. E logo começavam os maiores refinamentos de crueldade: encerravam-na num lugar nauseabundo nas noites geladas e sob pretexto de que não chamava para que a tirassem dali (como se uma criatura de cinco anos pudesse assim como assim despertar do seu sono angelical e profundo e chamar), sujavam-na, enchiam-lhe a boca de excrementos e era a mãe, a própria mãe quem lhe fazia isto. E esta mãe podia dormir enquanto a filha gritava até desistir. Compreenderás tu por que razão esta criança, que ainda não tem consciência do que lhe fazem, bate com os punhos no peito, as mãos geladas do frio e das trevas e derrama doces lágrimas suplicando a ajuda do bom Deus? Compreendes isto, irmão amigo, piedoso e humilde noviço? Compreendes por que se há de permitir tal infâmia? Dizem que sem isto não poderia o homem viver na Terra, porque não conheceria o bem e o mal. Para quê querer esta diabólica distinção do bem e do mal à custa de tais atrocidades? Toda a

ciência do mundo não vale a súplica de uma criatura do bom Deus. E nada digo das dores do adulto. Comeram a maçã, pois que se destruam e que o diabo os leve! Mas esses anjinhos! Faço-te sofrer, Aliocha, estás pálido, desassossegado... Se quiseres, calo-me já...

— De modo nenhum. Quero sofrer — balbuciou o monge.

— Um quadro ainda, apenas um, porque é muito curioso e característico e acabo de lê-lo numa revista de antiguidades russas, de cujo título não me lembro. Sucedeu isto nos dias mais negros da nossa escravidão, no começo do século e dos vivas ao libertador do Povo! Era um general da alta aristocracia, proprietário de grandes estados, um desses homens excecionais no meu entender que, retirados do serviço para uma vida de completo descanso estão convencidos de que têm poder absoluto sobre as vidas dos seus subordinados... Nessa altura abundavam esses tipos. O general vivia num dos seus domínios de duas mil almas com toda a ostentação, tratando os pobres vizinhos como parasitas. Possuía matilhas de centenas de cães e cerca de cem moços, todos uniformizados e montados como guardas. Sucedeu que um dia, o filho de um dos seus servos, um rapaz de oito anos, atirou uma pedra a um cão para se divertir e magoou-o. «Por que coxeia o meu favorito?», perguntou o general. Contaram-lhe o que acontecera. «Foste tu que fizeste isso?», continuou, olhando-o dos pés à cabeça. «Prendam-no!», ordenou. «E prenderam-no durante toda a noite.» No dia seguinte, o general monta a cavalo, é rodeado pelos cães, pelos que vivem na propriedade, pelos couteiros com grande aparato e preparados para uma caçada real. Chamam todos os servidores para que recebam um bom exemplo e comparece diante de todos a mãe da criança, que é tirada da prisão. A manhã está fria e brumosa, um dia de outono excelente para a caça. O amo manda despir o miúdo que fica em pelo. O pequeno tirita de frio, mudo de terror, sem se atrever nem a chorar... «Fazei-o correr!», ordena o general. «Corre! Corre!», gritam-lhe os couteiros. E a criança corre... «A ele!», grita o general e atiça toda a matilha contra ele. Os cães atacam-no, acossam-no, fazem-no em tiras frente aos olhos da mãe!... Creio que em seguida declararam o general incapaz de administrar a sua propriedade. Bem... que merecia? Que o fuzilassem? Que o fuzilassem para dar satisfação aos nossos sentimentos morais? Fala, Aliocha!

— Que o fuzilassem... — murmurou Aliocha, pálido, olhando Ivan com um sorriso convulso.

— Bravo! — gritou o irmão. — Quando tu o dizes... És um monge com finura de espírito! Já sabia que tinhas um diabo entre as pregas do teu coração, Aliocha Karamazov!

— É absurdo o que disse, mas...

— Sim, sim, pois que existe um «mas! — exclamou Ivan. — Deixa que te diga, noviço, que o absurdo é indispensável neste mundo que tem aí os seus fundamentos e sem ele talvez nada do que acontece sucederia. Sabemos o que sabemos!

— O que é que sabes?

— Não compreendo nada — gritou Ivan como se delirasse. — Já não preciso compreender nada. Quero sujeitar-me aos acontecimentos. Há tempos já que renunciei a compreender. Se pretendo entender alguma coisa, que sejam os acontecimentos que me enganem. Já assentei que hei de sujeitar-me a eles.

— Por que razão me submetes a esta prova? — replicou Aliocha com amargura. — Dir-me-ás, por fim, o que pretendes?

— Ora pronto! Pois claro que sim! Nem penso noutra coisa. Gosto muito de ti e não desejava deixar-te, abandonar-te ao teu Zossima.

Fez-se silêncio; o rosto de Ivan cobriu-se de tristeza.

— Escuta. Optei pelos exemplos das crianças para que as minhas provas fossem mais claras. Nada direi das outras lágrimas da humanidade que penetram a terra, desde a parte exterior até ao centro. Reduzi o meu tema com intenção deliberada. Sou um homem rude e ignorante e com toda a humildade me reconheço incapaz de compreender por que é que o mundo foi arranjado dessa maneira. Os homens são culpados. Foi-lhes dado um paraíso, quiseram ser livres e roubaram o fogo do céu sabendo que isso lhes acarretaria a desgraça. Por tal não merecem compaixão. Tudo o que alcança a minha inteligência desprezível, terrestre e euclidiana é que existe o castigo e não existe o culpado; que o efeito vem a seguir à causa, simples e diretamente, que tudo flutua e encontra o seu nível... mas isto são maçadorias euclidianas. Sei-o perfeitamente, mas não posso concordar em viver segundo tais princípios. Mas vá lá! Já é um consolo saber que toda a causa tem o seu efeito e que não existem culpados! Necessito de justiça ou destruir-me-ei a mim próprio. Não uma justiça que brilhe no tempo e no espaço infinitamente remotos, mas sim a sua aplicação aqui na terra e que os meus olhos a vejam. Acredito nisto, tenho necessidade de o ver, e se estiver morto quando isso acontecer, que ressuscite, porque se se

cumpre sem mim, seria uma coisa injusta. Certamente que não me resigno a sofrer para que eu, com os meus crimes e dores, adube o terreno da futura harmonia para outros. Quero estar onde estiverem os que de repente entendam a verdade de todas as coisas. Sobre tais desejos se fundam as religiões existentes no mundo e eu sou crente. Mas... as crianças? Que fazer delas? Não sei o que dizer. Pela centésima vez repito que há numerosos problemas indecifráveis. Falei nas crianças porque elas derramam luz incontestável sobre o que tentamos resolver. Repara: se todos têm de sofrer para contribuir para a harmonia futura, que têm que ver com isso as crianças? Serão capazes de me dizer? Porque não se compreende que elas tenham de prestar o seu doloroso concurso à futura harmonia, que tenham também que carregar materiais para lançar os fundamentos da harmonia eterna. Compreendo a solidariedade dos homens em pecado e até a retribuição, mas não compreendo que se tornem solidárias as crianças, e se é certo que são atingidas por alguma responsabilidade pelos crimes dos pais, será uma verdade do outro mundo, fora da minha compreensão. Talvez algum trocista diga que crescerão e pecarão de sobra, mas eu respondo que não crescerá a criança de oito anos que foi destroçada pelos cães. Ó Aliocha, não blasfemo! Explico perfeitamente o tremor que agitará o universo quando tudo o que existe no céu e na terra se unir num cântico de louvor e todo o ser vivente e que viveu grite: «A Tua sabedoria é justa, Senhor, porque nos revelaste os Teus caminhos!» Quando a mãe abrace aquele demónio que deu o seu filho aos cães e os três exclamem numa só voz: «A Tua sabedoria é justa, Senhor!» Então, certamente teremos alcançado a coroa da ciência e tudo nos parecerá claro. Mas o que me subleva é que não posso aceitar esta harmonia. E enquanto estou na terra quero prevenir-me. Olha, Aliocha, é possível que se eu viver nessa altura, ou ressuscitar para ver o que se passa, una o meu grito ao dos outros, perante o quadro da mãe que abraça o verdugo do filho. «A Tua sabedoria é justa, Senhor.» Mas o caso é que não quererei gritá-lo. Enquanto estou a tempo trato de me libertar de toda a sugestão e renuncio por completo a uma harmonia superior porque não merece as lágrimas dessa criança torturada que bate no coração com as mãozinhas e clama ao bom Deus na sua triste clausura, com choro inocente, e não o merece porque ninguém expia essas lágrimas. Expiá-las-ão ou não haverá harmonia. Mas como, como se irá redimi-la? Será possível? Pela vingança? E que ganho eu em vingar a criança ainda que me

dês um inferno para o opressor? Que bem se pode esperar do inferno quando as criaturas já sofreram o tormento? Quero abraçar, quero perdoar, não quero que se sofra mais. E se a dor das crianças há de integrar a soma das dores necessárias para adquirir a verdade, declaro que esta verdade é uma fraude. Não quero que a mulher abrace o opressor que atiçou os cães contra o filho dela. Que não lhe perdoe! Bom... que lhe perdoe, se quiser, mas não tem o direito de perdoar a tortura do seu filho e não deve perdoar ao verdugo, ainda que o próprio filho lhe perdoasse! E, sendo assim, se não deve ela perdoar ao déspota, que será da harmonia? Existe no mundo algum ser que tenha direito a perdoar e perdoe? Não quero a harmonia e não a quero por amor à humanidade. Prefiro manter os meus sofrimentos sem vingança, a minha indignação sem desafogo, *ainda que esteja enganado.* E pede-se-nos um preço tão elevado pela harmonia que está fora dos nossos recursos o entrar nela. Por isso me apresso a devolver o meu bilhete, e se sou honrado devo devolvê-lo o mais depressa possível. É isso que tenho de fazer. Não é que rejeite Deus, Aliocha; devolvo-lhe apenas o bilhete.

— Isso é rebeldia — murmurou o monge, baixando a vista.

— Rebeldia? Sinto muito que lhe chames isso — disse Ivan com vivacidade. — É muito difícil viver em rebeldia e eu quero viver. Ora bem: rogo-te que me respondas. Supõe que estás construindo o destino humano com o objeto de fazer por fim o homem feliz dando-lhe paz e tranquilidade, mas que fosse essencialmente indispensável torturar uma criança de peito até à morte e assentar esse edifício de felicidade nessas lágrimas que ficam sem vingança. Consentirias em ser o arquiteto em tais condições? Fala e diz-me o que sentes.

— Não, não consentiria — afirmou Aliocha com resolução.

— E podes admitir a ideia de que o homem para quem construíres concordasse em aceitar a felicidade baseada no sangue inexpiável das pequenas vítimas? E que, aceitando-a, pudesse sentir-se feliz para sempre?

— Não, não posso admitir isso, irmão — disse Aliocha de repente, com o olhar fulminante. — Há um momento perguntavas se havia um ser no mundo com direito de perdoar e que, com efeito, perdoasse. Pois sim, existe esse ser e pode perdoar tudo e todos pois por todos e por cada um dos homens derramou o seu sangue inocente. Esqueceste-O, e n'Ele se baseia todo o edifício e só a Ele havemos de dirigir o nosso clamor:

«Senhor, a Tua sabedoria é justa porque nos foram revelados os Teus caminhos.»

— Ah! O único inocente e... o Seu Sangue! Não, não O havia esquecido. Pelo contrário, estava admirado de que não O citasses antes pois tens sempre por hábito recorrer a Ele como principal argumento nas vossas discussões. Repara, Aliocha, e não te rias. Há um ano que compus um poema. Se quiseres conceder-me mais uns dez minutos, dir-to-ei.

— Tu escreveste um poema?

— Não, não fui eu que o escrevi — riu Ivan. — Na minha vida fiz apenas dois versos. Desenvolvi-o na imaginação e recordo-o muito bem. Quando o concebi, fervia-me a cabeça ao fogo da exaltação que me tomava. Tu serás o meu primeiro leitor, ou por outra, o meu primeiro ouvinte. O autor quer sempre que um ouvinte preceda os seus leitores — disse Ivan, sorrindo. — Queres que to conte?

— Sou todo ouvidos — afirmou Aliocha.

— O meu poema intitula-se *O Grande Inquisidor*... É uma coisa ridícula, mas quero contá-la...

Capítulo 5 — O Grande Inquisidor

— Também isto necessita de prefácio como as obras literárias — comentou Ivan, rindo — ainda que me falte a arte para o fazer. A minha história passa-se no século XVI e, como terás aprendido no colégio, era costume naquele tempo fazer intervir nos poemas as forças celestiais. Sem falar de Dante, os clérigos e monges franceses sabiam dar representações em que a Virgem, os santos, os anjos e Cristo e o próprio Deus apareciam em cena com a maior simplicidade. Em «Nossa Senhora de Paris», de Victor Hugo, relata-se o peregrino e edificante espetáculo oferecido ao povo, na Câmara, para celebrar o casamento do delfim durante o reinado de Luís XI. A obra intitulava-se *Le bon jugement de la très sainte et gracieuse Vierge Marie,* em que a Virgem aparece em cena pronunciando o seu justo discurso. Semelhantes representações, com cenas arrancadas ao Velho Testamento, davam-se em Moscovo de vez em quando, antes de Pedro o Grande. Além das comédias há outro género de lendas e baladas disseminadas por esse mundo de Deus em que os santos, os anjos e todas as potências celestiais intervêm quando o assunto requer. Nos nossos mosteiros, os monges afadigavam-se traduzindo, copiando e até compondo poemas no estilo ainda sob o domínio dos tártaros. Há um, por exemplo, traduzido do grego, *Viagem de Nossa Senhora aos Infernos,* com quadros dignos de Dante. A Virgem visita o inferno e o Arcanjo Miguel guia-a através dos tormentos. Entre outros, fixa-se um interessante grupo de condenados revoltos num lago de fogo. Alguns submergem e não podem nadar. «Estes são esquecidos por Deus», expressão profunda e terrível. A Virgem comove-se e prosterna-se, chorando, perante o trono do Senhor, implorando misericórdia para todos os condenados, para todos os que ela viu, sem exceção. O seu colóquio com Deus é de imenso interesse. Deus, mostrando-lhe as mãos e os pés de seu Filho, rasgados pelos cravos da cruz, pergunta: «Como posso perdoar aos seus verdugos?» Ela convoca todos os santos, mártires, anjos e arcanjos e convida-os a que se ajoelhem com ela pedindo misericórdia para todos, sem distinção. Por fim, obtém do Senhor que cada ano cessem os tormentos desde o dia de Sexta-feira

Santa ao da Trindade e imediatamente sobe do inferno um clamor de ação de graças. «És sábio, Senhor, e os Teus juízos são retos.» Bom, pois o meu poema seria algo semelhante, se pertencesse àquela época. Ele aparece em cena, mas não fala; aparece e desaparece. Transcorreram quinze séculos desde que prometeu voltar com toda a sua glória, quinze séculos desde que o profeta escreveu acerca d'Ele: «Eis que virei, sem que ninguém saiba o dia nem a hora, nem sequer os anjos que estão no céu nem o Filho, mas o Pai», como predisse Ele próprio na terra. Mas a humanidade espera-O com a mesma Fé, com o mesmo amor. Com mais Fé ainda, pois há quinze séculos que o homem não vê sinais no céu.

Já não aparecem anúncios nas alturas
Que corroborem os anseios das almas.

Ao homem já não lhe resta sequer a fé como alimento do espírito. Certo que naqueles dias aconteciam muitos milagres. Santos que realizavam coisas portentosas; gente fervorosa a quem, segundo os hagiógrafos, visitava a Rainha dos Céus em pessoa. Mas o diabo não dormia, a dúvida sobre a veracidade de tais milagres perturbava já as almas, e como se pouco fora aparecia no norte da Alemanha uma seita terrível: «Uma grande estrela, como uma tocha, isto é, como uma igreja, caiu sobre a face das águas e estas tornaram-se amargas.» E os hereges negavam, blasfemando, os milagres. Mas os que se mantinham fiéis, acreditavam com uma fé mais ardente. E o pranto da humanidade chegava como antes até Ele, e aguardava-se a sua vinda. Amavam-n'O, esperavam-n'O, ansiava-se o martírio e a própria morte por Ele, como antes. Tantas e tantas gerações haviam suplicado com fé e fervor: «Senhor, nosso Deus, apressai a vossa vinda!», que na sua infinita misericórdia se dignou atender ao chamamento dos seus servos, descendo à Terra. Antes, aparecera visitando apenas os santos, mártires e os anacoretas, segundo referem nas suas vidas. O nosso Tyntchev, pondo uma fé cega na verdade das suas palavras atenta que:

Com a cruz. às costas, rendido, arrastando-se
O Rei dos Céus, vestido como escravo
Veio à nossa Mãe Rússia, abençoar-nos
E nestas terras andou, por aí, a vaguear.

E assim foi, juro-o. E aqui, pois, que se digna aparecer por um momento ao povo que sofre e geme mergulhado na inquietação, mas que O ama como uma pessoa. A ação passa-se em Sevilha, Espanha, na época mais terrível da Inquisição, quando diariamente se acendem fogueiras à glória de Deus e se queimam os perversos hereges em esplêndido auto de fé. Oh! Claro que não é esta a sua vinda do fim dos tempos, em que aparecerá, segundo prometeu, rodeado do esplendor da sua glória divina «como o relâmpago que brilha no Oriente e é visto até ao Ocidente». Não, quis apenas fazer uma visita a seus filhos, quando arde a lenha em volta dos hereges. Na sua infinita misericórdia, passa entre os homens com figura humana, como há quinze séculos andou durante três anos. Baixa ao solo cálido da cidade do Sul, onde no dia anterior foram queimados uma centena de hereges *ad majorem Dei gloriam,* pelo cardeal, grande Inquisidor, num magnífico *auto de fé* perante o rei, o seu séquito, os cavalheiros, os cardeais, as mais belas damas da corte e todo o povo de Sevilha. Veio em silêncio, sem se anunciar. Mas coisa surpreendente! Todos o reconhecem. Por quê? Esta podia ser uma das mais famosas passagens do poema. O povo sente-se atraído para Ele por uma força irresistível, aglomera-se a seu lado, rodeia-o e segue-o. Ele avança no meio das pessoas, em segredo, sorrindo-lhes com infinita piedade. O sol do amor arde no seu coração, os olhos irradiam luz e virtude que se derrama nos corações, movendo-os para um amor mútuo. Levanta as mãos para abençoar as multidões e do seu corpo e das próprias vestes desprende-se uma virtude que cura só ao contacto. Um velho, cego de nascença, grita entre muita gente: «Senhor, cura-me e ver-te-ei!» As cataratas caem dos seus olhos e o cego vê. A multidão chora e beija as pegadas dos seus pés, as crianças põem flores no seu caminho, cantando e gritando «Hossana!». E de todas as bocas se eleva um clamor: «É Ele, é Ele! há de ser Ele! Não pode ser outro, senão Ele!» Detém-se no átrio da Catedral de Sevilha para deixar passar a fúnebre comitiva que acompanha, chorando, um féretro branco, descoberto, onde jaz, submersa entre flores, uma menina de sete anos, única filha de um potentado da cidade. A multidão aperta-se em volta da mãe inconsolável e diz-lhe: «Ele devolver-ta-á à vida.» O sacerdote sai a receber o ataúde e fica perplexo contemplando a cena. A mãe ajoelha perante Ele e exclama num lamento terrível, levantando os braços numa súplica: «Se és Tu, ressuscita a minha filha!» A comitiva

detém-se e depositam o ataúde numa grade, aos pés divinos. Ele olha com piedade e os seus lábios pronunciam outra vez as ternas palavras: «Donzela, levanta-te!» e a donzela ergue-se, senta-se e olha para todos os lados, sorrindo, admirada, e conservando ainda na mão as açucenas que aí lhe haviam colocado. A multidão grita, geme, e então passa o cardeal em pessoa, o grande Inquisidor, que se dirige à Catedral. É um ancião de noventa anos, alto, entrevado, de rosto pálido e olhos sumidos que despedem clarões de inteligência que a velhice não extinguiu ainda. Não traz as faustosas vestes cardinalícias que ostentava na véspera, enquanto queimava os inimigos da Igreja Católica, mas sim um tosco e velho burel de frade. Seguem-no à distância os seus sombrios familiares, servos, e a guarda do Santo Ofício. Detém-se ante a multidão, observando de perto quanto se passa. Viu como colocavam o féretro aos pés do Homem e como a donzela se levantava. O rosto enevoa-se-lhe, franze as espessas sobrancelhas, brilha nos seus olhos um fogo sinistro e, com um sinal, ordena à guarda que O detenha. Tal é o seu poder e tão habituados estão todos a render-lhe obediência e a submeter-se-lhe, tremendo, que a multidão abre passo aos seus soldados, os quais no meio de um silêncio de morte, põem n'Ele as suas mãos e O levam. E o povo curva-se, unânime, perante o velho Inquisidor, que o abençoa em silêncio e passa. Os agentes conduzem o seu prisioneiro ao antigo palácio da Santa Inquisição e encerram-no num calabouço estreito e lúgubre. Morre o dia e sucede-lhe uma dessas noites sevilhanas, escuras, quentes, sem um sopro de ar. O ambiente satura-se de fragrâncias de loureiro e limão. De repente, abre-se na penumbra a porta da prisão e o próprio grande Inquisidor aparece com uma lanterna na mão. Entra só; os ferrolhos rangem atrás dele. Permanece por algum tempo junto à porta com o olhar fincado no do prisioneiro. Por fim, avança lentamente, coloca a luz sobre a mesa e pergunta: «És mesmo Tu? Tu?» E como não recebe resposta acrescenta vivamente: «Não respondas, cala-te. Que poderias dizer? Bem sei o que dirias. Não tens o direito de acrescentar seja o que for ao que disseste noutros tempos. Porquê, pois, vieste estorvar-nos? Porque Tu não vieste fazer-nos mais do que isso, bem o sabes. Mas o que irá suceder amanhã? Não sei quem sejas, nem me importa que sejas Tu ou uma semelhança d'Ele; mas amanhã condenar-te-ei e queimar-te-ei como ao pior dos hereges... E a gente que hoje beijava os teus pés, amanhã atiçará o fogo que te abrasará. Sabias?

Sim, talvez o saibas» acrescentou, sem afastar um só momento a vista do Prisioneiro.

— Não compreendo isso tudo muito bem, Ivan. O que é? — disse Aliocha, que escutara em silêncio. — Uma exaltada fantasia ou um erro por parte do velho... algum *qui pro quo* impossível?

— Se estás tão corrompido pelo realismo moderno que não podes suportar as fantasias, fica com o último — disse Ivan rindo. — Se preferes um erro de identidade, seja. A verdade é que o velho — continuou sem deixar de rir — aos noventa anos, tinha de sobejo para ficar louco perante aquela ideia. Talvez se tenha deixado impressionar demasiado pelo aspeto do Prisioneiro. Talvez não fosse mais do que um delírio, a alucinação de um nonagenário sobre-excitado pelo *auto de fé* dos cem hereges da véspera. Mas que nos importa, depois de tudo, que seja um erro de identidade ou os efeitos de uma imaginação exaltada? O interessante é que o velho fale, que diga francamente o que calou durante noventa anos.

— E o Prisioneiro ainda guarda silêncio? Continua a olhá-lo sem despregar os lábios?

— É indispensável, em todo o caso — responde Ivan. — O velho advertiu-o de que não tem o direito de acrescentar nada ao que disse noutros tempos. Dir-se-ia que é este o meu entender. «Conferiste todo o poder ao Papa e daqui em diante tudo depende dele, sem necessidade de que Tu intervenhas. Não deves, pois, misturar-Te; pelo menos até que chegue a Tua hora.» Assim falam e escrevem os jesuítas, seja como for, e eu próprio o tenho lido nas obras dos seus teólogos. «Terás o direito de não nos revelares qualquer mistério do mundo de onde vens?», pergunta-lhe o ancião, e ele mesmo responde: «Não, não tens, porque nada podes acrescentar ao que já disseste e não podes tirar ao homem aquela liberdade que exaltavas nas Tuas prédicas da Terra. Qualquer coisa que revelasses de novo seria uma usurpação aos homens da sua liberdade de fé, porque apareceria como um milagre e esta liberdade de fé era o que Tu mais apreciavas, há mil e quinhentos anos. Não Lhes prometeste com frequência: *Eu os farei livres?* Pois já viste esses homens *livres*», acrescentou o velho com sorriso pensativo. «Ah! Pagámos isso bem caro!», continuou com veemência. «Mas, por fim, acabámos a obra em Teu nome. Durante quinze séculos temos lutado pela Tua liberdade, mas agora já a conseguimos e foi para o bem de todos. O quê? Não crês que seja para bem? Olhas-me tão docemente!... Nem sequer Te dignas aborrecer-Te

comigo! Mas deixa que Te diga que hoje em dia o povo está mais convencido do que nunca de que tem perfeita liberdade, embora nos façam, a nós, seus depositários, depondo-a docilmente a nossos pés. Mas isto foi obra nossa. Fizeste Tu isto? Era esta a Tua liberdade?»

— Continuo sem entender — interrompeu Aliocha. — Fala ironicamente? Brinca?

— Nem pensar! Reclama para si e para a Igreja, o mérito de haver aniquilado, por fim, a liberdade, para dar deste modo a felicidade aos homens. «Pois agora», refere-se, claro, à Inquisição, «pode falar-se pela primeira vez da felicidade dos homens. O homem é rebelde desde a sua origem... E podem acaso ser felizes os rebeldes? Foste avisado; não te faltaram advertências e conselhos, mas Tu não quiseste atendê-los. Recusaste o único meio de fazer os homens felizes. Afortunadamente, antes de partires, deixaste-nos o cuidado da obra. Prometeste, fundaste de palavra e legaste-nos o direito de *ligar e desligar* e agora supomos que não virás tirá-lo. Mas, nesse caso, por que vens estorvar?»

— Que queres dizer com isso de «não te faltaram conselhos e advertências»? — perguntou Aliocha.

— É o que importa principalmente que diga o velho. «O espírito maligno e inteligente, o espírito da destruição e do nada, o príncipe dos espíritos, falou contigo no deserto e, segundo nos contam os livros, tentou-te. Não é verdade? E existe algo de mais verdadeiro do que o que disse nas três perguntas que te propôs e tu rebateste, e a que os livros chamam de *tentações*? Se houve na terra um verdadeiro e pasmoso milagre, realizou-se naquele dia, no dia das três tentações. O formular dessas três questões é já por si um milagre. Se imaginássemos, só como prova da minha afirmação, que estas três propostas do terrível espírito tivessem desaparecido completamente dos livros e fosse necessário reconstruí-las, inventá-las de novo, e com tal objeto se reunissem todos os sábios da terra, estadistas, doutores da Igreja, eruditos e poetas, e se pusessem a procurar e a imaginar três tentações que não só fossem dignas das circunstâncias, mas que expressassem em três palavras, em três frases humanas toda a história da humanidade futura. Crês que todos os sábios da Terra, unidos, conseguiriam conceber algo que igualasse em profundidade e em força as três perguntas que te propôs o poderoso espírito do deserto? Essas questões e o milagre de as expor bastam para nos fazer compreender que não se trata da pobre inteligência humana, mas sim de uma absoluta e

eterna, porque nelas se encontra como que resumida e profetizada numa frase toda a história da humanidade, concretizadas todas as contradições insolúveis da história da nossa espécie. Desse modo não podia isto ser evidente, posto que não se conhecia o futuro, mas agora, transcorridos que foram quinze séculos, verificamos que tudo foi tão justamente adivinhado e predito que seria impossível aumentar ou tirar alguma coisa. Julga Tu mesmo quem tem razão. Tu ou quem Te interrogava. Recorda a primeira pergunta cujo sentido vem a ser este: Estás disposto a ir pelo mundo e pensas levar as mãos vazias, ou vais apenas com a promessa de uma liberdade que os homens não podem compreender na sua simplicidade e no seu natural desenfreamento, que evitam, que os amedronta, pois nada houve jamais tão insuportável para o indivíduo e para a sociedade como a liberdade? Mas, vês estas pedras na aridez ardente do deserto? Converte-as em pão, e a humanidade correrá atrás de Ti como um rebanho, agradecida e submissa, tremendo de medo de que retires a mão e lhe negues a comida. Mas Tu, não querendo privar o homem da liberdade, repeliste a tentação, pensando que só em detrimento desta liberdade podia comprar-se com pão a obediência; e respondeste que *nem só de pão vive o homem*. Mas não sabes que por esse pão material o Espírito do século se levantará contra Ti, te combaterá até Te vencer, e todos com ele, gritando: *Quem pode comparar-se a este monstro? Foi ele que nos deu o fogo do céu!* Não sabes que os séculos passarão e a humanidade proclamará pela boca dos seus sábios que não há crimes e, por conseguinte, também não há pecado; que não há nada mais do que fome? *Farta-nos e depois pede-nos virtude!*, tal será o *slogan* da bandeira que levantarão contra Ti, e em nome do qual destruirão o Teu templo, para construir sobre as suas ruínas a torre de Babel; porque a horrível Torre de Babel será reconstruída e, como a antiga, não chegará ao remate. Tu podias evitar que os homens cometessem esta louca empresa e com ela tivessem mil anos de sofrimento, porque depois desses mil anos de trabalhos para elevar a torre, deixá-la-ão para voltarem para nós. Buscar-nos-ão sob a terra, nas catacumbas, onde nos ocultaremos fugindo das suas perseguições e martírios. Encontrar-nos-ão e pedirão, gritando: *Dai-nos pão, que aqueles que nos prometeram o fogo do céu enganaram-nos!* E então acabaremos nós a torre, pois quem nos alimentar acabará a obra. E alimentá-los-emos em Teu nome, declarando com engano que o fazemos em Teu nome. Oh! Nunca, nunca terão nada que levar à boca sem nós! A ciência não lhes proporcionará um bocado de pão,

enquanto forem livres. E, por fim, depositarão a sua liberdade aos nossos pés, dizendo-nos: *Tomai-nos por escravos, mas sustentai-nos.* Convencer-se-ão, por fim, que com a liberdade é impossível que todos fiquem saciados porque jamais, jamais, serão os homens capazes de repartir o pão entre si. Também se persuadirão de que não podem ser livres, por indignos, débeis, viciosos e rebeldes. Prometeste-lhes o pão do Céu; mas, acaso pode comparar-se ao da Terra, aos olhos da fraca, pecadora e ignóbil espécie humana? E se pelo pão do céu Te seguem milhares e dezenas de milhares, que será dos milhões e dezenas de milhões de seres que não têm força de renunciar dos frutos da terra trocando-os pelos do céu? Acaso atendes só a esses milhares, grandes e fortes? E os milhões incontáveis como as areias do mar e que, embora débeis, Te amam, hão de viver para servir os fortes? Nós não, nós preocupamo-nos também com os fracos. São viciosos e rebeldes, mas ao fim amansarão e acatarão a obediência. Admirar-nos-ão e ter-nos-ão por deuses, porque estamos prontos a assumir essa liberdade que tanto os espanta e a governá-los. E de tal maneira o faremos que terão horror em declarar-se livres. Mas dir-lhe-emos que *somos teus servos* e que governamos em Teu nome. Enganá-los-emos ainda porque não permitiremos que voltes a estar entre nós. Esta impostura será o nosso tormento, pois nos veremos forçados a mentir... Eis aqui o significado da primeira tentação do deserto à qual resististe por essa liberdade que exaltaste sobre todas as coisas, não obstante ocultar-se naquela o grande mistério do mundo. Decidindo-Te pelo *pão* terias satisfeito o geral e eterno desejo da humanidade, que busca alguém a quem adorar, porque não há nada que agite mais os homens do que o afã constante de encontrar a quem prestar adoração enquanto são livres. No entanto, pretendem um ser indiscutível, reconhecido pela humanidade toda. Estes infelizes não se contentam com um culto particular, procuram algo em quem todos possam crer e adorar. O essencial é que todos se filiem na mesma igreja. Este desejo de *comunhão* dos fiéis é a maior calamidade do indivíduo e da humanidade, desde o princípio dos séculos. Por esta comunhão se exterminaram os homens, fabricaram os seus ídolos e gritaram uns aos outros: *Deixai os vossos deuses e adorai os nossos, ou morte a vós e a tudo o que adorais!* E assim será até ao fim do mundo, pois se os deuses desaparecessem da terra, os homens continuariam a inclinar-se do mesmo modo perante os ídolos. Tu sabia-lo, não podias ignorar esse mistério fundamental da natureza humana, mas repeliste a

única bandeira infalível que se te oferecia para que os homens se curvassem todos perante Ti: a bandeira do pão da terra. E repeliste-a em nome da liberdade, pelo pão do céu. Eis aqui O que fizeste logo... Sempre, sempre em nome da liberdade! Já Te tenho dito que não há maior ansiedade no homem do que a de encontrar, quanto antes, a quem entregar este dom de liberdade com que nasce o desgraçado; mas só poderá aceitá-lo o que for capaz de apaziguar a sua consciência. Com o pão era-te oferecida uma bandeira invencível: reparte-o e os homens adorar-te-ão, porque o pão é a melhor garantia. Mas se outro toma posse da sua consciência, atirarão fora o pão para seguir quem pode apaziguar-lhe a alma. Nisto tens razão, porque o mistério da vida humana está não só em viver, mas também no motivo por que viver. Sem um claro conceito do objeto da vida, o homem não consentiria em continuar a viver; preferiria destruir-se em vez de permanecer na terra, ainda que tivesse pão em abundância. É esta a verdade. Mas que sucedeu? Em vez de diminuir ao homem a sua liberdade, prodigalizaste-a, fizeste-o mais livre do que nunca. Esqueceste que o homem prefere a paz e ainda a morte à liberdade de escolher, no seu conhecimento do bem e do mal. Nada o seduz tanto como a liberdade de consciência, mas também não há nada que lhe proporcione maiores torturas. Além do mais, em vez de estabelecer princípios sólidos que assegurassem de uma vez para sempre a consciência humana, optaste por tudo aquilo que é extraordinariamente vago e enigmático, por aquilo que está inteiramente acima das forças do homem, portando-te assim como se não o amasses em absoluto... Tu que vieste dar a vida por ele! Em vez de Te apoderares da sua liberdade, aumentaste-a, sobrecarregando o reino espiritual da humanidade com novas dores perduráveis. Quiseste que o homem Te amasse livremente, que Te seguisse de livre vontade, seduzido, cativado por Ti; desprendido da dura lei antiga, o homem devia, para o futuro, decidir por si mesmo no seu coração livre entre o bem e o mal, sem outro guia que a Tua imagem. Mas não sabias que acabará por repelir a Tua imagem e a Tua doutrina, cansado, aniquilado sob o pesado fardo do livre arbítrio? Chegarão a gritar que a verdade não está em Ti, porque não se conformarão com que os hajas deixado na maior perturbação, na maior das dores, sob o peso de tantos cuidados e problemas insolúveis. De modo que Tu próprio lançaste os fundamentos para a destruição do Teu reino e a ninguém mais há que acusar. Pois não se Te ofereceu tudo? Três poderes, três únicos poderes há

capazes de conquistar e dominar para sempre a consciência desses pobres rebeldes, em benefício próprio: o milagre, o mistério e a autoridade. Tu recusaste-os, dando o exemplo aos outros para que Te imitassem. Quando o sábio e maligno espírito Te conduziu ao pináculo do templo disse-te: *Se queres saber se és o Filho de Deus, atira-te para o espaço porque está escrito: 'os anjos o segurarão para impedir que caia e se magoe', e conhecerás então que és o Filho de Deus e provarás a grande fé que tens em Teu Pai*. Tu não cedeste, não Te precipitaste. Fizeste bem, muito bem, admiravelmente, como Deus; mas, ah, os pobres homens não são deuses, são fracos e impotentes. Bem sabias que ao dar um passo, ao moveres-te para Te deixares cair, terias tentado a Deus e perdido a Fé n'Ele, e talvez Te tivesses esmagado contra a mesma terra que vinhas redimir com grande regozijo por parte do espírito tentador. Mas eu pergunto: há muitos como Tu, e podes crer por um momento que os homens podem resistir a essa tentação? Estará a natureza humana preparada para que se prescinda de milagres e nos mais solenes momentos da vida, nas mais profundas e dolorosas crises da alma, fique abandonada ao seu livre arbítrio? Sabias que a Tua proeza seria recordada nos livros, seria transmitida às mais remotas idades e chegaria a todos os confins da Terra, e confiavas que os homens que Te seguissem se acolheriam a Deus sem exigir milagres... mas não tiveste em conta que quando o homem repele o milagre repele também Deus, que não tanto procura Deus como o próprio milagre, e como não pode viver sem eles, inventá-los-ia para seu uso e inclinar-se-ia perante os sortilégios dos feiticeiros, ainda que fossem cem vezes rebeldes, heréticos e ateus. Não baixaste da cruz quando Te gritavam de escárnio e ultraje: *Desce da cruz e acreditaremos que és Ele*. E não o fizeste porque não querias subjugar o homem por meio do milagre. Desejavas que Te prestassem uma fé livre e não diminuída pelo milagre; ansiavas um amor livre e não os vis transportes do escravo ante o poderio que o intimida e submete. Tinhas um conceito demasiado elevado do homem, que é um escravo, embora rebelde por natureza. Olha e julga; quinze centúrias transcorreram, lança um olhar retrospetivo. A quem elevaste até Ti? Juro: o homem é mais baixo, mais vil por natureza do que Tu julgavas. Pode ele realizar o que Tu realizaste? Tendo-o em tão grande estima, portaste-Te com ele como se realmente Te não inspirasse nenhum sentimento, e exigiste-lhe demasiado... Tu que o amaste mais do que a Ti mesmo! Se o tivesses apreciado menos, ter-lhe-ias pedido menos; e isto teria mais

semelhança com o amor, porque a sua carga seria mais leve. O homem é débil e cobarde. Que importa que em qualquer parte se levante agora contra o nosso poderio, em sua rebelião? Orgulho de crianças e de estudantes! São como esses rapazes travessos que se fecham na escola, deixando do lado de fora o professor. Mas acabam-se de pronto as suas algazarras, e hão de custar-lhe caras. Destruirão os templos e ensoparão a terra de sangue, mas por fim hão de reconhecer esses loucos que são impotentes na sua rebeldia e incapazes de a suster. Banhados em lágrimas de vaidade, confessarão que quem os criou assim rebeldes podia muito bem ter-se estado a rir deles. Gritá-lo-ão com desespero e os seus gritos serão blasfémias que os afundarão ainda mais na sua desdita, já que a natureza humana não pode suportar a blasfémia e acaba sempre por vingá-la em si mesma. Daí a inquietação, a dúvida e a dor. Tal é o património do homem, depois do tanto que sofreste pela sua liberdade! O Teu profeta conta na sua visão fantástica que viu os que voltaram à vida na primeira ressurreição e que eram doze mil de cada tribo. Um número tão grande, forçosamente seria de deuses, não de homens. Levaram a Tua cruz, passaram anos em áridos e estéreis desertos, alimentando-se de gafanhotos e raízes... Podes mostrar com orgulho esses filhos da liberdade, do amor livre, do livre e magnífico sacrifício em Teu nome. Mas não Te esqueças de que eram apenas uns milhares. E o resto? De que são culpados os outros que não puderam suportar com a sua fraqueza o que suportaram aqueles com a sua fortaleza? De que é culpada a alma débil, incapaz de receber tão terríveis dons? É possível que viesses apenas para os escolhidos? Sendo assim, há aqui um mistério, temos o direito de pregar o mistério e de lhes ensinar que não é o juízo livre da sua consciência, nem o amor, o que importa senão obedecer cegamente ao mistério, ainda que seja contra a sua consciência. Isso temos feito. Temos corrigido a Tua obra, fundando-a no *milagre,* no *mistério* e na *autoridade.* E os homens estão contentes por serem conduzidos como um rebanho, desobrigados já desse dom terrível que tanto sofrimento lhes provocou. Não fizemos bem? Diz! Não amámos a humanidade, reconhecendo bondosamente a sua fraqueza, aliviando a sua carga com amor e até permitindo que a sua fraca natureza continue a pecar enquanto se submete à nossa sanção? Porque vieste estorvar-nos? E porque me hás de olhar assim calado e perscrutador, e com essa doçura? Zanga-Te contra mim! Não necessito do Teu amor, porque também não Te amo. De que me serviria esconder-Te alguma coisa? Por acaso não saberei com

quem falo? Tudo quanto Te pudesse dizer já Tu o sabes. Por mim não ficará calado o nosso mistério, talvez queiras escutá-lo dos meus lábios. Pois então, ouve. Não colaboramos na Tua obra, mas sim na dele... aqui está o nosso mistério. E faz já uns oito séculos que o fazemos, desde que Te voltámos as costas para nos pormos a seu lado. Há precisamente oito séculos, recebemos dele o que Tu desdenhaste, o último dom que Te ofereceu ao mostrar-te os reino da Terra. Recebemos dele Roma e a espada de César e proclamámo-nos únicos imperadores do mundo, ainda que até ao presente não tenhamos podido rematar a nossa obra. Mas quem tem a culpa? Ah! A obra está só começada, mas segue bem. há de passar muito tempo até que a vejamos completa, e a Terra tem muito ainda que sofrer, mas triunfaremos, seremos César, e então pensaremos na felicidade universal. Se Tu tivesses empunhado nessa altura a espada de César! Por que desprezaste o último dos oferecimentos? Se tivesses seguido o último conselho, terias satisfeito todas as necessidades do homem sobre a Terra: uma pessoa a quem adorar, a quem fazer doação da sua consciência, a união harmónica de todos num formigueiro; pois que essa união universal é o terceiro e último desejo do homem. A humanidade sempre tentou afanosamente organizar-se num Estado universal. Têm existido impérios imensos e gloriosos, mas quanto mais se desenvolvem, mais sofrem, duramente estimulados pelo afã de realizar a união mundial. Os grandes conquistadores, os Tamerlão e os Gengis Kan, que passaram pela face da Terra como um furacão devastador avassalando os povos, experimentaram de uma maneira inconsciente o mesmo anseio pela unidade universal. Se tivesses aceitado o mundo e a púrpura de César, terias feito um Estado de toda a terra e ter-lhe-ias dado a paz universal. Pois quem governará os homens que não domine também a sua consciência e tenha o pão na sua mão? Nós tomámos a espada de César e, ao fazê-lo, renegámos-Te para o seguir a *ele.* Todavia, hão de vir épocas de confusão, de ideias extravagantes, de ciência humana, de canibalismo, já que quando se puserem a construir a sua torre de Babel sem nós, acabarão, naturalmente, por se devorarem uns aos outros, mas então a besta há de humilhar-se e lamber-nos-á os pés, banhando-os com lágrimas de sangue. E nós cavalgaremos sobre a besta e levantaremos a taça em que estará escrito a palavra *mistério.* Nessa altura, e apenas nessa altura, chegará para o homem o reino da paz e da felicidade. Orgulham-Te os Teus eleitos, pois bem, fica com eles. Nós daremos a todos a paz. Mas o caso é que entre

esses eleitos, esses varões esforçados que poderiam contar-se no seu número, quantos há que, cansados de esperar em Ti, se passaram e se passarão ainda com todo o seu entusiasmo, com todo o ardor da sua alma, para o campo oposto e acabarão por levantar contra Ti a bandeira da Tua liberdade, dessa liberdade que tanto louvaste! Connosco todos se sentirão felizes, sem que se lhes ocorra sublevar-se, nem destruir-se mutuamente. Oh! Persuadi-los-emos de que só podem ser livres renunciando em nós à sua liberdade e submetendo-se-nos. O quê? Dir-lhes-emos com isto a verdade ou enganá-los-emos? Eles próprios se convencerão de que temos razão, ao recordar os horrores da escravidão e da desordem a que os conduziu a Tua liberdade. A independência, o livre arbítrio e a ciência colocá-los-ão em tais apertos e de frente para tais maravilhas e inescrutáveis mistérios que muitos, os violentos e duros, se destruirão a si mesmos. Outros, também violentos, mas débeis, aniquilar-se-ão mutuamente, enquanto os que ficarem, fracos e desgraçados, se arrastarão a nossos pés, gemendo: *Sim, tendes razão, só vós possuis o seu mistério e a vós voltaremos. Salvai-nos de nós mesmos!* Quando lhes distribuirmos o pão, verão claramente que o recebemos deles, amassado com as suas próprias mãos, para que seja repartido sem nenhum milagre. verão que não convertemos as pedras em pão, mas na realidade estarão mais agradecidos por recebê-lo das nossas mãos do que pelo próprio pão, porque recordarão os dias em que, sem a nossa ajuda, o pão que ganhavam se transformava em pedras nas suas mãos, ao passo que, uma vez de volta a nós, as mesmas pedras voltam a ser pão. Compreenderão demasiado o valor de uma completa submissão! E enquanto o não compreenderem serão desgraçados. Quem tem mais culpa de que ainda o não saibam? Fala! Quem dispersou o rebanho e o extraviou por caminhos desconhecidos? Mas um dia há de encontrar-se o rebanho no mesmo redil e mostrar-se-á manso e dócil para sempre. Então dar-lhe-emos o descanso que proporciona um doce bem-estar aos seres débeis por natureza. Ah! Dissuadi-los-emos por fim do seu orgulho, ainda que Tu os tenhas elevados, ensinando-lhes desse modo a ser altivos, e demonstrar-lhes-emos que são débeis, como crianças temas, mas que não há felicidade tão doce como a das crianças. Serão tímidos, não nos perderão de vista e rodear-nos-ão medrosos como os pintos rodeiam a galinha. Admirar-nos-ão com respeito e temor, e terão orgulho em que com o nosso talento e energia possamos sujeitar uma multidão de milhões e milhões. Tremerão impotentes perante a nossa cólera, serão pusilânimes

e estarão quase a derramar lágrimas como mulheres e crianças, e a passar do pranto ao regozijo, da tristeza à alegria ditosa e às canções infantis. Faremos com que trabalhem, mas nas horas de descanso a sua vida será como um jogo infantil, com danças inocentes. Ah! Também lhes permitiremos que pequem. São débeis e desamparados e gostarão de nós como pequeninos porque lhes permitiremos pecar. Dir-lhes-emos que todos os pecados serão expiados, se forem cometidos com a nossa autorização, que se lhes autorizamos isso é porque gostamos deles, pois carregamos sobre nós todas as suas culpas. E adorar-nos-ão como a salvadores, que responderão perante Deus pelos seus pecados. Não terão para nós quaisquer segredos. Permitir-lhes-emos ou proibiremos que vivam com as suas mulheres e amantes, que tenham ou não tenham filhos, segundo se mostrem obedientes ou não, e submeter-se-ão com alegria e júbilo. Nós descobriremos tudo, tudo, até ao mais penoso segredo da sua consciência, e para todos teremos uma resposta em que acreditarão com alegria, porque os livrará de preocupações e da angústia que é para eles tomar uma decisão. Todos serão felizes, todos os milhões de homens, exceto os cem mil. Só nós, os guardiães do mistério, seremos desventurados. Haverá milhares de milhões de inocentes e cem mil mártires que se terão encarregado do conhecimento do bem e do mal. Morrerão em paz, expirarão docemente em Teu nome e para além da tumba não encontrarão senão a morte. Guardaremos nós o segredo, e para sua felicidade prometer-lhes-emos a recompensa da glória eterna. E se houvesse algo no outro mundo não seria para essa gente. Está escrito que voltarás vitorioso, rodeado pelos Teus eleitos, pelos fortes, pelos heróis... Mas nós diremos que esses apenas se salvaram a si mesmos, enquanto nós salvámos a todo o mundo. Dizem que a meretriz que está sentada na besta e tem nas mãos o *mistério* ficará exposta à vergonha. Levantar-se-ão de novo os débeis e rasgarão a sua púrpura real, deixando completamento nu o seu corpo abominável. Então levantar-me-ei eu para Te mostrar os milhões de milhões de *crianças* felizes que não conheceram o pecado; e nós os que por dita sua carregámos com os seus pecados, avançaremos para Ti para Te dizer: *Julga-nos, se podes e Te atreves!* hás de saber que não Te temo, hás de saber que eu também estive no deserto, também me alimentei de raízes e também obtive a liberdade com que abençoaste o homem, e esforçava-me por que me contasses entre os Teus eleitos, entre os fortes e poderosos, com o desejo de acrescentar um número; mas reagi

e não quis servir a loucura, e, volvendo atrás, uni-me às fileiras dos que *têm corrigido a Tua obra.* Deixei o altivo e uni-me ao humilde para contribuir para a sua felicidade. O que Te digo, acontecerá: o nosso domínio será constituído. Repito-o: amanhã verás como a uma indicação minha se apressa esse dócil rebanho a atiçar a fogueira em que arderás por teres vindo estorvar-nos. Se alguém merece a fogueira, és Tu. Amanhã queimar-Te-ei. *Dixi.*»

Ivan calou-se. Deixara-se transportar, falando exaltadamente, e sorriu.

Aliocha esteve no final a ponto de interromper várias vezes, mas conteve-se e continuou a escutar em silêncio. Em seguida, manifestando a sua agitação, começou a falar como que disparado:

— Mas... isto é absurdo! — exclamou, corando. — O teu poema, mais do que uma acusação, como tu pretendes, é um elogio de Jesus. Quem acreditará nisso de liberdade? Acaso é preciso entendê-la assim? A Igreja Ortodoxa não a concebe dessa maneira... Essa é a ideia de Roma, e não de toda, não nos enganemos, mas sim dos piores católicos, dos inquisidores, dos jesuítas... É inadmissível uma personagem tão fantástica como o teu Inquisidor. Que pecados são esses que tomam sobre si? Onde estão os detentores do mistério, que assumiram não sei que responsabilidade para dita dos humanos? Quando e onde foram vistos? Conhecemos os jesuítas de quem tão mal se fala, mas são o que tu queres que sejam? Não, não, mil vezes não... Representam simplesmente o exército de Roma para a futura soberania temporal sobre a terra do romano Imperador Pontífice... esse é o seu ideal; mas sem mistério algum, nem elevada e sentimental melancolia... É a simples cobiça do poder, dos bens da terra, do domínio da humanidade reduzida a escravidão universal e senhoreada por eles... é isso o que perseguem. Talvez não acreditem em Deus. O teu atormentado Inquisidor é uma mera fantasia.

— Alto, alto! — atalhou Ivan, rindo. — Não tomes calores! Dizes tu que é mera fantasia? Concedido. Claro que é uma fantasia. Mas diz-me; tu acreditas, na verdade, que todo o movimento católico dos últimos séculos se reduz ao desejo de poder e de gozo dos baixos poderes materiais? E é isso o que te ensina o Padre Paissy?

— Não, não. O Padre Paissy, pelo contrário, afirmou numa ocasião quase o mesmo que tu... embora claro que não é o mesmo, nem se lhe parece — corrigiu Aliocha apressadamente.

— Essa é uma preciosa concessão apesar de «não ser o mesmo nem coisa parecida». Mas eu pergunto: por que razão jesuítas e inquisidores se não uniram mais do que para os vis negócios materiais? Por que não pode haver entre eles um mártir angustiado por uma grande pena, um amante da humanidade? Suponhamos que exista um homem assim entre os que nada mais procuram do que os bens materiais... basta que seja como o meu grande inquisidor, que se alimentou de raízes no deserto e mortificou furiosamente a carne a fim de se sentir livre e perfeito; mas que, depois de amar durante toda a sua vida a humanidade, abre de repente os olhos e compreende que não é digno da bênção do céu procurar a perfeição e a liberdade individual, quando se está convencido de que esses milhões de filhos de Deus foram criados como uma burla, de que jamais estarão em condições de se servirem da liberdade, de que esses pobres rebeldes nunca se converterão em gigantes que acabem a torre e de que o grande sonhador e idealista não concebeu para essa gente pouco esperta o seu sonho de harmonia. Perante isto, volta para trás é vai unir-se aos homens inteligentes. Não podia ter acontecido assim?

Aliocha deixou-se arrebatar.

— Para se juntar!... E a quem? A que homens inteligentes? Não possuem grande inteligência, nem mistérios, nem segredos... talvez todo o seu segredo consista no seu ateísmo. O teu Inquisidor não deve crer em Deus. É esse o segredo dele!

— E se fosse isso? Até que por fim aceitas esse facto! É verdade, inteiramente verdade. É este todo o seu segredo... mas não constituirá um tormento para um homem que passou toda a vida no deserto e que não pode curar-se da sua filantropia? Na idade madura adquire a clara convicção de que só o conselho do temível grande espírito pode proporcionar uma vida aceitável a esses seres cobardes, anárquicos, «completos bonecos de ensaio, criados como que na brincadeira». E, convencido disto, vê que se impõem os avisos do terrível espírito de morte e destruição, aceitando em consequência a mentira e a impostura, guiando o homem inconsciente para a morte e para a ruína, enganando-o durante todo o caminho, a fim de que esses miseráveis cegos não vejam aonde são conduzidos e possam julgar-se ditosos ao fim da jornada. E observa que tal impostura será levada a cabo em nome daquele em cujo ideal acreditara com entusiasmo durante uma vida inteira. Não é uma tragédia? E se houver alguém que se ponha em frente do «exército animado pela ambição

dos bens desprezíveis», não será isso o suficiente para que se origine uma tragédia? Mais ainda, um só basta para criar e manter a atual ideia que seguia a Igreja Romana com todos os seus exércitos e jesuítas. A maior das ideias. Com sinceridade te digo que creio firmemente em que não faltou jamais este homem entre os que estão à cabeça do movimento... Quem sabe se o espírito maligno desse maldito velho, que teima em amar a seu modo a humanidade, se encontraria agora representado entre os velhos que existem, não por casualidade, mas por conveniência, como uma liga secreta formada desde há tempos para preservar o mistério e o guardar dos homens fracos e infelizes, com o fim de os fazer ditosos? Sem dúvida que é isso; sim, deve ser isso. Suspeito que no fundo da maçonaria há algo deste mistério e daí a razão por que os católicos detestam os mações como rivais que rompem a unidade da ideia, sendo tão essencial que exista um só rebanho e um só pastor... Mas vejo que defendo a minha ideia como se fosse um autor que não suporta críticas. Basta.

— Não serás tu próprio um mação? — perguntou de súbito Aliocha. — Tu não crês em Deus — acrescentou com profunda tristeza. Ao ver que seu irmão o fixava com certa ironia continuou: — Como acaba o teu poema? Ou é esse o final?

— Pensava terminá-lo assim: Quando o inquisidor para de falar espera uns minutos como que aguardando a resposta do prisioneiro, cujo silêncio o incomoda. Durante aquele tempo reparou que o outro o ouviu olhando-o sempre docemente no rosto e com o visível propósito de não responder. O velho deseja que diga alguma coisa, terrível e amarga que seja. Mas de repente, Ele aproxima-se calado e pousa nos seus lábios exangues, decrépitos, um beijo de paz. É toda a sua resposta. O velho estremece, palpitam-lhe os lábios, chega à porta e, abrindo-a, diz: «Vai-Te e não voltes mais... não voltes nunca mais, nunca mais!» E deixa-o solto nas ruelas da cidade. O Prisioneiro desaparece.

— E o velho?

— O beijo abrasa-lhe o coração, mas agarra-se à sua ideia.

— E tu, como ele, não largas a tua! — exclamou Aliocha com pesar.

Ivan começou a rir.

— Mas que tolice, Aliocha! Se é um poema absurdo de um colegial sem experiência que em toda a sua vida apenas compôs dois versos! Por que razão o tomas tão a sério? Crês que irei imediatamente ter com os jesuítas a fim de viver entre os que corrigem a Sua obra? Santo Deus, o

que isso me preocupa! Já te disse que apenas desejo viver até aos trinta anos e então... faço tudo em fanicos!

— E os tenros rebentos das folhas, e os sepulcros venerandos, e o céu azul e a mulher amada? Como poderás viver? Como poderás amar se tens o coração e a cabeça com esse inferno? Não, tu partes para te unires a eles, para colaborar na sua obra... senão matas-te, não o poderás suportar.

— Há uma força que suporta tudo — replicou Ivan com um sorriso frio.

— Que força?

— A dos Karamazov... a força da ignomínia dos Karamazov.

— Afogando-te na orgia... mergulhando a tua alma na corrupção, não é?

— É muito possível... a não ser que chegue aos trinta anos e então livrar-me-ei.

— Como? Com que contas tu para livrar-te? Com as tuas ideias é impossível!

— A maneira dos Karamazov também é.

— Pensas que tudo te é permitido. Tudo.

Ivan cerrou as sobrancelhas e empalideceu.

— Ah! Apanhaste essa frase que ontem ofendeu tanto Miusov e que Dmitri recalcou e parafraseou ingenuamente! — disse com um estranho sorriso. — Pois bem, «tudo é permitido», já está dito, e não tenho que o negar. Além disso, a versão de Mitya não está mal.

Aliocha contemplou-o, calado.

— Pensava que ao partir deixaria em ti um amigo, pelo menos — continuou Ivan com inesperada cordialidade. — Vejo que não existe lugar para mim no teu coração, meu querido eremitão. Eu não renegarei a fórmula *tudo é permitido*... negar-me-ás tu por isso?

Aliocha levantou-se e, aproximando-se dele, beijou-o nos lábios.

— É um plágio! — exclamou Ivan com regozijo. — Roubaste isso do meu poema. Mas agradeço-o. Vamos, Aliocha, são horas de irmos andando.

Saíram, mas pararam ainda à porta do hotel.

— Escuta, Aliocha — disse então Ivan com decisão —, se penso nos rebentos das folhas só as poderei amar recordando-te. Basta-me que existas para que o desejo de viver se não extinga na minha alma. Achas bem? Aceita-o como uma declaração de amor, se queres. Agora toma tu a

direita e eu tomarei a esquerda. Já basta, ouves? Já basta. Era bom que ainda não me fosse amanhã, embora tenha a certeza de que vou, e nos voltássemos a ver. Não diremos uma só palavra destas questões, peço-to por especial favor. Quanto a Dmitri, rogo-te encarecidamente que não me fales dele — acrescentou com súbita irritação. — Está tudo dito e redito, não é verdade? Em troca, quero prometer-te uma coisa. Aos trinta anos, quando fizer tudo em fanicos, virei buscar-te para tornarmos a falar, esteja eu onde estiver, nem que seja na América, asseguro-te. Virei de propósito. Será muito interessante fazer-te uma visita e verificar o que és nessa altura. Prometo-o solenemente, embora seja certo que nos separaremos por sete ou dez anos. Agora, vai ter com o teu *Pater Seraphicus,* que está na agonia. Se morre estando tu ausente ficarás aborrecido comigo por te haver retido. Adeus, beija-me outra vez. Está bem; agora, vai.

Ivan voltou-se bruscamente e afastou-se sem olhar para trás, como fizera Dmitri ao deixar Aliocha, embora a despedida tivesse sido muito diferente. Esta semelhança passou como uma flecha pela mente do noviço naquela hora de consternação e melancolia. Seguiu o irmão durante um momento, com o olhar, e reparou que Ivan andava com um certo requebro e que o ombro direito era muito mais baixo do que o outro. Nunca reparara nisso. Deu meia volta e dirigiu-se apressadamente ao mosteiro. A noite caía e Aliocha sentiu-se pesaroso por um pressentimento que enchia a sua alma de confusão. Levantou-se vento, como na véspera, e os pinheiros centenários acolheram-no carrancudos, com um rumor lúgubre. Aliocha começou a correr, a correr pelo caminho que atravessava o bosque do mosteiro. *Pater Seraphicus*!... alguém lhe havia dado esse nome... quem?, pensava com admiração. «Ivan, pobre Ivan! Quando voltarei a ver-te? Já estou na ermida. Sim, sim, aqui está o *Pater Seraphicus,* o que me salvará para sempre!»

Mais tarde admirava-se de haver esquecido completamente Dmitri ao despedir-se de Ivan quando de manhã, poucas horas antes, estava tão resolvido a vê-lo que não teria deixado de o fazer ainda que tivesse de faltar toda a noite ao mosteiro.

Capítulo 6 — Momentos de Angústia

Ivan encaminhava-se para casa de seu pai sentindo uma opressão que aumentava a cada passo. O extraordinário não estava precisamente nisso, mas porque não conseguia saber o porquê. Eram frequentes os seus abatimentos e não podia surpreendê-lo a sua atual prostração quando acabava de romper com tudo o que o retinha na cidade e se dispunha a lançar-se numa vida nova, a mergulhar no futuro, onde, como sempre, se veria só com as suas esperanças, com as suas aspirações, que o enchiam, transbordando mesmo, sem ter chegado até a concretizá-las.

Mas, agora, à parte a angústia do desconhecido, que sentia enroscada no seu coração como uma serpente, outra coisa muito diferente comprimia a sua alma. «Será a aversão que me inspira o lar paterno?», perguntava-se. «Talvez sim. Sinto-lhe asco e, embora tenha de cruzar o seu portão pela última vez, repugna-me... Mas não, não é isso. Tenho de o atribuir à separação de Aliocha, depois da nossa entrevista? Guardei silêncio durante tantos anos sem me dignar falar com alguém e de repente ponho-me a disparatar como um indiscreto.» Talvez se sentisse, sem o saber, ferido e humilhado na sua vaidade de jovem inexperiente por não se haver reabilitado perante uma pessoa tão simpática e grata ao seu coração como Aliocha. Se isso houvesse contribuído para o seu estado de ânimo ter-se-ia precavido; mas não, também não era isso. «Sinto-me doente de angústia e não sei, não sei o que me falta. Melhor será não pensar.»

Tentou desviar em vão o pensamento. O que mais o mortificava e exasperava era sentir aquele peso como algo acidental que permanecia fora da sua alma, embora perto mas sem um ponto fixo, o que sucede por vezes com um objeto posto em frente dos nossos olhos que, por abstraídos que estejamos no trabalho ou na conversa e não o notemos, nos estorva, molesta e atormenta, até que, reagindo, afastamos o incómodo, que é insignificante, qualquer coisa fora do lugar, um lenço caído, um livro mal colocado, etc.

Acercava-se Ivan de casa com tais pensamentos quando, de repente, a uma distância de quinze passos, compreendeu a causa da sua inquietação.

Smerdyakov, o lacaio, tomava fresco sentado num banco junto à porta e assim que o viu sentiu como se aquele homem estivesse atravessado na sua alma de maneira insuportável. Tudo se lhe esclareceu no momento. Quando Aliocha lhe falara do encontro com o criado sentira-se acometido por uma onda de ódio tenebroso que agitara na sua alma todo um fundo de ira contra ele. Este havia sido esquecido durante a conversa, mas logo que Ivan se separara do irmão começaram a reaparecer os sentimentos que jaziam esquecidos. «É possível», pensou enfurecido, «que um canalha, miserável como esse, possa inquietar-me a tal ponto?»

A sua aversão por aquele homem intensificara-se durante os últimos dias. Havia começado por notar que aquele velhaco lhe inspirava um odioso sentimento, aumentado talvez pela simpatia que lhe demonstrara ao chegar à cidade. Smerdyakov interessara-o pela sua originalidade, e nas conversas que gostava de ter com ele maravilhara-o uma certa incoerência, ou melhor, uma inquietação espiritual, sem que chegasse a compreender qual era o oculto propósito que incessantemente dava voltas ao cérebro «daquele contemplativo». Discutiam temas de filosofia e até como podia ter existido a luz no primeiro dia se o Sol, a Lua e as Estrelas não foram criados senão no quarto. Mas depressa Ivan se convenceu de que se o Sol, a Lua e as Estrelas eram objetos interessantes para Smerdyakov, não lhe davam muito cuidado como motivo principal de disputa, na qual buscava algo bem diferente da sabedoria. Nisto, como em tudo, começou a revelar uma vaidade ilimitada, um amor próprio que se sentia ferido à menor contradição, o que desgostou Ivan e acabou por afastá-lo do seu convívio. Mais tarde aconteceu o transtorno da família com o aparecimento de Gruchenka, que motivou o escândalo de Dmitri. Falou-se nisso e ainda que Smerdyakov perorasse acaloradamente, era impossível descobrir o que desejava dar a entender. Em geral havia algo surpreendente no lógico incoerente dos desejos que deixava prever sem os expor nunca com clareza. Smerdyakov perguntava sempre, fazia alusões que obedeciam a algo premeditado, sem se saber porquê, e de repente parava o discurso ou iniciava outro assunto. Mas o que enojava Ivan sobretudo era aquela peculiar, repulsiva e sempre crescente familiaridade que se permitia o lacaio. Não que esquecesse a sua condição e descesse a grosserias, pois que sempre se mostrava muito respeitoso; não, dava-lhe era para ter a mania, Deus sabe com que finalidade, de que entre ele e Ivan havia certo entendimento. A sua maneira de falar sugeria a suspeita de que havia um

pacto entre os dois, algum segredo, acerca do qual se entendiam perfeitamente, enquanto deixavam no escuro quem os escutava. Grande trabalho teve Ivan em encontrar a causa verdadeira da sua antipatia, que era, como por fim compreendeu, o que acabamos de dizer.

Irritado, tentou passar em silêncio, sem olhar sequer para o criado. Smerdyakov levantou-se e Ivan, percebendo por aquele movimento que desejava falar com ele de algo interessante, voltou a cabeça e parou, enfurecendo-se ao ver por terra os seus recentes propósitos de passar ao largo. Com raiva e repugnância contemplava aquele rosto efeminado, doente, enfeitado com pequenos caracóis que avançavam ondulantes sobre as fontes e o olho esquerdo piscando e pestanejando, como que dizendo: «Aonde vais? Não desapareças, temos de falar como pessoas inteligentes.»

Ivan encheu-se de ira. «Afasta-te canalha, imbecil. Que tenho eu a ver contigo?», esteve a ponto de lhe dizer. Mas com grande assombro escutou dos próprios lábios as seguintes palavras:

— Meu pai ainda dorme ou já se levantou?

Fê-lo com uma doçura e submissão que o maravilharam. Depois sentou-se e ficou por isso ainda mais surpreendido. Durante um momento sentiu-se amedrontado sem saber porquê, em frente de Smerdyakov que, de pé e com as mãos nas costas, o olhava com aprumo e quase severidade.

— Sua Excelência ainda dorme — respondeu pausadamente. — Admira-me, senhor — acrescentou pouco depois, quase fechando os olhos com afetação enquanto avançava o pé direito e parecia distrair-se movendo a ponta da bota.

— O que te deixou admirado? — perguntou o outro bruscamente, reparando com desgosto que era vencido por tão viva curiosidade que nada o faria afastar-se sem a satisfazer.

— Por que não vai a Chermachnia, senhor? — perguntou de súbito o lacaio, levantando os olhos e sorrindo familiarmente. «Se o senhor é tão inteligente, compreenderá por que me rio», parecia acrescentar a piscadela do olho esquerdo.

— Por que razão hei de eu ir a Chermachnia? — replicou Ivan, surpreendido.

Smerdyakov calou-se durante um momento e logo em seguida, como quem não dá importância ao assunto, respondeu lentamente:

— Como o próprio Fedor Pavlovitch lhe suplicou... — E pareceu indicar «não vês que falo com segunda intenção só para te puxar pela

língua?»

— Diabos! Diz de uma vez o que queres! — gritou Ivan encolerizado, passando bruscamente da doçura à violência.

Smerdyakov adiantou o pé direito, endireitou-se e continuou a olhá-lo com a mesma serenidade e o mesmo sorriso.

— Nada de especial... falar um pouco.

Seguiu-se novo silêncio. Durante um minuto ambos permaneceram mudos. Ivan compreendeu que devia levantar-se e despejar a sua ira contra o lacaio, que parecia esperar que ele se zangasse. Mas o outro, como se aguardasse esse preciso momento, rompeu o silêncio para dizer com resolução e firmeza:

— A minha situação é terrível, Ivan Fedorovitch. Não sei como resolvê-la. — E suspirou. — Estão os dois completamente loucos. São pior do que crianças — continuou. — Falo de seu pai e de Dmitri. Fedor Pavlovitch não tarda a levantar-se e começará a atormentar-me a cada instante: «Já veio? Por que não veio?», e é assim até à meia noite. Se Agrafena Alexandrovna não vier, o que pode muito bem acontecer, amanhã de manhã não me larga. «Por que não veio? Quando virá?», como se fosse eu que tivesse a culpa. Quanto ao outro as coisas não estão melhores. Logo que a noite cai aparece o seu irmão empunhando uma pistola: «Olha, canalha, cozinheiro de uma figa, se a deixas entrar sem me avisares de que veio és o primeiro a morrer.» E no dia seguinte, de manhã, tal como o pai, começa a arreliar-me: «Então ela não veio? Sabes se demora?» E também me julga culpado se essa senhora não acode. Exasperam-se mais e mais a cada hora e a cada dia que passa, e chego a pensar que num momento de terror sou capaz de dar cabo de mim. Não posso suportá-los, senhor!

— E por que te meteste nisso? Por que razão começaste a fazer de espião de Dmitri? — disse Ivan, enraivecido.

— Acaso podia impedi-lo? A verdade é que não me meti em nada. Ao princípio estava sossegado e calado para não o contradizer, mas ele insistiu em que eu o havia de servir. Desde então não para de dizer: «hei de matar-te, canalha, se a deixares passar!» Tenho a certeza de que amanhã terei um ataque e dos grandes.

— Que dizes? Um ataque?

— Sim, um ataque que durará muito... talvez mesmo um dia ou dois. Tive um, uma vez, que durou três dias quando caí das águas furtadas. As

convulsões paravam e recomeçavam de novo e durante três dias não recobrei os sentidos. Seu pai mandou chamar o doutor Herzenstube que me pôs compressas de gelo e prescreveu outros remédios. Salvei-me por milagre.

— Dizem que um epilético não pressente a crise. Por que razão dizes que terás uma amanhã? — perguntou Ivan, numa mistura de curiosidade e irritação.

— É assim, na verdade. Não se pode prever.

— E da outra vez deste uma queda.

— Posso cair de novo. Vou lá todos os dias. Amanhã posso até cair da escada da adega.

Ivan ficou-se a olhá-lo e disse-lhe com uma doçura que tinha o seu ar de ameaça:

— Ou dizes tolices ou não te percebo. Pretendes fingir-te doente amanhã e durante três dias?

Smerdyakov, que fixava o chão e brincava com a ponta do pé direito, disse com um sorriso irónico:

— Se eu soubesse recorrer a esse engano, quero dizer, fingir um ataque, o que creio não será difícil para quem está habituado a sofrê-los, era meu direito absoluto, como meio de me salvar da morte. Agrafena Alexandrovna vem cá ver o seu pai enquanto eu estiver de cama. Sua Excelência não poderá mandar-me fazer recados.

— Diachos! — gritou Ivan cheio de cólera. — Porque estás sempre a tremer pela tua vida? Todas as ameaças do meu irmão não são mais do que fanfarronadas que nada significam. Não te mata, não; não é a ti que ele quer matar.

— Serei o primeiro, sim, como uma mosca. Além do mais, não quero que me tomem por cúmplice se cometer alguma barbaridade contra seu pai.

— Por que razão te hão de tomar por cúmplice?

— Pensarão que o sou porque lhe descobri todos os avisos em grande segredo.

— Que avisos? A quem os deste? Velhaco, fala mais claro!

— Chego ao ponto de ter de confessar — balbuciou Smerdyakov com serenidade pedante. — Guardo um segredo de Fedor Pavlovitch referente a este assunto. Como sabe, se é que o sabe, fecha-se no quarto, por dentro, quando anoitece ou ao escurecer. Não abre nem sequer a Grigory

Vasilyevitch se este não se der a conhecer, falando. Mas Grigory já não vai lá, desde que sou eu quem trata dele. Destinou isto assim que se interessou por Agrafena, mas de noite retiro-me, obedecendo às suas ordens, para o pavilhão, com proibição de me deitar e dormir. Devo vigiar, levantado ou a passear pelo pátio, esperando a chegada dessa senhora. Durante estes últimos cinco dias perdi a cabeça por completo à espera dela. Deduz-se do medo que tem a Dmitri que aparecerá de noite e muito tarde, por ruas desertas. «Vigia até de madrugada e quando a vires chegar corres e chamas do jardim, à porta ou à janela. Primeiro bates duas vezes e depois três mais rápidas. Assim sei que é ela e abro logo em seguida.» Para o caso de acontecer algo inesperado, deu-me outra senha. Primeiro dois golpes, depois três, uma pausa e outro mais forte. Compreenderá deste modo que aconteceu qualquer coisa e que preciso vê-lo. Então abre a porta para que eu entre e lhe conte o que há. Isto tudo prevendo que Agrafena Alexandrovna não possa vir em pessoa e mande recado. Se Dmitri aparecer, devo também avisá-lo. Sua Excelência sente por isso um verdadeiro pânico e estou avisado para bater três vezes à porta se Agrafena se encontrar com ele. De modo que o primeiro sinal de cinco pancadas quer dizer que ela chegou, enquanto o segundo é apenas para ele saber que eu tenho algo importante para lhe contar. Sua Excelência explicou-mo várias vezes. E como ninguém mais sabe desta senha abrir-me-á a porta sem a menor vacilação, nem perguntar quem chama. Bem, Dmitri também a sabe agora.

— Como? Disseste-lhe! Como ousaste fazê-lo?

— Por medo. Foi-me impossível ocultá-lo. Dmitri gritava-me todos os dias: «Enganas-me ou escondes-me alguma coisa! Dou cabo de ti!» De modo que para lhe provar a minha fidelidade de servo e convencê-lo de que não o engano revelei-lhe o segredo dos sinais, que é tudo quanto lhe posso dizer.

— Se julgas que tirará vantagem do teu segredo, tentando chegar até aos quartos, não o deixes.

— Como poderei impedir que entre se estou prostrado com o ataque? Isso em caso de conseguir fazê-lo, com a fúria que tem.

— Diabos! Como podes estar tão certo de que amanhã te vai dar o ataque, maldito? Estás a gozar-me?

— Eu? Na verdade estou bem disposto para isso, com o medo que me toma. Creio que vou ter uma crise. É um pressentimento, apenas. Este

medo horrível deve ser a causa.

— Vai para o diabo! Se ficares doente, Grigory encarregar-se-á de vigiar. Conta-lhe tudo antes e verás como lhe impede a entrada.

— Nunca me atreveria a falar a Grigory Vasilyevitch dos sinais, sem ordem expressa do meu amo. Quanto a poder ouvi-lo e impedir-lhe a entrada, dir-lhe-ei que está doente desde ontem e Marfa Ignacievna pretende dar-lhe amanhã um remédio que acabaram de preparar. É uma das poções que Marfa conhece e toma sempre. Um licor muito forte, feito de ervas, cujo segredo ela guarda e que costuma dar a Grigory quando o lumbago o deixa quase paralítico. Molha um pano na droga e esfrega as costas do marido até ficarem vermelhas e a pele saturada. Bebe em seguida o que fica na garrafa, enquanto ela reza não sei que orações. Costuma guardar uns goles para si própria e como não estão habituados a bebidas fortes, caem os dois em sono profundo, do qual levam muito tempo a acordar, garanto-lhe. Grigory levanta-se aliviado da dor, mas a Marfa essa bebida deixa-a sempre com dor de cabeça. De modo que se amanhã ela aplicar essa poção não ouvirão nada nem poderão deter Dmitri. Dormirão como pedras.

— Que complicação é essa? Acontece tudo junto como se estivesse preparado. Enquanto tu tens o ataque, eles encontrar-se-ão sem sentidos — gritou Ivan. — Como se tu combinasses arranjar as coisas desse jeito — culpou rudemente com gesto ameaçador.

— Que poderei eu fazer?... E mesmo que assim fosse, não depende tudo de Dmitri e dos seus planos?... Se quiser fazer alguma coisa, fá-lo-á; se não, acautelo-me bem de o empurrar contra o pai.

— E para que há de vir, e ainda por cima em segredo se, como tu dizes, Agrafena Alexandrovna não aparecerá? — atalhou Ivan, muito pálido. — Tu próprio o disseste e, por minha parte, desde que aqui estou, não vi nisso mais do que pura fantasia do velho, e convenci-me de que essa criatura não fará caso das suas solicitudes. Por isso, por que razão há de vir Dmitri? Fala, quero saber o que pensas...

— Sabeis bem ao que virá. Não importa o que eu penso. Virá porque está raivoso ou porque receia a minha doença, e, como ontem, precipitar-se-á a revistar todos os quartos para verificar se ela se terá escondido nalgum. Também sabe que o pai guarda três mil rublos num sobrescrito muito bem atado e lacrado com três selos e no qual escreveu ele próprio:

Ao meu anjo Gruchenka, se vier. Acrescentou há dias: *a minha pombita.* Quem pode calcular os resultados disto?

— Tolices! — gritou Ivan fora de si. — Dmitri não virá roubar nem matar meu pai por isso. Ontem podia tê-lo morto por causa de Gruchenka, num acesso de loucura, porque estava excitado como uma fera; mas roubar, não.

— Faz-lhe muita falta o dinheiro agora. Mais falta do que nunca, Ivan Fedorovitch — replicou tranquilamente Smerdyakov, com seriedade. — Além de considerar seus esses três mil rublos. Ele mesmo mo disse: «Meu pai deve-me precisamente essa quantia.» Por outro lado, tem de concordar, Ivan Fedorovitch, que é a pura verdade. O certo é que se Agrafena Alexandrovna pensa numa coisa, e basta que o queira, obrigará o meu amo a casar-se com ela. Fedor Pavlovitch há de resolver-se, se ela quiser, e é provável que queira, naturalmente. O que eu tenho dito até aqui é que ela não acudirá à chamada, mas talvez seja por aspirar a algo mais: a ser dona desta casa. Eu sei por mim que Samsonov, o comerciante, se riu muito com ela comentando o assunto e lhe disse abertamente que seria uma estupidez levá-lo a bom termo! E ela que é esperta e tem sentido prático não se casará com um miserável como Dmitri. Tenho isto em conta, pense, Ivan Fedorovitch, que nem Dmitri, nem vós, nem vosso irmão Alexey teriam alguma coisa, nem um cêntimo, quando da morte do vosso pai, pois ela casaria com ele apenas para ficar com tudo. Por outro lado, se seu pai morresse agora, ficaria para cada um aí uns quarenta mil rublos. Até mesmo para Dmitri, a quem tanto odeia, pois que não tem testamento feito... Dmitri sabe de tudo isto.

O rosto de Ivan pareceu desfigurar-se. Corou de repente e replicou ao falador:

— Então por que me aconselhas que vá a Chermachnia? Que pretendes com isso? Sabes o que poderá aqui acontecer se eu me for embora?

— Precisamente por isso — replicou Smerdyakov em voz baixa e em tom razoável, sem deixar de o olhar intensamente.

— Que queres dar a entender com as tuas palavras? — perguntou Ivan com os olhos fulgurantes de ameaça, sem quase poder conter-se.

— Digo-o porque tenho pena de si. Eu no seu lugar mandaria tudo para o diabo... em vez de me ver nesta situação violenta — respondeu Smerdyakov com ar de suma candura, sustentando o olhar aceso de Ivan.

Calaram-se os dois.

— Pareces-me um refinado idiota e, o que é pior, um perfeito canalha — interrompeu Ivan, saltando do seu assento. Estava quase a passar o portão do jardim quando se deteve e retrocedeu até perto de Smerdyakov.

Nessa altura aconteceu algo raro. Num paroxismo de ira, Ivan mordeu os lábios, crispou os punhos e pouco faltou para que se atirasse sobre Smerdyakov, o qual, precavendo-se a tempo, retrocedeu, tremendo. Mas o acesso passou sem qualquer dano para o lacaio e Ivan encaminhou-se para a porta, em silêncio, e parecia que tomado de perplexidade.

— Amanhã de manhã parto para Moscovo, se estás interessado. Agora já sabes — vociferou. Mais tarde admirava-se de o haver dito, quando nenhuma necessidade tinha de fazer tal confidência a Smerdyakov.

— É o melhor que faz — disse este como se aguardasse aquela revelação. — Mas disponha as coisas de modo a que se lhe possa telegrafar se acontecer aqui alguma coisa.

Ivan voltou a parar, olhando de novo para Smerdyakov. No rosto deste havia-se operado uma súbita mudança, desaparecendo dele todo o aspeto de familiaridade e indiferença para deixar ressaltar a mais profunda atenção, avivada por uma ansiedade intensa e servil. Nos seus olhos, fixos nos de Ivan, podia ler-se: «Tem algo mais que dizer... algo mais que acrescentar?»

— E não me poderiam avisar para Chermachnia? — saltou Ivan, impetuoso, levantando a voz, Deus sabe por que motivo.

— Para Chermachnia também... também seria avisado — balbuciou Smerdyakov calmamente desconcertado, mas sem afastar o olhar.

— Só que Moscovo é mais longe. Por que insistes em que vá a Chermachnia? Para não gastar tanto ou para me evitares as maçadas de uma viagem demasiado longa?

— Precisamente por isso — murmurou Smerdyakov em voz fraca. Olhou para Ivan sorrindo repulsivamente, disposto a retroceder; mas com grande surpresa sua, Ivan desatou a rir e assim saiu. Quem o tivesse visto naquela altura não tomaria o seu riso por sinal de alegria. Talvez nem ele mesmo tivesse podido explicar que espécie de sentimentos o provocavam enquanto caminhava agitado de um louco frenesi.

Capítulo 7 — Dá Gosto Falar com Um Homem de Talento

E falava com o mesmo frenesi. Como se encontrara ao atravessar o salão com Fedor Pavlovitch, aproximou-se-lhe para gritar asperamente: «Vou ao meu quarto e não ao vosso!... Adeus!», e passou, procurando não olhar o pai, que naquele momento lhe parecia mais odioso do que nunca. Este rasgo de insolência deixou admirado o próprio Fedor, e o pobre velho que estava esperando no salão porque desejava falar com o filho sobre certo assunto importante, ao receber uma saudação tão amistosa, ficou-se com a boca aberta olhando Ivan ironicamente até que o perdeu de vista.

— Que tem ele? — perguntou a Smerdyakov, que seguia o filho.

— Deve estar aborrecido. Sabe-se lá! — respondeu evasivamente o lacaio.

— Diabos! Que se desenfade, então. Traz-me o samovar e deixa-me. Rápido! Há algo de novo?

E seguiu-se uma série de perguntas que omitiremos aqui porque todas se referiam à ansiada visita e eram as mesmas de que se queixara Smerdyakov na sua conversa com Ivan. Meia hora depois fecharam a casa e o velho tonto ficou a passear pelos quartos esperando febrilmente a cada instante ouvir as cinco pancadas, e perscrutando de vez em quando as sombras do jardim, melancolicamente solitárias.

Era muito tarde e Ivan continuava desperto e preocupado, ficando de pé até às duas da madrugada. Não analisaremos aqui as suas reflexões, nem é ainda tempo de penetrarmos nesta alma, como faremos oportunamente. Ainda que o tentássemos, difícil seria expor os seus pensamentos pois que o cérebro se encontrava cheio de uma estranha confusão exaltada por uma excitação intensa. Ele mesmo se dava conta de haver perdido as estribeiras e estar dominado pelos mais raros e surpreendentes desejos, como o que o acometeu à meia-noite, de maneira irresistível, de descer, abrir a porta, chegar ao pavilhão e maltratar Smerdyakov, sem outro motivo a alegar do que o seu ódio ao lacaio por ser a pessoa de quem mais grave injúria havia recebido. Por outro lado,

naquela noite sentia-se invadido como nunca por um terror inexplicável e humilhante que lhe esgotava as forças. Ardia-lhe a cabeça e tinha vertigens. Um sentimento de ódio oprimia-lhe angustiosamente o coração, como por falta de vingar-se em alguém. E odiava Aliocha, recordando a conversa tida com ele. Odiava-se por vezes a si mesmo. Quase esquecera Catalina Ivanovna, do que se admirava logo e mais ainda ao recordar perfeitamente que quando lhe anunciava com tal valentia a sua partida para Moscovo, no dia seguinte, o coração sussurrara-lhe: «Não digas tolices, que não irás, nem será tão fácil despedires-te dela, fanfarrão!»

Pensando depois naquela noite, recordava com desgosto singular como saltara resolutamente do sofá e, qual ladrão que teme ser surpreendido, abrira a porta deslizando até à escada para escutar o agitado ir e vir de Fedor Pavlovitch, no andar de baixo. Durante bastante tempo, mais de cinco minutos, escutara com grande ansiedade, contendo o alento para apagar o barulho do sangue que lhe fervia nas veias. Não sabia por que razão o fizera, por que escutara, mas toda a sua vida se culpou de haver cometido uma ação ignóbil, que no fundo da sua alma reputou como a mais vil de todas. Naquele momento não o animava o ódio a Fedor Pavlovitch, mas sim uma curiosidade irresistível de saber o que fazia a tais horas, percorrendo os seus aposentos. E imaginava-o espiando à noite, parando a meio da sala, aguardando ansiosamente que o chamassem à janela. Duas vezes se dirigiu Ivan à escada, movido pela mesma curiosidade.

Perto das duas horas, quando tudo ficou em silêncio e já não se ouviam as passadas do pai, deitou-se decidido a dormir, porque se sentia muito cansado. Em seguida, adormeceu profundamente em paz, mas despertou cedo, por volta das sete. Quando abriu os olhos ao novo dia sentiu-se possuído de uma energia que o deixou admirado por tão extraordinária. Saltou da cama e vestiu-se num instante; em seguida começou a preparar a mala. A sua roupa interior estava lavada e, ao pensar que tudo contribuía para não retardar a partida, sorriu. Pois sim, partiria imediatamente. Embora na véspera tivesse prometido a Catalina Ivanovna, Aliocha e Smerdyakov que iria no dia seguinte, não pensava pôr-se em marcha quando se deitou nem podia sonhar que o seu primeiro ato da manhã fosse o arranjo da maleta que tinha já preparada. Às nove horas entrou Marfa Ignacievna com a pergunta habitual: «O senhor vai lá abaixo tomar o chá ou quer que lho traga?» Estava quase alegre, mas nos seus

gestos e nas suas palavras manifestava pressa e distração. Cumprimentou o pai afavelmente, interessando-se pela sua saúde, mas interrompeu a resposta anunciando-lhe que partia para Moscovo porque nisso tinha conveniência. Sairia dentro de uma hora e pedia-lhe que mandasse preparar o coche. O pai escutou a notícia sem revelar a menor surpresa e, em vez de se mostrar desgostoso por aquela separação, até mesmo por formalidade, começou a fazer comentários espaventosos acerca de um negócio que tinha entre mãos.

— És um patife! Não mo teres dito ontem! Bom... é igual. Faz-me um grande favor. Passa por Chermachnia que fica a umas doze *verstas* à esquerda da estação de Volovia.

— Sinto não poder fazer-lhe a vontade. Daqui até à estação são oitenta *verstas* e o comboio para Moscovo sai às sete da tarde. Tenho tempo apenas para o apanhar.

— Apanha-lo amanhã ou no dia seguinte, mas hoje vai a Chermachnia. Que te custa contentar o teu pai? Se não me retivessem certos assuntos, eu próprio iria, porque tenho lá um negócio premente. Mas... não posso afastar-me um momento. Escuta, tenho lá dois bosques. Os Maslov, pai e filho, oferecem-me oito mil rublos pelo corte de árvores. O ano passado perdi um comprador que dava doze mil. Já não há ali quem queira comprá-los, e como os Maslov teimarão na sua oferta terei que aceitar o que me dão porque mais ninguém oferecerá essa quantia. No entanto, o cura de Ilinskoe escreveu-me na quinta-feira dizendo que Gortskin, um comerciante meu conhecido, estava na aldeia, e este comprador é vantajoso como forasteiro porque não sabe o que dão os outros e posso pedir-lhe uns onze mil rublos pelos bosques. Entendes? Mas o cura diz que ele só fica lá durante uma semana, por isso tens de ir já resolver o assunto com ele.

— Escreva ao cura e ele que o faça.

— Não pode; não tem jeito para o negócio. É um tesouro de honradez. Confiei-lhe vinte mil rublos para que mos guardasse e não lhe exigi recibo... mas não entende de negócios mais do que uma criança e deixar-se-ia enganar por um papagaio. Talvez não acredites que é muito ilustrado. Esse Gortskin parece um grosseiro com o seu cafetão azul, mas é um velhaco e um trapaceiro, o que é para lamentar. Descai-se por vezes com tais mentiras que nos deixa admirados. Há um ano disse-me que a mulher lhe morrera e que se havia casado com outra. Pois fica sabendo que não há

nada de verdade nisto! A mulher, longe de ter morrido, é uma senhora ainda muito fresca e com disposição suficiente para dar duas sovas por semana ao marido. De modo que tens de ter muito cuidado com o que te disser.

— Não lhe serei útil nesse negócio. Eu também não tenho vista para tanto.

— Cala-te, espera um pouco. Já verás como tens assim que te disser como poderás julgar Gortskin. Tive negócios com ele noutros tempos. Terás de fixar-lhe a barba, ruiva, rala e suja. Se tremer quando fala e se ele se benzer repetidamente, bom sinal; quer dizer que pensa fechar o negócio. Mas se a acaricia com a mão esquerda e gesticula, terás de pensar que está a calcular alguma trapaça. Não observes os olhos que não vale a pena pois ele é um astuto, um consumado aldrabão. Dá atenção apenas à barba. Dar-te-ei uma carta para ele. Chama-se Gortskin, e ainda que o seu verdadeiro nome seja Lyagavi, não lhe chames isso, pois que se aborrece. Se vos entenderdes, escreve-me logo. Basta que me digas «Não mente.» Podes baixar mil rublos, mas aguenta-te firme nos onze mil. Repara bem na diferença que há entre oito mil e onze mil! São três mil rublos que nos vêm como que caídos do céu. Não é fácil encontrar um bom comprador e estou numa situação económica bem difícil. Basta que me comuniques que a coisa é a sério e correrei a assinar a escritura. hei de encontrar uma ocasião para o fazer. Mas de que me servirá perder tempo em viagens se tudo se reduzir a uma fantasia do cura? Vamos, queres ir?

— Não tenho tempo a perder. Desculpe-me.

— Então! Faz-me esse favor que o levarei em conta. Mas falta-vos coração, essa é que é a verdade. Que diferença te faz perder um ou dois dias. Aonde vais? A Veneza? Veneza ainda estará no mesmo sítio dentro de dois dias. Enviaria Aliocha, mas que entende ele destes assuntos? E se pensei em ti é por seres um rapaz esperto. Ou crês que não o vejo? Não conheces o negócio de madeiras, mas tens olho; e o que interessa, ao fim e ao cabo, é ver se esse homem está bem disposto.

— De modo que é mesmo o pai que me empurra para essa maldita aldeia? — exclamou Ivan com sorriso mau.

Fedor Pavlovitch não reparou ou não quis reparar nisso, mas correspondeu ao sorriso.

— Então, vais? Vais? Escreverei imediatamente umas linhas...

— Não sei se irei... hei de pensar nisso.

— Bah! Pensa agora... Anda, decide-te, querido. Se tudo correr bem, escreve-me uma linha ou dá a carta ao padre que ma enviará logo, e não te entretenhas mais. Podes ir a Veneza. O próprio padre cuidará do coche que te levará à estação.

O velho estava encantado. Escreveu a carta e ordenou que arranjassem a carruagem. Tomaram um pequeno almoço ligeiro, durante o qual o pai parecia conter-se contra o costume de se mostrar expansivo sempre que estava contente. Não falou de Dmitri nem se manifestou comovido pela separação, ainda que parecesse guardar qualquer coisa no peito. Ivan notou-o e pensou que estaria desgostoso com ele. Quando acompanhava o filho lá fora, começou a alvoroçar-se e quis beijá-lo, mas Ivan apressou-se a estender-lhe a mão a fim de se esquivar ao beijo. Seu pai compreendeu o gesto e retirou-se para o portal, gritando dali enquanto agitava os braços:

— Adeus! Que faças boa viagem! Vamos a ver quando voltas! Que seja depressa, hem? Sempre gosto de te ver. Adeus! Que Cristo seja contigo!

Ivan subiu para a carruagem.

— Boa viagem, Ivan. Não me julgues com demasiada severidade — acabou de gritar o pai.

Saiu então de casa a criadagem para se despedir: Smerdyakov, Marfa e Grigory. Ivan entregou dez rublos a cada um. Quando se sentou, Smerdyakov precipitou-se a fim de lhe compor a manta que o tapava.

— Como vês, vou a Chermachnia — disse Ivan, como se as palavras se lhe escapassem involuntariamente acompanhadas de um riso nervoso e concentrado, como notou logo a seguir.

— Pois é assim, a verdade é que dá gosto falar com um homem de talento — respondeu Smerdyakov em tom firme, dirigindo-lhe um olhar significativo.

A carruagem pôs-se em marcha.

Na alma de Ivan ia ficando impressa a beleza dos campos, das colinas, das árvores e dos bandos de aves que voavam na limpidez do céu. Sentiu-se feliz. Quis fazer uma pergunta ao cocheiro e deixou-se entusiasmar pela resposta; mas logo a seguir deu consigo distraído pelo seu próprio sentimento, o qual não fora originado na realidade pela resposta do camponês. Calou-se e apreciou o silêncio. A manhã estava fresca, quase fria, transparente, sob um céu puríssimo. Pela sua mente passaram as imagens de Aliocha e de Catalina Ivanovna... suspirou docemente e as

gratas recordações desapareceram. «Tenho tempo para pensar neles», disse para consigo. Chegaram daí a pouco à estalagem, mudaram de cavalos e trotaram imediatamente na direção de Volovia. «Porque terá dito que dá gosto falar com um homem de talento?» E esta ideia parecia fazer escassear o ar. «E por que razão lhe disse eu que ia a Chermachnia?» Saltou da carruagem junto da casa das mudas de cavalos de Volovia e chegaram-se a ele os cocheiros, discutindo sobre a distância até Chermachnia. Ordenou-lhes que abrigassem os cavalos e entrou na pousada, onde só encontrou a dona. Saiu em seguida e disse:

— Não irei a Chermachnia. Chegaremos a tempo ao comboio das sete, irmãos?

— Acho que sim. Atrelamos?

— Imediatamente. Irá algum de vós amanhã à cidade?

— Sim, vai aquele, Dmitri.

— És capaz de me fazer um favor, Dmitri? Vais a casa de meu pai, Fedor Pavlovitch, e dizes-lhe que não fui a Chermachnia. Entendido?

— Com muito gosto. Conheço seu pai há muito tempo.

— Toma uma gorjeta, pois suspeito que ele não te dará nada — disse Ivan rindo.

— Pode ter a certeza que não. Obrigado, senhor. Cumprirei as vossas ordens. — E Dmitri, o cocheiro, também riu.

Às sete horas, Ivan apanhava o comboio para Moscovo.

— Adeus ao passado! Despeço-me de toda a gente, de todo o passado, e não quero dele nem uma notícia nem uma recordação. Dirijo-me a uma vida nova, a novos horizontes, sem me voltar para trás!

Mas em vez de alegria sentia penetrar na sua alma um desassossego que a inundava como nunca de sombria tristeza. Toda a noite esteve tétrico e caviloso. O comboio voava e só ao despontar do dia e já perto de Moscovo Ivan saiu da meditação em que se afundara para dizer para consigo:

— Sou um canalha!

***

Fedor Pavlovitch ficou-se tranquilo quando despediu o filho e passou duas horas quase felizes sentado à mesa, bebendo copo atrás de copo. Mas sem ser esperado sobreveio um acidente que transtornou toda a casa e

arrancou o amo ao seu estado aprazível. Smerdyakov caíra ao fundo das escadas da adega. Afortunadamente, Marfa Ignacievna, que se encontrava no pátio, pôde correr a tempo ao ouvir um grito, aquele grito estranho, peculiar que ela já conhecia: o bramido do epilético que anunciava o começo da crise. Não podia dizer se esta o acometeu quando descia a escada ou se fora consequência da queda, porque Smerdyakov agitava-se sem sentidos ao pé dos degraus, deitando espuma pela boca. Ao princípio temeram que tivesse partido um braço ou uma perna, mas «Deus tinha-o protegido», segundo disse Marfa ao certificar-se que estava ileso. O mais difícil foi tirá-lo de lá. Foi necessário pedir ajuda aos vizinhos e entre uns e outros levaram a operação a cabo o melhor que puderam em presença do próprio Fedor Pavlovitch, que infundia ânimo, sem dissimular o seu susto e preocupação. O doente não voltava a si; paravam por um momento as convulsões para se repetirem de novo e todos concordavam em que ia suceder algo semelhante ao que se dera no ano anterior, quando caíra das águas furtadas. Recordaram-se então de que lhe haviam posto compressas de gelo na cabeça e Marfa foi buscar algum. À tarde, Fedor Pavlovitch mandou chamar o doutor Herzenstube, que se apresentou imediatamente. Era um velho muito estimado e o mais solícito e consciente médico dos arredores. Depois de um exame atento, declarou que era uma das crises mais violentas e que podia ter graves consequências, que de momento não podia prever, mas se no dia seguinte pela manhã não tivessem produzido efeito os remédios que prescrevera, tentaria algo de novo. Deitaram o doente no pavilhão, no quarto contíguo ao de Grigory e Marfa.

Fedor Pavlovitch teve outra desgraça que acabou de lhe amargar o dia, que tão bom se prometera. Marfa tomou conta da comida e a sopa que lhe serviu soube-lhe a água quente, comparada com as de Smerdyakov, e o frango era impossível de mastigar, de tão duro que era. Ao ouvir as amargas queixas do amo, Marfa replicou em primeiro lugar que o frango era muito velho e depois que não entendia nada de guisados. Para culminar os males, soube que naquela tarde Grigory, que se encontrava mal havia três dias, se metera na cama com dores agudas de reumatismo. Fedor acabou de tomar o chá e fechou-se só. Estava terrivelmente excitado e em suspenso. Tinha como certo que naquela noite veria Gruchenka, porque Smerdyakov assegurara que ela «lhe havia prometido lá ir sem falta». O coração do velho incorrigível palpitava violentamente. Andava de um lado para o outro da sala escutando a cada momento. Havia que estar alerta.

Dmitri podia espiá-la de algum canto, e quando ela batesse à janela — Smerdyakov dissera-lhe dois dias antes que a informara como e onde havia de bater — devia abrir a porta de repente. Não devia fazê-la esperar nem um segundo, não fosse ela — Deus nos livre! — sentir medo e escapar-se. Fedor Pavlovitch tinha muitas coisas em que pensar, mas nunca se agitara o seu coração em esperança mais voluptuosa. Tinha a certeza de que ela iria naquela noite!

Livro 6 — O Monge Russo

Capítulo 1 — O Padre Zossima e os Seus Amigos

Quando Aliocha chegou à cela do Presbítero, arquejando de ansiedade, ficou pasmado. Esperava encontrá-lo moribundo e talvez sem conhecimento, e viu-o sentado na sua poltrona, abatido e extenuado, mas com aspeto radiante e jovial, em alegre e repousado colóquio com as visitas que o rodeavam. Levantara-se havia apenas um quarto de hora. Aguardaram o seu despertar, reunidos na cela, porque o Padre Paissy assegurara que «o mestre se levantaria e cumpriria a promessa da manhã, conversando uma vez mais com os seus amigos da alma», e esta promessa, como cada uma das palavras do Presbítero, no seu transe de morte, estava fora de toda a dúvida para o Padre Paissy. Ainda que o tivesse visto já sem sentidos ou a exalar *o* último suspiro, tendo-lhe ele prometido que se levantaria para se despedir, talvez não tivesse acreditado que estivesse morto, mas sim esperando que revivesse para cumprir a sua palavra. De manhã, quando se deitara para dormir, dissera-lhe textualmente: «Não morrerei sem a felicidade de falar ainda com todos vós, meus queridos. Verei de novo os vossos rostos e abrir-vos-ei para sempre o meu coração.» Os monges que acudiram a esta conversa, provavelmente a última, eram os quatro mais íntimos e devotos, amigos de muitos anos: o Padre Iosif, o Padre Paissy, o Padre Mikail, este guardião do eremitério, homem de idade média, escassa cultura, de origem humilde, vontade firme, fé arrebatada e semblante ascético, mas de uma doçura sem igual, que tratava de ocultar como que envergonhado. O quarto, o Padre Anfim, era um monge muito velho e humilde que procedia da mais baixa classe social. Quase leigo e muito calmo, raras vezes dirigia a palavra a alguém. O mais humilde dos humildes, parecia amedrontado por algo grandioso e terrível sempre fora do alcance da sua inteligência. O Padre Zossima sentia um grande carinho para com este homem timorato e tratava-o com visível respeito, embora fosse talvez dos conhecidos a quem menos falava, não obstante ter viajado durante muito tempo com ele por toda a Rússia. Isto fora muito tempo antes, talvez quarenta anos, quando o Padre Zossima tomara o hábito num

pobre mosteiro de Kostroma e fora designado como companheiro do Padre Anfim na sua peregrinação de pedinte para o convento.

Todos estavam recolhidos no dormitório, bastante estreito como já notámos, em que os quatro mal se podiam acomodar em redor do Padre Zossima, em outras tantas cadeiras trazidas do salão. O noviço Porfiry encontrava-se de pé. Havia escurecido e a sala estava iluminada com os círios e as lâmpadas que ardiam diante dos santos.

O Padre Zossima viu que Aliocha parava à porta como que embargado, sorriu-lhe alegremente e disse estendendo-lhe os braços:

— Entra, homem de paz. Entra, meu caro. Até que enfim chegaste. Já sabia que virias.

Aliocha avançou, prosternou-se humilhando a fronte até ao chão e chorou. Uma ternura imensa invadia o seu coração, desfazendo-se em soluços.

— Vá, não chores mais por mim! — sorriu o Presbítero com a mão direita na cabeça do jovem. — Não me vês sentado e a conversar? Talvez viva outros vinte anos, segundo o desejo daquela boa mulher de Vichegoria que trazia nos braços a filha, Lizaveta. Deus bendiga a mãe e a filha! Porfiry, levaste a esmola dela aonde te disse?

Aludia aos sessenta *kopeks* que lhe entregara na véspera aquela mulher caridosa para que os desse a alguém mais necessitado do que ela. Essas ofertas de dinheiro ganho com o trabalho pessoal faziam-se como penitência que se impunham voluntariamente os fiéis. O Presbítero encarregara Porfiry, na tarde anterior, de que fosse socorrer uma viúva cuja casa fora pasto das chamas, o que a obrigara a mendigar com os filhos. Porfiry apressou-se a responder que lhe entregara o dinheiro da parte de uma benfeitora desconhecida, segundo as instruções.

— Levanta-te meu filho — continuou o Presbítero, voltando-se para Aliocha. — Deixa-me olhar-te. Estiveste em casa e viste o teu irmão?

O tom confidencial e o interesse determinado por um irmão surpreendeu Aliocha. A qual deles se referiria?

— Vi um deles — respondeu.

— Falo do mais velho, a quem saudei prostrando-me no chão.

— Vi-o ontem; hoje não pude encontrá-lo.

— Pois vai procurá-lo. Volta amanhã e apressa-te. Deixa tudo para o encontrares. Talvez chegues a tempo de evitar algo de terrível. Ontem fiquei transtornado com o cúmulo de desgraças que se abaterão sobre ele.

Calou-se em seguida como que distraído pelos pensamentos. Estranhas palavras as suas! O Padre Iosif, que presenciara a cena da véspera, trocou um olhar inteligente com o Padre Paissy e Aliocha não pôde conter-se mais e perguntou, embargado pela mais profunda emoção:

— Padre e mestre, as vossas palavras são muito obscuras... Que desgraça o ameaça?

— Não queiras sabê-lo. Ontem pareceu-me ver algo terrível... como se toda a sua vida se houvesse revelado nos olhos. Assomou a eles tal fulgor que fiquei aterrorizado perante o que se forjava na sua alma. Só uma ou duas vezes na minha vida vi um olhar semelhante... refletindo o destino de um homem; destino que, infelizmente, se cumpriu fatalmente. Enviei-te a ele, Alexey, porque creio que o teu rosto fraternal o pode ajudar. Mas todas as coisas, como tudo aquilo que nos irá acontecer, está nas mãos do Senhor. «Se o grão de trigo que cai na terra não morrer ficará só, mas se morre dará muito fruto.» Lembra-te disto. Tem presente, Alexey, que me senti feliz durante muito tempo, sem o dizer, por causa do teu rosto — acrescentou o Presbítero, sorrindo. — Quanto a ti, confio em que deixarás estes muros e viverás no mundo como um monge. Terás muitos inimigos, mas até os teus adversários te estimarão. A vida acarretar-te-á muitas desgraças, mas serás feliz no meio delas e abençoarás a vida e farás com que outros a abençoem, que é o principal. Bom, para isso contribuirá o teu caráter. Padres e mestres — continuou dirigindo-se aos seus amigos com um doce sorriso — nunca lhes disse por que razão o semblante deste rapaz me é tão caro, mas quero que o saibam. As suas feições são para mim como o valor de uma recordação e de uma profecia. Eu tive um irmão mais velho a quem vi morrer com a idade de dezassete anos. Desde então, e no decurso da minha vida, arreigou-se em mim a convicção de que foi o meu guia e de que me acompanhou como um sinal lá do alto. Sem a influência que ele exerceu na minha vida, atrever-me-ia a dizer, assim o creio, que não teria sido monge, nem teria escolhido este caminho de salvação. Manifestou-se primeiro quando era ainda muito jovem e agora, no fim da minha peregrinação, parece que está outra vez a meu lado. É admirável, padres e mestres, que Aliocha, o qual tem fisicamente alguma semelhança com ele, embora pouca, se lhe pareça espiritualmente com tal exatidão que muitas vezes vi neste jovem o meu próprio irmão, misteriosamente volvido a mim, nas últimas jornadas da minha vida, como um aviso, como uma inspiração. Isto maravilha-me como se fosse

um sonho prodigioso. Ouves, Porfiry? — E volveu-se para o noviço que o contemplava com respeito. — Por vezes notei em ti certa expressão de desgosto por causa da minha predileção por Alexey. Já sabes agora o motivo, embora goste dos dois, e muitas vezes me doeu ter de vos mortificar por isso. Gostaria, queridos amigos, de vos falar do meu irmão, porque não tive jamais uma aparição mais preciosa, mais significativa nem mais enternecedora. Sinto a minha alma comovida e vejo toda a minha vida passada neste momento, como se a revivesse.

Devo fazer constar que a última conversa que o Padre Zossima teve com os seus amigos no último dia da sua vida nos foi transmitida por Aliocha, que cuidou de a relatar ordenadamente pouco depois da morte do seu diretor. Não posso assegurar, contudo, se o manuscrito de Aliocha contém só o que foi dito pelo mestre nessa altura ou se acrescentou notas referentes a ditos e palavras anteriores. Aliocha faz falar o Padre Zossima sem interrupção, como se relatasse a sua vida em forma autobiográfica. Não obstante, outras testemunhas não deixam dúvidas de que a sessão que nos ocupa no momento foi um verdadeiro colóquio, e ainda que os hóspedes não interrompessem muito o Padre Zossima, sempre lhe faziam perguntas e entrelaçavam algum discurso. Além de tudo, era impossível que o Padre Zossima contasse sem parar uma história tão comprida, pois se cansava até perder a voz e o alento, e tinha que se encostar para descansar, prometendo, embora, não dormir, e as visitas não se afastavam. Por duas vezes parou a conversa para que o Padre Paissy lesse o Evangelho. Também temos de notar que ninguém acreditava que morresse naquela noite, vendo-o tão animado pelo sono reparador que gozou durante o dia, graças ao qual pôde suportar uma tão grande conversa. Parecia encontrar vitalidade num último esforço de amor; mas foi muito passageira, pois que a sua vida se quebrou quase imediatamente... Mas disto falaremos mais adiante. Só acrescentarei que preferi transcrever ao pé da letra o que nos deixou Alexey Fedorovitch Karamazov. Serei breve para não vos cansar, mas devo repetir que Aliocha acrescentou a esta narrativa notas tomadas de conversações prévias.

Vida do defunto sacerdote e monge, o Presbítero Zossima, reconstruída segundo as suas próprias palavras por Alexey Fedorovitch Karamazov.

APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

a) O irmão do Padre Zossima

Queridos padres e mestres: nasci numa remota província do Norte, na cidade de V. Meu pai era de famílias nobres e escassa fortuna. Perdi-o aos dois anos e não conservo dele a menor recordação. Deixou uma casa a criar com largueza os filhos que eram dois, eu e meu irmão Markel, mais velho oito anos do que eu, de caráter facilmente irritável, mas bondoso e sério. Era taciturno em casa, mas no colégio portava-se bem e embora não simpatizasse com os companheiros nunca brigou com ninguém. Isto foi o que minha mãe sempre me disse. Seis meses antes da sua morte, com dezassete anos, deu-se muito com um político de Moscovo, deportado na nossa cidade por ser livre pensador e que levava uma vida solitária. Não sei como nasceu aquela inclinação por Markel, mas a verdade era que queria que o visitasse muitas vezes, e durante aquele inverno meu irmão passava todas as tardes em casa dele. Por fim, o desterrado foi chamado a Petersburgo e reabilitado, segundo pedira a amigos influentes.

Entrámos na Quaresma e Markel negou-se a praticar o jejum, do qual troçava grosseiramente. «Tudo isso são tolices, e Deus não existe», gritava, horrorizando minha mãe, os criados e a mim próprio, pois embora eu só tivesse nove anos espantavam-me as suas palavras. Eram quatro os nossos criados, todos servos. Recordo ainda quando minha mãe vendeu um deles por sessenta rublos, o cozinheiro Afimya, que era velho e aleijado e tomou um assalariado para o seu lugar.

Durante a Sexta Semana da Quaresma, meu irmão, que nunca fora robusto e parecia estar a consumir-se aos poucos, caiu doente. Eu pensei que se tratava de um resfriado, mas o médico disse à minha mãe que era uma tuberculose galopante e que não devia passar da primavera. Com muito cuidado, então, para não o alarmar, minha mãe exortava-o a ir à igreja a fim de se confessar e comungar enquanto tinha ainda forças para sair. Mas ele irritava-se e começava a proferir insultos contra a igreja. Daí a pouco tornou-se pensativo e compreendeu que a gravidade do seu

estado era o que a levava a suplicar-lhe aquilo. Um ano antes, pressentindo a ruína da sua saúde, dissera-nos friamente à mesa: «Não viverei muito tempo convosco; não durarei mais de um ano», o que foi uma profecia.

Passados três dias chegou a Semana Santa. Começou a ir à igreja na quarta-feira, dizendo: «Faço-o por si, mãe, para a tranquilizar e lhe dar esse gosto.» Ela chorou de felicidade e de pena por que pensava que o fim devia estar próximo por ele ter mudado tanto. Com efeito, não conseguiu ir mais à igreja. Ficou de cama e confessou-se e recebeu a comunhão em casa.

A Páscoa daquele ano foi tarde, trazendo dias claríssimos, quentes e cheios de fragrâncias. Lembro-me que meu irmão tossia durante a noite e dormia mal. Quando o Sol nascia levantava-se e ia sentar-se numa cadeira. Parece-me que ainda o vejo, doce e bom, sorrindo alegremente, apesar da doença. Produzira-se nele uma mudança prodigiosa, e o seu espírito parecia transformado. A velha ama de leite entrava e dizia-lhe: «Anda, querido, deixa que acenda a lâmpada das santas imagens», o que ele antes proibia com grande enfado.

— Acende, acende, querida; era um desgraçado quando me opunha. Alumiando os santos rezarás e eu imitar-te-ei com a alegria que terei em ver-te. Rezaremos os dois ao mesmo Deus.

Esta maneira de falar surpreendeu-nos a todos, em especial à minha mãe, que se afastou para um canto a chorar. Depois enxugou as lágrimas e tentou parecer serena.

— Não chores, mãe — dizia ele. — Ainda me resta muito tempo de vida para gozar convosco!

— Ah, meu filho! Como podes falar de gozo da vida se te consome a febre e passas a noite a tossir?

— Não gemas, mamã — respondia ele — porque a vida é um paraíso, e nós andamos cá sem o ver. Se o desejássemos, teríamos amanhã mesmo o Céu e a Terra!

Todos ficávamos maravilhados com o que dizia, pelo estranho tom persuasivo que nos comovia até às lágrimas. Aos amigos, que nos visitavam, dizia:

— Queridos, que vos fiz eu para que gosteis de mim? Como podeis querer a um homem como eu? Eu que não conheci nem

apreciei antes o vosso amor!

Quando os criados apareciam falava-lhes sempre:

— Que bons que sois, meus amados! Porquê tanto incómodo? Acaso mereço que cuideis de mim? Se Deus quiser que eu viva, dedicarei os meus dias a servir-vos, pois os homens devem servir-se uns aos outros.

Minha mãe abanava a cabeça.

— Querido, falas assim porque estás doente.

— Mamã — replicava ele — têm de haver amos e criados, mas eu quero ser servo dos meus servos, ser para eles o que eles são para mim. Outra coisa, mamã. Cada homem peca contra os outros homens e eu mais do que ninguém.

E ela sorria entre as lágrimas.

— Mas como podes ter pecado contra todos os homens mais do que ninguém? Os ladrões e os assassinos, sim, mas tu, que fizeste para que te sintas mais culpado do que nenhum outro?

— Meu coração, meu coraçãozinho, minha alegria — respondia usando expressões de carinho — crê-me, cada qual é culpado quanto aos outros homens e de todas as coisas. Não sei como explicar, mas sinto-o assim. Como podemos viver fazendo mal aos outros sem que o reconheçamos?

E a sua ternura aumentava dia a dia, sentindo-se mais alegre e mais cheio de amor. Quando o velho médico alemão Eisenschmidt o visitou, disse-lhe, brincando:

— Que acha, doutor? Terei ainda mais um dia de vida?

— Outro dia? Terá meses e anos.

— Meses e anos! — exclamou. — Mas para quê contar os dias se um basta para que o homem conheça toda a felicidade? Meus queridos, por que discutis tratando de brilhar mais do que o vosso próximo e excitando mutuamente o vosso rancor? Ide ao jardim passear, brincar e amai-vos, estimai-vos, abraçai-vos uns aos outros e glorificai a vida.

— Seu filho está no fim — declarou o médico quando o acompanharam à porta. — A doença afeta-lhe o cérebro.

O quarto dele dava para o jardim, denso de velhas árvores em flor. Os primeiros pássaros da primavera voavam de ramo para ramo, loucos de alegria, e iam pousar nas janelas, a cantar. Meu

irmão contemplava-os, admirando-os e acabava por lhes pedir perdão: «Aves do céu, ditosos passarinhos, perdoai-me, pois que também pequei contra vós.» Eu não o compreendia nessa altura, mas ele chorava lágrimas de alegria: «Rodeia-me a glória do Senhor: pássaros, árvores, prados floridos e... o céu. Vivi na vergonha de ter desonrado tudo por não conhecer a beleza e a glória que reveste!

— Creio que te culpas demasiado — dizia-lhe a minha mãe afogada em pranto.

— Mãe querida, não choro de pena, mas de alegria. Não sei como expressar-me, mas humilho-me perante estas coisas porque não sei como amá-las melhor, e ainda que tenha pecado contra elas, sinto-me perdoado, o que é o céu. Não estou eu agora na glória?

E dizia muitas mais coisas que não recordo, exceto de uma vez que entrei e o encontrei só. Era uma tarde clara, o Sol declinava enchendo a sala de uma luz especial. Fez-me sinal para que me acercasse e descansando as suas mãos nos meus ombros olhou-me com doçura e amor, em silêncio. Por fim, disse:

— Bom, vai brincar. Goza a vida por mim.

Eu saí e fui brincar. Muitas vezes a recordação destas palavras me fez chorar. Ocorriam-lhe outras coisas admiráveis e formosas, mas na altura não atingíamos o seu significado. Morreu três semanas depois da Páscoa, com todo o conhecimento, embora não falasse. Até ao último instante conservou o mesmo reflexo de alegria nos olhos e não deixou de nos sorrir. Logo que na cidade souberam da sua morte começaram a falar dele. Eu estava relativamente impressionado, mas durante o funeral chorei muito. Embora muito pequeno, um garoto ainda, todas estas coisas me deixaram uma impressão duradoura e um profundo sentimento que, guardado na minha alma, se manifestaria a seu tempo.

b) As Santas Escrituras na vida do Padre Zossima

Fiquei só com minha mãe. Alguns amigos aconselharam-na a que me enviasse a Petersburgo como faziam outros: «Tens um só

filho», diziam, «e desfrutas de uma boa renda. Pensa que se o reténs a teu lado, o privas de uma carreira brilhante.» Sugeriram-lhe a ideia de me mandar para a Academia Militar de Petersburgo, de onde poderia sair para entrar na Guarda Imperial. Devia ser-lhe muito doloroso separar-se do único filho, por isso esperou algum tempo. Por fim, decidiu-se, não sem derramar abundantes lágrimas, e acreditando laborar na minha felicidade, acompanhou-me a Petersburgo e deixou-me na Escola Militar. Nunca mais a vi, porque morreu três anos depois, sem parar de afligir-se e chorar por seus filhos.

Do lar paterno guardo apenas recordações preciosas; nada há mais belo do que voltar o pensamento para a primeira infância, se esta foi passada entre o carinho e a boa harmonia familiar. Até a recordação de um malvado pode ser-nos grata, se o coração sabe aderir ao que de bom tem um homem. Às recordações do meu lar associo sempre a da Bíblia, a cuja leitura me dediquei, ainda bem pequeno, numa História Sagrada com excelentes gravuras que tínhamos em casa, intitulada Cento e Quatro Passagens do Antigo e Novo Testamento. Neste livro aprendi a ler; conservo-o ainda como uma preciosa relíquia do passado. Recordo que os sentimentos devotos despertaram em mim aos oito anos, quando não sabia ainda ler. Minha mãe levou-me à missa, só, uma segunda-feira santa. Não sei onde meu irmão parava, nesse dia. Estava um dia magnífico e recordo ainda, como se as visse, as nuvens de incenso que se elevavam do turíbulo e se iam desvanecendo docemente na abóbada, transformando-se como um fumo de ouro trespassado pelos raios de sol que entravam pelas grandes janelas. Fiquei extasiado ante aquele espetáculo e, pela primeira vez, sem o saber, foi lançada na minha alma a semente da palavra de Deus. Apareceu um jovem com um livro enorme, tão grande que me admirava que pudesse carregá-lo. Avançou com a carga até ao centro da igreja, colocou-o num facistol e, abrindo-o, começou a ler. Foi essa a primeira leitura que escutei no templo de Deus. Na terra de Ans vivia um varão, justo e temente a Deus, na maior opulência. Possuía um grande número de camelos, de ovelhas e jumentos, e os filhos davam festins. Queria-lhes muito e rogava a Deus por eles porque dizia: «Quem sabe se pecarão nos

seus regozijos?» E eis que o demónio chega à presença do Senhor, juntamente com os filhos de Deus e lhe dá conta de ter percorrido todo o mundo de alto a baixo. «E reparaste em Job, meu servo?», perguntou-lhe Deus. E Deus louvava o seu santo servidor, ponderando as suas virtudes perante o diabo. Este riu-se daquelas palavras. «Dai-me liberdade sobre ele e vereis como o Teu servo se volta contra Ti e maldiz o Teu nome.» E Deus entregou ao diabo o justo a quem tanto amava. Então o diabo matou-lhe os filhos, aniquilou-lhe o gado e destruiu-lhe os bens em menos tempo do que brilha um raio no firmamento. Job rasgou o manto, caiu de joelhos e gritou: «Saí nu do ventre de minha mãe e nu voltarei à terra; o Senhor tudo me deu e o Senhor tudo me tirou. Seja bendito para sempre o seu Santo nome.»

Padres e mestres: perdoai as minhas lágrimas, pois toda a minha infância se concentra no meu coração e o meu peito incha com as mesmas emoções dos meus oito anos. Sinto o mesmo respeito, a mesma perturbação e alegria. Os camelos excitaram então a minha fantasia e logo Satanás, falando assim com Deus e Deus que permite a destruição do seu servo e este que exclama: «Louvado seja o Teu nome, embora me castigues.» Depois o brando e doce canto litúrgico: «Que a minha oração chegue ante Ti, Senhor!», e outra vez o incenso que sobe das mãos do sacerdote, a veneração e a súplica. Desde então, não consigo ler esta lenda sagrada sem que os olhos se me encham de lágrimas. Ontem mesmo o fiz. Que grandeza e que mistérios encerra! Bem sei que foi objeto de escárnio e de mofa e ouvi também palavras soberbas: «Como pode Deus entregar o mais amado dos seus santos ao capricho do diabo, tirar-lhe os filhos e cobri-lo de úlceras asquerosas até ao ponto de limpar ele próprio as supurações com um caco e tudo sem outro fim que desafiar o diabo?» «Repara como sofrem os santos por meu amor.» Mas é neste mistério que reside a sua grandeza; o transitório e o que de modo palpável se manifesta, mistura-se aqui com a verdade eterna. Frente à verdade terrena, cumpre-se a verdade divina. No princípio do mundo, Deus acaba cada dia da criação elogiando a sua obra: «E viu Deus que era bom.»; olha para Job e também elogia a sua obra. E Job, louvando o senhor, não só serve a Deus

como a todas as suas criaturas por gerações de gerações e pelos séculos dos séculos. Deus meu, que livro, que lições contém! Que livro, a Bíblia! Que milagre! Que força deu ao homem! Parece o molde de onde saiu o mundo, o homem e a natureza humana, e onde tudo se encontra; é uma lei para todos os juízes e para todos os tempos. Que mistérios nos revela e nos explica! Deus devolve a Job saúde e riquezas e, ao cabo de alguns anos, outros filhos a quem amar. Mas como pode querer a estes se já não tem os primeiros que perdeu? Podia, recordando os primeiros, sentir-se plenamente feliz com os novos e amá-los de igual modo? Sim, sim, podia. É este o grande mistério da vida feliz, que me fala singularmente da verdade doce e terna. A alvorotada juventude sucede a repousada serenidade dos anos. Cada saída do Sol leva consigo a minha bênção e antigamente o meu coração exaltava-se ao vê-lo. Agora prefiro os seus ocasos, os últimos raios que, lânguidos, me deixam doces recordações, em evocação da minha longa vida feliz, e me falam singularmente da verdade de Deus, que mitiga, reconcilia e perdoa. Sei muito bem que a minha vida está a ponto de extinguir-se, mas cada dia que me é concedido sinto que a minha existência terrena se aproxima mais de uma vida nova, infinita, desconhecida, mais próxima... tanto que a minha alma treme, como num rapto, ilumina-se-me o entendimento e o meu coração geme de surpresa e alegria.

Padres e mestres: mais de uma vez ouvi dizer, e é muito natural que se diga com frequência, que os sacerdotes, particularmente os curas rurais, queixam-se em toda a parte das suas rendas mesquinhas e soldos irrisórios. Dão por estabelecido, até na imprensa, pois eu próprio o ouvi, que lhes é impossível ensinar ao povo as Escrituras pela escassez de recursos, e se os luteranos e os hereges conseguirem desencaminhar o rebanho, deixarão fazê-lo, porque não têm o suficiente para viver. Queira Deus aumentar o estipêndio que tão necessário lhes é, pois se queixam com razão. Pois em verdade vos digo que se há que culpar a alguém, metade da culpa é nossa. Podem dispor de pouco tempo, podem dizer com verdade que estão cheios de trabalho com as ocupações do seu ministério. Mas isto não acontece sempre, e ainda fica uma hora por semana para pensar em Deus. O

sacerdote não deve estar a trabalhar durante todas as horas de todos os dias do ano. Que reúna numa hora por semana, à noite, todas as crianças, se quiser, ao princípio. Os pais ouvi-los-ão falar e acabarão por acompanhá-los. Para isto não são necessários salões; pode recebê-los na sua própria cabana. Não a deitarão a perder por uma hora que lá estejam. Que abra o livro e comece a ler sem gritos nem arrogâncias, nem modinhas pueris, mas sim com doçura e sentimento, satisfeito por lhes ler e por que o escutem com atenção, gostando ele próprio do que lê e parando de vez em quando para explicar alguma palavra que não entendam. Não tenhais medo, entenderão tudo! O coração do ortodoxo fez com que perceba intuitivamente. Que leia a história de Abraão e Sara, de Isaac e Rebecca, de como Jacob foi a casa de Labão e lutou com o Senhor em sonhos e disse: «Este lugar é santo», e o espírito do camponês impressionar-se-á favoravelmente. Que leia, sobretudo às crianças, como os irmãos venderam José, o filho estimável, o sonhador e o profeta, em servidão, e disseram ao pai que uma fera o devorara e lhe mostraram os vestidos manchados de sangue e como, de seguida, os irmãos viajaram até ao Egito para comprar trigo, e José, elevado já a primeiro ministro e desconhecido por eles, os fez sofrer, os acusou, deteve seu irmão Benjamim e disse, amando-os contudo: «Gosto de vós e por isso vos fiz sofrer sob o meu poder.» Porque não podia esquecer que quando o venderam a uns mercadores, que passavam pelo poço atravessando o deserto seco, levantava ele as mãos e lhes suplicava, chorando, que não o entregassem como escravo em terra alheia. Ao voltar a vê-los depois de muitos anos, quis-lhes sem medida e afligia-os e atormentava-os por amor. Por fim deixou-os, e não podendo sofrer mais a angústia que o embargava, atirou-se para cima de uma cama e chorou. Em seguida, enxugando as lágrimas e com semblante risonho, voltou-se e disse-lhes: «Sou o vosso irmão, José.» Que continue depois a ler como Jacob ficou feliz quando soube que seu filho amado era vivo e como se mudou para o Egito abandonando o seu país e morreu em terra estranha, legando a grande profecia que conservara oculta toda a vida no seu terno e

tímido coração, de que da sua descendência de Judá havia de vir a esperança do mundo, o Messias Salvador.

Padres e mestres: perdoai-me e não tomeis a mal que estivesse falando como uma criança daquilo que vos é tão conhecido e me podeis ensinar com sabedoria cem vezes maior. Falo apenas porque me deixo transportar. Desculpai o meu pranto, porque amo a Bíblia. Que chore o ministro de Deus e vereis como o seu auditório palpitará de emoção. Não é preciso mais do que uma semente pequeníssima. Deixai-a cair no coração do aldeão e não se perderá, pois viverá na sua alma toda a vida, brilhando como uma luzinha, como uma grande recordação nas trevas do seu íntimo e do próprio pecado. Não fazem falta grandes ensinamentos ou explicações, porque compreenderão tudo de uma maneira simples. Julgais que os aldeãos não têm entendimento? Tratai de lhes ler a comovedora história da bela Ester e da soberba Vasti; ou o episódio de Jonas, tragado pela baleia. Não esqueçais as parábolas de Nosso Senhor, tomadas com preferência do Evangelho, segundo São Lucas, que é o que eu faço. Dos Atos dos Apóstolos não deveis esquecer a conversão de São Paulo e da Vida dos Santos escolhei, por exemplo, a de Aleixo e, antes do mais, a da ditosa mártir e profeta de Deus, Maria Egipcíaca, e trespassareis os seus corações com estes simples relatos. Dispensai-lhes uma hora por semana, por pobres que sejais, e vereis como este nosso povo, tão generoso e agradecido, vos pagará com cem por um. Atento à bondade dos seus sacerdotes e ao que aprendeu da sua boca, prestar-se-á espontaneamente a ajudá-los, tanto em casa como no campo, e tratá-los-á com mais respeito do que antes, o que redundará também em benefício material de uns e outros. É uma coisa tão simples, que por vezes ninguém se atreve a dizê-la, com medo das burlas. Mas é tão certa! Quem não crê em Deus não acreditará no seu povo; mas quem acreditar no povo de Deus verá a Sua Santidade, ainda que nunca acreditasse nela. Só o povo e o poder espiritual de que é capaz, converterá os ateus que se apartaram da sua terra natal.

E de que servirá a palavra de Cristo, se não pregarmos com o exemplo? Deixa-se o povo sem a palavra divina e o povo está sedento dela e de tudo quanto seja edificante.

Na minha juventude... há muito... cerca de quarenta anos, viajando peia Rússia com o Padre Anfim, recolhendo fundos para o mosteiro, ficámos uma noite à beira de um rio, com alguns pescadores. Juntou-se-nos um moço de presença galharda, um aldeão que esperava o nascer do dia para continuar a puxar, da margem, o barco de um mercador. Observei que ficava contemplando a noite docemente, uma noite de julho, clara e quente. Das amplas águas subia uma neblina refrigerante. Podíamos ouvir o chapinhar dos peixes; as aves dormiam; um silêncio de paz, delicioso, envolvia-nos. Todas as coisas louvavam a Deus, e o moço e eu, que não dormíamos, pusemo-nos a conversar da beleza deste mundo e do mistério que o penetra. Cada erva, cada inseto, formiga ou abelha, estão maravilhosamente compenetrados da sua missão, são testemunhos dos divinos mistérios e mostram-se fiéis servidores do seu criador. O simpático moço inflamou-se de emoção e confessou-me o seu amor pela selva e pelos pássaros que a habitam. Era caçador e conhecia o canto dos pássaros tão perfeitamente que podia responder, imitando-os, a todos.

— Tudo tem a sua beleza — dizia — mas não conheço nada superior à selva.

— Está certo — respondi. — Todas as coisas são boas e formosas, porque são a verdade. Repare no cavalo, esse animal tão amigo do homem; ou o boi, humilde e pensativo, que trabalha para nós e nos sustenta. Repara na doçura dos seus olhos, que expressam afeto para com o homem, o qual com frequência os maltrata sem misericórdia. Que bondade, que confiança, que beleza! É comovedor sabê-los sem pecado, pois é tudo inocente, exceto o homem, e Cristo está mais com eles do que com os homens.

— Mas Cristo também está com eles? — perguntou o camponês.

— Não pode deixar de ser assim — respondi — pois que a palavra é para todos. A Criação e todos os seres, até mesmo as folhas, cantam a glória de Deus e choram por Cristo, realizando isto pelo mistério da sua vida sem mancha. Lá, na selva, anda o terrível urso, feroz e rápido em devorar, mas sempre inocente...

E contei-lhe como uma vez chegou um urso à cabana que um grande santo habitava no meio do bosque, e o solitário apiedou-se dele e, aproximando-se sem medo, deu-lhe um bocado de pão, dizendo:

— Vai, Cristo está contigo.

E o animal selvagem afastou-se docemente, submisso e inofensivo. O jovem estava encantado por o urso se ir embora sem fazer mal ao santo, e de que Cristo o acompanhasse.

— Ah! — disse. — Que boa e que bonita é a obra de Deus!

Sentou-se e ficou a pensar. Vi que tinha compreendido. Depois adormeceu, um sono leve e inocente. Deus abençoe a juventude! Antes de adormecer, rezei por ele. Senhor, envia a paz e a luz ao Teu povo!

Capítulo 2 — Recordações da Juventude

c) Antes da entrada no claustro. O duelo

Passei cerca de oito anos na Escola Militar de Petersburgo, num ambiente novo que obscureceu as recordações da minha infância sem chegar a extingui-las. Adquiri novos hábitos e novas opiniões que me foram transformando num ser cruel, quase selvagem, não obstante as maneiras mundanas e a língua francesa que aprendi.

Todos, e eu o primeiro e o pior, talvez devido ao caráter arrebatado que possuía, tratávamos os soldados como um rebanho. Quando deixávamos a escola, com o posto de oficial, estávamos prontos a dar a nossa vida pela honra do regimento a que fôramos destinados, embora nenhum de nós fizesse ideia da verdadeira honra, logo que não fosse para a escarnecer. A orgia, a dissipação e a perversidade eram o nosso único orgulho. Não digo que fôssemos uns malvados, todos os meus camaradas eram bons rapazes, mas portávamo-nos mal, e eu pior do que ninguém. Foi para mim um grande mal poder dispor da minha fortuna. Tinha dinheiro, dava-me a todos os prazeres e mergulhava fundo nas depravações da juventude.

Gostava muito de ler, mas embora pareça estranho a Bíblia foi o único livro que não abri naquele tempo. Levava-a sempre comigo para todo o lado, nunca me separando dela, e para dizer a verdade, não houve dia durante aqueles anos, que não dedicasse algum cuidado à conservação desse livro, mas lê-lo, nem pensar nisso. Ao fim de quatro anos desta vida, o meu regimento foi guarnecer a cidade de K., cuja população era hospitaleira, rica e divertida. Em todo o lado me dispensavam um acolhimento cordial, porque eu era muito alegre e conheciam a minha largueza, o que tem grande importância no mundo. E então sucedeu o que devia dar origem a uma mudança transcendental.

Comecei a ter inclinação por uma jovem tão formosa como inteligente, de caráter nobre e elevado, filha de uma respeitável família que gozava de influência e posição desafogada. Recebiam-me na sua casa com demonstrações de afeto e amizade, e como julguei que ela me olhava com certa simpatia inflamou-se-me o coração. Logo compreendi que não havia razão para tal e que, na realidade, o que mais me comovia nela era o seu caráter e a sua grande inteligência, que também teria apreciado sem as chamas do meu coração. O egoísmo afastou nessa altura a ideia de pedir a sua mão; parecia-me muito duro abandonar as seduções da vida livre e dissipadora de solteiro, com a bolsa bem cheia. Não obstante, deixei entrever os meus sentimentos e aludi com frases cautelosas à intenção de dar um passo decisivo ao fim de algum tempo. Entretanto, chegou-nos a ordem de transferência, por dois meses, para outra província.

Quando voltei, a jovem casara com um rico proprietário da comarca, um homem amabilíssimo, ainda jovem, mas de mais idade do que eu, relacionado com a melhor sociedade de Petersburgo e de excelente educação, duas vantagens que a mim me faltavam. Este inesperado acontecimento abateu-me de tal forma que cheguei a temer pela minha sanidade mental, e mais ainda quando soube que esse senhor era seu prometido havia muito tempo. Encontrara-o muitas vezes em casa dela e nada vira, cego pela minha presunção. Incomodava-me sobremaneira que todos, menos eu, conhecessem estas relações. Estava furioso e corava ao recordar que várias vezes estivera a ponto de me declarar à jovem sem que ela tentasse impedir-me ou prevenir-me, e deduzia que quisera divertir-se comigo. Refletindo, recordei que longe de querer troçar de mim, desviava toda a conversa amorosa logo que eu a iniciava. Mas de que serviam as reflexões, senão de atiçador do espírito de vingança que me possuía? Ainda recordo que os sentimentos de rancor e de vingança me repugnavam como contrários ao meu caráter distraído e fácil. É-me muito difícil manter por algum tempo um ressentimento; por isso tive de rebelar-me contra mim mesmo de uma maneira absurda, vigiando afincadamente para que os meus propósitos se não dissipassem.

Esperei uma oportunidade e tratei de insultar o meu «rival» numa tertúlia, troçando da sua opinião acerca de um importante acontecimento histórico. O meu insulto foi dos que não admitem evasão. Exigi-lhe explicações de maneira tão grosseira que aceitou a minha provocação, apesar da idade e da condição social nos distanciar muito. Só soube mais tarde que se aceitou o repto foi devido aos ciúmes que eu lhe inspirara quando cortejava a noiva. Acreditava também que se a mulher soubesse que ele consentia na injúria e repelia a provocação, o desprezasse, deixando esfriar o seu amor. O padrinho foi pois um alferes do meu regimento. Os duelos eram duramente castigados naquele tempo, mas nem por isso deixavam de constituir uma moda entre os oficiais, tão arreigado está em nós esse brutal preconceito sobre a honra.

Estávamos em fins de junho. O nosso encontro fora marcado para as sete da manhã do dia seguinte, na entrada de um bosque, quando aconteceu algo que fixou o ponto de partida da minha nova vida. Cheguei a casa com uma disposição selvagem e deixei-me arrebatar por uma bagatela qualquer com a minha ordenança, Afanasy, ao qual dei dois estalos brutais que lhe ensanguentaram o rosto. No pouco tempo que estivera ao meu serviço batera-lhe várias vezes, mas nunca com tal ferocidade.

Ao fim de quarenta anos, recordo-o com a mesma pena e vergonha, acreditai-me. Deitei-me e dormi três horas. Quando despertei, nascia o dia. Não quis dormir mais. Levantei-me e fui abrir a janela que dava para o jardim. O Sol, formoso e quente, nascia; os pássaros cantavam.

Que pensar do sentimento que invadiu o meu espírito e confundiu o meu coração como algo vil e vergonhoso? Seria por ir derramar sangue? Não, repliquei convencido. Teria medo da morte, medo de que me matassem? Não, não temia... De repente, compreendi. Maltratara Afanasy! Recordei a cena como se se repetisse. Estava de repente na minha frente, com os braços estirados rigidamente ao longo do corpo, a cabeça erguida, o olhar fixo em mim. Vacilava a cada bofetão, mas sem ousar levantar o braço para se proteger nem perder a atitude militar. E para isso criam as mães os seus filhos? Para que apareça um

qualquer, chamado homem, e lhes bata? Que crime! Como se me tivessem enterrado um punhal no peito, fiquei aniquilado, enquanto o Sol brilhava, as copas das árvores tomavam cor e os pássaros entoavam os seus louvores ao Senhor... Ocultei o rosto entre as mãos, atirei-me para cima da cama e comecei a chorar amargamente, lembrando-me do que dizia meu irmão Markel aos criados, nos seus últimos dias de vida: «Queridos, por que vos molestais? Por que me amais? Serei eu digno dos vossos cuidados?»

E eu? — perguntava-me. Que razão há para que outro homem, um ser feito à imagem e semelhança de Deus, me sirva? Pela primeira vez, surpreendia-me esta pergunta dominando os meus pensamentos e repeti as palavras do meu irmão: «Mãe, vida minha, cada um dos homens é culpado de todo o mal feito pelo próximo. Esta é a pura das verdades, mas os homens desconhecem-na. No dia em que a compreenderem, o mundo será um paraíso.»

Deus meu! Como pode haver falsidade nisto? — pensei, soluçando. Realmente sou o mais culpado dos homens, o maior dos pecadores. E a verdade descobriu-se-me subitamente. Que ia fazer? Matar outro homem bom, nobre e prudente, que nada me fizera? Destruir para sempre a felicidade da esposa era o mesmo que voltar contra ela a minha arma homicida. Continuava deitado de bruços contra a almofada, insensível às horas, quando entrou o padrinho que vinha buscar-me com as pistolas.

— Ainda bem que está vestido, já devíamos lá estar. Vamos!

Comecei a dar voltas pelo quarto, sem saber que fazer e daí a pouco encontrei-me na carruagem.

— Espere um momento — disse-lhe. — Esqueci o meu porta moedas. Já volto.

E subi a escada, precipitando-me no quarto da minha ordenança.

— Afanasy! — gritei. — Ontem esbofeteei-o miseravelmente. Perdoe-me!

O rapaz sobressaltou-se e ficou a olhar-me cheio de espanto.

Considerando que isto era pouco, caí de joelhos e inclinei-me até tocar no chão com a testa, arrastando o meu flamejante

uniforme de oficial.

— Perdoe-me — repeti.

Tremeu como que atacado de um súbito terror.

— Sua Excelência... senhor, que faz? Mereço eu...?

E rompeu a chorar, como eu próprio antes. Tapou a cara e afastou-se para a janela, soluçando...

Voltei ao encontro do meu camarada e enfiei-me no coche.

— Pronto! — gritei. Voltando-me para o meu companheiro, perguntei: — Já alguma vez viu um conquistador? Pois tem um diante de si!

Estava arrebatado, rindo e falando não sei de quê durante todo o caminho.

— Bom, irmão, és um valente e porás nas alturas a honra do uniforme — dizia ele, encantado com a minha serenidade.

Chegámos ao terreno, onde já nos esperavam os outros. Colocaram-nos a doze passos de distância. Ele devia atirar primeiro e eu fiquei firme, sem apartar o meu olhar da sua figura. Olhava-o sem pestanejar, alegre e afetuosamente, pois sabia o que me havia proposto. A bala passou, roçando-me apenas a face e a orelha.

— Graças a Deus! — exclamei. — Não foi morto um homem! — E agarrando na minha pistola atirei-a para uma moita. — Apodrece para aí! — gritei.

Depois voltei-me para o meu adversário.

— Perdoai-me, senhor — disse-lhe —, se fui tão tolo que o insultei e o obriguei a disparar contra mim. Reconheço-me cem vezes inferior. Diga-o a quem mais ama no mundo.

Voltaram-se os três contra mim. O meu adversário julgou que devia enfurecer-se e gritou:

— Por minha honra! Se não queria bater-se podia ter-me deixado em paz!

— Ontem era um louco, hoje tenho a cabeça bem assente — respondi-lhe com alegria.

— Acredito no que me diz de ontem, mas não posso aceitar isso de hoje.

— Bravo! — exclamei, aplaudindo. — Tem muita razão, bem o mereço.

— Quer escolher, sim ou não?

— Não. Se quiser, dispare de novo contra mim; embora lhe valha mais não o fazer.

Protestaram as testemunhas, e a minha com mais calor.

— Como pode ultrajar deste modo o regimento, dando explicações ao inimigo e pedindo-lhe perdão! Jamais se viu coisa igual!

Sem rir, encarei-os a todos.

— Mas... cavalheiros, é assim tão extraordinário encontrar um homem que se arrepende da sua estupidez e confessa publicamente as suas culpas?

— Não no terreno da luta! — corrigiu a minha testemunha.

— Isso é o que me admira — continuei. — Devia ter confessado a minha falta ao chegar aqui, antes que o senhor disparasse, evitando-lhe assim a perpretação de um grande crime, mas a vida está arranjada de maneira tão grotesca que é quase impossível atuar de outro modo e só depois de encarar o fogo a doze passos podiam ter algum valor as minhas palavras. Se tivesse falado antes, poderiam dizer: «Não o escutem, é um cobarde que treme à vista das pistolas.» Cavalheiros! — gritou depois a minha alma. — Voltem os olhos para os dons de Deus e que Ele nos oferece. Céu claro, ar puro, verdura nos campos, pássaros... a natureza está plena de formosura e de graça, enquanto nós, apenas nós, nos obstinamos no pecado e na loucura sem querer compreender que a vida é uma bem-aventurança. Se o compreendêssemos, as coisas apresentar-se-nos-iam em toda a sua beleza e abraçar-nos-íamos, chorando.

Não pude continuar. A minha voz perdia-se na imensa doçura e juvenil alegria que sentia ao verificar que a minha alma estava inundada de uma beatitude jamais experimentada.

— Tudo isso é muito razoável e edificante — disse o meu adversário. — Em todo o caso, não deixa de ser um homem original.

— Pode rir-se à vontade — repliquei. — Mais tarde aprovar-me-á.

— Não, aprovo-o desde já! — disse. — Deixe-me apertar-lhe a mão, pois não duvido da sua sinceridade.

— Agora não. Quando me fizer mais digno e merecer a sua estima, estender-lhe-ei a minha mão para que a estreite entre as suas.

De volta a casa, o meu alferes não parou de criticar a minha conduta, nem eu de o beijar. Depressa o sucedido chegou aos ouvidos dos meus camaradas e logo se reuniram para me julgar.

— Manchou o uniforme! — diziam uns. — Que se demita.

— Ofereceu o peito ao inimigo! — defendiam outros.

— Sim, mas temendo o segundo tiro, pediu perdão!

— Se o tivesse feito por medo, melhor seria ter disparado a sua pistola, mas atirou-a, carregada, para uma moita do bosque. Não, aqui há algo muito diferente do medo. Algo raro, mesmo.

Regozijava-me vê-los e ouvi-los.

— Queridos amigos e camaradas — disse-lhes. — Não vos preocupeis se me hei de demitir ou não, porque já o fiz. Esta manhã mesmo apresentei a minha renúncia e tão depressa me seja aceite entrarei num mosteiro. Deixarei o regimento apenas por isso.

Quando disse tal coisa, um dos presentes deu uma gargalhada.

— Por que não disse isso mais cedo? Já está tudo explicado; não podemos julgar um monge!

Nessa ocasião todos riram sem poder parar, mas não foi por troça, antes sim de maneira bondosa e jovial. Ofereceram-me a sua amizade até os que com mais rigor me censuraram, não cessando de me acompanhar durante os meses que levaram a aceitar-me o pedido de renúncia.

— Olá, monge! — diziam-me, acrescentando uma frase amável e começavam a dissuadir-me e até a compadecer-se de mim. — Que vai fazer enclausurado?

— Deixa-o — dizia alguém. — É um bravo, arrostou impávido a bala e podia disparar a sua pistola. Mas como sonhou naquela noite que seria um monge, o sonho tem de se cumprir!

Em sociedade, acontecia o mesmo. Até ali fora sempre recebido amavelmente, mas não objeto de uma atenção especial como agora que todos me visitavam para me convidar. Fazia-os rir a minha decisão, mas apreciavam-me. É preciso lembrar que, embora toda a cidade falasse sem recato do duelo, as autoridades

não se deram por conhecedoras do facto, pois como o meu inimigo era parente do general e o encontro não tivera, como consequência, mais do que a minha demissão, o assunto foi tomado como brincadeira. Longe de me envergonhar, comecei a aceitá-la de bom grado e a corresponder, sem medo, porque sabia ser inspirada por espírito bondoso e não por desdém. Quase todas as conversas em que eu era tema, eram provocadas pelas senhoras nas tertúlias noturnas. As mulheres mostravam-se muito interessadas em ouvir-me e este interesse aproximava também os homens.

— Como é possível que se responsabilize por todos? — E riam-se no meu nariz. — Acaso terei eu de responder por si?

— Não poderão compreender bem isto — respondia eu — enquanto o mundo não caminhar por uma senda diferente durante muito tempo, e enquanto aceitarmos como verdades as maiores mentiras e obriguemos os outros a aceitá-las. Agi com sinceridade uma vez na vida, e todos me olham já como um perturbado. Veem como vós próprios, sendo meus amigos se riem de mim?

— Por que lhe havíamos de negar a amizade? — protestaram sem deixar de rir.

O salão estava cheio de gente. De repente, a dama que fora a causa involuntária do duelo e em quem eu vira uma futura esposa levantou-se sem que tivesse reparado na sua presença e, estendendo-me a mão, falou:

— Permita que lhe diga que eu, antes de mais ninguém, longe de troçar de si tenho de expressar-lhe o meu reconhecimento mais profundo e oferecer-lhe os meus cumprimentos pela sua nobre atitude.

Logo em seguida se aproximou o marido a testemunhar-me o seu afeto e todos me rodearam e pouco faltou para que me beijassem. A minha alma sentia-se inundada de gozo, mas a minha atenção fixou-se singularmente num senhor que me olhava muito, a quem conhecia de nome, mas com quem não trocara nunca uma só palavra.

d) Uma visita misteriosa

Era um funcionário de elevada posição cuja riqueza, bondade e filantropia lhe haviam granjeado o respeito de todos. Distribuía somas consideráveis entre os hospitais e asilos de órfãos, além das obras de caridade que realizava em segredo, o que se soube apenas depois da sua morte. De costumes austeros, não surpreendia a ninguém a sua melancolia. Andava perto dos cinquenta anos e estava casado havia dez. Tinha, da esposa ainda jovem, três filhos. Pois bem, encontrava-me eu só no quarto, na tarde do dia seguinte, quando este cavalheiro me visitou.

Tenho de explicar, de passagem, que não vivia no mesmo sítio, pois quando pedi a demissão do meu posto militar passei para a casa da viúva de um empregado do Estado, pois que despedira Afanasy logo a seguir ao duelo, por não poder olhá-lo sem vergonha, depois do que sucedera entre nós, e necessitava de alguém que tratasse das minhas coisas. O homem do mundo tem tendência a envergonhar-se das ações retas...

— Há alguns dias — começou o recém-chegado — que o ouço com grande interesse nas tertúlias e pretendi que fôssemos apresentados para poder falar consigo mais intimamente. Poderá o senhor conceder-me este favor?

— Com certeza! Encantado! É para mim uma grande honra. — Mas sentia-me desfalecer pela profunda impressão que me causou este homem no primeiro momento da sua aparição. Toda a gente me escutava com interesse e atenção, mas ninguém me fora ainda apresentado com um aspeto tão sério, tão severo e concentrado como este homem que vinha visitar-me ao quarto e que se encontrava sentado na minha frente.

— Vejo que é um homem de caráter íntegro e indomável — continuou — já que serve a verdade com risco de incorrer no desprezo geral.

— É demasiado elogio — repliquei.

— Não, não é demasiado — declarou. — Creia-me, uma ação semelhante é mais difícil do que julga. Foi isso que me impressionou e só por isso o venho ver. Se a minha curiosidade não o incomoda, gostaria que me descrevesse com a maior fidelidade os sentimentos que lhe cruzaram a alma, se os recorda

ainda, no momento em que se decidiu a pedir perdão no terreno. Não julgue que lhe falo assim por capricho, pois tenho um motivo secreto para lhe perguntar isto. Talvez lho revele mais tarde, se Deus quiser que nos cheguemos a tratar com mais intimidade.

Enquanto falava, contemplei-o detidamente e senti-me animado de confiança e excitado de curiosidade como se pressentisse nele qualquer mistério.

— Quer que lhe exponha exatamente as minhas impressões no momento de pedir perdão a um inimigo? — respondi. — Mas será melhor que lhe conte desde o princípio o que ainda não disse a ninguém. — E relatei-lhe o que se passara entre mim e Afanasy, e como me humilhara a seus pés. — Disto será fácil deduzir — concluí — que me era mais fácil terminar no momento do duelo o que havia começado em casa, e ainda que me tivesse assustado no caminho empreendido, estava longe de ser difícil dar remate ao que viria a ser para mim fonte de felicidade e de alegria.

Agradava-me o seu modo de olhar ao ouvir-me.

— Tudo isso — disse depois — é demasiado interessante. Voltarei. Voltarei a vê-lo com frequência.

Desde então passou a visitar-me quase todas as tardes e teríamos sido grandes amigos se me houvesse falado alguma vez de si. Mas, da sua vida, mal dizia uma palavra e perguntava, perguntava sempre de mim. Contudo, cheguei a estimá-lo e a manifestar-lhe com inteira franqueza os meus sentimentos, pois embora me ocultasse o seu segredo, não me fazia falta para saber que era um homem bom. A sua idade, o facto de ser uma pessoa séria e o de vir à minha casa, tratando-me como a um igual, aliado à grande inteligência, fez que não deixasse de aprender com ele muitas coisas que só me beneficiariam.

— Há muito tempo que penso que esta vida é um paraíso — disse-me uma vez, acrescentando: — Não penso noutra coisa. — E olhou-me, sorrindo. — Estou mais convencido do que o senhor e há de saber porquê.

Eu escutava. Era evidente que me queria dizer alguma coisa.

— O céu — continuou — está dentro de nós próprios... também se oculta dentro de mim, e se eu quiser amanhã mesmo se me revelará para sempre.

Olhei-o com temor. Falava com emoção e cravava o olhar em mim como que interrogando-me.

— Quanto a sermos culpados de tudo e por todos, à parte os nossos próprios pecados, acho que tem razão e é admirável que tenha compreendido tão depressa todo o alcance da ideia. Nada mais verdadeiro do que o reino dos céus deixar de ser um sonho para se converter numa realidade, logo que os homens o queiram.

— E quando? — exclamei eu com amargura. — Quando se realizará isto? Quando? Não será apenas um desejo da nossa fantasia?

— Mas... não acredita? — disse. — Prega e não tem fé no que diz? Creia-me, este desejo da nossa fantasia, como lhe chama, sem dúvida que se realizará. Virá a seu tempo. Todo o processo tem a sua lei, e este é um processo espiritual psicológico. Para transformar o mundo, que é o mesmo que criá-lo de novo, devem os homens mudar de psicologia. Enquanto uma pessoa não se sentir real e praticamente irmão de todos, não haverá fraternidade. Não há ciência humana, nem razão de interesse que leve os homens a participar por igual dos privilégios e bens materiais. Cada qual quer apropriar-se da parte do fraco e estão sempre a invejar-se, queixando-se e atacando-se. Pergunta quando se realizará? há de realizar-se, sim, mas não sem que a humanidade haja caído num período de abandono, de isolamento.

— Que entende por isolamento?

— O que predomina por todo o lado, sobretudo nos nossos dias, e que não adquiriu todo o seu desenvolvimento e está ainda muito longe dos seus limites. Cada um tende a levar a sua individualidade a maior distância e deseja reter egoisticamente a vida em toda a sua abundância e plenitude. Mas todos esses esforços não conduzem à vida, mas ao suicídio, e em vez de conseguir o que se propunha, encontra-se no mais completo isolamento. A humanidade está hoje dividida em unidades, disseminada, cada homem mantém-se no seu buraco, afastado dos outros, escondendo-se a si mesmo, e a tudo quanto possui, dos demais. Acaba por repeli-los e ser ele próprio repelido. Os ricos encobrem-se e pensam: «Que força tenho e que segurança?» e não veem a sua impotência suicida, porque, acostumados a não

confiar mais do que em si mesmos, e obstinados em não crer na ajuda dos demais, na do próximo e na da humanidade, tremem com medo de perder as riquezas e privilégios que conseguiram. Ninguém quer compreender, para escárnio dos homens da nossa época, que a verdadeira defesa tem de ser fundada numa solidariedade social e não no esforço individual isolado. Mas este individualismo nefasto tem de desaparecer inevitavelmente, e todos compreenderão quanto é irracional viver só. O homem será animado pelo espírito do tempo e o povo admirar-se-á de ter vivido tanto nas trevas sem ver a luz. E então aparecerá nos céus o sinal do Filho do Homem. Mas entretanto temos de abanar a bandeira. De quando em quando tem de haver um homem que, embora isolado e tido por louco, dê o exemplo e arranque as almas do seu isolamento e as exercite na paternidade, para que a grande ideia não morra.

Os nossos serões transcorriam em animada conversa. Pouco a pouco, deixei a sociedade e mal visitava os vizinhos; além do mais já não era o homem do dia. Não pretendo, ao dizer isto, censurar ninguém, posto que se sabe que no mundo impera sempre a moda. Acabei por atender com admiração o meu misterioso visitante, pois à parte o prazer que me proporcionava a sua inteligência, pressentia que na sua alma se forjava um projeto e ele se propunha cometer alguma grande ação. Via-o agradado da minha discrição, pois eu jamais manifestei curiosidade pelo seu segredo, nem tratei de insinuar que mo descobrisse, mesmo quando notei certos indícios de que queria dizer-me algo. Um mês depois da primeira visita, eram para mim evidentes os seus desejos.

— Sabe — disse-me um dia — que as pessoas falam muito de nós e se admiram de que o visite com tanta frequência? Não faz mal porque não tardará que tudo se explique.

Por vezes era tomado de uma extraordinária perturbação e então acabava quase sempre por levantar-se e ir-se embora. Noutras alturas olhava-me fixamente, fazendo-me pensar: «Agora, agora é que me vai dizer alguma coisa», mas em seguida punha-se a falar de outros assuntos em tom familiar. Queixava-se frequentemente de dores de cabeça.

Um dia, quando menos o esperava, depois de falar durante um grande bocado com ardor, empalideceu e o rosto transformou-se-lhe enquanto me olhava.

— Que tem? — exclamei. — Sente-se mal? — Queixara-se da cabeça pouco antes.

— Eu... Sabe?... Eu matei!

E o rosto, branco como papel, tentou sorrir. «Por que se rirá este homem?», foi tudo o que me ocorreu pensar. Também eu empalidecera.

— Que diz? — gritei.

— Já vê quanto me custou a primeira palavra. Mas agora disse-a e o primeiro passo foi dado. Por conseguinte vou continuar até ao fim.

Não podia acreditar e não acreditei senão depois de três dias, depois de muitos rodeios, quando me contou tudo. Mesmo assim, pensei ainda que estivesse louco, mas por fim convenceu-me com grande pena e assombro. Era um crime horrendo.

Catorze anos antes havia assassinado a viúva de um proprietário, uma jovem rica e graciosa que vivia em casa própria na nossa cidade.

Enamorou-se loucamente dela e declarou-lhe a sua paixão, propondo-lhe casamento. Mas ela estava já comprometida com outro, um nobre oficial de alta patente cujo regresso esperava a todo o momento. Repudiou a proposta dele e suplicou-lhe que não a visitasse. Ele obedeceu, mas aproveitando o conhecimento da casa introduziu-se uma noite no jardim e chegou até ao telhado, com grande risco de que o descobrissem. É sabido que um crime cometido com temeridade louca fica, por vezes, mais impune do que outros.

Deslizou pela claraboia do sobrado e desceu a escada com a esperança de encontrar aberta, por descuido da criadagem, a porta do andar, pois sabia que muitas noites se esqueciam de a fechar. Essa foi uma delas. Caminhou às apalpadelas até ao quarto de cama da jovem, onde ardia uma luz. Por acaso, as criadas tinham saído, sem autorização, para uma festa de aniversário e os outros criados dormiam nos seus quartos, ou encontravam-se na cozinha, no andar inferior. Ao ver a

adormecida, cresceu em si a paixão, embrutecida pelos ciúmes e pela sede vingadora, e como um ébrio, fora de si, enterrou-lhe um punhal no coração com tal força e pontaria que ela nem um grito deu. Em seguida, com a astúcia diabólica e criminal, dispôs tudo para que recaíssem as suspeitas sobre os criados, e foi tão infame que se apoderou da bolsa, e com as chaves que estavam sob a almofada abriu a arca e tirou o que poderia ter tentado um criado ignorante: o dinheiro, deixando os papéis de valor. Também levou alguns objetos de ouro de muito vulto, deixando os de menor tamanho e maior, valor e outras coisas de estimação, como recordação só para ele. Disto falaremos depois. Cometida aquela horrível ação, foi-se pelo mesmo caminho.

Nem no dia seguinte, ao correr o alarme, nem nunca acudiu a alguém a mais velada suspeita de que ele fosse o criminoso. Tão pouco era conhecido o seu amor pela viúva, pois ele não tinha amigos a quem fazer confidências, sendo além de tudo muito reservado e silencioso. Era tido como uma das várias amizades da morta e não das mais assíduas, pois nos últimos quinze dias não aparecera em casa dela. Suspeitou-se em seguida de um servo chamado Pyotr, acusado por todas as circunstâncias. A senhora tinha que dar um recruta de entre os seus escravos e embora não tivesse decidido ainda nada, Pyotr estava convencido de que seria ele o designado, pois não tinha família e a sua conduta não era muito satisfatória. Na taberna alguém o ouvira queixar-se e proferir ameaças de morte contra a ama. Dois dias antes do crime desaparecera e ninguém sabia dele. No dia seguinte encontraram-no na estrada, perdido de bêbado, com uma navalha no bolso e a mão esquerda manchada de sangue.

Embora afirmasse que o sangue era do nariz, ninguém acreditou. As criadas confessaram ter saído para uma festa e que o portão ficara aberto até regressarem. Este e outros pormenores caíam como provas esmagadoras sobre o inocente criado. Encarceraram-no e julgaram-no como se fosse o assassino, mas daí a dias adoeceu com febre e morreu esquecido num hospital. Assim acabou o assunto, crendo os juízes, as autoridades e a cidade inteira que quem havia cometido o crime morrera. Mas então começou o castigo. O misterioso visitante e agora meu

amigo declarou-me que no princípio não eram os remorsos que o atormentavam. Durante muito tempo só sentiu a desgraça de ter morto a mulher que amava, de a ter perdido para sempre, de haver morto com ela o seu amor enquanto o fogo da paixão lhe corria ainda nas veias. O sangue derramado, o homicídio mal o inquietava. Sendo-lhe insuportável a ideia de que a vítima viria a ser a mulher de outro, estava profundamente convencido de que não poderia ter procedido de outro modo.

Quando encarceraram o criado sentiu pena, mas apaziguou-se com a sua morte, ao saber que nem o cárcere nem o temor o haviam levado a ela, e sim o resfriamento que apanhara na estrada onde passara a noite dormindo embriagado. O furto inquietava-o pouco, pois só o praticara para evitar que suspeitassem dele. A quantia roubada era insignificante comparada à grande soma que destinou aos fundos de um hospital, com o objeto de tranquilizar a sua consciência, o que conseguiu. Viveu depois, durante muito tempo, numa paz completa. Em seguida aplicou toda a atividade no exercício de um cargo que requeria grande atenção e força de caráter. Absorto durante dois anos nas suas ocupações, quase esqueceu o passado, ou conseguia afastá-lo quando a imaginação o aproximava. Entregou-se de corpo e alma à beneficência e fundou na cidade várias instituições filantrópicas ou ajudou à sua manutenção, merecendo ser eleito membro de sociedades benfeitoras de Moscovo e Petersburgo, aonde também fazia chegar as dádivas.

Mas a recordação do passado levantou-se por fim perante os seus olhos com tal força que já não foi possível combatê-la, e como nessa altura se apaixonara por uma jovem formosa e prendada casou-se, esperançado em que o matrimónio dissipasse a opressão que o abatia e que a nova vida e o escrupuloso cumprimento dos seus deveres de marido e pai o livrassem para sempre dos velhos fantasmas. Mas sucedeu o contrário do que esperava. Desde o primeiro mês de casado que a mesma ideia o roía. «Minha mulher ama-me, mas... se soubesse?...» Quando lhe anunciou o próximo fruto do seu amor, perturbou-se. «Dei uma vida, eu, eu que a tirei!» O filho chegou: «Como me atreverei a

amá-lo, a instruí-lo e a educá-lo? Como lhe falarei de virtude, eu que derramei sangue?»

Todos os seus filhos eram bonitos e ele adorava acariciá-los, mas apartava-se, pensando: «Não podes nem contemplar as suas carinhas angelicais; és indigno disso!»

O sangue da vítima projetava já uma sombra sinistra sobre os seus dias. A vida juvenil que destruíra agarrou-se dolorosamente à sua, aturdindo-o com o grito insaciado de vingança. Tinha pesadelos horríveis. De vigorosa constituição, suportou durante muito tempo este martírio porque esperava que aquelas angústias mortais sofridas em silêncio seriam a sua expiação. Mas em vão: quanto mais calava mais aumentavam os seus sofrimentos.

Embora o seu caráter severo e taciturno fosse o que mais o impusesse, era respeitado pela sua muita caridade, e este mesmo respeito exacerbava-o imenso. Confessou-me que teve a ideia de se matar, mas repeliu-a ou suplantou-a por outra que ao princípio achava irrealizável e louca, mas que se foi arreigando a pouco e pouco na sua alma até não o deixar pensar noutra coisa. Acariciava o propósito de ir resolutamente declarar-se culpado de assassínio na praça pública. Passaram-se três anos durante os quais traçou planos para levar a cabo a sua ideia. Chegou a crer, no fundo do coração, que ao confessar o crime ficaria perdoado e recobraria a paz de espírito. Essa crença espantava-o, pois não sabia como fazê-lo. Foi então que soube do meu duelo.

— Ouvindo-o, decidi-me.

Fiquei-me a olhá-lo.

— Será possível? — exclamei, juntando as mãos. — Será possível que um incidente de tão pouca importância o tenha conduzido a tal resolução?

— A minha resolução tem estado a crescer durante estes três anos — respondeu. — O seu episódio foi apenas o impulso que me faltava. Ao ouvi-lo, recriminava-me, invejava-o — terminou com raiva.

— Não acreditarão em si, agora que passaram catorze anos.

— Tenho provas, grandes provas. Apresentá-las-ei.

Beijei-o, chorando.

— Diga-me, diga-me uma coisa! — continuou, como se tudo dependesse de mim. — A minha mulher e os meus filhos morrerão de desgosto, e embora não percam posição e património, serão para sempre os filhos de um presidiário. Que recordação lhes vou gravar no coração?

Eu mantinha-me em silêncio.

— E separar-me deles, deixá-los para sempre? Repare que é para sempre, para sempre!

Continuei imóvel, rezando. Por fim levantei-me, tremendo de medo.

— O quê? — perguntou, olhando-me com firmeza.

— Vá — disse-lhe — confesse. Tudo é transitório, só a verdade permanece. Seus filhos compreenderão, quando forem maiores, a nobreza da sua decisão.

Apartou-se de mim como quem vai cumprir um propósito, mas ainda voltou a minha casa durante duas semanas. Todas essas noites se propunha o mesmo, como se recobrasse as forças que lhe faltavam para chegar ao fim. A mim doía-me o coração só de o escutar. Uma tarde entrou muito determinado e disse arrebatadamente:

— Sei que o céu se abrirá para mim no momento em que confessar. Há catorze anos que vivo no inferno. Quero sofrer. Abraçar-me-ei ao castigo e a minha vida começará. Pode-se passar por este mundo procedendo mal; o difícil é voltar ao bom caminho. Eu não ouso amar ao próximo, nem aos meus próprios filhos. Bom Deus! Compreenderão eles quanto sofro? Perdoar-me-ão? Deus não está na força, mas na verdade.

— Compreenderão o seu sacrifício — assegurei-lhe. — Se não for agora, será mais tarde.

Ao despedir-se parecia confortado, mas no dia seguinte voltou. Vinha branco, sarcástico e desgostoso.

— Sempre que venho cá me olha inquisidoramente, como quem diz: «Ainda não confessou!» Aguarde um pouco, não me despreze tanto. Não é tão fácil como imagina. Talvez nunca me atreva. Suponho que não irá denunciar-me por isso, ou irá?

Longe de o ver com curiosidade indiscreta, tinha medo do seu olhar. Sentia-me doente de angústia. Tinha o coração destroçado.

De noite não podia dormir!

— Acabo de me separar da minha mulher — continuou. — Minha mulher! Sabe o que isto significa? Os meus filhos acompanharam-me até à porta, gritando: «Adeus, papá. Vem depressa para nos leres a Revista Infantil.» Não, você não compreende isto! Ninguém compreende a desgraça alheia!

Os olhos faiscavam-lhe, os lábios palpitavam, e de repente deu com o punho na mesa, fazendo saltar tudo o que ali se encontrava. Nunca se mostrou tão brusco como então, pois que era um homem de modos doces e refinados.

— Mas será necessário? — exclamou. — Terei eu esse dever? Ninguém foi condenado, ninguém foi para a Sibéria em meu lugar. O outro morreu de doença e eu... bastante paguei com os meus tormentos o sangue que derramei. É necessário ainda que confesse? É necessário? Estou disposto a sofrer toda a minha vida por esse sangue, desde que a minha mulher e os meus filhos não fiquem envolvidos nessa desgraça. É justo que os esmague na minha ruína? Não cometeremos um erro? E os outros, reconhecerão, apreciarão, respeitarão o meu sacrifício?

«Senhor», pensei eu, «pois não o preocupam neste momento os respeitos humanos?» E fiquei tão cheio de pena que pensei então que seria capaz de carregar com metade da sua desgraça, se isso o aliviasse. A expressão dele era de desespero e eu fiquei petrificado de terror procurando indagar em mim mesmo os seus propósitos.

— Decida a minha sorte! — gritou-me ainda.

— Vá e confesse — murmurei-lhe, e tive que me esforçar, pois que a voz me desfalecia. Peguei numa tradução russa do Novo Testamento e assinalei o Evangelho de São João, capítulo 12, versículo 24.

Na verdade, na verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra não morre, ficará só; mas se morre dá muito fruto.

Leu-o e disse com um sorriso amargo:

— É verdade... você encontra coisas tremendas nesse livro... — E acrescentou, depois de uma pausa: — E é muito fácil aplicá-

las. Quem o escreveu? São os homens capazes de escrever isso?

— O Espírito Santo — respondi-lhe.

— Não me venha agora com intrigas. — E sorriu quase com ódio.

Voltei a pegar no livro e mostrei-lhe a Epístola aos Hebreus, capítulo 10, versículo 31:

É horrendo cair nas mãos do Deus vivo.

— Imponente! — exclamou. — Não há dúvida que tem uma coleção de frases apropriadas. — Levantou-se e disse: — Adeus, talvez não volte... encontrar-nos-emos no céu. Durante catorze anos fui espremido pelas «mãos do Deus vivo...» Amanhã pedirei a essas mãos que me soltem.

Quis apertá-lo nos meus braços, beijá-lo... mas não me atrevi. O seu rosto torcido velava-se-me, cheio de sombras. Saiu.

«Bom Deus», pensei. «Que vai fazer esse homem?» Caí de joelhos perante os santos e, chorando, implorei para ele a graça da Mãe de Deus, nossa doce ajuda e proteção. Permaneci meia hora derramando lágrimas piedosas. Era já muito tarde, quase meia-noite, quando a atenção se me desviou e me sobressaltei. A porta abriu-se bruscamente e ele entrou.

— Onde esteve? — perguntei.

— Penso — balbuciou — que esqueci qualquer coisa… o lenço, creio. Bom, mesmo que não tenha sido isso, deixe-me ficar um momento.

Sentou-se. Eu permaneci de pé, junto a ele.

— Sente-se também — pediu.

Assim fiz. Passaram uns minutos e durante esse tempo não afastou de mim o seu olhar turvo. De repente, sorriu. Como o recordo! Levantou-se, beijou-me e disse:

— Lembre-se desta segunda visita que lhe faço. Ouve? Ouve bem? Lembre-se!

E saiu.

«Amanhã!», pensei.

E assim foi. Não sabia que o dia seguinte era o do seu aniversário, pois como não saíra de casa naqueles últimos cinco

dias não tivera ocasião de me inteirar. Nesse dia visitavam-no todas as pessoas importantes da cidade e não esteve menos animada a festa daquele ano. Depois do almoço avançou até meio da sala, levando na mão uma folha de papel, dobrada, na qual estava escrita uma declaração formal ao chefe do departamento, ali presente. Leu-a em voz alta para que todos a ouvissem. Era um relato do crime, com inúmeros pormenores. «Saio da sociedade porque sou um monstro», concluía. «Deus visitou-me... Quero sofrer pelo meu crime.»

Então exibiu em cima da mesa todos os objetos que guardara durante catorze anos e que tinha como provas do delito: as joias da vítima, que roubara para desviar as suspeitas, uma cruz e um relicário com o retrato do noivo, que ela tinha ao peito; um livro de apontamentos e duas cartas, uma do noivo e a resposta dela, que deixara sem acabar, para o dia seguinte.

Para que levara aquelas duas cartas e por que razão as conservara durante catorze anos, em vez de as destruir, sendo uma prova evidente do seu crime?

E sucedeu que, embora todos se mostrassem surpreendidos e horrorizados, ninguém acreditou nele. Escutavam-no com extraordinária curiosidade, mas todos o olhavam como a uma pessoa perturbada. Daí a dias, em todas as casas se comentava o facto de o desgraçado estar louco. A própria autoridade judicial, se bem que não pudesse inibir-se, abandonou depressa o assunto, pois que embora os objetos e as cartas fossem de grande peso, decidiram que, no caso de serem autênticas, não constituíam por si só uma acusação definitiva. Além do mais, deduziam que poderia ter aqueles objetos qualquer amigo a quem ela houvesse pedido que os guardasse. Soube depois que foram reconhecidos por parentes e amigos sem que isso produzisse consequência alguma.

Cinco dias após a festa disseram-me que estava gravemente doente. Não explicaram o que era, atribuindo-o a uma afeção cardíaca, mas soube-se que a mulher consultara os médicos e que estes afirmavam ser um caso de loucura. Não deixei escapar nem uma palavra que pudesse atraiçoá-lo perante as pessoas que me

vieram falar dele, mas quando o quis visitar proibiram-mo. A mulher negou-me decididamente a entrada, dizendo:

— O senhor é que tem a culpa de tudo. Melancólico estava ele sempre, mas há um tempo para cá os amigos viam-no extraordinariamente excitado, até ao ponto de lhes criticar as suas extravagâncias. Agora foi o senhor que o afundou. As suas maneiras exerceram sobre ele uma influência tão deplorável... há um mês que anda sempre consigo!

Não só a esposa, mas toda a cidade se lançou sobre mim para me acusar, dizendo ser tudo obra minha. Eu calava-me, regozijando-me inteiramente de que Deus patenteasse a sua misericórdia naquele homem que se voltara contra si mesmo para se castigar. Não podia acreditar na sua demência.

Por fim deixaram-me vê-lo, já que ele insistia em despedir-se de mim. Acerquei-me e compreendi que os seus dias, e as suas horas, estavam contados. Fraco, amarelo, as mãos tremiam-lhe. Respirava com dificuldade, mas o rosto brilhava de doçura e felicidade.

— Já está! — suspirou. — Quanto desejava vê-lo! Porque não vinha?

Não lhe disse que mo impediam.

— Deus compadeceu-se de mim e chama-me para o seu seio. Sei que morro, mas sinto por fim paz e alegria. Desde que fiz o que tinha a fazer, a minha alma é um paraíso. Agora posso beijar os meus filhos e amá-los. Nem minha mulher nem os juízes, ninguém acreditou. Meus filhos nunca acreditarão. Vejo nisso que Deus lhes dá a sua bênção... Morrerei deixando-lhes um nome sem mancha. Sinto que Deus está perto porque a minha alma está cheia de alegrias celestiais... Cumpri o meu dever.

Não podia falar, faltava-lhe o ar, agarrava-me com força a mão e os olhos fixavam-me plenos de afeto. Não pudemos conversar durante muito tempo porque a esposa apareceu, desconfiada, mas ainda teve ocasião de murmurar:

— Lembra-se de quando voltei a sua casa, à meia noite? Disse-lhe que não se esquecesse. Sabe o que lá ia fazer? Matá-lo!

Estremeci.

— Quando o deixei, encontrei-me só na noite e fui errando pelas ruas, lutando comigo mesmo. De súbito, desencadeou-se na minha alma uma tempestade de ódio contra si que se me tornava impossível suportar. Você, apenas você, se agarrava à minha vida como um cepo ao condenado. Era o meu único juiz. Não podia deixar de arrostar com o meu castigo voluntário porque você sabia tudo. E não era porque temesse que me delatasse... nunca o julguei capaz disso... mas pensava: «Como poderás olhá-lo de frente se não confessas?» E ainda que você se encontrasse nos antípodas, mas vivo, teria sido o mesmo. O insuportável era que vivia quem sabia tudo e me condenava. Odiava-o como se fosse você o causador e o culpado de tudo. E voltei pensando no punhal que vira sobre a sua mesa. Sentei-me e pedi-lhe que fizesse o mesmo. Refleti um momento. Se o matasse ter-me-ia perdido, mesmo sem confessar o meu outro crime. Mas então não pensava, nem queria pensar nisto. Odiava-o e ansiava vingar-me de tudo em si. O Senhor venceu o diabo que levava no meu coração. Mas quero que saiba que nunca esteve tão perto da morte.

Faleceu uma semana depois e toda a cidade assistiu ao enterro. O arcipreste pronunciou um sentido discurso e todos lamentavam a terrível doença que havia ceifado tão cedo a sua vida. Acabados os funerais, a cidade em massa se voltou contra mim, indignada, e até os camponeses me negavam a saudação. Alguns, muito poucos ao princípio, mas depois em maior número, começaram a acreditar na declaração do defunto e dirigiam-se-me interrogando-me com vivo interesse, porque os homens têm prazer na queda e na desgraça do justo. Mas eu fechei a boca e pouco depois abandonava a cidade para entrar, ao fim de cinco meses, com a graça de Deus, nesta ditosa senda de salvação, abençoando a mão invisível que tão claramente ma mostrara, e até ao dia de hoje não esqueci nas minhas orações o servo de Deus, Mikael, que tanto sofreu.

Capítulo 3 — Práticas e Exortações do Padre Zossima

e) O monge russo e a sua possível significação

Padres e mestres: o que é o monge? No mundo civilizado dos nossos dias há quem use esta palavra em tom de chalaça. Outros há que o fazem como uma injúria, e o desprezo vai crescendo. É de lamentar que haja na verdade, entre os monges, muitos mandriões, libertinos, glutões e parasitas insolentes. Estes são assinalados pelos mundanos, que dizem: «preguiçosos, membros inúteis da sociedade, viveis do suor do vosso próximo. Mendigos sem vergonha!» Mas quantos monges há que doces e humildes não suspiram mais do que pela solidão e pela fervorosa oração em paz? São os menos notados, passam em silêncio... E qual não seria a surpresa dos homens se soubessem que talvez destes calmos solitários que se entregam à oração, virá de novo a salvação da Rússia? Eles estão sempre prevenidos na paz do seu retiro «para o dia e a hora, para o mês e o ano». Entretanto, na solidão, guardam a imagem de Cristo bela e imaculada, em toda a pureza da verdade divina, que brilhou nos primeiros padres, nos Apóstolos e nos mártires, e quando chegar o tempo mostrá-la-ão ao mundo vacilante na fé.

Isto é enorme! A estrela levantar-se-á no Oriente.

Tal é a opinião que tenho do monge. É falsa? É presunçosa? Olhai o mundo e quanto é estabelecido pelos seus sequazes e vede se não foi falseada a imagem de Deus e a sua verdade. Têm a ciência, mas na ciência nada mais há do que aquilo que depende dos sentidos. O mundo do espírito, a parte mais elevada do ser humano, está abandonada, renegada triunfalmente, quase com ódio. O mundo proclamou, ainda mais recentemente, o reino da liberdade, e que vemos nessa liberdade? Nada, senão servidão e destruição!

Porque o mundo diz: «Satisfazei os vossos desejos, pois tanto direito tendes vós como o rico e o poderoso. Não temais satisfazê-los, antes sim multiplicai-os.» Eis a moderna doutrina do mundo. E nela dizem que se apoia a liberdade. Mas que resulta deste direito à multiplicação de desejos? No rico, o isolamento e o suicídio espiritual; no pobre, a inveja, o crime. Já que lhe outorgam os direitos e não lhe ensinam a satisfazer as suas necessidades, asseguram que o mundo está cada vez mais unido, e estreitam mais os laços de fraternidade, como se desaparecessem as distâncias e as doutrinas se fundassem no ar.

Ah! Não acrediteis em semelhante união. Interpretando a liberdade como o aumento e a pronta satisfação de desejos, desfigura o homem da sua própria natureza, na qual se fomentam disparatadas e loucas ambições, hábitos e ridículos caprichos. Não se vive mais do que para a inveja mútua, para o luxo e a ostentação, e considera-se uma necessidade ter riquezas, amizades, carruagens, títulos e escravos para o serviço e por isso se sacrifica a vida, a honra e todo o sentimento de humanidade, chegando ao suicídio. Até aos menos afortunados acontece o mesmo, pois que só os pobres afogam necessidades e cobiças na bebida. Mas cedo chegará o dia em que beberão sangue em vez de vinho, pois a esse ponto os leva a sociedade. E eu pergunto-lhes: «Será livre assim, o homem?»

Pois eu conheço um «campeão da liberdade» que me confessou que, quando estava na prisão e se via privado do tabaco, invadia-o uma tal depressão que estava a ponto de atraiçoar a sua causa só para poder conseguir um maço. E esse era o que dizia: «Eu luto para o bem da humanidade!»

Mas que luta será a daquele que por tão pouca coisa desmaia? Homens assim são capazes de um gesto arrebatado, mas não de se manterem na lide. Não é de admirar que em vez de conquistar a liberdade hajam caído na escravidão e que longe de servir a causa da caridade fraterna e da união da humanidade, provoquem, pelo contrário, as dissensões e o isolamento de que falava o meu misterioso visitante e mestre. Por outro lado, a ideia de servir a humanidade, da caridade fraterna e da solidariedade da espécie, ofusca-se cada vez mais no mundo e às vezes é

acolhida com desprezo. Como se despojará o homem dos seus vícios, e que pode esperar-se desse escravo de si próprio acostumado à satisfação de todas as necessidades que inventou? Isolado no seu egoísmo, que lhe importa o resto da humanidade? Vão-se amontoando riquezas, mas a alegria terá diminuído no mundo.

Na vida monástica sucede algo muito diferente. Troçam da obediência, das rezas e penitências, e este é o caminho que conduz a uma real e verdadeira liberdade. Resisto aos meus gostos supérfluos e desnecessários, subjugo e castigo com a obediência o meu orgulho e vaidade, e por intermédio de Deus, consigo assim a liberdade de espírito que traz consigo a alegria. Quem está mais apto a conceber uma grande ideia e servi-la, o rico encastelado nos seus bens ou o homem que se livra da tirania dos objetos e dos hábitos? Culpa-se o retraimento do monge. «Haveis-vos encerrado entre os muros do mosteiro, buscando a vossa salvação e esquecendo a fraternidade e as necessidades do próximo!» Veremos quem é mais ciumento do amor fraternal, porque não nós, mas eles, são os que se traem, embora não o vejam. Sempre temos sido nós os diretores do povo. Por que não continuamos a sê-lo? Os nossos modestos e humildes ascetas levantar-se-ão e sairão a trabalhar pela grande causa. A salvação da Rússia deve-se ao povo e o monge russo está sempre a seu lado. Isolamo-nos, se isolarmos o povo. Este crê como nós cremos e a Rússia nada pode esperar de um incrédulo reformador, seja ele um homem sincero e um génio. Tende isso bem presente! O povo chocará com o ateísmo e vencê-lo-á, e a Rússia será unida e ortodoxa. Conservai o coração do povo e educai-o em silêncio; é o vosso dever de monges, porque o povo anda com Deus no coração.

f) Dos amos e criados, e de se podem estes ser irmãos em espírito.

Não negarei que o pecado está também no povo. A chama da depravação cresce e estende-se de hora a hora, devastando tudo quanto encontra. O espírito do isolamento corrói já o coração do

povo, e surgem por todo o lado usurários e devoradores do bem comum. Já o comerciante, sedento de luxo e honras, se empenha em passar por homem culto ainda que não tenha nem um pouco de instrução, repudia com arrogância as velhas tradições e envergonha-se da fé dos seus pais, porque pode ostentar junto dos magnates a sua corrupção aldeã. Os camponeses apodrecem na embriaguez, incapazes de deixar esse vício, causa de tantas crueldades contra as crianças e as mulheres. Eu vi nas fábricas rapazes de nove anos, fracos, doentes, consumidos já na depravação. Ar escasso de oficina, barafunda de maquinaria, trabalho sem descanso, linguagem grosseira, vinho! E isto o que necessita uma pobre criatura? Dai-lhe sol, jogos, bom exemplo, primeiro que tudo, e além do mais um pouco de carinho.

Isto não pode continuar assim, há que acabar de martirizar os pequenos. Levantai-vos, monges, e correi a pregá-lo! Correi, correi!

Mas Deus salvará a Rússia, pois ainda que o povo esteja infetado e não possa renunciar ao seu asqueroso vício, sabe que Ele detesta os seus pecados. Ainda crê na retidão, põe a fé n'Ele e chora arrependido.

O mesmo não acontece nas classes elevadas, sequazes da ciência, que querem basear a justiça na razão divorciada de Cristo, como antes, e já proclamam que não existe o crime, que não existe o pecado. E isto é lógico, porque se não há Deus, que significaria o crime? Na Europa o povo já se levantou contra o rico e os seus dirigentes induzem-no a derramar sangue, assegurando-lhe que a sua cólera é justa. E eu digo que «a sua cólera será maldita, porque é cruel». Mas Deus salvará a Rússia como a salvou tantas vezes, e a salvação virá do povo, da sua fé e da sua modéstia.

Padres e mestres: mantenham a fé do povo e isto que vos digo não será um sonho. Sempre me comoveu a dignidade do nosso grande povo, que é a verdadeira e conveniente. Eu já a vi, posso dar testemunho, vi-a e maravilhei-me, não obstante os vícios que o degradam, impondo-lhe um aspeto de fealdade. Não é abjeto, e após séculos de servidão conduz-se de maneira cortês e desenvolta, mas sem orgulho, sem dar lugar no seu coração à

vingança e à inveja. «És rico e nobre, elegante e inteligente, pois bem, que Deus te abençoe. Respeito-te, mas sei que também eu sou homem. Pelo mero facto de te respeitar sem inveja, provo a minha dignidade humana.»

Na realidade, se não dizem — porque não sabem como expressá-lo — assim o fazem. Eu observei-o perfeitamente, e acreditai-me, quanto mais pobre é o nosso aldeão, mais ressalta a sua bondade natural frente à depravação em que se afunda a maior parte dos ricos, devida à nossa negligência e indiferença. Mas Deus salvará o seu povo, porque a Rússia é grande na sua humildade. Vislumbro e ainda agora me parece que vejo claramente o nosso futuro. Sucederá que até os ricos mais depravados se envergonharão das suas riquezas perante o pobre, o qual, compreendendo-o, se afastará descobrindo-se com respeito quando o humilhado passar e corresponderá a esta vergonha honrosa com alegria e amor. Acreditai que se chegará a isto, para este fim se encaminham as coisas; a igualdade terá que procurar-se apenas na dignidade da consciência. Se somos irmãos haverá fraternidade, sem a qual jamais concordará o homem na repartição das suas riquezas. Guardemos a imagem de Cristo, que ela brilhará como um diamante precioso sobre todo o mundo. Assim será, assim será!

Isto, padres e mestres, recorda-me um acontecimento enternecedor. Durante a minha peregrinação encontrei na cidade de K. a minha antiga ordenança, Afanasy, depois de oito anos de separação. Viu-me por acaso no mercado, reconheceu-me e não fazeis ideia com que alegria se precipitou para mim, gritando: «É o senhor? É o senhor?» E levou-me a sua casa.

Deixara a milícia para se casar e tinha dois filhos. Com sua mulher, ganhava a vida vendendo fruta no mercado. Vivia numa casa pobre, mas limpa e asseada. Fez-me sentar, pôs o samovar a aquecer e mandou chamar a mulher. Depois, trazendo-me os filhos, disse:

— Dai-lhes a vossa bênção, padre.

— Sou um pobre monge para lhes dar a bênção. Rezarei para que Deus os abençoe, como tenho rezado diariamente por ti, Afanasy Pavlovitch, desde aquela data, porque te devo tudo. — E

contei-lhe o sucedido o melhor que pude. E que pensais? O pobre não parava de contemplar-me, não fazendo ideia de que eu, seu amo e superior, me encontrasse diante dele daquele modo. Emocionou-se até às lágrimas. — Por que choras? — disse-lhe. — Deves regozijar-te, meu querido e inolvidável amigo, porque sigo um caminho muito formoso e alegre.

Não disse quase nada, mas reprimindo os soluços manifestou-me afeto, movendo docemente a cabeça.

— E o que fez da sua fortuna? — perguntou-me.

— Dei tudo ao mosteiro — respondi. — Vivemos em comunidade.

Ao despedir-me, depois do chá, entregou-me uma esmola de meio rublo para o convento e notei que me punha atropeladamente outra moeda na mão, apertando-ma.

— Isto é para si, padre; ser-lhe-á útil na viagem.

Aceitei, inclinei-me perante ele e sua esposa e saí cheio de gozo porque pensava: «Eis-nos aqui os dois, ele na sua casa e eu na rua, apertando-nos as mãos e gemendo da alegria que reina nos nossos corações, agradecidos a Deus que se dignou arranjar este encontro.»

Não voltei a vê-lo. Amo e criado haviam trocado um ósculo de amor com ternura de coração, unindo-se num laço de humanidade. Refleti muito nisto e agora digo: «Será por acaso inconcebível que esta união, baseada na simplicidade dos corações, não se faça geral a seu tempo em toda a Rússia? Eu creio que se efetuará, que o fim está perto.»

Com respeito aos criados, quero acrescentar que na minha juventude me enfadava com eles por qualquer ninharia: por o cozinheiro me ter servido um prato frio ou a ordenança não ter escovado o meu uniforme. O melhor ensinamento que tive foi aquilo que ouvi ao meu irmão: «Mereço eu que outro me sirva e obedeça porque é pobre e ignorante?» Surpreende-me que uma ideia tão simples e evidente demore tanto a ocorrer-nos.

É impossível prescindir no mundo dos criados, mas há que procurar que sejam tão livres em espírito como se o não fossem. E por que não posso eu servir o meu criado, ainda que ele o saiba, sem orgulho por minha parte que suscite a desconfiança? Por que

não hei de tratar o meu criado como se fosse um membro da minha família, sentindo satisfação nisso? Isto é possível agora e levar-nos-á, amanhã, à grande unidade do homem, quando este já não procure quem o sirva, mas que se preste de todo o coração a ser o servo de todos, como ensina o Evangelho.

É um sonho que os homens tenham de acabar por encontrar alegria só nos seus atos brilhantes e misericordiosos, e não como agora em prazeres de crueldade? Creio firmemente que não e que o tempo está próximo. O povo ri-se e pergunta: «Quando virá esse tempo? Temos de esperar?» Creio que com a ajuda de Cristo daremos fim a esta obra. Quantas ideias há na história da humanidade, realizadas ao fim de dez anos de aparecerem como utopias? Quando chega a sua hora, aparecem e propagam-se por toda a terra. O mesmo nos acontecerá, e o espírito do nosso povo brilhará sobre o mundo inteiro e todos dirão: «A pedra que os arquitetos desprezavam resulta que é a pedra angular do edifício.»

E nós podemos perguntar aos orgulhosos: «Já que a nossa esperança não passa de um sonho, que fazeis que não levantais o edifício e ordenais as coisas justamente e a gosto da vossa inteligência, prescindindo de Cristo?» Se respondem que a eles se deve todo o progresso na direção da unidade, só os mais simples poderão acreditá-lo, pois é preciso ser inocente. Na realidade eles são uns sonhadores, mais fantásticos do que nós. A sua aspiração à justiça, sem Cristo, acabará por inundar a terra de sangue, porque o sangue quer sangue e aquele que «com ferro mata com ferro morre». E se não fosse a promessa de Cristo, destruir-se-iam entre si até não ficarem mais de dois sobre a terra. Mas nem estes dois poderiam suportar-se no seu orgulho, e um mataria o outro e logo a si mesmo.

Isto sucederia sem a promessa de Cristo, mas graças ao humilde e piedoso, encurtam os dias que nos separam do seu reino.

Enquanto, depois do duelo, vestia o uniforme de oficial, falava dos criados em sociedade, recordo-me que todos se admiravam das minhas palavras. «Como? Temos de fazer sentar os criados num sofá e oferecer-lhes chá?» E eu respondia: «Por que não?

Alguma vez, pelo menos.» Todos desatavam a rir. A pergunta era vã e a minha resposta ingénua, mas justa, de qualquer modo.

g) Da oração, do amor e das relações com outros mundos.

Não esqueças a oração, jovem, porque se é sincera infundir-te-á cada dia novos sentimentos, inspirar-te-á novas ideias e sairás dela remoçado e fresco, compreendendo o seu valor educativo. Não deixes de repetir cada dia e sempre que possa. «Senhor, tem misericórdia dos que comparecem hoje diante de Ti», porque a cada hora e a cada momento deixam esta vida milhares de almas para se apresentarem a Deus e são muitos os que partem sós, ignorados, tristes de abandono, sem que os acompanhem as lágrimas de alguém, nem se haja notado sequer a sua existência. E considera que, desde os remotos confins da terra, a tua oração pelo descanso dessas almas, que não conheces, chegará ao Senhor, e a alma que estiver na Sua presença como que atemorizada, sentir-se-á comovida de agradecimento ao ver que naquele momento há quem interceda por ela e não falta no mundo um ser que a ama. A ambos olhará Deus com mais misericórdia, pois se tu tiveste piedade dela quanto mais Ele, que é infinitamente bom e misericordioso? Ele perdoará, graças a ti.

Irmãos, não vos amedronte o pecado do homem e amai também o pecador, pois assim se parecerá o vosso com o amor de Deus que é o mais elevado dos amores. Amai toda a Criação e nela cada grão de areia; amai toda a pequena erva, todo o raio da luz de Deus. Amai os animais, as plantas... amai tudo. Se amardes tudo, descobrireis o divino mistério que há nas coisas e compreendereis cada dia, e chegareis a amar o universo, abarcado num abraço amoroso. Amai os animais; Deus deu-lhes um rudimento de inteligência e uma gozosa estabilidade de ânimo. Não os molesteis, não os destruís, não os priveis da sua dita, não atenteis contra o desígnio de Deus. Homem, não te orgulhes da tua superioridade sobre os animais; eles estão limpos de pecado, enquanto tu, com toda essa grandeza, corrompes a terra que te sustenta e deixas ao passar as pegadas da tua impureza. Ai! Com

quanta verdade pode dizer-se isto de cada um de nós! Amai as crianças singularmente, porque são puras como os anjos e vivem para abrandar e purificar os nossos corações e dar-nos o exemplo. Maldito seja o que escandalize um pequeno! O Padre Anfim ensinou-me a amá-los. Este homem, bom e silencioso, comprava-lhes doces e pastéis com as esmolas que nos davam nas nossas viagens. Não podia aproximar-se de uma criança sem se emocionar, era simples de coração.

Certas ideias deixam-nos perplexos e especialmente perante os pecados dos homens perguntamo-nos se devemos dominá-los pela força ou com amor humilde. Decidi-vos sempre por este último, porque é o meio mais expedito para subjugar o mundo inteiro. Um amor humilde é uma força prodigiosa, o mais forte que existe; nada há que se lhe pareça.

Em todo o lugar e momento examinai-vos cuidadosamente e procurai que o vosso porte seja edificante. Se passardes ao lado de uma criança e o fizerdes de má vontade, enfurecidos e falando de maneira incorreta, talvez não vos precateis da sua presença, mas tende como certo que o miúdo fixou o vosso aspeto inconveniente e conservá-lo-á no seu coração indefeso. Sem o saber, haveis semeado uma má semente que um dia crescerá e tudo por não vos haverdes exercitado num cuidadoso e terno amor às crianças. Irmãos, o amor é um mestre, mas há que saber adquiri-lo e é custoso; são necessários muito tempo e grandes esforços. Porque não se há de amar circunstancialmente e de modo transitório, mas sim constantemente. De uma maneira episódica, até os malvados podem amar.

Meu irmão pedia perdão aos pássaros e isto, que soa a oco, é justo, porque tudo é um oceano, tudo flutua e se enlaça entre si de modo que um golpe dado em qualquer ponto repercute na parte oposta da terra. Pedir perdão aos pássaros talvez seja uma tontaria, mas os pássaros, como as crianças e todos os animais, sentir-se-ão mais felizes a vosso lado se vos portardes com mais nobreza do que até agora. Tudo é como um oceano, já vos tenho dito. Então, palpitante de amor num abraço universal que vos terá como transportados, rogareis também aos pássaros, rogar-lhes-

eis para que também eles vos perdoem. Mantende esse transporte, ainda que pareça aos homens uma parvoíce.

Amigos meus, pedi a Deus alegria e sede alegres como crianças, como os pássaros do céu. Que o pecado do homem não perturbe os vossos atos; não temeis que deprecie o mérito das vossas obras ou impeça a vossa obrigação moral. E não digais: «Forte é o pecado, forte a maldade, forte a corrupção que nos envolve e estamos sós e sem defesa para que dê fruto bom o nosso trabalho em terreno tão árido!» Não desanimeis dessa maneira, meus filhos! Só há um remédio, aceitai-o. Carregai sobre vós os pecados de todos os homens porque olhai, amigos, nada tão certo como o sentir-vos responsáveis de tudo e por todos. Vereis que isto é justo, e que realmente sois culpados de todos os males da terra. Mas se carregardes sobre os demais a vossa indiferença e ociosidade acabareis por imitar Satanás na sua soberba, murmurando contra Deus.

Gostaria de vos falar da soberba de Satanás, mas tão difícil é compreendê-la neste mundo, como fácil cair em erro e ainda transmiti-lo, até com a melhor das intenções. Há tantas coisas que dizem respeito à própria natureza humana que não conseguimos explicar! Que não seja isto uma pedra de escândalo nem vos sirva de nenhuma maneira para vos justificar, porque não vos perguntará o Eterno Juiz que é o que não compreendeis, mas o que sabeis. Então entendê-lo-eis, porque contemplareis a pura verdade de todas as coisas, sem necessidade de discussões. Mas vivemos extraviados na terra e sem a luz da preciosa imagem de Cristo já nos teríamos aniquilado e perdido como o género humano antes do dilúvio. Muitas coisas se nos ocultam, mas possuímos o íntimo sentimento da nossa relação com o outro mundo, com o mundo superior da glória; e as raízes das nossas ideias e sentimentos não estão aqui, mas em outros mundos. E por isso dizem os filósofos que não podemos penetrar a essência das coisas da terra.

Deus colheu sementes de outros mundos e semeou-as neste, e o seu jardim floresce e prospera o que pode prosperar; mas tudo o que nasce e se desenvolve vive só pelo sentimento e contacto de outros mundos misteriosos. Se esse sentimento se debilita ou

desaparece em ti, o que de celestial crescerá em ti, morrerá e, então, verás indiferente a vida e acabarás por a detestar. Eis a minha opinião.

h) Pode julgar-se o próximo? Perseverança na fé.

Tende bem presente que não é dado julgar ninguém, porque ninguém julgará bem outro por não se reconhecer tão criminoso como o acusado e talvez mais culpado que ninguém do crime que tenha cometido. Só quem está bem persuadido disto se capacita para ser juiz. Poderá parecer absurdo, mas é verdade. Se eu fosse justo, talvez não tivesse um único criminoso ante mim. Se puderes carregar com o crime de quem se apresenta ao teu juízo íntimo, alivia o criminoso, sofre por ele e deixa-o em paz. E quando tenhas de sentenciar por obrigação da lei, fá-lo com o mesmo espírito enquanto te seja possível, pois ele se afastará aflito, acusando-se mais severamente do que tu o julgaste; e quando corresponder ao teu beijo de paz com insensibilidade e mofa, não seja ele para ti uma pedra de escândalo, e sim prova e sinal de que o seu tempo não chegou ainda, mas chegará. E se não chega, não importa; outro compreenderá por ele e sofrerá e se acusará, e a verdade cumprir-se-á. Acreditai nisso, acreditai às cegas porque nisso descansa a fé e a esperança dos santos.

Trabalhai sem descanso. Se ao deitar-te recordas que não fizeste o que devias, levanta-te e vai fazê-lo. Se te vês rodeado de gente arisca e insensível, que não quer escutar-te, prosterna-te perante ela e pede perdão, porque na realidade tu tens a culpa de que não te entendam, e quando o seu rancor não te permitir falar, serve-os humildemente e em silêncio, sem desesperar. Se todos te abandonam ou te abatem à força, cai de joelhos assim que te encontres só e beija a terra, molha-a com as tuas lágrimas, que isto te dará frutos abundantes mesmo que ninguém te veja ou te ouça. Crede até ao fim, mesmo que se extraviem todos os outros e fiqueis sós na fé, não deixeis de dar graças e louvar a Deus no vosso abandono; mas quando dois crentes se reunirem já constituirão um mundo e um mundo de amor vivo. Abraçai-vos

ternamente, louvando a Deus, cuja verdade se revela apenas em vós.

Se haveis pecado e a vossa queda vos aflige até à morte, regozijai-vos por outros, por outros homens que não pecaram como vós.

Se a maldade dos homens vos incita e abate até vos inspirar um desejo de vingança, repeli estes sentimentos como o pior dos males e buscai o remédio na penitência, como se fosseis culpados dessa maldade. Abraçai-vos ao sofrimento e encontrareis o consolo da vossa alma, compreendendo que também sois culpados, porque podíeis ter iluminado o malfeitor com a luz do vosso estado de graça e deixaste-lo nas trevas. Se a vossa inocência tivesse resplandecido, o caminho do pecador ter-se-ia iluminado evitando a ele e a outros o tropeço que o fez cair. E se iluminaste e a tua luz não pôde salvar o homem, permanece firme e não duvides do poder das luzes celestiais. Crê que se não se salvam agora se salvarão depois; e se não forem eles, seus filhos; porque a luz que espargiste não se extinguirá já, nem depois da tua morte. O justo morre, mas a sua luz fica. O homem obtém a sua salvação mesmo depois de morto, se a mereceu. Repele os profetas e mata-os, mas honra os mártires e as suas vítimas. Deveis trabalhar por todos e para tudo, com vista ao futuro, mas sem procurar recompensa, que bem pagos ficareis neste mundo com a íntima alegria que só o justo pode alcançar. Não temeis nem o elevado nem o humilde, mas sede avisados e imparciais, comedidos, circunspectos e estudiosos. Quando ficardes sós, rezai; baixai-vos de boa vontade e beijai a terra, beijai-a com amor constante e insaciável. Amai todos os homens e todas as coisas, até ao transporte, até ao êxtase. Banha a terra com as tuas lágrimas, ama estas lágrimas que são um dom de Deus e dos maiores, pois só o obtém os eleitos.

i) Do inferno e seu fogo. Uma reflexão mística.

Eu, padres e mestres, pergunto-me: «O que é o inferno?» E sustenho que é o tormento da impossibilidade de amar. Uma vez,

na existência infinita do tempo e espaço, foi concedida a um ser espiritual, a faculdade de dizer: «Eu existo e eu amo.» Uma vez, só uma vez lhe foi concedido um momento de amor ativo, vivente, e por ele mereceu a vida terrestre e com ela o tempo e as estações. Esta ditosa criatura desdenhou o dom inapreciável, não lhe deu qualquer valor, riu-se dele e ficou insensível. Ao abandonar a terra entra no seio de Abraão e conversa com o patriarca, como nos refere a parábola do rico e de Lázaro, contempla o paraíso e até pode subir junto do Senhor. Mas nisto consiste precisamente o seu tormento: poder ir até ao Senhor sem ter amado nunca, estar na companhia dos que amaram e cujo amor desprezou. Porque vê claro e diz a si próprio: Agora compreendo e tenho sede de amor, mas no meu amor já não pode haver grandeza nem sacrifício porque a minha vida terrestre já está acabada e Abraão não voltará com uma gota da água da vida — que é o dom da vida terrestre e ativa — para mitigar a ardência do amor espiritual que me devora, depois de a ter desprezado. Já não estou a tempo, porque já não há outra vida para mim. Eu não quereria dá-la aos outros; não pode ser, porque acabou a que podia ter sacrificado ao amor e entre ela e esta existência está o abismo da morte.

Fala-se do fogo material o inferno. Não tentarei esquadrinhar este mistério, mas penso que se houvesse fogo, num sentido material, seria motivo de alegria, porque imagino que nessa tortura material se esqueceria, ainda que só por um momento, a muito mais terrível tortura espiritual que, não obstante, não pode remediar-se porque não é exterior e sim interior. E penso ainda que se as almas se pudessem livrar dela seria pior, pois ainda quando os justos do Paraíso, compadecidos destas desgraçadas, lhes perdoassem, e no seu imenso amor lhes abrissem as portas do céu, não lograriam senão multiplicar os seus tormentos, já que excitariam nelas a abrasadora sede de um amor recíproco, ativo e agradecido que é impossível. Suponho, apesar de tudo, na timidez do meu coração, que o convencimento desta impossibilidade terá de servir-lhes por fim de algum alívio, pois que ao aceitar o amor dos justos, sem esperança de poder remunerá-lo, adquirirão, graças a esta submissão e docilidade, como que uma imagem do amor ativo que escarneceram na terra, algo que se parecerá com

a sua expressão externa... Sinto muito, queridos irmãos, não poder expressar-me com clareza. Desgraçados daqueles que puseram fim aos seus dias! Desgraçados dos suicidas! Creio que não há outros mais dignos de lástima. Diz-se que é pecado rogar por estes condenados de quem a Igreja renega ostentosamente, mas creio, no fundo da minha alma, que devemos pedir por eles. O amor jamais pode ofender a Cristo e confesso-vos, padres e mestres, que toda a minha vida pedi por eles do fundo do meu íntimo e ainda hoje continuo a fazê-lo.

Mas ai! Que até no inferno permanecem alguns soberbos e obstinados depois de compreender e contemplar a verdade absoluta, porque se entregaram inteiramente a Satanás e à sua soberba. Para estes, o inferno é algo voluntário que eternamente os consome. Eles próprios escolheram o tormento, maldizendo-se a si mesmos, a Deus e à vida, e vivem do orgulho cruel como o que, morto de fome no deserto, chupa o sangue do seu corpo. Mas nunca se veem satisfeitos e repelem o perdão e renegam de Deus que os está chamando. Não podem contemplar o Deus vivo sem que o odeiem e gritam o seu desejo de vê-lo aniquilado, de ver destruído o Deus da vida com toda a Sua Criação. Nas chamas da sua própria cólera arderão para sempre, ansiando a morte e o aniquilamento. Mas não morrerão...

Aqui acaba o manuscrito de Alexey Fedorovitch Karamazov. Repito que é incompleto e fragmentado. As notas biográficas, por exemplo, limitam-se à primeira juventude do Padre Zossima e os seus ensinamentos ou práticas referem-se evidentemente a diversas ocasiões. As exortações que dirigiu aos irmãos nas últimas horas não foram recolhidas à parte, mas é fácil coligi-las pelo seu caráter especial no manuscrito de Alexey, onde se encontram espalhadas.

A morte do Venerável ocorreu de maneira inesperada. Ainda que os reunidos com ele naquela noite pudessem ver que a morte se aproximava, não acreditavam que esta sobreviesse tão de repente porque, vendo-o animado e com vontade de falar, pensaram antes numa transitória melhoria. Maravilharam-se grandemente de que cinco minutos antes do desenlace ninguém o pudesse ter previsto. Empalideceu de repente e, como sentisse uma dor aguda no peito, levou a mão ao coração.

Levantaram-se todos, precipitando-se em seu socorro, e ele sorriu-lhes. Deslizou suavemente do assento, caiu de joelhos, inclinou a cabeça, estendeu os braços como em ditoso êxtase e, rezando e beijando o pó doce e alegremente, entregou a alma a Deus.

A notícia da sua morte correu pelo eremitério e chegou ao mosteiro num segundo. Os amigos mais devotos do morto e os que pelo seu cargo a isso estavam obrigados amortalharam-no segundo o antigo ritual e foram reunir-se com os outros monges, na Igreja. Antes do nascer do Sol já se sabia do acontecimento na cidade. Durante a manhã não se falava de outra coisa e o caminho do mosteiro era um formigueiro de romeiros. Mas falaremos disto mais tarde; ainda que não possa deixar de dizer que não passara ainda um dia quando aconteceu algo tão inesperado, tão raro e de efeito tão desconcertante e esmagador para os monges e os devotos que, depois de tantos anos, ainda se mantém viva a recordação daquele dia de ansiedade geral.

Parte 3

Livro 7 — Aliocha

Capítulo 1 — Hálito de Corrupção

O corpo do Padre Zossima foi amortalhado segundo o rito estabelecido. Já se sabe que o cadáver de um monge não se submete a nenhuma lavagem. «Quando um monge entrega a sua alma a Deus, outro, designado para o caso, enxuga o corpo com água quente, fazendo com a esponja o sinal da cruz em frente do morto, no peito, nas mãos, nos pés e nos joelhos. E basta!», diz o Ritual Eclesiástico. Tudo isto foi feito pelo Padre Paissy. Em seguida vestiu o defunto com o seu hábito e envolveu-o na capa já disposta com alguns rasgões para que pudesse ficar em forma de cruz e pôs-lhe um capuz com uma cruz de oito braços; em cima do rosto uma gaze preta e nas mãos a imagem do Salvador. De manhã colocaram-no no féretro preparado havia muito tempo e decidiram expô-lo todo o dia na sala em que era costume receber as suas visitas. Como o morto era um sacerdote pertencente à mais estrita regra, um monge com ordens sagradas tinha que o velar lendo o Evangelho, em vez do Saltério. A esta leitura entregou-se imediatamente depois da missa de Requiem o Padre Iosif, pois o Padre Paissy, que não desejara fazer outra coisa dia e noite, estava muito ocupado com o padre procurador do eremitério num assunto extraordinário. Uma emoção incrível, um inverosímil anelo que não suportava espera e raiava o inconcebível começou a manifestar-se entre os monges, entre os visitantes das hospedarias do mosteiro, entre a multidão que afluía da cidade, e a exaltação ia em aumento. O procurador e o Padre Paissy faziam todo o possível por acalmar aquele afã que se traduzia em crescente agitação.

À medida que a manhã se adiantava, chegava gente com os seus doentes, como se esperassem aqueles momentos para lhes encontrar a saúde, persuadidos de que os restos mortais do Venerável teriam uma virtude milagrosa que obraria imediatamente o que lhe pedisse a sua fé.

Então foi posto em evidência que toda a cidade considerava o Padre Zossima como um grande santo e não era só a classe humilde que ali acorria.

Este anelo, manifestado pelos crentes com tanta impaciência que parecia não ter espera, desgostou o Padre Paissy, como coisa inconveniente que passava os limites de toda a discrição, transbordando o caudal de devoção que ele mesmo previra; e começou por admoestar os monges exaltados que encontrava no caminho: «Esta ansiedade forçada por algum prodígio denota certa leveza de que pode desculpar-se a gente da aldeia; mas entre nós é escandalosa.»

Não lhe ligaram nenhuma e ele sentiu-se inquieto porque ele próprio, se temos de dizer a verdade, participava em segredo de igual desejo, embora se indignasse com aquela expectativa que tão descaradamente o rodeava, porque a sentiu impregnada de volubilidade e inconsistência. Desgostou-o singularmente a presença de certas pessoas que lhe infundiam grande desconfiança. Entre os que enchiam a câmara mortuária viu, com íntima aversão, que procurou repelir logo Rakitin e o monge de Obdorsk, que ainda se encontrava no mosteiro. Tinha motivos para recear ambos e, na realidade, podia receá-los a todos.

O monge de Obdorsk distinguia-se por ser quem mais alvoroçava. Via-se em todo o lado, juntava-se a todos os grupos, perguntava, escutava e metia-se nos cantos cochichando com ar misterioso. O seu rosto refletia a maior impaciência e até certo enfado.

Rakitin, como se soube logo, chegara muito cedo, com um recado da senhora Hohlakov. Apenas despertou com a notícia da morte do Padre Zossima, esta senhora, tão boa como fraca de espírito, sentira uma curiosidade invencível e, como pensava que não seria ela própria admitida no eremitério, encarregava Rakitin de a informar de meia em meia hora, minuciosamente e por escrito, *de tudo o que fosse acontecendo.* Tinha o monge como o mais religioso e devoto dos jovens e este era como um lince, capaz de dar uma volta pela aldeia e recolher num momento todas as notícias que lhe interessassem, desde que suspeitasse que lhe trariam alguma vantagem.

Estava um dia claro, formoso, e as pessoas aglomeravam-se sobre os numerosos túmulos que circundavam a igreja e se espalhavam por todos os lados do eremitério. Passeando entre elas, lembrando-se de Aliocha, a quem não vira desde a noite, o Padre Paissy deu com o jovem que permanecia sentado num canto do jardim, sobre a pedra sepulcral de um monge morto em odor de santidade havia anos. Estava de costas para o convento e de rosto para a parede, como se quisesse ocultar-se atrás do

sepulcro. O Padre Paissy notou que chorava em silêncio, o corpo estremecia com os soluços. O monge contemplou-o um momento.

— Basta, meu filho, basta! — disse-lhe por fim com doçura. — Porque choras? Alegra-te! Não sabes que hoje é o seu dia maior? Pensa apenas no lugar onde se encontra agora!

Aliocha olhou-o, descobrindo a cara molhada de lágrimas. Como uma criança e sem pronunciar palavra, voltou a deixar cair a cabeça entre as mãos.

— Talvez seja melhor — disse o padre, refletindo. — Chora se sentes necessidade. É Cristo que te envia essas lágrimas.

«Essas lágrimas comovedoras acalmarão o teu espírito e regozijarão o teu coração», pensou, afastando-se de Aliocha com vivacidade, porque sentia também o peito encher-se de dor.

O tempo passava e as missas por alma do defunto e as cerimónias fúnebres sucediam-se regularmente.

O Padre Paissy substituiu o Padre Iosif na leitura do Evangelho, junto ao féretro. Mas por volta das três da tarde ocorreu aquilo a que aludimos ao terminar o livro anterior, tão inesperado e contrário mesmo à expectativa geral e que, apesar de ser um incidente vulgar, se recorda ainda hoje minuciosamente na cidade e em toda a comarca. Por minha parte confesso que só com certa repugnância recolho o sucesso que motivou agitação tão frívola e foi pedra de escândalo para muitos, sendo um fenómeno tão natural. Talvez mesmo nem o mencionasse, a não ser pela forte influência que exerceu na vida do que seria o herói principal da minha história, Aliocha, que passou então por um momento crítico no desenvolvimento do seu espírito e sentiu uma sacudidela na sua inteligência, ficando fortalecido para o resto dos seus dias e com uma visão clara do caminho que havia de seguir.

Por isso continuo.

Antes do amanhecer, quando o corpo do Padre Zossima foi colocado no féretro e levado para a primeira sala, alguém entre os que ficaram a velar sugeriu a ideia de abrir as janelas. Tal ideia, lançada sem intenção, não foi acolhida e menos contestada por ninguém, e se algum dos presentes reparou nela foi só para refletir no absurdo da suposição de que o corpo de tal santo pudesse murchar e corromper-se tão depressa, e compadecer-se, senão rir-se, da falta de fé ou de cabeça que implicava admitir a possibilidade de uma coisa tão contrária ao que se esperava.

Não obstante, pouco depois do meio dia, os que entravam e saíam começaram a notar algo que guardavam para si, temerosos de o comunicar uns aos outros. Mas às três horas da tarde, manifestaram-se tão claros e evidentes aqueles sinais que a notícia correu de monge em monge, espalhou-se entre os visitantes, entrou no mosteiro, semeando o espanto na comunidade e, sem tardar, difundiu-se pela cidade, misturando na mesma surpresa e agitação tanto os que acreditavam como os que não. Estes regozijaram-se e houve crentes que se regozijaram ainda mais, porque «o homem compraz-se na queda e na desgraça do justo», como dissera o defunto Venerável numa das suas exortações.

O caso era que saía do ataúde um cheiro de corrupção que, aumentando a cada instante, se tornou inconfundível às três horas, transtornando os monges que o notaram e provocando entre eles mesmos tão grande escândalo que nem na história do convento tinha precedentes, nem teria sido possível noutras circunstâncias. Muitos anos depois ainda se mostravam horrorizados alguns monges impressionáveis ao recordar as proporções que havia alcançado, naquele dia, o escândalo. Monges de vida edificante, mortos evidentemente no Senhor, e de santidade reconhecida por todos, haviam dado sinais de corrupção estando ainda de corpo presente como outro morto qualquer, sem que isso fosse motivo de escândalo nem da menor agitação. Mas também se guardava com grande veneração, no mosteiro, a memória de alguns santos varões, cujos restos haviam sido preservados de toda a decomposição, fenómeno considerado por eles como um mistério comovedor, com uma bênção, como o milagre com que Deus se dignava manifestar a promessa da glória que no futuro haviam de ter os santos nos seus sepulcros.

Um destes, cuja memória era muito grata, foi um velho monge chamado Job, morto setenta anos antes com a idade de cento e cinco. O túmulo deste asceta celebrado, que morreu consumido de jejuns e silêncios, era assinalado com singular respeito a todas as visitas que chegavam pela primeira vez, com veladas alusões ao muito que se esperava por seu intermédio. Era precisamente aquele em que se havia sentado Aliocha naquela manhã. Outra das recordações prediletas do mosteiro era a do famoso e venerável Padre Varsonofy, predecessor do Padre Zossima, considerado em vida um santo um pouco extravagante por todos os peregrinos. Queria a tradição que ambos estavam no féretro como se vivessem, sem dar sinal algum de corrupção e ainda ao ser enterrados se

havia notado que os rostos se iluminavam. Asseguravam alguns que dos seus cadáveres emanava suave fragrância.

Recordações tão edificantes não justificavam, sem embargo, o frívolo, o absurdo e o maligno das cenas que se deram perante o féretro do Padre Zossima, e tenho para mim que entraram em jogo, entre outras causas diversas, a arreigada hostilidade à Instituição dos Presbíteros e a consequente antipatia que contra o seu representante abrigavam no coração diversos monges. Também a inveja obraria poderosamente excitada pela santidade do defunto, tão firmemente estabelecida durante a sua vida que não admitia discussão; pois ainda que o morto tivesse exercido o seu poder sobre muitas almas, submetendo-as mais com amor do que com milagres, e ao seu redor se agrupara uma multidão de devotos, a mesma veneração de que era objeto despertou os ciúmes de muitos e fê-los inimigos, ocultos ou declarados, mas sempre mordazes, no claustro e no século. Não lhes fazia qualquer mal, mas «porque haviam de julgá-lo tão santo»? E esta nova pergunta, repetida com insistência, chegou a envenenar de ódio os corações. Creio que a muitos regozijou o fedor que se desprendia do morto tão prematuramente, pois não haviam ainda passado as vinte e quatro horas; mas há que dizer que não foram poucos os que se afligiram. Tal é a verdade.

Tão depressa apareceram os sintomas da decomposição, os monges revelavam no seu rosto o motivo secreto que os conduzia à câmara mortuária. Entravam, permaneciam um momento e iam-se embora, correndo, para difundir a notícia entre os irmãos que esperavam fora, dos quais uns moviam a cabeça deplorando o caso e outros não podiam reprimir a alegria que brilhava na malícia dos seus olhos. E o surpreendente estava em que ninguém os censurava, ninguém protestava com a maioria que fora tão devota do Venerável. Parecia que Deus, neste caso, permitia que os menos numerosos dominassem.

Daí a pouco entraram na cela, com o mesmo propósito, alguns seculares, quase todos senhores. Dos camponeses apenas cinco se atreveram, não obstante a multidão que estacionava às portas. Depois das três horas, irromperam em grande número, o que se deveu à curiosidade que despertava em todos a notícia. Noutras circunstâncias, muitos nem se teriam movido da cidade, e refiro-me singularmente a personagens de elevada posição. Na cela do morto guardava-se ainda um certo decoro exterior e o Padre Paissy que vinha notando uma persistente anormalidade

pôde continuar lendo em voz alta os Evangelhos sem que se alterasse o seu aspeto severo, como se não desse por nada. Mas o rumor dos que trocavam impressões, que ao princípio eram cochichos, foi aumentando pouco a pouco e o leitor acabou por ouvir distintamente: «Isto prova que o juízo de Deus não é o dos homens!» O primeiro a expressar este sentimento geral foi um velho oficial muito conhecido pela sua piedade; mas não fez senão repetir o que se murmurava entre os monges, que há muito já tinham chegado a esta conclusão condenatória; sendo o pior do caso que cada vez se acentuava mais uma sensação de triunfo entre quem a formulava.

Depressa se prescindiu mesmo de uma elementar cortesia, como se os amparasse um direito especial.

— Por que terá sucedido isto? — perguntavam alguns com certa pena, ao princípio. — Se era tão pequeno e tão fraco que só tinha ossos, como se explica esta decomposição?

— Deve ser um sinal do céu — apressavam-se a acrescentar outros, e essa opinião era admitida sem protesto, porque estava convencionado que embora natural, a decomposição, no caso de qualquer pecador, não se apresentaria senão depois de passadas vinte e quatro horas, pelo menos. Mas esta «adiantava-se, excedia a natureza», marcando assim o dedo de Deus. O sinal não podia manifestar-se de maneira mais evidente. Tal conclusão parecia imbatível.

O Padre Iosif, culto bibliotecário e um dos familiares do defunto, tentou responder aos maldizentes, pois «aquela doutrina não era admitida em todos os lugares» nem era um dogma da Igreja ortodoxa a incorruptibilidade, senão apenas uma opinião. Acrescentou que em regiões de mais acentuada ortodoxia, em Athos por exemplo, a ninguém inquietavam as dúvidas pelo fedor de um cadáver. O sinal principal de que um fiel estava em glória, não era a falta de corrupção do seu corpo, mas sim a cor dos ossos, ao fim de muitos anos de enterrado, já consumada a putrefação da carne. «Quando os ossos são amarelos como a cera, tem-se uma prova de que Deus glorificou o santo; mas se em vez de amarelos aparecem negros, manifestam que Deus não o julgou merecedor de tal glória. Isto é o que creem em Athos, esse magnífico refúgio onde a doutrina ortodoxa se mantém desde o princípio em maior força inquebrantável», terminou.

As palavras do doce Padre Iosif não produziram nenhum efeito, antes pelo contrário, ouviram-se frases sarcásticas.

— Inovação e pedantaria. Não façais caso — decidiram os monges.

E alguns acrescentaram:

— Nós atendemos a doutrina antiga. Ou teremos por acaso de seguir as inovações sem conta que ali se introduzem?

— Padres tão santos como eles há entre nós; vivendo com os turcos, os de Athos esqueceram tudo, a sua doutrina está muito adulterada já. Nem tão pouco têm sinos — riam-se os mais insolentes.

O Padre Iosif afastou-se, arrependido de se meter em contendas, dando a sua opinião de maneira confidencial e sem bastante fé para a sustentar. Doía-lhe ver que começavam algo desagradável na comunidade, em cujo comportamento se notavam já os sintomas da desobediência. Pouco a pouco, todos os monges mais ou menos sensíveis, como o Padre Iosif, foram reduzidos ao silêncio, e os amigos do Venerável e partidários da sua instituição, sentiram-se humilhados e olhavam-se entre si timidamente. Os outros, os adversários, levantavam a cabeça, ensoberbados, audazes e recordavam com malícia: «Não cheirava mal o cadáver de Varsonofy, exalava pelo contrário uma fragrante suavidade, mas não obteve essa glória por que foi um Presbítero e sim porque foi um santo.»

Então desataram-se as críticas e acusações contra o Padre Zossima. «Os seus ensinamentos eram falsos; pregava a vida como uma grande dita e não como um vale de lágrimas», diziam os imbecis. E outros que ainda aumentavam: «Seguia o modernismo; não admitia o fogo material do inferno.» «Pouco lhe importava o jejum, regalava-se com guloseimas, tomando o chá com presunto em doce que lhe traziam as senhoras. Será próprio de um monge de regras severas tomar chá?», ouvia-se entre os invejosos. «Era um soberbo», declaravam os maliciosos por vingança. «Julgava-se um santo e permitia que as pessoas se ajoelhassem na sua presença como se lhe devessem respeito.» «Profanava o sacramento da penitência», murmuravam os mais tenazes inimigos da instituição dos Veneráveis. E até os monges mais velhos, os mais austeros, os mais devotos e silenciosos enquanto viveu o diretor despregaram de repente os lábios.

E foi terrível, porque as suas palavras exerciam grande influência sobre os mais jovens, que ainda se mantinham indecisos. O monge de Obdorsk, ouvindo tudo aquilo, lançava profundos suspiros e, movendo a cabeça, ponderava: «Realmente, o Padre Feraponte tinha razão ontem.» E

eis que naquele momento chega o próprio Padre Feraponte, como que a propósito, para aumentar a confusão que se gerara.

Já dissemos que rara vez abandonava a cela e apenas se via na igreja, nem se sujeitava a qualquer regra, o que lhe toleravam em consideração pela sua debilidade. A conduta que seguia não fora objeto de vigilâncias ciumentas nem de admoestações, pois não era discreto, nem caritativo, insistir em obrigar à prática da regra comum um asceta que passava dia e noite em oração, até ao ponto de adormecer de joelhos. Os monges teriam protestado por qualquer sujeição que se lhe impusesse, alegando que era mais santo do que todos eles e seguia uma regra mais dura, e que se não assistia à igreja com mais frequência, ele saberia porquê, pois tinha uma regra especial. Para evitar estes murmúrios disparatados, deixavam-no em paz.

Já era conhecida de todos a sua inimizade para com o Padre Zossima e agora chegava-lhe à choça a nova de que o «juízo de Deus não é o dos homens» e de que havia sucedido algo fora do natural, sendo de supor que entre os primeiros que lho foram contar se encontrava o monge de Obdorsk, que no dia anterior saíra da sua cela cheio de terror.

Não ouvia nem via o Padre Paissy — que como já dissemos continuava a ler os Evangelhos — o que se passava fora da câmara ardente; mas conhecendo muito bem as pessoas que ali estavam, pressentia tudo, e sem medo, com grande serenidade de ânimo e clara penetração, aguardava os acontecimentos, que não podiam tardar em derivar daquela agitação geral.

Subitamente, um ruído extraordinário que se produziu na antecâmara feriu-lhe os ouvidos, ofendendo todo o respeito. Em seguida abriu-se a porta e apareceu o Padre Feraponte, acompanhado de muitos monges e seculares que se detiveram à entrada esperando ouvir o que lhe ocorresse dizer ou fazer. Porque sentiam, apesar da sua audácia, com um certo temor, que havia vindo para alguma coisa. Desde a porta, o Padre Feraponte levantou os braços e por baixo do direito reluziam, espreitando, os insaciáveis olhitos do de Obdorsk, que no seu afã de bisbilhotar não pôde resistir ao impulso de correr atrás do monge, ficando a seu lado enquanto todos os outros se afastavam prudentemente, alarmados pelo estrondo da porta.

Estendendo os braços ao alto, o Padre Feraponte bramou:

— Tiro-o daqui com um só golpe! — E voltando-se para as quatro paredes e para os quatro cantos, ia fazendo o sinal da cruz.

Os que o haviam seguido compreenderam logo de que se tratava, pois fazia o mesmo aonde quer que fosse e nem se sentava nem dizia palavra sem haver afugentado previamente os maus espíritos.

— Fora daqui, Satanás! Fora daqui, Satanás! — repetia a cada sinal da cruz. — Tiro-o de um só golpe! — gritou de novo.

Levava o tosco burel preso com uma corda de esparto e pela camisa entreaberta mostrava o peito, eriçado de pelos grisalhos. Estava descalço e a cada movimento soavam as grilhetas que trazia debaixo do hábito.

O Padre Paissy interrompeu a leitura para se colocar diante dele, olhando-o severamente.

— Porque veio, meu padre? Porque perturba a boa ordem da casa? Porque escandaliza o rebanho? — perguntou.

— Porque vim? E és tu que o perguntas? Onde está a tua fé? — gritou como um louco o Padre Feraponte. — Venho para tirar daqui os vossos amigos, os diabos que deixaste aglomerar aqui na minha ausência. Quero varrê-los com uma escova.

— Pode tirar o diabo, mas talvez não possa servi-lo melhor — continuou sem temor o Padre Paissy. — Quem pode dizer de si mesmo «sou um santo»? Acha que pode, padre?

— Sou um impuro, não um santo! Eu não me sentaria numa cadeira para que me adorassem como um ídolo — volveu o Padre Feraponte. — Hoje em dia desaparece do povo a verdadeira fé. O morto, vosso santo, não acreditava nos demónios. — E voltado para os espectadores, apontava o féretro. — Dava remédios para os afugentar. Por isso se multiplicavam como aranhas nos cantos das casas e hoje se vê como empestam. Bem clara está a obra de Deus!

Aludia ao caso de um monge, molestado em sonhos e em vigília por frequentes visões de espíritos do mal, a quem o Padre Zossima havia aconselhado quando o visionário lhe confessou os seus terrores, a oração contínua e um rigoroso jejum, e como não dessem efeito estas práticas receitou-lhe um medicamento para que o tomasse sem cessar o jejum e a oração. Muitos foram os que murmuraram então por esse procedimento extraordinário, mas ninguém o condenou tão duramente como o Padre Feraponte a quem os mais exaltados levaram logo a notícia.

— Vá-se, padre! — disse o Padre Paissy em tom imperioso. — É a Deus que cabe julgar e não aos homens. Talvez haja nisto um sinal que nem eu nem o senhor, nem ninguém pode compreender. Vá-se, padre, e não escandalize o rebanho! — repetiu, imponente.

— Não observava os jejuns que a regra prescreve, por isso apareceram os sinais. Está bem claro e é pecado ocultá-lo — prosseguiu o fanático com um ciúme que atropelava todas as razões sem se poder conter. — Deixava-se subornar com lambarices que as senhoras lhe traziam, bebia chá. Adorava o ventre, enchendo-o de doces, e a cabeça enchia-a de pensamentos soberbos... Por isso foi levado a esta vergonha...

— Fala muito levianamente, padre — replicou o Padre Paissy, elevando por sua vez a voz. — Admiro o seu ascetismo e as suas penitências, mas acho que fala em tom vão, frívolo e pouco consistente, como um miúdo. Saia, ordeno-lhe! — terminou em tom forte.

— Vou-me, sim — respondeu Feraponte, retrocedendo um pouco confuso, mas obstinado. — Ah, sábios! A vossa grande inteligência põe-nos por cima da minha humildade. Entrei com escassas luzes e já esqueci o pouco que sabia. O próprio Deus me preservou na minha fraqueza das vossas subtilezas.

O Padre Paissy aguardava atrás dele com ar resoluto. O outro fez uma pausa e, dirigindo-se ao ataúde, gritou com acento queixoso:

— Amanhã cantareis «Nossa ajuda e proteção», uma solene antífona, enquanto, quando eu morrer, nunca mais se ouvirá o humilde cântico «Que alegria, na terra». Sois uns vaidosos! Isto é uma escola de soberba! — rugiu. E agitando as mãos deu meia volta e desceu a escada rapidamente.

Alguns dos que aguardavam seguiram o que se passava como uma tempestade, ao passo que outros queriam saber em que parava aquilo, vendo que o Padre Paissy saía até à escada sem perder o louco de vista.

O velho fanático não se tranquilizara ainda. A vinte passos da porta voltou-se subitamente para ocidente e com os braços levantados deixou-se cair, como se alguém o tivesse derrubado, dando grandes alaridos:

— O meu Deus venceu! Cristo venceu o Sol poente!

— De rosto no chão, arranhando a terra, soluçava como uma criança, molhando o pó com as lágrimas sem cessar de agitar os braços.

Acudiram todos. Ouviram-se exclamações e suspiros devotos... uma espécie de loucura fanática parecia apoderar-se da multidão.

— Este é um santo! Este é o único santo! — gritavam alguns, esquecendo todo o temor e recato.

— Este, sim, seria um bom Presbítero! — inspirava a malícia de outro.

Mas logo se ouviram vozes de protesto.

— Não quereria sê-lo... recusaria a nomeação... não se prestaria a servir uma maldita inovação... nem a imitar as suas loucuras!

Não pode prever-se onde os teria levado a exaltação. Naquele momento soou a campainha, chamando à capela, e todos começaram a benzer-se.

O próprio Padre Feraponte se levantou, benzendo-se, e volveu à sua cela sem olhar para trás nem cessar as incoerentes exclamações. Alguns seguiram-no, mas a maior parte afastou-se dali, dirigindo-se apressadamente para a função. O Padre Paissy cedeu a leitura dos Evangelhos ao Padre Iosif e deixou o morto. A louca gritaria dos fanáticos não o havia alterado, nem pouco nem muito, e não obstante invadia a sua alma uma profunda tristeza, cuja causa não descobria. Teve que parar, refletir e perguntar-se: «O que é que me aflige assim tanto até ao abatimento?» Em seguida compreendeu que era bem pouca coisa. Entre os que se empurravam à porta reconhecera Aliocha e recordava que naquele momento sentiu o coração angustiado. «Por que me terá conquistado esse rapazito?», perguntava-se com assombro.

Naquele momento tropeçou no jovem, que seguia apressado na direção da igreja. Os seus olhares encontraram-se, mas Aliocha baixou o rosto para não ver o do padre e este adivinhou a enorme mudança operada num momento na alma do adolescente.

— Também tu caíste na tentação? — exclamou. — É possível que estejas com os homens de pouca fé?

Aliocha olhou-o calado, de modo vagaroso e, em seguida, baixou os olhos fixando-os no chão. Permaneceu assim de lado, sem voltar a cabeça para o Padre Paissy que o contemplava atentamente.

— Aonde vais com tanta pressa? A campainha toca ao funeral!

Aliocha não respondeu.

— Vais deixar o eremitério? Mas... vais assim, sem pedir autorização, sem ter recebido a bênção?

Aliocha sorriu, dirigiu um olhar estranho ao homem que lhe fora recomendado pelo moribundo, seu antigo mestre, diretor, dono de alma e

coração, o querido Presbítero, e de repente, sem querer saber do respeito devido, nem dizer uma palavra, fez um gesto evasivo e precipitou-se para a saída da ermida.

«Voltarás daqui a pouco!», pensou o monge, que se ficou a olhá-lo, tristemente surpreendido.

Capítulo 2 — Momentos Críticos

Não se enganava o Padre Paissy em crer que o «seu querido rapaz» voltaria. Talvez suspeitasse do verdadeiro estado de alma de Aliocha, embora confesse as dificuldades que tenho em explicar de maneira clara este momento vago e nebuloso da vida do jovem. À amarga pergunta do Padre Paissy «Também tu estás entre os homens de pouca fé?», posso responder confidencialmente por Aliocha que não. A sua fé não enfraquecia. Pelo contrário, a sua perturbação procedia de acreditar muito; mas essa perturbação pesava sobre ele tão angustiosamente, que conservaria a memória daquele triste dia como um dos mais amargos e penosos da sua vida. Se me perguntarem se toda a sua pena e desalento se não deviam apenas ao facto de o corpo do seu diretor haver apresentado sinais de decomposição prematura, em vez de realizar milagres responderei sem titubear: «Sim, é a isso precisamente». Mas tenho de pedir ao leitor que não se precipite demasiado em dar uma gargalhada pela candura do meu herói. Tratarei de o desculpar, justificar a inocência da sua fé, apoiando-me nos seus poucos anos, nos escassos conhecimentos que possuía ou em qualquer outra razão; mas tenho de declarar que me inspiram respeito as qualidades da sua alma. Um jovem que se deixasse impressionar friamente, senhor temperamental demasiado prudente e reflexivo para ser influenciado pelo sangue moço, concedo que se tivesse livrado do que sucedeu a Aliocha, mas em casos semelhantes merece mais apreço o que se deixa levar, mesmo de maneira pouco razoável, por uma paixão nascida de um amor ardente, do que aquele que permanece inalterável; e mais tratando-se de um jovem, pois tenho para mim que há que duvidar de quem sempre se mostra judicioso; além de que isto tem muito pouco mérito.

Mas, alegarão as pessoas sisudas, os jovens não creem em tais superstições e mal podeis apresentar esse como modelo.

Ao que eu respondo: certo, o meu herói tinha fé, uma fé santa, inquebrantável; mas já digo que não vou aplaudi-lo.

Talvez me tenha excedido, no entanto, declarando que não queria explicar nem justificar o estado de ânimo do jovem, pois agora concordo que me será necessário dizer algo para esclarecer o meu relato. Não se tratava de milagres, não. A impaciente espera de algum prodígio não era o que desgostava Aliocha, nem dele precisava para o triunfo de uma ideia preconcebida. Não lhe faziam falta os milagres para nada! Só tinha presente uma imagem, a do amado Presbítero, a do santo varão a quem amava com idolatria. Todo o amor de que era capaz o seu puro coração se concentrara durante o último ano e acrescentara num único objeto: o seu amado Presbítero. Este ser constituía para ele um ideal e a este ideal aspirava ele com todas as suas forças, até ao ponto de se esquecer naqueles momentos «de tudo e de todos». Mais tarde recordava como aquele tremendo dia o havia feito esquecer Dmitri, o irmão que tanto o preocupara na véspera, e como descuidara o pai de Ilucha quando tão afanosamente se propusera levar-lhe os duzentos rublos. Mas milagres? Não precisava deles. Só ansiava uma «alta justiça» que acreditava ferida pelo rude golpe que de maneira tão cruel havia machucado o seu coração. E que importa que Aliocha julgasse que esta «justiça» se manifestasse em forma de milagre, obtido pelos restos mortais do seu adorado mestre? Acaso não o esperavam todos no mosteiro, mesmo aqueles perante os quais se inclinava a sua inteligência, como o Padre Paissy? Os seus sonhos tinham-se acomodado à forma que os demais lhes davam e, dia a dia, acostumara-se no mosteiro àquela íntima esperança. De justiça, sim, tinha verdadeira sede, não apenas de milagres.

E eis que o homem que devia ser exaltado sobre todas as coisas, para receber a glória merecida, ficava desonrado e rebaixado! Por quê? Quem o havia julgado? Quem podia ter decretado aquela sentença? E estas dúvidas rasgavam as entranhas do jovem inexperiente. Era para ele uma ofensa irresistível que o justo entre os justos fosse exposto às troças dos malvados daquela populaça miserável. Bem que não se obrassem milagres, nem nada de maravilhoso sucedesse para justificar a sua esperança, mas porquê tal opróbrio, tal humilhação, uma putrefação tão antecipada, «fora do natural» como diziam os monges desapiedados? Porquê aquele «sinal do século» que tão triunfalmente acolhiam e por que se julgavam com direito a propagá-lo? Onde estava o dedo da Providência? Porque se ocultava «em tão crítico momento», como submetida às cegas, mudas e desapiedadas leis da natureza?

O coração de Aliocha sangrava, despedaçado, porque o homem a quem mais amava no mundo era abandonado à vergonha e à infâmia. Claro que podia ter desprezado aquelas maledicências de baixa origem e falta de fundamento; mas já disse e repito, embora pronto a concordar que me seria difícil manter a minha opinião, que me contenta o comportamento pouco razoável do jovem naquele momento, pois se todo o homem sensato pospõe em certas ocasiões a inteligência ao coração, que havia de fazer um moço apaixonado em tais circunstâncias? Não quero passar em silêncio um estranho fenómeno que cruzou a mente de Aliocha naquelas horas obscuras. Era como se o fantasma da conversa que tivera na véspera com seu irmão Ivan revolteasse à sua frente e de momento enegrecesse as suas impressões. E não porque se tivessem ressentido os princípios fundamentais da sua fé, pois acreditava em Deus e amava-o fervorosamente apesar das queixas que com frequência lhe dirigia; é que certa impressão que lhe deixara aquela conversa, não por vagarosa menos amarga, se avivou de súbito na sua alma e parecia sensibilizar e iluminar-lhe a superfície da consciência.

Começava a escurecer quando Rakitin, que atravessava o bosque que separa o eremitério do mosteiro, viu Aliocha caído de bruços sob uma árvore, imóvel, como se dormisse. Aproximou-se e chamou-o:

— És tu, Aliocha? Como pudeste... — começou, mostrando surpresa; mas conteve-se. Queria dizer: «Como chegaste a este ponto?»

Aliocha não o olhou, mas Rakitin compreendeu por um leve movimento que o ouvira e entendera.

— Que te aconteceu? — continuou. E a surpresa que o seu semblante revelava transformou-se num sorriso irónico. — Há duas horas que te procuro. Pelos vistos saíste logo. Que tens? Que loucura foi essa? Podias olhar-me, pelo menos...

Aliocha levantou a cabeça e apoiou as costas contra a árvore. Não chorava, mas o seu semblante refletia um profundo sentimento de enfado. Em vez de olhar para Rakitin ficou-se com os olhos fixos a um lado.

— Estás mudado. Deste ao diabo a doçura do teu rosto? Zangaste-te com alguém ou maltrataram-te?

— Deixa-me em paz! — respondeu bruscamente com um gesto de despeito e sem o olhar.

— Ah! Assim entendemo-nos! Já começas a tratar as pessoas como os restantes mortais. E nisto acabam os anjos! Repara, Aliocha, fico

admirado contigo, sabes? Palavra! E o pior é que já nada me surpreende. Acredita-me, tinha-te por um rapaz educado...

Aliocha olhou-o por fim, distraidamente, como se não entendesse o que dizia.

— Será possível que tenhas ficado transtornado porque o teu velho começa a cheirar mal? Ou acreditavas a sério que faria milagres? — exclamou Rakitin com sincero assombro.

— Acreditava, acreditava e acreditarei porque necessito de acreditar! Queres mais? — gritou Aliocha furioso.

— Nada disso, rapaz! A nenhum colegial de treze anos preocupam já essas coisas. Mas o caso é... Agora irritas-te contra Deus, rebelas-te porque não concedeu a sua proteção, porque não se dignou enaltecer quem o merecia... Estás bem arranjado!

Aliocha fixou Rakitin com os olhos meio fechados e brilhantes de cólera, cólera esta que não era provocada pelo seu interlocutor.

— Eu não me rebelo contra Deus; só não aceito o seu mundo — riu violentamente.

— Como é isso? Que absurdo é esse?

Aliocha não respondeu.

— Deixemo-nos de tolices e vamos ao que é positivo. Já comeste hoje?

— Não me lembro... Creio que sim...

— Precisas de tomar conta de ti. Tens má cara, fazes pena! Disseram-me que não dormiste em toda a noite. E logo se seguiu toda esta agitação... Provavelmente não comeste mais do que o bocado de pão da comunhão. Tenho no bolso um bocado de chouriço que trouxe da cidade... não sei se quererás...

— Dá-me um pouco.

— Olá! Assim vamos bem! Chega-se à revolução, com barricadas e tudo. Bom, amigo, não temos de nos contentar com isto. Vem... Tenho vontade de beber um gole de *vodka.* Estou a morrer de cansado. *Vodka* é demasiado para ti, suponho... Ou gostarias de provar?

— Dá-me também um pouco de *vodka.*

— Bravo! Estou maravilhado, irmão! — E Rakitin olhou-o com assombro. — Bom, seja como for, com chouriço ou *vodka,* é uma mudança encantadora que não se pode desprezar. Vamos!

Aliocha levantou-se e seguiu Rakitin.

— Se teu irmão Ivan visse isto ficaria admirado... A propósito. Sabes que partiu esta manhã para Moscovo?

— Sim — respondeu Aliocha com indiferença. E a imagem de Dmitri veio-lhe à ideia. Foi um momento, e ainda que o tenha feito lembrar um dever, um terrível compromisso, nem esta recordação o impressionou, desvanecendo-se, pelo contrário, como o fumo, esquecendo-a em seguida.

— Teu irmão Ivan afirmou um dia que eu era um liberal estúpido sem qualquer talento. Também tu me deste a entender que eu era um desonesto. Bom... agora veremos de que vos serve o talento e o sentimento de honra — terminou o monge, murmurando para si mesmo. — Ouve — continuou em voz alta — passemos de largo, sem entrar no mosteiro e apressemos o passo para a cidade. Tinha que ir a casa da senhora Hohlakov, mas imagina que lhe escrevi contando-lhe o que sucedeu e queres crer que me respondeu no momento com umas linhas de lápis... tem a mania das notas... que «nunca esperara *tal conduta* de um personagem tão reverendo como o Padre Zossima»? Empregou mesmo a palavra *conduta.* Está raivosa, também. Que se governe! Espera! — gritou, detendo-se de súbito e segurando Aliocha pelo ombro para o obrigar a fazer o mesmo. — Sabes, Aliocha... — E olhava-o inquisidoramente, absorto na ideia que acabava de lhe ocorrer, ideia que se o fazia sorrir não se atrevia a expressar pelo muito que lhe custava crer na estranha e inesperada disposição de ânimo em que via agora o companheiro. — Aliocha, sabes aonde seria melhor irmos? — insinuou por fim com timidez.

— Tanto me faz... onde quiseres...

— Vamos a casa de Gruchenka, hem? Queres vir? — propôs quase tremendo e sem alento.

— Vamos a casa de Gruchenka — respondeu tranquilamente o jovem com tal surpresa de Rakitin que este quase caiu de costas.

— Ah! Bom! — exclamou com temor. E agarrando o braço de Aliocha levou-o a seu lado com medo que mudasse de opinião.

Caminhavam em silêncio. Rakitin não se atrevia a dizer palavra.

— Que contente vai ficar! Que alegria! — murmurou, e não falou mais.

Não se propunha justamente comprazer Gruchenka, levando-lhe Aliocha. Homem prático, jamais intentava alguma coisa que não lhe oferecesse vantagens e, neste caso, perseguia um objetivo duplo: o desejo de ver a «queda do justo» e gozava já na imaginação a figura de Aliocha

rebolando a sua pureza no pecado, e o lucro material que esperava alcançar e de que se falará depois.

«Chegámos ao momento crítico», pensou com alegria perversa, «e havemos de o colher em voo, que é o que desejávamos.»

Capítulo 3 — Uma Cebola

Vivia Gruchenka numa casa que pertencia à viúva Morozov, que erguia os seus dois andares vetustos e feios na parte mais central da cidade, que era a Praça da Catedral. A viúva levava uma vida retirada com as suas duas sobrinhas, solteironas desesperadas, e não tinha necessidade de alugar a casa a ninguém pois era bem sabido que recebera Gruchenka como pupila havia quatro anos, só para agradar ao comerciante Samsonov, conhecido protetor da moça. Dizia-se que o velho ciumento pretendia ao levar ali a «favorita» que a viúva vigiasse estreitamente a sua conduta; mas cedo se tornou desnecessária esta vigilância e a viúva Morozov acabou deixando Gruchenka em paz sem se importar em absoluto com suas idas e vindas. Certo que haviam passado quatro anos desde que o velho trouxera da capital da província uma moça de dezoito anos, delicada, cautelosa, tímida, triste e pensativa, e que muitas coisas se haviam passado até ali. Mas o que se sabia dela era muito pouco e ainda vago. Durante a sua estada na nossa cidade, toda a história se reduzia ao interesse que inspirava a muitos o desenvolvimento que alcançara a beleza de Agrafena Alexandrovna. Dava-se como seguro que aos dezassete anos mantivera relações com não sei que classe de oficial que a abandonara para se casar, deixando-a na vergonha e na miséria. Embora Samsonov a tivesse tirado do desamparo, dizia-se que pertencia a uma respeitável família eclesiástica, sendo filha de um diácono, ou coisa parecida.

Em quatro anos, a pobre e ultrajada órfã convertera-se numa moça rosada e roliça, modelo de beleza russa, de caráter resoluto, impaciente, orgulhoso e altivo. Tinha grande queda para o negócio: vista, decisão e tato, e por meios mais ou menos confessáveis conseguira reunir uma pequena fortuna. Só havia um ponto em que todos estavam de acordo. Gruchenka não era fácil de contentar e salvo o velho protetor, ninguém se podia gabar dos seus favores naqueles quatro anos. Isto era notório, pois que foram muitos os que nos últimos dois anos a haviam cortejado. Todas as tentativas haviam sido inúteis e não poucos os galãs que bateram em retirada, unindo o ridículo ao fracasso, perante a firme resistência da

jovem. Também se sabia que por fim se entregara a «especulações», demonstrando nisto tão grande habilidade que muitos diziam que era pior do que um judeu. Não praticava diretamente a usura, mas associava-se para manejos parecidos ao velho Karamazov, que na ocasião perseguia miseráveis dívidas de interesse a dez por cento e que rápido fizeram os dois que alcançassem dez por um.

O viúvo Samsonov era um velho acautelado, avarento e seco de coração. Tratava os filhos despoticamente, mas nos últimos tempos da sua vida, quando já mal o sustinham as pernas inchadas, deixou-se subjugar pela protegida, a qual ao princípio tivera de sofrer as consequências da sua rígida mesquinhez na mesa e em tudo o que a rodeava. Gruchenka conseguira emancipar-se fazendo que o tirano acreditasse a pés juntos na sua fidelidade. O velho, já morto, realizara negócios magníficos, mas possuía um caráter estranho, era miserável e duro como a pederneira e apesar de tão enamorado de Gruchenka que não podia viver sem ela, especialmente nos últimos dois anos, não quis dar-lhe nenhuma quantia considerável, pois temia que ela o abandonasse. Ofereceu-lhe uma pequena soma, com grande admiração de todos quantos o souberam.

— És uma moça com vigor de ânimo — disse quando lhe entregou aqueles oito mil rublos — e tirarás partido deste dinheiro; mas deixa-me que te diga que, fora a pensão anual que te dou, não receberás mais nada enquanto eu viver. Aviso-te também que nada te deixarei em testamento.

E cumpriu a sua palavra. Quando morreu tudo ficou para os filhos que haviam sido tratados sempre, eles e as mulheres, como escravos. No testamento nem sequer se ouviu o nome de Gruchenka. Mas o velho ajudara-a a aumentar o capital, ensinando-lhe o caminho dos negócios.

Quando Fedor Pavlovitch, depois de tratar com Gruchenka de negócios, acabou por se apaixonar por ela como um louco, o velho Samsonov, já muito doente, divertiu-se imenso. É de notar que Gruchenka o tratava com absoluta franqueza e parece que foi o único homem que pôde vangloriar-se de tal mostra de estima. Logo, quando a paixão de Dmitri entrou em cena, o velho parou de rir e muito formal, quase severo, aconselhou Gruchenka com estas palavras:

— Se tens de escolher entre o pai e o filho, decide-te pelo velho sob condição de que esse canalha case contigo e te assegure antes um capital. Mas não te enredes com o capitão; não ganharias nada com isso.

Tais foram as palavras daquele velho obsceno, que se sentia próximo da cova e que morreu cinco meses depois da data do meu relato.

Quero notar, a propósito, que se era pública a grotesca e monstruosa rivalidade que suscitou Gruchenka entre os Karamazov, pai e filho, ninguém pôde adivinhar por qual dos dois se inclinava, pois as próprias criadas declararam perante os juízes, depois do acontecimento de que se falará mais adiante, que a sua senhora recebeu Dmitri Karamazov só por medo das ameaças de morte que lhe fizera. Estas criadas eram a velha cozinheira, doente e quase surda, que acompanhara Gruchenka durante a sua desgraça, e a neta, uma linda moça de vinte anos, que desempenhava o cargo de criada de quarto. Gruchenka vivia muito economicamente e sem nenhum luxo nos três quartos que, com móveis de acaju estilo 1820, lhe alugara a proprietária.

Era já noite quando entraram Rakitin e Aliocha, e a casa estava às escuras. Gruchenka encontrava-se no salão, deitada num sofá enorme, duro e tosco, com espaldar de madeira e coxins de couro sujo e rasgado pelo uso. Descansava a cabeça em duas almofadas da cama e, com a nuca sobre as mãos, jazia de costas, imóvel, vestindo, como se esperasse visitas, um vestido de seda preta. Uma larga fita cingia-lhe a cabeça, o que lhe dava um ar encantador. Nos ombros, um xaile preso no peito por um broche de ouro maciço. Esperava efetivamente alguém, impaciente, um pouco pálida, com olhos e lábios febris, e revelava a sua inquietação batendo com o pé direito no braço do sofá. A chegada de Rakitin e de Aliocha sobressaltou-a um pouco. Da entrada ouviram-na saltar do sofá e gritar a medo: «Quem é?» Mas a criada viu quem chegava e correu a tranquilizá-la.

— Não é ele, é outra visita.

— A quem esperará? — murmurou Rakitin introduzindo Aliocha no salão.

Gruchenka, de pé cerca do sofá, parecia ainda alarmada. Um pesado caracol da sua cabeleira castanha desprendera-se-lhe da fita que os segurava, caindo nos ombros, e não cuidou de o ajeitar antes de haver reconhecido quem a visitava.

— Ah! És tu, Rakitin? Assustaste-me! Quem trazes? Quem te acompanha? Santo Céu! Vens com ele? — exclamou, reconhecendo Aliocha.

— Manda trazer luzes — respondeu o monge com a liberdade e o desembaraço do amigo íntimo que tem o privilégio de mandar numa casa.

— Luzes!... Claro, luzes!... Fenya, anda, traz uma luz... Mas que ocasião escolheste para o trazer! — Inclinou-se ante Aliocha e, voltando-se para o espelho, arranjou o cabelo. Parecia contente.

— O quê? Não consegui agradar-te? — perguntou Rakitin em tom azedo.

— Assustaste-me. É tudo. — E voltando-se para Aliocha disse-lhe, sorrindo: — Não temas, querido, não podes calcular como estou contente por te ver. Esperava pouco a tua visita. Mas tu, tu espantas-me, Rakitin. Julguei que Mitya forçava a entrada, pois enganei-o há pouco, contando-lhe uma mentira. Fi-lo jurar que acreditava em mim. Disse que ia passar o serão a casa do meu velho amigo Kuzma Kuzmitch para o ajudar nas contas e que sairia tarde. Vou lá uma noite por semana, fechamo-nos os dois e enquanto ele vai passando as faturas eu trato dos livros. Só tem confiança em mim. Mitya crê que me encontro lá, mas já voltei e estava aqui fechada esperando certas notícias. Como é que Fenya vos deixou entrar? Fenya, Fenya, corre, abre a porta e vê se o capitão vem aí! Talvez se esconda para me espiar e tenho um medo de morte.

— Não há ninguém, Agrafena Alexandrovna. Vi agora mesmo. Estou sempre a espreitar pelos vidros porque também eu tremo de medo.

— Estão bem fechados os postigos, Fenya? Devíamos correr as cortinas... será melhor. — E ela mesma desprendeu as pesadas cortinas do salão. — Se visse luz, viria logo. Hoje o teu irmão Mitya assusta-me, Aliocha.

Falava alto e, embora alarmada, parecia contente.

— Por que temes tanto Mitya hoje? — perguntou Rakitin. — Julgava que não te mostravas tímida com ele, que o «enrolavas» no teu dedo mindinho.

— Já te disse que espero notícias inapreciáveis e não quero que ele se meta no meio. E não acreditou que eu tivesse de ir a casa de Kuzma Kuzmitch. Deve estar emboscado por detrás da casa de Fedor Pavlovitch, no jardim, esperando-me. Se estiver lá, não vem. Muito melhor! Realmente eu fui a casa de Kuzma, em companhia de Dmitri; disse-lhe que ficaria lá até à meia-noite, assegurando que podia ir buscar-me nessa altura para me trazer. Ele foi-se e eu, depois de uns dez minutos, vim-me embora. Oh, que medo! Voava só de temer encontrá-lo!

— E por que estás tão arranjada? Tens um penteado curioso!

— Tu é que és curioso, Rakitin! Não te digo que espero um aviso? Logo que chegue, começarei a voar, afastar-me-ei daqui e não voltarás a ver-me. Por isso me vesti, para estar pronta.

— E voas para onde?

— Se sabes muito, envelheces depressa!

— Palavra de honra! Estás deliciosa... Nunca te vi tão bonita. Pareces ires para um baile. — E Rakitin contemplou-a dos pés à cabeça.

— Que entendes tu de bailes?

— E tu?

— Vi um, pelo menos, o ano passado, quando o filho de Kuzma Kuzmitch se casou. Vi da galeria como bailavam. Mas julgas que vou estar para aqui a falar-te quando tenho a visita de um príncipe como este? Aliocha, amigo, olho-te e não acredito no que vejo. É possível, meu Deus, que tenhas vindo ver-me? Para dizer a verdade, nunca pensei poder ver-te, e muito menos que te dignasses visitar-me. Estou encantada, embora não seja este o momento mais oportuno. Senta-te no sofá, assim, muito bem, minha estrela brilhante. E pena que não possa ter-te sempre ao meu lado... Ah, Rakitin! Se o tivesses trazido ontem ou no dia anterior! Mas ainda assim estou contente! Talvez seja até melhor que tenha vindo hoje, e neste momento!

Sentou-se alegremente no sofá ao lado de Aliocha, olhando-o com sincero encantamento. Estava verdadeiramente alegre, não mentia. Os olhos brilhavam, os lábios riam com expressão de bondade natural. Aliocha não esperava encontrar naquele rosto de mulher um reflexo de tão inocente bondade...

Mal a vira até à véspera e formava dela uma ideia falsa que o afligiu terrivelmente pela maneira desapiedada e pérfida como troçara de Catalina Ivanovna. Surpreendia-se ao encontrá-la agora tão diferente do que esperava.

Cheio de pena, fixou nela o seu olhar para a contemplar bem. Viu-a mudada por completo; apenas havia traços daquele tom lânguido e doce, daqueles movimentos brandos e voluptuosos. Tudo nela era simples, natural e bom. Os seus gestos e modos, vivos, diretos, confiados, mas estava muito excitada.

— Querido — continuou a falar — como se juntam hoje todas as *coisas!* Eu própria não sei por que estou tão contente por ver-te, Aliocha!

Se mo perguntares, não saberei responder.

— Vamos! Não sabes por estás contente? — grunhiu Rakitin. — Moeste-me tanto para to trazer, suponho que terias algum objetivo nisso.

— Sim, tinha um objetivo, mas já está esquecido. Não é esta a ocasião. Repara, o que quero é que tenhas um pouco de delicadeza. Eu, agora, sinto-me bem. Mas descansa, Rakitin, por que estás de pé? Não te sentaste já? Não há receio de que Rakitin esqueça as cortesias. Repara, senta-se longe, como que ofendido por não o ter convidado a sentar-se antes de ti. O Rakitin! Por que tens de te aborrecer? — perguntou rindo. — Não me guardes rancor, hoje que sou tão boa. E tu, Aliocha, por que estás tão abatido? Tens medo de mim? — E fixou-o com jovialidade burlesca.

— Está transtornado porque não sobreveio a exaltação — atalhou Rakitin.

— Que exaltação?

— O Presbítero cheira mal.

— O quê? Sempre tens cada ideia!... Cala-te, estúpido! Tens sempre que dizer asneiras? Deixa-me sentar nos teus joelhos, Aliocha, assim... — E saltou vivamente para o colo dele como uma gata astuciosa e, passando-lhe um braço pelo pescoço, continuou: — Quero que te alegres, meu santinho. Consentes, na verdade, que me sente aqui? Não te aborrece? Vou-me embora, se me mandares.

Aliocha não falava nem se atrevia a mover-se nem a responder; mas tão pouco sentia o que Rakitin esperava ou imaginava que sucedesse, vigiando-o do seu canto. A profunda tristeza que lhe dominava a alma afogava por completo as impressões que pudesse experimentar, e se naquele momento tivesse pensado com serenidade, ter-se-ia notado fortemente protegido contra todo o desejo de sedução. Mas ainda dentro da irresponsabilidade do seu estado de ânimo e daquela dor que o oprimia, descobria com assombro, no seu íntimo, uma nova e rara sensação. Aquela mulher, aquela horrível criatura não punha na sua alma, agora, o espanto que o tomava só a ideia de uma mulher; antes pelo contrário, aquela, temida sobre todas as outras, que se lhe sentava nos joelhos e o apertava nos braços despertava nele um sentimento desconhecido, insuspeito, o sentimento do mais intenso e puro interesse, limpo de todo o medo e das suas velhas inquietações. E isto surpreendeu-o de maneira pouco concreta.

— Já disseste bastantes tolices — gritou Rakitin. — Farias melhor em nos dar um pouco de champanhe. Bem sabes que mo deves!

— Sim, devo. Sabes, Aliocha? Prometi-lhe que se te trouxesse beberíamos champanhe. Ainda ficará qualquer coisa! Fenya, Fenya, traz-nos a garrafa que Mitya deixou! Embora seja uma avarenta, abrirei uma garrafa; não por ti, Rakitin, que és um sapo asqueroso, mas por este, que é um falcão. O meu coração está noutro lado, mas beberei convosco. Desejo distrair-me um pouco.

— Mas que te aconteceu? Pode saber-se que notícias esperas, ou é segredo? — perguntou Rakitin, esforçando-se por não perceber os golpes que continuamente ela lhe dava.

— Não é nenhum segredo, sabes muito bem — disse Gruchenka um pouco sufocada, voltando-se para o monge e saindo dos joelhos do jovem sem deixar de o abraçar. — Espero a vinda do meu oficial, Rakitin.

— Já mo disseste, mas está assim tão perto?

— Em Mokroe, donde me enviará um mensageiro, segundo me escreveu. Tive carta dele, hoje. Espero recado de um momento para o outro.

— E estavas calada! Por que te chama a Mokroe?

— É uma história muito comprida. Já disse de mais.

— Mitya não concordará, digo-to eu. Sabe disso?

— Sabê-lo, ele? Claro que não! Se se inteirasse, haveria sangue. Embora não o tema, agora, já não me espanta o seu punhal. Cala-te, Rakitin, não me fales de Dmitri Fedorovitch, que destroçou o meu coração. Não quero pensar nele. Prefiro pensar em Aliocha, contemplá-lo... sorri-me, querido. Vamos, e ri-te da minha loucura, do meu gozo... Ah! Ri-se, ri-se! Que olhar tão adorável! Sabes, Aliocha, que fiquei muito preocupada em pensar que estavas aborrecido comigo, pelo que aconteceu no outro dia, com Catalina? Fui uma cadela, é verdade... Mas é bom que se tenha passado aquilo. Foi horrível, mas esteve bem. — Gruchenka sorriu, mostrando nos lábios uma linha de crueldade. — Mitya contou-me que gritava contra mim dizendo que devia ser açoitada. Injuriei-a terrivelmente. Mandou-me buscar, queria conquistar-me, seduzir-me com o seu chocolate... Não... valeu mais que acabasse daquela maneira. — Sorriu de novo. — Mas ainda temo que estejas zangado comigo.

— É verdade — interveio inesperadamente Rakitin. — Aliocha tem medo de uma franguinha como tu...

— Rakitin!... Tu é que não tens consciência. Eu quero-o com toda a minha alma, bem o sabes! Aliocha, não acreditas em mim?

— Ah, mulher impudica! Alexey, não vês que se está a declarar?

— E que tem, se gosto dele?

— E o oficial? E a inapreciável notícia de Mokroe?

— É muito diferente.

— É assim que as mulheres apreciam estas coisas!

— Não me irrites, Rakitin! — atalhou ela, acalorada. — Nada tem que ver. Amo-o de outra maneira. Confesso-te, Aliocha, que tive pícaros desígnios, porque sou mal-intencionada e violenta, mas logo pensei em ti com remorsos, refletindo como devias desprezar uma criatura tão miserável como eu. Foi o que pensei quando me afastei da casa dela. Assim pensei muito em ti, Alexey, e Mitya sabe-o, porque lhe falei do mesmo. Mitya compreende estas coisas. Queres crer que muitas vezes, ao olhar-te, sentia vergonha, vergonha de mim mesma?... Como e quando comecei a pensar em ti deste modo, não o posso dizer, não me lembro...

Fenya entrou e pôs na mesa uma bandeja com uma garrafa destapada e três copos.

— Já está aqui o champanhe! — exclamou Rakitin. — Estás excitada, Agrafena Alexandrovna, não és a mesma. Depois de beberes um copo ficas pronta para dançar. Oh! Nunca se fazem bem as coisas! — acrescentou, olhando a garrafa. — A velha deve ter querido prová-lo, na cozinha e trouxe-nos uma garrafa quente e sem rolha. Deixa-me beber, apesar de tudo.

Aproximou-se da mesa, pegou num copo, encheu-o, bebeu-o de um trago e encheu-o de novo.

— Nem todos os dias há champanhe — disse, lambendo os lábios. — Anda, Aliocha, toma um copo e vejamos do que és capaz. Brindaremos a quê? Às portas do paraíso! Toma um copo, Gruchenka, e brinda também às portas do paraíso!

Ela pegou num copo, Aliocha fez o mesmo, bebeu um pouco e pousou-o.

— Não, é melhor não beber.

— Onde estão esses orgulhos? — gritou Rakitin.

— Bom, assim também eu não bebo — concordou Gruchenka. — Realmente não tenho vontade. Bebe tu só a garrafa, Rakitin. Se Aliocha beber, então eu acompanho-o.

— Oh, que romantismo comovente! — troçou Rakitin. — Olhai como se senta nos joelhos! Ele tem por que se afligir, mas tu... não sei o que te

aconteceu! Rebelou-se contra Deus e queria encher-se de chouriço...

— Como?

— Morreu hoje o seu Venerável, o santo Padre Zossima.

— Morreu o Padre Zossima?! — exclamou ela. — Meu Deus! Não sabia! — E benzeu-se devotamente. — Jesus, e eu que estava sentada nos seus joelhos! — Estremecendo, afastou-se para um canto do sofá.

Aliocha ficou-se a olhá-la, o rosto serenou-se-lhe e disse em voz firme:

— Não troces de mim, Rakitin. Eu não me rebelei contra Deus nem quero aborrecer-me contigo; mas sê bom também. Perdi um tesouro que tu nunca tiveste; por isso não me podes julgar. Aprende com ela, repara como teve piedade de mim. Vim aqui julgando encontrar uma alma perversa, porque está em mim a perversidade, e encontrei uma verdadeira irmã, um tesouro, um coração amoroso que acaba de apiedar-se de mim... Falo de si, Agrafena Alexandrovna. Tirou a minha alma de um abismo...

As palavras tremiam-lhe nos lábios, faltava-lhe o fôlego.

— Então salvou-te, hem? — riu-se o outro com malícia. — E não tinhas reparado ainda que te queria agarrar entre as unhas?

— Cala-te, Rakitin! — disse Gruchenka, levantando-se bruscamente. — Calai-vos os dois! Dir-lhes-ei toda a verdade. Cala-te, Aliocha! As tuas palavras envergonham-me porque sou má, confesso-o. E tu, Rakitin, cala-te, porque mentes. Tinha ideias de o ver entre as minhas mãos, mas agora mentes, agora é outra coisa, e não quero ouvir-te nem mais uma palavra!

Gruchenka falava com a maior emoção.

— Estão loucos os dois — disse Rakitin, olhando-os com assombro. — Julgo estar num manicómio. Parecem tão compungidos que só lhes falta chorar.

— Pois chorarei, sim! Chorarei! — repetia Gruchenka. — Tratou-me por irmã e nunca o esquecerei. hás de saber, Rakitin, que embora eu seja má, dei um dia uma cebola!

— Uma cebola? Está tudo louco!

O monge chegava ao cúmulo da admiração. Molestava-o ver aquilo, embora houvesse podido ter em conta que ambos passavam por esse momento crítico que só se apresenta uma vez na vida. Mas muito sensível em analisar os próprios sentimentos, era porém muito obtuso em penetrar os do próximo, o que se explicava tanto pela inexperiência de jovem, como pelo seu egoísmo ilimitado.

— Olha, Aliocha — disse Gruchenka, voltando-se para ele com riso nervoso — quando disse a Rakitin que dera uma cebola era fanfarronice. É uma história, sabes? Mas uma história muito bonita. Matryona é que ma contava, a cozinheira que ainda está comigo, quando eu era miúda. Havia em tempos uma mulher malvada que, quando morreu, não deixou nem rasto de virtude, pelo que os demónios se apoderaram dela e a atiraram a um lago de fogo. O seu anjo da guarda ficou-se a pensar, a pensar, para recordar alguma boa ação a apresentar a Deus. «Uma vez arrancou uma cebola da horta e deu-a a uma pedinte.» O Senhor respondeu-lhe: «Apanha a cebola e estende-lha. Que se agarre a ela e tu puxas. Se a conseguires tirar do lago, que venha para o paraíso; se essa corda se romper, que fique onde está.» O anjo foi ter com a mulher e atirando-lhe a cebola disse: «Agarra-te com força e tirar-te-ei daí.» E começou a puxar com cuidado. Já estava quase suspensa quando os outros condenados, reparando nela, se lhe agarraram, querendo salvar-se também. Mas era tão má que os afastava a pontapés, gritando: «É a mim que hão de tirar. A cebola é minha!» Então a cebola partiu-se e a mulher caiu de novo no fogo onde arde e arderá por toda a eternidade. E o anjo teve que partir, chorando. Assim acaba o conto, Aliocha. Sei-o de cor, porque também eu sou uma mulher má. Envaideci-me contando a Rakitin que havia dado uma cebola, mas a ti digo-te, Aliocha, que em toda a minha vida nem isso fiz, dar uma cebola. Assim, pois, não me louves, pensando que sou boa. Sou má, sou uma mulher depravada. Dir-te-ei tudo, Aliocha. Era tal o meu desejo de te ter, que prometi a Rakitin se te fizesse cá vir... Cala-te, Rakitin, espera!

Correu para a mesa e abrindo uma caixa tirou dela uma nota de vinte e cinco rublos.

— Que tolice! Que tolice! — gritou, desconcertado, o monge.

— Toma, devo-tos. Não penses em recusá-los. Tu mesmo mos pediste.

E atirou-lhe o papel.

— De bom grado o desprezaria — grunhiu o outro, muito humilhado. Mas vencendo a confusão, disse com importância: — Ao fim e ao cabo, vêm mesmo a propósito. Os tontos existem para que os outros aproveitem.

— E agora, caluda, Rakitin! Não é para os teus ouvidos o que vou dizer, portanto, senta-te num canto e fica quieto. Já que não gostas de nós, cala-te.

— Por que havia de gostar? — resmungou o monge sem ocultar o seu mau humor enquanto guardava o dinheiro, envergonhado de que Aliocha o

visse. Convencido de que receberia a recompensa sem que este o soubesse, exasperava-o a vergonha. E ele que até ali julgara conveniente não contrariar demasiado Gruchenka, apesar da má vontade que esta lhe demonstrava, agora que já tinha o dinheiro não quis dissimular mais o seu desagrado.

— Quando se ama alguém por algum motivo é, mas que vos devo eu?

— Pois deverias amar ao próximo sem qualquer motivo, como faz Aliocha.

— E como te ama ele? Que te disse, que te alvoroça desse modo?

Gruchenka continuava no meio da sala, e falava acaloradamente, cheia de nervoso.

— Cala-te Rakitin. Não sabes nada do que é nosso! E não me fales mais deste assunto. Proíbo-te essa familiaridade! Senta-te nesse canto e não te movas, como se fosses meu lacaio! Agora, Aliocha, quero dizer-te tudo, para que vejas como sou má. Não falo com ele, é contigo. Queria perder-te, Alexey, é esta a pura verdade. Estava resolvida a isso. Desejava-o tanto que subornei Rakitin para que te trouxesse. E porquê? Não sabes nada, mas fugias de mim. Baixavas a vista quando passavas perto. Olhei-te cem vezes, perguntei aos que te conheciam. O teu rosto conquistava-me o coração e dizia a mim mesma: «Não quer ver-me porque me despreza.» E cheguei a sentir isto de tal modo que me julguei amedrontada por um miúdo. Ah! Se te tivesse apanhado, como teria troçado de ti! Não podia viver de despeito e de raiva! Acredita-me! Ninguém ousará dizer nem pensar que tenha conseguido acercar-se de mim com maus propósitos! O único que tem algo que ver é o velho Kuzma, a quem me vendi e entreguei; Satanás assim o arranjou; mas ninguém mais. Contudo, vendo-te, pensava divertir-me quando caísses na minha rede. Já vês como é má aquela a quem chamaste de irmã! Agora volta o que me enganou. Estou à espera do seu recado. Sabes o que este homem é para mim? Há cinco anos, quando vim para cá com Kuzma, ocultava-me para que ninguém me visse. Era uma inocentona caída e sentava-me aqui soluçando, passava as noites em claro e pensava: «Onde estará agora o homem que me ofendeu? Provavelmente ri-se de mim com outra mulher. Se o voltar a ver ou se o encontrar, há de pagar-me tudo. Sim, há de pagar-me.» Quando me deitava, apagava a luz e molhava a almofada com as minhas lágrimas, maquinando contra ele, destroçando o coração com os ferros da fúria que me dominava, e gritava no escuro: «hei de vingar-me! hei de vingar-me!»

Depois ocorria-me pensar que nada lhe faria, que enquanto eu tramava planos de vingança ele troçava de mim ou talvez nem se lembrasse já que eu existia... Então atirava-me ao chão, banhada em lágrimas de desespero, revoltando-me até ao amanhecer. No dia seguinte estava furiosa, pronta a atacar como um cão, a fazer em pedaços toda a gente. Assim, que julgas? Pus-me a recolher dinheiro, tornei-me dura, precavida, sagaz, o que quiserem. Ninguém no mundo vê isto, ninguém o sabe, mas ainda me deito nalgumas noites como há cinco anos, quando era uma moça abandonada, apertando os dentes e chorando enquanto penso: «hei de vingar-me! hei de vingar-me!» Estás a ouvir-me? Bom, assim já me entendes. Há um mês recebi uma carta. Ele vinha, estava viúvo, desejava ver-me. Julguei enlouquecer e de repente pensei: «Se vem e me chama de assobio, arrastar-me-ei até ele como um cão a quem bateram.» Não acreditava no que me acontecia. Seria tão vil que pudesse voltar para ele a correr? E odiei-me de tal modo que durante este mês fui pior do que nunca. Vês, Aliocha, que mulher violenta e vingativa sou? Disse-te toda a verdade! Entretive-me com Mitya para não correr para os braços desse outro. Cala-te, Rakitin, não és tu quem me há de julgar; além de que não estou a falar contigo. Antes de chegarem, estava esperando, maquinando, decidindo a minha vida futura, e não podeis saber o que o meu coração oculta. Sim, Aliocha, dizei a Catalina que não me guarde rancor pelo que aconteceu antes de ontem... Ninguém no mundo sabe o que vou realizar agora, e ninguém o saberá nunca... Talvez leve comigo, hoje, uma faca... não estou ainda bem decidida...

Sem acabar a frase caiu nas almofadas e, ocultando o rosto entre as mãos, chorou como uma criança.

Aliocha levantou-se e, aproximando-se de Rakitin, disse-lhe:

— Micha, não te aborreças. Tiveste pena, mas não te aborreças. Não ouviste o que disse? Não abuses da dor alheia, há que ser indulgente.

Aliocha falava *ex abundantia cordis*. Como tinha necessidade de dizer alguma coisa, dirigiu-se ao monge como se se houvesse dirigido ao vazio. Mas aquele olhou-o, sarcástico, e ele emudeceu.

— Que me contas, homem de Deus? — disse o monge com velhacaria. — O Venerável encheu-te a cabeça com o sermão desta noite e queres despejá-lo sobre mim?

— Não troces, Rakitin, não te rias nem fales do morto, que era o melhor dos homens — gritou Alexey quase a chorar. — Não te falo como

juiz, mas como o último dos acusados. Quem sou eu perante ela? Vim aqui procurando a minha perdição, dizendo na minha cobardia «Que importa?» E ela, depois de cinco anos de tormento, porque ouve uma palavra sincera, esquece tudo, chora e perdoa. Volta o que a ofendeu, manda-a buscar, e ela tudo lhe perdoa e apressa-se a reunir-se-lhe alegremente, sem querer levar um punhal. O que há de levar! Não, eu não sou assim! Não sei como tu és, Micha, mas eu não sou assim. Que lição para mim! É muito mais digna de amor do que nós. Ouviste falar do que nos contou? Não, de contrário tê-la-ias compreendido antes... E a pessoa a quem ofendeu terá de lhe perdoar. Perdoará quando souber... e há de sabê-lo. Esta é uma alma que não encontrou a paz, há que tratá-la com doçura... talvez seja um tesouro oculto.

Aliocha deteve-se porque perdia o fôlego. Rakitin esqueceu o seu mau humor para o olhar com assombro. Nunca esperara tão grande discurso do bom Alexey.

— Já tem defensor para a sua causa! Mas... apaixonaste-te por ela? — E gritou depois: — Agrafena Alexandrovna, aqui tens o monge enamorado de ti. Fizeste uma conquista!

Gruchenka endireitou-se, contemplando Aliocha com um sorriso terno de lágrimas.

— Deixa-o, meu querubim. Já sabes como ele é, não merece que lhe fales. Mikail Makarovitch. — E voltou-se para Rakitin. — Pensava pedir-te perdão pela minha rudeza, mas agora não quero. Aliocha, vem, senta-te aqui — disse com um sorriso encantador. — Achas que amo esse homem? O que me enganou? Amo-o ou não? Quando chegaste estava aqui a perguntar ao meu coração se o amava. Decide tu, Aliocha, é o momento próprio, far-se-á o que disseres. Devo perdoar?

— Mas se já lhe perdoou — lembrou Alexey, sorrindo.

— É verdade, perdoei-lhe — murmurou Gruchenka pensativamente. — O coração vil! Pela maldade da minha alma! — E agarrando num copo da mesa esvaziou-o de um trago e atirou-o ao chão onde se partiu em mil bocados. No sorriso da mulher apareceu uma linha de crueldade que se transformou em esgar rancoroso. Baixando o olhar, como se falasse consigo mesma, continuou: — Talvez ainda não lhe tenha perdoado... talvez não sinta senão a pressa de o fazer... a luta com o meu coração... Olha, Aliocha, cheguei a amar as minhas lágrimas nestes cinco anos... Talvez ame o meu ressentimento e não quem o causou.

— Seja o que for, não lhe queria estar na pele — brincou Rakitin.

— Não te aflijas, não estarás. Em todo o caso servir-me-ás de porteiro; é o único lugar que te fica bem. Nunca terás uma mulher como eu em toda a tua vida... nem ele, talvez...

— Ele? Por que não? Então para quê todo esse atavio?

— Não brinques do meu arranjo! Que sabes tu do que se passa na minha alma? Se me desse para desfazer os meus adornos, acabaria num abrir e fechar de olhos — gritou em voz penetrante. — Que sabes tu para que são? Quando o vir, dir-lhe-ei provavelmente: «Já me viste tão bonita?» Na altura em que me abandonou era eu uma rapariguinha de dezassete anos, fraca e mirrada. Sentar-me-ei a seu lado, seduzi-lo-ei, e perguntarei em seguida: «Agrado-te, agora? Pois conforma-te com isso, pois que nada mais terás!» Talvez me tenha arranjado para isso — acabou, rindo maliciosamente. — Estou muito violenta e desgostosa, Aliocha. Seria capaz de arrancar todos os adereços, destruir a minha beleza, sujar a cara e sulcá-la de cicatrizes. Seria uma pedinte... De bom grado não veria ninguém, de boa vontade devolveria amanhã mesmo a Kuzma tudo o que me ofereceu, todo o seu dinheiro, e iria trabalhar o resto da minha vida. Pensas, Rakitin, que não o faria? Que não me atreveria? Pois fá-lo-ei, e já. Mas não me faças desesperar... Mandá-lo-ei passear, fincar-lhe-ei as minhas unhas na cara e não me verá mais!

Estava excitadíssima. Respirou fundo e atirou-se, soluçando, para cima do sofá.

Rakitin levantou-se.

— Temos de ir embora, já é tarde e fecham a porta do mosteiro.

Gruchenka saltou do sofá.

— Mas tu não me deixas, Aliocha! — disse com sobressaltada tristeza. — Que será de mim? Renovaste todas as minhas penas, torturaste-me e agora vais permitir que passe a noite só?

— Ser-lhe-ia difícil passar a noite contigo! Que fique, se quiser. Eu irei só — insistiu Rakitin com malícia.

— Cala-te, má língua — gritou ela, irritada. — Nunca saberás dizer-me o que ele me disse.

— O que te disse ele de maravilhoso?

— Não sei. Não posso repetir o que me disse, mas comoveu o meu coração, trespassou-mo... É o primeiro que se compadeceu de mim. É tudo o que posso afirmar. Por que não vieste antes, meu anjo? — E caiu de

joelhos perante Aliocha, num súbito arrebato. — Toda a minha vida esperei uma alma como a tua. Sabia que alguém me viria perdoar. Por má que fosse, acreditava que alguém me amava de verdade, e não com um amor de infâmia!

— Que fiz eu por si? — respondeu Alexey inclinando-se para lhe pegar nas mãos. com doçura. — Ao fim e ao cabo só lhe dei uma cebola, uma cebolinha!

E ao dizer isto, saltaram-lhe as lágrimas. Naquele momento, ouviu-se um ruído no passeio que fez levantar Gruchenka com sobressalto e Fenya precipitou-se no salão, gritando:

— Senhora! Já está aqui o mensageiro. — Vinha num alvoroço, perdendo o fôlego. — Vem buscá-la uma carruagem de Mokroe. Timofey, o cocheiro, com três cavalos que agora estão atrelando... Uma carta, aqui está a carta, senhora.

Gruchenka arrebatou-lha da mão que ela agitava e aproximou-se da luz para a ler. Fê-lo num instante. Eram apenas quatro linhas.

— Manda buscar-me! — gritou pálida e convulsa. Acrescentou depois de maneira estranha: — Já assobia! Aqui, cão!

Teve um momento de vacilação. De repente, corou.

— Irei! — gritou. — Cinco anos da minha vida! Adeus! Adeus, Aliocha! A minha sorte está lançada! Ide-vos, ide-vos. Deixai-me todos e que não vos veja mais! Gruchenka voa para uma nova existência... Não fiques com uma má recordação de mim, Rakitin. Não vou morrer! Uf! Creio que bebi demais!

Voltou-lhes as costas e desapareceu no quarto de cama.

— Bom, já não pensa em nós! — grunhiu Rakitin. — Vamo-nos ou ainda voltará para nos guinchar aos ouvidos. Já me dói a cabeça.

Aliocha deixou-se conduzir maquinalmente. No pátio viram um coche coberto. Um homem andava de um lado para o outro com uma lanterna e pela porta entravam naquele momento três cavalos de troca. Apenas tinham descido os dois jovens, abriu-se uma janela e ouviu-se a voz aguda de Gruchenka:

— Aliocha! Saúda teu irmão Mitya e diz-lhe da minha parte que não me guarde rancor, apesar de o ter enganado miseravelmente. Repete-lhe estas palavras: «Gruchenka entregou-se a um canalha e não à nobreza do teu coração.» Não te esqueças de dizer também que Gruchenka o amou

uma hora, breve, mas amou... que recorde essa hora toda a vida... diz-lhe que Gruchenka te pediu que lho dissesses...

A voz extinguiu-se-lhe em soluços que o barulho da janela, ao fechar-se, abafou.

— Hum, hum! — resmungou Rakitin. — Que crueldade refinada! Mata o teu irmão e pede-lhe que se recorde toda a vida!

Aliocha não respondeu. Parecia não ter ouvido. Caminhava como que inconsciente ao lado de Rakitin, como se anelasse estar já longe dali. O outro sentiu-se de súbito como se lhe tivessem tocado na carne viva. Estava desencantado dos resultados daquela visita, bem diferentes do que esperara. E para conter a fúria, começou a murmurar:

— Esse oficial é um polaco, mas já não é oficial nem nada. Trabalhava agora nas alfândegas da Sibéria, não sei em que ponto da fronteira chinesa, o mais mesquinho possível para que um polaco o mendigasse. Dizem que perdeu o emprego e ao cheirar os lucros de Gruchenka volta a tirar-lhe o que puder... aí tens a explicação do mistério.

Aliocha não se deu por achado e Rakitin quebrou o freio:

— Bom, com que então salvaste a pecadora? — disse com o maior sarcasmo. — Devolveste a Madalena ao bom caminho, arrancando-lhe os sete demónios, hem? E estás pensando nos milagres que acabas de realizar!

— Não fales comigo, Rakitin — respondeu Aliocha, febrilmente emocionado.

— Desprezas-me por causa dos vinte e cinco rublos? Pensas que vendi um amigo. Mas nem tu eras Cristo nem eu sou Judas, como sabes.

— Rakitin, garanto-te que me esqueci disso — gritou o jovem. — És tu que mo recordas...

O monge não suportou aquela resposta e atacou:

— Vai para o inferno, tu e os teus! Que diabo me fez vir contigo? Não quero ver-te nem voltar a saber de ti. Vai-te embora só. Já sabes o caminho!

E dando meia volta enfiou por outra rua deixando Aliocha só na escuridão. Este saiu da cidade e, cortando pelos campos, dirigiu-se ao mosteiro.

Capítulo 4 — Caná de Galileia

Para as regras monásticas, era muito tarde quando Aliocha chegou. O porteiro deixou-o passar por uma porta de serviço. Haviam dado as nove, hora de repouso e silêncio ao fim de um dia tão agitado para todos. Aliocha aproximou-se timidamente e entrou na cela mortuária onde estava só o Padre Paissy lendo o Evangelho ao pé do ataúde, enquanto o noviço Porfiry, rendido pelo colóquio da noite anterior e os incidentes registados durante o dia, dormia o sono da juventude, deitado no chão do quarto vizinho. O Padre Paissy notou a entrada de Alexey, sem voltar a cabeça, e o jovem foi logo prosternar-se num canto e começou a rezar.

Sentia-se inundado por uma corrente de sentimentos misturados que se sucediam lentos e incessantes, sem se precisarem, mas envolvendo a sua alma numa doçura que não o surpreendia. Coisa rara, perante aquele ataúde que encerrava um cadáver tão precioso para ele! Havia cessado a tempestade de lágrimas e aflições que pouco antes enevoavam a sua vida. Caiu de joelhos em frente do caixão, como ante uma relíquia adorável, mas a alegria iluminava-lhe a alma e serenava-lhe a inteligência.

Uma janela da cela estava aberta e o ar entrava frio e penetrante. «Se a abriram é porque se tornou mais insuportável o cheiro», pensou, e o fedor do corpo corrupto que tão humilhante e abominável lhe parecera pouco antes, notava-o agora com absoluta indiferença. Começou as suas orações sentindo-se sossegado de todo, mas depressa percebeu que orava rotineiramente. Passavam-lhe pela mente ideias libertinas que o alumiavam como um clarão e se desvaneciam como estrelas fugazes. No entanto, dominava na sua alma um sentimento de totalidade, de plenitude, de algo consistente e animador. Notava-o bem. Por vezes, afervorado, sentia vivos desejos de exteriorizar o seu reconhecimento, o seu amor.

Mas quando começava uma oração, deixava-a para seguir um pensamento, esquecendo logo o que fazia e a reflexão que dela o distraía. Ouvia perto a leitura do Padre Paissy, mas rendido, extenuado, ia adormecendo a pouco e pouco.

Três dias depois celebraram-se umas bodas em Caná na Galileia e a mãe de Jesus estava lá. E foram também convidados para estas bodas Jesus e os seus discípulos.

«Bodas? Como... Umas bodas!», flutuava como um turbilhão pela cabeça de Aliocha. «Também para ela é uma felicidade... Foi a um banquete... Não, não levou consigo uma faca... Essa foi uma frase trágica, nada mais... Tem que se lhe perdoar. Uma frase trágica consola, por vezes... Sem elas tornar-se-nos-iam insuportáveis as penas. Rakitin meteu-se por um atalho, há de andar sempre por atalhos... Mas o caminho verdadeiro... O caminho é amplo, reto e limpo como o cristal e no fim está o Sol... Ah! Que lê?»

E como o vinho faltasse, a mãe de Jesus disse-lhe: '*Não têm vinho...'*

«Ah, sim. Perdi-me e quero seguir a leitura. Gosto desta passagem. Caná de Galileia, o primeiro milagre! Que milagre! Que milagre tão formoso! Cristo não visita os homens irados, mas os contentes. Obrou o seu primeiro milagre para acrescentar alegria à festa... *Quem ama os homens deseja a sua alegria...* Era o que Ele repetia sempre; era uma das Suas máximas... *Não se pode viver sem alegria,* diz Mitya... Sim, Mitya... *Tudo o que é bom e verdadeiro está cheio de indulgência...* Também Ele dizia isto...»

Jesus disse-lhe: mulher, que tenho eu a ver contigo? A minha hora ainda não chegou. Sua mãe disse aos que serviam: fazei tudo quanto Ele vos mandar...

«Fazei... A alegria, a alegria de gente pobre, muito pobre... Porque pobres seriam, quando não tinham bastante vinho... Até os historiadores modernos dizem que os povos vizinhos do lago de Genezaret eram do mais pobre que se pode imaginar... e aquele grande coração, aquela santa mulher, Sua Mãe, sabia que Ele não viera só sacrificar-se. Sabia que seu Filho tinha o coração aberto aos simples e generosos noivos que com a melhor vontade o haviam convidado para a festa. *A minha hora ainda não chegou,* tenho a certeza de que sorriria docemente ao pronunciar estas

palavras. Por acaso teria descido à terra para aumentar o vinho nas bodas pobres? E contudo fez o que Ela lhe pedia.

> *Disse-lhes Jesus: Enchei de água as vasilhas.*
> *E encheram-nas até acima.*
> *Disse-lhes depois: Tirai agora vinho delas e levai-o ao mestre-sala. E eles levaram-no.*
> *E logo que o mestre-sala provou a água que se transformara em vinho, e não sabendo de onde era este vinho (embora o soubessem os criados que haviam tirado a água), disse-lhe: Todo o homem serve primeiro o vinho bom, e quando os convidados já beberam bem serve então o que é inferior; mas tu guardaste até agora o vinho bom.*

«Mas... o que é isto? O que é isto? Como este quarto está a crescer!... Ah, já... Uma boda, um convite... Sim, compreendo. Aqui estão os convidados, os recém-casados, o alegre cortejo e... Onde está o mestre-sala? Mas o que é isto, o que é? As paredes apertam-se outra vez... Quem é essa gente que se levanta da mesa? Como!... Também Ele está aqui? Mas se jaz no caixão... e está aqui. Levantou-se, viu-me, e aproxima-se... Senhor!»

Sim, aproximava-se, aproximava-se dele o velho baixito, com o seu rosto de pequenos sulcos, alegre, sorrindo-lhe docemente. Já não estava no caixão, e ele via como na visita da véspera e, também como nessa altura, os seus olhos brilhavam. Que havia sucedido? Havia sido convidado também para o banquete? Também ele, na boda de Caná, na Galileia...

— Sim, meu filho — dizia-lhe em voz fraca — também fui convidado. Por que te escondes, que não te vi antes? Vem connosco.

Era a sua voz, a voz do Padre Zossima; devia ser ele mesmo, posto que o chamava.

O Venerável pegou na mão de Aliocha e fê-lo levantar.

— Estamos alegres e divertidos — continuou o débil ancião. — Bebemos o novo vinho, o vinho de uma alegria desconhecida e infinita. Repara quantos convidados! Aí estão os noivos e o mestre-sala cheio de sabedoria que prova o novo vinho. Por que te surpreende a minha presença? Dei uma cebola a um mendigo; por isso estou entre eles. E são muitos os que deram uma cebola, uma triste cebola... pois o que são todas

as nossas obras? E tu, meu doce filho, não socorreste hoje uma esfomeada com uma cebola? Continua a tua obra, meu querido, continua, filhinho... Olha o nosso Sol! Vê-lo?

— Tenho medo!... Não me atrevo a olhar — balbuciou Aliocha.

— Não tenhas medo d'Ele. É terrível na Sua grandeza, imponente na Sua magnificência, mas infinitamente misericordioso. Fez-se semelhante a nós por amor, regozija-se connosco, converte a água em vinho para que a alegria dos convidados não tenha fim. Chama mais e mais outros, sem cessar, pelos séculos dos séculos... Já trazem o vinho novo. Repara como trazem as vasilhas...

Uma luz brilhou de repente no espírito de Aliocha, inflamando-lhe o coração e uma onda de lágrimas de graça velou-lhe os olhos... Estendeu os braços ao céu, deu um suspiro e acordou.

Outra vez o caixão, a janela de par em par, a sossegada e compassada leitura do Evangelho, que já não escutava. Aliocha adormecera de joelhos e estava de pé com grande surpresa. De súbito, como que empurrado, deu três passos firmes na direção do ataúde e, ao passar, tocou com o ombro, sem reparar, no Padre Paissy. Este levantou os olhos do livro por um momento e voltou à leitura, compreendendo que algo estranho acontecia ao jovem. Aliocha contemplou o morto por um instante, velado, imóvel, com a imagem descansando-lhe no peito e o chapéu em cruz de oito braços nos ouvidos e parecia esperar outras palavras. Bruscamente, deu meia volta e saiu.

Saiu sem parar. A sua alma, transportada, exigia espaço, ar livre. A abóbada celeste, coalhada de luzes cintilantes, estendia perante ele a imensidão impenetrável. A via láctea baixava até ao horizonte a oca brancura de dois cometas. As torres da catedral e as suas cúpulas douradas destacavam-se no céu de safira. As flores frescas outonais dormitavam nos canteiros que rodeavam a casa. O silêncio reinava em todas as coisas e o mistério da terra unia-se ao do firmamento.

Aliocha deteve-se extático e caiu no chão. Não sabia por que se abraçava à terra; não poderia explicar aquele impulso irresistível de a beijar. Mas beijava-a, beijava-a chorando, soluçando, regando-a com as suas lágrimas, jurando apaixonadamente amá-la, amá-la pelos séculos dos séculos. E esta frase ressoava na sua alma: «Molha-a com lágrimas de gozo e ama essas lágrimas.»

Porque chorava?

Oh! Chorava em desfalecimentos por essas estrelas que o alumiavam desde o abismo das imensidades. E aquele rapto parecia-lhe natural. Parecia-lhe que de todos aqueles mundos outros tantos fios vinham a encontrar-se na sua alma que estremecia «Ao contacto desses mundos». Queria perdoar tudo e todos, e que todos lhe concedessem o perdão. Oh, não para ele, mas para todos e por tudo! «Também outros rogam por mim», voltava a sua alma a ressoar. E sentia por momentos descer ao coração, clara e tangível, uma firmeza inquebrantável como a abóbada celeste. Uma ideia penetrava no seu espírito avassalando-o para toda a vida, por toda a eternidade; caíra na terra um débil mancebo e dela se levantava um decidido lutador, como se lhe revelara no momento de êxtase. Nunca, nunca mais Aliocha esqueceria aquele momento.

— Alguém visitou a minha alma naquela ocasião — dizia depois plenamente convencido.

Três dias mais tarde deixava o mosteiro, dócil às ordens do Venerável, o qual lhe dissera que «vivesse no mundo».

Livro 8 — Mitya

Capítulo 1 — Kuzma Samsonov

Dmitri, a quem Gruchenka havia mandado a sua última saudação, quando partira rumo a uma vida nova, encarregando-lhe que se lembrasse da hora de amor que lhe concedera, Dmitri, digo, nada sabia do sucedido, afadigado como andava na altura num negócio de atividade febril. Havia dois dias que o dominava a mais espantosa angústia, e a tal ponto chegava o transtorno do seu cérebro que corria perigo iminente de sofrer uma congestão. Aliocha não pôde encontrá-lo na manhã da véspera; tão pouco Ivan conseguiu vê-lo na taberna. A patroa de Dmitri tinha ordem de não revelar a ninguém o seu paradeiro.

Passara aqueles dois dias correndo materialmente de um lado para o outro «brigando com a sua má sorte e esforçando-se por alcançar a salvação», segundo dizia depois ele próprio, e por algumas horas tivera de deixar a cidade para um assunto urgente, apesar de ser terrível para ele abandonar por um instante a vigilância de Gruchenka.

Tudo isto ficou minuciosamente explicado, com provas evidentes, por ele mesmo; mas por agora, limitar-nos-emos às ocorrências essenciais dos dois dias que precederam o horroroso cataclismo que de improviso lhe caiu em cima.

Gruchenka amara-o sinceramente uma hora, é verdade, mas nem por isso deixara de o atormentar, cruel e desapiedadamente, e o pior era que nunca chegara a saber quais eram os seus propósitos. Inútil seria recorrer às ameaças ou às promessas para a conquistar; não se submeteria a nada. Não ignorava que naquela alma de mulher se travava também uma luta tremenda, uma louca indecisão, que não ousava ser sincera consigo mesma nem determinar-se ao que havia já aceitado de sua vontade, e baseava-se nisto para temer que, de um momento para o outro, ele e a sua paixão fossem insuportavelmente odiosos para ela. Só a ideia o angustiava, com tanta mais razão quanto não compreendia por que estava Gruchenka tão aflita. Para Dmitri, todo o doloroso problema se reduzia a uma possível preferência entre ele e seu pai.

Notemos, de caminho, que ele acreditava firmemente que Fedor Pavlovitch seria capaz de oferecer a Gruchenka o matrimónio, se não o tivesse feito já, pois não pensava que o libidinoso velho esperasse alcançar o seu objetivo com três mil rublos. Chegava a esta conclusão porque conhecia Gruchenka e o seu caráter e, por isso, se inclinava a pensar que todas as dificuldades que a mulher oferecia se deviam a não saber por qual dos dois se decidir, que partido lhe seria mais vantajoso.

Embora pareça raro, nem lhe ocorreu pensar na próxima chegada daquele «oficial» que tão fatal influência exercera na vida de Gruchenka e cujo retorno era aguardado por esta com tão violenta emoção. É verdade que já há algum tempo que ela lhe não falava disso; mas sabia que um mês antes tinha recebido uma carta do seu sedutor. Ela mesma lho dissera, mostrando-lha num impulso momentâneo e permitindo-lhe que se inteirasse de parte do seu conteúdo, do qual não fizera caso, com grande assombro dela. E era de admirar num homem tão arrebatado! Talvez o aturdimento da luta que sustinha com o pai por causa daquela mulher não o deixasse pensar que a qualquer momento se pudesse apresentar outro perigo maior, ou mais ingenuamente não acreditasse na volta de um amante depois de cinco anos de abandono, e ainda menos que viesse tão depressa. Além disso, na carta que ele vira insinuava-se vagamente a possibilidade de uma visita. Tudo nela era sentimental e pouco concreto e Gruchenka tirara-lha das mãos antes que ele pudesse ler as últimas linhas, que falavam claramente do regresso. Notara então no rosto da moça um certo orgulho involuntário originado pela carta da Sibéria. Mas como ela não lhe falara de velhas relações com o seu rival, Dmitri acabou logo por esquecer até a existência desse homem.

Fosse qual fosse o sucedido e o rumo que tomassem agora as coisas, pressentia-se perto a solução do conflito com Fedor Pavlovitch e tinha que atender a isto primeiro que tudo. Desfalecidamente, aguardava a sentença de Gruchenka, crendo sempre que a pronunciaria de súbito, num arranque de inspiração. O mais que lhe poderia dizer era: «Toma-me, sou tua para sempre!» e tudo terminaria. Ele levá-la-ia depois ao fim do mundo; casaria com ela e viveriam desconhecidos onde ninguém, ninguém soubesse deles. Então... oh, sim!... Então começaria uma vida nova!

Nesta vida mudada, reformada e «virtuosa» — sim, seria virtuosa — pensava ele sempre com ânsias febris. Ansiava essa reforma, essa emenda. O lamaçal em que se havia enterrado voluntariamente repugnava-o

sobremaneira, e como muitos homens na mesma situação, acreditava que o melhor de todos os remédios seria mudar de lugar. Se não fosse aquela gente, se não fossem aquelas circunstâncias... mesmo que pudesse só afastar-se daquela maldita cidade... ver-se-ia imediatamente regenerado, mudaria de vida. Acreditava nisto e por isto suspirava.

Mas tudo se encontrava condicionado à primeira e ditosa solução do problema, porque também podia suceder que acabasse tudo mal. Se ela dissesse: «Vai-te, cheguei a um entendimento com Fedor Pavlovitch. Vou casar-me com ele e não preciso de ti.» E então... mas então... E Mitya não sabia o que então lhe ocorrera, seja dito em sua honra. Não maquinava um crime, nem tinha um propósito definido. Vigiava, espiava, morto de ansiedade, preparando-se para o caso de a sorte o favorecer. Não podia imaginar outra ideia que a do feliz desenlace. Mas disto nascia outra ansiedade de índole bem diferente pela invencível dificuldade que fatalmente trazia aparelhada.

Se ela lhe dizia «Sou tua, leva-me», como a levaria? Onde tinha os meios, onde estava o dinheiro necessário? Esgotara-se por então o que conseguira tirar ao pai. Sabia que Gruchenka tinha algum, mas era como se não tivesse para o orgulho de Mitya, que a queria levar a uma nova vida com os próprios recursos. Não concebia receber dinheiro dela e só a ideia lhe causava um tormento, uma repulsão insofrível. Não quero deter-me na análise deste fenómeno, contentar-me-ei dizendo que tal era a sua atitude no momento, derivada, indireta e inconscientemente do aguilhoamento da sua consciência por se haver apropriado de maneira ignóbil do dinheiro de Catalina Ivanovna.

«Fui um canalha para esta e seria ainda mais canalha para a outra», pensava e temia: «Se Gruchenka soubesse detestaria este miserável.» Onde encontrar os meios? De onde tirar o dinheiro fatal? Sem ele tudo estava perdido, nada se podia fazer só por falta de dinheiro. Oh, que vergonha!

Mas antecipemos... ele sabia muito bem onde encontrar o dinheiro, a soma necessária. E não quero dizer mais, porque tudo se esclarecerá mais tarde. Devo, contudo, explicar, ainda que fique um pouco obscuro, que o seu tormento principal consistia em saber onde estava essa soma, mas para *ter o direito* de lhe tocar, devia restituir a Catalina Ivanovna os três mil rublos... de contrário «seria um ladrão, um canalha, e não quero começar uma vida nova como um canalha». Pensava remover os céus e a terra para restituir a Catalina aquilo, *o primeiro de tudo.* Chegara a esta decisão dois

dias antes, depois da sua entrevista com Aliocha, na rua, na tarde em que Gruchenka insultara Catalina Ivanovna. Mitya havia-se apelidado de canalha e queria que esta o soubesse, se isto fosse para ela algum consolo. Logo que se despediu do irmão, disse no seu frenesi que «preferia assassinar e roubar qualquer pessoa a deixar de pagar a dívida. Mais vale a Sibéria que dar a Katya motivos para dizer que a enganei, que a roubei e me servi do seu dinheiro para fugir com Gruchenka e começar uma vida nova! Isso não o posso fazer!» Decidiu aquilo rangendo os dentes a ponto de enlouquecer. E continuava a luta...

Qualquer um diria, repelindo a ideia de que o azar pudesse deparar tal soma a quem nada possuía, que não lhe restava mais do que o desespero. Contudo, nunca perdeu a esperança de procurar os três mil rublos, para que lhe aparecessem de uma maneira ou de outra, ainda que chovessem do céu. É o que sucede às pessoas que, como Dmitri, não sabem fazer mais nada do dinheiro senão gastar o que receberam por herança, sem nenhum esforço próprio, e não têm sequer a noção do que custa ganhá-lo. Uma ideia das mais fantásticas cruzou-lhe a cabeça exaltando-o de aturdimento e confusão e atirando-o às cegas para uma empresa do mais extravagante. Acontece que quando estes homens se encontram em semelhantes circunstâncias, agarram-se aos planos mais loucos e impossíveis, porque lhes parecem os mais práticos.

Resolveu visitar Samsonov, o comerciante protetor de Gruchenka, e submeter-lhe um plano que lhe proporcionaria logo a soma necessária. Acerca do valor comercial do dito plano não tinha a menor dúvida. Apenas receava que parecesse a Samsonov coisa de capricho, dado que alguém pudesse supor nele outras intenções que as puramente comerciais. Mitya não fora apresentado ao velho, nem lhe dissera uma palavra. Só o conhecia de vista, mas não sabia que razões o levavam a crer firmemente que aquele depravado, que tinha um pé na sepultura, não impediria que Gruchenka se assegurasse de uma posição respeitável casando-se com um homem que a amava. E não só não poria inconvenientes como o desejaria, e chegada a ocasião prestaria a sua ajuda. Por algum rumor ou alguma palavra vaga de Gruchenka, deduzira que o velho o preferia a Fedor Pavlovitch para a sua protegida.

Pensará algum dos meus leitores que, dispondo-se a admitir esta ajuda e a tomar a noiva das mãos do seu protetor, Dmitri punha de manifesto a sua falta de apreensão e de delicadeza. Não. Tenha-se em conta que Mitya

dava por terminada, naquele momento, a vida de Gruchenka, e vendo com infinita piedade o passado, anelava com todo o ardor da sua paixão uma nova Gruchenka e um novo Dmitri, limpos de todo o vício, desde o instante em que ela o aceitasse por esposo, esquecendo-se mutuamente do que haviam sido no passado. Quanto a Kuzma Samsonov, Dmitri considerava-o como um qualquer que tivesse influído fatalmente no passado de Gruchenka, sem obter o amor desta e que agora devia ser considerado uma das tantas coisas olvidáveis e até inexistentes. Mitya não via nele o rival, sabendo toda a gente que não era já mais do que um cadáver vivo e que desde há muito as suas relações com Gruchenka só podiam ser de índole paternal.

De qualquer modo é preciso reconhecer que Mitya era, apesar dos seus vícios, muito ingénuo. E boa prova disso é que estava de todo persuadido de que em vésperas de partir para o outro mundo, Kuzma devia sentir-se sinceramente arrependido das suas relações com Gruchenka e que esta não podia contar com um protetor mais decidido do que o velho indefeso.

Depois da sua entrevista com Aliocha não conseguiu dormir toda a noite e às dez horas da manhã seguinte já estava em casa de Samsonov, fazendo-se anunciar. Era um grande e triste edifício de dois andares, com um pavilhão exterior para o serviço. No piso de baixo viviam os dois filhos casados, com as suas famílias, a irmã, já velha, e a filha solteira. No pavilhão, dois dos criados, um dos quais tinha numerosa família. Viviam amontoados, mas o velho reservou-se o andar superior e não consentia que nele se instalasse a filha que tratava dele e que era obrigada a subir a horas mortas e sempre que ele lhe apetecesse chamá-la, sem consideração pela asma de que sofria.

Compunha-se este andar de dois grandes salões que só serviam de ostentação, mobilados ao velho estilo dos comerciantes, com grandes filas de cadeiras de acaju toscamente lavradas e encostadas à parede, candelabros de vidro sempre na sombra e espelhos melancólicos. Os aposentos, estavam desocupados e inúteis, pois o velho refugiara-se num quarto onde era tratado por uma antiga criada que usava touca, e um moço que geralmente se sentava na antecâmara. Os pés inchados do comerciante mal lhe permitiam dar alguns passos e só deixava o cadeirão de couro para dar uma ou duas voltas pela sala, sustido pela criada.

Quando lhe anunciaram a chegada do «capitão», negou-se a recebê-lo. Mitya insistiu, voltando a declinar o nome. Samsonov interrogou então o

moço. Que aspeto tinha? Estava bêbado? Vinha fazer barulho? Soube que estava sereno, mas não queria ir-se embora. Recusou vê-lo. Mitya, pressentindo isto, tinha levado lápis e papel. Escreveu: *Importantíssimo assunto relacionado com Agrafem Alexandrovna* e enviou-o ao velho.

Depois de pensar um pouco, mandou que o moço o conduzisse ao salão e a criada que chamasse em seguida o filho mais novo. Este, um homenzarrão de musculatura atlética, vestido e barbeado à europeia, enquanto o pai usava cafetão e barba, acudiu logo sem qualquer comentário, pois toda a família tremia perante o velho. Este não chamara o gigante por medo ao «capitão», mas porque queria uma testemunha, prevendo algum despropósito. Apoiando-se ao filho e ao criado, arrastou-se, animado da curiosidade que se pode imaginar. O salão onde Mitya aguardava era vasto, tétrico mesmo, capaz de oprimir o coração daquele que ali entrava pela primeira vez, com a sua dupla fila de janelas, as paredes pintadas, as enormes aranhas de cristal que emitiam clarões passageiros através do tecido leve dos quebra-luzes.

Mitya esperava sentado numa cadeira, junto à porta, com nervosa impaciência pela sua sorte, e quando o velho apareceu no extremo do corredor, a uma distância como de setenta pés, levantou-se e foi ao encontro dele com passo marcial. Mitya vestia com elegância uma sobrecasaca abotoada e trazia nas mãos as luvas negras e o chapéu de abas largas, tal como na visita feita ao Venerável, em companhia do pai e dos irmãos. Samsonov aguardou-o, digno e repousado, observando-o dos pés à cabeça enquanto se aproximava. Mitya ficou muito impressionado perante a cara do velho, tão inchada que o lábio inferior, antes delgado e esticado, lhe caía agora como o de um belfo. O ancião saudou-o com um gesto mudo e indicou-lhe a cadeira, enquanto ele próprio se baixava para se sentar no sofá ao lado, gemendo penosamente, de tal modo que Mitya sentiu remorsos e pena pelo incómodo que ele, um ser desprezível, se atrevera a ocasionar a pessoa tão elevada.

— Que deseja de mim, senhor? — perguntou o velho com sossegada e ligeira cortesia, uma vez acomodado no seu lugar.

Mitya estremeceu, levantou-se e, voltando a sentar-se, começou a falar, apressadamente, com gestos confusos e atropelados. Parecia um náufrago que chega extenuado à tábua de salvação e faz o último esforço, pronto a deixar-se afogar se não conseguir agarrá-la. Provavelmente,

Samsonov percebeu o alcance da situação, mas continuou frio e impassível como uma estátua.

— Digno senhor Kuzma Kuzmitch, já se deve ter inteirado das contendas que tenho com meu pai, Fedor Pavlovitch Karamazov, que me roubou a herança da minha mãe... Toda a cidade fala do mesmo... porque aqui não se fala senão do que se não deve... mas já o sabe por Gruchenka... perdão, por Agrafena Alexandrovna... a dama que me merece mais respeito e consideração...

Assim começou Mitya, com boas maneiras. Não repetiremos o seu discurso palavra por palavra, resumiremos apenas o principal. Três meses antes fora «ex-professo» consultar um advogado da capital de província, «um célebre advogado, Kuzma Kuzmitch, Pavel Pavlovitch Kornoplodov. Já ouviu falar dele? Um talento, uma cabeça de estadista... conhece-o... Falou-me de si nos termos mais elevados...» Mitya sentiu-se abatido, mas não perdeu o ânimo. Respirou com força e voltou à luta.

Kornoplodov, depois de o interrogar meticulosamente e examinar os documentos que lhe pudera levar — Mitya aludia a estes documentos de modo confuso, passando por este ponto como sobre brasas —, declarou que podiam entabular um pleito com respeito à aldeia de Chermachnia que devia ter passado diretamente para Mitya, dando xeque-mate ao malvado do pai... «porque nem todas as portas estão fechadas e a justiça encontra sempre um resquício.» De facto, podia contar com uma soma adicional de seis ou sete mil rublos de Fedor Pavlovitch, posto que Chermachnia valia mais de vinte e cinco mil. Podia dizer-se que vinte e oito mil e, bem avaliado «trinta, trinta mil, Kuzma Kuzmitch, e quer crer que não tirarei dezassete mil rublos a esse homem sem me custar?» Durante muito tempo, ignorante das leis, abandonara o assunto, mas ao chegar à cidade vira-se apertado, carregado de dívidas. De novo se sentia abatido, arrastado para o fundo e deu outra vez uma forte sacudidela para a frente. «Então não queria, excelente e nobre Kuzma Kuzmitch, ter a bondade de me aceitar todos os direitos contra esse monstro a troco unicamente de três mil rublos?... Já vê que em nenhum caso pode perder. Por minha honra, por minha honra o juro. Pode, pelo contrário, ganhar seis a sete mil rublos...» A questão era que o negócio ficasse terminado naquele mesmo dia.

«Formalizaremos este negócio em casa de um notário ou seja como for... estou disposto a tudo... cumprirei todos os requisitos legais... o que o senhor deseje que eu assine, assinarei, e ficaremos de acordo

imediatamente... caso seja possível, esta manhã mesmo... Dar-me-á esses três mil rublos, porque não há na cidade outro capitalista que se lhe possa comparar, e assim salvar-me-á... salvar-me-á realmente... cumprindo uma boa ação, uma ação nobre, asseguro-lhe... Tenho as mais honradas intenções acerca de uma pessoa bem nossa conhecida e para a qual é como um pai. Eu não teria aqui vindo se não fosse assim. Existe uma luta de três neste negócio, uma é a sorte. E espantoso, Kuzma Kuzmitch, uma tragédia! E como o senhor se retirou há algum tempo, continua a guerra de morte entre os dois. Explico-me talvez grosseiramente, mas não sou um literato. Ora repare, eu estou de um lado e do outro aquele monstro. Escolha entre o monstro e eu. Está tudo nas suas mãos: o destino de três vidas e a felicidade de duas... Perdoe-me, estou a tornar tudo muito confuso, mas já me entende... vejo nos seus respeitáveis olhos que compreende tudo... e se não compreender, chega-me para... já vê!»

Mitya terminou a sua conversa atropelada com aquele «Já vê!» e levantou-se, esperando a resposta à sua louca proposta. Depois da última frase percebeu de repente que se havia afundado sem remédio, e sobretudo que não dissera mais do que disparates.

«Que coisa tão estranha», pensou. «Parecia que tudo ia bem e agora vejo como é ridículo.» E esta ideia enchia-o de desespero.

Enquanto falava, o velho permaneceu imóvel, dirigindo-lhe um olhar glacial. Ao fim de um momento em suspenso, Kuzma Kuzmitch pronunciou em voz trocista e de homem prático:

— Perdoai, não nos ocupamos de tais assuntos.

Mitya sentiu que se lhe dobravam as pernas.

— Que tenho de fazer agora, Kuzma Kuzmitch? — balbuciou, sorrindo. — Suponho que tudo se acabou para mim... O senhor que pensa?

— Perdoai...

Mitya ficou imóvel, olhando-o fixamente. Notara uma mudança no rosto do velho. Tremia.

— Repare, senhor, estes negócios não nos convêm — disse o velho lentamente. — Os tribunais e os advogados são uma calamidade. Mas se o desejar, há um homem a quem pode recorrer.

— Deus do Céu! Quem é? O senhor é a minha salvação, Kuzma Kuzmitch! — tartamudeou o jovem.

— Não vive aqui nem se encontra presente. É um aldeão que negoceia em madeiras e chama-se Lyagavy. Há quase um ano que se encontra em

tratos com Fedor Pavlovitch por causa do vosso bosque de Chermachnia e não concordam com o preço, como deveis ter ouvido. Agora voltou e hospedou-se em casa do cura de Ilyinskoe, a umas doze *verstas* de Volovya. Escreveu-me, pedindo conselho. Sei que Fedor Pavlovitch pensa lá ir vê-lo. Se lhe tomar a dianteira e oferecer a Lyagavy o que me ofereceu a mim, pode ser...

— Ideia genial! — gritou Mitya radiante. — É o homem de que necessito e corro a procurá-lo. Está em negociações com ele, pede demasiado; eu lhe mostrarei todos os documentos dessa propriedade, que lhe será conferida. Ah! ah! ah!

E Mitya rompeu numa gargalhada breve, selvagem que fez Samsonov estremecer.

— Como agradecer-lhe, Kuzma Kuzmitch? — gritou efusivamente.

— Não há de quê — disse Samsonov, inclinando-se.

— Mas não vê que me salvou? Eu bem tinha o pressentimento de que vindo vê-lo... Pois desse modo vou em busca desse cura!

— Não me agradeça.

— Vou já correndo. Temo haver esgotado as suas forças. Jamais esquecerei o que fez por mim. É um russo quem lho diz, Kuzma Kuzmitch, um russo!

— Acredito.

Mitya pegou-lhe na mão para a apertar, mas viu passar um relâmpago maligno pelos olhos do velho e retirou a sua. Em seguida culpou-se de desconfiança, pensando: «Deve estar cansado» e disse na sua voz forte:

— É por ela! É por ela, Kuzma Kuzmitch! Já compreende que é por ela que o faço. — E com uma reverência deu meia volta e dirigiu-se à porta com o mesmo passo marcial, sem se voltar.

Estava exaltado de felicidade. «Tudo parecia cair-me em cima e um anjo da guarda salvou-me», pensava. «E quando um homem de negócios como Samsonov (que velho tão venerável e que dignidade a sua!) me indicou tal procedimento, o êxito é seguro. Há que apressar-me. Esta noite estarei de volta e tudo terei arranjado. Acaso o velho brincaria comigo?», perguntava Mitya, apressando o passo até casa. Não lhe cabia na cabeça que não fosse de mais fácil realização o conselho que havia dado «um homem de negócios como aquele», tão entendido em semelhantes assuntos e conhecedor de Lyagavy. A não ser... que o velho estivesse a gozá-lo...

Ah! Nisso não se enganava. O próprio Samsonov confessou, rindo, logo que sobreveio a catástrofe, que o havia tomado pelo «capitão». Era um homem frio, sarcástico, propenso a violentas antipatias. Se foi o excitado aspeto do capitão ou a louca convicção que tinha «aquela caveira dilapidada» de fazê-lo tragar o anzol, ou os ciúmes por Gruchenka, em cujo nome lhe vinha aquele «velhaco» com tais contos para lhe arrancar dinheiro, o que irritou o velho, não foi capaz de o dizer. O caso é que quando Mitya sentiu que lhe fraquejavam as pernas e se confessou perdido, o velho, com um olhar de íntimo desprezo decidiu gozá-lo. Quando Mitya saiu, Kuzma Kuzmitch, pálido de cólera, voltou-se para o filho e ordenou-lhe que tratasse com que aquele miserável não se aproximasse dali nem lhe fosse permitida a entrada sequer no pátio, pois de contrário...

Não acabou a ameaça. Nem fazia falta, porque até o filho tremia de medo quando o via irritado. Durante uma hora esteve o velho a desafogar a sua cólera. À tarde sentiu-se pior e foi necessário chamar o médico.

Capítulo 2 — Lyagavy

Devia partir de corrida e encontrava-se sem dinheiro para alugar cavalos. Só lhe restavam dos seus anos de prosperidade catorze *kopeks!* Tinha em casa um relógio de prata, inútil. Levou-o a um judeu, dono de uma relojoaria na Praça do Mercado, e conseguiu seis rublos por ele.

— Não esperava tanto! — exclamou Mitya radiante.

Ainda conservava algum entusiasmo. Com os seis rublos voltou a casa e pediu aos seus hospedeiros mais três, que lhe deram gostosos, ainda que fossem toda a sua fortuna. Queriam-lhe sinceramente. Mitya, exaltado, disse-lhes então que naquele mesmo dia se decidiria a sua sorte e contou-lhes atropeladamente o plano que expusera a Samsonov, a decisão deste, as próprias esperanças para o futuro, etc., etc. Estas pessoas guardavam muitos segredos que lhes revelara o seu inquilino e consideravam-no um cavalheiro sem nenhum orgulho, dando-lhe trato familiar. Em poder de nove rublos, Mitya mandou alugar cavalos na estação de Volovya. Desta maneira ficou estabelecido o facto de que «ao meio-dia da véspera do sucesso, Mitya, sem um cêntimo, teve que vender o relógio e pedir emprestado para poder proporcionar-se algum dinheiro, e tudo na presença de testemunhas.»

Anoto isto, logo se verá porquê.

Embora radiante com a satisfação antecipada de ter vencido todas as dificuldades, assaltou-o pelo caminho o temor do que pudesse fazer Gruchenka na sua ausência. E se lhe ocorresse ir naquele mesmo dia a casa de Fedor Pavlovitch? Por isso tinha partido sem lhe dizer nada, recomendando à dona da casa que a ninguém revelasse o seu destino, se o perguntassem.

«É necessário, é necessário regressar esta noite», repetia, «ainda que tenha que arrastar comigo esse Lyagavy... para redigir a escritura.» Assim pensava ele, na agitação do seu ânimo; mas não teria a sorte de que se realizassem os seus sonhos.

Para começar, chegou tarde porque tomou um caminho a partir da estação de Volovya, que aumentou para dezoito as doze verstas de

distância. Depois não encontrou em casa o cura de Ilyinskoe porque este fora a uma aldeia próxima. Enquanto o procurava com os mesmos cavalos, prestes a rebentarem, fez-se noite.

O cura, um homenzito amável e precavido, disse-lhe que Lyagavy já não estava com ele, mas em Suhoy Posyolok, e que passava a noite em casa do guarda de um bosque que também tinha intenções de comprar. Mitya suplicou-lhe que o levasse lá «se queria salvar-lhe a vida». O cura hesitou um pouco, mas vencido pela curiosidade consentiu em guiá-lo até Suhoy Posyolok, aconselhando, para seu mal, que fossem a pé, pois não distava mais de uma *versta.* Puseram-se em marcha e o cura teve de correr para se manter ao lado de Dmitri, que avançava com passo de gigante.

Mitya começou a explicar-lhe o plano e, nervoso, excitado, pedia-lhe conselho com respeito a Lyagavy. O cura escutava-o atento, sem atrever-se a dar conselhos. Era homem avisado antes de chegar a velho. «Não sei. Ah! Não posso dizer-lhe. Oh, que lhe poderei eu dizer!», etc. Ao saber que o seu acompanhante se encontrava em dissensão com Fedor Pavlovitch, a quem devia muito, mostrou-se alarmado e não menos surpreendido ao ouvir que chamava ao comerciante camponês Lyagavy, recomendando-lhe encarecidamente que, embora na realidade tal fosse o seu nome, nunca se lho dava, sob pena de o ofender gravemente. Que lhe chamasse Gorstkin, se queria chegar a algum acordo com ele, porque de outro modo nem sequer o atenderia.

Mitya parou e disse que era assim que Samsonov lhe chamara. O sacerdote, quando tal ouviu, desviou o tema, ocultando-lhe a suspeita que tinha acerca dos propósitos de Samsonov, pois se este o havia mandado ao camponês chamado Lyagavy não seria com intenção de o prejudicar, mas decerto de o colocar numa posição ridícula. Mitya não podia dar atenção a ninharias. Caminhava em passo ligeiro e ao chegar a Suhoy Posyolok deu-se conta de que não haviam percorrido uma *versta* ou *versta* e meia, mas sim mais de três. Isto irritou-o, mas conteve-se.

Entraram na cabana. Um dos lados era ocupado pelo guarda. Do outro lado da porta havia um aposento mais bem arranjado, que Gorstkin habitava. Entraram e acenderam uma grande vela. O quarto estava quente. Na mesa havia um samovar que fervera até se esgotar, uma bandeja com copos, uma garrafa de *rum,* vazia, meia de *vodka* e alguns bocados de pão branco. O comerciante, deitado em cima de um banco com o casaco

dobrado sob a cabeça a jeito de almofada, roncava pesadamente. Perto dele, Mitya ficou perplexo.

— Não tenho outro remédio senão acordá-lo. O assunto é demasiado transcendente e tenho pressa. Quero despachar-me e regressar ainda esta noite — disse, tomado de grande agitação. Mas o cura e o guarda, em vez de lhe darem a sua opinião, calaram-se.

Mitya tentou despertar o homem, mas não o conseguiu apesar de todos os esforços.

— Está bêbado! — declarou Mitya. — Santo Deus! Que faço eu agora? Que faço? — E terrivelmente impaciente começou a sacudir-lhe os braços, as pernas, a cabeça, levantando-o até conseguir sentá-lo. Apesar de todos os seus esforços, não conseguiu obter mais do que estúpidos grunhidos e pragas incoerentes.

— Não será melhor aguardar um pouco? — disse por fim o cura. — Vê-se que não está bem disposto.

— Bebeu durante todo o dia — atalhou o guarda.

— Deus do céu! — exclamou Mitya. — Se soubessem o importante que é tudo e como me tem impaciente!

— Não vale mais esperar por amanhã? — repetiu o cura.

— Amanhã? Perdoe-me! É impossível!

E no seu desespero, começou a sacudir outra vez o bêbado, deixando-o em seguida ao ver a inutilidade dos seus esforços.

O sacerdote calava-se; o guarda aborrecia-se.

— Que tragédias nos acarreta o destino! — gritou Mitya desesperado.

E o suor gotejava-lhe na fronte.

O cura aproveitou o momento para lhe fazer compreender que ainda que conseguisse despertar aquele homem, a bebedeira impedi-lo-ia de tratar um assunto sério.

— E como o seu é muito sério, fará melhor em deixá-lo para amanhã.

Mitya anuiu com a cabeça.

— Padre, ficarei aqui, esperando o momento oportuno. Quando acordar, falar-lhe-ei. A luz fica por minha conta — acrescentou, dirigindo-se ao guarda. — E também o alojamento de uma noite. Lembrar-te-ás de Dmitri Karamazov. O que não sei, padre, é como tratar de si. Onde dormirá?

— Eu... eu vou para casa. Levo o cavalo deste — disse, indicando o guarda. — Boa noite, desejo-lhe o melhor êxito.

E saiu. O sacerdote fazia trotar o cavalo, contente por ter escapado, mas dava voltas à cabeça, refletindo na conveniência de informar no dia seguinte o seu benfeitor, Fedor Pavlovitch, do curioso incidente, «não vá saber do caso noutra altura, aborrecer-se e retirar-me a sua amizade».

O guarda, coçando a cabeça, foi para o quarto sem dizer palavra e Mitya sentou-se no banco para «esperar o momento oportuno». Uma angústia profunda invadia-lhe a alma como uma densa névoa.

Um imenso abatimento! Queria refletir e não coordenava os pensamentos. A vela ardia bruxuleante e um grilo cantava. A reclusão, naquele quarto sufocante, tornou-se insuportável e imaginou o jardim da sua casa, a porta que se abria cautelosamente e Gruchenka que entrava. Saltou do banco.

— Que tragédia! — disse, rangendo os dentes. De modo maquinal, aproximou-se do que dormia e examinou-o. Era fraco, de idade mediana, rosto grande, cabelos revoltos e barba longa, rala e arruivada. Vestia camisa azul de algodão o casaco negro, donde saía, de um dos bolsos, a cadeia de um relógio de prata.

Olhou-lhe o rosto com ódio intenso e, sem saber porquê, os caracóis dos seus cabelos incendiaram-lhe o sangue.

Humilhava-o de maneira insuportável que depois de abandonar coisa tão importantes, de fazer tantos sacrifícios, completamente esgotado e com negócios tão urgentes a resolver, tivesse que cruzar os braços ante aquele velhaco de quem dependia a sua sorte, para o ver roncar daquele modo, como que vindo de outro mundo.

— Oh, sarcasmo do destino! — exclamou Mitya, e perdendo a cabeça atirou-se contra o bêbado e sacudiu-o com ferocidade. Mas ao fim de cinco minutos de exercício tão brutal, vendo que tudo era inútil, voltou a sentar-se, desalentado. — Estúpido! Estúpido! — gritou. — E que indigno é tudo isto! — acrescentou, inspirado por um raro sentimento. Ardia-lhe a cabeça horrivelmente.

«Mando tudo para o diabo e vou-me embora? Não, esperarei pela manhã. Ficarei. Para que teria vindo? Além do mais não tenho outro remédio. Como sairia agora daqui? Oh, este idiota!»

A dor de cabeça aumentava. Permaneceu imóvel, sentado, e assim mesmo adormeceu. Ao fim de umas duas horas despertou-o uma forte dor de cabeça que quase o fez gritar.

Sentia marteladas nas fontes, acreditava que lhe apodrecia o crânio. Demorou em despertar completamente para se dar conta do que se passava.

Por fim, reparou que o quarto estava cheio de fumo da estufa e que podia morrer asfixiado.

E aquele borracho ainda roncava! A vela estava quase a extinguir-se. Mitya correu, gritando pelo guarda que, despertando, o escutou como quem ouve chover e consentiu em ir dar uma vista de olhos.

— Mas se está morto, se está morto? E que... que faço eu, depois? — gritava Mitya como um louco.

Abriram a porta, uma janela e o respiradouro da chaminé. Mitya pegou num balde de água da entrada e molhou a cabeça. Depois empapou o primeiro trapo que lhe veio à mão e aplicou-o na testa de Lyagavy. O guarda deixava-o trabalhar, com desdém. Depois de abrir a janela, grunhiu:

— Agora tudo irá bem.

E voltou a deitar-se, deixando a Mitya uma lanterna acesa.

Este afadigou-se durante meia hora, molhando a cabeça do bêbado, decidido a não dormir mais naquela noite. Mas estava tão esgotado que, ao sentar-se, para recobrar alento, caiu sobre o banco e adormeceu sem querer.

Já tarde, teve motivos para se alarmar. Batiam as nove horas. O sol entrava a rodos pelas duas janelas. O camponês sentava-se no banco, com o casaco vestido, ante o samovar preparado e uma nova garrafa, consumida já até metade, depois de haver acabado a que restara da véspera. Mitya levantou-se rapidamente e compreendendo que aquele maldito camponês continuava bêbado, ficou-se a mirá-lo com olhos de pasmo. O comerciante, calado e astuto, vigiava-o com ar de insolência e pareceu a Mitya que com certa condescendência desdenhosa. O jovem aproximou-se dele e disse-lhe:

— Perdão... eu... bom, o guarda já lhe deve ter dito. Sou o tenente Dmitri Karamazov, filho do velho Karamazov a quem pretende comprar o bosque.

— Mentira! — respondeu o camponês com calma e firmeza.

— Mentira? Não conhece Fedor Pavlovitch?

— Não conheço nenhum Pavlovitch — disse o outro com palavras rápidas e cortantes.

— Mas sim, o senhor está em negociações com ele para a compra do bosque... do bosque. Desperte e lembre-se. O Padre Pavel de Ilyinskoe acompanhou-me aqui. O senhor escreveu a Samsonov e ele mandou-me... — Mitya respirava com dificuldade.

— Está a mentir! — replicou Lyagavy.

As pernas de Dmitri fraquejaram.

— Por favor! Não é coisa para brincar! Mesmo bêbado acho que pode falar e compreender... se não... Não o entendo!

— És um pintor!

— Por Deus! Eu sou um Karamazov, Dmitri Karamazov. Venho fazer-lhe uma oferta vantajosa... muito vantajosa para esse bosque.

O camponês acariciou a barba com importância.

— Não. A ti pagaram-te para me preparar a armadilha. És um malandro!

— Asseguro-lhe que está enganado! — gritou Mitya, retorcendo as mãos de desespero.

O camponês, sem deixar de acariciar a barba, fez rodar os olhos astutamente.

— Então, prova-mo. Diz-me que lei permite as velhacarias. Ouves? És um canalha! Entendeste?

Mitya retrocedeu, sombrio, e de repente compreendeu. Como ele próprio costumava dizer «acendeu-se uma luz na sua inteligência e abarcou a situação». E ficou estupefacto ao pensar que ele, inteligente, se havia deixado conduzir a semelhante tolice, afundando-se naquela aventura graciosa que já durava há vinte e quatro horas, interessando-se demasiado por Lyagavy, aplicando-lhe compressas de água fria...

«Que ganharei em esperar se este homem está bêbado perdido e continuará assim durante mais uma semana? E se Samsonov me tivesse mandado com intenção deliberada? E se ela... Meu Deus! Que fiz?»

O outro contemplava-o, divertido. Noutras circunstâncias, Mitya teria morto este louco num arrebatamento, mas agora sentia-se fraco como uma criança. Voltou ao banco, pegou no casaco, vestiu-o e, sem dizer palavra, saiu. No quarto do guarda não havia ninguém. Tirou quinze *kopeks* em miúdos e deixou-os na mesa como pagamento da vela, do alojamento daquela noite e das maçadas que dera. Lá fora viu-se rodeado de mato, e, não sabendo que caminho tomar, começou a andar ao acaso. Com a pressa da vinda não pensara em fixar a estrada. Tomou um pequeno atalho,

maquinalmente, quase apagado, sem sentir animosidade contra ninguém, nem contra o próprio Samsonov. Estava tão extenuado de corpo e alma que uma criança o teria vencido. Ao sair do bosque encontrou-se numa vasta planície de campos baldios.

«Que desolação! Que silêncio de morte me envolve!», pensou.

O encontro com um mercador ambulante que guiava uma tartana foi a sua salvação. Mitya perguntou-lhe qual o caminho que devia seguir e como iam os dois para o mesmo sítio, Mitya subiu para o carro. Três horas mais tarde, chegavam a Volovya. Mandou preparar os cavalos e como se sentia morrer de fome, pediu que lhe servissem algo de comer enquanto esperava. Devorou uma tortilha num instante, um grande pedaço de pão e chouriço e esvaziou três copos de *vodka.* Depois de comer, sentiu-se reanimado e empreendeu o regresso. Ocorreu-lhe então outro plano «infalível» para arranjar o maldito dinheiro naquele mesmo dia. «E saber que a vida de um homem depende de uns miseráveis três mil rublos!», pensava. «Hoje mesmo os obterei!» E sentir-se-ia até contente, não fosse a preocupação do que Gruchenka teria feito na sua ausência... Este pensamento era como a ponta afiada de um punhal que se lhe enterrava no coração.

Quando chegou, Mitya correu a vê-la sem perda de um momento.

Capítulo 3 — As Minas de Ouro

Era a visita de que Gruchenka falou a Rakitin com tal espanto. Aguardava a «mensagem», muito satisfeita de não ter visto Mitya em todo o dia, e rogara a Deus que o mantivesse afastado até que ela partisse, quando de repente lhe apareceu o indesejado. Já saberemos o que aconteceu. Para o afastar de si, fingiu ter de ir a casa de Samsonov, onde passaria a noite a fazer contas e, ao despedi-lo à porta, prometeu-lhe que à meia-noite a poderia acompanhar a casa. Mitya estava encantado por a saber em companhia de Samsonov, certo de que não iria ver Fedor Pavlovitch, a não ser que o enganasse. Mas não, tudo lhe parecia sincero.

Dmitri pertencia a essa classe de ciumentos que, na ausência da amada, a imaginam entregue aos piores horrores e a todas as traições que lhes sugere a sua fantasia, e voltam à mulher tremendo, transidos de dor, convencidos da sua infidelidade; e ao primeiro olhar que ela lhes dirige, sorrindo, formosa e amável, recobram as forças, abandonam toda a suspeita e recriminam-se muito satisfeitos.

Ao deixar Gruchenka, correu a casa. Tinha ainda tantas coisas a fazer! Mas pelo menos estava aliviado de um grande peso.

«Agora só me falta ver Smerdyakov para que me diga o que aconteceu esta noite; não tenha ela cá vindo.»

Antes de chegar a casa já os ciúmes haviam aparecido de novo no seu inquieto coração.

Os ciúmes! «Otelo não era ciumento, era um homem confiado», disse Pushkin, e esta observação punha a manifesto o espírito perspicaz do nosso poeta. A alma de Otelo perturbou-se, obcecou-se unicamente perante um ideal destroçado; mas ele não se escondia, não espiava. Era confiado. Teve que ser conduzido, empurrado, aguilhoado, para que chegasse à evidência da traição. Não é assim o verdadeiro ciumento. Impossível descrever a vergonhosa degradação moral a que pode descer um homem ciumento, sem sentir na sua consciência o menor escrúpulo. E não porque o ciumento tenha uma alma vil e plebeia; pelo contrário, um homem de coração nobre, de amor puro e pleno de abnegação, é também

capaz de ocultar-se sob uma mesa, subornar gente baixa, familiarizar-se com a mais baixa ignomínia da espionagem.

Otelo era incapaz de aceitar a ideia de uma infidelidade — não dizemos de a perdoar, mas de a admitir — ainda que fosse tão inocente e ingénuo como uma criança. Isto não sucede com um homem ciumento. É difícil saber-se o que alguns ciumentos aceitam, o que vigiam e o que perdoam. São os mais predispostos a fazê-lo, aliás. O homem ciumento pode esquecer tudo com uma rapidez extraordinária — mas só depois de uma cena violenta, claro. Perdoa a infidelidade mesmo tendo dela provas materiais, até os beijos e os abraços que ele próprio surpreendeu, por pouco que se convença que são os «últimos» e de que o «outro» desaparecerá para sempre, de que partirá para longe, ou ele mesmo poderá levar a amada aonde não a possa encontrar o temido rival. Esta resolução, claro, é passageira, pois ainda que desapareça o rival, não tardará em inventar outro de quem pode ter ciúmes. E perguntamos, admirados, que amor é esse tão cheio de receios? Que pode haver de digno num amor que necessita de rigorosa vigilância? Mas um ciumento não compreende a nossa estranheza, por nobre de coração que seja. É de notar que estes ciumentos que se ocultam num armário a espiar, a escutar, nunca sentem em tal momento o aguilhão da consciência, ainda que na sua «alma nobre» vejam com bastante clareza a vergonha da baixeza em que se afundaram voluntariamente.

Em presença de Gruchenka, os ciúmes de Mitya desapareceram, recobrando ele o seu aspeto nobre e confiado e desprezando todos os seus vis sentimentos. Isto prova que o seu amor por esta mulher participava de algo mais que só a paixão pela «linha do corpo» de que lhe falara Aliocha. Mas mal a perdeu de vista, caiu de novo na suspeita das mais hábeis infidelidades, sem que a consciência o avisasse do seu erro.

Os próprios ciúmes instigavam-no a deixar acabados, quanto antes, os seus assuntos. O mais rápido era arranjar um pequeno empréstimo para as necessidades imprevistas, pois os nove rublos haviam-se-lhe esgotado na viagem, e sem dinheiro não se pode dar um passo. Já havia pensado, no caminho, como arranjar algum dinheiro. Possuía um par de formosas pistolas de duelo que não havia penhorado pela grande estima em que as tinha. Um funcionário que conhecera na taberna *La Metropoli* sentia uma verdadeira paixão pelas armas. Solteirão endinheirado, comprava pistolas, punhais, espadas e pendurava-as nas paredes da sua casa para admiração

dos amigos. Sem pensar mais, Mitya foi vê-lo e pedir-lhe que lhe emprestasse dez rublos pelas pistolas. O colecionador esforçou-se por o persuadir a que lhas vendesse, mas como Mitya não o consentisse, entregou-lhe dez rublos, protestando que por nada do mundo aceitaria juros. Despediram-se amistosamente.

Mitya estava em brasas e correu a casa do pai pela rua de trás, para ver Smerdyakov o mais depressa possível.

Deste modo ficou estabelecido que três ou quatro horas antes do sucesso que mencionarei em breve, Mitya estava sem um cêntimo e penhorava por dez rublos um objeto, para ele precioso, ainda que daí a poucas horas estivesse na posse de milhares de rublos... Mas estou a antecipar-me. Maria Kondratyevna, a vizinha, contou-lhe da doença de Smerdyakov, descrevendo-lhe a crise que lhe sobreviera ao cair na cave; a visita do doutor, a ansiedade de Fedor Pavlovitch e a partida de Ivan para Moscovo naquela manhã.

«Então», pensou Dmitri, «deve ter passado por Volovya antes de mim.» Mas o caso Smerdyakov tinha-o transtornado. «Que se passará aqui? Quem vai espiar por mim? Quem me avisará?» E começou a perguntar à mulher se sucedera alguma coisa no dia anterior. Ela, inteirada do que interessava a Mitya, tranquilizou-o. Ninguém aparecera. Ivan passara a noite em casa e não notara nada de extraordinário. Mitya ficou pensativo. Não tinha outro remédio senão espiar ele próprio, naquela noite. Mas onde? Ali ou à porta de Samsonov? As duas portas tinham que ser vigiadas e entretanto... entretanto... O mal era que tinha de levar a cabo o plano preconcebido, cujo êxito dava por certo, mas que não podia atrasar. Resolveu sacrificar-lhe uma hora. «Numa hora terei tudo arranjado e então, então, antes de mais nada vou a casa de Samsonov inteirar-me se Gruchenka ainda lá está. Portanto, estarei aqui até às onze e depois vou outra vez a casa de Samsonov para a acompanhar.» Dito e feito.

Voou até casa, lavou-se, penteou-se, escovou a roupa e saiu para ir ver a senhora Hohlakov. Ah! Nela fundava as suas esperanças. Estava resolvido a pedir-lhe três mil rublos, convencido de que ela não lhos negaria. Talvez surpreenda por que razão, se estava tão seguro, se não se dirigira a ela, em vez de a Samsonov, homem a quem não conhecia, que não era da sua classe e com quem mal sabia como falar.

Mas o caso é que além de não conhecer muito a senhora Hohlakov e não ter tido notícias dela durante um mês, sabia que não o suportava.

Detestava-o porque era o noivo de Catalina Ivanovna, e sem saber porquê, ficara com o desejo de que a jovem rompesse com ele para se casar com o «amável e cavalheiresco Ivan, que possuía uns modos tão bonitos». Detestava as maneiras de Mitya e este correspondia, troçando dela e dizendo que era tão leviana e caprichosa como ignorante. Mas naquela manhã, na tartana, ocorrera-lhe uma ideia maravilhosa: «Se tanto se empenha em que não me case com Catalina Ivanovna» — bem sabia ele que quanto a este ponto se deixava levar pelo nervosismo — «por que me negaria os três mil rublos que me permitiriam afastar-me de Katya para sempre? Estas senhoras pródigas não reparam em gastos para satisfazer os seus caprichos, quando põem o coração nalguma coisa. Além do mais, ela é riquíssima.»

Quanto ao «plano», continuava a ser o mesmo, oferecer os seus direitos sobre Chermachnia, não já com um fim comercial, tal e qual o havia proposto a Samsonov, mas como hipoteca do crédito. Mitya estava encantado com esta ideia, como com qualquer das suas repentinas decisões. Todas as ideias que se lhe apresentavam como novas, o traziam entusiasmado. Mas quando entrava na casa da senhora Hohlakov, sentiu um calafrio de espanto. Teve a certeza «matemática» de que ali estava a sua última esperança, e se fracassasse já não lhe restaria mais recurso algum do que «roubar e matar qualquer pessoa para arranjar os três mil rublos». Eram sete e meia quando tocou à campainha.

A fortuna parecia saudá-lo, sorrindo. Logo após se ter anunciado, foi recebido. «Como se estivessem à minha espera», pensou. E com efeito, quando o levaram ao salão, a própria dona da casa correu ao seu encontro, dizendo:

— Esperava-o! Esperava-o! Não tinha motivos para supor que viria, como há de compreender, mas esperava-o. Pode admirar-se do meu pressentimento, Dmitri Fedorovitch, mas toda a manhã tenho estado convencida de que vinha.

— É admirável, senhora — assentiu Mitya, sentando-se aturdidamente — mas o assunto que me traz é de grande importância... de suprema importância, senhora... pelo menos para mim... e apresso-me...

— Sei que vem por causa de um negócio importantíssimo, Dmitri Fedorovitch; e não se trata de um pressentimento, nem de uma reacionária propensão para os milagres, que lhe parece? O Padre Zossima! Não podia

deixar de vir depois do que se passou com Catalina Ivanovna; não podia, não podia, é de uma evidência matemática.

— O realismo da vida, senhora. Isso é que é. Mas permita que lhe exponha...

— O realismo, sim, Dmitri Fedorovitch. Agora estou dada por completo ao realismo. Já vi demasiados milagres. Sabe que o Padre Zossima morreu?

— Não, senhora. Ouço-o pela primeira vez. — E ficou um pouco surpreendido, pensando em Aliocha.

— Foi esta noite, e imagine que já...

— Senhora — interrompeu Mitya — não posso imaginar nada a não ser que estou numa situação desesperada, e se a senhora me não ajudar tudo se afundará e eu serei o primeiro. Desculpe a minha falta de maneiras, mas sinto uma enorme tensão febril...

— Já sei, já sei que está febril. Não pode ser de outro modo, e tudo o que me disser, dá-lo-ei por sabido. Preocupei-me muito com a sua sorte, Dmitri Fedorovitch. Não o perdi de vista, tenho andado a estudá-lo... Oh! Creia-me, Dmitri, sou um médico de almas, experimentado.

— Senhora, se na verdade sois um médico experimentado, eu sou um doente experimentadíssimo — replicou Mitya, esforçando-se por se manter cortês — e presumo que se o meu caso lhe interessa tanto, remediará a minha ruína; assim, pois, permita que por fim lhe exponha o plano que aqui me trouxe... e o que de vós espero... Eu vim, senhora...

— Deixe-se de explicações. Isso é o menos, e quanto à ajuda não será você o primeiro a quem tenho ajudado, Dmitri Fedorovitch. Já deve ter ouvido falar da minha prima Belmesov. O marido dela arruinou-se, afundou-se, segundo a vossa expressão. Aconselhei-lhe a que criasse cavalos e agora prospera. Tem alguma ideia sobre cavalos, Dmitri?

— Nem a mais remota, senhora! Ah, senhora, nem a mais remota! — gritou, nervoso, desassossegado, saltando quase do assunto. — Só imploro de vós, senhora, que me ouçais. Concedei-me nem que sejam dois minutos apenas para que lhe possa falar livremente, expondo-lhe por inteiro o plano que aqui me trouxe. Além disso, disponho de pouco tempo. Tenho muita pressa — gritava Mitya, descomposto, vendo que ela ia repetir a sua conversa e procurar estorvá-lo. — Vim desesperado... na agonia do meu desespero, rogar-lhe que me empreste a soma de três mil rublos sobre uma

garantia segura, o mais segura possível. A mais digna de crédito, senhora! Mas deixe-me explicar-lhe...

— Depois, depois diz-me tudo! — interrompeu ela, impondo silêncio com um gesto. — E tudo o que me disser o darei por sabido. Já lho disse. Quer então uma quantia, três mil rublos... posso dar-lhe mais, muito mais... salvá-lo-ei, Dmitri Fedorovitch, mas é necessário que me atenda.

Mitya saltou outra vez no assento.

— Que boa é, senhora! — exclamou com impetuoso afeto. — Santo Deus, haveis-me salvo! E salvo de uma morte violenta, de uma bala... O meu eterno reconhecimento...

— Dar-lhe-ei mais, imensamente mais do que pede — gritou a senhora Hohlakov, contemplando com um radiante sorriso o jovem pasmado.

— Imensamente? Não necessito tanto. Apenas preciso fatalmente de três mil rublos, e pela minha parte assegurarei esta quantia com imenso agradecimento e proponho-lhe um plano que...

— Basta, Dmitri Fedorovitch, está dito e feito — cortou rápido a senhora com ar modesto de dama caridosa. — Prometi salvá-lo e salvá-lo-ei, como salvei o Belmesov. Que pensa das minas de ouro, Dmitri?

— Das minas de ouro, senhora? Jamais pensei nelas para alguma coisa.

— Pois eu pensei por si. Pensei e repensei nelas. Nestas últimas semanas tenho pensado nisso todos os dias e digo para comigo: «Eis um homem enérgico que deve ir para as minas de ouro.» Estudando a sua maneira de andar cheguei a esta conclusão: «Este homem há de encontrar ouro!»

— Pelo meu modo de andar, senhora? — perguntou Mitya, sorrindo.

— Sim, pelo seu modo de andar. Não sabe que se conhece o caráter de uma pessoa pelo seu andar? É uma ideia científica. Dedico-me por completo à ciência e ao realismo. Depois desse caso do Padre Zossima, que tanto me transtornou, sou realista a partir de hoje mesmo e quero entregar-me à utilidade prática. Estou curada. «Basta!», como diz Turgenev.

— Mas, senhora, esses três mil rublos que tão generosamente me prometeu...

— São seus — interrompeu ela vivamente. — Tão seus como se os tivesse no bolso, e não três mil, mas três milhões, Dmitri Fedorovitch; é

questão de um momento. Quero oferecer-lhe uma ideia: descobrirá minas de ouro, será milionário, tornar-se-á um capitalista e animar-nos-á a grandes empresas. Ou teremos de deixar tudo nas mãos dos judeus? Fundará instituições e fará toda a espécie de negócios. Será o benfeitor dos pobres e eles hão de abençoá-lo. Estamos na idade do caminho de ferro, Dmitri Fedorovitch! Terá prestígio e será indispensável no Ministério da Fazenda, que se encontra falido. A diminuição do valor do rublo tira-me o sono; a maior parte das pessoas ignora este aspeto da minha vida.

— Senhora, senhora! — interrompeu Mitya com inquietação. — Eu seguirei o seu conselho, sem dúvida alguma, é um sábio conselho, esse... Irei... para as minas de ouro. Voltarei a falar nisso... muitas vezes, sim... mas agora esses três mil rublos que tão generosamente... Oh! Eles dar-me-ão a liberdade... e se quisesse, hoje... repare, não tenho um minuto, nem um minuto a perder...

— Basta, Dmitri Fedorovitch, basta! — cortou com ênfase a senhora. — A questão é se vai ou não para as minas. Está completamente decidido? Responda: sim ou não.

— Irei, senhora... Irei para onde quiser... mas, agora...

— Espere! — ordenou a senhora Hohlakov. Precipitou-se no seu elegante escritório e começou a abrir caixas e a procurar qualquer coisa.

«Os três mil rublos!», pensou Mitya, sentindo que o coração se lhe paralisava. «E no próprio momento, sem recibos nem formalidades! Isto é o que se chama fazer as coisas em grande estilo! É uma mulher admirável, pena que seja tão tagarela!»

— Aqui está! — gritou ela, voltando. — Aqui está o que eu procurava!

Era uma medalha de prata, com um cordão, uma dessas cruzes que se usam junto à pele.

— É de Kiev, Dmitri Fedorovitch — disse com devoção. — Provém das relíquias da mártir Santa Bárbara! Deixe que eu mesma lho ponha ao pescoço. Dedique-lhe a sua vida, o novo caminho que vai empreender.

Passou-lhe o cordão ao pescoço e prendeu-o. Mitya, completamente confuso, abaixou-se para lhe facilitar a tarefa, depois pegou na imagem e passou-a pelo colarinho da camisa até a sentir junto ao peito.

— Agora pode partir — disse a grande dama, sentando-se, triunfal, na sua cadeira.

— Senhora, estou tão comovido... Não sei como lhe agradecer tanta bondade, mas... Se soubesse como o tempo é precioso para mim... Essa

quantia que ficarei a dever à sua generosidade... Ah, senhora! Posto que é tão boa para mim — e Mitya deixava-se arrebatar, impulsivo — permita que lhe diga... Bom, já o sabe há muito tempo... que amo certa pessoa... fui desleal para com Katya... quero dizer, Catalina Ivanovna... Oh! Portei-me desumana e indignamente, mas sinto amor por outra mulher... uma mulher a quem a senhora talvez despreze, porque está inteirada de tudo, mas a quem eu não posso deixar de amar, e portanto esses três mil rublos...

— Deixe isso tudo, Dmitri Fedorovitch — interrompeu a senhora Hohlakov com ar resoluto. — Deixe isso tudo, e especialmente as mulheres. O que lhe faz falta são as minas e lá não há lugar para elas. Quando voltar, rico e cheio de prestígio, não terá dificuldade em encontrar a amada do seu coração na alta sociedade. Será uma moça educada à moda, de ideias avançadas. Nessa altura, o estado social da mulher terá melhorado e aparecerá a mulher moderna.

— Não se trata disso, senhora... — atalhou Mitya, unindo as mãos num gesto de súplica.

— Sim, Dmitri Fedorovitch, é isso precisamente o que você necessita; não aspira a outra coisa, ainda que o não saiba. Não me oponho de modo algum à evolução feminina atual. A evolução da mulher e a sua próxima emancipação política... é o meu ideal. Eu também tenho uma filha e as pessoas não conhecem as minhas opiniões. A este respeito escrevi uma carta a Stchedin. Fiquei tão conhecedora das suas ideias sobre a missão da mulher que há um ano enviei-lhe um bilhete anónimo: «Beijo-vos e abraço-vos, mestre, em nome da mulher moderna. Perseverai.» Assinei «Uma mãe». Pensei assinar antes «Uma mãe contemporânea» e, depois de alguma vacilação, escrevi apenas «Mãe». É mais bonito e mais moral. A palavra contemporânea poderia ter-lhe recordado *O contemporâneo*... uma penosa recordação, digna de censura... Ah, meu Deus! Que tem?

— Senhora! — exclamou Mitya levantando-se com as mãos torcidas em atitude desesperada. — Far-me-á chorar se demora o que tão generosamente...

— Oh, chore, chore, Dmitri Fedorovitch! Isso é bom... A árdua empresa que vai empreender!... As lágrimas aliviarão o coração e quando voltar virá alegre. Apresse-se a visitar-me para que compartilhemos da sua alegria...

— Mas deixe-me falar! — gritou com ímpeto. — Pela última vez lhe peço que me diga se posso contar hoje com a soma que me prometeu e, se

não, quando posso vir buscá-la.

— Que soma, Dmitri Fedorovitch?

— Os três mil rublos prometidos... que tão generosamente...

— Três mil rublos? Ah, não! Eu não lhe dei três mil rublos — negou a dama, serenamente admirada.

Mitya ficou estupefacto.

— Mas se mesmo agora me dizia... me dizia... me dizia que era como se os tivesse no bolso...

— Oh, mas não compreendeu, Dmitri Fedorovitch. Nesse caso não me compreendeu. Eu falava das minas de ouro. É certo que lhe prometi mais, muito mais, agora recordo, mas referia-me às minas.

— Mas, então, o dinheiro? Os três mil rublos? — exclamou Mitya como um imbecil.

— Oh! Se quer dinheiro, eu não o tenho. Não tenho um cêntimo. Não há muito zanguei-me com o meu administrador por esse motivo e fui obrigada a emprestar a Miusov quinhentos rublos. Não, não tenho dinheiro. E fique sabendo, mesmo que o tivesse não lho daria. Eu não empresto, porque emprestar é perder amigos. E a si muito menos, porque o aprecio e quero salvá-lo, e sei do que necessita. Das minas! Das minas!

— Demónio! — rugiu Mitya dando com o punho na mesa com toda a força.

— Ai! Ai! — guinchou a senhora Hohlakov, refugiando-se, alarmada, no outro canto do salão.

Mitya cuspiu no chão e lançou-se para fora do quarto, saiu para a rua e embrenhou-se nas trevas da noite. Caminhava como um possesso, batendo no peito, no mesmo sítio em que batera dois dias antes quando se vira com Aliocha nas sombras do caminho. O que significavam aquelas pancadas em determinada parte do peito era naquela altura um segredo para toda a gente, até para Alexey, um segredo que o havia de levar para mais além da desgraça: a ruína e o suicídio. Estava decidido para o caso em que, não podendo restituir a sua dívida a Catalina Ivanovna, tivesse que tocar no peito, naquela parte do peito, a ignomínia que o acompanhava, que pesava sobre a sua consciência. Tudo isto será explicado ao leitor, mais tarde. Basta saber agora que este homem tão forte, a poucos passos da casa da senhora Hohlakov, se pôs a chorar como uma criança a sua última esperança desfeita. Andava, andava e sem se dar conta ia enxugando as lágrimas com o punho da camisa. Chegou assim à praça e de repente

sentiu que tropeçava em qualquer coisa e ouviu o penetrante lamento de uma velha a quem por pouco derrubara.

— Jesus! Quase me mata! Não vê por onde anda este animal!

— Ah! É você? — exclamou Mitya reconhecendo-a na obscuridade. Era a velha criada de Samsonov, que fixara na véspera.

— E o senhor, quem é? — perguntou ela, mudando de tom.

— Não está em casa de Kuzma Kuzmitch? Não é criada dele?

— Sim, senhor; mas ia correndo a casa de Prohoritch... Agora não me lembro de si.

— Diga-me, boa mulher, ainda lá está Agrafena Alexandrovna? — perguntou Mitya sem alento. — Há umas horas vi que entrava.

— Sim, esteve lá; mas foi-se logo embora.

— O quê? Foi-se embora? — gritou Mitya. — Quando?

— Pois logo que entrou. Ficou apenas um momento. Contou a Kuzma Kuzmitch qualquer coisa que o fez rir e despediu-se de seguida.

— Mentes, maldita! — grunhiu Mitya.

— Ai! Ai! — guinchou a velha.

O seu interlocutor desapareceu.

Correu com toda a força a casa de Gruchenka. Esta partira para Mokroe um quarto de hora antes.

Fenya e a avó, a velha cozinheira Matriona, estavam sentadas na cozinha quando o «capitão» irrompeu. Ao vê-lo, Fenya deu um grito.

— Não grites! — rugiu Mitya. — Onde está?

E sem esperar resposta, ajoelhou aos pés da moça.

— Em nome de Cristo, Fenya, diz-me onde está!

— Não sei, Dmitri Fedorovitch, querido, não sei. Pode matar-me, se quiser, mas não posso dizer-lho — jurava e protestava Fenya. — Ela saiu consigo há bem pouco tempo.

— Já voltou!

— Não é verdade! Juro por Deus que não voltou!

— Mentes! — gritou Mitya. — Pelo teu terror adivinho onde está!

E saiu, correndo. Fenya respirou fundo, ainda a tremer, ao ver-se tão facilmente fora daquele apuro, do qual não se teria livrado tão bem sem a precipitação do outro. As duas mulheres ficaram assombradas. Sobre a mesa estava um almofariz de pouco mais que seis polegadas que chamou a atenção de Mitya quando este abria a porta. Sem retroceder, estendeu o braço, pegou no pilão do objeto pelo cabo e guardou-o no bolso.

— Ó Deus! Vai matar alguém! — gritou Fenya, agitando os braços acima da cabeça.

Capítulo 4 — Nas Trevas

Para onde ia a correr? Onde poderia ela estar a não ser em casa de Fedor Pavlovitch? Devia ter ido diretamente de casa de Samsonov, é claro. Toda a intriga, toda a traição estava descoberta... Sentia a cabeça andar-lhe à roda. Não iria ver Maria Kondratyevna. Não interessava... não interessava nada lá ir... não devia despertar alarmes... correriam logo a avisar... A vizinha estava comprada. Smerdyakov também; todos estavam contra ele.

Modificou o seu plano de ação: afastou-se da casa do pai e, atravessando a rua, meteu pela de Dmitrovski, passou a ponte e encontrou-se na ruazinha deserta das traseiras, que era ladeada pela sebe espinhosa de uma horta e pelo muro que circundava o jardim de seu pai. Escolheu o sítio por onde se supunha ter passado Lizaveta e sabe Deus porque lhe terá ocorrido pensar: «Se ela conseguiu subir, também eu conseguirei.» De um salto ficou preso na extremidade do muro e com outro esforço sentou-se nele. Ali perto ficava o quarto de banho e também pôde ver luz nas janelas da casa.

«Há luz no quarto do velho. Ela está lá!» E saltou para o jardim. Se bem que soubesse que Grigory estava doente e provavelmente também Smerdyakov, de modo que ninguém poderia ouvi-lo, ocultou-se e manteve-se imóvel, à escuta. Um silêncio de morte rodeava-o por todos os lados, envolvia-o uma calma completa, não corria nem uma leve brisa.

«Não há outro murmúrio além do murmúrio do silêncio», veio-lhe espontaneamente à memória o verso. «Contanto que não me tenham ouvido saltar... Não, não creio.»

Começou a andar lentamente sobre a relva, evitando os ramos e os arbustos, caminhando com passos leves e parando ao mínimo ruído feito pelos seus pés. Levou assim cinco minutos a chegar perto da janela iluminada. Lembrou-se que havia ali um arbusto muito alto e de ramos frondosos. A porta que dava para o jardim, do lado esquerdo da casa, estava fechada. Reparara bem nisso. Afastou cuidadosamente os ramos e ocultou-se entre eles. Então reteve a respiração. «Tenho que esperar que

sosseguem, no caso de alguém me ter ouvido e estar à escuta...», murmurou de si para si.

Sentia o coração pulsar-lhe violentamente no peito, por instantes parecia sufocar. «Não, não poderei acalmar a violência das minhas pulsações», pensou, «não posso esperar mais.» Estava atrás dos arbustos, no alto dos quais batia em cheio a luz vinda das janelas.

«Que vermelhos estão estes ramos altos!», murmurou sem saber porquê.

Com muito cuidado foi-se aproximando da janela e pôs-se em bicos dos pés. O quarto de Fedor Pavlovitch surgiu na sua frente. Não era grande e estava dividido por um biombo «chinês», como lhe chamava o pai. E a palavra «chinês» atravessou o cérebro de Mitya envolvido neste pensamento: «Atrás do biombo está Gruchenka.» Começou a examinar Fedor Pavlovitch. Vestia uma túnica de seda listrada, que Mitya não lhe conhecia, apertada por um cordão bordado, de seda. Uma camisa limpa, de tecido finíssimo, com botões de ouro aparecia por debaixo da gola da túnica. Na cabeça tinha a mesma ligadura encarnada que Aliocha lhe havia já visto. «Vestiu-se de festa», pensou Mitya.

O pai continuava pensativo, perto da janela. De repente abanou a cabeça e pareceu ficar à escuta; não ouvindo nada aproximou-se da mesa, encheu até meio um copo de aguardente e bebeu-a. Suspirou, esteve um momento imóvel e aproximando-se distraidamente do espelho levantou a ligadura e observou as contusões e cicatrizes que ainda não tinham desaparecido.

«Está só», pensou Mitya. «O mais provável é que esteja só.»

Fedor Pavlovitch afastou-se do espelho, chegou à janela e olhou para fora. Mitya mergulhara novamente na escuridão.

«Pode ser que ela esteja atrás do biombo. Talvez tenha adormecido.» E o coração pulsou-lhe mais violentamente no peito. O pai afastou-se da janela. «Está a ver se a vê chegar, portanto ela não está. Que procurará na escuridão? Está devorado pela impaciência...» E Mitya voltou a cismar.

O velho estava agora sentado à mesa, visivelmente contrariado. Por fim apoiou um cotovelo no tampo da mesa e descansou a cara na palma da mão aberta. Mitya olhava-o ansiosamente.

«Está só, está só!», repetia para si mesmo. «Se ela ali estivesse, teria outra cara.»

E, estranhamente, um profundo abatimento se seguiu à ideia de que ela não se encontrava ali. «Não é por não estar», teve de explicar a si mesmo, «é por não poder ter a certeza se lá está ou não.» Depois recordava que naquele momento a sua inteligência era mais clara do que nunca e que não lhe escapava o mais ínfimo pormenor; mas a incerteza e a indecisão oprimiam-lhe momentaneamente o coração. «Está ou não está!» A dúvida cruel trespassou-lhe a alma e tomando uma decisão repentina estendeu a mão e bateu lentamente no batente da janela. Bateu, segundo o combinado entre o velho e Smerdyakov: duas pancadas com intervalos espaçados e três mais rápidas, o que significava: «Gruchenka está aqui!»

O velho estremeceu, ergueu a cabeça, levantou-se precipitadamente e correu à janela. Mitya desapareceu na escuridão antes que Fedor Pavlovitch abrisse e pusesse a cabeça de fora.

— Gruchenka! És tu? És tu? — balbuciava com voz trémula de emoção. — Onde estás, meu anjo? Onde estás?

«Está sozinho!», decidiu Mitya.

— Onde estás? — continuava o velho a gritar. E debruçava-se para melhor observar em todas as direções. — Vem, tenho uma prenda para ti; vem que eu ta darei...

«Os três mil rublos», pensou Mitya.

— Mas onde estás? Diz: estás à porta? Vou já abrir!

E o velho debruçou-se ainda mais para fora da janela perscrutando a noite na direção da porta. Parecia que ia correr a abrir sem esperar pela resposta de Gruchenka.

Mitya olhava-o de lado, sem se mexer. O perfil abominável do pai, a maçã de Adão movediça na garganta, o nariz adunco, os lábios que se dobravam numa ansiedade voluptuosa, todo o conjunto era iluminado pela luz oblíqua da lâmpada que brilhava no aposento. Uma ira de ódio brutal inundou o coração de Mitya. Ali estava ele, o seu rival, o seu verdugo, o homem que tinha destruído toda a sua vida! Sentiu-se invadir por aquela súbita fúria, por aquela cólera vingativa, a que se referia, como se a estivesse a prever, a resposta dada à pergunta de Aliocha: «Como podes dizer que matarás o nosso pai?» em que dissera: «Talvez o mate ou talvez não. Receio que de repente me pareça tão odioso que nesse momento... Tenho nojo daquela cara, daqueles olhos, daquele sorriso de sem-vergonha. Dão-me volta ao estômago. É isso o que mete medo, o não poder resistir a esse nojo...» Essa repulsa cresceu, cresceu até se tornar insuportável, até o

cegar completamente. Mitya agarrou no pilão do almofariz e tirou-o do bolso...

«Foi Deus que me amparou nessa altura», diria Mitya mais tarde.

Nesse mesmo momento acordava Grigory. Pela tarde havia-se submetido ao tratamento de que Smerdyakov falara a Ivan. Depois de bem friccionado com uma mistura de *vodka* e uma poção muito forte da qual sua mulher tinha o segredo, bebeu o que sobrara enquanto ela repetia uma «oração» e meteu-se em seguida na cama. Marfa Ignacievna provou também a beberagem e adormeceu como um tronco, junto do marido.

Grigory acordou de noite, quase sobressaltado, e após um momento de reflexão saltou da cama, sentindo dores agudas nas costas. Ficou um momento pensativo e vestiu-se apressadamente, sentindo talvez remorsos por ter adormecido, deixando a casa descuidada em «horas de tanto perigo». Smerdyakov jazia postado pela crise, no quarto vizinho.

Marfa Ignacievna nem se mexeu. Grigory não quis inquietá-la, pensando que a bebida fora demasiado forte para a débil resistência de uma mulher. Desceu as escadas fazendo caretas de dor. Propunha-se apenas dar uma vista de olhos por ali, pois andar era-lhe insuportável, mas lembrou-se de que não fechara à chave a porta do jardim, e como era um homem escrupulosamente pontual e apegado à rotina de tantos anos, foi descendo as escadas até lá, coxeando e fazendo caretas de dor. Sim, a porta estava visivelmente aberta. Caminhava receoso, como se temesse algum perigo ou tivesse ouvido qualquer ruído. Ao voltar a cabeça viu a janela do quarto do patrão aberta. Não se via ninguém.

«Por que estará aberta?», pensou. «Não estamos no verão!»

De repente viu qualquer coisa que se movia na sua frente. A uns quarenta passos parecia-lhe que corria um homem na escuridão, afastando-se aceleradamente.

— Bom Deus! — exclamou, fora de si. E esquecendo a dor correu a cortar a retirada ao fugitivo, metendo por um caminho mais direito.

A sombra deu a volta ao quarto de banho e saltou para o muro. Grigory correu, esquecendo tudo para o não perder de vista, chegando junto do muro quando o fugitivo o escalava. Gritou com todas as forças e lançou-se sobre ele, agarrando-lhe uma das pernas com ambas as mãos.

O seu pressentimento não o tinha enganado. Tinha-o reconhecido; era ele, o «monstro», o «parricida».

— Parricida! — gritou com toda a força para que a vizinhança o ouvisse. Mas não pôde gritar mais. Caiu como se tivesse sido atingido por um tiro.

Mitya saltou de novo para o jardim e debruçou-se sobre ele. Empunhava o pilão do almofariz que foi cair adiante, não sobre a erva, nem sobre o caminho, mas bem visível, a dois passos da cabeça de Grigory. Mitya examinou sumariamente o velho estendido na sua frente. Tinha a cabeça cheia de sangue. Sentiu os dedos molhados. Mais tarde recordou a ansiedade que sentira ao pensar se o velho teria quebrado o crânio ou teria simplesmente ficado atordoado com a queda. Mas o sangue saía aos borbotões e as mãos de Mitya ficaram por momentos quentes daquela humidade viscosa. Tirou do bolso o lenço branco que escolhera para ir a casa da senhora Hohlakov e tentou impensadamente fazer estancar o jorro de sangue que saía da cabeça do velho. O lenço ficou logo encharcado.

— Meu Deus! — exclamou Mitya voltando a si. — Porque faço isto? Que poderei fazer se partiu o crânio? Se o matei, está morto... Acabou-se o teu sofrimento, velho! — disse em voz alta. E trepando ao muro, saltou para a estrada e começou a correr.

Tinha na mão direita o lenço ensopado em sangue e guardou-o no bolso do casaco sem deixar de correr, chamando a atenção dos raros transeuntes que, ao serem interrogados no dia seguinte, declararam ter visto um homem a correr desabaladamente naquela noite.

Assim chegou a casa da viúva de Morozov, onde estivera pouco antes. Fenya, desalentada, fora falar com o porteiro e pedira-lhe por amor de Deus que não deixasse entrar ali o capitão, nem nessa noite, nem na seguinte. O porteiro prometeu mas pouco depois teve de acudir à chamada da dona da casa e, ao encarregar um sobrinho seu de tomar conta da porta de entrada, esqueceu-se de lhe falar no «capitão». Mitya apareceu então e o rapaz, que o conhecia por ter recebido dele boas gorjetas, deixou-o entrar e informou-o até de que «Agrafena Ivanovna não se encontrava em casa».

— Onde está então, Prokor? — perguntou Mitya, detendo-se.

— Partiu há duas horas, com Tmofey, para Mokroe.

— Para quê?

— Não sei. Parece que para se encontrar com um oficial... um que lhe enviou cavalos para que ela fosse.

Mitya subiu como um louco ao andar de Fenya.

Capítulo 5 — Uma Decisão Súbita

Estavam as duas mulheres na cozinha falando em ir dormir, com a porta aberta devido à confiança que tinham em Nazar Ivanovitch, quando Mitya entrou e se atirou a Fenya, apertando-lhe o pescoço.

— Fala imediatamente! Onde está? Com quem está em Mokroe? — rugiu enfurecido.

Puseram-se ambas a gritar e Fenya, morta de medo, disse:

— Ai! Dir-lhe-ei tudo. Ai! Querido Dmitri Fedorovitch, dir-lhe-ei tudo, não lhe ocultarei nada. Foi a Mokroe ver um oficial.

— Que oficial? — gritou Mitya.

— O dela, aquele que ela conhecia, o que a enganou há cinco anos — balbuciou a criada como pôde.

Mitya largou o pescoço da moça e ficou a olhar para ela, pálido como um morto, sem fala, mas mostrando pelo olhar que compreendera tudo, que adivinhava toda a situação. Fenya não estava porém em estado de perceber isto; gelada de espanto, deixou-se ficar imóvel, sentada sobre a mala como ele a havia deixado, com as mãos estendidas para a frente. Parecia ter ficado rígida naquela posição de defesa e com os olhos imensamente abertos e fixos naquele homem, que para maior horror tinha as mãos e a face direita sujas de sangue. Fenya estava prestes a ser vítima de uma crise nervosa. A velha cozinheira levantara-se do banco em que se encontrava sentada e olhava-o também fixamente, como uma louca, aturdida de medo.

Finalmente Mitya deixou-se cair sobre uma cadeira, junto da moça, vencido e como que aniquilado. Não conseguia pensar, mas nem por isso deixava de ver tudo bem claro: a própria Gruchenka lhe revelara a existência do oficial, a carta que recebera... e assim, durante um mês, havia-se preparado aquele desenlace que dependia apenas da chegada de um homem em quem nunca tinha pensado. Mas como pudera ter-se esquecido disso?

De repente, cortês e meigo como um menino carinhoso e bem-educado, começou a interrogar Fenya, esquecido por completo do mau

bocado que a tinha feito passar. Começou a fazer perguntas com uma precisão extraordinária, surpreendente no seu estado de ânimo; e Fenya, apesar de não poder afastar os olhos daquelas mãos ensanguentadas, respondia a cada pergunta com admirável presteza e rapidez, procurando ser exata e não dizer mentiras; mas com uma estranha intuição, procurava suavizar aquilo que poderia magoá-lo, como se só quisesse prestar-lhe um serviço. Contou minuciosamente o sucedido nesse dia, a visita de Rakitin e Aliocha, o que a patroa esperara e finalmente a sua partida, não esquecendo as recomendações que ela fizera a Aliocha para o irmão, encarregando-a de lhe dizer que se lembrasse sempre dela e que o amara durante uma hora.

Ao ouvir isto, Mitya sorriu e uma onda de emoção coloriu-lhe as faces pálidas. Fenya deixou então de ter medo e perguntou:

— Já olhou para as suas mãos, Dmitri Fedorovitch? Estão cheias de sangue!

— Sim — respondeu distraidamente Mitya, lançando um olhar vago para as mãos.

No mesmo instante esqueceu a pergunta de Fenya e caiu num profundo mutismo.

Passado o primeiro momento de terror produzido pela fuga de Gruchenka, dominava-o uma ideia fixa. De súbito levantou-se decididamente, sorrindo da sua resolução.

— Que se passou, senhor? — repetiu lastimosamente Fenya, como condoída da sua desgraça.

Mitya olhou de novo para as mãos.

— É sangue, Fenya — disse, deitando à moça um olhar estanho. — É sangue humano e, Deus meu! Porque foi derramado? Mas... Fenya... havia um muro — olhava-a como se lhe estivesse a ditar um enigma — um muro tão alto que fazia medo vê-lo. Mas amanhã, ao romper do dia, quando o Sol nascer, Mitya saltará esse muro... Não sabes que muro é esse, Fenya, e não importa... Amanhã ouvirás falar e saberás... e agora adeus. Não quero atravessar-me no caminho dela. Ficarei de lado; já sei como hei de ficar de lado. Vive, alegria da minha alma!... Amaste-me uma hora, lembra-te sempre de Mityenka Karamazov... Chamava-me sempre Mityenka, lembras-te?

E saiu, deixando Fenya mais espantada do que quando entrara caindo-lhe em cima.

Dez minutos mais tarde, Dmitri entrava em casa de Pyotr Ilyitch Perkotin, a quem havia empenhado as pistolas. Eram oito e meia e o funcionário acabava de tomar o seu chá e vestia o capote preparando-se para ir jogar bilhar para o *Metrópole.* Mitya encontrou-o já a caminho da porta.

Ao ver aquela cara manchada de sangue o empregado soltou um grito.

— Santos céus! Que lhe sucedeu?

— Venho buscar as minhas pistolas! — disse Mitya. — E trago-lhe o dinheiro. Muito obrigado. Tenho pressa, Pyotr Ilyitch; peço-lhe que me despache depressa.

Pyotr Ilyitch estava cada vez mais assombrado. Mitya levava na mão um maço de notas de banco, e o mais surpreendente era que os levava como se tivesse o propósito de os ir dando. O criado de Perkotin, que se cruzou com Mitya no pátio, contou depois que já o encontrara assim na rua.

Eram notas de sete cores, de cem rublos, e os dedos que as seguravam estavam ensanguentados.

Quando, mais tarde, Pyotr Ilyitch foi interrogado, declarou que era difícil calcular a quantia que aquelas notas representavam, mas que poderiam ascender a dois ou três mil rublos, mas do que não restavam dúvidas era de que se tratava de uma grossa maquia. «Dmitri Fedorovitch — segundo testemunho do mesmo funcionário — parecia perturbado; não estava bêbado, mas mostrava-se exaltado, insensível, perdido e ao mesmo tempo absorto, como se se tratasse de alguém que tentasse refletir a respeito de qualquer coisa e não conseguisse decidir-se. Mostrava-se arrebatado e incoerente e tão depressa parecia abatido como alvoraçado.»

— Mas que lhe aconteceu? — perguntou Pyotr Ilyitch espantado. — Como é que se encontra coberto de sangue? Caiu? Olhe para si!

E segurando-o pelo cotovelo levou-o para diante do espelho.

Ao ver que tinha a cara manchada de sangue Mitya estremeceu e mostrou uma expressão encolerizada.

— Maldição! Só me faltava isto! — murmurou irado.

E passando as notas de banco da mão direita para a mão esquerda, tirou impetuosamente o lenço do bolso. Mas o lenço estava também ensanguentado — era o que ele tinha posto na cabeça de Grigory. Tinha apenas um pedacinho limpo, mas estava enrugado como uma mola e não podia alisar-se. Mitya atirou-o para o chão, raivosamente.

— Para o diabo! — exclamou. — Não tem um trapo qualquer para eu limpar a cara?

— Ah! Está apenas sujo de sangue, mas não está ferido, não? É melhor lavar-se. Aqui está este alguidar. Vou buscar água.

— Um alguidar? Magnífico! Mas onde hei de pôr isto?

E com o mais estranho embaraço mostrava o maço de notas, como se esperasse que Pyotr dispusesse do seu dinheiro.

— Ponha-o no seu bolso ou em cima da mesa — replicou Pyotr. — Não desaparecerá.

— No meu bolso. Sim, no meu bolso. Muito bem... mas tudo isto não passa de disparates — gritou como se saísse repentinamente de um sonho. — Olhe, vamos tratar primeiro disto das pistolas. Devolva-mas. Aqui tem o seu dinheiro... Fazem-me muita falta... não tenho um momento a perder.

E tirando uma nota do maço estendeu-lha.

— Mas eu não tenho troco. Você não tem outra de menos valor?

— Não — respondeu Mitya começando a remexer as notas como se não estivesse muito certo do que dizia. — Não, são todas iguais — acrescentou, olhando para Pyotr Ilyitch para que se decidisse.

— Como é que enriqueceu? — perguntou aquele. — Espere, vou mandar o rapaz à loja de Plotnikov, que fecha tarde, para ver se a trocam. Eh! Micha! — gritou, chegando ao corredor.

— À loja Plotnikov... boa ideia! — exclamou Mitya como se tivesse uma inspiração. — Micha — disse voltando-se para o rapaz que acabava de entrar — corre à loja de Plotnikov e diz-lhe que Dmitri Fedorovitch lhe envia cumprimentos e estará lá dentro de momentos... Olha, ouve: diz-lhe que me preparem champanhe, três dezenas de garrafas, bem empacotadas pois são para levar para Mokroe. Da outra vez levei quatro dezenas — acrescentou dirigindo-se repentinamente a Pyotr Ilyitch — eles já sabem, Micha — acrescentou, dirigindo-se novamente ao rapaz — diz-lhes que arranjem também pastéis de Estrasburgo, peixe fumado, presunto, caviar e tudo do que tiverem, até cem rublos, ou cento e vinte, como da outra vez... espera não esqueçam as sobremesas, os doces, peras, duas ou três melancias, não, uma chega, e açúcar e chocolate, bombons; numa palavra: tudo o que levei da outra vez para Mokroe, num total de trezentos rublos... que arranjem o mesmo. Não te esqueças, Micha, se te chamas Micha. É Micha, não é? — perguntou, dirigindo-se outra vez a Pyotr Ilyitch.

— Um momento — interrompeu este que ouvia tudo aquilo com grande espanto — é melhor ir você mesmo dizer isso. Este vai-se atrapalhar.

— Sim, vai embrulhar tudo, já estou a ver! Eh, Micha! Não é nada! Ia-te dar um beijo pelo favor... Bem, se não te enganares em nada haverá dez rublos para ti, corre, vá, apressa-te. Champanhe, que ponham champanhe, e aguardente, e vinho tinto e branco, e tudo o que puseram da outra vez... Eles sabem o que era...

— Ouça — interrompeu Pyotr Ilyitch com impaciência — é melhor Micha ir só trocar o dinheiro e pedir para não fecharem ainda a loja. Depois vai o senhor e trata do resto. Anda, Micha, vai num instante.

E Pyotr Ilyitch afastou Micha que olhava boquiaberto para Mitya, para a sua cara ensanguentada e os seus dedos trémulos.

— Bem, agora venha lavar-se — disse severamente Pyotr Ilyitch. — Deixe o dinheiro em cima da mesa ou guarde-o no bolso. Mas tire o casaco.

E enquanto o ajudava a tirar o casaco ia dizendo:

— Olhe, tem também sangue no casaco.

— Não, isto é, deve ter sido sujo pelo lenço. Sentei-me em cima do lenço em casa de Fenya e deve ter sido isso que sujou o casaco — explicava Mitya com uma inconsciência pueril que pasmava.

Pyotr Ilyitch ouvia tudo aquilo de sobrolhos franzidos.

— Se calhar teve alguma rixa com alguém, não?

Começou a lavagem. O funcionário despejava a água do jarro por cima das mãos de Mitya, que as ia esfregando. As mãos deste tremiam. Mitya queria dar rapidamente a lavagem por terminada, mas Pyotr Ilyitch insistiu:

— Repare que ainda tem as unhas sujas! Lave também a cara e as orelhas! E a camisa! Não vê que está suja de sangue? Mude de camisa!

Pyotr Ilyitch tinha um caráter firme e audaz e o seu domínio sobre Mitya ia aumentando notavelmente.

— Mude a camisa! — insistiu Pyotr.

Mas Mitya acabou de limpar tranquilamente as mãos e respondeu apenas:

— Não tenho tempo. Arregaço as mangas e não se nota nada, vê?

— Diga-me então como se pôs assim. Brigou com alguém na taberna? Voltou a maltratar o capitão? — continuou Ilyitch em tom repreensivo. —

A quem feriu hoje... ou matou?

— Disparates! — replicou Mitya.

— Como, disparates?

— Não se inquiete — respondeu Mitya, soltando uma risada. — Acabo de esmagar uma velha na Praça do Mercado.

— Esmagar? Uma velha?

— Um velho! — gritou Mitya encarando Pyotr Ilyitch.

— Um velho! — repetiu erguendo a voz, como um surdo. — Que o diabo o entenda! Uma velha, um velho... Matou alguém?

— Fizemos as pazes. Zangámo-nos, mas fizemos as pazes ali mesmo. Separámo-nos amigos. Um tolo... mas perdoou-me... Tenho a certeza de que a estas horas me perdoou... se se tivesse levantado não me teria perdoado. — E Mitya piscou o olho. — Para o diabo! Percebe, Pyotr Ilyitch? Que vá para o diabo! Não nos aborreçamos! Não quero agora pensar nisso! — E calou-se bruscamente.

— Não sei o que ganha passando a vida a brigar com toda a gente por qualquer ninharia como fez com o capitão... Acaba de brigar e prepara-se logo para a paródia... É assim que você é! Três dezenas de garrafas de champanhe... para que quer tantas?

— Bravo! Agora dê-me as pistolas. Palavra de honra que tenho pressa. Gostaria de falar consigo, meu filho, mas não tenho tempo. E não vale a pena, é tarde demais para falar. Onde está o dinheiro? Onde o meti? — vociferava, procurando o dinheiro pelos bolsos.

— Está em cima da mesa. Foi você mesmo que o lá pôs... Aqui está. Já não se lembrava? Parece-me que dá tanto valor ao dinheiro como se fosse água ou imundície. Aqui tem as suas pistolas. É muito estranho que tenha empenhado as seis por dez rublos e volte agora com milhares. Dois ou três mil rublos.

— Três mil, quer apostar? — replicou Mitya rindo e metendo as notas nos bolsos das calças.

— Assim vai perder o dinheiro. Tem alguma mina de ouro?

— Mina? Mina de ouro? — exclamou Mitya rompendo em estrepitosas gargalhadas. — Gostaria de ir à mina, Perkotin? Existe cá uma senhora que lhe dará sem dificuldade três mil rublos, desde que lá vá. Deu-mos a mim por estar doida pelas minas de ouro. Conhece a senhora Hohlakov?

— Conheço-a apenas de vista e por ouvir falar dela. Mas ela deu-lhe realmente esses três mil rublos? Deu-lhos? — perguntou Pyotr Ilyitch com desconfiança.

— Logo que amanhã nasça o Sol, logo que Febo, sempre jovem, espalhe os seus raios, louvando e glorificando Deus, vá imediatamente a casa dessa senhora e pergunte-lhe se me deu os três mil rublos. Experimente.

— Não sei quais serão as vossas relações. Mas se calhar ela não lhe deu os três mil rublos e você é que lhos tirou. Agora prepara-se para os gastar antes de ir parar à Sibéria... Mas para onde vai agora?

— Para Mokroe!

— Para Mokroe? De noite!

— Dantes «o jovem» tinha tudo. Agora não tem nada! — exclamou Mitya de repente.

— Não tem nada, com todas essas notas de mil?

— Não falo do dinheiro! O dinheiro que vá para o diabo! Falo do caráter das mulheres!

Volúvel é o feminino coração
Taça de perfídia e de depravação

Concordo com Ulisses, que assim falava delas.

— Não o entendo!

— Estarei embriagado?

— Não; muito pior.

— Tenho uma bebedeira espiritual, Pyotr Ilyitch, uma bebedeira espiritual! Mas já chega!

— Que está a fazer? A carregar a pistola?

— Sim, carrego a pistola.

Mitya abrira a culatra da arma e enchia-a de pólvora. Em seguida pegou numa bala e examinou-a com todo o cuidado.

— Para que examina essa bala? — perguntou Pyotr Ilyitch observando-o com grande inquietação.

— Não faria o mesmo se quisesse metê-la no seu cérebro?

— O quê?

— Antes de ela se alojar no meu cérebro quero vê-la bem e saber como é. Mas isto é imbecil. Uma imbecilidade. Já está — acrescentou,

metendo a bala na arma e fechando-a. — Pyotr Ilyitch, meu querido amigo, que estúpido é tudo isto, que estúpido! Se soubesse como é estúpido! Dê-me um pedaço de papel.

— Aqui o tem.

— Não, papel limpo, para escrever. Esse serve.

E agarrando numa caneta que se encontrava sobre a mesa, traçou duas linhas, dobrou o papel por duas vezes e guardou-o no bolso do colete. Depois meteu as armas na caixa, fechou-a e pegando-lhe olhou para Pyotr Ilyitch com ar sorridente e absorto.

— E agora vamos — disse.

— Aonde? Não, espere um momento... Vai meter uma bala na cabeça? — perguntou o funcionário, inquieto.

— A bala? Isso é uma loucura! Quero viver! Amo a vida! Esteja descansado. Amo Febo com a sua dourada cabeleira e os seus quentes raios... Meu caro Pyotr Ilyitch, sabe o que é pôr-se de lado?

— O que quer dizer com isso?

— Retirar-se. Deixar passar a pessoa amada e o odiado. Deixar que aquele a quem tu odeio seja amado, isto é pôr-me de lado! E dizer-lhes: Deus os abençoe, sigam o vosso caminho, que eu...

— Que eu, o quê?

— Já chega. Vamos!

— Juro-lhe que vou contar tudo para que impeçam a sua viagem. Que vai fazer a Mokroe?

— Está lá uma mulher, uma mulher... Já sabe muito. Cale-se.

— Ouça, apesar de você ser um bárbaro, sempre lhe tive amizade... estou preocupado.

— Obrigado, meu bom amigo. Diz que sou um bárbaro. Bárbaros! Bárbaros! É o que eu digo sempre. Bárbaros! Mas aqui está Micha. Já não me lembrava!

Micha entrou arquejante, com uma mão cheia de notas de banco e dizendo que toda a loja de Plotkinov estava em movimento. «Venha buscar garrafas, peixe e chá; num instante terão tudo preparado.»

Mitya deu uma nota de dez rublos a Pyotr e outra a Micha.

— Não faça semelhante coisa! — gritou o empregado. — Isso está proibido na minha casa. É habituar mal os criados. Para que esbanja assim o seu dinheiro? Amanhã voltará a pedir-me dez rublos. Mas para que está a meter todo esse dinheiro no bolso das calças? Vai perdê-lo!

— Ouça, meu caro! Venha comigo a Mokroe.

— Que ia eu lá fazer?

— Íamos abrir uma garrafa e brindar pela vida. Apetece-me brindar e ainda mais consigo. Nunca brindámos juntos, não é verdade?

— Bom, vamos então ao *Metrópole.* Ia justamente para lá.

— Não tenho tempo. Fica longe demais. Beberemos na tenda de Plotkinov. Quer que lhe proponha um enigma?

— Vamos lá ver.

Mitya tirou o papel que escrevera pouco antes do bolso do colete e desdobrando-o entregou-lho. Estava escrito com letra firme e clara:

Castigo-te por toda a vida e castigo toda a minha vida.

— Já lhe disse, vou denunciá-lo imediatamente — repetiu Pyotr Ilyitch depois de ter lido.

— Não merece a pena. Chegará tarde de mais. Vamos beber um trago. Marche!

A loja de Plotkinov ficava na extremidade da rua, muito perto da casa de Pyotr Ilyitch. Era a mercearia mais bem fornecida da cidade, propriedade de ricos comerciantes que vendiam tudo o que podia vender-se na mais bem provida loja de Petersburgo: especiarias, legumes, frutas «vinhos engarrafados de Eliseyev Irmãos», cigarros, chá, café, açúcar, etc., etc. Três empregados e dois rapazes de recados não tinham um momento de repouso. Se bem que a cidade tivesse empobrecido, os proprietários vivessem fora e o comércio fosse de mal a pior, aquela loja tinha cada vez maiores lucros e maior clientela, que era atraída pela melhor qualidade dos seus géneros.

Na loja já esperavam impacientemente Dmitri Karamazov, recordando animadamente a compra que ali fizera um mês antes, no valor de várias centenas de rublos, que pagara a pronto pagamento. Não lhe tinham vendido nada fiado. Recordavam que nessa altura levava também um maço de notas de cem na mão e largava-as sem regatear e sem sequer pensar um momento para que precisaria de tanto vinho e de tantas provisões. Toda a cidade ficou então a saber que ele tinha ido com Gruchenka a Mokroe, de onde regressou sem um centavo, depois de ter gasto mais de três mil rublos num dia e numa noite de pândega. Havia alugado um grupo de ciganos que acampavam perto da cidade e no meio

da sua embriaguez repartia com eles o dinheiro às mãos cheias, fazendo-os beber sem medida. As pessoas riam falando das garrafas de champanhe que haviam aberto naquele dia os rústicos e os aldeões, e dos doces e pastéis de Estrasburgo com que se tinham regalado as moças da aldeia. E ainda que fosse perigoso rir-se em frente de Mitya, toda a gente ria e falava no caso quando ele não estava, pois o próprio Mitya declarara, com encantadora ingenuidade, que tudo o que conseguira de Gruchenka fora que ela lhe permitisse, como um grande favor, que ele lhe beijasse os pés.

À porta encontraram uma carruagem puxada por três cavalos, enfeitados com sonoras campainhas. O cocheiro, Andrey, esperava. Na loja acabavam de encher uma caixa de provisões e esperavam apenas a presença de Mitya para a colocarem na carruagem. Pyotr Ilyitch ficou pasmado.

— Como arranjou a carruagem tão depressa?

— Encontrei Andrey quando ia para sua casa e encarreguei-o de vir esperar-me aqui. Não há tempo a perder. Da outra vez fui com Timofey, mas hoje ele foi adiante com a feiticeira. Demoraremos muito, Andrey?

— Eles chegarão quando muito uma hora antes de nós; se chegarem. Sou capaz de ultrapassar Timofey. O andamento que eles levam conheço eu e não será igual ao nosso, Dmitri Fedorovitch. Sim, estou convencido de que nem uma hora mais cedo hão de chegar! — repetiu o cocheiro, homem de aparência débil, louro, que vestia um casaco enfeitado com fitas e tinha um cafetão num braço.

— Cinquenta rublos para *vodka* se chegarmos só uma hora depois deles.

— Garanto-lhe, Dmitri Fedorovitch. Não chegarão a ter uma hora de vantagem sobre nós. O quê? Nem meia hora!

Mitya queria tratar de tudo precipitadamente e dava ordens disparatadas e contraditórias, que atrapalhavam toda a gente. Começava uma frase e deixava-a em meio para começar outra, com tal barulho que Pyotr Ilyitch se sentiu no dever de o ajudar.

— Quatrocentos rublos, não ponham menos do valor de quatrocentos rublos — ordenava Mitya. — Quatro dezenas de garrafas de champanhe, nem uma a menos. Tudo como da outra vez.

— Para que quer tanto, para quê? — gritava Pyotr Ilyitch. — Vejamos esta caixa. Que há aqui? Isto não vale quatrocentos rublos.

Os empregados explicaram com toda a delicadeza que aquela primeira caixa continha apenas meia dezena de garrafas e as coisas mais indispensáveis, como fiambre, doces, etc. O resto da encomenda iria, tal como da outra vez, numa carruagem especial, puxada por três cavalos a toda a brida, para que pudesse chegar o mais tardar uma hora depois de Dmitri Fedorovitch.

— Que não demore mais do que isso, hem? Que não demore mais! E ponham mais doces e caramelos, porque as moças gostam muito deles — insistiu alvoroçadamente Mitya.

— Caramelos! Bom! Mas champanhe! Para que quer quatro dezenas de garrafas? Uma dezena chega — exclamou Pyotr Ilyitch já aborrecido.

E começou a regatear e a perguntar o preço de cada coisa, poupando assim cem rublos, pois tudo o que Mitya pedira não custava mais de trezentos. Mas mesmo assim não se sentia satisfeito.

«Diabos o levem!», murmurou de si para si. «Que me importa a mim? Deita o dinheiro fora, já que não te custa fazê-lo.»

— Vamos, vamos, economista, não te aborreças — disse Mitya levando-o para uma saleta que havia no interior da loja. — Agora vão trazer-nos uma garrafa e beberemos todos. Senta-te a meu lado, Pyotr Ilyitch, pois és um bom amigo, dos que me agradam!

E Mitya sentou-se junto de uma mesita coberta por uma toalha branca. Pyotr Ilyitch ocupou o lado oposto e pouco depois apareceu uma garrafa de champanhe acompanhada de ostras, oferecidas pela casa.

— São de primeira qualidade, cavalheiros. Fresquíssimas! Da última remessa! — explicou o encarregado da loja.

— As ostras são boas para o gato! — gritou Pyotr Ilyitch. — Eu não as como!

— Não tenho tempo para comer as ostras — disse Mitya — nem tenho apetite. Sabe uma coisa, amigo? — perguntou de repente dirigindo-se a Pyotr. — Nunca gostei da desordem!

— Então quem gosta? Por minha honra, que três dezenas de garrafas para os aldeões é uma coisa de fazer perder a cabeça a qualquer!

— Não me refiro a isso. Falo de uma ordem mais elevada. Ela não existe em mim, nem pouca, nem muita. Mas... acabou-se. Não pensemos mais nisso. É tarde demais, que diabo! Toda a minha vida tem sido de desordem e tenho de a pôr em ordem. É uma graça, não é?

— Você não diz graças! Diz disparates!

Glória a Deus nas alturas,
Glória a Deus em mim...

Estes versos brotaram um dia da minha alma, não como um verso, mas como uma lágrima... Eu disse-os... mas não enquanto puxava a barba ao capitão, não...

— Porque se lembrou de falar agora no capitão?

— Porque falo dele? Uma loucura! Tudo chega ao fim; tudo acaba por ser igual. O pequeno e o grande.

— Olhe, estou a pensar nas suas pistolas.

— Oh! Disparates! Beba e não se preocupe. Amo a vida. Tenho-a amado demasiado, com vergonhoso excesso. Basta! Bebamos pela vida, meu caro, brindemos. Para quê tantas complacências comigo? Sou um canalha, mas estou contente comigo. Abençoo a criação. Estou disposto a amar a Deus e às suas criaturas, mas... é necessário que mate um inseto nocivo, para que não estrague a vida dos outros... Brindemos pela vida, irmão. Que pode haver mais preciosos que a vida? Nada! Bebamos pela vida e pela rainha das rainhas!

— Brindemos pela vida e também pela sua rainha, se o deseja.

Beberam um copo. No meio da sua exaltação Mitya não podia ocultar uma melancolia que o prostrava. Parecia pesar sobre ele uma ansiedade angustiante.

— Micha... Chega aqui, Micha! Vem cá, Micha, meu filho, bebe este copo à saúde de Febo o de dourados cabelos, que amanhã brilhará...

— Que faz agora? — repreendeu Pyotr Ilyitch, aborrecido.

— Sim, sim, deixe-me! Quero que ele beba!

— Eh! Eh!

Micha esvaziou o copo, fez uma reverência e saiu.

— Assim há de lembrar-se de mim — observou Mitya. — A mulher! Eu amo a mulher! O que é a mulher? A rainha da criação! Triste está a minha alma, a minha alma está triste, Pyotr Ilyitch! Lembra-se de Hamlet, Pyotr? «Estou muito triste, meu bom Horário! Ah, pobre Yorick!» Não sou eu por acaso, Yorick? Sim, agora sou Yorick e depois serei um crânio.

Pyotr Ilyitch ouvia em silêncio. Mitya também se calou um bocado.

— De onde surgiu este cão? — perguntou distraidamente ao caixeiro, ao reparar num bonito cão de olhar meigo que estava sentado sobre uma

almofada.

— Pertence a Bárbara Alexievna — respondeu o homem. — Esqueceu-se dele e temos de lho levar.

— Já vi um igual... no quartel... — balbuciou Mitya como se estivesse a sonhar. — Mas aquele tinha uma pata ferida... E agora que penso nisso, Pyotr Ilyitch, queria perguntar-lhe uma coisa: já alguma vez roubou?

— Que pergunta!

— Ah! não me refiro a uma coisa qualquer. Refiro-me a roubar de um bolso particular. Ao Estado toda a gente rouba e suponho que o senhor faça o mesmo...

— Vá para o diabo!

— Falo do dinheiro do próximo. Do bolso ou do porta-moedas de alguém. Compreende?

— Quando tinha nove anos roubei vinte *kopecks* à minha mãe. Tirei-os de cima de uma mesa sem que me vissem e guardei-os.

— E depois, que sucedeu?

— Nada! Guardei-os durante três dias, senti remorsos, confessei e entreguei-os.

— E em seguida?

— Claro que apanhei uma sova. Mas por que pergunta? Roubou alguma coisa?

— Alguma coisa — respondeu Mitya piscando maliciosamente o olho.

— Que roubou? — perguntou cheio de curiosidade Pyotr Ilyitch.

— Vinte *kopecks* à minha mãe quando tinha nove anos e devolvi-lhos ao terceiro dia.

E dizendo isto levantou-se bruscamente.

— Vem, Dmitri Fedorovitch? — gritou Andrey da porta.

— Já está tudo? Então vamos! — Mitya deu uns passos e voltou-se para Pyotr Ilyitch, acrescentando: — Quatro palavras para acabar... Andrey, bebe um copo de *vodka.* Deem-lhe aguardente, mas imediatamente. Põe esta caixa — a das pistolas — sobre o banco. Adeus, Pyotr Ilyitch, não fique com uma má recordação de mim.

— Mas voltará amanhã?

— Com certeza!

— Fechamos a conta?

— Ah, sim; a conta!

Tirou do bolso o maço das notas, separou trezentos rublos, atirou-os para cima do balcão e saiu apressadamente. Seguiram-no todos com muitas reverências e desejos de felicidades. Andrey subiu para o seu lugar ainda saboreando a aguardente que acabara de engolir. Mitya tinha-se sentado nesse momento quando, com grande surpresa, viu Fenya que corria para a carruagem de braços estendidos, pondo-se depois de joelhos e gritando:

— Dmitri Fedorovitch, meu querido e bom Dmitri Fedorovitch, não faça mal à minha patroa. E eu que lhe contei tudo! Também não o mate a ele, conheceu-a primeiro e gosta dela. Vão agora casar-se, foi para isso que ele veio agora da Sibéria. Dmitri Fedorovitch, não tire a vida a ninguém!

— Bem... bem! Eu logo vi! Prepara-se para armar zaragata... — murmurou Pyotr Ilyitch. Depois acrescentou em voz alta: — Dmitri Fedorovitch, entregue-me imediatamente as suas pistolas se quer portar-se como um homem. Está a ouvir?

— As pistolas? Espere um pouco, irmão. Sou capaz de as atirar para o primeiro charco que encontrar no caminho... Levanta-te, Fenya, não estejas de joelhos. Mitya não fará mal a ninguém. Este pobre imbecil não fará nada. Ouve, Fenya, há pouco maltratei-te; perdoa-me, tem piedade de um canalha... Mas pouco importa que perdoes ou não. Tudo me é indiferente! Em marcha, Andrey, depressa! A galope!

Andrey retesou as rédeas dos cavalos e as campainhas fizeram-se ouvir.

— Adeus, Pyotr Ilyitch! Para si a minha última lágrima!...

«Não está embriagado, mas diz disparates como um louco», pensou Pyotr Ilyitch olhando para a outra carruagem em que seguiria o resto da encomenda. Tinha a certeza de que Mitya ia ser enganado, mas sentindo-se humilhado com a sua inspeção, afastou-se com uma praga e foi jogar bilhar para a taberna.

«É um louco mas não deixa de ser bom rapaz», murmurava. «Esse oficial... ah, já sei: o primeiro amor de Gruchenka. Bem... se voltou... Hum... aquelas pistolas!... Que vá para o diabo! Não sou ama seca dele! Faça o que quiser. Mais a mais acaba por não fazer nada. São um bando de brigões e nada mais. Bebem, lutam e por fim ficam amigos. Não são homens capazes de fazer qualquer coisa terrível. Que virá a ser isso de *se pôr de lado* de *castigar-se*. Já repetiu isso mais de cem vezes enquanto

bebia na taberna. Mas agora não está embriagado. «Uma bebedeira espiritual.» Há umas certas frases que os velhacos gastam! Deve ter lutado com alguém pois trazia a cara coberta de sangue. Com quem? No *Metrópole* devem saber. E que ensopado estava o lenço... deixou-o em casa... Diabos o levem!»

Pyotr Ilyitch chegou à taberna e dissipou o seu mau humor jogando uma partida de bilhar. No segundo jogo disse aos seus companheiros que tinha visto Mitya com algum dinheiro... coisa de três mil rublos que fora gastar com Gruchenka para Mokroe... A notícia despertou singular interesse nos seus ouvintes, que suspenderam o jogo para falar do caso com toda a seriedade.

— Três mil rublos! Onde terá ido buscar tal quantia?

Fizeram-se várias suposições. A da senhora Hohlakov foi recebida com admiração.

— Não terá roubado o pai? Acho que é o mais provável.

— Três mil rublos! Passa-se qualquer coisa de extraordinário!

— Não se gabava de que havia de matar o pai? Todos ouvimos aqui o mesmo. E falava precisamente de três mil rublos...

Pyotr Ilyitch ouvia. Depressa as suas respostas se tornaram secas. A respeito das manchas de sangue nada disse, apesar de ter tencionado falar nelas.

Empreenderam novo jogo e paulatinamente foram cessando as conversas a respeito de Mitya. Mas Pyotr Ilyitch, perdido o sossego, não conseguia distrair-se e foi para casa sem cear. Ao passar pela Praça do Mercado, parou a refletir. Teve de confessar a si mesmo que a curiosidade o empurrava para casa de Fedor Pavlovitch, para saber se ali se tinha passado alguma coisa. «Mas com que motivo vou eu acordar aquela gente e pôr tudo em alvoroço?», pensava. «Que vão todos para o inferno! Não tenho nada a ver com ele!»

E dirigiu-se para casa, sentindo-se cada vez mais aborrecido consigo mesmo; de repente lembrou-se de Fenya.

— Para o diabo com tudo isto! — exclamou, detestando-se. — Se tivesse falado com ela quando a vi já saberia tudo.

E o desejo de falar com Fenya tornou-se tão imperioso, tão irresistível, que a meio caminho mudou de direção e encaminhou-se para casa de Gruchenka. Chamou da porta da rua e o ruído, transtornando o silêncio da

noite, despertou nele a serenidade, deixando-o confuso e desgostoso. Ninguém lhe respondeu, a não ser a paz de toda a casa.

«Pois não tenho feito pouco barulho!» pensava, muito contrariado. Mas em vez de se ir embora chamou com todas as suas forças, alvoraçando a rua.

— E não respondem! Bem, continuarei a chamar, continuarei a chamar! — murmurava a cada pancada que dava na porta, encolerizando-se contra si mesmo e batendo cada vez com mais fúria...

Capítulo 6 — «Aqui Estou eu Também!»

Mokroe ficava a pouco mais de vinte *verstas,* e com tal brio galopavam os cavalos de Andrey que numa hora e um quarto podiam fazer o caminho. A rapidez da corrida reanimou Mitya. O ar era fresco e no céu as constelações cintilavam. Era de noite e talvez à mesma hora em que Aliocha se deitava por terra e jurava, transportado, amá-la sempre.

Tudo era confusão e reboliço na alma de Mitya e apesar de muitas coisas pesarem no seu coração nesse momento, deixava-se arrebatar inteiramente pela aspiração que sentia por ela, a sua rainha, que iria ver pela última vez. O seu coração não vacilou um instante. Posso afirmar que Mitya não sentia a mais leve sombra de ciúme daquele novo rival que parecia ter brotado do solo. Qualquer outro que ele já conhecesse e que tivesse aparecido tê-lo-ia feito sentir ciúmes a ponto de ser capaz de manchar as suas mãos com sangue. Mas no silêncio da noite, só cortado pela veloz correria dos cavalos que o transportavam, não sentia a menor inveja, a mais leve animosidade contra esse homem que fora o primeiro a amá-la... É certo que ainda o não conhecia.

«Não posso queixar-me; estão ambos no seu direito; foi ele o seu primeiro apaixonado e durante estes cinco anos nem ele a esqueceu, nem ela deixou de o amar. Como poderei opor-me? Com que direito? Fica de lado, Mitya! Retira-te! Quem sou eu agora? Ainda que esse oficial não tivesse aparecido tudo teria acabado, teríamos chegado ao fim...»

Se tivesse podido raciocinar seria esta a lógica do seu pensamento; mas não estava em estado de o fazer: as suas afirmações haviam sido espontâneas desde as primeiras palavras de Fenya e continuava a querer manter os seus propósitos. A sua súbita decisão não lhe devolveu a paz, a sua alma continuava a agitar-se num turbilhão de angustiosa confusão, deixando para trás muitas coisas que o torturavam. De vez em quando admirava-se por ter escrito a sua sentença na folha de papel que ainda trazia no bolso do casaco: «Castigo-me» de ter carregado as pistolas e de ter resolvido esperar pelo aparecimento de Febo. Mas não conseguia esquecer o passado, que lhe caía em cima, acabrunhando-o.

Por um momento sentiu o impulso de mandar parar os cavalos, saltar em terra e dar um tiro na cabeça, para acabar com tudo sem esperar pela madrugada. Mas foi apenas um relâmpago. Os cavalos a toda a brida «devoravam o espaço» e, à medida que o término da viagem se aproximava, a imagem dela invadia a sua alma, dissipando os negros fantasmas que o enchiam de angústia. Oh, como ansiava vê-la, ainda que fosse apenas por um momento, mesmo que fosse de longe!

«Ela está com ele», pensava. «Vou ver como se conduz com o seu primeiro amor; é tudo o que desejo.» Nunca tinha sentido por aquela mulher o amor que agora despertava no seu coração, um amor novo, desconhecido, que a si mesmo surpreendia. Sentia para com ela uma necessidade de dedicação e de sacrifício. «Sacrificar-me-ei», pensava num delírio arrebatador.

Havia aproximadamente uma hora que galopavam. Mitya continuava silencioso e Andrey, que vulgarmente era loquaz, como todos os cocheiros, não tinha aberto a boca. Como se temesse falar, não cessava de animar os seus magros mas fogosos baios.

De repente ouviu a voz ansiosa de Mitya:

— Andrey! E se estão a dormir! — A ideia tinha-lhe ocorrido repentinamente e atingira-o como uma pedrada.

— Pode muito bem suceder isso, Dmitri Fedorovitch.

Mitya fez uma careta como se sentisse alguma dor. Lindo papel o dele... correndo... com tão generosos sentimentos... enquanto eles estavam a dormir... e talvez ela com... E deixou-se dominar pela cólera.

— Depressa, Andrey, fustiga os cavalos! Depressa! — gritava por detrás do cocheiro.

— Mas talvez não se tenham deitado! — respondeu o cocheiro depois de uma pausa. — Timofey disse-me que eram não sei quantos...

— E onde se encontravam?

— Na estalagem de Plastunov, onde alugaram os cavalos.

— Bem sei! E dizes que são muitos? Como? Quem são? — gritou Mitya ao ouvir estas novidades.

— Bem, Timofey disse-me que são todos cavaleiros. Dois são da cidade. Não sei quem. Não me lembrei de lhe perguntar. Timofey disse que ficaram a jogar às cartas.

— Às cartas?

— Talvez continuem a jogar, pois pouco passa das onze.

— Depressa, Andrey, depressa — voltou a gritar nervosamente Dmitri.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, senhor? — disse Andrey. E depois de uma pausa: — Mas receio que se aborreça, senhor.

— O quê?

— Quando Fenya se deitou a seus pés suplicando-lhe que não fizesse mal à patroa e não matasse o outro... o senhor compreende... como sou eu que o trago... o senhor desculpe, mas a minha consciência... talvez seja estúpido em falar nisto...

Mitya, enfurecido, agarrou-o por um braço e gritou:

— És cocheiro?

— Sim, senhor.

— Então sabes que é preciso deixar passar. Que dirias de um cocheiro que não parasse diante de coisa nenhuma e que seguisse sempre em frente, atropelando tudo e todos? Não, um cocheiro não deve passar por cima de ninguém, não deve tirar a vida a ninguém. Mesmo que seja só um a quem tenhas morto deves ser castigado.

Mitya falava exaltadamente, deixando Andrey suspenso, embora não deixasse de falar no assunto.

— Isso é justo, Dmitri Fedorovitch. O senhor tem razão. Não se deve atropelar, nem matar ninguém, nem pessoa, nem animal, porque todos são criaturas de Deus. Por exemplo: os cavalos; alguns de nós maltratam-nos. Nada os contém e por isso usam de violência.

— Nem o inferno? — perguntou Mitya soltando uma gargalhada. E agarrando novamente Andrey pelos ombros, perguntou: — Diz-me, alma cândida, diz se achas que Dmitri Fedorovitch irá para o inferno. Que te parece?

— Não sei, senhor, isso depende de si... quando o Filho de Deus morreu cravado na cruz, desceu aos infernos e deu liberdade a todos os pecadores que lá sofriam. O diabo rugiu de cólera, pensando que não iriam mais pecadores para o inferno; então Deus disse-lhe: «Não grites, que ainda terás aqui metade da humanidade: políticos, magistrados, ricos, encher-te-ão a casa como sempre têm enchido em todos os tempos, até que eu volte...» Foram estas as suas palavras.

— Oh! Histórias de aldeões! Magnífico! Dá mais pressa ao da esquerda, Andrey!

— Já o senhor vê para quem é o inferno — respondeu Andrey chicoteando o cavalo do lado esquerdo. — Mas o senhor é como uma

criança... é assim que nós o consideramos. Tem um génio arrebatado... mas isso há de ser-lhe perdoado devido ao seu bom coração.

— E tu, Andrey! Perdoas-me?

— Perdoar-lhe o quê? Nunca me fez mal nenhum!

— Não, por todos, por todos. Tu que estás aqui sozinho comigo, queres perdoar-me em nome de todos? Fala, coração sincero de aldeão!

— Ah, senhor! Tenho medo de o conduzir a Mokroe. Diz coisas tão estranhas!

Mitya não o ouvia, absorto numa estranha oração delirante que pronunciava a meia voz.

— Recebei-me Senhor, ímpio como sou, e não me condeneis pois já me condenei a mim mesmo. Livra-me do Teu julgamento... não me condenes porque já me condenei e porque Te amo, Senhor. Sou um malvado mas amo-Te. Se me enviares para as profundidades do inferno, dali continuarei a amar-Te e a gritar que Te amo pelos séculos e séculos... Mas deixa-me amar até ao fim... Só durante cinco horas... até que luza o Teu primeiro raio de luz... Deixa-me amar a rainha da minha alma. Amo-a e não posso deixar de amá-la. Tu vês toda a minha alma... quando chegar hei de lançar-me aos pés dela dizendo: «Tens razão em me deixar! Adeus e esquece a tua vítima... não te preocupes nunca comigo!»

— Mokroe! — exclamou Andrey incitando os cavalos.

Na escuridão começava a distinguir-se o contorno de velhas construções. Mokroe contava dois mil habitantes e toda a povoação dormia em paz, iluminada apenas por algumas luzes que brilhavam ao longe como as brasas de uma lareira apagada.

— Apressa o andamento, Andrey! Estamos a chegar! — exclamou alvoraçadamente Mitya.

— Não estão a dormir! — disse Andrey, apontando para a pousada de Plastunov que se encontrava iluminada, logo à entrada da povoação.

— Não dormem! — repetiu Mitya rejubilante. — Depressa, Andrey! Depressa! Faz estalar o chicote! Faz com que toquem as campainhas! Que saibam que já aqui estou! Que cheguei!

Andrey fustigou os fatigados cavalos que partiram num galope vivo até irem parar ofegantes e suados, à porta da estalagem.

Mitya desceu da carruagem e encontrou-se em frente do estalajadeiro que, surpreendido com todo aquele alvoroço quando ia para a cama, descera para ver quem chegava.

— É você, Trifon Borisovitch?

O estalajadeiro aproximou-se e ao reconhecer o seu hóspede desfez-se em amáveis cumprimentos.

— Meu respeitável senhor, Dmitri Fedorovitch! Temo-lo por cá outra vez?

Era um robusto camponês, gordo e de estatura mediana. Duro e altivo com os da sua classe, especialmente com os de Mokroe, mostrava-se no entanto obsequiosamente servil com os que podiam servir os seus interesses. Vestia à moda russa, uma camisa abotoada de lado e um colete debruado. Não contente com a fortuna que já possuía, ansiava melhorar a sua posição e tinha nas suas garras metade da povoação, pois todos lhe deviam dinheiro. Aos proprietários comprava-lhes e arrendava-lhes terras que os aldeões lhe cultivavam em pagamento das dívidas que tinham para com ele e que nunca conseguiriam pagar. Era viúvo e tinha quatro filhas. A mais velha era viúva e vivia com os dois filhos na pousada, trabalhando como uma criada. A segunda, estava casada com um oficial subalterno, cujo retrato, envergando o uniforme, se encontrava entre as fotografias da família que enchiam uma parede. As duas mais novas vestiam trajes azuis ou verdes, à moda, muito puxados para trás e com uma gola de meio metro, sempre que iam à igreja, aos domingos, ou a fazer qualquer visita, o que não impedia que se levantassem de madrugada para varrer a casa e limpar os quartos dos hóspedes.

Apesar do dinheiro amontoado, Trifon Borisovitch mantinha o gosto em limpar os bolsos dos seus clientes, e recordando que há pouco menos de um mês tinha ganho com Dmitri, em menos de quarenta e oito horas, uns trezentos rublos, recebeu-o com toda a espécie de mesuras, farejando a presa.

— Dmitri Fedorovitch, meu querido senhor, que alegria voltar a vê-lo!

— Cala-te, Trifon Borisovitch — replicou Mitya. — Primeiro e antes de tudo diz-me: onde está ela?

— Agrafena Alexandrovna? — perguntou vivamente o estalajadeiro olhando sagazmente para o apaixonado. — Também a temos aqui...

— Com quem? Com quem?

— São forasteiros. Um deles é um cavalheiro polaco, a julgar pela sua pronúncia, foi o que a mandou buscar. O outro é um amigo ou companheiro de viagem, não sei. Ambos vestem como senhores.

— E divertem-se? Têm dinheiro?

— Divertem-se? Não chegam a tanto, Dmitri Fedorovitch.

— Não chegam a divertir-se? E os outros?

— São dois senhores da cidade. Voltavam de Tcherny e pararam aqui. Um é parente de Miusov, não me recordo do nome... o outro creio que o senhor sabe quem é, um tal Maximov que, segundo consta, veio em peregrinação ao mosteiro, e viaja com o parente de Miusov.

— Mais ninguém?

— Mais ninguém.

— Ouve, Trifon Borisovitch: diz-me o principal. E ela como está?

— Chegou há pouco. Está com eles.

— Está alegre? Ri?

— Não. Parece-me que não ri muito. Está sentada com ar triste, acariciando os cabelos do rapaz.

— Do polaco? Do oficial?

— O polaco não é novo e nem sequer é oficial. Não é esse. O rapaz é o parente de Miusov... esqueci-me do nome dele. Kalganov? Exatamente, Kalganov!

— Muito bem. Vou ver. Estão a jogar às cartas.

— Já acabaram. Tomaram chá e depois o polaco pediu licores.

— Cala-te, Trifon Borisovitch, cala-te. Agora verei por mim mesmo. Deixa-me perguntar-te uma coisa. Tens ciganos?

— Já não estão cá, Dmitri Fedorovitch. As autoridades expulsaram-nos. Mas há judeus que tocam cítara e violino e esses podem avisar-se. Virão imediatamente!

— Manda-os buscar — ordenou Mitya. — E reúne as moças como da outra vez: Maria, Estepanida e Arina. Duzentos rublos para o coro!

— Por esse preço faço vir aqui toda a povoação, mesmo que estejam a dormir. Os nossos aldeões não merecem essas magnificências. Nem sequer as moças. Gastar tanto dinheiro, Dmitri Fedorovitch, com gente tão grosseira e rude! Repartir cigarros com esses bandidos que cheiram mal! Todas as moças são umas piolhosas. Eu farei com que as minhas filhas os divirtam de graça. Guarde essa quantia. Elas acabam de deitar-se mas nem que seja a pontapés farei com que venham cantar para si.

Apesar do interesse que mostrava por Mitya, já tinha separado meia dezena de garrafas para si e escondido debaixo da mesa uma nota de cem rublos, que logo a seguir meteu no bolso.

— Recordas-te, Trifon Borisovitch, que da outra vez gastei num momento mais de mil rublos?

— Sim, lembro-me que desembolsou uns três mil rublos!

— Pois vim gastar outro tanto; vês?

E tirando as notas do bolso passou-as por baixo do nariz do outro.

— Agora ouve o que te digo; dentro de uma hora há de chegar o vinho, os fiambres, os pastéis; manda subir tudo imediatamente. Esta caixa que Andrey trouxe é também para ir para cima. Abram-na e sirvam imediatamente champanhe. Manda chamar as moças. Não deixem de avisar Maria.

Voltou à carruagem e foi buscar as pistolas.

— Façamos as contas, Andrey. Aqui tens quinze rublos pela viagem e cinquenta para *vodka*... pela tua diligência, pela tua vontade... Lembra-te de Karamazov!

— Tenho medo, senhor — tartamudeou Andrey. — Dê--me cinco rublos de gorjeta. Não lhe aceitarei mais. Trifon Borisovitch será minha testemunha. Perdoe a minha estupidez...

— De que tens medo? — perguntou Mitya olhando-o de alto a baixo. — Então vai para o diabo! — E entregou-lhe cinco rublos. — Agora, Trifon Borisovitch, acompanhe-me com todo o cuidado a um sítio de onde eu os possa ver sem ser visto. Onde estão? Na sala azul?

O estalajadeiro olhou Mitya receosamente, mas apressou-se a obedecer. Guiou-o até ao corredor e entrou na sala contígua à ocupada pelos hóspedes, apagou a luz com as precauções de um ladrão, fez entrar Mitya na sala e deixou-o junto de uma frincha de onde ele poderia espreitar sem ser visto. Mitya não pôde olhar durante muito tempo, pois ao ver a sua deusa, o coração começou a bater-lhe desordenadamente e os olhos turvaram-se-lhe.

Ela estava numa cadeira ao lado da mesa e junto da extremidade do sofá onde se sentava o belo Kalganov, a quem dava a mão e sorria, enquanto o jovem, indiferente e quase humilhado por aquela carícia, falava com Maximov, que ocupava o outro lado da mesa, em frente de Gruchenka. Ele estava também no sofá e o outro forasteiro numa cadeira. Maximov ria gostosamente de qualquer coisa. O polaco, encostado para trás na cadeira, fumava displicentemente o seu cachimbo. Mitya ficou impressionado pela sua obesidade, a sua pequena estatura, e a sua expressão de aborrecimento; o outro, pelo contrário, parecia de enorme

estatura. E não conseguiu fixar mais pormenores. Faltava-lhe a respiração, não podia suportar por mais tempo aquilo. Deixando as pistolas sobre uma cadeira, assumiu um ar glacial e entrou na sala azul, enfrentando os que ali se encontravam.

— Ai! — gritou Gruchenka, que foi a primeira a vê-lo.

Capítulo 7 — O Seu Primeiro e Digno Amante

Mitya avançou em direção à mesa em passo militar e começou a falar em voz alta, quase aos gritos, interrompendo-se a cada palavra. — Cavalheiros, eu... eu, muito bem! Não receiem! Eu... não há que recear — disse voltando-se bruscamente para Gruchenka, que se agarrara com força ao braço de Kalganov. — Eu... também vim. Estarei aqui até ao amanhecer. Senhores, posso ficar convosco até que o Sol nasça? Até que seja dia, pela última vez, nesta mesma sala?

Terminou dirigindo-se ao homem do cachimbo. Este tirou-o da boca com ar importante e respondeu serenamente:

— *Pania,* estamos aqui na intimidade e existem outras salas.

— Mas és tu, Dmitri Fedorovitch? — exclamou Kalganov. — Senta-te junto de nós! Como estás?

— Encantado por te ver, querido... e estimado amigo, sempre te considerei um bom rapaz — respondeu Mitya com alegria e entusiasmo, estendendo-lhe a mão por cima da mesa.

— Ai! Não apertes tanto! Por pouco que me partes os dedos — disse Kalganov, rindo.

— Aperta sempre assim — disse Gruchenka com um sorriso, como se pelo aspeto de Mitya receasse que ele tentasse fazer escândalo. Olhava-o com uma curiosidade mesclada de inquietude, como se esperasse qualquer quer outra coisa, menos que ele começasse a falar assim naquele momento.

— Boas noites — atreveu-se a dizer timidamente Maximov.

Mitya correu para ele.

— Boas-noites. Também tu aqui estás? Que contente estou por encontrar-te! Senhores, cavalheiros, eu... — Dirigiu-se de novo ao homem do cachimbo como se aquele fosse a pessoa mais considerada da reunião. — Vim a voar... queria passar o meu último dia... a minha última hora nesta sala... na mesma sala onde também eu adorei... a minha rainha... Perdão, *pania* — gritou como um bárbaro — voei para aqui e adorei... Oh! Não tenham medo! É a minha última noite! Bebamos em boa harmonia.

Daqui a pouco vêm trazer o vinho... Trago aqui isto — um singular impulso fê-lo mostrar o maço das notas. — Permita-me, *pania*! Quero música, canto, um bacanal como da outra vez e em seguida o verme desaparecerá, o inútil verme, e ninguém falará mais nele.

Calou-se! Queria dizer muitas, muitas coisas, mas apenas deixou escapar confusas lamentações. O polaco olhava-o e observava o precioso maço de notas, fitando depois Gruchenka com perplexidade.

— Se a minha soberina senhora o permitir... — insinuou.

— Que é isso de soberina? Queres dizer soberana, com certeza — interrompeu Gruchenka. — Fazes-me rir com a tua maneira de falar. Senta-te, Mitya. Que estavas a dizer? Não nos assustes, não? Se prometeres não nos assustar ficarei muito contente por estares aqui...

— Eu, assustá-los? — gritou Mitya agitando os braços. — Passem! Sigam o vosso caminho que eu não me oporei!

De repente todos ficaram surpreendidos ao verem-no deixar-se cair numa cadeira, esconder a cabeça entre os braços e começar a chorar desconsoladamente.

— Então, então, que criancice é essa! — repreendeu Gruchenka. — Faz sempre isto quando me vai ver: fala, fala e nunca sei o que quer. Da outra vez também chorou aqui e agora faz o mesmo. Não é uma vergonha? Por que choras? *Como se tivesse algum motivo para chorar!* — acrescentou misteriosamente, acentuando cada uma destas palavras com voz irritada.

— Eu... eu não choro... Eh! Boa noite! — exclamou, voltando-se na cadeira. E começou a rir com um riso prolongado, nervoso, convulsivo, que em nada fazia lembrar a sua franca gargalhada de bárbaro.

— Bem, já lhe passou... Vamos, alegra-te, alegra-te! — dizia Gruchenka em tom persuasivo. — Estou muito contente por teres vindo, muito contente. Ouves, Mitya? Quero que fiques connosco — acrescentou imperativamente, dirigindo-se a todos, apesar de se ver claramente que falava em especial para o que se encontrava sentado no sofá. — Sou eu que o quero! E se ele se for embora também eu irei!

Os olhos dela fulguravam.

— O que a minha rainha ordena é lei! — disse o polaco beijando galantemente a mão de Gruchenka. Depois dirigindo-se delicadamente a Mitya, acrescentou: — Peço-lhe, *pania,* que fique connosco.

Mitya levantou-se com o propósito de improvisar outro discurso, mas não encontrou palavras e limitou-se a este convite:

— Bebamos, *pania.*

Todos riram.

— Santos céus! Pensava que ia começar outra vez! — exclamou nervosamente a mulher. — Ouves Mitya? Fizeste bem em trazer champanhe. Até eu desejo beber um pouco. Não suporto os licores. E foi bom teres vindo tu também. Aborrecíamo-nos solenemente... Vens então fazer festa, hem? Mas guarda o dinheiro no bolso. Onde arranjaste tudo isto?

Mitya continuava com o dinheiro na mão, atraindo todos os olhares, particularmente o do polaco. Atabalhoadamente meteu o dinheiro no bolso e corou. Nesse momento entrava o estalajadeiro com uma garrafa destapada e uma bandeja com copos. Mitya tirou-lhe a garrafa, mas estava tão desconcertado que não sabia o que fazer. Kalganov tirou-lhe a garrafa da mão e encheu os copos.

— Outra garrafa! — gritou Mitya para o estalajadeiro, esquecendo-se de chocar o seu copo com o do polaco a quem tão solenemente convidara, e bebeu o conteúdo do copo de um trago, sem querer saber dos demais. Imediatamente a sua expressão mudou.

A trágica expressão que trazia à chegada desaparecera e um aspeto pueril, de cortesia e de submissão sucedeu-lhe. Olhava para todos com um sorrisinho de menino medroso e feliz e mais parecia um cãozinho que quisesse fazer as pazes com o dono, depois de ter levado uma palmada por causa de algum disparate. Aproximava a sua cadeira da de Gruchenka, olhando-a muito e rindo-se. Sem dizer nada a respeito dos dois polacos não deixava no entanto de os examinar, detendo-se de vez em quando em maior observação.

Daquele que estava sentado no sofá impressionava-o o porte digno, a pronúncia polaca e, sobretudo, o cachimbo. «Bem, não é mal nenhum fumar cachimbo.» A obesidade, a cara, que denotava a maturidade do homem, o seu pequeno nariz sobre o bigode revirado num ar insolente, não o preocuparam grandemente, nem sequer a absurda peruca da Sibéria que ele usava enterrada pela testa. «Se usa peruca deve ser por alguma coisa», pensou beatificamente. O outro polaco, de olhar insolente e provocante, que escutava tudo com ar desdenhoso sem se meter na conversa, chocou-o pela sua imensa estatura, que contrastava com a do companheiro. «De pé

deve medir quase dois metros!», pensou, concluindo logo em seguida que aquele polaco devia ser amigo do outro, assim com uma espécie de guarda-costas; não tinha dúvidas de que se encontrava ao serviço do indivíduo do cachimbo. Via-se perfeitamente que o seu perene estado de submissão afastava qualquer ideia de rivalidade.

Os modos e o tom misterioso de algumas palavras de Gruchenka passaram-lhe por alto; notou apenas que ela era boa para ele, que lhe tinha perdoado e que até tinha querido que ele se sentasse a seu lado. E só isto lhe enchia de alvoroço o coração. Sentia-se felicíssimo ao esvaziar o copo de champanhe. O silêncio que todos mantinham acabou no entanto por preocupar Gruchenka, que olhou à sua volta de um modo que parecia dizer: «Porque estamos nós aqui sentados, senhores? Porque não fazemos qualquer coisa?»

— Ainda não parou de disparatar nem nós de rir! — disse Kalganov, como adivinhando o pensamento dela.

Mitya olhou-os.

— Disse disparates? Ah! ah! — riu francamente, feliz por terem começado a falar.

— Quer dizer que todos os nossos oficiais de cavalaria se casavam com polacas, nos anos vinte? É uma solene mentira, não é verdade?

— Com polacas? — repetiu Mitya, extasiado.

Kalganov percebera a atitude de Mitya para com Gruchenka e do efeito que isso produzira no polaco, mas não lhe interessava absolutamente nada; Maximov merecia toda a sua atenção. Chegara à pousada com ele, por casualidade, e ali tinham encontrado os dois polacos que nem sequer por referências conheciam. Gruchenka já ele conhecia e visitara-a até uma vez, com um amigo. Em casa ela não lhe tinha prestado nenhuma atenção, mas ali, antes de Mitya chegar, mostrara-se muito afetuosa, enchendo-o de atenções e carícias que pareciam deixá-lo indiferente. Era um jovem muito atraente, que ainda não fizera os vinte anos; vestia com elegância, estava barbeado e tinha o cabelo cuidadosamente penteado. Os seus belos olhos, de um azul claro, olhavam com expressão inteligente e até profunda, apesar de às vezes ele ter maneiras quase pueris, que longe de o envergonharem lhe davam uma certa complacência. Vulgarmente era obstinado e caprichoso, mas sempre um bom amigo. De vez em quando notava-se-lhe uma expressão fixa no olhar. Parecia olhar as pessoas atentamente e ao mesmo tempo a sua

fantasia pairar em regiões muito distantes daquelas em que a conversa se situava.

Deixava-se levar pela preguiça e despreocupação e de súbito interessava-se por qualquer coisa.

— Calcula — continuou, arrastando indolentemente as palavras, se bem que sem a mini na afetação — que há quatro dias que não me larga. Desde que o teu irmão o atirou da carruagem e o deixou no chão. Lembras-te? Nessa altura tive pena dele, interessei-me por ele e segui-o até esta comarca. Mas conta tais disparates que até me envergonho de andar na sua companhia. Devolvo-o à sua terra.

— O senhor nunca viu uma dama polaca e o que conta é impossível — disse o do cachimbo a Maximov.

Sabia perfeitamente o russo, mas parecia agarrar-se aos modismos e pronúncia polacos.

— Se eu próprio estive casado com uma polaca! — replicou Maximov.

— Mas serviste na cavalaria? Tu falavas de cavalaria. Eras oficial de cavalaria? — perguntou Kalganov.

— Era oficial de cavalaria? Ah! ah! — gritou Mitya que seguia a conversa olhando para uns e para outros como se esperasse ouvir grandes coisas.

— Não, o que eu dizia — explicou Maximov — é que as belas moças da Polónia... quando dançavam a mazurca com os nossos homens, sentavam-se depois nos joelhos deles como gatas... como lindas gatinhas brancas... e os papás viam e permitiam... permitiam... e no dia seguinte o homem ia pedir a mão da moça... isso... pedir a mão. Ah! ah!

— Este *pan* é um *lajdak* — grunhiu o polaco alto, cruzando as pernas.

Mitya reparou nas suas botas de cabedal grosso e enlameado. Os dois polacos pareciam estar bastante sujos.

— Bem, já temos um *lajdak.* Que está esse a dizer? — disse Gruchenka, aborrecida.

— Pani Agripina, este senhor não viu na Polónia senão criadas e nunca senhoras bem-nascidas — explicou a Gruchenka o homem do cachimbo.

— Calculem! — exclamou o seu companheiro com desprezo.

— Basta! Deixem falar! Porque hão de estorvar? Que graça tem? — replicou Gruchenka, irritada.

— Eu não os estorvo, *pani* — respondeu o homem do cachimbo, deitando a Gruchenka um olhar descontente e continuando a fumar em

silêncio.

— Não, não — gritou Kalganov, dando ao assunto grande importância. — O senhor polaco tem razão. Se nunca esteve na Polónia como pode falar assim? Suponho que não foi na Polónia que te casaste, pois não?

— Não, foi na província de Smolensko. Um fulano trouxe a minha futura esposa, a mamã dela, uma tia e uma outra parente que tinha um filho crescido, à Rússia. Trouxe-a da Polónia e depois cedeu-ma. Era um tenente do meu regimento, um rapaz muito estranho. Queria casar com ela mas depois arrependeu-se por ela ser coxa.

— Então casaste com uma coxa? — gritou Kalganov.

— Sim, eles puseram-se os dois de acordo para me enganar, ocultando-me que ela coxeava. Eu julguei que ela bailava... pois ela bailava... eu pensei que de alegria.

— Estava contente por ir casar contigo! — exclamou Kalganov rindo como uma criança.

— Sim, muito contente. Mas depois vi que saltava por outra causa. Ela própria mo confessou na noite das núpcias e me pediu perdão com grande sentimento. «Caí ao saltar um charco», disse-me ela, «e parti a perna.»

Kalganov morria de riso, Gruchenka também ria e Mitya estava no auge da alegria.

— Sabes, Mitya? O que ele está a dizer é a pura verdade. Agora sei que não mente — exclamou Kalganov — mas ele casou duas vezes e essa era a primeira mulher. A segunda mulher deixou-o e anda por aí.

— Será possível! — exclamou Mitya olhando piara Maximov com ar de espanto.

— Sim, sim fugiu; tive essa desagradável experiência — assentiu Maximov com ar modesto. — Fugiu com um *monsieur*. O pior é que eu tinha posto em nome dela toda a minha fazenda. «Tu és um talento», dizia-me ela, «poderás sempre ganhar a tua vida.» E com estas palavras deixou os meus negócios em dia. Um reverendo bispo disse-me uma vez: «A tua primeira mulher era coxa, mas a segunda era demasiadamente ligeira de pernas!» Hi, hi, hi!

— Ouçam, ouçam! — gritou Kalganov com crescente entusiasmo. — Ele mente constantemente, mas mente para nos divertir. Que mal há nisto?, pergunto eu. Às vezes até gosto. É um cínico, mas o cinismo fica-lhe muito bem. Não lhes parece? Há quem seja ruim por interesse, mas ele é-o por natureza. Imaginem que pretende... ontem não falou noutra coisa...

pretende ter sido ele a inspirar a Gogol as «Almas Mortas». Leram essa novela? Existe um proprietário chamado Maximov a quem Nozdriov bateu. Recordem que este foi acusado de ultrajar de modo material a pessoa de Maximov num momento de embriaguez. Calculem que afirma ser ele o verdadeiro Maximov e declara que foi de facto agredido. Mas isso não pode ser. Tchitchikov fez a sua viagem o mais tardar no ano vinte e sendo assim os factos não concordam. Não pode ter sido este o açoitado de então, não pode.

Era difícil compreender porque Kalganov se entusiasmava, mas o seu entusiasmo era sincero e Mitya compartilhava-o.

— Bem, suponhamos que o açoitaram — disse, rindo.

— Não é exato que me tenham açoitado — replicou Maximov. — O que digo é que...

— Que dizes? Açoitaram-te ou não?

— Que horas são, *pania*? — perguntou o do cachimbo ao outro polaco com ar de aborrecimento. O alto encolheu os ombros. Nenhum dos dois levava relógio.

— Porque não hão de falar? Deixem os outros! Quer dizer que ninguém pode falar porque vocês se aborrecem? — disse Gruchenka, irritada. Um raio de luz atravessou o espírito de Mitya ao ouvir isto.

O polaco respondeu com visível irritação:

— *Pani,* eu não me oponho. Não disse nada.

— Está bem. Continua, Maximov. Porque te calaste?

— Não há nada a dizer; é um disparate — respondeu Maximov visivelmente satisfeito. — Além disso em Gogol tudo é simbólico e até os nomes são falsos. Nozdriov chamava-se de facto Nozov; Kuvchinikov tinha um nome muito diferente, chamava-se Chkrornev. Fenardi é que manteve o seu nome verdadeiro, mas era russo e não italiano e a menina Fenardi era uma bela moça de pernas gordas e curtas, que se mostravam por baixo da saia bordada a lantejoulas quando dava voltas sobre si mesma; no entanto não dançava durante quatro horas, mas sim durante quatro minutos. Mesmo assim fascinava toda a gente...

— E porque te bateram? — insistiu Kalganov.

— Por causa de Piron.

— Quem é esse Piron?

— Um famoso escritor francês. Bebíamos todos amigavelmente numa taberna da feira. Tinham-me convidado e eu comecei a citar epigramas.

«Tu por aqui, Boileau? Que alegre estás!» E Boileau responde que vai a uma mascarada, isto é, aos banhos. Eh, ah! Eles tomaram a alusão para si e eu apressei-me a recitar um epigrama conhecido de todo o homem ilustrado:

Somos Safo e Faão, mas um pesar
nos entristece aos dois: não atinar
com o caminho que conduz ao mar.

Ofenderam-se ainda mais e começaram a injuriar-me da maneira mais indecente. E como se a desgraça me perseguisse nesse dia, contei-lhes uma anedota que revela grande erudição e se refere ao facto de Piron ter feito um epitáfio relacionado com o facto de não ter sido admitido na Academia Francesa:

Aqui jaz Piron que não foi nada,
nem sequer académico.

Saltaram-me em cima e espancaram-me.

— Por quê? Por quê?

— Por causa da minha educação. As pessoas são capazes de tratar mal os outros por qualquer motivo — concluiu sentenciosamente.

— Chega! Tudo isso é estupidez; não quero ouvir mais nada. E eu que julgava que era divertido! — E Gruchenka deu a brincadeira por terminada.

Atrapalhado, Mitya deixou de rir.

O polaco alto levantou-se e como quem se sente fora do seu ambiente, começou a passear de um lado para o outro com as mãos atrás das costas.

— Ah! Não pode estar sentado! — exclamou Gruchenka deitando-lhe um olhar de desprezo.

Mitya sentiu-se maldisposto ao ver o do cachimbo olhá-lo com aversão. E gritou:

— *Pania,* bebamos! E o outro *pan* também.

E encheu três copos.

— Pela Polónia, senhores. Bebo pela vossa Polónia! — exclamou.

— Bebo com muito gosto! — exclamou o polaco do cachimbo pegando no copo com dignidade e amável condescendência.

— E o outro *pan...* como se chama? Beba, ilustríssimo senhor, tome um copo — insistiu Mitya.

— Pan Vrublevsky — disse o do cachimbo.

O outro aproximou-se lentamente da mesa.

— Pela Polónia, *panovia!* — gritou Mitya erguendo o copo. — Viva!

Beberam os três. Mitya pegou na garrafa e voltou a encher os copos.

— Agora pela Rússia, *panovia,* e sejamos irmãos!

— Deita aqui um pouco — disse Gruchenka. — Também quero beber pela Rússia.

— Eu também — acrescentou Kalganov.

— E eu... pela Rússia... pela avó! — tartamudeou Maximov.

Pediram as três garrafas que faltavam e Mitya voltou a encher os copos.

— Pela Rússia! Viva! — exclamou. Todos beberam exceto os polacos. Gruchenka esvaziou o seu copo de um trago. Os polacos nem lhes tocaram.

— O que é isso, *panovia?* — gritou Mitya. — Então não bebem?

Vrublevsky pegou no copo e erguendo-o disse com voz imponente:

— Pela Rússia antes de 1772.

— Assim já é melhor! — disse o outro polaco. E ambos despejaram os seus copos.

— São uns imbecis, *panovia!* — exclamou Mitya sem se poder conter.

— *Pania!* — gritaram os dois polacos olhando para Mitya como dois galos zangados.

— É proibido amar a pátria? — gritou *pan* Vrublevsky que era o mais enfurecido.

— Silêncio! Não discutam. Não quero brigas! — ordenou Gruchenka batendo com o pé no chão. Estava corada e tinha os olhos brilhantes devido ao champanhe.

Mitya assustou-se.

— Perdão, *panovia.* A culpa é minha e lamento. *Pan* Vrublevsky, *pania* Vrublevsky, lamento.

— Cala essa boca e senta-te, estúpido! — ordenou Gruchenka.

E todos se sentaram e ficaram a olhar-se.

— Cavalheiros, sou eu que tenho a culpa de tudo — começou de novo Mitya incapaz de obedecer à ordem de Gruchenka. — Porque estamos aqui parados? Não podíamos fazer qualquer coisa para nos divertirmos?

— Claro! O melhor é divertirmo-nos! — exclamou Kalganov.

— Joguemos à banca como há pouco — disse Maximov.

— À banca? Magnífico! Se os senhores... — exclamou Mitya.

— É tirde, *panovia* — disse o polaco mais alto, com ar de aborrecimento.

— Tirde? Que quer dizer tirde? — perguntou Gruchenka.

— Tarde! Ele quer dizer que é tarde — explicou o do cachimbo.

— Para vocês é sempre tarde! Nunca se pode fazer nada com eles — gritou Gruchenka com voz penetrante e irritada. — Como são uns insípidos querem que todos o sejam. Antes de tu chegares, Mitya, estavam calados como ratos e não faziam caso de mim.

— Minha deusa! — exclamou o do cachimbo. — Vejo que estás agressiva comigo. Desculpa a minha melancolia. À sua disposição, *pania* — acrescentou dirigindo-se a Mitya.

— Venha, *pania* — acedeu este tirando o maço de notas do bolso e pondo duzentos rublos em cima da mesa. — Quero que ganhem muito dinheiro. Peguem nas cartas e ponham a banca.

— Pediremos um baralho ao dono da casa, *pania* — disse com ênfase e gravidade o polaco de menor estatura.

— É muito melhor — apoiou *pan* Vrublevsky.

— Ao dono? Muito bem. Compreendo; que o traga. Um baralho! — gritou Mitya para o estalajadeiro.

Este trouxe um baralho de cartas novas e avisou Mitya de que tinham chegado as moças e de que os judeus não tardariam a chegar, mas que estavam ainda à espera do carro das provisões. Mitya levantou-se e foi dar ordens à sala contígua, mas só encontrou três moças. Maria ainda se não encontrava ali. Além disso não sabia que ordens dar nem porque havia ali ido. Contentou-se em dizer às moças que tirassem da caixa doces e caramelos.

— E *vodka* para Andrey, *vodka* para Andrey! — disse de repente. — Portei-me grosseiramente com Andrey!

Voltou-se porque sentiu tocarem-lhe num ombro e viu Maximov que lhe disse ao ouvido:

— Dê-me cinco rublos para eu poder apostar, sim?

— Muito bem! Aqui estão dez! Se perder peça-me mais.

— Muito obrigado — respondeu amavelmente Maximov, afastando-se.

Mitya seguiu-o e pediu desculpa aos outros por os ter feito esperar. Os polacos, já sentados à mesa, abriram a caixa com as cartas novas com um ar muito mais simpático e cordial.

O do cachimbo tinha-o voltado a acender e preparava-se com toda a solenidade para dar as cartas.

— Ocupem os vossos lugares, cavalheiros — disse *pan* Vrublevsky.

— Não, eu não jogo mais. Acabam de ganhar-me cinquenta rublos.

— O *pan* não teve sorte, mas talvez agora a tivesse — disse o do cachimbo.

— O que há na banca? Pode carregar-se muito? — perguntou Mitya.

— O que o senhor queira, *pania;* cem, duzentos rublos, o que queira.

— Um milhão! — riu Mitya.

— Por acaso sabe o que se passou com *pan* Podvisotsky?

— Não sei de que se trata.

— Em Varsóvia jogava-se um dia à banca e estavam a ser recebidas as apostas. Entra Podvisotsky, vê um montão de mil moedas de ouro e aposta contra a banca. O banqueiro pergunta-lhe: «Quer exibir o seu dinheiro ou confio na sua honra?» «Por minha honra, *pania»,* disse Podvisotsky. Então o banqueiro lançou os dados e Podvisotsky ganhou. «Tome», disse o banqueiro entregando-lhe um milhão. «Ganhou-o. Havia um milhão sobre a mesa.» «Não o sabia», replicou Podvisotsky. «Pania Podvisotsky», replicou o banqueiro. «O senhor empenhou a sua honra e nós a nossa!»

— Isso não é verdade! — exclamou Kalganov.

— *Pania!* Entre cavalheiros não se diz isso.

— Como se um trapaceiro polaco fosse capaz de entregar um milhão! — gritou Mitya, mas conteve-se imediatamente. — Perdão, *pania.* Podia realmente entregar um milhão pela honra. Pela honra nacional. Está a ver como falo polaco? Pronto, aqui estão mais dez rublos para apostar.

— Eu ponho um rublo nas copas, na linda dama polaca, na formosa *panienotchka* — riu Maximov, aproximando a carta e cruzando os braços sobre a mesa como se quisesse escondê-la.

Mitya ganhou e o rublo também.

— *Pároli!* — gritou Mitya.

— Eu outro rublo! Só um — murmurou Maximov, muito satisfeito por ter ganho um rublo.

— Perdido! — exclamou Mitya. — Dobro o sete!

O sete perdeu também.

— Basta! — disse Kalganov repentinamente.

— Dobro! Dobro!

Mitya dobrava sempre as paradas e perdia sempre. O rublo ganhava sempre.

— Continuo a dobrar! — gritou Mitya com fúria.

— Perdeu os duzentos rublos, *pania* — disse o do cachimbo. — Quer apostar mais?

— Como? Já perdi duzentos? Pois dobro outra vez!

E tirando do bolso o maço das notas, pôs duzentos rublos sobre uma carta e no mesmo momento Kalganov agarrou-lhe a mão e gritou:

— Não jogues mais. Não quero que jogues mais.

— Que se passa? — perguntou Mitya olhando-o com espanto.

— Não quero que jogues mais. Não quero!

— Porquê?

— Porque não quero. Vai para o diabo! Não te deixo jogar, já sabes!

Mitya contemplou-o como quem tem visões.

— Levanta-te, Mitya. Olha que tem razão. Já perdeste muito — interrompeu Gruchenka, conciliadora, enquanto os polacos se levantavam, ofendidos.

— Está a brincar, *pania?* — disse o mais pequeno olhando severamente para Kalganov.

— Que ousadia é essa? — acrescentou Vrublevsky, levantando-se também.

— Não gritem! Não gritem! — exclamou Gruchenka.

Mitya olhava para uns e para outros, quando reparou em qualquer coisa na cara de Gruchenka que lhe iluminou o espírito.

— *Pani* Agripina — começava a dizer o polaco mais baixo, quando Mitya lhe bateu no ombro e o interrompeu.

— Ilustríssimo senhor, quero dizer-lhe duas palavras.

— Que deseja?

— Queria falar-lhe. É uma coisa muito agradável para si. Creio que ficará satisfeito.

O polaco rechonchudo dera dois passos atrás e olhava receosamente o seu interlocutor. No entanto acedeu a segui-lo com a condição de ser acompanhado por *pan* Vrublevsky.

— O seu guarda-costas? Que venha! Eu também quero falar com ele. Vamos, *panovia!*

— Onde vais? — perguntou ansiosamente Gruchenka.

— Voltamos já — respondeu Mitya.

Uma resolução, uma nova confiança se refletiam no seu rosto, completamente mudado desde a sua chegada, uma hora antes.

Levou os polacos não para a sala onde estava reunido o coro das moças e posta a mesa, mas para outra casa, um quarto onde se amontoavam camas, embrulhos e montes de almofadas.

— Bem, *pania,* não o prenderei por muito tempo. Aqui tem dinheiro — disse Mitya sem rodeios. — Querem três mil rublos? Tomem e vão-se embora.

O polaco olhou para Mitya com um ar inquiridor.

— Três mil rublos, *pania?* — E trocou um olhar com Vrublevsky.

— Três mil, *panovia,* três mil! Vejo que compreenderam. Tomem os três mil rublos e vão para o diabo. Desapareçam para sempre. Aqui está a porta. Saiam por aqui. Trouxeram algum casaco ou peliça? Eu mando-lhos depois. Mandei preparar a carruagem e... boa viagem!

Mitya esperava confiadamente a resposta. Não lhe restavam dúvidas de qual podia ser. No rosto do polaco pintou-se de repente uma resolução extraordinária.

— E o dinheiro, *pania?*

— O dinheiro? Dou-lhe agora mesmo quinhentos rublos para a viagem e como garantia e dois mil e quinhentos amanhã, na cidade. Juro pela minha honra que lhos darei, custe o que custar.

Os polacos trocaram de novo olhares entre si. No semblante do indivíduo do cachimbo apareceu um assomo de resistência.

— Setecentos rublos, dou-lhes imediatamente setecentos rublos! — acrescentou Mitya vendo o caso malparado. — O que é, *pania?* Não confia em mim? Não lhe posso entregar agora os três mil rublos. Se lhos desse, amanhã voltaria. De resto não os trago comigo. Tenho-os na cidade, escondidos em casa. Juro-o.

De repente estampou-se na cara do polaco um sentimento de dignidade ofendida e ele perguntou ironicamente:

— E que mais? É vergonhoso, vergonhoso! — E cuspiu para o chão. *Pan* Vrublevsky imitou-o.

— Se fazem isso — disse então Mitya vendo tudo perdido — é porque tencionam arrancar muito mais a Gruchenka. São dois eunucos.

— Essa é uma ofensa mortal! — gritou o do cachimbo, vermelho de raiva, afastando-se rapidamente como se o não quisesse ouvir mais.

O outro polaco seguiu-o e atrás de todos ia Mitya, preocupado, com receio do que iria dizer Gruchenka, temendo que o polaco estivesse escandalizado. E com efeito o polaco, ao chegar junto de Gruchenka, adotou uma atitude teatral e exclamou:

— *Pani* Agripina, acabo de ser mortalmente insultado!

Gruchenka perdeu então toda a paciência e começou a gritar:

— Fala russo! Fala russo! Nem mais uma palavra em polaco! Tu falavas o russo muito bem. Não o podes ter esquecido em cinco anos.

Gruchenka estava vermelha como uma papoula.

— *Parti* Agripina...

— Chamo-me Agrafena Gruchenka; fala em russo ou não te ouço!

O polaco respirou com ofendida dignidade e falou em russo com petulância e uma pronúncia horrorosa.

— *Pani* Agrafena, vim esquecer o passado e perdoar tudo, perdoar tudo o que sucedeu até hoje...

— Perdoar? Tu perdoares-me a mim! — exclamou Gruchenka levantando-se bruscamente.

— Assim é, *pani.* Não sou pusilânime mas sim magnânimo. Mas os teus apaixonados deixam-me espantado. *Pan* Mitya ofereceu-me três mil rublos para que me fosse embora. Respondi-lhe cuspindo-lhe na cara.

— Como? Ofereceu-te dinheiro por mim? — gritou ela dominada pelo nervosismo. — De verdade, Mitya? Como ousaste? Por acaso estou em venda?

— *Pania, pania!* — gritou Mitya. — Esta mulher é pura. Nunca foi minha amante. Mentes quando dizes...

— Porque me defendes perante ele? — gritou Gruchenka. — Se me mantive pura não foi por virtude nem por medo de Kuzma, mas para poder dizer a este com a cabeça bem levantada que é um canalha. E ele recusou o dinheiro?

— Aceitou-o! Aceitou-o! Mas queria que eu lhe desse imediatamente os três mil rublos e eu não podia dar-lhe mais de setecentos, por agora.

— Acredito! Soube que eu tinha dinheiro e por isso vinha casar-se!

— *Pani* Agripina — gritou o polaco rechonchudo — sou um cavalheiro, sou um nobre e não um *lajdak.* Vim para fazer de ti minha esposa e encontro uma mulher diferente, perversa e sem vergonha.

— Oh, vai-te embora para onde vieste! — gritou Gruchenka enfurecida. — Oh, que estúpida fui atormentando-me durante cinco anos. Não por causa dele, mas pelo despeito que sentia, pelo rancor, por me julgar desgraçada. Além disso este é outro! Não tem nada a ver com aquele que eu amei! Podia ser pai dele! Onde foste buscar essa peruca? Ele era um falcão e este é um ganso. Ele ria e cantava... E eu que chorei durante cinco anos! Idiota, néscia, vil. Que vergonha!

Deixou-se cair na cadeira e ocultou a cara nas mãos. Nesse momento o coro das moças de Mokroe entoava uma alegre melodia.

— Mas isto é Sodoma! — grunhiu Vrublevsky. — Estalajadeiro, expulsa essas desavergonhadas!

O estalajadeiro, que pouco antes estava a espreitar da porta, entrou ao ouvir gritos, compreendendo que os seus hóspedes discutiam.

— Para que grita tanto? — disse, dirigindo-se a Vrublevsky.

— Animal! — bradou aquele.

— Ah, sou animal? E com que cartas jogavam os senhores? Dei-lhes um baralho novo e esconderam-no. Jogavam com cartas marcadas! Fiquem sabendo que podiam ir parar à Sibéria por jogar com cartas falsas, que é o mesmo que notas falsas...

E aproximando-se do sofá meteu a mão debaixo da almofada e tirou o baralho novo.

— Aqui está o meu baralho! Não lhe tocaram! Dali da porta vi como esconderam as minhas cartas e utilizaram as cartas deles. São uns trapaceiros e não uns cavalheiros!

— Eu vi o *pan* mudar duas vezes de carta! — gritou Kalganov.

— Que vergonha! Que vergonha! — exclamava Gruchenka. — Senhor, no que se transformou este homem!

— Eu também pensava... — murmurou Mitya.

Mas antes que ele pudesse acabar a frase, Vrublevsky, com a expressão transtornada pela fúria, ameaçou Gruchenka com o punho, dizendo:

— Raposa velha!

Mitya atirou-se a ele e agarrando-o pelos braços levantou-o no ar e levou-o para a sala contígua, onde pouco antes tinham estado os três.

— Atirei-o ao chão — disse ao voltar. — Ficou estendido. Não há perigo que volte.

Fechou metade da porta e segurando a outra parte voltou-se para o amedrontado polaco:

— Ilustríssimo senhor, quer ter a bondade de se retirar também?

— Meu querido Dmitri Fedorovitch — disse Trifon Borisovitch — faça com que devolvam o dinheiro. É como se lho tivessem roubado.

— Eu não quero os meus cinquenta rublos — declarou Kalganov.

— Nem eu quero os meus duzentos — gritou Mitya. — Por nada deste mundo voltaria a ficar com eles! Que fiquem com eles para se consolarem.

— Bravo, Mitya! — aplaudiu Gruchenka. — És um valente.

O pequeno polaco, vermelho de ira, mas ainda senhor de uma afetada dignidade, dirigiu-se para a porta mas antes de entrar voltou-se e disse a Gruchenka:

— *Pani,* se queres vir comigo, vem. Se não, adeus!

Era um homem tão vaidoso e cheio de si que mesmo depois do que dissera a Gruchenka ainda pensava que ela queria casar com ele. Mitya empurrou a porta nas costas dele.

— Fecha! — disse Kalganov. Mas logo a seguir ouviu-se dar a volta à chave. Eles próprios se tinham fechado por dentro.

— Esta é de primeira! — exclamou implacável, Gruchenka. — Muito bem feito!

Capítulo 8 — Delírio

O que se passou em seguida foi quase uma orgia, uma festa em que toda a gente era bem recebida. Gruchenka foi a primeira a pedir vinho.

— Quero beber. Quero embriagar-me como da outra vez. Recordas-te, Mitya, recordas-te como ficámos amigos da outra vez?

Mitya sentia-se no auge da felicidade, apesar de Gruchenka o afastar dela constantemente.

— Anda, alegra-te. Diz-lhes que dancem, que se divirtam, que dancem até mesmo os gatos e os móveis, como da outra vez.

Gruchenka dizia isto muito excitada e Mitya apressava-se a obedecer-lhe.

O coro estava na sala contígua àquela que eles haviam ocupado até então, que era muito pequena e estava dividida por uma cortina, atrás da qual se encontrava uma enorme cama como vários almofadões. Gruchenka sentou-se numa cómoda cadeira, junto à porta. Tinha escolhido o mesmo lugar que da outra vez. Já tinham chegado todas as moças e os judeus que tocavam nos seus violinos e cítaras. Por fim tinha chegado também o tão desejado carro das provisões.

Mitya afadigava-se alvoroçadamente. Pessoas estranhas entravam na sala para espreitar, homens e mulheres que tinham saído da cama na esperança de terem outra noitada como a do mês anterior. Mitya abraçava todos, apesar de mal se lembrar das suas fisionomias. Desrolhava as garrafas e dava de beber a toda a gente. As moças aceitavam a champanha com satisfação, mas os homens preferiam rum, aguardente e sobretudo ponche. Mitya mandou fazer chocolate para as moças e mandou que servissem durante a noite três samovares, para que todos pudessem ter chá e ponche.

Reinava na pousada uma confusão infernal, mas Mitya sentia-se no seu ambiente, tanto mais exaltado quanto mais loucuras cometia. Se naquela altura os camponeses lhe tivessem pedido dinheiro, teria pegado no maço das notas e distribuído dinheiro à esquerda e à direita. Trifon Borisovitch, temendo que isso sucedesse, antecipou-se para o impedir,

fazendo-se protetor dos interesses de Mitya. Não parecia disposto a ir-se deitar e contentou-se até com beber apenas um ponche para poder vigiar melhor os interesses de Mitya, a seu modo, claro! Com grande oportunidade, delicadeza e habilidade, intervinha, impedindo que Mitya desse vinho do Reno e sobretudo dinheiro aos camponeses, como fizera da outra vez. Já se sentia bastante indignado ao ver como as moças bebiam os licores e comiam chocolates.

— São umas piolhosas, Dmitri Fedorovitch — repetia. — Dei uma patada a cada uma e tomaram isso como uma grande honra... é a única coisa que merecem!

Mitya voltou a lembrar-se de Andrey e ordenou que lhe servissem um ponche. «Fui grosseiro para com ele...», repetia com voz fraca e lastimosa. Kalganov ao princípio não queria beber, nem fazia caso das moças do coro; mas depois de ter esvaziado dois copos de champanha, mostrou-se excessivamente animado, rindo e correndo pela sala, maravilhando-se com tudo e aplaudindo tudo e todos.

Maximov, sentindo-se como um bem-aventurado, não deixava o seu lugar. Gruchenka também começava a embriagar-se e apontando para Kalganov disse a Mitya:

— Que rapaz tão amável e encantador!

Mitya correu a beijar Kalganov e Maximov. Oh, que feliz se sentia! Ela ainda não lhe tinha dito nada e parecia querer calar-se, mas de vez em quando os seus olhos enviavam-lhe uma carícia apaixonada. Por fim agarrou-o pela mão e atraiu-o a si, com força.

— Diz lá: como vieste esta noite? Quando entraste meteste-me um medo! Querias entregar-me a ele? De verdade que querias?

— Não desejava opor-me à tua felicidade! — balbuciou Mitya beatificamente.

Mas ela despediu-o de novo.

— Bem, vai divertir-te. Não chores, daqui a pouco chamo-te outra vez.

Mitya afastava-se então e Gruchenka ficava a ouvir a música e a segui-lo com o olhar.

Dez minutos mais tarde voltava a chamá-lo. Ele aproximava-se logo, a correr.

— Senta-te ao meu lado; diz lá, como soubeste que eu estava aqui?

Mitya contava-lhe tudo, apaixonada e desordenadamente e de repente franzia as sobrancelhas e calava-se.

— Porque fazes essa cara? — perguntava ela.

— Por nada. Deixei na cidade um doente. Daria dez anos da minha vida pela saúde dele, para saber que está curado.

— Deixa-o, se está doente. De modo que te querias matar amanhã? Grandessíssimo tonto! Porquê? Sabes que me agradam os loucos como tu? — murmurava com voz entrecortada. — É verdade que serias capaz de fazer qualquer coisa por mim? Pensavas realmente dar um tiro na cabeça? Não, espera um pouco. Amanhã terei uma coisa para te dizer. Não quero dizê-la ainda hoje. Gostarias que fosse hoje? Não, é melhor ser amanhã. Vai, vai divertir-te.

De outra vez chamou-o, intrigada.

— Porque estás triste? Vejo que estás triste... Sim, vejo — acrescentou fixando-o intensamente. — Apesar de fazeres alvoroço e beijares os camponeses, noto qualquer coisa em ti. Vamos, eu estou alegre e tu também hás de estar. Há aqui alguém a quem amo? Sabes quem é? Oh, olha, o rapazinho adormeceu. Está embriagado. Coitadito!

Referia-se a Kalganov que com efeito se tinha embriagado e adormecera sentado no sofá. Mas não adormecera devido à embriaguez, mas sim por se ter sentido enfastiado. Sentia-se humilhado e coibido porque as canções das moças eram demasiadamente impudicas, sob a embriaguez geral, e as danças não eram menos perversas. Duas moças tinham-se disfarçado de ursos e uma outra, chamada Stepanida, apresentava-as ao público, brandindo um pau.

— Vá, depressa, mais depressa, maio, ou experimentas o chicote!

Os ursos acabavam por rolar pelo chão, da maneira mais inconveniente, fazendo rir às gargalhadas os homens e as mulheres que as rodeavam.

— Deixa-as! Deixa-as! — dizia Gruchenka com uma expressão radiante de alegria. — Se um dia se podem divertir porque havemos de opor-nos a que se sintam felizes?

Kalganov tinha a impressão de que aquilo lhe enlameava a alma e afastou-se murmurando:

— Que indecentes são estes camponeses com as suas loucuras. São estes os passatempos deles, nas noites de luar, no verão.

Indignou-o especialmente a letra da canção com que acompanhavam uma certa dança, em que chega um cavalheiro perante um grupo de moças e experimenta a sua sorte com o amor delas:

As galantes moças ele amou.
Amá-lo-ão elas? Não o amarão?

Mas as moças não podem gostar do senhor:

Açoitar-me-ia cruelmente:
Não, amor dele não me convém.

Passa um cigano e também para a experimentar:

O cigano às moças faz galanteios:
Amá-lo-ão elas? Não o amarão?

Mas elas também não podem gostar do cigano:

Ladrão poderia ser; que medo!
E amargos prantos me faria chorar.

Outros aparecem a experimentar a sua sorte. Entre eles um soldado.

O soldado às moças faz galanteios:
Amá-lo-ão elas? Não o amarão?

O soldado é repelido em dois versos impudicos, cantados com absoluta franqueza. Os ouvidos ofendem-se e tudo acaba com a chegada de um mercador:

Às moças o mercador requesta:
Amá-lo-ão elas? Não o amarão?

E acontece que o comerciante sai vencedor, porque:

O mercador para mim terá dinheiro,
Sua rainha, muito contente, quero ser.

Kalganov estava sinceramente indignado.

— Quem terá escrito essas parvoíces? — disse em voz alta. — Também podia vir um rei do caminho de ferro, ou um judeu, experimentar a sua sorte ao amor com as moças e com certeza que todas se entregavam.

E como se considerasse aquilo uma ofensa pessoal, declarou que se sentia enfastiado, sentou-se no sofá e adormeceu imediatamente. Sobre a almofada do sofá sobressaía a palidez do seu rosto infantil.

— Repara como está bonito — disse Gruchenka a Mitya. — Há pouco alisava-lhe o cabelo. Parece seda. E é tão abundante!

Dizendo isto aproximou-se dele com muita ternura e beijou-lhe a testa. Kalganov abriu os olhos, sentou-se e perguntou por Maximov.

— Para que o queres? — perguntou Gruchenka, rindo. — Não podes estar um momento comigo? Mitya, vai buscar Maximov.

Maximov parecia não poder afastar-se das moças senão para ir encher de vez em quando o seu copo de licor. Tinha bebido duas chávenas de chocolate. Com o nariz vermelho e inchado, os olhos com um brilho de ébrio, falava com umas e com outras anunciando que lhes ia ensinar uma dança aristocrática.

— Deixa-o dançar, Mitya, eu verei daqui como dança! — disse Gruchenka.

— Não, eu vou ver mais de perto — declarou Kalganov, levantando-se e rejeitando sem dar por isso o oferecimento de Gruchenka, de lhe fazer companhia por uns momentos. Todos se puseram então a ver a dança de Maximov, que só despertou admiração em Mitya. Ele apenas se levantava, baixava e batia com os saltos no chão. Kalganov mostrou-se aborrecido mas Mitya aproximou-se do dançarino e beijou-o.

— Obrigado. Que querias daqui? Um cigarro? Doces?

— Um cigarro.

— Não queres beber nada?

— Um pouco de licor... Se tivesses um bombom...

— Há montões deles na mesa. Come os que quiseres!

— Eu gosto dos de baunilha... para velhos eh, eh!

— Não, irmão, desses não temos.

— Olha — disse o velho ao ouvido de Mitya — se tu me ajudasse a ser amigo daquela moça que ali está... Maria...

— Ah, era isso que querias? Não, irmão, isso não pode ser!

— Eu não faço mal a ninguém — balbuciou o velho, com desconsolo.

— Ah, muito bem. Muito bem! Elas vieram só para cantar e dançar, sabes, irmão? Mas... para o diabo! Olha, espera um momento... Entretanto come e bebe. Queres dinheiro?

— Mais tarde... talvez... — assentiu Maximov.

— Muito bem... muito bem...

A cabeça de Mitya escaldava. Saiu para uma varanda de madeira nas traseiras da casa. Chegou a um sítio onde não havia luz e parou apertando a cabeça entre as mãos. Os pensamentos acudiram-lhe em tropel à mente e a sua alma iluminou-se de súbito com uma luz de entendimento. Terrível e pavorosa luz. «Se tenho de me matar», pensava, «porque não fazê-lo agora, aqui mesmo?» Durante um momento permaneceu imóvel, indeciso. Poucas horas antes, quando corria para ali, perseguiam-no todas as desgraças: a infâmia do roubo, o sangue, aquele sangue!... Mas como as coisas tinham mudado! Então tudo tinha acabado para ele! Gruchenka estava perdida para si, ele entregava-a. Não, ela própria lhe fugira. Oh, como lhe era então fácil cumprir a sua sentença de morte! Era-lhe até imprescindível, pois que faria ele neste mundo?

Mas agora! Que diferença! Agora um dos fantasmas, um dos terrores tinha desaparecido: o primeiro amor, o mais firme, aquela figura que lhe surgira como a fatalidade, tinha-se dissipado sem deixar rasto. O tremendo fantasma tinha-se transformado numa personagem desmedrada, ridícula, fechado no quarto escuro, como uma criança, para não voltar a sair de lá. Ela envergonhava-se dele e os seus olhos revelavam a quem amava. Tudo contribuía para lhe oferecer a felicidade e não podia continuar a viver. Que maldição o perseguia? «Ó Senhor, devolve a vida ao homem que atirei ao chão, junto do muro! Afasta de mim esse cálice de amargura! Meu Deus! Tu tens feito milagres a pecadores como eu! Se o homem não tivesse morrido! A vergonha da outra infâmia eu a apagaria. Restituiria o dinheiro roubado devolvê-lo-ia, iria buscá-lo aonde fosse preciso... Não deixaria vestígios dessa vergonha senão na alma! Mas não, não, são sonhos de cobardia impossíveis! Ó maldição!»

No entanto, um raio de luz iluminava ainda aquelas trevas. Levantou-se e foi à procura dela, dela, da sua rainha por toda a eternidade. Não valeria um momento do seu amor, mesmo na agonia e na desonra, toda uma vida? E esta ideia penetrou-o e tornou-se o móbil do resto da sua existência. Vê-la, falar-lhe, estar junto dela nem que fosse só naquela noite, uma hora, um momento, fazia-lhe esquecer tudo, todo o resto. Ao

dirigir-se para a sala Mitya encontrou o estalajadeiro. Na cara de Borisovitch havia inquietação e Mitya pensou que ele o procurava.

— Que se passa, Trifon Borisovitch? Procuravas-me?

— Não senhor — respondeu o estalajadeiro desconcertado. — Porque havia de o procurar? Onde estava?

— Então porque tens essa cara? Queres deitar-te? Que horas são?

— Devem ser três. São três horas.

— Daqui a pouco vamo-nos embora.

— Não se preocupem. Não tem importância. Podem estar enquanto lhes agradar.

«Que se passará?», refletiu Mitya. Mas incapaz de raciocinar muito, voltou à sala das danças. Gruchenka não estava. Também não se encontrava na sala azul, onde Kalganov continuava a dormir. Mitya afastou um bocado a cortina e espreitou para a outra sala. Lá estava ela sentada numa mala encostada à parede. Com a cabeça escondida nos braços chorava amargamente, contendo os soluços para que a não ouvissem.

Ao ver Mitya fez-lhe sinal para se aproximar e agarrou-lhe numa mão, com força.

— Olha, Mitya, eu amava-o, sabes? Como pude amá-lo incessantemente durante cinco anos? Mas era a ele a quem eu amava ou ao meu próprio rancor? Não, era a ele, a ele! Menti quando disse que amava o rancor que sentia. Mitya, quando o conheci tinha dezassete anos. Ele era bom, alegre, cortejava-me cantando... Ou talvez fosse isso que a mim me parecia, estúpida rapariguinha... E agora!... O Dmitri; não é o mesmo; nem sequer o seu rosto é o mesmo. Está completamente mudado. Se não soubesse que era ele não o teria reconhecido. E eu que vinha pelo caminho a imaginar como seria o nosso encontro o que diríamos um ao outro. A minha alma desfalecia de carinho e quando aqui cheguei foi como se me tivessem deitado por cima um balde de água suja. Começou a falar-me como um senhor pedante, recebeu-me com tão afetada solenidade que eu fiquei sem poder dizer uma palavra. Ao princípio pensei que se envergonhasse de falar diante desse polaco tão alto, e fiquei a olhá-lo, surpreendida por ele não dizer nada. A mulher dele deve tê-lo arruinado moralmente; sabes que ele me abandonou para se casar? Ela deve tê-lo mudado! Que humilhação, Mitya, que humilhação! Sinto-me humilhada, envergonhada para toda a vida! Malditos sejam estes cinco anos!

E começou a soluçar mas retendo fortemente Mitya a seu lado.

— Mitya, querido, deixa-te estar aqui. Não te vás embora. Tenho uma palavra a dizer-te — murmurou olhando-o. — A quem amo eu hoje? Aqui está o meu amor. Deves ser tu a dizer quem é.

E no seu rosto húmido brilhou um sorriso, iluminado pelos olhos que cintilavam na semiobscuridade.

— Na minha vida entrou a voar um falcão e eu estremeci. Depois, surgiste tu e eu não sabia que te amava. Estúpida que fui! Acreditas-te quando Fenya te disse que eu contara a Aliocha que te tinha amado durante uma hora e que partia para amar outro? Perdoas-me, Mitya? Perdoas-me? Sim ou não?

De repente levantou-se e rodeou-lhe o pescoço com os braços. Mudo de êxtase, Mitya contemplava aqueles olhos, aquele rosto querido e bruscamente apertou-a contra o peito e cobriu-a de beijos apaixonados. Ela continuava:

— Perdoar-me-ás o tormento que te dei? Atormentei-os a todos por despeito, também por despeito voltei ao encontro desse velho... Lembras-te como ao beberes em minha casa partiste um copo? Recordarei sempre que também parti um ao beber à vileza do meu coração. Porque não me beijas, meu querido? Beija-me, beija-me com paixão, assim! Quando se ama, ama-se de verdade! Serei tua escrava desde este momento e para toda a vida. Que doce escravidão! Beija-me, agarra-me, maltrata-me, faz o que quiseres de mim... é preciso que eu sofra, tenho merecido. Quieto, espera, logo, agora não... — E de repente repeliu-o. — Vai-te embora, Mitya, eu também vou; quero vinho, quero embriagar-me. Vou embriagar-me e dançar, sim, sim. — Arrancou-se dos braços de Mitya e desapareceu por detrás da cortina. Mitya seguiu-a como um ébrio.

«Bem, suceda o que suceder, venha o que vier, a verdade é que daria o mundo inteiro por um momento», pensou.

Gruchenka bebeu de um trago novo copo de champanha e sentiu a cabeça andar-lhe à volta. Sentou-se na mesma cadeira que ocupara antes, sorrindo beatificamente. Tinha as faces coradas, os lábios vermelhos e os olhos brilhantes e húmidos, olhavam com uma expressão tão meiga e lânguida que até o próprio Kalganov se aproximou, seduzido.

— Sentiste que te beijei enquanto dormias? — perguntou Gruchenka. — É porque estou embriagada... E tu, não estás? E porque não bebe Mitya? Estou eu embriagada e tu não bebes...

— Estou embriagado... embriagado... mas de ti... e também o quero estar de vinho!

Bebeu outro copo e — ficou surpreendido — esse copo deixou-o completamente ébrio. Desde esse momento tudo começou a andar à volta, como se estivesse delirando com febre. Andava, ria, falava a toda a gente, sem saber o que fazia. Apenas notava em si uma sensação contínua de abrasamento, «como se o coração fosse uma brasa», como ele disse depois. Chegou-se à amada, sentou-se junto dela e ficou a olhá-la e a ouvi-la... Ela estava muito loquaz, chamava toda a gente, ria, beijava as moças que cantavam e depois abençoava-as com o sinal da cruz. De repente sentiu vontade de chorar. Maximov estava encantado com ela e a cada momento corria a beijar-lhe as mãos e todos os deditos, querendo, para a divertir, dançar nova dança, que ele mesmo acompanhava, cantando com grande animação:

O leitão grunhe: hemf, hemf, hemf!
A vitela muge: mu, mu, mu!
O patinho grasna: cuá, cuá, cuá!
O cãozinho ladra: au, au, au!
A galinha passeia orgulhosa pelo portal
Cantando: có, có ró có có, có, có ró có có!

— Dá-lhe qualquer coisa, Mitya — disse Gruchenka. — Dá-lhe uma prenda, já sabes que é pobre. Pobre desgraçado!... Sabes, Mitya, que vou entrar num convento? Sim, ainda hei de ser freira. Aliocha disse-me hoje palavras que nunca esquecerei em toda a minha vida... Sim... Mas hoje dancemos. Quero divertir-me, boa gente, e isso que tem? Deus nos perdoará. Se eu fosse Deus perdoava ao mundo inteiro. Amados pecadores, perdoa-lhes. Quero pedir perdão: «Perdoai, boa gente, a esta estúpida mulher.» Sou uma besta, isso é que sou, mas quero rezar. Por pior que seja posso rezar a Deus, Mitya. Deixa-os dançar, não os estorves. Toda a gente é boa, toda a gente, até os piores. Este mundo é um encanto. Apesar de nós sermos maus, o mundo é bom. Nós somos bons e maus... bons e maus. Vá, venham aqui, tenho uma pergunta a fazer-lhes. Respondam todos: porque sou eu tão boa?

Assim divagava Gruchenka, cada vez mais embriagada. Finalmente anunciou que ia dançar e levantou-se, vacilando.

— Mitya, não me dês mais vinho, não me dês mais mesmo que eu to peça. O vinho não dá paz. Tudo dá voltas, a casa, tudo. Vou dançar, dançar. Venham todos ver como danço... verão se danço bem...

A promessa era formal. Pegou num fino lencinho branco e agarrou-o por uma ponta, na intenção de o agitar durante a dança. Mitya corria de um lado para o outro e as moças estavam caladas dispostas a entoar uma música para dançar ao primeiro sinal. Ao saber dos desejos dela, Maximov soltou um grito de alegria e pôs-se a saltar diante de Gruchenka, cantando:

Com tão lindas pernas, cintura tão fina
E curvas tão graciosas...

Mas Gruchenka afastou-o com o lenço.

— Então, Mitya, porque não vêm? Venham todos... ver. Chama também esses dois que estão fechados. Porque os tens fechados? Diz-lhes que vou dançar. Que venham também ver...

Mitya foi até à porta, cambaleando e começou a bater com os punhos fechados.

— Eh, vocês!... Podvisotskys! Abram que ela vai dançar e chama-os!

— *Lajdak!* — grunhiu como resposta um dos polacos.

— *Ladjak* são vocês! Grandes canalhas! Vocês é que o são!

— Não trocem mais da Polónia — disse Kalganov em tom sentencioso. Também estava bêbado.

— Cale-se, menino. Eu chamo canalha a quem o é e não digo mal da Polónia. Um *ladjak* não representa a Polónia. Tranquiliza-te, rapazinho bonito, e come doces.

— Ai, que homens! Nem parece que o são! Porque não hão de fazer as pazes? — lamentou Gruchenka ao ouvir os insultos e preparando-se para dançar.

O coro entoou então: «Ai meu portal, meu novo portal!»

Gruchenka deitou a cabeça para trás, entreabriu os lábios, sorriu, agitou o lenço e de súbito, como se fosse desmaiar, ficou imóvel. Parecia desconcertada.

— Sinto-me fraca... — disse com voz desfalecida. — Perdoa-me... não tenho forças... não posso... estou triste.

Inclinou-se para o coro e começou a fazer reverências para um lado e para o outro.

— Estou triste, perdoem-me.

— A senhora está bebida... a senhora está bebida — ouvia-se dizer.

— A senhora está com um tonel — explicou Maximov às moças, rindo.

— Mitya, tira-me daqui... leva-me... — pediu Gruchenka desalentada.

Mitya apressou-se a obedecer e tomando nos braços tão doce fardo levou-a para detrás da cortina.

— Bom, eu vou-me embora! — resolveu então Kalganov, saindo da sala e fechando a porta atrás de si. Mitya deitou Gruchenka em cima da cama e beijou-a nos lábios.

— Não me toques — suplicou ela languidamente. — Não me toques até que seja tua... Já te disse que sou tua, mas não me toques até que... confia em mim... Aqui, ao lado deles, desses que estão fechados, não deves... Ainda está ele ali... aqui repugna-me!...

— Obedeço-te! Nem pensar nisso! Adoro-te! — balbuciou Mitya.

— Sim, aqui é repugnante, abominável!

E sem deixar de a abraçar caiu de joelhos junto dela.

— Sei que apesar de seres bruto és nobre e generoso — murmurou Gruchenka com dificuldade. — Isto há de ser honesto... sejamos honestos, bons e não procedamos como animais, mas sim como boas pessoas. Leva-me para longe... para longe... aqui não... não quero aqui... muito longe...

— Oh! sim, sim, assim, deve ser! — disse Mitya apertando-a nos braços. — Levar-te-ei para longe... Ah, daria toda a minha vida por um ano, para saber... deste sangue!

— Que sangue? — murmurou, perturbada, Gruchenka.

— Nada — respondeu entre dentes Mitya. — Tu queres ser honrada, Grucha, e eu sou um ladrão. Roubei a Katya... Que desgraça! Que desgraça!

— A Katya? Não, não lhe roubaste nada. Devolves-lhe tudo. Eu dou-te o dinheiro. Agora tudo o que é meu é teu. Que importa o dinheiro? Nós os dois havemos de o gastar... Os loucos, como nós, são pródigos. Será melhor irmos trabalhar a terra. Eu própria quero cavar a terra com as minhas mãos. É necessário trabalharmos, sabes? Foi Aliocha que o disse. Não quero ser a tua querida, quero ser-te fiel, quero ser a tua escrava, trabalhar para ti. Iremos ver a menina Katya e pedir-lhe-emos perdão. Depois partiremos. Se não nos perdoar, pior para ela. Dá-lhe o dinheiro e

ama-me. Não a ames a ela... não a ames daqui em diante. Se a amas estrangulo-a. Tiro-lhe os olhos...

— Só te amarei a ti. Amar-te-ei na Sibéria.

— Porquê na Sibéria? Não importa; na Sibéria se assim o queres. Trabalharemos... na Sibéria há neve. Gosto de viajar sobre a neve... ao som das campainhas. Ouves? Estás a ouvir o som das campainhas? De onde vem esse som? Alguém se aproxima...

Fechou os olhos, extenuada, e adormeceu durante uns momentos. Era verdade. Uma campainha soava ao longe e de repente deixou de se ouvir. Mitya, com a cabeça reclinada sobre o peito amado, nem reparou que a campainha deixara de se ouvir, nem que em casa cassara todo o ruído. Aos cantos e à música sucedera-se o mais profundo silêncio. Gruchenka abriu os olhos.

— Que é isto? Adormeci... Sim... uma campainha... Estava a sonhar que viajava na neve e com o tilintar das campainhas adormecia. Ia com o meu amado, contigo; partíamos para longe, muito longe. Eu abraçava-te, beijava-te, apertando-me contra ti. Tinha frio e a neve cintilava. Sabes como a neve cintila nas noites de luar? Parecia-me que não estava na terra. Que delícia!...

— Apertava-me contra ti — murmurava Mitya, beijando-lhe a roupa, os seios, as mãos. E sentiu um sobressalto repentino: pareceu-lhe que Gruchenka olhava para alguém que se encontrava atrás dele, com um olhar fixo, horrorizado, enquanto o seu semblante refletia o espanto e o susto.

— Mitya, quem é que está a olhar para nós? — conseguiu pronunciar por fim.

Mitya voltou a cabeça e viu que realmente alguém o espiava. Parecia-lhe que havia mais gente, embora só visse uma pessoa.

Deu um salto e avançou para o intruso.

— Venha aqui — ouviu o outro dizer, calma mas firme e autoritariamente.

Mitya entrou na outra sala e parou, espantado. A sala estava cheia de gente, mas outro género de pessoas. Um estremecimento sacudiu-lhe o corpo enquanto um suor gelado lhe inundava a testa ao reconhecer as pessoas que estavam na sua frente. O velho de alta estatura que envergava um uniforme era o chefe da polícia, Mikail Makarovitch. E aquele outro, elegante e efeminado, de botas eternamente lustrosas, era o substituto do procurador. Usava um relógio de quatrocentos rublos. Várias vezes lho

dissera. O outro, mais baixo, Mitya não se lembrava do nome dele, mas sabia que era o juiz de instrução, saído recentemente da escola de jurisprudência. O outro, o inspetor da polícia, Mavriky Mavrikyevitch, era um homem que ele conhecia muito bem. E aqueles infelizes com chapas de metal, que faziam eles ali parados? E aqueles outros dois aldeões... E mais adiante, ao pé da porta, Kalganov com Trifon Borisovitch...

— Cavalheiros!... Que temos, meus senhores? — começou a dizer Mitya. Mas logo a seguir, fora de si, não sabendo o que fazia gritou com todas as suas forças: — Já com...pre...endo...!

O jovem baixo, de óculos, adiantou-se então, e parando diante de Mitya disse com dignidade, se bem que atropeladamente:

— Temos de proceder... Numa palavra, digo-lhe que me siga até aqui... a este sofá... É absolutamente necessário que dê uma explicação.

— O velho! — vociferou Mitya, delirante. — O velho e o sangue dele. Estou a compreender.

E deixou-se literalmente tombar sobre a cadeira, como se tivesse sido ferido de morte.

— Então compreendes? Já compreendes? Monstro! Parricida! O sangue do teu pai clama contra ti! — rugiu o velho chefe da polícia aproximando-se, agressivo.

Estava transtornado, vermelho de furor, tremia de cólera.

— Isto é impossível! — protestou o dos óculos. — Mikail Makarovitch? Mikail Makarovitch, não é maneira de proceder!... Peço-lhe que me deixe falar. Nunca esperaria de si tal comportamento.

— É o cúmulo, senhores, o cúmulo da loucura! — continuava a gritar o chefe da polícia. — Aqui está ele, embriagado, a altas horas da noite, em companhia de uma mulher de má reputação, com as mãos manchadas pelo sangue do seu próprio pai... É um delírio!...

— Peço-lhe muito encarecidamente, caro Mikail Makarovitch, que contenha os seus sentimentos — advertiu o procurador ao ouvido do chefe da polícia — de contrário ver-me-ei obrigado a...

Mas o pequeno juiz não o deixou acabar. Voltou-se para Mitya e falou em voz alta, clara e firme, apropriada para as circunstâncias:

— Ex-tenente Karamazov, tenho o dever de lhe comunicar que é acusado de ter assassinado seu pai, Fedor Pavlovitch Karamazov, crime perpetrado esta noite...

O procurador disse mais algumas coisas, mas Mitya ouvia-o sem perceber uma palavra, olhando-os a todos com um olhar aterrado.

Livro 9 — As Primeiras Investigações

Capítulo 1 — Os Começos da Carreira de Perkotin

Pyotr Ilyitch Perkotin, que deixámos batendo violentamente à porta da viúva Morozov, acabou por se fazer ouvir. Três fortes pancadas quase fizeram desmaiar Fenya, que ainda cheia de medo nem pensava em se deitar. Apesar de ter visto Mitya ir-se embora na carruagem não podia conceber que fosse outra pessoa a bater à porta tão selvaticamente. Correu a casa do porteiro que tinha acordado e se dirigia para a porta e rogou-lhe que não abrisse. O porteiro interrogou Pyotr Ilyitch e resolveu deixá-lo entrar, logo que ele disse que precisava de falar com Fenya por causa de «um assunto grave». A moça acedeu a receber a visita na cozinha, com a condição de o porteiro estar presente, alegando para isso o receio de que estava possuída. As primeiras perguntas o funcionário compreendeu que Mitya levara dali o pilão do almofariz e que já não o trazia quando voltara com as mãos tintas de sangue.

— Ele voltou cheio de sangue — dizia Fenya. — O sangue saía-lhe aos borbotões, aos borbotões...

Esta horrível observação era simplesmente filha de uma alvoroçada fantasia, pois apesar de Mitya não estar a sangrar, Pyotr Ilyitch também vira as suas mãos cheias de sangue e ajudara até a lavá-las. A questão era saber onde tinha ido Mitya com o pilão do almofariz, ou melhor, se tinha realmente estado em casa de Fedor Pavlovitch. Voltou a perguntar a Fenya, e se bem que não chegasse a nenhum resultado concludente, ficou com a convicção de que Dmitri Fedorovitch devia ter ido a casa de seu pai onde qualquer coisa teria sucedido.

— Quando ele voltou — prosseguiu Fenya — contei-lhe tudo e perguntei-lhe porque tinha sangue nas mãos. Ele respondeu-me que era sangue humano e que tinha acabado de matar alguém. E depois saiu a correr, como um louco. Eu fiquei a pensar onde iria ele e cheguei à conclusão de que iria a Mokroe matar a minha patroa. Quando me dirigia a toda a pressa para casa dele, lembrei-me de espreitar para a loja de Plotnicov. Vi-o então já preparado para partir e já tinha as mãos limpas. — Fenya havia fixado isso e recordava-se.

A avó de Fenya confirmou em tudo o que pôde aquilo que a neta dissera e Pyotr Ilyitch saiu dali mais preocupado do que chegara.

Pensou que a primeira coisa que tinha a fazer e a mais sensata era dirigir-se imediatamente a casa de Fedor Pavlovitch, saber se se teria passado ali alguma coisa e no caso afirmativo ir depois à polícia, como era sua firme determinação fazer. Mas a noite avançava, as portas das casas estariam fechadas e teria de gritar e bater outra vez para se fazer ouvir. Além disso mal conhecia o velho, mas sabia que se fizesse barulho para lhe abrirem a porta ele iria dizer que um tal Perkotin o fora acordar a meio da noite para lhe perguntar se o tinham morto. Enfim, armaria escândalo e o escândalo era o que Pyotr Ilyitch mais receava neste mundo.

Sentia-se tão perturbado com os seus pensamentos que se amaldiçoou a si mesmo por se ter deixado meter no assunto e deu por si a caminhar em direção à casa da senhora Hohlakov, e não à de Fedor Pavlovitch.

Se ela negasse ter-lhe entregue os três mil rublos iria imediatamente à Polícia, caso contrário deixaria o assunto para outro dia.

Era evidente que Pyotr Ilyitch se expunha mais ao escândalo indo às onze horas da noite a casa de uma senhora elegante, que talvez já estivesse deitada, para lhe fazer uma pergunta estranha, ainda por cima sendo completamente desconhecido dela, do que indo a casa de Fedor Pavlovitch.

Mas essas decisões estranhas ocorrem sempre aos homens mais comedidos e cautelosos. Toda a sua vida Pyotr Ilyitch recordaria os impulsos por que se deixou guiar contra sua vontade e depois de grandes inquietações. Amaldiçoava-se, ralhava consigo mesmo mas ia continuando a andar para casa da senhora Hohlakov e murmurava: «Quero conhecer o fundo de tudo isto», pela centésima vez.

Batiam precisamente onze horas quando chegou a casa da senhora Hohlakov. Pôde entrar imediatamente no vestíbulo, mas ao perguntar se a senhora estava levantada o porteiro disse-lhe que aquela hora a senhora devia estar a dormir.

— No entanto suba e toque a campainha. Se a senhora quiser recebê-lo, muito bem; se não, não.

Pyotr Ilyitch subiu, mas já não encontrou as mesmas facilidades. O lacaio não queria anunciá-lo, mas por fim concordou em chamar uma criada. Com muita delicadeza pediu então à moça que anunciasse à sua

patroa a visita de um empregado chamado Perkotin, que não se atreveria a incomodá-la se não fosse da maior importância o assunto que o levava ali.

— Diga-lhe mesmo assim, mesmo assim — pediu à criada.

A moça obedeceu e deixou-o à porta. A senhora Hohlakov estava nos seus aposentos, mas não deitada. Sentia-se atordoada desde a visita de Mitya e não acreditava que passasse a noite sem ser acometida da enxaqueca que sempre se seguia a todas as suas excitações. O anúncio da visita irritou-a e negou-se a recebê-lo, se bem que a sua curiosidade feminina ficasse exacerbada. Mas Pyotr Ilyitch estava naquela ocasião teimoso como uma mula e pediu à criada para dizer à senhora que viera por um assunto importantíssimo e que se o não recebesse poderia vir depois a lamentá-lo.

«Atirei-me de cabeça», explicaria ele mais tarde.

A criada olhou-o espantada e foi dar o novo recado. A senhora Hohlakov impressionou-se, ficou pensativa, perguntou que aspeto tinha o desconhecido e soube que «era um rapaz bem vestido e muito delicado». Digamos entre parêntesis que Pyotr Ilyitch era um jovem de boa aparência e cuidadoso com a sua pessoa. A senhora Hohlakov decidiu-se a recebê-lo. Ordenou que o mandassem entrar para o salão onde poucas horas antes tinha recebido Mitya. Pôs um xaile negro sobre a bata que com os sapatos de quarto constituíam toda a sua indumentária e foi ao encontro do «empregado» perguntando com ar inquisidor e sem sequer lhe oferecer uma cadeira:

— Que deseja?

— Atrevi-me a incomodá-la por causa de um assunto referente ao nosso amigo Dmitri Fedorovitch Karamazov — começou a explicar Perkotin.

Mal pronunciou o nome do amigo o semblante da senhora revelou a mais profunda indignação e interrompeu-o com voz irada:

— Até quando terei de sofrer as impertinências desse homem terrível? Como se atreve o senhor a vir incomodar uma senhora a quem não conhece, em sua própria casa e a estas horas?... E empenha-se em obrigar-me a falar de um homem que há menos de três horas esteve aqui, nesta mesma sala, para me matar e saiu da minha casa batendo as portas como se não saísse de uma casa decente? Permita que lhe diga, senhor, que apresentarei queixa contra si; isto não pode ficar assim. Tenha a bondade de sair... Eu sou uma mãe... eu... eu...

— Matá-la! Então... também a quis matar a si?

— O quê! Matou outra pessoa? — perguntou ela impulsivamente.

— Senhora, se se dignasse ouvir-me um momento explicava-lhe tudo em quatro palavras — respondeu Perkotin com firmeza. — Esta tarde, às cinco horas, Dmitri Fedorovitch pediu-me emprestados dez rublos e, pelo que vi, posso assegurar que não tinha dinheiro. Mas às nove foi ter comigo com um maço de notas na mão: de dois a três mil rublos. A cara e as mãos dele estavam cobertas de sangue e o seu olhar era o de um louco. Quando lhe perguntei onde tinha arranjado tanto dinheiro disse-me que foi a senhora que lho dera. Que lhe tinha oferecido três mil rublos para ir para uma mina de ouro...

O semblante da senhora exprimia a mais violenta e penosa emoção.

— Meu Deus! Deve ter morto o seu velho pai! — exclamou juntando as mãos. — Eu nunca lhe dei dinheiro, nunca, nunca! Oh, corra, corra!... Não me diga mais nada! Vá salvar o velho... o pai dele... corra!

— Perdão, minha senhora. Então nunca lhe deu dinheiro?

— Exatamente. Neguei-lho porque não sabe apreciar o seu valor. Foi-se embora, fazendo escândalo. Quis atirar-se a mim, mas fugi... e deixe que lhe diga, já que nada quero ocultar-lhe, que me cuspiu. Pode imaginar tal coisa? Mas que fazemos de pé? Ah, sente-se... perdão; eu... o melhor era apressar-se e livrar o pobre ancião de uma morte terrível.

— Mas se ele já o matou?...

— Ó santos céus, é verdade! Que fazer agora? Que lhe parece que devemos fazer.

Entretanto ofereceu uma cadeira a Pyotr e sentou-se em frente dele. Em poucas palavras Pyotr Ilyitch contou-lhe o que sabia, a sua visita a Fenya e do desaparecimento do pilão do almofariz. Todos estes pormenores produziam um efeito terrível na pobre senhora que soltava gritos de espanto e levava as mãos à cabeça.

— Quer acreditar que eu pressentia tudo isto? Tenho esta faculdade especial. Tudo o que eu imagino se realiza. Quantas vezes olhava para esse homem terrível e pensava: este homem há de acabar por assassinar-me. E assim sucedeu... pois se em vez de me matar a mim matou o pai, foi Deus que assim o decidiu; além disso teve vergonha de me matar, porque aqui mesmo acabava eu de lhe pôr ao pescoço uma imagem procedente das santas relíquias da gloriosa mártir, Santa Bárbara... Pensar como estive perto da morte quando me aproximei para lhe pôr a imagem ao pescoço.

Olhe, Pyotr Ilyitch (penso que se chama Pyotr Ilyitch), eu não acreditava em milagres, mas este ícone e o prodígio evidente que se deu comigo, fizeram-me mudar de ideias e estou disposta a acreditar naquilo que o senhor quiser. Já ouviu falar do Padre Zossima? Mas já não sei o que digo... e calcule que com a medalha ao pescoço e tudo ainda me cuspiu... Só me cuspiu e não me matou essa é a verdade... precipitou-se para fora... Mas que havemos de fazer? Que pensa o senhor?

Pyotr Ilyitch levantou-se, dizendo que ia falar diretamente com o chefe da polícia, a quem contaria tudo, deixando que ele agisse como achasse conveniente.

— Oh, que belíssima pessoa é Mikail Makarovitch. Eu conheço-o. Com efeito é ele a pessoa indicada para isso. Que espírito tão prático que o senhor tem, Pyotr Ilyitch! Que clareza nas decisões! Se estivesse no seu lugar não me teria lembrado de nada!

— Como conheço também bem o chefe da Polícia... — observou Pyotr Ilyitch, impaciente por deixar quanto antes aquela senhora que nunca mais acabaria de falar.

— Peço-lhe que volte, que não deixe de voltar — continuava ela — para me contar o que viu e ouviu... o que descobriram... como o julgaram... a que foi condenado... Diga-me uma coisa: é verdade que já não temos a pena capital? Sobretudo não deixe de cá vir mesmo que sejam três ou quatro horas da manhã. Diga que me acordem... que me sacudam até se eu não acordar logo... Ó Deus do céu, como posso pensar em dormir? Não seria melhor eu ir consigo?

— N...não! Não vale a pena. Agora se quiser escrever duas linhas com o seu próprio punho, declarando que não deu qualquer dinheiro a Dmitri Fedorovitch, isso poderá talvez ser útil...

— É verdade! — exclamou a senhora dirigindo-se imediatamente para o seu escritório. — Sabe que estou maravilhada com a sua presença de espírito para estas coisas? Está empregado aqui na cidade? Estou encantada por o saber!

E sem parar de falar escreveu em meia folha de papel de carta, o que se segue:

Nunca na minha vida entreguei a esse infeliz Dmitri Fedorovitch Karamazov — que apesar de tudo é um desgraçado —

três mil rublos; muito menos hoje. Nunca lhe dei dinheiro, nunca. Juro-o pelo que há de mais santo!

K. Hohlakov.

— Aqui tem a nota — disse voltando-se nervosamente. — Vá e salve-o. Será uma nobre ação da sua parte.

Depois benzeu-se três vezes e acompanhou-o até à porta.

— Não sabe como lhe fico agradecida por ter vindo ter comigo antes de recorrer a qualquer outra pessoa! Como é que não nos tínhamos já encontrado? A sua presença nesta casa dar-me-á muito gosto. Fico muito satisfeita por saber que o senhor vive na cidade!... Que precisão o senhor tem em resolver as coisas!... Devem compreendê-lo e apreciá-lo muito. Se eu puder ser-lhe útil em qualquer coisa, creia... sou uma apaixonada pela gente nova! A juventude dos nossos dias é a única esperança do nosso desgraçado país. A única esperança... sim, vá, vá!...

Mas se Pyotr Ilyitch não se tivesse já afastado sabe Deus quanto tempo o teria retido ainda a faladora senhora. No entanto saiu bem impressionado com aquela senhora que de certo modo soubera mitigar a ansiedade que ele sentia por aquele assunto tão desagradável. Além disso, também não deixou de pensar complacentemente: «Ela não está nada mal. Quase a tomei pela filha.»

Por seu lado a senhora Hohlakov estava sinceramente encantada com aquele jovem: «Que sentido, que clara visão das coisas, tão rara nos jovens dos nossos dias! E com modos tão distintos, tão agradáveis! E ainda há quem diga que a mocidade de hoje não serve para nada! Aqui têm um exemplo! Etc., etc.» Com tudo isso chegou a esquecer o que havia sucedido e só ao deitar-se é que se lembrou como tinha estado perto da morte e exclamou: «Ah, isto é horrível! Horrível!»

E adormeceu docemente.

Não teria insistido tanto sobre esta extraordinária visita do jovem empregado à viúva, se não tivesse sido para ele o ponto de partida de toda a sua carreira. É uma história que a nossa cidade recorda com admiração e sobre a qual prometo contar-lhes alguma coisa quando terminar esta já longa narração dos irmãos Karamazov.

Capítulo 2 — O Alarme

Mikail Makarovitch Makarov, o nosso chefe da polícia, coronel reformado, era um homem excelente. Viúvo, tinha tomado posse do cargo três anos antes e conquistara a estima geral de toda a cidade com os seus modos sociáveis. Nunca estava sem visitas nem andava sem companhia. Tinha sempre convidados à sua mesa e dava com frequência jantares que despertavam a atenção. Os seus pratos não eram muito requintados, mas sempre abundantes e ele não se importava que a quantidade de vinho suprisse a qualidade.

A principal sala onde recebia os convidados era uma sala de bilhar, decorada com quadros de cavalos de corrida, cavalos ingleses, ornamento indispensável da sala de bilhar de qualquer homem solteiro. À tarde, embora numa só mesa, jogava-se às cartas e de vez em quando toda a boa sociedade se reunia nos bailes daqueles salões. Mikail Makarovitch vivia com três filhas. Uma era viúva e as outras tinham saído do colégio e estavam em idade de casar. Eram muito bonitas e simpáticas e, ainda que sem dote, atraíam a casa do pai o mais seleto da juventude.

Mikail Makarovitch não brilhava no seu cargo, mas também não o desempenhava pior do que muitos outros. Era, para falar claro, um homem de instrução limitada. Ninguém conseguia alterar a sua maneira de entender os limites dos seus poderes administrativos. Se consentia verdadeiros desatinos na interpretação de certas leis, não era por falta de talento, ou de inteligência, mas por descuido. No entanto estava sempre disposto a submeter-se à hierarquia superior.

«Tenho mais sangue de soldado do que de civil», dizia de si mesmo. Nunca teve uma ideia clara dos princípios fundamentais, relativos à emancipação dos servos; foi-se acomodando a ela, por assim dizer, com o decorrer dos anos, e chegou a entendê-la completamente embora contra sua vontade, pois também era proprietário.

Pyotr Ilyitch tinha a certeza de ir encontrar alguém em casa de Mikail Makarovitch, e assim sucedeu. Nesse momento o chefe do distrito jogava a sua partida de *whist,* com o procurador e o médico do distrito, Varvinsky,

recentemente chegado de S. Petersburgo, depois de se ter doutorado com brilho na Academia de Medicina. Hipólito Kirillovitch, o procurador (apesar de ser apenas o substituto chamavam-lhe sempre assim), era um tipo especial, de trinta e cinco anos, propenso à tísica e casado com uma mulher gorda e estéril. Era um homem vaidoso, mas inteligente e bom. Tinha de resto de si próprio uma opinião melhor do que a que consentiam os seus méritos. Isso ocasionava-lhe sérios desgostos. Mostrava-se muito inclinado para o estudo da psicologia e julgava ter profundos conhecimentos do coração humano, especialmente no que respeitava aos criminosos e ao crime. Persuadido de que não era apreciado em todo o seu valor, desconfiava ter inimigos nas altas esferas e chegou a pensar, em alturas de desalento, renunciar ao cargo e dedicar-se à advocacia em questões criminais. O caso de Karamazov impressionou-o imensamente. «É um caso de que toda a gente falará na Rússia.» Mas não nos antecipemos.

Nicolay Parfenovitch Nelyudov, o jovem juiz de instrução vindo de Petersburgo, encontrava-se numa salinha contígua, falando com as meninas. Podia surpreender o facto de se encontrarem em casa do chefe da polícia todas aquelas personalidades reunidas, mas a verdade é que o facto tem uma explicação bem simples.

Hipólito Kirillovitch via-se obrigado a fugir da mulher que se queixava de dor de dentes e há dois dias não parava de gritar.

O doutor, devido ao seu temperamento, não podia passar a tarde de outro modo que não fosse a jogar às cartas. Nicolay Parfenovitch Nelyudov cumprira os seus propósitos de há três dias, entrando à socapa na casa para assustar a filha mais velha do chefe da polícia, dizendo-lhe que sabia muito bem ser aquele o dia do seu santo e que ela não o revelava para não ser forçada a convidar os amigos da casa. Ameaçava-a então de ir contar o seu segredo a toda a gente e coisas desse género. O simpático rapaz gostava de alarmar os amigos dessa maneira e as senhoras tinham-no apelidado de o «perverso», com o que ele ficara muito satisfeito. Mas um «perverso» muito bem-educado, filho de boas famílias, instruído e sentimental, e se bem que levasse uma vida de prazer as suas brincadeiras eram inocentes e de bom gosto. Era de pequena estatura e complexão delicada e as suas mãos, brancas e cuidadas, andavam enfeitadas com anéis. No exercício das suas funções mostrava-se imponente, considerando a sua profissão como um sacerdócio. Possuía o dom especial de

impressionar os assassinos e outros criminosos com as suas perguntas e se não obtinha o respeito deles, obtinha pelo menos a sua admiração.

Pyotr Ilyitch, quando entrou na casa do chefe da polícia, ficou estupefacto. Viu logo que já sabiam de tudo.

As cartas estavam abandonadas e todos conversavam animadamente, de pé. O próprio Nicolay Parfenovitch tinha deixado as damas e discutia com impetuosidade, pronto para atuar, Pyotr Ilyitch recebeu a terrível notícia de ter sido assassinado e roubado nessa noite, em sua casa, o velho Fedor Pavlovitch. Tinham sabido a notícia do seguinte modo:

Marfa Ignacievna dormia profundamente sob a ação da droga que tinha tomado, e certamente dormiria toda a noite se não tivesse sido despertada pelos terríveis gemidos epiléticos de Smerdyakov, que se encontrava no quarto ao lado. Eram os gemidos que sempre antecediam a crise e que espantavam e atormentavam Marfa. Não podia habituar-se àqueles gritos de animal ferido. Levantou-se e foi meio acordada ao quarto de Smerdyakov. Estava tudo escuro e ouvia-se apenas a respiração agitada e ofegante do doente. Gritou então pelo marido, mas ao lembrar-se que não o tinha sentido a seu lado quando se erguera, voltou ao quarto e começou a apalpar em cima da cama. Onde estava Grigory? Chegou à escada e chamou timidamente. Não obteve resposta, mas das distantes sombras do jardim partiam gemidos. Pôs-se à escuta. Era evidente que alguém gemia no jardim.

«Meu Deus!», pensou enlouquecida. «A mesma coisa que se passou com Lizavetta Smerdyatchava!»

Desceu a escada com grande receio e viu a porta que dava para o jardim aberta.

«Deve estar lá fora, o pobre!» E dirigiu-se para lá. Deu uns passos e ouviu logo a voz desfalecida de Grigory, que a chamava:

— Marfa! Marfa!

— Livrai-nos do mal, Senhor! — murmurou correndo em direção ao sítio de onde partia a voz. Encontrou Grigory a uns vinte passos do local onde tinha caído. Tinha-se arrastado lentamente e havia perdido muito sangue com o esforço que tivera de fazer. Quando viu o marido coberto de sangue, Marfa soltou um grito de terror. Grigory falava de modo incoerente:

— Matou-o... matou o pai... Por que estás a gritar, imbecil? Corre a pedir auxílio.

Marfa continuava a gritar e ao ver a janela do patrão aberta e iluminada, correu a chamá-lo. Mas ao olhar para dentro do quarto ficou paralisada de terror. Fedor Pavlovitch estava deitado de costas no chão, imóvel e com a bata e a camisa ensanguentadas. O candeeiro projetava a sua luz sobre o sangue e sobre o rosto imóvel de Pavlovitch. Espavorida, afastou-se da janela e correu pelo jardim até à porta da casa mais próxima, a de Maria Kondratyevna. Mãe e filha despertaram com os gritos e pancadas de Marfa, que chorando mal lhes conseguia explicar o que tinha acontecido. Foma, que acabara de chegar de uma das suas viagens e por isso se encontrava em casa, reuniu-se-lhes e correram todos para o local do crime. Maria Kondratyevna lembrava-se de ter ouvido, por volta das oito horas, um grito formidável no jardim, que fora sem dúvida o grito de Grigory «parricida» ao agarrar a perna de Mitya.

— Digo-te que ouvi um grito e depois tudo ficou silencioso — explicava sem deixar de correr.

Chegaram ao sítio onde se encontrava Grigory e as duas mulheres, com a ajuda de Foma, transportaram-no para o pavilhão. Acendendo uma vela, entraram no quarto de Smerdyakov, que continuava agitado por convulsões, com os olhos fixos num ponto e a espuma a sair-lhe pelos cantos da boca. Lavaram a cabeça de Grigory com uma mistura de água e vinagre, o que o fez recuperar os sentidos. Ao abrir os olhos perguntou:

— Mataram o patrão?

Então as três mulheres foram a casa, reparando que não só a janela mas também a porta que dava para o jardim se encontrava aberta, quando o próprio Fedor Pavlovitch as fechava todas as noites, chegando até a proibir mesmo a Grigory que lá entrasse fosse sob que pretexto fosse. As mulheres tiveram medo de entrar em casa e voltaram para junto de Grigory. O velho ordenou-lhes que fossem imediatamente prevenir a polícia. Maria Kondratyevna encarregou-se disso e chegou a casa de Mikail Makarovitch cinco minutos antes de Pyotr Ilyitch. A denúncia deste foi por isso recebida não como mera conjetura mas sim como um facto consumado, onde tudo confirmava as declarações que Pyotr Ilyitch se preparava para fazer sem contudo lhes dar verdadeiramente crédito.

Resolveram logo atuar energicamente. O subcomissário da polícia da cidade recebeu ordem para recrutar quatro testemunhas e começar as averiguações em casa de Fedor Pavlovitch, conforme as instruções judiciais que não devo mencionar aqui. O médico do distrito, homem

zeloso e novo na sua carreira, empenhou-se em acompanhar as autoridades judiciais.

Deve notar-se que Fedor Pavlovitch foi encontrado morto, com a cabeça fraturada, sem dúvida com o mesmo instrumento com que havia sido ferido Grigory. Este, a quem o médico tratou com a maior eficácia, declarou com voz débil e entrecortada, a maneira como tinha sido atirado ao chão. À luz de uma lanterna fizeram-se pesquisas no jardim que deram como resultado imediato a descoberta do pilão do almofariz num dos caminhos do jardim. Não havia qualquer desordem no quarto de Fedor Pavlovitch, mas atrás do biombo e da cama apanharam do chão um papel com a seguinte inscrição: «Presente de três mil rublos ao meu anjo, Gruchenka, se vier», tendo sido depois acrescentado também por Pavlovitch: «À minha pombinha.» Este sobrescrito que tinha três selos de lacre vermelho, encontrava-se aberto e vazio. Tinham tirado de lá o dinheiro. Também se encontrou no chão a cinta que envolvia o sobrescrito.

Um ponto das declarações de Pyotr Ilyitch impressionou vivamente o procurador e o juiz encarregados das diligências: o desejo que Dmitri Fedorovitch havia exprimido de se matar no dia seguinte ao romper do sol, tendo carregado as pistolas diante de testemunhas e escrito umas linhas num papel que guardara no bolso. Além disso quando Pyotr o ameaçara de ir prevenir alguém que pudesse evitar o suicídio, Mitya respondera com ar de brincadeira: «Chegarás tarde.» Era pois necessário correr a Mokroe se queriam apanhar o criminoso antes que ele desse um tiro na cabeça.

— O caso é claro! Completamente claro! — repetia o procurador. — São os rasgos característicos desses estouvados: comamos e bebamos que amanhã morreremos.

Os gastos de Mitya em vinhos e comidas inflamavam o sangue do procurador.

— Os senhores recordam-se daquele criminoso que depois de assassinar um comerciante chamado Olsufyev, roubando-lhe mil e quinhentos rublos, correu em seguida com o dinheiro na mão e os cabelos em pé a gastá-lo com mulheres?

As pesquisas, declarações e demais formalidades retiveram-nos durante muito tempo em casa de Fedor Pavlovitch e duas horas depois enviavam a toda a pressa a Mokroe, o inspetor da polícia rural, Mavriky Mavrikyevitch, que chegara na noite anterior à cidade para receber o seu vencimento, com o encargo de vigiar o «criminoso», sem suscitar alarme

até à chegada das autoridades. Tão discretamente este levou a cabo a sua missão, que excetuando o seu velho amigo Trifon Borisovitch, ninguém se apercebeu da vigilância organizada. O estalajadeiro tinha acabado de lhe falar pouco antes de encontrar Mitya, ao sair da varanda, de expressão transtornada. A caixa das pistolas fora retirada para lugar seguro, sem que Mitya desse por isso. Cerca das cinco horas, quando já rompia a madrugada, chegaram a Mokroe, em duas carruagens, o chefe da polícia, o juiz instrutor, e outros funcionários. O médico ficara em casa de Fedor Pavlovitch para escrever um relatório referente ao cadáver. Mas o que mais o interessava era o estado de Smerdyakov.

— Estes ataques epiléticos tão violentos e prolongados e que se sucedem durante vinte e quatro horas são muito raros e de grande interesse para a ciência — dizia entusiasmado aos seus companheiros, que ao despedirem-se dele o felicitaram por ter encontrado um caso raro. O procurador e o juiz de instrução lembravam-se de o ter ouvido dizer que Smerdyakov não passava dessa noite.

Depois desta digressão, que me pareceu necessária, voltemos ao ponto onde tínhamos deixado a nossa história.

Capítulo 3 — As Torturas de Uma Alma: o Primeiro Testemunho

Mitya olhou bruscamente para quantos o rodeavam, sem perceber nada do que diziam. De repente levantou-se e, erguendo os braços, gritou:

— Não sou culpado, não sou culpado desse sangue! Não sou culpado do sangue de meu pai!... Pensava em matá-lo, mas não o fiz. Não, não sou culpado!

Nesse momento Gruchenka saiu detrás da cortina e deitou-se aos pés do chefe da polícia, desfeita em lágrimas e gritando num tom comovedor:

— A culpa é minha! Minha! A minha perversidade! — exclamava estendendo as mãos suplicantes. — Ele fê-lo por mim. Fui eu que o induzi, atormentando-o. Também fiz sofrer esse pobre velho até à morte! Sou eu a culpada, a primeira e a mais culpada!

— Sim, és tu a primeira culpada, a maior criminosa! Tu, louca perdida! Devia ajustar contas contigo! — vociferava o chefe da polícia, ameaçando-a.

Apressaram-se a acalmá-lo. O procurador agarrou-lhe a mão e disse acaloradamente:

— Isso é de todo improcedente, Mikail Makarovitch. Está a pôr obstáculos ao inquérito... Está a deitar o caso a perder...

— Temos de seguir o curso regular das coisas! — acrescentou, muito excitado, Nicolay Parfenovitch. — De outra maneira é completamente impossível!

— Julguem-nos os dois! — continuava a gritar Gruchenka, sem se levantar do chão. — Castiguem-nos juntamente. Quero ir com ele, nem que seja para a morte!

— Grucha, minha vida, meu amor, minha santa! — exclamou Mitya caindo de joelhos ao lado e apertando-a nos braços. — Não acreditem nela. Ela não tem culpa de nada. De nada!

Mitya recordava mais tarde que os tinham separado à força e quando deu por si estava sentado a uma mesa tendo a seu lado dois homens com a chapa de metal da polícia rural. Em frente dele encontrava-se Nicolay

Parfenovitch, o juiz de instrução, que o convidara a beber um copo de água que estava sobre a mesa.

— Beba que ficará mais calmo. Não se impaciente, tranquilize-se — acrescentou com delicadeza.

O interesse de Mitya — recordava ele mais tarde — concentrava-se nos anéis que o juiz usava. Era uma ametista amarela e outra pedra refulgente, de grande transparência e limpidez, que atraíram a sua atenção durante as terríveis horas do interrogatório, fazendo em vão todos os esforços para se afastar daquela distração que nada tinha a ver com o seu estado de espírito. Estranho fenómeno de que mais tarde viria a falar com espanto. A esquerda de Mitya, no sítio onde se sentara tempos antes Maximov, estava agora o procurador; à direita, no lugar ocupado anteriormente por Gruchenka, estava agora um jovem secretário do juiz. O chefe da polícia tinha-se retirado para o fundo da sala, para junto de uma janela onde se encontrava Kalganov.

— Beba um pouco de água — dizia pela oitava vez o juiz com a mesma suavidade.

— Já bebi, cavalheiro, já bebi... mas... vamos, senhor, apresse-se a castigar-me, decida a minha sorte! — gritava Mitya com os olhos saídos das órbitas e olhando com ar terrível para o juiz.

— Afirma então não ser culpado da morte de seu pai, Fedor Pavlovitch? — insistiu o juiz sem mudar de entonação.

— Não sou culpado. Sou culpado da morte de outro homem, mas não da do meu pai. E bastante o sinto. Matei-o, atirei-o ao chão com uma pancada terrível... mas seria horrível que me quisessem forçar a confessar um crime que não cometi... É uma espantosa acusação a que me fazem. Mas quem o teria morto? Quem teria podido matar o meu pai se não fui eu? É assombroso, extraordinário, inconcebível!...

— Sim, quem terá podido matá-lo? — replicou o juiz.

Mas o procurador olhou-o de modo significativo e dirigiu ele a palavra a Mitya.

— Não se inquiete com o velho criado, Grigory Vasilyevitch. Vive, recuperou os sentidos e, apesar das terríveis pancadas que o senhor lhe deu, segundo declaração dele e o que o senhor mesmo confessa, o médico é de opinião que ficará bom.

— Vivo? Está vivo? — gritou Mitya erguendo as mãos para o céu. A sua cara resplandecia. — Senhor, dou-vos graças por terdes ouvido este

pobre pecador! Deus ouviu as minhas orações. Durante toda a noite lhe pedi o mesmo. — E benzeu-se três vezes. Estava sem forças para falar.

— Pois Grigory fez declarações a seu respeito que...

— Um momento, meus senhores, pelo amor de Deus, um momento. Quero ir falar com ela...

— Desculpe, agora é de todo impossível — respondeu Nicolay Parfenovitch com voz severa, pondo-se de pé ao mesmo tempo que os homens com o emblema metálico obrigavam Mitya a sentar-se de novo.

— Que pena senhor. Queria ir só ao pé dela para lhe dizer que aquilo, que o pesadelo que esta noite pesava sobre mim se desvaneceu. Que não sou um assassino. Ela é minha noiva, senhores! — afirmou como em êxtase, olhando para todos os que o rodeavam. — Oh, obrigado, senhores! É como se tivesse ressuscitado, regenerado o meu coração!... É que aquele velho trouxe-me ao colo, deu-me banho quando eu era criança e foi o único que me amparou quando todos me abandonaram...

— E o senhor... — começou a dizer o juiz.

— Só mais um momento, senhores — interrompeu Mitya pondo os cotovelos sobre a mesa e ocultando a cabeça entre as mãos. — Concedam-me uns segundos para refletir, deixem-me cobrar alento, senhores. Tudo isto me agita, me comove horrivelmente! Eu não sou insensível, senhores!

— Beba um pouco de água — disse calmamente Nicolay Parfenovitch.

Mitya destapou a cara e sorriu. Parecia que tinha passado por uma rápida transformação. Mostrava-se confiante. Dir-se-ia que se encontrava com aqueles senhores numa reunião qualquer. Notemos de passagem que Mitya havia sido muito bem visto em casa do chefe da polícia, mas havia um mês que se tinham esfriado as suas relações e Mitya notava que ao passar por ele na rua o seu velho amigo franzia o sobrolho e respondia ao seu cumprimento por mera cortesia. A sua amizade com o procurador era quase nula, apesar das várias visitas de cumprimentos à mulher dele, senhora sempre mal-humorada e caprichosa que, sem se saber porquê, se tinha sempre mostrado agradável para com Mitya, recebendo-o da maneira mais amável. Com o juiz não tinha ainda intimidade nenhuma, apesar das duas conversas que tinham tido, ambas sobre o belo sexo.

— Vejo, Nicolay Parfenovitch, que o senhor é um juiz muito hábil — disse Mitya, rindo alegremente. — Eu próprio o ajudarei na sua tarefa. Ah, senhores, sinto-me renovado! Não levem a mal que lhes fale com tanta franqueza. Bebi um bocado... confesso-o com toda a sinceridade... Creio

tê-lo já encontrado, Nicolau Parfenovitch, em casa do meu parente Miusov. Não pretendo tratá-los de igual para igual, meus senhores. Compreendo bem com que características me encontro aqui. Oh, claro que me envolve uma terrível suspeita... se Grigory me acusa... Uma horrível suspeita... compreendo... Mas vamos ao assunto, meus senhores; estou pronto e depressa estará tudo terminado. Como sei que estou inocente num minuto poremos tudo isto a claro, não é verdade? Não é verdade?

Mitya falava muito e precipitadamente, nervoso e efusivo, como se os que o ouviam fossem os seus melhores amigos.

— Então, por agora escreveremos que o senhor nega terminantemente a sua culpabilidade — disse o juiz voltando-se para o secretário e dizendo-lhe em voz baixa o que devia escrever.

— Escrever? O senhor quer anotar isso? Pois bem, tome nota, consinto nisso; dou-lhes o meu inteiro consentimento, mas... olhe... Espere, espere, escreva isto: sou culpado de uma conduta desregrada; de agredir um pobre velho também o sou. E no mais profundo do meu coração existe uma coisa de que também me sinto culpado. Bem, mas isto não é preciso escrever... trata-se da minha vida íntima, dos segredos do meu coração... Mas do assassinato do meu pai não sou culpado... É um absurdo... uma coisa inconcebível! hei de prová-lo e hão de ficar imediatamente convencidos. hão de rir, meus senhores, os senhores hão de rir das vossas suspeitas...

— Tranquilize-se, Dmitri Fedorovitch — disse o juiz instrutor, tentando mitigar a exaltação do suspeito com a sua serenidade. — Antes de continuar o interrogatório gostava, se o senhor consentir nisso, de o ouvir confirmar o facto de não gostar do seu pai e que estava continuamente em discussão com ele. Não há muito tempo, neste mesmo lugar, afirmou o senhor que ia matá-lo.

— Eu afirmei isso? Sim, pode ser, senhores. Sim, desgraçadamente desejava matá-lo... muitas vezes o desejei... desgraçadamente, desgraçadamente.

— Desejava-o! Quererá agora explicar-nos os motivos que o levaram a ter esses sentimentos de ódio contra o seu pai?

— Que hei de explicar, senhores? — disse Mitya encolhendo os ombros e baixando os olhos. — Nunca ocultei os meus sentimentos. Toda a cidade os conhece... na taberna todos sabem a minha maneira de sentir. Há bem pouco tempo revelei as minhas intenções na cela do Padre Zossima... E nesse dia, à tarde, discuti com o meu pai, quase dei cabo dele

e jurei diante de testemunhas que o mataria... Testemunhas?... Aos centos! Gritei-o por toda a parte. Toda a gente lhe dirá o mesmo... O facto salta à vista, fala por si mesmo, grita, mas a respeito dos sentimentos, senhores, isso já é diferente. — Mitya franziu o sobrolho. — Parece-me que a respeito de sentimentos não têm o direito de me interrogar. Sei que estão a desempenhar o vosso cargo, sei isso perfeitamente; mas os meus sentimentos só a mim dizem respeito... embora desde o momento em que falei deles a toda a gente, não possa agora pretender que fiquem secretos. Bem sei que há contra mim acusações gravíssimas. Andei a dizer por todo o lado que o matava e agora aparece ele morto. Claro que pensaram logo que fui eu. Compreendo muito bem a vossa situação e desculpo-os sinceramente. Eu mesmo estou surpreendido com o cúmulo das coincidências; realmente quem o poderia ter morto se não fui eu? Quem terá sido? Isso é o que eu pergunto e o que eu gostaria de saber! — E olhando para o magistrado insistiu: — Onde foi assassinado? E como? Diga-me.

— Foi encontrado no quarto, estendido no chão e com o crânio fraturado — disse o procurador.

— Isso é horrível! — exclamou Mitya ocultando a cara entre as mãos.

— Continuemos — disse Nicolay Parfenovitch. — Então o que o levou a esse sentimento de ódio? Creio que foi o senhor mesmo que declarou em público que esse ódio era motivado pelos ciúmes.

— Bem, ciúmes. E alguma coisa mais do que isso.

— Zangas por causa do dinheiro?

— Sim, também por causa do dinheiro.

— Creio que era uma questão de três mil rublos que o senhor reclamava como fazendo parte da sua herança materna.

— Três mil? Mais, mais! — gritou energicamente Mitya. — Mais de seis mil, mais de dez mil rublos talvez! Disse-o a toda a gente, gritei-o bem alto. Mas tinha resolvido contentar-me com os três mil que era a quantia de que eu necessitava perentoriamente... de tal maneira que o embrulho que ele tinha guardado debaixo da almofada para Gruchenka, se ela aparecesse, o considerava como meu, como uma coisa que me pertencia...

O procurador olhou significativamente para o juiz e piscou-lhe o olho.

— Voltaremos a falar no assunto — disse o procurador. — Permite que tomemos nota dessa sua declaração dizendo que considerava esse dinheiro

como seu?

— Tomem nota, meus senhores, tomem nota. Sei que é outra acusação contra mim mas não receio as acusações que me possam fazer e por isso eu mesmo me acuso. Sei que os senhores me julgam muito diferente daquilo que eu sou — acrescentou pesarosamente. — Os senhores falam com um homem de honra, um homem de muita honra; não esqueçam sobretudo que este homem, apesar das coisas mal feitas que tem feito, tem sido sempre honrado e continua a sê-lo no fundo. Não sei como dizer-lhes, mas a verdade é que por ter toda a vida ansiado tanto a honradez, me converti num mártir do sentido da honra, procurando-a por toda a parte com uma lanterna, a lanterna de Diógenes. Mas apesar de tudo isso não tenho feito outra coisa senão cometer baixezas, como todos nós, senhores... isto é, como só eu, só eu... Que dor de cabeça... — As suas pálpebras baixaram-se doloridamente. — Calculem, meus senhores, que o aspeto dele me era insuportável, havia nele qualquer coisa de impudico, de devasso que fazia com que eu não pudesse suportá-lo, mas agora penso de outra maneira.

— Como? De outra maneira?

— Não, não é bem isso. Sinto que não o odeio tanto.

— Sente-se arrependido?

— Não, arrependido não; não escrevam isso. Mas acho que não sou tão belo nem tão bom que tenha o direito de sentir repulsa por ele. Tomem nota disso, se quiserem.

Mitya falava com tristeza cada vez mais acentuada.

Nesse momento sucedeu uma coisa inesperada. Gruchenka, que se encontrava na sala onde tinham cantado e dançado, junto do apiedado Maximov, que parecia o seu guarda, sem poder conter-se levantou-se arrebatadamente e correu para a sala onde estava Mitya. Este, ao ouvi-la, levantou-se de um salto e correu ao encontro dela, de braços estendidos. Não chegaram a juntar-se porque muitos braços os agarraram e Mitya teve que deixar que a levassem, pois apesar de todos os seus esforços não conseguiu libertar-se dos braços que o prendiam.

Depois de Gruchenka desaparecer, chorando desesperadamente, Mitya recuperou um pouco a calma e sentando-se, perguntou:

— Porque a tratam assim se ela não fez nada?

O juiz procurou acalmá-lo, o que foi tarefa vã. Ao fim de dez minutos de ausência entrou na sala Mikail Makarovitch, que se dirigiu nestes

termos ao procurador:

— Permitem-me que diga duas palavras a este infeliz? Na vossa presença, é claro, meus senhores.

— Certamente, Mikail Makarovitch! — respondeu o juiz de instrução. — Nesse caso não vejo inconveniente nenhum.

— Ouve, Dmitri Fedorovitch, meu querido amigo — começou a dizer excitadamente o chefe da polícia — eu próprio conduzi lá abaixo a tua Agrafena Alexandrovna e confiei-a ao cuidado das filhas do estalajadeiro. O bom Maximov não a abandonará um minuto. Estive a tranquilizá-la, ouviste? Tranquilizei-a e ela ficou mais calma. Fiz-lhe compreender que tu precisavas de serenidade e que não devia interromper as tuas declarações fazendo-te sofrer e perder a cabeça, enfim que poderias dizer coisas que te pudessem prejudicar. É uma moça muito boa e muito sentimental. Queria beijar-me as mãos, suplicando-me que te ajudasse. Pediu-me que viesse dizer-te que não estejas triste por causa dela e agora tenho de dizer-lhe a ela que te deixei tranquilo. Mas tens de estar tranquilo, compreendes? Portei-me muito mal com ela. É uma alma cristã, asseguro-lhes, senhores. Uma alma meiga e inocente. Então que lhe digo, Dmitri Fedorovitch? Estás tranquilo ou não?

O bondoso chefe da polícia resolvera ir ralhar com Gruchenka, mas ao vê-la sofrer tanto comoveu-se e as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Mitya levantou-se e avançou para ele, exclamando:

— Perdão, senhores, permitam-me, permitam-me... O senhor tem uma alma de anjo, Mikail Makarovitch, e agradeço-lhe o que fez por ela. Diga-lhe que sim, que ficarei contente e tranquilo, sabendo que o senhor está a velar por ela. Diga-lhe que quando acabar a conversa com estes senhores irei ter com ela. Que espere um pouco. Senhores — disse voltando-se para os magistrados — vou abrir-lhes inteiramente a minha alma; quero dizer-lhes tudo. Em breve teremos tudo terminado, não é verdade? Mas, meus senhores, essa mulher é a rainha do meu coração. Quero que o saibam todos e agora... Não a ouviram gritar «Irei contigo até à morte?...» E que fiz eu por ela, miserável mendigo, para que assim me ame? Como mereci, eu que sou um animal tão feio, um grosseiro, esse amor que está pronto a seguir-me ao desterro? Como ela se lançou aos vossos pés intercedendo por mim... sendo ela tão orgulhosa e inocente! Como não hei de adorá-la? Como não havia de ir ao encontro dela como fiz há pouco? Perdoem-me, senhores! Agora estou consolado.

E voltou a sentar-se, tapando a cara com as mãos e começando a chorar. Eram lágrimas de felicidade que o serenaram. O chefe da polícia e os magistrados alegraram-se vendo-o tão mudado de repente e depois compreenderam que a instrução do processo entrava numa fase nova. Quando o chefe da polícia se retirou Mitya já se mostrava satisfeito.

— Agora, meus senhores, estou inteiramente à vossa disposição e se não fossem esses pormenores sem importância, poderíamos ficar de acordo em quatro palavras. No entanto submeto-me a essas perguntas vãs desde que mostrem confiança em mim. Se não for assim será um nunca acabar. Falo no vosso próprio interesse. Ao trabalho, senhores, ao trabalho. Só lhes peço que não anotem o que me vai na alma e que não me atormentem por bagatelas. Vamos aos factos e creio que ficarão contentes comigo.

E o interrogatório prosseguiu.

Capítulo 4 — Segundo Testemunho

— Nem o senhor sabe, Fedorovitch, quanto nos anima a sua boa vontade — disse Nicolay Parfenovitch com visível satisfação, tirando por momentos os óculos e olhando o acusado com os seus olhos de míope. — Essa advertência que nos fez sobre a confiança mútua é muito justa, pois ela é completamente indispensável num caso da presente importância, se o indivíduo sobre quem recaem as suspeitas quer justificar-se e se encontra em posição de o fazer. Pelo nosso lado faremos todo o possível como certamente já reparou pela nossa conduta. Aprova, Hipólito Kirillovitch?

— Sem dúvida — assentiu o procurador, cuja maneira de falar era fria, ao lado do tom amistoso do juiz.

Direi aqui que Nicolay Parfenovitch manifestara singular respeito pelo procurador, desde a sua chegada à cidade, tornando-se os dois íntimos dentro de pouco tempo. Talvez fosse o único que tinha uma fé absoluta no talento do procurador, como psicólogo e orador, acreditando que se cometiam injustiças contra ele, pois já ouvira falar dele em S. Petersburgo. Por outro lado Nicolay Parfenovitch era o único de quem o procurador gostava. A caminho de Mokroe tinham-se posto de acordo sobre aquele caso, de modo que, diante de Mitya, o perspicaz jovem compreendia e interpretava facilmente qualquer indicação que o colega lhe desse, por uma palavra, gesto ou piscar de olhos.

— Senhores, permitam que lhes conte o que se passou sem perdermos tempo com perguntas supérfluas — disse Mitya ardendo de impaciência.

— Magnifico! Mas antes de o ouvirmos gostaria de lhe fazer umas perguntas que são indispensáveis para nós. Refiro-me aos rublos que pediu ontem à tarde ao seu amigo Pyotr Ilyitch, deixando-lhe como penhor umas pistolas.

— Empenhei-as, meus senhores, empenhei-as por dez rublos. Pronto. Já sabem o que queriam. Logo que voltei à cidade fui empenhá-las.

— Voltou à cidade? Tinha saído?

— Sim, afastei-me umas quarenta *verstas*. Não sabiam?

Os magistrados trocaram um olhar.

— Bem. E se começasse a sua narrativa começando pelo que fez ontem de manhã. De modo que fiquemos a saber, por exemplo, o motivo da sua ausência e quanto tempo esteve fora. Os principais atos.

— Já podiam ter dito que era assim que queriam — respondeu Mitya rindo. — Se querem podemos até começar desde antes de ontem de manhã. Nessa manhã, fui a casa de um comerciante da cidade, chamado Samsonov, para lhe pedir um empréstimo de três mil rublos sobre uma sólida garantia. Precisava desse dinheiro com grande urgência, senhores. Estava em apuros.

— Desculpe se o interrompo — disse delicadamente o procurador. — Como se viu o senhor de repente na necessidade de arranjar precisamente essa quantia: três mil rublos?

— Ó senhores! Não vale a pena entrar em minúcias desse género. Se continuarmos assim nem três volumes nos chegam e ainda há de ser preciso um epílogo!

Mitya falava com ar bonacheirão, sentindo a impaciência de quem está cheio de boa vontade para contar toda a verdade.

— Senhores — retificou — não se ofendam com a minha rudeza. Podem crer que sinto o maior respeito pelos senhores e compreendo perfeitamente a vossa situação. Não julguem que estou embriagado porque não estou, mas é o mesmo pois poder-me-iam aplicar o provérbio que diz: «Quando está sóbrio é um louco; quando ébrio é um homem judicioso.» Ah, ah, mas bem vejo que não é oportuno tomar estas liberdades convosco sem que se tenha posto tudo a claro; além do mais tenho de velar pela minha dignidade que está em jogo. Afinal de contas suspeitam de que eu seja um criminoso e portanto estou muito longe de estar ao vosso nível. Compreendo que a vossa missão é julgar-me e que não é título que mereça a vossa benevolência, aquilo que eu fiz ao pobre velho. Suponho que por causa disso possa vir a estar uns meses ou até mesmo um ano afastado da sociedade, ou até encarcerado. Não sei qual é o castigo, mas espero que não inclua a perda de nenhum dos direitos dos da minha classe. Veem bem, portanto, que compreendo a distância que agora nos separa... No entanto devem concordar que as vossas perguntas seriam capazes de atrapalhar até o próprio Deus. «Onde foi! Como foi? Quando e o que foi fazer?» Se continuam assim acabo eu próprio por ficar confundido. E aonde iremos parar? A parte nenhuma! Já sei que comecei a dizer disparates mas deixem-me acabar, pois os senhores que são pessoas inteligentes e

educadas saberão perdoar-me. Queria pedir-lhes apenas para abandonarem esse método convencional de fazerem perguntas que, distraindo a atenção do criminoso para banalidades, permite surpreendê-lo melhor com uma pergunta alarmante. «A quem matou? A quem roubou?» Ah, ah! É nisto que consiste o seu famoso método, aqui termina toda a sua astúcia. Com ele seria fácil apanhar um camponês, mas não a mim. Conheço os métodos. Estive no serviço. Ah, ah, ah! Não estão aborrecidos, meus senhores? Perdoam as minhas impertinências? — disse com um ar tão amável que os deixou surpreendidos. — Hão de certamente levar em conta que estão a falar com Mitya Karamazov. Já me conhecem. O que seria intolerável num homem judicioso pode ser perdoado em Mitya, não é verdade?

Nicolay Parfenovitch não pôde conter o riso, se bem que o procurador olhasse Mitya com ar sério, ansioso por não perder nem uma palavra, nem um gesto, nem uma expressão do rosto de Mitya.

— Temo-lo tratado como pede desde o começo. Ainda não lhe perguntámos onde tinha tomado o pequeno almoço, nem como. Temos ido sempre ao essencial — replicou Parfenovitch ainda a rir.

— Compreendo. Vi isso e agradeço-o. E ainda agradeço mais esta nova bondade digna do vosso nobre coração. Somos três cavalheiros; que tudo seja pois fundamentado na confiança mútua que deve existir entre gente bem-nascida, possuindo um fundo comum de nobreza e honradez. De qualquer modo permitam que os considere como os meus melhores amigos neste momento da minha vida, no momento em que a minha honra é atacada. Não os ofendo com isto, não é verdade?

— Pelo contrário. O senhor expressou-se divinamente — disse com dignidade o juiz instrutor.

— Basta de perguntas tortuosas — acrescentou Mitya com entusiasmo — caso contrário nunca mais nos desenvencilhamos. Não lhes parece?

— Seguiria com gosto as suas justas indicações — replicou o procurador dirigindo-se a Mitya — mas não posso renunciar à minha pergunta, por ser para nós de interesse essencial saber a razão por que precisava precisamente de três mil rublos.

— Precisava deles para... bem... para pagar uma dívida.

— Uma dívida. A quem?

— Nego-me a responder a isso. Não por não poder fazê-lo ou porque me possa trazer algum prejuízo, pois é uma coisa insignificante; mas por

princípio não quero dizer nada a esse respeito, pois considero isso uma intromissão na minha vida particular. E um princípio que quero respeitar. Precisava de pagar uma dívida, uma dívida de honra. Mas não direi a quem.

— Permita-me anotar isso — respondeu o procurador.

— Como queira. Escreva que não o quero dizer, escreva. Diga que considero uma desonra dizê-lo. Escreva, escreva, se não tiver nada melhor em que passar o tempo.

— Devo avisá-lo, senhor — disse o procurador em tom severo — que está no seu perfeito direito recusando-se a responder a qualquer das nossas perguntas. Nós não podemos obrigá-lo a responder caso não o queira fazer. A decisão é inteiramente sua. No entanto, é nosso dever informá-lo de que pode haver prejuízo para si não respondendo, como no caso presente. Agora peço-lhe que continue.

— Senhores, não me sinto prejudicado... eu... — balbuciou Mitya, desconcertado. — Bem, ouçam: Samsonov, a quem me dirigi então...

Não reproduziremos aqui o relato daquilo que o leitor já conhece. Mitya tinha muito cuidado em não omitir nenhum pormenor, desejando ao mesmo tempo terminar.

Mas como as suas declarações eram escritas pelo secretário indicavam-lhe de vez em quando que parasse e ele aborrecia-se, desesperava-se, mas sempre submisso e bondoso, exclamava:

— Mas senhores, isto faz perder a paciência a um santo. Não é justo que me exasperem assim!

Apesar destas exclamações, Mitya mantinha o seu bom humor e contou como Samsonov o tinha atirado de cabeça dois dias antes. A venda do relógio por seis rublos, facto de que os magistrados não tinham conhecimento, interessou-lhes grandemente, provocando a indignação do declarante. Julgaram necessário anotar o facto como prova de que não tinha um tostão no bolso. Pouco a pouco Mitya começava a tornar-se arisco.

Depois de relatar a visita a Lyagavy e a noite perdida na cabana, começou a contar minuciosamente, sem ser incomodado, os angustiosos ciúmes que o atormentavam quando regressara à cidade.

Ouviam-no em silêncio e quiseram saber, com grande interesse, as circunstâncias que envolviam o facto de ter uma emboscada preparada em casa de Maria Kondratyevna, atrás do jardim de seu pai, para daí espiar

Gruchenka, assim como do encargo que Smerdyakov tinha de o informar. Quiseram até que tudo isso ficasse claramente anotado. Mitya falou com calor dos ciúmes que sentia, sacrificando a vergonha que lhe causava expor os seus sentimentos em público, ao seu desejo de contar toda a verdade.

A fria severidade com que o olhava o juiz de instrução e ainda mais o procurador, enquanto ele contava o sucedido, deixou-o perplexo.

«Este rapaz, Nikolay Parfenovitch, com quem há cinco dias eu falava de mulheres, e esse procurador dispéptico, não merecem que eu lhes fale assim», pensava tristemente. «É afrontoso! Mas paciência, humildade e mansidão.» Terminou assim as suas reflexões e animou-se a prosseguir o seu relato, de tal maneira que ao falar da visita à senhora Hohlakov, atreveu-se a inserir aí uma anedota inteiramente desligada do assunto. O juiz chamou-lhe a atenção para não se deter em nada que não fosse essencial.

Continuou e quando, descrevendo o estado de desespero em que saíra de casa dessa senhora, disse que pensara em arranjar os três mil rublos nem que para isso tivesse de matar alguém, interromperam-no outra vez para anotar que «queria matar alguém». Por fim a sua narrativa chegou à altura em que soubera que Gruchenka o tinha enganado, saindo da casa de Samsonov quase imediatamente a seguir a ele lá a ter deixado, confiado na palavra dela de permanecer ali até à meia noite.

— Se nessa altura não matei Fenya — declarou com rudeza — foi porque não tive tempo.

E ficou calado e sombrio ao ver que os outros se apressavam a escrever esta declaração. Começava já a contar como correra a casa do pai quando o juiz de instrução o interrompeu, desembrulhou um papel que se encontrava em cima do sofá e mostrou o pilão do almofariz, perguntando-lhe:

— Reconhece este objeto?

— Sim, claro que o reconheço — respondeu com um pálido sorriso. — Deixe lá ver. Não, não quero vê-lo.

— Esqueceu-se de nos falar nele — observou o juiz.

— Que diabo! Não foi para o ocultar. Esqueci-me dele, simplesmente.

— Tenha então a bondade de nos dizer concretamente como o arranjou.

— É o que farei.

E contou como pegara naquele utensílio, saindo a correr.

— Mas com que objetivo se apoderou de semelhante arma?

— Com que objetivo? Nenhum. Peguei nele simplesmente e saí.

— Para quê, se não tinha nenhum objetivo?

Mitya sentiu-se invadir pela cólera e cravou nos olhos do «rapaz» um olhar intenso, enquanto lhe sorria com triste malevolência.

Cada vez se sentia mais envergonhado de ter contado àqueles «homens», tão sincera e espontaneamente, a história dos seus ciúmes.

— Já estou enfastiado de ouvir falar do pilão do almofariz e dos objetivos! — exclamou de súbito.

— No entanto...

— No entanto, para manter os cães à distância... porque era de noite... podia acontecer qualquer coisa.

— Mas costumava então sair armado, visto que tinha medo da escuridão?

— Huff! Para o diabo isto tudo, meus senhores! Não se pode falar convosco! — gritou Mitya no auge da cólera. E voltando-se para o secretário, disse exaltadamente e com voz irada: — Escreva... escreva já... «Agarrei no pilão do almofariz para matar o meu pai, Fedor Pavlovitch... para lhe partir a cabeça.» Bem, estão contentes agora, meus senhores? Acalmou-se o vosso espírito? — disse, fixando os magistrados.

— Compreendemos que faz esta declaração sob o domínio da cólera, provocada por umas perguntas que lhe parecem ociosas e que são, pelo contrário, de uma importância capital — declarou secamente o procurador.

— Bem, senhores, palavra de honra! Agarrei no pilão do almofariz e saí a correr. Para quê? Não posso dizer-lhes, não sei. Por mim, acabemos com isto. Não lhes direi nem mais uma palavra.

Encostou-se à mesa e assim permaneceu, olhando para a parede e lutando com um sentimento de náusea. Esteve prestes a levantar-se e a dizer que não lhe arrancariam nem mais uma palavra, mesmo que o enforcassem.

— Ao ouvi-los, meus senhores — disse por fim, quando conseguiu dominar-se — vem-me à memória um sonho... É um sonho que tenho com frequência. Sonho e o sonho é sempre o mesmo... há um desconhecido que me persegue, que me causa muito medo... que me persegue de noite, na escuridão... descobre uma pista e eu escondo-me atrás de uma porta ou de um armário, da maneira mais vergonhosa. E dá-se o caso de ele saber

sempre onde eu estou e fingir que não sabe para prolongar mais o meu martírio, de se divertir com a minha angústia... É o que os senhores estão a fazer agora... a mesma coisa!

— Tem esses sonhos? — perguntou o procurador.

— Exatamente. Não quer tomar nota? — perguntou Mitya com um sorriso de troça.

— Não, não é necessário, mas os seus sonhos são de facto muito curiosos.

— Não se trata aqui de sonhos, senhores... Está é a realidade, a vida real! Eu sou o lobo e os senhores os caçadores. Pois bem, cacem-no!

— O senhor está a ser injusto na sua comparação... — disse suavemente Nikolay Parfenovitch.

— Não, de maneira nenhuma! — replicou Mitya, cuja agitação se ia acalmando, aliviada pelo desabafo. — Podem desconfiar de um criminoso ou de um acusado qualquer a quem atormentam com as vossas perguntas, mas de um homem de honra, dos nobres impulsos do coração, não! Digo-lhes com toda a audácia que não têm o direito... mas...

Silêncio, *coração;*
Paciência, humildade e mansidão.

Bom. É preciso continuar? — perguntou bruscamente.

— Se quiser ter a amabilidade... — respondeu Nikolay Parfenovitch.

Capítulo 5 — Terceiro Testemunho

Ainda que falando de má vontade, era evidente que Mitya procurava não esquecer o mínimo pormenor. Contou como tinha saltado para o jardim de seu pai, como se aproximara da janela e o que vira. Descreveu de maneira clara e precisa as inquietantes suspeitas que o perturbavam por imaginar que Gruchenka pudesse estar com o velho. Os dois magistrados ouviam-no friamente, sem o interromperem.

«Estão aborrecidos, ofendi-os», pensou. «Vão para o diabo!» Quando contou como se tinha decidido a fazer o *sinal* para que o pai abrisse a janela, julgando que Gruchenka tinha chegado, nem o fizeram deter à palavra *sinal*, como se tivessem passado por alto a importância daquela palavra. O próprio Mitya ficou um pouco surpreendido e, ao contar como o cegara o ódio vendo o velho assomar à janela e como agarrara o pilão do almofariz, deteve-se deliberadamente um momento, pois embora continuasse com o olhar fixo na parede, notava que os outros o devoravam com os olhos.

— Bem — disse o juiz — o senhor empunhou a arma... e que se passou?

— Que se passou? Matei-o... dei-lhe uma pancada na cabeça e parti-lhe o crânio... Suponho que é assim, segundo a vossa opinião, não é verdade?

As suas pupilas reluziram. A sua cólera suavizada momentaneamente irrompeu de novo com redobrada violência.

— Segundo a nossa opinião — repetiu Nicolay Parfenovitch. — Bem... e segundo a sua?

— Segundo a minha, senhores? Bem, vou dizer-lhes como foi — continuou um pouco mais calmo. — Não sei se foram as lágrimas de alguém ou as preces da minha mãe no céu, não sei; mas o diabo ficou vencido. Fugi da janela e corri para o muro. O meu pai viu-me então, deu um grito e saiu da janela. Lembro-me muito bem. Cheguei ao muro e quando ia a saltá-lo... fui agarrado por Grigory.

Mitya olhou para os seus auditores que pareciam esperar calmamente que ele continuasse. Uma onda de indignação invadiu-o então, forçando-o a gritar:

— Mas os senhores estão a troçar de mim?

— Porque pensa isso? — perguntou Nicolay Parfenovitch.

— Porque bem vejo que os senhores não acreditam numa palavra do que estou a dizer. Bem sei que cheguei ao mais importante. O velho jaz com a cabeça desfeita enquanto eu, depois de confessar que o queria matar, depois de tirar o pilão do bolso, desato a correr, fugindo à tentação. Histórias! Histórias! Como se se pudesse acreditar nas palavras de um vadio. Ah, ah! Os senhores são uns farsantes!

E voltou-lhes as costas tão violentamente que deitou a cadeira ao chão.

— E não reparou — perguntou o procurador, fingindo não reparar na agitação de Mitya — não reparou se a porta de casa estava aberta?

— Não, não estava aberta.

— Não estava?

— Estava fechada. Quem havia de a abrir? Mas encontraram-na aberta?

— Sim, estava aberta.

— Mas quem teria podido abri-la a não ser os senhores! — gritou Mitya no cúmulo do assombro.

— A porta estava aberta e o assassino de seu pai entrou pela porta e voltou a sair pela porta — disse o procurador marcando bem as palavras. — Isso é claro como a água. O crime teve lugar dentro do quarto e *não através da janela;* isso está provado pelo exame do local, pela posição do cadáver, por tudo.

Mitya estava absolutamente desconcertado.

— Mas isso é completamente impossível! — gritava sem saber que pensar. — Eu não entrei. Juro-lhes que não entrei. Tenho a certeza absoluta de que a porta se encontrava fechada enquanto eu estive no jardim e quando fugi. Eu apenas cheguei à janela e o vi de fora. Mais nada... mais nada... Recordo-me perfeitamente e se não me recordasse seria o mesmo, pois ninguém conhecia os sinais a não ser eu, Smerdyakov e meu pai; e este não teria aberto a porta por nada deste mundo sem ter ouvido o sinal.

— Sinal? Que sinal? — interrogou o procurador com vivo interesse, despojando-se da fria serenidade em que se tinha mantido até ali, porque

temia que Mitya se negasse a dar uma explicação sobre aquele assunto que ele reputava de grande interesse.

— Não sabia? — disse Mitya piscando um olho com ar brincalhão. — E se eu não lhe dissesse quem o informaria? Só meu pai, Smerdyakov e eu os conhecemos. O céu também os conhece mas não os dirá. E quem sabe o que os senhores poderão basear nesses sinais! Ah, ah; consolem-se, meus senhores, que eu vou informá-los. Os senhores fazem uma ideia louca de mim; não sabem com quem falam. Tratam com um acusado que acumula as acusações sobre si mesmo. Sim, porque eu sou um homem de honra... e os senhores, não!

O procurador deixou passar a insolência sem protestar; tremia de impaciência por conhecer aquele novo dado. Mitya falou demoradamente sobre os sinais convencionados entre seu pai e Smerdyakov. Disse-lhe das diferentes maneiras de bater na madeira da porta e quando Nicolay Parfenovitch levantou a hipótese dele ter batido de maneira a significar «Aqui está Gruchenka», respondeu que efetivamente o tinha feito.

— Agora já podem fundar a vossa torre — concluiu voltando-lhes outra vez as costas com desprezo.

— E mais ninguém conhecia esses sinais senão o senhor, seu pai e o lacaio Smerdyakov? — insistiu Parfenovitch.

— Sim, o lacaio Smerdyakov e o céu. Tomem nota também do céu que lhes pode ser de algum proveito. De resto bem devem precisar para isto da ajuda de Deus.

O secretário estava a escrever, quando o procurador fez de repente outra pergunta, como se lhe tivesse ocorrido de repente uma ideia nova:

— Mas se Smerdyakov conhece também esses sinais e se o senhor nega em absoluto que tivesse tido qualquer participação no crime, não teria sido ele a dar o sinal combinado, levando o velho a abrir a porta... cometendo então ele o crime?

Mitya lançou-lhe um olhar de ódio e de ironia de tal modo intenso que o procurador desviou os olhos.

— Lá está o senhor a apanhar outra vez a raposa pelo rabo! — comentou Mitya. — Adivinho-o no seu rosto, senhor procurador. É claro que pensava que eu me iria levantar e mordendo o anzol começava a gritar: *Sim, Smerdyakov é o assassino!* Sim, confesse que julgava que isso iria suceder. Confesse, se quer que eu continue.

Mas o procurador manteve-se silencioso.

— Engana-se. Não afirmo que tenha sido Smerdyakov — disse Mitya.

— Mas não suspeita dele?

— E o senhor suspeita?

— É suspeito.

Mitya olhou fixamente para o chão.

— Falemos a sério — disse sombriamente. — Ouçam. Quase desde o princípio, quase desde o momento de comparecer perante os senhores, tive Smerdyakov no pensamento. Estava aqui sentado e enquanto protestava a minha inocência, pensava «Smerdyakov»! Não consegui afastar o nome de Smerdyakov da cabeça. Agora também pensei em Smerdyakov; mas foi só por um momento; logo a seguir disse: «Não, não pode ter sido Smerdyakov.» Não foi ele, senhores!

— E não suspeita de mais ninguém? — perguntou cautelosamente Parfenovitch.

— Não sei quem poderá ter sido. Se Deus, se Satanás; mas Smerdyakov... não — disse Mitya com decisão.

— Em que se baseia para fazer tal afirmação com tanta segurança?

— Bem, é a minha opinião, uma convicção minha. Smerdyakov é o que há de mais baixo e de mais cobarde. Ele não é apenas um cobarde, é um compêndio de todos os cobardes que andam sobre dois pés. Tem um coração de galinha. Sempre que fala comigo treme de medo com receio de que eu o mate, se bem que eu nunca tivesse levantado a mão para ele. Já uma vez se pôs de joelhos na minha frente e beijou as minhas botas pedindo-me para o não assustar. Que não o assustasse, percebem? Já veem que valente ele é! E isso por eu lhe ter oferecido dinheiro. É doente, epilético, idiota... um rapazinho de oito anos seria capaz de o derrotar. O caráter dele é digno de desprezo. Também sei que não precisa de dinheiro, pois rejeitou as minhas ofertas. Além disso porque havia de matar o velho, sendo, como os senhores devem saber seu filho, seu filho natural. Ou não sabiam?

— Já temos ouvido essa história. Mas o senhor também era filho e falava em matá-lo.

— É verdade! E também é verdade que é indigno atirar-me isso à cara. Indigno porque eu próprio confessei que estive prestes a matá-lo. Não só desejava matá-lo como o poderia ter feito e me prestei espontaneamente a fazer essa confissão. Mas não o matei; o meu anjo da guarda salvou-me...

e é isso que os senhores não levam em consideração. Isso é indigno! Pois não o matei, ouviram? Não o matei, não o matei e não o matei!

Estava sufocado. De repente perguntou:

— E que lhes disse Smerdyakov, senhores?

— Encontrámos o criado Smerdyakov sem sentidos na cama, com um ataque de epilepsia que se repetia pela décima vez. O médico diz que ele talvez não passe desta noite.

— Então deve ter sido o diabo que o matou! — gritou Mitya, como se até essa altura tivesse pensado que fora Smerdyakov.

Mitya pediu uns momentos de descanso que lhe foram concedidos com delicadeza. Depois prosseguiu o seu relato. Mostrava-se abatido, febril, mortificado. O procurador parecia não ter consideração por isso e interrompia-o constantemente, por qualquer ninharia.

Quando contou que estando já sobre o muro Grigory o agarrou por uma perna, ele o feriu e depois saltou do muro para observar o velho, o procurador interrompeu-o para lhe dizer que descrevesse com exatidão a maneira como estava sentado no muro.

— A cavalo no muro, com uma perna para cada lado.

— E o pilão do almofariz?

— Tinha-o na mão, sim.

— Tem a certeza? Deu-lhe uma pancada muito forte.

— Pois seria forte. Porque pergunta?

— Não se importa de se colocar na mesma posição sobre a cadeira e mostrar-nos como movimentou o braço?

— Estão a brincar comigo ou quê? — gritou Mitya, deitando um olhar de desprezo ao magistrado, que pareceu não o notar. Depois, com um gesto convulsivo, pôs-se a cavalo na cadeira e moveu o braço. — Foi assim que lhe bati. Assim. Que mais quer?

— Obrigado. Importa-se de nos explicar por que razão voltou a saltar para baixo? Com que objetivo? Que se propunha fazer?

— Vão para o diabo!... Saltei para reconhecer o ferido... não sei porquê.

— Com a sua excitação e pressa em fugir?

— Sim.

— Queria socorrê-lo?

— Sim, talvez quisesse socorrê-lo. Não me recordo.

— Não se recorda? Então talvez não tivesse inteira consciência do que fazia?

— Tinha. Lembro-me perfeitamente de tudo. Fui até junto dele e limpei-lhe a cabeça com o lenço.

— Sim, já vimos esse lenço. Esperava fazê-lo voltar a si?

— Não sei. Queria apenas verificar se estava vivo ou não.

— Ah! Queria ter a certeza? Bem, e depois?

— Não percebi em que estado se encontrava. Não sou médico. Mas julguei que estava morto e agora vejo que se reanimou.

— Magnífico — declarou o procurador. — Obrigado. Era tudo o que queria saber. Agora pode continuar.

Mitya nunca teria pensado em dizer ao procurador que só a piedade o movera quando saltara do muro para ir observar Grigory. Assim, aquele só pôde chegar a uma conclusão: que Mitya saltara do muro apenas para verificar se estava morta a única testemunha do seu crime e que era portanto um criminoso empedernido, de grande serenidade, audácia e previsão.

O procurador estava satisfeito. Tinha aproveitado o nervosismo daquele homem para lhe apanhar mais do que aquilo que teria dito a bem.

Mitya continuou de má vontade e foi logo interrompido por Nicolay Parfenovitch.

— Como é que foi a correr a casa da criada Fedosya Markovna com as mãos cobertas de sangue e também a cara, ao que parece?

— Porque não o sabia nessa altura. Não reparei.

— É o que sucede com frequência — observou o procurador trocando um olhar com Nicolay Parfenovitch.

E por fim chegaram ao facto de Mitya querer ficar de lado para deixar passar a felicidade dos outros. Mas não conseguiu decidir-se a abrir o seu coração, como o fizera até ali, àqueles homens frios e cínicos, e começou a responder secamente às perguntas deles.

— Sim, resolvi matar-me. Para que queria eu viver se o seu primeiro amante tinha voltado, se o que a enganou vinha reparar a sua ofensa? Sabia que tudo estava acabado para mim! Além do mais tinha deixado para trás de mim o opróbrio e o sangue de Grigory. Para quê viver? Assim fui desempenhar as minhas pistolas e carreguei-as para meter uma bala na cabeça ao romper do dia.

— Mas antes disso grande festa, eh?

— Sim, antes grande festa. E estou farto, senhores! Acabem depressa com isto. O meu propósito era matar-me. E ainda tenho no bolso o papel que escrevi em casa de Perkotin. Se quiserem podem lê-lo. E não julguem que o escrevi para os senhores — acrescentou com desprezo entregando-lhe o papel que tirara do bolso e que eles leram com grande interesse, juntando-o depois ao processo, como é habitual.

— E não tinha pensado em lavar as mãos em casa de Perkotin, para não levantar suspeitas?

— Que suspeitas? Com suspeitas ou sem elas teria vindo para aqui e teria dado um tiro nos miolos. Se não fosse o que sucedeu ao meu pai nunca os senhores teriam chegado a tempo. Mas como puderam vir tão depressa? É fantástico!

— O senhor Perkotin disse-nos que o senhor esteve em casa dele levando nas mãos... nas mãos ensanguentadas... um maço de notas de cem rublos, o que também foi confirmado pelo criado dele.

— É verdade, senhores. Lembro-me que assim foi.

— Temos agora um ponto sobre o qual gostaríamos que nos elucidasse — disse com grande delicadeza Nicolay Parfenovitch. — Onde foi arranjar todo esse dinheiro se segundo as suas declarações não teve tempo de ir a casa?

O procurador franziu a testa vendo as considerações feitas por Nicolay Parfenovitch, mas não o interrompeu.

— Pois não fui a casa... — murmurou Mitya baixando os olhos.

— Permita-me que insista — continuou o juiz, dando importância à pergunta. — Onde foi buscar uma quantia tão grande, quando pelas suas próprias declarações se depreende que às cinco da tarde...?

— Precisava de dez rublos e empenhei as minhas pistolas, depois fui visitar a senhora Hohlakov para lhe pedir três mil rublos emprestados, o que ela se recusou a fazer, etc., etc. Sim — prosseguiu Mitya — precisava dos três mil rublos e de repente apareci com muito dinheiro, notas e notas de cem. Tenho a certeza de que ambos receiam que eu não diga aonde as fui buscar. É ou não verdade? Tenho a certeza que sim, mas a verdade é que não vos direi nem uma palavra a esse respeito! — concluiu Mitya marcando enfaticamente cada sílaba.

— Deve compreender, senhor Karamazov, como é importante sabermos isso — declarou suavemente Nikolay Parfenovitch.

— Compreendo, mas nada direi.

Nesse momento o procurador interveio, dizendo que ele tinha todo o direito de não responder a qualquer pergunta, mas que lhe poderia trazer inconvenientes não o fazer, tanto mais tratando-se de uma questão tão importante como aquela.

— Já sei tudo isso. Estou farto de ouvir a mesma coisa, mas não falarei.

— Isso é consigo. O interesse é seu e não nosso — disse nervosamente Nikolay Parfenovitch.

— Olhem, senhores — declarou Mitya formalizado, olhando para os magistrados com firmeza e severidade — desde o princípio que tinha previsto que nos chocaríamos neste ponto. Quando comecei as minhas declarações tudo parecia deslizar sobre seda e eu fui tão ingénuo que pensei que tudo se poderia processar em termos de mútua confiança. Agora vejo que não era possível, porque tínhamos fatalmente de tropeçar neste ponto. É impossível e acabou-se. Não culpo ninguém. Os senhores não podem acreditar no que eu digo sob palavra de honra. Compreendo perfeitamente.

E fez-se um silêncio total.

— E não poderia, sem renunciar ao seu mutismo acerca de um ponto tão importante, não poderia dar-nos ao menos uma leve ideia, uma indicação que nos permitisse conjeturar da natureza dos motivos que o levam a não querer responder à nossa pergunta?

Mitya sorriu tristemente e disse com ar pensativo:

— Sou melhor do que os senhores pensam e dir-lhes-ei as razões que me impedem de responder à vossa pergunta. Nego-me a falar para não manchar a minha honra. Respondendo à pergunta ficaria coberto de um opróbrio muito mais atroz do que matando e roubando o meu pai. Por isso nada digo. O quê? Estão a tomar nota disto?

— Sim, estamos — balbuciou Parfenovitch.

— Não deviam fazê-lo. Se disse isto foi apenas movido pela bondade. Devia ter-me calado. Os senhores abusam. Mas não me importo, nem os temo! Ainda posso levantar a cabeça na vossa frente!

— E pode dizer-nos porque ficava desonrado? — arriscou-se a perguntar Nikolay Parfenovitch.

O procurador franziu o sobrolho, mostrando-se muito irritado.

— Não, *c'est fini*. Não me aborreçam mais. Não direi absolutamente mais nada.

Mas não era tão fácil como ele pensava. O juiz instrutor não insistiu, mas notou nos olhos do colega que ele não desesperava.

— E pode dizer-nos que quantia levava quando entrou em casa do senhor Perkotin?... Quantos rublos exatamente?

— Não posso dizer.

— Creio que o senhor falou em ter recebido três mil rublos da senhora Hohlakov.

— Pode ser. Basta, senhores. Não direi quanto levava.

— Poderá então dizer-nos como veio para aqui e como empregou o seu tempo depois de chegar.

— Podem perguntar a essa gente, mas não vejo inconveniente em contá-lo eu.

Mitya fez então um resumo breve e seco, dizendo que renunciara a matar-se por terem surgido *novos fatores do problema.* Não entrou em pormenores e ninguém lhos pediu porque certamente acharam que não havia naquelas declarações nada de essencial para o processo.

— Bem, já comprovaremos tudo isso durante o interrogatório das testemunhas, que se fará na sua frente — disse Nicolay Parfenovitch, quando Mitya terminou. — Agora desculpe se o convido a pôr em cima desta mesa tudo o que tem nos bolsos, incluindo o dinheiro, claro.

— O dinheiro, senhores? Está certo. Estava admirado de ainda não mo terem pedido. Claro que não o podia ter escondido em parte nenhuma pois estive sempre aqui sentado e não me perderam de vista. Bem, aqui está o meu dinheiro. Contem-no... fiquem com ele... enfim, parece que está todo.

E tirou dos bolsos tudo o que tinha, até o troco de duas moedas de vinte *kopeks* que encontrou na algibeira do colete.

— Está tudo aqui? — perguntou o juiz instrutor.

— Sim.

— Bem, afirmou ter gasto trezentos rublos na loja de Plotnikov. Entregou dez a Perkotin, vinte ao cocheiro, perdeu duzentos ao jogo, portanto...

Nikolay Parfenovitch começou a contar. Mitya ajudou-o recordando tudo o que tinha gasto. O juiz fez a conta num instante.

— Com os oitocentos rublos que aqui estão devia ter ao princípio uns mil e quinhentos rublos.

— Acho que sim.

— Todos dizem que era bastante mais.

— Que digam.

— Mas o senhor mesmo o afirmou.

— Sim, também o afirmei.

— Compararemos isto com as declarações de outras testemunhas ainda não interrogadas. Não se preocupe com o seu dinheiro... será guardado e devolvido no fim... das diligências que agora estão a começar... se se provar que lhe pertence de facto. Bem, e agora...

Nikolay Parfenovitch levantou-se e fez saber a Mitya que se via na obrigação de examinar a sua roupa e...

— Como queiram, senhores, mostrar-lhes-ei o forro dos meus bolsos — disse Mitya unindo a ação à palavra.

— Será necessário que se dispa.

— Como? Despir-me? Que diabo! Não podem revistar-me assim? Não podem?

— Impossível, Dmitri Fedorovitch. Tem de se despir.

— Como queiram — respondeu Mitya abatido. — Mas não aqui, peço-lhes. Quem me revistará?

— Atrás da cortina, sim.

Nicolay Parfenovitch fez um gesto de assentimento com a cabeça. A sua diminuta cara tinha uma expressão de grave solenidade.

Capítulo 6 — Mitya Surpreendido pelo Procurador

O que se estava a passar era qualquer coisa de assombroso e inesperado para Mitya. Nunca pensou que se atrevessem a tratá-lo assim. O que mais lhe custava era a humilhação que tudo aquilo representava. Não podiam descobrir nada nas suas roupas e exigiam que se despisse para o humilhar. Por orgulho e despeito Mitya submeteu-se às exigências deles sem pronunciar uma palavra.

Vários guardas campestres acompanharam os magistrados e ficaram à entrada. «Para o caso de terem de apelar para a força», pensou Mitya, «e talvez por outros motivos.»

— Também tenho de tirar a camisa? — perguntou Mitya.

Nikolay Parfenovitch não lhe respondeu, ocupado na tarefa de examinar o casaco, as calças, o colete e o chapéu, em companhia do procurador, tão interessado na tarefa como o seu colega. «Não têm nenhuma consideração», pensou Mitya, «não observam nem a mais elementar cortesia.»

— Repito se é necessário tirar a camisa? — disse Mitya em tom rude e grosseiro.

— Não se preocupe. Já lhe diremos o que tem a fazer — respondeu autoritariamente Parfenovitch.

Os dois magistrados falavam em voz baixa, dando voltas ao casaco, cujas abas se encontravam sujas de sangue seco. Na presença dos outros o juiz examinou cuidadosamente todo o vestuário, procurando descobrir qualquer esconderijo para o dinheiro. Nem procurou sequer esconder de Mitya essas suspeitas.

«Tratam-me como um ladrão e não como um oficial», pensou Mitya, ouvindo-os falar com insolente franqueza. O secretário que estava atrás da cortina ouvindo e observando tudo, chamou a atenção de Nikolay Parfenovitch para o chapéu de Mitya, que o magistrado tinha na mão.

— Lembra-se do amanuense Grydenko — disse — que ficou com o dinheiro destinado ao pagamento de todos os empregados e que afirmou

tê-lo perdido ao embriagar-se? E onde se encontrou? Debaixo da fita do chapéu, onde ele tinha metido as notas de cem rublos dobradas.

Os magistrados recordavam-se muito bem do caso e puseram o chapéu de Mitya de lado para ser novamente examinado com as outras peças de vestuário.

— Um momento — disse Nikolay Parfenovitch olhando para as mangas da camisa que Mitya tinha arregaçadas. — Isso não é sangue?

— Sim — respondeu secamente Mitya.

— Tanto sangue... e porque dobrou a manga para dentro?

Mitya disse que tinha sujado os punhos ao examinar Grigory e que tinha arregaçado as mangas ao lavar as mãos em casa de Perkotin.

— Tem de tirar também a camisa, pois constitui uma prova material de grande importância.

Mitya corou de raiva.

— Então vou ficar nu? — gritou.

— Não se preocupe. Já arranjaremos isso de qualquer maneira. Entretanto tire as meias.

— Estão a brincar comigo ou quê? É realmente indispensável?

E os olhos de Mitya brilharam sinistramente.

— Não estamos aqui para brincadeiras — disse severamente o juiz.

— Se não há outro remédio... — disse Mitya. E sentando-se na cama tirou as meias. Sentia-se terrivelmente desajeitado, esquisito, assim despido na presença de gente vestida.

«Se estivéssemos todos despidos não teria de que me envergonhar», pensava, «mas assim, só eu nu e os outros a olharem-me é degradante. Parece-me tudo isto um pesadelo. Já às vezes em sonhos me tenho encontrado em situações tão humilhantes como esta.» Era uma desgraça ter que tirar as meias e a roupa interior que estava muito suja e que ia ficar exposta a todos os olhares. O que mais o desgostava mostrar eram os seus pés, cujos dedos lhe tinham parecido sempre plebeus, repugnando-lhe de especial maneira as unhas dos dedos grandes, largas, grossas e curvas. Todos as veriam. A vergonha e a humilhação tornaram-no grosseiro. Atirando com a camisa, disse:

— Não quererão ver em mais nenhum sítio, já que não têm vergonha?

— Por agora não é necessário.

— E vou continuar despido? — perguntou furiosamente.

— De momento não há outro remédio... Sente-se aí... pode tapar-se com a colcha da cama... eu tratarei de tudo isto.

O vestuário foi mostrado a testemunhas e depois Nikolay Parfenovitch saiu do quarto, ordenando que levassem dali as roupas. Também o procurador desapareceu e Mitya ficou só com os dois camponeses, cujos olhares o não largavam um só instante. Embrulhou-se na colcha, tinha frio. Os pés apareciam por baixo. Quis tapá-los mas não conseguiu porque a colcha era pequena. Parecia-lhe que Nikolay Parfenovitch tinha ido para o fim do mundo. «Não voltará nunca», pensou. «Trata-me como um cão», murmurava Mitya rangendo os dentes. «Esse maldito procurador desapareceu também. Não deve gostar de me ver nu.»

Mitya esperava que lhe fossem devolvidas as suas roupas depois de examinadas. Calcule-se a sua indignação ao ver entrar Nikolay Parfenovitch acompanhado por um camponês que lhe trazia roupas diferentes.

— Aqui tem com que se vestir — disse Parfenovitch muito satisfeito com o êxito da sua missão. — O senhor Kalganov empresta-lhe esta roupa que trazia para mudar. Felizmente tinha na mala dele uma camisa limpa. Pode vestir as suas próprias meias e roupa interior.

A cólera de Mitya estalou:

— Não quero roupa de outro. Dê-me a minha! Dê-me a minha. Kalganov que vá para o diabo e mais a sua roupa.

Procuraram acalmá-lo, fazendo-lhe ver que a roupa suja de sangue devia ser incluída nas «provas de acusação» e que eles não tinham o direito de lha dar. Custou muito convencê-lo, mas por fim Mitya percebeu que lhe era preciso obedecer. Começou a vestir-se vendo que a roupa de Kalganov era melhor que a dele e sentindo-se contrariado por ver que lhe estava ridiculamente apertada. Pensava que o queriam vestir como um louco... para se divertirem.

Quiseram persuadi-lo de que exagerava, pois Kalganov era mais ou menos da sua estatura. Mas ao vestir o casaco Mitya sentiu as costas apertadas e soltou um rugido.

— Para o diabo tudo isto! Nem posso abotoar-me. Tenham a bondade de dizer a Kalganov, da minha parte, que não lhe pedi nada.

— Ele diz que sente muito... isto é, que sente muito o que se está a passar e não o facto de lhe ter emprestado a roupa — disse Nikolay Parfenovitch.

— Deixe-se de sentimentos. Para onde vamos? Ou sento-me aqui?

Convidaram-no a passar à outra sala e Mitya avançou com ar agressivo, sentindo-se completamente infeliz vestido com o fato emprestado, à frente dos camponeses e até de Trifon Borisovitch, que espreitou pela outra porta, desaparecendo imediatamente.

«Aquele quis ver-me disfarçado», pensou Mitya sentando-se no lugar que ocupara primeiro. Parecia-lhe estar a ser vítima de um pesadelo.

— Bem, e agora o que vão fazer? Vão açoitar-me? É a única coisa que lhes falta fazer! — exclamou voltando as costas a Nikolay Parfenovitch com desprezo.

«Canalha», pensava. «Deu voltas e mais voltas às minhas peúgas para todos verem que estão sujas.»

— Agora — disse Nikolay Parfenovitch, como que respondendo à pergunta de Mitya — temos de proceder ao interrogatório das testemunhas.

— Sim — concordou o procurador, que parecia distraído ou a pensar em qualquer coisa.

— Temos feito por si tudo quanto nos tem sido possível — continuou Nikolay Parfenovitch — mas perante a sua categórica recusa em nos dizer de onde proveio a quantia que trazia consigo, é-nos indispensável...

— Que pedra é essa do anel? — perguntou Mitya como se despertasse bruscamente de um sonho. E apontava para um dos três grandes anéis com que se enfeitava a mão direita do juiz.

— Anel? — repetiu Nikolay Parfenovitch surpreendido.

— Sim, esse, o do anelar. Que pedra é essa? — insistiu Mitya, como uma criança caprichosa.

— É um topázio — respondeu sorrindo Nikolay Parfenovitch. — Gostaria de o examinar? Posso tirá-lo...

— Não, não o tire — respondeu Mitya furioso e aborrecido consigo mesmo. — Não o tire, não é preciso. Os senhores embruteceram completamente o meu espírito. Mas podem supor que eu os enganaria, que não confessaria logo se tivesse assassinado o meu pai? Não, isso não é para mim; Dmitri Karamazov não podia fazer uma coisa dessas. Se fosse culpado não teria esperado que o Sol nascesse para me matar. Vejo agora que vinte anos de experiência não poderiam ensinar-me tudo aquilo que tenho aprendido nesta noite maldita. Teria eu passado esta noite, falaria convosco, olhá-los-ia como o faço se tivesse sido o assassino do meu pai,

quando só o pensamento de ter morto involuntariamente Grigory me tirou a paz durante toda a noite? Não por medo... por medo ao castigo que possam impor-me... Mas por vergonha, porque o lamento! E esperam que seja franco com os senhores, aldrabões, que não veem nada, nem acreditam em nada. Querem que lhes fale de outra indignidade que pesa sobre mim, de outra vergonha, mesmo que seja para me livrar das vossas acusações. Não, não. Antes a Sibéria. Quem abriu a porta da casa do meu pai e entrou por essa porta, matou-o e roubou-o. Quem foi? Por mais voltas que dê à cabeça não sei. Mas posso assegurar-lhes que não foi Dmitri Karamazov. Isso basta, basta... Desterrem-me, castiguem-me, mas não me aborreçam mais. Não acrescentarei uma palavra. Chamem as testemunhas!

Mitya acabou este monólogo como se estivesse determinado a emudecer para sempre.

O procurador esperou que Mitya deixasse de falar e friamente, como se se tratasse da coisa mais natural, fez esta observação:

— Quanto à porta de que há pouco falou, podemos informá-lo com dados tão interessantes para si como para nós e absolutamente fidedignos, pois foram-nos dados pelo próprio Grigory, a quem o senhor feriu, que este a viu aberta de par em par, quando por lá passou para ir em sua perseguição.

Mitya levantou-se e gritou arrebatadamente:

— Absurdo! É uma mentira descarada. Não podia ter visto a porta aberta de par em par porque ela se encontrava fechada. Mente!

— Devo repetir-lhe que a lucidez de Grigory é total e as suas declarações foram firmes e terminantes. Sempre que lhe fazemos a pergunta responde o mesmo.

— Justamente. Insisti várias vezes sobre este ponto — declarou com entusiasmo Nikolay Parfenovitch.

— É falso! É falso! Trata-se de uma calúnia para me perder ou de uma alucinação de louco — gritou Mitya. — Naturalmente foi o delírio proveniente de ter perdido muito sangue. Devia delirar!

— Mas ele reparou na porta aberta não foi depois de recuperar os sentidos, mas antes de os perder, quando chegou ao jardim.

— Mas isso é falso, é falso! Não pode ter visto isso! Quer perder-me para se vingar... Não foi como ele disse... Eu não fugi pela porta — disse Mitya com ar cansado.

O procurador voltou-se para Nikolay Parfenovitch e disse com solenidade:

— Mostre-lhe isso.

— Reconhece este objeto?

E Nikolay Parfenovitch colocou em cima da mesa um sobrescrito grande com três selos, vazio e rasgado de um lado. Mitya olhava-o com ar espantado.

— Isto... isto deve ser o envelope em que meu pai guardava o dinheiro, os três mil... um momento... pois... é o que está aqui escrito... «À minha pombinha...» sim... três mil! — gritou. — Veem? Três mil rublos!

— Pois vemos. Mas o que vimos também é que o envelope estava rasgado e vazio como aí está, atirado para junto da cama, atrás do biombo.

Mitya pareceu ficar por uns momentos assombrado e de repente gritou:

— Foi ele. Foi Smerdyakov! Ele é que o matou e roubou o dinheiro! Ninguém mais sabia onde o velho o guardava! Está claro como a água!

— Mas o senhor também sabia que o dinheiro estava debaixo da almofada!

— Eu, não! Nunca o vi! É a primeira vez que ponho os olhos neste envelope. Sabia que existia por intermédio de Smerdyakov... Era ele o único conhecedor do esconderijo; eu não o sabia.

— O senhor disse-nos que o seu defunto pai guardava o dinheiro debaixo da almofada. Se disse isso é porque sabia.

— É o que consta no processo — confirmou Nikolay Parfenovitch.

— Disparate! Que absurdo! Como havia eu de saber que ele o tinha debaixo da almofada? Isso era uma suposição minha. Que disse Smerdyakov? Perguntaram-lhe onde estava o envelope? Que disse ele? Isso é o principal... Eu digo coisas que não devia dizer e que são utilizadas contra mim. Disse-lhes que ele tinha o dinheiro debaixo da almofada sem pensar e agora... Mas os senhores devem compreender que foi uma coincidência. Ninguém conhecia o esconderijo a não ser Smerdyakov. Mais ninguém... Nunca me revelou onde estava! Mas o assassínio foi obra dele! Não restam dúvidas; é claro como a luz do dia. — Mitya gritava, excitado como um louco e repetindo as mesmas palavras constantemente. — Devem acreditar naquilo que eu digo e prendê-lo imediatamente. Deve ter morto o meu pai enquanto eu fugia e Grigory estava desmaiado, mais

claro não pode ser. Ele fez o sinal e o velho abriu... Mais ninguém conhecia os sinais e sem eles o velho nunca teria aberto...

— Mas o senhor esquece uma circunstância — disse o procurador com severidade e um certo ar triunfal — é que não era preciso abrir a porta pois ela já se encontrava aberta durante a sua permanência no jardim...

— A porta, a porta — balbuciou Mitya, calando-se e olhando fixamente para o procurador. Depois deixou-se cair na cadeira, aniquilado. Todos guardavam silêncio. — Sim, a porta!... Isto é um pesadelo! Deus põe-se contra mim! — exclamou com o olhar fixo, pasmado, sem querer saber do que lhe diziam.

— Vamos a ver — continuou o procurador, revestindo-se de dignidade — e julgue por si mesmo, Dmitri Fedorovitch. De um lado temos a declaração a respeito da porta estar aberta e de o senhor ter fugido por ela. Esse depoimento é terrivelmente acusador para si. Por outro lado temos o seu obstinado silêncio sobre a proveniência do dinheiro que tinha nas mãos, quando três horas antes, segundo as suas próprias declarações, teve de empenhar as pistolas para obter dez rublos. Perante estes factos julgue você mesmo e não nos acuse de sermos «frios, cínicos e aldrabões», incapazes de acreditar nos generosos impulsos da sua alma... Compreenda a sua situação...

A emoção de Mitya era indescritível. Pálido como a cera, exclamou arrebatadamente:

— Pois bem! Dir-lhes-ei o meu segredo... Vão ficar a saber onde fui buscar o dinheiro!... Revelarei a minha vergonha para não ter que me culpar e culpá-los daqui em diante.

— Pode crer, Dmitri Fedorovitch — interrompeu Nikolay Parfenovitch num tom de solene comiseração — creia que uma confissão sincera pode ter uma imensa influência a seu favor e talvez...

O procurador tocou-lhe no pé por baixo da mesa, interrompendo-o oportunamente. A verdade é que Mitya nem ouvia o que o juiz dizia.

Capítulo 7 — O Grande Segredo de Mitya Recebido de Modo Ridículo

— Senhores — começou muito emocionado — quero fazer uma confissão geral: esse dinheiro era *meu.*

Os magistrados ficaram boquiabertos. Não era aquilo que esperavam.

— Como? — gritou Nikolay Parfenovitch. — Quando às cinco horas desse mesmo dia, segundo a sua própria confissão...

— Deixem-se das cinco do mesmo dia e da minha confissão. Isso nada tem a ver com o que eu estou a dizer! Esse dinheiro era meu... meu... isto é, roubado por mim. Não digo que me pertencesse, mas eu tinha ficado com ele, com mil e quinhentos rublos que guardava comigo durante todo o tempo, todo o tempo...

— Mas onde o arranjou?

— Estava no meu colarinho, senhores, no meu próprio colarinho... tinha-o aqui preso, num saquinho. Há um mês que o trazia comigo, preso ao pescoço... para grande vergonha e desgraça minha!

— E de quem era... quando se apropriou dele?

— Quando o roubei? Falem claro. Eu considero-o roubado; mas se os senhores preferem dizer que me apropriei... Eu considero-o roubado e esta noite consumei o roubo.

— Esta noite? Mas não disse que há um mês que o... o obteve?

— Sim, mas não foi de meu pai, não foi de meu pai, estejam descansados. Não o roubei ao meu pai, mas sim a ela. Deixe-me contar tudo sem interrupção que bastante difícil é para mim. Há um mês, a minha antiga noiva, Catalina Ivanovna, chamou-me. Conhecem-na?

— Sim, claro.

— Já sabia que a conheciam. É a mais nobre das almas nobres, sempre me odiou, sempre e muito. E sem motivo!

— Catalina Ivanovna! — exclamou o procurador assombrado. Até o próprio procurador parecia compartilhar do espanto geral.

— Ah, não pronunciem o seu nome em vão. Sou um canalha em trazê-la para aqui. Sim, eu sabia que ela me odiava... havia muito... desde a

primeira vez que foi a minha casa... mas basta, basta. Não são dignos de saber essas coisas. Nem é preciso para nada. Basta que lhes diga que ela me mandou chamar e me confiou três mil rublos para eu os mandar para uma irmã e uma tia que tinha em Moscovo (como se não pudesse mandar-lhos ela) e eu... foi precisamente na hora fatal da minha vida em que eu... numa palavra, acabava de sentir-me preso por outra, por *ela,* por aquela que lá está em baixo, Gruchenka. Trouxe-a aqui a Mokroe e em dois dias gastei metade dos três mil rublos. Os restantes guardei-os. Bem, guardei metade da quantia, mil e quinhentos rublos, metendo-os num saquinho e prendendo-os com um alfinete ao colarinho da camisa. Ontem tirei-os de lá para os gastar. O que resta desse dinheiro, os oitocentos rublos, está em seu poder, Nikolay Parfenovitch.

— Desculpe, mas não nos entendemos. Todos asseguram que quando aqui veio da outra vez gastou três mil rublos e não mil e quinhentos.

— Quem o assegura? Contaram o dinheiro? Acaso eu deixei que alguém o contasse?

— Mas o senhor mesmo dizia que tinha gasto três mil rublos.

— Sim, é verdade. Disse-o e toda a gente o repetiu logo. E aqui mesmo, em Mokroe, todos estavam convencidos de que eram três mil rublos; no entanto não gastei três mil, apenas mil e quinhentos. Os outros mil e quinhentos guardei-os numa bolsinha. Foi desta bolsinha que eu ontem os tirei...

— Admirável — murmurou Nikolay Parfenovitch.

— Tenha a bondade de me responder — pediu o procurador. — Não tinha contado a ninguém essa circunstância? Não tinha dito a ninguém que tinha esses mil e quinhentos rublos?

— A ninguém!

— É estranho. Quer dizer que absolutamente a ninguém?

— A ninguém. A ninguém!

— Qual a razão? Que motivos tinha para fazer disso um segredo? Mais concretamente: não nos falou o senhor do seu segredo como de uma grande vergonha, uma desonra, quando realmente, o ato de se apropriar dos três mil rublos pertencentes a outra pessoa e pela primeira vez é, a meu ver, mais uma ligeireza de caráter, mas não uma infâmia... Ainda que seja vergonhoso no mais alto grau, deve admitir que nem tudo o que envergonha desonra... Havia de facto quem suspeitasse que o senhor tinha gasto os três mil rublos de Catalina Ivanovna, eu próprio ouvi falar nisso,

antes da sua declaração... Mikail Makarovitch, por exemplo, tinha-me dito que essa história era propalada pela cidade... Existem até certos indícios de que você próprio confessou que o dinheiro era de Catalina Ivanovna. Assim, pode compreender a minha grande surpresa ao saber que o seu segredo consistia em ter guardado metade da quantia total... Não é muito fácil acreditar que se deva sentir muito aflito por revelar esse segredo... quando ainda há pouco gritava que preferia ir para a Sibéria do que confessá-lo...

O procurador calou-se. Estava irritado e não tentou disfarçar o seu mau humor.

— A vergonha não está nos mil e quinhentos rublos, mas sim em tê-los separado do resto da quantia — disse Mitya com firmeza.

O procurador sorriu friamente e disse:

— De modo que, no seu entender, o vergonhoso é ter reservado metade dos três mil rublos que lhe foram confiados ou, se prefere, de que se apropriou «vergonhosamente»? É mais importante ter ficado com eles ou o que fez com eles? E a propósito: por que razão guardou metade? Poderá explicar-nos?

— Ó senhores! O fim é tudo! — exclamou Mitya. — Separei-os por cálculo, por vileza, e o cálculo neste assunto é vileza... e eu estive um mês metido nessa vileza.

— É incompreensível.

— Deixam-me admirado. Mas deixem-me explicar-lhes, se na verdade acham incompreensível. Ouçam, atendam ao que eu vou dizer-lhes. Suponhamos que me apropriei dos três mil rublos confiados à minha honra, que os gastei no jogo. No dia seguinte ia ter com Katya e dizia: «Katya, portei-me mal, gastei os teus três mil rublos.» Isto era bem feito? Não, não era. Era uma desonra, uma cobardia. Eu era um animal, visto que não sabia dominar os meus instintos melhor do que um animal. Não é verdade? Mas seria um ladrão? Têm que admitir que não era um vulgar ladrão se assim procedesse! Tinha gasto mal o dinheiro, mas não o tinha roubado. Vamos a outra suposição, ainda mais favorável. Sigam-me com atenção porque posso embrulhar tudo. Sinto a cabeça andar à roda... Bem... vamos à segunda suposição: gastava mil e quinhentos rublos dos três mil que me haviam sido confiados. Apenas metade, portanto. No dia seguinte ia ter com Katya e dizia-lhe o seguinte: «Katya, toma estes mil e quinhentos rublos. Sou um bruto e um canalha indigno da tua confiança,

visto que gastei metade da quantia que me entregaste e seria capaz de gastar o resto; livra-me assim da tentação.» Bem, neste caso o que seria eu? Um canalha, um bruto e tudo o que quiserem, mas certamente não um ladrão, pois se o fosse não iria entregar metade, e pelo contrário gastá-lo-ia todo. Desde o momento em que entregasse metade do dinheiro ela compreenderia que eu faria todos os possíveis por repor a parte que tinha gasto indevidamente. Acham que podia ser considerado um ladrão, em tais circunstâncias?

— Bem, admito que haja realmente uma certa diferença — respondeu o procurador. — O que estranho é que ela seja para si tão essencial.

— Sim, eu vejo uma diferença enorme, essencial! Todos os homens podem ser canalhas e se calhar são-no de facto. Mas nem todos podem ser ladrões. O ladrão é um arquicanalha. Não percebo de subtilezas, mas acho que um ladrão está abaixo do canalha; estou convencido disso. Ouçam: há um mês que trazia esse dinheiro comigo; podia resolver-me a entregá-lo e a deixar de ser um canalha, mas não consegui decidir-me e assim passei um mês sem ser dono de mim mesmo. Percebem? Acham que isto não está bem?

— Certamente que não está bem — respondeu cautelosamente o procurador — não vou discutir isso. Deixemo-nos de discussões e de subtilezas e voltemos ao ponto de partida, se não se importa. Ainda não respondeu ao que lhe perguntámos. Queríamos saber, em primeiro lugar, porque dividiu o dinheiro, gastando metade e escondendo o resto. Qual o seu propósito ao guardá-lo? Que queria fazer desses mil e quinhentos rublos, Dmitri Fedorovitch? Insisto na pergunta.

— Ah, sim! — gritou Mitya dando uma palmada na testa. — Perdão. Estou a aborrecê-los e ainda não disse o principal! Num instante vão compreender que é precisamente isto o motivo da minha vergonha. A culpa toda era do velho, do meu falecido pai. Estava constantemente a molestar Agrafena Alexandrovna e a excitar os meus ciúmes, porque eu julgava que ela hesitava entre mim e ele. E comecei a pensar, de noite e de dia: supõe que ela se decide, que deixa de te atormentar e vem ter contigo e te diz: «Amo-te a ti e não a ele, leva-me para o fim do mundo!» E eu com quarenta *kopeks* no bolso! Como havia de a levar? Que podia fazer? Estava perdido! Aviso-os de que não a conhecia ainda, nem a compreendia. Julguei que desejasse dinheiro e não perdoasse a minha pobreza. Então separei diabolicamente metade dos três mil rublos, guardei-os muito bem

presos com receio de me embriagar e os perder. Depois fui beber o resto. Isto foi ruim, não foi? Compreendem agora?

Os dois magistrados soltaram uma gargalhada.

— E acharia delicado e moral não ter gasto o dinheiro todo? — disse em tom de troça Nikolay Parfenovitch. — Afinal de contas que importância tinha isso?

— Como? Ter ou não roubado é que era essencial! Meu Deus! Os senhores horrorizam-me com a vossa falta de compreensão! Cada dia que passava com este dinheiro preso ao pescoço, cada dia, cada hora, dizia para mim mesmo: «És um ladrão! És um ladrão!» E por isso portei-me como um selvagem durante todo o mês, briguei na taberna, ataquei o meu pai, etc. Tudo isso porque me sentia um ladrão. Não podia decidir-me a contar a ninguém, nem sequer ao meu irmão Aliocha. Considerava-me um canalha. Mas ao mesmo tempo, sabem, enquanto tinha o dinheiro em meu poder, dizia para comigo: «Não, Dmitri Fedorovitch, ainda podes deixar de ser um ladrão.» Porquê? Porque no dia seguinte podia devolver a Katya mil e quinhentos rublos. Foi ontem, quando resolvi tirar esse dinheiro do seu esconderijo, ao sair de casa de Fenya para a de Perkotin, que baixei ao nível de ladrão e me desonrei para toda a vida. Porquê? Porque perdia todas as possibilidades de ir ter com Katya e entregar-lhe os mil e quinhentos rublos, dizendo: «Sou um canalha, mas não um ladrão!» Compreendem agora? Compreendem?

— E qual a razão porque se decidiu precisamente ontem? — perguntou Nikolay Parfenovitch?

— Porquê? Que pergunta tão estúpida! Porque me tinha condenado à morte às cinco horas da manhã e era-me indiferente morrer como um homem honrado ou como um ladrão. Mas agora vejo que não, que há uma grande diferença. Creiam, senhores, esta noite, quando o meu amor começava a ser correspondido e o céu se abria de novo diante de mim, o que mais me atormentava não era ter morto o meu antigo criado e estar ameaçado de ir para a Sibéria. Isso atormentava-me muito, mas não da mesma maneira, nem tanto, como o facto de ter tirado o dinheiro do seu esconderijo e de o ter gasto, misturando-me para sempre com os ladrões. Ah, senhores! Com o coração trespassado repito-lhes que aprendi muito esta noite! Aprendi que não só não se deve viver como um canalha, mas também que não se deve morrer como um canalha. Há que viver e morrer com honra!...

Mitya estava pálido de emoção. No seu rosto havia uma expressão ferina vencendo o seu esgotamento.

— Começo a compreender, Dmitri Fedorovitch — disse o procurador, esforçando-se por se mostrar compassivo. — Mas tudo isso, perdoe a minha rudeza, não passa de uma questão de nervos, segundo o meu modo de ver... de sobre-excitação nervosa e nada mais. Há um mês que podia ter devolvido os mil e quinhentos rublos à senhora que lhos confiou. Porque não o fez? Porque não lhe expôs com toda a sinceridade a sua situação? Nessa altura podia adquirir a quantia de que necessitava, pois a generosidade dessa senhora certamente não o abandonaria numa aflição, e emprestar-lhe-ia aquilo que o senhor foi pedir a Samsonov e à senhora Hohlakov, desde que realmente lhe apresentasse garantias sérias.

Mitya corou de súbito.

— Mas toma-me na verdade por um canalha tão requintado? Será possível que fale a sério! — disse Mitya olhando fixamente para o procurador, como se não acreditasse naquilo que ouvia.

— Afirmo-lhe que falo com toda a seriedade... Mas o senhor não acredita que falo a sério? — replicou o procurador surpreendido por sua vez.

— Pois isso seria a maior baixeza! Reparem que me estão a torturar, meus senhores! No entanto dir-lhes-ei tudo, contar-lhes-ei toda a minha vileza e ruindade. hão de ficar surpreendidos com as profundezas do mal para onde as paixões nos podem arrastar. Saibam que imaginei um plano, esse mesmo plano de que os senhores me falaram há pouco! Sim, acariciei essa ruim ideia durante um mês e estive quase prestes a ir falar a Katya... bastante abjeto me sinto só por isso. Mas ir a casa dela, falar-lhe da minha traição, pedir-lhe dinheiro, mendigar, mendigar dela... para depois a deixar e ir-me embora com a outra, com a rival, que a odeia e a insultou?... Está louco, senhor procurador?

— Não estou louco mas falei precipitadamente sem pensar nessas rivalidades femininas... se neste caso há rivalidade, como o senhor afirma — desculpou-se o procurador, sorrindo.

— Eu digo que isso teria sido uma infâmia! — rugiu Mitya batendo com o punho sobre a mesa. — A maior porcaria que se possa imaginar. E se eu quisesse teria podido ter esse dinheiro. Ela ter-mo-ia dado para poder sentir desprezo por mim, para se vingar, pois é uma mulher infernal, com uma alma apaixonada. Quanto a mim, desde o momento em que tivesse

aceitado o dinheiro, para todo o resto da minha vida... Ó Deus! Desculpem se grito tão desaforadamente, mas de há muito que este pensamento me vem à cabeça com insistência. Pensei nele antes de ontem, depois de falar com Lyagavy, ontem não pude afastar o pensamento disso durante todo o dia até que aconteceu aquilo...

— Que aconteceu? — atalhou com curiosidade Nikolay Parfenovitch.

Mitya não fez caso da pergunta e concluiu com ar sombrio:

— Fiz-lhes uma terrível confissão. Devem apreciá-la e até respeitá-la. Já que as vossas almas permanecem insensíveis vejo que não sentem por mim o menor respeito e asseguro-lhes que sinto vontade de me matar só por me ter confessado a homens como os senhores. Vejo bem que não acreditam em mim. Mas o quê? Vão também tomar nota disto? — gritou desesperado.

— Sim, só da última parte — respondeu o juiz surpreendido, olhando-o. — Faremos apenas constar que à última hora o senhor pensou em recorrer a Catalina Ivanovna para lhe pedir essa quantia... É um dado muito importante para nós... isto é, para o processo... e especialmente para si, Dmitri Fedorovitch, especialmente para si.

— Por piedade, senhores! — suplicou, juntando as mãos. — Não escrevam isso. Tenham vergonha. Abri-lhes o meu coração e os senhores aproveitam para arranhar as suas feridas... Meu Deus!

E tomado de desespero ocultou o rosto nas mãos.

— Não se atormente assim, Dmitri Fedorovitch — disse o procurador. — Tudo aquilo de que tomámos nota lhe será lido e modificaremos as coisas com que não estiver de acordo. Mas agora tenho de lhe perguntar pela segunda vez se nunca falou a ninguém do dinheiro que trazia escondido. Acho, confesso, quase inadmissível.

— A ninguém, a ninguém, já lhe disse. Se não entendem nada, deixem-me.

— Bom, trata-se de um ponto que merece atenção, mas teremos tempo de o esclarecer. Em todo o caso não esqueça que dezenas de testemunhas o ouviram dizer o que gastou aqui da primeira vez. Do mesmo modo haverá quem afirme que o senhor tinha ontem três mil rublos.

— Não serão dezenas de testemunhas a dizê-lo, mas centenas, milhares! — gritou Mitya.

— Bem todos diriam o mesmo — respondeu Nikolay Parfenovitch — e quem diz todos, diz alguns.

— Isso nada significa, pois se eu disser uma mentira todos a repetem.

— Mas que necessidade tinha o senhor de dizer uma mentira?

— Só o diabo o sabe. Por jactância... para me dar ares de grandeza... para de certo modo me esquecer do dinheiro que tinha escondido... sim... por causa disso. Que diabo!... Já vou estando farto de perguntas! Bem, menti e acabou-se. Menti uma vez e depois não quis desmentir-me. Porque mente algumas vezes uma pessoa?

— É muito difícil determinar as razões que levam as pessoas a mentir — replicou o procurador em tom solene. — Diga-me agora como era essa bolsa em que tinha metido as notas. Fazia muito volume?

— Não, nem por isso.

— Quanto, por exemplo?

— Se dobrar ao meio uma nota de cem rublos terá o tamanho exato.

— Seria melhor mostrar-nos essa bolsita. Deve guardá-la em qualquer sítio.

— Mas que disparate! Não faço ideia onde está.

— Perdão. Onde a tirou do pescoço? A casa não foi, segundo as suas declarações.

— Foi na rua, quando saí da casa de Fenya e me dirigi à de Perkotin. Tirei-o da bolsa de pano e guardei-o nesta que lhes mostrei há pouco.

— Às escuras?

— Para que era preciso luz? Foi um instante.

— Na rua e sem uma tesoura?

— Para quê tesoura? Era um trapo velho.

— E para onde o atirou?

— Atirei-o para o chão, ali mesmo.

— Precisamente em que sítio?

— No mercado! No mercado! O diabo deve saber o local preciso. Para que querem sabê-lo?

— É muito importante, Dmitri Fedorovitch; esse objeto seria uma peça que deporia a seu favor. Não compreende isso? Quem o coseu?

— Ninguém. Eu próprio.

— Sabe coser?

— Um militar tem de saber coser. Não eram necessários conhecimentos especiais para aquilo.

— Onde arranjou o material, isto é, o trapo para fazer o saco?

— Os senhores estão a brincar comigo?

— Não, Dmitri Fedorovitch. Não estamos para brincadeiras.

— Não sei onde o arranjei... em qualquer sítio.

— Creio que não se deve ter esquecido disso.

— Palavra de honra que não me recordo. Talvez de alguma peça de roupa interior.

— Isso é muito interessante. Amanhã procuraremos em sua casa uma camisa, ou qualquer outra peça de roupa a que falte um bocado. De que tecido era? De cor ou branco?

— Deus sabe o que seria. Esperem... não o rasguei de nenhuma peça de roupa: creio que era um bocado de forro do chapéu da dona da minha casa.

— De um chapéu da dona da casa?

— Sim, era dela.

— Como foi isso?

— Lembro-me que um dia precisava de um trapo para limpar o aparo da caneta. Peguei naquele chapéu velho. Não disse nada à dona porque aquilo já não servia para nada. Depois foi o forro desse chapéu que utilizei para embrulhar as notas. Creio que foi isso que cosi. Um trapo de algodão que já tinha sido lavado mais de mil vezes.

— Pode garantir que isso é verdade?

— Garantir, garantir não posso. Mas creio que sim. Mas que interessa isso?

— Nesse caso a dona da casa deve recordar que lhe desapareceu esse objeto.

— Recordar? Já lhe disse que era um trapo velho que não servia para nada.

— E onde foi arranjar agulha e linha?

— Paro aqui e não digo mais nada! — exclamou Mitya perdendo completamente a paciência.

— É estranho que tenha esquecido o sítio certo onde tirou esse objeto.

— Mandem varrer amanhã de manhã a Praça do Mercado e talvez o encontrem — disse Mitya com ar trocista. — Chega, senhores, chega! — acrescentou desfalecendo. — Vejo que não acreditaram no que eu acabei de dizer! Nem por um momento! A culpa é minha que não devia ter sido franco e ter-lhes contado um segredo que não devia confessar nunca e muito menos aos senhores, que fazem chacota do que eu disse. Leio isso

nos vossos olhos. O senhor, procurador, é que me arrastou a isto. Cante um hino triunfal, se quiser!... Malditos sejam, verdugos!

E escondeu a cara nas mãos. Os magistrados permaneceram silenciosos e quando voltou a erguer a cabeça Mitya olhou-os com indiferença. No seu rosto pintava-se uma horrível expressão de desespero e o seu mutismo expressava a inconsciência daquilo que lhe estava a suceder. Os magistrados não tinham tempo a perder, pois precisavam de interrogar as testemunhas e já eram oito horas. Havia pouco que se tinham apagado as luzes. Mikail Makarovitch e Kalganov, que durante o interrogatório haviam passeado pela sala, tinham desaparecido. Os magistrados estavam também exaustos de cansaço. O dia tinha amanhecido nublado, a chuva caía em torrentes.

— Posso chegar à janela? — pediu Mitya a Nikolay Parfenovitch.

— Como queira — disse este.

Mitya levantou-se e foi até à janela cujos vidros eram fustigados pela chuva. Em baixo via-se a rua lamacenta e mais adiante, através do véu da chuva, distinguiam-se as pobres choças dos camponeses, mais negras e mais pobres debaixo de água. Mitya evocou «Febo, dos dourados raios» que deveria acolher o seu corpo de suicida, e pensou sorrindo: «Esta manhã era de facto mais propícia para mim.» Depois, deixando cair os braços, voltou-se para os seus *verdugos* e disse:

— Senhores, sei que estou perdido! Mas ela? Digam-me, por piedade, se é preciso que ela se perca comigo. Ela é inocente, os senhores bem o sabem. Não sabia o que dizia quando se confessava culpada de tudo. Não fez nada. Tenho estado sempre a pensar nela... Podem... querem dizer-me o que pensam fazer dela?

— Quanto a isso pode estar tranquilo — respondeu o procurador. — Não temos motivos para inquietar a pessoa por quem tanto se interessa. Confio que também não será incomodada durante o processo... E se por acaso assim não fosse faríamos tudo quanto estivesse ao nosso alcance para que nada lhe sucedesse. Pode estar descansado.

— Obrigado, senhores; sabia que os senhores eram nobres e amigos de fazer justiça, apesar de tudo. Tiraram-me um peso de cima. E agora, que vamos fazer? Estou pronto.

— Bem, precisamos de nos apressar. É preciso interrogar as testemunhas e isso na sua presença. Portanto...

— E se antes tomássemos chá? — interrompeu Nikolay Parfenovitch. — Creio que bem o merecemos.

Pensaram que se lá em baixo estavam a servir o chá — Mikail Makarovitch certamente o tinha ido tomar — também poderiam levar-lhes ali uma chávena dele, para se reconfortarem até poderem tomar o pequeno almoço. O chá foi-lhes então servido na sala. Mitya recusou a chávena que Nikolay Parfenovitch delicadamente lhe oferecia, mas logo a seguir ele mesmo a pediu, bebendo-a de uma só vez. Parecia morto de cansaço. Contemplando a sua constituição hercúlea, qualquer pessoa poderia pensar que uma noite de embriaguez acompanhada das mais violentas emoções, não abalaria muito fortemente aquele homenzarrão; mas Mitya não tinha sequer forças para levantar a cabeça e de vez em quando parecia-lhe que todos os objetos dançavam à sua volta. «Um pouco mais», dizia a si mesmo, «e endoideço!»

Capítulo 8 — Declarações das Testemunhas. A Criança de Peito

Passaremos muito por alto o interrogatório das testemunhas, sem nos determos a descrever a impressão produzida nelas por Nikolay Parfenovitch com a severa advertência de que deviam dizer os seus testemunhos em voz alta, baseados na verdade e na consciência. No entanto foi notável a insistência dos magistrados em perguntar se o dinheiro gasto ali por Mitya, na primeira vez e naquela, ascendia a três mil ou a cinco mil rublos. Todos os testemunhos foram unânimes em contradizer as afirmações de Mitya, chegando alguns a inventar novos gastos, tudo em contradição com o que dissera o acusado.

A primeira testemunha submetida a interrogatório foi Trifon Borisovitch, que deixando para trás das costas todos os receios se apresentou perante os juízes com um ar sério e indignado contra Mitya, o que lhe dava um aspeto de dignidade. Falou pouco, esperando sempre que lhe fizessem perguntas e medindo as suas palavras. Todavia afirmou sem titubear que Mitya tinha gasto ali mais de três mil rublos durante a sua primeira festa e que todos os aldeões tinham ouvido o próprio Mitya falar nessa quantia. «Só às moças e aos ciganos deu pelo menos mil rublos.»

— Não creio que tivesse chegado a quinhentos rublos o que reparti com eles — afirmou então Mitya com ar sombrio. — É pena que nessa altura não tivesse contado o dinheiro, mas estava embriagado e...

Sentado de lado, ouvia as testemunhas com ar triste e parecia dizer: «Digam o que quiserem, pois para mim já tudo é igual.

— Levaram mais de mil rublos, Dmitri Fedorovitch — insistiu Trifon Borisovitch. — O senhor atirava-lhes as notas como se fossem milho e eles apressavam-se a apanhá-las. Esses bandidos foram expulsos daqui, caso contrário eles próprios poderiam dizer quanto levaram. Eu próprio vi o maço de notas que o senhor tinha na mão e se é verdade que as não contei, estou certo de que passava dos mil e quinhentos rublos. Também sei contar a olho!

Quanto ao dinheiro gasto nessa noite o estalajadeiro limitou-se a afirmar que, segundo o próprio Dmitri Fedorovitch dissera à sua chegada, tinha trazido três mil rublos.

— Tem a certeza de que eu disse isso?

— Disse, Dmitri Fedorovitch, e disse-o diante de Andrey. Chamem-no que ainda aqui está. E nesta sala, quando contratou a música, disse que desejava deixar aqui seis mil rublos. Creio que era o que tinha gasto da outra vez. Stepan e Smyon ouviram-no também e junto de nós encontrava-se então Pyotr Fomitch Kalganov. Eles podem dizer se é verdade...

Os seis mil rublos impressionaram vivamente os instrutores do processo, encantados com aquela maneira de contar; três e três, seis; três mil da primeira vez e três mil da segunda somavam seis mil. Nada mais claro.

As pessoas mencionadas pelo estalajadeiro corroboraram a sua declaração e anotaram com especial cuidado certas particularidades da conversa de Mitya com o cocheiro: «Irei para o céu ou para o inferno?» e «perdoar-me-ão ou serei castigado no outro mundo». Foram frases que foram escritas pelo secretário para lazerem parte do processo.

Kalganov foi depor de má vontade, arisco e arreliado, e apesar dos magistrados serem seus amigos, falou-lhes como se nunca os tivesse visto. Começou por dizer que não sabia nada daquele assunto, nem lhe interessava, confirmou que ouvira falar em seis mil rublos, mas disse que nada sabia a respeito da soma que Mitya tinha na mão. Falou da batota que os polacos tinham feito ao jogo e depois de muitas perguntas declarou que a situação de Mitya com Agrafena Alexandrovna tinha melhorado com a retirada dos polacos, ao ponto de ter ouvido dos lábios dela uma declaração amorosa. Falou dela com toda a consideração e respeito devido a uma senhora da boa sociedade e nem uma vez se permitiu chamar-lhe Gruchenka. Hipólito Kirillovitch, percebendo a repugnância que Kalganov sentia em testemunhar, apertou-o com perguntas, obrigando-o quase a contar tudo o que poderíamos chamar «a história romântica de Mitya» nessa noite. Mitya não o interrompeu uma única vez e, ao retirar-se, Kalganov ia visivelmente indignado.

Os polacos, logo que souberam da presença da polícia na estalagem, apressaram-se a vestir-se, convencidos de que iriam ser chamados. Tiveram de facto de comparecer perante os juízes e as suas declarações foram feitas com certa dignidade. Soube-se então que o polaco baixo e

gorducho era um oficial subalterno que prestara serviço na Sibéria como veterinário. Chamava-se Mussyalovitch. *Pan* Vrublevsky era um dentista indocumentado, um escroque vulgar. Se bem que fosse Nikolay Parfenovitch quem os interrogasse, eles dirigiam-se sempre a Mikail Makarovitch, que na sua ignorância tomavam pela principal autoridade. Chamavam-lhe *Pan* coronel. Foi preciso que o próprio chefe da polícia dissesse que deviam dirigir-se apenas a Nikolay Parfenovitch. Se não fosse a pronúncia polaca que davam a certas palavras, dir-se-ia que nunca tinham falado outra língua além do russo. *Pan* Mussyalovitch pôs tanto calor e entusiasmo ao falar nas suas antigas e recentes relações com Gruchenka que Mitya se levantou e gritou que não consentia que um malandro qualquer falasse dela naqueles termos. O polaco protestou contra a palavra malandro e quis que constasse do processo. Mitya declarou que com o processo ou sem ele o polaco não passava de um malandro.

Nikolay Parfenovitch repreendeu Mitya e passou a utilizar toda a sua habilidade para evitar aquele assunto melindroso e passar ao essencial. Foi de grande interesse para os magistrados a declaração de *Pan* Mussyalovitch de que Mitya lhe tinha oferecido três mil rublos para se afastar; setecentos imediatamente e os restantes dois mil e trezentos no dia seguinte, na cidade. Tinha jurado que não tinha consigo essa quantia, mas que a tinha escondida na cidade. Vrublevsky confirmou as afirmações do seu companheiro e Mitya disse que era bem possível que tivesse dito isso, pois nessa altura estava tão excitado que não era senhor das suas palavras.

O procurador obstinou-se em tirar destas declarações alguma coisa de positivo, pois suspeitava de que Mitya tinha escondido o resto do dinheiro na cidade ou ali, em Mokroe, o que a ser certo deitava abaixo a única circunstância que estava a favor do acusado, nas mãos de quem, tinham afinal sido encontrados apenas oitocentos rublos. Se isto não se esclarecesse ficaria sempre um ponto obscuro no processo. O procurador instigou então Mitya a confessar onde guardava o resto do dinheiro que queria dar aos polacos, mas este declarou sempre que não pensava dar-lhe dinheiro mas sim os direitos sobre as suas propriedades na Chermachnia, as mesmas garantias que já tinha oferecido a Samsonov e à senhora Hohlakov.

— E acha então que ele iria aceitar uma escritura em vez do dinheiro? — perguntou o procurador, rindo-se daquele inocente subterfúgio.

— Creio que se ele tivesse aceite, ela lhe valeria não apenas dois, mas quatro mil rublos! Não vê que teriam posto em ação todos os advogados polacos e judeus e estes teriam arrancado ao velho não apenas três mil rublos, mas até toda a sua fortuna?

O processo engrossou assim com as declarações dos polacos que foram despedidos, depois de terem passado por alto a batota feita ao jogo. Nikolay Parfenovitch ficou satisfeito com as declarações deles e não quis aborrecê-los com ninharias, coisas que todos os dias se passam nas tabernas entre jogadores. Os dois trapaceiros ficaram portanto com os duzentos rublos.

Mandaram chamar depois Maximov. Este entrou com medo, desgrenhado, oprimido. Tinha-se refugiado junto de Gruchenka e de vez em quando começava a chorar, limpando-se com um enorme lenço azul; de maneira que ela própria é que tinha de o consolar, dizendo-lhe palavras animadoras. O pobre velho apressou-se a confessar que Mitya lhe dera dez rublos que ele estava pronto a devolver logo que saísse da sua atual miséria. Respondeu a Nikolay Parfenovitch quando este lhe perguntou se reparara no dinheiro que Mitya tinha na mão quando lhe dera os dez rublos; que deviam ser pelo menos uns vinte mil.

— Já alguma vez viu semelhante soma reunida? — perguntou o procurador.

— Bem, não vi vinte mil, mas vi pelo menos sete mil quando a minha mulher hipotecou a minha modesta propriedade. Mas ela mostrou-me as notas à distância, como gabando-se de as ter bem seguras...

Mandaram o velho embora sem o incomodar mais e chegou a vez de Gruchenka.

Esta chegou, acompanhada de Mikail Makarovitch. Tinha uma expressão severa e tranquila no rosto e sentou-se imóvel na cadeira que o juiz lhe indicou. Muito pálida e, como se tivesse frio, embrulhava-se no xaile preto; mas não podia evitar que de vez em quando estremecesse com os arrepios de frio provocados pela febre que durante muito tempo iria ter. O seu ar grave, o seu porte distinto e as suas maneiras calmas causaram muito boa impressão nos circunstantes. Nikolay Parfenovitch olhava-a um pouco fascinado e mais tarde confessou aos seus amigos que naquela ocasião ela lhe tinha parecido muito bela, apesar de já a ter visto muitas vezes antes e nunca lhe ter causado senão a impressão de uma cortesã da província. O seu porte era o de uma distinta senhora da alta sociedade,

contava mais tarde Parfenovitch a um grupo de senhoras que lhe perguntavam por ela, movidas pela curiosidade, ainda que se vissem obrigadas a indignar-se com tal apreciação, que lhe mereceu imediatamente a alcunha de «homem perverso» que tanto lhe agradava.

Gruchenka dirigiu a Mitya um olhar encorajador. Depois das perguntas e advertências usuais, Nikolay Parfenovitch convidou-a, da maneira mais delicada, a dizer que género de relações a uniam ao tenente na reserva Dmitri Fedorovitch Karamazov; ao que ela respondeu com voz pausada e firme:

— Era um conhecido. Há um mês que o recebia em minha casa a esse título.

Às outras perguntas respondeu clara e inequivocamente que ele lhe era simpático, mas que nunca o tinha amado, contentando-se em subjugar-lhe o coração como havia subjugado o do pai dele, por espírito de maldade, até ao ponto de se divertir com os ciúmes que Mitya sentia de Fedor Pavlovitch e dos outros. Nunca tinha tido a intenção de ceder às pretensões do velho, queria troçar e nada mais.

— Durante todo o mês nunca me preocupei com eles. Esperava a chegada do homem que me tinha enganado; mas creio que não terão nada a perguntar e nem eu a responder sobre este assunto, puramente pessoal.

Nikolay Parfenovitch entrou então na questão dos três mil rublos. Gruchenka confirmou que se tinha gasto essa quantia quando da primeira orgia de Mokroe, ainda que ela não tivesse contado o dinheiro. Tinha-o ouvido dos lábios do próprio Mitya.

— Ouviu-o apenas a senhora ou na presença de outras pessoas?

Mitya falara nisso tanto a ela só como na presença de outras pessoas.

— E disse-lho só uma vez ou várias?

Gruchenka respondeu que várias vezes, o que muito satisfez o procurador.

As perguntas seguintes puseram em evidência que ela sabia que o dinheiro procedia de Catalina Ivanovna.

— E ouviu alguma vez dizer que se gastaram menos de três mil rublos e que Dmitri Fedorovitch tinha guardado metade dessa soma?

— Não, não tinha ouvido falar disso — respondeu Gruchenka. E provou-se ter-lhe ele dito muitas vezes que não tinha nada. — Esperava sempre receber dinheiro do pai — concluiu ela.

— Nunca lhe disse, em momentos de ira — perguntou repentinamente Nikolay Parfenovitch — que queria atentar contra a vida do pai?

— Sim, infelizmente.

— Uma ou várias vezes?

— Dizia isso com frequência, sempre num estado de irritação.

— E julgava-o capaz de fazer o que dizia?

— Não, nunca o julguei capaz disso — respondeu Gruchenka com firmeza. — Confiava na nobreza da sua alma.

— Permitam-me, meus senhores — interrompeu arrebatadamente Mitya — que diga uma palavra a Agrafena Alexandrovna na vossa presença.

— Pode falar — concedeu Nikolay Parfenovitch.

— Agrafena Alexandrovna! — exclamou Mitya levantando-se. — Confie em Deus e em mim. Não sou culpado da morte de meu pai!

E voltou a sentar-se.

Gruchenka levantou-se e persignou-se devotamente diante do ícone.

— Graças a ti, Senhor! — rezou com a voz embargada pela comoção; e voltando-se para Nikolay Parfenovitch, acrescentou: — Acreditem no que ele acaba de dizer! Conheço-o e sei que é incapaz de enganar qualquer pessoa contra a sua consciência, mesmo que às vezes diga disparates por mau humor ou teimosia. Disse a pura verdade. Podem acreditar nele.

— Obrigado, Agrafena Alexandrovna pela coragem que me dás! — exclamou vivamente Mitya.

Depois Gruchenka declarou que ignorava a quanto ascendia a quantia da véspera, mas que ouvira dizer a várias pessoas que ele tinha três mil rublos. Sobre a procedência do dinheiro disse que ele lhe confessara tê-lo roubado a Catalina Ivanovna e que ela lhe dissera que isso não era exato porque podia devolver-lho no dia seguinte. A enfática pergunta do procurador sobre se o dinheiro tirado a Catalina Ivanovna era o que tinha gasto um mês antes, ou o que gastara nessa noite, Gruchenka respondeu que julgava que ele se tinha referido ao do mês anterior; pelo menos ela assim o compreendera.

O testemunho de Gruchenka foi dado por concluído e Nikolay Parfenovitch disse-lhe muito delicadamente que ela podia voltar à cidade e que se ele pudesse ser-lhe útil para lhe emprestar a carruagem ou para a acompanhar, ele poderia...

— Fico-lhe imensamente agradecida — respondeu Gruchenka inclinando-se profundamente. — Irei com este velho senhor a quem levarei para a cidade na minha carruagem; mas se me permite esperarei até ver o que decidem de Dmitri Fedorovitch.

Saiu. Mitya, já mais calmo, pareceu reanimar-se; mas isso durou pouco porque estava prostrado pelo abatimento que lhe fazia fechar os olhos. Depois de terminadas e verificadas as declarações das testemunhas, Mitya deixou-se cair sobre uma arca que se encontrava a um canto e adormeceu profundamente.

E teve um sonho, um estranho sonho, totalmente alheio ao tempo e ao local onde se encontrava.

Um aldeão conduzia-o num carro puxado por dois cavalos, através da estepe. Sentia frio. Era novembro e a neve caía em grandes flocos que se derretiam ao tocar no solo. O camponês, de longas e belas barbas, era um homem dos seus cinquenta anos de idade; muito bem arranjado e vestido com a camisa cinzenta dos aldeões, apressava o andamento dos cavalos. Ao longe divisavam uma aldeola cujas casas, quase todas vítimas de um incêndio recente, mostravam as traves enegrecidas e ainda fumegantes. Quando chegaram mais perto saiu-lhes ao caminho um grupo de mulheres. Eram todas magras, pálidas ou enfarruscadas. Uma delas despertou-lhe sobretudo a atenção. Era alta, ossuda, talvez não tivesse ainda vinte anos, mas parecia ter quarenta; levava ao colo uma criança de peito que não parava de chorar. Via-se que os peitos da mulher estavam tão espremidos que era impossível terem uma gota de leite. E o menino chorava, chorava, erguendo os bracitos magros e roxos de frio.

— Por que choram? Por que choram? — pergunta Mitya ao passarem para diante.

— É a criança, é a criança que chora — respondeu o cocheiro.

Mitya sentiu-se enternecido com a maneira de falar do camponês. Dizia a «criança» com um tom piedoso.

— Mas por que chora? — insistiu Mitya como um imbecil. — Por que tem os bracitos no ar? Por que não o tapam?

— O pobrezinho tem frio. Tem as roupas geladas e não o podem aquecer.

— E porquê? Porquê? — perguntou idiotamente Mitya.

— Porque são pobres e vítimas do incêndio. Não têm pão. Têm de ir mendigar porque ficaram sem nada.

— Não, não — replicou Mitya como se o outro não o percebesse. — Diz-me porque estão ali essas mães infelizes? Por que há gente pobre? Por que há meninos pobres? Por que é a estepe estéril? Por que não se abraçam e beijam uns aos outros? Por que não entoam canções alegres? Por que estão roídos pela miséria? Por que não alimentam o menino?

Compreende que por insensatas que sejam as perguntas, são as que ele deseja formular e precisamente dessa forma. Sente a alma invadida por uma onda de ternura completamente nova e apetece-lhe chorar e fazer qualquer coisa por aquela gente, para que o menino não chore mais, para que não gema a mãe de rosto pálido e roído pela miséria, para que desde aquele instante cesse todo o pranto; e tem que fazer qualquer coisa imediatamente, sem consideração de nenhum obstáculo, com a veemência dos Karamazov.

— E eu irei contigo e não te abandonarei durante o resto da minha vida, eu irei contigo — ouve dizer muito perto a voz suave de Gruchenka, que treme de emoção. — E a sua alma ilumina-se e ele precipita-se para a luz; ansiando por viver, viver, avançar para a nova luz que lhe surge e depressa, agora, naquele momento!

— Onde? Onde? — exclama abrindo os olhos e sentando-se, sorridente e alegre, como se acordasse de um desmaio. Nikolay Parfenovitch, que se encontra a seu lado, convida-o a ouvir os testemunhos e a assinar o seu depoimento. Mitya não o ouve e pensa que deve ter dormido mais de uma hora. Fica comovido ao notar que lhe puseram uma almofada debaixo da cabeça, pois não estava lá nenhuma quando ele adormecera, vencido pela fadiga.

— Quem me pôs a almofada? Quem foi tão amável? — pergunta cheio de entusiástico reconhecimento, prestes a desfazer-se em lágrimas de emoção pela bondade de que tinha sido objeto.

Nunca chegou a saber qual a mão compadecida que lhe tinha feito aquela obra misericordiosa, diante da qual toda a sua alma se comovia, desfeita em lágrimas. Aproximou-se da mesa e disse que estava disposto a assinar quando quisessem.

— Tive um belo sonho, meus senhores — declarou com voz surpreendente e o rosto iluminado por uma alegria nova.

Capítulo 9 — A Prisão de Mitya

Uma vez assinado o depoimento, Nikolay Parfenovitch voltou-se para o prisioneiro e leu solenemente a ordem de prisão, estabelecendo que em tal e tal dia de tal ano e de tal lugar, tendo o juiz de instrução tomado conhecimento de tal e de tal modo, das acusações que eram feitas ao acusado (seguiam todas as acusações minuciosamente descritas) e considerando que o acusado, não tendo confessado os seus delitos, não alegava contudo nada de concreto em sua defesa, enquanto as testemunhas tais e tais e as circunstâncias tais e tais depunham contra ele, de acordo com os vários artigos da lei e para impedir que fulano de tal (Mitya) se livrasse do respetivo processo e julgamento, procedia à sua mudança para o cárcere tal, do que se notificava o prisioneiro pela ordem presente, tendo sido ao mesmo tempo enviada cópia dessa mesma ordem ao procurador judicial, etc., etc.

Em resumo: anunciavam-lhe que desde aquele momento era prisioneiro e ia ser conduzido à cidade para ficar encarcerado num sítio desagradável. Mitya ouviu atentamente, limitando-se a encolher os ombros.

— Bem, senhores, não me queixo e estou preparado... compreendo que fizeram o que deviam fazer.

Nikolay Parfenovitch anunciou-lhe que seria conduzido pelo comissário da polícia rural, Mavriky Mavrikyevitch, que casualmente ali se encontrava.

— Um momento! — interrompeu Mitya num impulso involuntário de ternura, dirigindo-se a todos os que se encontravam na sala. — Senhores, somos todos cruéis, somos todos uns monstros que fazemos chorar os homens, as mulheres e as crianças; mas é preciso deixar bem assinalado que de todos, sou eu o mais miserável! Todos os dias pensava emendar-me e todos os dias cometia as mesmas infâmias. Agora compreendo que homens como eu precisam de se ver feridos pela sorte, sentir que o nó corredio lhes aperta o pescoço, para mudar. Nunca, nunca seria capaz de me redimir por mim próprio! Mas caiu um raio sobre mim. Aceito a

tortura da acusação, submeto-me à vingança pública, quero sofrer e purificar-me pelo sofrimento. Ficarei purificado, senhores? Mas pela última vez ouçam uma coisa: não sou culpado da morte do meu pai. Aceito o castigo não por o ter morto, mas por ter pensado fazê-lo e até ter sido talvez capaz disso. Mas aviso-os de que lutarei. Lutarei contra os senhores e no fim Deus decidirá. Adeus, senhores, não me guardem rancor por me ter mostrado violento durante o interrogatório. Ah, que louco estava ainda a ser!... Dentro de momentos serei vosso prisioneiro, mas agora e pela última vez como homem livre, Dmitri Fedorovitch estende-lhes a mão. Despedindo-me dos senhores, despeço-me de todos os homens.

A voz de Mitya tremia. Estendeu a mão, mas Nikolay Parfenovitch, que era quem estava mais próximo, ocultou a sua mão atrás das costas com tal nervosismo e tão pouca dissimulação que Mitya, percebendo, estremeceu e retirou o braço.

— A instrução do processo não terminou ainda — disse Nikolay Parfenovitch, vacilante e um pouco embaraçado. — Continuá-la-emos na cidade. Pela minha parte desejo-lhe boa sorte... e que o destino lhe seja favorável... Sempre o considerei mais como um homem infeliz do que culpado. Todos nós, se me é permitido falar em nome de todos, reconhecemos em si um nobre coração; mas, ai!, quando uma pessoa se deixa dominar por certas paixões até tal ponto...

Nikolay Parfenovitch mostrava-se verdadeiramente majestoso ao falar assim e comoveu tanto Mitya que este estava quase a agarrar aquele «rapaz» pelo braço e a levá-lo para um canto da sala para falar com ele de «mulheres». Parece que pensamentos disparatados como este chegam a acorrer aos réus, até mesmo na altura em que já se encontram no patíbulo.

— Senhores, vejo que são bons e humanos. Posso despedir-me *dela*? — pediu Mitya.

— Não há inconveniente, mas tendo em conta... enfim, não é possível por agora a não ser em presença de...

— Ah, bom! Seja como for!

Gruchenka foi avisada, mas a despedida breve e de poucas palavras não satisfez Nikolay Parfenovitch. A moça inclinou-se profundamente diante de Mitya e disse:

— Já sabes que daqui em diante sou tua e que te seguirei para onde te enviarem. Adeus; és inocente e tu próprio te perdeste.

Os lábios tremeram-lhe e as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces.

— Perdoa-me, Grucha, o amor que te tenho tido e que tanto mal te tem feito.

Queria dizer mais qualquer coisa mas sentiu a garganta apertada e saiu. Foi logo rodeado pelos guardas que daí em diante não o iriam deixar. No fundo da escada, junto da qual tinha chegado na véspera com tanta algazarra na carruagem de Andrey, esperavam dois carros. Mavriky Mavrikyevitch, um homenzinho gordo, devia ter qualquer motivo de irritação, pois foi num tom colérico e pouco amável que convidou Mitya a subir para a carruagem.

«Não me tratava assim quando na taberna eu o convidava», pensou Mitya, obedecendo.

À porta encontrava-se muita gente: camponeses, mulheres, cocheiros. Trifon Borisovitch também apareceu na escada. Todos olhavam com curiosidade para o acusado.

— Adeus, boa gente. Perdoem-me! — gritou Mitya da carruagem.

— Perdoa-nos também tu — responderam duas ou três vozes.

— Adeus, Trifon Borisovitch!

Mas o interpelado nem se voltou, muito ocupado segundo parecia pelo modo como gritava e se agitava. É que a outra carruagem que devia seguir com Mavriky Mavrikyevitch não aparecia e o estalajadeiro agarrava pela blusa o camponês que tinha recebido ordem de conduzir essa carruagem. Este desculpava-se dizendo que não lhe pertencia a ele fazer esse trabalho e sim a Akim; mas Akim não se encontrava ali e o outro insistia em que esperassem por ele.

— Está a ver como são estes camponeses, Mavriky Mavrikyevitch. Não têm vergonha! — exclamou Trifon Borisovitch. — Akim deu a este, antes de ontem, vinte e cinco *kopecks*. Gastou-os em vinho e agora ainda grita. Digo-lhe Mavriky Mavrikyevitch, que me surpreende a paciência que o senhor tem para esta gentalha.

— Mas que falta nos faz outro carro? — perguntou Mitya. — Vamos neste. Não tentarei fugir, velho compadre. Para que é a guarda!

— Vamos ver se tenho de o ensinar a tratar-me como deve ser! — exclamou brutalmente Mavrikyevitch. — Não sou seu compadre e não admito que me fale assim! Percebeu?

Mitya calou-se, corando. Depois estremeceu. Tinha parado de chover, mas o céu continuava nublado e um vento frio fustigou-lhe a cara.

«Apanhei um resfriamento», pensou Mitya, sentindo uma dor nas costas.

Finalmente Mavrikyevitch entrou na carruagem e deixou-se cair pesadamente no assento, empurrando, como que inadvertidamente, Mitya para um lado. A verdade é que estava irritado e fatigado do trabalho que lhe atiravam para cima.

— Adeus, Trifon Borisovitch! — voltou a gritar Mitya, mas dessa vez com certa premeditação e ressentimento.

Trifon Borisovitch limitou-se a olhar para ele com ar orgulhoso e não respondeu.

— Adeus, Dmitri Fedorovitch, adeus! — E saindo não se sabe de onde, Kalganov correu para a carruagem e chegou a tempo de poder apertar a mão a Mitya.

— Adeus, querido amigo. Não esquecerei a tua generosidade.

A carruagem partiu e as mãos desuniram-se. As campainhas tilintavam. Levavam Mitya.

Kalganov voltou a correr para a hospedaria, sentou-se a um canto e escondendo a cara nas mãos começou a chorar. Ficou durante muito tempo naquela atitude, chorando como se fosse uma criança e não um rapaz de vinte anos. Oh! Quase não tinha dúvidas da culpabilidade de Mitya.

— Mas que homens são estes! Pode-se descer mais? — perguntava com incoerência no seu amargo desalento, quase desesperado. Naquele instante a vida nenhum aliciante tinha para ele.

— Vale a pena? Vale a pena? — exclamava o rapaz no seu desgosto.

Parte 4

Livro 10 — Os Rapazes

Capítulo 1 — Kolya Krassotkin

Era no princípio de novembro. O dia amanhecera com um nevão que mantinha o termómetro Réaumur a onze graus; tinha caído durante a noite uma neve seca e o vento cortante da manhã levantava uma poeira de granizo que arrastava pelas ruas da cidade, especialmente na Praça do Mercado. A manhã estava fria e desagradável, mas já não nevava.

Não longe da praça, perto do armazém de Platnicov, havia uma casinha, muito limpa por fora e por dentro, pertencente à senhora Krassotkin, viúva de um antigo secretário da província, que nela vivia dos seus rendimentos. Era uma mulher retraída de caráter meigo e trato agradável. Tinha apenas dezoito anos quando perdera o marido, depois de um ano de casamento e tendo um filhito de poucos meses. A esse filho tinha ela consagrado os seus catorze anos de viuvez, cuidando dele como do seu único tesouro. Kolya correspondera ao amor apaixonado da mãe dando-lhe mais desgostos que alegrias. Ela tremia constantemente pelo filho, receando que lhe sucedesse alguma coisa, a sua fantasia imaginava doenças, quedas e qualquer outra coisa que pudesse fazer-lhe mal. Quando Kolya começou a ir para a escola, a mãe quis dedicar-se também ao estudo para poder ajudar o filho. Apressou-se a relacionar-se com os professores e as mulheres destes e até procurava os condiscípulos do filho, acarinhando-os para ele ter mais amigos e evitar-lhe qualquer aborrecimento. O seu zelo chegou a tal ponto que os colegas passaram a troçar de Kolya, chamando-lhe «menino mimado».

Mas Kolya era um rapaz resoluto e cheio de força; ágil e de feitio audacioso e empreendedor. Sabia sempre bem as lições e diziam até os colegas que em aritmética e história natural ele podia bater o professor Dardanelov. Apesar de olhar os seus companheiros com ar de superioridade tratava-os amigavelmente e sem jactância, aceitando as homenagens que os outros lhe prestavam como se lhe fossem devidas, não ultrapassando nunca, no trato com os seus professores, a justa medida. Gostava de travessuras como qualquer rapazote, mais pelo efeito que produzia do que pela própria travessura. Sabia submeter a mãe a todos os

seus desejos e tratava-a despoticamente. Ela permitia-lhe tudo, mas achava intolerável que o filho não correspondesse ao seu amor na mesma medida; imaginava-o insensível ao seu carinho e muitas vezes, desfeita em lágrimas, acusava-o de frieza para com ela. O rapaz recebia com desgosto as meigas reprimendas, e quanto mais lhe pediam ternura mais duro ele parecia ser. Mas não o fazia por má intenção: era próprio do seu caráter. A mãe enganava-se ao pensar que o filho não gostava dela. Kolya gostava da mãe, mas detestava o «sentimentalismo carneiral» como ele dizia na sua linguagem escolar.

Havia em casa um armário com livros pertencentes ao pai, e Kolya, que gostava muito de ler, passava horas e horas lendo-os. A mãe não se preocupava com isso, mas surpreendia-se por ver o filho horas e horas a ler em vez de ir brincar. E dessa maneira Kolya aprendeu muitas coisas pouco convenientes para a sua idade.

A mãe de Kolya vivia seriamente alarmada com as travessuras do filho, pois apesar de não haver nada de repreensível no aspeto moral, os seus atos eram muitas vezes mais próprios de um louco do que de um rapazinho bem-educado.

Em julho, durante as férias de verão, mãe e filho foram passar uma semana a casa de uma parente afastada, cujo marido era chefe da estação de caminhos de ferro que se encontrava a umas quarenta e cinco verstas da cidade — a estação mais próxima e a mesma onde um mês antes Ivan Fedorovitch Karamazov tinha tomado o comboio para Moscovo. Kolya aproximava-se cada dia mais da estação e observava minuciosamente tudo o que dizia respeito aos comboios, para depois poder deslumbrar os companheiros com os seus conhecimentos. Pouco depois travou conhecimento com seis ou sete rapazes que viviam na estação ou nas cercanias, e com outros dois que tinham vindo da cidade. Juntavam-se todos para brincar, e no quarto ou quinto dia da estadia de Kolya, deu-se uma ocorrência terrível. Kolya, que era dos mais novos e por conseguinte se via tratado pelos outros com superioridade, apostou dois rublos, por vaidade ou para o considerarem um herói, que era capaz de ficar deitado entre os rails, durante a passagem do comboio das onze da noite. É verdade que fizera primeiro umas certas investigações para ver se tinha possibilidade de se deitar imóvel no meio da linha e que o comboio passaria sem lhe tocar; mas permanecer imóvel naquelas circunstâncias não era brincadeira. Os outros riram-se e chamaram-lhe aldrabão e

vaidoso. Isso deu-lhe nova audácia. O que mais o aborrecia era o desprezo com que o tratavam os rapazes mais crescidos, de quinze anos, que lhe voltavam as costas e lhe chamavam «pequeno» quando ele ia brincar com eles. Para Kolya isso era um insulto imperdoável.

Combinaram afastar-se meia versta da estação, para que o comboio adquirisse toda a sua velocidade depois da partida. Os rapazes reuniram-se e dirigiram-se, na escuridão, para a linha de caminho de ferro. No local escolhido, Kolya deitou-se entre os carris. Os outros cinco que tinham aceite a aposta esconderam-se entre os arbustos, ao lado da linha. Os seus corações pulsavam tão violentamente que se sentiram assustados e com remorsos. Por fim ouviram o apito do comboio que saía da estação. Duas luzes de sangue furaram as trevas; o monstro rugia ao aproximar-se.

— Sai daí! Sai daí! — gritavam os rapazes escondidos no matagal, gelados de medo.

Mas era tarde de mais; o comboio estava já sobre Kolya e passou como um relâmpago. Os rapazes precipitaram-se para a linha férrea. Kolya estava imóvel. Tocaram-lhe, quiseram tirá-lo dali mas não foi necessário. Kolya levantou-se daí a pouco, sozinho, e afastou-se. Disse-lhes que quisera fingir de morto para os assustar, mas a verdade é que desmaiara, como mais tarde confessou à mãe. A sua reputação de rapaz intrépido estava consolidada para sempre. Apesar de no dia seguinte ter sofrido um ataque de nervos com febre, sentia-se alegre e contente consigo mesmo. No regresso à cidade, essa aventura espalhou-se e chegou até aos ouvidos dos professores de Kolya. A mãe apressou-se então a falar a um dos professores, Dardanelov, para que o assunto não levantasse problemas.

Dardanelov era um homem de meia idade, que há muito tempo estava perdidamente apaixonado pela senhora Krassotkin. Um ano antes, tremendo de medo e com a delicadeza própria dos seus sentimentos, arriscara-se a oferecer-lhe o seu coração, propondo-lhe casamento. Ela rejeitara decididamente a oferta, achando que seria uma falta de consideração e de lealdade para com o filho; mas a julgar por certos sintomas mal dissimulados, Dardanelov sentia que não era precisamente a aversão que levava a encantadora viúva a recusar a sua mão. A aventura de Kolya pareceu romper de novo o gelo e a intercessão de Dardanelov obteve a recompensa de um raio de esperança. Naturalmente esse raio brilhou apenas na fantasia de Dardanelov, mas esse homem era de uma tal delicadeza de sentimentos que tanto bastou para o tornar

momentaneamente feliz. Gostava muito do filho da mulher que amava e gostaria de o ter mais perto de si para procurar conquistar-lhe o coração, mas nas aulas tratava-o severamente e com rigorosa equidade em relação aos outros alunos. Kolya, por seu lado, mantinha-se a uma distância respeitosa. Sabia sempre as lições, era o segundo da aula e todos o julgavam tão forte em História Universal que podia competir com Dardanelov. Kolya tinha-lhe perguntado quem fundou Troia e o professor respondera-lhe referindo-se aos movimentos e emigrações de raças muito remotas e às lendas míticas; mas iludiu a pergunta sobre os fundadores de Troia e sem citar nomes, considerou a pergunta deslocada, dando aos rapazes a impressão de que não sabia quem tinham sido. Kolya lera quais tinham sido os fundadores dessa cidade, na História de Smaragdov, que se encontrava entre os livros de seu pai. Todos os rapazes mostraram interesse em conhecer essa questão histórica, mas Krassotkin guardou segredo e a fama dos seus conhecimentos permaneceu indiscutível.

Depois do incidente do comboio, a atitude de Kolya para com a mãe alterou-se. Ana Fedorovna — a senhora Krassotkin — esteve prestes a endoidecer quando soube da façanha do filho. Tão persistentes e terríveis eram os ataques de nervos que a cometeram que Kolya lhe jurou que não voltaria a cometer tais imprudências. A senhora Krassotkin quis que ele lhe jurasse de joelhos diante da imagem de Jesus e pela memória do pai, e o valente rapaz jurou, chorando como uma criança. Mãe e filho estiveram todo o dia chorando e abraçando-se no meio dos soluços. No dia seguinte Kolya acordou com a mesma indiferença de sempre; mas tinha-se tornado mais silencioso, mais modesto e mais refletido.

Mês e meio depois outra diabrura das suas levou o seu nome aos ouvidos do juiz de paz, mas era uma coisa de outro género, que provocava mais diversão que aborrecimento. No entanto ele não foi o principal autor da brincadeira, mas apenas cúmplice. Voltaremos mais tarde a falar disto. A mãe ainda tremia de medo, e quanto mais motivos ela tinha para se preocupar, mais confiante se sentia Dardanelov. É de notar que Kolya adivinhou e compreendeu o que se passava no coração do professor, começando a sentir por ele o maior desprezo. Era mesmo suficientemente duro para falar com desdém dele diante da mãe, dando-lhe a entender que conhecia as procedências sociais de Dardanelov. Mas até nisto mudou depois da sua aventura com o comboio, deixando de fazer qualquer alusão ao professor e falando dele diante da mãe com maior consideração, o que a

sensível senhora lhe agradecia do mais fundo da sua alma. Mas bastava o nome do professor nos lábios de uma visita para Kolya corar como uma papoula e, perdido o sossego, levantar-se, ir à janela, olhar para os sapatos, ou gritar por *Perezvon,* um grande cão de pelo cinzento e eriçado que tinha recolhido, escondendo-o durante um mês dos seus companheiros por razões que só ele conhecia. Tiranizava-o cruelmente e ensinava-lhe todo o género de brincadeiras, de modo que o pobre cão gemia na ausência do rapaz e chorava de alegria quando ele voltava da escola, saltando como um doido, esmolando uma carícia. Em seguida deitava-se no chão a fazer de morto, andava sobre as patas traseiras e fazia todas as habilidades que o dono lhe ensinara, demonstrando-lhe assim a sua amizade.

Esquecia-me de dizer que Kolya Krassotkin era o rapazinho a quem Ilucha, filho do capitão Snegiryov, que o leitor já conhece, havia ferido com um canivete, para vingar o pai dos insultos que recebia dos rapazes que lhe chamavam «molho de estopa».

Capítulo 2 — Crianças

Naquela manhã gelada de novembro, Kolya Krassotkin estava em casa porque não havia escola. Ao baterem as onze horas mostrou-se impaciente porque tinha de sair para um assunto de muitíssima «urgência» e fora encarregado de cuidar da casa na ausência de todos os que lá viviam. A mãe de Kolya tinha alugado dois pequenos quartos, separados do resto da casa por um corredor, à mulher de um médico, mãe de dois meninos. Essa senhora era da mesma idade e grande amiga da senhora Krassotkin. O marido partira um ano antes para Orenburg e depois para Tchkend e há seis meses que não tinha notícias dele. Graças à senhora Krassotkin, que procurava consolar a abandonada, esta não se consumia de tristeza; mas, para que a desgraça não viesse só, Catalina, sua única criada, anunciara-lhe nessa noite que ia dar ao mundo uma criança, antes de romper o sol. Aquilo parecia um milagre, visto que ninguém desconfiara de tal acontecimento, e a mulher do médico só saiu do seu assombro para propor à criada, na qual tinha depositado toda a sua confiança, a sua mudança imediata para uma casa dirigida por uma parteira. Sem perder tempo acompanhou a criada e ficou junto dela para a ajudar. De manhã apelou para a amizade e energia da senhora Krassotkin, para que a fosse ajudar em tal apuro.

Por isso as duas senhoras estavam ausentes àquela hora e a criada, Agafya, tinha ido à praça, encarregando Kolya de olhar pelos dois «cordeiritos», o filho e a filha da mulher do médico, que se encontravam sozinhos. Kolya não receava guardar a casa. Tinha *Perezvon* que, obediente às suas ordens, se mantinha deitado debaixo do banco do vestíbulo e de cada vez que o dono ali passava agitava fortemente a cauda para se fazer notar. Mas não recebia o ansiado assobio que lhe permitiria deixar aquela posição de escravo, e sim um olhar duro que o mantinha ali, naquela infeliz rigidez imposta pela obediência. A única coisa que inquietava Kolya era a guarda dos «cordeiritos». Encomendava ao diabo a inesperada aventura de Catalina, mas gostava dos «cordeiritos» e dera-lhes

um livro de estampas. Nastasia, que tinha oito anos, sabia ler e Kostya, mais novo um ano do que ela, gostava de a ouvir.

Kolya teria podido proporcionar-lhes uma distração mais amena, brincando com eles aos soldados e às escondidas. Mais de uma vez se tinham divertido assim e estava disposto a fazê-lo mais vezes, apesar de na escola se ter divulgado a notícia de que Krassotkin brincava aos cavalinhos com os meninos em sua casa, fazendo cabriolas e abanando a cabeça, como se galopasse por uma pista. Kolya aparara o golpe dizendo que certamente seria vergonhoso, para um rapaz da «sua idade», brincar aos cavalinhos com outros rapazes da sua idade ou aproximada, mas não era o mesmo quando se tratava de divertir os «cordeirinhos» de quem era muito amigo e que o adoravam.

Mas nesse dia não estava para brincadeiras. Tinha de ventilar um assunto urgente que conservava no maior mistério. O tempo corria e Agafya, que ficaria com as crianças, nunca mais chegava. Várias vezes Kolya atravessara o corredor e abrira a porta do quarto dos inquilinos, para verificar se as crianças estavam sossegadas. Via que continuavam quietos e entretidos com o livro, como lhes dissera. De cada vez que abria a porta eles pediam-lhe que entrasse e fizesse qualquer coisa divertida. Mas Kolya estava aborrecido e não queria entrar.

Quando ouviu bater as onze horas, resolveu ir-se embora sem esperar que aquela «condenada» Agafya voltasse do mercado, depois de fazer prometer aos «cordeiritos» que seriam valentes, que não fariam maldades, nem chorariam. Com esta ideia vestiu o forte casaco de inverno com gola de peles, pôs a mala ao ombro e sem fazer caso das reiteradas advertências da mãe, que queria que ele calçasse as galochas em dias como aquele, decidiu levar as botas que trazia. *Perezvon,* ao vê-lo com traje de sair, começou a bater violentamente com a cauda no chão e ergueu-se um pouco, ganindo lastimosamente. Achando que a excessiva agitação de *Perezvon* era uma afronta à disciplina, obrigou-o a sentar-se mais um bocado debaixo do banco e só quando abriu a porta que dava para o corredor é que assobiou. O cão saltou dali como um louco, correndo em volta do dono com um barulho ensurdecedor.

Kolya empurrou a porta para espreitar os dois irmãos. Estavam ainda sentados, mas em vez de verem o livro discutiam acaloradamente. Eram frequentes estas discussões dos dois irmãozinhos sobre questões de interesse vital e como Nastya era a mais velha triunfava sempre; mas

quando não conseguia convencer Kostya, este chamava Kolya, e o seu parecer era considerado infalível por ambos. A discussão que nessa altura os dois mantinham interessou Kolya, que se deixou ficar atrás da porta, a ouvi-los. Isto, observado pelos pequenos, aumentou ainda mais a sua energia.

— Nunca, nunca acreditarei — dizia Nastya — que a velha encontre os bebés no meio das couves. Estamos no inverno e não há couves, mas nasceu um bebé a Catalina.

Ao ouvir isto Kolya, assobiou baixinho.

— Devem trazer os bebés de algum lado — continuava Nastya — mas só para as pessoas casadas.

Kostya olhou para a irmã com ar pensativo.

— És muito tola, Nastya — disse por fim com toda a calma. — Então como pode Catalina ter um bebé se não é casada?

Nastya perdeu a paciência.

— Que percebes tu dessas coisas? Pode ser que ela tenha um marido, mas esteja na prisão e só agora lhe tenham trazido o filho.

— Então o marido dela está na prisão? — perguntou Kostya, cada vez mais interessado.

— Já te disse — continuou Nastya, esquecendo completamente a última hipótese. — Catalina não é casada. Tens razão. Mas se calhar queria um marido e pensou tanto em ter um marido que afinal lhe trouxeram não um marido, mas um filho.

— Ah, assim está bem — replicou Kostya dando-se por vencido. — Mas ainda não me tinhas dito isso. Como querias que eu o soubesse?

— Vamos, «cordeiritos» — disse Kolya, entrando. — Vejo que são terríveis.

— Trazes o *Perezvon*? — perguntou Kostya, dando estalinhos com os dedos para chamar o cão.

— Estou em apuros, meninos — começou solenemente Krassotkin — e vocês devem ajudar-me. Agafya deve ter partido uma perna, pois nunca mais chega. E eu tenho de me ir embora. Deixam-me ir?

As crianças olharam uma para a outra com ansiedade. As suas alegres carinhas exprimiam sobressalto, receio, mas não disposição para recusar o que lhes pediam.

— Não farão maldades quando eu não estiver cá? Não subirão ao armário? Espero que não, pois podiam magoar-se. Não terão medo nem

chorarão quando eu me for embora?

Os dois irmãos olharam-se com resignado desalento.

— Como prémio vou mostrar-lhes uma coisa, um canhão de cobre que pode disparar com pólvora a sério.

Como por entanto iluminou-se de alegria o rosto das crianças.

— Mostra-nos então — pediu Kostya.

Kolya tirou do bolso um diminuto canhão de bronze e colocou-o sobre a mesa.

— Gostam? Olhem, tem rodas! — E empurrou o brinquedo em cima da mesa. — Pode carregar-se e fazer fogo.

— E podia matar alguém?

— Sim, podia matar se o apontassem bem. — E explicou-lhes onde se punha a pólvora, onde se colocava a bala e mostrou-lhes o buraco por onde saía o tiro quando a carga se incendiava.

Os meninos ouviam-no com profundo interesse, e o que mais excitou a sua imaginação foi o canhão disparar.

— E trouxeste um bocadinho de pólvora? — perguntou Nastya.

— Sim.

— Mostra — balbuciou com um sorriso de súplica.

Krassotkin tirou a mochila do ombro e retirou de lá um frasquinho que continha um bocadinho de pólvora. Tinha também umas balas embrulhadas em papel muito retorcido. Destapou então o frasco e deitou um bocado de pólvora na palma da mão.

— É preciso ter cuidado para não a aproximar do lume porque se inflamaria e nos mataria a todos — avisou em tom de alarme.

As crianças olharam a pólvora com mais emoção que temor. Estavam alvoraçados. Mas Kostya preferia a bala.

— A bala também arde? — perguntou.

— Não, a bala não.

— Dás-me uma bala? — pediu com voz trémula.

— Sim, dou-lhes uma bala: tomem lá mas não a mostrem à mamã até que eu volte, porque pode pensar que tem pólvora, que podem morrer todos e dá-lhes uma tareia.

— A mamã nunca nos bate — observou Nastya.

— Bem sei, digo isto por dizer. Não enganem a vossa mãe senão desta vez e até eu voltar. Posso ir-me embora «cordeirinhos»? Não têm medo? Não choram?

— Sim, vamos chorar — balbuciou Kostya mal podendo conter as lágrimas.

— Bem, não tenho outro remédio senão ficar com vocês até que Agafya venha. Que vida!...

— Diz a *Perezvon* que faça de morto! — pediu Kostya.

— Está bem! *Ici, Perezvon!* — E começou a mandar-lhe fazer todas as habilidades que ele sabia executar.

Era um cão de tamanho regular, pelo cinzento e hirsuto. Era cego do olho direito e faltava-lhe um bocado da orelha esquerda. Gemia, saltava, caminhava sobre as patas traseiras, mantinha-se imóvel, deitado de costas e com as patas para cima a fingir de morto e era nessa posição que estava quando a porta se abriu e entrou Agafya, a criada da senhora Krassotkin, que voltava do mercado com uma cesta cheia de provisões no braço. Assim ficou, a olhar o cão, sem tirar a pesada cesta do braço. Kolya, se bem que tivesse dito ter tanta pressa, deixou que o cão se mantivesse naquela posição durante o tempo habitual e só depois assobiou. O animal levantou-se de um salto e começou a manifestar a sua alegria por ter cumprido o seu dever.

— Que cão este, só lhe falta falar! — observou sentenciosamente Agafya.

— Por que levou tanto tempo, mulher? — perguntou Kolya com severidade.

— Mulher, sim. Tem cuidado contigo, rapaz!

— Rapaz?

— Sim, rapaz. Que te importa que eu venha tarde? Se tardei é porque tive razões para isso — murmurou encaminhando-se para a cozinha, sem se mostrar aborrecida nem encolerizada, parecendo pelo contrário estar satisfeita por aquela troca de palavras com o seu jovial patrãozinho.

— Ouve, velha frívola — replicou Kolya saltando do sofá — podes jurar pelo que tens sagrado no mundo e por todo o céu que tomarás conta dos «cordeirinhos» na minha ausência? Eu tenho de sair.

— E para quê jurar? — disse Agafya, rindo. — Posso tomar conta deles sem jurar nada.

— Não, tens de jurar pela tua eterna salvação, ou não saio daqui.

— Então não saia. Mais vale que esteja em casa porque na rua está muito frio.

— «Cordeiritos» — disse Kolya voltando-se para os dois irmãos — esta mulher faz-lhes companhia até que eu volte ou até que volte a vossa mãe; ela lhes dará também de almoçar. Não é verdade que lhes darás almoço, Agafya?

— Sim.

— Adeus, pequenitos; agora vou em paz. E tu, cuidado — acrescentou a meia voz ao passar junto dela — espero que saibas respeitar os seus poucos anos e não lhes contes alguns dos teus disparates de velha a respeito de Catalina. *lci, Perezvon!*

— Vai para o diabo! — replicou Agafya com sincero aborrecimento dessa vez. — Que menino tão ridículo este! Merecias um bom açoite por falar assim; lá isso merecias!

Capítulo 3 — O Condiscípulo

Kolya saiu sem lhe responder. Na rua parou, olhou para um lado e para o outro, fez uma careta de frio e afastou-se apressadamente em direção à Praça do Mercado. Ao chegar perto de uma das casas mais próximas da dita casa, tirou um apito do bolso e soltou um silvo estridente e prolongado, que parecia um sinal. Com efeito, quase logo a seguir apareceu um rapazinho que devia ter uns onze anos, de faces coradas e envergando um rico casaco com gola de peles. Smurov, assim se chamava o rapaz, pertencia ao curso preparatório, estando nos estudos dois anos atrás de Krassotkin. Era filho de um funcionário bem instalado na vida. Parece que os pais lhe tinham proibido que fosse amigo de Krassotkin, por este ter fama de díscolo e travesso. Isto explica porque saía de casa às escondidas.

O leitor deve estar lembrado que Smurov se encontrava no grupo que tempos atrás apedrejava Ilucha, e foi ele que informou Aliocha Karamazov.

— Há mais de uma hora que estou à tua espera, Krassotkin — disse o rapazinho quando já se encontravam na praça.

— Venho tão tarde porque as circunstâncias me impediram de sair mais cedo. Não te castigam por vires comigo?

— Vamos, homem, a mim nunca me castigam. Trazes *Perezvon?*

— Sim.

— Vais sair com ele?

— Sim.

— Ah! Se fosse *Jutchka!...*

— Impossível! *Jutchka* não existe. Perdeu-se nas trevas da imensidade.

— Ah! E não poderíamos fazê-lo passar por *Jutchka?* — disse Smurov, parando. — Ilucha disse que era um cão de pelo hirsuto com cor acinzentada como *Perezvon.* Podias dizer-lhe que era *Jutchka* e ele acreditaria.

— Evita uma mentira, rapaz, ainda que seja com boa intenção. E antes de mais espero que não tenhas falado na minha visita.

— Deus me livre. Eu sei o que faço. Mas creio que não o poderás consolar com *Perezvon* — disse Smurov, suspirando. — O pai dele, o capitão «molho de estopa», disse-nos que lhe ia oferecer hoje um cão com focinho preto. Está convencido de que Ilucha vai ficar muito contente, mas eu não acredito.

— Como está Ilucha?

— Mal, muito mal. Creio que está tuberculoso. Está consciente, mas respira mal, muito mal... Outro dia pediu as botas para calçar e andar por casa. Tentou andar mas como não se mantinha de pé o pai disse-lhe: «Já te tinha dito que essas botas não são boas; nunca consegui andar comodamente com elas.» Ele ficou a pensar que eram as botas que o faziam vacilar, e era a debilidade. Não durará mais uma semana. Agora, Herzenstube visita-o. Voltaram a ser ricos. Têm dinheiro aos montes.

— São uns tratantes.

— Quem?

— Os médicos e toda essa pandilha de charlatães em geral e também em particular. Não acredito na medicina. É uma farsa. Mas que sentimentalismo os conduz lá a casa? Todos os da aula lá vão?

— Todos, não. Somos só uns dez que vamos vê-lo todos os dias. Não há mal nenhum nisso.

— Só o que não consigo compreender é a parte que toma em tudo isto Alexei Karamazov. Vão julgar o irmão dele dentro de um dia ou dois por um crime horroroso e ele ainda tem tempo para se entreter com sentimentalismos de rapazes.

— Não se trata de sentimentalismos. Tu próprio vais fazer as pazes com Ilucha.

— Fazer as pazes com Ilucha? Que expressão tão caprichosa! Além do mais não permito a ninguém que classifique os meus atos.

— Pois ele não vai ficar pouco contente quando te vir! Não imagina que vás. Por que... por que levaste tanto tempo a decidir-te? — perguntou Smurov com entusiasmo.

— Isso é da minha conta, querido. Se vou é porque me apetece, mas vocês deixaram-se conduzir por Alexei Karamazov. Bem vês que há uma certa diferença. E já ficas a saber que não vou para fazer as pazes. Essa expressão é estúpida.

— Não foi Karamazov quem nos levou. Começámos a ir voluntariamente. E verdade que Karamazov nos acompanhou ao princípio. Mas não há nada disso que tu consideras tolice. Primeiro foi um, depois esse arrastou outro e assim consecutivamente. O pai dele ficava muito contente quando nos via aparecer. No dia em que Ilucha morrer ele enlouquece. Agora vê que o filho está a morrer e sente grande alegria em ver-nos reconciliados com ele!... Ilucha pergunta por ti e mais nada. Pergunta apenas e cala-se. O pai dele ou enlouquece ou se enforca. Já agora se conduz como um louco. E olha que é uma pessoa muito decente. Estávamos enganados a respeito dele. A culpa foi desse assassino que o maltratou.

— Em todo o caso Karamazov é um enigma para mim. Podia ser amigo dele há tempos, mas há casos em que gosto de manter-me afastado. Além disso tenho dele uma opinião que gostaria de comprovar.

Kolya calou-se, com ar grave. Smurov, que o adorava e não pensava sequer em igualar-se a ele, respeitou o seu silêncio. Intrigava-o imensamente ter-lhe ouvido dizer que ia a casa de Ilucha de sua própria vontade e desconfiava de que algum mistério envolvia essa resolução. Atravessaram a Praça do Mercado, a essa hora cheia de carros com hortaliças e criação, de barracas onde as vendedoras ofereciam carrinhos de linhas, madeixas de algodão e outras coisas; pois era domingo e nesses dias havia feira, além das que havia durante a semana, várias vezes por ano.

Perezvon corria como um diabo de um lado para o outro, e quando encontrava alguns dos seus congéneres, parava a cheirá-los, segundo as regras da etiqueta canina.

— Gosto de observar estas cenas realistas — disse de repente Kolya. — Reparaste que os cães se cheiram quando se encontram. Deve ser uma lei da raça.

— Sim, é um costume muito cómico.

— Não, enganas-te. Cómico não é. Na natureza não há nada cómico. Isso é bom para os homens, com os seus preconceitos. Se os cães fossem dotados de razão e de sentido critico, encontrariam coisas muito mais ridículas nas relações sociais dos homens, seus amos; muito mais, não duvides. Digo isto porque estou convencido de que existem muito mais imbecilidades entre nós. Esta ideia é de Kakitin. Uma ideia genial! Eu sou socialista, Smurov.

— E que é ser socialista?

— Pois é sermos todos iguais, ter os bens em comum, eximir-se ao matrimónio, eleger cada um a religião e a lei que prefere e tudo assim. Tu és muito pequeno para compreender isto. Sabes que está frio?

— Sim, doze graus abaixo de zero. O papá estava agora mesmo a ver o termómetro.

— Já reparaste, Smurov, que em pleno inverno e a quinze ou dezoito graus abaixo de zero, não sentimos tanto frio como ao princípio, quando se dá uma rápida descida de temperatura e especialmente quando há pouca neve? É porque ainda não estamos habituados. O homem é um animal de hábitos, no seu aspeto social e político. O hábito é a grande força motriz. Olha que aldeão tão pitoresco!

E Kolya apontou para um camponês que junto do seu carro batia palmas para aquecer as mãos que protegia com grandes luvas de pele de carneiro. Vestia uma samarra e a sua comprida barba estava branca devido à neve.

— Este camponês tem a barba gelada! — gritou descaradamente Kolya ao passar junto dele.

— Há muitas barbas de camponeses geladas — respondeu o homem com calma e aprumo.

— Não o provoques — aconselhou Smurov.

— Muito bem, não quer aborrecer-se, é um bom homem. Adeus, Matvey.

— Adeus.

— Chamas-te Matvey?

— Sim, não sabias?

— Não. Calculei.

— Que casualidade. És estudante, não é verdade?

— Sim.

— E batem-te?

— Não posso dizer que não; de vez em quando.

— E dói-te?

— Acho que sim!

— Oh, que vida! — E o camponês soltou um profundo suspiro.

— Adeus, Matvey!

— Adeus. És um moço encantador.

Os rapazes afastaram-se.

— É um bom camponês — observou Kolya. — Gosto de falar com esta gente e estou sempre pronto a fazer-lhe justiça.

— Por que lhe mentiste fazendo-lhe crer que nos batiam? — perguntou Smurov.

— Para ele ficar satisfeito.

— E como?

— Já sabes que me aborrece repetir as coisas. Gosto que as pessoas compreendam às primeiras palavras. Os camponeses têm a ideia de que os estudantes apanham. O que seria um estudante sem açoites? Tenho a certeza de que dizendo-lhe a verdade o teria entristecido. Tu não percebes. É preciso saber lidar com os camponeses.

— Mas não os contraries, não te vá acontecer como com o ganso.

— Tens medo?

— Não te rias, Kolya. Claro que tenho medo. O meu pai ficaria furioso. Sabes que estou absolutamente proibido de andar contigo.

— Não te preocupes que não se passará nada. Olá, Natacha! — gritou para a vendedora de uma das barracas.

— Eu, Natacha? Por quem me tomas? Eu chamo-me Maria! — gritou destemperadamente a mulher.

— Alegro-me que te chames Maria. Adeus!

— Eh!, malandro! Espera um bocado!

— Tenho pressa, não posso esperar; dizes-me o que quiseres no domingo que vem — gritou Kolya agitando a mão para a mulher como se fosse ele ofendido.

— Nada tenho a dizer-te nem agora nem no próximo domingo, desavergonhado! — vociferou a mulher. — O que tu estás a pedir é que te deem umas boas palmadas, rapaz sem vergonha!

As vendedoras vizinhas riram estrepitosamente e naquele momento de um dos alpendres saiu um rapaz de cabelo escuro, impetuoso e violento, de cara picada pela varíola, que a julgar pela blusa azul e o gorro cónico que usava, era empregado de qualquer mercearia.

Num estado de agitação estúpida, levantou o punho para Kolya, gritando enfurecido:

— Bem te conheço! Bem te conheço!

Kolya olhou-o e não se lembrou de alguma vez ter brigado com aquele rapaz, apesar de já ter tantas vezes brigado na via pública que era impossível reconhecê-los a todos.

— Conheces-me? — perguntou com sarcasmo.

— Conheço-te! Conheço-te! — repetia o outro como um idiota.

— Pois melhor para ti. Adeus, tenho de me ir embora!

— Já estás a fazer outra das tuas? Estás outra vez a fazer das tuas, não é? — gritou o outro.

— Não tens nada que saber o que eu estou a fazer — replicou Kolya, olhando-o de alto a baixo.

— Não tenho nada?

— Não, não tens nada.

— Então quem tem a ver? Quem? Quem?

— Trifon Nikititch.

— Que Trifon Nikititch? — perguntou o rapaz, olhando para Kolya com ar pasmado.

Kolya suportou o olhar com ar grave e perguntou de repente:

— Estiveste na igreja da Ascensão?

— Na igreja da Ascensão? Não, não estive — respondeu o interpelado com ar confuso.

— Conheces Sabaneyev? — voltou a perguntar Kolya, com mais ênfase e severidade.

— Sabaneyev? Não, não conheço.

— Então vai para o diabo! — exclamou então Kolya voltando-lhe as costas, como se não quisesse continuar a falar com um rústico que nem sequer conhecia Sabaneyev.

— Eh! Espera! Que Sabaneyev é esse? — gritou o rapaz recompondo-se da sua momentânea confusão e tão excitado como antes. — Quem disse isso? — concluiu voltando-se para as vendedoras com um olhar de doido.

As mulheres riram.

— Não o saberás nunca — disse uma.

— De que Sabaneyev fala? — repetiu o rapaz, agitando furiosamente a mão direita.

— Deve ser um tal Sabaneyev que trabalhava para os Kurmitchov — explicou outra mulher.

O rapaz deitou-lhe um olhar selvático.

— Para os Kurmitchov? — disse uma outra. — Mas esse não se chamava Trifon. Era Kuzma e não Trifon e o rapaz disse Trifon Nikititch; portanto não pode ser o mesmo.

— Não se chama Trifon nem Sabaneyev, mas sim Tchikov — comentou uma comadre que até então tinha estado calada. — O nome dele é Alexey Ivanitch. Tchikov Alexey Ivanitch.

— Não há dúvida que é Tchikov! — confirmou com grande certeza uma vizinha.

O rapaz olhava para uma e para outra cada vez mais desconcertado.

— Mas por que me perguntou ele isso? Porquê? — gritou por fim, desesperado. — Que diabo tenho eu a ver com Sabaneyev?

— Não sejas imbecil! Estou a dizer-te que não se chama Sabaneyev, mas sim Tchikov — gritou uma das comadres.

— E quem é esse Tchikov? Diz-me, se sabes.

— É aquele pobre homem que costuma sentar-se aqui no verão, mendigando.

— E que tenho eu a ver com o vosso Tchikov, boa gente?

— Sei lá! Tu é que deves saber já que fazes tanto barulho por tão pouca coisa. O rapaz falou contigo e não connosco. Mas na verdade não o conheces?

— A quem?

— A Tchikov!

— Diabos levem a Tchikov e a ti. Vou pregar-lhe um susto. Esteve a troçar de mim!

Mas Kolya estava já longe de mais, saboreando o seu triunfo junto de Smurov que apreciava todo aquele reboliço com ar satisfeito. Ia muito alegre, mas com medo que a companhia de Kolya o envolvesse em algum lance comprometedor.

— A que Sabaneyev te referias? — perguntou, adivinhando qual seria a resposta.

— Sei lá! Já têm uma coisa com que se entreter todo o dia. Gosto de agitar os imbecis de todas as classes sociais. Olha, ali está outra cabeça de pau. Dizem que não há homem mais estúpido que um francês estúpido; mas na cara dos russos a estupidez ressalta mais. Repara bem na cara daquele homem e diz lá se não é um imbecil.

— Deixa-o, Kolya. Vamos.

— Não faz mal. Oh, bons-dias, camponês!

Era um aldeão robusto, de cara cheia e inexpressiva e barba castanha. Levantou a cabeça e deitou um olhar ao rapaz. Parecia um pouco embriagado.

— Bons-dias se não estás a troçar — respondeu depois de pensar.

— E se estiver? — perguntou Kolya, rindo.

— Bem, troças são troças. Podes rir-te; não me importo. Não há mal em brincar.

— Perdão, irmão, queria irritar-te.

— Bem, Deus te perdoe.

— E tu? Perdoas-me?

— Acho que sim. Vai em paz.

— És um camponês inteligente.

— Mais que tu — comentou com a mesma seriedade.

— Duvido — replicou Kolya, algo desconcertado.

— Pois é verdade.

— Talvez seja.

— Sem dúvida, irmão.

— Adeus, camponês!

— Adeus!

— Há camponeses de todos os géneros — observou Kolya após um curto silêncio. — Quem me havia de dizer que encontraria um dos mais espertos! Estou sempre disposto a reconhecer a inteligência do nosso povo.

Ao longe soaram na catedral as onze e meia e os dois rapazes apressaram a marcha, caminhando em silêncio. Vinte passos antes de chegarem a casa do capitão Snegiryov, Kolya parou e mandou Smurov buscar Karamazov.

— É preciso começar a explorar o terreno — disse.

— Para quê fazê-lo sair? — protestou Smurov. — Entra tu. Ficarão encantados. Quem se lembra de ficar a conversar aqui na neve, com este frio?

— Eu é que sei porque lhe quero falar aqui — replicou Kolya no tom despótico que costumava usar para com os mais novos.

Smurov correu a desempenhar a sua missão.

Capítulo 4 — O Cão Perdido

Esperando a chegada de Aliocha, Kolya afastou-se para junto do muro. Tinha grandes desejos de o conhecer. Tanto e tão bem se tinham referido a ele os seus companheiros que, apesar de ter sempre mostrado a maior indiferença por aquilo que lhe contavam, permitindo-se até fazer críticas, ansiava por conhecê-lo, sentindo-se atraído para ele por aqueles mesmos atos que aparentava desdenhar. O momento era de grande gravidade e o que o preocupava sobretudo era demonstrar a sua independência em relação aos outros rapazes. «Se assim não for toma-me por um rapazinho de treze anos e trata-me como tal. Que são para ele esses rapazes? Quando o vir hei de perguntar-lho. Tenho pena é de ser tão baixo. Tuzikov é mais novo do que eu e tem mais um palmo de altura. É uma sorte não ter cara de tolo nem de beato. Sou muito feio, mas tenho a cara de esperto. Não hei de falar nem agir com leviandade; se me deitasse imediatamente nos braços dele havia de pensar... Seria horrível que pensasse!»

Era esta a preocupação de Kolya enquanto se esforçava por manter um ar independente. Inquietava-o sobretudo a sua pequena estatura; não se importava de ser feio, mas não gostava de ser baixo. Um ano antes tinha feito na parede da casa um sinal que indicava a sua altura, e desde aí ia de dois em dois meses ver quanto tinha aumentado. Mas, ai!, os riscos do lápis subiam com uma lentidão desesperante. Não pensem que era feio, como ele julgava. Pelo contrário, tinha um ar vivo e engraçado. Algumas sardas nas faces brancas davam-lhe ainda maior atrativo. Os seus olhos pardos, cheios de vivacidade, tinham uma expressão ousada e ao mesmo tempo meiga; as maçãs do rosto salientes, o nariz arrebitado, os lábios finos e muito vermelhos, davam-lhe um ar simpático. «Tenho um verdadeiro focinho!», exclamava, indignado, ao ver-se ao espelho. «Mas a minha cara não exprime inteligência?», pensava às vezes como se duvidasse.

Mas não vamos supor que ele se preocupava demasiadamente com o seu físico, pois quando se afastava do espelho deixava de recordar essas

ninharias «entregue completamente às ideias e aos problemas da vida real», como dizia a si mesmo.

Aliocha apareceu logo a seguir, avançando com passos rápidos e semblante alegre. «Parece que está contente por me ver!», pensou Kolya com satisfação. Diga-se de passagem que Aliocha se tinha transformado completamente desde que o deixámos. Trocara o hábito por um elegante fato de bom corte, usava um chapéu de feltro e tinha cortado o cabelo. Tudo isto lhe ficava muito bem e lhe dava um aspeto de grande gentileza. O seu rosto exprimia uma suave e tranquila alegria. Com grande surpresa de Kolya saiu de casa tal qual estava, sem sequer vestir um abafo, sem dúvida por precipitação. Ao chegar junto do rapaz estendeu-lhe a mão.

— Finalmente veio! Como desejávamos vê-lo!

— Tinha razões para não vir que em breve conhecerá. De qualquer modo estou encantado por o conhecer. De há muito que esperava esta oportunidade, porque tenho ouvido falar muito em si — balbuciou Kolya, um pouco emocionado.

— Ter-nos-íamos encontrado mesmo que não houvesse isto. Também tenho ouvido falar muito em si.

— Como está Ilucha?

— Muito mal. É um caso desesperado.

— É terrível! Concorde que a medicina é um engano, Karamazov — gritou Kolya com emoção.

— Ilucha fala muitas vezes em si, mesmo em sonhos, quando delira. Vê-se que gostava muito de si... até que se passou aquilo... com o canivete... E este é outro motivo... É o seu cão?

— Sim, *Perezvon.*

— Não é *Jutchka*? — perguntou Aliocha olhando-o com pena. — Esse perdeu-se?

— Bem sei que todos gostariam que fosse *Jutchka* — disse Kolya, sorrindo misteriosamente. — Ouça, Karamazov: chamei-o aqui para lhe explicar uma coisa antes de passarmos para diante — começou, sentindo-se mais alentado. — Olhe: Ilucha entrou na classe preparatória na primavera última. Sabe como são esses rapazinhos endiabrados que como ele era novato e pequeno começaram a cascar-lhe. Eu sou das classes mais avançadas e é claro que o olhava de uma certa distância. Reparei no entanto que ele nunca se deixava bater sem dar também. Os gestos dele eram orgulhosos e o seu olhar tinha fogo. Gosto dos rapazinhos assim;

mas os outros cada vez lhe batiam mais. O pior era que ele se vestia horrivelmente mal. Os calções muito curtos, os sapatos esburacados. Eles atormentavam-no por causa disso e eu não podia consentir em tal coisa. Pus-me do lado dele e surrei-os que foi uma beleza. Apesar disso eles adoram-me, não sei se sabe, Karamazov? — disse num impulso de vaidade. — Sempre gostei muito de crianças. Agora mesmo estava a tomar conta de dois pequenitos e por causa deles me atrasei. Tomei Ilucha sob a minha proteção e deixaram-no em paz. Era um rapazinho orgulhoso, garanto-lhe, e no entanto acabou por gostar de mim de todo o coração, obedecia à minha menor indicação como um escravo, respeitava-me como a seu Deus e procurava imitar-me. Na hora do recreio vinha para junto de mim e passeávamos juntos, assim como ao domingo. Muitos troçam de um rapaz mais velho andar com um rapazinho; mas isso é um preconceito, pelo menos eu assim o considero. Eu instruía-o, desenvolvia-o. Por que não havia de o fazer? O senhor rodeou-se também de todos estes garotinhos porque quer influir na nova geração, torná-la melhor, e pode crer que é isso que me faz sentir maior simpatia por si. Mas deixemos isso. Notei que o rapazinho tinha uma certa tendência para um sentimentalismo que sempre detestei desde os meus mais tenros anos. Ia também aparecendo nele um espírito de rebeldia, à mais pequena coisa os seus olhos brilhavam, encolerizava-se. Ao expor-lhe certas ideias, via que ele se rebelava contra mim por causa da frieza com que eu correspondia ao seu afeto. Eu, para melhor o guiar, mostrava-me mais frio quando ele era mais meigo. Fazia-o propositadamente, para o formar, para o curtir, para fazer dele um homem... compreende-me, não é verdade? Reparei que durante uns dias ele andou confuso e desgostoso, não por causa da minha frieza, mas por qualquer coisa mais importante. Depois de o sondar fiquei a saber que, não sei como, ele fizera amizade com Smerdyakov, o criado do seu falecido pai (antes de ele morrer, claro) que lhe havia ensinado uma brincadeira tão estúpida como cruel. Consistia ela em meter um alfinete dentro de um bocado de pão e deitá-lo a um desses cães esfomeados que engolem tudo sem mastigar. Prepararam portanto um bocado de pão e lançaram-no a *Jutchka,* esse cão de quem tanto se fala. Os donos nunca lhe davam de comer, apesar dele ladrar todo o dia. Gosta desse ladrar contínuo, Karamazov? Eu não posso suportá-lo. Pois bem; o cão precipitou-se sobre o pão, comeu-o e começou a uivar e a correr loucamente, uivando sempre, até que o perderam de vista. Foi o próprio

Ilucha que me contou isto, chorando desesperadamente. Ele soluçava e só repetia: «Corria e uivava!» Compreendi que Ilucha estava roído de remorsos. Resolvi então dar-lhe uma lição. Confesso que fui duro para com ele e que aparentava maior indignação do que aquela que sentia: «Conduziste-te como um malvado», disse-lhe eu, «não contarei isto a ninguém mas por agora não quero mais conversas contigo. Quando estiver disposto a falar-te outra vez mando-te dizer por Smurov.» É o rapazinho que veio comigo e que está sempre disposto a fazer-me um favor. Isto deixou-o transtornado. Compreendi que fora longe de mais, mas já não tinha remédio. Mas ainda havia de me portar pior. Dois dias depois mandei-lhe dizer por Smurov que não queria falar mais com ele. É o que nós, estudantes, fazemos, quando queremos cortar relações com um colega. A minha intenção era ver a reação dele e depois estender-lhe outra vez a mão se o visse arrependido. Mas que fez ele? Ao ouvir o que Smurov lhe dizia respondeu encolerizado: «Diz da minha parte a Krassotkin que darei pão com agulhas a todos os cães, a todos!» Compreendi que o dizia por fraqueza de caráter, mas passei a tratá-lo com desprezo, voltando-me quando ele passava ou olhando-o com desprezo. Então sucedeu aquilo com o pai. Lembra-se? O pobre estava já muito amedrontado com o que se tinha passado; os outros, vendo que eu o abandonava, caíram sobre ele e gritavam: «Molho de estopa! Molho de estopa!» Começando outra vez com as lutas que tanto me entristeciam. Parece que eles lhe tinham dado uma grande tareia e um dia para se vingar, à saída da escola lançou-se sobre todos. Eu estava a uma certa distância a observar e posso jurar que, longe de me rir, sentia por ele uma grande piedade, estando a pontos de correr em ajuda dele. Mas de repente ele fixou o olhar em mim e não sei o que pensou, pois pegando num canivete correu para mim e enterrou-mo aqui, na perna direita. Eu não me mexi. Não me importo de confessar que em certas alturas tenho coragem. Contentei-me em olhá-lo com desprezo, como se lhe dissesse: «É este o pagamento que dás à minha bondade? Volta a ferir, se quiseres. Estou à tua disposição.» Não o fez. Baixou a cabeça, tremendo de medo, tirou o canivete e, desatando a chorar, fugiu. Eu portei-me com nobreza, disse aos meus companheiros que se calassem e o caso nem chegou aos ouvidos dos professores. Nem à minha mãe disse nada até que a ferida cicatrizasse. Era um corte sem importância. Soube depois que nesse mesmo dia andou à pedrada com outros e que até a si mordeu um dedo. Já vê a excitação em que ele se encontrava! Enfim, já

não há remédio: fui estúpido em não vir logo perdoar-lhe... isto é, fazer as pazes, logo que ele adoeceu. Agora tenho pena. Apesar de ter tido uma razão de peso. Agora já sabe tudo... mas temo ter-me portado como um tolo.

— Que pena — exclamou Aliocha — eu não saber da amizade que os unia. Tinha ido buscá-lo. Não sabe como ele o aprecia e como fala de si enquanto delira! E não conseguiu encontrar o tal cão? O pai dele e os pequenos têm-no procurado por toda a cidade. Várias vezes o tenha ouvido dizer, desde que o visito: «Estou doente papá, estou mal. É Deus que me castiga por ter morto *Jutchka!»* Creio que se se encontrasse o cão a alegria o curaria. Não conseguimos tirar-lhe o cão da cabeça. Todos confiávamos em si.

— Porquê mais em mim do que em outro? — perguntou Kolya com grande curiosidade.

— Diziam que andava à procura dele e o traria aqui. Smurov disse qualquer coisa no género. Nós temos tentado fazer Ilucha acreditar que o cão está vivo e que o viram. Os rapazes levaram-lhe uma lebre: olhou-a com um leve sorriso e pediu para a soltarem no campo. Assim fizeram. O pai trouxe-lhe há pouco um pequeno cão mastim, mas creio que ainda foi pior.

— Diga-me, Karamazov: que tal é o pai dele? Eu já o conheço, mas gostava de saber a sua opinião. Trata-se de um charlatão?

— Oh, não. Há pessoas de grandes sentimentos, mas a quem a sorte não favoreceu. As coisas que dizem então, aldrabices e gabarolices, não são mais que uma manifestação do seu ressentimento contra aqueles a quem não se atrevem a dizer a verdade, porque os humilharam e intimidaram durante anos e anos. Creia, Krassotkin, que essas charlatanices têm um fundo de tragédia. Ilucha é tudo para ele. Se morrer, ou endoidece ou se mata. Quanto mais o vejo mais me convenço disso.

— Compreendo, Karamazov. Vejo que conhece a natureza humana — disse Kolya pensativamente.

— Quando o vi com este cão julguei que era *Jutchka.*

— Espere um pouco, Karamazov, e talvez o encontremos; este é *Perezvon.* Talvez dê mais alegria a Ilucha que o mastim. Espere um bocado e saberá mais qualquer coisa. Mas agora penso que o estou a entreter! — exclamou de repente. — E o senhor sem casaco, com tanto frio! Que egoísta tenho sido! Somos todos uns egoístas, Karamazov.

— Não se preocupe. Está frio, mas nunca me constipo. Vamos entrando. E a propósito: como se chama? Sei que o seu nome é Kolya, mas nada mais.

— Nikolay, Nikolay Ivanovitch Krassotkin, ou como põem nos documentos oficiais, «filho de Krassotkin». — Kolya riu e acrescentou apressadamente: — Detesto o meu nome de Nikolay.

— Porquê?

— É tão trivial, tão vulgar...

— Tem treze anos?

— Não, catorze. Isto é, dentro em breve. Faço-os daqui a quinze dias. Quero confessar-lhe uma fraqueza, Karamazov. Mas só a si. Já que nos encontrámos quero que me fique a conhecer. Quando me perguntam a idade fico a pensar se me teriam caluniado dizendo que brinquei aos ladrões com os da preparatória. Tenho motivos para pensar que essa história tenha chegado aos seus ouvidos; mas creia que eu não brincava para meu gosto, mas sim para entreter esses miúdos que não sabiam que fazer. Há sempre alguém que vai contar estas coisas. Acredite que esta cidade é terrível para os mexericos.

— Mas há algum mal em que você brinque para se divertir?

— Brincar para me divertir? Porventura o senhor brinca aos cavalos?

— Olhe, deve levar em conta uma coisa — disse Aliocha, sorrindo. — Os adultos vão ao teatro ver representar todo o género de aventuras e heroicidades, não faltando lá os ladrões e os combates. Não é o mesmo com procedimento diferente? Nas brincadeiras das crianças existe também arte no seu estado rudimentar. Brincando despertam-se sentimentos artísticos; e às vezes as brincadeiras são muito melhores que as representações teatrais, com a vantagem de que são as crianças os próprios atores. Se é uma coisa tão natural!

— É assim que pensa? É essa a sua ideia? — perguntou Kolya olhando-o fixamente. — É um aspeto interessante que submete à minha consideração. Refletirei acerca dele. Tenho muito que aprender consigo, Karamazov — concluiu Kolya num tom de sincera admiração.

— E eu consigo — disse sorrindo Aliocha, enquanto lhe apertava a mão.

Kolya estava entusiasmado com Aliocha. O que mais o comovia era ele tratá-lo como a um igual e falar-lhe como a um adulto.

— Daqui a pouco vou mostrar-lhe uma coisa que é também representação teatral. Para isso vim.

— Vamos então entrar e ver os garotos. Pode deixar aqui o casaco porque a casa é pequena e está aquecida.

— Oh, não vale a pena tirá-lo porque ficarei pouco tempo. *Perezvon* ficará aqui na entrada, como morto. Aqui, *Perezvon!* Deita-te e finge-te morto. Vê, já está morto. Primeiro quero explorar o terreno e depois se verá.

Capítulo 5 — Junto de Ilucha

A casa do capitão Snegiryov estava nesse momento cheia de rapazes dispostos a dizer, como Smurov, que não fora Aliocha quem os levara a fazer as pazes com Ilucha. Aquele tinha tido a habilidade suficiente para os levar um a um para junto do enfermo, como por casualidade, sem sentimentalismos, nem perorações. Isso fora um grande conforto para o pobrezinho que se derretia de ternura ao receber as provas de afeto daqueles que haviam sido seus inimigos. Faltava Krassotkin, cuja ausência Ilucha sentia como um peso no coração, porque entre as suas recordações não havia nenhuma tão amarga como a da ferida que causara ao seu amigo e protetor. Assim o pensava o inteligente Smurov, que fora o primeiro a reconciliar-se com Ilucha, mas quando insinuou a Krassotkin que Aliocha gostava de o ver por qualquer motivo, aquele respondeu-lhe que dissesse a Karamazov que sabia o que fazia, que não precisava de conselhos e que iria ver Ilucha quando achasse oportuno, pois tinha razões para isso.

Isto tinha-se passado duas semanas antes desse domingo e por isso não tinha ido Aliocha buscá-lo como tencionava fazer, contentando-se com enviar-lhe mais duas vezes Smurov. No entanto, Kolya não aceitara as sugestões deste e chegara mesmo a dizer-lhe para afirmar a Aliocha que não o aborrecesse mais e que se fosse ali buscá-lo para o levar a casa de Ilucha ele não iria. Na véspera ainda Smurov ignorava que Kolya tinha marcado a sua visita para o dia seguinte. Ficou muito surpreendido quando Kolya lhe disse de repente, no sábado à noite, que iria ter com ele a sua casa para irem juntos a casa de Ilucha, mas que não anunciasse a sua visita pois queria aparecer inesperadamente. Smurov desconfiava que Kolya tinha encontrado o cão desaparecido, pois ele uma vez dissera-lhe: «É preciso serem muito burros para não encontrarem um cão, se é que ele ainda vive» e de outra vez em que ele aproveitara para lhe perguntar timidamente pelo cão, Krassotkin tinha-lhe respondido muito encolerizado: «Não sou tão estúpido que ande a procurar cães de casa em casa quando tenho um na minha! Como podes pensar que esse cão ainda viva depois de ter engolido um alfinete?»

Durante a última quinzena, Ilucha não saíra da cama colocada a um canto da casa, debaixo dos ícones. Não voltara a ir à escola depois de morder Aliocha num dedo. Nesse mesmo dia ficou doente e apesar de ao princípio poder andar pelo quarto, começou pouco a pouco a enfraquecer, até ao ponto de não se conseguir mover sem a ajuda do pai. O pobre homem inquietava-se horrivelmente. Tinha deixado de beber e enlouquecia de medo ao pensar que o filho podia morrer. Frequentemente, depois de o ter agarrado para ele andar um pouco pelo quarto, ia para o quintal e encostando a cabeça ao muro chorava perdidamente, abafando os soluços para que Ilucha o não ouvisse.

Logo a seguir fazia um esforço para voltar ao quarto e tentar divertir o filho, contando historietas e anedotas, imitando tipos cómicos que conhecia, uivando e gritando como os animais. Ilucha não podia ver o pai a fazer o papel de bobo, mas não queria mostrar-lhe o seu desgosto. No entanto, todas aquelas brincadeiras lhe traziam à memória o grito «Molho de estopa» daquele dia terrível.

Também a Nina, a gentil e frágil irmã de Ilucha, desagradavam aquelas brincadeiras do pai — Bárbara já tinha partido para estudar na Universidade de Petersburgo. — Mas a mãe, a pobre imbecil, divertia-se grandemente e batia palmeis quando o marido começava a fazer palhaçadas ou a representar qualquer coisa. Era essa a sua única distração. Fora disso era só lamentar-se e gemer, dizendo que a esqueciam e não a tratavam com respeito. Durante os últimos cinco dias, porém, tinha mudado por completo. Olhava constantemente para a cabeceira da cama do doente, como perdida nos seus pensamentos, e estava mais sossegada, mais silenciosa, até chorava silenciosamente, para que a não ouvissem. O capitão observava aquela mudança com triste perplexidade. Ao princípio irritavam-na as visitas dos estudantes, mas em breve a começaram a divertir os seus gritos alegres e conversa animada. Quando eles não apareciam mostrava-se triste. Ria e batia palmas quando contavam alguma história ou representavam alguma coisa. Smurov era o seu predileto.

A presença dos rapazes no quarto de Ilucha dava uma grande alegria ao capitão, que pensava que o filho sairia assim da sua prostração e se curaria. Por muita preocupação que lhe inspirasse o estado do filho nunca duvidou um momento, até ao fim, de que ele se curaria.

Recebia os pequenos com carinho, atendia os seus menores desejos, consentia que lhe trepassem para as costas e andava a fazer de burro de

carga de todos eles. Mas Ilucha não gostava dessas brincadeiras e deixaram de as fazer. Comprava-lhes guloseimas, pão de gengibre e nozes; servia-lhes chá e preparava-lhes sanduíches. É verdade que não lhe faltava dinheiro, pois como Aliocha previra aceitara os duzentos rublos de Catalina Ivanovna, que ao ter conhecimento da situação daquela família e da doença do pequeno, tinha ido visitá-los, conseguindo fascinar a pobre tola. Desde então tinha-se mostrado pródiga com aquela família necessitada, e o capitão, a quem horrorizava a ideia de que o filho poderia morrer, engoliu o seu orgulho e aceitou aquele auxílio.

Por encargo de Catalina Ivanovna, recebiam todos os dias, pontualmente, a visita do doutor Herzenstube, mas nada haviam conseguido as drogas que ele receitava ao doentinho. Nessa manhã esperava-se a visita de outro médico chegado de Moscovo, onde gozava de grande reputação. Catalina Ivanovna tinha-o chamado, sem olhar a despesas, não para observar expressamente Ilucha, mas já que se encontrava ali pediu-lhe que o fosse ver também. O pai do doente tinha sido prevenido de antemão. O capitão não tinha a menor suspeita de que fosse a sua casa Kolya Krassotkin, se bem que desejasse muito a visita desse rapaz por quem o filho suspirava.

Quando Krassotkin entrou no quarto o capitão e os rapazes rodeavam a cama de Ilucha, contemplando o pequeno cão que, nascido na véspera, já tinha sido prometido há uma semana para tentar consolar e alegrar o pequenito, que continuava perturbado com o pensamento de *Jutchka,* perdido ou talvez morto. Ao saber três dias antes que iria ter um cachorro — e um cachorro de mastim, que era o mais importante — o rapazinho fingira mostrar-se alegre, por delicadeza, mas todos repararam que a notícia da oferta do cãozinho não lhe produzira outro efeito senão o de aumentar a dolorosa recordação do animal que tinha morto. O cachorro movia-se debilmente ao lado do doente e este sorria tristemente alisando-lhe o pelo com a carícia da sua mão branca e esquelética. Claro que gostava do cachorro, mas... não era *Jutchka;* se tivesse os dois sentir-se-ia completamente feliz.

— Krassotkin! — gritou de súbito um dos rapazes ao ver Kolya.

A entrada deste produziu grande sensação. Todos se afastaram para um lado e para o outro para que o recém-chegado pudesse ver Ilucha, e o capitão precipitou-se ao seu encontro dizendo atropeladamente:

— Tenha a bondade de entrar... seja bem-vindo! Ilucha, é o senhor Krassotkin que vem ver-te!

Krassotkin apertou-lhe a mão e em seguida deu mostras de um perfeito conhecimento das regras de urbanidade. Dirigiu-se primeiro que tudo à mulher do capitão, que sentada na sua cadeira resmungava porque os rapazes não a deixavam ver o cachorro; com muita delicadeza inclinou-se diante dela, unindo os pés e voltando-se depois para Nina repetiu a mesma inclinação. Tão gentil comportamento impressionou favoravelmente a desvalida senhora.

— Vê-se logo quem tem educação — comentou em voz alta, agitando as mãos. — Que diferença destes que entram aqui em casa uns por cima dos outros.

— Que dizes, mãezinha, uns por cima dos outros? Como é isso? — murmurou afetuosamente o capitão, mas um pouco inquieto por ela.

— É assim que entram, a correr. Saltam para cima das costas uns dos outros e entram a fazer cabriolas numa casa respeitável. Que hóspedes tão estranhos!

— Mas como é que entram assim, mãezinha!

— Um rapaz salta para cima das costas do outro e depois outro...

Kolya estava já ao lado de Ilucha que, empalidecendo, se sentara sozinho, olhando-o com intensidade. Kolya, que não o via há dois meses, impressionou-se dolorosamente, pois não imaginara encontrar aquela carita fina e amarelenta, com uns olhos tão brilhantes de febre. Observou com tristeza a respiração difícil e arquejante de Ilucha, cujos lábios estavam secos. Aproximou-se dele, estendeu-lhe a mão e com grande perturbação disse:

— Bem, homem, como estás? — Mas a voz apagou-se e ele não foi capaz de manter a sua aparência de tranquilidade; os seus olhos enevoaram-se e as comissuras dos lábios tremeram-lhe.

Ilucha sorriu timidamente, sem poder articular palavra e Kolya ergueu instintivamente a mão e acariciou-lhe os cabelos.

— Não importa! — murmurou para si tratando de se animar, sem saber bem porquê.

Estiveram calados coisa de um minuto.

— Olá, vejo que tens um cachorro! — disse de repente Kolya com voz metálica.

— Si...m — respondeu Ilucha com voz sumida.

— Focinho negro! — disse Kolya. — Isto augura ferocidade. Vai ser um bom guarda — murmurou Kolya como um estúpido a quem nesse momento só interessasse o nariz preto do cãozinho. Mas tinha de fazer um enorme esforço para se dominar e não começar a chorar como uma criança. — Quando crescer terão de o prender a uma corrente.

— Vai ser um cão enorme! — comentou um dos rapazes.

— Sim, creio que será... Um mastim... um canzarrão...

— Grande como um bezerro, um verdadeiro bezerro — repetiu o capitão. — E escolhi propositadamente um dos mais ferozes e os pais são enormes e do mais feroz... Sente-se aqui, na cama de Ilucha, ou aí, no banco. Seja bem-vindo a nossa casa... Há muito que o esperávamos... Dignou-se vir com Alexey Fedorovitch?

Krassotkin sentou-se aos pés de Ilucha. Vinha preparado para iniciar a conversa com um preâmbulo, mas tinha perdido o fio às ideias.

— Não... Vim com *Perezvon,* o meu novo cão. *Perezvon*, um cão de nome eslavo. Está lá fora... se eu assobiasse vinha logo a correr. Lembraste de *Jutchka,* Ilucha?

A cabecita do doente tremeu como se tivesse apanhado uma pancada e ele olhou Kolya com uma expressão de angústia indescritível. Da porta, Aliocha fazia sinal a Kolya que não convinha recordar *Jutchka,* mas o rapaz não o viu ou fingiu não o ver.

— Onde está *Jutchka*? — perguntou Ilucha com voz trémula.

— *Jutchka* desapareceu e não se pode pensar mais nele.

Ilucha não respondeu, mas os seus olhos fixaram-se ansiosamente em Krassotkin. Aliocha fazia sinais desesperados a Kolya, mas este afastou o olhar, fingindo não dar por isso.

— Deve ter corrido até cair morto em qualquer parte. Depois daquele almoço! — continuou desapiedadamente Kolya, apesar de respirar com custo. — Mas trouxe comigo *Perezvon,* um nome eslavo. Trouxe-o para to mostrar.

— Não quero vê-lo! — disse de repente Ilucha.

— Deves vê-lo... vai divertir-te! Para isso o trouxe... Tem o pelo eriçado como o outro... Permite-me que chame o meu cão, senhora? — perguntou, dirigindo-se à dona da casa com uma agitação inexplicável.

— Não o quero! Não o quero! — gritou Ilucha com uma voz aflita e um olhar desesperado.

— Seria melhor — murmurou o capitão levantando-se da arca em que se encontrava sentado — seria melhor deixar para outra vez.

Mas Kolya não pôde conter-se mais. Ordenou a Smurov que abrisse a porta e soltou um assobio. *Perezvon* entrou como uma flecha.

— Para cima, *Perezvon,* mendiga, mendiga! — gritou Kolya levantando-se, e o cão ergueu-se sobre as patas traseiras e aproximou-se assim de Ilucha.

O que se seguiu deixou todos surpreendidos. Ilucha estremeceu e, inclinando-se violentamente sobre *Perezvon,* gritou com alvoroço:

— É *Jutchka!*

— Pois que julgavas tu? — exclamou Kolya cheio de felicidade. E pegando no cão colocou-o junto de Ilucha. — Olha, rapaz, vês? Zarolho e com a orelha esquerda rasgada. Os sinais que tu me deste. Por isso o encontrei, e bem depressa. Não tinha dono — disse voltando-se vivamente para o capitão, para a mulher, para Aliocha e novamente para Ilucha. — Vivia no curral de Fedotov. Refugiou-se ali, mas ninguém cuidava dele. Era um cão vadio, desses que perdem o dono e se extraviam na cidade... Encontrei-o... bem vês que não comeu o pão que lhe deste! Deve-se ter picado com a agulha, por isso uivou. E com razão para isso porque a boca dos cães é muito delicada... mais que a dos homens... muito mais! — Falava com impetuosidade e tinha no rosto uma expressão de grande alegria.

Ilucha, mudo de emoção, pálido como um cadáver, olhava Krassotkin de boca aberta e com os olhos saídos das órbitas. Este, não suspeitava como poderia ser fatal para a saúde do doente aquilo que fizera. Só Aliocha o pensava. Quanto ao capitão parecia uma criança.

— *Jutchka!* É *Jutchka!* — repetia com entusiasmo. — É *Jutchka,* mãezinha, é *Jutchka!* — E estava prestes a chorar.

— E eu que não o adivinhei! — exclamou Smurov, desgostoso pela sua pouca perspicácia. — Bravo, Krassotkin, dizias que encontrarias o cão e encontraste.

— Encontrou-o! — gritou outro rapaz.

— É um valente! Viva! Viva! — E começaram a bater palmas.

— Quietos, quietos — ordenou Krassotkin. — Vou contar-lhes o que se passou. Encontrei o cão, levei-o para minha casa e tive-o escondido sem o mostrar a ninguém até agora. Só Smurov o viu, há uns dias, mas eu disse-lhe que o cão se chamava *Perezvon* e ele não desconfiou de nada. Já

veem do que sou capaz! Dei-me ao trabalho de o ensinar para o trazer aqui em melhores condições, um cão educado, do qual eu pudesse dizer ao apresentá-lo: «Olha, homem, que fino é agora o teu *Jutchka!* Se têm um bocado de carne ele vai mostrar as graças que sabe fazer e fá-los-á morrer de riso. Não têm?»

O capitão precipitou-se para a cozinha e para não perder um tempo precioso Kolya gritou de repente a *Perezvon:* «Morto!» E o animal deu duas voltas sobre si mesmo, deitou-se de costas e ficou com as quatro patas para o ar. Os meninos riam à gargalhada. Ilucha olhava com o mesmo sorriso de sofrimento e a mãe era a que se mostrava mais divertida, rindo e fazendo estalar os dedos para o chamar: *«Perezvon! Perezvon!»*

— Nada o fará levantar, nada! — disse Kolya, satisfeito com o seu êxito. — Não se levantará a não ser que eu o chame. *Ici, Perezvon*! — O cão deu um salto e levantou-se, agitando alegremente a cauda.

O capitão entrou com um bocado de carne assada.

— Está quente? — apressou-se a dizer Kolya com ar de homem entendido. — Os cães não gostam de coisas quentes. Não, está bem. Olhem todos, olha, Ilucha, por que não olhas? Agora que eu o trouxe não quer olhar.

A brincadeira consistia em fazer com que o cão permanecesse imóvel, com o focinho para o ar, enquanto o dono lhe punha a carne mesmo junto do nariz. O infeliz tinha que estar assim durante todo o tempo que o dono quisesse, sem fazer o menor movimento, ainda que fosse por meia hora. Mas dessa vez a prova durou pouco.

— Toma! — ordenou Kolya; e o cão engoliu a carne num abrir e fechar de olhos. Os presentes manifestaram entusiasmo e surpresa.

— Mas é possível que tenha tardado tanto em vir aqui por causa do cão? — perguntou Aliocha num certo tom de recriminação involuntária.

— Apenas por isso — replicou Kolya com sinceridade. — Queria mostrá-lo em toda a sua glória.

— *Perezvon! Perezvon!* — chamou Ilucha fazendo estalar os seus fracos dedos.

— Como? Manda-o subir para a cama. *Ici, Perezvon!* — gritou Kolya batendo no cobertor.

O cão brincou com Ilucha, que o abraçou enquanto ele lhe lambia as faces.

— Meu filho! Meu filho! — exclamou o capitão.

Kolya sentou-se aos pés da cama.

— Ilucha, vou mostrar-te outra coisa. Lembras-te que te falei de um canhão que me disseste gostarias muito de ver? Trouxe-o. Olha.

E tirou da mala o brinquedo de bronze. Noutra ocasião teria esperado que acalmasse a excitação provocada pelas habilidades do cão, mas naquela altura ele próprio estava excitado e ansiava por se mostrar generoso.

— Há muito tempo que cobiçava este objeto; é para ti. Era de Morozov, a quem o pai lho tinha dado. Não lhe servia para nada. Troquei-o. Troquei-o por um dos livros que tenho em casa: *Um Parente de Mahoma ou Loucura Saudável,* um livro escandaloso publicado em Moscovo há um século, antes de haver censura. Morozov gosta desses livros. Ainda por cima me agradeceu...

Kolya segurava o brinquedo numa das mãos de modo que todos pudessem vê-lo e admirá-lo. Ilucha sentou-se sem ajuda e ainda agarrado ao cão, contemplou-o encantado. Kolya disse que também tinha pólvora e se não fosse por assustar as senhoras podiam dispará-lo. Mostrou a pólvora e as balas. A «mãezinha» pediu para ver o canhão de mais perto e colocou-o sobre a saia, fazendo-o rodar. O capitão, como militar, ofereceu-se para fazer disparar o canhão. Pôs-lhe uma pequena quantidade de pólvora e disse que era melhor deixar as balas para outro dia. Colocou o canhão no chão, apontou para um espaço livre e acendeu a extremidade da mecha. Seguiu-se uma magnífica explosão. A «mãezinha» apanhou um susto, mas depois riu. Os garotos olharam-se com triunfal assombro; mas o capitão, com os olhos fitos no filho, estava radiante como ninguém. Kolya pegou no canhão e ofereceu-o a Ilucha com balas e pólvora.

— É para ti, para ti; há tempo que o tenho guardado! — declarou cheio de satisfação.

— Oh, dá-mo a mim! Dá-mo a mim! — pedia a mãe com uma teimosia de criança. E havia na sua expressão um tal receio de que não lhe fizessem a vontade que Kolya ficou desconcertado. O capitão correu para junto da mulher.

— O canhão é teu, mãezinha, mas deixa que Ilucha fique com ele, pois foi presente do amigo. Mas é o mesmo que fosse para ti. É dos dois, dos dois!

— Não, não quero que seja dos dois. Quero que seja só meu — respondia a mãe, quase a chorar.

— Toma, mamã, aqui o tens! — gritou Ilucha. — Krassotkin, posso dá-lo à minha mãe? — perguntou, olhando para Kolya com olhos implorantes, com receio de que ele se ofendesse.

— Sim, dá-lho — assentiu animosamente Kolya. E tirando ele mesmo o canhão das mãos de Ilucha foi entregá-lo à mãe, diante de quem se inclinou delicadamente. A infeliz mulher comoveu-se tanto que começou a chorar.

— Ilucha, querido, o único que gosta da sua mãezinha! — gemia ela, pondo-se em seguida a rodar o canhão de um lado para o outro.

— Deixa-me beijar-te as mãos, mãezinha! — disse o capitão, correndo para a mulher e beijando-lhe as mãos.

— E nunca vi um rapaz tão encantador, tão fino! — dizia a agradecida mulher, olhando para Krassotkin.

— Hei de trazer-te a pólvora que queiras, Ilucha. Agora somos nós mesmos que a fazemos. Borovikov descobriu a fórmula: vinte e quatro partes de salitre, dez de enxofre e seis de carvão. Pisa-se bem e mistura-se com água a formar pasta, depois passa-se por uma peneira e pronto.

— Smurov já me falou da vossa pólvora, mas meu pai diz que não é a verdadeira pólvora — respondeu Ilucha.

Kolya corou.

— Não é verdadeira? Não sei. Queima bem.

— Bem, não era bem isso — declarou o capitão, aflito. — Disse que a verdadeira pólvora não se fabricava assim, mas isso não tem importância, também se pode fazer assim.

— O senhor sabe isso melhor do que eu. Nós incendiámos um bocado numa caçarola e ardeu bem, deixando apenas cinza; e estava grosseiramente preparada, pois se a tivéssemos passado por... mas o senhor sabe melhor, melhor do que... E o pai de Bulkin bateu-lhe porque tínhamos feito pólvora, sabes? — concluiu, dirigindo-se agora a Ilucha.

— Sim — respondeu o doente que ouvia com imenso interesse e satisfação.

— Preparámos uma garrafa que ele guardou debaixo da cama. O pai encontrou-a e aborrecido com medo que ela rebentasse, bateu-lhe e foi queixar-se de mim aos professores. Agora está proibido de andar comigo. Todos o estão, até Smurov. Parece que só o meu nome produz assombro.

Dizem que sou um suicida. Tudo provém daquilo que se passou na via férrea.

— Já ouvimos falar nessa sua façanha — gritou o capitão. — Como se atreveu a fazer aquilo? Não teve medo de estar debaixo do comboio?

— Isso não teve importância — respondeu Kolya. — O que prejudicou mais a minha reputação foi a história do ganso — disse, voltando-se outra vez para Ilucha e tentando retomar o seu tom de superioridade que obstinadamente lhe escapava.

— Oh, já sei — disse Ilucha, rindo, radiante de alegria. — Contaram-me, mas eu não percebi bem. Por que é que te levaram ao juiz?

— Por uma coisa estúpida e trivial; fazem sempre uma montanha de um grão de areia — começou Kolya, como se não desse importância à aventura. — Um dia passeava eu pela praça no momento em que acabavam de trazer uns gansos. Parei a observá-los e pouco depois aproximou-se de mim um empregado da loja de Plotnikov que me disse: «Por que estás a olhar para esses gansos?» Olhei para ele e vi que era um rapaz de uns vinte e seis anos com uma cara de lua cheia e expressão idiota. Bem sabes que estou sempre ao lado do povo e que gosto de falar com os camponeses... é esse o meu credo. Ri-se, Karamazov?

— Não, Deus me livre — respondeu Karamazov num tom de ingénua bondade.

Kolya reanimou-se e disse apressadamente:

— A minha teoria, Karamazov, é clara e simples: creio no povo e estou sempre disposto a conceder-lhe o que merece, não sou partidário de que o explorem. Esta é uma condição *sine qua non*... Mas voltemos aos gansos. Respondi àquele idiota que estava a refletir na maneira de pensar que teriam os gansos. Olhou-me estupidamente: «E em que hão de pensar os gansos?», perguntou. «Vê esse carro carregado de aveia?», perguntei-lhe. «Aquele ganso mete o pescoço por baixo da roda para apanhar os grãos. Não vê?» «Vejo perfeitamente», respondeu ele. «Pois se o carro se mover um pouco corta-lhe o pescoço, não achas?» «Com certeza que corta», respondeu o moço com a cara resplandecente de alegria. «Podemos fazer a experiência.» «Não será difícil!», disse então eu. O rapaz estava atrás do cavalo e ninguém o via, o dono dos gansos falava com umas pessoas, um pouco afastado. Eu não tinha nada a fazer pois o ganso comia tranquilamente os grãos de aveia, com a cabeça metida debaixo da roda do carro. Pisquei o olho ao rapaz, ele puxou a rédea do cavalo e craque, o

pescoço do ganso ficou partido em duas metades. A casualidade fez com que uns camponeses nos vissem nessa altura e começassem a gritar: «Foi de propósito! Fê-lo de propósito!» «Mentira, não foi de propósito! Foi sem querer!» «Levem-no ao juiz de paz!», continuaram. Levaram o rapaz e levaram-me também a mim. «Tu estavas lá e também ajudaste!», diziam. «Todos no mercado te conhecem!» E realmente é verdade que todos no mercado me conhecem, não sei porquê! — acrescentou Kolya com orgulho. — Fomos todos levados ao juiz, incluindo o ganso morto. O rapaz chorava e balbuciava como uma mulher. O juiz solucionou o assunto num instante, condenando-o a pagar um rublo ao dono do ganso e admoestando-o para que não reincidisse. O rapaz começou a chorar desabaladamente como uma mulherzinha: «Não fui eu, foi este que me sugeriu aquilo.» E apontava para mim. Defendi-me com a maior serenidade, dizendo que não fora eu que o impelira a fazer fosse o que fosse e que apenas falara em hipóteses. O juiz da paz sorriu e arrependeu-se de sorrir, dizendo que ia queixar-se aos meus professores de que eu perdia o tempo a expor hipóteses em vez de estudar. Ele disse-o a brincar, pois não se queixou, mas outros já se encarregaram de o fazer. Vocês sabem que os professores têm as orelhas muito grandes. Kolbasnikov aborreceu-se comigo, mas Dardanelov perdoou-me outra vez. Sabem que Kolbasnikov se casou? Pescou um dote de mil rublos e a mulher dele é um espantalho do mais elevado em estatura e do mais baixo em condição. hás de rir-te! Os do terceiro ano fizeram-lhe um epigrama que começa assim:

A classe, espantada, soube de um portento:
Kolbasnikov, trocado por um jumento!

Hei de trazer-to. Quanto a Dardanelov, nada tenho a dizer. É um homem de muito saber, não há dúvida. Respeito os homens como ele e não é porque ele me aprecie.

— Mas venceste-o na questão de Troia! — observou Smurov, orgulhoso de Krassotkin e como recompensa de ele ter contado a história dos gansos.

— Venceu-o realmente? — disse o capitão que não sabia como mostrar o seu contentamento. — Foi a respeito de quem tinha fundado Troia, não foi? Ilucha contou-me qualquer coisa acerca disso, na altura.

— Ele sabe tudo, papá — interrompeu o doentinho. — Sabe muito mais que nós. Quer mostrar que não, mas tem conhecimentos sobre tudo.

Ilucha olhava para Kolya com uma grande felicidade.

— Oh, isso de Troia é um disparate, não tem importância — disse Kolya com altiva modéstia. Tinha recuperado toda a sua dignidade, mas ainda lhe restava uma certa inquietação. Via-se que estava demasiadamente excitado e tinha contado a história dos gansos sem a sua habitual clareza.

Aliocha continuava calado e o vaidoso Kolya receava que esse silêncio dele significasse desprezo por ele se manifestar de mais.

— Eu considero essa questão como uma coisa completamente supérflua — repetiu com orgulho.

— Eu sei quem fundou Troia! — disse de repente um rapaz que até aí ainda não tinha aberto a boca, com grande surpresa de todos. Era uma criança bonita, calada e circunspecta. Tinha onze anos e chamava-se Kartashov. Estava sentado perto da porta. Kolya olhou-o quase com assombro.

O nome dos fundadores de Troia era um mistério para todos os rapazes da escola, porque só podiam descobri-lo lendo Smaragdov, livro que apenas Krassotkin possuía. Mas um dia, quando este voltou costas, Kartashov abriu à pressa a história desse autor, que se encontrava entre os livros de Kolya, e leu rapidamente o parágrafo relativo à fundação de Troia. Isto já se tinha passado há bastante tempo, mas o rapaz receava dizer que também sabia quais tinham sido os fundadores de Troia, com medo do que pudesse suceder e temendo especialmente que Krassotkin o envergonhasse perguntando-lhe qualquer coisa.

— Bem, então quem foi? — perguntou Kolya, que percebendo na cara do garoto que ele sabia, resolveu aproveitar aquela ocasião com vantagem para si.

— Troia foi fundada por Teucer, Dardano, Ilio e Tros — disse o rapazinho aos tropeções, corando tão violentamente que fazia pena olhar para ele. Mas os outros rapazes olhavam-no intensamente, voltando depois os seus olhares para Kolya, que continuava a observar o atrevido com ar desdenhoso.

— Mas em que sentido foram eles os fundadores? Julgas que cada um colocou uma pedra? Que fizeram?

O interpelado passou de roxo a lívido. Calou-se e teve bastante dificuldade em conter as lágrimas. Kolya deixou-o em suspenso durante um bocado.

— Antes de falar em sucessos históricos como a fundação de uma nacionalidade, é preciso saber o que se entende por isso — admoestou em tom severo e mordaz.

— Mas eu dou pouco valor a essas histórias da carochinha, nem me interessa grandemente a história universal.

— A história universal? — perguntou o capitão, escandalizado.

— Sim. A história universal não é mais do que a narração das sucessivas loucuras da humanidade. Sinto respeito apenas pelas ciências matemáticas e naturais — disse Kolya. Pensava que talvez estivesse a exceder-se e com o olhar consultou Aliocha, o único cuja opinião receava.

Aliocha continuava calado e sério como sempre. Se tivesse dito uma palavra tê-lo-ia reduzido ao silêncio. Mas Aliocha calava-se — o silêncio dele podia ser o do desdém — e isso irritou Kolya.

— Com os idiomas clássicos passa-se o mesmo. Não são mais que loucuras. Parece que não concorda com o que eu digo, Karamazov.

— Bem, não estou de acordo — respondeu Aliocha sorrindo gentilmente.

— O estudo dos clássicos, se quer saber a minha opinião, é uma simples medida de polícia; meramente por isso foi ele introduzido nas nossas escolas. — E Kolya pouco a pouco voltou a respirar calmamente. — O latim e o grego ensinam-se porque são uma grande carga e embotam a inteligência. Dantes o estudo era difícil? Pois era preciso pensar em qualquer coisa que o fosse ainda mais. E introduziu-se o latim e o grego. Esta é a minha opinião e não espero modificá-la — concluiu bruscamente. As suas faces pareciam duas brasas.

— E é verdade! — exclamou convictamente Smurov que tinha escutado Kolya com toda a atenção.

— E diz isso sendo ele o primeiro em latim! — disse então um dos rapazes.

— Sim, papá — repetiu Ilucha. — Fala assim e é o melhor aluno em latim.

— E isso que tem? — defendeu-se Kolya saboreando o elogio. — Aplico-me no estudo do latim porque não tenho outro remédio, porque prometi à minha mãe que faria os meus exames e porque acho que se é

preciso fazer as coisas, devem fazer-se bem feitas. Mas no fundo sinto um grande desprezo pelos clássicos e por todos os seus enganos... Não lhe parece, Karamazov?

— Essa dos enganos! — murmurou Aliocha, sorrindo.

— Sim, todos os clássicos foram traduzidos para os diferentes idiomas, de modo que não é necessário aprender-se o latim para os ler. Sendo assim para que se introduziu nas nossas escolas o ensino do latim? Apenas para embotar a inteligência. Não será isso um engano?

— Mas onde foi buscar essas ideias? — disse por fim Aliocha, manifestando a sua surpresa.

— Em primeiro lugar sou capaz de pensar por conta própria sem necessidade de que me digam o que devo pensar. Mas quanto às traduções dos clássicos, o professor Kolbasnikov disse isto mesmo a todos os alunos do terceiro ano.

— Aí está o médico! — gritou de súbito Nina.

Com efeito a carruagem da senhora Hohlakov tinha parado à entrada da rua e o capitão, que estava à espera do médico, saiu a correr para o ir receber. A «mãezinha» ergueu-se, procurando adotar um ar digno, enquanto Aliocha foi à cabeceira da cama do doente e lhe arranjou as almofadas. Nina imitava-o, alisando as cobertas na sua cadeira de inválida. Os rapazes despediram-se precipitadamente, prometendo alguns voltar à tarde. Kolya chamou *Perezvon* que saltou da cama.

— Eu não me vou embora — disse para o doente. — Vou para o quintal com *Perezvon* e voltarei depois do médico sair.

Mas o médico já tinha entrado. Era um senhor de aspeto grave, com grandes e bem cuidadas patilhas, envergando um pesado sobretudo de cabedal. Ao chegar à porta da casa parou perplexo e deu um passo para trás como se pensasse: «Que é isto? Devo ter-me enganado!» E não se decidia a tirar nem o sobretudo nem o chapéu, certo de se ter enganado na direção. Aquele tropel de rapazes, a roupa que estava estendida a um canto do quarto, o aspeto de miséria que tudo aquilo apresentava, deixou-o confuso. O capitão teve de se inclinar todo diante dele enquanto dizia, quase a chorar:

— É aqui, senhor, é aqui. Somos nós quem o senhor doutor procura...

— Snegiryov? — pronunciou pomposamente o doutor. — O senhor é Snegiryov?

— Sou, sim senhor!

— Ah!

O médico dirigiu um olhar de nojo a toda a casa e tirando a peliça sem ver onde a pudesse colocar, atirou-a sem ver para onde. O capitão apanhou-a no ar e o médico, tirando o chapéu, perguntou enfaticamente:

— Onde está o doente?

Capítulo 6 — Precocidade

— O que acha que dirá o médico? — perguntou vivamente Kolya. — Que cara tão antipática, não é verdade? Não posso suportar os médicos.

— Ilucha está a morrer. Creio que não há remédio — respondeu Aliocha com tristeza.

— São uns patifes! A medicina é uma fraude!... Estou muito contente por o ter conhecido, Karamazov. Há muito tempo que o desejava. Só lamento que tenha sido nestas circunstâncias.

Kolya era muito propenso à cordialidade e à efusão. Mas nessas alturas sentia-se embaraçado. Ao reparar nisso Aliocha sorriu e apertou-lhe as mãos.

— De há muito que aprendi a estimá-lo como um ser excecional — murmurou ainda Kolya, vacilante, desconcertado. — Sabia que o senhor era um místico e estava no mosteiro, mas... isso não importava. O contacto com a vida real o curará... Acontece sempre isso com um caráter como o seu.

— Mas que entende o senhor por místico? De que hei de curar-me? — perguntou Aliocha, muito admirado.

— Oh!... Deus e tudo o mais...

— Como? Não acredita em Deus?

— Oh! Não tenho nada contra Deus! Claro que Deus é uma mera hipótese, mas... admito que seja necessário... para a ordem do universo e tudo o que... e se não existisse tinham de o inventar — acrescentou.

E ficou muito vermelho ao pensar que Aliocha poderia julgar que ele só queria demonstrar os seus conhecimentos e provar que era um rapaz muito instruído. «Não tenho o menor desejo de lhe mostrar a minha cultura», pensou um pouco desalentado.

— Confesso que estas discussões me aborrecem — disse como conclusão. — É possível não acreditar em Deus e amar a humanidade, não lhe parece? Voltaire não acreditava em Deus e amava os homens. — «Já estamos na mesma!», pensou para si.

— Penso que Voltaire acreditava em Deus, se bem que não muito; também não acredito que amasse muito mais a humanidade — respondeu com singeleza e suavidade Aliocha, como se se dirigisse a um igual ou a uma pessoa mais velha. Kolya ficou contrariado por uma opinião tão oposta à sua. Por sua vontade teria imediatamente abandonado aquele assunto em que julgava ter os pés tão bem assentes. — Leu Voltaire? — perguntou Aliocha.

— Não posso dizer que o tenha lido. Li *Candide* numa tradução absurda, grotesca, antiga...

— E percebeu-o?

— Sim, todo... isto é... Por que acha que eu não o possa ter percebido? Claro que há uma série de obscenidades. Mas compreendi antes de mais que se trata de uma novela filosófica escrita em favor de uma ideia... — Kolya notava que estava a perder terreno. — Eu sou socialista, sabe, socialista impenitente — disse bruscamente, num tom intempestivo.

— Socialista? — riu Aliocha. — Mas estará em idade de o ser? Porque só tem treze anos, não é verdade?

Kolya vacilou.

— Em primeiro lugar não tenho treze anos, mas sim catorze. Fá-los-ei dentro de quinze dias — respondeu ofendido no seu amor-próprio. — E em segundo lugar acho que a idade não tem importância nenhuma. O essencial é saber quais são as minhas convicções e não qual é a minha idade.

— Mais tarde virá a compreender a influência da idade nas convicções. De resto acho que não exprime as suas próprias ideias — respondeu Aliocha com grande serenidade e modéstia.

Kolya interrompeu-o com calor.

— O senhor é partidário da obediência e do misticismo. Admite sem dúvida, que a religião católica, por exemplo, serve unicamente para que o rico e o poderoso possa submeter à escravidão a classe humilde. Não é verdade?

— Ah, sei onde leu isso e tenho a certeza de que alguém lho disse.

— Que o leva a pensar que o li? Ninguém mo disse. Posso pensar por conta própria... Não sou inimigo de Cristo... não o creia. Era uma pessoa cheia de bondade e se vivesse hoje em dia iríamos encontrá-lo nas fileiras revolucionárias ou até mesmo dirigindo-as... Sobre isso não restam dúvidas.

— Mas onde, onde foi buscar isso? Com que louco tem convivido? — perguntou Aliocha.

— Vamos, diga-se a verdade! Acontece que tenho falado frequentemente com o senhor Rakitin, sim; mas... o velho Byelinsky também disse isso, segundo consta.

— Byelinsky? Não tenho presente. Escreveu isso em algum sítio?

— Se o não escreveu dizem pelo menos que o dizia. Ouvi-o a... mas não importa.

— E leu Byelinsky?

— Não... não o li todo, mas... li a passagem onde ele expõe as razões que Tatyana tem para não fugir com Onyegin.

— Para não fugir com Onyegin? Mas certamente não compreendeu bem...

— Mas está a tomar-me por essa criança que é Smurov? — disse Kolya com um gesto de irritação. — Tenha a bondade de não me julgar um revolucionário. Não estou de todo de acordo com o senhor Rakitin e embora fale de Tatyana estou muito longe de admitir a emancipação da mulher. Acho que a mulher é inferior e deve obedecer. *Les femmes tricottent,* como dizia Napoleão. — Kolya achou conveniente sorrir. — Quanto a isso sou da opinião desse pseudo-grande-homem. Também acho que abandonar o país para ir para a América é mais do que baixeza. Para quê ir para a América quando se pode prestar serviço à humanidade na terra natal? Especialmente agora, que se abre um imenso e frutífero campo à nossa atividade. Foi isso o que eu respondi.

— Não compreendo. Respondeu a quem? Aconselharam-no a ir para a América?

— Devo confessar que me propuseram isso, mas recusei. Isto fica entre nós, não é verdade, Karamazov? Nem uma palavra a ninguém. Não tenho vontade nenhuma de cair nas garras da polícia secreta nem de receber lições na Ponte das Cadeias.

Tristes recordações deixará na tua alma
A casa da Ponte das Cadeias.

Recorda-se? É magnífico! De que se ri? Julga que minto? — «Só falta que descubra que já não possuo esse número de *O Sino* que se encontrava entre os livros de meu pai», pensou Kolya tremendo.

— Não, nem troço, nem sequer me lembrei de pensar que esteja a mentir. Não posso supor tal coisa porque infelizmente tudo isso é verdade... Mas diga-me: leu Pushkin, o *Onyegin* por exemplo? Ainda há pouco falava de Tatyana.

— Não, ainda não o li, mas quero lê-lo. Sou um homem sem preconceitos Karamazov; quero ouvir ambas as partes. Por que pergunta?

— Oh, por nada.

— Diga-me, Karamazov, inspiro-lhe um grande desprezo? — perguntou repentinamente. — Peço-lhe que me fale com toda a franqueza.

— Se o desprezo? Mas porquê? — perguntou Aliocha olhando-o intrigado. — Só me custa ver uma bela alma como a sua já envenenada por tão rudes suspeitas.

— Não se preocupe com a minha alma — respondeu Kolya com uma certa complacência. — Mas a verdade é que sou desconfiado, estupidamente desconfiado até à crueldade. E como o vi sorrir, pensei...

— O meu sorriso era motivado por uma coisa muito diferente. Vai já saber porque sorria. Há pouco tempo li uma crítica feita por um alemão que visitou o nosso país, a respeito do estudante russo de hoje em dia. «Ponham nas mãos de um estudante russo», escreveu ele, «um mapa das constelações, que ele ignora em absoluto, e no dia seguinte devolverá o mapa corrigido e aumentado.» Poucos conhecimentos e muita presunção, quis dizer com isso o alemão.

— Sim, é exato, completamente certo! — gritou Kolya, desatando a rir. — Bravo para o alemão! Mas não viu o lado bom, não lhe parece? De facto há presunção, sim, mas é própria da juventude e pode corrigir-se se for preciso; mas outro lado possuímos um espírito de independência quase desde a infância, liberdade de pensamento e convicção de ideias, e não o espírito desses fabricantes de salsichas que se arrastam perante a autoridade... De qualquer modo acho que o alemão tem razão. Bravo! Mas é necessário estrangular todos os alemães. Por muito sábios e inteligentes que sejam devem ser estrangulados.

— Porquê estrangulá-los? — perguntou, sorrindo, Aliocha.

— Bem, talvez diga parvoíces, concordo. Às vezes sou terrível como uma criança e quando sinto capricho por qualquer coisa não consigo contentar-me e quero tudo de uma vez. Mas estamos para aqui a conversar sobre coisas sem importância e o médico nunca mais se vai embora. Talvez esteja também a examinar a mãe e a pobre paralítica. Sabe que me

é simpática essa Nina. Quando há pouco passei ao lado dela perguntou-me com uma certa recriminação: «Por que não vinha antes?» Parece-me muito discreta e romântica.

— Sim, sim. Se vier mais vezes ficará a conhecê-la melhor. Ser-lhe-á de grande utilidade visitar pessoas como estas — observou Aliocha com entusiasmo. — Isso o ajudará mais que tudo para uma feliz transformação.

— Que pena tenho de não ter vindo há mais tempo! — disse Kolya com amargura.

— Sim é muita pena. E viu a alegria que o pobre menino sentiu! E como ele ansiava por o ver!

— Não me diga isso! Faz-me sofrer. Mas mereço-o. O meu orgulho fez retardar esta visita, com uma vaidade egoísta e uma brutal obstinação de que não consigo libertar-me, mesmo que lute contra ela toda a vida. Reconheço que sobre muitos pontos de vista sou um animal, Karamazov.

— Não, tem caráter simpatiquíssimo se bem que um pouco torcido e compreendo perfeitamente que exerça tão grande influência sobre os pequenos, principalmente sobre Ilucha, que tem um coração generoso e excessivamente sensitivo — replicou Aliocha com efusão.

— E é o senhor que me diz isso? — gritou Kolya. — E eu que pensava, tendo-o pensado muitas vezes desde que aqui cheguei hoje, que o senhor me desprezava! Se soubesse como a sua opinião é preciosa para mim!

— É na verdade tão impressionável? Com a sua idade? Acredite que pensava nisto enquanto o ouvia contar as suas histórias.

— Estava a pensar nisso? Que visão a sua! Apostava que era quando contava a história do ganso. Precisamente nessa ocasião pensava eu merecer o seu desprezo pela vaidade com que estava a manifestar-se e tive uma altura em que o odiei e comecei a falar como um idiota. Julguei então, como agora quando disse que se não houvesse Deus tinha de ser inventado, que estava a querer mostrar erudição demasiada, ainda mais, por essa frase, como outras, a ter tirado de um livro. Mas juro que não foi para fazer gala de vaidade, mas sim por estar muito contente. Sim, eu estava muito contente... bem sei que é uma vergonha deixar transbordar a nossa satisfação. Agora estou convencido de que não me desprezou. Era apenas a minha fantasia. Ai, Karamazov, que desgraça a minha! Às vezes imagino qualquer coisa, que todos troçam de mim, toda a gente, e então só me apetece demolir tudo.

— E faz pagar isso aos que o rodeiam — disse Aliocha, sorrindo.

— Sim, atormento toda a gente, especialmente minha mãe. Diga-me, Karamazov, estou muito ridículo neste instante?

— Não pense nisso, sobretudo não pense nisso — aconselhou Aliocha. — Que significa o ridículo? Todos podem ser ou parecer ridículos em qualquer momento. Além do mais quase todas as pessoas de talento receiam o ridículo e isso toma-as infelizes. O que surpreende é que tenha esses sentimentos sendo ainda tão novo, se bem que já há algum tempo que venha observando o mesmo, e não só em si. Hoje em dia até os garotinhos padecem do mesmo mal; é uma espécie de loucura. O diabo em forma de vaidade apoderou-se desta geração; é simplesmente obra do demónio — acrescentou Aliocha sem a sombra do sorriso que Kolya esperava ver. — Você é como qualquer outro — disse em conclusão Aliocha — isto é, como muitos outros. Mas não deve ser como todos os outros, claro.

— Ainda que todos sejam a mesma coisa?

— Sim, embora todos sejam a mesma coisa. Você pode distinguir-se dos outros e com efeito é diferente, pois foi capaz de confessar os seus defeitos e ridículos. De quem se poderia esperar outro tanto? De ninguém. As pessoas já não sentem conveniência em analisar os seus próprios sentimentos. Não queira imitar ninguém, embora, fique só.

— Magnífico! Não me tinha enganado! O senhor sabe consolar. Como desejava conhecê-lo, Karamazov! Desejava vivamente esta entrevista. É possível que também o senhor pensasse em mim? Parece-me que acaba de o dizer.

— Sim, tinha ouvido falar de si e gostava de o conhecer... Não importa que a sua vaidade tome parte nessa pergunta.

— Sabe, Karamazov, que a nossa conversa foi como uma declaração de amor? — disse Kolya com voz suave e tímida. — Isto não é ridículo, pois não?

— Não, mas mesmo que o fosse não tinha importância, pois é uma coisa boa.

— Karamazov, confesse que você mesmo se sente agora um pouco envergonhado — disse Kolya com um sorriso travesso.

— De que hei de estar envergonhado?

— Bom, então por que cora?

— A culpa é sua — replicou, rindo e corando realmente. — Bem, estou um pouco envergonhado. Só Deus sabe porquê. Eu não o sei.

— Oh, como gosto de si e o admiro neste momento em que se sente um pouco envergonhado! Parecemo-nos um com o outro! — gritou Kolya entusiasmado, com as faces coradas e os olhos brilhantes.

— Vejo, Kolya, que será toda a vida infeliz — disse de repente Aliocha sem saber porquê.

— Bem sei, bem sei. Como sabe ler o futuro!

— Mas abençoará a vida, no seu todo.

— Isso mesmo. O senhor é um profeta. Viva! Seremos amigos, Karamazov! O que mais me agrada é que me trate como um igual. Mas nós não somos iguais, não, O senhor é melhor. Seremos amigos. Durante todo o passado mês eu dizia: «Ou ficaremos amigos para sempre desde o primeiro momento, ou nos separaremos inimigos até à morte.»

— E dizendo isso naturalmente já gostava de mim — disse Aliocha, rindo.

— Imensamente. Gostava de si ao ponto de sonhar consigo. E como adivinhou tudo isso? Ah, lá vem o doutor. Meu Deus, que dirá? Olhe, que cara!

Capítulo 7 — Ilucha

O doutor vinha a sair com a rica peliça e o chapéu já posto. O seu rosto mostrava o nojo de quem receia sujar-se. Passou um olhar distraído pela entrada e viu de relance Kolya e Aliocha. Este fez sinal ao cocheiro e a carruagem aproximou-se.

O capitão precipitou-se ao encontro do médico e inclinando-se obsequiosamente, deteve-o para saber qual a opinião dele.

O infeliz parecia completamente transtornado; os seus olhos tinham uma expressão de espanto.

— Excelência, excelência, é possível? — E sem poder prosseguir juntou as mãos e ergueu para o médico os seus olhos implorativos, como se uma palavra daquele homem pudesse alterar a sorte do filho.

— Que lhe hei de fazer? Eu não sou Deus! — disse o doutor com a sua indiferença profissional.

— Doutor... excelência... e será breve... breve?

— Esteja preparado para tudo! — disse o médico em tom enfático e cortante; e baixando os olhos tratou de subir para a carruagem.

— Excelência, em nome de Cristo! — continuou o capitão, louco de terror. — Mas nada, nada pode salvá-lo?

— Isso não depende de mim — respondeu impacientemente o médico, mas... — fez uma pausa e acrescentou — se pudesse enviar já o doente, sem perder tempo — e pronunciou estas palavras com tal energia que o capitão estremeceu — para Siracusa, por exemplo, talvez as condições benéficas do clima influíssem...

— Para Siracusa! — gritou o capitão sem saber o que dizia.

— Siracusa fica na Sicília — disse a voz vibrante de Kolya.

O médico olhou para ele.

— Sicília! Excelência — gemeu o capitão — já viu... — E estendia as mãos como se quisesse indicar a miséria e as dificuldades da família.

— N... não. A Sicília não é conveniente para a sua família. A família deve ir para o Cáucaso na próxima primavera... a sua filha pode ir para o Cáucaso e a sua mulher... depois de um tratamento hidroterapêutico no

Cáucaso para o reumático... deve ir a Paris consultar o doutor Lepelletier, especialista em doenças mentais. Lepelletier. Eu escrevo-lhe uma carta e poderemos então...

— Doutor! Doutor! Mas o senhor doutor vê... — e apontando para a sua miserável casa.

— Isso não é comigo — resmungou o doutor. — Respondi à sua pergunta, dizendo-lhe qual o tratamento adequado que a ciência médica aconselha. Quanto ao mais, lamento...

— Não tenhas medo, boticário, que o meu cão não te morderá — apostrofou em voz alta Kolya, vendo que o médico olhava para *Perezvon* com uma certa inquietação. A voz do rapaz tinha uma entoação colérica e disse boticário em vez de doutor, como insulto, como ele próprio depois afirmou.

— Que é isto? — perguntou o médico surpreendido olhando para Aliocha. — Quem é aquele?

— Sou o dono de *Perezvon,* não tenha medo — respondeu Kolya em tom mordaz.

— *Perezvon!* — repetiu o médico, intrigado.

— Ouviu o som de sinos e não sabe onde. Adeus, voltaremos a encontrar-nos em Siracusa.

— Quem é aquele? Quem é aquele? — perguntava o médico, vermelho de raiva.

— É um estudante, doutor, um rapazinho muito endiabrado, não faça caso — disse Aliocha aborrecido. — Cale-se, Kolya — gritou para Krassotkin. — Não faça caso dele, doutor — repetiu impacientemente.

— Merecia uma boa sova! Uma boa sova! — disse o médico, zangado.

— E o senhor não sabe que *Perezvon* tem caninos? *lci* — replicou Kolya, pálido e com os olhos a brilharem de cólera. — *lci*, *Perezvon!*

— Kolya, se diz mais uma palavra não falo mais consigo — gritou Aliocha, zangado.

— Só há um homem no mundo que pode mandar em Kolya Krassotkin, e é este — E Kolya apontou para Aliocha. — Obedeço-lhe. Adeus!

Deu meia volta e abrindo a porta entrou em casa, seguido pelo animal.

O doutor ficou um momento surpreendido, olhando para Aliocha. Em seguida dirigiu-se apressadamente para a carruagem, murmurando: «Ora esta! Ora esta!» O capitão precipitou-se para o ajudar a subir. Aliocha

seguiu Kolya que foi encontrar junto de Ilucha. O doentinho levantava a mão, chamando o pai que não tardou a entrar.

— Papá, papá... vem — gemeu Ilucha, violentamente comovido. E sem forças para continuar, rodeou com os seus débeis braços o pescoço do pai e de Kolya, unindo-os no mesmo abraço, apertando-os com todas as forças.

O peito do capitão estalou em fundos soluços; os lábios de Kolya tremiam de choro contido.

— Papá! Papá! Que desgostos te dou! — lamentou-se amargamente Ilucha.

— Ilucha... meu filho... o doutor disse... que ficarás bom... seremos felizes... o doutor... — balbuciou o pobre homem.

— Ó papá! Sei o que o doutor deve ter dito de mim... Adivinhei-o! — E voltou a apertá-los com as suas fracas forças, ocultando a cara no peito do pai. — Papá, não chores, e quando eu morrer vai buscar outro menino que seja bom... escolhe-o entre estes... chama-lhe Ilucha e ama-o como a mim...

— Vamos, rapaz; hás de ficar bom — gritou Krassotkin com uma expressão que queria parecer de enfado.

— Mas não me esqueças nunca, papá — continuou Ilucha — vai ao meu túmulo... e enterra-me junto daquela pedra grande para onde costumávamos ir passear os dois. Irás lá à tarde com Kolya... e *Perezvon* também irá. Eu esperá-los-ei... Papá, papá!

Não pôde dizer mais nada. Ficaram os três abraçados em silêncio. Nina chorava silenciosamente sentada na sua cadeira, e vendo todos chorarem até a «Mãezinha» começou também a chorar, exclamando:

— Ilucha! Ilucha!

Krassotkin soltou-se então resolutamente do abraço de Ilucha.

— Adeus, homem — disse. — A minha mãe está à minha espera para comer. É pena eu não a ter avisado. Deve estar preocupada! Mas depois de comer volto toda a tarde e hei de contar-te muitas coisas, muitas coisas. Trarei também *Perezvon.* Agora levo-o porque começava a ladrar se não me visse e incomodava-os. Adeus!

E precipitou-se para fora. Não queria chorar, mas no quintal não pôde conter as lágrimas. Aliocha encontrou-o a chorar e disse-lhe, muito formal:

— Kolya, farás bem em cumprir a tua palavra e vir, de contrário dás-lhes uma grande desilusão.

— Virei! Bastante me custa só agora ter vindo — balbuciou Kolya, chorando já sem se envergonhar.

Naquele momento saía o capitão de casa fechando a porta atrás de si. Com o rosto descomposto e os lábios convulsos, parou diante dos dois rapazes, erguendo os braços.

— Não quero um bom rapaz! Não quero outro rapaz — tartamudeou com um feroz balbuciar, rangendo os dentes. — Se eu te esquecer, Jerusalém, que a minha língua... — Um soluço afogou-lhe a voz e ele caiu de joelhos junto de um banco. Com a cabeça apertada nas mãos, começou a soluçar desesperadamente, soltando absurdas lamentações e fazendo ao mesmo tempo o possível para não ser ouvido dentro do quarto.

Kolya fugiu para a rua.

— Adeus, Karamazov. Também vem?

— Esta tarde, sem falta.

— Que é aquilo de Jerusalém? Que queria ele dizer?

— É da Bíblia. «Se te esquecer, Jerusalém», isto é, se esquecer aquilo que tenho em maior apreço, se permito que alguém assalte a praça...

— Já percebi, basta! Pense em vir. *Ici, Perezvon!* — gritou com verdadeira fúria, afastando-se a passos largos.

Livro 11 — Ivan

Capítulo 1 — Em Casa de Gruchenka

Aliocha encaminhou-se para a praça da catedral. Queria ir a casa da viúva Morozov para ver Gruchenka, que de manhã muito cedo lhe enviara Fenya, pedindo-lhe para a ir ver o mais depressa possível. Julgava ir encontrá-la muito preocupada, a julgar pelas notícias que a criada lhe tinha dado. Durante aqueles dois meses Aliocha visitara-a com frequência, por pura afeição ou enviado por Mitya, pois três dias depois da prisão dele, ela tinha adoecido gravemente, ficando de cama durante cinco semanas. Tinha estado seis dias sem conhecer ninguém e agora, que já podia sair de casa há quinze dias, estava muito mudada. Para Aliocha, que gostava de a olhar nos olhos, era mais simpático o seu rosto pálido e ligeiramente emagrecido, cujas feições revelavam a firmeza de resoluções razoáveis. Produzira-se no seu caráter uma transformação que garantia a estabilidade da pura e humilde determinação que tinha tomado. Entre as suas sobrancelhas surgira uma ruga vertical que dava ao seu semblante o encantador aspeto de reflexão concentrada, quase austera à primeira vista. Não restavam nem sombras da sua antiga ligeireza.

Aliocha surpreendia-se por nem a desgraça que pesava sobre a pobre moça, separada repentinamente do noivo por um crime horrendo, no momento em que pensavam casar, nem a sua grave doença, nem a sentença fatal que pendia sobre Mitya, tivessem podido consumir a chama da sua alegria juvenil. Os olhos dela, dantes tão orgulhosos, tinham uma expressão de suave doçura e só se inflamavam com um velho rancor, quando se apoderavam dela certos pensamentos, inquietantes como nunca e que provinham sempre da mesma recordação. Catalina Ivanovna tinha sido o contínuo pesadelo de Gruchenka nos seus dias de delírio. Aliocha sabia que os ciúmes a devoravam, se bem que a sua rival não tivesse visitado Mitya na cadeia, podendo fazê-lo à sua vontade. Tudo isso oferecia um sério problema a Aliocha, única pessoa em quem Gruchenka tinha confiança e a quem pedia conselho. O rapaz às vezes não sabia o que dizer.

Entrou cheio de ansiedade. Gruchenka voltara de visitar o seu irmão havia uma hora e ele percebeu a ansiedade com que o esperava ao ver a rapidez com que ela se levantou para o receber, abandonando na mesa de jogo as cartas com que se entretinha. No sofá de cabedal havia sido improvisada uma cama onde se encontrava meio reclinado Maximov. O pobre velho sorria com ar feliz, mas estava muito fraco e doente, a julgar pelo seu aspeto. O velho abandonado tinha voltado de Mokroe com Gruchenka e com ela continuava. Tinham chegado debaixo de uma chuva gelada e ele tinha-se sentado no sofá, encharcado, transido, e ficara a olhá-la com um sorriso mudo e desamparado. Gruchenka, transtornada pela dor e pela febre que começava a manifestar-se, andava de um lado para o outro sem sequer reparar no pobre velho. Daí a um bocado lembrara-se então dele e chamara Fenya para lhe trazer qualquer coisa de comer, e o pobre ficou todo o resto do dia no mesmo sítio, mal respirando.

Já de noite, quando toda a casa estava fechada e silenciosa, Fenya aproximara-se da patroa e perguntou:

— O senhor vai passar aqui a noite?

— Sim, prepara-lhe uma cama no sofá.

Mais tarde, falando com ele, Gruchenka ficara a saber que o velho não tinha onde abrigar-se.

— O senhor Kalganov, meu protetor, deu-me cinco rublos e disse que não me queria mais na sua companhia.

— Bem, Deus te abençoe, melhor estarás aqui — disse a atribulada mulher, sorrindo compadecidamente.

Lágrimas de agradecimento tremeram então nos olhos do pobre velho abandonado. Ficou então ali, não voltando a sair de casa nem por um momento. Enquanto Gruchenka esteve doente Fenya e sua mãe, a cozinheira, tratavam dele sem o incomodarem. Depois a própria Gruchenka se acostumou à presença dele e o pobre velho era para ela uma companhia e um conforto, entretendo-a com as suas historietas que a distraíam dos seus cuidados. Não recebia nenhuma visita além de Aliocha e mesmo esse ia lá só à tarde e por pouco tempo.

O velho comerciante estava no entanto gravemente doente, nas «últimas» como as pessoas costumam dizer, vindo a morrer cinco dias depois do julgamento de Mitya. Três semanas antes, vendo que o seu fim se aproximava, mandou chamar a mulher e os filhos, pedindo-lhes que não o deixassem um só momento. Depois de estar com a família não queria a

visita de Gruchenka, pedindo que lhe dissessem que lhe agradecia e lhe desejava longa vida e muitas felicidades. Gruchenka mandava todos os dias saber notícias dele.

— Por fim chegaste — gritou alegremente atirando com as cartas. — E Maximuchka que me alarmava pondo em dúvida que viesses! Nem sabes como necessito de ti. Senta-te. Queres café?

— Sim, obrigado — disse Aliocha sentando-se à mesa. — Tenho verdadeiro apetite.

— Ainda bem. Fenya, Fenya, café — gritou Gruchenka. — Foi feito há pouco para ti. Traz também uns pastelinhos bem quentes. Sabes que estes pastéis desencadearam hoje uma tempestade? Levei-os a Mitya e ele não os quis provar. Calcula que atirou um ao chão e o pisou. Eu então disse-lhe: «Vou deixá-los ao guarda e se daqui até à noite não os tiveres comido, isso prova que te alimentas apenas do veneno do teu rancor.» E vim-me embora. Sempre que lá vou discutimos.

Gruchenka disse tudo isto no meio de grande agitação, quase sem respirar.

Maximov mexeu-se nervosamente no seu lugar e olhou para o chão, sorrindo.

— E por que se zangou ele hoje?

— Por causa do polaco. Imagina que lhe deu para ter ciúmes do polaco. Disse-me: «Mas para que o ajudas? Estás então decidida a mantê-lo?» Está sempre com ciúmes, sempre. Quando come e quando dorme. Eu tinha vergonha de repetir o que ele me disse.

— Mas ele já sabia do polaco?

— Sim. Aí é que está a graça. Ele sabia tudo desde o princípio e agora é que lhe deu para resmungar. É tonto! Quando eu vinha a sair entrava Rakitin. Talvez ele lhe aqueça os miolos. Achas que sim?

— O que eu sei é que ele te ama, te ama muito. Mas passa por momentos muito críticos e está muito atribulado.

— Bem sei. Amanhã o processo vai ser visto. E eu, não estou também atribulada? E o idiota pensa no polaco! Nem sei como não tem ciúmes de Maximuchka.

— A minha mulher tinha imensos ciúmes de mim — interrompeu Maximov.

— Ciúmes de ti? — disse Gruchenka rindo sem vontade. — E ciúmes de quem?

— Das criadas.

— Cala-te Maximuchka. Não estou agora para rir. E não deites esses olhares aos pastéis porque não tos dou. Faziam-te mal. E também não te dou *vodka.* hei de tratar de ti como se a minha casa fosse um hospital.

— Não mereço as suas bondades. Sou uma criatura indigna — gemeu Maximov. — Seria melhor que pusesse a sua bondade ao serviço de pessoa mais útil que eu.

— Todos somos úteis para qualquer coisa, Maximuchka, sabe-se lá quem é de mais utilidade. Ah, se não fosse esse polaco, Aliocha! Precisamente hoje é que lhe passou pela cabeça adoecer. Fui vê-lo e vou mandar-lhe uns pastéis, não lhe mandaria nada, mas Mitya acusou-me disso e por isso vou mandar-lhos agora, para que aprenda! Ah! Aqui está Fenya com uma carta! Sim, é dos polacos! Lá voltam à mesma!

Pan Mussyalovitch dirigia-lhe com efeito uma carta muito extensa e grandiloquente pedindo-lhe três rublos, com um recibo assinado também por *pan* Vrublevsky, prometendo-lhe a devolução dessa soma no espaço de três meses. Gruchenka tinha já recebido muitas cartas daquele género durante os quinze dias que durava a sua convalescença. A primeira carta era quilométrica, estava escrita em papel largo com um vistoso cabeçalho e redigida em termos tão cheios de pomposa retórica, que Gruchenka a largou antes de ter chegado a metade e sem ter percebido nada. Não estava então para cartas. No dia seguinte recebeu outra em que *pan* Mussyalovitch lhe pedia um empréstimo de dois mil rublos por um prazo curtíssimo. Gruchenka deixou-a também sem resposta. As cartas foram aumentando cada vez mais, tornando-se sempre mais retóricas e pomposas. Mas as quantias pedidas foram diminuindo progressivamente, passando de dois mil para cem rublos, depois para vinte e cinco, dez e por fim apenas a um rublo com recibo e tudo, assinado por ambos os polacos.

Gruchenka sentiu então pena dele e foi visitá-lo nessa mesma tarde. Encontrou-os na maior miséria, sem pão, sem lume, sem dinheiro nem para cigarros e já com uma dívida ao dono da casa. Os duzentos rublos que tinham arrancado a Mitya haviam-se evaporado. Ficou no entanto surpreendida pela digna arrogância com que a receberam, o aprumo e a formalidade que mantiveram na sua conversa com ela. Gruchenka riu e entregou dez rublos ao seu antigo amante. Logo a seguir contou tudo a Mitya, sem despertar nele a menor manifestação de ciúme. Desde então tinha sido diariamente atacada com pedidos de dinheiro, aos quais ela

atendia sempre com pequenas quantias. E hoje de repente dava-lhe para se mostrar espantosamente ciumento.

— Quando fui visitar Mitya passei por casa do polaco, que tinha adoecido. Foi só entrar e sair. Estava a contar isto a Mitya rindo. «Calcula», disse eu, «que o meu polaco teve a feliz ideia de agarrar na guitarra e cantar-me as canções de outrora. Se calhar pensa conquistar-me assim e enternecer-me.» Não calculas o que ele disse... Pois vou enviar-lhes pastéis! Fenya, vê se aí está ainda a moça que trouxe a carta. Dá-lhe três rublos e embrulha uma dúzia de pastéis e manda-lhos. E tu, Aliocha, não te esqueças de dizer a Mitya que lhes mandei os pastéis.

— Por nada deste mundo lho direi — respondeu Aliocha, sorrindo.

— Ah, tu julgas que lhe davas um desgosto. Mas mostra-se ciumento só para fingir. Isso não o preocuparia — exclamou Gruchenka com amargura.

— A fingir? — perguntou Aliocha.

— És um tontinho, Aliocha; com todo o teu talento não percebes nada disto. Não são os ciúmes dele que me incomodam. O que me incomodaria é que ele os não tivesse. Eu sou assim. Os ciúmes dele não me ofendem. Tenho um coração a toda a prova. Também eu posso ser ciumenta. O que me ofende é ele não me amar e fingir que tem ciúmes. Estarei cega? Não vejo o que se passa? Está agora sempre a falar dessa mulher, de Catalina: que é assim ou assado, que mandou vir um médico de Moscovo para tentar salvá-lo, que chamou o melhor dos advogados, o mais célebre. Não há dúvida de que a ama e devia ter vergonha de estar sempre a elogiá-la diante de mim! Censura-me, maltrata-me, atira-me à cara a minha primeira falta: «Tu que já andaste com esse polaco como te atreves agora a censurar-me se falo de Catalina?» É isso que ele quer dizer. Eu digo que ele o faz de propósito, mas...

Não acabou. Levando o lenço aos olhos começou a soluçar violentamente.

— Ele não ama Catalina — respondeu Aliocha, convencido.

— Se a ama ou não em breve saberei — disse Gruchenka num tom de ameaça, tirando o lenço dos olhos. Tinha a expressão alterada. Aliocha viu com tristeza que em vez de meiguice e serenidade, exprimia malquerença e rancor. — Basta de parvoíces — continuou ela logo a seguir. — Não foi por isto que te chamei. Aliocha querido, amanhã... que se irá passar amanhã? Só isto me atormenta! Olho para toda a gente e acho que

ninguém pensa no caso. Não interessa a ninguém. Tu próprio pensas nisso? Como será o julgamento? Já sabes que foi o criado, foi o criado que o assassinou! Santo Deus! Será possível que o condenem em lugar do criado e que ninguém faça qualquer coisa para o impedir. Como é que ninguém o incomodou sequer?

— Submeteram-no a um minucioso interrogatório — disse pensativamente Aliocha — mas ficaram com a impressão geral de que não foi ele. Agora está muito doente, realmente doente desde aquele ataque de epilepsia.

— Meu Deus! Não poderias ir tu próprio falar com esse advogado e contar-lhe tudo? Veio de Petersburgo por três mil rublos, segundo dizem.

— Sim, demos-lhe três mil rublos. Ivan, Catalina e eu... mas ela pagou também dois mil rublos para trazer o médico de Moscovo. O advogado Fetyukovitch teria levado mais caro, mas como o caso é conhecido em toda a Rússia e se fala dele em todos os jornais, procura mais a glória pessoal e a notoriedade que o dinheiro. Vi-o antes de ontem.

— Bem, e então?

— Ouviu-me sem dizer uma palavra, e no fim respondeu-me que já tinha formado a sua opinião, mas que levaria em consideração as minhas palavras.

— Em consideração! Vão perdê-lo! E o médico? Para que veio o médico?

— Como perito. Para provar que Mitya está louco e que não era senhor dos seus atos quando cometeu o crime — disse sorrindo Aliocha. — Mas Mitya não quer aceitar essa solução.

— Sim, mas seria a única verdadeira no caso de ter sido ele — gritou Gruchenka. — Estava louco nessa altura, completamente louco, e a culpa era minha, miserável que eu sou! Mas não foi ele que o matou! Ele não matou! Mas toda a gente está contra ele. Até as declarações de Fenya o acusam. E o empregado da loja, e as pessoas da taberna e a cidade inteira grita contra ele!

— Sim, há uma terrível acumulação de acusações — observou Aliocha tristemente.

— E Grigory... Grigory Vassilyevitch... agarra-se à sua história da porta aberta, afirmando que a viu assim... não há quem o consiga demover disso. Eu própria fui falar-lhe. É teimoso como só ele.

— É o testemunho mais terrível — disse Aliocha.

— E enquanto à loucura de Mitya, agora mesmo ela parece verdadeira — continuou Gruchenka com certo ar de ansiedade e de mistério. — Olha, Aliocha, há um certo tempo que desejava falar-te nisto. Ele fala constantemente e eu não consigo compreender o que diz. Pensava que ele falasse em qualquer coisa filosófica que eu na minha estupidez não pudesse entender, quando de repente me começa a falar de uma criança, de um menino de mama. «Porque está na miséria a pobre criancinha», dizia. «Por essa criancinha vou eu para a Sibéria. Não sou um assassino, mas devo ir para a Sibéria?» Que significa essa criança? Não faço a mais pequena ideia. Mas chorei, porque ele dizia aquilo com muito sentimento. Chorava ele e eu. Depois beijou-me e abençoou-me com o sinal da cruz. Que significa isto, Aliocha? Quem será esse menino?

— Rakitin visitou-o recentemente... mas não, isso não é coisa de Rakitin... Ontem não o fui ver. Hoje vou lá.

— Não, não é Rakitin. Quem o transtorna é seu irmão Ivan Fedorovitch. Isto é efeito das visitas dele e não de outra coisa — e Gruchenka calou-se de repente, porque Aliocha a olhava com ar pasmado.

— Ivan foi lá? Foi lá vê-lo? Mas Mitya disse-me que não tinha lá estado!

— Cala-te! Cala-te! Oh que tola que eu sou! Falo sem saber o que digo. Olha, Aliocha, já que isto me escapou, vou dizer-te toda a verdade. Ivan foi vê-lo duas vezes: a primeira quando chegou de Moscovo, antes de eu adoecer; e agora outra vez, há uma semana. Pediu a Mitya que não te dissesse e que não contasse a ninguém. Vai lá em segredo.

Aliocha ficou absorto nos seus pensamentos. A notícia afetava-o no mais profundo da alma.

— Ivan não me falou no caso de Mitya — disse lentamente. — Nestes dois meses mal me falou. Quando vou vê-lo parece aborrecido com a minha visita, por isso não vou lá há três semanas. Hum... se esteve com Mitya a semana passada não devemos estranhar uma mudança nele.

— Notou-se uma mudança — assentiu Gruchenka com vivacidade. — Têm um segredo. O próprio Mitya me disse que tinham um segredo e de tal importância que não o deixa sossegar. Dantes estava contente e agora também o está, mas quando sacode a cabeça da maneira que tu sabes e começa a puxar o cabelo do lado direito e a passear pela cela, podes ter a certeza de que o aflige uma ideia má... Eu conheço-o bem!

— E dizes que está pesaroso?...

— Sim, está pesaroso e contente ao mesmo tempo. Num momento está insuportável e logo a seguir fica alegre, para daí a pouco estar outra vez maldisposto. Olha, Aliocha, eu penso constantemente nele e admiro-o... Pende sobre ele uma coisa tão terrível e ainda consegue rir por qualquer disparate, como se fosse uma criança.

— E recomendou-te realmente que não me dissesses nada a respeito das visitas de Ivan?

— Sim, ordenou-me que nada te dissesse. Mitya receia-te principalmente a ti. Porque guarda um segredo: ele mesmo me disse que se tratava de um segredo. Aliocha, querido, vai saber qual é esse segredo e vem dizer-me — implorou ela. — Sabendo em que consistia a pior das calamidades que poderia cair sobre mim, o meu espírito ficaria tranquilo.

— Mas por que pensas que se refere a ti? Nesse caso não te teria falado de um segredo.

— Não sei. Talvez quisesse dizer-mo e não se atrevesse. Os três puseram-se de acordo para acabar comigo, pois Catalina é da conspiração. Tudo vem dela e isso explica que eu não saiba de nada. Trata-se de me porem de parte e arranjarem a coisa entre os três. Mitya, Catalina e Ivan Fedorovitch. Há tempo que quero fazer-te uma pergunta, Aliocha. A semana passada Mitya disse-me que Ivan amava Catalina Ivanovna, porque vai visitá-la com frequência. Enganou-me, não é verdade? Fala com franqueza.

— Não quero mentir-te! Creio que Ivan não ama Catalina Ivanovna.

— Oh! É isso mesmo que eu penso! Está a enganar-me descaradamente! E agora finge ter ciúmes para me poder atirar à cara o meu passado. É um estúpido, nem sequer sabe disfarçar os seus sentimentos; tu, que és tão sincero, já o ficas a saber... há de pagar-me! há de pagar-me! «Tu crês que fui eu!», disse-me ele. Disse-mo! Censurou-me isso! Deus lhe perdoe! Espera que nos encontremos de cara a cara com Catalina no julgamento! Não mais direi uma palavra... e ficará tudo dito!

E voltou a chorar amargamente.

— O que eu posso dizer com toda a certeza, Gruchenka — replicou Aliocha levantando-se — é que ele te ama, te ama mais que a tudo no mundo e apenas a ti, Gruchenka. Sei-o. Sei-o. Também te garanto que não quero surpreender o segredo dele, mas que se mo revelar, lhe direi que prometi contar-to e voltarei logo aqui. Mas... creio que Catalina Ivanovna não tem nada a ver com esse segredo e que deve consistir em qualquer

outra coisa. Tenho a certeza de que não é nada que diga respeito a Catalina Ivanovna. Até logo.

Aliocha apertou a mão de Gruchenka, que ficou ainda a chorar. Viu que as suas palavras consoladoras tinham dado pouco resultado. Tinha pena de a deixar naquele estado lastimoso, mas tinha pressa e muitas coisas para fazer.

Capítulo 2 — O Pé Magoado

Antes de mais nada tinha de passar por casa da senhora Hohlakov, para onde se encaminhou rapidamente a fim de se despachar depressa e não chegar tarde de mais à prisão. A senhora Hohlakov estava um pouco adoentada há três semanas; tinha um pé inchado e apesar de não querer estar de cama não saía do canapé que se encontrava no seu quarto. Foi ali que Aliocha a encontrou, envergando um encantador *deshabillé.* Aliocha reparou logo que a doença não impedia a senhora Hohlakov de cuidar da sua pessoa. Enfeites, laços e rendas não faltavam e ele adivinhava a razão de tudo isso, se bem que não desse importância a tais pensamentos, que não pecavam por frívolos. Durante os dois últimos meses, Perkotin, o jovem empregado, tinha-se tornado um assíduo visitante da casa.

Aliocha não ia ali há quatro dias e queria chegar depressa junto de Lisa, com quem tinha de falar, pois ela mandara-o chamar na véspera por «algo muito importante» que lhe interessava muito. Mas enquanto a criada o ia anunciar a Lisa, a mãe soube da sua chegada não se sabe como e mandou-lhe dizer imediatamente que fosse falar com ela durante um momento. Aliocha pensou que seria melhor aceitar o pedido da mãe, pois de contrário ela não pararia de mandar recado ao quarto de Lisa para que ele não se esquecesse de lhe ir falar. A senhora Hohlakov estava estendida no canapé, lindamente ataviada, se bem que naquele momento estivesse tomada de extrema agitação nervosa. Recebeu Aliocha com gritos de entusiasmo.

— Há séculos, verdadeiros séculos que o não via! Há uma semana inteira que não penso senão nisso! Mas há quatro dias que esteve aqui, na quarta-feira. Veio ver Lisa e queria entrar nas pontas dos pés para que eu não o ouvisse. Meu caro Alexey Fedorovitch, se soubesse que desgostosa me traz essa filha! Mas já falaremos disso, já falaremos. Querido Alexey Fedorovitch, tenho em si uma confiança tão grande a respeito de Lisa. Desde que morreu o Padre Zossima — benzeu-se — considero-o um monge, se bem que esteja encantador com esse traje. Onde arranjou uma fazenda tão boa? Mas não é isso o que mais importa. Deixemos isso para

depois... Desculpe que lhe chame às vezes Aliocha; uma velha como eu pode tomar essas liberdades — e sorriu com garridice — mas deixemos também isso de parte. O essencial é que não esqueça o que é importante... Recorde-mo você mesmo. Quando eu me afastar do que é importante faça-me lembrar, sim? Mas como vou eu agora saber o que é mais importante? Desde que Lisa revogou a sua promessa (a pueril promessa, Alexey Fedorovitch) de casar consigo (o senhor mesmo podia ver que era apenas o capricho de uma menina inválida agarrada a uma cadeira, graças a Deus agora já pode andar!)... esse médico que Katya mandou vir de Moscovo para ver o seu desgraçado irmão, que há de ser amanhã... Mas por que falar de amanhã? Morro só de pensar em amanhã. Morro de curiosidade... Esse doutor esteve agora a ver Lisa... Paguei-lhe cinquenta rublos de visita. Mas não é isso, não isso que interessa, está a ver? Misturo tudo. Estou tão atordoada. E porquê? Não percebo. É horrível! Cada dia sou menos capaz de entender seja o que for. Tudo gira à minha volta. Receio aborrecê-lo e vê-lo ir-se embora sem me ouvir. Meu Deus! Mas que fazemos aqui sentados sem café? Júlia, Glafira: café!

— Obrigado, já tomei.

— E onde?

— Em casa de Agrafena Alexandrovna.

— Em casa de... dessa mulher? Ah! foi ela que perdeu todos. Por outro lado não sei, dizem que se tornou uma santa, se bem que tarde de mais. Era melhor que tivesse sido antes. Agora de que lhe serve? Ah, Alexey Fedorovitch, tenho tantas coisas para lhe dizer, que receio não lhe dizer nada. Esse horrível processo... Assistirei, custe o que custar; já estou a fazer preparativos. Far-me-ei conduzir numa cadeira; mas consigo manter-me de pé. Sabe que sou testemunha? Como hei de falar? Como hei de falar? É preciso prestar juramento, não é verdade?

— Sim, mas não creio que possa ir.

— Posso estar de pé. Ah, esse julgamento, esse ato selvagem! E depois vão todos para a Sibéria e alguns casam-se e tudo se precipita, se precipita e por fim... nada. Todos envelhecemos e morremos caminhando para a tumba. Bem! Como há de ser. Estou aborrecida. Essa Katya, *cette charmante personne,* frustrou as minhas esperanças. Agora quer seguir um dos seus irmãos para a Sibéria, o outro segui-la-á e viverá na cidade próxima, aborrecendo-se todos uns dos outros. Tudo isto me põe louca. E o pior de tudo é a publicidade. O caso foi relatado pelo menos um milhão de

vezes em todos os jornais de Moscovo e de S. Petersburgo. Ah! Quer acreditar que numa dessas notícias me fazem passar pela querida de seu irmão?... Não posso repetir a horrível palavra. Imagine! Imagine!

— É incrível! E onde está isso escrito? Que diz?

— Já lho mostro. Li-o ontem. Aqui está, é neste jornal de S. Petersburgo. Este jornal começou a publicar-se este ano. Como gosto de estar a par do que se passa tornei-me assinante. Assim é que me paga. Veja!

A senhora Hohlakov não estava propriamente transtornada, mas sim abatida.

A notícia estava escrita num tom realmente muito forte e devia tê-la afetado bastante. Mas como ela não era capaz de deter a sua atenção em nada, daí a pouco já nem se lembrava do jornal.

Demasiado sabia Aliocha que o relato do sucedido havia aparecido por toda a Rússia e, Santo Deus, que enormidades ele lera a respeito de seu irmão, dos Karamazov em geral e de si mesmo, entre outros artigos mais ou menos bem informados. Um dos jornais dizia que ele, horrorizado pelo crime do irmão, tinha entrado para um mosteiro e se tinha feito monge; outro afirmava precisamente o contrário: que ele e o Padre Zossima tinham fugido do mosteiro deixando vazias as arcas da comunidade. O artigo que estava agora a ler tinha por título: «O Caso Karamazov em Skotoprigonyevsky» (era esse o nome da nossa pequena cidade). Era um breve relato em que não aparecia o nome da senhora Hohlakov nem de ninguém. Afirmava o articulista que o criminoso, cujo julgamento causava tão grande excitação, era um capitão reformado, um folgazão muito atreito a brigas, andava sempre metido em enredos amorosos, especialmente com certas senhoras que «enlanguescem na solidão». Uma dessas senhoras, uma viúva lânguida que procurava parecer jovem se bem que já tivesse uma filha crescida, tinha-se enfeitiçado por ele ao ponto de, duas horas antes do crime, lhe ter oferecido três mil rublos para fugir com ela para as minas de ouro; mas o criminoso, julgando escapar ao castigo, preferiu matar o pai para obter os três mil rublos a ir para a Sibéria com os encantos já maduros da viúva. Terminava o artigo com imprecações violentas contra a maldade parricida e contra a recente abolição da escravatura. Satisfeita a sua curiosidade, Aliocha dobrou o jornal, devolvendo-o à senhora, que comentou sem o deixar falar:

— Deve referir-se a mim. Não há dúvida que sou eu, porque uma escassa hora antes daquilo que se passou, aconselhei-o a ir para as minas de ouro. E falam aí nos meus «encantos já maduros», como se eu tivesse a culpa! Escreveu-o por despeito. Deus todo-poderoso lhe perdoe como eu lhe perdoo a ele... Adivinha quem é? Não? O seu amigo Rakitin.

— Quase adivinhava — respondeu Aliocha — apesar de não ter conhecimento de nada.

— Sim, foi ele, certamente que foi ele. Já sabe que o pus fora da minha casa? Conhece o que se passou... não?

— Bem sei que lhe disse para não voltar a aparecer aqui; mas o motivo não sei... pelo menos por si.

— Ah! Ele contou-lhe! E encheu-me de injúrias, não é verdade?

— Sim; mas ele não respeita ninguém. Aliás não me disse porque o mandou embora. Agora vemo-nos muito pouco. Já não somos amigos.

— Então vou contar-lhe tudo. Tenho de confessar que foi uma coisa fatal, pois há um ponto em que talvez tenha de culpar-me. É uma coisa tão pequena, tão insignificante, que talvez não conte para nada. Olhe, meu filho — a senhora Hohlakov arqueou as sobrancelhas e um encantador e enigmático sorriso apareceu-lhe nos lábios — olhe, desconfia... Desculpe, Aliocha... Sou uma mãe para si... Não, não pelo contrário. Falo-lhe como se fosse ao meu pai... a mãe nada tem a ver com isto. Bem, é o mesmo que estar a confessar-me ao Padre Zossima, o mesmo; por alguma coisa disse que o considerava um monge. Pois bem, esse pobre rapaz, Rakitin (Deus me ajude! Não posso arreliar-me com ele; estou-o mas não muito) esse jovem sem senso apaixonou-se por mim. E eu não dei por isso até ao último momento. Ao princípio, faz agora um mês, começou a visitar-me com mais frequência, quase todos os dias; claro que já nos conhecíamos antes... Eu não desconfiava de nada... e de repente comecei a observar qualquer coisa que me surpreendia. Já sabe que há dois meses que recebo a visita desse encantador jovem Pyotr Ilyitch Perkotin, que é um modesto e excelente funcionário da nossa cidade. Já o tem encontrado aqui várias vezes e há de ter podido verificar que é um excelente e culto rapaz (não é da minha opinião?). Vem de três em três dias, não diariamente (ainda que me alegrasse vê-lo todos os dias), e sempre muito elegante. Gosto dos jovens talentosos e modestos como você, Aliocha; ele tem a cabeça de um homem de Estado e fala que é um encanto ouvi-lo. Farei todo o possível para que suba. É um futuro diplomata. Naquela noite terrível salvou-me da

morte vindo ver-me. O seu amigo Rakitin, pelo contrário, sujava-me sempre as carpetes com as suas botas... Bem, começou finalmente a mostrar os seus sentimentos e um dia, ao despedir-se, apertou-me a mão com tal força, que logo a seguir começou a inchar-me o pé. Sempre que se encontrava aqui com Pyotr Ilyitch escarnecia dele por qualquer coisa: eu não fazia mais do que rir-me interiormente. Um dia estava eu aqui sentada... não estava recostada. Bem, estava aqui recostada quando entrou Rakitin e, calcule, me entregou uns versos que ele próprio tinha feito, inspirados no meu pé doente; isto é, descrevendo o meu pé. Espere um pouco... começam como? «Um pezinho encantador», ou qualquer coisa parecida. Nunca fui capaz de recordar uma poesia. Tenho-a aqui. Depois lha mostrarei. É uma coisa deliciosa, e não só a respeito do pé, pois desenvolve uma ideia moral que já esqueci; enfim, é próprio para um álbum. É claro que lhe agradeci e ele ficou muito contente. Ainda estava a elogiar a poesia quando entrou Pyotr Ilyitch, e ao vê-lo o poeta ficou sombrio como a noite. Compreendi que a chegada de Perkotin tinha sido inoportuna porque Rakitin queria dizer-me qualquer coisa depois de me dar a poesia. Tive esse pressentimento; mas entrou Pyotr Ilyitch e eu mostrei-lhe os versos sem dizer de quem eram. Estou convencida de que ele adivinhou quem era o autor, apesar de nunca o confessar, pois começou a criticar os versos e a rir-se deles. Calcule que disse: «São maus versos feitos para os ceguinhos cantarem, por algum estudante de teologia.» E com que veemência, com que veemência o disse! Então, em vez de rir, o outro encolerizou-se. «Deus de piedade», disse de mim para mim, «vai saltar-lhe aos olhos!» «Escrevi-os apenas para me divertir!», gritou Rakitin, «pois considero que fazer versos degrada o homem... No entanto há boas poesias. Pushkin, por cantar os pés de uma mulher merece um monumento; mas eu compus os meus versos com um fim moral e você advoga a escravidão. Nem sequer tem ideia do que seja humanismo», disse, «nem o menor sentido da cultura e daquilo que é moderno; o senhor é um retrógrado, um simples funcionário dedicado ao suborno.» Eu comecei a gritar-lhe que se calasse e sabe uma coisa? Pyotr Ilyitch é um cobarde. Adotou um ar cavalheiresco, olhou-o com certo sarcasmo, ouvi-o e exclamou: «Não fazia a menor ideia... não teria dito isto se soubesse... Teria até elogiado os versos... os poetas são tão irritáveis...» Enfim, troçou ele de uma maneira assolapada e segundo depois me disse sempre com sarcasmo. Eu pensava que era a sério. Mas estando recostada, como estou

agora, fechei os olhos pensando se seria ou não conveniente despedir Rakitin por ter sido insolente para com um convidado meu, na minha própria casa. A cabeça andava-me à roda, à roda e eu sem saber o que dizer. Uma voz dizia-me: fala, e outra, não fales. E ao ouvir pela segunda vez a minha voz interior, gritei e desmaiei. Fez-se alarido, confusão. A seguir recuperei os sentidos e disse a Rakitin: «É para mim um desgosto, mas devo dizer-lhe que não volte mais a minha casa.» Assim o mandei embora! Compreendo que fiz mal. Mas foi um impulso. De qualquer modo deu-me abalo pois durante muitos dias chorei por se ter passado tal cena na minha casa, até que de repente o esqueci de todo. Isto foi há quinze dias. Desde então nunca mais aqui voltou e creio que não voltará. Ontem estava a pensar nisso quando abri esse jornal. Li o artigo e senti-me desfalecer. Quem poderia tê-lo escrito? Ele e só ele! Deve ter saído daqui, ido para casa e começado logo a escrever. Depois mandou o artigo para o jornal e publicaram-no. Foi há quinze dias, já vê. Mas, Aliocha, estou para aqui a falar sem lhe dizer nada daquilo que queria. É terrível como as palavras me fogem da boca!

— Tenho grande interesse em chegar a tempo de ver o meu irmão — balbuciou Aliocha.

— Tem razão, toda a razão. Mas agora me lembro: o que quer dizer aberração?

— Que aberração? — perguntou Aliocha, pensativo.

— Uma aberração no sentido legal. Em que tudo é perdoado. O senhor, por exemplo, fazia qualquer coisa e era imediatamente absolvido.

— Que quer dizer com isso?

— Vou explicar. Essa Katya... Ah, é uma pessoa encantadora, encantadora; ainda não percebi é quem ela ama. Nunca consegui arrancar-lhe nada. E agora muito menos, que só me pergunta pela minha saúde e arranjou um tom para falar comigo... Bem... ah, é verdade, estava a falar de aberração. Esse médico veio. Sabe para que veio o médico? Sim, é verdade, já sabe... esse que descobre os dementes. Escreveu-lhe, não foi? Não, não foi o senhor. Foi Katya; Katya escreveu-lhe para o chamar. Bem, ouça, uma pessoa pode estar completamente sã e de repente ter uma aberração; pode estar senhor de todos os sentidos, saber o que faz e no entanto estar em estado de aberração. Não há dúvida de que Dmitri Fedorovitch sofreu uma aberração. Entrou a gritar: «Dinheiro, dinheiro, três mil rublos! Dê-me três mil rublos.» Depois foi-se embora e cometeu o

crime. «Não quero matá-lo!», dizia, e de repente matou-o. Por isso será absolvido, porque matou apesar de não querer fazê-lo.

— Mas se não foi ele quem matou? — gritou Aliocha cheio de impaciência e de ansiedade.

— Sim, já sei que foi Grigory quem matou.

— Grigory? — exclamou Aliocha.

— Sim, sim, estava caído onde Dmitri o deixou e, ao levantar-se, viu a porta aberta, entrou e matou Fedor Pavlovitch.

— Mas porquê?

— Num estado de aberração. Ao voltar a si, depois de perder o sangue da ferida que Dmitri lhe fez, sofreu uma aberração e foi cometer o crime. Ele diz que não e provavelmente não se recorda. Olhe, seria melhor, muito melhor, que Dmitri o tivesse morto. E deve ter sido ele, apesar de eu dizer que foi Grigory. Não é melhor ser um filho a matar o pai, não, eu não digo isso. Os filhos devem honrar os pais, mas é melhor que tenha sido ele, pois não tem de chorar por isso porque o fez num estado de inconsciência, ou tendo plena consciência, mas sem saber o que fazia. Deixe que o absolvam, o que é tão humano, e verá que proveitosas reformas serão introduzidas nos tribunais de justiça. Eu nada sabia, mas dizem que sucede isto há tempos. E quando ontem soube disto senti uma tal emoção que tive de o mandar chamar. Se o absolverem convido-o logo para vir comer comigo, convidarei também alguns amigos e brindaremos pela reforma dos tribunais. Não creio que seja perigoso. Além disso convidarei muitos amigos e se ele tiver alguma coisa poderão segurá-lo. Depois poder-se-á nomear juiz de paz ou qualquer coisa assim noutra cidade, pois aqueles que passaram por terríveis provas como esta são sempre os melhores juízes. E além disso, que nunca foi vítima de nenhuma aberração? O senhor, eu, todos temos passado por esse estado de aberração; temos disso abundantes exemplos: um deles está a cantar tranquilamente, sente-se incomodado, pega numa pistola, dá um tiro no primeiro que aparece e ninguém o culpa por isso. Há pouco li um caso semelhante e os médicos confirmaram-no. Os médicos estão sempre a confirmar. Confirmam tudo. Agora a minha Lisa anda a passar por uma crise de aberração. Ontem fez-me sofrer muito e antes de ontem o mesmo. Hoje, compreendi finalmente que é tudo devido a um estado de aberração. Oh! Como esta filha me inquieta! Creio que está completamente louca! Foi ela que o mandou chamar ou o senhor veio por sua deliberação?

— Foi ela que me mandou chamar e vou agora vê-la — disse Aliocha levantando-se decididamente.

— Ah, querido Alexey Fedorovitch! Talvez seja isto o mais importante! — gritou a senhora Hohlakov, começando a chorar. — Deus sabe como eu lha confio com toda a sinceridade e que não me importo que vá vê-la sem mo dizer antes. Mas perdoe se não posso confiar a minha filha com tanta facilidade a Ivan Fedorovitch, a seu irmão, ainda que eu continue a considerá-lo um perfeito cavalheiro. Mas imagine que ele veio falar com Lisa sem me dizer nada!

— Como? O quê? Quando foi? — perguntou Aliocha com a maior das surpresas, mas sem voltar a sentar-se.

— Vou-lhe contar. Talvez tenha sido para isso que eu o mandei chamar, embora já não o saiba bem. Ivan Fedorovitch visitou-me duas vezes desde a sua chegada de Moscovo. A primeira vez como amigo e a segunda porque soube que Katya se encontrava aqui. Eu não esperava que me visitasse com frequência sabendo o muito que tinha de fazer, *vous comprenez, cette affaire et la mort de votre papa.* Mas pouco depois vim a saber que tinha voltado aqui a casa, não a ver-me a mim, mas sim para falar com Lisa. Isso foi há seis dias e eu só vim a saber três dias depois, por Glafira, o que foi um grande golpe para mim. Chamei imediatamente Lisa que me disse, rindo-se: «Julgou que estavas a dormir e entrou no meu quarto para perguntar pela tua saúde.» Claro que foi isso que se passou. Mas a minha Lisa desgosta-me tanto. Há quatro dias, à noite, depois do senhor se ir embora, ela começou a gritar com um ataque de histerismo. Como é que esses ataques nunca me dão a mim? No dia seguinte outro ataque semelhante e outro ontem. Nessas alturas grita sempre o mesmo: «Odeio Ivan Fedorovitch e não quero que o deixem entrar mais nesta casa!» Fiquei aterrada e respondi: «Com que pretexto negarei a entrada a tão excelente jovem? Excelente e ainda por cima infeliz, não é verdade?» Ao ouvir isto ela começou a rir como uma selvagem... Mesmo assim alegrei-me, pois pensei que a tinha divertido e que assim se poderia evitar outro ataque, tanto mais de temer por ela se obstinar em negar a entrada a Ivan Fedorovitch, enquanto eu estava interessada em que ele entrasse, para lhe pedir uma explicação. Mas esta manhã, ao levantar-se, aborreceu-se com Júlia e deu-lhe uma bofetada. Que monstruosidade! E eu que sempre tratei tão bem as criadas! Uma hora mais tarde deitava-se aos pés da moça e pedia-lhe perdão. Depois mandou-me dizer que não queria ver-me, nem

falar-me mais. Fui ao quarto dela e quando me viu começou a beijar-me e enquanto me beijava foi-me empurrando pra fora de modo que não sei o que se passa. Agora, Alexey Fedorovitch, tenho postas em si as minhas últimas esperanças e por conseguinte a minha vida inteira está nas suas mãos. Só lhe peço que vá falar com ela e consiga que ela lhe conte tudo para depois me vir contar a mim, que sou mãe dela e que morro de desgosto com isto. Não posso resistir mais. Eu tenho paciência, mas posso perdê-la e então... algo de terrível se poderá passar. Ah! Meu Deus! — gritou, radiante de alegria, vendo entrar Perkotin. — Que tarde vem, que tarde! Bem, sente-se e conte, tire-me de inquietações. Que disse o advogado? Aonde vai o senhor, Alexey Fedorovitch?

— Vou ver Lisa.

— Ah, sim! Não esqueça, não esqueça o que lhe disse. É uma questão de vida ou de morte!

— Não o esquecerei e se puder... mas é tão tarde — balbuciou Aliocha, quase fugindo.

— Não, é necessário, é necessário que volte aqui, não diga «se puder». Morreria se não o fizesse.

Mas Aliocha já tinha saído.

Capítulo 3 — Um Diabinho

Encontrou Lisa sentada na sua antiga cadeira de inválida. A jovem não se moveu nem lhe estendeu a mão, mas cravou nele um olhar penetrante e nos seus olhos brilhantes, como que de febre, e na palidez do seu rosto, Aliocha viu a inquietante mudança que, em apenas três dias, se operara naquela natureza. Tocou nos descarnados dedos imóveis no regaço e sentou-se, contemplando-a em silêncio.

— Sei que tens pressa de ir à prisão e que a mamã te reteve mais de uma hora para falar-te de mim e de Júlia — disse Lisa, secamente.

— Como o sabes?

— Ouvi. Por que te admiras? Quando quero escutar, escuto. Não há nisso mal e não tenho por que desculpar-me.

— Alguma coisa te aflige?

— Pelo contrário, sou muito feliz. Estava precisamente a pensar pela terceira vez como fiz bem em repelir-te e negar-me a ser tua mulher. Tu não serves para marido. Se me casasse contigo e te desse uma carta para o meu primeiro amante, tenho a certeza de que irias levá-la e voltarias com a resposta. Aos quarenta anos chegarias a ditar-me os bilhetes amorosos.

E pôs-se a rir.

— Há em ti algo de perverso e simultaneamente ingénuo — disse Aliocha, sorrindo.

— A minha ingenuidade consiste em não envergonhar-me contigo. E o pior é que não sinto a necessidade de envergonhar-me contigo, precisamente contigo. Porque é, Aliocha, que não te respeito? Quero-te muito, mas não te respeito. Se te respeitasse não te falaria sem envergonhar-me, não é verdade?

— Não.

— Mas tu acreditas que não me envergonho?

— Não, não acredito.

Lisa voltou a rir nervosamente; falava muito depressa.

— Mandei doces ao teu irmão Dmitri Fedorovitch. Aliocha, sabes que és muito bonito? Amar-te-ei como uma louca por me teres permitido tão

facilmente não te amar.

— Por que me chamaste, Lisa?

— Queria falar-te de um desejo que tenho. Gostaria de um homem que me maltratasse, que se casasse comigo e me maltratasse, me enganasse e me abandonasse. Não quero ser feliz.

— Estás apaixonada pela desordem?

— Sim, quero a desordem. Gostaria de incendiar a casa. Imagino-me arrastando-me e pegando fogo à casa sem fazer ruído; as pessoas correm a apagá-lo, mas fica tudo reduzido a cinzas. E eu sabendo-o e sem dizer nada. Ah, que estupidez! E como estou aborrecida!

Lisa fez uma careta de fastio.

— Isso é a tua vida regalada — declarou Aliocha, docemente.

— É então melhor ser pobre?

— Sim, é melhor.

— Isso foi o que os monges te ensinaram, mas não é verdade. Deixa-me ser rica e que todos os outros sejam pobres, e comerei doces e nata e não darei nada a ninguém. Ah, não me fales, não me digas nada! — E repeliu-o levantando uma mão, embora Aliocha não tivesse aberto a boca. — Já me disseste tudo isso, sei-o de cor. Estou farta. Se fosse pobre mataria alguém, e ainda que seja rica pode ser que também mate... Porquê não fazer nada? Já sabes que gostaria de ceifar, de cortar o centeio. Casar-me-ei contigo e tu far-te-ás camponês; teremos um cavalo, eh? Conheces Kalganov?

— Sim.

— Anda sempre a viajar, a sonhar. Diz que é preferível sonhar a viver na realidade. Há sonhos deliciosos, enquanto a vida real é sempre um aborrecimento. Mas ele casar-se-á em breve por isso mesmo; anda a fazer-me namoro. Sabes jogar o pião?

— Sim.

— Pois ele é um pião. Precisa de girar, girar. Se me casar com ele, fá-lo-ei dançar toda a vida. Não te envergonhas de estar comigo?

— Não.

— Estás muito aborrecido porque não te falo de coisas celestiais. Não quero ser santa. Que farão no outro mundo ao maior dos pecadores? Tu estás bem informado a respeito dessas coisas.

— Deus repreender-te-á — respondeu Aliocha, olhando-a com severidade.

— Isso era o que eu queria, que me repreendessem, para rir-me na cara de todos. Gostaria imenso de pegar fogo à casa, Aliocha, à nossa casa. Ainda não acreditas?

— Por que não? Há crianças de doze anos que sentem o capricho de pegar fogo a qualquer coisa ou de atirar um objeto para o fogo. É uma doença.

— Não é verdade, não é verdade. Talvez haja crianças assim, mas não é isso que eu quero.

— Tu confundes o bem com o mal e isso é uma crise passageira, talvez o resultado da tua doença.

— O desprezo em que me tens! O que se passa é simplesmente que não desejo fazer o bem e quero fazer o mal, e isto nada tem a ver com a doença.

— Fazer o mal porquê?

— Para destruir tudo! Que bonito seria se tudo ficasse destruído! Olha, Aliocha, por vezes dá-me a ideia de causar um mal horroroso, de praticar uma grande maldade, mas disfarçadamente, para que quando o descobrissem já não houvesse remédio. Todos me apontariam a dedo e eu ficaria a olhar para eles. Seria tão bom? Por que seria tão bom, Aliocha?

— Não sei. É uma mania, esse desejo de destruir algo útil ou de incendiar. Tem acontecido.

— Não falo por falar, seria capaz de fazê-lo.

— Acredito.

— Ah, como te amo por dizeres que acreditas! E tu nunca mentes. Mas talvez penses que te digo isto só para irritar-te.

— Não, não penso tal coisa... Mas talvez também seja um pouco para isso.

— Tens razão. Nunca consigo enganar-te — afirmou ela, com um estranho brilho nos olhos.

O que mais surpreendia Aliocha era a sua sinceridade. Não havia nas palavras da jovem o mínimo rasto do bom humor ou da troça que tempos antes eram tão evidentes, até nos seus momentos mais sinceros.

— Há momentos em que se gosta do crime — murmurou pensativamente Aliocha.

— Sim, sim; expressas exatamente o meu pensamento, o crime agrada a todos, e agrada sempre, não há momento que valha. É como se o mundo

se tivesse posto de acordo para mentir sobre isto, dizendo que odeia a maldade quando na verdade a ama, mas em segredo.

— Ainda lês obras obscenas?

— Sim. A mamã lê-as e eu roubo-lhas de baixo da almofada, onde as guarda.

— Não te envergonhas de destruir-te desse modo?

— É isso mesmo que eu quero, destruir-me. Olha esse rapaz que se lança sobre os carris quando passa o comboio. Como é feliz! Escuta: o teu irmão vai ser julgado por ter assassinado o pai e todos se alegram por ele o ter feito.

— Ter feito o quê, assassinado o pai?

— Sim, alegram-se, todos se alegram por isso! Todos dizem que é uma coisa horrível, mas, no fundo, estão muito contentes. Eu alegro-me sinceramente por todos.

— Há algo de verdade no que disseste — assentiu tristemente Aliocha.

— Oh, que ideias tu tens! — gritou Lisa, encantada. — E és tu um monge! Nem calculas o respeito que me inspiras, porque nunca mentes. Quero contar-te um engraçado sonho que tenho. Sonho muitas vezes com os diabos. E de noite, estou no meu quarto com uma luz e de repente vejo diabos por todos os lados, em todos os cantos, em cima da mesa; abrem a porta e atrás dela há uma legião de demónios que querem levar-me. Aproximam-se e, quando já me agarraram, eu benzo-me e afugento-os; mas não vão para muito longe, ficam ao pé da porta e pelos cantos, à espera. Então dá-me uma vontade espantosa de blasfemar contra Deus, e mal o faço, acodem todos em tropel, agarram-me de novo, eu benzo-me outra vez e eles tornam a fugir. É divertidíssimo; morrerias de riso.

— Já sonhei o mesmo — confessou Aliocha.

— A sério? — gritou ela, surpreendida. — Não troces, Aliocha, porque isso tem uma importância enorme. É possível que duas pessoas diferentes tenham o mesmo sonho?

— Parece que sim.

— Digo-te, Aliocha, que isto é de grande importância — continuou Lisa, em tom de ameaça. — O sonho é o menos, o importante é que tu tenhas sonhado o mesmo. Tu nunca me mentes e suponho que não mentirás agora. É verdade? Não estás a brincar?

— É verdade.

Lisa ficou tão emocionada que teve de guardar silêncio por algum tempo.

— Aliocha, vem ver-me, vem ver-me com mais frequência — pediu de súbito, suplicante.

— Virei sempre, toda a minha vida — respondeu Aliocha, convicto.

— És o único com quem se pode falar — continuou ela. — Eu não falo com ninguém a não ser comigo mesma e contigo; só contigo, e contigo melhor do que comigo mesma. E não sinto nem ponta de vergonha contigo, nem ponta. Por que é que não sinto ponta de vergonha? Aliocha, é verdade que na Páscoa os judeus roubam uma criança e a matam?

— Não sei.

— Tenho por aí um livro que refere o processo de um judeu que roubou uma criança de quatro anos, lhe cortou os dedos de ambas as mãos e a cravou na parede, trespassando-lhe com pregos os pés e as mãos. Depois declarava que a criança morrera depressa, em menos de quatro horas. Isso era depressa! Dizia que o menino gritava, gritava sem cessar, e ele divertia-se ouvindo-o. É bonito!

— Bonito?

— Delicioso! Por vezes, imagino que fui eu quem o crucificou. O menino pende da parede, queixando-se, e eu sento-me diante dele, a comer ananás. Gosto imenso de ananás. E tu?

Aliocha ficou a olhar para ela sem responder. Notou que o rosto pálido da jovem se alterava e que tinha os olhos chamejantes.

— Olha, quando li isso do judeu, chorei toda a noite. Imaginava o pequeno... uma criança de quatro anos, já vês... chorando e gritando, enquanto eu me empanturrava de ananás. No dia seguinte, escrevi uma carta a certa pessoa, rogando-lhe encarecidamente que viesse ver-me. Veio e contei-lhe logo a história do menino e do ananás; contei-lhe tudo e disse-lhe que era bonito. Ele riu-se e declarou que, efetivamente, era muito bonito. Esteve aqui cinco minutos e foi-se embora. Desprezou-me? Diz-me, Aliocha, achas que me desprezou? — E Lisa endireitou-se, fixando nele os olhos muito abertos.

— Diz-me — perguntou Aliocha por sua vez, com grande interesse — chamaste essa pessoa?

— Sim.

— Mandaste-lhe uma carta?

— Sim.

— Só para lhe falar do menino?

— Não, não foi para isso. Mas quando o vi interroguei-o imediatamente a respeito do assunto. Ele respondeu, sério, e depois levantou-se e foi-se embora.

— Portou-se honradamente — murmurou Aliocha.

— E desprezou-me? Troçou de mim?

— Não, pois talvez ele mesmo acredite no ananás. Também ele está agora muito doente, Lisa.

— Sim, devia acreditar — disse Lisa, com os olhos brilhantes.

— Não despreza ninguém — continuou Aliocha. — O que se passa é que não acredita em ninguém, e quem não acredita no próximo é natural que o despreze.

— Nesse caso despreza-me a mim, a mim?

— Sim, a ti também.

— Deus!... — E Lisa rilhou os dentes. — Quando se foi embora, a rir-se, senti que era bom ser desprezada. O menino, com os dedos cortados, é uma coisa bonita, e também é bonito desprezarem-nos...

E pôs-se a rir, com um nervosismo a que se misturava malícia.

— Bem vês, Aliocha, bem vês como eu sou... Aliocha, salva-me! — gritou arrebatadamente, saltando da cadeira e pegando-lhe em ambas as mãos. — Salva-me! A ninguém neste mundo posso dizer o que te disse. Disse-te a verdade, a verdade. Matar-me-ei, porque detesto tudo! Não quero viver, porque tudo me aborrece! Estou farta de tudo, de tudo! Por que não me amas nem um pouco, Aliocha?

— Mas eu amo-te! — respondeu Aliocha, afetuoso.

— E chorarias por mim, chorarias?

— Sim.

— E não por eu recusar-me a ser tua mulher, apenas por amor de mim?

— Sim.

— Obrigada. Só quero as tuas lágrimas. Os outros podem maltratar-me e espezinhar-me, todos, *todos sem exceção.* Porque eu não gosto de ninguém, ouves?, de ninguém! Pelo contrário, odeio-os! — E, afastando-se dele, acrescentou: — Vai Aliocha, são horas de ires ver o teu irmão.

— Como posso deixar-te assim? — protestou Aliocha, alarmado.

— Anda, vai ver o teu irmão antes que fechem a cadeia, vai. Aqui tens o chapéu. Leva-lhe lembranças minhas, corre, corre.

E quase o empurrou para a porta. Aliocha voltou-se para contemplá-la com surpresa e pena quando notou que a jovem segurava uma carta, uma carta em sobrescrito selado. Leu a direção. «Para Ivan Fedorovitch Karamazov.» Olhou sobressaltado para Lisa. No rosto dela havia uma expressão de ameaça.

— Dá-lha, é preciso que lha dês! — ordenou, trémula e fora de si. — Hoje mesmo, já, ou envenenar-me-ei! Foi por isso que te mandei chamar.

Fechou a porta com violência e correu o ferrolho por dentro. Aliocha meteu a carta no bolso e saiu sem lembrar-se de ir ao quarto da senhora Hohlakov. Assim que ele saiu, Lisa puxou o ferrolho, entreabriu a porta e empurrou-a com todas as suas forças, entalando um dedo. Depois voltou para a cadeira, sentou-se e ficou a olhar para o dedo enegrecido e para o sangue que brotava de baixo da unha. Os seus lábios tremiam, murmurando:

— És uma miserável, uma miserável, uma miserável!

Capítulo 4 — Um Hino e um Segredo

Começava a escurecer quando Aliocha chegou à prisão; era tarde e os dias são muito curtos em novembro, mas sabia que o deixariam entrar. As coisas passavam-se na nossa cidade como em todo o lado: ao princípio, enquanto decorriam as últimas investigações, só a família e muito poucas pessoas tinham autorização para falar com o preso, e apenas depois de preencher as inevitáveis formalidades; com o passar do tempo fizera-se caso omisso de tudo isto em favor de certas visitas, às quais era dado o privilégio de falar com Mitya em *tête à tête,* na cela-locutório.

Só Gruchenka, Aliocha e Rakitin eram tratados com tal deferência. O chefe da Polícia, Mikail Makarovitch, estava muito bem impressionado com Gruchenka, arrependia-se de tê-la ofendido e mudara completamente de opinião a respeito dela depois de conhecer a sua história. Quanto a Mitya, embora persuadido da sua culpabilidade, tendia a julgá-lo cada dia segundo um critério mais piedoso, vendo nele um bom coração levado ao crime pela bebida e pela ociosidade. Na sua alma, ao horror sucedera-se a pena, e no que respeita a Aliocha sempre o tratara com grande afeto e simpatia. Rakitin, que ia com frequência ver o preso, era íntimo das «meninas do chefe da Polícia», como lhes chamava, e dava lições em casa do carcereiro, o qual, se bem que severo no cumprimento dos seus deveres, era uma alma de Deus. Aliocha estava em íntimas relações com o carcereiro, que gostava imenso de conversar com o jovem, especialmente sobre assuntos religiosos; o homem respeitava muito Ivan, mas temia a sua opinião, ainda que ele próprio fosse um grande filósofo, um pensador. Aliocha exercia sobre ele um atrativo irresistível; durante todo aquele ano dedicara-se ao estudo dos Evangelhos apócrifos e ia constantemente trocar impressões com o amigo. Quando chegava ao mosteiro, ficava a discutir horas inteiras com ele e com os monges. De modo que se Aliocha chegava tarde à prisão, encontrava todo o género de facilidades, e todos os guardas, do primeiro ao último, tratavam-no com tanto respeito como simpatia. A sentinela, vendo que os chefes o autorizavam, não via motivos para opor-se.

Já dissemos que Mitya recebia as visitas no locutório, a cuja porta Aliocha se encontrou nessa tarde com Rakitin, que acabava de despedir-se do preso. Ouvira-se falar em voz alta e notara que, enquanto Mitya ria espontaneamente, a voz do outro parecia um grunhido. Rakitin, que havia algum tempo evitava os encontros com Aliocha e o cumprimentava com secura, ao vê-lo naquele instante fez uma careta de irritação e voltou-se, como que distraído, para abotoar o casaco de peles. Depois pôs-se a procurar o chapéu de chuva.

— Parece-me que esqueço qualquer coisa minha — acabou por dizer.

— Cuidado, não vás esquecer qualquer coisa que seja do próximo — disse Mitya, rindo-se da sua própria graça.

Rakitin zangou-se no mesmo instante e gritou, trémulo de ira:

— Guarda o conselho para a tua família, que vive do comércio de escravos, e não para Rakitin.

— Mas que tens tu? Era uma brincadeira! — surpreendeu-se Mitya. — Ao diabo! São todos o mesmo. — E voltou-se para Aliocha, designando Rakitin, que se afastava apressadamente. — Estava aqui sentado, a rir-se muito contente, e de repente põe-se a dar coices. Nem sequer olhou para ti. Zangaram-se de vez? Por que vens tão tarde? Ansiava ver-te. Mas não importa, agora falaremos.

— Por que vem ele com tanta frequência? São assim tão amigos? — perguntou Aliocha, fazendo um aceno de cabeça em direção à porta por onde Rakitin acabava de sair.

— Rakitin? Nem por isso... Amigo de um porco como ele? Considera-me um... biltre. Nunca compreendem uma brincadeira, são as piores das pessoas; incapazes de entender uma piada e com uma alma árida e fria; fazem-me lembrar as paredes da prisão quando me trouxeram para aqui. Mas é um rapaz inteligente. Bom, Alexey, acabou-se tudo para mim.

Dmitri sentou-se no banco e convidou Aliocha a tomar lugar a seu lado.

— Sim, é amanhã o julgamento. Mas estás assim tão desesperançado?

— De que estás a falar? — respondeu Mitya, olhando para ele quase desconcertado. — Ah! Do julgamento! Que vá para o diabo! Até agora não temos feito outra coisa senão falar a respeito desse julgamento, mas nada te disse do mais importante. Sim, amanhã é o julgamento; mas não pensava nisso ao dizer-te que está tudo acabado para mim. Por que me olhas com esses olhos perscrutadores?

— Em que pensas, Mitya?

— Nas ideias, nas ideias; é a única coisa. A ética! O que é a ética?

— A ética? — repetiu Aliocha, pensativo.

— Sim. Não é uma ciência?

— Sim... algo no género. Mas confesso que não sei explicar-te que espécie de ciência.

— Rakitin sabe-o. Rakitin sabe muitas coisas, diabo! Não será monge. Pensa ir para Petersburgo e dedicar-se à crítica no sentido mais elevado. Quem sabe, talvez faça carreira. São os tipos como ele que fazem carreira! Ao diabo os éticos! Acabaram comigo, Alexey, acabaram, homem de Deus! Gosto mais de ti do que de qualquer outra pessoa; o coração salta-me de alegria quando te vejo. Quem era Karl Bernard?

— Karl Bernard? — repetiu Aliocha, novamente surpreendido.

— Não, não é Karl. Espera, enganei-me. Cláudio Bernard. O que era ele? Um químico, ou quê?

— Deve ter sido um sábio — respondeu Aliocha. — Mas confesso que também não posso dizer-te grande coisa a respeito dele. Sei que era um sábio, mas não sei em quê.

— Pois que vá para o diabo! Eu também não sei. Provavelmente era um canalha. São todos uns canalhas. E Rakitin não tardará a ser mais um entre tantos; só pode dar em canalha. É outro Bernard. Oh, que nojo me fazem esses Bernard! Encontram-se por todo o lado.

— Mas, de que se trata?

— Quer escrever um artigo a meu respeito, sobre o meu caso, e iniciar assim a sua carreira literária. Diz que vem por isso. Pretende provar certa teoria; quer chegar a esta conclusão: não teve outro remédio senão matar o pai, seduzido pelas circunstâncias que o rodeavam, etc. Contou-me tudo. Diz que vai dar-lhe um caráter socialista. Ao diabo! Por mim, dê-lhe o caráter que quiser, é o mesmo. Não pode suportar o Ivan, odeia-o; de ti também não gosta. Eu recebo-o porque é esperto, embora vaidoso como só ele. Ainda há pouco lhe dizia que os Karamazov não são uns biltres, e sim filósofos, pois todos os verdadeiros russos são filósofos, e que ele, apesar de ter estudos, longe de ser um filósofo, é um cretino. Riu-se com toda a sua malícia e eu disse-lhe: *in ideabus non est disputandum.* Não lhe disse bem? Sei alguma coisa dos clássicos, como vês! — E Mitya lançou uma das suas gargalhadas.

— E por que dizes que acabaram contigo? — perguntou Aliocha.

— Porquê?... Hum!... O caso é que... se vamos ao fundo da questão, custa-me perder Deus. Olha, Aliocha...

— Custa-te perder Deus?

— Imagina; cá dentro, nos nervos, na cabeça... quer dizer, esses nervos estão no cérebro... Ao diabo!... há umas fibras, umas fibras pequeníssimas desses nervos, que quando começam a vibrar... quer dizer, vais ver, eu olho para qualquer coisa e essas pequenas fibras põem-se a vibrar... e enquanto elas vibram, aparece uma imagem... a imagem não se forma num instante, não; passa algum tempo, um segundo... e então aparece algo como um momento... quer dizer, não é um momento... que o diabo leve o momento!... é uma imagem; isto é, um objeto ou uma ação, diabo! É por isso que vejo e que depois penso, por essas fibras, e não porque tenha uma alma ou porque tenha sido feito à imagem e semelhança de alguém. Tudo isso são parvoíces! Ontem Rakitin explicou-me tudo muito bem, irmão, e a mim só consegue dar-me volta à cabeça. É portentosa, Aliocha, essa ciência! há de transformar o homem... segundo me pareceu... E, no entanto, custa-me perder Deus!

— De todos os modos, é uma grande coisa — disse Aliocha.

— Que me custe perder Deus? É a química, irmão, a química! Suas reverências nada podem fazer. Há que deixar passar a química. E Rakitin não ama Deus. Puf! Que amará ele? É esse o mal de que padece, mas oculta-o, mente, faz ver uma coisa por outra. «E vais expô-lo assim nas revistas?», perguntei-lhe. «Oh, bom, se o disser tão às claras não me publicarão», respondeu, pondo-se a rir. «Mas que será do homem», insisti, «sem Deus e sem imortalidade? Acaso não lhe será tudo permitido e não fará o que lhe der na gana?» «Fica sabendo», respondeu-me, «que o homem inteligente faz tudo o que quer. Sabe sempre onde põe o pé. Mas tu escorregaste ao querer pô-lo, cometendo um crime, e vieste dar de cabeça na prisão.» Atreveu-se a dizer-me isto mesmo, o porco! A outro qualquer tê-lo-ia corrido a pontapés, mas a ele escuto-o. Fala com muito sentido, e escreve bem. Na semana passada leu-me um artigo de que copiei algumas linhas. Aqui está.

Tirou do bolso um pedaço de papel e leu:

— «Para chegar à solução deste problema, é absolutamente essencial que o homem fixe a sua personalidade em oposição à sua realidade.» Entendes isto?

— Não, não entendo palavra — respondeu Aliocha, olhando fixamente para o irmão e esperando com curiosidade as suas palavras.

— Pois eu também não. É obscuro e confuso, mas culto. Diz que agora todos escrevem assim, por efeito das circunstâncias. Têm medo das circunstâncias. Também escreve poesias, o animal. Escreveu um elogio ao pé da senhora Hohlakov. Ah, ah, ah!

— Bem sei.

— Sabes? E conheces o poema?

— Não.

— Tenho-o comigo. Aqui está. Vou ler-to. Não imaginas... não to disse ainda, há toda uma história a respeito disto. É um canalha! Há três semanas começou a importunar-me, dizendo: «Deixaste-te apanhar na armadilha, como um estúpido, por três mil rublos; mas eu vou deitar a mão a cento e cinquenta mil sem me custar nada. Vou casar com a senhora Hohlakov e comprar uma casa em Petersburgo.» E contou-me que fazia a corte a essa senhora, a qual aos quarenta perdera o pouco juízo que tivera enquanto jovem. «Mas como é muito sentimental», disse-me, «vou tirar-lhe o sumo. Quando casar com ela, levá-la-ei para Petersburgo e fundarei um jornal.» Tremiam-lhe os lábios, à grande besta, e não era por causa da viúva, e sim pelos cento e cinquenta mil rublos. Acabou por fazer-me acreditar. Vinha ver-me todos os dias, dizendo que ela começava a corresponder-lhe. E no fim acabou por ser corrido. Perkotin tinha-se-lhe adiantado, ficando com o bolo. Bravo! Gostaria de dar um abraço a essa velha maluca por tê-lo posto na rua. Quando compôs esse romance, disse-me que era a primeira vez que sujava as mãos escrevendo poesia, mas que como o tinha feito para conquistar um coração, o fim justificava os meios, pois com o ouro da imbecil seria muito útil à sociedade. Têm sempre na boca a palavra sociedade para justificar todas as velhacarias! «De todos os modos», acrescentou, «a minha poesia é melhor que a de Pushkin, pois nela desenvolvo uma ideia culta.» Compreendo que se julgue superior a Pushkin, se sendo um homem de talento não fez mais do que escrever sobre os pés do belo sexo. O que ele estava satisfeito com o seu romance! São uns tipos vaidosos! O título que pensava dar-lhe era: «Na convalescença do pé inchado do objeto do meu amor.» Que grande animal!

Um pezinho encantador, divino,
Magoou-se, o pobre, de tão rígido!

A ligá-lo correram os doutores,
E à dona deixaram sem alívio.

Não é, porém, o pé que me preocupa.
(Tema nele tem de Pushkin a musa.)
Não é o pé que temo, é a cabeça:
Receio que perca de todo o tino!

Pois à medida que o pé incha,
Vai-se-lhe minguando o cérebro.
Depressa, venha remédio portentoso,
Que dos pés à cabeça a transforme!

É um porco, um porco; mas está feito raposa, o velhaco! E, na verdade, aponta muito alto a sua ideia. Como ficou danado quando o puseram na rua! Como lhe rilhavam os dentes!

— Já se vingou — disse Aliocha — publicando uma nova sobre a senhora Hohlakov.

E contou a história do artigo.

— É dele, é dele — assentiu Mitya, franzindo o sobrolho. — Esse artigo escreveu-o ele!... Sei bem as injúrias que se escreveram contra Gruchenka, por exemplo... e também contra Katya... Hum!

E pôs-se a dar voltas pela sala, com ar desolado.

— Não posso ficar muito tempo, irmão — disse Aliocha, após uma pausa. — Amanhã será um dia terrível para ti, cumprir-se-á o juízo de Deus... Espanta-me ver-te andar de um lado para o outro, falando de não sei o quê...

— Não receies por mim! — replicou Mitya, acaloradamente. — Queres que te fale desse cão hediondo? Do assassino? Já falámos bastante a respeito dele. Não quero gastar mais saliva com o monstruoso filho da monstruosa Lizaveta. Deus há de matá-lo, verás! Que nojo!

Aliocha aproximou-se dele, muito agitado, e beijou-o. Os seus olhos cintilavam.

— Rakitin não compreenderia isto, mas tu compreendes tudo — continuou Mitya numa das suas exaltações. — Por isso ansiava a tua visita. Olha, há muito que queria dizer-te uma coisa, aqui, entre estas frias paredes, e nada te disse do que era mais importante, como se não tivesse

tido tempo. Não quero esperar mais para abrir-te o meu coração. Meu irmão, nestes dois meses encontrei em mim um homem novo. Levantou-se em mim um homem novo. Estava escondido, e nunca o teria descoberto sem a ferida recebida de cima. E tenho medo! Não me importo de passar vinte anos nas minas procurando filões com uma picareta; disso não tenho medo nenhum. O que receio agora é que me abandone o homem novo que nasceu em mim; também nas minas, debaixo da terra, posso encontrar um homem de coração na figura de um condenado, de um assassino, e podemos ser amigos; mesmo ali, pode-se viver, amar e sofrer. É possível enternecer o coração de pedra de um condenado; esperar durante anos e arrancar por fim do fundo das trevas uma alma sublime; nele pode-se despertar um anjo, dele pode fazer-se um herói. Há muitos assim entre os presidiários, às centenas, e somos nós os responsáveis. Por que foi que naquele momento sonhei com a criança? «Como aquele pobre menino está numa tão espantosa miséria?» Isto para mim foi uma revelação. Irei para lá por essa criança, porque todos somos responsáveis por todos; por todas as crianças, grandes e pequenas. Todos são crianças. Irei por todos, pois alguém deve sofrer por todos. Não matei o meu pai, mas é necessário que vá e aceite o castigo. Tudo acode à minha imaginação entre estas frias paredes; imagino uma multidão de gente debaixo da terra, centenas de forçados de picareta nas mãos. Oh, sim! Arrastaremos grilhões e não teremos liberdade, mas da nossa grande aflição ressuscitaremos a alegria, sem a qual o homem não pode viver nem Deus existiria, já que é o dispensador de todos os gozos, que reparte como um privilégio. Ah! Como haveria o homem de desfazer-se em preces! Que seria de mim sem Deus, debaixo da terra? Rakitin pode rir-se! Se eles expulsarem Deus da superfície, nós defendê-lo-emos nos subterrâneos. É impossível viver sem Deus no fundo das prisões, mais impossível ainda do que na liberdade das ruas. E então nós, os homens subterrâneos, cantaremos nas trevas um hino de glória ao Deus da alegria! Louvado seja Deus e a sua alegria! Amo-o!

Mitya respirava ruidosamente ao chegar a este ponto do seu impetuoso discurso. Estava pálido, tremiam-lhe os lábios e lágrimas ardentes deslizavam-lhe pelas faces.

— Sim, a vida está na sua plenitude e até no seio da terra há vida — continuou. — Se soubesses, Alexey, como agora desejo viver, que sede de vida, de uma existência consciente despertou em mim entre estas paredes nuas! Rakitin não o entende. Só pensa em construir uma casa e em fazer

planos. Como ansiava ver-te! E que significa o sofrimento? Não o temo, mesmo que seja insuportável. Não o temo agora como o temia antes. Olha, talvez não responda a nada no julgamento... E sinto em mim tal força que me creio capaz de passar por tudo, de sofrer tudo, desde que possa dizer, repetir para mim mesmo a cada momento: «Existo.» Atormentado por angústias... existo. Sofro as dores do potro... mas existo! Vejo-me sentado no patíbulo... Existo! Vejo o Sol, e se não o vejo, sei que brilha. Aliocha, meu anjo, todas essas filosofias me matam. Que vão para o diabo! O nosso irmão Ivan...

— Que há com Ivan? — interrompeu-o Aliocha, sem que Mitya se desse conta.

— Olha, nunca antes tinha tido estas dúvidas, mas germinavam em mim, e talvez para que não brotassem em mim as ideias entregava-me à bebida, ao deboche e à cólera. Queria sufocá-las, reduzi-las ao silêncio, aniquilá-las. Ivan não é como Rakitin; Ivan leva uma ideia na cabeça; mas é uma esfinge e cala-se, cala-se sempre. Deus é o que me preocupa, é o que me faz sofrer. E se não existe? E se Rakitin tem razão ao dizer que não passa de uma ideia dos homens? Então, se Ele não existe, o homem é o dono e senhor da terra, do universo. Magnífico! Mas como será virtuoso sem Deus? É esta a questão, e volto sempre ao mesmo: a quem amará o homem? A quem se mostrará agradecido? A quem cantará o hino? Rakitin ri-se. Rakitin afirma que se pode amar a humanidade sem Deus. Bom, só um idiota seria capaz de manter semelhante opinião. Eu não o compreendo. A vida é coisa fácil para Rakitin. «Farias melhor pensando em alcançar os direitos sociais e em baixar o preço dos alimentos. Demonstrarás mais amor à humanidade através deste meio tão simples do que agitando a filosofia.» «Bom», respondi-lhe, «é que tu, sem Deus, cuidarás mais de aumentar o preço dos alimentos, se tiveres ocasião, preocupado apenas com fazer um rublo de cada kopeck.» Ele zangou-se. Mas, ao fim e ao cabo, o que é a bondade? Responde-me, Alexey. Eu tenho uma e o chinês tem outra; portanto, é algo relativo. Ou não? Não é relativo? Pérfida pergunta. Não te rias se te disser que me tirou o sono durante duas noites. Não sei como podem os homens viver sem pensar nisto. Vaidade! Ivan não acredita em Deus. Tem uma ideia. Não sei qual é. Ele cala-a. Creio que é franco-mação. Perguntei-lho, mas ele calou-se. Desejava beber da fonte da sua alma... mas tinha-a fechada. Só uma vez deixou escapar uma frase.

— Que disse? — perguntou Aliocha, vivamente.

— Perguntei-lhe se era tudo permitido. Franziu a testa e respondeu: «O papá, Fedor Pavlovitch, era um epicurista, mas ainda tinha ideias retas.» Foi tudo quanto disse. Mas vale mais isto do que o palavreado de Rakitin.

— Sim — concordou Aliocha, com amargura. — Quando o viste?

— Já falamos disso, ainda tenho uma coisa a dizer-te. Não te tinha falado de Ivan. Deixo-o para o fim. Quando tivermos saído de tudo isto e soubermos o veredicto dir-te-ei qualquer coisa; dir-te-ei tudo. Pensámos algo tremendo... E tu serás o meu juiz. Mas não me perguntes nada agora, cala-te. Falavas de amanhã, do julgamento; pois, queres crer que não me preocupa absolutamente nada?

Falaste com o advogado?

— E para que me serve o advogado? Contei-lhe tudo. É um vaidoso, um tolo... um Bernard. Não acreditou em mim. Calcula que pensa que fui eu. «Nesse caso», perguntei-lhe, «por que aceitou defender-me?» Que os enforquem todos juntos. Também mandaram vir um médico, para provar que estou louco. Não quero passar por isso! Catalina Ivanovna quer cumprir o seu «dever» até ao fim, custe o que custar. — Mitya sorriu amargamente. — A gata! É uma fêmea cruel! Sabe que eu em Mokroe lhe chamei uma mulher infernal e vingativa; contaram-lho. Sim; as acusações contra mim são mais numerosas do que as areias do mar; Grigory aferra-se à sua declaração. Grigory é honrado, mas imbecil; muita gente é honrada porque é imbecil; esta é a opinião de Rakitin. A alguns mais valia tê-los por adversários do que por amigos. Refiro-me a Catalina Ivanovna. Tremo de medo, oh!, tremo ao pensar que contará como se inclinou até ao chão ao receber os quatro mil rublos. Não preciso do seu sacrifício. Deixar-me-á envergonhado diante de toda a gente. Não sei se poderei suportá-lo. Ouve, Aliocha, pede-lhe que não fale disso no julgamento, está bem? Mas... ao diabo tudo isso, não me importa! Irei para diante de qualquer modo. Não tenho pena dela. Ela é que tem a culpa e pela minha parte contarei o que sei. — Mitya voltou a sorrir. — Mas... mas, Grucha, Grucha! Bom Deus! Por que há de sofrer tanto? — exclamou, com lágrimas nos olhos. — Grucha mata-me; só de pensar nela sinto-me morrer, sinto-me morrer. Não há muito esteve comigo...

— Disse-me que te tinhas afligido...

— Eu sei. Este meu maldito caráter! Ciúmes. Estava muito triste, beijei-a quando se foi embora, e não lhe pedi perdão.

— Por que não o fizeste? — perguntou Aliocha.

Mitya lançou uma das suas joviais gargalhadas.

— Deus te livre, meu filho, de pedir perdão por uma falta à mulher que ames, sobretudo se a amares verdadeiramente, por muito grande que seja a tua falta. Quem diabo sabe o que pensa uma mulher? Eu conheço-as um pouco. Mas reconhece-te em falta ante uma mulher, diz-lhe: «Lamento, perdoa-me», e verás como chovem sobre ti as recriminações! Nunca obterás dela um perdão simples e franco, humilhar-te-á até ao pó, recordará tudo sem esquecer a mais pequena coisa, acrescentará algo de que ela própria tenha de culpar-se, e só então te perdoará. E isto no caso de ser uma das melhores. Irá buscar todos os desperdícios para lançá-los sobre a tua cabeça. Acharás sempre dispostos a esfolar-te vivo, asseguro-te, esses anjos sem os quais a vida nos seria impossível. Francamente, todo o homem decente deve encontrar-se debaixo do polegar de alguma mulher; tal é a minha convicção, ou pelo menos o meu sentimento. O homem deve ser magnânimo, e isso não deve envergonhá-lo, ainda que seja um herói, ainda que fosse César; mas nem por isso deve pedir perdão. Lembra-te do conselho que te dá Mitya, quando se vê perdido pelas mulheres. Não, é melhor que me reconcilie com Grucha de qualquer outra maneira, sem pedir-lhe perdão. Adoro-a, Alexey, adoro-a, e ela atormenta-me com o seu amor. Antes de conhecê-la, nada. Antes, eram as curvas diabólicas das mulheres o que me atormentava, mas agora foi a sua alma que se derramou toda na minha, fazendo de mim um homem novo. Deixar-nos-ão casar? Se não deixarem, matar-me-ão de ciúmes. Todos os dias imagino... Que te disse de mim?

Aliocha repetiu o que Gruchenka lhe dissera. O irmão escutava-o, fazia-o repetir algumas frases e parecia contente.

— Nesse caso, não lhe desagradou saber-me ciumento? É uma verdadeira mulher! «Tenho um coração a toda a prova.» Ah, como amo esses corações, embora não possa suportar que tenham ciúmes de mim. Não posso com isso! Discutiremos, mas amá-la-ei sempre, amá-la-ei imensamente. Deixar-nos-ão casar? Permitem que os forçados se casem? É essa a questão. Eu sem ela não posso viver...

E Mitya passeou pela cela de cenho franzido. Era quase noite. De súbito, voltou-se com uma expressão preocupada.

— Diz então que há um segredo? Pensa que preparamos uma conspiração contra ela e que Katya entra nessa conspiração. Não, minha boa Gruchenka, não há nada disso, enganaste-te completamente nas tuas imaginações de mulher. Aliocha, querido, seja! Vou revelar-te o segredo.

Olhou em torno, chegou-se quase ao ouvido de Aliocha, que se sentava diante dele e, com voz confidencial e misteriosa, embora ninguém pudesse ouvi-lo, já que o guarda ressonava num canto e os soldados da guarda estavam demasiado longe, sussurrou apressadamente:

— Vais saber o nosso segredo. Pensava revelar-to mais tarde; já sabes que nada decidiria sem ti, que és tudo para mim. Embora diga que Ivan é superior a nós, tu és o meu anjo, e segundo opinares, assim decidirei. Talvez tu sejas superior a Ivan. Olha, é um caso de consciência, um grave caso de consciência... o segredo é tão importante que não quis comprometer-me fosse ao que fosse sem primeiro falar contigo. De todos os modos, é muito cedo para decidir. Quando soubermos a sentença, decidirás da minha sorte. Não o faças já. Vou dizer-te; escuta, mas não decidas. Está quieto e cala-te. Não te vou dizer tudo, só vou dar-te uma ideia, nada de pormenores, mas guarda-a sem uma palavra. Nem uma pergunta, nem um gesto. Concordas. Mas, Deus!, que farei com os teus olhos? Receio que os teus olhos me revelem a tua opinião, ainda que não fales. Oh, tenho medo! Escuta, Aliocha! Ivan propõe a minha fuga. Não te direi como, isso decidir-se-á depois. Sssht! Não digas nada. Iria para a América com Grucha. Bem sabes que não posso viver sem ela! E se não a deixassem acompanhar-me para a Sibéria? Permitirão que os forçados se casem? Ivan pensa que não. E que faria eu sem Grucha, nas minas? Destroçaria a cabeça contra uma rocha! Mas, por outro lado, e a minha consciência? Teria de fugir ao castigo. Ouvi uma voz vinda do céu e desprezei-a; abriu-se-me um caminho de salvação e volto para trás. Ivan diz que com boa vontade um homem pode ser mais útil na América do que nas minas. E que seria do nosso hino subterrâneo? América! O que é a América, senão vaidade? Suponho que também na América devem abundar os aldrabões. Teria que fugir da cruz! Digo-to, Alexey, porque és tu o único capaz de compreender isto. Ninguém mais. Para todos os outros são parvoíces, loucuras, o que te disse a respeito do hino. Dizem que perdi a cabeça, que sou um louco, mas não perdi a cabeça nem estou louco. Também Ivan compreendeu isso do hino; compreendeu, mas não respondeu... não disse nada. É porque não acredita no hino. Não fales, não

fales. Bem vejo como me olhas. Já formaste a tua opinião. Não ma digas, espera! Não posso viver sem Grucha! Espera até depois do julgamento!

Mitya estava fora de si. Agarrou Aliocha pelos ombros e, olhando-o com olhos inflamados, repetiu-lhe em tom de súplica:

— Permitem que os forçados se casem? Permitem?

Aliocha escutava-o comovido, angustiado.

— Diz-me uma coisa — perguntou. — Ivan está muito empenhado nisso? De quem foi a ideia?

— Dele, dele, e está muito empenhado. Ao princípio não vinha ver-me; depois, há uma semana, veio, e falou-me disto. Está muito empenhado. Não aconselha, ordena-me que fuja, e não duvida de que lhe obedecerei, embora lhe tenha posto todos os reparos que te manifestei e lhe tenha falado do hino. Mas deixemos isso para depois. Está firme no seu propósito. É tudo uma questão de dinheiro: comprará a minha fuga por dez mil rublos e dar-me-á vinte mil para que vá para a América. Diz que com dez mil rublos poderemos simular magnificamente uma fuga.

— E recomendou-te que nada me dissesses?

— Que nada dissesse, e muito menos a ti; que nada te dissesse. Receia que te ponhas à minha frente, como a consciência. Não lhe digas que te falei nisto; não lho digas, por nada do mundo.

— Tens razão — concordou Aliocha. — Nada pode decidir-se antes de ser conhecida a sentença. Depois, tu mesmo decidirás. O homem novo que há em ti decidirá.

— Um homem novo, ou um Bernard que decidirá *à la* Bernard; porque creio que não passo de um vil Bernard — disse Mitya, com uma expressão de amargura.

— Mas, irmão, não tens esperança de sair absolvido?

Mitya encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— Aliocha, querido — apressou-se depois a dizer — são horas de te ires embora. Ouço o carcereiro no pátio, não tardará em estar aqui. É tarde e violamos o regulamento. Abraça-me, dá-me um beijo. Faz sobre mim o sinal da cruz, dessa cruz que amanhã terei de carregar.

Os dois irmãos abraçaram-se e beijaram-se.

— Ivan — disse Mitya, de súbito — aconselha-me a evasão; mas, é claro, considera-me culpado. — E um triste sorriso apareceu nos seus lábios.

— Perguntaste-lhe se é isso que pensa? — quis saber Aliocha.

— Não, não lho perguntei. Queria fazê-lo, mas não fui capaz. Não tive coragem. Mas li-o nos seus olhos. Bom, adeus!

Beijaram-se de novo e Aliocha já saía quando o outro o chamou.

— Olha-me nos olhos. Assim, muito bem. — E agarrou-o novamente pelos ombros. Empalideceu tão intensamente que Aliocha pôde notá-lo na escuridão que os envolvia; tremiam-lhe os lábios e os seus olhos estavam cravados nos do irmão. — Aliocha, diz-me a pura verdade, como se estivesses diante de Deus. Acreditas que fui eu quem o matou? No teu foro íntimo, só para ti, acreditas? A verdade, não mintas! — gritou com desespero.

Aliocha sentiu como que uma punhalada em pleno coração e como se tudo se desmoronasse sobre a sua cabeça.

— Oh! Que perguntas! — disse, desfalecido.

— A verdade, toda a verdade, não mintas! — insistiu Mitya.

— Nunca, nem um só instante acreditei que fosses tu o assassino! — respondeu Aliocha com voz rouca e entrecortada, levantando a mão direita e tomando Deus por testemunha.

Uma luz de beatitude espalhou-se pelo rosto de Mitya.

— Obrigado! — disse, cansadamente, com um suspiro doloroso. — Acabas de devolver-me a vida. Acreditas que até agora tinha medo de to perguntar? E a ti, a ti! Bom, vai! Deste-me coragem para amanhã. Deus te abençoe! Anda, vai! Ama Ivan! — acrescentou Mitya.

Aliocha saiu a chorar. O desespero de Mitya, a sua desconfiança até para com ele, punham-no de súbito à vista do abismo de dor que havia na alma do irmão e que o deixava transido de pena, esmagado pela piedade. O aço do punhal removia-se no seu destroçado coração, recordando-lhe as palavras de Mitya: «Ama Ivan.» Era a casa de Ivan que se dirigia. Durante todo o dia pensara em ver Ivan, que o preocupava tanto como Mitya, e agora mais do que nunca.

Capítulo 5 — Tu, Não!

A casa de Catalina Ivanovna ficava-lhe no caminho para a de Ivan, e, avistando luz, Aliocha deteve-se e resolveu entrar. Havia mais de uma semana que não a via e pensou na possibilidade de encontrar Ivan com ela, sendo a véspera do tremendo dia. Na escada, tenuemente iluminada por uma lâmpada chinesa, encontrou um homem que descia e em quem reconheceu o irmão, o qual, pelos vistos, acabava de despedir-se de Catalina Ivanovna.

— Ah, és tu! — disse Ivan, secamente. — Adeus! Vais vê-la?

— Sim.

— Não to aconselho. Está muito excitada e acabarás de transtorná-la.

Abriu-se uma porta no patamar e logo a seguir uma voz gritou:

— Não, não! Alexey Fedorovitch foi vê-lo?

— Sim, acabo de estar com ele.

— Encarregou-o de alguma coisa para mim? Suba, Aliocha. E você, Ivan, é necessário que suba também, é necessário. Ouve?

Havia uma nota tão imperiosa na voz de Katya que Ivan, depois de hesitar um instante, resolveu acompanhar Aliocha.

— Estava à escuta — murmurou com ira, e não tão baixo que Aliocha o não ouvisse. — Permita que fique com o sobretudo — disse, ao entrar no salão. — Não me sento, ficarei apenas um instante.

— Sente-se, Alexey Fedorovitch — convidou Catalina Ivanovna, permanecendo ela de pé. Mudara pouco naquelas semanas, mas os seus olhos negros tinham um brilho sinistro, e Aliocha recordava mais tarde que naquele momento a sua beleza o impressionara de um modo especial. — Que tem a dizer-me da parte dele?

— Só uma coisa — respondeu Aliocha, olhando-a de frente. — Que se abstenha de falar no julgamento do que... — estava um pouco atrapalhado — ...do que se passou entre os dois... quando se conheceram... naquela cidade.

— Ah! Que me inclinei até ao chão por aquele dinheiro! — E lançou uma gargalhada cheia de fel. — Mas receia por mim ou por ele? Pede que

me abstenha? Quem deve abster-se, ele ou eu? Diga-me, Alexey Fedorovitch!

Aliocha esforçava-se por descobrir-lhe a intenção, por compreendê-la, e respondeu suavemente:

— Os dois, você e ele.

— Gosto disso — exclamou ela, num tom de malícia disfarçada. De súbito corou e disse, ameaçadora: — Ainda não me conhece, Alexey Fedorovitch. Nem eu mesma me conheço. Talvez amanhã, depois do meu depoimento, deseje espezinhar-me.

— O seu depoimento será honesto — respondeu Aliocha. — É tudo quanto desejo.

— As mulheres perdem a honestidade com frequência — disse ela entre dentes. — Ainda não há uma hora pensava no espanto de tocar esse monstro... como se fosse um réptil... mas não; ainda é um ser humano para mim. Foi ele? Foi ele o assassino? — gritou de súbito, agitada e voltando-se para Ivan.

Aliocha adivinhou no mesmo instante que aquela pergunta já antes a fizera a Ivan, mais de cem vezes, até que se tinham zangado.

— Fui ver Smerdyakov... Você, você convenceu-me de que foi Mitya quem matou o pai. Eu só acreditei em si — continuou, dirigindo-se sempre a Ivan com um vago sorriso. O tom da sua voz impressionou Aliocha, que não imaginava uma tão grande intimidade entre ambos.

— Bom, basta — disse Ivan, cortando a conversa. — Vou-me embora. Ver-nos-emos amanhã. — E saindo da sala desceu rapidamente a escada.

Catalina Ivanovna segurou Aliocha com ambas as mãos e ordenou-lhe, imperiosa no gesto como nas palavras:

— Siga-o até o alcançar e não o deixe por um momento que seja. Está louco! Não vê que está louco? Tem febre, uma excitação nervosa. Foi o médico quem o disse. Vá, corra atrás dele...

Aliocha levantou-se e correu atrás de Ivan, que não lhe levava mais de cinquenta passos de avanço.

— Que queres? — perguntou Ivan, voltando-se ao ver que Aliocha o seguia. — Disse-te para me acompanhares porque estou louco. Já sei a cantiga de cor — acrescentou, irritado.

— Nisso enganava-se, mas tem razão ao afirmar que estás doente — respondeu Aliocha. — Estive a olhar para a tua cara, Ivan. Estás muito mal.

Ivan continuava a andar, sem se deter. Aliocha seguia-o.

— E tu sabes, Alexey Fedorovitch, como é que um homem enlouquece? — perguntou Ivan num tom calmo, sem laivos de irritação, como se quisesse satisfazer a sua curiosidade.

— Não. Creio que há muitas espécies de loucura.

— E poderá alguém aperceber-se de que está a perder a razão?

— Creio que o doente não pode ver claro em tais circunstâncias.

Ivan calou-se. Depois disse, repentinamente:

— Se queres falar comigo, muda de assunto.

— Ah! Antes que me esqueça... tenho uma carta para ti — murmurou timidamente Aliocha, tirando a carta do bolso e entregando-a a Ivan. Este reconheceu a letra à luz de um candeeiro.

— Oh! Daquele diabinho! — riu-se e, sem abrir o sobrescrito, começou a rasgá-lo, atirando fora os pedaços. — Ainda não tem dezasseis anos, creio, e já se oferece — acrescentou com desprezo, apressando o passo.

— Que dizes? Oferece-se? — exclamou Aliocha.

— Digo que se entrega como poderia fazê-lo uma mulher lasciva.

— Não digas isso, Ivan, não o digas! — repreendeu-o sumidamente Aliocha, num tom de pena. — É uma criança; estás a ofender uma criança! Está doente, muito doente também, talvez em perigo de ficar louca... Esperava que me dissesses qualquer coisa... que pudesse salvá-la.

— Nada tenho a dizer-te. Se é uma criança, não serei eu a sua ama-seca. Deixa-me, Alexey. Não me fales dela. Tenho outras coisas em que pensar.

Caminharam em silêncio durante algum tempo. Depois Ivan continuou, irritado e mordaz:

— Vai passar toda a noite a pedir à mãe de Deus que lhe inspire a conduta a adotar amanhã no tribunal.

— Falas de... Catalina Ivanovna?

— Sim. Rezará para que se lhe alumie a alma e veja se deve perder Mitya ou salvá-lo. Como se não pudesse decidi-lo por si mesma; como se lhe tivesse faltado tempo para pensar bem. Toma-me pela sua ama-seca e quer que a embale.

— Catalina Ivanovna ama-te, irmão — avisou Aliocha tristemente.

— Talvez sim; mas não consegue entusiasmar-me.

— Ela sofre. Por que motivo... por vezes... lhe deste esperanças? — perguntou Aliocha, hesitante. — Eu sei que lhe deste motivos para confiar. Perdoa que te fale com tanta franqueza.

— Não consigo conduzir-me para com ela como deveria... acabando de uma vez para sempre e dizendo-lho abertamente — respondeu Ivan, irritado. — Esperarei que se cumpra a sentença que pende sobre o assassino. Se rompo agora com ela, vingar-se-á amanhã, perdendo esse canalha, a quem odeia com toda a sua alma. Tudo isto não passa de uma farsa, uma farsa! Enquanto eu me mantiver a seu lado, não perderá esse monstro, sabendo como sabe que não quero prejudicá-lo. Oh! Quando se pronunciará essa sentença!

As palavras «assassino» e «monstro» repercutiram-se dolorosamente no coração de Aliocha.

— Mas como pode ela perder Mitya? — perguntou, admirado com esta afirmação de Ivan. — Que pode dizer que cause a sua ruína?

— Tu ainda não sabes tudo. Possui um documento do punho e letra de Mitya, o qual prova evidentemente que foi ele quem matou o pai.

— É impossível! — gritou Aliocha.

— Impossível porquê? Eu próprio o li.

— Não pode existir tal documento! — insistiu Aliocha, acaloradamente. — Não pode existir, porque não foi ele o assassino. Não foi ele quem matou o nosso pai, não foi ele!

Ivan deteve-se bruscamente.

— Nesse caso quem, segundo tu, o matou? — inquiriu com fingida frieza e certa arrogância.

— Sabes perfeitamente quem — replicou Aliocha, duramente.

— Quem? Vens-me agora com o mito desse idiota, desse imbecil epilético, Smerdyakov?

Aliocha sentiu que um estremeção o sacudia dos pés à cabeça.

— Tu sabes quem — repetiu desalentado, sem ânimo para dizer mais.

— Quem? Quem? — gritou Ivan, furioso, sentindo que as forças o abandonavam.

— Eu sei apenas uma coisa — disse Aliocha, num sussurro. — Que *tu não* mataste o papá.

— Que eu não... Que significa isso de *tu não?* — perguntou Ivan, aniquilado.

— Não foste tu quem matou o nosso pai; tu, não! — repetiu com firmeza Aliocha.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Bem sei que não fui eu. Deliras? — respondeu Ivan, pálido, sorrindo torcidamente e cravando os olhos em Aliocha, iluminado nessa altura pela luz de um candeeiro.

— Não, Ivan. Tu mesmo disseste muitas vezes que eras o assassino.

— Quando disse isso? Eu estava em Moscovo... Quando disse isso? — gaguejou Ivan, exasperado.

— Disseste-o a ti mesmo muitas vezes, quando estavas sozinho, durante estes dois meses terríveis — afirmou Aliocha, com a mesma doçura e convicção. Parecia falar como obedecendo a um impulso irresistível, muito longe da sua vontade. — Acusaste-te a ti mesmo confessando-te assassino, tu e ninguém mais. Mas tu não mataste. Enganas-te, não és tu o assassino. Ouves? Não és tu. Deus manda-me dizer-to.

Guardaram silêncio, um silêncio que durou um minuto. Continuavam parados, olhando-se mutuamente.

Estavam ambos pálidos. De súbito, Ivan, acometido de um tremor estranho, agarrou Aliocha por um ombro e murmurou, com rancor:

— Tu entraste no meu quarto! Estiveste lá de noite, quando ele vem... Diz-me a verdade... viste-lo, viste-lo?

— A quem te referes... a Mitya? — perguntou Aliocha, desconcertado.

— Não; não me nomeies o assassino! — rugiu Ivan. — Sabes que me visita? Como o sabes? Fala!

— Mas quem? Não sei de quem falas! — balbuciou Aliocha, que começava a alarmar-se.

— Sim, sabes... ou talvez não. Como poderias? É impossível que o saibas.

Conteve-se de súbito e pareceu refletir. Um esgar estranho crispou-lhe os lábios.

— Irmão — disse Aliocha, com voz trémula — digo-to porque sei que acreditarás em mim. Repito-te de uma vez por todas que não foste tu. Ouves? De uma vez por todas! Deus inspirou-me para que to dissesse, ainda que tenhas de odiar-me a partir deste momento.

Mas entretanto já Ivan conseguira dominar-se.

— Alexey Fedorovitch — disse, sorrindo friamente — não suporto os profetas nem os epiléticos... especialmente se vêm com mensagens de Deus. Bem o sabes. A partir deste instante ficam desfeitas as nossas relações e talvez para sempre. Peço-te que me deixes; estás no caminho de tua casa. Sobretudo, guarda-te bem de vir ver-me hoje. Ouves?

E, fazendo meia volta, afastou-se com passo firme, sem olhar para trás.

— Irmão! — gritou-lhe Aliocha. — Se te acontecer alguma coisa, avisa-me primeiro que a qualquer outra pessoa.

Não obteve resposta e permaneceu debaixo do candeeiro até que Ivan se sumiu nas trevas. Retomou então o caminho de sua casa. Nenhum dos dois vivia na que pertencera ao pai. Aliocha alugara um quarto a uma família de trabalhadores e Ivan instalara-se numa casa magnífica, propriedade de uma viúva rica, onde vivia tratado por uma velha surda e reumática que se deitava às seis da tarde e se levantava às seis da manhã. Ivan tornara-se muito indiferente às comodidades, preferindo-lhes o prazer que encontrava na sua solidão; fazia tudo no seu quarto de estudo, sem quase nunca aparecer nas outras divisões da casa.

Chegou diante da porta e, já com a corrente da campainha na mão, deteve-se para aquietar uma sensação de cólera que lhe invadia a alma. De súbito, largou a corrente, voltou a correr para a rua e dirigiu-se apressadamente no sentido contrário do que o levara até ali.

Caminhou quase duas milhas, até uma pequena casa de madeira que mais parecia uma barraca, onde nessa altura vivia Maria Kondratyevna, a vizinha que ia comer sopa a casa de Fedor Pavlovitch e a quem Smerdyakov fizera tantas serenatas com a sua guitarra. Vendera a casita onde morava e vivia ali com a mãe e com Smerdyakov, que não abandonara desde que lhe morrera o amo e que estava gravemente doente. Era ele quem Ivan procurava, levado por um impulso irresistível.

Capítulo 6 — Primeira Entrevista com Smerdyakov

Era a terceira vez que Ivan procurava Smerdyakov desde o seu regresso de Moscovo. A primeira visita fizera-a no dia da sua chegada; quinze dias depois voltara a vê-lo, dando por terminadas as suas entrevistas, de sorte que havia mais de um mês que não via o criado nem tinha notícias dele.

Ivan chegara cinco dias após a morte do pai e no dia seguinte ao enterro, a que não pudera assistir. A causa deste atraso fora o facto de Aliocha ignorar a sua direção. O órfão pedira a Catalina Ivanovna que se encarregasse de telegrafar-lhe, e ela, ignorando também onde se alojava Ivan, enviara o telegrama ã irmã e à tia, pensando que ele iria vê-las mal chegasse a Moscovo. Mas ele só o fizera quatro dias após a sua chegada. Quando lhe mostraram o telegrama, apressara-se a tomar o primeiro comboio de regresso à nossa cidade, sendo Aliocha a primeira pessoa que encontrara, e ficando grandemente surpreendido ao ver que o irmão contrariando a opinião geral, não tinha a mínima dúvida sobre a inocência de Mitya e falava abertamente de Smerdyakov como sendo o único assassino. A sua surpresa aumentara ainda mais ao ouvir dos lábios do chefe da polícia e do procurador o relato das circunstâncias em que se verificara a prisão, e atribuíra a opinião de Aliocha a um exagerado sentimento de fraternidade e de simpatia para com Mitya, que amava ternamente.

Digamos, de passagem, quatro palavras sobre os sentimentos de Ivan para com Mitya. Na realidade, não o amava; quando muito, inspirava-lhe por vezes uma certa compaixão mesclada de desprezo, quase de repulsa. O caráter, e até o aspeto, de Mitya eram-lhe sumamente antipáticos, e o amor de Catalina Ivanovna pelo irmão indignava-o. A visita que fizera a Mitya no próprio dia em que chegara, longe de livrá-lo de dúvidas, deixara-o convencido da sua culpabilidade. Encontrara-o agitado, extremamente nervoso, falador, sem deter a sua atenção em coisa alguma, incoerente. Falava com violência, acusando Smerdyakov de uma maneira atordoada,

aludindo principalmente aos três mil rublos que, segundo ele, o pai lhe roubara.

— O dinheiro era meu, era meu — repetia. — E mesmo que o tivesse roubado, estaria no meu direito.

Quase não negava as acusações que lhe faziam e, quando apresentava qualquer novo facto em seu favor, falava disparatadamente. Parecia pouco lhe importar que Ivan ou qualquer outra pessoa o julgassem inocente; pelo contrário, troçava com orgulhosa irritação das acusações e insultava as testemunhas. Só ria com desprezo das declarações de Grigory a respeito da porta aberta, dizendo que «foi o diabo quem a abriu». Não dera uma explicação satisfatória do facto e até chegara a insultar Ivan, dizendo-lhe rudemente que não eram os defensores do «tudo é permitido» que tinham o direito de suspeitar dele e de interrogá-lo; e tudo isto num tom muito pouco amistoso.

Imediatamente após esta visita, Ivan fora procurar Smerdyakov.

Durante a viagem de regresso, pensara muito na conversa que tivera com o criado na véspera da sua partida: muitos pontos pareciam-lhe estranhos e suspeitos; mas nada dissera a este respeito nas suas declarações ante o juiz, deixando isso para depois da sua entrevista com Smerdyakov, que nessa altura estava no hospital.

O doutor Herzenstube e Yarvinsky, o médico do hospital, responderam às insistentes perguntas de Ivan dizendo que a genuinidade do ataque epilético de Smerdyakov estava fora de dúvidas, e mostraram-se surpreendidos quando ele insinuara que o criado podia tê-lo simulado no dia da catástrofe. Deram-lhe a entender que se tratava de uma crise extraordinária, com intermitências agudíssimas e persistentes, que punham em perigo a sua vida; e que só depois de terem aplicado medidas excecionais se sentiam autorizados a declarar que o doente sobreviveria. «Embora possa acontecer», acrescentara o doutor Herzenstube, «que a sua razão fique debilitada por algum tempo... talvez para sempre.» Quando lhes perguntara se o davam já por louco, responderam-lhe que de momento não podiam considerá-lo tal, em todo o rigor, mas que já tinham observado algumas anormalidades. Ivan quisera inteirar-se por si mesmo.

No hospital permitiram-lhe imediatamente a entrada. Smerdyakov estava numa enfermaria onde só havia outra cama, ocupada por um hidrópico, um comerciante da cidade que agonizava e não podia estorvar a entrevista. Parecera a Ivan que o criado, ao vê-lo, sorria com medrosa

desconfiança, agitando-se nervosamente; mas, por outro lado, ficara surpreendido ante a segura tranquilidade que demonstrara durante todo o resto da entrevista. Ivan compreendera ao primeiro olhar que Smerdyakov estava muito doente: fraco, pálido, decaído, falava arrastadamente, como se necessitasse de grandes esforços para mover a língua, queixava-se continuamente de dores de cabeça e de quebranto geral. Mas no olho esquerdo, que piscava como se quisesse insinuar qualquer coisa, manifestava-se o Smerdyakov de sempre. «Dá gosto falar com um homem de talento.» Ivan recordara a frase antes de sentar-se aos pés da cama. O doente mudara de posição com um penoso esforço e, sem demonstrar grande interesse, aguardara que o outro falasse.

— Podes responder-me? — perguntara Ivan. — Não te cansarei muito.

— Sim, posso — balbuciara Smerdyakov, atabalhoadamente. — Há muito tempo que voltou, vossa excelência — acrescentara num tom de proteção, como que para animar um visitante um pouco acanhado.

— Cheguei hoje mesmo... Para ver que trapalhada é esta em que estamos metidos.

Smerdyakov suspirara.

— Por que suspiras? Já sabias tudo? — perguntara Ivan, sem saber porquê.

Smerdyakov calara-se por um instante, como um idiota.

— Como podia deixar de sabê-lo? Era fácil de prever. Mas quem havia de dizer que resultaria nisto?

— Que resultaria em quê? Não me venhas com astúcias! Tu disseste que terias um ataque ao descer à adega. Até indicaste o lugar.

— Disse-o ao juiz? — perguntara Smerdyakov, tranquilamente.

Ivan indignara-se.

— Não, não disse. Mas dir-lho-ei. Tens muita coisa a explicar-me, compadre, e aviso-te de que não te divertirás à minha custa!

— Por que havia de divertir-me à sua custa quando pus em si toda a minha confiança, como em Deus omnipotente? — dissera Smerdyakov com a mesma tranquilidade, fechando os olhos por um momento.

— Em primeiro lugar — começara Ivan — sei que os ataques de epilepsia não podem predizer-se. Estou bem informado, não te incomodes a provar-me o contrário. Não é possível prever o dia e a hora. Como foi que me anunciaste o dia e a hora, e até o local? Como podias prever que

cairias da escada com um ataque, a não ser que o fizesses de propósito, para melhor fingir?

— Tinha de descer à adega várias vezes por dia — balbuciara Smerdyakov, trabalhosamente. — Caí do mesmo modo no sótão, há um ano. É verdade que não se pode fixar o dia e a hora com antecipação, mas pode-se ter um pressentimento.

— Mas tu anunciaste o dia e a hora!

— A respeito da minha epilepsia, senhor, seria melhor fazer perguntas aos médicos. Pergunte-lhes se o meu ataque foi real ou fingido; é inútil tudo quanto possa dizer-lhe sobre este particular.

— E a adega? Como poderias saber que seria na adega?

— Não me fale nessa adega! Sempre que lá ia era assaltado por um temor, por uma dúvida terrível. O que mais me assustava era que o senhor me abandonasse, deixando-me indefeso no mundo. Eu descia à adega e pensava: «E se agora me desse aquilo? E se caísse escada abaixo? Se me desse o ataque cairia.» E neste medo que me acomete de súbito sobrevém-me sempre o espasmo... e caí. Tudo isto e o que lhe disse na conversa que tivemos à porta a respeito dos meus receios e do medo que tinha de descer à adega, contei-o ao doutor Herzenstube e ao juiz Nikolay Parfenovitch, e está tudo escrito no sumário. O doutor Varvinsky explicou-lhes precisamente que estes meus temores podiam provocar a crise, e que o meu ataque se seguia imediatamente a um pressentimento. Assim, pois, ficou escrito que o ataque deve ter sucedido a um estado de terror ante a possibilidade do mesmo.

Ao terminar, Smerdyakov respirara profundamente, como se estivesse extenuado.

— Disseste então tudo isso na tua declaração? — insinuara Ivan, algo desconcertado, pois pensara amedrontar Smerdyakov ameaçando contar toda a conversa. Afinal, o criado adiantara-se-lhe.

— E por que não? Deixe que escrevam toda a verdade.

— E contaste toda a conversa que tivemos à porta?

— Dessa, nem uma palavra.

— Disseste-lhes que eras capaz de simular um ataque, coisa de que então tanto te envaidecias?

— Também não.

— Diz-me agora; por que me enviaste a Chermachnia?

— Receava que fosse para Moscovo, e Chermachnia fica mais perto.

— Mentes; tu próprio me aconselhaste a partir; disseste que me afastasse para evitar dissabores.

— É verdade; levado pela sincera afeição que lhe tenho, queria poupar-lhe o desgosto do transtorno que previa; mas ao mesmo tempo procurava não perder todas as vantagens que eu próprio podia esperar da sua permanência. Por isso lhe disse que fugisse do perigo, para alarmá-lo e fazer que ficasse a proteger o seu pai.

— Podias tê-lo feito mais francamente, imbecil!

— Dizê-lo mais francamente como? Era o medo que me fazia falar e o senhor ter-se-ia irritado. Além disso, embora pressentisse que Dmitri Fedorovitch faria um escândalo e acabaria por levar o dinheiro que considerava seu, quem ia adivinhar que se revelaria um assassino? Pensei que se contentaria com levar o dinheiro que o meu amo guardava debaixo do colchão; e, como vê, ele matou-o! Como poderia tê-lo adivinhado?

— Mas se tu não o podias ter adivinhado, como querias que o adivinhasse eu e ficasse em casa? Estás a contradizer-te!

Smerdyakov guardara silêncio, como se estivesse esgotado. Por fim, respondera:

— Podia ter calculado, ao ver que eu o mandava a Chermachnia e não a Moscovo, que desejava tê-lo perto, para que Dmitri Fedorovitch, sabendo-o, não se atrevesse a tanto. E se acontecesse alguma coisa, poderia o senhor correr a ajudar-me, sabendo da doença de Grigory Vassilyevitch e dos meus temores de ser vítima de um ataque. Quando lhe expliquei os sintomas e os preparativos que precedem uma doença e acrescentei que Dmitri Fedorovitch os conhecia já por meu intermédio, pensei que adivinharia que ia acontecer algo irremediável e que portanto não partiria para Chermachnia, ficando em sua casa.

«Fala com grande coerência», pensara Ivan, «ainda que com dificuldade. Nada vejo do desarranjo mental a que se referiu o doutor Herzenstube.» E acrescentara em voz alta, colericamente:

— Estás a enganar-me, maldito!

— Pois eu na altura pensei que adivinharia perfeitamente — replicara Smerdyakov, com o maior aprumo.

— Se tivesse adivinhado, teria ficado.

— Pensei que, precisamente por ter adivinhado, partia com tanta precipitação, para livrar-se de incómodos; pensei que queria pôr-se a salvo e que era o medo que o fazia correr.

— Pensas que todos são cobardes como tu?

— Perdoe, mas pensei que temia tanto como eu.

— Realmente, devia ter adivinhado... — resmungara Ivan, muito agitado. — E, com efeito, pensei que estavas a maquinar qualquer velhacaria... mas mentes, mentes uma vez mais — acrescentara, pensando melhor. — Lembra-te de que te aproximaste da minha carruagem e disseste que dava gosto falar com um homem de talento. Isso indica que te satisfazia ver-me partir.

Smerdyakov suspirara repetidamente e um ligeiro sobressalto colorira o seu rosto cansado.

— Estava contente — dissera, quase sem voz — por ter concordado em ir para Chermachnia em vez de Moscovo. De todos os modos, não se afastava muito; mas se lhe disse essas palavras não foi em tom de louvor, mas de repreensão.

— Porquê de repreensão?

— Porque, prevendo tais calamidades, abandonava o seu pai e deixava-nos sem a sua preciosa ajuda; o que era tanto mais lamentável quanto podiam tomar-me a mim pelo ladrão desses três mil rublos.

— Vai para o diabo! — gritara Ivan. — Espera: falaste ao juiz e ao procurador dos sinais?

— Tudo, palavra por palavra.

Ivan ficara pensativo.

— Se alguma coisa temia nessa altura — dissera por fim — era uma maldade da tua parte. Dmitri podia matar... mas não o julgava capaz de roubar... Em todo o caso, esperava-o de ti. Por que me disseste que podias fingir um ataque?

— Por tolice, pois nunca na minha vida simulara uma crise. Disse-o por jactância. Foi uma estupidez. Queria estar nas suas boas graças e falar-lhe amistosamente.

— O meu irmão acusa-te de assassino e ladrão.

— Que outra coisa havia de fazer? — dissera Smerdyakov, sorrindo com amargura. — E quem acreditará, se todas as provas estão contra ele? Grigory Vassilyevitch viu a porta aberta. Que pode ele dizer contra isso? Mas não me importa que tente salvar-se por todos os meios.

Interrompera-se e subitamente, como conclusão das suas reflexões, acrescentara:

— E vamos ver. Quer assacar-me as culpas, fazendo ver que foi tudo obra da minha mão... já o esperava. Mas, supondo que eu sou hábil ao ponto de saber simular um ataque, ter-lhe-ia falado nisso a si, se na verdade albergasse qualquer mau desígnio contra o seu pai? Teria feito uma declaração tão comprometedora se tivesse a intenção de cometer um crime? E logo a um filho da vítima! Essa tem graça! E mesmo que pudesse ter sido, não foi. Ninguém nos ouve além da Providência, e se o senhor fosse agora contar tudo ao procurador Nikolay Parfenovitch, mais não faria do que falar em minha defesa, pois ninguém acreditaria que um criminoso pudesse ser tão sincero antes de cometer um crime. Até os mais estúpidos compreenderiam isto.

— Bom — dissera Ivan, levantando-se para indicar que dava por terminada a entrevista, impressionado por este argumento — eu não suspeito de ti e penso que é absurdo suspeitar; pelo contrário, agradeço o teres-me tranquilizado. Vou-me embora, mas voltarei. Adeus, desejo-te as melhoras. Precisas de alguma coisa?

— Obrigado. Marfa Ignacievna não me esquece e traz-me tudo quanto necessito, segundo a sua bondade. Vem ver-me todos os dias.

— Adeus. Nada direi a respeito de saberes fingir uma epilepsia e aconselho-te a que não o faças tu — avisara Ivan, sem saber exatamente porquê.

— Perfeitamente. E se não falar nisso, também guardarei silêncio sobre a nossa conversa à porta.

Ivan afastara-se e só compreendera a ameaça implícita nas últimas palavras de Smerdyakov quando já se afastara uma dúzia de passos pelo corredor. Estivera a ponto de retroceder, mas contendo esse impulso pensara: «Tolices!» e seguira em frente.

Contra o que se poderia esperar, Ivan sentira-se tranquilizado com a certeza de que fora Mitya e não Smerdyakov o assassino. Não queria analisar os seus sentimentos e até sentia repugnância ao surpreender-se, sem querer, a esquadrinhar o seu íntimo. Era como se desejasse esquecer qualquer coisa. Nos dias seguintes à sua chegada fora-se convencendo da culpabilidade de Mitya, contra quem havia provas esmagadoras; desde as declarações de gente sem importância, como Fenya e a mãe, até às pessoas respeitáveis, como Perkotin e os familiares de Plotnikov, todos tinham a mesma força de conexão que apontava para um resultado concludente. O segredo dos sinais fora para os juízes de tanto peso como a declaração de

Grigory a respeito da porta. Marfa, a mulher de Grigory, garantira a Ivan que Smerdyakov permanecera deitado toda a noite no quarto contíguo ao do casal, «a três passos da nossa cama», e que apesar do seu sono profundo despertara algumas vezes com os gritos dele. «Esteve toda a noite a gritar, a gritar incessantemente.»

Falando com Herzenstube e expondo a sua opinião sobre o estado de Smerdyakov, que mais parecia muito debilitado do que louco, não conseguira do médico mais do que um sorriso irónico, e esta resposta:

— Sabe em que se ocupa agora? Em aprender de memória enfiadas de nomes franceses. Guarda como um tesouro debaixo da almofada um caderno de exercícios com nomes franceses escritos para ele em carateres russos não sei por quem. Ah, ah, ah!

Ivan acabara por afastar toda a dúvida. Já não conseguia pensar sem repugnância no seu irmão Dmitri. Só uma coisa lhe parecia estranha: Aliocha persistia em afirmar que o assassino não fora Mitya e sim Smerdyakov. Ivan sempre dera uma grande importância à opinião de Aliocha e isto intrigava-o tanto mais quanto o irmão evitava falar com ele a respeito de Mitya, limitando-se a responder às suas perguntas sempre que abordava a questão.

Mas Ivan estava na altura muito ocupado com outra coisa. Após o seu regresso de Moscovo, dera rédea solta à insensata paixão que Catalina Ivanovna lhe inspirava. Não é este o lugar oportuno para nos determos a falar desta nova paixão que viria a ter uma influência fatal na vida de Ivan; daria assunto para uma novela, que talvez nunca venha a escrever. Mas devo dizer que quando, ao sair de casa da jovem, Ivan dissera a Aliocha que ela «não o impressionava nada», mentia solenemente: amava-a com loucura, embora por vezes a odiasse tanto que seria capaz de matá-la. Várias causas fomentavam estes sentimentos. Ferida no mais fundo da sua alma pelo crime de Mitya, Catalina ansiava o regresso de Ivan como sua única salvação. Ofendida e humilhada nos seus mais profundos sentimentos, sentiu-se protegida ao lado daquele homem que tão ardentemente a amara — oh, ela bem o sabia! — e cujo espírito e inteligência considerava tão superiores. Mas a virtuosa jovem não se abandonara ao homem que amava, apesar da violência de Karamazov que Ivan punha na sua paixão e do grande fascínio que exercia sobre a mulher. Ao mesmo tempo, atormentavam-na os remorsos que lhe causava a sua infidelidade a Mitya e queixava-se disso diante de Ivan, sempre que se

zangavam ou discutiam, o que acontecia com frequência. Por isso Ivan dissera a Aliocha que «era tudo uma farsa». Havia na verdade muito de falso em tudo aquilo, e isso irritava Ivan mais do que qualquer outra coisa. Depois falaremos a este respeito.

Ivan quase esquecera completamente Smerdyakov quando, duas semanas após a sua primeira visita, começaram a agitar-se nele os mesmos sentimentos de antes. Basta dizer que perguntava continuamente a si mesmo por que motivo, na última noite da sua estada em casa de Fedor Pavlovitch, saíra tão cuidadosamente à escada para espiar como um ladrão as andanças do pai no piso inferior; por que o recordara depois com asco; por que sentira um tal abatimento no dia seguinte, ao chegar a Moscovo, por que repetira para si mesmo: «Sou um miserável!» Com tanta insistência o assaltavam estes pensamentos que até se esquecia de Ivanovna. Andando absorto nestas meditações, encontrara Aliocha. Detivera-o e perguntara-lhe de chofre:

— Lembras-te de quando Dmitri entrou depois do almoço e bateu no nosso pai, e depois te disse no pátio que deixava em liberdade os meus desejos? Diz-me, pensaste que desejava a morte do pai ou quê?

— Sim, pensei isso — respondera Aliocha, em voz baixa.

— E era a verdade, não se tratava de nenhum enigma. Mas não imaginaste que o que eu desejava então era que «um réptil devorasse o outro», quer dizer, que Dmitri matasse o pai o mais depressa possível... e que eu próprio estava pronto a ajudá-lo caso fosse preciso?

Aliocha empalidecera e olhara para o irmão em silêncio.

— Fala! — gritara Ivan. — Quero saber, antes de mais nada, o que pensaste nessa altura! Preciso da verdade, da verdade pura!

— Perdoa-me, foi isso o que pensei naquele momento — murmurara Aliocha, sem acrescentar uma sílaba.

— Obrigado! — dissera secamente Ivan, afastando-se com rapidez. A partir dessa altura Aliocha começara a notar que o irmão evitava encontrá-lo e o olhava com raiva, pelo que deixara de visitá-lo.

Imediatamente após este encontro, Ivan fora uma vez mais procurar Smerdyakov.

Capítulo 7 — Segunda Entrevista com Smerdyakov

Smerdyakov saíra do hospital e vivia com Maria Kondratyevna, ocupando um dos quartos separados por um vestíbulo. Ignorava-se se Maria Kondratyevna e a mãe o tinham como amigo ou como hóspede, embora se supusesse que estava ali como noivo, sem pagar aluguer. Mãe e filha respeitavam-no muito, considerando-o um ser superior a elas.

Ivan bateu e, por indicação de Maria Kondratyevna, que lhe abriu a porta, dirigiu-se ao quarto da esquerda, ocupado por Smerdyakov. Um forno aceso tornava o calor insuportável; as paredes estavam forradas de papel azul, mas o papel caía de velho e nas fendas pululavam as baratas, cujo rumor incessante revoltava o estômago. O mobiliário era tão escasso como sórdido: dois bancos encostados a cada parede, a mesa, de construção grosseira, com uma toalha estampada de cravos e duas cadeiras, dois jarros com gerânios em cada janela e a urna com os ícones a um canto. Na mesa havia um samovar muito grande e uma bandeja com dois copos. Smerdyakov já tomara o chá e, sentado num dos bancos com os cotovelos apoiados na mesa, escrevia lentamente num bloco de notas, alumiado pela luz de um candelabro achatado. Ivan observou que estava completamente restabelecido; mais fresco e cheio de cara, o seu penteado recuperara o antigo ar efeminado, ondulado à frente e com tufos puxados para os lados à custa de cosméticos; vestia uma bata colorida, muito estragada, e tinha encavalitados no nariz uns óculos que Ivan nunca lhe vira e que aumentaram a sua cólera, pois «não era intolerável que um ser tão abjeto usasse óculos»?

Smerdyakov ergueu a cabeça com muita calma e através das lentes lançou um olhar intenso ao visitante; depois tirou solenemente os óculos e levantou-se devagar, esforçando-se por não parecer demasiado obsequioso. Ivan notou tudo isto, e sobretudo o olhar brutal, maligno e altaneiro que parecia dizer-lhe: «Que vens aqui fazer? Não tínhamos ficado de acordo? Porque voltas?» Ivan precisou de todas as suas forças para conter-se.

— Que calor! — exclamou, desabotoando o sobretudo ainda de pé.

— Tire o sobretudo — respondeu o outro, condescendente.

Ivan despiu-o e pousou-o num banco com mão trémula. Depois pegou numa cadeira, aproximou-a violentamente da mesa e sentou-se. Smerdyakov moveu-se um pouco para ficar em frente dele.

— Antes de mais nada, diz-me se estamos sós ou se podemos ser ouvidos — pediu, severo e brusco, Ivan.

— Ninguém nos ouvirá. Separa-nos o vestíbulo, como deve ter visto.

— Escuta então, amigo. Que conversa era aquela, quando me despedi de ti no hospital, a respeito de se eu nada disser sobre a tua habilidade para fingir a epilepsia tu te calares ante os magistrados quanto à nassa conversa? Que querias dizer? Ameaças-me, eh? Acaso há entre nós algum acordo? Pensas que me fazes medo?

Ivan falava acaloradamente, dando a entender que de nada serviriam subterfúgios ou indiretas, uma vez que ele jogava mostrando as cartas. Os olhos de Smerdyakov brilhavam rancorosos e o piscar do esquerdo antecipou tranquilamente a resposta, como era costume: «Queres então saber tudo? Pois muito bem, sabê-lo-ás!»

— Foi o que pensei nessa altura, dando-lhe a entender que prevendo o senhor a morte do seu pai o abandonava à sua sorte, tornando-se assim suspeito de maus desígnios e talvez até de outra coisa... e foi disso que prometi não falar às autoridades.

Embora Smerdyakov pronunciasse comedidamente as suas palavras, punha nelas intenção e ênfase; no seu tom havia muito rancor e insolência, e tal expressão provocativa no seu olhar que Ivan se enfureceu.

— Como? O quê? Enlouqueceste?

— Estou na perfeita posse de todas as minhas faculdades.

— Supões que eu *sabia* do assassinato? — gritou Ivan, descarregando um murro na mesa. — Que história é essa? Fala, miserável!

Smerdyakov calava-se, contemplando-o com a mesma insolência.

— Fala, vilão hediondo! Que queres dizer com isso?

— Quero dizer com isso que provavelmente o senhor desejava a morte de seu pai.

Ivan, de um salto, deu-lhe tamanho empurrão num ombro que Smerdyakov caiu de costas contra a parede. Levantou-se no mesmo instante, com o rosto banhado em lágrimas.

— É uma vergonha, senhor, maltratar assim um doente — gemeu, secando os olhos com um sujo lenço de quadrados azuis, sem parar de

soluçar. Passou-se algum tempo.

— Basta, deixa-te de palhaçadas! — gritou imperiosamente Ivan, voltando a sentar-se. — Não me esgotes a paciência.

Smerdyakov afastou o trapo do rosto, que refletia em todas as suas linhas a injúria recebida.

— Quer dizer, patife, que me julgavas de acordo com Dmitri para matar o meu pai?

— Naquela altura não sabia quais eram as suas intenções — respondeu o criado, com ressentimento — e por isso detive-o à porta para sondá-lo a esse respeito.

— Para sondar o quê, o quê?

— Isso mesmo; se o senhor desejava que o seu pai fosse assassinado.

O que mais exasperava Ivan era o tom agressivo e impertinente que Smerdyakov teimava em adotar.

— Não o terás assassinado tu?

Smerdyakov sorriu com desprezo.

— Sabe perfeitamente que não o matei e supunha impróprio de um homem inteligente voltar a falar disso.

— Mas então por que suspeitavas de mim?

— Pelo que já sabe: por medo. A minha difícil situação causava-me tanto medo que suspeitava de toda a gente. E decidi sondá-lo, porque se o senhor tivesse as mesmas intenções que o seu irmão poderia dar a coisa por certa e seria esmagado como uma mosca.

— Há quinze dias não dizias isso.

— No hospital acabei por dizer-lhe a mesma coisa. Mas julguei que me entenderia sem ter necessidade de recorrer a explicações e que a sua inteligência não exigiria tanta franqueza.

— Pois já vês! Vamos, responde, responde; insisto no mesmo; porquê... como poderia eu justificar tão vil suspeita na tua alma de cobarde?

— Quanto ao assassinato, não o executaria o senhor nem desejava executá-lo pessoalmente; mas que um outro se encarregasse de executá-lo, isso sim, era o que desejava.

— E a calma, a calma com que o diz! Por que havia de desejá-lo, que motivos poderia ter para isso?

— Que motivos? E a herança? — replicou Smerdyakov, cáustico e vingativo. — Morto o seu pai, cada um de vocês receberia quarenta mil

rublos, pelo menos, ao passo que se Fedor Pavlovitch casasse com Agrafena Alexandrovna ela obrigá-lo-ia a pôr todo o dinheiro em seu nome depois do casamento, porque é uma mulher cheia de sentido prático, e o seu pai não lhes teria deixado nem dois rublos para dividirem entre os três. E esse casamento era muito possível: bastaria a essa senhora levantar o dedo mindinho para que o seu pai a seguisse até à igreja com a língua de fora.

Ivan fez um penoso esforço para conter-se.

— Muito bem — respondeu por fim. — Bem vês que não me levantei para esmagar-te a cabeça; bem vês que não te mato. Fala, pois... Assim, na tua opinião, eu confiava que Dmitri atuaria, contava com isso?

— E não era o mais natural? Se ele o matasse, perderia todos os direitos à nobreza, à sua condição e à fortuna, iria para o desterro e a parte que lhe caberia da herança reverteria em seu favor e do seu irmão Alexey Fedorovitch; de sorte que já não seriam quarenta mil, mas sim sessenta mil rublos para cada um. Não há dúvida de que contava com o seu irmão.

— Não sei como te aguento! Ouve, canalha, fica sabendo que se contasse com alguém, seria contigo e não com Dmitri, e juro-te que esperava de ti qualquer patifaria... Recordo a impressão que me deixaste...

— Também eu tive nessa altura o pressentimento de que contava comigo — replicou Smerdyakov, sorrindo sarcasticamente — e que só por isso me revelava os seus pensamentos; pois se receava alguma patifaria da minha parte e no entanto se afastava, isso equivalia a dizer-me: «Podes matar o meu pai, não serei eu quem to impeça.»

— Miserável! Foi isso que julgaste?

— E então? Era isso o que significava a sua viagem a Chermachnia. O senhor propunha-se ir para Moscovo, contra a vontade do seu pai, que queria mandá-lo a Chermachnia... e bastaram umas palavras minhas para o fazer mudar de propósitos! Que razões tinha para ceder à viagem a Chermachnia? Se não tinha outras além das que eu lhe aconselhava, era porque alguma coisa esperava de mim.

— Não, juro-te que não! — gritou Ivan, rilhando os dentes.

— Não? Nesse caso, como filho do seu pai, deveria ter-me mandado prender e açoitar-me por causa das minhas palavras... ou pelo menos esbofetear-me naquele instante; mas não só não se mostrou irritado, como até escutou os meus conselhos como os de um amigo, e foi-se embora;

coisa incompreensível, quando a sua obrigação seria ficar e defender a vida do seu pai. Que outra conclusão queria que tirasse?

Ivan permaneceu sombrio, crispando os punhos entre os joelhos.

— Sim, lamento não te ter esbofeteado — disse com um sorriso amargo — já que não podia na altura mandar-te prender. Quem me teria acreditado e de que te poderia acusar? Mas um bofetão... Oh, quanto lamento não te ter partido a cara! Embora a pancada esteja proibida, ter-te-ia desfeito esse focinho.

Smerdyakov olhou para ele, quase encantado.

— Nas circunstâncias ordinárias da vida — replicou no mesmo tom complacente e doutoral que usava nas conversas e disputas de sobremesa com Grigory, diante de Fedor Pavlovitch — nas circunstâncias ordinárias da vida atual a pancadaria é proibida por lei e as pessoas renunciaram a ela; mas em circunstâncias extraordinárias, tanto na Rússia como na França, as pessoas resolvem as suas diferenças ao murro, tal como nos tempos de Adão e Eva; todavia, o senhor nem num caso excecional se atreveu.

— Para que aprendes francês? — perguntou de súbito Ivan, apontando para o caderno de exercícios que estava em cima da mesa.

— Por que não hei de aprender, se quero completar a minha instrução, supondo que tenha algum dia a sorte de ir para essas felizes terras da Europa?

— Escuta, monstro! — disse Ivan, sacudido de raiva e com os olhos flamejantes. — Não temo as tuas acusações, podes dizer contra mim tudo o que te der na gana, e se não te mato à paulada é porque suspeito de ti e quero entregar-te à justiça. Desmascarar-te-ei!

— Penso que será melhor para si ficar tranquilo; de nada poderia acusar-me, considerada a minha inocência, e ninguém acreditaria. Mas se o senhor começa, defender-me-ei e contarei tudo.

— Pensas que me metes medo?

— Se o tribunal não fizesse fé em mim, contá-lo-ia em público e o senhor sofreria o vilipêndio.

— Isso equivale a dizer que «dá gosto falar com um homem de talento», não é verdade? — disse Ivan, trocista.

— Acertou em cheio. Mais vale que se mostre digno do seu talento.

Ivan levantou-se, tremendo de ira, vestiu o sobretudo e, sem responder a Smerdyakov nem olhar para ele, saiu apressadamente.

O ar frio da noite refrescou-o. A lua brilhava no céu. Um tropel de ideias e de sentimentos alvoroçava-lhe a alma. «Irei imediatamente apresentar uma denúncia contra Smerdyakov? E de que poderei acusá-lo, se está inocente? Ele, pelo contrário, acusar-me-á. E realmente por que fui eu para Chermachnia? Porquê, porquê? Sim, ele tem razão: estava à espera de qualquer...» E recordou pela centésima vez como naquela noite saíra à escada para espiar; mas com tal angústia que se deteve, como se tivesse recebido uma punhalada. «Sim, esperava-o, é verdade! Desejava o crime, desejei-o! Desejei o assassinato! Desejei-o? hei de matar Smerdyakov! Se não me atrevo a matar Smerdyakov, não vale a pena viver!»

Ivan não foi logo para casa; quis ir primeiro ver Catalina Ivanovna, a quem assustou com o seu aspeto. Parecia um louco. Repetiu toda a conversa que tivera com Smerdyakov, palavra a palavra, e todos os esforços que ela fez para acalmá-lo foram inúteis; passeava de um lado para o outro, falando de um modo estranho e disparatado, e por fim, sentando-se, com os cotovelos apoiados na mesa, escondeu o rosto entre as mãos e disse:

— Se o assassino não foi Dmitri e sim Smerdyakov, eu sou cúmplice, pois incitei-o ao crime. Se na verdade o incitei, é coisa que ainda ignoro; mas se foi ele o assassino e Dmitri está inocente, então eu sou também criminoso.

Ao ouvir isto, Calatina Ivanovna levantou-se em silêncio e, aproximando-se da escrivaninha, tirou de uma das gavetas um papel que colocou diante de Ivan. Era o documento de que este falou mais tarde a Aliocha, chamando-lhe «prova concludente» contra Dmitri; a carta escrita por Mitya a Catalina Ivanovna, em estado de embriaguez, na tarde em que encontrara Aliocha no caminho, depois do insulto que Catalina Ivanovna recebera de Gruchenka em sua própria casa. Ao separar-se de Aliocha, Mitya dirigira-se a casa de Gruchenka; não sei se a encontrou, mas nessa noite, depois de embriagar-se lamentavelmente no *Metrópole,* pediu pena e papel e redigiu um documento que haveria de ter para ele graves consequências.

Era uma carta tosca, desigual, alvoroçada, própria de um ébrio e escrita na linguagem do bêbedo que de regresso a casa conta à mulher ou ao primeiro desconhecido que encontra, que um canalha acaba de provocá-lo, que ele é um bonzão e que aquele canalha há de pagar-lhas; e tudo isto com interminável verbosidade, com grande agitação e incoerência, com

muitas lágrimas e dando murros na mesa. O papel que lhe deram na taberna era do mais ordinário, com vinhetas nas margens, e como havia pouco espaço para a grande facúndia do acalorado cérebro de Mitya, aproveitara-o todo, escrevendo até nos cantos e sobrepondo mesmo uma linha. A carta estava redigida como se segue:

Fatal Katya! Amanhã procurarei os três mil rublos, devolver-tos-ei e adeus, mulher furiosa, e adeus também, meu amor! Acabemos de uma vez! Amanhã irei procurar toda a gente em busca de dinheiro, e se ninguém mo emprestar, dou-te a minha palavra de honra em como racho a cabeça a meu pai e lhe tiro essa soma de baixo da almofada logo que Ivan se vá embora. Mesmo que vá para a Sibéria por causa disso, ter-te-ei devolvido o dinheiro. E adeus. Inclino-me até ao chão ante ti, porque me portei como um canalha. Perdoa-me! Não, não me perdoes, porque assim seremos os dois mais felizes! Antes a Sibéria do que o teu amor, porque amo outra que a partir de hoje ficaste a conhecer, e isso não poderias perdoá-lo! Matarei o homem que me roubou! Abandoná-los-ei a todos e irei para o Oriente e nunca mais os verei, nem sequer a ela, pois não és tu o meu único verdugo; ela também o é. Adeus!

P. S. — Amaldiçoo-te, mas adoro-te! Diz-mo o coração, onde resta ainda uma corda que vibra. Fá-lo-ei em pedaços! Matar-me-ei, mas antes hei de matar esse cão. hei de arrancar-lhe os três mil rublos para atirar-tos à cara. Serei um miserável, mas não um ladrão! Conta com três mil rublos. O cão guarda-os na enxerga, atados com uma fita cor-de-rosa. Não sou ladrão, mas matarei o ladrão do meu dinheiro. Katya, não me desprezes. Dmitri não é um ladrão, é um assassino. Matou o pai e perdeu-se sem remédio de preferência a suportar o teu desprezo. E não, não te ama.

PP. S. — Beijo os teus pés. Adeus! PPP. S. — Katya, pede a Deus que alguém me empreste o dinheiro; se isso acontecer não me mancharei de sangue; mas se mo recusarem... mata-me!

Teu escravo e inimigo,

D. Karamazov.

Quando Ivan leu este documento, ficou convencido. Fora o irmão e não Smerdyakov, nem por conseguinte ele próprio. Esta carta tinha a seus olhos o valor de uma prova irrefutável; já não havia a mínima dúvida quanto à culpabilidade de Dmitri. Nem lhe ocorreu pensar que Smerdyakov talvez tivesse sido cúmplice de Dmitri no crime, embora fosse certo que os factos não concordavam nesse ponto. Ivan tranquilizou-se por completo. No dia seguinte só pensou com desprezo em Smerdyakov e nos seus sarcasmos, e uns dias mais tarde admirava-se por o terem inquietado tão terrivelmente as suas suspeitas, e resolveu esquecer tudo o que se referisse ao criado. Passou um mês sem que pensasse em Smerdyakov, ainda que por duas vezes ouvisse dizer que estava muito doente e que perdera o juízo.

Ivan recordou ouvir o jovem médico, Varvinsky, afirmar que Smerdyakov acabaria por enlouquecer. Durante a última semana, o próprio Ivan começou a sentir-se muito doente e foi consultar o célebre médico de Moscovo, que entretanto chegara à cidade. Nessa altura, as relações de Ivan com Catalina Ivanovna tinham chegado a um grau de tensão extrema; pareciam dois inimigos apaixonados. Os «regressos» de Catalina Ivanovna para Mitya, isto é, as breves e violentas reações dos seus sentimentos em favor dele, exasperavam Ivan. E coisa estranha: antes de Aliocha ter ido visitá-la depois de ver o irmão, Ivan não a ouvira expressar a menor dúvida sobre a culpabilidade de Mitya, não obstante a manifestação das suas favoráveis disposições, que tão odiosas lhe eram. É também de notar que à medida que crescia o seu ódio por Mitya, dava-se claramente conta de que não era o favor com que Katya o tratava o causador desse ódio, *e sim a convicção de que fora ele o assassino do pai.*

Dez dias antes do processo foi visitar Mitya para lhe propor um plano de evasão que meditara maduramente. A opinião de Smerdyakov de que seria benéfica para ele a condenação do irmão, uma vez que aumentaria a sua herança e a de Aliocha em vinte mil rublos, cravara-se-lhe no coração como um espinho, determinando-o a sacrificar trinta mil rublos para conseguir a liberdade de Mitya. Mas não era só isso. Ao regressar de casa de Smerdyakov sentira-se torturado, desalentado, ao compreender que não conseguiria arrancar aquela dolorosa espinha com o sacrifício de trinta mil rublos, nem era o aumento da sua riqueza que o fazia desejar a fuga do irmão, e sim outra coisa. «Será por que também eu sou um assassino?», perguntava a si mesmo. No mais fundo da sua alma sangrava uma ferida

incurável que lhe abateu o orgulho e o atormentou cruelmente durante todo o mês. Já voltaremos a isto.

Quando, ao deixar Aliocha e segurando já a corrente da campainha de sua casa resolveu avistar-se uma vez mais com Smerdyakov, obedeceu a um repentino impulso de indignação. Recordou de súbito que Catalina Ivanovna lhe gritara na presença de Aliocha: «Foste tu, tu quem me convenceu de que Mitya era o culpado!», e ficou estupefacto. Jamais tentara convencê-la de que Mitya fora o assassino, pelo contrário, ele próprio apresentara-se como suspeito depois da segunda visita a Smerdyakov e fora ela, *ela*, quem lhe provara o crime do irmão, mostrando-lhe o tal documento. E eis que exclamava subitamente: «Eu mesma fui ver Smerdyakov!» Quando acontecera isso? Ivan nada sabia a esse respeito? O coração parecia estourar-lhe de raivoso despeito. Não compreendia como uma hora antes deixara passar em silêncio aquelas palavras. Afastou-se de sua casa e correu para a de Smerdyakov. «É possível que desta vez o mate!», pensava pelo caminho.

Capítulo 8 — Terceira e Última Entrevista com Smerdyakov

A meio do caminho, o vento frio e cortante que fizera nessa manhã levantou-se de novo e começou a cair uma neve fina que açoitava a cara como pó de gelo; num instante levantou-se um verdadeiro vendaval. Havia apenas um candeeiro no bairro onde morava Smerdyakov, e Ivan avançava na escuridão, sem fazer caso da borrasca, atento só a chegar quanto antes. Ardia-lhe a cabeça e sentia nas têmporas uma palpitação dolorosa; notou que as mãos lhe tremiam convulsivamente. Perto da casa de Maria Kondratyevna, encontrou um bêbedo que vestia um casaco roto e sujo e avançava aos ziguezagues, resmungando e praguejando consigo mesmo, e que de súbito se pôs a cantar com voz rouca e animada:

Ai, o meu Vanka partiu para Petersburgo,
E eu não quero esperar até que regresse.

Ao segundo verso interrompia-se para continuar com as pragas, e a seguir recomeçava a cantar, sempre a mesma coisa. Ainda estava longe e já Ivan sentia uma intensa aversão por ele, sem saber porquê; quando o viu, assaltou-o um impulso irresistível de dar-lhe um murro e derrubá-lo. No preciso momento em que se cruzavam, o camponês, no seu cambalear, atirou-se contra Ivan, que o repeliu brutalmente. O bêbedo caiu como um cepo na terra gelada, soltando um débil gemido. Ivan inclinou-se para ele. Jazia de costas, sem se mexer nem dar sinais de conhecimento. «Vai gelar», pensou Ivan, e seguiu o seu caminho.

No vestíbulo, Maria Kondratyevna, que correra a abrir-lhe a porta com uma vela na mão, disse-lhe que Smerdyakov estava muito mal. «Não está na cama, mas não parece o mesmo; e mandou-me levar o chá, que não queria nada.»

— Nesse caso por que fala e se mexe tanto? — perguntou Ivan, grosseiramente.

— Pelo contrário, querido, está muito quieto — respondeu a jovem. — Só lhe peço que não o canse muito — suplicou.

Ivan abriu a porta e entrou no quarto.

Notou a mesma temperatura elevada e alguma mudança. Um dos bancos fora substituído por um cadeirão com almofadas de couro, suficientemente grande para servir de cama durante a noite. Smerdyakov sentava-se nele, vestindo a mesma bata. A mesa tivera que ser um pouco afastada e mal deixava espaço para que uma pessoa pudesse mover-se no quarto; em cima dela via-se um grande livro de capas amarelas. Smerdyakov, que não lia nem parecia ocupado com coisa alguma, recebeu Ivan em silêncio, com um olhar preguiçoso, sem revelar a mínima surpresa. No seu rosto operara-se uma mudança notável; estava mais fraco e os seus olhos encovados realçavam a palidez das pálpebras inferiores.

Ivan deteve-se para dizer:

— Mas estás verdadeiramente doente? Não quero incomodar-te muito, nem sequer despirei o sobretudo. Onde posso sentar-me? — E avançou para o outro lado da mesa, puxou uma cadeira e sentou-se. — Por que olhas para mim em silêncio? Só venho fazer-te uma pergunta e juro-te que não me irei sem resposta. A menina Catalina Ivanovna veio ver-te?

Smerdyakov guardou silêncio, olhou-o com a mesma impassibilidade e de súbito voltou-lhe a cara.

— Que tens tu? — gritou Ivan.

— Nada.

— Como, *nada*?

— Sim, veio. A si que lhe importa? Deixe-me em paz!

— Não, não te deixarei em paz. Diz-me quando veio.

— Pois não me lembro — respondeu Smerdyakov com uma expressão sarcástica. E voltando-se para Ivan, dirigiu-lhe um olhar de profundo ódio, o mesmo olhara que cravara nele um mês antes. — Também o senhor parece muito doente; tem a cara mais encovada; não parece o mesmo.

— Não te preocupes com a minha saúde e responde.

— Que olhos tão amarelos! O «branco» está completamente amarelo. Anda assim tão preocupado? — E Smerdyakov sorriu com desprezo. De súbito, pôs-se a rir.

— Ouve, disse-te que não me iria sem uma resposta! — gritou-lhe Ivan, furioso.

— Por que me persegue? Por que se empenha em atormentar-me? — perguntou Smerdyakov com uma expressão de lástima.

— Diabo! Que me importas tu? Responde às minhas perguntas e ir-me-ei embora.

— Nada tenho a dizer-lhe — murmurou o outro, baixando os olhos.

— Garanto-te que te farei falar!

— Por que se inquieta tanto? — inquiriu Smerdyakov, olhando-o com desdém e com uma certa repugnância. — É por causa do processo de amanhã? Ainda não está convencido de que não corre perigo? Vá-se embora, meta-se na cama e durma tranquilamente, sem receio.

— Não compreendo. Por que hei de recear? — espantou-se Ivan.

— Não compreende? É muito estranho que um homem sensato se preste a representar uma farsa!

Ivan ficou a olhar para ele, sem fala. O olhar e o tom insolente do antigo lacaio eram uma coisa inesperada e incompreensível, porque passava todos os limites.

— Repito-lhe que nada tem a temer. Nada direi contra si, e não há provas. Veja como lhe tremem as mãos. Por que agita assim os dedos? Vá-se embora, *o senhor* não o matou.

Ivan estremeceu; lembrou-se de Aliocha.

— Bem sei que não fui eu — disse.

— Sabe?

A pergunta sobressaltou-o ainda mais; levantou-se e agarrou Smerdyakov por um ombro.

— Diz-me tudo, víbora! Diz-me tudo!

Smerdyakov não se alterou e susteve o olhar de Ivan com uma expressão de ódio selvagem.

— Pois bem, foi você quem o matou, essa é a verdade — disse, com raiva.

Ivan deixou-se cair na cadeira, com ar pensativo e um sorriso malévolo.

— Tu propões que me vá embora. De que falavas ultimamente?

— O senhor ouvia-me e compreendia tudo, e agora também compreende.

— A única coisa que compreendo é que estás louco!

— Essa já cansa! Estamos cara a cara; para quê manter a farsa? Continua a querer atirar as culpas para cima de mim? Foi o senhor quem o

matou, foi o senhor o verdadeiro assassino; eu fui apenas o instrumento, o servo fiel, mais não fiz do que obedecer às suas ordens.

— Fizeste?... Foste tu?...

Ivan ficou gelado de assombro. Parecia-lhe que algo lhe estourava no cérebro e o sacudia dos pés à cabeça.

O próprio Smerdyakov olhava-o com estranheza, impressionado pelo sincero espanto que as suas palavras lhe tinham causado.

— Quer dizer que não sabia? — balbuciou desconfiadamente, olhando-o com um sorriso forçado.

Ivan também o olhava, como se estivesse incapaz de articular palavra.

Ai, o meu Vanka partiu para Petersburgo,
E eu não quero esperar até que regresse.

repetiu de memória.

— Sabes que receio que sejas um sonho, um fantasma que me apareceu? — murmurou.

— Aqui não há fantasmas. Estamos só nós os dois. Ah, sim, está entre nós um terceiro!

— Quem é? Onde está? Que terceiro é esse? — gritou Ivan alarmado, voltando-se em todas as direções.

— Esse terceiro é Deus, a Providência, que está aqui presente. Mas não o procure, que não o encontrará.

— Mentira! Não foste tu quem o matou! — gritou Ivan. — Estás louco ou troças de mim!

Smerdyakov observou-o curiosamente, sem manifestar o mínimo temor. Pensava que Ivan sabia tudo e queria assacar-lhe a ele a totalidade da culpa.

— Espere um pouco — disse por fim, com voz desfalecida.

E tirando a perna esquerda de baixo da mesa começou a levantar as calças. Calçava meias brancas e chinelos. Desatou a liga e meteu a mão entre a meia e a carne. Ivan, que seguia com atenção esta manobra, dominado por um súbito terror, levantou-se, gritando:

— Está louco! — E recuou até chocar de costas com a parede, onde ficou como petrificado, olhando para Smerdyakov que, impassível, continuava a procurar no fundo da meia, esforçando-se por apanhar qualquer coisa com os dedos.

Por fim conseguiu o que queria e começou a puxar, e Ivan pôde ver que se tratava de um embrulho de papel. Smerdyakov pousou-o em cima da mesa.

— Aqui está.

— O que é isso? — perguntou Ivan, tremendo.

— Digne-se ver — respondeu o outro, em voz baixa.

Ivan aproximou-se da mesa e começou a desfazer o embrulho; mas de súbito afastou os dedos, como se tivesse tocado num réptil venenoso.

— Continuam a tremer-lhe os dedos — observou Smerdyakov, e acabou tranquilamente de desdobrar o papel, que continha três maços de notas de cem rublos. — Está aqui todo, três mil rublos. Não é preciso contar. Tome — indicou com um gesto.

Ivan deixou-se cair na cadeira, pálido como um morto.

— Assustaste-me... com as tuas meias... — murmurou, com uma careta que queria ser um sorriso.

— Mas será possível que ainda não soubesse? — insistiu Smerdyakov.

— Não, não sabia. Pensava que tinha sido Dmitri. Irmão, irmão! Ah! — E Ivan escondeu o rosto entre as mãos. Pouco depois, perguntou: — Diz-me, mataste-o tu sozinho? Ou o meu irmão ajudou-te?

— Quem me ajudou foi o senhor, e eu matei-o. Dmitri Fedorovitch está totalmente inocente.

— Está bem, está bem. Depois falaremos disso. Por que tremo? Quase não consigo falar.

— Tão valente que era então. Dizia que tudo era permitido e agora está tão espantado — murmurou Smerdyakov, pensativo. — Quer uma limonada? Vou pedi-la, refrescá-lo-á. Mas primeiro é preciso esconder isto.

E voltou a indicar as notas. Levantou-se para encarregar Maria Kondratyevna de preparar uma limonada; mas procurando qualquer coisa com que tapar o dinheiro, tirou o lenço do bolso, e como estava muito sujo optou por escondê-lo com o volumoso livro que estava em cima da mesa e cujo título Ivan leu maquinalmente: *Sermões do Santo Padre Isaac da Síria.*

— Não quero limonada — disse Ivan. — Não te ocupes agora de mim. Senta-te e conta-me como fizeste aquilo. Diz-me tudo.

— Será melhor despir o sobretudo, pois terá muito calor.

Como se não tivesse pensado noutra coisa, Ivan despojou-se do sobretudo e, sem se levantar da cadeira, atirou-o para cima de um banco.

— Fala, vamos, fala!

Parecia ter-se acalmado e falava tranquilamente, seguro de que Smerdyakov lhe diria tudo.

— Como o fiz? — suspirou Smerdyakov. — Da maneira mais natural, seguindo as suas próprias indicações.

— Deixemos para depois as minhas indicações — interrompeu-o Ivan, aparentemente senhor de si mesmo, falando com firmeza e sem se encolerizar. — Diz-me apenas como o fizeste; conta tudo o que aconteceu, sem nada esquecer. Os pormenores, especialmente os pormenores, peço-te.

— O senhor foi-se embora e eu caí na adega.

— Ataque verdadeiro ou simulado?

— Simulado, claro; completamente simulado. Acabei de descer o último degrau e atirei-me ao chão. Só então me pus a gritar e a revolver-me até que me tiraram de lá.

— Cala-te! E continuaste a fingir, até no hospital?

— Ah, não! No dia seguinte, muito cedo, antes de me levarem para o hospital, tive um verdadeiro ataque violentíssimo, como há anos não tinha. Estive privado de conhecimento durante dois dias.

— Está bem, está bem, continua.

— Meteram-me numa cama. Levaram-me para o quarto contíguo ao deles, pois sempre que eu estava doente Marfa Ignacievna queria ter-me a seu lado; sempre foi muito boa para mim, desde que nasci. Durante a noite queixei-me, mas baixo; esperava que Dmitri Fedorovitch viesse.

— Esperavas que fosse ver-te?

— Não, ver-me, não. Esperava que rondasse a casa, pois não me tendo visto em todo o dia e estando sem notícias, era certo que iria e saltaria a sebe, como já tinha feito antes.

— E se não tivesse ido?

— Nada teria acontecido. Não me teria lançado a aventura tão arriscada sem ele.

— Está bem, está bem... fala mais claro, não te precipites; sobretudo, não esqueças seja o que for!

— Esperava que ele matasse o pai... Tinha a certeza, pois havia-o preparado para isso... durante os cinco últimos dias... Conhecia os sinais, que era o principal. Com as suas suspeitas e a fúria que o dominava,

metera-se-lhe na cabeça que havia de entrar em casa graças a esses sinais. Isso era inevitável, e portanto esperava-o.

— Cala-te — interrompeu-o Ivan. — Se ele o matasse, se levasse o dinheiro... Deves ter pensado nisso. Nesse caso, que terias tu a ganhar? Não compreendo?

— Ele não teria encontrado o dinheiro, pois disse-lhe que estava no colchão e não era verdade. Estava escondido numa gaveta, mas eu convenci Fedor Pavlovitch, que tinha confiança absoluta em mim, a ocultá-lo atrás dos ícones, onde ninguém se lembraria de o procurar, e menos ainda se entrasse precipitadamente. Teria sido uma estupidez escondê-lo no colchão; a gaveta, ao menos, podia-se fechar. Mas ele acreditou no que era uma estupidez: que estava no colchão; e se tivesse cometido o crime, teria fugido sem encontrar coisa alguma, assustado por qualquer ruído, como acontece a todos os assassinos, ou ter-se-ia deixado apanhar; de todos os modos eu ter-me-ia apoderado do dinheiro nessa mesma noite ou no dia seguinte, e assacaria as culpas a Dmitri Fedorovitch. Pensei bem em tudo isso.

— Mas se, em vez de o matares, o tivesses apenas ferido?

— Nesse caso não me teria atrevido a tirar o dinheiro e nada aconteceria. No entanto, calculei que lhe bateria até deixá-lo sem sentidos, o que me daria tempo para apoderar-me do dinheiro. Depois convenceria Fedor Pavlovitch de que Dmitri Fedorovitch o roubara depois de bater-lhe.

— Espera... estou numa confusão. Assim, foi Dmitri quem o matou e tu limitaste-te a tirar o dinheiro?

— Não, não o matou. Bom, agora poderia dizer-lhe que foi ele o assassino... Mas não quero mentir-lhe, porque... porque se realmente ainda não compreendeu, como vejo nos seus olhos, se não está a fingir para lançar sobre mim toda a responsabilidade, não deixa de ser culpado a partir do momento em que sabia que se cometeria um crime, me encarregava da execução e se afastava. Por isso quero provar-lhe esta noite que em todo este assunto é você o único assassino. O único.

— Porquê? Por que sou um assassino? Meu Deus! — exclamou Ivan sem poder conter-se e esquecendo que resolvera deixar para o fim toda a discussão. — Continuas a pensar em Chermachnia? Cala-te, diz-me: para que querias o meu consentimento, se na verdade tomaste a ida a Chermachnia por um consentimento. Como explicas isso?

— Assegurando-me do seu consentimento sabia que não se mostraria muito exigente quanto aos três mil rublos que se perdiam mesmo que tivessem suspeitado de mim em vez de Dmitri Fedorovitch, ou me tivessem tomado por seu cúmplice; pelo contrário, o senhor proteger-me-ia contra os outros... E ao entrar na posse da herança, mostrar-se-ia agradecido na medida do possível, recordando que mo devia a mim, uma vez que se Fedor Pavlovitch casasse com Agrafena Alexandrovna, você não receberia um centavo.

— Ah, tencionavas então ter-me debaixo da tua pata toda a vida? — murmurou Ivan. — E se em vez de ir-me embora eu te tivesse denunciado?

— Que poderia dizer contra mim? Que o aconselhava a ir a Chermachnia? Que tolice! Além disso, depois da nossa conversa, podia ir ou ficar. Se tivesse ficado, nada teria acontecido. Sabendo que não o desejava, não o teria feito. Indo-se embora, dava a entender que não deporia contra mim em tribunal e que transigia em que eu ficasse com os três mil rublos. Não me poderia perseguir, pois nesse caso eu contaria tudo ao tribunal. Não que tinha roubado e assassinado, claro, mas que o senhor me impulsionara a isso e que eu não consentira. Já sabe para que precisava do seu consentimento: para quo depois não me encurralasse, ainda que sem qualquer prova contra mim. Eu sim, poderia tê-lo sempre encurralado, revelando o seu desejo de ver morto o seu pai, e já lhe disse que todos o acreditariam e que o senhor teria de envergonhar-se toda a sua vida.

— Acaso desejava assim tanto a morte do meu pai? — murmurou Ivan.

— Tanto que, consentindo, aprovava em silêncio o que eu fizesse. — Smerdyakov olhou para Ivan resolutamente. Estava muito fraco e falava com voz desfalecida, mas uma força oculta estimulava-o. Ivan pressentia que aquele homem tinha algum desígnio.

— Continua — disse. — Conta o que aconteceu nessa noite.

— Que mais hei de dizer? Estava deitado quando me pareceu ouvir um grito do amo, e depois notei que Grigory Vassilyevitch se levantava e saía; quase a seguir ouvi os seus gritos e depois tudo ficou em silêncio. Fiquei à escuta; o coração batia-me com tanta força que não pude suportá-lo e levantei-me. Já fora, vi aberta a janela do lado esquerdo e dirigi-me para lá a fim de certificar-me se ainda estava com vida. «Vive», pensei. Aproximei-me da janela e chamei o senhor. «Sou eu.» O amo grita-me:

«Veio. Veio e fugiu.» Referia-se a Dmitri Fedorovitch. «Matou Grigory.» «Onde está ele?», perguntei, a meia voz. «Ali, na esquina», respondeu-me, apontando com um dedo. Também ele falava baixo. «Espere um pouco», disse-lhe, e dirigi-me ao local indicado, tropeçando perto da sebe com o corpo de Grigory, que jazia sem sentidos num charco de sangue. Era portanto certo que Dmitri Fedorovitch estivera ali, e pensando que Grigory Vassilyevitch nada poderia ver, pois se não estava morto estava sem conhecimento, resolvi acabar de vez. Só corria o perigo de Marfa Ignacievna acordar. Esse temor deteve-me por um momento, mas era tal a ânsia que me invadia de fazer aquilo que mal podia respirar. Voltei, pois, à janela e disse ao amo: «Ela está aqui, veio; Agrafena Ivanovna veio e quer entrar.» Ele estremeceu como um boneco. «Onde está?», perguntou, suspirando ansiosamente, ainda sem acreditar. «Está ali», disse-lhe, «abra.» Espreitou para se certificar, acreditando e duvidando ao mesmo tempo, mas receando abrir. «Tem medo de mim», pensei eu, «e isso tem muita graça.» Nesse momento tive a ideia de, mesmo nas barbas dele, bater na janela do modo combinado para anunciar a chegada de Agrafena Ivanovna, e ele, que não acreditara na minha palavra, mal ouviu o sinal correu à porta e abriu. Eu já ia entrar, mas ele ficou ali, impedindo-me a passagem. «Onde está ela, onde está?», perguntou, tremendo. «Raios!», pensei, «se continua com medo de mim, deixa-me cá fora.» Senti-me desfalecer, recando que fechasse a porta ou que gritasse, ou que Marfa Ignacievna aparecesse se acontecesse alguma coisa. Ele devia ver a minha palidez, mas eu murmurei-lhe: «Está ali, ali, debaixo da janela. Não a viu?» «Vai buscá-la, vai buscá-la.» «Tem medo», disse-lhe. «O alvoroço assustou-a e escondeu-se entre os arbustos. Chame-a o senhor, do seu quarto.» Ele encaminhou-se para a janela e pousou a candeia em cima do peitoril. «Gruchenka», chamou a meia voz. «Gruchenka, estás aí?» Cheio de medo, não se atrevia a pôr a cabeça de fora nem a afastar-me de mim; inspirava-lhe tanto receio que temia até voltar-me as costas. «Não compreendo, estava aqui mesmo», disse eu e, chegando-me à janela, espreitei para fora. «Lá está, lá está atrás dos arbustos, rindo-se de si. Não a vê?» Acreditou, todo ele tremia, e estava tão cego de amor que se inclinou para fora, procurando vê-la. Então eu agarrei no pisa-papéis de ferro que estava em cima da mesa. Deve recordar-se que pesa três libras. Rapidamente, dei-lhe uma pancada na cabeça. Nem um grito, nem um gemido, caiu como um tronco; então bati-lhe com força, duas ou três

vezes; à terceira pancada, vi que lhe tinha rachado o crânio. Revolveu-se convulsivamente e ficou de costas, de cara para cima e banhado em sangue. Olhei em redor. Não tinha em mim nem uma gota de sangue, nem uma marca. Limpei o pisa-papéis e coloquei-o no seu lugar, apoderei-me do dinheiro, rasguei o sobrescrito e atirei-o para o chão. Saí a tremer e aproximei-me da árvore que tem um buraco no tronco... Nunca tinha reparado? Eu sim, já há tempos tinha lá escondido um trapo e um pedaço de papel. Embrulhei as notas no trapo e meti-as no buraco. Estiveram lá duas semanas, tirei-as quando saí do hospital... Voltei ao meu quarto e deitei-me, pensando: «Se Grigory Vassilyevitch morreu, posso ter um desgosto; mas se recuperar os sentidos, tirar-me-á de apuros declarando que Dmitri Fedorovitch esteve aqui para matar e roubar.» Então pus-me a gritar com todas as minhas forças para que Marfa Ignacievna despertasse o mais depressa possível. Levantou-se, com efeito, e foi para junto de mim, mas notando logo que Grigory Vassilyevitch não estava na sua cama, saiu e não tardei a ouvir os seus lamentos no jardim. Então tranquilizei-me.

Interrompeu-se. Ivan escutara-o em silêncio, sem mover-se nem afastar os olhos dele. Durante o relato, Smerdyakov observava-o de vez em quando, mas geralmente mantinha desviada a vista. Emocionara-se muito, respirava penosamente e o suor empapava-lhe a testa. Era, contudo, impossível adivinhar se tinha remorsos ou se lamentava o crime.

— Cala-te — disse Ivan. — E a porta? Se foi ele quem ta abriu, como pôde Grigory tê-la visto aberta? Porque Grigory viu-a antes de tu saíres para o jardim.

Ivan falava amistosamente, num tom muito diverso do que antes utilizara, sem irritar-se, de modo que quem entrasse naquele momento poderia pensar que se tratava de um assunto vulgar, interessante para os dois interlocutores.

— Isso da porta foi uma imaginação de Grigory Vassilyevitch — respondeu Smerdyakov, sorrindo cinicamente. — Não é um homem, acredite, é uma mula. Não a viu aberta, mas meteu-se-lhe isso na cabeça e ninguém o convencerá do contrário. Para nós é uma sorte, pois a sua declaração parte Dmitri Fedorovitch ao meio.

— Escuta — disse Ivan, que voltava a sentir-se perturbado e precisava de fazer um esforço para continuar a ouvir. — Escuta... tinha uma porção de coisas a perguntar-te e esqueci-as... Esqueço as perguntas e embrulham-se-me as ideias. Ah, sim! Por que rasgaste o sobrescrito e o atiraste para o

chão? Quando me falaste disso pareceste querer dar a entender que era o mais natural... mas diz-me porquê, não compreendo...

— Tinha uma boa razão para isso. Alguém que soubesse de tudo, como eu, por exemplo, alguém que soubesse do dinheiro e o tivesse talvez metido ele próprio no sobrescrito, que tivesse visto com os seus próprios olhos fechar e selar esse sobrescrito, não precisaria de rasgá-lo para certificar-se depois de ter cometido um assassinato e com a pressa que teria de pôr-se a salvo. Não, se tivesse sido eu o assassino, limitar-me-ia a pegar no sobrescrito e metê-lo no bolso. Mas Dmitri Fedorovitch agiria de outra maneira; só sabia do sobrescrito por ouvir falar dele, nunca o vira, e ao encontrá-lo debaixo do colchão, por exemplo, o mais natural era que o abrisse para certificar-se e depois o deitasse fora, sem lembrar-se de que poderia ser uma prova contra ele. Não se trata de um ladrão profissional, ao fim e ao cabo é um nobre incapaz de roubar com precaução e, em todo o caso, só tomava o que lhe pertencia, cumprindo a promessa que fizera aos gritos ante quem quisera ouvi-lo. Foi isto mesmo que disse ao procurador quando ele me interrogou, mas não de um modo aberto, limitando-me a apontá-lo com insinuações, como se não visse muito clara a ideia, para que ele a tomasse como sua própria e até acabasse por pensar que a mais ninguém poderia ter ocorrido. Caía-lhe a baba de satisfação.

— Mas, como refletiste tanto naquele terrível momento? — perguntou Ivan, estupefacto. E ficou uma vez mais a olhar aterrorizado para Smerdyakov.

— Valha-me Deus! Poderá alguém ter tais reflexões quando tudo são pressas e apertos? A coisa estava pensada e repensada há muito tempo.

— Bem... bem, o diabo protegia-te! — gritou Ivan. — Não, não és um tolo; és mais esperto do que eu pensava...

Levantou-se com o propósito de passear pelo quarto, pois sentia-se atordoado; mas como a mesa lhe impedia a passagem e não tinha espaço para mover-se, deu uma volta à cadeira e tornou a sentar-se.

Talvez irritado pela impossibilidade de estirar as pernas, pôs-se a gritar, furioso:

— Escuta, miserável vilão! Não compreendes que se não te mato é porque quero fazer-te cantar amanhã, diante do tribunal. — E levantando as mãos continuou: — Deus é minha testemunha de que talvez seja culpado; talvez tenha tido o secreto desejo de que meu pai... morresse: mas juro-te que não sou tão culpado como pensas, e talvez não te tenha

induzido a coisa alguma. Não, não te induzi! Mas não importa! Amanhã acusar-me-ei ante o tribunal; estou resolvido. Direi tudo, tudo. Compareceremos os dois, e digas o que disseres contra mim, escutar-te-ei sem me alterar. Não me metes medo. Corroborarei o que disseres, mas tu falarás, falarás. Ver-nos-emos lá! Asseguro-to!

Ivan dizia isto solene e resolutamente, e pelo brilho dos seus olhos compreendia-se que seria como ele assegurava.

— Está doente, bem o vejo, doente de verdade; tem os olhos amarelos — observou Smerdyakov sem ironia, até com verdadeiro afeto.

— Compareceremos juntos — repetiu Ivan. — E se tu não quiseres ir, não importa, irei eu sozinho.

Smerdyakov guardou silêncio, refletindo, e depois disse, com firmeza:

— Nada disso; não irei eu nem o senhor.

— Não me conheces bem.

— Seria para si demasiado vergonhoso confessar tudo, e além disso completamente inútil, pois eu apressar-me-ia a declarar que nada lhe disse e que o senhor, ou está doente... o que deve ser verdade... ou tão preocupado com a sorte do seu irmão que quer sacrificar-se para salvá-lo, inventando acusações contra mim, que nunca lhe mereci mais consideração do que se fosse um inseto incómodo. Quem acreditaria em si? Onde tem as provas?

— Ouve, tu mostraste-me o dinheiro para convencer-me.

Smerdyakov pegou no maço de notas e empurrou-as na direção de Ivan.

— Leve o dinheiro — suspirou.

— Claro que o levo. Mas por que mo dás, se cometeste o crime por causa dele? — E Ivan ficou a olhá-lo cheio de surpresa.

— Não preciso — respondeu Smerdyakov com voz trémula, fazendo o gesto de repeli-lo. — Tinha o propósito de começar com esse dinheiro uma nova vida em Moscovo, ou melhor, no estrangeiro. Apaixonei-me pela ideia, principalmente porque «tudo era permitido». Foi o que o senhor me ensinou... o senhor ensinou-me muitas coisas. Se Deus não existe, que é a virtude e que necessidade temos dela? Tinha razão. Pelo menos, assim o pensei.

— Chegaste a essa conclusão por ti mesmo? — perguntou Ivan, com um sorriso torcido.

— Guiado por si.

— E agora, suponho que acreditas em Deus, uma vez que me devolves o dinheiro.

— Não, não acredito — murmurou Smerdyakov.

— Então por que mo devolves?

— Leve-o... e não falemos mais! — disse, abanando a mão. — Não dizia que tudo é permitido? Por que se inquieta desta maneira... ao ponto de querer acusar-se a si mesmo?... Mas isso não acontecerá. O senhor não irá depor! — concluiu, convicto.

— Verás!

— Impossível. É muito esperto e sei que gosta muito de dinheiro. Além disso é orgulhoso e quer que o respeitem. Ama as mulheres belas e ainda mais a comodidade de uma vida independente. Portanto, não desprezará a sua vida manchando-a para sempre como uma tal vergonha. É como Fedor Pavlovitch; parece-se mais com ele do que qualquer outro dos seus irmãos; tem a mesma alma.

— Tu não és um imbecil — replicou Ivan, alterado, sentindo que todo o sangue lhe subia à cara. — E agora falas a sério.

— Foi o orgulho que o fez pensar que eu era um imbecil. Vá, pegue no dinheiro.

Ivan pegou nas notas e meteu-as no bolso, sem as embrulhar.

— Amanhã mostrá-las-ei aos juízes — disse.

— Ninguém acreditará. O senhor tem muito dinheiro e pode tê-las tirado do seu cofre para as mostrar no tribunal.

Ivan levantou-se, indignado.

— Repito! Se não te matei, foi só porque preciso de ti amanhã. Lembra-te, não o esqueças!

— Pois bem, mate-me, mate-me agora — disse Smerdyakov, olhando-o com uma expressão estranha. — Não, nunca se atreverá — acrescentou, com um sorriso amargo. — Já não se atreve a coisa nenhuma, apesar de ser tão audaz!

— Até amanhã! — despediu-se Ivan, preparando-se para sair.

— Espere um pouco... Mostre-me esse dinheiro.

Ivan tirou as notas do bolso e mostrou-lhas. Smerdyakov ficou a contemplá-las durante dez segundos.

— Bem, pode ir — disse, acompanhando as palavras com um gesto. — Ivan Fedorovitch! — chamou subitamente.

— Que queres?

— Adeus!

— Até amanhã! — repetiu o outro, saindo do quarto.

O vendaval não amainava. Ivan deu cinco passos com segurança, e no mesmo instante sentiu-se vacilar. «E apenas um fenómeno físico», pensou, gesticulando. A alegria invadiu-lhe o espírito ao notar-se tão decididamente resolvido a pôr fim às hesitações que tanto o atormentavam. Estava decidido e nada poderia fazer malograr os seus propósitos. Esta firmeza de ânimo era um consolo para ele. Neste momento tropeçou em qualquer coisa que quase o fez cair. Deteve-se e viu a seus pés o camponês que derrubara, ainda imóvel e sem sentidos; a neve cobria-lhe quase completamente a cara. Ivan levantou-o e, vendo luz numa casa vizinha, bateu à janela e ofereceu três rublos ao proprietário para que o ajudasse a levar o bêbedo até à esquadra da polícia. O homem colocou-se imediatamente às suas ordens. Não quero entrar em pormenores sobre o que se passou nem sobre como Ivan mandou chamar o médico e lhe pagou principescamente; direi apenas que nisto se passou uma hora e que Ivan ficou muito satisfeito com o seu gesto humanitário.

«Se não estivesse tão decidido para amanhã», refletia depois, «com certeza não me teria ocupado uma hora com um camponês, tê-lo-ia deixado gelar. Sou senhor absoluto de mim mesmo», pensava, com alegria crescente, «embora tenham decidido que estou louco!»

Ao chegar diante da casa deteve-se, perguntando a si mesmo se não seria preferível dirigir-se imediatamente à do procurador e contar-lhe tudo sem mais demoras. Optou por deixar o assunto para o dia seguinte, e, coisa estranha, nesse instante dissipou-se nele toda a alegria e satisfação.

Quando entrou no quarto sentiu que um sopro gelado lhe atravessava a alma, um sopro que lhe trazia a evocação ou, para ser mais exato, a recordação de algo angustioso e horripilante que estava latente naquele aposento. Deixou-se cair pesadamente no sofá, a velha colocou o samovar em cima da mesa e começou a preparar o chá, que Ivan tomou. Sentia-se doente, extenuado. Tentou dormir, mas levantou-se de súbito, inquieto, passeando pelo quarto. Por um instante julgou que delirava, mas logo pensou que o seu mal não era para tanto; voltou a sentar-se e começou a olhar em torno, como se procurasse qualquer coisa. Repetiu várias vezes o gesto, até que os seus olhos se fixaram num ponto. Sorriu, mas a cólera inflamou-lhe o rosto. Permaneceu muito tempo com a cabeça pousada nos braços, voltada de lado de modo a poder contemplar um ponto do sofá

colocado contra a parede fronteira. Havia ali algo que o irritava, o perturbava, o atormentava.

Capítulo 9 — O Diabo: o Pesadelo de Ivan

Não sou médico, mas creio que chegou o momento de dar ao leitor uma explicação sobre a doença de Ivan. Posso pelo menos antecipar que estava em vésperas de sofrer um ataque cerebral; embora os sintomas se tivessem manifestado lentamente, oferecera uma rija resistência, e a febre acabara por dominá-lo. Apesar de profano em questões de medicina, atrevo-me a aventurar a hipótese de que fazendo um poderoso esforço de vontade teria conseguido adiar por algum tempo a crise, com esperanças de resistir-lhe e de vencê-la. Estava mal, mas desagradava-lhe confessar-se doente naqueles dias fatais em que devia fazer face à crise da sua vida, e necessitava de toda a presença de espírito para dizer o que devia ser dito com calor e decisão, «para justificar-se a si mesmo».

Consultara, não obstante, o médico chegado de Moscovo, por encargo de Catalina Ivanovna, o qual, depois de escutá-lo e examiná-lo atentamente, vira que se tratava de desequilíbrio mental e não ficara surpreendido ao ouvi-lo dizer que sofria de alucinações. «Isso», opinara o doutor, «é muito natural, considerando o seu estado; mas é melhor estar alerta... é preciso que cuide de si sem tardança, ou as coisas podem piorar.» Ivan não seguira tão sábio conselho, não quisera guardar o leito nem se deixara tratar. «Enquanto puder andar, resistirei; quando cair, não faltará quem cuide de mim.» E não se preocupara mais com a sua saúde.

Estava, pois, sentado, compreendendo que tinha um pesadelo, e olhava fixamente para o objeto situado à sua frente. No sofá sentava-se alguém que entrara sabe Deus como, pois quando Ivan chegara ao quarto não havia ali ninguém. Era uma personagem, ou para dizer melhor, um cavalheiro russo de porte singular, *qui faisait la cinquantaine,* como dizem os franceses, isto é, que rondava os cinquenta anos, de cabeleira comprida, basta, negra e ligeiramente semeada de cãs, barba pequena e cortada em ponta. Usava um casaco pardo bastante usado, de corte impecável segundo a moda de três anos antes, já completamente esquecida pelas pessoas elegantes. A camisa e a comprida gravata correspondiam às exigências da última moda, mas, bem examinadas, a camisa parecia um pouco suja e a

gravata um tanto enrugada; as calças, de excelente feitura, eram de cores muito berrantes e demasiado apertadas para o uso corrente. O chapéu mole, de veludo, era impróprio para a estação.

Numa palavra, era o tipo do cavalheiro arruinado; recordava esses proprietários ociosos que floresceram na época da servidão; vivera no meio da boa sociedade, do mundo elegante, gozara de excelentes relações, e provavelmente ainda as conservava; mas, passada a formosa juventude, e empobrecido lentamente pela libertação dos servos, ficara-se na situação do antigo conhecido arruinado, cuja companhia continua a ser agradável e é convidado a sentar-se, ainda que nunca no lugar de preferência. Estes cavalheiros de caráter acomodatício e vida difícil, que têm sempre uma história para contar ou uma hora para jogar às cartas, além de uma arreigada aversão por tudo o que signifique obrigações e deveres, costumam ser pessoas solitárias: solteiros ou viúvos; e se têm filhos, mandam-nos sempre educar para muito longe, em casa de uma tia, à qual o cavalheiro nunca alude numa reunião, como que envergonhado do seu parentesco. Pouco a pouco chegam até a esquecer-se dos filhos, ainda que, nos melhores casos, recebem as Boas-festas no Natal, a que respondem nos mesmos termos.

Não pode dizer-se que o aspeto do inesperado visitante fosse bondoso, mas via-se que estava disposto a adotar um ar amistoso logo que se lhe apresentasse a ocasião. Não usava relógio, mas tinha um monóculo com aro de tartaruga preso a uma fita de seda negra e na mão direita um anel de ouro maciço com uma falsa opala.

Ivan guardava silêncio, como se quisesse fugir à conversa. O visitante aguardava que lhe falassem, sentado como um parasita que sai do seu quarto para fazer companhia ao protetor à hora do chá e se cala discretamente, vendo que o dono da casa está preocupado e de cenho franzido; mas pronto a um afável diálogo mal o outro abra a boca. De súbito, o seu rosto refletiu uma grande solicitude.

— Escuta — disse, dirigindo-se a Ivan — só te digo isto para to recordar: foste ver Smerdyakov a fim de lhe perguntar qualquer coisa a respeito de Catalina Ivanovna e vieste-te embora sem nada saber; talvez tenhas esquecido.

— Ah, sim! — respondeu Ivan, em cuja rosto se pintou uma expressão inquieta. — Sim, esqueci-me... Mas não importa, deixemos isso para amanhã — murmurou consigo mesmo. — E tu — acrescentou, dirigindo-

se ao visitante — sabes que deveria ter-me lembrado imediatamente, pois era a única coisa que me preocupava. Por que te metes onde não és chamado, recordando-me o que já tinha na memória?

— Não creias que fui eu quem to recordou — replicou o cavalheiro, com um amável sorriso. — Que ganhas em crer contra a tua vontade! Além disso, as provas não convencem ninguém, e muito menos as provas materiais. Tomé acreditou, não por ver Cristo ressuscitado, mas porque desejava acreditar antes de o ver. Olha os espiritistas, por exemplo... a mim encantam-me... mas imagina que julgam servir a causa da sua religião porque os demónios lhes mostram os cornos do outro mundo. Isto, dizem, é uma prova palpável da existência do outro mundo. O outro mundo é uma prova palpável! Ata-me esses cabos! E mesmo que admitas isto, acaso a prova da existência do diabo implicará a da existência de Deus? Quero fazer-me da sociedade idealista para os contrariar; afirmarei que sou realista, mas não materialista. Ah, ah, ah!

— Ouve — interrompeu-o Ivan, levantando-se. — Parece-me que estou a delirar... Com efeito, deliro; podes disparatar à tua vontade, não me importo. Não conseguirás irritar-me como da outra vez. Não sinto vergonha. Quero passear pelo quarto. De quando em quando não te vejo nem ouço a tua voz, como da outra vez, mas adivinho sempre o que estás a maquinar, porque *sou eu próprio quem fala e não tu.* O que não sei é se da última vez sonhava ou te via realmente. Vou encharcar uma toalha em água e pô-la na cabeça. Talvez assim desapareças.

Foi a um canto do quarto, molhou uma toalha, colocou-a em jeito de turbante e começou a passear.

— Agrada-me que me trates com tanta familiaridade — comentou o visitante.

— Imbecil! — riu-se Ivan. — Pensas que me vou desfazer em cumprimentos contigo. Estou muito contente, e se não me doesse a cabeça... tenho uma dor na testa... não me venhas com filosofias, como da última vez. Se não podes afastar-te, fala-me de algo divertido, conta-me uma anedota, pois como parasita que és deves saber contar anedotas. Mas que raio de pesadelo. Mas não te temo, vencer-te-ei. Não me levarão para um manicómio!

— *C'est charmant,* parasita. Sim, apresento-me tal qual sou. E que sou eu na terra senão um parasita? A propósito, ouvindo-te falar, surpreende-

me que por fim comeces a tomar-me por algo real e não uma emanação da tua fantasia, como te obstinavas da outra vez...

— Mentira! Nem um só instante te tomei por uma realidade! — gritou Ivan, furioso. — És a minha doença, um fantasma; mas não sei como aniquilar-te e vejo que terei de suportar-te algum tempo. És uma alucinação, uma encarnação de mim mesmo, de uma parte de mim... das minhas ideias e pensamentos, mas só dos mais baixos e estúpidos. Deste ponto de vista, poderias interessar-me... se tivesse tempo para perder contigo.

— Perdão, perdão, não é bem assim. Quando esta tarde paraste com Aliocha debaixo do candeeiro e lhe perguntaste: «Como sabes que me visita?», estavas a pensar em mim. De modo que, ao menos por um instante, acreditaste na minha existência real. — E o cavalheiro riu suavemente.

— Sim, foi um momento de fraqueza... mas nunca poderia acreditar em ti. Não sei se dormia ou estava acordado, da última vez. Talvez sonhasse e não te visse realmente.

— Por que te mostraste tão arisco com Aliocha? É um bom rapaz. Custa-me tê-lo tratado tão mal quando da morte do Padre Zossima.

— Não fales de Aliocha! Como te atreves, homem servil? — interpelou-o Ivan, rindo novamente.

— Ralhas-me, mas ris; é bom sinal. Não obstante, portas-te comigo de um modo mais cortês que da última vez e eu sei o porquê dessa nobre decisão...

— Não fales da minha decisão! — gritou Ivan, furioso.

— Compreendo, compreendo, *c'est noble, c'est charmant,* vais defender o teu irmão sacrificando-te... *C'est chevaleresque...*

— Cala-te ou dou-te um pontapé!

— Não teria o direito de queixar-me, pois teria logrado os meus propósitos. Se me desses um pontapé, acreditarias na minha realidade, pois as pessoas não tratam as aparições à patada. Brincadeiras à parte: não me importa que me injuries quanto queiras, embora seja melhor que te mostres amável, mesmo comigo. «Imbecil, homem servil!» Mas que insultos!

— Injuriando-te, injurio-me — riu Ivan — pois tu não és outro senão eu, eu com uma cara diferente. Dizes o que eu penso... e és incapaz de dizer qualquer coisa de novo.

— Se penso como tu, melhor para mim — declarou o cavalheiro com muita delicadeza e dignidade.

— Escolhes o pior dos meus pensamentos, os mais estúpidos. És estúpido e vulgar, imensamente estúpido. Não, não posso contigo! Que hei de fazer, que hei de fazer? — disse Ivan entre dentes.

— Querido amigo, primeiro que tudo quero comportar-me como um cavalheiro, mas também quero que me correspondam como tal — declarou o visitante num repente de orgulho bondoso e suplicante, próprio de um convidado infeliz. — Sou pobre... não muito honrado, convenhamos, mas... é um princípio aceite pela sociedade que sou um anjo caído. Certamente não concebo que possa ter sido um anjo. E se fui, isso aconteceu há tanto tempo que não é de admirar que me tenha esquecido, e agora só cuido da minha reputação de cavalheiro e de viver como posso, procurando tornar-me agradável. Amo sinceramente os homens; tenho sido muito caluniado. Nas visitas que te faço de vez em quando, a minha vida adquire uma aparência de realidade que é o que mais aprecio. Olha, como tu, vejo-me atormentado pela fantasia, e por isso amo o realismo da terra. Aqui, entre vocês, tudo está circunscrito, tudo é definido e geométrico, ao passo que a nós só nos restam equações desconhecidas e indeterminadas! Passeio por aqui devaneando; gosto dos devaneios. Além disso, na terra tornei-me supersticioso. Não te rias, por favor; gosto de ser supersticioso. Adoto todos os vossos costumes. O que mais me encanta são os banhos públicos, queres crer? Vou até lá e mergulho entre curas e comerciantes. O meu sonho dourado é encarnar-me para sempre e irrevogavelmente na mulher de um comerciante, gorda como uma cuba, para ter as suas crenças. O meu ideal é ir à igreja oferecer uma vela com fé sincera; palavra de honra. Então acabariam os meus sofrimentos. Também gostava de ser médico; na primavera houve uma epidemia de varíola e fui vacinar-me a um hospital. Se soubesses como estava contente nesse dia! Ofereci dez rublos para o socorro dos escravos!... Mas tu não me ouves. Sabes que não estás muito bem esta noite? Já sei que foste ontem ver esse doutor... bem, e como vai a tua saúde? Que te disse o médico?

— Tolo! — increpou-o Ivan.

— Mas tu és esperto e ainda me injurias? Pergunto-te por simpatia e não precisas de responder. Agora volta-me a dor reumática...

— Tolo! — repetiu Ivan.

— Dizes sempre o mesmo. Mas no ano passado tive um ataque tão forte que ainda me lembro.

— Um diabo ter reumático?

— Porque não, se está encarnado? Eu tomo a forma humana, com todas as consequências. *Satan sum et nihil humanum a me alienum putu.*

— O quê, o quê? *Satan sum et nihil humanum...!* Não está mal para o diabo!

— Alegra-me ter-te sido agradável, por fim.

— Mas isso não o tiraste de mim — disse Ivan, parecendo surpreendido. — Nunca me teria ocorrido... É estranho.

— *C'est du nouveau, n'est-ce pas?* Desta vez serei honesto e explicar-te-ei. Escuta, durante os sonos, e particularmente nos pesadelos originados por uma má digestão ou outras causas, o homem tem visões tão pitorescas, tão complicadas e de aparência tão real, nas quais se movem os acontecimentos, todo um mundo de acontecimentos, com tão inesperadas minúcias, desde os fenómenos mais elevados aos mais triviais, como por exemplo um bofetão, que te juro que nem o próprio Lev Tolstoi seria capaz de imaginar qualquer coisa no género; e estes sonhos têm-nos não precisamente os escritores, mas a gente mais vulgar: oficiais, jornalistas, sacerdotes... Constituem um enigma completo. Um homem de Estado confessou-me que as suas melhores ideias lhe ocorriam durante o sono. Isso é o que se passa agora: ainda que eu seja uma alucinação tua, como num pesadelo, digo coisas originais que nunca estiveram na tua cabeça. De modo que não repito as tuas ideias, embora nada mais seja do que um pesadelo teu.

— Mentes, pretendes convencer-me de que existes como algo alheio ao meu pesadelo, e agora afirmas que és um sonho.

— Meu amigo, adotei hoje um método especial que depressa te explicarei. Espera, onde ia? Ah, sim! Apanhei um resfriamento, não aqui, mas lá em baixo.

— Onde é o lá em baixo? Diz-me, ficarás aqui muito tempo? Não poderias ir-te embora? — gritou Ivan com desespero. Deixou de passear e sentou-se com os cotovelos em cima da mesa e a cabeça apoiada nas mãos. Arrancou a toalha e atirou-a para longe, irritado. Era inútil.

— Estás alterado dos nervos — comentou o cavalheiro, com grande cortesia. — Irritas-te comigo até porque sou capaz de apanhar um resfriado. Mas se é o mais natural! Corria um serão diplomático em casa

de uma senhora da alta aristocracia de Petersburgo, que ansiava por influir no governo; eu ia de fraque, gravata branca, luvas, embora Deus saiba onde estava e os espaços que tinha de atravessar para chegar à terra... Claro que isto se faz num momento; mas bem sabes que até a luz do Sol demora oito minutos, e, imagina, de fraque e colete aberto... Os espíritos não se enregelam, é certo, mas uma vez encarnados, bom... enfim, não pensei muito e lancei-me, e fazes ideia do frio que reina nos espaços etéreos e na água que fica por cima do firmamento?... Quase não se lhe pode chamar frio. Calcula, cento e cinquenta graus abaixo de zero! Bem conheces a brincadeira das aldeãs: convidam um inexperiente a lamber a lâmina de um machado a trinta graus abaixo de zero; no mesmo instante a língua congela no ferro e a pele estala, ensanguentada. E isto a trinta graus; imagina como seria a cento e cinquenta. Penso que bastaria tocar no machado com um dedo para desaparecer todo inteiro... Foi uma pena não ter um machado!

— Mas poderias encontrar ali um machado? — interrompeu-o Ivan distraidamente. Esforçava-se por não acreditar na alucinação para não ter de confessar-se louco.

— Um machado? — perguntou o visitante, surpreendido.

— Sim, que faria um machado em semelhante lugar? — gritou Ivan, com uma obstinação feroz.

— Que faria um machado no espaço? *Quelle idée!* Se caísse de alguma distância, penso que se poria a dar voltas em torno do planeta sem saber porquê, como um satélite. Os astrónomos calcular-lhe-iam o nascente e o poente, *Gatzuk* inclui-lo-ia no almanaque, e pronto.

— Que estúpido, mas que grande estúpido me saíste! — resmungou Ivan, mal-humorado. — Mente com um pouco mais de graça ou não te ouço. Apelas para o realismo a fim de convencer-me de que existes, mas não quero acreditar na tua existência. E não acreditarei!

— Não minto, tudo o que disse é verdade; infelizmente, a verdade diverte pouco. Vejo que te obstinas em que te mostre algo de grande, talvez algo de belo. É pena, porque te dou o que posso...

— Pois não fales como um filósofo, burro!

— Para filosofias estou com todo o lado direito dorido, que muito me incomoda. Consultei toda a faculdade de medicina; diagnosticam maravilhosamente; têm a diagnose tia ponta dos dedos, mas não fazem ideia da terapêutica. Conheci um jovem estudante muito entusiasta que

dizia: «Talvez morra, mas ao menos saberá do que morre!» Por isso têm como sistema enviar-nos aos especialistas. «Nós só diagnosticamos», dizem, «mas vá a tal ou tal especialista, que o curará.» O antigo médico que curava todo o género de doenças desapareceu por completo, asseguro-te; hoje só restam os especialistas que se fazem anunciar nos jornais. Se tens algum mal no nariz, mandam-te a Paris, onde dizem que há um especialista que remenda narizes. Se vais a Paris, o remendão olha-te para o nariz e declara: «Só posso curar-lhe a narina direita, porque não trato da esquerda; não é a minha especialidade. Mas vá a Viena; há lá um especialista que lhe tratará a narina esquerda.» Que fazer? Voltei aos remédios caseiros e a um médico alemão que me receitou fricções de mel misturado com sal, depois do banho. Segui o conselho e tudo o que consegui foi transformar-me num caramelo. Desesperado, escrevi ao doutor Mateo, de Milão, Deus o abençoe!, o qual me enviou um folheto e umas gotas, e, imagina que o extrato de malte, de Hoff, me curou! Comprei-o por acaso, e calcula que ao fim de frasco e meio estava capaz de dançar. Tive a ideia de escrever aos jornais para agradecer, mas só consegui irritações: nem um só jornal quis publicar a minha carta! «Seria demasiado reacionário», diziam. «Ninguém acreditaria. *Le diable n'existe point*. Será melhor guardar o anonimato.» Mas de que serve uma carta de agradecimento anónima? Ri-me dos redatores. «Nos nossos dias, é reacionário acreditar em Deus», disse-lhes, «mas eu sou o diabo, de modo que acreditarão em mim.» «De acordo, de acordo», responderam-me. «Quem não acredita no diabo? Mas não podemos admiti-lo. Seria suscetível de prejudicar a nossa reputação. No entanto, sob a forma de anedota, se quiser...» Mas eu considerei que seria uma anedota pouco engenhosa e não se publicou. E, olha, é uma coisa que ainda hoje me dói. Os meus melhores sentimentos, a gratidão, por exemplo, estão-me proibidos devido à minha posição social.

— Mais considerações filosóficas? — resmungou Ivan, irritado.

— Deus me livre! Mas há coisas que não podem deixar de doer-nos. Sou um homem caluniado. Tu sempre me trataste de estúpido. Bem se vê que és jovem. Amigo, nem tudo deve ser inteligência! Eu possuo naturalmente um caráter bom e divertido. «Sou autor de *vaudevilles* de todas as cores.» Talvez me tomes por um Klestakov acabado, mas o meu destino é bastante mais sério. Antes que o tempo existisse, por um decreto que nunca consegui compreender, fui predestinado a «negar», embora

tenha um bom coração e nenhuma tendência para a negativa. «Não, é necessário que negues; sem negação não haveria crítica, e que seriam os jornais sem uma coluna de crítica? Sem crítica, tudo seria um contínuo *Hossana.* Mas apenas *hossana* seria insuficiente para a vida, o *hossana* deve brotar do crisol da dúvida, etc.» Mas eu não me meto nisso, que não o inventei nem sou responsável. Escolheram-me, fizeram-me escrever a coluna da crítica, e com tudo isto a vida torna-se mais fácil. Nós compreendemos muito bem esta comédia; eu, por exemplo, sou partidário do nada. «Não», dizem-me, «porque sem ti nada existiria; se todas as coisas do universo fossem retas, nada aconteceria; sem ti não haveria acontecimentos, e é preciso que os haja.» Assim, pois, contra a minha vontade, sou útil como origem de atividades e ajo contrarrazão por obediência. Homens dotados de inteligência indiscutível levam a sério esta farsa, e daqui nasce a tragédia. Sofrem, bem o vejo... mas vivem, vivem uma vida real, não fantástica, porque sofrer é viver. Que seria do prazer sem a dor? Ficaria tudo reduzido a uma cerimónia de igreja; seria muito santo, mas aborrecido. Mas que hei de dizer-te de mim? Eu sofro, mas não vivo. Sou o *x* de uma equação indeterminada; sou na vida um fantasma que não teve princípio e não terá fim, e que esqueceu até o seu próprio nome. Ris-te... não, não te ris, ainda te dura o amuo; só te preocupa a sabedoria, mas repito-te que de boa vontade daria toda esta vida supraplanetária, todos os títulos e honras, para transformar-me na alma da mulher de um comerciante, gorda como uma cuba, e oferecer velas no templo de Deus.

— Nesse caso, tu também não acreditas em Deus? — perguntou Ivan, com um sorriso diferente.

— Que hei de dizer-te? Se mo perguntas a sério...

— Há ou não há Deus? — gritou Ivan, brutalmente.

— Ah, falas então a sério! Pois, meu amigo, palavra de honra que não sei. Olha, é tudo quanto posso dizer-te.

— Não sabes e dizes que o vês? Vamos! Tu és apenas eu mesmo e nada mais! Tu és os escombros da minha fantasia!

— Bom, se tanto te empenhas, tenho a mesma filosofia que tu, talvez seja verdade. *Je pense*, *donc je suis.* Isto é o que sei de concreto. Quanto ao resto, são apenas palavras. Deus, e até Satanás, nada disso me foi provado. Se tem uma existência real ou é uma emanação de nós próprios, uma evolução lógica do nosso *eu* que existiu eternamente isolado... Mas calo-me, pois vejo que te vais levantar para me bater.

— Mais valia que contasses alguma anedota!

— Há precisamente uma no assunto que temos vindo a tratar. Mais do que uma anedota, é uma lenda. Acusas-me de incrédulo, e já vês, tu não acreditas. Há muitos como eu, meu amigo, como eu, aturdidos com a vossa ciência. Antigamente havia apenas átomos, cinco sentidos, quatro elementos, e tudo corria bastante bem. Também no mundo antigo tínhamos átomos; mas desde que soubemos que descobriram a molécula química, o protoplasma e sabe o diabo que mais, caiu-nos a crista. Armou-se por aí um barulho de mil demónios, e reina sobre tudo a superstição, o escândalo; estamos mais escandalizados nós do que vocês, já vês; inteiramo-nos de tudo por meio de espionagem, pois temos uma secção de polícia secreta a que chegam informações de todos os géneros. Bom, a tal lenda extravagante pertence à nossa Idade Média e ninguém entre nós acredita nela, salvo as velhas gordas, não as vossas, as nossas. Porque tudo o que vocês têm, também nós o temos, e estou a revelar-te um dos nossos segredos por amizade, apesar de nos estar proibido fazê-lo. A lenda refere-se ao Paraíso. Contam que havia na terra um pensador, um filósofo que negava tudo: as leis, a consciência, a fé, e, com mais obstinação ainda, a vida futura. Morreu, e quando esperava ir diretamente para as trevas do nada, encontrou-se, com grande espanto e indignação, ante a vida futura. «Isto é contra os meus princípios!», declarou. E foi castigado... quer dizer, perdoa-me, pois repito-te o que me contaram, e isto é uma lenda... Foi condenado a fazer nas trevas uma viagem de um quatrilião de quilómetros... não sei se sabes que adotámos o sistema métrico... e quando terminou essa viagem as portas do céu abriram-se-lhe e foi perdoado...

— E que outros tormentos têm no outro mundo, além desses quatriliões? — quis saber Ivan, com surpreendente curiosidade.

— Que tormentos? Ah, nem mo perguntes! Antigamente havia-os de todos os géneros, mas agora está na moda o castigo moral... o «roedor de consciência»... e todas essas tolices. Copiámo-lo de vocês, da vossa brandura de costumes. E quem se aproveita disto? Os que não têm consciência, pois não a tendo não podem ser torturados pelos remorsos. Em contrapartida, as pessoas decentes que têm consciência e sentimento da honra, sofrem. As reformas, quando o terreno não está bem preparado para elas, são uma desgraça, especialmente tratando-se de instituições copiadas do estrangeiro. É preferível o fogo antigo. Esse homem condenado e percorrer um quatrilião de quilómetros, detém-se, olha à sua

volta, estende-se no meio do caminho e declara: «Não quero caminhar; nego-me por uma questão de princípio.» Toma a alma de um russo sábio e ateu, mistura-a com a do profeta Jonas que passou três dias no ventre de uma baleia, e terás o caráter do nosso pensador atravessado no caminho.

— Em cima de que se deitou?

— Alguma coisa haveria para ele se deitar. Não troças?

— Bravo! — exclamou Ivan, que escutava sumamente interessado e com a mesma estranha ansiedade pintada no rosto. — E ainda continua deitado?

— Aqui reside o *quid.* Permaneceu assim durante mil anos e por fim levantou-se e pôs-se a caminho.

— Que animal! — gritou Ivan, rindo nervosamente, como que absorto nas suas reflexões. — Há alguma diferença entre estar eternamente imóvel e caminhar um quatrilião de quilómetros? Seria uma viagem de um bilião de anos.

— Parece-me que te ficas muito por baixo, embora não traga lápis e papel para fazer a conta. Mas há algum tempo que acabou a viagem, e aqui começa a anedota.

— Já chegou? Mas onde foi ele buscar o bilião de anos de que precisava para a viagem?

— Continuas a pensar à maneira terrestre! Mas a terra passou talvez por um bilião de transformações: extinguiu-se, gelou, estourou desfazendo-se em mil pedaços; desintegraram-se os seus elementos, as águas «voltaram ao firmamento», foi um cometa, converteu-se em sol e de sol em terra; os mesmos fenómenos podem ter-se repetido indefinidamente e com exatidão em todas as circunstâncias, com o tédio que resulta sempre deste género de coisas...

— Bom, bom; e que aconteceu quando ele chegou?

— Pois, quando se abriram as portas do paraíso, entrou, ficou algum tempo de relógio na mão... embora me pareça que o relógio se deve ter decomposto durante a viagem nos seus elementos primitivos... e gritou, de modo que todos o ouvissem, que aqueles dois segundos mereciam uma viagem não de um quatrilião de quilómetros, mas de um quatrilião de quatriliões, elevados à quatrilionésima potência. Cantou o *hossana,* esganiçando-se e exagerando tanto a nota que muitas pessoas de ideias elevadas se recusaram ao princípio a apertar-lhe a mão, pois diziam que se tornara reacionário demasiado depressa. O temperamento russo! Repito-te

que é uma lenda e só ta conto porque tem o mérito de destacar o tipo de ideias que atualmente reinam entre nós.

— Apanhei-te! — gritou Ivan com uma alegria juvenil, como se por fim tivesse conseguido recordar qualquer coisa. — Essa anedota, sobre o quatrilião de quilómetros, inventei-a eu. Tinha então dezassete anos e andava no liceu. Imaginei a anedota e contei-a a um condiscípulo chamado Korovkin, foi em Moscovo... É tão característica que não posso ter ido buscá-la a parte alguma. Pensava que a tinha esquecido... mas inconscientemente recordei-a... recordei-a eu mesmo... não ma contaste tu. As recordações acodem inconscientemente a milhares de pessoas, até aos que se dirigem para o cadafalso... A mim ocorreu-me durante um sonho. E esse sonho és tu! És um sonho e não um ser vivo!

— A veemência com que me negas — riu o cavalheiro — convence-me de que acreditas em mim.

— Nem ponta! Não tenho em ti a centésima parte de um grão de fé!

— Mas tens a milésima parte de um grão. As doses homeopáticas são talvez as mais fortes. Confessa que tens uma décima milésima parte de fé em mim.

— Nunca! — gritou Ivan, furioso. — E contudo gostaria de acreditar em ti.

— Ah! Isso é uma concessão. Mas sou bondoso e quero acudir em tua ajuda. Escuta: fui eu quem te apanhou, e não tu a mim. Contei-te a anedota que tinhas esquecido porque quero destruir completamente a tua fé em mim.

— Mentes. O objetivo desta visita é convencer-me da tua existência.

— Precisamente. Mas a dúvida, a hesitação, o conflito travado entre a fé e a negação, representam tais torturas para um homem de consciência como tu, que mais lhe valeria enforcar-se. Conhecendo a tua inclinação para acreditar em mim, infundi-te um certo ceticismo contando-te essa história. Sacudi-te entre a dúvida e a crença, porque tinha os meus motivos. É um novo método. Quando me negares definitivamente, começarás a afirmar que não sou um sonho e sim uma realidade. Conheço-te. Alcançarei então o meu objetivo, que é muito nobre. Semearei em ti uma pequena semente de fé, dessa semente crescerá uma haste e uma haste tão frondosa que à sua sombra desejarás fazer a vida «dos eremitas e dos santos penitentes». Interiormente já aspiras a isso. Comerás gafanhotos e viverás nas solidões do deserto para salvar a tua alma.

— E tu sentes desvelos pela salvação da minha alma, velhaco?

— Alguma vez se há de fazer uma boa obra. Mas que mau humor o teu!

— Imbecil! Alguma vez tentaste esses santos varões que comem gafanhotos e passam dezassete anos a orar até que o musgo os cobre e sepulta?

— Querido amigo, não tenho feito outra coisa. Esquece-se este mundo e todos os outros para fazer vacilar um desses santos, que são como preciosíssimos diamantes. Uma alma assim, vale por vezes tanto como uma constelação inteira. Temos um sistema especial para calculá-lo. Há conquistas inapreciáveis! Alguns deles não te são inferiores em cultura, embora não o creias; podem contemplar simultaneamente tais abismos de fé e de dúvida que parecem estar prestes a «precipitarem-se das alturas nas profundezas», como diz o doutor Gorbunov.

— Bem, e tu ficas com um nariz de palmo.

— Amigo — observou sentenciosamente o visitante — mais vale ter um nariz de palmo do que ser desnarigado, como dizia não há muito tempo um aflito marquês... devia ter sido tratado por um especialista em confissão ao seu pai espiritual, um jesuíta. Eu estava presente. Foi divertidíssimo! «Devolva-me o nariz!», pedia ele, batendo no peito. «Meu filho», respondia evasivamente o sacerdote, «todas as coisas acontecem segundo os inescrutáveis desígnios da Providência, e o que por vezes parece uma desgraça traz-nos extraordinários, ainda que ocultos, benefícios. Se o destino cruel te privou do nariz, em contrapartida ninguém te poderá puxar por ele.» «Reverendo padre, as suas palavras não me consolam», protestava o desolado marquês. «Com muito gosto deixaria que me puxassem pelo nariz todos os dias, desde que voltasse a tê-lo no seu lugar.» «Meu filho», suspirou o padre, «é inútil esperar todos os benefícios ao mesmo tempo. Isso é murmurar contra a Providência, que nem mesmo neste caso te esqueceu, pois quando te lamentas dizendo que não te importarias que te puxassem todos os dias pelo nariz, cumprem-se os teus desejos de uma maneira indireta, pois desde que perdeste o nariz, andas como que arrastado por ele.»

— Néscio! Que estúpido! — gritou Ivan.

— Meu querido amigo, só desejava divertir-te; mas juro-te que esta é a clássica casuística dos jesuítas e que a cena se passou assim mesmo, palavra a palavra. O jovem marquês suicidou-se ao chegar a casa nessa

mesma noite; eu estive a seu lado até ao último momento. Os confessionários dos jesuítas constituem a minha mais grata diversão nos momentos de melancolia. Vou contar-te outro caso que se deu um destes dias. Uma jovem normanda de vinte anos, cabelos louros, uma beleza fresca e jovial que fazia vir água à boca, chega-se a um velho sacerdote, ajoelha-se e confessa o seu pecado através da grade. «Mas, minha filha, caíste outra vez?», exclama o sacerdote. «Santa Maria, que ouço eu? E não foi com o mesmo? Mas até quando vai isto durar? Não te envergonhas?» «*Ah, mon père*», responde a pecadora com lágrimas de arrependimento, «*ça lui fait tant de plaisir et à moi si peu de peine!*» Imagina que resposta! Era o grito da natureza, mais do que o da inocência. Perdoei-lhe no mesmo instante o seu pecado e voltei-me para me ir embora, mas tive de retroceder. Ouvi o sacerdote, através da grade, marcar-lhe um encontro para essa noite... um velho duro como uma rocha! Era a natureza, a força da natureza que recobrava os seus direitos! O quê? Voltas a irritar-te? Não sei como tornar-me agradável...

— Deixa-me em paz. A tua presença pesa-me como um pesadelo insuportável — gemeu Ivan ante a aparição. — Estou farto de ti, causas-me angústias insofríveis. Vou experimentar expulsar-te à força!

— Modera as tuas ânsias, não exijas de mim «toda a grandeza e nobreza», e verás como nos damos bem — disse persuasivamente o cavalheiro. — No fundo, estás aborrecido porque não te apareci no meio de um globo de fogo, entre relâmpagos e trovões, com asas de chamas, em vez de mostrar-me de forma tão modesta. Mereces admiração, em primeiro lugar pelos teus sentimentos estéticos, depois pelo teu orgulho. Como pode um diabo tão vulgar visitar um tão grande homem como tu! Sim, tens essas pretensões românticas, que tão ridicularizadas foram por Bychinsky. Quando me disponho a visitar-te, não consigo deixar de pensar que seria divertido adotar o aspeto de um general que serviu no Cáucaso, com as condecorações do Leão e do Sol ao peito. Mas, realmente, receio que me batas se me atrevo a apresentar-me com as placas do Leão e do Sol em vez da Estrela Polar ou de Sírio. Dizes que sou um estúpido, mas, Deus de bondade!, não pretendo igualar-me a ti em inteligência. Mefistófeles declarou a Fausto que desejava o mal e só fazia o bem. Que diga o que quiser, no fundo eu sou o contrário. Sou talvez o único homem de toda a Criação que ama a verdade e só desejo o bem. Estava presente quando o Verbo, que morreu na cruz, subiu ao céu, levando no seio a alma do bom

ladrão; escutei a alegre aclamação dos querubins que cantavam o *hossana* e o arrebatado troar dos serafins que faziam tremer o céu e a terra, e juro-te, pelo que há de mais sagrado, que desejava unir-me aos coros e cantar com eles: hossana! A palavra vinha-me aos lábios e estive quase a pôr-me aos gritos... bem sabes que sou muito impressionável e excessivamente sensível a toda a impressão estética. Mas o senso comum... oh! o mais desgraçado traço do meu caráter!... conteve-me dentro dos limites devidos e deixei escapar a ocasião. Porque, que se passaria... reflete bem..., se eu gritasse o *hossana?* Todas as coisas da terra se apagariam numa completa inatividade. Já vês como o sentimento do dever e a minha condição social me obrigaram a refrear um bom instinto e prosseguir na abjeta tarefa de que fui incumbido. Alguns apoderam-se de todo o crédito da bondade, e para mim deixam apenas a ignomínia. Não invejo as honras de uma vida de imposturas e de folgança, porque não sou ambicioso. Mas pergunto uma coisa: por que motivo, de entre todas as criaturas do mundo, me vejo condenado às maldições das pessoas decentes e a receber pontapés e bofetões como consequências naturais da forma humana, que me vi obrigado a adotar? Sem dúvida há nisto um mistério, mas não querem revelar-mo por nada do mundo. Temem que comece a gritar *hossana,* o que traria no mesmo instante o desaparecimento do indispensável «menos algébrico» e o estabelecimento do bom senso sobre a terra. E isto, claro, significaria o fim de tudo, até o das revistas e jornais, porque ninguém os assinaria. Já sei que no fim de tudo serei perdoado. Farei também uma viagem de um quatrilião de quilómetros e decifrarei o enigma; mas enquanto isso não acontece, franzo o cenho e continuo a desempenhar a minha missão, ainda que seja contra a semente de que te falava, quer dizer: perco milhares para salvar um. Quantas almas tiveram de sucumbir e quantas reputações tiveram de ficar arruinadas por aquele homem justo chamado Job, em nome do qual me fizeram as últimas na antiguidade. Sim, enquanto não for explicado o mistério, haverá para mim duas espécies de verdade: uma, a deles, lá em baixo, da qual não sei absolutamente nada, e outra, a minha. E não sei qual das duas será mais vantajosa... Dormes?

— Talvez — resmungou Ivan, irritado. — Todas as minhas estúpidas ideias analisadas, ruminadas e afastadas desde há muito tempo, mas apresentas agora como se fossem novas.

— Não há modo de agradar-te! E eu que esperava deixar-te encantado com o meu estilo literário. O *hossana* nas alturas não está mal de todo, pois não? E que te parece o meu tom sarcástico *à la Heine?*

— Não, nunca tive um espírito tão abjeto. Como pôde a minha alma produzir um ser tão vil como tu?

— Amigo, conheço um jovem russo muito simpático, encantador; é um rapaz inteligente, entusiasta da literatura e da arte, autor de um poema que promete muito intitulado *O Grande Inquisidor,* e estava a pensar nele!

— Proíbo-te de falar de *O Grande Inquisidor!* — gritou Ivan, vermelho de vergonha.

— E *O Cataclismo Geológico?* Lembras-te? É todo um poema!

— Cala-te ou mato-te!

— Tu, matares-me? Não, desculpa, falarei. Vim para dar-te gosto. Oh, como amo os sonhos dos meus jovens amigos, fogosos, trémulos de paixão pela vida! «Há gente nova», pensaste tu, quando na primavera te dispunhas a vir, «gente nova que quer destruir tudo e voltar ao canibalismo. Estúpidos! Não vieram pedir-me conselho! Eu sustento que basta destruir a ideia de Deus no homem; é por aí que se deve começar. Oh, raça de cegos que nada compreendem! Quando todos os homens tiverem negado Deus... e eu creio que a época do ateísmo universal chegará, como qualquer época geológica... o velho conceito do universo desmoronar-se-á por si mesmo, sem canibalismo, desaparecerá a velha moral e tudo começará de novo. Os homens unir-se-ão para arrancar da vida tudo o que ela tiver para dar, mas só para o gozo e a felicidade da terra; enaltecer-se-ão nas asas do seu espírito, animado por um orgulho titânico, e aparecerá o deus-homem. De dia para dia, ampliando indefinidamente as suas conquistas sobre a natureza através da ciência e da vontade, experimentarão um tão íntimo prazer nisso mesmo que se compensarão com juros das suas antigas esperanças de gozos eternos. Todos saberão que são mortais e enfrentarão a morte com orgulho e serenidade de deuses. O próprio orgulho ensinar-lhes-á a inutilidade de rebelarem-se contra a lei que reduz a vida a um momento, e amarão os seus irmãos sem necessidade de recompensa. O amor será suficiente num momento da vida, mas o próprio conhecimento da sua brevidade atiçará o fogo que agora se dissipa e esfria em esperanças quiméricas num amor de além-túmulo»... e assim por diante, no mesmo estilo. Magnífico!

Ivan permanecia sentado, olhando para o soalho e tapando os ouvidos com as mãos; todo o seu corpo começou a tremer, e a voz continuou:

— «A questão baseia-se», continuava a pensar o meu amigo, «na possibilidade de chegar essa época. Se há de chegar, tudo está terminado e a humanidade fica desde então estabelecida para sempre. Mas como, por causa da inveterada estupidez do homem, não se pode esperar que isso aconteça antes de, pelo menos, mil anos, todos os que conheçam a verdade podem legitimamente ordenar as suas vidas segundo os novos princípios. Neste sentido, *tudo será permitido.* E mais ainda: no caso de essa época nunca chegar, como nem Deus nem a imortalidade existem, o homem novo pode chegar a ser o homem-deus, ainda que esteja só como tal no mundo, e uma vez promovido ao novo estado, pode, sem escrúpulos, franquear todas as barreiras da moral antiga, se necessário for. Não há leis para Deus. A presença de Deus santifica o lugar onde se mostra. Onde eu estiver, aí será o lugar de preferência.» Tudo é permitido e acabou-se. Tudo isto é verdadeiramente encantador, mas se queres cometer uma patifaria para que precisas de uma sanção moral? Assim é a nossa Rússia contemporânea. Ninguém se atreve a enganar sem ter uma sanção moral; tal amor professa à verdade...

O visitante falava a impulsos da sua própria eloquência, elevando pouco a pouco a voz e olhando de um modo irónico para o dono da casa; mas não conseguiu acabar. Ivan pegou num copo que estava em cima da mesa e atirou-o ao orador.

— *Ah, mais c'est bête enfin* — exclamou este, levantando-se e sacudindo das roupas as gotas de chá. — Lembraste-te do tinteiro de Lutero! Tomas-me por um sonho e atiras-me um copo! É próprio de mulheres! Eu bem suspeitava que só fingias tapar os ouvidos.

Naquele momento ouviram-se pancadas batidas com insistência na janela. Ivan levantou-se!

— Ouves? Farias bem em ir abrir — gritou o cavalheiro. — É o teu irmão Aliocha que vem com as mais surpreendentes e interessantes notícias, podes crer.

— Cala-te, impostor. Sabia que era Aliocha, pressentia a sua chegada, e claro que não viria sem um motivo, claro que trará notícias! — irritou-se Ivan.

— Abre, abre. Está muito vento e é o teu irmão. *Monsieur sait-il le temps qu'il fait? C'est à ne pas mettre un chien dehors.*

Continuavam a bater. Ivan queria correr à janela, mas algo parecia amarrá-lo de pés e mãos; todos os seus esforços para romper aquelas peias eram inúteis. As pancadas tornavam-se cada vez mais fortes. Por fim, Ivan conseguiu levantar-se da cadeira. Passeou pelo quarto um olhar selvagem. As duas velas estavam prestes a extinguir-se e em cima da mesa viu o copo que atirara ao visitante; no sofá não se encontrava ninguém. As pancadas nos vidros da janela persistiam, mas não tão fortes como lhe tinham parecido no seu sonho; pelo contrário, eram umas pancadas discretas.

— Não foi um sonho! Não, juraria que não foi um sonho tudo o que acaba de acontecer!

Ivan aproximou-se da janela e abriu o postigo.

— Aliocha, não te disse que não viesses? — gritou o irmão, enfurecido. — Em duas palavras, que queres? Em duas palavras, ouviste?

— Smerdyakov enforcou-se há uma hora — respondeu Aliocha do pátio.

— Vem pela escada, vou abrir-te a porta — disse Ivan.

E foi abrir a porta.

Capítulo 10 — «Disse-mo Ele»

Ao entrar, Aliocha contou que, uma hora antes, Maria Kondratyevna lhe fora dizer que Smerdyakov se tinha enforcado. «Fui buscar o serviço do chá e encontrei-o pendurado de um prego da parede.» Às perguntas de Aliocha respondera que não avisara a Polícia, tendo corrido logo para junto dele; estava aterrorizada e tremia como uma folha. Tinham-se dirigido os dois ao quarto de Smerdyakov. Em cima da mesa havia um papel escrito. «Mato-me por minha própria vontade e desejo para não ter de acusar ninguém.» Aliocha deixara aquela nota no mesmo sítio e fora a correr avisar a Polícia.

— E de lá vim logo para aqui — terminou Aliocha, olhando intensamente para Ivan, como que surpreendido pela estranha expressão que notava no seu rosto. — Irmão — disse de súbito — deves estar muito doente. Olhas como se não entendesses uma palavra do que te estou a dizer.

— Fizeste muito bem em vir — respondeu Ivan num tom sombrio e como se não tivesse ouvido o comentário de Aliocha. — Já sabia que se tinha enforcado.

— Já sabias? E quem to disse?

— Não sei, mas sabia. Sabia-o! Sim, *disse-mo ele,* acaba de mo dizer!

Ivan permanecia no meio do quarto, com o mesmo ar pensativo e olhando para o chão.

— Quem é *ele*? — perguntou maquinalmente Aliocha, olhando em redor.

— Fugiu. — Ivan levantou a cabeça e riu docemente. — Teve medo de ti... temia uma pomba como tu. És um «querubim puro»... Dmitri chama-te querubim. Querubim!... o arrebatado troar dos serafins. O que é um serafim? Talvez toda uma constelação; mas pode ser que essa constelação não passe de uma molécula química. Há uma constelação do Leão e do Sol. Não sabias?

— Senta-te, irmão — pediu Aliocha, assustado. — Senta-te no sofá. Estás a delirar; apoia a cabeça na almofada... assim. Queres uma toalha

molhada na testa? Far-te-ia bem.

— Dá-me a toalha; está aí, na cadeira; acabo de tirá-la.

— Não está aqui, mas não te inquietes, sei onde está... aqui — disse Aliocha, tirando uma toalha limpa da cómoda que havia num canto do quarto.

Ivan ficou a olhar para ele com estranheza; por um momento pareceu recordar qualquer coisa.

— Cala-te — disse, levantando-se. — Mas se há uma hora tirei essa toalha da gaveta para empapá-la em água. Apliquei-a na cabeça e atirei-a para aí... Como está seca? Não havia outra!

— Puseste esta toalha na cabeça? — perguntou Aliocha.

— Sim, e com ela posta andei a passear pelo quarto, há uma hora... Por que estão consumidas as velas? Que horas são?

— Meia-noite.

— Não, não, não! — gritou Ivan. — Não foi um sonho. Ele estava aqui, sentava-se aqui, no sofá. Quando tu bateste à janela, atirei-lhe um copo... este. Espera um pouco. Da última vez estava a dormir, mas isto agora não foi um sonho; aconteceu realmente. Tenho tido sonhos, Aliocha... mas não são sonhos, são realidades. Eu andava, falava e ouvia... ainda que estivesse a dormir. Mas ele sentava-se aqui, neste sofá... É um estúpido, Aliocha, um solene estúpido.

E Ivan pôs-se a rir e a passear pelo quarto.

— Quem é esse estúpido? De quem estás a falar, irmão? — perguntou Aliocha ansiosamente.

— Do diabo! Deu-lhe para me visitar; esteve aqui duas ou três vezes. Censura-me o desgosto que diz que sinto por ele ser um simples diabo e não Satanás com asas de fogo e surgindo no meio de raios e coriscos. Mas não é Satanás, mentira. É um embusteiro, um aldrabão. É simplesmente um diabo... um diabo mísero e vulgar. Até vai aos banhos! Se lhe tirasses a roupa, certamente verias que tem cauda, lisa e comprida como a de um cão dinamarquês, quase negra... Aliocha, tens frio? Estiveste na neve. Queres um pouco de chá? Ah, esfriou. Digo à criada que acenda o samovar? *C'est à ne pas mettre un chien dehors...*

Aliocha correu à bacia, molhou a toalha, convenceu Ivan a deitar-se e envolveu-lhe a cabeça. Depois sentou-se a seu lado.

— Que dizias de Lisa? — perguntou Ivan, que se mostrava muito efusivo. — Amo-a. Disse-te uma indecência qualquer a respeito dela, mas

era mentira. Amo-a... Katya faz-me medo, amanhã. Temo-a mais a ela do que a qualquer outra pessoa, para o futuro. Amanhã desprezar-me-á e espezinhar-me-á. Pensa que quero perder Mitya por ciúmes! Sim, pensa isso, mas engana-se. Amanhã, a cruz; mas não a forca. Não, não me enforcarei. Sabes que nunca poderia suicidar-me, Aliocha? Será por fraqueza? Eu não sou um cobarde. Será por amor à vida? Como terei sabido que Smerdyakov se enforcara? Sim, disse-mo *ele*...

— Mas tão convencido estás de que entrou aqui alguém? — perguntou Aliocha.

— Sim, esteve sentado neste sofá. Tu tê-lo-ias afugentado, como afugentaste: quando chegaste, desapareceu. Gosto da tua cara, Aliocha. Sabes que gosto da tua cara? E *ele* sou eu próprio, Aliocha. Tudo o que tenho de humilhante, de vil, de desprezível. Sim, sou um romântico. Ele adivinhou-o, mas é uma patranha... E um grande estúpido, mas maneja a astúcia com a facilidade de uma raposa, e sabe como irritar-me. Insulta-me, dizendo que acredito nele, e dessa forma obriga-me a escutá-lo. Engana-se como a uma criança; no entanto, disse-me muitas verdades que nunca teria confessado a mim mesmo. Sabes, Aliocha — acrescentou num tom sério e confidencial — que gostaria muitíssimo de ser *ele* e não eu?

— Fatigou-te — disse Aliocha, olhando para o irmão compassivamente.

— Não parou de atormentar-me e muito delicadamente, sabes? Muito delicadamente. «A consciência! O que é a consciência? Eu próprio a inventei para meu uso; por que me atormenta? Por hábito, pelo hábito que a humanidade contraiu ao longo de sete mil anos. Renunciemos, pois, a isso e seremos deuses.» Disse-mo ele, disse-mo ele.

— Não terás sido tu? — perguntou Aliocha, sem conseguir conter-se, olhando serenamente para o irmão. — Não penses mais nele. Acaba para sempre e esquece-o. Deixa que carregue com todas as más ideias que detestas e não voltará!

— Sim, mas é rancoroso, troça de mim. Não tem vergonha, Aliocha — disse Ivan, tremendo de ira. — É injusto comigo, injusto quanto possas imaginar. Calunia-me com o maior descaro. «Oh! vais praticar um ato de heroísmo: confessar o assassinato de teu pai, declarar que o lacaio o matou por instigação tua.»

— Irmão — interrompeu-o Aliocha — modera-te. Não foste tu quem o matou. Isso não é verdade!

— É o que ele diz, ele, que o sabe. «Vais praticar um ato de virtude heroica e não acreditas na virtude; isso é o que te atormenta e te exaspera; por isso te tornaste tão vingativo.» Isso é o que ele diz de mim e sabe muito bem o que diz.

— És tu quem diz isso e não ele — exclamou Aliocha com aflição — e dize-lo porque a febre te faz delirar.

— Não, ele sabe o que diz. «Irás por orgulho, apresentar-te-ás e declararás: *Matei-o eu!* Por que vos horroriza esta confissão? Enganam-se, desprezo a vossa opinião, desprezo o vosso horror!» E acrescenta: «Bem sabes como gostas que te admirem; o que tu queres é ouvir: *É um criminoso, um assassino; mas que alma tão nobre a sua: confessa-se culpado para salvar o irmão.*» Isto não é verdade, Aliocha! Não desejo o elogio da chusma vil, juro-te! É mentira! Por isso lhe atirei o copo, que lhe partiu a horrível cara — gritou Ivan, com olhos fulgurantes.

— Acalma-te, irmão, acalma-te! — suplicou Aliocha.

— Sim, sabe como fazer-me sofrer. É cruel — continuou Ivan, sem fazer caso. — «Admitindo que vás por orgulho, ainda te resta a esperança de que Smerdyakov seja enviado para a Sibéria e o teu irmão absolvido, enquanto tu sais da coisa com um castigo *moral,* entendes? E o louvor de muita gente. Mas Smerdyakov matou-se, enforcou-se. Quem, pois, dará fé ao teu testemunho? E no entanto, irás, irás, irás da mesma maneira, porque assim decidiste. Mas que vais fazer agora?» É espantoso, Aliocha. Não posso suportar estas perguntas. Quem se atreve a falar-me assim?

— Irmão — atalhou Aliocha que, aflito, não desesperava ainda de chamá-lo à razão — como pode ter-te falado do suicídio de Smerdyakov antes da minha chegada, se ninguém o sabia nem tinha tido tempo de inteirar-se?

— Disse-mo — replicou Ivan com uma segurança que não admitia dúvidas. — E se vamos a isso, não me falou de outra coisa. «E farás muito bem se acreditas na virtude», disse-me. «Não importa que não acreditem em ti, pois vais por uma questão de princípios. Mas tu, que estás feito um porco como Fedor Pavlovitch, para que precisas da virtude? Para que queres lazer intrigas se há de ser inútil o teu sacrifício? Oh, que voltas dás à cabeça para saberes por que vais! Já conseguiste decidir-te? Não, não estás decidido. Passarás a noite a pensar se vais ou não. Mas irás, tu sabes que irás. Sabes que qualquer decisão que tomes não dependerá de ti. Irás porque não te atreverás a ficar em casa. Por que não te atreves? Adivinha-

o tu. É um enigma para ti.» Levantou-se e desapareceu. Saía quando tu entraste. Chamou-me cobarde, Aliocha. *Le mot de l'énigme,* é que sou um cobarde. «Uma águia como tu não se esconde nas alturas.» Também disse isto... E Smerdyakov disse o mesmo. Tenho de matá-lo! Katya despreza-me, há um mês que o noto. Até Lisa me desprezará! «Receberás elogios.» É uma mentira infame! Tu também me desprezas, Aliocha! Estou quase a odiar-te outra vez. Também odeio o monstro! Odeio o monstro! Não quero salvá-lo. Que vá para a Sibéria! Meteu-se-lhe na cabeça cantar um hino! Oh, amanhã irei e cuspir-lhes-ei na cara!

Levantou-se bruscamente, atirou a toalha para o chão e pôs-se a passear pela sala. Aliocha recordou as suas palavras: «Parece-me que durmo acordado... ando, falo, vejo, mas durmo.» Teve a impressão de que se encontrava nesse estado e não quis abandoná-lo. Lembrou-se de ir chamar um médico, mas não podia deixá-lo sozinho, pois não podia confiar a ninguém a sua custódia. Pouco a pouco, Ivan foi caindo num estado de completa inconsciência; continuou a falar, a falar ininterruptamente, mas cada vez com maior incoerência e articulando com grande dificuldade. De súbito cambaleou e teria caído se Aliocha não o sustivesse. Ivan deixou-se conduzir até à cama pelo irmão, que o despiu como pôde e o deitou. Durante duas horas ficou a velá-lo. O doente dormia profundamente, sem se mover, respirando suave e compassadamente. Aliocha pegou numa almofada e estendeu-se vestido no sofá.

Antes de adormecer, rezou por Mitya e por Ivan, cuja doença começava a compreender. «A angústia de uma orgulhosa determinação. O estrondoso clamor de uma consciência!» Deus, em quem não acreditava, e a Verdade dominando um coração que não queria submeter-se. «Sim», o pensamento revoluteava no cérebro de Aliocha, «tendo morrido Smerdyakov, ninguém acreditará na declaração de Ivan. Mas ele comparecerá a depor.» Os lábios de Aliocha entreabriram-se num sorriso. «Deus vencerá», pensou. «Ivan ou se levantará na luz da verdade ou... sucumbirá no ódio, vingando em si mesmo e em todos o serviço prestado a uma causa em que não acreditava», acrescentou amargamente, voltando a orar pelo irmão.

Livro 12 — Erro Judicial

Capítulo 1 — O Dia Fatal

Às dez da manhã do dia seguinte começou na Audiência provincial o exame da causa contra Dmitri Karamazov.

Declaro-me desde já abertamente incapaz de resumir de um modo integral tudo o que neste julgamento aconteceu, nem de seguir com todo o rigor a ordem do processo. Assim, espero que me perdoem se me limitar ao que de um modo especial me impressionou, embora possa bem ser que, tomando por principal o secundário, omita involuntariamente os factos de mais realce e interesse.

Basta de desculpas: farei o melhor que souber e o leitor saberá que fiz quanto podia.

Para começar, e antes de entrarmos na sala, direi o que naquele dia me surpreendeu mais do que qualquer outra coisa; segundo pude verificar mais tarde, esta surpresa foi geral. Já sabíamos que interesse despertara aquele assunto, que todos esperavam consumidos de impaciência o exame de um processo que durante dois meses fora o tema obrigatório das conversas nas tertúlias de toda a cidade, e objeto de mil comentários, exclamações e conjeturas; sabíamos que aquele caso era conhecido em toda a Rússia; mas não podíamos imaginar que toda a Rússia compartilhasse o nosso interesse e o nosso exaltado entusiasmo, como nesse dia se comprovou no tribunal.

Veio gente, não só das principais povoações da província, mas mesmo de Moscovo e até de Petersburgo. Entre os curiosos havia advogados, senhoras e distintas personalidades que arrebataram todos os convites. No espaço que havia atrás da mesa ocupada pelos três magistrados colocaram-se cadeiras destinadas aos visitantes mais conspícuos, o que era uma coisa excecional, nunca até então permitida. As senhoras eram muito numerosas, mais de metade de todo o público. Reuniu-se um tal número de juristas que houve dificuldade em arranjar-lhes lugar, já que os convites tinham sido solicitados e distribuídos com grande antecipação. Vi como foi necessário improvisar precipitadamente uma divisória atrás do próprio estrado, e nessa divisória instalaram-se todos esses homens de leis que se

consideravam felizes por terem conseguido obter um lugar na sala, de onde tinham sido retirados os bancos para que coubesse mais gente; apesar de tudo isto, o público apinhou-se no espaço disponível enquanto durou o julgamento.

Algumas senhoras apareceram na galeria luxuosamente ataviadas, mas a maior parte até descurou o toucado, na ânsia de conseguir um lugar. Os seus rostos expressavam uma curiosidade histérica, anelante, quase mórbida. Pelo que depois se observou, pôde deduzir-se que as senhoras estavam, na maior parte, do lado de Mitya e a favor da sua absolvição, o que creio se deve atribuir à fama que desfrutava de grande conquistador de corações femininos. Sabia-se que haviam de comparecer ante os juízes duas rivais, uma das quais, Catalina Ivanovna, era objeto do interesse geral. A seu respeito contava-se todo o género de histórias extraordinárias e assombrosas relacionadas com o amor que tinha por Mitya, apesar do seu crime; insistiam especialmente no seu caráter altivo e nas suas «amizades com a nobreza». Dizia-se que tencionava pedir ao Governo que a autorizasse a seguir o criminoso até à Sibéria e a casar com ele, nem que fosse no fundo das minas. Não era menor a impaciência com que se aguardava a presença de Gruchenka ante o tribunal; mas o que o público particularmente ansiava era o encontro das duas rivais: a altiva aristocrata e «a hetaíra». Para as mulheres da província, Gruchenka era uma figura mais familiar; já tinham visto «a mulher que causou a ruína de Fedor Pavlovitch e a do seu pobre filho», e todas, quase sem exceção, espantavam-se que pai e filho pudessem amar «uma jovem russa, tão vulgar e ordinária, que nem sequer chegava a ser bonita».

Enfim, falava-se pelos cotovelos. Consta-me que chegou a haver discussões no seio das famílias mais formais da nossa cidade. Muitas senhoras discutiram violentamente com os maridos, mantendo opiniões contrárias sobre o espantoso caso de Mitya, e compreende-se que esses maridos, longe de estarem a favor do réu, o julgassem *a priori* com o maior rigor. Pode considerar-se certo que o elemento masculino presente no julgamento se distinguia do feminino pela prevenção que manifestava contra Mitya. Abundavam os rostos severos, os cenhos franzidos, até às expressões vingativas; é certo que Mitya ofendera muitos durante a sua estada na cidade, mas não eram raros os assistentes que se mostravam de excelente humor e até completamente desinteressados da sorte do réu. Mas a todos interessava o processo como espetáculo e quase todos esperavam a

condenação; só os letrados revelavam mais interesse pelo aspeto legal do caso do que pelo aspeto moral.

E o que mais os animava era a presença do advogado de defesa, Fetyukovitch, cujo talento fora geralmente reconhecido nos famosos casos criminais que defendera noutras audiências provinciais, casos a que soubera dar celebridade pelo tom elevado a que levara os debates com a sua eloquência. Causa que ele defendesse, era causa que alcançava renome em toda a Rússia. Falava-se também muito do procurador e do presidente do tribunal. Dizia-se que Hipólito Kirilovitch temia encontrar-se frente a Fetyukovitch, a quem tinha por inimigo desde o início da sua carreira em Petersburgo. Acrescentava-se que, embora esperasse sobrepor o seu talento no caso Karamazov, e até pensasse cimentar com ele o seu prestígio, Fetyukovitch era, devido à guerra que lhe movia desde os tempos de Petersburgo, a sua sombra negra. Tais asserções eram falsas. O nosso procurador não era dos que desanimam ante o perigo; pelo contrário, a confiança em si mesmo aumentava com as dificuldades. Era um temperamento empreendedor e excessivamente sensível, e punha toda a sua alma no estudo de cada caso, trabalhando como se a sua sorte e o seu prestígio dependessem dos resultados. Este aspeto do seu caráter era considerado um tanto ridículo no terreno legal e conquistara-lhe mais notoriedade da que podia esperar-se da sua modesta situação. As pessoas riam-se particularmente da paixão que revelava pela psicologia. Na minha opinião faziam mal, pois o nosso procurador ia mais fundo do que se pensava; mas uma saúde delicada impedira-o de prová-lo no início da sua carreira e depois já não se lhe apresentara ocasião para isso.

Do presidente do tribunal só posso dizer que era um cavalheiro de ideias humanitárias, culto, muito versado em praticamente todos os assuntos relacionados com a sua profissão e progressista. Embora tivesse certas ambições, não lhe interessava grande coisa a carreira; a maior aspiração da sua vida consistia em ser homem de ideias avançadas, não obstante as suas muitas relações e propriedades. O caso Karamazov impressionou-o enormemente, como depois pudemos ver, mas do ponto de vista social, não pessoal. Interessava-lhe o seu significado como fenómeno social, a sua classificação, o seu caráter como produto das nossas condições sociais, como tipo do caráter nacional... O aspeto pessoal do caso, a sua realidade trágica, as pessoas nele implicadas, inclusivamente o

próprio réu, quase o deixavam indiferente, numa atitude de perfeita imparcialidade que era talvez a mais adequada.

A sala ficou cheia e a transbordar de público, muito antes que entrassem os juízes. A sala do nosso tribunal é a maior e a mais espaçosa da cidade, com excelentes condições acústicas. À direita da mesa presidencial havia duas filas de cadeiras para os jurados; à esquerda ficava o banco do acusado e o lugar que seria ocupado pela «defesa». Sobre uma mesa colocada ao centro, junto à da presidência, viam-se as «provas»: a camisa de seda de Fedor Pavlovitch, manchada de sangue, a mão do almofariz com que se supunha ter sido cometido o crime, a camisa de Mitya, com uma manga ensanguentada, a sua casaca com uma nódoa no sítio onde tocara o lenço empapado, o próprio lenço, completamente tingido e agora amarelo, a pistola resgatada a Perkotin para o suicídio e escondida em Mokroe por Tifon Barsovitch, o sobrescrito e a cinta que envolviam o dinheiro destinado a Gruchenka e muitas outras coisas que agora não recordo. Junto à balaustrada que separava o tribunal do público tinham sido colocadas cadeiras para as testemunhas que quisessem permanecer na sala depois de terem prestado declarações.

Às dez horas, entraram os juízes — o presidente e dois magistrados assessores — seguidos pelo procurador. O presidente era pequeno, rechonchudo, forte; parecia sofrer de dispepsia, tinha cerca de cinquenta anos, os seus cabelos rapados eram quase grisalhos e ostentava na lapela uma fita vermelha, já não recordo de que Ordem. O procurador impressionou-me, como a todos os outros, pela palidez do seu rosto, quase verde. Parecia ter enfraquecido numa noite, pois dois dias antes tinha-o visto mais cheio de cara. O presidente começou por perguntar se estavam presentes todos os jurados.

Não posso referir ponto por ponto quanto ali se disse e se passou, porque não ouvi tudo nem me inteirei de tudo, nem me recordo, e muito especialmente porque, como já disse, me faltaria tempo e espaço material para isso. Sei que não houve tropeço algum por falta de comparência dos jurados, dos quais me recordo perfeitamente. Eram doze: quatro empregados, dois comerciantes e seis artesãos. Também me recordo das perguntas que se cruzavam entre o público, especialmente entre as damas, antes de começar o julgamento. «Como é possível que um caso tão complicado e de tão complexa psicologia seja submetido à decisão de humildes empregados e artesãos? Que podem entender esses homens de tal

assunto?» Os quatro empregados do júri eram pessoas incultas e de condição humilde. Excetuando um, eram homens de idade, de cabelos brancos, muito pouco conhecidos na sociedade; haviam vegetado com o seu miserável salário, tinham gasto os momentos de ócio a jogar às cartas, não sabiam o que era abrir um livro e todos eles tinham mulheres feias e inapresentáveis, além de um rancho de filhos descalços e ranhosos. Os dois comerciantes tinham aspeto respeitável, mas pareciam tolos de tão calados e imóveis. Um deles barbeava-se e vestia-se à europeia; o outro usava a barba recortada e do pescoço pendia-lhe uma fita vermelha com não sei que condecoração; e não falemos dos artesãos e labregos, pois os artesãos de Skotoprigonyevsky dedicavam-se quase todos a trabalhar a terra. Dois deles vestiam igualmente à europeia, e talvez por isso estavam mais sujos e menos vistosos do que os outros. Com razão, pois, as pessoas perguntavam que podia esperar-se de tal gente num caso como aquele. E, não obstante, o aspeto de todos eles era imponente, ameaçador: todos eles olhavam severos, de ar carrancudo.

O presidente declarou iniciado o julgamento, não recordo já em que termos. Ordenou ao meirinho que introduzisse o acusado, e quando Mitya entrou fez-se na sala tal silêncio que se poderia ouvir o voo de uma mosca. Não sei que impressão causou nos outros a entrada de Mitya, mas em mim foi muito penosa. Vestia com exagerada elegância um flamante fraque encomendado propositadamente a um alfaiate de Moscovo, que tinha as suas medidas; luvas negras de pelica e camisa de finíssimo tecido. Avançou com os seus passos grandes e decididos, olhando em frente com resolução, e ao chegar ao seu banco sentou-se com ar imperturbável.

O aparecimento do advogado de defesa, o célebre Fetyukovitch, que se produziu quase imediatamente a seguir, levantou um murmúrio abafado entre a multidão. Era alto, magro, comprido de pernas; os dedos das suas mãos pareciam gavinhas, tinha a cara rapada, as roupas muito limpas, os cabelos muitos curtos e os lábios finos torcidos num sorrido fixo. Parecia não ter mais de quarenta anos e o seu rosto seria agradável se não fossem os olhos que, pequenos e inexpressivos, ficavam demasiado perto do estreito tabique do nariz que os separava, dando-lhe o aspeto de uma ave noturna. Vestia um fato de verão, com gravata branca.

Recordo as primeiras perguntas do presidente a Mitya, acerca do seu nome, da sua posição, etc. Mitya respondeu com brusquidão e uma voz tão inesperadamente dura que o presidente estremeceu e ficou a olhar para ele,

surpreendido. Depois seguiu-se a lista dos nomes dos interessados no processo: testemunhas e peritos. Uma lista interminável. Quatro das testemunhas não compareciam: Miusov, que prestara declarações ao instruir-se o sumário, estava em Paris; a senhora Hohlakov e Maximov encontravam-se ausentes por doença, e Smerdyakov por falecimento, segundo documento apresentado pela Polícia. Esta notícia causou na sala certa agitação, acompanhada de um natural murmúrio, pois muitos ignoravam o recente suicídio do lacaio; mas, mais do que a notícia, impressionou o público o vozeirão de Mitya, que ao terminar a leitura do documento que dava conta do suicídio, gritou do seu lugar:

— Era um cão e morreu como um cão!

Ainda me parece ver o advogado inclinando-se apressadamente para ele e o presidente a ameaçá-lo com tomar severas medidas se tal irregularidade se repetisse. Mitya moderou-se e, em tom submisso, prometeu reiteradamente ao seu defensor, sem manifestar o menor desgosto:

— Não voltará a acontecer; saiu-me assim, mas não voltará a acontecer.

Este pequeno incidente não o favoreceu no ânimo dos jurados nem do público. Nele o seu caráter revelou-se claramente. Foi sob esta impressão que se leu a ata de acusação, breve mas substancial, apresentando as principais razões da prisão e processo de Mitya. Fez uma impressão profunda no meu ânimo. O escrivão lia com voz sonora e pausada. Toda a tragédia se desenrolava ante nós, intensificada, como que posta em relevo e cruelmente desvendada. Recordo que, ao terminar, o presidente perguntou a Mitya, num tom grande e imponente:

— Acusado, reconhece-se culpado?

Mitya levantou-se bruscamente e respondeu com voz forte, quase agressiva:

— Confesso-me culpado de embriaguez e depravação, de ociosidade e libertinagem. Queria regenerar-me pela virtude no momento exato em que a sorte me abateu. Mas da morte desse ancião, meu inimigo e meu pai, não sou culpado! Não, não, não sou culpado do roubo cometido em sua casa! Não poderia sê-lo. Dmitri Karamazov é um canalha, mas não um ladrão.

Voltou a sentar-se, tremendo dos pés à cabeça. O presidente exortou-o uma vez mais a responder simplesmente às perguntas, deixando-se de exclamações desnecessárias. Chamaram-se então as testemunhas para que

prestassem juramento, do qual só foram eximidos os irmãos do acusado, e pude nessa ocasião vê-las todas juntas. Depois de o sacerdote lhes ter dirigido uma exortação, disseram-lhes que se retirassem com ordem para se manterem a certa distância umas das outras, e começaram a chamá-las uma a uma.

Capítulo 2 — Testemunhas Perigosas

Ignoro se as testemunhas da acusação e da defesa formavam grupo à parte e se o presidente seguia uma ordem estabelecida ao convocá-las. Devia ser assim, embora só possa dizer que as primeiras chamadas a depor foram as testemunhas da acusação. Repito que não pretendo seguir passo a passo todo o interrogatório, porque além de que com isso o meu relato se tornaria demasiado pesado, encontraremos mais adiante todas as declarações reunidas nos vibrantes e luminosos discursos do procurador e da defesa, parte dos quais me proponho inserir aqui literalmente, dando-lhes por prólogo o inesperado episódio que os precedeu e que inegavelmente provocou o sinistro e fatal resultado deste julgamento.

Não quero passar em silêncio o que desde o início foi notado por todos como sendo a característica peculiar desta causa, a saber: a extraordinária força da acusação relativamente aos argumentos em que se poderia basear a defesa. Todos se deram clara conta de que os factos se iam agrupando e convergindo para um só ponto, revelando gradualmente o horrível e sangrento crime. Talvez todos tivessem desde o começo a certeza de que a causa estava perdida sem remédio, que não oferecia dúvidas nem daria motivo para discussões, que o defensor estava ali por mera formalidade e que o acusado, enfim, era culpado, clara e terminantemente culpado. Tenho para mim que até as senhoras que com tanta impaciência esperavam a absolvição do réu se convenceram todas, sem exceção, da sua culpabilidade; e também creio que as teria desgostado não haver tantos motivos para se convencerem disso, pois de outro modo minimizar-se-ia o efeito da cena final em que esperavam ver absolvido o assassino, pois nenhuma delas, por estranho que isso pareça, duvidou até ao último instante de que seria absolvido. «É culpado, mas será absolvido por questões humanitárias, segundo exigem as novas ideias, os sentimentos que estão na moda», etc., etc. Fora isto que as levara ao tribunal com tanto anseio. Os homens interessavam-se mais pela luta que havia de travar-se entre o procurador e o célebre Fetyukovitch, e perguntavam a si mesmos que partido poderia tirar o grande talento do advogado de um caso como

aquele; toda a sua atenção estava concentrada no defensor, de quem procuravam não perder uma palavra.

Mas Fetyukovitch permaneceu até à última hora, até ao seu discurso, um enigma para todos. Os peritos suspeitavam que tinha algum desígnio, que estava preparando um golpe eficaz, mas era impossível adivinhar qual seria o seu jogo. De todos os modos, a segurança que manifestava e a sua confiança em si mesmo eram inconfundíveis. Para todos foi motivo de alegria e admiração ver como em tão pouco tempo, pois havia apenas três dias que se encontrava na cidade, lhe fora possível dominar o caso e estudar as suas mais pequenas subtilezas, e as pessoas comentavam mais tarde, deliciadas, a facilidade com que derrotou as testemunhas da acusação, deixando-as perplexas e hesitantes, abalando as suas reputações e destruindo assim o valor dos seus depoimentos. Supunham que o fazia, antes de mais nada, por divertimento, pela glória profissional, para provar que nada omitia daquilo que era então aceite como método, convencidos que nenhuma vantagem real lhe proporcionaria aquele desdouro moral das testemunhas; talvez ele soubesse isto mesmo melhor do que ninguém e o fizesse para ocultar a ideia que acalentava ou esconder a arma que tencionava disparar quando chegasse o momento; mas, entretanto, seguro da sua força, parecia divertir-se.

Assim, no depoimento de Grigory, o velho criado, cuja afirmação de que a porta estava aberta constituía uma das provas mais graves, o defensor, chegada a sua vez, pôs-se a atacá-lo. É preciso notar que Grigory entrou na sala com ar sereno e quase majestoso e não bastou para o emocionar nem a majestade do local, nem a multidão que o escutava em silêncio. Prestou a sua declaração com a mesma segurança de que daria provas ao falar com Marfa, se bem que com mais respeito. Foi inútil esperar que se contradissesse. O procurador perguntou-lhe qualquer coisa sobre a família dos Karamazov, e a família foi pintada com as cores mais tristes, podendo todos ver que a testemunha falava com a máxima franqueza e imparcialidade. Apesar do profundo respeito que tinha pela memória do seu falecido amo, declarou que este se portara injustamente com Mitya e «não criara os filhos como seria devido». «Este, quando menino, teria sido devorado pela miséria se não fosse eu», acrescentou ao descrever a infância de Mitya. «Não é próprio de um pai despojar o filho da herança da mãe quando por direito lhe pertence.»

Quando o ministério público lhe perguntou que provas apresentava para afirmar que Fedor Pavlovitch lesara os interesses económicos do filho, Grigory deixou todos surpreendidos ao declarar que não as tinha, mas insistiu em que o comportamento do amo para com o filho fora «muito feio» e que deveria ter-lhe dado mais alguns milhares de rublos. É de notar que o procurador fez perguntas sobre a retenção de uma parte da herança de Mitya a todas as testemunhas que podiam saber alguma coisa, inclusivamente a Aliocha e a Ivan, sem conseguir uma informação exata; todos estavam de acordo a esse respeito, mas ninguém podia apresentar provas concretas. A cena na sala de jantar, no dia em que Dmitri maltratara o pai e ameaçara voltar para matá-lo, causou no tribunal uma impressão desastrosa, especialmente porque a compostura do velho criado ao descrevê-la, a parcimónia das suas palavras e a sua fraseologia peculiar, fizeram as vezes da eloquência que faltava. Avisou que não alimentava ressentimentos contra Mitya por tê-lo deixado sem sentidos junto da sebe; havia muito que lhe tinha perdoado. De Smerdyakov disse, benzendo-se, que era um jovem dotado de grande habilidade, mas imbecil e misantropo e, o que era pior, sem crenças, como o tinham ensinado a ser Fedor Pavlovitch e o seu filho mais velho; mas defendeu a sua honradez com calor, contando como um dia encontrara no pátio a bolsa do amo e, em vez de guardá-la, lha entregara, ação que o amo premiara com uma moeda de ouro e passando a confiar inteiramente nele. Obstinou-se na sua declaração referente à porta, e tantas perguntas lhe fizeram que não consigo recordá-las.

Foi em seguida a vez do advogado defensor, que começou por interrogá-lo sobre o sobrescrito no qual Fedor Pavlovitch era suposto de ter o dinheiro destinado a certa pessoa. «Viu-o alguma vez, você que durante tantos anos esteve ao lado do seu amo?» Grigory respondeu que nunca o tinha visto, e que até ignorara a sua existência até que toda a gente se pusera a falar a esse respeito. Esta pergunta repetiu-a Fetyukovitch a todos os que podiam ter visto o sobrescrito, com a mesma persistência com que o procurador perguntava acerca da herança retida, e de todos obteve a mesma resposta: nunca o tinham visto, embora alguns tivessem ouvido falar. Todos repararam na insistência de Fetyukovitch neste ponto.

— Agora, com sua licença, vou fazer-lhe uma pergunta — disse súbita e inesperadamente o defensor. — De que se compunha a bebida, ou

melhor, a decocção com a qual, de acordo com o sumário, esfregou os rins na tarde do dia dos autos para curar as suas dores?

Grigory olhou para ele, desconcertado, e balbuciou após uma pausa:

— De açafrão.

— Apenas açafrão? Não se recorda de qualquer outro ingrediente?

— Também havia milfurada.

— E pimenta?

— Sim, pimenta também.

— Etecetera. E tudo dissolvido em *vodka?*

— Em aguardente.

Uma gargalhada contida percorreu a sala.

— Bom, em aguardente. E depois de esfregadas as costas, creio que bebeu o resto da preparação, pronunciando umas orações que só a sua mulher conhece. É certo?

— Assim foi.

— Bebeu muito? Quanto haveria? Assim... a olho... Um copo ou dois?

— Um copo grande.

— Um copo grande, diz. Não seria copo e meio?

Grigory não respondeu. Parecia tentar adivinhar a intenção do seu interlocutor.

— Um copo e meio de aguardente pura não cai mal, eh! Que lhe parece? Basta para que uma pessoa veja aberta de par em par não só a porta do jardim, mas até a do próprio céu!

O criado calava-se. Novas gargalhadas. O presidente agitou-se na sua cadeira.

— Tem a certeza de que não dormia quando viu a porta aberta? — insistiu Fetyukovitch.

— Estava de pé.

— Isso não prova que estivesse acordado. — Mais gargalhadas. — Teria podido responder naquele momento a quem lho perguntasse, por exemplo, em que ano estamos?

— Não sei.

— E em que ano estamos? Sabe? Em que ano de graça?

Grigory ficou a olhar aturdido para o seu verdugo e, coisa estranha, parecia não saber, com efeito, em que ano se estava.

— Mas poderá dizer quantos dedos tem nas mãos?

— Sou um criado — disse Grigory por fim, com voz forte. — Se os superiores têm o capricho de troçar de mim, a minha obrigação é suportá-lo.

Fetyukovitch ficou um tanto confuso e o presidente observou-lhe que devia perguntar coisas de maior interesse. O advogado inclinou-se, dizendo que nada mais tinha a perguntar à testemunha, mas no público e no próprio tribunal fizera germinar a dúvida sobre a veracidade das declarações de um homem que sob os eleitos da bebida podia ter visto «as portas do céu» e que nem sequer sabia em que ano vivia. Mas antes que Grigory se retirasse, produziu-se outro incidente quando o juiz perguntou ao acusado se tinha alguma coisa a opor às declarações feitas.

— Excetuando isso da porta, tudo o que disse é verdade — vociferou Mitya. — Por ter-me despiolhado, agradeço-lhe; por ter-me perdoado o mal que lhe fiz, agradeço-lhe também. Esse velho foi honrado toda a sua vida e leal ao meu pai como setecentos cães.

— Acusado, modere a sua linguagem! — repreendeu-o o presidente.

— Não sou nenhum cão — murmurou Grigory.

— Ah, bom, o cão sou eu — gritou Mitya. — Se o tomou por um insulto, carrego eu com o insulto e peço-lhe perdão. Portei-me cruelmente com ele, como um bruto. E com Esopo também.

— Com que Esopo? — perguntou severamente o presidente.

— Oh! Com Pierrot... Com o meu pai, Fedor Pavlovitch.

O presidente, com voz imponente e severa, voltou a avisá-lo de que devia moderar a linguagem.

— Prejudica-se a si mesmo no ânimo dos juízes.

O defensor fez brilhar o seu talento ao tirar também partido da declaração de Rakitin, isso apesar de ser uma das testemunhas de mais valor e aquela de que o ministério público mais esperava. Sabia tudo; os seus conhecimentos eram assombrosos; tinha estado em todo o lado, vira tudo, falara com todos, sabia na ponta da língua a vida e os milagres dos Karamazov, pai e filhos. É certo que quanto ao sobrescrito só ouvira falar dele pelo próprio Mitya, mas pôde contar minuciosamente todos os excessos do acusado na *Metrópole,* todos os seus ditos e gestos, e relatar a história do capitão Snegiryov, o «Molho de Estopa». Nada pôde esclarecer quanto à questão da herança e limitou-se a vaidosas generalidades.

«Ninguém poderia dizer quem era o culpado e quem era o devedor, pois dada a natural habilidade dos Karamazov para embrulhar as coisas,

era impossível tirar a limpo fosse o que fosse.» Atribuiu a tragédia aos costumes atrasados por séculos de escravidão e à desordem que sofria a Rússia, por falta de instituições apropriadas. Foi-lhe permitido dar uma certa extensão ao seu discurso, e Rakitin aproveitou a primeira ocasião que lhe ofereciam para chamar a atenção. O procurador sabia que a testemunha preparava um artigo de revista a respeito do caso e até aproveitou algumas ideias para a sua exposição, o que provava que lera os rascunhos de Rakitin. O quadro que este apresentou do caso na sua declaração era do mais tétrico que possa imaginar-se, e de grande vantagem para ele. O público ficou encantado com a independência e a grande nobreza das ideias expostas, e quando se falou da escravidão e do abandono em que a Rússia se encontrava, chegaram a soar alguns aplausos.

Mas Rakitin, arrastado pelo ardor da sua juventude, deu um passo em falso, de que o advogado de defesa se aproveitou imediatamente. Ao responder a uma pergunta sobre Gruchenka, para não descer do plano elevado dos seus sentimentos e do êxito que via ter alcançado, teve a fraqueza de falar com desprezo de Agrafena Alexandrovna, chamando-lhe «a protegida de Samsonov». Bem caras havia de pagar estas palavras, que Fetyukovitch apanhou em voo; mas como teria podido imaginar que o advogado se inteiraria de tudo isto em tão pouco tempo?

— Permita uma pergunta — começou o advogado, sorrindo com afabilidade e respeito. — Não é o senhor o mesmo Rakitin autor do folheto *Vida e Morte do Venerável Padre Zossima,* publicado por conta das autoridades diocesanas, cheio de profundas e piedosas reflexões e com uma magnífica dedicatória ao bispo, obra que acabo de ler com grande deleite?

— Não o escrevi para ser impresso... publicaram-no depois... — murmurou Rakitin, desconcertado e quase envergonhado.

— Ah, magnífico! Um pensador como o senhor pode e até deve mostrar-se competente em todas as questões sociais. O seu folheto circulou profusamente sob o patrocínio do bispo e foi de grande utilidade... Mas o que queria saber de si era se, como há pouco disse, estava intimamente relacionado com a senhora Svyetlov.

Este era o apelido de Gruchenka, que eu ouvia então pela primeira vez.

— Não posso ser responsável por todos os meus conhecimentos... Sou um homem novo e... se vamos ter que responder por todas as pessoas que conhecemos... — Rakitin corou.

— Compreendo, compreendo perfeitamente — atalhou Fetyukovitch, como se também ele estivesse confuso e quisesse desculpar-se. — A si podia interessar como a qualquer outro jovem a amizade de uma mulher bonita que atrai os olhares de toda a juventude provinciana... mas só desejava saber... chegou ao meu conhecimento que há dois meses a senhora Svyetlov tinha um singular empenho em conhecer o mais novo dos Karamazov, Alexey Fedorovitch, e lhe prometeu a si vinte e cinco rublos se o fizesse ir a casa dela com o hábito de monge, coisa que o senhor conseguiu na véspera do dia em que se cometeu o terrível crime objeto deste processo. Conduziu o noviço a casa da senhora Svyetlov e desejava saber se recebeu dela a paga desse serviço.

— Era uma aposta... não sei que interesse tem isso para si... Recebi-o por pura brincadeira... com intenção de devolver-lho mais tarde...

— Ah, então recebeu-o? Mas ainda não o devolveu, não é verdade?

— Isso não tem importância — balbuciou Rakitin — e nego-me a responder a tais perguntas. Claro que lho devolverei.

O presidente interveio, mas o advogado disse que não tinha mais perguntas a fazer à testemunha, e o senhor Rakitin desceu do pedestal com a sua dignidade bastante amolgada. O eleito do elevado idealismo do seu discurso ficou um tanto prejudicado e a expressão de Fetyukovitch ao olhar para ele, enquanto se retirava, parecia dizer ao público: «Eis o tipo dos intelectuais que acusam o meu constituinte.» Recordo que o discurso de Rakitin não acabou sem uma explosão de Mitya, que encolerizado pelo tom com que a testemunha falava de Gruchenka gritou de súbito: «Bernard!», e quando o presidente, terminado o interrogatório, perguntou ao acusado se tinha alguma coisa a dizer, Mitya declarou, elevando a voz:

— Enquanto estive na prisão, não parou de sacar-me dinheiro. É um desprezível Bernard, um oportunista; não crê em Deus, mas confia no bispo!

Foi uma vez mais admoestado pela intemperança das suas palavras, mas Rakitin ficou feito em tiras.

O capitão Snegiryov não teve mais êxito, mas por uma causa muito diferente. Apresentou-se andrajoso, sujo, com as botas enlameadas e, mau grado a atenta vigilância da Polícia, completamente embriagado. Quando o interrogaram sobre a ofensa de Mitya, negou-se a responder.

— Deus o abençoe. Ilucha disse-me que não. Deus mo pagará lá em cima.

— Quem o encarregou de não dizer? De quem está a falar?

— Ilucha, o meu filhinho. «Papá, papá, como te injuriou!» Disse-mo na pedra. Agora está a morrer...

O capitão pôs-se a chorar e lançou-se aos pés do presidente. Levaram-no imediatamente, entre as gargalhadas do público! Fracassava por completo a impressão que o procurador tinha preparada, e o defensor continuava a assombrar a assistência com o seu perfeito conhecimento da causa.

O depoimento de Trifon Borisovitch, por exemplo, foi de grande efeito e muito desfavorável para Mitya. Calculava ele, com os dedos pelo menos, que quando da primeira visita de Mitya a Mokroe devia ter gasto três mil rublos, no mínimo. Só de pensar no que comeram aquelas glutonas! E para nem falar nos piolhosos aldeãos! Distribuíra vinte e cinco rublos a cada um, que não fora menos! E o que lhe tiraram! Que ele nem pensava em reclamar o que ia desaparecendo! Como havia de encontrar os ladrões, se ele próprio atirava fora o dinheiro? E bem sabem que os nossos camponeses são uns ladrões, não têm consciência. E o seu comportamento com as aldeãs! Desde então, andam todas ataviadas, e garanto-lhes que eram umas maltrapilhas. Fez a conta de todas as despesas, exagerando tanto que a alegação de Mitya de que gastara mil e quinhentos rublos e guardara o resto tornava-se inconcebível.

— Vi nas suas mãos três mil rublos tão claramente como teria visto cinco cêntimos: vi-os com os meus próprios olhos. E se sei calcular o dinheiro à simples vista! — terminou, desejando satisfazer os «seus superiores».

Quando Fetyukovitch o interrogou, não tentou refutar qualquer das suas afirmações, começando por perguntar-lhe sobre um incidente ocorrido durante a primeira visita, quando Timofey e um outro camponês chamado Akin encontraram no pátio uma nota de cem rublos que Mitya perdera e a foram levar ao estalajadeiro, o qual dera por ela um rublo a cada um.

— Muito bem — continuou o advogado — devolveu essa nota ao senhor Karamazov?

Trifon Borisovitch agitou-se em vão. Não pôde negar o achado da nota, mas disse que a entregara honestamente a Dmitri Fedorovitch, «mas como o senhor estava naquele momento sob os efeitos da bebida, não era possível que se lembrasse». No entanto, como negara teimosamente o

achado da nota até que aqueles que a tinham encontrado foram chamados a depor, tornou-se duvidosa a sua informação de que a devolvera e desmoronou-se a reputação de outra das mais perigosas testemunhas de acusação.

Igual sorte tiveram os polacos. Apresentaram-se com ares de orgulho e independência, vociferando que estavam ambos ao serviço da Coroa e que o *pan* Mitya lhes oferecera três mil rublos para «comprar a sua honra», e que tinham visto nas suas mãos dinheiro abundante. *Pan* Mussyalovitch incluía nas suas frases um grande número de palavras polacas, e vendo que isto lhe dava importância aos olhos do presidente e do procurador, exagerou a sua vaidade e acabou por falar só polaco. Mas Fetyukovitch apanhou-os na armadilha: voltou a chamar Trifon Borisovitch, obrigou-o a confessar, não obstante as suas evasivas, que tinham trocado o baralho que lhes entregara e que o *pan* Mussyalovitch fazia batota ao jogo. Isto foi confirmado por Kalganov, e os dois polacos retiraram-se cobertos de opróbrio, por entre as gargalhadas do público.

O mesmo aconteceu com quase todas as testemunhas perigosas. O defensor procurava lançar uma nódoa sobre cada uma e despedi-la com a desconsideração do público. Os jurisconsultos e os entendidos ficaram pasmados ante tanta habilidade, mas não descortinavam os propósitos com que fora posta em prática, já que o caso, longe de ter sido refutado, parecia cada vez mais evidente. Mas a serenidade do «grande mago» demonstrava a sua confiança, e nela esperavam, compreendendo que aquele homem não viera de Petersburgo para coisa nenhuma e não se resignaria a regressar derrotado.

Capítulo 3 — A Informação Médica e o Meio Quilo de Nozes

A informação dos peritos médicos foi de escassa utilidade para o acusado. Fetyukovitch não fez grande caso deste meio de defesa, ao qual se recorrera por instância de Catalina Ivanovna, que mandara vir *ex professo* uma eminência. O advogado de defesa nada tinha a perder e podia até tirar daquilo alguma vantagem, se bem que na realidade os depoimentos só servissem para divertir o público com as opiniões contraditórias dos médicos. Foram três os peritos chamados a depor: o célebre médico de Moscovo, o nosso Herzenstube e o jovem Varvinsky. Os dois últimos apareciam também como testemunhas da acusação.

O primeiro a depor foi o doutor Herzenstube, homem de setenta anos, com a cabeça branca e calva, robusto e de estatura média. Todos gostavam dele e o respeitavam pela sua grande piedade e honradez; não recordo bem a que irmandade pertencia. Havia muitíssimos anos que vivia entre nós, cumprindo o seu ministério com admirável dignidade. Homem de grande coração e sentimentos humanitários, não só visitava gratuitamente os camponeses nas suas choças, como também lhes dava dinheiro para os medicamentos; mas, isso sim, era teimoso como só ele. Quando se lhe metia alguma coisa na cabeça, não havia quem o fizesse mudar de ideia. Era do domínio público que durante aqueles três dias o famoso médico se permitira algumas alusões demasiado ofensivas contra as qualidades profissionais deste homem bondoso, criticando com muita rudeza o tratamento que aplicava aos doentes, quando estes, aproveitando a estada da sumidade, se faziam examinar por ela, embora soubessem que cobrava vinte e cinco rublos por cada consulta.

Quando o médico de Moscovo examinava um doente, perguntava-lhe: «Mas quem foi que o empanturrou de poções? Herzenstube? Ah, ah!»

E Herzenstube soube disto. Agora os três médicos compareciam a depor ante o tribunal.

O doutor Herzenstube declarou, sem preâmbulos, que estava fora de dúvida o desarranjo mental do acusado. E depois de apresentar provas em

favor do que dizia, provas que omitirei aqui, afirmou que tal anormalidade não só se patenteara em numerosos atos da vida de Mitya, como até naquele mesmo instante se manifestava; e quando lhe perguntaram em que se manifestava, disse, com a maior simplicidade do mundo, que o acusado «o revelara ao entrar, porque caminhava como um soldado, olhando em frente, em vez de olhar, como teria sido natural, para a esquerda, que era onde estavam as senhoras, pois sendo um tão grande admirador do belo sexo devia preocupá-lo especialmente o que pensavam dele».

Devo acrescentar que falava o russo com grande efusão, e embora todas as suas frases se acomodassem aos modismos alemães, não queria emendar-se, pois tinha a fraqueza de acreditar que falava o russo melhor do que os naturais do país. Gostava de misturar na conversa uma grande quantidade de provérbios russos, dizendo que nenhuma outra nação os tinha mais abundantes e expressivos. Outro facto curioso: ao falar, ficava com frequência pensativo, em busca de algum vocábulo que conhecia perfeitamente e que esquecia de súbito, coisa que também lhe acontecia quando falava alemão, e então costumava levar a mão à altura da testa, como que para apanhar em voo a palavra rebelde, sem que fosse possível levá-lo a continuar antes de o conseguir. A ideia de que o acusado deveria ter olhado para as senhoras ao entrar causou um murmúrio de alvoroço na sala. Era simpático a todas as senhoras da cidade, as quais sabiam a vida exemplar que fazia como solteiro e como homem piedoso, e conheciam o elevado conceito em que tinha as mulheres; por isso a observação a todas surpreendeu por original.

O doutor de Moscovo confirmou de modo definitivo e solene que o estado mental do acusado era anormal ao mais alto grau. Falou pausadamente e com alardes de erudição de «aberrações» e de «manias», e deduziu dos dados de que dispunha que o réu se encontrara num estado de aberração durante vários dias anteriores à sua detenção, e que no caso de ter cometido o crime fora com certeza involuntariamente, pois nem mesmo tendo consciência dos seus atos, poderia ter tido força suficiente para resistir ao impulso mórbido que o arrastaria a praticá-los.

Além de aberração transitória, diagnosticou mania, que com o tempo deveria conduzir o paciente à loucura total — devo esclarecer que o médico não disse isto da maneira vulgar que eu aqui utilizo, mas servindo-se de palavras técnicas e de uma linguagem profissional e científica. «Todos os seus atos estão em contradição com o sentido comum e a

lógica», continuou. «Além do que não pude observar por mim mesmo, isto é, o crime e as circunstâncias que o envolveram, ainda anteontem, enquanto falava comigo, tive ocasião de notar no seu olhar fixo uma expressão inenarrável; ria inesperadamente, quando não havia qualquer motivo para rir, mostrava-se irritado sem que se pudesse dizer porquê e repetia palavras estranhas: *Bernard!* e *Ética,* e outras igualmente sem sentido.» Mas o doutor quis principalmente provar a monomania com o facto de o acusado não ser capaz de falar dos três mil rublos, que ele próprio considerava a causa da sua desgraça, sem se exaltar, enquanto falava de outras acusações de mais peso e talvez mais vergonhosas sem manifestar a mais pequena emoção; sempre, mesmo antes da detenção, segundo lhe tinham dito, se enfurecia quando lhe tocavam na mola dos três mil rublos, isto apesar de ser, como se via, um homem isento de avareza e até desinteressado.

— Quanto à opinião do meu douto colega — acrescentou com ironia a eminência de Moscovo — segundo a qual teria sido mais normal olhar para as senhoras do que olhar em frente, só quero dizer que, além de divertida, é completamente errada, pois mesmo admitindo que o facto de o acusado entrar na sala onde se vai decidir a sua sorte olhando em frente possa ser considerado uma prova de anormalidade, sustento, pelo meu lado, que o natural não teria sido olhar para as senhoras e sim para a direita, onde se encontra o advogado, em quem tem posta toda a sua confiança e de cuja defesa depende o seu futuro.

E o médico terminou assim, com grande ênfase e seriedade, a exposição do seu ponto de vista.

O parecer do doutor Varvinsky foi o toque final no divertido espetáculo que os peritos médicos ofereceram com a diversidade das suas opiniões. Em seu entender, o estado do acusado era perfeitamente normal, e se nos dias anteriores à sua detenção se mostrara excecionalmente agitado, isso podia ter-se devido a várias causas explicáveis, como ciúmes, cólera, embriaguez, etc. Mas um tal estado nervoso não implicava a aberração mental de que se falara. Quanto a se o acusado deveria ter olhado para a direita ou para a esquerda, opinava que o mais natural era olhar, como fizera, em frente, na direção do estrado ocupado pelos juízes, de quem dependia a sua sorte; de modo que, avançando com o olhar fixo em frente, demonstrava sem sombra de dúvidas a sua normalidade mental. O jovem médico terminou a sua exposição com alguma animação.

— Bravo doutor! — exclamou Mitya. — Assim é que é falar!

Mitya foi uma vez mais repreendido, mas o depoimento do doutor Varvinsky convenceu público e juízes.

Chamado a depor como testemunha, o doutor Herzenstube favoreceu inesperadamente a causa de Mitya. Como antigo residente na cidade, conhecia muito bem a família Karamazov e proporcionou notícias de grande valor para a acusação. Mas de súbito, como se recordasse melhor, acrescentou:

— O pobre rapaz poderia ter feito uma vida muito diferente, porque tanto em criança como mais tarde deu provas de bom coração; posso afirmá-lo. Mas já lhes citei o provérbio russo. «Bom é que o homem tenha cabeça, mas melhor será ainda que o acompanhe outro homem inteligente, pois nesse caso terá duas cabeças em vez de uma.»

— Duas cabeças valem mais do que uma — assentiu o presidente, sabendo do costume que o ancião tinha de falar lentamente, sem se preocupar com o efeito das suas palavras nem com o tempo que se perdia. Herzenstube era muito amigo dos ditos e trocadilhos de sabor alemão.

— Ah, sim, é também essa a minha opinião! — continuou obstinadamente. — Duas cabeças valem mais do que uma; mas a ele faltou-lhe essa segunda cabeça de juízo, e o que tinha foi-se-lhe... Foi-se... para onde? Esqueci a palavra. — E levou uma mão à testa. — Ah, sim! *Spazieren.*

— Passear?

— Sim, passear, era o que queria dizer. Bom, o seu entendimento foi passear e deixou-lhe a cabeça oca. No entanto, era um rapaz agradecido e muito sensível. Ah! Como recordo aquele rapazinho abandonado pelo pai no pátio, quando corria ao meu encontro de pés descalços e os calções pendentes de um botão!

Uma nota comovedora e sentimental insinuou-se na voz do bom doutor. Fetyukovitch agitou-se no seu lugar, como se cheirasse alguma coisa que podia aproveitar.

— Sim, eu era na altura um jovem... Bom, tinha quarenta e cinco anos e acabava de chegar à cidade. Fez-me tanta pena o pequeno que me perguntava por que não havia de comprar-lhe meio quilo de... meio quilo de quê? Agora não recordo como se chamam. Meio quilo de uma coisa de que as crianças gostam muito. O que é? — E o velho Herzenstube voltou a

levar uma mão à testa. — Crescem numa árvore e caem e apanham-se uma a uma...

— Maçãs?

— Não, não, não. Diria uma dúzia de maçãs e não meio quilo... É uma fruta pequena e meio quilo dá uma grande quantidade. Mete-se entre os dentes e crac!

— Nozes?

— Isso, nozes! — repetiu o doutor com a mesma calma, como se não importasse palavra a mais ou a menos. — Eu comprei-lhe meio quilo de nozes, já que ninguém lhe comprara meio quilo de nozes. Levantei-lhe um dedo e disse-lhe: «Rapaz, *Gott der Vater.»* Ele riu-se e repetiu: *«Gott der Vater... Gott der Sohn.»* Voltou a rir e balbuciou: *«Gott der Sohn. Gott der heilige Geist.»* E ele pronunciou o melhor que pôde: *«Gott der heilige Geist.»* Fui-me embora e dois dias depois passava eu pela rua quando ele veio ao meu encontro: «Senhor: *Gott der Vater, Gott der Sohn.*» E só tinha esquecido *Gott der heilige Geist.* Eu lembrava-me sempre dele e tinha muita pena, mas levaram-no e não voltei a vê-lo. Passaram vinte e três anos; sou um velho com neve na cabeça e um dia, estando no meu gabinete, vejo entrar um jovem galhardo que nunca teria reconhecido, mas que levanta o dedo e me diz: *«Gott der Vater, Gott der Sohn* e *Gott der heilige Geist*. Acabo de chegar e venho agradecer-lhe o meio quilo de nozes; porque mais ninguém além do senhor me comprou meio quilo de nozes.» E então eu recordei a minha feliz juventude e o garoto que corria descalço pelo pátio; o meu coração estremeceu e disse-lhe: «És um rapaz agradecido, pois ainda recordas o meio quilo de nozes que te comprei quando eras criança.» Abracei-o, abençoando-o, e derramei lágrimas. Ele ria, mas também chorava... os russos riem sempre quando têm que chorar. Mas ele chorou, que eu bem vi. E agora, ai!

— E agora também choro, alemão; também choro, santo varão! — gritou Mitya.

Este incidente causou uma impressão muito favorável no auditório, mas o que mais favoreceu Mitya foi a declaração de Catalina Ivanovna, de que falarei a seguir. Ao serem chamadas as testemunhas de defesa, a sorte começou a sorrir a Mitya, favorecendo-o tão francamente que até o advogado ficou surpreendido. Mas antes de Catalina Ivanovna, foi interrogado Aliocha, o qual recordou ali mesmo um facto que contrariava um dos mais fortes pontos da acusação.

Capítulo 4 — A Sorte Sorri a Mitya

O próprio Aliocha ficou surpreendido.

Não o obrigaram a prestar juramento e recordo que tanto o procurador como o defensor o trataram com amabilidade. É certo que o precedia a sua boa fama. Falou com modéstia e comedimento, mas não pôde dissimular o grande afeto que tinha pelo seu desgraçado irmão, que apresentou como sendo um homem violento e apaixonado, mas ao mesmo tempo nobre, valente, generoso e capaz de sacrifícios. Admitia que na sua paixão por Gruchenka e na rivalidade que o opunha ao próprio pai chegara a um limite inultrapassável, mas repelia indignado a ideia de que pudesse ter cometido um assassínio por dinheiro, mesmo reconhecendo que os três mil rublos eram quase a obsessão de Mitya — que os considerava parte da herança de que o pai o defraudara e que, mau grado a sua indiferença pelo dinheiro, não podia falar deles sem se exaltar. Quanto à rivalidade entre as duas senhoras, Gruchenka e Katya, como o procurador dizia, respondeu com evasivas e de má vontade às perguntas que lhe fizeram.

— O seu irmão disse-lhe alguma vez que tinha a intenção de matar o pai? — perguntou o procurador.

— Não mo disse diretamente.

— Então como foi? De uma maneira indireta?

— Falou-me uma vez do ódio que sentia pelo nosso pai, a tal extremo que... que num momento de furor poderia chegar a matá-lo.

— E julgava-o capaz disso?

— Envergonha-me ter de dizer que sim. Mas estive sempre convencido de que um sentimento mais elevado o salvaria no momento fatal, como efetivamente aconteceu, pois ele não matou o meu pai.

Estas palavras foram pronunciadas com uma voz clara, que ressoou na sala. O procurador agitou-se como um cavalo de batalha ao som das trombetas.

— Asseguro-lhe que creio plenamente na sinceridade das suas convicções, que não quero atribuir ao afeto que sente pelo seu irmão. A sua opinião sobre este drama de família já a conhecíamos desde que foi

instruído o sumário, e como também não posso ocultar-lhe que está em contradição com as conclusões que baseio nas investigações preliminares, julgo ser necessário da minha parte pedir-lhe que nos diga em que funda essa convicção que tem da inocência do seu irmão e da culpabilidade de outro, contra quem declarou no sumário.

— Limitei-me a responder às perguntas que me fizeram — replicou Aliocha com doçura e tranquilidade. — Não acusei espontaneamente Smerdyakov.

— Mas declarou contra ele, não é verdade?

— Tive de fazê-lo devido ao que disse do meu irmão. Declarei o que aconteceu quando fui vê-lo à prisão e indiquei que ele próprio acusava Smerdyakov antes de me terem interrogado. Creio sem sombra de dúvida que o meu irmão está inocente, e se não foi ele quem cometeu o crime... então...

— Então foi Smerdyakov! Porquê Smerdyakov? E por que está tão completamente seguro da inocência do seu irmão?

— Não posso deixar de acreditar no meu irmão. Sei que é incapaz de mentir. Vi na cara dele que não mentia.

— Na cara dele? É a isso que se reduzem as suas provas?

— Não tenho outras.

— E sobre a culpabilidade de Smerdyakov, não tem outras provas além da palavra do seu irmão e da expressão do seu rosto?

— Não, não tenho outras.

Neste ponto o procurador deu por terminado o interrogatório de Aliocha, cujo depoimento deixou o público desiludido. Falara-se de Smerdyakov; uns mais, outro-menos, todos tinham ouvido dizer qualquer coisa, tinham aventurado uma conjetura ou tinham propalado a ideia de que Aliocha possuía provas da inocência do irmão e da culpabilidade do lacaio. E eis que tudo se reduzia a nada e não havia mais provas além de uma certa convicção íntima, tão natural num irmão.

Mas Fetyukovitch perguntou-lhe em que circunstâncias o irmão lhe revelara o ódio que tinha pelo pai e o temor que sentia de deixar-se arrastar a matá-lo. Se fora, por exemplo, na última entrevista antes do crime. Aliocha estremeceu como se, ao ir responder, recordasse e compreendesse uma circunstância importantíssima.

— Agora recordo uma coisa que tinha esquecido por completo e cujo significado não compreendi na altura: mas agora...

E, animado por uma ideia que manifestamente acabava de ocorrer-lhe, contou que na sua última entrevista com o irmão, debaixo de uma árvore na estrada do mosteiro. Mitya batera no «alto do peito» repetindo que tinha um meio de reabilitar-se e que esse meio estava ali, ali no seu peito.

— Pensei, vendo que batia no peito, que se referia ao coração — continuou Aliocha — querendo dizer que nele encontraria força para livrar-se de alguma terrível e inconfessável vergonha que o ameaçava. Tenho de confessar que pensei que falava do nosso pai e que o fazia tremer a ideia de vê-lo e deixar-se arrastar a algum ato violento. Foi então que indicou alguma coisa que tinha no peito e recordo ter observado naquele momento que o coração fica muito mais abaixo do sítio que ele indicava, pois era perto do pescoço. Esta reflexão, na altura, pareceu-me estúpida, mas agora compreendo que designava a bolsa ou escapulário onde guardava mil e quinhentos rublos.

— Exato! — exclamou Mitya. — É isso mesmo, Aliocha! Era no dinheiro que eu batia com o meu punho.

Fetyukovitch precipitou-se para ele, rogando-lhe que se acalmasse, e voltou para junto de Aliocha, o qual, animado pelas suas recordações, expôs a ideia de que possivelmente a tal desonra era nem mais nem menos do que os mil e quinhentos rublos que podia restituir a Catalina Ivanovna como parte de uma dívida e que, em vez de fazê-lo, destinava a outro fim, para fugir com Gruchenka, por exemplo, se ela consentisse.

— Devia ser isso! — exclamou Aliocha, muito excitado. — O meu irmão disse várias vezes que de metade do agravo... repetiu a metade várias vezes... poderia livrar-se imediatamente, mas que era tão desgraçado na fraqueza da sua vontade que não o faria... Sabia perfeitamente de antemão que lhe faltariam forças para isso.

— E recorda bem que era precisamente nessa parte do peito que ele batia?

— Perfeitamente, pois pensei: «Por que estará a bater ali se o coração fica mais abaixo?» E a ideia pareceu-me estúpida... Sem esta circunstância que me chocou tanto não teria reparado nisso. Como pude esquecê-lo até agora? Referia-se à bolsa quando dizia que tinha os meios, mas que não podia devolver os mil e quinhentos rublos. E quando o prenderam em Mokroe ele mesmo disse que considerava o ato mais vergonhoso da sua vida poder devolver a Catalina Ivanovna metade... metade, reparem bem!... da sua dívida e não o fazer, preferindo passar por ladrão a seus

olhos. E que suplícios, que suplícios lhe custou essa dívida! — exclamou Aliocha, dando por terminada a sua declaração.

Interveio o procurador, pedindo-lhe que contasse novamente o que se passara, insistindo em se o acusado tivera a intenção de indicar qualquer coisa ou se limitara a bater no peito.

— Mas é que não batia no peito — respondeu Aliocha. — Apontava com os dedos e apontava muito acima... aqui. — E indicou onde. — Como pude esquecê-lo tão completamente até agora?

O presidente perguntou a Mitya o que tinha a dizer sobre esta declaração. Mitya confirmou tudo, dizendo que efetivamente indicara o dinheiro que levava pendurado ao pescoço como sendo o seu maior opróbrio.

— Foi esse o ato mais vergonhoso da minha vida. Podia restituir e não restituí, preferindo passar por ladrão aos olhos dela, e o mais vergonhoso estava na certeza que tinha de que nunca lhe devolveria o dinheiro. Tens razão, Aliocha! Obrigado, irmão!

O interrogatório de Aliocha tinha terminado, e o mais interessante foi o resultado que, embora de escasso valor, deixava aberto um franco caminho para a prova da existência da bolsa com os mil e quinhentos rublos e da veracidade do acusado ao declarar em Mokroe que sempre tivera aquele dinheiro consigo. Aliocha estava contente e, ao regressar ao seu lugar, repetia para si mesmo: «Como pude esquecê-lo? Como pude esquecê-lo? E como o recordei agora?»

Quando entrou Catalina Ivanovna, chamada a depor, foi como se tivesse acontecido na sala algo de extraordinário; as senhoras deitaram mão aos seus binóculos de teatro; os homens agitaram-se; muitos foram os que se puseram de pé para ver melhor e todos puderam dar testemunho de que Mitya se pôs branco como o papel. Ela avançou com modéstia, quase com timidez, vestida de rigoroso luto, e embora o seu rosto não revelasse agitação, os olhos negros e rasgados tinham uma expressão resoluta. Pareceu a muitos singularmente bela naquele momento. A sua voz era suave, mas tão clara que não se perdia palavra. O presidente iniciou o interrogatório em termos discretos e respeitosos, como se temesse tocar uma fibra sensível e mostrando-se condoído da desgraça que sobre ela pesava; mas, às poucas perguntas, Catalina Ivanovna respondeu com firmeza que «fora noiva do acusado até que ele quisera abandoná-la».

Interrogada sobre os três mil rublos que lhe confiara para que ele o enviasse a umas parentes suas, respondeu com igual decisão:

— Não lhe dei o dinheiro precisamente para que o enviasse... Sabendo que se encontrava em grande necessidade, dei-lhe a entender que diferisse o envio todo aquele mês, se isso lhe conviesse. Não tinha a mínima necessidade de atormentar-se por causa desse dinheiro.

Não vou seguir pergunta a pergunta todo o interrogatório e darei apenas o essencial do depoimento:

— Estava firmemente convencida de que, quando recebesse dinheiro do pai, enviaria essa soma. Não duvidei do seu desinteresse nem da sua honradez... uma honradez inatacável... em assuntos de dinheiro. Tinha a certeza de que o pai lho daria e muitas vezes me falara disso. Eu sabia que ele tinha um pleito com o pai e acreditava que tivesse a razão do seu lado. Não recordo ter-lhe ouvido qualquer ameaça contra Fedor Pavlovitch, e é certo que na minha presença nunca usou essa linguagem que lhe atribuem. Se me tivesse procurado, tê-lo-ia livrado da angústia que lhe causavam esses malditos três mil rublos, mas ele decidira não voltar a visitar-me... e eu fiquei em tal situação... que também não podia convidá-lo... Por outro lado, não tenho o direito de mostrar-me exigente com ele relativamente a essa dívida — acrescentou, dando à sua voz um tom mais firme e decidido. — Recebi dele, noutros tempos, um empréstimo muito maior, que aceitei sem saber se estaria alguma vez em condições de lhe pagar.

Havia na sua voz algo de reto e foi então que chegou a vez de Fetyukovitch, que, farejando uma ocasião aproveitável, iniciou o interrogatório com todas as precauções.

— Mas foi aqui ou no princípio das suas relações?

Devo avisar, entre parêntesis, que embora Fetyukovitch tivesse vindo de Petersburgo em grande parte devido às instâncias de Catalina Ivanovna, ignorava tudo sobre o episódio dos cinco mil rublos emprestados por Mitya e sobre o facto de «ela se ter inclinado até ao chão». A jovem nada quis dizer a este respeito, ainda que pareça estranho; e até pode dar-se por certo que nem ela própria sabia se devia falar disso ante o tribunal, como se aguardasse em todo o caso a inspiração do momento.

Não, não posso esquecer aquele instante em que ela começou a contar a sua história. Disse tudo, sem nada omitir do que Mitya relatara a Aliocha, nem a profunda saudação, nem as razões da sua visita. Mas nem uma palavra, nem a mais pequena alusão ao encargo que a sua irmã

recebera de Mitya, de que fosse ela, Catalina, a ir buscar o dinheiro. Ocultou generosamente esta circunstância e não hesitou em apresentar as coisas como se tivesse sido ela quem, por seu próprio impulso e confiando em qualquer coisa, fora a casa do jovem oficial... para pedir-lhe dinheiro. Foi um momento tremendo! Eu tremia, sacudido por calafrios. O público nem respirava, no seu desejo de não perder uma palavra. A confissão excessivamente franca desta jovem tão soberba e tão senhora de si, este sacrifício, esta imolação de si mesma, parecia incrível, não tinha precedente. E para quê? Por quem? Para favorecer o homem que a enganara e ofendera; para ajudar, de algum modo, a salvá-lo, produzindo uma forte impressão a seu favor. E com efeito, a imagem deste oficial que se inclinava respeitoso ante a pura donzela e lhe dava os seus últimos cinco mil rublos — tudo o que lhe restava neste mundo — nimbava-se de uma auréola atraente e simpática; mas... Tive um doloroso pressentimento! Temia que naquilo se engendrasse a calúnia e resultou fundado o meu temor. Mais tarde repetia-se, entre risinhos malignos, que à história faltava um capítulo, dando a entender que o jovem oficial despedira a formosa fêmea com algo mais do que uma respeitosa inclinação. Até as senhoras de mais considerações sustentavam que «mesmo que nada faltasse à história, era sumamente difícil aceitar um tal comportamento da parte de uma donzela, ainda que fosse para salvar o pai».

Terá Catalina Ivanovna, tão inteligente e sensata, deixado de compreender que daria motivo a estes dizeres? Devia saber ao que se expunha falando. Claro que estas suspeitas indecorosas só se manifestaram mais tarde e os primeiros momentos foram de grande impressão. Quanto aos juízes e letrados, escutaram-na com reverente e quase recolhido silêncio. O procurador nem se atreveu a fazer a mais pequena insinuação. Fetyukovitch fez-lhe uma profunda reverência. Já sentia o triunfo! Tinha dado um grande passo. É impossível que um homem se despoje num nobre impulso dos seus últimos cinco mil rublos e depois mate o pai para lhe roubar três mil. Havia que pôr de parte a acusação de roubo e a causa ganhava um novo aspeto. Em toda a sala se observou um movimento de simpatia para com o acusado. Quanto a este... devo dizer que durante o depoimento de Catalina Ivanovna saltou duas ou três vezes do banco, voltando a deixar-se cair nele e tapando a cara com as mãos; mas quando ela acabou de falar, gritou com voz soluçante:

— Katya, por que me perdeste?

E os seus soluços ouviram-se em toda a sala. Depois, contendo-se, exclamou:

— Agora estou condenado!

E ficou rígido no seu lugar, com os dentes apertados e os braços cruzados. Catalina Ivanovna permaneceu na sala, sentando-se pálida e de olhos baixos. Os que estavam perto dela afirmaram que tiritou durante muito tempo, como se tivesse um acesso de febre. Chamaram Gruchenka.

Aproximo-me agora do súbito desenlace, causa imediata da ruína de Mitya. Pois estou convencido, como todos, e até os letrados o afirmaram mais tarde, que se não tivesse acontecido aquilo, o acusado teria conseguido o perdão. Mas não antecipemos os comentários e digamos alguma coisa a respeito de Gruchenka.

Também ela vestia completamente de negro, com um magnífico véu lançado sobre os ombros. Avançou para o seu lugar com o andar suavemente ondulado comum às mulheres de corpo cheio, olhando para o presidente sem voltar a cara para a direita nem para a esquerda. Na minha opinião estava belíssima e não tão pálida como afirmaram mais tarde as senhoras, as quais pretendiam que naquele momento a sua expressão era de rancor e despeito, quando o mais provável era que se sentisse desgostada, aborrecida pela malsã curiosidade daquele público ávido de escândalos, pois o seu caráter orgulhoso não podia suportar o desprezo. Era um desses temperamentos sempre prontos a encolerizar-se e a pagar na mesma moeda a mais pequena manifestação de desprezo. Talvez houvesse nela alguma timidez, de que interiormente se envergonhava, e assim não é de admirar que mudasse de tom e tão depressa fosse violenta, quase grosseira, como cheia de sinceridade e desinteresse. Falava por vezes como quem toma uma resolução desesperada, como se pensasse: «Não me importa o que possa acontecer: falarei...» Sobre as suas relações com Fedor Pavlovitch, respondeu bruscamente: «Parvoíces! Não tenho culpa de que me perseguisse!» E pouco depois acrescentava: «Sou a culpada de tudo. Troçava dos dois, do velho e dele, e levei-os a isto. A mim se deve o que aconteceu.»

Pronunciou-se o nome de Samsonov e Gruchenka saltou como se a tivessem picado, dizendo num tom insolente:

— Ninguém tem nada com isso! Era o meu protetor, uma vez que me recolheu quando eu estava descalça e abandonada pela minha família.

O presidente advertiu-a cortesmente de que devia responder às perguntas que lhe fizessem sem entrar em pormenores desnecessários; ela corou e os olhos brilharam-lhe.

Nunca vira o sobrescrito que continha o dinheiro, mas «aquele malvado miserável» dissera-lhe que Fedor Pavlovitch lhe guardava três mil rublos num sobrescrito.

— Mas aquilo era uma loucura de que me ri. Por nada do mundo teria ido.

— A quem chama «malvado miserável»? — quis saber o procurador.

— Ao lacaio Smerdyakov, que matou o amo e se enforcou ontem à noite.

Perguntaram-lhe que provas tinha para fazer uma acusação tão concreta; mas aconteceu que também não tinha provas.

— Disse-mo Dmitri Fedorovitch; podem acreditar nele. Essa mulher que se interpôs entre nós perdeu-o, deixem que o diga — acrescentou com um estremecimento de ódio e em tom de vingança.

Foi uma vez mais necessário perguntar-lhe a quem se referia.

— À menina Catalina Ivanovna, aqui presente. Ela convidou-me, ofereceu-me chocolate, tentou seduzir-me. É impossível que tenha vergonha e devo dizer-lhes...

O presidente interrompeu-a, ordenando-lhe severamente que moderasse a sua linguagem. Mas os ciúmes queimavam o coração da mulher e já não era senhora da sua língua.

— Quando da prisão do acusado em Mokroe — disse o procurador — todos viram e ouviram como a menina saiu do quarto contíguo, gritando: «A culpa é minha. Iremos juntos para a Sibéria!» Quer isto dizer que acreditava ter sido ele o assassino?

— Não sei em que acreditava nem o que pensava naquele momento — respondeu Gruchenka. — Todos gritavam que ele tinha morto o pai e eu senti-me culpada, pensei que o tinha morto por minha causa. Mas quando ele afirmou que estava inocente, acreditei imediatamente, e acredito agora e acreditarei sempre. É um homem que não mente.

Fetyukovitch começou o seu interrogatório. Entre outras coisas, perguntou-lhe se era verdade que dera vinte e cinco rublos a Rakitin por ter-lhe levado Alexey Fedorovitch Karamazov.

— Nada tem de especial o facto de ele ter aceitado o dinheiro — respondeu Gruchenka entre colérica e depreciativa. — Andava sempre a

pedir-me pequenas quantias e sacava-me mais de trinta rublos por mês. Particularmente para os seus vícios, uma vez que não precisava da minha ajuda.

— Que a movia a tanta generosidade para com o senhor Rakitin? — inquiriu o defensor, sem fazer caso de um movimento de inquietação por parte da presidência.

— Porque é meu primo. A mãe dele e a minha são irmãs. Mas pediu-me sempre que não dissesse nada a ninguém; tem muita vergonha de mim.

Esta notícia foi para todos uma revelação; ninguém na cidade, nem no mosteiro, nem sequer Mitya, o sabia. Diz-se que Rakitin se pôs verde. Gruchenka soubera, antes de entrar na sala, que ele declarara contra Mitya e estava furiosa. Todo o efeito do eloquente e nobre discurso de Rakitin e da sua exposição científica sobre a escravatura e a desordem política na Rússia ficou reduzido a pó. Fetyukovitch estava satisfeito: era um novo passo. O interrogatório de Gruchenka terminou sem trazer qualquer outra coisa de interesse e deixando no público uma impressão muito desagradável. Centenas de olhares orgulhosos cravaram-se nela quando se sentou o mais longe possível de Catalina Ivanovna. Mitya escutara esta declaração em silêncio, imóvel como uma estátua e com os olhos pregados no chão.

Ivan Fedorovitch foi chamado a depor.

Capítulo 5 — A Catástrofe

Fora chamado já antes de Aliocha, mas o meirinho anunciara ao presidente que a testemunha não podia comparecer naquele momento por sofrer de uma indisposição ou crise nervosa, declarando-se todavia disposta a depor logo que se restabelecesse.

A sua entrada quase não foi notada. Já tinham deposto as principais testemunhas e as duas rivais, de sorte que, satisfeita a curiosidade do público, começava o cansaço. Faltavam ainda várias testemunhas de escasso interesse e o tempo voava. Ivan avançou lentamente e de cabeça baixa, sem olhar para ninguém, como que absorto nos seus sombrios pensamentos. Vestia elegantemente, mas o seu rosto fazia pena; pelo menos a mim fez-me. Levantou os olhos turvos e passeou em redor um olhar apagado. Aliocha saltou do banco e lançou uma exclamação apagada que mal se ouviu.

O presidente começou por preveni-lo de que não estava sujeito a juramento e que por isso podia responder ou guardar silêncio, mas que em todo o caso devia testemunhar segundo a sua consciência, etc., etc.

Ivan olhava atónito para ele, o seu rosto ia-se abrindo pouco a pouco num sorriso, e quando o presidente terminou as suas advertências, um tanto surpreendido, riu-se estrondosamente.

— Bem, e que mais? — exclamou, com voz firme.

Na sala fez-se um silêncio sepulcral; pressentia-se algo de extraordinário. O presidente deu mostras de inquietação.

— Ainda não se sente bem? — perguntou, olhando em torno para procurar o meirinho.

— Não se inquiete vossa excelência. Sinto-me suficientemente bem para dizer-lhe algo interessante — respondeu Ivan, com tranquilidade e respeito.

— Tem alguma coisa de especial a dizer-nos? — continuou o presidente, ainda desconfiado.

Ivan baixou os olhos, manteve-se assim por um momento e, erguendo a cabeça, balbuciou:

— Não... não tenho... nada de especial.

Às perguntas que lhe fizeram, respondeu como que forçado, muito lacónico e manifestando cada vez maior desgosto, ainda que com muita lógica. A algumas respondeu que não sabia. Ignorava tudo das contas do pai com Dmitri, dizendo que não lhe interessavam esses assuntos. Ouvira do acusado ameaças de morte contra o pai e soubera por Smerdyakov do dinheiro guardado no sobrescrito.

— É sempre o mesmo — interrompeu-se de súbito, com uma expressão de cansaço. — Nada tenho de especial a dizer ao tribunal.

— Vejo que não se sente bem e respeito os seus sentimentos — disse o presidente.

E voltando-se para o procurador e para o advogado de defesa, ia convidá-los a interrogar a testemunha, quando esta pediu com voz desfalecida:

— Permita vossa excelência que me retire, sinto-me muito mal.

E sem aguardar a autorização, fez meia volta e dirigiu-se para a porta; mas poucos passos dados, deteve-se como se tivesse tomado uma decisão, sorriu docemente e voltou ao seu lugar.

— Bem vê, vossa excelência... sou como aquela camponesa. Como dizia ela? «Se quero salto, se não quero não salto.» Tentavam pôr-lhe o véu de noiva para levá-la à igreja, e ela dizia: «Se quero salto, se não quero não salto...» Isto é de um livro que fala dos camponeses.

— Que quer dizer com isso? — perguntou severamente o presidente.

— Que quero dizer? — repetiu Ivan, tirando do bolso um rolo de notas. — Aqui está o dinheiro... as notas que estavam nesse sobrescrito — apontou a mesa sobre a qual se encontravam as provas — e que foram a causa da morte do meu pai. Onde as ponho? Tome, senhor meirinho.

O meirinho pegou no maço de notas e entregou-o ao presidente.

— Como chegou esse dinheiro às suas mãos, se é o mesmo? — perguntou admirado o presidente.

— Deu-mo Smerdyakov, o assassino, ontem mesmo. Estive com ele pouco antes de matar-se. Foi ele quem assassinou o meu pai e não o meu irmão. Ele matou-o e eu incitei-o ao crime... Quem não deseja a morte do pai?

— Está no seu perfeito juízo? — interrompeu-o involuntariamente o presidente.

— Creio que estou no meu perfeito juízo... o mesmo porco juízo que vocês... e toda esta gente... de horrenda cara. — E, voltando-se para o público com furioso desprezo, Ivan gritou estridentemente: — Fingem que estão horrorizados por terem assassinado o meu pai, enganando-se uns aos outros. Embusteiros! Todos desejam a morte do pai. Um réptil devora outro réptil. Se fosse aqui demonstrado que não houve assassinato, todos ficariam descontentes e voltariam para casa mal-humorados. O que eles querem é espetáculo! *Panem et circenses.* Eu tenho um para oferecer-lhes. Têm um pouco de água? Tragam-me um copo, em nome de Cristo! — E apertou a cabeça entre as mãos.

O meirinho aproximou-se e Aliocha ergueu-se, exclamando:

— Está doente, não acreditem nele, delira!

Catalina Ivanovna abandonou o seu lugar para contemplar Ivan, rígida de terror. Também Mitya se tinha levantado e olhava para o irmão com um sorriso estranho, feroz.

— Tranquilizem-se! Não sou um louco, sou simplesmente um assassino! — continuou Ivan. — Não exijam eloquência a um assassino — acrescentou, pondo-se a rir.

O procurador dirigiu ao presidente um olhar de desmaio. Os juízes cochicharam, agitando-se, o advogado de defesa apurou o ouvido e pela sala passou um sopro de escândalo.

O presidente disse, como que recompondo-se:

— Testemunha, as suas palavras são incompreensíveis e indignas deste lugar. Acalme-se e diga o que tenha a dizer... se tem alguma coisa. Como prova o que declarou... se não é efeito do seu delírio?

— Pois é verdade! Não tenho provas, e não é fácil que esse cão sarnento do Smerdyakov as mande do outro mundo num sobrescrito. Só pensam em sobrescritos. Um basta. Também não tenho testemunhas... a não ser uma, talvez. — E Ivan sorriu com uma expressão reflexiva.

— Quem é a sua testemunha?

— Usa cauda, senhor presidente, e seria ilegal! *Le diable n'existe point!* Não façam caso; é um diabo miserável, um pobre diabo — acrescentou. E abandonou o tom burlesco, para continuar num tom confidencial: — Deve estar por aqui, talvez junto à mesa onde estão as provas. Em que outro lugar poderia sentar-se? Olhem, escutem-me. Disse-lhe que não queria calar-me e pôs-se a falar-me do cataclismo geológico, o idiota! Vamos, ponham em liberdade o monstro! há de cantar o hino! Já

pode cantar, tendo o coração iluminado! É como o bêbedo que canta na rua «Vanka partiu para Petersburgo», e eu daria um quatrilião de quatriliões por dois segundos de alegria. Não me conhecem bem. Mas que imbecil é tudo isto! Vamos, prendam-me em vez dele! Não vim aqui para deixar as coisas como estavam... Porquê, por que há de ser tudo tão estúpido?

E, lentamente, passeou o olhar pelo auditório, com uma expressão refletida. Estavam todos emocionados. Aliocha correu para Ivan, mas já o meirinho o agarrara por um braço.

— Que quer você? — gritou, olhando-o furioso. E, agarrando-o pelos ombros derrubou-o violentamente. Os polícias que estavam perto apoderaram-se dele e levaram-no, sem conseguirem abafar as suas exclamações incoerentes.

Não sei o que se passou depois, porque reinava tal confusão na sala, e eu próprio estava tão agitado que não pude continuar a observar, até que, restabelecida a calma, notei que o meirinho estava a apanhar uma reprimenda e se justificava ante o juiz declarando que a testemunha tinha estado muito tranquila e, depois de ter sido assistida pelo médico, conversara com ele tão sensatamente que ninguém poderia ter previsto aquilo, além do que ela própria se empenhara em depor. Ainda não estavam todos refeitos da emoção desta cena quando se produziu outra. Catalina Ivanovna teve uma crise nervosa e, soluçando e gritando, suplicava que a levassem dali. De súbito, gritou ao presidente:

— Tenho algo mais a declarar!... Está aqui um documento, uma carta... tome, leia-a, pronto, pronto! É uma carta desse monstro... desse homem, desse...! Foi ele quem matou o pai. Anuncia-mo nessa carta! Mas o outro está doente, está doente, delira! — terminou, fora de si.

Quando o meirinho pegou na carta que estendia ao presidente, Catalina Ivanovna derrubou-se na cadeira e, com o rosto escondido entre as mãos, começou a soluçar convulsivamente, procurando abafar o ruído para que não a expulsassem da sala. O documento era a carta escrita por Mitya na taberna *Metrópole* e à qual Ivan se referira como sendo uma «prova matemática». Ah, sem aquela carta Mitya teria escapado à sentença que se abateu sobre ele, ou teria tido uma sorte menos dura. Não me é possível dar uma escrupulosa explicação do que se passou, pois tudo aquilo se me gravou muito confusamente na memória. Creio que a carta passou sucessivamente pelas mãos dos juízes, do júri e dos letrados, para que todos se inteirassem do seu conteúdo; o que sei é que a testemunha foi de

novo interrogada e quando o presidente lhe perguntou se já estava suficientemente refeita, Catalina Ivanovna respondeu impetuosa:

— Estou pronta, estou pronta! Estou em perfeito estado de responder — acrescentou, receando que por qualquer motivo se negassem a aceitar as suas declarações.

Pediram-lhe que explicasse as circunstâncias em que recebera aquela carta.

— Recebia-a na véspera do crime, mas ele tinha-a escrito no dia anterior, na taberna, quer dizer, dois dias antes do crime. Reparem que está escrita numa fatura! — exclamou, sem alento. — Nessa altura ele odiava-me, porque se portava vilmente arrastando-se atrás dessa mulher... e devia-me os três mil rublos... Ah! De quantas humilhações era para ele causa essa soma, pelo significado que tinha! Eis a história desse dinheiro! Rogo-lhes encarecidamente que me escutem. Uma manhã, três semanas antes de matar o pai, foi procurar-me. Eu sabia que precisava de dinheiro, e também sabia para quê. Sim, sim, para comprar essa má mulher e fugir com ela. Sabia quê era desleal para comigo, que pensava abandonar-me, e fui eu mesma quem lhe proporcionou os meios sob o pretexto de lhe pedir que enviasse essa soma à minha irmã de Moscovo. Quando lho dei, disse-lhe, olhando-o nos olhos, que o enviasse quando melhor lhe calhasse, ainda que demorasse um mês. Como, como pode não ter compreendido que lhe dizia materialmente: «Precisas de dinheiro para trair-me com uma mulher perdida e aqui o tens, eu própria to dou; toma-o, se és ruim ao ponto de o aceitar?» Queria saber do que ele era capaz. E que aconteceu? Aceitou-o e gastou-o numa noite, com a amante... Mas ele sabia, sabia que eu me inteirava de tudo, e posso assegurar-lhes que compreendeu a minha intenção de pô-la à prova, dando-lhe o dinheiro, para ver se tinha perdido o sentimento da honradez até ao ponto de aceitá-lo das minhas mãos. Olhámo-nos nos olhos e ele, compreendendo tudo, aceitou-o e foi-se embora!

— É verdade, Katya! — rugiu o acusado. — Compreendi nos teus olhos que estavas a desonrar-me e aceitei o dinheiro. Despreza-me como a um canalha, desprezem-me todos! Não mereço outra coisa!

— Acusado — gritou o presidente — mais uma palavra e ordeno que o retirem da sala!

— Esse dinheiro foi para ele um tormento — continuou vivamente Katya. — Queria restituir-mo. Que o queria é certo, mas também

precisava dele para essa mulher. Por isso matou o pai. Mas longe de trazer-me o dinheiro roubado, foi gastá-lo com ela para a povoação onde o prenderam. No dia anterior tinha-me mandado essa carta, que escreveu em estado de embriaguez, como adivinhei imediatamente. Foi-lhe ditada pelo despeito e pela certeza de que eu não a mostraria a ninguém, mesmo que cumprisse as suas ameaças. De outro modo não a teria escrito. Ele bem sabia que eu não desejava vingar-me nem causar a sua ruína! Mas leiam-na, leiam-na com atenção, com mais atenção, e verão como descreve tudo antecipadamente. Reparem bem, tenham a bondade, e não passem por alto uma frase que diz: «Matá-lo-ei logo que Ivan se vá embora.» Vejam como tinha premeditado a morte do pai.

Katya dirigia-se ao tribunal com exaltada perversidade. Era evidente que estudara a carta e penetrara todo o seu significado.

— Não a teria escrito se não estivesse embriagado, mas vejam como está tudo previsto, até a maneira de cometer o assassinato. Um verdadeiro plano! — exclamou enlouquecidamente.

Naquele momento não tinha em consideração as consequências, embora sem dúvida as tivesse previsto durante o último mês, irritando-se talvez consigo mesma ao hesitar sobre se devia ou não mostrar a carta. Agora arrojava-se fatalmente no abismo. Recordo a tremenda impressão que causou no público a leitura da carta, de que o escrivão se encarregou. Depois perguntaram a Mitya se a reconhecia como sua.

— Minha, é minha! — gritou ele. — Não a teria escrito se não me tivesse embebedado!... Odiávamo-nos por muitas coisas, mas juro-te que te amei, amava-te mesmo quando te odiava, e tu nunca me amaste!

E deixou-se cair no seu lugar, retorcendo as mãos com desespero. O procurador e o advogado perguntaram à mulher, com especial interesse, o que a induzira a esconder aquele documento e por que motivo resolvera alterar o espírito da sua primeira declaração.

— Sim, sim! Menti! Menti contra a minha honra e a minha consciência e queria salvá-lo porque me odiava, me desprezava! — gritou como louca. — Oh! Desprezava-me horrivelmente, desprezou-me sempre, sempre, saibam-no, desde o preciso instante em que me inclinei ao receber o seu dinheiro. Vi-o, compreendi-o logo, mas resisti muito tempo a acreditar no que via. Quantas vezes li nos seus olhos: «Por algo mais vieste!» Mas que sabe ele dos motivos por que fui, se só é capaz de conceber a baixeza e a maldade? Julgou-me segundo ele próprio, pensa

que todos somos iguais! Queria casar comigo pela minha herança e nada mais! Nunca o duvidei. É um bruto! Pensava que toda a minha vida teria de tremer de vergonha por ter ido procurá-lo e que ele teria sempre o direito de menosprezar-me, de tratar-me como a um ser inferior; por isso queria casar comigo! Tentei conquistá-lo com o meu amor, um amor sem limites; tentei também perdoar a sua deslealdade; mas ele não compreende nada, nada! E como pode compreender, se é um monstro? Um dia depois de ter recebido essa carta, já estava disposta a perdoar-lhe tudo, tudo, até a sua traição.

O presidente e o procurador tentavam acalmá-la, talvez envergonhados por aproveitarem a sua exaltação para se inteirarem de tais intimidades. «Compreendemos a situação difícil por que passa e compartilhamos os seus sentimentos», diziam-lhe para a desviaram daquele caminho de exaltação histérica que era tão chocante. E ela, com essa surpreendente clareza que se manifesta por vezes por um momento nesses estados de transtorno, descreveu a perturbação mental de Ivan durante os últimos dois meses, devida ao afã de salvar o «monstro e assassino» que era seu irmão.

— Como sofria — exclamou — tentando sempre atenuar a responsabilidade do irmão e confessando que também ele nunca amara o pai e que talvez até tivesse desejado a sua morte! Oh, que consciência, tão escrupulosa e sensível! A consciência matava-o! Contava-me tudo, tudo! Visitava-me todos os dias, falando-me como à sua única amiga, porque tenho a honra de ser a sua única amiga! — gritou, com um brilho de audácia desafiadora nos olhos. — Fui duas vezes ver Smerdyakov e de uma delas disse-me: «Se não foi o meu irmão o assassino, foi Smerdyakov quem matou», porque então se começava a dizer que fora Smerdyakov o assassino, «e nesse caso também eu sou culpado, porque Smerdyakov sabia que eu não amava o meu pai e talvez tenha pensado que desejava a sua morte.» Foi então que lhe mostrei essa carta que o deixou completamente convencido do crime do irmão e ao mesmo tempo abatido! Não podia suportar a ideia do ter um irmão assassino! Até à semana passada não notei que estivesse realmente doente; mas há quatro dias começou a falar-me de um modo incoerente e vi que tinha perdido o juízo. Andava cabisbaixo, desvairado e falava sozinho. Quis que o médico de Moscovo o examinasse, e o doutor disse-me anteontem que estava iminente um ataque cerebral... e tudo por culpa desse, por culpa desse

monstro! Ontem à noite soube da morte de Smerdyakov e isso acabou de transtorná-lo... e tudo por esse monstro, para salvar esse monstro!

Uma confissão destas só é possível uma vez na vida, à hora da morte, por exemplo, ou a caminho do patíbulo! Mas estava na maneira de ser de Katya julgar chegado esse momento único da sua vida. Era a mulher impulsiva que se colocava à mercê do jovem libertino; a mesma que pouco antes sacrificava o seu orgulho e a sua pureza virginal ante o público para suavizar a sorte de Mitya. Agora imolava-se uma vez mais, mas por outro homem, o qual talvez nunca tivesse amado como naquele momento. Vítima do terror, ao ver que aquele homem se perdia ao confessar-se autor de um assassinato, quisera fazer o sacrifício de si mesma para salvá-lo, para livrar do opróbrio o bom nome e a reputação do seu amado.

E acudia uma dúvida. Fora sincera ao falar das suas antigas relações com Mitya? Não, não tentava enganar ao dizer que Mitya a desprezava por ter-se humilhado até ao chão! Ela mesma acreditava nisso, firmemente convencida de que o generoso Mitya, que até então a adorava, passara a desprezá-la desde essa saudação. Ela amara-o com um amor saturado de agitações dolorosas e por orgulho, por orgulho ferido, e esse amor, mais do que amor parecia vingança. É possível que deste amor lacerado tivesse surgido são e potente o verdadeiro amor, e talvez Katya não desejasse outra coisa; mas a traição de Mitya feria-a no mais fundo do coração, e o coração não podia perdoar. Apresentara-se-lhe subitamente ocasião para a vingança, e todos os ressentimentos femininos, por muito tempo acumulados no seu peito, tinham-se inflamado e explodido. Traindo Mitya traia-se a si mesma, e uma vez manifestados os seus sentimentos e passada a sobre-excitação, sentiu-se esmagada pela vergonha. Teve outro ataque de nervos: caiu no chão rugindo e soluçando, e foi necessário retirá-la da sala.

Nesse momento Gruchenka precipitou-se para Mitya, sem que pudessem impedi-la, e gritou em tom de lamento:

— Mitya, a tua serpente perdeu-te. — E dirigindo-se aos juízes acrescentou, cheia de coragem: — Muito bem, essa mulher já lhes demonstrou do que é capaz!

A um sinal do presidente, agarraram-na para a obrigarem a sair. Ela resistia, debatendo-se, tentando voltar para junto de Mitya, que deu um grito e saltou ao seu encontro. Várias mãos dominaram-no.

Suponho que as senhoras que tinham ido ali para presenciar um espetáculo ficaram satisfeitas com a variedade que aquele oferecia.

Apareceu então em cena o médico de Moscovo, mandado chamar, segundo creio, pelo presidente, para que prestasse a Ivan os socorros da ciência. O doutor declarou que, sofrendo Ivan um ataque cerebral, devia ser transferido sem tardança. As perguntas do procurador e do advogado de defesa respondeu que quando o doente fora consultá-lo, dois dias antes, o avisara do perigo de um ataque cerebral, mas que ele não consentira em deixar-se tratar.

— O estado da sua mente era anormal: ele mesmo me disse que sofria de alucinações, mesmo acordado, que via na rua pessoas mortas há muito tempo e que Satanás ia visitá-lo todas as noites.

O celebrado doutor retirou-se, feita esta declaração.

A carta entregue por Catalina Ivanovna foi juntar-se às provas acusatórias. Após uma breve deliberação, os juízes decidiram que se prosseguisse com o julgamento e se tomassem em consideração as manifestações de Ivan e de Catalina Ivanovna.

As restantes testemunhas limitaram-se a repetir ou a confirmar o já exposto. Tudo ficava pendente do discurso do procurador, que transcrevo a seguir. Todos estavam emocionados, eletrizados pelos últimos episódios, e esperavam como sobre brasas os discursos do procurador e do advogado de defesa. Fetyukovitch mostrava-se contrariado com as declarações de Catalina Ivanovna, mas o procurador triunfava. A sessão foi suspensa por uma hora. Seriam oito horas quando o presidente ocupou o seu lugar e Hipólito Kirilovitch iniciou o seu discurso.

Capítulo 6 — A Acusação: Rasgos Característicos

Hipólito Kirilovitch começou o seu discurso, nervoso e com intermitências de calor e frio que lhe perlavam a testa de um suor gelado. Ele próprio explicou mais tarde o que lhe aconteceu naqueles solenes momentos em que iniciava a sua peroração, que considerava a sua *chef d'oeuvre,* a obra-prima da sua vida, o seu canto do cisne. Vindo a morrer nove meses mais tarde, de tuberculose, razão tinha o infeliz em comparar ao último canto do cisne um discurso em que pusera toda a sua alma e todo o seu cérebro, e o santo desejo de servir o bem-estar da sociedade e de resolver a «eterna questão». A franqueza foi a nota mais saliente do seu discurso, já que, acreditando de boa fé na culpabilidade de Mitya, não o acusava apenas porque assim lho impunha a obrigação profissional, e ao pedir vingança revelava o seu zelo ardente pela tranquilidade pública. Até as senhoras se mostraram emocionadas, apesar de permanecerem hostis a Hipólito Kirilovitch. Começou com voz medrosa e frouxa, que se foi firmando pouco a pouco, até encher a sala de sonoridades que mantinham suspenso todo o auditório; mas quando acabou, ficou quase desfalecido.

— Senhores jurados: este assunto abalou toda a Rússia. Mas que há nele de admirável, que tem de particular para que tanto nos horrorize? Estamos tão acostumados a tais crimes!... O horrível é que coisas tão tristes tenham deixado de horrorizar-nos; o horrível, mais do que este novo crime, em si mesmo, é que nos tenhamos habituado a presenciá-los. Onde encontrar as causas da nossa indiferença, da nossa insensibilidade, ante atos em que vejo os sinais do tempo, que nos pressagiam um lastimoso futuro? No nosso cinismo? Na prematura consumição intelectual e artística de uma sociedade que decai ainda em plena juventude? No quebrantar dos nossos princípios morais ou talvez na ausência completa desses princípios? Não posso responder, mas o que posso é dizer que existe um mal-estar em que todo o cidadão encontra motivos para mostrar-se abatido. A nossa imprensa, mal saída do berço e dando timidamente os seus primeiros vagidos, prestou já um grande serviço ao público, que sem ela ignoraria os horrores da violência

desenfreada e a degradação moral que se põe a manifesto nos tribunais e à consideração do júri instituído neste reinado. E que lemos constantemente nos jornais? Enormidades ao lado das quais empalidece o caso que nos ocupa, ao ponto de parecer-nos uma coisa vulgar, sendo o pior de tudo que os crimes cometidos na nossa nação denunciam um mal tão arreigado e espalhado que se torna muito difícil extirpá-lo. Um dia é um jovem aristocrata recém saído da Academia Militar que, sem o menor assomo de consciência e da maneira mais cobarde, mata um oficial, seu benfeitor, e a criada, para roubar um cheque e o dinheiro que encontra à mão, porque «lhe faria muito jeito para os seus prazeres de homem mundano e para a sua carreira». Depois de matá-los tapa-lhes a cabeça com uma almofada e retira-se como se nada fosse. Noutro dia, um herói, carregado de condecorações devidas à sua bravura, assassina como um bandido a mãe do seu chefe e protetor, e para animar os cúmplices assegura-lhes que a vítima o ama como a um filho, e portanto não terão de tomar precauções. Este homem é um monstro, mas não me atreveria a dizer que, nos tempos que correm, é o único. Quem, sem ter matado ninguém, pensa como ele, é igualmente assassino na sua alma. A sós consigo mesmo, no fundo da sua consciência, pergunta: «Mas o que é isso da honra? Não será um preconceito condenar o derramamento de sangue?» Talvez se grite contra mim que sou um sensitivo, que me deixo arrastar pelos nervos, que o que digo é uma monstruosa calúnia, que exagero. Que gritem. Bem sabe Deus que seria o primeiro a alegrar-me se isso fosse verdade. Ah! Não acreditem em mim, olhem-me como se fosse um doente, mas recordem as minhas palavras: mesmo que só a décima parte das minhas afirmações fosse exata, mesmo assim seria horrível! Vejam como se suicida a nossa juventude, sem se interrogar, como Hamlet, sobre o além, sem que esse problema a preocupe, como se quanto se refere à alma e à vida no além-túmulo se tivesse apagado da sua mente. Vejam a nossa gente viciosa, os nossos libertinos. Fedor Pavlovitch, a infeliz vítima deste caso, era quase uma criança inocente comparado com muitos deles. Bem o conhecíamos, pois vivia entre nós! Sim, chegará o dia em que os cérebros melhor dotados do nosso país e da Europa estudarão a psicologia do crime na Rússia, como assunto que merece ser estudado; isto far-se-á mais tarde, no repouso, quando o trágico agitar dos nossos dias estiver já longe e for possível examinar as coisas com mais calma e imparcialidade do que eu posso fazê-lo aqui. Todos estamos agora horrorizados, ou fingimos estar,

mas no fundo contemplamos satisfeitos o espetáculo, e as brutais sensações deliciam-nos como um vomitório na fartura da nossa cínica ociosidade. Quando muito, afugentamos os fantasmas que nos assustam, ocultando como crianças a cabeça debaixo da almofada, dispostos a voltar aos nossos passatempos mal se tenham desvanecido. Mas aproxima-se o dia em que teremos de tomar a vida a sério, considerar-nos membros da sociedade; já é tempo de fixarmos a nossa posição, ou pelo menos de tentarmos qualquer coisa nesse sentido. Um grande escritor exclama, comparando a Rússia a uma troika que corre veloz em direção a um futuro desconhecido: «Ó troika, alada troika, quem te inventou?» E, num momento de exaltação, acrescenta que todos os povos da terra se afastam com respeito para abrir caminho à troika, que corre sem condutor. Quem sabe? Pode ser que se afastem por respeito, ou pelo contrário. Mas na minha opinião, o grande autor rematou assim o livro, ou movido por um pueril e ingénuo otimismo, ou para evitar aborrecimentos com a censura dos nossos dias; porque se a troika é conduzida pelos seus heróis, Sobakevitch, Nozdryov e Tchitchikov, é impossível que chegue a uma meta nacional, ainda que a conduza o melhor cocheiro. E isso com os heróis da geração passada, porque os da nossa são ainda piores...

O discurso de Hipólito Kirilovitch foi interrompido neste ponto pelos aplausos. O significado liberal da comparação fora compreendido. O aplauso foi demasiado breve para que o presidente se desse ao incómodo de chamar à atenção os entusiastas, limitando-se a dirigir-lhes um olhar severo. Hipólito Kirilovitch animou-se; nunca tinha sido aplaudido; nunca na sua vida se lhe apresentara uma ocasião de fazer-se ouvir, e naquela altura tinha toda a Rússia a escutá-lo.

— E o que é, ao fim e ao cabo, esta família Karamazov, que tão triste celebridade adquiriu na Rússia? Talvez exagere, mas tenho para mim que nesta família se refletem, miniaturizados como o Sol num copo de água, alguns elementos fundamentais da nossa inteligente sociedade contemporânea. Vejam esse desgraçado velho, pai de família, que tão tristemente terminou a sua vida de vícios e libertinagem! Nasceu em berço nobre, mas de pouca fortuna, enriqueceu um pouco à custa de um casamento fortuito, e passa de homem servil, de adulador, de bufão, a ganancioso e prestamista, que ganha audácia à medida que aumenta o seu capital. Desaparecem as suas características humilhantes e ridículas, restando, mais destacados ainda, o cinismo e a depravação. Moralmente

estagna, mas a sua vitalidade chega ao excesso e só vê neste mundo os prazeres sensuais, a única coisa que ensina aos filhos. Falta-lhe o sentimento do dever paternal, e ridiculariza esse sentimento abandonando os filhos aos cuidados de um criado, contente por desembaraçar-se deles e chegando a esquecê-los por completo. *Depois de mim o dilúvio!,* eis a sua máxima. Exemplo de quanto se opõe aos deveres da cidadania e do mais completo e lastimoso individualismo, podia dizer com razão. «Que o mundo arda pelos quatro costados, desde que eu possa estar bem.» E bem estava. Vivia contente e esperava continuar da mesma maneira outros vinte ou trinta anos. Enganou o filho, privando-o da herança que lhe deixara a mãe para lhe roubar a amante com o seu próprio dinheiro. Não, não pretendo ceder completamente a defesa do acusado ao meu douto colega de Petersburgo. Quero dizer a verdade: compreendo a justa indignação deste filho... Mas deixemos esse desgraçado ancião; já teve o seu castigo. Não esqueçamos, porém, que era um pai, um dos pais típicos dos nossos dias, e não pensem que sou injusto ao falar assim. Ah! Quantos, infelizmente, só se distinguem deste por saberem esconder o seu cinismo sob um maior grau de educação e cultura, ainda que essencialmente professem a mesma filosofia? Talvez esteja a ser pessimista, mas já ficou combinado que saberão perdoar-me e, embora não acreditem em mim, me deixarão falar. Deixem que lhes diga o que tenho a dizer, e recordem algumas das minhas frases. Dos filhos deste homem, um senta-se hoje no banco dos réus; dele falaremos mais tarde. A respeito dos outros dois direi poucas palavras. O segundo é um desses jovens modernos, instruídos, inteligentes, que perderam a fé em tudo. Como o pai, nega e repele muitos princípios. Todos o ouvimos, já que lhe foi feito um bom acolhimento na nossa sociedade, e ele, longe de ocultar as suas ideias, tinha como que orgulho em manifestá-las, e isso é o que justifica a minha franqueza ao julgá-lo, não como indivíduo, mas como membro da família Karamazov. Ainda ontem se suicidou um homem intimamente relacionado com o que estou a dizer. Refiro-me àquele que foi criado, e talvez filho, de Fedor Pavlovitch, a Smerdyakov, que nas investigações preliminares me confessava, entre lágrimas histéricas, quanto Ivan Karamazov o horrorizara com as suas audazes ideias sobre a moral. «Tudo está dentro da lei e nada nos será vedado no futuro...» Isto era o que ensinava ao lacaio, o qual, apesar de imbecil e com as faculdades mentais transtornadas pelos ataques de epilepsia que sofria e pela desgraça que se

deu, teve uma observação digna de um entendimento equilibrado, afirmando que se havia entre os filhos de Fedor Pavlovitch algum que se parecesse com ele, esse era Ivan Fedorovitch. Não quero insistir neste ponto por considerá-lo delicado, nem pretendo tirar dele ilações, para não parecer um corvo empoleirado e crocitando sobre a vida futura desse jovem. Vimos hoje que ainda tem bom coração, e que nem a incredulidade nem o cinismo a que chegou, mais por herança do que por rebeldia do pensamento, conseguiram destruir de todo *os* seus sentimentos de família. Vejamos quem é o terceiro dos filhos. É um piedoso e modesto adolescente que, irritado pelas falsas e aniquiladoras doutrinas do irmão, abraça as «ideias do povo», como demos em chamar-lhes nos círculos da boa sociedade. Recolhe-se ao mosteiro e está prestes a fazer-se monge. Parece-me que não pôde ocultar por muito tempo essa pusilanimidade desesperada a que se deixam conduzir muitos dos nossos concidadãos, os quais, assustados ante o cinismo e a influência corruptora que erradamente atribuem à obra da cultura europeia, voltam os olhos para o «solo da pátria», como eles dizem, para o seio da mãe terra, quais meninos assustados que querem dormir, dormir nem que seja para sempre, no regaço da decrépita mãe, só para fugir aos fantasmas que os amedrontam. Pela minha parte desejo a melhor das sortes a esse jovem excelente e judicioso, e espero que o idealismo que impulsiona a sua juventude para as ideias do povo não degenere, como acontece com tanta frequência, nem num triste misticismo, quanto à moral, nem num cego calvinismo, quanto à política; dois elementos que ameaçam constantemente a Rússia, mais terrivelmente ainda porque a prematura decadência devida às mal entendidas e pior adotadas ideias europeias, cujas consequências o seu irmão Ivan sofre.

Duas ou três pessoas do público aplaudiram o «misticismo e o calvinismo». Hipólito Kirilovitch deixava-se arrastar pela sua própria eloquência; tudo o que até então expusera pouco ou nada tinha a ver com o assunto de que se tratava, mas aquele homem enfermiço queria aproveitar a única oportunidade que se lhe apresentava para dizer o que sentia, ainda que de modo um tanto vago, a não ser que tivessem razão os que atribuíram ao seu caráter vingativo a dura crítica que fez de Ivan, o qual em várias ocasiões o humilhara rebatendo os seus pontos de vista. Depois deste preâmbulo, entrou em considerações mais diretamente relacionadas com o assunto.

— Mas voltemos ao filho mais velho, que hoje vemos sentado entre nós, como temos ante nós a sua vida e os seus atos; chegou o dia fatal e tudo veio à superfície. Se os seus irmãos representam o europeísmo e a tradição popular, este parece o representante da Rússia atual. Oh! Não de toda a Rússia! Deus nos livre de que assim seja! Mas temos nele a nossa mãe Rússia; podemos conhecê-la através da sua voz e do cheiro que exala. Espontâneo, estranha mescla de bem e de mal, ama a cultura e a poesia de Schiller, briga nas tabernas e arranca as barbas aos seus camaradas. Oh! Sente-se bom e nobre... quando tudo lhe corre bem; é até capaz de entusiasmar-se com os nobres ideais, se acaso lhe caem do céu e não tem de pagá-los. Não gosta de pagar seja o que for, mas tudo recebe de boa vontade. Deem-lhe o mais que puderem... não o contentarão com pouco... não o contradigam em coisa alguma, e verão que bom e generoso se mostra. Não é um egoísta, um avaro, não; deem-lhe dinheiro, muito dinheiro, e verão com que prodigalidade, com que desprezo pelo vil lucro o desbarata todo numa noite de orgia. E se não tem dinheiro, verão do que é capaz para conseguir aquele de que necessite. Mas procedamos com ordem. Temos ante nós um filho abandonado que vagueia pelo pátio da sua casa com os pés descalços, como acaba de no-lo apresentar o nosso digno e apreciado médico, ai!, de origem estrangeira. Repito: a ninguém cederei a defesa do criminoso. Estou aqui para acusá-lo, mas também para defendê-lo, que também eu tenho sentimentos humanitários e aprecio como qualquer outro a influência do lar e da infância na formação do nosso caráter. Mas o rapaz cresce e chega a oficial do exército, onde por um duelo e outras irregularidades da sua conduta é desterrado para uma das guarnições mais remotas da fronteira. Precisa de dinheiro para a vida de dissipação que leva; e surgem as disputas com o pai, que acaba por enviar-lhe os últimos seis mil rublos. Existe uma carta em que dá por terminado o pleito e renuncia a todos os seus direitos sobre a herança da mãe, mediante o envio desses seis mil rublos. Então conhece uma jovem de caráter altivo e educação esmerada. Não pretendo repetir o que acabamos de ouvir. Emudeço respeitoso ante a honra e o espírito de sacrifício que se manifestou nesta ocasião. A figura de um jovem, militar frívolo e libertino, que rende homenagem à verdadeira nobreza e a um alto ideal surgiu radiante de simpatia aos nossos olhos; mas depressa nos foi mostrado nesta mesma sala o reverso da medalha. Não entrarei em conjeturas sobre o que motivou a mudança, já que a própria senhora,

banhada em lágrimas de indignação por muito tempo retidas, alegou que foi ele o único homem que a desprezou, e precisamente por um ato, embora imprudente e anormal, ditado pelo mais generoso e elevado dos fins. Contempla-a com um sorriso irónico, que por ser do noivo deve ser para ela mais incisivo do que qualquer outro sorriso; não lhe esconde a sua infidelidade, porque pensa que ela terá de suportar até a traição; e estando assim as coisas, são-lhe oferecidos três mil rublos, sendo-lhe dado claramente a entender que constituem um meio de consumar o seu ato vil, e ele aceita-os incondicionalmente e desbarata-os em dois dias com o objeto do seu novo amor. Digam-me agora em que ficamos, no ato do oficial que se desprende do seu último centavo num nobre impulso de generosidade, inclinando-se ante a virtude, ou neste outro quadro repugnante! Regra geral, entre os extremos, bom é ficar pelo meio; mas a regra não se pode aplicar no caso presente. O mais provável é que o primeiro gesto tenha sido obra da nobreza, e o segundo da baixeza. E porquê? Porque assim é o caráter de um Karamazov... que é precisamente o que desejo deixar bem claro... capaz de todas as contradições, dos voos mais elevados, das quedas mais profundas. Recordemos a opinião emitida sobre este particular por um jovem perspicaz, o senhor Rakitin, que observou de perto a família Karamazov: «O sentido da própria degradação é tão essencial a essas naturezas desenfreadas como o sentido da mais elevada generosidade.» E é certo: necessitam continuamente de uma tão estranha mistura; se não conseguem unir os dois extremos consideram-se desgraçados e ficam descontentes, como se a sua vida fosse incompleta. São grandes, grandes como a mãe Rússia: dão cabimento a tudo, e repelem tudo. Já que tocámos de passagem, senhores jurados, na questão dos três mil rublos, vou antecipar algumas ideias. Podeis conceber que tendo cometido a vergonhosa ação de aceitar os três mil rublos, semelhante homem pudesse ter tido a assombrosa firmeza de dividi-los em duas partes, meter uma delas numa bolsa e conservá-la ao peito durante um mês contra todas as tentações e a mais premente das necessidades, de tal maneira que nem na taberna, quando embriagado, nem nas suas andanças pela comarca em busca do dinheiro de que necessita para afastar da tentação do pai a mulher que ama, lhe ocorra sequer a ideia de levar as mãos à bolsa que traz escondida? Ah, não, se com isso pudesse impedir a amada de lançar-se nos braços do rival, de quem se mostrava tão ciumento, teria aberto no mesmo instante a bolsa, na esperança de ouvi-la

dizer: «Sou tua.» Mas não, não toca no talismã. E porquê? Já o indicámos: para ter com que levar a amante, quando ela se lhe apresentar e lhe disser: «Sou tua; leva-me para onde quiseres.» Esta é a razão principal, mas segundo as palavras do acusado é de pouco peso ao lado desta outra: enquanto tiver esse dinheiro, serei um canalha, mas não um ladrão, pois sempre posso apresentar-me à minha injuriada noiva e restituir-lhe metade da soma de que me apropriei, dizendo-lhe: «Bem vês que gastei metade da soma que me confiaste, provando que sou um homem débil e imoral, e até um canalha, se quiseres» (sirvo-me de frases do próprio acusado) «mas se sou um canalha, não sou um ladrão, porque, se o fosse, apropriar-me-ia também do resto.» Magnífica explicação! Este homem débil que não consegue resistir à tentação de aceitar três mil rublos à custa de tais humilhações, tem de súbito a firmeza estoica de trazer consigo mil e quinhentos rublos sem se atrever a tocar-lhes. Estará isto de acordo com a análise que fizemos do seu caráter? Não, e atrevo-me a supor como teria agido o próprio Dmitri Karamazov se na verdade tivesse a intenção de devolver o dinheiro. À primeira tentação, para festejar a dama com que gastou metade do dinheiro, por exemplo, tiraria cem rublos da sua bolsa; pois, que razão havia para devolver precisamente mil e quinhentos rublos e não mil e quatrocentos? Poderia do mesmo modo alegar que não era um ladrão, pois devolvia mil e quatrocentos rublos. Da vez seguinte desviaria outros cem rublos, guiando-se pelo mesmo raciocínio, e assim sucessivamente até chegar aos últimos cem rublos que lhe davam o direito de dizer o mesmo, uma vez que um ladrão teria ficado com tudo. Mas eu digo que quando só restasse uma nota de cem, a gastaria do mesmo modo, dizendo para si mesmo que não valia a pena restituir tão pouca coisa. Eis como se teria comportado o verdadeiro Dmitri Karamazov, tal como nós o conhecemos. Nada tão em contradição com a realidade como essa lenda da bolsa. É inconcebível! Mas já voltaremos a isto.

Depois de examinar as relações económicas entre pai e filho, procurando provar que era de todo em todo impossível estabelecer qual dos dois tinha razão, Hipólito Kirilovitch passou à informação dos peritos médicos relativamente à mania de Mitya sobre os três mil rublos que considerava seus.

Capítulo 7 — Um Relance Histórico

A informação médica esforçou-se por convencer-nos do desequilíbrio mental do acusado, apresentando-no-lo como um monomaníaco. Eu sustento que está perfeitamente são e que o seu comportamento poderia ter sido normal. Admito que possa ter manifestado alguma tendência para a mania no que se refere aos três mil rublos, mas creio que até para isso podem encontrar-se causas mais explicáveis e simples do que uma propensão para a loucura. Pelo meu lado concordo com o jovem doutor em que as faculdades mentais do acusado foram sempre normais, ainda que influenciadas por um caráter irritável e exasperado, cuja causa não devemos procurar nessa quantia e sim no fundo da sua alma. Nos ciúmes!

Neste ponto Hipólito Kirilovitch descreveu a fatal paixão do acusado por Gruchenka, desde o momento em que foi a casa da jovem com a intenção de maltratá-la.

— Mas em vez de realizar o seu propósito, cai aos pés da mulher e começa o seu apaixonado amor. Ao mesmo tempo, o pai do acusado prende-se à mesma jovem... coincidência surpreendente e fatal: rendem-se-lhe os dois simultaneamente, embora ambos a conhecessem havia já algum tempo. Ela atiça entre os dois o fogo violento de uma paixão própria dos Karamazov. Troça deles, segundo nos confessa, quer divertir-se à custa do pai e do filho e conquista-os ao mesmo tempo. Esse homem caduco que adora o dinheiro oferece-lhe três mil rublos por uma entrevista em sua casa, e ter-lhe-ia oferecido toda a fortuna se com isso conseguisse torná-la sua mulher legítima. A trágica situação do jovem apaixonado temo-la aqui patente. A feiticeira nega ao desgraçado toda a esperança até ao momento em que, de joelhos diante dela, lhe estende as mãos manchadas ainda com o sangue do seu rival; até ao momento em que cai em poder da justiça. «Mandem-me para a Sibéria com ele; arrastei-o a isto e sou eu a mais culpada», grita a mulher num arranque de sincero arrependimento. O culto jovem Rakitin, a quem já me referi uma vez, pinta-nos a heroína de maneira concisa e vigorosa. «Enganada, seduzida por um homem que depois a abandona, perde a ilusão e a honra na

primavera da vida. Pobre e desprezada pela sua respeitável família, confia-se à proteção de um velho doente, que ainda hoje considera seu protetor. As boas qualidades da sua alma perdem-se na amargura da sorte que a persegue. Torna-se precavida, quer entesourar dinheiro e olha para a sociedade com sarcasmo e ressentimento.» E depois de tudo isto compreende-se que tenha querido troçar dos dois apenas por maldade. Um mês de amor sem esperança, de degradação moral, manifesta na infidelidade à noiva e na retenção dos três mil rublos confiados à sua honra, conduz o jovem a um estado de furor, quase de loucura, motivado pelos incessantes ciúmes que o atormentam. E ciúmes de quem? Do pai! E o pior de tudo é que o velho depravado tenta atrair o objeto do seu amor com esses mesmos três mil rublos que o filho considera seus, como fazendo parte integrante da fortuna da mãe, o que o pai nega. Concedo que isto dificilmente possa suportar-se e até que seja o bastante para levar um homem à loucura; não precisamente pelo dinheiro, e sim pelo repugnante cinismo com que esse dinheiro é utilizado contra aquilo que consideramos a nossa felicidade.

Depois o procurador expôs como ocorreu ao acusado a ideia de matar o pai, ilustrando a sua opinião com factos.

— Ao princípio só fala disso nas tabernas... Durante todo o mês fala da mesma coisa. Ah! Gosta de ver-se rodeado de companheiros e contar-lhes tudo, sem calar os pensamentos mais diabólicos e comprometedores; gosta que os outros conheçam as suas ideias e espera que aqueles em que deposita confiança o olhem com simpatia, compreendam as suas inquietações e anseios, o acompanhem nas suas dores e não se lhe oponham seja no que for. Se isto não acontece, exalta-se e parte tudo o que encontra à mão na taberna. (Segue-se aqui o episódio do capitão Snegiryov.) Aqueles que ouviram o acusado concordam que nem tudo eram bravatas e que tão arrebatado furor havia de traduzir em obras as ameaças.

O procurador recordou então a reunião da família no mosteiro, as entrevistas com Aliocha e a violenta e horrorosa cena que tivera lugar em casa do pai quando o acusado lá entrara após o almoço.

— Não posso afirmar rotundamente que o acusado tivesse a intenção de matar o pai antes deste incidente, mas digo que a ideia lhe ocorrera várias vezes; assim o testemunham os factos, os factos e as suas próprias palavras. Tenho de confessar, senhores jurados, que até hoje não sabia se

atribuir ao acusado uma premeditação consciente. Estava convencido de que imaginara com grande antecipação o momento fatal, mas mesmo considerando-o, na sua imaginação, possível, não chegara à decisão concreta de quando e como poderia fazê-lo. Desta incerteza veio tirar-me a apresentação do documento que temos presente. Todos ouviram a exclamação dessa menina: «É o plano, o programa do assassinato!» Assim foi definida a fatal e avinhada carta do infeliz acusado. Por ela vemos que foi tudo premeditado. Escrita dois dias antes dos factos constantes dos autos, prova que quarenta e oito horas antes de o crime ser perpetrado, o assassino jurava que se no dia seguinte não conseguisse arranjar o dinheiro, mataria o pai para tirar-lhe as notas que guardava debaixo da almofada, logo que Ivan se fosse embora. Todos o ouviram. De modo que preparou tudo, previu todas as circunstâncias, e fez exatamente o que tinha escrito. A prova da premeditação é concludente. Que o roubo foi o móbil do crime não podia ser mais claro. Está escrito e assinado. Dir-me-ão que estava embriagado quando escreveu aquela carta, mas isso não tira valor ao documento, antes pelo contrário; escreve em estado de embriaguez o que pensou em estado de sobriedade; se não o tivesse planeado antes, não o teria escrito naquele momento. Perguntar-me-ão: então, por que fala disso na taberna? Quem premedita um crime cala-se, guarda-o para si. É certo, mas ele fala do crime antes de traçar o plano, quando sente apenas o desejo, o impulso de cometê-lo. Depois já fala menos, e dois dias antes escreve essa carta, e contra o seu costume permanece silencioso, apesar de embriagado. Em vez de jogar bilhar, senta-se num canto, sem trocar uma palavra seja com quem for. É verdade que molestou um criado, expulsando-o do seu lugar, mas isto fê-lo de uma maneira inconsciente, pois não pode estar numa taberna sem provocar escândalo. No entanto, quando tomou a sua decisão, deve ter-se arrependido do muito que falara, receando o processo e consequente prisão que isso podia acarretar-lhe. Mas a ele que lhe importava? A sorte continuaria a favorecê-lo como até então. Acreditava na sua estrela! Confesso, também, que fez alguma coisa para evitar a catástrofe. «Amanhã», escreve, «irei falar com toda a gente em busca do dinheiro, e se ninguém mo emprestar, afogar-me-ei em sangue.»

Hipólito Kirilovitch expôs em seguida os esforços que Mitya fez para arranjar dinheiro, descrevendo a visita a Samsonov e a viagem em busca de Lyagavy.

— Vencido, esfomeado, depois de vender o relógio para pagar a viagem... apesar de nos ter contado que tinha consigo mil e quinhentos rublos... atormentado pelos ciúmes ao pensar que o objeto do seu amor podia visitar Fedor Pavlovitch estando ele ausente, regressa à cidade, onde vê desvanecidas as suas suspeitas. Ele próprio acompanha a jovem a casa do protetor, homem de interessante psicologia e do qual, coisa estranha, não tem ciúmes! Apressa-se então a voltar ao seu esconderijo, situado nas traseiras da casa, e aí inteira-se da crise de Smerdyakov, e de que o outro criado se encontra doente... Vê o caminho livre, e ele conhece os sinais... que tentação! Mas ainda lhe resiste e procura como último refúgio uma senhora que vive aqui há algum tempo e se tornou credora do apreço de todos nós, *madame* Hohlakov. Esta senhora, que desde havia algum tempo estudava com pena o caráter do acusado, dá-lhe o mais sábio dos conselhos: que abandone a sua vida de dissipação, que esqueça as suas paixões, que deixe de esgotar o vigor da sua juventude na intemperança das tabernas, e vá para a Sibéria, para as minas, onde encontrará campo para expandir as suas turbulentas energias, o seu caráter romântico e a sua sede de aventuras.

Depois de relatar o resultado desta conversa e o momento em que, ao saber que Gruchenka não se encontra em casa de Samsonov e pensando que talvez esteja com o pai, o desgraçado é invadido pelos ciúmes e dá livre curso à sua fúria, Hipólito Kirilovitch detém-se no estudo da fatal influência desta mudança da situação.

— Se a criada lhe tivesse dito onde estava a sua senhora, nada teria acontecido, mas a pobre moça perde a cabeça e só é capaz de jurar que nada sabe. Se ele não a matou naquele instante, isso deveu-se apenas à pressa que tinha de encontrar a infiel. Na sua loucura, apodera-se da mão do almofariz. Porquê esse instrumento e não outra arma? Enquanto acariciava a ideia do crime e se preparava para realizá-lo, pode ter pensado que o primeiro objeto que lhe caísse ao alcance da mão lhe serviria de arma, e efetivamente, reconhece no mesmo instante que este lhe bastará para cumprir os seus propósitos. De modo que não pegou na mão do almofariz de um modo inconsciente e involuntário. E ei-lo no jardim do pai. O campo está livre, sem testemunhas. A suspeita de que a amada está entre os braços do rival, talvez rindo-se dele, deixa-o sem respiração. E nem tudo é suspeita, pois há indícios de realidade. Ela deve estar ali, naquele quarto iluminado, deve estar atrás do biombo; e o desgraçado quer

fazer-nos crer que desliza até à janela, olha para o interior do quarto com respeito e se retira discretamente, com receio de que aconteça algo terrível e imoral. E tenta convencer-nos disto a nós, nós que conhecemos o seu caráter, o seu estado de ânimo naquele momento e sabemos que não ignorava os sinais que lhe dariam entrada imediata na casa.

O procurador interrompeu aqui o seu discurso para se referir à suspeita que se quisera fazer recair sobre Smerdyakov, pois embora repelisse *a priori* tal suspeita, dava-se conta da importância extraordinária deste ponto.

Capítulo 8 — Investigação Sobre Smerdyakov

— Que origem tem essa suspeita? — começou Hipólito Kirilovitch. — O primeiro que acusou Smerdyakov foi o próprio acusado no momento da sua prisão, embora até agora não tenha apresentado a menor prova, nem um indício em que basear a sua acusação. Três pessoas a confirmam: os irmãos do acusado e a senhora Svyetlov. Quanto ao irmão Ivan, não tinha formulado a sua acusação até hoje, e já vimos em que estado mental se encontrava. Para mais, consta-me que durante os últimos dois meses partilhava connosco a convicção da culpabilidade do seu irmão, sem que nem por um momento se manifestasse contra. O irmão mais novo confessou que não tinha em que apoiar a sua acusação, a não ser nas palavras e na expressão do rosto do acusado. A senhora Svyetlov deixa-nos ainda mais convencidos... «Devem acreditar no que lhes diz o acusado, é incapaz de mentir.» É isto o que alegam contra Smerdyakov três pessoas a quem interessa de perto a sorte do acusado. Mas... é possível admitir sequer a suspeita da culpabilidade de Smerdyakov?

E aqui Hipólito Kirilovitch julgou necessário descrever a personalidade do lacaio, «que pôs fim aos seus dias num acesso de loucura». Apresentou-o como um espírito fraco e de escassa educação, completamente desequilibrado por filosofias que estavam fora do seu alcance e para as quais foi arrastado tanto pelo mau exemplo de seu amo Fedor Pavlovitch, provavelmente seu pai, como por certas conversas havidas com Ivan Fedorovitch, talvez sem outra finalidade que a de se divertir à custa do lacaio.

— Ele mesmo me falou da sua situação moral durante os últimos cinco dias que precederam a tragédia, e a sua declaração foi confirmada pelo próprio acusado, por seu irmão, por Grigory e por todos os que o conheciam. Smerdyakov, cuja saúde estava minada por constantes ataques de epilepsia, não valia mais do que um frango. O próprio acusado, sem se aperceber do mal que poderia causar-lhe a sua declaração, disse-nos: «Caía aos meus pés e beijava-mos. É um cobarde.» E o acusado vê nele o seu confidente, e assustando-o consegue que lhe sirva de espião e que

engane o amo revelando-lhe o caso do sobrescrito e o dos sinais, meio para se introduzir sem violência na casa. Como pôde chegar a semelhante deslealdade? «Ter-me-ia matado, eu via que ele me mataria», responde o lacaio às nossas perguntas, tremendo de espanto embora o seu carrasco esteja na prisão e nada possa fazer-lhe. «Tinha sempre receio de mim e tive de contar-lhe tudo para o acalmar, para que visse que eu não queria enganá-lo e me deixasse viver.» Estas são as suas palavras, as mesmas que constam do sumário. E acrescenta: «Quando se punha a gritar-me, enfurecido, eu caía de joelhos.» A sua honradez natural mereceu-lhe a inteira confiança do seu senhor, desde que foi entregar-lhe uma certa quantia perdida. Isto faz-nos supor que o pobre rapaz sentia remorsos por haver traído o amo, que era o seu protetor. Segundo o testemunho dos mais hábeis doutores, os epiléticos têm tendência para se culpar, para se recriminar como malvados, para se deixarem atormentar pelos remorsos de consciência sem qualquer motivo, exagerando e frequentemente inventando toda a espécie de faltas e crimes. Aqui temos uma dessas testemunhas que se deixam arrastar a uma ação má por cobardia e por medo. Pressentindo que alguma coisa de terrível seria o resultado da situação que se oferecia aos seus olhos, suplica a Ivan Fedorovitch, que tinha de partir para Moscovo, que fique em casa, mas por timidez não lhe fala abertamente nos seus receios e limita-se a certas insinuações que não são compreendidas. Notemos que vê em Ivan Fedorovitch um protetor cuja presença é uma garantia de que nada de mau acontecerá. Recordemos a frase da carta de Dmitri: «Matarei o velho quando Ivan partir.» A presença de Ivan Fedorovitch é, portanto, uma garantia de paz e ordem na casa. Compreende-se perfeitamente que, na hora de Ivan sair de casa, Smerdyakov tivesse um ataque de epilepsia. Tenhamos em conta que o lacaio passara aqueles cinco dias num receio incessante de que o acometesse uma dessas crises que sofrera em momentos de grande excitação, e que, embora o epilético não possa prever o dia e a hora em que cairá vítima da sua horrível doença, pode pelo menos, segundo os médicos, pressentir-se em disposição de ser atacado. É assim que Smerdyakov desce à adega logo que se perde de vista a carruagem em que vai Ivan Fedorovitch; abatido pela solidão e pela situação indefesa em que o deixa o seu jovem senhor, desce à adega, preocupado com a ideia de que pode ter um ataque naquele instante, e essa mesma apreensão lhe põe na garganta o nó espasmódico que costumam sentir estes doentes ao iniciar-

se o ataque, e cai pela escada. Neste acontecimento tão natural quiseram alguns ver um fundamento de suspeita, o indício de que o acidente fora provocado. Mas ocorre imediatamente a pergunta: por que razão? Para que havia de recorrer a tal meio? Que se propunha? Nada digamos da medicina, a ciência pode estar enganada sobre o caso; os médicos são incapazes de distinguir entre o ataque epilético simulado e o verdadeiro. Mas respondam-me a esta pergunta: que razões teve para simular? Pode ter tramado o assassínio, tê-lo-ia tramado realmente, procurando chamar dessa maneira a atenção de todos os habitantes da casa? É sabido, senhores jurados, que na noite a que se relerem os autos estavam cinco pessoas em casa de Fedor Pavlovitch: o próprio Fedor Pavlovitch (mas é evidente que ele não se suicidou), o seu criado Grigory, que quase perdeu a vida, a mulher deste, Marfa Ignacievna, de quem seria simplesmente vergonhoso imaginar que assassinou o seu amo; restam pois duas pessoas, o acusado e Smerdyakov. Mas se vamos acreditar no que diz o acusado, Smerdyakov seria o assassino, pois que não há outra alternativa. Tal é o fundamento da astuta, da tremenda acusação contra o desgraçado idiota que ontem se suicidou. Se existisse noutro lado a mais leve sombra de suspeita, ou se outra pessoa tivesse estado nesse dia na casa, tenho a impressão de que o acusado indicaria essa sexta pessoa, envergonhado de acusar o lacaio, pois é perfeitamente absurdo imputar a Smerdyakov este assassínio. Senhores, ponhamos de parte a psicologia, deixemos a ciência médica, prescindamos da lógica, voltemos os olhos para a realidade e vejamos o que a realidade nos diz. Se Smerdyakov o matou, como o fez? Sozinho, ou com a cumplicidade do acusado? Na primeira hipótese, é preciso supor que algum objetivo teria ao cometer o crime, e não tendo por móbil, como o acusado, nem o ódio nem os ciúmes, temos de pensar que Smerdyakov só por cupidez poderia matar, para se apoderar do dinheiro que o seu senhor guardava num sobrescrito. Todavia, revela a outra pessoa, muito mais interessada do que ele (refiro-me ao acusado), tudo o que diz respeito ao dinheiro e, o que é mais, dá-lhe as indicações. Quis trair-se ou convidar para a empresa alguém que tinha tão vivos desejos de deitar a mão aos três mil rublos? Sim... «contou-me tudo, mas foi porque o medo o traiu». Como se explica isto? Onde se viu um homem que premedita uma ação tão ousada e violenta revelar o que só ele sabe e ninguém chegaria a suspeitar se ele se tivesse calado? Não. Por cobarde que fosse, nada o podia ter levado a revelar o caso do dinheiro e das indicações, se tivesse

premeditado o crime, pois isso seria o mesmo que denunciar-se antecipadamente. Teria inventado qualquer coisa, teria contado qualquer mentira, desde que se tivesse visto forçado a talar; tudo, menos a verdade. Por outro lado, se tivesse cometido o crime nada dizendo do dinheiro, quem lhe teria imputado como móbil o roubo, se ninguém mais do que ele conhecia a existência do sobrescrito? Ter-se-ia procurado outro motivo, mas como não se encontraria motivo algum na sua vida, visto que a sua perfeita honradez *merecera* a confiança do seu *amo,* afastar-se-iam dele todas as suspeitas e a opinião apontaria unanimemente o homem de quem havia razões para suspeitar, aquele que não fizera segredo das suas intenções; ter-se-ia suspeitado do filho do assassinado, de Dmitri Karamazov. Sobre o filho recairiam todas as acusações, mesmo no caso de Smerdyakov ser assassino e ladrão... e vamos acreditar que o lacaio anularia esta vantagem contando a Dmitri onde estavam as notas e como se faziam os sinais? Que lógica haveria nisto, e que sentido? Chegado o dia do crime planeado por Smerdyakov, vamos encontrá-lo no fundo da adega, com um ataque *fingido.* Com que objetivo? Antes do mais para que Grigory, que se dispunha a *tomar* a sua bebida, desistisse do seu propósito e permanecesse de guarda, já que a casa ficava sem vigilância, e depois, suponho eu, para que o amo, vendo que era descuidado pelos criados e no seu terror ante a ameaça de uma visita do filho, redobrasse de precauções; mais ainda, suponho que Smerdyakov, não podendo valer a si mesmo enquanto duravam os efeitos da crise, pretendia ser levado da cama onde costumava dormir, e do quarto onde podia entrar e sair com inteira independência, para o quarto de Grigory, a três passos da cama deste e separado só por um biombo, como era costume «de sempre», estabelecido pelo amo e pela bondosa Marfa Ignacievna, todas as vezes que ele tinha um ataque. Ali, deitado atrás do biombo e para continuar a fingir, podia grunhir à vontade, mantendo-os acordados toda a noite (como testemunham Grigory e sua mulher). E devemos então acreditar que aproveitaria uma situação tão propícia para se levantar e matar o seu senhor! Mas dir-me-ão que fingiu o ataque para não despertar suspeitas, e que talou ao acusado no dinheiro e nos sinais para o tentar ao crime, de maneira que quando este o tivesse cometido e fugisse com o dinheiro, fazendo barulho e despertando a vizinhança, ele pudesse levantar-se e entrar na casa. Para quê, senhores? Para matar segunda vez o amo e apoderar-se do dinheiro que já havia sido roubado? Mas, senhores,

estaremos por acaso a gracejar? Envergonho-me por ter de submeter o assunto à vossa consideração em termos tão indignos; mas, por incrível que pareça, não é outra coisa o que alega o acusado. Ele pretende que, quando fugiu deixando Grigory no jardim, sem sentidos, e tendo alarmado os vizinhos, Smerdyakov se levantou e foi matar o seu amo para o roubar. Não quero insistir sobre este ponto, mesmo supondo que a premeditação de Smerdyakov chegou a tal requinte que o levou a deduzir que o furioso e desesperado filho, conhecendo os sinais, se contentaria com lançar um olhar respeitoso ao quarto de seu pai, retirando-se e deixando o dinheiro para ele. Eu pergunto, senhores jurados: em que momento pôde Smerdyakov praticar o seu crime? Ou se admite que foi neste momento ou não há acusação possível. Mas talvez o ataque fosse verdadeiro e o doente se sentisse repentinamente bem, ouvisse ruído e saísse do seu quarto. Que aconteceu então? Ocorreu-lhe de súbito a ideia de matar o seu amo? Mas como saberia se o momento era propício, se ignorava o que se havia passado até então, pois estivera sem sentidos? A fantasia também tem os seus limites, senhores. Perfeitamente, replicar-me-á alguém de obstinada sagacidade, mas se os dois estavam de acordo, ambos o mataram e dividiram o dinheiro? Realmente, é uma pergunta de peso, e os factos confirmam a conjetura de modo esmagador! Um comete o assassínio arcando com todas as dificuldades e arrostando todos os perigos, enquanto o cúmplice finge um ataque de epilepsia e jaz despertando suspeitas e alarmando a vítima e o seu defensor Grigory... Seria interessante conhecer os motivos que levaram os cúmplices a urdir um plano tão disparatado. Mas talvez não se trate de um caso de cumplicidade ativa. Smerdyakov, atemorizado, promete não impedir o crime, e sabendo que seria acusado por deixar passar o assassino, sem oferecer resistência e sem gritar por socorro, obtém de Dmitri Karamazov consentimento para lhe dar passagem livre fingindo um ataque de epilepsia: «podes matá-lo se quiseres; não me importa». Dmitri nunca teria aceitado o emprego de tal estratagema, que só serviria para pôr toda a gente de sobreaviso, mas acreditando mesmo que acedeu, Dmitri Karamazov continua a ser o assassino e o instigador, e Smerdyakov apenas um cúmplice passivo ou nem sequer cúmplice, mas meramente um encobridor contra a sua vontade e movido pelo terror. No entanto, que acontece? Logo que o assassino é capturado acusa abertamente Smerdyakov; e não o acusa de cumplicidade, mas sim de ser o único autor do assassínio. «Foi ele», diz, «quem matou e

roubou. É tudo obra das suas mãos.» Que estranhos cúmplices, a acusarem-se mutuamente! Pensemos na situação em que se coloca Karamazov. Depois de cometer o crime lança as culpas sobre um inválido que jaz prostrado na cama e que, ressentido pelo descaramento, podia dizer a verdade com a certeza de incorrer num castigo muito menos severo que o do principal autor do crime. Smerdyakov teria confessado a verdade por despeito; não o fez porque não se considerava cúmplice, embora o verdadeiro assassino insistisse em acusá-lo declarando-o o único culpado. Mais ainda, o lacaio apresenta voluntariamente a declaração de ter revelado ao acusado a existência do sobrescrito e a combinação dos sinais que, a não ser por seu intermédio, ninguém teria conhecido. Ter-se-ia manifestado assim, tão abertamente, se fosse cúmplice? Pelo contrário, teria procurado ocultar tudo para falsear os factos ou atenuá-los. Só um inocente, seguro de estar limpo de qualquer suspeita de cumplicidade, podia agir como o homem que, num acesso de hipocondria originada pela sua doença e por esta catástrofe, se enforcou ontem. Na sua linguagem peculiar, deixou escrita a seguinte nota: «Mato-me por minha própria vontade e desejo para não ter de acusar ninguém.» Que lhe teria custado acrescentar: «Eu sou o assassino; Karamazov está inocente.» Mas não o acrescentou. A consciência levou-o ao suicídio sem confessar as suas culpas? E que aconteceu então? Três mil rublos em notas de Banco foram depositados não há muito tempo, em poder do tribunal, dizendo-nos que são os que pertenciam ao sobrescrito que está sobre essa mesa, e foram ontem recebidos pela testemunha, das mãos de Smerdyakov. Não necessito recordar a cena que se desenrolou aqui e contentar-me-ei com submeter à opinião dos jurados umas quantas considerações que parecerão triviais pela escassa importância que merece este ponto do meu discurso. Suponhamos que Smerdyakov devolveu ontem o dinheiro e se enforcou por remorsos; acrescentemos que até ontem não se havia confessado culpado a Ivan Fedorovitch, segundo este nos disse, pois de outra maneira não se concebe que Ivan mantivesse silêncio até hoje. E eu pergunto: como se explica que, tendo-se confessado autor do crime, não deixasse escrita toda a verdade na nota a que me referi, sabendo que um inocente devia submeter-se à tortura de um horroroso processo no dia seguinte? O dinheiro, por si só, nada prova. Eu e outros dois senhores do tribunal soubemos, por uma circunstância fortuita, que Ivan cobrou há dias cupões no valor de dez mil rublos. Refiro-me a isto para observar que, se todos

podem ter dinheiro, Ivan não nos prova, ao trazer-nos três mil rublos, que sejam os mesmos que estiveram no sobrescrito de Fedor Pavlovitch. Ivan Fedorovitch soube ontem a verdade, pelo próprio assassino, e não se mexeu. Por que razão não a comunicou imediatamente? Para que deixou tudo para esta manhã? Tenho o direito de expor uma conjetura. Havia já uma semana que a sua doença se precipitava para o ataque cerebral que hoje sofreu, de tal maneira que tinha alucinações e se viu obrigado a consultar o médico. Em tal estado, sabe da morte de Smerdyakov e pensa: «Esse homem está morto, posso culpá-lo para salvar o meu irmão. Não me falta dinheiro, juntarei um punhado de notas e direi que me foram entregues por Smerdyakov antes de se matar.» Direis que isto é ignóbil, que é ignóbil difamar um morto ainda que seja para salvar um irmão. Decerto. Mas não poderia fazê-lo num estado de inconsciência ou transtornado pela notícia da súbita morte do lacaio, imaginando que realmente havia acontecido assim? Todos presenciámos a cena e vimos o estado da testemunha. As pernas aguentavam-no e falava... mas onde estava a sua cabeça? E a isto seguiu-se a revelação do documento escrito pelo acusado dois dias antes do crime, e que contém o programa exato da ação. Eu afirmo que não necessitamos de outro. O crime foi cometido precisamente de acordo com esse programa, e não por outra pessoa que não fosse aquela que o escreveu. Sim, senhores jurados, o programa foi levado a cabo sem alteração alguma! Não fugiu, tímida e respeitosamente, da janela de seu pai, mesmo estando convencido de que a mulher a quem amava estava ali. Não, isso é inadmissível e absurdo! Entrou e matou. Talvez o tenha feito num acesso de raiva, mas depois de o matar, talvez com um golpe de um pilão de almofariz, e convencido, ao cabo de minuciosa busca, de que a mulher não estava ali, não se esqueceu de levantar o colchão e de retirar o sobrescrito do dinheiro. Aponto este facto para que se fixem numa circunstância característica. Se tivesse sido um criminoso experiente ou se tivesse cometido o assassínio com o único propósito de roubar... teria atirado para o chão o sobrescrito que foi encontrado junto do cadáver? O próprio Smerdyakov, se tivesse assassinado o amo para o roubar, teria levado o sobrescrito sem perder tempo em abri-lo junto da sua vítima, seguro de que dentro encontraria o dinheiro e de que ninguém descobriria o roubo. Pergunto-lhes, senhores, se Smerdyakov poderia agir de outra maneira, se teria atirado fora o sobrescrito, ali mesmo? Não. Isso é próprio de um assassino arrebatado, de

um assassino que não é um ladrão, que até então nunca havia roubado, que apanha o dinheiro não como gatuno, mas sim como alguém que recupera do gatuno o dinheiro que lhe pertence e lhe tinha sido roubado. Esta é a ideia que se manifesta em Dmitri Karamazov relativamente ao dinheiro, como uma obsessão. Apanha o sobrescrito, rasga-o para certificar-se de que contém a quantia que procura e, guardando esta no bolso, foge, esquecendo que deixa atrás de si uma prova terrível que o acusará formalmente. Não pensa, não reflete, porque é um Karamazov. De maneira muito diferente teria procedido Smerdyakov. Dmitri sai, a correr; ouve que o criado o segue, gritando; vê que vai ser alcançado, que vai ser agarrado, e o criado cai como morto, com uma pancada. O acusado, movido pela piedade, baixa-se para examinar o ferido. Acreditarão no que ele nos diz, que se curvou movido pela piedade, com pena, para ver se podia fazer alguma coisa pela sua vítima? Seria aquele o momento de sentir compaixão?... Não. Só queria convencer-se de que a única testemunha do seu crime estava morta. Qualquer outra ideia, qualquer outro sentimento tem de ser rejeitado por inverosímil. Note-se como ele se perturba diante de Grigory, limpando a ferida com o seu lenço, e convencido de que está morto corre a casa da amante, manchado, coberto de sangue. Como não pensou que ao verem-no ensanguentado seria detido? Ele mesmo nos afirma que não tinha notado as manchas de sangue que o sujavam. E é crível, é natural que não as tivesse notado; é o que acontece em tais momentos aos criminosos que põem em prática a astúcia mais diabólica ao mesmo tempo que deixam soltas as malhas principais. Nesse momento crítico tem apenas uma preocupação: onde está *ela?* Quer averiguar isso e corre a casa da mulher, onde descobre a tremenda verdade: ela tinha ido para Mokroe juntar-se ao seu primeiro amante.

Capítulo 9 — A «Troika» Veloz. Final da Acusação

Hipólito Kirilovitch havia escolhido para o seu discurso o método histórico, que permite aos oradores nervosos concentrar no final a sua fogosidade retórica, expondo interessantes considerações sobre um tema — como ele fez aqui ao dissertar sobre o «primeiro amante» de Gruchenka.

— Karamazov, cujos ciúmes tinham chegado até ao furor, detém-se e podemos dizer que procura apagar-se a si mesmo ante este «primeiro amante», sendo o mais surpreendente que parece não se preocupar pouco nem muito com um rival tão formidável, como se o perigo fosse sempre distante para um Karamazov que vive permanentemente na hora presente. Talvez não visse nesse rival mais que uma ficção. Mas compreende de repente que a mulher o enganou precisamente escondendo-lhe a verdade, pois que, longe de ser para ela uma ficção, esse amor antigo constitui a única esperança da sua vida. Dmitri assim o compreende e, de momento, resigna-se. Senhores jurados, não posso resistir ao impulso de dar relevo a uma tão insuspeitada feição do caráter do acusado. Subitamente manifesta-se nele um irresistível desejo de justiça, de respeito pela mulher cujo direito a amar ele reconhece, e isto no preciso momento em que, por ela, manchou as mãos com o sangue do pai. Certo era que o sangue vertido clamava por vingança, e que depois de ter fechado com o crime todos os caminhos da vida, e de ter aniquilado a sua alma, por força havia de perguntar a si mesmo que poderia ele representar aos olhos dessa mulher, ante a qual, arrependido da sua culpa e com um amor sublimado, vem oferecer uma existência tranquila e feliz. Que poderia ele oferecer então, o desgraçado? Karamazov compreende tudo isto, considera-se perdido, ameaçado com o castigo do seu crime; a vida afunda-se sob os seus pés. Esta ideia cruza-lhe a cabeça e logo se lhe oferece o único plano que pode germinar na mente de um Karamazov para remediar a sua terrível situação: o suicídio. Procura as pistolas que empenhara ao seu amigo Perkotin, e de caminho puxa pelo dinheiro e leva-o pela rua, nas mãos que, por causa desse dinheiro, manchou com o sangue de seu pai. Oh! Agora

mais do que nunca precisa de dinheiro. Karamazov vai morrer, Karamazov dará um tiro em si próprio e isso deixará uma recordação. É um poeta de imaginação sempre delirante: «A ela, a ela! E uma vez ali darei uma festa na qual participará toda a gente, uma festa como nunca se viu outra. E no meio do rumor da orgia, da desordem, da embriaguez, das canções e das danças, levantarei a taça brindando pela mulher a quem adoro e pela sua felicidade recuperada, e ali mesmo, a seus pés, castigar-me-ei fazendo saltar os miolos! Assim ela recordará Mitya Karamazov, assim verá como Mitya a amava, assim sentirá alguma coisa por Mitya!» Eis aqui o amor pitoresco, romântico, sentimental e desenfreado dos Karamazov. Mas há outra coisa, senhores jurados, outra coisa que lhe sacode a alma com força, que grita no seu íntimo com um clamor de morte, e essa outra coisa é a consciência, senhores jurados, é o remorso que o tortura! A pistola arranjará tudo, a pistola é o último recurso. Mas *mais além...* eu não sei se Karamazov refletiu então no mais além, nem se Karamazov era capaz de pensar como Hamlet no mais além. Não, senhores jurados, uns têm os seus Hamlet, mas nós continuamos a ter os nossos Karamazov!

Hipólito Kirilovitch expôs os acontecimentos que se desenrolaram em casa de Perkotin, na loja e durante a viagem, cingindo-se às afirmações das testemunhas e conseguindo impressionar profundamente a sala. A culpabilidade daquele homem não oferecia dúvidas quando se apresentavam os factos em conjunto.

— Que necessidade tem ele de precauções? Duas ou três vezes está prestes a confessar tudo, deixa entrever isso; tudo menos falar claro. Chega a gritar ao cocheiro: «Sabes que transportas um assassino?» Mas não se atreve a falar claro porque se trata de chegar a Mokroe e dar fim ao seu poema. O desgraçado não sabia o que o esperava aqui! Quase imediatamente compreende que o seu rival invencível está quase derrotado e que não se deseja nem se aceita a felicidade que vem oferecer. Já sabemos o que aconteceu, porque tudo está registado nos autos. Karamazov triunfa em toda a linha e a sua alma atravessa, a partir desse momento, a mais horrorosa das crises. Dir-se-ia, senhores jurados, que a natureza ultrajada e o coração do próprio criminoso encontram mais completa vingança do que poderia esperar-se da justiça da terra; mais ainda, a justiça e o castigo dos homens mais não fazem do que aliviar o castigo da natureza, e são necessários em tais momentos para livrar o criminoso do desespero. Não é possível imaginar o horror, o tormento

moral que, para Karamazov, representa o facto de saber que «ela» o ama, que repele o «indiscutível», que está disposta a iniciar com ele, Mitya, uma vida nova, que lhe oferece a felicidade... Quando? Quando para ele tudo acabou, quando tudo é impossível! Permita-se-me uma pequena digressão que considero de importância para esclarecer ainda mais a situação do acusado neste momento. A mulher que é objeto do seu amor e dos seus desejos apaixonados havia-se-lhe mostrado esquiva até então. Por que razão não se mata ele, por que abandona os seus propósitos e chega a esquecer-se da sua pistola? Porque espera satisfazer o seu ardente desejo de amar. No tumulto do bacanal permanece ao lado da sua amada, que se lhe apresenta mais encantadora do que nunca... não se afasta dela e junto dela se prostra no mais rendido acatamento. A paixão amorosa pode abafar, por um momento, não só o medo de ser preso, mas também os remorsos da consciência. Por um momento, apenas por um momento! Posso apresentar-lhes o estado de ânimo do criminoso, desesperado e submetido a estas influências: vinho, ruído e agitação, barafunda de danças e gritos de canções... e ela que, excitada, se levanta e baila, e canta para ele! Logo uma sombra de confiança que o faz adiar para mais tarde o momento fatal, a confiança em que pelo menos até ao dia seguinte não irão prendê-lo. Restam-lhe umas cinco horas e isso é muito, mesmo muito! Em cinco horas pode-se pensar em muitas coisas. Imagino que ele devia sentir com a mesma intensidade do réu que é conduzido ao patíbulo. Ainda lhe resta uma comprida rua, e indo a passo poderá ver milhares de caras; depois haverá que dar a volta por outra rua, e até chegar ao fim dessa não verá a espantosa praça das execuções. Eu creio que, desde que o acusado sobe para a carreta infamante, pensa que tem ainda muita vida na sua frente: recuam as casas, avança a carreta... Oh! Não importa, ainda falta bastante para chegar à outra rua, e ainda tem forças para olhar, à direita e à esquerda, esses milhares de criaturas insensíveis que nele fitam os seus olhos, curiosamente... e chega a considerar aquele momento um como tantos outros. Mas já chega à última rua… Não importa, ainda falta percorrê-la, e embora muitas casas tivessem ficado definitivamente para trás, ainda faltam outras tantas. E assim até ao fim, até ao próprio patíbulo. Creio que alguma coisa semelhante se deve ter passado com Karamazov. «Ainda não têm tempo», pensaria, «ainda posso encontrar alguma escapatória; sim, há tempo de sobra para meditar um plano... e agora... agora ela está tão encantadora!» No seu estado de aturdimento e de

medo ainda tem serenidade para se separar de metade do dinheiro e escondê-lo nalgum sítio; não se explica de outra maneira a desaparição do resto dos três mil rublos que roubou ao pai. Não era a primeira vez que estava em Mokroe, pois já ali passara dias inteiros e conhecia todos os esconderijos da pousada. Eu suspeito de que o dinheiro não estava muito longe do lugar onde ele foi preso, escondido nalguma fenda, debaixo de algum mosaico. «Para quê escondê-lo?», perguntar-me-ão. Simplesmente porque a catástrofe podia cair-lhe em cima e ele ainda não tinha pensado em como enfrentá-la... pois ao lado *dela* sentia a cabeça andar à roda; mas o dinheiro... o dinheiro far-lhe-ia falta em qualquer caso! Com dinheiro tudo se consegue! E se esta precaução vos parece impossível em tais momentos, recordai-vos de que ele próprio quis convencer-nos de que um mês antes separara metade de uma quantia para a coser numa pequena bolsa, num momento crítico e agitado. E embora isto não seja verdade, como o demonstrarei em seguida, a simples ideia prova que Karamazov estava familiarizado com o processo. Mais ainda, quando nas primeiras investigações nos fala de ter guardado mil e quinhentos rublos num saquito que não aparece em parte alguma, inventa na inspiração do momento, pois ainda não há duas horas que apanhou parte do dinheiro para escondê-lo não sabemos onde até ao dia seguinte, na previsão do que poderia acontecer, para que o não encontrassem em poder dele. Os dois extremos, senhores jurados; não esqueçam que os Karamazov podem abarcar os dois extremos simultaneamente. Revistada a pousada, o dinheiro não é encontrado; talvez esteja ainda onde o deixou, ou tenha passado no dia seguinte para as suas mãos. Seja como for, aí o tendes de joelhos diante dela que está sempre recostada na cama; estende para ela os braços, e tão absorvido está na sua paixão que nem sequer ouve os que se aproximam para prendê-lo. Sem tempo para se preparar para a defesa, apanham-no desprecavido e levam-no à presença dos juízes, árbitros do seu destino. Senhores jurados, no cumprimento do nosso dever há momentos tão terríveis como um cálice de amargura que é preciso esvaziar inevitavelmente: o momento de encararmos um homem, de contemplarmos esse medo animal do criminoso que, vendo-se perdido, ainda se debate, ainda tenta fugir à responsabilidade; o momento em que, acordado bruscamente o seu instinto de conservação, nos fita com olhos que interrogam, olhos de sofrimento, e observa a nossa cara, os nossos pensamentos, na incerteza de como o atacaremos, traçando mil planos

num instante, mas sempre receoso de falar, de pôr um pé em falso. Esse inferno da alma, essa sede animal de conservação, esses momentos humilhantes para o espírito são terríveis e não é raro que inspirem aos próprios juízes horror e compaixão pelo criminoso. Isso foi o que presenciámos e sentimos então. Ao princípio ficou aterrado e deixou escapar algumas frases comprometedoras: «Sangue! Mereci-o!» Em seguida contém-se. Não pensou ainda no que tem de dizer, não sabe o que há de responder; apenas está disposto a negar: «Não sou culpado da morte de meu pai.» De momento defende-se com isto, e entretanto busca um parapeito qualquer de onde possa responder, e faz a sua primeira declaração comprometedora, dizendo-se culpado do sangue de Grigory. «Mas quem matou meu pai, senhores, quem o matou? Quem teria podido matá-lo, *se não fui eu?»* Ouvem? Antecipa-se à vossa pergunta. Atentem na frase que se apressa a acrescentar, «se não fui eu»; a astúcia ingénua, a impaciência de Karamazov. «Não o matei e vocês devem acreditar em mim! Desejava matá-lo, senhores, desejava matá-lo», apressa-se a reconhecer porque tem pressa, muita pressa, «mas não sou culpado porque não o matei.» Confessa-nos o seu desejo, como a dizer-nos: bem veem que sou sincero e que podem acreditar em mim quando digo que não o matei. O criminoso é, por vezes, de uma leviandade e de uma confiança pasmosas! Quando por acaso se lhe faz a pergunta: «Não será Smerdyakov o assassino?», irrita-se, como era de esperar, porque nos antecipámos cortando-lhe o caminho que ele seguia para chegar ao momento oportuno de acusar Smerdyakov, e em seguida precipita-se para o extremo oposto, como faz sempre, afirmando que Smerdyakov não é o assassino porque é incapaz de matar. Mas não acreditem nele, não é mais do que astúcia e já não deixará a ideia de Smerdyakov, para mais tarde a aproveitar, à falta de outra, visto que de momento lhe estragámos a oportunidade. Mais adiante, passado um dia ou dois, valer-se-á de qualquer circunstância para nos dizer: «Lembram-se de como me mostrei cético a respeito de Smerdyakov? Pois agora estou convencido de que foi ele. Foi ele quem matou, deve ter sido.» De momento arrepia caminho, com a mais rotunda negativa, mostrando-se aborrecido, e a impaciência e a cólera levam-no a explicar da maneira mais inverosímil como, depois de ter olhado pela janela do pai, se afastou respeitosamente. Ignorava a vantagem que, sobre esse pormenor, nos oferecia a declaração de Grigory. Revistamo-lo. Irrita-se mas logo depois se mostra mais animado, e aparece apenas metade do

dinheiro. Sem dúvida nesse momento de silêncio e cólera ocorreu-lhe a ideia de inventar a história do saquito, e como essa história lhe parece inverosímil rodeia-a de circunstâncias inconfessáveis que lhe deem um caráter de veracidade e até o tornem digno de aplauso. Em semelhantes casos é dever do juiz instrutor impedir que o criminoso possa preparar-se, distraindo-o com perguntas inesperadas para que vá desenvolvendo a sua ideia predileta em toda a sua simplicidade, inverosimilhança e inconsciência, e de modo que se contradiga nos pormenores. O criminoso vê-se obrigado a falar apresentando-lhe como coisa acidental um facto ou uma circunstância de grande interesse que se relacione com o assunto e que ele ignore ou não tenha previsto. Nós dispúnhamos desse facto desde o princípio: Grigory vira a porta por onde tinha fugido o acusado, um facto completamente desconhecido deste, pois não suspeitava de que Grigory a tivesse visto. O efeito é formidável. Dá um salto e grita: «Assim, Smerdyakov matou-o, foi Smerdyakov!» Desta maneira compromete todos os seus meios de defesa, pois Smerdyakov só podia cometer o crime quando ele derrubou Grigory no jardim. Quando lhe dissemos que Grigory vira a porta aberta antes de cair ferido e que tinha ouvido Smerdyakov deitado atrás do biombo, Karamazov ficou esmagado. O meu estimado e ilustre colega, Nicolay Parfenovitch, confessou-me que a custo conteve as lágrimas ante o lastimoso estado de Mitya, o qual, para acabar de arranjar o assunto, se apressa a contar-nos a fantástica história do saquito. Já expus, senhores jurados, as razões que tenho para considerar essa história não só impossível como também filha de uma inspiração de momento. Embora tratássemos de urdir uma fábula, ser-nos-ia difícil apresentar outra mais incrível. O mal dessas histórias é que os seus engenhosos autores se confundem e tropeçam nesses pormenores em que tanto abunda a vida real e de que esses novelistas improvisados prescindem como de coisa insignificante. Ah! Não têm cabeça para tais minudências; o seu pensamento concentra-se todo na grande ideia da sua invenção, e não se distraem dela para cuidar de bagatelas. Mas são apanhados nessa ratoeira: «Aonde foi buscar o tecido para a bolsa e quem lha fez?», perguntámos. «Eu próprio a fiz!», respondeu. «E aonde foi buscar o tecido?». O acusado irrita-se, uma pergunta de tal modo trivial parece-lhe um insulto, e creio que o seu aborrecimento é sincero. São todos o mesmo! «Rasguei-o de uma camisa», disse. «Amanhã procuraremos essa camisa entre a sua roupa.» Considerem, senhores jurados, que encontrada essa camisa (que

seguramente teríamos encontrado na cómoda ou na mala) teria sido uma prova material de que ele dizia a verdade. Mas está incapaz de refletir. «Não me lembro, não deve ter sido de uma camisa; arranquei-o de um chapéu da dona da casa.» «Que género de chapéu?» «Um chapéu de pano, velho e posto de lado.» «Lembra-se bem dele?» «Não, não me lembro bem!» Estava furioso, de tal modo que nem disso se lembrava. Como se esses pormenores não fossem os que se recordam com mais precisão nos momentos de grande perigo, como o de ser condenado à morte! O condenado pode esquecer qualquer coisa, mas de um ramo verde que teve de afastar ou de uma gralha que passou em voo... disso recordar-se-á sempre. Ele, que se escondeu para costurar a bolsa, devia recordar o medo que sentiu de que alguém o surpreendesse na tarefa de agulha para ele humilhante, e como ao menor ruído corria a ocultar-se atrás do biombo que há no seu quarto. Mas, senhores jurados, por que razão abusarei da vossa atenção alongando-me em tais minúcias?... — exclamou subitamente Hipólito Kirilovitch. — Precisamente porque o acusado persiste nas suas absurdas declarações daquela noite, e ao cabo de dois meses nada acrescentou para as esclarecer, empenhado em que tudo isto não passa de trivialidades. Ele quer que acreditemos nele sob a sua palavra de honra! Pois estamos dispostos a acreditar. Por acaso somos chacais, ávidos de carne humana? Que prazer seria o nosso se pudéssemos acreditar na sua palavra de honra! Que venha uma só prova em favor do acusado e acolhê-la-emos com alegria; mas que seja uma prova verdadeira, um facto real e não uma dedução tirada da expressão da sua face pelo seu próprio irmão, ou a hipótese gratuita de que bater no peito, na escuridão, queria indicar a bolsa. Alegrar-nos-emos com o facto, seremos os primeiros a retirar a nossa acusação, estamos prontos a retirá-la. Mas agora é-nos reclamada justiça e insistimos na nossa acusação sem lhe procurar atenuantes.

Hipólito Kirilovitch entrou na fase final do seu discurso.

O seu semblante transfigurou-se falando do sangue que clamava vingança, sangue de um pai a quem o seu filho mata para o roubar, firmando-se na consistência da trágica e evidente realidade.

— Sejam quais forem os conceitos que emita o sábio e eloquente advogado defensor — acrescentou o acusador, sem poder conter-se — e por grande que seja a eloquência com que apele para os vossos sentimentos humanitários, lembrem-se de que neste momento se

encontram no templo da justiça, que são os defensores dos princípios justiceiros em que assentam os fundamentos da família e de quanto é sagrado para a nossa santa Rússia. Representam aqui a pátria inteira, e o vosso veredicto não será apenas escutado nesta sala, encontrará eco em toda a Rússia que vos ouvirá como seus juízes e defensores, e se sentirá tranquila ou consternada conforme for a vossa decisão. A nossa «troika» fatal precipita-se velozmente, talvez para um abismo; por toda a Rússia se erguem braços e se ouvem gritos para a deter na sua correria desvairada. E se os outros povos se afastam à sua passagem, tenhamos cuidado porque, em vez de movidos pelo respeito, como quer o poeta, talvez sejam movidos pelo horror. Pelo horror e talvez pela repugnância. Mas é possível que não se afastem e se coloquem como um muro na passagem da frenética corrida dos nossos desaforos, para salvar, com a vida, a cultura e a civilização. Já nos chegaram da Europa brados de alarme, já um rumor começa a subir. Não a provoquem! Não atraiam o seu ódio com uma sentença que seja a justificação do parricídio!

O efeito causado por esta peroração patética foi extraordinário. O ministério público havia falado com sincera emoção e ao terminar, esgotado, esteve prestes a desmaiar na sala contígua. Não se aplaudiu, mas as pessoas sérias estavam satisfeitas. As senhoras mostravam-se também comprazidas com a eloquência do orador. Não chegaram a alarmar-se sobre o resultado do julgamento, porque punham toda a sua confiança em Fetyukovitch. «Ele será o último a falar, e arrebatará tudo.»

A atenção do público concentrou-se em Mitya, que havia escutado a acusação de braços cruzados, com os dentes cerrados e a cabeça inclinada. Só de vez em quando erguera a cabeça, de modo especial quando das alusões a Gruchenka. Quando o acusador se referiu à opinião que dela tinha Rakitin, uma expressão de desprezo e de ira passou pela face de Mitya, e os seus lábios moveram-se para murmurar de maneira inaudível: «Os Bernard!» Durante o relato do interrogatório de Mokroe, Mitya endireitou-se e escutou com profundo interesse. Houve um momento em que pareceu que ia levantar-se e gritar, mas desistiu encolhendo desdenhosamente os ombros. Falando disto, havia quem troçasse de Hipólito Kirilovitch e dissesse: «Como não tinha a avó para o louvar, o pobre diabo teve de gabar ele mesmo o seu talento!»

A audiência foi suspensa por um quarto de hora ou pouco mais e da sala subiu um murmúrio de conversas em grupo, das quais recordo alguns

passos.

— Um discurso pesado... — afirmou gravemente um sujeito.

— Demasiadamente psicológico... — disse outra voz.

— Mas sincero e cheio de verdade.

— Sim, isso é o que lhe dá mais valor.

— E abrangendo tudo.

— Nem nós escapámos às suas censuras... — disse outro. — Ouviram como, no princípio, afirmou que em todos nós havia um Fedor Pavlovitch?

— E também no final. Dir-se-ia que tudo está corrompido.

— É obscuro.

— Excedeu-se demasiadamente.

— Foi injusto, foi injusto.

— Mas fê-lo com habilidade. Foi maçador, mas disse o que queria, ah, ah!

— Que responderá o defensor?

Noutro grupo ouvi que diziam:

— Não precisava dirigir ao de Petersburgo um golpe como o que está implícito na afirmação de que apelará para os sentimentos humanitários dos jurados... Lembram-se?

— Sim, foi uma grosseria indigna.

— E como se atarantava!

— É muito nervoso.

— Nós rimo-nos... mas que pensará o acusado?

— Isso é que é... Que acontecerá a Mitya?

E ainda noutro grupo:

— Quem é essa senhora gorda, sentada na extremidade, com o *lorgnon?*

— Conheço-a, é a mulher divorciada de um general.

— Agora compreendo a razão das lentes.

— Não vale grande coisa.

— Como pode valer? Parece um cão de fila!

— Dois lugares atrás do dela está uma mulher bonita. Lindíssima.

— É dessas que apanharam nas redes em Mokroe, não te parece?

— Oh! Basta de mordacidade! Já sabíamos de cor essa história da pousada, não era preciso que no-la repetisse.

— Não pôde evitá-lo, é a sua vaidade!

— Tem um caráter azedo. Ah, ah!

— E pronto à ofensa. Não posso com tanta retórica e tanta sentença.

— Ele trata de nos alarmar... quis alarmar-nos com a história da *troika.* Há uma coisa que me agradou. Essa história de que «uns têm os seus Hamlet, mas a nós só nos restam os Karamazov» foi muito bem dita.

— Disse-a para congraçar os liberais. Receia-os.

— E também ao advogado.

— Sim, mas que dirá Fetyukovitch?

— Diga o que disser, não convencerá os camponeses.

— Julga isso?

E por fim, noutro grupo:

— O que disse sobre a *troika* não esteve mal, com a referência aos outros povos.

— E tem razão em pensar que as outras nações não se afastariam.

— Porquê?

— Porque a semana passada, no parlamento inglês, um deputado levantou-se para falar do niilismo e perguntou ao Governo se não era ainda a altura de intervir na educação deste povo bárbaro. Creio que Hipólito Kirilovitch aludia precisamente a isso.

— Não é assim tão fácil de fazer.

— Não é fácil? Porquê?

— Porque fecharíamos Kronstadt e ficariam sem um grão de trigo. Aonde iriam buscá-lo?

— À América. Já o importam da América.

— Você está a brincar!

Tocou a campainha e todos voltaram aos seus lugares.

Fetyukovitch subiu à tribuna.

Capítulo 10 — A Defesa. Um Punhal de Dois Gumes

Todos emudeceram às primeiras palavras do célebre orador, no qual se fixaram todos os olhares. Começou em tom franco, simples e convicto, sem orgulho, sem alardes de eloquência e sem frases rebuscadas e patéticas. Parecia que falava num círculo de amigos íntimos e simpatizantes. A voz soava fina e agradável, e nela vibravam a sinceridade e a franqueza, mas deixando compreender a todos que em dado momento adquiriria um legítimo acento patético que dominaria os corações com extraordinária força. A sua linguagem não era tão cuidada como a de Hipólito Kirilovitch; as frases eram mais breves e mais precisas. Pôs-se a balouçar para diante, especialmente no princípio do seu discurso, dando a impressão de que queria lançar-se sobre o auditório, mais do que inclinar-se perante ele; dobrava a espinha como se tivesse ao meio qualquer mola que lhe permitia curvar-se em ângulo reto, e isto desagradou às senhoras.

Ao princípio falou sem ilações, sem ordem; dir-se-ia que desligava adrede os factos, os quais, todavia, formaram no final um todo harmónico. O seu discurso podia dividir-se em duas partes: a primeira consistia numa crítica que rebatia a acusação, por vezes em termos mordazes e sarcásticos; mas na segunda parte mudou bruscamente de tom, e os seus gestos, elevando-se também, transportavam o auditório a um quente entusiasmo como ante qualquer coisa de sublime.

Entrou no assunto dizendo que, embora exercesse a advocacia em Petersburgo, não era a primeira vez que advogava na província para defender acusados de cuja inocência estava convencido ou sobre os quais tinha, pelo menos, uma opinião preconcebida.

— E isto foi o que me aconteceu no caso presente. As notícias deste acontecimento, que li nos jornais, predispuseram-me decisivamente em favor do acusado, e o que mais me interessou foi uma coisa que se verifica frequentemente na prática legal, mas raras vezes com a força extraordinária e a forma peculiar deste caso. Esta particularidade só devia eu formulá-la no fim da minha dissertação, mas vou antecipá-la porque

tenho a fraqueza de atacar de frente sem reservar as coisas de efeito para a última hora, economizando material. Isto pode ser uma imprudência, mas significa sinceridade. E o que observo aqui é o seguinte: há nos autos uma concatenação de testemunhos esmagadores, e todavia nenhuma das provas apresentadas resiste à crítica, se examinadas separadamente. À medida em que, pelos jornais, me punha ao corrente do desenrolar da instrução, ia-se confirmando a minha ideia, e então os parentes do acusado escreveram-me, pedindo-me que me encarregasse da defesa. Aceitei no mesmo instante e uma vez aqui fiquei completamente convencido da sua inocência. Só havia de quebrar este terrível encadeamento de factos, mostrando-os separadamente para que se visse que cada um deles apenas tinha por fundamento a fantasia. Para isso me encarreguei desta causa.

E Fetyukovitch entrou no assunto desta maneira:

— Senhores jurados: sou forasteiro neste distrito e venho sem preconceitos. O acusado, que é dotado de um caráter turbulento e sem freio, nunca me injuriou, mas talvez mais de cem pessoas desta cidade não possam dizer o mesmo, e por isso mesmo estão prevenidas contra ele. Reconheço que os sentimentos morais da sociedade local se erguem agora justamente indignados contra esse jovem libertino e violento. Todavia, era bem recebido na sociedade e tinha grato acolhimento em casa do meu douto colega, o procurador.

(N. B. Estas palavras provocaram, em dois ou três pontos da sala, risos que todos ouviram embora fossem prontamente abafados. Todos sabiam que o procurador recebia Mitya, muito contra a sua vontade, porque era muito simpático com a sua mulher, senhora de altas virtudes e inatacável moralidade, mas caprichosa e com grande tendência para contrariar o marido em pequenas coisas. Todavia as visitas de Mitya não eram frequentes.)

— Não obstante o espírito independente e o caráter justo do meu opositor — continuou Fetyukovitch — atrevo-me a suspeitar de que formou um falso preconceito contra o meu infeliz cliente. Isto é muito natural depois de ele ter dado tantos motivos de desagrado. As ofensas à moralidade e, mais ainda, aos costumes são com frequência castigadas implacavelmente. A brilhante acusação que acabamos de ouvir apresentou-nos uma análise severa do caráter e dos atos do acusado, e uma crítica tão minuciosa do assunto, e de uma profundidade psicológica tão extraordinária, que não poderia atingir tais alturas um espírito levado pela

antipatia e pela prevenção. Mas em casos como estes há certas atitudes que podem provocar resultados mais nefastos do que a mais malévola das prevenções. É mil vezes pior que nos deixemos arrastar pela nossa inclinação artística, pelo nosso amor ao novelesco, especialmente se Deus nos dotou com abundância de talento psicológico. Antes de partir de Petersburgo para aqui, fui prevenido de que ia encontrar pela frente um psicólogo profundo e hábil, que a tal título conquistou uma considerável reputação no nosso mundo judicial. Mas por profunda que seja, a psicologia é sempre um punhal de dois gumes. — Risos no auditório. — Perdoem-me esta comparação, não posso fazer alardes de eloquência; mas servir-me-ei, como exemplo, de um dos pontos do discurso do ministério público. Quando o acusado foge do jardim e tenta escalar a paliçada, derruba com um golpe o criado que o agarra. Então volta ao jardim e demora-se cinco minutos procurando descobrir se matou, ou não, o criado. O digno acusador repele a ideia de que o acusado se incline sobre Grigory movido pela piedade. «Não», diz, «esse sentimentalismo não é próprio de um momento como aquele, é impossível; o que ele pretende é assegurar-se se matou ou não a única testemunha do seu crime, provando assim que cometeu o assassínio, pois não teria fugido por outra razão.» Aqui tendes um caso psicológico; mas tomemo-lo e demos-lhe a volta, aplicando o mesmo método, e obteremos resultados não menos convincentes. O assassino desce para se assegurar, por precaução, de que morreu a testemunha do seu crime, quando acaba de deixar em evidência (segundo diz a acusação) uma prova formidável como é o sobrescrito que conteve os três mil rublos. «Se o tivesse levado ninguém teria conhecido a existência desse dinheiro, nem que o acusado o houvesse roubado.» Estas são as palavras do ministério público. De modo que, por um lado, vemos uma completa ausência de precauções num homem que perde a cabeça até ao ponto de fugir deixando no chão uma prova evidente da sua culpa, e dois minutos mais tarde, depois de matar outro homem, nos autoriza a conceder-lhe a maior presença de espírito, o maior sangue-frio e um requintado cálculo de previsão. Mas mesmo admitindo que assim fosse, suponho que só uma psicologia artificiosa pode pretender que eu seja tão feroz e agudo de vista como uma águia do Cáucaso, em certas circunstâncias, e imediatamente proceda de maneira tão cega e tímida como uma toupeira. Se sou sanguinário e cruel até ao cálculo de voltar atrás só para me certificar de que matei quem pode declarar contra mim,

para que hei de estar cinco minutos a observar a vítima, correndo o risco de ser visto por outras testemunhas? Para quê encharcar em sangue esse lenço que testemunhará contra mim? Sendo tão frio e calculista, por que razão não acabo a minha obra batendo com o pilão do almofariz na cabeça da testemunha até ficar tranquilo na certeza de que não falará mais? Além disto, desce para se certificar se aquele homem está morto e deixa de passagem outra testemunha, o pilão de que se apoderou na presença de duas mulheres que o reconhecerão e dirão tê-lo ele empunhado antes do crime. E não pensem que tenha abandonado a arma por descuido ou precipitação... Não, atirou-a, pois foi encontrada a quinze passos do ponto onde caiu Grigory. Por que o fez? Precisamente pela amarga contrariedade que lhe causava ter matado um homem, um velho criado; atirou-o com horror, como uma arma homicida. Que outra razão poderia haver para que a atirasse tão longe? E se o acusado é capaz de sentir angústia e mágoa por ter matado um homem, não prova isto que está inocente da morte de seu pai? Se o tivesse matado não caberia no seu coração a piedade por outra vítima; os seus sentimentos teriam sido muito diferentes, não teria mais pensado em salvar-se. Que não teria andado com penas está fora de dúvida; pelo contrário, longe de perder tempo com atenções ter-lhe-ia quebrado a cabeça. Tal piedade só cabe numa consciência pura. E aqui está o caso psicológico voltado do avesso. Quis valer-me do mesmo método, senhores jurados, para demonstrar que através dele se pode provar o que se quiser. Tudo depende de quem usa o método. A psicologia conduz ao novelesco, de modo inconsciente, mesmo os homens mais sérios. Refiro-me, senhores, ao abuso da psicologia.

Um rumor de aprovação e de risos à custa do procurador perpassou na sala. Não quero entrar em pormenores do discurso, só citarei as passagens essenciais.

Capítulo 11 — Não Há Dinheiro. Não Há Roubo

Houve uma circunstância no discurso de Fetyukovitch que surpreendeu toda a gente. Negou abertamente a existência dos fatais três mil rublos, e por consequência a possibilidade de terem sido roubados.

— Senhores jurados, neste assunto chama a atenção de qualquer que não esteja prevenido uma particularidade muito característica como é a acusação do roubo de três mil rublos, ninguém sabendo que existia o volume contendo essa soma. Como o soubemos? Quem o viu? O único que afirma ter visto pôr o dinheiro no sobrescrito é Smerdyakov, o qual informou o acusado e Ivan Fedorovitch antes do dia do crime. Também a senhora Svyetlov estava ao corrente, mas nenhum dos três últimos viu até agora as notas de Banco, ninguém as viu a não ser Smerdyakov. E cabe aqui perguntar: se é certo que existiu o dinheiro e que Smerdyakov o viu, quando o viu pela última vez? O amo não podia tê-lo retirado para o guardar numa gaveta da mesa sem lhe dizer nada? Tenhamos em conta que, segundo o lacaio, as notas estavam debaixo do colchão e que o acusado não poderia tirá-las sem desmanchar a cama, pouco ou muito, e todavia a cama mantinha-se intacta conforme está registado nos autos. Como foi possível que, embora voltando a deixar a cama tal qual estava, não manchasse com as mãos ensanguentadas a roupa fina e imaculada que devia ter sido mudada naquele dia, a julgar pelas esperanças da vítima? Mas replicar-me-ão: e o sobrescrito encontrado no chão? Sim, vale a pena dizer alguma coisa a esse respeito. Há momentos o eminente promotor de justiça deixou-me surpreendido com a sua própria declaração (notem que digo «própria») de que sem o sobrescrito abandonado no chão ninguém teria sabido se existia o dinheiro e se fora cometido um roubo. Assim pois, segundo o próprio acusador, um sobrescrito rasgado e vazio é a única coisa em que se baseia a acusação de roubo, «pois sem ele ninguém teria conhecido a existência do dinheiro». Mas acaso um sobrescrito rasgado e atirado para o chão prova que nele existia certa quantia que foi roubada? Alega-se que Smerdyakov tinha visto o dinheiro no sobrescrito. Sim, mas quando, repito, quando o viu pela última vez? Ele mesmo me confessou

que tinha visto as notas dois dias antes da tragédia: mas não podia Fedor Pavlovitch, num momento de impaciência na sua nervosa espera, rasgar o sobrescrito e tirar as notas? Pode muito bem ter-lhe ocorrido esta ideia: «Vou tirar o dinheiro do sobrescrito porque talvez não acredite que contém os três mil rublos: em contrapartida, se lhe mostrar o precioso maço de notas, a sua impressão será sem dúvida maior, far-lhe-á crescer água na boca.» E rasga o sobrescrito e atira-o fora, sem que tenha qualquer interesse em escondê-lo, pois que é o dono do dinheiro. Pode acontecer coisa mais natural que esta, senhores? Por que razão não poderemos supor que aconteceu qualquer coisa no género? E então a acusação de roubo cai por falta de base, pois não havendo dinheiro não pode ter havido roubo. Se num sobrescrito vazio se quer ver a prova de que nele existiu dinheiro, porque não hei de eu sustentar o contrário, afirmando que foi encontrado vazio porque o dono havia retirado o dinheiro que nele guardava? Perguntar-me-ão onde está o dinheiro que Fedor Pavlovitch tirou do sobrescrito se as buscas da polícia não permitiram encontrá-lo em toda a casa. Responderei, em primeiro lugar, que se encontrou dinheiro numa caixa; além disso ele poderia ter desmanchado o rolo de notas pela manhã, ou na véspera, e destinar o dinheiro a outra coisa, ou enviá-lo a alguém; pode ter mudado completamente o seu plano de ação, sem necessidade de avisar Smerdyakov. E sendo esta explicação tão francamente admissível, como se concebe que tão abertamente acusem o meu constituinte de ter matado para roubar e de haver de facto roubado? Para afirmar que se roubou uma coisa não pode haver qualquer dúvida, nem do facto em si nem da existência da coisa roubada; e aqui trata-se de notas do Banco, que ninguém viu. Não há muito tempo deu-se em Petersburgo o seguinte caso: um jovem de dezoito anos, pouco mais que um garoto, entrou com um machado numa casa de câmbio, e com singular audácia matou a mulher do cambista, que olhava pelo estabelecimento, e roubou mil e quinhentos rublos. Cinco horas mais tarde prenderam-no estando de posse do dinheiro, menos quinze rublos que já gastara. O cambista informou a polícia quanto à quantia exata roubada e sobre as notas e as moedas de ouro que a constituíam. Para mais o assassino confessou o seu crime, com toda a sinceridade. A isto chamo eu provas evidentes, senhores jurados! Neste caso sabe-se da existência do dinheiro que se vê e se toca; seria inútil negar. Encontramo-nos agora no mesmo caso? E todavia fazemos dele uma questão de vida ou de morte. Bem..., dir-se-á, mas naquela noite

de orgia esbanjou o dinheiro; demonstrou-se que tinha mil e quinhentos rublos... Aonde foi buscá-los? Precisamente o facto de se terem encontrado mil e quinhentos rublos e não a outra metade demonstra que não faziam parte da mesma quantia e nunca estiveram no sobrescrito. O cálculo mais minucioso provou perentoriamente que o acusado, uma vez saído de casa de Perkotin, não entrou na sua casa, que esteve sempre acompanhado e não pôde, por consequência, esconder os mil e quinhentos rublos em parte alguma. É precisamente esta consideração que leva o acusador à suposição de que o dinheiro está escondido nalguma fenda em Mokroe. E por que não nos calabouços do castelo de Udolfo, senhores? Seria uma suposição mais gratuita e novelesca? E notem que não a aceitando é impossível manter a acusação de roubo, pois que é preciso dizer onde se encontrariam os mil e quinhentos rublos. Por que artes de magia desapareceram, se o acusado não entrou em parte alguma? E dizer que a vida de um homem está pendente de tais histórias! Dir-se-á que não explicou a procedência dos mil e quinhentos rublos, e que toda a gente sabe que ele não tinha um cêntimo nessa noite? Quem pode afirmar isso? A explicação dada pelo acusado quanto à procedência desse dinheiro é clara e simples, senhores jurados; o que ele afirma é o mais provável e o que está mais de acordo com o seu caráter. O promotor mostra-se encantado com a criação da sua fantasia: um homem sem vontade, que passa pela vergonha de aceitar três mil rublos em condições tão humilhantes, diz-nos, é incapaz de guardar metade dessa quantia; gastá-la-á, ao fim de um mês não terá uma moeda. E isto foi afirmado num tom que não admitia réplica. Mas se as coisas aconteceram de maneira muito diferente? E se desenvolvermos a novela num tipo que não seja este? Não, fizemos outra coisa; inventámos um homem completamente distinto! Dir-me-ão, talvez, que há testemunhas que viram como ele gastara certa vez os três mil rublos recebidos da sua noiva, e não podia portanto ter dividido essa quantia. Mas que testemunhas são essas? O tribunal já viu o valor que têm as suas afirmações. Todos sabem que o bocado de pão em mãos alheias parece sempre maior. Nenhuma das testemunhas contou o dinheiro, todos avaliaram a quantia à simples vista, e a testemunha Maximov viu vinte mil rublos na mão do acusado. Bem veem, senhores jurados, como a psicologia é uma arma de dois gumes. Permitam-me que me sirva do outro gume e veremos o que daí resulta. Um mês antes do crime Catalina Ivanovna confia-lhe três mil rublos para que os envie pelo correio. A

questão está em saber se este gesto de confiança se rodeou de condições tão humilhantes como quiseram fazer-nos crer. Da primeira declaração dessa senhora resultava o contrário. Da segunda declaração não ouvimos senão gritos de cólera, de vingança e de ódio longamente contido. O simples facto de que a primeira declaração foi inexata dá-nos o direito de acreditar que a segunda também o foi. O ministério público não quis, não se atreveu, segundo a sua própria confissão, a tocar neste assunto. Eu também não lhe tocarei, mas permitir-se-me-á ao menos fazer observar que se uma pessoa de tão alta educação, como é indiscutivelmente essa respeitabilíssima senhora, se uma tal pessoa, digo, se dá ao gosto de contradizer a sua primeira declaração com o fim manifesto de perder o acusado, está claro que a sua declaração não foi imparcial nem serena. E não temos o direito de suspeitar que uma mulher vingativa possa exagerar? Certamente pode ter exagerado a vergonha e o opróbrio que atribui à aceitação do seu dinheiro. Não, essa quantia foi oferecida de tal maneira que um homem leviano como o acusado podia muito bem aceitá-la, sobretudo quando esperava receber esse dinheiro de seu pai, que lho devia. Foi um gesto irrefletido, mas essa falta de reflexão é muito desculpável num homem que espera dinheiro do pai, como coisa certa, e sabe que, embora gaste o que lhe confiaram, poderá devolvê-lo. Mas o promotor não admite que nesse mesmo dia o acusado pudesse separar metade dessa quantia e guardá-la no pequeno saco. Diz-nos que isso não é próprio do seu caráter, que não tem mais sentimentos, e no entanto ele mesmo proclamou a amplíssima natureza de Karamazov, apresentando-nos a sua capacidade para abarcar simultaneamente os dois extremos mais opostos, de se elevar ao mais alto grau da magnanimidade e de mergulhar na mais profunda aviltação. Pode pois deter-se em plena orgia se o invade o sentimento oposto, e esse sentimento é aqui o amor, esse amor novo que inflamou o seu coração e que pede dinheiro para alguma coisa mais do que divertir-se com a sua amante. Se ela lhe dissesse: «Sou tua, nada quero com Fedor Pavlovitch», necessitaria dinheiro para a levar. Isso seria mais importante do que uma simples estroinice. Karamazov não podia deixar de o compreender assim. E se essa ansiedade o atormentava tão enormemente, como podemos surpreender-nos de que guardasse o dinheiro em previsão das contingências? Mas o tempo passa e Fedor Pavlovitch não lhe entrega a quantia indicada; pelo contrário, o filho informa-se de que ele se propõe usar o dinheiro para atrair a mulher

amada. «Se meu pai não me der o dinheiro», pensa, «passarei por ladrão aos olhos de Catalina Ivanovna.» E ocorre-lhe a ideia de restituir os mil e quinhentos rublos que traz suspensos do pescoço, dizendo: «Sou um patife, mas não um ladrão.» E nisto temos duplo motivo para que guardasse essa quantia como as meninas dos seus olhos, sem que tocasse no saquito e menos ainda fosse gastando o que ele continha. Por que havemos de negar ao acusado o sentimento da honra? Concordo que extraviado, concordo que errado por vezes, mas provou que o tinha em grau passional. Mas é aqui que o assunto se complica; o tormento dos ciúmes torna-se insuperável e duas questões, sempre as mesmas, se agitam no cérebro ardente do acusado: «Se restituo o dinheiro a Catalina Ivanovna, onde encontrar os meios para fugir com Gruchenka?» Os seus desaforos, as suas bebedeiras, as suas turbulentas desordens na taberna, talvez não devam atribuir-se a outra causa senão ao amargo sofrimento pelo qual a sua alma passou durante o último mês. A tal grau de acuidade chegaram as suas angústias espirituais, que o conduziram por fim a um estado de desespero. Então envia o irmão para pedir esses três mil rublos pela última vez, mas sem paciência para esperar a resposta rompe com tudo e acaba por maltratar o pai diante de testemunhas. Depois disto renuncia a toda a esperança; o pai já não lhe dará nada, depois de ter recebido tal ultraje. Nessa mesma noite bate no peito, precisamente na parte superior, onde tinha a bolsa com o dinheiro, jurando diante do irmão que tem a possibilidade de não ser um miserável, mas que continuará a sê-lo porque pressente que não usará essa possibilidade por falta de caráter, porque não terá forças para isso. Por que razão o acusador recusa o testemunho de Alexey Karamazov, tão sinceramente formulado, tão espontâneo, e em contrapartida quer que acreditemos no dinheiro escondido numa fenda nos calabouços do castelo de Udolfo? Ainda na mesma noite, depois da entrevista com o irmão, o acusado escreve uma carta fatal, e essa carta é-nos apresentada como a principal, a mais decisiva prova do roubo! «Pedirei dinheiro a toda a gente, e se não mo derem irei matar o meu pai e tirarei o sobrescrito que está atado com uma fita cor-de-rosa debaixo do colchão, quando Ivan tiver partido.» Um programa completo do assassínio, foi-nos dito, o que prova ter sido ele o criminoso. «Foi executado tal como estava escrito!», afirma o acusador. Em primeiro lugar a carta é de um homem ébrio, escrita num estado de extraordinária exaltação. Em segundo lugar fala do sobrescrito apenas por referências de Smerdyakov, pois que o

acusado nunca o viu. Então, embora sem dúvida tenha escrito isso, quem nos prova que o tenha realizado? Foi buscar o sobrescrito debaixo do colchão? Encontrou o dinheiro? Existia apenas esse dinheiro? Lembrem-se de que o acusado não correu a casa de seu pai em busca do dinheiro, mas que se precipitou de repente, doido de ciúmes, em busca da mulher que era a causa dos seus tormentos. Não corria certamente para executar um programa, não para realizar o que escrevera, não foi o gesto de um roubo premeditado, mas sim uma corrida louca, súbita, espontânea, acicatada por toda a fúria dos ciúmes. Bem..., dir-me-ão, mas quando chegou e matou o pai recolheu também o dinheiro. Mas... acaso ele matou o pai? Eu recusava indignado a acusação de roubo, porque não há o direito de acusar alguém de roubo se não se pode indicar claramente o que roubou; isto é um axioma. Mas já que roubou, matou realmente o pai? Está demonstrado? Não é também uma ficção?

Capítulo 12 — E Também Não Há Assassínio

— Permitam que lhes recorde, senhores jurados, que se trata da vida de um homem, entregue à vossa prudência. Ouvimos a acusação dizer que até ao último dia, até hoje, tinha duvidado em admitir a premeditação, mas que essa carta fatal dissipara todas as dúvidas, como um programa antecipadamente fixado: «Tudo foi executado como estava escrito.» Eu continuarei a repetir que o acusado apenas foi a casa de seu pai para saber onde se encontrava a sua amada. Isto é indiscutível. Se ela tivesse estado em casa ele teria permanecido a seu lado e a execução do programa não seria levada a cabo. Ele correu movido pelas circunstâncias, sem anterior propósito, e decerto não se recordaria da sua carta de bêbedo, «apoderou-se do pilão do almofariz», disse-se. Recordo isso e não poderei esquecer o monumento de psicologia que se baseou nesse utensílio, como arma para quebrar uma cabeça, etc. Mas agora ocorre-me uma ideia trivial: que teria acontecido se esse objeto, em vez de ter ficado esquecido no lugar onde o acusado pôde apanhá-lo, tivesse estado num armário? Não o teria visto e teria saído sem arma, com as mãos vazias, e seguramente não teria ferido quem quer que fosse. Como, pois, podemos ver nisto uma prova de premeditação? Mas Dmitri, nas tabernas, fala em matar o pai, e dois dias antes veem-no quieto, preocupado e unicamente se desentende com um lojista porque um Karamazov não pode realmente deixar de ser desordeiro. Responderei que, se verdadeiramente tivesse tomado tal decisão, não só não teria armado desordem com um lojista como até não se teria mostrado nas tabernas, pois quem premedita um crime não deseja chamar as atenções, cala-se e procura um retiro, já não por cálculo, mas por instinto. Senhores jurados, o método psicológico é uma arma de dois gumes, posta também ao nosso alcance. Como se essas ameaças que ele grita nas tabernas não fossem iguais às das crianças e dos bêbedos, a quem com frequência ouvimos gritar: «Eu mato-te! Eu mato-te!» sem que matem alguma vez alguém. E essa carta? Acaso não é o mesmo grito do ébrio? Não é a mesma fanfarronada que sai das tabernas: «Eu mato-te! Eu mato-te!» Por que razão não há de ser isso? Que motivos há para chamar «fatal»

a essa carta em vez de a chamar «ridícula»? Porque o pai foi encontrado morto, porque uma testemunha viu o acusado fugir com uma arma na mão e foi agredida com ela. Para mais tudo havia sido feito como estava escrito; assim a carta não é «ridícula», mas sim «fatal». E aqui chegamos, graças a Deus, a um ponto de verdadeiro interesse: «Visto que ele estava no jardim, decerto matou.» Nestas poucas palavras, «visto que ele estava» e «decerto», se baseia toda a acusação do promotor. E se verificarmos que o «decerto» não se refere a ele, embora ele lá estivesse? Ah! Concordo em que é muito tentador esse encadeamento de testemunhas e de circunstâncias. Mas examinemos os factos separadamente, prescindindo de conexões. Por que razão, por exemplo, repele o ministério público a verdade da declaração do acusado, quando nos diz que fugia da janela? Recordemos o tom sarcástico que empregou a tal respeito, para os sentimentos de piedade que despertaram no acusado. Por acaso não pode haver alguma coisa de temor religioso, se não de respeito filial? «Minha mãe devia rogar por mim nesse momento», disse o acusado nas suas primeiras declarações; e por isso se retira, uma vez convencido de que a senhora Svyetlov não está com o pai. «Mas ele não podia convencer-se olhando apenas pela janela», replica o acusador. E por que razão não podia? Porquê? A janela abriu-se quando o acusado fez o sinal; Fedor Pavlovitch pode ter deixado escapar alguma palavra, alguma exclamação pela qual o acusado deduzisse que ela não estava ali. Por que havemos de pretender que tudo aconteceu como imaginamos ou como desejamos que acontecesse? Na realidade podem acontecer mil coisas que escapam à mais subtil imaginação. Mas Grigory viu aberta a porta da casa, o que prova que o acusado esteve lá dentro e portanto cometeu o crime. Pois ocupemo-nos dessa história da porta, senhores jurados... Tenhamos presente que isso da porta só o afirma uma testemunha e que essa testemunha se encontra num estado que... Mas admitamos que a porta estava aberta, admitamos que o acusado mente ao negá-lo, por um instinto defensivo compreensível na sua situação; suponhamos que entrou na casa... Bem, e que se passou? Conclui-se que, porque esteve lá dentro, cometeu o crime? Podia precipitar-se, correr por todos os compartimentos, empurrar o pai, mesmo derrubá-lo, mas vendo que não estava ali quem ele procurava, podia ir-se embora contente por não a ter encontrado e por não ter matado o pai. E talvez por se ter libertado da tentação, porque em consciência se alegrava de não o ter matado, sente-se inclinado à piedade

depois de ferir Grigory num momento de excitação. Com formidável eloquência o acusador descreveu-nos o espantoso estado de espírito em que se encontra o acusado em Mokroe, quando o amor se lhe oferece chamando-o para uma vida nova, precisamente quando esse amor se lhe torna impossível por se interpor o corpo ensanguentado do pai e o merecido castigo. Não obstante ainda lhe concede o sentimento do amor e justifica-o segundo o seu método, falando-nos do estado de embriaguez, comparando-o à esperança do condenado ainda longe do lugar da execução, etc. Mas de novo lhe pergunto, senhor delegado do ministério público: não inventou uma nova personalidade? Será o acusado tão grosseiro e insensível que possa em tais momentos pensar no amor, e em maquinar um plano de fuga, tendo as mãos manchadas com o sangue do pai? Não, não e não! Quando viu claramente que ela lhe correspondia e o chamava para o seu lado, prometendo-lhe uma nova felicidade... então afirmo com toda a minha alma que deveria ter sentido redobrado, triplicado o impulso do suicídio, e que se teria matado se sobre a sua consciência pesasse a morte de seu pai. Ah, não! Não teria esquecido onde estavam as suas pistolas! Conheço o acusado: a ferocidade, a insensibilidade que lhe atribui o ministério público não estão de acordo com o seu caráter. Estariam se tivesse matado, sem dúvida. Se não o fez foi porque os rogos de sua mãe o salvaram e está inocente da morte do pai. Estava consternado, não o deixava viver, nessa noite, a recordação de Grigory, e não cessava de rogar a Deus para que o ancião se salvasse, que o golpe não tivesse sido fatal e lhe fosse poupado o cálice dessa amargura. Por que não aceitar a verdade destes factos? Que prova sólida temos de que o acusado minta? Mas de novo me dirão: «Foi ali encontrado o cadáver do pai.» Se ele fugiu sem o matar, quem o matou? Está nisto toda a lógica da acusação. Quem o matou, se não foi ele? Não resta mais ninguém. Senhores jurados... é verdade, é uma certeza positiva que não resta ninguém? O ministério público contou pelos dedos as cinco pessoas que nessa noite estavam na casa do crime. Das cinco, dou por admitido que se possam afastar três de toda a suspeita: a vítima, o velho Grigory e a mulher deste. Ficam, portanto, o acusado e Smerdyakov, e o promotor exclama em tom dramático que o acusado aponta Smerdyakov porque não tem uma sexta pessoa a indicar, pois se houvesse uma sexta pessoa ou sequer a sombra de uma pessoa teria abandonado a ideia de imputar o crime a Smerdyakov para o imputar a essa outra. Mas, senhores jurados,

por que razão não tirarei eu a conclusão contrária? Há duas pessoas: o acusado e Smerdyakov. Não posso dizer que se incrimina o meu constituinte por não haver outro a quem incriminar? E não há outro porque excluíram Smerdyakov de toda a suspeita. É verdade que Smerdyakov só é acusado pelo meu cliente, os seus dois irmãos e a senhora Svyetlov. Mas ainda há outros que o acusam: são os rumores que correm sobre certo assunto, sobre certa suspeita vaga, certos murmúrios que já é impossível pôr a claro, certa expectativa do público; são, além disso, várias circunstâncias muito curiosas, embora eu reconheça que não podem levar-nos a conclusão alguma; existe ainda esse ataque de epilepsia, precisamente naquele dia, cuja autenticidade o promotor se viu obrigado a defender cuidadosamente; temos o suicídio de Smerdyakov na véspera do julgamento; depois a declaração repentina do irmão do acusado, que acreditava na culpa de Dmitri e nos traz as notas de banco declarando que Smerdyakov é o assassino. Oh! Aceito a convicção do tribunal e do ministério público de que Ivan Karamazov está doente e a sua declaração pode ser um esforço desesperado, concebido no seu próprio delírio, para salvar o irmão lançando as culpas sobre um morto. Mas ainda aparece o nome de Smerdyakov, isso ainda dá motivo para pensar que há aqui um segredo, alguma coisa que ficou incompleta, alguma coisa que não se explica e que talvez seja esclarecida a seu tempo. Não pretendo decifrar o mistério, é para o tempo que apelo. Embora o tribunal tenha resolvido que prossiga o julgamento, quero permitir-me algumas observações sobre o caráter do lacaio que tão boa ocasião deu ao promotor para mostrar o seu talento. Eu admiro o seu talento, mas não posso concordar com ele. Visitei Smerdyakov, vi-o e falei com ele, e causou-me uma impressão muito diferente. Era um homem de saúde débil, mas o seu caráter e a sua inteligência não eram tão débeis como o procurador pretendeu fazer-nos crer. Não encontrei nem vestígios dessa timidez sobre a qual tanto insistiu; nada tinha de coração simples; pelo contrário, descobri nele uma exagerada desconfiança, escondida sob a máscara da ingenuidade e uma compreensão nada comum. Posso concretizar bem a impressão que me causou: fiquei convencido de que era uma criatura desdenhosa, de uma ambição extrema, vingativo e enormemente invejoso. Procurei informar-me. Incomodava-o a sua origem, envergonhava-o, cerrava os dentes quando se lhe recordava que era filho de Lizaveta, a hedionda; não sentia o menor respeito por Grigory nem pela mulher, que tinham cuidado dele na

sua infância. Desprezava a Rússia e até troçava dela. Sonhava com ir para França e naturalizar-se francês, e dizia que tinha os meios para isso. Creio, e com fundamento, que não amava ninguém além de si mesmo, e que se tinha em alta conta. A sua cultura reduzia-se às camisas de peitilho branco e às botas engraxadas. Considerando-se filho natural de Fedor Pavlovitch, pôde comparar com amargura a sua posição com a dos outros filhos de seu pai. Esses teriam tudo, ele nada, continuaria a ser um deserdado, um triste cozinheiro. Contou-me que havia ajudado o amo a meter os três mil rublos no sobrescrito. O destino dessa quantia, com a qual ele poderia abrir caminho, era-lhe odioso, decerto. Por outro lado via três mil rublos em flamantes notas de Banco (eu interroguei-o adrede sobre esse ponto). Que perigoso é mostrar a um ambicioso uma soma tão considerável! Nunca tinha visto tanto dinheiro nas mãos de um homem. A vista das notas pode ter excitado a sua imaginação de uma maneira mórbida, embora não de resultado imediatos. O douto procurador desenhou-nos com extraordinária maestria o esquema de quantos argumentos se podem aduzir a favor da não culpabilidade de Smerdyakov, e perguntou-nos que motivos tínhamos para acreditar num ataque fingido. Pode não ter fingido; a crise epilética pode ter-se apresentado naturalmente, e naturalmente ter passado, permitindo ao doente recuperar-se, se não de maneira completa, mas até retomar consciência, como acontece aos epiléticos. Pergunta a acusação em que momento poderia Smerdyakov praticar o crime. É muito fácil indicar o momento. Pode ter despertado do sono profundo (pois a um ataque epilético se segue sempre um sono profundo) quando o velho Grigory bradou com toda a sua alma: «Parricida!» Este grito na noite pode ter despertado Smerdyakov, cujo sono já não devia ser profundo uma hora antes. Deixando o leito, sai num estado de quase inconsciência e sem propósito determinado para ver o que se passa. Ainda não sente a cabeça desanuviada, as suas faculdades ainda se encontram um tanto embotadas; mas, já no jardim, dirige-se para a janela iluminada e escuta alguma coisa espantosa, dita pelo amo que, naturalmente, fica contente ao vê-lo. Reage de momento ao saber o sucedido e na sua mente germina uma ideia terrível mas sedutora, irresistível, lógica. Matar o velho, tirar os três mil rublos e lançar as culpas do crime sobre o amo jovem. A cobiça do ouro, da presa, agita o seu espírito ao compreender a impunidade. Oh! Com quanta frequência surgem tais impulsos quando se apresenta uma oportunidade favorável, especialmente naqueles que nunca tiveram

intenções de matar. O lacaio pode ter entrado em casa do patrão e executar o seu plano. Com que arma? Com a primeira pedra que lhe viesse à mão, no jardim. Com que fim? Os três mil rublos representam para ele a realização dos seus desejos. Ah! Eu não me contradigo: este dinheiro podia existir e talvez Smerdyakov soubesse onde encontrá-lo. E o invólucro... o sobrescrito rasgado, no chão? Há momentos, quando o promotor afirmava que só um ladrão inexperiente como Karamazov podia deixar o sobrescrito no chão, coisa que Smerdyakov não faria pois teria evitado deixar rastros do seu crime, eu pensava estar a ouvir alguma coisa que já conhecia antes, e à fé de homem honrado posso garantir que essa conjetura sobre o comportamento de Karamazov me foi exposta há dois dias pelo próprio Smerdyakov. Mais ainda, isso pôs-me em guarda. Suspeitei de que era uma artimanha do lacaio, que tinha demasiado empenho em me sugerir essa ideia para que eu a tivesse como minha. Insinuou-ma cinicamente, por assim dizer. Não a teria insinuado, sugerido também, ao ilustre promotor? «Mas... e a velhota, a mulher de Grigory?», dirão. «Esteve a ouvir toda a noite os gemidos do doente.» Sim, ouviu-os; mas este testemunho é pouco digno de confiança. Conheço uma senhora que se lamentava amargamente por ter estado acordada toda a noite com os ladridos de um cão, um cão que só tinha ladrado duas ou três vezes. E é natural. Quando uma pessoa dorme e se produz um ruído, acorda irritada, mas volta a adormecer em seguida: ao cabo de duas horas é despertada por outro ruído, e isto acontece três vezes durante a noite. Pois bem, podem ter a certeza de que, no dia seguinte, essa pessoa se queixará de um ruído que não a deixou dormir. E assim lhe deve parecer, porque não se recorda das horas de sono, mas só dos momentos em que esteve acordada, os quais, para ela, são como se não tivesse dormido em toda a noite. «E porquê?», pergunta o promotor. «Smerdyakov não confessou na sua última carta? Por que razão a sua consciência o leva a dar um passo e não dois?» Mas permitam-me... a consciência implica arrependimento e o suicida pode sentir-se desesperado e não arrependido. O desespero e o arrependimento são duas coisas muito diferentes. O desespero pode ser acompanhado pela vergonha e pela impenitência, e o suicida, ao acabar com a sua vida, pode odiar ainda mais aqueles a quem sempre invejou. Senhores jurados: cuidado com um erro judiciário! Que há de inconveniente no que tenho exposto? Vejam se me engano; mostrem-me um absurdo, uma impossibilidade. Mas se há uma sombra de verosimilhança, de

probabilidade nas minhas considerações, não condenem o acusado. E há apenas uma sombra? Juro-lhes pelo que tenho de mais sagrado que acredito plenamente na explicação que dei do assassínio. O que me aflige e indigna é que, não sendo certa nem irrefutável uma só das acusações que o promotor amontoa sobre a cabeça do acusado, possa o infeliz sucumbir sob uma acumulação de factos. Sim, o conjunto de factos é horrível: o sangue, os dedos que pingam sangue, a camisa ensanguentada, o silêncio noturno rasgado pelo grito de «parricida!», o velho servidor que cai com a cabeça quebrada; e depois o tropel de frases rotundas, de afirmações, de gestos, de gritos... Oh! Tudo isso é bastante para fazer vacilar o pensamento mais equilibrado; mas, senhores jurados, é também bastante para que os senhores vacilem? Recordem-se de que se lhes concede um poder absoluto para perdoar e condenar, mas com um maior poder vem uma maior responsabilidade. Não tiro uma só letra de quanto tenho dito, mas suponhamos por um momento que o meu infeliz cliente manchou as suas mãos com o sangue do pai. Isto só como hipótese, repito, pois nunca duvidei, nem por um instante, da inocência do meu defendido. Deixemos isto bem assente e vamos supor que o acusado é culpado de parricídio. Mesmo assim, escutem o que tenho para lhes dizer. Quero falar-lhes do fundo do meu coração, porque pressinto que está a estabelecer-se um conflito entre o vosso coração e a vossa inteligência... Permitam-me, senhores jurados, que me dirija ao vosso coração e à vossa alma, sem deixar de ser verdadeiro e sincero até ao fim, como é meu propósito. Sejamos todos sinceros!

Neste ponto do discurso soaram ruidosos aplausos. Haviam sido ditas com tal sinceridade as últimas palavras que todos pensaram que ia afirmar alguma coisa de grande importância e de consequências incalculáveis. O presidente ameaçou fazer prosseguir o julgamento à porta fechada se o incidente se repetisse, e tudo ficou em silêncio menos a voz de Fetyukovitch, que continuou com uma emoção mais funda e um tom diferente do que até então tinha usado.

Capítulo 13 — A Letra e o Espírito

— Não é apenas o conjunto dos factos que ameaça perder o meu cliente, senhores jurados; é sobretudo uma coisa: o cadáver do seu pai. Se se tivesse tratado de um simples assassínio, eu teria repelido a acusação, em vista da sua escassa consistência, por incompleta, pelo caráter fantástico da prova testemunhal e até dos próprios factos, tão improváveis quando examinados um a um, ou pelo menos condenaríeis um homem por antipatriota, por antipatia, que eu sou o primeiro a reconhecer que mereceu. Mas este não é um caso vulgar de assassínio, trata-se de um parricídio, e tal crime produz tão grande efeito no espírito que a declaração mais trivial e incompleta adquire importância, mesmo no espírito do homem mais sereno. Como pode ser absolvido o acusado de tal crime? E se tivesse cometido o assassínio e ficasse impune? Eis aqui o que diz, involuntária e instintivamente, o coração de cada um. Sim, é uma coisa abominável derramar o sangue de um pai, do pai que nos pôs no mundo, que nos amou, que nunca se afastou do nosso lado, que sofreu ao ver-nos doentes, que se dedicou à nossa felicidade, que viveu das nossas alegrias e dos nossos êxitos. Senhores jurados, assassinar tal pai é inconcebível! Que é um pai, um verdadeiro pai? Que significação tem esta palavra? Qual é a ideia imensa que este nome sugere? Já dissemos o que é e deve ser um verdadeiro pai. Mas no caso que tão atentamente nos ocupa e pelo qual choram os nossos corações... no caso presente, Fedor Pavlovitch Karamazov não correspondia ao conceito de pai a que nos referimos. Esta é a desgraça (pois por vezes os pais também são uma desgraça). Examinemos de perto esta desgraça: não recuaremos diante seja do que for, senhores jurados; considerada a importância da decisão que ides tomar, é vosso dever não recuar ante qualquer ideia, como as crianças e as mulheres medrosas, conforme a feliz expressão do douto promotor. No decorrer da sua fogosa peroração, o meu estimado antagonista (declarou-se como tal antes de eu abrir a boca) exclamou várias vezes: «Oh, não! Não deixarei a defesa do acusado ao defensor vindo de Petersburgo. Eu acuso, mas também defendo!» Várias vezes soltou esta

exclamação, mas esquecendo-se de fazer notar que, se o acusado pôde mostrar-se agradecido, ao cabo de vinte e três anos, por um punhado de nozes que lhe deu um homem compadecido da sua infância abandonada, não podia também esquecer, esse homem generoso, ao fim de vinte e três anos, como a criança andava pelo pátio onde o pai o tinha a distância, «com os pés descalços e os calções seguros por um botão», segundo a exata descrição que dele nos fez o bom senhor Herzenstube. Ó senhores jurados, que necessidade temos de examinar mais de perto essa desgraça ou de repetir o que já é de todos conhecido? Se sabemos o que encontrou o meu cliente ao chegar a casa de seu pai... com que direito o representamos como um egoísta sem coração, como um monstro? É um bárbaro, um desenfreado, um libertino... mas de quem é a culpa? A quem se deve que tenha sido criado de maneira tão inconveniente, apesar das suas disposições excelentes e dos seus sentimentos ternos e agradecidos? Alguém cuidou em dar-lhe uma educação sensata? Alguém o amou, por pouco que fosse, na sua infância? O meu cliente ficou abandonado ao Deus dará, como um animal dos campos. Talvez tivesse grande desejo de ver o pai ao fim de tantos anos de separação. Talvez mil vezes, pensando no tempo passado, tenha afastado os fantasmas repugnantes da sua infância e de todo o coração desejasse abraçar o pai e perdoar-lhe! E que o esperava? É recebido com troças cínicas e disputas sobre dinheiro, em cada dia apenas ouve conversas que revoltam a alma e conselhos torpes murmurados sob a influência do álcool, e por fim vê o pai tentando seduzir a mulher a quem ele ama, com o dinheiro que lhe tira. Ó senhores jurados! Isto é cruel e repugnante! E ainda se queixa, esse pai, em toda a parte, da falta de respeito do filho e o acusa, o injuria, o calunia diante da sociedade, e ainda trata de que metam o filho na prisão. Senhores jurados, os homens dissolutos, arrebatados e indómitos como o meu cliente, são com frequência, no fundo, os mais sentimentais, os de coração mais terno, embora não o manifestem. Não riam, não riam do que estou a dizer-lhes! O talentoso promotor troçava impiedosamente do acusado pelo seu gosto por Schiller... pelo seu amor pela beleza e pelo sublime! Eu não teria troçado. Estes caráteres (oh, deixem-me fazer a apologia destes carateres que, tão lamentavelmente incompreendidos, passam com frequência ao nosso lado) sentem sede de ternura, de bondade, de justiça, a despeito do seu desvairamento e da sua brutalidade, de uma forma inconsciente. Apaixonados e cruéis são capazes de amar a mulher até ao sofrimento,

com o mais excelso dos amores. Não riam, repito, este é um caso frequente em homens de tal caráter. Mas sucede também que não podem ocultar a sua paixão (que exteriorizam por vezes de modo grosseiro) e é isso o que ressalta aos nossos olhos que não podem ver o íntimo desses homens. As suas paixões são arrebatadas, portanto efémeras; mas junto de uma criatura nobre e virtuosa, tais homens, aparentemente grosseiros e tempestuosos, conseguem mudar de vida, querem tornar-se melhores, corrigir-se, chegar a ser nobres e honrados, elevar-se à beleza, ao sublime... embora esta expressão tenha sido ridicularizada. Eu disse que não me permitiria examinar as relações do meu cliente, mas ainda posso dizer duas palavras. O que ouvimos há pouco não é um testemunho, mas sim os gritos de vingança de uma mulher enfurecida que se traía a si mesma ao lançar em cara, ao acusado, a sua deslealdade. Se tivesse tido tempo para refletir, não teria feito tal declaração. Não acreditem. O meu cliente não é um monstro como lhe chamaram! Dizia aquele que amava a humanidade, em vésperas de ser crucificado: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor entrega a sua vida pelas suas ovelhas, para que nenhuma delas se perca.» Não deixemos que se perca esta alma! Perguntei-lhes o que significa a palavra «pai» e estamos de acordo em que é uma palavra de imenso sentido, um nome precioso. Mas temos de ser honestos até na linguagem, senhores, e usar as palavras segundo o que significam. Pais como o velho Karamazov não podem chamar-se assim, porque não o merecem. O amor filial por um pai indigno é impossível e absurdo. Do nada não se pode criar amor, só Deus pode criar a partir do nada. «Pais, não provoqueis a ira dos vossos filhos», escreve o apóstolo com o coração ardente de amor. Eu não cito este preceito pelo meu cliente, recordo estas palavras divinas pensando em todos os pais. Quem me autoriza a pregar aos pais? Ninguém. Apelo para eles com os meus direitos de cidadão: *vivos voco!* A nossa vida sobre a terra é breve e está cheia de más obras e de más palavras. Aproveitemos pois este momento que nos reúne, esta ocasião, para dizermos ao menos uma palavra edificante. É isso o que faço: enquanto ocupar este lugar, quero aproveitar as vantagens que me oferece. Não é em vão que a suprema autoridade põe à nossa disposição esta tribuna. Toda a Rússia nos escuta! Não me dirijo apenas aos pais aqui presentes, grito a todos os pais: «Pais, não provoqueis a ira dos vossos filhos.» Cumpramos primeiro nós os mandamentos de Cristo, e só então poderemos pretender que os nossos filhos os cumpram. De contrário não

seremos pais, mas inimigos dos nossos filhos, e eles não serão filhos, mas inimigos de seus pais. «Na medida com que medirdes sereis medidos...» e não sou eu quem o diz, é o Evangelho que nos dá o preceito de como medir o próximo com a medida que queremos para nós. Como pode culpar-se um filho que nos mede com a medida que usamos para ele? Não há muito, na Finlândia, suspeitou-se de que uma criada havia dado à luz clandestinamente. Uma busca na casa deu como resultado a descoberta de um caixote, escondido com tijolos num ângulo do sótão, onde se encontrou o cadáver de uma criança recém-nascida e os esqueletos de outras duas a que, segundo a confissão da própria mulher, ela matara ao nascerem. Senhores jurados. Essa mulher foi mãe para os seus filhos? É certo que os pariu, mas quem se atreveria a dar-lhe o sagrado nome de mãe? Sejamos valentes, senhores, sejamos audazes; é necessário que o sejamos neste momento sem que nos espantem, como às mulheres moscovitas da comédia de Ostrovsky, o som de certas palavras. Provemos que assimilámos algo dos progressos destes últimos cinco anos, e digamos francamente que não se é pai por engendrar filhos, mas sim pelo cumprimento dos deveres paternais. Oh! Demasiado sabemos que a palavra pai tem outra aceção e que há quem afirme que um pai, ainda que seja um monstro, ainda que seja inimigo declarado dos seus filhos, não deixa de ser pai porque os fez. Mas isso já entra na ordem religiosa como um símbolo que a minha inteligência não compreende embora possa aceitá-lo pela fé, ou melhor, como coisa de fé, como outras tantas coisas que não compreendo, mas nas quais a religião me manda crer. Neste caso afastamo-nos da esfera da vida real, e na vida real, que tem as suas regras próprias e os seus deveres e obrigações, se queremos ser humanos ou cristãos de facto, é necessário agirmos sobre convicções justificadas pela razão e pela experiência, que tenham passado pelo crisol da análise; devemos, numa palavra, agir racionalmente e não como num sonho ou num pesadelo, se não queremos prejudicar, maltratar, perder um homem. Assim realizaremos a obra de Cristo, não só no seu aspeto místico como no racional e filantrópico...

Uma trovoada de aplausos cortou o discurso nesta altura, mas Fetyukovitch agitou as mãos pedindo que o deixassem acabar sem interrupções. O silêncio fez-se novamente, e o orador continuou.

— Pensam, senhores, que os nossos filhos podem deixar de meditar sobre isto logo que chegam à idade da razão? Não podem e seria em vão

que tentaríamos evitar isso. Ante um pai indigno, um rapaz sente-se involuntariamente atormentado por atrozes pensamentos, sobretudo quando pode compará-lo com os bons pais dos seus companheiros. E, à maneira de satisfação, dá-se-lhe esta resposta convencional: «Ele fez-te, és do seu sangue e portanto deves amá-lo.» Mas o adolescente reflete: «Ele amava-me, por acaso, quando me fez? Desejava ter-me, com amor? Ignorava-me, nem sequer sabia, então, qual seria o meu sexo; que sabia ele, se naquele momento não pensava talvez senão em satisfazer o seu instinto brutal por impulso do álcool, transmitindo-me uma tendência para a embriaguez... Isso foi tudo o que ele fez por mim... E terei de amá-lo só porque me deu o ser, se depois não quis saber de mim para nada?» É possível que estas perguntas lhes pareçam grosseiras e até cruéis, mas não esperem que uma mente juvenil se detenha seja por que razão for. O que é natural pode ser atirado pela janela, que volta sempre. E, sobretudo, não façamos caso de vocábulos mais ou menos empolados, e decidamos o assunto segundo os ditames da razão e do sentimento humano, e não guiados por ideias místicas. Como devemos proceder? Assim: que o filho encare o pai e lhe pergunte: «Diz-me, pai, por que razão devo amar-te? Prova-me que é esse o meu dever.» Se o pai responde apresentando provas com boas razões, temos uma família normal, não fundada sobre um preconceito religioso, mas sobre bases razoáveis e humanas. No caso contrário temos a quebra dos laços familiares. O pai não é pai e o filho fica livre para, no futuro, o considerar como um estranho ou mesmo como um inimigo. A nossa tribuna, senhores jurados, deve ser uma escola de verdadeira e sã doutrina.

Aqui o orador foi outra vez interrompido pelos aplausos entusiásticos de grande parte do auditório. Eram pais e mães que exprimiam assim a sua emoção. Na galeria das senhoras ouviam-se gritos, agitavam-se lenços no ar e o presidente tocava desesperadamente a campainha sem se atrever a tomar uma resolução. Pessoas respeitabilíssimas, com galões na manga, que ocupavam lugares de honra por detrás dos juízes, também aplaudiam e acenavam com os lenços. Quando o barulho cessou, o presidente limitou-se a repetir a ameaça de fazer evacuar a sala e Fetyukovitch, excitado e triunfante, continuou.

— Senhores jurados, voltemos à terrível noite em que esse filho, depois de saltar a paliçada, se encontra frente a frente com o inimigo que o trouxe ao mundo. Insisto mais do que nunca em que não ia roubar, essa

acusação é absurda como já o aprovei. Também não correra ali para matar, pois se tivesse tido essa intenção ter-se-ia munido de uma arma e não de um utensílio de cozinha de que se apoderara instintivamente, sem saber porquê. Admitamos que enganou o pai fazendo os sinais combinados e se introduziu assim no aposento dele (já afirmei que nem por um momento aceitava esta lenda, mas estamos no terreno das hipóteses). Senhores, juro-lhes pelo que há de mais sagrado que, se não se tratasse do pai, mas sim de um inimigo qualquer, teria saído como entrou, depois de revistar todos os cantos para se convencer de que «ela» não estava ali, sem fazer qualquer mal ao seu rival. Poderia empurrá-lo de passagem, bater-lhe se ele se lhe pusesse em frente, mas nada mais, porque não tinha tempo para mais. Desejava apenas saber se ela estava ali, e mais nada. Mas é o pai, o pai! A vista daquele pai que o odiava desde criança, que o perseguira e agora se convertia contra a natureza em seu rival, era bastante. Uma onda de furor involuntário invade-o, cega-o, impele-o. E o momento em que se lhe apresenta de súbito toda a repugnante situação! Um arrebatamento de cegueira, de loucura, mas de todos os modos um arrebatamento, um impulso natural, irresistível, inconsciente (como todas as forças da natureza que tende a vingar a violação das leis eternas). Mas nem então o matou (mantenho-o e afirmo-o bem alto!) Não! Sob o ímpeto da indignação levantou um instrumento, num gesto de ameaça e de desprezo, sem querer matar, sem saber se mataria. Se não empunhasse o pilão do almofariz, talvez tivesse derrubado o pai, mas não o mataria. Ao fugir, não sabe se matou o velho. Isto não é um assassínio, isto não é um parricídio, porque o assassínio de semelhante pai não pode ser chamado parricídio. Só por preconceito pode ser admitido o parricídio neste caso. De novo me dirijo à vossa consideração desde o mais fundo da minha alma; pode, hoje em dia, ter-se em conta este assassínio? Senhores jurados, se o condenarmos e castigarmos, dir-nos-á: «Esta gente nada fez para criar-me, para educar-me, para evitar a minha sorte, para corrigir-me, para que eu fosse um homem. Essa gente não me alimentou, não saciou a minha sede, não me visitou na prisão e na miséria, e agora enviam-me para trabalhos forçados. Estou quite, nada lhes devo, nem a eles nem a ninguém. Eles são maus, eu serei mau; são cruéis, eu serei cruel.» Isto é o que ele dirá, senhores jurados, e eu juro que condenando-o aliviareis a sua consciência; amaldiçoará o sangue que derramou e não se arrependerá por isso; destruireis nele toda a possibilidade de que se converta num homem novo,

abandoná-lo-eis à sua maldade e à sua cegueira durante toda a vida. Mas quereis castigá-lo da maneira mais espantosa, infligindo-lhe o tormento maior que se possa imaginar, ao mesmo tempo que salvais e regenerais a sua alma? Sendo assim, esmagai-o com a vossa misericórdia! Vereis como treme, horrorizado, e exclama: «Como posso suportar tal piedade? Como posso suportar tanto amor? Sou digno, por acaso?» Oh! Eu conheço esse coração, coração selvagem, mas nobre, senhores jurados, que se humilhará ante a vossa misericórdia; tem sede de amor, e no vosso ato de amor se fundirá como num crisol, para sempre. Há almas que na sua limitação culpam toda a gente. Mas submetei-as com piedade, mostrai-lhes amor e abominarão o seu passado, já que todas têm impulsos generosos, e abrir-se-ão vendo que Deus é misericordioso e que os homens são justos e bons. Ele ficará como aturdido, esmagado pelo remorso e pelo imenso dever que o futuro o obriga a cumprir. Já não dirá: «Estamos quites», mas sim: «Sou culpado aos olhos de todos os homens, e o mais indigno.» Com lágrimas de arrependimento exclamará: «Outros melhores do que eu me salvaram quando estive prestes a perder-me!» Oh! Como vos é fácil esta misericórdia, tanto quanto, faltando qualquer prova verosímil, seria terrível para vós pronunciar: «Sim, é culpado.» Mais vale libertar dez culpados do que condenar um só inocente! Não ouvis a voz majestosa que nos chega do século passado da nossa gloriosa história? Não sou eu, criatura insignificante, quem deve recordar-vos. que o tribunal russo não existe apenas para castigo dos culpados, mas também para a sua redenção! Deixemos que outros povos pensem em aplicar à letra a lei, e consideremos nós o seu espírito e o seu significado: a salvação e reforma do extraviado. Se isto é verdade, se a Rússia e a sua justiça são assim, que sigam para diante, e em boa hora. Não nos espantam as desbocadas *troikas* a cuja passagem as nações se afastam repugnadas. Não será a *troika* desvairada, mas sim o imponente carro triunfal da Rússia que avançará majestosamente até alcançar a meta. Nas vossas mãos está o destino do meu cliente. Nas vossas mãos está a sorte da justiça russa. Vós a defendereis, vós a salvareis, vós demonstrareis que há homens que velam por ela, que está em boas mãos!

Capítulo 14 — Os Camponeses Mantêm-se Firmes

Quando Fetyukovitch terminou assim a sua peroração, o entusiasmo do público desencadeou-se como uma tempestade avassaladora. Não havia maneira de acalmar; choravam as mulheres, muitos homens também, cavalheiros graves limpavam lágrimas de emoção. O próprio presidente se submeteu, renunciando a agitar mais a sua campainha. Reprimir aquele impulso seria como tentar opor-se a um desígnio divino, logo comentaram as senhoras. O próprio orador estava sinceramente emocionado.

Foi nestas condições que Hipólito Kirilovitch se levantou para replicar. O público odiou-o. «Como? Que significa isto? Ainda se atreverá a objetar?», murmuravam as mulheres. Mas ainda que todas as mulheres do mundo, incluindo a sua, tivessem protestado, ele não se teria detido naquele momento. Pálido, trémulo de emoção, as suas primeiras frases foram ininteligíveis; sufocava, não conseguia falar claro, perdia o fio ao discurso; mas depressa se recompôs e pude ouvir o seguinte:

— ...fui censurado por urdir uma novela. Mas que ouvimos nós à defesa, senão uma novela após outra? Só lhe faltou falar em verso. É o próprio Fedor Pavlovitch quem rasga o sobrescrito e o atira para o chão enquanto espera a amiga, e até nos foi dito o que ele pensava nesse momento. Não é isto pura fantasia? Onde estão as provas de que ele tirasse o dinheiro? Quem o viu? Eis aqui o imbecil Smerdyakov transformado em herói de Byron, em adversário da sociedade por causa da sua origem bastarda. Não é isto um poema no estilo de Byron? E o filho que entra no quarto do pai e o mata sem o matar? Isto já não é um poema, é um enigma que nos propõe a esfinge sem que haja possibilidade de o resolver. Se o matou, matou-o, e ninguém compreende a significação que possa ter matar sem matar. Depois é-nos dito que a nossa tribuna é uma cátedra de verdade e de ideias puras; e do alto desta tribuna de verdade e de puras ideias declara-se solenemente que chamar parricídio ao assassínio de um pai é um simples preconceito. Mas se é um preconceito e cada filho tem de perguntar ao pai por que razão há de amá-lo... que vai ser de nós? Que vai ser da família, dos fundamentos da sociedade? O parricídio é-nos

apresentado como um espantalho de lojistas moscovitas. As mais preciosas, as mais sagradas garantias para o destino da justiça russa, encontram um tratamento indigno, frívolo, unicamente para conseguir um objetivo impossível, para justificar o que não pode ser justificado. «Oh, esmagai-o com a vossa misericórdia!», exclama o advogado defensor; mas isso é o que quer o criminoso, e vereis como ele estará esmagado amanhã. Não fica aquém de si mesma, a defesa, não pedindo a liberdade do acusado? E por que razão não abrir uma subscrição pública para que as gerações futuras comemorem as proezas do parricida? Desvirtuam-se a religião e os Evangelhos: tudo é misticismo, e o Cristianismo verdadeiro é o que se submete à análise da razão e do sentido comum. Assim se nos apresenta disfarçada a figura de Cristo. «Na medida com que medirdes sereis medidos», diz o letrado defensor, e em seguida deduz que Cristo nos ensina a medir os outros como os outros nos medem... E isto do alto da tribuna da verdade e do bom senso! Costumamos folhear os Evangelhos, nas vésperas dos nossos discursos, para deslumbrar a audiência com a erudição que neles pomos, com mais ou menos originalidade, e conseguir assim o nosso propósito. Mas o que Cristo nos ordena é muito diferente. Ele manda que não façamos isso, que é próprio do mundo e dos seus adeptos, mas sim que ofereçamos a outra face e que não devemos medir os nossos adversários como eles nos medem. Foi isso que nos ensinou o nosso Deus, e não que proibir os filhos de matarem os pais seja um preconceito. Não devemos vir para a tribuna da verdade e da sã doutrina para corrigir o Evangelho de Nosso Senhor, a quem o advogado defensor se digna chamar «aquele que amava a humanidade», por oposição à Rússia ortodoxa que lhe chama «Nosso Deus».

Neste ponto o presidente interveio, avisando o impetuoso orador de que não devia exagerar, não devia exceder os limites da discussão, e outras coisas que os presidentes costumam dizer em tais momentos.

A audiência tornava-se pesada. O público, irrequieto, permitia-se manifestar certa irritação. Fetyukovitch não chegou a treplicar, contentando-se em subir à tribuna e, com a mão sobre o coração, pronunciar algumas frases cheias de dignidade, com voz incisiva. Referiu-se por alto ao «novelesco», à «psicologia», e lançou incisivamente o apelo: «Júpiter, fazes mal em encolerizar-te!», o que provocou uma ruidosa gargalhada de aprovação, pois Kirilovitch desmerecia bastante de Júpiter. Quanto a que ele ensinasse a juventude a matar os pais, Fetyukovitch

declarou com muita dignidade que não responderia, e sobre a acusação de emitir ideias heterodoxas disse que considerava isso uma insinuação pessoal e confiava que ante o tribunal ficasse sem mancha a sua reputação como cidadão e como entidade jurídica. Como o presidente quisesse interrompê-lo neste ponto, deu por terminado o seu discurso com uma vénia, no meio de um rumor de aprovação geral, e Hipólito Kirilovitch, na opinião das mulheres, ficou definitivamente liquidado.

Foi concedida a palavra ao acusado. Levantou-se, mas falou pouco, esmagado como estava por uma extrema fadiga. O ar de independência e de força que mostrara pela manhã havia desaparecido. Dir-se-ia que a experiência pela qual passou naquele dia lhe ensinara algo de muito importante que não pudera compreender até então. A voz era fraca; já não gritava como anteriormente, usava um tom humilde, frustrado, submisso.

— Que hei de dizer, senhores jurados? Chegou a minha hora de ser julgado e sinto sobre mim a mão de Deus. Este é o fim de um homem extraviado! Mas diante de Deus repito que estou inocente do sangue de meu pai. Pela última vez lhes digo que não fui eu quem o matou! Estava errado, mas amava o bem. Tentava constantemente corrigir-me, mas vivia como um animal selvagem. Graças ao procurador, que disse de mim muitas coisas que eu mesmo ignorava; mas não é certo que tenha matado meu pai, aí o procurador engana-se. Graças também ao meu defensor. Chorei, ouvindo-o; mas não é certo que matasse o meu pai, e não era preciso supor isso. Não acreditem nos médicos: estou perfeitamente, só o meu coração está triste. Se me fizerem graça, se me libertarem, rogarei por todos e tornar-me-ei melhor, dou-lhes a minha palavra diante de Deus! Se me condenarem, eu mesmo quebrarei a minha espada sobre a minha cabeça. Mas perdoai-me, não me priveis do meu Deus! Conheço-me, revoltar-me-ei! O meu coração está triste, senhores... Obrigado!

Deixou-se cair no banco, com a voz quebrada, mal podendo articular as últimas palavras. Os juízes entregaram-se então à tarefa de formular as perguntas dos quesitos e as partes contrárias foram convidadas a apresentar as suas conclusões. Mas não quero entrar em pormenores. Depois da exortação do presidente, que foi breve porque estava muito cansado e se reduziu a aconselhar imparcialidade, o exame dos argumentos e não as sugestões da eloquência, que considerassem a responsabilidade que assumiam, etc., os jurados retiraram-se para deliberar.

Entretanto suspendeu-se a sessão e o público levantou-se, movimentou-se no átrio, trocando as suas impressões. Era muito tarde, quase uma hora da madrugada, mas ninguém se ia embora nem pensava em descansar. Todos esperavam, com ânimo fraco, embora isto talvez seja afirmar muito porque as senhoras se encontravam nervosas e impacientes, mas de coração tranquilo. Pensavam que era indiscutível uma sentença de absolvição, e estavam dispostas a dar uma cena dramática de entusiasmo geral. Devo reconhecer que eram muitos os homens também firmemente convencidos da absolvição. Alguns estavam contentes, outros mostravam-se sombrios e havia mesmo quem se declarasse indignado com a possibilidade de absolverem o réu. Fetyukovitch confiava no êxito e confessava isso mesmo a um grupo que o rodeava, felicitando-o e lisonjeando-o.

— Há fios que prendem os jurados à defesa... — dizia. — Enquanto falamos, podemos ver como se vão tecendo. Esses fios existem, eu vi-os. A causa está ganha, podem ficar tranquilos.

— Que dirão agora os nossos camponeses? — perguntou um homem gordo, com marcas de bexigas, proprietário na comarca, aproximando-se de um grupo de senhores absorvidos em conversa.

— Não há só camponeses, também lá estão quatro escrivães do estado.

— Sim, há escrivães... — confirmou um conselheiro, juntando-se ao grupo.

— Conhece Nazaryev, o comerciante que tem uma medalha e que é membro do júri?

— E um homem de muita inteligência.

— Mas nunca fala.

— Não é falador, mas vale mais assim. Não precisa que o de Petersburgo lhe ensine seja o que for; ele pode ensinar todos os de Petersburgo. É pai de doze filhos. Imagine!

— Mas, por Deus!, supõe que não o absolverão? — exclamava um jovem oficial noutro grupo.

— Decerto que o absolvem... — respondeu uma voz resoluta.

— Seria uma vergonha, uma indignidade que não o absolvessem! — insistiu o oficial. — Mesmo supondo que o tenha matado... há pais e pais! Estava tão fora de si... Realmente não deve ter feito senão atirar ao ar a mão do almofariz para derrubar o velho. É uma pena que tenham misturado o lacaio, uma suposição ridícula! Eu, no lugar de Fetyukovitch,

teria gritado simplesmente: «Ele matou-o, mas não é culpado, vão todos para o inferno!»

— Foi isso o que ele disse, sem os mandar para o inferno.

— Mikail Semyonovitch quase não disse outra coisa... — interveio um terceiro.

— Mas, senhores, não foi absolvida na nossa cidade, na passada Quaresma, uma atriz que cortou o pescoço à mulher do seu amante?

— Ah! Não o cortou completamente.

— Foi o mesmo. Degolou-a.

— Que lhes parece o que ele disse dos filhos? Magnífico, não é verdade?

— Magnífico!

— E do misticismo?

— Oh! Deixem o misticismo, deixem-no! — exclamou outro. — Pensem na mulher de Kirilovitch e na sorte que o espera. A mulher vai arrancar-lhe hoje mesmo os olhos, por amor de Mitya.

— Ela está aqui?

— Que ideia! Se estivesse ter-lhe-ia arrancado os olhos em pleno tribunal. Ficou em casa com dor de dentes. Ah, ah!

— Ah, ah, ah!

Num terceiro grupo:

— Aposto que vão absolver Mitenka, apesar de tudo!

— Não me surpreenderá que amanhã faça uma desordem no *Metrópoli*. A primeira bebedeira que apanhar vai durar-lhe dez dias.

— Ah, que diabo!

— Aqui sim, é que está a mão do diabo. Onde estaria, não sendo aqui?

— Bem, senhores, admito que o caso é muito eloquente, mas não há razão para rebentar a cabeça a um pai. Aonde iríamos parar?

— Ao carro! Lembram-se do carro?

— Sim, transformou a *troika* num carro!

— E amanhã converterá o carro numa *troika* para alcançar o mesmo efeito.

— Os jovens dos nossos dias ficam a perder de vista. Que justiça se pode esperar na Rússia?

Tocou a campainha. O júri levou uma hora em deliberações. Já sentado o público, fez-se um profundo silêncio em que finalmente se ouviram os

passos dos jurados que voltavam a ocupar os seus lugares. Só recordo a resposta à primeira e principal pergunta do presidente:

— O acusado é culpado de haver cometido o assassínio com as agravantes de roubo e de premeditação? — Não me lembro das palavras exatas.

Todos continham a respiração, e o jurado que presidia ao júri, o mais jovem dos escrivães, disse em voz alta no meio do silêncio sepulcral:

— Sim, culpado!

Idêntica resposta foi dada a todas as perguntas: «Sim, culpado!», sem o menor comentário revelador de desapontamento. O silêncio sepulcral que reinava na sala não se alterou... todos pareciam petrificados, tanto os que desejavam a condenação como os que esperavam a absolvição. Mas isso foi nos primeiros momentos de pasmo, ao qual se seguiu um espantoso alvoroço. Muitos homens estavam contentes e alguns esfregavam as mãos sem dissimular a sua alegria. Os que não estavam de acordo com a sentença pareciam esmagados, encolhiam os ombros, murmuravam e não conseguiam acreditar no que tinham ouvido. O estado das mulheres, naquele momento, não se pode descrever. Eu pensei que iriam provocar um motim. Ao princípio não podiam acreditar, mas logo a sala se encheu de um alarido de vozes, de gritos, de imprecações: «Como se entende isto? É impossível!» Levantaram-se agitadamente dos seus lugares. Pareciam esperar que se pensasse melhor e se voltasse a sentença ao contrário. Então Mitya levantou-se e, num tom dilacerante, estendendo os braços, gritou:

— Juro, em nome de Deus e do terrível dia de juízo, que não sou culpado pelo sangue de meu pai! Katya, perdoo-te! Irmãos, meus amigos, tenham pena da outra mulher!

Não continuou, por não poder. Soltava soluços espantosos que ressoavam por toda a sala e a sua voz gemente parecia a de outro homem. Do alto da sala veio um grito penetrante. Era de Gruchenka, que havia conseguido entrar ao começar o discurso da acusação.

Levaram Mitya. A promulgação da sentença foi adiada para o dia seguinte. O público começou a sair. A sala parecia uma colmeia ruidosa; mas eu não parei a escutar e só pude ouvir já na escada, quando saía:

— Terá de passar vinte anos nas minas.

— Pelo menos.

— Os nossos camponeses mantiveram-se firmes!

— E puderam com o nosso Mitya.

Epílogo

Capítulo 1 — Planos de Evasão

Muito cedo, às nove da manhã do quinto dia depois do processo, Aliocha foi visitar Catalina Ivanovna para tratar de um assunto de grande importância para ambos, e transmitir-lhe um recado. Falavam no salão onde Gruchenka havia sido recebida, enquanto no compartimento contíguo jazia Ivan, prostrado pela febre alta. Catalina Ivanovna tinha dado ordem para levarem o doente do tribunal para sua casa, sem se importar com os murmúrios das gentes e contra a opinião geral. Dois dos seus parentes tinham regressado a Moscovo ao terminar o julgamento, outro ficou na cidade; mas, ainda que a tivessem deixado só, Catalina Ivanovna teria mantido a sua inquebrantável decisão de tratar do doente, permanecendo dia e noite ao lado dele. Varvinsky e Herzenstube atendiam-no. O famoso doutor partira sem querer dar a sua opinião sobre os resultados prováveis da doença. Embora os médicos animassem Aliocha e Catalina, não chegavam a dar-lhes esperanças de um franco restabelecimento.

Aliocha ia ver o irmão doente duas vezes por dia; mas naquela manhã levava-o ali um assunto urgentíssimo, e embora tivesse de cuidar logo a seguir de outra coisa que não podia deixar para a tarde, e que o fazia estar impaciente, tornava-se-lhe muito difícil abordar o assunto que, sem dúvida, exigia muito tato e delicadeza.

Havia um quarto de hora que falavam, e Catalina Ivanovna que, cansada e de vez em quando sacudida pela excitação nervosa, pressentia com que fim Aliocha a retinha, disse de súbito, em tom resoluto e confidencial:

— Não se inquiete com a decisão dele, acabará por consentir. É necessário que fuja. Esse desgraçado, esse mártir da honra e dos seus princípios (não me refiro a Dmitri Fedorovitch, mas sim ao que está ali dentro) que se sacrificou pelo irmão — acrescentou Katya, com os olhos chispantes — explicou-me há tempo todo o plano da evasão. Já sabe que tinha começado a prepará-lo... eu já lhe falei nisso... Marcou-se para esse fim a terceira etapa da condução dos presos para a Sibéria. É muito longe daqui. Ivan já chegou a entendimento com o comandante desse posto, mas

ainda não sabemos quem será o chefe dos guardas que acompanharão os presos, nem podemos sabê-lo tão depressa. Talvez amanhã lhe explique minuciosamente todo o plano que Ivan me confiou na véspera do julgamento, para o caso de acontecer alguma coisa... Quando nos encontrou a discutir, recorda-se?, já tinha partido; mas ao vê-lo, a si, fi-lo subir, lembra-se? Sabe por que razão discutíamos?

— Não sei.

— Claro, não lho disse. Pois era precisamente por causa deste plano de evasão. Tinha-me dito o principal três dias antes, e tínhamos passado três dias a discutir, porque quando me disse que se Mitya fosse condenado fugiria para o estrangeiro com essa mulher, fiquei furiosa... não poderia dizer-lhe porquê, pois nem eu mesma o sei... Bem, na realidade foi porque Dmitri iria alcançar a fronteira com essa mulher a quem não podia suportar! — Os lábios dela tremiam de cólera. — Quando Ivan me viu enfurecida, julgou que eu tinha ciúmes de Dmitri, que ainda o amava. E assim começaram as nossas discussões. Nem lhe dei explicações nem lhe pedi perdão; não posso suportar que me julgue capaz de amar ainda esse... depois de eu lhe confessar que só a ele amo! Os meus ressentimentos contra essa mulher foram a causa dos nossos desgostos! Três dias mais tarde, na véspera da sua visita, entregou-me um sobrescrito fechado, que eu devia abrir no caso de lhe acontecer alguma coisa. Ah, via bem o que ia acontecer! Disse-me que continha um plano de evasão perfeitamente desenvolvido, e que se ele morresse ou adoecesse gravemente me encarregasse de salvar Mitya. Deixou-me dinheiro, dez mil rublos, a quantia a que se referiu o promotor na sua acusação. A atitude de Ivan, que antes de renunciar a salvar Mitya me encarregava, a mim, do plano de evasão, a despeito dos seus ciúmes e do seu convencimento de que eu amava o outro, impressionou-me enormemente. Oh, que sacrifício o seu! Você não pode compreender, Alexey Fedorovitch, a grandeza de tal abnegação. Senti desejos de me lançar a seus pés e beijar-lhos, mas logo pensei que poderia atribuir isso à alegria que me dava a ideia de salvar Mitya... e não há dúvida de que o julgaria... e revoltou-me de tal modo a ideia de tão injusto pensamento, que em vez de lhe beijar os pés voltei a encolerizar-me. Sou uma infeliz! E tudo por causa do meu caráter, o meu estranho e desgraçado caráter! Oh! Verá como acabarei por afastá-lo de mim, como me deixará por outra com quem se dê melhor, como Dmitri... Mas não, eu não poderia suportar isso, matar-me-ia... Lembro-me de que,

quando você veio e chamei o seu irmão para que subissem ambos, me lançou um olhar de desprezo e eu o acusei de ter sido ele quem me persuadira de que Dmitri era o assassino. Disse-lho com toda a malícia para o ferir, porque nunca, nunca me persuadiu da culpa do irmão... pelo contrário, fui eu quem o convenceu. O meu caráter violento tem a culpa de tudo! Eu provoquei aquela horrorosa cena no tribunal. Quis provar que, apesar dos seus ciúmes, era bastante nobre para salvar o irmão... por isso compareceu ante os juízes... Eu sou a causa de tudo, só eu tenho a culpa!

Nunca Katya fizera tal confissão a Aliocha. Este compreendeu que a jovem chegara a esse estado de sofrimento em que todo o orgulho fica esmagado pela dor. Não passava despercebido a Aliocha que naquela alma atormentada representava papel importante outro motivo que ela mantinha oculto desde o dia do processo, e por determinadas razões teria sentido muito que naquele momento ela se tivesse rebaixado ao ponto de o confessar. Katya sofria horrivelmente por ter atraiçoado Mitya ante o tribunal, e Aliocha notava que a consciência a impelia a confessar-lho, a ele, com lágrimas e gemidos, e arrastando-se agitadamente pelo chão. Temia essa cena e queria evitá-la, o que tornava ainda mais difícil o cumprimento da missão que ali o trazia. Voltou a falar de Mitya, mas ela interrompeu-o, pungente e porfiada.

— Está bem, está bem, não se inquiete por ele! Tudo nele é momentâneo, conheço-o, conheço demasiado o seu coração. Pode ter a certeza de que concordará em evadir-se. Terá tempo para mudar de opinião. Então Ivan Fedorovitch já estará bem e arranjará tudo, e assim não terei de intervir em nada. Não desanime, ele consentirá em fugir. Já se acha em melhor disposição... Você acredita que ele deixe essa mulher? Como não permitirão que ela o acompanhe, está desejoso de fugir. É de você que tem medo, porque pensa que desaprovará a evasão do ponto de vista moral. Mas você deve *permiti-la* generosamente, se o seu acordo é assim tão necessário — acrescentou, com malícia.

Depois sorriu e continuou:

— Fala de um hino, de uma cruz que deve levar, do cumprimento de um dever... Ivan Fedorovitch contou-me não sei quantas coisas sobre isso... e com que alma!... — exclamou, sem poder esconder a sua admiração. — Se você soubesse como amava e odiava esse desgraçado ao falar-me dele! E eu não fiz caso das suas palavras, nem das suas lágrimas! Fera! Sou uma fera! Sou eu quem tem a culpa de ele estar doente. Mas o que está na

prisão é incapaz de sofrer — concluiu, indignada. — Sofrer como? Os homens como ele são insensíveis!

Havia na sua voz uma nota de ódio, de desprezo e de repugnância. E, todavia, era a mulher que traíra Mitya. «Talvez o odeie neste momento porque se sente culpada», pensou Aliocha. E esperou que aquilo fosse momentâneo. Nas últimas palavras dela notara uma intenção provocadora, mas não se deixou influir.

— Chamei-o para que me prometa que você mesmo o convencerá. Acaso pensa que na evasão há alguma desonra, ou cobardia... ou que se trata de um ato pouco cristão? — acrescentou Katya, cada vez mais provocante.

— Oh, não! Dir-lhe-ei tudo — murmurou Aliocha. — Peço-lhe que vá vê-lo — disse ele de repente, fitando-a nos olhos.

Ela estremeceu ligeiramente e teve um gesto de recuo, contra o espaldar do sofá.

— Eu? É possível? — balbuciou, empalidecendo.

— É possível e deve ser — replicou Aliocha, animando-se. — Ele precisa de si, especialmente agora. Se assim não fosse, não me atreveria a falar-lhe nisso. Está doente, parece doido e não deixa de chamá-la. Não pensa em se reconciliar consigo, pede apenas que você apareça à porta. Aconteceram demasiadas coisas desde aquele dia. Compreende que a ofendeu gravemente e não tem o direito de lhe pedir perdão... «É impossível que ela me perdoe...», tem ele dito, «só queria que me deixasse vê-la, à porta»...

— É tão inesperado — balbuciou Katya. — Desde há dias tinha o pressentimento de que você viria com esse recado. Sabia que me suplicaria que fosse. É impossível!

— Pois que seja impossível, mas vá! Considere que, pela primeira vez, ele reconhece que a magoou. Pela primeira vez na sua vida! Nunca tinha visto a sua falta tão claramente. Ele disse: «Se ela se negar a vir, serei um desgraçado toda a minha vida.» Está a ouvir? Não é enternecedor que pense em ser feliz estando condenado a vinte anos de trabalhos forçados? Pense bem, deve ir visitá-lo; embora esteja perdido, está inocente — afirmou Aliocha, arriscando tudo. — As suas mãos estão limpas, não há nelas uma mancha de sangue! Em consideração pelos inumeráveis sofrimentos que o esperam, visite-o. Vá, deixe que ele a veja na

obscuridade, no vão da porta, nada mais... Devo fazê-lo, *deve* — concluiu, pondo toda a sua alma na última palavra.

— Devo... mas não posso — gemeu Katya. — Olhar-me-á... não posso.

— É necessário que os olhares de ambos se encontrem. Como viverá você, no futuro, se agora se negar a fazer isto?

— Prefiro sofrer toda a vida.

— É necessário que vá, é necessário — repetia Aliocha, sem piedade.

— Mas porquê hoje... porquê imediatamente? Não posso abandonar o doente...

— Pode deixá-lo por um momento. É coisa de um momento. Se não for, ele passará a noite delirando. Não estou interessado em enganá-la. Tenha piedade!

— Tenha você piedade de mim — disse Katya, com amargo ressentimento, começando a chorar.

— Portanto irá — afirmou Aliocha, vendo aquelas lágrimas. — Vou dizer-lhe que irá imediatamente.

— Não! Não lhe diga isso por nada deste mundo — gritou Katya, espantada. — Irei, mas não lho anuncie... porque talvez vá e não entre... Ainda não sei...

A voz dela desfaleceu, falta de alento. Aliocha levantou-se para sair.

— E seu eu encontrar alguém? — perguntou ela em voz baixa, empalidecendo de novo.

— Precisamente, devia ir agora para não encontrar ninguém. Não estará lá ninguém, afirmo-lhe... Apenas nós a esperaremos — disse Aliocha, animosamente.

E saiu.

Capítulo 2 — Por Momentos, a Mentira Troca-se em Verdade

Aliocha dirigiu-se rapidamente para o hospital, onde estava Mitya. No dia seguinte àquele em que a sua sorte fora decidida, tinha adoecido em consequência da excitação nervosa causada pelo julgamento e foi transportado, com febre, para a secção reservada aos presos no hospital da cidade. A pedido de várias pessoas, entre as quais se encontravam Aliocha, a senhora Hohlakov e sua filha Lisa, o doutor Varvinsky dera-lhe um quarto particular, afastado dos outros presos, o mesmo que havia sido ocupado por Smerdyakov. Embora a janela tivesse grades e no extremo do corredor estivesse uma sentinela que tranquilizava Varvinsky, a sua disposição indulgente não era perfeitamente legal; mas jovem, bondoso e compassivo, compreendia como devia ser cruel para um homem como Mitya ver-se de repente misturado com ladrões e assassinos, e julgou conveniente que se fosse habituando pouco a pouco. Tanto o médico como o diretor, e até mesmo o chefe da polícia, se mostravam mais condescendentes do que permitia o regulamento em autorizar visitas, embora até então só Aliocha e Gruchenka tivessem ido vê-lo. Rakitin tentara em vão, por duas vezes, chegar junto de Mitya, mas este rogara encarecidamente a Varvinsky que não o deixasse entrar.

Aliocha encontrou o irmão sentado na cama e vestindo uma bata do hospital. Cingira as têmporas febris com uma toalha molhada em água e vinagre. Olhou para Aliocha com uma expressão indefinida, na qual havia uma sombra de alguma coisa parecida com o medo. Desde o julgamento mostrava-se muito preocupado; por vezes mantinha-se em silêncio pelo espaço de meia hora, como se refletisse em algo muito grave e doloroso que não lhe dizia respeito. Quando saía desse estado de concentração punha-se a falar arrebatadamente de tudo menos daquilo que queria dizer. Com frequência, dirigia ao irmão olhares de sofrimento, e parecia estar mais à vontade com Gruchenka do que com Aliocha. Não que com ela se

mostrasse mais loquaz, pois mal lhe falava. Mas, quando a via entrar, a sua cara parecia iluminar-se de alegria.

Aliocha sentou-se em silêncio sobre a cama, junto do irmão. Mitya olhou-o em suspenso, sem se atrever a fazer-lhe perguntas. A própria ideia de que Katya consentisse em ir vê-lo parecia-lhe absurda, mas ao mesmo tempo sentia que iria passar-se qualquer coisa inconcebível, se ela se negasse. Aliocha lia nele estes sentimentos.

— Disseram-me que Trifon Borisovitch está a demolir a pousada — disse Mitya, nervosamente. — Dizem que removeu todo o mosaico, arrancou as madeiras e deitou a baixo as galerias. Não dormiu um momento a procurar o tesouro, os mil e quinhentos rublos que o promotor disse ter eu escondido lá. Disseram-me que quando chegou a casa pôs mãos à obra, e continua. Bem merecido tem esse logro, por intrujão! Disse-mo o guarda que veio ontem de lá.

— Escuta — volveu Aliocha. — Ela virá, mas não sei quando. Talvez hoje mesmo, talvez daqui a três ou quatro dias. Isso não sei, mas é certo que virá.

Mitya estremeceu, quis dizer alguma coisa, mas ficou mudo. A notícia causara-lhe uma profunda emoção. Adivinhava-se nele o desejo de saber tudo o que ela tinha dito, mas ainda receava fazer perguntas. Uma palavra de crueldade ou de desprezo da parte de Katya, naquele momento, tê-lo-ia ferido como a lâmina de um punhal.

— Entre outras coisas disse-me que eu devia tranquilizar a tua consciência a respeito da evasão. Se, quando chegar a altura, Ivan não estiver ainda bem, ela se encarregará de tudo.

— Já falaste disso — comentou Mitya, pensativo.

— E tu repetiste-o a Grucha.

— Sim — disse Mitya. — Não virá esta manhã — olhou timidamente para o irmão e acrescentou: — Só virá à tarde. Quando ontem lhe disse que Katya se encarregava de tudo, fez um trejeito, ficou calada por momentos e depois respondeu: «Pois que se encarregue!» Compreendeu que era importante e eu não quis sondá-la mais. Penso que por fim se convenceu de que Katya não se interessa por mim e ama Ivan.

— Pensas isso?

— Talvez me engane. Só sei que não virá esta manhã — apressou-se a dizer Mitya — porque a encarreguei de uma coisa. Bem sabes que Ivan é superior a nós. Deve viver. Ficará bom.

— Queres crer que Katya está muito alarmada e no entanto tem quase a certeza de que ele se cura? — disse Aliocha.

— Isso prova que está convencida de que ele morre. É o medo que a faz estar segura de que há de curar-se.

— Ivan é de constituição robusta e eu também tenho grandes esperanças de que há de curar-se — replicou Aliocha, com ansiedade.

— Sim, há de curar-se. Mas ela está convencida do contrário. Pesam sobre ela muitos desgostos.

Houve um silêncio. Mitya agitava-se, como sob o peso de uma angústia. Por fim, disse, em voz entrecortada e lacrimosa:

— Aliocha, amo terrivelmente Grucha.

— Não a deixarão acompanhar-te — volveu Aliocha, apanhando a ocasião.

— Queria dizer-te mais uma coisa — disse Mitya, numa voz repentinamente sonora. — Se me baterem no caminho ou *lá* não o suportarei. Matarei algum e fuzilar-me-ão. E isto poderá acontecer em qualquer dia... durante vinte anos! Já me tratam grosseiramente. Passei toda a noite a fazer um exame de consciência. Não estou preparado! Não posso resignar-me. Eu, que desejava cantar um *hino,* não posso suportar que um guarda me trate por tu. Por Grucha sofreria alguma coisa... tudo menos pancadas... Mas não a deixarão ir.

Aliocha sorriu docemente.

— Escuta de uma vez para sempre, irmão. Vou dizer-te o que penso, e já sabes que não gosto de mentir. Nem tu estás disposto nem essa cruz é para ti. Mais ainda, não necessitas carregar com essa cruz de martírio se não estás disposto a levá-la. Se tivesses matado o nosso pai teria pena de te ver fugir ao castigo; mas estás inocente e a cruz é demasiado pesada para os teus ombros. Desejavas regenerar-te pelo sofrimento e eu digo-te que penses sempre na tua regeneração, onde quer que estejas; já será bastante para ti. O martírio recusado terá a virtude de te fazer sentir com mais força e durante toda a vida o cumprimento de um dever moral, e este incessante sentimento renovará o teu espírito com mais facilidade do que se estivesses *lá* e, cansado de sofrer, começasses a queixar-te e talvez acabasses por dizer: «Estou quite.» O advogado tinha razão. Uma carga tão pesada não é para todos, há quem não possa aguentá-la. Esta é a minha opinião, se desejavas sabê-la. Se tivessem de ser responsabilizados outros homens pela tua evasão, oficiais ou soldados, eu não a *permitiria* — sorriu

Aliocha. — Mas dizem, e o comandante da etapa assim o afirmou a Ivan, que se tudo correr bem não levarão muito longe as investigações e delas não resultará prejuízo para quem quer que seja. Claro que o suborno não é honrado, mas nem quero pensar nisso. Se Ivan e Katya me encarregassem do assunto, sei que me prestaria a subornar fosse quem fosse. Quero dizer-te a verdade. Assim, pois, não julgo o vosso ato, mas podes ter a certeza de que não te condenarei. Era só o que faltava que eu te julgasse agora! Creio que te disse tudo.

— Mas eu condenar-me-ei! — exclamou Mitya. — A minha fuga já estava resolvida, prescindindo da tua opinião. Que podia fazer Mitya Karamazov senão fugir? Mas condenar-me-ei a mim mesmo e arrepender-me-ei dos meus pecados durante toda a vida. É assim que falam os jesuítas, não é verdade? Como nós agora, hem?

— Sim — concordou Aliocha, com um bom sorriso.

— Amo-te porque dizes sempre a verdade, sem esconder nada — exclamou Mitya, com um riso alegre. — Surpreendi o meu Aliocha fazendo de jesuíta! hei de dar-te um beijo por isto. Agora escuta o resto, vou revelar-te o outro lado da minha alma, vou dizer-te o que decidi. Se fugir para a América, com dinheiro e passaporte, compreenderei que não vou em busca da alegria nem da felicidade, mas sim para outro desterro tão mau como a Sibéria. É igualmente mau, Aliocha, igualmente mau! Detesto já essa América, que o diabo a leve! E ainda que Grucha vá. Porque... observa-a: que tem ela de americana? É russa, é russa até à medula dos ossos; apoderar-se-á dela a saudade da terra-mãe e vê-la-ei sofrer a todas as horas, carregada por mim com a cruz do meu amor. Que mal fez ela? E como suportarei eu aquela gente, ainda que todos sejam melhores do que eu? Odeio já essa América! Embora todos sejam admiráveis mecânicos, que vão para o diabo, não são como eu. Amo a Rússia, Aliocha! Amo o Deus russo, miserável como sou. Rebentaria! — exclamou, com olhos brilhantes que logo se encheram de lágrimas. E continuou, trémulo de emoção: — Eis o que decidi, Aliocha. Quando chegarmos, pôr-nos-emos a trabalhar a terra, longe, na solidão, entre ursos ferozes. Devem existir por lá terras afastadas. Disseram-me que até há peles-vermelhas em alguns lugares, espreitando no horizonte. Pois bem, iremos para o mais remoto dessas terras e aí trabalharemos a gramática, Grucha e eu. Trabalho e gramática, três anos seguidos; ao fim desse tempo falaremos inglês como os próprios ingleses e conseguido isto… adeus

América! Voltaremos para a Rússia, como cidadãos americanos. Não te inquietes, não viremos para esta terreola, instalar-nos-emos em qualquer lugar muito afastado, ao norte ou ao sul. Eu estarei muito modificado, então, e também a ela a América a terá transformado. Os médicos far-me-ão alguma verruga na cara (para alguma coisa há de servir o gosto deles pela mecânica) ou tirarei um olho ou deixarei crescer a barba e encanecerei a suspirar pela Rússia. Garanto-te que não me reconhecerão... mas se me reconhecerem que me mandem para a Sibéria, não importa. Será a prova de que era esse o meu destino. Aqui cultivaremos a terra, mesmo que seja na selva, e conduzir-me-ei durante toda a vida como um americano... mas morreremos na terra que nos viu nascer. Este é o meu plano e não pode modificar-se. Aprovas?

— Sim — disse Aliocha, não se atrevendo a contrariá-lo.

Mitya fez uma pausa e exclamou, de repente:

— Quantas manobras tiveram de fazer no julgamento! Não te parece?

— Sem isso serias igualmente condenado — volveu Aliocha, com um suspiro.

— Sim, todos estavam fartos de mim! Deus os abençoe, mas é muito duro — lamentou Mitya. Calou-se, mas de repente exclamou: — Aliocha, tira-me já deste inferno. Ela vem ou não? Que disse?

— Disse que viria, mas não sei se será hoje. É muito penoso para ela, bem sabes. — E Aliocha olhou para o irmão com timidez.

— Sem dúvida que há de ser muito penoso para ela! Isto dá comigo em doido, Aliocha. Gruchenka não deixa de me olhar. Ela compreende. Meu Deus, acalma o meu coração... Que é o que desejo? Desejo Katya! Eu próprio entendo o meu desejo? Ah! É o espírito ímpio e teimoso dos Karamazov! Não, não sei lutar contra o sofrimento. Sou um perdido, é tudo o que se pode dizer!

— Aqui está ela! — gritou Aliocha.

Naquele instante Katya aparecia no limiar da porta onde parou por instantes, fitando em Mitya um olhar desvairado. Ele ergueu-se de um salto, uma expressão de espanto transformou-lhe a face; empalideceu; depois um sorriso tímido passou pelos seus lábios e, num impulso irresistível, estendeu os braços para Katya. A jovem lançou-se neles com ímpeto e, abraçando-o estreitamente, obrigou-o a sentar-se na cama. Sentou-se ao lado dele, apertando-lhe convulsivamente as mãos. Por várias

vezes tentaram falar e ficaram mudos, contemplando-se com um estranho sorriso, como mutuamente fascinados. Decorreram assim dois minutos.

— Perdoaste-me? — balbuciou Mitya, por fim. E voltando para Aliocha a cara transformada pela alegria, disse-lhe: — Ouves o que lhe pergunto? Ouves?

— Por isso te amava, porque tens um nobre coração! — disse então Katya. — Nem tu precisas do meu perdão nem eu peço o teu... Quer me perdoes ou não, tu ficarás para sempre como uma chaga no meu coração, e eu no teu... É preciso que seja assim. — Deteve-se para tomar alento e continuou, numa agitação nervosa: — Para que vim? Para te abraçar os pés, para te apertar as mãos assim, até te magoar (lembras-te de como eu tas apertava, em Moscovo?), para te dizer outra vez que tu és o meu bem, a minha alegria... para te dizer que te amo com loucura.

A voz dela era um lamento angustioso. Num impulso, apertou contra os lábios a mão do doente. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, abundantes. Aliocha estava atónito, contemplando uma cena como nunca tinha visto.

— O nosso amor morreu, Mitya — continuou Katya — mas o passado ficará para sempre como uma doce mágoa. Deixemos que por um momento, ao menos, seja verdade agora o que teria podido sê-lo antes — balbuciou, fitando-o, com um sorriso nervoso. — Tu amas outra, eu amo outro e no entanto nós dois havemos de amar-nos eternamente. Sabias? Ama-me, ouves? Ama-me toda a vida — exclamou, com uma tremura de ameaça na voz.

— Amar-te-ei e... sabes, Katya? — disse Mitya, tendo de tomar alento a cada palavra. — Há cinco dias, naquela mesma tarde, eu amava-te... quando caíste desmaiada e tiveram de levar-te... Toda a minha vida! E assim será, assim será para sempre...

Assim foram falando, murmurando frases incompreensíveis, talvez enganosas; mas naquele momento tudo era verdade para eles, acreditavam mesmo no que não chegavam a exprimir. De repente, Mitya exclamou:

— Katya... tu julgas que eu matei? Agora sei que não julgas, mas então... quando declaraste... Seguramente então julgavas que sim!

— Não, nunca o julguei! Mas odiava-te e cheguei a persuadir-me, por um instante... Enquanto falava convenci-me e acreditei que tinhas matado... mas logo que parei de falar deixei de acreditar. Não duvides!

Depois, com uma expressão que contrastava com os suspiros de amor de um momento antes, acrescentou:

— Mas esqueci-me de que vim aqui para me castigar.

— Mulher, como isto é duro para ti! — exclamou Mitya, involuntariamente.

— Deixa que me vá embora — murmurou ela. — Voltarei. Agora isto é superior às minhas forças.

Já se retirava, mas de súbito soltou um grito e recuou. Gruchenka entrava silenciosamente. Ninguém a tinha ouvido. Katya dirigiu-se precipitadamente para a porta, mas ao cruzar-se com Gruchenka deteve-se e, branca como se estivesse morta, gemeu docemente, num suspiro:

— Perdoa-me!

Gruchenka olhou-a fixamente, esperou um momento e respondeu em tom mordaz e vingativo:

— Devora-nos o ódio, pequena, devora-nos o ódio! Como podemos perdoar-nos? Salva-o e adorar-te-ei toda a minha vida!

— Não lhe perdoas? — exclamou Mitya, fora de si.

— Não te inquietes, eu salvar-te-ei! — murmurou vivamente Katya.

E saiu.

— E pudeste não lhe perdoar quando ela mesma te pediu perdão? — exclamou Mitya com amargura.

— Não a culpes, Mitya. Não tens esse direito! — interveio Aliocha, calorosamente.

— Falavam os lábios, não o coração — disse Gruchenka com desgosto. — Se te salvar perdoar-lhe-ei tudo...

Calou-se, como se alguma coisa lhe oprimisse o coração. Não conseguia recuperar a serenidade. Tinha entrado sem esperar aquele encontro.

— Aliocha, corre atrás dela! — gritou Mitya ao irmão. — Diz-lhe... não sei o quê... mas não a deixes ir assim!

— Voltarei esta noite — disse Aliocha, lançando-se atrás de Katya.

Alcançou-a quando ela descia os degraus da porta. Ela caminhava depressa, e logo que Aliocha se aproximou disse-lhe vivamente:

— Não, eu não posso rebaixar-me diante dessa mulher! Pedi-lhe perdão para me humilhar até ao fim. Não me perdoou... e agradeço-lhe — acrescentou com a voz alterada e os olhos brilhantes de ressentimento.

— O meu irmão não esperava este resultado — murmurou Aliocha. — Estava convencido de que ela não iria...

— Sem dúvida. Deixemos isso — atalhou Katya. — Escute, eu não posso acompanhá-lo ao funeral. Mandei flores. Julgo que ainda têm dinheiro. Se precisarem de alguma coisa, diga-lhes que nunca os abandonarei... Agora deixe-me, peço-lhe. Vai chegar tarde, já tocam para o funeral... Deixe-me, por favor!

Capítulo 3 — O Enterro de Ilucha. O Sermão de Despedida

Realmente chegava com atraso. Cansados de esperá-lo, tinham decidido trasladar para a igreja o pequeno ataúde coberto de flores. Entre as flores jazia Ilucha, morto dois dias depois da condenação de Mitya. Aliocha encontrou à porta da casa quase todos os condiscípulos do morto, que ficaram alegres por vê-lo depois de terem esperado com impaciência a sua chegada. Eram doze e todos levavam às costas as malas dos livros. «O pai há de chorar, façam-lhe companhia», tinha-lhes dito Ilucha ao morrer, e os rapazes não o esqueciam. À frente do grupo estava Kolya Krassotkin.

— Quanto me alegro por ter vindo, Karamazov! — exclamou, estendendo-lhe a mão. — É atroz. Faz horror contemplar este quadro. Snegiryov não está bêbedo, sabemos que não bebeu em todo o dia, e parece embriagado... Eu sinto-me animoso como sempre, Karamazov, mas isto é horrível! Posso fazer-lhe uma pergunta, antes de entrar?

— O que é, Kolya?

— O seu irmão está inocente ou culpado? Foi ele quem matou o seu pai ou foi o lacaio? Acreditarei no que me responder. Há quatro noites que não posso dormir a pensar nisto.

— Foi o lacaio quem o matou, meu irmão está inocente.

— É o que eu digo — interveio Smurov.

— Assim, sucumbirá uma vítima inocente? — exclamou Kolya. — Mesmo na sua ruína será feliz! Invejo-o!

— Que quer dizer? Como pode pensar isso? Porquê? — perguntou Aliocha, surpreendido.

— Oh, se eu algum dia pudesse sacrificar-me pela verdade! — disse Kolya, com entusiasmo.

— Mas não em tais circunstâncias, não com tal afronta e tais horrores! — protestou Aliocha.

— Sim... gostaria de morrer por toda a humanidade, embora afrontosamente, não me importaria... Que pereça o nosso nome. Eu venero

o seu irmão!

— E eu também! — gritou súbita e inesperadamente o garoto que sabia quem tinha fundado Troia; e, tal como dessa vez, ficou vermelho como um tomate, até às orelhas.

Aliocha entrou no compartimento. Ilucha jazia com as mãos juntas e os olhos fechados, num caixão azul forrado de branco. A sua carita magra mal mudara, e do seu corpo não emanava qualquer sinal de corrupção. A expressão dele era séria e pensativa. As mãos, cruzadas sobre o peito, eram de uma singular beleza, como cinzeladas em mármore, entre as flores. Todo ele estava rodeado de flores enviadas em abundância por Lisa Hohlakov. Também Catalina Ivanovna enviara flores, e quando Aliocha abriu a porta, o capitão, com um ramo nas mãos trémulas, estava ainda a colocar mais em volta do cadáver do filho. Mal olhou para Aliocha, não queria fitar ninguém, nem sequer a «mãezinha» louca que se empenhava em manter-se sobre as pernas inúteis para ver de perto o seu querido filho. Nina tinha sido levada na sua cadeira, pelos rapazes, e estava junto do caixão, a chorar em silêncio.

Snegiryov parecia animado por um indómito desespero. Na sua cara espelhava-se uma espécie de furor e as palavras «velhinho», «velhinho!» que repetia com obstinação eram as de um louco. Costumava chamar «velhinho» a Ilucha, como expressão de carinho.

— Pai, dá-me uma flor. Tira essa, branca, que está sobre as mãos dele, e dá-ma — pediu a mãe, gemendo, ou porque a rosa branca que estava sobre as mãos de Ilucha tivesse cativado a sua imaginação ou porque queria guardá-la como uma recordação recebida dele. A pobre mulher movia-se agitadamente, estendendo os braços para as flores.

— Não quero dar nada a ninguém e a ti menos ainda — gritou Snegiryov com dureza. — As flores são dele, não tuas. Tudo lhe pertence, a ele, e a ti nada!

— Pai, dá uma flor à mãe! — disse Nina, erguendo a face molhada de lágrimas.

— Não quero tirar-lhe nada e menos ainda para ela. Não amava Ilucha. Tirou-lhe o canhãozinho e ele deu-lho. — E começou a soluçar perdidamente, ao recordar a cena do brinquedo.

A pobre idiota, lavada em lágrimas, escondeu a cara entre as mãos.

Como os rapazes vissem que o pai nunca mais se afastaria do caixão e era tempo de partir, aproximaram-se, rodeando-o estreitamente, e

ergueram-no nas mãos.

— Não quero enterrá-lo no cemitério — gemeu o capitão de repente. — Quero enterrá-lo junto da Pedra, junto da nossa pedra. Ilucha disse-me. Não quero que saia daqui!

Durante aqueles três dias não tinha deixado de repetir que queria enterrá-lo junto da pedra; mas Aliocha, Kolya, a dona da casa, a filha dela e todos os rapazes opuseram-se.

— Que ideia! Enterrá-lo em chão não sagrado como um enforcado! — disse a velha mulher com severidade. — A terra do cemitério está abençoada. Ali terá quem reze por ele, poderá ouvir os cânticos da igreja vizinha; e o diácono lê os salmos em voz tão clara e sonora que parecerá que está a ler mesmo junto do seu coval.

Por fim o capitão teve um gesto de desespero, como quem dissesse: «Levem-no para onde quiserem!» Os rapazes levantaram o caixão e, ao passarem diante da mãe, detiveram-se, baixando-o para que ela pudesse despedir-se de Ilucha. Mas ao contemplar de perto a linda face que durante três dias só pudera ver à distância, ela começou a tremer e a sacudir a cabeça sobre o corpo, num espasmo violento.

— Mãe, faz sobre ele o sinal da cruz, dá-lhe a tua bênção, beija-o — gritou Nina.

Mas ela, sem cessar de sacudir a cabeça como um autómato, calada e com a cara crispada por amarga pena, pôs-se a bater no peito com o punho. Os rapazes afastaram-se e, ao passarem diante de Nina, esta pousou pela última vez os seus lábios sobre os do irmão. Quando Aliocha saiu, pediu à dona da casa que ficasse a fazer companhia às infelizes, mas ela interrompeu-o, sem o deixar acabar.

— Com certeza! Ficarei com elas, nós também somos cristãs! — E chorou.

A igreja já não distava mais de trezentos passos. Estava um dia muito claro e mal nevava. Os sinos dobravam a finados. Snegiryov corria e agitava-se, aturdido, vestido com um sobretudo de verão, de chapéu na mão e cabeça descoberta. Encontrava-se num estado de ansiedade desconcertante. Tão depressa se misturava com os rapazes, tocando com os dedos no caixão, como para os ajudar, mas conseguindo apenas estorvá-los, como procurava caminhar ao lado, tropeçando em tudo. Caiu uma flor sobre a neve e ele precipitou-se a recolhê-la, como se todo o mundo dependesse de uma flor perdida.

— E a côdea de pão? Esquecemo-nos da côdea! — gritou de repente, como se fosse desmaiar.

Mas os rapazes lembraram-lhe que ele tinha pegado no pão e devia tê-lo no bolso. Encontrou-o, e animou-se.

— Ilucha, Ilucha encarregou-me disto — explicava ele a Aliocha. — Eu estava sentado ao lado dele, uma noite, e de repente disse-me: «Pai, quando me cobrirem de terra esmigalha em cima um pedaço de pão para que os pardais venham. Eu hei de ouvi-los e ficarei contente por me sentir acompanhado.»

— Está muito bem — volveu Aliocha. — Viremos trazer pão, muitas vezes.

— Todos os dias, todos os dias — exclamou o capitão, exaltadamente, entusiasmado com a ideia.

Chegaram à igreja e colocaram o caixão ao centro, rodeando-o os rapazes em atitude reverente enquanto duraram as cerimónias. A igreja era muito antiga e bastante pobre, e muitos ícones não tinham nichos nem lugar próprio, mas isso mesmo inspirava ainda maior devoção. Durante a missa Snegiryov esteve mais tranquilo, embora de quando em quando tivesse repentes e sobressaltos de doido, precipitando-se para o caixão a fim de arranjar uma prega do pano fúnebre ou arranjar a orla, ou endireitar uma vela que se torcia um pouco, prodigalizando-se em mil cuidados inúteis. Depois ficava imóvel, inquieto, perplexo e concentrado. Depois da Epístola, sussurrou a Aliocha, que estava a seu lado, que não a haviam lido como seria de desejar, embora nada entendesse. Ao chegar à oração: «Como o querubim», juntou-se ao coro, cantando; mas não pôde acabar e caiu de joelhos, apoiando a testa nas lajes do chão e ficando assim por bastante tempo.

Por fim começou a cerimónia fúnebre e distribuíram-se as luzes. O transtornado pai voltou a dar mostras de inquietação, mas as impressionantes e comovedoras orações emocionaram-no tanto que começou a soluçar, em soluços curtos e contidos, ao princípio afogados no peito. Mas em breve não pôde mais e soluçou em voz alta, abandonando-se aos seus sentimentos. Quando chegou o momento de levar o caixão e se dispunham a fechá-lo, ele interpôs-se e começou a beijar o filho nos lábios, sem jeitos de acabar. Conseguiram convencê-lo a afastar-se, e quando já se dispunha a obedecer estendeu impulsivamente uma das mãos e tirou do caixão um punhado de flores. Ficou a olhá-las e uma nova ideia

pareceu de momento acalmar a sua pena; estava tão absorvido que não opôs a menor resistência à trasladação do caixão para a cova aberta junto dos muros da igreja, a expensas de Catalina Ivanovna. Com o ritual do costume, os coveiros baixaram o caixão; Snegiryov inclinou-se tanto sobre o coval que os rapazes, sobressaltados, o seguraram pelas abas do sobretudo, para que não caísse. O capitão não sabia o que lhe acontecia e, quando começaram a cobrir a cova de terra, pôs-se a gesticular, murmurando palavras que ninguém pôde entender. De súbito calou-se e ficou sombrio; foi preciso recordar-lhe que tinha de esmigalhar o pão. Ficou então muito excitado, tirou o pão do bolso e começou a parti-lo em pedacitos que espalhava sobre a terra revolvida, murmurando com impaciência:

— Venham, voem para aqui, passarinhos! Voem, pardais!

Um dos rapazes notou que lhe era difícil partir o pão tendo as flores na mão, e aconselhou-o a que lhas entregasse enquanto espalhava as migalhas; ele não só recusou como se mostrou muito alarmado, como se quisessem tirar-lhe as flores. Depois de olhar para o chão, com um ar satisfeito por tudo ter terminado como era devido, deu meia volta com a maior tranquilidade e, deixando todos surpreendidos, encaminhou-se para casa, acelerando pouco a pouco a marcha. Aliocha e os rapazes quase tinham de correr para o seguir.

— As flores são para a mãe, as flores são para a mãe! Eu fui mau para a mãe, fui mau! — pôs-se ele a gritar pelo caminho.

Alguém lhe disse que cobrisse a cabeça, porque estava frio, mas ele atirou o chapéu para a neve, zangado.

— Não quero o chapéu, não quero o chapéu! — repetia.

Smurov apanhou o chapéu para lho guardar. Todos os rapazes choravam, e Kolya, e o rapazito que sabia a história de Troia, choravam ainda mais que os outros. Smurov, levando na mão o chapéu do capitão, ainda se curvou para apanhar um pedaço de tijolo e atirá-lo para um bando de pardais que esvoaçavam por ali. Não lhes acertou e pôs-se a correr, chorando. A meio do caminho, Snegiryov parou, ficou por instantes pensativo e, voltando-se de repente, recomeçou a correr em sentido inverso, para o cemitério.

Os rapazes agarraram-no, rodeando-o, e ele deixou-se cair, derrubado sobre a neve; entre soluços convulsivos, lamentos e gemidos, gritava:

— Ilucha! Velhinho... velhinho!

Aliocha e Kolya trataram de o convencer a levantar-se, diligenciando consolá-lo.

— Vamos, capitão! Um homem tem de mostrar-se forte — balbuciou Kolya.

— Vai estragar as flores — disse Aliocha — e a mãezinha esperara-as chorando sem consolo, porque não lhe quis dar uma antes. Ainda lá está a camita de Ilucha...

— Sim, sim, a mãezinha — logo se lembrou o capitão. — Desmancharão a cama, desmancharão a cama! — acrescentou, alarmado de que pudessem fazer isso.

Levantou-se e correu outra vez na direção de casa. Estavam perto, e chegaram juntos. Snegiryov abriu a porta, com um empurrão, e chamou pela mulher a quem tanto desgostara.

— Mãe, pobrezinha desvalida, Ilucha manda-te estas flores — disse, mostrando o punhado de flores geladas que se haviam desmanchado um tanto quando ele se debatera sobre a neve.

Mas naquele momento olhou para as botas grosseiras e remendadas do filho, que a arrumada dona da casa pusera junto da cama; lançou-se sobre elas e apertou-as contra os lábios, beijando-as arrebatadamente e exclamando:

— Ilucha! Velhinho, meu querido velhinho! Onde estão os teus pezitos? Para onde o levaram?

A voz dele dilacerava a alma. Nina soluçava; Kolya precipitou-se para fora do quarto e os rapazes seguiram-no. Aliocha também saiu.

— Deixemo-los chorar — disse Aliocha a Kolya — seria inútil tentar consolá-los nestes momentos. Esperemos um pouco.

— Sim, seria inútil e é terrível — concordou Kolya, em voz entrecortada e quase ininteligível. — Não pode imaginar, Karamazov, a pena que eu tenho. Se fosse possível devolver-lho, eu faria qualquer sacrifício, fosse o que fosse.

— Também eu — disse Aliocha.

— Que lhe parece, Karamazov? Não será conveniente voltarmos aqui esta noite? Já sabe que ele vai beber...

— Talvez sim. Voltaremos os dois. Será bastante para fazer uma hora de companhia a Nina e à mãe. Se voltarmos todos, recordar-lhes-emos demasiado as últimas cenas da vida de Ilucha — aconselhou Aliocha.

— Agora deve estar a dona da casa a preparar-lhes a mesa... Haverá um banquete fúnebre... ou coisa parecida, a que assistirá o sacerdote... Voltaremos então, Karamazov?

— Claro — respondeu Aliocha.

— É tão estranho tudo isto, Karamazov! Comer pastéis depois de tanta tristeza... é impróprio da nossa religião.

— Também haverá salmão — disse em voz alta o que sabia a história de Troia.

— Peço-te encarecidamente, Kartashov, que não interrompas com as tuas tolices, especialmente quando ninguém fala contigo nem se preocupa se existes! — atalhou Kolya, irritado.

O rapaz corou sem se atrever a replicar.

Entretanto tinham-se afastado da casa e de repente Smurov exclamou:

— Esta é a pedra de Ilucha, onde queriam enterrá-lo.

Todos pararam num silêncio respeitoso. Aliocha examinou a pedra e, imaginando o quadro que Snegiryov lhe descrevera, viu em mente Ilucha agarrado ao pescoço do pai e gemendo: «Pai, pai, como ele te insultou!» Uma inspiração divina passou-lhe pela alma, inundando-a de emoção, e volvendo um olhar sério e grave pelas faces encantadoras e serenas dos condiscípulos de Ilucha, disse-lhes:

— Rapazes, gostaria de lhes dizer umas palavras, aqui mesmo.

Todos o rodearam, fitando-o atentamente.

— Rapazes, em breve nos separaremos; ainda estarei uns dias com os meus dois irmãos, um dos quais vai partir para a Sibéria enquanto o outro está em perigo de vida; mas em breve abandonarei esta cidade, talvez por muito tempo; assim, pois, devemos despedir-nos. Estabeleçamos sobre esta pedra de Ilucha o pacto de nunca o esquecer e de nunca nos esquecermos uns aos outros. Seja o que for que nos aconteça na vida, e ainda que não voltemos a encontrar-nos em vinte anos, recordaremos que nos juntámos para enterrar o pobrezinho a quem apedrejámos na ponte (lembram-se?) e a quem tanto amámos depois. Era um modelo de filho generoso, intrépido que, zeloso da honra de seu pai, sentia vivamente as injúrias que lhe faziam e acudia em sua defesa. Acima de tudo não o esqueçamos em toda a nossa vida, rapazes. Mesmo nos mais graves assuntos, quando já formos homens, tanto nas alegrias como nas tristezas, lembremo-nos de que nos encontrámos aqui reunidos por um sentimento de amor por esse pobrezinho que nos tornou melhores do que na realidade

somos. Meus pombos, permitam-me que lhes dê este nome porque me pareceis semelhantes a essas aves cândidas, quando vejo as vossas faces encantadoras. Meus filhos, talvez não entendam o que lhes digo, porque me acontece falar obscuramente; mas de qualquer modo recordareis as minhas palavras e algum dia estareis de acordo com elas. Deveis saber que nada há mais elevado, mais poderoso, mais útil à vida do que uma boa recordação, especialmente uma recordação da infância, do lar. Ouvireis falar muito da vossa educação, mas talvez nenhum ensinamento possa ser mais importante do que uma pequena recordação, uma sagrada memória conservada da infância. O que consegue reunir muitas recordações está salvo para toda a vida; e, se apenas guardar uma no seu coração, pode ser que lhe deva a sua salvação. Talvez cheguemos a ser maus, mais tarde; talvez sejamos incapazes de nos deter ante uma ação má, e possamos rir-nos dos que choram e dos que dizem, como Kolya disse há momentos, que desejam sofrer por todos os homens; talvez até lhes tenhamos rancor. Mas ainda que sejamos maus, o que Deus não permita, ao recordar-nos de como amámos Ilucha nos seus últimos dias, e o enterrámos, e conversámos como amigos reunidos junto desta pedra, nem os mais cruéis e trocistas, no caso de algum de nós ser assim, ousarão rir-se, no fundo, por terem sido bons e piedosos neste momento. Mais ainda, esta recordação perdurará em nós, fazendo-nos refletir: «Sim, então eu senti-me bom e corajoso, e honrado!» Não importa que sejamos capazes de rir interiormente, porque muitas vezes nos rimos do que é bom e nobre; mas garanto-lhes, rapazes, que esse riso irá despertar uma voz que ouviremos no nosso coração: «Não, não faço bem em rir-me, porque isto não é coisa de rir.»

— Compreendo, Karamazov; pode estar certo do que diz! — gritou Kolya com os olhos brilhantes.

Os camaradas, que estavam emocionados, quiseram falar, mas atrapalharam-se uns aos outros e redobraram de atenção.

— Digo-lhes isto para o caso de chegarmos a ser maus — continuou Aliocha. — Mas que motivo há para sermos maus, não é verdade, rapazes? Acima de tudo sejamos bons, depois honrados e não nos esqueçamos uns aos outros! Repito isto e dou-lhes a minha palavra de que não esquecerei nenhum de vocês. Daqui a trinta anos hei de recordar cada uma das vossas faces voltadas para mim. Kolya acaba de dizer a Kartashov que não nos preocupamos de que ele exista; mas eu não posso esquecer que Kartashov

existe e agora não está corado como quando nos falou dos fundadores de Troia, mas olha-me com os seus olhos alegres e doces. Rapazes, sejamos todos generosos e valentes como Ilucha... inteligentes, valentes e generosos como Kolya (que será muito mais inteligente quando tiver mais idade), sejamos tão modestos, inteligentes e doces como Kartashov. Mas por que cito estes dois? Amo-vos a todos, rapazes, e de hoje em diante tereis um lugar no meu coração, como eu espero tê-lo no vosso. E a quem devemos este sentimento em que nos unimos e de que nos recordaremos toda a vida? A quem senão a Ilucha, a esse rapaz tão bom, tão querido, tão apreciado por nós para sempre! Não o esqueçamos, nunca! Que a sua memória seja eterna nos nossos corações!

— Sim, eterna, eterna! — gritaram os rapazes em voz sonora, enternecidos.

— Recordemos a sua cara, as suas roupas, as suas pobres botas, o seu caixão, o pai desgraçado e pecador, e a coragem com que o filho se ergueu contra todos para o defender.

— Recordaremos, recordaremos! — gritaram os rapazes.

— Era valente e era bom!

— Oh, quanto eu o amava! — exclamou Kolya.

— Meus filhos, meus amigos, não tenham medo da vida! A vida é boa quando agimos bem e com intenções puras!

— Sim, sim! — disseram os rapazes, entusiasmados.

— Karamazov, amamos-te! — gritou com ímpeto uma voz, talvez a de Kartashov.

— Amamos-te, amamos-te! — repetiram todos, e havia lágrimas nos olhos de alguns.

— Viva Karamazov! — exclamou Kolya, exaltadamente.

— E que a memória do menino morto seja imperecível! — acrescentou Aliocha, emocionado.

— Que seja imperecível! — repetiram os rapazes.

— Karamazov — gritou Kolya. — Será verdade, como ensina a religião, que ressuscitaremos e voltaremos à vida, podendo ver novamente todos e também a Ilucha?

— Certamente que ressuscitaremos, não há dúvida de que voltaremos a ver-nos e contaremos com alegria uns aos outros o que nos tiver acontecido! — respondeu Aliocha, misturando ao entusiasmo um riso alegre.

— Oh! Deve ser magnífico! — exclamou Kolya.

— Bem, acabemos de falar e vamos à refeição fúnebre. Não digam mal dos pastéis e dos fritos, é um antigo costume em que há muita poesia — disse Aliocha. — Agora estamos todos de acordo!

— Agora e sempre, e para toda a vida! Viva Karamazov! — gritou mais uma vez Kolya, num transporte de entusiasmo.

E todos os rapazes fizeram eco da exclamação:

— Viva Karamazov!

O IDIOTA

PARTE 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
PARTE 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
PARTE 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
PARTE 4
Capítulo 1

Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
CONCLUSÃO

Parte 1

Capítulo 1

Eram aproximadamente nove horas da manhã: estava-se no fim de novembro, por um tempo de degelo. O comboio de Varsóvia chegava a todo o vapor a S. Petersburgo. A humidade e o nevoeiro eram tais, que o dia a custo conseguia romper; a dez passos à direita ou à esquerda da via férrea era difícil distinguir, fosse o que fosse, pelas janelas das carruagens. Entre os viajantes havia alguns que regressavam do estrangeiro; todavia, dos compartimentos de terceira classe, os mais repletos, a gente modesta que os ocupava, não vinha de muito longe. Todos, naturalmente, estavam fatigados e transidos de frio; tinham os olhos pesados, devido a uma noite de insónia, e o rosto refletia a palidez amarelenta do nevoeiro.

Num dos compartimentos de terceira classe encontravam-se sentados, em frente um do outro, junto à mesma janela, desde o romper do dia, dois viajantes. Eram ambos novos, vestidos ligeiramente e sem elegância; os seus traços fisionómicos eram dignos de atenção e ambos sentiam desejos de encetar conversa. Se cada um deles soubesse que o da frente oferecia de singular na ocasião, ficaria, sem dúvida, admirado do estranho acaso que os colocara em frente um do outro, numa carruagem de terceira classe, no comboio de Varsóvia.

Um deles era de pequena estatura e podia ter vinte e sete anos; os cabelos eram crespos e quase pretos, e os olhos castanhos e pequenos, mas cheios de vida. O nariz era chato e as maçãs do rosto salientes; os lábios delgados esboçavam continuamente um sorriso impertinente, irónico e até mesmo mau. Porém o rosto comprido e bem modelado atenuava a impressão desagradável que o resto do seu todo produzia. O que sobretudo chamava a atenção era a palidez cadavérica do rosto. Ainda que fosse de constituição bastante robusta, essa palidez dava-lhe, ao conjunto da fisionomia, um ar de esgotamento e, ao mesmo tempo, discernia-se nele qualquer coisa de apaixonado e também de doloroso, que contrastava com a insolência do seu sorriso e a fatuidade provocante do seu olhar. Muito bem embrulhado numa larga pele de carneiro preto, bem forrada, não havia sentido o frio, ao passo que o seu vizinho tinha sentido arrepios na

espinha, devido ao frio daquela noite de outono russo, ao qual não parecia habituado.

Este último tinha com ele uma grossa manta, munida de um grande capuz e sem mangas, vestimenta no género daquelas que usam no inverno os viajantes que visitam a Suíça ou a Itália do Norte. Porém o que é bom para viajar na Itália, não convém ao clima da Rússia, e ainda menos para um trajeto tão longo como aquele que separa Eydtkuhnen de S. Petersburgo.

O dono desta manta era também um rapaz de vinte e seis a vinte sete anos. De estatura um pouco acima do normal, tinha uns cabelos castanhos e espessos, as faces cavadas e uma barba em ponta, tão clara, que parecia branca. Os olhos eram grandes e azuis; a fixidez da sua expressão tinha qualquer coisa de terno e inquietante, e o seu estranho reflexo revelaria um epilético para certos observadores. Finalmente o rosto era agradável e os seus traços um pouco delicados, mas parecia pálido e naquele momento até azulado, talvez devido ao frio. Tinha nas mãos um pequeno embrulho, envolvido num velho pano de cor duvidosa e que constituía provavelmente toda a sua bagagem. Trazia calçados uns sapatos de solas grossas e sobre estes umas polainas, o que não era moda na Rússia.

O seu vizinho, o homem da pele de carneiro, havia examinado todos estes detalhes, um pouco por desfastio. Acabou por o interrogar, entretanto que o seu sorriso exprimia a satisfação indiscreta e mal contida, que todo o homem sem educação experimenta ante a miséria do próximo.

— Está com frio?

Com um movimento de ombros esboçou um arrepio.

— Oh, sim! — respondeu o interpelado com uma extrema complacência. — E repare que estamos no degelo!... Que faria se estivesse a gelar!... Seria um frio cortante. Não imaginei que fizesse tanto frio no nosso país. Já perdi o hábito deste clima.

— Vem então do estrangeiro?

— Sim, venho da Suíça.

— Oh, diabo! Vem de longe!

O jovem dos cabelos pretos assobiou e pôs-se a rir. A conversa continuou. Com uma condescendência de admirar, o outro jovem, o da manta suíça, respondeu a todas as perguntas do seu interlocutor, sem parecer aperceber-se do caráter ocioso e fora de propósito de algumas dessas perguntas, nem do tom negligente como algumas delas eram feitas,

Explicou, principalmente, que havia passado mais de quatro anos fora da Rússia, para onde o tinham mandado a fim de se tratar de uma doença nervosa bastante singular, no género das epilepsias ou da dança de S. Guido, que se manifestava por tremores e convulsões. Estas explicações fizeram sorrir o seu companheiro diversas vezes, sobretudo quando lhe perguntou: «E agora está curado?», ao que ele respondeu:

— Oh, não, não me curaram.

— Então despendeu o seu dinheiro em pura perda.

E o jovem da pele de carneiro acrescentou então com amargura:

— É assim que nos deixamos explorar pelos estrangeiros!

— É bem verdade! — exclamou um indivíduo mal vestido, que estava sentado ao lado deles, tendo mais ou menos quarenta anos e o aspeto de um escrevente de repartição pública; muitíssimo robusto, exibia um nariz avermelhado no meio de um rosto cheio de borbulhas. — É muito verdade, meus senhores! — continuou ele. — É assim que os estrangeiros exploram os russos e nos tiram o nosso dinheiro.

— Oh, pelo que me diz respeito estão completamente enganados — retorquiu o jovem doente num tom terno e conciliador. — Não posso contestar o que o senhor disse, porque não conheço tudo quanto diz respeito a essa questão; no entanto o meu médico, após ter pago todas as despesas por mim feitas durante perto de dois anos, ainda me conseguiu, à custa de grandes sacrifícios, o dinheiro suficiente para poder voltar à minha terra.

— Como? não tinha ninguém que pudesse pagar as suas despesas? — perguntou o viajante de cabelos pretos.

— Não tinha... O senhor Paolistchev, que havia tomado o encargo de suprir a todas as minhas necessidades, durante a minha estada na Suíça, morrera há dois anos. Escrevi depois para aqui, à esposa do general Epantchine, minha parenta afastada, mas não obtive nenhuma resposta. Foi então que me resolvi a regressar.

— E onde conta ir agora?

— Quer dizer, onde conto descer? Para lhe dizer a verdade ainda não sei...

— O quê? Ainda não sabe?

E os dois interpelantes soltaram uma nova gargalhada.

— Esse pequeno embrulho contém então toda a sua fortuna? — perguntou o companheiro da pele.

— Aposto que é assim! — acrescentou o *tchinovnik* de nariz vermelho e um ar satisfeito. — Suponho que não tem mais embrulhos de bagagem. Até ver a pobreza não é vício, seja-me permitido dizer.

A suposição dos dois homens era de facto verdadeira, e o jovem amorenado concordou com um sorriso de terna graça.

Os dois deram de doto livre curso às suas gargalhadas. O que trazia apenas o pequeno embrulho riu também, ao olhar para eles, o que fez aumentar a hilaridade destes. O funcionário continuou:

— O seu embrulhinho não deixa de ter uma certa importância. Pode-se apostar, sem dúvida, que não contém rolos de peças de ouro, tais como napoleões, fredericos ou ducados da Holanda. É fácil de conjeturar, bastando ver as suas polainas, as quais cobrem os sapatos de uma maneira esquisita. No entanto se, além desse pequeno embrulho, tivesse na verdade qualquer parentesco com a esposa do general Epantchine, então o embrulho adquiriria um valor relativo. Isto, bem entendido, no caso de ela ser efetivamente sua parenta e não se tratar de algum engano motivado por distração, o que é vulgar suceder, sobretudo naquelas pessoas com um grande poder de imaginação.

— Continua ainda dentro da verdade! — exclamou o jovem doente. — Com efeito, estive quase em errar. Ouvi dizer que a esposa do general é quase minha parenta; estou por outro lado muito admirado que ela não tenha respondido à minha carta da Suíça. Já esperava isto!

— Gastou inutilmente dinheiro num selo. Hum... Ao menos pode-se dizer que o senhor é ingénuo e sincero, o que só depõe em seu favor... Quanto ao general Epantchine, conheço-o, tal como é conhecido de toda a gente. Conheci também o falecido senhor Paolistchev, a pessoa que custeava a sua estada na Suíça, isto, se se tratava de Nicolas Andreievitch Paolistchev, pois havia dois primos direitos com o mesmo nome. Um vive ainda na Crimeia; quanto ao falecido Nicolas, era um homem considerado, que tinha altas relações e cuja fortuna era avaliada em quatro mil almas.

— Era esse de facto: chamava-se como diz, Nicolas Andreievitch Paolistchev.

Tendo respondido assim, o jovem doente fitou com um olhar perscrutador o homem que parecia tudo saber.

Estas pessoas tão bem informadas sobre todas as coisas encontram-se, por vezes, e mesmo com bastante frequência, numa certa classe social. Sabem tudo, porque concentram num só sentido as faculdades inquiridoras

do seu espírito. Este hábito é com certeza a consequência de uma falta de outros interesses vitais mais importantes, como diria um pensador contemporâneo. De resto, apesar de qualificados de omniscientes, o domínio dos seus conhecimentos é bastante limitado. Dir-vos-ão, por exemplo, que um tal indivíduo serve em tal sítio, que tem por amigos fulano e fulano, que a sua fortuna atinge tanto. Citar-vos-ão a província onde ele foi governador, a mulher que desposou, o montante do dote que ela lhe trouxe, os seus laços de parentesco, e toda a espécie de informações deste género. A maior parte do tempo estes «sabe-tudo» trazem as roupas um pouco esburacadas e conseguem receber com estas informações mais ou menos dezassete *rublos* por mês. Aquelas pessoas de quem eles conhecem tão bem a vida, estão longe de calcular quais os motivos de uma tal curiosidade. E que muitas dessas pessoas sentem uma enorme satisfação, adquirindo estes conhecimentos, que equivalem a uma verdadeira ciência e que o seu amor próprio eleva à categoria de uma satisfação estética. Nesta época esta ciência tem os seus atrativos. Conheço sábios, escritores, poetas e políticos que têm consagrado a esta ciência uma grande paixão, que fazem dela o fim da sua vida e a ela devem os únicos sucessos da sua carreira.

Durante toda esta conversa o jovem de cabelos pretos lançava olhares negligentes pela janela e parecia impaciente por chegar. A sua distração era tão forte, que se transformava em ansiedade e disparate: algumas vezes olhava sem ver, escutava sem ouvir, e se chegava a rir, não se recordava do motivo da sua alegria.

— Mas permite-me perguntar com quem tenho a honra? — perguntou o homem de rosto aburguesado, voltando-se para o dono do pequeno embrulho.

— Sou o príncipe León Nicolaievitch Míchkin — respondeu este num tom rápido.

— O príncipe Míchkin? León Nicolaievitch? Não conheço. Nunca ouvi falar dele — replicou o funcionário num tom distraído. — Não é o nome que me causa admiração. É um nome histórico: encontra-se ou deve-se encontrar na «*História*» de Karamzine. Falo da sua pessoa, e creio bem, segundo parece, que não se encontra hoje, em parte alguma, um príncipe com esse nome. Qualquer recordação dele extinguiu-se.

— Oh, também o creio! — retorquiu logo o príncipe. — Não existe nenhum outro príncipe Míchkin além da minha pessoa. Devo ser o último

da minha geração. Quanto aos meus antepassados, eram fidalgos camponeses. Meu pai serviu no exército, no posto de tenente, depois de haver passado pela escola de cadetes. Para falar verdade, não sei explicar-lhes a razão por que a esposa do general julga ser uma princesa Míchkin; ela deve ser também a última do seu género...

— He, he! A última do seu género... Que divertida maneira de dizer! — exclamou o funcionário num tom de zombaria.

O jovem de cabelos pretos esboçou igualmente um sorriso e o príncipe por sua vez ficou um pouco admirado por haver empregado uma combinação de palavras não muito lisonjeiras.

— Creiam que a minha intenção, com este jogo de palavras, não foi melindrar alguém — explicou por fim.

— Compreende-se, vê-se bem! — aquiesceu o funcionário alegremente.

— Muito bem, príncipe! Com certeza se dedicou ao estudo das ciências durante a sua estada em casa do professor, não? — perguntou de súbito o jovem dos cabelos pretos.

— Sim, estudei.

— Não fez como eu, que nunca aprendi nada.

— Por mim, também não foi muito longe a instrução recebida — esclareceu o príncipe, como para se desculpar. — Em virtude do meu estado de saúde, não me foi possível fazer quaisquer estudos seguidos.

— Conhece os Rogojine? — perguntou de súbito o jovem de cabelos pretos.

— Não conheço nenhum. Devo dizer-lhe que conheço poucas pessoas na Rússia. O senhor pertence talvez à família dos Rogojine?

— Sim, chamo-me Parfione Rogojine.

— Parfione? Pertence então talvez àquela família dos Rogojine que... — disse o funcionário, afetando um certo ar de gravidade.

— Sim, sim, é isso mesmo! — acrescentou o jovem de cabelos pretos, num tom de brusca impaciência por se ver interrompido, e não o deixando por outro lado concluir a frase, tanto mais que até ali não lhe dirigira uma única palavra, só tendo falado apenas com o príncipe.

— Mas... como pode ser isso? — prosseguiu o funcionário, abrindo muito os olhos, estupefacto, entretanto que a sua fisionomia tomava uma expressão de obsequiosidade, de quase servilismo. — Então o senhor é parente do próprio Semione Parfionovitch Rogojine, notável burguês

honorário por herança, que faleceu há perto de um mês, deixando uma fortuna de dois milhões e meio aos seus herdeiros?

— E como é que soube que ele deixou dois milhões em dinheiro? — interrompeu o jovem dos cabelos pretos, mas sem se dignar voltar para ele o seu olhar. E acrescentou, dirigindo-se ao príncipe com um piscar de olhos: — Chamo um pouco a sua atenção para o seguinte: que interesse podem ter estas pessoas em adular com uma tal solicitude? É absolutamente exato que meu pai morreu há pouco tempo; o que não obsta a que volte para minha casa um mês depois, vindo de Pskov, num estado de miséria tal, que é de admirar que tenha ainda um par de botas para calçar. O patife do meu irmão e a minha mãe não me mandaram nenhum dinheiro, nem sequer me avisaram. Nada fizeram, tratando-me como se fosse um cão. E estive retido durante um mês em Pskov, metido na cama com uma febre alta.

— Isso não o impediu de vir agora receber de uma só vez um bom milhão, e talvez este número esteja abaixo da realidade que o espera. Ah, senhor — exclamou o funcionário, levantando os braços para o céu.

— Mas pergunto, em que pode todo este assunto interessá-lo? — perguntou Rogojine, designando o seu interlocutor com um gesto de enervamento e aversão. — Pois fique sabendo que não lhe darei um único *kopek,* nem mesmo que andasse com as mãos no chão, na minha frente.

— Muito bem! Andarei quando quiser com as mãos no chão.

— Já viu coisa igual! Digo-lhe mais: não lhe daria nada, nem mesmo que dançasse na minha frente uma semana.

— E o que eu quero! Não me dará nada e eu dançarei. Deixarei a minha mulher e os meus filhos para dançar diante de si, dizendo comigo mesmo: lisonja, lisonja...

— Irra, que baixeza! — exclamou o jovem, deixando bem ver todo o seu desgosto. Depois voltou-se para o príncipe. — Há cinco semanas abandonei a casa paterna levando apenas, como o senhor, um pequeno embrulho com roupa. Dirigi-me a Pskov, a casa de uma tia minha, e aí adoeci com uma febre má. Foi durante este tempo que meu pai faleceu com um ataque apoplético. Paz à sua alma, mas fugi com toda a razão, pois de outra forma matava-me com pancadas. Acredite, príncipe, no que lhe digo: Deus é testemunha de que me teria morto, se não fugisse.

— Com certeza o senhor tinha-o feito arreliar? — insinuou o príncipe, que examinava o milionário, tão pobremente vestido, com uma

curiosidade muito especial.

Mas que interesse podia ter para ele o ouvir a história deste herdeiro de um milhão? A sua atenção estava concentrada em qualquer outra coisa.

Da mesma forma, se Rogojine sentia um prazer singular em entabular conversa com o príncipe, esse prazer derivava mais de um impulso natural, que de uma necessidade de expansão; parecia propender para isso, mais por diversão do que por simpatia, e o seu estado de inquietação e de nervosismo levava-o a olhar, não importava para quê, e a falar, não importava de quê. Era de crer que estivesse ainda debaixo da ação do delírio, ou pelo menos da febre. Quanto ao funcionário, só tinha olhos para Rogojine, mal ousando respirar e guardando como um diamante cada uma das suas palavras.

— É certo que estava furioso contra mim e talvez não sem razão — respondeu Rogojine. — E agora, sobretudo meu irmão que está contra mim. Não digo nada de minha mãe: é uma mulher já velha, sempre absorvida na leitura de monólogos e rodeada de pessoas da sua idade, e de tal forma, que a vontade que prevalece e predomina na nossa casa é a de meu irmão Semione, hei de saber a razão por que não me preveniu no seu devido tempo. Por agora calculo apenas qual fosse. Parece que me mandaram um telegrama, mas esse telegrama foi levado a casa da minha tia, que é viúva, há já perto de trinta anos, e passa os dias, de manhã à noite, em companhia de *yourodivy*. Sem ser positivamente uma religiosa, é pior que uma religiosa. Ficou aterrada ao ver o telegrama e, sem se atrever a abri-lo, levou-o à esquadra policial, onde está ainda. Foi graças a Vassili Vassiliévitch Koniov que fui posto ao corrente do que se passou. Parece que meu irmão cortou, durante a noite, os galões de oiro do brocado que cobria o caixão do meu pai. Tentou justificar a sua má ação, declarando que os galões valiam um dinheiro louco. Não é preciso mais para que o mandem para a Sibéria, se eu quiser mexer nesse assunto, pois é um roubo sacrílego. Que diz a isto, senhor cabeça de vento? — perguntou, voltando-se para o funcionário. — Que diz a lei a tal respeito? É ou não um roubo sacrílego?

— Certamente que é um roubo sacrílego — apressou-se a confirmar o interpelado.

— E isto pode levar um homem para a Sibéria?

— Sim, para a Sibéria, sim!... não tenha a menor dúvida.

— Julgam que estou ainda doente — continuou Rogojine dirigindo-se ao príncipe — mas eu, sem o menor aviso, tal como estava, tomei o comboio e meti-me ao caminho! Ah, meu caro irmão, Semione Semionovitch, como vais ficar surpreendido quando me abrires a porta! Eu sei tudo quanto ele disse de mal, da minha pessoa, a meu falecido pai. Na verdade devo confessar que havia irritado meu pai com a história da Nastásia Filipovna. Fui além do que devia e só tive o castigo que merecia.

— A história da Nastásia Filipovna? — insinuou o funcionário num tom servil e fingindo avivar as suas recordações.

— Que lhe importa, se a não conhece? — gritou-lhe Rogojine, perdendo a paciência.

— Está enganado!... Conheço-a!... — ripostou o outro com um ar triunfante.

— Talvez... mas não faltam pessoas com o mesmo nome. E depois, tenho a dizer-lhe que o senhor é de um descaro a toda a prova. Estava seguro — acrescentou, voltando-se para o príncipe — de que ia ser importunado por atrevidos desta força!

— Isso não impede que eu a conheça — insistiu o funcionário. — Lebedev tem muitos conhecimentos. Vossa Alteza trata-me com desdém, mas que dirá, se eu lhe provar que conheço a Nastásia? Olhe, essa mulher, por causa de quem seu pai lhe deu umas boas bengaladas, chama-se, de nome de família, Barachkov. Pode-se dizer que é uma senhora distinta e que é também, no seu género, uma princesa. Está em relações com um tal Athanase Ivanovitch Totski; este senhor, que é a sua única ligação, é um grande proprietário, possuidor de capitais consideráveis; é administrador de diversas sociedades e por esta razão tem relações comerciais e de amizade com o general Epantchine.

— Que peste de homem! — exclamou Rogojine, surpreso. — Está bem informado.

— Não lhe disse que Lebedev sabe tudo, absolutamente tudo!... Tenho ainda a dizer a vossa Alteza que viajei por todo o pais, durante dois meses, com o pequeno Alexandre Likhatchov, que acabava de perder o pai; por esta razão conheço-o por todos os lados e não podia dar um passo sem a minha pessoa. Nesta ocasião está preso por causa dumas dívidas. Em tempos que lá vão teve ocasião de conhecer a Armance, a Corália, a princesa Patozki, Nastásia Filipovna e sabe-se lá quem mais!

— Nastásia? Mas ela esteve com Likhatchov? — perguntou Rogojine, cujos lábios perderam a cor e começaram a tremer, enquanto o seu olhar colérico se fixou no funcionário.

— Não houve nada entre eles, absolutamente nada! — apressou-se ele a retificar. — Quis dizer que Likhatchov não conseguiu ainda nada, a despeito do seu dinheiro. Ela não é como a Armance e tem apenas o Totski. Todas as noites a podemos ver na sua frisa, seja no Grande Teatro, seja no Teatro Francês. Os oficiais cochicham entre eles a seu respeito, mas são incapazes de provar seja o que for: «Olha», dizem eles, «olha a famosa Nastásia!» E é tudo. Não dizem nada de mais simples, porque nada mais simples podem dizer.

— Assim é, com efeito! — confirmou Rogojine com um aspeto sombrio e pouco amistoso. — Foi isso mesmo que me disse há tempos Zaliojev. Um dia, príncipe, quando atravessava o Nevski, agasalhado num casacão de meu pai, que eu trazia há mais de três anos, vi-a sair de um estabelecimento e subir para a sua carruagem. Senti-me, ao vê-la, como que fulminado por um raio. Depois encontrei Zaliojev; era, no seu aspeto, muito diferente da minha pessoa: estava vestido com elegância e trazia monóculo, entretanto que eu, na casa de meus pais, calçava botas de camponês e comia sopa de couves. Zaliojev disse-me: «Esta mulher não é de toda a gente. É uma princesa, chama-se Nastásia Filipovna Barachkov e vive com Totski. Porém este não sabe como se há de desembaraçar dela, porque, apesar dos seus cinquenta e cinco anos, pensa encetar nova vida. Pretende desposar a primeira beleza de S. Petersburgo». Nessa altura acrescentou ainda que só a podia ver na sua frisa, indo naquela noite ao Grande Teatro, durante o bailado. Todavia o caráter de meu pai era tão desconfiado, que se me atrevesse a manifestar-lhe a minha intenção de ir ver o bailado, seria logo espancado. Esquivando-me no entanto como pude, sempre consegui ir ao teatro, onde vi a Nastásia. Não pude fechar olho durante toda a noite. Na manhã seguinte meu falecido pai deu-me dois títulos de 5%, de cinco mil *rublos* cada, dizendo-me: «Vai vendê-los e passa depois pela casa de Andreiev, onde pagarás uma conta que ali tenho de sete mil e quinhentos *rublos.* Trazes-me o troco e não te demores no caminho». Vendi os títulos e embolsei o dinheiro. Em lugar de ir a casa de Andreiev, fui logo direito aos Armazéns Ingleses, onde escolhi um par de brincos com dois brilhantes cada, e os quais eram quase do tamanho de uma noz. Faltaram-me ainda quatrocentos *rublos*, mas ao dizer quem eu

era, concederam-me logo esse crédito. Com esta joia no bolso dirigi-me a casa de Zaliojev. «Vamos, meu amigo!», disse-lhe eu. «Acompanhe-me a casa da Nastásia». E lá fomos. Do que tive então debaixo dos pés, diante de mim ou ao meu lado, perdi toda a recordação. Entrámos no seu grande salão e ela veio ao nosso encontro. Não me dei a conhecer nesta ocasião, pois encarreguei Zaliojev de lhe dar a joia em meu nome. Disse ele: «Queira, minha senhora, aceitar isto, da parte de Parfione Rogojine, em recordação do dia de ontem, dia em que a viu pela primeira vez». Abriu o estojo, examinou os brincos e respondeu, sorrindo: «Agradeça ao seu amigo, senhor Rogojine, a sua amável atenção». Dito isto, saudou-nos e retirou-se. Porque não morri eu no lugar onde estava naquele momento! Se me decidira a ir até ali, devia-se à ideia que se me metera na cabeça, de que não voltaria vivo. E uma coisa, sobretudo, me humilhava; a quase certeza de me ver eclipsado por esse animal do Zaliojev. Dada a minha pequena estatura e o meu aspeto de criado, mantive-me calado, todo atrapalhado e envergonhado do meu desacerto, limitando-me por isso apenas a devorá-la com os olhos. Ele estava vestido na última moda, todo coberto de pomada, de cabelo frisado e a pele rosada; trazia uma gravata aos quadrados e todo ele eram trejeitos afetados. Não duvido que ela o houvesse tomado por mim! Ao sair, disse-lhe: «Se pensa em voltar a acompanhar-me a casa dela, está enganado. Compreende?» Respondeu-me, rindo: «Estou ansioso por saber como vais regular as contas com teu pai!» A verdade, contudo, é que nessa altura sentia mais desejos de me atirar à água, do que voltar para casa. Respondi-lhe: «Que lhe importa?» Regressei em seguida a casa, onde entrei como um condenado.

— Livra! — desabafou o funcionário com um ar de pavor. — Quando penso que o falecido mandou algumas vezes um homem para o outro mundo, não por dez mil, mas mesmo por dez *rublos*!

Fez, ao preferir estas palavras, um sinal com os olhos, ao príncipe. Este examinava Rogojine com curiosidade». O jovem, mais pálido ainda neste momento, exclamou:

— Mandava pessoas para o outro mundo? Que sabe o senhor a tal respeito?

Em seguida, voltando-se para o príncipe, continuou:

— A história não tardou a chegar aos ouvidos de meu pai. Zaliojev tinha ido logo contá-la a toda a gente. Depois de me ter fechado no último andar da nossa casa, castigou-me durante uma hora. «Isto é apenas o

começo», disse-me ele, «pois virei antes do anoitecer para te desejar uma boa noite». Que pensa o senhor que ele fez em seguida? Esse homem de cabelos brancos foi a casa da Nastásia, saudou-a com uma grande reverência e à força de suplicar e de chorar, acabou por conseguir que ela lhe entregasse o estojo. Atirou-lhe com ele, dizendo: «Toma, meu velhote, aqui tens os brincos! Passaram a valer para mim dez vezes mais, desde que soube que Parfione os adquiriu pelo preço do tratamento que lhe infligiste. Saúda e agradece em meu nome a Parfione Semionovitch!» Enquanto isto se passava, com a autorização de minha mãe, pedi vinte *rublos* emprestados a Serge Protonchine e tomei o comboio para Pskov. Cheguei ali já com febre. As velhas mulheres, à laia de tratamento, sentaram-se junto de mim a ler a vida dos santos. Estava como que inconsciente. Fui depois gastar os últimos centavos para uma taberna e passei a noite prostrado na rua com uma bebedeira. Pela manhã a febre tinha aumentado. Os cães haviam-me cheirado durante a noite. A custo consegui recobrar os sentidos.

— Agora vamos ver em que tom cantará a Nastásia — zombava o funcionário, esfregando as mãos — Para este momento, senhor, não se trata dos brincos. É uma outra coisa que vamos poder oferecer-lhe...

— Tu, tu tens sido o companheiro de Likhatchov! — gritou Rogojine, agarrando-o violentamente por um braço. — Garanto-te, porém, que te espancarei se dizes mais uma palavra a respeito da Nastásia.

— Batendo-me é a prova de que não me repele. Espanque-me, portanto!... Será uma maneira de me mostrar a sua concordância... Mas estamos chegados...

De facto o comboio entrava na plataforma da estação. Se bem que Rogojine tivesse dito que havia deixado Pskov em segredo, várias pessoas se encontravam na estação à sua espera. Começaram a clamar e a agitar os seus bonés.

— Olhe, Zaliojev veio também! — murmurou Rogojine, fitando o grupo com um olhar de triunfo, entretanto que um mau sorriso lhe passou pelos lábios. Depois voltou-se bruscamente para o príncipe: — Príncipe, sem bem saber porquê, principiei a sentir pelo senhor uma certa afeição. Talvez isto seja devido a tê-lo encontrado em tão estranhas circunstâncias. Entretanto encontrei-o também a ele — e designou Lebedev — e não me despertou nenhuma simpatia. Terei muito gosto em vê-lo na minha casa, príncipe, mas terá que tirar as polainas; mandar-lhe-ei uma peliça de pele

de marta, de primeira qualidade, bem como lhe mandarei fazer o que houver de melhor como fraque e como colete branco (menos que não prefira outra coisa!) terá o dinheiro que quiser e... iremos a casa da Nastásia. Aceita ou não?

— Preste atenção a estas palavras, príncipe Míchkin — exclamou Rogojine num tom de importância. — Não deixe escapar semelhante ocasião! A tal o íntimo.

O príncipe levantou-se, estendeu a mão a Rogojine, todo cortês, e respondeu com amabilidade:

— Irei visitá-lo com o maior prazer e fico-lhe muito reconhecido pela simpatia que mostra ter por mim. Digo-lhe também, com a maior franqueza, que a sua pessoa se me tornou simpática, sobretudo quando me contou a história dos brincos com brilhantes. Posso até mesmo dizer que já, antes de ouvir a sua história, me havia agradado, apesar do seu rosto um pouco sombrio. Agradeço-lhe igualmente a sua promessa de me dar um fato e uma peliça, porque um e outro vão-me ser indispensáveis. Quanto a dinheiro tenho apenas neste momento um único *kopek.*

— Terá dinheiro, o mais tardar ainda esta tarde. Espero-o logo, sem falta.

— Sim, sim, terá dinheiro! — repetiu o funcionário. — Ainda esta tarde lho darão.

— E que me diz do sexo feminino? Gosta dele, príncipe? Fale sem receio, à vontade.

— Eu! Oh... não! Preciso dizer-lhe... pois talvez não saiba, que devido à minha doença congénita não tenho nenhum conhecimento da mulher.

— Ah, se é assim, príncipe — exclamou Rogojine — então é um verdadeiro iluminado. Deus gosta das pessoas como o senhor.

— Sim! Deus gosta das pessoas como o senhor — repetiu o funcionário.

— Quanto ao senhor «sabe-tudo», ordeno-lhe que me siga — disse Rogojine a Lebedev.

E todos saíram da carruagem.

Lebedev havia atingido o seu fim. O ruidoso grupo deixou a estação e afastou-se na direção de Voznessensk. O príncipe devia seguir para os lados da Liteinaia. O dia estava húmido e brumoso. Perguntou aos companheiros qual o caminho que devia seguir, e como a distância a percorrer era de três *verstas,* decidiu tomar um carro.

Capítulo 2

O general Epantchine vivia numa casa de que era o proprietário, a pequena distância da Liteinaia, perto da Transfiguration. Além desta confortável casa, cujos cinco andares estavam alugados, o general possuía também uma vasta casa na Sadovaia, de que tirava igualmente uma receita avultada. Tinha ainda um largo domínio, de grande rendimento, nos arredores da capital, e uma fábrica num local qualquer do distrito de S. Petersburgo. Todos sabiam que o general tinha estado interessado na exploração de herdades e na extração de aguardente. Atualmente era o maior acionista de várias sociedades importantes. Passava por ter uma respeitável fortuna; atribuíam-lhe a orientação de importantes questões e possuindo uma grande influência devido às suas muitas relações. Em certos meios havia conseguido tornar-se absolutamente indispensável, em especial na administração onde trabalhava. No entanto era do conhecimento de todos que Epantchine não tinha nenhuma instrução e havia começado por ser soldado tarimbeiro. Isto, sem dúvida, era para ele uma honra, mas, se bem que inteligente, tinha umas pequenas fraquezas que se tornavam desnecessárias e certas referências ao seu passado eram-lhe desagradáveis. Em todo o caso era um homem ponderado e hábil. Tinha por princípio não se intrometer onde não fosse chamado ou então fazia sempre por não se evidenciar. Muitas pessoas apreciavam precisamente nele essa simplicidade e a arte que possuía de se manter sempre no seu devido lugar.

Ah, se aqueles que o julgavam assim, tivessem podido ver o que se passava na alma deste Ivan, que sabia tão bem manter-se no seu lugar. Se bem que tivesse, na verdade, com a experiência da vida e a prática das questões, certas atitudes bastante notáveis, não gostaria menos de se apresentar como um homem que escuta e respeita as ideias dos outros, quando mais não fosse para se mostrar um espírito independente. Quase se tornava um «servidor dedicado, mas sem bajulações», e orgulhava-se — sinal dos tempos! — de passar por um verdadeiro russo, que tem o coração nas mãos. Resultante deste último ponto, havia-se visto envolvido em

aventuras bastante extraordinárias, mas não era homem para perder a coragem devido a uma desventura qualquer, por mais cómica que ela fosse. Acresce ainda que a sorte não deixava nunca de o favorecer, mesmo no próprio jogo das cartas, em que chegava a arriscar avultadas importâncias; não só não escondia esta fraqueza, de que muitas vezes havia tirado bons lucros, mas ainda se vangloriava dela. Pertencia a uma sociedade bastante mesclada, mas composta na sua maioria de pessoas de uma certa importância. Pensava sempre no futuro; saber ter paciência era o seu dilema, visto que para ele cada coisa surgia no seu devido tempo e pela sua ordem. De resto, o general estava, como se costuma dizer, ainda verde: tinha mais ou menos cinquenta e seis anos, idade em que o homem atinge o apogeu e começa a sua *verdadeira* vida. A sua saúde, a boa cor do seu rosto, os seus dentes fortes, ainda que denegridos, a sua compleição robusta e musculosa, a sua maneira de afetar uma certa preocupação quando se dirigia pela manhã para o serviço, e a alegria que manifestava quando à tarde jogava uma partida de cartas em casa de sua Alteza, tudo isto contribuía para os seus sucessos presentes e futuros, e cobria de rosas o caminho que trilhava na vida.

O general tinha uma família importante. Para dizer a verdade, neste campo nem tudo era cor-de-rosa, mas sua Excelência encontrava, desde há bastante tempo, diversos motivos a justificar as suas esperanças, as mais sérias, e as suas ambições, as mais legítimas. E pensando assim, teria ele em mira na sua existência um fim mais importante e mais sagrado que a vida da família? Trabalhar, para quê, se não para a família? A do general compunha-se da esposa e de três filhas já senhoras. Havia casado muito novo, tendo apenas o posto de tenente, com uma jovem moça, quase da mesma idade, que não lhe trouxera nem beleza, nem instrução, e que não tinha mais que cinquenta almas de dote. É verdade que foi com este dote que começou a avolumar-se a fortuna do general!... Nunca se recriminou por este casamento prematuro, nem nunca o imputou a um entusiasmo irrefletido da sua juventude. À força de respeitar sua esposa, chegou a temê-la e mesmo a amá-la.

Esta havia nascido princesa Míchkin. Pertencia a uma família pouco ilustre, mas muito antiga, o que a tornava deveras altiva da sua origem. Um personagem influente da época, destas pessoas a quem dispensar uma certa proteção nada custa, havia tomado interesse pelo casamento da jovem princesa. Facilitou a ascensão do tenente e foi ele que lhe deu por

isso o impulso inicial. Todavia o jovem tenente não tinha necessidade de impulso para ir para a frente; um simples olhar, seria o suficiente para que ele se não perdesse. Os dois esposos viveram, com pequenas intermitências, em perfeita harmonia durante o tempo da sua longa união. Apesar de bastante nova, a esposa havia conseguido encontrar protetoras muito bem colocadas, graças ao seu título de princesa e à sua qualidade de última representante da sua família, e graças talvez também aos seus méritos pessoais. Mais tarde, quando seu marido alcançou a fortuna que tinha e conquistou uma alta posição social, começou a frequentar e a relacionar-se com toda a melhor sociedade.

Nestes últimos anos as três filhas do general, Alexandra, Adelaide e Aglaé haviam passado da adolescência à idade de se casarem. Se pelo lado paterno não eram mais do que as meninas Epantchine, pelo lado materno pertenciam a uma família de príncipes. O seu dote era bastante elevado, seu pai podia ascender a qualquer posto de primordial importância e todas três eram — o que não lhes desagradava nada! — de uma encantadora beleza, em especial a mais velha, Alexandra, que havia passado já dos vinte e cinco anos. A segunda tinha vinte e três, e a mais nova, Aglaé, acabava de atingir os vinte. Esta última por sua vez estava revelando uma tal beleza, que começava a despertar a atenção de quantos a rodeavam.

Entretanto isto não era ainda tudo: as três pequenas distinguiam-se também pela sua instrução, a sua inteligência e o seu talento. Sabia-se que eram muito amigas umas das outras e que se adoravam entre si. Falava-se mesmo em certos sacrifícios que as duas mais velhas teriam feito pela Aglaé, que era o ídolo de toda a família. Na sociedade, longe de procurarem parecê-lo, pecavam por excesso de modéstia. Ninguém podia acusá-las de serem orgulhosas ou arrogantes, se bem que se sentissem altivas e conscientes do seu valor. A mais velha gostava de música, tocando muitíssimo bem. A mais nova tinha uma vocação especial para a pintura, mas durante anos ninguém soube de tal, e se se descobriu recentemente, foi por acaso. Em breve lhe renderam grandes elogios por isso, assim como às duas outras irmãs. Por outro lado eram também objeto dumas certas maledicências e enumeravam-se, com espanto, os muitos livros que haviam já lido.

Não manifestavam nenhuma tendência para se casarem. Satisfeitas por pertencerem a uma certa categoria social, não reservavam sentimentos pelos quais ambicionassem ultrapassar uma certa posição. Esta discrição

era tanto mais notável, quanto toda a gente conhecia o caráter, as ambições e as esperanças do pai.

Eram perto das onze horas quando o príncipe bateu à porta da casa do general. Este ocupava, no primeiro andar, uma série de aposentos que podiam considerar-se bastante modestos para a sua posição social. Um criado de libré veio abrir. O príncipe apressou-se a dar-lhe umas longas explicações, antes que o seu aspeto e o seu embrulho provocassem um olhar desconfiado. Por fim, com a declaração várias vezes repetida de que era realmente o príncipe Míchkin e que tinha absoluta necessidade de falar ao general sobre um negócio urgente, o criado, perplexo, fê-lo entrar para uma pequena antecâmara, que precedia a sala de espera e era contígua ao gabinete de trabalho. Uma vez ali, entregou-o aos cuidados de um outro criado, que todas as manhãs estava de serviço nessa antecâmara e cuja função era anunciar as visitas ao general. Este segundo criado trajava fraque; tendo já passado dos quarenta anos, a expressão da sua fisionomia era circunspecta. O facto de se encontrar destacado para este serviço especial, no gabinete de sua Excelência, fazia com que formasse uma alta opinião da sua pessoa.

— Faz favor de esperar na sala, mas antes tem de deixar aqui o seu pequeno embrulho — disse ele, com uma gravidade afetada, sentando-se na cadeira e fitando o príncipe com um olhar severo. Este sentara-se também, despreocupadamente, numa cadeira ao lado e sem largar a sua modesta bagagem.

— Se mo permite — disse o príncipe — prefiro esperar aqui ao seu lado. Que farei sozinho na sala?

— Não convém que fique nesta antecâmara, pois o senhor está aqui na qualidade de visita. E ao próprio general que deseja falar?

O criado, como é evidente, hesitava, ante a ideia de introduzir uma tal visita; e por esta razão interrogou-o de novo.

— Sim senhor, tenho uma questão que... — começou o príncipe.

— Não lhe peço para me dizer qual a razão da sua visita. A minha missão limita-se a anunciar o seu nome. Mas, como lhe disse já, não o posso introduzir, sem primeiro falar ao secretário.

A desconfiança do criado parecia aumentar de minuto a minuto, tanto o aspeto do príncipe diferia do daquelas pessoas que vinham falar ao general, ainda que este último tivesse muitas vezes, quase todos os dias, necessidade de receber, a uma certa hora, sobretudo devido a *questões,*

visitantes de todas as categorias. Apesar desta experiência e da elasticidade das instruções recebidas, o criado estava hesitante, pelo que a intervenção do secretário lhe pareceu necessária para introduzir esta visita.

— Mas, na verdade, o senhor acaba de chegar do estrangeiro? — decidiu-se por fim a perguntar, como que por acaso. Talvez estivesse cometendo uma falta; a verdadeira pergunta que pretendia fazer era sem dúvida esta: «É verdade que o senhor é o príncipe Míchkin?»

— Sim, senhor, venho diretamente da estação. Tenho a impressão de que pretende antes perguntar-me se sou de facto o príncipe Míchkin, e que o não faz por um ato de delicadeza...

— Hum... — murmurou o criado surpreendido.

— Garanto-lhe que não lhe menti e não incorre em nenhuma falta por minha causa. O meu aspeto e a minha pequena bagagem devem causar-lhe admiração. É que atualmente a minha situação é deveras precária.

— Hum... não é disso que tenho receio, note bem! O meu dever é anunciá-lo e o secretário não deixará de vir falar-lhe, a menos que... Sim, há um «a menos que...» Se me permite, posso perguntar-lhe se não vem a casa do general solicitar-lhe qualquer esmola?

— Oh, não, por esse lado pode estar sossegado. A razão da minha visita é outra.

— Desculpe-me, mas tive esta ideia ao vê-lo. Tem de esperar pelo secretário. O general está neste momento ocupado com um coronel; em seguida é a vez do secretário da sociedade...

— Tenho de esperar então muito tempo! Poderá então indicar-me um canto onde possa fumar? Tenho o meu cachimbo e tabaco.

— Fumar! — exclamou o criado, fitando o visitante com um olhar de admiração e espanto, como se não pudesse acreditar no que ouvia. — Fumar! Não, não se fuma aqui. É mesmo um contrassenso ter uma tal ideia. Sim, senhor... É deveras extravagante!

— Oh, não era neste compartimento que eu pensava fumar. Sei bem que não se pode. Iria por isso da melhor vontade para qualquer canto que fizesse o favor de me indicar. Isto é em mim um hábito e há já três horas que não fumo. No entanto é como melhor lhe agradar. Conhece o provérbio que diz: «A religiosa de uma outra ordem...»

— Mas como quer que eu o anuncie? — murmurou quase sem quer o criado. — E agora o seu lugar não é aqui, mas na sala de espera, visto que o senhor é uma visita, é um hóspede; arrisca-se a que o senhor e eu

sejamos admoestados. O senhor tem a intenção de se instalar cá em casa? — acrescentou ele, deitando de novo um olhar de lado para o pequeno embrulho que continuava a inquietá-lo.

— Não, não tenho essa intenção. Mesmo que me convidassem, não ficaria aqui. O único fim da minha visita é conhecer de perto os donos da casa e nada mais.

— Como? Para conhecer os donos da casa? — perguntou o criado com surpresa e com um ar ainda mais desconfiado. — Porque me disse então de entrada que vinha tratar de uma questão?

— Oh, trata-se de uma questão tão insignificante que quase me esqueço dela. É apenas pedir um conselho. O essencial para mim é apresentar-me, porque sou um príncipe Míchkin, tal como a esposa do general, que é também a última das princesas Míchkin. Além dela e da minha pessoa, não existem mais príncipes com este nome.

— Mas então o senhor é da família? — exclamou o criado com uma espécie de admiração.

— Oh, tão pouco que nem vale a pena falar nisso. Com certeza, procurando bem, devemos ser parentes num grau muito afastado. Mas isto não interessa. Dirigi-me em tempos à esposa do general, numa carta que lhe enderecei do estrangeiro, mas à qual não obtive resposta. Fiz isto, porque julguei que era meu dever estabelecer relações com ela, como é essa também uma das razões da minha visita. Se lhe explico tudo isto é para que não tenha nenhuma dúvida sobre a minha pessoa, pois o vejo bastante inquieto. Anuncie o príncipe Míchkin e isto será o suficiente para que compreendam o fim da minha visita. Se me receberem, tanto melhor. Se não me receberem, talvez seja também muito bom. Parece-me, porém, que não se podem recusar a receber-me. A esposa do general desejará com certeza conhecer o mais velho e único representante da sua família. Até agora tenho ouvido dizer que é muito orgulhosa da sua linhagem.

A conversa do príncipe parecia refletir a maior simplicidade, mas essa própria simplicidade, neste caso, tinha qualquer coisa de estonteante. O criado, homem experimentado, não podia deixar de concluir que um tal tom de conversa, considerado conveniente de homem para homem, devia ser impróprio de um visitante para um criado. Ora, como as pessoas que servem, são muito mais sensatas do que os patrões em geral supõem, o criado chegou a esta conclusão: de duas, uma, ou o príncipe era um vagabundo como outro qualquer, que vinha pedir uma esmola, ou então era

um imbecil, sem a menor espécie de amor próprio, visto que um príncipe inteligente e tendo o sentimento da sua dignidade não ficaria sentado na antecâmara a conversar sobre as suas questões com um criado. Num caso, como noutro, devia prever a má impressão que as suas atitudes iriam produzir.

— Peço-lhe, por favor, para passar à sala de espera — observou o criado, dando ao tom com que proferiu esta frase, toda a insistência possível.

— Mas se estivesse sentado na sala, não teria tido ocasião de lhe contar tudo isto! — objetou alegremente o príncipe. — Ficaria sempre em sobressalto, devido à minha capa e ao meu embrulho. Talvez se resolvesse a não esperar o secretário, se o senhor se decidisse a ir anunciar-me.

— Não posso anunciar uma visita como o senhor sem a prevenção do secretário, pois ainda há pouco o general acabou de me recomendar, em especial, que não queria que o incomodassem, fosse sob que pretexto fosse, enquanto estivesse a falar com o coronel. Apenas Gabriel Ardalionovitch pode entrar sem prevenir.

— É algum funcionário?

— O Gabriel? Não senhor. É um empregado particular da sociedade... Coloque pelo menos o seu pequeno embrulho a este canto.

— Era o que pensava fazer. Se então mo permite... sabe?... deixarei também aqui a minha capa.

— Naturalmente. Não ia agora entrar no gabinete do general com isso...

O príncipe levantou-se e tirou, num gesto rápido, a capa. Mostrou então um fato bem feito, ainda que um pouco gasto. Sobre o colete via-se uma corrente de aço, prendendo um relógio de prata, de fabricação genebrina.

Se bem que na verdade tivesse classificado o príncipe no número dos pobres de espírito, acabou por concordar que era inconveniente que o criado particular do general estabelecesse uma conversa, tal como o seu chefe, com um visitante. Portanto o príncipe agradava-lhe, por um lado, com a sua maneira de proceder; porém, sob outro ponto de vista, inspirava-lhe uma reprovação decisiva e brutal.

— E a esposa do general quando recebe? — perguntou o príncipe, depois de se sentar de novo no seu primeiro lugar.

— Isso não sei, pois não é comigo, meu caro senhor. As suas horas de receber variam conforme as pessoas. A modista, por exemplo, é recebida depois das onze horas. O Gabriel tem também a primazia sobre todas as pessoas; chega mesmo a ser recebido na hora do pequeno-almoço.

— No inverno a temperatura dos compartimentos aqui é mais elevada que no estrangeiro — observou o príncipe. — Pelo contrário é mais baixa no exterior. Lá, as casas são tão frias que um russo a custo se habitua.

— Não as aquecem então?

— É que os fogões e as janelas não são construídos da mesma maneira que aqui.

— Ah, e o senhor andou por lá muito tempo?

— Vivi lá quatro anos. Porém passei quase todo o tempo no mesmo sítio, no campo.

— Com certeza perdeu então os hábitos da vida russa.

— É verdade também. Acredite ou não, se quiser, mas admiro-me algumas vezes de não ter desaprendido a língua russa. Falando com o senhor, pergunto a mim mesmo: «Estarei falando bem?» É talvez por isso que falo tanto... e desde ontem tenho sentido sempre a necessidade de falar russo.

— O senhor viveu noutros tempos em S. Petersburgo? — Por mais que tentasse, o criado não conseguia resolver-se a pôr termo a uma conversa tão amena e tão cortês.

— S. Petersburgo? Estive lá, sim, mas por pouco tempo e de passagem!... De resto, nesse tempo não estava ao corrente de coisa nenhuma. Hoje ouço dizer que há ali tantas inovações que temos de modificar tudo quanto se aprendeu até agora. Assim, fala-se muito na criação de novos tribunais.

— Hum, os tribunais… Sim, há alguns tribunais. E no estrangeiro, diga-me, os tribunais são mais justos do que aqui?

— Não sei o que responder-lhe. Tenho ouvido dizer muito bem dos nossos. Entre nós, por exemplo, a pena de morte não existe.

— E no estrangeiro existe?

— Sim senhor. Existe em França. Em Lyon, Schneider levou-me a assistir a uma execução.

— Enforcam os condenados?

— Não senhor. Em França cortam-lhes a cabeça.

— E esses condenados gritam?

— Nada disso!... Aquilo dura uns segundos. Deitam o condenado num estrado e um largo cutelo corta-lhe rápido o pescoço, graças a um maquinismo chamado guilhotina. A cabeça é separada do tronco num abrir e fechar de olhos. O mais penoso devem ser os preparativos. Após a leitura da sentença de morte, procedem à preparação do condenado, vestindo-lhe um fato próprio e cortando-lhe o cabelo antes de o levarem para o cadafalso. É um momento horrível. A multidão comprime-se em volta do local da execução e as próprias mulheres assistem a este espetáculo, se bem que a sua presença nestes atos seja reprovada e criticada por toda a gente.

— Não é de facto lugar próprio para elas.

— Exatamente. Ir ver uma semelhante tortura! O condenado que vi supliciar era um rapaz inteligente, intrépido, forte e estava no vigor da idade. Chamavam-no Legros. E no entanto, acredite ou não, ao subir para o cadafalso estava pálido como o branco linho e chorava. E é possível isto nestes tempos? Não será uma monstruosidade? E de tal ordem que chegam a chorar de terror... Não creio que o terror possa provocar lágrimas, não digo a uma criança, mas a um homem que até àquele instante nunca chorou, a um homem com quarenta e cinco anos! Que se passará nesse momento na alma do condenado e que sentimentos de angústia não o avassalarão? Há nisto, nem mais nem menos, que um ultraje à alma humana. Disse-se: «Não matarás!» E todavia mata-se um homem porque ele matou! Não... isto não é admissível! Há mais de um mês que assisti a esse espetáculo e recordo-o como se o estivesse vendo agora mesmo. Já sonhei com ele pelo menos cinco vezes...

O príncipe ia-se animando à medida que ia falando: um leve colorido substituíra a palidez do seu rosto, apesar de tudo isto ter sido proferido num tom calmo. O criado seguiu este raciocínio com interesse e emoção; parecia temer interrompê-lo. Talvez fosse também dotado de um certo poder de imaginação e propenso à reflexão.

— É pelo menos uma felicidade — observou ele — que o sofrimento seja curto no momento de ser decepado.

— Sabe o que eu penso? — retorquiu o príncipe com vivacidade. — A sua observação é a mesma que ocorre ao espírito de toda a gente e foi a razão pela qual se inventou essa máquina chamada guilhotina. Mas, pergunto eu, esta maneira de executar não é pior que as outras? Vai-se rir e encontrar a minha reflexão bastante estranha; no entanto, com um pequeno

esforço de imaginação, pode chegar a ter a mesma ideia que eu tive. Imagine um homem que é sujeito a qualquer tortura, imagine os seus sofrimentos, as suas mortificações e os seus tormentos físicos, chegando por vezes ao ponto de lhe fazerem esquecer as dores morais! No entanto, como não sabe se toda essa tortura lhe origina a morte e nem mesmo nela pensa, o seu suplício é muito menor do que aquele que tem a certeza de que vai morrer. É que não são os sofrimentos que constituem o suplício mais cruel; este é originado pela certeza de que dentro de uma hora, de dez minutos, de meio minuto, naquele instante mesmo a alma vai separar-se do corpo, a vida vai ter seu fim irremissivelmente. O mais terrível é essa certeza. O mais monstruoso é o quarto de segundo durante o qual lhe colocam a cabeça sob o cutelo e se ouve o deslizar rápido deste. Isto não é uma fantasia do meu espírito; sabe muito bem que outras pessoas se têm exprimido da mesma forma? Esta minha convicção é tão grande que não hesito em o expor seja onde for. Quando se condena à morte um assassino, a pena é muitíssimo mais grave do que o crime. A morte jurídica é infinitamente mais atroz que o assassinato. Aquele que é morto pelos ladrões ou estrangulado pelos salteadores, durante a noite, no interior de um bosque, conserva até ao último momento a esperança de se salvar. Relatam-se casos de pessoas que, com uma faca ou um punhal atravessado na garganta, esperam ainda salvar a vida, quando não chegam mesmo a correr, a gritar por socorro. Entretanto que nestes casos o ladrão ou o salteador procedem com a certeza de provocarem a morte do atacado, não lhe tiram, como ao supliciado, a esperança de se salvar, o que torna a morte dez vezes mais tolerável. No caso do supliciado há uma sentença, e o facto de saber que não poderá escapar-lhe, constitui uma tal tortura, que não existe outra mais horrível no mundo. Arrastem, em pleno furor de uma batalha, um soldado para a frente da boca de um canhão, e ele manterá a esperança de se salvar até ao derradeiro momento de perder a vida. Anunciem porém a esse soldado a *certeza* de que foi condenado à morte, e vê-lo-emos tornar-se louco ou desfazer-se em lágrimas. Quem pode afirmar que a natureza humana é capaz de suportar esta prova, sem cair na loucura? Porque infligir-lhe uma afronta tão infame, quanto inútil? Talvez exista no mundo um homem a quem tivessem lido a sua condenação à morte, originando-lhe assim essa grande tortura, para em seguida lhe dizerem: «Acabas de ser indultado!» Esse poderia talvez contar-nos o que

sentiu! Foi desse tormento e dessa agonia que Cristo nos falou... Não!... não há o direito de tratar assim as pessoas!

Se bem que fosse incapaz de enunciar estas ideias e nos mesmos termos, o criado compreendeu a parte principal, como se pôde ver pela expressão que o seu rosto refletia.

— Olhe — interveio este — se tem muita vontade de fumar, podem arranjar-se as coisas. Contudo precisa andar depressa, porque se o general o chama na ocasião em que o senhor cá não está? Aí, no vão dessa escada há uma porta. Passando por ela, encontrará à sua mão direita um pequeno recanto, onde poderá fumar, devendo primeiro abrir os postigos, para por eles sair o fumo...

O príncipe não teve porém tempo para tal fazer. Um indivíduo ainda novo entrou apressado na antecâmara, trazendo uns papéis na mão. Enquanto *o* criado o ajudava a tirar a peliça, olhava o príncipe de lado.

— Está aqui, senhor Gabriel Ardalionovitch — disse o criado num tom de confidência e quase de familiaridade — um cavalheiro que dá pelo nome de príncipe Míchkin e é parente da senhora. Acaba de chegar no comboio, vindo do estrangeiro, trazendo apenas como bagagem o pequeno embrulho que tem na mão...

O príncipe não ouviu a parte final, que foi dita em voz baixa, Gabriel escutou com atenção e olhou o príncipe com curiosidade. Depois, afastando-se do criado, interrogou o visitante, não sem uma certa hesitação:

— O senhor é o príncipe Míchkin? — perguntou com uma amabilidade e uma delicadeza extrema.

Era uma bonita figura, tendo aproximadamente vinte e oito anos, cabelos louros, talhe esbelto e uma estatura mediana. Usava uma barbicha à moda «império», os traços do rosto eram delicados e a fisionomia inteligente. O sorriso, porém, por mais afável que fosse, tinha qualquer coisa de afetado; mostrava muito os dentes, que pareciam uma fiada de pérolas, e na vivacidade e aparente bonomia do seu olhar notava-se qualquer coisa de decisivo e inquisitorial.

«Não tem com certeza este olhar quando está só», pensou maquinalmente o príncipe, «e talvez não ria nunca.»

Este explicou, num tom apressado, tudo quanto pôde, mais ou menos nos termos em que o tinha feito há pouco ao Rogojine e depois ao criado. Gabriel perguntou num tom de quem parecia avivar as suas recordações:

— Não foi o senhor que mandou, há um ano, pouco mais ou menos, da Suíça, se não me engano, uma carta a Isabel Prokofievna?

— Fui eu mesmo.

— Nesse caso é conhecido da casa e com certeza devem lembrar-se do senhor. Deseja então falar a sua Excelência? Vou já anunciar-lhe que está aqui. Ficará livre dentro de momentos. Mas o senhor deve... Queira passar à sala de espera... Porque é que este senhor ficou aqui? — perguntou ele, dirigindo-se ao criado num tom severo.

— Eu disse-lho. Este senhor é que não quis entrar.

Nesta altura abriram bruscamente a porta do gabinete e por ela saiu um militar que trazia uma pasta debaixo do braço e falava alto, despedindo-se do dono da casa.

— Estás aí, Gabriel? — exclamou alguém do fundo do gabinete. — Podes entrar. Vem cá.

Gabriel fez um sinal com a cabeça ao príncipe e apressou-se a entrar no gabinete enquanto se ouvia a voz sonora, mas atenciosa de Gabriel:

— Tenha a bondade de entrar, príncipe.

Capítulo 3

O general Ivan Fiodorovitch Epantchine esperava-o, de pé, no meio do gabinete; olhou o príncipe com uma viva curiosidade e deu dois passos ao seu encontro. O visitante aproximou-se e apresentou-se.

— Muito bem! — exclamou o general. — Em que posso ser-lhe útil?

— Não foi nenhuma questão urgente que me trouxe aqui; o meu fim é somente ficar a conhecê-lo. Não queria por maneira nenhuma incomodá-lo, mas como deve calcular não sei os dias em que costuma receber, nem as ordens que possa ter dado para as suas audiências... Por agora, foi descer do comboio, chegado da Suíça, e...

O general teve um ligeiro sorriso, que reprimiu logo com um ar de quem reconsiderou. Depois, tendo ainda refletido um instante, olhou de novo o seu hóspede, dos pés à cabeça, e num gesto brusco indicou-lhe uma cadeira. Ele próprio sentou-se um pouco de lado e voltou-se para o príncipe numa atitude de impaciência. De pé, a um canto do aposento, Gabriel remexia nuns papéis, sobre uma escrivaninha.

— O tempo falta-me um pouco para encetar novos conhecimentos — observou o general — mas como o senhor deve ter com certeza em vista um fim.

— Previa, justamente, que iria atribuir à minha visita um fim especial. Oh, meu Deus, garanto-lhe que não tive nem tenho outro fim que não seja o prazer de o conhecer.

— Esse prazer é recíproco. Porém, como sabe, não podemos pensar em nos divertirmos. Há inúmeras questões a tratar... Até agora tenho procurado, mas em vão, o que possa haver de comum entre nós… a não ser por causa de...

— Não há nenhuma causa, asseguro-lhe, nem temos, se se pode dizer, quase nada de comum. O ser um príncipe Míchkin e sua esposa ser da mesma família, isso não constitui certamente um motivo de aproximação. Compreendo isso muito bem. E no entanto é nesse ponto que reside o único motivo deste meu procedimento. Vivi fora da Rússia durante mais de quatro anos e quando parti, era a custo que conseguia coordenar as

minhas faculdades mentais. Nessa época não sabia nada de nada, e hoje sei ainda menos. Sinto necessidade do convívio de pessoas bondosas. Tenho precisamente uma questão a regular e não sei como pegar-lhe. Em Berlim tinha já dito comigo: «Estes são quase parentes; comecemos por eles. Talvez possamos ser úteis uns aos outros, se forem pessoas bem-dotadas. Ora, até agora, só tenho ouvido dizer isso dos senhores».

— Fico-lhe muito reconhecido por essa sua opinião — disse o general, surpreendido. — Permita-me que lhe pergunte onde se hospedou?

— Não me hospedei ainda em parte alguma.

— Também já tinha pensado que com certeza devia vir direito do comboio para minha casa... com a sua bagagem.

— A minha bagagem consiste apenas num pequeno embrulho, onde trago alguma roupa e nada mais. Trago-o em geral na mão. Durante o resto da tarde tenho ainda tempo de procurar um quarto para alugar.

— Então sempre tem a intenção de se instalar numa hospedaria?

— Certamente.

— A julgar pelas suas palavras, comecei a supor que vinha na intenção de se instalar na minha casa.

— Isso só poderia ser assim dado o caso de que me houvessem convidado. Porém confesso que não teria aceitado nunca esse convite, não porque tivesse para essa recusa qualquer razão... É apenas uma maneira de ver.

— Se é assim, então fiz bem em não o convidar. E já agora não tenho a intenção de o fazer. Permita-me, príncipe, que lhe fale com a maior franqueza. Estamos ambos de acordo em que não se trata do laço de parentesco existente entre nós, por mais lisonjeiro que esse parentesco seja para mim. Por consequência...

— Por consequência não me resta mais do que levantar-me e sair — concluiu o príncipe, que se levantou, rindo abertamente apesar da sua crítica situação. — Afianço-lhe, meu general, que havia previsto que chegaríamos a este resultado, apesar da minha falta de experiência das relações sociais e a minha ignorância dos costumes desta terra. Tudo isto porém corre talvez pelo melhor. Está explicado porque até agora a minha carta ficou igualmente sem resposta. Adeus, portanto... e desculpe-me o ter vindo incomodá-lo.

O olhar do príncipe tinha nesse momento uma expressão tão afável e o seu sorriso havia perdido tanto o seu natural azedume, mesmo velado, que

o general parou de repente e olhou o visitante com uma expressão muito diferente. Esta mudança operou-se num abrir e fechar de olhos.

— O que quer o príncipe dizer com isso? — perguntou-lhe ele, numa voz completamente mudada. — Na verdade eu não o conhecia, mas suponho que a Isabel deve ter talvez vontade de ver o seu parente... Espere um instante, se assim o deseja e se tem tempo.

— Oh, tenho sempre tempo, visto que o meu tempo pertence-me! — E pronunciou estas palavras enquanto pousava o chapéu mole, de feltro, sobre a mesa. — Confesso que contava que a princesa se lembrasse de ter recebido uma carta minha. Ainda há pouco, enquanto esperava ser recebido, ó seu criado julgava estar tratando com uma pessoa que vinha pedir esmola. Observando este facto, supus que lhe tivesse dado a tal respeito as ordens mais terminantes. Afirmo-lhe todavia que tal não é o fim da minha visita. Desejo apenas relacionar-me com o senhor e a sua família. Por agora receio um pouco tê-lo incomodado e é isso até o que me inquieta.

— Não me incomoda nada, príncipe! — exclamou o general com um sorriso de bom humor. — Se é realmente o que me parece, terei muito prazer em vê-lo entre as pessoas das minhas relações. Previno-o porém que sou um homem muito ocupado; neste instante mesmo tenho de ler, estudar e assinar um grande número de papéis, depois do que terei de ir a casa do meu chefe e de lá seguir para o restante serviço oficial. Sinto-me no entanto satisfeito e encantado sempre que posso receber as minhas visitas, as visitas estimáveis, bem entendido, pois as outras... De resto estou convencido que o senhor é um homem bem-educado... Mas que idade tem o príncipe?

— Vinte e seis anos.

— Oh! Julgava-o muito mais novo.

— Sim, dizem que tenho um aspeto de mais novo. Com respeito aos seus muitos afazeres procurarei não o incomodar, mesmo porque tenho o costume, ou melhor, tenho mesmo horror em incomodar os outros... Enfim, parece-me que somos tão diferentes... sob tantos pontos de vista, que não devemos sentir grande vontade em nos aproximarmos. Algumas vezes esta reflexão não é muito convincente: existem muitas vezes pontos comuns entre pessoas que pareciam não ter nenhum. É por preguiça que as pessoas se julgam ao primeiro contacto e não pensam mais conhecer-se

devidamente. De resto, começo talvez a tornar-me aborrecido. Dir-se-ia que o senhor...

— Duas palavras apenas: tem alguma fortuna ou pensa procurar qualquer ocupação? Desculpe-me esta pergunta.

— Pelo contrário, aprecio essa pergunta e compreendo-a. Não tenho neste momento nenhum meio de fortuna, como não tenho nenhuma ocupação. hei de precisar no entanto de arranjar uma. O pouco dinheiro que consegui foi-me emprestado por Schneider, o meu professor, o que me tratou na Suíça e me instruiu um pouco. Cedeu-me a quantia precisa para o meu regresso, de forma que não tenho no bolso mais do que uns *kopeks*... Trago um assunto em vista, a propósito do qual tenho necessidade de um conselho, mas...

— Diga-me: com que conta viver enquanto espera arranjar ocupação e quais são as suas intenções? — interrompeu o general.

— Deseja encontrar qualquer trabalho.

— Oh, estou vendo que é um filósofo. Mas tem alguns estudos, algumas aptidões especiais, com as quais, bem entendido, possa assegurar o pão de cada dia? Mais uma vez desculpe esta...

— Não tem que pedir desculpa. Por mim, suponho não ter nem talento, nem aptidões especiais. Ao contrário disso, sou um homem doente e portanto não pude seguir qualquer curso. Quanto ao pão diário, parece-me...

O general interrompeu-o de novo e pôs-se a interrogá-lo. O príncipe contou mais uma vez a sua história. Soube que o general tinha ouvido falar do falecimento de Pavlistchev e que o havia conhecido mesmo pessoalmente. Contudo não foi capaz de lhe explicar porque é que Pavlistchev se havia interessado pela sua educação. Atribuiu esse interesse a uma velha amizade existente entre ele e seu falecido pai. Após a morte de seus pais, ainda bastante novo, foi mandado para o campo, onde passou toda a sua infância, visto assim o exigir o seu estado de saúde. Pavlistchev entregou-o aos cuidados dumas velhas parentas, que viviam numa sua propriedade. Deu-lhe então nessa altura uma governanta e mais tarde um perceptor. Acrescentou depois que não podia explicar, de uma maneira satisfatória, tudo quanto se havia passado então, porque o sentido de muitas das coisas passara-lhe desapercebido. Os frequentes acessos da sua doença tinham-no tornado quase idiota (o príncipe empregou o próprio termo idiota). Informou por fim que Pavlistchev encontrou um dia, em

Berlim, o professor suíço, Schneider, especialista nesta espécie de doenças, o qual possuía no cantão de Vaiais uma casa de saúde onde tratava os idiotas e os alienados por meio da hidroterapia e da ginástica; ocupava-se igualmente da instrução e da formação moral dos doentes. O seu protetor mandara-o então para a Suíça, há cinco anos, confiando-o a esse professor. Morrera subitamente, sem deixar nenhumas disposições testamentárias, há dois anos, e Schneider continuou a tratar dele durante todo esse tempo. Não conseguiu curá-lo por completo; no entanto melhorou muitíssimo. Por fim mandou-o para a Rússia, a seu pedido, devido a uma circunstância que exigia o seu regresso.

O general ficou admirado com este relato.

— E o senhor não conhece de facto ninguém na Rússia? — perguntou ele.

— Atualmente ninguém. Mas espero... pois recebi uma carta...

— Enfim — interrompeu o general sem ter ouvido a alusão à carta — precisa fazer qualquer coisa e a sua doença não o impedirá, suponho eu, de tomar conta de um trabalho fácil em qualquer repartição?

— Estou convencido que não!... Desejo mesmo muito encontrar um lugar a fim de eu próprio ficar sabendo do que sou capaz de fazer. Estudei durante quatro anos, seguindo o método do professor Schneider, se bem que com algumas interrupções. Por outro lado tenho lido muitos livros russos.

— Livros russos? Então sabe escrever na nossa língua e pode redigir sem erros?

— Sim, senhor.

— Muito bem... E a sua caligrafia, como é?

— A minha caligrafia é excelente. Pode-se mesmo dizer que a tal respeito tenho uma grande habilidade. Escrevo como um verdadeiro calígrafo. Dê-me, se assim o entender, qualquer coisa para escrever e terá a confirmação do que digo — afirmou o príncipe com ardor.

— Com todo o prazer. Isso é mesmo necessário. A sua boa vontade encanta-me. Na verdade o senhor é muito gentil.

— O senhor tem bom material de escritório: uma boa coleção de lápis e de penas, um papel espesso e de uma ótima qualidade... Isto é um magnífico gabinete de trabalho! Conhece a paisagem que se vê neste quadro? É uma vista da Suíça. O artista pintou-o copiando-o de facto do natural, pois creio conhecer o sítio: é uma vista do cantão de Uri…

— É muito possível, se bem que o quadro foi comprado aqui… Dê um papel ao príncipe. Tem aqui penas e tudo o mais que precisar. Sente-se a esta pequena mesa... Que me trazes aí? — perguntou o general, dirigindo-se a Gabriel, que acabava de tirar da sua pasta uma fotografia de grande formato. — Ah, Bravo!... É a Nastásia Filipovna! Foi ela própria que ta deu? — perguntou ele com vivacidade e num tom de extrema curiosidade.

— Deu-ma há pouco, quando fui fazer-lhe uma visita de parabéns. Tinha-lha pedido há bastante tempo. Não sei se isto foi uma maneira delicada de me chamar a atenção para o facto de a ter ido felicitar num tal dia, com as mãos vazias! — acrescentou Gabriel, com um sorriso amargo.

— Asseguro-te que não — afirmou o general com convicção. — Que tola ideia te assaltou. Era incapaz de uma tal alusão! Até agora tem-se mostrado perfeitamente desinteressada. E, além disso, que presente poderias tu oferecer-lhe? Precisavas dispor para tal de alguns milhares de *rublos*!... O que poderias talvez era dar-lhe também o teu retrato. Ela não to pediu ainda?

— Não mo pediu ainda, nem mo pedirá talvez nunca. Não se esqueça, general, da reunião elegante que tem hoje. Pertence ao número dos personagens especialmente convidados.

— Não me esqueço, não me esqueço. hei de ir. Como se poderia esquecer o dia dos seus vinte e cinco anos... Hum! Olha, Gabriel, vou com prazer revelar-te um segredo. Prometeu-nos, ao Athanase Ivanovitch e a mim, dizer-nos esta tarde, em sua casa, a sua última palavra: sim ou não. Por isso vê lá!

Gabriel pareceu ficar perturbado, até ao ponto de empalidecer um pouco.

— Ela disse isso, na verdade? — perguntou ele com certa tremura na voz.

— Deu-nos a sua palavra anteontem. Tanto insistimos, os dois, que eia cedeu. Porém pediu-nos que, até ver, não te disséssemos nada.

O general fitou Gabriel. A perturbação que nele notou tornou-se-lhe desagradável.

— Lembro-lhe, general — disse Gabriel, num tom embaraçoso e hesitante — que ela deixou-me plena liberdade de decidir, até ao momento em que ela se decida também. E mesmo depois, é a mim que assiste o direito de dizer a última palavra.

— E... serás tu capaz de…? — exclamou o general com um ar de súbito temor.

— Eu não disse nada.

— Por Deus!... Em que situação queres tu deixar-nos?

— Eu não recuso. Talvez me tivesse explicado mal...

— Não faltaria mais nada do que tu recusares! — proferiu o general, sem procurar esconder o seu despeito. — Meu amigo, não basta, nas atuais circunstâncias, *que não recuses.* É preciso que manifestes a tua alegria no momento em que ela te der a sua palavra... Que se tem passado na tua casa?

— Em minha casa? Em minha casa tudo decorre conforme a minha vontade, salvo meu pai que continua cometendo as suas asneiras, como sempre, e a sua conduta está-se tornando um escândalo. Eu não lhe falo mais, mas mantenho-me sempre em guarda. Com franqueza... se não fosse minha mãe, já o tinha posto fora de casa. Como compreende, minha mãe passa os dias a chorar e a minha irmã está sempre irritada. Disse-lhe num tom categórico que eu era o único senhor do meu destino e que na nossa casa entendia que ela... devia obedecer-me. Pelo menos disse-lhe tudo isto, sem lhe admitir quaisquer réplicas e na frente da minha mãe.

— Muito bem! Eu, por mim, meu caro, continuo a não perceber bem! — observou pensativo o general, encolhendo ao de leve os ombros e levantando um pouco os braços. — Nina Alexandrovna, aquando da sua última visita, lembras-te?, pôs-se aí a gemer e a suspirar. «Que tens tu?», perguntei-lhe eu. Fez-me compreender que uma grande *desonra* ameaçava a sua família. «Permites-me que te pergunte», disse-lhe eu, «onde vês tu essa desonra? Quem pode criticar alguma coisa na Nastásia ou dizer que ela se tenha portado mal? É por se dizer que esteve com o Totski? Mas isso não tem importância, sobretudo se se tiverem em conta certas circunstâncias». Ela disse-me então: «Mas o senhor não a admite na sociedade frequentada pelas suas filhas!» Bela objeção, na verdade!... e da parte da Nina Alexandrovna!... Como não compreende ela… não compreende ela...

— A sua situação? — acrescentou Gabriel, para tirar o general de embaraços. — Não se zangue com ela, que ela compreendeu-a. De resto, tenho-me cansado a ensinar-lhe que não tem que se meter nas questões dos outros. Pelo menos entre nós não se contém ainda, porque a última palavra

não foi proferida. No entanto a tempestade aproxima-se. Se hoje se diz a última palavra, então desencadear-se-á.

O príncipe ouviu toda esta conversa, sentado a um canto e ocupado com a sua prova caligráfica. Tendo terminado o seu trabalho, aproximou-se da secretária do general e apresentou-lhe a folha de papel.

— Esta é que é a Nastásia Filipovna? — perguntou ele, depois de ter examinado a fotografia com uma atenta curiosidade. — É admirável! — acrescentou com entusiasmo.

Na verdade a fotografia representava uma mulher de uma excecional beleza, vestindo um roupão de seda preta, de um corte sóbrio e elegante; sob um toucado de casa, muito simples, os seus cabelos pareciam castanhos; os olhos eram negros e profundos e a fronte pensativa. A expressão do seu rosto era apaixonada e altiva. A sua fisionomia era bastante magra e talvez um pouco pálida. Gabriel e o general olharam o príncipe com admiração.

— Como, conhece já a Nastásia Filipovna? — perguntou o general.

— Sim senhor. Estou na Rússia ainda não há um dia e conheço já essa beleza — respondeu o príncipe. E relatou em seguida o seu encontro com Rogojine, repetindo tudo quanto este lhe contou.

— Que grande novidade o senhor nos dá! — exclamou o general, bastante inquieto, depois de ter prestado a maior atenção ao relato do príncipe e ter fixado em Gabriel um olhar perscrutador.

— É provável que tudo isso não passe de uma simples invenção! — balbuciou Gabriel, um pouco perturbado também. — É uma picardia do filho de um negociante. Já ouvi falar nesse Rogojine!

— E eu, meu caro, também já ouvi falar nele — repetiu o general. — Após a brincadeira dos brincos, a Nastásia contou-me toda a história. Agora porém trata-se de uma outra coisa. Trata-se talvez, com efeito, de um milhão... e de uma paixão! Uma paixão desonesta (concordo!) mas enfim, uma paixão. Sabe-se muito bem de quanto esses senhores são capazes, quando estão bêbedos. Hum... Oxalá que isto não acabe nalgum escândalo! — concluiu o general com um ar abstrato.

— Esse milhão causa-lhe medo? — perguntou Gabriel, sorrindo.

— E a ti não, com certeza?

— Como lhe pareceu esse indivíduo? — continuou Gabriel, mas dirigindo-se agora ao príncipe. — Causou-lhe a impressão de um homem sério ou de um mau caráter? Ou falando melhor, qual é a sua opinião?

Ao formular estas perguntas, Gabriel sentiu uma perturbação estranha. Parece que uma ideia nova o dominou e lhe provocou no olhar reflexos de impaciência. O general, cuja inquietação era simples, mas sincera, olhou também o príncipe com um ar de quem não espera grande coisa da sua resposta.

— Não sei dizer-lhe — objetou o príncipe. — Pareceu-me que tem uma grande paixão, uma paixão doentia até. Ele próprio tem ainda o aspeto de quem está doente. É muito possível que tenha uma recaída dentro de poucos dias, sobretudo se vai continuar a sua vida desregrada.

— Pareceu-lhe então de facto assim? — insistiu o general, com um ar de se querer arreigar a esta ideia.

— Certamente.

— Essas eventualidades podem desenrolar-se dentro de poucos dias; no entanto um facto decisivo vai ocorrer esta tarde — afirmou Gabriel com um ar de troça.

— Evidentemente. Tudo depende do que lhe tiver passado pela cabeça — acrescentou o general.

— E o senhor sabe como ela é algumas vezes?!

— Que entendes tu disso!? — exclamou o general, dominado de novo por um extremo receio. — Ouve, Gabriel, não a contradigas hoje!... Peço-te. Trata de ser, tu sabes... numa palavra, de ser agradável... Hum... Porque fazes essa careta? Escuta, Gabriel. É agora ou nunca o momento de o dizer. Que temos nós em vista? Compreendes que não se trata nesta questão do meu interesse pessoal, pois este está há muito a coberto de tudo. Quer ela resolva de uma maneira, quer resolva de outra, estou em absoluto garantido. Totski tomou uma decisão irrevogável e por isso não corro perigo algum. Convence-te de que, se desejo agora alguma coisa, é unicamente para teu bem. Pensa contigo. Não tens confiança em mim? E depois eu contava contigo, porque és um homem... um homem... numa palavra, um homem inteligente. E no caso presente é... é…

— É o principal! — concluiu Gabriel, vindo em socorro do general, que de novo se lhe prendeu a língua. Os lábios crisparam-se-lhe num sorriso maldoso, que não procurou mais dissimular. Fitou os olhos do general com um olhar inflamado, como se tentasse ver claro até ao fundo do seu pensamento.

O general tornou-se rubro de cólera e exclamou:

— Sim... sei bem que o principal é ser inteligente! — repetiu ele, fitando Gabriel com dureza. — És um excêntrico. Dir-se-ia que te sentes feliz com a chegada desse filho do negociante, como se pretendesses conseguir com isso uma escapatória para ti. Neste caso devias ter agido sempre desde o princípio como um rapaz esperto. Nisto é preciso compreender, é preciso que nos mostremos honestos e leais com uns e com outros, quando não... Devias ter previsto tudo para não comprometeres ninguém, pois que o tempo não te tem faltado para isso. E agora mesmo não é muito tarde ainda — o general franziu as sobrancelhas de uma maneira significativa — se bem que não tenhas mais do que algumas horas!... Mas compreendes? Ou melhor... resumindo, queres ou não queres? Se não queres, diz, e boas-tardes! Ninguém te prende, Gabriel, nem ninguém te arrasta para uma armadilha, se é que vês alguma em tudo isto.

— Quero! — afirmou Gabriel a meia voz, mas com firmeza; depois baixou os olhos, tomou um aspeto tristonho e calou-se.

O general estava satisfeito. Havia-se exaltado, mas estava já arrependido de ter ido tão longe. Em seguida reparou no príncipe e uma brusca inquietação se lhe refletiu no rosto, ao lembrar-se da presença deste e de que tinha ouvido tudo. Todavia acalmou-se logo, pois o rápido olhar com que observou o príncipe, foi o bastante para formar a sua opinião.

— Oh — exclamou ele, admirando a prova caligráfica que o príncipe lhe entregou. — Bonito formato de letra, um exemplar mesmo raro. Olha isto, Gabriel. Que talento!

O príncipe tinha escrito, numa espessa folha de papel velino, a frase seguinte, em carateres russos da Idade Média: *«Esta é a assinatura do humilde fanático Paphnuce».*

— É a reprodução exata da assinatura do fanático Paphnuce, tirada de um manuscrito do século XIV — explicou o príncipe com um vivo movimento de prazer. — Tinham assinaturas soberbas esses fanáticos e metropolitas de outros tempos. Que gosto e que cuidado punham algumas vezes na execução dessas assinaturas. É possível, general, que não tenha na sua biblioteca a obra de Pogodine? Fiz também um modelo de carateres de um outro tipo. Repare neste tipo de letra, cheio e redondo. Era aquele de que se serviam em França no último século. Havia tipos de letras os mais diversos. Um deles era o tipo de letra dos escriturários públicos e de que só tenha um exemplar. Temos de concordar que não lhe falta um certo

mérito. Note os bojos desses *d* e desses *a*. Transcrevi carateres russos nesse tipo; é muito difícil, mas eu consegui-o. Agora há aqui um outro modelo de letra original e elegante. Admire esta frase: «O zelo surge no final de tudo». É o tipo de letra usado nas repartições públicas, ou melhor dizendo, é o tipo de letra dos comunicados militares. É com ele que se escrevem os documentos oficiais dirigidos às altas personagens. É também um tipo redondo, de um bonito talhe; chama-se «escrita negra», e é delineada com muito gosto. Um calígrafo baniria estes ornamentos, ou especificando melhor, estes excessos de ornamentos. Observando bem estes pequenos finais de letras, verifica-se que não estão acabados, mas por outro lado constata-se que no seu conjunto têm um caráter que as define. Isto revela o talento do copista militar: pretendia dar livre curso à sua fantasia, seguir as inspirações da sua imaginação, mas o uniforme oficial cortava-lhe o voo e a disciplina levava-o ao traçado de novas letras. Isto é encantador! Foi muito recentemente e por acaso que descobri este outro tipo de letra, o qual despertou logo a minha atenção. Adivinha onde? Foi na Suíça... Agora tem aqui um exemplar corrente e muito puro do cursivo inglês. Pode-se fazer qualquer coisa de mais elegante. Tudo isto é gracioso, uma verdadeira pérola. Este outro é uma variedade do tipo francês; foi-me ensinado por um viajante de nacionalidade francesa. Parece-se ainda com o tipo inglês, mas os cheios são um pouco mais carregados e mais destacados que neste último, pelo que não é preciso mais para comprometer o equilíbrio e a clareza. O oval não é o mesmo e as suas curvas são mais largas. Os ornamentos finais mostram-se em toda a sua liberdade. Ah, esses finais é que são o mais perigoso! É preciso um gosto excecional. E se conseguem uma artística e equilibrada execução, então obtêm uma escrita incomparável, um verdadeiro encanto!

— Oh, estou vendo que é mestre na matéria! — exclamou o general, rindo. — O senhor não é apenas um calígrafo, mas sim um verdadeiro artista. Que dizes a isto, Gabriel?

— É admirável — respondeu este. — Comprova de maneira evidente uma verdadeira vocação — acrescentou com um riso zombeteiro.

— Podes rir-te à vontade. Contudo isto pode ser motivo para iniciar uma boa carreira — retorquiu o general. — Sabe a que categoria de pessoas vamos encarregá-lo de escrever? Podemos, sem hesitar e para começar, fixar-lhe um ordenado mensal de trinta e cinco *rublos*... O quê, é já meia hora! — acrescentou, olhando o relógio. — Vamos ao que lhe

interessa, visto que estou com pressa e não teremos ocasião de voltarmos a encontrar-nos hoje. Sentemo-nos um instante. Expliquei-lhe há pouco que não me será possível recebê-lo muitas vezes; no entanto desejo muito sinceramente prestar-lhe qualquer auxílio. Trata-se, para já, seja dito de passagem, de prover às suas necessidades mais urgentes; depois tentará resolver a sua questão como melhor entender. Esforçar-me-ei por lhe conseguir um modesto lugar em qualquer repartição; o trabalho não será muito violento, mas o que se torna necessário é que seja pontual. Quanto à sua hospedagem, ouça: Gabriel, o meu amigo aqui presente e que tomo a liberdade de lhe apresentar, desejando que sejam bons amigos, vive com a família; a mãe e a irmã têm em casa dois quartos mobilados, que alugam a pessoas que provem ser de toda a respeitabilidade, fornecendo também pensão e tratando-lhe das roupas. Estou convencido que Nina Alexandrovna tomará em consideração uma recomendação minha. Para o príncipe é o ideal, pois em lugar de viver só, ficará vivendo junto de uma boa família, e seguindo o meu conselho, não deve, pelo menos agora de entrada, viver isolado numa cidade como S. Petersburgo. Nina Alexandrovna e Bárbara Ardalionovna, a mãe e a irmã de Gabriel, são duas senhoras pelas quais tenho a mais alta estima. Nina é a esposa de Ardalion Alexandrovitch, um general reformado, que foi meu companheiro de regimento, mas com quem cortei relações por diversos motivos; isto não me impede contudo de continuar a ter por ele uma certa consideração. Explico-lhe tudo isto, príncipe, para que compreenda bem que não o aconselho assim por qualquer interesse pessoal, e que tomo perante a família de Gabriel toda a responsabilidade pelo senhor. A pensão será muito modesta; no entanto espero que o seu pequeno ordenado lhe permita fazer face a esse encargo... Bem sei que um homem tem sempre necessidade de dinheiro no bolso, por pouco que seja!... Não se zangue contudo com o que vou dizer-lhe; deve evitar trazer dinheiro no bolso, ou melhor falando, deve evitar quaisquer despesas supérfluas, pelo menos nestes primeiros tempos. Falo-lhe assim, dada a opinião que a seu respeito vou formando. Muitas vezes terá de andar com a bolsa vazia, como agora: deixe-me por isso começar por lhe oferecer estes vinte e cinco *rublos*. Faremos contas mais tarde, e se na verdade o senhor é um homem sincero e cordial, como me pareceu há pouco, quando o ouvi falar, não surgirá nunca entre nós a menor sombra de dificuldade. Se estou tomando agora tanto interesse por si, é porque o seu procedimento me despertou umas

certas predisposições, que mais tarde lhe darei a conhecer. Por enquanto só posso dizer que lhe estou a falar com a máxima franqueza... Gabriel, tens alguma coisa a objetar a que o príncipe se hospede em tua casa?

— Pelo contrário, a minha mãe ficará satisfeitíssima — afirmou Gabriel num tom de delicadeza.

— Tens apenas, segundo me parece, um quarto ocupado pelo senhor Fer... Fer...

— Ferdistchenko.

— É isso mesmo. Esse Ferdistchenko não me agrada! É um engraçado com pouca graça... Não compreendo como é que a Nastásia o protege. Será ele talvez seu parente?

— Não senhor!... Não há nenhum laço de parentesco entre eles. É apenas uma distração...

— Que o diabo o leve! Então, príncipe, está contente ou não?

— Agradeço-lhe, meu general. Foi para comigo de uma extrema bondade, tanto mais que eu nada lhe pedi. Não digo isto por orgulho, mas o que é verdade é que não sabia onde dirigir-me para me hospedar. É certo que Rogojine convidou-me para o ir ver...

— Rogojine? Quer um conselho paternal ou, se prefere, de amigo? Esqueça esse cavalheiro. Recomendo-lhe para limitar as suas relações, na maioria dos casos, à família junto da qual vai viver.

— Já que tem sido tão atencioso comigo — tentou de novo o príncipe — atrevo-me a confessar-lhe que tenho uma questão que me preocupa. Fui avisado...

— Desculpe-me — interveio o general — mas tenho apenas um minuto para o atender. Vou desde já anunciá-lo a Isabel Prokofievna e se consentir em o receber agora (tentarei obter tal, servindo-me da minha influência) aproveite a ocasião para lhe cair nas boas graças, porque pode ser-lhe útil, e como tem além disso o mesmo nome de família... Se não estiver disposta a recebê-lo, não insista e ficará para outra ocasião. E tu, Gabriel, examina-me, entretanto, essas contas. Tanto eu como o Fédosséiev temos tido bastante dificuldade em as conferir. É preciso não esquecer de as copiar...

O general saiu sem que o príncipe tivesse tido tempo de lhe falar na sua questão, a despeito das três ou quatro tentativas que fez para esse efeito. Gabriel acendeu um cigarro e ofereceu outro ao príncipe, que aceitou, sem todavia tentar entabular com ele qualquer conversa.

Receando interrompê-lo, pôs-se a examinar o gabinete. O companheiro lançou um olhar despreocupado sobre a folha de papel, coberta de números, que o general lhe dera para examinar. Estava distraído. O seu sorriso, o seu olhar e a sua expressão pensativa pareceram-lhe então mais tristes do que momentos antes, quando se encontravam frente a frente. De repente, porém, aproximou-se do príncipe que estava contemplando com interesse o retrato da Nastásia.

— Agrada-lhe essa mulher, príncipe? — perguntou ele à queima-roupa, fitando-o com um olhar penetrante, como se tivesse qualquer intenção reservada.

— Tem um rosto surpreendente! — exclamou o príncipe. — Estou convencido que o destino desta mulher não deve ser um vulgar destino. A sua fisionomia é alegre, e no entanto deve ter sofrido muito, não acha? Lê-se-lhe no olhar e também nestas duas pequenas saliências que formam como que dois pontos abaixo dos olhos, no aflorar das faces. O rosto é altivo em excesso e não consigo descortinar nele se é bondosa ou perversa. Se for bondosa, tudo estará salvo!

— Casaria com uma mulher como esta? — prosseguiu Gabriel, sem deixar de fitar o príncipe com o seu olhar inflamado.

— Não posso casar com nenhuma. Sou um doente.

— E Rogojine casaria com ela? Que me diz a tal respeito?

— Suponho que casaria ainda hoje mesmo, em vez de amanhã. Mas julgo também que oito dias depois era capaz de a assassinar.

Estas últimas palavras fizeram estremecer de tal forma Gabriel que o príncipe reteve a custo um sorriso.

— Que lhe deu? — disse ele, agarrando-o por um braço.

— Alteza, o senhor general pede-lhe para ir falar a sua Excelência a sua esposa — disse um criado do limiar da porta do gabinete.

O príncipe saiu logo atrás do criado.

Capítulo 4

As três meninas Epantchine eram de uma constituição robusta, gozavam de uma ótima saúde, tinham uma estatura elevada, uns ombros largos, um peito desenvolvido e uns braços quase tão fortes como os de um homem. A este exuberante vigor correspondia um extraordinário apetite, que não procuravam dissimular.

A mãe, Isabel Prokofievna, nem sempre via com agrado este devorador apetite; todavia, tanto sobre este ponto como sobre outros, a sua opinião era muitas vezes acolhida com indiferença pelas filhas, sobre as quais havia perdido a autoridade desde há um certo tempo. Por amor-próprio e no interesse da sua dignidade, julgou melhor nada contrapor à oposição unânime do conclave das três e aceitar as suas decisões. Para dizer a verdade, o seu caráter era por vezes rebelde aos conselhos da prudência; de ano para ano tornava-se mais caprichosa, mais impaciente, digamos até mesmo, mais extravagante. Restava-lhe contudo um salutar derivativo na pessoa do marido, que, habituado a moderar-se, via em geral cair sobre ele todo o seu mau e acumulado humor; depois disso a harmonia surgia de novo no lar desavindo e tudo passava a correr pelo melhor.

De resto não lhe faltava também nunca o apetite. Tinha por hábito sentar-se à mesa, com as filhas, à meia hora, e servirem-se de um almoço tão abundante, que mais parecia um jantar. Antes desta refeição as filhas tinham já tomado uma chávena de café, às dez horas precisas, na cama, antes de se levantarem. Este princípio havia sido estabelecido desde há muito. À meia hora, a mesa era disposta numa pequena sala, situada ao lado dos aposentos da mãe. O general, quando os seus afazeres lho permitiam, vinha muitas vezes tomar parte neste almoço íntimo. Servia-se ali o chá, o café, o queijo, o sal, a manteiga, as costeletas, uma espécie de pastéis, de que a esposa do general gostava muito, etc., e isto completado com um caldo quente e bastante forte.

Na manhã de que estamos talando toda a família se encontrava reunida naquela sala, esperando pelo general que prometera vir à meia hora. Se se tivesse demorado mais um minuto que fosse, tê-lo-iam mandado procurar;

foi porém pontual. Aproximando-se da esposa para lhe dar os bons-dias e beijar-lhe a mão, notou-lhe no rosto uma expressão singular. É verdade que desde a véspera tivera o pressentimento de que ia ocorrer qualquer «anedota» — era o termo de que costumava servir-se — e mesmo à noite, antes de adormecer, sentira uma certa inquietação. No entanto, por mais preparado que estivesse, não deixou de sentir menos o coração alarmar-se-lhe. As filhas vieram abraçá-lo; se bem que não estivessem zangadas com ele, notou nelas também qualquer coisa de estranho. O general havia-se-lhe tornado, na verdade, bastante suspeito, devido a vários incidentes, mas não deixava de ser um pai extremoso e um esposo correto; tomou logo, portanto, conforme a experiência lho sugeriu, as precauções necessárias para se sair bem de qualquer incidente que surgisse.

Para não prejudicarmos a veracidade desta narrativa, teremos que nos demorar um pouco a expor a situação em que se encontrava a família Epantchine no momento em que principiamos.

Apesar de não ter recebido uma grande instrução e gostando imenso de se qualificar de autodidata, o general não deixava de ser, como acabamos de ver, um pai extremoso e um esposo correto. Havia em especial tomado a resolução de não forçar as filhas a casarem-se, falando-lhe o menos possível sobre tal assunto, pelo que evitava assim que a sua ternura se tornasse para elas num pesadelo, como sucede em quase todas as famílias, mesmo as mais sensatas, que têm muitas filhas em idade de casar.

Ivan conseguira convencer a esposa dos benefícios deste procedimento. Isto não foi para ele coisa fácil, dado que ia um pouco contra a maneira de ver da esposa, mas os seus argumentos foram bastante persuasivos e fundados sobre factos conhecidos. Havia feito ressaltar de que dando-lhes a maior liberdade para agirem, se sentiam por outro lado naturalmente obrigadas a pensar e a tomarem qualquer decisão. A questão resolver-se-ia assim por si, visto que de bom grado procurariam a melhor solução e renunciariam a tornarem-se caprichosas ou a levantarem dificuldades. Os pais limitar-se-iam a exercer a mais discreta vigilância, apenas para o fim de prevenirem uma escolha infeliz ou uma inclinação imprópria. Aproveitando depois o momento mais oportuno, ajudariam com toda a sua vontade as boas inclinações, pondo em jogo as suas melhores influências. No caso das meninas Epantchine, como a sua fortuna e a sua posição social melhoravam de ano para ano numa progressão geométrica, tornava-se evidente que quanto mais tempo

decorresse, mais probabilidades lhes assistiam para conseguirem um bom partido.

Estes eram os factos inegáveis. Todavia sobreveio um acontecimento — como sucede sempre em casos idênticos — que nada fazia esperar: a filha mais velha, a Alexandra, entrava nos vinte e cinco anos. Quase nessa mesma ocasião, Athanase Ivanovitch Totski, homem da melhor sociedade, dispondo de uma grande fortuna e muitíssimo relacionado, sentiu-se de novo atraído para o casamento. Tinha aproximadamente cinquenta e cinco anos, um caráter esquisito e uns gostos deveras requintados. Procurava um casamento vantajoso e apreciava muito as mulheres bonitas. Desde há um certo tempo mantinha relações, as mais amistosas possíveis, com o general, sobretudo desde que tinham interesses comuns no financiamento de diversas empresas. Comunicou-lhe por isso as suas intenções e o pedido para lhe dar a saber, como se fosse o mais amigável conselho, se o autorizava a poder pretender a mão de uma das suas filhas. Desde então deu-se uma visível mudança na vida sossegada e feliz da família Epantchine.

Dissemos já que a mais bonita das três era indiscutivelmente a mais nova, Aglaé. Totski, contudo, apesar do seu desmedido egoísmo, compreendeu que nada tinha a esperar Dor esse lado e que a Aglaé não lhe estava destinada. O amor um pouco desmedido dos pais e a afeição um tanto entusiasta das duas irmãs exageravam talvez a beleza da Aglaé; o acordo entre os membros dessa família era unânime e sincero quando se tratava de lhe predizer, não o vulgar destino dos outros mortais, mas um verdadeiro ideal de paraíso terrestre. O futuro marido da mais nova devia possuir todas as boas qualidades e alcançar todos os sucessos, isto sem falar na sua fortuna. As duas irmãs tinham mesmo combinado entre si, sem a menor discussão, o sacrificarem-se, se necessário fosse, no interesse da irmã: por esta razão o dote que lhe estava reservado era o maior possível. Os pais conheciam esta combinação, e isto devido a que, quando Totski fez o seu pedido, não duvidaram em que uma ou outra das mais velhas aquiesceria a esse desejo: por outro lado Totski não podia levantar dificuldades por causa do dote. Quanto ao valor da proposta deste último, o general apreciou-a muitíssimo, logo desde o primeiro momento, como outra coisa não era de esperar da sua experiência da vida.

Totski, de resto, tinha as suas razões para avançar assim com a mais extrema circunspeção. As suas palavras visavam apenas a sondar o

terreno; por sua vez os pais falaram com as filhas, mas de uma forma muito vaga e hipotética. As três pequenas também não responderam de uma maneira mais precisa, mas fizeram pelo menos conhecer, em termos animadores, que a mais velha, a Alexandra, não se mostraria contrária. Era dotada de um caráter resoluto, bondosa, sensata e muitíssimo afável: estava disposta a casar sem constrangimento com o Totski, e desde o momento que deu a sua palavra, cumpri-la-ia lealmente. Contrária à ostentação, não só não originaria inquietações nem perturbações na vida habitual de seu marido, mas sim lhe tornaria a vida mais aprazível e sossegada. Sem ser uma beleza que provocasse a admiração em todos os olhares, era no entanto uma atraente figura. Totski poderia na verdade desejar melhor?

No entanto umas certas hesitações faziam com que a realização do casamento se arrastasse há uns tempos. Totski e o general haviam amigavelmente convencionado evitar, para o momento, qualquer resolução terminante e irrevogável. Os pais também não haviam abordado, nas suas conversas com as filhas, a questão de uma maneira decisiva. Por tal motivo começava a desenhar-se entre eles uma certa desinteligência. Na sua qualidade de mãe, a esposa do general começou a manifestar o seu descontentamento e isto era uma grave complicação. Uma outra circunstância surgiu, que originou uma delicada e embaraçosa situação, suscetível de se transformar em obstáculo sem remissão.

Esta situação delicada e embaraçosa — servindo-me da expressão de Totski — resultava de um acontecimento ocorrido dezoito anos antes. Athanase Ivanovitch Totski possuía nessa altura no centro da Rússia um magnífico domínio. Tinha por vizinho um pequeno proprietário sem fortuna, chamado Filipe Alexandrovitch Barachkov. Era um homem desfavorecido por completo da sorte. Oficial reformado, pertencia a uma família nobre, da melhor origem e mais recomendável que a de Totski. Crivado de dívidas, tinha ainda a pequena propriedade onerada com uma elevada hipoteca. No entanto havia conseguido, com um trabalho quase de forçado e cultivando a terra como um simples camponês, melhorar um pouco o seu estado financeiro. Todo o menor sucesso tinha para ele o efeito de um encorajamento. Cheio de ardor e de esperança foi passar uns dias à capital do seu distrito a fim de se encontrar ali com uai dos seus principais credores e tentar concluir com ele qualquer acordo de pagamento. Na tarde do terceiro dia um dos seus caseiros veio procurá-lo,

depois de uma extenuante corrida a cavalo. Tendo o rosto e a barba um pouco queimadas, apressou-se a vir transmitir-lhe que na véspera a sua casa tinha sido destruída, em pleno dia, por um violento incêndio, em cujas chamas havia perecido sua esposa. Tinham-lhe tirado a custo os filhos, que se encontravam sãos e salvos.

A coragem com que Barachkov enfrentou os anteriores reveses da sorte não pôde resistir a este; enlouqueceu e sucumbiu um mês depois a uma febre cerebral. As paredes da sua casa, destruída pelo incêndio, e os seus pequenos bens foram vendidos para pagar as dívidas que deixou. Quanto às duas filhas, uma de seis e outra de sete anos, foram generosamente recolhidas por Totski, que tomou a seu cargo o seu sustento e a sua educação. Foram educadas da mesma forma que os filhos do intendente de Totski, um outro funcionário, de origem alemã, que tinha uma numerosa família. Das duas crianças sobreviveu apenas a mais velha, Nastásia, pois a outra morreu com uma coqueluche. Totski, que vivia no estrangeiro, em breve se esqueceu de uma e de outra.

Cinco anos decorridos sobre estes acontecimentos lembrou-se de visitar o seu domínio. Teve a surpresa de encontrar na sua casa de campo, vivendo com a família do seu intendente, uma encantadora moça de doze anos, meiga, viva e inteligente, que prometia tornar-se uma notável beleza; neste assunto Totski era um hábil conhecedor. Durante esta visita permaneceu apenas uns dias no seu domínio, mas foi o bastante para tomar várias novas disposições. Deu-se uma grande mudança na educação da pequena, a qual foi confiada aos cuidados de uma professora suíça, senhora respeitável e já de uma certa idade; esta emérita educadora ensinou à pequena a língua francesa e várias outras ciências. Instalou-se também na casa de campo e graças a ela a instrução da pequena Nastásia fez notáveis progressos. A sua tarefa terminou quatro anos depois; retirou-se portanto, e Nastásia foi então entregue aos cuidados de uma outra senhora, que era igualmente proprietária e vizinha de um dos domínios de Totski, situado nama província mais distante. Esta senhora levou a pequena com ela, em virtude das instruções e plenos poderes que Totski lhe deu. Na propriedade deste havia uma «vilazinha» construída recentemente e mobilada com gosto. Parece que de propósito essa «vilazinha» chamava-se Otradnoié. Levou logo Nastásia para essa tranquila vivenda, e como era viúva e sem filhos, e havia vivido até então a uma *versta* daquele local, instalou-se ali com ela. Para as servir

arranjou-lhes uma velha cozinheira e uma jovem criada de dentro, muito esperta. Havia nesta pequena casa diversos instrumentos de música, uma biblioteca para moças, quadros, estampas, lápis, pincéis e tintas, e uma galga muito bonita. Duas semanas depois de ali terem chegado, apareceu o próprio Totski.

A partir de então pareceu afeiçoar-se deveras a esta pequena aldeola perdida no meio das estepes; em cada verão ia ali passar uns dois ou três meses. Uma longa temporada se passou assim, mais ou menos quatro anos de vida calma e feliz, realçada pelo bom gosto e pela elegância de Totski.

Um dia, no começo do inverno, perto de quatro meses depois da visita anual que ele costumava fazer a Otradnoié, visita que desta vez havia durado apenas quinze dias, um estranho boato chegou ao conhecimento de Nastásia: o seu protetor ia casar em S. Petersburgo. A noiva era, segundo se dizia, bonita, rica e filha de uma nobre família; era portanto um casamento rico e brilhante. Com o tempo verificou-se que este boato era um pouco exagerado: o casamento estava ainda em projeto, era ainda, por assim dizer, um vago sonho. Disto resultou porém uma mudança total na maneira de viver de Nastásia. Deu provas, de repente, de um espírito de decisão extraordinária e revelou um caráter insubmisso. Sem a menor hesitação abandonou a vivenda e dirigiu-se sozinha para S. Petersburgo, aparecendo sem ser esperada em casa de Totski.

Este ficou estupefacto e repreendeu-a, começando a falar alto. Após as primeiras palavras compreendeu que tinha de se exprimir com mais cuidado, de mudar o tom da voz, de deixar as frases amáveis e elegantes, que até ali lhe tinham dado tanto sucesso nas suas conversas, e pôr mesmo de lado a sua lógica, outrora tão persuasiva; tinha de alterar tudo, absolutamente tudo. Na sua frente surgia uma mulher muito diferente, nada parecida com aquela que havia conhecido e deixado no mês de julho na aldeola de Otradnoié.

Esta jovem e «*nova*» moça parecia saber tudo, parecia compreender muitas coisas que ele supunha que não conhecesse, a tal ponto que perguntava a si próprio, com grande espanto, onde é que ela teria podido adquirir tantos conhecimentos, não vagos, mas sim noções precisas. Seria possível que tivesse aprendido, consultando os livros da sua biblioteca para moças? Melhor ainda: raciocinava sobre muitos pontos como um homem de leis e tinha um conhecimento positivo, se não do mundo, pelo menos da maneira como certas questões deviam ser tratadas.

Em segundo lugar o seu caráter modificara-se radicalmente: havia perdido a sua timidez, parecida à de uma colegial, e a qual se aliava ainda há pouco a uma extraordinária e algumas vezes encantadora vivacidade; nada existia da sua candura, ora triste e sonhadora, ora hesitante e desconfiada, e que ia até ao ponto de se converter em angústias e lágrimas.

Não! O que Totski tinha então na sua frente era um ser excecional e inesperado, que ria às gargalhadas e o crivava dos sarcasmos os mais mordentes. Declarou-lhe sem rodeios que no seu coração não existira nunca a seu respeito outro sentimento que não fosse o mais profundo desprezo e um desgosto que ia até ao ponto de lhe causar náuseas; disse-lhe isto logo após ter cessado o primeiro movimento de surpresa. Esta outra mulher acrescentou ainda que lhe era em absoluto indiferente que casasse desde já e fosse com quem fosse. Seria de crer no entanto que tivesse vindo apenas para impedir que ele se casasse, apenas por espírito de maldade, unicamente porque isso assim agradava à sua fantasia? Seria então obrigado a fazer o que ela queria? «Isto é apenas», dissera ela, «para zombar de ti, porque chegou enfim a minha vez de me rir!»

Era pelo menos assim que ela se exprimia, mas talvez não traduzisse bem no fundo o seu pensamento!... Todavia, ao ouvir esta nova Nastásia rir às gargalhadas e insultá-lo, Totski meditava sobre esta aventura e tentava ordenar as suas tão desconcertadas ideias. Esta meditação prolongou-se bastante tempo; necessitou de perto de duas semanas para analisar a situação e só ao fim desse tempo se decidiu a tomar uma resolução definitiva. Tendo então perto de cinquenta anos, era um dos indivíduos mais respeitados na cidade e tinha uma situação deveras privilegiada. O seu crédito, tanto no país, como na localidade onde vivia, era desde há muito um crédito ilimitado. Não amava, nem estimava nada no mundo como a sua pessoa, a sua tranquilidade e o seu conforto, tal como convinha a uma pessoa cuja vida estava devidamente ordenada. Não podia tolerar o menor atentado, a menor perturbação a esta ordem, que era a obra de toda a sua vida e revestia uma forma deveras atraente.

Com a sua experiência e a sua perspicácia, Totski compreendeu depressa, e sem a menor sombra de dúvida, que estava em desacordo com uma mulher que não se amedrontaria com as suas ameaças e poria com certeza em execução as suas ideias; sobretudo, nada a faria deter, visto que nada receava na vida, como não seria fácil de lisonjear.

Estava por conseguinte em presença de um caso novo, que revelava uma desordem de alma e de coração, uma espécie de exasperação romântica... Deus sabia contra quem e porquê; um acesso de desprezo insaciável ou dizendo melhor, um sentimento soberanamente ridículo, incompatível com as conveniências sociais. Tal conjuntura era para um homem da sua posição um verdadeiro castigo de Deus.

É verdade também que com a sua fortuna e as suas altas relações podia não hesitar em cometer uma dessas pequenas e inocentes vilanias que tiram um homem de embaraços. Por outro lado era evidente que ela, Nastásia, não podia nunca fazer-lhe mal, nem que recorresse até aos meios jurídicos. Mesmo um escândalo mais ou menos grave que provocasse, não teria consequências, porque seria abafado com a maior facilidade. Estas considerações teriam todavia algum valor, se procedesse como em geral as outras procedem nestas circunstâncias e se não fosse mais longe nas suas extravagâncias. Totski, apesar de dotado de um espírito clarividente, não se sentia tranquilo; pressentia que ela não tinha nenhuma ilusão sobre a eficácia de uma ação jurídica e que tinha na cabeça qualquer ideia... o que se podia reconhecer no fogo do seu olhar. Não se sentia mais ligada a coisa alguma, nem mesmo a ela própria — era necessária toda a penetração de Totski para adivinhar que nessa altura — como desde há tempos — não pensava na sua pessoa e tornava maior a esperança na sinceridade dessa renúncia, a despeito do seu ceticismo e do seu cinismo de homem da sociedade. Nastásia era capaz de se perder, de arriscar a sua honra, de chegar ao irreparável, de se deixar arrastar a um presídio da Sibéria, só para conseguir cobrir de opróbrio este homem que odiava com um rancor atroz. Totski não havia nunca escondido que era um pouco cobarde, ou para melhor dizer, que tinha no mais alto grau o sentimento da sua conservação. Se pudesse prever, por exemplo, que o matava durante a cerimónia nupcial, ou ainda, que ia ocorrer algum acontecimento da mesma ordem, revestindo um caráter de excecional incongruência, de ridículo ou de extravagante, tinha com certeza medo. Porém seria mais inquietante pelo lado insólito e indecoroso da aventura, do que pela perspetiva de ser morto ou ferido, ou de se ver insultado diante de toda a gente.

Ora, sem em nada o deixar transparecer, Nastásia tinha justamente adivinhado a sua fraqueza. Não ignorava que ela o tinha observado e

estudado com toda a atenção, e por consequência sabia onde devia feri-lo; mas, como o casamento não tinha ainda passado de projeto, cedeu.

Um outro fator influiu na sua decisão. Era difícil de imaginar quanto a *nova* Nastásia diferia fisicamente da *antiga.* Nesses tempos não era uma moça encantadora, entretanto que agora!... Totski lastimou-se durante muito tempo por ter olhado para ela, perto de quatro anos, sem a ter visto bem. É verdade que, tanto num como noutro, se havia operado de súbito uma revolução interior. Além disso lembrava-se de ter tido, em certos momentos, estranhos pensamentos, ao fixar, por exemplo, os olhos de Nastásia; pressentira neles uma não franqueza profunda e misteriosa. O seu olhar parecia ser um enigma. Há dois anos tinha várias vezes observado, com surpresa, que uma transformação se ia produzindo no rosto de Nastásia, que se ia tornando cada vez mais pálida, mas, coisa singular, a sua beleza tornava-se igualmente maior. Como todos os boémios, que só sentem a alegria da vida, Totski começou por desdenhar a fácil conquista que esta moça virginal lhe ofereceu; porém nos últimos tempos mudara um pouco esta maneira de ver. Em todo o caso decidiu-se, após a última primavera, a casá-la sem mais demora, assegurando-lhe um bom dote, com qualquer cavalheiro razoável e de boas maneiras, empregado noutra província. (Oh! com que horrível amargura ela zomba hoje desse projeto!) Totski, seduzido então pela novidade, pensou que podia dominar esta mulher de uma outra maneira. Decidiu-se por isso a instalá-la em S. Petersburgo, rodeando-a de luxo e conforto. Em virtude disso Nastásia tornou-se uma elegante e destacou-se mesmo num certo meio. Foi com uma espécie de vaidade que Totski procurou glorificá-la ante os seus conhecidos e amigos.

Assim decorreram cinco anos de convívio em S. Petersburgo, durante os quais, como é natural, muitas coisas tomaram um caráter mais definido. A posição de Totski tornou-se quase insustentável; e como havia mostrado medo uma vez, não pôde mais sentir-se sossegado. Vivia sempre receoso, sem bem saber de quê!... mas ao mesmo tempo entregava-se de boa fé nas mãos de Nastásia. Durante os dois primeiros anos supôs que pensasse casar com ele; se se calava, era levado apenas por um excesso de amor-próprio. Pretendia que fosse eia a primeira a falar. Tal aspiração deveria parecer estranha; porém Totski tornara-se desconfiado e quando o seu rosto se anuviava, refletia os mais amargos pensamentos. Constatou, acidentalmente, com a maior surpresa e uma certa contrariedade —

contradições do coração humano! — que ela não o receberia de bom grado, mesmo que pedisse a sua mão. Esteve muito tempo sem tal compreender. Mais tarde viu somente uma explicação para esta atitude: o orgulho ferido de uma mulher extraordinária, orgulho esse levado a um tal grau, que preferia a satisfação de poder manifestar com uma recusa o seu desprezo, à possibilidade de definir para sempre a sua situação, conquistando uma inesperada posição social.

O mais grave, no entanto, é que Nastásia mantinha-se senhora da situação. Não se deixava arrastar pelo interesse, qualquer que fosse a fortuna que lhe oferecessem. Aceitando apenas o conforto que lhe quiseram dar, vivia muito modestamente e durante os cinco anos quase nada conseguiu amealhar.

Totski recorreu a um meio deveras engenhoso para quebrar os laços que os uniam. Rodeou-a habilidosamente daquelas atrações ideais, que maior influência podem ter sobre um espírito feminino, personificadas nuns príncipes, nuns oficiais, nuns secretários de embaixada, nuns poetas, nuns romancistas e até mesmo nuns socialistas. Esforços baldados. Nenhum lhe originou a menor impressão; é de crer que tivesse no peito uma pedra em vez do coração e que a sua sensibilidade estivesse entorpecida.

Levava uma vida sossegada, lendo, estudando e aprendendo música. As suas relações limitavam-se a umas pobres e ridículas esposas de uns funcionários, a duas atrizes e a umas velhas senhoras. Tinha uma grande predileção pela numerosa família de um professor, onde a estimavam muito e recebiam com prazer. Muitas vezes, também, cinco ou seis amigos, não mais, passavam a tarde em sua casa. Totski vinha vê-la com frequência. Nos últimos tempos o general Epantchine havia conseguido igualmente, não sem custo, travar relações com ela. Por outro lado tinha consentido receber, sem levantar a menor objeção, um jovem funcionário, chamado Ferdistchenko, que se julgava um engraçado, mas que não passava de um pobre bobo sem educação e com o vício da embriaguez. Entre as suas visitas figurava ainda um estranho jovem, de nome Ptitsine; era um rapaz modesto, correto, sempre bem vestido e que tendo vindo da pobreza, era então um grande agiota. Por último havia-se relacionado com Gabriel Ardalionovitch.

Em conclusão, a reputação de Nastásia era um tanto singular. Todos reconheciam sem favor a sua beleza, mas ninguém podia vangloriar-se de

saber alguma coisa a seu respeito; nada havia a dizer no que se referia à sua conduta. Esta reputação, a sua instrução, a sua distinção e o seu espírito, levaram Totski a delinear em definitivo os seus planos. Foi nesta altura que o general Epantchine começou a ter uma importância primordial em toda esta história.

Quando Totski conversou com o general, nos termos os mais amigáveis, a propósito das suas intenções com respeito a uma das suas três filhas, teve a hombridade de lhe fazer uma confissão completa e sincera da sua vida. Revelou-lhe que estava decidido a não recuar diante de nenhum meio para recuperar a sua liberdade. Acrescentou mesmo, que se Nastásia lhe prometesse deixá-lo de futuro *em* paz, não confiaria muito nessa promessa; precisava ter garantias mais concretas que as suas palavras. Combinaram agir então de completo acordo. Convinha-lhes de princípio recorrer aos meios mais suasórios e de só fazer vibrar, por assim dizer, «as cordas mais nobres do seu coração». Os dois homens dirigiram-se a casa de Nastásia, e Totski, indo logo direito ao fim que o levara junto dela, começou a expor o intolerável horror da sua situação. Culpou-se de todos os erros passados. Declarou sinceramente que se sentia incapaz de se arrepender da maneira como até ali se comportara com ela, devido ao seu temperamento de boémio incorrigível e de falta de domínio sobre si próprio. Porém agora pretendia casar-se; Nastásia tinha nas suas mãos a realização ou não desse seu invejável casamento, sob todos os pontos de vista, tanto das conveniências sociais como das materiais. Esperava por isso que o seu nobre coração não levantasse nenhuma oposição.

Depois seguiu-se-lhe o general, que falou na sua qualidade de pai. Numa linguagem que apelava mais para a razão do que para o sentimento, reconheceu que só ela, de facto, podia decidir da sorte de Totski. Em frases habilidosas e aparentando uma grande humildade, demonstrou que o futuro da sua filha mais velha, talvez mesmo das suas duas outras filhas, dependia nesse momento da decisão que ela pudesse tomar.

Nastásia pediu então para que lhe dissessem o que pretendiam dela, ao que Totski respondeu, confessando-lhe, com a mesma franqueza com que iniciara esta conversa, a admiração que lhe causara anos antes. Sentia-se ainda dominado por essa admiração, e de tal forma, que só se sentiria tranquilo se Nastásia resolvesse casar-se. Apressou-se a acrescentar que sendo ele a fazer um tal pedido, este seria absurdo, se não tivesse umas certas e fundadas razões. Havia notado e sabia positivamente que um

jovem, portador de um honrado nome e pertencendo a uma respeitável família, chamado Gabriel Ardalionovitch Ivolguim, seu conhecido e visita da sua casa, a amava desde há muito com uma paixão ardente e estava com certeza disposto a sacrificar metade da sua vida na esperança de conquistar o seu coração. Gabriel fizera-lhe esta confidência há uns dias, espontaneamente e com uma candura só própria da juventude. Tinha igualmente confessado tudo ao seu protetor Ivan Fiodorovitch. Por último observou ter a impressão de que a paixão deste jovem era já conhecida de Nastásia e que ela parecia não a ver com indiferença.

A ele, mais do que a qualquer outro, como era natural, era-lhe difícil abordar um tal assunto. Queria crer no entanto que ela não deixaria de acreditar que no seu coração não existiam apenas egoísmo e sentimentos interesseiros, mas sim também as melhores intenções a seu respeito, como compreenderia ainda quanto lhe era desagradável e mesmo impressionante o vê-la levar uma existência tão isolada. Para quê persistir nessa triste isolação, nessa falta de confiança numa vida que podia maravilhosamente renascer e trazer-lhe, tendo um objetivo novo, o amor e a alegria da família? Para quê consumir as suas aptidões, talvez brilhantes, na contemplação estéril da sua mágoa? Não seria isto, numa palavra, uma espécie de exaltação romântica, imprópria do seu bom senso e do seu coração generoso?

Tendo repetido mais uma vez que este assunto era para ele mais difícil de tratar do que qualquer outro, concluiu por dizer que esperava que Nastásia lhe respondesse de outra forma, que não com desprezo, ao desejo por ele manifestado de lhe assegurar um bom futuro, para o que punha à sua disposição a quantia de setenta e cinco mil *rublos.* Acrescentou, a título de informação, que esta quantia figurava já no seu testamento; não se tratava portanto de uma indemnização... E finalmente, porque não admitir e desculpar-lhe até o desejo, deveras humano, de sossegar um tanto a sua consciência, etc., etc., lançando mão para esse efeito de todos os argumentos que é costume alegar em tais circunstâncias? Falou durante muito tempo e com eloquência. No decorrer destas suas alegações deixou escapar uma afirmação curiosa: era a primeira vez que fazia alusão a esses setenta e cinco mil *rublos,* dos quais até aí, *ninguém,* nem mesmo Ivan Fiodorovitch, ouvira falar.

A resposta de Nastásia surpreendeu os dois amigos.

As suas palavras não refletiram o menor vestígio dessa animosidade sarcástica, dessa ironia cheia de ódio, cuja recordação lhe causava ainda arrepios ao longo da espinha. Pelo contrário, parecia feliz por poder enfim exprimir-se com o coração aberto. Confessou-lhe que há muito desejava pedir-lhe um conselho de amigo, porém o seu desmedido orgulho não a deixara ainda tal fazer; agora que o receio e o cerimonioso das suas relações tinha desaparecido, tudo passaria a decorrer pelo melhor. Declarou depois, com um sorriso triste, mas franco, que a tempestade passada não voltaria mais. Reconhecia que a sua maneira de ver as coisas tinha mudado, em parte, há uns anos; o seu coração, porém, não se modificara, e no entanto não deixara de sentir menos a necessidade de afastar de si os factos consumados. O que estava feito, estava feito, o passado, estava passado. E pensando assim, parecia-lhe estranho que Totski persistisse em não deixar de pensar nessas inquietações.

Dito isto voltou-se para o general e declarou-lhe, num tom que revelava uma profunda deferência, que ouvira há já muito falar nas suas filhas e que sentia por elas uma viva e sincera estima. Só o pensamento de lhe poder ser útil, fosse do que fosse, a enchia de alegria e orgulho. Na verdade a sua atual existência era incómoda e fastidiosa, muito fastidiosa mesmo. Totski adivinhara o seu sonho, quando disse que devia renascer, se não para o amor, pelo menos para a vida familiar, dando à sua existência novas perspetivas. Quanto a Gabriel, quase não podia dizer nada. Parecia-lhe, de facto, que ele a amava e a ela parecia-lhe que poderia retribuir esse amor, quando se convencesse da constância da sua afeição. Ao pensar que fosse sincero, não podia esquecer que era bastante novo e por isso julgava muito delicado tomar qualquer decisão. Para já, o que mais lhe agradava nesse jovem rapaz, é que trabalhava e sustentava sozinho a família. Ouvira dizer que era enérgico e altivo, e que estava resolvido a alicerçar o seu futuro por suas próprias mãos. Sabia também que Nina Alexandrovna, a mãe de Gabriel, era uma senhora de um porte irrepreensível e muito estimada; que a sua irmã, Bárbara, era uma moça de destaque sob todos os pontos de vista e deveras enérgica. Ptitsine tinha-lhe falado muito nela e, segundo ouvira já dizer, estas duas senhoras enfrentavam com superior coragem as suas aflições. Desejava muito relacionar-se com elas, porém não conseguira ainda saber se seria admitida no seio dessa família. Em suma, nada tinha a objetar a esse casamento; contudo precisava pensar

prudentemente no caso e mais a mais que não tinha pressa nenhuma em resolver.

Quanto aos setenta e cinco mil *rublos* não lhe devia ter falado neles com tantos circunlóquios. Sabia bem dar o valor ao dinheiro e aceitaria sem dúvida essa dádiva. Agradecia-lhe a delicadeza que havia tido de não ter dito ainda uma só palavra, sobre tal assunto, a Gabriel e até ao próprio general. Mas para que ocultar-lho agora?

Não via nenhuma desonra em aceitar esse dinheiro, no momento em que ia passar a fazer parte da família do marido. Mas se assim não era, não tinha a intenção de pedir perdão a quem quer que fosse e desejava que o ficassem sabendo bem. Não desposaria Gabriel, enquanto não tivesse a certeza de que nem ele, nem os seus, mantinham qualquer pensamento reservado a seu respeito. Quanto ao resto, não tinha nada a exprobrar-se; era de desejar que Gabriel conhecesse a vida que tinha até aí levado em S. Petersburgo, assim como a espécie de relações que tivera com Totski e a fortuna que conseguira entesoirar. Enfim, se se permitia aceitar agora essa importância, não era, por maneira nenhuma, como prémio de uma desonra, que ela não cometera, mas apenas como indemnização pelo novo rumo que a sua existência teria de tomar.

Animou-se e exaltou-se de tal forma ao fazer estas declarações — o que aliás era muito natural! — que o general sentiu uma grande satisfação e considerou a questão como liquidada. Totski, porém, influenciado pelos seus constantes receios, foi mais difícil de convencer e temeu, durante muito tempo ainda, encontrar qualquer «serpente entre as flores». Entretanto as suas combinações continuaram; o ponto de apoio sobre o qual os dois amigos haviam fundado os seus cálculos — a inclinação possível de Nastásia por Gabriel — consolidava-se pouco a pouco, se bem que Totski mantivesse sempre as suas dúvidas sobre um bom sucesso.

Nastásia teve durante esse tempo uma explicação com Gabriel. Foram poucas as palavras trocadas. Dir-se-ia que o pudor da jovem se sentia ofendido com essa conversa. Admitiu e autorizou que Gabriel a amasse, sem querer contudo comprometer-se e reservando o direito de dizer «não», até ao casamento, se casamento houvesse, podendo mesmo usar desse direito no último momento. Igual direito assistia também a Gabriel.

Este último não tardou a compreender, por um feliz acaso, que Nastásia conhecia, em todos os pormenores, a aversão que a família dele tinha por ela e pelo casamento. Todos os dias esperava que ela lhe falasse

neste assunto, mas nunca o fez. Muitos outros pequenos acontecimentos podíamos relatar, com todos os pormenores e ocorrências que vieram a público, contados por esses chamados «boateiros matrimoniais», mas fizemos já uma digressão bastante elucidativa sobre a vida das pessoas que nos propusemos analisar, e além disso muitas das asserções que circulavam não eram mais do que vagos rumores. Por exemplo: Totski tivera conhecimento, não se sabia como, que Nastásia tinha travado relações com as meninas Epantchine, mas estas mantinham-se em segredo. Tal boato no entanto verificou-se ser desprovido de toda a verosimilhança. Pelo contrário, um outro boato dominou a sua credulidade e inquietou-o muitíssimo: Nastásia, afirmava-se, estava convencida que Gabriel queria casar com ela devido ao dinheiro e, além disso, que era dotado de uma alma perversa, cúpida, intolerante, invejosa e excessivamente egoísta. Dizia-se que, até há pouco tempo, tinha desejado apaixonadamente conquistá-la; porém a partir do dia em que os dois amigos resolveram explorar essa paixão, a partir do momento em que ela começou a ser remunerada pela troca feita e o compraram também a ele, entregando-lha como esposa legítima, começou a sentir por ela uma certa antipatia. A paixão e o ódio associavam-se de uma forma singular no seu coração; e se depois de terríveis hesitações acabara por aceitar por esposa essa vil criatura, fizera-o, jurando a si próprio vingar-se cruelmente depois do casamento, fazendo-lhe pagar caro, como ele dizia, a sua humilhação. Supunha-se que Nastásia sabia tudo isto e preparava muito em segredo a devida réplica. Por outro lado estes boatos perturbaram de tal maneira o espírito de Totski, que não sentiu coragem de transmitir as suas preocupações ao general. Em certos momentos, como todas as pessoas fracas, encorajava-se e animava-se bruscamente. Foi por esse motivo que se mostrou cheio de confiança, quando Nastásia acabou por lhe prometer e ao general, que diria a sua última palavra na tarde do dia do seu aniversário natalício.

Em compensação, o boato mais estranho e mais inverosímil, aquele que deixava mal colocado e honrado Ivan Fiodorovitch, tomava — por desgraça! — todos os dias uma maior confirmação. Nos primeiros momentos considerou-se como sendo um simples absurdo, pois dificilmente se acreditava que o general, com a sua superior inteligência, a sua forte experiência, as suas outras boas qualidades e já no declínio da sua respeitável existência, se deixasse cativar por Nastásia. Não obstante

os acontecimentos precipitavam-se de tal forma, que o seu capricho podia transformar-se em paixão. Perguntava-se malevolamente onde é que ele pretendia chegar: talvez contasse com a complacência de Gabriel!... Pelo menos Totski suspeitava da existência de uma tal manobra: supunha que entre o general e Gabriel existia um pacto implícito, fundado numa compreensão recíproca. Ninguém ignora que o homem, levado por um excesso de paixão, sobretudo se é já de uma certa idade, cai numa completa cegueira de espírito, chegando ao ponto de inventar coisas que são completas quimeras. Ou melhor, perde o juízo e comporta-se como um tolo ou um inexperiente, muito embora seja o maior sábio. Dizia-se que o general se preparava para oferecer a Nastásia, no dia do seu aniversário natalício, um magnífico colar de pérolas, que custara um preço louco. Dava grande importância a essa oferta, apesar de conhecer muito bem o desinteresse da jovem moça. Na véspera desse aniversário sentia-se dominado por um estado febril, se bem que tentasse simular a maior calma. A esposa ouviu também falar nesse colar de pérolas. Para dizer a verdade, havia-se familiarizado há um certo tempo, com as infidelidades do marido e estava mais ou menos resignada. Porém era-lhe impossível fechar os olhos sobre esta dádiva; a história das pérolas despertou-lhe um vivo interesse. O general compreendeu-o a tempo; certas palavras pronunciadas na véspera fizeram-lhe pressentir a explicação importante que receava. Daí portanto a razão por que não tinha nenhum desejo de almoçar com a família na manhã do dia em que começa a nossa história. Antes mesmo da chegada do príncipe, já havia decidido pretextar uns afazeres e eclipsar-se. Eclipsar-se era muitas vezes para o general sinónimo de fugir. O que ele pretendia apenas, é que esse dia, e sobretudo a tarde, decorresse sem contrariedade. Foi nesta altura dos acontecimentos que surgiu o príncipe. «Foi Deus que mo enviou», pensou o general, dirigindo-se para junto da esposa.

Capítulo 5

Este tinha orgulho da sua origem. Por essa razão o seu desapontamento foi grande, quando de repente, muito longe de em tal pensar, verificou que o último representante dos príncipes Míchkin, em que tinha já vagamente ouvido falar, não passava de um pobre idiota e quase um miserável, reduzido a viver de esmolas. Pretendendo esquivar-se discretamente a uma discussão sobre o colar de pérolas, tentou interessar sua esposa na receção ao príncipe e por conseguinte desviar a sua atenção, colhendo o máximo efeito de uma tal situação.

Nos casos excecionalmente graves a esposa do general tinha por hábito abrir muito os olhos, fixá-los absortos no espaço e deitar um pouco o busto para trás, sem proferir uma palavra. Era uma mulher alta e magra, da mesma idade do marido; tinha uns cabelos espessos, escuros, mas já com bastantes brancas; o nariz era um pouco aquilino, as faces pálidas, com algumas rugas, e os lábios delgados e sempre abertos. O rosto era comprido, e os olhos castanhos e um pouco grandes tomavam por momentos as mais inesperadas expressões. Tendo tido um dia a fraqueza de supor que o seu olhar produzia um efeito extraordinário, continuou a manter-se sempre nessa convicção.

— Queres que o receba? que o receba imediatamente? — disse a esposa, fitando com toda a insistência o marido, que passeava diante dela.

— Sim! Não tens que fazer cerimónias com ele. Podes recebê-lo tal como estás, se te é agradável vê-lo — apressou-se a explicar o general. — É uma verdadeira criança e mete mesmo dó. Está doente, tendo por vezes uns ataques. Chegado da Suíça ainda hoje, dirigiu-se logo para nossa casa, mal desceu do comboio. O seu aspeto é um tanto estranho; parece-se com o de um alemão. Como não trazia um único *kopek* no bolso, o que confessou quase com as lágrimas nos olhos, dei-lhe vinte e cinco *rublos*. Procurarei arranjar-lhe um lugar em qualquer repartição. E vós, pequenas, dai-lhe de comer, pois parece que está com fome...

— Estou admirada! — exclamou ela, fitando sempre o marido. — Dizes que tem fome e que costumam dar-lhe uns ataques... mas que

espécie de ataques?

— Por felicidade esses ataques não são muito frequentes. Além disso parece quase uma criança, recebeu alguma instrução...

E continuou, dirigindo-se às filhas:

— Quero também pedir-vos para lhe fazerdes uma espécie de exame. Será bom saber até onde vai essa instrução.

— Fazer-lhe um exame? — repetiu a esposa, martelando as sílabas e dirigindo um olhar de profunda surpresa, tanto sobre o marido como sobre as filhas.

— Ah, minha querida, não dês tão grande importância a este assunto… e de resto será como tu quiseres. A razão de me ter mostrado afável com ele e tê-lo introduzido na nossa casa é porque isso constitui quase um ato de caridade.

— Introduzi-lo na nossa casa? E vindo da Suíça?

— Que tem que ele venha da Suíça? No entanto, repito, será como tu quiseres. Procedi assim, conforme te acabei de dizer, porque tem o mesmo nome de família que tu, porque é talvez teu parente e também porque não tem mais ninguém a quem possa dirigir-se. Supus mesmo que tivesses por ele algum interesse, visto que, como te disse, pertence à tua família.

— Não pode dizer que não, minha mãe, e mais a mais que o pode receber sem fazer cerimónias — informou Alexandra, a mais velha das três filhas. — Depois de uma tão longa viagem deve ter fome. Porque não lhe devemos dar de comer, se não tem ninguém nem sabe onde ir?

— E depois, se é na verdade como uma criança, podemos jogar à «cabra-cega» com ele.

— Jogar à «cabra-cega»? Como pode ser isso?

— Oh, minha mãe, deixe lá esses melindres, peço-lhe! — interrompeu Aglaé um pouco enervada.

Adelaide, a segunda filha, que era de índole alegre, não podendo mais conter-se, começou a rir.

— Vamos, meu pai, pode mandá-lo entrar. A mãe autoriza — disse Aglaé, pondo termo à questão.

O general tocou a campainha e deu ordem para irem prevenir o príncipe.

— Seja — declarou a esposa — mas com a condição de lhe prenderem um guardanapo debaixo do queixo quando se sentar à mesa, e de se ordenar ao Fiódor, ou melhor à Mavra, para que se mantenham atrás dele

durante a refeição. Está ele pelo menos quieto durante os ataques? Não gesticula muito?

— Nada disso. Pelo contrário, é muito educado e tem umas excelentes maneiras. Algumas vezes é, sem dúvida, um pouco simples... Apenas isso... Tenho o prazer de vos apresentar o último dos príncipes Míchkin, que tem o vosso nome de família e que é talvez um nosso parente. Espero que o recebam bem... Príncipe, estas senhoras vão almoçar. Quer dar-lhes a honra? Por mim, desculpar-me-á!... Estou já um pouco atrasado e por isso vou-me…

— Nós sabemos para onde vais! — exclamou a esposa num tom significativo.

— Vou-me, vou-me, minha querida amiga, porque estou muito atrasado. Se quiserem, mostrem-lhe os seus álbuns, para que escreva neles alguma coisa. É um calígrafo de um raro talento. Apresentou-me ainda há pouco uma reprodução da antiga escrita russa: «Esta é a assinatura do fanático Paphnuce»... Até logo e boas tardes.

— Paphnuce? Um fanático? Espera! espera! Onde vais? Quem é esse Paphnuce? — exclamou a esposa num tom que revelava bem a sua inquietação e o seu despeito para com o marido, que transpunha já o limiar da porta.

— Sim, sim, minha querida! Trata-se de um fanático de outros tempos... mas preciso ir depressa a casa do conde, que me espera há um bocado e foi ele que me marcou este encontro... Príncipe, até logo!

E o general afastou-se num passo rápido.

— Eu sei a casa de que conde é que ele vai! — disse, numa voz áspera, Isabel, cujos olhos se voltaram para o príncipe com uma expressão de desagrado. — Em que estávamos nós a falar? — perguntou ela, num tom de tédio e de desdém. Depois, como quem se recorda, acrescentou: — Ah, já sei... Então quem era esse fanático?

— Minha mãe! — interrompeu Alexandra, enquanto Aglaé batia com o pé.

— Não me interrompas, Alexandra — pediu a mãe. — Eu também quero saber. Sente-se ali, príncipe, naquele sofá, em frente do meu. Tão longe, não... aqui ao sol, em plena luz, para o vermos melhor. E agora, diga-me, de que fanático é que se trata?

— Do fanático Paphnuce — respondeu o príncipe com ar amável e sério.

— Paphnuce? É interessante. Mas quem era ele?

A esposa do general fazia estas perguntas num tom seco e impaciente, com os olhos sempre fitos no príncipe e acompanhando cada uma das suas frases com um movimento de cabeça.

— O fanático Paphnuce — prosseguiu o príncipe — viveu no século catorze. Era o superior de um mosteiro, nas margens do Volga, numa região que faz parte hoje da província de Kostroma. Vivia tendo uma reputação de santidade, pelo que foi a Horde, onde conseguiu regular umas complicadas questões. Estabeleceu um acordo que assinou e eu vi um *fac-simile* dessa assinatura. A letra agradou-me. Apliquei-me a imitá-la. Há pouco o general quis ver como eu escrevia a fim de me poder conseguir um emprego. Escrevi então várias frases em diversos tipos de letras. Entre essas frases encontrava-se esta: «Esta é a assinatura do fanático Paphnuce». Reproduzi a letra desse monge e o general gostou muito do meu trabalho. Foi essa a razão do que disse ainda agora.

— Aglaé — exclamou Isabel — não te esqueças deste nome: Paphnuce. Era melhor escrevê-lo, pois tenho fraca memória... Aliás supunha que isto fosse mais interessante... Onde está o que escreveu?

— Deve ter ficado no gabinete do general, sobre a sua secretária.

— Mandai já um criado procurá-lo — ordenou, dirigindo-se às filhas.

— Posso escrevê-la de novo para as senhoras, se o desejam.

— É melhor, minha mãe — disse Alexandra. — Porém agora vamos almoçar. Estamos já com fome.

— Está bem — concordou a mãe. — Venha, príncipe, deve estar com vontade de se sentar à mesa, não?

— Para dizer a verdade, tenho já um certo apetite... Permita-me que lhe agradeça desde já, muito reconhecido, todas as suas atenções.

— É muito bom ser-se delicado e reconheço que o príncipe não é (como direi...) tão... original como me informaram. Venha... Sente-se ali na minha frente — disse ela, indicando-lhe um lugar logo que chegaram à sala de jantar. — Quero poder vê-lo bem de frente. Alexandra e Adelaide, vigiai para que seja bem servido. Não se encontra ainda um pouco... adoentado? Talvez que o guardanapo não seja necessário. Diga-me, príncipe: costuma prender o guardanapo debaixo do queixo?

— Fazia isso noutros tempos, quando tinha sete anos, se bem me recordo. Agora costumo desdobrá-lo sobre os joelhos quando como.

— É assim que deve fazer... E os ataques?

— Os ataques? — exclamou o príncipe um tanto admirado. — Agora dão-me muito raras vezes. Daqui por diante não sei... dizem que o clima da Rússia não é bom para a minha doença.

— Exprime-se bem — observou Isabel, dirigindo-se às filhas e continuando a acompanhar com um movimento de cabeça todas as frases do príncipe. — Não o esperava. E assim, o que me disseram, não passava de frivolidades e mentiras, como sempre. Coma, príncipe, e conte-nos alguma coisa da sua vida: onde nasceu? Onde foi educado?... Desejo saber tudo, pois estou-me interessando muitíssimo por si.

O príncipe agradeceu e, ao mesmo tempo que ia fazendo as honras ao almoço, contou de novo aquilo que já tantas vezes tinha repetido desde pela manhã. Isabel mostrava-se cada vez mais satisfeita. As filhas escutavam-no igualmente com atenção. Discutiram depois a questão do parentesco. O príncipe provou que conhecia muito bem os seus ascendentes, mas como era impossível estabelecer bem a árvore genealógica, não encontraram nenhum laço de parentesco entre eles. Puderam apenas concluir que os avós e as avós eram primos, porém muito afastados. Esta árida discussão agradou em especial a Isabel, porque quase não tinha nunca ocasião de falar da sua genealogia, quando isso lhe agradava muito. Encontrava-se portanto deveras entusiasmada, na ocasião em que se levantou da mesa.

— Vamos para a nossa sala de estar — disse ela. — Servir-nos-ão lá o café. Preciso adverti-lo de que designamos assim um pequeno compartimento que não passa na realidade do meu gabinete — explicou ela ao príncipe. — Gostamos de nos reunir aqui, quando estamos sós, e cada uma de nós entrega-se então à sua ocupação favorita. Alexandra, a mais velha, toca piano, lê ou borda. A Adelaide gosta de pintar paisagens e retratos, mas até agora não acabou nenhum. Quanto à Aglaé, essa mantém-se sentada e nada faz. Por mim também não chego a fazer grande coisa, porque o trabalho cai-me das mãos. Eis a sala!... Sente-se, príncipe, aqui perto da chaminé e conte-nos alguma coisa. Quero conhecer a sua habilidade para contar qualquer coisa. Desejo ficar plenamente informada a seu respeito, e quando vir a velha princesa Bielokonski, contar-lhe-ei tudo o que souber a seu respeito. Pretendo que todas as pessoas minhas conhecidas se interessem por si. Vamos, fale!

— Mas, minha mãe — disse Adelaide, enquanto ia preparando o cavalete — é uma triste ideia querer que lhe conte alguma coisa dessa

maneira...

Havia pegado nos pincéis e na palheta para continuar o trabalho começado há bastante tempo e que consistia em reproduzir uma paisagem de uma estampa. Alexandra e Aglaé sentaram-se num pequeno sofá, de braços cruzados e dispostas a ouvirem a conversa. O príncipe reparou que a atenção de todas estava concentrada nele.

— Seria incapaz de contar qualquer coisa se mo ordenassem assim! — observou Aglaé.

— Porquê? Que tem isto de extraordinário? Porque se havia de recusar a contar? Tem língua e é para se servir dela. Desejo saber se tem o dom da palavra. Conte-nos, príncipe, não importa o quê! Fale-nos do que mais lhe agradou na Suíça, das suas primeiras impressões... Ides ver como ele vai começar e como vai entrar bem no assunto…

— A minha primeira impressão, foi uma impressão forte... — disse o príncipe.

— Estais vendo como ele principiou! — interrompeu com arrogância Isabel, dirigindo-se às filhas.

— Deixe-o falar, minha mãe — interveio Alexandra, que continuou, falando baixo ao ouvido de Aglaé: — Este príncipe é talvez um espertalhão e nunca um idiota!

— Talvez! Há momentos que desconfio disso — respondeu Aglaé. — Se assim é, não mostra ser muito boa pessoa, representando esta comédia. Com que interesse fará ele isso?

— A minha primeira impressão foi muito forte — repetiu o príncipe. — Quando me levaram da Rússia e me fizeram viajar através de diversas cidades da Alemanha, examinava tudo sem dizer palavra e lembro-me bem que não fiz nenhuma pergunta. Tinha tido anteriormente uma série de violentos ataques, causados pela minha doença e havia sofrido bastante; de cada vez que a doença se agravava e que os ataques se tornavam mais frequentes, caía num grande entorpecimento e perdia por completo a memória. O meu espírito continuava contudo a trabalhar, mas o curso lógico dos meus pensamentos mantinha-se por assim dizer interrompido. Não conseguia coordenar mais de duas ou três ideias seguidas. É de tudo a única impressão que me resta. Quando os ataques acalmaram um pouco, recobrei a saúde e a energia que tenho agora. Recordo-me da tristeza intolerável que me assaltava: sentia vontade de chorar; tudo me causava sofrimento e inquietação. O que me oprimia terrivelmente era a sensação

de que tudo me era *estranho*. Notava que este *estranho* me esmagava. Lembro-me de ter saído por completo destas trevas, na tarde em que ao chegar à Basileia, pus o pé no solo da Suíça; despertei, ao ouvir zurrar um burro num largo. Este burro causou-me uma grande impressão e (não sei porquê) um prazer extremo; desde este momento produziu-se uma clareza súbita no meu espírito.

— Um burro? Mas isso é singular! — observou a esposa do general. — Se bem que, pensando bem, não tem nada de singular! Qualquer criatura pode sentir um grande amor por um burro — acrescentou ela, fitando as filhas, que riam às gargalhadas, com um olhar colérico. — Via-se isso nos tempos mitológicos! Continue, príncipe...

— Desde então fiquei a gostar muitíssimo dos burros. Tenho mesmo por eles uma afeição especial. Comecei a estudá-los, pois até aí nada sabia a respeito de tais animais. Convenci-me logo que eram uns animais muito úteis, laboriosos, robustos, pacientes, económicos e sofredores. Devido a este animal principiei a gostar de toda a Suíça, visto que a minha melancolia se dissipou por completo.

— Tudo isso é muito curioso, mas deixemos esse burro e passemos a outro assunto. Porque estás sempre a rir, Aglaé? E tu, Adelaide? O príncipe falou-nos a respeito de um burro de uma maneira encantadora. Ele, pelo menos, viu esse burro; e tu, que é que tens visto? Nada, pois nunca foste ao estrangeiro!

— Mas eu, minha mãe, já vi um burro — afirmou Adelaide.

— E eu também já ouvi zurrar um — acrescentou Aglaé.

As três moças soltaram de novo uma forte gargalhada. O príncipe riu juntamente com elas.

— É muito mau o que estais fazendo! — anotou a mãe. — Desculpe-as, príncipe!... No fundo são boas moças. Discuto a todo o momento com elas, mas adoro-as. São um pouco cabeças no ar, irrefletidas, extravagantes.

— Mas para que havemos de falar nisso? — atalhou o príncipe, rindo. — No lugar delas fazia outro tanto. No entanto mantenho a minha opinião sobre o burro: é um animal útil e bondoso.

— E o príncipe também é bondoso? Faço-lhe esta pergunta por mera curiosidade — disse Isabel.

Estas palavras provocaram uma nova gargalhada geral.

— Foi ainda o maldito burro que voltou a lembrar-lhes. Eu já nem pensava nisso! — exclamou ela. — Creia, príncipe, que não quis fazer nenhuma...

— Nenhuma alusão? Oh, não tenho nenhuma dúvida a tal respeito!...

E o príncipe riu de boa vontade, parecendo não querer terminar.

— Tem razão em rir. Reconheço que é um jovem deveras bondoso — concluiu a esposa do general.

— Nem sempre o sou — replicou o príncipe.

— Eu também sou bondosa — declarou ela, sem quase pensar. — Se assim o quiser, sou sempre bondosa. É este o meu único defeito, porque não se pode ser boa todas as ocasiões. Irrito-me muitas vezes com as minhas filhas e mais ainda com o meu marido; porém, o mais desagradável, é que me torno ainda mais bondosa quando me encolerizo. Olhe, ainda há pouco, antes da sua entrada, tive um acesso de mau humor, pelo facto de nada compreender, nem nada poder compreender. Quando isto me acontece, torno-me então quase como uma criança. A Aglaé deu-me uma lição!... Obrigada, Aglaé. No entanto tudo isto nada significa. Não sou tão estúpida, que tenha o aspeto que as minhas filhas querem fazer crer. Tenho caráter e não sou das mais tímidas. E de resto, falo em tudo isto sem malícia. Anda cá, Aglaé. Dá-me um beijo... Agora basta de ternuras — disse ela a Aglaé, que a beijou afetuosamente nos lábios e nas mãos. — Continue, príncipe. Talvez se lembre de alguma coisa mais interessante ainda que a história do burro.

— Repito: não compreendo que se possa assim contar qualquer coisa do pé para a mão — observou de novo a Adelaide. — Por mim ficaria atrapalhada.

— O príncipe há de encontrar alguma coisa, porque é deveras inteligente. É pelo menos dez vezes mais do que tu, e talvez mesmo doze. Dito isto, espero que compreenderás. Prove-lhes, príncipe, que tenho razão. Continue. Podemos enfim pôr o burro de lado... Além do burro, que viu mais no estrangeiro?

— Mas a história do burro não era despida de interesse — observou Alexandra. — O príncipe expôs-nos, de uma maneira agradável, qual o seu estado mórbido e o choque exterior recebido. Foi devido a ele que retomou de novo o gosto pela vida. Sempre desejei saber quais as circunstâncias em que as pessoas perdem a razão e depois a recuperam, e sobretudo quando esses fenómenos ocorrem de repente.

— Não se trata disso! Não é isso... — exclamou a mãe com vivacidade. — Vejo que também tens algumas vezes espírito!... Mas já basta de rir! O príncipe ficou, segundo me parece, na descrição da natureza suíça.

— Chegámos a Lucerna e fizeram-me dar um passeio pelo lago. Admirei a sua beleza, mas ao mesmo tempo dominou-me um sentimento um pouco doloroso — contou o príncipe.

— Porquê? — perguntou Alexandra.

— Não sei explicar. Sinto sempre esse sentimento doloroso e inquietante quando contemplo pela primeira vez paisagens desta espécie. Agrada-me a sua beleza, mas perturba-me. Além disso estava ainda doente nessa ocasião...

— Eu então não sou da sua opinião; desejava muitíssimo ver esse sítio — disse Adelaide. — Não compreendo porque é que não vamos ao estrangeiro. Procuro em vão, há já dois anos, um assunto para um quadro: *O Oriente e o Sul estão desde há muito pintados.* Encontre-me, príncipe, um tema para um quadro.

— Não entendo nada de pintura. Não obstante parece-me que basta olhar e depois pintar.

— Não sei olhar.

— Porque é que falam por metáforas? Não os compreendo! — interrompeu Isabel. — Como podes dizer que não sabes olhar? Tens dois olhos, olha. Se não sabes olhar aqui, não é no estrangeiro que vais aprender. Conte-nos antes, príncipe, como é que na Suíça observou a natureza?

— Isso é melhor — acrescentou Adelaide. — O príncipe aprendeu a olhar no estrangeiro?

— Não sei. Na Suíça não fiz mais do que tentar restabelecer a saúde. Ignoro se aprendi a olhar. Até agora só sei que tenho sido quase sempre muito feliz.

— Feliz! — exclamou Aglaé. — Aprendeu lá a arte de ser feliz? Então como é que pôde dizer-nos que não aprendeu a olhar? Tem que nos ensinar.

— Sim, ensinemos. — pediu Adelaide, rindo.

— Não posso ensiná-las — respondeu o príncipe, rindo também. — Durante quase toda a minha estada no estrangeiro vivi na mesma aldeia da Suíça; saía raras vezes e mesmo nessas ocasiões pouco me afastava da aldeia. Que posso eu portanto ensinar-lhes? A princípio tentei apenas não

me aborrecer; depois não tardei a recuperar a saúde; por último comecei a apreciar-me a mim próprio e apercebi-me então dessa mudança. Deitava-me muito bem-disposto e levantava-me mais satisfeito do que na véspera. Donde resultava isto? Ser-me-ia bastante difícil dizê-lo.

— De maneira que não sentia nenhum desejo de ir a qualquer parte? — perguntou Alexandra. — Nada o atraía?

— Sim, atraía!... A princípio senti esse desejo, o qual me causava uma grande inquietação. Interrogava-me sobre qual seria a minha vida futura, procurava perscrutar o meu destino e sentia-me deveras pesaroso em certos minutos. Surgem lá fora, como sabe, muitos destes minutos, sobretudo quando se está só. Na povoação havia uma pequena cascata, que caía de uma montanha, quase verticalmente, em delgados fios de água; a sua branca espuma precipitava-se com fragor. Apesar de alta, essa queda de água, vista da casa onde eu estava, parecia bastante baixa; ficava a quinhentos metros e parecia estar a cinquenta passos. À noite gostava de ouvir o marulhar dessa água; era então que eu sentia um pesar mais intenso. Este pesar sentia-o também algumas vezes durante o dia, quando ia para as montanhas e ali me isolava, sentindo o cheiro da resina, no meio dos velhos pinheiros. No alto de uma penedia viam-se as ruínas de um castelo medieval: era a custo que dele se conseguia descortinar a nossa aldeia nos recôncavos do vale. O sol brilhava forte, o céu mostrava-se azul e o silêncio era impressionante. Nestes momentos sentia-me atraído para longe; parecia-me que, caminhando sempre em frente, sem parar, direito à linha onde o céu parece ligar-se com a terra, encontraria a chave do enigma e pressentiria uma nova vida, mil vezes mais intensa e mil vezes mais tumultuosa que aquela que levava na aldeola. Sonhava então com uma grande cidade, como Nápoles, por exemplo, cheia de palácios, de ruídos, de turbulência, de vida... Os meus sonhos eram em grande número... Por este motivo parecia-me que se podia disfrutar uma vida sem limites, até mesmo numa prisão.

— Já li esse nobre pensamento na minha *Chrestomathie,* quando tinha doze anos — disse Aglaé.

— Tudo isso pertence ao campo da filosofia — observou Adelaide. — O senhor é um filósofo e foi bom vir, para nos ensinar.

— Talvez tenham razão — disse o príncipe, sorrindo. — Sou de facto um filósofo e (quem sabe?) pode ser que esteja no fundo predestinado a fazer escola... É bem possível, na verdade!

— A sua filosofia é do mesmo género da de Enlampie Nicolaievna — observou Aglaé. — É a viúva de um funcionário, uma espécie de parasita, que vem muito a nossa casa. Para ela todo o problema da vida consiste em fazer bons negócios; é a sua única preocupação; só fala em *kopeks* e no entanto tem muito dinheiro; é uma raposa matreira. Pensa de igual forma dessa vida sem limites que o príncipe supõe possível até numa prisão, e talvez também dessa felicidade que usufruiu durante os quatro anos passados na aldeola, e pela qual o senhor renunciou à cidade de Nápoles, com benefício, segundo parece, se bem que essa felicidade não valha mais do que uns simples *kopeks*.

— Em face do que é na realidade a vida numa prisão, pode não se ser dessa opinião — disse o príncipe. — Ouvi contar a história de um homem que passou doze anos na prisão. Era um dos doentes em tratamento na casa do meu professor. Tinha uns ataques de nervos e às vezes sobrevinham-lhe uns grandes pesares e umas crises de lágrimas. Tentou mesmo um dia suicidar-se. Posso garantir-lhes que a sua vida na prisão era muito triste, porém, sem exagero, sempre valia mais do que uns simples *kopeks*. Os seus conhecimentos na prisão limitavam-se a uma aranha e a um arbusto que crescia debaixo da janela... Prefiro porém contar-lhes a história de um outro encontro que tive o ano passado. Trata-se de um caso muito curioso, curioso pela sua raridade. O homem de que lhes vou falar, foi um dia levado a um campo de execuções, com outros condenados, e ali leram-lhes a sentença que os condenava a serem fuzilados, devido a um crime político. Vinte minutos depois foram notificados de que lhes tinha sido comutada a pena. Durante os quinze ou vinte minutos que decorreram entre as duas leituras, este homem viveu na convicção absoluta de que ia morrer dentro de poucos instantes. Era extremamente curioso ouvi-lo evocar as suas impressões, e diversas vezes conversei com ele a tal respeito. Lembrava-se de tudo com uma nitidez extraordinária e dizia que não poderia esquecer mais o que se passou durante esses minutos. A vinte passos do cadafalso, rodeado pela multidão e pelos soldados, haviam colocado três postes, porque alguns condenados deviam ser passados pelas armas. Os três primeiros foram presos a esses postes; fizeram-lhes vestir, por cima do fato, a túnica dos condenados (uma comprida camisa branca) e enterraram-lhe na cabeça, até lhe taparem os olhos, uns bonés brancos, para que não vissem as espingardas; por fim, um pelotão de soldados colocou-se diante de cada poste. O homem que me contou isto, era o

oitavo da ordem de execução; devia portanto ser preso ao poste na terceira volta. Um padre passou diante de todos os condenados, abençoando-os, com uma cruz na mão. Restaram-lhe então apenas cinco minutos de vida. Este homem declarou-me que esses cinco minutos lhe pareceram nunca ter fim e de um valor inestimável. Teve a impressão de que nesses cinco minutos viveu um grande número de vidas, pelo que não teve tempo de pensar no último momento, apesar de ter feito uma divisão do tempo que lhe restava para viver: dois minutos para se despedir dos seus companheiros, dois outros minutos para concentrar o espírito uma última vez, e o resto para lançar à sua volta um último olhar. Lembrava-se muito bem de ter executado estas disposições tal como as havia calculado. Ia morrer aos vinte e sete anos, cheio de saúde e vigor. Recordava-se ainda de, no momento das despedidas, ter feito, com indiferença, uma pergunta a um dos seus companheiros, mas ouvira a sua resposta com um vivo interesse. Após as despedidas entrou no período dos dois minutos reservados à *meditação interior*. Sabia previamente no que ia pensar. Queria desde já antever, tão depressa e tão claramente fosse possível, tudo quanto ia passar-se; de momento existia e vivia, porém nos três minutos seguintes *alguma coisa* de grave ocorreria... algum acontecimento ou alguma tragédia... mas quê, e o quê? Onde estaria? Teria a resolução destas incertezas no decorrer dos dois penúltimos minutos. Perto do local elevava-se uma igreja, cuja cúpula doirada brilhava sob um sol ardente. Lembrava-se de ter fitado com uma terrível obstinação essa cúpula e os seus reflexos; não podia desviar dela os olhos e esses reflexos pareciam ser para ele uma nova vida, como ia ser a sua, de onde conjeturava que dentro de três minutos se confundiria com eles... A sua incerteza e a sua repulsa ante esse desconhecido que ia surgir dentro em pouco eram terríveis. Declarou-me por último que nada lhe foi mais martirizante do que esse pensamento: «Se pudesse não morrer! Se me restituíssem a vida! Que eternidade se não abriria diante de mim! Transformaria cada minuto num século de vida! Não perderia mais um único instante e tomaria nota de todos eles, para não gastar algum inutilmente». Esta ideia acabou por o obcecar de tal forma, que acabou por desejar que o fuzilassem o mais depressa possível.

O príncipe calou-se de repente; no entanto as quatro senhoras esperaram que ele continuasse e chegasse a uma conclusão.

— Acabou? — perguntou Aglaé, passados uns minutos de silêncio.

— Que disse? Acabei, sim — concluiu o príncipe, saindo de uma espécie de abstração.

— Porque nos contou essa história?

— Não sei bem... Veio-me à cabeça... a propósito da nossa conversa.

— Falou sem tirar uma conclusão — observou Alexandra. — A sua intenção, príncipe, era com certeza mostrar-nos que não há na vida um único momento que não valha mais do que um *kopek,* e que algumas vezes cinco minutos têm mais valor do que um tesouro. Tudo isso é belo e sedutor, mas permita-me que lhe diga; esse seu amigo, de quem nos contou o calvário que teve... comutaram-lhe a pena e portanto acordou para essa «vida eterna»! Muito bem! Que fez ele a seguir desse tesouro? Tem vivido, «tendo em conta» cada minuto?

— Oh, não... Interroguei-o a tal respeito. Confessou-me que ainda não viveu nenhum dessa maneira e que pelo contrário tem perdido muitos, muitos minutos.

— Eis então uma experiência que nos demonstra que não é realmente possível viver, «tendo em conta» cada minuto. Há alguma coisa que a tal se opõe...

— Sim, há alguma coisa que se opõe... — repetiu o príncipe. — Nisso mesmo já eu pensei. E não obstante, como não crer...

— Imaginará o senhor viver mais inteligentemente do que todos os outros? — perguntou Aglaé.

— Sim, já tive também algumas vezes essa ideia.

— E tem-na ainda?

— Tenho-a ainda — afirmou o príncipe, que, depois de ter fitado Aglaé com o mesmo sorriso terno e tímido, voltou a rir de novo, dando aos olhos uma expressão de viva alegria.

— Que modéstia! — exclamou Aglaé, um pouco agastada.

— Que coragem a vossa. Ris e eu também, mas a história desse homem impressionou-me de tal maneira que já sonhei com ela durante estes cinco minutos.

De novo o príncipe fitou com um olhar sério e interrogador as quatro senhoras.

— Não estão aborrecidas comigo? — perguntou ele de repente, com uma espécie de contusão, mas sem desviar os olhos das filhas do general.

— Porquê? — interrogaram elas, surpreendidas.

— Porque tenho sempre o ar de quem está a dar uma lição.

Riram todas.

— Se estão aborrecidas, é favor dizê-lo — continuou ele. — Sei melhor do que ninguém que tenho vivido menos do que qualquer outro e que compreendo a vida menos do que todos os outros! Talvez tenha dito algumas vezes coisas impróprias.

E perturbou-se ao proferir estas palavras.

— Se me diz que tem sido feliz, significa que tem vivido a vida, não menos, mas mais do que os outros. Porquê então essas desculpas embaraçosas? — perguntou Aglaé com um azedume agressivo. — Se parece ter o aspeto de quem dá uma lição, não se apoquente; isso não lhe confere nenhuma espécie de superioridade. Com o seu quietismo, pode fazer-se com que uma existência seja o mais feliz possível, nem que dure cem anos. Verificamos que lhe basta ver uma execução ou até um dedo mínimo, para ter logo assunto para as suas deduções, deveras louváveis, assim como deve sentir-se também muito contente. É fácil portanto viver nessas condições.

— Porque te encolerizas sempre? Não compreendo! — interveio a esposa do general, que observava há uns minutos as fisionomias daqueles que falavam. — Não consigo compreender o que estão dizendo. Que representa essa coisa do dedo mínimo e todas essas histórias? O príncipe fala muito bem, só os assuntos que trata são bastante tristes... Porque é que o fazem desanimar? A princípio ria e agora está muito apreensivo!

— Não é nada, minha mãe. O que é de lastimar, príncipe, é que não tenha visto ainda uma execução. Teria então uma pergunta a fazer-lhe.

— Mas eu já vi uma execução! — informou o príncipe.

— Já viu uma? — exclamou Aglaé. — Quase me custa a acreditar. Isso é o máximo que se pode fazer. Mas se já viu então uma execução, como pôde dizer-nos que foi sempre feliz? Não será esta uma razão para poder dizer que duvido?

— Então faziam-se execuções na sua aldeola? — perguntou Adelaide.

— Não, minha senhora. Vi uma em Lyon, onde fui com o Schneider. Foi ele que lá me levou. A execução deu-se mal nós tínhamos acabado de chegar.

— E então... agradou-lhe muito? O espetáculo era atraente? Agradável? — perguntou Aglaé.

— O espetáculo não tem nada de agradável e fiquei um pouco adoentado durante uns dias. Confesso-lhe, no entanto, que exerceu sobre

mim uma tal fascinação que não pude desviar os olhos dele.

— Suceder-me-ia o mesmo, nesse caso — disse Aglaé.

— Onde estive, não gostam de ver as mulheres assistir a esse espetáculo; os jornais citam aquelas que a eles assistem.

— Declarando que não é espetáculo para mulheres, querem dizer (e por consequência justificar) que só é próprio para homens. Felicito-os por essa lógica. Com certeza também é dessa opinião.

— Conte-nos então a execução que viu — interrompeu Adelaide.

— Preferiria muito mais não a contar neste momento — disse o príncipe, um pouco aborrecido e contrariado.

— Dir-se-ia que lhe custa contar-nos isso — acrescentou Aglaé num tom zombeteiro.

— Não, minha senhora. Mas é que já a contei hoje.

— A quem?

— Ao seu criado, enquanto esperava...

— A qual criado? — perguntaram as quatro senhoras.

— Àquele que está na antecâmara, de cabelos grisalhos e rosto corado. Foi nessa antecâmara que eu esperei até ser recebido por Ivan Fiodorovitch.

— É singular! — observou Isabel.

— O príncipe é um democrata — afirmou Aglaé secamente. — Se contou portanto essa execução ao Aléxis, não pode recusar-se a contar-no-la.

— Tenho o máximo interesse em o ouvir — insistiu Adelaide.

Voltando-se para ela, o príncipe perturbou-se de novo. Parecia prestes a animar-se e a tomar toda a confiança.

— Ainda há pouco, quando falou a respeito de um tema para um seu quadro, tive a ideia de lhe propor o seguinte: pintar o rosto de um condenado no momento em que vai ser executado, quando já se encontra no cadafalso e espera que o prendam ao cepo da guilhotina.

— O rosto? Apenas o rosto? — perguntou Adelaide. — Que estranho tema e que triste quadro isso daria!

— Isso não sei. Mas porque não havia de ser um quadro como os outros? — replicou o príncipe com entusiasmo. — Vi ultimamente na Basileia uma obra desse género. Desejava bem poder descrever-lha... Ficará para um outro dia... Impressionou-me muito...

— Agora não é o momento de falarmos nesse quadro da Basileia — disse Adelaide. — Falaremos outro dia. Para já, o que eu queria, é que me contasse essa execução a fim de fazer uma ideia do quadro a pintar. Poder-me-á descrever as coisas tal qual as viu? Como hei de pintar esse rosto? É o rosto apenas? Que expressão hei de dar-lhe?

— Justamente a que tivesse um minuto antes da morte, isto é, no momento em que o condenado subisse os degraus do cadafalso e pusesse os pés no estrado.

O príncipe falava com entusiasmo e, levado pelas suas recordações, parecia por momentos ter esquecido tudo o resto:

— Nesse momento, o que eu vi, olhou para o local onde me encontrava. Examinei-lhe o rosto e compreendi tudo. No entanto, como descrever uma tal situação? Ah, como eu tinha vontade que a senhora ou qualquer outra pessoa reproduzisse essa cena! Agradava-me no entanto mais que fosse a senhora! Em meu entender esse quadro devia ser um quadro primoroso. Sabe... para que esse quadro fosse bem executado, precisava reproduzir tudo quanto se passasse nesse momento, tudo... tudo... O condenado de que eu falo, quando estava na prisão, só contava que a execução tivesse lugar uma semana depois; confiava do tempo que as formalidades usuais da lei levavam a cumprir e calculara que as peças do processo deviam levar uma semana a organizar-se. Uma circunstância imprevista porém abreviou essa demora. Às cinco horas de uma certa manhã dormia ainda. Era no fim de outubro e portanto a essa hora era noite e fazia frio. O diretor da prisão entrou sem fazer barulho, acompanhado de um guarda, e tocou-lhe ao de leve num ombro. O condenado sentou-se na cama e vendo a luz disse: «Que há?» «A execução terá lugar às dez horas», respondeu-lhe o diretor. Ainda mal acordado, não podia acreditar no que ouvia, pois calculara que as peças do processo não estariam concluídas antes de uma semana. Quando porém tomou consciência da verdade, deixou de discutir e calou-se. Disse-se que acrescentou, pouco depois: «Assim mesmo é doloroso, tão bruscamente...» e caiu num impressionante mutismo, prometendo a si mesmo não proferir mais palavra. Três ou quatro horas se passaram nos preparativos, de todos conhecidos: visita do padre e um almoço composto de vinho, café e um bocado de carne de vaca (não será isto uma irrisão? Parece um ato de desumanidade, mas estou convencido que estas pessoas agem na melhor das intenções e na convicção que este almoço é um ato de filantropia).

Depois trata de se arranjar (sabem o que é o arranjar-se de um condenado?). Por fim conduzem-no, através da cidade, ao cadafalso... Este trajeto dá-lhe, segundo suponho, a impressão de que lhe resta muito tempo de vida. Deve ter dito com ele, durante o percurso: «Restam-me três ruas para viver. É ainda bastante longe. Percorrida esta rua, tenho outra, e depois outra, aquela onde há uma padaria à direita... Ainda tenho de andar, muito antes de chegar a essa padaria!» À sua volta uma multidão ruidosa, solta gritos: são dez mil rostos, dez mil pares de olhos! É preciso suportar tudo isto, e o mais doloroso talvez é pensar: «Estão ali dez mil pessoas e não se executa nenhuma delas; é a mim somente que vão matar!...» Estes eram apenas os preliminares. Uma pequena escada dava acesso ao cadafalso; no primeiro degrau dessa escada o condenado começou a chorar e no entanto era um homem forte, um caráter enérgico e fora, segundo se dizia, um grande celerado. O padre não o deixou um instante; tinha feito o percurso com ele no carro e falando-lhe sempre; duvido que o condenado o ouvisse; esforçava-se, por momentos, em o ouvir, mas a partir da terceira palavra nada mais entendia! Pelo menos suponho que assim devia ser... Chegou por fim o momento de subir para o cadafalso; a grilheta que lhe prendia os pés obrigava-o a só poder dar uns pequenos passos. O padre, que era sem dúvida inteligente, deixou de falar e limitou-se a dar-lhe, de minuto a minuto, um crucifixo a beijar. Ao pé da escada o condenado estava muito pálido; quando subiu para o estrado o rosto tornou-se-lhe mais branco que uma folha de papel. Com certeza que as pernas lhe tremiam e se recusavam a mover-se; sentia náuseas e uma sensação de angústia e mal-estar na garganta. Deve ser a mesma sensação que se experimenta nos momentos de terror, ou de grande pavor, os quais nos deixam em plena lucidez, mas privam-nos de todo o domínio sobre as nossas próprias pessoas. Deve ser idêntica, também, segundo me parece, à impressão sentida por um homem que vai morrer, por exemplo, sob os escombros de uma casa: sente uma vontade irresistível de se sentar, de fechar os olhos e esperar, aconteça o que acontecer! Nesse instante, quando o desfalecimento parece esmagar o condenado, o padre, com um gesto rápido e mudo, chega-lhe aos lábios uma pequena cruz latina, de prata. Repete este gesto quase seguidamente. Cada vez que o crucifixo lhe toca nos lábios, o condenado abre os olhos, reanima-se por alguns segundos e encontra a força bastante para mover os pés. Beija a cruz com avidez e precipitação, tal como um viajante preocupado com as provisões

de que possa ter eventualmente necessidade no decorrer da sua viagem. Não é muito de acreditar que sinta nesse minuto qualquer sentimento religioso consciente. Esta cena repete-se até o deitarem no cepo da guilhotina... É extraordinário constatar que o condenado raras vezes perde os sentidos neste instante supremo. Pelo contrário, o seu cérebro manifesta uma vida e um trabalho intenso, desenvolve então toda a energia de uma máquina em pleno rendimento. Imagino quão grande deve ser o número de pensamentos que o assaltam, todos incompletos, talvez exagerados e intempestivos, tal como estes: «Está lá em baixo, entre os espectadores, um indivíduo que tem uma verruga no rosto!...» «Olha! O carrasco tem um botão enferrujado no fundo do casaco...» E no entanto a inteligência e a memória mantêm-se indemnes. Há um único ponto que é impossível esquecer e em volta do qual gravita tudo; só se pode escapar a ele, tendo uma síncope. Surge no último quarto de segundo, quando a cabeça está já sob o cutelo, que o condenado espera e... *sabe!* Depois ouve por cima dele o deslizar desse ferro. Deve com certeza ouvi-lo! Se estivesse deitado no cepo, escutaria apenas esse deslizar e ouvi-lo-ia! Talvez não o ouvisse mais do que durante um décimo de segundo, mas nem por isso seria menos percetível. Imagine que ainda hoje se discute a questão de saber se a cabeça, uma vez separada do tronco, tem ou não consciência de haver sido decapitada, pelo menos durante um segundo. Que ideia! E quem sabe se isso não durará cinco segundos? Com estas explicações já pode tentar pintar o cadafalso, mas de maneira que apenas se distinga nitidamente o último degrau; o condenado acaba de subir e está pálido como uma folha de papel; estende avidamente os lábios brancos para o crucifixo que o padre lhe apresenta; olha e *sabe tudo.* O crucifixo e a cabeça, eis o quadro! Quanto ao padre, ao carrasco, aos dois ajudantes e a algumas cabeças que aparecem mais longe, pinte-os apenas como acessórios, num terceiro plano, numa penumbra... Eis o quadro tal como eu o imagino.

Calou-se e olhou para as quatro senhoras.

— Mas isso não está de acordo com o seu quietismo — murmurou Alexandra, como se falasse consigo própria.

— Muito bem. Agora vai-nos contar como principiaram os seus amores — pediu Adelaide.

O príncipe olhou-a com surpresa.

— Ouça — continuou ela, num tom precipitado — deixemos ficar para mais tarde a descrição desse quadro da Basileia. Por agora pretendo

ouvi-lo contar como principiaram os seus amores. Não negue!... Esteve já apaixonado. Sempre que principia a contar alguma coisa, põe de lado a sua filosofia...

— E ao terminar qualquer narrativa fica envergonhado por o ter feito — observou bruscamente Aglaé. — Por que razão faz isso?

— Não discerne mais, coitada! — interveio a esposa do general, fitando Aglaé com um olhar indignado.

— Isso é um despropósito! — apoiou Alexandra.

— Não acredite nela, príncipe! — continuou Isabel. — Toma propositadamente estas atitudes, pois não foi educada desta forma. Por outro lado não suponha que não sei a razão por que estão brincando consigo. Com certeza têm alguma fantasia metida na cabeça; no entanto sentem já pelo senhor uma certa afeição. Conheço-lho no rosto.

— Eu também as conheço — disse o príncipe, acentuando cada palavra com uma insistência especial.

— Como é isso? — perguntou Adelaide com curiosidade.

— Que sabe dos nossos rostos! — acrescentaram as outras duas, igualmente intrigadas.

O príncipe porém calou-se e tomou um ar sério. Todas quatro aguardaram a sua resposta.

— Dir-lho-ei daqui por um bocado — disse ele com ternura e gravidade.

— Decididamente resolveu acicatar a nossa curiosidade! — exclamou Aglaé. — Que tom solene!

— Seja assim! — retorquiu vivamente Adelaide. — No entanto se é tão bom fisionomista, é porque teve já os seus amores. Adivinhei, portanto! E vai-nos contar tudo, não?

— Não tive ainda amores — objetou o príncipe no mesmo tom grave e terno. — Tenho sido feliz... de uma outra maneira.

— De que maneira? Porquê?

— Já que assim o querem, vou contar-lhes tudo — observou ele com o ar de um homem embebido num grande sonho.

Capítulo 6

— Neste momento — começou o príncipe — estão olhando para mim com uma grande curiosidade, que se a não satisfaço, ficarão aborrecidas comigo, não?! Estou gracejando, bem entendido! — acrescentou ele logo, sorrindo. — Lá... nessa aldeia suíça, havia muitas crianças; passava todo o meu tempo com elas, que quase não me deixavam nunca. Era todo o grupo de crianças que frequentava as escolas da aldeia. Não direi que era eu que as instruía... oh, não, para esse efeito havia o professor, que se chamava Júlio Thibaut. Admitindo que eu tivesse contribuído para a sua instrução, é-se no entanto mais exato dizendo que vivi entre elas, que foi entre elas que me decorreram esses quatro anos. Não necessitava de nenhuma outra sociedade. Contava-lhes tudo, não lhes escondia nada... Os pais e os outros seus parentes zangaram-se comigo, porque elas acabaram por não poderem passar sem mim; agrupavam-se sempre à minha volta, e de tal forma, que o professor se tornou o meu maior inimigo. Indispus-me com muitas outras pessoas da aldeia, tudo sempre por causa das crianças. O próprio Schneider censurou-me por esse motivo. Que receavam eles de mim?... Pode-se dizer tudo a uma criança, tudo!... Surpreendeu-me sempre o ter de reconhecer que os adultos, a começar pelos pais e pelas mães, conhecem mal as crianças. Não se lhe deve ocultar nada, sob o pretexto de que são pequenas, ou que é ainda muito cedo para aprenderem certas coisas. Que triste e desastrosa ideia. As próprias crianças verificam que os pais as supõem muito pequenas e incapazes de compreender, quando na realidade compreendem tudo... Nós, os adultos, não acreditamos que uma criança possa dar um conselho da mais alta importância, mesmo numa questão extremamente complicada!... Oh, meu Deus, quando uma dessas bonitas avezinhas vos olha com o seu ar confiante e feliz, tende vergonha em a enganar. Se as chamo avezinhas, é porque não há nada melhor no mundo que esses pequeninos animais!... Se todas as pessoas da aldeia se indispuseram comigo, foi devido em especial a um incidente... Quanto ao Thibaut, foi apenas o ciúme que o levou a indispor-se comigo; começou por abanar a cabeça e admirar-se, ao ver as crianças aprender tudo quanto

eu lhes dizia, entretanto que ele só a custo se fazia compreender. Depois zombou de mim, quando lhe declarei que nem ele, nem eu, lhe ensinávamos alguma coisa, mas sim nós é que aprendíamos com elas. Como pôde ele invejar-me e caluniar-me, vivendo no meio das crianças? Em contacto com elas a nossa alma purifica-se!... Havia entre os doentes que estavam na casa de saúde de Schneider, um homem muito desgraçado. A sua desgraça era tão grande, que era quase impossível conceber coisa semelhante. Estava em tratamento, devido à sua alienação mental; em meu entender ele não estava louco; sofria horrivelmente e consistia nisso toda a sua doença. Se soubessem no que acabaram por ser para ele as crianças!... Mas falarei mais adiante sobre este doente; por agora vou contar-lhes como tudo isto começou. Ao princípio as crianças não gostavam muito de mim. Era muito mais alto do que elas e tinha uma maneira de andar pouco elegante; além disso, sei que sou de facto feio... enfim, não passava para eles de um estrangeiro. As crianças zombaram de mim e atiraram-me com pedras, no dia em que me viram beijar a Maria. Beijei-a apenas uma vez... Não, não riam — apressou-se o príncipe a acrescentar, para suster o sorriso das senhoras. — Não era um beijo de amor. Se soubessem quão infeliz criatura era teriam por ela a mesma piedade que eu tive! Era natural da aldeola. A mãe era uma pobre e velha mulher que repartia com ela o seu mísero casebre, iluminado apenas por duas janelas. Uma delas estava obstruída com uma espécie de tabuleiro, sobre o qual, com permissão das autoridades locais, dispunha, para vender ao público, cordões, linhas, tabaco e sabão. Vivia com os poucos centavos que tirava deste negócio. Era uma doente, e os pés e as pernas inchadas obrigavam-na a permanecer sempre sentada. A sua filha, Maria, que podia ter vinte anos, era magra e de fraca constituição: há um certo tempo que a minava uma tuberculose, o que não a impedia no entanto de trabalhar a dias, executando trabalhos pesados, como lavar os soalhos, ensaboar a roupa, varrer os quintais e dar de comer aos animais. Um caixeiro viajante francês seduziu-a e levou-a com ele; ao fim de oito dias abandonou-a, deixando-a entregue ao seu destino. Regressou a casa da mãe, pedindo esmola pelo caminho, coberta de lama e de andrajos, e os sapatos feitos em bocados. Arrastou-se durante uma semana, dormindo ao relento, tendo por teto as estrelas e torturada pelo frio. Arrastava os pés a sangrar e tinha as mãos gretadas e cobertas de frieiras. Não havia sido até ali uma grande beleza, porém os seus olhos exprimiam ternura, bondade e inocência. Era

deveras taciturna. Uma vez, antes da sua desventura, começou de repente a cantar, no meio do seu trabalho. Recordo-me que a surpresa foi geral e que todos principiaram a rir: «Olha a Maria a cantar! Bravo! A Maria também canta?» A sua perturbação foi grande e desde esse dia encerrou-se num teimoso mutismo. Então tratavam-na ainda com afetuosidade, todavia, quando voltou à aldeia, doente e martirizada, ninguém mais teve por ela a menor compaixão. Como as pessoas são duras nestas ocasiões! Como são brutais os seus juízos... A mãe foi a primeira a mostrar-lhe a sua aversão e o seu desprezo: «Acabas de me desonrar!», exclamou ela. Foi também a primeira a tornar público o opróbrio da filha. Quando se soube na aldeia do regresso da Maria, todos correram a vê-la; quase toda a população, velhos, crianças e mulheres, acorreram em multidão, impacientes e curiosos, a casa da pobre velha. Maria, famélica e esfarrapada, chorava, deitada no chão aos pés da mãe. Quando a multidão lhe invadiu a mansarda, cobriu o rosto com os seus esparsos cabelos e deitou o rosto em terra. Todas as pessoas, formando círculo à sua volta, a olharam como um animal lazarento: os velhos admoestaram-na e invetivaram-na; os jovens zombaram dela e as mulheres insultaram-na e manifestaram a mesma repulsa que em frente de uma aranha. A mãe manteve-se sentada, e longe de desaprovar estes insultos, encorajou-os, abanando a cabeça. Estava já muito doente e quase moribunda, e tanto assim que morreu dois meses depois. Se bem que pressentisse o seu próximo fim, recusou sempre, até morrer, reconciliar-se com a filha. Não mais lhe falou, obrigou-a a deitar-se junto da porta de entrada e quase chegou a recusar-lhe os alimentos. Os seus pés doentes exigiam frequentes banhos de água tépida; Maria lavava-lhos todos os dias e prodigalizava-lhe os seus melhores cuidados. A velha aceitava os seus serviços, mas sempre calada, sem nunca ter a menor palavra afetuosa. A desgraçada suportava tudo. Quando mais tarde a conheci, constatei que aprovava estas humilhações e se considerava a mais vil das criaturas. Na altura em que a mãe caiu de cama, para não mais se levantar, as mulheres idosas da aldeola vieram tratá-la, cada uma por sua vez, tal como era costume entre elas. A filha deixou desde então, quase por completo, de se alimentar; toda a gente a repelia e ninguém queria mesmo dar-lhe trabalho como noutros tempos. Era como se cada um lhe tivesse cuspido no rosto, e os homens não olhavam para ela como se fosse uma mulher, mas sim lhe faziam as mais ignóbeis propostas. Algumas vezes, mas muito poucas, aos domingos, os bêbados atiravam-lhe com moedas

para a ridicularizarem. Maria apanhava-as sem proferir uma palavra. Nessa altura já ela começava a ter hemoptises. Os andrajos acabaram por lhe cair aos bocados, e de tal forma que mal se atrevia a sair de casa; não mais se calçara desde o seu regresso. Então as crianças (um bando de uns quarenta estudantes) principiaram a correr sobre ela, sempre que a viam, e a atirar-lhe com lama. Pediu a um lavrador para que a deixasse guardar-lhe as vacas, mas o lavrador pô-la fora de casa. Tomou por si a decisão de acompanhar a manada durante todo o dia, até regressar às cortes. Desta forma prestou ótimos serviços ao lavrador, que apercebendo-se disso, deixou de a expulsar e deu-lhe até algumas vezes os restos da sua refeição, pão e queijo. Considerava isto como um grande ato de caridade da sua parte. Quando a mãe morreu, o padre não teve vergonha de vilipendiar a pobre moça em plena igreja, ante toda a gente. Ela manteve-se de joelhos atrás do caixão, chorando. Muitas pessoas foram à igreja para a verem chorar e para irem ao enterro. Então o padre (um homem novo, mas tendo a ambição de se tornar um grande pregador) dirigiu-se aos ouvintes, indicando a Maria: «Ali está a causadora da morte desta respeitável mulher (era falso, porque a velha estava doente há mais de dois anos). Aí a tendes diante de vós, mas não ousa levantar os olhos, porque está marcada com o dedo de Deus. Está descalça e coberta de andrajos! Que sirva de exemplo àquelas que tentarem perder a virtude!... Mas quem é ela afinal? É apenas a filha da falecida.» E continuou neste tom. Imaginem que este ato de pusilanimidade agradou a quase toda a gente, porém... sucedeu um acontecimento imprevisto, pois intervieram nesta questão os estudantes, que eram já meus amigos e haviam começado a ter pela Maria uma certa afeição. Eis como o acontecimento ocorreu. Pensei um dia fazer qualquer coisa em benefício da moça; verifiquei que aquilo que ela mais precisava era dinheiro, e eu, enquanto estive na aldeia, nunca tive um centavo comigo. Peguei então num pequeno alfinete de diamantes que tinha, e vendi-o a um mercador que andava de aldeia em aldeia e negociava em roupas velhas. Deu-me oito francos pelo alfinete, quando ele talvez valesse quarenta. Tentei durante alguns dias encontrar a Maria só; por fim encontrei-a fora da aldeia, próximo de um valado, atrás de uma árvore, num caminho da montanha. Dei-lhe os oito francos e recomendei-lhe que os poupasse, visto que não tinha mais dinheiro para lhe valer. Depois beijei-a, pedindo-lhe para não ver nesta minha atitude qualquer intenção desonesta; o meu beijo era um gesto de consideração e não de amor.

Acrescentei depois que, desde o primeiro momento, nunca a considerei como uma culpada, mas apenas como uma desgraçada. Desejava muitíssimo consolá-la, convencido de que não tinha razão para se humilhar diante dos outros. Tive a impressão de que não me compreendeu, e esta impressão sentia logo, visto que se manteve calada durante quase todo este tempo, sempre de pé, diante de mim, com os olhos baixos e toda confusa. Quando acabei de falar, beijou-me as mãos. Agarrei logo as dela para as beijar também, mas retirou-as rápida. Neste momento o bando dos estudantes descobriu-nos; soube depois que nos espiavam há muito tempo. Começaram a assobiar, a bater as mãos e a rir, pelo que a Maria pôs-se em fuga. Quis falar-lhes, mas principiaram a atirar-me com pedras. Nesse mesmo dia, como sempre, toda a aldeia teve conhecimento do sucedido; voltaram a dizer mal da pobre Maria tendo aumentado a hostilidade que havia contra ela. Cheguei a ouvir dizer que projetavam aplicar-lhe um severo castigo; Deus porém amerceou-se dela, pois nada lhe fizeram. Pelo contrário os estudantes não mais a deixaram em descanso; passaram a persegui-la com mais crueldade que anteriormente e a atirarem-lhe com lama. Quando os via correr para ela, fugia-lhes; porém devido à sua fraqueza e à tuberculose que a minava, não podia ir muito longe. Aproximavam-se, proferindo contra ela as maiores injúrias. Um dia tive de intervir e de lutar com eles. Decidi-me então a falar-lhes, a falar-lhes todos os dias, todas as vezes que podia. Algumas vezes paravam a ouvir-me, mas sem se convencerem de que deviam deixar de a injuriar. Expunha-lhes o quanto ela era desgraçada, e tantas vezes lho disse, que principiaram a conter-se e a habituarem-se a passar por ela sem nada lhe dizerem. As nossas conversas foram aumentando pouco a pouco; nada lhes escondia e falava-lhes com o coração aberto. Escutavam-me com uma viva curiosidade e começaram a sentir uma certa piedade pela Maria. Alguns passaram mesmo a saudá-la gentilmente quando a encontravam. É costume naquela região saudar as pessoas que encontramos no nosso caminho e darmos-lhes os bons dias, quer as conheçamos ou não. Calculo quão grande foi a surpresa da Maria. Um dia duas moças foram entregar-lhe umas libras que lhes tinham dado e depois vieram-mo dizer. Contaram-me que a Maria chorou muito e que desde então passaram a estimá-la mais. O mesmo sucedeu depois a todas as crianças, como igualmente se tornaram também minhas amigas. Vinham muitas vezes procurar-me e pediam-me para lhes contar qualquer coisa. A julgar pela extrema atenção

com que me ouviam, tive a impressão de que as interessava. Em seguida comecei a estudar e a ler muito, no único desejo de as fazer compartilhar do que eu aprendia. Foi esta, durante três anos, a minha ocupação. Mais tarde, quando toda a gente e o próprio Schneider me criticaram por lhes ter falado como se elas fossem adultos e nada lhes haver escondido, repliquei-lhes que era uma vergonha mentir-lhes e que nem por isso elas conheciam menos as coisas. Se lhes fazíamos mistério de qualquer coisa, instruíam-se por uma forma que aviltava a sua imaginação, ao passo que com a minha maneira de proceder não havia a recear esse perigo. Sobre este ponto, basta que cada um evoque as suas recordações da infância. Porém este raciocínio não as convenceu. Tinha beijado a Maria duas semanas antes da morte da mãe, como também, quando o padre proferiu o seu sermão, já todas as crianças se haviam tornado minhas amigas. Contei-lhes o sermão, criticando a maneira como o padre procedeu; todas se mostraram indignadas e algumas foram até ao ponto de lhe apedrejarem os vidros das janelas. Esforcei-me por os impedir de tal fazerem, dizendo-lhes que praticavam uma má ação. Como das outras vezes, a aldeia não tardou a saber de tudo isto e acusaram-me então de depravador de crianças. Souberam também que todos os estudantes gostavam da Maria e esta novidade causou um grande alarme. A Maria considerava-se já feliz. Os pais proibiram os filhos de se lhe dirigirem e de a verem. Iam então, às escondidas, procurá-la no campo onde apascentava as vacas. Era bastante longe, aproximadamente a uma meia *versta* da aldeia. Levavam-lhe presentes, e alguns iam apenas para a abraçarem ou beijarem e dizerem: «*Je vous aime, Marie*» depois do que corriam apressados para casa. Maria receava perder a razão ante esta felicidade tão inesperada; nunca sonhara com isto, e por isso sentia-se confundida e encantada. O mais interessante é que as crianças, e sobretudo as moças, sentiam prazer em a ir ver, para lhe dizerem que eu gostava muito dela e que lhes falava muitas vezes nela. Fizeram-lhe saber que fui eu que lhes contei toda a sua história e que desde então passaram a ter por ela a maior estima e compaixão. Vinham depois para junto de mim e contavam-me, com as suas caritas risonhas e obsequiosas, que vinham de ver a Maria, a qual me enviava os seus cumprimentos. Às tardes eu ia até à cascata; havia junto dela um sítio rodeado de ulmeiros, oculto portanto dos olhares das pessoas da aldeia. As crianças vinham ali juntar-se comigo, mas algumas faziam-no sempre às escondidas. Parece-me que sentiam um prazer extremo com o meu amor

pela Maria, e durante todo o tempo que estive na aldeia, foi o único ponto em que os induzi em erro. Nunca tive a coragem de os desenganar e de lhes confessar que não amava a Maria, mas sim sentia apenas por ela uma grande piedade. Reconhecia que o seu maior desejo era que o meu sentimento fosse tal como entre eles o imaginavam; não disse também nunca coisa alguma sobre este ponto e deixei-os viver na ilusão de que só eles haviam adivinhado o meu amor. Revivia nos seus pequenos corações tanta delicadeza e tanta ternura, que lhes parecia impossível, por exemplo, que o seu amigo Leon gostasse tanto da Maria e a deixasse andar malvestida e descalça! Imaginem que lhe deram sapatos, meias, roupas brancas e até vestidos. Por que milagre de engenhosidade teriam eles conseguido tudo isto? Não o sei dizer, mas todo o grupo devia ter trabalhado para isso. Quando os interroguei a tal respeito, um riso de satisfação foi a sua resposta; as moças manifestaram-se mais, batendo as palmas e abraçando-me. Fui também algumas vezes às escondidas ver a Maria. A sua doença agravou-se, caminhava a custo, e por isso teve de deixar todo o trabalho da vacaria, para se limitar apenas a ir todas as manhãs com o gado para a pastagem. Sentava-se num extremo do campo, no cimo de uma rocha cortada quase a pique; ali ficava, sem se mexer, escondida de todos os olhares, desde pela manhã até à hora de recolher a manada. A tuberculose havia-a enfraquecido tanto, que estava durante todo esse tempo com os olhos fechados, numa meia sonolência, e com a cabeça apoiada na rocha. A respiração era já difícil e o rosto estava descarnado de tal forma que mais parecia um esqueleto. O suor cobria-lhe o rosto e as têmporas. Encontrava-a sempre neste estado. Demorava-me apenas um instante na visita, pois não queria por maneira nenhuma que me vissem. Logo que aparecia, Maria estremecia toda, abria os olhos e beijava-me apressadamente as mãos. Deixava que as beijasse, porque era uma satisfação para ela. Durante o tempo que permanecia junto dela, tremia toda e chorava *t* algumas vezes chegava a falar, mas era difícil de compreender. O excesso da comoção e da alegria quase a tornavam louca. As crianças iam algumas vezes comigo; quando tal sucedia, mantinham-se habitualmente a uma certa distância e vigiavam para evitar que alguém viesse surpreender a nossa conversa; este papel de vigilantes agradava-lhes imenso. Mal a deixávamos sozinha, entregava-se de novo à imobilidade, fechando os olhos e apoiando a cabeça na rocha. Talvez que nessa ocasião sonhasse!... Uma manhã viu-se também impossibilitada de

ir guardar o gado e ficou em casa. Esta estava vazia do mais pequeno conforto. As crianças, mal o souberam, foram logo visitá-la, uma por cada vez. Encontraram-na na cama, sem ninguém que a tratasse. Durante dois dias foram apenas as crianças que cuidaram dela; revezavam-se na sua missão. Quando porém se soube na aldeia que se aproximava o fim da pobre Maria, as mulheres de uma certa idade foram tratá-la como era costume. Parecia que começavam a ter piedade dela, por isso permitiam que as crianças a fossem ver e não a injuriavam como noutros tempos. A doente encontrava-se já num estado comatoso: o sono era agitado e tinha uma tosse horrível. As velhotas proibiram as crianças de entrarem no quarto da doente; espreitavam então à janela, nem que fosse apenas um segundo, o tempo bastante para dizer: «*Bonjour, notre bonne Marte*». Desde que as avistava e ouvia a sua voz, reanimava-se logo; esforçava-se por se levantar nos cotovelos e agradecia-lhes com um sinal de cabeça. Tal como noutros tempos, traziam-lhe guloseimas, mas ela quase já não comia. Posso garantir-lhes que, graças a estas crianças, morreu, pode-se dizer, feliz; a elas ficou devendo o esquecimento do seu negro infortúnio, como também foi por seu intermédio que alcançou o perdão dos seus atos, pois se considerou até final como uma grande criminosa. Parecidas às pequenas avezinhas que vinham bater as asas junto da sua janela, exclamavam todas as manhãs: «*Nous t'aimons, Marie*». Morreu muito mais depressa do que eu tinha imaginado. Na véspera do dia em que morreu, fui vê-la ao pôr do sol; pareceu reconhecer-me e apertou-me a mão pela última vez. Como essa mão estava descarnada... Na manhã seguinte vieram bruscamente dizer-me que havia morrido. Então tornou-se impossível conter as crianças; cobriram-lhe o caixão de flores e colocaram-lhe uma coroa na cabeça. Na igreja, o padre, ante o cadáver, não fez nenhuma alusão aos agravos passados. O seu enterro teve pouca gente: alguns curiosos e pouco mais. No momento de levantarem o corpo na igreja, as crianças acorreram em multidão para serem elas a levar o caixão. Como não tinham força para o fazer, ajudei-as. Todas o acompanharam, chorando. A campa da pobre Maria está sempre piedosamente tratada. São elas que a enfeitam todo o ano com flores, como ainda plantaram roseiras a toda a sua volta. Foi sobretudo depois deste enterro que os habitantes da aldeia começaram a importunar-me mais, devido à minha influência sobre as crianças. Os principais instigadores desta perseguição foram o padre e o professor. Chegaram ao

ponto de proibirem, de uma maneira formal, as crianças de me verem e falarem. Apesar disso reuníamo-nos e conversávamos nos sítios do costume, como ainda nos fazíamos compreender de longe, por meio de sinais. Enviavam-me pequenos bilhetes. Mais tarde combinámos as coisas de outra maneira e tudo passou a correr pelo melhor; a proibição tornou maior a intimidade que havia entre as crianças e a minha pessoa. No decurso do último ano reconciliei-me quase com o Thibaut e com o padre. Quanto ao Schneider, discutiu muitas vezes comigo o que ele chamava o «meu prejudicial sistema» de educar as crianças. Que entenderia ele por «meu sistema»? Finalmente, na altura da minha partida, Schneider confessou-me um estranho pensamento que havia tido a meu respeito. Estava plenamente convencido de que eu era de facto uma verdadeira criança, uma criança em toda a aceção da palavra. Segundo ele. era um adulto, somente devido à minha altura e feições; porém quanto ao desenvolvimento da alma, do caráter e talvez mesmo da inteligência, não era um homem; não o seria nunca, acrescentou ele, mesmo que eu vivesse até aos sessenta anos. Isto fez-me rir. Elaboravam evidentemente um erro, porque, enfim, como podem comparar-me a uma criança? Muitas vezes, o que é uma verdade, não gosto do convívio dos adultos, dos homens ricos, dos grandes senhores. Isto é uma coisa que noto em mim há bastante tempo; não gosto desse convívio, porque não sei como hei de comportar-me com eles. Qualquer coisa que me digam, qualquer atenção que me testemunhem, é-me sempre doloroso estar no meio deles e fico radiante logo que posso ir, o mais depressa possível, juntar-me aos meus companheiros; ora os meus companheiros são sempre as crianças, não porque eu seja uma criança, mas muito simplesmente porque me sinto atraído para elas. Nos primeiros tempos da minha estada na aldeia passeava sozinho e triste pela montanha; algumas vezes encontrava, sobretudo à hora do meio-dia, hora da saída da escola, a multidão barulhenta das crianças que corriam com as sacas e as ardósias ao ombro, no meio dos gritos, do estalar das gargalhadas e das diversas brincadeiras. Então a minha alma evolava-se rápida para junto delas. Não sei como exprimir isto, mas dominava-me uma sensação de extraordinária felicidade, a qual se reavivava cada vez que as encontrava. Parava e ria de satisfação, ao ver as suas delicadas e pequeninas peruas sempre em movimento, ao observar os rapazes e as moças correndo juntos, ao notar as suas alegrias e as suas lágrimas, porque muitos deles, entre a saída da

escola e a chegada a casa, entregavam-se por vezes a rixas violentas, de que terminavam por choramingar, para se reconciliarem depois e brincarem de novo. Nesses momentos esquecia toda a minha melancolia. E por esta razão, durante três anos, não pude compreender, nem como, nem por que razão os homens se deixavam dominar pela tristeza. O meu destino arrastava-me para as crianças. Contava mesmo nunca deixar a aldeia, por isso nunca também me assaltou a ideia de que havia de regressar à Rússia. Parecia-me que devia ficar sempre por lá! Um dia, porém, tive de reconhecer que o Schneider não podia sustentar-me, e logo em seguida sobreveio um acontecimento de uma importância tal, que foi o próprio Schneider que apressou a minha partida e escreveu para aqui em meu nome. É uma questão sobre a qual tenho de me informar devidamente e depois consultar alguém. Pode ser talvez que com isso a minha sorte mude de repente; contudo não é para mim o essencial. O essencial é a mudança que se produziu já na minha vida!... Deixei pela Suíça muitas coisas, muitas coisas mesmo! Tudo tem desaparecido. Quando estava já no comboio, pensei: vou agora entrar em convívio com os homens; não conheço talvez nada do mundo e uma nova vida vai começar para mim. Prometi a mim próprio desempenhar-me da minha tarefa com honestidade e firmeza. Talvez venha a ter desgostos e dificuldades nas minhas relações com os homens. Em qualquer dos casos resolvi ser cortês e sincero com toda a gente; e sendo assim, ninguém pode exigir mais de mim. Pode ser que aqui me olhem também como uma criança. Tanto pior... Toda a gente me considera também como um idiota. Não sei porquê!... É certo que estive bastante doente e que a doença me deve ter dado um ar de idiota. Serei porém agora um idiota, quando eu próprio reconheço que me julgam como tal? Quando entro em qualquer parte, penso: podem tomar-me por um idiota, mas sou um homem sensato e essas pessoas não podem duvidar... Esta ideia assalta-me muitas vezes. Quando estive em Berlim recebi algumas cartas que as crianças conseguiram escrever-me; só então compreendi até que ponto me estimavam. A primeira carta que recebi causou-me pena… Era já grande a sua tristeza quando me acompanhavam a casa! Um mês antes da minha partida tomaram o hábito de me levarem a casa e dizerem, quando nos despedíamos: «*León s'en va. León s'en va pour toujours!*». Todas as tardes continuávamos a reunir-nos perto da cascata e falávamos quase só da nossa separação. Algumas vezes estávamos alegres como noutros tempos, porém quando me deixavam a

fim de irem para suas casas, apertavam-me nos seus braços com mais vigor e entusiasmo que anteriormente. Alguns deles iam ver-me sozinhos ao meu esconderijo, só para conseguirem falar-me e abraçar-me à vontade, sem testemunhas. No dia em que vim embora, todo o grupo me acompanhou à estação, que ficava mais ou menos à distância de uma *versta* da aldeia. Esforçavam-se por conter as lágrimas, mas muitos não puderam e começaram a soluçar, sobretudo as moças. Caminhámos depressa, pois não podíamos atrasar-nos um minuto; de tempos a tempos, porém, uma ou outra do grupo atirava-se a mim no meio da estrada e, deitando-me os pequenos braços à volta do pescoço, abraçava-me, o que atrasava a marcha de todo o grupo. Por mais pressa que tivéssemos, todos paravam, assistindo até ao final destas expansões de amizade. Quando tomei lugar na carruagem e que o comboio se pôs em marcha, todas elas gritaram: *«Hurrah!»* Ficaram na plataforma da estação até o comboio se perder de vista. Por minha vez também só deixei a janela, quando já não as avistava... E só há pouco, quando entrei aqui, é que me senti, pela primeira vez desde essa despedida, um pouco reconfortado, ao ver os seus graciosos rostos (porque só agora observei os seus rostos com mais atenção) e ao ouvir as suas primeiras palavras; disse então a mim próprio que era na verdade um homem feliz. Sei bem que não se encontram todos os dias pessoas com quem simpatizamos logo ao primeiro encontro; no entanto tenho-as encontrado desde que desci do comboio. Não ignoro também que se sente em geral um certo prazer ao fazermos alarde dos nossos sentimentos; eu porém não experimento nenhum ao falar-lhes dos meus. Sou pouco sociável e não voltarei talvez a sua casa durante uma temporada. Contudo não vejam nisto má vontade da minha parte. Não quero mesmo dizer com isto que as não estime, como não creiam por forma nenhuma que esteja magoado com qualquer coisa. Pediram-me a impressão que os seus rostos me provocaram e eu fui anotando as que me sugeriram. Vou dizer-lhas da melhor vontade. A Adelaide tem um rosto que reflete felicidade e é o mais simpático das três. Além disso, como é uma pessoa sempre bem-disposta, dizemos, ao vê-la: «Eis um rosto que revela ser uma boa irmã». Com as suas maneiras simples e alegres, não consegue menos perscrutar com rapidez os corações. Tal é a minha ideia!... Alexandra, sendo também bonita e tendo um rosto encantador, revela no entanto uma íntima tristeza. Não há dúvida que a sua alma é toda bondade, mas não existe nela a alegria. Há no seu rosto uma gradação particular de

expressão que me faz lembrar a madona de Holhein, de Dresden. São pelo menos estas as reflexões que o seu rosto me inspira. Terei adivinhado? Foi a senhora que há pouco me atribuiu o poder de adivinhar!... Quanto ao seu rosto, Isabel Prokofievna — continuou o príncipe voltando-se de repente para a esposa do general — tenho, não digo a impressão, mas a simples convicção, a despeito da sua idade, de que é uma verdadeira criança em tudo, absolutamente em tudo, tanto no bem, como no mal. Não se zanga que eu me exprima assim, não é verdade? Sabe bem qual é o respeito que tenho pelas crianças? Como ainda, não vão supor também que lhes falei com franqueza dos seus rostos por mera simplicidade de espírito! Por maneira nenhuma. Tenho também o meu pensamento reservado...

Capítulo 7

Quando o príncipe se calou, as quatro senhoras, abrangendo Aglaé, olharam-no com satisfação. A mais bem-disposta era Isabel.

— Foi todo o relato do seu passado!... — exclamou ela. — Ah, pequenas, e preparáveis-vos para o protegerdes e vigiardes como a um pobre diabo! Ele digna-se agradecer-vos e assegurar-vos as suas visitas, porém com a condição de serem espaçadas. Mistifica-nos a todos, a começar por Ivan. Estou encantada!... Bravo, príncipe! E pediram-nos para lhe fazermos um exame! O que acabou de dizer do meu rosto é a pura verdade; sei que sou de facto uma criança. Já o sabia muito antes de mo dizer. Exprimiu o meu pensamento em poucas palavras. Presumo que o seu caráter é em tudo semelhante ao meu e regozijo-me com isso. Parecemo-nos como duas gotas de água, salvo que o príncipe é um homem e eu sou uma mulher, e além disso nunca estive na Suíça. Consiste nisto a nossa única diferença.

— Não vá tão depressa, minha mãe! — exclamou Aglaé. — O príncipe disse que em todas as suas confidências há, não simplicidade, mas sim um pensamento reservado.

— Sim, sim! — exclamaram, rindo, as duas outras irmãs.

— Não zombem, pequenas. Ele só é talvez mais esperto do que vós as três juntas. hão de ver! Mas, príncipe, porque é que não disse nada à Aglaé? Ela está à espera e eu também.

— Não lhe posso dizer nada por agora. Ficará para mais tarde.

— Porquê? Tem alguma coisa de notável?

— Oh! sim, ela é notável, é extraordinariamente bonita. E tão bonita que tenho medo de a olhar.

— E é tudo? Diga-nos alguma coisa da sua personalidade — insistiu Isabel.

— É difícil de interpretar a beleza; não estou ainda preparado para o fazer. A beleza é um enigma!

— O que quer dizer que está propondo um enigma à Aglaé — disse Adelaide. — Aglaé, tenta adivinhar... É verdade, príncipe, que ela é bonita,

não é assim?

— Soberanamente bonita! — respondeu o príncipe com entusiasmo e fitando-a com um olhar pleno de admiração. — É quase tão bonita como a Nastásia, se bem que os seus rostos sejam em tudo diferentes.

As quatro senhoras olharam-se com admiração.

— Em quem falou? — perguntou Isabel com uma voz lânguida. — Em Nastásia Filipovna? Onde viu a Nastásia? Mas qual Nastásia?

— Ainda há pouco o Gabriel mostrou o seu retrato ao general.

— Que diz? Trouxe o retrato ao Ivan?

— Para lho mostrar. A Nastásia deu-o hoje ao Gabriel e este trouxe-o para lho mostrar.

— Quero vê-lo! — exclamou Isabel com impetuosidade. — Onde está esse retrato? Se ela lho deu, deve-o ter com ele, e ele tenho a certeza que está no gabinete. Vem sempre para ali trabalhar às quartas-feiras e não sai nunca antes das quatro horas. Chame já por ele. Oh, não!... não desejo assim muito vê-lo. Tenha a bondade, meu caro príncipe, de ir ao gabinete pedir-lhe esse retrato e trazer-mo depois. Diga-lhe que desejo apenas vê-lo. Tenha paciência, dê-me esse prazer.

— Apresenta-se bem, mas é muito ingénuo — afirmou Adelaide mal o príncipe saiu.

— Sim, é um pouco — confirmou Alexandra. — Chega mesmo a ser um tanto ridículo.

Uma e outra tinham o aspeto de não haverem revelado todo o seu pensamento.

— No entanto saiu-se bem da dificuldade quando falou dos nossos rostos — disse Aglaé. — Agradou a todos, até mesmo à nossa mãe.

— Não sejas tão escarninha — advertiu Isabel. — Não foi ele que me lisonjeou, mas sim fui eu que encontrei a sua apreciação lisonjeira.

— Supõe que disse aquilo para se livrar de embaraços? — perguntou Adelaide.

— Não me parece tão ingénuo como isso.

— Deixai lá isso! — interveio Isabel com um ar desgostoso. — A minha opinião é que sois ainda mais ridículas do que ele. É ingénuo, mas com um pensamento reservado, na mais nobre aceção desta palavra, o que era escusado dizê-lo!... É tal e qual como eu.

«Cometi com certeza alguma arreliante indiscrição falando naquele retrato!», pensava o príncipe, um tanto apreensivo, ao entrar no gabinete.

«Mas... talvez por outro lado tivesse razão para falar». No seu espírito começou então a surgir uma estranha ideia, porém ainda bastante confusa.

Gabriel continuava no gabinete, concentrado no exame de uns papéis. Não era com certeza para nada fazer que a companhia lhe pagava os seus vencimentos. Ficou deveras perturbado quando o príncipe lhe pediu o retrato, explicando-lhe a maneira como as senhoras Epantchine tinham sabido da sua existência.

— E que necessidade tinha o senhor de falar no retrato! — exclamou ele, dominado por uma violenta cólera. — O senhor não sabe do que se trata... É um idiota! — murmurou por entre dentes.

— Desculpe-me, pois foi inadvertidamente que tal disse. Saiu-me da boca quando disse que a Aglaé era quase tão bonita como a Nastásia.

Gabriel pediu-lhe para lhe contar o que se passara, com todos os detalhes, o que o príncipe fez. No final fitou-o de novo com uma expressão zombeteira:

— A Nastásia não lhe sai da cabeça!... — murmurou ele, não concluindo a frase e ficando pensativo. A sua inquietação era visível. O príncipe lembrou-lhe que estava à espera do retrato. — Escute, príncipe! — disse de repente Gabriel, como que acordado por uma inspiração súbita. — Tenho um grande pedido a fazer-lhe... mas na verdade não sei...

Tremia todo e não levou a frase até final. Parecia lutar com ele próprio, ante uma resolução a tomar. O príncipe esperava, calado. Gabriel fixou nele mais uma vez um olhar penetrante e perscrutador.

— Príncipe — continuou ele — nesta ocasião estão falando em mim... Isto resultou de um incidente bastante singular... bastante ridículo... com o qual nada tenho que ver... e em que é mesmo inútil falar... Essas senhoras estão zangadas comigo, de forma que, nestes dias mais próximos, não quero ir visitá-las sem ser chamado. Tenho no entanto uma grande necessidade de falar o mais depressa possível à Aglaé. Por essa razão já lhe escrevi umas linhas — tinha na mão um pequeno bilhete dobrado — mas não sei como fazer-lhas chegar às mãos. Não poderia o príncipe entregar, o mais depressa possível, este bilhete à Aglaé, mas de maneira tal que ninguém note o que se passa? Compreende? Só Deus sabe de que segredo se trata!... Não conheço nada de parecido... mas... Pode prestar-me esse serviço?

— É uma coisa que não me agrada muito fazer — respondeu o príncipe.

— Ah,! príncipe — suplicou Gabriel — é para mim um grande favor. Ela responder-me-á, talvez!... Creia que se trata de um caso extremo e só por isso lhe faço este pedido... Por quem poderia eu mandar o bilhete, que não o meu amigo? É muito importante... excessivamente importante para mim...

Consternado com a recusa do príncipe, fitou-o com um olhar onde se refletia um ar tímido e suplicante.

— Está bem, eu levo-lhe o bilhete.

— Mas faça-o de maneira que ninguém perceba — insistiu Gabriel, todo satisfeito. — Não duvido, príncipe, que posso contar com a sua discrição.

— Não o mostrarei a ninguém — afirmou o príncipe.

— O bilhete não está fechado, mas… — deixou escapar Gabriel, a quem a sua extrema agitação e confusão impediram de concluir.

— Oh, sossegue que não o leio — replicou o príncipe, com a maior simplicidade.

Pegou no retrato e saiu do gabinete.

Gabriel, ficando só, apoiou a cabeça nas mãos.

«Uma só palavra dela e... talvez corte com tudo!»

Ficou incapaz de continuar a examinar os seus papéis, tão agitado se encontrava. Começou por isso a percorrer o gabinete de um lado ao outro.

O príncipe dirigiu-se para junto das senhoras, bastante inquieto. Sentia uma impressão pouco agradável ao pensar na missão de que o haviam encarregado e também por ficar sabendo que Gabriel mandava um bilhete a Aglaé. A poucos passos do salão parou bruscamente, como se de repente uma ideia lhe tivesse assaltado o espírito; olhou à sua volta, aproximou-se da janela para ver melhor e pôs-se a examinar o retrato de Nastásia.

Parecia querer decifrar, naquele rosto, um traço misterioso que lhe tinha chamado a atenção umas horas antes. Como não mais tivesse esquecido a primeira impressão, sentiu nesta altura pressa de a submeter, de certo modo, a uma contra prova. Experimentou então uma sensação mais forte do que da primeira vez, ao observar de novo esse rosto belo, de uma beleza excecional. Pareceu-lhe ver nele um orgulho desmedido e um desprezo vizinho do ódio, contrastando com um certo sentimento de confiança e uma assombrosa ingenuidade; esta oposição numa mesma fisionomia despertava um sentimento de compaixão. A fascinante beleza desta mulher tornava-se quase intolerável naquele rosto macilento, de

faces um pouco cavadas e uns olhos brilhantes; beleza anormal, na verdade!... O príncipe contemplou o retrato durante um minuto mais, e olhando de novo à sua volta, para ter a certeza de que ninguém o via, aproximou-o dos lábios e beijou-o. Quando um minuto mais tarde se dirigiu para o salão, estava perfeitamente calmo.

No momento em que atravessava a sala de jantar — separada do salão por um outro compartimento — quase ia atropelando Aglaé, que saía nesse momento. Vinha só.

— O Gabriel pediu-me para lhe entregar isto — disse ele apressado, dando-lhe o bilhete.

Aglaé parou, pegou no papel e fitou o príncipe com um ar bastante estranho. Não havia a menor ponta de confusão no seu olhar, mas sim apenas um certo espanto, que parecia no entanto não provir da missão desempenhada pelo príncipe. Tranquilo e altivo, esse olhar parecia dizer: «Como é que teve conhecimento desta questão com o Gabriel?» Ficaram alguns segundos um em frente do outro; por fim aflorou-lhe ao rosto uma expressão motejadora, esboçou um leve sorriso e prosseguiu o seu caminho.

A esposa do general examinou, em silêncio, durante um certo tempo, o retrato de Nastásia. Com um trejeito de desdém, afetava mantê-lo a grande distância dos olhos.

— Sim — declarou ela por fim — é uma mulher bonita, muito bonita mesmo. Vi-a já por duas vezes, mas somente de longe. É este o género de beleza que o príncipe aprecia? — perguntou ela, voltando-se bruscamente para ele.

— É... — respondeu este com algum esforço.

— É essa beleza, precisamente?

— Precisamente.

— Porquê?

— Esse rosto... denota sofrimento... — articulou o príncipe maquinalmente, como se, em lugar de responder a uma pergunta, falasse com ele próprio.

— Pergunto a mim mesmo se o senhor não estará sonhando... — declarou a Isabel.

Com um gesto de desprezo atirou com a fotografia para sobre a mesa. Alexandra pegou nela e Adelaide aproximou-se. As duas puseram-se então a examiná-la. Entretanto a Aglaé voltou ao salão.

— Que grande poder! — exclamou de repente Adelaide, que contemplava com curiosidade a fotografia, por cima do ombro da irmã.

— Onde? De que poder é que falas? — perguntou Isabel de mau humor.

— Uma tal beleza e um poder — disse com entusiasmo Adelaide. — Com ela pode-se sublevar o mundo!...

E voltou pensativa para junto do seu cavalete. Aglaé lançou sobre o retrato um olhar rápido, piscou os olhos, estendeu o lábio inferior e por fim foi sentar-se um pouco distante, cruzando os braços.

A esposa do general tocou a campainha e um criado apareceu.

— Chame-me o senhor Gabriel que está no gabinete — disse ela.

— Minha mãe! — exclamou Alexandra com uma vivacidade bastante significativa.

— Quero dizer-lhe duas palavras... e basta! — replicou Isabel visivelmente arreliada e num tom que não admitia réplica. — Repare, príncipe, que na nossa casa não há por agora segredos. Nada mesmo de segredos. Há uma espécie de etiqueta que os exige. É absurda, visto que em questões como esta, o que é preciso mais é franqueza, clareza, honestidade. Projetam-se casamentos, mas esses casamentos não me agradam.

— Minha mãe, que está para aí a dizer? — interveio rápida, Alexandra, tentando ainda conter a mãe.

— Que te interessa isto, minha querida? Esses projetos agradam-te, com certeza? Não tenho nenhum receio que o príncipe saiba estas coisas, porque pertence ao número dos nossos amigos, ou pelo menos dos meus. Deus procura entre os homens aqueles que são bons, e não os maus ou os caprichosos, sobretudo estes últimos, que resolvem hoje uma coisa, para fazerem amanhã uma outra. Compreendes, Alexandra? Parecem acreditar, príncipe, que sou uma criatura original. Tenho porém discernimento. O essencial é o coração; o resto não tem valor. O espírito também é necessário..., tal vez seja mesmo a coisa mais essencial!... Não sorrias, Aglaé, pois não há nenhuma contradição nas minhas palavras. Uma tola que tem coração e não tem espírito, é tão desgraçada como a tola que tem espírito e não tem coração. É esta uma velha verdade. Assim, eu sou uma tola que tenho coração, mas não tenho espírito. Tu és uma tola que tens espírito, mas não tens coração. As duas somos igualmente infelizes, como igualmente sofremos.

— O que é então que a torna desgraçada, minha mãe? — não pôde deixar de perguntar a Adelaide, a única das quatro que parecia não ter perdido o bom humor.

— O que me torna desgraçada? Até agora é ter filhas sábias — replicou Isabel. — E isto só, é o bastante; é inútil falar em tudo o resto. Basta de mais palavras. Estamos para ver como é que com o vosso espírito e a vossa tagarelice ides sair desta questão. Não falo na Aglaé!... Estamos para ver, digníssima Alexandra, se vais encontrar a felicidade com esse respeitável senhor... Ah! — exclamou ela ao ver entrar Gabriel. — Eis mais um candidato ao casamento! Bons dias! — acrescentou, respondendo à saudação de Gabriel, mas sem o convidar a sentar-se. — Então o senhor vai-se casar?

— Casar-me? Como? Casar-me com quem? — balbuciou Gabriel aturdido e deveras confuso.

— Pergunto-lhe se vai arranjar mulher? Prefere esta expressão?

— Não... eu... não — gaguejou Gabriel, que se tornou vermelho, de vergonha, ao proferir esta mentira. Olhou de soslaio para Aglaé, sentada a um canto, mas desviou rápido os olhos. Esta não desviou os dela; o seu olhar frio, fixo e calmo observava a perturbação do secretário.

— Não? O senhor disse... não? — insistiu a impiedosa Isabel. — Está bem. Lembrar-me-ei que nesta quarta-feira, pela manhã, respondendo à minha pergunta, disse: Não! Que dia é hoje?

— Suponho que hoje é quarta-feira — respondeu Adelaide.

— Não sabem nunca o dia em que estão e a quantos do mês!

— A vinte e sete — informou Gabriel.

— A vinte e sete? Uma data boa de reter. Adeus! O senhor tem, segundo suponho, muito que fazer, e eu tenho de me vestir para sair. Tome lá o seu retrato. Apresente os meus cumprimentos a sua infeliz mãe... Até logo, meu caro príncipe! Venha visitar-me o maior número de vezes que possa. Vou de propósito a casa da velha Bielokonski para lhe falar em si. Escute, meu caro: creio que foi positivamente por minha causa que Deus o trouxe da Suíça a S. Petersburgo. Talvez tenha outras questões a tratar, mas foi sobretudo por minha causa que veio. Deus assim o quis. Até logo, minhas filhas. Alexandra, minha querida, vem comigo...

Isabel saiu. Esmagado, desconcertado, furioso, Gabriel pegou no retrato de cima da mesa e dirigiu-se ao príncipe com um sorriso forçado.

— Príncipe, dentro em pouco vou para minha casa. Se sempre tem a intenção de ir viver connosco, venha comigo, visto que o príncipe não tem a nossa direção.

— Um instante, príncipe — disse Aglaé, levantando-se rápida do seu sofá. — Pretendia que me escrevesse alguma coisa no meu álbum. Meu pai disse que o senhor tem uma boa caligrafia. Vou buscá-lo.

E saiu.

— Até logo, príncipe. Eu vou-me também — disse Adelaide.

Apertou-lhe vigorosamente a mão, sorriu com afabilidade e saiu sem se dignar olhar para Gabriel.

Este invetivou o príncipe logo que as senhoras saíram.

O seu rosto exprimia furor e os olhos brilhavam-lhe de cólera.

— Foi o senhor que lhe veio dizer do meu casamento? — perguntou ele a meia voz, rangendo os dentes. — O senhor é um intrigante sem vergonha...

— Posso garantir-lhe que se engana — replicou o príncipe num tom calmo e delicado. — Nem sabia mesmo que o senhor ia casar.

— Ouviu ainda há pouco o Ivan dizer que tudo se resolveria esta tarde em casa de Nastásia! Foi isto que o senhor lhe veio contar. Está mentindo! Onde é que estas senhoras o podiam ir saber? Quem é que, além do senhor, lho poderia ter dito? Vá para o diabo que o carregue!... Então a velha não aludiu ainda agora ao meu casamento?

— Se viu alguma alusão nas suas palavras, deve saber, melhor do que eu, quem lho disse. Por mim não proferi uma palavra a tal respeito.

— Entregou o meu bilhete? E ela que respondeu? — interrompeu Gabriel, cheio de impaciência.

Neste momento entrou Aglaé, o que evitou que o príncipe respondesse.

— Aqui tem — disse ela, pousando o álbum numa pequena mesa. — Escolha a página que quiser e escreva nela alguma coisa. Tem aqui uma pena e é nova. Não lhe faz diferença que seja uma pena de aço? Já ouvi dizer que os calígrafos não gostam delas.

Conversando com o príncipe, Aglaé parecia não notar a presença de Gabriel. Enquanto aquela preparava a pena, escolhia a página e se dispunha a escrever, o secretário aproximou-se da chaminé, diante da qual estava Aglaé, à direita do príncipe, e numa voz trémula, entrecortada, disse-lhe quase ao ouvido:

— Uma palavra, uma só palavra sua e eu estou salvo!

O príncipe deu uma brusca meia volta e olhou para os dois. O rosto de Gabriel exprimia um verdadeiro desespero; dir-se-ia que acabava de proferir tais palavras sem refletir, tal como um homem alucinado. Aglaé fitou-o durante uns segundos com o mesmo calmo espanto com que havia acolhido o príncipe uns minutos antes. Este seu ar perplexo, o ar de uma pessoa que não compreende nada, tornou-se mais penoso para Gabriel, do que o mais violento desprezo.

— Que devo escrever? — perguntou o príncipe.

— Eu dito — disse Aglaé, voltando-se para ele. — Está pronto? Então escreva: «Eu não me empresto aos empreiteiros». Escreva depois o dia e o mês... Agora deixe-me ver.

O príncipe estendeu-lhe o álbum.

— Muito bem. Escreveu admiravelmente. A sua caligrafia é surpreendente. Agradeço-lhe muitíssimo. Até logo, príncipe! Um momento... — acrescentou, como se tivesse tido uma súbita ideia. — Venha comigo. Vou dar-lhe uma pequena lembrança.

O príncipe seguiu-a. Na sala de jantar Aglaé parou.

— Leia isto — disse ela, mostrando-lhe o bilhete de Gabriel.

O príncipe pegou no bilhete e olhou para Aglaé com um ar embaraçado.

— Sei bem que o não leu, assim como sei também que não pode estar no conhecimento dos segredos desse homem. Leia... Desejo que saiba aquilo que ele diz.

O bilhete, visivelmente escrito à pressa, dizia o seguinte:

É hoje que o meu destino se vai decidir e a senhora sabe bem em que sentido. É hoje que devo comprometer irrevogavelmente a minha palavra. Não tenho nenhum direito à sua solicitude, nem nenhum motivo para esperar seja o que for. Há contudo bastante tempo que a senhora proferiu uma palavra, uma única palavra, que iluminou a noite da minha existência e me tem guiado como um farol. Pronuncie uma palavra idêntica e evitará a minha queda no abismo. Diga-me somente: corte com tudo, e hoje mesmo porei termo a tudo. Custar-lhe-á muito dizer isto? Solicitando estas três palavras, peço-lhe unicamente um pequeno interesse e consideração pela minha pessoa. Nada mais desejo, nada mais! Não ouso mesmo conceber nenhuma esperança, porque sou

indigno dela. Depois de lhe ter ouvido proferir essas palavras, aceitarei de novo a minha pobreza e suportarei com satisfação o peso de uma situação sem esperança. Afrontarei alegremente a luta da vida e criarei novas forças.

Queira transmitir-me essa palavra de piedade, (de piedade apenas, juro-lhe). Não se desgoste com esta temeridade de um desesperado, que está prestes a afogar-se: não seja rigorosa com o supremo esforço que faço para tentar conjurar a sua perda.

G. I.

— Este homem pretende afirmar — disse, num tom severo, Aglaé, mal o príncipe terminou a leitura — que as palavras *corte com tudo* não me comprometerão nem me enredarão nos seus planos. Dá-me, como vê, nesse bilhete uma garantia por escrito. Repare no ingénuo cuidado com que sublinhou certas palavras e veja como o seu último pensamento se revela de uma maneira tão sem esperteza. Sabe muito bem que, cortando com tudo por sua espontânea vontade, sem esperar que eu lhe diga e mesmo sem me falar, sem fundamentar em mim nenhuma das suas esperanças, tem com ele um meio de modificar os meus sentimentos a seu respeito e fazer talvez de mim uma sua amiga. Sabe perfeitamente isto. A sua alma porém é perversa: sabendo tudo isto, não se atreve a tomar uma decisão, e exige prévias garantias. É incapaz de se resolver a agir com confiança. Tendo de renunciar a cem mil *rublos,* pretende que lhe dê a esperança de ser dele. Quanto às palavras, segundo diz no bilhete, que iluminavam desde aquela altura a sua existência, é uma impudente mentira. Apenas uma vez lhe manifestei a minha piedade. No entanto, como é um insolente, sem vergonha, deu-lhe para arquitetar as melhores esperanças; só dois dias depois o compreendi. Desde então tem tentado conquistar a minha boa fé; foi o que tentou fazer ainda com o bilhete. Basta... de histórias! Tome lá o bilhete e entregue-lho logo que saiam de nossa casa. Ficamos entendidos?!

— E que resposta devo dar-lhe?

— Nenhuma, naturalmente. É a melhor resposta... Parece que tem a intenção de ir viver para casa dele?

— Foi o senhor Ivan que me recomendou essa casa — disse o príncipe.

— Previno-o de que tome cuidado. Não lhe perdoará o voltar a entregar-lhe o bilhete.

Aglaé apertou ao de leve a mão do príncipe e saiu. O seu rosto estava sério e mal-humorado; não teve o mais pequeno sorriso ao fazer-lhe com a cabeça um sinal de adeus.

— Agora estou às suas ordens. Vou apenas buscar o meu embrulho — disse o príncipe a Gabriel. — Sairemos juntos.

O secretário bateu o pé com impaciência. O seu rosto refletia uma sombria raiva. Saíram enfim, levando o príncipe o embrulho na mão.

— A resposta? Onde está a resposta? — gritou-lhe Gabriel num tom agressivo. — Que lhe disse ela? Entregou-lhe o meu bilhete?

Sem proferir uma palavra o príncipe devolveu-lho. Gabriel ficou estupefacto.

— Como? O meu bilhete! — exclamou ele. — Então nem sequer lho entregou? Oh, devia desconfiar disto! Maldito seja!... Justifica-se que ela não tivesse compreendido a cena de há pouco... Mas como, como é que não pôde entregar-lhe o meu bilhete? Ah, que mal...

— Perdão... Não foi nada disso. Consegui entregar-lhe o seu bilhete logo segundos depois de mo ter dado e conforme me recomendou. Se voltou de novo às minhas mãos, foi a Aglaé que me mandou entregar-lho.

— Quando? Em que altura?

— Mal acabei de escrever aquela frase no álbum, pediu-me para a acompanhar... O senhor não ouviu há pouco? Fomos os dois para a sala de jantar; entregou-me então o seu bilhete, ordenou-me que o lê-se e depois disse-me para lho entregar.

— Ela mandou-lho ler!? — murmurou Gabriel. — Ela mandou-lho ler!? E o senhor leu-o?

Parou de novo estupefacto e ficou de boca aberta, espantado, no meio do passeio.

— Sim, li-o ainda há uns momentos.

— E foi ela, ela própria, que lho deu a ler?

— Foi ela própria. Pode crer que não o teria lido, se ela não mo tivesse exigido.

Gabriel calou-se um momento. Fez depois um grande esforço para conseguir ordenar as suas ideias. De repente gritou:

— Não é possível! Ela não podia ter-lhe mandado ler a minha carta. Mente!... Leu-a por sua livre vontade.

— Disse-lhe a verdade — respondeu o príncipe sem perder a fleuma. — Creia no que lhe digo. Sinto muito que isso lhe cause uma tão forte contrariedade.

— Mas, por desgraça, não lhe disse uma palavra sequer, na ocasião em que lhe devolveu o bilhete? Com certeza lhe deve ter dito alguma coisa?

— Disse, sim senhor,

— Fale, fale então, com os diabos!

E Gabriel, que trazia umas galochas calçadas, bateu duas vezes com os pés no passeio.

— Quando acabei de ler o bilhete, disse-me que o senhor procurava enganar a sua boa fé e comprometê-la, de maneira a assegurar-se da sua mão, o que só então lhe permitiria renunciar, sem prejuízo, aos cem mil *rublos* que esperava receber por outro lado. Acrescentou que, se estivesse resolvido a essa renúncia, sem negociar com ela, nem procurar extorquir-lhe garantias, ter-se-ia talvez tornado sua amiga. Pelo menos pareceu-me que disse isto. Ah, temos ainda outra coisa: depois de me ter dado o bilhete, perguntei-lhe que resposta lhe devia dar. Disse-me que a melhor resposta seria não dar nenhuma, ou qualquer coisa como isto!... Desculpe-me se não foram bem estas as suas palavras, mas foi pelo menos o que eu compreendi.

Um furor sem limites dominou Gabriel, o qual lhe fez esquecer todas as conveniências:

— Ah. é assim que se atira com os meus bilhetes pela janela fora!... Ah, recusa-se a fazer um contrato e quer dizer que eu faça um! Veremos... Não disse ainda a minha última palavra. Veremos... Dentro em pouco saberá novidades minhas!

Tinha o rosto crispado e pálido, e a saliva aparecia-lhe aos cantos dos lábios. Ameaçava com o punho. Deu assim alguns passos, lado a lado com o príncipe. A presença deste não lhe causou a menor inquietação; comportava-se como se ele não fosse ninguém, como se estivesse só no seu quarto. De repente uma reflexão lhe assaltou o espírito e fê-lo reconsiderar:

— Como acreditar — perguntou bruscamente ao príncipe — que haja — «um idiota como é», pensou consigo — depositado em si uma tal confiança, duas horas apenas depois de o ter conhecido? Explique-me isso!

Entre todos os pesares que o atormentavam, o ciúme não havia existido até aí. Porém nessa altura acabava de lhe morder o coração.

— Nem que queira, não lho sei explicar — respondeu o príncipe.

Gabriel fitou-o com um olhar de ódio.

— Então não foi uma prova de confiança o convidá-lo a ir à sala de jantar? Ela não lhe disse que lhe queria dar qualquer coisa?

— Não posso, de facto, compreender de outra forma o que ela me disse.

— O diabo me leve se compreendo. Porque é essa confiança? Que fez o senhor para isso? Por que motivo lhe agradou? Escute! — continuou ele, deveras excitado. Sentia nesse momento uma tal dispersão de pensamentos e uma tal desordem no espírito, que não chegava a coordenar as suas ideias. — Escute. Não pode recordar-se um pouco do que ela lhe disse e repetir-mo depois, desde o princípio, pela mesma ordem e nos mesmos termos? Não observou coisa nenhuma? Não se lembra de nada?

— Nada mais fácil — replicou o príncipe. — Ao princípio, após a minha entrada e apresentação, falámos da Suíça.

— Que vá para o diabo a Suíça!... Adiante...

— Em seguida falámos na pena de morte.

— Na pena de morte?

— Sim, falámos nela acidentalmente. Contei-lhe como vivi no estrangeiro durante três anos e relatei-lhe a história de uma pobre aldeã...

— Que vá para o diabo a pobre aldeã!... E depois? — exclamou Gabriel, impacientado.

— Disse-lhes em seguida qual a opinião de Schneider sobre o meu caráter e como é que me havia protegido em...

— Quero que esse Schneider se enforque! Estou-me rindo da sua opinião! E depois?

— Depois fui levado a falar, no decorrer da conversa» dos seus rostos, ou melhor ainda, da sua expressão, e então disse que a Aglaé era quase tão bonita como a Nastásia. Foi nesta altura que me escapou a alusão ao retrato...

— E contou-lhe o que ouviu ainda há pouco no gabinete? Não lhe repetiu nada do que ouviu? Não? Não?

— Afianço-lhe, uma vez mais ainda, que nada lhe disse do que ouvi.

— Mas então onde é que o diabo? Ah. A Aglaé não teria mostrado o bilhete à velha?

— Posso garantir-lhe, de certeza, que não o fez. Não saí do aposento enquanto a velha lá esteve e não notei nada.

— Talvez se tivesse passado alguma coisa, mas de maneira que o senhor não visse!... Oh, maldito idiota — exclamou Gabriel fora de si. — Nem mesmo sabe contar o que viu!

Como acontece a muito boas pessoas, Gabriel, tendo começado por se mostrar pouco delicado e não tendo sido chamado à ordem, foi aumentando pouco a pouco a sua incorreção. Uma frase mais e teria chegado até ao ponto de cuspir no rosto do príncipe, tão enraivecido estava. O seu próprio furor cegava-o; sem dar por isso, há já uns minutos que aquele a quem estava tratando de «idiota» compreendia por vezes as coisas com tanta vivacidade como firmeza, e ordenava-as de uma maneira muito satisfatória. Nesta altura surgiu uma surpresa.

— Devo-lhe observar, Gabriel — disse bruscamente o príncipe — que estive de facto doente e que a doença me levou quase ao ponto de me tornar um idiota. Porém há muito tempo que estou curado. Por essa razão é-me muito desagradável ouvir que me tratem abertamente por idiota. Se bem que os seus insucessos possam servir-lhe de desculpa, chegou no entanto já ao ponto de me insultar por duas vezes. Isto desagrada-me e sobretudo quando as coisas se passam, como neste caso, logo no nosso primeiro encontro. Ora como nesta altura nos encontramos numa encruzilhada, o melhor é separarmo-nos. O senhor segue à direita, para sua casa, e eu vou seguir pela esquerda. Tenho vinte e cinco *rublos* no bolso. Devo por isso encontrar onde me alojar com facilidade, em qualquer hospedaria.

Gabriel teve a impressão de que o haviam apanhado numa cilada; sentiu-se deveras confuso e corou de vergonha.

— Desculpe-me, príncipe! — disse ele com entusiasmo, trocando o seu ar de insolência por uma excessiva delicadeza. — Por amor de Deus, desculpe-me!... Está vendo quanto sou infeliz! E ainda o senhor não sabe quase nada... Se soubesse tudo, não tenho dúvidas de que seria um pouco mais indulgente comigo, se bem que eu de facto nada mereça...

— Oh, não tem necessidade de me pedir tantas desculpas! — replicou vivamente o príncipe. — Compreendo na verdade as suas grandes contrariedades; elas explicam a sua atitude ofensiva... Muito bem... Vamos para casa. Acompanhá-lo-ei da melhor vontade.

«Por agora é-me impossível deixá-lo partir», pensou Gabriel, que durante o trajeto fitou o príncipe com um olhar de ódio. «Este embusteiro tirou os óculos, para depois levantar bruscamente a máscara!... Sabe

alguma coisa mais do que aquilo que disse... Vamos ver... Tudo se há de esclarecer, tudo... tudo! E o mais tardar será hoje mesmo».

Assim pensando, chegaram a casa.

Capítulo 8

Gabriel vivia no segundo andar. Uma escada de entrada, clara e larga, levava aos seus aposentos, compostos de seis ou sete compartimentos ou gabinetes. Sem ter nada de luxuosa, esta moradia ia além um pouco dos rendimentos de um funcionário sobrecarregado de família, supondo mesmo que ele tivesse um ordenado de dois mil *rublos*. Havia apenas dois meses que ali se tinha instalado com a família, na intenção de subalugar quartos, juntamente com pensão e mais serviços. A Gabriel não agradava muito esta resolução, porém aceitou-a ante os pedidos e súplicas da Nina e da Bárbara, que desejavam muitíssimo tornarem-se úteis e contribuírem para aumentarem os rendimentos daquela família. Irritava-o o ter pensionistas em sua casa, bem como considerava isso desonroso, pois desde que se instalara na nova casa tinha a honra de ser recebido na sociedade elegante, onde se fazia passar por um jovem elegante e de um brilhante futuro. Todas estas concessões às exigências da vida, todas estas mortificações feriam-no no mais fundo da sua alma. Os mais fúteis motivos irritavam-no, e se concordava ainda em se sujeitar a ter paciência, é porque estava resolvido a mudar esta situação no mais curto prazo de tempo. Porém o meio de que contava lançar mão para operar essa mudança constituía um problema tão complicado, que a sua solução ameaçava causar-lhe ainda mais cuidados e tormentos do que a sua atual situação.

Um corredor, partindo do vestíbulo, dividia a moradia em duas. De um lado ficavam os três quartos que se propunham alugar às pessoas «particularmente recomendadas»; do mesmo lado, mas ao fundo do corredor, perto da cozinha, ficava um quarto aposento, o mais pequeno de todos. Era ocupado pelo chefe da família, o general reformado, Ivolguine, que dormia num largo divã; para entrar no aposento e sair, era obrigado a passar pela cozinha e pela escada de serviço. Nesse mesmo estreito aposento ficava o irmão de Gabriel, Kolia, um estudante de treze anos: ali estudava as suas lições e dormia num segundo divã, já velho, curto e estreito, coberto com um pano esburacado. A principal ocupação deste rapaz era cuidar do pai e vigiá-lo a todo o momento; dia a dia, cada vez se

tornava mais necessária essa vigilância. Dos três quartos, o do meio, foi o destinado ao príncipe; o primeiro, à direita, estava ocupado por Ferdistchenko, e o terceiro, à esquerda, estava ainda por alugar. Gabriel começou por levar o príncipe para a parte da casa ocupada pela família. Esses aposentos ficavam do outro lado do corredor e eram também três: uma sala, que em caso de necessidade podia servir de sala de jantar, um salão, que servindo pela manhã ao que estava destinado, se transformava à tarde num gabinete de trabalho e à noite em quarto de dormir de Gabriel, e por último havia o terceiro aposento, exíguo e sempre fechado: era o quarto de dormir da Nina e da Bárbara. Resumindo, viviam numa casa pequena. Por essa razão Gabriel aproveitava todos os momentos para patentear o seu mau humor. Se bem que mostrasse respeitar deveras sua mãe, não deixava de se notar, logo desde o primeiro instante, que era na realidade o tirano da família.

Nina não estava só no salão. Bárbara encontrava-se sentada ao lado dela. As duas estavam fazendo um trabalho de agulha e conversavam com uma visita, Ivan Petrovitch Ptitsine. Nina parecia ter cinquenta anos; o rosto era magro e descarnado, e à volta dos olhos notavam-se umas fortes olheiras. Tinha o aspeto de uma pessoa doente e triste, porém a sua fisionomia e o seu olhar eram bastante agradáveis; mal se ouvia falar, notava-se que possuía um caráter sério e uma verdadeira dignidade. Apesar da sua aparência de contristada, adivinhava-se também nela uma certa firmeza de ideias e até mesmo decisão. Estava vestida com extrema modéstia e só gostava das cores escuras, tal como se fosse uma mulher já idosa; a sua apresentação, a sua conversa e todas as outras suas maneiras revelavam uma pessoa que havia frequentado a melhor sociedade.

Bárbara tinha aproximadamente vinte e três anos. De mediana estatura, era bastante magra. O seu rosto não tinha nada de notável, mas era daqueles que, não sendo muito bonitos, têm contudo o condão de agradar e inspirar mesmo grandes paixões. Parecia-se muito com a mãe e vestia quase da mesma forma, não gostando nada de exibicionismos. A expressão dos seus olhos cinzentos podia tornar-se alegre e afável, no entanto a maior parte das vezes, ou quase sempre mesmo, era séria e pensativa, em especial nos últimos tempos. A sua fisionomia refletia também vontade e decisão; deixava mesmo antever um temperamento mais enérgico e mais empreendedor que o da mãe. Bárbara exaltava-se com facilidade e o irmão receava por vezes os efeitos da sua cólera.

Inspirava a mesma apreensão a Ivan Ptitsine, que nesse dia as tinha vindo visitar. Era um homem ainda bastante novo, pois teria o máximo de trinta anos. Estava vestido com todo o bom gosto, tinha umas maneiras deveras agradáveis, só por vezes um pouco rudes. A barba era castanha e por ela reconhecia-se que não era um funcionário do Estado. A maior parte das vezes estava calado; todavia, quando falava, a sua conversa era espiritual e interessante. A impressão por ele produzida era quase sempre de agrado. Via-se que Bárbara não lhe era indiferente e que não procurava até esconder os seus sentimentos. A pequena tratava-o como amigo, contudo esquivava-se a responder a certas perguntas e desaprovava-as mesmo, o que no entanto não o desencorajava. Nina testemunhava-lhe uma certa amizade e até nos últimos tempos depositava nele uma grande confiança. Sabia-se nessa altura que, emprestava dinheiro a curtos prazos, sobre penhores mais ou menos de valor. Tinha por Gabriel uma sincera afeição.

Este, depois de ter saudado a mãe com muita frieza, apresentou-lhe o príncipe, recomendando-o em termos lacónicos, mas precisos. Não disse uma palavra à irmã. Apressou-se em seguida a levar o Ptitsine para fora do salão. Nina disse ao príncipe algumas palavras de boas vindas e como Kolia entreabrisse nessa altura a porta, pediu-lhe para acompanhar o hóspede ao quarto do meio, Kolia era um rapazote de rosto jovial e bastante gracioso. As suas maneiras simples inspiravam confiança.

— Onde está a sua bagagem? — perguntou ele, introduzindo o príncipe no quarto.

— Tenho apenas um pequeno embrulho, que está no vestíbulo.

— Vou já buscar-lho. Não temos criadas, além da cozinheira e da criada de dentro, Matriona, de forma que às vezes ajudo-as no serviço da casa. Bárbara vigia-nos a todos e ralha-nos quando merecemos. O Gabriel disse que o senhor chegou hoje da Suíça. É verdade?

— Cheguei, sim.

— Sentia-se bem na Suíça?

— Muito bem.

— Há lá muitas montanhas?

— Muitas.

— Agora vou buscar o seu embrulho.

Bárbara entrou nesta altura.

— Matriona vem já fazer-lhe a cama. Tem alguma mala?

— Não, minha senhora. Tenho apenas um embrulho. Seu irmão foi buscá-lo ao vestíbulo, onde o deixei há pouco.

— Mas só lá encontrei este pequenito embrulho! — exclamou Kolia, reentrando no quarto. — Onde pôs o resto da bagagem?

— Não tenho mais nenhuma além desta — disse o príncipe pegando no embrulho.

— Ah! Já estava a supor que o Ferdistchenko lhe tivesse tirado alguma coisa!

— Não digas tolices — disse Bárbara num tom severo. Ao próprio príncipe falava-lhe num tom seco, se bem que delicado.

— *Chère Bablete,* podias tratar-me com mais amabilidade. Não sou o Ptitsine...

— Merecias que te desse umas palmadas, pois parece que não estás bom do juízo!... Para tudo quanto precisar, queira dirigir-se à Matriona. Janta-se às quatro horas e meia. Pode jantar connosco ou no seu quarto, conforme queira. Vamos, Kolia, deixemos em paz este senhor.

— Vamos lá, mulher enérgica!

Ao saírem encontraram-se com Gabriel.

— O pai está em casa? — perguntou ele a Kolia.

Tendo tido uma resposta afirmativa, murmurou algumas palavras ao ouvido do irmão. Este fez um sinal de aquiescência e seguiu atrás da irmã.

— Duas palavras, príncipe! Esqueci-me de lhe dizer uma coisa a propósito destas... questões. Tenho um pedido a fazer-lhe. Se isso lhe não custa, peço-lhe o favor de nada dizer cá em casa do que se passou há pouco entre mim e a Aglaé, nem dizer em casa do general o que souber aqui, porque nesta casa também ocorrem coisas deploráveis. Por mim, só quero que vão todos para o diabo!... E hoje, pelo menos, não fale muito.

— Asseguro-lhe que tenho falado muito menos do que aquilo que o senhor pensa — disse o príncipe um pouco agastado com as críticas de Gabriel. As relações entre os dois agravavam-se cada vez mais.

— Com tudo quanto já disse hoje, não foram poucos os desgostos que me causou. Por isso peço-lhe este pequeno favor.

— Repare ainda no seguinte, Gabriel: havia porventura alguma coisa que me interdissesse ou impedisse de falar quando quisesse no retrato? Até agora nada me tinha pedido a tal respeito.

— Oh, que horrível quarto! — observou Gabriel, lançando à sua volta um olhar de desprezo. — É escuro e as janelas dão para um pátio. Fica mal

instalado sob todos os aspetos... Enfim, isso não é comigo, pois não sou eu que alugo os quartos.

Ptitsine espreitou à porta do quarto e chamou Gabriel. Este despediu-se precipitadamente e saiu. Tinha ainda mais qualquer coisa a dizer-lhe, mas hesitava, sentia vergonha de abordar tal assunto. Foi para encontrar um derivativo para a sua confusão, que falou mal do quarto.

O príncipe acabava apenas de se lavar e de se arranjar um pouco, quando um novo personagem lhe entrou no quarto.

Era um cavalheiro, tendo mais ou menos trinta anos, de altura superior ao normal, com uns ombros largos e sobre os quais assentava a cabeça bastante grande, de cabelo crespo e arruivado. Tinha um rosto vermelho e gordo, uns lábios grossos e um nariz largo e achatado; os olhos pequenos e papudos tinham uma expressão zombeteira e pareciam estar sempre fazendo sinais a alguém. O conjunto dava-lhe um certo ar de impudência. O vestuário era bastante mal-ajeitado.

Começou por entreabrir a porta, o suficiente para meter a cabeça e examinar o quarto durante cinco segundos. Depois abriu-a lentamente e mostrou-se por completo no seu vão. Não se decidiu logo a entrar e do sítio onde estava, piscando os olhos, pôs-se a admirar o príncipe. Por fim fechou a porta atrás dele, deu alguns passos no interior do quarto, sentou-se numa cadeira, apertou vigorosamente a mão do príncipe e obrigou-o a sentar-se diante dele, num sofá.

— Chamo-me Ferdistchenko — disse o visitante, fitando os olhos do príncipe de uma forma que parecia interrogá-lo.

— Isso que quer dizer? — perguntou o príncipe, contendo a custo a sua vontade de rir.

— Sou o locatário de um dos quartos — acrescentou, sempre de olhos fixos no seu interlocutor.

— Veio aqui para me conhecer?

— He, he! — articulou ele, sorrindo e desgrenhando ao mesmo tempo os cabelos, depois do que dirigiu o olhar para o ângulo oposto do quarto. — Tem consigo dinheiro? — perguntou à queima-roupa, voltando-se para o príncipe.

— Algum.

— Quanto, ao certo?

— Vinte e cinco *rublos*.

— Mostre-mos.

O príncipe tirou uma nota de vinte e cinco *rublos* do bolso do colete e deu-a a Ferdistchenko. Este desdobrou-a, examinou-a, voltou-a de um lado e de outro e por fim olhou-a contra a luz.

— É singular! — declarou ele com um ar pensativo. — Por que é que estas notas se tornam escuras? As notas de vinte e cinco *rublos* oferecem por vezes esta particularidade, entretanto que as outras, pelo contrário, perdem a cor por completo... Tome-a lá.

O príncipe pegou na nota e o visitante levantou-se.

— Vim aqui para o prevenir do seguinte: por agora não me empreste dinheiro, pois venho com certeza a pedir-lho.

— Está bem.

— Tem a intenção de pagar isto aqui?

— Certamente.

— Muito bem!... Eu não tenho, muito obrigado... Sou o seu vizinho, a primeira porta à direita... Já viu? Não pense ir ver-me muitas vezes ao meu quarto. Não se incomode. Eu virei vê-lo... Já viu o general?

— Ainda não.

— E já o ouviu?

— Também não.

— Pois há de vê-lo e ouvi-lo... Já me pediu muitas vezes para lhe emprestar dinheiro. *Avis au lecteur*. Adeus. Vive-se bem quando nos chamam Ferdistchenko!

— Mas porquê?

— Adeus.

E dirigiu-se para a porta. O príncipe soube mais tarde que este cavalheiro estava convencido de que era sua missão deixar toda a gente admirada com as suas originalidades e jovialidades, o que no entanto nunca conseguiu. Sobre certas pessoas produziu mesmo uma impressão desagradável, o que sinceramente o desolava, sem entretanto o fazer renunciar ao seu propósito. No limiar da porta do quarto teve a ocasião de evidenciar um pouco a sua importância: chocou-se com um personagem desconhecido do príncipe, que pretendia entrar. Afastou-se para o deixar passar, e depois, nas suas costas, fez ao príncipe uns repetidos sinais de inteligência, piscando os olhos. Isto permitiu-lhe retirar-se mantendo o seu aprumo.

O novo visitante era um homem de alta estatura, que parecia ter, pelo menos, cinquenta e cinco anos. Apresentava um aspeto de boa disposição,

um rosto de boas cores, gordo e flácido, enquadrado por umas espessas suíças louras. Usava também bigode e os olhos eram grandes e um pouco à flor do rosto. O conjunto seria um tanto imponente, se não se notasse nele um ar um pouco de pessoa fraca, fatigada e até mesmo quase sem vida. Trazia vestido um velho casaco, um tanto esburacado nos cotovelos; a sua roupa branca, manchada de nódoas, denotava uma certa negligência interior. Perto dele sentia-se um forte cheiro a aguardente, contudo as suas maneiras afetadas e um tanto estudadas, traíam o desejo que sentia de se impor pelo seu ar de dignidade. Aproximou-se do príncipe lentamente e com um sorriso afável nos lábios. Sem nada dizer, pegou-lhe na mão e, mantendo-a entre as suas, contemplou-lhe durante um certo tempo o rosto, como se tentasse encontrar uns traços conhecidos.

— É ele… é bem ele! — exclamou numa voz pausada, mas solene. — A semelhança é frisante. Ouvi pronunciar um nome conhecido e que me é querido. Evoca para mim um passado há muito desaparecido... É o príncipe Míchkin?

— Eu mesmo.

— O general Ivolguine, aposentado e bastante infeliz. Permite-me que lhe pergunte qual o seu nome e sobrenome?

— León Nicolaievitch.

— É isso mesmo... O senhor é o filho do meu amigo, ou direi melhor, do meu companheiro de infância, Nicolau Petrovitch.

— O meu pai chamava-se Nicolau Lvovitch.

— Lvovitch — retificou o general sem pressa e com a certeza absoluta de um homem que não foi traído pela sua memória, mas sim lhe faltou a língua. Sentou-se e agarrando o príncipe pelo braço, fê-lo sentar ao seu lado. — Trouxe-o nos meus braços —acrescentou ele.

— Não haverá engano? — perguntou o príncipe. — Há já vinte anos que meu pai morreu.

— É isso mesmo: vinte anos e três meses. Estudámos juntos. Por mim, logo que terminei os meus estudos, entrei no exército.

— Meu pai também entrou no exército. Foi alferes num regimento em Vassilievski.

— No regimento de Biélomirski. A sua transferência para esse regimento foi quase nas vésperas de morrer. Assisti-lhe aos últimos momentos e predispu-lo a bem entrar na eternidade. A sua mãe...

O general interrompeu-se, como que acabrunhado por uma triste recordação.

— Minha mãe morreu seis meses depois — informou o príncipe. — Sucumbiu a um resfriamento…

— Não, ela não morreu de um resfriamento. Acredite no que lhe diz um velho amigo. Estava junto dela e ajudei-a também a bem morrer. Não foi o resfriamento, mas a grande dor de ter perdido o seu príncipe que a matou. Sim, meu caro, tenho também grandes saudades da princesa... Ah, bela juventude... Se bem que amigos desde a infância, eu e o príncipe estivemos quase para nos matarmos por causa dela.

O príncipe começou a ouvir esta narrativa com uma certa incredulidade.

— Estive apaixonado pela sua mãe quando estava noiva… noiva do meu amigo. Quando soube disso, foi para ele um golpe terrível. Uma manhã, entre as seis e as sete, veio-me acordar. Deveras surpreendido, tratei de me vestir. Apesar do silêncio de um e de outro, compreendi tudo. Tirou dos bolsos duas pistolas. Colocámo-nos à distância de um lenço um do outro. Nenhuma testemunha. Para que haviam de servir as testemunhas se dentro de cinco minutos expedir-nos-íamos mutuamente para a eternidade? Carregámos as pistolas, estendemos o lenço e pusemo-nos em posição, cada um fixando o rosto do outro e apoiando a arma no coração do contrário. De repente as lágrimas saltaram-nos dos olhos e as mãos começaram-nos a tremer. Foram simultâneos estes sentimentos. Em virtude disto, como é natural, caímos nos braços um do outro, estabelecendo-se então entre nós uma luta de generosidade. «É tua!», gritou o príncipe. «É tua!», gritei eu... Numa palavra… numa palavra… O senhor veio instalar-se na nossa casa?

— Sim senhor, e por uma temporada, talvez — respondeu o príncipe, um tanto hesitante.

— Príncipe, a minha mãe pede-lhe para ir falar com ela — exclamou Kolia, depois de ter passado uma vista de olhos pelo quarto.

O príncipe levantou-se para sair, mas o general pousou-lhe a mão direita no ombro e fê-lo sentar amavelmente no sofá.

— Como verdadeiro amigo de seu pai quero preveni-lo do seguinte: como o senhor está vendo, fui vítima de uma trágica catástrofe, mas sem que tivesse sido julgado. Sim, sem julgamento!... Nina é uma mulher como há poucas. Bárbara, minha filha, é uma moça como também se vê

pouco. As circunstâncias da vida obrigam-nos a alugar quartos... Isto é uma situação inacreditável! Eu, que estava em vésperas de ser nomeado governador-geral!... Note, todavia, que nos sentimos em absoluto à vontade, vendo-o junto de nós, apesar da tragédia que se está desenrolando sobre a nossa cabeça.

O príncipe, cuja curiosidade aumentava de intensidade, olhou-o com um ar interrogativo.

— Prepara-se aqui um casamento, mas um casamento pouco vulgar. É o casamento de uma mulher equívoca com um jovem que podia ser um fidalgo da corte. Pretende-se instalar essa mulher debaixo do mesmo teto onde vive minha mulher e a minha filha. Porém enquanto eu viver nunca tal sucederá. Atravessar-me-ei no limiar da porta e terão de passar por cima do meu corpo! Já quase não digo uma palavra ao Gabriel; evito mesmo encontrar-me com ele. Era sobre isto que desejava preveni-lo. Por agora, visto que vem viver na nossa *casa,* será testemunha de coisas que tornarão supérflua esta minha prevenção. Contudo, como é filho de um meu amigo, tenho o direito de esperar...

— Príncipe, quer dar-me o prazer de passar ao salão? — perguntou Nina, abrindo um pouco a porta do quarto.

— Imagina, minha querida — exclamou o general — que trouxe o príncipe nos meus braços quando era criança!

Nina fitou-o com um olhar de censura, para em seguida interrogar o príncipe apenas com os olhos, sem proferir uma palavra. Este último seguiu-a. Chegados ao salão, sentaram-se e Nina começou a dar-lhe, em voz baixa, umas explicações precipitadas. Mal havia começado, entrou bruscamente o general. Calou-se logo e, visivelmente despeitada, debruçou-se sobre o trabalho que estava fazendo. O general notou o seu despeito, mas sem mostrar sentir-se incomodado por isso dirigiu-se-lhe num tom de bom humor:

— O filho do meu amigo... Que encontro inesperado! Já há muito que não julgava isto possível!... Será de crer, minha querida, que não te lembres do falecido Nicolau Lvovitch? Não te lembras de o ver... em Tver?

— Não me lembro nada do Nicolau Lvovitch... Era o seu pai? — perguntou ela, dirigindo-se ao príncipe.

— Era, sim. Porém suponho que morreu em Elisabethgrad e não em Tver — observou timidamente o príncipe, voltando-se para o general. — Pelo menos foi o que me disse Pavlistchev...

— Não, senhor, foi em Tver — confirmou o general. — Foi transferido para essa vila um pouco antes de morrer, e até mesmo antes da fase aguda da sua doença. Era ainda muito pequeno para que possa lembrar-se da transferência e da viagem. Quanto a Pavlistchev, pode ser o mais sério dos homens, mas enganou-se.

— O senhor conheceu também Pavlistchev?

— Era um homem de um raro mérito, mas eu fui testemunha ocular. Abençoei o seu pai no leito da morte...

— Meu pai ia ser julgado quando morreu — observou de novo o príncipe, se bem que não soubesse do que fora inculpado. — Morreu até no hospital, segundo dizem.

— Oh, foi uma questão por causa do soldado Kolpakov. Tenho porém a certeza de que seria absolvido.

— De verdade? O senhor conheceu bem essa questão? — perguntou o príncipe, arrastado por uma viva curiosidade.

— Suponho que sim! — exclamou o general. — O conselho de guerra interrompeu a audiência sem nada ter resolvido. Era uma questão inacreditável, uma questão misteriosa, pode-se mesmo dizer. O capitão ajudante, Larionov, morreu, sendo comandante da companhia. As suas funções foram confiadas interinamente ao príncipe. Até aqui tudo muito bem. No quartel, um soldado, de nome Kolpakov, roubou a sola das botas a um dos seus companheiros. Vendeu-a e bebeu... o dinheiro. Até aqui continua tudo bem. O príncipe repreendeu publicamente Kolpakov e ameaçou-o de o mandar vergastar; note-se que isto passou-se na frente do sargento-mor e de um cabo. Ainda tudo muito bem. Kolpakov foi para a caserna, deitou-se na sua cama de campanha e morreu um quarto de hora depois. Cada vez melhor, mas o caso é bastante singular, quase inexplicável!... Não importa. Enterrou-se o Kolpakov, o príncipe fez o seu relatório, e em face dele o falecido foi riscado do livro dos soldados no ativo. Até aqui continua bem, não é assim? Seis meses depois, ao fazerem a inspeção da brigada, o soldado Kolpakov, como se nada se houvesse passado, reapareceu na terceira companhia, do segundo batalhão, do regimento de infantaria de Novozemliansk, que pertence à mesma brigada e à mesma divisão!

— Como é isso? — exclamou o príncipe deveras estupefacto.

— As coisas não podem ter-se passado assim!... Há qualquer engano — informou bruscamente Nina, dirigindo-se a seu marido e olhando-o

com uma expressão que mais parecia estar na agonia. — *Mon mari se trompe*.

— Minha querida, *se trompe* é fácil de dizer, mas pôr a claro uma questão como esta é que não é fácil. Experimenta tu! Toda a gente cansou a cabeça a pensar. Eu próprio seria também levado a dizer: *On se trompe.* Infelizmente fui testemunha do facto e fiz parte da comissão de inquérito. Todas as comparações comprovaram que se estava de facto em presença do mesmo soldado, Kolpakov, que havia sido enterrado seis meses antes, com o cerimonial costumado e ao som do tambor. O caso é realmente excecional, quase inconcebível, concordo, mas...

— Meu pai, o jantar está na mesa — anunciou Bárbara, entrando no quarto.

— Ah, muitíssimo bem!... Começava já a sentir um certo apetite... O caso porém é daqueles a que se pode chamar um caso psicológico...

— A sopa está a arrefecer — continuou Bárbara com impaciência.

— Vou já, vou já — retorquiu o general, saindo do quarto. Estava já no corredor, e ainda se ouvia dizer: «E a despeito de todos os inquéritos…»

— Terá de desculpar muitas coisas ao Ardalion Alexandrovitch se ficar hospedado na nossa casa — disse Nina ao príncipe. — Por agora não o importunará muito, porque janta sozinho. Como sabe, cada um de nós tem os seus defeitos e as suas excentricidades. As pessoas que em geral se apontam a dedo, não são talvez aquelas que têm menos. Tenho apenas um pedido mais instante a fazer-lhe: se meu marido lhe pedir a renda do quarto, diga-lhe que já me pagou. Escusado será dizer-lhe que se lhe tivesse pago, seria da mesma forma levado à sua conta; peço-lhe porém isto para boa ordem das nossas contas… Que há, Bárbara?

Esta acabava de entrar no aposento. Sem proferir uma palavra mostrou a sua mãe o retrato de Nastásia. Nina estremeceu e examinou-o durante uns momentos: primeiro com uma expressão de terror e depois com a sensação de uma dor amarga. Por último interrogou Bárbara com os olhos.

— Foi ela que hoje lhe fez presente dele — informou Bárbara — e esta tarde tudo será resolvido entre eles.

— Esta tarde! — repetiu Nina a meia voz, num tom de desespero. — Porquê esta tarde? Deixa então de existir qualquer dúvida, não resta mesmo nenhuma esperança!... Dando-lhe o retrato, veio esclarecer tudo, não?... E foi ele próprio que to mostrou? — perguntou ela num tom de surpresa.

— A mãe sabe que há já mais de um mês que não falamos um ao outro!... Foi o Ptitsine que mo contou. Quanto ao retrato, tinha-o deitado ao chão, junto da mesa.

— Príncipe — exclamou de repente Nina — queria perguntar-lhe, e foi sobretudo para isso que lhe pedi para vir aqui, se conhece há muito tempo o meu filho. Parece que disse que o senhor tinha chegado hoje.

O príncipe deu sobre a sua pessoa uns rápidos esclarecimentos, deixando de lado uma boa parte do que se havia passado. Nina e Bárbara escutaram-no com atenção.

— Tenho a dizer-lhe que a minha pergunta não foi para que me desse informações sobre a vida do Gabriel — observou Nina. — Não quero por maneira nenhuma quê suponha tal. Se há alguma coisa que ele próprio não me pode contar, não quero também sabê-lo por outra boca. Quero apenas referir-me às alusões que o Gabriel faz a cada momento diante do senhor e da resposta que ele deu, após a sua saída, a uma das minhas perguntas: «Ele sabe tudo. É inútil constranger-se diante dele». Que quer isto dizer? Por outro lado desejava saber em que medida...

Gabriel e Ptitsine entraram nesta altura de repente na sala. Nina calou-se logo. O príncipe manteve-se sentado junto dela, enquanto Bárbara se afastou. O retrato de Nastásia destacava-se bem sobre a mesa de trabalho de Nina, precisamente diante dela. Gabriel viu-o, franziu as sobrancelhas, pegou nele deveras arreliado e atirou-o para cima da secretária que estava do outro lado da sala.

— É para hoje, Gabriel? — perguntou bruscamente Nina.

— O que é que é para hoje? — exclamou Gabriel sobressaltado. E continuou, voltando-se rápido para o príncipe: — Ah, compreendo, o senhor está aqui... Continua então a sofrer da mesma doença... Não pode por forma alguma ter mão na língua?! É preciso que compreenda, alteza...

— Neste assunto fui eu apenas e não outra pessoa que cometi essa falta — interrompeu Ptitsine.

Gabriel olhou-o com um ar interrogador.

— Parece-me, Gabriel, que é melhor assim, tanto mais que, de um certo lado, é uma questão arrumada — balbuciou Ptitsine, que foi em seguida sentar-se ao lado da mesa, entretanto que tirava do bolso um bocado de papel coberto de notas a lápis e se punha a examiná-lo com atenção.

Gabriel ficou de aspeto carrancudo, apreensivo, ante a expectativa de uma cena familiar. Não pensou mesmo em apresentar as suas desculpas ao príncipe.

— Se está tudo acabado — disse Nina — é evidente que Ivan Petrovitch tem razão. Não franzas as sobrancelhas, peço-te, Gabriel, nem fiques contrariado. Resignar-me-ei a não te fazer perguntas sobre qualquer assunto que não me queiras dizer. Afianço-te que estou plenamente resignada. Fico satisfeita, vendo-te tranquilo.

Pronunciou estas palavras sem tirar os olhos do seu trabalho e num tom que de facto parecia calmo. Gabriel ficou surpreendido, mas por prudência calou-se e olhou a mãe, esperando mais amplas explicações. As discussões domésticas eram-lhe sempre desagradáveis. Nina notou a sua circunspeção e acrescentou com um sorriso amargo:

— Duvidas ainda e desconfias de mim. Asseguro-te que, pelo meu lado, pelo menos, não verás mais lágrimas, nem rogos. Todo o meu desejo é ver-te feliz, tu bem o sabes. Submeto-me à vontade do destino, mas o meu coração estará sempre junto de ti, quer fiquemos juntos, quer nos separemos. Respondo naturalmente só por mim, e não podes exigir outro tanto da tua irmã...

— Ah, também ela! — exclamou Gabriel, fitando a irmã com um olhar de ironia e aversão. — Minha boa mãe!... renovo a afirmação que lhe fiz, sob a palavra de honra: enquanto aqui estiver, enquanto eu viver, ninguém lhe faltará ao respeito. Seja sobre o que for, exigirei de toda a pessoa que transponha o limiar da nossa porta a mais completa deferência para consigo...

Gabriel sentou-se deveras satisfeito, olhando a mãe com um aspeto quase sereno, quase cheio de ternura.

— Não tenho nenhum receio quanto à minha pessoa, sabe-lo bem, Gabriel. Não é por mim que te tenho atormentado durante todo este tempo. Diz-se que hoje tudo vai terminar para ti. Mas o que é que vai terminar?

— Ela prometeu dizer-me, esta tarde, em sua casa, se consente ou não — respondeu Gabriel.

— Há perto de três semanas que evitamos falar nisso, e foi melhor assim. Mas agora que tudo acabou, permites-me que te pergunte apenas isto: como pôde ela dar-te o seu consentimento e oferecer-te mesmo o seu retrato, se tu não a amas? Parece que tu, junto de uma mulher tão... tão...

— Tão experimentada, não é verdade?

— Não era bem essa a expressão que eu procurava. Como pudeste abusar dela até tal ponto?

Com esta pergunta Nina deixou logo transparecer uma extrema irritação. Gabriel ficou calado, refletiu um momento, e depois disse, sem dissimular um riso malicioso:

— Deixou-se arrastar pelo seu génio, minha mãe; a paciência faltou-lhe uma vez mais; é sempre assim que as discussões surgem e se envenenam entre nós. Com certeza disse já consigo: mais perguntas, mais censuras, e ei-las que recomeçam!... Mais vale que fiquemos por aqui. Sim, vale bem mais!... Além disso era sua intenção... Nunca e por nada deste mundo a abandonarei. Outro, que não eu, teria fugido de casa para não ter que suportar uma irmã como a minha. Veja, repare como ela me olha agora. Fiquemos por aqui. Estava já tão contente!... E como soube que abuso da boa fé da Nastásia? No que diz respeito a Bárbara, que faça o que entender, e pronto. Estou farto disto!

Gabriel acentuava bem as palavras, entretanto que percorria maquinalmente o quarto. Estas discussões incomodavam dolorosamente todos os membros da família.

— Disse que me irei embora, se ela entrar aqui, e mantenho a palavra — declarou Bárbara.

— Por capricho, apenas! — exclamou Gabriel. — Como é por capricho também, que não casas!... Porque me mostras essa cara de desprezo? Não te ligo essa importância, Bárbara!... Podes pôr imediatamente o teu projeto em execução. Há muito tempo já que me aborreces.

Depois, vendo o príncipe levantar-se, exclamou-lhe:

— Como, decide-se enfim a deixar-nos?

A voz de Gabriel traía um grande grau de desespero, mas daqueles em que o homem aprecia de alguma maneira a sua própria cólera e a ela se entrega sem receio nenhum, presenciando com crescente deleite o que quer que daí possa resultar. O príncipe, já à porta do aposento, esteve quase para responder, mas, vendo o rosto crispado do seu insultador e compreendendo que uma gota bastaria para fazer transbordar o vaso, voltou-se e saiu sem proferir uma palavra. Minutos decorridos, um ruído de vozes, que lhe chegou do salão, deram-lhe a entender que após a sua partida a discussão tomara um aspeto mais barulhento e desabrido.

Atravessou a sala e em seguida o vestíbulo, para chegar ao seu quarto, pelo corredor. Ao passar ao lado da porta de saída, para a escada, notou que atrás dela alguém fazia esforços desesperados para fazer soar a sineta; esta estava provavelmente escangalhada, porque se agitava sem produzir som algum. O príncipe correu o ferrolho, abriu a porta e recuou surpreso: Nastásia estava na sua frente. Reconheceu-a logo, devido ao retrato que tinha tido nas mãos. Mal o viu, um clarão de despeito brilhou nos seus olhos; atravessou rapidamente o vestíbulo, depois de o ter afastado com um encontrão e de lhe dizer num tom enfurecido, ao mesmo tempo que tirava a peliça:

— Se és tão preguiçoso, que não podes compor a sineta, ao menos deixa-te estar sempre no vestíbulo, para abrires quando alguém bater!... Mau, mau... agora deixas cair a minha peliça! Que estúpido!

Com efeito a peliça caíra ao chão. Nastásia atirara-a para trás de si, sem esperar que o príncipe lha tirasse e sem notar que as mãos deste não tinham podido segurá-la.

— Deviam pôr-te na rua. Vai à minha frente e anuncia-me à dona da casa.

O príncipe quis dizer qualquer coisa, mas perdeu a calma, a ponto de não poder articular uma palavra. Tendo levantado a peliça, dirigiu-se para o salão.

— E pronto, lá vai ele com a peliça! Para que a levas? Ah! Ah! Perdeste a cabeça?

O príncipe voltou atrás e fitou-a, como que petrificado. Ela começou a rir e ele sorriu também, mas sem recuperar o uso da fala. No primeiro momento, quando abriu a porta, empalideceu; agora o sangue afluiu-lhe repentinamente ao rosto.

— Que idiota é este? — exclamou ela indignada e batendo o pé. — Onde vais? Quem vais anunciar?

— Vou anunciar Nastásia Filipovna — balbuciou o príncipe.

— De onde me conheces? — perguntou ela com vivacidade. — Nunca te vi!... Anuncia-me... Que gritos são estes que estou ouvindo?

— É uma discussão — disse o príncipe.

E dirigiu-se para o salão.

Entrou no momento mais crítico. Nina estava no ponto de se esquecer por completo de que era «submissa a tudo»: de resto, ela defendia Bárbara. Esta encontrava-se ao lado de Ptitsine, que acabava nessa altura de

examinar o seu papel coberto de notas a lápis. Mantinha-se calma, apesar de não ser de caráter tímido; no entanto as grosserias do irmão tornavam-se cada vez mais brutais e menos toleráveis. Em casos semelhantes tinha por hábito manter-se calada e fitar o irmão com um ar trocista. Sabia que esta atitude tinha o bom efeito de o exaltar ao máximo. Foi justamente neste instante que o príncipe entrou no salão e anunciou:

— Nastásia Filipovna!

Capítulo 9

Fez-se um silêncio geral. Todos olharam para o príncipe, como se o não compreendessem ou não o quisessem compreender. Gabriel pareceu ficar gelado de pavor.

A chegada de Nastásia, sobretudo naquele momento, foi para todos o acontecimento mais inesperado, mais desconcertante que se pudesse imaginar. Além disso era a primeira vez que honrava os Ivolguine com a sua visita; até ali mantivera a seu respeito uma atitude tão altiva que, mesmo nas suas relações com Gabriel, nunca mostrara desejos de conhecer os seus parentes; nos últimos tempos mesmo, falava tanto deles como se nunca tivessem existido. Apesar de se sentir deveras satisfeito por a ver evitar um assunto tão penoso para ele, não deixava no entanto de sofrer no seu íntimo com esse desdém. Em todo o caso supunha mais fácil ouvir críticas dirigidas à sua família, do que receber esta visita. Sabia que ela estava perfeitamente ao corrente do que se passava na sua casa, desde o dia em que lhe pedira a mão, e a maneira como os seus parentes a julgavam. A sua visita *naquele momento,* após a dádiva do retrato e no dia do seu aniversário, dia em que ela prometera dar uma solução, parecia querer indicar, por ela própria, qual o sentido da sua decisão.

A perplexidade com que todos olharam o príncipe, foi de curta duração: Nastásia apareceu à entrada do salão e, pela segunda vez, ao entrar, empurrou ligeiramente o príncipe.

— Consegui enfim chegar aqui... Porque prendeu a sineta? — perguntou num tom enjoado, estendendo a mão a Gabriel, que se precipitara para ela. — Porque tem esse aspeto de consternado? Apresente-me, peço-lhe...

Gabriel, completamente desorientado, apresentou-a logo a Bárbara. Antes de estenderem as mãos as duas mulheres trocaram um olhar estranho. Nastásia ria e afetava bom humor; Bárbara, porém, procurou esquivar-se e fitou a visitante com um olhar de pouco satisfeita; o seu rosto não refletiu uma sombra sequer de um sorriso, aquela apenas que a delicadeza exige. Gabriel sentiu que a respiração lhe faltava; o momento

não era para súplicas; lançou a Bárbara um olhar tão ameaçador que ela compreendeu, na intensidade desse olhar, a gravidade que para ele tinha esse minuto. Pareceu então resignar-se e ceder, forçando um sorriso ao cumprimentar Nastásia. (Notava-se que os membros desta família tinham ainda bastante afeição uns pelos outros). Nina corrigiu um pouco a primeira impressão, logo que Gabriel, muitíssimo arreliado, lhe apresentou a visitante após a apresentação à irmã; devia até mesmo ter apresentado primeiro a mãe. Porém, mal esta começou a falar da sua «particular satisfação», logo Nastásia, em vez de a ouvir, interpelou bruscamente Gabriel, depois de se ter sentado, sem ter sido convidada, num pequeno sofá junto à janela:

— Onde é o seu escritório? E... os hóspedes onde estão? Porque aluga quartos, não me diz?

Gabriel corou em extremo e gaguejou uma resposta que Nastásia cortou rápida:

— Onde recebe os seus hóspedes? Com certeza não tem escritório!... E isto rende alguma coisa? — acrescentou, dirigindo-se nesta altura à mãe de Gabriel.

— Dá bastante trabalho — respondeu esta — mas, como é natural, também rende alguma coisa. Até agora temos vivido somente de...

De novo Nastásia deixou de a ouvir. Olhou para Gabriel, rindo, e exclamou:

— Que cara que faz? Meu Deus!... Que figura a sua!

Durou um instante o seu sorriso. A fisionomia de Gabriel estava de facto bastante alterada; o seu embrutecimento e o seu terror cómico tinham de súbito dado lugar a uma palidez assustadora; com os lábios crispados e os dentes cerrados, fixou, num olhar maldoso, o rosto da mulher que não cessava de rir.

Havia ainda um espectador que não tinha saído da espécie de torpor que lhe produzira a aparição de Nastásia. Embora tivesse ficado petrificado no mesmo lugar, junto da porta, o príncipe não notou menos a palidez e a terrível alteração da fisionomia de Gabriel. Maquinalmente deu um passo em frente, como que movido por um sentimento de pavor.

— Beba água — disse-lhe ele quase ao ouvido — e não me olhe dessa forma...

Era evidente, que proferira estas palavras sem uma ideia reservada, sem premeditação, mas sim espontaneamente. Entretanto o efeito por elas

produzido foi extraordinário. Toda a cólera de Gabriel pareceu voltar-se contra o príncipe. Agarrou-o por um ombro e dardejou-lhe um olhar mudo, mas vingativo e odioso, como se tivesse perdido a fala. A emoção era geral. Nina deixou mesmo escapar um ligeiro grito, e Ptitsine avançou inquieto para os dois homens. Kolia e Ferdistchenko, que acabavam de aparecer à porta do salão, ficaram boquiabertos. Apenas Bárbara continuou a observar a cena, mas disfarçando com o maior cuidado. Não se tinha sentado e mantinha-se afastada, do lado da mãe, com os braços cruzados sobre o peito.

Gabriel acalmou quase logo a seguir ao seu primeiro impulso. Soltou uma gargalhada nervosa e depois recuperou todo o sangue-frio.

— Que é que o incomoda, príncipe? É preciso chamar o médico? — exclamou, com o melhor ar de brincadeira e bonomia que pôde. — Assustou-me, até!... Nastásia, posso apresentar-lho, pois é um cavalheiro dos mais curiosos, se bem que o conheça apenas desde esta manhã.

Nastásia olhou para o príncipe surpreendida.

— Príncipe! Ele é príncipe? Imagine que ainda há pouco, do vestíbulo, tomei-o por um criado e ordenei-lhe que me viesse anunciar... Ah! Ah! Ah!

— Isso não tem importância — disse Ferdistchenko que, encantado por ver que ela começava a rir-se, se aproximou, apressado. — Não tem importância: *se non è vero...*

— Estive mesmo a ponto de o insultar, príncipe. Desculpe-me, peço-lhe. Ferdistchenko, que faz aqui a esta hora? Não pensava encontrá-lo nesta ocasião... Que diz? Qual príncipe? O Míchkin? — voltou a perguntar a Gabriel, que, segurando sempre o príncipe pelo ombro, acabava de lho apresentar.

— É um nosso hóspede — repetiu Gabriel.

Evidentemente mostravam o príncipe como uma curiosidade — era um motivo de diversão para todos e por isso estava numa situação falsa. Empurraram-no quase até junto de Nastásia; e ouviu mesmo com nitidez a palavra «idiota», sussurrada atrás dele, naturalmente por Ferdistchenko, para a esclarecer.

— Diga-me, porque não desfez o meu engano logo que me viu proceder tão desprezivelmente para com o senhor? — perguntou Nastásia, examinando o príncipe dos pés à cabeça com a maior desenvoltura; depois esperou com impaciência a sua resposta, convencida que tal resposta seria tão tola que não poderia deixar de rir.

— Fiquei surpreendido ao vê-la assim tão de repente — balbuciou o príncipe.

— Mas como adivinhou que era eu? Já me conhecia? De facto parece-me já o ter visto em qualquer parte! Permite-me que lhe pergunte qual a razão por que, ao ver-me, ficou pregado no mesmo lugar? Serei assim alguma coisa tão surpreendente?

— Vamos, vamos, então! — exclamou Ferdistchenko prazenteiramente. — Vamos, fale!... Meu Deus, se me fizessem tal pergunta, o que eu não teria para responder! Então? Se continua assim, príncipe, dá-nos direito a podermos dizer que é um imbecil...

— Também eu diria muita coisa se estivesse no seu lugar — replicou o príncipe, rindo. Depois voltou-se para Nastásia: — Há pouco o seu retrato impressionou-me vivamente... Falei depois a seu respeito com os Epantchine... Antes mesmo, ainda esta manhã, antes de chegar a S. Petersburgo, Parfione Rogojine, que vinha na minha carruagem, me falou muito de si. E no momento preciso em que lhe abri a porta, estava a pensar em si! De repente vejo-a diante de mim...

— Mas como soube que era eu?

— Pela sua semelhança com o retrato, e depois...

— Depois, o quê?

— E depois porque é exatamente como a imaginava. Também tenho a impressão de já a ter visto em qualquer parte...

— Onde, onde?

— É como se já tivesse visto os seus olhos em qualquer parte. Contudo é impossível... Não passa com certeza de uma impressão. Nunca vivi aqui... Talvez tivesse sido um sonho.

— Essa é boa, príncipe! — exclamou Ferdistchenko. — Não... Sendo assim, retiro o meu *se non è vero*... Além disso... além disso, se disse tudo isso, foi por inocência — acrescentou ele num tom de comiseração.

O príncipe falara com uma voz comovida, interrompendo-se muitas vezes para tomar alento. Tudo nele traía uma intensa agitação. Nastásia olhou-o com curiosidade e deixou de rir. Neste momento ouviu-se uma voz sonora que soou por detrás do grupo formado à volta do príncipe e de Nastásia. Este grupo abriu-se e dividiu-se em dois, para deixar passar o chefe da família, o general Ivolguine, que só parou em frente da visitante. Vestia fraque e trazia a camisa própria; o bigode era ligeiramente erguido.

Reconhecia-se que Gabriel só a custo o podia tolerar.

O amor próprio e uma sombria vaidade tinham-se desenvolvido nele até à hipocondria; procurara, durante os últimos dois meses, maneiras de mostrar uma atitude de dignidade e nobreza; sentia-se porém ainda nocivo no caminho que a si próprio impusera e no qual supunha não se poder manter até ao fim. Em desespero de causa, decidia por fim impor aos seus um insolente despotismo; não ousou contudo proceder da mesma maneira diante de Nastásia, a quem ela manteve na incerteza até ao último minuto, e o fez, impiedosamente, esperar tanto tempo. Tratava-o mesmo por «mendigo impaciente», o que não deixava de ter razão. Tinha jurado a todos os seus deuses de que a havia de fazer pagar tudo isto mais tarde, e com juros. Por outro lado isso não o impedia, ao mesmo tempo, de acalentar a infantil esperança de que, por si próprio, havia de diminuir os atritos e atenuar as oposições.

Nesta altura forçoso lhe era ainda suportar este golpe doloroso e, o que era pior, em tal momento, precisava inopinadamente de sofrer a mais cruel das torturas para um homem vaidoso: ter vergonha dos seus. Um pensamento lhe assaltou a mente: «No fim de contas a recompensa valerá todas estas afrontas?»

Ocorreu então um acontecimento que somente intervirá em sonhos, durante esses dois meses decorridos, e que sempre o gelara de horror e o assombrara de vergonha: o encontro do pai com Nastásia no meio dos seus. Às vezes, para se predispor para tudo, tentava imaginar a cara que faria o general durante a cerimónia nupcial, mas nunca fora capaz e renunciava logo a tal evocação, tanto esse quadro lhe repugnava. Talvez exagerasse muitíssimo o seu infortúnio: é a sorte habitual das pessoas vaidosas. Todavia, durante esses dois meses, estudara bem a sua resolução e jurara a si próprio meter, custasse o que custasse, o pai na ordem, e até, durante um certo tempo — e isto era possível! — afastá-lo de S. Petersburgo, quisesse a mãe ou não. Dez minutos antes, quando Nastásia entrou, a sua consternação e o seu torpor tinham sido de tal forma que lhe fizeram esquecer por completo a possibilidade de Ardalion Alexandrovitch aparecer, pelo que não tomou disposição alguma na previsão desta eventualidade.

E sem que o esperassem, o general fazia, ante o espanto de todos, uma entrada solene, de fraque, no momento em que Nastásia «procurava apenas a ocasião para os meter a ridículo, a ele e aos seus». Pelo menos estava convencido disso. E que outra significação poderia ter a sua visita? Teria

vindo para estabelecer quaisquer laços de amizade com a sua mãe e a sua irmã ou para os ofender? Ao ver-se respetivamente a atitude dos seus e a da visitante, não ficavam dúvidas; a mãe e a irmã estavam sentadas, como que esmagadas de vergonha, aguardando qualquer coisa, enquanto Nastásia parecia ter até mesmo esquecido a sua presença... E pensava: se se comporta assim, é evidente que tem as suas razões.

Ferdistchenko agarrou o general pelo braço e apresentou-o. O velho inclinou-se, sorrindo, diante de Nastásia, e disse cheio de dignidade:

— Ardalion Alexandrovitch Ivolguine, um velho e desgraçado soldado, pai de uma família que se regozija com a esperança de poder contar dentro dela uma tão encantadora...

Não chegou a acabar. Ferdistchenko arrastou rapidamente uma cadeira atrás dele, e o general, que após o almoço sentia as pernas vacilantes, sentou-se, ou melhor, deixou-se cair na cadeira, sem no entanto perder a calma. Sentara-se em frente de Nastásia e levou os dedos finos aos lábios, num gesto lento e estudado, sublinhado por uma mímica de afabilidade. Era difícil fazer-lhe perder a sua habitual serenidade. À parte uma certa negligência no vestir, tinha ainda uma boa apresentação, e ele sabia-o muito bem. Outrora frequentara a melhor sociedade e fora apenas excluído dela há uns dois ou três anos. Desde então entregara-se sem temperança a alguns dos seus excessos; continuava contudo a manter a facilidade e o agrado das suas maneiras. Quanto a Nastásia, pareceu ficar encantada com o aparecimento de Ardalion, de quem, com certeza, tinha já ouvido falar.

— Tive conhecimento que o meu filho... — começou de novo o general.

— Ah, sim, o seu filho!... O senhor é também muito gentil! Por que não foi ainda a minha casa? É a senhor que se esconde, ou o seu filho que não o deixa ir? O senhor, pelo menos, pode ir a minha casa sem comprometer ninguém.

— Os rapazes do século dezanove e os seus pais… — tentou continuar o general.

— Nastásia Filipovna, dá-me licença para deixar sair o Ardalion, por momentos? Estão a procurá-lo — disse em voz alta Nina.

— Deixá-lo sair? Desculpem, mas tenho ouvido falar tanto nele, que desejava há muito conhecê-lo! Além disso, que afazeres poderá ele ter? Não está reformado? Então vai deixar-me general? Não, não se vá embora!

— Garanto-lhe que ele voltará, mas por agora necessita de repouso.

— Ardalion Alexandrovitch, dizem que tem necessidade de repouso — exclamou Nastásia com o ar rabugento de uma criança caprichosa a quem se tirou o brinquedo.

O general deu assim motivo a tornar a situação ainda mais ridícula.

— Ah, minha querida amiga! — proferiu ele num tom de mágoa, voltando-se solenemente para a esposa com a mão sobre o coração.

— Pensa também retirar-se, minha mãe? — perguntou Bárbara em voz alta.

— Não, Bárbara, eu fico até ao fim.

Nastásia ouviu certamente a pergunta e a resposta, mas a sua alegria não diminuiu por isso. Começou a fazer ao general uma série de perguntas, de tal forma que este, ao fim de cinco minutos, entusiasmado, começou a perorar entre as gargalhadas dos assistentes.

Kolia agarrou o príncipe pela aba do casaco.

— Veja se é capaz de o levar... Peço-lhe! — E lágrimas de indignação brilharam nos olhos do pobre rapaz. — Maldito Gabriel! — acrescentou ele.

O general dava largas à sua ânsia de falar.

— É verdade que me ligou a Ivan Fiodorovitch Epantchine uma grande e velha amizade — informou ele, em resposta a uma pergunta de Nastásia. — Tal como os três mosqueteiros, Athos, Porthos e Aramis, éramos inseparáveis, eu, ele e o falecido príncipe, León Nicolaievitch Míchkin, cujo filho acabo de abraçar, após vinte anos de separação. Mas, ai de mim!... Um repousa no túmulo, morto pela calúnia e por uma bala, e o outro, este seu criado, continua a lutar contra a calúnia e as balas...

— Contra as balas? — exclamou Nastásia.

— Estão aqui, no meu peito, desde o cerco de Kars; quando o tempo está mau, sinto-as muito bem. De resto, vivo filosofando, passeio, jogo às damas no café e leio o *Indépendance* como um burguês retirado dos negócios. Quanto ao nosso Porthos, ou seja Epantchine, cortámos as relações após uma história que se passou há três anos, no caminho de ferro, a propósito de um cachorro.

— De um cachorro? Que história é essa? — perguntou Nastásia, muito intrigada. — Uma história de um cachorro? Mas, permita-me que lhe pergunte, isso passou-se no caminho de ferro? — acrescentou ela, como a recordar-se de qualquer coisa.

— Oh, é uma história tão tola que nem vale a pena contá-la! Tratava-se da senhora Smith, a dama de companhia da princesa Bielokonski... Mas para quê repeti-la?

— Gostava que ma contasse — pediu Nastásia com jovialidade.

— Eu também ainda não a ouvi contar! — observou Ferdistchenko. — *C'est du nouveau!*

— Ardalion Alexandrovitch! — interveio de novo Nina num tom suplicante.

— Pai, por favor! — exclamou Kolia.

— Esta tola história conta-se em duas palavras — começou o general com vaidade. — Há dois anos, mais ou menos, havia-se inaugurado a linha do caminho de ferro de... Já eu estava aposentado. Tendo alguns passos a dar, muito importantes, para deixar o serviço, comprei um bilhete de primeira classe e tomei o comboio. Instalei-me e comecei a fumar. Durante algum tempo saboreei o cigarro que tinha acendido... Estava só no compartimento e além disso é meio permitido, como todas as coisas, e depois depende das companhias que encontramos. O vidro da janela estava corrido. De súbito, mesmo no momento da partida, duas senhoras, com um cachorro, vieram sentar-se na minha frente. Haviam chegado atrasadas. Uma, luxuosamente posta, trazia um vestido preto, guarnecido a peles. Estas senhoras, que falavam inglês, tinham uma boa aparência e examinaram-me de cima a baixo. Naturalmente, continuei a fumar como se não estivesse ninguém. A bem dizer tive um momento de hesitação, mas continuei, voltando-me para a janela, pois que estava aberta. O cachorro estava sobre os joelhos da senhora que trazia o vestido azul-claro; era um animalzito da largura do meu punho, todo preto, exceto as patas que eram brancas; numa palavra, era um animal pouco vulgar. Trazia uma coleira de prata com uma inscrição. Não lhes prestei nenhuma atenção. Observei somente que as duas senhoras mostravam um ar aborrecido, sem dúvida devido ao fumo do meu cigarro. Uma delas começou a tapar o rosto com a mão em forma de concha. Mantive-me quieto e calado, visto elas nada dizerem. Se tivessem falado para me prevenir ou pedir-me que acabasse de fumar, então estava muito bem. Temos língua, é para nos servirmos dela... Mas não, calaram-se! E, de repente, sem a menor advertência (afirmo-lhes: sem a menor advertência!) a senhora do vestido azul-claro, como que fora dela, tirou-me o cigarro das mãos e atirou com ele pela janela fora. O comboio seguia a toda a

velocidade. Olhei-a, embrutecido. Era uma mulher original, de uma apresentação estranha; em resumo, era corpulenta, gorda, alta, loura, muito corada… mesmo em excesso. Dardejou sobre mim olhares faiscantes. Então, sem proferir uma palavra, com uma delicadeza estranha e pouco vulgar, requintada mesmo, estendi dois dedos para o cão, agarrei-o delicadamente pela nuca e atirei-o pela janela fora, atrás do meu cigarro! Ouviu-se um gemido apenas. E o comboio continuou a deslizar...

— É um monstro! — exclamou Nastásia, rindo às gargalhadas e batendo as mãos como uma criança.

— Bravo, bravo! — bradou Ferdistchenko.

Ptitsine, para quem a aparição do general fora igualmente muito desagradável, sorriu no entanto também. O próprio Kolia começou a rir e exclamou: «Bravo!»

— Eu tinha razão, três vezes razão! Estava no meu direito! — continuou o general entusiasmado e num tom triunfante. — Se é proibido fumar nas carruagens, maior razão existe para que nelas não viajem cães!

— Bravo, meu pai! — exclamou Kolia com entusiasmo. — Foi magnífico. Por mim, com certeza teria feito o mesmo. Não haja dúvida!

— E que fez a senhora? — perguntou Nastásia, impaciente por saber o final da história.

— A senhora? Ah, nesse ponto é que está o pior do caso — disse o general, carregando as sobrancelhas. — Sem proferir uma palavra, sem o mais simples protesto, deu-me uma bofetada. E, no entanto, digo-lhes: era uma mulher original, de uma originalidade requintada!

— E o senhor que fez?

O general baixou os olhos, franziu as sobrancelhas, encolheu os ombros, cerrou os lábios, afastou os braços e, após um instante de silêncio, deixou cair estas palavras:

— Não me pude conter.

— E bateu-lhe com força?

— Evidentemente que não. O gesto fez escândalo, mas não bati com força. Fiz apenas um único movimento e somente para me defender. Porém o diabo tece-as: a dama do vestido azul-claro era nem mais nem menos do que uma governanta inglesa, ao serviço da princesa Bielokonski, ou qualquer coisa semelhante a uma amiga da casa; quanto à companheira, vestida de preto, era a mais nova das filhas solteiras da princesa, uma moça de trinta e cinco anos aproximadamente. Ora todos conhecem os

laços de intimidade que unem a esposa do general Epantchine à família dos Bielokonski. As seis filhas da princesa tiveram uma síncope; choraram muito pelo seu cão favorito, vestiram-se mesmo de luto; a inglesa juntou as suas lágrimas às das meninas; em breve deram a impressão que era o fim do mundo! Como é natural fui-lhes apresentar os meus sentimentos e pedir-lhes desculpa; escrevi-lhes até mesmo uma carta. Porém não me receberam, nem aceitaram a minha carta. Daqui resultou o corte de relações com os Epantchine, assim como todas as outras portas se fecharam para mim.

— Mas, desculpe, como explica isto? — perguntou bruscamente Nastásia. — Li, há cinco ou seis dias, essa mesma história no meu jornal habitual, o *Indépendance.* Exatamente a mesma história: passava-se numa das linhas de caminho de ferro das margens do Reno, entre um francês e uma inglesa; o mesmo cigarro tirado, o mesmo cão lançado pela janela fora, o mesmo resultado que na sua história!... Até mesmo o vestido azul-claro em que nos falou.

O general tornou-se vermelho. Kolia corou igualmente e escondeu a cabeça entre as mãos. Ptitsine voltou-se num gesto rápido. Apenas Ferdistchenko continuou a rir às gargalhadas. Quanto a Gabriel, que se mantivera calado durante esta cena, escusado será dizer que se sentiu, como se estivesse sobre brasas.

— Afirmo-lhe — balbuciou o general — que essa mesma história se passou comigo...

— É verdade — exclamou Kolia. — O meu pai teve uma questão com a senhora Smith, a governanta dos Bielokonski. Agora me lembro!

Nastásia teve a crueldade de insistir:

— Como! Uma aventura em tudo idêntica? Nas duas extremidades da Europa, a mesma história reproduziu-se com os mesmos detalhes, as mesmas particularidades, inclusivamente o vestido azul-claro... hei de mostrar-lhe o *Indépendance* belga.

— Note, contudo — esclareceu o general — que o facto se passou comigo dois anos antes...

— Sim, a única diferença está nisso! — disse Nastásia, rindo que nem uma tola.

— Meu pai, peço-lhe que venha comigo. Tenho duas palavras a dizer-lhe — disse Gabriel abatido e com uma voz trémula, enquanto

maquinalmente segurava o pai por um ombro. O seu olhar refletia um grande rancor.

Neste momento um forte toque de sineta retiniu no vestíbulo. Pouco mais seria preciso para lhe arrancar o cordão. Era o anúncio de uma visita pouco vulgar. Kolia correu a abrir a porta.

Capítulo 10

Num instante o vestíbulo encheu-se de uma multidão barulhenta. No salão tiveram a impressão que tinham entrado muitas pessoas e que outras lhe embargavam o passo. Vozes e gritos misturavam-se; ouvia-se vociferar até na escada, e a porta de entrada tinham-na deixado aberta. Ante esta estranha invasão todos se entreolharam. Gabriel lançou-se pela sala dentro, mas já ali se encontravam diversos personagens.

— Ah, cá está o Judas! — exclamou uma voz conhecida do príncipe. — Viva o canalha do Gabriel!

— É ele, de facto! — confirmou um outro.

O príncipe não teve mais dúvida alguma: a primeira voz era a de Rogojine e a segunda era a do Lebedev.

Gabriel ficou como que aparvalhado no limiar da sala; silenciosamente e sem tentar embargar a passagem, viu entrar, um após outro, dez ou doze indivíduos, atrás de Parfione Rogojine. Esta multidão tão desigual, não se distinguia apenas pela sua diversidade, mas também pela sua sem-cerimónia. Muitos deles não tinham tirado os sobretudos e as peliças. Se alguns não estavam completamente bêbados, tinham todos pelo menos o aspeto de bastante embriagados. Era de crer que tivessem tido necessidade de se sentirem fortes para entrar; sozinhos, nenhum deles teria tido coragem; juntos, incitaram-se de qualquer maneira uns aos outros. Era o Rogojine que vinha à frente do grupo, mas avançava com precaução. Tinha a sua ideia fixa e parecia contrariado, inquieto e irritado. Os outros eram apenas comparsas, ou melhor, era um bando levado para servir de guarda-costas. Além de Lebedev, reconhecia-se Zalinjev, todo frisado, que deixara a peliça no vestíbulo e se apresentava com uns ares de peralta astuto; junto dele, dois ou três personagens, apresentando-se da mesma forma, aparentavam ser filhos de negociantes. Um outro personagem envergava um fato de corte mais ou menos militar, e atrás deste vinham, um homenzinho obeso, que ria sem cessar, um colosso de um metro e noventa de altura e de uma corpulência pouco vulgar, que afetava um ar moroso e taciturno e parecia ter uma grande confiança no vigor dos seus

punhos, um estudante de medicina e um pequeno polaco de aspeto obsequioso. No patamar tinham ficado duas senhoras que, não ousando entrar, lançavam olhares furtivos para o vestíbulo. Kolia fechou-lhes a porta na cara e correu o ferrolho.

— Viva, seu vilão, seu Gabriel!... Hein, não esperavas ver chegar Parfione Rogojine? — repetiu este último, prostrando-se diante de Gabriel, à entrada do salão.

Porém neste momento avistou de súbito, mesmo na sua frente, Nastásia. Tornou-se evidente que nunca pensara encontrá-la naquele lugar, porque o vê-la, produziu-lhe uma impressão extraordinária; empalideceu tanto, que até os lábios se lhe tornaram lívidos.

— É então verdade! — articulou em voz baixa, como se falasse consigo mesmo, enquanto a sua fisionomia refletia um certo abatimento. — Acabou-se!... E então? Que me respondes agora? — bradou a Gabriel, rangendo os dentes e fixando nele todo um olhar inflamado de raiva. — Então?

Faltou-lhe o ar e não sabia como exprimir-se. Sem bem saber o que fazia, entrou no salão. Só depois de haver transposto o limiar, é que reconheceu Nina e Bárbara. Parou. A comoção deu lugar a uma forte confusão. Lebedev seguia-o como uma sombra: estava já bastante tomado pelo álcool. A seguir vinha o estudante, depois o gigante dos punhos temíveis, Zaliojev, cumprimentando à esquerda e à direita, e, a fechar o grupo, o pequeno homenzinho obeso. A presença das senhoras reteve-os ainda um pouco e notou-se o seu constrangimento; por outro lado sentiu-se que este constrangimento desaparecia, logo que o momento de *começar* chegasse... Ao primeiro sinal de *começarem,* a presença das senhoras não impediria o escândalo.

— Como? Também aqui estás, príncipe? — exclamou Rogojine com um ar perturbado, mas ainda assim admirado por o encontro. — E sempre com as tuas polainas, não? — suspirou ele. Depois, esquecendo o príncipe, lançou um olhar sobre Nastásia, para junto da qual avançou, como que sob a influência de um íman.

Esta observava, desde o primeiro momento, os recém-chegados com uma curiosidade um pouco inquietante.

Gabriel recuperou enfim o seu sangue-frio. Olhou severamente os intrusos e, dirigindo-se em especial a Rogojine, disse com uma voz forte:

— Mas, se me dão licença, que significa afinal tudo isto? Parece-me, cavalheiros, que não estão em nenhuma estrebaria!? Estão aqui, minha mãe e minha irmã...

— Já reparámos que a tua mãe e a tua irmã estão aqui — murmurou Rogojine entre dentes.

— Isso é escusado dizê-lo — secundou Lebedev para dizer qualquer coisa. O homem dos pulsos de Hércules, supondo com certeza que o seu momento era chegado, começou a grunhir.

— Mas que vem a ser isto! — gritou Gabriel num tom de voz mais forte. — Peço-lhes, por agora, o favor de passarem à outra sala. Uma vez aí, gostarei de saber...

— Estais vendo, não me reconhece! — chacoteou Rogojine sem se mexer. — Então já não conheces o Rogojine?

— Creio tê-lo encontrado em algures, mas...

— Estais a ouvir? Encontrou-me em algures! Não há ainda três meses que perdi, jogando contigo, duzentos *rublos* que eram do meu pai. O velho morreu sem o saber... Tu, arrastaste-me ao jogo e Kniffe trocou as cartas. Já não te lembras? A coisa passou-se diante de Ptitsine. Basta que tire do bolso três *rublos* e tos mostre; para os possuíres és capaz de te arrastares, com as mãos e os pés pelo chão, ou melhor, a quatro patas, até Vassilievski. Eis o homem que tu és! Nesta altura venho comprar-te todo inteiro, em troca de dinheiro que te contarei. Não repares nas minhas botas de camponês. Tenho dinheiro, meu amigo, tenho muito, muito dinheiro, que chega para te comprar inteirinho, a ti e à tua quadrilha. Se eu quiser compro-vos a todos. Todos! — repetiu, encolerizando-se, como se o entusiasmo se apossasse cada vez mais dele. — Vamos, Nastásia — gritou ele — não me afastes de ti! Diz-me apenas uma palavra: casas com ele ou não?

Rogojine fez esta pergunta no tom de voz de um homem que, em desespero de causa, se dirige a uma divindade, mas enchendo-se também da ousadia do condenado à morte, que já nada tem a esperar. Aguardou a resposta numa angústia mortal. Nastásia mediu-o com um olhar irónico e orgulhoso. Porém, olhando Bárbara, Nina e depois Gabriel, mudou de atitude.

— Por maneira nenhuma. Mas que tem o senhor com isso? Que ideia foi essa de me fazer tal pergunta? — respondeu ela com uma voz calma e grave, onde perpassara um tanto de assombro.

— Não? Não?! — exclamou Rogojine num transporte de alegria. — Então não é? Disseram-me que... Ah, ouça... Nastásia! Dizem que está noiva do Gabriel. Eu repliquei-lhes: «Do Gabriel? Será possível? Com cem *rublos* compro-o eu, todo inteiro. E dando-lhe mil *rublos,* o máximo três mil, para que renuncie a este casamento, eclipsar-se-á na véspera do dia do noivado e entregar-me-á a noiva.» Não é verdade, meu grande imbecil? Não é verdade que aceitarás os três mil *rublos?* Pega, aqui os tens! Vim para te fazer assinar a tua desistência. Disse que te compraria e compro-te.

— Sai já daqui, meu bêbado! — exclamou Gabriel, que corava e empalidecia alternadamente.

Este insulto levantou uma brusca explosão de vozes. Havia já minutos que o bando de Rogojine aguardava a primeira palavra de provocação. Lebedev segredou com extrema animação qualquer coisa ao ouvido de Rogojine.

— Tens razão! — respondeu este. — Tens razão, meu alma danada! Muito bem!... Seja, Nastásia Filipovna! — gritou ele, fixando nela um olhar feroz, enquanto a sua timidez dava lugar à insolência. — Aqui tens dezoito mil *rublos*.

E atirou sobre a mesa, diante dela, um maço de notas embrulhadas num papel branco.

— Aí tens — acrescentou ele. — E... ainda há mais!

Não ousou acabar o que queria dizer.

— Não! Não faças nada ainda! — segredou-lhe Lebedev, cujo rosto exprimia consternação; era fácil adivinhar que uma tão grande soma o horrorizava e que a sua ideia era propor uma oferta menor. — Não, meu amigo, nestas questões és um imbecil! Não vês que é uma loucura... Por agora é evidente que somos dois tolos — acrescentou, estremecendo bruscamente, sob um olhar inflamado de Nastásia. Depois prosseguiu, num tom de profundo arrependimento: — Ah, fiz asneira em te escutar!

Vendo o aspeto desconsolado de Rogojine, Nastásia começou a rir.

— Dezoito mil *rublos* para mim? Como o tirano se revela nesta oferta!... — disse ela de súbito, num tom de desenvolta familiaridade, ao mesmo tempo que se levantava do divã, como para se ir embora. Gabriel observava esta cena com o coração gelado.

— Bem, então ofereço quarenta mil. Quarenta em vez de dezoito! — exclamou Rogojine. — Ivan Ptitsine e Biskoup prometeram mandar-me

quarenta mil *rublos* às sete horas. Quarenta mil, dinheiro à vista!

Apesar de a cena estar tomando um aspeto francamente ignóbil, Nastásia parecia estar satisfeita e não se decidia a partir, como se tivesse resolvido prolongá-la o mais possível. Nina e Bárbara tinham-se também levantado; amedrontadas e caladas aguardavam o desfecho. Os olhos de Bárbara pareciam chamejar. Nina porém sentia-se deveras apoquentada: tremia e parecia estar prestes a desfalecer.

— Se o caso é esse, vou até cem mil. Hoje mesmo os ponho à tua disposição. Ptitsine ajuda-me a reuni-los, que eu saberei recompensar-te.

— Perdeste a cabeça? — murmurou Ptitsine aproximando-se dele e agarrando-o por um braço. — Estás bêbado? Se assim continuas, mandam chamar a polícia. Onde julgas que estás?

— Fanfarronadas de um bêbado — disse Nastásia, como que a provocá-lo.

— Não, não estou bêbado. O dinheiro ser-te-á entregue esta tarde. Ptitsine, alma de usurário, procede como quiseres, mas tens que me trazer os cem mil *rublos* esta tarde, aqui. Provar-te-ei que não terás que te arrepender — gritou Rogojine numa brusca exaltação.

— Mas que significa atinai tudo isto! — exclamou Ardalion num tom ameaçador e colérico, e dando alguns passos para Rogojine.

Esta pergunta do velho, que até aí permanecera calado, lançou, por seu turno, uma nota de comicidade no ambiente. Ouviram-se risos.

— Donde saiu ainda este? — chasqueou Rogojine. — Vem connosco, meu velho! Dar-te-emos de beber até ficares satisfeito!

— Isto é desprezível! — exclamou Kolia, chorando de vergonha e indignação.

— Será possível que entre nós não haja ninguém capaz de pôr na rua esta desavergonhada?! — gritou de repente Bárbara, tremendo de cólera.

— É comigo esse *desavergonhada*? — ripostou Nastásia com um riso provocador. — E eu que, como uma doida, vinha convidá-los para a minha festa... Olhe como a sua irmã me trata, Gabriel.

Este ficou um instante como que atónito ao ouvir o insulto da irmã. Contudo, quando viu que na verdade Nastásia se retirava, correu como um louco sobre Bárbara e, num acesso de raiva, agarrou-a com violência por uma das mãos.

— Que fizeste? — gritou ele, olhando-a como se quisesse fulminá-la. Estava positivamente desvairado e incapaz de refletir.

— O que fiz? E tu para onde me arrastas? Querias talvez, homem vil, que lhe fosse pedir perdão porque insultou a tua mãe e porque veio desonrar a nossa casa? — objetou Bárbara, fixando o irmão com um olhar de triunfo e desafio.

Por momentos permaneceram frente a frente. Gabriel continuava a apertar a mão da irmã. Por duas vezes Bárbara tentou libertar-se, mas embora tivesse empregado todas as suas forças, nada conseguiu. Cedendo então a um acesso de brusco desespero, cuspiu no rosto do irmão.

— Aqui está uma moça que não tem medo — exclamou Nastásia. — Bravo, Ptitsine! Apresento-lhe os meus cumprimentos.

Gabriel sentiu que uma nuvem lhe toldava a vista; esquecendo-se por completo dos seus deveres, ergueu a mão para a irmã. Visava-lhe o rosto. Uma outra mão porém a segurou, antes de chegar ao fim. O príncipe interpusera-se.

— Então! Basta de insultos! — disse ele com voz firme, se bem que uma violenta comoção o fizesse tremer dos pés à cabeça.

— O quê!... Será castigo meu o ter de encontrar sempre este homem no meu caminho! — bradou desesperado Gabriel no cúmulo do furor. Imediatamente largou a mão de Bárbara e com o braço livre vibrou uma violenta bofetada no rosto do príncipe.

— Ah, meu Deus! — gritou Kolia, batendo as mãos.

De todos os lados ecoaram exclamações. O príncipe empalideceu. Olhou Gabriel bem de frente, com uma estranha expressão de censura; os lábios tremiam-lhe e esforçava-se por articular uma palavra; crispava-os um sorriso singular e insólito.

— Por mim, pouco importa! Agora a ela não consentirei que lhe toque — disse por fim a meia-voz.

Em seguida, não podendo mais conter-se, afastou-se bruscamente de Gabriel, escondendo o rosto entre as mãos e retirando-se para um canto do salão. Com o rosto voltado para a parede, acrescentou numa voz entrecortada:

— Oh, como deve sentir vergonha do que fez!

Com efeito, Gabriel parecia aniquilado. Kolia correu para o príncipe e abraçou-o; depois Rogojine, Bárbara, Ptitsine, Nina, todos, até mesmo o velho Ardalion, rodearam o príncipe.

— Isto não é nada, não é nada! — respondia ele a todas as palavras de simpatia que lhe dirigiam, mas mantendo nos lábios o mesmo sorriso

estranho.

— Ele há de arrepender-se! — exclamou Rogojine. — Hás de envergonhar-te, Gabriel, de teres insultado uma tal... ovelha — não foi capaz de encontrar outra palavra. — Príncipe, meu senhor, mande passear esta gente e vamo-nos! Ides ver como Rogojine sabe amar!

Nastásia ficara também muito impressionada com o gesto de Gabriel e a resposta do príncipe. O rosto, habitualmente pálido e pensativo, e que tão mal se harmonizava com o riso contrafeito que afetara durante toda esta cena, parecia animado de um novo sentimento. Sentia muitas vezes melindres em o revelar e não conseguira fazer desaparecer do seu semblante a expressão irónica que há minutos refletia.

— De facto, já vi a sua fisionomia em qualquer parte — articulou num tom sério, recordando a pergunta que a si própria já fizera.

— E a senhora não tem vergonha da sua conduta? É então tal como acaba de se revelar? Será possível? — exclamou o príncipe, todo vermelho, num tom vivo, mas de afetuosa censura.

Nastásia ficou surpreendida. Sorriu, com um sorriso que procurava dissimular uma certa atrapalhação; depois, após ter fitado o rosto de Gabriel, saiu do salão. Não tinha chegado ainda ao vestíbulo, quando de repente se voltou e aproximando-se da Nina, pegou-lhe nas mãos e levou-as aos lábios.

— É verdade. Não sou, de facto, tal como me apresentei — murmurou ela, rápida, enquanto um forte calor lhe coloriu as faces, vivamente.

Dito isto, deu meia volta e saiu tão precipitadamente que ninguém compreendeu a razão por que voltara atrás. Notaram apenas que ela murmurou qualquer coisa ao ouvido da Nina e pareceu-lhes ter visto beijar-lhe a mão. Bárbara, no entanto, tudo viu, tudo observou e o seu olhar acompanhou-a cheio de admiração.

Gabriel, tendo voltado a si, correu para a ir acompanhar, mas Nastásia havia já saído. Alcançou-a apenas nas escadas.

— Não me acompanhe! — gritou-lhe ela. — Adeus, até logo. Espero que não falte, não é assim?

Voltou à sala confuso e preocupado. Um penoso enigma, mais penoso que os anteriores, oprimia-lhe a alma. A imagem do príncipe passava-lhe igualmente pelo espírito... Estava tão absorvido nas suas reflexões, que mal viu sair o bando do Rogojine. Seguiram em balbúrdia atrás dele e passaram tão perto de Gabriel, que estiveram prestes a empurrá-lo de

encontro à porta. Todos discutiam ruidosamente qualquer coisa. Rogojine seguia ao lado do Ptitsine e falava com tal insistência de um assunto qualquer, que devia ser urgente e de gravidade.

— Perdeste desta vez, Gabriel — gritou, ao passar ao lado dele.

Gabriel seguiu-os com um olhar inquieto.

Capítulo 11

O príncipe saiu do salão e fechou-se no seu quarto. Kolia acorreu rápido para o confortar. O pobre rapaz parecia não mais poder separar-se dele.

— Fez bem em ter vindo — disse ele — porque a discussão vai recomeçar entre eles e agora ainda mais acesa. Todos os dias na nossa casa sucede isto e é sempre esta Nastásia a causa.

— Há na sua casa, Kolia, muitos sofrimentos acumulados — observou o príncipe.

— Sim, muitos. Pelo que nos diz respeito, nada há a dizer; nós é que somos os culpados. Porém tenho um grande amigo que é ainda mais infeliz. Quer que lho apresente?

— Da melhor vontade. É um dos seus companheiros?

— Sim, mais ou menos... hei de explicar-lhe tudo isso mais tarde... A Nastásia é uma beldade... Em que está a pensar? Nunca a tinha visto até hoje, e no entanto tinha grande interesse em a conhecer. É simplesmente fascinante. Perdoaria tudo ao Gabriel se a desposasse por amor; mas no fim de contas ele vende-se, simplesmente! Por que fará ele isso? O mal só está nesse ponto!...

— O seu irmão não me agrada nada.

— Eu acredito... Depois do que se passou... Quer que lhe diga? Há uma espécie de preconceitos que não posso tolerar. Basta que um doido, um imbecil ou mesmo um malfeitor, fora de si, dê uma bofetada num homem, logo este fica desonrado para toda a vida e não mais pode lavar essa ofensa, que não seja com sangue, a menos que lhe peça perdão de joelhos!... Em meu entender é um absurdo e um despotismo. É o tema de um drama de Lermontov, o *Baile de máscaras,* drama que me parece estúpido, ou mais propriamente, não é natural, não é humano. É verdade que é uma obra dos seus tempos da juventude.

— A sua irmã agradou-me muito.

— Como ela cuspiu na cara do Gabriel! A Bárbara é uma moça destemida. Se o senhor não a imitou, estou convencido que não foi por

falta de audácia. Mas ela aí está: falai no mau... Sabia bem que ela havia de vir; tem um coração nobre, se bem que, como todos nós, tem também os seus defeitos.

— Não tens nada que fazer aqui — começou por dizer Bárbara. — Vai procurar o pai. Aborrece-o, príncipe?

— De maneira nenhuma, pelo contrário.

— Então para que se exalta a senhora minha irmã! É o seu lado mau. A propósito, suponho que o pai foi com o Rogojine. É provável que se tivesse arrependido a tempo. Pelo sim, pelo não, vou ver o que se passou com ele — acrescentou Kolia, dirigindo-se para a porta.

— Graças a Deus consegui levar a minha mãe e deitá-la. Depois não houve mais nenhuma novidade. O Gabriel está envergonhado e muito pesaroso. E tem razão. Que lição! Vim aqui para lhe agradecer mais uma vez ainda, príncipe, e perguntar-lhe se já conhecia a Nastásia antes do encontro de hoje.

— Não, não conhecia.

— Então como pôde dizer que ela não era realmente o que parecia? Porque afinal parece que adivinhou. É possível, de facto, que não seja o que parece! Porque, quanto ao mais, não chego a compreendê-la. O que é certo é que a sua intenção era ofender-nos. Nada mais claro. Já há tempos que eu ouvia contar coisas estranhas a seu respeito. Todavia, se vinha convidar-nos, que razão a teria levado a comportar-se daquela forma para com a minha mãe? Ptitsine, que a conhece muitíssimo bem, afirma que não compreendeu nada da sua conduta. E a sua atitude em relação a Rogojine? Quando respeitamos as pessoas, não nos é permitida uma tal linguagem e em casa do nosso... A minha mãe está também muito inquieta a seu respeito.

— Isto não é nada — respondeu o príncipe com um gesto evasivo.

— E como é que se mostrou tão dócil para com o senhor

— Dócil em quê?

— O senhor disse-lhe que a sua atitude estava a ser vergonhosa, e logo ela mudou. Tem qualquer ascendente sobre ela, príncipe — acrescentou Bárbara com um sorriso discreto.

Abriram a porta e com grande surpresa dos dois apareceu Gabriel.

Ao ver a irmã não se desconsertou. Após uma curta paragem no limiar da porta, avançou, resoluto, para o príncipe.

— Príncipe — disse com vivacidade e sob o domínio de uma forte comoção — agi cobardemente. Desculpe-me, meu caro amigo.

A sua fisionomia exprimia uma profunda mágoa. O príncipe olhou-o surpreendido e não respondeu.

— Então, perdoe-me... perdoe-me! — implorou Gabriel num tom impaciente. — Se assim o quiser, beijo-lhe as mãos.

O príncipe sentiu-se comovido. Sem proferir uma única palavra abriu-lhe apenas os braços. Abraçaram-se então sinceramente.

— Nunca supus que tivesse este digno procedimento — disse por fim o príncipe, respirando a custo.

— Supunha-me incapaz de reconhecer os meus erros? Como é que me convenci há pouco que a senhor era um idiota... O senhor observa coisas que os outros nunca notaram. Poder-se-ia conversar consigo... mas é preferível abstermo-nos disso.

— Há ainda uma outra pessoa ante a qual deve apresentar a sua *mea culpa* — disse o príncipe, indicando Bárbara.

— Não, porque ela é o meu inimigo de todos os momentos. Pode estar certo, príncipe, que já fiz muitas vezes essa experiência; ela não é capaz de perdoar com sinceridade! — exclamou num ímpeto Gabriel, afastando-se da irmã.

— Pois bem, desta vez perdoo-te! — disse bruscamente Bárbara.

— E irás esta noite a casa da Nastásia?

— Se exiges, vou. Porém sê tu próprio a julgar-me: terei agora o direito de lá ir?

— Ela não é o que julgamos. Reparaste nos enigmas que ela apresentou?!... É uma mulher que se deleita com estranhas brincadeiras — disse Gabriel, zombeteiro.

— Sei bem que não é o que parece. Sei também que recorre a estranhas brincadeiras; mas quais'? E depois, Gabriel, viste por quem ela me tomou. É verdade que beijou a mão da nossa mãe. Foi uma brincadeira, se assim quiseres; mas com isso zombou de ti!... Acredita, meu irmão, setenta e cinco mil *rublos* não pagam estas humilhações. Falo-te assim, porque sei que és ainda acessível aos bons sentimentos. Vamos, não vás mais a casa dela! Toma cautela! Isso só pode prejudicar-te.

Acabando de proferir estas palavras, ficou muito comovida e saiu rapidamente do quarto.

— Aqui está como são todos! — disse Gabriel num tom de ironia. — Pensa que não sei tudo isso? Sei-o muito melhor do que eles todos.

E sentou-se na intenção evidente de prolongar a visita.

— Se é tão perspicaz — perguntou o príncipe com uma certa timidez — como pode suportar semelhantes tormentos, sabendo que de facto setenta e cinco mil *rublos* não chegam para o indemnizar?

— Não é disso que falo — balbuciou Gabriel. — Mas, já agora, diga-me o que pensa. Tenho curiosidade de saber a sua opinião. Setenta e cinco mil *rublos* valem ou não que se suportem estes «tormentos»?

— Em minha opinião não valem.

— Muito bem! Isso já eu sabia. Mas será vergonhoso casar nessas condições?

— Vergonhosíssimo.

— Está bem!... No entanto fique sabendo que casarei assim e que isto é já coisa decidida. Há pouco tive um momento de hesitação, mas passou... É inútil falar. Sei o que vai dizer...

— Não, não vou dizer o que supõe. Todavia o que me admira é a sua extraordinária presunção.

— Em quê? Onde vê presunção?

— A presunção que mostra, supondo que a Nastásia não hesitará em o desposar e em considerar a coisa já como realizada. Por outro lado, mesmo que ela case consigo, como poderá ter a certeza que os setenta e cinco mil *rublos* sejam seus? É verdade que neste assunto há muitos detalhes que ignoro.

Gabriel fez um brusco movimento na direção do príncipe.

— Com certeza não sabe tudo — disse ele. — Se houvesse apenas isso, como suportaria eu o fardo?

— Parece-me que estas coisas ocorrem muitas vezes assim: casa-se por dinheiro e no fim o dinheiro fica nas mãos da mulher.

— Ah, não! O meu caso não será assim! Há nele certas circunstâncias — murmurou Gabriel com um ar absorto e inquieto. — Porém quanto à sua resposta, não tenho dúvida alguma — apressou-se a acrescentar. — De onde conclui que ela me recusará a sua mão?

— Não sei absolutamente nada, senão o que vi. Além disso Bárbara acaba de dizer...

— Ora, ora! As mulheres são assim; só sabem apenas contar. No que diz respeito a Rogojine, Nastásia zombou dele, pode estar certo, e eu

percebi-o bem. Era evidente. Comecei por ter algumas apreensões, mas agora vejo bem o que há. Talvez me queira objetar com a atitude da Nastásia para com minha mãe, o meu pai ou Bárbara?

— E consigo mesmo.

— É possível; porém trata-se de um velho rancor de mulher, e nada mais. Nastásia é deveras irritável, desconfiada e egoísta. Possui a alma de um funcionário a quem não é concedido o direito de promoção. Tinha desejos de se mostrar e manifestar em público todo o seu desprezo pelos meus... e por mim; é verdade, não o nego! Apesar disso, porém, casará comigo. Não faz ideia das fantasias de que o amor próprio humano é capaz. Assim, essa mulher, tem-me por um ser desprezível, porque, sabendo que ela é amante de um outro, não faço mistério de que caso com ela pelo seu dinheiro. E ela por sua vez não duvida que há um outro que vai agir com mais baixeza ainda: há de agarrar-se a ela, dir-lhe-á bonitas frases sobre o progresso e a emancipação e servir-se-á da questão feminina para tentar levá-la pela beiça. Fará crer (e com que facilidade!) a essa vaidosa pecadora que a desposa apenas pela sua «nobreza de coração» e pelo seu «infortúnio», embora na realidade não veja outra coisa que não seja o seu dinheiro. Se lhe desagrado é porque me recuso a fingimentos, a afetações; para ela é o que é preciso!... Porém que pensa ela do outro? Se se presta a essa comédia, porque me despreza? Será porque não me submeto e continuo orgulhoso? Pois bem, havemos de ver.

— Não a teria amado antes disto?

— Sim, no princípio. E amei-a bastante... Há mulheres que só podem ser amantes. Não quero com isto dizer que ela tivesse sido a minha. Se quer viver em paz, viverei em paz; se se revolta, abandoná-la-ei imediatamente e deitarei mão do dinheiro. Não pretendo ser ridículo; é a primeira das minhas preocupações.

— No entanto parece-me que a Nastásia é inteligente — observou prudentemente o príncipe. — Por que razão, pressentindo essas misérias, cairá ela na armadilha? Podia muito bem fazer outro casamento. É isto que me admira.

— É que, pela parte dela, há também um cálculo. O príncipe não sabe tudo... Aqui... Ou por outra, está convencida que a amo doidamente, juro-lhe. E quer saber? Acredito na verdade que ela me ame, à sua maneira, naturalmente; conhece o provérbio «quem bem ama, bem castiga?» Toda a sua vida me olhará como um déspota (e é talvez disso que ela precisa) mas

não deixará de me amar à sua maneira. Está disposta a isto, porque é assim o seu caráter. É uma mulher russa em toda a aceção da palavra, afirmo-lhe; porém reservo-lhe uma surpresa. A cena que se passou há pouco com a Bárbara, ainda que inesperada, não o foi em vão para mim: a Nastásia está convencida da minha afeição e notou há momentos que, por ela, era capaz de romper com todos os meus laços de família. Não sou tão tolo como posso parecer, creia. E a propósito, não acha que me estou tornando um grande linguarudo? Meu caro príncipe, não tenho de facto razões para tanto desabafar consigo. Todavia, se me agarrei a si, foi precisamente porque o senhor foi o primeiro homem com coração que encontrei. Quando digo que me agarrei a si, não queira ver nesta expressão um duplo sentido. Não me julga pela cena de há pouco, não é verdade? É talvez a primeira vez, desde há dois anos, que falo de coração nas mãos. Deve encontrar aqui pessoas muitíssimo desonestas; não há ninguém mais honesto que o Ptitsine... Parece-me que se está a rir ou estarei eu enganado? As pessoas vis gostam das pessoas honestas, não sabia? E eu, eu sou... Mas antes de tudo, porque sou eu um homem vil, diga-mo com franqueza? Porque, a principiar na Nastásia, todos me tratam assim? Creia que, à força de os ouvir a eles e de a ouvir a ela, acabei por me qualificar dessa mesma maneira. É nesse ponto onde está a minha baixeza!

— Por mim não o considerarei mais como um homem vil — disse o príncipe. — Há pouco tomei-o na verdade por um celerado, mas logo a seguir causou-me uma intensa alegria; eis uma boa lição, que prova não se devem julgar as pessoas, sem ter visto provas. Agora constato que não só não é um celerado, como também não o podemos considerar como um homem depravado. A meu ver, é um homem de tipo normal, com um caráter bastante fraco e desprovido de toda a originalidade.

Gabriel teve um sorriso estranho, mas nada respondeu. O príncipe, compreendendo que a sua opinião não lhe agradava, sentiu-se perturbado e ficou igualmente calado.

— Meu pai pediu-lhe dinheiro? — perguntou, muito corado, Gabriel.

— Não.

— Com certeza deve pedir-lho; não lho dê. Quando penso que já foi um homem às direitas! Ainda me lembro desse tempo. Era recebido então na melhor sociedade. Como é rápido o declínio destes velhos mundanos! Logo que um revés da fortuna os atinge e já não têm os meios de outros tempos, consomem-se como a pólvora. Afianço-lhe que não mentia assim

antigamente; teve sempre, sem dúvida, uma certa tendência para a ênfase. E eis ao que se transformou essa tendência! É evidente que a causa é o vinho. Sabe que ele tem uma amante? Tornam-se desnecessárias as mentiras inocentes. Não posso compreender a paciência da minha mãe. Contou-lhe o bloqueio de Kars? Narrou-lhe a história de um cavalo cinzento que tinha e que começou a falar? Porque, acredite, perde-se a declamar tais mentiras.

E Gabriel começou bruscamente a rir.

— Que tem, para me olhar assim? — perguntou ele de repente ao príncipe.

— Surpreende-me o vê-lo rir com tanta indiferença. Francamente, tem ainda um riso de criança. Há pouco, ao vê-lo reconciliar-se comigo, ouvi-lhe dizer: «Se quiser, beijar-lhe-ei as mãos», tal como uma criança que pede perdão. Pareceu-me então que deve ser ainda capaz de falar e agir com a sinceridade de uma criança. Mas, por outro lado, envolve-se sem receio nesta tenebrosa história dos setenta e cinco mil *rublos.* Na verdade tudo isto leva aos confins do absurdo, à inverosimilhança.

— A que conclusão quer chegar?

— A esta: ilude-se com facilidade e faria melhor tornando-se mais circunspecto. Bárbara tem talvez razão quando o repreende.

— Ah, sim! A moralista... Sei muito bem que soa ainda um rapaz — retorquiu Gabriel com arrebatamento — e a prova é que tenho consigo estas conversas. Mas, príncipe, não é nunca por cálculo que me embrenho nestes assuntos — continuou ele, num tom de homem ferido na seu amor próprio. — Se agisse por cálculo, com certeza me enganava, porque sou ainda muito fraco de cabeça e de caráter. É a paixão que me arrasta e arrasta-me para um fim, que para mim é capital. Imagina que se estivesse na posse dos setenta e cinco mil *rublos,* que passaria a andar de carruagem? Ah, não! Acabaria de usar a velha sobrecasaca que uso há três anos e poria termo a todas as minhas relações de passatempo. No nosso país, se bem que toda a gente tenha uma alma de usurário, ainda se pode seguir um caminho direito, sem deslizes. Eu não me desviarei. O essencial é segui-lo até ao fim. Aos dezassete anos Ptitsine dormia à luz das estrelas e vendia canivetes; começou a vida com um *kopek.* Agora possui setenta mil *rublos;* mas porque preço e que ginástica precisou fazer! É precisamente para me poupar a essa ginástica que quero começar a vida com um certo capital, Dentro de quinze anos dir-se-á: «Ali está Ivolguine,

o rei dos judeus». Disse há pouco que sou um homem sem originalidade. Note, meu caro príncipe, que para as pessoas do nosso tempo e da nossa raça não há nada que mais o ofenda, do que ouvir dizer que se tem falta de originalidade, que se é um facto de caráter, que se tem falta de talento especial, que se é uma pessoa vulgar. O senhor nem sequer me deu a honra de me alinhar ao lado dos requintados ociosos, e repare que foi por isso que há pouco estive tentado a devorá-lo. Ofendeu-me mais cruelmente do que o Epantchine, quando me julgou capaz de lhe vendera minha mulher (suposição imbecil, visto que esta conjetura nunca foi assunto tratado entre nós). Meu caro, isto exaspera-me há muito tempo e é para isso que preciso de dinheiro. Quando o tiver, fique sabendo que serei um homem o mais original possível. O que existe de mais vil e odioso no dinheiro é que ele concede o próprio talento. há de ser assim até à consumição dos séculos. Dir-me-á que tudo isto é uma infantilidade, ou talvez poesia. Seja!... Isso não será muito alegre para mim, mas tomá-lo-ei como bom, Irei até ao fim. *Rira bien qui rira le dernier*. Porque há de o Epantchine ofender-me assim? É por animosidade? De maneira alguma! É muito simplesmente porque nada valho na sociedade. Mas quando me tornar alguém... Entretanto não passemos daqui. Está na hora!... Kolia já por duas vezes espreitou à porta; é para o chamar para o jantar. Eu vou-me. Virei vê-lo de tempos a tempos. Não ficará mal na nossa casa; agora até tratá-lo-emos como um membro da nossa família. Mas tome cautela em não me trair. Tenho a impressão que havemos de ser, o senhor e eu, amigos e inimigos ao mesmo tempo. Diga-me, príncipe: se lhe tivesse beijado as mãos, como sinceramente tive a intenção de fazer, não acha que em seguida me tornaria seu inimigo?

— Sem dúvida alguma; porém nunca para sempre, porque não teria a força bastante para preservar, dado que me tinha perdoado — disse o príncipe rindo e após um momento de reflexão.

— Ah, ah! Consigo é preciso ter toda a cautela. Há na sua própria reflexão uma ponta de veneno. Quem sabe? O senhor talvez seja meu inimigo, não? A propósito... ah, ah! Esquecia-me de lhe fazer uma pergunta: ter-me-ia enganado, notando que a Nastásia lhe agrada bastante?

— Sim, agrada-me.

— Está apaixonado por ela?

— Eu... não.

— Contudo o senhor corou e mostrou um ar de infeliz. Está bem, não o importunarei mais. Até à vista! Fique sabendo no entanto que essa mulher é séria. Acredita nisto? Supõe que ela vive com Totski? De maneira nenhuma! Há muito tempo que as suas relações terminaram. E reparou como ela está às vezes pouco à vontade? Ainda há pouco teve, momentos em que se sentia perturbada. É a verdade. E este o género de mulheres que gostam de dominar, Bem, adeus!

Gabriel, que estava já de bom humor, saiu com bastante mais segurança do que aquela com que entrara. O príncipe ficou imóvel, pensando durante uma dezena de minutos.

Kolia meteu de novo a cabeça pela porta entreaberta.

— Hoje não janto, Kolia. Almocei bastante e muito tarde em casa dos Epantchine.

Kolia decidiu-se a entrar e entregou ao príncipe um envelope. Era uma carta lacrada do general. Podia notar-se no rosto do rapaz, que era com uma certa aversão que se desempenhava desta missão.

O príncipe leu a carta, levantou-se e pegou ao chapéu.

— É a dois passos daqui — disse Kolia confuso. — Está sentado lá em baixo, tendo na mão uma garrafa. Não compreendo como conseguiu obter a bebida a crédito Príncipe, seja gentil e não diga cá em casa que lhe dei essa carta! Jurei já umas poucas de vezes que nunca mais me encarregaria destas missões, mas não tive coragem para lhe dizer que não. Por outro lado peço-lhe que não se zangue com ele; dê-lhe alguns centavos e que fique tudo por aí.

— Já tinha tenções de ver o seu pai, Kolia. Preciso mesmo falar-lhe... numa certa questão... Vamos!

Capítulo 12

Kolia conduziu o príncipe até às proximidades do *Perspetiva Liteinaia,* um café, no rés do chão do qual se havia instalado Ardalion. Estava sentado num pequeno canto, à direita, e na forma do costume tinha na sua frente uma garrafa e o *Indépendance* belga nas mãos. Esperava o príncipe; logo que o avistou, pousou o jornal e entrou em animadas e verbosas explicações, das quais o príncipe quase nada compreendeu, pois o general estava já um pouco bêbado.

— Não tenho os dez *rublos* que me pede — interrompeu o príncipe — mas tenho aqui uma nota de vinte e cinco; troque-a e dê-me quinze, pois de outra maneira ficarei sem um único *kopek.*

— Oh, não duvido e pode estar certo que lhos dou já...

— Outra coisa: tenho um pedido a fazer-lhe, general. Nunca foi a casa da Nastásia?

— Eu? Se fui a casa dela? Pergunta-me isso a mim? Sim, já lá fui várias vezes, meu caro! — exclamou o general, num acesso de fatuidade e de ironia triunfante. — Deixei de a ver logo que pensei que não devia encorajar uma aliança inconveniente. O senhor mesmo verificou, o senhor foi testemunha do que se passou há pouco; fiz tudo quanto um pai pode fazer, entenda-se, um pai terno e indulgente. Agora ver-se-á entrar em cena um pai totalmente diferente. Veremos se um velho militar, cheio de méritos, triunfa da intriga, ou se uma camélia desavergonhada entra no seio de uma nobre família.

— Queria justamente perguntar-lhe se, como conhecido seu, me poderia levar esta noite a casa da Nastásia. Preciso em absoluto ir lá esta noite; tenho um assunto grave a expor-lhe, mas não sei como me introduzir em sua casa. Há pouco fui-lhe apresentado, porém não fui convidado, e trata-se de uma reunião por convites. Estou no entanto disposto a saltar sobre todas as questões de etiqueta e a arriscar-me ao ridículo, logo que entre, de uma maneira ou de outra.

— O senhor vem mesmo a propósito, meu bom amigo! — exclamou o general encantado. — Não foi para esta bagatela que lhe pedi que aqui

viesse — continuou ele, metendo o dinheiro no bolso. — Se lhe pedi para vir, foi para fazer de si o meu companheiro de armas, numa expedição a casa ou talvez até contra a Nastásia. O general Ivolguine e o príncipe Míchkin! Que efeito vai produzir nela esta aliança! Mostrar-lhe-ei, soba aparência de uma visita de cortesia, devido ao seu aniversário, a minha vontade, ainda que não diretamente, mas sim de uma forma oblíqua, que vem a dar o mesmo. Nessa altura o Gabriel deverá ver o que tem a fazer: escolherá entre um pai cheio de méritos e... por assim dizer... Suceda o que suceder... A sua ideia é muitíssimo interessante. Iremos às nove horas. Ainda temos muito tempo diante de nós!

— Onde mora ela?

— Longe daqui e perto do Grande Teatro, na casa Muitovtsov, quase sobre a praça, no primeiro andar... Não deve estar muita gente, qualquer que seja a festa, e devemos ir em boa hora.

A noite caíra havia muito e o príncipe continuou sempre a ouvir o general contar um grande número de anedotas, que começava, mas nunca terminava. À chegada do príncipe pedira uma nova garrafa, que levara uma hora a beber; pediu depois uma terceira, que igualmente acabou. É provável que tivesse tido tempo para contar a história de quase toda a sua vida. Por fim o príncipe levantou-se e disse que não podia esperar mais tempo. O general bebeu as últimas gotas da garrafa e levantou-se também. Saiu em seguida do aposento, cambaleando. O príncipe estava desesperado. Não podia compreender como tão estupidamente havia confiado. No fundo não tinha nunca, na verdade, confiado no general; contara com ele apenas para conseguir entrar em casa de Nastásia, mesmo que tivesse de provocar algum escândalo; não contara nunca, em todo o caso, que o escândalo fosse grande. Ora o general estava completamente embriagado; falava sem descanso, com uma grande eloquência comovedora e com lágrimas que enterneciam os que o ouviam. Terminava sempre por cair na conduta dos membros da família, que tanto estimava, e que parecia chegada ao momento de ter um termo. E assim se aproximaram do fim da Liteinaia. O degelo continuava; um vento triste, tépido e doentio, soprava pelas ruas; os carros de cavalos patinhavam na lama; as ferraduras dos cavalos ressoavam ruidosamente nos pavimentos. A multidão taciturna e transida dos peões deambulava pelos passeios. Aqui e ali encontravam-se alguns bêbados.

— Vê, nos primeiros andares destas casas, umas janelas muito iluminadas? — disse o general. — Vivem nelas os meus camaradas; e eu, cujos serviços e trabalhos passados me elevam muito acima deles, vou a pé até ao Grande Teatro, fazer uma visita a uma mulher de vida suspeita! Um homem que tem treze balas no peito. Não acredita? E contudo foi expressamente por minha causa que Pirogov telegrafou para Paris e deixou por um momento Sebastopol em pleno cerco; durante esse tempo, Nélaton, o médico da corte francesa, obtinha, à força de muitas instâncias e no interesse da ciência, um salvo conduto para vir à cidade cercada examinar os meus ferimentos. Este acontecimento é conhecido das mais altas autoridades. Quando me viu, exclamou: «Ah, é este o Ivolguine, que tem treze balas no corpo. Vê esta casa, príncipe? É lá que vive, no primeiro andar, o meu velho companheiro, o general Sokolovitch, com a sua muito nobre e numerosa família. E a esta casa, a três outras em Nevski e a duas outras ainda na cidade de Moskaia, que se reduz hoje o meu círculo de relações. Bem entendido, das minhas relações pessoais, Nina submete-se desde há muito às circunstâncias. Por mim, vivo com as minhas relações... e distraio-me, por assim dizer, na sociedade culta dos meus antigos companheiros e subordinados, que continuam a adorar-me. Este general Sokolovitch… olhe, há muito tempo que não vou a casa dele e que não vejo a Ana Fiodorovna. Sabe, caro príncipe, quando não se recebe, perde-se maquinalmente o hábito de visitar os outros! E contudo… hum... Parece-me cético... No entanto, porque não hei de eu apresentar o filho do meu melhor amigo e companheiro de infância a esta encantadora família? O general Ivolguine e o príncipe Míchkin! Vai lá ver uma moça encantadora... Uma não, mas duas, ou melhor três, que são o que há de melhor na cidade e na nossa sociedade: beleza, educação, gostos... questões femininas, poesia, tudo isto harmonizando-se na mais graciosa combinação. E sem contar que cada uma destas moças tem pelo menos oitenta mil *rublos* de dote em dinheiro, o que não faz nenhum mal...; passo igualmente sobre as questões femininas e sociais... Depressa, é de toda a necessidade que eu o apresente. O general Ivolguine e o príncipe Míchkin! Numa palavra... Que efeito!

— Já? Agora mesmo? Mas esquece… — começou o príncipe.

— Não, não esqueço coisa nenhuma. Subamos. Por aqui, por esta sumptuosa escadaria. Admira-me que o guarda não esteja; é talvez dia de festa, saiu. Nem sei como ainda não despediram um tal bêbado. Este

Sokolovitch deve-me toda a felicidade da sua vida e todos os sucessos da sua carreira. Deve-mos a mim e a mais ninguém, mas... estamos chegados.

O príncipe seguiu o general docilmente, sem protestar a fim de não o irritar e na esperança de que o general Sokolovitch e toda a família se desvaneceriam pouco a pouco, com uma miragem inconsistente, de forma, a dentro em pouco, poderem tranquilamente descer só os dois as escadas. Porém, com grande consternação sua, viu passados segundos, dissipar-se essa esperança; o general arrastava-o pela escadaria com a segurança de um homem que conhece realmente os inquilinos e, a cada instante, referia-lhe detalhes biográficos e topográficos de uma precisão matemática. Enfim, chegados ao primeiro andar, pararam à direita, diante da porta de um luxuoso compartimento. No momento em que o general deitou a mão à campainha, o príncipe tomou a resolução de se esconder. Um estranho facto o reteve durante um minuto.

— Está enganado general — disse ele. — O nome que está escrito na porta é Koulakov, e o senhor pensa que está a bater à porta dos Sokolovitch.

— Koulakov? Koulakov não rima com coisa alguma. Este compartimento é o do Sokolovitch, e eu estou a porta da casa do Sokolovitch. Que vá para o diabo esse Koulakov. Já vêm abrir.

Com efeito, alguém abriu a porta. Um criado apareceu e anunciou que os senhores não estavam em casa.

— Que pena!... É como um facto expresso! — repetiu várias vezes Ardalion, com uma expressão do mais profundo desgosto. — Diga aos seus patrões, meu amigo, que o general Ivolguine e o príncipe Míchkin desejavam apresentar-lhe as suas homenagens e que ficaram muito, muitíssimo desgostosos...

Neste momento apareceu no vestíbulo uma outra pessoa, uma senhora que aparentava quarenta anos, mais ou menos, vestindo um roupão escuro e que devia ser talvez a governanta ou dama de companhia. Tendo ouvido pronunciar os nomes do general Ivolguine e do príncipe Míchkin, aproximou-se da porta com um ar furioso e desconfiado, e disse, fitando em especial o general:

— Maria Alexandrovna não está em casa; foi a casa da avó com a menina, com Alexandra Mikhailovna.

— Alexandra também saiu? Oh, meu Deus, que pouca sorte! Imagine, minha senhora, que me sucede sempre esta infelicidade. Peço-lhe muito

humildemente para lhe transmitir as minhas homenagens; quanto à Alexandra Mikhailovna, diga-lhe que se lembre... breve, ou antes, faça-lhe saber que desejo de todo o coração a realização dos votos que expandiu na quinta-feira à noite, ao ouvir a balada de Chopin. Ela deve recordar-se... Diga-lhe também, que lhe desejo isto de todo o coração!... O general Ivolguine e o príncipe Míchkin!

— Não me esquecerei — respondeu a senhora, ao mesmo tempo que fez uma reverência, com um aspeto de mais firmeza.

Enquanto desciam a escada, o general continuou a desabafar o seu desgosto de não ter encontrado ninguém e de não ter podido proporcionar ao príncipe umas relações tão encantadoras.

— Sabe, meu caro, tenho um pouco a alma de um poeta. Ainda não o notou? Além disso..., além disso parece-me que nos enganámos na casa — disse de súbito e com uma maneira estranha. — Os Sokolovitch, lembro-me agora, não vivem ali e parece-me até que devem estar nesta altura em Moscovo. Sim, cometi um pequeno erro, mas isto não tem importância...

— Queria que o meu amigo me dissesse apenas uma coisa: — observou o príncipe com um ar abatido — deverei, em definitivo, deixar de contar com o senhor, e ir só a casa da Nastásia.

— Deixar de contar comigo? Ir só a casa dela? Mas como pode fazer tal pergunta, se se trata dom assunto importante para mim e de que depende num alto grau a sorte de toda a minha família? Meu amigo, conhece mal o Ivolguine! Quem diz «Ivolguine», diz «parede»; apoia-te a Ivolguine, tal como a uma parede, dizia-se já de mim no esquadrão onde aprendi as minhas primeiras coisas militares. Preciso apenas entrar, de passagem e por um minuto só, numa casa onde a minha alma encontra, desde há uns anos, uma calmaria para as suas amarguras e desgostos…

— Quer passar por sua casa?

— Não! Quero... passar por casa da viúva do capitão Terentiev, meu antigo subordinado... e mesmo amigo... E lá, em casa da viúva, que sinto renascer a minha alma e esqueço as aflições da minha vida de homem privado e pai de família... Ora como hoje sinto precisamente o meu moral muito abatido, vou...

— Parece-me que — murmurou o príncipe — mesmo sem isso, fiz uma grande asneira em o ter desencaminhado hoje!... Além disso neste momento está... Adeus!

— Mas não posso, não posso deixá-lo partir assim, meu amigo! — exclamou o general, todo enfático. — Trata-se de uma viúva, mãe de família. Profere palavras tão comoventes, que enternecem todo o meu ser. A visita que lhe quero fazer demorará apenas cinco minutos; entro nesta casa, quase como se fosse na minha; lavar-me-ei, arranjar-me-ei um pouco e depois iremos de carro até ao Grande Teatro. Pode estar certo que tenho grande necessidade do senhor toda a noite... É nesta casa aqui; estamos chegados... Olhe, o Kolia, não está já lá? Sabes se a Marta Borissovna está em casa, ou ainda agora chegaste?

— Oh, não! — respondeu Kolia, que se encontrava no vão da porta, quando eles chegaram. — Estou aqui já há muito tempo. Estive fazendo companhia ao Hipólito, que está pior. Ficou de cama esta manhã. Desci nesta altura para ir a uma loja comprar um baralho de cartas. Marta espera-o. O meu pai porém... está num estado... — concluiu, depois de ter observado atentamente o aspeto e a atitude do general. — Enfim, tanto pior!

O encontro com o Kolia decidiu o príncipe a acompanhar o general a casa da Marta, mas só por um instante. Kolia era-lhe necessário, pois estava resolvido, custasse o que custasse, separar-se do general. Não podia perdoar-se o ter pensado anteriormente em o associar aos seus planos. Demoraram bastante tempo a chegar ao quarto andar, subindo pela escada de serviço.

— Quer-lhe apresentar o príncipe? — perguntou Kolia na escada.

— Sim, meu amigo, quero apresentar-lho... O general Ivolguine e o príncipe Míchkin!... Mas, diz-me, qual é a disposição da Marta?

— O pai deve saber que era melhor lá não ir. Ela está muito zangada! Há três dias que o pai não põe cá os pés, e ela precisa de dinheiro. Por que lho prometeu? há de ser sempre o mesmo! Agora arranje-se lá!

Chegados ao quarto andar, pararam diante de uma porta baixa. O general, bastante receoso, empurrou o príncipe diante dele.

— Eu fico por aqui — balbuciou depois — quero fazer uma surpresa...

Kolia foi o primeiro a entrar. Uma senhora de uns quarenta anos, muitíssimo pintada, de chinelos e de casaco, com os cabelos ligados em pequenas tranças, apareceu no vestíbulo. Imediatamente descobriu a surpresa projetada pelo general. Avistou-o logo atrás do príncipe, pois em altos brados começou a exclamar:

— Até que enfim surgiste, meu homem mesquinho e cheio de astúcia. O meu coração pressentiu a tua chegada.

— Entremos — balbuciou o general ao príncipe. — Isto não é a sério.

E continuou a sorrir com um ar inocente.

Mas aquilo era a sério. Mal transpuseram o vestíbulo, escuro e baixo, e entraram numa sala estreita e mobilada com uma meia dúzia de cadeiras de palha e duas mesas de jogo, logo a dona da casa retomou o seu ar lamuriento que parecia ser-lhe habitual.

— Não tens vergonha, não tens vergonha, carrasco da minha família, monstro bárbaro e furioso! Despojaste-me por completo de tudo, tiraste-me tudo quanto tinha de meu e não achas ainda bastante! Até quando terei de te suportar, homem sem vergonha e sem honra?

— Marta Borissovna! Marta Borissovna!... É... o príncipe Míchkin. O general Ivolguine e o príncipe Míchkin! — balbuciou o general, todo trémulo e desconsertado.

— Creia — disse bruscamente a viúva voltando-se para o príncipe — creia que este homem sem vergonha não tem tido piedade dos meus filhos, dos meus órfãos! Tudo pilhou, tudo roubou, tudo vendeu, tudo comprometeu: nada escapou. Que hei de eu fazer com as letras que aceitaste, homem manhoso e sem consciência? Responde, impostor, responde, coração insaciável! Onde, onde encontrarei com que alimentar os meus filhos órfãos? Olhe para ele! Está tão bêbado que nem se aguenta nas pernas... Que mal teria eu feito a Deus! Responde-me, infame impostor!

O general porém não estava em estado de fazer frente a tal tempestade.

— Marta Borissovna, aqui tens vinte e cinco *rublos*. É tudo quanto te posso fazer com a ajuda do meu nobre amigo!... Príncipe, sinto-me cruelmente desprezível! Enfim... é a vida... E agora... desculpe-me, sinto-me fraco — continuou o general, que, postado no meio do aposento, saudava para todos os lados. — Sinto-me desfalecer, desculpe-me. Lénotchka, minha querida, traz-me depressa uma almofada...

Lénotchka, uma pequena de oito anos, correu logo em procura de uma almofada, que colocou sobre um sofá já usado e revestido de um tecido ensebado. O general sentou-se na intenção de dizer ainda muitas coisas, mas logo que se sentou, encostou-se a um dos lados, voltou-se para a parede e adormeceu num sono profundo. Com um gesto cerimonioso e

triste, Marta indicou ao príncipe uma cadeira ao lado da mesa de jogo: ela própria sentou-se diante dele e, com a face direita apoiada a uma das mãos, começou a suspirar silenciosamente, ao mesmo tempo que o examinava. Três crianças, duas moças e um rapaz, das quais Lénotchka era a mais velha, aproximaram-se da mesa, acomodaram-se e puseram-se também a olhar o príncipe. Kolia apareceu, saindo de um aposento vizinho.

— Estou muito contente por o ver aqui, Kolia — disse-lhe o príncipe. — Não poderá ajudar-me? Preciso em absoluto ir hoje a casa da Nastásia. Tinha pedido a Ardalion para me acompanhar lá, mas ele está a dormir. Indique-me o caminho, porque não sei nem as ruas, nem a direção em que fica. Tenho aqui apenas a morada dela: é na casa Muitovtsov, perto ao Grande Teatro.

— A Nastásia? Ela nunca morou perto do Grande Teatro e, se quer que lhe diga, meu pai nunca pôs os pés em casa dela. Admira-me que o senhor tivesse acreditado no quer que ele lhe tenha dito. Ela vive na praça «Cinq-coins», perto da Veadimirskaia. É muito mais perto. Quer que o acompanhe lá já? São agora nove e meia. Eu levo-o lá.

O príncipe e Kolia saíram. Pobres deles… O príncipe não tinha um centavo para poder tomar um carro; tiveram que ir a pé.

— Gostava de lhe ter apresentado o Hipólito — disse Kolia. — É o filho mais velho da viúva do capitão. Está doente e teve que ficar todo o dia no quarto. É um rapaz estranho e de uma sensibilidade à flor da pele; tenho a impressão que ficaria incomodado, se tivesse de o enfrentar quando o senhor chegou... Por mim tenho menos escrúpulos que ele; em sua casa é a mãe que se comporta mal, e na minha é o meu pai; há uma certa diferença, porque não é uma desonra para o sexo masculino o conduzir-se mal. Pode considerar-se isto como um predicado a levar ao ativo do predomínio do sexo forte. Hipólito é um excelente rapaz, mas é escravo de certos preconceitos.

— Diz-se que está tuberculoso?

— Parece-me; talvez morra muito em breve, e tanto melhor para ele. No seu lugar só desejaria de facto a morte. Os irmãos e as irmãs, aquelas crianças que o senhor viu, excitam a sua piedade. Se pudéssemos, se tivéssemos dinheiro, separar-nos-íamos das nossas famílias e viveríamos juntos num outro andar. É o nosso sonho. Sabe que, quando lhe contei há pouco o que lhe sucedeu esta manhã, ficou encolerizado e declarou-me que

um homem que sofre uma ofensa, sem pedir reparação pelas armas, é um cobarde? De resto, ele é muito irritável e tive que renunciar a toda a discussão com ele. Vejo que a Nastásia o convidou logo a ir a casa dela!

— Não convidou, e é isso justamente o que tenha pena.

— Então como pode lá ir? — exclamou Kolia, parando no meio do passeio. — E depois... trata-se de uma reunião de festa; e o senhor vai sem ter sido convidado e com esse fato?

— Por Deus, não sei muito bem como hei de entrar. Se me receberem, tanto melhor. Caso contrário, ficará tudo perdido. Quanto ao meu fato, que posso eu fazer?

— E o senhor tem alguma questão a tratar? Ou vai lá unicamente para *passer le temps* «em nobre companhia»?

— Não é bem propriamente falar, pois trata-se de uma questão... É-me difícil defini-la, mas...

— O fim da sua visita não me interessa. O que me importa saber é que não foi convidado e não vai a esta reunião pelo simples prazer de se misturar com um mundo encantador de semimundanas, de generais e de usurários» Se fosse esse o caso, perdoe-me que lhe diga, príncipe, rir-me-ia de si e só desprezo sentiria por si. Aqui há infelizmente muito pouca gente honesta; não há mesmo ninguém que mereça uma estima sem reservas. Vemo-nos obrigados a tratar as pessoas com superioridade, visto que pretendem que tenhamos com elas todas as deferências, a começar pela Bárbara. E, já, notou, príncipe, que no nosso século só há aventureiros? É em especial o caso da nossa querida Pátria. Não compreendo como isto chegou a este ponto. Parecia que a ordem estabelecida era sólida, mas verifica-se que em pouco tempo tudo mudou. Todo o mundo constata esta descida de moral; lê-se em toda a parte. Denunciam-se os escândalos. Cada um, em sua casa, faz-se acusador. Os pais são os primeiros a bater em retirada e a corar da moral dos tempos que correm. Não se cita, em Moscovo, o caso daquele pai que exortava um filho a nunca recuar ante coisa alguma para ganhar dinheiro? A Imprensa divulgou este facto. Veja meu pai, um general... no que se tornou? E contudo, fique sabendo, o meu parecer é que é um homem honesto. Dou-lhe mesmo a minha palavra. Todo o mal vem da nossa desarmonia e da sua queda para o vinho. É esta a verdade. Inspira-me mesmo piedade, mas não me atrevo a dizê-lo, porque isso faria rir toda a gente. E no entanto é bem um caso lamentável!... E as pessoas sãs de espírito, que são elas, então?

Todas umas usurárias, da primeira à última! O Hipólito desculpa a usura; pretende que ela é necessária; fala do ritmo económico, do fluxo e do refluxo, que sei eu? O diabo leve tudo isto! Faz-me muita pena, mas é uma lástima. Imagine que a mãe, uma viúva de um capitão, recebe dinheiro do general, o qual lho dá sob a forma de pequenos empréstimos semanais. É desanimador. Sabe que a minha mãe (entenda-me bem!) a minha mãe, Nina Alexandrovna, a esposa do general, manda ao Hipólito dinheiro, roupas interiores, etc.? Vai mesmo até ao ponto de auxiliar os outros irmãos, por intermédio do Hipólito, porque a mãe não lhes liga importância alguma. A Bárbara faz a mesma coisa.

— Ora veja!... E diz que não há gente honesta e moralmente fortes, que há só usurários! Ora o meu amigo acaba de mencionar duas pessoas boas: sua mãe e Bárbara. Socorrer os desgraçados em tais condições, não é uma prova bastante de força moral?

— A Bárbara age por amor próprio, por vaidade, para não ficar atrás da mãe. Quanto à minha mãe... de facto... estimo-a. Sim, louvo e justifico o seu procedimento. O próprio Hipólito sente-se comovido, apesar do seu coração ser de uma dureza quase absoluta. Ao princípio ria-se, porque julgava que a minha mãe fazia isto por baixeza. Agora chega por vezes a ficar emocionado. Hum... Chama a isto força moral. Tomei nota! Gabriel não sabe que a mãe os ajuda; qualificaria esta sua bondade de encorajamento ao vício.

— Ah, o Gabriel não sabe? Parece-me que há ainda muitas outras coisas que ele ignora — deixou escapar o príncipe, como que falando com ele.

— Sabe, príncipe, que estou simpatizando muito consigo? Não me pode esquecer que o senhor haja chegado ainda só hoje à nossa terra!

— E o Kolia também me agrada muito.

— Escute, como conta arranjar a sua vida aqui? Eu hei de procurar agora uma colocação e ganharei dinheiro. Poderemos, se assim quiser, alugar um quarto juntamente com o Hipólito e vivermos os três juntos. O general irá ver-nos.

— Com muito gosto, mas falaremos depois nisso. Por agora estou muito... muito desorientado. Que diz? Já chegámos? É nesta casa? Que sumptuosa entrada! E tem porteiro! Por minha fé, Kolia, não sei bem como me hei de sair disto.

O príncipe tinha um ar de desalentado.

— Contar-me-á isso amanhã. Não se deixe intimidar. Deus queira que seja bem-sucedido, porque eu partilho de todas as suas convicções! Até sempre. Volto para baixo e vou contar tudo ao Hipólito. Deve ser recebido, há de sê-lo. Não tenha receio. É uma mulher das mais originais. Suba essa escada. É no primeiro andar. O porteiro indicar-lhe-á.

Capítulo 13

Subindo a escada, o príncipe, deveras inquieto, esforçava-se por se encorajar. «O pior que me pode acontecer», pensava, «é não ser recebido e ficarem fazendo uma errada opinião da minha pessoa, ou ser recebido e ver toda a gente rir-se de mim... Isto são porém coisas sem importância». E, de facto, este não era o lado mais temível da aventura, em comparação com a preocupação de saber o que faria em casa de Nastásia e porque é que lá ia, questão para a qual não encontrava nenhuma resposta satisfatória. Mesmo no caso de poder em qualquer ocasião dizer a Nastásia: «não case com esse homem e não se perca; não é a si que ele ama, mas ao seu dinheiro; disse-mo ele, e a Aglaé Epantchine disse-mo também; vim aqui para lho comunicar»; esta intervenção seria conforme com todas as regras da boa educação?

Uma outra pergunta duvidosa se apresentava, e tão importante era, que o príncipe tinha medo de pensar nela; não podia, nem ousava admiti-la, como não chegava a formulá-la, mas punha-se vermelho e tremia todo, logo que «la lhe aflorava ao espírito.

Todavia, a despeito de todas estas inquietações e dúvidas, acabou por entrar e perguntar por Nastásia Filipovna.

Esta ocupava um compartimento de grandeza medíocre, mas admiravelmente mobilada. Durante os cinco anos que vivera em S. Petersburgo, tinha tido, no começo, um tempo em que Athanase Ivanovitch gastara com ela dinheiro sem conta; foi no período em que esperava ainda fazer-se amar por ela e em que pensava seduzi-la, sobretudo pelo conforto e pelo fausto, sabendo quanto o hábito do luxo é contagioso e como é difícil desfazermo-nos dele, quando pouco a pouco se converteu numa necessidade. Nestas circunstâncias Totski tinha-se prendido inabalavelmente à velha tradição, que deposita uma confiança ilimitada na toda poderosa sensualidade. Nastásia, longe de repudiar o luxo, adorava-o, mas — e aí está o estranho do seu caso — nunca se deixava dominar por ele, e parecia estar sempre prestes a abandoná-lo.

Tinha tido mesmo o cuidado de o dizer várias vezes a Totski, o que produzia neste uma desagradável impressão.

De resto havia nela muitas outras coisas que faziam igual impressão sobre Totski, e que o levavam mesmo a desprezá-la. Sem lalar já na vulgaridade das pessoas que admitia por vezes na sua intimidade ou que ela tinha a tendência de cativar, manifestava certas propensões extravagantes. Havia nela uma coexistência bizarra de dois gostos opostos, que a tornavam capaz de amar ou de se servir de objetos ou meios cujo emprego pareceria inadmissível a uma pessoa distinta e de uma cultura cuidada. Totski ficou provavelmente encantado, ao vê-la afetar por vezes uma ignorância cândida e de bom tom, e não duvidar, por exemplo, que as camponesas russas tivessem como ela roupa de cambraia. Foi com o fim de criar nela esta mentalidade, que visou toda a educação que recebeu sob a direção de Totski, o qual se mostrara, neste campo, um homem de larga compreensão. Porém, pobre dele!, os resultados dos seus esforços foram baldados, Ficara todavia nela qualquer coisa que se impunha ao próprio Totski: era uma originalidade rara e sedutora, uma espécie de domínio que o atraía e prendia, mesmo agora, que todas as suas esperanças a respeito dela se haviam esgotado.

O príncipe foi recebido por uma criada de quarto — Nastásia só tinha mulheres ao seu serviço — e viu com surpresa que era acolhido, sem ter de fazer o pedido para que o anunciasse. Nem as suas botas sujas, nem o seu chapéu de abas largas, nem o seu capote sem mangas, nem o seu aspeto lastimável inspiraram à criada a menor hesitação. Ajudou-o a tirar o capote, pediu-lhe que esperasse na sala de visitas e apressou-se a ir anunciá-lo.

A sociedade reunida em casa de Nastásia representava o círculo normal das suas relações. Havia mesmo menos pessoas que nos aniversários anteriores. Nesta sociedade distinguia-se então e em primeiro lugar, Athanase Ivanovitch Totski e Ivan Fiodorovitch Epantchine; estavam os dois muito amáveis, mas dissimulavam a custo a inquietação que lhes causava o esperarem pela declaração que Nastásia prometera fazer-lhes a respeito de Gabriel. Bem entendido, à parte estes dois convivas, estava também Gabriel, igualmente muito sombrio, inquieto e de uma falta de delicadeza quase completa; mantinha-se a maior parte do tempo de pé e não descerrava nunca os dentes. Não se decidira a trazer a Bárbara, cuja ausência nem sequer fora notada por Nastásia; por

contrapartida, esta, logo após as primeiras palavras de boas-vindas, lembrou-se da cena que se dera entre o príncipe e ele. O general, que nada sabia ainda, pareceu interessar-se. Então Gabriel relatou com laconismo e discrição, mas com toda a franqueza, o que se passou, e acrescentou que havia ido ter com o príncipe a fim de lhe pedir desculpa. Logo a seguir declarou, num tom veemente, que estava muito perturbado, para que tivesse, Deus sabe porquê, tratado o príncipe por idiota. Era de uma opinião absolutamente oposta e ia ao ponto de considerar o príncipe como um homem capaz de um dito sensato.

Nastásia ouviu esta opinião com muita atenção e observou curiosamente Gabriel; contudo a conversa desviou-se para Rogojine que havia desempenhado um tão importante papel durante todo aquele dia. Os seus gestos e as suas palavras pareciam despertar igualmente um vivo interesse em Totski e Ivan. Soube-se que o Ptitsine podia dar algumas informações particulares sobre o Rogojine, com o qual discutira, até perto das nove horas da tarde, assuntos de interesse. Rogojine queria a todo o custo que lhe arranjasse cem mil *rublos* naquele mesmo dia. «É verdade que estava bêbado», observou Ptitsine. «Arranjar-lhe-emos os cem mil *rublos*, ainda que seja com custo; somente não sei bem se será para esta noite e se será a soma completa; vários corretores trabalham nesse sentido: Kinder, Trépalov e Biskoup. Está pronto a pagar qualquer comissão. Bem entendido, a sua agitação é devida à bebedeira», concluiu Ptitsine.

Todas estas novidades foram acolhidas com interesse, mas a impressão dominante foi de tristeza. Nastásia mantinha-se calada, evidentemente desejosa de não desvendar o seu pensamento; Gabriel fazia o mesmo. O general Epantchine era talvez, no seu foro íntimo, o mais ansioso de todos, porque o colar de pérolas que oferecera pela manhã, fora recebido com uma delicadeza glacial, onde perpassava mesmo uma ponta de ironia. De todos os convivas, só Ferdistchenko se sentia bem-humorado, tal como convinha a um dia de festa. Soltava ruidosas gargalhadas, que não tinham outro motivo se não justificar o seu papel de bobo. O próprio Totski, que passava por ser um conversador encantador e fluente, e que dirigia quase sempre as conversas nestas reuniões, estava visivelmente fora dos seus hábitos e sob a influência de uma insólita preocupação.

Os outros convidados, se bem que pouco numerosos, eram: um velho professor, de aspeto miserável e que fora convidado ninguém sabia

porquê; um rapaz novo, desconhecido de todos os outros, muitíssimo tímido e obstinadamente calado; uma senhora pintada, que poderia ter quarenta anos e que deveria ter sido atriz; enfim, uma bonita e forte moça, vestida com gosto e elegância, mas que se mantinha num surpreendente mutismo. Todos, bem longe de poderem animar a conversa, não sabiam nada de que falar.

Nestas condições a aparição do príncipe caiu como uma bomba. O anunciar do seu nome causou um movimento de surpresa e fez surgir estranhos sorrisos em alguns rostos, sobretudo quando a expressão de espanto de Nastásia confirmou que nem sequer havia sonhado convidá-lo. Porém, a esta expressão sucedeu bruscamente um ar de satisfação, tão visível, que a maior parte dos assistentes logo se dispôs a acolher o inesperado conviva com demonstrações de boa disposição.

— Suponho que este rapaz agiu por ingenuidade — declarou Ivan. — Regra geral é sempre bastante perigoso encorajar esta espécie de fantasia. No entanto, neste momento, não teve má ideia em vir, por mais original que seja esta maneira de se fazer receber. Talvez nos distraia, pelo menos dentro da medida do possível.

— Tanto mais que foi ele próprio que se deu por convidado — apressou-se a acrescentar Ferdistchenko.

— Que quer dizer com isso? — perguntou secamente general, a quem o Ferdistchenko não agradava nada.

— Quero dizer que devia pagar a sua quota parte — explicou o outro.

— Dá-me licença: um príncipe Míchkin não é um Ferdistchenko — retorquiu o general num tom de despeito, pois que ainda se não conformara com a ideia de se encontrar com Ferdistchenko na mesma sociedade e aí ser tratado no mesmo pé de igualdade.

— Ah, general, queira perdoar! — respondeu Ferdistchenko, sorrindo. — Tenho aqui direitos especiais.

— Que direitos especiais?

— Tive a honra de o explicar a esta sociedade na última reunião; e se mo permito, vou repeti-lo a vossa excelência. Queira supor que toda a gente tem espírito e que eu não tenho. Para me compensar, obtive a autorização de dizer a verdade; é do conhecimento de todos, com efeito, que não há como os pobres de espírito para dizerem a verdade. Por outro lado, sou muito vingativo, sempre por causa da minha falta de espírito. Suporto com humildade todas as ofensas, enquanto o que me ofende não

cair na adversidade; porém ao primeiro sinal de desgraça, rememoro a afronta que me fez e vingo-me, escoucei-o, conforme disse de mim, um dia, Ptitsine, o qual, segundo parece, nunca atirou coices a ninguém. Vossa excelência conhece a fábula de Krylov: *O leão e o burro?* Pois bem, é o senhor e eu. A fábula foi escrita para nós.

— Parece-me que recomeça a não ficar bom do juízo, Ferdistchenko — disse o general exasperado.

— Por que se zanga vossa excelência? — retorquiu Ferdistchenko, que julgando não se poder conter, tentava levar a brincadeira o mais longe possível. — Nada receie, pois sei comportar-me: se disse que éramos, o senhor e eu, o leão e o burro de Krylov, claro está que atribuo à minha pessoa o papel de burro e reservo para vossa excelência o de leão, do qual o fabulista diz:

Um possante leão, terror das florestas,
Perdeu as forças, envelhecendo.

Eu, excelência, sou o burro.

— Perfeitamente de acordo nesse ponto — disse o general sem pensar.

Todo este diálogo, bastante atrevido, fora travado, intencionalmente, por Ferdistchenko, ao qual se reconhecia de facto o direito de passar por bobo.

Ele próprio exclamara um dia:

— Se me toleram e recebem aqui, é com a condição de eu falar assim. Quando não, vejamos: será possível que se receba num salão um homem como eu? Não tenho ilusões sobre isso. Pode-se chegar ao ponto de sentar um Ferdistchenko ao lado de um cavalheiro tão requintado como Totski? Só há uma explicação para isto: é que não me fazem sentar ao seu lado, apenas pela inverosimilhança do facto...

Nastásia parecia gostar destas brincadeiras, se bem que fossem de mau gosto e atrevidas de mais, indo às vezes muito além de todas as marcas. Aqueles que costumavam frequentar a sua casa, tinham de suportar Ferdistchenko. Este supunha, e talvez com razão, que o recebiam, porque, desde o primeiro encontro, Totski o julgara insuportável. Por seu lado Gabriel tivera que suportar inúmeros vexames da parte de Ferdistchenko, na esperança de conciliar, por esse meio, as boas graças de Nastásia.

— Vou pedir ao príncipe que comece por nos cantar uma romanza da moda — concluiu Ferdistchenko, olhando Nastásia para ver o que ela diria.

— Não lho aconselho e peço-lhe para não disparatar — disse ela num tom seco.

— Ah! Se ele beneficia de uma proteção particular, todo eu serei mel...

Nastásia, sem o ouvir, levantou-se para ir ao encontro do príncipe.

— Lastimo — disse ela, parando bruscamente diante dele — na minha precipitação, ter-me esquecido totalmente de o convidar e por outro lado sinto-me encantada por me proporcionar agora a ocasião de lhe agradecer e de o felicitar pela sua iniciativa.

Proferindo estas palavras, olhou com atenção o príncipe e esforçou-se por ler na sua fisionomia qual a razão deste seu procedimento.

O príncipe pensava responder qualquer coisa a estas amáveis palavras, mas sentiu-se tão perturbado e impressionado que não pôde articular uma única frase. Nastásia notou essa atrapalhação com prazer. Estava nessa noite vestida a rigor e de tal forma, que fazia um efeito extraordinário. Tomou o príncipe pelo braço e conduziu-o até junto dos seus convidados. Antes de transpor a porta do salão, parou de repente e, dominado por uma grande comoção, murmurou precipitadamente:

— Tudo em si é perfeito, até mesmo a sua própria magreza e palidez... Nunca no meu espírito nasceria a ideia de desejar vê-la de outra maneira. Tinha um tal desejo de vir aqui que... Eu... desculpe-me…

— Não tenho nada a desculpar — disse ela rindo. — Isso seria tirar ao seu gesto toda a originalidade. Porque parece que há razão para se dizer que o senhor é um homem original. Disse há pouco que me achava perfeita, não é assim?

— É verdade.

— A despeito da sua maestria na arte de adivinhar, desta vez enganou-se. hei de demonstrar-lhe daqui a pouco...

Apresentou o príncipe aos seus convidados, dos quais uma boa parte o conheciam já. Totski apressou-se a dirigir uma palavra amável ao recém-vindo. Todos se animaram um pouco, e a conversa e os risos recomeçaram. Nastásia fez sentar o príncipe ao seu lado.

— Mas afinal que há de espantoso na aparição do príncipe? — exclamou Ferdistchenko, cuja voz abafava todas as outras. — A coisa é

clara e fala por si mesma.

— Não é nada clara, nem nada faladora — comentou Gabriel, saindo de súbito do seu mutismo. — Tenho observado hoje o príncipe quase continuamente, isto é, desde o momento em que viu pela primeira vez o retrato da Nastásia sobre a mesa de Ivan. Recordo-me de ter tido então uma impressão, que nesta altura se confirma plenamente e à qual o próprio príncipe, diga-se de passagem, me deu razão.

Gabriel proferiu esta frase num tom o mais sério possível, sem o mínimo ar de gracejo, num tom até mesmo triste, o que causou uma certa surpresa.

— Não lhe dei razão em coisa alguma — replicou o príncipe, corando. — Limitei-me a responder à sua pergunta.

— Bravo! Bravo! — exclamou Ferdistchenko. — Aí está uma resposta pelo menos sincera, ou melhor, hábil e sincera.

Os convivas riram às gargalhadas.

— Esteja sossegado e tenha calma, Ferdistchenko! — disse Ptitsine a meia voz, num tom de aborrecimento.

— Não o julgava capaz de tais proezas. — disse Ivan. — Sabe de que envergadura eles o supõem? E eu que o considerava um filósofo... Eis como são as pessoas inofensivas.

— Vejo que o príncipe corou como uma moça ingénua, com esta brincadeira inocente, e por isso concluo que este nobre rapaz tem no coração umas intenções, as mais louváveis — disse na sua voz trémula e cantante o velho professor septuagenário, que estivera calado até então e cuja intervenção inopinada surpreendeu aqueles que pensavam que a sua boca cerrada se não abriria durante toda a noite.

Os convivas riram com vontade. O velho, julgando, sem dúvida, que esta hilaridade era a consequência da sua fina reflexão, olhou os outros e começou a rir ainda mais ruidosamente, o que provocou nele um ataque violento de tosse. Nastásia, que tinha uma certa paixão por este género de velhos originais, de velhos anónimos, ou até mesmo, pelos iluminados, apressou-se a prodigalizar-lhe os seus cuidados; abraçou-o e mandou que lhe servissem uma nova chávena com chá. Tendo dito à criada para lhe trazer o seu xaile, envolveu-se nele e ordenou-lhe depois para deitar lenha no fogão. Perguntou em seguida as horas que eram. A criada respondeu-lhe que eram dez e meia.

— Meus senhores, então não bebemos champanhe? — propôs ela de súbito. — Tenho-o preparado. Talvez ele os torne mais alegres. Vamos beber?

A proposta de Nastásia e sobretudo os termos simples com que acabava de convidar os seus hóspedes a beber, pareceram bastante singulares. Todos eles conheciam muito bem as regras que haviam presidido às outras reuniões. Esta parecia um pouco mais animada, mas desviava-se do ritmo habitual. Apesar disso ninguém recusou a oferta; o general foi o primeiro a aceitar e o seu exemplo foi seguido pela sombra pintada, depois pelo velho professor, por Ferdistchenko e no final por todos os outros. Totski pegou também numa taça, na esperança de fazer passar desapercebida mais esta fantasia, dando-lhe, tanto quanto possível, o caráter de uma amável brincadeira. Só Gabriel nada quis beber.

Estava ansioso por descortinar o quer que fosse nos propósitos estranhos, bruscos e por vezes extravagantes de Nastásia, em casa da qual os acessos de alegria delirante e incompreensível alternavam com períodos de melancolia taciturna e até mesmo abatimento. Era assim no momento em que pegou numa taça e declarou que esvaziaria três. Alguns convidados supuseram que estavam delirando; acabaram também por notar que ela parecia esperar qualquer coisa; consultava a miúdo o relógio e dava sinais de impaciência e distração.

— Parece que está com febre?! — exclamou a senhora pintada.

— Bastante, mesmo. Foi por isso que pus o xaile — respondeu Nastásia, que, na verdade, estava mais pálida e fazia esforços por reprimir um violento arrepio.

Todos os convivas começaram a mexer-se, um pouco inquietos.

— Faríamos talvez melhor deixando repousar a dona da casa? — sugeriu Totski, olhando Ivan.

— Nada disso, meus senhores! Peço-lhes que se deixem estar. A sua presença é-me hoje particularmente necessária — disse Nastásia, numa súbita e significativa instância.

Como a maioria dos circunstantes sabia que uma decisão muito importante lhes devia ser comunicada no decorrer da reunião, atribuíram a estas palavras um grande valor. De novo o general e Totski trocaram um olhar, enquanto Gabriel era abalado por um movimento convulsivo.

— Não seria melhor distrairmo-nos um pouco com uns jogos de prendas? — inquiriu a senhora pintada.

— Sei um que é admirável e ainda desconhecido dos senhores — declarou Ferdistchenko. — É pelo menos um joguinho que só foi experimentado uma vez na sociedade e que nunca mais apareceu.

— Como é? — perguntou a referida senhora.

— Estava um dia numa reunião, onde, será bom dizê-lo, tínhamos bebido bastante. De repente alguém propôs que cada um contasse em voz alta e sem sair da mesa o facto que em sua alma e consciência considerasse como sendo a mais baixa ação de toda a sua vida. A condição essencial era não mentir, falar com toda a sinceridade.

— Ideia singular! — exclamou o general.

— Mais do que singular, excelência, mas é isso justamente que faz o encanto deste jogo.

— Que estúpido jogo! — interveio Totski. — No entanto é compreensível. É uma maneira, como qualquer outra, de se vangloriarem.

— Isso correspondia com certeza a uma necessidade, Totski.

— Mas esse jogo faz-nos chorar mais do que rir — observou a senhora convidada.

— É um absurdo e inconcebível passatempo — protestou Ptitsine.

— Mas foi bem-sucedido? — perguntou a Nastásia.

— Não. Acabou muito mal. Cada um, é claro, contou uma história; muitos contaram a verdade; imagine que houve alguns que até sentiram prazer nisso; porém no fim chegou a todos um certo sentimento de vergonha e por isso alguns esquivaram-se a contar. No entanto é no seu género, naturalmente, um jogo bastante divertido.

— O jogo não deve ser mau — observou Nastásia, animando-se de súbito. — Podíamos tentar, minhas senhoras e meus senhores. Esta noite estamos pouco animados. Se -cada um de nós concordar, contamos um episódio... neste género, bem entendido, mas do completo agrado de cada um. Ampla liberdade de contar o que quiser. Que dizem, poderíamos talvez jogar também? Dizendo a verdade ou não, seria sempre uma distração bastante original...

— Ora aí está uma ideia genial! — exclamou Ferdistchenko. — As senhoras não entram; só os homens serão obrigados a contar a sua história. Tiremos à sorte, como se fez naquela noite de que lhes falei. Sim, é preciso arranjar isto! Aquele que se recusar, naturalmente não será obrigado, mas a sua abstenção será tida como pouco amável. Deem-me os seus nomes, cavalheiros. Vamos meter os bilhetes no meu chapéu. O

príncipe tirará os papéis. A regra do jogo é muito simples: trata-se de contar a mais vergonhosa ação de toda a nossa vida. Não é complicado. Vão ver. Se alguém se esquecer de alguma coisa, ajudá-lo-ei.

A ideia era ridícula e desagradável a quase todas as pessoas. Uns franziram as sobrancelhas, outros zombaram da ideia. Alguns levantaram objeções, ainda que um pouco discretamente; foi o caso de Ivan, que não queria contrariar o desejo de Nastásia e notara o seu entusiasmo por esta ideia tola, talvez devido justamente a ser de uma inverosímil extravagância. Quando desejava qualquer coisa, mostrava-se irredutível e inexorável na satisfação dos seus desejos, mesmo que para ela fossem frívolos e sem utilidade. Nesta ocasião parecia estar dominada por um extremo nervosismo, agitando-se e deixando-se levar por acessos de riso convulso, sobretudo quando Totski, deveras inquieto, lhe mostrava as inconveniências. Os seus olhos sombrios expeliam clarões e apareceram-lhe nas faces pálidas duas rosetas vermelhas. A expressão de abatimento e desgosto que leu nos semblantes de alguns dos seus convidados, sobre-excitou talvez o seu espírito de maldade; por outro lado esta nova ideia devia tê-la seduzido, devido ao seu cinismo e crueldade. Houve mesmo convivas que lhe atribuíram certos pensamentos reservados. No entanto todos acabaram por concordar com o jogo: a curiosidade em geral e o interesse de muitos estava deveras excitado. Quem mais se agitava era Ferdistchenko.

— E se houver coisas que não se possam contar diante de senhoras? — observou num tom tímido o jovem taciturno.

— Essas não as conta; não lhe devem faltar outras más ações, que não sejam essas! É tão novinho… — ripostou Ferdistchenko.

— Por mim ignoro qual das minhas ações é a pior — disse a senhora pintada.

— As senhoras estão dispensadas de contar a sua história — repetiu Ferdistchenko. — No entanto a dispensa é facultativa; a sua participação voluntária será acolhida com agrado. Os cavalheiros que tiverem muita vergonha em fazer a sua confissão, também se podem abster de o fazer.

— Bom, mas como provar que não minto? — perguntou Gabriel. — Se mentir, o jogo perde toda a beleza. E quem dirá a verdade? Com certeza que todos vão mentir.

— Mas é já uma atração ver um homem mentir. Além disso, meu Gabrielzinho, não te incomodes de mentir, porque a tua ação mais vil é

conhecida de toda a gente, mesmo sem a teres contado. Todavia é bom refletir um pouco, minhas senhoras e meus senhores — exclamou Ferdistchenko, como sob o domínio de uma brusca inspiração. — Como olharemos uns para os outros, depois das nossas confissões, amanhã, por exemplo?

— Mas isto será possível? Será mesmo uma proposta séria, Nastásia? — perguntou Totski com dignidade.

— Quando se tem medo do lobo, não se vai ao monte — ripostou Nastásia num tom de zombaria.

— Se me permite, senhor Ferdistchenko, podíamos fazer deste jogo um outro jogo inofensivo? — insistiu Totski cada vez mais inquieto. — Asseguro-lhe que estas coisas nunca têm bom sucesso. O senhor próprio diz que já viu acabar mal uma brincadeira deste género.

— Acabar mal, em quê? No que me diz respeito, já contei a maneira como roubei três *rublos*. E contei-a tal qual se passou.

— Acreditamos. Porém é possível que contasse a sua história de tal maneira, que a supuséssemos exata e além disso tivéssemos confiança em si. O Gabriel teve razão ao observar que a menor presunção de falsidade tirava ao jogo todo o encanto. A verdade neste caso não é mais do que um acidente, uma espécie de vaidade de mau gosto, que será inadmissível e de uma grande inconveniência mesmo.

— A sua delicadeza é extrema, Totski, e eu estou mesmo surpreendido! — exclamou Ferdistchenko. — Pensem nisto, meus senhores: admitindo que eu tivesse podido dar à minha história do roubo bastante verosimilhança, Totski insinua delicadamente que sou de facto incapaz de roubar, visto que é uma coisa de que não somos capazes de nos vangloriar. Isto não impede que no seu foro íntimo esteja talvez convencido que Ferdistchenko pode perfeitamente roubar!... Voltemos porém à nossa questão, meus senhores. Estão aqui os nomes de todos. O senhor Totski também entregou o seu bilhete? Não há portanto abstenções. Príncipe, tire um bilhete!

Sem dizer uma palavra o príncipe meteu a mão no chapéu. O primeiro nome que saiu, foi o de Ferdistchenko; o segundo foi o de Ptitsine; depois vieram sucessivamente o do general, o de Totski, o do príncipe, o de Gabriel e assim sucessivamente. As senhoras não tinham tomado parte no sorteio.

— Meu Deus, que azar! — exclamou Ferdistchenko. — E eu a supor que o primeiro seria o príncipe e o segundo o general! Felizmente que o Ivan vem depois de mim! Serei assim recompensado, ouvindo-o. Visto que sou o primeiro, meus senhores, o meu dever é dar nobremente o exemplo; no entanto lastimo-me deveras, por ser nesta ocasião muito insignificante e muito pouco digno de interesse o que tenho a contar. O meu lugar na hierarquia dos presentes é sem dúvida bem insignificante. Se não vejamos: que interesse pode ter o ouvir contar uma vilania cometida por Ferdistchenko? E qual é a minha pior ação? Sinto nesta altura um *embarras de richesse*. Devo pela segunda vez contar a minha história do roubo a fim de convencer Totski que se pode roubar sem ser ladrão?

— Provar-me-á igualmente, senhor Ferdistchenko, que se pode deleitar, contando as suas próprias torpezas, sem que ninguém lhe peça para o fazer... Além disso... Desculpe, senhor Ferdistchenko.

— Começa então, Ferdistchenko!... Vais contar tantas coisas inúteis, que é um nunca acabar! — intimou Nastásia, num tom de cólera e de impaciência.

Toda a assistência notou que após um acesso de riso nervoso, todos ficaram bruscamente sombrios, acerbos, irritáveis, Nastásia continuava a insistir tiranicamente no seu inconcebível capricho. Totski sentia-se sobre brasas. A atitude de Ivan punha-o também fora de si: o general, sentado, bebia o seu champanhe como se nada se passasse, e preparava-se talvez para contar alguma coisa quando chegasse a sua vez.

Capítulo 14

— Sou um homem sem espírito, Nastásia, e por isso é que gracejo a torto e a direito! — exclamou Ferdistchenko, começando a sua narrativa. — Se fosse tão espirituoso como Totski ou Ivan, passaria, como eles, toda a noite sentado sem abrir a boca. Príncipe, dá-me licença que o consulte: sempre tive a impressão que há no mundo muitos mais ladrões do que pessoas sérias e que não existe mesmo nenhum homem honesto que não tenha, pelo menos uma vez na vida, roubado qualquer coisa. É a minha opinião; não concluo contudo daí que haja no mundo somente ladrões, se bem que seja por vezes tentado a julgá-lo.

— Ei, que maneira estúpida de se exprimir! — notou Daria Alexeievna. — Que parvoíce supor que toda a gente já roubou! Por mim nunca roubei nada.

— Nunca roubou nada, Daria? Vejamos porém o que diz o príncipe, que de repente se tornou corado.

— Parece-me que tem razão, ainda que exagere bastante — respondeu o príncipe, que de facto havia corado sem bem saber porquê.

— E o senhor mesmo, príncipe, nunca roubou?

— Ei, que pergunta tão ridícula! Tenha cautela com o que diz, senhor Ferdistchenko — objetou o general.

— O seu jogo é simples. No momento de começar, sente vergonha de contar a sua história; é por isso que procura arrastar o príncipe com ele. Tem sorte, porque ele tem um bom caráter — disse Daria num tom fraco.

— Ferdistchenko, decide-se a falar ou a calar-se, e a não tratar senão do seu caso! Exaspera a paciência de toda a gente! — declarou Nastásia, numa brusca irritação.

— Principio já, Nastásia!... Mas se o príncipe concordou (pois tomo a sua atitude por aprovação) que diria um outro, sem mencionar nomes, se se decidisse a confessar a verdade! Quanto a mim, meus senhores, a minha história resume-se em poucas palavras; é tão simples, como tola e vil. Garanto-lhes contudo que não sou um ladrão. Como pude eu roubar? Ignoro-o. A coisa passou-se há mais de dois anos, na casa de campo de

Semione Ivanovitch Istchenko, num domingo. Havia convidados para o jantar. Após a refeição, os homens ficaram a beber. Tive então a ideia de pedir à menina Maria Semionovna, a filha da dona da casa, de tocar ao piano qualquer trecho de música. Atravessando a sala, vi sobre a mesa de trabalho da Maria uma nota verde, de três *rublos.* Tinha-os deixado ali para umas despesas da casa. Não estava ninguém na sala. Apoderei-me da nota e meti-a no bolso. Porquê? Nem eu sei. Não compreendo o que me passou pela cabeça! O facto é que voltei apressadamente a sentar-me à mesa. Aí fiquei à espera de qualquer coisa. Estava bastante agitado, mas tagarelava sem descanso, contando anedotas e rindo. Depois fui sentar-me junto das senhoras. No fim de uma meia hora deram pelo desaparecimento do dinheiro e começaram a interrogar os criados. As suspeitas recaíram sobre Daria. Manifestei uma curiosidade e um interesse especial por este caso, e lembro-me mesmo que, vendo a Daria muito perturbada, me esforcei por a convencer a que devia confessar, o que me garantia assim a indulgência de Maria Ivanovna. Dirigi-lhe diversas exortações em voz alta, diante de toda a gente. Todos os olhares estavam fixos em nós; por mim sentia uma intensa satisfação, ante a ideia de que estava pregando moral, quando a nota roubada estava afinal no meu bolso. Gastei esses três *rublos* nessa mesma noite, em bebidas; encomendei numa hospedaria uma garrafa de Château-Lafite. Era a primeira vez que comprava assim uma garrafa, sem nada comer, mas sentia a necessidade de gastar aquele dinheiro o mais depressa possível. Nunca senti remorsos: nem nessa altura, nem depois. No entanto não fiquei nada tentado a recomeçar; acreditem ou não, é-me indiferente... E é esta a história...

— Está bem, mas não é essa a sua mais vil ação — disse Daria com ar de desgosto.

— Isso não é uma ação, é um caso psicológico — observou Totski.

— E a criada? — perguntou Nastásia, sem esconder o seu profundo aborrecimento.

— A criada foi despedida nesse mesmo dia, está bem de ver. É uma casa onde não se admitem brincadeiras.

— E deixou fazer isso?

— Essa é muito boa! Queria talvez que me denunciasse a mim mesmo, não!? — exclamou Ferdistchenko num tom galhofeiro; na realidade, porém, estava consternado com a impressão deveras desagradável que a sua história produzira nos assistentes.

— Que triste história! — exclamou Nastásia.

— Ora, ora! Pede a um homem para lhe contar a mais feia ação da sua vida e quer que essa ação seja toda dignidade. As mais vis ações são sempre tristes, Nastásia; é o que Ivan lhe vai demonstrar agora. No entanto muitas pessoas têm um aspeto imponente e procuram passar por virtuosas, aprendendo muito bem a disfarçar. Não faltam pessoas deste calibre... mas à custa de que meios!...

A partir deste momento, Ferdistchenko, já não estava senhor de si e, dominado por uma brusca cólera, esqueceu e desprezou toda a delicadeza; o rosto chegou mesmo a crispar-se-lhe. Por muito singular que isto possa parecer, tinha contado com um outro sucesso para a sua história. Os seus «disparates» de mau gosto e aquela «gabarolice», de um género muito especial, servindo-me das expressões de Totski, eram-lhe habituais e correspondiam perfeitamente ao seu caráter.

Nastásia, a quem a cólera fazia tremer, olhou fixamente para Ferdistchenko. Este, dominado de súbito pelo medo, gelado de terror, calou-se. Fora longe de mais.

— E se acabássemos com este jogo? — insinuou Totski.

— Agora é a minha vez, mas usando do direito de abstenção que me é reconhecido, não contarei nada — disse Ptitsine num tom decidido.

— Renuncia?

— Suponho que posso escusar-me, Nastásia; além disso, considero este joguinho simplesmente inadmissível.

— General, creio que é agora a sua vez — disse Nastásia, voltando-se para Ivan. — Se também recusa, a debandada será geral, o que muito lastimarei, porque tinha a intenção de contar, à maneira de novela, um traço da «minha própria vida»; no entanto só queria usar da palavra, depois da sua e da de Totski. O dever dos senhores não é encorajar-me? — perguntou ela, rindo.

— Oh, se faz uma tal promessa — exclamou o general com calor — estou pronto a contar-lhe toda a minha vida. Confesso-lhe que, enquanto esperava a minha vez, fui preparando uma anedota...

— Basta ver a cara de sua excelência para avaliar a satisfação literária que sentiu ao engendrar a sua anedota — comentou Ferdistchenko, com um riso sarcástico, se bem que ainda não estivesse por completo restabelecido da sua perturbação.

Nastásia fitou o general com um olhar negligente e sorriu, devido ao pensamento que a assaltou. Porém a sua ansiedade e cólera cresciam visivelmente de minuto a minuto. A inquietação de Totski redobrara, desde que ela prometeu contar qualquer coisa.

O general começou a sua história:

— Sucedeu-me, como a todo o homem, meus senhores, cometer no decurso da minha vida ações bastante condenáveis. Todavia, o mais singular, é que considero como a mais vil ação da minha vida a pequena anedota que lhes vou contar. Perto de trinta e cinco anos já passaram sobre ela e não a recordo nunca sem um certo constrangimento do coração. O caso é no entanto perfeitamente tolo. Era então simples oficial e tinha um serviço fastidioso. Sabem o que é um oficial? Tem-se o sangue quente e vive-se dentro dos limites de quatro *soldos.* Tinha por impedido um tal Nicéfore, que tratava das minhas coisas com muito zelo, poupando, limpando, remendando: ia até ao ponto de arranjar tudo o que pudesse aumentar o conforto dos meus aposentos; em duas palavras: era um modelo de fidelidade e honestidade. Bem entendido, eu tratava-o severamente, mas com equidade. Durante algum tempo acampámos numa pequena cidade. Indicaram-me um alojamento nos arrabaldes, em casa da viúva de um velho tenente. Era uma velhota de oitenta anos, ou pouco menos. Habitava numa casita de madeira, já velha e arruinada, e a sua miséria era tanta, que nem tinha criada. Tivera em tempos uma família muito numerosa, mas, dos seus parentes, uns tinham morrido, outros haviam ido para longe, e alguns ainda tinham-na esquecido. Quanto ao marido, tinha bem quarenta anos quando morreu. Alguns anos antes da minha chegada, tivera a viver com ela uma sobrinha; era, segundo parece, corcunda, má como uma bruxa, a ponto de um dia ter mordido a tia numa das mãos. Esta sobrinha morrera também e a velha tinha desde há três anos uma existência solitária. Aborrecia-me em casa dela; era tão reservada, que toda a conversa com ela era impossível. Acabou por me roubar um galo. O caso ficou sempre bastante obscuro, mas só a ela se podia atribuir o roubo, e não a outra pessoa qualquer. Passámos a viver depois, em muito más relações. Em virtude disso deram-me, a meu pedido, um alojamento no outro extremo da cidade, em casa de um negociante, que tinha umas grandes barbas e vivia no seio de uma numerosíssima família. Parece-me que ainda estou a vê-lo. Acomodámo-nos com satisfação, Nicéfore e eu. Separei-me pois da velha sem grande

desgosto. Três dias se passaram. Entrei em exercício, quando um dia Nicéfore me disse: «Vossa excelência cometeu a imprudência de deixar a terrina da sopa em casa da nossa anterior hospedeira; agora não tenho mais nada onde lha possa servir». Fiz-lhe sentir a minha surpresa: «Como é que esquecemos a terrina em casa dela?» Nicéfore, admirado, completou a sua recordação: na ocasião da mudança a velha recusou-se a dar a terrina, com o pretexto de que lhe tinha quebrado uma panela; ficava com a terrina em compensação da panela, e afirmava que tinha sido ele quem lhe havia proposto a troca. Uma tal atitude pôs-me, como é natural, fora de mim; o meu sangue de jovem oficial ficou logo a ferver de tal forma, que me dirigi sem demora a casa da velha. Cheguei um pouco calmo e fitei-a; estava sentada, sozinha, a um canto da entrada, como que para se abrigar do sol, com o rosto apoiado na mão. Imediatamente comecei a vociferar injúrias: «sua esta, sua aquela...», mas o vocabulário russo depressa ficou esgotado. Observando-a, porém, verifiquei uma coisa singular: estava inerte e muda, a cara voltada para o meu lado, os olhos grandes, muito abertos e fixos em mim de uma maneira estranha; o seu corpo dava a impressão de estar oscilando. Por fim voltei a acalmar, examinei-a mais de perto e interpelei-a sem obter uma resposta. Tive um momento de hesitação, mas como o sol se ia escondendo e o silêncio era apenas perturbado pelo zunzum das moscas, acabei por me retirar com o espírito bastante agitado. Não me dirigi logo para casa; o major pedira-me para à passagem o ir ver; de lá fui ao quartel e voltei a casa já noite cerrada. As primeiras palavras de Nicéfore, ao ver-me, foram estas: «Vossa excelência sabe que a nossa hospedeira acaba de morrer?» «Quando?» «Esta tarde mesmo, há perto de hora e meia». Quer dizer, estava a morrer no momento em que eu a injuriava. Fiquei de tal maneira magoado, que me custou, juro-lhes a retomar o sangue-frio. A sombra da falecida perseguia-me mesmo de noite. Como é natural, não sou supersticioso, mas na manhã seguinte fui à igreja assistir ao seu enterro. Entretanto, quanto mais o tempo decorria, mais obcecado ficava pela recordação da velha. Isto não era uma obsessão, mas essa lembrança assaltava-me por momentos e eu sentia então um certo mal-estar. O principal da questão é que repetia a mim mesmo: ora aí está uma mulher, um ser humano, como se diz agora, que viveu longo tempo, mais mesmo do que aquilo que devia. Teve filhos, marido, família, parentes; tudo isto, de qualquer maneira, originava à sua volta uma certa animação e alegria. E, muito de repente, fica sem

ninguém; tudo sucumbe e ela fica só, só como uma mosca, trazendo sobre si a maldição dos séculos. Depois Deus chama-a por fim para ele. Ao por do sol, na paz de uma tarde de verão, a alma da velha abandonou o corpo... Evidentemente tudo isto tem uma significação moral!... E no instante supremo, em vez de ouvir os soluços que acompanham a agonia daqueles que partem, vê surgir um oficialeco impertinente, que, de mãos nos quadris e em ar agressivo, a chama a este mundo, atirando-lhe os piores insultos do vocabulário popular, por causa de uma terrina sonegada!... Não há dúvida que fui violento e, se bem que, à distância, considere a minha ação quase como a de qualquer outro, pela razão do tempo decorrido e da evolução do meu caráter, no entanto, nem por isso deixo de continuar a lamentar-me. Volto a dizer, o sucedido pareceu-me tanto mais estranho, que, se sou culpado, a culpa é pequena! Porque resolveu morrer justamente naquele momento? Naturalmente o meu ato tem também desculpa por motivos de ordem psicológica. Só pude contudo recuperar a minha paz de espírito, quando instituí, há uma quinzena de anos, um donativo que permitisse a duas velhas doentes poderem ser hospitalizadas e receberem um tratamento conveniente, que amenizasse os últimos dias da sua vida. Conto tornar este donativo perpétuo, por disposição testamentária. E é esta toda a minha história. Repito, talvez tivesse cometido muitas faltas no decorrer da minha existência, porém em minha consciência considero este episódio como o mais vil de todas as minhas ações.

— Em vez de nos contar a sua mais vil ação, vossa excelência contou-nos um dos mais belos atos da sua vida. Fui enganado! — exclamou Ferdistchenko.

— De facto, general — disse Nastásia num tom de desapontada — não o supunha com um tão bom coração; tenho pena.

— Pena? Porquê? — perguntou o general, que preparava a sua réplica com um riso amável e bebia um gole de champanhe com o ar de um homem satisfeito consigo mesmo.

Era agora a vez de Totski, que igualmente preparava a sua narração. Todos pressentiam que não se recusaria, tal como fizera Ivan, e, por certas razões, esperava-se a sua história com uma viva curiosidade, ao mesmo tempo que observavam a expressão e a fisionomia de Nastásia.

Começou a contar uma das suas «encantadoras anedotas» num tom calmo e seguro. A notável dignidade da sua linguagem harmonizava-se maravilhosamente com o seu imponente aspeto. Diga-se, ainda que de

passagem, que era um belo homem, de alta estatura, bastante forte, meio calvo e meio grisalho; as faces rosadas eram um pouco flácidas e viam-se-lhe as duas filas de dentes. Usava uns fatos largos e muito elegantes; marcava sempre pela sua elegante apresentação. As mãos brancas e gordas atraíam todos os olhares. Um diamante de alto preço ornava o anel que usava no indicador da mão direita.

Durante todo o tempo que durou o relato da sua história, Nastásia fitou a guarnição de renda da sua manga, renda que esfregava entre dois dedos da mão esquerda, de maneira que não levantou uma única vez os olhos para o narrador.

— A minha tarefa está deveras facilitada — disse Totski — pela obrigação expressa em que me encontro de só contar apenas a mais vil ação da minha vida. Alguns parecem não ter em tais casos nenhuma hesitação: a consciência e a lembrança do coração ditam-lhes neste local o que é preciso contar. De entre os inumeráveis atos da minha vida, que tenham podido ser ligeiros e… ruidosos, custa-me confessar que há um cuja recordação me fere cruelmente. O caso leva-nos a uns vinte anos atrás; passava eu uma temporada em casa de Platão Ordyntsev, que acabava de ser eleito marechal da nobreza e passava, com a sua jovem esposa, as festas do fim do ano nos seus domínios. O aniversário de Anfissa Alexeievna coincidia com esta mesma época e preparavam-se para dois bailes. Estava em voga então o delicioso romance de Dumas filho, *«A Dama das Camélias»*, que fazia sobretudo furor na alta sociedade; além disso estou convencido que esta obra não envelhecerá nem morrerá nunca. Na província as senhoras deliravam com este romance, em especial aquelas que o tinham lido. O encanto da narração, a situação original da heroína, todo esse mundo atraente e tão finamente descrito, enfim, os maravilhosos detalhes que abundam no livro (por exemplo, a significativa alternação das camélias brancas e vermelhas) levou rapidamente essa obra a fazer em toda a sociedade uma pequena revolução. As camélias tornaram-se a flor da moda, por excelência; eram queridas e procuradas por todas as mulheres. Imaginem um pouco, se era possível obtê-las num canto da província, onde toda a gente queria guardá-las para os bailes, embora estes fossem pouco numerosos! Pedro Vorokhovskoi estava então doidamente apaixonado por Anfissa Alexeievna. Para dizer a verdade, não sei bem se entre eles havia qualquer coisa, quer dizer, se o pobre rapaz podia alimentar sérias esperanças. O infeliz não sabia onde ir descobrir

camélias para levar aos bailes da Anfissa. A condessa de Sotski, de S. Petersburgo, que era então hóspede da mulher do governador, e Sofia Bezpalov deviam aparecer, sabia-se já, com camélias brancas. Para provocar um maior efeito, Anfissa desejava camélias vermelhas. O pobre Platão, que se encarregara de lhas arranjar, sentia-se atrapalhado no seu papel de marido. Mas como fazer? A velha Catarina Alexandrovna Mytistchev, a rival mais encarniçada de Anfissa e que estava em guerra aberta com ela, havia-se apoderado de todas as camélias da localidade. Como sempre, Anfissa, teve um ataque de nervos e uma síncope, Platão estava perdido. Era evidente que se Pedro, neste momento crítico, conseguisse obter, não importa onde, um ramo, esse sucesso podia assegurar-lhe uma séria vantagem, pois a gratidão de uma mulher em tais circunstâncias não conhece limites. Lamentava-se como um possesso; porém, diga-se de passagem, a empresa era superior às suas forças. Encontrei-o inopinadamente, às onze horas da noite, na véspera do baile, em casa de uma vizinha dos Ordynstev, Maria Petrovna Zoubkov. Estava radiante. «Que tens tu?» «Encontrei! *Eureka*!» «Muito bem, meu amigo, estou admirado! Onde... e como?» Em Ekchaisk, uma aldeia situada a vinte *verstas,* mas num outro distrito. Há lá um negociante chamado Trepalov, um rico e austero velho, que vive com a esposa, também já velha; não tendo filhos, tratam de canários. Têm os dois a paixão pelas flores; devo pois encontrar lá camélias». «Perdão, não é muito certo que tas deem». «Pôr-me-ei de joelhos diante dele e não me levantarei, nem sairei de lá, sem mas terem dado!» «Quando contas ir lá?» «Amanhã, às cinco horas da manhã». «Felicidades!» Estava encantado com ele, garanto-lhes. Voltei para casa dos Ordynstev. Estive acordado até à uma hora da manhã, pois no meu espírito fervilhavam ideias confusas. Ao deitar-me, uma ideia original me assaltou de repente. Sem mais pensar, fui à cozinha e acordei o cocheiro, Saveli. «Atrela os cavalos e põe-te pronto em meia hora», disse-lhe eu, metendo-lhe quinze *rublos* na mão. Passada meia hora tudo estava pronto. Tinham-me dito que Anfissa estava com uma enxaqueca, tendo febre e delirando. Subi para o trenó e parti. Cheguei a Ekchaisk por volta das cinco horas. Na estalagem esperei que nascesse o dia. Logo que passou a ver-se alguma coisa, apresentei-me em casa de Trepalov; ainda não eram sete horas. «Disseram-me que tem camélias, é verdade?... Meu caro senhor, ajude-me, salve-me, suplico-lhe de joelhos!» Era um velho de alta estatura, grisalho, ar austero, uma figura de homem

impressionante. «Não, não, por nada deste mundo! Não dou!» Lancei-me aos seus pés e prostrei-me em absoluto diante dele. «Que está a fazer, meu caro senhor!», disse ele, com uma expressão de espanto. Gritei-lhe: «Não sabe que depende disto a vida de um homem?» «Ah, se é assim, leve as flores e Deus o guarde!» Arranjei logo um ramo de camélias vermelhas. Era maravilhoso. O velho tinha uma pequena estufa. Deu-mas, soltando suspiros. Entreguei-lhe cem *rublos,* «Não, meu senhor, poupe-me essa ofensa» «Se acha que é ofensa assim», disse-lhe eu, «queira aceitá-los a fim de permitir ao hospital da localidade melhorar as suas condições». «Isso é diferente, meu bom senhor», disse ele. «Trata-se de uma obra piedosa que será agradável a Deus. Entregarei este donativo em sua intenção». Devo dizer que o velho me comoveu; era um puro russo, um russo de *vraie souche*. Satisfeito com o meu sucesso, retomei o caminho do regresso, fazendo um desvio, para não me encontrar com Pedro. Logo que cheguei, mandei o ramo, para que o entregassem a Anfissa, mal que acordasse. Podem agora calcular a sua satisfação, o seu reconhecimento, as suas lágrimas de gratidão! Platão, que na véspera estava como morto e acabrunhado, soluçou sobre o meu peito. Pobre dele! Todos os maridos são os mesmos, desde a criação do... casamento! Não ouso acrescentar nada; somente posso dizer que este episódio fez ruir para sempre os sentimentos amorosos do pobre Pedro. Supus então que era capaz de me matar, quando soubesse do meu gesto, e por essa razão dispus-me a ir procurá-lo. Passou-se porém uma coisa que nunca teria calculado: perdeu a razão; foi acometido à tarde por um acesso de delírio e na manhã seguinte estava com uma congestão cerebral; soluçava e tinha convulsões com uma criança. No fim de um mês, logo que melhorou, pediu que o mandassem para o Cáucaso; em suma, um verdadeiro romance! Acabou por se matar na Crimeia. Seu irmão, Stefane Vorkhovski, distinguia-se então à frente de um regimento. Confesso que durante anos fui torturado pelo remorso; por que razão e com que intenção lhe tinha eu dado um tal golpe?... O meu ato teria desculpa, se nessa altura estivesse apaixonado por ela. Porém isto não passara de uma simples brincadeira; o prazer de ser galanteador, nada mais. E se eu não tivesse entregado aquele ramo, quem sabe?, talvez que ele ainda fosse vivo e alcançasse a felicidade e o sucesso. Nunca teria tido a ideia de ir combater os turcos.

Totski calou-se com a mesma austera dignidade que havia mostrado ao começar a narração. Notou-se que os olhos de Nastásia refletiam um

brilho singular e que os próprios lábios tremiam, quando Totski acabou de falar. Tornaram-se o alvo de todos os olhares.

— Enganaram o Ferdistchenko! Enganaram-no indignamente! — exclamou este num tom de lamúria e sentindo que era obrigado a falar.

— Tanto pior para si, se não compreendeu nada do jogo! Mostra que tem de instruir-se junto de pessoas de espírito — replicou sentenciosamente Daria Alexeievna, que era a velha e fiel amiga, a cúmplice de Totski.

— Tem razão, Totski, este jogo é muito aborrecido; é preciso acabar com ele o mais depressa possível — disse num tom negligente Nastásia. — Vou contar o que prometi e depois podem todos jogar as cartas.

— Mas antes disso queremos ouvir a anedota prometida! — aprovou o general com calor.

— Príncipe — disse de súbito Nastásia, numa voz cortante e sem se mexer — vê aqui reunidos os meus velhos amigos, o general e Totski, que me incitam a todo o instante ao casamento. Dê-me a sua opinião: devo ou não casar com o partido que me propõem? O que o senhor disser, é o que farei.

Totski empalideceu e o general pareceu ficar pasmado. Todos os assistentes estenderam o pescoço e fixaram os olhos no príncipe. Gabriel ficou preso ao seu lugar.

— Qual partido? — perguntou o príncipe numa voz impercetível.

— Gabriel Ardalionovitch Ivolguine — informou Nastásia no mesmo tom cortante e firme.

Houve uns segundos de silêncio; dir-se-ia que o príncipe tentava falar, mas não conseguia emitir um único som, como se um peso enorme lhe oprimisse o peito.

— Não... não case com ele! — murmurou por fim com um grande esforço.

— Assim seja! — disse ela, e logo a seguir, num tom autoritário: — Gabriel Ardalionovitch, ouviu a sentença do príncipe? É essa também a minha resposta. E não quero ouvir falar mais em tal assunto!

— Nastásia! — balbuciou Totski com voz trémula.

— Nastásia! — articulou o general num tom patético e inquieto.

A comoção geral traduziu-se por um momento de agitação.

— Que têm, meus senhores? — continuou ela, afetando olhar os seus convidados com surpresa. — Porque se alarmam? E porque fazem essas

caras?

— Mas... lembre-se Nastásia — gaguejou Totski — que prometeu, sem a sombra de uma contrariedade... e teria podido pelo menos poupar... Sinto-me incomodado e... sem dúvida, estou perturbado, mas... em duas palavras, agora, num tal momento e… diante de todos!... E depois, terminar com um jogo como este uma questão tão séria, um caso de honra e de coração... de que depende…

— Não o compreendo, Totski, pois está de facto completamente desnorteado. Por agora, que quer dizer com essas palavras «diante de todos»? Não estaremos numa encantadora sociedade de pessoas íntimas? E para que falar nesse «pequeno jogo»? Quis, é verdade, contar a minha anedota. Pois bem! Já a contei. Não é engraçada? E porque quer insinuar que isto não é sério? Em que é que não é sério? Não me ouviu dizer ao príncipe: «o que o senhor decidir, é o que eu farei». Se ele tivesse dito *sim,* teria logo dado o meu consentimento. Mas ele disse *não* e eu recusei. Não será isto sério? Era toda a minha vida presa por um cabelo!... O que há de mais sério?

— Mas o príncipe? Porque consultar o príncipe neste assunto? E quem é, antes de tudo, o príncipe? — balbuciou o general, que a custo dominava a sua indignação e considerava como uma ofensa a autoridade atribuída ao príncipe.

— Consultei o príncipe, porque é o primeiro homem, desde que me conheço, cuja dedicação e sinceridade me inspiraram confiança. Desde o primeiro encontro que ele teve fé em mim e eu tive fé na sua pessoa.

— Só me resta agradecer à Nastásia a extrema delicadeza que... mostrou ter comigo — disse por fim Gabriel com voz trémula, pálido e os lábios crispados. — Com certeza não podia ser de outra maneira... mas o príncipe? O príncipe neste assunto?

— O príncipe foi tentado pelos setenta e cinco mil *rublos,* não é verdade? — interrompeu bruscamente Nastásia. — E o que o senhor quer dizer? Não se defenda; é sem dúvida alguma o que pretende dizer. Totski, esqueci-me acrescentar isto: queria guardar esses setenta e cinco mil *rublos,* porém fique sabendo que lhe concedo gratuitamente a sua liberdade. E fiquemos por aqui! Já é tempo de os deixar respirar! Nove anos e três meses!... Amanhã começará para mim uma nova existência, entretanto hoje é a minha festa; pela primeira vez na minha vida pertenço a mim mesmo. General, entrego-lhe também o seu colar de pérolas. Aqui o

tem. Faça presente dele a sua esposa. De amanhã em diante deixo para sempre esta casa. Não haverá mais reuniões, meus senhores!

Após ter proferido estas palavras, levantou-se bruscamente e fez o gesto de se retirar.

— Nastásia! Nastásia! — exclamaram todos os convivas, que dominados por uma grande comoção, se tinham levantado e, rodeando a jovem senhora, escutavam com ansiedade as suas palavras desordenadas, febris, delirantes. Nesta atmosfera de confusão, ninguém dava conta do que se passava, ninguém mesmo se entendia.

Entretanto, um violento toque de campainha retiniu, o mesmo que anteriormente se ouvira em casa de Gabriel.

— Ah! Ah! Eis a palavra final!... Há muito tempo que o esperava. Onze horas e meia! — exclamou Nastásia. — Queiram voltar a sentar-se, meus senhores; é o desfecho.

Dito isto, sentou-se também. Um sorriso estranho lhe distendia os lábios. Numa atitude silenciosa, mas febril, tinha os olhos fitos na porta.

— E com certeza Rogojine com os seus cem mil *rublos* — murmurou Ptitsine.

Capítulo 15

A criada de quarto, Katia, acorreu com ar amedrontado.

— Só Deus sabe o que se passa lá fora, minha senhora! É uma dúzia de indivíduos, todos bêbados, que pedem para entrar. Dizem que Rogojine vem com eles e que a senhora sabe do que se trata.

— É verdade, Katia. Manda-os entrar a todos, imediatamente.

— Será possível... a todos, Nastásia? Mas as suas maneiras são pouco delicadas!... É horrível!

— Manda-os entrar a todos, já te disse, Katia; todos, do primeiro ao último, não tenho medo. Além disso eles foram entrando, mesmo sem o teu consentimento. Ouves já o barulho que fazem? É como hoje pela manhã. Meus senhores — disse ela, dirigindo-se aos convidados — talvez estejam admirados por me verem receber, na sua presença, uma tal sociedade. Lastimo muito tudo isto e peço-lhes para me desculparem, mas é necessário e tenho o mais vivo desejo que se dignem assistir todos a este desfecho; no entanto farão como lhes agradar...

Os convidados continuavam a manifestar a sua surpresa e a murmurar entre eles, trocando significativos olhares. Era perfeitamente claro que se encontravam em face de uma cena preparada de antemão e que Nastásia, se bem que tivesse, na verdade, perdido um pouco o senso, não desistia da sua ideia. Todos se sentiam atormentados pela curiosidade, e contudo ninguém tinha motivos para se sentir amedrontado. Havia apenas duas senhoras; Daria Alexeievna, uma atrevida, que, tendo visto muita coisa, não se amedrontava com tão pouco, e a bela e calada desconhecida, que, sendo alemã e não entendendo uma palavra do russo, não podia compreender do que se tratava. Esta última, além de tudo, parecia tão estúpida como bela. Se bem que chegada há pouco, era habitualmente convidada para certas reuniões noturnas, devido aos seus faustosos «vestidos» e à sua cabeleira, como que preparada para uma exibição; gostavam da sua presença, como ornamento, à maneira de um quadro, de um vaso, de uma estátua ou de um pano de boca, que se mostra aos amigos nas reuniões.

Os homens não tinham também razões para se impressionarem. Ptitsine, por exemplo, era amigo de Rogojine; Ferdistchenko sentia-se ali como peixe dentro de água; Gabriel não se reanimara ainda, mas sentia um confuso desejo, ao mesmo tempo irresistível e febril, de ficar até ao fim, preso ao seu ignominioso pelourinho; o velho pedagogo não percebia nada do que se passava, mas estava prestes a desfazer-se em lágrimas e tremia literalmente de medo, ao ver a desordem que dominava todos aqueles que o rodeavam, bem como a própria Nastásia, que ele adorava, como um avô adora a neta. Teria preferido morrer, do que abandoná-la naquele momento.

Quanto a Totski, era evidente que não tinha nenhum desejo de se comprometer em aventuras deste género, mas tinha muito interesse nesta questão, a despeito dos esforços insensatos que fazia para se poder retirar; por outro lado Nastásia tinha deixado escapar, a seu respeito, duas ou três palavras, das quais ele queria a todo o custo ter uma explicação satisfatória. Decidiu então ficar até ao fim e manter um silêncio absoluto, circunscrevendo-se ao papel de observador, único compatível com a sua dignidade.

O general Epantchine, furioso pela maneira impertinente e irónica com que lhe tinham devolvido o seu presente, podia sentir-se mais melindrado que os outros, devido às suas extravagâncias e à aparição de Rogojine. Um homem da sua estirpe tinha já levado muito longe a sua condescendência, misturando-se com a sociedade de um Ptitsine ou de um Ferdistchenko. Sob o domínio da paixão chegara ao ponto de atingir um tal desfalecimento; todavia, o sentimento do dever, a consciência da sua nobreza e da sua situação, assim como o respeito que devia a si próprio, tinham conseguido reimpor-se e não podia mais, em qualquer dos casos, tolerar a presença de Rogojine e dos seus companheiros. Voltou-se para Nastásia a fim de lho fazer sentir, mas mal tinha aberto a boca, já ela o interrompia.

— Ah, general, esquecia-me!... Esteja certo de que previ as suas objeções. Se receia uma injúria, não insisto em retê-lo, se bem que a sua presença neste momento me fosse muito preciosa. De qualquer maneira agradeço-lhe muito a sua visita e a sua agradável intenção. Porém se tem medo...

— Perdão, Nastásia — exclamou o general num transporte de generosidade cavalheiresca — a quem julga que fala? Só por dedicação

pela sua pessoa ficarei ao seu lado, e se, por acaso, algum perigo a ameaça... Devo além disso confessar-lhe que a minha curiosidade foi excitada ao mais alto grau. Temo somente que essa gentalha lhe emporcalhe os tapetes ou quebre qualquer coisa... Na minha opinião, Nastásia, faria melhor não os recebendo.

— Aqui está Rogojine em pessoa! — anunciou Ferdistchenko.

— Que lhe parece, Totski? — murmurou-lhe rapidamente o general ao ouvido. — Não estará ela doida? Digo doida, no verdadeiro sentido, na aceção médica da palavra. Que pensa disto?

— Já lhe disse que há muito tem predisposição para a loucura — murmurou Totski com um ar de entendido.

— Não esqueça que está com febre.

O bando de Rogojine, mais ou menos composto da mesma maneira que de manhã, aumentara apenas com dois novos elementos; um era um velho libertino, que fora já redator de um jornal, provocador de escândalos; contava-se que empenhara a dentadura, montada em ouro, para beber; o outro era um tenente reformado, que se dizia rival constante do homem de punhos de hércules; nenhum dos companheiros de Rogojine o conhecia; a turba tinha-o aliciado na margem soalheira do esperançoso Nevski, onde tinha o hábito de mendigar; interpelava os passeantes com tiradas à maneira de Marlinski e fazia valer junto deles este argumento especial: «do meu tempo dava esmolas de quinze *rublos* por cabeça».

Os dois rivais haviam antipatizado desde o primeiro encontro. O homem dos punhos de hércules sentia-se ofendido pela admissão de um «mendigo» no seu grupo, mas, sendo de seu natural taciturno, tinha-se limitado a grunhir como um urso e a opor um fundo desprezo aos cumprimentos e às mesuras que o outro lhe dispensava, para se fazer passar por homem da sociedade, por político. O tenente era, sem dúvida, destes que, para abrirem caminho, preferem a destreza aos expedientes da força, tanto mais que não tinha a estatura do seu rival. Delicadamente, sem provocar a contradição, mas tomando um ar de altivez, tinha por diversas vezes preconizado a superioridade do *box* inglês e mostrava-se um admirador das coisas do Ocidente. À palavra *box,* o ofendido atleta tivera um sorriso de desprezo*;* desdenhando discutir com o oficial, mostrou-lhe, ou melhor, exibiu-lhe, sem dizer uma palavra e como por acaso, alguma coisa de eminentemente nacional: um punho enorme, musculoso, nodoso e coberto de uma penugem ruiva. Mostrava claramente a todos que se este

atributo, profundamente nacional, se abatesse sobre qualquer coisa, esta seria reduzida a pó.

Da mesma forma que de manhã, todos os membros do grupo se apresentavam completamente bêbados. Rogojine, que todo o dia havia pensado na sua visita à Nastásia, tinha-os convidado a todos. Ele mesmo tivera o cuidado de se embebedar por completo, ficando como que imbecilizado por todas as comoções que lhe originara este dia, sem precedentes na sua existência. Tinha apenas na cabeça e no coração um único pensamento, uma ideia fixa que o obsidiava sem intermissão. Este único pensamento trouxe-o, desde as cinco horas da manhã até às onze da noite, num estado ininterrupto de angústia e alarme: passara este tempo a estimular Kinder e Biskoup, os quais, parecendo ter perdido a transmontana, passaram o dia a correr, em procura do dinheiro de que tinha necessidade. Por fim sempre conseguiram arranjar a referida importância de cem mil *rublos,* de que Nastásia falara muito evasivamente e em ar de brincadeira. Porém os juros exigidos foram tão exorbitantes, que o próprio Biskoup, cheio de vergonha, falava apenas a Kinder e em voz baixa.

Como na cena da manhã, Rogojine caminhava à frente do seu grupo; os acólitos seguiam-no com uma certa timidez, se bem que tivessem plena consciência das suas prerrogativas. Era sobretudo Nastásia, não se sabia bem porquê, que lhes inspirava medo. Alguns deles contavam mesmo ser corridos, de um momento para o outro, pelas escadas fora. Neste número encontrava-se o elegante D. João, Zaliojev. Outros, no seu foro íntimo, tinham um profundo desprezo e mesmo uma certa raiva por Nastásia; estavam ali, como se fossem assaltar uma fortaleza. Na primeira fila destes estava o homem dos punhos de hércules. Entretanto foram dominados por uma irresistível impressão de respeito e quase intimidação, ante o luxo magnificente dos dois primeiros aposentos e dos objetos que os decoravam, os quais constituíam novidade para eles: móveis raros, quadros e uma grande estátua de Vénus. Este sentimento não os impediu de se introduzirem, com uma imprudente curiosidade, atrás de Rogojine, até ao salão. Porém logo que o atleta, o «mendigo» e outros reconheceram o general Epantchine, entre os convidados, sentiram nos primeiros momentos um tal desencorajamento, que começaram a bater em retirada para a sala vizinha. Lebedev estava no número daqueles que não tinham perdido a calma; avançava quase ao lado de Rogojine, todo cheio daquela

vaidade que sente um homem que possui um milhão e quatrocentos mil *rublos* em dinheiro, e dos quais cem mil no bolso, naquele momento. Convém no entanto notar que todos, compreendendo mesmo o conhecedor de leis, que era Lebedev, tinham uma ideia confusa dos limites do seu poder e do que lhes era permitido e proibido fazer naquele instante. Em certos momentos, Lebedev quase chegava a jurar que tudo lhes era permitido; noutros, sentia-se inquieto e cedia ante a necessidade de rememorar, para todos os fins úteis, certos artigos do código, de preferência aqueles que julgava reconfortantes e asseguradores.

O salão de Nastásia estava longe de produzir sobre Rogojine a impressão que produzira sobre os seus companheiros. Desde que a porteira fora acordada até que vira a jovem senhora, tudo o resto deixara de existir para ele. Foi, mas num grau muito mais intenso, o sentimento que sentiu de manhã, ao vê-lo em casa dos Ivolguine. Empalideceu e ficou um momento imóvel; podia adivinhar-se que o coração lhe batia violentamente. Durante alguns segundos fitou-a com um olhar tímido e alucinado, e sem que pudesse tirar os olhos dela. Depois, bruscamente, com o aspeto de um homem completamente fora de si, aproximou-se, vacilando, da mesa; agarrou-se, ao passar, à cadeira de Ptitsine e calcou, com as botas sujas, a guarnição de renda que adornava o sumptuoso vestido azul que trazia a bela e taciturna alemã. Não lhe pediu desculpa, nem de tal se apercebeu. Chegado junto da mesa, colocou sobre ela um estranho objeto que trazia nas mãos desde a sua entrada no salão. Era um pacote com a espessura de treze centímetros e dezoito de comprimento; estava embrulhado num número da «Gazeta da Bolsa» e muito bem atado com um fio como aquele que é vulgar empregarem para amarrar os pães de açúcar. Depois de ter pousado o embrulho, ficou sem dizer uma palavra, com os braços ao longo do corpo, na atitude de um homem que espera a sua sentença. Envergava o mesmo traje que pela manhã, somente passara à volta do pescoço um lenço de seda, ainda novo, verde claro e vermelho, no qual estava preso um alfinete ornado com um enorme brilhante, representando um escaravelho. Um enorme diamante cintilava no anel que trazia no indicador da mão direita, a qual estava suja. Quanto a Lebedev, parou a três passos da mesa; os outros membros do grupo foram entrando pouco a pouco para o salão. Katia e Pacha, criadas de Nastásia, haviam acorrido também e observavam a cena de trás da porta, ligeiramente entreaberta; nas suas faces refletia-se a surpresa e o temor.

— Que vem a ser isto? — perguntou Nastásia, fitando Rogojine e indicando-lhe o embrulho com um ar interrogador.

— São os cem mil *rublos* — respondeu ele, quase em voz baixa.

— Como veem cumpriu a palavra! Sente-se então, peço-lhe, ali, naquela cadeira; dir-lhe-ei daqui a pouco qualquer coisa. Quem trouxe com o senhor? Todo o seu bando de patifes? Pois então que entrem e que se acomodem da melhor maneira. Têm aqui um sofá onde se podem sentar, está ali ainda outro e ao fundo da sala estão também umas cadeiras... Mas que têm eles? Não querem ficar?

Com efeito, alguns deles, realmente intimidados, eclipsaram-se e foram sentar-se e esperar num aposento vizinho. Os que ficaram, tomaram lugar nos sofás e cadeiras indicadas, porém a uma certa distância da mesa e nos cantos. Uns desejavam a todo o custo passarem desapercebidos; outros, pelo contrário, tomavam conta rapidamente dos seus lugares. Rogojine sentou-se na cadeira que ela lhe indicou, mas não esteve lá muito tempo; levantou-se logo, para não mais voltar a sentar-se. Pouco a pouco pôs-se a examinar a assistência e a distinguir as pessoas suas conhecidas. Tendo avistado Gabriel, zombou dele maldosamente e murmurou consigo: «Olha, olha!». Ao ver o general e Totski, não se incomodou nem evidenciou curiosidade alguma. Porém, logo que reconheceu o príncipe, sentado ao lado de Nastásia, não pôde crer no que via e perguntou, admirado, a si mesmo, como podia ele estar ali. Havia momentos em que parecia estar dominado por um verdadeiro delírio. À parte as comoções do dia, passara toda a noite anterior numa carruagem do comboio e não dormia havia já quase quarenta e oito horas.

— Estão ali cem mil *rublos,* meus senhores — disse Nastásia, dirigindo-se a todo o auditório, num tom de febril impaciência e provocação. — Cem mil *rublos* neste embrulho imundo... Esta manhã este homem declarou, como um doido, que me traria à noite cem mil *rublos;* há bastante tempo que o esperava. Ele tentou comprar-me: começou por dezoito mil *rublos,* passou de um salto a quarenta mil e por fim cem mil, que estão aqui sobre a mesa. Pelo que se vê cumpriu a sua palavra. Oh, está pálido! Tudo isto se passou em casa do Gabriel. Tinha ido fazer uma visita à mãe dele, à minha futura família, e lá a irmã atirou-me à cara: «Será possível que não haja ninguém capaz de pôr na rua esta desavergonhada?». E depois cuspiu na cara do irmão. É uma moça toda cheia de caráter, não?

— Nastásia! — observou o general, num tom de censura, que começava a compreender a situação, mas à sua maneira.

— Que quer dizer general? Que acha esta cena indecente? Pois fique sabendo que resolvi brincar às mulheres mundanas. Durante os cinco anos em que me exibi no meu camarim do Teatro Francês, fiz por me mostrar hipócrita, fui feroz para com todos os que me perseguiam com a sua assiduidade, afetei uns ares de inocência altiva. Foi uma grande asneira em que caí. E passados os meus cinco anos de virtude, este homem põe diante de todos, sobre a mesa, cem mil *rublos;* tenho mesmo a certeza de que estes cavalheiros trouxeram as suas *troikas*, que me esperam lá em baixo. Avaliam-me então em cem mil *rublos*! Gabriel, vejo que estás ainda zangado comigo. Todavia, quem poderia acreditar que me querias levar a fazer parte da tua família? Eu, «a coisa de Rogojine»! Que dizia o príncipe esta manhã?

— Não disse que era a «coisa de Rogojine»! Isso não é a verdade! — exclamou o príncipe numa voz trémula.

— Nastásia — explodiu de repente Daria — acalma-te minha querida! Acalma-te minha pomba! Se a presença destas pessoas te é penosa, por que razão lhe dás importância? Será possível que, mesmo por cem mil *rublos,* tu vás com um tal indivíduo? Bem sei que cem mil *rublos* é qualquer coisa... Fica com eles e desembaraça-te daquele que tos ofereceu; é assim que se procede com essa gente. No teu lugar já os tinha posto a andar... Era assim que eu resolvia a questão.

Daria começava a perder a cabeça. Tinha bom coração e era muito impressionável.

— Vamos, não te zangues — disse, sorrindo, Nastásia. — Falei ao Gabriel sem cólera. Fiz-lhe alguma censura? Não consigo explicar a mim mesma como pude ser tão tola, até ao ponto de desejar introduzir-me no seio de uma família tão respeitável. Vi a mãe dele e beijei-lhe a mão. Fica sabendo, meu Gabrielzinho, que se em tua casa assumi uma atitude impertinente, foi de propósito e para ver, pela última vez, até onde podia ir a tua complacência. Francamente, surpreendeste-me. Contava com muitas coisas, mas nunca com aquilo... Poderias tu desposar-me, sabendo que este homem me tinha dado um colar de pérolas, quase na véspera do teu casamento e que eu aceitara o seu presente? E o Rogojine? Em tua casa, na frente da tua mãe e da tua irmã, leiloou-me, sem que isso tivesse impedido de vires aqui pedir a minha mão, e estiveste mesmo quase para trazer a tua

irmã. O Rogojine tinha razão quando dizia que, por três *rublos*, era capaz de te fazer andar a quatro patas até Vassili Ostrov!

— Iria a quatro patas, iria! — disse bruscamente Rogojine, a meia voz, mas num tom de profunda convicção.

— Perdoar-te-ia, se estivesses a morrer de fome; porém diz-se que ganhas bem a vida. E, além da desonra, preparavas-te para albergares sob o teu teto uma mulher que te é odiosa (porque tu odeias-me, bem o sei). Ah, não, agora não tenho dúvidas de que um homem como tu é capaz de matar por dinheiro! A cupidez avassala hoje em dia o coração dos homens até à loucura. Até as próprias crianças se fazem usurárias. Logo que apanham uma navalha de barba, envolvem-na num pano de seda e aproximam-se muito docemente, pelas costas, de um seu camarada, para o degolarem como a um carneiro. Li isso ainda nestes últimos dias... Numa palavra, és um homem sem vergonha. Eu também não tenho vergonha, mas tu és pior do que eu. Quanto ao homem dos ramos, nem quero falar nele!

— Será a senhora quem fala assim, Nastásia? — exclamou o general, batendo as mãos num gesto de desespero. — A senhora, tão delicada!... A senhora, cujos pensamentos eram tão encantadores! Ora aí tem onde foi cair... que linguagem... que expressões…

— Neste momento estou bêbada, general — disse Nastásia, rindo de súbito. — Tenho inveja de quem se diverte! Hoje a festa é minha, um dia de alegria que eu esperava há muito tempo. Daria, estás vendo esse presenteador de ramos, estás vendo esse *monsieur aux camélias*, que está ali sentado e que escarnece de nós...

— Não escarneço de ninguém, Nastásia; limito-me a escutar com a maior atenção — replicou dignamente Totski.

— Pergunto a mim mesma por que razão o fiz sofrer durante cinco anos, sem lhe restituir a sua liberdade? Valeria a pena? É simplesmente o homem que deve ser... E dirá ainda que fui injusta, dirá que me mandou educar, que me sustentou como uma condessa, que despendeu comigo um dinheirão louco, que me arranjou na localidade onde estivemos um honroso partido, e aqui um outro, na pessoa do Gabriel. Acreditas nisto? Durante os últimos cinco anos não vivi com ele, mas no entanto aceitava o seu dinheiro; julgava-me no direito de o fazer, tão radical era a perversão das minhas ideias. Dizes-me para aceitar os cem mil *rublos* e abandonar o homem, se ele me desagrada. Desagrada-me, na verdade. Há muito tempo

que teria podido casar-me e encontrar alguém melhor que o Gabriel, mas isso desagradava-me também. Por que razão perdi cinco anos a conter a minha raiva? Acredites ou não acredites, há quatro anos que, por várias vezes, perguntava a mim própria se não acabaria por desposar o meu Totski. Era a maldade que me impelia; tantas coisas me passavam então pela cabeça!... Se tivesse querido, ele teria ido até aí! Ele próprio dava-mo a entender, podes acreditar! É verdade que mentia, mas é tão sensual, que não teria podido resistir. Louvado Deus... depois refleti e perguntei a mim mesma se ele merecia tanto ódio. De repente, então, inspirou-me uma tal repugnância, que mesmo que me tivesse pedido em casamento, tê-lo-ia repudiado. Assim, durante estes cinco anos, brinquei às mulheres mundanas. Muito bem! Não... mais vale que eu vá para a rua, pois é ali o meu lugar. Ou me divertirei durante a noite com Rogojine, ou, a partir de amanhã, passarei a ser lavradeira. Não tenho nada de meu: no dia em que me for, atirar-lhe-ei com tudo quanto me deu, até ao último farrapo. Então que quererá de mim, quando eu não tiver mais nada? Perguntai ao Gabriel se é capaz de me desposar. Nem sequer o Ferdistchenko me queria!

— Talvez que o Ferdistchenko a não quisesse, Nastásia! Sou um homem franco — declarou ele. — Em compensação, querê-la-ia o príncipe! Está aí a lamentar-se, mas olhe para o príncipe; há muito tempo que o observo...

Nastásia voltou-se, com um ar interrogador, para o príncipe.

— É verdade? — perguntou ela.

— É — afirmou ele.

— Casaria comigo tal qual sou, sem nada?

— Casava, Nastásia...

— Aí temos mais outra! — rosnou o general. — Já era de esperar!

O príncipe fixou um olhar doloroso, severo e perscrutador no rosto de Nastásia, que continuava a observá-lo.

— Mais um que suspira! — disse ela bruscamente, dirigindo-se a Daria. — Fala com o seu bondoso coração, conheço-o! Encontrei nele um benfeitor. Além disso, talvez se tenha razão quando se diz que ele tem... um grão. De que viverás tu, se és bastante amoroso, capaz de desposar, sendo príncipe como és, uma mulher que é a «coisa de Rogojine»?

— Quero-a como uma mulher honesta, Nastásia, e não como a «coisa de Rogojine» — disse o príncipe.

— Então consideras-me como uma mulher honesta?

— Considero.

— Ah, mas isso é um romance, meu principezinho; isso são banalidades de outros tempos; os homens de hoje são mais sensatos e olham esses preconceitos como absurdos! E depois, como podes pensar em casar, quando tens ainda necessidade de uma ama seca?

O príncipe levantou-se e respondeu numa voz trémula e tímida, mas num tom de homem deveras convencido:

— Nada sei, Nastásia, e nada vi; tem razão, mas eu..., eu considero que é a senhora que me honra, e não o inverso. Não sou ninguém, mas a senhora, a senhora sofreu bastante e saiu pura de um tal inferno, e isto é muito! De que sente vergonha e porque quer partir com Rogojine? Está a delirar... Deu os setenta e cinco mil *rublos* a Totski e diz que abandonará tudo quanto aqui está; isso, nenhuma das pessoas presentes o faria!... Eu... eu amo-a, Nastásia. Estou pronto a morrer por si, Nastásia. Não permitirei a ninguém que diga uma única má palavra a seu respeito, Nastásia... Se ficarmos na miséria, trabalharei, Nastásia...

Enquanto proferia as últimas palavras, ouviu-se murmurar Ferdistchenko e Lebedev. O próprio general soltou uma espécie de grunhido de mau humor. Ptitsine e Totski apenas tiveram um sorriso. Os outros, estupefactos, ficaram simplesmente de boca aberta.

— Mas é possível que não cheguemos a cair na miséria. É possível que sejamos muitos ricos, Nastásia — continuou o príncipe no mesmo tom de timidez. — O que lhe vou dizer não tem nada de concreto e lastimo não ter podido ainda verificar o facto durante a tarde. Recebi, quando estava na Suíça, uma carta de um tal senhor Salazkine, de Moscovo, que me anuncia uma herança muito importante. Aqui está a carta.

Tirou com efeito uma carta do bolso.

— Ele terá perdido a cabeça? — murmurou o general. — Parece que estamos numa casa de doidos!

Houve um momento de silêncio.

— Se bem compreendi, o príncipe disse que recebeu uma carta escrita por Salazkine? — perguntou Ptitsine. — É um homem muito conhecido no seu meio, um agente de negócios muito cotado, e se foi efetivamente ele quem lhe escreveu, pode acreditar nas suas notícias. Por felicidade conheço a sua letra, porque tive ainda há poucos dias negócios com ele... Se me permite lançar um olhar sobre a carta, poderei talvez dizer-lhe qualquer coisa.

Sem proferir uma palavra, o príncipe estendeu-lhe a carta com mão trémula.

— Mas que é isto? Que é isto então? — exclamou o general, deitando à sua volta um olhar apalermado. — Será possível que tenha uma herança?

Todos os olhares se fixaram em Ptitsine enquanto lia a carta. A curiosidade geral foi aumentando de intensidade. Ferdistchenko não estava sossegado. Rogojine fitava ora o príncipe, ora Ptitsine, com um olhar de desfalecimento e de angústia. Daria parecia estar sobre brasas. Lebedev, não podendo conter-se, deixou o seu canto e veio ver a carta por cima do ombro de Ptitsine; estava dobrado em dois, na postura de um homem que espera receber uma bofetada em punição da sua curiosidade.

Capítulo 16

— Não há dúvida alguma — declarou por fim Ptitsine, dobrando a carta para a entregar ao príncipe. — Vai herdar uma grande fortuna em virtude do testamento da sua tia. Esse testamento está em ordem e não encontrará nenhuma dificuldade.

— É impossível! — exclamou o general, que se levantou rápido, como um tiro de pistola.

De novo todos os assistentes ficaram de boca aberta.

Ptitsine explicou, dirigindo-se particularmente a Ivan, que uma tia do príncipe havia morrido cinco meses antes; era a irmã mais velha de sua mãe, mas ele nunca a conhecera pessoalmente; pertencia à família dos Papouchine e seu pai, negociante moscovita de terceira categoria, havido aberto falência e tinha morrido na miséria. O irmão mais velho deste último, falecido há pouco tempo, tinha ocupado uma alta posição do comércio. Tendo perdido um ano antes os dois filhos, no espaço de um mês, o seu desgosto foi a causa da doença que o arrebatou. Era viúvo e deixou apenas uma herdeira, sua sobrinha, a tia do príncipe, uma pobre mulher que vivia sob um teto estranho. Quando herdou essa fortuna, morreu de hidropisia; porém encarregou antes Salazkine de procurar o mais depressa possível o príncipe e teve ainda tempo de fazer o seu testamento. Parece que nem o príncipe nem o médico, em casa de quem estava hospedado na Suíça, quiseram esperar o comunicado oficial ou proceder a qualquer investigação: o príncipe meteu no bolso a carta de Salazkine e apressou-se a partir para a Rússia.

— Posso apenas dizer-lhe uma coisa — concluiu Ptitsine, dirigindo-se ao príncipe — é que tudo quanto escreveu Salazkine acerca da indiscutível legitimidade dos seus direitos deve ser tido fora de toda a contestação; é como se já tivesse o dinheiro no bolso. Os meus cumprimentos, príncipe! Vai talvez receber um milhão e meio, se não mais. Papouchine era um negociante muito rico.

— Um viva pelo último dos príncipes Míchkin! — gritou Ferdistchenko.

— Hurra! — gritou Lebedev numa voz avinhada.

— E pensar que lhe emprestei hoje vinte e cinco *rublos* como se empresta a um pobre diabo... Ah, ah! É simplesmente inacreditável! — disse o general aturdido. — Cumprimentos, meu caro, cumprimentos...

E levantou-se para ir abraçar o príncipe. Outros o imitaram. Até mesmo os que tinham ficado atrás da porta entraram no salão. Uma grande algazarra se ouviu em seguida; ressoaram exclamações e procurou-se champanhe. Os empurrões e a agitação foram tais, que se esqueceram por momentos de Nastásia, bem como, de que a festa decorria em casa dela. Pouco a pouco, entretanto, os convivas lembraram-se de que o príncipe lhe tinha feito uma proposta de casamento. A confusão e o extraordinário da situação não deixaram de se acentuar cada vez mais. Totski, deveras abatido, encolhia os ombros; era o único, quase, que permanecia sentado, enquanto os outros convidados se comprimiam em desordem à volta da mesa. Toda a gente concordou, por conseguinte, que foi nesse momento que a loucura de Nastásia se declarou. Tinha-se mantido na sua cadeira, passeando um olhar desvairado sobre a assistência, como se fosse estranha ao que se passava e fizesse esforços por manter as suas ideias. Depois voltou-se rápida para o príncipe e enrugando as sobrancelhas com um ar encolerizado, olhou-o fixamente; foi questão de um instante; talvez tivesse tido a súbita impressão de que era joguete de uma mistificação ou de um gracejo; a fisionomia do príncipe, porém, desenganou-a imediatamente. Tornou-se pensativa e começou a sorrir com um ar inconsciente.

— Então é verdade, vou ser princesa! — murmurou num tom escarninho, como se falasse consigo. E tendo os seus olhos fitado, por acaso, Daria, soltou uma forte gargalhada. — Este desfecho foi inesperado... não o previa... Mas, meus senhores, porque estão aí de pé? Sentem-se, peço-lhes e felicitem-nos, ao príncipe e a mim. Creio que nenhum reclamou champanhe. Ferdistchenko, vai dizer que nos sirvam! Katia, Pacha — acrescentou ela, de repente, ao avistar as criadas no limiar da porta — aproximai-vos. Estais ouvindo? Vou-me casar. Vou ser esposa de um príncipe que tem um milhão e meio. É o príncipe Míchkin; pediu-me em casamento.

— Que Deus te abençoe, minha boa amiga! Já era tempo! Não deixes escapar a ocasião! — exclamou Daria, deveras comovida com esta cena.

— Sente-se aqui ao meu lado, príncipe — continuou Nastásia. — Aí ou aqui! Tragam-nos vinho! Podem felicitar-me, meus senhores.

— Hurra! — gritaram numerosas vozes.

A maior parte dos convidados, e em especial quase todos os do grupo de Rogojine, se comprimiram à volta das garrafas. Todos gritavam e estavam dispostos a gritar mais, mas muitos, de entre eles, apesar da confusão estabelecida, reconheciam que o bom senso havia desaparecido. Outros, sempre dominados pela desordem, esperavam com desconfiança o seguimento da aventura. Outros ainda, e estes formavam o maior número, murmuravam entre si que era vulgar ver-se o que se estava a passar, e que muitas vezes se sabia de príncipes que iam procurar as boémias aos seus ninhos para as desposarem. Rogojine havia-se mantido um pouco atrás, a contemplar a assistência, com um sorriso perplexo, afivelado ao rosto.

— Meu caro príncipe, segure-se — murmurou num tom de comoção, o general, aproximando-se do príncipe sem que ninguém visse e agarrando-lhe pela manga do casaco.

Nastásia surpreendeu o gesto e começou a rir.

— Ah, não, general! Agora sou também uma princesa, e o príncipe não permitirá que me faltem ao respeito, está a ouvir? Totski, pode felicitar-me. A partir de hoje já posso sentar-me em qualquer lugar, ao lado até da sua esposa. Que supunha? Não é uma felicidade ter um tal marido? Um milhão e meio, um príncipe que, além de tudo o mais, passa por idiota, a quem se pode pedir do melhor? É somente agora que vou verdadeiramente começar a viver. Foi muito tarde, Rogojine! Podes levar o teu embrulho. Desposo o príncipe e serei mais rica do que tu!

Só então Rogojine acabou por compreender o motivo por que ela o deixava. Um sofrimento inexplicável se lhe refletiu no seu rosto. Levantou os braços, enquanto um fundo gemido lhe saía do peito.

— Desiste! — gritou ele ao príncipe.

Uma risada geral saudou esta apóstrofe.

— Querias que ele desistisse em teu favor? — replicou Daria num tom arrogante. — Reparai neste campónio que atirou com o dinheiro sobre a mesa! O príncipe propôs o casamento; tu, tu só vieste aqui para fazer escândalo...

— Mas eu também a quero desposar! Estou mesmo pronto a casar com ela, imediatamente! Dar-lhe-ei tudo...

— Tudo, como numa taberna, meu bêbado! Devia-te mandar pôr fora da porta! — replicou Daria, indignada.

As risadas tornaram-se cada vez maiores.

— Estás a ouvir, príncipe? — perguntou Nastásia. — Repara como este campónio trata a tua noiva.

— Está bêbado — informou o príncipe — e além disso ama-a muito.

— E não terás vergonha, mais tarde, ao pensares que a tua noiva esteve para fugir com o Rogojine?

— Está dominada por um acesso de orgulho; e agora mesmo está com uma espécie de delírio...

— E não corarás se te disserem mais tarde que a tua esposa foi a amante de Totski?

— Não, não corarei... Se tem vivido com Totski, tem sido contra a sua vontade.

— E nunca mais me repreenderás?

— Nunca mais.

— Toma cuidado, não te desposo por toda a vida!

— Nastásia — disse o príncipe numa voz terna e cheia de comiseração — muito longe de julgar que lhe concedo uma honra, pedindo a sua mão, disse-lhe sempre que eu é que me sentia honrado se consentisse em casar comigo. Sorriu ao ouvir estas palavras e por mim entendi também rir acerca da minha pessoa. Pode ser que me tenha exprimido mal e que tenha sido ridículo; no entanto pareceu-me sempre compreender o que é a honra e estou certo de ter dito a verdade. Há um momento a Nastásia queria perder-se sem remissão, porque não lhe seria perdoado esse seu procedimento; contudo não era culpada de coisa alguma! Não se pode consentir que a sua vida tome um rumo irremediável. Pouco importa que Rogojine tenha feito esta diligência junto da sua pessoa e que Gabriel tenha procurado enganá-la. Por que razão recorda sempre essas coisas? O que tem feito, volto a repeti-lo, poucas pessoas teriam sido capazes de o fazer; se tivesse querido seguir Rogojine, era devido a qualquer estranha influência e então teria sido preferível ir descansar primeiro. Se o tivesse seguido, tê-lo-ia deixado no dia seguinte, para se tornar uma lavradeira. É orgulhosa, Nastásia, mas é talvez tão infeliz que acabará por se julgar positivamente culpada. Tem a necessidade de ser muito acompanhada. Tome cuidado com a sua pessoa. Por mim, logo que vi o seu retrato, tive a impressão de estar vendo um rosto conhecido. Pareceu-me também que me chamava... Eu... eu estimá-la-ei toda a vida — concluiu inopinadamente o príncipe, ao mesmo tempo que corava, como se de

repente tivesse visto o auditório ante o qual se entregara a estas confidências.

Ptitsine, calado, por parecer ter sentido um sentimento de pudor, baixou a cabeça, de olhos fitos no chão. Totski pensava no seu íntimo: «É um idiota, mas sabe que a lisonja é o melhor meio para alcançarmos os nossos fins! É o instinto!»

O príncipe notou que Gabriel, do seu canto, dardejava sobre ele uns olhares rutilantes, como se quisesse fulminá-lo.

— É o que se pode chamar um homem sem coração! — declarou Daria, com piedade.

— É um rapaz bem-educado, mas perde-se — murmurou a meia voz o general.

Totski pegou no chapéu e fez menção de se retirar. O general e ele, trocando um olhar de entendimento, combinaram sair juntos.

— Obrigada, príncipe — disse Nastásia. — Nunca ninguém me falou dessa forma até este momento. Têm-me sempre contratado; nunca um homem honesto me falou em casamento. Está a ouvir, Totski? Que pensa de tudo quanto o príncipe acaba de dizer? Pensa, sem dúvida, que isto se aproxima da inconveniência? Rogojine, espera um momento! Pelo que parece, não tens a intenção de ir já embora!... Bem pode ser que ainda vá contigo. Onde pensas levar-me?

— A Ekaterinov — interveio do seu canto Lebedev, entretanto que Rogojine, enraivecido, o olhava com o aspeto de um homem que não acredita ao que está ouvindo. Encontrava-se tão perturbado, como se tivesse recebido uma violenta pancada na cabeça.

— Que tens tu, minha querida? Estás a delirar? Perdeste a cabeça? — exclamou Daria, deveras admirada.

— Supões que estou a falar a sério? — replicou Nastásia, soltando uma gargalhada e levantando-se de um salto. — Supões-me capaz de tornar impossível a vida deste inocente? Isso é bom para o Totski, que é capaz de enganar as pobres menores. Vamos, Rogojine! Prepara o teu embrulho! Pouco importa que queiras desposar-me ou não; dá-me de qualquer forma o dinheiro... É ainda muito possível que te recuse a minha mão. Pensas oferecer-me o casamento e guardar o dinheiro? Queres-te rir de mim? Eu sou, não duvides, uma criatura sem vergonha. Tenho sido a concubina de Totski... Quanto a ti, príncipe, a mulher que te convém é a Aglaé Epantchine e não a Nastásia Filipovna. Se cometesses essa asneira,

o próprio Ferdistchenko apontar-te-ia a dedo. Não é para escarnecer, sei bem… mas eu é que teria medo de causar a tua perda e merecer mais tarde as tuas exprobrações. Sobre a honra que te daria, tornando-me tua mulher, Totski saberia informar-te bem!... Tu, Gabriel, perdeste uma boa ocasião de casar com a Aglaé Epantchine. Tiveste dúvidas, apenas? Se não tivesses querido negociar com ela, ter-te-ia certamente desposado. Sois todos os mesmos; é preciso estabelecer diferença entre as mulheres honestas e as cortesãs; de outra forma não se distinguem mais... Reparai no general, como olha para nós de boca aberta...

— Parece que estamos em Sodoma... em Sodoma!... — repetiu o general, encolhendo os ombros. Tinha-se já levantado do sofá; de novo todos os outros se puseram também de pé. Nastásia parecia ter atingido o paroxismo da exaltação.

— Será possível? — gemeu o príncipe, torcendo as mãos.

— Porquê? Não posso ter também o meu orgulho, por mais desavergonhada que seja? Disseste-me ainda há pouco que era uma perfeição!... Linda perfeição, na verdade, que se lança na lama unicamente para poder vangloriar-se de ter calcado aos pés um milhão e um título de princesa. Repara, que espécie de mulher poderia ser para ti, depois disto? Totski pode informar-vos que deitei de facto um milhão pela janela fora. Como pudeste acreditar que me ia sentir feliz em desposar o Gabriel, levada pelo engodo dos seus setenta e cinco mil *rublos?* Guarda-os, Totski, visto que tu não terias ido até cem mil! Rogojine foi mais generoso do que tu!... Quanto ao Gabriel, consolá-lo-ei, para o que tenho cá a minha ideia. Agora quero fazer a minha festa, pois não sou eu uma moça das ruas? Passei dez anos numa prisão; é chegado para mim o momento de ser feliz!... Está bem, Rogojine? Prepara-te para partirmos.

— Partamos! — gritou Rogojine, quase louco de alegria. — Vamos lá!... Meus amigos... vinho... Uf!

— Ide prevenidos com vinho, porque eu quero beber. Haverá lá música?

— Certamente! Ninguém se aproxime! — vociferava Rogojine, furioso, ao ver Daria avançar para Nastásia. — Ela é minha I Tudo é meu! Ela é a minha rainha! Não tem nada a fazer!

A alegria sufocava-o; girava à volta de Nastásia, gritando aos assistentes: «Que ninguém se aproxime!» Todos os do seu grupo invadiram nesta altura o salão. Uns bebiam, e outros gritavam e riam às

gargalhadas; a excitação e a sem-cerimónia estavam atingindo o cúmulo. Ferdistchenko procurava introduzir-se no grupo. O general e Totski fizeram uma nova tentativa para se esquivarem. Gabriel tinha também o chapéu na mão, mas mantinha-se de pé e calado, como se não pudesse desviar os olhos desta cena.

— Ninguém se aproxime! — continuava a gritar Rogojine.

— Porque berras assim? — perguntou Nastásia, soltando uma gargalhada. — Sou ainda a dona da casa; basta proferir uma palavra e pôr-te-ão fora da porta. Ainda não peguei no teu dinheiro; tem estado sempre aí. Traz-mo aqui; dá-me todo o embrulho! Estão então cem mil *rublos* neste embrulho? Oh, que horror! Que tens, Daria? Achas que posso portanto arruinar a sua vida? — E indicava o príncipe. — Casar com ele, quando tem ainda necessidade de uma ama? O general completará o papel: reparai como ele o lisonjeia. Ouça, príncipe: a sua noiva pegou no dinheiro porque é uma prostituta, e o senhor quer casar com ela? Mas porque chora? Isto magoa-o? Faça como eu, ria! — continuou Nastásia, no rosto da qual brilhavam duas grossas lágrimas. — Deixe passar o tempo e tudo passará também! É melhor mudar de opinião agora, do que mais tarde... Mas que tem, para chorar assim? E a Katia também chora! Que tens tu, minha pequena Katia? Deixar-vos-ei, a ti e à Pacha, bastante dinheiro. Já tomei as minhas disposições. E agora, adeus! A ti, uma honrada moça, obriguei-te a servir uma desavergonhada... Príncipe, é melhor assim, muito melhor, porque mais tarde desprezar-me-ia e não seríamos felizes. Não faça juramentos nem protestos: não o acreditaria. E que estupidez isso não era! Não, é preferível que digamos gentilmente adeus, porque, como vê, eu sou também uma sonhadora e isto não daria nada de bom. Julga que nunca sonhei consigo? Foi durante os cinco anos de solidão, passados no campo, em casa deste homem! Deixava-me levar pelos meus pensamentos, pelos meus sonhos, e imaginava um homem como tu, bondoso, honrado, bonito, um pouco idiota mesmo, levantando-se de repente e dizendo-me: «Não és culpada, Nastásia Filipovna, adoro-te!» E entregava-me a esse sonho, a ponto de perder a cabeça... No final chegava este cavalheiro, que passava dois meses, por ano, ao pé de mim, e que partia, deixando-me desonrada, ultrajada, sobre-excitada e pervertida. Mil vezes pensei lançar-me ao lago, mas faltava-me a coragem e não tinha a força precisa para o fazer. E agora... Rogojine, estás pronto?

— Tudo pronto! — repetiram várias vozes.

— As «troikas» esperam-nos lá em baixo com os seus cocheiros.

Nastásia tomou o embrulho nas mãos.

— Gabriel, ocorreu-me uma ideia; quero-te recompensar, porque não há razão para que percas tudo. Rogojine supõe-te capaz de ires de gatas até Vassili Ostrov, por três *rublos*.

— Sim!

— Então escuta, Gabriel; quero contemplar a tua alma pela última vez. Fizeste-me sofrer durante três longos meses; agora é a minha vez. Vês este embrulho? Contém cem mil *rublos*. Pois bem, vou-o deitar, dentro de instantes, no fogão, no meio do fogo, diante de todos os assistentes, que servirão de testemunhas. Logo que as chamas o tenham cercado por completo, corres para a fogueira a fim de o tirares, mas sem luvas, as mãos nuas e as mangas subidas. Se o conseguires, os cem mil *rublos* são para ti... Queimarás um pouco os dedos, mas pensa bem... olha que são cem mil *rublos*. Isto durará tão pouco tempo! Sentir-me-ei satisfeita com o espetáculo de te ver tirar o meu dinheiro do fogo. Todos são testemunhas de que o embrulho te ficará pertencendo! Se o não tirares do fogo, queimar-se-á, porque não permitirei a ninguém que lhe toque. Afastem-se todos! Este dinheiro pertence-me! Recebi-o para passar uma noite com Rogojine. O dinheiro é meu, Rogojine?

— Sim, minha alegria!... Sim, minha rainha!

— Então recuem todos. Sou livre e posso fazer dele o que quiser! Que ninguém intervenha! Ferdistchenko, aviva o lume!

— Nastásia, as minhas mãos recusam-se a fazer esse serviço! — respondeu Ferdistchenko aturdido.

— Eh — gritou Nastásia — quem procura as tenazes e deita duas achas para avivar a fogueira? Logo que as chamas se elevem, atiro com o embrulho ao fogo.

Elevou-se um grito geral: muitos assistentes mesmo fizeram o sinal da cruz.

— Está tola... Está tola — exclamaram todos.

— Não faríamos melhor prendê-la? — murmurou o general a Ptitsine. — Não seria melhor mandar procurar... Está tola, não é verdade? E bem tola...

— Não, talvez não passe tudo isto de alegria — respondeu Ptitsine em voz baixa. Estava branco como a neve e tremia; os seus olhos não podiam desviar-se do embrulho que iria arder.

— Ela perdeu a razão, não acreditas? — continuou o general voltando-se para Totski.

— Sempre lhe disse que era uma mulher excêntrica — balbuciou Totski, que também havia estremecido.

— Mas pensa bem!... Olha que são cem mil *rublos*!

— Meu Deus! Meu Deus! — ouvia-se de todos os lados. Era um clamor geral. Todos faziam roda à volta do fogão, para verem de mais perto... Alguns mesmo subiam para cima das cadeiras para verem por cima das cabeças dos outros. Daria fugiu aterrorizada para a sala vizinha, onde começou a murmurar com Katia e Pacha. A bela alemã sumiu-se também.

— Minha mãezinha, minha rainha, minha toda poderosa! — lamentava-se Lebedev agarrando-se aos joelhos de Nastásia, ao mesmo tempo que estendia as mãos para o fogão. — Cem mil *rublos*! Cem mil *rublos*! Vi-os eu, foram embrulhados diante de mim. Minha mãezinha! Minha misericordiosa! Dá-me essa ordem e meter-me-ei inteiro no fogo; meterei mesmo esta cabeça grisalha!... Tenho a meu cargo uma mulher doente e paralítica das pernas, assim como treze crianças órfãs, pois o pai foi enterrado a semana passada; todos estão morrendo de fome, Nastásia!

Tendo terminado as suas lamúrias, começou a rastejar em direção à chaminé.

— Para trás! — gritou Nastásia, afastando-o. — Que toda a gente se afaste!... Gabriel, porque não te mexes? Não tenhas vergonha! Vá... Trata-se da tua felicidade.

Gabriel porém já tinha sofrido muito desde a manhã e não estava nada preparado para esta última prova, tão inesperada. A assistência afastou-se diante dele, deixando-o em face de Nastásia, de quem o separavam apenas três passos. Em pé, diante do fogão, esperava, sem desviar dele o olhar incandescente. Gabriel, de fraque, enluvado e de chapéu na mão, mantinha-se diante dela, calado e resignado, os braços cruzados e os olhos fitos no fogo. Um sorriso de demente errava no seu rosto pálido. Na verdade sentia-se fascinado pelo braseiro onde o embrulho começava a arder; contudo, parecia que um sentimento novo havia surgido na sua alma; tinha o ar de quem jurara resistir a esta prova até final e por isso continuava imóvel. Ao fim de alguns instantes toda a gente compreendeu que não queria ir tirar o embrulho do fogo, que não iria mesmo.

— Eh, vai-se queimar tudo! — gritou-lhe Nastásia. — Desacreditar-te-ás; depois queixar-te-ás, e a mim não me agrada.

O fogo estava forte entre as duas achas calcinadas; o embrulho, porém, ao cair, havia-o quase apagado. No entanto, uma pequena chama azul flamejava ainda na extremidade da acha inferior. Por fim uma delgada e comprida chama lambeu o papel, aí se prendeu e começou a percorrer a superfície e os cantos; o embrulho inteiro iluminou-se de repente, lançando no ar uma chama brilhante. Ouviu-se um grito geral.

— Mãezinha! — gemeu ainda Lebedev, que repetiu a tentativa para se aproximar do fogão; Rogojine desviou-o e empurrou-o de novo.

Este próprio parecia ter concentrado toda a sua vida na fixidez do seu olhar, que não podia desviar de Nastásia. Exultava. Sentia-se no sétimo céu. Não se conhecia a si mesmo.

— Esta sim, esta é que é uma verdadeira rainha — repetia ele sem cessar, em todas as direções. — Esta enche as medidas! — continuava a exclamar. — Qual de entre vós era capaz de fazer o que ela fez? Meu bando de patifes...

O príncipe observava esta cena, consternado e calado.

— Por uma só nota de mil *rublos,* retiraria eu o embrulho com os dentes — propôs Ferdistchenko.

— Eu faria outro tanto! — disse, rangendo os dentes, o homem de punhos de hércules, que, sentado atrás dos outros, parecia estar dominado por um acesso de desespero. — O diabo me leve!... Já tudo arde! — acrescentava ele vendo elevar-se as chamas.

— Já arde! Já arde! — gritaram à uma todos os assistentes. A maior parte deles procurava aproximar-se da chaminé.

— Gabriel, não sejas besta!... Digo-te isto pela última vez.

— Vai lá! — berrou Ferdistchenko, atirando-se furioso contra Gabriel e empurrando-o para o fogão. — Vai, fanfarrão! Vai-se queimar tudo! Maldito sejas!

Gabriel desviou Ferdistchenko com força e, dando meia volta, encaminhou-se para a porta. Porém não tinha dado ainda dois passos quando vacilou e caiu sobre o tapete.

— Uma síncope! — ouviu-se dizer à sua volta.

— Mãezinha, as notas ardem! — guinchou Lebedev.

— Queimam-se inutilmente! — vociferava-se de todos os lados.

— Katia, Pacha, trazei-me água e aguardente! — gritou Nastásia que, procurando as tenazes, retirou o embrulho do fogo. O invólucro de papel estava quase todo consumido, mas logo à primeira vista se podia constatar

que o conteúdo estava intacto. As três folhas de jornal que o envolviam tinham protegido as notas. Um suspiro de alívio saiu de todos os peitos.

— À parte uma pequena nota de mil *rublos,* que sofreu um pouco, o resto está salvo — observou Lebedev com comoção.

— Todo o embrulho é dele! Todo! Estão a ouvir, meus senhores! — disse Nastásia, atirando com o dinheiro para o lado de Gabriel. — Portou-se bem, pois não o retirou. Isto prova que nele o amor-próprio supera a cupidez. O resto não é nada. Recupera já os sentidos. Se não fosse isto, talvez me tivesse morto. Está já a voltar a si! General, Ptitsine, Daria, Katia, Pacha, Rogojine, ouçam bem. O embrulho é dele, do Gabriel. Dou-lho com todo o direito, em indemnização... aliás, pouco importa porquê! Dizei-lho. Pousai o embrulho no chão, ao lado dele... Rogojine, a caminho! Adeus, príncipe; graças a vós, vi um homem pela primeira vez! Adeus Totski, *merci.*

Todo o grupo de Rogojine se precipitou para a saída, num grande tumulto e algazarra, atrás do seu chefe e de Nastásia. Na sala, as criadas, ajudaram-na a vestir a peliça. Marta, a cozinheira, acorreu também, Nastásia abraçou-as a todas.

— Por que razão, mãezinha, nos deixais de vez? Onde ides? É este o dia do vosso aniversário, um dia sem igual! — exclamaram as criadas, soluçando e beijando-lhe as mãos.

— Vou para a rua, Katia, é lá o meu lugar, entendes} ou então tornar-me-ei uma lavadeira. Recebo o bastante de Totski! Saudai-o da minha parte e não me fiqueis com rancor...

O príncipe correu rápido para o portão, onde todo o grupo tratava de se acomodar nas quatro «troikas» com campainhas. O general conseguiu agarrá-lo nas escadas.

— Vamos, príncipe, calma! — disse, segurando-o pela mão. — Deixa-a, não vês como ela é!?... Falo-te como um pai...

O príncipe olhou-o, sem responder uma palavra, e depois soltando o braço, correu para a rua. Perto do portão, de onde as «troikas» acabavam de partir, o general viu-o mandar parar o primeiro trem que passou, e dizer ao cocheiro para o conduzir a Ekaterinov, atrás daquela caravana.

Minutos decorridos o general subiu para o seu carro, atrelado a um puro sangue, cinzento, e mandou seguir para sua casa. Ia com a cabeça cheia de novas esperanças e combinações. Levava o colar de pérolas que apesar de toda esta confusão não se esqueceu de guardar. No meio das suas

reflexões a sedutora imagem de Nastásia apareceu-lhe por duas vezes. Suspirou:

— Que lástima! Francamente, que lástima! Esta mulher está perdida. É tola... Quanto ao príncipe, não é uma Nastásia que lhe falta... Depois disto, melhor foi que as coisas tivessem terminado desta forma...

Dois outros convidados de Nastásia, que resolveram percorrer um bocado do caminho a pé, trocaram entre si considerações morais do mesmo sentido.

— Sabe, Totski, isto lembra-me um costume em vigor, salvo erro, no Japão? — dizia Ptitsine. — Aí, um homem ofendido vai procurar o insultador e diz-lhe: «Ultrajaste-me e por isso vou abrir o ventre na tua frente». E o queixoso executa com efeito a ameaça; parece que lhe dá tanta satisfação, como uma verdadeira vingança. Há neste mundo estranhos caráteres, Totski!

— Supõe que isto que acaba de suceder é desse mesmo género? — replicou, sorrindo, Totski. — A comparação é espiritual... e bonita. Mas como viu, meu caro Ptitsine, fiz tudo quanto me era possível. Por outro lado há de concordar que impossíveis ninguém faz, como concorda também que esta mulher, possui, apesar de tudo, doas superiores... qualidades brilhantes. No entanto, se esta confusão toda não me tivesse impedido, ter-lhe-ia gritado, que era ela própria a melhor resposta às repreensões que me dirigiu. Quem pode resistir à sedução desta mulher, até ao ponto de não perder a razão e... tudo? Veja esse campónio do Rogojine que lhe entregou cem mil *rublos!* Admitamos que esta cena, de que fomos testemunhas, seja incoerente, romântica, até mesmo chocante. Todavia não deixa de não ter cor e originalidade, há de concordar!... Meu Deus, quem tivesse podido unir um bom caráter a uma tal beleza! Porém, a despeito de todos os meus esforços, a despeito mesmo da educação que recebeu, tudo se perdeu. É um diamante em bruto, tenho-o dito muitas vezes...

E Totski soltou um fundo suspiro.

Parte 2

Capítulo 1

Dois dias depois da estranha aventura a que deu lugar a festa em casa de Nastásia, festa com a qual terminou a primeira parte da nossa narrativa, o príncipe Míchkin partiu precipitadamente para Moscovo a fim de tratar da herança que recebera de uma maneira tão inesperada. Dizia-se então que outras razões haviam contribuído para apressar a partida; nós, porém, podemos oferecer poucos detalhes sobre esse assunto, assim como sobre a sua vida em Moscovo e, de uma maneira geral, sobre o tempo que passou fora de S. Petersburgo. Ausentou-se durante meio ano preciso e neste período, mesmo as pessoas que, por qualquer razão, se interessavam por ele, só puderam ter conhecimento de muito poucas coisas da sua existência. Tinham corrido alguns rumores a seu respeito, mas com grandes intervalos; eram na maior parte extraordinários e quase sempre contraditórios. Aqueles que mais se preocuparam com o príncipe foram certamente os Epantchine, aos quais não tivera mesmo tempo de dizer adeus, antes da sua partida. Todavia o general tinha-o visto ainda umas duas ou três vezes e tinham tido uma séria conversa. Porém dos seus encontros com o príncipe, o general não disse uma só palavra à família. Por princípio, durante os primeiros tempos, isto é, durante o mês que se seguiu à partida do príncipe, considerou-se como conveniente, em casa dos Epantchine, não falar dele. Somente a Isabel declarou logo no início: «enganei-me cruelmente a seu respeito». Dois ou três dias depois acrescentou, mas desta vez sem falar no príncipe e de uma maneira vaga, «que o traço dominante da sua vida era enganar-se constantemente sobre as pessoas». Por fim, dez dias mais tarde, num momento de irritação contra as filhas, havia, à maneira de conclusão, proferido esta frase: «Basta de erros! Daqui por diante não haverá mais».

Não podemos deixar de dizer que um ambiente de mal-estar reinou por bastante tempo na sua casa. Pairava uma atmosfera de azedume, de tensão e de mistério; todas as pessoas da casa mostravam um ar de aborrecimento. O general estava ocupado dia e noite; fazia consultas sobre consultas; poucas vezes o tinham visto tão preocupado, sobretudo com o

serviço. Era a custo que os seus conseguiam vê-lo. Quanto às meninas Epantchine, faziam todos os possíveis por não dizer aquilo que pensavam. Talvez não fossem muito expansivas entre si. Eram umas moças orgulhosas, altivas e muito discretas, mesmo umas com as outras. De resto, compreendiam-se não somente à primeira palavra, mas mesmo ao primeiro olhar, de maneira que uma longa explicação entre elas era muitas vezes supérflua.

Uma única coisa podia chamar a atenção de um observador estranho, ao encontrar-se no seio desta família; era que, a julgar por alguns detalhes dados anteriormente, o príncipe tinha produzido nas Epantchine uma impressão muito especial, se bem que apenas lhes tivesse feito uma curta visita. Talvez não passasse de um simples efeito da curiosidade despertada pelas singulares aventuras do príncipe. Fosse como fosse, essa impressão havia persistido.

Pouco a pouco os boatos que corriam pela cidade foram-se tornando cada vez mais incertos e vagos. Falava-se num certo príncipe (ninguém podia precisar o nome), um pobre de espírito, que havia recebido inesperadamente uma herança enorme e que tinha de passagem casado com uma francesa, conhecida em Paris como dançarina ligeira de um estabelecimento chamado «*Château des Fleurs*». Outros afirmavam que esta herança pertencera a um general e que o marido da bailarina parisiense era um jovem negociante russo, muitíssimo rico; acrescentava-se que, no dia do casamento, este último, estando bêbado, queimara na chama de uma vela, por pura vaidade, setecentos mil *rublos,* de um lote de títulos do último empréstimo.

Diversas circunstâncias obstaram, bem depressa, à difusão desses boatos. O grupo de Rogojine, do qual muitos membros podiam ter fornecido esclarecimentos, solidarizou-se por completo com o seu chefe, em Moscovo, oito dias após uma orgia formidável no Waux-Hall, de Ekaterinov, orgia a que assistira Nastásia. As poucas pessoas que podiam interessar-se deduziram por certos boatos que Nastásia fugira no dia seguinte ao desta leviandade, tendo desaparecido. Porém já haviam encontrado o seu rasto em Moscovo. A partida de Rogojine para essa cidade, parecia confirmar esse boato.

Outros boatos circulavam igualmente a respeito de Gabriel, que era bastante conhecido no seu meio social. Contudo, um acontecimento sobreveio, que dissipou e não tardou a fazer esquecer por completo as

impressões desagradáveis de que ele era objeto: adoeceu gravemente e deixou de aparecer tanto na sociedade como no seu escritório. Ao fim de um mês restabeleceu-se, mas resignou as suas funções e a sociedade teve de prover à sua substituição. Não voltou a pôr mais os pés em casa do general Epantchine, que em virtude disso teve de arranjar outro secretário. Os seus inimigos declararam que ele tinha vergonha de aparecer na rua depois de tudo quanto se tinha passado. A verdade, porém, é que se sentia de facto doente e num estado bastante próximo da neurastenia: estava melancólico e irritável.

Bárbara casou com Ptitsine no decorrer desse inverno; todos os seus amigos atribuíram este casamento ao facto de Gabriel, não só não sustentar a família, como ainda tinham de o sustentar, visto se ter recusado a retomar o trabalho.

Notamos, entre parêntesis, que em casa dos Epantchine não se pronunciou mais o nome de Gabriel, tal como se nunca lá tivesse ido, ou mesmo, como se não existisse. Entretanto tinham todos sabido — muito rapidamente mesmo — um facto muito curioso a seu respeito; na noite memorável, após a desagradável tragédia que se havia desenrolado em casa de Nastásia, Gabriel entrou em sua *casa,* não se deitou e aguardou o regresso do príncipe com uma impaciência febril. Este só voltou de Ekaterinov às seis horas da manhã. Então Gabriel entrou-lhe no quarto e pousou sobre a mesa, diante dele, o embrulho avermelhado pelo fogo e contendo as notas que Nastásia lhe dera, durante o tempo que esteve sem sentidos. Pediu-lhe com a maior insistência para restituir o embrulho a Nastásia na primeira ocasião. Na ocasião em que se preparava para entrar no quarto do príncipe, dominavam-no uns certos sentimentos hostis e parecia desesperado. Após, porém, a primeira troca de palavras ficou duas horas junto dele e não deixou de chorar durante todo este tempo. Separaram-se nas melhores relações.

Este acontecimento chegou ao conhecimento de todos os Epantchine, e sobre a sua autenticidade não tiveram dúvidas algumas. É deveras estranho que tais acontecimentos se propaguem tão rapidamente; foi por essa mesma forma que tudo quanto se passou em casa de Nastásia, foi sabido no dia seguinte pelas Epantchine, de uma maneira bastante precisa, mesmo quanto aos menores detalhes. No que diz respeito aos boatos relativos a Gabriel, poderíamos supor que foram contados às Epantchine, pela Bárbara, que visitou por várias vezes as três meninas e não tardou a tornar-

se pessoa da sua intimidade, para maior surpresa de Isabel Prokofievna. Por outro lado, supondo ser-lhe necessário o aproximar-se das Epantchine, não lhes ia, com certeza, falar em Gabriel. Era uma mulher orgulhosa da sua pessoa, o que não a impedia de procurar relacionar-se com as pessoas que quase tinham expulsado, de sua casa, seu irmão. Já antes as meninas Epantchine e Bárbara se conheciam, mas viam-se pouco. Mesmo agora não aparecia quase nunca no salão; entrava pela escada de serviço, como se receasse mostrar-se. Isabel nunca lhe manifestara muita simpatia, nem antes, nem nesta altura, se bem que estimasse muito Nina Alexandrovna, a mãe de Bárbara. Admirava-se e zangava-se, atribuindo a amizade de suas filhas por Bárbara, a um capricho e ao seu espírito autoritário, que fazia com que «só pensassem em contrariar sua mãe». Bárbara continuou a visitá-las tal como fazia antes do seu casamento.

Um mês depois da partida do príncipe, o general Epantchine recebeu uma carta da velha princesa Bielokonski, que chegara duas semanas antes, juntamente com a mais velha das suas filhas, casada em Moscovo. Esta carta causou uma profunda impressão à esposa do general. Não comunicou nada às filhas, nem a Ivan, porém, devido a vários indícios, deixou antever aos seus amigos que ficara comovida e mesmo perturbada. Punha-se a falar às filhas num tom fora do normal e sempre a propósito das coisas, as mais extraordinárias; estava quase â desabafar com alguém, mas surgia sempre qualquer coisa que a impedia. No dia em que recebeu a carta, mostrou-se meiga para com toda a gente; abraçou mesmo Aglaé e Adelaide, exprimindo-lhes o seu arrependimento, sem que elas pudessem bem compreender a razão porquê. Testemunhou mesmo uma terna condescendência a Ivan, a quem havia incomodado só há dois meses. Bem entendido, nesse mesmo dia zangou-se, por se ter deixado arrastar por um acesso de sentimentalismo, e arranjou as coisas de forma a ralhar com todos antes do jantar. Para a noite o horizonte familiar desanuviou-se de novo. E durante uma semana mostrou-se bem-humorada, o que já não lhe acontecia há muito tempo.

Decorreu mais uma semana, no fim da qual chegou uma segunda carta da princesa Bielokonski. Desta vez a esposa do general resolveu-se a falar. Anunciou solenemente que «a velha Bielokonski» — era assim que ela a designava — lhe tinha enviado notícias muito consoladoras do... desse original, enfim... do príncipe! A «velha» havia pedido informações a tal respeito, em Moscovo, e os resultados do seu inquérito tinham sido dos

mais favoráveis. O príncipe acabara por a ir ver e produzira nela uma impressão bastante agradável. «Pode-se deduzir disto que o convidou a ir vê-la todos os dias, da uma hora às duas, e que esta visita diária ainda a não tinha fatigado», Acrescentou, para concluir, que devida às recomendações da «velha», o príncipe fora recebido em duas ou três boas casas. «Ainda bem» — disse ela — «que não se enclausurou em casa e não se mostrou envergonhado como um imbecil!»

As pequenas, ao ouvirem estas explicações, perceberam imediatamente que a mãe lhes escondia a parte mais importante da carta. Talvez tivessem sido informadas, sobre o que se passava, por intermédio da Bárbara, que podia e devia mesmo saber muitas coisas, graças a seu marido, sobre a forma como decorria a vida do príncipe em Moscovo. Ptitsine era, com efeito, o melhor informado de todos. Estava quase sempre calado, quando se tratava de qualquer assunto, mas não tinha, como é natural, segredos para a Bárbara. Isto foi mais um motivo para que a esposa do general antipatizasse com ele.

Em todo o caso a má vontade havia desaparecido, e desde então podiam falar do príncipe sem se constrangerem. Por outro lado este incidente tornara mais visível a impressão profunda, o vivo interesse que o príncipe provocara em casa dos Epantchine. A esposa do general ficou mesmo surpreendida com a curiosidade que despertaram nas suas filhas as notícias vindas de Moscovo. Por outro lado as pequenas admiraram-se da incoerência de sua mãe, que» depois de ter solenemente declarado que «o defeito principal da sua vida era o enganar-se a respeito das pessoas», não deixara no entanto de recomendar o príncipe à solicitude da «poderosa» e velha Bielokonski, em Moscovo, o que representava um certo valimento, porque a velha gostava de fazer orelhas moucas.

Desde que um novo vento começara a soprar, o general apressou-se a dar a conhecer a sua opinião. O príncipe parecia interessá-lo também muitíssimo. De resto, as informações que deu sobre ele, diziam apenas com respeito à sua situação material. Expôs que, no interesse do príncipe, o mandara vigiar, assim como ao seu secretário, Salazkine, por dois homens de confiança e de uma certa influência na sociedade de Moscovo. Tudo quanto lhe tinham contado sobre a herança era exato, exceto quanto ao seu quantitativo, pois o importe total havia sido bastante exagerado. O património estava comprometido, cheio de dívidas; existiam mesmo mais herdeiros; por outro lado, apesar dos conselhos que lhe tinham dado, o

príncipe tratou da herança um pouco no ar. Na verdade o general desejava-lhe a maior felicidade possível e, agora que a má vontade havia desaparecido, estava contente por lhe poder dizer, com toda a sinceridade, que era um jovem com bastantes méritos, se bem que um pouco atoleimado; havia cometido na resolução deste assunto algumas asneiras. Assim, os credores do falecido negociante apresentaram-se com títulos deveras contestáveis e desprovidos de valor; alguns mesmo, reconhecendo a sua nenhuma razão, não lhe tinham dito nada. Que fez o príncipe? A despeito das observações dos seus amigos, que lhe demonstraram que essas pessoas não tinham direito algum, pagou a quase todos. Fundamentou-se para isso na única consideração de que alguns desses pretensos credores pareciam ter de facto sofrido qualquer perda.

A esposa do general fez notar, a este respeito, que igual observação se encontrava na carta da princesa Bielokonski: «É tolo, muito tolo; mas como fazer para convencer um parvo?», acrescentava ela, num tom terminante. Contudo a sua fisionomia deixava ver que a maneira de agir deste «parvo» estava longe de lhe desagradar. No fim de contas o general constatou que a esposa tinha pelo príncipe o mesmo interesse que teria pelo seu próprio filho e que dispensava uns certos carinhos a Aglaé; em virtude disto tomou, durante algum tempo, uma atitude de homem de negócios.

Porém estas boas disposições duraram pouco. Uma nova e brusca mudança sobreveio ao fim de duas semanas: a esposa do general voltou a mostrar-se aborrecida e o general, depois de haver encolhido os ombros diversas vezes, recaiu num «silêncio glacial».

A razão dessa mudança é que tinha recebido, quinze dias antes, um aviso confidencial, anunciando-lhe laconicamente e em termos bastante confusos, mas de fonte digna de fé, que Nastásia, depois de a haverem perdido de vista em Moscovo, fora aí encontrada por Rogojine. Tinha desaparecido de novo e mais uma vez a havia descoberto; por último ela tinha-lhe dado quase a sua palavra de que o desposaria.

Duas semanas mais tarde sua Excelência soube que Nastásia se tinha escondido pela terceira vez, quase no momento da cerimónia nupcial. Desta vez procurou esconder-se na província. Ora o príncipe Míchkin desaparecera de Moscovo por essa mesma ocasião, deixando todos os seus negócios entregues a Salazkine. Teria partido com ela, ou ter-se-ia lançado

em sua perseguição? Não se sabia. O general, no entanto, concluiu que andava mouro na costa.

Isabel soube também, por seu lado, dessas irritantes novidades. Por último, dois meses depois da partida do príncipe, perderam-lhe por completo o rasto em S. Petersburgo, e os Epantchine não quebraram mais o «silêncio de gelo» que mantinham a seu respeito. Bárbara continuou a ser visita frequente das pequenas.

Para acabar com todos estes boatos e rumores, acrescentaremos que a primavera originou muitas mudanças em casa dos Epantchine, de maneira que foi muito fácil esquecer o príncipe, o qual também, talvez intencionalmente, não deu mais sinais de si. No decorrer do inverno anterior tinham feito projetos de passar o verão no estrangeiro. Tratava-se apenas, bem entendido, da Isabel e das filhas, visto que o general não tinha tempo para perder em «vãs distrações». A decisão havia sido tomada, devido aos instantes pedidos das pequenas, pois se lhes tinha metido na cabeça que os pais não queriam levá-las ao estrangeiro, com receio de perderem os «partidos» que eles esperavam conquistar. Pode-se por isso supor que os esposos Epantchine acabaram por concordar, na esperança de que os pretendentes pudessem também encontrar-se fora do país e que uma viagem de verão, longe de perturbar as coisas, podia pelo contrário conjugá-las. A tal respeito diremos que o projeto de casar a filha mais velha com Ivanovitch tinha sido abandonado, antes mesmo de ter tomado uma forma concreta. Tinha-se combinado isto muito naturalmente, sem longas discussões nem dissidências na família. Logo após a partida do príncipe, haviam terminado as conversas a seu respeito, tanto de um lado como do outro. Este acontecimento contribuiu, até certo ponto, para tornar mais pesada a atmosfera de indisposição que reinava em casa dos Epantchine, ainda que a esposa do general tivesse declarado que se encontrava encantada e que «se persignava com as duas mãos», ao pensar nisso. O general, reconhecendo os erros de que sua mulher se queixava, não mostrou durante algum tempo o seu mau humor. Lamentava Ivanovitch, «um homem tão rico e tão reto». Passado pouco tempo soube que este último estava apaixonado por uma francesa que passara por ali e que pertencia à melhor sociedade; era uma marquesa pertencente ao partido legitimista. O casamento estava decidido, e Ivanovitch devia seguir dentro de pouco tempo para Paris, e depois para um canto da

Bretanha. «Vamos lá!» — informou o general — «casado com uma francesa, é um homem perdido».

Os Epantchine preparavam a sua viagem de verão. Um incidente sobreveio, de repente, que de novo perturbou tudo e fez adiar a viagem, com grande satisfação do general e da esposa. Este incidente foi provocado pela chegada, a S. Petersburgo, de um fidalgo moscovita, o príncipe Stck..., homem conhecido e com as melhores referências. Era destas pessoas conhecidas ainda há pouco, ativas, honestas e modestas, que desejam sincera e conscienciosamente tornarem-se úteis, trabalhando sem descanso e distinguindo-se pela sua rara e feliz aptidão em encontrarem sempre onde empregar a sua atividade. À margem da vã agitação dos partidos, sem ostentação nem a pretensão de desempenhar um papel de primeira categoria, o príncipe havia no entanto compreendido muito bem o sentido das transformações da época atual. Tinha sido primeiro, funcionário do Estado, e depois consagrara-se aos estados provinciais. Por outro lado colaborava, como membro correspondente, nos trabalhos de várias academias russas. Com o concurso de um engenheiro, seu conhecido, conseguira melhorar, após estudos e investigações especiais, uma das nossas mais importantes vias férreas. Tinha então trinta e cinco anos. Pertencendo à melhor sociedade, possuía, no dizer do general, «uma boa fortuna, sólida e bem aplicada». O general sabia alguma coisa, pois havia-o conhecido em casa do conde, o seu chefe hierárquico, por ocasião de uma questão bastante importante. Movido por uma especial curiosidade, o príncipe não punha nunca dúvidas em se relacionar com os homens de negócios russos. As circunstâncias levaram-no a ser também apresentado à família do general. Adelaide, a mais nova das três irmãs, causou-lhe uma forte impressão. No começo da primavera fez o seu pedido de casamento. Tinha simpatizado muito com a Adelaide assim como com a Isabel. O general ficou encantado com este pretendente. A viagem projetada foi então adiada e decidiram realizar o casamento durante essa estação.

A viagem podia ter-se realizado a meio do verão ou no fim e, mesmo que durasse apenas um mês ou dois, seria uma diversão para a Isabel e as duas outras filhas, ante o desgosto sentido com a partida da Adelaide. Porém um novo incidente surgiu; no final da primavera — o casamento tinha-se retardado um pouco e haviam-no transferido para o meio do verão — o príncipe Stck... apresentou aos Epantchine um dos seus parentes

afastados, e ao mesmo tempo seu amigo íntimo, um tal Eugénio Pavlovitch R... Era um jovem ajudante de campo, com cerca de vinte e oito anos, muito bom rapaz, pertencendo a um dos ramos da velha aristocracia, espirituoso, inteligente, muito instruído, partidário das novas ideias e detentor de uma prodigiosa fortuna. Sobre este último ponto o general mostrou-se sempre circunspecto. Tendo pedido informações, tirou a seguinte conclusão: «a coisa parece exata, no entanto precisa ainda ser verificada». Este jovem ajudante de campo, a quem estava reservado um brilhante futuro, viu o seu prestígio aumentado ante as referências que a velha Bielokonski mandou de Moscovo. Havia apenas uma sombra a ofuscá-las: as suas ligações e as «conquistas» que tinha feito, e que, segundo se afirmava, haviam causado a infelicidade de alguns corações sensíveis. Quando viu a Aglaé, começou a frequentar muito assiduamente a casa dos Epantchine. Para dizer a verdade esta assiduidade não deu lugar, nem a uma explicação, nem mesmo a qualquer alusão. Por outro lado os pais tiveram a nítida impressão de que ele não tinha tempo para pensar numa viagem ao estrangeiro esse verão. Talvez porém que Aglaé não fosse da mesma opinião.

Isto passou-se pouco tempo antes da entrada em cena do nosso herói. A julgar pelas aparências, haviam-se esquecido por completo do pobre príncipe Míchkin, em S. Petersburgo. Se reaparecesse neste momento, no meio dos seus conhecimentos, dar-lhes-ia a impressão de haver caído do céu.

Devemos assinalar ainda um facto, antes de fechar esta introdução. Após a partida do príncipe, Ivolguine continuou logo a viver como vivia antes, indo ao colégio, visitando o seu amigo Hipólito, vigiando o pai e ajudando Bárbara no trabalho da casa, isto é, fazendo-lhe os recados. Entretanto os inquilinos tinham-se dispersado depressa: Ferdistchenko mudou de casa, três dias depois da cena ocorrida em casa da Nastásia; deixaram logo de o ver, como não ouviram mais falar dele; disse-se apenas, mas sem se poder garantir, que se embebedava em qualquer parte. Com o príncipe havia saído o último hóspede. Mais tarde, quando a Bárbara se casou, Nina e Gabriel foram viver com ela, em casa do Ptitsine, no quartel do regimento de Ismailovski.

Quanto ao general Ivolguine, sucedeu-lhe por essa mesma época uma aventura de todo imprevista: prenderam-no sob a acusação de ter cometido dívidas. A prisão foi devida à reclamação da sua amiga, a viúva do

capitão, à qual pedira, por diferentes vezes, dois mil *rublos*, assinando-lhe diversas letras. Isto foi para o general uma verdadeira surpresa, e o infeliz foi «positivamente vítima da sua confiança ilimitada na nobreza do coração humano». Tendo tomado o tranquilizante hábito de assinar letras e vales, nunca imaginou que pudesse ter tais consequências, pensando que as coisas não chegariam nunca ao conhecimento do público. Porém os acontecimentos desenganaram-no. «Tende confiança, depois disto, nas pessoas e acreditai nobremente nelas», exclamava ele com amargura, enquanto esvaziava uma garrafa de vinho em companhia dos seus novos conhecimentos, os pensionistas da casa Tarassov, aos quais contava anedotas sobre o cerco de Kara, assim como a história do soldado ressuscitado. Adaptara-se logo muitíssimo bem ao seu novo regime. Ptitsine e Bárbara declararam que era esse o lugar que lhe convinha, maneira de ver que Gabriel confirmou. Apenas a pobre Nina chorava às escondidas — o que admirava a família — e, se bem que sempre doente, ia tantas vezes, quantas lhe era possível, ver o marido ao bairro afastado onde vivia.

Depois deste acontecimento, que ela denominava o «acidento do general», e depois do casamento da sua irmã, Kolia vivia quase entregue a si, ao ponto de entrar tarde em casa. Corria o boato de que havia também travado novos conhecimentos: por outro lado viam-no muitas vezes na prisão. Nina custava-lhe a separar-se dele, quando lá ia. Em casa não havia nunca pretexto para questionarem. Bárbara, que até há pouco tempo o trazia muito guardado, não o interrogava agora acerca das suas ausências. Com grande surpresa da família, Gabriel, a despeito da sua misantropia, falava com ele e mostrava-lhe por vezes o seu afeto, coisa que até aí nunca se vira. Tinha vinte e sete anos e o irmão quinze; até essa altura não havia dispensado a este último qualquer solicitude; pelo contrário, tratava-o grosseiramente, exigia de todos a mesma severidade para com ele e ameaçava-o a todos os instantes de lhe «arrancar as orelhas», o que perturbava bastante o pequeno. Tinha-se agora a impressão de que Kolia era muitas vezes indispensável a seu irmão. Por seu lado ficou deveras surpreendido, ao vê-lo dar dinheiro à Nastásia, e estava pronto, por esta razão, a perdoar-lhe muitas coisas.

Passados três meses sobre a partida do príncipe, a família Ivolguine soube que Kolia havia sida apresentado aos Epantchine e que encontrara em casa deles o melhor acolhimento, em especial das pequenas. Bárbara

soube, passado pouco tempo, da novidade, embora Kolia se tivesse apresentado, sem ter recorrido a qualquer intermediário. Afeiçoou-se pouco a pouco aos Epantchine. A esposa do general, que começou por o receber com mau humor, não tardou a tornar-se afável com ele, quando soube «que era sincero e não gostava de lisonjear». Que não gostava de lisonjear, era de facto verdade: soube ocupar entre os Epantchine um lugar de perfeita igualdade e independência. Se lia alguns livros ou jornais à esposa do general, é porque era de seu natural obsequioso. Por duas vezes, contudo, no decorrer de uma viva discussão com Isabel, declarou-lhe que era despótica e que não punha mais os pés em sua casa. A primeira dessas discussões foi provocada pela «questão feminina»; a segunda foi devido à escolha da estação do ano mais favorável para se agarrarem canários. Por inverosímil que isto lhes pareça, a esposa do general mandava no dia seguinte a criada levar-lhe um bilhete, pedindo-lhe para não faltar. Kolia não era teimoso e por isso aparecia. Apenas a Aglaé não ficava contente com a sua vinda, não se sabia porquê, e tratava-o com altivez. Contudo disse-lhe uma vez que havia de lhe causar uma surpresa. Um dia — foi durante a semana santa — Kolia aproveitou um momento em que estavam sós para lhe entregar uma carta, a qual lhe tinham recomendado para só lha entregar a ela. Aglaé fitou com um olhar ameaçador esta «imprudente criança», mas Kolia saiu sem esperar pela resposta. Abriu a carta e leu:

Um dia honrou-me com a sua confiança. Talvez se tenha esquecido por completo de mim. Porque me decidi a escrever-lhe? Não o sei; mas senti um irresistível desejo de me dirigir a si, especialmente a si. Muitas vezes me foi prestável, assim como as suas irmãs, porém, das três, só a si trazia a todo o instante no pensamento. Preciso muito de si, é-me muito necessária. Não tenho nada a pedir-lhe nem a contar-lhe, que me diga com respeito. Isso não seria, por agora, o que me obrigaria a escrever-lhe. O meu mais ardente desejo é saber se é feliz. É na verdade muito feliz? É tudo quanto tem a dizer-lhe,

O seu primo,

príncipe, L. Míchkin

Depois de ter lido esta carta, esta deveras incoerente carta, Aglaé corou bruscamente e ficou pensativa. Ser-nos-ia difícil seguir o curso das

suas ideias. Pôs ante ela, entre outras, esta pergunta: «Devo mostrar esta carta a alguém?...» Resolveu meter a carta na gaveta da mesa, enquanto um sorriso enigmático e escarninho lhe entreabriu os lábios.

No dia seguinte pegou na carta e meteu-a dentro de um grosso livro, com uma forte encadernação. Era sempre assim que fazia aos papéis que pretendia encontrar depressa. Uma semana se passou, antes que ela tivesse a ideia de olhar para o título da obra: era o «D. Quixote de la Mancha». Não se sabe bem porquê, este título fê-la rir até à garga. Também não se sabia se havia mostrado a carta a alguma das irmãs.

No dia em que a releu, uma pergunta lhe atravessou o espírito: «Teria o príncipe escolhido este impertinente e vaidoso criançola como correspondente, talvez como único correspondente?» Interrogou Kolia a tal respeito, mas falando-lhe altivamente. Porém o «criançola», habitualmente tão melindroso, não prestou nenhuma atenção ao seu ar de desprezo. Explicou-lhe, de uma maneira rápida e seca, que por acaso tinha dado a sua direção e oferecido os seus serviços ao príncipe, antes de este ter deixado S. Petersburgo, e que este era o primeiro serviço de que o encarregava, bem como a primeira carta que recebia. Em reforço do que disse, mostrou a carta que o príncipe lhe dirigiu diretamente. Aglaé não teve nenhum escrúpulo em ler essa carta, que era assim concebida:

Caro Kolia,

Peço-lhe o favor de entregar a carta fechada, que vai junta, à Aglaé. Estimo tenha passado bem.

Seu afetuoso,

príncipe, L. Míchkin.

— É deveras ridículo confiar tanto em semelhante garoto! — disse Aglaé, num tom de despeito, ao devolver-lhe a carta; em seguida afastou-se com um ar desdenhoso.

Não havia dúvidas de que não podia tolerar o Kolia, que, naquela ocasião, emprestara a Gabriel, sem lhe dar uma razão, o seu lenço verde, novo ainda. Ressentiu-se cruelmente com esta afronta.

Capítulo 2

Estava-se do princípio de junho: há mais de uma semana que fazia em S. Petersburgo um tempo esplêndido. Os Epantchine possuíam em Pavlovsk uma luxuosa casa. Isabel tornou-se muitas vezes impaciente e impôs a todo o custo o ir viver para lá; em dois dias, portanto, o arranjo da casa ficou concluído.

Um dia ou dois após esta partida, o príncipe Míchkin chegou a Moscovo no comboio da manhã. Ninguém o foi esperar à estação, mas à descida da carruagem julgou distinguir entre a multidão, que se comprimia em volta dos viajantes, uns olhos incandescentes, que o fitavam de uma forma estranha. Procurou ver de quem era esse olhar, mas não distinguiu nada. Talvez não tivesse passado de uma ilusão, porém deixou-lhe uma impressão desagradável. O príncipe não precisava disto para ficar triste e inquieto; alguma coisa parecia já preocupá-lo.

Tomou um carro que o levou a uma hospedaria, não muito longe da Liteinaia. Nessa hospedaria, onde não lhe exigiam logo o pagamento, alugou dois pequenos quartos, sombrios e mal mobilados. Lavou-se, mudou de vestuário e, sem nada pedir, saiu à pressa, como um homem que teme perder tempo ou faltar a alguma visita.

Se algumas das pessoas que o conheceram seis meses antes, a quando da sua primeira chegada a S. Petersburgo, o encontrassem, tê-lo-iam reconhecido naquela altura, e teriam constatado umas notáveis melhoras no seu aspeto exterior. Não passava contudo da aparência. Apenas o seu vestuário tinha sofrido uma transformação radical: havia mandado fazer um fato, num bom alfaiate de Moscovo. No entanto esse fato tinha o defeito de estar muito no rigor da moda — o que sucede, sempre que se faz um fato num alfaiate que tem mais boa vontade do que bom gosto — sobretudo para um homem que não entende nada de fatos; um observador, sempre pronto a zombar, podia, ao examinar o príncipe, encontrar nele motivo para se rir. Mas há tantas coisas que nos podem provocar o riso!

O príncipe fez-se conduzir de carro até Peski. Numa das ruas do grupo Rojdestvenski descobriu rapidamente a direção que procurava; era uma

casinha de madeira, de aspeto agradável, tão limpa e asseada, que causava surpresa. Rodeava-a um jardim cheio de flores. As janelas que davam para a rua estavam abertas e ouvia-se a voz penetrante, quase aguda, de um homem que parecia ler, ou melhor, proferir um discurso; esta voz era de instante a instante interrompida por sonoras gargalhadas. O príncipe entrou no pátio, subiu uns degraus, abriu uma porta e perguntou pelo «senhor Lebedev».

— Está ali — respondeu uma cozinheira, de mangas arregaçadas até aos cotovelos e indicando com o dedo a entrada do «salão». Este salão, forrado com papel cinzento-escuro, estava bem arranjado, arranjado mesmo com um certo requinte de bom gosto: o mobiliário compunha-se de uma mesa redonda, de um sofá, de um relógio em bronze, metido numa campânula, de um espelho estreito, fixo na parede, e de um pequeno e velho candeeiro com pingentes, suspenso do teto por uma corrente de bronze.

No meio desta sala encontrava-se o senhor Lebedev, voltado de costas para a porta por onde entrou o príncipe» Em mangas de camisa, devido ao calor, discursava num tom patético, batendo no peito. O auditório compunha-se de um rapaz de quinze anos, com uma cara alegre e inteligente, tendo na mão um livro; de uma moça com cerca de vinte anos, toda de luto e tendo uma criança nos braços; uma moça de treze anos, igualmente de luto, que ria por tudo e por nada; e por fim um singular personagem estendido num sofá, um homem com perto de vinte anos, bastante elegante, moreno, com uns cabelos compridos e bastos, uns grandes olhos escuros e uma leve penugem em vez da barba e das suíças. Este último parecia interromper com frequência a eloquência de Lebedev, contradizendo-o, o que provocava, com certeza, os acessos de hilaridade do auditório.

— Loukiane Timofeitch! Eh! Loukiane! Olha! Olha para aqui!... Ah, e depois disto tudo, ainda faz o que quer!

E a cozinheira saiu, vermelha de cólera, agitando os braços num gesto de impotência.

Lebedev voltou-se e, tendo visto o príncipe, ficou atrapalhado. Um momento depois correu para ele com um sorriso obsequioso, mas parou de novo, no limiar da porta, admirado com a surpresa, e balbuciou:

— Ex... excelentíssimo príncipe!

Logo em seguida, incapaz ainda de dar conta de si, deu meia volta e lançou-se, sem tom nem som, sobre a moça vestida de preto e que tinha a criancinha nos braços: esta estremeceu e recuou, ante este gesto imprevisto. Ele porém voltou-se logo e começou a vociferar com a pequena de treze anos, que em pé, no vão da porta da sala vizinha, não tinha ainda deixado de dar gargalhadas; ela, não podendo tolerar os seus gritos, dirigiu-se a correr para a cozinha. Lebedev bateu com os pés no chão para a atemorizar mais. Entretanto o seu olhar cruzou se com o do príncipe, que mostrava um aspeto de confuso, e disse, à maneira de explicação:

— É para... o respeito, eh, eh!

— Andou muito mal... — começou o príncipe.

— Quanto antes, quanto antes... com a rapidez do vento...

E Lebedev desapareceu a toda a pressa do quarto. O príncipe olhou com espanto para a moça, o rapaz e o homem estendido no sofá. Todos riam. Fez como eles.

— Foi vestir o fraque — disse o rapaz.

— Como tudo isto é contraditório! — disse o príncipe. — E eu que contava... Mas, digam-me, não estará ele...

— Bêbado, é o que quer dizer? — gritou uma voz, partindo do sofá. — Por nada deste mundo! Quando muito bebeu três ou quatro pequenos copos, talvez cinco, isto para não fugir à regra.

O príncipe ia responder ao último interlocutor, mas este havia avançado para a moça, cuja linda fisionomia exprimia a maior alegria e que acrescentou:

— Nunca bebe muito de manhã; se quer falar com ele sobre negócios, pode fazê-lo. É a melhor ocasião. À tarde, quando regressa a casa, já está um pouco tocado. Por vezes chega, sobretudo à noite, a chorar, ou lê-nos em voz alta a Bíblia, visto a nossa mãe ter morrido há cinco semanas.

— Fugiu porque não tinha nada de bom para lhe responder — observou o homem deitado no sofá. — Aposto em como procura a maneira de o enganar e que neste momento rumina sobre a forma como o deve atacar!

— Há cinco semanas que ela morreu! Cinco semanas apenas! — exclamou Lebedev, reaparecendo vestido de fraque. Piscou os olhos e tirou um lenço do bolso para limpar as lágrimas. — Órfãos, estão órfãos!

— Então, paizinho, porque vestiu um fato todo roto? — disse a moça. — Tem aí atrás da porta uma sobrecasaca nova. Não a viu ainda?

— Cala-te, gafanhota! — gritou-lhe Lebedev. — Vejo-te muito bem! — E bateu com os pés para a intimidar; desta vez, porém, deu-lhe vontade de rir.

— Porque procura intimidar-me? Eu não sou a Tânia, não quero mesmo fugir. Olhe, vá acordar a pequenita Lioubov, pois parece que tem ainda convulsões. Para quê gritar assim?

— Que a língua se te prenda na boca — gritou Lebedev num brusco movimento de furor. E precipitando-se para a criança que dormia nos braços da moça, traçou por cima dela, com um ar esgazeado, vários sinais da cruz. — Senhor, guardai-a! Senhor, protegei-a! Esta criança é a minha própria filha Lioubov — acrescentou ele, dirigindo-se ao príncipe. — Nasceu de um legítimo casamento, da minha mulher, Helena, que morreu de parto... E esta pavoa é a minha filha Vera, que está de luto... E este, este… oh! este...

— Por que motivo se cala? Continue, não se atrapalhe!

— Vossa alteza! — gritou Lebedev, exaltado. — Tem seguido nos jornais o assassínio da família Jémarine?

— Li — respondeu o príncipe um pouco comovido.

— Pois bem, eis em pessoa o assassino da família Jémarine; é ele próprio...

— O que é que disse? — exclamou o príncipe.

— Entendamo-nos: falo por alegoria. Quero dizer que este é o futuro assassino de uma futura família Jémarine, se se encontrar segunda. Prepara-se...

Toda a gente começou a rir. Ante o que ouviu, o príncipe pensou que Lebedev tentava com estas facécias afastar-se, porque pressentia perguntas às quais não sabia que responder e queria ganhar tempo.

— Este rapaz é um revoltado, um ordenador de conspirações! — gritou Lebedev, no tom de voz de um homem que perdeu a cabeça. — Vejamos, portanto: hei de considerar como meu sobrinho, como o filho único da minha irmã Aníssia, esta língua de víbora, este fornicador, este monstro?

— Cale-se, seu bêbado! Creia, príncipe, que pensou desde sempre tornar-se advogado; tornou-se um chicaneiro, pratica a eloquência e estuda os efeitos oratórios, falando com os filhos. Há cinco dias defendeu causa

num julgado de paz. A favor de quem? Uma velha mulher tinha-lhe pedido para a defender contra um vil usurário, que lhe tirara quinhentos *rublos*, tudo quanto representava a sua fortuna. Defendeu ele a velha mulher? Não defendeu, mas sim advogou o usurário, um judeu de nome Saidler, porque este lhe prometeu cinquenta *rublos*…

— Cinquenta *rublos* se ganhasse a questão, e apenas cinco se a perdesse — retificou Lebedev, numa voz completamente mudada e como se não tivesse gritado um instante antes.

— Como é natural, perdeu. A justiça não é como noutros tempos e só conseguiu que se rissem dele. Isto não o impediu de se mostrar deveras orgulhoso com a sua defesa. «Peço aos imparciais magistrados», disse ele, «para não esquecerem que o meu cliente, um infeliz velho, impossibilitado de andar e vivendo de um trabalho honroso, está em vias de perder o último bocado de pão. Lembro-lhes as prudentes palavras do legislador: «Que a clemência reine nos tribunais». Olhe que nos maça todas as manhãs com esse discurso, tal como o proferiu no tribunal; é, com a de hoje, a quinquagésima vez que lho ouvimos. Repetia-o ainda no momento em que o senhor chegou, tanto essa peça oratória o encantou. Parece até lamber os beiços e prepara-se para defender um outro cliente da mesma categoria. O senhor, segundo suponho, é o príncipe Míchkin. O Kolia falou-me do senhor, e disse-me que nunca encontrou um homem tão inteligente.

— Não! Não, não há no mundo homem mais inteligente do que ele — encareceu Lebedev.

— Admitamos que nem tudo isso é verdade. Um dos dois admira-o e o outro passa-lhe a mão pelas costas. Por mim não tenho a intenção de o adular, pode crer. Porém, como dá provas de bom senso, seja juiz entre mim e ele. Então, queres que o príncipe desempate? — perguntou ao tio, o jovem estendido no sofá. — Estou muito contente, príncipe, por o senhor ter vindo.

— Quero, sem dúvida — exclamou Lebedev num tom resoluto, deitando involuntariamente uma olhadela para o seu «público», que de novo se agrupava à sua volta.

— De que se trata? — perguntou o príncipe, franzindo as sobrancelhas.

Sentia-se de facto com uma enxaqueca, mas estava cada vez mais convencido que Lebedev o ridicularizava e procurava uma diversão.

— Eu exponho a questão. Sou seu sobrinho: sobre este ponto, ao contrário do seu costume, não mentiu. Não acabei os meus estudos, mas quero terminá-los e hei de terminá-los, pois assim o exige a minha vontade. Enquanto espero, arranjei, para viver, um emprego de vinte e cinco *rublos,* nos caminhos de ferro. Confesso por outro lado que já me ajudou por duas ou três vezes. Há dias tinha vinte *rublos* e perdi-os no jogo. Sim, príncipe, pode acreditar!... Tive a vileza, a baixeza de os perder ao jogo!

— Com um homem vil, um homem vil a quem não devias pagar! — exclamou Lebedev.

— Um homem vil, na verdade, mas a quem tenho o dever de pagar — prosseguiu o jovem. — Que ele seja um canalha, posso afirmá-lo, não só porque te bateu, mas também por outras razões. Trata-se, príncipe, de um oficial expulso do exército, um tenente reformado, que fazia parte do bando do Rogojine e que dá lições de *box.* Toda a gente pode percorrer as vielas, desde que foram desembaraçadas pelo Rogojine. O pior de tudo, porém, é que eu sabia que ele era um homem vil, um inepto, um ladrão, e apesar disto, arrisquei os meus últimos *rublos* jogando com ele (jogámos o *palki)*. Dizia comigo: se perder, irei procurar o tio Lebedev, contar-lhe-ei as minhas baixezas e ele não se recusará a ajudar-me. Era esta a minha baixeza, apura baixeza! Era uma cobardia premeditada!

— Sim, uma cobardia premeditada! — confirmou Lebedev.

— Não se apresse tanto a cantar vitória! — replicou o sobrinho com vivacidade. — Alegra-se muito cedo. Vim portanto a casa do meu tio e confessei-lhe tudo; comportei-me nobremente não lhe ocultando nada; pelo contrário, humilhei-me ainda mais na sua presença; todos aqueles que aqui estão foram testemunhas. Para entrar no emprego que pretendo, é necessário vestir-me melhor, pois a minha roupa está num farrapo! Olhem para os meus sapatos! Não posso apresentar-me no meu novo emprego neste estado, e se não me apresentar no dia marcado, o lugar será dado a outro; então ficarei entre dois perigos e Deus sabe quando encontrarei um novo emprego! Por agora peço-lhe apenas quinze *rublos*; comprometo-me a nunca mais recorrer a ele e a reembolsá-lo, até ao último soldo, dentro de três meses. Ainda tenho palavra. Sei o que é viver de pão e de *kvass* durante meses inteiros, porque tenho força de vontade. Em três meses ganharei setenta e cinco *rublo*s. Como já antes me tinha emprestado algum, a minha dívida total eleva-se a trinta e cinco *rublos.* Terei pois com

que pagar. Se olhar aos seus interesses, que exija os juros que quiser, com trinta diabos! Se calhar não me conhece? Pergunte-lhe, príncipe, se lhe tenho dado ou não o dinheiro que me tem emprestado. Porque mo recusa agora? Está zangado comigo porque paguei a esse tenente; não tem outra razão a apresentar. Aqui está como é este homem: nada para ele, então nada para os outros!...

— E não se vai daqui! — gritou Lebedev. — Deitou-se onde o vê e não há maneira de sair dali.

— Já lhe disse: não me irei, sem que antes me dê o que lhe peço. Por que está com esse ar de riso, príncipe? Dir-se-ia que desaprova o que faço.

— Não estou sorrindo, mas parece-me, em meu entender, que está de facto um pouco em erro — disse o príncipe, como que forçado.

— Diga com franqueza que estou em erro, e não com rodeios. Por que é esse «um pouco»?

— Se assim quer, podemos supor que está por completo em erro.

— Se quero! Isso é divertido! Julga que não reconheço comigo quanto foi grande a indelicadeza do meu procedimento? Sei que o dinheiro lhe pertence, que pode dispor dele como quiser e que pareço falar como quem pretende tirar-lho. Mas o príncipe... o príncipe não conhece a vida. Se se não dá uma lição a estas criaturas, nada podemos esperar. É preciso dar-lhe uma lição. A minha consciência está inocente; digo-lhe isto com toda a sinceridade. Não lhe farei mal algum e restituir-lhe-ei o seu dinheiro, incluindo os juros. Moralmente ele teve já uma satisfação, visto que o senhor foi testemunha do meu aviltamento. Que mais lhe é preciso? A quem será ele bom, se não me prestar este favor? Repare bem como se comporta com ele próprio. Interrogue-o sobre a sua maneira de agir para com os outros e sobre a sua arte de enganar as pessoas. Por que forma se tornou ele dono desta casa? Deixo cortar a cabeça se já não o enganou e se não medita na maneira de o enganar mais ainda. Sorri, não acredita?

— Parece-me — observou o príncipe — que isso se não relaciona nada com a sua questão.

— Há três dias que estou aqui deitado e tenho visto muita coisa! — exclamou o jovem sem ouvir o príncipe. — Imagine que desconfia deste anjo, desta moça, hoje órfã, minha prima e sua filha; vigia-a todas as noites, não vá ela esconder aqui algum namoro. Vem até aqui, com passos de lobo e olha para o sofá onde eu estou. A desconfiança transtornou-lhe a cabeça; vê ladrões em todos os cantos. De noite salta fora da cama a cada

instante e vai verificar se as portas e as janelas estão bem fechadas, e inspeciona também o fogão. Faz isto umas sete vezes durante a noite. No tribunal advoga as causas dos patifes; aqui, levanta-se ainda mais três vezes por noite para rezar as suas orações; põe-se de joelhos no salão e passa uma meia hora a bater com a cabeça no soalho, a salmodiar e a invocar os deuses a torto e a direito! Com certeza isto é efeito da bebedeira. Reza pelo repouso da alma da condessa Du Barry; ouvi-o com os meus próprios ouvidos, Kolia ouviu-o também. Em breve deve perder por completo o juízo!

— Repare, príncipe, repare como ele me insulta! — gritou Lebedev todo vermelho e fora de si. — Serei talvez um bêbado, um vagabundo, um ladrão, um mau homem, mas há uma coisa que este difamador não reconhece, é que, quando ainda estava no berço, era eu que o enfaixava e lavava. Passei noites em branco a velar por ele e pela mãe, a minha irmã Aníssia, que estava viúva e caíra na miséria; se bem que estivesse também na miséria como eles, tratava-os quando estavam doentes; ia roubar lenha a casa do porteiro; tinha o estômago vazio, mas cantava e dava estalos com os dedos para adormecer a criança. Acariciava-o e agora, em paga, tenta ridicularizar-me E que mal lhe pode fazer que eu faça o sinal da cruz e reze pelo repouso da alma da condessa Du Barry? Príncipe, só há três dias é que eu li, pela primeira vez na minha vida, a sua biografia numa enciclopédia. Mas tu sabes quem era a Du Barry? Fala: sabes, ou não?

— Dir-se-á que és tu o único a sabê-lo? — murmurou o jovem quase contra vontade e num tom escarninho.

— Foi uma condessa que, saída do lodo, chegou quase a rainha, ao ponto de uma grande imperatriz a chamar *«ma cousine»* numa carta que lhe escreveu. Ao despertar do rei (sabes o que era o despertar do rei?) um cardial, núncio do Papa, ofereceu-se para lhe calçar as meias; ele considerava isto como uma honra, apesar de ser um dignatário e um santo homem. Sabias isto? Vejo na tua cara que o ignoravas. És capaz de dizer como morreu? Responde, se sabes.

— Deixa-me em paz!... Enojas-me.

— Vou-te dizer como morreu. Depois de todas estas honras, o carrasco Sanson arrastou esta semissoberana ao cadafalso, se bem que inocente, para agradar às regateiras de Paris. O seu espanto foi tal, que não compreendeu nada do que lhe queriam fazer, Quando sentiu que o carrasco lhe curvava a cabeça sob o cutelo e a empurrava a pontapés, enquanto se

riam à sua volta, começou a gritar: «*Encore un moment, monsieur le bourreau, encore un moment!* Pois bem!... foi talvez nesse momento que Deus lhe perdoou, porque não se pode imaginar, para a alma humana, uma maior desgraça do que essa. Sabes o que quer dizer a palavra «desgraça»? Designa precisamente esse momento. Quando li a passagem onde está descrito esse grito da condessa, suplicando que lhe concedessem a graça de um momento, fiquei com o coração como que apertado entre umas tenazes. Que te importa, meu vermículo, que ao deitar-me, tenha tido nas minhas orações uma prece por essa grande pecadora? Se o tive, foi talvez porque ninguém, até esse dia, rezou, ou fez mesmo o sinal da cruz por ela. Ser-lhe-á com certeza agradável, no outro mundo, ao sentir que se encontra neste um pecador como ela, que reza, pelo menos uma vez, pela sua alma. Porque ris de zombaria? Não acreditas, como ateu que és? Mas que sabes tu? Até agora tens-me apenas escutado, para depois ires contar, a teu modo, aquilo que ouviste. Não rezei somente pela condessa Du Barry, já te digo: «Concede, Senhor, o repouso à alma da grande pecadora, que foi a condessa Du Barry e a todos aqueles que se parecem com ela!» Ora isto é muito diferente, porque lá no outro mundo há muitos e grandes pecadores que conheceram as vicissitudes da fortuna, que sofrem e que neste momento aguardam e gemem de angústia. Também pedi por ti e pelos que te são iguais, os sem vergonha, os insolentes. É assim que eu tenho pedido, visto que te envergonhas agora de ouvir as minhas orações...

— Está bem, mas não quero ouvir mais nada! Pede por quem tu queiras e que o diabo te leve... Não tens necessidade de gritar — interrompeu-o colericamente o sobrinho. — Preciso dizer-lhe, príncipe, que temos nele um erudito... Não sabia? — acrescentou ele, num tom irónico. — Passa agora o tempo a ler toda a espécie de livros e de memórias, como a que ouviu.

— Em todo o caso o seu tio não é um homem... desprovido de coração — observou o príncipe à maneira de absolvição. O jovem estava-se-lhe tornando bastante antipático.

— Os seus louvores vão-lhe subir à cabeça! Repare como ele os aprecia: pôs a mão no peito e dispôs os lábios em forma de coração. Não é um indivíduo desprovido de sensibilidade, como vê!... mas é um patife, e ainda por cima um bêbado, o desgraçado! Está nervoso, como todos aqueles que vivem há muitos anos dominados pelo álcool; é por isso que em casa dele tudo mente. Concordo que ele ame os filhos e que se tenha

mostrado amoroso para com a minha falecida tia... Gosta mesmo de mim e, graças a Deus!... não me esqueceu no seu testamento.

— Não te deixarei nada! — gritou Lebedev exasperado.

— Ouça, Lebedev — disse o príncipe com voz firme e voltando-se para o jovem — sei, por experiência, que é um homem sério nos seus negócios quando quer... Não disponho de muito tempo e se... Desculpe-me... Esqueci o seu nome e sobrenome... Quer fazer o favor de mo dizer?

— Ti... Ti... mofei.

— E?

— Loukianovitch.

De novo todos se riram.

— Mentiu! — gritou o sobrinho. — Mentiu, até mesmo a dizer o nome. Príncipe, não se chama Timofei Loukianovitch, mas sim Loukiane Timofeievitch! Dizes-nos porque mentiste? Loukiane ou Timofei não é tudo a mesma coisa para ti? O que é que isto pode interessar ao príncipe? Palavra de honra, mente por hábito!

— Na verdade, é como ele diz? — perguntou o príncipe, que principiava a perder a paciência.

— É verdade. Chamo-me Loukiane Timofeievitch — confessou humildemente Lebedev, baixando os olhos com submissão e levando de novo a mão ao coração.

— Mas, Deus meu!... Por que razão é que mentiu?

— Por humildade — balbuciou Lebedev baixando ainda mais a cabeça.

— Não vejo que humildade possa haver nessa mentira... Ah, se soubesse onde encontrar agora o Kolia! — exclamou o príncipe, fazendo menção de se retirar.

— Eu vou-lhe dizer onde está o Kolia — declarou o rapaz.

— Não, não! — interrompeu rápido Lebedev.

— O Kolia passou esta noite connosco e saiu pela manhã, em procura do general, a quem, sabe Deus porquê... o príncipe salvou da prisão, pagando-lhe as dívidas. Ontem o general prometeu vir dormir aqui, mas não apareceu. Naturalmente foi alojar-se a dois passos daqui, no *Hotel de la Balance.* Kolia deve estar lá, a menos que não tenha ido a Pavlovsk, a casa dos Epantchine. Como tinha dinheiro, já ontem pensara lá ir. Assim, deve encontrá-lo na *Balance* ou em Pavlovsk.

— Em Pavlovsk! Em Pavlovsk! — gritou Lebedev. — Para agora vamos até ao jardim... e tomaremos lá um café.

E agarrando o príncipe pelo braço arrastou-o para fora do salão, por um corredor que dava para o jardim, por uma pequena porta. Este jardim era pequeno, mas estava bem tratado; devido ao bom tempo, todas as árvores estavam em pleno desabrochamento. Lebedev fez sentar o príncipe num banco de madeira, pintado de verde, diante de uma mesa igualmente verde e fixa ao solo. Tomou lugar na frente dele. Passado um momento trouxeram-lhe o café, que o príncipe não recusou. Lebedev continuou a fitar-lhe os olhos com um olhar ávido e obsequioso.

— Não sabia que possuía uma propriedade — disse o príncipe, com o ar de quem parecia estar a pensar em coisa muito diferente.

— Órfãos! — disse Lebedev, como que para recomeçar os seus queixumes; todavia calou-se logo. O príncipe olhava distraidamente para o que estava na sua frente, tendo esquecido já, com certeza, a reflexão que acabava de fazer. Um minuto se passou. Lebedev continuava a fitar o seu interlocutor, como que à espera de uma mais ampla explicação.

— Que está a dizer? — perguntou o príncipe, como se caísse da lua. — Ah, sim! Sabe bem, Lebedev, do que se trata. Vim logo em seguida a receber a sua carta. Fale.

Lebedev perturbou-se, quis dizer alguma coisa, porém articulou apenas sons ininteligíveis. O príncipe era paciente e sorriu-se tristemente.

— Parece-me que o compreendo bem, Lebedev. Como é evidente não me esperava. Supôs que não deixaria a minha casota ao receber o seu primeiro aviso, o qual me enviou apenas por descargo de consciência. No entanto, como vê, aqui estou. Vamos!... não tente enganar-me. Deixe de servir dois senhores. Rogojine está aqui há três semanas. Sei tudo. Conseguiu ou não vender-lhe essa mulher como da outra vez? Diga toda a verdade.

— Foi ele próprio, o monstro, que a descobriu.

— Não o insulte. Bem sei que procedeu mal consigo...

— Espancou-me, sim, espancou-me! — replicou Lebedev, no cúmulo da sua cólera. — Em pleno Moscovo mandou o seu cão no meu encalço; e esse animal, esse terrível galgo, apanhou-me numa das ruas.

— O Lebedev toma-me por uma criança. Diga-me, foi verdade o ela tê-lo deixado em Moscovo?

— Foi verdade e bem verdade. Desta vez deixou-o mesmo na véspera da celebração do casamento. Contava já os minutos; e ela fugiu para S. Petersburgo e uma vez aqui, veio logo procurar-me: «Salve-me, conceda-me asilo, Loukiane, e não diga nada ao príncipe. Ela teme-o ainda mais do que a ele, príncipe, e nisso é que reside o mistério!

Lebedev levou os dedos ao rosto com um ar de entendido.

— E agora já os reconciliou outra vez?

— Meu ilustre príncipe, como... como podia eu opor-me a essa reconciliação?

— Muito bem. Informar-me-ei eu próprio. Diga-me apenas onde é que ela se encontra agora. Em casa dele?

— Oh, não! Vive ainda só. «Sou livre», disse ela; fique sabendo o príncipe que ela insiste muito neste ponto. «Disponho ainda de toda a minha liberdade», repete ela. Tem vivido sempre em Petersbourgskaia, em casa da minha cunhada, como lhe escrevi.

— Está lá agora?

— Sim, a menos que não tenha ido para Pavlovsk, onde, aproveitando o bom tempo, podia ter ido fazer uma vilegiatura, a casa da Daria. Ela repete sempre: «tenho a minha inteira liberdade». Ainda ontem se vangloriou da sua independência, diante do Nicolau Ardalionovitch. Mau sinal!...

E Lebedev começou a rir.

— O Kolia vai muitas vezes vê-la?

— É um leviano, um rapaz incompreensível, incapaz de guardar um segredo.

— Há muito tempo que o senhor foi a casa dela?

— Vou lá todos os dias, sem falta.

— Então foi lá ontem?

— Não. Há três dias que a não vejo.

— Que pena que esteja um tanto bêbado, Lebedev. Se não fosse isso, far-lhe-ia uma pergunta.

— Não, não, não bebi ainda nada! — ripostou Lebedev, aprestando o ouvido.

— Diga-me, como é que a deixou?

— Hum!... no estado de uma mulher que procura...

— Uma mulher que procura?

— Sim, uma mulher que procura continuamente, como se tivesse perdido alguma coisa. Quanto ao seu próximo casamento, só a ideia lhe é odiosa e zanga-se muito se lhe falam nisso. Importa-se tanto com ele como com uma casca de laranja ou, para me exprimir melhor, inspira-lhe apenas um sentimento de horror; proíbe que se fale nele... Veem-se somente em casos de extrema necessidade... e ele não lhe corresponde lá muito bem. No entanto precisa resignar-se... Ela está inquieta, escarninha, injusta e irritável…

— Injusta e irritável?

— Sim, irritável; pois a quando da minha última visita, quase me agarrou pelos cabelos, no decorrer de uma simples conversa. Tentei apaziguá-la, lendo-lhe o Apocalipse.

— Como é isso? — perguntou o príncipe, pensando ter entendido mal.

— É o que lhe digo: lendo-lhe o Apocalipse. A referida senhora tem uma imaginação inquieta... Eh! eh!... Por outro lado notei nela uma propensão acentuada para as discussões sérias, mesmo sobre assuntos sem valor. Tem uma certa predileção por esses assuntos e considera que, falar-lhe neles, é testemunhar-lhe um vivo respeito. É como lhe digo! Ora eu sou muito forte na interpretação do Apocalipse, o qual estudei durante quinze anos. Reconciliou-se comigo quando lhe disse que havíamos chegado à época representada pelo terceiro cavalo, o cavalo negro, cujo cavaleiro segura uma balança na mão; porque, no nosso século, tudo é pesado nas balanças e orientado por um contrato; cada qual não tem outra preocupação que não seja procurar o seu direito: «A medida do trigo vale um certo dinheiro e três medidas da cevada valerão o mesmo dinheiro». E, por cima, todos querem guardar a liberdade de espírito, a pureza do coração, a santidade do corpo e todos os dons de Deus. Ora não é só pelos caminhos do direito que eles vencerão. Surgirá então o cavalo de cor pálida, com o seu cavaleiro, que se chama a Morte e que é seguida do Inferno... Tais são os assuntos de que falamos, logo que nos vemos, e ela está deveras impressionada.

— E o senhor acredita em tudo isso? — perguntou o príncipe, olhando Lebedev com um ar de surpresa.

— Creio e interpreto. Porque, pobre e nu, não sou mais que um átomo no turbilhão humano. Quem é que respeita Lebedev? Cada um exerce contra ele a sua malvadez e leva-o na sua frente, por assim dizer a pontapé. Porém do campo da interpretação, sou igual a um grande senhor.

E o privilégio da inteligência. O meu espírito feriu e fez estremecer um alto personagem no seu sofá. Foi há dois anos, na véspera da Páscoa: sua alta excelência, Nil Alexeievitch, tendo ouvido falar em mim (ao tempo estava sob as suas ordens no ministério) mandou-me chamar em particular, para o seu gabinete, por Pedro Zakharitch. Quando ficámos sós, perguntou-me: «É verdade que és mestre na interpretação das profecias relativas ao Anticristo?» Confessei que era verdade e comecei a expor e a comentar o texto sagrado. Longe de procurar atenuar as temíveis ameaças, explicava as alegorias e revelava o sentido dos números. Começou por sorrir, mas ante a precisão dos números e das aproximações, não tardou em começar a tremer, pedindo-me para fechar o livro e ir-me embora. Na Páscoa ordenou que me dessem uma gratificação e na semana seguinte entregava a alma a Deus.

— Que disse nessa ocasião, Lebedev?

— A pura verdade. Caiu do carro após o jantar... Bateu com a cabeça contra um marco de pedra e morreu imediatamente. No registo de serviço tinha setenta e três anos; era um homem corado, de cabelos brancos, sempre perfumado e sorrindo sem cessar, como uma criança. Pedro Zakharitch lembrou-se então da minha visita e declarou: «Tu bem o previste!»

O príncipe levantou-se para sair. Lebedev ficou surpreendido e com pena de o ver tão apressado.

— O senhor tornou-se muito diferente!... Ah, ah! — arriscou ele num tom obsequioso.

— A verdade é que não me sinto muito bem. Tenho a cabeça pesada, talvez por efeito da viagem — replicou o príncipe mal-humorado.

— Far-lhe-ia bem indo repousar para o campo — insinuou Lebedev a medo.

O príncipe, de pé, ficou pensativo.

— Dentro de dois ou três dias hei de ir até lá com todos os meus. É indispensável à saúde do recém-nascido e além disso permite-me que eu faça cá na casa todas as reparações necessárias. Irei também para Pavlovsk.

— O senhor também vai, também vai para Pavlovsk? — perguntou bruscamente o príncipe. — Ora essa!... Então aqui toda a gente vai para Pavlovsk? E o senhor não disse que tinha uma casa de campo?

— Nem toda a gente vai para Pavlovsk. A mim, Ptitsine, cedeu-me uma das pequenas «vilas» que adquiriu ali por bom preço. O sítio é agradável, elevado e verdejante; o custo da vida é moderado, a sociedade é de bom tom, e há música. Por todas estas razões Pavlovsk é muito frequentado. Eu contentar-me-ei por agora com um pequeno pavilhão; o que é propriamente a «vila»...

— Tem-na alugada?

— Eu... não... precisamente...

— Aluga-me a mim? — propôs o príncipe à queima-roupa.

Era justamente a este pedido que Lebedev tinha querido levá-lo. Há três minutos que esta ideia lhe assaltara o espírito. Além disso, não era devido à falta de inquilino, porque tinha já sob mão alguém que havia declarado que talvez lha alugasse. Não tinha dúvidas, por outro lado, que esse «talvez» equivalia a uma certeza. Porém agora refletia na grande vantagem que tinha em a ceder ao príncipe, aproveitando-se da circunstância de que o outro locatário não havia fechado o contrato. «Eis um conflito em perspetiva; a questão toma um aspeto inteiramente novo», calculou ele. Acolheu por isso com um certo entusiasmo a proposta do príncipe, e quando este inquiriu do preço, levantou as mãos em sinal de desinteresse.

— Muito bem — disse o príncipe — será como melhor lhe agradar. Por mim aceito tudo e o senhor não perderá nada com isso.

Encontravam-se nesta altura à saída do jardim.

— Se tivesse querido, meu honorável príncipe, poderia... poderia comunicar-lhe alguma coisa de muito interessante sobre o assunto em questão — murmurou Lebedev que, estremecendo de alegria, se movia à volta do príncipe.

Este parou.

— Daria Alexeievna possui também uma «vila» em Pavlovsk.

— E depois?

— A pessoa que o senhor sabe é sua amiga e tem, segundo parece, a intenção de a ir visitar frequentes vezes a Pavlovsk. Ela tem um fim.

— Qual fim?

— Aglaé Ivanovna...

— Ah, compreendo, Lebedev! — interrompeu o príncipe, com a reação dolorosa de um homem a quem acabam de tocar num ponto doloroso. — Isto não é ainda tudo. Porém, diga-me antes, quando pensa

partir? Para mim, quanto mais cedo, tanto melhor, porque estou na hospedaria...

Assim conversando, haviam deixado o jardim; não reentraram em casa, mas atravessaram o pátio em direção à porta de saída.

— O melhor seria — disse Lebedev, depois de um instante de reflexão — deixar hoje mesmo a hospedaria e vir instalar-se aqui. Depois de amanhã seguiríamos juntos para Pavlovsk.

— Hei de pensar nisso — respondeu o príncipe com um ar pensativo, entretanto que alcançava a rua.

Lebedev seguiu-o com os olhos. Ficara magoado com a súbita distração do príncipe, que saíra sem lhe ter dito adeus, sem mesmo o ter saudado; este esquecimento não condizia nada com as maneiras delicadas e atenciosas que Lebedev lhe conhecia.

Capítulo 3

Era já perto do meio-dia. O príncipe sabia que na cidade, em casa dos Epantchine, encontrava apenas o general, retido pelo seu serviço; e ainda esse não era muito certo. Teve esta ideia, porque o general não devia ter talvez nenhuma pressa em o acompanhar a Pavlovsk. Ora ele tinha de fazer antes, sem falta, uma visita. Com risco de chegar mais tarde a casa dos Epantchine e de ficar para o dia seguinte a partida para Pavlovsk, decidiu-se a procurar a casa onde devia fazer essa visita.

Tratava-se para já de uma missão bastante arriscada, sob certo aspeto; daí o seu embaraço e as suas hesitações. Sabia que a casa em questão ficava na rua de *Pois,* não longe da Sadovaia. Resolveu dirigir-se para esse lado na esperança de que, fazendo caminho, aproveitaria o tempo para tomar uma decisão definitiva.

Aproximando-se do cruzamento das duas ruas, admirou-se da extraordinária agitação que o estava dominando; nunca esperou sentir o coração bater tão forte. Ao longe uma casa chamou a sua atenção, com certeza pela singularidade do seu aspeto: mais tarde lembrou-se de ter feito a seguinte reflexão: «É esta com certeza a casa!» Avançou, com a forte curiosidade de verificar a sua suposição, pressentindo que lhe seria no fundo desagradável se tivesse acertado. Era uma grande casa sombria, de três andares, sem estilo e com a fachada da cor de um verde sujo. Um diminuto número de vivendas deste género, datando do fim do século passado, subsistem ainda neste quarteirão de S. Petersburgo — onde tudo se transforma muito rapidamente. De sólida construção, têm umas paredes bastante grossas e as janelas muito espaçadas, algumas vezes com grades, no rés do chão, ocupado quase sempre por uma casa de cambista. O *skopets* do estabelecimento alagava em geral o andar superior. O exterior destas casas era tão pouco acolhedor como o seu interior; tudo nelas parecia frio, impenetrável e misterioso, sem que se pudessem analisar facilmente os motivos desta impressão. A combinação das linhas arquiteturais tem, sem dúvida, qualquer coisa de estranho. Estas vivendas são em geral habitadas apenas por comerciantes.

O príncipe aproximou-se da porta mais larga e leu numa tabuleta: «Casa de Rogojine, burguês honorário hereditário». Dominando as suas hesitações, impeliu uma porta envidraçada, a qual se fechou com ruído, atrás dele, e subiu ao primeiro andar pela escada principal. Esta escada era em pedra e estava toscamente construída; elevava-se numa meia penumbra, entre duas paredes pintadas de vermelho. O príncipe sabia que Rogojine ocupava, com sua mãe e seu irmão, todo o primeiro andar desta triste vivenda. O criado que lhe abriu a porta, acompanhou-o, sem o anunciar, através de um dédalo de compartimentos; principiaram por entrar numa sala de visitas, cujas paredes imitavam o mármore; o soalho, em embutidos, era de castanho, e a mobília, pesada e tosca, era em estilo 1820. Em seguida embrenharam-se por uma série de pequenos quartos, dispostos em caracol ou aos ziguezagues; era preciso subir aqui dois ou três degraus, para mais adiante descer outros tantos. Por fim bateram a uma porta. Foi o próprio Parfione Semionovitch que veio abrir. Ao avistar o príncipe ficou estupefacto e empalideceu, a ponto de parecer, durante alguns instantes, uma estátua de pedra; a fixidez do seu olhar exprimia terror e a boca ficou-lhe crispada por um sorriso embrutecido. A presença do príncipe pareceu-lhe um acontecimento inconcebível e quase miraculoso. O visitante, apesar de esperar produzir um efeito semelhante, não ficou menos admirado.

— Parfione, sou talvez um importuno; e sendo assim, é melhor retirar-me, não? — decidiu-se ele a dizer, num tom de apoquentado.

— Nada disso, nada disso! — replicou Parfione, retomando um pouco a calma. — Tem a bondade de entrar.

Cumprimentaram-se. Em Moscovo tinham já tido a ocasião de se verem muitas vezes, palestrando em conversas demoradas. Tiveram mesmo momentos, nos seus encontros, que deixaram uma impressão inefável no coração um do outro. Agora porém haviam-se passado mais de três meses, desde o último encontro.

O rosto de Rogojine estava bastante pálido; ligeiras e furtivas contrações o crispavam ainda. Se bem que tivesse leito entrar o visitante, continuava a sentir uma perturbação intraduzível. Convidou o príncipe a sentar-se num sofá, perto da mesa, mas este, tendo-se voltado por acaso, parou rápido, mostrando um olhar de uma impressionante estranheza. Havia-se sentido como que varado, ao mesmo tempo que a recordação de um facto recente lhe havia voltado ao espírito, impressionante e confusa.

Em lugar de se sentar, ficou-se numa imobilidade completa e, durante um momento, fitou os olhos de Rogojine, a direito; estes começaram a brilhar de uma forma ainda mais intensa. Por fim Rogojine esboçou um sorriso, o qual porém traía a sua perturbação e a sua angústia.

— Por que me olhas com essa fixidez? — balbuciou ele. — Senta-te.

O príncipe sentou-se.

— Rogojine — disse ele — fala-me com franqueza: sabias ou não que eu devia chegar hoje a S. Petersburgo?

— Pensei, de facto, que virias e como vês não me enganei — replicou ele com um sorriso amargo. — No entanto, como podia adivinhar que chegavas hoje?

O tom de rudeza e irritação com que foi proferida esta pergunta, que continha ao mesmo tempo uma resposta, foi para o príncipe um novo motivo de surpresa.

— Mesmo que tivesse sabido que chegavas hoje, por que te encolerizas assim? — perguntou ele com doçura, enquanto a perturbação o ia dominando,

— Mas por que me fazes essa pergunta?

— Esta manhã, ao descer do comboio, notei entre a multidão uns olhos iguais àqueles que fixas logo na minha pessoa, mal viro costas.

— O quê, o quê!... A quem pertenciam esses olhos? — murmurou Rogojine com um ar desconfiado. Todavia o príncipe pareceu-lhe notar que ele estremecera.

— Não sei. Foi no meio daquela multidão. Talvez mesmo eu me tivesse enganado. Nestes últimos tempos tenho tido muito destes enganos. Meu caro Rogojine, sinto-me num estado muito vizinho daquele em que me encontrava há cinco anos, quando tinha aqueles ataques.

— Talvez tenhas sido de facto joguete de uma ilusão. Por mim não sei nada — informou Rogojine.

Não estava bem-humorado, de forma a mostrar um sorriso atraente. O que se lhe refletiu no rosto revelou os sentimentos disparatados que havia sido incapaz de transmitir.

— Muito bem! Sempre vais partir de novo para o estrangeiro? — perguntou o príncipe, para logo em seguida acrescentar: — Lembras-te como nos encontrámos, no outono último, no comboio de Pskov a S. Petersburgo? Lembras-te da tua capa e das tuas polainas?

Desta vez Rogojine começou a rir com uma franqueza maldosa, para a qual se sentia satisfeito, por ter encontrado ocasião de lhe poder dar livre curso.

— Fixaste residência aqui, definitivamente? — perguntou o príncipe, lançando um golpe de vista à volta do gabinete.

— Sim, estou em minha casa. Para onde queres tu que eu vá?

— Há muito tempo que não nos vemos. Tenho ouvido muita coisa a teu respeito, mas custa-me a acreditar que sejas capaz de tal.

— Contam-se na verdade muitas coisas — replicou secamente Rogojine.

— Apanhaste, pelo que vejo, tudo para o teu lado; tu mesmo ficaste sob o teto paterno e contas não sair mais.

Muito bem! A casa é só tua, ou pertence também em comum à tua família?

— A casa é da minha mãe. Os seus aposentos são do outro lado do corredor.

— E onde vive o teu irmão?

— Meu irmão, Semione Semionovitch, vive na outra ala da casa.

— É casado?

— É viúvo. Que necessidade tens tu de saber isso?

O príncipe olhou-o sem responder; tornou-se de repente pensativo e pareceu não ter ouvido a pergunta. Rogojine não insistiu e esperou. Os dois ficaram um instante calados.

— Reconheci a tua casa ao primeiro golpe de vista e a cem passos de distância — disse o príncipe.

— Como foi isso?

— Não sei dizê-lo. A tua casa tem o mesmo aspeto que toda a tua família e o vosso modo de vida. Se me pedires para te explicar de onde tiro esta impressão, sou incapaz de to dizer. É, sem dúvida, uma forma de delírio. Estou admirado de ver até que ponto estas coisas me impressionam. Antes de vir aqui, não fazia nenhuma ideia da casa onde devias viver; porém, logo que a vi, pensei comigo: «é este o género de casa onde ele deve viver!»

— É extraordinário! — exclamou Rogojine, esboçando um vago sorriso e sem chegar a abranger claramente qual o confuso pensamento do príncipe. — Foi o meu avô que mandou construir esta casa — observou

ele. — Tem sido sempre habitada pelos *skoptsi,* os Khlondiakov. São ainda hoje nossos locatários.

— Que obscuridade!... Estás num aposento muito sombrio — disse o príncipe, olhando à sua volta.

O gabinete onde se encontravam, era um vasto quarto, de teto alto, mal iluminado e obstruído por toda a espécie de móveis: contadores, papeleiras, armários cheios de registos e de papéis velhos. Um largo sofá de couro vermelho servia, evidentemente, de cama a Rogojine. O príncipe notou sobre a mesa, perto da qual o fizera sentar, dois ou três livros: um. A *História,* de Soloviov, estava aberta numa página marcada com um sinal. Das paredes estavam suspensos alguns quadros a óleo, com os caixilhos desdourados, tão escuros e tão fumados, que era difícil distinguir neles fosse o que fosse. Um retrato, em tamanho natural, chamou a atenção do príncipe: representava um homem dos seus cinquenta anos, trajando uma sobrecasaca de corte estrangeiro, com umas abas compridas; duas medalhas pendiam-lhe do pescoço, tinha a barba rara e um pouco encanecida, a face enrugada e descorada e o olhar dissimulado e melancólico.

— Este retrato é de teu pai? — perguntou o príncipe.

— Sim, é o retrato dele — respondeu Rogojine com um sorriso descortês, como se se dispusesse a proferir algum gracejo atrevido sobre a vida do falecido.

— Não pertencia à seita dos velhos crentes?

— Não, ia à igreja; no entanto pensava, de facto, que o antigo culto estava mais perto da verdade. Tinha mesmo uma viva estima pelos *skoptsi.* O seu gabinete era este onde estamos. Porque é que me perguntaste se ele pertencia aos velhos crentes?

— É aqui que realizas a festa de casamento?

— Aqui — respondeu Rogojine, que pareceu estremecer a esta pergunta inesperada.

— E isso será dentro em pouco?

— Sabes bem que não depende só de mim.

— Rogojine, não sou teu inimigo e não tenho nenhuma intenção de te levantar algum obstáculo, qualquer que ele seja. Repito-te isto agora, tal como já te declarei uma vez, num momento idêntico a este. Quando, em Moscovo, o teu casamento esteve prestes a ser celebrado, não fui eu que o impedi, bem o sabes. A primeira vez foi *ela* que correu para mim, quase

no momento da bênção nupcial, pedindo-me para a «salvar» da tua pessoa. Repito-te as suas próprias palavras. Depois ela fugiu-me; voltaste a encontrá-la e de novo a levaste ao altar. E agora disseram-me que se tinha ainda salvo de ti, para se refugiar aqui na cidade. É verdade? Foi o Lebedev que me deu a notícia e foi por isso que vim aqui... Soube apenas hoje, na carruagem do comboio, por intermédio de um dos teus velhos amigos (Zaliojev, se queres saber quem era!) que vos tínheis reconciliado de novo. A minha vinda a S. Petersburgo só tem um fim: persuadi-la a ir para o estrangeiro a fim de restabelecer a sua saúde. Em meu entender está profundamente abalada, física e moralmente; a cabeça, sobretudo, está doente e o seu estado reclama grandes cuidados. Não tenho a intenção de a acompanhar; desejo organizar a sua viagem, sem nela tomar parte. Estou-te dizendo a pura verdade. Porém, se de facto mais uma vez vos reconciliastes, então não voltarei a aparecer mais diante dos seus olhos, nem porei mais os pés em tua casa. Sabes bem que não te engano, pois tenho sido sempre sincero contigo. Não te dissimulei nunca a minha maneira de pensar a este respeito; tenho-te dito sempre que, contigo, *ela* perder-se-á infalivelmente. E tu também, também te perderás... e talvez, com certeza, ainda mais do que ela. Se vos separais de novo, ficarei encantado, mas não tenho nenhuma intenção de me intrometer nessa separação. Tranquiliza-te por isso e não tenhas suspeitas sobre a minha pessoa. Até agora sabes bem como tem sido; nunca fui para ti um *verdadeiro* rival, mesmo quando ela se refugiou na minha casa. No entanto tu ris agora e eu sei porquê!... Sim, vivemos lá, cada um em seu lado e até mesmo em duas «vilas» diferentes; tu estavas *perfeitamente ao corrente* de tudo. Não te expliquei já, aqui há tempos, «que a amo, não por amor, mas por compaixão»? Suponho que esta minha definição é exata. Declaraste-me então que compreendias o que eu queria dizer. É verdade? Compreendeste bem?... Que ódio eu li então no teu olhar!... Vim aqui para te tranquilizar e porque também me és querido. Estimo-te muito Rogojine. Dito isto, vou-me embora, para não mais aqui voltar. Adeus!

O príncipe levantou-se.

— Fica um pouco junto de mim — disse com doçura Rogojine, que não se tinha levantado e se mantinha com a cabeça apoiada na mão direita. — Há já muito tempo que não te via.

O príncipe sentou-se de novo. Houve um curto silêncio.

— Quando não te vejo junto de mim, León Nicolaievitch, renasce logo o ódio que sinto por ti. Durante estes três meses em que não te vi, manteve-se no meu íntimo uma aversão de todos os instantes. Juro-te que sentia vontade de te envenenar! É como te digo. Agora, pois há um quarto de hora que te encontras junto de mim, o meu ódio contra ti evaporou-se e passei a estimar-te como noutros tempos. Fica um instante junto de mim...

— Quando estou perto de ti, tens confiança em mim; porém quando me afasto, essa confiança desaparece e desconfias de novo. Pareces-te com teu pai! — replicou amigavelmente o príncipe, esforçando-se por esconder, sob um ligeiro sorriso, os seus verdadeiros sentimentos.

— Tenho confiança em ti, quando ouço a tua voz. Compreendo muito bem que não posso considerar-me como teu igual...

— Por que dizes isso? Para que te afliges tu de novo? — exclamou o príncipe, olhando Rogojine com espanto.

— Nisto, meu amigo, não perguntam a nossa opinião — ripostou Rogojine. — Dispõem tudo sem nos consultarem.

Parou um instante, para prosseguir em voz baixa:

— Cada um de nós ama à sua maneira, ou melhor dizendo, diferimos em tudo. Tu dizes que a amas por compaixão. Eu não sinto por ela nenhuma compaixão. Nesta altura, lá no seu íntimo, odeia-me. Vejo-a todas as noites nos meus sonhos: está com um outro e zomba de mim. E, meu caro, é bem isto o que se passa na realidade. Vai casar comigo, mas pensa tanto em mim como nos primeiros sapatos que rompeu. Acreditas, se te disser que há cinco dias que a não vejo, com medo de ir a casa dela? No entanto pergunta sempre porque é que não fui. Tem-me envergonhado já bastante...

— Tem-te envergonhado? Que queres dizer com isso?

— Então, não sabes?!... Não foi para fugir contigo que ela abandonou a igreja no momento da cerimónia nupcial? Não acabas tu próprio de o confessar!

— Vês como não acreditas no que eu te digo.

— Então não me envergonhou quando teve aquela aventura em Moscovo, com um oficial, Zemtioujnikov? Sei-o muito bem e a coisa passou-se depois dela própria ter fixado o dia do casamento.

— Isso não é possível! — exclamou o príncipe.

— Afianço-te que é verdade — afirmou Rogojine com convicção. — Dir-me-ás que ela não é assim... Para os outros, meu caro! Contigo

comportar-se-ia de uma maneira diferente, pois (pelo menos assim o suponho!) uma tal conduta causar-lhe-ia horror; comigo, porém, não tem os mesmos escrúpulos. É assim. Considera-me menos que nada. Sei, de certeza, que está ligada com o Keller, esse oficial que falava do *box,* unicamente para me ridicularizar... E ainda tu não sabes quanto ela me tem feito em Moscovo, nem quanto dinheiro me tem custado!...

— Então... porque pensas agora em desposá-la?... Que futuro te espera? — perguntou o príncipe, a medo.

Rogojine não respondeu logo e fitou o príncipe com um olhar sinistro. Depois, após um momento de silêncio, disse:

— Há cinco dias que não vou a casa dela. Tenho sempre medo que ela me feche a porta. Diz-me muitas vezes: «Tenho ainda a liberdade de dispor de mim; se quiser, abandonar-te-ei por completo e voltarei para o estrangeiro». Tem-me falado muito nisto — acrescentou ele, como que ocasionalmente, fitando com insistência os olhos do príncipe. — É verdade que ela fala algumas vezes assim para me meter medo. Encontra sempre alguma coisa que a faz rir. Outras vezes franze as sobrancelhas, toma um aspeto melancólico e não descerra os dentes; é o que eu temo mais. Um dia disse-me: não irei a casa dele com as mãos vazias. Muito bem... os meus presentes têm o condão de aumentar as suas zombarias e até mesmo a sua cólera. Deu à Katia, a sua criada de quarto, um magnífico xaile que eu lhe havia oferecido, um xaile como ela talvez nunca tivesse visto outro, apesar do grande luxo em que vive. Quanto a pedir-lhe para fixar a data do nosso casamento, não me atreverei nunca. Bonita situação é esta, de um noivo que não se atreve a ir ver a sua futura esposa! E por isso que vou ficando em casa e, quando já não posso mais conter-me, vou às escondidas rondar em volta da sua casa ou ocultar-me nalgum canto da rua. Uma vez demorei-me bastante tempo perto da sua porta de entrada, isto é, quase até ao fim do dia; pareceu-me ter notado qualquer coisa. Ela avistou-me da janela: «Que terias feito», disse ela, «se tivesses descoberto que eu te enganava?» Não pude conter-me e respondi-lhe: «Tu bem o sabes!»

— Que sabe ela?

— Eu próprio o que sei? — murmurou Rogojine. — Em Moscovo nunca a surpreendi com ninguém, se bem que a espionei durante bastante tempo. Uma vez interpelei-a, dizendo-lhe: «Prometeste ser minha mulher.

Vais passar fazer parte de uma família honrada. Sabes o que isto quer dizer? Pois bem!... eis o que tu és!».

— Disseste-lhe isso?

— Disse.

— E depois?

— Ela replicou-me: «Agora, longe de consentir em tornar-me tua mulher, não passo para ti de uma simples criada!». «Então», repliquei eu, «não sairei daqui, aconteça o que acontecer». «Nesse caso», disse ela, «chamarei já o Keller e dir-lhe-ei para te pôr fora da porta». Nessa altura atirei-me sobre ela e bati-lhe; fiz-lhe várias nódoas negras pelo corpo.

— Isso é lá possível! — exclamou o príncipe.

— Digo-te que é verdade — prosseguiu Rogojine, cuja voz se tornou mais suave, ao contrário dos olhos que cintilavam. — Durante um dia e meio nem dormi, nem comi, nem bebi; não saí mais do seu quarto; ajoelhei-me diante dela e disse-lhe: «Morrerei, mas não sairei daqui sem que me perdoes. Se me mandas pôr fora de tua casa, vou-me logo afogar. Que seria agora, sem ti? Passou todo o dia como uma louca: tão depressa chorava, como me ameaçava matar com um machado, como me cobria de toda a espécie de injúrias. Depois chamou Zaliojev, Keller, Zemtioujnikov e ainda outros, para me mostrar e envergonhar diante deles: «Vamos, meus senhores, convido-os a irmos todos ao teatro; ele ficará aqui, se quiser; não sou obrigada a trazê-lo na minha companhia! Quanto a ti, Parfione Semionovitch, servir-te-ão o chá durante a minha ausência, pois hoje deves ter fome». Voltou só do teatro. «Estes senhores são uns imbecis e uns cobardes», disse ela. «Têm medo de ti e pretendem assustar-me; dizem que não sairás talvez daqui, sem primeiro me teres estrangulado. E eu, quando me for deitar, nem fecharei a porta do quarto. E assim que eu tenho medo de ti! Manténs a tua palavra? Tomaste chá?» «Não, nem tomo», respondi-lhe eu. «Queres manter o teu capricho, mas na verdade isso não vale nada». Fez como tinha dito. Não fechou a porta do quarto. Pela manhã, ao sair dos seus aposentos, começou a rir: «Estás maluco? Pretendes então morrer de fome?» «Perdoa-me!», disse-lhe eu. «Não quero perdoar-te e previno-te de que não casarei contigo. Ficaste, na verdade, toda a noite sentado neste sofá e sem dormir?» «Fiquei, e não dormi», disse eu. «Como és esperto! Na verdade não tomaste chá, não jantaste?» «Já te disse que não; quero apenas o teu perdão» «Se soubesses como essa atitude te prejudica! Fica-te tão mal, como uma sela numa vaca. Pensas

talvez assustar-me? Que me importa que tenhas a barriga vazia? Que linda história!» Ficou desgostosa, mas isso não durou muito tempo, pois voltou de novo a ridicularizar-me. Admirei-me de ver a sua cólera desaparecer tão depressa, com um caráter tão vingativo e tão rancoroso como o dela! Tive então a impressão de que tinha por mim uma pequena estima, pois de outra forma o seu ressentimento não iria tão longe. E era verdade. «Sabes tu», perguntou-me ela, «o que é o Papa, de Roma?» «Já ouvi falar nele», respondi-lhe eu. «Já estudaste alguma vez história universal, Parfione?» «Nunca estudei nada», disse-lhe eu. «Então vou dar-te a ler a história de um Papa que se zangou com um imperador e que o obrigou a passar três dias sem beber, nem comer, de joelhos, os pés descalços, à entrada do seu castelo, até que se dignou perdoar-lhe. Durante os três dias que o imperador se manteve de joelhos, que pensamentos, que juramentos supões tu que formulou a ele próprio? Mas espera», acrescentou ela, «vou-te ler tudo isso!» E desapareceu rápida, em procura do livro. «São versos», disse ela, e começou a ler uma passagem, onde estavam relatados os projetos de vingança que esse imperador jurara executar no decorrer dos três dias de humilhação. «Talvez que isto», acrescentou ela, «não te agrade, Parfione?» «Tudo aquilo que leste», disse-lhe eu, «é justo». «Ah, encontras isto justo!... Por consequência dizes naturalmente também contigo: quando for minha mulher lembrar-lhe-ei este dia e tirarei então a minha vingança!» «Não sei, é bem possível!», respondi-lhe eu. «Como, tu não sabes?» «Não, não sei, e não é nisso que eu penso neste momento». «Em que pensas então?» «Queres saber? Então ouve: quando te levantaste e passaste perto de mim, olhei-te e segui-te com os olhos; ao arrastar do teu roupão o meu coração quase desfaleceu; quando deixaste o aposento onde estávamos, recordei cada uma das tuas palavras e o tom em que as proferiste; durante toda a noite não pensei em coisa alguma; não fiz mais do que escutar o ruído da tua respiração e notei que te voltaste duas vezes na cama...» «Talvez», disse ela, rindo. «Já esqueceste também as pancadas que me tens dado?» «Talvez tivesse pensado nisso, não sei!» «E se não te perdoo e não caso contigo?» «Disse-te já que me deitarei a afogar». «Talvez me mates antes disso!», acrescentou ela, e ficou por instantes pensativa. Bastante desgostosa, saiu. Ao fim de uma hora voltou e disse-me com um ar sombrio: «Casarei contigo, Parfione. Não é porque te tenha medo; pouco me importa morrer de uma maneira ou de outra. Porém não vejo forma de arranjar melhor saída. Senta-te, que vão trazer-te o jantar...

Se casar contigo, serei uma mulher fiel; não tenhas dúvidas nem inquietações a tal respeito». Depois, após uns momentos de silêncio, acrescentou ainda: «Considerava-te antes como um verdadeiro lacaio, mas estava enganada». Ainda nessa ocasião fixou a data do casamento; Porém, uma semana depois, fugia de mim e foi para junto de Lebedev. Quando cheguei a S. Petersburgo, disse-me: «Não renunciei ainda a casar contigo, mas quero gozar o meu tempo, visto que entretanto tenho a liberdade de poder dispor de mim. Vai esperando também, se te agrada assim»! Eis a nossa situação nesta altura... Que pensas de tudo isto, León?

— E tu que pensas também? — ripostou o príncipe, olhando tristemente para Rogojine.

— Só aquilo que eu penso? — exclamou este. Tentou acrescentar alguma coisa mais, mas estacou, dominado por uma angústia sem precedente.

O príncipe levantou-se e de novo fez menção de se retirar.

— Posso assegurar-te que não te originarei nenhuma dificuldade — disse ele em voz baixa e num tom de sonhador, como se respondesse a um íntimo pensamento.

— Sabes tu o que eu te digo? — perguntou Rogojine, animando-se, entretanto que os seus olhos cintilavam. — Não compreendo porque me cedes assim o lugar. Terás tu deixado por completo de a amar? Ainda há pouco tu próprio estavas angustiado, conforme pude reparar. Porque vieste aqui, a toda a pressa? Por compaixão? — E um mau sorriso crispou-lhe o rosto. — Ah, ah!

— Pensas que te engano? — perguntou por sua vez o príncipe.

— Não. Tenho confiança em ti, mas não compreendo nada disto. É preciso acreditar que a tua compaixão se sobrepõe, em intensidade, ao meu amor.

Uma expressão de ódio, denotando impossibilidade, passou a traduzir-se em palavras, a refletir-se-lhe nos olhos.

— O teu amor parece equivocar-se até à blasfémia — observou o príncipe, sorrindo. — Porém se esse sentimento passa, o mal será talvez ainda maior. Meu pobre Parfione, digo-te...

— O quê? Eu mato-a?

O príncipe estremeceu.

— Terás por ela, um dia, uma violenta aversão, justamente por causa do amor que ela te inspira hoje e dos sofrimentos que tu vais suportando.

Que ela possa ainda sonhar em te desposar, é uma coisa que não me interessa. Quando tive conhecimento, ontem, quase me custou a acreditar e por fim fiquei contristado. Já por duas vezes que anulou o casamento, deixando-te na véspera da cerimónia nupcial. Há nisto um prenúncio!... O que é que poderá agora voltar a trazê-la para junto de ti?... O teu dinheiro? Seria absurdo supô-lo, visto que provavelmente já dissipaste a tua fortuna. Será apenas o desejo de se casar? Pode encontrar outro partido melhor que o teu; todos os outros maridos seriam muito melhores para ela, porque tu podê-la-ias matar e ela pressente talvez isso mesmo. A veemência da tua paixão atrai-la-á? Pode ser que sim!... Tenho ouvido dizer que há mulheres que anseiam por este género de paixão... somente...

O príncipe interrompeu-se e ficou pensativo.

— Por que razão ainda sorris, sempre que olhas para o retrato de meu pai? — perguntou Rogojine, que observava as menores alterações da fisionomia do príncipe.

— Por que sorrio? Porque tive a súbita ideia de que se esta paixão não te tortura, tornar-te-ás, dentro de muito pouco tempo, igual a teu pai. Encerrar-te-ás nesta casa, com uma mulher submissa e muda; atenderás apenas raras e severas propostas; não acreditarás em ninguém e não terás mesmo sentido a necessidade de confiar em alguém; contentar-te-ás em amontoar dinheiro na sombra e em silêncio. Tudo o resto, chegado ao declínio da vida, interessar-te-ás apenas pelos velhos livros e farás o sinal da cruz com dois dedos.

— Escarneces de mim!... Ela disse-me exatamente a mesma coisa, não há muito tempo, ao ver este retrato. É estranho, como os vossos pensamentos se igualam.

— Como, ela já veio a tua casa? — perguntou o príncipe intrigado.

— Já. Olhou longamente para o retrato e fez-me diversas perguntas sobre o falecido. «Eis no que te tornarás com o decorrer do tempo», concluiu ela, rindo. «Tu tens, Rogojine, paixões veementes, e tão veementes, que te conduzirão à Sibéria, aos trabalhos forçados, e não a tua inteligência, porque és de facto muito inteligente». Estas foram as suas próprias palavras, acredites ou não; foi a primeira vez que me disse isto. «Terás renunciado depressa às tuas rapaziadas de hoje. E, como és um homem sem instrução alguma, não terás outra ocupação, que não seja o amontoar dinheiro. Ficarás em casa, como teu pai, na companhia dos teus *skoptsi*. Talvez mesmo acabes por te converter à sua crença. Gostas tanto

do dinheiro, que conseguirás reunir, não dois, quem sabe? dez milhões, com o risco de morreres de fome sobre os sacos de oiro, porque fazes tudo com paixão e só te deixas guiar pela tua paixão!» Estas foram, palavra por palavra, as frases que me dirigiu. Nunca até então me tinha falado assim. Entretinha-me, habitualmente, com ninharias, ou então zombava de mim. Desta vez começou por me ralhar, para depois tomar um ar carregado, e olhou por toda a sala, como se tivesse medo de alguma coisa. «Mudarei e arranjarei tudo isto», disse-lhe eu, «ou então comprarei uma outra casa para o nosso casamento». «Não, não», respondeu-me ela, «não é preciso mudar nada disto; continuaremos a levar a mesma vida. Quero instalar-me perto da tua mãe, quando for tua mulher». Apresentei-a à minha mãe. Testemunhou-lhe uma deferência toda filial. Há dois anos que minha mãe está doente e não está já na plenitude das suas faculdades; sobretudo depois da morte de meu pai, é como se tivesse voltado outra vez a ser criança: as pernas estão paralíticas, não fala, e limita-se a fazer um sinal com a cabeça às pessoas que a vêm ver. Se não lhe levassem de comer, ficaria bem dois ou três dias sem nada pedir. Peguei na mão direita da minha mãe, dispus-lhe os dedos para fazer o sinal da cruz e disse-lhe: «Abençoe-a, minha mãe, porque ela vai ser minha mulher». Então ela apertou-lhe com efusão a mão, declarando: «Tenho a certeza que a tua mãe tem sofrido muito». Tendo visto o livro que ali tinha, perguntou-me: «Estás a ler a história da Rússia?» Foi ela própria que um dia, em Moscovo, me disse: «Fazes bem em te instruíres um pouco. Lê, por exemplo, a *História da Rússia*, de Soloriov, porque tu não sabes nada». «Tens razão», acrescentou ela, «continua. Organizo-te uma lista dos livros que precisas ler em primeiro lugar, queres?» Não me tinha nunca, nunca falado neste tom; fiquei estupefacto e, pela primeira vez, respirei como um homem que volta à vida.

— Estou encantado! — disse o príncipe com sinceridade. — Quem sabe? Talvez Deus permita a vossa união,

— Nunca se fará! — gritou Rogojine, furioso.

— Escuta: se a amas tanto, porque não hás de vir a merecer a sua estima? E se podes vir a ser correspondido, porque desesperas de o conseguir? Ainda há pouco te disse que não compreendo por que motivo concordou em casar contigo. No entanto, se bem que não possa explicar o facto, deve haver em tudo isto uma razão plausível, incontestável. Está convencida do teu amor e não o está menos de que possuis umas certas

qualidades. Não pode ser de outra maneira, e o que me acabas de contar confirma esta opinião. Disseste mesmo que encontrou um meio de te falar e de te tratar de uma forma completamente diferente da que estavas habituado. És desconfiado e ciumento, e por isso exageras tudo quanto de mau tens notado nela. Acredita que não tem de ti uma tão má opinião como dizes. E a não ser assim, temos de admitir que, ao desposar-te, se condena, por sua livre vontade, a perecer afogada ou assassinada. Isto é possível? Vai, conhecendo a causa, em procura da morte?

Rogojine ouviu as vibrantes palavras do príncipe com um sorriso doloroso. A sua convicção parecia inabalavelmente assente.

— Que olhar sinistro fixas em mim, Rogojine! — não se conteve o príncipe em dizer, num tom angustiado.

— Perecer afogada ou assassinada! — exclamou por fim Rogojine. — Eh! eh!... Justamente: se casa comigo, é para ser, com toda a certeza, assassinada por mim!... Não!... Será de crer, príncipe, que não tenhas ainda compreendido a razão por que procede assim em toda esta questão?

— Não te percebo.

— Talvez, de facto, não compreendas! Eh! eh!... Diz-se, na verdade, que não és um pouco... como os outros. Ela gosta doutro, percebeste? Gosta de outro que está presente, tal como eu a amo a ela. E esse outro, sabes quem é? O quê, não sabias?

— Eu!

— Sim, tu. Começou a gostar de ti no dia da festa. Somente pensa que não lhe é possível casar contigo, porque te cobriria de vergonha e estragava-te o futuro. «Sabe-se quem eu sou...», diz ela. Nunca mudou a sua linguagem e tem-mo dito face a face, sem subterfúgios. A ti, receia perder-te e desonrar-te; a mim, contudo, pode desposar-me à vontade, pois é uma coisa sem importância. Eis a consideração que tem por mim; não te esqueças disto.

— Mas como pôde ela fugir-te, para se refugiar perto de mim, e fugir-me...

— Para voltar para mim?... Eh! eh!... Podemos lá saber o que lhe passa pela cabeça? Anda agora num grande estado de excitação. Um dia gritou-me: «Caso contigo, como se fosse deitar-me a afogar. Casemo-nos por isso depressa!» Ela própria apressou os preparativos, fixou o dia da cerimónia. Depois, quando esse dia se aproximou, encheu-se de medo, ou teve quaisquer outras ideias! Deus sabe quais lhe atravessaram o cérebro!... Tu

bem na viste. Chora, ri, agita-se febrilmente. Que admiração que ela tenha igualmente ido para longe de ti? Fugiu-te, porque se apercebeu da veemência da paixão que lhe inspiraste. Ficar junto de ti era superior às suas forças. Afirmaste ainda há pouco que a tinha encontrado em Moscovo. Isso não é exato; foi ela que veio para minha casa a fim de fugir de ti. Disse-me; «Fixa o dia, estou pronta!... Manda trazer champanhe! Vamos ouvir os ciganos!» E gritava isto a plenos pulmões. Sem mim, há muito tempo que se teria deitado a afogar, digo-to eu. Se o não faz, é, talvez, porque me encontra ainda mais perigoso do que a água. Casará comigo por perversidade... se casar! Digo bem: por *perversidade.*

— Mas como podes... como… — gritou o príncipe, sem acabar a frase. Olhava para Rogojine com terror.

— Porque não acabas? — disse num tom escarninho. — Queres que te diga o que pensas neste momento? Pensas: «Como pode ela desposá-lo agora? Como se pode permitir que ela faça tal casamento?» Os teus sentimentos não enganam ninguém...

— Não foi por isso que vim aqui, já te disse: não era essa a ideia que tinha no pensamento...

— Pode ser que não tenhas vindo por isso e que não tivesses essa ideia na cabeça, porém agora é essa a tua maneira de pensar. Eh, eh!.., Vamos lá, já não é mau! Por que motivo ficaste tão perturbado? Na verdade, não sabias nada disto? Surpreendes-me!

— Tudo isso, Rogojine, é o ciúme. Estás doente. Perdeste o bom-senso, exageras — balbuciou o príncipe, no cúmulo da comoção. — Mas o que é que tens?

— Deixa lá isso — disse Rogojine, arrancando, rápido, das mãos do príncipe, e colocando-a no seu lugar, uma pequena faca que havia tirado da mesa, ao lado de um livro.

— Quando parti para S. Petersburgo — prosseguiu o príncipe — tive como que um pressentimento... Custou-me a vir até aqui! Queria esquecer tudo quanto me prende a esta cidade, arrancá-la do coração! Vamos, adeus... O que é que tens ainda?

Ao falar, o príncipe tinha, por distração, pegado de novo na faca. Rogojine tirou-lha das mãos e atirou com ela sobre a mesa. A faca era de uma forma bastante simples; o cabo era feito do pé de um veado, a lâmina media três *verchoks* e meio de comprido e tinha uma largura proporcional ao comprimento.

Vendo o príncipe surpreendido, por lha ter tirado duas vezes das mãos, Rogojine, zangado, pegou na faca e atirou-a sobre o livro que colocara noutra mesa.

— Serves-te dela como corta-papéis? — perguntou o príncipe num tom distraído, mas sempre obcecado por qualquer pensamento.

— Sim...

— É, no entanto, uma faca de jardim.

— É!... Porquê? Não posso cortar as páginas de um livro com uma faca de jardim?

— Mas está... muito nova.

— Isso que importa? Não posso comprar uma faca nova? — gritou Rogojine, num acesso de arreliado. A sua cólera crescia a cada palavra do príncipe.

Este último estremeceu e olhou-o fixamente.

— Ah, que ideia! — exclamou ele, rindo-se muito, como quem desperta de uma abstração. — Perdoa-me, meu caro; quando tenho a cabeça pesada, como agora, e que a minha doença surge... estou assim sujeito a distrações ridículas. Não era esta a pergunta que te queria fazer... Essa esqueceu-me, fugiu-me da cabeça. Adeus...

— Não é por aí — disse Rogojine.

— Esqueci-me!

— Vem por aqui. Eu ensino-te o caminho.

Capítulo 4

Passaram pelos mesmos quartos que o príncipe havia atravessado antes. Rogojine ia à frente, abrindo as portas. Entraram numa grande sala, de cujas paredes estavam suspensos alguns quadros, alguns retratos de bispos e algumas paisagens onde nada se conseguia discernir. Por cima da porta que dava para o quarto vizinho, via-se um quadro de grandes dimensões: tinha perto de dois *archines* e meio de comprimento por seis *verchoks* de altura. Este quadro representava o Salvador, depois da descida da cruz. O príncipe olhou-o, sem parar, com o ar de quem se recorda de alguma coisa e pretende chegar depressa à porta. Sentia-se mal nesta casa e por isso tinha pressa em sair. Rogojine, porém, parou bruscamente diante do quadro.

— Todos estes quadros — disse ele — foram comprados, em diversos leilões, por meu falecido pai, que era um bom amador. Pagou um ou dois *rublos* por cada. Um conhecedor que os examinou, declarou que eram imitações, salvo aquele que se encontra por cima da porta. Por esse o meu pai pagou dois *rublos;* ainda era vivo e ofereceram-lhe por ele trezentos e cinquenta *rublos;* um negociante, que é um grande colecionador, Ivan Dmitrich Savéliev, propôs-me quatrocentos, e, enfim, na semana passada chegou mesmo a oferecer quinhentos a meu irmão, Semione Semionovitch. Preferi guardá-lo.

— É uma cópia de Hans Holhein — disse o príncipe, depois de ter examinado o quadro — e sem ser grande conhecedor, suponho poder dizer que é uma excelente cópia. Vi o original no estrangeiro e não mais o pude esquecer. Mas... que é que tens?

Rogojine, sem mais se preocupar com o quadro, começou a andar. Este gesto impulsivo pode, com certeza, ter a sua explicação, não só na sua distração, como também ainda, e em particular, ao seu estado de enervamento. Porém o príncipe não ficou satisfeito por o ver interromper uma conversa que ele havia começado.

— Há muito tempo, León, que queria fazer-te esta pergunta: acreditas ou não em Deus? — exclamou de repente Rogojine, após ter dado alguns

passos.

— Que singular pergunta... e com que olhar tu a acompanhas! — observou involuntariamente o príncipe.

Fez-se silêncio entre os dois.

— Por mim, gosto muito de contemplar este quadro! — murmurou Rogojine, como se tivesse esquecido a pergunta feita.

— Este quadro — gritou o príncipe, debaixo de uma súbita inspiração. — Este quadro... Sabes, contudo, que um crente ao olhá-lo pode perder a fé?

— Sim, perde-se a fé! — aquiesceu Rogojine de uma maneira inesperada.

Chegaram ao limiar da porta.

— Como podes dizer isso? — exclamou o príncipe, parando bruscamente. — Tomaste a sério a reflexão que fiz em ar de graça? E por que razão me perguntaste se acreditava em Deus?

— Por simples curiosidade. Era uma pergunta que te queria fazer há mais tempo. Há agora muitos descrentes. E tu, já que estiveste no estrangeiro, deves poder dizer-me, se é verdade, conforme me asseverou um certo bêbado, existirem na Rússia mais ateus do que dos outros países. Esse indivíduo acrescentou: «É-nos mais fácil ser ateus, porque estamos mais adiantados do que eles».

Rogojine sublinhou este seu dito com um riso sarcástico. Depois, com um gesto brusco, abriu a porta e, com a mão no puxador, esperou que o príncipe passasse. Este pareceu surpreendido, mas passou. Rogojine saiu também para o patamar e fechou a porta atrás dele. Ficaram um diante do outro, com o aspeto de terem esquecido o local onde estavam e o que iam fazer.

— Adeus — disse o príncipe, estendendo-lhe a mão.

— Adeus — repetiu Rogojine, apertando com vigor, mas maquinalmente, a mão que o dono da casa lhe estendeu.

O príncipe desceu um degrau e voltou-se. Era evidente que não o queria deixar daquela forma.

— A respeito de fé — disse, sorrindo e animando-se à evocação de uma lembrança — tive na semana passada, durante dois dias, quatro conversas a tal respeito. Uma manhã, viajando por uma nova linha do caminho de ferro, travei conhecimento com um certo S... com quem conversei durante quatro horas. Já tinha ouvido falar muito dele e, entre

outras coisas, disseram-me que era um ateu. É um homem muito instruído, de facto, e fiquei contente por se me proporcionar a ocasião de palestrar com um verdadeiro sábio. Por outro lado é muitíssimo educado, de maneira que me falou como a um homem seu igual, sob o ponto de vista da cultura e da inteligência. Não acredita em Deus. Entretanto uma coisa me chamou a atenção: discutindo, a tal respeito, dava sempre a impressão de estar fora do assunto. E esta impressão havia-a já sentido, todas as vezes que encontrava incrédulos ou que lia os seus livros; parecia-me sempre que se esquivavam ao problema que simulavam tratar. Transmiti então esta observação a S..., mas com certeza me exprimi mal, ou pouco claramente, porque não me compreendeu. Na tarde desse mesmo dia cheguei a uma cidade da província, onde resolvi passar a noite. Instalei-me numa hospedaria. Fora ali cometido um crime na noite anterior; era ainda o assunto de todas as conversas no momento da minha chegada. Dois camponeses de certa idade, que se conheciam há muito tempo e que eram amigos, haviam alugado um quarto em comum, para passarem a noite, depois de terem bebido o seu chá. Não estavam bêbados, nem um nem outro. Um deles notou que o companheiro trazia, há já dois dias, um relógio, que antes nunca lhe tinha visto. O relógio era de prata e estava preso a uma corrente amarela, ornada com pérolas de vidro. Este homem não era um ladrão; era mesmo um homem honesto, e, para um camponês, era também muito alegre. Porém o relógio do seu amigo despertou nele uma tal inveja, que acabou por sucumbir à tentação: armou-se de uma faca e, logo que o outro lhe voltou as costas, aproximou-se dele muito devagar, calculou o gesto, levantou os olhos ao céu, persignou-se e rezou com fervor esta oração: «Senhor, perdoai-me, por amor de Cristo!» Dito isto cortou, com um só golpe, o pescoço do companheiro, tal como se abate um carneiro, e pegou no relógio.

Rogojine soltou uma ruidosa gargalhada. A sua hilaridade tinha qualquer coisa de convulsivo e contrastava em absoluto com o mau humor que até aí o havia dominado.

— És adorável! Francamente, não podia encontrar-se melhor! — exclamou numa voz ofegante, quase sufocado. — Um não acreditava em Deus, e o outro acreditava nele até ao ponto de rezar antes de assassinar alguém! Não, meu amigo, não se inventa coisa parecida!... Ah! Ah, isto ultrapassa as raias do fantástico!...

— Na manhã seguinte fui dar uma volta pela cidade — prosseguiu o príncipe logo que Rogojine se acalmou, se bem que um sorriso intermitente e espasmódico continuasse a pairar-lhe nos lábios. — Vi um soldado bêbado, completamente nu da cinta para cima e que bordejava ao longo do passeio de madeira. Abordou-me e disse-me: «Compre-me esta cruz de prata, meu *barine*. Cedo-lha por vinte *kopeks* e é de boa prata». Mostrou-ma, presa a um fio muito gasto, e o qual acabava, com certeza, de tirar do pescoço. Logo à primeira vista se via que era uma cruz de estanho, com oito braços, um pouco grande, em alto relevo e em estilo bizantino. Tirei do bolso uma moeda de vinte *kopeks* e dei-lha, depois do que coloquei a cruz no meu pescoço. Li-lhe no rosto a alegria sentida, ante a ideia de ter enganado um *barine* estúpido. Correu logo, sem hesitar, para a primeira taberna, onde bebeu os vinte *kopeks.* Nesse momento, meu amigo, tudo quanto observava na Rússia produzia em mim a mais viva impressão. Noutros tempos não compreendia nada do nosso país, era um perfeito ignorante. No estrangeiro, durante os cinco anos que por lá passei, senti apenas pela Rússia uma recordação toda cheia de fantasia. Prossegui o meu passeio e disse comigo: «esperarei ainda, antes de condenar este judas. Deus sabe o que se passa nos seus pobres corações de bêbados!...» Ao entrar de novo na hospedaria, uma hora mais tarde, encontrei uma camponesa com uma criança de peito nos braços. Era uma mulher ainda nova e a criança podia ter seis semanas. Sorria para a mãe, pela primeira vez, dizia ela, desde o seu nascimento. Vi-a persignar-se umas poucas de vezes com uma indizível piedade. «Porque fazes isso?», perguntei-lhe eu. Tinha então a mania de fazer destas perguntas. «Da mesma forma que», respondeu ela, «a mãe se alegra, ao ver pela primeira vez sorrir o filho, também Deus se alegra, cada vez que vê, lá do alto do céu, um pecador pedir-lhe perdão, do fundo do coração». Eis quase textualmente o que me disse essa mulher do povo; exprimiu assim esse pensamento tão profundo, tão subtil, tão puramente religioso, em que se sintetiza toda a essência do cristianismo, que reconhece em Deus um Pai celeste, que se regozija ao ver um *homem,* tal como um pai ao ver o filho. Este é o pensamento fundamental de Cristo. Uma simples mulher do povo!... É verdade que era mãe! E quem sabe se não seria a mulher do soldado que me vendeu a cruz? Escuta, Rogojine; fizeste-me há pouco uma pergunta e vou dar-te a resposta; a essência do sentimento religioso escapa a todos os raciocínios; nenhuma falta, nenhum crime, nenhuma forma de ateísmo tem poder sobre

ela. Há e haverá eternamente neste sentimento alguma coisa de impercetível, de inacessível à argumentação dos ateus. Porém o fundamental é que não se observa em parte alguma com tanta clareza e espontaneidade como no coração dos russos!... Foi esta a minha conclusão. Foi esta uma das primeiras convicções que se arreigou em mim ao estudar a nossa Rússia. Há muitas coisas a fazer, Rogojine, sobretudo na nossa terra, acredita! Lembra-te dos nossos encontros e das conversas que tivemos em Moscovo durante uma certa época... Ah, não tinha nenhum desejo de voltar aqui agora!... E não pensava, além de tudo, encontrar-te em idênticas condições!... Enfim, não falemos mais nisso!... Adeus, até à vista!... Que Deus te não abandone!

Deu meia volta e desceu a escada.

— León! — gritou-lhe do alto da escadaria, Rogojine, no momento em que ele chegava ao primeiro patamar. — Essa cruz que compraste ao soldado, trá-la contigo?

— Trago — disse o príncipe, parando.

— Mostra-ma.

— Mais uma nova fantasia!...

O príncipe refletiu um instante, subiu de novo as escadas e, sem a tirar do pescoço, mostrou-lha.

— Dá-ma — disse-lhe este.

— Para quê? Então tu...

O príncipe sentiu relutância em se separar da cruz.

— Para a trazer; dou-te a minha em troca.

— Tens interesse em que troquemos as nossas cruzes? Muito bem, Rogojine! Se assim o desejas, não te pergunto mais nada; selemos desta forma a nossa fraternidade!

O príncipe tirou a sua cruz de estanho; Rogojine fez outro tanto à dele, que era de ouro, e trocaram-nas. Rogojine ficou calado e o príncipe notou com dolorosa surpresa que a fisionomia do seu novo irmão havia mantido a sua expressão de desconfiança e que um sorriso amargo, quase sarcástico, continuava a surgir-lhe, com intervalos maiores ou menores, nos lábios.

Sem dizer uma palavra, Rogojine decidiu-se a agarrar a mão do príncipe e, depois de um momento de hesitação, arrastou-o atrás dele, dizendo-lhe numa voz pouco percetível: «Vem!» Atravessaram o patamar do primeiro andar e bateram a uma porta que ficava em frente daquela por

onde tinham saído. Vieram rapidamente abri-la. Uma velhinha, toda curvada e vestida de preto, com a cabeça envolvida num lenço, fez, sem abrir a boca, uma profunda reverência a Rogojine. Este fez-lhe uma rápida pergunta e em vez de esperar a resposta, continuou a arrastar o príncipe através de uns quartos escuros, frios e bem fechados, onde se alinhavam alguns pesados e velhos móveis, cobertos com panos brancos e limpos. Depois, sem o anunciar, fê-lo entrar num pequeno aposento, que parecia ter sido um salão, e que estava dividido por um tabique de acaju, com duas portas nas extremidades. Este tabique devia ocultar um quarto de dormir. A um canto, perto de um fogão, estava sentada numa poltrona uma velhinha. Não parecia ser muito idosa: o seu rosto, cheio e bastante fresco, era muito agradável, porém tinha os cabelos todos brancos, e ao primeiro olhar notava-se que estava completamente imbecil. Trazia um casaco de lã preta, um xaile da mesma cor à volta do pescoço e um chapéu, de uma brancura imaculada, com fitas pretas. Tinha um banco debaixo dos pés. A seu lado encontrava-se outra velhinha muito asseada, que parecia ser mais velha e vivia, sem dúvida, dos seus rendimentos; vestida de preto e tendo também um chapéu branco, fazia meia, atarefada e silenciosamente. Estas duas mulheres não deviam nunca trocar uma palavra. Ao ver Rogojine e o príncipe, a primeira velhinha sorriu-se e mostrou o seu contentamento, fazendo as mais afáveis saudações.

— Minha mãe — disse Rogojine, depois de lhe ter beijado a mão — apresento-lhe o meu grande amigo, o príncipe León Nicolaievitch Míchkin. Trocámos há pouco as nossas cruzes. Em Moscovo foi para mim, durante muito tempo, como um irmão e prestou-me grandes serviços. Abençoe-o, minha mãe, como abençoaria o seu próprio filho. Espere, minha querida velhinha, deixe-me dispor-lhe a mão para...

Esta, no entanto, sem esperar a ajuda de Rogojine, levantou a mão direita, juntou três dedos e por três vezes abençoou devotamente o príncipe. Depois disto, fez-lhe ainda na testa um pequeno sinal, cheio de doçura e amor.

— Vamos, León — disse Rogojine. — Trouxe-te aqui apenas para isto...

Logo que se encontraram na escada, acrescentou:

— Vê tu: a minha mãe não compreende nada do que se lhe diz, não entendeu o sentido das minhas palavras e contudo abençoou-te. Agiu

assim espontaneamente... Vamos, adeus!... Para ti, como para mim, já é tempo de nos separamos.

E abriu a porta dos seus aposentos.

— Deixa ao menos abraçar-te, antes de nos separarmos. Que extraordinária vida tu levas! — exclamou o príncipe, olhando Rogojine com um ar de terna censura.

Quis apertá-lo nos braços, mas o outro, que havia já levantado os seus, deixou-os cair rapidamente. Não se decidiu a levantá-los de novo e os seus olhos evitaram os do príncipe. Repugnou-lhe abraçá-lo.

— Não tenhas receio! — murmurou ele numa voz trémula e com um estranho sorriso. — Se te pedi a tua cruz, não te matarei da mesma maneira por causa de um relógio.

Entretanto a sua fisionomia mudou-se bruscamente: uma palidez terrível o invadiu, os lábios tremeram-lhe e os olhos incendiaram-se-lhe. Abriu os braços, apertou com força o príncipe contra o peito e disse numa voz ofegante:

— Toma-a, para ti, pois é essa a vontade do Destino. É tua. Cedo-ta!... Lembra-te do Rogojine!

E afastando-se do príncipe, sem o olhar mais uma vez, entrou à pressa nos seus aposentos, fechando ruidosamente a porta atrás dele.

Capítulo 5

Era já tarde, perto das duas horas e meia, e o príncipe não encontrou o Epantchine em casa. Deixou-lhe um cartão e resolveu ir procurar o Kolia ao *Hotel da Balance.* No caso de o não encontrar deixar-lhe-ia também um bilhete com algumas palavras escritas. No *Balance* soube que havia partido de manhã, deixando dito que, no caso de o procurarem, só voltaria depois das três horas; se não voltasse até às três e meia, é porque tinha tomado o comboio para Pavlovsk a fim de visitar a esposa do general Epantchine e jantar em casa dela.

O príncipe resolveu esperá-lo, ordenando que lhe servissem uma refeição.

Deram três e meia, deram quatro horas, e Kolia não apareceu. Saiu então e começou a andar ao acaso. No começo do verão há algumas vezes em S. Petersburgo dias esplêndidos. Como que feito de encomenda, este dia era um deles: luminoso, quente e calmo. O príncipe deambulou assim durante um certo tempo. Conhecia bastante mal a cidade. Às vezes parava no cruzamento das ruas, diante de certas casas, ou então no meio das praças ou das pontes; a certa altura entrou, para descansar, numa confeitaria. Outras vezes a sua curiosidade levava-o a admirar os passeantes. Porém a maior parte das vezes não prestava atenção, nem aos passeantes, nem ao caminho percorrido. Sentia os nervos dolorosamente tensos, bem como uma certa angústia, ao mesmo tempo que uma necessidade intensa de solidão. Queria estar só, para se entregar, sem a menor reação e sem procurar para isso o mais pequeno derivativo, ao seu estado de sobre-excitação mórbida. Repugnava-lhe encontrar resposta às perguntas que lhe assaltavam o espírito e o coração. «Vejamos», murmurava com ele e quase sem ter a consciência das suas palavras, «haverá alguma falta minha em tudo quanto me acontece?»

Perto das seis horas encontrava-se na estação de Tsarskoié-Sélo. A solidão tinha-se-lhe tornado insuportável; uma nova onda de fervor se lhe apoderou do coração e uma viva, mas fugitiva claridade, dissipou as trevas que lhe oprimiam a alma. Tirou bilhete para Pavlovsk e esperou com

impaciência a hora da partida. Sentia-se no entanto vítima de uma obsessão, cuja causa era real e por maneira nenhuma imaginária, como talvez estivesse inclinado a acreditar. Mal havia tomado lugar na carruagem, quando considerou; deitou bruscamente fora o bilhete e saiu da estação com o espírito perturbado e dominado por diversas reflexões. Algum tempo depois, em plena rua, pareceu-lhe lembrar-se de alguma coisa e ao mesmo tempo descobriu em si a existência de um estranho fenómeno, a que podia inculcar as suas longas inquietações. Tinha a nítida consciência de uma preocupação, que o avassalava desde há muito tempo, mas de que não conseguira libertar-se até aí. Sob o domínio dessa preocupação, começara a procurar à sua volta, desde o momento em que entrou no *Hotel da Balance,* e mesmo um pouco antes. Depois o seu espírito libertou-se durante uma meia hora. Mas eis que de novo recomeçou a olhar e a perscrutar à sua volta, com inquietação.

Contudo, enquanto observava em si este impulso doentio e até totalmente inconsciente, ao qual obedecia desde há um certo tempo, uma outra recordação, não menos estranha, surgiu-lhe de repente no espírito. Lembrou-se que, no momento em que se surpreendeu a procurar qualquer coisa à sua volta, se encontrava no passeio, diante de um estabelecimento, do qual observava a exposição de objetos com uma viva curiosidade. Quis então verificar, a todo o custo, se havia estado de facto parado diante dessa exposição, durante cinco minutos ou mais, ou se era joguete de um sonho ou de uma confusão. Mas esse estabelecimento e essa exposição teriam existido na verdade? Sentia-se num desses dias de disposições particularmente doentias e que lhe lembravam mais ou menos aquelas em que se encontrara noutros tempos, no princípio da sua doença. Sabia que, durante os períodos que antecediam estes acessos, estava sujeito a extraordinárias distrações, a ponto de confundir as coisas e as pessoas, se não concentrava sobre elas toda a sua atenção.

Havia uma outra razão especial para verificar a sua distração: entre os objetos que viu na montra do estabelecimento, houve um sobre o qual fixou o olhar e chegou mesmo a avaliar em sessenta *kopeks;* ficara-lhe esta recordação, apesar da sua distração e da sua perturbação. Por consequência, se essa loja existia na verdade e se o objeto figurava com efeito na montra, parara apenas para examinar esse objeto. Concluiu portanto que o objeto em questão despertou nele um interesse tão forte, que conseguiu fixar-lhe a atenção, mesmo no estado de penosa angústia

em que estava mergulhado ao sair da estação. Avançou, olhando quase com ansiedade para o lado direito; o coração batia-lhe com inquietação e impaciência. Por fim acabou por encontrar a loja. Estava situada a quinhentos passos do sítio onde tivera a ideia de arrepiar caminho. Encontrou também o objeto avaliado em sessenta *kopeks*. «Com certeza não vale mais», disse ainda, e esta reflexão fê-lo rir. Porém o seu riso era nervoso: sentia-se fortemente oprimido. Agora lembrava-se, sem sombra de dúvida, que no momento em que estacionara diante da loja, se tinha voltado, num mesmo movimento brusco que anteriormente, quando surpreendera o olhar de Rogojine fito nele. Ficou por isso convencido que não se tinha enganado (no fundo estava já persuadido disso, mesmo antes dessa verificação) e afastou-se, a largos passos, da loja.

O príncipe devia dentro em pouco refletir nestes fenómenos. Era de todo necessário, porque tinha agora a certeza de que, mesmo na estação, não fora joguete de uma alucinação; tinha-lhe sucedido um acontecimento de uma realidade indiscutível, que se ligava, sem dúvida alguma, com a sua anterior obsessão. Contudo não pôde vencer uma espécie de repugnância interior e, renunciando a meditar por mais tempo nesse assunto, começou a pensar noutros.

Pensou, entre outras coisas, nos sintomas com que se manifestavam os seus ataques epiléticos, quando o surpreendiam durante uma insónia. Em plena crise de angústia, de embrutecimento, de opressão, parecia-lhe muitas vezes que o cérebro lhe ardia e que as suas forças vitais retomavam um prodigioso impulso. Nestes momentos, rápidos como o relâmpago, o sentimento da vida e a sua consciência, por assim dizer, decuplicavam. O seu espírito e o seu coração iluminavam-se de uma claridade intensa; todas as suas comoções, todas as suas dúvidas, todas as suas inquietações acalmavam-se por sua vez, para se converterem numa soberana serenidade, feita da alegria luminosa da harmonia e da esperança, a favor das quais a razão se elevava até à compreensão das causas finais.

Porém estes momentos radiosos não eram mais do que o prelúdio ao segundo decisivo (porque esta outra fase não durava nunca mais de um segundo) que antecedia logo o acesso. Este segundo era positivamente superior às suas forças. Quando, uma vez voltado à normalidade, o príncipe rememorava os antecedentes dos seus ataques, dizia muitas vezes: «estes relâmpagos de lucidez, onde a hiperestesia da sensibilidade e da consciência faz surgir uma forma de «vida superior», não passam de

simples fenómenos mórbidos, de alterações do estado normal; longe então de se ligar a uma vida superior, eles fazem parte, pelo contrário, das manifestações mais inferiores de um ser».

Entretanto chegava a uma conclusão das mais paradoxais: «Que importa que o meu estado seja doentio? Que importa que esta exaltação seja um fenómeno anormal, se o instante que ela provoca, evocado e analisado por mim, quando fico bom, se evidência, como que atingindo uma harmonia e uma beleza superiores, e se esse instante me proporciona, num grau calculável e insuspeito, um sentimento de plenitude, de moderação, de apaziguamento e de fusão, num ardor de oração, com a mais alta síntese da vida?»

Estas expressões nebulosas pareciam-lhe perfeitamente inteligíveis, embora ainda muito vagas. Não duvidava, não admitia que se pudesse duvidar que as sensações descritas realizassem com efeito «a beleza e a oração» como uma «alta síntese da vida». As suas visões não tinham porém qualquer coisa de comparável às alucinações enganadoras que se procuram com a morfina, o ópio ou o vinho, e que embrutecem o espírito e deformam a alma? Podia com conhecimento raciocinar a este respeito, uma vez que o ataque havia passado. Estes instantes, para os definir numa palavra, caracterizavam-se por uma fulguração da consciência e por uma suprema exaltação da emotividade subjetiva. Se, nesse segundo, isto é, no último instante de consciência antes do acesso, tivesse tido tempo para dizer clara e deliberadamente: «sim, por este momento daria toda uma vida», esse momento, por ele só, valeria bem, com efeito, toda uma vida.

Não atribuía aliás outra importância ao lado dialético da sua conclusão, porque a prostração, a cegueira mental e o idiotismo apareciam-lhe apenas, muito claramente, como uma consequência desse «minuto sublime». Estava-se reservando para ter a tal respeito uma discussão séria. A sua conclusão, quer dizer, o juízo que fazia sobre o minuto em questão, era, sem contestação, erróneo, mas não ficava menos perturbado pela realidade da sua sensação. O que há de mais convincente com efeito do que um facto real? Ora o facto real existia; durante esse minuto tivera o tempo bastante para dizer que a felicidade imensa que ele lhe proporcionava valia bem toda uma vida. «Nesse momento», tinha ele declarado um dia a Rogojine quando se encontraram em Moscovo, «entrevi o sentido desta singular expressão: *Il n'y aura plus de temps*. Sorrindo, com certeza teria acrescentado que foi num instante como esse

que o epilético Maomé falou, quando disse ter percorrido toda a residência de Alá em menos tempo, do que aquele que levaria a evaporar a água que enchia a sua bilha. Em Moscovo, com efeito, Rogojine e ele tinham-se juntado muitas vezes e tinham falado sobre os assuntos mais diversos. O príncipe pensou com ele: «Rogojine disse-me ainda há pouco que era para ele como um irmão; foi hoje a primeira vez que se exprimiu desta forma...»

Deixou-se levar pelas suas reflexões, sentado, perto de uma árvore, num banco do Jardim de verão. Não faltava muito para as sete horas. O jardim estava deserto; uma sombra passageira velava o sol poente. A atmosfera estava pesada e deixava antever uma tempestade. O príncipe tinha uma certa propensão para a meditação. Avivando as suas reminiscências e as suas ideias sobre todos os objetos exteriores, procurava uma diversão para a obsessão que o dominava; contudo, logo que olhava à sua volta, esse sombrio pensamento, ao qual tanto queria esquivar-se, voltava-lhe logo à cabeça. Lembrava-se da história que o rapaz da hospedaria lhe contou durante o jantar: um recente assassinato, perpetrado em circunstâncias muito extraordinárias e que havia feito bastante ruído na cidade.

Mal havia porém evocado essa lembrança, logo um fenómeno inesperado se produziu nele. Foi um desejo impetuoso, irresistível, uma verdadeira tentação, que lhe paralisou de repente a vontade. Levantou-se e saiu do jardim em direção ao velho S. Petersburgo. Um pouco antes, no cais do Neva, pedira a um transeunte para lhe indicar esse bairro do outro lado do rio. Tinham-lho mostrado, mas não havia lá ido. Sabia que, de qualquer maneira, era inútil lá ir nesse dia. Tinha há muito a direção da parenta de Lebedev e poderia encontrar facilmente a sua casa; porém não tinha bem a certeza se ela lá estaria. «Foi com certeza para Pavlovsk», disse ele, «pois a não ser assim, o Kolia ter-me-ia deixado um bilhete na *Balance,* como estava combinado». Se lá ia agora, não era, sem dúvida, para a ver. A sua curiosidade obedecia a um outro motivo, tenebroso e torturante. Uma nova e súbita ideia acabava de lhe atravessar o espírito.

Bastava-lhe contudo pôr-se em marcha e saber onde ia, para ao fim de um minuto não prestar nenhuma atenção ao caminho percorrido. Sentia uma terrível e quase insuportável repugnância em meditar por mais tempo sobre a «rápida ideia» que lhe havia subido à cabeça. Olhou com uma dolorosa tensão mental para tudo quanto lhe passava por diante dos olhos.

Fitou o céu e o Neva. Entabulou conversa com um garoto que encontrou no caminho. Talvez a sua crise de epilepsia se tivesse agravado. A tempestade parecia aproximar-se, embora lentamente. Ouvia-se ao longe o ribombar do trovão. O ar estava pesado.

Lembrou-se então, sem bem saber porquê, do sobrinho do Lebedev, que vira nesse dia, tal como nos lembramos de uma música, de que temos os ouvidos cheios. O mais estranho, porém, é que figurava, sob os seus traços, o assassino de que Lebedev lhe falara ao apresentar-lhe o sobrinho. Muito recentemente ainda tinha lido alguma coisa a respeito desse criminoso. Desde o seu regresso à Rússia tinha lido e ouvido muito sobre assuntos desse género; acompanhava-os a todos com o máximo interesse. Nessa mesma tarde, na sua conversa com o rapaz da hospedaria, mostrara-se muito interessado com o assassinato dos Jémarine. Lembrou-se que o rapaz era da mesma opinião que ele. A fisionomia desse homem voltou-lhe à memória: este não era um tolo, mas sim um espírito sério e prudente; de resto, só «Deus sabia o que ele era ao certo; é difícil de apreciar o caráter das pessoas, num país que ainda se não conhece». Todavia começava a ter uma confiança apaixonada na alma dos russos. Oh, durante os últimos seis meses, quantas impressões novas não tinha registado... quantas experiências insuspeitas, inauditas e inesperadas não havia feito! A alma dos outros é um mistério, a alma russa é um enigma — pelo menos para muita gente. Tinha assim observado longamente Rogojine; entrara na sua intimidade e tinha mesmo confraternizado com ele. Conhecia então Rogojine? Apenas reconhecia em tudo isto um tal caos, uma tal desordem, umas tais discordâncias!...

«É deveras pretensioso e repugnante esse sobrinho que o Lebedev me apresentou hoje... Mas onde tenho eu a cabeça?», disse o príncipe, dominado pelo seu sonho. «Teria sido ele quem assassinou essas seis pessoas? Ah, não pode ser! Vamos, eu confundo!... É singular! A cabeça pesa-me um pouco... Que simpática e terna figura tinha a filha mais velha do Lebedev... a que tinha a criança nos braços! Que expressão inocente e quase infantil! Que riso ingénuo!»

E o príncipe admirou-se que essa figura, quase esquecida, não lhe tivesse lembrado há mais tempo. «Lebedev atemoriza as crianças batendo com os pés, mas é provável que as adore. E adora também o sobrinho! É isto tão certo, como dois e dois serem quatro».

Além de tudo, voltando ao mesmo assunto, como podia arriscar-se a emitir opiniões tão categóricas sobre pessoas que mal conhecia? Lebedev, por exemplo, surgia-lhe então como uma figura enigmática. Esperaria encontrar um tal homem em Lebedev? Não o conhecia antes sob esse aspeto? «Lebedev e a Du Barry, que comparação, Senhor! Se Rogojine se tornar um assassino, não é nada de estranhar, não é ilógico. O seu ato não revelará um caos de maior. Um instrumento fabricado, tendo em vista um assassinato, e os seis Jémarine massacrados num acesso de delírio! Rogojine não possui um instrumento feito de encomenda? Aquele que ele tem... Mas então será certo que ele vai assassinar?», perguntava muitas vezes o príncipe, sentindo um forte arrepio. «Não é um crime, uma baixeza da minha parte emitir com tanto cinismo uma tal suposição?», bradava ele, corando de vergonha.

Parou estupefacto, como que colado ao solo. Acabava de se lembrar, ao mesmo tempo, mas confusamente, da estação de Pavlovsk, da estação de Nicolas, da pergunta direta, feita a Rogojine, a respeito dos *olhos* que lhe pareceu ter visto no dia da sua chegada, a cruz de Rogojine, que trazia com ele, a bênção da mãe de Rogojine, pedida por este último para ele, o abraço convulso que ele lhe dera e a renúncia à mulher amada, formulada no patamar.

E para rematar, surpreendia-se por vezes a procurar com interesse alguma coisa à sua volta, e esse estabelecimento e esse objeto de sessenta *kopeks*... Apre! que baixeza!... Movido pela sua «pertinaz ideia» caminhava para «um fim especial». Um sentimento de desespero e de dor apossava-se-lhe de toda a alma. Queria voltar para sua casa, para a hospedaria. Procurou mesmo o caminho, mas ao fim de um instante parou, reconsiderou e retomou a primeira direção.

Estava já no velho S. Petersburgo e aproximava-se da referida casa. Dizia, como justificação, que não voltava agora com a mesma intenção de há pouco e não obedecia a nenhuma «ideia especial». Aliás, como poderia ter sido de outra maneira? Era fora de dúvida que a sua doença o dominava; talvez tivesse mesmo nesse dia um ataque! E a aproximação dessa crise foi a causa das trevas onde a seu espírito se debatia, o gérmen da sua «ideia especial». Ora estas trevas tinham-se afastado e o demónio havia fugido; a alegria reinava no seu coração, libertado de toda a dúvida. E depois, há muito tempo que a não via... e precisava que ele a visse... Sim, bem desejava nesta altura encontrar o Rogojine, agarrá-lo por um

braço, caminhar com ele... O seu coração estava puro: seria ele um rival de Rogojine? No dia seguinte iria a casa dele e dir-lhe-ia que estava ali para a v.er. Não teria acorrido a S. Petersburgo, como dissera ainda há pouco Rogojine, unicamente para a ver? Talvez a encontrasse em casa, porque, apesar de tudo, não tinha a certeza de ela ter partido para Pavlovsk.

Era preciso na verdade e naquela altura pôr tudo a claro a fim de que uns e outros pudessem ler reciprocamente e sem equívocos nos corações. Nada de renúncias duvidosas e apaixonadas, como a de Rogojine... atos consentidos de livre vontade e à luz do sol! Rogojine seria incapaz de suportar a luz do sol? Pretendia amar essa mulher com um amor que não implicava, nem compaixão, sem piedade. É verdade que havia acrescentado: «a tua compaixão vence talvez o meu amor». Porém havia-se caluniado a ele próprio. Hum!... Rogojine metendo-se a ler um livro, não é já um ato de compaixão, ou pelo menos um começo de compaixão? E esse livro nas suas mãos, não é a prova de que sabia muito bem qual devia ser a sua atitude frente a frente com essa mulher? E a sua conversa anterior? Não!... Existia nele qualquer coisa de mais profundo do que a paixão. «Além disso o gesto dessa mulher é capaz de não inspirar paixão? Poderá mesmo, neste momento, inspirar paixão? Exprime apenas sofrimento; é somente pelo sofrimento que ele cativa qualquer alma, que ele...» E uma recordação pungente e dolorosa atravessou de repente o coração do príncipe.

Sim, uma recordação dolorosa! Evocou a tortura que sentiu quando surpreendeu nela, pela primeira vez, sintomas de demência. Esta descoberta tinha-o levado quase ao desespero. Como pudera abandoná-la, quando se encaminhou para casa do Rogojine! Devia ter-se lançado em sua perseguição, em vez de esperar as suas notícias.

Mas... será possível que Rogojine não se tenha ainda apercebido dos seus sintomas de loucura? Hum!... Rogojine atribui tudo quanto ela faz a outros motivos, a uns motivos passionais. O seu ciúme tem alguma coisa de aberração. Que teria ele querido dizer com a sua suposição de há pouco? (O príncipe corou de repente e uma espécie de arrepio agitou-lhe o coração).

Para quê, afinal, reavivar as suas recordações? Havia tanta toleima da parte de um como da do outro. No que lhe dizia com respeito, o príncipe julgava quase inconcebível, quase cruel e desumano amar essa mulher no sentido passional da palavra. «Sim! de facto Rogojine calunia-se. Tendo

um grande coração, é capaz de sofrer e de se compadecer. Quando souber toda a verdade, quando se convencer que essa mulher é uma infeliz criatura, anormal e meia tola, não pode fazer outra coisa que não seja o perdoar-lhe todo o passado, todos os seus tormentos. Então tornar-se-á sem dúvida para ela um criado, um irmão, um amigo, a sua providência. A compaixão trá-lo-á ao bom caminho; ela será um ensinamento para ele, porque ela é a principal e talvez a única lei que rege a existência humana». Quantas vezes se sentia agora arrependido da imperdoável injustiça como se havia comportado para com Rogojine. Não, não era a «alma russa» que era um enigma, mas sim a sua, que havia podido imaginar um tal horror. Devido a algumas palavras calorosas e cordiais que tinha ouvido dele em Moscovo, Rogojine tinha-o tratado como irmão, e ele... Porém tudo isso era devido à doença, ao delírio; tudo isso passaria!... Com que ar sinistro Rogojine lhe dissera há pouco que «estava em vias de perder a fé!» «Este homem deve sofrer horrivelmente. Pretende «amar, ao olhar o quadro de Holhein»: não é que ame, ao olhá-lo, mas sim sente essa necessidade. Rogojine não tem apenas uma alma apaixonada; tem também um temperamento de lutador; pretende a todo o preço reconquistar a fé que perdeu. Sente agora essa necessidade e sofre com isso... Sim, crer em alguma coisa!... crer em alguém!... Mas que obra estranha que é esse quadro de Holhein!... Ah, cá está a rua e, com certeza, a coisa procurada... É esta. E o número seis, «a casa da esposa do secretário Filissov. É aqui».

Tocou a campainha e perguntou por Nastásia Filipovna.

Foi a própria dona da casa que o informou de que Nastásia tinha partido pela manhã para Pavlovsk, onde era hóspede da Daria Alexeievna, «em casa da qual conta passar alguns dias». A senhora Filissov era uma mulher baixa, de uns quarenta anos, de rosto aguçado e olhos penetrantes; o seu olhar era astuto e perscrutador. Perguntou o nome ao visitante com um ar misterioso. O príncipe teve a princípio a ideia de não lhe responder, mas, pensando melhor, disse o nome e pediu-lhe com uma certa insistência para o transmitir a Nastásia. A senhora tomou nota desta recomendação, com muito interesse, e afetando um tom particular de confidência, que parecia dizer: «Não se inquiete; estou a compreender!» O nome do visitante pareceu ter feito nela uma viva impressão. O príncipe lançou-lhe um olhar distraído, rodou sobre os calcanhares e retomou o caminho da hospedaria. No entanto não tinha o mesmo aspeto que no momento em que bateu à porta da senhora Filissov. Num abrir e fechar de

olhos o seu exterior havia-se metamorfoseado: caminhava agora com um ar pálido, débil, atormentado e agitado; os joelhos vacilavam-lhe; um sorriso inquieto e desvairado pairava nos seus lábios arroxeados; a sua «rápida ideia» acabava de bruscamente se confirmar e justificar; sentia-se uma vez mais à mercê do seu demónio.

Que se teria passado que confirmasse e justificasse a sua «ideia»? Porquê de novo essa tremura, esse suor frio, essas trevas glaciais da sua alma? Seria, porque acabava de ver de novo *esses mesmos olhos?* Mas não havia deixado o Jardim de verão unicamente para os ver? Era nisto que consistia a sua «rápida ideia». Sentira um desejo intenso de voltar a ver «aqueles olhos de há pouco», para se convencer, de uma maneira decisiva, que os encontraria infalivelmente lá em baixo, perto dessa casa. Se tão ardentemente o dominara o desejo de os voltar a ver, por que razão, tendo-os visto de facto, se sentia acabrunhado e perturbado, como ante um acontecimento inesperado? Sim, eram na verdade *os mesmos olhos* (não podia mais pôr em dúvida) que o haviam fitado com insistência, pela manhã, na estação Nicolas, no meio da multidão, ao descer da carruagem. Eram os mesmos olhos (exatamente os mesmos) que ao meio-dia, em casa do Rogojine, haviam pousado nos seus ombros, quando se ia a sentar. Rogojine tinha negado; tinha perguntado, com um sorriso forçado e glacial, «a quem pertenciam esses olhos». E esses mesmos olhos tinha-os visto ainda pela terceira vez, nesse dia, pouco tempo antes, na estação de Tsarskoié, no momento em que subia para a carruagem, para ir ver Aglaé. Então sentiu um furioso desejo de se aproximar de Rogojine e de lhe dizer «a quem pertenciam esses olhos»... Saíra porém precipitadamente da estação e só havia tomado consciência da sua pessoa diante do estabelecimento de um cuteleiro, onde o informaram que custava sessenta *kopeks* um objeto que tinha um cabo feito de pé de veado.

Um demónio estranho e horrível havia-se, em definitivo, apoderado dele e não queria deixá-lo mais. Era o mesmo demónio que lhe tinha soprado ao ouvido, quando meditava, sentado debaixo de uma tília, no Jardim de verão, a ideia de que Rogojine, espiando desde a manhã cada um dos seus passos e vendo que não seguia para Pavlovsk (o que tinha sido para ele uma revelação fatal), não deixaria de ir *lá baixo,* ao velho S. Petersburgo, para espiar, nas proximidades da casa, a chegada do homem que lhe tinha dado nesse mesmo dia a sua palavra de honra «de que não a iria ver» e que «não tinha vindo para isso a S. Petersburgo».

Sobre isso, o príncipe, como que movido por um impulso, precipitara-se para essa casa, que admiração, portanto, que tivesse de facto encontrado Rogojine? Havia visto apenas um homem infeliz e atormentado por pensamentos sombrios, mas bem compreensíveis. Aliás esta infelicidade não se tinha nunca dissimulado. Era verdade que Rogojine tinha negado e mentido no decorrer da cena do meio-dia. Porém na estação de Tsarskoié havia-se quase mostrado. Se alguém se tinha escondido, fora ele, e não Rogojine, que se encontrava agora perto da casa; em pé, os braços cruzados, esperara no passeio oposto, a cinquenta passos dele. Estava perfeitamente à vista e parecia mesmo desejar que o vissem. Estava na atitude de um acusador e de um juiz, e não dum... De um quê, de facto?

Mas por que motivo o príncipe, em vez de avançar para ele, se afastou, como se o não tivesse visto, apesar dos seus olhos se terem cruzado? (Sim, os seus olhos tinham-se encontrado e haviam mesmo trocado um olhar). Não tinha tido ele mesmo, ainda há pouco, o desejo de o agarrar pelas mãos e levá-lo a casa dela na sua companhia? Não tinha projetado dizer-lhe no dia seguinte que tinha ido a casa dela? No entanto, a meio caminho de casa, não se havia libertado do seu demónio, quando uma brusca alegria lhe inundou a alma? Ou então, não havia na pessoa de Rogojine e, para melhor dizer, na atitude geral que manteve no *decorrer do dia,* no conjunto das suas palavras, dos seus movimentos, das suas ações, dos seus olhares, alguma coisa que pudesse justificar os seus horríveis pressentimentos e as revoltantes insinuações do seu demónio?

Existia em tudo isto uma série de coincidências que saltavam aos olhos, mas que eram difíceis de analisar e ordenar; não se lhe podia, com segurança, determinar um fundamento lógico. Contudo, a despeito desta dificuldade, desta impossibilidade, provocavam uma impressão de conjunto a que não podia subtrair-se e que nele se convertiam numa absoluta convicção.

Uma convicção, mas de quê? (Oh, quantas vezes a monstruosidade, a «ignomínia dessa convicção», a «baixeza desse pressentimento» torturavam o príncipe, e com que veemência ele os exprobava!) «Exprime ao menos, francamente, essa convicção, se te atreves!», repetia ele, sem cessar, num tom de acusação e de desafio. «Formula todo o teu pensamento com clareza, com precisão, sem subterfúgios! Oh, sou um desonesto», acrescentava num acesso de indignação, que o fazia corar.

«Com que olhos ousarei durante a minha vida e de hoje para o futuro fitar esse homem? Ah, que dia, meu Deus, que pesadelo!»

Houve, no fim desse fastidioso e doloroso regresso do velho S. Petersburgo, um minuto em que o príncipe se sentiu dominado pelo desejo irresistível de ir imediatamente a casa do Rogojine, de o esperar à porta de casa, de o abraçar, vertendo lágrimas de arrependimento, de lhe dizer tudo e de pôr termo a esta questão. Porém havia já chegado à porta da hospedaria.

Esta hospedaria, os corredores, o seu quarto, o próprio edifício, tudo isto lhe desagradara muitíssimo desde o princípio. Muitas vezes, no decorrer do dia, sentira uma singular repulsa, ante a ideia de que devia voltar. «Mas o que há? Estou como uma mulher doente: acredito hoje em toda a espécie de pressentimentos!», exclamou ele, num tom de cólera e de zombaria; e, feita esta reflexão, parou diante da porta principal. De todos os incidentes desse dia, um só dominava o seu espírito nesse momento, mas encarava-o «a frio», «na plena posse da sua razão» e «não mais, como através de um pesadelo». Acabava de se lembrar da faca que estava sobre a mesa do Rogojine. «Mas, no fim de contas, por que razão não pode ter o Rogojine, sobre a mesa, tantas facas quantas lhe agradem?», perguntou, estupefacto, ao seu próprio pensamento. E o seu espanto redobrou, quando evocou inopinadamente a sua paragem, ao meio-dia, diante do estabelecimento de um cuteleiro. «Mas vejamos...», disse ele, «que relação pode haver entre...» Não terminou. Um novo acesso de vergonha, quase de desespero, imobilizou-o em frente da porta. Ficou um momento parado. É um fenómeno bastante frequente, uma recordação intolerável, e sobretudo mortificante, produzir o efeito de nos paralisar durante alguns segundos. «Sim, sou um homem sem coração, sou um poltrão!», repetiu ele com ar sombrio, e fez um movimento na intenção de entrar, mas parou de novo.

Se habitualmente pouco iluminada, a entrada da hospedaria estava nesse momento por completo às escuras, devido à aproximação da tempestade, que havia tornado escuro esse fim de dia. No instante em que o príncipe entrou, a tempestade desencadeou-se e uma chuva torrencial começou a cair. Mal entrou, após uma breve paragem no limiar exterior da porta, avistou logo ao fundo, na penumbra, um homem que se encontrava de pé, nos degraus da escada. Esse homem parecia esperar alguma coisa, mas desapareceu num abrir e fechar de olhos. Não tendo podido discernir-lhe a fisionomia, o príncipe ficou impossibilitado de dizer ao certo quem

era, visto que passam por ali muitas pessoas; há numa hospedaria um movimento incessante de hóspedes que entram, saem, ou atravessam os corredores. Contudo, quase teve logo a certeza absoluta, inabalável, de que reconheceu esse homem e que não podia ser outro senão Rogojine. Passado um instante de hesitação, correu atrás dele, pelas escadas. O coração descompassou-se-lhe. «Tudo se há de esclarecer!», disse ele com uma singular certeza.

A escada que o príncipe subiu apressado, levava aos corredores do primeiro e do segundo andar. Construída em pedra, como as de todas as velhas casas, era escura e estreita, elevando-se à volta de uma maciça coluna. No primeiro patamar, uma abertura feita nessa coluna, formava uma espécie de nicho, que não tinha mais do que um passo de largura e meio de profundidade. Um homem podia aí esconder-se. Chegado a esse patamar, o príncipe notou logo, apesar da obscuridade, que alguém estava escondido no nicho. A sua primeira ideia foi passar, sem olhar à direita. Apenas porém tinha dado um passo, não se pôde conter e voltou a cabeça.

Então os dois olhos do meio-dia, *os mesmos olhos,* cruzaram-se várias vezes com os seus. O homem escondido no nicho deu um passo para sair. Durante um segundo ficaram frente a frente, quase se tocando. De repente o príncipe agarrou o homem pelos ombros e arrastou-o pelas escadas, para a luz do dia, para melhor o ver.

Os olhos de Rogojine cintilaram e um sorriso de raiva crispou-lhe os lábios. Levantou a mão direita, na qual brilhava um objeto. O príncipe não teve a ideia de o segurar. Só mais tarde se lembrou de ter soltado este grito:

— Rogojine, não o creio!

Pareceu-lhe então que alguma coisa se abriu imediatamente diante dele; uma luz *interior*, de um clarão extraordinário, iluminou a sua alma. Isto tudo ocorreu talvez num curto meio segundo; o príncipe não fixou nenhuma recordação clara e consciente do primeiro tom do horrível grito que se lhe escapou do peito e que todas as suas forças foram incapazes de reprimir. Em seguida a consciência obscureceu-se-lhe quase por completo e encontrou-se mergulhado no seio das trevas.

Estava sendo vítima de um ataque de epilepsia, o qual não lhe dava, há muito tempo. Sabia já a rapidez com que se lhe declaravam estes ataques. Nesse momento a fisionomia do doente, e sobretudo o olhar, alteravam-se de uma maneira tão rápida, quanto inacreditável. As convulsões e os

movimentos espasmódicos contraíam-lhe todo o corpo, bem como os traços da fisionomia. Horríveis gemidos, que não se podem, nem imaginar, nem comparar a coisa alguma, saíam-lhe da garganta; não tinham nada de humano, e era difícil, se não impossível, supor, a quem os ouvia, que fossem soltos por um desgraçado. Supunha-se antes que saíam de um outro ser que se encontrava no interior do doente. Era assim, pelo menos, que muitas pessoas definiam a sua impressão. Na maioria delas, o verem o epilético nos seus períodos de crise, causava-lhes um indescritível efeito de terror.

— É-se levado a crer que Rogojine sentiu essa brusca sensação de terror; vindo juntar-se a tantas comoções sentidas, esta imobilizou-o no lugar onde se encontrava e salvou o príncipe de uma punhalada, que ia inevitavelmente cair sobre ele. Rogojine não teve tempo para descobrir o ataque que se declarou no seu adversário. Vendo-o porém vacilar e cair rapidamente de costas, nas escadas, batendo com a nuca contra um degrau de pedra, desceu-as quatro a quatro, e evitando o corpo estendido, fugiu da hospedaria quase como um louco.

As convulsões e os espasmos fizeram-no resvalar de degrau em degrau (eram apenas quinze), até ao fundo das escadas. Só passados cinco minutos é que o descobriram, formando-se à sua volta um certo ajuntamento. Uma mancha de sangue à volta da cabeça fez surgir dúvidas: estava-se em presença de um acidente ou de um crime? Depressa, porém, algumas pessoas notaram que se tratava de um caso de epilepsia. Um criado da hospedaria reconheceu no príncipe, o hóspede chegado pela manhã. As últimas dúvidas dissiparam-se graças a uma feliz ocorrência.

Kolia Ivolguine, que prometera estar na *Balance* às quatro horas, resolveu, ante um aviso recebido, ir a Pavlovsk; recusou, no entanto, por um motivo desconhecido, jantar em casa dos Epantchine. Voltou para S. Petersburgo e dirigiu-se à pressa para o *Balance,* onde chegou perto das sete horas da tarde. Tendo recebido o bilhete onde lhe diziam que o príncipe estava na cidade, correu à direção indicada. Chegou ali antes do príncipe regressar do passeio. Desceu à sala de jantar e dispôs-se a esperá-lo, tomando chá e ouvindo o órgão mecânico. O acaso quis que ouvisse contar que alguém tinha tido um ataque epilético. Dominado por um justificado pressentimento, dirigiu-se para o local do acidente e reconheceu o príncipe. Tomou logo as previdências necessárias, principiando por levar o doente para o quarto. Se bem que este tivesse

voltado a si, demorou muito tempo a recuperar todos os sentidos. O médico, chamado para examinar as feridas da cabeça, prescreveu cataplasmas e declarou que as contusões não ofereciam nenhum perigo. Ao fim de uma hora o príncipe tomou plena consciência do que o rodeava; Kolia levou-o então num carro, da hospedaria a casa do Lebedev. Este último acolheu o doente com as mais vivas demonstrações de solicitude e carinho. Em virtude do sucedido, apressou a sua partida para o campo; três dias depois encontravam-se todos em Pavlovsk,

Capítulo 6

A casa de Lebedev era pequena, mas confortável e até mesmo alegre. A parte alugada estava decorada com um cuidado particular. À entrada da vivenda, no terraço que a separava da rua, as laranjeiras, os limoeiros e os jasmins estavam dispostos em grandes caixões pintados de verde, que, segundo o cálculo de Lebedev, deviam produzir o mais bonito efeito. Alguns destes arbustos já ali se encontravam quando comprou a casa. A impressão que sentiu, ao vê-los alinhados no terraço, foi tão sedutora, que aproveitou um leilão para comprar outros. Logo que todas estas plantas foram levadas para a vivenda, e colocadas no seu lugar, desceu várias vezes no dia os degraus do terraço, para contemplar da rua o espetáculo que produziam, calculando de cada vez o montante da renda que ia exigir do seu futuro inquilino.

A vivenda agradou muito ao príncipe, que tinha ficado fraco, abatido e fisicamente alquebrado. De facto, desde a sua chegada a Pavlovsk, isto é, três dias depois do ataque, havia recuperado pouco e pouco o seu ar de saúde; no entanto não se sentia ainda completamente curado. Sentira-se feliz per ter visto toda a gente à sua volta, durante esses três dias: Kolia, que não o deixou mais, a família Lebedev (salvo o sobrinho, que fugira, não sabiam para onde) e o próprio Lebedev. Tivera também o prazer da visita do general Ivolguine, antes da sua saída de S. Petersburgo.

Na própria tarde da sua chegada a Pavlovsk, reuniu-se um grande número de famílias, apesar da hora, à sua volta, no terraço; viu chegar Gabriel, que quase o não reconheceu, tão magro e mudado estava; em seguida Bárbara e Ptitsine que tinham ido fazer a sua vilegiatura para Pavlovsk. O general estava quase sempre em casa do Lebedev a fim de suporem que o tinha acompanhado, a quando da sua mudança. Lebedev fazia todo o possível para o manter perto dele e impedi-lo de se aproximar do príncipe. Tratava-o como amigo e ambos aparentavam conhecer-se desde há muito. O príncipe viu-os por diversas vezes, durante esses três dias, entabularem longas conversas: falavam alto e pareciam discutir questões científicas, o que parecia ser muito do agrado de Lebedev. Dizia-

se já que este não podia passar sem o general. De resto tomara, em relação ao príncipe, desde que este se instalou em sua casa, as mesmas precauções com a família; sob o pretexto de não o incomodarem, não deixava que alguém se aproximasse do hóspede; batia com os pés no chão e corria com as crianças, logo que faziam menção de ir para o terraço, onde se encontrava o príncipe, se bem que este tivesse dito que não o incomodavam. A própria Vera, com a criança nos braços, não escapava a estas reprimendas.

— Em primeiro lugar — ripostava ele às objeções do príncipe — uma tal familiaridade transforma-se, mal nos descuidamos, numa falta de respeito, e por outro lado seria inconveniente da nossa parte...

— Mas porquê? — intervinha o príncipe. — Garanto-lhe que a sua vigilância e as suas severidades só servem para me desgostar. Como lhe disse já muitas vezes, aborreço-me estando só. O senhor não faz mais do que aumentar o meu desgosto, gesticulando sem cessar e caminhando nas pontas dos pés.

Queria-se referir ao hábito que Lebedev havia tomado, nestes três dias, de entrar no seu quarto a cada instante e pôr fora as pessoas de família, sob o pretexto de garantir ao doente a tranquilidade de que precisava. Começava por entreabrir a porta, metia a cabeça e examinava o quarto, como que para verificar se o príncipe lá estava, ou se tinha fugido. Depois, nas pontas dos pés, aproximava-se muito devagar da poltrona, fazendo estremecer por vezes o seu hóspede, com uma aparição inesperada. E de repente perguntava-lhe se tinha necessidade de alguma coisa. Quando acabava de falar, pedia-lhe para o deixar em paz. Saía então docilmente, sem dizer uma palavra, andando sempre muito devagar e gesticulando sem cessar, como para dar a entender que a sua visita não tinha importância, que não tinha mais nada a dizer, que saía e não voltaria mais. Isto porém não o impedia de aparecer um quarto de hora depois, se não fosse passado dez minutos.

Kolia, que entrava quando queria no quarto do príncipe, excitava-o a mandar embora Lebedev, o qual se sentia mortificado e indignado ante esta preferência. Notara que Lebedev ficava algumas vezes mais de meia hora atrás da porta, a escutar a sua conversa com o príncipe. Prevenira portanto o príncipe, como é natural, do que se passava.

— Para que fecha a porta do meu quarto, como se fosse o senhor da minha pessoa? — protestou o príncipe. — Entendo que deve proceder de

outra maneira, pelo menos aqui no campo!... Fique sabendo que receberei quem eu quiser e que irei onde muito bem me apetecer.

— Sem a menor dúvida! — respondeu Lebedev, agitando os braços.

O príncipe olhou-o fixamente da cabeça aos pés.

— Diga-me, Lebedev, porque trouxe para aqui o pequeno armário que tinha por cima da sua cama, em S. Petersburgo?

— Não, não o trouxe.

— Como, deixou-o lá?

— Não tinha maneira de o trazer. Era preciso despregá-lo da parede... e ele está muito bem preso.

— Talvez haja um igual aqui.

— Há, e até mesmo melhor. Foi essa uma das razões porque comprei esta casa.

— Ah! E quem foi a pessoa a quem não permitiu a entrada no meu quarto, há uma hora?

— Foi... foi ao general. É verdade, não o deixei entrar... O seu lugar não é aqui!... Príncipe, respeito muitíssimo esse homem; é um... grande homem, não acredita? Pois bem... há de ver. No entanto... é melhor, muito ilustre príncipe, que o não receba em sua casa.

— Permite-me que lhe pergunte, por que motivo não devo recebê-lo? E porque é que, Lebedev, anda agora nas pontas dos pés e se aproxima sempre de mim, como se quisesse confiar-me um segredo?

— Por baixeza; sinto que é por baixeza! — replicou inopinadamente Lebedev, batendo no peito com um ar patético. — Mas o general não será muito hospitaleiro consigo?

— Muito hospitaleiro? Que quer dizer com isso?

— Sim, muito hospitaleiro. Para já está disposto a instalar-se, com demora, em minha casa. Seja!... Porém não vacila ante coisa alguma e intromete-se logo com a família. Já examinámos muitas vezes juntos os nossos laços de parentesco e concluímos que somos apenas parentes por afinidade. O senhor é igualmente seu sobrinho, neto pelo lado de sua mãe. Explicou-me ainda isso ontem. Se é seu sobrinho, resulta que somos também parentes, meu ilustre príncipe. É isto uma pequena fraqueza do general, mas não tem consequências. Ainda há um momento me afirmou que, no decorrer da sua vida, desde que recebeu o grau de porta-bandeira, até onze de junho do ano passado, não teve nunca menos de duzentos convidados por dia, em sua casa. Chegava-se ao poeto de não se levantar a

mesa: jantava-se, ceava-se, tomava-se o chá durante quinze horas consecutivas. Isto durou trinta anos seguidos; a custo se tinha tempo para mudar a toalha. Um convidado levantava-se para sair, um outro tomava logo o seu lugar. Nos dias feriados, e principalmente nos dias de festa da família imperial, o general chegava a ter mesmo trezentos convidados. Recebeu setecentos, a quando da comemoração do milésimo aniversário da Rússia. Era terrível. Uma tal história não prognostica nada de bom e é perigoso receber em casa gente tão hospitaleira. Foi por isso que eu perguntei se o general não seria tão hospitaleiro para si como para mim.

— Parece-me ter notado que os dois se encontravam nas melhores relações.

— Tomo fraternalmente as suas gabarolices como um gracejo. O sermos parentes por afinidade, nem me aquece nem arrefece; isto é antes uma honra para mim. A despeito dos seus duzentos convidados e do milésimo aniversário da Rússia, tenho-o como um homem muito notável. Declaro-lhe isto com toda a sinceridade. Há instantes, príncipe, disse-lhe que me aproximava de si, como se tivesse um segredo para lhe comunicar. Pois bem!... tenho justamente um: uma certa pessoa acaba de me dizer que ela deseja muito ter uma entrevista íntima consigo.

— Por que há de ser uma entrevista íntima? De maneira nenhuma. Irei eu próprio a casa dessa pessoa; hoje mesmo, se for preciso.

— Não, não! — replicou Lebedev, gesticulando muito. — Os seus receios não são os que julga. A propósito, o monstro vem todos os dias saber da sua saúde. Já lho tinham dito?

— Trata-o muitas vezes de monstro!... Isso parece-me um bocado suspeito.

— Não tenha nenhuma suspeita — ripostou Lebedev com prontidão. — Quero apenas indicar que não é dele que a pessoa em questão tem medo. As suas apreensões são devidas a outra coisa.

— A quê? Diga depressa! — exclamou o príncipe, excitado pela mímica misteriosa de Lebedev.

— É nisso que está o segredo! — informou este, sorrindo.

— O segredo de quem?

— O seu segredo. O senhor próprio, meu ilustre príncipe, proibiu-me de falar na sua frente — balbuciou Lebedev. E encantado por ter exasperado a curiosidade do seu interlocutor, concluiu bruscamente: — Ela tem medo da Aglaé Ivanovna.

O príncipe franziu as sobrancelhas e, após um minuto de silêncio, continuou:

— Juro-lhe, Lebedev, que abandonarei a sua casa. Onde estão o Gabriel e os Ptitsine? Em sua casa? O senhor trouxe-os também para aqui?

— Vão chegar, vão chegar. E o general virá também, depois deles. Abrirei todas as portas e chamarei todas as minhas filhas, todas, nesse momento! — balbuciou Lebedev com terror, agitando os braços e correndo de uma porta para a outra.

Nesta altura apareceu o Kolia no terraço, vindo da rua. Anunciou que as visitantes, Isabel e as suas três filhas, estavam a chegar.

— É preciso ou não deixar entrar os Ptitsine e o Gabriel? É preciso deixar entrar também o general? — perguntou Lebedev, perturbado com esta notícia.

— Por que não? Deixe entrar quem vier. Asseguro-lhe, Lebedev, que, desde o primeiro dia, compreendeu mal as minhas relações. Vive constantemente em erro. Não tenho o mais pequeno motivo para me esconder de quem quer que seja — concluiu o príncipe, rindo.

Lebedev, ao vê-lo rir, julgou de seu dever imitá-lo. Apesar da sua agitação, estava visivelmente encantado.

A notícia dada por Kolia era exata: viera à frente dos Epantchine apenas alguns passos, para anunciar a sua vinda. No entanto viram-se aparecer visitantes de dois lados, ao mesmo tempo: os Epantchine entraram pelo terraço, enquanto Ptitsine, Gabriel e o general Ivolguine saíram dos aposentos particulares de Lebedev. Os Epantchine acabavam de saber pelo Kolia da doença do príncipe e da sua chegada a Pavlovsk. Até aí a esposa do general vivera numa penosa incerteza. Na antevéspera seu marido tinha comunicado à família a carta do príncipe, de onde Isabel concluiu, sem hesitar, que este não tardaria em vir vê-las a Pavlovsk. Em vão as filhas tinham objetado que, se tinha estado seis meses sem escrever, podia também não ter pressa em vir visitá-las, tendo, sem dúvida — quem sabia quais eram os seus afazeres? — muitos outros assuntos a tratar em S. Petersburgo. Excitada por estas objeções, a esposa do general declarou que apostava em como o príncipe devia vir vê-las, o mais tardar no dia seguinte. Nesse dia, portanto, esperou toda a manhã, toda a tarde e até depois do jantar. Quando a noite chegou, ficou deveras irritável e procurou questionar com toda a gente, bem entendido, sem misturar o nome do príncipe com os motivos das suas discussões. Não fez a menor alusão ao

assunto no dia seguinte. Durante o almoço, Aglaé deixou escapar, sem querer, esta reflexão: «A mãe está zangada porque o príncipe faltou ao prometido». «Não é sua a culpa», apressou-se a observar o general. Ao ouvir isto, Isabel levantou-se furiosa e saiu da mesa.

Por fim, à noite, Kolia chegou, trazendo notícias do príncipe. Contou tudo quanto sabia das suas aventuras. Isto foi para Isabel um momento de triunfo, mas não evitou que o Kolia fosse advertido: «Passa dias inteiros a vadiar por aqui, sem sabermos como desfazer-nos dele; por outro lado não aparece, quando temos necessidade dele!» Kolia quase chegou a irritar-se, quando ouviu dizer: «sem sabermos como desfazer-nos dele». Reservou porém o seu ressentimento para mais tarde. Fingiu não ter ouvido essa expressão bastante ofensiva, tanto lhe agradaram a comoção e a inquietação manifestadas pela Isabel, ao saber da doença do príncipe. Esta insistiu deveras sobre a necessidade de mandarem sem demora um telegrama para S. Petersburgo a fim de conseguirem que viesse pelo primeiro comboio uma das celebridades médicas da capital. As filhas dissuadiram-na disso; no entanto não quiseram mostrar-se menos afáveis que a mãe, quando esta declarou que ia preparar-se para fazer uma visita ao doente.

— Não vamos prender-nos com questões de etiqueta, no momento em que esse rapaz está tão doente! — disse ela, agitando-se. — É ou não um amigo da casa?

— É, mas não é preciso deitarmo-nos à água, sem primeiro termos encontrado o vau — observou Aglaé.

— Está bem, não vás. Até é melhor que fiques. O Eugénio Pavlovitch deve estar a vir e, se tu fores, não terá ninguém para o receber.

Apesar destas palavras, Aglaé apressou-se naturalmente a juntar-se a sua mãe e a suas irmãs, como era, sem dúvida, sua intenção desde o princípio. O príncipe Stch... que fazia companhia à Adelaide, prontificou-se a acompanhar as senhoras ante o pedido que esta lhe fez.

Desde o começo das suas relações com os Epantchine que tomava um grande interesse, sempre que as ouvia falar do príncipe. Soube-se que o conhecia, por o ter encontrado, mais ou menos há três meses, numa pequena cidade da província, onde tinha passado quinze dias com ele. Contava muitas coisas a respeito desse homem, pelo qual sentia uma forte simpatia; foi pois com um sincero prazer que acedeu em ir visitar o seu

velho conhecimento. O general Ivan não estava em casa nesse dia e o Eugénio não havia ainda chegado.

Da casa dos Epantchine à de Lebedev não mediavam mais do que trezentos passos. Ao entrar em casa do príncipe, a primeira impressão desagradável que Isabel sentiu, foi encontrar à volta dele uma numerosa sociedade, sem contar que nessa sociedade, duas ou três pessoas eram-lhe extremamente antipáticas, Por outro lado ficou muito admirada, ao ver avançar para ela um jovem aparentemente bem disposto, alegre e vestido com elegância, em lugar do doente que esperava vir encontrar. Parou, mal acreditando no que via, isto com grande satisfação de Kolia, que a podia ter posto ao facto de tudo, antes de sair de casa, mas que não o tinha feito, pressentindo manhosamente a cómica cólera que ela não deixaria de sentir, ao ver o seu amigo, o príncipe, de boa saúde.

Kolia cometeu mesmo a indelicadeza de aplaudir em voz alta o seu sucesso a fim de levar ao cúmulo a irritação de Isabel, com quem tinha constantes arrelias, algumas vezes deveras incomodativas, a despeito da sua amizade.

— Espere um pouco, meu caro, não tenha tanta pressa! Não ofusque o seu triunfo! — ripostou ela, sentando-se numa poltrona que o príncipe lhe indicou.

Lebedev, Ptitsine e o general Ivolguine apressaram-se a oferecer cadeiras às pequenas. O general aproximou uma cadeira de Aglaé. Lebedev aproximou uma outra do príncipe Stch... diante do qual se inclinou com uma deferência extraordinária. Bárbara, como de costume, saudou as pequenas com efusão e pôs-se a conversar em voz baixa com elas.

— É verdade, príncipe, que pensava encontrá-lo na cama, tanto o meu receio exagerara as coisas. E, para não mentir, confesso-lhe que fiquei muito contrariada quando vi o seu aspeto. Juro-lhe porém que esta contrariedade não durou mais que um minuto, o tempo bastante para refletir. Quando penso, procedo e falo sempre de uma forma mais sensata. Creio que lhe acontece o mesmo. Para dizer tudo, se tivesse um filho doente, o seu restabelecimento não me teria dado talvez menos prazer do que o seu. Se não acredita nisto que lhe digo, é uma vergonha para si e não para mim. No entanto esse patifório permite-se aproveitar ainda muitas outras coisas, além desta. Parece que o protege; neste caso previno-o que

numa destas quatro manhãs mais próximas, abster-me-ei, pode estar certo, do prazer e da honra de o contar entre as pessoas das minhas relações.

— Mas em que é que eu sou culpado? — perguntou Kolia. — Se tivesse afirmado que o príncipe estava quase bom, não teriam acreditado em mim; era muito mais interessante para todas imaginá-lo no seu leito mortuário...

— Está aqui por muito tempo? — perguntou Isabel ao príncipe.

— Por todo o verão e talvez mesmo por mais tempo.

— Está só? Não chegou a casar?

— Não, não me casei — respondeu o príncipe, sorrindo ante a ingenuidade com que ela havia feito a pergunta.

— Não vejo razão para sorrisos. Podia ter acontecido. Porém estou pensando na sua vilegiatura: por que motivo não veio para nossa casa? Temos um pavilhão desabitado!... Bem sei que pode fazer o que quiser!... E inquilino deste cavalheiro? — concluiu a meia-voz, fitando os olhos em Lebedev. — Por que razão faz sempre essas caretas?

Neste momento Vera, saindo dos seus aposentos, apareceu no terraço; como de costume trazia o recém-nascido nos braços. Lebedev, que andava à volta das cadeiras, sem saber o que fazer e sem se decidir a ir-se embora, correu bruscamente para a filha e pôs-se a gesticular, fazendo por a afastar. Esqueceu-se porém nesta altura de bater com os pés no chão.

— É tolo? — perguntou de repente Isabel,

— Não é…

— Está bêbado, talvez?... Está com uma linda companhia! — disse num tom irónico, depois de ter olhado mais uma vez todos os circunstantes. — Entrou agora uma encantadora pequena. Quem é?

— É a Vera Loukianovna, filha do Lebedev.

— Ah!... É muito gracioso... Quero conhecê-la.

Lebedev, que ouvira as palavras melífluas de Isabel, levou logo a filha para ser ele próprio a apresentá-la.

— Órfãos, são órfãos! — gemeu, ao aproximar-se, obsequioso. — A criança que traz nos braços é também um órfão; é a sua irmã Lioubov, minha filha, nascida do meu legítimo casamento com a minha mulher, Helena, que morreu devido ao parto, há seis semanas, pela vontade de Deus... Sim!... faz as vezes da mãe, se bem que não seja mais que sua irmã... nada mais, nada...

— E tu, meu palrador, não és mais nada do que um imbecil. Perdoa a minha franqueza. Não passemos daqui! Basta, por agora! Suponho que estás a compreender! — acrescentou num súbito acesso de indignação.

— É a verdade exata! — respondeu Lebedev, inclinando-se com um profundo respeito.

— Diz-se, senhor Lebedev, que sabe interpretar o Apocalipse. É verdade? — perguntou Aglaé.

— É a verdade exata!... Há quinze anos que o interpreto.

— Já ouvi falar de si. Creio mesmo que li a seu respeito qualquer coisa nos jornais.

— Não. Os jornais falaram, sim, mas de um outro comentador. Esse morreu e eu fiquei no seu lugar — replicou Lebedev, que estava contentíssimo.

— Dar-me-á o prazer, visto que somos vizinhos, de ir um dia interpretar-me algumas passagens do Apocalipse Não compreendo nada.

— Não posso deixar de lhe dizer, Aglaé, que tudo isso, da sua parte, não passa de um grande charlatanismo, creia-me! — interveio, rápido, o general Ivolguine, que sentado ao lado de Aglaé estava ansioso por se intrometer na conversa. — Evidentemente a vida do campo tem os seus direitos, como também os seus prazeres — continuou ele. — Receber em sua casa um tal intruso para nos explicar o Apocalipse é uma fantasia como outra qualquer, até mesmo uma fantasia de uma ingenuidade notável, porém eu... Parece que ficou a olhar para mim com surpresa? Permita-me que me apresente: general Ivolguine. Trouxe-a nos meus braços, Aglaé Ivanovna.

— Estou encantada por o conhecer. Já conheço a Bárbara e a Nina — murmurou Aglaé, que fazia todos os esforços por não começar a rir.

Isabel, muito corada, zangou-se. A cólera, há muito reprimida no seu íntimo, tinha necessidade de se expandir. Não podia suportar o general Ivolguine, que havia conhecido em tempos, há uns anos.

— Mentes, meu caro, conforme é teu costume! Nunca trouxeste a minha filha nos teus braços — disse ela, deveras irritada.

— Já se esqueceu, minha mãe. Posso garantir-lhe que é verdade, que pegou em mim — confirmou Aglaé. — Foi em Tver, onde vivíamos então. Tinha seis anos, se bem me recordo. Fez uma flecha e um arco. Ensinou-me a atirar e matei um pombo. Não se recorda de termos morto um pombo juntos?

— E a mim deu-me um capacete de papelão e uma espada de madeira. Recordo-me muito bem! — exclamou Adelaide.

— E eu, eu também me recordo! — acrescentou Alexandra. — Zangou-se mesmo muito, a propósito do pombo morto, e pôs-nos a cada uma em seu canto. A Adelaide manteve-se perfilada com o capacete e a espada.

Ao lembrar-se de dizer a Aglaé, que a trouxera nos braços, o general tinha querido dizer apenas alguma coisa para entrar na conversa, como costumava fazer com todas as pessoas com quem julgava oportuno travar conhecimento. Porém, como que de propósito, reconheceu que desta vez havia evocado um acontecimento verídico, que tinha já esquecido. E ainda, quando a Aglaé disse inesperadamente que tinham morto juntos um pombo, a memória avivou-se-lhe de repente e lembrou-se de tudo com os mais pequenos detalhes, como acontece muitas vezes aos velhos, ao recordarem-se de um passado longínquo. Seria difícil dizer o que, nesta evocação, impressionou mais o pobre general, um pouco bêbado, como de costume; sentiu-se de súbito muito comovido.

— Lembro-me, sim, lembro-me de tudo! — exclamou ele. — Era então segundo capitão. Era tão pequena, tão gentil! Nina Alexandrovna... Gabriel... Foi no tempo em que... fui recebido na sua casa, Ivan Fiodorovitch...

— E vez até que ponto chegaste! — replicou Isabel. — No entanto a constante bebedeira não obliterou os teus nobres sentimentos, visto que te enterneces assim com esta recordação! Mas tens martirizado tua mulher. E em lugar de dares bons exemplos aos teus filhos, tiveram que te meter na prisão por dívidas. Sai-te daqui, meu amigo!... Retira-te, não importa para onde, para trás da porta, para um canto qualquer, e chora, lembrando-te da tua inocência de outrora! Talvez Deus te perdoe! Vamos, vai! Estou falando seriamente. Para nos corrigirmos, não há nada como recordarmo-nos do passado com contrição.

Não valia a pena insistir; o general tinha a embotada sensibilidade das pessoas que têm por hábito beber e era-lhe doloroso, como a todos os desmoralizados, relembrar os dias felizes da sua vida. Levantou-se e dirigiu-se para a porta com tal docilidade, que Isabel sentiu logo uma forte piedade.

— Ardalion, meu amigo — disse ela, chamando-o — espera um minuto! Somos todos pecadores; quando sentires que a tua consciência

está um pouco calma, vem ver-me, e consagraremos uns momentos a lembrar o passado. Quem sabe se eu não cometi cinquenta vezes mais pecados do que tu? Agora, porém, adeus, vai-te! Não tens nada a fazer aqui — acrescentou bruscamente, horrorizada por o ver voltar atrás.

— Faria melhor não o seguir, por agora — disse o príncipe a Kolia, cujo primeiro movimento tinha sido seguir os passos do pai. — Seguindo-o, dentro de pouco ficará mal-humorado e não subsistirão nenhuma das suas boas disposições.

— É justo. Deixa-o. Irás ter com ele dentro de meia hora — decidiu Isabel.

— É assim que se consegue dizer, uma vez na vida, a verdade a alguém; ficou comovido até às lágrimas! — permitiu-se observar Lebedev.

Isabel reconduziu-o em seguida ao seu lugar.

— E também tu, meu bom amigo, deves ser mais ou menos igual, se o que ouvi dizer é verdade!

A posição de cada um dos visitantes, reunidos no terraço, foi-se precisando pouco a pouco. O príncipe soube, como é natural, apreciar o justo valor do testemunho de simpatia de que era objeto por parte da esposa do general e das filhas. Disse-lhes num tom sincero, que tivera, antes da sua visita, a intenção de se apresentar em sua casa, naquele mesmo dia, apesar do seu estado de saúde e da hora tardia. Isabel respondeu-lhe, circundando um olhar de desdém pelos visitantes, que estava ainda em tempo de executar esse projeto. Ptitsine, homem educado e conciliador, não demorou a levantar-se e encaminhou-se para *os* aposentos de Lebedev; desejou muito levá-lo com ele, mas não conseguiu, obtendo apenas a promessa de que em breve se lhe iria juntar. Bárbara, que estava entretida com as pequenas, não se moveu. Gabriel e ela estavam muito contentes com a saída do general. Aquele saiu, pouco depois de Ptitsine. Durante os minutos passados no terraço, junto dos Epantchine, tinha mostrado um aspeto modesto e digno e não se havia perturbado, sob o olhar dominador da Isabel, que por duas vezes o examinou da cabeça aos pés. Podia, na verdade, parecer muito mudado para aqueles que o haviam conhecido antes. A sua atitude causou uma impressão bastante favorável em Aglaé.

— Parece que foi o Gabriel que acabou de sair, não? — perguntou ela à queima-roupa, como gostava por vezes de fazer, interrompendo em alta voz a conversa das outras pessoas e falando-lhes do canto da sala.

— Foi ele, sim — respondeu o príncipe.

— Foi com custo que o reconheci — disse Aglaé. — Mudou muito... e com vantagem.

— Fico muito satisfeito com isso — disse o príncipe.

— Tem estado muito doente! — acrescentou Bárbara num tom de comiseração e onde se notava uma íntima alegria.

— Em que é que mudou com vantagem? — perguntou Isabel num tom de cólera e quase a medo. — Onde viste isso? Não lhe encontrei nada de melhor. Que é que lhe encontras de mudado?

— Não tem nada de melhor, do que ser um «cavaleiro pobre» — exclamou de repente Kolia, que se manteve sempre perto da cadeira da Isabel.

— É essa também a minha opinião — disse, rindo, o príncipe Stch...

— E também a minha — declarou num tom solene Adelaide.

— Que «cavaleiro pobre»? — perguntou a esposa do general, fitando em todos um olhar perplexo e despeitado. Depois, vendo Aglaé tornar-se corada, acrescentou colericamente: — Isso deve ser alguma estupidez! O que é isso de «cavaleiro pobre»?

— É a primeira vez que este garoto, que é o seu favorito, deturpa as palavras dos outros? — replicou Aglaé num tom de exagerada arrogância.

Aglaé estava sujeita a estes frequentes acessos de cólera, e quando se deixava dominar por eles, a sua veemência aliava-se sempre a qualquer coisa de tão infantil e tão ridículo que não podiam deixar de se rir ao vê-la. Isto tinha o dom de a exasperar, porque era incapaz de compreender esta hilaridade e perguntava como podiam e ousavam rir da sua irritação. A reflexão que acabava de dizer, fez rir as suas irmãs e o príncipe Stch...; o próprio príncipe Míchkin não pôde conter um sorriso, corando muito, sem bem saber porquê. Kolia triunfava e ria em altas gargalhadas. Aglaé zangou-se com tudo isto, o que aumentou mais a sua beleza; a confusão e o despeito que sentiu ficaram-lhe mesmo muitíssimo bem.

— É a primeira vez que esse garoto deturpa as suas palavras? — repetiu ela.

— Não fiz mais do que citar uma das suas exclamações — replicou Kolia. — Há um mês, ao ler *D. Quixote,* disse-me que nele nada havia de melhor do que um «cavaleiro pobre». Não sei de quem falava então: se do D. Quixote, se de Eugénio Pavlovitch, se de qualquer outro! O facto é que

as suas palavras se referiam a alguém, e disto resultou aquela comprida conversa...

— Reparo, meu amigo, que te permites ir longe de mais nas tuas suposições — disse Isabel com azedume.

— Sou por acaso o único? — continuou Kolia, em tom zombeteiro. — Todas as pessoas falaram e falam ainda: neste instante mesmo o príncipe Stch... a Adelaide e os outros acabam de dizer que eram partidários do «cavaleiro pobre». Este cavaleiro existe na verdade e parece-me que, se não fosse a má intenção de Adelaide, já sabíamos há muito quem ele é.

— Em que sou culpada? — perguntou, rindo, a Adelaide.

— Não quis desenhar-nos o seu retrato, eis a sua falta! A Aglaé pediu-lhe para o fazer e indicou-lhe mesmo todos os detalhes do quadro, tal como ela o concebeu, lembra-se? E não quis...

— Mas como havia eu de o apreender e representar? Tal como mo descreveram, o «cavaleiro pobre». *Não levantou diante de ninguém a viseira de aço do capacete.* Então que aspeto lhe dar? Quem representar? Uma viseira, um ser anónimo?

— Não compreendo nada. De que viseira é que se trata? — perguntou a esposa do general, descontente, mas que no fundo começava a identificar a pessoa designada sob o nome convencional (provavelmente já há muito tempo!...) de «cavaleiro pobre».

Todavia, o que a indignava mais, era ver o ar confuso do príncipe Míchkin, que estava intimidado como uma criança de dez anos.

— Mas então esta brincadeira não acaba? Explicam-me, ou não, o que significa esse «cavaleiro pobre»? É um segredo tão temível que não se pode desvendar?

Os risos tornaram-se ainda mais fortes. O príncipe Stch…, visivelmente desejoso de pôr termo ao incidente e de mudar de conversa, decidiu-se a intervir:

— Trata-se muito simplesmente de uma extravagante poesia escrita em russo, que não tem pés nem cabeça e cujo personagem principal é um «cavaleiro pobre». Há um mês estávamos todos reunidos, depois do jantar, e bastante satisfeitos. Procurávamos, como sempre, um assunto para o próximo quadro da Adelaide. Como sabe, isso é, há muito tempo, uma ocupação normal de toda a família. Foi então que um de nós teve a ideia (qual? não me lembra agora) de tomar para tema do quadro o «cavaleiro pobre»...

— A ideia foi da Aglaé! — informou Kolia.

— É muito possível, mas não me recordo — replicou o príncipe Stch... — Uns riram-se deste tema, outros afirmaram que não seria possível encontrar outro mais elevado; porém o que era preciso, em qualquer dos casos, era escolher o rosto a dar ao «cavaleiro pobre». Procurámos esse rosto entre as pessoas nossas conhecidas, mas nenhuma servia para o caso e portanto ficámos por aí. Foi isto o que se passou. No entanto não compreendo porque é que o Nicolau nos apresentou hoje isso para o analisarmos. O que era engraçado e vinha a propósito há um mês, não tem interesse nenhum hoje.

— É porque existe debaixo de tudo isto algum novo subentendido, tolo, ofensivo e injusto — disse num tom cortante Isabel.

— Não há nisto nada de inepto. Há apenas a expressão de uma muito profunda estima — respondeu Aglaé.

Pronunciou estas palavras num tom de gravidade deveras inesperado. Não somente tinha martirizado por completo os nervos, como ainda se podia presumir, por certos indícios, que sentia agora o prazer em ver aumentar a distração. Esta reviravolta operou-se no momento em que apercebeu que a confusão do príncipe se tornava cada vez mais intensa.

— Riem como tolos, e de repente, eis que falam da sua profunda estima!... É insensatez. Por que razão é que a estimas? Responde-me já: de onde veio, sem pés, nem cabeça, essa profunda estima?

À pergunta feita com nervosismo por sua mãe, Aglaé replicou no mesmo tom grave e solene:

— Falei de uma profunda estima, porque se fala nesses versos de um homem capaz de ter um ideal e, sem se ter fixado em nenhum, de lhe dedicar cegamente toda a sua vida. Isto não é uma coisa vulgar nos tempos que vão correndo. Não se diz, nesses versos, em que consistia o ideal do «cavaleiro pobre», mas vê-se bem que esse ideal era uma espécie de imagem luminosa, um «emblema da pura beleza»; o cavaleiro amoroso trazia mesmo, em vez de cota de malha, um rosário à volta do pescoço. É verdade que trazia também uma divisa misteriosa, enigmática, expressa pelas letras A. N. B. gravadas no escudo.

— A. N. D. — retificou Kolia.

— Disse A. N. B. e não volto atrás — replicou Aglaé com azedume. — Em todo o caso é evidente que o «cavaleiro pobre» não ligava importância a quem quer que fosse a sua dama, como ao que ela fizesse. Bastava-lhe o

ele tê-la escolhido e acreditado na sua «pura beleza», para que tivesse de se inclinar sempre diante dela. Era nisto que estava o seu mérito, pois, mesmo que mais tarde se tornasse uma ladra, não deixaria de ter por ela igual fé e continuaria a combater pela sua pura beleza. O poeta parecia ter querido incarnar numa figura excecional a poderosa noção do amor cavaleiresco e platónico, tal como o havia concebido a Idade-Média. Tratava-se apenas, naturalmente, de um ideal. No «cavaleiro pobre» este ideal atingiu o seu mais alto grau e chegou quase ao ascetismo. Na verdade, é preciso reconhecê-lo, o ser capaz de um tal sentimento, leva-nos a supor que possui um caráter de uma têmpera especial e que é, sob um certo aspeto, muito louvável, sem mesmo falar aqui do D. Quixote. O «cavaleiro pobre» é D. Quixote, um D. Quixote que não seria cómico, mas sim sério. A princípio não o compreendia e troçava dele; porém agora gosto desse «cavaleiro pobre» e sobretudo estimo os seus feitos.

Aglaé calou-se. Olhando-se para ela, era difícil saber se tinha falado sério ou para se rir.

— Pois bem, apesar de todos os seus feitos, o «cavaleiro pobre» é um imbecil! — afirmou a esposa do general. — E tu, minha pequena, deste-nos uma grande lição; podes crer que isso não te fica nada mal. Em todo o caso é intolerável!... Quais são os versos? Recita-os, pois deves sabê-los. Tenho a necessidade absoluta de os conhecer. Nunca até hoje gostei da poesia; era talvez um pressentimento, Por amor de Deus, príncipe, tenha paciência; é na verdade o que eu e o senhor temos de melhor a fazer — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe Míchkin.

Estava deveras cansada.

O príncipe quis dizer alguma coisa, mas a sua perturbação era tal, que não pôde articular uma palavra. Só Aglaé, a quem haviam permitido tanta audácia no «dar da sua lição», não se mostrava nada perturbada e parecia estar até contente. Sempre muito séria e de aspeto solene, levantou-se rápida, como se estivesse pronta para recitar os versos, esperando apenas um convite para o fazer; depois, avançando até meio do terraço, colocou-se em frente do príncipe, ainda sentado na sua poltrona. Todos a olharam com uma certa surpresa. O príncipe Stch... as irmãs, a mãe, e em breve quase todos os assistentes sentiram um certo mal-estar, ante esta nova picardia, que deixava antever o quanto iria além da medida do razoável. Entretanto notava-se que Aglaé estava encantada com esta maneira de preludiar o seu recital. Isabel esteve quase para a mandar sentar, porém, no

momento em que ia dar começo à famosa balada, dois novos visitantes, vindos da rua, chegaram ao terraço, conversando em voz alta. Era o general Epantchine seguido de um jovem. A sua aparição produziu alguma sensação.

Capítulo 7

O jovem que acompanhava o general podia ter vinte anos. Era alto, bem feito, tinha uma fisionomia sedutora e inteligente, bem como uns olhos grandes e pretos, cintilando vivacidade e malícia. Aglaé não se voltou para ele e continuou a declamar a sua poesia, fingindo olhar e recitar apenas para o príncipe. Este compreendeu muito bem que havia no seu procedimento qualquer intenção particular. Todavia, a chegada dos novos visitantes atenuou um tanto o seu embaraço. Logo que os avistou, soergueu-se um pouco, fez de longe um amável sinal de cabeça ao general e recomendou-lhe com um gesto que não interrompesse a recitação. Em seguida foi colocar-se atrás da sua cadeira e apoiou o braço esquerdo no espaldar a fim de ouvir o resto do recital numa posição mais cómoda e menos ridícula do que a de um homem enterrado numa poltrona. Por seu lado Isabel convidou por duas vezes, com um gesto imperioso, os recém-chegados a parar.

O príncipe olhou com bastante interesse o jovem que acompanhava o general; teve a intuição de que devia ser Eugénio Pavlovitch Radomski, de quem ouvira já falar muitas vezes e em quem tinha pensado por mais de uma vez. Deixou-o porém desconsertado o trajo civil do jovem, pois tinha ouvido dizer que era militar. Durante todo o recital um sorriso irónico pairou nos lábios do recém-chegado; era de crer que conhecesse também a história do «cavaleiro pobre».

«Foi talvez ele que a imaginou!», pensou o príncipe.

O estado de espírito da Aglaé era muito diferente. A afetação e a ênfase que a princípio pôs no recitar dos versos, deu depois lugar a um sentimento de circunspeção, todo compenetrado do sentido dos versos que ia proferindo. Destacava cada palavra com uma tal expressão, pronunciava-as com uma tal simplicidade, que no final da sua declamação, havia não só prendido a atenção geral, como havia ainda justificado, ao fazer realçar o valor da alta inspiração desta balada, a solenidade afetada com que de início se apresentara no meio do terraço. Podia-se ver nesta afetação o sinal de um respeito ingénuo e sem limites pelos versos que se

encarregara de interpretar. Os olhos brilharam-lhe e um estremecimento de entusiasmo, a custo percetível, passou por duas vezes na sua bela fisionomia.

Eis o que recitou:

Era um pobre cavaleiro
Muito calado e simples,
De aspeto pálido e sombrio,
De alma ardente e franca.

Tinha tido uma visão.
Uma visão maravilhosa,
Que lhe deixara no coração
Uma funda impressão.

Desde então, com a alma em fogo,
Deixou de olhar as mulheres;
E mesmo, até descer ao túmulo,
Não mais lhe dirigiu uma palavra.

Pôs ao pescoço um rosário,
Em vez da cota de malha;
E deixou de erguer diante de alguém
A viseira de aço do capacete.

Cheio de um amor honesto,
Fiel à sua doce visão,
Escreveu com o seu sangue,
A. M. D. na chapa do escudo.

E, nos desertos da Palestina,
Enquanto, *entre os rochedos,*
Os palestinos corriam para a luta
Invocando o nome da sua dama,

Clamavam, numa exaltação feroz;
«Lumen coeli, sancta Rosa!»

E, tal como o raio, o seu ardor
Aterrou os muçulmanos.

Voltando ao seu longínquo castelo,
Onde vivia severamente recolhido.
Sempre calado, sempre triste,
Morreu como um demente.

Mais tarde, ao lembrar-se destes momentos, o príncipe martirizou o espírito com uma pergunta, que era para ele irrespondível: como pudera aliar um sentimento tão verdadeiro e tão belo a uma ironia tão mal disfarçada e tão malévola? Que havia nisso uma irrisão, não tinha dúvida alguma; viu-a claramente e não sem fundamento; no decurso da recitação, Aglaé permitiu-se mudar as letras A. M. D. para N. Ph. B. Estava seguro de não se ter enganado e de ter ouvido bem (o que mais tarde se confirmou). Fosse como fosse, a brincadeira de Aglaé — porque, por mais ofensiva e disparatada que fosse, era sempre uma brincadeira — tinha sido premeditada. Há um mês que toda a gente falava (e ria) do «cavaleiro pobre». Contudo, ao avivar mais tarde as suas recordações, o príncipe convenceu-se que Aglaé articulara as letras N. Ph. B. sem lhes dar um tom de brincadeira ou de sarcasmo, nem as sublinhou de maneira a fazer ressaltar o seu sentido oculto. Pelo contrário, proferiu-as com uma tão impassível gravidade, com uma tal inocência e ingénua simplicidade, que se podia supor que se encontravam de facto no meio do texto da balada.

No entanto, logo que terminou o recital, o príncipe sentiu uma cruel sensação de mal-estar. Bem entendido, Isabel não notou a mudança das letras e a alusão que elas ocultavam. O general Ivan compreendeu apenas que se declamavam uns versos. Entre os restantes auditores, muitos deles compreenderam a intenção de Aglaé e admiraram-se de tanta audácia; contudo calaram-se e procederam como se nada se tivesse passado. Quanto a Eugénio, não só havia compreendido (o que o príncipe teria apostado!), como também se esforçou por o mostrar, acentuando a expressão sarcástica do seu sorriso.

— São encantadores! — disse a esposa do general, num grito sincero de admiração, logo que a recitação acabou. — De quem são esses versos?

— De Pushkin, minha mãe — exclamou Adelaide. — Estes não nos envergonham!... Quem pode ignorá-los?

— Convosco a gente torna-se ainda mais estúpida! — replicou Isabel num tom acerbo. — É uma vergonha. Logo que chegarmos a casa, hão de mostrar-me esses versos do Pushkin.

— Creio que não temos nada de Pushkin em casa.

— Temos, salvo erro, dois livros em muito mau estado. Conheço-os lá em casa desde tempos imemoriais.

— É preciso mandar alguém à cidade comprar as obras Pushkin. O Fiódor ou o Aléxis que vão no primeiro comboio. É melhor ir o Aléxis... Aglaé, vem aqui!... Dá-me um abraço. Recitaste muito bem. Porém — acrescentou ela, falando-lhe ao ouvido — se o tom em que falaste era sincero, lamento-te. Se por outro lado quiseste zombar dele, não aprovo, o teu procedimento. De maneira que, num caso ou noutro, terias feito melhor não recitando essa poesia. Compreendes-me? Vai, pequena, tenho ainda muito que te dizer, mas estamos já há muito tempo aqui.

Durante este tempo o príncipe saudou o general Ivan, que lhe apresentou Eugénio Radomski.

— Encontrei-o no caminho; foi a direito, do comboio para casa, onde lhe disseram que viria aqui encontrar todos os nossos...

— Também depreendi que o senhor estava aqui — interrompeu Eugénio — e como há muito tempo desejava conhecê-lo, bem assim tornar-me seu amigo, não perdi mais tempo. Está doente? Acabei agora mesmo de o saber...

— Fico-lhe muito reconhecido e satisfeito por o conhecer. Já ouvi falar muito do senhor e conversei mesmo a seu respeito com o príncipe Stch... — respondeu León, estendendo-lhe a mão.

Depois de haverem trocado um delicado aperto de mão, olharam-se com fixidez, tentando ler no fundo dos olhos um do outro. A conversa generalizou-se então. O príncipe, que sabia agora observar com prontidão e diligência, até ao ponto de aperceber coisas que não existiam, notou que todos os presentes estavam surpreendidos por verem o Eugénio em traje civil; o espanto foi tão grande, que esbateu todas as outras impressões. Deixava supor que esta mudança de uniforme indicava um acontecimento importante. Adelaide e Alexandra, intrigadas, questionaram a tal respeito. O príncipe Stch..., que era seu parente, parecia muito inquieto; o general quase deixou sentir na voz a sua comoção. Aglaé, a única que ficou perfeitamente calma, fitou Eugénio com um olhar todo curiosidade e com um ar de quem perguntava se o traje civil lhe ficava melhor do que o

uniforme; ao fim de um instante voltou a cabeça e não mais pensou nele. Isabel absteve-se também de questionar, se bem que tivesse talvez sentido uma certa inquietação. O príncipe julgou notar uma certa frieza, por parte da esposa do general, para com Eugénio.

— Não me agrada nada! — repetia Ivan, em resposta a todas as perguntas. — Não queria acreditar quando o encontrei antes, de traje civil, em S. Petersburgo. Por que razão fora esta brusca mudança? É esse o enigma. E ele próprio é o primeiro a dizer que não é preciso *quebrar as cadeiras*.

Da conversa que se iniciou a tal respeito, chegou-se à conclusão de que o Eugénio tinha, desde há muito tempo, manifestado o desejo de deixar o serviço. Porém cada vez que falava nisso, dizia-o num tom tão pouco sério, que ninguém o acreditava. De resto, tinha o hábito de falar em coisas sérias num tom tão galhofeiro, que ninguém sabia o que pensar. Fazia-o, em especial, quando queria afastar conjeturas.

— Por agora renuncio ao serviço apenas temporariamente, por alguns meses, um ano, no máximo — disse Eugénio num tom jovial.

— Não tem nenhuma necessidade disso, pelo menos do que eu conheço da sua vida — disse com vivacidade o general.

— Como hei de vigiar as minhas terras? Foi o senhor mesmo que me aconselhou a isso. E depois estou em vésperas de fazer uma viagem ao estrangeiro...

A conversa desviou-se rapidamente; porém o facto de a inquietação continuar a persistir, deu a entender ao príncipe que havia por baixo daquilo tudo alguma coisa de mais importante.

— Então o «cavaleiro pobre» voltou de novo à cena? — perguntou Eugénio, aproximando-se de Aglaé.

Com grande espanto do príncipe, ela respondeu com um olhar pasmado e interrogador, como para lhe dar a entender que nunca se tinha falado no «cavaleiro pobre» entre eles e que não compreendia o que queria dizer.

— É tarde, muito tarde agora, para mandar alguém à cidade procurar as obras de Pushkin! — repetia Kolia, que altercava com Isabel. — Se for preciso, sou capaz de repetir isto três mil vezes: é muito tarde.

— Na verdade, é muito tarde para mandar alguém à cidade — disse Eugénio, afastando-se rapidamente de Aglaé. — Suponho que as lojas em

S. Petersburgo estão a fechar, porque não falta muito para as nove horas — acrescentou ele, depois de ter consultado o relógio.

— Se pudemos esperar até agora, poderemos muito bem esperar até amanhã — observou Adelaide.

— Além disso — acrescentou Kolia — parece mal, às pessoas da alta sociedade, tomarem tanto interesse pela literatura. Pergunte-o ao Eugénio. É muito mais distinto ter um carro pintado de castanho, com as rodas vermelhas.

— Aprendeu isso nalgum livro, Kolia? — observou Adelaide.

— Sim, tudo quanto disse, deve-o às suas leituras — replicou Eugénio. — É capaz de lhe dizer páginas inteiras de revistas científicas. Tenho há muito tempo o prazer de conhecer as conversas do Nicolau, porém desta vez não faz mais do que repetir o que leu. Quer evidentemente, referir-se à minha carruagem de cor castanha, que tem, na verdade, as rodas vermelhas. Porém já a mudei; chegou atrasado.

O príncipe tinha prestado atenção às palavras de Eugénio... Teve a impressão de que este se comportava irrepreensivelmente, com modéstia e muito satisfeito. O que lhe agradou mais, sobretudo, é que tratava Kolia num tom de cordial igualdade, mesmo quando ele o arreliava,

— O que é que traz aí? — perguntou Isabel a Vera, a filha de Lebedev, que acabava de parar na sua frente, com os braços carregados de livros de grande formato, luxuosamente encadernados e quase novos.

— É o Pushkin — disse Vera — é o nosso Pushkin. O meu pai deu-me licença para lho oferecer.

— Como? É possível? — exclamou Isabel, surpreendida.

— Não é um presente, não, não é um presente!... Não me atreveria a tal! — protestou Lebedev, surgindo de repente por trás da filha. — Ceder-lhos-ei pelo preço do custo. É o nosso exemplar de família, das obras de Pushkin, edição de Annenkov, que se encontra esgotada, mas que lhe cedo pelo preço do custo. É com o máximo respeito que lho ofereço, na intenção de lho vender e satisfazer assim a avidez de prazeres literários que a domina.

— Se mo vende, agradeço-lhe muito. Não tenha receio, que nada perderá. Peço-lhe, entretanto, para que não faça mais essas contorções, meu bom amigo! Ouvi já dizer que é muito erudito. Conversaremos um dia a tal respeito. Quer o senhor levar-me esses livros?

— Com veneração..., com respeito! — disse Lebedev, que, ao manifestar o seu contentamento por todas as formas de caretas, pegou nos livros das mãos da filha.

— Leve-mos então, com ou sem respeito, com tanto que não me perca nenhum. Somente — acrescentou ela, fitando-lhe os olhos — ponho a condição de que não transporá o umbral da minha porta, porque não tenho a intenção de o receber hoje. Pode, no entanto, mandar desde já a sua filha Vera, se quiser; ela agrada-me muito mais.

— Porque não o dizem àqueles que estão ali à espera? — disse Vera ao pai, num tom de impaciência. — Se não os deixarmos entrar, forçarão a porta. Começaram por fazer barulho! León — continuou ela, dirigindo-se ao príncipe, que tinha já o chapéu na mão — estão lá fora quatro indivíduos à sua espera, há muito tempo e que o censuram; o meu pai não os deixa aproximar do senhor.

— Quem são os visitantes? — perguntou o príncipe.

— Dizem que vêm tratar de um negócio, mas são pessoas capazes de o desfeitearem na rua, se não os deixar entrar. Mais vale, León, deixá-los entrar e desembaraçar-se deles como puder. Gabriel e Ptitsine foram parlamentar com eles, mas eles não querem ouvir nada, nada!

— É o filho de Pavlistchev... o filho de Pavlistchev!... Não vale a pena recebê-los, não, não vale a pena — disse Lebedev, gesticulando. — Estas pessoas não merecem que as ouça, seria mesmo inconveniente da sua parte, meu ilustre príncipe, incomodar-se com elas! Veja bem!... Não são dignos...

— O filho de Pavlistchev? Ah, meu Deus! — exclamou o príncipe, profundamente comovido. — Eu sei... eu tenho... eu encarreguei o Gabriel de tratar desse assunto. Ele próprio acaba de me dizer...

Neste momento Gabriel apareceu no terraço, vindo do lado de casa. Ptitsine seguia-o. Na sala contígua ouviu-se barulho; a voz retumbante do general Ivolguine tentava dominar a de todos os outros. Kolia correu a inquirir dos motivos dessa desordem.

— É muito interessante! — observou em voz alta Isabel.

«Sabe então do que se trata!», pensou o príncipe.

— Qual filho de Pavlistchev? E... como pode ser ele filho de Pavlistchev? — perguntou o general Ivan, intrigado, interrogando com o olhar todas as fisionomias, surpreendido por ver que era o único a ignorar esta nova história.

De facto o incidente tinha despertado a atenção geral. O príncipe ficou admirado, ao constatar que um assunto que só a ele dizia respeito, tivesse já despertado tanto interesse em todos os assistentes.

— O melhor seria que regulasse desde já, o *senhor próprio,* este assunto — disse Aglaé, aproximando-se do príncipe com um ar grave. — Permita-nos que lhe possamos servir de testemunhas. Querem ultrajá-lo, príncipe; deve justificar-se de uma maneira esmagadora. Alegro-me desde já, ante a ideia do que vai fazer.

— É meu desejo também que se acabe, de uma vez para sempre, com essa infame reivindicação! — exclamou a esposa do general. — Dá-lhe uma boa lição, não os poupes! Já me encheram os ouvidos com esse assunto e por isso às vezes torno-me mal-humorada contigo. Seria interessante vê-los. Manda-os vir; nós ficaremos aqui. A Aglaé teve uma boa ideia. Já ouviu falar neste assunto, príncipe? — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe Stch...

— Já ouvi, e justamente na sua casa. Estou com o maior interesse em conhecer essas pessoas — respondeu o príncipe.

— São niilistas, não são?

— Não — disse Lebedev, que tremendo quase de comoção, deu um passo para a frente. — Não se trata propriamente de falar, nos niilistas, mas sim de uma outra classe de pessoas, de um género à parte. O meu sobrinho afirma que são mais avançados que os niilistas. Engana-se, Excelência, se julga intimidá-los com a sua presença. Esses atrevidos não se deixam intimidar. Os niilistas, pelo menos, são por vezes pessoas instruídas, verdadeiros sábios. Aqueles excedem-nos, porque são, antes de tudo, homens de ação. No fundo procedem do niilismo, mas indiretamente, segundo uma velha tradição. Não se manifestam por meio de artigos de jornal, mas vão direitos aos factos. Não se trata para eles, por exemplo, de demonstrar que Pushkin era um inepto ou que é preciso desmembrar a Rússia, não; porém se considerarem isso justo, ou se desejarem alguma coisa, não param diante de nenhum obstáculo e de liquidar até oito pessoas, se preciso for... Por isso, eu próprio, príncipe, não o aconselharia a...

Entretanto o príncipe havia ido abrir a porta às suas visitas.

— Estão caluniando Lebedev — disse ele com um meio sorriso. — Vê se bem que o seu sobrinho lhe contou tudo ao contrário. Não o acredite, Isabel. Asseguro-lhe que os Gorski e os Danilov não são casos isolados;

quanto a esses outros jovens... estão simplesmente em erro. Prefiro no entanto não me intrometer com eles aqui diante de toda a gente. Desculpe-me, Isabel; entrarão, apresentar-lhos-ei e depois levo-os comigo. Entrem senhores, peço-lhes!

O príncipe estava atormentado com uma outra ideia. Perguntava a si próprio se não estaria em presença de uma traição, exatamente por ser a esta hora e durante esta reunião, em vez de o procurarem noutra ocasião, não para triunfarem, mas sim para o cobrirem de vergonha!... No entanto reprovava com ele e ao mesmo tempo com uma certa tristeza, «a monstruosidade e a maldade da sua desconfiança». Parecia-lhe que morreria de vergonha, se alguém descortinasse no seu espírito uma tal ideia. E, quando os novos visitantes apareceram, estava sinceramente disposto a considerar-se, debaixo do ponto de vista moral, como o último dos últimos entre as pessoas reunidas à sua volta.

Cinco pessoas entraram: quatro visitantes novos e atrás deles o general Ivolguine, que mostrava o aspeto de estar vivamente comovido e dominado por um acesso de eloquência. «Aquilo é sem dúvida para mim!», pensou o príncipe, sorrindo, Kolia havia-se introduzido no grupo; falava acaloradamente com o Hipólito, que pertencia ao grupo e o escutava com um sorriso incrédulo.

O príncipe mandou sentar os visitantes. Eram todos pessoas novas, quase adolescentes, e a sua idade deu motivo a que se admirassem com a grande cerimónia que fez para os receber. Ivan, que não sabia nada desta «nova questão» e que não compreendia nem palavra, indignou-se ao ver tais garotos e teria com certeza protestado, se não fosse dominado por um apaixonado interesse, e, segundo ele, era estranho que a esposa se interessasse pelos assuntos pessoais do príncipe. Contudo ficou, movido, metade pela curiosidade, metade pela bondade, na esperança de se tornar útil e, em qualquer caso, de se impor pela sua autoridade. Porém a saudação que lhe fez de longe, ao entrar, o general Ivolguine, reavivou a sua indignação; entristeceu-se e decidiu fechar-se num feroz mutismo.

Acerca dos quatro jovens visitantes, havia pelo menos um que podia ter trinta anos; era *boxeur* e tenente reformado, pertencera ao bando do Rogojine e vangloriava-se de ter dado, noutros tempos, esmolas de quinze *rublos*. Podia-se afirmar que, junto dos outros, era um bom companheiro, para lhes fazer sentir a moral e, em caso de necessidade, dar-lhe uma ajuda eficaz. Entre os seus três acólitos, o primeiro lugar e o papel principal

cabia ao que apelidavam de «filho de Pavlistchev», se bem que ele se apresentasse sob o nome de Antipe Bourdovski. Era um jovem de cabelos loiros, a fisionomia cheia de borbulhas e vestido pobre e impropriamente. O casaco estava tão engordurado, que as manchas tinham reflexos reluzentes; o colete ensebado e abotoado até cima, dissimulava a falta da camisa. Tinha à volta do pescoço um lenço de seda preta, sujo e torcido como uma corda. Não trazia as mãos lavadas. O seu olhar exprimia, por assim dizer, um misto de candura e zombaria. Era magro, de porte alto e parecia ter vinte e dois anos. A sua fisionomia não exprimia a menor ironia, nem sombra de uma reflexão; lia-se nela apenas a sua estúpida predileção pelo que supunha ser o seu direito e, ao mesmo tempo, uma estranha e incessante necessidade de se sentir sempre ofendido por qualquer coisa. Falava num tom de comovido e na hesitante precipitação de falar, articulava com dificuldade uma parte das palavras, pelo que supunham tratar-se de um gago ou mesmo de um estrangeiro, se bem que lhe circulasse nas veias puro sangue russo.

Estava acompanhado do sobrinho de Lebedev, que o leitor conhece *já,* e, em segundo lugar, por Hipólito. Este era ainda um jovem de dezassete ou dezoito anos; a sua fisionomia inteligente, mas sempre crispada, revelava a doença terrível que o minava. Era de uma magreza esquelética e de uma palidez de cera, os olhos mantinham-se brilhantes e duas rosetas vermelhas purpureavam-lhe as faces. Tossia constantemente; cada uma das suas palavras, cada um dos seus suspiros eram quase sempre acompanhados de um estertor. Estava evidentemente chegado ao último grau da tuberculose e dava a impressão de ter apenas duas ou três semanas de vida. Parecia esgotado e deixou-se cair sobre uma cadeira, antes que os outros se sentassem.

Os companheiros entraram fazendo alguma cerimónia; pareciam um pouco atrapalhados, mas afetavam um ar de importância, como se tivessem receio de comprometer a sua dignidade. Era uma atitude que contrastava estranhamente com a sua reputação de desprezarem as futilidades da sociedade e de pessoas que não conhecem outra lei que não seja os seus próprios interesses.

— Antipe Bourdovski — gaguejou, apresentando-se, o «filho de Pavlistchev».

— Vladimir Doktorenko — articulou com clareza e mesmo com presunção o sobrinho de Lebedev, como se a seu nome fosse motivo de

orgulho.

— Keller — murmurou o ex-tenente.

— Hipólito Torentiv! — gritou com uma entoação inesperada o último visitante.

Todos se sentaram numa fila de cadeiras, em frente do príncipe. Depois de se terem apresentado, franziram o rosto, e para fazerem qualquer coisa, passaram a boina de uma das mãos para a outra. Cada um deles estava pronto a falar, porém guardavam silêncio, numa atitude de espera e de provocação, que parecia querer dizer: «Não, meu amigo, não, não nos enganarás!» Pressentia-se que à primeira palavra que quebrasse aquele silêncio, todos começariam a discursar, interrompendo-se uns aos outros.

Capítulo 8

— Meus senhores — começou o príncipe — não esperava ver aqui nenhum de vós; por mim, tenho estado doente até hoje. Quanto ao seu assunto — disse ele, dirigindo-se a Antipe — há um mês que o confiei ao Gabriel, tal como lhe disse então. No entanto não me oponho a ter uma explicação pessoal consigo, porém parece que só lhe convém a esta hora... Se isso não demorar muito, proponho-lhe para passarmos a um compartimento vizinho... Tenho aqui, neste momento, alguns dos meus amigos e acredite...

— Amigos... como bem lhe agradar! Permita-me... — interrompeu bruscamente o sobrinho de Lebedev num tom autoritário, sem contudo elevar a voz — permita-me declarar-lhe que podia comportar-se mais delicadamente connosco e não nos fazer esperar duas horas no vestíbulo...

— É sem dúvida... eu também!... é assim como procedem os príncipes... e o senhor, o senhor é algum general? E eu não sou seu criado! Mas eu... eu… — vociferou de repente Antipe, no cúmulo da comoção; os lábios tremiam-lhe, a voz enrouquecia-lhe de desespero, a saliva saía-lhe da boca em borbulhas que rebentavam; e falava tão depressa que ao fim de dez palavras tornou-se completamente incompreensível.

— Sim, é assim como procedem os príncipes! — exclamou Hipólito numa voz sibilante.

— Se procedessem assim comigo — grunhiu o *boxeur* — isto é, se isto fosse diretamente comigo, na minha qualidade de fidalgo e no lugar de Bourdovski teria...

— Meus senhores, acreditem que só há um minuto soube que estavam aí — observou o príncipe.

— Não temos medo de nenhum dos seus amigos, príncipe, quaisquer que eles sejam, porque nós, nós estamos no nosso direito... — replicou o sobrinho de Lebedev.

— Quem o autorizou, permita-me que lhe pergunte, a submeter a questão do Bourdovski ao julgamento dos seus amigos? — observou de novo Hipólito, que se encontrava nesta altura deveras excitado. — Não

estamos talvez dispostos a aceitar esse julgamento; sabemos muito bem o que ele pode significar.

O príncipe, deveras desconsertado ante este exórdio, conseguiu no entanto replicar:

— Já lhe disse, senhor Bourdovski, que, se não quer explicar-se aqui, podemos passar desde já a outra sala... Lembro-lhe outra vez que acabo só agora de saber da sua chegada ao vestíbulo.

— Mas não tem o direito, não tem o direito... Os seus amigos... Aqui está! — gaguejou de novo Bourdovski, lançando à sua volta um olhar de feroz desconfiança e levantando-se, tanto mais que se sentia pouco seguro. — Não tem o direito!...

Parou rápido, como se alguma coisa se tivesse partido dentro dele, e o corpo inclinado para a frente, fixou no príncipe, como que para o interrogar, os seus olhos de míope estriados de pequenas riscas vermelhas.

Desta vez a surpresa do príncipe foi tal, que não encontrou nenhuma palavra para dizer e olhou também para Bourdovski, abrindo muito os olhos.

— León Nicolaievitch — interveio de súbito Isabel — leia isto quanto antes; tem analogia direta com o seu caso.

Estendeu-lhe, com um gesto brusco, um semanário humorístico, e indicou-lhe com o dedo um artigo. Lebedev, que procurava captar as boas graças da esposa do general, tirara esse jornal do bolso no momento em que os visitantes haviam entrado, e colocara-lho na frente dos olhos, indicando-lhe uma coluna circundada com um traço a lápis. As poucas linhas que Isabel tivera tempo de ler, tinham-na perturbado muitíssimo.

— É talvez muito melhor não ler isto em voz alta — balbuciou o príncipe, deveras agitado. — Tomarei conhecimento disto quando estiver só… mais tarde...

— Pois então vais ser tu quem vai ler isto imediatamente e em voz alta! Estás a ouvir? E em voz alta! — disse Isabel a Kolia, depois de ter tirado, com um gesto de impaciência, o jornal das mãos do príncipe, que tinha tido apenas tempo de lhe deitar uma vista de olhos. — Lê esse artigo em voz alta, para que toda a gente ouça!

Isabel era uma mulher arrebatada e impulsiva, que por vezes, sem a menor reflexão, levantava todas as âncoras *e* lançava-se ao mar largo, sem pensar em possíveis tempestades. Ivan teve um movimento de inquietação. E enquanto os assistentes ficavam suspensos, numa atitude de espectativa

e perplexidade, Kolia abriu o jornal e começou a ler, em voz alta, o artigo que Lebedev se apressou a indicar-lhe:

Proletários e seus descendentes! Um episódio de banditismo do dia e de todos os dias!
Progresso! Esforço! Justiça!

Passam-se coisas estranhas neste país que se chama a Santa Rússia, nesta época de reformas e de grandes empresas capitalistas, de nacionalismo e do êxodo anual de milhões que vão para o estrangeiro, de encorajamento à indústria e à opressão dos trabalhadores, etc., etc., e como não conseguiríamos acabar, meus senhores, com esta enumeração, passemos ao facto:

Uma singular aventura ocorreu a um dos descendentes da nossa falecida aristocracia terrestre (De profundis). Os antepassados desse rebento perderam tudo no jogo; os pais viram-se constrangidos a servir no exército, como porta-bandeiras ou tenentes, e morreram, felizmente, na véspera de passarem em julgado por inocentes leviandades cometidas na administração de dinheiros do Estado, que lhe estavam confiados.

Os filhos, tal é o herói da nossa história, ou nascem idiotas, ou são apanhados nalguma questão criminosa, da qual o júri os absolve, para lhes permitir emendarem-se, ou ainda acabam por originar um desses escândalos que espantam o público e juntam mais uma vergonha às muitas de que a nossa época está cheia.

O nosso rebento entrou há seis meses na Rússia, vindo da Suíça, onde seguiu um tratamento contra a idiotice (sic!); nesse tempo usava polainas, à moda estrangeira, e tiritava de frio debaixo de uma capa que não agasalhava nada. Cumpre confessar que a sorte o favoreceu, porque, sem mesmo falar aqui na sua interessante doença que fora tratar à Suíça (pode-se curar o idiotismo, supõem isso?), o seu exemplo justifica a exatidão do provérbio russo, que diz: «a felicidade é só para as pessoas de uma certa categoria». Analisem agora: tinha ficado órfão, de tenra idade, pois o pai morrera, diz-se, quando ia, como tenente, ser julgado em conselho de guerra, por ter volatilizado ao jogo o dinheiro da sua companhia e talvez também por ter mandado

fustigar muito generosamente um dos seus subordinados (lembrem-se dos velhos tempos, meus senhores!). O nosso varão foi criado por um caridoso e riquíssimo proprietário russo. Esse proprietário — chamemos-lhe P. — possuía, nessa idade de ouro, quatro mil servos (servos!... compreendem, meus senhores, o que isto quer dizer? Eu não o compreendo. É preciso consultar um dicionário para procurar o sentido desta expressão; «se bem que seja uma coisa recente, a custo se acredita»). Era na aparência um desses russos preguiçosos e parasitas, que procuram no estrangeiro uma vida ociosa, passando o verão pelas instâncias de repouso e o inverno no Castelo das Flores, em Paris, onde deixam somas fabulosas. Pode-se assegurar que um terço, pelo menos, das somas pagas, no tempo da servidão, pelos camponeses aos seus senhores, passou para o bolso do proprietário do Castelo das Flores (feliz mortal!).

Seja porém como for, o displicente P. mandou educar o órfão como um príncipe e rodeou-o de criados e criadas (lindas, sem dúvida!) que ele próprio havia trazido de Paris. Todavia este último rebento de um tronco ilustre era idiota. As criadas, recrutadas no Castelo das Flores, tinham pouco que fazer, e o jovem rebento chegou à idade dos vinte anos sem ter apreendido nenhuma língua, inclusivamente o russo. A ignorância desta última língua era ainda desculpável. Por último uma ideia ridícula germinou no cérebro de P., partidário da escravatura. Pensou que um idiota podia adquirir espírito na Suíça. Esta ideia não deixa de ter uma certa lógica: a este parasita, a este proprietário, afigurava-se-lhe, na verdade, que o espírito se podia comprar no mercado, como tudo o resto, e sobretudo na Suíça. Cinco anos foram dedicados nesse país ao tratamento de tal rebento, sob a direção de um professor célebre; deram-lhe por isso milhares de rublos. O idiota não se tornou, de facto, um homem inteligente, mas diz-se que começou a parecer-se mais um pouco com um ser humano.

No meio disto, P. morreu de repente. Não deixou, como era justo, nenhum testamento; os seus negócios ficaram numa completa desordem. Uma multidão de ávidos herdeiros se apresentou; nenhum deles pensou mais em tratar o descendente

dessa nobre raça, ajudá-lo, por caridade, a tratar na Suíça essa idiotice congénita. Se bem que idiota, o descendente de que falamos tentou todavia enganar o professor e conseguiu, diz-se, encobrindo-lhe a morte do seu benfeitor, fazer-se tratar em casa dele gratuitamente durante dois anos ainda. O professor porém era também um incorrigível charlatão: acabou por se preocupar mais com o doente, porque nada lhe pagava e devorava com o apetite dos seus vinte e cinco anos; fez-lhe por isso calçar as velhas polainas, deitou-lhe um capote coçado sobre os ombros e expediu-o, e às suas malas, nach Russland, em terceira classe, de forma a pô-lo fora da Suíça. Podia-se supor que a felicidade havia voltado as costas ao nosso herói. Nada disso: ela, que se divertia a exterminar, pela fome, províncias inteiras, prodigalizou de repente todos os seus favores a este pequeno aristocrata, tal como a nuvem que, na fábula de Krylov, passa por cima dos campos ressequidos, para ir rebentar no Oceano. Quase no momento em que o nosso rebento entrava, vindo da Suíça, em S. Petersburgo, um parente de sua mãe (oriunda naturalmente de uma família de negociantes) acabava de falecer; era um velho negociante barbado, que não deixava nenhum filho e pertencia à seita dos raskolnik. Legou uma grande herança, de alguns milhões, eco metal sonante (uma coisa que faria logo prosperar os nossos negócios, não é verdade, amigo leitor?), ao nosso rebento, ao nosso barão, que tentara curar-se, na Suíça, da sua idiotice!

Desde então mudou todo o cenário. O nosso barão de polainas, depois de ter feito a corte a uma notável prostituta, viu-se logo rodeado de uma enorme multidão de amigos e de conhecidos; descobriu mesmo alguns parentes. É melhor ainda, numerosas meninas da nobreza quiseram contrair com ele legítimo casamento, pois que poderiam encontrar de melhor, do que um pretendente aristocrata, milionário e idiota, isto é, com todas as qualidades juntas? Não teriam de facto encontrado melhor, nem mesmo que procurassem com uma lanterna, ou que o mandassem fazer por medida!

— De tudo isso... não compreende nada! — gritou Ivan no paroxismo da indignação.

— Não leia mais, Kolia! — disse o príncipe numa voz suplicante.

Ouviram-se exclamações de todos os lados.

— Leia, leia, custe o que custar! — ordenou Isabel que, via-se bem, só a custo conseguia conter-se. — Príncipe, se o não deixa ler, zangar-nos-emos.

Não havia nada a fazer. Todo vermelho de comoção, Kolia prosseguiu a leitura com voz trémula:

Enquanto o nosso novo milionário se sentia, por assim dizer, transportado ao sétimo céu, produziu-se um acontecimento completamente inesperado. Numa bela manhã apresentou-se em sua casa um visitante de fisionomia calma e severa, sobriamente vestido, mas com distinção. Este homem, numa linguagem deveras delicada, digna e íntegra, e no qual se adivinhava um espírito liberal, explicou em duas palavras o fim da sua visita. Advogado de renome, vinha de mando de um jovem, que lhe confiara a defesa dos seus interesses e que era, nem mais nem menos, o filho do falecido P., se bem que usasse um outro nome. Durante a juventude, o voluptuoso P. seduzira uma honesta e pobre moça que, apesar de ser de condição servil, havia recebido uma educação europeia (tinha lançado mão, com certeza, dos seus direitos senhoriais, consagrados pela escravatura). Quando se apercebeu das próximas e inevitáveis consequências desta ligação, apressou-se a casá-la com um homem de nobre caráter, que tinha uma pequena ocupação, bem como um emprego oficial, e que amava há muito a jovem moça. Ajudou, a princípio, os novos esposos, mas o marido não tardou a recusar, por orgulho, esses seus subsídios. Ao fim de algum tempo P. foi esquecendo pouco a pouco a sua velha amiga e a criança que tinha tido; depois morreu, como se sabe, sem ter feito testamento.

Ora o filho de P. que nascera depois do casamento de sua mãe e que tinha sido adotado por aquele homem de nobre coração, e do qual mesmo havia tomado o nome, ficou sem recursos depois da morte deste. A sua mãe, doente e paralítica das pernas, ficou a seu cargo. Vivia numa província afastada. Estabelecido na capital, ganhava honestamente a sua vida, dando durante o dia lições em casa das famílias dos negociantes; ocorreu assim ao seu

sustento durante os anos de colégio e encontrou em seguida maneira de poder seguir os cursos superiores a fim de preparar uma melhor situação para o futuro. Mas que podem render as lecionações particulares em casa dos negociantes russos, se se pagam apenas a dez kopeks a hora e quando se tem mais o encargo de tratar da mãe doente e enferma? A morte desta na distante província onde vivia, tornou menor a penúria do jovem.

Agora uma pergunta se apresenta: como é que podia o nosso rebento argumentar com toda a justiça? Supõe, com certeza, o nosso amigo leitor, que ele disse: «Toda a minha vida fui cumulado de benefícios por P... Despendeu dezenas de milhares de rublos com a minha educação, com os meus criados, com a minha cura na Suíça. Hoje, sou milionário, entretanto que o nobre filho de P., inocente das faltas cometidas por um pai, frívolo e esquecido, se esgota a dar lições. Tudo quanto despendeu comigo devo, em boa justiça, restituir-lho. Essas enormes quantias gastas comigo não me pertencem, na realidade. Se não fosse a minha boa estrela, teriam ido para o filho de P. Era a ele que deviam ter aproveitado, e não a mim, porque se P. mas consagrou, foi apenas por um capricho, uma frivolidade e um esquecimento. Se eu fosse na verdade um homem nobre, delicado e justo, devia dar ao filho do meu benfeitor, metade da minha herança. Porém como sou, em especial, um homem avarento e que sei muito bem que a sua questão não tem base jurídica, abster-me-ei de partilhar os meus milhões. No entanto seria da minha parte uma ação vil e infame (o rebento esqueceu-se de juntar «imprudente») não lhe dar pelo menos as dezenas de milhares de rublos que o pai despendeu a tratar a minha idiotice. E simples questão de consciência e equidade; porque, que seria eu, se P. não tivesse tomado a seu cargo a minha educação e se tivesse tratado do seu filho e não de mim?

Mas não, meus senhores! Os nossos descendentes não argumentam assim. Podem crer, esse rebento, educado na Suíça, ficou insensível a todos os argumentos do advogado que, tendo-se prontificado a defender os interesses do jovem, por pura amizade e quase ao encontro da vontade deste, foi em vão que fez valer os

preceitos da honra, da generosidade, da justiça, e até mesmo o mais elementar sentimento de interesse.

Até aqui não teria importância; porém agora isso é verdadeiramente imperdoável e não servirá de desculpa para qualquer doença estranha. Este milionário, que acabava a custo de deixar as polainas do seu professor, não foi capaz de compreender que este jovem fidalgo, que se matava a trabalhar, não pretendia despertar a sua piedade, nem solicitava nenhuma esmola, mas exigia o pagamento de uma dívida e que esta dívida, apesar de ser desprovida da sanção judicial, não constituía menos uma obrigação de direito. Nada perguntara da sua pessoa, dado que os seus amigos intervieram em seu lugar. O nosso rebento tomou um ar majestoso e, com a vaidade própria de milionário, que julga ser-lhe tudo permitido, tirou uma nota de cinquenta rublos e de uma forma afrontosa deu a esmola ao jovem fidalgo. Não acreditam nisto, meus senhores? Estão indignados ou revoltados; podem soltar os seus gritos de escandalizados! No entanto foi assim que ele agiu! Diga-se de passagem que o dinheiro foi-lhe devolvido durante uma reunião pública; foi-lhe como que atirado à cara. Qual será o fim desta questão? Como lhe falta um certo fundamento jurídico, resta apenas entregá-lo ao juízo da opinião pública. Confiamos esta história aos nossos leitores, garantindo-lhes a sua autenticidade. Um dos nossos humoristas, um dos mais conhecidos, fez a este propósito um encantador epigrama, digno de ocupar lugar entre os nossos melhores versos, não só da província, como também da capital. Eis esse epigrama:

Durante cinco anos León pavoneou-se
Com o capote do Schneider.
Passa o tempo, como de costume,
Com toda a espécie de ninharias.
Calçando umas polainas multo estreitas,
Recebeu a herança de um milhão.
Recita as suas orações em russo,
Mas entretanto rouba os estudantes.

Ao terminar a leitura, apressou-se a passar o jornal ao príncipe e, sem proferir uma palavra, refugiou-se num canto escondendo o rosto entre as mãos. Sentiu um intolerável sentimento de vergonha e a sua alma de criança, que não tinha tido tempo ainda de se familiarizar com as baixezas da vida, perturbou-se por completo. Pareceu-lhe que acabava de se passar qualquer coisa de extraordinário, em seguida à qual tudo se desmoronou de repente à sua volta, e que era ele, sem dúvida, a causa desta catástrofe, apenas porque lera o artigo em voz alta.

Pareceu-lhe que todas as outras pessoas presentes tinham experimentado um sentimento igual.

Às pequenas invadiu-as uma sensação de mal-estar e de vergonha. Isabel reprimiu a sua extrema cólera; talvez viesse a arrepender-se amargamente de se haver metido neste assunto; para o momento calou-se.

Quanto ao príncipe, avassalavam-no os mesmos sentimentos que dominam em tais casos as pessoas tímidas em excesso; imaginava uma tal vergonha com o procedimento dos outros, e sentia-se ta o mortificado com as suas visitas, que esteve um momento sem mesmo se atrever a olhá-las. Ptitsine, Bárbara, Gabriel e o próprio Lebedev, todos tinham um aspeto de mais ou menos confusos. O mais estranho é que o Hipólito e o «filho de Pavlistchev» pareciam estar também deveras surpreendidos; por seu lado, o sobrinho de Lebedev afetava um aspeto de descontentamento. Somente o *boxeur* manteve uma perfeita calma; levantava os bigodes com importância e baixava um pouco os olhos, não por embaraço, mas, ao contrário, por um sentimento de generosa modéstia, moderando um triunfo bem visível. Era evidente que o artigo lhe agradara muitíssimo.

— O diabo deve saber de onde vem esta infâmia! — murmurou Ivan. — É de supor que cinquenta lacaios se tenham associado para compor uma tal ignomínia.

— Permita-me que lhe pergunte, meu caro senhor, com que direito exprime suposições tão ofensivas? — perguntou Hipólito, tremendo de cólera.

— Para um fidalgo, general, é uma ofensa... há de concordar, para um fidalgo — gaguejou o *boxeur* que, estremecendo de repente, se pôs a torcer os bigodes cada vez mais, enquanto que os ombros e o corpo lhe eram sacudidos por estremecimentos seguidos.

— Para já não lhe compete tratar-me por «meu caro senhor»; em segundo lugar não tenho que lhe dar nenhuma explicação — respondeu

num tom firme o general, a quem este incidente encolerizara vivamente.

Dito isto levantou-se e, sem proferir mais uma palavra, pareceu ter a intenção de descer para o terraço, mas ficou no primeiro degrau, com as costas voltadas para todos os outros. Estava indignado, ao ver que a Isabel, mesmo neste momento, não pensava em ir-se embora.

— Senhores, senhores, deixem que finalmente me explique — disse o príncipe cheio de angústia e comoção. — Deem-me o prazer de falarem de forma que nos possamos compreender uns aos outros. Não tenho nada a dizer-lhes sobre esse artigo: ponhamo-lo de lado, e fiquem sabendo apenas, meus senhores, que o seu conteúdo é inteiramente falso; digo-lhes isto, porque o sabem tão bem como eu; é tudo mesmo uma vergonha. Ficarei deveras admirado se algum dos senhores foi o seu autor.

— Até este momento desconhecia por completo esse artigo — declarou Hipólito. — Não o aprovo.

— Eu sabia da sua existência, mas... não teria aconselhado nunca a sua publicação; era prematura — acrescentou o sobrinho de Lebedev.

— Também o conhecia, mas não tenho o direito... eu… — balbuciou o «filho de Pavlistchev».

— Como, foi o senhor que inventou tudo isto? — perguntou o príncipe, olhando Bourdovski com curiosidade. — Não é possível...

— Podíamos contestar-lhe o direito de fazer tais perguntas — observou o sobrinho de Lebedev.

— Limito-me apenas a exprimir a minha admiração porque o senhor Bourdovski tenha reunido... mas... Enfim, quero dizer o seguinte: desde o momento que entregaram este assunto à publicidade, não vejo razão porque se admiraram há pouco, quando quis falar diante dos meus amigos?

— Enfim! — murmurou Isabel com indignação.

Lebedev, tendo perdido a paciência, intrometeu-se por entre as cadeiras; dominava-o uma espécie de orgulho.

— Há uma coisa, príncipe — disse ele — que se esqueceu de acrescentar: se recebeu e ouviu estas pessoas foi apenas devido à incomparável bondade do seu coração. Não tinham por forma alguma o direito de tal exigir, visto que o meu amigo confiou a sua questão ao Gabriel: este procedimento é mais um testemunho da sua excessiva bondade. Esquece também, meu ilustre príncipe, que está agora em companhia de amigos escolhidos, que não pode sacrificar a estes senhores;

não terá mais nada a fazer do que pô-los na rua, e na minha qualidade de dono da casa terei um grande prazer em...

— É perfeitamente justo — trovejou do fundo da sala o general Ivolguine.

— Basta, Lebedev, basta... Sente-se — começou o príncipe, mas uma explosão de clamores indignados abafou as suas palavras.

— Não, príncipe, desculpe, isto não basta! — gritou o sobrinho de Lebedev, cuja voz dominou todas as outras. — É preciso agora colocar os pontos nos «i», pois parece não terem o aspeto de quererem compreender. Fazem intervir aqui as argúcias do direito, em nome das quais ameaçam pôr-nos fora daqui. Porém, príncipe, supõe-nos tão tolos, que não compreendamos que esta questão não tem nenhuma base jurídica e que a lei não nos permite exigir do senhor o menor *rublo?* É justamente porque o compreendemos, que colocamos esta questão no campo do direito humano, do direito natural, do direito do bom senso e da consciência. Pouco importa que este direito não esteja inscrito nalgum velho código, porque um homem de sentimentos nobres e honestos, ou por outras palavras, um homem de são juízo, tem o dever de continuar fiel a estes sentimentos, mesmo nos casos em que o código nada diga. Se viemos aqui, sem pensarmos que seríamos postos na rua (como acaba de nos ameaçar) por causa das nossas exigências, porque se trata de *exigências* e não de *esmolas* (e na hora pouco própria da nossa visita) aliás nós não viemos tarde; foi o senhor que nos fez esperar no vestíbulo… é porque presumimos encontrar precisamente no senhor um homem de são juízo, isto é, um homem de honra e consciência. Sim, esta é que é a verdade. Não nos apresentámos humildemente, como parasitas em busca das suas graças. Entrámos aqui de cabeça levantada, como homens livres, que não pedem uma esmola, mas sim formulam uma livre e altiva intimação (ouçam bem, notem bem!... uma intimação e não uma esmola). Formulamos a questão com dignidade e sem subterfúgios. Supõe ter razão ou estar em erro na questão Bourdovski? Reconhece que Pavlistchev foi seu benfeitor e que o senhor talvez, lhe deva a vida? Se reconhece esta evidente verdade, tem a intenção e julga-se, em consciência, agora que é milionário, na obrigação de indemnizar o filho de Pavlistchev, que se encontra na miséria, sem se preocupar com o facto dele usar o nome de Bourdovski? Sim ou não? Se é *sim,* diga-me primeiro se possui aquilo que, na sua linguagem, se chama honra e consciência, e que nós outros

chamamos, mais precisamente, um juízo são, e então dá-nos uma grande satisfação e não se fala mais nisso. Regularize a questão sem esperar de nós nem esmolas, nem reconhecimento, porque o que o senhor fizer, não o fará por nós, mas sim peia justiça. Se recusa dar-nos qualquer satisfação, isto é, se responde *não,* então saímos desde já e o assunto fica por aqui. Temos neste caso a dizer-lhe, de olhos nos olhos e na presença de todas as suas testemunhas, que o senhor é um espírito grosseiro e de uma cultura inferior; que não tem mais o direito de se considerar como um homem de honra e de consciência, porque esse direito pretende comprá-lo por um preço mínimo. Tenho dito. Expus a questão. Mande-nos agora pôr na rua, se se atreve. Pode-o fazer, tem a força precisa para isso. Lembro-lhe no entanto que exigimos e não pedimos. Exigimos!... não pedimos!...

O sobrinho de Lebedev calou-se. Havia falado com uma forte exaltação.

— Exigimos, exigimos, mas não pedimos! — balbuciou Bourdovski, vermelho como um camarão.

Depois do discurso do sobrinho de Lebedev, houve um borborinho geral: ouviram-se diversos murmúrios, se bem que se tomava evidente que a tendência geral era evitar o intrometerem-se nesta questão, com exceção apenas de Lebedev, sempre muito agitado. (Coisa singular: embora partidário do príncipe, Lebedev parecia ter sentido uma espécie de orgulho familiar ao ouvir o sobrinho; pelo menos lançava sobre a assistência olhares onde manifestava uma particular satisfação).

— Pela minha parte — começou o príncipe numa voz bastante baixa — tem meia razão, senhor Doktorenko, em tudo o que acaba de dizer. Admito mesmo que tem muito mais do que meia razão, e estaria completamente de acordo consigo, se não tivesse havido uma omissão no seu discurso. O que omitiu não saberei dizer-lho com exatidão, mas, enfim, faltou alguma coisa às suas palavras para que estivesse por completo dentro da verdade. Falemos antes, contudo, do próprio assunto, senhores, e digam-me porque publicaram esse artigo? Não acreditam que contém tantas calúnias como de palavras? O que eu penso, senhores, é que cometeram uma vilania.

— Permita!...

— Meu caro senhor...

— Ah, mais isto!... mais isto! — gritaram por sua vez os visitantes, mostrando sinais de agitação.

— Pelo que diz respeito ao artigo — replicou Hipólito numa voz gritante — já lhe disse que nem eu nem os outros o aprovámos. O autor está aqui — indicou o *boxeur* sentado ao seu lado. — O seu autor foi, sou o primeiro a reconhecê-lo, inconveniente; está escrito por um ignorante e num estilo que mostra bem ter sido noutros tempos militar. É um tolo e um cavalheiro de indústria, estamos de acordo; digo-lhe isto todos os dias. Contudo estava um pouco no seu direito; a publicidade é um direito legal que pertence a todas as pessoas e por consequência a Bourdovski. Se escreveu inépcias, é da sua inteira responsabilidade. Quanto ao protesto que formulei há pouco, em nome de nós todos, contra a presença dos seus amigos, creio ser necessário, meus senhores, declarar-lhes que não tinha outro fim que não fosse afirmar o nosso direito; no fundo desejávamos que houvesse testemunhas e, já antes de entrarmos, estávamos todos quatro de acordo sob este ponto. Aceitámos essas testemunhas, sejam elas quais forem, mesmo que sejam seus amigos; como eles não podem desconhecer o devido direito de Bourdovski (visto que o seu direito é de uma evidência matemática) é preferível que sejam seus amigos; a verdade impor-se-á com mais clareza.

— É verdade. Estamos de acordo nesse ponto — confirmou o sobrinho de Lebedev.

— Então se era essa a sua intenção, por que motivo fizeram tão grande barulho às primeiras palavras da nossa conversa? — objetou o príncipe, surpreendido.

O *boxeur* sentiu um furioso desejo de dizer algumas palavras. Interveio no entanto num tom de amável vivacidade (pode-se conjeturar que a presença das senhoras exerceu sobre ele uma forte impressão).

— No que se refere ao artigo, príncipe — disse ele — reconheço que sou de facto o seu autor, apesar do meu doente amigo acabar de lhe fazer uma crítica severa, o que eu lhe perdão, como tudo o mais, devido ao seu estado de fraqueza. Todavia escrevi-o e mandei-o imprimir, sob a forma de correspondência, no jornal de um dos meus amigos. Somente os versos não são meus; são devidos à pena de um humorista de renome. Limitei-me a ler o artigo a Bourdovski; apesar de não lho ter lido todo, autorizou-me desde logo a publicá-lo. Concordo que podia fazê-lo sem ter necessidade da sua autorização. A publicidade é um direito universal, nobre e benéfico. Espero, príncipe, que o senhor seja bastante liberal para não o negar.

— Não nego nada, mas confesse que no seu artigo há...

— Há passagens um pouco fortes… é o que o senhor quer dizer? Mas são justificadas, de qualquer maneira, pelas considerações de interesse social, como o senhor próprio o reconhece; e depois, podia-se deixar passar uma tal ocasião? Tanto pior para os culpados: o interesse da sociedade antes de tudo! No que diz respeito a certas inexatidões, ou, para melhor dizer, a certas hipérboles, concorde ainda, que o que nisto importa, principalmente, é a iniciativa, o fim a atingir, a intenção. O essencial é dar um exemplo salutar, sem deixar de discutir em seguida os casos particulares. Por fim, quanto ao estilo, meu Deus... é o género humorístico; toda a gente escreve desta forma, há de concordar!... Ah, ah!

— Mas seguiram um falso caminho, meus senhores — exclamou o príncipe. — Posso garantir-lho. Publicaram o artigo debaixo da ideia de que eu nada queria fazer em favor do senhor Bourdovski. Procuraram, nesta suposição, intimidar-me e vingarem-se da minha pessoa. Mas que sabem os senhores? Tinha talvez a intenção de dar uma satisfação a Bourdovski. Digo-lhes porém agora, de uma maneira positiva e diante de todos os presentes: é de facto minha intenção...

— Até que enfim!... São palavras sensatas e nobres, proferidas por um homem sensato e muito nobre — proclamou o *boxeur*.

— Meu Deus! — suspirou sem querer Isabel.

— É intolerável! — resmungou o general.

— Se me dão licença, meus senhores, deixem-me expor a questão — suplicou o príncipe. — Há cerca de cinco semanas recebi em Z… a visita de Tchébarov, o seu procurador e homem de negócios, senhor Bourdovski. Fez dele um retrato muito sedutor, no seu artigo, senhor Keller — acrescentou, rindo, o príncipe, que se havia voltado para o *boxeur*. — No entanto tal personagem não me agradou. Compreendi, ao primeiro relance, que esse Tchébarov foi o instigador de toda esta questão e que lha insinuou, talvez, senhor Bourdovski, abusando da sua simplicidade, seja dito com toda a franqueza.

— O senhor não tem o direito... eu... eu não sou tão simples — gaguejou Bourdovski desconsertado.

— Não tem o direito de proferir tais suposições — acrescentou num tom sentencioso o sobrinho de Lebedev.

— É soberanamente espantoso! — rouquejou Hipólito. — É uma suposição ofensiva, mentirosa e sem nenhuma relação com a questão.

O príncipe apressou-se a desculpar-se.

— Perdão, meus senhores, perdão. Peço-lhes me desculpem. Pensava que era preferível exprimirmo-nos, de parte a parte, com uma inteira sinceridade. Mas seja como os senhores quiserem. Respondi a Tchébarov que, tendo de estar ausente de S. Petersburgo, pediria sem demora a um amigo para tratar dessa questão e que avisaria do resultado o próprio senhor Bourdovski. Dir-lhes-ei, sem rodeios, meus senhores, que foi justamente a intervenção de Tchébarov que me fez pensar numa vigarice... Oh, não quero ofendê-los, meus senhores! Por amor de Deus, não quero ofendê-los! — exclamou o príncipe, admirado por ver reavivar-se a comoção de Bourdovski e os protestos dos companheiros. — Quando digo que a reclamação me pareceu uma vigarice, isto não visa pessoalmente nenhum dos senhores. Não esqueçam que não conhecia então nenhum dos senhores; ignorava mesmo os seus nomes. Só pensei na questão, depois de falar com Tchébarov. Falo de uma maneira geral, porque... devem saber muito bem quantas vezes me enganaram já, desde que recebi esta herança!...

— Príncipe, o senhor é deveras ingénuo — observou o sobrinho de Lebedev num tom de sarcasmo.

— E é, por outro lado, príncipe e milionário! No entanto, a despeito da bondade e da simplicidade de coração que possa ter, não saberá escapar à lei geral — declarou Hipólito.

— É possível, é muito possível, meus senhores — aquiesceu rapidamente o príncipe — ainda que não compreenda a que lei geral se estão referindo. Mas continuo e peço-lhes para não me excitarem inutilmente; juro-lhes que não tenho a menor intenção de os ofender. O que é que isto significa, meus senhores? Não se pode dizer uma palavra sincera, sem que se zanguem? A princípio fiquei estupefacto, ao saber da existência de um «filho de Pavlistchev» e a situação miserável em que, no dizer de Tchébarov, se encontrava. Pavlistchev foi o meu benfeitor e era amigo de meu pai... Ah, senhor Keller, por que razão escreveu no seu artigo tantas falsidades a respeito de meu pai? Nunca ele desviou os fundos da companhia e nunca maltratou nenhum dos seus subordinados; estou profundamente convencido disto. Como pôde a sua mão escrever uma tal calúnia? E tudo quanto disse de Pavlistchev, é na verdade inadmissível. Pretende afirmar que esse homem tão nobre foi um devasso e um caráter frívolo. Escreveu isto com tanta certeza, como se fosse a verdade. Ora esse homem era o mais casto que existia no mundo! Era

também um notável sábio: mantinha correspondência com grande número de personalidades científicas e distribuiu muito dinheiro em benefício da ciência. No que diz respeito ao seu coração e às suas boas ações, não tinham razão para escreverem que eu era então quase idiota e nada podia compreender (contudo falava e entendia o russo). Todavia estou agora talvez em condições de julgar melhor tudo aquilo de que me recordo...

— Se me permite — gritou Hipólito — caímos agora num excesso de sentimentalismo? Não somos ainda crianças. Se quer ir ao fundo da questão, não se esqueça de que passa já das nove horas!

— Seja, meus senhores, concordo — exclamou logo o príncipe. — Depois do primeiro movimento de desconfiança, pensei que podia ter-me enganado e que talvez Pavlistchev tivesse de facto um filho! Mas o que me parecia difícil de acreditar, é que esse filho pudesse tão facilmente e, digamo-lo mesmo, tão publicamente descobrir o segredo do seu nascimento e a desonra de sua mãe. Porque é que Tchébarov me ameaçou de fazer um escândalo?

— Que tolice! — objetou o sobrinho de Lebedev.

— Não têm o direito... não têm o direito — exclamou Bourdovski.

— Um filho não é responsável pela má conduta de seu pai e a mãe não é culpada... — disse, na sua voz penetrante, Hipólito, muito excitado.

— Era, em meu entender, uma razão mais para tudo encobrir — observou timidamente o príncipe.

— O senhor não é somente ingénuo, príncipe; talvez ultrapasse os limites da simplicidade — disse, com um mau sorriso, o sobrinho de Lebedev.

— E que direito tem o senhor? — interrogou Hipólito numa voz que não tinha nada de natural.

— Nenhum, nenhum! — apressou-se a acrescentar o príncipe. — Neste ponto tem razão, confesso-o. Mas isso foi mais forte do que eu. Logo depois refleti que a minha impressão pessoal não devia influir nesta questão. Desde então que me sinto obrigado a dar uma satisfação ao senhor Bourdovski, em reconhecimento para com a memória de Pavlistchev; o facto de estimar ou não Bourdovski, não tem nada com esta obrigação. Se lhes falei da minha hesitação, foi apenas, meus senhores, porque me pareceu pouco natural que um filho revele tão publicamente o segredo de sua mãe. Numa palavra, foi sobretudo este argumento que me

convenceu que Tchébarov devia ser um canalha, cujas habilidades arrastaram o senhor Bourdovski para esta vigarice.

— Ah, isto ultrapassa todos os limites! — exclamaram os visitantes, tendo-se alguns mesmo levantado num gesto impulsivo.

— Meus senhores! Foi este mesmo argumento que me fez conjeturar que o infeliz Bourdovski devia ser um pobre de espírito, um homem sem defesa, ao sabor das manigâncias dos vigaristas; tornava-se para mim, portanto, mais imperioso o dever de ajudar, tanto quanto possível, o «filho de Pavlistchev», e isto de três maneiras: primeiro, contrariando nele a influência de Tchébarov e em seguida guiá-lo com devoção e afeto; por fim entregar-lhe dez mil *rublos*, isto é, segundo o meu cálculo, a importância equivalente à que Pavlistchev despendeu comigo.

— Como? Apenas dez mil *rublos?* — objetou Hipólito.

— Suponho, príncipe, que não é forte em aritmética; ou então é muito forte, com o seu ar de ingénuo! — exclamou o sobrinho de Lebedev.

— Não aceito esses dez mil *rublos* — declarou Bourdovski.

— Antipe, aceita! — murmurou rapidamente o *boxeur*, debruçando-se sobre a cadeira de Hipólito. — Aceita e o resto ver-se-á depois!

— Perdão, senhor Míchkin! — interveio Hipólito. — Compreenda bem que não somos nenhuns imbecis; não somos os incorrigíveis imbecis que parecem supor os seus convidados, estas senhoras, que nos olham com um sorriso de desprezo, e sobretudo esse senhor da alta sociedade — designou Eugénio — que não tenho, como é natural, a honra de conhecer, mas a respeito do qual ouvi já diferentes coisas...

— Ouçam, ouçam, meus senhores!... Mais uma vez me compreenderam mal! — exclamou o príncipe, afogueado. — Primeiro, no seu artigo, senhor Keller, avaliou muito erradamente a minha fortuna: não recebi nenhuns milhões; tenho talvez apenas a oitava ou a décima parte do que supõe. Em segundo lugar não despenderam comigo, na Suíça, dezenas de milhar de *rublos;* Schneider recebia seiscentos *rublos* por ano, e só recebeu esta importância apenas durante os três primeiros anos. Quanto às lindas criadas, Pavlistchev nunca as foi procurar a Paris, pelo que isto não passa de uma calúnia. Suponho que a importância total despendida comigo foi muito inferior a dez mil *rublos*, mas admitamos que fosse essa a cifra. Os senhores mesmo reconhecem que, liquidando eu uma dívida, não posso oferecer ao senhor Bourdovski mais do que o montante dessa dívida, por melhor boa vontade que tenha; o sentimento da mais elementar delicadeza

impede-me de ir além do débito por mim atingido a fim de não ter o caráter de esmola. Não sei, meus senhores, como não compreendem isto! Todavia pretendo fazer mais alguma coisa, dando a esse infortunado senhor Bourdovski a minha amizade e o meu apoio. Reconheço bem que foi enganado; de outra maneira não se teria prestado a uma vilania como esta, por exemplo, da publicidade dada pelo artigo de Keller à má conduta de sua mãe... Por que motivo estão ainda zangados, meus senhores? Acabaremos por não nos compreendermos mais? Pois bem! Penso ter adivinhado a causa! Estou agora convencido, com os meus próprios olhos, que a minha conjetura estava devidamente baseada — concluiu o príncipe, animando-se e sem notar que, enquanto se esforçava por acalmar os seus interlocutores, o desespero destes tendia sempre a aumentar.

— Como? De que é que está convencido? — perguntaram todos raivosamente.

— Primeiro pude ver, por felicidade, o senhor Bourdovski, e notar agora mesmo que é... É um homem inocente, mas que toda a gente engana. É um ser sem defesa... e que eu tenho, por consequência, o dever de defender. Em segundo lugar, Gabriel, que eu encarreguei de seguir esta questão e de quem estava há muito tempo sem notícias, por causa da minha viagem e da minha doença durante os três dias que passei em S. Petersburgo, Gabriel, dizia eu, acabou de me dar, há uma hora, conta das suas investigações, desde a nossa primeira entrevista. Declarou-me ter desvendado um dia destes todos os projetos de Tchébarov e possuía a prova de que as minhas suposições a seu respeito tinham razão de ser. Sei muito bem, meus senhores, que muitas pessoas me consideram um idiota. Tchébarov, tendo ouvido dizer que eu dava dinheiro com facilidade, pensou que me enganaria sem dificuldade, explorando o meu sentimento de reconhecimento para com Pavlistchev. Porém o facto principal (ouçam, meus senhores, ouçam-me até ao fim), o facto principal é que está demonstrado que o senhor Bourdovski não é de facto filho de Pavlistchev! Gabriel acabou de me comunicar ainda há pouco essa descoberta e assegura que tem provas positivas. Que dizem agora a isto? Custará a acreditar, depois de todas as afrontas que me fizeram? E ouçam bem: há provas positivas!... Eu próprio não quero ainda acreditar; não posso acreditar, afianço-lhes. Duvido ainda, porque o Gabriel não teve tempo para me contar todos os detalhes. Há porém já um facto que está fora de toda a dúvida: Tchébarov é um canalha. Não enganou somente o pobre

senhor Bourdovski, mas também enganou todos os senhores que vieram aqui com a nobre intenção de defenderem o seu amigo (porque ele tem necessidade que o defendam, como se compreende muito bem). Envolveu-os a todos numa vigarice, porque esta questão não é, no fundo, outra coisa!

— Como!... Uma vigarice! Como!... Não é o «filho de Pavlistchev»? Como pode isso ser? — exclamaram de diversos lados. Todo o grupo de Bourdovski estava dominado por uma consternação inexplicável.

— Naturalmente, é uma vigarice!... Se se descobre agora que o senhor Bourdovski não é o «filho de Pavlistchev», a sua reclamação torna-se numa refinada vigarice (no caso, bem entendido, de ele ter conhecido a verdade). O facto porém é que sem dúvida o enganaram; insisto neste ponto para o desculpar, pois pretendo que a sua simplicidade o torne digno de piedade e o impeça de poder passar sem um apoio. De outra maneira teríamos de o considerar nesta questão também como um vigarista. Estou no entanto já convencido que não compreende nada. Eu próprio estava em situação idêntica antes da minha partida para a Suíça: balbuciava palavras incoerentes, queria exprimir-me e as palavras não me ocorriam... Compreendo tudo isso!... Posso portanto melhor compartilhar do seu mal, pois estive quase na mesma situação que ele. Tenho o direito de falar. Para terminar, se bem que não se trate agora do «filho de Pavlistchev» e que tudo isto não passe de uma mistificação, não volto atrás na minha resolução e estou decidido a dar-lhe dez mil *rublos* em memória de Pavlistchev. Antes da chegada do senhor Bourdovski, pretendia destinar esta quantia para a fundação de uma escola a fim de honrar a memória de Pavlistchev; porém agora esse dinheiro é-me indiferente que seja destinado à escola ou ao senhor Bourdovski, visto que ele, se não é o «filho de Pavlistchev», é qualquer coisa que se aproxima, pois foi tão cruelmente enganado, que chegou a acreditar que o era de facto... Escute, Gabriel. Meus senhores, acabemos; não se zanguem, não se agitem e sentem-se. Gabriel vai-nos explicar toda esta questão e estou impaciente, confesso, por conhecer todos os detalhes. Disse que ele próprio tinha ido a Pskov, a casa de sua mãe, senhor Bourdovski, que ainda não morreu, como pretende o artigo que acabam de ler... Sentem-se, senhores, sentem-se!

O próprio príncipe tomou o seu lugar e obrigou a sentarem-se de novo os turbulentos amigos de Bourdovski. Há dez ou vinte minutos que ele falava com calor, numa voz forte, apressando, impaciente, as suas explicações, deixando-se entusiasmar e esforçando-se por dominar as

exclamações e os gritos. Agora lamentava-se amargamente por haver proferido certas expressões ou alegações. Se não o tivessem excitado, arrastado em suma com qualquer fim, não se teria permitido exprimir abertamente e brutalmente algumas das suas conjeturas, nem se entregaria a excessos supérfluos de franqueza. Desde que se sentou, sentiu o coração confrangido por um doloroso arrependimento: não só se arrependia de ter «ofendido» Bourdovski, declarando publicamente que o supunha atingido pela mesma doença que o havia obrigado a ir-se tratar para a Suíça, como também se queixava de se haver comportado de uma forma indelicada e com falta de tato ao propor-lhe os dez mil *rublos,* destinados a uma escola, como uma esmola e na presença de tanta gente. «Devia esperar para amanhã, e oferecer-lhos depois, frente a frente», pensou ele. «Agora o mal está feito, e é com certeza irreparável!... Sim, sou um idiota, um verdadeiro idiota!», concluiu, num acesso de vergonha e de mortificação.

Então, acedendo ao seu convite, Gabriel, que até aí estivera afastado e não descerrara os lábios, avançou, tomou um lugar ao seu lado e pôs-se a relatar, numa voz clara e séria, o resultado da missão que lhe havia sido confiada. As conversas cessaram e todos os assistentes, sobretudo os amigos de Bourdovski, prestaram atenção, com uma extrema curiosidade.

Capítulo 9

Gabriel dirigiu-se, desde logo, a Bourdovski, que, visivelmente perturbado, fixava nele, com a máxima atenção, um olhar deveras surpreso.

— Não negará, sem dúvida, não quererá negar seriamente, que nasceu justamente dois anos depois do legítimo casamento de sua respeitável mãe com o secretário do colégio, Bourdovski, seu pai. É fácil estabelecer, com a ajuda dos documentos, qual a data do seu nascimento; a falsificação dessa data, tão ofensiva para si como para sua mãe, no artigo de Keller, explica-se apenas ante a imaginação deste, que pensava assim servir os seus interesses, tornando o seu direito mais evidente. Keller declarou ter-lhe lido antes o artigo, mas não todo... pelo que é fora de dúvida que não lhe leu aquela passagem.

— Com efeito, não lha li — interrompeu o *boxeur* — mas todos os factos me foram relatados por uma pessoa bem informada e eu...

— Perdão, senhor Keller — replicou Gabriel — deixe-me continuar. Prometo-lhe que falaremos quando quiser sobre o seu artigo; então dar-me-á as suas explicações; por agora é preferível seguir a ordem da minha exposição. Passados tempos, por acaso e graças ao auxílio da minha irmã Bárbara, obtive de uma sua amiga íntima, Vera Alexeievna Zoubkov, viúva e proprietária, a comunicação de uma carta que o falecido Nicolau Andreievitch Pavlistchev lhe escreveu, há vinte e quatro anos, quando esteve no estrangeiro. Depois de me ter posto em contacto com Vera, dirigi-me, segundo as suas indicações, a um coronel reformado, chamado Timofei Fiodorovitch Viazavkine, parente afastado e grande amigo do falecido. Consegui obter dele duas outras cartas de Nicolau, escritas igualmente do estrangeiro. Confrontando as datas e os factos relatados nesses três documentos descobri, com um rigor matemático, contra o qual não podem prevalecer nem objeções nem dúvidas, que Nicolau viveu então no estrangeiro durante três anos e que a sua partida se efetuou exatamente ano e meio antes do seu nascimento, senhor Bourdovski. A sua mãe, como sabe, não saiu nunca da Rússia... Não lhe leio essas cartas, dada a hora

adiantada em que estamos; limito-me por agora a consignar os factos. Porém, se quiser, senhor Bourdovski, vá amanhã a minha casa e leve as suas testemunhas (o número que lhe agradar!) bem como um perito em caligrafia, e estou certo que concordará, ante a evidente verdade que lhe posso apresentar. Admitida uma vez essa verdade, toda a restante questão se encontra resolvida por si própria.

De novo um sentimento de profunda comoção se apoderou de todos os assistentes. Bourdovski levantou-se bruscamente da sua cadeira.

— Se é assim, fui enganado, bem enganado, mas não por Tchébarov, e isto vem de longe, muito de longe!... Não pretendo peritos, nem vou a sua casa. Acredito no que me diz; renuncio à minha pretensão... recuso os dez mil *rublos*! Adeus!...

Pegou na sua boina e, afastando a cadeira, fez menção de sair.

— Se pode, senhor Bourdovski — disse num tom melífluo Gabriel — fique ainda um instante, apenas uns cinco minutos. Esta questão tem ainda revelações da mais alta importância, sobretudo para si, e em qualquer caso muitíssimo curiosas. O meu parecer é que não pode abster-se de as conhecer e não terá de que se lastimar por eu ter posto tudo isto em pratos limpos.

Bourdovski sentou-se sem proferir uma palavra, com a cabeça um pouco inclinada, numa atitude de um homem profundamente absorvido. O sobrinho de Lebedev, que se levantara para sair com ele, sentou-se também; parecia perplexo, se bem que não tivesse perdido o seu sangue-frio nem a sua altivez. Hipólito estava de semblante carregado, triste e deveras admirado. Sentiu-se nesse momento dominado por um tão violento ataque de tosse, que o lenço ficou todo manchado de sangue. O *boxeur* estava com um aspeto de aterrorizado.

— Ah! Antipe — gritou ele, num tom de amargura — bem te disse outro dia... anteontem... que podias, de facto, não ser o filho de Pavlistchev!

Risos abafados acolheram esta confissão; duas ou três pessoas, não se podendo conter, riram em altas gargalhadas.

— O detalhe que acaba de nos revelar tem o seu merecimento, senhor Keller — continuou Gabriel. — Contudo posso, sem dúvida, afirmar, após informações tão exatas, que o senhor Bourdovski, conhecendo muito bem a data do seu nascimento, ignorava que Pavlistchev tivesse feito essa viagem ao estrangeiro, onde passou a maior parte da sua vida e só vinha à

Rússia por curtos períodos. Por outro lado essa viagem é uma coisa tão sem importância, que não é de estranhar que, depois de vinte anos, os mais íntimos amigos de Pavlistchev não se lembrem dela: e a razão mais importante em tudo isto, para o senhor Bourdovski, é que não era ainda nascido nessa época. É bem claro que um inquérito feito a essa viagem, não nos deixa a mais pequena dúvida sobre tal assunto, porém devo confessar que por mim não a teria encontrado e que foi o acaso que deveras me favoreceu. Tal inquérito não teria, praticamente, quase nenhuma probabilidade de êxito, se tivesse sido feito pelo senhor Bourdovski, ou mesmo por Tchébarov, supondo que tal ideia lhes tivesse ocorrido. Nem sequer contudo puderam também pensar nisso...

— Permita-me, senhor Ivolguine — interrompeu-o, com cólera, Hipólito — para que é todo esse palavreado? Perdoem-me!... A questão tornou-se clara e reconhecemos o facto principal. Por que razão essa aborrecida e ostensiva insistência? Deseja talvez envaidecer-se com a habilidade das suas investigações e fazer realçar aos olhos do príncipe e aos nossos o seu talento de investigador e de espião? Ou, melhor, tem a intenção de perdoar e desculpar Bourdovski, demonstrando que se colocou nesta má situação por ignorância? Dir-lhe-ei que isso é uma insolência, meu caro senhor! Bourdovski não precisa da sua absolvição e da sua justificação, como muito bem deve saber. É uma ofensa para ele, e ele não tem necessidade disso, apesar da situação penosa e incómoda em que se encontra presentemente. O senhor devia calcular, compreender isto...

— Muito bem, senhor Terentiev, muito bem! — interrompeu Gabriel. — Acalme-se, não se irrite; está segundo creio, bastante doente? Compartilho da sua doença. Se assim deseja, nada direi, ou melhor, resignar-me-ei a abreviar o relato dos factos, o qual não tem sido inútil, segundo penso, conhecer-se em toda a sua minuciosidade — acrescentou, notando na assistência um movimento que parecia de impaciência. — Para esclarecer todas as pessoas que se interessam por esta questão, tenho apenas a dizer, com as provas na mão, que se a sua mãe, senhor Bourdovski, foi objeto das atenções e da solicitude de Pavlistchev, é devido somente ao facto de ser irmã de uma jovem moça russa, que Nicolau amou na sua juventude e que teria certamente desposado, se ela não tivesse morrido de repente. Tenho em meu poder as provas convincentes deste facto, que é muito pouco conhecido ou estava mesmo esquecido por completo. Podia, por outro lado, explicar-lhe como a sua

mãe, quando tinha só dez anos, foi recolhida pelo senhor Pavlistchev, que tomou a seu cargo a sua educação e lhe concedeu um dote importante. Estas provas de afeição deram origem a apreensões entre a numerosa parentela do Pavlistchev, a qual chegou mesmo a pensar que ia casar com a pupila. Mas, chegada à idade de vinte anos, fez um casamento por amor, desposando um funcionário dos serviços de agrimensura, chamado Bourdovski. Disto posso também apresentar provas. Recolhi igualmente dados preciosos que comprovam que seu pai, o senhor Bourdovski, que não tinha aptidão alguma para funcionário, abandonou a administração, depois de ter recebido os quinze mil *rublos* que constituíam o dote de sua mãe e lançou-se nas grandes empresas comerciais. Foi enganado, perdeu o capital e não tendo a coragem precisa para suportar tais revezes começou a beber, arruinou desta forma a saúde e morreu prematuramente, após sete a oito anos de casado. A sua mãe, segundo o seu propósito testemunho, ficou depois do seu falecimento na miséria e ter-se-ia perdido, se não fosse a ajuda generosa e amparadora de Pavlistchev, que lhe estabeleceu uma pensão anual de seiscentos *rublos*. Inumeráveis testemunhos confirmam também que, desde a sua infância, teve pelo senhor a mais forte afeição. Destes testemunhos, confirmados desde logo por sua mãe, sobressai que esta predileção foi sobretudo motivada pelo facto de que, na sua juventude, era gago e parecia fraco e doente. Ora Pavlistchev, segundo prova que consegui, teve toda a sua vida uma ternura especial pelos seres maltratados ou desgraçados pelo destino, sobretudo quando eram crianças. Esta particularidade é, em meu entender, da mais alta importância para esta questão que nos preocupa. Enfim, posso-me vangloriar de ter feito uma descoberta capital: a grande afeição que Pavlistchev tinha por si, graças à qual o senhor entrou no colégio e prosseguiu os seus estudos sob uma direção especial, fez nascer pouco a pouco, entre os seus parentes e amigos, a ideia de que devia ser seu filho e que o seu pai legítimo não passou além de um marido enganado, É porém essencial acrescentar que esta presunção não se tornou uma convicção positiva e geral, a não ser nos últimos anos da vida de Pavlistchev, quando os que o rodeavam começaram a recear que não fizesse testamento e os antecedentes haviam sido esquecidos, não sendo mais possível reconstituí-los. É provável que esta conjetura tivesse chegado aos seus ouvidos, senhor Bourdovski, e houvesse conquistado o seu espírito. A sua mãe, a qual tive a honra de conhecer pessoalmente, estava também ao corrente deste boato, mas

ignora ainda (e eu não lho disse) que o senhor seu filho tivesse acreditado. Encontrei em Pskov, senhor Bourdovski, a sua extremosa mãe, doente e na extrema miséria em que a deixou a morte de Pavlistchev. Fez-me saber, com lágrimas de reconhecimento, que, se vivia ainda, era graças a si e à sua ajuda. Funda no seu regresso grandes esperanças e acredita com fervor que o senhor voltará para junto dela...

— Isto ultrapassa todas as medidas, no final! — disse o sobrinho de Lebedev, perdendo a paciência. — Para quê todo este romance?

— É de uma revoltante inconveniência! — acrescentou Hipólito, fremente de cólera. Bourdovski, porém não disse uma palavra, nem se mexeu.

— Para quê? Por que razão? — ripostou com um sorriso irónico Gabriel, que preparara uma conclusão mordente. — Em princípio o senhor Bourdovski está talvez agora convencido que o Pavlistchev o amou, não por instinto paternal, mas por magnanimidade. Este facto pode ser desde já aceite, visto que Bourdovski confirmou e aprovou imediatamente, após a leitura do artigo, as afirmações de Keller. Digo isto, porque o tenho por um homem correto, senhor Bourdovski. Em segundo lugar, parece agora averiguado que não havia nenhuma intenção de vigarice, mesmo da parte de Tchébarov. Tenho de insistir neste ponto, porque ainda há pouco, no fogo da discussão, o príncipe disse que eu compartilhava as suas ideias sobre o caráter fraudulento desta infeliz questão. Pelo contrário, toda a gente andou nisto de boa fé; Tchébarov é talvez um grande vigarista, mas neste caso não passou de um astuto velhaco, à espreita da melhor ocasião. Esperava ganhar muito como advogado, e o seu cálculo era não só hábil, mas até fundamentado: baseou os seus cálculos na facilidade com que o príncipe dá o seu dinheiro, dada a grande veneração que tem pela memória do falecido Pavlistchev, e também (e sobretudo) baseado na conceção cavalheiresca que tem das obrigações de honra e de consciência. Quanto ao senhor Bourdovski, pode-se dizer que, devido a algumas das suas convicções, se deixou influenciar por Tchébarov e pela sua comitiva, até ao ponto de se comprometer nesta questão, quase sem ter qualquer interesse pessoal, mas sim apenas para servir de qualquer maneira a causa da verdade, do progresso e da humanidade. Agora que todos os factos estão esclarecidos, é evidente que, a despeito das aparências, o senhor Bourdovski é um homem probo; o príncipe pode pois propor-lhe, com um

maior à vontade do que o fazia há pouco, a sua ajuda amigável e o socorro efetivo de que falou a propósito da escola e de Pavlistchev.

— Alto, Gabriel, cale-se! — gritou o príncipe num tom de verdadeiro terror.

Era porém tarde.

— Disse, disse já por três vezes que não queria o dinheiro — bradou raivosamente Bourdovski. — Não o receberei. Porquê? Não o quero!... Vou-me embora!...

Corria já pelo terraço, quando o sobrinho de Lebedev o agarrou por um braço e lhe disse alguma coisa em voz baixa. Voltou então precipitadamente para trás e tirando do bolso um grande envelope aberto, atirou-o para sobre a pequena mesa que estava ao lado do príncipe.

— Aí está o dinheiro!... Não teve dúvidas em mo oferecer!... O dinheiro!...

— São os duzentos e cinquenta *rublos* que se permitiu mandar-lhe como esmola, por intermédio de Tchébarov — explicou Doktorenko.

— No artigo em questão só se fala em cinquenta *rublos!* — exclamou Kolia.

— Sou culpado — disse o príncipe, aproximando-se de Bourdovski — sim, muito culpado para consigo, Bourdovski, porém mandei-lhe esta importância, não como uma esmola, pode crer! Sou ainda culpado agora... Tinha-o sido antes. — O príncipe estava desorientado; parecia fatigado e enfraquecido, proferindo palavras incoerentes. — Falei em vigarice... mas isso não lhe dizia com respeito. Enganei-me... Disse que o senhor estava... doente como eu. Mas não, não estava como eu, pois dava as suas lições, sustentava a sua mãe. Disse que havia insultado a sua mãe, quando o senhor gosta muito dela; ela própria mo disse... e eu não sabia... Gabriel não me falou em tudo isso antes... Tenho sido um tolo. Atrevi-me a oferecer-lhe dez mil *rublos*, mas procedi mal; devia ter feito isso de outra maneira, e agora... já não é possível, porque o senhor despreza-me...

— Mas isto é uma casa de doidos! — exclamou Isabel.

— Sem dúvida que é uma casa de doidos! — confirmou num tom acerbo Aglaé, não podendo conter-se mais.

Todavia as suas palavras perderam-se no meio da barulheira geral; toda a gente falava e discutia em altos berros; uns barafustavam, outros riam. Ivan estava indignado e esperava pela Isabel com um ar de dignidade ofendida. O sobrinho de Lebedev quis proferir ainda uma última palavra.

— Muito bem!... Sim, príncipe!... É preciso fazer-lhe a justiça de que sabe tirar partido da sua... digamos, da sua doença, para empregar um termo mais delicado. Ofereceu por tal forma e com tais palavras a sua amizade e o seu dinheiro, que não é possível a um homem digno aceitá-las, sob qualquer pretexto.

— Ouçam, meus senhores! — exclamou Gabriel, que neste meio tempo abrira o envelope e contara o dinheiro. — É muita ingenuidade ou muita habilidade!... Os senhores escolherão, de resto, a palavra que melhor convém... Não estão aqui duzentos e cinquenta *rublos,* mas apenas cem. Chamo a atenção do príncipe para evitar mal-entendidos.

— Deixe, deixe lá isso! — disse o príncipe, fazendo-lhe um gesto com a mão.

— Não, não deixe — replicou imediatamente o sobrinho de Lebedev. — O seu «deixe lá isso» é uma ofensa a todos nós, príncipe. Não nos escondemos e explicar-nos-emos claramente: sim, estão aí apenas cem *rublos* e não duzentos e cinquenta; mas tudo isso não quer dizer a mesma coisa?

— Não, não quer dizer a mesma coisa — objetou Gabriel num tom de cândida surpresa.

— Não me interrompa. Não somos tão estúpidos como pensa o senhor advogado! — exclamou o sobrinho de Lebedev num movimento de cólera e de despeito. — É bom de ver que cem *rublos* não são a mesma coisa que duzentos e cinquenta; mas o que importa aqui é o princípio, o gesto; se faltam cento e cinquenta, não passa de um simples detalhe. O essencial é que Bourdovski não aceita a sua esmola e devolve-lha, atirando-lha à cara, meu ilustre príncipe! Ora neste ponto é indiferente que se trate de cem ou de duzentos e cinquenta *rublos.* Recusou dez mil, como há pouco ouviram; se fosse um homem desonesto, não teria recusado, como é bem de ver, esses cem *rublos.* Os cento e cinquenta que faltam foram entregues a Tchébarov para as despesas da viagem, quando foi em procura do príncipe. Abstenha-se de zombar da nossa falta de habilidade e da nossa ignorância em matéria de negócios; acaba de fazer todo o possível por nos ridicularizar; não lhe permitimos porém que nos diga que somos umas pessoas desonestas. Meu caro senhor, respondemos por esses cento e cinquenta *rublos* para com o príncipe; ainda que seja preciso restituir-lhe essa importância *rublo* a *rublo,* restituir-lha-emos, bem como aos respetivos juros. Bourdovski é pobre, não é um milionário, e Tchébarov

apresentou-lhe a conta das despesas que fez com a viagem. Esperávamos ganhar!... Quem é que, no seu lugar, não teria feito o mesmo?

— Que é que diz? — exclamou o príncipe Stch...

— Se vivesse nesta casa, ficava tola! — vociferou Isabel.

— Isto lembra-me — disse, rindo, Eugénio, que tinha observado com interesse a cena, sem se mover — a recente defesa de um famoso advogado, cujo cliente havia assassinado seis pessoas, para as roubar. Invocou a pobreza para desculpar o crime e concluiu mais ou menos nestes termos: «É natural que a pobreza tenha feito nascer no espírito do meu cliente a ideia de matar essas seis pessoas; quem não teria tido no seu lugar esta ideia». Se não disse isto, foi qualquer coisa neste género; em qualquer dos casos o argumento não deixa de ser aceitável.

— Basta de tolices! — declarou francamente Isabel, fremente de cólera. — Já é tempo de pôr fim a esta baralhada!...

Estava num estado de excitação terrível; com a cabeça inclinada para trás e um ar ameaçador, fitou com um olhar provocante toda a assistência, entre a qual não distinguia então amigos ou inimigos. A sua irritação, contida durante muito tempo, estalou por fim; precisava travar batalha, cair sobre alguém, fosse quem fosse. Aqueles que a conheciam, compreenderam logo que alguma coisa de extraordinário se passava nela. Ivan disse, no dia seguinte e num tom perentório, ao príncipe Stch…, que estes acessos lhe davam muitas vezes, mas revestiam raras vezes — talvez uma vez em cada três anos, nunca mais! — um tal grau de violência.

— Basta, Ivan! Deixe-me! — disse Isabel. — Por que motivo me oferece agora o seu braço! Por que não tentou levar-me daqui para fora, antes disto tudo? O senhor é o marido, o chefe da família, por isso devia ter-me arrastado até pelas orelhas, se fosse tão pateta que tivesse recusado obedecer-lhe e segui-lo. Devia ter pensado pelo menos nas suas filhas! Agora procurarei o meu caminho, sem o senhor, depois de um insulto de que não me esquecerei durante toda a vida... Espere, tenho ainda de agradecer ao príncipe. Obrigado, príncipe, pela distração que nos proporcionou. E dizer que estive aqui de boca aberta a ouvir estes homens… Que baixeza! Que baixeza! Um caos, um escândalo, e de tal forma, que até um sonho não pode dar-nos a mais pequena ideia! Haverá muitas pessoas como estas? Cala-te, Aglaé! Silêncio, Alexandra! Isto não é nada convosco... Não volte com isso para junto de mim. Eugénio, não me enerve!... Assim, meu caro, pensa ainda pedir-lhe perdão? — disse ela,

dirigindo-se de novo ao príncipe. — «Perdoe-me», diz-lhe ele, «o ter-me permitido oferecer-lhe uma fortuna»... E tu, insolente, de que te ris? — acrescentou ela bruscamente, dirigindo-se ao sobrinho de Lebedev. — «Recusamos», disse este, «a quantia oferecida! Exigimos, não pedimos!» Como se não se soubesse que este idiota irá, depois de amanhã, oferecer-lhe de novo a sua amizade e o seu dinheiro? Não irá, na verdade? Vai ou não?

— Irei — respondeu o príncipe numa voz terna e contrita.

— Estás a ouvir? Tu também entras na conta! — exclamou ela, puxando Doktorenko de lado. — É como se já tivesses esse dinheiro no bolso. Se te fazes magnânimo, é apenas por vaidade... Não, meu amigo, não me deixo arrastar pelos teus logros; eu tenho os olhos bem abertos!... compreendo bem o teu jogo!...

— Isabel Prokofievna! — exclamou o príncipe.

— Vamos embora, Isabel! É mais do que tempo; levemos o príncipe connosco! — propôs o príncipe Stch…, sorrindo e afetando uma grande calma.

As pequenas encontravam-se um pouco afastadas.

Pareciam quase aterrorizadas; o general, esse estava-o de facto. O espanto lia-se em todas as fisionomias. Alguns dos que tinham ficado para trás, riam à socapa e murmuravam. A fisionomia de Lebedev exprimia um supremo êxtase.

— Os escândalos e o caos, minha senhora, encontram-se por todos os lados — explicou o sobrinho de Lebedev, não sem uma certa expressão de mal-estar.

— Não iguais a este! Não, meu amigo, não iguais a este! — replicou Isabel com um desespero convulso. — Mas deixem-me tranquila! — disse ela àqueles que se esforçavam por a fazer calar. — Se, como o senhor Eugénio acaba de nos contar, um advogado pôde declarar em pleno tribunal, que julgava ser muito natural o poderem-se assassinar seis pessoas sob o impulso da miséria, isto prova que estamos no fim do mundo. Nunca ouvi uma tal coisa. Agora tudo se tornou claro para mim. Ouvi: esse gago — indicou Bourdovski, que a olhava com espanto — não será capaz de assassinar? Aposto em como ele assassinou já alguém. Pode ser que não receba os dez mil *rublos,* que os recuse, por uma questão de consciência; porém voltará à noite, matar-te-á e roubar-te-á o dinheiro que tens no colete, sempre por uma questão de consciência. Para ele isso não

será um ato criminoso; será um «acesso de nobre desespero», um «gesto de negação», ou o que diabo quiser!... Ah!... O mundo anda às avessas e as pessoas caminham de cabeça para baixo. Uma moça educada sob o teto paterno salta para a rua e grita à mãe: Minha mãe, casei outro dia com um tal Karlitch ou Ivanitch. Adeus!» Acham que isto está bem? É digno, é natural? A questão feminina? Olhem este garoto — e indicou Kolia. — Sustentou outro dia que era nisso que consistia a questão feminina. Admitamos que a tua mãe foi uma tola, nem por isso a deves tratar menos humanamente!... Por que razão entraste há pouco com esse ar provocante, que parecia dizer: «Avançamos, não se mexam mais! Concedam-nos todos os direitos, mas não lhes permitimos uma palavra na nossa presença. Prodigalizem-nos todos os respeitos, mesmo os mais ingénuos; nós, porém, tratá-los-emos pior, do que ao último dos lacaios!» Procuram a verdade, fundam-se no direito; isso porém não os impediu de caluniarem o príncipe, no seu artigo, como uns descrentes. «Exigimos, não pedimos; não lhes dizemos nenhuma palavra de reconhecimento, porque o que fazem, fazem-no para apaziguamento da sua própria consciência». Aqui está uma bela moral! Como é que não compreendes que, se te absténs de todo o reconhecimento, o príncipe pode ripostar-te que, só ele e mais ninguém, não se sente ligado por nenhum sentimento de gratidão para com a memória de Pavlistchev, visto que este, por seu lado, agiu apenas para satisfação da sua própria consciência! Ou contaste somente com o reconhecimento do príncipe para com Pavlistchev! Ele não te emprestou dinheiro; ele não te deve nada; em que te baseias, pois, a não ser no reconhecimento? Então porque é que repudias esse sentimento? É por aberração? Há pessoas que acusam a sociedade de cruel e desumana, só porque ela cobre de vergonha a moça seduzida. Fazendo-o, reconhecem que a infeliz sofre devido à sociedade. Como podem, nestas condições, entregar a sua falta, por intermédio dos jornais, à malignidade pública, sem reconhecerem que a fazem sofrer com esta publicidade? Será devido à demência ou à vaidade? Não acreditam nem em Deus, nem em Cristo. Porém a vaidade e o orgulho corrói-os até ao ponto de acabarem por se devorar uns aos outros; sou eu que o predigo!... Não é isto um absurdo, uma anarquia, um escândalo? Depois disto, é o desavergonhado que implora o seu perdão! Existem muitas pessoas como eles? Ris?... É porque tive a vergonha bastante para não me misturar convosco? Sim, tendo tido essa vergonha, não há portanto nada a corrigir!... Quanto a ti, que não

serves para nada — esta apóstrofe era dirigida a Hipólito — proíbo-te de rires de mim! A custo podes respirar e pervertes os outros. Corrompeste-me este garoto — designou de novo Kolia —; sonha apenas contigo; inculcaste-lhe o ateísmo; não acredita em Deus, e está ainda, meu caro senhor, em idade de apanhar uma sova! O diabo te acompanhe!... Então é verdade, príncipe León, que vai amanhã a casa deles? Irá? — repetiu ela numa voz quase ofegante.

— Irei.

— Nesse caso passo a não conhecê-lo!

Fez um brusco movimento para se retirar, mas voltou-se rápida e dirigiu-se a Hipólito:

— Vais também a casa desse ateu? Porque tomas um ar de quem se ri de mim? — exclamou ela, num tom que não se lhe conhecia, avançando para o Hipólito, cujo sorriso malicioso a irritara.

— Isabel! Isabel! Isabel! — exclamaram de todos os lados.

— Minha mãe, isto é vergonhoso! — disse Aglaé numa voz forte.

Isabel correu para o Hipólito e agarrando-lhe os braços, apertou-o com força, num gesto impulsivo, enquanto o fitava com um olhar furibundo,

— Não se alarme, Aglaé! — disse pausadamente Hipólito. — A sua mãe reconhecerá que não se ataca um moribundo... Estou além disso pronto a explicar-lhe a razão por que ria... Ficarei contente se puder...

Sacudiu-o, porém, um terrível ataque de tosse, que por momentos não pôde reprimir.

— Aqui está um moribundo que não deixa de fazer discursos — disse Isabel, deixando os braços de Hipólito e fitando-o com uma espécie de terror, ao ver o sangue que lhe subia aos lábios. — O que é que disseste? Fazias melhor indo-te deitar...

— É o que vou fazer — respondeu Hipólito numa voz fraca e velada, quase como um murmúrio. — Logo que chegue a casa, deito-me... Morrerei dentro de quinze dias, já sei! Foi o próprio doutor B... que mo declarou a semana passada... Por esta razão, se mo permitem, dir-lhes-ei duas palavras de despedida.

— Suponho que perdeste a cabeça. Que tolice! É preciso tratares-te. O momento não é para discursos. Vai, vai meter-te na cama! — exclamou Isabel, alarmada.

— Sim, irei meter-me na cama, de onde não mais me levantarei — disse Hipólito, sorrindo. — Ontem já eu me queria deitar para esperar a

morte, mas concedi a mim próprio uma prorrogação de dois dias, visto que as minhas pernas ainda me sustentam… a fim de vir hoje aqui com eles... Mas estou muito fatigado...

— Então senta-te, senta-te! Por que estás de pé? — disse Isabel, aproximando dele uma cadeira.

— Agradeço-lhe muito — articulou Hipólito numa voz velada. — Sente-se na minha frente e conversemos, Isabel. Insisto agora nessa conversa... — acrescentou ele, sorrindo de novo. — Suponho que é o último dia que passo em liberdade e em sociedade; dentro de quinze dias estarei debaixo da terra. É então, de qualquer maneira, o meu adeus aos homens e à natureza. Se bem que não seja nada sentimental, estou muito contente, podem crer... que tudo isto se passe em Pavlovsk; pelo menos vejo a verdura dos campos, as árvores...

— Mas que loquacidade! — disse Isabel, cujo temor aumentava de minuto a minuto. — Estás na verdade muito febril. Há pouco ainda estavas esfalfado, exausto; agora respiras a custo, mal podes respirar.

— Não tardo muito a ir-me deitar. Porque motivo não quer satisfazer o meu supremo desejo?... Já sabe que desejava há muito tempo encontrar-me consigo? Ouvi falar muito em si... pelo Kolia, o único que quase sempre fica junto de mim. A senhora é uma mulher original, excêntrica; acabo de o compreender... Sabe até que a estimo mesmo um pouco?

— Senhor!... E dizer eu que estive quase para lhe bater!

— Foi a Aglaé, se não me engano, que tal impediu? Vê-se bem que ela é sua filha. É tão bela que, sem nunca a ter visto, a reconhecia logo ao primeiro golpe de vista. Deixe-me pelo menos contemplar a sua beleza pela última vez na minha vida — disse Hipólito, com um sorriso forçado e incómodo. — A senhora está aqui com o príncipe, com o seu marido, com toda uma sociedade. Por que recusa aceder ao meu último desejo?

— Uma cadeira! — gritou Isabel, ao mesmo tempo que ela própria pegava na referida cadeira e se sentava em frente do Hipólito. — Kolia — ordenou ela — acompanhe-o já a casa; amanhã não deixarei eu própria de…

— Com a sua permissão, pedirei ao príncipe para que me mande dar uma chávena de chá... Sinto-me muito cansado. Ouça, Isabel, quer, segundo creio, levar o príncipe tomar chá a sua casa? Ah, não vá... Fique aqui e passemos uns momentos juntos; o príncipe mandará, certamente,

servir chá a todos. Desculpe-me o falar assim... Mas sei que é boa. O príncipe é-o também... Somos todos tão boas pessoas, que isto é cómico...

O príncipe moveu-se. Lebedev saiu a toda a pressa da sala. Vera seguiu-lhe os passos.

— E é a verdade! — disse resolutamente a esposa do general. — Fale, se quer, mas mais suavemente, sem se exaltar. Ouvir-me-á... Príncipe! Não é merecedor que eu tome o chá em sua casa, mas adiante, ficarei; todavia não apresentarei desculpas a ninguém! A ninguém! Seria muito tola!... Ao dono da casa, se o molestei, príncipe, perdoe-me; se assim o quer, bem entendido! Aliás, eu não prendo ninguém — acrescentou de repente, com um rosto de mal-humorada, dirigindo-se ao marido e às filhas, como se estes a tivessem contrariado muitíssimo. — Saberei voltar sozinha para casa.

Não a deixaram porém acabar. Toda a gente se aproximou e se comprimiu à sua volta. O príncipe convidou logo os assistentes para ficarem e tomarem chá, pedindo desculpa de não o ter feito antes. O general Epantchine teve até a amabilidade de murmurar algumas palavras apaziguadoras; perguntou com delicadeza à Isabel se não teria frio no terraço. Ia indo mesmo até ao ponto de discutir com Hipólito sobre o tempo desde quando se encontrava matriculado na Universidade, mas calou-se. Eugénio e o príncipe Stch… tornaram-se desde logo mais afáveis e alegres. As fisionomias de Adelaide e de Alexandra, mantendo uma expressão de surpresa, refletiam também contentamento. Dentro em pouco todos se sentiam visivelmente felizes e a crise da Isabel havia passado. Apenas Aglaé conservava o rosto enrugado e mantinha-se calada e sentada à distância. As restantes visitas ficaram também; nenhuma se quis retirar, nem mesmo o general Ivolguine; no entanto Lebedev murmurou-lhe qualquer coisa que lhe devia ter desagradado muito, porque se meteu a um canto.

O príncipe aproximou-se também de Bourdovski e dos seus companheiros para os convidar, sem excetuar ninguém. Responderam com um ar arrogante que esperavam por Hipólito, e em seguida retiraram-se para um ângulo do terraço, onde se sentaram ao lado uns dos outros. Há muito tempo já que Lebedev devia ter mandado fazer o chá, para os seus, porque o serviram imediatamente. Soaram então onze horas.

Capítulo 10

Hipólito molhou os lábios na chávena de chá que lhe apresentou Vera, colocou essa chávena sobre uma mesa, e depois deitou à sua volta um olhar confuso, quase desvairado.

— Olhe estas chávenas, Isabel — disse com volubilidade. — São de porcelana, e creio mesmo de muito boa porcelana. Lebedev tem-nas sempre guardadas num pequeno móvel; não servem nunca... Fazem, na verdade, parte do dote da mulher... é o hábito... Hoje deixou que se servissem delas, em sua honra, bem entendido, tão contente ele está...

Quis acrescentar alguma coisa mais, mas as palavras não lhe vieram aos lábios.

— Está perturbado; já o esperava — murmurou vivamente Eugénio ao ouvido do príncipe. — É perigoso, não? É um indício seguro de que a sua maldade lhe vai sugerir qualquer excentricidade e de tal ordem, que a Isabel não se poderá conter.

O príncipe interrogou-o com o olhar.

— Não receia as excentricidades? — continuou o Eugénio. — Por mim não as receio; desejo-as até, quando mais não seja para punição da nossa boa Isabel. É preciso que essa punição lhe seja infligida hoje; não me quero ir embora antes disso. Parece que tem febre?

— Responder-lhe-ei mais tarde; por agora nada me impede de o ouvir. É verdade que não me sinto bem — respondeu o príncipe com um ar distraído e impaciente. Acabava de ouvir pronunciar o seu nome. Hipólito falava dele.

— Não acreditam? — perguntou este com um riso nervoso. — Compreende-se. O príncipe não hesitará um instante em acreditar e não se admirará muito.

— Ouve, príncipe? — perguntou Isabel, voltando-se para ele. — Ouve?

Riram-se à sua volta. Lebedev mostrava um semblante inquieto e andava ao redor da esposa do general.

— Pretende afirmar que este fingido, o seu senhorio... reviu o artigo desse senhor, esse artigo que nos leram esta tarde e que lhe diz com respeito.

O príncipe olhou Lebedev, surpreendido.

— Por que te calas? — replicou Isabel, batendo o pé.

— Muito bem! — murmurou o príncipe, de olhos fitos sempre em Lebedev. — Constatei já que foi de facto ele que reviu o artigo.

— É verdade? — exclamou Isabel com vivacidade e voltando-se para Lebedev.

— É a pura verdade, excelência — respondeu o interpelado com uma perfeita segurança e pondo a mão sobre o coração.

— É de crer que se sinta lisonjeado com isso! — exclamou a esposa do general, que havia dado um salto na cadeira.

— Sou um homem vil, um homem vil! — balbuciou Lebedev, ao mesmo tempo que batia no peito e ia curvando a cabeça a pouco e pouco.

— Que me importa a mim que tu sejas um homem vil! Supõe que basta dizer, «sou um homem vil», para se livrar desta questão. Príncipe, pergunto-lhe ainda mais uma vez: não tem vergonha de conviver com esta gente? Nunca tal lhe perdoarei.

— O príncipe perdoar-me-á! — proferiu Lebedev com um ar convicto e comovido.

Keller aproximou-se rápido de Isabel e, colocando-se na sua frente, disse numa voz gritante:

— Foi por pura generosidade, minha senhora, e para não trair um amigo comprometido que me mantive calado sobre a revisão que ele fez do artigo, se bem que haja prometido, como acabou de ouvir, atirar-nos pelas escadas fora. Para restabelecer a verdade, declaro que, de facto, recorri aos seus serviços e lhe dei por isso seis *rublos*. Não lhe pedi para rever o meu estilo, mas sim para me elucidar, como fonte autorizada que é, sobre os factos cuja maior parte eram ignorados por mim. Tudo quanto está escrito sobre as polainas do príncipe, sobre o seu apetite devorador em casa do professor suíço, sobre os cinquenta *rublos* mencionados, em lugar dos duzentos e cinquenta realmente dados, todas essas informações são da sua autoria; foi por isso e não para corrigir o meu estilo que recebeu os seis *rublos*.

— Devo fazer notar que revi apenas a primeira parte do artigo — interrompeu Lebedev com impaciência febril e numa voz por assim dizer

humilde, entretanto que as gargalhadas ecoaram à sua volta. — Quando chegámos ao meio, deixámos de estar de acordo; zangámo-nos a propósito de uma ideia por mim enunciada, e portanto deixei de rever a segunda parte. Não podem pois tornar-me responsável pelas incorreções que nela se encontram.

— Aí está o que preocupa — exclamou Isabel.

— Permite-me que lhe pergunte quando é que o artigo foi revisto? — disse Eugénio, dirigindo-se a Keller.

— Ontem de manhã — respondeu este docilmente. — Tivemos uma conversa a tal respeito e comprometemo-nos, um e outro, a guardar segredo.

— Foi nessa ocasião que ele se arrastou diante de ti, protestando a sua dedicação! Que gente!... Nada quero mais do teu Pushkin, e a tua filha que não vá mais a minha casa!

A Isabel quis levantar-se, mas vendo que o Hipólito se ria, concentrou sobre ele toda a sua cólera.

— O quê, meu caro!... prometeste ridicularizar-me diante desta gente?

— Deus me preserve de tal! — replicou Hipólito com um sorriso contrafeito. — O que me surpreende deveras é a sua inacreditável excentricidade, Isabel. Confesso-lhe que provoquei propositadamente esta questão com o Lebedev. Previa já a impressão que exerceria sobre o senhor, o senhor apenas… visto que o príncipe não deixaria de lhe perdoar. Já o fez até, com toda a certeza! Talvez mesmo tenha encontrado uma desculpa para o procedimento do Lebedev; não é verdade, príncipe?

Estava ofegante; à medida que falava, a sua intensa comoção aumentava cada vez mais.

— E depois? — perguntou, surpreendida, a Isabel, cujo tom de voz se tornou colérico. — E depois?

— Já ouvi contar a seu respeito muitas coisas do mesmo género... com uma viva alegria... não deixando de a ter na mais alta estima — continuou o Hipólito.

Falava com o ar de quem queria exprimir uma coisa diferente do que dizia. As suas palavras traíam-no, ao mesmo tempo que se reconhecia nelas uma intenção de sarcasmo, uma agitação desordenada; lançava à sua volta olhares desconfiados, perturbava-se e perdia-se a cada palavra. Com o seu rosto de tuberculoso, os seus olhos brilhantes e o seu olhar exaltado, não era preciso mais para chamar sobre ele a atenção geral.

— Mesmo não sabendo nada do mundo (o que eu reconheço) devia ter-me admirado de a ver, não só ficar entre uma sociedade como a nossa, que a senhora julgara pouco conveniente, mas ainda deixar as suas... jovens filhas ouvir falar de uma questão escabrosa, se bem que a leitura dos romances tudo lhe tenham ensinado. Quanto ao resto pode supor-se que nada sei..., porque as minhas ideias baralham-se; em todo o caso ninguém, além da senhora, poderia... a pedido de um garoto (sim, um garoto, reconheço-o também) passar a tarde com ele e… para tomar parte em tudo... para no dia seguinte se envergonhar... (concordo, sem dúvida, que me exprimo mal). Tudo isto me parece muito louvável e profundamente respeitável, ainda que o rosto de seu marido exprima claramente como sua excelência está chocado pela que se passou aqui... Hi, hi!

Soltou uma forte gargalhada, engasgou-se em seguida e logo depois foi sacudido por um violento ataque de tosse, que durante dois minutos o impediu de continuar a falar.

— Quase que asfixia, coitado! — disse num tom frio e seco Isabel, olhando-o com uma curiosidade despida de simpatia. — Vamos, meu caro senhor, sente-se!... É tempo de acabar.

— Deixe-me também observar-lhe uma coisa, meu caro senhor — interveio Ivan, indignado e tendo perdido a paciência. — Minha mulher está aqui, em casa do príncipe León, porque é nosso vizinho e comum amigo. Isto não lhe dá, neste ponto da questão, ao senhor, um jovem, o direito de julgar os atos da Isabel, nem de exprimir em tão alta voz, o que julgou ler na minha fisionomia. Compreende? E se minha esposa ficou aqui — continuou ele, numa crescente excitação à medida que falava — foi antes, senhor, por efeito de uma surpresa e de uma curiosidade bem compreensível, ao ver as singulares pessoas que apareceram hoje. Eu também aqui fiquei, tal como paro muitas vezes na rua, quando vejo uma coisa que se pode considerar como... como... como...

— Como uma raridade — interveio em seu auxílio, Eugénio.

— Era essa a palavra que eu procurava — acrescentou com prontidão sua excelência, embaraçado com a procura de uma comparação. — Em todo o caso, o que me parece sobretudo espantoso e aflitivo (se a gramática me permite empregar este termo) é que o meu caro amigo não tivesse compreendido que a Isabel, se se manteve até agora junto de si, foi apenas porque estava doente (tendo quase mesmo a convicção de que

estava prestes a morrer). Tratou-o, por assim dizer, por compaixão, atendendo às suas enternecedoras palavras. Nenhuma afronta, senhor, poderá atingir o seu nome, as suas qualidades, a sua posição social... Isabel! — concluiu o general, vermelho de cólera — se quer vir embora, diga adeus ao príncipe e...

— Agradeço-lhe a lição, general — interrompeu-o Hipólito, num tom de gravidade inesperada e fixando em Ivan o seu olhar sonhador.

— Vamos, minha mãe, isto pode ainda durar muito tempo! — disse Aglaé, levantando-se, com um gesto de cólera e de impaciência.

— Ainda dois minutos, se concorda, meu caro Ivan — disse num tom de dignidade, Isabel, voltando-se para o marido. — Creio que está dominado por um acesso de febre e que não tem feito outra coisa se não delirar; noto-lho aos olhos; não se pode portanto abandonar neste estado. León, não poderia o doente passar a noite em sua casa, pois não me parece que possamos deixá-lo voltar para S. Petersburgo? *Cher prince*, não se enfada? — acrescentou ela, dirigindo-se inopinadamente ao príncipe Stch… — Vem aqui, Alexandra, penteia-te um pouco, minha querida.

Arranjou-lhe os cabelos, se bem que estes não estivessem nada em desordem, e depois abraçou-a; foi esta a única razão porque a chamou.

— Suponho-o capaz de um certo raciocínio... — replicou Hipólito, como que saindo de um sonho. — Sim, era isto que eu lhe queria dizer — acrescentou, com a satisfação de um homem que relembra uma coisa esquecida. — Olhe, Bourdovski: queria defender sinceramente sua mãe, não é assim? Porém com as suas coisas acho que só a desonrou. Olhe o príncipe: desejou vir em socorro de Bourdovski, e é de boa vontade que lhe oferece a sua mais terna afeição e dinheiro; talvez seja mesmo o único de todos nós que não sente repulsão por ele. Ora, ei-los lançados um contra o outro, como verdadeiros inimigos… Ah, ah, ah! Odeia Bourdovski porque, segundo o seu pensamento, se comporta com sua mãe de uma maneira chocante e deselegante, não é assim? Não é verdade? Todos amam apaixonadamente a beleza e a elegância das formas; para os senhores é a única coisa que importa, não é verdade? (Há muito tempo que suspeitava já que só se deixavam levar por isso.) Muito bem! Fiquem sabendo que nenhum dos senhores, talvez, amou tanto a sua mãe, como Bourdovski amou a dele! O senhor, príncipe, eu sei, mandou, sem que ninguém soubesse, pelo Gabriel, dinheiro a essa mulher. Pois bem, sou capaz de

apostar que o Bourdovski o acusa agora de falta de tato e de ter faltado ao respeito a sua mãe. Sim, na verdade! Ah, ah, ah!

O riso convulso com que acompanhou as suas últimas palavras foi interrompido por um novo acesso de falta de ar e por um ataque de tosse.

— Acabou? É tudo? Disse tudo o que queria? Então agora vá-se deitar, pois tem febre! — disse Isabel, impacientada e sem desviar dele o seu olhar inquieto. — Ah, meu Deus, e volta a falar!

— Riem-se, parece? Por que razão se riem sempre de mim? Tenho estado a notar isso — acrescentou logo Hipólito, dirigindo-se a Eugénio num tom irritado.

Este último ria de facto.

— Queria apenas perguntar-lhe, senhor... Hipólito... desculpe-me, esqueci o nome da sua família...

— Senhor Terentiev — disse o príncipe.

— Ah, sim! Terentiev. Obrigado príncipe. Já me tinham dito antes esse nome, porém fugiu-me da memória... Queria perguntar-lhe, senhor Terentiev, se o que se conta de si é verdadeiro; é de opinião, segundo parece, que o satisfaria falar ao povo, da sua janela, durante um quarto de hora, para que a multidão se tornasse logo adepta das suas ideias e o seguisse?

— É muito possível que tenha dito isso... — respondeu Hipólito, esforçando-se por avivar as suas recordações. — Sim, estou quase certo que disse! — acrescentou de repente, animando-se de novo e fitando resolutamente Eugénio. — Que deduz daí?

— Absolutamente nada; perguntei isto apenas a título de informação.

Eugénio calou-se. Hipólito continuou a fitá-lo como se esperasse ansiosamente a continuação.

— Muito bem! Acabaste? — perguntou Isabel a Eugénio. — Acaba depressa, meu amigo; é tempo dele se ir deitar. Ou então não sabes como hás de acabar?

Estava deveras irritada.

— Tenho apenas a acrescentar isto — replicou Eugénio, sorrindo. — Tudo aquilo que ouvi dizer aos seus companheiros, senhor Terentiev, tudo aquilo que o senhor acaba de expor com um indiscutível talento reduz-se, na minha maneira de ver, à teoria de que pretende fazer triunfar o direito antes de tudo, acima de tudo, com exclusão de tudo, talvez mesmo sem ter

procurado antes saber em que consiste esse direito. Pode-se supor que eu me engano!

— Engana-se, sem dúvida alguma. Eu não compreendo mesmo nada... E depois?

Num canto do terraço ouviu-se um murmúrio. O sobrinho de Lebedev resmungava alguma coisa a meia voz.

— Não tenho quase mais nada a dizer — replicou o Eugénio. — Queria só fazer notar que há apenas um passo, desta teoria à teoria do direito do punho e do arbítrio individual; é assim, seja dito de passagem, a esta conclusão, que chegam muitas pessoas neste mundo. Proudhon chegou à teoria da força que cria o direito. Durante a guerra da Sucessão, muitos liberais e dos mais avançados tomaram o partido dos agricultores, sob o pretexto de que os pretos, como são pretos, devem ser tidos como inferiores à raça branca. O direito do mais forte pertence ao branco.

— E daí?

— Vejo por isso que o senhor não contesta o direito dó mais forte.

— E depois?

— Pelo menos o senhor é coerente. Tenho apenas a observar-lhe que não há grande distância do direito do mais forte ao direito dos tigres e dos crocodilos, o mesmo é que dizer dos Daoilov aos Gorski.

— Não sei... E depois?

Hipólito ouvia Eugénio apenas com um ouvido. Ele dizia: *E daí? E depois?* levado maquinalmente pela conversa, sem pôr nestas palavras nem interesse, nem curiosidade.

— Não tenho mais nada a acrescentar... É tudo.

— No fundo não lhes quero mal — concluiu Hipólito de uma maneira inesperada.

E quase inconscientemente sorriu e estendeu a mão a Eugénio.

Este, surpreendido, afetou um ar muito sério para apertar a mão que Hipólito lhe estendeu, como se aceitasse o seu perdão.

— Não posso deixar — continuou no mesmo tom respeitoso e ambíguo — de lhes agradecer a atenção que me concederam, deixando-me falar. Tive muitas vezes a ocasião de constatar que os nossos liberais não permitem que os outros tenham uma opinião pessoal e respondem logo aos seus contraditores com insultos ou com argumentos ainda mais deploráveis...

— É perfeitamente justo! — disse o general Ivan. Em seguida, colocando as mãos atrás das costas, encaminhou-se para o extremo do terraço, do lado da saída, e pôs-se a bocejar, com um ar de quem está fatigado.

— Vamos, sente-se, meu amigo! — disse bruscamente Isabel a Eugénio. — O senhor irrita-me...

— É tempo de os deixar — disse Hipólito, levantando-se rápido e esboçando um gesto de contrariedade, ao mesmo tempo que deitava à sua volta um olhar aterrorizado. — Retive-os aqui, ou melhor, queria dizer... pensava que todos… pela última vez... era uma fantasia…

Notava-se que se animava, como que devido a um ataque, e saía intermitentemente de um estado vizinho do delírio; voltava então à sua plena consciência, recordava as suas lembranças e expunha, a maior parte das vezes por citações, as ideias que, desde há muito talvez, havia fixado e decorado no decorrer das suas longas e fastidiosas horas de solidão e de insónia, passadas na cama.

— Então adeus a todos! — acrescentou secamente. — Pensam que me é fácil dizer-lhes adeus? Ah, ah!

Soltou uma gargalhada de despeito, pensando no quanto era *tola* toda esta questão; depois, despeitado por não ter podido exprimir tudo quanto queria dizer, gritou, num tom cheio de cólera:

— Excelência, tenho a honra de o convidar a assistir às minhas exéquias, se porventura não se sente melindrado com este convite, e... convido-os a todos, meus senhores, a juntarem-se ao general!...

Riu-se de novo, mas o seu sorriso era o de um demente. Isabel, aterrada, deu um passo para ele e agarrou-o por um braço. Olhou-a sem pestanejar, sempre com o mesmo riso, que parecia ter-se-lhe fixado de qualquer maneira ao rosto,

— Sabe que vim aqui para ver as árvores?... Ei-las... — E indicou com um gesto as árvores do parque. — Isto não tem nada de ridículo, pois não? Parece-me que não há motivo para rir — acrescentou com um ar grave, dirigindo-se a Isabel.

Tornou-se de repente pensativo, e depois, ao fim de uns momentos, levantou a cabeça e pôs-se a perscrutar a assistência na intenção de procurar alguém. Esse alguém era Eugénio, que estava muito perto dele, à sua direita, e não havia mudado de lugar. Tinha-se porém esquecido dele e por isso o procurava à sua volta.

— Ah, o senhor não foi embora! — exclamou ele, quando por fim o avistou. — Riu-se muitíssimo ainda há pouco, ante a ideia de que eu pretendia arengar da minha janela durante um quarto de hora... Ora não se esqueça de que não tenho apenas dezoito anos; fiquei durante bastante tempo com a cabeça deitada no travesseiro, a olhar para essa janela e a pensar... em todas as coisas... que... Os mortos não tem idade, como sabe. Tive esta ideia à semana passada, durante uma noite de insónia... Querem que lhes diga aquilo de que têm mais receio? É da nossa sinceridade, apesar do desdém que mostram ter por nós! Foi também um pensamento que tive essa noite, quando repousava no meu travesseiro... Supõe que quis zombar da senhora, ainda há pouco? Não, não foi essa a minha intenção; queria fazer apenas o seu elogio... Kolia disse-me que o príncipe a trata como uma criança... Bem pensado!... Mas vejamos... quero ainda acrescentar mais alguma coisa…

Escondeu o rosto entre as mãos e refletiu um momento.

— Ah, já sei: quando há pouco se preparava para se despedir, pensei de repente: aqui estão umas pessoas que nunca, nunca mais voltarei a ver. Não voltarei a ver mais estas árvores. Não voltarei a ver mais do que o muro de tijolos vermelhos da casa Meyer... em frente da minha janela... Pois bem... diga-lhes isto, explique-lhes tudo isto... tente fazer-lho compreender; aí está uma bonita moça... e tu, estás morto; apresenta-te como tal, declara-lhes que «um morto pode... falar sem modéstia»... e que a princesa Maria Alexeievna não dirá nada... Ah, ah! Não se riem? — perguntou ele, deitando à sua volta um olhar de desconfiança. Dir-lhes-ei que, quando repousava sobre o meu travesseiro, assaltaram-me inúmeras ideias... Estou convencido, entre outras coisas, de que a natureza foi muito irónica... Disseram há pouco que eu era um ateu, porém sabem que a natureza... Por que motivo é que estão a rir? São muito cruéis! — proferiu ele bruscamente, lançando sobre o auditório um olhar de tristeza e de indignação. — Não corrompi o Kolia! — concluiu ele, num tom muito diferente de gravidade e de convicção, como se outra recordação lhe tivesse atravessado o espírito.

— Ninguém, ninguém zomba de ti, acalma-te! — disse-lhe Isabel, bastante preocupada. — Amanhã mandaremos vir um outro médico; o primeiro enganou-se. Mas senta-te, pois não te tens nas pernas!... Tu deliraste... Ah, que vamos nós fazer-lhe agora? — exclamou deveras angustiada e fazendo-o sentar no sofá.

Uma pequena lágrima brilhou-lhe no rosto.

Hipólito ficou como que estupefacto; levantou a mão, estendeu timidamente o braço e tocou nessa pequena lágrima. Um sorriso de criança passou-lhe pelo rosto.

— Eu... a senhora... — disse ele alegremente. — Não sabe quantas vezes eu... Ouça... Kolia falou-me sempre da senhora com um tal entusiasmo!... Gosto do seu entusiasmo. Não o perverti! Faço-o somente depositário das minhas ideias... Quis que toda a gente compartilhasse deste legado, mas não havia ninguém, ninguém!... Quis ser também um homem de ação; tinha esse direito!... Quantas coisas eu quis ainda!... Agora não desejo mais nada, não quero mesmo desejar mais nada; jurei a mim próprio nada mais desejar; que os outros procurem sem mim a verdade! Sim, a natureza é irónica! Por que — acrescentou ele com entusiasmo — por que razão cria ela os melhores seres, para logo em seguida zombar deles? Eis como ela procedeu: quando revelou aos homens o único ser que foi reconhecido como perfeito neste mundo... deu-lhe por missão pronunciar tais palavras, que fizeram correr tanto sangue, que se esse sangue tivesse sido vertido de uma só vez, teria afobado a humanidade!... Sentir-se-á feliz se eu morrer. Eu próprio talvez tivesse proferido alguma horrível mentira, sob o impulso da natureza. Não perverti ninguém... Queria viver para a felicidade de todos os homens, para a descoberta e propaganda da verdade... Ao ver, da minha janela, o muro da casa Meyer, penso que bastaria eu falar, apenas durante um quarto de hora, para convencer todos *os* homens, sim, todos!... Felizmente que, uma vez na vida, me foi permitido pôr-me em contacto, não com o mundo, mas com a senhora. Que aconteceu? Nada! Concluí que me despreza. Logo tenho que concluir que sou um imbecil, um inútil, e que é tempo de eu desaparecer. E não consigo deixar atrás de mim uma só lembrança: nem sequer um eco, um traço, uma obra! Não propaguei uma única convicção!... Não se riam de um imbecil! Esqueçam-no! Esqueçam tudo! Esqueçam, sou eu que lhes peço; não sejam cruéis comigo! Fiquem sabendo que se não fosse um tuberculoso, matava-me!...

Parecia querer falar ainda por muito tempo, mas não pôde acabar e, enterrando-se numa poltrona, tapou o rosto com as mãos e pôs-se a chorar como uma criança.

— Que vamos fazer agora, digam-me? — perguntou Isabel.

E correndo para ele, agarrou-lhe a cabeça e apertou-a com força contra o peito. Ele soluçava convulsivamente.

— Então, então! Nada de chorar. Sente-se aqui!

É uma boa pessoa. Deus perdoar-lhe-á, devido à sua ignorância. Vamos, sente-se aqui! Seja um homem... Dentro em pouco envergonhar-se-á de ter chorado.

— Longe daqui — disse Hipólito, esforçando-se por levantar a cabeça — tenho um irmão e umas irmãs, mas crianças de tenra idade, umas pobres inocentes... *Ela* pervertê-los-á! A senhora, a senhora que é uma santa... que é mesmo uma criança, salve-mos! Tire-lhos... a ela... É uma vergonha!... Oh, vá em sua ajuda, socorra-os! Deus dar-lhe-á cem vezes mais; faça-lhe isto por amor de Deus, por amor de Cristo!

— Decida-se a dizer o que devemos fazer agora, Ivan! — gritou com cólera Isabel. — Tenha a bondade de quebrar o seu majestoso silêncio. Se não toma uma resolução, fique sabendo que passarei toda a noite aqui. Tenho sofrido bastante com o que lhe agrada e com a sua tirania!

Falava com exaltação e arrebatamento; precisava de uma resposta imediata. Em conjunturas parecidas, os assistentes, mesmo quando são numerosos, mantêm-se geralmente calados e refletindo com uma curiosidade passiva; evitam pronunciar-se, deixam de manifestar a sua opinião, isto mesmo muito tempo depois. Entre as pessoas presentes havia quem estivesse desde pela manhã sem proferir uma única palavra; era o caso de Bárbara, que se manteve calada durante toda esta reunião, sem abrir a boca, mas extremamente atenta — com certeza tinha as suas razões para isso! — a tudo quanto se dizia.

— Minha querida amiga — declarou o general — a minha opinião é que uma enfermeira seria aqui mais útil do que toda essa sua agitação. E é de aconselhar que um homem prudente e de confiança passe aqui a noite. Em todo o caso é preciso perguntar ao príncipe para que dê as suas ordens... Logo depois devemos deixar repousar o doente... Amanhã trataremos então de o acomodar melhor.

— Vai dar meia-noite. Vamos portanto embora. Vem connosco ou fica em sua casa? — perguntou Doktorenko ao príncipe, num tom acerbo.

— Se quiser, pode ficar junto dele — disse o príncipe. — Há aí bastantes lugares.

— Excelência — exclamou de repente Keller, interpelando o general com ênfase — se é preciso um homem de confiança para passar aqui a

noite, sacrificar-me-ei da melhor vontade pelo meu amigo!... É uma excelente alma!... Há muito tempo, excelência, que o considero como um grande homem! A minha educação tem de facto as suas faltas; mas ele, quando critica, são pérolas, pérolas que lhe saem da boca, excelência!

O general voltou-se com um gesto de desagrado.

— Iria deveras satisfeito se ficasse; com certeza lhe será difícil partir de novo — objetou o príncipe, em resposta às desesperadas perguntas da Isabel.

— Dormes, não? Se não queres encarregar-te dele, meu amigo, levá-lo-ei para minha casa. Ah, meu Deus, nem sequer se tem nas pernas! Está doente, príncipe?

Isabel, quando ao meio-dia visitou o príncipe, supunha ir encontrá-lo já no seu leito mortuário. Vendo-o a pé, exagerou também o seu restabelecimento. A sua recente crise, as penosas recordações que o assaltavam, a fadiga e as emoções desta reunião, o incidente a respeito do «filho de Pavlistchev», logo depois a questão do Hipólito, tudo isto havia exacerbado a emotividade doentia do príncipe, ao ponto de o levarem a um estado muito próximo do delírio. Por outro lado, um novo cuidado, uma nova apreensão mesmo, se refletia agora nos seus olhos: olhava para Hipólito com inquietação, como se esperasse ainda uma outra perturbação da sua parte.

De repente o Hipólito levantou-se com o rosto horrivelmente pálido; a sua fisionomia descomposta exprimia uma vergonha terrível, esmagadora, que se manifestava sobretudo no olhar cheio de ódio e medo com que examinava a assistência e no sorriso desvairado e manhoso que lhe crispava os lábios frementes. Em seguida baixou os olhos e com o mesmo sorriso dirigiu-se num passo vacilante para junto de Bourdovski e Doktorenko, que o esperavam à saída do terraço; ia partir com eles.

— Aí está o que eu temia! — observou o príncipe. — Isto tinha de acontecer.

Hipólito voltou-se bruscamente para ele num acesso de furor, que fez tremer todos os traços da sua fisionomia.

— Ah, era o que temia! «Isto tinha de acontecer», diz o senhor! Pois então fique sabendo que se está aqui alguém que eu odeio — berrou numa voz penetrante, em que os silvos eram acompanhados de jatos de saliva — odeio-os a todos! Esse alguém é o senhor! O senhor com a sua alma de jesuíta, a sua alma hipócrita, idiota, milionário benfeitor; odeio-o mais do

que a tudo e a toda a gente! Há muito tempo que adivinhei a sua intenção e que comecei a odiá-lo; desde o dia em que comecei a ouvir falar do senhor, que eu o detesto do mais fundo da minha alma... Foi o senhor que me atirou para esta ratoeira! Foi o senhor que provocou em mim este acesso! Obrigou um moribundo a cobrir-se de vergonha; foi o senhor, sim!... É o senhor o responsável pela minha baixeza, pela minha pusilanimidade. Matá-lo-ia se continuasse a viver. Não preciso dos seus benefícios; não os quero receber de ninguém; não sei se me entende, de ninguém!... Tive um acesso de delírio, e os senhores não têm o direito de triunfar de tudo isto!... Amaldiçoo-os a todos e de uma vez por todas.

Ficando sufocado, parou:

— Sentiu vergonha de ter chorado! — murmurou Lebedev à Isabel. — «Isto tinha de acontecer»! Que homem, o príncipe! Creio que leu no fundo da sua alma.

Porém Isabel não se dignou olhar para ele. Tomara uma atitude de orgulho e com a cabeça inclinada para trás, olhava para «esta gentalha» com uma curiosidade cheia de desprezo. Quando o Hipólito acabou de falar, o general esboçou um encolher de ombros; Isabel fitou-o então dos pés à cabeça, com um olhar encolerizado, como que a pedir-lhe contas desse movimento; logo em seguida voltou-se para o príncipe.

— Obrigado, príncipe, amigo excêntrico da nossa casa. Obrigado pela agradável reunião que nos proporcionou. Presumo que deve estar satisfeito, como nós estamos também, ante a ideia de ter conseguido reunir-nos a todos nesta sua festa... Fiquemos por aqui, caro amigo! Obrigado por nos ter proporcionado esta ocasião de ficarmos a conhecê-lo bem!...

Com uns gestos de despeito começou a arranjar o xaile, enquanto esperara pela saída «dessa gentalha». Nesta altura chegou o carro que vinha buscá-los, guiado pelo filho de Lebedev, o mais novo, que o Doktorenko havia mandado um quarto de hora antes em procura dum. O general julgou seu dever acrescentar então uma palavra, às palavras que a sua esposa acabava de proferir:

— O facto é que eu próprio, príncipe, não esperava... depois disto... depois de todas as nossas relações de amizade... depois enfim da Isabel...

— Então, como pode tratá-lo assim! — exclamou Adelaide, que se aproximou com solicitude do príncipe e lhe estendeu a mão.

Ele sorriu-lhe com um ar abstrato. De súbito, um leve murmúrio feriu-lhe o ouvido, tal como se fosse uma queimadela; era Aglaé que o intimava:

— Se dentro de um instante não põe estas infames pessoas fora de sua casa, odiá-lo-ei toda a minha vida, toda a minha vida, e a si apenas!

Parecia fora de si, e voltou-se, antes que o príncipe tivesse tido tempo de olhar para ela. De resto não havia já ninguém a pôr fora de casa; bem ou mal, tinham conseguido meter o doente no carro e este acabava de partir.

— Isto ainda vai durar muito tempo, Ivan? Em que pensas? Terei de suportar ainda por muito tempo estes grandes patifes?

— Por mim, minha querida amiga... estou naturalmente disposto... e o príncipe...

Ivan estendeu logo em seguida a mão ao príncipe, mas sem dar tempo a este para que lha apertasse, correu atrás da Isabel, que descia os degraus do terraço, dando mostras de uma grande indignação. Adelaide, o noivo e a Alexandra despediram-se do príncipe com sincera cordialidade. Eugénio estava junto deles e era o único que se encontrava bem-humorado.

— O que eu previa, aconteceu! — murmurou ele com o seu mais amável sorriso. — Somente é lamentável, meu pobre amigo, que o tenham também feito sofrer.

Aglaé saiu sem se despedir do príncipe.

Esta reunião devia porém terminar com uma nova surpresa; Isabel devia ter ainda um encontro dos mais inesperados.

Ainda não tinha chegado ao fundo das escadas que levavam à alameda (que dava uma volta ao parque), quando uma brilhante equipagem, uma dessas carruagens puxada por dois cavalos brancos, passou a trote em frente da casa do príncipe. Duas senhoras, com vestidos de gala, vinham nesse carro, que parou bruscamente a dez passos de distância. Uma das senhoras voltou-se rápida, como se acabasse de avistar uma pessoa dos seus conhecimentos a quem tivesse uma urgente necessidade de falar.

— O Eugénio, por aqui? — exclamou ela, numa voz clara e harmoniosa, que fez estremecer o príncipe e talvez mesmo alguém mais. — Ah, como me sinto feliz por te ter enfim encontrado! Mandei já por duas vezes o meu criado de propósito a tua casa, na cidade. Tenho-te procurado durante todo o dia!

Eugénio parou no meio das escadas, como que fulminado por um raio. Isabel parou também, mas sem mostrar os mesmos sinais de admiração do interpelado; olhou para a insolente com a mesma altivez e o mesmo desprezo glacial com que cinco minutos antes olhou para a «gentalha»; depois voltou logo o olhar perscrutador para Eugénio.

— Tenho uma notícia a comunicar-te — continuou no mesmo tom. — Não te atormentes com os saques do Koupfer. O Rogojine resgatou-os, a meu pedido, ao juro de trinta por cento. Podes estar sossegado por estes três meses. Quanto ao Biskoup e a toda essa canalha, combinaremos tudo amigavelmente, estou certa. Isto quer dizer portanto que tudo corre pelo melhor. Alegra-te!... e até amanhã!

O carro partiu e não tardou a desaparecer.

— É uma tola! — exclamou Eugénio, que, vermelho de indignação, lançava à sua volta olhares estupefactos. — Não consigo compreender o que quis dizer. Quais saques? Quem é essa pessoa?

Isabel fitou-o ainda durante dois segundos, após o que deu meia volta e encaminhou-se para casa, seguida de todos os seus. Um minuto depois, Eugénio, veio encontrar o príncipe no terraço. Estava vivamente emocionado.

— Na verdade, príncipe, não sabe o que aquilo quer dizer?

— Não sei nada — respondeu o príncipe, que parecia bastante transtornado.

— Não?

— Não.

— Nem eu também — replicou Eugénio com uma gargalhada. — Esta história dos saques não me diz com respeito, dou-lhe a minha palavra de honra!... Mas que é que tem? Parece que está a desfalecer?

— Oh, não, não! Asseguro-lhe que não...

Capítulo 11

Passaram-se dois dias sem que a irritação dos Epantchine se acalmasse por completo. Segundo o seu hábito, o príncipe julgava ter cometido muitas asneiras e esperava sinceramente um castigo; no entanto estava convencido, desde o princípio, que a Isabel não podia querer-lhe mal e que, pelo contrário, estava apenas aborrecida com ele. Sentiu uma desagradável surpresa e tornou-se triste, quando reconheceu que ainda o tratavam com rigor ao fim de três dias. Diversas outras circunstâncias o traziam inquieto. Uma delas havia, em especial, durante esses três dias, excitado progressivamente o seu caráter desconfiado. (O príncipe censurava-se por nos últimos tempos viver entre os dois extremos: uma «absurda é intempestiva» confiança, alternando com uma «sombria e vil» desconfiança). Ao fim do terceiro dia o incidente da senhora excêntrica, que havia interpelado o Eugénio do fundo da sua carruagem, tomou no seu espírito proporções horríveis e enigmáticas. O enigma convertia-se para ele (sem falar noutros aspetos da questão) numa penosa pergunta: a responsabilidade da «extravagante» novidade era apenas sua, ou era somente a falta de? Porém não ia até ao ponto de pronunciar qualquer nome. Quanto às iniciais N. Pb. B., não haviam passado, assim o supunha, de um divertimento inocente e sem dúvida infantil, ao qual não podia, em consciência, ou mesmo por simples honestidade, ligar importância.

De resto, no dia seguinte ao desta escandalosa «reunião» de que se considerava a «causa» principal, o príncipe teve o prazer de receber de manhã a visita do príncipe Stch… e da Adelaide, que regressavam de um passeio: «tinham vindo *sobretudo* para saber da sua saúde». Adelaide notou, ao penetrar no parque, uma magnífica e velha árvore, muito copada, cujo tronco era oco e estava fendido, e os seus ramos compridos e nodosos tinham uma nova folhagem, pelo que mostrou logo um grande desejo de a desenhar! Não falou mesmo quase noutra coisa durante ã meia hora que durou esta visita. O príncipe Stch… mostrou-se amável e gracioso como sempre; discutiu com o príncipe sobre coisas passadas e evocou os

acontecimentos que se ligavam às suas primeiras relações; pelo contrário, não falaram quase nada dos incidentes da véspera.

Por fim, não podendo mais conter-se, Adelaide confessou, sorrindo, que tinham vindo *incógnitos;* não tendo dito mais nada, esta confissão foi o bastante para deixar compreender que os seus pais, e sobretudo Isabel, estavam zangados com o príncipe. Todavia, durante a visita, nem Adelaide, nem o príncipe Stch… proferiram uma palavra, sequer, a respeito de Isabel, de Aglaé ou até mesmo de Ivan.

Quando se retiraram, para concluírem o seu passeio, não convidaram o príncipe a acompanhá-los e muito menos lhe pediram para os ir ver. Adelaide deixou escapar a este respeito uma reflexão significativa; falando de uma das suas aguarelas, mostrou um vivo interesse em a mostrar ao príncipe, e disse: «Como fazer para que o senhor a possa ver dentro de pouco tempo? Ouça! Mando-lha hoje mesmo pelo Kolia, se ele for a nossa casa; ou então amanhã, durante o meu passeio com o príncipe, virei aqui trazer-lha». Ao sugerir esta solução parecia sentir-se satisfeita, por ter resolvido este assunto com habilidade e contentamento para todos.

Quase ao momento da despedida o príncipe Stch... pareceu lembrar-se bruscamente de qualquer coisa:

— A propósito — perguntou ele — não sabe, o meu caro León, quem foi a pessoa que interpelou ontem o Eugénio do fundo do seu carro?

— Foi a Nastásia — disse o príncipe. — Não a reconheceu? O que não sei é quem estava com ela.

— Reconheci-a, por a ter ouvido falar — respondeu rápido o príncipe Stch... — Mas que disse ela? Confesso que foi um enigma para mim... para mim e para os outros.

Ao dizer estas palavras o príncipe Stch… mostrava uma fisionomia de intrigado.

— Falou, não sei de que saques do Eugénio — respondeu o príncipe com toda a simplicidade. — Esses saques passaram, a seu pedido, das mãos de um usurário para as de Rogojine, que concedeu, para pagamento, um largo prazo ao Eugénio.

— Foi também o que eu ouvi, meu caro príncipe, mas isso não pode ser verdade! O Eugénio não deve ter assinado nenhum saque! Com uma fortuna como a sua!... Isso sucedeu-lhe noutros tempos, é verdade, devido à sua leviandade; ajudei-o eu próprio a livrar-se desses embaraços. Mas que um homem, que tem uma tal fortuna, assine saques a um usurário e se

preocupe com o seu vencimento, é uma coisa impossível. E igualmente impossível que se trate por tu cá, tu lá com a Nastásia, e mantenha com ela ligações tão familiares. É nisto que está *o* enigma principal. Jura que não compreende nada, e eu acredito, de facto. É mesmo por isso, meu caro príncipe, que desejo perguntar-lhe se sabe alguma coisa a tal respeito. Quero dizer: não chegou por acaso aos seus ouvidos qualquer boato a tal respeito?

— Não, não sei nada a tal respeito... Afirmo-lhe que não sei nada.

— Ah, príncipe, o senhor não está hoje bem disposto. Francamente, não o reconheço. Podia por acaso pensar que tivesse tido qualquer interferência nesta questão? Vamos, não está hoje no seu juízo perfeito.

Apertou-o contra ele e abraçou-o.

— Qualquer interferência «nesta questão»? — replicou León. — Mas não vejo nenhuma questão.

— Sem dúvida alguma essa criatura quis prejudicar de qualquer maneira o Eugénio, atribuindo-lhe diante de testemunhas, atos que não praticou, nem pode ter praticado — respondeu o príncipe Stch… num tom bastante seco.

O príncipe León pareceu ficar perturbado, mas continuou a fitar o seu interlocutor com um olhar interrogativo. Este último estava calado.

— Então não se trata apenas de uns saques? Não foi isso apenas aquilo de que se falou na questão de ontem? — murmurou por fim o príncipe com uma ponta de impaciência.

— Vejamos: o que eu disse e que o senhor pode julgar por si, foi o seguinte: que pode ter de comum o Eugénio com... ela e, ainda menos, com o Rogojine? Tem, repito-o, uma grande fortuna; sei-o de fonte segura; por outro lado tem a certeza de ser o herdeiro de seu tio. Muito simplesmente a Nastásia...

O príncipe Stch… interrompeu-se de novo; era evidente que nada mais queria dizer a respeito de Nastásia, falando com León.

Este último, depois de um momento de silêncio, perguntou bruscamente:

— Em todo o caso isto não prova que a conhece?

— É muito possível; tem sido bastante volúvel para isso! De resto, se se conhecem foi de outros tempos; deve ter sido há uns dois ou três anos. Nessa época estava ainda relacionada com Totski. Agora sabe-se que nada há entre eles; e, de qualquer maneira, as suas relações nunca foram tão

íntimas, para chegarem ao ponto de se tratarem por tu. O senhor deve saber que ela não viveu aqui nestes últimos tempos e que era difícil encontrá-la. Muitas pessoas ignoram ainda o seu reaparecimento. Somente há três dias é que eu vi a sua carruagem.

— Uma carruagem magnífica — disse Adelaide.

— Sim, magnífica!

Os dois visitantes retiraram-se, apresentando ao príncipe os seus mais afetuosos cumprimentos, pode-se mesmo dizer, os mais fraternais.

Desta visita resultou, para o nosso herói, uma indicação fundamental. Com certeza o tinham assaltado fortes desconfianças desde a noite anterior (e talvez mesmo antes); todavia não se atreveu a considerar as suas apreensões como certas. Agora porém via claro: o príncipe Stch…, dando ao acontecimento uma interpretação errónea, não deixava de ladear a verdade, e adivinhava, em todo o caso, a existência de uma intriga. (Aliás, pensava o príncipe, sabe talvez muito bem como deve proceder, mas não o quer deixar transparecer e finge afastar-se). Uma coisa saltava aos olhos: os dois tinham vindo (em especial o príncipe Stch…) na esperança de obterem algum esclarecimento; se era assim, é porque o consideravam como tendo tomado parte na intriga. Por outro lado, se a questão era dessa forma e revestia uma tal importância, era a prova de que *ela* tinha em mente um fim terrível; mas que fim? Temível pergunta!... E como desvia-la desse fim? É impossível desvia-la, quando está decidida a atingir os seus fins!» Isto sabia-o ele por experiência. «É uma tola! É uma tola!»

Eram muitos mistérios para uma só manhã; todos queriam saber a verdade, e isto ocasionava ao príncipe um profundo abatimento. A visita de Vera, trazendo nos braços a pequena Lioubov, proporcionou-lhe uma certa distração; brincou alegremente durante um certo tempo. Depois apareceu a irmã, que ficou de boca aberta, e por fim o filho de Lebedev; este colegial afirmou-lhe que a «Estrela de Absinto» que, no Apocalipse, caiu sobre a terra junto da fonte das águas, representava, segundo a interpretação de seu pai, a rede dos caminhos de ferro que se estende hoje pela Europa. O príncipe não quis acrescentar nada a esta asserção e limitou-se a dizer que interrogaria Lebedev a tal respeito na primeira ocasião.

Vera contou ao príncipe que Keller se havia instalado em casa deles desde a véspera e que, apesar de todas as aparências em contrário, não os deixaria tão cedo, pois havia encontrado ali uma sociedade que lhe

agradava e era bastante amigo do general Ivolguine. Declarou-lhes que ficaria apenas em sua casa, até concluir a sua instrução.

De uma maneira geral o príncipe sentia, dia a dia, mais prazer em conviver com os filhos de Lebedev. Kolia não apareceu durante o dia: tinha ido logo de manhã a S. Petersburgo. (Lebedev partira também ao amanhecer, para tratar de uns assuntos pessoais).

No entanto a visita que o príncipe esperava com a maior impaciência era a de Gabriel, que devia vir, sem falta, durante o dia. Chegou entre as seis e as sete horas da tarde, um pouco depois do jantar. Ao avistá-lo, o príncipe pensou ter enfim diante de si alguém que devia conhecer, na verdade, a questão em todos os pormenores. E como é que Gabriel não devia conhecê-los, se tinha ao seu dispor auxiliares como Bárbara e o marido? Mas as relações entre o príncipe e ele eram de um caráter um pouco especial. Assim, o príncipe, encarregara-o da questão Bourdovski, pedindo-lhe encarecidamente para a resolver. Contudo, a despeito desta prova de confiança e do que se passara antes entre eles, havia sempre certos pontos da conversa que evitavam, como que devido a uma espécie de acordo tácito. O príncipe tinha às vezes o pressentimento de que Gabriel mostrava, em certas atitudes, o desejo de ver estabelecer-se entre os dois uma amizade e uma franqueza sem reservas. Nesse dia, por exemplo, ao vê-lo entrar, teve a impressão de que Gabriel julgava chegado o momento de quebrar a frieza existente e explicar-se em todos os pontos (o visitante, no entanto, tinha pressa; a sua irmã esperava-o em casa do Lebedev para uma questão urgente a regular entre eles).

Entretanto, se Gabriel esperava, na verdade, uma série de perguntas impertinentes, umas revelações involuntárias e algumas efusões íntimas, elaborava num grande erro. Durante os vinte minutos que durou esta visita, o príncipe pareceu estar absorvido e quase distraído. Não formulou as perguntas, ou, para melhor dizer, a única e importante pergunta que Gabriel esperava. Desta forma julgou melhor exprimir-se, por seu lado, com certa discrição. Não deixou de falar com jovialidade e volubilidade; porém na sua tagarelice, ligeira e amena, evitou abordar o ponto principal.

Contou, entre outras coisas, que Nastásia estava em Pavlovsk desde há quatro dias e que havia já chamado a atenção geral sobre a sua pessoa. Vivia em casa de Dária, numa pequena e confortável casa da rua dos Matelots, mas tinha talvez a mais bela carruagem da Pavlovsk. À sua volta havia-se já formado uma corte de adoradores, jovens e velhos; alguns

cavaleiros escoltavam mesmo a sua carruagem. Fiel aos seus velhos hábitos, era muito cuidadosa na escolha das suas relações e só admitia junto dela convidados escolhidos com muito cuidado; isto não a impedia de se ver rodeada por um verdadeiro corpo da guarda, pronto a tomar a sua defesa em caso de necessidade. Por causa dela, um fidalgo, em vilegiatura em Pavlovsk, tinha já posto termo aos seus esponsais e um velho general tinha quase amaldiçoado o filho. Levava muitas vezes com ela, nos seus passeios de carruagem, uma encantadora moça de dezasseis anos, parenta afastada de Dária; esta moça cantava com talento e a sua voz chamava, à noite, a atenção da vizinhança para a sua casa. Em suma, Nastásia mostrava muito boas maneiras, vestia com simplicidade, mas com um gosto perfeito que, com a sua beleza e a sua carruagem, provocava o ciúme de todas as senhoras.

— O incidente extravagante de ontem — deixou escapar Gabriel — foi sem dúvida alguma premeditado e não deve ser tido em consideração. Para achar motivo de censura para a sua conduta, é preciso considerá-la uma bestinha ou recorrer à calúnia; o que, aliás, não tardará a realizar-se.

Esperava que o príncipe lhe perguntasse a razão por que pensava que o acontecimento da véspera fora premeditado e também porque razão não tardaria em recorrer à calúnia. O príncipe porém não fez nenhuma pergunta sobre esses dois pontos.

Gabriel forneceu em seguida novos detalhes sobre o que tinha sucedido ao Eugénio, sem que o príncipe tivesse tentado interrogá-lo; isto era tanto mais estranho, quanto tal assunto surgiu, sem razão de ser, no meio da conversa. Segundo ele. Eugénio não tinha tido antes relações com Nastásia; mesmo nesta ocasião conhecia-a apenas por lhe ter sido apresentada três ou quatro dias antes do passeio. Tinha dúvidas sobre se ele teria ido a casa dela, uma vez só que fosse, em companhia de outras pessoas.

Pelo que dizia com respeito às letras, a coisa não tinha nada de impossível. (Gabriel tinha-a até como certa). Era certo que Eugénio tinha uma grande fortuna, mas «reinava uma certa desordem na administração dos seus bens»... Foi rápido e pouco mais esclareceu sobre este curioso assunto. Além da alusão feita à frase já referida, não voltou a falar sobre a injúria que Nastásia havia proferido na véspera.

Por último Bárbara veio procurar Gabriel e demorou-se em casa do príncipe apenas um minuto, durante o qual se limitou a dizer (sem que lho

tivessem perguntado) que Eugénio passou esse dia e talvez o seguinte em S. Petersburgo e que seu marido (Ivan Ptitsine) ficaria lá também, para tratar igualmente, com certeza, dos assuntos de Eugénio; era evidente que se passava qualquer coisa de extraordinário. Ao partir, acrescentou que a Isabel estava mal-humorada, insuportável mesmo, e que a Aglaé — coisa bem estranha! — se zangara com toda a família, não só com o pai e a mãe, mas também com as duas irmãs; «isto é de facto um mau sinal». Depois de ter dito tudo isto, como se fosse por acaso (o que era para o príncipe da mais alta importância) despediu-se juntamente com o irmão. Sobre a questão do «filho de Pavlistchev», Gabriel não disse uma palavra, ou por fingida modéstia ou para «não lisonjear os sentimentos do príncipe». Este não lhe agradeceu, uma só vez que fosse, todo o trabalho que teve para pôr termo à essa questão.

Encantado por se encontrar enfim só, o príncipe desceu do terraço, atravessou a alameda e embrenhou-se no parque; queria refletir e precisava tomar uma decisão. Ora essa decisão era justamente daquelas que precisam ser executadas logo, porque não resistem à reflexão; sentia um intenso e terrível desejo de os deixar bruscamente, de se ir embora a toda a pressa, sem mesmo dizer adeus a ninguém, e de voltar ao ponto de onde tinha vindo, ir para o isolamento e a solidão. Pressentia que se ficasse em Pavlovsk, nem que fosse apenas por alguns dias, engolfar-se-ia irremediavelmente naquele meio, de que não poderia daí em diante separar-se. Refletindo apenas por dez minutos chegou sem delongas à conclusão de que a fuga era «impossível» e constituiria quase que uma cobardia: os problemas que se lhe apresentavam, eram tais, que não tinha por forma alguma o direito de não os resolver, ou, pele menos, de não lhe dedicar todas as suas forças para lhe encontrar uma solução. Foi pois neste estado de espírito que entrou em casa, tendo somente despendido um quarto de hora neste seu passeio. Nesse momento sentiu-se na verdade infeliz.

Lebedev estava sempre ausente, de maneira que, à noite, Keller conseguiu introduzir-se em casa do príncipe. Não estava bêbado, mas sim com a mania das efusões e das confidências. Declarou logo de entrada que vinha contar-lhe toda a sua vida e que fora com esta intenção que resolvera ficar em Pavlovsk; não teria por esta razão motivo para o pôr na rua, tal como nada haveria neste mundo que o fizesse partir. Quis proferir um longo e desconexo discurso, mas logo às primeiras palavras passou à

conclusão e confessou que havia perdido «toda a sombra da moralidade» (unicamente devido à falta da fé em Deus) até ao ponto de ter chegado a roubar.

— Parece-lhe — disse ele — uma coisa inacreditável, não!

— Ouça, Keller, no seu lugar nunca confessaria isso, a não ser num caso de necessidade absoluta — aconselhou o príncipe. — De resto, é bem possível que intencionalmente se calunie a si próprio.

— Não disse isto a ninguém, a não ser ao senhor, e apenas com o desejo de contribuir para o meu desenvolvimento moral. Não voltarei a falar a ninguém em tal; levarei este meu segredo para o túmulo. Mas, príncipe, se o senhor soubesse, e somente o senhor! o quanto é difícil, na nossa época, arranjar dinheiro! Onde procurá-lo? Permita-me que lhe faça esta pergunta. Encontra-se apenas uma resposta: «tragam-nos ouro e diamantes e por eles tudo emprestaremos». Ouro e diamantes, aquilo que eu justamente não tenho; como se pode admitir isto? Acabei por me zangar e desde esse momento disse: «E em troca de esmeraldas, emprestar-me-ão também dinheiro?» «Sim, em troca de esmeraldas emprestamos também dinheiro». «Muito bem!», disse eu, pondo o chapéu para sair. «Ide para o diabo que vos carregue, minha corja de velhacos!» Foram estas as minhas palavras.

— Tinha algumas esmeraldas?

— Esmeraldas? Ah, príncipe! O senhor vê ainda a vida com uma serenidade e uma ingenuidade que se pode qualificar de pastoral!

O príncipe sentiu mais piedade por Keller do que vergonha pelas suas confidências. Um pensamento lhe atravessou o espírito: «Não poderia fazer qualquer coisa deste homem, exercendo sobre ele uma influência salutar?» Afastou, no entanto, por diversas razões, a ideia de que essa influência pudesse ser sua, não por modéstia, mas devido à sua maneira especial de encarar os factos. Tomaram pouco a pouco tanto interesse em se manterem juntos, que não pensaram mais em se separar. Keller confessou, com uma precipitação extraordinária, factos de tal natureza, que a qualquer homem seria impossível fazê-lo. A cada uma dessas confidências afirmava que se arrependera sinceramente e que o seu coração se mantinha «repleto de lágrimas»; isto porém não o impediu de relatar as suas faltas num tom orgulhoso e algumas vezes de uma maneira tão cómica, que ele e o príncipe acabaram por se rir como uns tolos.

— O essencial — disse por fim o príncipe — é que tem no senhor uma confiança de criança e uma rara franqueza. Sabe que isso é o bastante para lhe perdoarem muitas coisas?

— Tenho uma alma nobre, nobre e cavalheiresca! — confirmou Keller com ternura. — Todavia, príncipe, essa nobreza existe apenas idealmente e por assim dizer num estado latente; não se traduz nunca em factos. Por que razão é isto? Não o posso compreender.

— Não desespere. Agora pode-se dizer, sem receio de errar, que o senhor me fez conhecer a sua existência; pelo menos parece-me impossível acrescentar qualquer coisa ao que me contou. Não é assim verdade?

— Impossível? — exclamou Keller num tom de comiseração. — Oh, príncipe, julga ainda os homens à luz das ideias de um suíço.

— É possível que ainda tenha alguma coisa a acrescentar? — disse o príncipe, meio confuso, meio admirado. — Mas diga-me, Keller, o que espera de mim, fazendo-me essas confidências, e por que razão veio viver para aqui?

— O que espero de si? Primeiro a sua simplicidade de alma e o seu encanto; é agradável passar uns momentos a conversar consigo; sei, pelo menos, que tenho diante de mim um homem de uma virtude intangível. Em segundo lugar… em segundo lugar...

Ficou calado.

— Talvez queira que eu lhe empreste dinheiro? — perguntou o príncipe num tom muito sério e com uma franqueza onde se notava uma ponta de timidez.

Keller estremeceu; olhou o príncipe a direito, com um ar estupefacto, e bateu violentamente com o punho na mesa.

— Aí está a sua maneira de confundir as pessoas! Ah, príncipe!... revela uma ingenuidade e uma inocência tal, como a idade do ouro não conheceu; mas de repente a sua profunda penetração psicológica atravessa um homem como uma flecha. Se mo permite, príncipe, isto precisa de uma explicação, visto que por mim... perco-me por tudo quanto é bondade! É bem verdade que, no fim de contas, a minha intenção era pedir-lhe dinheiro emprestado; contudo fez-me a pergunta como se não visse nisso nada de repreensível, como se se tratasse de uma coisa muito natural...

— Sim, da sua parte era muito natural.

— E isto não o revolta?

— Mas... por que motivo?

— Ouça, príncipe: fiquei em Pavlovsk, desde ontem, em primeiro lugar devido à consideração particular que lenho pelo arcebispo francês, Bourdalone (abriram diversas garrafas em casa de Lebedev, até às três horas da manhã) em seguida e sobretudo (juro-lhe por todos os sinais da cruz que digo a verdade) porque queria fazer-lhe uma confissão geral e sincera no interesse do meu desenvolvimento moral. Foi com este pensamento que eu adormeci, com os olhos cheios de lágrimas, perto das quatro horas da manhã. Acredita agora que seja um homem dotado de nobres sentimentos? No momento em que adormecia, inundado de lágrimas, tanto por dentro, como por fora, (porque enfim, tinha chorado, lembro-me bem!) uma ideia infernal me assaltou: «se no fim de contas me emprestasse dinheiro, depois de me ter confessado a ele?» Foi assim que preparei a minha confissão, tal como um pequeno prato de finas ervas regadas de lágrimas, destinado a lisonjeá-lo e a prepará-lo para um empréstimo de cento e cinquenta *rublos,* Não acha que isto é uma vilania?

— Se deitarmos uma vista de olhos sobre as coisas, elas não se passaram assim: trata-se simplesmente de uma coincidência. Dois pensamentos se cruzaram no seu espírito: é um fenómeno corrente e com o qual estou muito familiarizado. Creio que isto não é nada bom e fique sabendo, Keller, que é a coisa que mais detesto em mim. O que acaba de dizer, posso tomá-lo como sendo para mim. Por vezes mesmo chego a pensar — prosseguiu o príncipe no tom refletido de um homem que se interessa profundamente pelo assunto — que toda a gente era assim, e vejo nisso então um argumento a meu favor, porque nada é mais incomodativo do que reagir contra esses *duplos pensamentos.* Falo por experiência. Deus sabe de onde eles vêm e como surgem! E é a isto que o senhor chama cruelmente uma baixeza! Vou então recomeçar a apreender esse género de fenómeno. Em todo o caso não tenho qualidades para o julgar. Não creio no entanto que a palavra baixeza esteja aqui bem empregada; que pensa disto? Recorreu à astúcia, procurando tirar-me dinheiro com as suas lágrimas, e o senhor próprio jura que a sua confissão tinha ainda um outro fim, um fim nobre e desinteressado. Quanto ao dinheiro, tem necessidade dele para se divertir, não é assim? Isto, depois de uma confissão como a que acaba de fazer, é evidentemente uma fraqueza moral. Mas como renunciar de repente ao hábito de beber? É impossível. Então que fazer? O melhor é deixar isto à apreciação da sua consciência; em que pensa?

O príncipe fitou Keller com um olhar extremamente intrigado. É claro que a questão do desdobramento do pensamento preocupava-o há muito tempo.

— Depois de tais palavras, não encontro explicação como podem chamar-lhe idiota! — exclamou Keller.

O príncipe corou um pouco.

— O pregador Bourdalone não teria salvo um homem, enquanto que o senhor poupou-me e julgou-me humanamente. Para me castigar e para lhe provar que de facto fiquei convencido, renuncio aos cento e cinquenta *rublos*. Contentar-me-ei com vinte e cinco, pelo menos por duas semanas. Não voltarei a pedir-lhe dinheiro antes de quinze dias. Queria dar um presente à Agathe, mas ela não merece nada. Oh, meu caro príncipe, que o Senhor o abençoe!

Nesta altura entrou Lebedev, que regressava de S. Petersburgo. Carregou as sobrancelhas, ao ver a nota de vinte e cinco *rublos* nas mãos do Keller. Mas este, encaminhando-se para o fundo da sala, apressou-se a desaparecer. Lebedev começou logo a dizer mal dele.

— O senhor é injusto. Ele está sinceramente arrependido — observou o príncipe.

— Mas que vale o seu arrependimento? Foi exatamente como o meu ontem à tarde: «sou indigno, sou indigno!» Não passam de simples palavras.

— Ah, não passam de simples palavras? E eu que pensava...

— Então, ouça!... Só a si, só a si direi a verdade, porque sabe penetrar no coração dos homens: em minha» casa as palavras e os atos, a lisonja e a verdade, misturam-se com a mais perfeita espontaneidade. É dizendo a verdade e pelos meus atos que manifesto o meu arrependimento, acredite ou não no que lhe digo; juro-lhe que sou tal como lhe digo; quanto às palavras e às lisonjas provêm-me de um pensamento infernal (que não me deixa o espírito) pelo qual me sinto arrastado a enganar as pessoas e a tirar proveito até mesmo das minhas lágrimas de arrependimento! Dou-lhe a minha palavra que é assim. Não diria isto a outra pessoa, pois rir-se-ia ou escarrar-me-ia com o desgosto; porém o príncipe julgar-me-á humanamente.

— Muito bem! Foi exatamente o que me disse o outro há um instante — informou o príncipe. — Os dois têm o mesmo modo de se vangloriarem. Não me agradou; todavia é mais sincero que o senhor, que

faz da lisonja uma verdadeira profissão. Vamos, sente-se e deixe essa expressão de desolado, Lebedev!... Deixe de pôr a mão sobre o coração. Não tem mais nada para me dizer? Não veio aqui sem motivo!...

Lebedev começou a fazer caretas e a torcer-se todo.

— Esperei-o durante todo o dia para lhe fazer uma pergunta. Não quererá, pela primeira vez na vida, dizer-me uma palavra verdadeira? Teve alguma interferência no incidente de ontem, da carruagem? Diga, sim ou não!?

Lebedev fez novas caretas e contorções, começou a fazer esgares, depois bateu as mãos e por fim acabou por espirrar; porém não se decidiu a pronunciar uma palavra.

— Vejo que sempre teve interferência.

— Oh, apenas de uma maneira indireta!... Estou dizendo a pura verdade. O meu papel nesta questão consistiu em fazer saber, no seu devido tempo, a uma certa pessoa, que havia visitas em minha casa e que entre elas se encontrava tal e tal pessoa.

— Já sei que mandou lá o seu filho; ele próprio mo disse há pouco. Mas que significa esta intriga? — perguntou o príncipe num tom de impaciência.

— Não fiz nada — disse Lebedev com gestos de negação. — Esta intriga foi obra de outras pessoas e é, por assim dizer, mais uma fantasia do que uma intriga...

— Mas de que é que se trata? Explique-se, por amor de Deus! É possível que não compreenda que este assunto me afeta diretamente? Não vê que se procura atingir a reputação do Eugénio?

— Príncipe, meu ilustre príncipe! — exclamou Lebedev recomeçando a contorcer-se. — O senhor não deixa que eu diga toda a verdade; já tentei mais de uma vez expô-la, mas o senhor nunca me deixa continuar...

O príncipe não respondeu e ficou pensativo.

— Seja, diga-me a verdade — proferiu com custo e num tom que deixava adivinhar uma violenta luta íntima.

— Aglaé Ivanovna... — começou logo Lebedev.

— Cale-se, cale-se! — gritou-lhe o príncipe com arrebatamento. Estava vermelho de indignação e talvez também de vergonha. — É impossível. Tudo isso é um absurdo e inventado pelo senhor ou por outros malucos da sua espécie. Proíbo-o de me falar em tal assunto!

— Era perto das onze horas da noite quando o Kolia chegou com um grande número de novidades, umas de S. Petersburgo, outras de Pavlovsk. Contou sumariamente as que soubera em S. Petersburgo (diziam com respeito ao Hipólito e ao incidente da véspera) reservando -se para falar delas mais tarde, tal a pressa que tinha de passar a contar as de Pavlovsk. Tinha chegado de S. Petersburgo três horas antes e, sem vir a casa do príncipe, dirigira-se primeiro a casa dos Epantchine. «É medonho o que se passa em casa deles!» E como razão, como causa primordial do escândalo, era o incidente da carruagem; com certeza porém havia sobrevindo um outro acontecimento, que nem ele nem o príncipe conheciam. «Como deve calcular abstive-me de espiar ou interrogar alguém; receberam-me aliás muito bem, melhor mesmo do que eu esperava, mas não me disseram uma palavra, príncipe, a seu respeito!» Eis a notícia sensacional: a Aglaé acaba de se zangar com os seus por causa do Gabriel. Não se conhecem os detalhes da zanga, mas sabe-se que o Gabriel é a causa (imagine o senhor isto?) A discussão, tendo sido violenta, deve ter tido um motivo sério. O general entrou muito tarde, com um aspeto carrancudo; levou com ele o Eugénio, que foi recebido de braços abertos e se mostrou por isso bem-humorado e afável. Uma novidade ainda mais importante do que esta; a Isabel mandou a Bárbara embora, quando se encontrava junto das filhas, e, sem discussões, proibiu-lhe para sempre a entrada na sua casa; esta proibição foi proferida sob a forma a mais delicada. «Pareço-me com a Bárbara!», acrescentou o Kolia. Quando saiu de casa da esposa do general e disse adeus às pequenas, estas não sabiam que a entrada na sua casa lhe tinha sido para sempre interdita e que ela as deixava também para sempre.

— No entanto Bárbara veio a minha casa às sete horas — disse o príncipe atrapalhado.

— Foi perto das oito horas que a convidaram a não voltar lá mais. Estou com pena da Bárbara e do Gabriel... Com certeza passam a vida a intrigar; é um hábito de que não podem desembaraçar-se. Nunca pude saber o que eles tramavam e por outro lado não tenho nada com isso. Porém asseguro-lhe, meu caro príncipe, que o Gabriel tem bom coração. É um homem perdido sob vários aspetos, contudo possui méritos que vale a pena conhecer e não me desculparei nunca por não lhos ter compreendido há mais tempo... Não sei se deva continuar a frequentar a casa dos Epantchine depois daquilo que se passou com a Bárbara. É verdade que

desde o primeiro dia mantive sempre a minha completa independência e as devidas distâncias; todavia é bom refletir sobre tudo isto.

— Não tem razão em lastimar tanto o seu irmão — observou o príncipe. — Se as coisas chegaram até esse ponto, foi devido ao Gabriel, que se tornou perigoso aos olhos da Isabel; além disso, algumas das suas esperanças confirmam-se,

— Quais esperanças? Que quer o senhor dizer? — exclamou Kolia, estupefacto. — Pensa por acaso que a Aglaé! Não é possível!

O príncipe manteve-se calado.

— O senhor é terrivelmente cético, príncipe — continuou Kolia ao fim de um ou dois minutos. — Observo que, desde há um certo tempo, o domina um ceticismo exagerado; começa a não acreditar em nada e a fazer suposições a propósito de tudo... Dir-me-á: não exagerei, empregando a palavra «cético»?

— Penso que não, se bem que não esteja muito seguro de mim próprio.

— Mas se quer, empregarei outra... Encontrei uma que traduz melhor o meu pensamento! — informou Kolia. — Não é um cético, é um ciumento! Gabriel inspira-lhe um ciúme infernal devido a uma altiva moça.

Em seguida Kolia levantou-se de um salto e começou a rir, como nunca talvez se tivesse rido. A sua hilaridade redobrou quando notou que o príncipe corava. Ficou no entanto encantado ao pensar que este ciúme era devido à Aglaé. Calou-se, logo que viu que a mágoa do príncipe era sincera. Começou então a falar muito seriamente; essa conversa prolongou-se ainda durante uma hora ou hora e meia.

No dia seguinte o príncipe foi a S. Petersburgo, onde um assunto importante o prendeu até ao meio-dia. Na ocasião em que entrava em Pavlovsk, perto das cinco horas, encontrou Ivan na estação. Este agarrou-o rápido pelos braços e, deitando à esquerda e à direita olhares receosos, fê-lo subir para uma carruagem de primeira classe. Sentir-se-ia doente se não lhe contasse um assunto importante.

— Em primeiro lugar, meu caro príncipe, não esteja zangado comigo; se tem alguma coisa contra mim, esqueça-a. Estive ontem quase tentado a passar pela sua casa, mas não sei o que a Isabel ficaria pensando... Em minha casa é um verdadeiro inferno; dir-se-ia que uma esfinge enigmática se instalou debaixo do meu teto; vivo entre aquelas quatro paredes e não compreendo nada. Pelo que lhe diz respeito é, em meu entender, o menos

culpado de todos, ainda que o senhor seja a causa de muitas das complicações. Como sabe, príncipe, a filantropia é uma coisa agradável, mas exagerada, é uma falta. Talvez o senhor mesmo já fizesse a experiência. É fora de dúvida que amo a bondade e estimo a Isabel, mas...

O general falou ainda durante muito tempo neste tom, porém a sua linguagem era deveras desconexa. Via-se que estava alarmado e perturbado, ao mais alto grau, com um fenómeno completamente incompreensível.

— Para mim é fora de dúvida que o senhor é estranho a isto tudo — disse por fim, pondo um pouco mais de clareza nas suas frases. — Entretanto peço-lhe, meu amigo, para não nos visitar durante algum tempo, até que o vento mude. No que diz com respeito ao Eugénio — exclamou com entusiasmo — tudo quanto se conta, não passa de uma absurda calúnia, a calúnia das calúnias! Estamos em presença de uma difamação, de uma intriga, de um plano para nos inquietar e fazer-nos zangar uns com os outros. Ouça, príncipe, e digo-lhe isto aqui só para nós: entre o Eugénio e nós nenhuma palavra foi ainda proferida, compreende? Nada nos diga nesta ocasião. Contudo essa palavra pode ser proferida, pode sê-lo quando menos contarmos, pode sê-lo mesmo de um momento para o outro. É isto que se pretende impedir. Porquê? Com que intenção? Não consigo compreender. Essa mulher é desconcertante, excêntrica; tenho um tal medo, que chego quase a perder o sono. E aquela carruagem, aqueles cavalos brancos... aquilo a que os franceses chamam *chique!* Quem é que lhe proporciona uma tal vida? Palavra que tive outro dia o mau pensamento de suspeitar do Eugénio. Todavia é evidente que não o podemos acusar de tal. Por que razão então procura provocar a desarmonia entre nós? É este o enigma! Para manter junto dela o Eugénio? Repito-lhe e juro-lhe porém que não a conhece e que as letras são uma pura invenção. Foi grande atrevimento o tratá-lo por tu, em plena rua! Foi na verdade um golpe bem estudado! É evidente que devemos repelir esta manobra com desprezo e recobrar a estima que temos pelo Eugénio. Foi isto mesmo que eu disse à Isabel. Agora vou dizer-lhe qual o meu pensamento íntimo: estou profundamente convencido de que pretende vingar-se da minha pessoa, por causa do que se passou há tempos, lembra-se? E no entanto nunca tive relações com ela. Não me perturbo, meu caro, quando penso nela. Nesta altura encontra-se de novo em evidência, quando eu a supunha para sempre desaparecida. O que é que se passou com o Rogojine? Esta

pergunta só a faço a si. Pensava que *ela* se havia tornado desde há muito tempo a senhora Rogojine.

Dentro de pouco o general não sabia a que santo se devia confessar. Durante a uma hora que durou o trajeto, monologou, fazendo a si próprio as perguntas e as respostas, apertando as mãos do príncipe e conseguindo pelo menos convencê-lo de que não sentia nada contra ele. Isto era, para o príncipe, o essencial. Por último falou do tio do Eugénio, que era o chefe de um dos bairros de S. Petersburgo. «É», disse ele, «um septuagenário que ocupa uma posição de relevo; é um pândego e um gastrónomo, bem como um velho ainda vigoroso... Ah, ah!... Sei que ouviu falar da Nastásia e que depois tentou obter dela alguns favores. Fui vê-lo há pouco; não recebe ninguém devido à sua saúde, mas é rico, muito rico; tem uma grande influência e... Deus lhe dê vida ainda por muito tempo! No entanto é o Eugénio que vai herdar toda a sua fortuna... Sim!... sim... mas disso mesmo eu tenho medo... Anda no ar uma nuvem negra que paira sobre nós como um morcego e eu tenho medo, tenho medo.

Capítulo 12

Foi perto das sete horas da tarde, quando o príncipe se preparava para dar o seu passeio pelo parque, que a Isabel surgiu de repente, sozinha, no terraço. Encaminhou-se logo para ele:

— *Primeiramente* — disse ela — devo preveni-lo que não suponha que vim aqui para lhe pedir perdão. Que tolice!... Todas as razões são a seu favor.

O príncipe nada respondeu.

— É culpado ou não?

— Nem mais nem menos do que a senhora. Aliás, nem a senhora nem eu pecámos com intenção. Há três dias julgava-me de facto culpado. Agora, refletindo melhor, reconheço que me esganei.

— Ah, é assim que pensa! Está bem. Então sente-se e ouça, pois não tenho a intenção de fazer a romaria de pé.

Os dois sentaram-se.

— *Em segundo lugar* nem uma palavra a respeito desses grandes patifes. Tenho apenas dez minutos para falar consigo; vim aqui para me dar uma informação (o senhor acredita Deus sabe em quê) e se proferir uma palavra sobre esses impudentes vadios, levanto-me e vou-me embora. Nada mais haverá entre nós.

— Está bem — respondeu o príncipe.

— Permita-me que lhe faça uma pergunta: mandou uma carta à Aglaé, há dois ou dois meses e meio, nas proximidades da Páscoa?

— Sim... mandei.

— A propósito de quê? Que dizia nessa carta? Mostre-ma?

Os olhos de Isabel cintilavam e estremeciam de impaciência.

— Não tenho essa carta — respondeu o príncipe admirado e deveras assustado. — Se existe ainda, é a Aglaé que a tem...

— Nada de subterfúgios!... Que lhe escreveu?

— Não me sirvo de subterfúgios e não tenho nada a temer. Não vejo razão por que não me seja permitido escrever-lhe.

— Cale-se! O senhor falará depois. Que dizia nessa carta? Porque está a chorar?

O príncipe refletiu um momento.

— Desconheço as suas ideias. Noto apenas que essa carta lhe desagrada bastante. Deve concordar que eu podia recusar-me a responder à sua pergunta. Porém, para lhe provar que nada temo sobre o assunto dessa carta e que não me lastimo nem choro por a ter escrito — ao dizer isto o príncipe tornou-se muitíssimo mais corado — vou dizer-lha, porque creio saber de cor o seu conteúdo.

E o príncipe repetiu, quase palavra por palavra, o texto da carta.

— Que embrulhada!... Que significam todas essas tolices? — perguntou ela num tom severo, pois tinha ouvido a carta com a maior atenção.

— Nem eu próprio sei muito bem; o que sei dizer-lhe é que o meu sentimento era sincero. Tinha nessa altura momentos de vida intensa e as maiores esperanças.

— Quais esperanças?

— É-me difícil explicar, mas não é nada daquilo em que pensa neste momento. Essas esperanças... numa palavra, reportam-se ao futuro e à alegria de pensar que talvez *lá* não fosse considerado um estranho. Sentia-me feliz por ter voltado à minha Pátria. Numa manhã cheia de sol, peguei na pena e escrevi-lhe essa carta. Porque razão foi a ela que eu escrevi? Não sei. Há por vezes momentos que pretendemos ter um amigo perto de nós; foi sem dúvida esse sentimento que me guiou — acrescentou o príncipe, depois de uma pausa.

— O senhor ama-a?

— Meu Deus, não!... Eu... eu escrevi-lhe como a uma irmã. Assinei mesmo com o nome de irmão.

— Hum!... bem imaginado!... compreendo!...

— É-me penoso, minha senhora, responder a tais perguntas.

— Eu sei, mas isso é-me completamente indiferente. Ouça: diga-me a verdade como se falasse diante de Deus: mente ou não mente?

— Não minto.

— Disse-me a verdade, quando afirmou que não a ama?

— Parece-me que é absolutamente verdade.

— Ah, parece-lhe! Foi o garoto que lhe levou a carta?

— Pedi a Nicolau Ardalionovitch para...

— O garoto, o garoto! — interrompeu, toda colérica, Isabel. — Não conheço o Nicolau Ardalionovitch. É o garoto I

— Nicolau Ardalionovitch...

— O garoto, digo eu...

— Não, não é um garoto, é o Nicolau Ardalionovitch — replicou o príncipe sem elevar a voz, mas num tom firme.

— Bem, bem!... Isto vai bem, meu rapaz! Pagar-lhe-ei na mesma moeda!

Conteve a sua comoção durante um minuto para retomar fôlego.

— E que significa «o cavaleiro pobre»?

— Não me lembra. Isso passou-se na minha ausência. É com certeza alguma brincadeira.

— É encantador apreender assim tudo isto de repente!... Mas será possível que ela se interesse por si? Ela própria o chamou «pequeno aborto» e «idiota».

— Podia dispensar-se de mo dizer — observou o príncipe num tom de censura e quase em voz baixa.

— Não se zangue. É uma moça autoritária, uma cabeça no ar, uma menina bonita. Se se apaixonar por alguém, há de tratá-lo mal em público, rir-se-á dele na sua própria cara. Eu também fui assim. Por tudo lhe peço que não cante vitória; não é para si, meu rapaz, não quero acreditar; tal não se dará nunca! Digo-lhe isto para que possa desde já tomar outro rumo. Ouça: jura-me que não casa com a *outra?*

— Que disse, Isabel? — exclamou o príncipe, num sobressalto de espanto.

— Mas não esteve quase para casar com ela?

— Estive quase para casar com ela, de facto — murmurou o príncipe, curvando a cabeça.

— Então é por *ela* que está apaixonado? Veio aqui por causa *dela,* por causa *dessa mulher?*

— Não foi para a desposar que vim aqui — objetou o príncipe.

— Há neste mundo alguma coisa sagrada para si?

— Há.

— Jura por essa coisa que não veio aqui para casar com *essa mulher?*

— Juro-o por tudo quanto queira.

— Acredito em si. Dê-me um abraço. Até que enfim respiro livremente. Porém fique sabendo que a Aglaé não o ama; tome portanto as

suas disposições de acordo com isto; ela não será nunca sua mulher, pelo menos enquanto eu viver. Está a ouvir?

— Ouvi.

O príncipe tornou-se tão vermelho que não pôde olhar para Isabel frente a frente.

— Fixe bem isto. Esperava-o como à Providência (não merecia nada isto!) e por isso, de noite, inundei o travesseiro com lágrimas. Oh, não foi por sua causa, asseguro-lhe, meu bom amigo!... Tenho um outro desgosto, que é eternamente o mesmo. Foi esta a razão porque o ouvi com tanta impaciência; creio ainda que foi Deus que o guiou até mim, como um amigo e um irmão» Não tenho junto de mim ninguém, salvo a velha Bielokonski, e essa mesmo vai embora; aliás, à medida que envelhece, vai-se tornando teimosa como um carneiro. Agora responda-me apenas por um *sim* ou por um *não.* Sabe por que motivo é que *ela* proferiu outro dia aquela frase do fundo da carruagem?

— Dou-lhe a minha palavra de honra que não compreendi nada e não sei nada.

— Basta! Acredito no que diz. Para agora tenho uma outra opinião a tal respeito, mas ainda ontem de manhã julgava o Eugénio responsável por tudo quanto se passou. Mantive essa opinião durante todo o dia de anteontem e toda a manhã de ontem. Agora terminei por me submeter à sua opinião: no entanto é evidente que zombou dele como um pateta!... Como, porquê, e para que fim? O gesto, em si, é já suspeito e desonesto. Em todo o caso não desposará a Aglaé, sou eu que lho digo! É de facto um excelente rapaz, não digo menos disso. Já antes deste incidente eu andava hesitante; agora o meu juízo está formado» «Deite-me primeiro no caixão e enterre-me; depois disto pode casar com a minha filha». Foi isto que disse ainda hoje ao Ivan, refletindo bem nas minhas palavras. Vê portanto que confiança deposito em si? Está vendo?

— Vejo e compreendo.

Isabel fixou no príncipe um olhar penetrante; talvez desejasse conhecer qual a impressão nele produzida com o que acabava de dizer a respeito de Eugénio.

— Não sabe nada do Gabriel?

— Falando melhor… sei muitas coisas.

— Já sabe que mantém relações com a Aglaé?

— Ignorava-o em absoluto — respondeu o príncipe com um movimento de surpresa. — Porque é que diz que o Gabriel mantém relações com a Aglaé? É impossível.

— Oh, foi há pouco tempo. Foi a irmã dele que durante todo o inverno serviu de intermediária. Trabalhou como um rato...

— Não acredito — repetiu com convicção o príncipe, que ficou um momento pensativo e perturbado. — Se é assim, sabê-lo-ei dentro em pouco.

— Acredita talvez que vinha confessar-lho, chorando junto do seu peito? Que inocente que o senhor é! Toda a gente o engana como um… como um... E não tem vergonha de lhe conceder a sua confiança? Não vê que zomba de si em toda a linha?

— Sei muito bem que me engana algumas vezes — disse o príncipe a meia voz e não sem uma certa repugnância. — E ele não ignora que eu o sei...

Não concluiu o seu pensamento.

— Assim, ele sabe-o e continua a manter-se confiante! Não faltava mais nada! Aliás, o que é que se pode esperar de si? E eu que ainda me admiro. Divina bondade! Não existem dois como o senhor. Irra! Sabe que esse Gabriel e essa Bárbara levaram-na a relacionar-se com a Nastásia?

— A quem? — exclamou o príncipe.

— À Aglaé.

— Não acredito. Não é possível. Com que fim?

E levantou-se de um salto.

— Eu também não acredito, ainda que me mostrem provas. É uma moça caprichosa, fantástica, leviana!... É uma moça má, má e má! Repetirei durante mil anos que é de facto má! As minhas filhas são todas agora como esta, mesmo essa maricas da Alexandra. Libertou-se ainda há pouco do meu domínio. Todavia não posso nem quero acreditar. Talvez porque não o quero acreditar... — acrescentou ela, como num aparte. Em seguida interpelou bruscamente o príncipe: — Por que motivo não veio? Por que razão ficou três dias sem vir? — repetiu num tom de impaciência.

O príncipe começou a enumerar as suas razões; porém ela interrompeu-o novamente:

— Toda a gente o toma por um imbecil e o engana! Esteve ontem na cidade, Aposto que se foi pôr de joelhos diante desse espertalhão para lhe suplicar que aceitasse os seus dez mil *rublos!*

— Por maneira nenhuma; não tive nunca tal ideia. Não o vi, e além disso não é um espertalhão. Recebi um bilhete dele.

— Mostre-mo!

O príncipe tirou da pasta um bilhete, que entregou à Isabel. Este dizia assim:

Senhor,

Não tenho, certamente, aos olhos do mundo, o menor direito de mostrar que possuo amor-próprio. O mundo considera-me como muito insignificante para isso. No entanto a maneira de ver de toda a gente não é a sua. Estou convencido, senhor, que vale talvez mais do que os outros. Não partilho a opinião de Doktorenko e afasto-me dele neste assunto. Jamais aceitarei um kopek seu; o senhor socorreu minha mãe e eu estou-lhe, por esse facto, muito reconhecido, ainda que isto seja, no entender dos outros, uma fraqueza. Em todo o caso mudei a opinião que tinha a seu respeito e creio que é meu dever avisá-lo. Desde sempre presumi que não seria possível haver entre nós quaisquer relações.

Antipe Bourdovski

P. S. — O dinheiro que falta para completar os duzentos rublos que lhe devo ser-lhe-ão entregues em seu devido tempo.

— Que estupidez! — concluiu Isabel, deitando fora o bilhete. — Isto não merece que se perca tempo a lê-lo. De que se ri?

— Concorde que essa leitura lhe deu algum prazer.

— Como? Prazer em ler estas pretensiosas imbecilidades? Não vê que todas estas pessoas estão desvairadas pelo orgulho e pela vaidade?

— Sem dúvida. Mas apesar disso reconheceu os seus erros e cortou as relações com o Doktorenko; isto custou-lhe tanto mais, quanto maior for a sua vaidade. Oh, que criança que a senhora parece ser!

— O senhor está a pedir que lhe dê uma bofetada, não?

— Não, não desejo nada disso. Constato apenas que tenta ocultar a satisfação que a leitura deste bilhete lhe causou. Porque tem vergonha em revelar os seus sentimentos? A senhora é sempre assim...

— Não ponha mais, daqui para o futuro, os pés em minha casa — gritou Isabel, levantando-se, pálida de cólera. — Que nem a ponta do seu nariz apareça à entrada da minha porta!

— Dentro de três dias há de ser a senhora mesmo que me há de vir procurar... Vamos, porque é que tem vergonha? São os seus melhores sentimentos que a fazem corar!... Porquê?... Com isso só consegue tornar maior o seu sofrimento.

— Ainda que esteja na hora da minha morte não o chamarei. Esquecerei o seu nome. Já o esqueci mesmo.

E afastou-se, apressada, do príncipe.

— Antes da senhora, já outra pessoa me proibiu de a ir ver — gritou-lhe o príncipe.

— Quem?... Quem é que o proibiu?

Deu bruscamente meia volta, como se a tivessem picado com uma agulha. O príncipe hesitou em responder, sentindo que havia falado impensadamente.

— Quem é que o proibiu? — vociferou a Isabel fora de si.

— Foi a Aglaé que me proibiu...

— Quando foi isso? Diga, diga depressa!

— Esta manhã fez-me saber que não devia mais pôr os pés em sua casa.

Isabel ficou como que estupefacta; só instantes depois começou a refletir.

— Como!... Por quem é que ela mandou dizer isso? Pelo garoto? Ou veio pessoalmente? — perguntou rápida.

— Mandou-me um bilhete — disse o príncipe.

— Onde o tem? Dê-mo... depressa!

O príncipe, depois de ter pensado um instante, tirou do bolso do colete um pequeno pedaço de papel, onde estava escrito o seguinte:

Príncipe León,

Se depois de tudo quanto se passou, tem a intenção de me arreliar, vindo ver-me a nossa casa, fique certo de que não sou daquelas que sentirão prazer com a sua visita.

Aglaé Epantchine.

Isabel ficou um momento pensativa; depois, correndo para o príncipe, agarrou-o pela mão e arrastou-o com ela.

— Depressa! Venha! Neste instante mesmo! — exclamou ela, dominada por uma agitação e uma impaciência extremas.

— Mas vai sujeitar-me a...

— A quê? Que inocente! Que ingénuo!... Chega-se a acreditar que não é um homem!... Vamos, pois quero certificar-me com os meus próprios olhos...

— Deixe-me ao menos pegar no chapéu.

— Aqui o tem, a este sujo chapéu. Vamos!... É bem triste que não tenha escolhido um com mais gosto! Escreveu isto... escreveu isto depois da cena que houve... enquanto estava irritada — balbuciou Isabel, arrastando o príncipe atrás dela, sem o deixar um segundo. — Primeiro tomei o seu partido e disse em voz alta que era um imbecil se não viesse... Se não fosse isto, não teria escrito esse bilhete tão tolo, esse bilhete tão inconveniente! Inconveniente, da parte de uma jovem bem-educada, nobre, inteligente... sim, inteligente!... Hum — continuou ela — talvez também esteja despeitada por o senhor não ter ido. É possível... mas não pensou que não se escreve assim a um idiota, que toma tudo ao pé da letra, como de facto aconteceu ... Por que é todo ouvidos? — perguntou ela, apercebendo-se que havia falado de mais. — Precisa de um bobo como o senhor; há muito tempo que não tem tido nenhum; eis a razão por que o procura!... Estou encantada, oh, mais!... estou encantada com a ideia de que ela vai metê-lo a ridículo!... Não a apanha em falso! É hábil nesse jogo... oh, se é!

Parte 3

Capítulo 1

Deplora-se a cada momento, entre nós, a falta de pessoas práticas: diz-se que há, por exemplo, um excesso de homens políticos; que há igualmente muitos generais; que ao necessitarmos de gerentes de empresas, qualquer que seja o número, os podemos encontrar imediatamente em todos os géneros; porém pessoas práticas não encontramos uma. Pelo menos todos se lamentam que não as encontram. Pode-se até assegurar que nalgumas linhas de caminho de ferro os empregados competentes são tão poucos para as exigências do serviço, que se pode dizer que faltam por completo; afirma-se que é absolutamente impossível a uma companhia qualquer de transportes dispor de um pessoal técnico sofrível. Assim, sabe-se que numa linha, há pouco ainda aberta ao trânsito, os vagões chocaram-se, enfiando uns nos outros, ou voltando-se de rodado para o ar, ao passarem em certo ponto; assim, escreveu-se também que um comboio ficou retido, devido a uma avaria, no meio de um campo coberto de neve, de onde foi impossível retirá-lo durante o inverno, de forma que os viajantes, pensando ausentar-se apenas por algumas horas, ficaram prisioneiros da neve durante cinco dias; assim, conta-se também que alguns milhares de quilos de mercadorias apodreceram numa praça, durante dois ou três meses, à espera que alguém tomasse providências; por outro lado diz-se (e a custo se acredita) que um administrador, isto é, um fator, teria, à maneira de resposta, dado uma bofetada no caixeiro de um comerciante, porque o instava a despachar-lhe depressa as suas mercadorias, e que, intimado a explicar este seu gesto, declarara muito simplesmente ter-se exaltado. As secretarias são tantas é tantas nos diversos serviços do Estado, que até estremecemos só ao pensar nisso; toda a gente serviu para o serviço, serve e conta ainda servir; não parece portanto inacreditável que, num tal viveiro de funcionários, não se possa escolher uma pessoa competente para uma sociedade de transportes?

A esta pergunta dá-se algumas vezes uma resposta excessivamente simples — e tão simples mesmo, que se aceita sem discussão. Diz-se: é certo que toda a gente serviu e serve ainda no nosso país; isto dura com

efeito há duzentos anos, desde o trisavô até ao bisneto, à imitação do melhor dos exemplos dados pelos alemães. Todavia são precisamente as pessoas corruptas nos seus serviços, as menos práticas; a tal ponto, que o espírito de abstração e a falta de conhecimentos práticos eram considerados até há pouco ainda, mesmo entre os funcionários, como uma virtude eminente e um título de recomendação.

De resto, para que falar dos funcionários, se no fundo só temos em vista as pessoas práticas em geral? Sob este ponto, a questão é ainda mais estranha: a pusilanimidade e a completa ausência de iniciativa pessoal foram sempre consideradas entre nós como o principal e melhor sinal pelo qual reconhecemos o homem prático; mesmo nos tempos que decorrem não se pensa de outra maneira. Mas porque é que nos mostramos agastados, se muitas vezes não há nisto agravo? A falta de originalidade tem sido considerada, em todos os tempos e em todos os países, como a primeira qualidade e o mais seguro indício de um indivíduo capaz, apto para o trabalho e dotado de um senso prático; pelo menos 99% dos homens (a grosso modo) sempre pensaram assim, e 1%, o máximo, sempre pensaram, e pensam ainda, de outra maneira.

Os inventores e os génios são quase sempre olhados pela sociedade, até final da sua carreira (e muitas vezes até depois da sua morte) como perfeitos imbecis; esta observação é tão banal, que se tornou um lugar comum. Assim, por exemplo, durante dezenas de anos, toda a gente depositou o seu dinheiro no Lombard, onde se acumularam milhões, a 4%; no dia em que o Lombard deixou de funcionar e cada um se viu circunscrito à sua própria iniciativa, a maior parte desses milhões volatilizaram-se inevitavelmente entre as mãos dos velhacos, numa febre de especulações, como sendo um resultado lógico das conveniências e dos bons costumes. E digo «bons costumes» porque, desde o momento que uma timidez de bom quilate e uma falta pertinente de originalidade passaram até aqui, na nossa sociedade e segundo a convicção geral, por uma qualidade inerente a todo o homem sério e digno do máximo respeito, teria sido uma extrema incoerência, e até mesmo uma incongruência, o mudar subitamente de maneira de ser.

Qual é por exemplo a mãe que, por ternura para com os filhos, não se admira de ficar doente, ao ver o filho ou a filha sair, por pouco que seja, do caminho do dever? «Ah, não, nada de originalidade! Gosto muito mais que seja feliz e viva com desafogo», pensa qualquer mãe ao acariciar o

filho. Segundo a nossa maneira de ver têm embalado os filhos, desde os tempos mais remotos, com o eterno estribilho: «Ver-te-ás rodeado de ouro e tornar-te-ás num general!» Elas próprias têm assim considerado o título de general como a extrema honra da felicidade russa; isto quer dizer que este grau passou por ser o ideal nacional mais popular e o símbolo de uma encantadora e sossegada felicidade. E de facto, qual foi, na Rússia, o homem que não ambicionou atingir um dia o lugar de general e acumular um certo pecúlio no Lombard, por pouco que tivesse feito, uns após outros, nos exames requeridos e servido o Estado durante trinta e cinco anos? É assim que o russo acaba por adquirir, quase sem esforço, a reputação de um homem capaz e prático. No fundo há apenas uma categoria de homens na Rússia que não podem chegar ao generalato; são os espíritos originais, ou por outras palavras, os irrequietos. Talvez exista neste ponto um mal-entendido; porém, de uma maneira geral, esta constatação parece exata e a sociedade russa está perfeitamente conformada ao definir assim o seu ideal de homem prático. Sem querer, no entanto, afastámo-nos do nosso fim, que era prestar alguns esclarecimentos sobre a família dos Epantchine.

Os Epantchine, ou pelo menos os membros da família que mais se entregavam à reflexão, possuíam um traço comum, que era precisamente o oposto às qualidades que acabamos de citar. Sem tomarem completamente conhecimento do facto (aliás difícil de atingir), suspeitavam às vezes que as coisas não corriam em sua casa como em casa das outras pessoas. A vida sem dificuldade para os outros, era para eles eriçada de espinhos; todos os outros deslizavam como se fossem sobre carris, eles descarrilavam a cada instante. Em casa dos outros reinava uma pusilanimidade digna de apreço; em casa deles era absolutamente o contrário. Isabel Prokofievna estava, na verdade dominada por apreensões exageradas, mas que não tinham nada de comum com essa decente timidez social, cuja ausência as preocupava. Talvez, de resto, fosse a única a causar-lhe um certo mau humor. As pequenas, se bem que ainda muito novas, eram já dotadas de um espírito revolucionário muito perspicaz; quanto ao general, atingia o fundo das coisas (não sem uma certa lentidão), mas, nos casos embaraçosos, limitava-se a exclamar: «Hum» e acabava por confiar em absoluto na Isabel, se bem que toda a responsabilidade recaísse sobre ele.

Não se podia no entanto dizer que esta família se distinguisse de qualquer forma por uma iniciativa própria, nem que se deixasse arrastar por uma inclinação consciente de originalidade, o que seria o máximo das inconveniências. Oh! não!... Não havia nela de facto nada de parecido, nada que revelasse da sua parte uma premeditação; e no entanto, para dizermos tudo, esta família, por mais respeitável que fosse, não era tal como devia ser, para corresponder à definição corrente de família respeitável. Nos últimos tempos Isabel convencera-se ter descoberto que era ela apenas e o seu «desgraçado» caráter a causa dessa anomalia, e esta descoberta só contribuíra para tornar maiores os seus tormentos. Maldizia a cada instante a sua «louca e inconveniente extravagância»; e angustiada pela desconfiança, ficava desorientada, não encontrava solução para as mais pequenas complicações, quando não as tornava ainda maiores.

Desde o início desta nossa narrativa dissemos que os Epantchine disfrutavam de uma consideração geral e afetiva. O próprio general, apesar da sua origem humilde, era recebido em toda a parte com uma indubitável deferência. Aliás era merecedor dessa deferência, primeiro, porque não fora o «primeiro a aparecer» e tinha fortuna; segundo porque era um homem gentil e dado, sem ter para isso inventado a pólvora. Porém um espírito um tanto rude é, segundo parece, uma qualidade indispensável, se não a todos os homens envolvidos em negócios, pelo menos a todo o aventureiro sério. Enfim, tinha boas maneiras, era modesto e sabia calar-se, sem no entanto deixar que o calcassem; não atendia apenas à sua posição, mas sim se comportava como um homem dotado de bom coração. E, o que é mais, era muitíssimo protegido.

Quanto a Isabel, descendia, como dissemos já, de uma boa família. Não se atende muito no nosso país ao nascimento, se não vem acompanhado das indispensáveis relações; essas relações conseguiu tê-las também. Respeitavam-na e havia conseguido captar a afeição daquelas pessoas que pela sua posição deviam necessariamente de contribuir para que a respeitassem e recebessem bem. É supérfluo acrescentar que os seus desgostos de família não tinham base alguma, ou reportavam-se a causas insignificantes e ridiculamente exageradas. É verdade que quando algum de nós tem uma espinha no nariz ou no rosto, logo imagina que toda a gente a descobre e olha para ela, que se riem, que criticam, ainda mesmo que tivéssemos descoberto a América. Não há a menor dúvida que na sociedade Isabel passava, na verdade, por uma «original», sem que no

entanto isso diminuísse no quer que fosse o respeito que tinha por ela; ela, porém, começou a duvidar desse respeito, o que se tornou a causa da sua infelicidade. Quando olhava para as filhas, pensava com amargura que o seu caráter ridículo, inconveniente e insuportável contribuía de qualquer maneira para que não se casassem; e, em boa lógica, era com elas e com o Ivan que se agastava, questionando com eles durante dias inteiros, sem deixar todavia de os amar até à abnegação, quase até à paixão.

Vivia sobretudo atormentada ao pensar que também as filhas, tal como ela, se tornavam «originais» e não existiam nem deviam existir no mundo moças como elas. «São umas verdadeiras niilistas em embrião!», repetia ela a propósito de qualquer coisa. Desde há um ano, e sobretudo nos últimos tempos, este triste pensamento enraizou-se cada vez mais fundo no seu espírito. «E então porque não se casam?», perguntava a si mesma. «É para atormentar a sua mãe; é esse o fim da sua existência; aliás, nada disto é de admirar; são a consequência das novas ideias e sobretudo dessa maldita questão feminista! A Aglaé não pensou, há seis meses, cortar a sua magnífica cabeleira? (Meu Deus!... não havia no seu tempo uma tão bela como a dela!) Tinha já as tesouras na mão; foi preciso suplicar-lhe de joelhos para que renunciasse a essa loucura!... E ainda!... admitindo que a quis cortar apenas por malícia, nada podia fazer de melhor para irritar sua mãe, isto porque é uma filha má, voluntariosa, mal-educada, mas sobretudo má, sim, má!... E a minha corpulenta Alexandra não esteve quase para a imitar e cortar também os cabelos? Nela, porém, não era a malícia nem o capricho que a tal a levavam, mas sim a simplicidade; a Aglaé fez crer a esta tola que, cortando rente os cabelos, dormiria melhor e não teria dores de cabeça! E Deus sabe quantos bons partidos se lhe apresentaram desde os cinco anos! Teve alguns que eram verdadeiramente bons, mesmo magníficos! Que esperam elas e porque é que não se casam, se não pretendem irritar a sua mãe? Não têm, em absoluto, nenhuma outra razão!»

Mas eis que surge enfim um dia feliz para o seu coração de mãe: uma das suas filhas, Adelaide, afirmava-se que ia casar. «Um encargo a menos!», dizia ela, sempre que tinha ocasião de falar com alguém (mas no seu foro íntimo proferia frases muito mais ternas). O casamento fora bem combinado e era muito conveniente. Mesmo os estranhos haviam falado nele com consideração. O pretendente era um homem conhecido, um príncipe; tinha fortuna, um bom caráter e, além disso, havia conquistado a

sua simpatia; que mais se podia desejar? De resto, o futuro de Adelaide inspirara-lhe sempre menos apreensões que o das outras filhas, se bem que os gostos artísticos da segunda filha tivessem por vezes provocado uma perturbação profunda no seu coração, torturado por uma perpétua dúvida. «Em compensação está sempre bem disposta e tem bastante bom senso; deve por isso conseguir o que pretender!» concluía ela à maneira de consolação.

Era sobretudo Aglaé que ela receava. Por Alexandra, a mais velha, não sabia ao certo se devia ou não inquietar-se. Até aqui parecera-lhe que «esta filha não tinha futuro»; tinha vinte e cinco anos e ficaria solteira. «É bonita, como só ela!» Ia até ao ponto de chorar durante noites inteiras a pensar em Alexandra, enquanto esta passava essas mesmas noites a dormir de um só sono e o mais sossegada possível. «Mas quem é ela no fim de contas? Uma niilista ou simplesmente uma tola?» Que ela não era tola, Isabel sabia-o muito bem, pois acatava os seus conselhos e consultava-a por sua livre vontade. Porém o que não havia dúvida, é que era uma pessoa timorata: «É tão calma, que nada há que a possa irritar! Todavia há também pessoas timoratas a quem falta a calma. Ah, fazem-me perder a cabeça!» Sentia por Alexandra um sentimento de ternura e de indefinível compaixão, mais vivo mesmo que aquele que lhe inspirava Aglaé, que era contudo o seu ídolo. No entanto os seus gestos coléricos (que eram a principal manifestação da sua solicitude maternal e da sua afeição) assim como as suas apóstrofes mortificantes, como aquela da «pessoa timorata», não tinham outro efeito, que não fosse fazer sorrir Alexandra.

Algumas vezes as coisas mais fúteis exasperavam-na e punham-na fora de si. Por exemplo: Alexandra gostava de dormir muito tempo e tinha em geral muitos sonhos; esses sonhos, porém, eram dominados sempre por qualquer coisa sem importância; eram tão inocentes como os de uma criança de sete anos; ora essa sua inocência irritava, não se sabe bem porquê, a mãe. Um dia viu num sonho nove galinhas; disto resultou uma verdadeira arrelia entre ela e a mãe. Por que razão? Seria muito difícil dizê-lo. Uma vez, uma única vez, teve um sonho bastante original; descobriu um frade numa espécie de quarto escuro, onde teve medo de entrar; as duas irmãs riram-se muito deste sonho e apressaram-se a ir contá-lo, com grande alarido, a Isabel. A mãe zangou-se mais uma vez e tratou-as a todas de «estúpidas». Pensou depois com ela: «Hum, é apática como um animal; é de facto uma «pessoa timorata»; é impossível torná-la

esperta. Depois, é triste; o seu olhar vela-se algumas vezes de uma certa melancolia. De onde provirá aquele seu desgosto?» Algumas vezes fez esta pergunta a Ivan Fiodorovitch; fez-lha, conforme seu hábito, com um ar feroz e num tom ameaçador, que exigia uma resposta imediata. O general resmungou: «Hum! hum!», franziu as sobrancelhas, encolheu os ombros e acabou por declarar, abrindo os braços:

— Precisa mas é de um marido!

— Deus queira, pelo menos, que não seja como tu! — replicou Isabel, num tom forte como uma bomba. — Oxalá que não se pareça contigo, nem nos ensinamentos, nem nas apreciações!... Sabes que mais? Que não seja um simplório como tu, Ivan!...

O general tratou logo de se afastar e a Isabel acalmou após esta sua explosão. Bem entendido, na tarde desse mesmo dia não deixou de se mostrar de uma amabilidade fora do costume; testemunhava toda a sua ternura, toda a sua afabilidade e deferência ao seu Ivan, ao seu «simplório» Ivan, ao seu bondoso, ao seu querido e ao seu adorável Ivan! Havia-o amado toda a sua vida, amado com um grande amor, o que ele sabia muito bem, pelo que lhe manifestava sempre uma consideração sem limites.

Porém o principal, o constante tormento desta, era Aglaé.

«É tal e qual como eu. É o, meu retrato vivo, sem lhe faltar nada», dizia ela. «É um pequeno demónio autoritário! Niilista, extravagante cabeça no ar e má, má, muito má!... Oh, meu Deus, como será desgraçada!»

Entretanto o sol havia-se levantado no horizonte e, como dissemos, tudo se tinha suavizado e aclarado, pelo menos por momentos. Houve na vida da Isabel quase um mês inteiro durante o qual se reconfortou de todas as suas angústias. A propósito do próximo casamento de Adelaide, começou também na sociedade a falar-se de Aglaé. Esta comportava-se porém em toda a parte muito gentilmente. Tinha tanto tato como espírito; o seu arzinho conquistador, realçado por um certo ponto de orgulho, ficava-lhe muito bem!... Depois desse grande mês mostrou-se tão carinhosa e amável com sua mãe! («Na verdade, é preciso examinar bem esse Eugénio. É preciso compreendê-lo. Por outro lado a Aglaé não parece conceder-lhe mais atenção que aos outros!») Mas ela tornou-se então uma moça tão encantadora e tão bonita! «Ah, meu Deus, como ela é bonita! Torna-se dia a dia cada vez mais bonita! E assim…»

Assim, bastou que esse malévolo príncipe, esse pobre idiota aparecesse, para que tudo de novo se alterasse e, por assim dizer, lhe voltasse a casa de pernas para o ar!

Que se teria então passado?

Para outra qualquer pessoa, que não fosse a Isabel, absolutamente nada. Entretanto a singularidade de tudo isto consiste precisamente no seguinte; a combinação e o encadeamento dos acontecimentos, os mais insignificantes, causavam no seu espírito, sempre inquieto, pavores, tanto mais tormentosos, quanto mais imaginários e mais inexplicáveis fossem. Ficava muitas vezes doente. Pode-se calcular o quanto devia sentir, quando no meio de um sem número de ridículos e quiméricos alarmes, surgia um incidente que parecia revestir-se de uma real gravidade e justificava na verdade a sua perturbação, a sua dúvida e a sua desconfiança.

«Mas como se atreveram a escrever-me essa maldita carta anónima, onde afirmam que essa *criatura* tem relações com a Aglaé?», pensou Isabel, durante o longo percurso, levando o príncipe a seu lado, e depois em sua casa, quando o fez sentar à sua mesa, à volta da qual estava reunida toda a família. «Como puderam ter mesmo tal ideia? Morreria de vergonha se acreditasse numa única das suas palavras, ou se mostrasse essa carta à Aglaé! Zombarem assim de nós, os Epantchine! E tudo isto por causa do Ivan; tudo isto por tua causa, Ivan! Ah, porque não fomos nós viver para a nossa casa de Iélaguine? Eu bem disse que devíamos ir para Iélaguine! Foi talvez a Bárbara que escreveu essa carta; sim, eu sei, ou melhor, talvez!... Tudo isto por causa do procedimento do Ivan. Essa criatura pensou pregar-lhe uma partida, como recordação de velhas relações e para o colocar numa posição ridícula; isto lembra o tempo em que lhe trazia pérolas, enquanto ela zombava dele e lhe puxava pela ponta do nariz como a um imbecil... Mas, no fim de contas, todos nós estamos também comprometidos; sim, Ivan, estão também comprometidas as tuas filhas, as melhores moças da nossa sociedade e que estão para casar; estavam presentes, encontravam-se lá, ouviram tudo, foram mesmo envolvidas nas histórias desses vadios! Deves estar contente, não?! Estavam lá também e ouviram tudo. Não perdoarei nunca a esse miserável príncipe! Nunca lhe perdoarei! E porque razão anda a Aglaé tão nervosa há três dias? Porque está ela meia zangada com as irmãs, mesmo com a Alexandra, a quem sempre beijava as mãos, como se fosse sua mãe, tanto

ela a estimava? Porque apresenta há três dias enigmas a toda a gente? Que vem fazer aqui o Gabriel? Por que motivo, ontem e hoje, se pôs a fazer o seu elogio e a soluçar em altos gritos? Porque é que o bilhete anónimo fala desse maldito «cavaleiro pobre», quando nem sequer mostrou mesmo às irmãs a carta que o príncipe lhe mandou? E porque... fui eu a casa dele, numa corrida como uma tola, e o trouxe depois comigo para aqui? Meu Deus, perdi a cabeça!... Que acabo eu de fazer? Como pude eu falar com tal homem a respeito dos segredos da minha filha, sobretudo... quando esses segredos só lhe dizem com respeito a ela, ou quase? Meu Deus, que felicidade que ele seja idiota e... e... amigo da casa! Mas é possível que a Aglaé se tenha apaixonado por um tal aborto? Senhor, o que disse eu por lá? Sch… Como somos originais! Deviam meter-nos numa redoma e porem-nos em exposição, a começar por mim, a dez *kopeks* a entrada. Não te perdoarei isto, Ivan, nunca to perdoarei! E porque não o maltratou ela? Prometeu maltratá-lo e não fez nada! Limitou-se a devorá-lo com os olhos, ficando calada e não se decidindo a afastar-se. E no entanto foi ela própria que o proibiu de vir!... Quanto a ele, está muito pálido. E esse maldito tagarela do Pavlovitch que monopolizou toda a conversa! Ante o seu fluxo de palavras, ninguém pode proferir uma só. Tirava tudo isto a limpo se pudesse conseguir mudar o rumo à conversa...»

Sentado à mesa, o príncipe tinha com efeito um aspeto bastante pálido. Parecia dominado por um sentimento de extremo pavor, ao qual se misturava, por instantes, uma espécie de êxtase, incompreensível para ele e que lhe invadia a alma. Quanto receava lançar uma vista de olhos para aquele canto, onde uns olhos negros, muito seus conhecidos, o fitavam! Todavia sentia-se felicíssimo ao pensar que se encontrava no seio desta família e que ouvia uma voz familiar, isto depois do que ela lhe tinha escrito. «Meu Deus, que irá ela dizer agora?» Não tinha ainda descerrado os lábios e prestava grande atenção às palavras de Pavlovitch, que «falava de abundância», sentindo-se nessa tarde dominado por um acesso excecional de contentamento e de efusão. Ouviu-o durante muito tempo, sem compreender, no meio de tudo aquilo, uma só palavra do que ele dizia. A família estava toda presente, exceto Ivan, que não tinha ainda vindo de S, Petersburgo. O príncipe Stch… fazia parte do número dos assistentes, que tinham aparentemente a intenção de irem um pouco mais tarde, antes do chá, ouvir música. A conversa versava um assunto que parecia ter sido começado a tratar antes da chegada do príncipe. Entretanto

Kolia surgiu, vindo não se sabe donde, no terraço. «Olha, continuam a receber como noutros tempos!», pensou o príncipe.

A residência dos Epantchine era uma magnífica «vila» construída no estilo das vivendas suíças. Estava arranjada com gosto e rodeada de flores e verdura, tratadas em canteiros de modestas dimensões, mas encantadores. As pessoas da casa e as visitas estavam reunidas no terraço, tal como em casa do príncipe, mas nesta o terraço era um pouco maior e com uma melhor disposição.

O assunto da conversa não parecia ser do agrado de todos os presentes. A conversa havia principiado, conforme se depreendia, por uma discussão bastante áspera e teria certamente derivado para um outro ponto, se Pavlovitch não se tivesse mostrado teimoso em continuar a falar do mesmo, sem fazer caso da impressão produzida. A aparição do príncipe pareceu tê-lo excitado ainda mais. Isabel franzira a testa, se bem que não tivesse compreendido tudo quanto se dizia. Aglaé manteve-se junto de todos, mas sentada quase num dos cantos, ouvindo e mantendo um teimoso silêncio.

— Permitam-me que lhes diga — replicou com entusiasmo Pavlovitch — que não tenho nada contra o liberalismo. O liberalismo não é um mal; faz parte integrante de um todo que, sem ele, se decomporia, se dissolveria. Tem o mesmo direito de existir como o conservantismo mais puro. No entanto eu critico o liberalismo russo, e garanto-lhes que se o faço, é porque o liberal russo, é um liberal que não tem nada de *russo.* Mostrem-me um liberal que seja russo e abraçá-lo-ei logo, aqui diante de todos.

— É preciso que ele queira abraçá-lo — exclamou Alexandra, que estava muitíssimo nervosa e cujas faces estavam mais rosadas do que o costume.

«Aqui está uma», pensou Isabel, «que nada diz e que pensa apenas em dormir e comer; porém, uma vez por ano, tem destas réplicas que desconcertam».

O príncipe observou, sem querer, que Alexandra parecia muito descontente, ao ver Pavlovitch tratar um assunto sério, num tom de brincadeira, e afetar ao mesmo tempo uma certa irritação e zombaria.

— Sustentava ainda há pouco, antes da sua chegada, príncipe — continuou Pavlovitch — que até hoje só se conhecem na Rússia duas espécies de liberais: uns, vindos da classe (extinta) dos «lavradores-

proprietários», os outros da dos seminaristas. Ora como estas duas classes acabaram por se transformar em castas, por completo isoladas do resto da Nação e cujo isolamento se acentuou de geração para geração, conclui-se que tudo quanto os liberais têm feito ou fazem, não tem nenhum caráter nacional...

— Como é isso? Então o que eles fazem não tem nada de russo? — replicou o príncipe Stch…

— Nada de nacional, disse eu. Mesmo que a sua obra seja russa, não é nacional. Os nossos atuais liberais não têm nada de russo, mesmo nada... Pode estar certo que a Nação não reconhecerá, nem agora, nem nunca, tudo quanto se tem feito pelos «lavradores-proprietários» e pelos seminaristas...

— Essa só do senhor! Como pode defender um tal paradoxo, se é que está a falar a sério? Não posso deixar passar sem resposta essas acusações feitas aos lavradores russos. O senhor mesmo é um lavrador russo! — exclamou o príncipe Stch…, exaltando-se.

— Mas eu não falo do lavrador russo, no sentido em que pareceu entender. Não é porque eu faça parte dela, mas é uma classe digna de todo o respeito. E sobretudo agora, em que deixou de existir...

— É verdade que, mesmo no campo literário, não temos tido nada de nacional? — perguntou Alexandra.

— Não sou muito dado à literatura, mas, em meu entender, a própria literatura russa não tem tido nada de russa, a não ser talvez a de Lomonossov, de Pushkin ou de Gogol.

— E que mais? Isso é já alguma coisa. E depois, se um desses autores é filho do povo, os outros dois foram lavradores — informou Adelaide, rindo.

— É assim mesmo, mas não vejo que o senhor tente por isso triunfar. Até agora esses três autores têm sido os únicos a dizer alguma coisa sem ser copiado, isto é, os seus trabalhos são inéditos, devem-nos à sua própria imaginação. Quando qualquer russo diz, escreve ou faz alguma coisa de verdadeiramente pessoal, alguma coisa que seja bem da sua autoria e não constitui nem uma imitação, nem uma cópia, torna-se de facto nacional, ainda mesmo que seja um pouco confuso nos seus dizeres. Isto é para mim um axioma. No entanto não foi em literatura que começámos a falar, mas sim nos socialistas; foi a propósito destes que a discussão se estabeleceu. Ora, afirmei eu, que não temos tido, nem temos, um único socialista russo. Porquê? Porque todos os nossos socialistas saíram da classe dos

lavradores-proprietários ou dos seminaristas. Todos os nossos conhecidos socialistas, aqueles que como tal se apresentam, seja cá no país, seja no estrangeiro, não passam de uns liberais saídos das fileiras daqueles lavradores, no tempo da servidão. Por que se riem? Mostrem-me os seus livros, mostrem-me as suas doutrinas, ou as suas memórias; sem ser um crítico profissional, comprometo-me a escrever-lhes a mais convincente das teses literárias, para lhes demonstrar, com uma clareza maior do que a do dia, que cada página dos seus livros, das suas brochuras ou das suas memórias, é, antes de tudo, a obra de um antigo lavrador russo. A sua aversão, a sua indignação, o seu humor é tal como o sente o lavrador (é o mesmo de um cavalheiro tão antiquado como aquele de Famoussov); os seus entusiasmos, as suas lágrimas, verdadeiras lágrimas, são talvez sentidas, mas são os entusiasmos e as lágrimas do referido lavrador! Do lavrador ou do seminarista... Ri ainda? E o príncipe ri-se também? Não é então da minha opinião?

O riso era de facto geral. O próprio príncipe sorria.

— Não posso ainda dizer-lhe, com toda a certeza, se sou ou não da sua opinião — respondeu o príncipe, que, tendo deixado de sorrir, estava sobressaltado, tal como um estudante apanhado em falta. — Asseguro-lhe no entanto que tenho o máximo prazer em o ouvir.

Dir-se-ia que abafava ao pronunciar estas palavras; um suor frio cobria-lhe o rosto. Foram as primeiras palavras que proferiu desde que ali se encontrava. Tentou lançar uma vista de olhos à sua volta, mas não o conseguiu. Eugénio compreendeu esse seu desejo e sorriu-se.

— Citar-lhes-ei um facto, meus senhores — prosseguiu ele no mesmo tom de afetado arrebatamento e entusiasmo, onde se notava uma certa vontade de se rir da sua própria verbosidade — um facto que creio ter tido o mérito de descobrir e de observar; pelo menos até hoje, que eu saiba, nada se escreveu ou disse a tal respeito. Esse facto define toda a essência do liberalismo russo, na minha maneira de ver. Até agora, que tem sido o liberalismo em geral, se não a tendência para desvirtuar (com razão ou sem ela, isso é uma outra questão) a ordem das coisas existentes? Não é isto verdade?... Agora o facto que eu tenho observado é o seguinte: o liberalismo russo não é um ataque à ordem até agora estabelecida; o que ele visa, é a essência da vida nacional, é esta própria vida e não as instituições, é a Rússia e não a organização russa. O liberal de que lhes estou falando, vai até ao ponto de renegar a própria Rússia; isto é o mesmo

que dizer que odeia e bate na própria mãe. Todos os perversos incidentes e revezes sofridos pela Rússia provocam-lhe o riso, e são para ele motivo de alegria. Os costumes populares, a história da Rússia, tudo isso lhe é odioso. A sua única desculpa, se é que tem alguma, é que não compreende bem o que faz, e considera o seu ódio à Rússia como o liberalismo mais progressivo. Quantos liberais não se encontram entre nós que provocam os aplausos dos outros, mas são talvez, no fundo e à sua maneira, os mais inaptos, os mais teimosos e os mais perniciosos dos conservadores! O ódio à Rússia era considerado, há pouco tempo ainda, como o verdadeiro amor à Pátria, por certos liberais que se vangloriavam de saberem muito mais que os outros no que devia consistir esse amor. Com o tempo esses pontos foram-se aclarando: assim, a própria expressão «o amor da Pátria», passou a ser considerada como inconveniente, de forma que a noção que lhe correspondia, foi prescrita como nociva e vazia de sentido. Este facto é absolutamente exato. Fizeram bem ao resolverem dizer toda a verdade, em toda a sua simplicidade e sinceridade; estamos neste caso em presença de um fenómeno para o qual não se encontram precedentes em qualquer época ou lugar. Nenhum século, nem nenhum povo nos apresentam um exemplo que com este se assemelhe. Por esta razão deduz-se que é acidental e por consequência não passa de um facto efémero; pelo menos é o que me parece. Um liberal que odeia a sua Pátria, não se encontra em qualquer outro país que não seja o nosso. Como explicar então que o fenómeno só tenha surgido no nosso país, se não o atribuirmos à razão que se houve anunciar a cada momento, isto é, que o liberal russo tem sido até aqui um liberal que não tem nada de russo? Não encontro, até ver, melhor explicação.

— Tudo quanto acaba de dizer só o posso levar à conta de gracejo, Eugénio — replicou com toda a seriedade o príncipe Stch...

— Não conheço todos os liberais, nem estou habilitada a julgá-los — disse Alexandra — no entanto sinto-me indignada com o que acabo de lhe ouvir; partindo de um caso particular, estabeleceu a generalização, o que foi assim levado à calúnia.

— Um caso particular? Ah, já esperava por essa objeção. Mas trata-se ou não de um caso particular? — perguntou Pavlovitch.

— Em que pensa o príncipe? Trata-se ou não de um caso particular?

— Por mim, devo confessar que tenho pouca experiência dessas coisas e tenho privado pouco... com os liberais — respondeu o príncipe. —

Parece-me no entanto que tem talvez razão e que o liberalismo russo de que nos fala, está de facto inclinado a odiar a própria Rússia e não apenas as instituições em vigor. Por outro lado, isto é verdade apenas em parte... e não é justo estender-se essa exprobração a todos os liberais.

Não concluiu a frase. A despeito da sua comoção, havia seguido a conversa com um grande interesse. Uma das suas características qualidades era o ar de profunda ingenuidade com que escutava os assuntos que lhe despertavam a atenção. Essa ingenuidade refletia-se nas respostas que dava àqueles que o interrogavam sobre esses assuntos. Revelava-a no rosto e até nas suas atitudes; mostrava logo uma certa credulidade, sem notar o ar de gracejo ou de risota com que os assuntos eram apresentados. Pavlovitch tinha desde há muito o hábito de só se lhe dirigir com um sorriso intencional.

Porém desta vez, ao ouvir a sua resposta, olhou-o, como que tomado de surpresa, com toda a seriedade.

— Ah, sim!... Surpreende-me a sua resposta! — exclamou ele. — O príncipe está a falar a sério?

— Então a sua pergunta não foi a sério? — replicou o príncipe surpreendido.

Uma gargalhada geral acolheu as suas palavras.

— Tenham cuidado com Pavlovitch! — disse Adelaide. — Tem a mania de mistificar as coisas. Se soubessem o que ele conta às vezes com a maior seriedade!...

— É minha opinião que esta conversa é desagradável e teria sido muito melhor não lhe ter dado início — observou Alexandra num tom de desagrado. — Havia-se projetado um passeio...

— Vamos lá, pois a tarde está soberba! — exclamou Pavlovitch. — Entretanto pretendo provar-lhes que desta vez falei seriamente. Quero sobretudo prová-lo ao príncipe. — O senhor interessou-me muitíssimo e juro-lhe que sou menos frívolo do que pareço, se bem que na verdade a frivolidade seja um defeito meu. — Desejava fazer ao príncipe, se os senhores mo permitem, uma última pergunta, só para satisfazer a minha curiosidade, e depois disso vamos embora. Essa pergunta, como por indução, ocorreu-me à questão de duas horas (como vê, príncipe, também sou dado a pensar em coisas sérias). Por mim, encontrei-lhe uma solução. Vamos ver o que diz o príncipe a tal respeito. Falou-se ainda não há muito de um «caso particular». Estas duas palavras são muito do agrado da nossa

sociedade, empregando-as a cada momento. Ultimamente um medonho atentado agitou a imprensa e a opinião pública: trata-se do assassínio de seis pessoas, por um jovem rapaz. Fala-se muito também na estranha defesa feita pelo advogado, o qual declarou que, encontrando-se o assassino na miséria, a ideia de matar essas seis pessoas surgiu-lhe naturalmente no espírito. Não foram bem estas as palavras que ele empregou, mas o sentido é, em meu entender, mais ou menos este. Penso que o defensor, ao emitir uma ideia tão singular, estava sinceramente crente de se inspirar nas mais altas conceções do nosso século, em face do liberalismo, do humanitarismo e do progresso. Pois bem, que pensam os senhores? Pretendem ver um caso especial ou fenómeno geral numa tal depravação da inteligência e da consciência, numa perversão tão bem caracterizada do pensamento?

Todos soltaram uma nova gargalhada.

— É um caso especial, está bem de ver — objetaram Alexandra e Adelaide, rindo.

— Permita-me que lhe diga, Pavlovitch — disse o príncipe Stch... — que os seus gracejos começam a perder a graça.

— E o príncipe que me diz? — prosseguiu Pavlovitch, sem ter ouvido esta última reflexão e sentindo incidir sobre ele o olhar grave e perscrutador do príncipe León. — Que lhe parece? É um caso especial ou um fenómeno geral? Foi em sua intenção e para o ouvir que fantasiei esta questão.

— Não, não é um caso especial — disse o príncipe docemente, mas com firmeza.

— Então, León — exclamou o príncipe Stch… com um certo despeito — não repara que lhe está preparando uma armadilha? É evidente que está a gracejar com o senhor e que o toma como cabeça de turco.

— Julguei que falava seriamente — acrescentou o príncipe, corando e baixando os olhos.

— Meu caro príncipe — continuou Stch... — lembro-lhe a conversa que tivemos há três meses. Constatámos justamente que, apesar de criados ainda há pouco, os nossos novos tribunais haviam já revelado advogados notáveis e dotados de muito talento. Quantas sentenças dignas de elogio não têm sido proferidas pelos júris dos nossos tribunais criminais! Sentir-me-ei satisfeito, vendo-o regozijar-se com este progresso... Concordemos que só temos motivos para nos sentirmos radiantes... Essa desastrada

defesa e essa tão estranha questão não passam, com certeza, de um acidente, de um caso entre mil.

O príncipe León refletiu um instante, para depois responder num tom mais convincente, sem no entanto elevar a voz e revelando mesmo uma certa timidez:

— Apenas quis dizer que esta depravação de ideias e de inteligência (para me servir da expressão do Pavlovitch) se encontra muitas *vezes* e constitui (por nosso mal!) muito mais um fenómeno geral, que um caso particular. Se isto não fosse tão normal, não se veriam talvez crimes imaginários como este...

— Crimes imaginários? Asseguro-lhes, porém, que os crimes noutros tempos eram todos igualmente monstruosos e talvez ainda mais atrozes. Tem-nos havido sempre, não somente no nosso país, mas por toda a parte, e creio que se cometerão durante muito tempo ainda. A diferença reside apenas em que noutros tempos não havia entre nós uma tão grande publicidade; agora a imprensa e a opinião pública tornam-no mais conhecido; daí a impressão que nos encontramos em presença de um fenómeno novo. É este o seu erro, o seu ingénuo erro, príncipe; pode acreditar no que lhe digo — concluiu o príncipe Stch... com um sorriso trocista.

— Sei muitíssimo bem — disse o príncipe — que os crimes eram noutros tempos também em grande número e também horrendos. Visitei as prisões ainda não há muito tempo e tive ocasião de trocar impressões com alguns condenados e inocentes. Estão lá mesmo criminosos mais monstruosos do que aquele de que acabamos de falar. Há-os que tendo matado uma dezena de pessoas, não sentem a menor ponta de remorso. Por outro lado observei o seguinte: o celerado mais insensível e o mais inacessível ao remorso, sente-se no entanto *criminoso,* ou melhor, sente-o na sua consciência, sabe muito bem que agiu mal, se bem que não sinta nem revele remorso algum. Isto dá-se com quase todos os presos. Contudo os criminosos de que fala Pavlovitch não aceitam nunca o serem considerados como tal; no seu foro íntimo presumem que têm o direito por eles e que agiram em grande parte sem culpa. Há nisto, a meu ver, uma terrível diferença. Notem que estes são sempre jovens, isto é, a sua idade é aquela em que o homem se encontra desarmado contra a influência das ideias desmoralizadoras.

O príncipe Stch... deixara de rir e escutava o príncipe com um ar perplexo. A Alexandra, que aguardava um momento oportuno para fazer uma observação, manteve-se calada, como se uma consideração especial a houvesse contido. Quanto a Pavlovitch, olhava o príncipe com uma manifesta surpresa e, desta vez, sem a mais leve ponta de ironia.

— Que tem o senhor, para o fitar assim com esse ar pasmado? — perguntou rápida, Isabel. — Supõe-no mais estúpido que o senhor e incapaz de raciocinar à sua maneira?

— Não, minha senhora, não creio nisso — informou Pavlovitch — mas uma coisa me admira, príncipe (desculpe esta pergunta): se compreende e abarca assim o sentido deste problema, como não pôde o senhor (uma vez mais, desculpe-me!) nessa estranha questão, aqui há uns dias... a questão Bourdovski, se não me engano... como, dizia eu, não pôde notar a mesma depravação das ideias e do sentido moral? O caso era no entanto idêntico. Segundo pude julgar nesse momento, o senhor e os senhores não apreenderam bem tudo!

— Ah, fique sabendo, meu caro senhor — exclamou, exaltada, Isabel Prokofievna — que, se todos quantos estamos aqui, notámos isso e temos considerado a nossa sagacidade como uma qualidade de superioridade sobre o príncipe, foi no entanto ele que recebeu hoje uma carta de um dos companheiros de Bourdovski, o que mais se destacava, aquele que tinha o rosto cheio de espinhas (lembras-te, Alexandra?). Nessa carta pede-lhe perdão (à sua maneira, naturalmente!) e declara ter-se zangado com o companheiro, que naquele dia o havia feito exaltar (lembras-te, Alexandra?) Acrescentava depois que era no príncipe em quem ele tinha agora mais confiança. Nenhum de nós recebeu ainda uma carta semelhante; apesar de estarmos habituados a tratar com superioridade o destinatário.

— E o Hipólito também deixou a sua casa para vir instalar-se na nossa... — gritou Kolia.

— Como? Ele está aqui? — perguntou o príncipe, não sem revelar uma certa inquietação.

— Chegou logo depois da sua partida com a Isabel. Fui eu que o trouxe no meu carro.

Esquecendo-se de repente que tinha acabado de fazer o elogio do príncipe, Isabel dirigiu-se-lhe, exprobando-o:

— Aposto que subiu ontem às águas-furtadas, onde vive este grande maroto, para lhe pedir perdão de joelhos, bem como pedir-lhe para vir instalar-se aqui! Viste-o ou não ontem? Tu próprio o confessaste ainda há pouco. Diga-me se foi lá ou não? Pôs-se ou não de joelhos na sua frente?

— Não se pôs de joelhos na sua frente — exclamou Kolia. — Antes pelo contrário! O Hipólito é que ontem agarrou na mão do príncipe e beijou-a por duas vezes. Fui testemunha desta cena; limitou-se a isto a sua explicação; o príncipe disse-lhe simplesmente que viveria melhor na sua casa de campo, ao que o Hipólito respondeu, dizendo que voltaria logo que o seu estado lho permitisse.

— Tem razão, Kolia — balbuciou o príncipe, levantando-se e agarrando no chapéu. — Por que contou essas coisas? Eu...

— Onde vai? — perguntou Isabel, deitando-lhe a mão.

— Não se incomode, príncipe — prosseguiu Kolia com animação. — Não o vá ver, para não perturbar o seu repouso. Adormeceu devido ao cansaço da viagem. Está muito contente. Falando com franqueza, príncipe, suponho que faria muito melhor não o indo ver hoje; guarde isso para amanhã, pois só então deve estar em condições de o receber. Disse-me esta manhã que há uns bons seis meses que não se sente tão bem-disposto e tão forte. Tosse muito menos vezes.

O príncipe notou que Aglaé havia bruscamente mudado de lugar para se aproximar da mesa. Não se atrevia a fitá-la, mas no seu íntimo sentia que os olhos pretos da moça estavam nesse instante postos nele; esses olhos exprimiam com certeza indignação, talvez ameaça; o rosto da Aglaé tinha-se ruborizado.

— Parece-me, Nicolau, que fizeste muito mal, trazendo para aqui esse rapaz tuberculoso, que outro dia se pôs a chorar e que nos convidou para assistirmos ao seu enterro — observou Pavlovitch. — Falou com muita eloquência do muro que se levanta diante da sua casa, pois tem grande pena desse muro, podem crer.

— Nada mais verdadeiro; altercará consigo, provocá-lo-á mesmo, para o deixar depois; não tenho dúvidas a tal respeito.

E Isabel, com um gesto todo cheio de dignidade, aproximou dela a sua cesta de trabalho, esquecendo-se que os convivas se haviam levantado já para irem passear.

— Lembro-me da ênfase com que falou desse muro — acrescentou Pavlovitch. — Chegou a dizer que, sem esse muro, não poderia morrer

com eloquência. Pretende morrer eloquentemente!...

— Está bem, e depois? — murmurou o príncipe. — Se não quiser perdoar-lhe, passará sem o seu perdão e morrerá quando tiver de ser... Foi por causa das muitas árvores que ele veio instalar-se aqui.

— Oh, no que me diz com respeito, perdoo-lhe tudo; pode dizer-lho.

— É preciso compreender melhor o que ele pretende — disse o príncipe docemente e um pouco contra vontade, de olhos sempre fitos num ponto do soalho. — É preciso também que o senhor esteja disposto a aceitar o seu perdão.

— Que honra é essa? Que lhe fiz eu para tal merecer?

— Se não quer compreender, não insista... Mas o senhor compreende muito bem. O seu desejo era então… abençoar-nos a todos e receber de nós também a sua bênção. Era isto apenas...

O príncipe Stch... trocou um rápido olhar com aqueles que o rodeavam.

— Meu bom e caro príncipe — apressou-se ele a dizer, pensando bem as palavras — o paraíso não é nunca fácil de alcançar sobre a Terra e o que o senhor procura, é, em suma, o paraíso. A coisa é difícil, príncipe, muito mais difícil do que se afigura ao seu excelente coração. Não passemos além do razoável, creia-me, pois de outra forma lançar-nos-emos todos na confusão e então...

— Vamos ouvir música — disse Isabel num tom imperativo. E, com um movimento de cólera, levantou-se.

Todos a imitaram.

Capítulo 2

O príncipe aproximou-se então de Pavlovitch e agarrou-o pela mão.

— Eugénio Pavlovitch — exclamou ele, num tom de estranha exaltação — esteja certo que o considero, apesar de tudo, como um nobre coração e como o melhor dos homens; dou-lhe a minha palavra.

Pavlovitch ficou tão surpreendido, que deu um passo atrás. Durante um instante conteve uma grande gargalhada; mas examinando o príncipe mais de perto, constatou que parecia não se encontrar no seu estado normal e sim num estado muito fora do habitual.

— Aposto, príncipe — exclamou ele — em como não era isso o que tinha a intenção de me dizer, ou talvez mesmo não pensasse dirigir-me a palavra... Mas que tem o senhor? Não se sente bem?

— É possível, muito possível. O senhor deu-me uma grande prova de subtileza, observando que eu talvez não lhe quisesse dirigir a palavra.

Ditas estas palavras teve um sorriso estranho, cómico mesmo. Depois pareceu logo encolerizar-se:

— Não venha recordar-me o meu comportamento de há três dias! — gritou ele. — Não deixei nunca de me sentir um tanto envergonhado... Por outro lado reconheço-me culpado.

— Mas... o senhor cometeu algum crime horrível?

— Reconheço que o senhor se sente envergonhado da minha pessoa, mais do que todos os outros, Pavlovitch. O vê-lo corar é sinal de um excelente coração. Pode estar certo que me vou embora o mais breve possível.

— Mas o que é que o preocupa? Não será assim que começam os seus acessos? — perguntou Isabel, com um ar de admirada, a Kolia.

— Não se preocupe, Isabel; não tenho acessos e vou partir dentro em pouco. Eu sei que... sou um desgraçado por natureza. Encontro-me doente há vinte e quatro anos, ou falando melhor, até à idade de vinte e quatro anos. Considerem-me ainda doente nesta ocasião. Vou-me sem demora, já de repente, podem estar certos. Não coro, porque seria (não é verdade?) uma coisa singular corar da minha enfermidade! Porém sou de mais na

sociedade. Não é por amor próprio que faço esta observação... Refleti muito durante estes três dias e concluí que era meu dever preveni-los sincera e lealmente na primeira oportunidade. Há umas certas ideias, umas certas ideias superiores de que me absterei de falar para que se não riam todos nas minhas costas: o príncipe Stch… faz a todo o momento alusão a isso. Não tenho um gesto que não destoe, e ignoro o sentimento do meio termo. A minha linguagem não corresponde aos meus pensamentos e por isso ele os deprime. Também não tenho o direito... Por outro lado estou desconfiado. Estou... estou convencido que ninguém pode ofender-me nesta casa, onde sou estimado muito mais do que mereço. Mas sei (e ninguém pode duvidar) que vinte e quatro anos de doença não decorrem sem deixarem rasto e é impossível que não zombem de mim… de tempos a tempos… não é verdade?

Passou à sua volta um olhar por toda a assistência, como se esperasse uma resposta e uma decisão. Todos se encontravam surpreendidos e chocados com esta inesperada e doentia saída, que nada a motivara e que deu origem a um singular incidente.

— Por que disse isso aqui? — exclamou bruscamente Aglaé. — Por que *lhes* disse isso... a essas pessoas?

Parecia encontrar-se no paroxismo da indignação; os olhos fulguravam-lhe. O príncipe que havia ficado calado diante dela sentiu-se dominado por uma rápida palidez. Aglaé exclamou:

— Não há aqui uma única pessoa que seja digna de ouvir essas palavras! Todos (e tantos eles são) não valem o seu dedo mínimo, nem o seu espírito, nem o seu coração. O senhor é mais honesto que eles todos; sobreleva-os a todos em nobreza, em bondade, em inteligência. Há aqui pessoas indignas de pegar no lenço que acaba de lhe cair das mãos... E sendo assim, porque se humilha, porque pretende meter-se debaixo de todos eles? Por que leva a sua modéstia ao exagero? Por que não tem um pouco de orgulho?

— Meu Deus! Quem poderia esperar uma coisa destas! — disse Isabel, juntando as mãos.

— Hurra, pelo cavaleiro pobre! — gritou Kolia entusiasmado.

— Cala-te! Como se atrevem a ofender-me aqui, na sua casa? — disse bruscamente Aglaé a sua mãe, num tal estado de sobre-excitação, que não conhecia nem limites, nem obstáculos, ou melhor, que não media a extensão das suas palavras. — Porque me perseguem todos, do primeiro ao

último? Porque não deixam, príncipe, de me importunar, há já três dias, por sua causa? Por nada deste mundo eu casaria consigo! Fique sabendo que não o faria nunca por preço algum. Fixe bem isto na sua cabeça! Como poderia eu desposar um ser tão ridículo como o senhor? Olhe-se nesta altura a um espelho e veja como está!... Por que me atormentam eles, dizendo-me a todo o momento que vou casar consigo? O senhor deve sabê-lo! Com certeza o senhor e eles são coniventes neste assunto?

— Nunca ninguém te atormentou! — balbuciou Adelaide, inquieta.

— Nunca ninguém teve essa ideia! Nunca teve nenhuma questão! — exclamou Alexandra-

— Quem a atormentou? Quando é que a atormentaram? Quem prediria tal coisa? Estás delirando ou estás em teu juízo? — perguntou Isabel, tremendo de cólera e dirigindo-se a todos os que a rodeavam.

— Todos o disseram! Todos, sem exceção, me têm enchido os ouvidos com isso durante estes três dias! Pois fiquem sabendo que nunca, nunca o desposarei! — gritou Aglaé num tom dolorido.

Logo em seguida começou a chorar, escondeu o rosto no lenço e deixou-se cair numa cadeira.

— Mas ele ainda não te pe...

— Eu ainda a não pedi em casamento, Aglaé — disse o príncipe com um ar distraído.

— O quê? Que quer dizer? — gritou Isabel num tom onde se misturavam a surpresa, a indignação e o assombro.

Não podia acreditar no que ouvia. O príncipe começou a proferir palavras sem nexo.

— Queria dizer… queria dizer... Apenas quis explicar à Aglaé... ou melhor, ter a honra de lhe explicar que nunca tive a intenção... de ter a honra de pedir a sua mão... mesmo no futuro... Não tenho nesta questão nenhuma falta a acusar-me, nenhuma, Aglaé! Deus é minha testemunha. Nunca tive a intenção de pedir a sua mão; nem mesmo me assaltou tal ideia, como não me assaltará nunca, verá!... Não duvide. É preciso ser-se atrevido, para vir caluniar-me junto de si. Pode porém estar sossegada.

Ao mesmo tempo que falava, foi-se aproximando de Aglaé. Afastou o lenço com que tapava o rosto e deitou sobre ele um rápido olhar. Notando que o seu rosto estava emocionado e compreendendo o sentido das suas palavras, quebrou o silêncio soltando uma brusca gargalhada. Este riso foi tão franco e tão zombeteiro, que se propagou a Adelaide; depois de ter

também examinado o príncipe, apertou a irmã entre os braços e riu-se com a mesma irresistível e infantil alegria. Ao vê-las assim juntas, o próprio príncipe sorriu-se também. Repetiu com uma expressão de alegria e de bondade:

— Ah! Deus seja louvado! Deus seja louvado!

Alexandra então não se pôde conter e começou também a rir com toda a vontade. A hilaridade das três irmãs parecia não ter fim.

— Estão tolas ou o quê! — murmurou Isabel. — Dentro em pouco até me metem medo...

O riso havia-se já transmitido a todos, desde o príncipe Stch… a Pavlovitch. O próprio Kolia não pôde também conter-se e olhava alternadamente para uns e para outros. O príncipe fez como eles.

— Vamos embora, passear! Vamos! — exclamou Adelaide. — Venham todos e o príncipe também. O senhor não tem nenhuma razão para se retirar, gentil como é sempre. Não é verdade que é gentil, Aglaé? Não é verdade, minha mãe? Além disso é merecedor em absoluto que o abrace pela... pela explicação que acabou de ter com a Aglaé. É mesmo preciso. A minha mãe, a minha querida mãe, permite-me que o abrace? Aglaé, deixas que abrace o *teu* príncipe! — exclamou a travessa moça.

Juntando o gesto às palavras, correu para o príncipe e abraçou-o e beijou-o. Este agarrou-lhe as mãos e apertou-lhas com tal vigor que Adelaide esteve a ponto de dar um grito. Olhou-a com uma grande alegria e terminou por lhe levar bruscamente a mão aos lábios e beijá-la três vezes.

— Vamos embora! — disse Aglaé. — Príncipe, o senhor será o meu cavalheiro. A minha mãe, consente? Não foi um noivo que acabou de me recusar? Não é verdade, príncipe, que o senhor renunciou à minha pessoa para sempre?... Mas não é assim que se dá o braço a uma senhora. Ou o senhor não sabe como se dá o braço? Agora está bem. Vamos e sejamos os primeiros. O senhor não quer que sejamos os primeiros, os *tête à tête?*

Falou sem parar e ria ainda por vezes.

— Louvado seja Deus! Louvado seja Deus! — repetiu Isabel, sem saber bem ao certo porque é que eles se riam.

«Que pessoas tão incompreensíveis!», pensou o príncipe Stch… pela centésima vez, desde que as conhecia. Mas estas incompreensíveis agradavam-lhe. Talvez não tivesse o mesmo sentimento com respeito ao

príncipe; quando saíram para o passeio, tomou um aspeto um pouco sombrio e parecia estar preocupado.

Pavlovitch era o que parecia mais bem-disposto; durante todo o trajeto até Vauxhall, divertiu Alexandra e Adelaide; estas riam com tanta vontade dos seus gracejos, que acabou por as cativar, de forma a manterem-se atentas a tudo quanto ele dizia. Sem que pudesse explicar porquê, esta ideia fê-lo soltar uma grande gargalhada, onde entrava tanto de franqueza como de espontaneidade (tal era o seu caráter). As duas irmãs, satisfeitas e bem-humoradas, não deixavam de admirar a irmã mais nova, que caminhava na sua frente, ao lado do príncipe. A atitude de Aglaé parecia-lhes evidentemente um enigma. O príncipe Stch… mantinha uma contínua conversa com Isabel sobre as coisas, as mais variadas. Talvez pretendesse distraí-la dos seus pensamentos, mas só conseguia aborrecê-la cada vez mais. Parecia não se encontrar ali; respondia por monossílabos ou não respondia logo.

Aglaé não havia ainda intrigado todos quantos a rodeavam essa tarde. A sua última surpresa reservara-a em especial para o príncipe. Quando se encontrava a uns cem passos de casa dirigiu-se em voz baixa ao seu cavalheiro, que se mantivera obstinadamente calado, e ordenou-lhe num tom rápido:

— Olhe à direita.

O príncipe obedeceu.

— Olhe com mais atenção. Vê aquele banco, além no parque, perto daquelas três grandes árvores... aquele banco verde?

O príncipe respondeu com um gesto afirmativo.

— Agrada-lhe aquele sítio? Venho muitas vezes, às sete horas da manhã, quando ainda todos dormem, sentar-me ali sozinha.

O príncipe concordou, balbuciando que o sítio era encantador.

— Agora afaste-se de mim; não quero andar de braço dado... de braço dado consigo. Ou melhor, dê-me o braço, mas não me diga uma palavra. Quero concentrar-me nos meus pensamentos e não ser perturbada...

A recomendação era, no entanto, supérflua; mesmo sem essa prevenção, o príncipe não teria, com certeza, proferido uma só palavra durante o passeio. O coração bateu-lhe com violência quando ouviu a reflexão sobre o banco. Um minuto depois sentia-se intimamente envergonhado, ante a louca ideia que lhe assaltou o espírito.

Como se sabia, ou pelo menos segundo todos afirmavam, o público que frequentava o Vauxhall, de Pavlovsk, era «mais escolhido» durante a semana, do que aos domingos ou dias de festa, em que vinham de S. Petersburgo «pessoas das mais variadas categorias». Apesar de não estar endomingado, o público dos dias de trabalho não deixava de se apresentar vestido com todo o gosto. Era de bom tom vir ouvir a música. A orquestra era talvez a melhor de todas aquelas que entre nós tocavam nos jardins públicos, e o seu reportório compreendia sempre as últimas novidades. A atmosfera familiar, ou mesmo, a intimidade que reinava nestas reuniões, não excluía nem a correção, nem a mais cerimoniosa etiqueta. O público era quase que formado apenas das famílias em vilegiatura, em Pavlovsk, todos vindo ali para passarem uns momentos juntos. Muitas dessas pessoas sentiam um verdadeiro prazer com este passatempo, que era por assim dizer a razão da sua presença naquele lugar, entretanto que outras, mas em menor número, vinham ali só por causa da música. Os escândalos noutros tempos eram muitíssimo raros, mas algumas vezes surgiam, mesmo durante a semana; agora porém era uma coisa inevitável.

Neste dia a tarde estava encantadora e o público era bastante numeroso. Todos os lugares próximos da orquestra estavam ocupados, por isso os nossos passeantes instalaram-se numas cadeiras um pouco afastadas, perto da saída da esquerda. A multidão e a música haviam distraído um pouco Isabel e divertido as suas filhas; trocaram amistosos olhares com alguns dos seus conhecimentos e fizeram com a cabeça amáveis saudações a outros. Começaram também por examinar os vestidos e anotar algumas extravagâncias, que comentaram com irónicos sorrisos. Pavlovitch distribuiu também um sem número de saudações. Tinha já notado que a Aglaé e o príncipe estavam juntos. Alguns rapazes conhecidos aproximaram-se logo da mãe e das filhas; dois ou três ficaram a conversar; eram amigos de Pavlovitch. Um deles era um jovem oficial, muito bonito rapaz, todo entusiasta e palrador; apressou-se a estabelecer conversa com Aglaé e empregou todos os esforços por atrair a atenção da moça, a qual se mostrou com ele muito afável e deveras satisfeita. Pavlovitch pediu licença ao príncipe para lhe apresentar este amigo; se bem que o príncipe só tivesse compreendido metade do que ele lhe disse, a apresentação fez-se: os dois homens saudaram-se e apertaram a mão. O amigo de Pavlovitch fez uma pergunta, a que o príncipe não respondeu, ou se o fez, murmurou-a de uma maneira ião estranha, que o oficial fitou-o

com insistência, para depois interrogar Pavlovitch com o olhar; tendo então compreendido a razão por que este o havia apresentado, teve um sorriso quase impercetível e voltou-se de novo para Aglaé. Pavlovitch foi o único a observar que a moça cotou de súbito nesse instante.

Quanto ao príncipe, não cotou mesmo que outros conversavam com Aglaé e lhe dirigiam galanteios. Melhor ainda: tinha momentos em que parecia até esquecer que estava sentado ao lado dela. Por vezes sentia desejos de se ir embora, fosse para onde fosse, de desaparecer por completo; sonhava com um retiro sombrio e solitário, onde ficasse só com os seus pensamentos e onde ninguém o encontrasse; ou então desejava pelo menos estar em sua casa, no terraço, mas sem ninguém a seu lado, nem Lebedev, nem os filhos; deitar-se-ia no seu sofá, com a cabeça enterrada numa almofada e ficaria assim um dia, uma noite e ainda outro dia. Noutros momentos recordava as montanhas, sobretudo de um certo lugar alpestre, que gostava muito de evocar e que era o seu passeio predileto durante o tempo que por lá viveu; relembrava aquele local de onde se descobria a aldeia no fundo do vale, o fio nebuloso e a custo visível da cascata, as nuvens brancas e um velho castelo abandonado. Quando desejava encontrar-se então nesses locais e ter na cabeça um pensamento apenas... um único pensamento para toda a sua vida, durasse ela mesmo mil anos! Pouco importava na verdade que esquecesse tudo quanto havia feito até então!... Era isto mesmo necessário; melhor valia não se ter conhecido nunca e que todas as imagens que haviam passado diante dos seus olhos não passassem de um sonho! Para agora, sonho ou realidade, não era tudo a mesma coisa? Depois, sem querer, começou a observar Aglaé e manteve-se cinco minutos sem desviar o olhar do rosto da moça, mas esse olhar tinha um quê de insólito; dir-se-ia que fitava um objeto situado a duas *verstas* dali, ou melhor ainda, fitava um retrato e não a própria pessoa.

— Por que me olha dessa maneira, príncipe? — perguntou ela, parando de súbito de falar e de rir com aqueles que a rodeavam. — O senhor causa-me medo; tenho sempre a impressão que pretende estender a mão para me tocar no rosto e apalpá-lo. Pavlovitch, a sua maneira de olhar não dá esta impressão?

O príncipe ouviu estas palavras e ficou surpreendido ao compreender que lhe diziam com respeito. Pareceu apenas abranger o sentido, se bem que, talvez, de uma maneira incompleta. Nada respondeu, mas constatando

que a Aglaé se riu, assim como todos os outros, abriu a boca e fez como eles. A hilaridade redobrou então à sua volta; o oficial, cujo natural era muitíssimo alegre, dava grandes gargalhadas. Aglaé murmurou em aparte, num brusco movimento de cólera:

— Idiota!

— Meu Deus! Será possível que ela ame um tal? Não teria perdido por completo a cabeça? — murmurou Isabel deveras encolerizada.

— É uma brincadeira. É a repetição da brincadeira de outro dia com o «cavaleiro pobre». Não passa de uma brincadeira! — assegurou em voz baixa Alexandra ao ouvido da mãe. — Recomeçou a zombar à sua maneira. Somente esta brincadeira está ultrapassando as medidas e é preciso por isso pôr-lhe termo, minha mãe! Agora fala fazendo contorções como uma comediante e as suas afetações inquietam-nos.

— É uma felicidade que tudo isto se passe com um tal idiota — asseverou Isabel, que tinha sentido um grande alívio ao ouvir a reflexão da filha.

O príncipe no entanto havia compreendido que o tinham chamado idiota. Estremeceu, mas não por causa do qualificativo, que tão depressa ouviu, como logo esqueceu. E que no meio daquela multidão, não longe do lugar onde estava sentado, do lado (é impossível indicar com exatidão o sítio e a direção) acabava de avistar um rosto pálido, de cabelos escuros e anelados, e cujo sorriso e olhar eram seus muito conhecidos. Este rosto desapareceu logo em seguida. Talvez tivesse sido um efeito da sua imaginação. Desta visão ficou-lhe apenas na memória um sorriso forçado, dois olhos e uma gravata verde-clara, denotando uma certa pretensão a elegante por parte do personagem referido. Este último ter-se-ia perdido entre a multidão ou teria entrado para o Vauxhall? Era o que o príncipe não podia precisar.

Um momento passado começou logo a perscrutar com ansiedade entre os que o rodeavam. A primeira aparição podia pressagiar ou anunciar uma segunda. Era quase mesmo uma certeza. Como esqueceu ele a possibilidade de um tal encontro, quando se encaminhava para o Vauxhall? É verdade que não tinha dado então conta do local para onde se dirigiam, devido à disposição de espírito em que se encontrava. Se tivesse podido manter-se mais atento, teria notado que há já um bom quarto de hora Aglaé se voltava de tempos a tempos com uma certa inquietação e parecia procurar alguma coisa à sua volta. Agora que o seu nervosismo se tornava

mais notado, que a sua emoção e perturbação se acentuavam, cada vez que ele olhava para trás, ela fazia logo o mesmo movimento. Estas inquietações não tardaram a encontrar a sua justificação.

Pela saída lateral, perto da qual o príncipe e os Epantchine tinham tomado lugar, viu-se entrar nesta altura um grupo superior a dez pessoas. À frente desse grupo caminhavam três senhoras: duas eram porém de uma tão magnificente beleza, que justificavam em absoluto a grande corte de admiradores que as acompanhavam. Tanto eles como elas tinham um aspeto tão especial, que se diferençavam por completo do público reunido à volta da orquestra. Quase toda a assistência notou desde logo a sua aparição, contudo o maior número afetou não se aperceber da sua presença, à exceção de alguns rapazes, que sorriram e trocaram entre si algumas palavras em voz baixa. Tornou-se desde logo impossível não olhar para os recém-chegados, porque além de se manifestarem com provocação, falavam e riam muito alto. Era-se levado a supor que alguns deles se encontravam embriagados, se bem que muitos estivessem vestidos com elegância e distinção. Além disso destacavam-se ainda uns outros de estranho comportamento e maneiras, e cujos rostos pareciam singularmente inflamados. Por último havia neste grupo alguns militares e pessoas mesmo de uma certa idade. Alguns personagens estavam vestidos com esmero, apresentando fatos de boa fazenda e fino corte; traziam anéis e botões de punho magníficos; as suas cabeleiras e barbas eram negras de azeviche; afetavam um ar de nobreza, se bem que a sua fisionomia exprimisse muita sobranceria; eram destas pessoas de quem, na sociedade, se foge, como da peste. Todos sabem que os nossos pequenos centros de reunião se distinguem por um cuidado excecional de decência e uma reputação especial de bom tom. No entanto um homem, o mais circunspecto, não está livre de em qualquer momento da sua vida receber uma pedrada arremessada da casa vizinha. Foi esta pedrada que caiu sobre aquele público escolhido, reunido à volta da orquestra.

Para se ir do local onde estava o público, até junto da orquestra, era preciso descer três degraus. O grupo parou ante essas escadas, hesitando desce-las. Uma das senhoras avançou para as escadas e apenas dois dos seus companheiros se atreveram a segui-la. Um deles era um homem de meia idade, com um ar bastante modesto e mostrando um exterior correto sob todos os aspetos, mas reconhecia-se nele um desses vadios que nunca conhece ninguém, nem ninguém o conhece a ele. O outro era forte, mal

vestido e com uma aparência das mais equívocas. Além destes dois, ninguém mais acompanhou a excêntrica senhora; apesar disso desceu os degraus, sem mesmo olhar para trás, dando assim a entender que lhe era indiferente que a seguissem ou não. Ela continuava a rir e a falar ruidosamente; a extrema elegância e riqueza da sua apresentação pecavam pela ostentação. Passou por diante da orquestra, dirigindo-se para a outra extremidade do estrado, onde uma carruagem, junto do passeio da rua, parecia esperar alguém.

Há já mais de três meses que o príncipe a não via. Desde o seu regresso de S. Petersburgo que não se passou um dia sem que ele não projetasse ir visitá-la; talvez um íntimo pressentimento o tivesse impedido, pois não chegava, pelo menos, a conseguir definir o sentimento que experimentava sempre que a via, ou sempre que, não sem uma certa apreensão, pensava em ir vê-la. A única coisa que claramente se lhe revelava, é que a entrevista lhe seria desagradável. Diversas vezes, no decorrer dos últimos seis meses, havia evocado a primeira impressão que lhe causou o rosto dessa mulher; recordou mesmo a impressão sentida quando viu pela primeira vez o seu retrato, e que lhe tinha sido também muito desagradável. O mês que passou na província e durante o qual a viu quase todos os dias, provocou-lhe tão grandes inquietações, que chegava por vezes a tentar afastar do seu espírito qualquer recordação deste passado recente. Via sempre na fisionomia desta mulher alguma coisa que o atormentava. Numa conversa com Rogojine chegou a confessar que experimentava como que «um sentimento de compaixão infinita». E isto era a verdade: só o ver o retrato desta jovem senhora despertava no seu coração todos os graus de piedade. Este sentimento de comiseração levado até à dor não o deixou mais, e sentia-o neste momento com igual intensidade. Melhor ainda: ia-se acentuando cada vez mais.

Daí portanto não o ter satisfeito a explicação que havia dado ao Rogojine. Só agora, apenas, a *sua* aparição inesperada lhe revelou, com uma intuição imediata, a lacuna daquela explicação, lacuna que só podia ser preenchida por palavras que exprimissem o espanto, sim, o espanto!... Neste minuto compreendeu por completo tudo. Tinha as suas razões para estar convencido, absolutamente convencido, que *ela* estava parva. Imaginem um homem, amando uma mulher com um amor superior a tudo, ou pressentindo a possibilidade de uma tal paixão, e que de repente via essa mulher presa a umas correntes, por detrás de uma grade de ferro e sob

a alçada de um guarda; eis mais ou menos o motivo da comoção que por momentos dominou o príncipe.

— Que tem o senhor? — perguntou-lhe em voz baixa Aglaé, sem deixar de o fitar e puxando-o bruscamente por um braço,

Voltou a cabeça para ela, fitou-a também e viu brilhar nos seus olhos pretos uma chama incompreensível. Fez um esforço por lhe sorrir, mas, esquecendo-a logo, voltou o olhar para a direita, fascinado de novo por uma extraordinária visão.

Nesta altura Nastásia Filipovna passou ao lado das cadeiras ocupadas pelas senhoras. Pavlovitch preparava-se para contar à Alexandra uma história, que devia ser interessante e engraçada, a julgar pela vivacidade e animação do narrador. O príncipe lembrou-se então que Aglaé havia dito a meia voz: «Ah, aquela...»

Esta interjeição não fora concluída. A moça calara-se rápida, deixando a frase por acabar. Porém o que disse foi o suficiente. Nastásia, que passou sem dar mostras de haver notado alguém, voltou-se de repente para o local onde estavam todos e pareceu descobrir apenas Pavlovitch.

— Ah! Até que enfim! — gritou ela, parando bruscamente. — Agora não conseguimos pôr-te os olhos em cima, até mesmo mandando-te qualquer recado. Passas todo o teu tempo lá em baixo, onde te estimam menos!... Creio que estás lá em baixo... em casa do teu tio!

Pavlovitch tornou-se vermelho. Fitou Nastásia com um olhar de zangado, depois do que se apressou a olhar para um e outro lado.

— O quê? Não sabes Não sabes nada ainda! Mas será possível! Ele suicidou-se. O teu tio meteu uma bala na cabeça, esta manhã. Soube-o quase logo, duas horas depois; agora já metade da cidade o sabe. Fez um desfalque de trezentos e cinquenta mil *rublos* nos cofres do Estado, outros dizem que foi de quinhentos. E eu que julguei sempre que te devia deixar uma fortuna! Esbanjou tudo. Era um velho esbanjador... Bem, adeus, *bonne chance*! Sempre é verdade que não vais? Fizeste bem em deixar o serviço nesta ocasião! Mas onde tenho eu a cabeça? Sabes tudo, sabes já tudo, talvez mesmo desde ontem...

Falando num tom de impudente provocação e afetando uma suposta intimidade com o interpelado, tinha evidentemente um fim: entre os assistentes deixaria de subsistir a mais pequena sombra de dúvida. No primeiro momento Pavlovitch supôs poder escapar a esta questão, sem escândalo, fingindo não prestar nenhuma atenção à provocadora. Porém as

palavras desta mulher produziram nele o efeito de um raio; ao ouvir a notícia da morte do tio tornou-se branco como a cal e voltou-se para a insolente. Neste momento a Isabel levantou-se rápida e, arrastando todos os seus, saiu quase a correr. Apenas o príncipe León e Pavlovitch ficaram mais um momento; o primeiro parecia perplexo e o segundo não acordara ainda da sua grande emoção. Os Epantchine não tinham dado uns vinte passos, quando ocorreu um formidável escândalo.

O oficial, grande amigo de Pavlovitch e que conversava com Aglaé, manifestou a mais viva indignação.

— Faz falta aqui um chicote. Não há melhor maneira para acalmar essa criatura! — disse ele, quase gritando. Pavlovitch tinha-lhe contado algumas das suas confidências.

Nastásia voltou-se logo para ele, de olhos cintilantes. Arrancou das mãos de um cavalheiro que se encontrava a seu lado, e que ela não conhecia, uma fina vara de junco e fustigou com toda a sua força o rosto do insultador. A cena foi rápida como um relâmpago. O oficial, fora de si, lançou-se sobre a referida senhora, que já não tinha ninguém à sua volta para a defender: o senhor de meia idade tratara de desaparecer o mais rápido possível e o companheiro pusera-se de lado, rindo a grandes gargalhadas. A polícia só uns minutos mais tarde interveio e entretanto Nastásia teria passado um mau bocado, se um socorro inesperado não tivesse surgido: o príncipe, que se encontrava a dois passos dela, acorreu rápido, puxando para trás o braço do oficial. Desembaraçando-se dele, descarregou-lhe no peito uma forte pancada, que o fez cair a três passos de distância, sobre uma cadeira. Nessa altura Nastásia tinha já a seu lado dois novos defensores. Em frente do oficial agressor colocara-se o *boxeur,* autor do artigo que o leitor já conhece e antigo e ativo membro do bando de Rogojine. Apresentou-se com altivez:

— Keller, antigo tenente da reserva. Se quer alguma coisa, capitão, e me considera capaz de defender o sexo fraco, estou às suas ordens. Conheço muito bem o *box* inglês. Não posso permitir que continue, capitão; compreendo que sofreu uma afronta *sangrenta*, mas não posso permitir que bata numa senhora em público. Se pretende regular a questão de outra maneira, como convém a um ca... a um cavalheiro, suponho que o capitão deve naturalmente compreender-me...

O capitão recuperara já o domínio dos seus nervos e por isso fingiu não o ter ouvido.

Neste instante Rogojine saiu de entre a multidão e agarrando rapidamente Nastásia pelo braço, arrastou-a com ele. Este parecia deveras emocionado; estava pálido e nervoso. Ao acompanhá-la, esta aproveitou a ocasião para, ao passar perto do oficial, lhe dizer num tom de triunfante mordacidade:

— Ah, que é que ele tomou? Tem a cara ensanguentada!...

Completamente senhor de si e tendo compreendido a espécie de pessoas com quem havia questionado, cobriu o rosto com o lenço e voltando-se delicadamente para o príncipe, que acabava de se levantar da cadeira, disse-lhe:

— É o príncipe Míchkin a quem tenho a honra de conhecer?

— Ela é tola! É uma doida! Garanto-lhe! — respondeu o príncipe numa voz agitada, ao mesmo tempo que, num gesto maquinal, estendeu a mão trémula ao oficial.

— Não tinha bem a certeza de o ter visto há pouco e além disso preciso conhecer o seu nome.

Saudou com um movimento de cabeça e afastou-se. A polícia chegou cinco segundos precisos, depois dos últimos personagens desta cena haverem desaparecido. O escândalo não durara mais de dois minutos. Uma parte do público levantara-se e fora-se embora. Algumas pessoas limitaram-se apenas a mudar de lugar. Outras estavam satisfeitas com o incidente. Outras ainda transformaram o incidente em tema das suas conversas. Em breve a questão terminou e tudo voltou à normalidade. A orquestra principiou a tocar. O príncipe seguiu a família Epantchine. Se depois de lhe terem batido e ter caído sobre a cadeira, tivesse tido tempo ou a ideia de olhar para a sua esquerda, teria visto, a vinte passos dele, Aglaé parada a observar a cena, a despeito dos chamamentos da mãe e das irmãs, que se encontravam já a certa distância. O príncipe Stch… correu para ela e acabou por conseguir que o acompanhasse, afastando-a rápida. Quando a viu aproximar-se — Isabel lembrou-se então! — estava num tal estado de agitação, que não devia ter ouvido os seus chamamentos. Dois minutos mais tarde, ao entrar no parque, disse no tom indiferente e desenvolto que lhe era habitual:

— Quis ver como acabaria a comédia.

Capítulo 3

O sucedido em Vauxhall aterrou por assim dizer a mãe e as filhas. Sob o domínio do medo e da comoção, tanto uma como outras encaminharam-se para casa numa espécie de fuga precipitada. Dadas as suas ideias e a sua maneira de ver, este acontecimento foi deveras revelador, para não fazer germinar pensamentos decisivos no seu espírito, e não obstante ainda a desordem e o terror de que estavam sendo vítimas. Toda a família compreendeu logo que alguma coisa de anormal se estava passando e que talvez mesmo um extraordinário segredo começasse a revelar-se. Apesar das anteriores garantias e explicações dadas pelo príncipe Stch…, Pavlovitch aparecia agora «deveras comprometido» e a descoberto; estava desmascarado e «a sua ligação com essa criatura ficava definitivamente comprovada». Tal era a opinião da Isabel e mesmo das duas filhas mais velhas. Porém esta dedução não tinha outro efeito que não fosse aumentar os enigmas por mais tempo ainda. Sem dúvida as pequenas haviam ficado chocadas no seu íntimo, quer pelo barulho excessivo que se fez, quer pela fuga um pouco precipitada de sua mãe; por vezes, na confusão dos primeiros momentos, procedemos por forma a alarmar ainda mais as questões. Por outro lado tinham a impressão que a mais nova, Aglaé, sabia mais qualquer coisa sobre esta questão do que elas as duas e a mãe. O príncipe Stch... estava sombrio como a noite e concentrado em absoluto nas suas reflexões. Durante todo o percurso a Isabel não lhe dirigiu uma única palavra, nem mesmo depois, quando pareceu aperceber-se daquele mutismo. Adelaide tentou informar-se, fazendo-lhe esta pergunta: «De que tio falavam ainda há pouco e que é que se passou em S. Petersburgo?»; murmurou-lhe, num tom áspero, uma resposta muito vaga, alegando que umas tantas informações não se pediam e que toda esta questão era deveras absurda. «Enquanto a isso não oferece nenhuma dúvida!», replicou a Adelaide, que desistiu de ser melhor informada. Aglaé mostrava manter uma calma extraordinária, e tanto assim, que durante o percurso fez a observação de que iam muito depressa. A certa altura olhou para trás e

avistou o príncipe, que se esforçava por os alcançar; sorriu com um ar de zombaria e não olhou mais para o lado de onde ele vinha.

Quase ao chegarem a casa encontraram Ivan Fiodorovitch, que regressando há pouco de S. Petersburgo, se dirigia ao seu encontro. A sua primeira palavra foi perguntar pelo Pavlovitch. A esposa porém passou ao seu lado com um ar de zangada, sem lhe responder, nem mesmo olhar para ele. Descobriu logo nos olhos das filhas e do príncipe Stch… que havia tempestade em casa. Além disso, antes mesmo de tal ter descoberto, o seu rosto já refletia uma expressão de desusada inquietação. Agarrou então o príncipe Stch... pelo braço, e parando à entrada de casa, trocou com ele algumas palavras a meia voz. A julgar pela perturbação que se notava na sua fisionomia, no momento em que chegaram ao terraço, para se reunirem à família, podia-se conjeturar que acabavam de ter conheci' mento de alguma invulgar e estranha notícia.

Toda a família acabou por se reunir em cima, nos aposentos de Isabel; só o príncipe ficou no terraço, sentado a um canto, com o ar de quem espera alguma coisa. Ele próprio não sabia o que fazia ali, mas também não o assaltou a ideia de se retirar, ao notar a desordem que reinava naquela casa. Dir-se-ia que havia esquecido tudo o que o rodeava e que se preparava para ficar plantado dois anos seguidos no sítio onde o fixassem. Chegava até ele, de tempos a tempos, o sussurro de uma conversa bastante agitada. Não poderia dizer nunca quanto tempo passou sentado naquele canto. Era já tarde e a noite havia caído. De repente Aglaé surgiu no terraço; parecia calma, mas estava um pouco pálida. Teve um sorriso de surpresa ao avistar o príncipe, que evidentemente não esperava encontrar ali, sentado numa cadeira.

— Que faz aqui? — perguntou ela, aproximando-se dele.

O príncipe, confuso, balbuciou qualquer coisa sem nexo e levantou-se precipitadamente; porém, vendo-a sentar-se logo perto dele, voltou a ocupar o seu lugar. Observou-o num golpe de vista rápido e perscrutador, depois olhou através da janela sem nenhuma intenção aparente o por último acabou por o fitar com insistência.

O príncipe pensou: «Preparar-se-á talvez para se rir de mim? Não deve ser, pois de outra forma tê-lo-ia feito há pouco!»

— Deseja tomar chá? — perguntou ela, após um curto silêncio. — Vou mandar que o sirvam.

— Não... não sei...

— Então não sabe se quer ou não? Ah, a propósito: se alguém o provocasse para um duelo que faria? Era uma pergunta que há bocado lhe queria fazer.

— Mas... quem então... ninguém tem a intenção de me provocar para um duelo.

— Sim, mas se tal se desse, não teria medo?

— Creio que sim... que ficaria horrorizado.

— Sério? Então o senhor é um covarde?

— Não... não será tanto assim. Covarde é aquele que tem medo e foge. Aquele que tem medo, mas não foge, não pode ser considerado um covarde — disse o príncipe, sorrindo, e depois de um instante de reflexão.

— E o senhor não fugia?

— Talvez não fugisse — acrescentou ele, rindo, às perguntas de Aglaé.

— Pois eu, que sou uma mulher, não fugiria por nada deste mundo — observou ela com uma ponta de despeito. — De resto, o senhor zomba às vezes de mim, faz mesmo as suas carantonhas habituais, talvez para se tornar mais interessante. Diga-me: é em geral a doze passos que se atira nos duelos? Algumas vezes até a dez, não? Deve se ter a certeza, nesse caso, de ser morto ou ferido.

— Nos duelos é raro que não errem o tiro.

— Como assim? Pushkin foi morto.

— Talvez fosse por acaso.

— Talvez! Foi um duelo de morte e foi morto.

— A bala atingiu-o, com certeza, muito mais abaixo do que o ponto visado por Dantés, que devia ter sido o peito ou a cabeça. Ninguém descobriu o sítio onde ele foi ferido; o seu ferimento foi obra do acaso, de um erro de tiro. Foram pessoas competentes que tal me disseram.

— E eu falei com um soldado, o qual me declarou que, segundo os regulamentos militares, os atiradores devem visar a meio corpo, quando se colocam em posição de fogo. «Meio corpo» é o termo regulamentar. Visa-se, não o peito, nem a cabeça, mas a meia altura do homem. Um oficial que há pouco ainda esteve conversando comigo sobre este assunto, confirmou a informação do soldado.

— Deve ser assim para o tiro a grande distância.

— E o senhor sabe atirar?

— Nunca atirei.

— Então nem sequer sabe mesmo carregar uma pistola?

— Não sei. Ou melhor, conheço a maneira como se faz, mas nunca o tentei fazer.

— Então é o mesmo que dizer que não sabe, visto que tal operação demanda prática. Ouça bem e tente reter o que lhe vou dizer: é favor comprar já boa pólvora para pistolas; é preciso que não seja húmida, mas sim muito seca (parece que isto é indispensável). Deve ser de grão muito fino; peça-a desta qualidade e não vá por aí comprar pólvora para canhão! Quanto às balas, deve ser o senhor também a adquiri-las. Tem alguma pistola?

— Não tenho, nem tenho necessidade dela — respondeu de repente o príncipe, rindo.

— Que grande tolo! Precisa comprar uma e das boas; escolha uma marca francesa ou inglesa; disse que estas são melhores. Em seguida pega na pólvora, de que deve encher um dedal de costura, ou dois talvez, e deita-a no cano da pistola. Às vezes é preciso aumentar a dose. Tapa depois com feltro (parece que o feltro é indispensável, não sei porquê!); pode-se tirar de qualquer coisa, de uma manta, por exemplo, ou de certos rolos das portas. Apertado bem o feltro, mete em seguida a bala. Ouça bem: a pólvora primeiro e a bala depois; de outra forma o tiro não parte. Por que está a rir? Quero que se exercite, todos os dias e várias vezes ao dia, no tiro ao alvo, aprendendo a meter as balas no zero. Promete fazer isto?

O príncipe ria sempre. Aglaé, despeitada, bateu com o pé. O seu ar sisudo, numa tal conversa, intrigou algum tanto o príncipe. Sentiu vagamente que ela tinha vontade de o interrogar sobre certos assuntos, fazer-lhe perguntas sobre certos temas mais sérios, em qualquer dos casos, do que o de carregar uma pistola. Fora isto apenas o que lhe ocorrera; não tivera outra sensação que não fosse a de a ver sentada diante dele e de a olhar. E tudo quanto a respeito do qual pudesse conversar, era-lhe neste momento quase que indiferente.

Nesta altura o Ivan desceu do andar superior e apareceu no terraço: ia a sair e parecia aborrecido e preocupado.

— Ah! León, és tu!... Onde vais agora? — perguntou-lhe ele, se bem que o príncipe não mostrasse desejos de mudar de lugar. — Vem comigo, pois preciso dizer-te uma palavra.

— Até logo — disse Aglaé, estendendo a mão ao príncipe.

O terraço estava já bastante escuro, de forma que este não pôde ver distintamente neste último instante, os traços do rosto da moça. Um minuto depois, logo que o general e o príncipe saíram de casa, pôs-se deveras corada e crispou com força a mão direita.

Sabia que Ivan devia seguir o mesmo caminho que ele. A despeito de ser já bastante tarde, tinha pressa em ir ter com alguém, para tratar de um certo assunto. Sem mais rodeios começou a falar ao príncipe num tom precipitado, confuso e possivelmente incoerente; o nome da Isabel aparecia muitas vezes no seu discurso. Se o príncipe pudesse dar-lhe um pouco mais de atenção neste momento, teria talvez adivinhado que o seu interlocutor procurava colher dele algumas informações ou antes, fazer-lhe, sem qualquer cerimónia, uma pergunta, mas não se atrevendo a abordar ainda o ponto principal. Verificou, por sua vergonha, que estava tão distraído, que não ouviu as primeiras palavras que lhe disse o general, e quando este parou diante dele, para lhe fazer uma pergunta incisiva, forçoso lhe foi confessar que nada havia compreendido do que lhe dissera.

O general encolheu os ombros:

— São todos um bando de malucos, debaixo de todos os pontos de vista! — repetiu ele, dando largas à sua verbosidade. — Confesso-te que não compreendo as ideias e os terrores da Isabel. Tem constantes ataques de nervos, chora, diz que nos vilipendiaram, que estamos desonrados. Quem? Como? Com quem? Quando e porquê? Tenho tido muitos agravos, confesso, mesmo muitos, mas, enfim, a animosidade desta mulher nervosa (que além de tudo se comporta mal) é daquelas a que a polícia põe termo rápido; conto hoje mesmo ir ver alguém e fazer com que adote algumas providências. Tudo se pode regular com sossego, com calma, procedendo com consideração, fazendo intervir as nossas relações e sem nenhum escândalo. Concordo por outro lado que o futuro venha repleto de acontecimentos os mais diversos e que muitos factos precisam também ser esclarecidos; encontramo-nos em presença de qualquer intriga. Mas se ninguém aqui sabe nada e se lá fora pouco mais se compreende; se não tenho ouvido dizer nada, nem tu muito mais, nem um terceiro, nem um quarto, nem um quinto, termino por te perguntar: quem é que no fim de contas está ao corrente da questão? Como explicar isto, se não tivermos de admitir que nos encontramos em face de uma meia-miragem, de um fenómeno irreal, como que direi, da claridade da lua... ou qualquer outra visão fantástica?

— *Ela* é tola — balbuciou o príncipe numa súbita e dolorosa evocação de tudo quanto se havia passado durante o dia.

— Concordo, se é que é dela que tu falas! Pensei há pouco como tu e cheguei a ter essa mesma ideia. Porém constato agora que a sua maneira de ver é a mais justa e não creio na sua loucura. Evidentemente esta mulher não tem o senso comum, mas não é tola; é mesmo bastante astuciosa. A sua saída hoje, a propósito do Capiton Alexeievitch, prova-o devidamente. Procede com maldade, ou pelo menos com jesuitismo, para atingir o fim que pretende.

— Qual Capiton Alexeievitch?

— Ah, meu Deus, León!... não estás ao par da conversa! Comecei por te falar do Capiton. Sinto-me tão agitado, que os braços e as pernas me tremem ainda. Foi por isso que vim hoje muito tarde da cidade. O Capiton Alexeievitch Radomski, o tio do Eugénio Pavlovitch...

— Que foi? — gritou o príncipe.

— Meteu uma bala na cabeça às sete horas da manhã. Era um respeitável septuagenário, um epicuriano. E, tal como ela disse, cometeu um desfalque, um desfalque importante na Caixa!

— Como pôde ela...

— Saber isto? Ah, ah! Bastou aqui chegar, para logo trazer à sua volta todo um estado-maior. Sabes bem quais as pessoas que frequentam agora a sua casa, ou aquelas que procuram «ter a honra de a conhecer». Não há nada que espantar, visto que todas as suas visitas, que vêm da cidade, a põem ao corrente de qualquer coisa, e porque em S. Petersburgo já todos sabem e agora metade, talvez, ou a totalidade dos moradores de Pavlovsk, já o sabem também. Mas que habilidosa reflexão ela fez, segundo o que me disseram, a respeito do uniforme do Pavlovitch, isto é, a propósito de ter pedido a demissão antes de se ter dado tal acontecimento! Que insinuação infernal!... Isto de facto não denota loucura. Não quero crer que Pavlovitch tivesse podido adivinhar tal catástrofe, nem por outro lado saber que ela tinha lugar em tal data, às sete horas da manhã, etc. O mais que podia, era ter tido o pressentimento. Quando penso que o príncipe Stch... e eu, e todos nós, estávamos persuadidos que ia receber dele uma grande herança! É terrível, e bem terrível! De resto, compreendes bem, não tenho nenhuma acusação a fazer contra Pavlovitch; é preciso que fique bem esclarecido. Pelo menos não há nada de suspeito. O príncipe Stch…

está deveras consternado. Tudo isto sobreveio de uma forma tão estranha!...

— Mas que há então de suspeito no comportamento do Pavlovitch?

— Absolutamente nada! Comportou-se da maneira mais correta. Nenhuma alusão se lhe pode por agora fazer. A sua fortuna pessoal está, segundo suponho, à margem de tudo isto. Sei apenas que a Isabel não quer sequer ouvir falar nele... Contudo, o mais grave, são todas estas catástrofes domésticas, ou, para melhor dizer, todos estes estorvos, enfim... nem sei mesmo que nome lhe hei de dar... Tu, León, tu és, falando a direito, um amigo da casa. Pois bem, imagina que acabamos de saber (ainda que a coisa não esteja confirmada) que o Pavlovitch teve uma explicação com a Aglaé, há já mais de um mês, e recebeu, segundo parece, uma recusa formal.

— Isso não é possível! — exclamou o príncipe com ardor.

— Mas então tu sabes alguma coisa? — perguntou o general, que tremia de espanto e parecia estar colado ao lugar onde parou. — Cometi talvez, meu bom amigo, alguma injustiça, ou tive mesmo falta de tato, falando-te nisto, mas é porque tu... tu és... um homem à parte. Saberás tu alguma coisa de particular?

— Nada sei... a respeito do Pavlovitch — murmurou o príncipe.

— Nem eu tão pouco! Eu... meu caro amigo, jurei não querer saber de nada, desaparecer; não quero que saibam que tudo isto é para mim muito doloroso e que com dificuldade o suportarei. Ainda há pouco tive uma cena terrível! Falo-te como se fosse ao meu próprio filho. E o pior de tudo é que a Aglaé parece ter o ar de zombar da mãe. Quanto à recusa que deu há um mês ao Pavlovitch e à explicação bastante decisiva que os dois tiveram, não passam de conjeturas das irmãs... conjeturas por agora plausíveis. Trata-se de uma criatura autoritária e fantástica, a tal ponto, que não se pode calcular. É dotada de todos os nobres sentimentos de alma, de todas as qualidades brilhantes do coração e do espírito, de tudo enfim, concordo; mas é tão caprichoso, tão escarnecedor! Em certas ocasiões é um caráter diabólico e que tem os seus caprichos! Ainda há instantes se riu abertamente da mãe, das irmãs e do príncipe Stch… Não falo de mim, pois estou poucas vezes exposto aos seus gracejos, e além disso, quem sou eu? Sabes bem quanto lhe quero, até nas suas momices, e tenho a impressão de que, por esta razão, este pequeno diabo tem uma simpatia especial por mim, ou antes, maior que a de todos os outros. Aposto que também já teve

ocasião de escarnecer de ti? Vim encontrar-vos em amena conversa, após a tempestade que estalou lá em cima; estavas sentado ao seu lado como se nada se tivesse passado.

O príncipe tornou-se deveras corado e crispou as mãos, mas não proferiu uma palavra.

— Meu caro, meu bom León! — exclamou de repente o general com calor e efusão. — Eu... e mesmo a Isabel (que, de resto, recomeçou a criticar-te há pouco e que me trata também da mesma maneira que a ti, não sei bem porquê!) estimamos-te assim mesmo, estimamos-te sinceramente, estimamos-te a despeito de tudo; quero dizer, a despeito das aparências. Mas concordo, meu caro, concordo contigo, que ela é um enigma! Que mortificação, ouvir de repente esse pequeno diabrete (ela esteve lá, de pé, na frente da mãe, afetando o mais profundo desprezo por todas as nossas questões, sobretudo por aquela que eu formulei, porque cometi a asneira de tomar o tom severo de um chefe de família. O diabo me leve! Estou tolo!), de o ouvir, direi, de nos dar friamente e com um ar de zombaria uma explicação tão inopinada: «Está tola» (foi a palavra que ela empregou e eu fiquei surpreendido de a ver repetir a tua frase: «os senhores não puderam aperceber-se mais cedo!») meteu-se-lhe na cabeça casar-me a todo o custo com o príncipe León, e é esta a razão por que deseja afastar da nossa casa o Pavlovitch!» E foi tudo quanto ela disse; sem mais explicações, saiu, soltando uma grande gargalhada; ficámos de boca aberta, enquanto ela saía, batendo a porta com força. Depois contaram-me o incidente de hoje com ela e contigo e... e... Escuta, meu caro, não és um homem para melindres e és muito sensato, tenho-o notado, mas... não te apoquentes se te disser que ela zomba de ti. Dou-te a minha palavra! E se zomba de ti como uma criança, também tu não devias querer-lhe, mas a coisa é assim!... Não faças juízos temerários; ela diverte-se à tua custa e à nossa, por simples ociosidade. Agora, adeus! Conheces bem os nossos sentimentos? Deves saber então quanto são sinceros a teu respeito. São imutáveis, nada os fará variar mais... mas... devo entrar aqui! Até breve. Raras vezes estou tão pouco tempo na mesma posição como hoje (é assim que se diz?). É isto uma vilegiatura!...

Ficando só numa encruzilhada, o príncipe inspecionou à sua volta, atravessou rápido a rua e aproximou-se de uma casa, cuja janela estava iluminada; desdobrou então um pequeno papel que manteve fortemente

apertado na mão direita, durante toda a sua conversa com Ivan, e à fraca luz que emanava dessa janela, leu o seguinte:

Amanhã às sete horas da manhã estarei no banco verde do parque, e espero-o. Estou resolvida a falar-lhe numa questão muito importante e que lhe diz diretamente com respeito».

P. S. — Espero que não mostrará este bilhete a ninguém. Foi com um certo escrúpulo que me resolvi a fazer-lhe esta recomendação, mas depois de bem refletir, o senhor precisa dela. Direi mais, tenho pensado no seu ridículo caráter e tenho corado de vergonha.

Segundo P. S. — É o mesmo banco verde que lhe mostrei outro dia. Deve ter vergonha que eu seja ainda obrigada a precisar este ponto.

O bilhete tinha sido escrito e dobrado à pressa, com certeza um instante antes de ela descer para o terraço. Preso de uma emoção indizível a confinar com o medo, o príncipe apertou de novo com força o pequeno papel e afastou-se da janela iluminada com a pressa de um ladrão surpreendido, Porém este brusco movimento fê-lo ir contra um cavalheiro que nesta altura surgiu atrás dele.

— Estava vendo o que fazia, príncipe — disse este último.

— É o Keller? — exclamou o príncipe, com espanto.

— Andava em sua procura. Esperei-o próximo da casa dos Epantchine, onde, como sabe, não posso entrar. Segui-lhe na peugada quando o vi sair com o general. Estou às suas ordens, príncipe; pode dispor do Keller. Estou pronto a sacrificar-me e mesmo a morrer, se for preciso.

— Mas... porquê?

— Porque o senhor vai ser decerto desafiado para um duelo! O tenente Molovtsov, conhece-o, quer dizer, não pessoalmente... não perdoará esta afronta. Às pessoas como Rogojine e eu, olha-nos como pobre gentalha, o que diga-se de passagem, não seja talvez imerecido; quanto ao senhor, é o único que considera capaz de lhe dar uma satisfação. Vai-o fazer pagar a questão, príncipe! Segundo o que ouvi, tirou informações a seu respeito, e amanhã, sem falta, um dos seus amigos irá procura-lo, se é que não o espera já em sua casa. Se se dignar escolher-me para sua testemunha, não

receio correr o risco de ir parar às galés. Foi para lhe dizer isto que o procurei.

— Também o senhor me vem falar de duelo! — exclamou o príncipe, desatando o rir, com grande surpresa do Keller. Ria em altas gargalhadas. Keller, que tinha o aspeto de quem tem andado deveras preocupado, enquanto se não desempenhou da sua missão, propondo-se como testemunha, pareceu quase ofendido com uma tão grande hilaridade.

— No entanto, príncipe, o senhor agarrou-o pelos braços esta tarde! Ora um cavalheiro não pode nunca suportar uma coisa dessas e muito menos em público.

— Mas se foi ele que me deu um soco no peito! — replicou o príncipe, continuando sempre a rir. — Não há razão nenhuma para que tenhamos de nos bater. Desculpar-me-ei junto dele e tudo acabará em bem... Se pelo contrário fizer questão em nos batermos, bater-nos-emos. Se quiser recorrer às armas, não posso desejar melhor. Ah, ah, agora já sei carregar uma pistola. Imagine que acabei de aprender isso ainda há pouco. Sabe carregar uma pistola, Keller? É preciso em primeiro lugar comprar a pólvora para a pistola, quer dizer, pólvora que não seja húmida, nem grossa como aquela que serve para os canhões. Começa-se por deitar a pólvora, ataca-se com feltro ou com bocados de um rolo das portas, e depois coloca-se a bala por cima. É preciso ter cuidado em não meter a bala antes da pólvora, porque então o tiro não partiria. Está a ouvir, Keller? O tiro não partiria. Ah, ah! Não é isto uma magnífica razão, amigo Keller?... Ah! Keller, sabe que sinto desejos de lhe dar um grande abraço? Ah, ah, ah! Que faria daqui a pouco, se se encontrasse de repente diante dele? Venha daí comigo até minha casa para beber champanhe. Embebedar-nos-emos com champanhe. Já sabe que tenho doze garrafas nas caves do Lebedev? Propôs-me a sua venda anteontem, como uma grande «pechincha», e eu comprei-lhas todas; foi no dia seguinte ao da minha chegada. hei de reunir toda a nossa sociedade. Diga-me, onde vai dormir esta noite?

— Ao sítio do costume, príncipe.

— Muito bem. Desejo-lhe que tenha uns sonhos agradáveis. Ah! ah!...

O príncipe atravessou a rua e desapareceu no parque, deixando o Keller perplexo e algum tanto desapontado. Este último não tinha ainda visto o príncipe num estado de espírito tão singular e nunca mesmo o teria imaginado assim.

«Talvez esteja com febre, porque é um homem nervoso, sobre o qual tudo isto causou uma grande impressão, mas que com certeza não terá medo! Por Deus! As pessoas da sua espécie não têm frio nos olhos!», pensou Keller. «Hum, champanhe! A novidade não é falha de interesse. Doze garrafas; uma dúzia, é já uma guarnição respeitável. Parece que o Lebedev recebeu este champanhe de um dos seus caloteiros, a título de penhor. Um! No fundo este príncipe é bastante gentil; é para mim o género do homem que me agrada; em todo o caso não é o momento para indecisões... e se há champanhe é preciso aproveitar a ocasião...»

O príncipe encontrava-se de facto num estado febril.

Passeou algum tempo, na escuridão, pelo parque, e acabou por se «surpreender» a percorrer velozmente uma certa alameda. Recordava-se de ter já percorrido trinta ou quarenta vezes essa alameda, entre o banco e uma velha árvore, alta e fácil de reconhecer, que ficava a cem passos do banco. Quanto a lembrar-se no que tinha pensado durante este vaivém pelo parque, há pelo menos uma hora, ser-lhe-ia absolutamente impossível, mesmo que o quisesse. Teve de repente uma ideia que o fez soltar uma gargalhada; não tinha nada de engraçada, mas tudo lhe despertava a hilaridade. O seu espírito aventou a hipótese de que a ideia do duelo devia ter tido a sua origem noutras cabeças, que não a do Keller, e que portanto a exposição que lhe fizeram sobre a maneira de carregar uma pistola, não era mais talvez do que obra do acaso... «É estranho!», exclamou ele, enquanto parava, como que assaltado por uma outra ideia. «Há pouco, quando desceu ao terraço e me encontrou ao canto, ficou admiradíssima de me ver ali; sorriu... e falou-me no chá. Mas trazia já na mão o bilhete. Sabia portanto que eu estava no terraço. Então porque ficou surpreendida? Ah! ah! ah!»

Tirou o bilhete do bolso e beijou-o. Logo se seguida parou e voltou a pensar: «É bem estranho! Sim, bem estranho», proferiu ele ao fim de um minuto, com um acento de tristeza. Nos momentos de alegria intensa sentia-se sempre dominado por uma certa tristeza, sem bem saber porquê. Lançou à sua volta um olhar intrigado e admirou-se de se ver naquele sítio. Invadido por uma grande lassidão, aproximou-se do banco e sentou-se. À sua volta reinava um profundo silêncio. A orquestra deixara de tocar no Vauxhall. Talvez não se encontrasse já ninguém no parque; deviam ser mais de onze horas e meia. A noite estava calma, tépida e clara; uma noite de S. Petersburgo no fim de junho; porém no parque copado e sombreado,

e em especial na alameda onde se encontrava, as trevas eram quase completas.

Se nessa altura alguém lhe tivesse dito que estava apaixonado, loucamente apaixonado, teria repelido esse pensamento com espanto e talvez mesmo com indignação. E se alguém lhe tivesse acrescentado que o pequeno bilhete da Aglaé era um bilhete de amor, um convite para uns minutos de namoro, teria corado, todo confuso, ante o autor de uma tal suposição, assim como tê-lo-ia talvez provocado para um duelo. Era sincero nesta maneira de pensar, não admitindo a mais pequena dúvida a tal respeito, nem admitindo mesmo o menor equívoco quanto à possibilidade de ser amado por essa pequena, nem de ele a amar também. Uma semelhante ideia tê-lo-ia enchido de vergonha; a possibilidade de amar um «homem como ele» parecia-lhe uma coisa monstruosa. A seus olhos, o que podia ver de real nesta questão, reduzia-se a uma simples travessura da moça, travessura que aceitava com uma soberana indiferença, atendendo muito à ordem das coisas, para ter de se comover. A sua preocupação e os seus cuidados concentravam-se num outro objeto. Havia dado uma inteira confiança às palavras do general, quando, na sua comoção, este lhe revelou incidentalmente que ela zombava de toda a gente e dele, príncipe, em especial. Não sentiu com isso nenhum estremecimento; segundo pensava, ela não podia proceder de outra forma. O essencial que havia para ele, era o facto de que no dia seguinte, pela manhã cedo, voltaria a vê-la, sentar-se-ia a seu lado no banco verde e contemplá-la-ia, ouvindo-a explicar como se carrega uma pistola. Não lhe esqueceria mais. Uma ou duas vezes perguntou qual seria o tema sobre que desejava conversar e qual poderia ser essa importante questão que lhe dizia diretamente com respeito. Não tivera até então, em qualquer momento, a menor dúvida sobre a realidade de tal questão «importante», devido à qual lhe concedia esta entrevista; por um instante quase não pensou e estava mesmo tentado a fazer parar o pensamento.

Um ruído de passos ligeiros sobre a areia da alameda fê-lo levantar a cabeça. Um homem, cujos traços eram difíceis de distinguir na obscuridade, aproximou-se do banco e sentou-se ao seu lado. O príncipe debruçou-se sobre ele até quase lhe tocar, e reconheceu o rosto pálido do Rogojine.

— Não tinha a menor dúvida de que vagavas por qualquer parte, próximo daqui. Não foi preciso procurar-te por muito tempo — murmurou

Rogojine por entre dentes.

Era a primeira vez que se voltavam a ver desde o seu encontro no corredor da hospedaria. O príncipe ficou tão surpreendido com a inesperada aparição do Rogojine, que precisou de um certo tempo para poder coordenar as suas ideias; uma sensação dolorosa despertou no seu coração. Rogojine deu muito bem conta da impressão que a sua aparição produziu; se bem que no primeiro momento parecesse perturbado, exprimiu-se com desembaraço, mas com um ar afetado; todavia o príncipe não tardou em observar que havia nele tanto de afetação como de perturbação; se nos seus gestos e na sua conversa se notava um certo desacerto, era apenas uma simples aparência; no fundo a alma deste homem não podia mudar.

— Como é que me... descobriste aqui? — perguntou o príncipe para dizer qualquer coisa.

— Foi o Keller que me informou (passei também pela tua casa), dizendo-me: «Foi para o parque». Bem, pensei eu, já sei onde ir.

— Que queres insinuar, dizendo «já sei onde ir?» — perguntou de novo o príncipe com inquietação.

Rogojine sorriu com um ar manhoso, mas esquivou-se a dar explicações.

— Recebi a tua carta, León; é inútil apoquentares-te tanto... pois é em pura perda! Vim procurar-te agora, por sua ordem, pois quer em absoluto que a vás ver; tem alguma coisa urgente a dizer-te. Espera-te hoje mesmo.

— Irei amanhã. Agora vou já de caminho para casa; queres tu... vir comigo?

— Que fazer? Já te disse tudo; agora, adeus.

— Então não queres vir? — perguntou docemente o príncipe.

— És um homem assombroso, León; não podemos deixar de te admirar, considerando-te surpreendente.

E Rogojine sorriu maliciosamente.

— Por que é isso? Donde te veio agora essa animosidade a meu respeito? — replicou o príncipe com entusiasmo, mas não sem tristeza. — Tens visto até agora que todas as tuas conjeturas são destituídas de fundamento. Até agora tenho constatado que o teu ódio contra mim ainda não desarmou, e sabes porquê? Porque atentaste contra a minha vida; isto é uma prova de que a tua aversão persiste. Sou a dizer-te que só me lembro de um Parfione Rogojine: aquele com quem tenho confraternizado desde o

dia em que trocámos as nossas cruzes. Escrevi isto na carta que ontem te mandei, assim como te pedi que esqueças esse momento de delírio e que não mais voltemos a falar em tal. Por que te afastas de mim? Por que me negas a tua mão? Repito-te que, por mim, a cena de outro dia não foi mais do que um momento de delírio. Leio agora em ti tudo quanto se passou nesse dia, tal como leio em mim. O que tu imaginaste não existe e não pode existir. Por que existe então esta inimizade entre nós?

— Mas és capaz de ter por mim alguma inimizade? — objetou Rogojine, em tom de chacota, às palavras calorosas e espontâneas do príncipe. (Mantinha-se de facto a dois passos dele e escondendo as mãos). — De hoje em diante é-me completamente impossível ir a tua casa, León — acrescentou ele, à maneira de conclusão, num tom lento e sentencioso.

— Odeias-me até esse ponto?

— Não gosto de ti, León; para que ir então a tua casa? Ah, príncipe, não passas de uma criança: serve-se de ti como joguete, e tu fazes-lhe tudo, sem nada compreenderes. Tudo aquilo que me dizes, foi o que escreveste na tua carta, mas é porque eu não tenha fé em ti? Acredito em cada uma das tuas palavras e sei que nunca me enganaste e que não me enganarás. E apesar disso não simpatizo contigo. Escreveste-me dizendo que esqueceste tudo, que te recordas apenas do Rogojine com quem trocaste a tua cruz e não do Rogojine que ergueu um punhal para ti. Mas que sabes tu dos meus sentimentos? — Teve um novo sorriso zombeteiro. — Talvez depois desse dia não me tenha arrependido uma única vez do meu ato, e no entanto enviaste-me já o teu perdão fraternal. Quem sabe se, na tarde do dia dessa cena, eu pensei noutra coisa, que não nessa...

— Esqueceste tudo! — concluiu o príncipe. — Não me enganei! Parece-me mesmo que foste imediatamente tomar o comboio para Pavlovsk, que vieste à música e que a seguiste e espiaste por entre a multidão, tal como fizeste hoje. Supões ter-me admirado? Mas se não estivesses então num estado de espírito que só te permitisse pensar apenas numa única coisa, não terias talvez podido levantar o punhal sobre mim... Tive o pressentimento do teu ato logo pela manhã, ao examinar o teu rosto; sabes a que se parecia o teu rosto? Foi, com certeza, no momento de mudarmos as nossas cruzes que essa ideia começou a germinar no teu espírito. Porque é que me levaste nessa altura junto da tua velha mãe? Esperavas assim ter mão no teu braço? Mas não, não podias ter pensado nisso; como eu, só tiveste apenas um sentimento... Tivemos os dois o

mesmo sentimento. Se não tivesses levantado o braço contra mim (e que Deus desviou), como suportaria eu hoje o teu olhar? Tinha a suspeita bem gravada no espírito; numa palavra, pecámos os dois por desconfiança (não franzas as sobrancelhas! Vamos, porque te ris?). «Eu não estou arrependido», dizes tu. Porém, mesmo que pretendesses arrepender-te, era-te talvez impossível, dado que não simpatizas comigo. Se me colocasse até, frente a frente contigo, inocente como um anjo, não poderias nunca tolerar-me, porque acima de tudo estás convencido que é a mim e não a ti que ela ama. Isto chama-se o ciúme. Durante esta semana, tendo refletido sobre tudo isto, cheguei à seguinte conclusão: fica sabendo que te ama agora mais do que a qualquer outro, e o seu amor é tal, que quanto mais te faz sofrer, mais te ama. Nunca te dirá isto, mas é preciso saber compreendê-la. Por que razão, no fim de contas, pretende ela desposar-te? Um dia virá em que te revelará tudo isto. Há mulheres que querem ser amadas assim e é este justamente o seu caso. O teu caráter e o teu amor devem fasciná-la. Sabes que uma mulher é capaz de torturar cruelmente um homem, de o meter a ridículo, sem experimentar o menor remorso de consciência? Pois cada vez que olha para ti, diz com ela: «Por agora faço-te sofrer mil mortes; porém, depois, compensar-te-ei com o meu amor...»

Rogojine, que escutou o príncipe até final, soltou uma grande gargalhada.

— Parece, príncipe, que já encontraste uma mulher do mesmo género? O que ouvi contar a teu respeito, será verdade?

O príncipe teve um brusco estremecimento.

— O quê? Que é que ouviste dizer? — exclamou ele, todo confuso e trémulo em extremo.

Rogojine continuou a rir. Escutara o príncipe com uma certa curiosidade e talvez mesmo com um certo prazer; o bom humor e o caloroso entusiasmo do seu interlocutor causaram-lhe uma forte impressão e reconfortaram-no.

— Não tenho apenas ouvido dizer; estou convencido, vendo-te, que é a verdade — acrescentou ele. — Diz-me, quando é que me falaste como o acabas de fazer? Dir-se-ia que um outro homem fala pela tua boca. Se não tivesse ouvido uma coisa igual a teu respeito, não teria vindo aqui procurar-te, neste parque, e à meia-noite.

— Não compreendo o que estás a dizer, Rogojine.

— Há muito tempo que ela me deu explicações a teu respeito, e dessas explicações tive a confirmação há pouco, ao ver a pessoa ao lado de quem estavas sentado no Vauxhall. Ontem e hoje jurou-me que estavas apaixonado como um gato pela Aglaé. Por mim, príncipe, é-me indiferente o que se passa; se não a amas mais, ela é que não deixou de te amar. Sabes muito bem que pretende casar-te a todo o preço com a outra? Jurou-mo. Ah, ah! E disse-me: «Não casarei contigo sem isto: no dia em que eles forem à igreja, nós iremos também». É isto uma coisa que tem sido sempre incompreensível para mim: ou ela te ama doidamente, ou... Mas se ela te ama assim, como pode querer casar-te com a outra? Disse-me ainda: «Quero vê-lo feliz». Sendo assim, é porque te ama...

— Disse-te já e escrevi-te que ela... não estava no seu juízo todo — replicou o príncipe, que o havia escutado com um sentimento doloroso.

— Só Deus o sabe! Talvez te enganes nisso... e de resto, hoje, quando voltava de Vauxhall, ela fixou o dia: «casaremos de certeza dentro de três semanas, ou talvez antes», disse ela. Jurou isto com a mão sobre o *ícone,* que beijou depois. Assim, é de ti agora que depende tudo, príncipe... Ah, ah!

— Tudo isso não passa de um delírio. No que me diz respeito, não se realizará nunca, nunca, ouve bem!... Amanhã irei visitar-te...

— Como podes dizer que está tola? — observou Rogojine. — Porque é considerada por todos como tendo juízo, e só tu a consideras tola? Como é que ela escreve as suas cartas? Se estivesse tola, nunca as suas cartas se poderiam entender.

— Quais cartas? — perguntou o príncipe admirado.

— Escreveu à *outra,* que leu as suas cartas. Não o sabes ainda? Então vais sabê-lo; com certeza ela vai mostrar-tas.

— É impossível acreditar nisso! — exclamou o príncipe.

— Oh, reconheço, León, que estás ainda nos primórdios. Paciência: voltarás a ter a tua polícia particular, montarás a tua guarda dia e noite, espiarás cada passo que se der, se entretanto...

— Basta, não me fales mais nisso! — interveio o príncipe. — Escuta, Rogojine: um momento antes da tua chegada passeava ao acaso por aqui; agora comecei a rir sem saber porquê. Acabo de me lembrar que é justamente amanhã o aniversário do meu nascimento. Não falta portanto muito. Vem comigo aguardar a alvorada desse dia. Tenho vinho e beberemos; desejar-me-ás o que eu próprio não me lembra de desejar

neste momento; e contigo que se dê o que eu desejo; faço votos pela tua completa felicidade. Se não quiseres, devolve-me a minha cruz. Essa cruz não ma restituíste hoje de manhã. Tem-la contigo? Trá-la ainda agora?

— Sim, trago-a comigo — respondeu Rogojine.

— Então vamos! Não quero entrar sem ti na minha nova vida, porque é uma nova vida a que vai começar para mim! Ainda não sabes, Rogojine, que a minha nova vida principia hoje?

— Nesta altura vejo e sei por mim mesmo que ela começou. Dar-lhe-ei conta de tudo isto. Não estás no teu estado normal, León.

Capítulo 4

Foi com um vivo espanto que ao aproximasse de casa, em companhia do Rogojine, viu o terraço muito iluminado e ocupado por uma barulhenta e numerosa sociedade. Esta sociedade estava deveras entusiasmada, ria às gargalhadas e vociferava; parecia discutir em altos gritos; ao primeiro golpe de vista ficava-se com a impressão de que o tempo decorria ali alegremente. De facto, quando subia ao terraço, o príncipe encontrou toda a gente em atitude de beber, e champanhe de mais a mais; esta pequena festa devia durar já há um certo tempo, porque muitos dos presentes haviam conseguido alcançar um estado de ótimo bom humor. Todos eram conhecidos do príncipe, porém o estranho era vê-los reunidos, como se os tivesse convidado, quando não tinha feito nenhum convite e fora mesmo por acaso que se lembrara do dia do seu aniversário.

— Disseste a alguém que oferecias champanhe e por isso acorreram todos — murmurou Rogojine, que entrou no terraço depois do príncipe. — Nós conhecemos isto; basta assobiar-lhes... — acrescentou ele num tom amargo, evocando com certeza um passado não distante.

Todo o grupo rodeou o príncipe, acolhendo-o aos gritos e votos de felicidade. Alguns convivas estavam muito barulhentos, outros muito calmos; porém logo que souberam que era o seu aniversário, todos se aproximaram, e cada um por sua vez se apressou a felicitá-lo. A presença de certas pessoas, por exemplo Bourdovski, intrigou o príncipe; no entanto o que o admirou mais foi encontrar Pavlovitch com tais companhias; quase não acreditou no que via, tal a admiração sentida ao reconhecê-lo.

Entretanto Lebedev, muito vermelho e bastante excitado, acorreu para dar as suas explicações; estava razoavelmente bêbado. Expôs com volubilidade que todos se haviam ali reunido da maneira a mais natural deste mundo e mesmo até por acaso. O primeiro de todos fora o Hipólito, que chegara de tarde; sentindo-se muito melhor e querendo esperar, no terraço, o regresso do príncipe, deitara-se no sofá. Depois Lebedev viera juntar-se-lhe, logo seguido de toda a família, ou dizendo melhor, dos filhos e do general Ivolguine. Bourdovski chegara na companhia do

Hipólito. Gania e Ptitsine, passando perto da casa, entraram por acaso, pouco tempo depois (a sua chegada coincidiu com o incidente do Vauxhall); em seguida o Keller apareceu também, dizendo que era o aniversário do príncipe e reclamando champanhe. Pavlovitch só chegou passada uma meia hora. Kolia insistiu muito para que se servisse champanhe e se organizasse uma festa. Lebedev apressou-se então a trazer vinho.

— Mas foi do meu vinho, do meu vinho — barafustou ele, dirigindo-se ao príncipe. — Sou eu que faço as despesas a fim de festejar o seu aniversário e para o felicitar. Há também um pequeno festim, uma ceia fria. A minha filha está tratando disso. Ah, príncipe, se soubesse qual era o tema da nossa discussão!... Lembra-se daquela frase do *Hamlet:* «ser ou não ser»? Aqui está um tema moderno, e bem moderno! Perguntas e respostas... E o senhor Terentiev está no ponto máximo da animação... não quer deitar-se! Até agora só bebeu um gole de champanhe, um único gole, e isto não lhe pode fazer mal... Aproxime-se, príncipe, e ponha termo ao debate. Todos o atenderão, pois todos contam com a sua delicadeza de espírito.

O príncipe notou o olhar terno e acariciador de Vera Lebedev, que abrindo caminho por entre os que a rodeavam, conseguiu chegar até ele. Foi a primeira a quem estendeu a mão; corou de prazer e desejou-lhe «uma vida feliz a *partir daquele dia*». Depois disto correu à cozinha, onde estavam preparando o repasto. Porém, ainda antes da chegada do príncipe, desde que pode libertar-se um instante do seu trabalho, veio para o terraço a fim de escutar com toda a atenção as discussões apaixonadas e intermináveis que os convivas, tornados verbosos pelo vinho, consagravam às questões, as mais abstratas e mais estranhas para a jovem pequena. A sua irmã mais nova adormeceu de boca aberta, no aposento do lado, sentada numa arca. Quanto ao filho mais novo de Lebedev, sentou-se perto do Kolia e do Hipólito; na expressão sonhadora do seu rosto adivinhava-se que era capaz de se manter naquele sítio por mais dez horas ainda, deliciado com a conversa.

— Estava em especial à sua espera e fiquei encantado ao vê-lo chegar tão feliz — disse Hipólito, quando o príncipe lhe apertou a mão, logo depois de ter apertado a de Vera.

— E como sabe que estou «tão feliz»?

— Vê-se no seu rosto. Cumprimente estes senhores e apresse-se a vir sentar-se aqui, perto de nós. Estava em especial à sua espera — repetiu ele, acentuando significativamente esta frase.

O príncipe perguntou-lhe se não era perigoso para a sua saúde estar a pé até tão tarde. Respondeu-lhe que ele próprio estava admirado por se ter sentido tão bem durante toda essa tarde, quando havia estado à morte ainda três dias antes.

Bourdovski levantou-se bruscamente e murmurou que tinha vindo «como estava», para «acompanhar» Hipólito; também ele estava encantado; na sua carta tinha «escrito asneiras», mas estava agora «profundamente encantado». Não concluiu a frase, apertou com vigor a mão do príncipe e voltou a sentar-se.

Depois de haver cumprimentado toda a gente, aproximou-se do Pavlovitch. Este agarrou-o logo por um braço:

— Quero apenas dizer-lhe duas palavras — disse ele a meia voz. — Trata-se de um acontecimento muito importante. Afastemo-nos um minuto.

— Duas palavras — cochichou uma segunda voz ao outro ouvido do príncipe, enquanto uma outra mão lhe apertava o braço que ficara livre.

O príncipe teve a surpresa de ver junto dele uma face descomposta, corada, jovial e sempre a piscar os olhos, que reconheceu logo ser a de Ferdistchenko. Este havia surgido sem se saber donde.

— Recorda-se de Ferdistchenko? — perguntou ele.

— De onde saiu o senhor? — exclamou a príncipe.

— Arrependeu-se! — informou o Keller, que se aproximara rapidamente. — Estava escondido, não queria aparecer diante do senhor. Escondeu-se lá em baixo, a um canto. Arrependeu-se, príncipe, pois sente-se culpado.

— Mas de quê, de quê então?

— Fui eu que o encontrei, príncipe, e trouxe-o logo comigo. É um dos meus melhores amigos e está arrependido.

— Estou encantado, meus senhores; vão juntar-se aos restantes convivas, que eu vou já ter com os senhores — disse por fim o príncipe para se desembaraçar deles. — Tenho necessidade de falar com o Pavlovitch.

— Distraí-me na sua casa — observou este último — e passei uma agradável meia hora à sua espera. Eis do que se trata, meu caro León:

arranjei tudo com o Kourmichev e vim aqui para o tranquilizar; escusa portanto de se inquietar; aceitou os factos muito, muito razoavelmente; antes da minha conversa estava muitíssimo zangado.

— Mas qual Kourmichev?

— Não se lembra daquele a quem hoje, de tarde, agarrou pelo braço? Estava tão furioso que queria mandar-lhe amanhã as suas testemunhas pedir-lhe explicações.

— Mas isso era uma estupidez!

— Evidentemente que era uma estupidez e teria terminado, com certeza, por uma estupidez muito maior. Estão porém ainda outras pessoas em minha casa...

— O Pavlovitch veio talvez aqui com outra intenção?

— Naturalmente! Tinha ainda uma outra intenção — repetiu ele, rindo. — Amanhã, meu caro príncipe, ao romper do dia, vou a S. Petersburgo tratar dessa desgraçada história (a questão de meu tio, não sei se se lembra). Imagine que tudo isso é exato e que toda a gente o sabia, salvo eu. Esta notícia deixou-me tão estupefacto que nem tive tempo de ir *lá baixo* (a casa das Epantchine). Não posso por maneira nenhuma ir lá amanhã, porque conto estar em S. Petersburgo, como compreende! Talvez não volte por estes três dias mais próximos; as minhas questões vão de mal a pior. Sem exagerar a importância do acontecimento, pensei logo, no entanto, que devia ter uma explicação com o senhor, com toda a sinceridade e sem perda de tempo, isto é, antes da minha partida. Agora, se mo permite, ficarei aqui e esperarei que os convivas se retirem; para já não tenho mais nada a fazer e estou tão agitado que não posso dormir. Se bem que seja um atrevimento e uma incorreção agarrar-me assim a um homem, digo-lhe com toda a franqueza que venho solicitar a sua amizade, meu caro príncipe. O senhor é um homem sem igual, no sentido de que o senhor não mente a cada instante e talvez até não minta nunca. Ora há uma questão para a qual tenho necessidade de um amigo e de um conselheiro, porque nesta altura estou positivamente no número das pessoas desgraçadas...

E começou a rir.

— Só tenho aborrecimentos! — disse o príncipe, após um minuto de reflexão. — Quer esperar que todos se vão, mas só Deus sabe quando eles irão! Não era preferível darmos agora uma volta pelo parque? Com franqueza, eles podem bem esperar por mim. Desculpar-me-ei depois.

— Não, não quero. Tenho as minhas razões para querer que não suponham que procurámos ter uma conversa particular. Há aqui pessoas que estão muito intrigadas com as nossas relações, e o senhor bem o sabe? É muitíssimo melhor que constatem que mantemos as melhores relações na vida normal e não apenas em circunstâncias excecionais, compreende? Retirar-se-ão dentro de duas horas, mais ou menos; peço-lhe para me conceder então uns vinte minutos, meia hora ou pouco mais...

— Com muito gosto lhos concedo! Fico até muito contente e é desnecessário explicar porquê. Por outro lado agradeço-lhe também muito reconhecido as suas boas palavras referentes às nossas relações de amizade. Desculpe-me, se estou hoje um pouco distraído; reconheço que me é em absoluto impossível concentrar a minha atenção neste momento.

— Eu vejo, eu vejo! — murmurou Pavlovitch com um ligeiro sorriso. Estava nessa noite de um humor muito jovial.

— Que é que o senhor vê? — perguntou o príncipe, estremecendo.

— Não suponha, meu caro príncipe — prosseguiu Pavlovitch, continuando a sorrir e sem responder diretamente à pergunta — não suponha que a minha visita possa ter por fim enganá-lo e, quase sem dar por isso, levá-lo a dar-me quaisquer informações?

— Que o senhor veio aqui para me fazer falar, não tenho a menor dúvida — disse o príncipe, começando também a rir. — Talvez mesmo tenha prometido abusar um pouco da minha ingenuidade. Mas para dizer a verdade, não lhe tenho medo; além disso, neste momento, tudo me é indiferente, pode crer? E depois... como eu estou, antes de tudo, convencido que o senhor é uma excelente pessoa, acabaremos sempre, no fim de contas, por ficarmos amigos. O senhor tem-me estimado, Pavlovitch. É... em meu entender um homem muito, muito como é preciso!...

— Em todo o caso é muito agradável falar consigo, por qualquer motivo que seja — concluiu Pavlovitch. — Beberei um gole à sua saúde. Estou encantado por ter conseguido encontrá-lo. Oh! — exclamou ele de repente, interrompendo-se. — O senhor Hipólito está instalado na sua casa?

— Está, sim.

— Não deve morrer tão cedo como diz, penso eu?

— Porque pergunta isso?

— Por nada. Passei uma meia hora na sua companhia...

Durante toda esta conversa, o Hipólito, que esperava o príncipe, não deixou de olhar para ele, nem para o Pavlovitch. Uma vivacidade febril o animou, quando eles se aproximaram da mesa. Estava inquieto e sobre-excitado; o suor cobria-lhe o rosto. Os olhos cintilantes e de alucinado exprimiam um constante alarme, uma impaciência mal definida. O seu olhar ia de um objeto para outro, de uma pessoa para outra, sem se fixar em coisa alguma. Se bem que tivesse tomado uma parte ativa na barulhenta conversa que se mantinha à sua volta, o seu entusiasmo era puramente febril; no fundo estava alheio à conversa; a sua maneira de raciocinar era atrabiliária e exprimia-se num tom escarninho, negligente e paradoxal. Não concluía as frases e parava a seu belo prazer ao meio de uma discussão em que se havia empenhado um minuto antes com todo o ardor. O príncipe soube com surpresa e mágoa que o tinham deixado beber essa noite duas taças de champanhe; a taça cheia que tinha na sua frente era já a terceira. Porém só soube de tudo isto mais tarde; nesta altura não estava por forma alguma em condições de observar o quer que fosse.

— Sabe que estou encantado por ser hoje, justamente, o dia do seu aniversário? — exclamou o Hipólito.

— Porquê?

— Vai sabê-lo. Sente-se depressa à mesa. É aproveitar, pois estou vendo que todos... os seus conhecidos estão presentes. Pensei sempre que viria muita gente; pela primeira vez na minha vida o meu cálculo saiu certo. É pena que eu não soubesse mais cedo do dia do seu nascimento, porque ter-lhe-ia trazido um presente... Ah, ah! Mas quem sabe! Talvez o tenha trazido no bolso!? Ainda falta muito para amanhecer?

— Daqui a duas horas romperá a aurora — afirmou Ptitsine, depois de ter consultado o relógio.

— Mas que importa a aurora, se se pode passar sem ela nesta altura para podermos ler lá fora? — observou alguém.

— É que desejava ver ainda uma nesga de sol. Pode-se beber à saúde do sol, príncipe? Que diz?

Hipólito formulou estas perguntas num tom duro, dirigindo-se a todos numa atitude cavalheiresca, mas como se desse ordens; todavia ele mesmo parecia não se aperceber de tal.

— Seja, bebamos. Mas creia que fazia muito melhor repousando, não acha?

— Está sempre a mandar-me repousar, príncipe; o senhor é para mim uma verdadeira ama seca. Desde que o sol nasce e começa a «brilhar nos céus»… De quem é este verso, «o sol brilha nos céus»? Isto não tem sentido, mas é bonito. Então vamo-nos deitar, Lebedev. O sol é a fonte da vida? Que querem dizer estas palavras, «fonte da vida,» no Apocalipse? O senhor ouviu falar na «Estrela de Absinto» príncipe.

— Disseram-me que o Lebedev descobriu nessa «Estrela de Absinto» a rede europeia dos caminhos de ferro?

— Ah, não consinto! Isso não vem para aqui! — gritou Lebedev, sobressaltado e agitando os braços, como se pretendesse dominar o riso geral que se desencadeara. — Não consinto! Com estes senhores... todos estes senhores — exclamou, voltando-se bruscamente para o príncipe — há questões sobre as quais... eis o que é...

E, sem cerimónia, deu dois murros secos sobre a mesa, o que fez redobrar a hilaridade da assistência.

Lebedev estava neste mesmo estado todas as tardes, mas desta vez estava muito mais excitado que o costume, pela longa e «sábia» discussão que o havia precedido; nestas ocasiões alardeava um desprezo sem limites pelos seus contraditores.

— Não está bem, meus senhores! Combinámos, há uma meia hora, não interromper nenhum de nós, nem rirmo-nos quando um de nós falasse, e darmos a cada um a liberdade de exprimir todo o seu pensamento; liberdade portanto aos próprios ateus para anunciarem as suas objeções, se as tivessem. Demos ao general a presidência dos debates, eis tudo! Como é que este tem procedido? Pode-se assim tapar a boca a um homem que expõe umas ideias, as mais elevadas, as mais profundas.

— Mas falai, falai então! Ninguém vos impedirá! — exclamaram várias vozes.

— Falai, mas não divagueis!

— Que é isso de «Estrela de Absinto»? — perguntou alguém.

— Não tenho a menor ideia! — respondeu o general, que voltou a ocupar, com um ar importante, o seu lugar de presidente.

— Adoro estas discussões e estas questões, príncipe, quando tem um objetivo científico, bem entendido — balbuciou Keller, balouçando-se na cadeira com um ar de verdadeiro êxtase e impaciência — um objetivo científico e político — acrescentou, voltando-se de repente para o Pavlovitch, que estava sentado perto dele.

— Olhe é sempre com o máximo interesse que leio nos jornais o relato dos debates no Parlamento inglês. Entendamo-nos: não é o assunto desses debates que me encanta (eu não sou um político, como sabem), mas a maneira como os oradores se tratam entre si e se comportam, por assim dizer, nas suas relações políticas; «o nobre visconde que está sentado na minha frente», «o nobre conde que é da minha opinião», «o meu nobre contraditor, cuja proposta assombrou a Europa»; todas estas pequenas locuções, todo este parlamentarismo de um povo livre, tudo isto me encanta, sobremaneira!... Deleita-me tudo isto, príncipe. Juro-lhe, Pavlovitch, que no íntimo do meu espírito tenho sido sempre um artista.

— Então chega à conclusão que os caminhos de ferro são malditos? — gritou do seu canto Gania, num tom agressivo. — Serão a perdição da humanidade, pois o veneno caiu sobre a terra para corromper as «fontes da vida»?

Gabriel Ardalionovitch estava essa tarde num estado de excecional nervosismo e notava-se-lhe, segundo a impressão do príncipe, uma espécie de exultação. Era evidente que as suas perguntas não eram um gracejo para provocar o Lebedev, mas este não tardou a exaltar-se.

— Os caminhos de ferro, não! — replicou Lebedev, que se sentia dominado pelo entusiasmo e embebedado de prazer. — Os caminhos de ferro, por eles, não podem corromper as fontes da vida. O que é maldito, é o conjunto; é, nas suas tendências, todo o espírito científico e prático dos nossos últimos séculos. Sim, pode-se dizer que tudo isso é belo e maldito!

— A maldição é certa, ou somente possível? É para agora muito importante saber-se a certeza — acrescentou Pavlovitch.

— A maldição é certa, é tudo quanto há de mais certo! — confirmou Lebedev com arrebatamento.

— Não se deixe embalar, Lebedev; de manhã o senhor está melhor disposto — observou Ptitsine com um sorriso.

— Sim, mas à tarde sou mais franco! À tarde sou mais cordial, mais sincero! — retorquiu com entusiasmo Lebedev, voltando-se para ele. — Sou mais simples, mais preciso, mais honesto, mais respeitável! Por esta razão exponho mais o flanco às suas críticas, meus senhores, mas não faço caso. Vou lançar agora um desafio a todos os presentes, como ateus que são: como salvariam o mundo? Que estrada normal lhe traçariam para sua salvação, os outros senhores, os sábios, os industriais, os defensores do

associativismo, do assalariado e de tudo o resto? E porque salvariam o mundo? Para o crédito? E que é o crédito? A que os levará ele?

— O senhor é muito curioso! — observou Pavlovitch.

— E em meu entender aquele que não se interessa por estas questões não passa de um imbecil na sociedade, meu caro senhor.

— O crédito leva pelo menos à solidariedade geral, ao equilíbrio dos interesses — observou Ptitsine.

— E nada mais. Não tem outro fundamento moral que não seja a satisfação do egoísmo individual e das necessidades materiais. A paz universal, a honra coletiva resultante da necessidade! Permita-me que lhe pergunte: é assim que devo bem compreender, meu caro senhor?

— Mas a necessidade, comum a todos os homens, de viver, de beber e de comer, unida à convicção absoluta e científica que estas necessidades não podem ser satisfeitas senão pela associação universal e a solidariedade dos interesses, eis o que me parece uma conceção bastante potente para servir de ponto de apoio e de «fonte da vida» à humanidade dos séculos futuros — observou Gania, que começava a mostrar-se sério.

— A necessidade de beber e de comer, quer dizer, o instinto da conservação...

— Mas esse instinto não é já muito? Ele é a lei normal da humanidade...

— Que diz a isto? — exclamou bruscamente Pavlovitch. — É uma lei, na verdade, mas nem mais nem menos normal do que a lei da destruição, ou até da autodestruição. E será porque a conservação constitui a única lei normal da humanidade?

— Ah, ah! — murmurou Hipólito, voltando-se rápido para o lado onde estava o Pavlovitch.

Examinou-o com uma profunda curiosidade, mas percebendo que estava a rir, começou a rir também. Depois, empurrando o Kolia, que estava sentado ao seu lado, perguntou-lhe mais uma vez as horas; tirou mesmo o relógio de prata do bolso do rapaz e olhou com avidez os ponteiros.

Em seguida, como que para se abismar no esquecimento, estendeu-se sobre o sofá, passou as mãos por baixo da cabeça e pôs-se a olhar para o teto. Todavia, um meio minuto depois estava de novo sentado à mesa, de busto inclinado para a frente, ouvindo perorar o Lebedev, no paroxismo da exaltação.

— Aí está um pensamento astucioso e irónico, um pensamento provocante — disse este último, lançando-se com entusiasmo sobre o paradoxo de Pavlovitch. — Porém esse pensamento é justo, se é que não foi exposto para incitar à controvérsia. Cético como os senhores, na sua qualidade de homem da sociedade e de oficial de cavalaria (para agora muito dotado) não dá conta por si próprio de toda a profundeza e toda a justeza dessa ideia! Sim, meu caro senhor! A lei de autodestruição e a lei de autoconservação têm no mundo uma igual potência. O diabo servir-se-á tanto de uma como de outra para dominar a humanidade, durante um tempo cujo limite é nosso conhecido. O senhor ri-se? Não acredita no diabo? A negação do diabo é uma ideia francesa, uma ideia frívola. Sabe o que é o diabo? Conhece o seu nome? E, ignorando até o seu nome, o senhor zomba da sua forma, a exemplo de Voltaire: o senhor ri-se dos seus pés fendidos como os ruminantes, da sua cauda e dos cornos, que são da sua própria invenção; porque o Espírito impuro é um espírito grande e terrível, que tem de possuir pés fendidos e cornos, ornamentos que os senhores lhe atribuem... Mas não é dele que se trata para agora...

— Que sabe o senhor? — exclamou logo o Hipólito, soltando uma gargalhada de riso convulso.

— Aí está uma reflexão judiciosa e sugestiva! — aprovou Lebedev. — Mas, volto a dizer, não se trata agora disso. A questão é saber se as «fontes da vida» não tem sido enfraquecidas pelo desenvolvimento...

— Dos caminhos de ferro? — gritou Kolia.

— Não é dos caminhos de ferro, jovem presunçoso, mas da tendência para a qual os caminhos podem servir, por assim dizer, de imagem ou de figuração plástica. Movimentam-se, agitam-se com grande ruído, empurram-se mutuamente, força-se a maneira de andar, supondo ser tudo em honra da humanidade! Um pensador, retirado do mundo, deplora esta trepidação: «A humanidade deve tornar-se muito barulhenta e muito industrial, a despeito da sua quietude moral!» «Seja; mas o barulho dos carros que transportam o pão para os homens esfomeados vale talvez mais que a quietude moral», replicou triunfalmente um outro pensador que circula por toda a parte e se voltou para o primeiro com soberba. E eu, o abjeto Lebedev, não creio nos carros que trazem o pão para a humanidade. Porque, se uma ideia moral não os dirige, estes carros podem friamente excluir do direito ao pão que eles transportam uma boa parte do género humano, e isto já se viu.

— São os carros que podem friamente excluir? — objetou alguém.

— Isto já se viu — repetiu Lebedev, sem se dignar prestar atenção à pergunta. — Malthus era um filantropo. Porém, com uma base moral vacilante, um filantropo é um canibal. Não digo nada da sua vaidade, porque se ferimos o orgulho de qualquer desses inumeráveis amigos da humanidade, prepara-se imediatamente para deitar o fogo aos quatros cantos do globo a fim de satisfazer o seu mesquinho rancor. E agora, para ser imparcial, é preciso acrescentar que somos todos assim, a começar por mim, o mais abjeto de todos; seria talvez o primeiro a pegar na minha trouxa e a salvar-me em seguida. Mas ainda não é bem disto que se trata!...

— De que se trata então?

— Já está a aborrecer-nos!

— Trata-se da anedota seguinte, que remonta aos séculos passados, pois me encontro na obrigação de lhes falar num tempo longínquo. Na nossa época, na nossa Pátria que, conforme espero, amais, como eu amo, meus senhores, porque, no que me diz com respeito, estou prestes a derramar por ela o meu sangue até à última gota...

— De facto, de facto!

— Na nossa Pátria, como na Europa, terríveis fomes gerais assolam nesta altura a humanidade, e tanto quanto pude calcular e a minha memória me não falha, sucede isso uma vez pelo menos em cada quarto de século, ou dizendo melhor, em cada vinte e cinco anos. Não discuto a exatidão do número, mas o facto é que as fomes gerais são relativamente raras.

— Relativamente a quê?

— Ao século doze e aos séculos que o antecederam e seguiram. Porque, nesta época, segundo o testemunho dos autores, as fomes gerais assolavam a humanidade cada dois ou pelo menos três anos, se bem que, em tais circunstâncias, o homem recorria à antropofagia, mas às ocultas. Um parasita desse tempo, ao aproximar-se da velhice, declarou, espontaneamente e sem nenhum constrangimento, que no decorrer da sua longa e miserável existência havia, à sua parte, morto e comido, no maior dos segredos, sessenta monges e algumas crianças, seis ou pouco mais, número mínimo em relação ao número de religiosos devorados. Quanto aos não religiosos, parece que nunca tocou em nenhum.

— Isso não é possível! — gritou num tom de meio ofendido o próprio presidente, o general. — Discuto e divago muitas vezes com ele, meus

senhores, sempre sobre questões deste género, mas a maior parte das vezes diz-me só mentiras, acrescentando que quanto mais um acontecimento é real, menos verosímil é.

— General, lembro-lhe a cadeira de Kars! E os senhores fiquem sabendo que a minha anedota é a pura verdade. Acrescentarei por meu lado que a realidade, se bem que submetida a leis imutáveis, é quase sempre inacreditável e inverosímil. Algumas vezes mesmo, quanto mais um acontecimento é verdadeiro, menos verosímil é.

— Mas quem é que pode comer assim sessenta frades? — perguntaram os outros convivas, rindo.

— Bem entendido que não os comeu todos de uma vez; levou talvez quinze ou vinte anos; nestas condições a coisa é perfeitamente compreensível e natural.

— E natural?

— Sim, natural! — ripostou Lebedev com uma obstinação pretensiosa. — Até agora o frade católico tem sido, de sua natureza, comunicativo e curioso; nada mais fácil do que atraí-lo a um bosque ou a algum lugar solitário e lá fazer-lhe o que disse. Por vezes não contesto que o número de pessoas comidas seja excessivo e revele mesmo uma certa tendência para a intemperança.

— Talvez seja verdade, meus senhores — observou de repente o príncipe.

Este tinha-se até aqui mantido calado e seguido a discussão sem intervir. Rira à vontade, por diversas vezes, nos momentos de hilaridade geral. Via-se que estava satisfeito por se sentir rodeado de toda esta alegria, de todo este barulho, e mesmo por constatar que se bebia com bastante entusiasmo. Teria passado toda a reunião sem proferir uma palavra. Porém assaltou-o de repente a ideia de tomar a palavra, e fê-lo com tanta gravidade, que todos os convivas o fitaram com um olhar de intrigados.

— Quero precisar um ponto, meus senhores: a frequência das fomes gerais no passado. Se bem que conheça mal a história, tenho também ouvido falar. Mas parece-me que não podia ser de outra forma. A quando da minha estada nas montanhas suíças, admirava muito as ruínas de velhos castelos feudais, alcandorados no flanco dos montes, sobre rochas abruptas, a uma altura de pelo menos meia *versta* (isto é, mais *verstas* seguindo os atalhos). Sabem o que é um castelo: um verdadeiro maciço de

pedras. Isto representa um trabalho espantoso, incalculável, trabalho que, sem dúvida, foi executado por aquelas pobres criaturas chamadas os vassalos. Estes eram, além disso, constrangidos a pagar toda a espécie de rendas e a sustentar o clero. Como tinham eles tempo para se bastarem a si e para cultivarem a terra? Eram então pouco numerosos para o poderem fazer; a maior parte morria de fome e não tinham, pode-se afirmar, nada que comer. Cheguei algumas vezes mesmo a perguntar como é que estas populações não se extinguiram por completo, como é que puderam resistir e suportar tão dura existência! Ao afirmar que houve casos de antropofagia, e talvez em grande número, Lebedev está certamente dentro da verdade; somente não vejo porque é que os frades foram chamados para esta questão, nem onde quer chegar por aí!

— Com certeza quis dizer que no século doze só se podiam comer os frades, porque eram os únicos que andavam gordos — observou Gabriel.

— Aí está uma reflexão magnífica e de facto justa — exclamou Lebedev — porque o nosso homem não tocou nunca num único civil. Nem um único civil para sessenta amostras do clero, é uma constatação terrível, de fundamento histórico e de valor estatístico; é um destes factos com a ajuda dos quais um homem inteligente reconstitui o passado, porque prova, com uma precisão matemática, que o clero estava então, pelo menos, sessenta vezes mais próspero e melhor alimentado que todo o resto da humanidade. Talvez até estivesse sessenta vezes mais gordo.

— Que exagero, Lebedev, que exagero — gritaram entre os assistentes, soltando grossas gargalhadas.

— Admito que a ideia tenha um fundamento histórico, mas onde quer o senhor chegar? — replicou o príncipe. Falava com uma tal seriedade, uma tal ausência de ironia ou de troça a respeito do Lebedev, de quem a assistência se ria, que do contraste entre o seu tom de voz e o das outras pessoas resultava um involuntário efeito cómico; por pouco que não começou também a rir, mas esforçou-se por se manter sério.

— Não vê, príncipe, que é um tolo? — cochichou-lhe Pavlovitch. — Disseram-me ainda há pouco, aqui, que o gosto da advocacia e a eloquência judicial transtornaram-lhe a cabeça, e o que ele pretende é passar nos seus exames. Deve ser uma alegre paródia!

— Caminha para uma conclusão enorme — continuou Lebedev numa voz de trovão. — Analisemos porém, antes de tudo, a situação psicológica e jurídica do criminoso. Vemos que este (chamemos-lhe, se assim querem,

o meu cliente) apesar da completa impossibilidade de encontrar uma outra alimentação, manifesta por diversas ocasiões, no decorrer da sua curiosa carreira, o propósito de se arrepender e de renunciar à carne monacal. Isto deduz-se claramente dos factos: disseram-me que comeu cinco ou seis crianças. Comparativamente este número é insignificante; mas debaixo de outro ponto de vista tem a sua eloquência. É evidente que terríveis remorsos assaltaram o meu cliente (porque é um homem religioso, um homem de consciência, como me encarregarei de provar); desejoso de atenuar o seu pecado, na medida do possível, substituiu, a título de ensaio, o regime monacal, por seis vezes o regime laico. Que se tratava de um ensaio, está também fora de contestação; porque, se se tinha proposto variar de ementa, o número seis seria irrisório; porquê seis, em vez de trinta? (Eu tomo metade: metade laicos, metade religiosos). Mas se se trata de uma experiência, unicamente inspirada pelo desespero e pelo espanto em face de um sacrilégio e da ofensa feita aos crentes da igreja, então o número seis torna-se mais que compreensível; seis tentativas para atenuar os seus remorsos de consciência eram mais do que suficientes, visto que não podiam dar um resultado satisfatório. Em primeiro lugar, no meu entender, a criança é muito pequena, ou para dizer melhor, muito fraca: o meu cliente devia, durante um certo tempo, ingerir três ou cinco vezes mais crianças que frades, diminuir qualitativamente o seu pecado, para no fim de contas ser aumentado quantitativamente. Escuso dizer, meus senhores, que me coloco, para raciocinar assim, no estado de alma de um criminoso do século doze. Por mim, homem do século dezanove, teria talvez raciocinado de outra maneira; previno-os já, de maneira a não terem, meus senhores, nenhuma razão para zombarem de mim; por si, general, isto torna-se inconveniente. Em segundo lugar a criança constitui (isto é uma opinião toda pessoal) uma carne pouco nutritiva, talvez mesmo adocicada e insípida em excesso, que não sustenta aquele que a come e só lhe deixa remorsos na consciência. Eis agora a conclusão, meus senhores, desta minha peroração; dar-vos-á a solução de um dos maiores problemas de então e de hoje. O criminoso acaba por ir denunciar-se ao clero e entregar-se nas mãos da autoridade. Não esqueçamos os suplícios que nesses tempos o esperavam, desde a roda, à deceção e às fogueiras! Quem o obrigou então a ir-se denunciar? Por que é que tendo muito simplesmente chegado ao número sessenta, não guardou o segredo até ao último suspiro? Por que é que não se limitou a renunciar aos frades e a

fazer penitência, levando a vida de um eremita? Por que é que não se fez frade? Está aqui a chave do enigma!... Existia então uma força superior à da deceção e das fogueiras, àquela mesmo de um hábito de vinte anos. Havia então uma ideia mais forte que as calamidades, as privações, as altercações, as pestes, a lepra e todo esse inferno que a humanidade não poderia suportar, sem aquela ideia pela qual os corações eram subjugados e guiados às fontes fertilizadas da vida! Mostrem-me portanto alguma coisa que se aproxime desta força, neste século de vícios e caminhos de ferro... É preciso dizer, «no nosso século de barcos a vapor e de caminhos de ferro»; eu digo «no nosso século de vícios e de caminhos de ferro», porque eu estou bêbado, mas sou verdadeiro. Mostrem-me uma ideia, exercendo sobre a atual humanidade uma ação que tenha apenas metade da força daquela. E atrevo-me a dizer, depois disto, que as fontes da vida não têm sido enfraquecidas ou perturbadas, sob essa «estrela», sob essa rede na qual os homens se têm embaraçado. E não suponham poder impor-se pela sua prosperidade, pela sua riqueza, por um diminuto número de privações, ou pela rapidez dos meios de comunicação. As riquezas são em maior número, mas as forças declinam; não há mais força de ideal capaz de criar um laço entre os homens; tudo amoleceu, tudo está bêbado, tudo são bebedeiras! Sim, todos, todos dós estamos bêbados. Mas chega de palavreado!... Não é disto que se trata agora; trata-se de fazer servir a refeição fria, preparada para os nossos hóspedes, não é assim, meu caro príncipe?

Lebedev esteve quase ao ponto de provocar, nalguns dos convivas, uma verdadeira indignação (é justo notar que durante todo este tempo se continuaram a abrir garrafas). Desarmou porém, neste ponto, todos os seus adversários com esta conclusão inesperada, que anunciava o repasto, conclusão que ele próprio qualificou de «hábil manobra de advogado para tornear uma questão». Um riso alegre deu uma nova animação a todos os assistentes; todos saíram da mesa e começaram a passear no terraço para desentorpecer as pernas. Apenas o Keller ficou descontente com *o* desfecho do discurso de Lebedev e manifestou-se por isso com extrema turbulência.

— Ataca a instrução, exalta o fanatismo do século doze e faz todas as contorções, sem ter mesmo a menor pureza de coração; ouso perguntar-lhe com que dinheiro se tornou proprietário desta casa? — exclamou em alta voz, fazendo parar todos os convivas, uns após outros.

— Conheci um verdadeiro intérprete do Apocalipse — disse do canto oposto o general, dirigindo-se a alguns outros convivas e principalmente a Ptitsine, a quem agarrara por um botão do casaco. — Foi o falecido Gregório Semionovitch Bourmistrov. Penetrava nos corações dos outros tal como uma seta de fogo. Começava por pôr as lunetas, depois abria um grande e velho livro com encadernação de couro escuro. Tinha uma barba grisalha e trazia duas medalhas obtidas por obras de beneficência. Punha-se a ler num tom rude e severo; diante dele os generais curvavam-se e as senhoras caíam com síncopes. Aqui porém terminaram por anunciar uma ceia fria!... Isto não tem pés nem cabeça!

Ouvindo o general, Ptitsine sorriu e mostrou o aspeto de um homem que vai pegar no chapéu para se ir embora; porém não se resolvia, ou esquecia sempre a sua resolução. Antes de ter deixado a mesa, Gania parou bruscamente de beber e pousou a taça longe dele; uma nuvem assombrou-lhe o rosto. Quando se levantou, aproximou-se de Rogojine e sentou-se ao seu lado. Ter-se-ia suposto que estavam nas melhores relações. Rogojine, que ao princípio tentou por várias vezes ir-se embora à inglesa, estava agora sentado, imóvel e de cabeça baixa; também ele parecia ter esquecido as suas veleidades de fuga. Em toda a noite não tinha bebido uma gota de vinho. Estava entregue às suas reflexões. Por momentos levantou os olhos e observou um a um todos os assistentes. Nesta altura a sua atitude fazia pensar que adiara a partida, na esperança de que alguma coisa de extremamente importante se passasse com ele.

O príncipe esvaziara apenas duas ou três taças; estava alegre e nada mais. Quando se levantou da mesa o seu olhar encontrou o de Pavlovitch; lembrou-se que devia ter uma explicação com ele e sorriu com um ar de satisfeito. Pavlovitch fez-lhe um sinal com a cabeça e indicou-lhe num gesto rápido Hipólito, que dormia, estendido num sofá. Fitou-o logo em seguida com um olhar perscrutador.

— Diga-me, príncipe, por que razão este vadio se introduziu em sua casa? — perguntou à queima-roupa e com uma expressão tão visível de despeito e até mesmo de ódio, que o príncipe ficou surpreendido.

— Parece que tem um mau intento na cabeça!

— Tenho notado, ou pelo menos parece-me que o Eugénio — respondeu o príncipe — está hoje muito interessado por ele, é verdade?

— Acrescente ainda, que nas circunstâncias especiais em que me encontro, estou pensando noutra coisa; também me sinto muito admirado

por não ter podido, durante toda esta reunião, desviar os olhos desta tão repugnante fisionomia.

— Tem um rosto bonito...

— Aí está, aí está! Ora olhe! — gritou o Pavlovitch, agarrando o príncipe pelo braço. — Aí está!

De novo o príncipe fitou o seu interlocutor com um ar de espanto.

Capítulo 5

Hipólito, que adormecera no sofá, após ter terminado a dissertação de Lebedev, acordou sobressaltado, como se alguém lhe tivesse dado uma dentada num lado. Estremeceu, sentou-se na beira do sofá, olhou à sua volta e empalideceu. Ao ver quem o rodeava, a sua fisionomia exprimiu um certo terror; porém quando se recordou de tudo e pôde coordenar as suas ideias) esse terror degenerou quase em espanto.

— O quê, já se vão embora? Já acabou? Já terminou tudo? O sol já nasceu? — perguntou com angústia e agarrando o príncipe pela mão. — Que horas são? Por Deus diga-me que horas são? Adormeci. E dormi muito tempo? — acrescentou ele, com uma expressão vizinha do desespero, como se tivesse faltado, adormecendo, a alguma questão de onde dependesse, além de tudo, o seu destino.

— Dormiu apenas sete ou oito minutos — respondeu-lhe o Pavlovitch.

Hipólito olhou-o com insistência e refletiu uns instantes.

— Ah, só isso!... Pois eu...

Em seguida aspirou o ar com força, como se sentisse aliviado de um peso enorme. Tinha enfim compreendido que nada «tinha terminado, que a alvorada não havido surgido ainda, que os convivas haviam apenas deixado a mesa para irem comer o prometido repasto e que a única coisa que havia cessado, fora o discurso do Lebedev», Sorriu e as faces coloriram-se-lhe de duas manchas rosadas, reveladoras da tuberculose.

— O senhor Pavlovitch parece que contou os minutos que eu estive a dormir! — exclamou ele, num tom zombeteiro. — O senhor, durante toda a noite, ainda não desviou os olhos da minha pessoa. Bem o tenho notado... Ah! Rogojine!... Acabo de o ver em sonho — cochichou ele ao ouvido do príncipe, franzindo as sobrancelhas e indicando com um sinal de cabeça o sítio da mesa onde aquele estava sentado. — Ah, sim, a propósito — continuou ele, saltando bruscamente de um assunto para o outro — onde está o orador, onde está o Lebedev? Já acabou o discurso? De que falou ele? É verdade, príncipe, que o senhor disse um dia que a «beleza» salvaria o mundo? Meus senhores — gritou depois, tomando todos os convivas por

testemunhas — o príncipe afirma que a beleza salvará o mundo! Por mim afirmo que, se tem assim ideias galhofeiras, é um ser amoroso! Meus senhores, o príncipe é um amoroso; há pouco, logo que o vi entrar, adquiri essa convicção. Não core, príncipe! Assim causa-me piedade. Que beleza é que salvará o mundo? Foi o Kolia que me repetiu isso, a propósito... O senhor é um fervoroso cristão? O Kolia disse-me que o senhor dá a si mesmo o nome de cristão...

O príncipe olhou-o com atenção e nada disse.

— O senhor não me responde? Pensa talvez que o estimo muito? — acrescentou inesperadamente Hipólito, como se esta reflexão lhe tivesse escapado.

— Não, não pense nisso. Já sei que o senhor não me estima.

— Como!... Mesmo depois do que se passou ontem? Ontem fui sincero consigo.

— Já sabia, ontem também, que o senhor não me estimava.

— O senhor quer dizer que é porque eu o invejo, porque seu um invejoso? O senhor sempre acreditou nisso e acredita ainda, mas... porque falar nisso? Quero beber ainda champanhe. Keller, enche-me a taça.

— Não precisa beber mais, Hipólito; não o deixarei beber...

E o príncipe afastou dele a taça.

— É melhor, depois disto tudo — aquiesceu ele logo, com um ar sonhador. — Dirão, sem dúvida, que... mas que me importa o que eles dirão?!... Não é assim como eu digo? Que digam depois o que quiserem, não é assim, príncipe? E que nos importa, a todos quantos aqui estamos, o que será depois? De resto, acabei de sair de um sonho. Que horrível sonho, de facto! Só agora é que me lembro. Não lhe desejo tais sonhos, príncipe, se bem que efetivamente não o estime talvez nunca. Por agora, se não amo ninguém, não é razão para lhe querer mal, não é verdade? Mas porque faço eu todas estas perguntas? Porquê todas estas interrogações? Dê-me a sua mão e apertá-la-ei com vontade; assim, como vê... O senhor mesmo me estendeu a mão. É porque sabe que lhe aperto com sinceridade... Seja, não beberei mais. Que horas são? É inútil dizer-mo por agora; eu sei. A hora soou. O momento chegou. E então? Servem a refeição neste canto? Mas esta mesa está vazia? Perfeito!... Meus senhores, eu... Toda esta gente não me ouve... Tenho a intenção de ler um artigo, príncipe; o repasto é com certeza mais interessante, mas...

Bruscamente, e da maneira mais inesperada, tirou do bolso do lado um largo rolo, formato administrativo, selado com um grande sinete vermelho, e pousou-o diante dele, sobre a mesa.

Este gesto imprevisto produziu o seu efeito sobre os assistentes, que estavam *prontos,* mas não para ouvir uma leitura. Pavlovitch levantou-se da cadeira, sobressaltado; Gania aproximou-se rápido da mesa; Rogojine fez o mesmo, mas com o trejeito de desgosto e aborrecimento do homem que sabe de que se trata; Lebedev, que se encontrava perto dele, avançou com um olhar de acobardado e pôs-se a examinar o rolo, tentando adivinhar o seu conteúdo.

— Que é isso que tem aí? — perguntou o príncipe num tom de inquieto.

— Aos primeiros alvores do sol deitar-me-ei, príncipe. Sou eu que lhe digo. Dou-lhe a minha palavra de honra, verá! — exclamou Hipólito. — Mas... mas os senhores julgam-me num estado incapaz de abrir o rolo? — acrescentou ele, deitando à sua volta um olhar de desconfiança, que parecia dirigir-se a toda a gente sem distinção.

O príncipe notou que as pernas lhe tremiam. Tomou a palavra em nome de todos os assistentes.

— Nenhum de nós teve essa ideia. Porque no-la atribui e acredita que... Que tola ideia é essa de nos querer ler qualquer coisa! Que tem aí, Hipólito?

— O que é isso? Que é que quer ainda? — perguntaram à sua volta. Todos se aproximaram. Alguns comiam já. O rolo e o sinete vermelho atraíam os convivas como um imã.

— Foi o que escrevi ontem mesmo, logo depois de lhe ter dado a minha palavra de que viria instalar-me na sua casa, príncipe. Escrevi-o durante todo o dia de ontem e noite; terminei-o hoje pela manhã. Antes da madrugada tive um sonho...

— Não seria melhor deixar isso para amanhã? — interveio timidamente o príncipe.

— Amanhã «não haverá mais tempo» — replicou Hipólito com uma gargalhada histérica. — De resto, não se inquiete, pois a leitura não levará mais de quarenta minutos, ou quando muito uma hora... E note o interesse que toda a gente manifesta; cada um se aproxima mais, cada um olha com sete olhos para o rolo. Se não tivesse embrulhado este meu artigo, não teria despertado nenhuma curiosidade. Ah, ah! Eis a atração do mistério!

Desembrulho-o ou não, meus senhores? — gritou ele, rindo com um riso singular e dardejando sobre o auditório um olhar cintilante. — Mistério, mistério! Lembra-se, príncipe, que lhe disse que «não haverá mais tempo»? É o Anjo grande e poderoso do Apocalipse.

— É melhor não ler — exclamou bruscamente Pavlovitch, com um ar tal de inquietação que muitas das pessoas ficaram impressionadas.

— Não leia — exclamou igualmente o príncipe, pondo a mão sobre o embrulho.

— Ler agora?!... Vamos mas é comer — observou alguém.

— É um artigo? Então é para alguma revista? — perguntou um outro.

— É talvez aborrecido — acrescentou um terceiro.

— Mas de que é que se trata? — interpelaram outros.

O gesto de apreensão do príncipe havia aterrorizado Hipólito.

— Então... não se lê? — murmurou ele num tom receoso, enquanto um sorriso forçado lhe contraiu os lábios azulados. — Não se lê? — murmurou ainda, perscrutando à sua volta todos os olhos e todos os rostos, procurando atrair as pessoas, como ainda há pouco, com uma ávida necessidade de expansão. — O senhor... tem medo? — perguntou ele, voltando-se de novo para o príncipe.

— Medo de quê? — replicou este, cuja fisionomia se alterava de minuto a minuto.

— Alguém tem por aí uma moeda de vinte *kopeks?* — disse logo em seguida Hipólito, saltando como se o tivessem picado na cadeira. — Ou outra moeda qualquer?

— Aqui está uma — interveio rápido Lebedev, dando-lha. Assaltou-o então a ideia de que o doente havia perdido a cabeça.

— Vera Loukianovna! — chamou Hipólito, num tom apressado. — Pega nesta moeda e atira-a ao ar, sobre esta mesa: cara ou coroa? Se for coroa, lê-se.

Vera olhou emocionada para a moeda, depois para Hipólito, em seguida para o pai e, voltando a cabeça, ante a ideia de que não devia olhar para a moeda, atirou com esta sobre a mesa com a mão esquerda. Saiu coroa.

— É preciso lê-lo! — murmurou o Hipólito, como que esmagado pela ordem da sorte; não teria ficado mais pálido se tivesse ouvido a sua sentença de morte. — E agora — continuou ele, estremecendo, após um

meio minuto de silêncio — que tem a dizer? Será possível que tenha acabado de jogar o meu destino?

Lançou um rápido olhar sobre a assistência que se encontrava à sua volta e o qual refletia o mesmo desejo de se expandir e de pedir que o ouvissem com interesse; depois, voltando-se bruscamente para o príncipe, exclamou com um acento de sincero espanto.

— Eis um estranho caso de psicologia... um caso incompreensível, príncipe! — repetiu ele, animando-se e no tom de um homem que voltou a acalmar-se. — Note isto bem e não o esqueça, visto que trabalha, segundo parece, sobre a pena de morte... Disseram-me, ah, ah! Oh, Deus, que absurda falta de senso!

Sentou-se no sofá, apoiou os dois cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos.

— Que vergonha, mesmo — prosseguiu ele. — Mas que me importa que isto seja vergonhoso? — E levantando rápido a cabeça, pareceu obedecer a uma resolução imediata: — Meus senhores, meus senhores, vou desembrulhar o rolo e... não obrigo ninguém a ouvir-me!

Com as mãos tremendo de comoção desembrulhou o rolo e tirou algumas folhas de papel de carta, cobertas de uma fina letra, as quais colocou diante dele e logo em seguida começou a desenrugar.

— Mas que é isso? Que tem ele? Que é que vai ler? — murmuraram alguns assistentes com um ar sombrio. Outros mantiveram-se calados, mas todos estavam sentados e observavam a cena com curiosidade. Talvez esperassem de facto um acontecimento extraordinário. Vera agarrara-se à cadeira do pai e sentia um tal medo que a custo retinha as lágrimas. Kolia não estava menos aterrorizado. Lebedev, que estava também sentado, levantou-se de súbito, pegou nas velas e aproximou-as do Hipólito para que este visse melhor ao ler.

— Meus senhores, vão... vão já ver o que isto é — acrescentou, não se sabe bem porquê, Hipólito: e sem transição começou a ler: — «Explicação indispensável. Título: *Aprés moi le déluge*.» Oh, diabo! — exclamou ele no tom de um homem que acaba de se queimar. — Como pude na verdade dar um título tão tolo a isto? Ouçam, meus senhores... Asseguro-lhes que tudo isto não é talvez, do fim de contas, mais do que uma horrível bagatela! São apenas pensamentos meus... Se julgam que há alguma coisa de misterioso ou... de proibido... numa palavra...

— Fazia muito melhor se lê-se sem preâmbulos — interrompeu Gania.

— Procura um rodeio! — acrescenta um outro.

— Não passa tudo isto de tagarelice! — observou Rogojine, que até aqui se havia mantido calado.

Hipólito olhou-o de repente; no momento em que os seus olhares se cruzaram, Rogojine teve um sorriso amargo e bisonho, para logo em seguida articular estas estranhas palavras:

— Não precisa comportar-se assim nesta questão, meu rapaz, não...

Com certeza nenhum dos presentes compreendeu o que Rogojine queria dizer. No entanto as suas palavras produziram sobre a assistência uma impressão deveras singular: a mesma ideia pareceu aflorar em todos os espíritos. Sobre Hipólito, o efeito produzido foi terrível; começou a tremer de tal maneira que o príncipe esteve quase a ponto de lhe estender a mão para o amparar; teria mesmo soltado um grito, se este não lhe ficasse estrangulado na garganta. Foi todo um minuto sem poder articular uma palavra. Respirava muito a custo, mas não deixou de fitar os olhos de Rogojine. Retomando algum alento, à custa dos maiores esforços, conseguiu por fim dizer:

— Então foi o senhor... foi o senhor que foi... o senhor...

— Que foi o quê? Que é que quer dizer? — replicou Rogojine com o ar de quem nada compreendeu.

Hipólito corou muito e levado por uma espécie de raiva súbita, exclamou numa voz brusca e brutal:

— Foi o *senhor* que foi a semana passada a minha casa, de noite, depois da uma hora, no dia seguinte ao dessa manhã em que o fui ver? Foi o *senhor!* Confesse: foi o senhor?

— A semana passada, de noite? Não perdeste o juízo, meu rapaz?

O «rapaz» calou-se por instantes, levou o indicador à testa e recolheu-se em ar meditativo. Porém sob o seu pálido sorriso, a que o medo dava um certo ricto, descobria-se agora uma expressão de astúcia e mesmo de triunfo.

— Foi o senhor — repetiu ele quase a meia voz, mas no tom da mais completa convicção. — O *senhor* foi a minha casa e esteve sentado perto de uma hora ou mais, sem dizer uma palavra, numa cadeira, perto da janela: foi entre a meia-noite e as duas horas, e o senhor partiu antes das três... Sim, era na verdade o senhor! Por que razão me foi meter medo? Por que é que foi atormentar-me? Não tenho explicação, mas era o senhor!

No seu olhar chamejou então um forte clarão de ódio e deixou logo de tremer de terror.

— Dentro em pouco os senhores vão já saber tudo. Eu… eu... ouvi...

E de novo procurou cem precipitação as folhas do seu manuscrito, que se haviam espalhado e misturado; esforçou-se por as pôr em ordem; estas folhas tremiam-lhe entre os dedos nervosos e levou bastante tempo a ordená-las.

— Está ou tolo ou delira! — murmurou Rogojine com uma voz a custo inteligível.

Por fim a leitura começou. Durante os cinco primeiros minutos o autor deste inesperado *artigo* teve dificuldade em regular a respiração e leu de uma maneira inquieta e desigual. Porém a sua voz firmou-se pouco a pouco e chegou a compreender-se bem o que lia. Apenas algumas vezes uma tosse bastante violenta o obrigava a interrompê-la; chegado a metade da leitura, dominou-o uma forte rouquidão. A sua exaltação foi crescendo gradualmente, até atingir o paroxismo, ao mesmo tempo que uma impressão mórbida ia avassalando o auditório. Eis todo o artigo:

Explicação indispensável

Aprés moi le déluge!

Ontem de manhã o príncipe foi ver-me; entre outras coisas propôs-me para me instalar na sua casa. Sabia que não deixaria de insistir neste ponto; estava seguro que me declararia abertamente que «seria melhor, para morrer no meio dos homens e das árvores», servindo-me da sua expressão. Hoje porém não empregou a palavra morrer; disse-me que «seria melhor, para continuar a minha existência», o que agora, no meu caso, quer dizer quase que o mesmo. Perguntei-lhe o que queria dizer com aquelas «árvores» em que falava tantas vezes e porque me enchia assim tanto os ouvidos. Fiquei estupefacto ao ouvi-lo responder-me que fora eu próprio que outro dia declarara querer vir para Pavlovsk, para ver as árvores pela última vez. Observei-lhe então que para morrer me era perfeitamente indiferente estar debaixo das árvores ou ver um muro de tijolos diante da minha janela; por duas semanas que me restam de vida, é-me indiferente qualquer

das duas coisas. Concordou logo comigo, mas explicou que o verde dos campos e o seu ar puro deviam trazer com certeza uma modificação ao meu estado físico, transformariam os meus sonhos e os efeitos da minha grande excitação, talvez até ao ponto de os tornar toleráveis. Objetei-lhe de novo, rindo, que falava como um materialista. Replicou-me, com o seu habitual sorriso, que sempre havia sido materialista. Como nunca mente, isto não eram palavras ao vento. O seu sorriso é bondoso; observei-o então com mais atenção. Não sei se agora o estimo ou não; não tenho tempo, para o momento, de inquietar o espírito com essa questão. O ódio que lhe tinha desde há cinco meses, notem bem, começou a declinar por completo no decorrer do último mês. Quem sabe? Talvez viesse a Pavlovsk sobretudo para o ver? Mas por que razão desertei então do meu quarto? O condenado à morte não deve nunca deixar o seu canto; se não tivesse tomado agora uma resolução definitiva e se me tivesse, pelo contrário, resignado a esperar a minha última hora, não teria com certeza abandonado o meu quarto por nada deste mundo e não teria aceitado a proposta de vir «morrer» a casa dele, a Pavlovsk.

Preciso apressar-me para terminar sem falta, ainda hoje, toda esta «explicação». Isto quer dizer que não tive tempo de a reler, nem de a corrigir; lê-la-ei amanhã, comunicando-a ao príncipe e a duas ou três testemunhas que conto encontrar em sua casa. Como não há aqui uma única palavra que não seja a pura, a suprema e a solene verdade, estou ansioso por saber qual a impressão que eu próprio experimentarei por ocasião dessa leitura. Por agora fiz mal em escrever estas palavras: «suprema e solene verdade»; porém por quinze dias, só vale a pena viver assim; é a melhor prova de que escreverei apenas a verdade (N. B. — Uma ideia que não se deve perder de vista: não estou louco neste momento, ou para dizer melhor, em certos momentos? Afirmaram-me positivamente que, chegados à última fase da sua doença, os tuberculosos têm instantes de idiotismo. Verificarei isto amanhã pela impressão que a minha leitura produzir sobre os auditores. Esta questão deve ser a todo o custo resolvida da maneira a mais exata, sem o que nada poderemos empreender).

Parece-me que acabo de escrever uma grande asneira; mas, como já disse, não tenho tempo para corrigir; por outro lado prometo deixar intencionalmente este manuscrito sem a menor correção, mesmo que se perceba que me contradigo a cada cinco linhas. Quero justamente submeter amanhã, à prova de leitura, a lógica do meu pensamento e assegurar-me que noto os meus erros; ficarei sabendo assim se todas as ideias amadurecidas neste quarto, no decorrer destes últimos meses, são verdadeiras, ou se não se trata apenas de um delírio!

Há dois meses que devia ter abandonado por completo o meu quarto, como acabo de fazer, e dizer adeus ao muro de Meyer; estou certo de que teria experimentado uma certa tristeza. Agora não sinto nada, se bem que deva deixar amanhã para sempre este quarto e o muro! O meu íntimo está hoje dominado pela convicção de que, por duas semanas, não vale a pena ter saudades ou entregar-me a qualquer outro sentimento. E todos os meus sentidos obedecem talvez já a essa convicção. Mas será verdade? Será verdade que a minha natureza esteja por completo vencida? Se me infligissem qualquer tortura neste momento, pôr-me-ia com certeza a gritar; não direi que não vale a pena gritar e sentir a dor, quando não se tem mais do que quinze dias de vida!...

Todavia será exato que só me restam quinze dias para viver e não mais? O que eu contei em Pavlovsk era falso: B...ne não me disse nada, nem nunca mesmo me viu; porém há uma semana mandaram-me o estudante Kislorodov; é um materialista, um ateu e um niilista; foi justamente por isso que eu o mandei vir; tinha necessidade de um homem que me dissesse enfim a verdade, nua e crua, sem precauções nem artifícios. Foi o que ele fez, não somente com ardor e sem rodeios, mas até mesmo com um visível prazer (que, em meu entender, ultrapassou as medidas). Declarou-me brutalmente que me restava mais ou menos um mês para viver; talvez um pouco mais, se as circunstâncias me fossem favoráveis, ou talvez então muito menos. Posso, segundo ele diz, morrer subitamente; amanhã, por exemplo, é de crer que assim seja. Há três dias uma senhora tuberculosa, que vivia no bairro de Kolomma e cujo caso era parecido com o meu, preparava-se para ir ao mercado fazer as suas provisões; sentindo-se de repente

indisposta, estendeu-se num sofá, soltou um suspiro e morreu. Kislorodov contou-me todos estes detalhes com uma certa afetação de insensibilidade e indiferença, como se me desse a honra de me considerar, a esta humilde pessoa, como um ser superior, dominado pelo mesmo espírito de negação que ele e não tendo naturalmente nenhuma mágoa em deixar a vida. Por fim, um ponto ficou assente: é que eu tinha um mês para viver e não mais. Sobre este assunto estou em absoluto convencido que não se enganou.

Fiquei muito surpreendido quando o príncipe adivinhou que eu tinha pesadelos; disse na sua carta que em Pavlovsk «os efeitos da minha grande excitação e dos meus sonhos» mudaram. Por que falou ele nos meus sonhos? Ou é médico, ou é um espírito de uma penetração extraordinária, capaz de adivinhar muitas coisas (mas que, no fim de contas, não oferece dúvidas que é um «idiota»). Justamente, antes da sua chegada, acabava de ter na verdade um lindo sonho (como tenho agora às centenas). Tinha adormecido há uma hora, segundo suponho, antes da sua visita, e via-me num quarto que não era o meu. Era maior e mais alto, melhor mobilado e bem iluminado; o mobiliário compunha-se de um armário, de uma cómoda, de um sofá e da minha cama, que era comprida e larga, com uma coberta verde, de seda acolchoada. Neste quarto avistei um animal horrível, uma espécie de monstro. Parecia-se a um escorpião, mas não era um escorpião; era qualquer coisa de mais repugnante e de muito mais horroroso. Julguei ver uma espécie de mistério no facto de não existirem animais desse género na natureza e logo ia aparecer um de propósito na minha casa. Examinei-o à vontade; era um réptil castanho e coberto de escamas, tendo de comprimento aproximadamente quatro verchoks; a cabeça tinha a grossura de dois dedos, mas o corpo adelgaçava gradualmente para a cauda, cuja extremidade não tinha mais que um décimo de verchok de espessura. A um verchok da cabeça destacavam-se duas patas, de um lado e de outro do tronco, com o qual formavam um ângulo de quarenta e cinco graus, se bem que, visto de cima, o animal tomasse o aspeto de um tridente. Não lhe via muito bem a cabeça, mas notei-lhe dois pequenos tentáculos muito curtos e igualmente castanhos, que

pareciam duas grossas agulhas. Encontravam-se dois pequenos e idênticos tentáculos no fim da cauda e na extremidade de cada pata, ou sejam oito, ao todo. Este animal corria rápido através do quarto, apoiando-se nas patas e na cauda; durante a corrida o corpo e as patas torciam-se como as serpentes, com uma prodigiosa velocidade, apesar da sua carapaça; era uma coisa terrível de ver. Tive um medo atroz que o animal me picasse, pois me convenci que era venenoso. Porém o que me atormentava mais, era saber quem o tinha metido no meu quarto, que má vontade o movera contra mim e o que se ocultava sob tal mistério. O animal escondia-se debaixo da cómoda, debaixo do armário, ou refugiara-se nos cantos. Sentei-me numa cadeira e encolhi as pernas, de forma a não as pousar no chão. O animal atravessou ligeiro o quarto, em diagonal, e desapareceu em qualquer canto perto da cadeira. Aterrorizado, procurei-o com os olhos; como estava porém com as pernas dobradas sobre a cadeira e sentado sobre elas, contava que não me subisse para a cadeira. De repente ouvi um leve ruído atrás de mim, não longe da nuca. Voltei-me e vi o réptil que subia ao longo da parede; encontrava-se já à altura da minha cabeça e roçava-me mesmo pelos cabelos com a cauda, que volteava e ondulava com uma extrema agilidade. Dei um salto e o monstro desapareceu. Não me atrevi a meter-me na cama com o medo que ele se introduzisse debaixo do travesseiro. A minha mãe e não sei que outra pessoa das suas relações entraram então do meu quarto. Puseram-se a correr atrás do réptil, tentando apanhá-lo. Estavam mais calmas que eu e não manifestavam mesmo nenhum temor, mas não compreendiam nada. Logo em seguida o monstro reapareceu; rastejava desta vez com um movimento muito lento, como se tivesse uma intenção particular; as suas indolentes contorções davam-lhe um aspeto ainda mais repugnante; atravessou de novo o quarto como da primeira vez, dirigindo-se para o vão da porta. Neste momento a minha mãe abriu a porta e chamou pela Norma, a nossa cadela; era uma enorme Terra-Nova, de pelo negro e frisado: há cinco anos que nos morreu. Precipitou-se no quarto, mas parou rápida, como que petrificada, em face do réptil, o qual também deixou de avançar, mas continuou a torcer-se e bater no soalho com as patas e a

extremidade da cauda. Os animais são inacessíveis, se não me engano, aos terrores místicos; porém neste momento pareceu-me que havia alguma coisa de estranho e de místico na admiração da Norma; era de crer que tivesse descoberto, como eu, neste animal, uma aparição fatal e misteriosa, recuou lentamente, enquanto o réptil avançou prudentemente, a passos contados; parecia estar disposto a saltar sobre ela e a picá-la. A despeito porém do seu terror e se bem que as pernas lhe tremessem bastante, Norma fitou-o com os olhos plenos de raiva. Em certo momento começou a mostrar progressivamente as temíveis queixadas e abrindo a enorme goela vermelha, tomou lanço e atirou-se resolutamente sobre o monstro, que abocou. O réptil fez, segundo me pareceu, um violento esforço para se libertar, porque Norma voltou a agarrá-lo e desta vez no ar. Por duas vezes tentou empurrá-lo para a goela, mantendo-o sempre no ar como se quisesse tragá-lo. A carapaça estalou-lhe entre os dentes; a cauda e as patas do animal moviam-se e agitavam-se de uma maneira terrível. De repente Norma soltou um latido lamentoso; o réptil havia, apesar de tudo, conseguido picar-lhe a língua. Gemendo de dor a cadela abriu as queixadas. Vi-lhe então na goela o réptil meio triturado, mas que continuava a estrebuchar; do seu corpo mutilado corria, sobre a língua da cadela, um líquido branco e abundante, parecido com aquele que sai de uma barata quando se esmaga... Foi neste momento que despertei e o que o príncipe entrou.

Hipólito interrompeu subitamente a leitura, como sob o domínio de uma espécie de confusão.

— Meus senhores — disse ele — não reli este artigo e agora parece-me, confesso-o, que escrevi muitas coisas inúteis. Este sonho...

— É verdadeiro... — apressou-se a observar Gania.

— Concordo que há nele muitas impressões pessoais, ou direi melhor, reportando-se exclusivamente à minha pessoa...

Proferindo estas palavras, Hipólito parecia extenuado. Limpou com o lenço o suor do rosto.

— Sim!... O senhor interessa-se muito com a sua pessoa! — observou Lebedev numa voz sibilante.

— Mas, meus senhores, digo-lhes, mais uma vez, que não forço ninguém; aqueles que não quiserem ouvir-me podem retirar-se.

— Caça as pessoas... em casa dos outros! — resmungou Rogojine num tom pouco percetível.

— E se nos levantássemos todos e nos fossemos embora? — observou inopinadamente Ferdistchenko, que até aqui não tinha ousado levantar a voz.

Hipólito baixou os olhos e procurou o manuscrito. Porém reergueu logo a cabeça; as pupilas brilhavam-lhe e duas manchas vermelhas coloriam-lhe as faces; fitou com insistência Ferdistchenko.

— O senhor não simpatiza comigo — disse ele.

Ouviram-se algumas gargalhadas, mas a maioria não fez eco. Hipólito corou muitíssimo.

— Hipólito — disse o príncipe — embrulhe o seu manuscrito e dê-mo; vá-se deitar depois aqui no meu quarto. Conversaremos antes de adormecermos e continuaremos amanhã a conversa, porém com a condição de que não falará mais nessas folhas. Quer?

— Será possível?! — exclamou Hipólito, lançando à sua volta um olhar de verdadeira surpresa. — Meus senhores — gritou ele num novo acesso de excitação febril — trata-se de um louco episódio de que não soube guardar o segredo. Não interromperei mais a leitura. Quem quiser ouvir, que ouça...

Bebeu à pressa um gole de água, encostou-se rápido à mesa, para escapar aos diversos olhares inquiridores, e retomou com obstinação a sua leitura. A sua confusão não tardou logo a dissipar-se.

A ideia de que não vale a pena viver por algumas semanas começou, creio eu, a obcecar-me há um mês, quando contava não ter mais que quatro semanas diante de mim. Porém tal ideia somente me dominou por completo há três dias, na tarde em que entrei em Pavlovsk. A primeira vez que senti essa ideia penetrar até ao mais íntimo de mim mesmo, estava no terraço, em casa do príncipe e acabava justamente de me decidir a fazer na vida uma última experiência. Quis ver os homens e as árvores (admitamos que tenha sido eu próprio a exprimir-me assim); havia-me excitado e tomado a defesa de Bourdovski, «o meu próximo»; tinha-me deixado arrastar na ilusão de que todos os assistentes

me abririam os braços para me estreitarem contra o peito, que solicitariam o meu perdão e que eu lhes concederia o meu; numa palavra, havia acaba do como um miserável imbecil. Foi então que se revelou em mim esta «suprema convicção». Essa «convicção», pergunto agora, como pude viver seis grandes meses sem ela!? Sabia muitíssimo bem que estava tuberculoso e que era incurável; não me iludia e via claramente o meu estado. E quanto mais claramente eu o via, maior avidez sentia de viver; agarrava-me à vida e queria prolongá-la a todo o custo. Admito que tivesse podido então irritar-me contra o destino tenebroso e surdo à minha voz, o qual havia, sem eu bem saber porquê, decidido esmagar-me como uma mosca. Mas porque não me entreguei exclusivamente a esse desespero? Porque é que de facto comecei a viver, então que eu sabia que isso não me era permitido? Por que me entreguei com toda a alma a esta tentativa, prevendo-a sem saída? E no entanto cheguei a não mais poder ler livros, a renunciar à leitura; para quê ler, para quê instruir-me por seis meses? Mais de uma vez esta reflexão me fez deitar fora o livro começado.

Sim, o muro da casa Meyer poderia dizer muito I Inscrevi nele muitas coisas. Não havia sobre esse muro sujo uma única mancha que não conhecesse de memória. Maldito muro! E apesar de tudo, é-me mais querido que todas as árvores de Pavlovsk, ou melhor, assim devia ser, se nesta altura não me fosse tudo indiferente.

Só agora dou conta do ávido interesse com que me pus a seguir a sua vida; não tinha nunca sentido antes uma tal curiosidade. Esperava algumas vezes com impaciência e azedume o regresso do Kolia, quando estava doente, ao ponto de não poder sair do quarto. Aprofundava de tal maneira todas as ninharias, interessava-me tão vivamente por tudo e todos, que se chegou a dizer, se não me engano, que me havia tornado um má-língua. Não compreendia, por exemplo, como é que as pessoas que tinham saúde, não tentavam enriquecer (o que hoje, aliás, não compreendo melhor). Conheci um pobre diabo que, passados tempos, me disseram ter morrido de fome; recordo-me que esta notícia me perturbou bastante; se se pudesse ressuscitar esse desgraçado, creio que o teria morto depois.

Acontecia-me algumas vezes sentir-me melhor durante umas semanas e poder mesmo vir para a rua; porém a rua acabava por me fatigar, ao ponto de ficar voluntariamente enclausurado dias inteiros, quando podia ter saído como toda a gente. Não podia suportar o número de pessoas que formigavam à minha volta nos passeios, sempre melancólicas, morosas e inquietas. Para quê, sempre a sua constante tristeza, a sua incessante e vão agitação, o seu tristonho e perpétuo azedume? (Porque são maus, maus e maus!) A quem cabe a culpa, se são desgraçados e não sabem viver, quando têm a perspetiva de sessenta anos de existência? Porque é que Zarnitsine se deixou morrer de fome, tendo sessenta anos diante dele? E cada um, mostrando os andrajos e as mãos calosas, arrelia-se e recrimina-se: «Trabalhamos como bestas de carga, fatigamo-nos, estamos esfomeados como cães e arrastamo-nos na miséria! Outros não trabalham, não sofrem mal algum e são ricos!» (O eterno estribilho!...) Ao lado daqueles vagueia pelas ruas, de manhã à noite, um infeliz vagabundo, todo enrugado, mas de «ascendência nobre», como Ivan Fomitch Sourikov, que vive na nossa casa, no andar superior; tem sempre os cotovelos rotos e os botões descosidos. Faz recados por conta de várias pessoas e desempenha não se sabe que oficio; ocupa-se nisto de manhã à noite. Conversai com ele: dir-vos-á que é um «pobre, necessitado e miserável; a mulher morreu-lhe, pois não tinha com que lhe comprar os medicamentos; no inverno o filhito mais novo morreu-lhe de frio e a filha mais velha tornou-se uma mulher perdida...» Geme e choraminga sem cessar. Oh, não sinto, nem então, nem agora, nenhuma piedade por esses imbecis, digo-o com orgulho! Por que é que esse indivíduo não é um Rothschild? A quem cabe a culpa de não ter milhões como o Rothschild, de não ter uma montanha de imperiais e de napoleões de ouro, uma montanha tão alta como aquela que se vê na feira, durante o carnaval? Se lhe é dado viver, tudo está na sua mão. De quem é a culpa se ele não o compreende?

Oh, daqui por diante tudo me é indiferente; não tenho mais tempo para me arreliar. Mas então!... Então, repito eu, mordendo literalmente o travesseiro durante a noite e rasgando, de raiva, os cobertores. Oh, que sonho arquitetava neste momento e que

desejo!... Aspirava com verdadeira alegria a que me pusessem nessa altura na rua, apesar dos meus dezoitos anos, a custo vestido, a custo coberto; que me deixassem absolutamente só, sem parentes, sem um único conhecimento, na cidade imensa, esfomeado e espancado (tanto melhor!), mas com saúde. Então teria mostrado...

Que é que eu teria mostrado?

Podereis julgar-me inconsciente do grau de baixeza a que me deixei resvalar antes de dizer isto na minha «Explicação»? Quem não me tomará então por um infeliz fedelho, estranho à vida, esquecendo-se que eu não tenho mais de dezoito anos, por que viver como tenho vivido desde há seis meses, é atingir a idade em que os cabelos embranquecem! Mas que zombem se quiserem e que considerem tudo isto como um conto ou vários! Por que são realmente contos que estou contando a mim mesmo. Povoei assim noites inteiras e de todas elas me lembro atualmente.

Mas devo repeti-los agora que, mesmo para mim, o tempo dos contos passou? E porquê? Senti um certo prazer quando vi claramente que me era interdito estudar a gramática grega, tal como eu havia pensado; tendo refletido que morreria antes de chegar à sintaxe, parei nas primeiras páginas e atirei com o livro para cima da mesa. Lá o deixei ficar; proibi a Matriona de o arrumar.

Pode ser que aquele em cujas mãos cair a minha «Explicação» e que tenha a paciência de a ler até ao fim, me tome por um louco, ou mesmo por um colegial, ou mais verdadeiramente por um condenado à morte, ao qual parece como justo que, salvo ele, nenhum homem fez bastante caso da vida, que a desperdiçou com mais leviandade, que a gozou com muita negligência e bastante consciência, e que portanto, do primeiro ao último, todos os homens são indignos. E depois? Declaro que o meu leitor se teria enganado e que as minhas opiniões não são influenciadas pela minha condenação à morte. Perguntai, perguntai-lhes apenas como é que todos, sem exceção, compreendem a felicidade? Ah, estai certos de que não foi quando descobriu a América, mas sim quando estava chegado ao ponto de a descobrir, que Colombo foi feliz. Ficai certos que o momento culminante da sua felicidade

está colocado talvez três dias antes da descoberta do Novo-Mundo, quando a equipagem, desesperada, se revoltou e esteve a ponto de fazer meia volta de regresso à Europa. Não se trata aqui do Novo Mundo, porque este podia ter-se afundado. Colombo morreu tendo-o apenas avistado, mas sem saber, no fundo, o que tinha descoberto. O que interessa é a vida, somente a vida; é a procura ininterrupta e eterna da vida, e não a sua descoberta! Mas para que é todo este palavreado? Suponho que tudo isto tem uma tal aparência de vulgaridade, que me tomarão com certeza por um colegial das primeiras classes, que tivesse feito um exercício sobre o «nascer do sol». Dir-se-á que talvez eu tenha querido exprimir alguma coisa, mas que a despeito de todo o meu desejo, não cheguei a «explicar-me». Observarei contudo que em toda a ideia de um génio, em todo o pensamento novo ou mesmo simplesmente sério que nasce num cérebro humano, há sempre alguma coisa que se torna impossível comunicar aos outros, mesmo que lhe consagrem volumes inteiros ou examinem com minúcia essa coisa durante trinta e cinco anos. A despeito de todos os esforços empregados, esse alguma coisa não sairá do seu cérebro e aí ficará para todo o sempre; morrerá sem o ter transmitido a ninguém, e talvez contenha em si o melhor do seu pensamento. Se nesta altura me sinto incapaz de lhes fazer sentir tudo quanto sofri durante esses seis meses, compreender-se-á pelo menos que paguei bem caro a «suprema convicção» a que cheguei agora. Por razões minhas conhecidas, eis o que supus necessário introduzir na minha «Explicação» a fim de a esclarecer.

Agora posso retomar o fio da narração.

Capítulo 6

Não quero mentir; durante esses seis meses a realidade dominou-me mais de uma vez e absorveu-me de tal forma, que me fez esquecer a minha condenação, ou melhor, levou-me ao ponto de não mais querer pensar nela e de me dispor a trabalhar. A propósito lembrarei as condições em que vivia então. Há cerca de oito meses, quando a minha doença começou a manifestar-se, cortei com todas as minhas relações e deixei de ver os meus antigos companheiros. Como estava sempre mal-humorado, não sentiram pena em me esquecerem; ter-me-iam aliás esquecido, mesmo que fosse de outra maneira. A minha vida em casa, quer dizer, «em família», era a vida de um solitário. Há perto de cinco meses fechei-me uma vez por todas no meu quarto e isolei-me por completo dos meus. Havia o costume de se submeterem à minha vontade e não se atreviam a entrar no meu quarto, salvo nas horas fixadas para o arrumarem ou levarem-me as refeições. A minha mãe tremia ante as minhas ordens e não se atrevia mesmo a lastimar-se na minha frente, quando às vezes me decidia a deixá-la entrar. Batia continuamente nas crianças, para que não fizessem barulho, nem me incomodassem; é verdade que os seus gritos me divertiam muitas vezes; calculo como eles devem estimar-me agora. Creio ter também atormentado o «fiel Kolia», por o tratar sempre pelo apelido que lhe dei. Nos últimos tempos tratou-me da mesma forma: tudo isto estava na ordem das coisas, pois os homens foram criados para se fazerem sofrer uns aos outros. Notei muitas vezes que suportava o meu mau humor como se houvesse feito a promessa de tratar de um doente. Isto, contra o que era natural, irritava-me; tive também a impressão de que havia pensado imitar a «humildade cristã» do príncipe, o que não deixava de ser um tanto ridículo. Este rapaz tem o entusiasmo da juventude, assim como imita também tudo quanto vê. Por vezes porém pareceu-me que era chegado o momento de o convidar a

tomar personalidade. Estimo-o muito. Tenho atormentado também Sourikov, que vive na nossa casa, por cima de nós, e que faz, de manhã à noite, Deus sabe que recados... Passo o meu tempo a demonstrar-lhe que a sua miséria só a pode imputar a ele próprio, se bem que com isto é capaz de se amedrontar e não pôr mais os pés em minha casa!... É um homem muito humilde, excessivamente humilde. (N. B. — Afirma-se que a humildade é uma força terrível; é preciso pedir ao príncipe explicações a tal respeito, porque esta expressão é dele). Quando, no decorrer do mês de março, fui a sua casa para ver como tinham deixado «gelar», conforme eles diziam, o seu rapazito, sorri sem querer ante o cadáver do pequeno e recomecei a explicar a Sourikov que «era a sua falta». Então os lábios deste homem raquítico começaram logo a tremer; pousou-me uma das mãos no ombro e com a outra indicou-me a porta: «Saia, senhor!» disse-me ele docemente, quase num leve murmúrio. Saí. O seu gesto chocou-me muito, chocou-me mesmo muito do momento em que me pôs na rua; e sempre as suas palavras me deixaram, ainda muito tempo depois, quando delas me recordava, uma impressão estranha e penosa, alguma coisa como um sentimento de desprezível comiseração a seu respeito, sentimento que preferiria muito mais não ter experimentado. Mesmo sob o peso de uma tal ofensa (pois sinto bem que o ofendi, apesar de não ter tido essa intenção), esse homem não foi capaz de se zangar. Se os seus lábios tremeram, não foi por maneira nenhuma sob o domínio da cólera, posso garantir-lhes; tinha-me agarrado por um braço e lançado sobre mim a sua soberba apóstrofe: «Saia, senhor!» mas sem a menor cólera. Estava nessa altura todo cheio de dignidade, até ao ponto mesmo de que essa dignidade contrastava com o aspeto do rosto (o que era na verdade de um efeito muito cómico), sem que no entanto se refletisse nele a menor sombra de irritação. Talvez sentisse desprezo pela minha pessoa. Desde então encontrei-o duas ou três vezes na escada; saudava-me logo, tirando o chapéu, o que nunca tinha feito antes. Porém deixou de parar como fazia das outras vezes; passava rapidamente por mim, com um ar de quem não se sentia bem. Mesmo, se me desprezava, era ainda à sua maneira: «com humildade». Talvez me tirasse o chapéu por simples medo,

porque era o filho da sua credora; devia sempre dinheiro a minha mãe e encontrava-se na incapacidade de lhe pagar tudo. Esta suposição é talvez a mais aceitável. Tive um dia a ideia de ter uma explicação com ele; estou convencido que ao fim de dez minutos me pediria perdão; refleti porém que era muito melhor deixá-lo em paz.

Nessa época, quer dizer, por meados de março, quando Sourikov deixou «gelar» o filho, senti-me de súbito muito melhor e estas melhoras duraram perto de duas semanas. Comecei a sair, a maior parte das vezes ao cair da noite. Gostava dos crepúsculos de março, quando a geada começa e se acende o gás; ia por vezes passear até bastante longe. Um dia, na rua das «Six-Boutiques», um indivíduo que tinha o ar de um fidalgo, mas de que não distinguia os traços do rosto, passou na minha frente, na obscuridade; levava um embrulho envolvido num papel e vestia um miserável casaco, todo engelhado e muito fino para a estação. Quando chegou à altura de um candeeiro, a dez passos de mim, vi-lhe cair qualquer coisa do bolso. Apressei-me a levantar o objeto. Foi no devido momento, porque um outro indivíduo, envergando um comprido casaco de fazenda grossa, correu também do mesmo sentido; porém vendo-o na minha mão, retomou o seu caminho, fitando-me com um olhar de contrariedade. Este objeto era uma pasta em marroquim, mas de formato antigo; estava cheia de papéis, que rangeram, mas, não sei porquê, adivinhei, ao primeiro golpe de vista, que devia conter tudo, menos dinheiro. Aquele que a havia perdido encontrava-se já a quarenta passos da minha pessoa; ia sem demora perder-se entre a multidão. Corri para ele e chamei-o: mas como não podia dizer outra coisa que não fosse! «Pst. Pst!», não se voltou. Logo em seguida desapareceu à esquerda, sob uma porta larga, como de cocheira. Quando cheguei junto dessa porta, o escuro era bastante grande e não vi ninguém. A casa era uma dessas grandes construções que os especuladores edificam, para conseguirem assim uma grande quantidade de pequenos alojamentos; há prédios destes que chegam a comportar uma centena. Franqueando a larga porta, supus ver no ângulo direito e ao fundo de um largo pátio alguém que se afastava, mas o escuro impediu-me de discernir mais. Corri

até esse canto e descobri a entrada de uma escada estreita, muito suja e sem luz. Ouvindo em cima os passos apressados de um homem que subia, galguei escada fora, contando apanhá-lo antes de abrir a porta do seu aposento. Não aconteceu assim. Os patamares eram muito próximos, mas o seu número pareceu-me interminável e chegou a faltar-me o ar. Abriram uma porta e fecharam, no quinto andar. Reconheci-o quando estava ainda três patamares mais abaixo. Precisei de alguns minutos mais para chegar até lá, tomar alento e procurar a campainha. Uma mulher, que devia ter estado a acender o lume de um samovar, numa cozinha minúscula, apareceu por fim, abrindo a porta. Ouviu as minhas explicações, calada, sem compreender coisa alguma, e sempre sem descerrar os dentes, fez-me entrar num compartimento vizinho. Era um pequeno quarto, de teto baixo e cujo miserável mobiliário se reduzia ao estritamente necessário; sobre uma grande cama, com cortinas, estava deitado um personagem, que a mulher chamou: «Térentich!», o qual me pareceu ser de cor parda. Um bico de candeia ardia sobre uma mesa, num castiçal de ferro, ao lado de uma meia garrafa de aguardente, quase vazia. Sem se levantar, Térentich mastigou alguns sons ininteligíveis a meu respeito e indicou-me com a mão a porta seguinte. A mulher desapareceu, de forma que não pude fazer mais do que atravessar a porta indicada. Foi o que fiz, entrando no quarto ao lado.

Este era ainda mais estreito e mais pequeno que o primeiro, a ponto que não sabia mesmo como me voltar. Uma cama estreita colocada a um lado, ocupava quase todo o aposento; o resto do mobiliário compunha-se de três cadeiras ordinárias, cobertas de toda a espécie de andrajos, e de uma tosca mesa de cozinha, diante de um velho sofá, coberto com um pano encerado. Tudo isto estava tão apertado, que só a custo uma pessoa se podia intrometer entre a mesa e a cama.

Uma vela de sebo, num castiçal de ferro igual ao do outro quarto, estava pousada sobre a mesa. Uma criança de três semanas, ou pouco mais, gritava, deitada na cama; uma mulher doente e pálida «mudava-lhe», ou melhor, estava a ligar-lhe os cueiros. Parecia nova ainda e estava vestida com negligência; reconhecia-se que começava a levantar-se depois do parto.

Quanto à criança, não cessava de gritar pelo magro seio da mãe. Sobre o sofá dormia uma outra criança, uma moça de três anos, sobre a qual deitaram uma peça de vestuário, que parecia um fraque. Perto da mesa estava um homem, vestindo uma casaca muito engelhada (havia já tirado o casaco, pousando-o sobre a cama), preparando-se para desfazer o embrulho envolvido em papel azul e que continha duas libras de pão branco e duas pequenas salsichas. Sobre a mesa estava ainda uma chaleira cheia de água e bocados de pão escuro e sobre a cama podia ver-se uma maleta aberta e dois embrulhos contendo roupas.

Numa palavra, estava tudo numa grande confusão. O cavalheiro e a senhora deram-me, à primeira vista, a impressão de serem pessoas educadas, mas reduzidas pela miséria a este estado de degradação, onde a desordem se impunha de tal forma, que não reagiam mais contra ela, que chegaram a habituar-se a ela, que acabaram mesmo por não mais poderem passar sem ela, e ainda por encontrarem no seu quotidiano aumento não sei que amargo prazer de desforra.

Quando entrei, o cavalheiro, que acabava também de chegar, desembrulhava as suas provisões e conversava com a mulher num tom de extremo nervosismo; esta não tinha ainda acabado de enfaixar a criança e começava já a choramingar; é provável que as novidades que o marido lhe trazia fossem más, como geralmente sucedia. O rosto do cavalheiro pareceu-me decente, mesmo agradável. Era uma criatura que tinha aproximadamente vinte e oito anos, de cor castanha, magro, com suíças pretas e a barba feita de pouco. Tinha um aspeto de cansado e o seu olhar era melancólico, mas com uns reflexos de altivez doentia, facilmente irritável. A minha chegada deu lugar a uma cena estranha.

Há pessoas que possuem um prazer extremo na sua irascibilidade, sobretudo quando atingem o mais alto grau do diapasão (o que sucede sempre depressa); nesta altura dir-se-ia mesmo que encontram mais satisfação em serem ofendidos, do que não serem. Por outro lado estas pessoas irascíveis sentem, com a continuação, remorsos e portanto o arrependimento, bem entendido, se são inteligentes e conseguem compreender que se

distanciaram dez vezes mais da razão. Este cavalheiro olhou-me um momento com estupefação, enquanto o rosto da mulher exprimiu medo, como se a aparição de um ser humano no seu quarto constitui-se um acontecimento terrível. Porém, imediatamente, antes que eu tivesse tido tempo de balbuciar duas palavras, correu sobre mim com uma espécie de raiva. Ficou deveras perturbado ao ver que um homem bem vestido se permitia entrar sem cerimónia no seu quarto e conseguir ver o miserável interior dos seus aposentos, de que ele próprio sentia vergonha. Ao contrário sentia, ao mesmo tempo, uma espécie de alegria, ante a ideia de poder descarregar sobre alguém o despeito que os seus insucessos lhe causaram. Supus mesmo por um instante que me ia bater; tornou-se pálido como uma mulher, dominado por um acesso de histerismo, de que a esposa se admirou bastante.

— Como se atreveu a entrar assim aqui? Saia! — gritou, tremendo, a ponto de só a custo poder articular as palavras.

De repente, porém, viu a sua pasta nas minhas mãos.

— Creio que deixou cair isto — informei eu, num tom tão calmo e tão seco quanto possível (era agora o tom que convinha).

De pé, na minha frente, deveras admirado, o homem ficou algum tempo sem nada compreender. Depois, num gesto rápido, apalpou o bolso, abriu uma boca de apalermado e bateu na cabeça.

— Meu Deus! Onde a encontrou? De que maneira?

Expliquei-lhe em poucas palavras, e num tom ainda mais seco, como é que tinha encontrado a pasta, como havia corrido atrás dele, chamando-o, e como por fim o havia seguido, galgando quatro a quatro os degraus da escada, quase às cegas.

— Oh, meu Deus — exclamou, dirigindo-se à mulher — estes são todos os meus papéis, os meus últimos instrumentos, enfim, tudo!... Oh, meu caro senhor, mal calcula o grande serviço que me acaba de prestar!... Era um homem perdido!...

Entrementes havia deitado a mão ao puxador da porta na intenção de sair, sem responder; engasguei-me porém e fui sacudido por um brusco acesso de tosse, tão violento que a custo me pude manter de pé. Vi o cavalheiro olhar em todos os sentidos para me encontrar uma cadeira livre; pegou por fim nos andrajos

que se encontravam sobre uma delas, deitou-os no chão e fez-me sentar a toda a pressa, mas com precaução. O acesso de tosse prolongou-se ainda durante pelo menos três minutos. Quando dei acordo de mim, estava ele sentado ao meu lado, numa outra cadeira, de onde havia, com certeza, tirado também os andrajos, e olhava-me com fixidez.

— O senhor tem o aspeto de... quem sofre? — perguntou ele num tom idêntico ao que tomam habitualmente os médicos quando interrogam os seus doentes. — Eu sou... médico — não empregou a palavra «doutor». E dizendo isto, indicou com um gesto o quarto, como que para protestar contra a sua situação naquele momento. — Vejo que o senhor...

— Sou um tuberculoso — articulei laconicamente, levantando-me.

Levantou-se ele também, de um salto.

— Talvez o senhor exagere... Tratando-se...

Estava muito preocupado e não conseguia dominar-se; conservava a pasta na mão esquerda.

— Oh, não se inquiete! — interrompi eu de novo, agarrando o fecho da porta. — Fui examinado a semana passada por B...ne — nesta altura ainda citei o nome de B...ne — e a minha doença está clara. Desculpe-me!

Tive de novo a intenção de abrir a porta e de deixar o doutor atrapalhado, reconhecido e cheio de vergonha, porém a maldita tosse voltou outra vez a atacar-me. O doutor fez-me sentar de novo e insistiu para que eu descansasse; voltou-se para a mulher que, sem mudar de lugar, me dirigiu algumas palavras afáveis de gratidão. Fazendo isto, sentiu-se atarantada de tal maneira que as faces secas e descoloridas se avermelharam. Fiquei, mas tomei o aspeto de alguém que deseja deixar parecer, a cada instante, um extremo receio de ser importuno (era o aspeto que convinha). Notei então que o arrependimento começava a torturar o meu doutor.

— Estou-lhe... — começou ele, interrompendo-se a cada instante e saltando de uma frase para outra — estou-lhe muito reconhecido, mas se me comportei mal com o senhor é... porque...,

como vê... — e indicou de novo o quarto — me encontro neste momento em tão precária situação...

— Oh, eu vi tudo! — exclamei. — O caso não tem nada de novo; com certeza perdeu o seu lugar e veio à capital para ter as suas explicações e conseguir um outro?

— Como... como é que o senhor o soube? — perguntou admirado.

— Reconhece-se logo ao primeiro golpe de vista — respondi-lhe num tom de involuntária ironia. — Muitas pessoas chegam aqui, da província, animadas das maiores esperanças; intercedem junto de todas as pessoas conhecidas, lançam mão de todos os meios, nas suas diligências, e assim lhe decorrem os dias uns após outros.

Começou então a falar-me com um vivo interesse; os lábios tremiam-lhe; devo dizer que as suas lamentações e a sua exposição me comoveram; estive em casa dele perto de uma hora. Contou-me a sua vida, que, de resto, não tinha nada de extraordinário. Médico na província, ao serviço do Estado, tinha sido vítima de várias intrigas, nas quais tinham mesmo envolvido o nome da esposa. A sua altivez havia-se revoltado e tinha perdido a paciência. A acrescentar a isto, devido a umas transferências no pessoal administrativo, que foram favoráveis aos seus inimigos, haviam conspirado às ocultas contra ele, chegando mesmo ao ponto de apresentarem uma queixa; teve de abandonar o seu lugar e ir, lançando mão dos seus poucos e últimos recursos, a S. Petersburgo para dar as explicações devidas. Nesta cidade, como sempre, demoraram muito tempo antes de lhe concederem qualquer audiência; depois ouviram-no, depois despediram-no, depois fizeram-lhe várias promessas, depois admoestaram-no severamente, depois ordenaram-lhe para expor a sua questão por escrito, depois recusaram-se a receber a sua exposição e por fim convidaram-no a apresentar um pedido de inquérito. Nisto tudo haviam decorrido mais de cinco meses e comera quanto tinha; os vestidos da mulher foram empenhados no Montepio até ao último; e foi nesta altura que lhe nasceu um filho e... e... «hoje declararam-me ter sido indeferido o meu pedido de inquérito; não

tenho por assim dizer mais pão, não tenho mais nada e a minha mulher convalescente do parto. Eu, eu…»

Levantou-se bruscamente e voltou-se. A mulher chorava a um canto e o filhito recomeçava a choramingar. Abri o meu caderno de anotações e escrevi nele algumas notas. Quando acabei e me levantei, vi-o de pé na minha frente, olhando-me com uma curiosidade lamentosa.

— Tomei nota do seu nome — disse-lhe eu — e de tudo o resto: a localidade onde estava colocado, o nome do governador, as datas e os meses. Tenho um companheiro de escola chamado Bakhmoutov, cujo tio, Pedro Matveievitch Bakhmoutov, é atualmente conselheiro de Estado e diretor de uma das repartições centrais...

— Pedro Matveievitch Bakhmoutov! — exclamou o médico, dominado por um certo terror. — Mas é dele que quase toda esta questão depende!

E de facto, na história do meu médico e no seu desenlace, para o qual contribuí de uma maneira inopinada, tudo se encadeava e se arranjava, conforme as previsões, como num romance. Tentei convencer esta pobre gente a não alimentar nenhuma esperança na minha pessoa, atendendo a que não passava de um pobre colegial (exagerava, por minha vontade, a humildade da minha situação, porque tinha terminado há muito tempo os meus estudos no colégio). Acrescentei que não necessitavam saber o meu nome, mas que iria desde já a Vassili Ostrov para ver o meu companheiro Bakhmoutov. Estava convencido que o tio, o conselheiro atual do estado, velho cavalheiro sem filhos, adorava o meu companheiro até à paixão, pois via nele o último rebento da família. Talvez, disse eu para terminar, que o meu companheiro possa fazer alguma coisa por si, como tem razão, a meu pedido, junto do tio.

— Se me deixassem apenas explicar-me perante Sua Excelência! Se eu chegasse a poder obter a honra de me justificar de viva voz! — exclamou ele, todo trémulo, como se tivesse febre, enquanto os olhos lhe cintilavam.

Foi de facto esta a expressão que ele empregou: Se eu chegasse a poder obter a honra... Depois de ter repetido uma vez

mais que talvez não conseguisse nada e que todos os nossos esforços resultariam improfícuos, acrescentei que, se não voltasse ali no dia seguinte, isso queria dizer que tudo estava acabado e que eles nada mais tinham a esperar de tal assunto. Acompanharam-me até à porta, despedindo-se com tantas atenções que pareciam quase ter perdido a cabeça. Nunca mais esquecerei a expressão do seu rosto. Tomei um carro e dirigi-me desde logo a Vassili Ostrov.

Tínhamos vivido numa contínua inimizade, eu e o Bakhmoutov, durante os vários anos do colégio. Era tido entre nós por um aristocrata; foi pelo menos assim que eu o qualificava, andava sempre muito bem vestido e tinha mesmo um carro para ele. Não era nada altivo; era um excelente companheiro, de um constante bom humor, algumas vezes mesmo um tanto espirituoso, sem ser no entanto de uma grande inteligência; todavia era sempre o primeiro da classe e eu nunca fui o primeiro em coisa alguma. Todos os seus condiscípulos o estimavam, salvo eu. Durante alguns anos tentou por várias vezes aproximar-se de mim, mas de todas elas me afastei dele com um ar de aborrecido e irritado. Havia mais ou menos um ano que eu não o via; estava na Universidade. Quando entrei em casa dele, perto das nove horas da tarde (não sem formalidades cerimoniosas, pois os criados anunciaram-me) recebeu-me logo com um certo espanto e mesmo de uma maneira pouco afável. Não tardou porém a mostrar a sua habitual alegria, soltando uma brusca gargalhada ao olhar para mim.

— Que ideia foi essa de me vir ver, Terentiev? — exclamou ele com o cordial à vontade que lhe era familiar; o seu tom de voz era algumas vezes um pouco áspero, mas nunca ofensivo: era uma qualidade que estimava nele e que portanto era a causa do meu rancor contra ele. — Mas de que se trata? — murmurou com admiração. — Está doente?

A tosse atacou-me de novo; sentei-me numa cadeira e só a custo consegui falar.

— Não se inquiete, estou tuberculoso. Traz-me aqui um pedido que tenho a fazer-lhe.

Surpreendido, sentou-se, enquanto eu lhe contei toda a história do doutor, explicando-lhe que podia por seu lado fazer alguma coisa, dada a influência considerável que tinha sobre o tio.

— Irei tentar fazer qualquer coisa, sem falta; amanhã mesmo falarei com o meu tio; e estou muito contente por ter vindo tão gentilmente contar-me tudo isso... Mas como se lembrou, Terentiev, de se dirigir a mim, dadas as nossas relações?

— Nesta questão tudo depende de seu tio; por outro lado, Bakhmoutov, temos sido sempre inimigos, mas como tem um nobre caráter, pensei que não recusaria um favor a um inimigo — acrescentei com uma ponta de ironia.

— Tal como Napoleão fazendo apelo à hospitalidade da Inglaterra — exclamou, rindo-se de novo. — Empregarei todos os esforços, pode estar certo! Iria mesmo já falar com ele, se fosse possível! — apressou-se a acrescentar, vendo-me levantar com um ar grave e severo.

De facto esta questão resolveu-se de uma maneira inesperada e com inteira satisfação nossa. Ao fim de seis semanas o nosso médico obteve um novo lugar, numa outra província; pagaram-lhe o seu deslocamento e concederam-lhe mesmo um subsídio. Desconfio que Bakhmoutov levou o doutor a aceitar dele um adiantamento, a título de empréstimo; foi visitá-lo muitas vezes (eu, pelo contrário, pus termo às minhas visitas; e quando, por acaso, o doutor foi a minha casa, recebi-o quase secamente); durante essas seis semanas encontrei Bakhmoutov uma ou duas vezes e voltámos a ver-nos uma terceira vez, quando festejámos a partida do doutor. Bakhmoutov deu em sua casa um jantar de despedida, com champanhe; a mulher do doutor assistiu também, mas a certa altura deixou-nos para ir tratar do filho. Foi no fim de maio, a tarde estava bonita e o globo enorme do sol mergulhava no golfo, Bakhmoutov acompanhou-me a minha casa; passámos pela ponte Nicolau, onde parámos um pouco confusos. Falou-me da sua grande satisfação pelo feliz resultado da questão; agradeceu-me não sei bem o quê, explicou-me o bem-estar que sentiu depois de ter feito aquela boa ação e pretendeu convencer-me que todo o mérito da mesma me pertencia. Deu

razão às muitas pessoas que hoje afirmam e pretendem provar que uma boa obra individual não tem nenhum significado.

Uma irresistível vontade de falar se apoderou de mim.

— Aquele que toma o encargo de satisfazer um ato individual de caridade — comecei eu — atenta contra a natureza do homem e despreza a dignidade pessoal, no que ela tem de indispensável. Por outro lado a organização da «caridade social» e a questão da liberdade individual são duas coisas diferentes, mas que não se excluem. A boa ação particular continua a existir, porque ela corresponde a uma necessidade do homem; a necessidade vital de exercer uma influência direta sobre o seu próximo. Havia em Moscovo um velho general, suponho que um «conselheiro de Estado atual», portador de um nome alemão. Tinha passado a sua vida a visitar as prisões e os criminosos; cada grupo de condenados que se preparava para seguir para a Sibéria, sabia antecipadamente que teria a visita deste velho, no Mont-des-Moineaux. Este desempenhava a sua missão com muita seriedade e piedade; chegava, passava revista a todos os forçados dispostos à sua volta, parando diante de cada um deles, informando-se das suas necessidades, não lhes falando quase nunca em moral e chamando-os a todos: «meus pobres amigos». Distribuía-lhes dinheiro, enviava-lhes as bagagens necessárias e bocados de pano de tela para envolver os pés; algumas vezes levava-lhes pequenos livros religiosos, que dava aos que sabiam ler, deveras convencido que os desfolhariam durante a viagem e dariam a conhecer o seu conteúdo àqueles que não sabiam ler... Interrogava-os raras vezes sobre os seus crimes; no entanto escutava aqueles que pretendiam fazer-lhe as suas confidências. Não fazia nenhuma diferença entre os criminosos, colocando-os a todos no mesmo pé de igualdade. Falava-lhes como se fossem irmãos; e eles acabavam por o considerarem como um pai. Se notava em qualquer grupo uma mulher com o filho nos braços, aproximava-se deles, acarinhava o pequeno e dava estalos com os dedos para o distrair. Foi assim que passou a sua longa vida, até qua a morte o levou; no fim de contas chegou a ser conhecido em toda a Rússia e em toda a Sibéria, pelo menos em casa dos condenados. Um homem que esteve na Sibéria contou-me que ele próprio tinha sido testemunha

da maneira como os piores criminosos se lembravam do general, se bem que este, ao visitar os campos de deportados, poucas vezes dispusesse de meios bastantes para poder dar mais de vinte kopeks a cada um deles. É verdade que estes deportados não falavam dele, nem em termos muito calorosos, nem mesmo num tom muito sério. Algumas vezes um desses «desgraçados», que havia talvez massacrado uma dezena de pessoas ou assassinado seis crianças, pelo único prazer de matar (dizem que existem celerados desta espécie), davam um suspiro e exclamavam: «Quando voltará o bom serás do general? Quem sabe se ele é ainda vivo?» Faziam esta reflexão sem nenhuma razão aparente e talvez uma única vez no decorrer dos vinte anos da sua condenação. Acompanhá-la-ia mesmo com um sorriso, quem sabe? E nada mais faziam. Mas quem nos diz a espécie de semente que o bom velho havia lançado para sempre na alma do condenado que o recordava ainda passado vinte anos. Pode dizer-me, Bakhmoutov, qual a influência desta comunhão de um ser humano com outro, sobre o destino deste último? Há em toda uma vida uma possibilidade infinita de ramificações que nos escapam. O melhor e o mais sagaz jogador de xadrez só pode prever um número restrito de golpes do seu adversário; fala-se, como de um prodígio, num jogador francês que pode calcular antecipadamente dez golpes. Ora, quanto há na vida de golpes e de combinações que nos escapam? Lançando a semente, fazendo, não importa a maneira, o seu «ato de caridade», a sua boa ação, dá uma parte da sua personalidade e recebe uma parte da do outro; há uma comunhão entre os dois seres; um pouco de atenção, e é desde logo recompensado pelo que sabe, pelas descobertas inesperadas que faz. Acabará necessariamente por considerar a sua boa ação como uma ciência; ela dominará toda a sua vida e talvez o absolva por completo. Por outro lado, todos os seus pensamentos, todas as sementes que espalhou e talvez já esquecidas, criarão raiz e crescerão. Aquele que as recebeu comunicá-las-á a outro. E quem sabe a parte que lhe pertencerá, no futuro, na solução dos problemas de que depende o destino da humanidade? E se o seu saber e toda uma vida dedicada a este género de ocupação, o elevam por fim a umas alturas de onde possa semear em grande e

legar ao universo um pensamento imenso, então... etc... Falaria ainda muito tempo sobre este tema.

— E dizer que a vida lhe foge — exclamou Bakhmoutov, com o ar de quem dirige um veemente protesto a um terceiro.

Nesta altura estávamos debruçados sobre o parapeito da ponte e olhávamos o Neva.

— Sabe que ideia me acudiu agora ao espírito? — disse eu, debruçando-me mais sobre o parapeito.

— Seria a de se atirar à água? — proferiu Bakhmoutov, quase aterrorizado. (Talvez tivesse lido essa ideia no meu rosto).

— Não. Por agora limito-me ao raciocínio seguinte: restam-me por enquanto dois ou três meses de vida, talvez quatro; tomemos porém, por exemplo, o momento em que me restem apenas dois meses e suponhamos que nessa altura pretendo praticar uma boa ação, que exige um certo esforço, caminhadas e diligências do género daquelas que me ocasionou a questão do doutor. Nesse caso preciso renunciar a essa boa ação, por falta de tempo, e procurar uma outra que seja de menor importância e esteja dentro dos meus meios (se alguma vez a paixão de praticar boas ações me levar até esse ponto). Concorde que isto é uma ideia agradável!

O pobre Bakhmoutov estava muito inquieto com a minha pessoa; acompanhou-me até minha casa e teve a delicadeza de não se julgar obrigado a consolar-me; manteve-se calado durante todo este tempo. Despedindo-se de mim, apertou-me calorosamente a mão e pediu-me licença para voltar a vir ver-me. Respondi-lhe que, se queria vir a minha casa a título de «consolador» (porque, mesmo calado, a sua visita teria um fira de consolação, que eu lhe expliquei) a sua presença não seria para mim, mais do que um memento mori. Encolheu os ombros, mas concordou que eu tinha razão; separámo-nos muito cortesmente, contra o que eu esperava.

Durante essa tarde e do decorrer da noite seguinte senti germinar em mim a minha «última convicção». Agarrei-me avidamente a este novo pensamento e analisei-o com fervor em todos os seus detalhes e sob todos os seus aspetos (não dormi essa noite). E quanto mais o aprofundava, quanto mais o esmiuçava,

mais me enchia de assombro. Um medo atroz acabou por me invadir e não me deixou mais durante os dias que se seguiram. Algumas vezes só a sua evocação era o bastante para me fazer passar pelos transes de um novo terror. Concluí que a minha «última convicção» se havia fixado em mim com uma força tal, que não ocasionaria um fatal desenlace. Todavia eu não tinha bastante audácia para me decidir. Três semanas depois estas tergiversações cessaram e a audácia voltou, graças a uma circunstância bastante extraordinária.

Anoto nesta minha explicação todos estes pormenores e todas estas, datas. Bem sei que isto lhes será mais tarde indiferente, mas para agora (e talvez somente para este instante) quero que aqueles que tenham que julgar a minha ação, possam ver claramente porque cadeia de lógicas deduções cheguei à minha «última convicção».

Acabo de escrever que adquiri a audácia decisiva que me faltava para pôr em prática essa «última convicção», não, conforme creio, por via de uma dedução lógica, mas em seguida a um choque imprevisto, a um acontecimento anormal, que podia não ter nenhuma ligação com o decorrer da questão.

Há perto de dez dias que Rogojine me fez uma visita a propósito de uma questão que lhe dizia com respeito e da qual creio ser inútil o falar aqui. Não o tinha nunca visto antes, mas já há muito que ouvira falar dele. Dei-lhe todas as informações de que precisava e não tardou a retirar-se. Como isto foi a única razão da sua visita, as coisas não passaram mais além entre nós. Despertou no entanto em mim um tão vivo interesse, que durante todo o dia tive uns tão estranhos pensamentos, que me decidi a retribuir-lhe a visita no dia seguinte. Não escondeu o seu descontentamento ao ver-me e deixou mesmo «delicadamente» entender que as nossas relações não deviam ir mais além, nem tinham razão de ser. Passei apenas uma hora em sua casa, a qual não deixou de ter um certo interesse para mim, nem, penso eu, para ele. O contraste entre nós era tão grande, que não pudemos aperceber-nos de tal, e eu, sobretudo. Por mim era um homem com os dias contados; ele, pelo contrário, era um ser em plena vida impulsiva, dedicando-se por completo e de momento à sua paixão,

sem preocupação com as «últimas» deduções, com quaisquer importâncias ou o quer que fosse, sem consideração pelo que... ao que... dizemos: isto não era o objeto da sua exagerada paixão. Que o senhor Rogojine me desculpe esta expressão e tome em conta a inépcia de um medíocre escritor em exprimir o seu pensamento. A despeito da sua pouca amabilidade, deu-me a impressão de um homem de espírito, capaz de compreender bem as coisas, se bem que não se interesse nunca pelo que não lhe toque diretamente. Não fiz nenhuma alusão à minha «última convicção», mas tive, por certos indícios, o pressentimento de que bastou ser suficiente ouvir-me, para tudo adivinhar. Manteve-se calado; este homem é prodigiosamente taciturno. No momento de se ir embora, sugeri-lhe que, a despeito das diferenças e do contraste que nos separam — les extrémités se touchent — (traduzi-lhe isto em russo) ele próprio não estava talvez tão afastado desta «última convicção» como se podia supor. A isto respondeu-me com uma carantonha de aborrecido e cheia de aspereza; depois levantou-se e foi-me procurar o chapéu, como quem dava a entender que eu tinha dado mostras de me ir embora; sob o pretexto de me acompanhar, por delicadeza, foi-me pondo muito simplesmente fora dos seus lúgubres aposentos. Tudo quanto vi neles me impressionou; dir-se-ia um cemitério; entretanto creio que eles lhe agradavam e isto compreende-se; vivia uma vida tão intensa e tão ocupada, que não sentia necessidade de experimentar um ambiente mais agradável.

Esta visita ao Rogojine fatigou-me bastante. Desde logo me senti indisposto o resto da manhã; para a tarde senti uma grande fraqueza e deitei-me na cama; por momentos invadiu-me uma febre intensa, chegando ao ponto de me fazer delirar. Kolia manteve-se perto de mim até às onze horas. Lembro-me muito bem de tudo quanto me disse e de tudo aquilo de que falamos. Porém, momento a momento, fechava os olhos e recordava sempre Ivan Fomitch que, no meu sonho, se tornara milionário. Não sabendo o que havia de fazer aos milhões, dava voltas ao miolo para encontrar um sítio onde guardá-los e, tremendo ante a ideia de ser roubado, acabou por se resolver a enterrá-los. Aconselhei-o a fundir toda essa fortuna, em lugar de a enterrar inutilmente, e a

confecionar uma pequena coroa em ouro para o filho que havia deixado «gelar», depois de ter, naturalmente, exumado o cadáver. Sourikov acolheu este irónico conselho com lágrimas de gratidão e apressou-se a pô-lo em prática. Fiz o gesto de escarrar no chão e deixar de me importar com ele. Quando retomei por completo os meus sentidos, Kolia assegurou-me que tinha estado sempre a dormir e que durante todo esse tempo não deixara de falar em Sourikov. Tive minutos de agonia e de extraordinária agitação; Kolia foi-se embora, também deveras preocupado. Levantei-me para fechar a porta à chave, logo que ele saísse; nesta altura lembrei-me de repente de um quadro que vira pela manhã em casa do Rogojine, numa das salas mais escuras da casa, por cima de uma porta. Ele próprio mo mostrou, ao passarmos, e eu fiquei, se não me engano, mais de cinco minutos diante desse quadro, o qual, ainda que desprovido de todo o valor artístico, me provocou estranhas apreensões.

Representava Cristo no momento da descida da cruz. Se bem me recordo, os pintores têm o costume de representar Cristo, seja sobre a cruz, seja depois do descimento, com um reflexo no rosto de beleza sobrenatural. Esforçam-se por lhe conservar essa beleza, mesmo no meio dos mais atrozes tormentos. Ora não havia nada desta beleza no quadro de Rogojine; era a reprodução fiel de um cadáver humano, mostrando, em sinais endurecidos, o quanto sofreu antes de ser crucificado; notavam-se-lhe os traços das feridas, dos maus tratos e dos golpes que lhe tinham feito os guardas e a populaça, quando arrastava a cruz ou caía sob o seu peso, bem como as que lhe resultaram do crucificamento que suportou durante seis horas (pelo menos é este o meu cálculo). Era na verdade o rosto de um homem que acabava de descer da cruz; mantinha ainda muito da vida e do calor; a rigidez não tinha ainda completado a sua obra, de maneira que o rosto do morto refletia o sofrimento, como se não tivesse deixado de o sentir (isto havia sido muito bem reproduzido pelo pintor). Este rosto era de uma impiedosa verdade, talvez um tanto excessiva; tudo nele era quase natural; era bem o rosto de qualquer homem, depois de ter sofrido todas aquelas torturas.

Sei que a Igreja cristã reconhece, desde os primeiros séculos, que os sofrimentos de Cristo não foram simbólicos, mas reais, e que uma vez na cruz o seu corpo foi submetido, sem nenhuma restrição, às leis da natureza. O quadro representava por isso um rosto horrivelmente desfigurado pelos golpes, tumeficado, coberto de medonhas e sangrentas equimoses, os olhos abertos, refletindo o brilho vítreo da morte, e as pupilas reviradas. Porém o mais estranho era a singular e apaixonante questão sugerida, ao ver-se esse cadáver supliciado; se todos os seus discípulos, seus futuros apóstolos, se todas as mulheres que o haviam seguido e se tinham mantido ao pé da cruz, se todos aqueles que tinham nele fé e o adoravam, se todos os seus fiéis, que tiveram ante os seus olhos um semelhante cadáver (e o cadáver devia ser com certeza como eu disse), como puderam eles acreditar, em face de uma tal visão, que o mártir ressuscitou? Não obstante isso, diz-se: se a morte é uma coisa tão terrível, se as leis da natureza são tão fortes, como pôde ele triunfar? Como vencê-las, se elas não se vergaram diante daquele que, durante a vida, subjugou a natureza, que a forçou a obedecer-lhe, que exclamou: Talitha cumi! e ressuscitou uma jovem, e, dizendo, «Lázaro, levanta-te!» o morto ergueu-se do sepulcro? Quando se contempla este quadro, vemos a natureza representada sob a forma de um monstro enorme, implacável e mudo. Ou antes, por mais estranho que isso pareça, a comparação seria mais justa, muito mais justa, se tentássemos aproximá-la de uma enorme máquina de construção moderna, que, surda e insensível, tivesse estupidamente tragado, triturado e engolido um grande ser, um ser a que não se pode dar preço, valendo só ele toda a natureza, todas as leis que a regem, toda a Terra, a qual foi talvez mesmo criada só para aparição desse ser!...

Ora o que esse quadro me pareceu apenas exprimir, foi a noção de uma força obscura, insolente e de uma estupidez eterna, à qual tudo está sujeito e que o domina, apesar de tudo. Os homens que rodeavam o morto, se bem que o quadro não apresente nenhum, deviam ter sentido uma grande agonia e uma medonha consternação, nessa tarde que desfez todas as suas esperanças e quase que a sua fé. Deviam ter-se separado, dominados por um terrível espanto, se bem que cada um deles

levasse no mais fundo do seu íntimo um prodigioso e inapagável pensamento. Se o Mestre tivesse podido ver a sua própria imagem na véspera do suplício, teria caminhado para a crucificação e para a morte tal como o fez? É esta ainda uma questão que nos acode involuntariamente ao espírito, quando olhamos esse quadro.

Após a partida do Kolia, estas ideias assaltaram-me o espírito durante hora e meia. Eram elas desconexas e com certeza delirantes, mas tomavam por vezes também uma aparência concreta. Poderá a imaginação revestir-se de uma forma determinada, quando, na realidade, não a tem? Parece-me, por momentos, ver essa força infinita, esse ser surdo, tenebroso e mudo, materializar-se de uma maneira estranha e indescritível. Recordo-me de ter tido a impressão de que alguém, que trazia uma vela, me agarrou pela mão e me mostrou uma tarântula enorme e repelente, assegurando-me que era este mesmo o ser tenebroso, surdo e omnipotente, ao mesmo tempo que ria da indignação que eu manifestava.

Acendo sempre à noite, no meu quarto, uma pequena lâmpada, diante do ícone; apesar de baça e vacilante, a sua claridade permite distinguir os objetos e pode-se mesmo ler, se nos colocarmos junto da luz. Suponho que passava um pouco mais da meia-noite; não dormia e estava deitado com os olhos abertos; de repente alguém entreabriu a porta do meu quarto e Rogojine entrou.

Entrou, fechou a porta, olhou-me sem dizer palavra e dirigiu-se pausadamente para uma cadeira que se encontrava num canto do aposento, quase por baixo da lâmpada. Fiquei deveras surpreendido e observei com atenção o que ele fazia. Encostou-se a uma pequena mesa e fitou-me em silêncio. Dois ou três minutos se passaram assim e o seu mutismo, lembro-me muito bem, ofendeu-me bastante e irritou-me. Por que não se decidiu a falar-me? Considerei muito estranha a sua vinda àquela hora, tão tardia, porém não me lembro se ficou igualmente estupefacto. Talvez, pelo contrário: se bem que não lhe tivesse, pela manhã, exprimido claramente o meu pensamento, sabia no entanto que o havia compreendido; ora esse pensamento era de uma natureza

tal, que valia a pena vir relembrá-lo, mesmo a uma hora tão adiantada. Pensei por isso que a sua visita tinha essa intenção. Havíamo-nos separado pela manhã, proferindo palavras bastante ásperas e lembro-me muito bem que, a uma ou duas perguntas, me olhou com um ar e um sorriso deveras sarcástico. Era essa mesma expressão de sarcasmo que lia agora no seu olhar e com a qual me sentia ofendido. Quanto a ter de facto na minha frente o Rogojine, em pessoa, e não uma visão ou alucinação de delírio, não me pareceu para o momento nada extraordinário!... Nenhuma ideia mesmo me ocorreu a tal respeito.

Entretanto continuava sentado, bem como a olhar-me com um sorriso zombeteiro. Encolerizado, voltei-me na cama e, apoiando-me ao travesseiro, tomei a resolução de imitar o seu silêncio, mesmo que este se prolongasse indefinidamente. Não sei porquê, havia deliberado que fosse ele o primeiro a falar. Suponho que decorreram assim uns vinte minutos. De repente assaltou-me uma ideia: quem sabe? talvez não fosse o próprio Rogojine, mas apenas uma aparição?

Nunca vi nenhuma aparição, nem durante a minha doença nem depois. Desde a minha infância até este momento, quer dizer, até estes últimos tempos, se bem que não tivesse acreditado nunca em aparições, pareceu-me sempre que se algum dia visse uma só que fosse, morreria de susto. Todavia, quando me lembrei que não era o Rogojine, mas sim um fantasma, recordo-me que não senti medo algum. Direi mais, fiquei até mesmo despeitado. Coisa estranha; a questão de saber se tinha diante de mim um fantasma, ou Rogojine em pessoa, não me preocupou, nem me perturbou, como se tudo isso fosse natural; parece-me que pensava então noutra coisa. Por exemplo, estava muito mais preocupado em saber porque é que o Rogojine, que de manhã estava em roupão e pantufas, trazia agora um fraque, colete de fantasia e gravata branca. Disse comigo: se é uma aparição, não tenho medo. Porque não me levantei então e me aproximei a fim de me assegurar que não era de facto? Talvez não me atrevesse devido ao medo. Porém logo que me assaltou a ideia de que tinha medo, senti que todo o corpo me gelou, que um arrepio me percorreu a espinha e os joelhos tremeram-me. Nesta altura Rogojine, como se tivesse adivinhado o meu terror, afastou

o braço sobre o qual estava apoiado, levantou-se e entreabriu a boca como se fosse dar uma gargalhada. Fitou-me com insistência. Senti-me invadido por uma tal raiva, que quase me atirei sobre ele; como porém havia jurado não ser o primeiro a romper este silêncio, não me movi na cama; não tinha ainda a certeza se era um espectro ou o próprio Rogojine.

Não me lembra quanto tempo durou esta cena; não saberei dizer mesmo se tive ou não intermitências de apatia. Rogojine acabou por se levantar e depois de me ter olhado demorada e atentamente, como quando entrou, mas desta vez sem ter troçado de mim, dirigiu-se devagar, quase na ponta dos pés, para a porta, abriu-a e saiu, fechando-a sobre ele. Não me levantei; não me lembra quanto tempo fiquei ainda deitado, de olhos abertos, entregue aos meus pensamentos; mas que pensamentos? Só Deus o sabe! Não me lembro de mais nada e só sei que adormeci.

No dia seguinte acordei quando já passava das nove horas, ouvindo bater à minha porta. Na minha casa está combinado que, se não abrir a porta até às nove horas e não pedir para que me sirvam o chá, a Matriona deve vir acordar-me. Ao abrir-lhe a porta, disse logo comigo: como pôde ele entrar, se a porta estava fechada? Informei-me e cheguei à conclusão que o verdadeiro Rogojine não podia por forma alguma ter entrado no meu quarto, visto que todas as portas, à noite, foram fechadas à chave.

Foi este incidente, que acabo de descrever com todos os pormenores, que me levou a tornar definitiva a minha «resolução». Isto não resultou da lógica do raciocínio, mas de um sentimento de repulsão. Não posso continuar a viver uma existência que reveste formas tão estranhas e tão ofensivas para mim. Este fantasma deixou-me sob o domínio de uma humilhação. Não me senti com coragem de me submeter a uma força que ia buscar os seus alentos a uma tarântula. E isto deu-se, quando me vi por fim, ao crepúsculo, em face de uma resolução total e definitiva, pelo que experimentei uma impressão de alívio. Tudo quanto se passou não era mais do que a primeira fase; ia atravessar a segunda em Pavlovsk, mas no que disse já, tudo ficou suficientemente explicado.

Capítulo 7

Tinha uma pequena pistola de algibeira, que me haviam dado quando ainda rapaz, na idade crítica, em que começamos a apaixonar-nos pelas histórias de duelos e lutas de bandidos; sonhei que havia sido desafiado para um duelo e fizera uma altiva continência ante a pistola do meu adversário. Há um mês examinei a pistola e carreguei-a. Na caixa onde ela estava, encontrei duas balas e um pequeno polvorinho contendo duas ou três cargas de pólvora. A pistola não vale nada, pois não alcança a mais de quinze passos, mas apoiada ao rosto de alguém, pode, com certeza, ser o bastante para lhe rebentar o crânio.

Resolvi morrer em Pavlovsk, ao nascer do sol, depois de ter descido ao parque, para não causar escândalo na cidade. A minha «explicação» será o bastante para orientar o inquérito da polícia. Os amadores de psicologia e os interessados podem deduzir as conclusões que melhor lhes agradarem; para agora não quero que esse manuscrito seja publicado. Peço ao príncipe para guardar um exemplar em sua casa e mandar o outro à Aglaé Epantchine. Tal é a minha vontade. Lego o meu esqueleto à Faculdade de Medicina, no interesse da ciência.

Não reconheço a ninguém o direito de me julgar e sei que estou isento, por agora, de toda a jurisdição. Há pouco tempo ainda uma tola ideia me assaltou a cabeça: senti a fantasia de tentar, nesse momento, matar alguém, de ver massacrar de um só golpe uma dezena de pessoas, de cometer enfim o mais horrendo crime, o mais atroz que se possa perpetrar sobre a Terra. Em que embaraço não colocaria então o tribunal, frente a frente comigo, eu que tenho apenas duas ou três semanas de vida e estando abolidas a tortura, o suplício? Morreria confortável e sossegadamente num hospital, rodeado da solicitude dos médicos, talvez muito mais acarinhado e mais feliz que na minha casa!... Não compreendo como é que este pensamento não acudiu ao

espírito das pessoas que se encontram no meu caso, nem que fosse apenas a título de zombaria!... Talvez, de facto, o tivessem tido; nunca entre nós, como agora, faltaram tanto os farsantes.

No entanto não reconheço os juízes superiores a mim, nem sei mesmo se me julgariam, quando eu próprio me tornasse um inculpado, surdo e mudo. E isto, porque eu não quero partir sem deixar uma réplica, uma réplica livre e sem constrangimentos, não para me justificar — oh, não, não tenho a intenção de pedir perdão a quem quer que seja! — mas para minha satisfação.

Eis agora uma estranha reflexão: quem, em virtude de que princípio e por que motivo, poderia contestar-me o direito de dispor da minha vida durante estas duas ou três semanas? Que tribunal seria competente nesta matéria? Poderia servir apenas para me condenar e não, no interesse da moral, para que eu cumprisse e sofresse a pena estabelecida. E na verdade isso poderia ser útil a alguém? A causa da moral ganharia alguma coisa com isso? Seria ainda justificável se, na plenitude da minha saúde, tivesse uma vida «que pudesse ser útil ao próximo», etc...; poder-me-iam fazer o agravo, em nome dessa velha e rotineira moral, de disporem da minha vida sem autorização, ou qualquer outro delito. Mas agora, agora que ouvi já a minha sentença de morte? A que moral se pode sacrificar este meu resto de vida, o estertor supremo que exalará o último átomo da minha existência, durante o qual escutarei as consolações do príncipe? Os seus argumentos de cristão não deixam de levar a esta feliz conclusão: considera mesmo melhor, no fundo, que eu morra. (Os cristãos da sua categoria chegam sempre a esta conclusão, pois é a sua mania). E que me querem eles então com as suas ridículas «árvores de Pavlovsk»? Suavizar as últimas horas da minha vida? Não compreendem que quanto mais me esquecer, mais me deixarei seduzir pelo último fantasma de vida e de amor, atrás do qual esperam ocultar a meus olhos o muro da casa Meyer e tudo o que nele está escrito com tanta franqueza e ingenuidade, mais desgraçado me tornarei? Que me importa a sua paisagem, o seu parque de Pavlovsk, os seus nascentes e ocasos do Sol, o seu céu azul e os seus semblantes, plenos de satisfação, se sou o único a ser olhado como um inútil, o único excluído, desde o início, deste

banquete sem fim? Que necessidade tenho eu de todo esse esplendor, quando, a cada minuto, a cada segundo, devo saber, sou constrangido a saber que este ínfimo mosquito, zumbindo neste momento à minha volta, atraído por um raio de sol, tem o direito de participar nesse banquete, nesse coro da natureza? Conhece o lugar que lhe está reservado, ama, é feliz; entretanto que eu, eu só, sou uma escória a quem a covardia tem até hoje impedido de o compreender.

Oh, sei muito bem que o príncipe e todos os outros pretendem levar-me a renunciar a essas expressões «insidiosas e malignas»: pretendem ouvir-me entoar, em nome da moral triunfante, a famosa e clássica estrofe de Millevoye:

Oh, que possam contemplar a beleza sagrada
Esses amigos, surdos ao meu adeus!
Que morram também na juventude, que a sua morte seja chorada,
Que um amigo lhe feche os olhos!

Mas acreditais, acreditais deveras, oh, almas simples nesta edificante estrofe, nesta felicidade académica do mundo, em verso francês, que encerra em si um rancor e um ódio tão intensos, que se compraz nela mesma, pelo que o poeta se enganou a si próprio, tomando as lágrimas de cólera por lágrimas de enternecimento. Morreu nessa ilusão; paz aos seus restos mortais. Fiquem sabendo que existe um limite à mortificação que inspira ao homem a consciência da sua própria nulidade e da sua incapacidade, limite além do qual essa consciência imerge num prazer extraordinário!

Concordo, sem dúvida, que a submissão, neste sentido, é uma força enorme; mas essa força não é aquela que a religião nela encontra.

Ah, a religião! Admito a vida eterna; talvez até a tenha admitido sempre. Quero crer que a consciência seja uma chama acesa pela vontade de uma força suprema, que deixe ver nela o universo e que tenha dito: «Eu existo!» Quero crer ainda que essa mesma força suprema lhe ordene de repente para se extinguir, por

uma razão longínqua e duvidosa, e mesmo sem sombra de explicação! Seja!... Admito tudo isso. Resta porém a eterna questão: que necessidade tem ela de juntar ainda a minha resignação a esse constrangimento? Não pode muito simplesmente devorar-me, sem que seja ainda obrigado a bendizer aquele que me devora? Será possível que algum ente superior fique na verdade ofendido por eu não querer esperar duas semanas mais? Não creio em nada; suponho que infinitamente mais verosímil que a minha frágil existência é um átomo necessário à perfeição da harmonia universal, que ela serve por uma adição ou um retraimento, por um contraste ou por outra coisa, da mesma forma que o sacrifício diário de um milhão de seres é uma necessidade; sem esse sacrifício o mundo não pode subsistir (este pensamento, reparemos bem, não tem nada de generoso!). Mas passemos adiante. Concordo que, de outra maneira, isto é, se os homens não se comessem uns aos outros, teria sido impossível construir o mundo; admito mesmo que não compreenda nada dessa construção!... Mas, em contrapartida, eis o que tenho a certeza de saber: no momento em que me foi dado tomar consciência de que «eu existo!», que tenho que responder pelo facto de que o mundo seja construído às avessas e não possa existir de outra forma? Quem então me julgará depois disto e por que motivo terão de me julgar? Suponho que o que pretendem é tão inconcebível como injusto!...

Portanto não poderia nunca, qualquer que fosse o meu desejo, imaginar que há vida futura e a Providência. O mais provável é que tudo isso exista!... Mas não entendemos nada da vida futura nem das leis que a regem. Ora, se esta coisa é difícil e mesmo impossível de compreender, pode-se com rigor avaliar a minha incapacidade em abranger o inconcebível? Pretendem, é verdade — e é essa com certeza a opinião do príncipe! — que nisto é necessário submetermo-nos e obedecermos sem raciocinar, por puro sentido moral, e acrescentam que a minha docilidade encontrará no outro mundo a sua recompensa. Humilhamos muito a Providência ao atribuirmos-lhe as nossas ideias, despeitados por não a podermos compreender. Mas volto a repetir, se não podemos compreender a Providência, difícil se nos torna tomar a

responsabilidade de uma incompreensão, de que se faz uma lei. E se é assim, como podem julgar-me por não ter podido compreender a verdadeira vontade e as leis da Providência? Não!... é preferível pormos a religião de lado.

Para agora, isto é o bastante... Quando chegar a estas linhas o Sol deve com certeza já ter nascido e começado a «brilhar no céu», espalhando por todo o universo forças imensas, incalculáveis. Assim seja! Morrerei, contemplando de frente essa fonte do vigor e da vida, de uma vida que em mim está prestes a terminar. Se tivesse dependido de mim o não nascer, não teria certamente aceitado a existência em condições tão irrisórias. Porém resta-me ainda a faculdade de morrer, se bem que disponha apenas de um resto de vida já condenada. Este meu poder é bastante restrito e por consequência a minha revolta também.

Uma última explicação: se morrer agora, não é porque não tenha a coragem de suportar estas três semanas. Oh, teria sem dúvida encontrado as forças necessárias para isso, se tivesse querido, e teria encontrado a suficiente consolação para a deliberada ofensa que me fizeram. Não sou porém um poeta francês e não possuo essa espécie de consolação. Enfim, há nisto uma tentação: condenando-me a viver apenas três semanas, a natureza limitou tão rigorosamente o meu campo de ação, que o suicídio é talvez o único ato que posso tentar e concluir por minha vontade. Pois bem... porque não quero aproveitar-me da última possibilidade de agir que se me oferece? Um protesto pode algumas vezes ter o seu valor...

A leitura da «Explicação» terminou aqui e Hipólito calou-se.

Nos casos extremos, um homem nervoso, exasperado e fora de si, pode colocar a franqueza no último grau do cinismo. Então, não temendo mais nada, estará pronto a provocar qualquer escândalo, ficará mesmo exaltado. Pensou correr com os assistentes, na intenção, ainda não bem definida, de se precipitar um minuto depois do alto de um campanário e de pôr termo de um só golpe a todos os embaraçados que o seu comportamento lhe teria podido acarretar, mas conteve-se. Este estado é em geral anunciado por esgotamento gradual das forças físicas. A tensão excessiva e anormal que até ali havia contido Hipólito, tinha atingido o paroxismo. O corpo deste

jovem de dezoito anos, exaurido pela doença, parecia tão fraco como a folha amarelecida quando cai da árvore. Desde que porém — pela primeira vez, há uma hora — havia fixado os olhos no auditório, o seu olhar e o seu sorriso refletiram logo um desgosto, o mais altivo, o mais desdenhoso e mais ofensivo. Sentiu desejos de desafiar os assistentes. Estes, por seu lado, estavam deveras indignados. Todos se levantaram da mesa no meio do maior barulho e cólera. A fadiga, o vinho, a tenção de nervos, tornaram maior a desordem e a atmosfera deletéria, se assim nos podemos exprimir, desta reunião.

Hipólito ergueu-se de um salto da sua cadeira e tão bruscamente como se o tivessem arrancado.

— O sol já nasceu! — exclamou ele, ao ver o cimo das árvores banhado pela luz e indicando-as ao príncipe, como se fosse um milagre. — O sol já nasceu!

— Supunha talvez que não nascia? — perguntou Ferdistchenko.

— É mais um dia de calor que se anuncia! — resmungou, com uma expressão de tédio e de indolência, Gania, que, de chapéu na mão, se espreguiçava e bocejava. — Vamos ter ainda um mês de sequidão!... Vamos ou ficámos, Ptitsine?

Hipólito ouvia estas palavras com um espanto muito vizinho do assombro. Tornou-se logo muitíssimo pálido e as pernas e os braços começaram a tremer-lhe.

— O senhor afeta mostrar uma desastrada indiferença, só com a intenção de me ofender — disse ele, de olhos fitos no rosto de Gania. — O senhor é um patife!

— Ah, que grande sem-cerimónia — bradou Ferdistchenko. — Que à vontade fenomenal!

— É mas é um puro imbecil! — declarou Gania.

Hipólito esforçou-se por conter a sua indignação.

— Compreendo, meus senhores — começou ele, sempre a tremer e interrompendo-se a cada palavra — que tenha podido merecer o seu ressentimento pessoal e... lastimo tê-los fatigado com a leitura desta obra resultante de um delírio — e indicou o manuscrito —; no entanto, por outro lado, lastimo não os ter fatigado por completo!... — E sorriu estupidamente. — Fui na verdade maçador, Pavlovitch? — perguntou ele, voltando-se para o interpelado. — Fui ou não? Fala.

— Está um pouco extenso, no entanto...

— Diga tudo quanto pensa! Não minta, pelo menos uma vez na sua vida! — intimou Hipólito, sem deixar de tremer.

— Oh, isso é-me em absoluto indiferente! Peço-lhe o grande favor de me deixar em paz! — objetou Pavlovitch, voltando-se, aborrecido.

— Boa-noite, príncipe! — disse Ptitsine, aproximando-se do homenageado.

— Mas se vai estourar os miolos, os senhores que pensam fazer? Reparem bem!... — gritou Vera, correndo para Hipólito. Esta estava deveras aterrorizada e por isso agarrou-o mesmo pelas mãos. — Disse que se suicidaria ao nascer do sol!... Que pensam fazer?

— Não se mata! — murmuraram várias vozes num tom de censura, entre elas Gania.

— Meus senhores, tomem cuidado! — gritou Kolia, que agarrara também Hipólito pelas mãos. — Olhem bem para ele! Príncipe, príncipe, como pode ficar assim indiferente?

À volta de Hipólito juntaram-se Vera, Kolia, Keller e Bourdovski, tendo-se todos agarrado a ele.

— Está no seu direito, no seu direito!... — balbuciou Bourdovski, também com o ar de um homem que perdera por completo a cabeça.

— Dá-me licença, príncipe: que disposições conta tomar? — perguntou Lebedev ao seu inquilino. Estava embriagado e a sua exasperação tornava-o insolente.

— A que disposições se refere?

— Por favor, dá-me licença: eu sou o dono da casa, sem querer faltar-lhe ao respeito... Concordo que está também em sua casa; mas eu não quero tais histórias debaixo do meu teto!... não!...

— Não se mata! Este garoto é um farsante! — gritou de repente o general Ivolguine, com tanta certeza como indignação.

— Muito bem, general! — aclamou Ferdistchenko.

— Eu sei que ele não se mata, general, meu respeitável general, mas no entanto!... Porque, enfim, eu sou aqui o dono.

Ptitsine, depois de se ter despedido do príncipe, estendeu a mão a Hipólito.

— Escute, senhor — disse ele, entretanto — no seu caderno, se não me engano, faz alusão ao seu esqueleto; o senhor deixa-o à Faculdade de Medicina? E é do seu esqueleto que se trata? São os seus ossos que o senhor deixa em testamento?

— Sim, são os meus ossos...

— Ah, bem!... É que podia haver qualquer mal-entendido. Parece que já se deu um caso semelhante!

— Por que está a contrariá-lo? — interveio bruscamente o príncipe.

— Por que é que o faz chorar? — acrescentou Ferdistchenko.

Todavia o Hipólito não estava a chorar. Fez um esforço para fugir, mas os quatro que o seguravam, impediram-no de tal. Ouviram-se gargalhadas de todos os lados.

— Já contava que lhe prenderiam as mãos; foi por isso mesmo que ele nos leu o seu caderno! — observou Rogojine. — Adeus, príncipe. Esteve muito tempo sentado e os ossos fizeram-lhe mal!...

— No seu lugar e no caso de ter tido na verdade a intenção de se suicidar, Hipólito — disse, rindo, Pavlovitch abster-me-ia de executar o meu projeto, depois de uns tais cumprimentos e, quando mais não fosse, só para os vexar.

— Têm um desejo terrível de ver como eu me suicidarei! — replicou Hipólito, com o ar da maior amargura.

— Estão aborrecidos por não verem um tal espetáculo.

— Então acredita que eles não assistirão?

— Não disse isto com a intenção de o incitar; pelo contrário, suponho-o muito capaz de estourar os miolos. Peço-lhe porém que não se zangue... — respondeu Pavlovitch com um ar lânguido e protetor.

— Reconheço agora que cometi uma grande asneira, lendo-lhes o meu caderno! — murmurou o Hipólito, olhando o Pavlovitch com uma súbita expressão de confiança, que parecia querer pedir um conselho a um amigo.

— A sua situação é ridícula, mas... Com franqueza, não sei que conselho deva dar-lhe! — replicou Pavlovitch com um sorriso.

Hipólito, sem nada dizer, fitou-o com um olhar de zangado e obstinado. Dir-se-ia que perdia por instantes a consciência do que se passava.

— Ah, não!... Os senhores não vão permitir uma tal maneira de agir! — interveio Lebedev. — Ele declarou que «estouraria os miolos no parque, para não incomodar ninguém». Então supõem que não incomodará ninguém, se se matar no jardim, a três passos daqui?

— Meus senhores... — começou o príncipe.

— Não consinta, meu respeitável príncipe — interrompeu Lebedev exasperado. — O senhor mesmo está vendo que isto não é uma

brincadeira. Metade, pelo menos, dos seus convidados compartilham desta mesma convicção, depois do que acabaram de ouvir, visto que é agora um caso de honra para ele, o suicidar-se. Por conseguinte, como dono da casa e na presença de testemunhas, exijo o seu auxílio.

— Que é preciso fazer então, Lebedev? Estou pronto a ajudá-lo.

— Ora, é assim mesmo!... Para já é preciso que nos entregue a pistola que disse trazer com ele e as respetivas munições. Se ele concordar, preferia que passasse aqui a noite, dado o seu estado de saúde, porém com a condição de que fica sujeito à minha vigilância. Amanhã poderá ir-se embora para onde muito bem lhe apetecer. O príncipe, desculpe-me!... porém recusando-se a entregar-me a pistola, agarro-o por um braço e o general pelo outro, e mando a toda a pressa chamar a polícia para tomar conta do caso. A título de prevenção, o senhor Ferdistchenko irá avisar o posto policial próximo.

Responderam-lhe com uma grande algazarra; Lebedev encolerizou-se e perdeu todo o bom senso; Ferdistchenko preparou-se para ir à polícia; Gania repetiu com insistência que não haveria nenhuma tentativa de suicídio; e Pavlovitch foi o único a manter-se calado.

— Príncipe, pensou alguma vez atirar-se do alto de uma torre? — perguntou em voz baixa Hipólito.

— Por Deus, nunca! — respondeu ele, nervosamente.

— Supõe porventura que não tinha previsto toda esta agitação? — murmurou de novo o Hipólito, cujos olhos cintilavam, ao mesmo tempo que o fitavam com o ar de quem espera de facto uma resposta. — Sentem-se! — gritou ele em seguida, dirigindo-se a toda a assistência. — A culpa é minha, é minha e de mais ninguém! Lebedev, aqui tem a chave. — Tirou do bolso a pequena bolsa do dinheiro e de dentro desta uma argola, em aço, tendo presas três ou quatro pequenas chaves. — Tome lá isto, antes de mais nada... O Kolia lhe mostrará... Kolia! Onde está o Kolia? — exclamou ele, procurando-o com os olhos por todos os lados, sem o ver. — Ah, sim, muito bem! Ele lhe mostrará tudo, pois foi quem me ajudou a encher o meu saco. Vá com ele, Kolia; no gabinete do príncipe, em cima da mesa, encontrará o meu saco… e dentro deste, no fundo, um estojo... Com esta pequena chave... abre esse estojo e encontrará a minha pistola e a caixa da pólvora. Foi o próprio Kolia que a guardou ainda há pouco. Ele lha entregará, senhor Lebedev, porém com a condição de que, amanhã pela

manhã, quando partir para S. Petersburgo, ma entregará. Estamos entendidos? Não faço isto pelo senhor, mas sim pelo príncipe.

— Tanto melhor assim — disse Lebedev, pegando na chave.

Com um sorriso zombeteiro correu ao quarto vizinho. Kolia parou, como se tivesse qualquer objeção a fazer, mas Lebedev arrastou-o com ele.

Hipólito olhou os assistentes, que sorriam. O príncipe observou que ele batia os dentes, como se estivesse dominado por uma febre violenta.

— Que grandes idiotas são estes cavalheiros! — murmurou ele de novo ao ouvido do príncipe num tom de desespero. Para lhe falar, dobrava-se um pouco, ao seu lado, e baixava a voz.

— Deixe-os lá. O senhor está muito fraco...

— É já... de repente... que me vou embora...

Bruscamente abraçou o príncipe.

— O senhor supõe talvez que estou parvo? — perguntou, olhando-o com um estranho sorriso.

— Não, mas o senhor...

— Não diga mais nada, cale-se... Não diga nada, espere... Pretendo olhá-lo nos olhos... Deixe-se estar como está, para que eu o possa olhar. É a um homem como o senhor que pretendo dizer adeus.

Parou e, imóvel e calado, contemplou-o durante dez segundos. Estava muito pálido, o suor aljofrava-lhe o rosto e agarrou estranhamente o príncipe, como se tivesse medo de o deixar escapar.

— Hipólito! Hipólito! Que tem? — gritou o príncipe.

— Desde já... Isto chega... Vou-me deitar. Quero beber uma taça à saúde do Sol... Quero, quero, já disse! Deixe-me!

No ponto onde estava, agarrou rápido numa taça, depois levantou-se e de um salto colocou-se à entrada do terraço. O príncipe ia correr para ele, mas quase parecendo uma determinação, o acaso quis que nesse momento Pavlovitch lhe estendesse a mão para se despedir. Um minuto decorreu; entretanto um clamor geral se elevou no terraço, seguido de uma extraordinária confusão.

Eis o que se havia passado.

Chegando junto da saída do terraço, Hipólito parara, tendo a taça na mão esquerda e a direita metida no bolso do casaco. Keller afirmou depois que ele tinha já a mão nesse bolso, no momento em que conversava com o príncipe, mas via-lhe apenas o ombro e o punho da mão esquerda; fora

mesmo um gesto dessa mão que despertara nele, Keller, a primeira desconfiança. Fosse como fosse e movido por uma certa apreensão, Keller correu também atrás de Hipólito. Não chegara porém a tempo. Viu-lhe apenas um objeto brilhante na mão direita e quase ao mesmo tempo o cano de uma pequena pistola de algibeira apoiado no lado direito da cabeça. Correu a fim de lhe segurar o braço, mas ele apertou imediatamente o gatilho. Ouviu-se o estalido seco e cortante do cão, mas o tiro não partiu. Keller amparou Hipólito nos braços; este caiu, como se tivesse perdido os sentidos; talvez se supusesse morto de facto. Keller havia-lhe tirado já a pistola, e segurando-o, aproximou uma cadeira, onde o sentou, enquanto os restantes fizeram círculo à sua volta, gritando e discutindo. Todos tinham ouvido o estalido do cão, mas o suicida continuava vivo, sem a menor beliscadela. Estava sentado, sem ter a menor noção do que se passara; olhava à sua volta, deveras espantado. Nesta altura Lebedev e Kolia voltaram, correndo.

— Falhou o tiro? — perguntaram de diversos lados,

— A pistola não estava talvez carregada? — insinuaram alguns.

— Está carregada — declarou Keller, inspecionando a arma — mas...

— Como é que o tiro então não partiu?

— Não tinha cápsula — informou Keller.

É difícil descrever a triste cena que se seguiu. Ao pavor geral do primeiro momento sucederam-se as gargalhadas; alguns dos presentes riam-se de tal forma, que pareciam ter encontrado no sucedido uma satisfação maldosa. Hipólito soluçava e torcia os braços, como se estivesse com um ataque de nervos; lançou-se depois sobre toda a gente, até mesmo sobre Ferdistchenko, a quem apertou as mãos, jurando-lhe que se tinha esquecido de meter a cápsula, mas que esse «esquecimento fora em absoluto acidental e involuntário», Acrescentou que «todas as cápsulas», em número de dez, as tinha ali, no bolso do colete (e mostrou-as a todos os que o rodeavam). Não as colocara antes, com medo que a pistola se lhe disparasse por acaso no bolso, mas contava ter sempre tempo para o fazer no momento preciso; esquecera-se, porém, na ocasião em que o devia ter feito. Dirigia-se, ora ao príncipe, ora ao Pavlovitch; suplicava a Keller para que lhe entregasse a pistola, pois pretendia provar a todos que «a sua honra, sim, a sua honra…» mas agora estava já «desonrado para sempre!»...

Acabou por cair, tendo perdido os sentidos. Levaram-no para o quarto do príncipe e Lebedev, por completo desorientado, mandou imediatamente procurar um médico, ficando ele próprio à cabeceira da cama do doente, mais a filha, o filho, Bourdovski e o general. Logo que levaram o Hipólito inanimado, Keller colocou-se no meio do terraço e dirigindo-se a todos, proclamou num tom decidido, destacando e vincando cada palavra:

— Meus senhores, se algum dos que aqui estão manifestar, uma vez que seja, em voz alta e na minha frente, a suposição de que a cápsula foi esquecida propositadamente, e que este infeliz rapaz não representou mais do que uma comédia, terá de se entender comigo!...

Ninguém lhe respondeu. Os assistentes começaram a dispersar, indo-se embora aos grupos. Ptitsine, Gania e Rogojine partiram juntos.

O príncipe ficou muito surpreendido ao ver Pavlovitch mudar de ideia e ir-se embora antes da explicação pedida.

— Não disse que queria ter uma conversa comigo depois da partida de todos? — perguntou-lhe ele.

— É verdade — respondeu Pavlovitch, sentando-se bruscamente e fazendo sentar o príncipe ao seu lado. — Para agora, porém, mudei de opinião. Reconheço que estou um tanto agitado e o senhor também. Tenho as ideias em desordem; por outro lado, a questão sobre a qual queria ter uma explicação com o senhor, é muito importante, tanto para mim como para o senhor. Pretendo, príncipe, pelo menos uma vez na vida, praticar uma ação totalmente honesta, isto é, em absoluto isenta de qualquer intenção reservada. Ora suponho que para agora, neste minuto, não me sinto deveras capaz de praticar essa ação; talvez o senhor esteja no mesmo caso, de forma que... é... enfim, talvez melhor guardarmos essa explicação para mais tarde. Talvez mesmo que a questão se torne mais clara, tanto para si, como para mim, se deixarmos passar dois ou três dias; esse tempo irei passa-lo a S. Petersburgo.

Levantou-se de novo, de maneira que mal se compreendeu porque é que se havia sentado. O príncipe teve a impressão que ele estava descontente e enfurecido, e pareceu-lhe ter notado no seu olhar uma expressão de hostilidade que não lhe descobrira antes.

— A propósito, vai agora para junto do doente?

— Vou... pois tenho os meus receios — disse o príncipe.

— Esteja sossegado; viverá bem ainda seis semanas e talvez mesmo se restabeleça, se continuar aqui. No entanto o melhor que tem a fazer é

mandá-lo embora amanhã.

— Talvez que eu próprio o tenha excitado, sem dar conta de tal... — disse, rindo. — Acreditou talvez que eu duvidava também que se quisesse matar! Que pensa a tal respeito, Pavlovitch?

— Deixe lá isso. O senhor inquieta-se demasiado com essas coisas. Ouvi dizer, sem nunca ter tido ocasião de o verificar, que um homem pode matar-se de propósito a provocar elogios ou despeitado por não os haver recebido. E sobretudo não podia nunca imaginar que tão francamente se pudesse manifestar semelhante franqueza. Apesar porém disso tudo, mande-o amanhã embora.

— Supõe que tentará mais uma vez suicidar-se?

— Não, não o tentará mais. Todavia ponha-se em guarda contra esse tipo russo, à Lacenaire! Volto a repetir: o crime é muitas vezes o refúgio dessas imbecis nulidades, movidas pela impaciência e pela inveja.

— Será então um Lacenaire?

— No fundo é o mesmo; talvez seja apenas a situação que difere. Reconheceria então que esse senhor era capaz de massacrar dez pessoas, quando mais não fosse para «brincar um pouco», segundo a expressão de que ele próprio se serviu, quando leu a sua explicação. Por tal motivo estas palavras tirar-me-ão um tanto o sono.

— As suas apreensões são talvez exageradas!

— Parece que o príncipe se admira; não o supõe capaz de matar *agora* dez pessoas?

— Abstenho-me de lhe responder; tudo isso me parece muito estranho, mas, mas...

— Está bem, como queira! — concluiu Pavlovitch num tom de exacerbado. — E depois o senhor é um indivíduo tão fanfarrão!... Só desejo que não seja uma das dez vítimas!

— O mais provável é que ele não mate ninguém — disse o príncipe, olhando o Pavlovitch com um ar pensativo.

Este teve um sorriso malicioso.

— Adeus, já é tempo de me ir embora!... A propósito, o senhor reparou que ele deixou à Aglaé uma cópia da sua confissão?

— Sim, reparei, e isso já me deu que pensar.

— Parece que será uma das dez vítimas! — exclamou Pavlovitch, rindo-se de novo e saindo.

Uma hora depois, entre as três e as quatro horas da manhã, o príncipe desceu ao parque. Havia tentado adormecer, mas não o conseguira, devido às violentas palpitações do coração. Entretanto no resto da casa tudo havia entrado em sossego, ficando tão silenciosa, quanto possível; o doente adormecera e o médico que viera vê-lo, declarara que não corria nenhum perigo imediato. Lebedev, Kolia e Bourdovski deitaram-se no seu quarto e iam-no vigiando à vez; não havia nada a recear.

Todavia a inquietação do príncipe crescia minuto a minuto. Errou pelo parque, deitando à sua volta olhares distraídos, e parou, surpreendido, ao chegar à clareira que se abria em frente do *Vauxhall* e ver vazias as filas dos bancos e as cadeiras da orquestra. Impressionou-o o aspeto deste lugar, que encontrou, sem bem explicar porquê, terrivelmente feio. Voltou atrás e tomou pela rua, onde na véspera havia passado, acompanhado pelos Epantchine, quando se dirigiam para o *Vauxhall*. Chegado ao banco verde, que era o lugar indicado para o encontro, sentou-se e soltou uma brusca e sonora gargalhada, que abafou logo com a mais viva indignação. A sua má disposição mantinha-se; desejava querer ir não importa para onde... sem fim... Por sobre a sua cabeça um passarito cantou; pôs-se a procurá-lo com os olhos por entre a folhagem. Logo em seguida o passarito desapareceu num voo rápido; lembrou-se nessa altura do mosquito, «voejando por entre um quente raio de sol», a propósito do qual o Hipólito escrevera que «conhecia o seu lugar no *coro* da natureza», onde só ele, Hipólito, era um intruso. Esta frase, que já então o havia surpreendido, voltou-lhe agora de novo à lembrança. Além dessa, uma outra recordação, desde há muito adormecida no seu íntimo, voltou a avivar-se, iluminando-se de uma claridade súbita.

Encontrava-se na Suíça, durante o primeiro ano e durante mesmo os primeiros meses do seu tratamento. Consideravam no então, de facto, um idiota; não podia exprimir-se corretamente e não compreendia muitas vezes o que lhe perguntavam. Foi um dia até à montanha, dia de claro sol, e errou durante muito tempo atormentado por um pensamento torturante, mas que não chegava bem a formular-se. Descortinou diante dele um céu claro, a seus pés um lago e a toda a sua volta um horizonte luminoso e tão vasto, que parecia não ter fim. Durante muitíssimo tempo contemplou esse espetáculo com o coração opresso por um certo mal-estar. Lembrava-se agora de ter estendido os braços para esse oceano de luz e de azul e ter chorado depois. Estava torturado pela ideia de ser estranho a tudo isso.

Qual era então o banquete, essa festa sem fim para a qual se sentia atraído desde há muito, desde sempre, desde a sua infância, sem nunca ter podido tomar parte nele? Todas as manhãs o sol nascia radioso; todas as manhãs a curva do céu se desenhava por cima da cascata; todas as tardes o cimo nevado da mais alta montanha dos arredores se incendiava, lá no extremo do horizonte, de um fogo de púrpura; todos os «mosquitos que zumbiam à sua volta, por entre um quente raio de sol, participavam do coro da natureza, sabiam qual o seu lugar, amavam, eram felizes». Toda a haste de erva crescia e era feliz! Todo o ser tinha o seu caminho na vida e conhecia-o; chegava e partia cantando; mas ele, só ele, nada sabia, nada compreendia, nem os homens, nem as vozes da natureza, porque ele era em toda a parte um estrangeiro, uma escória. Oh, nessa altura não pudera exprimir-se nestes termos, nem formular assim a sua questão; o seu sofrimento fora surdo e mudo; porém agora imaginava-se nessa época, dizendo tudo isto por estas mesmas palavras, e parecia-lhe até que o Hipólito havia cedido o seu «mosquito» à sua linguagem e às suas lágrimas de então. Estava convencido, sem bem saber porquê, que este pensamento lhe fazia palpitar o coração.

Sentou-se no banco, mas a agitação que o dominava continuou até no sono que o invadiu. No momento de adormecer, relembrou a suposição de que o Hipólito mataria dez pessoas e sorriu-se do absurdo dessa ideia. À sua volta reinava um evidente e majestoso silêncio; o bulir das folhas parecia ainda acentuar mais a serenidade e a solidão do ambiente. Teve numerosos sonhos, todos eles angustiosos e que o faziam estremecer momento a momento. Por fim uma mulher aproximou-se dele; conhecia-a, conhecia-a até muito bem; podia sempre nomeá-la, designá-la, mas — coisa singular! — ela tinha agora um rosto muito diferente daquele que lhe conhecera sempre e sentiu uma dolorosa repulsa ao reconhecê-la sob esses novos traços. Via-se nesse rosto uma tal expressão de contrição e de medo, que se diria que esta mulher era uma grande criminosa e que acabava de cometer um crime atroz. Uma lágrima surgiu na sua face macilenta. Chamou-o com um gesto e pôs-lhe um dedo nos lábios, como para o convidar a segui-la sem fazer barulho. O seu coração desfalecia; por nada, por nada deste mundo queria ver nela uma criminosa, mas pressentia que um terrível acontecimento ia dar-se, que influiria em toda a sua vida. Ela parecia desejar mostrar-lhe alguma coisa, não longe dali, no parque. Levantou-se para a seguir, mas um riso claro e fresco soou perto dele; a

mão de alguém pousou de repente na sua; agarrou-a, apertou-a com força e acordou. Na sua frente, rindo às gargalhadas, estava Aglaé.

Capítulo 8

Ria-se, mas mostrava-se indignada ao mesmo tempo.

— Dormia!... O senhor dormia!... — exclamou ela num tom de admiração e desprezo.

— A senhora aqui! — balbuciou o príncipe, que não tinha ainda tomado consciência do que se passava e a reconheceu, surpreendido. — Ah, sim, o nosso encontro... Deixei-me adormecer aqui.

— Vi muito bem.

— Além da senhora ninguém mais me acordou? Não esteve aqui outra pessoa? Pensei que estava aqui... uma outra mulher…

— Uma outra mulher aqui?

Só então o seu espírito se esclareceu por completo.

— Foi um sonho que tive — informou com um ar pensativo. — Porém um tal sonho, nesta altura, é estranho... Sente-se.

Agarrou-a pela mão e fê-la sentar no banco; ele por sua vez sentou-se ao seu lado e entregou-se às suas reflexões. Aglaé não quebrou esse mutismo e limitou-se a olhá-lo com insistência. Ele olhava-a também, mas por vezes dando a impressão de que a não via na sua frente. Ela começou a ficar vermelha.

— Ah, sim! — disse ele, estremecendo. — O Hipólito suicidou-se com um tiro de pistola.

— Quando? Em sua casa? — perguntou ela, sem parecer ficar muito surpreendida. — Ontem à tarde estava, creio eu, ainda vivo. Como pôde vir dormir para aqui, depois de um tal acontecimento? — exclamou ela, animando-se.

— Mas ele ainda não morreu, a pistola não disparou.

A pedido de Aglaé, o príncipe teve logo de contar, com os menores detalhes, tudo o que se passou durante a noite. Pedia-lhe a cada instante para falar mais devagar e interrompia-o mesmo com constantes perguntas, por vezes sem relação com a questão. Mostrou, principalmente, um vivo interesse pelo que disse o Pavlovitch e interrogou-o até por diversas vezes sobre esse ponto.

— Basta de conversa. Preciso andar depressa — objetou ela, logo que a narração terminou. — Temos apenas uma hora para estarmos aqui, pois devo estar sem falta, em casa, às oito horas, para que não saibam que vim até ao parque. Vim por causa de um assunto e tenho muitas coisas a comunicar-lhe. Porém o senhor fez-me perder o fio à conversa. Quanto ao que me diz do Hipólito, creio que a pistola não podia não falhar! Isso está em absoluto a dizer com a pessoa. Mas o senhor está convencido que ele queria, na verdade, suicidar-se e que não queria antes representar uma comédia?

— Não, não foi uma comédia.

— É talvez o mais provável!... Então ele determinou por escrito que o senhor devia trazer-me a sua confissão? Por que não ma trouxe?

— Não se esqueça que ele ainda não morreu! hei de pedir-lha.

— Traga-ma sem falta, mas não lhe diga nada. Pode ser que tal assunto não lhe seja agradável, porque ele com certeza tentou matar-se para que eu lesse logo em seguida a sua confissão. Peço-lhe para não se rir do que estou a dizer-lhe! Esta suposição é bem possível que seja a causa.

— Não rio, porque eu próprio estou persuadido que também deve ser assim.

— Também o senhor? Será de crer que tivesse tido a mesma ideia? — perguntou ela com uma brusca estupefação.

Interrogava-o apressadamente e falava rápida, mas parecia por momentos perturbar-se e deixar muitas vezes a frase por concluir; a cada instante se interrompia para o prevenir disto ou daquilo; manteve-se quase sempre muito agitada, e se bem que tivesse um olhar decidido, quase provocador, estava talvez, no fundo, bastante intimidada. Sentada na extremidade do banco, vestida de uma maneira muito simples, trazendo um casaco de todos os dias, que lhe assentava muito bem. Por bastantes vezes estremeceu e corou. Havia ficado deveras admirada ao ouvir o príncipe assegurar-lhe que Hipólito tentara dar um tiro na cabeça para que ela lesse a sua confissão...

— Não tenha dúvida — explicou o príncipe — que aquilo que ele pretendia, independentemente de si, era ser elogiado por todos nós...

— Como... ser elogiado?

— Isto é... como hei de explicar-lhe isto? É muito difícil de exprimir... Desejava com certeza ver toda a gente comprimir-se à sua volta, manifestar-lhe sentimentos de afeto e de estima e suplicar-lhe para que

não se matasse. É muito possível que tivesse pensado em si, mais do que nos outros, pois que num momento como aquele, chamou pela senhora... se bem que não desse talvez conta de que estava pensando em si.

— Não compreendo nada: pensava em mim sem dar conta que pensava em mim!... Parece-me, no entanto, que compreendo. Sabe que eu, quando era uma moça de treze anos, pensei talvez umas trinta vezes em me envenenar, depois de haver explicado tudo numa carta dirigida a meus pais? Via-me deitada num caixão; todos os meus choravam à minha volta e censuravam-se por terem sido tão duros comigo... Porque sorri ainda? — perguntou ela num tom mais vivo e franzindo as sobrancelhas. — Em que pensa, quando se isola, entregando-se aos seus sonhos, às suas fantasias? Supõe-se com certeza um marechal, batendo-se com Napoleão?

— Isso mesmo. Dou-lhe a minha palavra de honra que é justamente nisso que eu penso, sobretudo quando adormeço! — replicou o príncipe, rindo-se. — Somente não é o Napoleão que eu venço, mas sim os austríacos.

— Não estou disposta a divertir-me consigo, León. Irei em pessoa ver o Hipólito, do que peço para o prevenir. Quanto a si, considero muito imprópria, chegando mesmo a ser grosseira, a maneira como aprecia e julga a alma de um homem como o Hipólito. O senhor não é bondoso com ele; olhando apenas à única verdade, chega a ser injusto.

O príncipe refletiu por momentos.

— Parece-me que a senhora está sendo injusta comigo, porque não encontro nada de mau neste meu pensamento, visto que toda a gente se inclina a pensar assim; por outro lado não tinha outro desejo que não fosse esse, mas não queria que julgasse tratar-se de uma simples veleidade... Desejava encontrar-se uma última vez numa reunião de homens seus conhecidos, merecer a sua estima e o seu afeto; estes sentimentos são excelentes, somente o resultado não correspondeu; a doença e não sei que mais ainda, é que foram a causa disso tudo. Como sabe, há pessoas que são sempre bem-sucedidas e outras a quem sucede sempre o contrário…

— Foi com certeza a pensar em si que disse isso — observou Aglaé.

— Sim! Sim! — repetiu o príncipe, sem prestar atenção à malícia contida na afirmação.

— Em todo o caso, no seu lugar, não teria adormecido. Então, em qualquer lugar onde se encontre, deixasse sempre adormecer? É uma coisa muito mal feita...

— Mas não dormi durante toda a noite, pois andei sempre a passear daqui para ali, fui até à música.

— Qual música?

— Onde fomos ontem à tarde; vim depois para aqui, sentei-me e enquanto refletia, concentrado, deixei-me adormecer,

— Ah, foi assim?... Sendo dessa forma, então está desculpado... Mas por que foi até à música?

— Não sei; não tinha que ser assim.

— Bem, bem, falaremos nisso depois. Não me interrompa a cada momento. Que tenho eu que ver com a sua ida até à música? Com que mulher é que estava a sonhar?

— Tratava-se de... de... A senhora já a viu...

— Compreendo, compreendo muito bem. O senhor tem por ela muita... Como lhe apareceu ela em sonhos? Sob que aspeto? Mas não me interessa nada disso — acrescentou com um brusco mau humor. — Não me interrompa.

Parou um instante, como que para tomar alento, ou para tentar reprimir um movimento de despeito.

— Agora falemos do que pretendo e porque é que o fiz vir até aqui. Quero propor-lhe para ser meu amigo... Que é que tem para me olhar dessa forma? — acrescentou ela um tanto encolerizada.

O príncipe olhava-a, de facto, nesse momento, com muita atenção, tendo notado que ela se tornara mais corada. Em casos idênticos, quanto mais corava, mais parecia enfurecer-se com ela própria, o que se lia no reflexo dos seus olhos. Em geral, ao fim de um minuto, zangava-se com o seu interlocutor, tivesse ou não razão, altercando com ele. Tendo consciência do seu terrível caráter e sentindo vergonha, intervinha habitualmente pouco nas conversas; mais taciturna que as irmãs, pecava mesmo por excesso de mutismo. Em circunstâncias muitíssimo delicadas como esta, em que não podia deixar de falar, fazia-o com uma exagerada afetação e um certo ar de desafio. Pressentia sempre o instante em que ia corar, ou começar a corar.

— O senhor não quer talvez aceitar a minha proposta? — perguntou ela, olhando-o com arrogância.

— Oh, pelo contrário, tenho até muito gosto. Apenas, no entanto, me parece que tal não seja necessário... isto é, não posso por forma alguma

imaginar que seja necessário formular uma tal proposta — objetou o príncipe um tanto confuso.

— Em que pensa então? Por que havia nesse caso de o convidar a vir até aqui? Que imaginou? Talvez me considerasse uma tola, tal como todos pensam em minha casa, não?

— Não sabia que a tinham na conta de tola; eu... não a considero assim.

— O senhor não me considera assim? Isso denota muita inteligência da sua parte, e as suas expressões muito espírito.

— Por mim — continuou o príncipe — considero que tem momentos em que é muito inteligente. Assim, exprimiu ainda há pouco uma ideia muito sensata. Foi a propósito da minha opinião sobre o Hipólito: «O senhor só vê apenas uma verdade, por isso é injusto». Lembrar-me-ei sempre desta reflexão e meditarei nela.

Aglaé corou de repente com o prazer sentido. Todas estas mudanças se operavam nela com uma rapidez extraordinária e uma completa espontaneidade. O príncipe ficou deveras encantado e riu também de satisfação ao olhá-la.

— Ouça — exclamou ela. — Esperei-o durante muito tempo para lhe contar isto. Espero-o desde o momento em que me escreveu aquela carta, e mesmo antes... Ontem à tarde ouviu já metade do que tinha a dizer-lhe; tenho-o na conta de um homem o mais honesto e o mais reto possível; e quanto a dizer-se que o senhor tem espírito... que, enfim, o senhor é por vezes um doente de espírito, é uma injustiça. Estou em absoluta convencida disto e defendo esta minha convicção. Porque, se o senhor é de facto um doente de espírito (não falo de uma forma restrita; falo debaixo de um ponto de vista superior), a sua inteligência principal está, pelo contrário, mais desenvolvida do que em qualquer deles, e num grau de que eles não fazem nenhuma ideia. E falo assim, porque em meu entender há duas inteligências: uma que é fundamental e outra que é secundária, Não será assim? Não será verdade?

— É talvez assim — articulou o príncipe numa voz a custo percetível. O coração batia-lhe e palpitava-lhe com violência.

— Estou convencida que o senhor me compreende — continuou ela num tom solene. — O príncipe Stch… e Pavlovitch não compreendem nada desta distinção entre as duas inteligências. A Alexandra ainda

compreende menos. No entanto, imagine que a minha mãe compreendeu!...

— A senhora parece-se muito com a Isabel.

— Como?... Será possível? — exclamou Aglaé surpreendida.

— Afianço-lhe que é assim.

— Muito obrigada — disse ela, depois de um instante de reflexão. — Folgo imenso em me parecer com a minha mãe. O senhor estima-a muito? — acrescentou ela, sem notar quanto era ingénua a sua pergunta.

— Muito, de facto, e sinto-me feliz em ver que a senhora o compreendeu logo.

— Sinto-me também feliz, porque tenho notado que algumas vezes... zombam dela. Mas, ouça: o essencial é que tive o tempo bastante para refletir, antes de fazer recair a minha escolha ca sua pessoa. Não quero que zombem de mim lá em casa, nem quero que me tratem como uma pequena tola, nem quero ainda que me importunem… Compreendi de repente tudo isto e por isso recusei categoricamente o Eugénio Pavlovitch, como não quero também que passem os dias a pensar em querer casar-me! Quero... quero... e muito bem! Quero fugir da minha casa! Foi ao senhor que escolhi para mo ajudar a fazer.

— Fugir de casa! — exclamou o príncipe.

— Sim, sim e sim! Fugir da minha casa! — repetiu ela vivamente, num brusco movimento de cólera. — Não quero, não quero mais que me façam corar a cada instante. Não quero corar, nem diante deles, nem diante do príncipe Stch… nem diante do Pavlovitch, nem diante de quem quer que seja, e foi por isto que o escolhi a si. Com o senhor, quero poder falar de tudo; de tudo, mesmo das coisas mais importantes, quando tal me apetecer; por seu lado, não deve nunca ter segredos para mim. Quero ter pelo menos um homem com quem possa falar de tudo, como se falasse comigo. Todos começaram de repente a dizer que eu o esperava e que o amava. Isto, mesmo antes da sua chegada e de lhes ter mostrado a sua carta. Agora todos dizem a mesma coisa. Quero ser arrojada e não temer coisa alguma. Não quero ir aos bailes onde tentam levar-me; pretendo tornar-me uma mulher útil. Há já muito tempo que eu pretendia ir-me embora. Há vinte anos que me mantêm enclausurada e só pensam apenas em me casar. Tive há catorze anos, apesar de tola como era, a ideia de fugir. Agora tenho tudo preparado e esperava-o, para lhe pedir que me desse alguns esclarecimentos sobre a vida no estrangeiro. Ainda não vi

uma única catedral gótica; quero ir a Roma visitar os institutos científicos; pretendo estudar em Paris; preparei-me e trabalhei para isso durante todo o ano passado; li um grande número de livros e entre eles todos aqueles que estão proibidos. A Alexandra e a Adelaide podem ler tudo, pois isso é-lhes permitido; a mim porém é-me proibido e vigiam-me. Não quero questionar com as minhas irmãs e já há muito preveni os meus pais de que pensava mudar radicalmente a minha existência. Resolvi ocupar-me de questões de educação e conto com o senhor, porque já uma vez me disse que gostava de crianças. Julga que possamos tratar os dois de educação, se não agora, pelo menos daqui por algum tempo? Os dois faremos trabalho útil. Não quero que me chamem uma filha do general... Diga-me, o senhor é muito instruído?

— Oh, não muito!

— É pena! Julgava-o bastante culto... Não sei como se me meteu isso na cabeça!... Mas não importa; o senhor será o meu guia, pois foi para isso que eu o escolhi.

— Mas isso é um absurdo, Aglaé!

— Quero, quero fugir de casa! — gritou ela, entretanto que os olhos lhe cintilaram de novo. — Se o senhor não concordar, desposarei o Gabriel. Não quero que na minha família me considerem uma mulher indigna e que me acusem, sabe Deus de quê!...

— Mas a senhora perdeu o seu bom senso!? — exclamou o príncipe, sempre aos saltos no lugar. — De que é que a acusam e quem é que a acusa?

— Todas as pessoas lá em casa; minha mãe, minhas irmãs, meu pai, o príncipe Stch… e o próprio vilão do Kolia! Não mo dizem com franqueza, mas pensam-no pelo menos. Disse-o abertamente a todos, até aos meus pais. A mãe há mãe esteve doente todo o dia de ontem e hoje. A Alexandra e o meu pai disseram-me que eu própria não compreendia as minhas divagações nem as palavras que proferia. Sem subterfúgios repliquei-lhes que agora compreendia tudo, que conhecia muito bem o sentido de todas as palavras, que não era nenhuma criança e que havia já lido, dois anos antes, dois romances de Paul de Kock, de propósito a tomar conhecimento de tudo. Ao ouvir isto a minha mãe desmaiou e ficou doente.

Uma estranha ideia atravessou nesta altura o espírito do príncipe. Olhou fixamente para Aglaé e sorriu. A custo acreditava que tinha diante dele aquela moça altiva que lhe lera, há pouco tempo ainda, com um

provocante orgulho, a carta de Gabriel. Não chegava a compreender como, numa moça de um sentir tão arrogante e tão sonhador, se podia revelar uma outra moça que, de facto, não discernia talvez *todas as palavras* que empregava.

— Tem sempre vivido metida em casa, Aglaé? — perguntou ele. — Quero dizer: nunca frequentou uma escola, não estudou num colégio?

— Nunca andei em parte alguma; têm-me sempre mantido fechada em casa, como numa redoma, e só sairei dessa redoma para me casar. Por que mantém ainda esse sorriso irónico? Noto que o senhor tem também um ar de quem zomba de mim e toma o partido dos outros — acrescentou ela, tomando um aspeto ameaçador. — Não me irrito... não sei mesmo o que se passa dentro de mim… Estou segura de que o senhor veio aqui convencido de que eu estava apaixonada por si e que por essa razão lhe concedia esta entrevista — continuou ela, num tom de cólera.

— Na verdade, até ontem tive medo disso — confessou ingenuamente o príncipe (estava muito comovido) — porém hoje estou persuadido que a senhora...

— Como! — exclamou Aglaé com o lábio inferior a tremer. — O senhor tem medo que eu... o senhor ousou pensar que eu… O senhor… o senhor supõe talvez que o chamei aqui para lhe armar uma cilada, para que viessem surpreender-nos e o obrigassem a desposar-me...

— Aglaé Ivanovna!... Como é que não sente vergonha? Como é que um pensamento tão baixo pode nascer no seu coração puro e inocente? Parece-me bem que a senhora não acredita numa só das palavras que acaba de preferir e até mesmo... que não compreende o sentido das suas palavras.

Aglaé ficou de cabeça baixa, inerte, como que enfurecida com o que tinha dito.

— Não tenho nenhuma vergonha — balbuciou ela. — De resto, como é que o senhor sabe que tenho um coração inocente? Como é que então, nesse caso, se atreveu a dirigir-me uma carta de amor?

— Uma carta de amor? A minha carta é uma carta de amor!... Essa carta é a expressão do mais profundo, do mais profundo respeito; ela emanou do mais íntimo do meu coração, num dos momentos mais dolorosos da minha existência. Pensava então em si como numa luz... eu...

— Está bem, está bem! — interrompeu ela bruscamente, num tom que denotava um profundo arrependimento e quase assombro. Inclinou-se mesmo para ele e, esforçando-se sempre por não o olhar de frente, fez o

gesto de lhe tocar no ombro para o convidar, de uma maneira mais persuasiva, a não se zangar. — Está bem — repetiu ela com uma extrema confusão. — Sinto que me servi de uma estúpida expressão. Foi apenas... para o experimentar. Faça de conta que nada disse. Se o ofendi, perdoe-me. Peço-lhe para não me olhar frente a frente. Volte-se para o lado. Acabou de me dizer que foi uma ideia muito baixa; falei-lhe assim apenas para o excitar. Cheguei por vezes a ter medo de sentir vontade de lho dizer e agora tudo isto me escapou. O senhor disse que escreveu essa carta num dos momentos mais dolorosos da sua existência. Sei a que momento o senhor se quer referir — proferiu ela, baixando a voz e voltando de novo os olhos para o chão.

— Oh, como pode saber tudo isso!

— Eu sei tudo! — exclamou ela num novo acesso de comoção. — O senhor passou essa época nos seus aposentos, vivendo em companhia dessa infame mulher, da qual depois conseguiu libertar-se.

Não corou, mas sim empalideceu ao pronunciar estas palavras. Levantou-se em seguida, como que movida por uma impulsão inconsciente, mas dominou-se logo e sentou-se de novo. Durante minutos ainda o lábio continuou a tremer-lhe. Esteve um instante calada. O príncipe estava estupefacto ante esta saída inopinada e não sabia a que atribuí-la.

— Não o amo, já lhe disse! — declarou ela num tom cortante.

O príncipe nada respondeu. O silêncio reinou de novo durante um minuto.

— Eu amo o Gabriel Ardalionovitch... — continuou numa voz precipitada e a custo inteligível, baixando ainda mais a cabeça.

— Isso não é verdade! — replicou o príncipe, num tom que mais parecia um murmúrio.

— Então eu minto? É, sim, a pura verdade; dei-lhe a minha palavra anteontem, neste mesmo banco.

O príncipe teve um gesto de espanto e ficou um momento pensativo.

— Isso não é verdade! — repetiu ele num tom decidido. — A senhora inventou toda essa história.

— O senhor é delicadamente cortês. Fique sabendo que ele mudou por completo: ama-me muito mais que à sua própria vida. Queimou a mão diante de mim, unicamente para o provar.

— Queimou a mão?

— Sim, a mão. Acredite ou não, isso é-me indiferente.

De novo o príncipe se calou. A Aglaé não gracejava; estava muito exaltada.

— Repare: então trouxe para aqui uma vela para queimar a mão? Não vejo de que outra maneira ele pudesse...

— Sim... uma vela. Que tem isso de inverosímil?

— Uma vela inteira, ou um bocado de uma vela num castiçal?

— E depois? Sim... não... uma meia vela... um bocado de uma vela... uma vela inteira. De uma forma ou outra, não insista! Trouxe mesmo fósforos, se lhe interessa saber. Acendeu a vela e durante meia hora manteve o dedo no meio da chama. Isto parece-lhe impossível?

— Vi-o ainda ontem de tarde; os dedos não tinham nenhum sinal de queimadura.

Aglaé soltou uma gargalhada infantil. Depois voltou-se rápida para o príncipe, com um ar de pueril confiança, entretanto que um sorriso lhe pairava ainda nos lábios.

— Sabe porque lhe contei toda esta mentira? Porque notei já que, quando se conta uma mentira, a melhor maneira de tornar a sua invenção verosímil é introduzir-lhe com habilidade um detalhe que saia da banalidade, um detalhe excêntrico, excecional, ou mesmo totalmente inédito. Já tenho observado isto. Somente este expediente malogrou-se agora porque não soube...

De repente ficou triste, como se estivesse evocando uma recordação. Prosseguiu, fitando nele um olhar grave e um pouco contristado.

— Se há dias lhe recitei a poesia do «cavaleiro pobre», foi na intenção de o louvar e ao mesmo tempo de o confundir com a sua conduta e de lhe mostrar que sabia tudo.

— A senhora foi muito injusta comigo... com o desgraçado que a senhora tem tratado sempre em termos tão cruéis, Aglaé!

— Porque eu sei tudo, tudo, é que me exprimi nesses termos! Sei que o senhor lhe ofereceu a sua mão, diante de toda a gente, há seis meses. Não me interrompa; repare que eu constato, mas não comento. Foi depois disto que ela fugiu com Rogojine; em seguida o senhor foi visto com ela não sei em que aldeia ou lugarejo; depois deixou-o, para se juntar de novo ao outro. — Aglaé tornou-se muitíssimo corada. — Logo após desapareceu com Rogojine que a ama como... como um louco. Por fim o senhor, um homem igualmente muito inteligente, veio a toda a pressa para aqui, atrás

dela, logo que teve conhecimento de que ela havia chegado a S. Petersburgo. Ontem de tarde correu para ela a fim de a defender, e há pouco ainda sonhava com ela... Como vê, sei tudo... Foi por causa dela, não é assim, por causa dela que veio aqui?

O príncipe curvou triste e pensativamente a cabeça, sem antepor a menor dúvida, tão fulgurante era o olhar que Aglaé dardejava sobre ele.

— Foi por ela — respondeu ele em voz baixa — foi por ela, mas apenas com o fim de a prender... Não creio que possa ser feliz com o Rogojine, apesar de que… em suma, não vejo em que lhe possa ser útil, mas vim até aqui...

Estremeceu e olhou para Aglaé. Esta havia-o escutado com um ar hostil.

— Se o senhor veio sem saber porquê, é porque na verdade o senhor a ama muito — articulou ela por fim.

— Não — replicou o príncipe — não a amo. Oh, se a senhora soubesse com que horror evoco o tempo que passei junto dela!

Estas últimas palavras fizeram com que um estremecimento lhe percorresse todo o corpo.

— Conte-me tudo — ripostou Aglaé.

— Nada há que a senhora não possa ouvir. Não sei porquê, era justamente à senhora, à senhora apenas, que eu queria contar tudo isso; talvez seja, porque de facto tenho pela senhora uma grande afeição. Essa desgraçada mulher está deveras convencida que é a criatura mais desonesta e mais perversa que existe no mundo. Oh, não a despreze, não lhe atire com pedras! Já se encontra deveras torturada pela consciência da sua imerecida desonra! E em que é ela culpada, meu Deus. Nos seus acessos de exaltação, grita sempre que não reconhece nela nenhuma falta, que é uma vítima dos homens, a vítima de um pervertido, de um celerado. Declare porém seja o que for, fique sabendo que é ela a primeira a não acreditar no que diz; pelo contrário, tem a consciência de tudo, é... ela própria que se acusa. Quando tentei dissipar essas trevas, assaltaram-na tais sofrimentos, que o meu coração não esquecerá jamais a recordação desses atrozes momentos. Tive a sensação de que se me cortava o coração uma vez para sempre. Fugiu-me, sabe porquê? Unicamente para me provar a sua ignomínia. Porém, o mais espantoso, é que ela mesmo ignorava talvez que o seu fim era dar-me essa prova, apenas a mim; supunha fugir, para obedecer à irresistível tentação de cometer uma ação vergonhosa e

que lhe permitisse poder dizer em seguida: «Mais uma ignomínia a pesar-te na consciência; tu és de facto uma infame criatura!» Oh, talvez não compreenda isto, Aglaé! Sabe que, nesta constante consciência da sua ignomínia, se dissimula talvez uma voluptuosidade atroz e antinatural, a saciedade de uma espécie de vingança contra alguém? Por vezes tentava mostrar-lhe, de qualquer maneira, a razão de ser da luz ambiente. Revoltava-se logo em seguida e terminava por me acusar de querer humilhá-la com a minha superioridade (o que estava longe de meu pensamento); finalmente declarava-me, sem circunlóquios, quando lhe propunha o casamento, que não pedia a ninguém, nem piedade condescendente, nem assistência, e recusava-se a que alguém a «elevasse até ele». A senhora viu-a ainda ontem; acredita que possa sentir-se feliz em tal companhia e que sejam aquelas as companhias que lhe convenham? A senhora não calcula quanto ela é culta e quanto é inteligente! Quantas vezes me não tenho admirado!

— O senhor pregava-lhe, em casa dela, sermões como aquele que me acaba de fazer?

— Oh, não! — prosseguiu o príncipe com um ar sonhador, sem reparar no tom da conversa. — Calava-me, quase sempre. Pretendia muitas vezes falar, mas, na verdade, não sabia o que lhe havia de dizer. Há muitas ocasiões que é muito melhor guardar silêncio!... Oh, eu amei-a; sim, amei-a muito; mas depois..., depois... adivinhou tudo...

— Adivinhou o quê?

— Que apenas tinha por ela piedade e que... não a amava.

— Como é que o soube? Talvez ela amasse na verdade o... o proprietário com quem fugiu?

— Não, eu sei tudo. Zomba dele a cada instante.

— E do senhor nunca zombou?

— Por Deus, parece que não! Quer dizer, algumas vezes zombou de mim, por maldade; nesses momentos descarregava sobre mim as mais furiosas injúrias, sofrendo ela própria com isso! Mas... em seguida... Oh, não me faça evocar essas recordações, não mas faça lembrar!

E escondeu o rosto entre as mãos.

— Sabe que me escrevia quase todos os dias? — disse ela.

— Então é verdade?! — exclamou o príncipe, admirado. — Disseram-mo, mas não queria acreditar.

— Quem é que lho disse? — perguntou Aglaé, inquieta.

— Foi o Rogojine que me falou ontem nisso, mas em termos vagos.

— Ontem? Ontem pela manhã? Em que altura do dia? Antes ou depois da música?

— Depois. Foi à noite, entre as onze e a meia noite,

— Está bem! Se foi o Rogojine... Mas sabe o que ela me dizia nas suas cartas?

— Não me admiro de nada, é uma tola!

— Aqui estão — e tirou do bolso três cartas metidas ainda nos envelopes, que colocou na frente do príncipe. — Desde há uma semana que ela me suplica, me implorai me intima a desposá-lo. Ela é... seja... ela é inteligente, ainda que demente, e o senhor tem razão quando diz que ela tem muito mais espírito que eu... Escreveu-me, dizendo-me que me adora, que procura todos os dias a ocasião de me ver, fazendo-o porém de longe. Garante-me que o senhor me ama, pois que ela o sabe, que o notou há já bastante tempo e que o senhor lhe falou de mim quando esteve em casa dela. Só pretende vê-lo feliz e está convencida de que só eu poderei fazer a sua felicidade... Escreve de uma maneira tão bizarra... tão estranha... Não mostrei, fique sabendo, as suas cartas a ninguém. Sabe o que isto significa? Não adivinhou nada?

— Isso é uma loucura. Só prova que ela perdeu o bom senso — disse o príncipe, cujos lábios se puseram a tremer.

— E o senhor não chora?

— Não, Aglaé, não choro — afirmou o príncipe, olhando-a.

— Que devo eu fazer? Que me aconselha? Não posso continuar a receber as suas cartas.

— Oh, deixe-a, eu lhe suplico! — exclamou o príncipe. — Que pode ela fazer no meio destas trevas? Esforçar-me-ei por conseguir que deixe de lhe escrever.

— Se fala assim, é porque o senhor é um homem sem coração! — exclamou Aglaé. — Não vê que não é a mim que ela ama, mas sim ao senhor? É apenas ao senhor que ela ama! Será possível que o senhor, que a estudou tão bem, não se tenha apercebido disto? Sabe o que essas cartas nos revelam claramente? O ciúme, ou mesmo mais que o ciúme! Ela… Acredita que desposará na verdade o Rogojine, como diz nas suas cartas? Matar-se-á no dia seguinte ao do nosso casamento!

O príncipe estremeceu e o coração desfaleceu-lhe. Olhou para Aglaé com surpresa; experimentou uma singular impressão, ao constatar que esta

criança se havia tornado mulher em tão pouco tempo.

— Deus é testemunha, Aglaé, de que sacrificarei a minha vida para lhe restituir a paz de alma e a dignidade! Mas... não posso mais amá-la, e ela sabe-o.

— Muito bem! Sacrifique-se, que isso fica-lhe muito bem! O senhor é um grande filantropo. E não me chame mais «Aglaé», pois a todo o momento o senhor diz apenas «Aglaé»... Deve trabalhar para a sua ressurreição; o senhor é obrigado a isso, é seu dever unir-se a ela, para apaziguar e acalmar o seu coração. É justo que ela o ame.

— Não posso sacrificar-me assim, se bem que tivesse tido uma vez essa intenção... e que talvez a tenha ainda agora. Mas eu sei, *sem a menor sombra de dúvida,* que comigo seria uma mulher perdida; eis a razão por que me afastarei sempre dela. Devo vê-la hoje às sete horas; talvez lá não vá!... A sua altivez não me perdoará nunca o meu amor e por isso sucumbiremos os dois juntos. Isto não é natural, mas aqui tudo é contra a natureza. A senhora diz que ela me ama; mas que vem a ser o amor? Um tal sentimento pode existir depois de tudo quanto sofri? Não, isso não é amor, mas sim outra coisa!

— Como o senhor está pálido! — observou Aglaé inquieta.

— Isto não é nada. Tenho dormido pouco e sinto-me fraco... Em boa verdade falámos nessa altura em si, Aglaé...

— Então é verdade? Os senhores *falaram realmente em mim?* E... como pôde o senhor amar-me, se me viu então apenas uma vez?

— Não sei. Nas minhas trevas de então tive como que um sonho..., talvez uma nora aurora tivesse surgido ante os meus olhos. Não sei porquê, desde então tenho pensado em si. Não lhe menti quando, ao escrever-lhe, lhe disse que ignorara como isso se tinha passado. Não foi mais que um sonho, por onde escapei aos meus terrores de então... Meti-me logo em seguida ao trabalho; a minha intenção era não voltar antes de três anos...

— Então voltou por causa dela?

Sentia-se um certo tremor na voz de Aglaé.

— Sim, por causa dela.

Dois minutos de morno silêncio se passaram. Aglaé levantou-se.

— Se o senhor diz — repetiu ela numa voz hesitante — se o senhor mesmo acredita que essa... que essa desgraçada é uma tola, as suas extravagâncias não me interessam... Peço-lhe, León, para pegar nessas três cartas e devolver-lhas da minha parte. E — gritou ela brutalmente — se se

permitir escrever-me mais uma única linha, diga-lhe que me queixarei a meu pai, que a meterá numa casa de correção...

O príncipe teve um sobressalto e considerou com espanto o furor inesperado de Aglaé; uma espécie de nuvem se estabeleceu de repente entre eles.

— A senhora não pode pensar dessa forma!... Isso não é verdade! — balbuciou ele.

— É verdade! É a pura verdade! — exclamou Aglaé quase fora de si.

— Que é que é verdade? Qual pura verdade? — inquiriu ao seu lado uma voz alarmada.

Isabel Prokofievna surgiu diante deles.

— A verdade é que estou decidida a desposar o Gabriel, que o amo e que amanhã fugirei de casa com ele! — gritou Aglaé à mãe. — Está a ouvir? A sua curiosidade está satisfeita? Isto satisfá-la?

E deitou a correr em direção a casa.

— Ah, não, meu bom amigo, o senhor não vai agora deixar-nos! — disse Isabel, agarrando o príncipe. — Dê-nos o prazer de vir até nossa casa explicar-nos tudo... Ah, que suplício!... e isto depois de uma noite passada em branco!...

O príncipe seguiu-a.

Capítulo 9

Chegada a casa, entrou e parou no primeiro aposento; não tendo força para ir mais longe, deixou-se cair, sem mais resistência, sobre um sofá, esquecendo-se mesmo de convidar o príncipe a sentar-se. Era uma sala bastante grande, com uma mesa redonda ao meio e uma chaminé; algumas flores se amontoavam nas jarras dispostas no vão da janela; ao fundo uma porta envidraçada dava sobre o jardim. Surgiram logo em seguida Adelaide e Alexandra, cujos olhares admirados pareciam interrogar o príncipe e a mãe.

No campo as senhoras tinham o hábito de se levantar perto das nove horas; apenas Aglaé, há dois ou três dias, se levantava um pouco mais cedo e ia passear para o jardim, não às sete horas, mas sim às oito ou um pouco mais tarde. Isabel, devido ao que se tinha passado, não tinha fechado os olhos durante a noite; estava a pé desde as oito horas, na intenção de ir ao jardim encontrar-se com Aglaé, que ela calculava já levantada; porém não a encontrou no jardim, nem no seu quarto de dormir. Deveras alarmada foi acordar as duas outras filhas. A criada declarou que Aglaé havia ido para o parque ainda antes das sete horas. As irmãs riram maliciosamente ante esta nova fantasia da sua extravagante irmã mais nova e observaram a sua mãe que Aglaé era muito capaz de se esconder, se fossem procurá-la ao parque; em sua opinião estava sentada, com um livro na mão, no banco verde, de que havia falado três dias antes e a respeito do qual esteve quase para questionar com o príncipe Stch…; este declarara, de facto, nada encontrar de notável ao sítio diante do qual o banco estava colocado. Chegando em pleno encontro e surpreendendo as estranhas palavras de sua filha, Isabel sentiu um intenso terror que se justificava por muitas razões. Depois de haver arrastado o príncipe com ela, é que receou as consequências da sua iniciativa, «porque a Aglaé não podia ter encontrado por acaso o príncipe no parque e travado conversa com ele, sem terem antes falado na possibilidade desse encontro ou terem-no combinado.»

— Não suponha, meu caro príncipe — disse ela, esforçando-se por se dominar — que o trouxe até aqui para lhe fazer um interrogatório. Meu bom amigo, depois do que se passou ontem de tarde, preferia muito mais não o voltar a ver durante um certo tempo...

E parou de repente.

— Eu porém presumo que deseja muito mais saber como é que a Aglaé e eu nos encontrámos hoje, não? — concluiu o príncipe.

— Sim, desejava na verdade sabê-lo! — respondeu ela com arrebatamento. — Não receio que me fale francamente; não ofende ninguém, nem desejo ofender ninguém.

— Naturalmente. Não há nada de ofensivo em querer saber como tudo se passou. A senhora é a mãe. Encontrámo-nos hoje, a Aglaé e eu, perto do banco verde, mais ou menos às sete horas da manhã, devido a um aviso que ela me enviou ontem. Mandou-me ontem à tarde uma carta, onde me dizia que desejava muito estar comigo, para me falar de uma questão importante. Tivemos por isso uma entrevista em que falámos durante uma hora de assuntos que lhe diziam apenas com respeito. E foi tudo quanto se passou.

— Foi com certeza isso tudo, meu amigo; não duvido mesmo que fosse apenas isso! — afirmou num tom digno Isabel.

— Muito bem, príncipe! — interveio Aglaé, entrando bruscamente no aposento. — Agradeço-lhe de todo o coração o ter-me julgado incapaz de me rebaixar até à mentira. Está satisfeita minha mãe, ou tem ainda a intenção de levar mais longe o seu interrogatório?

— Sabes bem que ele não veio até aqui para eu ter de corar diante de ti, nem que isso talvez te desse prazer! — replicou Isabel num tom de alguém que dá uma lição. — Adeus, príncipe. Desculpe-me o tê-lo incomodado. Espero que fique convencido da minha invariável estima por si.

No mesmo instante o príncipe saudou a mãe e a filha, e retirou-se sem dizer palavra. Alexandra e Adelaide trocaram entre si um sorriso e puseram-se a cochichar. Isabel fitou-as com um olhar severo.

— O que nos fez sorrir — informou, sorrindo, Adelaide — foi ver o príncipe saudá-las com um ar tão majestoso; tem em geral o ar de um malfeitor e de repente, eis que as saudou com umas maneiras... umas maneiras à Eugénio Pavlovitch.

— A delicadeza e a dignidade são qualidades que nascem naturalmente do coração e não há mestres de cerimónias capazes de as ensinar — concluiu, sentenciosa, Isabel.

E encaminhou-se para os seus aposentos sem ter sequer levantado os olhos para Aglaé.

Quando o príncipe entrou em casa, perto das nove horas, encontrou no terraço Vera Loukianovna e uma criada. Acabavam de varrer e arrumar a casa, depois da reunião tumultuosa da véspera.

— Graças a Deus que pudemos terminar os arrumos da casa antes do seu regresso! — disse alegremente a Vera.

— Bons-dias. Dói-me bastante a cabeça. Não dormi nada, por isso sinto vontade de me deitar.

— Quer o senhor descansar aqui, no terraço, como ontem? Está bem. Avisarei toda a gente para que o deixem dormir. O meu pai saiu.

A criada retirou-se e Vera fez menção de a seguir, mas voltou atrás e aproximou-se do príncipe com ar inquieto:

— Príncipe, tenha piedade desse... desgraçado; não o expulse hoje.

— Não o expulsarei por coisa nenhuma. Poderá fazer o que muito bem quiser.

— Por agora não fará nada... não seja severo com ele.

— Oh, não! Por que havia de ser severo com ele?

— E depois... não se ria dele. Isto é mesmo o essencial.

— Pode estar sossegada, nada haverá.

— Torno-me ridícula, pedindo isto a um homem como o senhor — continuou a Vera, corando. — Apesar de tão fatigado — acrescentou, rindo, e já meia voltada para a porta — tem neste momento uns olhos tão bondosos... e tão felizes!

— Parecem-lhe na verdade felizes? — perguntou o príncipe com vivacidade.

E afastou-se, soltando uma franca gargalhada.

Porém Vera, que tinha a simplicidade e o à vontade de um rapaz, ficou nesta altura muito confusa e bastante corada; riu também e saiu bruscamente.

«Que encantadora moça», pensou o príncipe, para logo se esquecer dela. Dirigiu-se para um canto do terraço, onde estava uma cama. Sentou-se nela e encostando-se a uma mesa que estava próxima, escondeu o rosto entre as mãos e manteve-se nessa posição mais de uma dezena de minutos.

De súbito, com um movimento brusco e inquieto, meteu a mão no bolso do lado e tirou três cartas.

Abriram de novo a porta e Kolia apareceu. O príncipe sentiu-se satisfeito por ter assim de aguardar outra vez as cartas e adiar a sua leitura.

Kolia sentou-se também na cama.

— Aqui está um acontecimento! — exclamou ele, entrando de improviso no assunto que tinha em vista, porém com aqueles rodeios que tais assuntos pedem. — Que opinião tem o senhor agora do Hipólito? Passou a deixar de o estimar?

— Por que motivo? Mas, Kolia, sinto-me muito fatigado... e por outro lado preferia não falar mais em tal assunto... Como se encontra ele agora?

— Está a dormir e com certeza só acordará daqui por umas duas horas. Compreendo: o senhor não dormiu hoje em casa; foi até ao parque… com certeza está agitado... e não é para menos!

— Como é que o senhor sabe que fui até ao parque e não dormi em casa?

— Foi a Vera que mo disse há pouco. Recomendou-me para não entrar; mas eu não me pude conter e queria vê-lo, nem que fosse só um minuto. Passei estas duas horas junto do doente; agora é a vez do Kostia Lebedev. Bourdovski foi embora. Bem, deite-se príncipe. Boas... não, bons dias! Mas, sabe, estou muito admirado!

— Sim, na verdade… tudo isto...

— Não, príncipe, não! O que me admira é a «confissão», e sobretudo a passagem em que fala da Providência e da vida futura. Há nesse ponto um pensamento gigantesco!

O príncipe olhou com afetuosidade para Kolia, que tinha vindo, sem dúvida alguma, para conversar sobre o pensamento gigantesco.

— O essencial, o essencial porém, não é tanto esse pensamento, mas sim as circunstâncias no meio das quais ele germinou. Se tivesse sido formulado por Voltaire, Rousseau, Proudhon, tê-lo-ia já lido ou notado, e então não me teria causado tanta admiração! Mas um homem que tem a certeza de não ler mais do que dez minutos para viver e se exprime assim, é um rude exemplo de altivez! É a mais alta manifestação de independência da dignidade humana; isto equivale a arrostar abertamente... Não, isto denota uma força de alma gigantesca!... E querer sustentar, depois disto, que propositadamente se esqueceu da cápsula, e baixeza, é falta de bom senso. Mas como sabe, ontem ele enganou-nos. É

um espertalhão. Não fui eu que lhe arranjei o saco, nem nunca lhe vi a pistola; foi ele próprio que emalou tudo; e no entanto senti-me confundido ao ouvi-lo contar essa história! Vera disse-me que o senhor o deixa ficar aqui; juro-lhe que não há nisso nenhum perigo, pois exerceremos à sua volta uma vigilância constante.

— Qual dos senhores é que o vigiou esta noite?

— Lebedev, Bourdovski e eu. Keller esteve apenas um momento e depois foi-se deitar a casa do Lebedev, porque não tinha onde se deitar no nosso quarto. Foi lá também que o Ferdistchenko passou a noite; retirou-se eram sete horas. O general esteve sempre em casa do Lebedev; agora também saiu... Creio que o Lebedev teve a intenção de o vir procurar; pensa dizer-lhe não sei o quê e perguntou-me por duas vezes onde o senhor estava. Deixa-se entrar ou pede-se-lhe para esperar, se o senhor estiver a descansar? Eu também vou dormir. Ah, sim, esquecia-me de uma coisa: fui testemunha ainda há pouco de uma excentricidade do general. Bourdovski acordou-me perto das seis horas, ou seriam mesmo seis horas, pois estava chegada a minha vez de ir vigiar o doente; saí por um minuto e tive a surpresa de encontrar o general tão embriagado, que não me reconheceu; perfilou-se na minha frente como um soldado e, recuperando um pouco a presença de espirito, crivou-me de perguntas: «Então como vai o doente? Venho saber notícias dele...» Disse-lhe como se encontrava. «Tudo isso está muito bem», acrescentou ele, «mas levantei-me e vim sobretudo para te prevenir; tenho razões para supor que não se pode dizer tudo na frente do Ferdistchenko e... que é preciso tomar cautela com ele». Compreende isto, príncipe?

— Isso é verdade? No entanto, para nós não tem importância.

— Sim, para nós é indiferente, não somos francos-maçons! Fiquei bastante surpreendido ao saber que o general quis ir acordá-lo esta noite de propósito para isso.

— Ferdistchenko saiu, disse o senhor?

— Às sete horas; esteve um instante junto de mim, enquanto olhava pelo doente, e depois disse-me que ia acabar a noite a casa do Vilkine (um famoso bêbado, esse Vilkine). Bem, vou-me embora!... Chega agora o Loukiane Timofeievitch... O príncipe quer dormir, Loukiane... Volte para de onde veio!

— É apenas um minuto, meu estimado príncipe! Trata-se de uma questão que tem para mim grande importância — proferia Lebedev com

uma saudação cerimoniosa.

Exprimia-se a meia voz, num tom de comovido, mas revelando a gravidade do que tinha a dizer. Acabava de entrar e não tendo tido tempo de ir a casa, trazia ainda o chapéu na mão. O seu rosto mostrava-se inquieto, refletindo uma expressão excecional de gravidade. O príncipe pediu-lhe para se sentar.

— O senhor procurou-me já por duas vezes. Encontra-se talvez muito inquieto com os incidentes de ontem à tarde, não?

— O príncipe refere-se ao jovem de ontem à tarde? Oh, não!... Ontem as minhas ideias estavam em desordem... mas hoje não tenho a intenção de contrariar as suas ideias no quer que seja.

— Contra... como é que disse?

— Disse, contrariar. É uma palavra estrangeira, como tantas outras, que fazem parte da língua russa. Não tem nada de especial.

— Que tem hoje, Lebedev, para estar com um aspeto tão grave e tão solene? Tem o ar de quem mede as palavras — disse o príncipe com um leve sorriso.

— Nicolau Ardalionovitch — exclamou Lebedev dirigindo-se a Kolia, num tom que mal se ouvia — tenho a comunicar ao príncipe um assunto que só a ele em especial diz respeito...

— Eu compreendo. Nada tenho com isso. Até logo, príncipe! — disse Kolia, retirando-se em seguida.

— Gosto deste rapaz porque tem uma inteligência viva — proferiu o Lebedev, seguindo-o com os olhos. — Se bem que um pouco importuno, é bastante sagaz... Aconteceu-me uma grande desgraça, meu respeitável príncipe: ontem de tarde ou esta manhã, ao romper do dia... Não posso ainda precisar o momento exato.

— Que é que se passou?

— Quatrocentos *rublos* que desapareceram do bolso interior do meu casaco. Meu respeitável príncipe, tenho de os recuperar! — acrescentou Lebedev com um sorriso amargo.

— O senhor perdeu quatrocentos *rublos?* Isso foi uma infelicidade.

— Sobretudo para um pobre homem que vive honradamente do seu trabalho.

— Sem dúvida, sem dúvida. Como é que isso se passou?

— Foi o efeito do vinho. Dirijo-me ao senhor como se fora à Providência, meu respeitável príncipe. Esta quantia de quatrocentos *rublos*

foi-me entregue ontem à tarde, às cinco horas, por um meu devedor. Fui para casa de carro. Trazia a carteira no bolso. Quando mudei de fato, meti-a no bolso do sobretudo. Meti o dinheiro no bolso, na intenção de o guardar depois. Contava mandá-lo à noite a alguém que mo tivesse pedido... Esperava a vinda do solicitador.

— A propósito, Lebedev, é verdade que o senhor anunciou nos jornais que emprestava sobre objetos de ouro e prata?

— Esse anúncio foi publicado por ordem de um homem de negócios; nem traz o meu nome, nem a minha direção. Como tenho apenas um pequeno capital e a minha família é numerosa, tem de concordar que é uma honesta remuneração...

— Sim, sim!... Trata-se apenas de uma informação. Desculpe-me tê-lo interrompido.

— O homem de negócios não veio. Trouxeram depois para aqui o desgraçado. Após o jantar, preparava-me para sair de carro. Vieram porém aquelas visitas; beberam... do chá e... por infelicidade fiquei mais alegre do que devia. Quando mais tarde veio o Keller, disseram-nos que era o seu aniversário e que era preciso servir champanhe; então eu, meu caro e respeitável príncipe, que tenho um coração (o senhor com certeza já o notou, porque eu bem o mereço), não direi sentimental, mas reconhecido, de que me orgulho, achei de meu dever tirar a minha velha roupa e vestir o fato novo, para esperar o momento de o felicitar em pessoa e festejar o dia da maneira a mais solene. Assim fiz, príncipe, e deve ter reparado que não mudei de fato durante toda a noite. Porém ao trocar de roupa esqueci a carteira no meu sobretudo... Há razão em dizer que quando Deus quer punir alguém, começa por lhe perturbar a razão. Esta manhã, às sete horas e meia, ao acordar, saltei da cama, como um tolo, para ir ver o sobretudo. O bolso estava vazio! Nem sombra de carteira.

— Ah, devia ter sido desagradável!

— Isso mesmo: foi desagradável! Com o tato que o caracteriza, o senhor encontrou logo a expressão apropriada — acrescentou Lebedev, não sem malícia.

— No entanto, como... — exclamou, inquieto, o príncipe, após um instante de reflexão. — Isso é sério!

— É a palavra devida: sério... Mais uma expressão feliz a caracterizá-lo.

— Pode-me dizer, Lebedev, para que servirá escolher as palavras? Não são as palavras que interessam... Supõe que, estando bêbado, poderia ter deixado cair a carteira do bolso?

— É possível. Tudo é possível no estado de embriaguez, para empregar a expressão de que o senhor se serviu com tanta franqueza, meu respeitável príncipe. Mas repare apenas nisto: se tivesse deixado cair a carteira do bolso, ao tirar o sobretudo, deviam tê-la encontrado no chão. Mas quem é que a encontrou?

— Não a teria o senhor fechado em qualquer gaveta de alguma mesa?

— Já procurei por toda a parte, de um lado ao outro. Além disso não a pus em sítio nenhum, nem abri nenhuma gaveta; recordo-me muito bem.

— Não a teria o senhor guardado no pequeno armário?

— Foi a primeira coisa que fiz esta manhã e já o espreitei várias vezes... E depois, para que havia de ir escondê-la no pequeno armário, meu respeitável príncipe?

— Confesso, Lebedev, que essa história me inquieta. Não a teria alguém encontrado no chão?

— Ou ma tiraram do bolso!... Não há outra explicação.

— Isso inquieta-me deveras, porque, quem é que se atreveu a fazer isso? Esta é que é a questão principal!

— Sem dúvida que é essa à questão principal. O ilustre príncipe emprega com uma espantosa justeza as palavras, as ideias e as definições que melhor pintam a situação...

— Ah! Lebedev, basta de zombarias! Aqui...

— De zombarias! — gritou ele, levantando os braços.

— Vamos, vamos, é bom não me arreliar! A minha preocupação é muito diferente... Não gosto e temo ver acusar quaisquer pessoas. Que pensa sobre isto?

— A questão é muito delicada e... muito complicada! Não posso suspeitar da criada, pois esteve todo o tempo metida na cozinha. Os meus filhos estão também fora de quaisquer suspeitas...

— Não faltava mais nada.

— Por consequência só podia ter sido uma das visitas.

— Será possível?

— É da mais absoluta e completa impossibilidade. No entanto a coisa não se podia ter passado de outra forma. Quero admitir muitas vezes, e estou mesmo convencido, que o roubo, se é que houve roubo, foi

cometido, não durante a reunião, quando toda a gente estava junta, mas sim durante a noite, ou mesmo ao romper da manhã, por qualquer pessoa que não tivesse aqui passado a noite.

— Ah, meu Deus!

— Excluo, naturalmente, disto tudo, Bourdovski e Nicolau, pois nem mesmo chegaram a entrar em minha casa.

— Falaria também assim, mesmo que tivessem entrado?! Quem passou a noite em sua casa?

— Contando comigo, fomos apenas quatro que passámos a noite em dois quartos contíguos: o general, o Keller, o Ferdistchenko e eu. Por conseguinte deve ter sido um de nós os quatro.

— Ou melhor, quer dizer, um dos três... Mas qual?

— Contei a minha pessoa para ser justo e fazer as coisas com justiça; deve concordar porém que não me ia roubar a mim mesmo, se bem que já se tenham visto muitos desses casos...

— Ah, Lebedev, o seu palavreado enfastia! — exclamou o príncipe impacientado. — Vamos ao que interessa: por que se preocupa a dizer tais banalidades?

— Restam ainda três pessoas. Comecemos pelo Keller, homem versátil, dado às bebidas e em certos pontos suspeito de liberalismo, pelo menos no que diz respeito ao bolso dos outros; no entanto tem mais o caráter de um cavaleiro da idade-média do que o de um liberal. Passou a primeira parte da noite no quarto do doente e só muito tarde é que se mudou para junto de nós, sob o pretexto de que não podia dormir deitado no soalho.

— Suspeita dele?

— Suspeitei. Quando perto das sete horas da manhã saltei da cama como um tolo e me feri até no rosto, fui logo acordar o general, que dormia então o sono da inocência. Tomando em consideração o estranho desaparecimento do Ferdistchenko, circunstância já de natureza a fazer nascer suspeitas, resolvemos logo os dois revistar o Keller, que estava estendido como... como... quase como uma pedra. Revistámos-lhe cuidadosamente os bolsos, sem encontrar um cêntimo; não tinha um bolso que não fosse furado. Um lenço de algodão azul, aos quadrados, em que mal se podia tocar; um bilhete amoroso escrito por qualquer criada de quarto, a qual reclamava dinheiro e formulava ameaças; várias páginas soltas do folheto que o senhor sabe; e foi tudo quanto encontrámos. O

general declarou então que o Keller estava inocente. Para tirar a coisa mais a claro, acordámo-lo, não sem uma certa dificuldade; a custo compreendeu do que se tratava; ficou de boca aberta, o rosto congestionado, um ar imbecil e inocente, mesmo estúpido; quase nem parecia ele!

— Isso só me deixa contente! — desabafou o príncipe com um alegre suspiro de alívio. — Temia que fosse ele!

— Temia que fosse ele? É porque tem então razões para isso? — insinuou Lebedev piscando os olhos.

— Oh, não. Disse isto sem refletir. Não estava com certeza em meu juízo quando disse que temia que fosse ele., Peço-lhe, Lebedev, para não dizer isto a ninguém.

— Príncipe! Príncipe! As suas palavras ficam guardadas no meu coração, bem no fundo do meu coração. Caíram como se fosse num túmulo! — proferiu Lebedev com solenidade e comprimindo o chapéu contra o peito.

— Bem, bem!... Então foi o Ferdistchenko? Quer dizer que supõe que tenha sido o Ferdistchenko?

— De quem poderia suspeitar, que não fosse ele? — perguntou Lebedev, baixando a voz e olhando fixamente o príncipe.

— Sim, pode ser!... Para suspeitar de quem? Mas onde estão as provas?

— As provas existem. Para já, o seu desaparecimento às sete horas, ou mesmo antes das sete horas da manhã.

— Eu sei. O Kolia contou-me que o Ferdistchenko entrou em casa dele, para lhe dizer que ia acabar a noite em casa de... Esqueci-me do nome... É um dos seus amigos...

— Vilkine. Então o Nicolau já lhe falou também nisso?

— Nada me disse porém do roubo.

— Não sabia, porque nessa altura ainda eu não tinha dito nada a ninguém. O Ferdistchenko foi portanto a casa do Vilkine; não tem nada de extraordinário, segundo parece, que um bêbado vá a casa de um outro bêbado, mesmo ao nascer do dia e sem motivo plausível, não é assim? Porém uma pista se desenha; parte, dizendo para onde vai... Agora, príncipe, siga bem o meu raciocínio: porque fez ele isto? Porque entrou de propósito em casa do Nicolau, dando uma volta, para lhe dizer que «ia acabar a noite a casa do Vilkine?» Que interesse podia ele ter em saber que saiu e, mais ainda, que ia a casa do Vilkine? Para quê semelhante

comunicação? Não, isto é uma esperteza, uma esperteza de ladrão! É o mesmo que dizer: «Como veem, tive cuidado em não esconder o caminho que segui; como podem depois disto suspeitar que eu roubei? Um ladrão indica porventura o local para onde vai?» É isto um excesso de precaução para afastar as suspeitas e apagar, por assim dizer, os sinais dos seus passos sobre a areia... Está a compreender, meu respeitável príncipe?

— Compreendo, compreendo muito bem. Mas isso é uma prova muito frágil.

— Segunda prova: a pista revela-se falsa e a direção dada não é exata. Uma hora depois, isto é, às oito horas, fui bater à porta da casa do Vilkine; vive perto daqui, na quinquagésima rua; é também meu conhecido. Não estava lá o Ferdistchenko. Tive a sorte, na verdade, de saber por intermédio de uma criada, surda como uma porta, que uma hora antes alguém tinha, de facto, dado umas fortes pancadas na porta, para entrar, e havia até mesmo arrancado a campainha. Porém a criada não abriu, quer fosse para não acordar o senhor Vilkine, quer talvez porque não se sentisse com vontade de sair da cama. Isto parece que chega.

— E são só essas todas as suas provas? É pouco.

— Príncipe, mas de quem devo então suspeitar? Pense bem! — concluiu Lebedev num tom de lacrimosa obsequiosidade, mas com um sorriso um tanto traiçoeiro.

— Deve fazer uma nova busca nos quartos e nas gavetas — aconselhou o príncipe com um ar preocupado e depois de um instante de reflexão.

— Isso já eu fiz! — suspirou Lebedev, com uma expressão ainda mais enternecedora.

— Hum!... Mas porque é, porque é que o senhor tirou o sobretudo? — gritou o príncipe, batendo, num gesto de cólera, com o punho na mesa.

— Faz-se essa mesma pergunta numa velha comédia. Porém, excelente príncipe, o senhor está tomando muito a peito o meu infortúnio! Não mereço tanto. Quer dizer, por mim, apenas, não mereço isso. Todavia o senhor toma também a peito o infortúnio do culpado, desse ser insignificante que é o senhor Ferdistchenko?!

— Sim, de facto!... A sua situação inquieta-me — interrompeu o príncipe com um ar distraído e descontente. — Em suma, que conta fazer, se está na verdade convencido da culpabilidade do Ferdistchenko?

— Príncipe, meu respeitável príncipe, quem seria então? — perguntou Lebedev fazendo contorções e tomando um tom cada vez mais patético. — Não se pode pensar em nenhum outro, dada a absoluta impossibilidade de suspeitar de alguém, além do senhor Ferdistchenko, pois há contra ele, por assim dizer, uma prova mais esmagadora: é a terceira prova. Porque, repito, quem poderia ser senão ele? Posso por acaso suspeitar do senhor Bourdovski? Ah! ah!...

— Credo, que absurdo!

— Ou então do general?... Ah! ah!...

— Isso ainda pior! — disse o príncipe, quase encolerizado e voltando-se com impaciência sobre a cama.

— Era na verdade uma tolice!... Ah! ah! ah. Que original que é o general e quanto me tez rir! Fomos os dois procurar o Ferdistchenko a casa do Vilkine... Preciso dizer-lhe que ele ficou ainda mais surpreendido do que eu, quando o acordei, depois de ter verificado que estava roubado. Chegou ao ponto de mudar de figura: corou, empalideceu, e por fim manifestou um nobre acesso de indignação, cuja violência me surpreendeu. E um nobre caráter. É certo que mente a cada momento, por fraqueza, mas no restante é dotado de sentimentos os roais elevados; devido a isso, é tão ingénuo que a sua inocência me inspira a mais inteira confiança. Tenho dito já, meu respeitável príncipe, que sinto por ele, não só um certo fraco, mas afeição até. Parou bruscamente em plena rua, entreabriu o casaco e mostrou-me o peito: «Reviste-me!», exclamou ele. «Se revistou o Keller, porque não me revista a mim? A justiça assim o exige!» Os braços e as pernas tremiam-lhe tanto e tinha o rosto tão pálido, que causava até medo olhar para ele. Pus-me a rir e disse-lhe: «Escute, general, se qualquer outro me tivesse dito isso, cortava-lhe imediatamente a cabeça por minhas mãos, colocava-a depois num grande prato e mostrava-a a todos aqueles que tivessem suspeitas: *Veem esta cabeça?*, dir-lhe-ia eu. *Respondo sobre ela, pela sua probidade. E não só dou a minha cabeça em penhor, como a meterei mesmo no fogo por ele.* Era assim», acrescentei eu, «como responderia por si!» Então lançou-se nos meus braços, sempre no meio da rua, e chorando algumas lágrimas e tremendo, apertou-me tanto contra o peito, que tive um princípio de ataque de tosse. «Tu és», disse-me ele, «o único amigo que me resta do meu infortúnio!» É um homem muito sensível. Como é natural aproveitou a ocasião para contar, enquanto prosseguíamos o nosso caminho, uma

história, a propósito: haviam também suspeitado dele, uma vez, na sua juventude, de ter roubado quinhentos mil *rublos;* no dia seguinte, porém, entrou por uma casa em chamas para salvar o conde que havia suspeitado dele, assim como a Nina Alexandrovna, então uma jovem moça. O conde abraçou-o, e foi em seguida a este acontecimento que desposou a Nina. No dia seguinte descobriram nos escombros uma caixa de ferro que continha o dinheiro desaparecido. De fabricação inglesa, com uma fechadura de segredo, essa caixa esteve caída, não se sabe como, no soalho, de sorte que até se dar o incêndio ninguém a havia encontrado. Esta história foi inventada em todos os seus detalhes, mas começou a lacrimejar logo que falou na Nina. Esta senhora é muito digna, apesar de que tem contra mim uma certa má vontade.

— O senhor tem relações com ela?

— Pouco, mas desejava bem conhecê-la melhor, apenas para me justificar a seus olhos. Quer-me mal, porque supõe que fui eu que lhe arrastei o marido para o vício da embriaguez. Ora não fui eu que o viciei, muito pelo contrário, fui eu talvez que lhe evitei certas frequências mais perigosas. Por outro lado é para mim um amigo e eu confesso que daqui para o futuro não mais o abandonarei; irei até ao ponto de ir onde ele for, porque só por boas palavras o podemos convencer. Agora deixou por completo de frequentar a sua *capitaine*, se bem que no íntimo só pense em ir vê-la e algumas vezes mesmo suspire muito por ela, sobretudo pela manhã, quando se levanta e calça as botas; não sei bem dizer porque se lembra mais dela nesse momento; o pior é que não tem um centavo e não pode ir a casa dela sem levar dinheiro. Aiada não lhe pediu dinheiro, meu respeitável príncipe?

— Não, ainda não mo pediu.

— Tem vergonha. Vontade não lhe falta. Já me confessou mesmo a sua intenção de o importunar a tal respeito, mas ainda não se atreveu, porque pensou que lho recusaria, visto o senhor ter emprestado recentemente a alguém. Confiou-me isto como a um amigo...

— E o senhor não lhe deu dinheiro?

— Príncipe, meu respeitável príncipe!... Não só lhe daria dinheiro, como até mesmo, por assim dizer, lhe daria a minha vida... Quando digo a minha vida, exagero; sem dar a minha vida, estava pronto no entanto a suportar uma febre, ou um abcesso, ou uma constipação, no caso de absoluta necessidade, bem entendido; tenho-o na conta de um grande

homem, mas deslocado da sua posição social. E nisto se resume tudo. A mais forte razão, quando se trata de dinheiro...

— Então o senhor deu-lho!

— Nada disso; não lhe dei dinheiro, como sabe também que não lho darei, mas apenas em seu benefício, para o moderar e corrigir. Agora a sua ideia fixa é voltar comigo para S. Petersburgo, onde pretendo seguir a pista do senhor Ferdistchenko, porque estou convencido que se encontra lá. O general está entusiasmado e ansioso por ir, mas prevejo que logo que chegue a S. Petersburgo me deixará, para ir ter com a sua *capitaine.* Suponho que o deixarei satisfazer o seu desejo, pois combinámos separar-nos logo à chegada, para tentarmos conseguir, por vias diferentes, agarrar o senhor Ferdistchenko. Deixá-lo-ei ir então atrás do outro, para de repente cair sobre ele, de improviso e surpreendê-lo em casa da *capitaine*; a minha intensão, sobretudo, é envergonhá-lo, lembrando-lhe os seus deveres de pai de família e da sua dignidade de homem, em geral.

— Porém não faça escândalo, Lebedev; por amor de Deus nada de escândalo! — disse a meia voz o príncipe, dominado por uma viva inquietação.

— Oh, não! Isto é apenas para o confundir, para ver a cara que ele faz, porque a fisionomia pode revelar muitas coisas, meu respeitável príncipe, em especial num homem como ele! Ah, príncipe, por maior que seja a minha desgraça, não posso, mesmo neste momento, deixar de pensar nele e na sua correção. Tenho um grande pedido a fazer-lhe, meu respeitável príncipe: é mesmo, confesso-o, o principal motivo da minha visita. O senhor conhece a família do general, pois esteve hospedado em sua casa; se concorda, meu excelente príncipe, em me ajudar nesta tarefa, no interesse exclusivo do general e para seu benefício...

Lebedev juntou as mãos numa atitude implorante.

— De que se trata? Em que posso ajudá-lo? Pode estar certo que o meu maior desejo é ajudá-lo, Lebedev.

— Foi levado por essa convicção que me dirigi ao senhor. Podia agir, servindo-me da Nina Alexandrovna, de maneira a estabelecer uma certa vigilância e, de alguma forma, uma rede constante junto de sua Excelência, no seio da sua própria família. Infelizmente não tenho relações... Por outro lado o Nicolau, que o adora, por assim dizer, com todo o ardor da sua jovem alma, podia sem dúvida ajudar-me igualmente...

— Ah, não!... Meter a Nina nesta questão!... que Deus nos preserve de tal!... E o Kolia muito menos... Parece-me que ainda não compreendi bem o seu pensamento Lebedev.

— Não há nada a compreender! — gritou Lebedev, dando um salto na cadeira. — Nada me move, que não seja um sentimento de delicadeza e solicitude para com ele! É todo o remédio que é preciso para o nosso doente. O senhor permite-me, príncipe, que o considere como um doente?

— É uma prova do seu bom coração e do seu espírito.

— Vou-me explicar com a ajuda de um exemplo, tirado da prática, para ser mais evidente. Repare no homem de quem estamos tratando: o seu único fraco, por agora, é essa *capitaine*, à qual lhe é interdito apresentar-se sem dinheiro e em casa de quem eu conto surpreendê-lo hoje, para seu bem. Admitamos mesmo que não se trata apenas dessa franqueza, mas de um verdadeiro crime ou de algum ato contrário à honestidade (ainda que seja incapaz de tal fazer); mesmo nesse caso estou convencido que poderíamos levá-lo a tudo, servindo-nos apenas de um nobre sentimento de ternura porque é um homem de uma extrema sensibilidade. Pode crer que antes de cinco dias deixaria de se poder calar; começaria a falar e confessaria tudo no meio de lágrimas; sobretudo se o tratássemos com tanta habilidade como nobreza, e se a família e o senhor exercessem uma vigilância, de qualquer forma, sobre todos os seus passos... Oh, excelente príncipe! — exclamou Lebedev sobressaltado, como sob o domínio de uma inspiração — não quero referir-me a todos os seus passos, sem dúvida... De resto, por assim dizer, estou pronto desde já a verter todo o meu sangue por ele; concordo porém que a confusão, a bebedeira, a *capitaine*, tudo isto reunido, pode levar muito longe.

— Pode estar certo que estou sempre disposto a ajudá-lo nesta questão — disse o príncipe, levantando-se. — Confesso, no entanto, Lebedev, que tenho uma terrível apreensão. Vejamos: o senhor tem sempre a ideia... numa palavra, o senhor mesmo disse que suspeitava do Ferdistchenko, não é assim?

— Mas de quem suspeitar, se não dele? Quem, meu sincero príncipe? — repetiu Lebedev, sorrindo e juntando de novo as mãos com um ar de confrangido.

O príncipe entristeceu-se e levantou-se.

— Repare, Lebedev, que nessas coisas um engano é uma coisa terrível. O Ferdistchenko... não quero dizer mal dele... mas o Ferdistchenko... por

minha fé, quem sabe? Talvez tenha sido ele!... Quero dizer que, na verdade, ele era mais capaz de fazer isso... do que qualquer outro.

Lebedev abriu muito os olhos e aprestou os ouvidos.

O príncipe, cada vez mais sombrio, percorria o aposento de um lado ao outro e esforçava-se por não olhar para o seu interlocutor.

— Fique sabendo — prosseguiu ele com um embaraço cada vez maior — que me deram a entender... disseram-me mesmo que o Ferdistchenko, em qualquer coisa, é um homem ante o qual é preciso ter cuidado, quer observando-o, quer não nos excedendo... em palavras, compreende? Volto a dizer-lhe isto, porque talvez ele seja, de facto, mais capaz, do que qualquer outro... enfim, para evitar um erro, pois é neste caso o principal, como compreende?

— Mas quem lhe fez essa observação a respeito do senhor Ferdistchenko? — perguntou Lebedev com vivacidade.

— Disseram-me isto em segredo; de resto não creio em nada disto. Estou bastante aborrecido por me encontrar na obrigação de lhe contar isto; afianço-lhe que não lhe dou nenhum crédito... e que considero mesmo um absurdo... Oh, fiz uma grande asneira em lhe dizer isto.

— Os detalhes são sempre importantes, príncipe — disse Lebedev, todo trémulo de emoção — muito importantes nesta altura, não no que diz respeito ao senhor Ferdistchenko, mas quanto à fonte por intermédio da qual veio ao nosso conhecimento. — Dizendo isto, Lebedev caminhava ao lado do príncipe e esforçava-se por regular o seu passo pelo dele. — Além disso, príncipe, devo também fazer-lhe saber o seguinte: esta manhã, quando fomos juntos a casa do Vilkine, o general, depois de me ter contado a história do incêndio, tremendo ainda, de uma indignação bem natural, começou de repente a fazer-me insinuações sobre o passado do Ferdistchenko. Fê-lo no entanto com tanta incoerência e inaptidão que não me pude conter, que não lhe fizesse algumas perguntas; as suas respostas convenceram-me que todas essas informações não passavam de invenção de sua Excelência... Foi um simples efeito da sua expansibilidade, porque se mente, é apenas por não saber conter as expansões do seu coração. Agora julgue por si mesmo: se ele mentiu, do que estou plenamente convencido, como é que a sua mentira pôde chegar até aos seus ouvidos? Compreendo, príncipe, que inventasse tudo isto sob a inspiração do momento; mas quem pôde então comunicar-lho? Este ponto é importante e... por assim dizer...

— Foi o Kolia quem me disse isto; a reflexão foi-lhe feita pelo pai, que o encontrou no vestíbulo, entre as seis e as sete horas, no momento em que saía, não sei porquê.

E o príncipe relatou tudo em detalhe.

— Muito bem! Isso é o que se pode chamar uma pista! — disse Lebedev esfregando as mãos e rindo em surdina. — Era o que eu pensava! Isso quer dizer que, perto das seis horas da manhã, sua Excelência interrompeu de propósito o seu sono de inocente para ir acordar o filho querido e avisá-lo do perigo extraordinário que corre em companhia do senhor Ferdistchenko!... Depois disto, forçoso é reconhecer que o senhor Ferdistchenko é um homem perigoso e admirar a solicitude paternal de sua Excelência... Ah! ah!

— Escute, Lebedev — interveio o príncipe num tom de grande inquietação — escute; é preciso ir docemente. Não faça barulho! Peço-lhe, Lebedev, suplico-lhe... Com esta condição, juro-lhe que o ajudarei. Porém que ninguém saiba nada, ninguém!

— Fique certo, meu bom, sincero e muito generoso príncipe — gritou Lebedev sob o golpe de uma inspiração decisiva — fique certo que tudo isto morrerá no meu nobre coração! Marchamos a passo de lobo e a mão na mão! A passo de lobo e a mão na mão... Darei mesmo todo o meu sangue... Meu ilustre príncipe, tenho uma alma inferior, um espírito vulgar. Porém pode pedir a um homem inferior, ou melhor ainda, a qualquer espécie de velhaco; prefere ter uma questão com um velhaco desta espécie ou com um ser da mais perfeita grandeza de alma, tal como o senhor, meu sincero príncipe? Responderá que prefere a grandeza de alma; é então que a virtude triunfa. Até depois, meu honrado príncipe. A passo de lobo, a passo de lobo e... a mão na mão!

Capítulo 10

O príncipe compreendeu enfim porque estava sentido um frio glacial todas as vezes que pousava a mão numa das três cartas e porque havia adiado a sua leitura até à tarde. De manhã, quando estava estendido na cama, sem ter podido decidir-se a abrir cada um dos três envelopes, dormiu um sono agitado; um mau sonho o oprimiu também e durante ele viu essa mesma «culpada» avançar para ele. Olhava-o, ao passo que as lágrimas lhe brilhavam nos olhos; ela convidara-o de novo a segui-la. E, como na véspera, acordou ante a dolorosa evocação desse rosto.

Quis ir imediatamente a *casa dela,* mas dão sentiu forças para tal; então, quase desesperado, acabou por abrir as cartas e pôs-se a lê-las.

Assemelhavam-se essas cartas a um sonho. Eram por vezes feitas de sonhos estranhos, impossíveis, contrários às leis da natureza; acordado, evocava-as com nitidez e apenas uma anomalia feria a sua atenção. Lembrava-se sobretudo de que a razão não o abandonara em nenhum momento do seu sonho. Recordava-se mesmo de ter agido com infinita astúcia e lógica durante bastante tempo, entretanto que alguns assassinos o rodeavam, armando-lhe ciladas, dissimulando os seus desejos e fazendo-lhe promessas amigáveis, na altura em que as suas armas se encontravam já aprestadas e aguardavam apenas um sinal para agir. Rememorava enfim a astúcia graciosa com que o tinham enganado, tudo dissimulando ante os seus olhos; mas adivinhara que haviam frustrado o seu estratagema e que fingiam somente parecer ignorar o seu esconderijo; então tivera o recurso de um novo subterfúgio e mais uma vez alcançara bom êxito com a troca. Tudo isto lhe acudia claramente à memória. Como conceber contudo que, nesse mesmo lapso de tempo, a sua razão tivesse podido admitir absurdos e inverosimilhanças tão manifestas como aquelas que formulara no seu sonho? Um dos seus assassinos transformara-se em mulher na sua frente, e essa mulher num pequeno anão astuto e repelente. E aceitara logo tudo isto como um facto consumado, quase sem a menor surpresa, no próprio momento em que o entendimento se libertava por um esforço vigoroso e por prodígios de energia, astúcia, penetração e lógica.

Porque, quando acordava e se reintegrava na vida real, sentia ainda, quase sempre e algumas vezes com uma extraordinária intensidade de impressão, que acabava de deixar, sob o domínio do sonho, um enigma não resolvido? Sorriu do absurdo do seu sonho e teve ao mesmo tempo o sentimento de que esse amontoado de extravagâncias encerrava uma espécie de pensamento, um pensamento real pertencente à sua vida atual, alguma coisa que existe e tem sempre existido no seu coração. Foi como se uma revelação profética, por ele esperada, tivesse surgido do seu sonho; restava-lhe do fim uma forte emoção, alegre ou dolorosa, mas que não chegava, nem a compreender nem a lembrar-lhe nitidamente em que consistia.

Foi mais ou menos isto que se passou ao espírito do príncipe após a leitura das cartas. Porém, antes mesmo de as abrir, sentiu que só a sua existência, a única possibilidade dessa existência se transformava já num pesadelo. «Como se decidiu *ela* a escrever-*lhe*?», perguntava ele, ao passear sozinho, à tarde (algumas vezes mesmo sem se lembrar onde estava). Como pôde ela escrever sobre *tal assunto* e como pôde um sonho tão insensato ter nascido na sua cabeça? Porém o sonho tornara-se realidade e o que lhe causava espanto, ao ler as suas cartas, é que ele próprio não tivesse deixado de crer na possibilidade e mesmo na legitimidade desse sonho. Sim, nenhuma dúvida tinha que fosse uma ilusão, um pesadelo, uma loucura; mas havia também nele qualquer coisa de dolorosamente real, de cruelmente justo, que legitimava o sonho, o pesadelo e a loucura.

Durante bastantes horas ficou num estado muito próximo do delírio, pensando no que tinha lido; relembrava a cada instante certas passagens e detinha o pensamento a analisá-las. Algumas vezes mesmo estava tentado a dizer que havia pressentido e conjeturado tudo isso; parecia-lhe ter lido, em tempos longínquos, essas cartas e ter encontrado nelas o gérmen de todas as agonias, de todos os sofrimentos e de todos os temores que sentiu depois.

A primeira carta começava assim:

> *Quando abrir esta carta, procure logo a assinatura. Essa assinatura dir-lhe-á tudo e far-lhe-á compreender tudo; não pretendo, nem justificar-me, nem explicar-me. Se fosse ao menos um pouco igual à senhora, poderia sentir-se com o meu*

atrevimento; mas quem sou eu e quem é a senhora? Estamos numa posição tão oposta e estou tão fora do seu ambiente, do meio das suas relações, que me é impossível ofendê-la, mesmo que tivesse essa intenção!

Mais adiante ela escrevia:

Não veja nas minhas palavras a exaltação mórbida de um espírito desequilibrado, se lhe disser que a senhora é para mim a perfeição. Tenho-a visto e vejo-a todos os dias. Note que eu não a julgo; não é por raciocínio, mas por um simples ato de fé, que sou levada a olhá-la como um ser perfeito. Porém tenho um agravo a seu respeito: amo-a! Não é proibido amar a perfeição, ou pelo menos devemos limitar-nos a reconhecê-la como tal, não é verdade? No entanto sinto um grande amor por si. É fora de dúvida que o amor estabelece uma igualdade entre os seres; não se inquiete, porém; mesmo nos meus mais íntimos pensamentos não a rebaixei até ao meu nível. Acabo de escrever, «não se inquiete», mas em que pode sentir-se inquieta? Se isso fosse possível, beijaria os traços dos seus passos. Oh, não me considero nunca como sua igual. Veja a assinatura, veja-a depressa!

E noutra carta:

Noto que sempre a uni a ele, sem ter nunca formulado esta pergunta: amá-lo-á? Ele tem peia senhora uro grande amor, apesar de só a ter visto uma única vez. Evoca-a como «à luz»; é esta a sua própria expressão, ouvi-a da sua boca. Contudo não tinha necessidade disto para compreender que a senhora é para ele a luz. Vivemos um mês juntos e foi então que reconheci quanto a senhora o amava também; a senhora e ele são para mim uma só pessoa.

Que diz a isto? Ontem passei perto da senhora e pareceu-me que a senhora ficou muito corada!? Deve ser impossível e foi apenas um engano meu. Se a levasse à mais sórdida das alcovas e lhe mostrasse o vício em toda a sua nudez não saberia corar, não podia zangar-se com uma tal ofensa. Pode odiar todos os homens

infames e abjetos, mas por solicitude pelos outros, por aquelas que eles ultrajam, e não por um ressentimento pessoal. Isto, porque à senhora ninguém a pode ofender. Tenho a impressão, creia, que a senhora deve mesmo estimar-me. A senhora é para mim o que é para ele: um espírito de luz. Ora um anjo não pode odiar, como não pode deixar de amar. Podem-se amar todos os homens, sem exceção, visto que todos são semelhantes? Aqui está uma pergunta que tenho formulado muitas vezes a mim mesmo. Sei muito bem que não; é mesmo contranatura. O amor da humanidade é uma abstração, através da qual se não ama quem quer que seja! Se porém isto nos é impossível, o mesmo não sucede com a senhora; como poderia amar quem quer que fosse, se a senhora não está ao nível de toda a gente e se nenhuma ofensa, nenhum insulto, é capaz de a atingir nem ao de leve? Só pode amar sem egoísmo; só pode amar, não por si, mas por aquele que ama. Oh, quanto me seria doloroso saber que a senhora se envergonha ou se irrita por minha causa! Se assim fosse, seria em sua perda; cairia de um só salto até ao meu nível...

Ontem, depois de a ter encontrado, entrei em minha casa e imaginei um quadro. Os artistas pintam sempre o Cristo por elementos colhidos do Evangelho; eu porém pintá-lo-ia de outra forma. Representá-lo-ia só, porque, enfim, teve momentos em que os seus discípulos o deixaram só. Teria colocado perto dele apenas uma criança. Essa criança teria brincado a seu lado; talvez lhe tivesse contado alguma coisa na sua linguagem ingénua. Cristo escutara-a, mas agora estava meditando. A mão repousava-lhe ainda, num gesto de esquecimento involuntário, sobre os cabelos louros da criança. Olharia ao longe, para o extremo do horizonte; um pensamento, vasto como o universo, refletir-se-ia nos seus olhos e o seu rosto estaria triste. Agora a criança estaria calada; encostada aos joelhos de Cristo e a face apoiada na sua pequena mão, teria a cabeça levantada e o olhar fixo, com um ar pensativo, tal como tem por vezes todas as crianças. O sol escondia-se... Seria assim o meu quadro... A senhora é toda pureza e toda a sua perfeição está nessa sua pureza. Oh, lembre-se apenas disto: Que lhe importa a minha paixão a seu respeito? A senhora pertence-me de hoje em diante e

toda a minha vida a passarei perto da senhora... Morrerei dentro em pouco.

Por fim lia-se na última carta:

Por amor de Deus não pense nada de mim. Não creia que me humilho, ao escrever-lhe assim, visto que sou daquelas pessoas que experimentam, ao humilharem-se, uma certa voluptuosidade e até mesmo um sentimento de orgulho. Não!... tenho as minhas consolações, mas isto é uma coisa que me é difícil de lhe explicar; ser-me-ia mesmo difícil de eu própria conseguir compreender, se bem que isso me atormente. Sei no entanto que não posso humilhar-me, mesmo por excesso de orgulho. Sou incapaz daquela humilhação que origina a pureza do coração. Então, não me humilho, nem de uma maneira nem de outra.

Por que tenho eu vontade de os unir? Pela senhora ou por mim? Por mim, naturalmente; tudo se resumo nisso, e no que me diz com respeito há muito tempo que o disse... Soube que a sua irmã Adelaide declarou um dia, ao olhar o meu retrato, que com uma tal beleza podia-se revolucionar o mundo. Eu porém renunciei ao mundo. Parece-lhe ridículo ver-me escrever isto, quando me encontrou coberta de joias, ornada de diamantes, em companhia de bêbados e de pessoas sem vergonha? Não dê atenção a isto; eu não existo quase, e sei-o muito bem; só Deus sabe o lugar que em mim ocupa a minha personalidade! Leio todos os dias o meu futuro nos olhos terríveis que me observam, sem cessar, mesmo quando não estão diante de mim. Agora esses olhos calam-se (calam-se sempre), mas eu conheço o seu segredo. A casa desse homem é sombria e de um triste aborrecimento; esconde um mistério. Estou convencida que tem, numa gaveta, uma navalha cuja lâmina está envolvida em seda, como a do assassino de Moscovo, que vivia também com a mãe e pensava estrangular alguém. Durante todo o tempo que vivi na sua casa, tive sempre a impressão de que devia ter em qualquer parte, debaixo do soalho, um cadáver escondido talvez por seu pai, coberto com um pano encerado, como aquele que encontraram em Moscovo, e igualmente rodeado, de frascos de perfume de Idanov;

podia mesmo mostrar-lhe o sítio onde devia estar o cadáver! Nada me disse nunca, mas sei bem que a sua paixão por mim é tal, que nunca pode transformar-se em ódio! O seu casamento e o meu terão lugar no mesmo dia; foi assim decidido com ele. Não tenho segredos para ele. Seria capaz de o matar por medo... Porém ele matar-me-á antes que eu me decida... Acaba de se rir ao ver-me escrever isto e pretende convencer-me que eu divago... Já sabe que é à senhora que eu escrevo...

Tinha ainda nas suas cartas muitas outras passagens desconcertantes. Uma dessas cartas, a segunda, coberta de uma letra fina, enchia duas folhas de papel de grande formato.

O príncipe saiu por fim do parque sombrio, onde, como na véspera, havia vagueado durante muito tempo. A noite pálida e transparente pareceu-lhe mais clara que o costume: «Suponho que é ainda muito cedo», pensou ele. (Esquecera-se de pegar no relógio). Pareceu-lhe ouvir uma música ao longe: «É talvez no *Vauxhall»,* disse ele ainda. «Com certeza não foram lá hoje». No momento em que fazia esta reflexão, deu conta que estava em frente da casa dela; já há muito estava convencido que acabaria por se encaminhar para ela. Com o coração desfalecido subiu ao terraço.

Estava deserto; não se encontrava ali ninguém. Esperou um momento, depois abriu a porta que dava acesso à sala. «Esta porta não estava fechada!», pensou ele rapidamente. A sala estava também vazia; a escuridão era quase completa. De pé, no meio do aposento, o príncipe ficou indeciso. De repente abriram uma porta e Alexandra Ivanovna entrou, com uma vela na mão. Ao ver o príncipe, teve um movimento de surpresa e parou numa atitude interrogativa. Olhando-a, verificava-se que só pensava atravessar o aposento, de um lado ao outro, e não esperava encontrar ninguém.

— Como é que o senhor se encontra aqui? — perguntou ela por fim.

— Eu... entrei de passagem...

— A minha mãe está adoentada e a Aglaé também. A Adelaide foi-se deitar e eu vou fazer o mesmo. Estivemos sós toda a tarde, em casa. O meu pai e o príncipe Stch… foram para S. Petersburgo.

— Eu vim... vim a sua casa... agora...

— Sabe que horas são?

— Não sei...

— É meia hora. Deitamo-nos sempre à uma hora.

— Ah, supunha que eram… nove horas e meia.

— Nada disso! — disse ela, rindo. — Por que é que o senhor não veio de tarde? Talvez estivessem à sua espera...

— Eu... pensava... — balbuciou ele, saindo.

— Até amanhã!... Todos se vão rir quando eu contar isto.

Voltou para casa pelo caminho que contornava o parque. O coração batia-lhe forte, as ideias baralhavam-se-lhe e tudo tinha à sua volta a aparência de um sonho. De repente aquela mesma visão, que lhe havia aparecido já duas vezes no momento em que despertara, surgiu de novo diante dele. A mesma mulher saiu do parque e parou diante dele, como se estivesse à sua espera naquele sítio. Estremeceu e parou: ela agarrou-lhe a mão e apertou-lha com força. «Não, isto é uma aparição!».

E eis que surgiu, frente a frente com ele, pela primeira vez, desde a sua separação. Ela falou-lhe, mas ele fitou-a, calado; o seu coração orgulhoso sentia-se mal. Não devia esquecer mais esse encontro e sentia sempre a mesma dor, ao evocá-lo. Como uma tola, pôs-se de joelhos diante dele, no meio da estrada. Recuou espantado, enquanto ela procurava agarrar-lhe a mão para lha beijar. E, tal como a vira no seu sonho, via-lhe agora os olhos aljofrados de lágrimas.

— Levanta-te! Levanta-te! — murmurou ele com voz inquieta, esforçando-se por a erguer. — Levanta-te depressa!

— És feliz? És feliz? — perguntou ela. — Diz-me apenas uma palavra: és feliz agora? Hoje, neste momento? Foste a casa dela? Que te disse ela?

Continuava ajoelhada e não lhe dava ouvidos. Interrogava-o febrilmente e falava num tom apressado, como se alguém corresse atrás dela.

— Parto amanhã, tal como me ordenaste. Não voltarei a aparecer mais... É a última vez que te vejo, a última!... Será esta na verdade a última vez!...

— Acalma-te! Levanta-te! — proferiu ele num tom de desespero.

Contemplava-o avidamente, apertando-lhe as mãos.

— Adeus! — disse ela por fim.

Levantou-se e afastou-se muito depressa, quase correndo. O príncipe viu surgir de súbito, ao lado dela, Rogojine, que a agarrou por um braço e a levou.

— Espere-me por momentos, príncipe — gritou este último. — Volto dentro de cinco minutos.

Reapareceu de facto ao fim de cinco minutos. O príncipe estava no mesmo sítio.

— Meti-a no carro — disse Rogojine. — Este esperava-a lá em baixo, ao canto da rua, desde as dez horas. Desconfiava que passaria toda a noite em casa da outra. Comuniquei-lhe exatamente o conteúdo da carta que me mandou. Não escreverá mais cartas à outra; prometeu-mo. E seguindo o seu desejo, deixará amanhã Pavlovsk. Queria vê-lo pela última vez, visto ter-lhe recusado uma entrevista; foi daqui que o estivemos esperando, sentados neste banco, à margem da rua por onde devia voltar a passar.

— Foi ela que o trouxe até aqui?

— E que tem isso? — exclamou Rogojine com um sorriso. — O que vi aqui não me admirou! O senhor sempre leu as suas cartas?

— E tu, na verdade, também as leste? — perguntou o príncipe, apavorado ante esta ideia.

— Creio que sim! Foi ela própria que mas mostrou. Lembra-se da alusão à navalha... Ah! Ah!

— Ela é tola! — exclamou o príncipe, torcendo as mãos.

— Quem sabe… Talvez! — murmurou Rogojine a meia voz, como num à parte.

O príncipe nada replicou.

— Então, até depois! — continuou Rogojine. — Eu também me vou amanhã. Não fique com nenhuma má impressão a meu respeito. Mas diga-me, meu amigo — acrescentou ele, dando uma brusca meia volta — porque não respondeu à sua pergunta? É feliz ou não?

— Não, não e não! — gritou o príncipe, mostrando sentir um profundo desgosto.

— Não esperei nunca que me dissesse «sim»! — replicou Rogojine com um riso zombeteiro.

E afastou-se, sem se voltar.

Parte 4

Capítulo 1

Decorrera uma semana sobre a entrevista que os dois heróis do nosso romance tiveram no banco verde. Neste dia estava uma radiosa manhã. Bárbara Ardalionovna Ptitsine tinha ido visitar algumas pessoas das suas relações. Voltou para casa muito mal-humorada, perto das dez horas e meia.

Há pessoas de quem é difícil dizer qualquer coisa que as distinga do conjunto, mesmo sob o seu aspeto, o mais típico e o mais característico. São aquelas a quem se convencionou chamar as pessoas «vulgares», o «comum», e que constituem na verdade a imensa maioria da sociedade. Nos seus romances e nas suas novelas os escritores esforçam-se em geral por escolher os melhores tipos sociais e apresentá-los sob a forma, a mais pitoresca e a mais estética. Na vida real esses tipos encontram-se tão completos como no estado de exceção, o que não os impede de serem quase mais reais que a própria realidade. Podkoliossine, no seu género, é talvez exagerado, mas não é uma ficção. Quantas pessoas de espírito, ao tomarem conhecimento de Podkoliossine, de Gogol, não encontram logo entre os seus amigos e conhecidos, dezenas, para não dizer centenas de indivíduos que se parecem com esse personagem, tal como uma gota de água se parece com outra gota? Mesmo antes de Gogol já sabiam que alguns dos seus amigos se pareciam a Podkoliossine; o que ignoravam era o nome a dar a esse género. Na realidade, é muito raro que os noivos se salvem, saltando pela janela, no momento de se casarem, porque, pondo todas as outras considerações de lado, é um gesto que não ocorre a toda a gente. No entanto, quantos noivos, entre as pessoas respeitadas e não desprovidas de espírito, não se terão sentido, no momento de se casarem, no mesmo estado de alma de Podkoliossine! Nem todos os casados gritam, a propósito de qualquer coisa; «Assim o quiseste, George Daudin». Mas, meu Deus, quantos milhões e milhões de vezes os casados de todo o universo não terão repetido este grito, sentido logo depois da sua lua de mel, quando não é mesmo no dia seguinte ao da boda?

Assim, sem nos alargarmos sobre esta questão, limitamo-nos a constatar que na vida real os relevos característicos desses personagens se esfumam, mas todos esses George Daudin e todos esses Podkoliossine existem na verdade; agitam-se e circulam diariamente diante de nós, mas sob uns traços mais atenuados. Acrescentemos, para terminar e esgotar este assunto, que o tipo integral de George Daudin, tal como o criado por Molière, pode bem encontrar-se na vida, mas raras vezes; e terminamos por aqui esta exposição, pois começa a tornar-se em crítica literária de revista.

Entretanto uma questão pelo menos se nos apresenta sempre: que deve fazer um romancista que apresenta, aos seus leitores, tipos considerados «vulgares», para os tornar tanto quanto possível interessantes? É absolutamente impossível excluí-los do romance, porque essas pessoas vulgares constituem a cada instante, e para a maior parte, uma trama necessária aos diversos acontecimentos da vida, eliminando-os, é tirar toda a veracidade à obra. Por outro lado, povoar os romances de tipos ou simplesmente personagens estranhas e extraordinárias, seria cair na inverosimilhança e até mesmo na insipidez. Na nossa opinião o autor deve esforçar-se por descobrir modalidades interessantes e sugestivas, mesmo no caso de pessoas vulgares. Porém quando, por exemplo, a própria característica dessas pessoas reside na sua constante vulgaridade, ou, melhor ainda, quando, a despeito de todos os seus esforços para sair da banalidade e da rotina em que recaem irremediavelmente, adquirem um certo valor típico, tornam-se representantes da mediocridade, de que pretendiam fugir, visando a todo o custo a originalidade e a independência, sem no entanto disporem de meios para tal conseguirem.

A essa categoria de pessoas «vulgares» ou «ordinárias» pertencem alguns dos personagens do nosso romance, a respeito dos quais (confesso-o) o leitor foi ainda pouco esclarecido. Estão neste número Bárbara Ardalionovna Ptitsine, seu marido, o senhor Ptitsine, e seu irmão, Gabriel Ardalionovitch.

Não há nada mais vexatório que ser, por exemplo, rico, de boa família, de aspeto agradável, razoavelmente instruído, nada tolo e um pouco bondoso, mas não ter quase nenhum talento, nenhum trato pessoal, nenhuma singularidade e não ter *mesmo* quaisquer ideias próprias; enfim, ser positivamente «como toda a gente». É-se rico, mas não tanto como Rothschild: tem-se um nome honrado, mas sem nada de notório;

apresenta-se bem, mas não causa nenhuma impressão; recebe-se uma educação razoável, mas não se encontra emprego algum; não se é desprovido de inteligência, mas não tem ideias suas; tem-se coração, mas nenhuma grandeza de alma; e assim, debaixo de todos os aspetos.

Há por todo o mundo uma multidão de pessoas deste teor, mais mesmo do que se calcula. Dividem-se, como todos os homens, em duas categorias principais: aqueles que são acanhados e aqueles que são «mais inteligentes». Estes são os primeiros e os mais felizes. Um homem «vulgar», de espírito acanhado, pode com facilidade supor-se extraordinário e original, e comprazer-se sem moderação ante esse pensamento. Basta que algumas das nossas moças cortem o cabelo, tragam óculos azuis e se digam niilistas, para se persuadirem logo que esses óculos lhe conferem «convicções» pessoais. Basta que certo homem descubra no seu coração um átomo de sentimento humanitário e de bondade, para assegurar, sem a menor sombra de dúvida, que ninguém possui um sentimento igual e que é além disso um pioneiro do progresso social. Basta que um outro assimile um pensamento que ouviu formular a alguém, ou leu num livro sem começo nem fim, para imaginar que esse, pensamento é original e que germinou no seu cérebro. É um caso de espantosa imprudência, assim como ingenuidade, se se permite exprimir-se assim; por mais inverosímil que isso pareça, encontra-se a cada passo. Esta fé cândida e presunçosa de um tolo que não duvida, nem dele, nem do seu talento, foi admiravelmente retratada por Gogol, no espantoso tipo do tenente Pirogov. Pirogov não duvida que seja um génio e até mesmo mais que um génio; tem mesmo a certeza de que resolve qualquer questão; para ele não há até a menor questão. O grande escritor vê-se obrigado, no fim de contas, a aplicar-lhe uma correção, para dar satisfação ao sentimento moral do seu leitor. Porém constatou que o seu herói não tinha sido muito afetado e que, sacudindo-se após a correção, havia comido sem cerimónia um pequeno pastel para se restabelecer. Também ele perdeu a coragem e abandonou os leitores. Tenho sempre lastimado que Gogol haja colocado Pirogov num grau tão baixo, porque esse personagem é tão enfatuado consigo mesmo, que nada o impede de se supor, por exemplo, um grande capitão, à medida que o número de galões lhe aumenta nos ombros, segundo o tempo de serviço e as promoções. Que disse eu, supor? Ele não duvida nada: se o nomeiam general, que lhe falta para ser marechal? E quantos guerreiros desta categoria não cometem espantosas asneiras nos

campos de batalha? E quantos Pirogov não existem entre os nossos escritores, os nossos sábios, os nossos propagandistas! Tenho algumas vezes dito «não há nenhum agora», mas com certeza ainda existem atualmente alguns...

Gabriel Ardalionovitch Ivolguine, que é um dos heróis do nosso romance, pertence à segunda categoria, ou seja a dos medíocres «mais inteligentes» ainda que, da cabeça aos pés, se esforcem por se tornarem originais. Já anteriormente observámos que esta segunda categoria é muito mais desgraçada que a primeira. Esta abrange apenas um homem «vulgar», mas *inteligente,* mesmo que se suponha na ocasião (ou até durante toda a sua vida) dotado de génio e de originalidade, que não deixa de sentir no seu coração o verme da dúvida, o qual o tortura até ao ponto de por vezes acabar por o tirar para um completo desespero. Se se resigna, fica desde logo definitivamente intoxicado pelo sentimento da vaidade recalcada.

De resto, tomámos um caso extremo: a maior parte das vezes o destino desta categoria *inteligente* de homens medíocres está longe de ser tão trágica; quando muito, chegam a sofrer um pouco do fígado ao fim de um certo número de anos; a isto se limita toda a sua desgraça. Muitas vezes, antes de se acalmarem e de tomarem o seu partido, estas pessoas são algumas vezes estúpidas durante muito tempo, desde a juventude até à adolescência, e sem outro móbil que não seja o desejo de ostentarem originalidade.

Encontram-se mesmo casos estranhos: veem-se pessoas bem-comportadas, que atacadas da doença da originalidade, se tornam por vezes capazes de uma baixeza. Temos aqui um desses desgraçados, que é um homem honesto e mesmo bondoso, que é o protetor da sua família, que sustenta e ajuda a viver com o seu trabalho, não só os seus, mas ainda os estranhos. Que lhe aconteceu? Não tem tido sossego durante toda a sua vida!... A consciência de ter cumprido bem com os seus deveres de homem, não chega para o tranquilizar; pelo contrário, esse pensamento irrita-o: «Eis», disse ele, «no que tenho consumido a minha existência; eis o que me tem ligado de braços e pernas; eis o que me tem impedido de inventar a pólvora!... Sem estas obrigações, teria talvez descoberto a pólvora ou a América; não sei bem ao certo o quê, mas tinha com certeza descoberto alguma coisa!»

O mais característico nestas pessoas, é que passam de facto a vida sem chegarem a saber ao certo o que devem descobrir e encontram-se sempre

na véspera de fazerem a descoberta: ou a pólvora ou a América!? Porém os sofrimentos ou as deceções resultantes da angústia dessas descobertas são apenas reservadas a um Colombo ou a um Galileu.

Gabriel estava lançado nessa via, mas tinha apenas dado os primeiros passos. Tinha diante dele uma extensa perspetiva de incoerências. Quase desde a infância o seu coração havia sido torturado pelo sentimento profundo e constante da sua mediocridade, junto a um desejo irresistível de se convencer da sua plena independência. Era um jovem invejoso de apetites violentos, que parecia ter nascido com um nervosismo exacerbado. Tomava por energia o ardor dos seus impulsos. A sua exagerada ambição de se distinguir, levava-o muitas vezes aos despropósitos, os mais inadvertidos, mas, no momento de dar o salto, a razão chamava-o sempre à ordem. Isto fazia-o sofrer. Talvez estivesse resolvido, na ocasião, a cometer a mais baixa das vilanias, para realizar algum dos seus sonhos; porém, como que por determinação superior, logo que chegasse ao momento decisivo, o sentimento de honestidade tomava nele o primeiro lugar e desviava-o de tal torpeza. (As pequenas vilanias, no entanto, encontravam sempre consentimento). A pobreza e a quebra de prestígio em que havia caído a sua família, causavam-lhe desgosto e aversão. Mesmo com respeito a sua mãe, afetava arrogância e desprezo, reconhecendo no entanto muitíssimo bem que a sua reputação e o seu caráter eram para o momento o melhor encosto da sua carreira. Logo que entrara ao serviço dos Epantchine, dissera com ele: «Já que é preciso mostrar-me humilde, sejamo-lo até ao fim, tirando disso o melhor partido!» No entanto quase nunca o era até ao fim. Mas por que razão se lhe meteu na cabeça que era preciso em absoluto humilhasse? Aglaé, com a sua recusa, tinha-o apenas assustado; não renunciou por isso às suas pretensões sobre a jovem moça, revestindo-se a todo o custo de paciência: no entanto não acreditava muito seriamente que ela pudesse condescender até ao ponto de receber de bom grado as suas atenções.

Mais tarde, a quando da sua história com Nastásia, convenceu-se que o dinheiro seria o melhor meio de conseguir *tudo.* Nessa época não se passava um dia que não dissesse: «Se é preciso cometer uma vilania, cometamo-la!» Experimentou, ante esta linguagem, uma certa satisfação, de mistura com uma certa apreensão. «Se uma vilania é necessária, então é cometê-la completamente!», dizia ele a cada instante para acalmar o coração. «A rotina hesita em casos idênticos; mas eu, eu não hesitarei!»

Tendo sofrido um revés junto de Aglaé e sentindo-se vencido pelas circunstâncias, perdeu toda a coragem e levou ao príncipe o dinheiro que lhe havia dado uma mulher demente, depois de o ter recebido de um homem não menos demente. Em seguida arrependeu-se mil vezes desta restituição, mas sem nunca deixar de manter a sua vaidade. Chorou intimamente durante os três dias que o príncipe passou em S. Petersburgo. E foi também durante esses três dias que desapareceu o ódio que lhe tinha; não lhe perdoava porém a inconveniente comiseração com que o olhara no momento da entrega — a restituição de uma tal quantia! — «da qual muita gente não teria tido a coragem».

Confessava nobremente que a única causa de toda a sua agonia era o despedaçar incessante da sua vaidade, e contudo esse sentimento torturava-o. Foi muito mais tarde que deu conta e se convenceu do sincero caminho que teriam podido tomar as suas questões com uma criatura tão honesta e tão estranha como Aglaé. Então o arrependimento atormentou-o; abandonou o serviço e caiu na melancolia e no desprendimento.

Vivia agora em casa dos Ptitsine, que sustentavam também os seus pais. Fazia alarde do seu desprezo pelo dono da casa, mas escutava os seus conselhos e era quase sempre com bastante prudência que os solicitava. Uma coisa, entre outras, o desgostava: era ver que Ptitsine não gostava de se tornar em Rothschild, mas não designava onde estava o fim da sua ambição. «Visto que és um usurário, continua a sê-lo até ao fim; esbulha as pessoas de tudo, apropria-te do seu dinheiro, sê um caráter, tornado rei de Israel!»

Ptitsine era um homem modesto e sossegado; contentava-se em sorrir; um dia, porém, julgou necessário ter uma explicação séria com Gabriel e dela se desobrigou com uma certa dignidade. Demonstrou-lhe que não fazia nada que não fosse honesto e que não tinha nenhuma razão para o tratar como se fosse um juiz; que se o dinheiro estava agora àquele juro, até ali não rendera nada; que a sua maneira de proceder era correta e honesta; que, em suma, não passava de um corretor de tais espécies de transações e que, graças à sua pontualidade nestas questões, começava a gozar de uma excelente reputação junto de pessoas distintas, pelo que o campo de operações se ia alargando. «Não me torno Rothschild», acrescentava ele, sorrindo, «e não tenho motivos para me tornar; terei uma casa, talvez mesmo duas, na Liteinaia, e ficarei por aí». Pensava com ele: «Quem sabe? Talvez sejam três também!», mas não confessava nunca esse

sonho e guardava-o bem no seu foro íntimo. O destino ama e gosta das pessoas desta espécie; gratificara Ptitsine, não com três, mas com quatro casas, precisamente porque, desde a infância, se tinha convencido de que não seria nunca um Rothschild. Por outro lado não iria com certeza além de quatro casas; isto seria o limite da fortuna do Ptitsine.

Bárbara, a irmã de Gabriel, era de um caráter muito diferente. Tinha também veementes desejos, mas mais pertinazes do que fogosos. Tinha muito bom senso para conduzir uma questão e não desistia sem que essa questão atingisse o seu fim. Pertencia também, na verdade, ao número das pessoas «medíocres», que sonham ser originais; mas, em contrapartida, depressa se convenceu que não tinha uma sombra de originalidade pessoal, pelo que não se afligiu assim muito. Quem sabe? Talvez se desse isso por efeito de um especial sentimento de orgulho. Deu, com muita decisão, os seus primeiros passos na vida prática, desposando o senhor Ptitsine. Porém nessa ocasião disse apenas: «Já que é preciso cometer baixezas, cometamo-las até final, sempre que atinja o meu alvo». Desta forma não conseguiu exprimir-se, em caso idêntico, Gabriel. (No entanto foram quase estes os termos de que se serviu, ao dar, como irmão mais velho, a sua aprovação ao casamento). Em face disso, Bárbara havia casado, depois de se ter positivamente assegurado que o seu futuro esposo era um homem modesto, agradável, quase culto e incapaz, por nada deste mundo, de cometer uma grande vilania. Em pequenas vilanias, Bárbara não tinha pensado: «Isso são bagatelas e quem está isento delas? Pode-se pretender o ideal?» Além de tudo, sabia que, casando-se, assegurava um abrigo a sua mãe, a seu pai e a seu irmão. Vendo este desgraçado, queria ir em sua ajuda, a despeito de todas as anteriores desavenças da família. Ptitsine compeliu Gabriel, amigavelmente, bem entendido, a entrar na administração. Dizia algumas vezes, num tom de gracejo: «Desprezas os generais e as esposas dos generais, mas repara bem; *eles* acabarão todos por se tornarem generais, cada um por sua vez; se quiseres, também o podes ser». «Porém», exclamou sarcasticamente Gabriel, «em que se incomodam eles que eu despreze os generais e as esposas dos generais?»

Para poder ajudar o irmão, Bárbara resolvera alargar o seu campo de ação; introduzisse em casa dos Epantchine, prevalecendo-se em especial das suas recordações de infância; ela e o irmão tinham brincado, quando eram novos, com as meninas Epantchine. Notamos aqui que, se tinha em vista qualquer sonho, ao fazer com que a recebessem em casa dos

Epantchine, talvez tivesse saído da categoria a que ela própria se havia confinado; mas não era uma quimera o que ela tinha em vista; guiava-se por um cálculo bastante razoável, que baseava sobre a maneira de ser dessa família. Havia estudado sem desânimo o caráter de Aglaé. Estava empenhada na tarefa de os aproximar, aos dois, Aglaé e o irmão, «nascidos um para o outro». Talvez obtivesse algum resultado. Talvez também cometesse o erro de se enganar, com respeito a Gabriel, e esperar dele o que ele não podia dar, em nenhum tempo e sob nenhuma forma. Em todo o caso manobrava habilmente junto dos Epantchine: passavam-se semanas sem que pronunciasse o nome do irmão; mostrava-se sempre de uma probidade e de uma sinceridade extremas; as suas atitudes eram simples, mas dignas. Não receava perscrutar o fundo da sua consciência, porque nela nada encontrava de que se pudesse reprovar e isso constituía para ela um grande sinal de talento. Por vezes, apenas descobria nela uma certa inclinação para se encolerizar, um forte amor-próprio e talvez mesmo uma merecida vaidade; observava isto, sobretudo em certas ocasiões e muito em especial, quase todas as vezes que saía de casa dos Epantchine.

E nesta ocasião, mais uma vez ainda, sentia-se muito mal-humorada ao voltar a casa deles. Debaixo deste mau humor notava-se uma expressão de amarga zombaria. Ptitsine habitava, em Pavlovsk, uma casa de madeira, de miserável aspeto, mas espaçosa e a qual dava sobre uma estrada poeirenta. Esta casa ia dentro em breve tornar-se sua propriedade, se bem andasse já em negociações para revender um terço. Subindo a escada, Bárbara ouviu um grande barulho no andar superior; seu pai e seu irmão discutiam em altos gritos. Entrou no aposento e avistou Gabriel, que corria de um lado ao outro da sala, pálido de cólera e prestes a arrancar os cabelos. Ao vê-lo assim, o rosto ensombrou-se-lhe e deixou-se cair, com um ar de desalentada, no sofá, sem tirar o chapéu. Sabia muito bem que se ficasse um minuto calada, se não perguntasse logo qual a causa desta agitação, seu irmão ficaria deveras zangado; apressou-se por isso a perguntar:

— É sempre a mesma história?

— Como, a mesma história! — exclamou Gabriel. — A mesma história? Não, não é a mesma história; que o diabo entenda o que se passa. O velho está prestes a ficar zangado... a mãe está a gritar!... Por Deus, Bárbara, procede como queiras, mas, ou o expulso de casa, ou então... ou

então deixo-vos a todos! — acrescentou ele, sem se lembrar que não podemos expulsar as pessoas de uma casa que não seja a nossa.

— É preciso ser indulgente — murmurou Bárbara.

— Indulgente por quê? Para quem? — repetiu Gabriel, encolerizado. — Para com as suas torpezas? Não; diz o que quiseres, mas isso é impossível, impossível, impossível, impossível!... E que maneiras! É ele ainda que tem razão e grita cada vez mais alto: «Não quero passar pela porta, pois demoli as paredes». Que tens? Tens o rosto desfigurado!?

— Não tenho nada de extraordinário — replicou Bárbara, mal-humorada.

Gabriel fitou-a com mais insistência.

— Estiveste lá? — perguntou ele de repente.

— Estive.

— Ouve, um instante... Os gritos começam de novo. Que vergonha, e numa ocasião como esta!

— Uma ocasião como esta? Parece-me que neste momento não tem nada de particular.

Gabriel fitou a irmã com um olhar ainda mais penetrante.

— Soubeste alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada de importante, pelo menos. Soube que tudo aquilo que se supunha, é verdade. O meu marido viu mais claramente que nós os dois; o que ele predisse desde o princípio, é um facto consumado. Onde está ele?

— Saiu. Mas qual é o facto consumado?

— O príncipe é oficialmente o noivo. É um caso decidido. Disseram-mo as irmãs mais velhas. Como a Aglaé deu o seu consentimento, deixaram-se de andar com segredinhos (até aqui tudo era rodeado de mistério). O casamento da Adelaide foi adiado a fim de que os dois casamentos possam ser celebrados no mesmo dia. Que poesia! Um verdadeiro poema! Farias melhor, compondo um epitáfio, do que correr inutilmente através do quarto. A Biélokouski irá esta tarde a casa deles. Chega mesmo a propósito. Há convidados para essa reunião. Apresentar-lhe-ão a princesa, se é que a não conhece já; anunciasse, segundo parece, que será nessa ocasião tornada pública a notícia da realização dos casamentos. Suspeitam que, ao entrar no salão onde se encontram os convidados, finja cair e quebre algum objeto, ou então é ele próprio que se estatela no chão! E é muito capaz disso!

Gabriel escutou com muita atenção, mas, com grande espanto da irmã, a notícia que devia ser tão aborrecida para ele, não lhe causou, aparentemente, a menor emoção.

— Muito bem! Está claro — disse ele, depois de um momento de reflexão. — Acabou-se tudo — acrescentou, com um sorriso estranho e fitando o rosto da irmã com um ar de dúvida. Continuava a percorrer o quarto de um lado ao outro, porém agora muito menos agitado.

— És ainda feliz, aceitando estas coisas com uma certa filosofia; fico, na verdade, satisfeita com isso — disse Bárbara.

— Sim, é um alívio para ti, pelo menos.

— Creio ter-te ajudado sinceramente, sem discutir, nem te importunar; nunca te perguntei que felicidade contavas encontrar junto da Aglaé.

— Mas supões que eu... procurava a felicidade junto da Aglaé?

— Vamos, peço-te, não te ponhas a filosofar! Tinha de ser assim mesmo. É um caso arrumado; desta vez ficámos logrados. Confesso-te que nunca encarei este casamento como uma coisa séria; se algum dia pensei nele, foi simplesmente por «acaso» e contando com o estranho caráter da Aglaé; queria sobretudo ser-te agradável. Existiam noventa probabilidades em cem para que o projeto se não realizasse. Agora mesmo ainda não sei o que é que pretendias!

— Para já, vão insistir comigo, a senhora e o seu marido, para que me resolva a trabalhar; vou ouvir os seus sermões sobre a perseverança e a força de vontade, sobre a necessidade de me contentar com pouco, e assim sucessivamente; sei isto, porque o coração mo diz — disse Gabriel soltando uma gargalhada.

«Tem alguma nova ideia na cabeça!», pensou Bárbara.

— E os pais como é que encaram as coisas? Estão contentes? — perguntou bruscamente Gabriel.

— Nem por isso estão muito. Por agora, podes julga-lo por ti mesmo: se Ivan Fiodorovitch está satisfeito, a mãe tem umas certas apreensões: desde sempre lhe repugnou ver nele um noivo para a sua filha. Isto é já sabido.

— Não é isso o que me interessa; o príncipe é um noivo impossível, em que se não pode pensar, está claro!... Eu falo da situação presente: em que posição estão as coisas? A Aglaé deu o seu formal consentimento?

— Até aqui não disse que «não», esta é que é a verdade! Porém com ela não se pode contar. Sabes bem até que extravagâncias a têm levado a sua timidez e o seu pudor. Na sua infância metia-se nos armários, onde se fechava durante duas ou três horas, só para não aparecer ante as pessoas estranhas. Depois cresceu como uma vara, mas o caráter manteve-se o mesmo. Sabes que tenho razões para crer que existe, na verdade, nesta questão, alguma coisa de sério, mesmo pelo seu lado, Parece que desde manhã até à noite solta grandes gargalhadas, sempre que pensa no príncipe; isto é tudo para fingir; encontra sempre ocasião e maneira para lhe dizer todos os dias, às escondidas, uma palavrinha, por isso ele parece estar no paraíso, anda radiante. Diz-se que é impagável. Foram elas que me contaram isto. Pareceu-me também que as mais velhas se riram abertamente de mim!

O rosto de Gabriel acabou por se ensombrar. Talvez Bárbara tivesse vontade de falar sobre este assunto para sondar os verdadeiros pensamentos do irmão. Porém nesta altura ouviram-se novas vociferações no andar superior»

— Vou pô-lo na rua — gritou Gabriel, como que encantado por encontrar um derivativo para o seu despeito.

— E então começará de novo a barafustar por toda a parte contra nós, como fez ontem!...

— Como, ontem? Que é que disse? Ontem? Mas que fez? — perguntou Gabriel com um súbito espanto.

— Ah, meu Deus! Tu não sabes nada! — replicou Bárbara.

— Como? Então é verdade que sempre lá foi? — exclamou Gabriel, rubro de vergonha e de cólera. — Meu Deus, então tu vens de lá? Soubeste alguma coisa? O velho foi lá? Foi ou não?

E correu para a porta. Bárbara correu atrás dele e agarrou-o pelo braço.

— Que vais fazer? Onde vais? — disse ela. — Se o pões fora de casa nesta ocasião, far-nos-á ainda pior. Irá a casa de toda a gente...

— Que fez ele por lá? Que disse ele?

— Elas não me souberam dizer bem, porque não o compreenderam. Sei apenas que as espantou a todas. Queria ver o Ivan Fiodorovitch, mas este não estava; então perguntou pela Isabel. Começou por lhe pedir para lhe arranjar um lugar, para fazer com que o admitissem na administração; depois pôs-se a falar de nós: de mim, do meu marido e de ti, sobretudo... Disse uma série de coisas.

— E pudeste saber o que ele disse? — perguntou Gabriel, sacudido por um tremor convulso.

— Isso não é fácil!... Ele próprio não devia compreender o que disse, e elas talvez também não mo contassem.

Gabriel apertou a cabeça entre as mãos e correu para uma janela. Bárbara sentou-se perto de uma outra.

— É tola essa Aglaé! — observou ela à queima-roupa. — Fez-me parar, para me dizer: «Apresente as minhas sinceras homenagens a seus pais, com a minha particular estima. Terei com certeza por estes dias a honra de ver o seu pai». E proferiu isto num tom muito sério. É bastante estranho...

— Não estaria a zombar de ti? Tens a certeza?

— Não, não estava a zombar, e por isso é que é estranho.

— Ela está ao corrente da questão do velho? Que pensas?

— Ignoram essa questão em casa deles; não tenho nenhuma dúvida a tal respeito!... Porém dás-me a entender que a Aglaé pode muito bem conhecê-la!... Ela é talvez a única que está ao corrente de tudo, porque as irmãs ficaram deveras surpreendidas ao ouvirem-na encarregar-me, com tanta seriedade, de apresentar cumprimentos ao nosso pai. E porque será que foi só a ele que ela mandou os seus cumprimentos? Se conhece a questão, é porque o príncipe lha contou...

— Não há necessidade de ser maldoso para reconhecermos que foi ele que lha contou. Um ladrão! Não faltava mais nada!... Um ladrão na nossa família, e logo o «chefe da família»!

— Isso é uma infantilidade — exclamou Bárbara, num tom em que tentava ocultar a sua cólera. — Uma história de bêbados e nada mais. E quem a inventou? Lebedev, o príncipe... tão lindas pessoas como são!... As fénixes da inteligência!... Não ligo a menor importância a esse incidente.

— O velho é um ladrão e um bêbado — prosseguiu Gabriel, dando largas à sua bílis. — Eu sou um mendigo e o marido da minha irmã, um usurário. Havia na nossa casa alguma coisa que seduzia a Aglaé: uma boa família, na verdade!

— O marido da tua irmã, um usurário...

— Sustenta-me, não é verdade? Não te coíbas de falar, peço-te!...

— Por que te zangas? — inquiriu Bárbara, voltando ao assunto. — Não compreendes nada, pareces mesmo uma criança. Supões que tudo isto te prejudicou aos olhos da Aglaé? Não conheces o seu caráter; é capaz de

recusar o melhor partido, para fugir com um estudante e concordar em morrer de fome perto dele, numa água-furtada; é este o seu sonho!... Terias compreendido até que ponto te tornaste interessante, ante os seus olhos, se tivesses sido capaz de suportar a tua posição com firmeza e altivez. O príncipe seduziu-a agora, porque só agora a procurou e também porque passa, no dizer de todos, por um idiota. A perspetiva de atormentar a família, por sua causa, eis o que naquele momento o encantava!... Ah, vós, os homens, não compreendeis nada disto!

— Pois bem, vamos ver se compreendemos ou não — murmurou Gabriel com um ar enigmático. — Entretanto, faço sinceros votos porque ela não conheça a questão do velho. Suponho que o príncipe nada dirá, nada divulgará. Pediu mesmo ao Lebedev para se calar; a mim mesmo, a despeito da minha insistência, não me contou tudo...

— No entanto alguém falou, pois, como vês, a questão divulgou-se, contra sua vontade. Porém agora que pensas fazer? Que esperas? Se te resta alguma esperança, isso só contribuirá para te fazer passar ante os seus olhos com a auréola de mártir.

— Repara que, apesar de todo o seu romantismo, leria medo do escândalo! Tudo tem os seus limites e não pode ir nunca além de uma certa medida. Sois todas as mesmas!

— Medo, a Aglaé? — exclamou a Bárbara, fitando *o* irmão com um olhar de desprezo. — A tua alma é pequena!... Não valeis, meus caros, uns mais do que os outros. Concordo que a possam considerar como ridícula e extravagante. Todavia é, em contrapartida, mil vezes mais nobre de caráter do que todos vós.

— Está bem, está bem, não te zangues! — murmurou de novo Gabriel, num tom arrogante.

— Tenho pena somente da minha mãe — prosseguiu Bárbara. — Oxalá que a história do meu pai não lhe chegue aos ouvidos. Tenho medo que tal suceda.

— Estou convencido que já a conhece — observou Gabriel.

Bárbara levantou-se para subir ao andar superior, aos aposentos da Nina Alexandrovna. Parou e fitou o irmão com um ar intrigado.

— Quem podia ter-lho contado?

— O Hipólito, naturalmente. Presumo que, apenas se instalou em nossa casa, teve pressa em contar tudo à nossa mãe.

— Mas diz-me, peço-te, como pôde ele conhecer toda esta questão? O príncipe e o Lebedev estão seguros que nada disseram e o Kolia não sabe nada.

— O Hipólito? Esse soube de tudo. Não podes calcular quanto é astuto e maldizente, nem o faro que possui para descobrir todas as vilanias, tudo quando tenha o caráter de escândalo. Podes acreditar ou não, mas eu é que estou convencido de que conseguiu já alcançar um certo ascendente sobre a Aglaé. Ou se não é já assim, está para o ser. Rogojine entrou igualmente em relações com ele. Como é que o príncipe ainda se não apercebeu disso? E que vontade não tem agora esse Hipólito de se divertir à minha custa!... Tem-me na conta de uma inimiga pessoal; compreendi-o desde há muito. Pergunto, no entanto, o que quer dizer isto da parte de um moribundo! Intrometeu-se na questão, porém hão de ver que não será ele a dizer a última palavra, mas sim eu!

— Para que o fizeste então vir para aqui, se o odeias tanto? Foi apenas para teres com ele a última palavra?

— Foste tu mesmo que me aconselhaste a trazê-lo para aqui.

— Pensei que nos pudesse ser útil. Sabes já que se apaixonou pela Aglaé e que lhe escreveu? Perguntaram-me... Parece que escreveu também à Isabel Prokofievna!

— Sobre esse ponto não há perigo! — respondeu Gabriel com um sorriso malicioso. — Para agora deve tratar-se de uma outra coisa. É possível que esteja apaixonado, porque é um garoto! Mas não lhe dará para escrever cartas anónimas à velha? É uma nulidade tão venenosa e tão enfatuada!... Estou convencido, tenho quase a plena certeza, de que me descreveu como um intrigante, e que foi por esse ponto que começou a falar de mim. Fui bastante imbecil, confesso, em lhe ter dito mais do que devia; suponho que aquilo que fez em meu favor, não foi mais do que para se vingar do príncipe; é um indivíduo muito manhoso! Oh, agora sei muito bem quanto se deve esperar dele! Quanto ao roubo, foi por intermédio da mãe, a mulher do capitão, que teve conhecimento dele. Foi por ela que o velho se decidiu a fazer isto!... Sem tal se esperar, o Hipólito comunicou-me que o «general» prometeu quatrocentos *rublos* a sua mãe. Disse-me isto abertamente, sem rodeios. Então compreendi tudo. Fitou-me os olhos com uma espécie de voluptuosidade. Estou convencido que contou tudo à mãe, só pelo prazer de lhe lacerar o coração. Porque não morrerá de vez, não me dirás? Não afirmou que morreria dentro de três semanas? Depois

que está aqui, já engordou! A tosse começou também a passar-lhe; hoje de tarde disse mesmo que há dois dias já que não tem escarros de sangue.

— Manda-o embora.

— Não o odeio, desprezo-o! — anotou Gabriel com um ar altivo. — E depois, sim, odeio-o também! — exclamou de súbito, num transporte de cólera. — Dir-lho-ei cara a cara, mesmo que esteja no seu leito de morte! Se pudesses ler a sua confissão!... Meu Deus, que atrevido descaramento É um tenente Pirogov, é um Nozdriov, o trágico, e sobretudo é um garoto! Com que prazer lhe teria batido nesse momento, quando mais não fosse para tornar maior o seu espanto!... Agora pretende vingar-se de toda a gente, por haverem desvirtuado outro dia a sua questão!... Mas que é isto? Volta a ouvir-se barulho lá em cima!... Vamos, que quer dizer tudo isto? Não posso tolerar tal coisa! — gritou ele, dirigindo-se a Ptitsine, que entrava nesta altura na sala. — Que é isto? Quando acabará tudo isto na nossa casa? É… é…

Entretanto o barulho aproximou-se rapidamente. Abriram de repente a porta e o velho Ivolguine, encolerizado, congestionado, agitado, fora dele, precipitou-se para junto do Ptitsine. Atrás dele entraram Nila Alexandrovna, Kolia e, no fim, Hipólito.

Capítulo 2

Hipólito estava instalado há já cinco dias em casa do Ptitsine. A separação havia-se estabelecido muito naturalmente, sem conflitos, nem zangas, entre o príncipe e ele; não só não tinham tido qualquer discussão, mas ainda davam a impressão de se haverem separado com boas palavras. O próprio Gabriel, tão hostil para com o Hipólito na tarde que já relatámos, foi visitá-lo dois dias depois do acontecimento; obedeceu sem dúvida a qualquer pensamento reservado que inopinadamente lhe acudiu. Rogojine começou também a visitar o doente, sem saber bem por que motivo. De começo o príncipe supôs que o «pobre rapaz» teria uma certa vantagem em mudar de casa. Porém não ficou satisfeito quando ele mudou de aposentos e quando o Hipólito lhe fez sentir que ia instalar-se em casa do Ptitsine, «que tivera a bondade de lhe oferecer abrigo»; intencionalmente não proferiu uma palavra sobre Gabriel, apesar de este haver insistido para que fosse para sua casa. Gabriel notou-o e ficou tão ofendido, que não mais poderia esquecer essa ofensa.

Dissera a verdade a sua irmã, quando lhe transmitiu que o doente se ia restabelecendo. De facto Hipólito sentia-se um pouco melhor que uns dias antes e essas melhoras notavam-se logo ao primeiro golpe de vista. Entrou no quarto sem se apressar, atrás de todos os outros, com um sorriso irónico e maldoso nos lábios. Nina Alexandrovna dava sinais de uma vira inquietação. (Estava muitíssimo mudada, tendo emagrecido bastante no decorrer dos últimos seis meses; desde que casara a filha, viera viver com ela, passando a mostrar um ar de quem não pretendia mais intrometer-se nas questões dos filhos). Kolia estava intrigado e como que perplexo; muitas coisas lhe escapavam nessa «loucura do general», como ele dizia, porque ignorava naturalmente as verdadeiras razões da nova tempestade que reinava na casa. Porém ao ver seu pai manifestar, a cada momento e a propósito de tudo, um humor tão dado a questiúnculas, tornava-se-lhe evidente que este havia mudado bruscamente e não era por assim dizer o mesmo homem. O próprio facto de o velho ter deixado de beber por completo, há três dias, tornava maior a sua inquietação. Sabia que havia

cortado as relações com o Lebedev e com o príncipe, e que havia mesmo discutido com eles. Acabava justamente de trazer uma meia garrafa de aguardente, comprada com o seu próprio dinheiro.

— Asseguro-lhe, minha mãe — afirmara ele a Nina, quando estavam ainda no andar superior — asseguro-lhe que é muito melhor deixá-lo beber. Há três dias que não tem bebido nada; é essa a causa do seu mau humor. Na verdade, assim é muito melhor; eu próprio lhe levarei aguardente quando o prenderem devido às suas dívidas.

O general abrira a porta de repente e parara por momentos no limiar; tinha o aspeto de quem tremia de indignação.

— Meu caro senhor — gritou ele junto de Ptitsine, com uma voz de trovão — se na verdade está resolvido a sacrificar a esse fedelho, a esse ateu, o respeitável velho que é seu pai, ou pelo menos pai de sua mulher, e o qual tão lealmente serviu o seu soberano, fique sabendo que a partir deste momento deixarei de viver para sempre na sua casa. Escolha, senhor, escolha depressa: ou eu, ou... esse parafuso. Sim, esse parafuso. Esta palavra ocorreu-me por acaso, mas é de facto um parafuso! Trespassa a minha alma à laia de parafuso e sem nenhum respeito, tal como um parafuso!

— Não seria melhor um saca-rolhas? — interveio Hipólito.

— Nada de saca-rolhas, porque não tens diante de ti uma garrafa, mas um general. Tenho condecorações, distinções honoríficas e tu não tens nada. Ou ele ou eu. Decida-se senhor e depressa! — gritou ele de novo a Ptitsine, num tom de desespero.

Kolia aproximou dele uma cadeira, sobre a qual se deixou cair, quase sem forças.

— Na verdade era muito melhor que o senhor se deitasse — balbuciou Ptitsine, absorto.

— Tem ainda o atrevimento de proferir ameaças! — murmurou Gabriel à irmã.

— Ir dormir! — exclamou o general. — Não estou bêbado, meu caro senhor, e está a insultar-me. Vejo — prosseguiu ele, levantando-se de novo — que aqui está tudo e todos contra mim. Está bem!... Vou-me embora... Mas saiba, meu caro senhor, saiba...

Fizeram-no sentar sem o deixarem concluir a frase e suplicando-lhe para se acalmar. Gabriel, furioso, retirou-se para um canto. Nina tremia e soluçava.

— Mas que lhe fiz eu? De que é que se queixa? — perguntou Hipólito num tom de ironia.

— Supõe, porventura, que não lhe fez nada? — interveio, rápida, Nina. — O senhor, sobretudo, é que devia ter vergonha... pois é uma crueldade atormentar um velho... e em especial quando se está na sua situação.

— Para agora, minha senhora, que tem que ver com isso a minha situação? Tenho um vivo respeito pela senhora, pela senhora muito em especial, mas...

— É um parafuso! — gritou o general. — Perfura-me a alma e o coração. Quer arrastar-me para o ateísmo. Ficas desde já a saber que, ainda antes de teres nascido, já me haviam cumulado de honrarias. Não passas de um verme amargurado pela inveja, um verme partido em dois, um verme que fosse... e que morre coberto de ódio e de impiedade!... Porque é que o Gabriel te trouxe para aqui? Todos são contra mim, desde os estranhos ao meu próprio filho!

— Basta de tragédia! — exclamou Gabriel. — Se não nos tivesse desonrado ante os olhos de toda a cidade, seria muito melhor.

— Como? Eu, desonrar-te, meu fedelho, a ti? Longe de te desonrar, sou apenas motivo para te sentires honrado.

E deu um salto, como quem não podia mais conter-se; Gabriel havia também perdido a cabeça, como se podia reconhecer.

— Atreve-se a falar em honra, na minha frente?! — exclamou maliciosamente este último.

— Que disseste? — trovejou o general, encolerizado e dando um passo para ele.

— Disse que não abriria mais a boca, porque... — começou bruscamente Gabriel, mas não concluiu.

Estavam os dois frente a frente, dominados por uma veemente comoção, sobretudo o filho.

— Gabriel, que fazes? — exclamou Nina, correndo a ter mão no filho.

— Só se ouvem asneiras de todos os lados — explodiu Bárbara, indignada. — Então, minha mãe, acalme-se!

E agarrou-se à mãe.

— Se não lhe falto ao respeito é apenas em atenção a minha mãe — proferiu Gabriel num tom trágico.

— Fala! — vociferou o general, no cúmulo do desespero. — Fala, sob pena de te amaldiçoar!... Fala!...

— Coitado! Como se eu tivesse medo da sua maldição!... De quem é a culpa, se o senhor, desde há oito dias, anda como um tolo? Note que disse, desde há oito dias! Veja se se lembra da data!... Tome cuidado em não me arreliar, pois de outra forma direi tudo... Porque foi ontem a casa das Epantchine? E quer assim que lhe respeitem a sua velhice, os seus cabelos brancos, a sua dignidade de pai de família? É muito bonito!...

— Cala-te, Gabriel! — gritou Kolia. — Cala-te, imbecil!

— Em que o ofendi eu? — insistiu de novo Hipólito, sempre num tom que estava atingindo as raias da insolência. — Por que me alcunhou de parafuso, conforme ouvi? Só o senhor é que me vem importunar; há pouco ainda veio procurar-me para me contar a história de um certo capitão Ieropiegov. Não fiz nunca parte da sua sociedade, general; o senhor próprio sabe que sempre o tenho evitado. Que me importa o capitão Ieropiegov? O senhor próprio o confirma. Não foi por causa desse capitão que me vim instalar aqui. Fui obrigado a dizer-lhe muito alto que tinha a opinião de que esse capitão Ieropiegov talvez nunca tivesse existido. Ao ouvir isto, foi como se lhe tivessem metido mostarda no nariz.

— E não há dúvida que esse capitão nunca existiu — confirmou Gabriel com sinceridade.

O general ficou como que apalermado. Lançou à sua volta olhares de quem nada compreende. As palavras do filho haviam-no atingido em cheio, com a sua brutal certeza. Para o momento não encontrou uma só palavra de réplica. Porém a reflexão de Gabriel provocou uma gargalhada de Hipólito.

— O senhor ouviu? — observou este último. — O seu próprio filho disse que nunca existiu esse capitão Ieropiegov.

Completamente desorientando, o velho murmurou:

— Falei de Capiton Ieropiegov e não de um capitão... Capiton... tenente-coronel reformado, Ieropiegov... Capiton.

— Não existiu nenhum Capiton! — repetiu Gabriel fora dele.

— Como? Por que é que nunca existiu? — balbuciou o general, tornando-se deveras corado.

— Vamos, acalmem-se! — intervieram Ptitsine e Bárbara.

— Cala-te, Gabriel — gritou de novo Kolia.

Estas intervenções fizeram perder porém o sangue frio ao general.

— Como é que ele não existiu? Por que é que não existiu? — acrescentou, num tom de ameaça, dirigindo-se ao filho.

— Porque não existiu, eis tudo. Não existiu, e daí a impossibilidade do facto!... E está tudo dito. Não insista, repito.

— E dizer que é o meu filho... o meu próprio filho, aquele que eu... Oh, meu Deus! Ousa afirmar que Ieropiegov, Ierochka Ieropiegov não existiu!

— Muito bem! Há pouco ainda era Capitochka, agora é Ierochka! — informou Hipólito.

— Falo de Capitochka, meu caro senhor, e não de Ierochka! Trata-se de Capiton, Capiton Alexeievitch, quer dizer, Capiton... tenente-coronel... reformado..., que desposou Maria... Maria Petrovna Sou... Sou... o meu amigo e meu companheiro... Soutougov... Frequentámos juntos a escola de cadetes. Arrisquei-me por ele... protegi-o com o meu corpo... mas mataram-no. Atrevem-se a dizer que não houve Capitochka Ieropiegov, que não existiu!

O general vociferava enfurecido, mas notava-se que a sua exaltação provinha de uma outra coisa, que não a causa em litígio. Na verdade, teria tolerado com certeza, noutros tempos, uma suposição muito mais ofensiva do que aquela da não existência de Capiton Ieropiegov. Teria gritado e discutido; ter-se-ia exaltado, mas acabaria por subir ao andar superior e por se deitar. Desta vez, por um singular paradoxo do coração humano, o copo transbordou, só pelo facto de lhe terem posto em dúvida a existência do Ieropiegov, uma ofensa tão anódina. O velho tornou-se vermelho, levantou os braços ao céu e protestou:

— Basta! Tens a minha maldição! Vou sair desta casa! Nicolau, pega no saco de viagem... e vamos embora.

Correu para a rua, no paroxismo da cólera. Nina Alexandrovna, Kolia e Ptitsine correram atrás dele.

— Fizeste uma linda coisa — disse Bárbara ao irmão. — Quem sabe? É capaz de voltar para lá. Que vergonha! Que vergonha!

— Que tinha ele que roubar! — replicou Gabriel com a voz estrangulada pela raiva.

De repente o seu olhar encontrou-se com o de Hipólito; dominou-o uma espécie de tremura.

— Quanto ao senhor — exclamou ele — devia lembrar-se que, além de tudo, está debaixo do teto dos outros... gozando da sua hospitalidade, e por isso não devia irritar um velho que na verdade está louco.

Hipólito esteve também a ponto de se exaltar, mas conteve-se.

— Não sou muito da sua opinião, quanto à pretensa loucura de seu pai — disse ele, com calma. — Tenho pelo contrário a impressão que está mais sensato nestes últimos tempos. Dou-lhe a minha palavra!... Não o encontra assim também? Tornou-se mais cauteloso, mais desconfiado; tem os ouvidos bem abertos e pesa cada uma das suas palavras... Quando me falou nesse Capitochka, lá tinha algum fim em vista... Imagine que queria persuadir-me a...

— E que diabo tenho eu que saber que o queria persuadir!... Peço-lhe para não ser escarninho, nem arranjar trapalhadas comigo! — disse Gabriel num tom penetrante. — Se o senhor conhece tão bem a verdadeira razão pela qual o velho se encontra em tal estado (e o senhor espiou tão bem a minha casa durante estes cinco dias, que não pode deixar de a conhecer!) devia abster-se por completo de irritar esse... desgraçado e atormentar a minha mãe, exagerando uma questão que não vale nada; é uma simples história de bêbados, nada mais; nunca ninguém fez prova e eu nunca fiz caso nenhum... Porém o senhor deve observá-los, deve espioná-los, porque o senhor... o senhor é...

— Um parafuso! — disse, zombando, Hipólito.

— E o senhor não passa de um vilão personagem; o senhor atormentou as pessoas durante uma meia hora e procurou pô-las doidas, fazendo o gesto de que se ia matar com uma pistola que nem carregada estava. Representou uma comédia vergonhosa; o senhor simulou de suicida; é um saco de bílis apoiado em duas pernas! E fui eu que lhe dei hospitalidade; veio aqui engordar, já não tosse nada, e é desta maneira que mostra o seu reconhecimento!

— Duas palavras apenas, peço-lhe: sou hóspede da Bárbara e não do senhor. Não me concedeu nenhuma hospitalidade e suponho que o senhor mesmo é que beneficia da que lhe concede o senhor Ptitsine. Há quatro dias pedi a minha mãe para me procurar alojamento em Pavlovsk e vir ela própria aqui instalar-se, porque de facto sinto-me muito melhor nesta terra, ainda que não tenha engordado nem deixado de tossir como diz. A minha mãe fez-me saber ontem à tarde que os alojamentos estavam arranjados; por meu lado apresso-me a fazer-lhe saber, também, que vou hoje mesmo instalar-me neles, depois de agradecer a sua mãe e a sua irmã; a minha decisão está tomada desde ontem à tarde. Desculpe-me o tê-lo interrompido; o senhor tem, se não me engano, muitas coisas ainda para me dizer...

— Oh, se é assim — começou Gabriel, muito agitado.

— Se é assim, permita-me que me sente — acrescentou Hipólito, pegando tranquilamente na cadeira que o general ocupara antes — porque, enfim, sinto-me doente. Agora estou pronto a ouvi-lo, pois talvez seja esta a nossa última conversa e talvez mesmo o nosso último encontro.

Gabriel sentiu um certo mal-estar.

— Suponho bem — disse ele — que não me humilharia até ao ponto de ter uma explicação com o senhor, se...

— O senhor anda mal em subir tão alto — atalhou Hipólito. — Eu, por mim, prometi, desde o dia em que cheguei aqui, não me recusar ao prazer de lhe dizer quatro verdades quando nos separássemos. Eis justamente o momento de pôr o meu projeto em execução, quando o senhor acabar de falar, bem entendido.

— E eu por mim peço-lhe para sair deste quarto.

— É muito melhor que o senhor fale, pois de outra forma irá dizer para toda a parte que não desabafou tudo quanto tinha no coração...

— Basta, Hipólito! Tudo isto é muitíssimo vergonhoso. Faz-me o favor de não dizer nada, sim? — pediu Bárbara.

Hipólito levantou-se.

— Se nada digo, é apenas por especial deferência para com uma senhora — objetou, rindo. — Como lhe dou prazer com isso, Bárbara, estou pronto a abreviar, apenas a abreviar, esta conversa, bem entendido!, porque uma explicação entre mim e seu irmão tornou-se absolutamente indispensável, e eu não me resignaria, por nada deste mundo, a partir sem ter desfeito o mal-entendido.

— Resume-se tudo numa simples palavra: o senhor é um maldizente — observou Gabriel — e por isso não se decide a partir sem desabafar os seus mexericos.

— O senhor não nota que não está senhor de si? — observou friamente Hipólito. — Digo-lhe com franqueza que se arrepende, se não diz tudo quanto tem a dizer. Uma vez mais cedo-lhe a palavra. Falarei depois com o senhor.

Gabriel nada respondeu e olhou-o com desprezo.

— O senhor não quer falar? Prefere brincar com a sua personalidade até ao fim? A sua felicidade!... Por mim serei tão breve, quanto possível. Ouvi-o já hoje por duas ou três vezes criticar a hospitalidade que me concederam. Isso não é justo. Convidando-me para me instalar aqui, era

sua intenção aprisionar-me nas malhas da sua rede. Supunha que me queria vingar do príncipe. Por outro lado tinha ouvido dizer que a Aglaé me testemunhava uma certa simpatia e que havia lido a minha confissão. Teve então a ideia de que faria causa comum consigo, em defesa dos seus interesses; teve talvez a esperança de encontrar em mim um auxiliar. Sobre este ponto nada mais digo. Do seu lado não peço, também, nem uma confissão, nem uma confirmação. Basta-me deixá-lo em face da sua consciência, de saber que, nesta altura, um e outro nos compreendemos às maravilhas.

— Só Deus sabe que história o senhor irá fazer da coisa mais simples! — exclamou Bárbara.

— Que tenho eu dito!... É um «maldizente e um vadio» — concluiu Gabriel.

— Permita-me, Bárbara, que eu continue. Certamente não posso, nem amar, nem respeitar o príncipe. É um homem de uma real bondade, ainda que um tanto ridículo; não tenho a menor razão para o odiar. Nada deixei antever a seu irmão, enquanto ele me excitava contra o príncipe; contava com o desfecho final para ter ocasião de me rir. Sabia que o seu irmão tinha uma língua muito comprida e se colocaria na mais falsa das posições. Foi a este ponto que se chegou... Estou disposto agora a poupá-lo, mas apenas, Bárbara, em respeito à senhora. Todavia, depois de lhe ter mostrado que não é fácil armar-me qualquer cilada, quero ainda explicar-lhe porque tento colocar seu irmão numa posição ridícula, frente a frente comigo. Fique sabendo que faço isto por ódio, confesso-o sinceramente. No momento de morrer (porque eu morri, assim mesmo, se bem que tenha engordado, como a senhora pretende) no momento de morrer, disse eu, senti que iria para o paraíso com muito mais tranquilidade, se conseguisse ridicularizar pelo menos um representante da inumerável categoria de pessoas que me têm perseguido durante toda a minha vida e que toda a minha vida tenho odiado. O seu estimável irmão oferece um frisante exemplar desta espécie de pessoas. Odeio-o, Gabriel, e (isto talvez os surpreenda) *unicamente* porque o senhor é o tipo, a incarnação, a personificação e a mais perfeita expressão da mediocridade a mais impudente, a mais enfatuada, a mais insulsa e a mais repugnante! O senhor é a mediocridade intumescida, aquela que não dúvida de nada e se reveste de uma serenidade olímpica; o senhor é a rotina das rotinas! Nunca a sombra de uma ideia pessoal germinará no seu espírito ou no seu coração.

Porém a sua inveja não conhece limites; está firmemente convencido que é um génio de primeira grandeza. Muitas vezes a dúvida assaltado nos seus momentos de melancolia e experimenta então acessos de cólera e de inveja. Oh, há ainda outros pontos negros no seu horizonte; desaparecerão apenas no dia em que o senhor se torne por completo um imbecil, o que não deverá tardar. Tem no entanto na sua frente um caminho ainda comprido e variado; não pretendo que ele seja alegre e regozijo-me com isso. Para começar, profetizo-lhe que não obterá a mão de uma certa pessoa.

— Mas isto é intolerável! — gritou Bárbara. — É bom que acabe com essas coisas, seu infame insultador!

Pálido e trémulo, Gabriel manteve-se calado. Hipólito calou-se também. Olhou-o fixamente e alegrou-se com o seu embaraço; depois desviou os olhos sobre a Bárbara, sorriu, saudou-a e saiu sem proferir mais uma palavra.

Gabriel tinha, em face de tudo isto, o direito de se lastimar do seu destino e da sua pouca sorte. Bárbara esteve alguns instantes sem se atrever a dirigir-lhe a palavra; não ousava olhar para ele, vendo-o percorrer o quarto a grandes passadas. Por fim aproximou-se de uma janela e voltou as costas à irmã. Esta lembrou-se então do provérbio russo: «um pau tem sempre duas pontas», ou, dizendo melhor, «tratar-nos-ão como tivermos tratado os outros». O alarido recomeçou no andar superior.

— Para onde vais? — perguntou bruscamente Gabriel a sua irmã, ao vê-la levantar-se. — Espera: olha isto...

E avançando para ela, atirou-lhe, para sobre uma cadeira, um pequeno papel dobrado em forma de bilhete.

— Meu Deus! — exclamou Bárbara levantando os braços.

O bilhete tinha apenas sete linhas escritas:

Gabriel Ardalionovitch:

Estando convencida dos seus bons sentimentos a meu respeito, resolvi pedir-lhe um conselho sobre uma questão muito importante para mim. Desejaria encontrar-me com o senhor, amanhã, às sete horas precisas da manhã, no banco verde. Não é longe da nossa casa. Bárbara Ardalionovna que deve, em absoluto, acompanhá-lo, conhece muito bem o sítio.

A. E.

— Depois disto, vê-se a compreendes — disse Bárbara, que demonstrou a sua surpresa cruzando os braços.

Por pouco disposto que estivesse a tomar uns ares conquistadores, Gabriel não pode no entanto dissimular o seu triunfo, sobretudo depois das desoladoras predições de Hipólito. O rosto refletiu um sincero sorriso de vaidade satisfeita; a própria Bárbara estava radiante de alegria.

— E isto no mesmo dia em que na sua casa se anunciam os esponsais!... Agora tenta saber o que ela quer?!

— Na tua opinião de que me vai ela falar amanhã? — perguntou Gabriel.

— Isso não interessa; o essencial é que, pela primeira vez, desde há seis meses, exprime o desejo de te ver. Escuta, Gabriel: qualquer que seja ou possa ser a razão desta entrevista, não esqueças nunca que é uma coisa *importante,* muito importante! Não te mostres fanfarrão desta vez; não cometas erros, nem também te mostres muito tímido; sempre alerta! Terá ela podido duvidar do desejo que me tem levado a frequentar a sua casa durante estes últimos seis meses? Imagina que não me disse hoje uma única palavra a-tal respeito; não me disse absolutamente nada. É preciso dizer que entrei às escondidas; a velha não soube que eu estive lá; se não fosse isso, talvez me tivesse posto na rua... Foi apenas por tua causa que corri semelhante risco; pretendia saber, custasse o que custasse...

Os gritos e o barulho tornaram-se maiores; algumas pessoas desciam mesmo a escada.

— Por nada deste mundo se pode deixar fazer o que disse! — gritou Bárbara, quase sem fôlego, devido ao espanto. — É preciso evitar a menor sombra de um escândalo. Vai e pede-lhe perdão!

O chefe de família encontrava-se já na rua. Atrás dele, Kolia levava-lhe a mala. Nina chorava, de pé, no limiar da porta; pretendia correr atrás do marido, mas Ptitsine segurava-a.

— A sua ida serviria apenas para o excitar — dizia este. — Não vai para nenhum lado; dentro de meia hora regressará a casa; falei já a tal respeito com o Kolia: deixe-o fazer estas loucuras.

— Para que há de fazer estas loucuras? Onde o deixam ir assim? — gritou Gabriel da janela. — O senhor não sabe para onde ele vai!?

— Volte para casa, meu pai! — exclamou Bárbara. — Os vizinhos estão a ouvir tudo.

O general parou, voltou-se, estendeu a mão e gritou com ênfase:

— Que a minha maldição caia sobre essa casa!

— Precisava ainda dizer aquilo num tom teatral!... — murmurou Gabriel, fechando a janela com estrondo.

Os vizinhos estavam na verdade a ouvir tudo. Apressadamente, Bárbara saiu do quarto.

Mal ela saiu, Gabriel pegou no bilhete de cima da mesa, levou-o aos lábios, deu um estalo com a língua e esboçou um passo de dança.

Capítulo 3

O escândalo provocado pelo general teria sido sem consequências, noutros tempos. Havia sido já o herói de incidentes extraordinários e imprevistos como este, porém poucas vezes, porque era na verdade um homem muito sossegado e dotado dos melhores sentimentos. Tentara talvez já por umas cem vezes lutar contra os hábitos de desregramento contraídos durante os últimos anos. Quando de repente se lembrava que era «pai de família», reconciliava-se com a mulher, vertendo sinceras lágrimas. Tinha por Nina Alexandrovna um respeito, que ia até à adoração, pois ela perdoava-lhe todas essas coisas sem dizer uma palavra, continuando a ter por ele uma grande veneração, a despeito da degradação e do ridículo em que por vezes caíam. Todavia esta luta magnânima contra a desordem da sua vida não durava em geral muito tempo; era também, no género, um homem muito «fogoso», para suportar a vida de penitência e de ociosidade que levava no seio da família, pelo que terminava sempre por se revoltar. Tinha então acessos de furor, de que se arrependia talvez no próprio instante em que a eles se entregava, mas os quais não tinha a força de vontade bastante para dominar; provocava discussões com os seus, punha-se a discorrer com uma ênfase, toda de pretensões a eloquência, e exigia que tivessem por ele um respeito excessivo, inimaginável, para no fim se eclipsar, mantendo-se durante muito tempo sem voltar a aparecer em casa. Desde há cerca de dois anos não tinha mais que uma vaga ideia do que se passava em sua casa, informado apenas pelo que ouvia dizer; deixara de atender a certos pormenores, que para ele não tinham o menor interesse.

Porém desta vez o escândalo revestiu uma forma fora do normal. Dir-se-ia que ocorrera um acontecimento que todo o mundo conhecia, mas de que ninguém se atrevia a falar. O general só três dias depois regressou «oficialmente» ao seio da família, isto é, para janto da Nina Alexandrovna; todavia, em vez de se mostrar humilde e arrependido, como das suas anteriores «reaparições», mostrou, pelo contrário, sinais de uma extraordinária irritabilidade. Estava falador e agitado; dirigia a todos os

que se aproximavam dele discursos inflamados, como quem pretendia atacar a fundo os seus interlocutores; contudo falava de questões tão variadas e tão inesperadas, que era impossível descobrir a verdadeira causa da sua inquietação. A parte os momentos de satisfação que tinha, estava a maior parte das vezes absorto, sem ele próprio saber ao certo porquê. Começava uma história sobre os Epantchine, sobre o príncipe, sobre o Lebedev, mas de repente interrompia-se, ficava calado e respondia somente por um estranho e prolongado sorriso àqueles que o interrogavam sobre a sequência da história; não mostrava mesmo o ar de quem se apercebia que o interrogavam. Passara a última noite a suspirar e a gemer, extenuando Nina Alexandrovna, que por uma questão de consciência lhe colocara durante a noite uma série de cataplasmas. Perto da madrugada adormeceu de repente; quatro horas depois, ao acordar, foi dominado por um acesso violento e desordenado de hipocondria, o qual deu lugar à discussão com Hipólito e à «maldição da sua casa».

Tornara-se também notado que no decorrer desses três dias havido caído num contínuo excesso de orgulho, que se traduzia por uma suscetibilidade anormal. Kolia afirmava com insistência, a sua mãe, que este humor melancólico era devido à abstenção de bebidas e talvez também à ausência de Lebedev, com quem o general se havia intimamente ligado nestes últimos tempos. Uma inesperada arrelia se levantou entre eles, três dias antes, o que originou no general uma grande exaltação; tivera mesmo uma espécie de cena com o príncipe. Kolia pedira a este último para lhe explicar o motivo de tudo aquilo, mas acabou por se convencer que ele também lhe escondia qualquer coisa. Podia-se supor, como havia feito Gabriel, com muita verosimilhança, que se realizara uma conversa particular entre Hipólito e Nina; no entanto parecia bastante estranho que esse maldoso personagem, tratado abertamente de má língua por Gabriel, não se tivesse dado ao prazer de pôr também Kolia ao corrente de tudo. Podia ser muito bem que Hipólito não fosse o terrível «vadio» que Gabriel havia descrito, ao falar com a irmã, e que a sua malícia fosse muito diferente. Se de facto tivesse feito saber alguma coisa a Nina, não o faria provavelmente só com a intenção de lhe «dilacerar o coração». Não esqueçamos que os motivos das ações humanas são habitualmente muito mais complexos e variados do que se nos afigura no momento da ação; é muito raro que se revelem com nitidez. Muitas vezes o melhor, para o narrador, é limitar-se à simples exposição dos

acontecimentos. É o que faremos nos esclarecimentos anteriores à catástrofe que acabava de agitar a vida do general, pois nos encontramos na obrigação absoluta, apesar de tudo, de conceder a este personagem de segundo plano um maior interesse e maior relevo que aquele que até aqui lhe tínhamos destinado na nossa narrativa.

Os acontecimentos sucederam-se pela ordem seguinte:

Após a sua ida a S. Petersburgo, em procura de Ferdistchenko, Lebedev voltou nesse mesmo dia a Pavlovsk com o general. Nada comunicou de particular ao príncipe. Se este último não tivesse sido então tão distraído e não estivesse absorvido por outras preocupações mais importantes para ele, não teria demorado a aperceber-se que Lebedev» não só não lhe tinha dado nenhuma explicação nos dois dias que se seguiram, mas ainda tinha o ar de querer evitar o seu encontro. Quando por último em tal reparou, lembrou-se com espanto que durante esses dois dias, nos seus encontros acidentais com Lebedev, tinha visto este radiante, bem-humorado e quase sempre em companhia do general. Os dois amigos não se separavam um instante. O príncipe ouviu algumas vezes, perto dele, as suas conversas barulhentas e animadas, entrecortadas de discussões joviais e de gargalhadas. Uma vez mesmo, a uma hora muito avançada da noite, os ecos inesperados de um estribilho militar, cantado por um bêbado, chegaram até ele. Reconheceu a voz de baixo e enrouquecida do general. A canção interrompeu-se de repente e um silêncio se seguiu. Em seguida ouviu-se uma conversa, num tom avinhado, a qual se prolongou com viva animação durante perto de uma hora. Disto pode-se concluir que os dois amigos, um pouco embriagados, se abraçaram e que por fim um deles acabou mesmo por chorar. De súbito uma violenta questão estalou entre os dois, a qual se apaziguou logo instantes depois.

Durante todo este tempo Kolia manteve-se num estado de espírito particularmente inquieto. O príncipe não estava quase nunca em casa durante o dia e de noite só voltava muito tarde; disseram-lhe uma vez que durante todo o dia, Kolia, o procurara e perguntara por ele. Quando no entanto o encontrou, já nada tinha de especial a comunicar-lhe, a não ser que estava francamente «descontente com o general» e o seu atual comportamento. «Vagueiam pelas ruas», dissera ele, «embebedam-se numa taberna da vizinhança, abraçam-se em plena rua, para logo em seguida questionarem, zangam-se um com o outro, mas não podem separar-se». Tendo-lhe observado o príncipe, que aquilo não era mais do

que a repetição do que se passava todos os dias, Kolia não soube na verdade responder-lhe e ficou impossibilitado de dizer qual a razão da sua atual inquietação.

No dia seguinte àquele em que tinha ouvido a canção do bêbado e a discussão, o príncipe dispunha-se a sair, perto das onze horas, quando o general surgiu bruscamente diante dele. Dominava-o uma forte emoção e quase tremia.

— Há bastante tempo que procuro ter a ocasião e a honra de o encontrar, meu estimado León Nicolaievitch. Sim, há muito tempo, muito tempo mesmo! — murmurou ele, apertando a mão do príncipe, quase até ao ponto de o magoar. — Muito, muito tempo!

O príncipe convidou-o a sentar-se.

— Não, não me sentarei para não o demorar. Ficará para outra vez. Parece-me que posso felicitá-lo... pela realização... dos desejos do seu coração...

— Quais desejos do meu coração?

O príncipe perturbou-se. Parecia-lhe, como à maior parte das pessoas colocadas no seu caso, que ninguém via, ninguém adivinhava, ninguém compreendia nada.

— Tranquilize-se. Não quero ferir os seus sentimentos, os mais delicados. Passei por lá e sei que um nariz estranho... para me exprimir assim... segundo o provérbio... não deve meter-se onde não foi chamado. É uma verdade de que tenho a confirmação todas as manhãs. Venho porém aqui por uma outra questão, uma questão importante, muito importante, príncipe!

Pedindo-lhe de novo para se sentar, o príncipe deu-lhe o exemplo.

— Seja; por um instante apenas... Passei e entrei para lhe pedir um conselho. É fora de dúvida que faltam à minha existência fins positivos, mas, pelo respeito a mim mesmo... e, de uma maneira geral, por falta de um espírito prático, de que a Rússia está tão desprovida... Desejo definir uma situação, para mim, minha mulher e meus filhos... Enfim, príncipe, procuro um conselho.

O príncipe aplaudiu calorosamente esta ideia.

— Mas tudo isto não tem importância — apressou-se a acrescentar o general. — Vim aqui por uma questão muito mais grave. Estou decidido a abrir-lhe o meu coração, León, como a um homem em cuja sinceridade e

generosidade tenho tanta confiança que... que... As minhas palavras não o surpreendem, príncipe?

Mesmo que não estivesse deveras surpreso, nem por isso o príncipe teria deixado de observar o seu hóspede com muita atenção e curiosidade. O velho estava um pouco pálido, notava-se-lhe um ligeiro estremecimento, de instante a instante, nos lábios e movia as mãos sem interrupção.

Sentado há poucos minutos, tinha-se levantado já bruscamente por duas vezes, para voltar a sentar-se logo, sem parecer aperceber-se da sua grande agitação. Encontravam-se alguns livros sobre a mesa; continuando sempre a falar, pegou num deles, abriu-o, passou os olhos por ele, fechou-o logo em seguida e colocou-o no seu lugar. Segundos decorridos, pegou num outro, que não abriu, mas que conservou na mão durante todo o resto do tempo que durou a conversa, brandindo-o sem cessar.

— Basta! — gritou ele de repente. — Reconheço que o tenho incomodado muito.

— Nada disso, pode crer, peço-lhe!... Escuto-o, pelo contrário, com o maior interesse e tento compreender…

— Príncipe, desejo alcançar uma posição que mereça todo o respeito... Quero merecer a minha própria estima... e ter os meus direitos.

— Um homem com um tal desejo é já digno de todo o respeito.

O príncipe pronunciou esta frase, aprendida num manual, com a firme convicção de que produziria o melhor dos efeitos. Instintivamente sentia que, proferindo, a propósito, uma frase daquele género, ao mesmo tempo profunda e agradável, podia de súbito subjugar e acalmar a alma de um homem como o general, sobretudo na situação em que este se encontrava. Em todo o caso só podia despedir-se de um tal visitante, depois de lhe ter suavizado o coração; era este o ponto básico do problema.

A frase agradou muito ao general, pois a encontrou lisonjeira e chocante. Conteve-se um pouco, mudou de súbito de tom e lançou-se em compridas e entusiastas explicações. Todavia, a despeito dos esforços e da atenção despendida, o príncipe não conseguiu compreender uma palavra. O general discorreu durante perto de dez minutos, exprimindo-se com calor e volubilidade, tal como um homem que não chega a dispor, na sua devida ordem, o grande número de ideias que o assaltam. As lágrimas chegaram mesmo a aparecer. No entanto proferiu apenas frases sem nexo,

palavras inopinadas, pensamentos atrabiliários que se comprimiam e se misturavam uns com os outros numa incoerência sem limites.

— Fiquemos por aqui. O senhor compreendeu-me e por isso fico tranquilo. — concluiu bruscamente, levantando-se. — Um coração como o seu não pode deixar de compreender um homem que sofre. Príncipe, o senhor tem um nobre ideal! Que são os outros ao lado do senhor? Porém o senhor ainda é novo e eu só lhe desejo felicidades. No fim de contas vim aqui para lhe pedir que me marcasse uma hora a fim de termos uma conversa importante; é uma conversa em que reside a minha principal esperança. Procuro somente uma amizade e um bom coração, príncipe; nunca até hoje pude dominar as exigências do meu...

— Mas por que não há de ser agora? Estou pronto a ouvi-lo...

— Não, príncipe, não! — interrompeu, rápido, o general. — Agora, não! Agora é um sonho! A questão é muito, muito importante! Essa hora de conversa decidirá o meu futuro. Essa hora será só *minha,* pois não quero que num instante tão sagrado possamos ser interrompidos, seja por quem for, pelo primeiro insolente que apareça — aproximou-se do príncipe e murmurou-lhe com uma estranha expressão de mistério, quase de terror — um impudente que não vale o calcanhar... o calcanhar do seu pé, meu príncipe, muito querido! Repare que não disse do meu pé... Repare bem que não é do meu pé que se trata, porque tenho muito respeito pela minha pessoa, para falar sem rodeios! Contudo, só o senhor é capaz de compreender que se me abstenho, num tal caso, de falar do meu calcanhar, dou talvez provas de uma altivez e de uma dignidade extraordinárias. Exceto o senhor, ninguém compreenderá isto, e *ele* muito menos que qualquer outra pessoa. *Ele* não compreende nada, príncipe; é de uma incapacidade de compreensão absoluta. É preciso ter coração para compreender!

O príncipe acabou por experimentar um certo mal-estar, vizinho do terror. Marcou um encontro com o general para o dia seguinte, à mesma hora. Este retirou-se reanimado, reconfortado e quase acalmado. À tarde, entre as seis e as sete horas, o príncipe mandou pedir ao Lebedev para vir um instante a casa dele.

Lebedev acorreu apressadamente; foi para ele uma «honra aceder a este convite», disse, ao entrar; tinha o aspeto de não se recordar que estivera escondido do príncipe durante três dias e se havia esquivado a qualquer encontro de uma maneira ostensiva. Sentou-se na borda de uma

cadeira, fazendo mesuras e sorrindo-se; os seus olhos pesquisadores tomaram uma expressão de alegria; esfregava as mãos de contente e dava a impressão de uma criatura ingénua, que se dispõe a ouvir uma novidade importante, esperada desde há muito e pressentida por toda a gente. Esta atitude teve o condão de arreliar o príncipe; adivinhava claramente que todos quantos o rodeavam, pareciam revelar que esperavam alguma coisa dele e o olhavam com a intenção de o felicitarem por um determinado acontecimento, ao qual se queriam referir as alusões, os sorrisos e o piscar de olhos. Keller tinha já passado três vezes junto dele no visível desejo de o felicitar; havia proferido de cada vez uma frase pomposa, mas incompreensível, e desaparecendo mesmo sem a acabar. (Nestes últimos dias tinha bebido cada vez mais e chegara ao ponto de provocar alarido em qualquer sala de bilhar). O próprio Kolia, apesar da sua tristeza, tinha feito já, por duas ou três vezes, umas alusões enigmáticas, ao falar com o príncipe.

Este pediu com franqueza, e não sem uma certa irritação, ao Lebedev, para que lhe dissesse o que pensava sobre o atual estado do general e de onde provinha a inquietação que este último manifestava. Contou-lhe em poucas palavras o que há pouco se passara.

— Cada um tem as suas preocupações, príncipe... sobretudo num século tão estranho e tão atormentado como o nosso, é o que é! — respondeu Lebedev num tom bastante seco. E calou-se, com o ar de um homem a quem ofenderam e deixaram deveras desapontado.

— Que filosofia! — observou o príncipe, sorrindo.

— A filosofia é necessária, muito necessária no nosso século, sob o ponto de vista prático, mas desprezam-na, entretanto! Pelo que me diz respeito, meu estimado príncipe, o senhor dispensou-me a sua confiança num caso que conhece bem, porém limitando-a a um certo grau e aos factos ligados ao caso... Compreendo-o muito bem e não me lamento por tal.

— Parece-me, Lebedev, que está zangado com alguma coisa?

— De tudo, menos do mundo, meu muito estimado e adorado príncipe! — exclamou Lebedev com exaltação e levando a mão ao coração. — Pelo contrário, compreendi desde logo que não merecia a honra da sua alta confiança, à qual aspiro, nem pela minha posição na sociedade, nem pelo meu desenvolvimento intelectual e moral, nem pela minha fortuna, nem pelo meu passado, nem pelos meus conhecimentos! E

se o posso servir, será apenas como um escravo, como um mercenário, e não de outra forma... Não estou zangado, mas apenas contristado.

— Nem tanto, Lebedev!

— E não de outra forma, repito! Até mesmo agora, no caso presente. Como o meu coração e o meu pensamento o seguem, disse comigo, ao encontrá-lo: «sou indigno de uma expansão amigável, mas talvez que na qualidade de dono da casa possa receber, no momento oportuno e em data prevista, por assim dizer, uma ordem ou pelo menos um aviso, em vista de umas certas mudanças iminentes e inesperadas».

Pronunciando estas palavras, Lebedev dardejou olhares penetrantes sobre o príncipe, que o admirava, surpreendido. Não tinha perdido ainda a esperança de satisfazer a sua curiosidade.

— Decididamente não compreendi nada — exclamou o príncipe, quase num tom de cólera — e... e o senhor é o mais terrível dos intrigantes! — concluiu ele com uma franca e brusca gargalhada.

Lebedev apressou-se a rir com ele. No seu radioso olhar adivinhava-se que as suas esperanças estavam asseguradas ou mesmo aumentadas.

— Sabe o que eu queria dizer-lhe, Lebedev? Não se zangue; admiro-me da sua ingenuidade e da de algumas outras pessoas ainda!... O senhor esperava, com tanta candura, uma revelação da minha parte, neste momento preciso, neste minuto, que sinto escrúpulo e confusão em não ter nada a dizer, para o satisfazer. No entanto juro-lhe que não tenho absolutamente nenhuma confidência a fazer-lhe. Pode ficar convencido disto!...

E o príncipe voltou a rir.

Lebedev tomou um ar de dignidade. A sua curiosidade fazia-o por vezes pecar por excesso de ingenuidade e por indiscrição, mas nem por isso deixava de ser um homem bastante astuto, injusto e até mesmo, em certos casos, capaz de manter um silêncio maquiavélico. Com as suas contínuas repulsas, o príncipe quase se tornou um inimigo. Todavia, se este último o mandava embora, não era por desprezo, mas sim porque a curiosidade de Lebedev se comportava pouco delicadamente; alguns dias antes o príncipe considerava ainda muitos dos seus sonhos como um crime, enquanto Lebedev, não vendo na sua recusa em falar, mais do que um sinal de aversão pessoal e de injuriosa desconfiança, sentiu o coração torturado pela inveja, não só porque o Kolia e o Keller se tornaram mais merecedores da confiança do príncipe, como ainda a sua própria filha,

Vera. Neste momento mesmo sentiu talvez um sincero desejo de comunicar ao príncipe uma novidade que o devia interessar em extremo, porém fechou-se num estranho mutismo e guardou as confidências consigo.

— Em que posso então ser-lhe útil, meu estimado príncipe, visto que foi o senhor que me... chamou? — perguntou ele, depois de um curto silêncio.

O príncipe ficou também pensativo durante uns momentos.

— Era para lhe falar do general e do roubo de que o senhor se lamentou...

— Qual roubo?

— Vamos, parece que o senhor não me quer compreender! Por Deus, Lebedev, deixemo-nos de brincadeiras! Falo-lhe do dinheiro, do dinheiro, dos quatrocentos *rublos* que o senhor perdeu outro dia, juntamente com a carteira, de que veio falar-me no dia seguinte, pela manhã, antes de regressar a S. Petersburgo. Compreende agora o que eu quero dizer?

Lebedev respondeu-lhe numa voz monótona, como se quisesse dar a entender que só agora compreendera o que lhe haviam perguntado.

— Ah, quer-se referir àqueles quatrocentos *rublos!* Agradeço-lhe, príncipe, o sincero interesse mostrado; é deveras lisonjeiro para mim, porém encontrei-os há já bastante tempo.

— Já os encontrou? Ah, louvado seja Deus!

— Essa exclamação revela um nobre coração, porque quatrocentos *rublos* não são indiferentes para um desgraçado que ganha com muito trabalho a sua vida e a dos seus numerosos filhos...

— Não é disso que se trata. Sem dúvida estou satisfeito porque haja encontrado esse dinheiro — apressou-se a declarar o príncipe. — Mas como é que o encontrou?

— Da maneira mais simples: debaixo da cadeira onde pousei o sobretudo. Escorregou-me do bolso, com certeza!

— Como? Debaixo da cadeira? É impossível, pois o senhor disse-me que procurara por todos os cantos! Como é que o senhor não a viu, num sítio onde devia ter procurado em primeiro lugar?

— Pois procurei-a aí, de facto! Lembro-me muito bem de ter espreitado. Pus-me de joelhos, no chão, e não confiando só nos meus olhos, afastei a cadeira e passei as mãos pelo sítio onde ela apareceu. O local estava tão limpo como a palma da mão. e no entanto continuei a

tateá-lo durante uns segundos. Estas hesitações surgem sempre no espírito de um homem que pretende em absoluto encontrar alguma coisa... quando o objeto perdido é de importância, ou quando o seu desaparecimento nos desgosta: tenho a certeza que não havia nada no lugar onde procurei, pois o espreitei mais de quinze vezes.

— Admitamos que assim foi; como me explica o que se passou? Não posso compreender! — murmurou o príncipe, embaraçado. — Começou por me dizer que não encontrou nada nesse sítio, e de repente é lá que a vai encontrar?!

— Sim, foi lá que, sem querer, a encontrei de facto.

O príncipe olhou-o de um modo estranho.

— E o general? — perguntou em seguida.

— O general? Que quer dizer? — observou Lebedev, afetando um ar de não compreender.

— Meu Deus! Pergunto-lhe o que disse o general quando o senhor encontrou a carteira debaixo da cadeira. Não a tinham antes procurado os dois?

— Sim, procurámos. Porém, desta vez, confesso, não lhe disse nada; preferi deixá-lo na ignorância de que a tinha encontrado, numa ocasião em que estava sozinho.

— Mas... porque fez isso? Estava o dinheiro todo?

— Verifiquei logo o conteúdo da carteira; estava tudo, não faltava um único *rublo*.

— Devia, pelo menos, ter vindo avisar-me — observou o príncipe com um ar pensativo.

— Receei incomodá-lo, príncipe, em virtude das suas preocupações pessoais, que talvez sejam extraordinárias, se posso exprimir-me assim. De resto, procedo como se nada tivesse encontrado. Depois de a ter aberto e ter verificado o seu conteúdo, fechei-a e voltei a colocá-la debaixo da cadeira.

— Para quê?

— Apenas para o seguinte: era curioso observar o que se iria passar depois — disse Lebedev, sorrindo bruscamente e esfregando as mãos.

— Então está há dois dias debaixo da cadeira?

— Oh, não... Esteve lá apenas vinte e quatro horas. O meu desejo era que o general a encontrasse também. Disse comigo: se acabei por a descobrir, não há razão para que o general não encontre também um objeto

colocado debaixo da cadeira, em sítio bem visível, quase a saltar aos olhos. Levantei e mudei a cadeira por diversas vezes, de forma que a carteira chamasse a atenção, mas o general nada descobriu. Isto passou-se durante vinte e quatro horas. É preciso não esquecer que anda agora muito distraído. Chego a nada compreender: fala, conta histórias, sorri ou solta grandes gargalhadas, e de repente muda de aspeto, encoleriza-se de uma maneira violenta contra mim, sem que eu saiba a razão de tal. Por último saímos os dois do quarto; porém deixei de propósito a porta aberta; hesitou um momento e pareceu querer dizer alguma coisa; com certeza estava receoso, ante a ideia de deixar ao abandono uma carteira, contendo uma tão grande quantia; mas em vez de dizer qualquer coisa, tornou-se de repente muito vermelho. Uma vez na rua, deixou-me ao fim de meia dúzia de passos e seguiu numa outra direção. Encontrámo-nos apenas à noite na taberna.

— Mas afinal o senhor tirou ou não a carteira debaixo da cadeira?

— Não senhor. Desapareceu do sítio durante a noite.

— Então onde é que está?

— Está aqui — respondeu rápido o Lebedev, endireitando-se e olhando o príncipe com satisfação. — Encontrei-a depois aqui, na aba do meu sobretudo. Se quer ter a certeza, pode apalpar.

De facto, na aba esquerda do sobretudo, um pouco para a frente, um chumaço chamava a atenção; apalpando, adivinhava-se logo que era a carteira de couro, que, pelo bolso furado, havia escorregado entre a fazenda e o forro do sobretudo.

— Tirei-a, para a examinar. Estava todo o dinheiro. Voltei a metê-la no mesmo sítio, onde a trago desde ontem pela manhã, batendo-me nas pernas.

— E fingiu não a notar?

— Não notei nada... Ah, ah!... Imagine o meu estimado príncipe, se bem que não seja muito próprio prender a sua atenção com este caso, que trago sempre os bolsos em bom estado. Bastou uma noite para surgir um buraco daquele tamanho! Examinei esse buraco com curiosidade; está, como se tivessem rasgado o forro com um canivete: é quase inacreditável, não lhe parece?

— E... o general?

— Ontem e hoje tem estado bastante encolerizado: o seu descontentamento é terrível, às vezes. Por momentos, no entanto, o

regozijo e o vinho tornam-no obsequioso; em seguida torna-se sentimental até às lágrimas, e agora, dou-lhe a minha palavra, comporta-se de uma maneira que me faz recear! Porque, compreende, príncipe, não sou um homem para a guerra! Ontem, enquanto estávamos juntos na taberna, o meu sobretudo ficou, por acaso, na frente dos seus olhos; notava-se nele uma certa saliência. O general, olhando-a de soslaio, ficou deveras arreliado. Há já muito tempo que deixou de me olhar de frente, salvo quando está bêbado ou sentimental; porém ontem fitou-me por duas vezes de tal forma, que senti um arrepio na espinha. De resto tenho a intenção de dar amanhã a carteira como encontrada; porém conto ainda divertir-me uma tarde com ele.

— Para que há de atormentá-lo? — exclamou o príncipe.

— Não o atormento, como julga, príncipe! Não!... — objetou com entusiasmo Lebedev. — Estimo-o sinceramente e respeito-o. Creia ou não, tenho a dizer-lhe que o estimo agora ainda muito mais, muito mais que noutros tempos.

Lebedev proferiu estas palavras com um ar tão sério e tão sincero, que o príncipe ficou indignado.

— Estima-o tanto e atormenta-o dessa forma! Ora vejamos: colocando o objeto perdido em evidência, primeiro debaixo da cadeira e depois no sobretudo, deu-lhe a prova de que não quer servir-se de ardis com o senhor e que lhe pede ingenuamente perdão. Compreenda bem: pede-lhe perdão! Isto quer dizer que conta com a delicadeza dos seus sentimentos e crê na amizade que tem por ele. E o senhor humilha dessa forma um... homem tão honesto!

— Oh, muito honesto, príncipe, muito honesto! — repetiu Lebedev com os olhos cintilando. — Só o senhor, meu caro príncipe, era capaz de proferir uma palavra tão justa! É por isso que lhe sou dedicado até à adoração, eu, que não sou mais que um poço de vícios. A minha decisão está tomada. Vou encontrar a carteira agora, neste instante, sem esperar pelo dia de amanhã. Repare: vou tirá-la do sobretudo na sua frente. Ei-la! Aqui está todo o dinheiro. Tome-o, guarde-o, meu nobre príncipe, guarde-o até amanhã. Amanhã ou depois irei pedir-lho. Não lhe parece, príncipe, que este dinheiro passou a primeira noite em qualquer parte do meu jardim, debaixo de alguma pedra? Que me diz?

— Não vá já dizer-lhe que encontrou a carteira. Deixe-o aperceber-se, de boamente, que já desapareceu a carteira da aba do sobretudo. E assim,

compreenderá tudo...

— Será melhor assim?... ou não será melhor dizer-lhe que a encontrei, fazendo de contas que não me apercebi de quanto se passou?

— Não creio — disse o príncipe com um ar pensativo. — Agora é muito tarde para isso, é muito mais perigoso; para bem, é muito melhor não lhe dizer nada I Seja delicado com ele, mas não mostre um ar de querer esconder alguma coisa e... e... o senhor sabe...

— Eu sei, príncipe, eu sei; ou melhor, prevejo que não farei com certeza nada, porque, para agir assim, é preciso ter um coração como o seu. Agora mesmo está irritado e toma por vezes estranhas atitudes; olha-me algumas vezes de cima a baixo; tão depressa soluça, como me abraça; tão depressa me humilha bruscamente, como me trata com desprezo; num desses momentos ponho-lhe de propósito a aba do sobretudo na frente dos olhos. Ah, ah! Até depois, príncipe. Noto que estou a demorá-lo e que perturbo os seus melhores sentimentos, se assim posso dizer...

— Mas, pelo amor de Deus, nada diga sobre o que se passou!

— A passo de lobo! A passo de lobo!...

Terminada em bem esta conversa, o príncipe ficou inquieto, muito mais inquieto do que estava antes. Aguardava com impaciência a entrevista que devia ter no dia seguinte com o general.

Capítulo 4

O encontro estava marcado para as onze horas e meia, porém o príncipe chegou atrasado, por uma circunstância de todo imprevista. Ao entrar em casa encontrou já o general, que o esperava. Bastou olhá-lo, para notar que estava descontente, talvez devido ao tempo que estivera à espera. Tendo-se desculpado, o príncipe apressou a sentar-se, porém com uma estranha sensação de timidez, como se a visita fosse de porcelana e temesse a cada instante quebrá-la. Até ali nunca se tinha sentido intimidado na frente do general, nem tal ideia o havia assaltado alguma vez. Por outro lado não tardou a aperceber-se que tinha diante dele um homem muito diferente do da véspera: a confusão e a distração tinham dado lugar, no general, a uma extraordinária moderação; era de crer que houvesse tomado alguma irrevogável resolução. Se bem que o sangue-frio fosse mais aparente que real, a sua atitude não era menos nobre e livre, com uma tonalidade de represada dignidade. Começou mesmo por falar ao príncipe, num certo tom de condescendência, como aquele que afetam as pessoas cuja desenvoltura ou soberba se alia ao sentimento de uma ofensa imerecida. Exprimia-se num tom afável, mas com uma ponta de amargura na voz.

— Aqui tem a revista que me emprestou no outro dia — disse ele com um ar grave, indicando um volume pousado na mesa. — Muito obrigado.

— Ah, sim. O senhor leu esse artigo? Que pensa a tal respeito? É curioso, não é assim? — perguntou o príncipe, ansioso por dar princípio a uma conversa sobre um assunto tão estranho quanto possível.

— É muito curioso, mas está pessimamente escrito e é deveras absurdo. Pode-se mesmo dizer que não passa de um amontoado de mentiras.

O general falava com autoridade, deixando tremer ligeiramente a voz.

— Sim, mas é uma narrativa muito ingénua; o autor é um velho soldado que foi testemunha da entrada dos franceses em Moscovo; certos capítulos são encantadores. As memórias de testemunhas oculares são

sempre preciosas, qualquer que seja a personalidade do narrador. Não é assim?

— No lugar do diretor da revista, não teria imprimido isso. Quanto às memórias de testemunhas oculares, em geral dá-se mais crédito a um grosseiro impostor, mas humorista, do que a um homem que tem valor e mérito. Conheço certas memórias sobre o ano de 1812 que... Príncipe, tomei uma resolução: vou deixar esta casa, a casa do senhor Lebedev.

O general olhou o seu interlocutor com um ar solene.

— O senhor tem os seus aposentos em Pavlovsk, em casa... em casa da sua filha — observou o príncipe, não sabendo o que dizer. Lembrou-se neste momento que o general vinha consultá-lo sobre uma importante questão de que dependia o seu destino,

— Em casa da minha mulher, ou por outras palavras, em minha casa e na casa da minha filha.

— Desculpe-me: eu...

— Eu deixo a casa do Lebedev, meu caro príncipe, porque cortei as relações com esse homem. Cortejas ontem à tarde, lastimando não o ter feito mais cedo. Exijo respeito, príncipe, e desejo receber mesmo as visitas das pessoas a quem dedico, por assim dizer, o meu coração. Caro príncipe, dou muitas vezes o meu coração e sou quase sempre enganado. Esse homem era indigno da minha amizade.

— Ele é muitíssimo desregrado — observou discretamente o príncipe — e tem também certos defeitos... mas, apesar de tudo, tem coração; tem um espírito malicioso e algumas vezes humorista.

As expressões requintadas do príncipe e o seu tom de indiferença, lisonjearam o general, se bem que refletisse ainda por vezes no olhar alguns clarões de desconfiança. O tom de voz do príncipe era porém tão natural e tão sincero que a dúvida não podia subsistir.

— Que ele possui também boas qualidades — replicou o general — sou o primeiro a reconhecê-lo e até ao ponto de ter sido amigo desse indivíduo. Não tenho necessidade, nem da sua casa, nem da sua hospitalidade, pois tenho a minha família. Não procuro desculpar os meus defeitos: sou um imoderado; tenho bebido às vezes vinho com ele, mas agora deploro esse procedimento. Não foi apenas a atração da bebida (desculpe, príncipe, a crueza de linguagem de um homem magoado) que me arrastou para ele. Fui, sim, seduzido pelas qualidades a que o príncipe acaba de se referir. Porém há um limite para tudo, até mesmo para as

qualidades. Quando teve a imprudência de afirmar, na minha frente, que em 1812, sendo ainda criança, perdeu a perna esquerda, que foi inumada no cemitério de Vagankovo, em Moscovo, isto ultrapassa tudo quanto se possa imaginar e revela da sua parte uma falta de respeito, uma insolência...

— Talvez não passasse de uma graçola, de uma história para fazer rir.

— Compreendo. É uma fábula inocente, inventada para fazer rir, mas que, apesar de falha de senso, não fere o coração humano. Algumas vezes mesmo veem-se pessoas mentir por amizade, se assim quer, para serem agradáveis ao seu interlocutor. Porém se se deixa perceber uma falta de respeito e se, por essa falta de respeito, se pretende mostrar que há uma grande distância entre os pleiteadores, então um homem que tenha dignidade trata imediatamente de se afastar e cortar as relações a fim de colocar o ofensor no seu lugar.

Pronunciando estas palavras o general tornou-se mais vermelho.

— Mas o Lebedev não podia estar em Moscovo, em 1812; é muito novo para isso e torna-se bastante ridículo!...

— Isso é uma razão. Todavia, admitamos que fosse vivo nessa época. Como pode afirmar que um atirador francês lhe acertou com um tiro de canhão e lhe levou a perna, tal como quem se diverte aos tiros?... que apanhou a perna e a levou para casa, mandando-a depois enterrar no cemitério de Vagankovo, e que sobre a campa mandou levantar um monumento onde se lê, de um lado: «Jaz aqui a perna do secretário do colégio Lebedev»; e do outro; «Repousa, querido despojo, esperando a ressurreição»? Como pode pretender fazer acreditar que todos os anos manda rezar um *requiem* por essa perna (o que constitui um sacrilégio) e faz por essa ocasião uma viagem a Moscovo? Convidou-me mesmo a acompanhá-lo nessa visita, para me mostrar a campa e também o canhão francês, que está no Kremlin, entre as diversas peças conquistadas ao inimigo; é, afirma ele, a décima primeira a contar da entrada, um falconete de tipo desusado.

— Isso sem ter em conta que ele tem as duas pernas! — disse, rindo, o príncipe. — Asseguro-lhe que é uma inocente facécia; não deve zangar-se por causa disso.

— Mas permita-me que tenha também a minha opinião; o parecer que tem as duas pernas, não é que torna, na verdade, a sua história inverosímil,

pois posso garantir-lhe que tem uma perna artificial fornecida por Techernosvitov.

— É verdade, e parece que se pode dançar com uma perna feita pelo Techernosvitov.

— Também sei isso, porque o Techernosvitov, quando fez a primeira perna artificial, correu muito depressa a mostrar-ma. Porém esta é de fabrico mais recente... Lebedev chega a afirmar que sua falecida mulher nunca soube, durante a sua união, que tinha uma perna de pau. Fiz-lhe notar o grande número de absurdos que há nesta história. Replicou-me: «Se pretende ter sido o pajem de quarto, junto de Napoleão, em 1812, permito-me também afirmar que mandei enterrar a minha perna no cemitério de Vagankovo».

— Como é que.. — começou o príncipe, deveras perturbado.

O general estava também um pouco perturbado, mas refazendo-se de repente e olhando o príncipe com altivez, onde se notava uma certa ironia, disse-lhe numa voz persuasiva:

— Termine o seu pensamento, príncipe, termine. Sou indulgente. Pode dizer tudo. Confesse que lhe parece estranho ver diante de si um homem que atingiu este grau de humilhação e... de inutilidade, e ficar a saber que este homem foi pessoalmente testemunha... de grandes acontecimentos. *Ele* ainda não fez troça... do senhor?

— Não, o Lebedev não me disse nada, se é que o senhor fala do Lebedev.

— Hum!... supunha o contrário. De facto, a nossa conversa versou sobre esse estranho artigo, aparecido nos «Arquivos». Fiz-lhe notar o grande absurdo, tendo eu próprio assistido aos acontecimentos relatados. Sorri, príncipe, e parece desfigurado.

— Não, meu Deus, eu...

— Tenho um aspeto bastante jovem — continuou o general num tom muito lento — e sou um pouco mais velho do que pareço. Em 1812 tinha dez ou onze anos. Agora não sei bem ao certo qual é a minha idade; rejuvenesci durante os anos de trabalho e eu mesmo tenho tido a fraqueza de cortar alguns anos no decorrer da minha vida.

— Asseguro-lhe, general, que não vejo nada de estranho no que o senhor observou em Moscovo, em 1812, e... naturalmente pode ter recordações a contar... como todos aqueles que viveram nessa época. Um dos nossos autobiógrafos começa o seu livro contando que, em 1812, era

ainda criança de mama e que os soldados franceses o alimentaram a pão, em Moscovo.

— Ora ainda bem — observou o general com condescendência. — O meu caso não tem nada de excecional, nem mesmo, sobretudo, de medíocre. Sucede muitas vezes que a verdade parece inverosímil. Pajem de quarto!... Isto soa de uma maneira estranha, sem dúvida! No entanto a aventura de uma criança de dez anos explica-se precisamente pela sua idade. Não me podia ter sucedido aos quinze anos, pela simples razão que nessa idade não teria fugido da nossa casa de madeira, rua Vieille-Basmannaia, no dia da entrada de Napoleão em Moscovo; não teria escapado à autoridade da minha mãe, que fora surpreendida com a chegada dos franceses e tremia de medo. Aos quinze anos teria compartilhado do seu terror; aos dez anos não receava coisa alguma; intrometi-me através da multidão até junto do portão do palácio, no momento em que Napoleão descia do cavalo.

— Tem na verdade toda a razão, porque é de facto aos dez anos que se mostra uma maior intrepidez... — aprovou o príncipe com timidez.

Atormentava-o a ideia de que ia talvez corar.

— Sem dúvida, e tudo se passou com a simplicidade e o natural que só na vida real se encontram. Sob a pena dam romancista, a aventura teria caído na frivolidade e na inverosimilhança.

— Oh, sem dúvida! — exclamou o príncipe. — Esse pensamento surgiu-me também, e até recentemente. Conheço uma verídica questão de homicídio, cujo motivo foi o roubo de um relógio; os jornais falaram nisso mais tarde. Se qualquer autor tivesse imaginado esse crime, as pessoas mais familiarizadas com a vida do povo, assim como os críticos, teriam logo acreditado na inverosimilhança. Lendo porém esse acontecimento nos jornais, sente-se que ele é daqueles que nos esclarecem sobre as realidades da vida russa. O senhor deve com certeza ter observado isto! — concluiu o príncipe, entusiasmado e encantado por não ter casado.

— E o senhor também o observou, não? — perguntou o general, cujos olhos brilhavam de contentamento. — Um garoto, uma criança, inconsciente do perigo, intrometeu-se através da multidão para ver o esplendor do cortejo, os uniformes e no final o grande homem de que tanto tinha ouvido falar. Há já bastantes anos que se falava nele. O mundo estava cheio do seu nome. Havia-o bebido por assim dizer com o leite da minha ama. Napoleão passou a dois passos de mim: surpreendeu, por acaso, o

meu olhar. Eu trazia nessa altura um fato de criança rica; estava elegantemente vestido. Com aquele fato e no meio daquela multidão, havemos de concordar...

— Tudo isso devia, na verdade, chamar-lhe a atenção e provar-lhe que nem toda a gente havia fugido, que alguns nobres mesmo haviam ficado em Moscovo com os seus filhos.

— Justamente! Era sua ideia chamar os boiardos! Quando o seu olhar de águia se fixou em mim, devia ter visto brilhar uma réplica nos meus olhos. *«Voilà un garçon bien éveillé*», disse ele. *«Qui est ton père?»* Respondi-lhe logo numa voz quase abafada pela emoção: «Um general morto no campo da honra, em defesa da Pátria». «*Le fils d'un boyard et d'un brave par-dessus le marché! J'aime les boyards. M'aimes-tu, petit?»* A pergunta foi rápida e a resposta não o foi menos: «O coração russo é capaz de distinguir um grande homem, mesmo num inimigo da sua Pátria!» Para dizer a verdade não me recordo se me exprimi literalmente assim... Era uma criança... Porém o sentido das minhas palavras é que foi de certeza este. Napoleão ficou impressionado; refletiu um instante e disse às pessoas que o rodeavam: «Gosto da altivez desta criança! No entanto se todos os russos pensam assim, então…» Não concluiu a frase e entrou no palácio. Misturei-me logo com o seu séquito e corri atrás dele. As pessoas que o seguiam deixaram-me passar, considerando-me como que um seu favorito. Tudo isto se passou num abrir e fechar de olhos... Lembro-me apenas que ao chegar à primeira sala, o imperador parou por momentos ante o retrato da imperatriz Catarina, contemplou-o com um ar sonhador e exclamou no fim: «Foi uma grande mulher». E seguiu adiante. Passados dois dias toda a gente me conhecia no palácio e no Kremlin e chamavam-me o *«petit boyard».* Só voltei a casa altas horas da noite; os meus estavam já em sérios cuidados. No dia seguinte o pajem de quarto, do Napoleão, barão de Bazancourt, morreu, esgotado pelas fadigas da campanha. Napoleão lembrou-se então de mim; mandou-me procurar e levaram-me sem nenhuma explicação, vestiram-me o uniforme do falecido, que era um rapaz de doze anos, e acompanharam-me até junto do imperador. Fez-me um sinal com a cabeça; comunicaram-me então que havia obtido a graça de ser nomeado pajem de quarto de sua majestade. Senti-me feliz, pois há muito tinha por ele uma viva simpatia... e depois há de concordar que não há nada melhor que um brilhante uniforme para seduzir uma criança como eu era. Compunha-se de um fraque verde

escuro, ornado de botões dourados, com abas estreitas e compridas, e mangas com adornos vermelhos; bordados a ouro recobriam as abas, as mangas e a gola, que era alta, direita e aberta. Trazia além disso umas calças brancas e justas, em pele de camurça, um colete de seda branca, meias de seda e sapatos com fivela... Quando o imperador dava um passeio a cavalo e que tinha de o acompanhar, calçava então umas botas altas, de amazona. Se bem que a situação não fosse brilhante e se previssem já importantes desastres, a etiqueta era tão rigorosa quanto era possível. Tornava-se tanto mais pontualmente observada, quanto mais se pressentia a aproximação daquelas calamidades.

— Sim, na verdade — balbuciou o príncipe com um ar quase desconcertante — as suas memórias despertariam... um interesse extraordinário.

Sem hesitações o general repetiu o que havia contado na véspera ao Lebedev; as palavras corriam-lhe em caudal. Entretanto fitou de novo o príncipe, porém neste momento com um olhar de desconfiança.

— As minhas memórias? — repetiu ele com um dobrado orgulho. — Diz-me para escrever as minhas memórias? Não me tenta, príncipe!... ou melhor, estão já escritas, mas... tenho-as fechadas à chave. Só serão publicadas quando a terra me cobrir os olhos; então serão, sem dúvida, traduzidas em várias línguas, não por causa do seu valor literário, é bem de ver! Mas devido à importância do grande número de acontecimentos de que, desde criança, tenho sido testemunha ocular. Ainda mais, foi graças à minha pouca idade que penetrei no aposento mais íntimo, por assim dizer, do «grande homem!» Durante a noite ouvia os suspiros desse «gigante, na adversidade»; não tinha motivo para esconder os seus soluços e as suas lágrimas a uma criança, se bem que eu compreendesse já que a causa do seu sofrimento era o silêncio do imperador Alexandre.

— É verdade; dizem que lhe escreveu várias cartas... a propor-lhe a paz — insinuou timidamente o príncipe.

— No fundo não sabemos que propostas continham essas cartas, mas sabemos que escrevia todos os dias, a cada hora, carta após carta!... Estava muitíssimo agitado. Uma noite em que estávamos sós, corri para ele, de lágrimas nos olhos (oh, como eu o amava!): «Peça, peça perdão ao imperador Alexandre!», supliquei-lhe eu. Como é evidente, devia talvez ter-lhe dito: «Faça a paz com o imperador Alexandre»; porém, como era uma criança, exprimia assim ingenuamente o meu pensamento, «Oh, meu

rapaz!», respondeu-me ele, percorrendo o quarto de um lado ao outro. «Oh, meu rapaz!» Tinha o aspeto de esquecer que eu tinha dez anos e revelava até prazer em falar comigo. «Oh, meu rapaz! Estou pronto a beijar os pés ao imperador Alexandre, mas, pelo contrário, voto um eterno ódio ao rei da Prússia e ao imperador da Áustria e... além de tudo... nada entendes de política!» De repente pareceu lembrar-se a quem se dirigia. Calou-se, mas os seus olhos cintilaram ainda durante algum tempo. Muito bem!... Imagine agora que relato todos estes factos, eu, que fui testemunha de acontecimentos os mais extraordinários, e que vou publicá-los: estou vendo daqui todas as críticas, todas as vaidades literárias, todas as invejas, opiniões preconcebidas e... Ah, não, obrigado!

— No que diz com respeito a opiniões preconcebidas, tem toda a razão e estou de acordo — replicou o príncipe com doçura, depois de um instante de reflexão. — Por exemplo, li ainda há pouco o livro de Charras sobre a campanha de Waterloo. É na verdade um livro sério e os especialistas afirmam que está escrito com muita competência. Porém, em cada página, nota-se a satisfação de humilhar Napoleão. O autor teria sido condecorado, segundo parece, se tivesse podido recusar a Napoleão toda a sombra de talento, mesmo nas outras campanhas. Ora este espírito preconcebido é impróprio de uma obra tão profunda. Então o senhor era muito estimado, devido ao seu serviço junto do imperador?

O general estava extasiado. A observação do príncipe, devido à sua gravidade e simplicidade, havia dissipado as suas últimas suspeitas.

— Basta! Eu também fiquei bastante indignado e estive então para lhe escrever, mas... não me lembro muito bem agora... Perguntou-me se o meu serviço era muito absorvente? Oh, não!... Nomearam-me pajem de quarto, mas já então eu não tomava isso muito a sério. Depois Napoleão perdeu toda a esperança de uma aproximação com os russos; nestas condições passaria também a esquecer-me, visto que me tinha chamado para junto dele por política, se entretanto... se entretanto não me houvesse dedicado uma certa afeição pessoal, digo-o com altivez agora. Por mim era o coração que me arrastava para ele. Não era exigente com o meu serviço; devia apenas aparecer de tempos a tempos no palácio e acompanhar o imperador nos seus passeios a cavalo. E era tudo. Montava então muito bem a cavalo. Estava habituado a dar estes passeios antes do jantar; o seu séquito era formado em geral por mim, Davout, o mameluco Roustan...

— E Constant — acrescentou o príncipe quase sem querer.

— Não, o Constant não ia; tinha ido então levar uma carta à imperatriz Josefina; o seu lugar era ocupado por dois oficiais de ordenança e alguns ulanos polacos... Ia todo o seu séquito, sem falar, bem entendido, nos generais e marechais que Napoleão levava sempre com ele, para os consultar, para estudar o terreno, para estabelecer a disposição das tropas... Se bem me lembro agora, era Davout que passava muito mais tempo junto dele; era um homem alto e corpulento, possuía um grande sangue-frio, usava lunetas e fitava-nos com um ar estranho. Era com ele que o imperador gostava mais de conversar. Apreciava muito as suas ideias. Lembro-me que a certa altura tiveram conferências, dias seguidos; Davout visitava-o de manhã e à tarde; havia entre eles frequentes discussões; por fim Napoleão deu a impressão que ia ceder. Estavam os dois no gabinete; eu também lá estava, mas não faziam caso da minha pessoa. Às vezes e sempre por acaso o olhar de Napoleão fixava-se em mim e um pensamento singular se refletia nos seus olhos: «Rapaz!», disse-me ele bruscamente, «em que pensas? Se me convertesse à religião ortodoxa e libertasse os servos, os russos seguiam-me, não?» «Nunca!», gritei eu, indignado. Napoleão ficou admirado com a minha resposta. «No clarão de patriotismo que passou nos olhos deste rapaz», disse ele, «acabo de ler o sentir de todo o povo russo. Isto basta, Davout. Tudo o resto não passa de fantasia! Mostre-me aquele seu outro projeto».

— No entanto havia uma grande ideia no projeto que pôs de parte — exclamou o príncipe, deveras interessado. — O senhor acredita que esse projeto fosse obra do Davout?

— Pelo menos haviam-no planeado os dois. A ideia partiu sem dúvida de Napoleão, pois era o plano de uma águia. Porém o outro projeto encerrava também uma ideia... Era o famoso «*conseil du lion*», tal como Napoleão chamava a esse projeto do Davout. Consistia em fechar-se no Kremlin com todo o exército e ali construir abarracamentos e redutos fortificados, dispor bem as baterias, matar o maior número de cavalos, para salgar, e tirar ou roubar todo o trigo possível aos habitantes a fim de ter até à primavera. Chegada esta, tentariam abrir passagem através dos russos. O plano seduziu vivamente Napoleão. Dávamos todos os dias passeios a cavalo, à volta das muralhas do Kremlin; indicava então onde era preciso destruir, onde era preciso construir, o local de um posto de observação, de uma bateria, de uma fila de fortins: mostrava golpe de vista, rapidez, decisão!... Tudo foi por fim preparado. Davout insistia por

obter uma resolução definitiva. Encontravam-se a sós comigo. Napoleão voltou a percorrer o quarto, a passos largos, de braços cruzados. Não podia deixar de fitar o meu rosto; o coração batia-me forte. «Eu vou», disse Davout. «Onde?», perguntou Napoleão. «Mandar preparar as rações dos cavalos», respondeu Davout. Napoleão tremia; estava em jogo o seu destino. «Meu rapaz», disse-me ele de súbito, «que pensas do nosso projeto?» Bem entendido, fez me esta pergunta tal como um homem de inteligência superior que toma a sua decisão no último minuto, atirando com a moeda ao ar e perguntando: «cara ou coroa?» Em lugar de responder a Napoleão, voltei-me para Davout e disse-lhe, como se de repente tivesse tido uma inspiração: «Parta, general, parta depressa para o seu país!» O projeto era desastroso. Davout encolheu os ombros e saiu, murmurando: «Ah, tornou-se supersticioso!» No dia seguinte foi dada a ordem de retirada.

— Tudo isso é de um grande interesse — articulou o príncipe em voz baixa — se as coisas se passaram assim... ou antes, quero dizer... — retificou ele, rápido.

O general entusiasmou-se tanto com a sua narrativa, que chegou ao ponto de ficar impossibilitado de recuar ante as maiores impudências.

— Oh, príncipe — gritou ele — o senhor disse: «se as coisas se passaram assim!» Dou-lhe porém a palavra de honra de que a minha narrativa está aquém, muito aquém da realidade! Tudo quanto lhe contei não passa de incidentes políticos de um ínfimo interesse. Repito-lhe porém que fui testemunha das lágrimas e dos soluços desse grande homem, durante a noite. Ninguém pode dizer tanto como eu! É verdade que, para o fim, ele já não chorava! Já não tinha mais lágrimas!... Não fazia mais do que suspirar de tempos a tempos; o rosto enrugava-se-lhe cada vez mais. Diz-se que a eternidade estendia já sobre ele a sua asa sombria. Algumas vezes, à noite, passávamos horas inteiras sozinhos e calados. O mameluco Roustan ressonava no quarto ao lado; é espantoso como este homem tinha o sono pesado! «Pelo contrário, é-me fiel e à minha dinastia», dizia Napoleão ao falar dele. Um dia que eu sentia o coração amargurado, o imperador notou lágrimas nos meus olhos. Olhou-me com enternecimento. «Compadeces-te dos meus desgostos!», exclamou ele. «És o único, e talvez uma outra criança, o meu filho, *le roi de Rome*, que compartilhas das minhas penas; todos os outros me odeiam; quanto a meus irmãos, serão os primeiros a trair-me nos momentos da

adversidade!» Comecei a soluçar e corri para ele; então não pôde conter-se mais; abraçámo-nos e misturámos as nossas lágrimas. «Escreva», disse-lhe eu, chorando, «escreva uma carta à imperatriz Josefina!» Napoleão estremeceu, recuou um pouco e replicou-me: «Vens recordar-me o terceiro coração que me ama! Obrigado, meu amigo!» E logo em seguida escreveu uma carta a Josefina, da qual foi portador, no dia seguinte, Constant.

— O senhor agiu muitíssimo bem — disse o príncipe. — No meio dos maus pensamentos que o assaltavam, o senhor recordou-lhe um bom sentimento.

— Justamente, príncipe! Disse muito bem, levado pelos bons impulsos do seu coração! — exclamou o general, entusiasmado, e, coisa estranha, verdadeiras lágrimas brilharam nos seus olhos. — Sim, príncipe, esse espetáculo tinha uma certa grandeza. E sabe que estive quase para o acompanhar a Paris? Nesse caso tê-lo-ia, com certeza, seguido na sua «deportação para a ilha tropical»; mas, ai, os nossos destinos seguiram caminhos diferentes. Separámo-nos; ele partiu para essa ilha tropical, onde talvez, num minuto de cruel desgosto, se terá lembrado das lágrimas do pobre rapaz que o abraçou e lhe perdoou em Moscovo; por mim, mandaram-me para o corpo de cadetes, onde não encontrei mais que uma rude disciplina e companheiros mal educados... Tudo se desmoronou logo em seguida! No dia da retirada, Napoleão disse-me: «Não quero roubar-te à tua mãe, levando-te comigo. No entanto desejava fazer alguma coisa por ti». Quando estava já a cavalo, pedi-lhe: «Escreva-me uma palavra, como recordação, no álbum da minha irmã!» Disse-lhe isto timidamente, pois estava de semblante carregado e muito agitado. Voltando atrás, pediu-me uma pena e pegou no álbum. «Que idade tem a tua irmã?», perguntou ele com a pena na mão. «Três anos», respondi eu. «É uma criança ainda!», continuou ele. Depois escreveu: *«Ne mentez jamais*. *Napoléon, votre ami sincere*». Um tal conselho, num tal momento!... deve concordar, príncipe...

— Sim, é significativo.

— Essa folha do álbum foi mandada encaixilhar numa moldura dourada; a minha irmã guardou-a toda a sua vida no salão, em lugar de honra. Desde que morreu de uma grave doença... não voltei mais a ver esse autógrafo... mas... Ah, meu Deus, são já duas horas!... Tanto tempo que lhe roubei, príncipe! É imperdoável.

— Pelo contrário — balbuciou o príncipe — estive deveras encantado e... enfim... despertou-me tanto interesse que lhe estou muito reconhecido.

O general apertou de novo, mas sem o magoar, a mão do príncipe. Fitou os seus olhos brilhantes com o ar de um homem que recupera bruscamente a presença de espírito e em cujo pensamento surgiu uma inopinada ideia.

— Príncipe — disse ele — o senhor é tão bondoso e de um espírito tão simples, que me inspira por vezes piedade. Chego a contemplá-lo com enternecimento!... Oh, que Deus o abençoe! Só desejo que a sua vida recomece de novo e floresça... com amor. A minha está terminada. Oh, perdão, perdão!

Saiu precipitadamente, escondendo o rosto entre as mãos. O príncipe não podia pôr em dúvida a sinceridade da sua emoção. Compreendia também que o velho partia entusiasmado com o seu sucesso. Pressentia, não muito claramente, que estivera conversando com um desses fanfarrões que, deleitando-se todo com as suas mentiras, até ao ponto de ele próprio se esquecer delas, não mantém, pelo menos, no melhor do seu entusiasmo, a impressão íntima que não os acreditam, nem podem acreditá-los. Na sua momentânea disposição o velho podia ter-se arrependido com ele próprio; podia ter tido um acesso de vergonha e sentir-se magoado, ao dar a entender ao príncipe que lhe havia testemunhado uma excessiva piedade. «Não terei andado mal, deixando-o exaltar assim?», perguntava a si mesmo, com inquietação. De repente, não podendo conter-se mais, soltou uma grande gargalhada que durou perto de dez minutos. Logo em seguida foi até ao ponto de se sentir pesaroso com esta hilaridade, roas reconsiderou e compreendeu que não tinha nada de que se arrepender, visto a grande consideração que tinha pelo general.

Os seus pressentimentos efetivaram-se. Na tarde desse dia recebeu um estranho bilhete, lacónico, mas perentório. O general comunicava-lhe que não queria relações com ele; no entanto mantinha inalterável a sua estima e reconhecimento, porém, mesmo no que lhe dizia respeito, recusava aceitar «os seus testemunhos de compaixão, humilhantes para a dignidade de um homem já bastante infeliz sem isso».

Quando o príncipe soube que vivia recolhido em casa de Nina Alexandrovna, deixou quase de se preocupar com ele. Mas, como tivemos já a ocasião de ver, o general ia originar um escândalo em casa de Isabel Prokofievna. Não podemos contar aqui esse incidente em todos os seus detalhes; relataremos em duas palavras qual o objeto da sua conversa. Isabel, aterrorizada com as divagações do general, foi dominada por uma

forte indignação, ao ouvi-lo proferir amargas reflexões sobre Gabriel. Expulsaram-no vergonhosamente. Por essa razão passou a noite e a manhã num tal estado de sobre-excitação, que perdendo todo o domínio de si próprio, acabou por se lançar através da rua, quase como um louco.

Kolia, compreendendo apenas uma parte do que se passava, alimentou a esperança de conseguir intimidar o pai.

— Muito bem!... Para onde vamos nós agora? Em que pensa, general? — perguntou ele. — O senhor não quer ir a casa do príncipe; está zangado com o Lebedev; o senhor não tem dinheiro e eu também não tenho nenhum; encontrámo-nos no meio da rua, sem termos nada, e tal como se estivéssemos sobre um monte de favas.

— É mais agradável estar junto de algumas mulheres do que sobre um monte de favas — murmurou o general. — Este calembur valeu-me o mais vivo sucesso no círculo dos oficiais, em 44... Sim, em mil... oitocentos... e quarenta e quatro!... Não me recordo bem... Ah, nada dizes... «Onde está a minha juventude? Onde está a minha frescura?», como se dizia... Quem é que dizia isto, Kolia?

— É uma citação de Gogol, das *Almas Mortas,* meu pai — respondeu Kolia, fitando o pai com um olhar inquieto.

— As *Almas Mortas?* Ah, sim! Quando me enterrares manda inscrever na minha campa: «Aqui jaz uma alma morta! O opróbrio seguiu-o por toda a parte!» Que dizes a isto, Kolia?

— Não digo nada, meu pai.

— Ieropiegov não existiu! Ierochka Ieropiegov — exclamou ele, num tom de desesperado, no meio da rua. — E é o meu filho, o meu próprio filho que me faz este desmentido! Ieropiegov, que foi durante onze meses um verdadeiro irmão para mim e para aquele com quem me bati em duelo... Um dia o príncipe Vygoretski, nosso capitão, disse-lhe, enquanto bebíamos: «Tu, Gricha, desejas muito saber onde perdeste a cruz de Santa Ana? Foi nos campos de batalha da minha Pátria, foi aí que a perdeste!» Eu então gritei: «Bravo, Gricha!» Pois bem! Isto foi a causa de um duelo. Depois ele desposou Maria Petrovna Sou... Soutouguine e foi morto mais tarde no campo da batalha. Uma bala ricocheteou sobre a cruz que eu trazia no peito e foi feri-lo no rosto. «Não o esquecerei nunca!», exclamou ele e caiu morto. Eu... eu tenho servido com honra, Kolia; tenho servido nobremente, mas o opróbrio, «o opróbrio persegue-me por toda a parte!» A tua mãe e tu ireis ver a minha campa. «Pobre Nina!» Era assim que eu a

chamava outrora, e isto dava-lhe prazer. Nina! Nina, que fiz eu da tua existência? Como podes amar-me, alma resignada! A tua mãe tem a alma de um anjo, Kolia... Ouviste bem? A alma de um anjo!

— Eu sei... Meu querido pai, voltemos para casa, para junto da mãe! Ela pretendeu correr atrás de nós. Porque hesita? Dir-se-ia que o senhor não compreende... Vamos, meu bom pai! Que tem, para estar a chorar?

O próprio Kolia chorava também e beijou as mãos do pai.

— Tu beijas-me as mãos, a mim!

— Ao senhor, sim! Que tem isso de extraordinário? Vamos!... Porque se põe a soluçar em plena rua, o senhor, um general, um homem de guerra! Venha comigo.

— Que Deus te abençoe, meu filho, pelo respeito que continuas a ter por este desprezível velho, que é teu pai, não obstante o opróbrio, o opróbrio que me cobre... Oxalá tenhas um filho que se pareça contigo... *Le roi de Rome!* Oh, «a maldição caia sobre esta casa!»

— Mas que se passa então? — exclamou Kolia, encolerizado. — Que aconteceu? Porque não quer voltar para casa? O pai perdeu a razão?

— Eu te explicarei, eu te explicarei... Dir-te-ei tudo; não grites, se queres compreender... *Le roi de Rome!...* Oh, sinto-me aborrecido e triste. *«Minha ama, onde está o teu túmulo?»* Que dizes a isto, Kolia?

— Não sei, não sei o que quer dizer com isso. Vamos sem demora para casa, vamos! Farei o Gabriel em pedaços, se assim for preciso… Mas onde vai ainda?

O general arrastou-se para o portão de uma casa vizinha.

— Onde vai? Essa casa não é a nossa!

O general sentou-se perto do portão e arrastou Kolia, pelos braços, para junto dele.

— Chega-te para mim! Chega-te para mim — murmurou ele. — Dir-te-ei tudo... A minha vergonha... Chega-te para mim... Aproxima os ouvidos... Dir-te-ei isto ao ouvido...

— Que tem? — gritou Kolia, espantado, mas sem deixar de aproximar o ouvido.

— *Le roi de Rome*!... — articulou o general, que parecia também todo trémulo.

— O quê? Para que está sempre a falar do rei de Roma? Que quer isso dizer?

— Eu... eu... — balbuciou de novo o general, agarrando-se cada vez mais ao ombro do «seu pequeno» — eu... quero... eu quero tudo... Maria, Maria... Petrovna Sou... Sou... Sou...

Kolia libertou-se dos seus braços, agarrou-o pelos ombros e fitou-o com um ar apalermado. O velho tornara-se vermelho, os lábios azularam-se-lhe e ligeiras convulsões crisparam-lhe o rosto. De repente perdeu as forças, curvou-se e caiu docemente nos braços de Kolia.

— Um ataque apoplético! — gritou Kolia, de forma tal que ecoou por toda a rua.

Acabava por fim de compreender a realidade.

Capítulo 5

Para dizer a verdade, Bárbara, ao conversar com o irmão, havia exagerado um pouco a precisão das suas informações sobre o noivado do príncipe com a Aglaé. Talvez, como mulher perspicaz que era, tivesse adivinhado o que ia passar-se num futuro próximo. Ou talvez também, despeitada por ver evaporar-se um sonho (no qual nunca havia na realidade acreditado) não pudesse esquivar-se à satisfação bem humana de exagerar esta desgraça e de verter mais uma gota de fel no coração do irmão, se bem que tivesse por ele um sincero afeto e simpatia. Em todo o caso não podia ter recebido das suas amigas, as meninas Epantchine, informações tão precisas; tudo se limitara a alusões, a frases inacabadas, a silêncios, a enigmas. Por outro lado, talvez também as irmãs da Aglaé tivessem arriscado intencionalmente uma indiscrição para conseguirem qualquer inconfidência da Bárbara. Enfim, e o que é mais de acreditar, é que se tivessem dado ao prazer, muito feminino, de troçar um pouco da sua amiga, apesar de ter sido uma companheira das suas brincadeiras de infância. De uma forma ou de outra não podiam deixar de ter entrevisto, ao fim de tanto tempo, alguma coisa, pelo menos, nas intenções do procedimento de Bárbara.

No que diz com respeito ao príncipe, talvez ele também estivesse em erro, devido à sua boa fé, quando afirmava ao Lebedev que nada tinha para lhe comunicar e que nada de especial havia sobrevindo na sua vida. Na realidade, cada um deles se encontrava na presença de um singular fenómeno: nada havia acontecido, e no entanto tudo se passava, como se alguma coisa de muito importante se tivesse dado. O facto é que, movida pelo seu seguro instinto de mulher, Bárbara tinha adivinhado.

É na verdade muito difícil de expor, logicamente, como é que todos os membros da família Epantchine tiveram, no mesmo instante, o comum pensamento de que um acontecimento importante se ia dar na vida de Aglaé e portanto decidir-se o seu futuro. Porém, logo que esta ideia se assenhoreou do seu pensamento, todos convieram em que há muito tempo já tinham encarado e previsto claramente essa eventualidade, tornada

evidente desde o incidente do «cavaleiro pobre» e até antes mesmo; apenas se recusaram então a acreditar num tal absurdo.

Era isto que afirmavam as irmãs de Aglaé. Diga-se de passagem que a Isabel havia adivinhado e compreendido tudo, muito antes dos outros; o próprio «coração tudo previu com amargura». No entanto, quer essa perspicácia lhe tenha sobrevindo há muito ou pouco tempo, o príncipe não despertou no seu espírito mais do que uma ideia displicente, um pouco embaraçado pela razão. Havia nisto um ponto a resolver imediatamente; ora esse ponto, a infeliz Isabel, não só não o podia resolver, como ainda não chegava mesmo a pô-lo com nitidez. O caso era delicado: «O príncipe era ou não um bom partido? O assunto em questão era bom ou mau? Se era mau (o que parecia fora de dúvida) qual era a razão? Se era bom (o que era igualmente possível) sobre que se baseavam para o julgar assim?»

O chefe da família, Ivan Fiodorovitch, começou, bem entendido, por manifestar a sua admiração, confessando em seguida que, «na verdade, havia também notado qualquer coisa desse género, nestes últimos tempos, se bem que com intermitências!» Sentindo pesar sobre ele o olhar severo da esposa, calou-se; sobre este assunto falou apenas pela manhã, porque à tarde, encontrando-se frente a frente com ela, apressou-se logo a dar explicações. Proferia então, com uma certa elevação, algumas reflexões inesperadas: «No fundo, de que se trata? (Uma pausa). Tudo isto é sem dúvida bastante estranho, se de facto é verdade, o que eu não quero contradizer, mas... (nova pausa). Por um lado, e considerando as coisas como deve ser, o príncipe é um bom rapaz, não haja dúvida! E quando não, vejamos: o seu nome pertence à nossa família; tudo isto conseguirá fazer realçar, de qualquer maneira, o nosso patronímico, desconsiderado aos olhos de toda a gente, colocando-se, bem entendido, debaixo deste ponto de vista, porque... Enfim, o mundo, o mundo é o mundo. Além disso suponho que o príncipe não tem uma grande fortuna, mas possui o bastante. Tem... e… e…»

A este respeito Ivan Fiodorovitch pôs termo à sua eloquência, parando de repente.

Esta maneira de ver de seu marido fê-la perder a calma e exaltar-se muitíssimo. Em seu entender tudo quanto se tinha passado era «uma loucura imperdoável e até mesmo criminosa, uma fantasmagoria absurda e inepta». Para já, «o estranho príncipe é um doente, um idiota; além disso é um imbecil que não conhece o mundo nem sabe qual é o lugar que deve

ocupar. A quem se pode apresentar? Onde levá-lo? É um inconveniente democrata, desprovido de todo o grau hierárquico e depois que diria a Bielokonski? E será este o marido que temos idealizado para a Aglaé?» Este último argumento era sem dúvida decisivo. O seu coração de mãe sangrava e tremia ante este pensamento, que lhe provocava lágrimas, se bem que neste mesmo instante uma voz, subindo-lhe do coração, dizia-lhe: «Que falta ao príncipe para se tornar um partido aceitável?» Eram as objeções da sua própria consciência, que davam a Isabel o maior cuidado.

As irmãs de Aglaé não viam com maus olhos o projeto do casamento com o príncipe; não lhe encontravam mesmo nada de estranho; teriam até desde logo dado o seu apoio a tal resolução, se não houvessem prometido manter-se caladas. Desde sempre se tinha notado, entre as pessoas das relações da Isabel, que quanto mais insistência e obstinação punha em combater esse projeto familiar, em discussão, mais se era levado a supor que no seu íntimo já havia concordado com tal projeto.

Alexandra Ivanovna não podia deixar de ter qualquer coisa a dizer. Desde há muito a mãe, habituada a tomá-la por conselheira, recorria a ela para ouvir a sua opinião e sobretudo os seus conselhos: «Como é que as coisas chegaram até este ponto? Como é que ninguém tinha dado conta ainda? Porque não tinham falado ainda nisto? Que significa esse infeliz gracejo do «cavaleiro pobre»? Porque é que só ela, a Isabel, estava condenada a preocupar-se com todos, observando tudo, adivinhando tudo, enquanto as outras passavam a vida a olhar para o ar?» etc., etc.

Alexandra manteve-se, neste assunto, reservada e contentou-se em notar que era da mesma opinião de seu pai, no ponto em que ele dizia que o casamento do príncipe Míchkin com uma Epantchine devia ser considerado por todos como uma grande honra. Pouco a pouco animou-se, até afirmar que o príncipe não era um «imbecil», nem nunca o tinha sido; quanto à sua posição social, ninguém podia prever como seria julgado, dentro de alguns anos, o valor de um homem na Rússia, nem se esse valor dependeria dos sucessos de uma carreira oficial, ou se teria até outra base de apreciação. Sobre este ponto a mãe replicou logo, e vivamente, que Alexandra «era uma livre pensadora, e tudo isso devido à maldita questão feminina». Meia hora depois saiu da sua «vila» e dirigiu-se a Kamenny Ostrov para ver Bielokonski, que acabava de chegar a S. Petersburgo e onde contava demorar-se poucos dias. Bielokonski era a madrinha de Aglaé.

Esta «velha dama» escutou todas as confidências febricitantes e desesperadas da Isabel, mas longe de ser a que mais se comoveu com as lágrimas e as angústias maternais da visitante, olhou-a antes com um ar zombeteiro. O seu caráter era singularmente despótico; não podia admitir, no mesmo pé de igualdade, as pessoas a que estava ligada, mesmo por uma amizade de longa data. Tratava pensadamente a Isabel por *protégée*, como ela tinha feito trinta e cinco anos antes, e não podia habituasse às suas atitudes de independência e aos seus modos bruscos. Observou, entre outras coisas, que «essas senhoras pareciam ter, como sempre, exagerado as coisas *e* feito de uma mosca um elefante»; o que acabava de ouvir não era o bastante para a convencer de que um acontecimento sério havia de facto ocorrido; não seria melhor esperar e ir observando? O príncipe, em seu entender, era «um homem muitíssimo sério, se bem que doente, extravagante e de uma excessiva nulidade. O pior, para ela, é que toda a gente sabia que ele tinha uma amante». Isabel compreendeu muito bem que Bielokonski estava magoada com o insucesso obtido por Pavlovitch a despeito da sua recomendação.

Regressou o Pavlovsk ainda mais irritada do que havia partido, o que revelou logo aos seus, dizendo-lhe que «haviam perdido a cabeça», que ninguém conduzia as suas questões daquela maneira, que só se via aquilo na sua família. «Porquê esta pressa? Que se passou? Por melhor que procure, não encontro nenhuma razão para pensar que alguma coisa na verdade se passou! Esperai pelo decorrer dos acontecimentos. Tantas coisas podem atravessar o espírito do Ivan. Será preciso fazer de uma mosca um elefante?» etc., etc.

A conclusão a tirar é que era preciso acalmar-se, encarar friamente a situação e esperar com paciência. Porém a calma não durou mais que dez minutos. O relato do que se havia passado, enquanto tinha ido a Kamenny Ostrov, foi a causa de uma primeira falta ao prescrito sangue-frio. A visita de Isabel à princesa Bielokonski teve lugar pela manhã; foi na noite seguinte que o príncipe visitou as Epantchine à meia-noite, supondo que ainda não eram dez horas. Interrogadas febrilmente a tal respeito pela mãe, as irmãs de Aglaé contaram-lhe tudo com os menores detalhes. Começaram por lhe dizer «que não se tinha passado nada»; o príncipe chegou; a Aglaé fê-lo esperar uma meia hora antes de se mostrar; logo que entrou na sala propôs-lhe para jogarem uma partida de xadrez; o príncipe não conhecia nada do jogo, por isso ganhou-lhe num abrir e fechar de

olhos; sorriu de satisfação com este sucesso e tê-lo-ia envergonhado da sua ignorância, assim como se teria rido também, se não tivesse sentido piedade ao olhar para ele. Em seguida propôs-lhe para jogarem uma partida de cartas, o jogo «dos tolos». Desta vez porém deu-se o inverso; o príncipe era tão forte neste jogo que se comportou como... como um mestre. Tinha para este jogo uma verdadeira maestria. Aglaé fez batota, trocou as cartas e alterou as vazas, mas perdeu em cada partida. Jogaram cinco. Ficou tão furiosa que, perdendo toda a calma, proferiu contra o príncipe palavras tão mordazes e tão impertinentes que este deixou de rir e tornou-se mesmo muito pálido, ouvindo-a dizer: «não porei mais os pés nesta sala enquanto o senhor aqui estiver. Foi mesmo uma afronta da sua parte vir-nos visitar, e para mais à meia-noite, *depois do que se passou*». Dito isto, saiu, batendo a porta com força. O príncipe partiu também logo em seguida, com uma cara de enterro, apesar de todas as boas palavras de conforto das irmãs de Aglaé.

Um quarto de hora após a sua partida, esta desceu bruscamente do andar superior ao terraço; a sua precipitação foi tal, que não teve mesmo tempo para limpar os olhos, onde se viam ainda restos de lágrimas. Tinha vindo tão depressa, porque Kolia acabava de trazer um ouriço. Todos se puseram a admirar o pequeno animal; em resposta a uma pergunta, Kolia explicou-lhes que o animal não lhe pertencia, mas sim a um seu companheiro de colégio, Kostia Lebedev, o qual o comprara, juntamente com um machado, a um camponês que haviam encontrado. Kostia ficara na rua, porque não se atrevera a entrar com o machado. O camponês só queria vender o ouriço, pelo qual pediu cinquenta *kopeks*, porém convenceram-no a desfazer-se também do machado, que podia ser-lhes útil. Tinham-no agora muito bem-acondicionado.

Aglaé suplicou logo a Kolia para lhe vender o ouriço; insistiu de tal forma, que foi até ao ponto de lhe chamar: «querido Kolia». Este não acedeu durante algum tempo, mas por fim, não podendo resistir, chamou Kostia Lebedev. Subiu logo, trazendo o machado na mão e mostrando um ar de amargurado. Declarou então que o ouriço não lhe pertencia, mas sim a um seu colega, Petrov, que lhe entregara uma certa importância para lhe comprar a *História,* de Schlosser. Esta história pertencia a um outro seu colega, que procurava vendê-la por baixo preço. Dirigindo-se para casa desse colega, deixaram-se tentar no caminho, comprando o ouriço, de forma que em lugar da *História,* de Schlosser, levavam a Petrov o animal e

o machado. Aglaé porém insistiu com tanta obstinação que acabaram por ceder e vender-lhe o ouriço. Depois de com tanta dificuldade se ter apoderado do animalzinho, instalou-o, com a ajuda de Kolia, numa cesta de verga, cobriu-o com um guardanapo e encarregou o colegial de o levar, da sua parte e sem demora, a casa do príncipe, pedindo-lhe para aceitar este presente «em testemunho da sua profunda estima». Kolia encarregou-se com satisfação desta missão, prometendo levá-la a bom termo, mas apressou-se a perguntar o que queria dizer aquele presente e qual era o significado do ouriço. Respondeu-lhe que nada queria dizer. Ele por sua vez ripostou-lhe que um tal presente devia ter qualquer sentido alegórico. Ela zangou-se e disse-lhe que não passava de um atrevido, não tendo mais explicações a dar-lhe. Replicou-lhe logo, declarando-lhe que, se não tinha respeito por ela própria e se os seus princípios eram aqueles, ia mostrar-lhe dentro em breve como sabia responder a uma tal ofensa. Desobrigou-se por isso da sua missão com muito menos entusiasmo, levando, acompanhado pelo Kostia Lebedev, o ouriço a casa do príncipe. Aglaé não lhe ficou com rancor; vendo-o abanar, com força, a cesta, gritou-lhe do terraço: «Meu bom Kolia, peço-lhe, encarecidamente, para não o deixar cair!» Kolia pareceu não se lembrar que acabavam de ter uma pequena arrelia: «Não, não o deixarei cair, Aglaé! Pode estar sossegada!» E partiu a toda a velocidade. Aglaé soltou uma gargalhada e subiu, rápida, para o seu quarto; estava radiante e manteve esse bom humor durante todo o dia.

Estas notícias perturbaram Isabel. Dava a impressão de nunca até aqui se ter perturbado. Porém era tal o seu estado de espírito, que lhe fazia ver as coisas de uma forma diferente. A sua inquietação atingiu um alto grau e o que a tornou ainda maior foi o ouriço. Que significava ele? Não seria um sinal convencionado? Um sinal subentendido? Mas que queria ele dizer? Seria uma espécie de telegrama? O pobre Ivan Fiodorovitch, que assistira ao interrogatório das filhas, acabou de a perturbar, por completo, com a sua resposta. Para ele, não via no presente nenhuma mensagem convencional. «O mais simples», disse ele, «é pensar que um ouriço é um ouriço e nada mais. Pode ser de facto um símbolo de amizade, o esquecimento das ofensas e a reconciliação, uma rápida facécia, sem deixar de ser inocente e trivial».

Notamos, entre parênteses, que o general estava dentro da verdade. Reentrando em casa, depois de ter sido insultado e expulso por Aglaé, o príncipe entregou-se durante uma meia hora ao mais estranho desespero;

no final viu aparecer de repente Kolia com o ouriço. O céu pareceu iluminar-se de súbito ante os seus olhos; dir-se-ia que voltava de novo à vida. Interrogou Kolia, ficando suspenso dos seus lábios, ao fazer-lhe por dez vezes a mesma pergunta, rindo como uma criança, apertando, a propósito de tudo, as mãos dos dois colegiais, que riam também e o olhavam muito satisfeitos. Um ponto estava assente: Aglaé perdoava-lhe e por isso era-lhe permitido voltar a casa dela nessa mesma tarde; isto era para ele mais que o essencial, era tudo.

— Dizem que somos ainda crianças, Kolia! E... e… quanto é bom ser criança! — acabou por exclamar, no meio do seu regozijo.

— Ela está simplesmente apaixonada pelo senhor, e é tudo!... — objetou Kolia num tom autoritário e todo cheio de importância.

O príncipe corou, mas desta vez não proferiu uma palavra. Kolia começou a rir-se e a bater as mãos; ao fim de um instante o príncipe compartilhou da sua alegria e desde esse momento, até à tarde, consultou o relógio a cada cinco minutos, para ver quanto tempo havia decorrido e quanto lhe faltava ainda esperar.

Entretanto a inquietação de Isabel ia-se tornando maior, se era possível; mal podendo conter-se, estava chegada ao ponto de ter uma crise de nervos. A despeito das objeções do marido e das filhas, mandou imediatamente procurar Aglaé a fim de lhe fazer uma última pergunta e obter uma resposta clara e decisiva. «É preciso acabar de uma vez para sempre com esta questão e não voltar mais a falar nela!... A não ser assim», acrescentou ela, «deixarei de viver aqui desde esta tarde!» Foi só então que compreendeu até que embrulhado ponto as coisas haviam chegado. Foi impossível obter de Aglaé uma só palavra: simulou um concentrado espírito, um acesso de indignação, depois riu-se, em sonoras gargalhadas, e zombou do príncipe como de todos aqueles que a interrogavam. Isabel meteu-se na cama e só reapareceu à hora do chá, no momento em que supunham que o príncipe chegasse. Palpitava de emoção ao aguardar a sua chegada, e quando ele se apresentou, esteve prestes a ter um outro ataque de nervos.

Quanto ao príncipe, entrou com ar tímido, como alguém que avança a medo; mostrou um sorriso estranho, olhando todas as pessoas presentes, e parecia-lhe perguntar-lhes porque é que Aglaé não estava junto deles. Ficou consternado ao notar, logo de entrada, que a moça não estava presente. Estava apenas a família; não havia nenhum estranho. O príncipe

Stch… continuava em S. Petersburgo devido às questões, relativas ao falecimento do tio de Eugénio Pavlovitch. Isabel deplorou a sua ausência. «Teria com certeza encontrado alguma coisa para dizer se ela ali estivesse!» Ivan tinha um aspeto de profundamente inquieto. As irmãs de Aglaé estavam preocupadas e caladas, como se tivessem perdido a fala. Isabel não sabia porque lado principiar a conversa. Bruscamente descarregou a sua indignação, falando a propósito dos caminhos de ferro e olhou o príncipe com uma expressão de desafio.

Ah, Aglaé não aparecia e o príncipe sentia-se perdido. Desconcertado e balbuciante, tentou exprimir a ideia de que havia o maior interesse e desejo em melhorar a rede ferroviária, porém Adelaide começou logo a sorrir-se, o que fez com que de novo se sentisse perturbado. Neste momento Aglaé entrou com um ar calmo e grave. Fez ao príncipe uma saudação toda cerimoniosa e foi sentar-se, com uma lentidão solene, no lugar mais em destaque à volta da mesa redonda. Fitou o príncipe com um olhar interrogador. Todos compreenderam que estava chegado o momento de dissipar os mal-entendidos.

— O senhor recebeu o meu ouriço? — perguntou ela num tom firme e quase irritado.

— Recebi, sim — respondeu ele, corando e sentindo-se desfalecer.

— Explique-nos, sem delongas, o que pensa. É indispensável, para sossego da minha mãe e de toda a nossa família.

— Então Aglaé…? — interrompeu bruscamente o general, inquieto.

— Isto ultrapassa todas as medidas! — exclamou Isabel num movimento de pavor.

— Não se trata aqui de ultrapassar todas as medidas, minha mãe — replicou ela com vivacidade. — Mas dei hoje um ouriço ao príncipe e desejo saber a sua maneira de pensar. Estou a ouvi-lo, príncipe.

— Que quer dizer com a minha maneira de pensar, Aglaé?

— Mas… a respeito do ouriço.

— Ou por outras palavras... presumo, Aglaé, que deseja saber como recebi... o ouriço... ou melhor ainda, como compreendi... a sua resolução de me mandar... um ouriço; neste caso, suponho... que uma palavra...

Não pôde continuar e calou-se.

— Muito bem!... Ainda não disse grande coisa!... — concluiu Aglaé depois de uma pausa de cinco segundos. — Em virtude do que diz, concordo que deixemos de lado o ouriço. No entanto tenho vontade de

conseguir pôr termo a todos os mal-entendidos que se têm vindo a acumular. Permita-me que eu própria lhe pergunte, se tem ou não a intenção de me pedir em casamento?

— Oh, meu Deus! — exclamou Isabel.

O príncipe estremeceu e teve um movimento de recuo. Ivan ficou como que petrificado. As duas irmãs de Aglaé franziram as sobrancelhas.

— Não minta, príncipe, diga a verdade! Por causa do senhor importunam-me com estranhas perguntas. Estas perguntas devem ter uma certa razão de ser, não lhe parece? Fale!...

— Não a pedi ainda em casamento, Aglaé — respondeu o príncipe, animando-se bruscamente — mas... a senhora sabe muito bem até que ponto a amo e que confiança deposito em si... mesmo neste momento...

— Fiz-lhe uma pergunta: o senhor pensa ou não em pedir a minha mão?

— Peço-lha agora — respondeu ele numa voz que mal se ouviu.

Estas palavras produziram uma profunda sensação na assistência.

— Não é assim que estas coisas se tratam, meu caro amigo — declarou Ivan, deveras emocionado. — É... é quase impossível que quisesses chegar a este ponto, Aglaé... Desculpe, príncipe, desculpe, meu caro amigo!... Isabel... — acrescentou ele, chamando por sua mulher, como quem chama por socorro. — É preciso... observar melhor...

— Não faço isso! Não faço isso! — exclamou Isabel com um gesto de repugnância.

— Permita-me, minha mãe, que intervenha também na questão; suponho que me assiste o direito de interferir em assunto deste género; trata-se de um ponto capital da minha vida. — Esta foi a própria expressão empregada por Aglaé. — Quero saber com quem posso contar e sinto-me feliz por os ter a todos como testemunhas... Deixe-me então perguntar-lhe, príncipe, de que forma conta assegurar a minha felicidade, se o senhor «alimenta tais intenções»?

— Na verdade não sei como responder-lhe, Aglaé, não sei que resposta possa dar a semelhante pergunta. E depois... será necessário?

— O senhor parece perturbado e opresso; descanse um instante e recupere as suas forças; beba um copo de água; se quer, vou já buscar-lhe uma chávena com chá?!

— Amo-a, Aglaé, amo-a muito; amo-a apenas a si e... Não graceje, peço-lhe, pois amo-a muito.

— Mas isto é uma questão muito importante: não somos já crianças e é preciso tratar as coisas de uma forma positiva... Queira explicar-nos agora em que consiste a sua fortuna...

— Então, então, Aglaé!... Em que pensas? Isto não pode ser assim, na verdade... — balbuciou Ivan com um ar consternado.

— Que vergonha! — murmurou Isabel, em alta voz, de forma a ser ouvida.

— Está tola — acrescentou Alexandra no mesmo tom.

— A minha fortuna... quer dizer, o meu dinheiro? — perguntou o príncipe, surpreso.

— Precisamente.

— Tenho... tenho neste momento cento e trinta e cinco mil *rublos* — murmurou o príncipe, corando.

— Só isso? — exclamou Aglaé com franqueza e sem poder ocultar o seu desapontamento. — Mas para agora isso pouco importa; sei que o senhor é económico... Tem a intenção de se empregar?

— Pretendo fazer exame para professor...

— Excelente ideia; é um meio certo de aumentar os nossos recursos. Pensa tornar-se um gentil-homem da corte?

— Gentil-homem da corte? Nunca pensei nisso, mas...

Desta vez as duas irmãs não puderam deixar de rir alto. Quase desde o princípio que Alexandra tinha notado umas certas contrações nervosas no rosto de Aglaé, sinais evidentes de riso, que se esforçava por conter, mas que não tardaria a ecoar de uma maneira irresistível. Aglaé quis tomar um ar ameaçador, em face da hilaridade das irmãs, mas não pode conter-se um segundo mais e entregou-se a um acesso quase convulso de louco riso. Por fim levantou-se de um salto e saiu do quarto, correndo.

— Já sabia que tudo isto acabaria por estas gargalhadas — disse Adelaide. — Tinha previsto isto desde o primeiro momento, desde a história do ouriço...

— Não, não permito isto!... não permito isto! — vociferou Isabel num súbito acesso de cólera, correndo também atrás de Aglaé.

As filhas seguiram-na da mesma forma. Na sala ficou apenas o príncipe e o chefe da família.

— Ouça, León, o senhor tinha pensado num tal desfecho? — perguntou o general num tom brusco, mas sem parecer saber ele próprio o que ao certo queria dizer. — Não, isto não está bem, parece-me?!

— Vejo que a Aglaé quis zombar de mim — objetou o príncipe com tristeza.

— Espere, meu amigo, eu vou ver; o senhor fique aqui... porque... Explique-me, pelo menos, León, como é que tudo isto sucedeu e o que quer dizer esta questão, por assim dizer, no seu conjunto? Como sabe o meu amigo, sou o pai; pois apesar disso não compreendo nada; peço-lhe portanto para me explicar!

— Amo a Aglaé; ela sabe-o, segundo creio, desde há muito.

O general encolheu os ombros.

— É estranho, muito estranho!... E ama-a muito?

— Amo-a muito!

— É estranho!... tudo isto é bastante estranho. Não esperava uma tal surpresa, um tão imprevisto acontecimento!... Não é, meu caro amigo, não é a sua fortuna que me preocupa (ainda que a suponho mais avultada) mas... penso na felicidade da minha filha... enfim... é capaz, por assim dizer, de fazer a... sua felicidade? E depois... de que se trata: de uma brincadeira da sua parte, ou de uma declaração sincera? Da sua pessoa, nem falo; mas da parte dela?

Nesta altura ouviu-se atrás da porta a voz da Alexandra. A moça chamava pelo pai.

— Espere, meu amigo, espere por mim. Espere e vá refletindo. Eu volto já... — disse ele rápido, apressando-se por acorrer ao chamamento da filha.

Encontrou sua mulher e sua filha, chorando, nos braços uma da outra. Eram lágrimas de vergonha, de felicidade e de reconciliação. Aglaé beijava as mãos, as faces e os lábios da mãe; as duas abraçavam-se com efusão.

— Olha, Ivan, olha-a agora; é ela, ela toda inteira! — exclamava Isabel.

Aglaé levantou, até então apoiado ao peito da mãe, o rosto banhado de lágrimas, mas radiante de alegria; olhou depois o pai, soltou uma sonora gargalhada e correu para ele; estreitando-o entre os seus braços, abraçou-o por várias vezes. Em seguida voltou de novo para junto da mãe, escondeu de novo o rosto no seu peito, de forma que ninguém lho visse, e voltou a chorar. Isabel tapou-a com a ponta do seu xaile.

— Antes assim!... Prega-nos cada susto, meu diabrete! Às vezes és bastante mazinha! — disse ela, mas desta vez com uma certa expressão de

alegria e como se respirasse mais livremente.

— Mazinha! Sim, mazinha! — exclamou desde logo Aglaé. — Sou uma filha mazinha, uma moça endiabrada! Diga-o ao pai... Ah, está aqui!... O pai está aqui? Então ouviu tudo! — concluiu ela, rindo, por entre as lágrimas.

— Minha querida! Minha adorada! — disse o general, num transporte de alegria. Beijando a mão da filha, o que ela deixou fazer, perguntou: — Então amas... esse jovem rapaz?

— Não, não e não! Não o posso suportar... a esse seu jovem rapaz!... Não o posso suportar! — vociferou de súbito, levantando a cabeça. — Peço-lhe para não dizer mais uma coisa dessas, uma vez que seja!... Estou a falar-lhe seriamente, meu pai!... muito seriamente!

Falava de facto verdade; estava muito corada e os olhos fulguravam-lhe. O pai, aterrorizado, calou-se, mas atrás de Aglaé, Isabel fazia-lhe sinais; compreendeu o que esses sinais queriam dizer: «Não questiones».

— Se é assim, meu anjo, far-se-á como te agradar; faça-se a tua vontade. Está sozinho, à tua espera; não seria melhor fazer-lhe ver delicadamente que se deve ir embora?

O general fez nesta altura, com os olhos, um sinal de inteligência, a sua mulher.

— Não, não, é inútil. Esse «delicadamente» é demasiado. Vá indo o senhor; eu irei logo, depois. Quero pedir perdão a esse... jovem rapaz, porque o ofendi.

— Ofendeste-o mesmo gravemente — observou Ivan com um ar sério.

— Então... é melhor que fiquem todos aqui; para já irei eu só, e depois irá cada um por sua vez. É preferível fazer assim...

Estava já no limiar da porta, quando deu meia volta.

— Parece que me vou rir!... Estourarei com vontade de rir — declarou ela tristemente.

Logo em seguida voltou-se de súbito e correu ao encontro do príncipe.

— E agora, que significa tudo isto? Que pensas disto? — perguntou rápido, Ivan.

— Tenho medo de o dizer — respondeu Isabel, no mesmo tom precipitado. — Mas não poderia encontrar uma coisa muito melhor?

— Que Deus a abençoe, se este tem de ser o seu destino! — observou a Isabel, benzendo-se com toda a devoção.

— É o seu destino, disseste bem — confirmou o general. — E não escapa a esse destino!

Voltaram todos ao salão, onde uma nova surpresa os esperava.

Não só Aglaé não se tinha rido, como supunha, quando se aproximasse do príncipe, mas ainda foi com um certo ar de timidez que lhe dirigiu a palavra:

— Perdoe a uma jovem moça, tola e desmiolada, a uma estouvada — nesta altura agarrou-lhe a mão — e pode crer que temos todos pelo senhor um grande respeito. Se me atrevi a zombar um pouco da sua bela... da sua boa candura, não considere isso mais do que uma brincadeira de garoto. Perdoe-me o ter insistido numa asneira que espero, sem dúvida, não tenha a menor consequência...

Aglaé sublinhou estas últimas palavras com uma especial entoação.

O pai, a mãe e as irmãs entraram nesta altura: assistindo ao final da cena e ouvindo a última frase, a qual os deixou surpresos: «uma asneira que espero, sem dúvida, não tenha a menor consequência…» Ficaram ainda mais impressionados com o tom sério com que Aglaé a proferiu. Interrogaram-se com os olhos; no entanto o príncipe não tinha o aspeto de haver compreendido e estava radiante.

— Por que fala assim? — murmurou ele. — Porque é que a senhora... me pede... perdão?

Queria mesmo acrescentar que não era digno de que lhe pedisse perdão. Quem sabe?... Talvez tivesse alcançado o sentido da frase, sobre a «asneira que espero não tenha a menor consequência»; porém a sua disposição de espírito era tão estranha, que talvez estas palavras o tivessem cumulado de alegria. Sem dúvida alguma havia atingido o cúmulo da felicidade ante a ideia de que poderia voltar a ver Aglaé, que lhe seria permitido falar com ela, de ficar a seu lado, de passear na sua companhia... Talvez esta perspetiva o satisfizesse por toda a sua vida... (Isabel parecia também, por instinto, duvidar deste humor acomodatício que adivinhava nele; sentia ainda bastantes outras apreensões íntimas, que não se sentia capaz de exprimir).

Seria difícil de descrever o grau de entusiasmo e de satisfação de que o príncipe deu provas essa tarde. Estava tão alegre, que a sua alegria se comunicou a todos aqueles que o rodeavam; isto o disseram depois as irmãs de Aglaé. Mostrou-se falador, o que não lhe sucedia desde há seis meses, desde aquela manhã em que travou relações com as Epantchine.

Logo após a sua chegada a S. Petersburgo, tornou-se evidente que tomara o delirado propósito de se fechar no seu mutismo. Pouco tempo antes dessa reunião havia dito ao príncipe Stch…, diante de toda a gente, que se sentia na obrigação de se manter calado, porque não tinha o direito de humilhar o seu pensamento com a sua maneira de se exprimir. Foi quase o único que falou durante toda a noite. Estava deveras verboso e respondia a todas as perguntas com clareza, bom humor e prolixidade. Em nenhum ponto da sua conversa deixou perceber os seus sentimentos amorosos; emitia apenas pensamentos graves, algumas vezes mesmo incompreensíveis. Expôs também alguns dos seus pontos de vista e observações pessoais; tudo isto teria sido bastante ridículo, se não tivesse sido expresso em termos «muito escolhidos», conforme os assistentes concordaram mais tarde.

Era fora de dúvida que o general gostava muito dos temas de conversa, sérios; todavia Isabel e ele encontraram, em seu entender, os do príncipe muito ponderados, a tal ponto, que a sua fisionomia tomou no final da reunião uma expressão de desagrado.

O príncipe porém animou-se de tal forma que acabou por contar algumas anedotas bastante engraçadas, das quais era ele o primeiro a rir-se; os seus ouvintes fizeram outro tanto, não bem por causa das anedotas, mas sim devido ao seu contagioso riso.

Quanto a Aglaé, mal abriu a boca durante a noite; pelo contrário, não deixou de o escutar e contemplar cada vez com maior interesse.

— Repara como ela olha para ele, não desvia os olhos dele, parece beber cada uma das suas palavras, está como que fascinada! — disse Isabel a seu marido. — E no entanto se lhe dizem que o ama, fica toda furiosa.

— Que fazer? É o destino! — respondeu o general, encolhendo os ombros. E durante algum tempo ainda repetiu estas palavras que gostava de proferir. Acrescentaremos que, tal como um homem de negócios, via com muito maus olhos muitos dos aspetos da presente situação, a começar pela sua falta de clareza. Estava todavia resolvido a calar-se e a conformar a sua maneira de pensar com a de Isabel.

A alegria da família foi de curta duração. No dia seguinte Aglaé teve uma nova altercação com o príncipe, o mesmo sucedendo em cada um dos dias decorridos. Durante horas seguidas ridicularizou o príncipe e quase o tratou de bobo. Apesar disso passeavam algumas vezes mais de uma hora

ou duas no jardim, sob o caramanchão; e é de notar que nessa altura o príncipe lia-lhe, quase durante todo o tempo, um jornal ou um livro.

— Olhe — interrompeu ela num dia em que lhe lia o jornal — tenho notado que a sua instrução deixa muito a desejar. Nada sabe, de uma maneira satisfatória; se se lhe pergunta alguma coisa, o senhor é incapaz de dizer o que faz tal personagem, a data de tal acontecimento, o objeto de tal tratado... O senhor mete piedade!

— Sempre lhe disse que tenho pouca instrução — respondeu o príncipe.

— Então que é que tem? Que estima posso eu ter pelo senhor depois disto? Continue a leitura, ou melhor, não, já leu bastante!...

Nessa mesma tarde Aglaé provocou um novo e rápido incidente, que pareceu a toda a gente muito enigmático. Tendo regressado o príncipe Stch..., mostrou-se muito afável com ele e falaram demoradamente a respeito do Eugénio Pavlovitch. (O príncipe León não tinha chegado ainda). Durante a conversa o príncipe Stch... permitiu-se fazer alusão a «uma nova e próxima mudança de família»; lembrou uma circunstância que havia escapado a Isabel, no sentido de que era talvez muito melhor adiar o casamento de Adelaide a fim de celebrarem os dois esponsais no mesmo dia. A estas palavras Aglaé encolerizou-se, de uma maneira indescritível; classificou tudo isto de «absurdas suposições» e foi mesmo até ao ponto de dizer, entre outras coisas, que «não tinha a intenção de substituir a amante de ninguém».

Estas palavras magoaram todos os presentes e sobretudo os pais. Isabel insistiu, durante uma conversa particular que teve com o marido, para que se pedissem ao príncipe explicações perentórias sobre Nastásia.

Ivan jurou que tudo aquilo não passava de um «arrebatamento» da parte de Aglaé, a que era levada por sentimento de «pudor»; este arrebatamento não se teria dado, se o príncipe Stch... não tivesse falado em casamento, pois ela sabia muito bem que tudo aquilo não passava de uma calúnia levantada por pessoas mal intencionadas, e que Nastásia ia desposar Rogojine. Acrescentou que o príncipe estava fora de causa neste assunto, e a ligação que lhe atribuíam não existia, nem nunca havia existido, para dizer toda a verdade.

Quanto ao príncipe, não perdeu nada do seu bom humor e continuou a gozar da sua felicidade. Notava algumas vezes, sem dúvida, que nos olhos de Aglaé se refletia uma certa expressão de tristeza e de impaciência, mas

atribuía essa expressão a qualquer estranho motivo, a alguma nuvem que se furtava à sua vista. Uma vez convencido, nada mais podia abalar a sua convicção. Talvez a sua quietude fosse excessiva; era pelo menos a impressão de Hipólito, que o encontrara um dia por acaso no parque.

— Muito bem!... Então não tinha razão quando dizia que o senhor estava apaixonado? — começou ele, ao abordar o príncipe, que foi obrigado a parar.

Este estendeu-lhe a mão e felicitou-o pelo seu «bom aspeto». O próprio doente parecia ter também retomado a saúde, o que sucede muitas vezes aos tuberculosos.

Falando ao príncipe, a sua intenção era sobretudo dizer-lhe alguma coisa de ofensivo a respeito do seu ar feliz; porém pôs logo de lado essa ideia e começou a falar dele próprio. Desfez-se em lamúrias intermináveis e bastante incoerentes.

— O senhor mal pode calcular — concluiu ele — até que ponto essas criaturas eram irritáveis, mesquinhas, egoístas, vaidosas, vulgares. Pode crer que me levaram para sua casa com a suprema esperança de que eu morresse o mais depressa possível; ficaram pois furiosos ao verificarem que, em lugar de entregar a alma a Deus, comecei a melhorar. Que comédia! Parece que o senhor não quer acreditar!

O príncipe absteve-se de replicar.

— Tenho às vezes, apesar disso, a ideia de voltar a instalar-me na sua casa — acrescentou com negligência Hipólito. — Então o senhor não os supõe capazes de receberem em sua casa um homem, com a condição de que terá de morrer o mais depressa possível?

— Penso que tinham outro fim em vista, ao convidarem-no a instalar-se em sua casa.

— Ah, ah! O senhor não é tão simples de espírito que sentissem prazer em lho dizer! Não é este o momento próprio, quando não dir-lhe-ia certas coisas sobre o esperto Gabriel e as esperanças que ele alimenta. Procuram abrir-lhe uma mina debaixo dos pés, príncipe; entregam-se sem descanso a essa missão... e causa piedade ver como o senhor se deixa adormecer com tão grande serenidade!... Mas o senhor é incapaz de proceder de outra forma!...

— É por isso que o senhor me lamenta!.. — observou o príncipe, rindo. — Então, em seu entender, seria mais feliz se andasse mais preocupado?

— Mais vale ser infeliz, e *sabe-lo,* do que ser feliz e... logrado. Parece não tomar a sério uma rivalidade... por aquele lado?

— As suas alusões a uma rivalidade são um pouco cínicas, Hipólito; lamento não ter o direito de lhe responder. Quanto ao Gabriel, o senhor próprio confessa que com dificuldade poderá manter a calma, depois de tudo quanto perdeu, isto a acreditarmos que o senhor tenha um conhecimento mesmo parcial, das suas questões. Parece-me que é preferível encarar as coisas debaixo deste ponto de vista. Há ainda tempo de se emendar; há muitos anos que a vida para ele tem sido rica de ensinamentos... mas de resto… de resto... — balbuciou o príncipe, que havia perdido o fio da conversa — não compreendo o que quer dizer, quando fala em me minarem... O melhor é mudarmos de conversa, Hipólito!

— Mudemos, sim, por momentos, tanto mais que o senhor não pode passar sem nos dar mostras da sua generosidade. Sim, príncipe, precisa tocar-lhe com os dedos, e mesmo assim não acredita. Ah, ah! Mas diga-me: não sente nesta altura um grande desprezo pela minha pessoa?

— Porquê? Porque o senhor parece ter sofrido e sofre mais do que nós?

— Não senhor, mas sim porque sou indigno do meu sofrimento.

— Aquele que tem sofrido mais que os outros é, por isso mesmo, digno de uma maior consideração. Quando a Aglaé leu a sua confissão, pretendeu logo vê-lo, mas...

— Vai adiando... pois lhe é impossível... eu compreendo! Eu compreendo — interrompeu Hipólito como que para desviar rapidamente a conversa. — A propósito, dizem que o senhor lhe tem lido em alta voz todos os meus disparates; como sabe, isso foi escrito e... delineado num acesso de delírio. Não concebo como se pode ser, não digo tão cruel (isso seria humilhante para mim) mas tão mesquinho, tão vaidoso e tão vingativo para me exprobar essa confissão e servir-se dela como de uma arma contra mim! Não tenha receio, pois não é do senhor que eu falo...

— Lamento-o, porém, ao vê-lo desdizer essas folhas, Hipólito, pois nelas respira-se sinceridade. Mesmo as passagens, as mais ridículas, e elas são bastantes — Hipólito fez uma forte careta —, são desculpadas pelo seu sofrimento, pois é ainda afrontar o sofrimento, o fazer essas confissões, e... talvez seja mesmo um grande ato de coragem! O pensamento a que obedeceu, inspirou-se certamente de um nobre sentimento, quaisquer que

possam ser as aparências. Quanto mais medito, mais me convenço, posso afirmar-lho. Não o critico; digo-lhe apenas a minha opinião e lamento estar então...

Hipólito corou. Teve por momentos a ideia de que o príncipe representava uma comédia e lhe armara uma ratoeira; porém observando-lhe o rosto não pôde deixar de acreditar na sua sinceridade. As suas dúvidas acalmaram.

— E dizer que desejava a minha morte! — proferia ele. Esteve a ponto de acrescentar: «a um homem como eu!» — Não pode calcular como o seu Gabriel me horroriza: fez-me um dia a prevenção de que, entre os ouvintes da minha confissão, se encontravam talvez três ou quatro que deviam morrer primeiro do que eu!... Era uma ideia. Creia que foi um consolo para mim. Ah, ah! Até agora ainda nenhum morreu; mas mesmo que alguma dessas pessoas morresse primeiro que eu, há de concordar que isso seria para mim um triste conforto. Julga com certeza as outras pessoas por ele. Depois disso, foi ainda mais longe; insultou-me, muito simplesmente, dizendo-me que um homem que se respeita, deve em tais condições morrer em silêncio e que, em toda esta questão, não houve da minha parte mais que um grande egoísmo! É um pouco forte!... Em casa dele é que se encontra o egoísmo!... Que requinte, ou melhor, que avantajado egoísmo têm estas pessoas, sem no entanto se aperceberem!... O príncipe leu a morte de um certo Stépane Glébov no século dezoito? Foi ontem, por acaso, que li isso...

— Quem é esse Stépane Glébov?

— Um homem que foi espetado, no reinado de Pedro, o Grande.

— Ah, meu Deus, eu sei! Esteve espetado na estacada durante quinze horas, por um grande frio, tendo um casaco sobre os ombros. Morreu revelando uma extraordinária coragem. Sim, eu li isso... Mas onde quer o senhor chegar?

— Deus conceda uma igual morte a certas pessoas, que nunca a nós. O senhor supõe talvez que eu não seja capaz de morrer como o Glébov?

— Oh, não — disse o príncipe com um ar confuso. — Quero apenas dizer que o senhor... ou antes, não quero dizer que o senhor não se pareça com Glébov, mas..» que o senhor... teria sido antes, nessa época...

— Eu sei: o senhor quer dizer que eu teria sido um Ostermann e não um Glébov. É isto ou não?

— Qual Ostermann? — exclamou o príncipe.

— Ostermann, o diplomata Ostermann, o contemporâneo de Pedro, o Grande — balbuciou Hipólito, razoavelmente atrapalhado.

Seguiu-se um perplexo silêncio.

— Oh, não, não era isto que eu queria dizer! — objetou o príncipe num tom monótono e após um instante de recolhimento. — Não tenho a impressão que... o senhor pudesse alguma vez ser um Ostermann.

Hipólito fez uma careta.

— De resto, quero dizer-lhe porque tive essa ideia — apressou-se a acrescentar o príncipe, na visível intenção de se desculpar. — Tive-a, porque as pessoas dessa época (garanto-lhe que isto me tem chocado sempre) eram muito diferentes das dos nossos tempos; era como que uma outra raça... sim, parecia na verdade uma outra espécie humana!... Nesse tempo o homem mantinha uma linha reta; os nossos contemporâneos são mais nervosos, mais atrevidos, mais sensitivos, capazes de seguirem duas ou três ideias ao mesmo tempo... O homem moderno é de vistas mais largas. Isso o impede, posso garantir-lhe, de ser como uma só peça, como eram os homens dos séculos passados... Eu... tenho pensado muito nisso, fazendo as minhas observações, eu...

— Compreendo. O senhor tenta agora consolar-me da singeleza com que tem tentado contradizer-me... Ah, ah! O senhor é um perfeito rapaz, príncipe!... Em suma, tenho notado que o senhor me trata... como uma chávena de porcelana!... Isso não me incomoda, nem me arrelia. Em todo o caso a nossa conversa tomou um rumo bastante ridículo; o senhor é por sua vez um verdadeiro rapaz, príncipe!... Fiz-lhe saber, entretanto, que ambicionava ser uma outra pessoa que não fosse um Ostermann; teria pena de ressuscitar de entre os mortos para me tornar um Ostermann!... De resto, reconheço que preciso de morrer o mais rapidamente possível, sem o que eu próprio... Deixe-me!... Até depois!... Antes, porém, diga-me qual a maneira de morrer que o senhor considera melhor para mim? Ouça: a mais... virtuosa... Vamos, diga!

— Passar perto de nós e perdoar-nos a nossa felicidade! — disse o príncipe numa voz terna.

— Ah! ah! ah! Era isso o que eu pensava! Esperava qualquer coisa nesse género! Portanto o senhor... portanto o senhor... Esta é muito boa!... Isto é que são pessoas eloquentes!... Até depois! Até depois!

Capítulo 6

A novidade transmitida pela Bárbara, ao irmão, era verdadeira: devia assistir a uma reunião, em casa das Epantchine, onde contava ver a princesa Bielokonski. Os convites eram precisamente para essa tarde. Ela, porém, falara nisto com um entusiasmo fora do normal. A reunião fora decidida, sem dúvida, muito à pressa e no meio de uma agitação bastante desnecessária. A razão de tudo isto, é que nesta família «nada se podia fazer, que não fosse dessa forma». E a sua explicação estava também na impaciência da Isabel, que «não queria ficar mais na incerteza», e ainda devido às preocupações constantes que a felicidade da filha querida trazia aos pais.

Por outro lado sabia-se que a princesa Bielokonski estava pestes a partir; ora como a sua proteção tinha grande influência na sociedade e como esperavam que se interessasse pelo príncipe, os pais contavam com a alta recomendação da «velha dama», para que as portas da nobre sociedade se abrissem ante os noivos. Dado que este casamento tivesse qualquer coisa de estranho, seria muitíssimo menos, debaixo da capa de uma tal protetora. O principal é que os próprios pais não fossem capazes de fazer realçar estas perguntas: «O casamento projetado oferecia qualquer coisa de estranho? E até que ponto? ou não passava de um ato muito natural?» À franca e amigável opinião de pessoas que tivessem autoridade e competência, teria sido muito oportuna neste momento, em que, devido à atitude de Aglaé, nenhuma decisão positiva tinha sido ainda tomada.

Em todo o caso era indispensável introduzir, mais cedo ou mais tarde, o príncipe na sociedade, da qual ele não fazia a menor ideia. Dizia-se, portanto, que havia em tudo isto a intenção de o «mostrarem». A reunião não devia porém deixar de ter um caráter de simplicidade e ser formada apenas «pelos amigos da casa», tal como se fosse uma pequena comissão. Além disso, contavam uns que a princesa Bielokonski viesse acompanhada pela esposa de um grande personagem e alto dignatário; outros, os mais novos, pensavam que, no caso de ele vir, devia ser Eugénio Pavlovitch.

O príncipe foi prevenido, três dias antes, da vinda dessa senhora, mas só ouviu falar da reunião na véspera do dia em que devia ter lugar. Como é natural notou uma certa inquietação no rosto de todos os da família, e algumas alusões veladas fizeram-lhe compreender que não estavam muito sossegados sobre o que se iria passar. No entanto, o instinto do primeiro ao último dos Epantchine, consideravam-no como incapaz, na sua simplicidade, de dar conta das inquietações de que era causa; olhavam-no todos com um íntimo sentimento de ansiedade.

Não dava na verdade nenhuma importância ao acontecimento; eram outras as suas preocupações. Aglaé tornava-se hora a hora cada vez mais caprichosa e mais sombria; isto torturava-o. Quando soube que esperavam também Eugénio Pavlovitch, manifestou uma viva alegria e disse que desde há muito desejava vê-lo. Por uma razão, que não discerniu, estas palavras causaram o espanto de todos. Aglaé saiu da sala despeitada; somente às onze horas da noite, na ocasião em que o príncipe ia sair, ela voltou, aproveitando a ocasião de o acompanhar, para lhe dizer algumas palavras a sós.

— Tinha vontade que o senhor não viesse a nossa casa, amanhã, durante todo o dia, mas sim aparecesse apenas à noite, quando todos os... convidados já cá estivessem. Sabe quem vamos receber?

Pronunciou estas palavras num tom de impaciência e de dureza; era a primeira vez que fazia alusão à «reunião». Para ela também a ideia desta receção era quase insuportável, como todos haviam notado. Talvez sentisse uma desmedida vontade de procurar interpelar seus pais a tal respeito; porém um sentimento de altivez e de pudor tinham-na contido. O príncipe compreendeu logo que ela tinha igualmente uns certos receios a seu respeito, mas não queria confessar o motivo. Experimentou por isso uma sensação de terror.

— Sim, estou convidado — respondeu ele.

Ante esta resposta sentiu um visível mal-estar em ir mais longe.

— Poder-se-á falar seriamente com o senhor, uma vez, só que seja, na vida? — perguntou ela, tomada de uma súbita cólera, sem saber porquê, mas sem se poder dominar.

— A senhora pode, e eu estou o ouvi-la, bastante surpreendido — balbuciou o príncipe.

Aglaé calou-se um instante; depois decidiu-se a falar, mas com uma manifesta repugnância.

— Não tenho querido discutir com eles a tal respeito; há pontos onde se pode fazer-lhes ouvir a voz da razão! Tenho tido sempre aversão a umas certas regras de conduta social a que minha mãe se submete. Não falo no meu pai; não tenho nada a pedir-lhe. A minha mãe é, sem dúvida, uma mulher de um nobre caráter; tente propor-lhe alguma coisa menos digna e verá!... Isto não impede que se incline diante do... vil mundo. Não falo na Bielokonski: é uma velha mesquinha e uma má criatura, mas tem espírito e sabe mante-los a todos debaixo de mão. Tem pelo menos esta habilidade!... Oh, que baixeza! Tudo isto é ridículo. Temos sempre pertencido a uma classe média, à mais média de todas; porque havemos de querer entrar à força na alta sociedade? As minhas irmãs deixam-se também arrastar e enganar; foi o príncipe Stch... que lhes transtornou a cabeça. Porque ficou tão contente quando soube que o Eugénio Pavlovitch vinha?

— Ouça, Aglaé — disse o príncipe — tenho a impressão que a senhora tem medo que eu cometa alguma falha amanhã... nessa sociedade?

— Medo, pelo senhor? — perguntou Aglaé, corando. — Porque havia de ter medo pelo senhor? Que me importa que o senhor se cubra de vergonha? Que mal me pode isso fazer? Como pode o senhor empregar tais expressões? Que quer dizer com a palavra «falha»? É uma palavra um pouco baixa e trivial.

— É uma palavra aprendida na escola.

— Sim, senhor, uma palavra aprendida na escola!... É uma palavra imprópria. Parece ter a intenção de empregar termos desse género, amanhã, na nossa conversa? Procure ainda em casa, no seu dicionário, outras palavras do mesmo género; pode estar certo que fará um grande efeito! É uma lástima que o senhor não saiba apresentar-se convenientemente num salão. Onde aprendeu tudo isso? Saberá beber decentemente uma chávena de chá, estando todos a olhar para o senhor, a verem como a toma?

— Creio que devo saber.

— Tanto pior; perderei assim uma boa ocasião de me rir à sua custa. Quebre pelo menos o vaso de louça chinesa que está no salão! Tem um certo valor e dar-me-ia um certo prazer se o quebrasse. Foi um presente. A minha mãe ficaria desorientada e começaria a chorar diante de toda a gente, tal como costuma fazer!... Faça um desses gestos que lhe são habituais: dê um murro no vaso e quebre-o... Sente-se logo perto dele.

— Pelo contrário, sentar-me-ei tão longe dele, quanto possível. Obrigado por me ter prevenido.

— Logo, daqui para o futuro, o senhor passará a ter medo dos seus gestos! Parece-me que vai escolher um «tema» para discorrer, um assunto sério, inteligente e elevado? Isso será de muito bom gosto!

— Suponho que seria estúpido se não viesse a propósito.

— Escute, uma vez por todas — disse ela por fim, perdendo a paciência. — Se discorrer sobre um assunto como a pena de morte, ou a situação económica da Rússia, ou a teoria de que «a beleza salvará o mundo», muito bem!... Ficarei encantada e divertir-me-ei muitíssimo, mas previno-o desde já; não olhe para mim enquanto estiver a falar! Está a ouvir: falo seriamente! Desta vez falo seriamente!

Proferiu de facto esta ameaça num tom *sério;* havia mesmo nas suas palavras e no seu olhar uma expressão fora do normal, que o príncipe nunca até aí lhe notara, e que sem dúvida parecia não ter a intenção de gracejar.

— Então, nesse caso, sinto-me dominado de tal forma, que terei com certeza um acesso de «loquacidade» e até... talvez mesmo... quebre o vaso. Há um momento não tinha medo de nada, agora porém temo tudo. Estou convencido de que vou na verdade «falhar».

— Nesse caso, cale-se. Sente-se e fique quieto.

— É impossível; estou convencido que o medo me fará discursar e me fará também quebrar o vaso. Estatelar-me-ei talvez no meio do salão, ou cometerei qualquer outra imprudência do mesmo género, porque isto já me sucedeu uma vez. Sonharei toda esta noite com isso. Por que me veio falar em tal assunto?

Aglaé olhou-o com um ar sombrio.

— Quer saber uma coisa? Gostaria muito mais não vir amanhã!... Direi que estou doente e está tudo acabado! — informou ele num tom decidido.

Aglaé bateu com o pé no chão e empalideceu de cólera.

— Meu Deus! Já se viu uma coisa parecida! Não virá, quando é especialmente devido ao senhor que tudo isto se faz!... Oh, meu Deus, que prazer pode ter o falar com um tal... com um homem tão despropositado como o senhor.

— Está bem, virei, virei — interrompeu rápido o príncipe — e dou-lhe a minha palavra de honra de que não proferirei uma palavra durante toda a

reunião. Prometo assim fazer.

— Muito bem. O senhor disse há pouco: «Direi que estou doente». Onde vai aprender tais expressões? Será necessário que me fale nesse tom? O senhor procura irritar-me, não é assim?

— Perdão, é uma expressão também aprendida na escola: não a empregarei mais. Compreendo muito bem que a senhora... tenha receio a meu respeito... (vamos, não se zangue!) e isso dá-me um prazer enorme. Não calcula quanto receio tenho agora e quanto as suas palavras me causam alegria. Porém todo esse temor é pueril, é uma historieta, posso garantir-lho. Deus é minha testemunha, Aglaé! Restará apenas a satisfação. Gosto muito de a ver tão inocente, mas tão enérgica e tão boa criança!... Ah! Aglaé, como eu a considero deveras encantadora!...

Aglaé esteve quase a zangar-se, porém nesse instante um sentimento, que ela própria não esperava, invadiu-lhe de súbito a alma.

— O senhor não me censurará um dia... mais tarde, as palavras um pouco atrevidas que acabo de lhe dirigir? — perguntou ela bruscamente.

— Por que é que pensa assim? Por que volta a corar tanto? O seu olhar está-se tornando sombrio! Por vezes é bastante sombrio, Aglaé. Não volte a olhar-me outra vez dessa forma. Eu sei porque...

— Cale-se, cale-se!

— Não, será muito melhor que eu fale. Há muito tempo que queria dizer-lho; já falei nisso, mas... não foi o bastante, porque não acreditou em mim. Há entre nós uma pessoa...

— Cale-se, cale-se, cale-se, cale-se! — interrompeu-o vivamente Aglaé, agarrando-o pelo braço com veemência e fitando-o, como que dominada por um grande terror.

Chamaram-na neste momento. Encantada com esta diversão, deixou-o, fugindo a toda a pressa.

O príncipe esteve febril durante toda a noite. Coisa estranha; desde há um certo tempo que tinha febre todas as noites. Nesta altura, no meio do seu semidelírio, uma ideia o assaltou: e se no dia seguinte, na frente de todos, tivesse um ataque? Não tinha tido já diversos ataques no seu estado normal? Este pensamento preocupou-o; durante toda a noite viu-se no meio de uma sociedade maravilhosa, inaudita, formada de pessoas na sua maioria desconhecidas. O facto principal, porém, é que se tinha posto a «discorrer»; sabia que se devia calar, e no entanto falou durante todo o tempo, esforçando-se por contradizer os seus auditores nalguns dos seus

pontos. Eugénio e Hipólito faziam parte do número dos convidados e pareciam encontrar-se em boas relações.

Acordou perto das oito horas com uma grande dor de cabeça, as ideias em desordem e umas estranhas impressões. Tinha um imenso desejo, não muito razoável, de ver o Rogojine e de conversar demoradamente com ele; mas a propósito de quê? Não o sabia dizer bem. Depois, sem qualquer motivo, tomou a resolução de ir a casa do Hipólito. O seu coração estava bastante agitado, e de tal forma, que os acontecimentos dessa manhã não chegaram a absorvê-lo por completo, apesar de haverem produzido nele uma forte impressão. No número desses acontecimentos estava a visita do Lebedev.

Este veio visitá-lo em muito boa hora, ou seja, um pouco depois das nove horas; estava deveras embriagado. Se bem que o príncipe fosse nestes últimos tempos um mau observador, não deixou de lhe chamar a atenção, pois era coisa que saltava aos olhos, a má apresentação do Lebedev desde que o general Ivolguine saíra de sua casa, isto é, desde há três dias. Andava agora sujo e coberto de nódoas, com a gravata sempre malposta e a gola do casaco deixando ver os rasgões. Ia até ao ponto de fazer uma grande vozearia em casa, a qual se ouvia através do pátio; Vera chegara a vir um dia, toda lacrimosa, contar-lhe diversas coisas.

Uma vez em frente do príncipe começou a falar num tom bastante estranho, batendo no peito e acusando-se, não se sabe de que má ação.

Na verdade recebi a recompensa da minha perfídia e da minha baixeza... Recebi uma bofetada! — concluiu ele por fim, com um acento trágico.

— Uma bofetada! De quem? E a esta hora, tão cedo?

— Tão cedo? — repetiu Lebedev com um sorriso sarcástico. — A hora não tem nada com a questão, mesmo quando se trata de um castigo físico. Mas foi um castigo moral... uma bofetada moral e não física que recebi!

Sentou-se bruscamente, sem mais cerimónias, e começou a contar a sua questão. Como a sua narrativa fosse um tanto desconexa, o príncipe franziu as sobrancelhas e fez o gesto de se ir embora. Algumas palavras mais, porém, fizeram-no parar. Ficou como que petrificado pela surpresa. Lebedev contava as coisas mais estranhas.

Falava então, segundo parecia, de uma certa carta, a propósito da qual proferiu o nome da Aglaé Ivanovna. Depois, inopinadamente, começou a acusar, em termos amargos, o próprio príncipe. A acreditar no que ele

dizia, este tinha-o, a princípio, honrado com a sua confiança, a propósito de questões que diziam com respeito a um certo «personagem» (era Nastásia Filipovna), depois havia rompido por completo com ele e afastara-o de uma maneira ignominiosa e mesmo ultrajante, a tal ponto que, da última vez, o havia grosseiramente iludido com «uma inocente questão sobre a eventualidade de uma próxima mudança de casa». Com lágrimas de bêbado, Lebedev confessou que, depois desta afronta, não podia mais tolerar tal situação, quando no entanto sabia tantas coisas a respeito de Rogojine, de Nastásia e de um amigo desta, de Bárbara... e até mesmo da própria Aglaé. «Imagine que isto se passou por intermédio da Vera, da minha querida Vera, da minha única filha... oh! sim!... se bem que não é a única, pois tenho três! Mas quem é que escreveu à Isabel, a informá-la, e isto sob o compromisso do maior segredo? Ah, ah! Quem teria levado ao seu conhecimento todos os movimentos e relações da Nastásia? Ah, ah, ah! Quem será o informador anónimo, se me permite que lho pergunte?»

— É muito possível que seja o senhor, não? — exclamou o príncipe.

— Justamente — replicou com dignidade o bêbado. — Ainda hoje, às oito horas e meia, ou seja, há meia hora, quando muito, três quartos de hora, fiz saber a essa nobre mãe que tinha uma história... interessante para lhe comunicar. Transmiti-lho por um bilhete que a criada lhe foi levar, pela porta de serviço. E sei que o recebeu!

— O senhor viu há pouco a Isabel? — perguntou o príncipe, mal acreditando no que ouvia.

— Via ainda agora e recebi uma bofetada… moralmente falando. Devolveu-me a carta, atirando-me com ela à cara, sem a ter aberto, e quase me agarrou pelos ombros e me pôs pela porta fora... moralmente, não fisicamente... apesar de que nesta altura pouco faltou para ser fisicamente!

— De quem era essa carta que lhe atirou à cara sem a ter aberto?

— Era de... Ah! ah! ah!... Então não lhe disse ainda de quem era? Parece-me que já lhe falei nisso!... Recebi uma pequena carta para a fazer chegar às mãos...

— Uma carta de quem? Para quem?

Certas «explicações» dadas por Lebedev eram bastante difíceis de compreender e a custo se conseguia descobrir-lhes o sentido. O príncipe pôde apenas discernir que a carta fora trazida de madrugada, por uma criada, para Vera a fim de que esta a fizesse chegar ao seu destino... «como

anteriormente... como anteriormente, a uma certa personagem e da parte de certa pessoa... (a uma dou a qualificação de «pessoa» e a outra a de «personagem») para evidenciar a baixeza desta e a grande diferença que existe entre a muito nobre e ingénua filha de um general e... uma camélia). Quem quer que seja, a carta foi escrita por uma «pessoa» cujo nome começa pela letra A»...

— Será possível? Escreveu a Nastásia? Isso é um absurdo! — gritou o príncipe.

— É assim mesmo; somente as cartas têm sido enviadas não à Nastásia, mas sim ao Rogojine, o que vem a dar na mesma!... Há até uma carta da pessoa cujo nome principia pela letra A, dirigida ao senhor Terentiev, para que este a fizesse chegar ao seu destino — acrescentou Lebedev com um piscar de olhos e um sorriso.

Como saltasse a cada instante de um assunto para o outro e se esquecesse do que tinha começado a dizer, o príncipe calou-se para ver se conseguia que ele confessasse tudo. Um ponto porém se mantinha ainda obscuro: as cartas passavam pelas suas mãos ou pelas de Vera? Afirmando que escrever ao Rogojine ou escrever à Nastásia era tudo a mesma coisa, deixava entender que essas cartas, se de facto elas existiam, não passavam com certeza pelas suas mãos. Era difícil de compreender por que acaso esta última tinha vindo parar às suas mãos; o mais provável é que a tivesse tirado de qualquer maneira a Vera; sub-repticiamente apoderou-se dela e levou-a à Isabel com qualquer intenção. Tal foi a hipótese a que o príncipe acabou por chegar.

— O senhor perdeu o juízo! — exclamou ele deveras exaltado e preocupado.

— Absolutamente, meu caro príncipe — afirmou Lebedev, não sem uma certa malícia. — Para dizer a verdade a minha primeira ideia foi entregá-la ao senhor, prestar-lhe esse serviço, mas pensando melhor, reconheci que esse serviço seria melhor recebido do outro lado e que era preferível levar tudo ao conhecimento da mais nobre das mães... pois já a tinha prevenido uma vez por uma carta anónima. No bilhete que lhe mandei pela manhã, pedindo-lhe para me receber às oito horas e vinte, foi também assinado: «um anónimo informador». Mandou-me entrar imediatamente; levaram-me com prontidão, pela escada de serviço... até junto da pobre mãe...

— E depois?

— O resto já o senhor sabe. Era muito justo que me batesse; mas faltou tão pouco para o fazer, que posso considerar-me quase como que espancado. Quanto à carta, atirou-me com ela à cara. Para dizer a verdade, hesitou um momento se devia ou não guardá-la; notei que tinha vontade de ficar com ela, mas mudou de repente de ideias; foi então que me atirou com ela, dizendo: «visto que encarregaram um homem como tu, de a entregar, então entrega-a!» Sentiu-se deveras ofendida. Era uma mulher altiva!

— Onde se encontra agora a carta?

— Tive-a sempre comigo. Está aqui.

E entregou ao príncipe o bilhete de Aglaé a Gabriel. Era este o bilhete que o último devia mostrar triunfalmente à irmã duas horas mais tarde.

— Essa carta não pode ficar nas suas mãos.

— Pode ficar com ela, pode ficar com ela — objetou Lebedev com entusiasmo. — Agora sou-lhe de novo dedicado, sou todo seu, de cabeça e coração; volto de novo às suas ordens, depois de uma traição passageira!... Pode ferir-me no coração, mas tenha cuidado com a minha barba, como disse Thomas More... na Inglaterra ou na Grã-Bretanha. *Mea culpa, mea culpa,* como diz o Pai de Roma... isto é, o Papa de Roma, mas que eu chamo o «Pai de Roma».

— Essa carta deve ser expedida imediatamente — insistiu o príncipe. — Eu me encarrego disso.

— Não valeria muito mais, meu caro príncipe, não seria preferível fazer... como isto.

Falando assim, Lebedev esboçou uma estranha e obsequiosa mímica. Agitou-se no seu lugar, como se o tivessem picado com uma agulha; piscou os olhos com um ar matreiro e indicou alguma coisa com as mãos.

— O quê? — perguntou o príncipe com voz ameaçadora.

— Não seria melhor abrir antes a carta! — murmurou Lebedev num tom insinuante e um tanto confidencial.

O príncipe estremeceu com uma tal expressão de cólera, que Lebedev esteve a ponto de fugir; aproximou-se apenas da porta e parou a ouvir o príncipe.

— Ah! Lebedev! Poder-se-á, poder-se-á chegar a tal grau de desregramento e de baixeza como o senhor chegou? — exclamou o príncipe com um acento de profunda tristeza.

O rosto de Lebedev acalmou-se.

— Sou vil! Sou vil, bem sei! — murmurou ele enquanto se aproximava. Tinha lágrimas nos olhos e batia no peito.

— Isso era uma infâmia!

— Precisamente, uma infâmia. É a palavra apropriada.

— Porquê essa maneira de agir tão... singular? No fundo o senhor não passa... de um espião! Porque escreveu uma carta anónima para alarmar... uma mulher tão nobre e tão bondosa? Por que é que a Aglaé não havia de ter o direito de escrever a quem muito bem lhe apetecesse? Foi para se lamentar, que o senhor foi lá hoje? Que esperava com essa sua denúncia?

— Obedeci apenas a uma tentadora curiosidade e ao desejo de prestar um serviço a uma alma nobre! — balbuciou Lebedev. — Porém agora estou ao seu dispor, pertenço-lhe de novo, em absoluto. Pode enforcar-me se quiser!

— Foi neste estado que o senhor se apresentou em casa da Isabel? — perguntou o príncipe com uma curiosidade toda repassada de desgosto.

— Oh, não!... não estava tão bêbado... e falava mais corretamente; depois de ter recebido a humilhação em que lhe falei é que me pus... no estado em que me vê.

— Então está bem!... Deixe-me ficar sozinho...

Teve de repetir várias vezes esta ordem antes que ele se decidisse a partir. Mesmo depois de ter aberto a porta, Lebedev voltou na ponta dos pés até ao meio do aposento e recomeçou a sua mímica sobre a maneira de abrir uma carta; não se atreveu porém a juntar a palavra ao gesto e saiu com um sorriso calmo e afável nos lábios.

De toda esta tagarelice, difícil de entender, um facto capital, extraordinário, se destacava: Aglaé atravessava uma violenta crise de inquietação e de perplexidade; qualquer coisa a atormentava muitíssimo («a inveja», murmurava o príncipe). Uma outra constatação se impunha: é que havia de facto pessoas mal-intencionadas que a alarmavam, e o que é mais estranho, é que ela depositava toda a confiança nessas pessoas. Sem dúvida alguma havia em tudo isto intenções particulares, talvez nefastas, mas que em todo o caso não pareciam ter sido calculadas por esta pequena cabeça inexperiente, mas ardente e altiva.

Estas deduções levaram o príncipe a um extremo receio e a sua preocupação foi tal, que deixou de saber qual o partido a tomar. Sentia-se em face de uma eventualidade que era preciso impedir a todo o custo. Olhou mais uma vez a direção da carta fechada; oh, que ela era para ele,

não tinha dúvida alguma, nem se sentia inquieto, pois a confiança na sua pessoa preservava-o de tal; a preocupação que lhe inspirava essa carta era de uma outra ordem: não tinha confiança em Gabriel. E por isso resolveu ir ele próprio entregar-lha em mão; saiu de casa com essa intenção, mas uma vez na rua, mudou de ideia. Parecendo quase que uma combinação, quando estava a chegar a casa de Ptitsine, encontrou Kolia; encarregou este de entregar a carta a seu irmão, como se ela lhe tivesse sido pessoalmente entregue por Aglaé. Kolia não pôs nenhuma objeção e levou a carta, de forma que Gabriel não suspeitou que ela tivesse passado por tantas mãos.

Ao entrar em casa, o príncipe chamou Vera e contou-lhe o preciso para a acalmar, pois até aí não fizera mais do que chorar em procura da carta. Ficou consternada ao saber que fora seu pai que lha havia tirado. (Em virtude disto disse-lhe que por várias vezes servira já, em segredo, de intermediária entre Rogojine e Aglaé; nunca lhe ocorrera que pudesse haver nisto alguma coisa contrária aos interesses do príncipe.)

Este último sentia as suas ideias deveras confusas; quando por isso lhe vieram dizer, da parte de Kolia, que o general estava doente, foi a custo que compreendeu do que se tratava. A forte impressão porém que este acontecimento provocou no seu espírito, foi-lhe salutar. Passou quase todo o dia, até à tardinha, em casa de Nina Alexandrovna (para onde naturalmente tinham levado o doente).

Não lhe prestou quase nenhum auxílio, mas há pessoas que gostam de se manter, em certos momentos, junto daqueles que sofrem. Kolia ficou deveras inconsolável e chorou, como se tivesse tido uma crise de nervos, assim se mantendo durante todo o tempo que se seguiu: foi procurar um médico e encontrou três, correu depois a casa de um farmacêutico, assim como de um barbeiro. O general reanimou-se, mas não retomou o conhecimento; os médicos opinaram que «em todo o caso o seu estado era grave». Bárbara e Nina não deixaram mais o doente. Gabriel ficou deveras perturbado e abatido, mas não quis subir ao andar superior e recusou-se mesmo a ver seu pai; torcendo as mãos e numa conversa sem nexo, que teve com o príncipe, chegou a dizer que «sendo sempre uma grande desgraça, o era em especial naquele momento, mais parecendo um castigo. O príncipe compreendeu a alusão contida nestas palavras.

Hipólito não estava então em casa dos Ptitsine. A noite veio Lebedev; desde a explicação da manhã até àquele momento estivera dormindo de

um só sono. Estava agora um pouco melhor da embriaguez e chorava lágrimas sinceras sobre a sorte do doente, como se se tratasse de um seu irmão. Acusava-se em altos brados, sem precisar de que falta, e torturava Nina, repetindo-lhe a cada instante que era ele a causa de tudo, e mais ninguém... que havia procedido assim por uma amável curiosidade... e que o «falecido» (não se sabe porque teimava em designar assim o general, apesar dele estar ainda vivo) era um homem de génio! Insistia, com especial teimosia, sobre o génio do general, como se esta constatação tivesse nesta altura uma grande utilidade. Vendo a sinceridade das suas lágrimas, Nina acabou por lhe dizer, sem qualquer ar de reprimenda e até mesmo num tom afável: «Então! Que Deus o ouça!... Não chore, vamos!... Deus há de perdoar-lhe!» Estas palavras e o tom em que foram proferidas causaram a Lebedev uma tal impressão que durante toda a tarde não deixou mais Nina (e durante os dias que se seguiram, até à morte do general, manteve-se em casa deles quase desde pela manhã até à noite). Por duas vezes, em cada dia, Isabel mandava perguntar a Nina pelo estado de saúde do general.

À noite, perto das nove horas, quando o príncipe fez a sua aparição no salão dos Epantchine — este estava repleto de convidados —, Isabel começou logo a informar-se, com interesse e em detalhe, sobre o estado do doente; respondeu por sua vez, num tom de orgulho, à princesa Bielokonski, que havia perguntado: «De que doente se trata e quem é essa Nina Alexandrovna?» Esta pergunta era em especial dirigida ao príncipe. Nas explicações que deu a Isabel, falou «muito bem», conforme disseram mais tarde as irmãs de Aglaé; falou «com modéstia, calma e dignidade, sem palavras inúteis nem demasiada gesticulação: fez uma entrada digna e a sua apresentação foi irrepreensível». Não só não se havia «estatelado no meio do tapete», como fizera crer na véspera, mas sim deixou em todos uma boa impressão.

Por seu lado, depois de se haver sentado e orientado, notou logo que essa sociedade não tinha nada de comum com os fantasmas que Aglaé lhe tinha descrito na véspera, nem com os seus pesadelos da noite anterior. Era a primeira vez na sua vida que descobria um canto do que se apelidava com o nome pomposo de «mundo». Havia já muito tempo que, tendo a tal respeito as suas suposições, os seus projetos e inclinações, ambicionava entrar nesse círculo encantado; no entanto sentia-se deveras intrigado sobre qual iria ser a sua primeira impressão. Ficou satisfeito, porque foi na

verdade encantadora. Desde logo lhe pareceu que todas essas pessoas eram dignas de se encontrarem assim reunidas; as Epantchine não consideravam isto como uma «festa» e ele não tinha na sua frente convidados, mas sim apenas «pessoas íntimas»; ele próprio sentiu-se na posição de um homem que encontrou, depois de uma curta separação, as pessoas de quem era amigo dedicado e de quem compartilhava as ideias. O encanto e a distinção das suas maneiras, a sua simplicidade e a sua aparente sinceridade produziram nele um efeito quase de deslumbramento. Não podia então conceber que essa bonomia, essa nobreza de maneiras, esse vivo espírito, esse elevado sentimento de dignidade, tudo quanto via, em suma, não passava de uma teatralidade. Na sua maioria os convidados eram, a despeito do seu imponente aspeto exterior, pessoas bastante modestas; naquele momento, porém, a sua confiança impedia-o de observar que muitas daquelas qualidades, sendo na sua maioria inconscientes, momentâneas ou herdadas, não revelavam a existência de qualquer mérito pessoal. No encantamento da sua primeira impressão, não o assaltou a menor suspeita sobre o que via. Assim, por exemplo, tinha na sua frente um velho, um importante dignatário, que podia ser talvez seu avô, o qual interrompeu a sua conversa, para ouvir um jovem inexperiente como ele. E este velho senhor, não só o escutava, como ainda parecia interessado em ouvir as suas opiniões, tanto se mostrava afável com ele, tanto a sua benevolência era sincera, muito embora fossem estranhos um ao outro e se vissem pela primeira vez. Talvez fosse essa delicadeza e esse fino trato que atuasse sobre o ardente e impressionante espírito do príncipe, ou talvez mesmo tivesse vindo num tal estado de alma, que o predispunha ao otimismo.

Os laços que ligavam todas estas pessoas aos Epantchine, como aqueles que os ligavam uns aos outros, eram no fundo muito mais frouxos que o príncipe supôs, desde que lhes fora apresentado e com eles travara relações. Encontravam-se entre eles pessoas que não teriam nunca, por preço algum, reconhecido os Epantchine como seus iguais. Havia-as mesmo que se detestavam cordialmente: a velha Bielokonski «desprezara» toda a sua vida a esposa do «velho dignatário» e esta por sua vez gostava da Isabel Prokofievna.

O «dignatário», que fora o protetor dos Epantchine desde a sua juventude, e que nessa noite ocupava em casa deles o lugar de honra, tinha ante os olhos de Ivan uma importância tão grande, que na sua frente o

general era incapaz de experimentar qualquer outro sentimento que não fosse o de veneração e de temor; sentiria mesmo um sincero desprezo por ele próprio, se o tivesse suposto seu igual, por um instante que fosse, e deixasse de ver nesse personagem um Júpiter Olímpico.

Encontravam-se também ali pessoas que não se viam há já alguns anos e que apenas sentiam umas pelas outras indiferença, se não inimizade; no entanto, naquele momento, aparentavam conhecer-se, como se tivessem estado ainda na véspera na mais cordial e mais agradável das companhias.

Os convivas não eram em grande número. Além da princesa Bielokonski, do «velho dignatário», que era de facto um importante personagem, e sua esposa, viam-se ainda um importante general, barão ou conde, possuidor de um nome alemão; era um homem extraordinariamente taciturno, com a reputação de conhecer muito bem os assuntos do Estado e que chegava mesmo a ser considerado um sábio. Era um desses administradores olímpicos, que conhecem «tudo, menos a Rússia» e emitem todos os cinco anos «um pensamento cuja profundeza faz sensação», e cujo assunto, tornado proverbial, chega aos ouvidos das mais altas personalidades; era um desses funcionários que, depois de uma carreira, cuja duração é quase internacional (pode dizer-se prodigiosa), morrem em geral numa bela situação e providos de uns grandes emolumentos, se bem que não tivesse uma ação notória no seu ativo e manifestasse até uma certa aversão por ações notórias. Este general era, na escala administrativa, o superior imediato de Ivan, o qual, por entusiasmo de um coração reconhecido e mesmo por um amor próprio particular, se considerava também como seu subordinado, ainda que o outro não se considerasse nunca como benfeitor de Ivan e sentisse por ele uma certa indiferença; aceitando de boa vontade os seus diversos serviços, pusera de lado imediatamente quaisquer considerações, mesmo de ordem secundária, e olhara apenas à oportunidade.

Havia ainda na assistência um personagem importante, de uma certa idade, que passava por parente de Isabel, se bem que o não fosse. Tinha um lugar e uma situação invejável; era um homem rico e de boa família, de ombros largos, encorpado e ótima saúde. Grande palrador, tinha a reputação de um descontente (no sentido mais lato da palavra) e também de um bilioso (qualidade que nesta altura tinha o seu encanto). As suas maneiras eram as de um aristocrata inglês; os seus gostos eram ingleses (por exemplo, gostava de um bife sanguíneo, de uma boa parelha, de um

bom serviço de criados, etc.). Era da intimidade do «dignatário», que se esforçava por distrair. Isabel acarinhava a ideia de que este pretensioso velho (de maneiras um pouco levianas e amador do belo sexo) pudesse ter um dia a ideia de requestar Alexandra, pedindo a sua mão.

Além destes convidados, de uma mais alta e importante posição social, havia uma outra categoria, formada por pessoas muito mais jovens, mas que se destacavam igualmente pela sua distinção. Eram, além do príncipe Stch… e de Eugénio, o encantador príncipe N., muito conhecido pelas suas aventuras femininas em toda a Europa. Tendo perto de quarenta e cinco anos, mostrava ainda um belo aspeto e possuía um surpreendente talento de narrador. Se bem que o seu património estivesse bastante diminuído, mantinha o luxo de viver, de preferência, no estrangeiro.

Por último, uma terceira categoria agrupava aquelas pessoas que não pertenciam ao «círculo elegante» da sociedade, mas no meio do qual se encontravam muitas vezes, tais como os próprios Epantchine. Guiados por um certo tato, que lhes servia de linha de conduta, os Epantchine gostavam de juntar, nas raras ocasiões em que recebiam visitas, a alta sociedade, com as pessoas de um grau menos elevado, mas representando o melhor da «sociedade média». Sentiam vaidade nesta maneira de proceder, pois fazendo assim, tentavam manter a sua posição, mostrando ao mesmo tempo que «sabiam viver». Orgulhavam-se porque, pelo menos, os julgassem desta forma.

Um dos representantes desta média sociedade era um engenheiro, com o posto de coronel, homem sério e muito ligado ao príncipe Stch..., que o havia introduzido em casa dos Epantchine; era muito sóbrio de palavras, quando se encontrava em reuniões como esta, e usava ostensivamente no indicador da mão direita um grande anel, que fora, com certeza, um presente imperial.

Havia por fim um poeta e literato, de origem alemã, mas de inspiração russa; era um homem que tinha perto de trinta e oito anos, com umas maneiras, as mais convenientes; podia-se apresentar, sem apreensões, na boa sociedade. Tinha um aspeto de vaidoso, como ainda havia nele qualquer coisa de antipático. O seu traje era impecável. Pertencia a uma família alemã das mais burguesas, mas muito considerada. Sabia aproveitar as circunstâncias para se colocar sob a proteção de altas personagens e granjear as suas simpatias. Traduzira já, do alemão, em versos russos, a obra de um grande poeta germânico, escrevendo no rosto

dessa tradução uma proveitosa dedicatória. Possuía a habilidade de fazer valer as suas relações de amizade com um célebre poeta russo, já falecido. (Há em toda a parte uma categoria de escritores que gostam de fazer alarde da sua intimidade com um autor ilustre, logo que este morre). Fora recentemente apresentado em casa dos Epantchine pela esposa do «velho dignatário». Esta senhora passava por protetora dos cientistas e homens de letras; e, de facto, havia conseguido uma pensão para um ou dois escritores, por intermédio de pessoas altamente colocadas, sobre as quais exercia uma certa influência. Tinha, sem dúvida, no meio em que vivia, uma certa ascendência. A sua idade regulava, mais ou menos, pelos quarenta e cinco anos (muito mais nova que seu marido, o qual era um velho); havia sido bonita e amava ainda, por um contraste comum a muitas mulheres da sua idade, apresentando-se sempre vestida com afetação. De inteligência medíocre, a sua competência literária era muito discutível. Na sua casa havia a mania de proteger os homens de letras, como tinha a de se vestir sempre na última moda. Dedicavam-lhe por isso muitas obras, originais e traduções; dois ou três autores publicaram mesmo, com sua autorização, cartas que lhe dirigiram, pedindo a sua opinião sobre importantes assuntos.

Tal foi a sociedade que o príncipe encontrou, como sendo moedas da melhor lei e de um ouro do melhor quilate. De resto, todas estas pessoas se encontravam ali, como que para um fim determinado, e mostrando-se otimistas e encantadas com elas próprias. Cada uma de per si estava convencida que a sua visita era uma honra para os Epantchine. O príncipe, contudo, não desconfiava, por coisa alguma, destas subtilezas. Não lhe ocorria, por exemplo, que os Epantchine, tendo tomado uma decisão tão grave como esta, de que dependia o futuro da sua filha, não se atreviam a deixar de o apresentar, a ele, príncipe León, a esse velho dignatário, protetor contratado da família. E este velho, que teria recebido com a maior calma qualquer catástrofe que houvesse atingido os Epantchine, considerar-se-ia deveras ofendido, se estes tivessem casado a filha sem o consultar e, por assim dizer, sem o seu consentimento. O príncipe N., esse encantador jovem, indiscutivelmente um homem de espírito e de coração nas mãos, estava em absoluto convencido que a sua aparição, essa noite, no salão dos Epantchine, era um acontecimento comparável ao nascer do sol. Julgando-se uns cem pés acima de todos os outros, era justamente devido a essa cândida e nobre ideia, que se mostrava de uma amável

desenvoltura e de uma grande afabilidade para com todos. Sabia muito bem que teria de contar essa noite qualquer coisa, para distração de todos, e o que ele fazia com um certo ar de inspiração. O príncipe León, ouvindo um pouco mais tarde a sua recitação, teve a impressão de nunca ter ouvido qualquer coisa de comparável com aquela verbosidade cintilante e aquele humor, cuja ingenuidade tinha qualquer coisa de chocante na boca de um D. João como o príncipe N. Não desconhecia quanto era velha, vulgarizada e repetida essa história, que passava em casa dos crédulos Epantchine por uma novidade, por uma brilhante improvisação, espontânea e sincera, contada por um encantador e espiritual conversador, mas que, em qualquer outro salão, teria sido julgada com um soberano aborrecimento. O próprio poeta alemão, se bem que afetasse tanta amabilidade como modéstia, não estava menos inclinado a acreditar que a sua presença naquela casa era uma honra.

Todavia o príncipe não descortinava, nem o que estava por detrás nem ao de cima desta situação. Aglaé não tinha previsto tal deceção. Sonhara destacar-se, com toda a sua beleza, durante esta reunião. As três pequenas apresentaram-se com vestidos de festa, mas a sua maneira de vestir não era a mais adequada e o seu penteado era bastante estranho. Sentada ao lado de Eugénio Pavlovitch, Aglaé falava e discutia com ele num tom de extrema intimidade. Mantinha uma atitude um pouco mais grave que o normal, dada, com certeza, a importância das pessoas presentes. Conhecia-as, sem dúvida, desde há muito tempo, das outras reuniões da sociedade; se bem que ainda bastante novo, era olhado como fazendo parte desde há muito dessa sociedade. Viera essa noite, trazendo crepes no chapéu, o que lhe valeu os elogios da princesa Bielokonski; em idênticas circunstâncias, um outro homem da sociedade não teria com certeza feito tanto pela morte de um tal tio. Isabel manifestou também a sua satisfação, porém parecia dominada por qualquer outra grande preocupação.

O príncipe notou que Aglaé o olhara uma ou duas vezes com atenção e parecia estar satisfeita com ele. Pouco a pouco sentiu o coração dilatar-se-lhe com a felicidade. Os pensamentos «fantásticos» e as apreensões que o tinham há pouco assaltado (depois da sua conversa com o Lebedev) apareciam-lhe agora, através de bruscas, mas intermitentes evocações, como sonhos sem ligação com a realidade, inverosímeis e mesmo ridículos! (Durante todo o dia o seu desejo mais querido, se bem que inconsciente, era demonstrar a si próprio que não havia razão para

acreditar nesses sonhos). Falava, limitando-se a responder às perguntas. Por fim calou-se por completo e ficou a ouvir os outros com o ar de um homem que está abstrato. Pouco a pouco uma espécie de inspiração se apoderou dele, prestes a trasbordar na primeira ocasião... No entanto, se retomou a palavra, foi por acaso, para responder a uma pergunta, e, segundo se pode crer, sem nenhuma intenção premeditada.

Capítulo 7

Enquanto a contemplava, com um ar de beatitude, ela prosseguia, com o príncipe N. e Eugénio Pavlovitch, uma alegre conversa, e o idoso personagem, com aspeto de anglófilo, conversava também, no outro extremo do salão, com o «dignatário». No decorrer de uma frase animada pronunciou de repente o nome de Nicolau Andreievitch Pavlistchev. O príncipe voltou-se logo para o seu lado e seguiu com atenção o resto dessa conversa.

Tratavam dos novos regulamentos e de certos aborrecimentos ocorridos entre os grandes proprietários da província de Z. A conversa do anglófilo devia ter para ele qualquer coisa de divertido, porque o velho acabou por começar a rir-se, ouvindo o seu interlocutor dar largas à sua bílis. Este expunha com facilidade, no tom monótono de um homem rabugento e acentuando vagarosamente as vogais, as razões pelas quais se vira obrigado, sob o novo regime, a vender por metade do preço um esplêndido domínio que possuía nessa província, se bem que não tivesse uma especial necessidade de dinheiro. Ao mesmo tempo obrigavam-no a manter uma propriedade arruinada, que só lhe dava prejuízos, e compeliam-no numa outra a manter um processo dispendioso. «Para evitar ainda um outro processo com respeito aos bens provenientes da herança do Pavlistchev, preferi desinteressar-me. Mais uma ou duas heranças como esta e eu ficaria arruinado». No entanto possuía ainda nessa província três mil *déciatines* de excelentes terras.

Ivan notara a extrema atenção que o príncipe prestara a esta conversa. Aproximando-se entretanto dele, disse-lhe a meia voz:

— Ouves... Ivan Petrovitch é aparentado com a falecido Nicolau Andreíevitch Pavlistchev... Procuras, suponho eu, os teus parentes?

Ivan não tinha tido até aí olhos para outro que não fosse o seu chefe, o general. No entanto não deixou de observar desde logo que o León era muitíssimo desleixado, pelo que sentiu com isso uma certa inquietação. Tentou também intrometê-lo, mais ou menos, na conversa, apresentando-o

dessa forma, se assim se pode dizer, pela segunda vez, e recomendando-o à proteção daquelas «personalidades».

— León Nicolaievitch foi educado por Nicolau Andreievitch Pavlistchev, depois do falecimento de seus pais — disse ele, um pouco a medo, e depois de haver encontrado o olhar de Ivan Petrovitch.

— Muito prazer — observou este último — e lembro-me muitíssimo bem do senhor. Assim que o Ivan me fez a sua apresentação, reconheci-o imediatamente, até pelo próprio rosto. Não tem feito grande mudança, se bem que tivesse apenas dez ou onze anos quando o vi pela última vez. O seu rosto mantém alguns dos traços que me ficaram gravados na memória...

— O senhor conheceu-me ainda criança? — perguntou o príncipe com uma grande admiração.

— Oh, muito bem e por bastante tempo — continuou Ivan. — Foi em Zlatoverkhovo, onde o senhor vivia, em companhia dumas minhas primas. Nesses tempos ia lá muitas vezes; o senhor não se lembra de mim? Isto não tem nada de espantar!... O senhor estava então doente, não sei de que doença, mas lembro-me de ter sido ainda chamado uma vez para o ver...

— Não me recordo de nada! — afirmou o príncipe, entusiasmado.

Ivan acrescentou, muito pausadamente, algumas palavras de explicação, que surpreenderam e comoveram o príncipe: as duas velhas senhoras, parentas do falecido Pavlistchev, que viviam na sua propriedade de Zlatoverkhovo e às quais havia confiado a educação do príncipe, tornaram-se mais tarde suas primas. Como toda a gente, Ivan não sabia bem quais tinham sido os motivos que haviam levado Pavlistchev a interessar-se daquela forma pelo jovem príncipe, seu pupilo. «Não pensei então em me informar», disse ele. Muitas vezes mostrou que tinha uma excelente memória, pois se lembrava que a mais velha das primas, Marta Nikitichna, era muito severa com o jovem príncipe, que lhe fora confiado; «Fui até ao ponto», acrescentou ele, «de discutir uma vez com ela, a propósito do senhor, pois desaprovei o seu sistema de educação, que consistia em castigar, batendo-lhe, essa criança doente. Parece-me que... o senhor mesmo concorda...» Pelo contrário, a filha segunda, Natália Nikitichna, era toda ternura para a infeliz criança... «As duas devem estar agora na província de Z., onde herdaram de Pavlistchev uma linda e pequena propriedade (serão ainda vivas? não o sei dizer). Marta Nikitichna tinha, se não me engano, a intenção de entrar num convento; não posso

afirmar isto, de positivo; posso apenas dizer que o ouvi, a propósito de uma outra pessoa. Ah, já sei!... Disseram isto ao falarem da mulher de um médico...»

O príncipe escutou estas palavras, com os olhos brilhando de contentamento e enternecimento. Declarou por sua vez, com uma vivacidade extraordinária, que não perdoaria nunca a si mesmo, o ter viajado pelo interior do país durante os últimos seis meses e não ter reservado uns dias para ir ver as suas antigas educadoras. Em cada dia que passava, formava a intenção de o fazer, mas havia sido constantemente impedido por diversas circunstâncias... Desta vez porém estava decidido a ir, custasse o que custasse, à província de Z. «Assim, o senhor conhece a Natália Nikitichna? Que admirável, que santa mulher! Marta Nikitichna também, desculpe-me, mas parece-me que o senhor se engana a tal respeito. Era severa, mas como não perder a paciência com o idiota que eu era então? (Ah! Ah!) Na verdade, nesse tempo, eu era um idiota completo, o senhor não acredita? (Ah! Ah!) Além disso... além disso o senhor não me conheceu nessa época e... Como é que, na verdade, não me recordo do senhor, pode dizer-mo? De maneira que o senhor... Ah, meu Deus!... será possível que o senhor seja realmente parente do Nicolau Pavlistchev?»

— Posso assegurar-lho — afirmou, com um sorriso, Ivan Petrovitch, observando o príncipe.

— Oh, o que eu queria dizer era... sem dúvida... e enfim, pode-se duvidar disto? (ah! ah!)... mesmo pouco que seja? Sim, mesmo pouco que seja! (ah! ah!) Queria contudo dizer-lhe que o falecido Nicolau Pavlistchev era um homem tão admirável!... um homem tão generoso! Dou-lhe a minha palavra de honra!

O príncipe não se sentia tão oprimido, mas, de qualquer maneira, «a garganta parecia-lhe tomada pela emoção que lhe vinha do coração», segundo a frase de que se serviu a Adelaide no dia seguinte, ao falar com o seu noivo, o príncipe Stch…

— Oh, meu Deus! — observou Ivan, rindo. — Porque não posso eu ser parente de um homem tão generoso?

— Por Deus! — exclamou o príncipe, cuja confusão se traduzia por uma precipitação e uma animação cada vez maior — eu... disse mais uma tolice, mas... isto devia chegar, porque eu... eu... eu... a minha palavra de novo traiu o meu pensamento! Mas também, que influência pode ter a rainha pessoa, podem dizer-me, ante tais interesses? E em comparação

com um homem tão magnânimo? Pois Deus é testemunha que ele era o mais magnânimo dos homens, não é assim? não acham que é assim?

O príncipe tremia todo. Donde lhe tinham resultado essa brusca comoção, porque se tornou muito branco, depois de um tal enternecimento, na aparência em desproporção com o tema da conversa, é o que para ele era dificílimo de explicar. Todavia encontrou-se nesse instante num tal estado de emotividade, que experimentou um sentimento de sincera gratidão, sem bem saber porquê, nem a respeito de quê; talvez mesmo fosse com respeito ao Ivan, talvez fosse com respeito a todas as pessoas presentes!... Rejubilava de felicidade. Ivan acabou por o observar com um olhar mais perscrutador. O «dignatário» fitou-o também com toda a atenção. A princesa Bielokonski lançou sobre ele olhares indignados e apertou os lábios. O príncipe N., Eugénio, o príncipe Stch…, as senhoras, todos os presentes, em suma, deixaram de falar e apuraram o ouvido. Aglaé mostrou sinais de pavor e Isabel ficou positivamente aflita. A mãe e as filhas pareciam enfadadas: depois de haverem deliberado e terem chegado à conclusão que o príncipe fazia melhor, mantendo-se calado durante toda a reunião, ficaram deveras apreensivas ao verem-no completamente só num canto do salão e satisfeito com a sua sorte. Adelaide tinha já pensado em atravessar o aposento e aproximar-se dele com precaução; levá-lo-ia depois para junto do grupo onde se encontrava o príncipe N., ao lado da princesa Bielokonski. Porém na altura em que o príncipe se havia disposto a intervir na conversa, a sua inquietação redobrou.

— O senhor tem razão em dizer que era um homem admirável — observou Ivan num tom sentencioso e deixando de sorrir. — Sim, era um excelente homem. Um excelente e digno homem — acrescentou ele, depois de um curto silêncio. — É digno mesmo, se assim se pode dizer, de toda a estima — encareceu em seguida, depois de uma nova pausa — e... é muito agradável constatar que por seu lado...

— Não foi com este Pavlistchev que se deu uma história esquisita com um abade, o abade... esqueci-me do nome... e que causou no seu tempo uma grande sensação? — proferiu o «dignatário», esforçando-se por avivar as suas recordações.

— O abade Gouraud, um jesuíta — informou Ivan. — Sim, pertenciam ao número dos homens admiráveis e dignos de estima! E assim, Pavlistchev, devido ao seu nascimento e à sua fortuna, era camarista e...

estava no ativo serviço quando de repente resolveu abandonar as suas funções oficiais e cortar com todas as suas relações, para abraçar o catolicismo e tornar-se jesuíta. Pôs nesta sua resolução todo o entusiasmo, sem mesmo procurar evitar o escândalo. Felizmente, porém, morreu a tempo, como todos o reconheceram então.

O príncipe não se pôde conter:

— Pavlistchev... Pavlistchev converteu-se ao catolicismo? É impossível! — exclamou, deveras admirado,

— Como, «impossível»? — replicou Ivan num tom sério. — É querer afirmar muito, meu caro príncipe, e o senhor há de concordar. De resto, o senhor tem o falecido numa muito alta estima e ele era de facto um homem dotado de bom coração, sendo sobretudo a essa qualidade que eu atribuo o sucesso desse intrigante do Gouraud. O senhor mal imagina quantas discussões e quantas inquietações tenho tido por causa dessa questão... e precisamente com esse mesmo Gouraud! Imagine — acrescentou ele, voltando-se para o velho — que pretendiam ter as suas pretensões à herança; tive de recorrer às medidas, as mais enérgicas para os levar ao arrependimento, porque sabem o que valem! São pessoas espantosas. Deus seja louvado! Isto passava-se em Moscovo; dirigi-me imediatamente ao conde e fizemos-lhe ouvir... a voz da razão.

— O senhor não pode calcular quanto tudo isto me tem penalizado e perturbado! — exclamou de novo o príncipe.

— Lastimo-o; no fundo, isso tudo não é tão sério como supõe e teria acabado, como sempre, em coisa nenhuma. Pelo menos estou convencido disso. O verão passado — continuou ele, dirigindo-se de novo ao velho — a condessa de K. retirou-se também, segundo se diz, para um convento católico no estrangeiro; os nossos compatriotas não têm resistência alguma ante as promessas desses... aduladores... sobretudo no estrangeiro.

— Tudo isso, na minha maneira de ver, provém da nossa lassidão — disse o velho dignatário tomando um ar de importância — e depois essas criaturas têm uma maneira de cativar que, apesar de toda... a sua delicadeza, toda a sua personalidade, chega a causar-nos medo. A mim mesmo chegaram a amedrontar-me, posso garantir-lho; foi em 1832, em Viena; o que sucedeu, porém, é que não me deixei dominar, pois pus-me em fuga. Ah, ah! Dou-lhe a minha palavra que fugi!

— Deixe-o dizer, meu bom amigo. Fugiu, na verdade, nessa época, de Viena para Paris, em companhia de uma linda mulher, a condessa de

Lewicki; foi por causa dela, e não por causa do jesuíta, que deixou o serviço — interveio bruscamente a princesa de Bielokonski.

— Sem dúvida! Mas tudo isso sucedeu mais por causa de um jesuíta — replicou o velho, sorrindo, ante a evocação dessa agradável recordação. — O senhor parece que tem uns sentimentos muito religiosos, o que é agora muito raro entre os rapazes novos — acrescentou ele, num tom de benevolência, dirigindo-se ao príncipe León, que o escutava de boca aberta e parecendo muito aterrado.

Era evidente que o velho desejava conhecer melhor o príncipe e tinha as suas razões para se interessar vivamente por ele.

— Pavlistchev era um espírito lúcido e um cristão, um verdadeiro cristão. — declarou bruscamente o príncipe. — Como pôde ele adotar uma religião que não é cristã? O catolicismo é uma religião que não tem nada de cristã!...

Os seus olhos fulguravam, olhando à sua volta, como que pretendendo abraçar toda a assistência num só golpe de vista.

— Alto lá, isso é ir um pouco longe de mais! — murmurou o velho, fitando Ivan com um olhar de surpresa.

— Então o catolicismo não é uma religião cristã? — perguntou este último, voltando-se na cadeira. — O que é então?

— É antes de tudo uma religião que não tem nada de cristã — repetiu o príncipe com uma forte emoção e num tom deveras ríspido. — Este é o primeiro ponto. O segundo é, em meu entender, que o catolicismo romano é pior que o próprio ateísmo! Sim, é esta a minha opinião!... O ateísmo limita-se a proclamar o nada, ao passo que o catolicismo vai mais longe: prega um Cristo que desfigura, calunia, vilipendia um Cristo contrário à verdade. Prega o Anticristo, posso garantir-lho! É esta a minha convicção pessoal desde há muito tempo e que me tem feito sofrer bastante... O catolicismo romano crê que a Igreja não pode manter-se sobre a Terra sem exercer um poder político universal e por isso diz: *Non possumus!* Para mim não constitui mesmo uma religião; propriamente falando é a continuação do Império romano do ocidente; tudo nele está subordinado a esta ideia, a começar pela fé. O Papado apropriou-se de um território, de uma soberania temporal e brandiu um gládio; desde então nada mudou, a não ser o gládio, substituído pela intriga, pela imposturice, pelo fanatismo, pela superstição e pela patifaria; brinca-se com os sentimentos populares, os mais sagrados, os mais puros, os mais inocentes, os mais ardentes;

tudo, tudo foi trocado pelo dinheiro, por um miserável poder temporal. E não é esta a doutrina do Anticristo? Então não foi o catolicismo que engendrou o ateísmo! O ateísmo saiu do próprio catolicismo romano! Foi entre os seus adeptos que ele começou; poderão porventura crer neles próprios? Foram eles que tornaram maior a aversão que inspiravam, resultou das suas mentiras e da sua impotência moral!... O ateísmo! Entre dós a incredulidade encontra-se somente em certas cartas, entre os «desenraizados», na feliz expressão de Eugénio Pavlovitch; porém, pela Europa fora, são massas enormes do povo que começam a perder a fé; noutros tempos a sua irreligião resultava da sua ignorância e da sua ilusão; hoje deriva do fanatismo e do ódio contra a Igreja e o cristianismo!

O príncipe parou ofegante. Havia falado com uma intensa volubilidade. Estava pálido e opresso. Os assistentes mostravam olhares de admiração; por fim o dignatário começou a rir abertamente. O príncipe N. pôs a luneta de cabo e observou com insistência León. O poeta alemão deixou o canto, onde estivera até aqui, e aproximou-se da mesa com um sorriso hostil nos lábios.

— O senhor exagera muito — disse Ivan, numa voz lenta, com um ar de tédio e até mesmo de mal-estar. — Essa Igreja tem também muitos representantes dignos de todo o respeito e que são pessoas virtuosas.

— Não falei ainda nos representantes da Igreja, como indivíduos. Falo do catolicismo romano na sua essência, a essência de Roma. E também a Igreja poderá desaparecer por completo? Nunca até hoje disse isso.

— De acordo. Tudo isso é conhecido e é supérfluo falar em tal; fala-se, sim... no domínio da teologia.

— Oh, não, não! Não se trata exclusivamente do domínio da teologia, posso assegurar-lho! Isso toca-nos muito mais perto do que o senhor pensa. Todo o nosso erro está justamente nesse ponto: não podemos ainda conceber que toda essa questão não é apenas teológica! Não esqueça que o próprio socialismo é também um produto do catolicismo, e da sua essência. Como o seu irmão, o ateísmo, nasceu do desespero; representa uma reação moral contra o catolicismo, visa a apropriar-se da autoridade espiritual que a religião perdeu, a saciar a sede ardente da alma humana e a procurar a salvação, não em Cristo, mas na violência! Nesta, como no catolicismo, vemos pessoas que pretendem assegurar a liberdade pela violência, a união pelo gládio e pelo sangue! «É proibido crer em Deus, é proibido possuir vontade, é proibido ter uma personalidade ou

fraternidade, ou a morte pelo preço de dois milhões de cabeças». Diz-se: Os senhores conhecem as suas obras. E não creiam que toda esta sede anódina não contém em si perigos para nós. Oh, precisamos reagir e o mais depressa possível! É preciso que o nosso Cristo, que mantemos guardado e que eles propriamente não conhecem, resplandeça e calque o Ocidente! Devemos agora levantar-nos diante deles, não para morder a isca do jesuitismo, mas para lhes infundir a nossa civilização russa!... E não nos venham dizer que sabem pregar com elegância, como alguém diz a cada momento.

— Se me permite, se me permite! — interrompeu Ivan com um ar muito inquieto, lançando olhares à sua volta e dando mesmo mostras de medo. — As suas ideias são muito louváveis e plenas de patriotismo, mas tudo isso é levado ao mais alto ponto de exagero e parece-me melhor não ir até aí.

— Não, não há nenhum exagero; isto está ainda muito abaixo da verdade, precisamente porque não pude ainda exprimir todo o meu pensamento, mas...

— Ah, permita-me!

O príncipe calou-se. Imóvel na cadeira, de cabeça erguida, dardejou sobre o Ivan um olhar encolerizado.

— Parece-me que o senhor exagerou até ao trágico a aventura do seu benfeitor — observou o velho num tom afável e sem perder a calma. — O senhor está excitado... talvez por causa do isolamento em que vive. Se procurasse o convívio dos outros homens (e a sociedade, assim o espero, acolherá de uma maneira notável um jovem como o senhor) acalmaria todo o seu ardor e compreenderia que tudo isso é muito mais simples... Por agora esses casos são tão raros... que a minha opinião é que uns provêm da nossa saciedade e os outros do aborrecimento.

— Sim senhor, é isso mesmo! — exclamou o príncipe. — Aí está uma ideia magnífica! É o «aborrecimento», é o «nosso aborrecimento» que é a causa, e não e saciedade! Neste ponto está enganado; longe de estarmos saciados, estamos, sim, sequiosos. Ou, para dizer melhor, estamos sendo devorados por uma sede febril! E... não suponha que isto seja um fenómeno tão insignificante, que provoque apenas o riso; desculpe-me, mas é preciso saber perscrutar! Quando os nossos compatriotas tocam ou creem ter tocado na margem, experimentam uma tal satisfação, que se deixam arrastar até aos extremos; porque sucederá isto? O caso de

Pavlistchev causou-lhes admiração; supõem que enlouqueceu ou que sucumbiu por excesso de bondade; ora não é assim. Não é somente para nós, mas para toda a Europa, que a irritação da alma russa, em tais circunstâncias, é um tema de espantar. Quando um russo se converte ao catolicismo, não se recusa a ser jesuíta e coloca-se entre os membros mais modestos da ordem. Se se torna ateu, não hesita em pedir que se extirpe pela força, isto é, também com um gládio, a crença em Deus. De onde vem este súbito fanatismo? Não se sabe? Resulta talvez de que o russo crê ter encontrado uma nova Pátria, isto, porque não se apercebeu que tem uma aqui e de que essa descoberta o cumula de alegria. Encontrou a margem, a terra; precipita-se para ela e cobre-a de beijos! Não é somente por vaidade, como não é sob o domínio de um sentimento de mesquinha enfatuação que os russos são ateus ou jesuítas; é por angústia moral, por sede de alma, por nostalgia de um mundo mais elevado, de uma terra estável, de uma Pátria que substitui esta por aquela em que deixaram de crer, porque nunca a conheceram! O russo converte-se facilmente ao ateísmo, mais facilmente, sem dúvida, que qualquer outro povo do mundo. E os nossos compatriotas não se tornam apenas ateus, mas sim passam a ter *fé* ao ateísmo, como se ele fosse uma nova religião; não se apercebem que é do nada que colocam a sua fé. Tanto nós temos sede de uma crença!... «Aquele que não tem o solo debaixo dos pés, também nada tem de Deus». Este pensamento não é meu. Foi-me dito por um negociante, que era um velho crente e que encontrei no decorrer de uma viagem. Para dizer a verdade, ele não se exprimiu bem assim. Antes disse: «Aquele que renega a sua Pátria, renega também o seu Deus!» Não se esqueçam de que se encontram na Rússia homens de alta cultura, desejosos de entrarem na seita dos *khlystes*... No fundo sinto vontade de perguntar em que é que os *khlystes* são piores que os niilistas, os jesuítas, ou os ateus. Talvez a sua doutrina seja mais profunda. Eis ao que se confina a angústia da alma!... Mostrem aos companheiros sequiosos e exaltados de Colombo as costas do «Novo Mundo»; mostrem ao homem russo o «mundo» russo; permitam-lhe que descubra esse ouro, o tesouro que a terra dissimula ante seus olhos! Façam-lhe ver a renovação futura de toda a humanidade e a sua ressurreição, que talvez só lhe resulte do pensamento russo, do Deus russo e do Cristo russo... E os senhores verão que gigante forte e justo, sábio e terno, se levantará diante do mundo, estupefacto e aterrorizado; só esperam de nós o gládio, o gládio e a violência, e julgando-se depois por

eles próprios, não podem apreender o nosso poder sob outra forma que não seja a barbárie. Foi sempre 'assim até agora e este preconceito não fará mais do que aumentar, no futuro. E...

Neste momento porém produziu-se um acontecimento que obrigou o orador a interromper o seu discurso da maneira mais inesperada.

Todo este inflamado discurso, todo este fluxo de palavras apaixonadas e tumultuosas, exprimindo uma confusão de pensamentos entusiastas e desordenados que se entrechocam, eram a indicação de uma disposição mental particularmente perigosa neste jovem, cuja efervescência se havia declarado agora e sem nenhuma razão aparente. Entre as pessoas presentes, todas aquelas que conheciam o príncipe ficaram surpreendidas (e algumas mesmo envergonhadas) do seu procedimento, tão pouco em harmonia com a sua atitude habitualmente reservada e por vezes tímida, sinal, em qualquer outra circunstância, de um tato raro e de um sentimento instintivo das maiores conveniências. Não se chegou a compreender qual a causa desse despropósito, que não foi com certeza a revelação relativa ao Pavlistchev. Entre as senhoras foi considerado como que atacado de loucura, e a princesa Bielokonski confessou, desde logo, que «se esta cena tivesse durado um momento mais, teria fugido dali». Por sua vez os homens quase perderam a calma logo ao primeiro instante de espanto. Sem mudar a cadeira, o alto funcionário do general havia tomado um ar de descontentamento e severidade. O coronel manteve uma impassibilidade completa. O alemão empalideceu, mas continuou a sorrir com um ar falso, olhando à sua volta, para ver como os outros reagiriam. É fora de dúvida que este «escândalo» podia ter terminado da maneira a mais simples e a mais natural, talvez mesmo num minuto. Ivan, que fora deveras impressionado, mas que havia recobrado a sua presença de espírito mais depressa que os outros, tinha feito já várias tentativas para pôr termo à eloquência do príncipe; não o tendo conseguido até aqui, aproximou-se agora dele com firmeza e decisão. Um minuto mais e, se isso fosse necessário ter-se-ia talvez resolvido a fazê-lo sair amigavelmente, pretextando que ele estava doente, o que era talvez verdade nessa altura. Em todo o caso, ele, Ivan, estava de facto convencido... Porém os acontecimentos tomaram um outro rumo.

Desde que entrara no salão, o príncipe havia-se sentado o mais longe possível do vaso chinês, a propósito do qual Aglaé o havia aterrorizado, Coisa inacreditável; depois do que ela lhe tinha dito na véspera, uma

convicção insuperável, um estranho e inverosímil pressentimento haviam-no dominado de tal forma, que estava convencido que não poderia deixar de quebrar o vaso, por maiores esforços que fizesse para evitar essa desgraça. Eis pois ao que chegou. No decorrer da reunião, outras impressões, tão fortes como agradáveis, haviam-lhe invadido a alma; haviam já falado nisso, e essas impressões fizeram-lhe esquecer o seu pressentimento. Quando ouviu pronunciar o nome de Pavlistchev e que Ivan Fiodorovitch o chamou até junto de Ivan Petrovitch, para lho apresentar de novo, aproximou-se da mesa e sentou-se num sofá ao lado do grande e magnífico vaso da China, colocado sobre um pedestal, quase à altura do seu cotovelo e um pouco atrás dele.

No momento em que pronunciou as últimas palavras do seu discurso, levantou-se bruscamente, fez com o braço um gesto largo e imprudente, teve um movimento involuntário de ombros e um grito geral ecoou! O vaso oscilou, parecendo ficar indeciso e prestes a cair sobre um dos velhos assistentes; depois pendeu logo para o lado oposto, onde se encontrava o alemão, o qual só teve o tempo bastante para, aterrorizado, dar um salto, e veio fazer-se em bocados sobre o chão. Ao ruído feito, responderam várias exclamações e preciosos bocados se espalharam sobre o tapete! O terror e o espanto apoderaram-se de todos os presentes. No que diz com respeito ao príncipe, é muito difícil, se não quase impossível descrever o que sentiu. Porém não podemos deixar de assinalar que a estranha impressão que o dominou até este momento, se distinguiu logo de uma multidão de muitas outras, penosas e aterrorizadoras: o que o surpreendeu mais, não foi a vergonha, nem o escândalo, nem o medo, nem o imprevisto do incidente, mas sim o ter-se realizado a profecia. Não conseguiu explicar a si mesmo o quanto essa constatação tinha de surpreendente; sentiu somente que ela lhe alarmou o coração e o encheu de um terror quase místico. Um momento se passou: pareceu-lhe que tudo se dilatava à sua volta e que o espanto se desvanecia ante uma sensação de luz, de alegria, de êxtase; perdeu a respiração e... Este fenómeno porém foi de curta duração. Graças a Deus não passou além disto!... Retomou alento e olhou à sua volta.

Durante um instante ficou como que inconsciente da alucinação que o dominou. Ou melhor, compreendia e via bem tudo quanto se passava, contudo sentia-se fora dos acontecimentos, tal como um invisível personagem de conto de fadas, observando, num aposento onde o

introduziram, pessoas estranhas, mas que o interessavam. Viu apanhar os bocados, ouviu umas conversas rápidas e notou que Aglaé o fitava; estava pálida e tinha um ar estranho, muito estranho, mas sem nenhuma expressão de ódio e ainda menos de cólera; observava-o com receio, mas os seus olhos denotavam simpatia, entretanto que lançava sobre os outros, olhares cintilantes; um enternecedor sofrimento lhe invadiu de súbito o coração.

Notou, por fim, com uma certa confusão, que todos os assistentes tinham retomado os seus lugares e que riam mesmo, como se nada tivesse acontecido! Um outro minuto decorreu; a hilaridade redobrou; divertiam-se agora com a sua idiotice, mas com um ar de graça e num tom cordial. Diversas pessoas dirigiram-lhe a palavra em termos afáveis sobretudo a Isabel, que falando e rindo, lhe disse frases de uma extrema gentileza. De repente sentiu Ivan Fiodorovicth bater-lhe amigavelmente nas costas. Ivan Petrovitch ria também muitíssimo. Porém o melhor, o mais agradável e o mais simpático foi o velho dignatário: agarrou a mão do príncipe e apertando-lha docemente e batendo-lhe ligeiramente com a palma da sua outra mão, exortou-o a acalmar-se, tal como fizera noutros tempos a um rapaz medroso, o que agradou em extremo ao príncipe; por último fê-lo sentar junto dele. Este contemplou o rosto do velho com enlevo e estava tão satisfeito, que a custo conseguiu recuperar a fala e respirar mais aliviado.

— Como? — balbuciou ele por fim. — É verdade que os senhores me perdoam? E... a senhora também, Isabel?

As risadas redobraram e as lágrimas brotaram dos olhos do príncipe; mal podia acreditar na satisfação que o dominava.

— Não há dúvida que este vaso era soberbo. Conheço-o há bem quinze anos... sim, quinze anos — insinou Ivan Petrovitch.

— Foi uma grande perda, mas se o homem não é eterno, para que ficarmos desolados com o desaparecimento desse vaso de argila! — exclamou bem alto Isabel. — Será possível que isto o haja aterrado tanto, León? — acrescentou ela com uma expressão inquieta. — Vamos, meu amigo, nada de apoquentações! Na verdade, até me fez medo!...

— E a senhora perdoa-me tudo? Não só o vaso, mas *tudo?* — perguntou o príncipe. Tentou em seguida levantar-se, mas o velho dignatário agarrou-o de novo pela mão. Em face disto não saiu de junto dele.

— É muito curioso e muito sério! — murmurou por sobre a mesa Ivan Petrovitch, mas tão alto, que o príncipe devia ter ouvido.

— Parece-me que não ofendi nenhum dos senhores? Mal podem calcular quanto esse pensamento me torna feliz. E pensando bem, não podia ser de outra forma: como poderia eu ofender quem quer que fosse? O supô-lo, é que seria uma ofensa para todos os senhores.

— Acalme-se, meu amigo, não exagere. O senhor não tem mesmo razão para se mostrar tão reconhecido; esses sentimentos ficam-lhe bem, mas vão além do razoável.

— Não só lhes estou muito reconhecido, como ainda os admiro e me sinto feliz ao contemplá-los; talvez me exprima um pouco tolamente, mas preciso falar, preciso explicar-me... nem que seja só em respeito a mim mesmo.

Os seus movimentos eram deveras impulsivos, denotando assim a perturbação e a febre que o dominavam; com certeza as suas palavras nem sempre exprimiam o que pretendia dizer. Tinha o ar de quem quase pedia autorização para falar. O seu olhar fitou por acaso a princesa Bielokonski.

— Não te apoquentes, meu caro. Continua, continua, não desanimes! — observou ela. — O que sucedeu ainda há pouco, resultou do teu desalento. Fala porém sem medo; estes senhores têm visto coisas muito mais estranhas do que aquilo que tu fizeste, por isso não os farás admirar. Deus sabe quanto és difícil de compreender; no entanto quebraste o vaso e assustaste toda a gente.

O príncipe ouviu-a, sorrindo.

— Não foi o senhor — perguntou ele à queima-roupa, dirigindo-se ao dignatário — que salvou de serem deportados, há três meses, o estudante Podkoumov e o empregado Chvabrine?

O velho corou um pouco e balbuciou qualquer coisa, como que a convidá-lo a acalmar-se.

— A respeito do senhor tenho ouvido dizer — continuou ele, dirigindo-se a Ivan Petrovitch — que, na província de N., deu gratuitamente madeira de construção aos camponeses que vivem nas suas terras, devastadas por um incêndio, se bem que depois da sua emancipação tivessem procedido com o senhor de uma maneira pouco elegante.

— Oh, isso é exagero! — murmurou Ivan Petrovitch, com uma orgulhosa modéstia; desta vez tinha razão em falar de exagero, porque se tratava apenas de um falso boato, chegado aos ouvidos do príncipe.

— E a senhora princesa — prosseguiu o príncipe, voltando-se de repente para a princesa Bielokonski com um sorriso radioso — não me recebeu há seis meses em Moscovo, e não me tratou como seu filho, numa carta de recomendação que dirigiu à Isabel? Como seu filho, deu-me também um conselho que não esquecerei nunca. Lembra-se?

— Que mosca te mordeu? — objetou a princesa com despeito. — És de facto um bom rapaz, mas ridículo; quando te dão cinco simples centavos, agradeces como se te tivessem salvo a vida. Crês que fazes bem? Para mim é simplesmente repugnante!

Parecia ter chegado de repente ao ponto de se zangar, mas, sem se esperar, começou a rir bruscamente, e desta vez com uma expressão de indulgência. O rosto de Isabel acalmou-se e Ivan mostrou-se radiante.

— Eu bem dizia que o León é um homem tão... um homem que... enfim, goza da qualidade de não sufocar ao falar, como observou a princesa... — balbuciou o general num tom de satisfação, repetindo as palavras da princesa Bielokonski, que o haviam chocado.

Apenas Aglaé parecia triste; no entanto estava ainda corada, talvez por efeito da indignação.

— É realmente muito gentil — repetiu o dignatário a Ivan Petrovitch.

O príncipe encontrava-se num estado crescente de agitação. Com uma fluência cada vez maior, anormal, exaltada, prosseguiu:

— Entrei aqui com o coração atormentado, pois... tinha medo dos senhores e medo de mim. Tinha sobretudo medo de mim. No meu regresso de S. Petersburgo havia prometido ver, custasse o que custasse, os nossos homens da alta sociedade, aqueles que descendem das famílias da velha estirpe, às quais pertenço, e de que sou um dos primeiros, pelo meu nascimento. Não me encontro agora no meio dos príncipes como eu? Queria travar conhecimento com os senhores, pois isso era-me necessário, muito necessário!... Havia sempre ouvido dizer muito mal dos senhores, muito mais mal do que bem; haviam-me falado na sua pequenez de espírito, no exclusivismo dos seus interesses, na sua retrógrada mentalidade, na sua pouca instrução e nos seus hábitos ridículos; oh, diz-se e escreve-se tantas coisas a seu respeito! Dominava-me também uma grande curiosidade e agitação ao vir aqui hoje. Precisava ver por meus próprios olhos e estabelecer uma convicção pessoal sobre esta questão: é verdade que a estirpe superior da sociedade russa não vale mais; ela fez já o seu tempo, a vitalidade de antanho está esgotada e no entanto não é

capaz de se deixar extinguir, teimando ainda em lutar, por mesquinha inveja, contra os homens... do futuro e em barrar-lhe a passagem, sem dar conta que ela própria está moribunda! Já anteriormente eu dava pouco crédito a essa maneira de ver, visto que não tivemos nunca uma verdadeira aristocracia, além de uma casta de cortesãos que se distinguia pelo seu uniforme ou... por acaso; porém agora essa nobreza desapareceu por completo, não é verdade?

— Então!... Nem tudo é assim. — observou Ivan Petrovitch, rindo maliciosamente.

— Se continua assim, vou-me embora! — murmurou a princesa Bielokonski, perdendo a paciência.

— *Laissez-le dire!* Olhem como está todo trémulo — cochichou o velho dignatário.

O príncipe estava de facto fora dele.

— E que vejo eu aqui? Vejo pessoas cheias de delicadeza, de franqueza e de inteligência. Vi um velho testemunhar uma afetuosa atenção a um garoto como eu e escutá-lo até final. Vejo homens capazes de compreender e de perdoar; estes são na verdade russos e dos que pertencem à categoria dos homens bons, quase tão bons e tão cordiais como aqueles que encontrei no estrangeiro; em qualquer dos casos nunca valem menos. Imaginem qual não foi a minha agradável surpresa! Oh, deixem que livremente me possa exprimir! Tenho muitas vezes ouvido dizer, e eu próprio assim o supunha, que neste mundo tudo se reduz a boas maneiras, a um formalismo desusado, cuja seiva já ressequiu. Ora, constato agora, por mim mesmo, que tal não pode ser o caso que se passa entre nós. Pode ser que seja assim agora, mas não entre dós, Poder-se-á acreditar que os senhores sejam agora todos jesuítas e impostores? Ouço a cada instante a história do príncipe N.: não é ela de um humorismo pleno de sinceridade e de espontaneidade? Não é sem dúvida uma verdadeira bonomia? Como é que tais palavras podem sair da boca de um homem... morto, de um homem cujo coração e talento estão ressequidos? Como é que os mortos poderiam acolher-me como os senhores me têm acolhido? Será porque não há neles um elemento... para o futuro, um elemento que justifique quaisquer esperanças? Como é que tais pessoas não podem compreender e ficam para trás?

— Peço-lhe mais uma vez para que se acalme, meu caro amigo; falaremos de tudo isso num outro dia e será com prazer que… — interveio

o «dignatário» com um sorriso um tanto zombeteiro.

Ivan Petrovitch tossicou e voltou-se no sofá; Ivan Fiodorovitch começou também a estar inquieto; o seu superior, o general, entretido a conversar com a esposa do dignatário, deixou de prestar a menor atenção ao príncipe; porém esta senhora escutava o general com um ouvido e com o outro não deixava de escutar o príncipe.

— Não, não, é preferível que eu fale! — continuou o príncipe, como que levado por um ataque febril e dirigindo-se ao dignatário num tom de confiança e também de confidência. — A Aglaé quase me proibiu ontem de falar e indicou-me mesmo os assuntos que não devia abordar; sabe que me torno ridículo quando me meto a discuti-los. Estou dos meus vinte e sete anos e reconheço no entanto que me comporto como uma criança. Não tenho o direito de expor o meu pensamento; há muito tempo já que venho dizendo isto; foi apenas em Moscovo, com o Rogojine, que eu falei de coração aberto... Lemos Pushkin juntos, em todas as suas obras; não o conhecia, nem mesmo de nome... Receio sempre que o meu ar ridículo comprometa o meu pensamento e desacredite a *ideia principal*. Não tenho um gesto feliz. Os gestos que faço são sempre extemporâneos, por isso provocam o riso e aviltam a ideia. Falta-me também o sentimento da proporção, e isto é muito grave, é mesmo o mais grave... Sei que o melhor que posso fazer, é ficar quieto e calado. Quando me mantenho sossegado e calado, pareço sempre mesmo muito razoável e tenho, por outro lado, tempo para refletir. Agora porém é muito preferível que eu fale. Os senhores olham-me com tanta benevolência, que me sinto encorajado; há mesmo muito encanto nas suas palavras. Ontem dei a minha palavra à Aglaé de que me manteria calado durante toda esta reunião.

— *Isso é verdade?* — perguntou o dignatário com um sorriso.

— Há no entanto momentos que chego a ter medo de raciocinar assim; a sinceridade não será digna de um gesto? Que lhes parece?

— Algumas vezes.

— Pretendo explicar-lhes tudo, tudo, tudo! Oh, sim! Os senhores consideram-me um utopista? Um ideólogo? Oh, não: juro-lhes que os meus pensamentos são todos muito simples... Os senhores não acreditam? Sorriem? Ouçam: sou algumas vezes cobarde, porque perco a fé na minha pessoa; a cada instante, antes de vir aqui, eu pensava: «Como dirigir-lhes a palavra? Em que termos encetarei eu a conversa, para que me compreendam, por pouco que seja?» Dominava-me uma viva apreensão e

os senhores eram o principal motivo do meu terror. E contudo, que razão tinha eu para os temer? O meu medo não seria vergonha? Que importa que, por cada homem culto e progressivo, haja uma tal multidão de retrógrados e perversos? A minha alegria provém de que estou agora convencido que no fundo essa multidão não existe e que encontramos apenas elementos plenos de vida. A ideia de sermos ridículos não deve perturbar-nos, não é assim? Sem dúvida, nós somos ridículos, somos frívolos, temos costumes intratáveis, aborrecemo-nos, não sabemos nem ver, nem compreender; mas somos todos assim, todos, os senhores, eu e eles também! Notem, os senhores não se melindram ao ouvirem-me dizer frente a frente que são ridículos? Se é assim, poder-se-á ver nos senhores artistas do progresso? Dir-lhes-ei mesmo que algumas vezes é muito bom, é muito melhor ser-se ridículo: tem-se uma maior inclinação para o mútuo perdão e a humildade; não nos é dado compreender tudo de um só golpe e a perfeição não se atinge de repente! Para chegar à perfeição é preciso começar por não compreender muitas coisas. Aquele que aprende depressa, com certeza aprende mal. Digo-lhes isto, aos senhores que julgam ter já compreendido tantas coisas... sem as compreenderam. Não sinto agora qualquer receio a seu respeito; os senhores ouvem, sem se encolerizarem, um garoto como eu, falar-lhes neste tom, não é assim? Parece que não há dúvidas! Oh, os senhores sabem esquecer, sabem perdoar àqueles que os têm ofendido e também àqueles que não os têm ofendido, porque é muito mais difícil perdoar àqueles que não os têm ofendido, justamente porque não têm *nenhuma* questão e por consequência o seu ressentimento é destituído de fundamento. Era isto o que eu esperava de pessoas da alta sociedade, era isto que eu tinha pressa em lhes dizer ao chegar aqui, sem contudo saber em que termos o iria fazer... O senhor, Ivan Petrovitch, ri-se? O senhor supõe que sou um democrata, um apologista da igualdade, que sou aqui o *seu* advogado e que é por *eles* que eu temo? — acrescentou, com um sorriso convulso (a cada instante tinha um sorriso sofreado e extático). — Não... é pelos senhores que eu temo, pelos senhores todos e por nós todos sem exceção. Agora mesmo sou um príncipe da velha linhagem no meio de outros príncipes. Falo pelo nosso interesse comum a fim de que a nossa classe não desapareça, sem nenhum proveito, nas trevas, por não ter previsto nada, por não ter leito se não questionar e tudo ter perdido. Para que desaparecer e ceder o lugar aos outros, quando podemos manter as nossas posições na vanguarda, à frente

da sociedade? Sejamos homens do progresso e seremos sempre os primeiros. Tornemo-nos prestáveis para passarmos a ser superiores.

Teve a brusca veleidade de se levantar do sofá, mas o velho dignatário segurou-o logo e fitou nele um olhar de crescente inquietação.

— Ouça. Eu sei que falar nada significa; é muito melhor dar o exemplo e meter, simplesmente, mãos à obra... Eu comecei já... e... e parece-lhes que na verdade se possa ser desgraçado? Oh, que importa a minha aflição e a minha desgraça, se sinto a vontade de ser feliz? Não compreendo, sabe, que se possa passar ao lado de uma árvore, sem experimentarmos, ao olhá-la, um sentimento de felicidade, ou falar a um homem sem que dos sintamos felizes em o estimarmos. Oh, faltam-me as palavras para bem exprimir isto... mas quantas coisas bonitas nós vemos a cada passo, de que até o homem mais desgraçado pressente logo a beleza? Olhem a criança, olhem a aurora do Criador, olhem a erva que cresce, olhem os olhos que os contemplam e que os estimam...

No decurso desta última tirada, e falando sempre, o príncipe tinha-se levantado. O velho dignatário seguiu-o com olhares aterrados. Isabel agitou os braços e exclamou: «Ah, meu Deus!» Fora ela a primeira a ter a intuição do que se eslava passando. Aglaé correu para o príncipe e chegou no momento preciso de o amparar nos braços; atemorizada e com o rosto alterado pelo sofrimento, a pequena ouviu muito bem o grito selvagem de: «O espírito que fizera cambalear e lançara por terra» o desgraçado! Quando este caiu sobre o tapete, houve alguém que pôde ainda colocar-lhe a tempo uma almofada debaixo da cabeça.

Ninguém esperava por este desfecho, Ao fim de um quarto de hora, o príncipe N., Eugénio Pavlovitch e o velho dignatário tentaram reanimar a reunião, mas não o conseguiram, pelo que, meia hora depois, todos os convidados se separaram, não sem exprimirem, em constrangidas palavras, o seu pesar, de mistura com os mais diversos comentários sobre o incidente. Ivan Petrovitch emitiu, entre outras, a opinião de que «este rapaz era um eslavófilo ou qualquer coisa parecida, mas que não havia perigo no seu caso». O velho não proferiu uma palavra. No entanto, no dia seguinte e no outro dia, estes acontecimentos foram o assunto das conversas de todos, originando mesmo um movimento de zombarias a tal respeito. Ivan Petrovitch chegou a sentir-se ofendido, embora sem nada de maior. O superior de Ivan Fiodorovitch mostrou-se com ele, durante algum tempo, de uma certa frieza. O alto dignatário, «protetor» dos Epantchine,

fez também, por sua vez, algumas reflexões sentenciosas a respeito do chefe de família, acrescentando muitas vezes, em termos lisonjeiros. que se interessava muitíssimo pelo futuro de Aglaé. Era um homem dotado, de facto, de uma grande bondade; um dos motivos porém do interesse que havia testemunhado essa noite ao príncipe, era a história das anteriores relações deste último com Nastásia; o pouco que ele tinha ouvido contar, havia-o intrigado bastante e sentiu vontade de fazer algumas perguntas a tal respeito.

Depois da reunião, no momento de partir, a princesa Bielokonski disse a Isabel:

— Que te direi eu? É bom e é mau; se queres a minha sincera opinião, é sempre mau. Tu própria estás vendo que género de homem é: um doente!

Isabel decidiu no seu íntimo que o príncipe era um noivo «impossível» e, durante a noite, jurou a si mesma «que enquanto ela vivesse, nunca ele desposaria Aglaé». Levantou-se pela manhã com a mesma disposição. Um pouco depois do meio-dia, à hora do almoço, caiu numa singular contradição com ela própria.

A uma pergunta, embora muito discreta, das irmãs, Aglaé ripostou num tom frio, mas arrogante:

— Nunca até hoje lhe dei a minha palavra, nem nunca o considerei como o meu noivo. É-me tão indiferente como da primeira vez que o vi.

Isabel não pôde conter-se.

— Não esperava essa linguagem de tua parte — observou ela num tom de tristeza. — Que é um partido impossível, nunca tive dúvidas, e Deus seja louvado por a questão ter terminado desta forma! Porém nunca me passou pela cabeça que te exprimisses assim!... Tinha feito de ti uma outra ideia. Por mim, teria posto de lado todos os convidados de ontem, exceto a ele!... É esta a opinião que tenho dele!...

Calou-se de repente, arrependida do que acabava de dizer. Ah, se tivesse podido saber até que ponto tinha sido nesse momento injusta para com sua filha. No espírito de Aglaé encontrava-se já tudo determinado; esta esperava também a sua hora, a hora decisiva para ela, e toda a referência a este caso, toda a alusão imprudente, feria-a profundamente no coração.

Capítulo 8

Para o príncipe este dia começara também sob a influência de maus presságios. Poder-se-ia atribuí-los ao seu estado mórbido, porém acompanhava a sua tristeza uma coisa tão mal definida, que ela devia ser a causa principal do seu sofrimento. Estava sem dúvida em face de factos concretos, de uma precisão dolorosa e enervante, no entanto a sua tristeza ultrapassava tudo quanto ele evocava ou imaginara; compreendia que, só por ele, não conseguiria acalmar o seu desespero. Pouco a pouco foi-se apoderando dele a convicção de que um acontecimento extraordinário e decisivo devia suceder-lhe nesse dia. O ataque que tivera na véspera fora muito benigno; de todas as perturbações ficara-lhe apenas uma certa hipocondria, um peso na cabeça e dores nos membros. Tinha as ideias relativamente lúcidas e a alma um tanto amargurada. Levantou-se bastante tarde e logo a recordação da noite anterior se tornou deveras sentida; retomou mais ou menos a consciência de que o levaram a sua casa meia hora depois do ataque.

Soube que as Epantchine tinham já mandado perguntar pela sua saúde. Às onze horas e meia voltaram a mandar pela segunda vez; isto causou-lhe imenso prazer. Vera Lebedev foi uma das primeiras pessoas a visitá-lo e a oferecer-lhe os seus serviços. Logo que chegou perto dele começou de repente a chorar; o príncipe porém tranquilizou-a e ela então pôs-se a rir. Ficou comovido ante a extrema compaixão que a pequena lhe testemunhou; agarrou-lhe as mãos e beijou-lhas, o que a fez corar.

— Ah! Que fez o senhor!... Que fez o senhor! — exclamou ela surpreendida e retirando depressa a mão.

Pouco se demorou no quarto, pois sentiu uma estranha perturbação. Não deixou no entanto de lhe contar que seu pai fora logo pela manhã cedo a casa do «falecido» (como ele chamava ao general) a fim de se informar se tinha ou não morrido durante a noite. Acrescentou que, na opinião de todos, o doente não devia viver muito tempo.

Pouco antes do meio-dia o Lebedev foi em pessoa a casa do príncipe, demorando-se apenas «um minuto e só com o fim de se informar sobre a

sua preciosa saúde», etc., ou por outra, pretendia fazer uma visita ao «acanhado armário». Não fez mais do que gemer e soltar exclamações, se bem que o príncipe pouco se demorasse a mandá-lo embora; isto não o impediu, contudo, de lhe fazer perguntas sobre o ataque da véspera, apesar de que sabia já, em detalhes, tudo quanto se havia passado.

Depois da saída deste, apareceu Kolia, que vinha apenas também por um minuto; estava de facto com pressa, como ainda se sentia amargurado por uma veemente e sombria inquietação. Começou por pedir francamente ao príncipe, e com insistência, para lhe contar tudo quanto lhe não queriam dizer, acrescentando que havia já quase reconstituído o que se tinha passado na véspera. A sua emoção era grande e intensa.

O príncipe pô-lo ao corrente da verdade, com toda a franqueza de que era capaz; expor-lhe os factos com a mais perfeita exatidão; foi um tremendo abalo para o pobre rapaz, que não pôde articular uma só palavra e começou a chorar silenciosamente. León sentiu que esta era uma das tais impressões que resistem a tudo e marcam na vida de um adolescente uma solução de continuidade. Apressou-se a transmitir-lhe a maneira como ele encarava o acontecimento, acrescentando que, em sua opinião, a morte do velho resultara talvez e sobretudo do terror que a má ação cometida deixara no seu coração; foi uma reação de que nem toda a gente seria capaz. Os olhos de Kolia cintilaram, quando o príncipe acabou de falar:

— Gabriel, Bárbara e Ptitsine são uns grandes patifes! Não questionei com eles, mas a partir de hoje cada um de nós seguirá o seu caminho! Ah, príncipe, desde ontem que tenho sentido em mim bem diferentes sentimentos; foi uma lição para mim! Cheguei à conclusão de que devo prover ao sustento da minha mãe; se bem que esteja em casa da Bárbara e ao abrigo de necessidades, não é o bastante...

Lembrando-se que o esperavam, levantou-se apressadamente; perguntou em seguida, à pressa, pela saúde do príncipe e recebendo a resposta, acrescentou com vivacidade:

— Havia ainda uma outra coisa!... Ouvi dizer que ontem... (embora isto não seja a minha questão), mas se o senhor precisa, seja para o que for, de um criado fiel, tem-no na sua frente. Parece-me que nem eu nem o senhor somos felizes, não é assim? Mas eu não o interrogo, não o interrogo...

Quando saiu, o príncipe embrenhou-se ainda mais nas suas reflexões. Todos lhe profetizavam uma desgraça, todos haviam já tirado as suas

conclusões, todos tinham o ar de saber uma coisa que ele ignorava. Lebedev fez-lhe perguntas insidiosas; Kolia fez alusões diretas e Vera chorou. Acabou por esboçar um gesto de despeito. «Maldita e doentia desconfiança!», exclamou ele.

O seu rosto voltou ao normal, quando às duas horas viu chegar as senhoras Epantchine, para lhe fazerem uma visita, «apenas por um pequeno minuto». Foi na verdade uma visita de um minuto que ali as levou. Isabel declarou logo, depois do almoço, que iriam todas juntas dar um passeio. Dissera isto num tom de intimação, num tom cortante, seco e sem explicações. Saíram todos, isto é, a mãe, as filhas e o príncipe Stch... Isabel pôs-se a caminho, tomando uma direção oposta àquela que costumavam tomar todos os dias. Compreenderam logo do que se tratava, mas mantiveram-se caladas, por temerem irritar a mãe, que caminhava à frente de todos, sem voltar uma única vez a cabeça, como que para se esquivar às críticas e às objeções. A certa altura Adelaide observou-lhe que não era necessário correr tanto para passear, e que a continuar assim, não podia acompanhá-la.

— A propósito — observou logo Isabel, dando meia volta — vamos passar agora próximo da casa dele. Qualquer que seja o pensar da Aglaé e aconteça o que acontecer, ele não é um estranho para nós, e muito menos agora, que é um desgraçado e um doente. Por mino, pelo menos, vou fazer-lhe uma visita. Os que quiserem podem acompanhar-me, e os outros podem continuar o seu passeio.

Como é natural, entraram todos. O príncipe, cumprindo a praxe, apressou-se a apresentar uma vez mais as suas desculpas por ter quebrado o vaso e pelo escândalo sucedido.

— Isso já passou! — respondeu Isabel. — Não é a falta do vaso que me aflige, mas sim o teu estado de saúde. Ainda bem que tu próprio reconheces agora que foi um escândalo: é sempre na manhã do dia seguinte que dás conta... mas este não teve consequências, porque cada um vê agora que não és responsável. Enfim, adeus! Se te sentes com forças dá um passeio e em seguida mete-te na cama, eis o conselho que te dou. Se isso te agradar, vai até nossa casa, como noutros tempos; estou deveras convencida que, seja qual for o resultado de tudo isto, ficarás sempre um amigo da nossa casa, ou pelo menos meu. Por mim, pelo menos, posso responder.

Ouvindo protestar assim os seus sentimentos, todos se apressaram a fazer eco. Em seguida retiraram-se. Na sua inocente pressa em dizer alguma coisa amável e reconfortante, teria sido de uma certa crueza para com a Isabel, se esta não estivesse prevenida. O convite a voltar, como «noutros tempos», e a restrição, «pelo menos, por mim», soaram de novo como uma advertência. O príncipe relembrou a atitude de Aglaé; era fora de dúvidas que lhe tinha dirigido, à entrada e à saída, um sorriso encantador, mas não proferira uma única palavra, mesmo quando todos os outros haviam protestado a sua amizade; por duas vezes tinha fixado nele o seu olhar. Estava muito mais pálida que o costume e parecia ter passado mal a noite. Resolveu ir vê-las, sem falta, essa tarde, tal «como noutros tempos». Consultou febrilmente o relógio.

Três minutos após a partida das Epantchine, Vera entrou.

— León, a Aglaé acabou de me dar, muito em segredo, um recado, para lhe transmitir.

O príncipe ficou tão comovido que começou a tremer.

— Um bilhete?

— Não, é um recado de viva voz; foi tão à pressa, que mal teve tempo para mo dar. Pede-lhe com toda a insistência para não sair de casa durante todo o dia, nem que seja mesmo um minuto, até às sete horas ou até às nove e meia, não posso bem precisar este ponto.

— Mas para quê? Que significa tudo isto?

— Não sei dizer-lho; somente sei que foi ela que me intimou, se assim se pode dizer, a transmitir-lhe este recado.

— Ela empregou o termo «intimou»?

— Não, ela não se exprimiu com tanta precisão; ela mal teve tempo para me falar, sem se voltar; felizmente que me aproximei dela. Na sua fisionomia via-se que se tratava de uma ordem, imperiosa ou não. Olhou-me de uma maneira tal que o coração me desfaleceu...

O príncipe fez ainda uma ou duas perguntas e depois não a demorou por mais tempo; contra sua vontade estava cada vez mais inquieto. Ficou só e estendendo-se sobre o sofá, entregou-se às suas conjeturas: «Esperam talvez a visita de alguém antes das nove horas e ela continua a ter medo que eu cometa alguma excentricidade na frente das visitas», disse por fim, dispondo-se a esperar pela noite com uma certa impaciência e olhando a cada instante para o relógio.

A explicação do enigma teve-a antes da noite, sob a forma de uma nova visita e até mesmo de uma segunda, a qual porém constituiu um novo enigma ainda mais angustioso que o primeiro; meia hora precisa depois da partida das Epantchine, apresentou-se-lhe Hipólito; estava tão cansado, tão extenuado, que entrou sem dizer uma palavra, caiu pesadamente num sofá, como que privado do conhecimento, e foi abalado por um violento acesso de tosse, acompanhado de escarros de sangue. Os olhos cintilaram-lhe e umas rosetas vermelhas lhe apareceram nas faces. León murmurou algumas palavras, às quais ele não respondeu, limitando-se, durante um espaço de tempo bastante longo, a fazer um gesto com a mão para que não o perturbassem. Por fim sossegou.

— Vou-me embora! — proferiu ele com esforço e numa voz rouca.

— Quer que o acompanhe? — perguntou o príncipe, levantando-se; conteve-se, porém, pois se lembrou de que estava proibido de sair.

Hipólito pôs-se a rir.

— Não é da sua casa que me vou embora — continuou ele na mesma voz fraca e sufocada. — Pelo contrário, supus ser necessário vir consultá-lo a respeito de uma questão, pois de outra forma não viria incomodá-lo. É para *além* que eu vou, e desta vez sem sombra de dúvidas, segundo creio. *Kapout!* Não digo isto para provocar a sua comiseração, posso garantir-lho... Cheguei mesmo a meter-me na cama, esta manhã, pelas dez horas, convencido que não me levantaria mais até *àquele momento.* Mudei porém de opinião e levantei-me mais uma vez para vir a sua casa e dizer-lhe o que sinto.

— Faz-me pena vê-lo assim. Faria melhor mandando-me chamar, antes de se sentir pior.

— Não tem importância. O senhor lamenta-me apenas para dar uma satisfação às exigências da delicadeza social. Ah, já me esquecia: como tem passado?

— Muito bem. Ontem não estive lá muito.

— Eu sei, segundo me disseram. Quebrou o vaso de louça chinesa. Tenho pena de lá não ter estado! Mas vamos ao assunto. Em primeiro lugar tive hoje o prazer de ver o Gabriel em amistosa conversa com a Aglaé, perto do banco verde. Fiquei admirado de ver até que ponto um homem pode ter o ar de palerma. Chamei a atenção da própria Aglaé para isto, depois da partida do Gabriel... Pelo que vejo, parece que isto não lhe causa admiração — acrescentou ele, olhando com um ar cético o plácido rosto

do seu interlocutor. — Diz-se que aquele que não se admira com qualquer coisa, denota ser um grande espírito; em meu entender pode também verse nisto um índice de uma grande estupidez. De resto, desculpe-me, mas é no senhor que eu penso, ao dizer isto. Estou hoje muito infeliz na escolha das minhas expressões.

— Já soube ontem que o Gabriel... — começou o príncipe, para se calar logo em seguida, visivelmente perturbado, enquanto Hipólito estava irritado com a indiferença que parecia mostrar.

— O senhor já sabia? Aí está uma novidade. Não lhe pergunto como é que o soube. E hoje, o senhor assistiu à entrevista?

— Se lá esteve, não deve ter dúvidas a tal respeito.

— Podia estar escondido atrás de alguma árvore. Em todo o caso estou contente (pelo senhor, naturalmente) pois supunha que o Gabriel o tivesse suplantado já!

— Peço-lhe para não me falar nesse assunto, Hipólito, e sobretudo nesse tom.

— E tanto mais, se o senhor já sabia tudo.

— Engana-se. Não sei quase nada e a Aglaé com certeza sabe muito bem que não estou ao corrente de tudo. Ignorava mesmo todas essas conversas... O senhor disse que tiveram uma entrevista? Tanto melhor! Mas deixemos isso!...

— Como é que se compreende isso? O senhor, ora diz que sabe, ora diz que não sabe! E no fim, acrescenta: «Mas deixemos isso»! Ah, não, não seja tão confiante, sobretudo se não sabe nada! E é justamente porque não sabe nada, que o senhor é tão confiante. Ora, o senhor tem conhecimento dos cálculos desses dois personagens, o irmão e a irmã?... O senhor talvez duvide? Muito bem, muito bem, não falemos mais nisso — acrescentou ele, ao surpreender um gesto de impaciência do príncipe. — Vim aqui por causa de um assunto pessoal, sobre o qual quero explicar-me. O diabo me leve, mas preciso explicar-me antes de morrer! É espantoso o que tenho de explicações a dar! Quer ouvir-me?

— Fale, que estou a ouvir.

— Vou falar, porque mudei de ideias; começarei, por isso mesmo, pelo que diz com respeito ao Gabriel. É capaz de supor que me concedeu hoje também uma entrevista e que estivemos sentados no banco verde? Já agora não quero mentir: fui eu que insisti para me conceder essa entrevista, prometendo revelar-lhe um segredo, Não sei se cheguei muito cedo (creio

na verdade que antecipei a hora), mas acabava apenas de me sentar ao lado da Aglaé, quando vi aparecer o Gabriel e a Bárbara de braço dado, como quem parecia andar a passear. Ficaram deveras estupefactos e até mesmo confundidos por me verem ali, pois não esperavam com tal encontro. A Aglaé corou muito, como suponho que pensa, perdeu mesmo um pouco a sua serenidade, ou fosse por causa da minha pessoa, ou por causa do Gabriel, que estava na verdade um bonito rapaz. O facto porém é que se tornou muito vermelha, sem deixar no entanto de aclarar logo a situação da maneira a mais cómica. Meia levantada, correspondeu à saudação do Gabriel e ao sorriso obsequioso da Bárbara, dizendo-lhes em seguida, num tom brusco e decidido: «Desejava apenas exprimir-lhes, em pessoa, a satisfação que me inspiram a sinceridade e a cordialidade dos seus sentimentos; suponho bem que no dia em que tiverem necessidade de mim, não faltarei...» Em seguida saudou-os com um sinal de cabeça e eles retiraram-se, vencidos ou triunfantes, não o sei dizer. No que diz com respeito ao Gabriel, não tenho dúvida alguma que fez uma tola suposição: não compreendeu nada e tornou-se vermelho como um camarão (a sua fisionomia tomou por vezes uma expressão de estranho espanto!). Bárbara, porém, compreendeu logo, e suponho que por isso se afastou o mais depressa possível, sem incomodar por mais tempo a Aglaé; arrastou com ela o irmão. Sendo muito mais sensata do que ele, é por isso que estou convencido que ela há de triunfar. Quanto a mim, apareci, para me entender com a Aglaé sobre a entrevista projetada com a Nastásia.

— Com a Nastásia! — exclamou o príncipe.

— Ah, ah! Parece-me que perde a fleuma e que começa a admirar-se. Estou radiante por ver que o senhor parece querer ser um homem. Em troca vai-se rir de mim. Vai ver quanto ganhamos em nos mostrarmos prestáveis para com moças educadas; hoje recebi dela uma bofetada.

— Moral, bem entendido — atirou involuntariamente o príncipe.

— Sim, moral... nada de física. Suponho que não se atreveria a levantar a mão para um homem no meu estado; nem qualquer mulher, nem o próprio Gabriel se atreveriam a bater-me. No entanto ontem houve um momento em que supus que ia atirar-se sobre mim. Parece-me que adivinhei o seu pensamento nesse momento? O senhor disse: «Seja, não é preciso bater-lhe; pelo contrário, pode-se muito bem, ou melhor, deve-se abafar durante o sono com um travesseiro ou uma toalha molhada.» Pareceu-me ter lido nessa altura esta ideia no seu rosto.

— Nunca passou por mim uma tal ideia! — protestou o príncipe com desgosto.

— Não sei... mas nessa noite sonhei que um indivíduo me abafava com uma toalha molhada... Se quer, posso dizer-lhe quem era: parece-me que era o Rogojine. Em que pensa? Pode-se abafar um homem com a ajuda de uma toalha molhada?

— Não sei.

— Já ouvi dizer que era possível. Mas deixemos isso de lado. Vejamos outra coisa: porque *é* que sou um bisbilhoteiro? Porque é que ela me chamou hoje bisbilhoteiro? E note que só mo disse depois de me ter ouvido até à última palavra e de me ter feito mesmo algumas perguntas... São assim as mulheres! Foi por causa dela que me relacionei com o Rogojine, pessoa um pouco interessante; foi por causa dela que tive um encontro com a Nastásia. Talvez a tivesse magoado ao seu amor-próprio, quando lhe observei que queria aproveitar-se das «sobras» da Nastásia? Não o nego; sempre lhe disse isto, mas fazia-o no seu interesse; escrevi-lhe duas cartas sobre este assunto e hoje, na entrevista que tive com ela, falei-lhe da mesma forma... Ultimamente ainda cheguei até a dizer-lhe que isto era humilhante para ela... Além disso, esta palavra «sobras» não fui eu que a disse pela primeira vez; já a ouvi a outros, ou pelo menos em casa do Gabriel todos a empregam, como ela própria mo disse. Que direito tem portanto para me chamar bisbilhoteiro? Estou vendo, estou vendo!... O senhor está sentindo uma grande vontade de se rir, à minha custa, e a mim parece-me que lhe são aplicáveis estes versos estúpidos:

Talvez que no meu triste declínio
O amor brilhe com um sorriso de adeus.

Ah, ah, ah! — exclamou ele, soltando gargalhadas convulsas, seguidas de um violento ataque de tosse. — Note — acrescentou, numa voz mais fraca — como este Gabriel é inconsequente: fala de «sobras» e no entanto não é ele próprio que procura aproveitar-se dessas «sobras»?

O príncipe calou-se durante uns momentos. Estava aterrado.

— O senhor não falou numa entrevista com a Nastásia? — balbuciou ele por fim.

— Falei, mas será verdade que o senhor não saiba que deve haver hoje uma entrevista entre a Aglaé e a Nastásia? Graças à minha intervenção,

esta última foi convidada, por intermédio do Rogojine e por iniciativa da Aglaé, a vir expressamente a S. Petersburgo; encontra-se neste momento muito perto da sua casa, em companhia do Rogojine, na casa onde viveu anteriormente, pertencente à senhora Daria Alexeievna... uma amiga dela, de reputação muito duvidosa; é aí, nessa casa equívoca, que a Aglaé se encontrará hoje, para ter uma entrevista amigável com a Nastásia e resolverem diversos problemas. Pretendem falar aritmeticamente. Não o sabia ainda? Palavra de honra?

— É inacreditável!

— Tanto melhor, se é inacreditável. Mas como é que ainda o não soube? No entanto, num buraco como este onde nós vivemos, uma mosca não pode voar sem que toda a gente seja informada!... Fica portanto prevenido, e pode agradecer-me por isso. Então, até à vista!... e que bem pode ser no outro mundo!... Ainda uma palavra: se tenho agido tão vilmente para com o senhor, é porque... não tenho razão para lhe sacrificar os meus interesses. Por favor, deve concordar!... Porque sacrifiquei eu os seus? Foi a ela que dediquei a minha «confissão» (não o sabia ainda?). E com que solicitude ela aceitou a minha homenagem! Ah, ah! Frente a frente com ela, agi sem baixeza; não tenho nenhuma ofensa a seu respeito; foi ela que me humilhou e me colocou numa situação falsa!... Agora mesmo, que se encontra perto do senhor, não me sinto ofendido, pois me permiti, tão perto dela, fazer alusão às «sobras» e a outras coisas do mesmo género; pelo contrário, indico lhe o dia, a hora e o lugar da entrevista, descobrindo-lhe assim todo o jogo... Se lhe desvendo tudo isto, faço-o por despeito e não por grandeza de alma. Adeus, sou um palrador como um gago ou um tuberculoso; ponha-se alerta, tome todas as precauções e o mais depressa possível, se quer ser digno de ser chamado um homem. A entrevista terá lugar, com certeza, esta tarde.

Hipólito encaminhou-se para a porta, mas, chamado pelo príncipe, parou no limiar.

— Assim, segundo diz, a Aglaé irá hoje, sem falta, a casa da Nastásia? — perguntou o príncipe. Manchas vermelhas coloriram-lhe as faces e o rosto.

— Não sei ao certo, mas é provável — respondeu o interpelado, lançando um olhar curioso sobre o príncipe. — Para agora não pode ser de outro modo. A Nastásia não vai a casa dela, com certeza? Por outro lado a

entrevista não pode levar-se a efeito em casa dos pais do Gabriel, onde está um moribundo. Que diz o senhor a respeito do general?

— Nada, mas parece-me que por essa razão é impossível! — objetou o príncipe. — Como poderá ela sair, supondo mesmo que o queira fazer? O senhor não conhece os hábitos daquela casa. Não poderá ir sozinha a casa da Nastásia!... É mesmo um absurdo!

— Aqui para nós digo-lhe isto, príncipe: ninguém salta pela janela, porém, em caso de incêndio, o cavalheiro mais correto, a senhora mais distinta, não hesitam em o fazer. Se a necessidade obrigar, forçoso será à nossa pequena passar por ela para ir a casa da Nastásia. Mas de facto, em casa delas, não deixam ir essas pequenas a parte alguma?

— Não, não é isso que eu quero dizer...

— Muito bem! Se não é esse o caso, bastar-lhe-á descer a escada e caminhar a direito, deixando que os pés a levem a tal casa. Há circunstâncias onde se tem de ir até ao fim e em que fica mesmo interdito o regresso ao lar paterno; a vida não se compõe somente de almoços, jantares e príncipes Stch…! Parece-me que o senhor considera a Aglaé como uma jovem moça, ou como uma colegial; já lho disse, e creio que ela é da minha opinião. Espere até às sete ou oito horas. No seu lugar, mandaria para lá alguém de sentinela a fim de saber, um minuto depois, qual o momento preciso em que sai de casa. Pode talvez mandar o Kolia; fará de espião da melhor vontade, estou disso convencido, e no seu interesse, naturalmente! Tudo isto é tão relativo... Ah, ah!

Hipólito saiu. O príncipe não tinha nenhuma razão para encarregar, quem quer que fosse, de espionar por sua ordem, mesmo que fosse capaz de um tal procedimento! Compreendia agora, mais ou menos, porque é que Aglaé o havia intimado a ficar em casa; talvez tivesse a intenção de o vir procurar. Talvez também quisesse retê-lo em casa, justamente para que não fosse por lá aparecer no meio da entrevista!... Podia bem ser esta a razão! A cabeça andava-lhe à volta e por isso parecia-lhe ver todo o quarto dançar ao seu redor. Estendeu-se sobre o sofá e fechou os olhos.

De uma maneira ou de outra, a questão tomava um caminho decisivo, definitivo. Não, não considerava Aglaé como uma jovem moça ou uma colegial!... Antes dava conta agora do seguinte; há muito tempo já que sentia medo e era com certeza alguma coisa parecida com isso que lhe causava apreensões. Mas porque queria ela vê-la? Um arrepio lhe percorreu todo o corpo; estava de novo num estado febril...

Não, não a considerava como uma criança! Nestes últimos tempos algumas das suas maneiras de ver, algumas das suas palavras haviam-no surpreendido. Noutras ocasiões tinha-lhe parecido que ela fazia um esforço sobre-humano para se dominar, para se conter, e ele lembrava-se de ter experimentado então um sentimento de terror. Era verdade que durante todos esses dias havia resolvido não evocar essas recordações e expulsar mesmo essas negras ideias. Mas que se escondia no fundo dessa alma? A pergunta atormentava-o desde há muito, se bem que tivesse confiança em Aglaé. E eis que tudo isso se ia resolver e esclarecer de um momento para o outro! Pensamento terrível! E de novo «essa mulher»! Porque lhe teria sempre parecido que essa mulher não deixaria de intervir no momento decisivo, para quebrar o seu destino, como-um fio podre? Se bem que meio delirante, estava prestes a jurar que esse pressentimento não o tinha deixado nunca. Se se havia esforçado por esquecê-lo, nos últimos tempos, era unicamente porque lhe tinha medo. Então? Amava-a ou odiava-a? Não foi uma só vez, durante esse dia, que ele formulou esta pergunta: neste ponto o seu coração era sincero, sabia que a amava... O que o horrorizava, não era tanto o encontro das duas mulheres, a estranheza desse encontro, a sua razão, ainda desconhecida para ele, a incerteza que experimentava quanto ao final desta aventura, mas sim a própria Nastásia. Lembrou-se alguns dias mais tarde que, nestas horas de febre, tinha quase continuamente suposto ver os seus olhos e o seu olhar, tinha ouvido a sua voz, aquela voz que proferia palavras estranhas, ainda que a memória lhe ficasse vazia, após aqueles momentos de delírio e de angústia. Tinha a vaga impressão de que Vera lhe trouxera o almoço e que o comera, porém não se lembrava se em seguida tinha dormido ou não. Sabia apenas que nessa tarde a nitidez das perceções só se havia acentuado, a partir do momento em que Aglaé aparecera de repente no terraço. Levantou-se sobressaltado do sofá e foi ao seu encontro, até ao meio do aposento. Eram sete horas e um quarto. Vinha só. Trazia um vestido simples, bem como um casaco leve, que parecia ter vestido à pressa. O rosto pálido, como da última entrevista, e os olhos cintilantes, mas de um brilho vivo e frio ao mesmo tempo; nunca ainda havia surpreendido uma tal expressão no seu olhar. Fitou-o atentamente.

— O senhor está pronto!? — exclamou ela a meia voz e num tom que parecia calmo. — Vejo-o vestido e de chapéu de mão; concluo que o preveniram. Eu sei quem foi! Foi o Hipólito?

— Sim, ele falou-me... — balbuciou o príncipe, mais morto que vivo.

— Então vamos embora!... Deve saber que é absolutamente necessário que me acompanhe! Suponho que deve ter forças para sair!

— Parece-me que sim, mas será possível?

Calou-se bruscamente e não foi mais capaz de articular uma palavra. Foi esta apenas a única tentativa que fez para reter esta insensata; desde este momento seguiu-a como um escravo. Por maior que fosse a desordem dos seus pensamentos, não deixou de compreender que iria fazer aquela visita mesmo sem ele, e por isso se sentiu na obrigação de a acompanhar. Adivinhou a inabalável resolução da moça e não se sentiu capaz de conter aquele tremendo impulso.

Mantiveram-se quase calados, poucas palavras trocando durante o percurso. Notou, sem dúvida, que ela conhecia muito bem o caminho; quando lhe propôs para atravessarem uma ruela, um pouco mais próxima, mas menos frequentada, ouviu-o, pareceu pesar os prós e os contras, e respondeu-lhe laconicamente: «Vai dar ao mesmo»!

Ao chegarem perto da casa de Daria Alexeievna (uma grande e velha construção em madeira) viram sair uma senhora sumptuosamente vestida e acompanhada de uma jovem moça; as duas tomaram lugar numa soberba carruagem que as esperava diante da porta; riam e falavam ruidosamente, não olhando para os recém-chegados, como se os não tivessem visto. Logo que a carruagem se afastou, abriram a porta de novo e apareceu Rogojine, que os esperava. Fê-los entrar, fechando logo em seguida a porta.

— Além das nossas quatro pessoas, não há neste momento mais ninguém cá em casa — informou ele em voz alta, fitando o príncipe com um estranho olhar.

Nastásia esperava-os no primeiro aposento. Estava também vestida com a maior simplicidade e toda de preto. Levantou-se para vir ao seu encontro, mas não sorriu nem estendeu a mão ao príncipe. O seu olhar inquieto fixou-se com impaciência em Aglaé. Sentaram-se a distância uma da outra: Aglaé, num sofá, a um canto do aposento, e Nastásia, perto da janela. O príncipe e Rogojine ficaram de pé; ninguém os convidou a sentar-se. O príncipe observou de novo Rogojine, com certa perplexidade, a que se misturava um sentimento de sofrimento, porém aquele mantinha nos lábios o mesmo sorriso. O silêncio prolongou-se ainda durante alguns instantes.

Finalmente uma nuvem sinistra passou pela fisionomia de Nastásia: o seu olhar, sempre fito na visitante, tomou uma expressão de cegueira, de dureza, quase de ódio. Aglaé estava visivelmente perturbada, mas não intimidada. Ao entrar, a custo deitara em golpe de vista sobre a rival; depois mantivera-se de pálpebras descidas, numa atitude de concentração, como quem parecia refletir. Por umas duas vezes apenas, e por assim dizer inadvertidamente, percorreu o aposento com o olhar; o seu rosto refletia o desgosto sentido, como se tivesse medo de se desonrar, encontrando-se naquele local. Ajustou sem querer o casaco e mudou uma vez mesmo de lugar, com o ar inquieto de quem tenta aproximar-se. Estava na dúvida de ter a consciência de todos os seus movimentos, mas, mais por instinto, estes não tinham nada de ofensivos. Por último decidiu-se a afrontar com firmeza o olhar fulgurante de Nastásia, que exprimia bem claramente todo o ódio de uma rival. A mulher compreendeu a mulher. Estremeceu por isso.

— Sabe, com certeza, qual a razão por que a convidei para esta entrevista? — proferiu ela, ao fim de um instante, mas em voz muito baixa e tomando alento por duas vezes para conseguir chegar ao fim.

— Não, não sei nada — respondeu Nastásia num tom seco e cortante,

Aglaé corou. Talvez, entretanto, lhe parecesse espantoso, inverosímil, o encontrar-se agora sentada perto dessa mulher, na casa de «tal criatura», sentindo por isso um grande desejo de ouvir a resposta de Nastásia. Aos seus primeiros acentos de voz, uma espécie de tremura lhe percorreu todo o corpo. Como é natural nada disto escapou à «outra».

— A senhora compreende tudo, mas toma, propositadamente, o ar de quem nada compreende — objetou quase em voz baixa Aglaé, fitando no chão um olhar melancólico.

— Por que havia de fazer isso? — replicou Nastásia com um sorriso a custo percetível.

— A senhora abusa da minha situação, aproveitando-se do facto de que estou em sua casa — retorquiu Aglaé com uma inépcia que a tornou ridícula.

— A senhora é que é a responsável desta situação, não eu! — exclamou com vivacidade Nastásia. — Não fui eu que lhe pedi para vir aqui, mas sim foi a senhora que me convidou para esta entrevista, de que até agora ignoro qual seja o motivo.

Aglaé levantou a cabeça com um ar arrogante.

— Tenha cuidado com a língua; não vim aqui para lutar, servindo-me de uma arma, que é a sua...

— Ah, então a senhora veio aqui para «lutar»? Imagine que a supunha... mais espiritual...

Trocaram entre si um olhar, no qual não tentaram dissimular o seu ódio. No entanto uma destas mulheres havia escrito à outra, pouco tempo antes, cartas enternecedoras. Toda essa simpatia se desvaneceu ante este primeiro encontro, ante as primeiras palavras. Como explicar isto? Diz-se que nesse minuto nenhuma das quatro pessoas, que se encontravam naquele aposento, supunham ter de se admirar. O príncipe, que na véspera ainda não acreditava na possibilidade de uma tal cena, mesmo em sonho, assistia agora a tudo isto com o ar de quem o havia pressentido há muito. O sonho mais extravagante revestia agora a forma da realidade, a mais crua, a mais concreta. Nesta ocasião, uma das duas mulheres sentiu um tal desprezo pela sua rival e um tão vivo desejo de lhe patentear esse desprezo (talvez mesmo só tivesse vindo para esse efeito, no dizer de Rogojine no dia seguinte) que a outra não pôde encerrar-se numa atitude paciente e suasória, qualquer que fosse o capricho do seu caráter, o desregramento do seu espírito e a delicadeza da sua alma; nada podia ter resistido ao desdém bilioso e todo feminino de Aglaé. O príncipe estava convencido que Nastásia não lhe falaria nas cartas; pelo cintilar dos seus olhos, adivinhava-se o quanto estava sofrendo por as ter escrito. Estava convencido que daria metade da sua vida para que Aglaé não lhe falasse nelas.

Esta última pareceu ter readquirido o domínio de si própria.

— A senhora não me compreendeu — observou ela. — Não vim aqui para discutir com a senhora, se bem que não lhe tenha nenhuma estima. Vim... vim aqui... para lhe falar humanamente. Ao convidá-la para esta entrevista, sabia bem do que vinha tratar e nada me levará a renunciar à minha intenção, mesmo que lhes agrade não me compreender. Isto será muito pior para a senhora do que para mim. Quero responder ao assunto das suas cartas e fazê-lo de viva voz, pois me parece muito mais agradável. Peço-lhe para ouvir portanto a minha resposta a todas as suas cartas. Compadeci-me do príncipe León desde o primeiro dia que o conheci e este sentimento tornou-se muito maior quando soube o que se passou na sua festa. Apiedei-me dele, porque é um homem de uma tal simplicidade de espírito, que crê poder ser feliz... com uma mulher... de

um tal caráter! O que eu temia nele realizou-se; a senhora não o pôde amar, fê-lo sofrer e depois abandonou-o. E a senhora não o pôde amar devido ao seu excessivo orgulho... Não, enganei-me, não era o seu orgulho que eu queria dizer, mas a sua vaidade... e não era ainda bem isto: a senhora é egoísta até... à loucura; as cartas que me escreveu comprovam-no bem. A senhora não pode amar um ser tão simples como ele; talvez mesmo no seu foro íntimo o tenha desprezado e ridicularizado; a senhora só pode amar o seu opróbrio, e foi esta ideia fixa que a levou à desonra e ao ultraje. Se a senhora fosse menos ignominiosa, ou até mesmo não o fosse nunca, a senhora não seria tão desgraçada... — Aglaé pronunciou estas palavras com uma espécie de voluptuosidade; o seu falar era precipitado, mas empregava as expressões que havia premeditado, no tempo em que ainda não acreditava, mesmo em sonho, na possibilidade de uma tal entrevista; seguia com um olhar odiento o efeito das suas palavras no rosto alterado de Nastásia. — A senhora recorda-se — continuou ela — de uma certa carta que ele me escreveu e na qual me disse que a senhora a conhecia e que a tinha até lido? Lendo essa carta, é que eu compreendi tudo e compreendi bem; ele próprio confirmou-me ultimamente, palavra por palavra, tudo o que lhe estou dizendo agora. Depois dessa carta, esperei. Calculava que a senhora seria obrigada a vir aqui, porque não pode viver sem ser em S. Petersburgo: é muito jovem e bonita ainda para viver na província!... Estas palavras não as leve à conta de lisonja — acrescentou ela, ao passo que o rosto se lhe tornava vermelho; este vermelho não lhe desapareceu mais do rosto enquanto durou a conversa. — Quando voltei a ver o príncipe senti por ele uma grande compaixão e um agravo. Não ria; se se ri, torna-se indigna de compreender isto...

— Vê bem que não estou a rir — ripostou Nastásia num tom triste e severo.

— Por agora é-me indiferente; pode rir o que quiser. Quando o interroguei, disse-me que há muito tempo já que a não amava e que até mesmo a recordação da sua pessoa lhe era penosa, mas que a lastimava e sempre que pensava na senhora sentia o coração «para sempre amargurado». Devo acrescentar mais, que não encontrei ainda, no decorrer da minha vida, um homem que iguale na nobreza e simplicidade da sua alma e na sua confiança sem limites. Após tê-lo ouvido, reconheci logo que qualquer pessoa o pode enganar, e que aquele que o enganar pode contar sempre com o seu perdão; eis a razão por que o amei...

Aglaé parou um instante, aterrada, perguntando como tinha podido proferir aquela palavra; ao mesmo tempo brilhou no seu olhar um orgulho sem limites; parecia-lhe que tudo se lhe tinha tornado indiferente, mesmo que «essa mulher» começasse a rir da confissão que acabava de se lhe escapar.

— Tendo-lhe dito tudo, deve agora, com certeza, compreender o que espero da senhora?

— Talvez tenha compreendido, mas espero que seja a senhora a dizer-mo — respondeu docemente Nastásia.

O rosto de Aglaé refletiu uma intensa cólera.

— Quero perguntar-lhe — articulou ela num tom firme e destacando cada uma das palavras — com que direito se intromete nos sentimentos que me dizem com respeito? Com que direito se atreveu a escrever-me aquelas cartas? Com que direito declara a cada instante, a ele e a mim, que o ama, depois de ter sido a senhora a abandoná-lo e a fugir-lhe de uma maneira tão ofensiva e tão ignóbil?

— Nunca declarei, nem à senhora, nem a ele, que o amo — replicou Nastásia com esforço — mas tem razão quando diz que eu fugi... — acrescentou numa voz quase ininteligível.

— Como!... A senhora não declarou «nem a ele, nem a mim» que o amava? — gritou Aglaé. — E as suas cartas? Quem lhe pediu para fazer de corretor matrimonial e tentar embair-me a desposá-lo? Não é isso uma declaração? Por que é que a senhora se interpôs entre nós? Acredito agora que aquilo que a senhora queria, ao imiscuir-se nas nossas relações, é que, criando-lhe aversão, eu rompesse com ele! Só muito mais tarde é que compreendi bem a razão do seu pensamento: a senhora imaginou apenas provocar uma ação escandalosa, pondo em prática todas estas suas maquinações... Vejamos, a senhora seria capaz de o amar, amando tanto a sua vaidade? Por que não saía daqui à boa paz, em lugar de me escrever aquelas cartas ridículas? Por que não desposa já esse honesto homem que a ama tanto e que lhe dá a honra de lhe oferecer a sua mão? A razão é bastante clara: se desposasse o Rogojine, como poderia dar-se ares de mulher ultrajada? Conseguiria apenas retirar-se com um excesso de honra!... O Eugénio diz que a senhora lê muitas poesias e que é muito instruída para a sua... posição; a senhora gosta mais de ler do que trabalhar; acrescente a isto a sua vaidade, e aí estão as suas razões...

— E a senhora também não é uma ociosa?

O diálogo tomou assim, muito depressa, um tom de crueza inesperada. Inesperada, porque Nastásia, ao falar com Rogojine, mostrara ainda ter umas ilusões; no entanto todos agouravam mal, e não bem, desta entrevista. Aglaé havia sido arrastada, como na queda de uma montanha, e não pudera resistir à horrível sedução da vingança. Nastásia ficou mesmo surpreendida por a ver nesse estado; embaraçada desde o primeiro instante, olhava-a, sem acreditar no que via. Seria uma mulher saturada de leituras poéticas, como o supunha Eugénio Pavlovitch, ou teria simplesmente perdido a razão, como o príncipe estava convencido? O facto é que, a despeito do cinismo insolente que mostrava por vezes, era muito mais pudica, mais terna e mais confiante, do que era levado a crer. Na verdade, tinha muito de romanesca e de sonhadora, mas ao lado dos seus caprichos, era dotada também de fortes e profundos sentimentos... O príncipe notara-lhe o seguinte: uma expressão de sofrimento se refletia no seu rosto. Aglaé notara também isto e tremeu de cólera.

— Como se atreve a falar-me nesse tom? — observou ela, com uma intraduzível arrogância, em resposta à observação de Nastásia.

— A senhora com certeza ouviu mal! — replicou esta, surpreendida. — Em que tom lhe falei?

— Se queria ser uma mulher honesta, porque não rompeu com o seu sedutor Totski, muito simplesmente, sem tomar uma atitude teatral? — gritou Aglaé sem tergiversar.

— Que sabe a senhora da minha situação, para se permitir julgar-me? — respondeu Nastásia, deveras trémula e pálida.

— Sei que, em lugar de ir trabalhar, fugiu com o Rogojine, o homem do dinheiro, para tentar passar em seguida por anjo decaído! Admira-me que o Totski tenha ido até ao ponto de estourar os miolos por causa de tal anjo decaído!

— Basta! — replicou Nastásia num tom de desgosto e com uma expressão dolorosa. — A senhora compreendeu-me tanto como a criada de quarto de Daria Alexeievna, que teve um dia destes um processo, no juiz de paz, com o noivo. Talvez esta me tivesse compreendido melhor!

— Suponho que é uma moça honesta, que vive do seu trabalho! Por que fala com tanto desprezo de uma criada de quarto?

— Não tenho desprezo por aqueles que trabalham, mas tenho-o pela senhora, quando me fala em trabalhar.

— Se tivesse querido ser honesta, era melhor ter-se feito lavadeira.

As duas mulheres levantaram-se, muito pálidas, medindo-se com o olhar.

— Acalme-se, Aglaé! A senhora está sendo injusta! — gritou o príncipe, aterrado.

Rogojine não sorria, antes ouvia de lábios cerrados e braços cruzados.

— Tento na língua, minha menina! — disse Nastásia, tremendo de raiva. — E eu que a tinha na conta de um anjo! Como é que veio aqui sem a sua governanta, Aglaé? Quer... quer que lhe diga desde já, francamente e sem fingimento, porque é que me veio ver? Veio aqui porque teve medo!

— Medo da senhora? — perguntou Aglaé, fora dela, na sua simples, mas provocante estupefação, ao ver a sua rival atrever-se a falar-lhe assim.

— Sim, medo de mim! Se se decidiu a vir aqui, é porque teve medo de mim! Não se desprezam as pessoas que se temem. Quando penso que tinha pela senhora um certo respeito, até há bem pouco tempo! E quer que lhe diga a causa das suas apreensões a meu respeito e o fim principal da sua visita? Quis certificar-se pessoalmente sobre qual de nós mais o ama, pois a senhora é terrivelmente ciumenta...

— Ele já me disse que a odiara... — balbuciou Aglaé, como num suspiro.

— Tudo pode ser. É possível que não seja digna dele, mas parece-me que a senhora mente. Ele não me pode odiar e não podia ter-lhe dito isso! Entretanto estou disposta a perdoar-lhe... em respeito à sua situação... e porque tinha uma melhor opinião da sua pessoa. Supunha-a mais inteligente e mais bonita também, pode crer!... Enfim, pode levar o seu tesouro... Repare como ele a olha, sem pestanejar! Leve-o, mas com uma condição: saia imediatamente daqui! Saia já!

Deixou-se cair num sofá, chorando copiosamente. De repente brilhou-lhe nos olhos um estranho clarão; olhou para Aglaé com insistência e levantou-se.

— Queres que neste instante mesmo lhe dê uma ordem, uma ordem, estás a ouvir? Não será preciso mais para te abandonar já e ficar perto de mim, para sempre, casando comigo; quanto a ti, terás de voltar muito depressa para casa e sozinha. Queres? Queres? — gritou ela como louca e sem talvez se supor capaz de proferir tais palavras.

Aterrorizada, Aglaé correu para a porta, mas parou ao limiar, petrificada, e ouviu:

— Queres que expulse o Rogojine? Pensas que ia casar com o Rogojine para te dar prazer? Vou gritar-lhe na tua frente: «Vai-te embora, Rogojine!» e direi ao príncipe: «Recordas-te da tua promessa?» Meu Deus, porque me humilhei tanto ante os seus olhos!... Tu, príncipe, não me garantiste, sucedesse o que sucedesse, que me seguirias e não me abandonarias nunca? Não me afirmaste que me amavas, que me perdoavas tudo e que me respeitavas... Sim, foi isto o que tu me disseste! Eu depois fugi-te, unicamente para recuperares a tua liberdade; porém agora não quero que seja assim!... Por que me tratou ela como uma desvergonhada? Pergunta ao Rogojine se sou uma desvergonhada e ele dir-te-á!... Agora que ela me cobriu de vergonha e diante de ti, sobretudo, serás capaz de te afastar de mim e ir com ela de braço dado, de braço dado? Que sejas para sempre maldito, se praticares uma tal ação, porque foste o único homem em quem tive confiança. Vai-te, Rogojine! Não tenho mais necessidade de ti! — gritou ela num movimento de demente.

Estas palavras saíram-lhe a custo do peito; tinha os traços do rosto alterados e os lábios secos; evidentemente que não acreditava numa só palavra das que acabava de proferir, num acesso de vanglória, mas pretendia prolongar as suas ilusões uns momentos mais. A crise fora tão violenta que podia bem ter-lhe causado a morte; pelo menos foi esta a impressão do príncipe.

— Olha! Olha! — gritou ela por fim a Aglaé, indicando o príncipe com um gesto. — Se não vier imediatamente para junto de mim, se não me preferir, então podes levá-lo, pois cedo-te, não o quero mais!...

As duas mulheres ficaram imóveis, como que esperando a resposta do príncipe, que olhavam com um ar de desvairadas. Porém ele parecia não ter alcançado toda a violência deste apelo. E assim era de facto. Não viu diante dele mais que o rosto onde se lia o desespero e a loucura; e o vê-lo, «tinha-lhe sempre cortado o coração», como dissera um dia a Aglaé. Não podendo suportar por mais tempo esse espetáculo e apontando Nastásia, voltou-se para Aglaé num tom de prece e de censura:

— Será possível!... Não vês como... ela é desgraçada!

Ainda não tinha acabado de proferir estas palavras e já um olhar terrível da Aglaé o fazia emudecer. Viu nesse olhar um tão forte sofrimento e ao mesmo tempo um tão grande ódio, que juntou as mãos, soltou um grito e correu para ela. Era, porém, já tarde. Não pudera suportar que ele hesitasse, um segundo que fosse; com o rosto escondido

entre as mãos, correu para fora do aposento, exclamando: «Ah, meu Deus!» Rogojine apressou-se a segui-la, para lhe abrir a porta da rua.

O príncipe correu também atrás dela, mas no limiar da porta dois braços o detiveram. Com a fisionomia descomposta e agitada, Nastásia olhou-o fixamente, ao mesmo tempo que os lábios azulados murmuravam:

— Corres atrás dela? Atrás dela?

E caiu sem sentidos nos seus braços. Levantou-a ao ar e levou-a para o quarto, onde a instalou num sofá. Depois debruçou-se sobre ela, numa atitude de quem não sabe o que fazer. Sobre uma pequena mesa encontrava-se um copo com água. Rogojine, que estava de volta, deitou um pouco do seu conteúdo no rosto da desmaiada. Abriu os olhos e ficou um minuto sem compreender; recuperando por completo a razão, estremeceu e precipitou-se para o príncipe.

— És meu! Muito meu! — gritou ela. — Já partiu a orgulhosa menina! Ah, ah, ah! — disse ela, num acesso de riso convulso. — Ah, ah, ah! E eu que te tinha cedido a essa menina! Por que razão? Porquê? Estava tola!... E bem tola!... Rogojine, vai-te embora! Ah, ah, ah!

Este olhou-os com atenção, pegou no chapéu sem dizer palavra e saiu. Dez minutos depois o príncipe estava sentado ao lado de Nastásia, parecendo comê-la com os olhos, ao mesmo tempo que com as duas mãos lhe acarinhava docemente o rosto e os cabelos, como se faz a uma criança. Soltava gargalhadas quando a ouvia rir e quase se desfazia em lágrimas quando a via chorar. Não dizia nada e estava atento ao seu balbuciar exaltado e incoerente, do qual nada compreendia, mas que escutava com um doce sorriso. Logo que lhe via apontar um novo acesso de melancolia e lágrimas, de censuras e queixas, recomeçava a acariciar-lhe a cabeça e a passar-lhe ternamente a mão pelas faces, consolando-a e falando-lhe como a uma criança.

Capítulo 9

Duas semanas se tinham passado sobre o episódio relatado no capítulo anterior. A situação dos personagens desta história havia-se modificado neste intervalo de tempo, a tal ponto, que é muitíssimo difícil prosseguir sem entrarmos em pormenorizadas explicações. No entanto sentimos que é nosso dever limitarmo-nos a uma simples exposição dos factos e abstermo-nos, tanto quanto possível, desse género de explicações. Isto, pela simples razão que nós próprios temos dificuldade, neste caso, em pôr os acontecimentos a claro.

Tal advertência parecerá com certeza ao nosso leitor, tão estranha quão pouco inteligível; como se pedem contar acontecimentos, dos quais não se faz uma ideia nítida, nem se tem uma opinião pessoal? Para não nos colocarmos numa posição ainda mais falsa, tentaremos esclarecer o nosso pensamento com um exemplo, na esperança de fazer compreender, ao leitor benevolente, o embaraço, ante o qual nos encontramos, com a vantagem de que o exemplo escolhido não constituirá uma digressão, mas será, pelo contrário, a sequência direta e imediata da história.

Assim, quinze dias depois, isto é, no princípio de julho (e mesmo durante essas duas semanas), a história do nosso herói, e sobretudo da sua última aventura, tomou um extraordinário vulto e tornou-se deveras cómica. É quase inacreditável, sem no entanto haver a menor dúvida, a forma como essa história se espalhou progressivamente por todas as ruas, avizinhando-se das casas dos Lebedev, dos Ptitsine da Daria Alexeievna e dos Epantchine; em breve se espalhou a toda a cidade e até mesmo aos arredores. Por todos os lados, ou quase todos — pessoas, as mais diversas, habitantes das cidades e aldeias vindos para ouvir a música — faziam circular a mesma anedota, com mil variações; dizia-se que um príncipe tinha provocado um escândalo numa casa digna e conhecida, e desprezado uma menina de boa família, da qual estava noivo, para se apaixonar por uma mulher sem vergonha. Rompendo com todas as suas relações, desprezando todas as ameaças e a indignação do público, indo contra todas as conveniências, manifestou a intenção de desposar em breve essa mulher

perdida, realizando-se mesmo o casamento em Pavlovsk, à vista de toda a gente. Mostrava-se orgulhoso do seu feito e olhava bem de frente todas as pessoas.

Esta história, ampliada com grande número de detalhes escandalosos, envolvia bastantes pessoas conhecidas e consideradas; apresentavam-na sob cores fantásticas e misteriosas e, por outro lado, baseavam-na sobre factos irrefutáveis, evidentes, se bem que a curiosidade geral que despertou e os falatórios que provocou, eram em absoluto desculpáveis.

A interpretação, a mais delicada, a mais subtil e ao mesmo tempo a mais plausível do acontecimento era posta a circular peles enredos de certos indivíduos, sérios e prudentes, que, em cada esfera da sociedade, descobrem sempre um meio de explicar aos outros um acontecimento e encontram neste exercício não só a sua vocação, mas muitas vezes também a sua consolação.

Segundo a sua versão tratava-se de um homem ainda jovem, de boa família, de um príncipe bastante rico, mas pobre de espírito, democrata e imbuído do niilismo contemporâneo, que o senhor Tourgueniev havia descoberto. O jovem em questão, que mal sabia falar o russo, havia-se enamorado da filha do general Epantchine e conseguira ser recebido na sua casa, como noivo. Enganara porém esta família de uma forma, que lembrava a do seminarista francês, de quem recentemente se publicara a aventura. Este último saíra do seminário, onde intencionalmente deixara que lhe conferissem o grau de sacerdote, onde se sujeitara a todos os ritos, genuflexões, cerimónias litúrgicas, etc., e renunciara a todos os seus votos; depois, no dia seguinte, numa carta pública, dirigida ao bispo, declarou que não acreditava em Deus e considerava como uma infâmia o enganar o povo e viver à sua custa; demitia-se por isso da sua recente posição e publicava a sua carta nos jornais liberais.

A exemplo deste ateu, o príncipe, dizia-se, tinha assistido a uma reunião solene, dada pelos pais da noiva, no decurso da qual havia sido apresentado a numerosas e importantes pessoas, para durante ela fazer uma estrepitosa profissão de fé, insultar os respeitáveis dignatários e repudiar a sua noiva de uma maneira pública e ultrajante. Na sua resistência aos criados encarregados de o expulsarem, quebrara um magnífico vaso da China.

Acrescentava-se-lhe um traço característico dos costumes contemporâneos: este jovem leviano amava na realidade a sua noiva, a

filha do general, mas rompera com ela unicamente para fazer uma profissão de niilismo. E para tornar o escândalo muito maior, dava-se ao prazer de desposar, ante todos, uma mulher perdida a fim de demonstrar que, segundo a sua convicção, não havia nem mulheres perdidas, nem mulheres virtuosas, mas simplesmente a mulher livre. Não acreditava nas velhas classificações da sociedade, mas apenas na «questão feminina». Enfim, pretendia afirmar que a mulher perdida tinha aos seus olhos ainda mais mérito do que aquelas que o não eram.

Esta explicação pareceu muito plausível e foi aceite pela maior parte das pessoas em vilegiatura, em Pavlovsk, com tanta mais facilidade, quanto encontrava a sua confirmação nos factos sucedidos dia a dia. É verdade que muitos dos seus detalhes ficaram incompreensíveis. Contava-se que a pobre moça amava de tal forma o noivo (ninguém dizia o «sedutor»), que correra junto dele no dia seguinte àquele em que a abandonara, e que haviam ido juntos a casa da mulher perdida. Outros, pelo contrário, asseguravam que a havia atraído a casa dessa mulher por puro niilismo, isto é, para a cobrir de vergonha e opróbrio.

Fosse porém como fosse, o interesse despertado por este incidente aumentava dia a dia, pelo que nenhuma dúvida subsistia sobre a iminente realização desse escandaloso casamento.

Agora, se me pedirem mais esclarecimentos — não sobre a razão niilista do acontecimento, oh, não! — mas simplesmente sobre a medida em que este projetado casamento correspondia aos desejos do príncipe, sobre o verdadeiro fim dos desejos do nosso herói, sobre o seu estado de alma neste momento, e sobre outras perguntas do mesmo género, ficaríamos, confesso, deveras embaraçados para responder. Sabemos apenas que o casamento tinha sido de facto decidido e o príncipe encarregara Lebedev, Keller e um amigo do primeiro, que lhe fora apresentada nessa ocasião, de tomarem todas as disposições, tanto em casa, como na igreja. A ordem fora dada, sem olharem a despesas. Nastásia insistira porque a cerimónia se realizasse o mais depressa possível. A insistentes pedidos de Keller, o príncipe escolhera-o para padrinho da cerimónia. A noiva escolhera por seu lado Bourdovski, que aceitara com entusiasmo. E o casamento foi fixado para os princípios de julho.

Outras informações muito mais exatas, e de que nos deram a conhecer certos detalhes, desconsertaram-nos por completo porque estavam em

contradição com o que dizemos atrás. Foi assim que fomos levados a acreditar que o príncipe, depois de ter encarregado o Lebedev e os amigos de fazerem todos os preparativos, se esqueceu quase logo do mestre de cerimónia e dos padrinhos, e até do próprio casamento. Talvez tivesse pressa em se libertar dessas preocupações, encarregando outros, apenas com o único fim de não mais pensar nelas, apagá-las o mais depressa possível da sua memória.

Mas nesse caso em que pensava ele? De que desejaria guardar uma recordação? Quais seriam as suas intenções? É fora de dúvidas que não tinha tido nenhuma contrariedade (pelo menos da parte de Nastásia). Fora na verdade ela que apressara o casamento; fora ela, e não o príncipe, que imaginara este casamento; ele no entanto dera o seu livre consentimento, apesar de o ter feito com um ar um pouco distraído, como se se tratasse de uma coisa bastante banal.

Conhecemos um grande número de factos tão estranhos como este, mas em nossa opinião, longe de contribuírem para esclarecer o acontecimento, só fazem, acumulando-se, com que ele se obscureça ainda mais. Citemos, no entanto, ainda um exemplo.

Sabemos, sem sombra de dúvida, que durante essas duas semanas o príncipe passou os dias e as noites com Nastásia, quer acompanhando-a em passeios, quer levando-a a ouvir música. Todos os dias saía com ela de carro; se estava uma hora sem a ver, começava logo a inquietar-se (mostrava então todas as aparências de que a amava sinceramente). Durante longas horas ouvia-a falar, com um sorriso suave e terno, qualquer que fosse o assunto por ela tratado; ele mantinha-se quase sempre calado.

Por outro lado sabemos também que várias vezes, ou até muitas vezes, durante os últimos dias, tinha ido a casa dos Epantchine sem fazer mistério disto a Nastásia, a quem estas visitas arreliavam sobremaneira. Sabemos que os Epantchine recusaram recebê-lo, durante a sua estada em Pavlovsk, e opuseram-se sempre a que tivesse uma entrevista com Aglaé. Retirava-se sem dizer palavra e voltava no dia seguinte, como se tivesse esquecido o mau acolhimento da véspera, para receber naturalmente uma nova recusa.

Sabemos ainda que, uma hora, ou talvez menos, depois de Aglaé ter fugido da casa de Nastásia, o príncipe chegara a casa dos Epantchine, convencido de que ia encontrar a fugitiva. A sua chegada provocou

naquela casa uma grande comoção e perturbação, porque Aglaé não tinha ainda voltado e porque tiveram por ele a primeira notícia da visita que acabava de fazer, em sua companhia, a Nastásia. Conta-se que Isabel, as filhas e o próprio príncipe Stch… o trataram então com muita dureza e inimizade e lhe revelaram em termos encolerizados que não o receberiam mais, nem queriam mais vê-lo, sobretudo quando Bárbara Ardalionovna veio dizer inopinadamente a Isabel que Aglaé estava em sua casa, há mais de uma hora, num terrível estado de nervos, e que não queria, segundo dizia, voltar mais a casa.

Esta última informação, que perturbou Isabel mais que tudo o resto, era absolutamente verídica. De facto, ao sair da casa de Nastásia, Aglaé teria preferido morrer logo, a ter de aparecer diante dos seus; por esta razão refugiou-se em casa de Nina Alexandrovna. Bárbara, por seu lado, é que julgou ser necessário avisar sem demora Isabel de tudo quanto se tinha passado. A mãe e as filhas correram logo a casa de Nina, e o pai, Ivan Fiodorovitch, foi-se-lhes juntar logo que soube do que se passava. O príncipe León adiantou-se às senhoras Epantchine, a despeito da expulsão e das palavras de censura que tinha recebido; porém, graças às medidas tomadas por Bárbara, impediram-no de se aproximar de Aglaé.

E a questão terminou da maneira seguinte: quando Aglaé viu a mãe e as irmãs chorarem por causa dela e não lhe fazerem qualquer censura, lançou-se logo nos seus braços e voltou, sem levantar a menor objeção, com elas para casa.

Conta-se também — mas este ponto é bastante impreciso — que Gabriel tivera mais uma vez uma má estrela: ficando só com Aglaé, enquanto Bárbara correu a casa de Isabel, pensou dever aproveitar-se da ocasião para lhe falar do seu amor. Ouvindo-o, Aglaé esqueceu o seu desgosto e as suas lágrimas, e soltou uma gargalhada; depois, à queima-roupa, fez-lhe uma singular pergunta: estaria disposto, para provar o seu amor, a queimar um dedo na chama de uma vela? Parece que Gabriel ficou atrapalhado e aturdido com esta proposta, o que se lhe refletiu no rosto, em geral perplexo. Aglaé, tomada por um estranho riso, fugiu para o andar superior, para o quarto de Nina, onde os pais a foram encontrar momentos depois. Este incidente foi contado, no dia seguinte, ao príncipe, por Hipólito, que não podendo mais sair da cama, o mandou chamar de propósito para lho dizer. Ignoramos como é que ele foi informado; o caso é que o príncipe, quando o ouviu contar a história do dedo e da vela,

começou a rir de tal maneira, que chegou a espantar Hipólito. No entanto um momento depois começou a tremer e a chorar.

Em geral, durante estes dias, mostrou-se dominado por uma viva inquietação, um tremor extraordinário e uma angústia mal definida. Hipólito não hesitou em afirmar que o príncipe lhe dera a impressão de um homem atacado de alienação mental; no entanto não podia dar a esta conjetura uma base positiva.

Ao expormos estes acontecimentos, que nos recusamos a explicar, não é nossa intenção justificar a conduta do nosso herói aos olhos do leitor. Longe disso: estamos prestes a compartilhar a indignação que a sua conduta está provocando entre os seus amigos. A própria Vera Lebedev mostrou-se arreliada durante todo este tempo; Kolia e Keller mostraram-se também indignados; este último só modificou a sua maneira de ver, quando foi escolhido para padrinho. Quanto a Lebedev a sua indignação era tão sincera, que começou a urdir uma intrigazinha contra o príncipe, da qual falaremos mais adiante.

Em princípio concordamos, sem reserva, com algumas das vigorosas palavras, cheias de um profundo sentido psicológico, que Eugénio dirigiu sem rodeios ao príncipe, no decorrer de uma conversa familiar, seis ou sete dias depois da cena ocorrida em casa de Nastásia. Notemos, a propósito que, além dos Epantchine, todas as pessoas que tinham com eles ligações diretas ou indiretas se sentiram na obrigação de cortar as relações com o príncipe. O príncipe Stch…, por exemplo, voltou-lhe a cara quando o encontrou e não correspondeu à sua saudação. Todavia Eugénio Pavlovitch não receava comprometer-se, fazendo-lhe a sua visita, ainda que continuasse a frequentar todos os dias a casa dos Epantchine, onde era recebido mesmo com uma evidente cordialidade.

Justamente no dia seguinte àquele em que deixaram Pavlovsk, foi a casa do príncipe. Estava já nessa altura ao corrente dos boatos que corriam pela cidade; talvez também tivesse contribuído, por seu lado, para a sua propagação. O príncipe ficou encantado, ao vê-lo, e começou logo a conversar com ele sobre os Epantchine. Esta entrada franca e direta numa tal matéria, fez com que Eugénio Pavlovitch soltasse a língua e permitiu-lhe ir direito ao facto em vista.

O príncipe ignorava ainda a partida dos Epantchine. Esta notícia consternou-o e fê-lo empalidecer; porém, ao fim de um minuto, abanou a

cabeça com um ar perturbado e sonhador e concordou que «isto tinha de suceder»; depois apressou-se a perguntar onde era a «sua nova morada».

Durante toda esta conversa Eugénio observou-o com atenção; ficou deveras surpreendido ante a pressa que o seu interlocutor punha em interrogá-lo; a candura das suas perguntas, da sua comoção, do seu estranho tom de sinceridade, da sua inquietação, do seu nervosismo, de tudo enfim, não deixou de lhe chamar a atenção. Entretanto, informou o príncipe com afabilidade e de uma maneira circunstanciada sobre os acontecimentos; deu-lhe conhecimento de muitas coisas, visto ser ele o primeiro informador que vinha de casa dos Epantchine. Confirmou que Aglaé ficara de facto doente e havia passado três noites com febre e insónias; agora estava melhor e livre de perigo, mas encontrava-se num estado de extrema excitação... «Felizmente agora reina uma paz completa naquela casa! Evitam toda a conversa sobre o passado, não só na frente da Aglaé, mas até mesmo quando ela não está. Os pais projetam fazer uma viagem ao estrangeiro, durante o outono, logo após o casamento da Adelaide. A Aglaé não proferiu uma só palavra quando fizeram as primeiras alusões a este projeto».

Quanto a ele, Eugénio, irá talvez também ao estrangeiro. O próprio príncipe Stch... pensa ausentar-se também, por um mês ou dois, com Adelaide, se os seus afazeres lho permitirem. Apenas o general ficará. Toda a família está agora em Kolmino, a umas vinte *verstas* de S. Petersburgo, numa das suas propriedades, onde possuem uma espaçosa casa de campo. A princesa Bielokonski não partiu ainda para Moscovo e parece que retardará essa partida. Isabel insistiu fortemente sobre a impossibilidade de continuarem em Pavlovsk, depois de tudo quanto se tinha passado. Eugénio relatava-lhe dia a dia o que se dizia e passava na cidade. Os Epantchine não supunham poder voltar mais à «vila» Elaguine.

— Com efeito — acrescentou Eugénio — há de concordar que, para o senhor mesmo, a situação era insustentável, sobretudo, porque sabia tudo quanto a cada hora se passava em sua casa, e depois as visitas diárias que fazia a casa *deles,* apesar de se terem recusado a recebê-lo...

— Sim, sim, tem razão. Desejava apenas ver a Aglaé... — respondeu o príncipe, que se pôs a abanar a cabeça.

— Ah, meu caro príncipe — exclamou bruscamente Eugénio num tom patético e contristado — como tem o senhor permitido então tudo quanto se tem passado? Com certeza estava longe de esperar por tal... Admito de

boa vontade que o senhor não pôde obstar a que perdesse a cabeça... nem pôde conter essa pequena no seu acesso de demência; isto ia além das suas forças! Contudo devia compreender quão sério e forte era o sentimento que essa pequena tinha pelo senhor. Ela não o queria repartido com uma outra, e o senhor... o senhor pôde desprezar e perder um tal tesouro!

— Sim, sim, o senhor tem razão; fui de facto o culpado — disse o príncipe, deveras angustiado. — Eu lhe digo: a Aglaé era a única, a única a estimar a Nastásia... Ninguém, além dela, a estimava assim...

— Mas, justamente, o que é exasperante é que não havia em tudo isto nada de sério! — exclamou Eugénio, irritado. — Desculpe-me, príncipe, mas... eu... já pensei um pouco nisso, já o meditei demoradamente; conheço todos os antecedentes da questão; sei tudo quanto se passou desde há seis meses, e nada do que se passou era sério. Não havia nisto mais do que um arrebatamento do espírito e da imaginação, uma quimera, uma fantasia; apenas o ciúme extremo de uma moça sem experiência pôde levar toda a questão até ao trágico!

Eugénio Pavlovitch, sentindo-se na verdade à vontade, dava livre curso à sua indignação. Em termos sensatos e claros, e repetindo-os, com uma psicologia muito penetrante, traçou ante os olhos do príncipe um quadro das relações deste com Nastásia. Tivera sempre o dom da palavra; desta vez chegou até à eloquência.

— Descobriu no senhor, desde o princípio — continuou ele — qualquer coisa de mentiroso; ora aquilo que começa pela mentira, deve acabar também pela mentira; é uma lei natural. Não compartilho a maneira de ver daqueles que o tratam de idiota; fico mesmo indignado quando os ouço; o senhor tem muito espírito para merecer esse qualificativo; mas o senhor mesmo há de concordar que é de um tão estranho procedimento, que isto o diferencia de todos os outros homens. Cheguei a esta conclusão, porque a causa de tudo quanto se passou, reside, antes de tudo, no que eu chamarei a sua inexperiência congénita (repare, príncipe, nesta expressão: «congénita») e na sua anormal inocência. Acrescentarei a isto a sua fenomenal ausência de um sentimento de moderação (defeito de que o senhor mesmo se queixou algumas vezes) e enfim, um grande afluxo de ideias especulativas, que a sua extraordinária sinceridade tem tomado até aqui por autênticas convicções, naturais e imediatas! Confesse, príncipe, que as suas relações com a Nastásia têm sido fundadas desde o princípio sobre a noção de *democracia convencional*

(exprimo-me assim, para abreviar) e por assim dizer sobre o encanto da «questão feminina» (para abreviar ainda mais). Sabe que conheço em todos os seus detalhes a estranha e escandalosa cena que se desenrolou em casa da Nastásia, quando o Rogojine lhe levou o seu dinheiro. Se assim quiser, vou analisá-lo ao senhor mesmo e mostrar-lhe a sua própria imagem, como num espelho, tanto conheço a fundo a questão e a razão pela qual ela fez desandar a sua sorte! Quando o senhor era ainda rapaz e vivia na Suíça, tinha a nostalgia da sua Pátria, da Rússia, considerando-a como um país desconhecido, como a terra prometida. Leu então muitos livros sobre a Rússia; eram talvez excelentes obras, mas foram-lhe bastante nocivas; voltou portanto ao solo pátrio cheio de ardor e sequioso de atividade; o senhor lançou-se por assim dizer à obra. E eis que, logo no dia da sua chegada, lhe contam a triste e comovente história de uma criatura ultrajada, ao senhor, um brioso e honrado cavalheiro, e além disso tratando-se de uma mulher!... Viu-a nesse mesmo dia e ficou fascinado pela sua beleza, a sua fantástica e demoníaca beleza (tal como o senhor, reconheço que ela é de facto bela). Acrescente a isto o estado dos seus nervos, a sua epilepsia, a influência deprimente do degelo em S. Petersburgo; acrescente ainda a circunstância de que, durante esse primeiro dia passado na cidade desconhecida e quase fabulosa para o senhor, foi testemunha de numerosas e variadas cenas e encontrou-se com muitas e diversas pessoas; o senhor travou conhecimento, de uma maneira repentina e inesperada, com três bonitas moças, as meninas Epantchine, e entre elas a Aglaé; acrescente a isto ainda a fadiga, a vertigem dos acontecimentos, o salão da Nastásia, o ambiente que ali reinava e... Diga-me, ora diga, que podia o senhor esperar de si mesmo nesse momento?

— Sim, sim — disse o príncipe meneando a cabeça e começando a corar — sim, o senhor adivinhou quase, na verdade! De facto não tinha dormido na noite anterior, na carruagem, nem na noite seguinte, e por isso me sentia deveras enervado...

— Muito bem! Era a esse ponto que eu queria chegar! — continuou Eugénio, excitando-se cada vez mais. — É claro que, levado pelo seu entusiasmo, o senhor precipitou-se, nessa ocasião, em manifestar publicamente a sua magnanimidade, declarando que era um príncipe de nascimento e um homem inocente, por isso não considerava como desonrada uma mulher perdida, não pela sua falta, mas pela de um odioso libertino da grande sociedade! Meu Deus, quanto isto é compreensível!

Contudo não é esta a questão, meu caro príncipe; o que se trata de saber, é se o seu sentimento era verdadeiro, sincero, natural, ou se procedia apenas como resultado de uma exaltação cerebral? Que pensa o senhor? Se a igreja perdoa a uma mulher deste género, não quer dizer com isto que ela tenha agido bem, nem que ela seja digna de todas as honras e de todos os respeitos! Parece-me que o seu bom senso não soube pôr as coisas neste ponto, três meses mais tarde? Admitindo que ela está inocente (é uma questão sobre a qual não quero insistir) o que é pelo menos verdade é que as suas aventuras não podem justificar nunca o seu intolerável e diabólico orgulho, a sua impudência, o seu insaciável egoísmo. Desculpe-me, príncipe, se me deixo entusiasmar, mas...

— Sim, tudo isso é possível, e pode ser que o senhor tenha razão... — balbuciou de novo o príncipe. — Ela é de facto muito sensível e o senhor está com certeza dentro da verdade, mas...

— Quer o senhor dizer que é digna de piedade, não, meu caro príncipe? Mas teria o senhor o direito, por piedade para com ela e para a comprazer, de cobrir de vergonha uma outra moça, uma jovem distinta e inocente, humilhando-a ante *aqueles* olhos desprezadores e plenos de ódio? Ou deixa de ter piedade, depois disto? Não será tudo isto um inacreditável exagero? Quando se ama uma jovem moça, pode-se humilhá-la assim diante da sua rival, e abandoná-la por essa outra, ante os olhos desta última, depois de a ter honestamente pedido em casamento? Além disso, quando pediu a sua mão, fez essa declaração na frente dos seus pais e das suas irmãs! Depois disto, príncipe, o senhor é um homem honesto? Permita-me que lhe pergunte. E... e não enganou uma virginal moça, ao afirmar-lhe que a amava?

— Sim, sim, o senhor tem razão! Ah, sinto que sou culpado! — proferiu o príncipe num tom de indizível desgosto.

— Mas será isso o bastante? — gritou Eugénio, indignado. — Será o bastante gritar: «Ah, sou o culpado»? O senhor é o culpado, mas persiste aos seus erros. Onde está então o seu coração, o seu coração de «cristão»? Reparou naquele momento na expressão do seu rosto? Refletia menor sofrimento que o da *outra*, que o *seu,* que o daquela que os separava? Como é que ante esse espetáculo o senhor permitiu o que se passou? Como?

— Mas... eu não permiti nada... — balbuciou o infeliz príncipe.

— Como! O senhor não permitiu nada?

— Dou-lhe a minha palavra. Não compreendo ainda, apesar do tempo decorrido, como é que tudo aquilo sucedeu. Eu... corri logo para a Aglaé, mas a Nastásia caiu com uma síncope e depois não me deixaram aproximar mais dela.

— Que importa isso! Devia correr atrás da Aglaé e deixar a outra desmaiada!

— Sim... sim, devia... e ela estaria morta! Ter-se-ia morto, o senhor não a conhece, e... daria tudo no mesmo, pois contariam logo o que se passasse à Aglaé e... Parece-me, Eugénio, que o senhor tem aspeto de tudo saber. Ora então pode dizer-me porque não me deixaram mais aproximar da Aglaé? Explicar-lhe-ei tudo. Compreenda isto: as duas falaram então à margem, completamente à margem da questão; daí sobreveio a desgraça... Eu não consigo explicar-lhe isto claramente, mas talvez a Aglaé o consiga... Ah, meu Deus, meu Deus! O senhor vem falar-me do seu rosto nesse minuto, quando fugiu... Oh, meu Deus, recordo-me muito bem!... Vamos, vamos!

O príncipe levantou-se de súbito e procurou arrastar Eugénio pelo braço.

— Onde?

— Vamos a casa da Aglaé, e depressa!

— Mas já lhe disse que ela não está em Pavlovsk; e agora, que iríamos nós fazer a casa dela?

— Compreender-me-á! Compreender-me-á! — murmurou o príncipe juntando as mãos numa atitude de prece. — Compreenderá que não é *isto,* mas sim há que fazer outra coisa!

— Há que fazer outra coisa? Então o senhor não se vai casar? Ou o senhor persiste... Mas o senhor casa-se ou não?

— Oh, sim!... eu caso-me, eu caso-me!

— Então porque é que diz que não é isto?

— Não, não é isto, não é isto! Pouco importa que me case!... Isso nada quer dizer!

— Como é que pode dizer que isso pouco importa, que não quer dizer nada? Parece-me que não se trata de uma coisa sem importância! O senhor vai desposar uma mulher que o ama para fazer a sua felicidade. A Aglaé viu isso e sabe-o. E o senhor acha que isto é uma coisa sem importância?

— A sua felicidade? Oh, não. Eu caso-me, muito simplesmente; é ela que o quer; e além disso, caso-me, porque tudo está assim combinado;

eu... Como vê, tudo isto me é indiferente! Se eu tivesse procedido de outra forma, ter-se-ia com certeza suicidado. Reconheço agora que o casamento com o Rogojine era uma loucura. Compreendo nesta altura o que até aqui não tinha compreendido. Além disso quero também dizer-lhe: quando se invetivaram uma à outra, não pude suportar a expressão do rosto da Nastásia!... O senhor não sabe, Eugénio — acrescentou ele, baixando misteriosamente a voz — pois não o disse nunca a ninguém, nunca, nem mesmo à Aglaé, mas eu não posso tolerar aquele rosto da Nastásia... Ainda há pouco o senhor descreveu muito bem a reunião em casa dela; mas houve um detalhe que lhe escapou e que ignora: é que eu tinha observado *o seu rosto.* Já pela manhã, ao ver o seu retrato, não pudera tolerar aquela sua expressão... Ora repare na Vera, a filha do Lebedev, e verá como tem uns olhos muito diferentes! Eu... eu tenho medo do rosto da Nastásia! — concluiu ele, dominado por um extremo pavor.

— O senhor tem medo?

— Sim, ela está tola! — cochichou ele, ao mesmo tempo que empalidecia.

— Tem a certeza disso? — perguntou Eugénio com um ar deveras intrigado.

— Tenho, tenho a certeza disso; pude verificá-lo ainda num destes últimos dias.

— Então quer fazer a sua desgraça? — inquiriu Eugénio deveras horrorizado. — O senhor vai casar-se então, levado por um grande medo, não? Não compreendo nada... Talvez até o senhor não a ame?

— Oh, se a amo, com toda a minha alma! Não se esqueça... que ela é uma criança; está na verdade como uma autêntica criança! Oh, o senhor não sabe nada!

— E ao mesmo tempo afirma que tem um grande amor pela Aglaé?

— Oh, sim, sim!

— Como explica então tudo isso? Ou pretende também amar uma e outra?

— Oh, sim, sim!

— Vamos, príncipe, pense no que está a dizer!

— Sem a Aglaé eu... preciso em absoluto vê-la! Eu... eu morrerei logo que adormeça; creio que morrerei esta noite durante o sono. Oh, se a Aglaé soubesse, se ela soubesse tudo!... Quero dizer-lhe absolutamente tudo! Porque o essencial, aqui, é que saiba tudo! Nem sempre nos é dado saber

tudo sobre uma outra pessoa, quando é necessário, quando essa outra está em falta... De resto, eu já nem sei o que digo, já embrulho tudo; o senhor despertou em mim uma grande comoção... Quem sabe se não terá ainda a mesma expressão de fisionomia, que quando fugiu? Oh, eu sou o culpado, sim! O mais provável é que todas as culpas sejam minhas. Não sei ainda ao certo quais são, mas só eu sou o culpado... Há nisto alguma coisa que não sei explicar-lhe, Eugénio; parece que me faltam as palavras para exprimir tudo, mas... a Aglaé compreender-me-á! Oh, sempre tenho pensado que ela me há de compreender!

— Não, príncipe, ela não compreenderá! A Aglaé ama-o humanamente, como uma mulher e não como... um puro espírito. Quer que lhe diga uma coisa, meu pobre príncipe? O mais provável é que o senhor não tenha amado nem uma, nem outra!...

— Não sei… talvez, talvez; o senhor tem razão em muitos pontos; o senhor é superiormente inteligente. Ah, aí começo eu a sentir a dor de cabeça! Vamos a casa dela! Vamos lá, por amor de Deus! Por amor de Deus!

— Mas já lhe disse que não está em Pavlovsk; está em Kolmino.

— Vamos a Kolmino, vamos sem demora!

— É impossível! — respondeu Eugénio numa voz arrastada e levantando-se.

— Ouça, eu vou escrever uma carta e o senhor faz-me o favor de lha levar.

— Não, príncipe, não!... Dispense-me de tais comissões, pois não posso por maneira alguma encarregar-me de tal.

E separaram-se. Eugénio levou desta visita uma estranha impressão; chegou à convicção de que o príncipe tinha o espírito um pouco desequilibrado. «Que significa *aquele rosto* que teme e ama tanto ao mesmo tempo? Por outro lado, pode ser que, longe da Aglaé, morra de facto, mas dessa forma a jovem moça não saberá nunca até que ponto ele a amou. Ah, ah! E como pode ele amar duas mulheres? E cada uma delas com um amor tão diferente? Isto é deveras curioso... Pobre idiota! E o que lhe irá suceder agora?»

Capítulo 10

No entanto o príncipe não morreu antes do casamento, nem acordado, nem «dormindo», como predissera a Eugénio. Talvez tivesse dormido mal e tivesse maus sonhos; porém, durante o dia, nas suas relações com o seu semelhante, parecia outro e sempre satisfeito; se mostrava algumas vezes um ar abstrato, era em geral quando estava só. Apressavam-se os preparativos do casamento, que devia ter lugar oito dias após a visita de Eugénio. Ante uma tal pressa, os amigos mais íntimos do príncipe, os que tinha ainda, tiveram de renunciar à esperança de verem os seus esforços, para «salvar» o pobre louco, coroados de êxito. Os boatos espalhados, após a visita de Eugénio, foram instigados, até certo ponto, pelo general Ivan e pela esposa. Se os dois, por um excesso de bondade, tiveram desejos de «salvar» do abismo o infeliz demente, limitaram-se a essa única e tímida tentativa, pois, nem a sua situação, nem talvez mesmo os seus sentimentos (coisa natural!), lhes permitiam um esforço mais sério. Dissemos já que todos aqueles que viviam à volta do príncipe se afastaram dele. Vera Lebedev limitava-se a chorar quando estava só; ficava agora muitas vezes em casa, e por isso as suas visitas tornaram-se muito mais espaçadas.

Entretanto Kolia prestara as últimas homenagens a seu pai. O velho morrera de um novo ataque, sobrevindo mais ou menos oito dias depois do primeiro. O príncipe tomou uma grande parte no luto da família; passou, nos primeiros dias, horas inteiras junto da Nina Alexandrovna; assistiu às exéquias e a todas as outras cerimónias religiosas. Muitas pessoas notaram que a sua chegada à igreja e a sua partida provocara involuntários sussurros na assistência. Sucedia o mesmo na rua e no parque; quando passava, a pé ou de carro, as conversas animavam-se e apontavam-no, pronunciando a meia voz o seu nome e o de Nastásia. Procuraram ver esta, a quando das exéquias do general, mas não apareceu. A «mulher do capitão» não assistiu também, pois Lebedev havia conseguido segurá-la em casa. O enterro e as outras cerimónias causaram ao príncipe uma forte e dolorosa impressão. A uma pergunta de Lebedev, respondeu em voz baixa que era a primeira vez que assistia a um enterro segundo o ricto

grego, além de uma cerimónia semelhante, que se recordava ter visto, ainda criança, numa igreja da cidade.

— Sim, como acreditar que o homem deitado neste caixão é o mesmo que, ainda há pouco tempo, nos deu a honra de presidir à nossa reunião; o senhor lembra-se? — perguntou em voz baixa Lebedev. — Mas quem procura o senhor?

— Nada, pareceu-me que...

— Que era o Rogojine?

— Ele está aqui?

— Está na igreja.

— De facto, pareceu-me ter avistado os seus olhos — murmurou o príncipe um tanto agitado. — Mas pouco me importa... Por que teria vindo aqui? Quem o teria convidado?

— Não sei, nem em tal pensei. A família do falecido não o conhece. Toda a gente pode entrar numa igreja. Por que ficou tão surpreendido? Encontro-o agora muitas vezes; a semana passada vi-o aqui umas quatro vezes.

— Por mim ainda o não encontrei uma única vez... desde aquele dia — balbuciou o príncipe.

Como Nastásia nunca lhe dissera que havia encontrado o Rogojine, uma única vez, «desde aquele dia», concluiu que este último tinha quaisquer razões para não se mostrar. Durante todo esse dia pareceu muito absorvido; pelo contrário Nastásia mostrou-se de uma alegria excecional, alegria que se prolongou durante toda a noite.

Kolia, que se havia reconciliado com o príncipe antes do falecimento do pai, propôs-lhe (a questão revestia uma instante urgência) que convidasse Keller e o Bourdovski para padrinhos da cerimónia. Tomou a garantia do bom comportamento do primeiro e acrescentou mesmo que talvez pudesse ser «útil». Quanto a Bourdovski, toda a recomendação era supérflua, visto ser um homem «sossegado e modesto». Nina e Lebedev chamaram a atenção do príncipe para o facto de que, se o seu casamento estava na verdade decidido, podia pelo menos evitar celebrá-lo em Pavlovsk, numa altura do ano em que estava repleto de veraneantes. Para quê tanta celebridade? Não seria melhor realizar a cerimónia em S. Petersburgo, numa igreja particular? O príncipe não compreendeu muito bem a preocupação que estas palavras refletiam, e por isso limitou-se a

responder com laconismo e simplicidade, de que tudo isso era o desejo formal de Nastásia.

No dia seguinte Keller, informado de que estava escolhido como padrinho da cerimónia, foi a toda a pressa visitar o príncipe. Antes de entrar, parou do vão da porta; tendo avistado o príncipe, levantou a mão direita, com o indicador erguido para o ar, e gritou, no tom de um homem que profere um juramento:

— Não beberei.

Em seguida aproximou-se do príncipe, apertou-lhe as duas mãos, sacudindo-lhas com força, e declarou-lhe que, para falar verdade, tinha ficado um tanto despeitado quando soube o que se passava; havia mesmo manifestado essa sua opinião do decorrer de uma partida de bilhar: e esse seu despeito resultava apenas de que a sua grande amizade só podia admitir que o príncipe desposasse uma princesa de Rohan, ou pelo menos a de Chabot; no entanto agora, vistas bem as coisas, chegava à conclusão de que os pensamentos do príncipe eram, pelo menos, doze vezes mais nobres que os daqueles que o rodeavam, «tomados em conjunto». Aquilo que ele procurava, não era nem o esplendor, nem a riqueza, nem mesmo as honrarias, mas sim apenas a verdade. As simpatias das altas personagens são sempre as mais apreciadas; contudo o príncipe encontrava-se num tal grau, devido à sua educação, que não podia ser, de uma maneira geral, posto no mesmo pé de igualdade daquelas. «Porém a canalha, a garotada, eram de opinião diferente; na cidade, nas casas particulares, nas reuniões, nas pequenas vivendas, nos concertos, nas tabernas, nas salas de bilhar, não se fala, não se murmura noutra coisa, que não seja o próximo acontecimento. Ouvi mesmo dizer que queriam organizar uma manifestação tumultuosa em frente das suas janelas e isto, segundo me parece, logo na primeira noite do casamento. Se tiver necessidade da pistola de um homem honesto, estou pronto a disparar nobremente uma meia dúzia de tiros, antes do senhor sair, na manhã seguinte, do leito nupcial». Deu-lhe mesmo o conselho de colocar no pátio da casa uma mangueira de incêndio, como medida preventiva contra a multidão sequiosa, ao voltar da igreja; porém Lebedev opôs-se, dizendo que, se se utilizassem dessa mangueira, a sua casa seria destruída de alto a baixo.

— Asseguro-lhe, príncipe, que o Lebedev anda urdindo qualquer intriga contra o senhor. Querem estabelecer-lhe qualquer tutela; o senhor sabe o que isso é? Querem privá-lo do livre exercício da sua vontade e de

dispor, como bem entender, do seu dinheiro, isto é, daquelas regalias que nos distinguem de um quadrúpede? Isto, ouvi-lho eu dizer, não tenho dúvidas nenhumas. Isto é a pura verdade!

O príncipe lembrou-se, ainda que confusamente, de ter já ouvido dizer qualquer coisa a tal respeito, mas, como é natural, não lhe tinha prestado a menor atenção. Limitou-se a soltar uma gargalhada, ante a reflexão do Keller, e não mais lhe ligou importância. O facto, no entanto, é que o Lebedev maquinava qualquer coisa desde há um certo tempo; este homem traçava imediatos planos sempre que tinha qualquer inspiração, porém, no ardor da sua execução, dispersava os seus esforços em todos os sentidos, terminando por se afastar do objetivo inicial; daí a razão por que nunca tinha feito nada na vida. Dias decorridos, quase na véspera do casamento, foi confessar-se ao príncipe, (era uma mania muito sua, ir sempre exprimir o seu arrependimento junto daqueles contra quem havia intrigado, sobretudo quando as suas intrigas fracassavam). Declarou-lhe que nascera para ser um Talleyrand e no final, por qualquer motivo inexplicável, havia ficado um simples Lebedev. A este respeito descobriu toda a sua intriga, o que interessou deveras o príncipe. A acreditar-se no que disse, começou por se pôr em contacto com altas personalidades, para ter um sólido apoio em caso de necessidade, tendo falado a tal respeito com o general Ivan Fiodorovitch. Este mostrou-se embaraçado, dado que estimava muito o «rapaz», mas declarou-lhe que, «apesar do seu grande desejo de o salvar, os preconceitos da sociedade não lhe permitiam qualquer intervenção». Isabel por sua vez não quis, nem vê-lo, nem ouvi-lo. Eugénio e o príncipe Stch... recusaram-se a tudo, com um simples gesto. Todavia ele, Lebedev, não perdeu a coragem: consultou um advogado conhecedor, um venerável ancião de quem era amigo íntimo e a quem devia obrigações; este, conhecedor das leis, concluiu que a interdição do príncipe era perfeitamente possível, com a condição de que testemunhas de respeito afirmassem que sofria de desequilíbrio mental, ou era de facto um demente; o essencial portanto era dispor de altas influências. Lebedev não esgotou a paciência e conseguiu mesmo trazer um dia um médico a casa do príncipe. Este médico era um outro velho, também respeitável, que se encontrava a veranear em Pavlovsk; tinha a condecoração da ordem de Santa Ana. Lebedev levara-o um dia com ele, sob o pretexto de lhe mostrar a sua propriedade, e apresentara-o ao príncipe, estando combinado que lhe transmitiria as suas conclusões a título amigável e não, por assim

dizer, de uma maneira oficial. O príncipe lembrava-se desta visita do doutor; recordava-se que, na véspera, Lebedev, havia insistido... de tal forma com ele, que estava doente, que quase chegara a convencê-lo; apesar de ter recusado categoricamente o auxílio da medicina, não evitou de se encontrar momentos depois com o doutor; acreditando no que lhe disse Lebedev, acabavam de sair os dois de casa do senhor Terentiev, que estava muito mal, tendo-lhe dito o médico que tinha, a tal respeito, uma comunicação a fazer-lhe. Concordando com Lebedev, recebeu o médico com muita afabilidade. A conversa derivou logo sobre o doente, Hipólito, e o doutor, desejando conhecer os mais amplos detalhes sobre a cena do suicídio, ficou encantado com o príncipe, ante a descrição e as explicações que lhe deu do acontecimento. Falaram depois do clima de S. Petersburgo, da doença do próprio príncipe, da Suíça, de Schneider. O príncipe interessou de tal forma o seu interlocutor, com a exposição que lhe fez do sistema terapêutico de Schneider, que a conversa se prolongou por umas duas horas. O médico fez-lhe fumar, por sua vez, excelentes cigarros e Lebedev serviu-lhes um esquisito licor trazido por Vera. Se bem que casado e pai de família, o médico mostrou tanto interesse pela moça que esta se mostrou deveras indignada. Quando se separaram, estavam amigos. Ao sair, o doutor declarou a Lebedev: «Se pretendem colocar sob tutela todas as pessoas que são como o príncipe, onde vão procurar os tutores precisos para isso?» Lebedev replicou-lhe num tom trágico, invocando o próximo casamento; o doutor porém abanou a cabeça com um ar matreiro e espertalhão, e concluiu: «É preciso deixar casar as pessoas com quem muito bem lhes parecer». Além disso, e ante o que tinha ouvido dizer, a pessoa de que se tratava, não era somente de uma incomparável beleza, motivo já por si suficiente para fazer andar à roda a cabeça de um homem rico, mas mais ainda, era possuidora de grandes capitais, que lhe tinham sido dados por Totski e Rogojine, assim como de pérolas, de diamantes, de mantilhas e de bons móveis. Somado tudo, esta escolha, longe de ser um indício de loucura ou estupidez da parte do príncipe, revelava pelo contrário que este adorável rapaz tinha um espírito vivo e uma inteligência de homem da sociedade, de homem que sabe calcular. O doutor era portanto levado a formular sobre tudo isso um diagnóstico inteiramente favorável ao príncipe.

Esta conclusão exerceu sobre Lebedev uma forte impressão, e terminou também as suas confidências, declarando ao príncipe:

«Doravante terá sempre em mim um homem dedicado e pronto a verter o sangue pelo senhor; foi mesmo para lhe dizer isto que vim aqui».

Durante os últimos dias o príncipe fora também distrair Hipólito; no entanto este mandava-o chamar a cada momento. A família do doente residia, não muito longe dali, numa pequena vivenda. As crianças, quer dizer, o irmão e a irmã de Hipólito gostavam muito de brincar ao ar livre; sempre que podiam escapar-se do doente iam para o jardim; entretanto a pobre «esposa do oficial» ficava à sua mercê e era por vezes a sua vítima. O príncipe passava o tempo a apaziguá-los, a estabelecer a paz entre eles; o doente continuava a chamá-lo o seu «simplório», não podendo conter-se de lhe mostrar o seu desprezo, sempre que o via no seu papel de mediador. Estava muito zangado com Kolia, porque este deixara de vir visitá-lo, pois havia estado sempre junto do pai, nos seus últimos momentos, e agora fazia companhia à sua viúva mãe. Por fim tomou por alvo das suas zombarias o próximo casamento com Nastásia; procedeu de tal forma, que o príncipe indignado e deveras exaltado deixou também de o ir ver. Dois dias depois a mãe foi pela manhã a casa do príncipe, de lágrimas nos olhos, suplicar-lhe para o ir ver, sem o que *ele* a martirizaria ainda mais. Acrescentou que o filho desejava revelar-lhe um grande segredo. O príncipe cedeu. Hipólito exprimiu-lhe então o desejo de se reconciliar, dizendo-lho banhado em lágrimas; porém as lágrimas desapareceram e passou a mostrar-se, contra o que era de esperar, ainda mais acerbo, e parecendo ainda por vezes não expandir toda a sua cólera. Sentia-se muito mal e tudo indicava que não tardaria em morrer. Não tinha nenhum segredo a revelar, mas desabafava em ásperas e exageradas censuras e numa emoção talvez afetada ao dizer ao príncipe que «tivesse cuidado com Rogojine. «É um homem que não larga o que lhe pertence; não tem sentimentos como nós, príncipe; se pretende dizer alguma coisa, nenhuns escrúpulos o prendem»... etc., etc. O príncipe começou a interrogá-lo um pouco mais em detalhe a fim de precisar factos. Porém Hipólito não invocou outro argumento que não fossem as suas sensações ou impressões pessoais. No final teve a satisfação de infundir um certo terror na alma do príncipe. Este último começou a esquivar-se a certas perguntas de um caráter especial e limitava-se a sorrir quando o ouvia dar-lhe conselhos como este: «Se fosse ao senhor fugia para o estrangeiro; ia lá casar-me, pois em toda a parte se encontram padres russos». Porém, ao fim de um momento, Hipólito concluía desta forma: «Temo, sobretudo, pela Aglaé; o

Rogojine sabe quanto o senhor a ama; o senhor tomou-lhe a Nastásia; ele matará a Aglaé; se bem que ela não lhe seja nada, o senhor não deixará de se contristar bastante, não é assim?» O seu fim foi atingido; o príncipe saiu deveras apavorado.

Estas prevenções a respeito do Rogojine surgiram na véspera do casamento. Nessa noite o príncipe teve com Nastásia a última entrevista, antes da cerimónia nupcial. Ela porém não conseguiu acalmá-lo: nos últimos tempos nem ele próprio conseguia dominar a sua inquietação. Alguns dias antes, no decurso de uma conversa, ficara admirada com o seu ar de tristeza. Havia empregado todos os esforços para o alegrar: tinha experimentado mesmo distraí-lo, cantando. A maior parte das vezes tentava lembrar-se de tudo quanto pudesse distraí-lo. O príncipe esforçava-se quase sempre por parecer satisfeito; algumas vezes ria-se por tudo, arrastado pela vivacidade de espírito e pelo bom humor com que ela costumava contar as suas coisas, quando estava com disposição para isso, o que sucedia muitas vezes. Quando o via rir, ficava encantada e sentia-se orgulhosa da sua pessoa, ao constatar a impressão por ela produzida. Porém agora tornava-se, quase hora a hora, cada vez mais melancólica e mais inquieta. O príncipe tinha sobre ela uma opinião já formada; se assim não fosse, teria naturalmente notado que se estava tornando deveras enigmática e muito menos inteligente; não continuaria cada vez mais convencido de que ela podia ressuscitar para a vida normal. Tinha razão em dizer a Eugénio Pavlovitch que a amava com um amor profundo e sincero; nesse amor havia de facto um terno entusiasmo por uma criança fraca e doente, a quem fosse difícil, se não impossível, entregar a sua própria vontade. Não desabafava com ninguém sobre os sentimentos que ela lhe inspirava e repugnava-lhe abordar esse tema, quando o decorrer da conversa não lhe permitia podê-lo evitar. Frente a frente, não falavam nunca do «sentimento», como se tal houvessem jurado. Nas suas conversas, regra geral alegres e plenas de entusiasmo, todas as pessoas podiam tomar parte. Daria Alexeievna contava mais tarde que, durante os dias que estivera junto deles, se sentira sempre encantada e satisfeita. Fazia gosto admirá-los.

A opinião que o príncipe fazia do estado moral e mental de Nastásia afastava do seu espírito, até certo ponto, muitas das suas outras preocupações. Era então uma mulher muito diferente daquela que havia conhecido três meses antes. Também não lhe causava qualquer estranheza

o vê-la insistir na realização do casamento, depois de se ter sempre negado a admitir a ideia dessa realização, recebendo mesmo com lágrimas, maldições e ásperas censuras aqueles que em tal lhe falavam. «Agora», concluía ele, «já não tem medo, como noutros tempos, de fazer a minha desgraça, desposando-me». No entanto não lhe parecia natural esta reviravolta tão rápida, sobre a confiança que depositava nele. Essa certeza não a baseara Nastásia apenas no seu ódio a Aglaé, pois era capaz de sentimentos muito mais profundos. Também não lhe resultava do medo de compartilhar da existência de Rogojine. Estas razões, ou outras ainda, deviam ter tido, sem dúvida, o seu peso, mas para o príncipe, a razão principal dessa reviravolta, era justamente aquela de que ele há muito suspeitava; a sua pobre alma doente não tinha podido suportar tal prova.

Se bem que ela tivesse posto fim às suas preocupações, pelo menos até um certo ponto, esta explicação não o deixou, todavia, durante todo este tempo, nem menos preocupado, nem mais esclarecido. Algumas vezes esforçava-se por não pensar em nada. Quanto ao casamento, era evidente que, nesta altura, o considerava apenas como uma formalidade sem importância; preocupava-o muito pouco o seu futuro, para o julgar de outra maneira. Às objeções e alegações do género daquelas que o Eugénio lhe fizera, nada encontrava para lhe responder, sentindo-se, em absoluto, incompetente para discutir tal matéria; esquivava-se por isso também a toda a conversa sobre tal assunto.

Notou entretanto que Nastásia não sabia, nem compreendia muito bem o que Aglaé era para ele. Ela não falou, mas ele leu-o no seu «rosto», nas vezes em que o surpreendeu (nos primeiros dias) a preparar-se para ir a casa dos Epantchine. Depois da partida destes, pareceu ficar radiante. Por mais simples observador ou pouco perspicaz que fosse, atormentava-o a ideia de que Nastásia pudesse tomar a resolução de provocar qualquer escândalo a fim de obrigar Aglaé a deixar Pavlovsk. O falatório e os rumores que corriam na cidade, a respeito do casamento, eram com certeza animados, em parte, por Nastásia, no desejo de exasperar a sua rival. Como fosse incomodativo para os Epantchine qualquer encontro, resolveu um dia levar o príncipe na sua carruagem e deu ordem ao cocheiro para passar debaixo das janelas da casa daqueles. Foi para o príncipe uma atroz surpresa; só se apercebeu, como sempre, quando era já tarde, depois de a carruagem ter passado em frente da casa. Não disse

nada, mas depois deste incidente ficou doente durante dois dias. Nastásia absteve-se de voltar a repetir a brincadeira.

Durante os dias que antecederam o casamento, tornou-se pensativa. Acabava sempre por afastar a sua tristeza e mostrar-se alegre, mas essa alegria era mais comedida, menos expansiva, menos radiante do que em qualquer outra ocasião. O príncipe redobrava de cuidados. Estava intrigado por nunca a ouvir falar em Rogojine. Uma única vez, cinco dias antes do casamento, Daria foi chamá-lo a toda a pressa, porque Nastásia estava muito mal. Encontrou-a num estado bem próximo da demência: gritava e tremia, ao mesmo tempo que afirmava que Rogojine estava escondido no jardim da casa, pois acabava de o ver, e que se preparava para a matar essa noite... para a matar com uma faca! Durante todo o dia não conseguiu recuperar a calma habitual. Porém à noite, indo passar uns momentos a casa de Hipólito, o príncipe encontrou a «esposa do oficial», que regressava de S. Petersburgo, onde tinha ido tratar dumas coisas que precisava para sua casa. Encontrara-se com Rogojine, o qual lhe pedira informações a respeito de Pavlovsk, Perguntou-lhe a que horas o havia encontrado; indicou-lhe a mesma hora a que Nastásia supusera tê-lo visto no jardim. Tinha sido portanto engano; não passara de uma miragem. Nastásia foi por isso a casa da «esposa do oficial» pedir-lhe informações, que ela lhe deu até aos mínimos detalhes.

Na véspera do casamento o príncipe deixou a noiva deveras satisfeita e entusiasmada: acabava de receber de sua costureira de S. Petersburgo o vestido que devia levar no dia seguinte, e o véu, o chapéu, etc. O príncipe não supunha vê-la apaixonar-se tanto com os seus enfeites; ele, por sua vez, elogiava também todos os detalhes do vestuário, o que mais aumentara a felicidade da noiva. Esta não tentou sequer ocultar o motivo por que desejava tanta grandeza: ouvira dizer que os habitantes de Pavlovsk estavam indignados e que alguns libertinos preparavam uma manifestação, com acompanhamento de música e a recitação de uma peça, em verso, escrita de propósito para o momento; todos estes preparativos haviam merecido mais ou menos a aprovação do resto da sociedade. Era justamente por isso que ela queria levantar bem a cabeça e deslumbrar toda a gente com o bom gosto e a sumptuosidade da sua apresentação. «Que gritem, que assobiem, se se atreverem!» A este pensamento os seus olhos cintilavam de desespero. Além disso alimentava ainda uma última esperança, que se abstinha de revelar em voz alta: supunha que Aglaé, ou

alguém mandado por esta, se encontraria entre a estranha multidão, na igreja a fim de a observarem, daí portanto todos os seus preparativos.

Tais eram os pensamentos que a preocupavam às onze horas da noite, quando o príncipe a deixou. Todavia a meia-noite não tinha soado ainda quando foram chamá-la a toda a pressa, por ordem de Daria, para «vir o mais rápido possível, porque ela estava muito mal». Encontrou a noiva toda lacrimosa; fechada do seu quarto, dominava-a uma grande crise de desespero, um violento ataque de nervos. Durante algum tempo nada ouviu do que ele lhe dizia através da porta fechada; por fim abriu-a, deixou apenas entrar o príncipe, fechou-a logo em seguida e pôs-se de joelhos, na sua frente (tal foi pelo menos o que mais tarde contou a Daria, que assistira a uma parte desta cena).

— Que vou eu fazer!... que vou eu fazer!... que vou eu fazer de ti! — exclamou ela, soluçando e abraçando-se-lhe às pernas.

O príncipe esteve durante toda uma hora junto dela; ignoramos, o que disseram. Daria contou que, ao fim de uma hora, se separaram, proferindo termos afetuosos e com um ar feliz. O príncipe mandou ainda uma vez, durante a noite, saber notícias da sua noiva, mas esta havia já adormecido. Pela manhã, antes de ela acordar, dois emissários do príncipe apresentaram-se em casa de Daria, e mais tarde um terceiro, o qual lhe transmitiu o seguinte: «A Nastásia está rodeada neste momento por um verdadeiro exército de modistas e de cabeleireiros vindos de S. Petersburgo; está já restabelecida por completo da crise de ontem; está nesta altura ocupada com os seus enfeites, necessários a uma beleza como a dela no momento de se casar; neste preciso instante discute quais os diamantes que mais lhe convém e a maneira como os deve colocar». O príncipe ficou por isso completamente tranquilizado.

A série de acontecimentos a que o casamento deu lugar foram relatados mais tarde, como se segue, pelas pessoas que a eles assistiram e cujo testemunho parece não oferecer dúvidas.

A cerimónia nupcial devia ter lugar às oito horas. Nastásia estava pronta desde as sete. A partir das seis, grupos de ociosos começaram a vaguear à volta da casa de Lebedev e, mais ainda, à volta da casa de Daria. Perto das sete horas a igreja começou também a encher-se. Vera Lebedev e Kolia estavam deveras apreensivos com o príncipe; tinham no entanto muito que fazer em casa, pois foram os encarregados de tudo disporem nos respetivos aposentos, para a receção e o copo de água, se bem que

nenhuma reunião estava, por assim dizer, prevista, para depois da cerimónia religiosa, e além disso eram poucas as pessoas que haviam sido convidadas para assistirem à celebração do casamento. Lebedev convidara Ptitsine, Gabriel, o médico condecorado com o colar de Santa Ana e Daria Alexeievna. Quando o príncipe perguntou a razão por que o médico, «que ele conhecia mal», havia sido convidado, Lebedev respondeu-lhe com o ar de um homem contente consigo mesmo: «Uma condecoração ao pescoço, um personagem considerado; é para a galeria!». Esta reflexão fez rir o príncipe.

Vestindo fraque e de luvas, Keller e Bourdovski mostravam um aspeto muito convencional; apenas Keller inspirava ainda um certo temor, ao príncipe e àqueles que o rodeavam, com o seu humor manifestamente belicoso; observava com olhares hostis os papalvos agrupados à volta da casa.

Às sete horas e meia o príncipe dirigiu-se, no seu carro, para a igreja. Notemos, a propósito, que tivera o cuidado de não esquecer nenhum dos costumes tradicionais; tudo se passou publicamente, ante os olhares de todos e «da maneira que mais convinha». Na igreja atravessou a custo por entre a multidão, ouvindo repetidos sussurros e exclamações; era precedido pelo Keller, que lançava à direita e à esquerda olhares ameaçadores. Por momentos colocou-se atrás do santuário, entretanto que o *boxeur* foi buscar a noiva. Diante da casa de Daria viu uma multidão duas ou três vezes maior e talvez duas ou três vezes mais insolente que aquela que estacionava em volta da casa do príncipe. Ao abrir a porta ouviu exclamações de uma tal natureza que não se pôde conter e foi até ao ponto de dirigir à multidão uma admoestação apropriada; felizmente impediram-no de continuar. Bourdovski e Daria, que ocorreram rapidamente a fechar o portão; os dois agarraram-no e levaram-no à força para dentro de casa. O *boxeur,* muito excitado, apressou a partida. Nastásia levantou-se, deitou um último olhar para o espelho e notou com um certo «rictos», conforme contou mais tarde Keller, que «estava pálida como um morto»; depois inclinou-se piedosamente diante do oratório e encaminhou-se para o portão. Um rumor saudou a sua aparição. Para dizer a verdade, no primeiro momento só ouviu risos, aplausos irónicos e talvez fortes assobiadelas; porém, no fim de um instante, outras exclamações ecoaram:

— Que bonita mulher!

— E que vida desregrada levou!

— O casamento apaga tudo, imbecis!

— Ainda não vi maior beleza!... Hurra! — exclamaram os que estavam mais perto.

— É uma princesa!... Era capaz de vender a minha alma por ela! — gritou um empregado de escritório. — Por uma só noite dava a minha vida!

Nastásia avançou; o rosto estava de uma palidez marmórea, mas os seus olhos pretos lançavam sobre os curiosos olhares chamejantes, como carvões ardentes. Ante tais olhares a multidão não pôde resistir; a indignação deu lugar a clamores de entusiasmo. A porta da carruagem estava aberta e Keller estendia já a mão à noiva, quando esta soltou um grito e, largando o portão, precipitou-se sobre a multidão. As pessoas que o acompanhavam ficaram paralisadas de espanto; o público afastou-se diante dela e a cinco ou seis passos do portão apareceu de repente Rogojine. Nastásia havia avistado o seu olhar entre os curiosos. Correu para ele como uma louca, de braços abertos:

— Salva-me! Leva-me... para onde tu queiras, mas já!

Rogojine levantou-a nos braços e levou-a sem custo para a carruagem. Num abrir e fechar de olhos tirou uma nota de cem *rublos* da carteira e deu-a ao cocheiro.

— Para a estação! Se chegares antes da partida do comboio, receberás outros cem *rublos!*

Saltou para a carruagem, sentou-se ao lado de Nastásia e fechou a portinhola. Sem um instante sequer de hesitação o cocheiro fustigou os cavalos. Mais tarde, Keller, ao contar o sucedido, desculpou-se da sua indecisão ante tal imprevisto e acrescentou: «Um segundo mais e tê-los-ia agarrado; não teria sucedido nada daquilo!» Bourdovski e ele tomaram logo um outro carro que estava perto e lançaram-se em perseguição dos fugitivos, mas andados uns metros mudaram de ideia, sob o pretexto de que «era já muito tarde e que não podiam trazê-la à força».

— E depois, nem o príncipe consentiria! — concluiu Bourdovski bastante agitado.

Rogojine e Nastásia chegaram a tempo à estação. Após terem descido da carruagem e quase no instante de subirem para o comboio, Rogojine fez parar uma jovem moça que passava, trazendo na cabeça um lenço de seda e pelos ombros uma mantilha escura, muito velha, mas ainda apresentável.

— Queres cinquenta *rublos* pela tua mantilha? — perguntou ele, estendendo-lhe bruscamente o dinheiro.

Antes que tivesse acordado do seu espanto e compreendesse do que se tratava, sentiu que lhe meteram na mão os cinquenta *rublos* e lhe tiraram a mantilha e o lenço, colocando-os logo em seguida sobre os ombros e a cabeça de Nastásia. O vestido luxuoso desta teria despertado a atenção de toda a gente e faria sensação no vagão. Só depois disto é que a moça compreendeu a razão por que lhe tinham comprado, por um tal preço, farrapos sem valor.

O sucedido chegou à igreja com uma rapidez inacreditável. Quando Keller conseguiu aproximar-se do príncipe, grande número de pessoas que não conhecia, precipitaram-se sobre ele para o interrogarem. Falavam muito alto, abanavam a cabeça, riam mesmo; ninguém queria sair da igreja; todos desejavam ver como o noivo acolheria a notícia.

Empalideceu, mas recebeu-a com calma, dizendo numa voz, a custo percetível: «Tinha medo, mas nunca supus que isto sucedesse...» Depois, após um instante de silêncio, acrescentou: «De resto... dado o seu estado... isto estava na ordem das coisas». Esta conclusão foi qualificada mais tarde, pelo Keller, de «filosofia sem exemplo». O príncipe saiu da igreja, sem haver perdido a calma e a serenidade; pelo menos muitas pessoas notaram e comentaram logo em seguida essa atitude. Parecia ter um vivo desejo de reentrar em casa e de se isolar o mais depressa possível; no entanto não lhe concederam tal satisfação. Vários dos seus convidados acompanharam-no até ao quarto, tais como Ptitsine, Gabriel e o médico, que tinha, tanto como os outros, a intenção de se ir embora. Por outro lado toda a casa se encheu literalmente de papalvos. O príncipe ouviu uma violenta discussão entre Keller, Lebedev e diversos indivíduos desconhecidos, que tinham o ar de desempregados e queriam à viva força invadir o terraço. Aproximou-se e perguntou do que se tratava; depois, afastando delicadamente Lebedev e Keller, dirigiu-se num tom, o mais cortês possível, a um senhor corpulento, de cabelos grisalhos, que, perfilado no limiar do portão, era o chefe de um grupo de invasores; perguntou-lhe o motivo a que devia a honra da sua visita. O cavalheiro ficou confuso, mas acedeu ao convite para entrar; atrás dele entrou um segundo e depois um terceiro. Sete ou oito outros indivíduos destacaram-se da multidão e entraram igualmente, dando-se ares da maior

desenvoltura; o exemplo destes não foi seguido, e ouviu-se mesmo um certo sussurro, da parte dos outros papalvos, contra estes intrusos.

Fê-los entrar, ofereceu-lhes cadeiras, conversou com eles e mandou que servissem chá; fez tudo isto com modéstia, mas muito convenientemente, o que não deixou de surpreender um pouco tais inesperados hóspedes. Fez ainda algumas tentativas para amenizar e alegrar a conversa, encaminhando-a ao mesmo tempo para o tema «querido»; arriscou algumas perguntas indiscretas e algumas observações «maliciosas». O príncipe respondeu a todos com tanta simplicidade, bonomia e ao mesmo tempo dignidade e confiança na honestidade dos seus hóspedes, que as perguntas despropositadas deixaram de se fazer. Pouco a pouco a roda da conversa tornou-se quase séria. Um dos cavalheiros, a propósito de qualquer reflexão, afirmou logo num tom exaltado que não vendia as suas terras, acontecesse o que acontecesse; esperaria, pois o seu tempo havia de chegar; «os empreendimentos valem muito mais que o dinheiro; «sim, meu caro senhor», concluiu o mesmo, «é nisto que consiste o meu sistema económico, fique sabendo!» Como se dirigia ao príncipe, este aprovou entusiasmado, se bem que Lebedev lhe tivesse cochichado ao ouvido que este cavalheiro não tinha tido nunca a mais pequena propriedade.

Passado uma hora retiraram-se. Haviam acabado de tomar o chá; os visitantes fizeram questão em não se demorarem por mais tempo. O médico e o cavalheiro de cabelos grisalhos apresentaram ao príncipe as mais fervorosas despedidas. Todos por sua vez se despediram com as mais efusivas saudações. Acompanharam estas, de votos no género do que se segue: «não tem de que ficar desolado; talvez o que se deu fosse muito melhor para o senhor», e assim sucessivamente. Houve na verdade pessoas que se atreveram a pedir champanhe, mas os visitantes mais velhos chamaram-nos à ordem.

Depois de todos haverem partido, Keller aproximou-se de Lebedev e disse-lhe:

— Se nos tinham deixado fazer, a um e a outro, o que pretendíamos, teríamos provocado uma zaragata; ter-nos-iam coberto de vergonha e entregado à polícia! Porém ele tornou-os de súbito seus novos amigos, e que amigos! Conheço-os a todos...

Lebedev, que estava um pouco alegrote, proferiu num suspiro:

— O que foi vedado aos sábios e aos espíritos fortes foi revelado às crianças. Há muito tempo que lhe tenho aplicado este provérbio, mas agora acrescentarei que a própria criança foi preservada e salva do abismo por Deus e por todos os seus santos!

Perto das dez horas e meia deixaram enfim o príncipe só. Doía-lhe bastante a cabeça. Kolia foi o último a partir, depois de ter ajudado o noivo a despir-se. Separaram-se, apresentando um ao outro calorosos protestos de amizade. Kolia não falou mais sobre os acontecimentos do dia, mas prometeu voltar no dia seguinte a horas convenientes. Afirmou mais tarde que o príncipe não o preveniu de coisa alguma e o deixou na ignorância das suas intenções, quando se despediu dele. Depois de este sair, a não ser Vera, mais ninguém ficou em casa. Bourdovski fora para casa do Hipólito, Keller e Lebedev partiram sem se saber para onde. Vera demorou-se ainda algum tempo a fim de arrumar a casa, pondo tudo em ordem. Na altura de sair, foi ver o que o príncipe fazia. Estava sentado junto da mesa, com os dois cotovelos apoiados nela e o rosto escondido entre as mãos. Aproximou-se docemente e tocou-lhe ao de leve no ombro. O príncipe olhou-a, surpreendido, e ficou perto de um minuto a ordenar as suas recordações; conseguido isto, e tendo compreendido tudo, manifestou uma brusca e veemente comoção. Acabou por lhe pedir, com uma viva insistência, para o vir acordar pela manhã, a horas de poder apanhar o comboio das sete. A pequena prometeu, como prometeu não dizer nada disto a ninguém, dada a maneira como ele lhe pediu. No momento em que, com a porta aberta, se preparava para sair, agarrou-a de súbito, beijou-lhe as mãos, e por fim abraçou-a, dizendo-lhe num tom áspero: «Até amanhã!» Tal foi pelo menos o que a Vera contou. Saiu portanto deveras apreensiva com o que se passou. No dia seguinte ficou mais tranquila, quando, um pouco depois das sete horas, conforme o combinado, lhe bateu à porta do quarto, para o prevenir que o comboio para S. Petersburgo partia daí a um quarto de hora; pareceu-lhe, de facto, ao abrir a porta, que estava com um ar de bem disposto e até mesmo sorridente. Não tinha despido toda a roupa para passar a noite, mas apesar disso dormira bem. Disse-lhe que supunha poder voltar nesse mesmo dia. Tudo faz crer que Vera foi a única pessoa a quem julgou poder ser possível e necessário confiar a sua intenção de ir a S. Petersburgo.

Capítulo 11

Uma hora depois encontrava-se nessa cidade e, entre as nove e as dez horas, batia à porta da casa do Rogojine. Passada a entrada principal, decorreu um longo momento, antes que lhe respondessem. Por fim abriram a porta do andar da mãe do Rogojine e uma criada idosa e de um aspeto respeitável apareceu.

— Parfione Lemionovitch não está em casa — declarou ela, sem abrir por completo a porta. — Quem procura o senhor?

— Parfione Lemionovitch.

— Não está em casa.

A criada observou o príncipe com uma estranha curiosidade.

— Pode pelo menos dizer-me se passou a noite em casa? E... entrou ontem sozinho?

A criada continuou a observá-lo e nada respondeu.

— A Nastásia Filipovna não veio com ele ontem cá para casa ontem à noite?

— Permite-me que lhe peça primeiro para me dizer quem é?

— O príncipe León Nicolalevitch Míchkin; conhecemo-nos muito bem, Parfione e eu.

— Ele não está em casa.

A criada baixou os olhos.

— E a Nastásia Filipovna?

— Não a conheço.

— Espere, ouça! Quando voltará ele?

— Não lhe sei dizer.

E fechou a porta. O príncipe resolveu voltar uma hora depois. Relanceou os olhos pelo pátio e avistou o porteiro.

— Parfione Lemionovitch estará em casa?

— Sim, senhor.

— Porque me disseram então ainda há pouco que estava ausente?

— Foi em casa dele que lhe disseram isso?

— Não, senhor; foi a criada da mãe que mo disse, pois bati à porta da casa dele e ninguém me respondeu.

— Talvez já tenha saído — concluiu o porteiro — porque ele não previne quando sai. Algumas vezes leva a chave com ele e a casa fica fechada durante três dias ou mais.

— Tem a certeza de que ontem veio para casa?

— Sim, senhor. Muitas vezes passa pela escada principal e então nessas ocasiões não o vejo.

— A Nastásia Filipovna teria vindo com ele ontem?

— Não sei nada. Ela vem aqui raras vezes. Se tivesse vindo, não me teria escapado.

O príncipe saiu e vagueou algum tempo pelo passeio da rua, com um ar abstrato. As janelas da casa de Rogojine estavam fechadas e as da casa, habitada pela mãe, estavam quase todas abertas. O dia estava claro e quente.

O príncipe atravessou a rua e parou no passeio oposto, para olhar uma vez mais os vidros das janelas; não soestes estavam fechados, como tinham os transparentes quase todos corridos.

Parou um minuto mais e, coisa estranha, pareceu-lhe ver que levantavam o fundo de um dos transparentes, surgindo o rosto do Rogojine, para desaparecer logo em seguida. Esperou então um pouco mais ainda e esteve quase resolvido a subir as escadas e a bater de novo à porta; reconsiderou porém e concordou que era melhor voltar uma hora depois. «Quem sabe? Talvez fosse uma ilusão minha...»

O mais importante para ele, agora, era ir a toda a pressa ao bairro do Regimento Izmailovski, à última residência de Nastásia. Sabia que, três semanas antes, quando ele lhe pedira para deixar Pavlovsk, ela havia ido instalar-se nesse bairro, em casa de uma das suas amigas, viúva de um professor primário; era uma respeitável mãe de família que alugava um belo aposento mobilado, de onde tirava o melhor dos seus recursos. Era levado a supor que, quando Nastásia voltou a instalar-se em Pavlovsk, tivesse deixado por sua conta esse aposento. Era portanto muitíssimo provável que ali tivesse passado a noite. Rogojine devia tê-la para ali levado na véspera. O príncipe tomou um carro. Durante o percurso foi refletindo que devia ter começado as suas investigações por este lado, visto ser pouco de crer que Nastásia tivesse ido, à noite, diretamente, para casa de Rogojine. Lembrou-se então da informação do porteiro, quando lhe disse que em tempos normais poucas vezes ia lá a casa. Se ia lá poucas vezes em tempos normais, porque devia ter ido agora logo para casa dele?

Apesar de ter tentado reanimar-se com estes consoladores raciocínios, chegou mais morto que vivo ao bairro do Regimento Izmailovski.

Uma vez ali, ficou estupefacto quando a viúva do professor primário lhe disse que não tinha notícias de Nastásia desde a véspera. E a sua estupefação tornou-se maior ainda, quando viu acorrer toda a família, para o verem, como se ele fosse um fenómeno. Todas as moças, com idades que variavam entre os sete e os quinze anos, e formando uma escala, em que a diferença de uma para a seguinte era sempre de um ano, acorreram atrás da mãe e rodearam o príncipe, olhando-o boquiabertas. Depois delas chegou uma sua tia, magra e descorada, com um lenço preto na cabeça, e por fim a avó da família, uma senhora já idosa, que usava lunetas. A viúva convidou com tal insistência o príncipe a entrar e a sentar-se, que ele acedeu. Compreendeu logo que todas estas pessoas o conheciam de nome muito bem e sabiam que devia ter-se casado na véspera; reconheceu que estavam deveras ansiosas por o interrogarem sobre o casamento e saberem por que motivo vinha inquirir delas a respeito de uma mulher que nesse momento devia encontrar-se junto dele em Pavlovsk, porém, por delicadeza, não se atreveram a interrogá-lo.

Satisfazendo a sua curiosidade contou-lhe em poucas palavras o que se havia passado. As exclamações de surpresa foram de tal ordem, que teve de contar de novo, nas suas linhas gerais, quase tudo quanto se havia passado. Por fim, estas senhoras, fundadas nos seus conhecimentos e bastante emocionadas, aconselharam-no a que devia, custasse o que custasse e primeiro que tudo, ir de novo bater à porta da casa de Rogojine, fazer com que o recebessem e obter dele os devidos esclarecimentos. Se este estivesse de facto ausente (o que devia ser posto a claro), ou se recusasse a falar, então o príncipe devia ir ao bairro do Regimento Semionovski, a casa de uma senhora alemã, amiga de Nastásia, e que vivia com sua mãe; talvez que dominada pela sua comoção e no desejo de se esconder, tivesse ido passar a noite a casa dessas senhoras.

Quando o príncipe se levantou, estava muito abatido e, tal como estas senhoras disseram mais tarde, «terrivelmente pálido»; as pernas pareciam vergar-lhe debaixo do seu peso. Através da sua tagarelice, acabou por compreender que elas se propunham agir de acordo com ele e por isso lhe pediram a direção da casa onde ia instalar-se. Como não tivesse nenhuma, aconselharam-no a marcar um quarto na hospedaria. O príncipe refletiu e

deu a direção daquela onde anteriormente estivera e onde há cinco semanas tivera um ataque. Combinado isto, voltou a casa de Rogojine.

Desta vez, não só não lhe abriram a porta da casa do Rogojine, como também não lhe abriram aquela onde vivia a mãe. Desceu ao pátio e começou a procurar o porteiro, que encontrou, não sem dificuldade; este, que estava azafamado, olhou para ele e respondeu-lhe a custo. Não deixou no entanto de, categoricamente, lhe dar a entender que Rogojine «partira de madrugada para Pavlovsk e que não voltaria durante o dia».

— Esperarei por ele. Talvez venha esta noite, não?

— Ou talvez daqui a uma semana, quem sabe?

— Em todo o caso dormiu aqui a noite passada?

— Dormiu, sem dúvida...

Tudo isto era muito suspeito e confuso. O porteiro pedia muito bem ter recebido, durante a sua ausência, quaisquer novas instruções. Há pouco estava ainda deveras loquaz; agora, a custo descerrava os dentes. Não deixou por isso o príncipe de decidir que voltaria uma vez mais, daí a duas horas, e se fosse mesmo necessário, colocar-se-ia de sentinela diante da casa. Para o momento restava-lhe apenas a esperança de ir informar-se junto da alemã. Encaminhou-se por isso a toda a pressa para o bairro onde ela vivia.

Uma vez ali, teve dificuldade em se fazer compreender pela bela alemã. Por algumas palavras que ela deixou escapar, conseguiu entender que estava zangada com Nastásia há já quinze dias, de sorte que nada sabia dela desde essa altura; proclamava até bem alto que tal criatura deixara de ter para ela o menor interesse, «mesmo que conseguisse desposar todos os príncipes do mundo». Em face disto apressou-se a despedir-se. Entretanto assaltou-o a ideia, entre outras, de que talvez Nastásia tivesse partido, na forma do costume, para Moscovo, e que Rogojine a tivesse com certeza seguido, ou que até mesmo tivesse partido com ela. «Se pelo menos encontrasse qualquer rasto da sua passagem!»

No meio de toda a sua agitação lembrou-se então de que devia ir procurar um quarto na hospedaria. Correu a procurar um na rua da Fonderie, onde encontrou logo o que precisava. O criado da hospedaria perguntou-lhe se desejava comer; por distração respondeu que «sim»; ficou furioso com ele próprio quando deu conta do que havia respondido, porque a refeição fazia-lhe perder uma meia hora; só um pouco mais tarde deu conta que nada o obrigava a tomar a merenda servida. O ar abafado de

um escuro corredor da casa deu-lhe a impressão de se sentir invadido por uma sensação estranha e angustiante, e que tendia, segundo lhe parecia, a transformar-se nama obsessão; porém essa embrionária obsessão não chegou a definir-se. Saiu da hospedaria num estado de espírito deveras confuso; a cabeça andava-lhe à volta; onde devia dirigir-se? Correu de novo a casa de Rogojine.

Este não havia voltado ainda; bateu com força à porta, mas ninguém deu sinais de vida; bateu depois à porta da casa da mãe; alguém abriu e declarou-lhe uma vez mais que Rogojine estava ausente e não voltaria talvez dentro de três dias. Experimentou um certo mal-estar, ao verificar que o olhavam sempre com uma expressão de insólita curiosidade. Não conseguiu encontrar desta vez o porteiro.

Passou então, como há pouco fizera, para o passeio oposto; por um calor escaldante começou a passear ao longo das casas, durante mais ou menos meia hora, sempre de olhos fitos nas janelas. Desta vez nada se moveu: as janelas mantiveram-se fechadas e os brancos transparentes imóveis. Ficou em absoluto convencido que se enganara da primeira vez; certificou-se então que os vidros estavam engordurados e não tinham sido lavados desde há muito, pelo que era muito difícil ver através deles, dado que alguém se encontrasse em casa.

Reconfortado com esta ideia, voltou ao bairro do Regimento Izmailovski, a casa da viúva do professor. Esta esperava-o já. A velha senhora tinha ido a três ou quatro sítios, e até mesmo a casa do Rogojine, mas nada conseguira. O príncipe ouviu-a em silêncio; entrou depois num quarto, sentou-se num sofá e começou a olhar à sua volta com o ar de um homem que não compreende aquilo em que lhe falam. Fenómeno singular: quanto mais a sua faculdade de observação parecia sobre-excitada, tanto mais se tornava inacreditavelmente distraído. Toda a família declarou mais tarde ter ficado espantada ante a sua tão estranha atitude; «talvez fosse já uma manifestação do seu desarranjo mental». Minutos depois levantou-se e pediu para que lhe mostrassem os aposentos ocupados por Nastásia. Eram dois grandes quartos, de tetos altos e claros, e lindamente mobilados, pelos quais devia ter pago uma renda elevada. Estas senhoras contaram depois que o príncipe examinou com cuidado cada um dos objetos que se encontravam nos quartos; tendo descoberto sobre uma pequena mesa, um romance francês, *Madame Bovary,* pertencente a uma biblioteca pública, anotou a página onde o livro estava aberto e pediu

licença para o levar. Depois, apesar de ter chamado a atenção para o facto de que o livro estava ali emprestado, meteu-o no bolso. Sentou-se em seguida perto de uma janela aberta, e vendo sobre uma mesa de jogo várias anotações a giz, perguntou quem é que tinha ali jogado. Responderam-lhe que Nastásia jogava todas as tardes uma partida de cartas coai o Rogojine; jogavam ao «sot», de preferência ao «meunier», ao «whist», ao «mes atouts»; sempre rápidos em todos os jogos, haviam adquirido este hábito muito recentemente, desde que Nastásia deixara Pavlovsk, para se instalar em S. Petersburgo. Lamentou-se um dia da vida aborrecida que levava, pois o Rogojine passava noites inteiras sem dizer uma palavra, como não tinha nunca um assunto para conversar; muitas vezes chegou mesmo a chorar. Na noite seguinte Rogojine tirou de repente as cartas do bolso; Nastásia respondeu-lhe com uma sonora gargalhada e começaram a jogar. O príncipe perguntou onde estavam as cartas de que eles se serviam. Não lhas puderam mostrar, porque Rogojine levava com ele as cartas que serviam uma noite, para trazer no dia seguinte um novo baralho.

As senhoras aconselharam o príncipe a voltar uma vez mais a casa do Rogojine e a bater com mais força à porta; porém «agora devia ir à noite; talvez que então alguma coisa conseguisse saber!» A viúva ofereceu-se para ir no dia seguinte a Pavlovsk, a casa de Daria Alexeievna, tentar saber também alguma coisa do que se passou. Convidaram o príncipe a voltar perto das dez horas da noite, para ver se conseguiam combinar um plano de ação para o dia seguinte.

A despeito das ternas palavras de consolação e de encorajamento, um desespero total dominava a alma do príncipe. Acabrunhado por um indescritível desgosto, dirigiu-se a pé para a hospedaria. Nesta época do ano, isto é, em pleno verão, em S. Petersburgo, sentia-se como que esmagado num torno, dada a atmosfera abafada e carregada de poeira que o envolvia. Acotovelava pelas ruas pessoas sem educação, ou bêbados, e divisava os passeantes sem bem saber como; talvez tivesse dado muitos passos e voltas inúteis; a noite caía quase, quando entrou no seu quarto. Estava resolvido a descansar um pouco, para voltar em seguida a casa de Rogojine, como o haviam aconselhado. Sentando-se então no sofá, encostou-se à mesa e embrenhou-se nas suas reflexões,

Deus sabe quanto tempo esteve nesta posição e tudo quanto lhe passou pela cabeça. Tinha medo de muitas coisas e sentia com dor e angústia os terríveis progressos desse medo. Pensou em Vera; depois perguntou a si

mesmo se Lebedev teria tido conhecimento do que se passava; mesmo que ele não soubesse nada, podia informar-se mais depressa e mais facilmente do que ele. Em seguida evocou a recordação de Hipólito e lembrou-se que Rogojine o iria ver. Por fim lembrou-se do próprio Rogojine tinha-o visto recentemente, a quando do enterro, mais tarde vira-o no parque, e também o vira um dia muito perto do seu quarto, no corredor, trazendo uma faca na mão e estava escondido num recanto. Lembrou-se dos seus olhos, os olhos que o fitavam então nas trevas. Estremeceu: o pensamento que se esboçava a todo o momento no seu espírito, desenhava-se agora com nitidez.

Este pensamento levou-o à seguinte conclusão: se Rogojine está em S. Petersburgo, pode muito bem esconder-se durante um certo tempo, mas acabará, sem dúvida, por se encontrar com ele. «Desconhece as suas intenções, «nas provavelmente deve estar no mesmo estado de espírito que da outra vez». Por outro lado, se Rogojine julgasse necessário, por qualquer motivo, voltar a encontrá-lo, devia ser com certeza naquele mesmo corredor. «Não sabendo a minha direção, é muito provável que venha procurar-me na mesma hospedaria de outros tempos; é aqui, sem dúvida, que virá saber de mim… se tiver uma grande necessidade de estar comigo. E quem sabe? Talvez essa necessidade o leve a perseguir-me?»

Assim raciocinando, a sua ideia parecia-lhe perfeitamente plausível. Se se desse ao trabalho de analisar, não teria podido explicar, por exemplo, porque se tornaria agora tão necessário a Rogojine encontrá-lo, ou porque seria impossível supor que eles não se encontrariam mais. No entanto um pensamento o torturava: «Se é feliz, não virá procurar-me; se for desgraçado, voltará imediatamente; ora ele é, sem dúvida, desgraçado!...»

Se tal fosse a sua convicção, podia muito bem ter esperado Rogojine na hospedaria, no seu quarto; como porém não podia admitir essa sua nova ideia» levantou-se, pegou no chapéu e saiu precipitadamente do quarto. A obscuridade era já quase completa no corredor. «Se surgisse de repente daquele canto e me agarrasse na escada?», pensou ele, ao passar junto do sítio fatal. Ninguém surgiu porém. Transpôs a porta, galgou o passeio e olhou com surpresa para o formigar da multidão através das ruas, no momento do esconder do sol (espetáculo normal em S. Petersburgo durante a época do calor), e depois encaminhou-se para a rua do *Pois*. A cinquenta passos da hospedaria, na primeira encruzilhada, alguém de entre a multidão lhe tocou no cotovelo e lhe disse a meia voz, muito perto do ouvido:

— León Nicolaievitch, sou eu, meu amigo, o culpado...

Era Rogojine.

Caso curioso: o príncipe começou logo a contar-lhe, com uma radiante volubilidade e mal tomando tempo para concluir as palavras, como o havia esperado um instante antes no corredor da hospedaria.

— E eu estive lá — informou de repente Rogojine. — Vamos seguindo!

O príncipe ficou surpreendido com esta resposta, mas dois minutos decorreram entre o momento em que a compreendeu e aquela em que se admirou. Sentiu então medo e começou a observar Rogojine. Este ia à sua frente, um meio passo mais ou menos; olhava a direito, na sua frente, e não prestava nenhuma atenção às pessoas que por ele passavam; à sua aproximação, desviava-se maquinalmente.

— Porque não me chamaste na hospedaria... visto que estiveste lá? — perguntou minutos depois o príncipe.

Rogojine parou, olhou para ele, refletiu um instante e depois disse, como se não tivesse entendido bem a pergunta:

— Ouve, León, caminha sempre na tua frente, a direito, até minha casa... sabes onde é? Eu irei pelo outro lado da rua. Não me percas de vista, pois devemos chegar juntos.

Dito isto, atravessou a calçada e passou para o outro passeio observando sempre, a ver se o príncipe o seguia. Vendo que estava parado e o olhava com ar de espanto, indicou-lhe com a mão a direção da rua *Pois* e pôs-se a caminho; voltava-se a cada instante, para vigiar o príncipe e exortá-lo a segui-lo. Ficou mais sossegado quando constatou que León o havia compreendido e não atravessara a rua para se juntar a ele. O príncipe compreendeu que Rogojine espreitava a passagem de alguém e que, temendo deixá-lo fugir, havia tomado o outro passeio. «Mas porque não me disse quem era a pessoa que pretende apanhar?» Deram assim uns cinquenta passos. De repente o príncipe pôs-se a tremer, sem bem saber porquê. Rogojine continuava a voltar-se para trás a fim de ver o que ele fazia, porém agora com intervalos mais espaçados. Não podendo conter-se mais, chamou-o com um gesto. Rogojine atravessou logo a rua.

— A Nastásia está na tua casa?

— Está.

— E foste tu que me espreitaste da janela, levantando o transparente?

— Fui...

— E então...

Porém o príncipe não soube como acabar a frase e esqueceu-se mesmo da pergunta que ia fazer. O seu coração começou a bater com tal violência que sentiu dificuldade em falar. Rogojine calou-se também e fitou-o com o mesmo ar que anteriormente, isto é, com uma expressão de pessoa abstrata.

— Vamos prosseguir caminho — disse ele de súbito, preparando-se para atravessar a rua. — Tu segues por aqui. É preferível... que continuemos a seguir separados... cada um de seu lado da rua... Vais ver.

Uma vez cada um em seu passeio, desembocaram pouco depois na rua do *Pois* e aproximaram-se da casa do Rogojine; o príncipe sentiu de novo que as pernas lhe tremiam, ao ponto de ter quase dificuldade em caminhar. Eram então dez horas da noite. As janelas dos aposentos habitados pela mãe do companheiro continuavam abertas; na casa deste mantinham-se fechadas, e na sombra crepuscular, os transparentes descidos pareciam de um branco muito mais cru. O príncipe parou em frente da casa, no passeio oposto; vendo o Rogojine abrir o portão e fazer-lhe um sinal, aproximou-se.

— O porteiro não sabe ainda que eu voltei. Disse-lhe, ao sair, que ia a Pavlovsk, e repeti a mesma coisa à criada da minha mãe — murmurou o Rogojine com um sorriso manhoso e quase satisfeito. — Vamos entrar sem que ninguém nos ouça.

Tinha já a chave na mão, ao dizer isto. Subindo a escada, voltou-se para o príncipe e fez-lhe sinal para fazer menos barulho. Abriu sem ruídos a porta dos seus aposentos, deixou passar o príncipe, avançou com cuidado atrás dele, fechou a porta e meteu a chave no bolso.

— Vem atrás de mim — disse ele em voz baixa.

Murmurou depois que começara a chamar o príncipe no passeio da rua Fonderie. A despeito da sua aparente calma, adivinhava-se nele uma íntima e grande preocupação. Quando entraram na sala pegada ao escritório, aproximou-se da janela e com um ar de mistério chamou o príncipe para junto dele.

— Olha, quando esta manhã bateste à minha porta, estava aqui e tive logo o pressentimento de que devias ser tu. Aproximei-me da porta na ponta dos pés e ouvi-te falar com a Pafnoutievna. Ora, logo ao romper do dia lhe ordenara que, se batessem à minha porta, quer fosses tu, ou alguém de teu mando, ou qualquer outra pessoa, não lhe dissesse que eu estava,

fosse porque pretexto fosse. Esta recomendação visava muito particularmente o caso de tu vires perguntar por mim, e para isso dei-lhe ainda o teu nome. Depois, quando saíste, lembrei-me que ias talvez postar-te na rua, de sentinela à minha casa. Foi então que me aproximei desta janela e que levantei um pouco o transparente para te espreitar: lá estavas, parado, a observar... Foi assim que as coisas se passaram.

— Então... onde está a Nastásia? — perguntou o príncipe com uma voz estrangulada.

— Está... aqui — articulou lentamente Rogojine, depois de uma breve hesitação.

— Onde está?

Rogojine levantou os olhos para o príncipe e olhou-o com fixidez.

— Vem comigo.

Exprimia-se sempre em voz baixa, muito devagar e com o mesmo ar de estranha abstração. Mesmo ao contar como havia levantado o transparente, parecia, a despeito da sua expansão, querer falar de outra coisa.

Entraram no escritório. Tinha feito nele algumas mudanças desde a última visita do príncipe. Um reposteiro de brocado dividia o aposento em dois e separava, estabelecendo duas passagens nas extremidades, o escritório propriamente dito da alcova onde se encontrava a cama de Rogojine. O pesado reposteiro estava descido e fechava as passagens. O escritório encontrava-se já um pouco escuro; as noites «brancas» em S. Petersburgo estavam no seu declínio e não tinha nascido ainda a lua, pelo que mal se distinguia o que se encontrava ali, nesse aposento, cujos transparentes descidos mais aumentavam a obscuridade. A custo, podiam ainda discernir-se as figuras, se bem que um pouco confusamente. Rogojine estava pálido como de costume; os olhos estavam fitos no príncipe, com um olhar cintilante, mas imóvel.

— Se acendesses uma vela? — disse o príncipe.

— Não é preciso — respondeu Rogojine, que agarrando o companheiro pela mão o obrigou a sentar-se.

Ele por sua vez sentou-se na sua frente; as cadeiras estavam tão próximas uma da outra, que quase se tocavam com os joelhos. Uma pequena mesa redonda se encontrava entre eles, um pouco de lado.

— Senta-te, descansemos um instante — disse ele num tom atraente.

Houve um momento de silêncio. Depois prosseguiu, num tom um tanto arrastado, e como que não querendo abordar a questão principal, levou a conversa para uns detalhes desnecessários:

— Sempre pensei que ias instalar-te na hospedaria; na ocasião em que entrei no corredor, disse comigo: quem sabe se não estará nesta altura talvez à minha espera, tal como eu o espero a ele? Foste também a casa da viúva do professor?

— Fui — articulou a custo o príncipe, cujo coração batia desordenadamente.

— Também desconfiava disso. Suponho que tal facto vai dar que falar... Depois lembrei-me de te trazer aqui, para assim passarmos a noite juntos...

— Rogojine, onde está a Nastásia? — perguntou bruscamente o príncipe, levantando-se. Continuavam a tremer-lhe as pernas.

Rogojine levantou-se também.

— Está ali — disse ele em voz baixa, apontando o reposteiro com um movimento de cabeça,

— Está a dormir? — murmurou o príncipe.

De novo Rogojine o olhou com insistência, como no princípio.

— E então, que tem isso!? Entra tu... vamos.

Levantou um pouco o reposteiro, parou e voltou-se para o príncipe.

— Entra! — disse ele, convidando-o com um gesto a avançar.

O príncipe passou adiante.

— Está escuro aqui — observou ele,

— Vê-se bem! — murmurou Rogojine.

— A custo se distingue... a cama.

— Aproxima-te mais — insinuou Rogojine em voz baixa.

O príncipe deu mais uns dois passos e parou. Durante um ou dois minutos tentou ver, ao mesmo tempo que os dois haviam parado junto da cama, calados. Na calma de morte que reinava no aposento, o príncipe teve a impressão de que se ouviam as pulsações do seu coração, tanto elas eram violentas. Os seus olhos acabaram de discernir toda a cama; alguém ali dormia numa imobilidade completa; não se ouvia o menor ruído, nem o mais leve sopro de respiração. Um véu branco cobria a pessoa adormecida, da cabeça aos pés, e apenas os membros se delineavam muito vagamente; o relevo dos contornos revelava apenas a presença de um corpo humano. Sobre o fundo da cama, sobre as cadeiras e mesmo pelo chão, estavam

deitados, em desordem, uns vestidos, um belo roupão de seda branca, umas flores e umas fitas. Sobre uma pequena mesa de cabeceira cintilavam os diamantes pousados negligentemente. Ao fundo da cama via-se, através de um aglomerado de rendas brancas, a extremidade de um pé nu, que parecia esculpido em mármore e mantinha uma imobilidade arrepiante. Quanto mais o príncipe olhava a cama, mais o silêncio do aposento lhe parecia profundo e mortal. De repente uma mosca surgiu, voejou à volta da cama e por cima desta, e pousou na pequena travesseira. O príncipe estremeceu.

— Saiamos daqui — disse Rogojine, agarrando-o pelo braço.

Deixaram a alcova e retomaram o seu lugar nas cadeiras, sempre frente a frente. O príncipe tremia cada vez mais e não desviava do rosto de Rogojine o seu olhar interrogador.

— Viste, León!? — disse por fim Rogojine. — Noto que estás a tremer, como se fosses ter um novo ataque; recordas-te como estiveste em Moscovo? Ou melhor, lembras-te do que se passou dessa vez, antes do teu ataque? Não sei que deva fazer-te agora…

O príncipe escutava-o com atenção, esforçando-se por o compreender e continuando a interrogá-lo com os olhos.

— Foste tu? — perguntou ele por fim, indicando o reposteiro com um sinal de cabeça.

— Fui eu... — murmurou Rogojine, baixando a cabeça.

Passaram-se cinco minutos sem proferirem uma palavra.

Rogojine voltou de novo à sua ideia, como se a pergunta do príncipe não o tivesse distraído.

— Compreendes, se tivesses agora um acesso da tua doença, arriscávamo-nos a que os teus gritos fossem ouvidos na rua ou no pátio e portanto ficariam a saber que está alguém aqui; viriam bater à porta e fariam por entrar... porque supõem que estou ausente. Se não tenho mesmo acendido qualquer vela, é para que não me vejam da rua ou do pátio. De facto, quando me ausento, levo comigo as chaves e ninguém entra aqui, mesmo para fazer qualquer limpeza, durante três ou quatro dias. É esta a regra estabelecida. Assim, procedamos de maneira que não saibam que passamos aqui a noite...

— Espera — interrompeu o príncipe. — Perguntei há pouco ao porteiro e à velha criada se a Nastásia não teria vindo aqui passar a noite... Por conseguinte estão já ao corrente.

— Já sei isso. Disse à Pafnoutievna que a Nastásia veio aqui ontem, mas tinha partido ao fim de dez minutos para Pavlovsk. Ninguém sabe que ela passou aqui a noite, ninguém. Entrei aqui com ela tão furtivamente como entrei hoje contigo. No caminho disse-me que não queria entrar aqui às ocultas, mas estava longe de supor isto! Falava muito baixo, caminhava na ponta dos pés e levantava o vestido à sua volta para que não rangesse; ela própria me impôs silêncio ao subirmos a escada. Era sempre a ti que ela temia. No comboio, com os seus terrores, quase parecia louca; foi ela mesmo que me pediu para passar aqui a noite. A minha primeira ideia foi levá-la a casa da viúva, mas nada pude fazer. «O príncipe», disse-me ela, «vai lá procurar-me amanhã, sem falta; esconde-me aqui até amanhã e às primeiras horas do dia seguirei para Moscovo!» De Moscovo contava ir para o Orel. Deitou-se, repetindo sempre que iríamos para o Orel...

— Para aí!... E agora que contas fazer, Rogojine?

— Vamos, sossega! Fazes-me estar inquieto com esse teu trémulo contínuo! Passaremos aqui a noite, juntos. Não tenho outra cama se não aquela, mas vamos fazer o seguinte: aproveitamos as almofadas dos dois sofás e fazemos para cada um de nós uma cama no chão, perto do reposteiro; dormiremos assim um perto do outro. Se alguém vier, examinará o aposento, procurará, não se demorará a descobri-la e zangar-se-á. Se me interrogarem, direi que fui eu e levar-me-ão logo. Muito bem!... Para agora repousa junto de nós, perto de ti e de mim!

— Sim, é isso! — aprovou o príncipe com entusiasmo.

— Ou então não vamos dizer nada e não a deixaremos levar.

— Por nada deste mundo! — disse resolutamente o príncipe. — Não, não e não a deixaremos levar!

— É essa a minha intenção, meu rapaz; não deixaremos que ninguém a leve. Passaremos esta noite tranquilos. De resto, passei todo o dia perto dela, salvo uma ausência de uma hora, pela manhã, e depois à tarde, quando te fui procurar. Tenho porém um outro medo: é que com este calor abafado, o corpo comece a cheirar! Sentes alguma coisa?

— Talvez, mas não tenho bem a certeza. Porém amanhã pela manhã o cheiro deve ser maior.

— Cobri-a com uma tela encerada, uma boa tela encerada americana, e deitei-lhe o véu por cima. Coloquei à sua volta quatro frascos abertos, com perfume Idanov; ainda lá estão.

— Sim, como se faz... em Moscovo?

— Por causa do cheiro, meu caro. Se visses como tem o rosto calmo... Amanhã pela manhã, quando o dia nascer, vais vê-la... O quê? Tu não podes sequer levantar-te? — perguntou Rogojine, surpreendido e apreensivo, ao ver o príncipe tremer a tal ponto que não podia ter-se de pé.

— As pernas recusam-se a andar — murmurou o príncipe. — É o efeito do terror, eu sei! Quando este terror passar, levantar-me-ei...

— Espera, vou fazer a nossa cama e deitar-te-ás... Eu estendo-me depois ao teu lado... e escutaremos... porque, meu amigo, não sei, meu amigo, não sei ainda tudo agora, e por isso te previno a fim de que saibas de futuro...

Balbuciando estas incoerentes palavras, Rogojine começou a preparar a cama. Tornava-se evidente que, talvez, desde pela manhã, pensava na maneira de a dispor. Havia passado a noite anterior deitado no sofá; mas no sofá não havia lugar para dois e tornava-se em absoluto preciso que dormissem juntos; assim, dispôs a custo, de uma à outra extremidade do aposento, as almofadas de todas as dimensões que encontrou nos sofás a fim de arranjar uma cama em frente do reposteiro. Tendo preparado tudo o melhor possível, aproximou-se do príncipe com uma expressão de ternura e de exaltação, agarrou-o pelo braço e ajudou-o a levantar-se e a aproximar-se da cama. Apercebeu-se então que o príncipe havia recuperado já as forças precisas para poder andar sem auxílio; logo o «seu terror começava a passar»; no entanto continuava a tremer. Cedeu-lhe a melhor almofada, a do lado esquerdo, e ele deitou-se vestido, do lado direito, com as mãos cruzadas debaixo da nuca.

— Na verdade, meu amigo — começou ele de repente — está bastante calor e o cheiro começará a sentir-se... Receio abrir as janelas. Há em casa da minha mãe vasos com flores, com muitas flores mesmo, e de um perfume esquisito; pensei trazê-las para aqui, mas isso chamaria a atenção da Pafnoutievna e ela é muito curiosa.

— É curiosa, é! — confirmou o príncipe.

— Podia ter comprado uns ramos... e rodeá-la completamente de flores. Refleti porém, meu amigo, que torturaria o coração o vê-la assim coberta de flores!...

— Diz-me... — perguntou o príncipe um tanto atrapalhado, como um homem que procura na memória o que ia a perguntar, mas que se esqueceu do que se tratava — diz-me, com que fizeste isto? Com uma faca? Com a faca que tu sabes?

— Sim, foi com essa mesma.

— Espera um pouco... Queria também perguntar-te, Rogojine... tenho muitas perguntas a fazer-te, sobre os mais diversos pontos... mas diz-me tudo, para que eu saiba como se passaram as coisas; tiveste a intenção de a matar antes do nosso casamento, com um golpe de faca, no limiar da porta da igreja? Sim ou não?

— Não sei se queria ou não! —respondeu secamente Rogojine, surpreendido com a pergunta e mesmo com um ar de não compreender.

— Nunca levaste a faca contigo, quando ias a Pavlovsk?

— Nunca a levei. A respeito dessa faca, eis tudo quanto te posso dizer, León — acrescentou ele, depois de um minuto de silêncio —: tirei-a esta manhã de uma gaveta, onde a tinha fechado à chave, pois tudo isto ocorreu entre as três e as quatro horas. Esteve sempre em minha casa, entre as páginas de um livro... E… e... ainda uma coisa que me admirou: a faca penetrou sob o seio esquerdo, a um *verchok* e meio ou dois *verchoks* de profundidade... e foi pouco o sangue que saiu: uma meia colher de sopa, se tanto...

— Sim, é isso, eu sei! — exclamou o príncipe, dominado de repente por uma extrema emoção. — Já li isso... É o que se chama uma hemorragia interna... Há casos mesmo em que não corre uma única gota de sangue. É quando o golpe vai direito ao coração...

— Cala-te! Não ouves? — interrompeu rápido Rogojine, que se sentou, aterrado, na cama. — Não ouves?

— Não! — respondeu o príncipe, olhando para ele com o mesmo aspeto de repentino terror.

— A andar!... Não ouves? Na sala!...

Os dois aprestaram o ouvido.

— Agora ouço — murmurou o príncipe num tom firme.

— A andar?

— Sim, a andar.

— Será preciso fechar a porta?

— É melhor.

Correram os fechos da porta e voltaram a deitar-se.

Um longo silêncio se seguiu.

Subitamente o príncipe voltou a cochichar no mesmo tom apressado e trémulo; afirmou que havia encontrado o fio do seu pensamento e que temia vê-lo escapar-se-lhe de novo.

— Ah, sim — murmurou sobressaltado na cama — sim... queria pedir-te... as cartas! As cartas!... Disseram-me que jogavas às cartas com ela?

— É verdade — confirmou Rogojine ao fim de um momento.

— Onde estão essas cartas?

— Estão aqui — respondeu ele, depois de um prolongado silêncio. — Toma...

Tirou do bolso e deu ao príncipe um baralho de cartas, embrulhado num papel que havia já servido. O príncipe pegou nele, mas sem dar mostras de que sabia o que estava a fazer. Um novo e aflitivo sentimento de tristeza lhe compungiu o coração; acabava de compreender nesse momento que desde há uns minutos a esta parte já fazia e dizia coisas muito diferentes do que deveria dizer e fazer. Essas cartas, por exemplo, que ele tinha na mão e que se sentia feliz por as possuir, não serviriam para mais nada, para mais nada. Levantou-se e juntou as mãos num gesto de angústia. Rogojine, estendido e imóvel, não pareceu notar esse movimento, mas os seus olhos imóveis e muito abertos, cintilavam na obscuridade. O príncipe sentou-se numa cadeira e olhou o companheiro com espanto. Uma meia hora se passou assim; bruscamente Rogojine, esquecendo-se que precisava falar baixo, exclamou, soltando uma estridente gargalhada:

— O oficial, lembras-te daquele oficial?... Como ela o chicoteou durante o concerto? Ah, ah, lembras-te? E o cadete… o cadete... o cadete que deu o salto!...

O príncipe sobressaltou-se, dominado por um novo terror. Rogojine, tendo-se acalmado de repente, inclinou-se docemente para ele, sentou-se ao seu lado e pôs-se a observá-lo. O seu coração batia com força e respirava a custo. Rogojine deixou de voltar mais a cabeça para o lado onde ele estava e tinha mesmo o aspeto de o haver esquecido. Entretanto o príncipe continuava a olhá-lo com insistência e esperava. O tempo passou e a alvorada chegou. Por instantes Rogojine começou de súbito a gaguejar, numa voz penetrante, palavras incoerentes, e a soltar gritos entrecortados de gargalhadas; então o príncipe pousou-lhe a mão trémula na cabeça, passou-lha docemente pelos cabelos e acarinhou-lhe as faces..., pois era tudo quanto lhe podia fazer! As tremuras voltaram-lhe e uma vez mais as pernas vergaram-se-lhe, parecendo não poder com o seu peso. Uma nova sensação, uma sensação de sofrimento lhe pungiu o coração e lho invadiu de uma agonia infinda.

Pouco depois era já dia claro. Vencido pela fadiga e pelo desespero estendeu-se na cama e encostou o seu rosto ao de Rogojine, pálido e imóvel. Abundantes lágrimas corriam pelas faces deste, mas talvez não as sentisse brotar, nem mesmo tivesse consciência delas.

O que é certo é que, algumas horas mais tarde, quando abriram a porta, encontraram o assassino em grande delírio e privado em absoluto da razão. O príncipe estava sentado ao seu lado, sobre a cama, imóvel e calado; cada vez que o doente gritava ou delirava, apressava-se a passar-lhe a mão trémula pelos cabelos e pelas faces, num gesto de carícia e apaziguamento. Porém já não compreendeu nenhuma das perguntas que lhe fizeram e não reconheceu mesmo as pessoas que entraram e o rodearam. Se o próprio Schneider viesse nesta altura da Suíça, para ver o seu antigo pensionista, lembrar-se-ia do estado em que o doente esteve durante o primeiro ano de tratamento naquele país, e com um gesto de desânimo diria, como então: «Idiota!»

Conclusão

A viúva do professor acorreu rápida a Pavlovsk, dirigindo-se sem demora a casa da Daria Alexeievna, que desde a véspera se encontrava deveras consternada. Contou-lhe tudo quanto sabia, o que mais veio aumentar o seu estado de agitação, já antes, quase impossível de acalmar. As duas senhoras resolveram logo conferenciar com o Lebedev, que se encontrava também agitado, na sua dupla qualidade de amigo do príncipe e de proprietário do aposento alugado por este. Vera Lebedev transmitiu-lhe tudo aquilo de que tinha conhecimento. Daria, Vera e Lebedev concordaram, seguindo os conselhos deste último, em irem logo a S. Petersburgo, para evitarem, o mais depressa possível, «aquilo que podia muito bem acontecer». Foi assim que, na manhã do dia seguinte, perto das onze horas, os aposentos de Rogojine foram abertos pela polícia, na presença do Lebedev, das senhoras e do irmão de Rogojine, Semione Semionovitch, que vivia na outra ala da casa. A missão foi deveras facilitada pela exposição feita pelo porteiro, o qual declarou ter visto na véspera, à noite, o Rogojine entrar a passos largos, pelo portão, acompanhado de um outro indivíduo. Ante este testemunho não hesitaram mais em arrombar a porta de entrada, à qual haviam batido em vão.

Rogojine esteve de cama durante dois meses com uma forte febre cerebral. Uma vez restabelecido, foi instruído um processo e julgado. Deu sobre o crime esclarecimentos, os mais sinceros, os mais precisos e os mais satisfatórios, e em face dos quais o príncipe foi posto fora da questão logo desde o princípio. Durante o julgamento manteve-se taciturno. Não contradisse o hábil e eloquente advogado encarregado da sua defesa, quando este demonstrou com tanta clareza, como lógica, que o crime fora cometido em consequência de um acesso de febre cerebral, cujos princípios eram muito anteriores ao drama, no qual só se devia ver uma consequência das desgraças do culpado. Este porém nada acrescentou em apoio desta tese e, tal como durante a instrução do processo, limitou-se a evocar com lucidez e precisão os menores detalhes do acontecimento.

Beneficiou de diversas circunstâncias atenuantes e foi condenado apenas a quinze anos de trabalhos forçados na Sibéria. Ouviu a sentença sem o menor estremecimento e com um ar «pensativo». Salvo uma parte relativamente insignificante, dissipada nas suas estroinices dos primeiros tempos, a sua grande fortuna passou para o seu irmão. Semione Semionovitch, que ficou encantado. A sua velha mãe viveu durante todo esse tempo e muitas vezes se lembrou, se bem que de uma maneira vaga, do seu filho muito querido. Deus poupou o seu espírito e o seu coração a sentirem toda a consciência da grande desgraça que havia visitado a sua casa.

Lebedev, Keller, Gabriel, Ptitsine e muitos outros personagens do nosso romance continuaram a viver como até aqui; na sua vida não houve nenhuma alteração de maior e sobre eles não temos mais nada a dizer. Hipólito morreu numa agitação terrível, um pouco mais cedo do que se esperava, ou sejam quinze dias depois do falecimento de Nastásia. Kolia recebeu um forte abalo com todos estes acontecimentos; reconciliou-se com sua mãe de uma maneira definitiva. Nina Alexandrovna foi um pouco má para ele, apesar de o encontrar muito meditativo para a sua idade; talvez se tornasse um homem bem-comportado. Contribuiu com as suas resoluções para que fossem tomadas medidas que decidiram do futuro do príncipe. Desde há muito distinguira Eugénio Pavlovitch, entre todas as pessoas com quem havia travado conhecimento nestes últimos tempos. Foi o primeiro a ir visitá-lo e contou-lhe tudo quanto sabia dos acontecimentos e da presente situação do príncipe. Não se tinha enganado: Eugénio manifestou a maior solicitude pela sorte do desgraçado «idiota», que, graças aos seus esforços e às suas diligências, foi de novo internado na casa de saúde suíça, de Schneider.

Eugénio foi também para o estrangeiro, na intenção de dar uma volta demorada pela Europa; com toda a sinceridade, qualificou-se de «homem completamente inútil na Rússia». Foi ver muitas vezes, pelo menos uma vez todos os meses, durante bastante tempo, o seu amigo, à casa de saúde de Schneider, porém este mostrava-se cada vez mais descrente na cura do doente; abanava a cabeça e dava a entender que os órgãos do pensamento estavam por completo alterados e, se não julgava ainda o caso incurável, não deixava de fazer pelo menos as conjeturas mais pessimistas. Eugénio parecia muito orgulhoso, mas tinha bom coração; a prová-lo estava, o ter

aceitado que Kolia lhe escrevesse e o responder mesmo a algumas das suas cartas.

Uma singularidade do seu caráter revelou-se também durante todas estas ocorrências; e como lhe é em tudo favorável, apressamo-nos a anotá-la. Depois de cada uma das suas visitas ao instituto Schneider, além de escrever a Kolia, também escrevia a uma outra pessoa, em S. Petersburgo, uma carta, dando-lhe conta, de uma maneira tão detalhada e tão simpática quanto possível, da saúde do doente. Além das expressões da mais respeitosa deferência, esta correspondência exprimia (com uma crescente liberdade) certas maneiras de ver, expostas com o coração nas mãos, certas ideias e certos sentimentos; numa palavra, era a primeira manifestação de qualquer coisa que se parecia com uma permuta de amizade e intimidade. A pessoa que se encontrava assim em correspondência (diga-se de passagem, bastante espaçada) com o Eugénio e merecia da sua parte tantas atenções e respeitos, não era outra se não Vera Lebedev. Não podemos saber ao certo qual a maneira como se estabeleceram essas relações; parece que tiveram a sua origem na desventura do príncipe, desventura que originou em Vera um tal desgosto, que esteve bastante doente; quanto às outras circunstâncias dessa ligação são para nós desconhecidas.

Se falámos desta correspondência, foi principalmente porque nela se encontravam, algumas vezes, informações sobre a família Epantchine, e em especial sobre Aglaé. Numa carta datada de Paris e um pouco confusa, Eugénio comunicou-lhe que, levada por uma grande paixão, Aglaé havia desposado um conde polaco, emigrado, isto contra a vontade de seus pais; estes acabaram por ceder» para evitarem um tremendo escândalo. Depois de uns longos seis meses de silêncio, retomou a sua correspondência, escrevendo uma comprida carta, cheia de pormenores, onde dizia que encontrara na Suíça, a quando da sua última visita ao professor Schneider, toda a família Epantchine (exceto, naturalmente, Ivan Fiodrovitch, retido pelos seus afazeres em S. Petersburgo) assim como o príncipe Stch... O seu encontro foi bastante singular: todos acolheram Eugénio com grande entusiasmo; Adelaide e Alexandra exprimiram-lhe mesmo a sua grande gratidão, pela sua «angélica solicitude para com o desgraçado príncipe».

Isabel, ao ter conhecimento da doença deste e das nenhumas esperanças de cura, chorou lágrimas sinceras. Evidentemente o seu rancor havia desaparecido. O príncipe Stch... emitiu nessa ocasião verdadeiros e

oportunos juízos de apreciação sobre o doente. Eugénio teve a impressão de que a intimidade não era ainda completa entre Adelaide e ele; porém, com o decorrer do tempo, o caráter impetuoso daquela jovem não deixaria de obedecer, com uma afetuosa espontaneidade, ao bom senso e à experiência do príncipe Stch... Até então esta família tinha sido deveras afetada pelas lições que os acontecimentos lhe haviam infligido, sobretudo a última aventura de Aglaé com o conde polaco. Em seis meses, não só haviam passado por todos os dissabores que o procedimento de Aglaé lhes havia acarretado, como ainda outras deceções que tinham sobrevindo e em que nem mesmo haviam sonhado. Souberam que o conde polaco não era conde e que, se na verdade era um emigrado, o seu passado era bastante obscuro e suspeito. Seduzira o coração de Aglaé, pela extraordinária nobreza de alma que manifestara ante as torturas da sua Pátria, tendo-se mesmo filiado numa comissão de emigrados para a restauração da Polónia. Ela tornou-se uma assídua penitente de um padre de renome, que havia dominado o seu espírito e fizera dela uma grande fanática. Sobre a colossal fortuna do conde, Isabel e o príncipe Stch... tiveram informações seguras de que não passava de uma grande quimera. Mais ainda, seis meses, mais ou menos, depois do casamento, o conde e o seu amigo confessor tinham levado Aglaé a zangar-se por completo com a família; decorridos uns meses a jovem Aglaé deixou mesmo de ver os seus. Além disto, muitas outras coisas teriam para lhe contar, se Isabel, as duas filhas e o próprio príncipe Stch..., «aterrorizados» por todos estes acontecimentos, não receassem abordá-los nas suas conversas com Eugénio Pavlovitch, reconhecendo que este não tinha necessidade de tal saber, dado conhecer a história das últimas extravagâncias de Aglaé.

A pobre Isabel desejava a todo o custo voltar à Rússia; no dizer de Eugénio, ela criticava com azedume tudo quanto era estrangeiro e dizia: «Não sabem cozer o pão convenientemente e de inverno gelam como os ratos numa loja; enfim, tive pelo menos a satisfação de chorar à moda russa por esse desgraçado!» Assim se exprimiu, indicando com emoção o príncipe, que não a reconheceu logo.

E, despedindo-se de Eugénio, concluiu quase num tom de cólera:

— Basta de admirações. Já é tempo de tomar juízo. Tudo isto, todos os países estrangeiros, toda esta famosa Europa, não passa de uma fantasia; e nós todos, no estrangeiro, não passamos também de uma fantasia...

Lembre-se do que lhe digo, e o senhor mesmo há de reconhecer isto um dia!

OS POSSESSOS

LIVRO 1
- *Parte 1*
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
- *Parte 2*
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
- *Parte 3*
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
- *Parte 4*
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
- *Parte 5*
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6

Capítulo 7
Capítulo 8
Livro 2
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Parte 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Parte 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Parte 4
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Parte 5
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Parte 6
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Parte 7
Capítulo 1
Capítulo 2
Parte 8
Capítulo 1
Parte 9
Capítulo 1
Parte 10
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Livro 3
Parte 1

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Parte 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Parte 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Parte 4
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Parte 5
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Parte 6
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Parte 7
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Parte 8
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4

Livro 1

Parte 1

Capítulo 1

Para relatar os extraordinários acontecimentos ocorridos nestes últimos tempos na nossa terra, forçoso se me torna dar, antes de tudo, algumas notas biográficas sobre uma distinta personagem: o muito digno Stepan Trofimovitch Verkhovensky. Servirão de introdução à crónica que me propus escrever.

Com a máxima franqueza direi que Stepan teve sempre entre nós, se assim se pode dizer, o título de cidadão; amava deveras esta distinção e suponho mesmo que preferiria morrer a renunciar a ela. Não quero com isto compará-lo a um comediante de profissão. Deus me preserve de tal, tanto mais que o estimava pessoalmente. O gosto por esta distinção deve ter resultado do hábito, ou melhor, de uma nobre tendência que, desde tenra idade, o levou a sonhar e a ambicionar uma bela posição social. Por exemplo, a sua situação de «perseguido» e de «exilado» agradava-lhe imenso. O antigo prestígio destas duas palavras seduziu-o em todo o tempo; pronunciando-as, engrandecia-se aos seus próprios olhos, além de que terminou, com o decorrer do tempo, por se erguer sobre uma espécie de pedestal lisonjeador para a sua vaidade. Suponho bem que, com os anos, todos o foram esquecendo, mas daí a dizer-se que foi um «ilustre desconhecido», cometia-se uma injustiça. Os homens da última geração ouviram falar dele como sendo um dos corifeus do liberalismo. Durante uma certa época, ainda que curta — um breve minuto se pode dizer — o seu nome teve, em certos meios, a mesma ressonância que o de um Tchaadaifev, de um Bielinsky, de um Granovsky, ou de um Hertzen, de quem se começava a falar então no estrangeiro. Infelizmente a carreira de Stepan, quando ainda mal iniciada, foi desviada, segundo ele dizia, pelo «turbilhão das circunstâncias». Enganava-se a tal respeito. Só recentemente soube, com grande surpresa — mas fui obrigado a render-me à evidência — que, longe de estar exilado na nossa província como todos supunham, Stepan não esteve sequer debaixo da vigilância da polícia. Ao que leva o poder da imaginação! Durante bastantes anos viveu convencido de que o receavam muitíssimo, de que todos os seus passos eram seguidos,

todas as suas conversas escutadas e que cada governador chegado de S. Petersburgo para dirigir a nossa província vinha com instruções especiais a respeito da sua pessoa. Se se demonstrasse, de uma forma clara como o dia, que o muito distinto Stepan não tinha absolutamente nada a temer, cometer-se-ia para com ele a maior ofensa. E contudo era um homem bastante inteligente...

Regressado do estrangeiro, ocupou com brilho, por volta de 1850, uma cadeira no ensino superior. Só deu, porém, algumas lições sobre os árabes, se não me engano. Além disso, sustentou com entusiasmo uma tese sobre a importância política e *hansiática* que poderia ter tido a pequena cidade alemã de Hanau no período de 1413 a 1428, e sobre as causas obscuras que a impediram de atingir essa importância. Essa dissertação era cheia de acres palavras contra os então defensores dos eslavos, dos quais se tornou, por momentos, o negro fantasma. Mais tarde, após a sua demissão, e para mostrar o elemento de valor que a Universidade perdera com ele, publicou numa revista mensal e progressista o princípio de um estudo muito bem delineado sobre as causas da extraordinária nobreza moral dos cavaleiros da Idade Média. Disse depois que a continuação dessa publicação fora proibida pela censura. É bem possível, em virtude do arbítrio dissoluto que reinava nesses tempos. Todavia o que me parece mais provável é que foi a preguiça que o impediu de levar ao fim o seu trabalho. Quanto às lições sobre os árabes foi o seguinte incidente que lhe pôs termo: uma carta comprometedora, escrita por Stepan a um dos seus amigos, foi ter às mãos de um terceiro, um retrógrado, seta dúvida; este apressou-se a comunicá-la às autoridades e o imprudente professor foi convidado a fornecer explicações. Entrementes descobriam-se em Moscovo, em casa de dois ou três estudantes, umas cópias de um poema que Stepan escrevera em Berlim, seis anos antes, ou seja no ardor da sua juventude. Nesta altura — um ano depois desses acontecimentos — tenho sobre a mesa o poema em questão. Stepan deu-me um exemplar autógrafo com uma dedicatória e magnificamente encadernado em marroquim vermelho. Não é o poema desprovido de mérito literário, mas ser-me-ia difícil contar todo o seu tema, atendendo a que nada compreendi. É uma alegoria, em forma lírico-dramática, lembrando a segunda parte do *Fausto.* O ano passado propus a Stepan a publicação dessa produção da sua juventude, depois de lhe observar que havia perdido todo o caráter perigoso. Recusou com bem visível descontentamento. A ideia de que o poema era por completo

inofensivo desgostou-o, e só a isso atribuo a frieza com que me tratou durante dois meses. Tempos depois — nem de propósito! — apareceu inserto numa revista revolucionária editada no estrangeiro e, naturalmente, sem autorização do autor. Esta notícia inquietou Stepan: correu a casa do governador e escreveu uma carta para S. Petersburgo, justificando-se, a qual me leu duas vezes, mas que não chegou a mandar por não saber a quem endereçá-la.

Durante um mês viveu numa preocupação, mais aparente do que real, pois tenho quase a convicção de que no seu íntimo se sentia deveras lisonjeado. Cansou-se a procurar um exemplar dessa revista e, logo que o encontrou, não mais o deixou, pelo menos de noite; durante o dia tinha-o escondido entre os colchões e proibiu a criada de lhe fazer a cama. Esperava a todo o momento a chegada de um telegrama e pressentia-se em toda a sua maneira de agir que o seu amor-próprio estava satisfeito. Nenhum telegrama veio. Nesta altura reconciliou-se comigo, o que prova que não era odiento e a extraordinária bondade do seu terno coração.

Capítulo 2

Não nego em absoluto o seu desgosto. No entanto estou convencido de que, se tivesse dado as necessárias explicações, teria continuado a prelecionar sobre os árabes. Porém a ambição de ser apresentado como revolucionário tentou-o e pôs especial solicitude em se persuadir, uma vez por todas, que a sua carreira fora prejudicada pelo «turbilhão das circunstâncias». No fundo, a verdadeira razão porque abandonou o ensino oficial foi uma proposta que lhe fez, pela terceira vez, em termos muito delicados e muito vantajosos, Bárbara Petrovna, mulher do tenente-general Stavroguine. Esta senhora, riquíssima, pediu a Stepan para dirigir, na sua qualidade de pedagogo e amigo, a educação intelectual do seu único filho. Escusado será dizer que este lugar era muitíssimo bem remunerado. Quando lhe fizeram esta oferta pela primeira vez, Stepan encontrava-se em Berlim e tinha acabado de perder a primeira mulher. Era uma menina da nossa província, bonita mas muito frívola, que desposara na irreflexão da juventude. A insuficiência de recursos para prover às necessidades do lar e outras causas de natureza mais íntima, tornaram esta união desgraçada. Os dois cônjuges separaram-se e três anos depois a senhora Verkhovensky morria em Paris, deixando ao marido um filho de cinco anos, «fruto de um primeiro e ridente amor, sem nuvens ainda», como se exprimiu um dia, diante de mim, Stepan. Tratou de mandar a criança para a Rússia onde foi educada por umas tias, num canto longínquo do país. Declinou a primeira proposta de Bárbara e, meses depois de ter enterrado a primeira mulher casou em segundas núpcias com uma taciturna alemã de Berlim.

Da segunda vez, um outro motivo o levou a recusar a oferta: a celebridade de um certo professor tirava-lhe o sono. Ambicionava, por isso, ingressar o mais cedo possível no magistério a fim de poder igualmente abrir voo para a glória. Intercetaram-lhe, porém, esse voo. E juntou-se a esta fatalidade a morte prematura da segunda mulher. Desde então cessaram os pretextos para se esquivar às instâncias de Bárbara, tanto mais que lhe testemunhava um interesse verdadeiramente afetuoso.

Digamos como devemos: a felicidade abriu-lhe os braços e ele precipitou-se. Por nada quero que se dê às minhas palavras um sentido diferente daquele que as inspirou: a ligação entre estes dois seres, tão extraordinários, durante os anos que durou, consistiu num laço deveras subtil e delicado.

Outras razões ainda influenciaram o espírito de Stepan para aceitar o lugar de precetor. Naquela altura o filho da primeira mulher estava numa propriedade confinante com o soberbo domínio de Skvorechniki, que a família de Bárbara possuía nas proximidades da nossa cidade. E depois, no silêncio do seu gabinete, sem se preocupar com as mil e uma sujeições a que obriga a vida universitária, poderia consagrar-se por completo à ciência e enriquecer com profundas investigações a literatura nacional. Se não realizou esta parte do seu programa, como contrapartida foi durante todo o resto da vida, no dizer do poeta, «o opróbrio encarnado». Mantinha esta atitude até mesmo no grémio, ao sentar-se à mesa do jogo. Revelava-a em toda a evidência e a sua pessoa parecia dizer: «Muito bem! Sim! Jogo às cartas! De quem é a culpa? Quem é que me reduziu a isto? Quem desviou a minha carreira? É por estas e outras que a Rússia há de soçobrar!» E nobremente batia no peito.

A verdade é que adorava o pano verde. Nos últimos tempos esta paixão deu origem a frequentes e desagradáveis cenas com Bárbara, tanto mais que ele perdia sempre. Mais adiante terei ocasião de voltar a falar neste assunto. Por agora anotarei somente que Stepan tinha a consciência dos factos — pelo menos algumas vezes — e por isso tinha momentos de grande tristeza. Três ou quatro vezes por ano davam-lhe uns acessos de «tristeza cívica», ou por outras palavras, de hipocondria. Servimo-nos, porém, da primeira designação porque agradava mais a Bárbara. Mais tarde, além do jogo, entregou-se também ao champanhe; por diversas vezes Bárbara tentou preservá-lo destas inclinações triviais. Tinha, na verdade, necessidade de uma tutela, pois era por vezes bastante singular. No meio da maior tristeza começava a rir de uma maneira disparatada. Em certas ocasiões exprimia-se, a respeito da sua própria pessoa, em termos humorísticos, o que contrariava imenso Bárbara, sempre embebida nas tradições clássicas e constantemente guiada no seu messianismo por desígnios de ordem superior. Esta senhora teve, durante vinte anos, uma grande influência sobre o «seu pobre amigo», tornando-se por isso necessário que eu diga alguma coisa a seu respeito.

Capítulo 3

Há amizades bastante bizarras. Há amigos que quase se devoram mutuamente e, no entanto, passam a vida sem se poderem separar um do outro. Ainda mais, aquele dos dois que adoece primeiro e morre origina no segundo igual doença e fim. Mais de uma vez, e após conversas íntimas com Bárbara, Stepan, pulando sobre o canapé, desabafava a sua raiva dando murros na parede.

Não exagero: um dia, num destes transportes de fúria, até começou a tirar a caliça da parede! Perguntar-se-á, talvez, como semelhante detalhe chegou ao meu conhecimento. Posso responder que isto se passou na minha frente, ou ainda, posso dizer que muitas vezes Stepan soluçou junto de mim ao contar-me, com as mais vivas cores, todos os pormenores da sua existência. No dia seguinte, após estes desabafos, era capaz de se deixar crucificar da melhor vontade, só para expiar a sua ingratidão. Muitas vezes mandava-me chamar, ou ia ele próprio a minha casa, com o único fim de me dizer que Bárbara era «um anjo, todo virtude e delicadeza, e ele completamente o contrário». Não satisfeito em me transmitir as suas confidências, fazia-as diretamente à interessada, em cartas longas e eloquentes, assinadas com o nome por extenso, «Daqui por uns anos — confessava ele — todos ficarão a saber que me protegeu por vaidade, que invejou o meu saber e o meu talento, e que me odiou, mas não ousou manifestar abertamente esse ódio com medo que a abandonasse, o que prejudicaria a sua reputação de romântica e amiga da literatura. Por consequência, alheio-me de tudo e estou resolvido a matar-me. Espero que me diga uma última palavra, a qual tudo decidirá», etc., etc. Pode-se imaginar, depois disto, até onde chegava, nos seus acessos de nervosismo, este quinquagenário de uma inocência infantil. Li eu próprio, um dia, uma dessas cartas! Tinha-a escrito após uma discussão violenta, originada por uma coisa fútil. Fiquei deveras admirado e pedi-lhe, quase com intimativa, para não enviar tal carta.

— É preciso... é mais honesto... é um dever! Morreria se não lhe confessasse tudo, tudo! — respondeu ele com exaltação e mantendo-se

surdo a todas as minhas instâncias.

A diferença entre Bárbara e ele residia em que esta não lhe mandaria nunca uma carta igual. É verdade que Stepan gostava muitíssimo de garatujar. Quando não viviam na mesma casa, chegava, nas suas crises nervosas, a escrever-lhe duas vezes por dia. Sei de boa fonte que ela lia sempre essas cartas com a maior atenção, mesmo quando recebia duas em cada vinte e quatro horas. Em seguida fechara-as numa caixa especial, depois de haver retido o mais importante. Passava-se todo um dia sem que lhe respondesse e quando voltava a vê-lo, encontrava-o mais tranquilo, como se nada de particular se tivesse passado entre eles. Pouco a pouco dispunha-o tão bem que ele não ousava falar do incidente da véspera e limitava-se a fitá-la furtivamente. Ela nada esquecia, ao passo que ele, vendo-a muito calma, tranquilizava-se e esquecia bem depressa. Muitas vezes, no mesmo dia, se chegavam alguns amigos e bebia champanhe, ria e divertia-se como uma criança. Nestas ocasiões, ela fitava-o, com certeza, com um olhar mordaz! Contudo ele não se apercebia de tal! Ao fim de oito dias, de um mês, de seis meses, Bárbara lembrava-lhe, à queima-roupa, certa expressão de tal carta, ou a carta toda, sem esquecer os menores detalhes. Nessa altura corava de vergonha e a sua revolta traduzia-se, regra geral, por um ligeiro movimento de indignação.

Na verdade, Bárbara, a princípio, chegou muitas vezes a odiá-lo. Mas — coisa que ele não notou nunca! — acabou por considerá-lo como um seu filho, uma sua revelação, podendo-se mesmo dizer, uma sua criação; tornou-se a carne da sua carne, e se o tratava e sustentava, não era apenas porque se sentisse «orgulhosa do seu talento»! Oh, quanto devia sentir-se ofendida com tais suposições. Um amor intenso se misturava nela com o ódio, o ciúme e o desdém que sentia a todo o instante por ele. Durante bastantes anos rodeou-o de cuidados, vigiou-o com a mais infatigável solicitude. Desde que se encontrasse em jogo a reputação literária, científica ou política do seu amigo, Bárbara perdia o sono. Tinha-lhe dado a mão; era por isso a primeira a ter fé na sua própria criação. Era para ela alguma coisa como um sonho. Mas, por seu turno, exigia muitíssimo dele, algumas vezes mesmo tratava-o como um escravo. Era rancorosa num grau inacreditável.

Capítulo 4

No mês de maio de 1855 faleceu em Skvorechniki o tenente-general Stavroguine. Bárbara não sentiu muito a sua morte porque os dois esposos viviam há quatro anos separados devido a incompatibilidade de génios. No entanto a mulher pagava-lhe uma pensão. Além disso e do seu ordenado, o tenente-general possuía também cento e cinquenta *âmes;* toda a restante fortuna, compreendendo o domínio de Skvorechniki, pertencia a Bárbara, filha única de um rico proprietário de um estabelecimento de bebidas. Apesar disso, ocasionou-lhe um forte abalo este acontecimento imprevisto e afastou-se logo em seguida de todo o convívio. Stepan, como é natural, seguiu-a complacente.

A primavera principiava a despir todas as suas galas. Os lilases floridos enchiam o ar com o seu perfume e as últimas horas do dia davam à natureza um encanto singularmente poético. Todas as tardes, os dois amigos reuniam-se no jardim e, até ao cair da noite, sentados debaixo do caramanchão, confidenciavam os seus sentimentos e as suas ideias. Impressionada com a mudança sobrevinda na sua vida, Bárbara falava mais do que o costume. O seu coração parecia procurar o do seu amigo. Assim se passaram várias tardes. Uma estranha hipótese se apresentou de repente ao espírito de Stepan: «Esta inconsolável viúva não terá pensado na minha pessoa? Não desejará que a peça em casamento, após terminar o luto?» Atrevida hipótese, mas, quanto mais a estudava, mais se entregava a pensamentos deste género, visto o desenvolvimento de tal raciocínio permitir abranger maior variedade de pontos de vista. Examinando a situação, encontrava-a bastante verosímil e tornava-se sonhador: «Com certeza a fortuna é imensa, mas...» O certo é que Bárbara não tinha nada de bonita: era uma mulher alta, de tez amarelada, ossuda, e o rosto muito comprido oferecia alguma analogia com a cabeça de um cavalo. Stepan hesitava cada vez mais e sofria cruelmente por não saber a resolução a tomar. Por duas vezes até, sua irresolução fê-lo chorar — chorava com facilidade. À tarde, sentado à sombra do caramanchão, o rosto exprimia, bem contra sua vontade, um misto de ternura, de zombaria, de fatuidade e

de arrogância. Estes jogos de fisionomia são independentes da vontade e notam-se tanto melhor quanto mais digno é o homem. Deus sabe o que se passa no seu íntimo; todavia é provável que Stepan tivesse alguma ilusão sobre a espécie de sentimentos originados no íntimo de Bárbara. Não gostaria de mudar o sobrenome de Stavroguine pelo de Verkhovensky, por mais glorioso que fosse este último. Talvez aquilo não passasse da parte de Bárbara de um passatempo, talvez obedecesse, com a melhor das vontades, à necessidade de namoriscar, tão natural nas mulheres em certas idades.

É de supor que a viúva não tardasse em ler no coração do seu amigo. Não lhe faltava perspicácia e ele era, algumas vezes, bastante ingénuo. Fosse como fosse, as tardes decorriam como de costume e as conversas eram sempre bastante poéticas e interessantes. Um dia, ao aproximar da noite, depois de uma conversa cheia de animação e encanto, a viúva e o precetor deram um caloroso aperto de mão e separaram-se à entrada do pavilhão onde ele habitava. Durante o verão, ele vivia no pequeno edifício que ficava num extremo do jardim. Entrando em casa, foi para a janela fumar um cigarro. Mal se tinha encostado ao peitoril, quando um ligeiro barulho o fez estremecer. Voltou-se e viu diante de si Bárbara. Não havia ainda cinco minutos que se tinham separado. O rosto amarelado da viúva tornou-se azulado e um tremor bastante percetível lhe agitou os lábios cerrados. Durante uns segundos nada disse, fixando em Stepan um olhar de uma dureza implacável. Depois entreabriu os lábios e murmurou, rápida, estas palavras:

— Nunca vos perdoarei isto!

Dez anos mais tarde, quando me contou esta história em voz baixa e depois de ter fechado as portas, disse-me que ficara assombrado. Por assim dizer, perdeu os sentimentos, pois nem viu nem ouviu Bárbara sair do quarto. Como ela não fez a menor alusão nos dias seguintes a este incidente, foi levado a supor que tinha sido joguete de uma alucinação, devida a um estado mórbido. Suposição tanto mais de admitir porque nessa noite adoeceu e assim se manteve durante quinze dias, o que veio pôr termo às entrevistas no jardim.

Capítulo 5

O fato quase sempre usado por Stepan foi uma invenção de Bárbara. Porque era elegante e característico, merece ser descrito: sobrecasaca preta, comprida e abotoada quase até ao cimo, chapéu mole de largas abas — no verão, chapéu de palha — gravata de cambraia branca com grande nó e as pontas livres, e bengala com castão de prata. Stepan não usava barba nem bigode e trazia os cabelos — castanhos — crescidos até aos ombros, os quais começaram a embranquecer um pouco nos últimos tempos. Quando jovem, foi, segundo me disse, extremamente bonito. Na velhice tinha ainda, em minha opinião, um ar imponente, devido à alta estatura, à sua magreza e à cabeleira merovíngia. Ainda que, para dizer a verdade, um homem de cinquenta e três anos não podia chamar-se um velho. Todavia, por uma espécie de garridice, longe de procurar parecer mais novo, desejava antes ser considerado um patriarca.

Nos primeiros anos, ou, para melhor dizer, durante a primeira metade da sua estadia em casa de Bárbara, pensou escrever uma obra. Mais tarde ouvimo-lo muitas vezes repetir: «Tenho o trabalho pronto, os materiais coligidos e não faço nada! Não posso meter mãos à obra!» Ao pronunciar estas palavras, inclinava dolorosamente a cabeça sobre o peito. Um tal conhecimento da sua incapacidade de trabalhar aumentava mais em nós o respeito por este mártir, em quem a monomania da perseguição tudo havia morto!

Por volta de 1860, Bárbara, desejando que o seu amigo vivesse num meio digno dele, levou-o para S. Petersburgo. Ela própria desejava provocar a curiosidade da alta sociedade e reavivar as relações que nela tinha tido noutros tempos. Passaram um inverno quase inteiro na capital, mas sem atingirem nenhum dos objetivos em vista. Os antigos conhecimentos, com quem Bárbara pensava renovar as relações, acolheram muito friamente as suas ideias, ou antes, não lhe dispensaram atenção alguma. Cheia de despeito, lançou-se na peugada das «ideias novas», pensou fundar uma revista e deu reuniões para as quais convidou os literatos. Ao mesmo tempo, organizou sessões literárias destinadas a

pôr em evidência o talento de Stepan. Mas, ai!, o liberal de 1840 não conhecia o quanto se havia progredido. Para condescender com a nova geração concordou que a religião era um mal e a ideia de pátria um absurdo ridículo. Estas concessões foram porém em vão, pois não o preservaram de um fiasco lamentável. O infeliz conferencista, tendo tido a audácia de declarar que preferia um par de botas a Pouchkine, não precisou mais para levantar contra ele uma verdadeira tempestade de assobios e de clamores injuriosos. Em breve o consideraram como o mais vil dos retrógrados. A sua angústia, ao ver-se tratado dessa forma, foi tal que chorou amargamente antes mesmo de descer do estrado.

Nada tendo, por isso, a fazer em S. Petersburgo, regressaram a Skovorechniki.

Capítulo 6

Depois disto, Bárbara fez com que Stepan fosse «descansar» para o estrangeiro. Partiu radiante. «Lá vou ressuscitar!» — exclamava ele —. «Lá aprenderei, enfim, as novas descobertas da ciência!» No entanto, logo nas primeiras cartas apareceu a nota de tristeza. «O meu coração está compungido» — escrevia ele a Bárbara — «e não posso esquecer! Aqui em Berlim, tudo me lembra o meu passado, os meus primeiros entusiasmos e os meus primeiros tormentos. Onde está ela? Onde estão elas agora, juntas? Que é feito de vós, anjos de que nunca fui digno? Onde está o meu filho, o meu filho querido? Enfim, eu próprio, onde estou? Em que me transformei, ainda ontem forte como o aço, inabalável como uma rocha, para que um Andreiev possa dividir a minha existência em duas?» etc., etc. Desde o nascimento do seu querido filho, Stepan já o tinha visto uma única vez, durante a última estada em S. Petersburgo, onde o rapaz, já um homem feito, se preparava para entrar na Universidade. Pedro Stepanovitch, como se chamava, tinha sido educado em casa de umas tias, no distrito de O... a setecentas *verstas* de Skvorechniki. Bárbara custeara as despesas da sua educação. Quanto a Andreiev, era um comerciante da nossa cidade. Devia ainda quatrocentos *rublos* a Stepan, que lhe vendera o direito de cortar umas árvores num bosque, sua propriedade-, numa extensão de alguns quilómetros. Se bem que Bárbara tivesse dado ao seu amigo a importância necessária para seguir para Berlim, este pensou receber os quatrocentos *rublos* antes da partida; tinha necessidade deles para umas despesas secretas e pouco faltou para chorar, quando Andreiev lhe pediu para esperar um mês, o negociante sentia se perfeitamente à vontade em pedir esta prorrogação do prazo de pagamento, porque, além da venda ter sido combinada em segredo com Stepan, que não se atreveu a confessá-la à viúva, tinha feito o primeiro pagamento seis meses antes do vencimento obrigatório.

Na segunda carta, vinda de Berlim, a situação modificara-se: «Trabalho doze horas por dia» — *só trabalha apenas onze!*, resmungou Bárbara ao ler estas palavras — «investigo nas bibliotecas, compulso os

alfarrábios, tomo notas e frequento alguns cursos. Tenho visitado alguns professores. Renovei os meus conhecimentos com a excelente família Doundasov. Nadejda Nikolaievna é encantadora ainda agora! Envia-lhe saudades. O marido e os três sobrinhos não estão agora em Berlim. Passo as tardes com ela e conversamos até ao morrer o dia. São quase tardes atenienses, mas apenas sob o ponto de vista da elegância das frases e da subtilidade da conversa. Tudo ali é nobre; toca-se música, sonha-se com a renovação da humanidade, fala-se sobre a eterna beleza...», etc., etc.

— Isto são contos para fazer dormir em pé! — exclamou Bárbara, fechando a carta no cofre das suas joias. — Se as tardes atenienses se prolongam até ao entardecer, não tem doze horas para trabalhar. Estaria embriagado quando escreveu isto? E esta Doundasov, como se atreveu a enviar-me saudades? Que vá passear!

Não se demorou por muito tempo; ao fim de quatro meses, já cansado, voltou a toda a pressa para Skvorechniki. Certos homens são tão agarrados ao ninho como os cães à casa do dono.

Capítulo 7

Desde então, começou um período de acalmia, que durou perto de nove anos. As explosões nervosas e os desabafos, encostado ao meu ombro, sucederam-se com intervalos regulares e sem alterar a nossa amizade. Admiro-me como Stepan não engordou durante essa época. O nariz tornou-se-lhe um pouco vermelho, o que aumentou o aspeto complacente da sua fisionomia. Pouco a pouco formou-se à sua volta um círculo de amigos, o qual, no entanto, nunca foi muito numeroso. Se bem que Bárbara não se preocupasse connosco, não era menor o nosso reconhecimento para com ela. Depois da lição recebida em S. Petersburgo fixou definitivamente a sua residência na província: de inverno, habitava a casa da cidade e de verão, o seu domínio nos subúrbios. Nunca gozou de uma influência tão grande como durante os últimos sete anos, isto é, até à chegada do atual governador. O antecessor deste, o nosso inolvidável Osipovitch, era parente próximo da viúva, que lhe prestara outrora relevantes serviços. A esposa dele tremia só ao pensar que poderia perder as boas graças de Bárbara. A exemplo do augusto casal, toda a sociedade da província testemunhava a mais alta consideração à castelã de Skvorechniki. Como é natural, Stepan beneficiava, por reflexo, daquela brilhante situação. No grémio, onde, além de assíduo jogador, sabendo perder com elegância, soubera conquistar a estima de todos, ainda que muitos o não olhassem como um «sábio». Mais tarde, quando Bárbara lhe permitiu sair da sua vivenda, ficámos ainda mais livres. Reuníamo-nos em casa dele duas vezes por semana. Estas reuniões divertiam-nos, sobretudo quando nos oferecia champanhe. O vinho era fornecido por Andreiev, já nosso conhecido. Bárbara pagava a conta todos os seis meses e, regra geral, os dias de pagamento eram dias de grande arrelia.

O mais velho do nosso pequeno grupo era um empregado municipal, chamado Lipoutine, grande liberal, que passava na cidade por ateu. Este homem não era novo e casara em segundas núpcias com uma linda mulher, possuidora de uma fortuna razoável. Da primeira mulher tinha três filhos já crescidos. Toda a família era educada no temor de Deus e governada

despoticamente. De uma avareza extrema, pudera, com as suas economias de empregado, comprar uma pequena casa e constituir ainda um pequeno pecúlio. O seu caráter irrequieto e a pequena importância da sua situação burocrática eram a causa da pouca consideração que tinham por ele; a alta sociedade não o admitia no seu convívio. Por outro lado, Lipoutine era muito mexeriqueiro, o que mais de uma vez lhe valera severas reprimendas. No nosso grupo apreciava-se, porém, o seu espírito vivaz, o seu amor pela ciência e a sua sagacidade. Ainda que Bárbara não o estimasse, encontrou no entanto um meio de captar a sua benevolência.

Também não gostava mais de Chatov, que fez apenas parte do nosso grupo no último ano. Chatov era um antigo estudante, excluído da Universidade em seguida a uma «manifestação». Na sua infância tinha sido aluno de Stepan. O nascimento tornara-o servo de Bárbara; era, com efeito, filho de um criado de quarto da viúva, a quem ela cumulara de favores. Não gostava dele devido à sua altivez e à sua ingratidão; e não lhe perdoara o não a ter procurado logo após a expulsão da Universidade. Chegou a escrever-lhe nessa altura, mas não obteve resposta. Em lugar de aceitar a oferta de Bárbara, preferiu o lugar de precetor em casa de um comerciante educado e acompanhou ao estrangeiro a família desse homem. Para dizer a verdade, a sua posição era mais a de um hóspede bem tratado e querido da família do que a de um precetor. Foi então que Chatov sentiu um vivo desejo de visitar a Europa. Os filhos do comerciante levaram também uma governanta: era uma intrépida moça russa, entrada para o serviço na véspera de iniciarem a viagem. Recorrera a todos os meios para conseguir o lugar; por isso não pediu grande salário. Ao fim de dois meses o negociante despediu-a, devido às suas «ideias de independência». Chatov saiu juntamente com ela e, pouco depois, casaram em Génova. Viveram juntos apenas durante três semanas e separaram-se como pessoas que não dão importância ao laço conjugal; talvez a pobreza dos dois esposos tivesse tido alguma influência nesta tão rápida separação. Ficando só. Chatov errou durante bastante tempo pela Europa, vivendo sabe Deus de quê! Diz-se que foi engraxador na via pública e que, num porto de mar, esteve empregado como moço de fretes. Há um ano vimo-lo chegar à nossa cidade. Montou casa com uma velha tia, que lhe morreu um mês depois. Sua irmã Dacha, educada, como ele, à custa de Bárbara, continuava a viver em casa da viúva, que a tratava quase como filha. Tinha muito poucas relações com ela. Junto de nós mantinha-se a maior parte

das vezes num grave silêncio, mas, de tempos a tempos, quando se tocava nos seus princípios, tomava-se de uma irritação doentia que lhe fazia perder toda a ponderação de linguagem. «Se se quiser discutir com o Chatov é preciso começar por o prender» — dizia algumas vezes, por gracejo, Stepan, que no entanto gostava dele. No estrangeiro, as antigas convicções socialistas de Chatov modificaram-se radicalmente em muitos dos seus pontos, o que o arrastara para o extremo contrário. Era destes russos a quem uma sugestiva ideia prende de súbito, aniquilando neles, de um mesmo golpe, toda a faculdade de resistência, Nunca conseguem reagir contra ela, e creem nela apaixonadamente, passando o resto da vida em ânsias, como se vivessem debaixo de uma pedra que lhes esmagasse o peito. O carrancudo exterior de Chatov correspondia às suas convicções; era um homem de vinte e sete a vinte e oito anos, baixo, louro, peludo, ombros muito largos, lábios grossos, rosto enrugado, sobrancelhas claras e muito tufadas. Os olhos tinham uma expressão feroz e trazia-os sempre baixos, como se uma questão de honra o impedisse de os levantar. Na cabeça, os cabelos espetados eram rebeldes a todos os esforços para os acamar. «Não me admiro nada que a mulher o tenha abandonado» — dissera um dia Bárbara, depois de o ter examinado com certa insistência. Apesar da sua pobreza, andava vestido o mais limpo possível. Não querendo recorrer à antiga benfeitora, vivia do que Deus lhe mandava e trabalhava em casa dos comerciantes quando se proporcionava a ocasião. Uma vez, foi contratado para fazer uma viagem por conta de uma casa de comércio, mas adoeceu no momento de iniciar essa viagem. Mal se pode imaginar o excesso de miséria que este homem era capaz de suportar, sem mesmo o pensar. Quando se restabeleceu, Bárbara mandou-lhe cem *rublos*, mas debaixo do maior incógnito possível. Chatov descobriu, no entanto, de onde lhe veio o dinheiro; depois de refletir, decidiu-se a aceitá-lo e foi agradecer à viúva. Esta fez ao visitante uma receção muito cordial, mas de que ele infelizmente se mostrou muito pouco digno. Mudo, os olhos fixos no chão, um sorriso estúpido nos lábios, ouviu durante cinco minutes o que Bárbara lhe disse; em seguida, sem mesmo a deixar acabar de falar, levantou-se de súbito, saudou-a com ar estranho e deu meia volta sobre os tacões. Na sua perturbação foi, por descuido, de encontro a um morei de valor, uma pequena mesa marchetada, que caiu, quebrando-se sobre o tapete. Esta circunstância, junta à sua confusão, fez com que saísse de casa da viúva mais morto do que vivo. Mais tarde declarou que esta visita foi,

segundo a sua maneira de ver, o cúmulo da humilhação. Lipoutine censurou-o amargamente por não ter recusado com desprezo os cem *rublos,* e — coisa pior — ter ido agradecer à insolente aristocrata. Chatov morava nos arrabaldes da cidade. Vivia só, e as visitas causavam-lhe desprazer, mesmo quando o visitante era um dos nossos. Nunca faltava às reuniões de Stepan, o qual lhe emprestava jornais e livros.

A estas reuniões assistia também um certo Virguinsky, homem novo, tendo mais ou menos uns trinta anos, e casado, como Chatov, único ponto em que se ajustava a semelhança entre eles. Virguinsky era um caráter muitíssimo bondoso e possuía uma cuidada ilustração, que devia em grande parte a ele próprio. Empregado inferior, tinha a seu cargo a tia e a irmã de sua mulher. Estas senhoras eram adeptas entusiastas das «novas ideias»; de resto, bastava que uma ideia qualquer fosse admitida nos círculos progressistas da capital para que a apoiassem logo, sem o mais pequeno exame. A mulher exercia a profissão de parteira; jovem ainda, vivera durante algum tempo em S. Petersburgo. Quanto a ele, era dotado de uma pureza de coração pouco vulgar e raramente tenho encontrado alguém com um mais sincero ardor de espírito. «Nunca, nunca renunciarei a estas serenas esperanças» — dizia-me ele com os olhos radiantes. Quando Virguinsky nos falava das suas «serenas esperanças», baixava sempre a voz, como se nos confiasse algum segredo. O seu aspeto nada tinha de agradável; bastante alto, mas muito franzino, com os ombros estreitos, os cabelos extremamente ralos e de um matiz arruivado. Quando Stepan desdenhava algumas das suas ideias não se zangava com esses gracejos e encontrava muitas vezes respostas cuja indiscutibilidade embaraçava o seu contraditor.

A respeito de Virguinsky corriam certos boatos, infelizmente verdadeiros. Contava-se que, não tendo ainda um ano de casado, a mulher declarara metê-lo na sentina e substituí-lo por Lebiadkine. Este último, chegado havia pouco à nossa cidade, onde falsamente se fez passar por antigo capitão do estado-maior, era, como se vai ver, um personagem de quem se devia desconfiar. Sabia apenas frisar os bigodes, beber e alardear todas as asneiras que lhe passavam pela cabeça. Teve a indelicadeza de se ir instalar em casa dos Virguinsky e não contente por lhe darem «cama e mesa», olhava com desdém, do alto da sua vaidade, para o dono da casa. Afirma-se que, informado do mau procedimento da mulher, Virguinsky lhe dissera: «Minha querida, até agora tive por ti amor, daqui por diante

adoro-te». Quase se não acredita que esta romântica frase tivesse sido realmente pronunciada. Segundo uma outra versão mais digna de crédito, o infeliz esposo teria, pelo contrário, chorado ardentes lágrimas. Quinze dias após o ver-se substituído, toda a família foi com os seus conhecidos tomar chá num bosque próximo da cidade. Organizou-se um pequeno baile. Virguinsky. manifestando uma alegria febril, tomou parte nele. De repente, sem dizer a mínima palavra e, no momento em que o seu sucessor executava uma galante fantasia, agarrou-o com as duas mãos pelos cabelos e abanou-lhe violentamente a cabeça, ao mesmo tempo que chorava e soltava gritos furiosos. O gigante Lebiadkine teve tal medo que não se defendeu e deixou-se abanar sem quase dizer uma palavra. Quando o adversário o largou, mostrou-se suscetibilizado, tal como uma honesta e respeitada personalidade que acabasse de ser tratada pouco dignamente. Virguinsky passou a noite de joelhos junto da mulher a pedir-lhe perdão, que não obteve porque não concordou em ir apresentar desculpas a Lebiadkine. O capitão do estado-maior desapareceu poucos dias depois e só nestes últimos tempos voltou a aparecer, trazendo com ele uma irmã. Terei de falar mais adiante das pessoas que começou desde então a perseguir. Compreende-se agora a razão por que Virguinsky procurou uma distração com a nossa convivência. Nunca, de resto, nos falou das suas questões domésticas. Uma vez apenas, num dia em que nos encontrámos os dois em casa de Stepan, deixou escapar uma vaga alusão ao seu infortúnio conjugal, mas para exclamar logo em seguida, agarrando-se às minhas mãos:

— Isto não é nada, é apenas uma questão muito particular. Não modifica em nada a nossa «obra comum»!

O nosso pequeno círculo recebia também as visitas de ocasião, como o capitão Kartousov e o judeu Liamchine. Este último era empregado nos correios. Tinha grande talento para tocar piano, como também imitava muitíssimo bem o ruído do trovão, o grunhido do porco, os gritos de uma mulher nas horas do parto e os vagidos de um recém-nascido. A sua presença era um elemento de alegria nas nossas reuniões.

Parte 2

Capítulo 1

Existia sobre a terra um ser a quem Bárbara não era menos dedicada que a Stepan: era o seu único filho, Nicolau Vsevolodovitch Stavroguine. Tinha oito anos quando a mãe o confiou aos cuidados do precetor. Façamos justiça a Stepan; soube fazer-se estimar pelo aluno. Todo o seu segredo consistia em que ele próprio era também uma criança. Nessa época não me conhecia ainda; ora, como toda a sua vida teve necessidade de um confidente, não hesitou em investir de tal missão o pequeno rapaz, mal atingiu os dez ou onze anos. A mais franca intimidade se estabeleceu entre eles, não obstante a diferença de idades e de situação. Mais de uma vez, Stepan acordou o seu jovem amigo com o único fim de lhe contar, com lágrimas nos olhos, as amarguras recebidas pela vida fora, ou então relatar-lhe algum segredo doméstico, sem pensar que este procedimento era deveras censurável. Lançavam-se nos braços um do outro e choravam. O pequeno sabia que a mãe o amava muito. Pagar-lhe-ia da mesma forma? Duvido... Ela falava-lhe pouco, não o contrariava nunca, mas vigiava-o constantemente. Ele, por seu lado, experimentava sempre um certo mal estar quando sentia os olhos da mãe segui-lo para todos os lados. No que dizia respeito à educação e instrução do filho, Bárbara confiava por completo em Stepan, pois nesse tempo ainda o via através das suas ilusões. É de crer que o professor alquebrasse mais ou menos o sistema nervoso do aluno. Quando, atingidos os dezasseis anos, passou a frequentar o liceu, era um adolescente débil e pálido, cuja bondade e disposição sonhadora tinham alguma coisa de estranho. Mais tarde distinguir-se-ia por uma força extraordinária. Em todo o caso, a mãe fez bem em separar os dois amigos; talvez mesmo devesse ter tomado esta medida mais cedo.

Durante os dois primeiros anos da sua estada no liceu o estudante veio passar as férias a Skvorechniki. Quando Bárbara foi para S. Petersburgo com Stepan, assistiu a algumas das sessões literárias organizadas pela mãe. Falando pouco, sossegado e tímido como noutros tempos, limitava-se a escutar e a observar. A antiga afeição por Stepan pareceu não haver

diminuído, porém tornou-se menos expansiva. Terminados os estudos, entrou para o serviço militar, conforme a vontade de Bárbara. Incorporaram-no num dos mais brilhantes regimentos de cavalaria. Não foi nunca mostrar o uniforme a sua mãe e escreveu-lhe raras vezes. Bárbara não lhe regateava as remessas de dinheiro, se bem que a abolição dos servos lhe tivesse reduzido os rendimentos a metade. A suprir essa falta estava o capital, bastante avultado, amealhado devido a algumas economias feitas durante anos. Interessava-se sobremaneira pelos sucessos do filho na alta sociedade de S. Petersburgo. Era, até certo ponto, a desforra das suas ambições não satisfeitas. Sentia-se feliz ao dizer que as portas que ela sozinha não pudera franquear se abriam ante esse jovem oficial, rico e pleno de vida. Entretanto, certos e estranhos boatos não tardaram a chegar aos ouvidos de Bárbara. E a acreditar neles, Stavroguine tinha bruscamente começado uma vida de loucuras. Não era porque jogasse ou se entregasse demasiado às bebidas, não! Falava-se de excentricidades selvagens praticadas na sua casa ou de criados esmagados pelos seus cavalos. Reprovava-se-lhe a forma como procedeu a respeito de uma senhora de boa sociedade, que ultrajou em público depois de ter tido relações íntimas com ela! Havia mesmo alguma coisa particularmente ignóbil nesta questão. Além disto, descreviam-no como um brigão, altercando com toda a gente, insultando as pessoas somente pelo prazer de as insultar. Uma certa inquietação se apoderou da viúva. Stepan assegurou-lhe que um temperamento rico como o de seu filho devia necessariamente deitar fora as excrescências, pois o mar tinha também os seus encapelamentos e que tudo isto era parecido com a juventude do príncipe Harry, que Shakespeare nos apresenta, divertindo-se, em companhia de Falstaff, de Poios e da senhora Quickly. Desta vez, longe de classificar de «bagatela» as palavras do seu amigo, como tinha por costume fazer desde há algum tempo, escutou-o de muito boa vontade. Pediu para lhe explicar tudo com mais detalhes e leu com toda a atenção a imortal obra do trágico inglês. Todavia esta leitura não lhe trouxe nenhum sossego: as analogias marcadas por Stepan não a impressionaram nem convenceram. No desejo de ser esclarecida sobre a conduta do filho escreveu umas cartas para S. Petersburgo e esperou a resposta. O correio trouxe-lhe as mais desagradáveis informações: o nosso príncipe Harry tivera, quase seguidos, dois duelos, nos quais todos os agravos tinham sido praticados por ele; matara um dos adversários, ferira o outro gravemente e, em virtude destes

acontecimentos, tinha de responder em conselho de guerra. A questão terminou por o degradarem, mandando-o como simples soldado para um regimento de infantaria e isto ainda devido à indulgência que tiveram para com ele.

Em 1863, tendo-se distinguido, Stavroguine foi condecorado e promovido a oficial inferior e, pouco tempo depois, promoveram-no à patente de oficial. Durante todo este tempo, Bárbara mandou para a capital mais de cem cartas, cheias de súplicas e de humildes pedidos: o caso era muito excecional para que não descesse um pouco do seu orgulho. Uma vez reintegrado no seu grau, apressou-se a pedir a demissão. Não voltou a Skvorechniki e deixou completamente de escrever à mãe. Esta soube, por via indireta, que estava ainda em S. Petersburgo, mas que não convivia com a sociedade que frequentara noutros tempos. Mais tarde, soube que se tinha escondido. À força de procurarem, descobriram-no vivendo nos bairros mais pobres e imundos de S. Petersburgo: fora atraído pela mais miserável população da cidade, formada de famintos, empregados, antigos militares sempre bêbados e não tendo outro recurso que uma mendicidade mais ou menos disfarçada. Visitava as famílias destes desgraçados, passava os dias e as noites em escuros casebres, não tendo a mínima preocupação com a sua pessoa. Na aparência, esta situação agradava-lhe. Nunca fez a sua mãe o mais pequeno pedido de dinheiro; vivia do rendimento de uma pequena propriedade que seu pai lhe deixara e que dizia ter arrendado a um alemão do Saxe. Por fim, Bárbara suplicou-lhe para voltar para junto dela e o nosso príncipe Harry, acedendo, apareceu na cidade. Foi então que o vi pela primeira vez, pois até aí conhecia-o apenas de nome.

Era um forte e bonito rapaz, de vinte e cinco anos. Confesso que o seu aspeto não correspondeu nada à minha espectativa. Havia imaginado Stavroguine como uma espécie de boémio descomposto, marcado com os traços do vício e dos excessos do álcool. Pelo contrário, era dotado de uma elegância correta, como até aí não havia encontrado: o seu modo de vestir não deixava absolutamente nada a desejar e as suas maneiras eram as de um homem habituado a viver na melhor sociedade. Todo ele foi para mim uma surpresa e a cidade inteira partilhou da minha admiração, pois todos conhecíamos já a biografia de Stavroguine. A sua chegada pôs em revolução todos os corações femininos; teve entre as nossas mulheres adoradoras e inimigas, mas umas e outras apaixonaram-se por ele.

Agradou a estas, porque tinha talvez um horroroso segredo na sua existência, e àquelas, porque tinha positivamente morto alguém. Demais, encontraram-no muito instruído; na verdade, não era necessário possuir grande saber para excitar a nossa admiração e, além disso, julgava com notável bom senso as diversas questões de ocasião. Anoto esta qualidade como uma particularidade curiosa: quase desde o primeiro dia todos concordámos em reconhecer nele um elegante, sem procurar sê-lo, e de uma modéstia de admirar, o que não o impedia de ser mais ousado e mais seguro de si do que ninguém. As nossas elegantes invejavam-no e eclipsavam-se diante dele. O seu rosto impressionou-me também; tinha os cabelos muito negros, os olhos claros, de uma serenidade e de uma calma fora do vulgar, uma tez branca e delicada, uns dentes que semelhavam pérolas e uns lábios que rivalizavam com o coral. A cabeça fazia o efeito de um belo quadro antigo e, no entanto, havia nela um não-sei-quê que repelia. Dir-se-ia que tinha o aspeto de uma máscara. De estatura bastante elevada, passava por um homem excecionalmente vigoroso. Bárbara admirava-o com orgulho; todavia juntava-se a este sentimento um tanto de inquietação. Durante o primeiro semestre, viveu tranquilo junto de nós: estrito observador das leis da etiqueta provinciana, convivia com toda a gente e frequentava a melhor sociedade, parecendo, no entanto, divertir-se pouco. Fazia as suas visitas, umas rápidas, outras demoradas, ao governador, que era seu parente pelo lado paterno. Mas, ao fim de meses, e de súbito, a fera revelou-se.

Afável e hospitaleiro, o nosso caro Ivan Osipovitch tinha sido feito mais para marechal da nobreza nos bons tempos passados do que para governador numa época como a nossa. Tinha-se por hábito dizer que não era ele quem governava a província, mas sim Bárbara. Palavras mais maldosas do que justas porque, apesar da consideração de que toda a sociedade a rodeava, a viúva tinha, há já alguns anos, abdicado de toda a ação sobre a marcha das questões públicas e ocupava-se cada vez mais dos seus interesses particulares. Dois ou três anos foram o suficiente para fazer com que os seus domínios rendessem o mesmo que antes da emancipação dos servos. A ânsia de amontoar, de entesourar, substituíra no seu pensamento as aspirações poéticas de outrora. Afastou mesmo Stepan da sua intimidade, permitindo-lhe que aluga-se um compartimento numa outra casa — há já muito que ele lhe solicitava esta permissão, sob diversos pretextos.

Todos aqueles que mais assiduamente íamos a casa da viúva, compreendemos que, naquela altura, considerou o filho como uma nova esperança, como um novo sonho. A sua paixão por ele datava da época dos seus primeiros sucessos na sociedade de S. Petersburgo e tornou-se maior ainda a partir do momento em que lhe deram baixa de posto. Ao mesmo tempo, Bárbara tinha medo dele e, na sua frente, a sua atitude era quase como a de uma escrava. O que temia nem ela própria o podia precisar, pois era alguma coisa de indeterminado e de misterioso. Muitas vezes examinava o filho disfarçadamente, como a procurar no seu rosto uma resposta a algumas dúvidas que a atormentavam... Parece que adivinhando, a besta feroz abriu de repente as garras.

Capítulo 2

Bruscamente, sem que houvesse uma razão, o nosso príncipe comportou-se com diversas pessoas de uma insolência inaudita. Nada houve que justificasse tal procedimento, que ultrapassou de muito as garotices mais atrevidas que se podem permitir a um jovem estouvado. Um dos decanos mais considerado do nosso grémio era Pedro Pavlovitch Gaganov, homem já idoso e antigo funcionário, contraíra o inocente hábito de dizer a propósito de tudo e de nada, num tom de zangado: «Não, não me guio pelo nariz!» Um dia, no grémio, numa conversa com um grupo de sócios que não eram dos mais novos da casa, repetiu a frase favorita. No mesmo instante Stavroguine, que se encontrava um pouco de lado e a quem ninguém se havia dirigido, aproximou-se do velho, agarrou-o pelo nariz e, puxando-o com força, obrigou-o a dar dois ou três passos em frente. Não teve nenhuma razão para fazer isto. Podia ser levada à conta de simples travessura de estudante, travessura imperdoável, é certo; no entanto as testemunhas desta cena contaram mais tarde que no decorrer dela a fisionomia de Stavroguine era estranha, «como se tivesse perdido o juízo». Tempos depois, esta circunstância foi recordada e deu que refletir. Naquele momento notou-se apenas a atitude de Stavroguine após a ofensa feita; compreendeu muito bem o ato praticado e, longe de se sentir envergonhado, sorriu com satisfação maliciosa, nada indicando nele o menor arrependimento. O incidente provocou um alarido indescritível. Em volta do culpado formou-se um círculo, de onde partiram exclamações indignadas. Este não proferiu uma palavra e limitou-se a observar todos os rostos, cujas bocas se abriram para soltar exclamações. Por último, forçando o círculo, avançou num passo firme para Gaganov.

— Espero, naturalmente, que me desculpará... Não sei, na verdade, como esta ideia me surgiu... Uma estupidez... — murmurou à pressa e com ar de vexado.

Esta maneira arrogante de se desculpar equivaleu a novo insulto. As vociferações redobraram. Stavroguine encolheu os ombros e saiu.

Não bastava a primeira brutalidade, quanto mais ainda a última inconveniência. Calculado e premeditado, como à primeira vista pareceu ser, o insolente procedimento de que Gaganov fora vítima, fora um ultraje lançado sobre toda a nossa sociedade. Assim o julgou a opinião pública. O grémio começou por expulsá-lo do seu seio, tendo sido a sua exclusão votada por unanimidade; em seguida resolveu-se dirigir uma queixa ao governador. Sua Excelência estava impossibilitado — atendendo ao desenlace que esta questão poderia ter ante os tribunais — de usar imediatamente dos seus poderes administrativos para meter na ordem tão grande altercador e brigão, cujas brutais maneiras de proceder comprometiam a tranquilidade de todos os que viviam na cidade. Acrescentava-se, com uma pontinha de veneno, que Stavroguine estava fora do alcance das leis. Esta frase era uma alusão maldosa à influência presumível de Bárbara sobre o governador. Este encontrava-se então ausente, mas sabia-se que voltaria breve; tinha ido a uma localidade vizinha levar à pia batismal a filha de uma jovem e linda viúva, a quem o marido, ao morrer, deixara numa delicada situação. Enquanto se esperou, fez-se ao ofendido Gaganov uma verdadeira ovação. Todas as pessoas da cidade o foram visitar para o felicitarem, quer apresentando-lhe cumprimentos, quer abraçando-o. Pensou-se mesmo em oferecer-lhe um banquete por inscrição, porém renunciou-se a esta ideia devido aos seus insistentes pedidos; talvez mesmo os organizadores desta manifestação acabassem por compreender que, ante tudo quanto se havia feito, não se devia levar mais longe a glorificação de um homem só porque o tinham arrastado pelo nariz.

E agora, por que motivo teria acontecido isto? Qual a causa a que atribuir este procedimento? Coisa digna de nota: nenhum de nós o atribuiu à loucura, mas sim à exaltação, apesar de se supor então que, mesmo sem estar na posse da sua razão, era incapaz de se comportar de igual forma. Por meu lado ainda hoje não sei como explicar o facto, se bem que um acontecimento sobrevindo depois, pareceu-me dar uma justificação satisfatória. Acrescentarei que, quatro anos mais tarde, Stavroguine, discretamente interrogado por mim a este respeito, respondeu-me, franzindo as sobrancelhas: «Sim, não estava muito bem nessa época». Porém não nos antecipemos.

Surpreendeu-me deveras tudo isto e mais ainda a onda de rancor que se levantou entre todos contra «um tal altercador e brigão». Não admitiam

a mínima dúvida sobre que o seu procedimento fora uma afronta, deliberadamente pensada, a todos nós. Era evidente que este homem não despertara à sua volta nenhuma simpatia e fora, pelo contrário, desprezado por toda a gente. Mas porquê tudo isto? Até ao acontecimento do grémio não tinha tido uma questão com ninguém, não tinha ofendido viva alma e havia-se mostrado sempre de uma educação irrepreensível. Suponho que o aborreciam devido ao seu orgulho. As próprias mulheres que tinham começado por adorná-lo, gritavam agora contra ele ainda mais do que os homens.

Bárbara estava consternada. Confessou mais tarde a Stepan que tinha previsto tudo isto e que em cada dia, durante os últimos seis meses, esperava precisamente algum disparate deste género. Confissão extraordinária na boca de uma mãe. «Isto é o começo!» — exclamara ela, estremecendo. Após o incidente do grémio resolveu ter uma conversa com o filho. Apesar do seu caráter um tanto resoluto, a pobre senhora não pôde deixar de tremer ao pensar em tal. Após uma noite sem dormir, foi logo pela manhã conferenciar com Stepan e chorou junto dele, ela que nunca havia chorado diante de ninguém. Queria que o filho lhe dissesse pelo menos alguma coisa, que se dignasse dar-lhe uma explicação. Stavroguine, sempre muito educado e respeitoso com sua mãe, escutou-a durante algum tempo com ar de aborrecido, mas muito sério; de repente levantou-se, beijou-lhe as mãos e saiu sem pronunciar uma palavra. Como de propósito, na tarde desse mesmo dia, ocorreu novo escândalo que, sem ter, nem de perto, a gravidade do primeiro, tornou maior a irritação de um público já muito maldisposto.

Desta vez foi o nosso amigo Lipoutine quem sofreu. Chegou a casa de Stavroguine no momento em que ele acabava de ter a explicação com a mãe: nesse dia, o empregado dava uma pequena reunião para celebrar o aniversário natalício de sua mulher e vinha pedir-lhe a honra de assistir. Desde há certo tempo, Bárbara estava desolada por ver que seu filho gostava sobretudo de frequentar as casas das pessoas de baixa condição, mas não se atrevia a fazer-lhe observação alguma a tal respeito. Não tinha ainda ido a casa de Lipoutine, não obstante ter-se encontrado com ele. Por isso, e dadas as circunstâncias da ocasião, foi-lhe difícil adivinhar por que o distinguiam com tal convite: na sua qualidade de liberal, Lipoutine estava encantado com o escândalo e desejava que se procedesse assim com

todas as notabilidades do grémio. Stavroguine sorriu e prometeu ir a casa do empregado.

Encontrou lá uma sociedade numerosa e pouco escolhida, mas cheia de entusiasmo. Lipoutine, que recebia apenas duas vezes por ano, não olhava a despesas nestas ocasiões. Stepan, o mais considerado dos convidados, não tinha podido ir por se encontrar doente. O chá, a aguardente e os refrigerantes em uso figuravam em tão grande abundância quanto se podia desejar. Os jogadores ocupavam três mesas e a juventude dançava ao som de um piano, enquanto aguardava a ceia. Stavroguine convidou para dançar a dona da casa, encantadora senhora, que ficou deveras intimidada com esta honra.

Deram algumas voltas juntos; depois sentou-se ao seu lado, começou a conversar e divertiu-a com a sua maneira de dizer e com o que dizia. Reparando por fim no quanto ela era bonita quando ria, agarrou-a de súbito pela cinta e, por três vezes, diante de todos, beijou-a amorosamente nos lábios. Espantada, a pobre senhora desmaiou. Stavroguine pegou no chapéu e aproximou-se do marido. Ao vê-lo completamente desorientado, no meio daquela confusão geral, sentiu-se um tanto perturbado. «Não se aflija!» — murmurou Stavroguine rapidamente, e saiu. Lipoutine correu para ele e, apanhando-o na sala de espera, ajudou-o a vestir o casaco e acompanhou-o cerimoniosamente até à porta da rua. Porém esta história, no fundo um tanto inocente, teve no dia seguinte um epílogo bastante engraçado que, pela sequência, valeu a Lipoutine a reputação de homem muito perspicaz.

Às dez horas da manhã, a sua criada Agafia foi a casa de Bárbara. Era uma moça de trinta anos, de rosto vermelho e com uma maneira de andar bastante decidida. Pediu com insistência para falar a Stavroguine, dizendo que o seu patrão a encarregara de uma comissão muito especial.

O nosso homem, apesar de doente da cabeça, acedeu a recebê-la. O acaso fez com que a mãe assistisse à conversa.

— Serge Vasilitch — começou a desembaraçada Agafia — encarregou-me de lhe apresentar os seus cumprimentos e de me informar da sua saúde; deseja saber se dormiu bem e como passou depois da reunião de ontem.

Stavroguine sorriu.

— Apresenta os meus cumprimentos e agradecimentos ao teu patrão e diz-lhe também que, em meu entender, é o homem mais inteligente da

cidade.

— Quanto a isso — respondeu atrevidamente a criada — ordenou-me que lhe respondesse não ter necessidade dos seus ensinamentos e que o considera da mesma maneira.

— O quê. Como adivinhou ele o que eu te ia dizer?

— Não sei de que maneira o adivinhou, mas estava já distante de casa quando, correndo atrás de mim, de cabeça descoberta, me disse: «Agafia, se por acaso te disser que o teu patrão é o homem mais inteligente da cidade não te esqueças de responder logo: «Não necessita dos seus ensinamentos e considera-o da mesma maneira...»

Capítulo 3

Contra o que se dizia, Stavroguine teve uma explicação com o governador. Voltando à cidade, o nosso estimado Ivan tomou conhecimento da queixa apresentada pela direção do grémio. Precisava sem dúvida de fazer alguma coisa... mas o quê? O amável velho encontrava-se bastante embaraçado, pois tinha um certo medo da sua parenta. Pensando algum tempo, delineou a seguinte airosa saída: convencer Stavroguine a apresentar ao grémio, assim como ao ofendido, as desculpas devidas, por escrito mesmo, se necessário fosse; depois, insinuar-lhe por boas palavras que faria melhor em sair da cidade, em empreender, por exemplo, uma viagem de recreio à Itália ou a qualquer outro país da Europa. Stavroguine, que, como membro da família, tinha entrada em toda a casa, foi desta vez recebido na sala de despacho. Um empregado de confiança, Aléxis Teliatnikov estava sentado ante uma mesa, a um canto, e abria a correspondência oficial. No compartimento pegado, junto da janela mais próxima da sala, encontrava-se um coronel, cheio e alto, que de passagem pela cidade fizera uma visita a Ivan, seu amigo e antigo camarada. De costas voltadas para a sala, lia o *Golos,* sem se preocupar, talvez, com o que se estava a passar atrás dele. O governador começou a fazer, em voz baixa, uma série de considerações, um tanto hesitantes e confusas. Stavroguine, sentado perto do velho, escutava-o com uma fisionomia que não tinha nada de amável; pálido, os olhos baixos, as sobrancelhas carregadas, evidenciava bem a luta que se travava no seu íntimo, tentando abafar atroz sofrimento.

— O teu coração, Stavroguine, é bom e nobre — disse, entre outras coisas, o governador. — És um homem educado e instruído. Venceste na alta sociedade da capital, e aqui mesmo, até há pouco, a tua conduta podia ser citada como exemplar; és o orgulho da tua mãe, que todos nós presamos. Porém, os últimos acontecimentos excitaram toda a cidade e apresentam-se a todos nós com caráter enigmático e inquietante! Falo-te como amigo da tua família, como um velho que te consagra sincera estima, como um parente cuja linguagem não pode ofender... O que te

incita a cometer excentricidades fora de todas as regras e de todas as convenções sociais? Que podem denotar essas extravagâncias, semelhantes a atos de demência?

Stavroguine escutava encolerizado e impaciente. Nesta altura uma expressão velhaca lhe passou pelos olhos.

— Seja. Vou dizer-lho — respondeu ele com ar desairoso e, depois de ter deitado um olhar aos circunstantes, inclinou-se junto à orelha do governador.

Aléxis Teliatnikov deu três passos para a janela e o coronel tossiu atrás do seu jornal. O pobre Ivan, sem desconfiar, apressou-se a estender a cabeça; era extremamente curioso. Ocorreu então alguma coisa de inacreditável, mas que, infelizmente, os factos confirmaram. No momento em que o velho se preparava para ouvir o relato de um segredo interessante, sentiu bruscamente a parte superior da orelha apertada pelos dentes de Stavroguine e apertada com bastante força. Começou a tremer, quase lhe parando a respiração.

— Stavroguine, que brincadeira é esta? — gemeu ele, numa voz que não era a sua voz natural.

Aléxis e o coronel não tinham tido tempo ainda de compreender, pois não viam bem o que se passava e supuseram a princípio que era uma conversa confidencial entre os dois. Entretanto o rosto desesperado do governador inquietou-os. Olharam um para o outro com os olhos muito abertos, não sabendo se deviam lançar-se em socorro do velho, como este estava convencido, ou se era melhor esperar um pouco. Stavroguine, notando talvez esta hesitação, apertou com mais força ainda.

— Stavroguine! Stavroguine! — gemeu de novo o governador. — Vamos... já é tempo de acabar com a brincadeira...

Mais um instante e sem dúvida o pobre homem teria morrido de medo. Porém o celerado teve piedade da vítima e deixou-a. O velho, que estivera em transes mortais durante um longo minuto, teve um ataque em seguida a esta cena. Meia hora depois, Stavroguine foi preso, levado ao comando da polícia e metido numa cela especial, à porta da qual colocaram uma sentinela com instruções muito rigorosas. Esta medida severa contrastava com a benevolência habitual do nosso amável governador. Estava todavia tão zangado que não receou assumir a responsabilidade de tudo, arriscando-se mesmo a exasperar Bárbara. Ao saber da prisão do filho, teve um ataque de cólera. Foi muito depressa a casa de Ivan, decidida a

reclamar dele imediatas explicações. A admiração foi grande na cidade quando se soube que o governador recusara recebê-la. Ela própria supôs-se a sonhar.

Tudo entretanto se explicou. Às duas horas da tarde, o prisioneiro, que até aí tinha estado calmo e dormira até, começou a fazer barulho: deu furiosos murros na porta, arrancou com esforço quase sobre-humano a grade de ferro colocada na estreita janela da prisão e quebrou a vidraça, ensanguentando as mãos. O oficial da guarda acorreu com os seus homens para dominar o enfurecido. Ao entrar, porém, na cela notou logo que estava em face de um acesso de *delirium-tremens* dos mais característicos e por isso fez transportar o doente para casa de sua mãe. Este acontecimento foi uma revelação. Os três médicos da cidade emitiram o parecer de que as faculdades mentais do doente estavam transtornadas talvez há já três dias e que durante esse lapso de tempo os seus atos, que ofereciam a aparência de intencionais e mesmo de astuciosos, foram praticados sem intervenção da sua vontade e do seu conhecimento; os factos, de resto, confirmaram este diagnóstico. A conclusão a tirar disto é que Lipoutine mostrara mais sagacidade do que todos os outros. Ivan, homem delicado e sensível, ficou muito penalizado; todavia a sua conduta provou que tinha suposto Stavroguine capaz de cometer, mesmo sem ter perdido a razão, os atos mais insensatos. No grémio sentiram vergonha por se haverem excitado tanto contra um irresponsável, admirando-se que ninguém tivesse pensado na única explicação possível para todas as extravagâncias praticadas. Como é natural, havia também os céticos, mas não tardaram a serem abafados pela maioria da opinião pública.

Stavroguine esteve de cama durante dois meses. Um médico célebre de Moscovo foi chamado para o examinar. Toda a gente foi visitar Bárbara. Esta perdoou a todos. Na primavera, como o filho estivesse já convalescente, propôs-lhe partirem para a Itália, ao que ele acedeu sem levantar a menor objeção. Mostrou ainda a mesma docilidade quando a mãe o convidou a ir despedir-se das pessoas conhecidas e aproveitar a ocasião para apresentar desculpas àqueles a quem tinha obrigação de o fazer. Sobre este ponto, também cedeu de muito boa vontade. Soube-se no grémio que para com Gaganov se explicara nos termos mais delicados e o deixara inteiramente satisfeito. Durante estas visitas, Stavroguine portou-se muito sério e até um pouco sombrio. Todos o receberam com as maiores aparências de interesse, como todos se sentiram também pesarosos e ao

mesmo tempo contentes por saberem que ia para a Itália. Quando se despediu de Ivan, o velho chorou, mas não pôde vencer a sua relutância até ao ponto de o abraçar, mesmo no momento do último adeus. Na verdade, em diversas casas ficaram convencidos que o velhaco tinha muito simplesmente zombado de todos e que a doença não passara de manha. Stavroguine passou também por casa de Lipoutine.

— Diga-me — perguntou ele — como pôde adivinhar o que eu diria da sua inteligência e encarregar Agafia de uma tal resposta?

— Previ a sua resposta porque o considero um homem inteligente como eu — disse, rindo, Lipoutine.

— A coincidência é interessante. Mas permita-me ainda uma pergunta: considerava-me como um homem inteligente e não como um louco, quando mandou Agafia?

— Como um homem muito inteligente e sensato somente fingi acreditar que não se encontrava em perfeito juízo... E tanto é assim, que imediatamente compreendeu o meu pensamento e me mandou por Agafia uma prova de homem de espírito.

— Enganou-se um pouco nesse ponto, meu caro. De facto, não me portei bem — balbuciou Stavroguine franzindo as sobrancelhas. — Ah — exclamou ele — é capaz de acreditar, na verdade, que encontrando-me no uso de toda a minha razão fosse capaz de me atirar às pessoas? Por que faria eu isso?

Lipoutine não soube responder, mas a sua fisionomia respondeu por ele. Stavroguine empalideceu ligeiramente ou pelo menos o outro julgou ver tal.

— Em todo o caso, tem uma maleabilidade de espírito bastante cómica — continuou ele. — Quanto à visita de Agafia, levei-a à conta, como era natural, de uma afronta que me fazia.

— Talvez fosse melhor desafiá-lo para um duelo?

— O quê! Ouvi dizer que não era partidário dos duelos.

— É uma imitação do francês! — replicou Lipoutine com um trejeito de desagrado.

— Preocupa-se com a nacionalidade?

A expressão de mau humor acentuou-se no rosto de Lipoutine.

— Ah, ah! Que vejo eu? — exclamou Stavroguine, descobrindo sobre a mesa um volume do *Considèrant*. — Será um *fouriériste?* Tenho medo... Muito bem! E isto — acrescentou ele com um sorriso enquanto

tamborilava com os dedos sobre o livro — não é também uma imitação do francês?

— Não, não é uma imitação do francês! — respondeu ele, com uma espécie de arrebatamento. — Será uma tradução da língua humana universal e não apenas do francês. Da língua da república social humanitária e da harmonia cosmopolita, eis tudo! Porém nunca só do francês!

— Diabo! Mas essa língua não existe! — exclamou sorrindo Stavroguine.

Algumas vezes uma patetice desperta-nos interesse e retém por certo tempo a nossa atenção. De todas as impressões colhidas durante a sua estada na nossa cidade, nenhuma se gravou tanto no espírito de Stavroguine como a recordação desta conversa com Lipoutine. Que um modesto empregado provinciano, um tirano doméstico, um usurário de baixa escala, um sovina, fechando à chave os restos do jantar e os cotos das velas, que um Lipoutine, enfim, conseguisse ver Deus em sonhos e soubesse falar da futura república social e da harmonia cosmopolita — ia, na verdade, além da compreensão de Stavroguine.

Capítulo 4

O nosso príncipe viajou durante mais de três anos e na cidade acabaram mais ou menos por esquecê-lo. Soube por Stepan que, depois de ter visitado toda a Europa, fora ao Egito e a Jerusalém, e em seguida tomara parte numa expedição científica ao Islão. Soube mais ainda que, durante um inverno, frequentara uns cursos numa Universidade da Alemanha. Escrevia à mãe de seis em seis meses e algumas vezes mesmo com intervalos maiores. Recebendo tão raramente notícias do filho, Bárbara não lhe queria mal por isso; como aquilo que pretendia era o reatamento das suas relações, aceitou tudo sem uma queixa. No seu íntimo, porém, e ainda que não dissesse nada a ninguém, não deixava de sonhar com o seu Stavroguine, cuja ausência a fazia sofrer bastante. Elaborava a sós consigo diversos planos e parecia tornar-se mais avarenta ainda do que tinha sido até ali. À medida que a sua ânsia de entesourar aumentava, tanto mais Stepan perdia ao jogo e portanto maior era o ódio que lhe testemunhava.

Enfim, no mês de abril do ano em que ocorreram estes acontecimentos, Bárbara recebeu de Paris uma carta escrita por Prascovie Ivanovna Drozdov, mulher de um general e sua amiga de infância. Desde há oito anos que as duas senhoras não se tinham visto nem se correspondiam. «Existem as melhores relações entre nós e Stavroguine», escreveu Prascovie. «Tornou-se amigo da minha Lisa e propõe-se acompanhar-nos à Suíça e a Vernex-Montreux, onde iremos passar o verão. Isto representa da sua parte um sacrifício muito de agradecer, porque é recebido como filho em casa do conde K... nesta altura em Paris. Pode-se mesmo quase dizer que reside em casa dele...» (O conde K... era um personagem muito influente em S. Petersburgo). A carta era curta, limitando-se a expor os factos sem tirar nenhuma conclusão, mas revelava claramente o seu fim. As reflexões de Bárbara não foram longas e num instante tomou uma resolução: fez os seus preparativos e a meados de abril partiu para Paris, levando com ela a sua protegida, Dacha, a irmã de Chatov. Em seguida foi à Suíça e voltou à Rússia em julho. Deixou Dacha

em casa da família Drozdov, os quais prometeram trazê-la nos fins de agosto.

Esta família era proprietária de um belo domínio na nossa província, mas os afazeres do general Ivan Ivanovitch não permitiram nunca a menor estadia no domínio. Este morrera no ano anterior e a inconsolável viúva seguira com sua filha para o estrangeiro. Esta viagem fora motivada por diversas razões e em especial porque a viúva precisava fazer uma cura de uvas em Vernex-Montreux, durante a segunda metade do verão. Depois, ao voltar à Rússia, contava fixar definitivamente a sua residência entre nós. Possuía na cidade uma grande casa, não habitada há muitos anos, pois as portas estavam sempre fechadas. Os Drozdov eram pessoas ricas. Prascovie, casada em primeiras núpcias com o capitão de cavalaria Touchine, era, como a sua amiga de colégio, Bárbara, filha de um rico proprietário rural, que lhe dera elevado dote a quando do casamento. O noivo tinha também a sua fortuna e, quando morreu, deixou um lindo capital à sua filha única, Lisa, então na idade de sete anos. Agora que tinha aproximadamente trinta, podia bem avaliar-se a sua fortuna em duzentos mil *rublos,* sem falar na herança que devia receber por morte de sua mãe, visto esta não ter tido nenhum filho do segundo marido.

Bárbara regressou aos seus domínios encantada com a viagem. Bendizia o ter de novo reatado as suas relações com Prascovie. Mal chegou, tratou de contar tudo a Stepan; mostrou-se mesmo muito expansiva, o que não sucedia há muito.

— Hurra! — gritou ele, fazendo estalar os dedos.

Estava encantado, e tanto mais porque até ao regresso da sua amiga andara muito abatido. Partira para o estrangeiro sem se despedir dele, nem que fosse por cerimónia, e sem lhe confiar nenhum dos seus projetos, talvez para evitar que cometesse alguma indiscrição. A viúva estava então zangada com ele por ter apanhado uma grande derrota no jogo.

Todavia, antes mesmo de deixar a Suíça, concluíra não dever desprezá-lo tanto e que de facto a punição durava há bastante tempo. Além da preocupação resultante da partida tão brusca e tão misteriosa, Stepan tivera ainda outras contrariedades. O seu maior tormento fora um compromisso monetário bastante grande que tomara e ao qual não podia fazer face sem recorrer a Bárbara. Mas, no mês de maio, sucedera ainda um outro acontecimento também grave: o nosso bom governador, Ivan, fora demitido das suas funções e a chegada do seu sucessor, André

Antonovitch Von Lembke, começava a modificar sensivelmente as boas graças de quase toda a sociedade provinciana a respeito da viúva e, por consequência, de Stepan. Pelo menos, tinha já ouvido várias observações desagradáveis, ainda que interessantes, e a sua inquietação era por isso grande. Não teria sido denunciado ao novo governador como um homem perigoso? Sabia de boa fonte que certas senhoras estavam decididas a não falarem mais a Bárbara. Quanto à futura governadora, esperada antes do outono, dizia-se, por o terem ouvido, que era altiva, mas acrescentavam por outro lado que pertencia à verdadeira aristocracia e não à nobreza de *fancaria*, «como a nossa pobre Bárbara». A acreditar nos boatos espalhados, as duas senhoras tinham-se encontrado noutros tempos, mas havia entre elas uma tal frieza que Bárbara não podia ouvir falar da senhora Von Lembke sem experimentar fria sensação. O ar triunfante de Bárbara e a indiferença desdenhosa com que tomou conhecimento da reviravolta da opinião pública a seu respeito, ergueu o moral do tímido Stepan. Subitamente tornou-se alegre e pôs-se a contar, num tom humorístico, a chegada do novo governador.

— Sabe muito bem, minha excelente amiga — começou ele, dando às palavras uma entoação afetada — o que é em geral um administrador russo e, em especial, um administrador russo nomeado há pouco. Porém julgará melhor ainda, se aprendeu praticamente o que é a embriaguez administrativa...

— A embriaguez administrativa? Não sei o que isso quer dizer.

— É... Sabe, em nossa casa... Por outras palavras, pegue na mais ínfima nulidade e coloque-a a vender bilhetes numa estação do caminho de ferro, e logo essa nulidade, para lhe mostrar o seu poder, se suporá no direito de se mostrar Júpiter com a senhora quando for comprar um bilhete. «Sabe que está debaixo das minhas ordens!», parecerá ele dizer com o seu ar altivo. Pois bem, é isto um efeito da embriaguez administrativa.

— Seja mais breve, se puder, Stepan.

— O senhor Von Lembke anda agora em passeio pela província. Numa palavra, este senhor, ainda que alemão, pertence, eu sei-o, à religião ortodoxa. Concordo ainda que é elegante e bonito homem, de quarenta anos...

— Quem disse que é bonito homem? Tem uns olhos de porco...

— Perfeitamente de acordo. Mas faço-me eco das apreciações das nossas elegantes...

— Dispense-me desses pormenores, Stepan, peço-lhe! A propósito, usa gravata vermelha desde quando?

— Foi… Foi hoje apenas que...

— Tem feito exercícios? Deve diminuir seis *verstas* todos os dias, se é que se conforma com a ordem dos médicos!

— Não, nem sempre.

— Não duvido! Na Suíça já o tinha pressentido! — gritou ela, um tanto irritada. — Por agora, não são seis *verstas* que deve diminuir, mas dez! Sucumbe de uma maneira horrível! Está, não digo velho, mas decrépito! Logo que o vi, me chamou a atenção, a despeito da sua gravata vermelha... Que ideia! Vermelha! Continue a sua exposição, se tem na verdade alguma coisa a dizer-me com respeito a Von Lembke, mas apresse-se, peço-lhe, pois estou fatigada.

— Resumindo, queria apenas dizer que é um destes administradores que começam aos quarenta anos, tendo até aí vegetado na obscuridade; um destes homens saídos de repente do nada, graças a um casamento, ou a qualquer outro meio, não menos desesperado... É agora... ou antes, direi melhor, segundo mo descreveram, é um corruptor da juventude, um pregador do ateísmo... Dizem estar ligado às informações…

— Isso é verdade?

— Tomei todas as minhas precauções. Quando lhe «contaram» que era a senhora quem «governava a província», como sabe, apressou-se a responder que «com ele seria muito diferente».

— Disse isso?

— Disse e com toda a arrogância. Sua mulher, Júlia Mikhailovna, que chegará no fim de agosto, virá diretamente de S. Petersburgo.

— Não!... Vem do estrangeiro. Encontrámo-nos.

— De verdade?

— Em Paris e na Suíça. É parenta dos Drozdov.

— Parenta? Que singular coincidência! Diz-se que é ambiciosa e... que tem, segundo parece, influentes relações!

— E isso que tem? As relações não são tudo! Não tendo um *kopek,* ficou solteira até aos quarenta anos. Agora que apanhou o seu Von Lembke, pensa apenas em incitá-lo. São dois intrigantes.

— Diz-se que ela tem dois anos mais do que ele…

— Cinco. Em Moscovo a mãe varria a soleira da minha porta com a cauda do vestido e mendigava convites para os meus bailes do tempo de Vsevolod Nikolaievitch. Quanto a Júlia, passava toda a noite só, sentada a um canto, com o seu sinal em forma de turquesa no rosto; ninguém a convidava para dançar, a não ser perto das três horas, quando, por piedade, lhe mandavam um cavalheiro. Tinha então vinte e cinco anos e continuava a usar um vestido muito curto, como se fosse uma menina. Tornava-se pouco honroso receber essa gente na nossa casa.

— Parece-me que lhe estou a ver já esse sinal.

— Garanto-lhe que, mal chegue, arranja logo intrigas à minha volta. Leu a carta de Prascovie? Parece-lhe que podia haver coisa mais clara? Pois bem, que fui eu encontrar? Essa mesma imbecil da Prascovie (não deixou nunca de ser uma imbecil!), ao ver-me, fitou-me espantada: parecia querer-me perguntar por que tinha ido. Pode imaginar como fiquei surpreendida. Olhei à minha volta: vi ao lado dela essa Lembke, que urdiu a trama toda, e um primo, um sobrinho do velho Drozdov... Tudo se explicou! Com a maior naturalidade, num abrir e fechar de olhos, dominei a situação e Prascovie fez de novo causa comum comigo... Era uma intriga, mas que intriga!

— Que se frustrou, portanto! Oh, é um verdadeiro Bismark.

— Sem ser um Bismark, sou no entanto capaz de discernir a falsidade e a estupidez onde se encontrem; Lembke é a falsidade e Prascovie a estupidez. Poucas vezes tenho encontrado uma mulher tão franzina, sem é claro falar nas pernas, pois as tem inchadas. A acrescentar a isto, é uma boa pessoa! Mas que pode haver de mais estúpido do que a falsidade de uma boa pessoa?

— Quando se é uma, minha querida amiga: um tolo mau é ainda mais estúpido — observou nobremente Stepan.

— Tem razão. Lembra-se da Lisa?

— Uma encantadora criança!

— Agora já não é uma criança, mas sim uma mulher, e uma mulher de caráter. E de natureza altiva e entusiasta. O que mais aprecio nela é não se deixar dominar pela mãe, essa crédula imbecil. Falhou-lhe a história com respeito ao primo.

— O quê?! Sim!... não existe entre ele e a Lisa consanguinidade... Mas o que notou ele?

— É um jovem oficial que fala muito pouco e é muito modesto. Tento sempre ser justa... Parece-me que não aprovou, antes ficou descontente com a intriga e não pretende coisa nenhuma; esta maquinação só pode ser obra da Lembke. Ele tinha muita consideração por Stavroguine. Como compreende, tudo isso dependia da Lisa, que deixei nas melhores relações com meu filho, e este comprometeu-se a vir ver-me em novembro. Portanto, só estão em causa nesta questão, a manha da Lembke e a cegueira da Prascovie. Esta última disse-me que todas as minhas suposições não passavam de fantasias; respondi-lhe, tratando-a de imbecil. Estive prestes a fazer-lhe conhecer a minha opinião. Se Stavroguine não me tem pedido para esperar mais uns tempos, não partia sem ter desmascarado essa artificiosa criatura. Procurou insinuar-se, por intermédio de meu filho, nas boas graças do conde K... e pretendeu malquistar meu filho comigo. Mas Lisa está do nosso lado e entendi-me nesse ponto com Prascovie. Sabe que Karmazinov é parente dela?

— Como! É parente da senhora Lembke?

— Sim, mas parente afastado.

— Karmazinov, o romancista?

— Sim, o escritor. Em que lhe causa isso espanto? Considera-se, sem dúvida, como um grande homem. É uma pessoa muito vaidosa. E capaz de chegar juntamente com ele, pois encontraram-se no estrangeiro. Ela tem a intenção de fundar qualquer coisa na nossa cidade e de organizar sessões literárias, e ele virá passar um mês entre nós, pois quer vender os últimos bens que aqui possui. Não me senti bem ao vê-lo na Suíça e antes o não queria ver mais. No entanto, espero que se dignará reconhecer-me. Noutros tempos escrevia-me e era visita da minha casa... Queria vê-lo cuidar um pouco mais do seu vestuário, Stepan! De dia para dia descuida-se cada vez mais... Oh, que desgosto me causa! Que anda a ler agora?

— Eu... eu...

— Compreendo. Sempre os amigos, as bebidas, o grémio, as cartas e a reputação de ateu! Essa reputação não me agrada. Não gosto nada que lhe chamem ateu, sobretudo nesta ocasião. Não posso mesmo ouvir tal, porque tudo isso não passa de palavreado. É necessário pôr-lhe termo.

— Mas, minha querida...

— Ouça, Stepan, em matéria científica não posso, sem dúvida, comparar-me a si. Sou mais que uma ignorante, porém pensei muito em si

durante a minha viagem e quando do meu regresso à Rússia. Cheguei a uma convicção...

— Qual?

— Nós os dois não somos mais inteligentes do que qualquer outra pessoa normal, mas há outras mais inteligentes do que nós...

— A sua observação é muito justa. Há pessoas mais inteligentes do que nós, por consequência podem raciocinar melhor e nós podemos enganar-nos, não é assim? Contudo, minha boa amiga, admitindo que eu me engane, fica-me a minha liberdade de consciência, que é um direito humano e eterno! Tenho o direito de não ser fanático e hipócrita se quiser, e por isso mesmo serei naturalmente odiado por muitos homens até à consumação dos séculos. Diz-se que se «encontram sempre mais escravos do que homens livres» e estou em absoluto de acordo.

— Como? Que disse?

— Disse: «Encontram-se sempre mais escravos do que homens livres» e estou em absoluto de acordo.

— Isso não é com certeza seu. Aprendeu ou ouviu essas palavras noutro lado.

— Foi Pascal quem o disse.

— Cá me queria parecer que isso não era seu! Por que não fala sempre assim? Por que, em lugar de se exprimir com espiritual precisão, emprega sempre palavras ocas? Era uma maneira de dizer mais interessante, que todas as suas palavras de há pouco sobre a embriaguez administrativa...

— Suponho que sei bem porquê. Em primeiro lugar porque não sou Pascal, e depois... em segundo lugar, nós, os russos, não sabemos dizer nada na nossa língua... Pelo menos até agora nada se disse ainda...

— Isso não é talvez verdade! No entanto, devia tomar nota de tais palavras e retê-las, para delas se servir na primeira oportunidade de uma conversação. Ah! Stepan, estou a falar-lhe seriamente!

— Por quem é, querida amiga.

— Agora que todos esses Lembke, todos esses Karmazinov... Oh, meu Deus, como anda mal arranjado!... Como me causa pena. Desejara que essas pessoas sentissem estima por si, pois não valem o seu dedo mínimo... e como se comporta? Que verão eles? Que lhes mostrarei eu? Em lugar de ser, pela correção da sua atitude, uma lição viva, um exemplo, rodeou-se de meia dúzia de frívolos, contraiu hábitos detestáveis, embruteceu-se, as cartas e o vinho tornaram-se indispensáveis à sua

existência, lê apenas Paulo de Kock e não escreve nada, entretanto que eles todos escrevem. Desperdiça todo o seu tempo em palavreado. Supõe que lhe é permitido ligar-se com a canalha, como o seu inseparável Lipoutine?

— Por que lhe chamou o *meu inseparável?* — perguntou timidamente Stepan.

— Onde está ele agora? — objetou, em tom seco, Bárbara.

— Ele... ele respeita-a muitíssimo e foi a S... receber a herança de sua mãe.

— Não precisa, segundo parece, tocar nesse dinheiro. E Chatov? Sempre o mesmo?

— Irascível, mas bom.

— Não posso suportar esse seu amigo Chatov; é maldoso e tem-se na conta de uma pessoa muito importante. Julga-se alguém.

— Como tem passado Daria Pavlovna?

— É da Dacha que fala? Que ideia foi essa? — interrogou Bárbara, fixando nele um olhar curioso. — Vai bem e deixei-a em casa dos Drozdov... Na Suíça ouvi falar do seu filho e não diziam nada bem dele.

— Oh, é uma história muito estúpida! Espero, minha boa amiga, poder contar-lha...

— Por agora, Stepan, deixe-me em paz, pois não posso mais. Temos tempo de conversar sobre todas essas coisas. Começa a juntar saliva aos cantos da boca quando se ri e isso é uma prova de senilidade! E que riso estranho tem agora! Meu Deus, quantos hábitos maus tem adquirido! Vá embora, pois estou a cair de cansaço! Tenha piedade de mim!

Stepan teve piedade dela, mas retirou-se desgostoso,

Capítulo 5

Nos últimos dias de agosto, chegaram enfim as senhoras Drozdov. A sua chegada, que precedeu um pouco a da nova governadora, provocou, de uma maneira geral, sensação na cidade. Falarei disso mais tarde: limitar-me-ei a dizer, por agora, que Prascovie, esperada com tanta impaciência por Bárbara, lhe trouxe uma novidade das mais singulares: Stavroguine separara-se delas desde julho; em seguida, tendo encontrado o conde K... nas margens do Reno, partira para S. Petersburgo com ele e a família. — Notar que o conde tinha três filhas para casar.

— Nada pude saber por intermédio da Lisa, muito altiva e muito teimosa para responder às minhas perguntas — acrescentou Prascovie — porém vi nos seus olhos ter havido alguma coisa entre ela e Stavroguine. Não conheço as causas da desavença; pode, minha pobre Bárbara, segundo creio, perguntá-lo a Dacha. Em minha opinião, ela não é estranha ao caso. Estou deveras satisfeita por lha entregar, pois é um cuidado a menos sobre os meus ombros.

Estas palavras venenosas pronunciou-as num tom cheio de amargura. Bárbara concluiu que «a mulher debilitada» as pensara com antecedência e que esperava delas um grande efeito. No entanto, com ela, as alusões veladas e as reticências enigmáticas nunca atingiram o seu fim. Convidou, sem cerimónia, a sua interlocutora a pôr os pontos nos ii. Prascovie mudou logo de assunto e às palavras amargas, sucederam as lágrimas e as efusões amistosas. Como Stepan, esta senhora irascível, mas sentimental, tinha sempre necessidade de uma amizade sincera e o que em especial reprovava na filha era não ser para ela uma amiga.

De todas as suas explicações e expansões resultou com nitidez apenas um ponto: Lisa e Stavroguine estavam zangados. Por outro lado, Prascovie não sabia absolutamente nada sobre a causa que motivara essa zanga. Quanto às acusações feitas a Dacha, não só não as manteve, como ainda pediu com insistência a Bárbara para não dar nenhuma importância às suas palavras de há pouco, porque tinham sido pronunciadas «num momento de exaltação». Em breve, toda essa questão tomou um aspeto muito obscuro e

mesmo ambíguo. No dizer de Prascovie, a rutura devia ter resultado do espírito teimoso e escarninho de Lisa. Stavroguine, sendo por sua vez muito amoroso, sentiu-se ferido no seu amor-próprio pelos gracejos da moça e ripostou-lhe no mesmo tom.

— Tempos depois — acrescentou Prascovie — travámos relações com um homem ainda novo, que deve ser o sobrinho do seu «professor», ou pelo menos tem o mesmo nome...

— É filho e não sobrinho — retificou Bárbara.

Prascovie não pôde nunca fixar o nome de Stepan e, ao falar dele, chamava-lhe sempre «o professor».

— Sim, seja seu filho; para mim, é-me indiferente. É um homem novo, muito afável e sagaz, e isso é que importa. Neste ponto, a Lisa comportou-se mal: desfez-se em amabilidades para com ele a fim de despertar ciúmes em Stavroguine. Não a repreendi por ter recorrido a um processo que as moças têm o costume de empregar e que é por vezes de efeitos seguros. Todavia, longe de se tornar ciumento, Stavroguine tornou-se amigo do seu rival, parecendo ter dito que não notara nada, ou que tudo isso lhe era indiferente. Lisa ficou irritada. Esse amigo, porém, deixou-nos bruscamente, como se uma questão urgente o tivesse obrigado a partir sem demora. Aproveitando a primeira ocasião que se lhe apresentou, Lisa procurou discutir com Stavroguine. Notou que conversava algumas vezes com Dacha e isso irritava-a. Se fosse comigo, não podia viver assim! Os médicos proibiram-me as emoções violentas, e esse lago tão celebrado acabou por me exasperar: a princípio, tive apenas dores de dentes e ligeiro reumatismo. Li, impresso em algures, que o lago de Genebra faz mal aos dentes; é uma propriedade que temi Entretanto Stavroguine recebeu uma carta da condessa e nesse mesmo dia aconselhou-se connosco. Minha filha e ele separaram-se como amigos. Ao acompanhá-lo à estação, Lisa mostrou-se bem-disposta, despreocupada e riu até muito. Notava-se, porém, que fazia tudo aquilo um tanto contrafeita. Mal ele partiu, tornou-se mais sociável, mas não pronunciou uma única palavra a seu respeito, Aconselho-lhe mesmo, por agora, querida Bárbara, que não a interrogue sobre esse assunto, pois só iria com isso prejudicar a questão. Se se calar e aguardar que ela fale primeiro, terá nisso a maior vantagem. Em meu entender, farão de novo as pazes, se Stavroguine se não demorar muito, como prometeu.

— Vou escrever-lhe já. Se as coisas se passaram assim, são arrufos sem importância! E agora, com respeito a Dacha, conheço-a muito bem; isso nada significa.

— Fui injusta, confesso-o, falando-lhe de Dacha como o fiz. Teve com Stavroguine apenas umas conversas banais e em voz alta. Tudo isso porém me enervou tanto! No entanto, a Lisa não deixou de lhe dispensar sempre as suas melhores atenções...

Bárbara escreveu nesse mesmo dia a Stavroguine e suplicou-lhe que regressasse depressa, dentro de um mês, o máximo. Entretanto esta questão continuava a intrigá-la. Passou toda a tarde e toda a noite a refletir. A opinião de Prascovie parecia-lhe pecar por excesso de ingenuidade e de sentimentalismo. «Prascovie sempre teve espírito romântico!» — dizia ela. «No colégio já era assim... Stavroguine não era homem para bater em retirada ante os gracejos de uma moça. A questão, se na verdade há questão, deve ter outra causa. O oficial está agora aqui, anda sempre com ela e instalou-se na sua casa, tal como um parente! No que dizia respeito a Dacha, Prascovie retraiu-se muito depressa: com certeza guardou, por cortesia, alguma coisa que não quis dizer...»

Na manhã seguinte, Bárbara tinha planeado um projeto destinado a pôr termo, pelo menos, a uma das questões que a preocuparam. Esse projeto era interessante, sobretudo pelo imprevisto. Quando o elaborou, que teria ela sentido no coração? Seria difícil de dizer, e, por mim, abstenho-me de analisar as contradições numerosas de que pecava. Na minha qualidade de cronista limito-me a contar os factos tal como eles se passaram e não é minha a culpa se parecerem inverosímeis. Devo portanto declarar que, pela manhã, não lhe restou nenhuma suspeita com respeito a Dacha: na verdade, não tinha nunca concebido isso, pois a sua protegida merecia-lhe toda a confiança. Não podia mesmo admitir a ideia de que o filho tivesse tido qualquer amor por Dacha. Quando as duas se sentaram à mesa para tomarem o chá, Bárbara fitou a moça com olhar atento e prolongado, após o que, talvez pela vigésima vez depois da sua chegada, repetiu com firmeza:

— É um absurdo!

A viúva notou apenas que Dacha tinha o aspeto de fatigada e que estava ainda mais tranquila e mais apática do que de costume. Depois do chá, segundo um invariável hábito, as duas senhoras ocuparam-se de uns trabalhos de mão. Bárbara exigiu um relato detalhado das impressões que

Dacha colhera da viagem ao estrangeiro; interrogou-a sobre as paisagens, as cidades, as populações, os costumes, as artes, as indústrias, etc., deixando absolutamente de lado os Drozdov e a existência que Dacha levara em casa deles. Sentada perto da sua benfeitora, diante da mesa de trabalho, a moça falou durante uma meia hora, numa voz natural, monótona e só um pouco fraca.

— Dacha — interrompeu de repente Bárbara — não tens nada de particular a comunicar-me?

Dacha refletiu durante um segundo.

— Nada — respondeu ela, levantando os olhos límpidos para Bárbara.

— Não tens nada no coração, na consciência?

— Nada.

Esta palavra foi pronunciada num tom baixo, com uma espécie de firmeza um tanto titubeante.

— Sim, tenho a certeza! Sabes que nunca duvidei de ti. Ora escuta-me com atenção. Pega nessa cadeira e senta-te na minha frente, pois quero ver-te de cima a baixo... Aí, está bem... Ouve: queres-te casar?

Um longo olhar interrogador, cheio de espanto, foi a única resposta de Dacha.

— Espera, ouve. Por agora, há uma diferença de idade, uma diferença muito grande, mas melhor do que ninguém sabes quanto isso não tem importância. És razoável e não deve haver culpas na tua vida. Por agora é ainda um bonito homem. Numa palavra, é Stepan, que sempre te tem estimado. Está bem?

Desta vez a fisionomia de Dacha exprimiu mais do que surpresa e uma viva vermelhidão lhe coloriu o rosto.

— Espera, ouve, não tenhas pressa! Sem dúvida, não te esquecerei no meu testamento; porém, quando morrer, que farás tu só com o dinheiro? Enganar-te-ão, roubar-to-ão e ficarás sem nada. Casada com Stepan, serás a mulher de um homem conhecido. Agora repara no outro lado da questão: se eu morrer primeiro, mesmo deixando-lhe com que viver, que fará ele? É contigo que eu conto... Ouve, ainda não acabei: é doente, frívolo, teimoso, egoísta, tem uns hábitos pouco dignificadores, mas avalia-o tu própria, em primeiro lugar, pois há muito pior do que ele. Imaginavas que queria dar-te a um velhaco? Tu o apreciarás e reconhecerás a razão deste meu desejo — disse ela, tomada de uma irritação súbita. — Ouviste? Por que teimas em não me responder?

Dacha continuava calada, limitando-se a ouvir.

— Espera ainda, não disse tudo. É certo ser um homem afeminado, porém é ainda melhor para ti. Para dizer a verdade, é além de afeminado um doente. Isto seria uma razão para não o amares, mas ele merece ser amado porque tem necessidade de proteção. Ama-o por este motivo. Compreendes-me? Compreendes?

Dacha fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Assim o creio, pois não espero outra coisa de ti. Amar-te-á porque deve... deve... deve mesmo adorar-te! — vociferou ela com especial veemência. — Além disso, mesmo sem atender a qualquer outra consideração, apaixonar-se-á por ti, tenho a certeza. E depois eu própria vigiarei. Não te inquietes; estarei sempre junto de vós. Lastimar-te-á, caluniar-te-á, relatará ao primeiro amigo que encontrar as tuas pretensões injustas quanto a ele, lamentar-se-á continuamente; apesar de viver junto de ti, escrever-te-á cartas, algumas vezes duas no mesmo dia, todavia não poderá passar sem ti e isso é o essencial. Faz-te obedecer; se não souberes impor a tua vontade, serás uma imbecil. Ameaçar-te-á de prisão, mas não faças caso; na sua boca tais ameaças não significam coisa alguma. Se as tomares a sério, não deixes contudo de estar atenta. Num dado momento poderá de facto prender-te: de iguais pessoas saem os suicidas, não porque sejam fortes, mas sim devido à sua fraqueza. Do mesmo modo não o incites sempre até final; é a primeira regra para a boa harmonia de uma família. Lembra-te, por outro lado, que Stepan é um poeta... Escuta, Dacha! Não há ventura que o leve ao sacrifício de si mesmo. Porém dar-me-ás grande prazer e isso é o mais importante. Não tomes estas palavras por uma lisonja que eu deixasse escapar por descuido; compreendo o que digo. Sou egoísta, sei-o bem. Não te forço, tudo depende de ti e far-se-á como decidires. Disse tudo, agora fala!

— É-me indiferente. Se é em absoluto necessário que eu me case… — respondeu Dacha num tom firme.

— Em absoluto? A que te referes? — perguntou a viúva, lançando-lhe um olhar severo.

A pequena ficou silenciosa.

— Se bem que sejas inteligente, acabas de dizer uma tolice. É verdade que tenho em absoluto vontade de te casar, mas não é por necessidade, é apenas porque esta ideia me pareceu boa e porque quero fazer-te desposar

por Stepan. Se não tivesse este partido em vista, não pensaria em casar-te tão depressa, ainda que tenhas já vinte anos. E agora?

— Farei, Bárbara, o que lhe parecer melhor.

— Então, consentes! Espera, ouve, onde vais?... Ainda não acabei. Contava deixar-te no meu testamento quinze mil *rublos*. Recebê-los-ás desde já… após a cerimónia nupcial. Lá para diante dar-lhe-ás oito mil; quer dizer, não a ele, mas a mim. Tem uma dívida de oito mil *rublos;* pagar-lha-ei, mas é preciso que saiba que é com o teu dinheiro. Ficarão sete mil, dos quais não lhe darás nem um. Não pagues nunca as suas dívidas. Se o fizeres uma vez, voltará a contraí-las. Eu olharei por isso. Dar-vos-ei anualmente mil e duzentos *rublos* e, em caso de necessidades extraordinárias, mil e quinhentos, independentemente da habitação e da mesa, que ficarão a meu cargo; tratarei desse assunto, como trato agora. Pagareis apenas o serviço de limpeza da casa. Gastareis o menos possível da pensão anual que vos estabeleço. É a ti, entre as tuas mãos, que coloco o dinheiro. No entanto, sê boa: dá-lhe alguma coisa de tempos a tempos e permite-lhe receber os seus amigos uma vez por semana; se vierem muitas vezes, fecha-lhes a porta. Encarregar-me-ei de vigiar. Se eu morrer, a pensão continuará a ser-vos entregue até ao seu falecimento, compreendes, até ao *seu* falecimento, porque esta pensão não é a ti que a estabeleço, mas sim a ele. Quanto a ti, além dos sete mil *rublos* de que tenho falado sempre e que tu conservarás intactos, se não fores estúpida, deixar-te-ei ainda oito mil em testamento. Não receberás vantagens minhas, é preciso que o saibas. E agora, consentes? Que respondes, como última palavra?

— Já respondi, Bárbara.

— Não esqueço que és absolutamente livre e isto só se fará se tu quiseres.

— Permita-me apenas uma pergunta: Stepan disse-lhe já alguma coisa?

— Não, nada disse, nem sabe nada ainda, mas... brevemente falará.

Levantou-se rápida da cadeira e deitou sobre os ombros o seu xaile preto. Um ligeiro rubor subiu de novo às faces de Dacha, que seguia a viúva com olhar interrogador. Bárbara voltou-se para ela e, ao vê-la, disse-lhe com o rosto inflamado pela cólera:

— És uma tola! Uma tola e uma ingrata! Que se te meteu na cabeça? Supões, porventura, que quero colocar-te numa posição falsa? Virá ele próprio pedir a tua mão, de joelhos e cheio de contentamento. Nem de

outra forma poderia proceder! Deves saber que não te exporia a uma afronta. Ou supões que casaria contigo por oito mil *rublos* e que eu tinha pressa em te vender? Tola, tola, sois todas tolas e ingratas! Dá-me o meu guarda-chuva!

E correu apressada a casa de Stepan, sem se incomodar com a humidade dos passeios e das pontes de madeira.

Capítulo 6

É verdade que não se atreveria a expor Dacha a uma afronta; ao falar assim, supunha prestar-lhe um grande serviço. A indignação que dela se apoderou quando, colocando o xaile, surpreendeu, preso em si, o olhar inquieto e desconfiado da sua protegida, foi sincera e legítima. Dacha era, conforme dissera a viúva do general Drozdov, a favorita de Bárbara, a qual lhe dedicara grande afeição desde a sua meninice. E também desde aí se convencera que o caráter de Dacha não se parecia ao do irmão (Ivan Chatov), pois era meiga, sossegada, capaz de uma grande abnegação, cheia de gratidão, de modéstia, de bom senso e, sobretudo, reconhecida. Até então, Dacha parecia ter correspondido por completo à espectativa da sua benfeitora. «Não tem culpas nesta vida» — dissera Bárbara, quando a pequena completou doze anos, e como costumava prender-se apaixonadamente às suas ideias, resolveu dar a Dacha a educação que teria dado a uma sua filha. Confiou a pequena aos cuidados de uma professora inglesa, *miss* Kreegs. Teve-a em casa até a aluna atingir dezasseis anos, e depois, de súbito, dispensou-a dos seus serviços. Contratou professores do liceu e entre eles um francês; este último, como é natural, foi encarregado de ensinar a sua língua a Dacha, mas depressa se via também despedido, quase expulso. Contratou ainda, como professora de piano, uma senhora nobre, viúva e sem fortuna. Muitas vezes, o principal professor foi Stepan. Para dizer a verdade, ele é que primeiro se interessou por Dacha; esta pequena sossegada havia chamado a sua atenção, e começou a dar-lhe lições antes que Bárbara se preocupasse com ela. Volto a dizer que ele exercia sobre as crianças uma sedução extraordinária! Ao mesmo tempo que Dacha, Lisa estudara, dos oito aos doze anos, também debaixo da sua direção (bem entendido, ensinou-a gratuitamente; por nada deste mundo aceitaria dinheiro ao Drozdov). Deixara-se cativar pelo encanto da criança e recitava-lhe todos os poemas conhecidos sobre a origem do universo, a formação da Terra e a história da humanidade. As lições respeitantes aos primeiros povos e ao homem primitivo eram mais interessantes do que os contos árabes. Lisa admirava-se das recitações do professor e, em família,

imitava-o da maneira mais cómica. Stepan soube-o; espreitou-a e, um dia, surpreendeu-a em flagrante delito. Lisa, muito envergonhada, lançou-se-lhe nos braços, chorando; ele chorou também, mas de ternura. Tempos depois, Lisa saiu da cidade e Dacha ficou só. Quando esta teve, por lecionadores, professores do liceu, Stepan deu por terminadas as suas lições e mesmo, pouco a pouco, foram cessando os seus cuidados com a pequena. Algum tempo mais tarde, um dia em que jantou em casa de Bárbara, o aspeto agradável da sua antiga aluna despertou-lhe a atenção. Dacha tinha então dezassete anos. Iniciou conversa com ela e, ficando satisfeito com as suas inteligentes respostas, acabou por lhe propor umas lições sobre história da literatura russa. Bárbara agradeceu a ideia, que achou muito interessante. A pequena ficou encantada. A primeira lição teve lugar na presença da viúva. Tinha sido preparada com o maior cuidado e o professor fez por interessar vivamente as duas. Porém, quando terminou e disse o tema que ia tratar na lição seguinte, Bárbara levantou-se bruscamente e declarou que não havia mais lições. O rosto de Stepan pareceu dilatar-se, como acontecia muitas vezes, mas nada respondeu. Dacha corou. E assim teve fim o curso de história da literatura russa. Foi isto que, três anos depois, trouxe ao espírito de Bárbara a estranha fantasia matrimonial que acabo de relatar.

O pobre Stepan estava sozinho no quarto, mal imaginando o que se iria passar. Tomado de melancolia, suspirava, olhando de tempos a tempos para a janela, na esperança de ver chegar algum dos seus conhecidos. Porém não avistava nenhum. Fora chuviscava e o frio começava a fazer-se sentir; daí o ter mandado acender a estufa. Entretanto um acontecimento, que mais pareceu uma visão terrível, fê-lo estremecer: «por um tempo destes e a uma hora, tão fora de uso, Bárbara vem-me visitar! E a pé!...» No seu espanto esqueceu-se de mudar de fato. Deixou-se ficar com a camisola cor-de-rosa, de pasta de algodão, que trazia habitualmente.

— Minha boa amiga! — exclamou ele, numa voz fraca, ao ver entrar a viúva.

— Está só? Tanto melhor, pois não posso suportar os seus amigos! Para que fuma tanto? Que atmosfera esta! Ainda não acabou de tomar o chá e já passa do meio-dia! Encontra felicidade nesta desordem? Sente-se satisfeito por viver na imundície? De que são estes bocados de papel que cobrem o tapete? Nastásia! Nastásia! Onde está a Nastásia? Abre essas janelas, postigos e portas. É preciso arejar isto... Passemos para a sala.

Vim aqui para tratar de uma questão... Dá ao menos uma vassourada na tua vida, moça!

— Ele suja logo tudo! — resmungou a criada.

— Mas tu varre, varre nem que sejam quinze vezes ao dia! A sua sala é horrível — acrescentou Bárbara logo que entrou. — Feche bem a porta, para que ela não, se ponha a espreitar e não ouça a nossa conversa. É absolutamente preciso que mude este papel. Mandei-lhe cá um estofador com amostras; por que não escolheu? Sente-se e ouça! Sente-se aqui, peço-lhe. Onde vai? Onde vai?

— Venho já, não me demoro! — gritou do quarto vizinho Stepan.

Passado um instante entrou, dizendo:

— Eis-me de volta!

— Ah, foi-se arranjar! — disse ela, examinando-o com olhar trocista. Vestira um roupão por cima da camisola. — Com efeito, está assim melhor... principalmente dado o fim da nossa conversa. Sente-se, peço-lhe.

Expôs-lhe as suas intenções sem cerimónia, sem hesitações, num à vontade próprio de uma mulher que está certa de ser obedecida. Fez alusão aos oito mil *rublos* de que ele tinha necessidade urgente e entrou depois em explicações detalhadas a respeito do dote. Tremendo todo, abrindo muito os olhos, Stepan ouvia tudo, mas sem fazer uma ideia nítida do que lhe estavam a dizer. Cada vez que tentava falar, a voz faltava-lhe. Sabia apenas que a vontade de Bárbara tinha de se cumprir, nada lhe valendo o replicar, o recusar o seu consentimento; era um homem casado a partir daquele momento.

— Mas, minha boa amiga, pela terceira vez, na minha idade... e com uma criança! — conseguiu enfim objetar. — É uma criança!

— Uma criança que tem vinte anos, graças a Deus! Não volte assim as pupilas, peço-lhe, pois não é nenhum ator de melodramas. É muito inteligente e muito instruído, mas não compreende nada da vida. Tem necessidade de alguém que continuamente se ocupe de si. Se eu morrer, que fará? Será uma excelente companheira; é uma moça modesta, sensata, de um firme caráter. E mesmo por agora, eu própria estarei junto de si e não conto morrer tão cedo. É uma mulher de casa, um anjo de ternura. Foi ainda na Suíça que esta feliz ideia me ocorreu. Compreende? Sou eu a própria a dizer-lhe que é um anjo de ternura! — gritou a viúva, num brusco movimento de cólera. — Vive na imundície e ela fará surgir o asseio nesta casa, tudo andará em ordem e poderá ver-se nos seus móveis...

E afigura-se-lhe talvez que oferecendo-lhe um tal tesouro, devo ainda suplicar-lhe de mãos juntas para o aceitar? O senhor é que deve cair de joelhos junto de mim! Oh, criatura fútil e pusilânime!

— Mas... sou já um velho.

— Tem cinquenta e três anos, eis tudo! Cinquenta anos não é o fim, mas o meio da vida. É um bonito homem, o senhor próprio o sabe. Sabe também quanto ela o estima. Quando eu morrer, quem olhará por ela? Consigo, ela ficará protegida e será igualmente um descanso para mim. Tem uma posição social, um nome, um coração ardente; terão uma pensão que eu tomo como um dever dar-lhes... Será talvez o salvador dessa moça! Mas, em qualquer caso, impô-la-á à consideração de todos. Formá-la-á para a vida, orientar-lhe-á o coração e dirigir-lhe-á os pensamentos. Quantos se perdem hoje devido a má orientação intelectual! Acabará nessa altura a sua obra e de uma dupla forma chamará a atenção do público.

— Justamente estou disposto a escrever as minhas *Narrativas da História de Espanha* — murmurou Stepan, sensível à sábia lisonja de Bárbara.

— Então como vê, calha tudo às mil maravilhas.

— Mas... ela já lhe falou?

— Não se preocupe com ela; nada tem que inquirir a tal respeito. Deve sem hesitar ir em pessoa pedir a sua mão, suplicar-lhe que lhe conceda essa honra, compreende? Porém fique tranquilo que estarei presente nessa altura. Por agora, tente amá-la...

Uma vertigem começou a acometer Stepan. As paredes pareciam andar à sua volta. Não podia subtrair-se à obsessão de uma ideia terrível.

— Excelente amiga — disse ele de repente, em voz trémula — não... não imaginei nunca que se decidisse a casar-me... com outra... mulher.

— Não é uma donzela, Stepan; para essas, procuram-se casamentos, para si... terá que o procurar... — replicou, num tom sarcástico, Bárbara.

— Sim, interpretei mal as suas palavras... Mas... é-me indiferente — disse ele, olhando-a com ar de espanto.

— Estou vendo — retorquiu ela com desdém. — Stepan! Então desmaia! Nastásia, Nastásia! Água!

Porém a água não foi necessária. Não tardou a voltar a si. Bárbara pegou no guarda-chuva.

— Vejo que não é possível conversar consigo agora...

— Sim, sim, não estou capaz...

— Refletirá até amanhã. Fique em casa e, se acontecer alguma coisa, mande-mo dizer até à noite. Não me escreva, pois não lerei as cartas. Amanhã a esta hora virei aqui, sozinha, procurar a sua resposta definitiva e espero que seja satisfatória. Faça com que não esteja aqui ninguém e que a casa esteja limpa. Isto assim nem sei o que parece! Nastásia! Nastásia!

No dia seguinte, como é natural, consentiu. Nesta altura não podia fazer de outra forma. Havia uma circunstância particular...

Capítulo 7

O que se chamava a casa ou o domínio de Stepan (um domínio de cinquenta *âmes,* contíguo ao de Skvorechniki) não era dele, pois pertencera à sua primeira mulher, e como tal era agora propriedade do seu filho, Pedro Stepanovitch Verkhovensky. Stepan era apenas administrador, primeiro como tutor de seu filho e depois como procurador, quando ele atingiu a maioridade. O acordo estabelecido na altura em que lhe passou procuração para gerir os seus bens fora muito vantajoso para o filho: todos os anos receberia do pai mil *rublos* como rendimento do domínio que, a quando da abolição da servidão, a custo rendia quinhentos. Deus sabe como tinham sido estabelecidas estas e idênticas convenções! De resto, os mil *rublos* era Bárbara quem lhos enviava, sem que Stepan desse um *kopek.* Ainda mais, não contente de guardar todo o rendimento do domínio, acabara por devastá-lo, arrendando-o a um industrial e vendendo a diversas pessoas, sem que Bárbara soubesse, o direito de cortarem árvores para madeiras, o que constituía o principal valor do domínio. Retirava assim quatro mil *rublos* da floresta, mas que correspondiam pelo menos a oito mil. Era, por vezes, obrigado a arranjar dinheiro de qualquer maneira, quando a sorte lhe corria adversa no grémio e não se atrevia a recorrer à bolsa da viúva. Esta ficou desesperada quando teve conhecimento de tudo. Na altura em que vamos na narração dos acontecimentos, Pedro fez-lhe saber que chegaria breve para vender as suas propriedades e encarregou-o de se ocupar sem demora dos preparativos para essa venda. Como se deve calcular, só então o altivo e desinteressado Stepan refletiu sobre a forma como procedera para com «o querido filho» (o seu último encontro fora há nove anos; viram-se em S. Petersburgo, na ocasião em que o filho acabava de entrar para a Universidade) e sentiu remorsos das suas torpezas. Primitivamente o domínio poderia valer treze ou catorze mil *rublos*. Porém agora considerar-se-ia feliz se encontrasse comprador por cinco mil. Sem dúvida Stepan, munido como estava de uma procuração em devida forma, tinha em absoluto o direito de vender a madeira; por outro lado, podia alegar em

seu favor que era insustentável o rendimento de mil *rublos* que há anos lhe enviava. Porém, Stepan era um homem dotado de sentimentos nobres e generosos. Na sua cabeça germinou uma ideia: quando o Pedro chegasse, dar-lhe-ia, colocando-o sobre a mesa, o valor máximo do domínio, isto é, quinze mil *rublos,* sem fazer a menor alusão às quantias enviadas até àquela data, e depois, com as lágrimas nos olhos, apertaria fortemente o seu «querido filho» e terminariam assim as suas contas. Com muita precaução, desenrolaria este quadro diante de Bárbara; dar-lhe-ia entender que isto daria mesmo um tom particular de nobreza à sua amigável ligação... à sua «ideia». Este gesto demonstraria quanto a antiga geração sobrelevava em grandeza de alma e em desinteresse a mesquinha geração contemporânea. Ao falar a Bárbara, invocou ainda outras considerações. Escutou-o em silêncio; por fim declarou-lhe, num tom seco, que compraria ela o domínio e o pagaria pelo preço mais elevado, isto é, seis ou sete mil *rublos* (quando ele só valia cinco), mas nada disse a respeito dos oito mil necessários para indemnizar Pedro das madeiras vendidas.

Esta conversa, que teve lugar um mês antes da do casamento, deixou Stepan muito inquieto. Até há pouco, tinha-se a certeza de que o seu filho não apareceria nunca mais na nossa terra. Exprimindo-me assim, coloco-me debaixo do ponto de vista de um estranho, porque, como pai, Stepan teria repelido com indignação a ideia de uma tal separação. No entanto, qualquer que ela fosse, uns boatos estranhos se haviam espalhado anteriormente entre nós com respeito a Pedro. Terminara os seus estudos há seis anos e ao sair da Universidade entregara-se a uma vida desordenada, no ambiente de S. Petersburgo. Um dia, soubemos que tomara parte na redação de um panfleto sedicioso, pelo que deixaria a Rússia e se refugiara na Suíça, em Genebra; supusemos que fosse uma fuga.

— Isso admira-me — dissera-nos então Stepan, muito contrariado com essa novidade. — Pedro é uma cabeça sem juízo; é bondoso, nobre, sensível, e até agora enchia-me de orgulho ao compará-lo com a juventude moderna de S. Petersburgo. Procedendo, porém assim, torna-se um «pobre diabo»... E sabem, isto provém do defeito da rápida maturidade e do sentimentalismo! O que os fascina não é o realismo, mas o lado idealista, místico, por assim dizer, do socialismo... E para mim, a questão está em que tenho aqui muitos inimigos e na *capital* muitos mais, e atribuem tudo

isto à minha influência... Meu Deus! Pedro um agitador! Em que tempos nós vivemos!

Pedro não tardou em enviar da Suíça a sua direção a fim de continuar a receber os rendimentos. Passou a ser considerado como um refugiado. Após uma estadia de quatro anos no estrangeiro, ia voltar à terra pátria pois, como dissemos, anunciara já a sua próxima chegada, dizendo-se que não tivera culpa nenhuma na questão. Ainda mais, parecia mesmo que alguém se interessava por ele e o protegia. A sua carta viera do sul da Rússia, onde se encontrava no desempenho de uma missão que, apesar de não ter nada de oficial, não deixava de ser importante. Tudo isto estava muito bem, mas onde ir arranjar os sete ou oito mil *rublos* para perfazer o preço máximo do domínio? Se surgissem desavenças, se em lugar de um tocante quadro de família tivesse de responder a um processo? Alguma coisa dizia a Stepan que o sensível Pedro defenderia tenazmente os seus interesses. «Tenho notado» — observou-me ele um dia — «que todos os socialistas fanáticos, todos os comunistas arreigados são, ao mesmo tempo, os indivíduos mais avaros e os proprietários mais tenazes em enceleirar; talvez mesmo se possa afirmar que, quanto mais um homem é socialista, mais deseja possuir. De onde vem isto? Será ainda uma consequência do sentimentalismo?» Ignoro se estas observações são justas. Tudo quanto posso dizer é que Pedro tivera qualquer informação sobre a venda das madeiras e outras coisas, e que Stepan o sabia. Chegou a ler-me as cartas que o filho lhe escrevera; escrevia raras vezes, uma vez por ano, se tanto. Ultimamente, todavia, tendo de anunciar a sua próxima chegada, enviou duas cartas, quase uma quando à outra. Curtas e secas, ambas se referiam somente às questões em curso. Tratava o pai por tu, visto em S. Petersburgo haverem adotado esse tratamento, tanto em moda nas outras grandes cidades. A correspondência de Pedro lembrava, salvo erro, as instruções que os proprietários do tempo passado dirigiam, da capital, aos servos encarregados de lhe administrarem os bens. Com respeito à soma indispensável para salvar a situação, Bárbara oferecia a com a mão de Dacha, e dando claramente a perceber que não obteria nunca uma, se não aceitasse a outra. Com certeza, Stepan sujeitava-se.

Mal a viúva o deixou, mandou-me chamar, ao passo que a todos os outros não os recebeu durante todo o dia. Como se pode calcular, chorou bastante, disse muitas coisas agradáveis, divagou razoavelmente, fez por acaso um trocadilho e ficou maravilhado em ter apenas um leve e rápido

ataque de nervos; quanto ao restante, decorreu na forma do costume. Tirou da parede o retrato da sua alemã, falecida há vinte anos, e interpelou-a em tom plangente: «Perdoas-me?» Em geral, pouco parava na mesma posição. Para afogar o desgosto começou a beber comigo, mas não tardou a adormecer num sono sossegado. Na manhã seguinte, vestiu-se com cuidado, pôs artisticamente a gravata branca e viu-se repetidas vezes ao espelho. Perfumou mesmo o lenço, mas apressou-se a escondê-lo debaixo de uma almofada, indo buscar outro, logo que pela janela avistou Bárbara.

— Muito bem! — disse ela, ao saber que ele consentia. — Para já, tomou uma digna resolução e mais tarde ouvirá a voz da razão, a que tão poucas vezes atende nas suas questões particulares. E mesmo nada de pressas — acrescentou ela, depois de reparar no soberbo nó da gravata. — Por agora guarde segredo, que eu guardá-lo-ei também. No dia do aniversário do seu nascimento, virei com ela visitá-lo. Dará uma reunião, mas, peço-lhe, nada de licores, nem de vitualhas, nem de chá. De resto, organizarei tudo. Convidará os seus amigos: faremos juntos uma escolha entre eles. Na véspera falará com ela, se necessário for. A sua reunião não será precisamente uma festa de esponsais, pois limitar-nos-emos a anunciar o casamento sem nenhuma solenidade. E celebrar-se-á quinze dias depois com o menor aparato possível. Poderão mesmo, em seguida à cerimónia, partir em viagem de núpcias, ir a Moscovo, por exemplo. Talvez os acompanhe... Porém, o essencial é que, daqui até lá, guarde o máximo segredo sobre tudo isto.

Estas palavras espantaram Stepan. Balbuciou não ser possível fazer-se assim, pois precisava, como era natural, conversar com a sua futura esposa. Bárbara replicou-lhe, irritada:

— Porquê? Pode ser até que o casamento se não realize.

— Pode ser até que não se realize?! — murmurou o futuro esposo, por completo aturdido.

— Sim, é preciso ainda que eu deixe... Mas não se inquiete, pois tudo se realizará como lhe disse e eu me encarregarei de preparar as coisas. A sua intervenção é por completo inútil. Tudo quanto for necessário, far-se-á; não tem nenhuma precisão de se meter nisto. Não é bom assim? Qual será então o seu papel? Não vá lá a casa, nem nada de escrever. E nem uma palavra a ninguém, peço-lhe. Eu calar-me-ei também.

Recusou terminantemente explicar-se e retirou-se presa de uma agitação bem visível. Ficara magoada, pareceu-me, pela excessiva

solicitude de Stepan. Ai, estava longe de compreender a sua situação e não tinha ainda examinado a questão por todos os lados. Começou então a divagar:

— Isto agrada-me! — exclamou ele, parando diante de mim e agarrando-me pelos braços. — Estás a perceber! Fará tudo tão bem, que no fim não aceito! Posso perder a paciência e... não aceitar! «Fique em casa, pois não tem necessidade de vir!» Mas por que razão, no fim de contas, precisa ela que eu me case? Por que lhe teria passado pela cabeça uma fantasia tão ridícula? Sou um homem sério e posso recusar submeter-me aos caprichos exagerados de uma tal estouvada! Tenho os meus deveres para com meu filho e... para comigo! Faço um sacrifício… compreenderá ela isto? Se consinto, é talvez porque a vida me enoja e porque tudo me é indiferente. Pode tentar compelir-me até final e então poderá deixar de me ser indiferente; desgostar-me-ei e retirarei o meu consentimento. Depois, será o que Deus quiser... Que se dirá no grémio? Que dirá... Lipoutine? «Pode ser ainda que não se realize!» Que situação! Isto é o cúmulo! *Je suis un forçat, un Badinguet,* um homem preso a uma parede!

Através destas lamentações percebia-se uma espécie de fatuidade e enojamento. Para esquecer, começámos a beber.

Parte 3

Capítulo 1

Oito dias se passaram e a situação começou a esclarecer-se um pouco.

Notarei de passagem que, durante esta trágica semana, tive bastantes desgostos, pois na minha qualidade de confidente tive de estar, por assim dizer, sempre junto do meu pobre amigo. O que o fazia sofrer mais era a vergonha. Não teve todavia que corar diante de ninguém, atendendo a que, durante estes oito dias, o nosso convívio não foi perturbado por nenhuma visita. Apenas na minha presença se sentia um tanto envergonhado, mas ainda a tal ponto que, quanto mais se abria comigo, mais mal me queria por ser o seu confidente. Em seguida, pelo seu feitio desconfiado, figurava-se-lhe que toda a cidade sabia já de tudo; por isso não ousava aparecer no grémio, nem mesmo no círculo dos amigos. Fazia mais, esperava a noite para dar o passeio tão necessário à sua saúde.

Ao fim de oito dias, ignorava ainda se estava ou não noivo e todas as suas diligências para ser informado a tal respeito resultaram infrutíferas. Não vira a noiva, nem sabia mesmo se estava autorizado a dar-lhe esse nome; breve começou a interrogar-se se haveria alguma coisa de sério em tudo isto! Bárbara recusou terminantemente recebê-lo. A uma das suas primeiras cartas (escreveu-lhe grande número) respondeu pedindo-lhe que a dispensasse de lhe escrever e de o atender, pois estava muito ocupada. «Tenho» — acrescentava ela — «várias coisas, muito importantes, a comunicar-lhe, esperando por isso um momento mais próprio e disponível do que agora; em devido tempo o informarei de quando poderei ir a sua casa». Prometia devolver-lhe, de futuro, as suas cartas por abrir, acrescentando que fazia isso sem ser por «garotice». Eu próprio li esse bilhete, pois ele mostrou-mo.

Todas estas indelicadezas, todas estas incertezas não eram nada, comparadas com o principal cuidado que o atormentava. Essa inquietação torturava-o sem descanso, desmoralizava-o, fazia-o desesperar, era alguma coisa de que se sentia mais envergonhado do que de tudo o resto e de que não se atrevia a falar-me. Quando a ocasião o forçava, em lugar de contar, mentia e procurava iludir-me com falsas fugas, dignas de um pequeno

escolar; entretanto, mandava-me chamar todos os dias e não podia estar duas horas sem me ver, pois a minha pessoa era-lhe tão necessária como a água ou o ar.

Uma tal conduta feria um pouco o meu amor próprio. Deve-se dizer, a bem da verdade, que há muito adivinhava o seu segredo. Tinha a convicção de que a revelação desse segredo que tanto o atormentava, não o honrava muito. Além disso, apesar de novo como eu era, experimentava certa indignação ante a baixeza dos seus sentimentos e a vilania de certas suspeitas suas. Talvez o condenasse com bastante severidade, e mais ainda sob a influência do tédio que me causava o meu papel de confidente forçado. Tinha a crueza de querer arrancar-lhe uma confissão completa, admitindo que lhe fosse difícil de confessar certas coisas. Ele, por sua vez, também me compreendera; vira claramente que adivinhara o seu segredo e que estava também desgostoso como ele. Por outro lado, não podia perdoar-me, nem a minha perspicácia, nem o meu descontentamento. De facto, neste caso, a minha irritação era estúpida, mas a amizade, a mais forte, não resistiria a um convívio constante e indefinidamente prolongado com este homem. Nas várias questões, Stepan tinha uma noção exata da sua situação e mesmo precisava muito bem os pontos sobre os quais não supunha necessário guardar silêncio.

— Oh, como ela tem mudado com o tempo! — dizia-me algumas vezes, falando de Bárbara. — O que ela era noutros tempos, quando conversávamos juntos. Sabes que ela então ainda sabia conversar? Podes crer! Tinha ideias, ideias próprias. Agora não é a mesma e quase nem se reconhece! Diz que tudo isto é apenas palavreado! Desdenha o passado! Atualmente tornou-se uma espécie de empregado de banco, de administrador, uma criatura insensível. Zanga-se sempre...

— Por que se zangaria ela então, visto teres anuído ao seu desejo? — repliquei eu.

Olhou-me com ar interrogador.

— Caro amigo, se recusasse, ficaria furiosa, fu-ri-o-sa! Por outro lado, não ficaria tanto como está agora que eu consenti.

A frase pareceu-lhe lindamente torneada e bebemos nessa tarde uma pequena botija de vinho. Mas esta acalmia não durou muito; no dia seguinte, foi muito mais maçador e mais insuportável do que nunca.

Censurei lhe, sobretudo, o não se resolver a ir fazer uma visita às senhoras Drozdov, pois sabíamos que desejavam renovar os seus

conhecimentos com ele, visto, desde a sua chegada, terem mais de uma vez pedido noticias a seu respeito; ele, por sua vez, estava ansioso por as ver. Falava de Lisa com um entusiasmo, incompreensível para mim. Lembrava-se daquela criança que amara noutros tempos e, além disso, imaginava, não sei porquê, que perto dela encontraria logo um alívio para as suas dores e mesmo uma resposta às graves interrogações que a si próprio formulava. Lisa parecia-lhe de antemão até ter-se tornado uma criatura extraordinária. Por isso, não ia a casa dela, apesar de todos os dias formular esse projeto. Para dizer toda a verdade, eu próprio estava desejoso em lhe ser apresentado. Stepan podia muito bem ser o apresentante, na altura em que fosse visitá-las. Já a tinha visto mais de uma vez, a passear a cavalo, em companhia de um belo oficial que passava por seu primo (o sobrinho do falecido general Drozdov) e tinha-me produzido uma impressão singular. O meu espanto foi de curta duração; reconheci rápido quanto o meu sonho era irrealizável. Porém, antes que ele se dissipasse, justifica-se a cólera que muitas vezes experimentei, vendo o meu pobre amigo teimar na sua existência de eremita.

Desde o princípio, todos os nossos amigos foram devidamente informados de que as receções de Stepan ficavam por algum tempo suspensas. Apesar de tudo quanto fiz para o dissuadir, teimou em os notificar. A seu pedido, passei pelas casas dos nossos conhecidos e disse-lhes que Bárbara confiara um trabalho importante ao nosso «velho» (era assim que entre nós o tratávamos), que tinha de pôr em ordem uma correspondência abrangendo vários anos, que para isso se fechara em casa, que eu o ajudava na sua tarefa, etc., etc. Lipoutine foi o único a casa de quem não fui logo, adiando sempre essa visita e, para dizer tudo, receava fazê-la. «Não acreditará numa só palavra de quanto lhe contar» — dizia eu comigo mesmo. — «Não deixará de supor que há um segredo que queremos ocultar e em especial a ele. Logo que o deixe, percorrerá toda a cidade em procura de informações e espalhando comentários». Enquanto deixei passar uns dias fazendo estas reflexões, encontrei-o uma ocasião na rua. Os nossos amigos tinham-no já prevenido, pondo-o ao corrente de tudo. Mas, coisa estranha, longe de me interrogar e de mostrar alguma curiosidade a respeito de Stepan, interrompeu-me quando tentava desculpar-me por não ter ido a sua casa, abordando outro assunto. De facto, a minha conversa não era matéria que o interessasse, e ele tinha uma grande necessidade de desabafar. Estava encantado por ter encontrado em

mim um ouvinte. Começou por falar das novidades da cidade, da chegada da governadora, da oposição que se formava já no grémio, etc. Falou rápido durante um quarto de hora, mas de uma maneira tão encantadora que estive atento a ouvi-lo. Apesar de nunca ter simpatizado com ele, reconheço que tinha talento e que se gostava de o ouvir, sobretudo quando se discutia alguma coisa. Este homem, em meu entender, era um espião nato. Sabia sempre as últimas novidades e conhecia toda a crónica secreta da cidade, em especial as vilanias; chegava-se a pasmar pelo quanto tomava a peito as coisas que na maior parte das vezes não lhe diziam com respeito. Parecia sempre que o traço dominante do seu caráter era a inveja. Nessa mesma tarde, dei parte a Stepan do meu encontro e da conversa que tivemos. Com grande surpresa minha, pareceu-me deveras agitado e fez-me esta estranha pergunta: «Lipoutine sabe ou não?» Tentei demonstrar-lhe que em tão curto tempo não pude deduzir nada, aliás, quem o havia de ter posto ao facto da questão? Stepan não atendeu ao meu raciocínio.

— Acredita ou não — acabou por me dizer — estou persuadido que não só conhece a *nossa* situação em todos os seus detalhes, como sabe ainda alguma coisa que nem tu nem eu sabemos, alguma coisa que não saberemos nunca, ou quando o soubermos será já tarde e não haverá maneira de se poder voltar atrás...

Nada respondi, mas estas palavras deram-me que pensar. Durante os cinco dias seguintes não se falou mais entre nós da questão de Lipoutine. Reconheci muito bem que Stepan lastimava deveras o não ter podido ter mão na língua e ter manifestado tais suspeitas diante de mim.

Capítulo 2

Sete ou oito dias depois do consentimento dado por Stepan para o seu casamento, quando me dirigia, segundo o costume, perto das onze horas da manhã, para casa do pobre noivo, sucedeu-me uma aventura no caminho.

Encontrei Karmazinov, o «grande escritor», como lhe chamava Lipoutine. Os seus romances foram conhecidos da última geração e até da nossa; desde a infância que os leio e a princípio entusiasmaram-me. Foram a alegria da minha mocidade. Mais tarde, esfriei um pouco com as produções da sua pena. As obras tendenciosas da sua segunda maneira de ser impressionaram-me menos do que as primeiras, onde havia um tanto de poesia espontânea. As últimas causaram-me lástima.

Acreditar na sua celebridade nada tinha de extraordinário, se se colocasse num plano superior às suas relações com os homens de destaque e com a alta sociedade. Notava-se que nos fazia o acolhimento mais encantador, nos cumulava de amabilidades, nos seduzia com a sua bonomia, sobretudo se tinha necessidade de nós e se, bem entendido, antecipadamente lhe tivéssemos sido apresentados. Porém, à chegada do primeiro príncipe, da primeira condessa, do primeiro personagem de que tivesse medo, apressava-se a esquecer-nos, com um desdém o mais insultante possível. Desprezava-nos como se despreza uma lasca de madeira ou uma pobre mosca, e isto antes mesmo de termos saído de casa dele. Esta maneira de agir parecia-lhe o supremo bom tom. Apesar de um conhecimento perfeito do trato da vida, segundo se dizia, era tão loucamente vaidoso que não podia esconder o seu orgulho de escritor, mesmo nos meios sociais onde não se tratava nunca de literatura. Se alguém mostrava gostar pouco das suas obras, ficava muitíssimo contrariado e respirava apenas vingança.

Desde que se espalhara entre nós a notícia da próxima chegada de Karmazinov, concebi vivo desejo de o ver e, se fosse possível, travar com ele conhecimento. Sabia que podia ser-lhe apresentado por Stepan, pois fora seu amigo noutros tempos. E, de repente, encontro-o numa

encruzilhada. Reconheci-o logo. Três dias depois avistei-o, passeando de carro com a governadora.

Era baixo, com uns ares afetados e aspeto de velho, quando não tinha mais de cinquenta anos; espessos anéis de cabelos brancos saíam-lhe por debaixo do chapéu alto e enrolaram-se-lhe em volta das orelhas, pequenas e rosadas. O rosto bastante vermelho, não era bonito; tinha um nariz um pouco grosso, pequenos olhos vivos e espirituosos, lábios compridos e delgados, cujo vinco denotava astúcia. Sobre os ombros trazia negligentemente deitada uma capa, tal como nesta estação usava na Suíça ou na Itália setentrional. Todos os outros acessórios do seu vestuário, botões de punho, a luneta, os anéis, etc., eram de um gosto irrepreensível. Tenho a certeza de que no verão devia usar botas com canos de seda e botões de madrepérola. Quando nos encontrámos, estava ele parado à esquina de uma rua e procurava orientar-se. Percebendo que o olhava com curiosidade, dirigiu-se-me e perguntou-me, numa voz melíflua, mas um tanto aguda:

— Fazia o favor de me indicar qual o caminho mais curto para ir para a rua *des Boeufs*?

— Rua *des Boeufsl É* muito perto — exclamei eu, tomado por grande agitação. — Segue por esta rua e toma a segunda à esquerda.

— Muito obrigado.

Minuto maldito! Suponho que estava intimidado e que a minha fisionomia tinha uma expressão servil. Num golpe de vista notou este embaraço, como compreendeu também naqueles rápidos segundos que eu sabia quem ele era, tinha-o lido, admirava-o desde a infância e que neste momento, ao vê-lo, sentia-me perturbado. Sorriu, inclinou ainda uma vez a cabeça e encaminhou-se na direção por mim indicada. Ignoro ainda hoje a razão, mas, sem querer e em lugar de continuar o meu caminho, segui o a alguns passos de distância. De repente, parou de novo.

— Poderia informar-me onde fica aqui perto uma estação de carros? — gritou-me ele.

Torpe grito e torpe voz!

— Uma estação de carros? Há uma a dois passos daqui... perto da catedral. É sempre lá que os cocheiros estão — respondi eu.

Pouco faltou para não correr a buscar-lhe um. Presumo que esperava de mim esse gesto. Reconsiderei porém num instante e tal não fiz. No entanto o meu movimento não lhe escapou e o odioso sorriso de sempre

reapareceu-lhe nos lábios. Nesta altura produziu-se um incidente que não esquecerei mais.

Deixou cair um saco minúsculo que tinha na mão esquerda. A bem dizer não era, propriamente falando, um saco, mas uma pequena bolsa, ou antes, uma pequena carteira, ou melhor ainda, uma bolsinha no género daquelas que as senhoras usam muitas vezes. Enfim, não sei o que era; sei que tentei debruçar-me para a apanhar.

Consegui dominar-me e não a apanhei, mas o primeiro movimento feito por mim não deixou dúvidas, não houve mesmo meio de o esconder e por isso corei como um imbecil. O astuto personagem tirou também desta circunstância tudo quanto era possível tirar.

— Não se dê a esse trabalho, pois eu apanho-a — disse-me ele com ar de troça quando se convenceu que não lhe prestava tal serviço.

Apanhou-a com ar de quem quer agradecer a minha delicadeza e afastou-se, após ter mais uma vez baixado a cabeça. Fiquei tolo, tal como se de facto a tivesse apanhado. Durante cinco minutos afigurou-se-me que era um homem desonrado. Em seguida dei uma grande gargalhada. Este encontro pareceu-me tão divertido que resolvi contá-lo a Stepan para o distrair um pouco.

Capítulo 3

Nesta visita, constatei nele, não sem surpresa, uma mudança excecional. Logo que entrei, encaminhou-se para mim com especial solicitude e pôs-se a escutar o meu relato; apenas estava tão distraído que não compreendeu, com certeza, as primeiras palavras da minha narrativa. Porém, logo que pronunciei o nome de Karmazinov vi-o perder todo o sangue-frio.

— Não me fales, cala-te! — gritou ele, com uma espécie de raiva. — Olha! olha! lê! lê!

E tirando-os de uma gaveta, espalhou sobre a mesa três pequenos bocados de papel, nos quais Bárbara rabiscara à pressa algumas linhas a lápis. O primeiro era do penúltimo dia, o segundo tinha vindo no dia anterior e o terceiro havia apenas uma hora. Todos três muito simples, falavam de Karmazinov e denotavam que Bárbara tinha a pueril crença de que o grande escritor não se esqueceria de nos fazer uma visita.

Primeiro bilhete:

Se se dignar enfim ir vê-los hoje, peço-lhes para não lhe falarem em mim. Nem a mínima palavra. Por maneira nenhuma chamem a sua atenção sobre a minha pessoa.

B. S.

Segundo bilhete:

Se resolver, enfim, visitá-los esta manhã, agirão, suponho eu, mais dignamente recusando recebê-lo. E esta a minha opinião, mas decidirão como entenderem.

B. S.

Terceiro e último bilhete:

Convencida de que tem a sua casa deveras suja, com lixo por todos os cantos, e que o fumo do tabaco empesta o ar do seu quarto, mando-lhes a Maria e o Tomaz. Dentro de meia hora colocarão tudo em ordem. Não se mortifiquem; metam-se na cozinha enquanto eles fazem a limpeza. Mando-lhe um tapete de Boukharie e dois vasos chineses. Já há muito pensava oferecer-lhos. Junto vai também o meu Teniers (este, empresto-lho). Pode colocar os vasos numa janela; quanto ao Teniers pendure-o à direita, um pouco por cima do retrato de Goethe, pois dará mais na vista. Se lá for, receba-o com delicadeza subtil, encaminhe a conversa para coisas sem importância, faça como se se encontrasse com um amigo que tivesse deixado ontem. Nem uma palavra a meu respeito. Talvez passe por sua casa à tarde.

B. S.

P. S. — Se não for lá hoje, já lá não vai.

Depois de ter tomado conhecimento do conteúdo dos bilhetes, admirei-me do mal-estar que tamanhas ninharias causavam a Stepan. Observando-o um pouco às furtadelas, notei de repente que, durante a leitura dos bilhetes, substituíra a gravata branca do costume pela vermelha e colocara o chapéu e a bengala sobre a mesa. Estava pálido e as mãos tremiam-lhe.

— Não me interessam as suas preocupações! — gritou, encolerizado, em resposta ao meu olhar interrogador. — *Je m'en fiche!* Tem o arrojo de se preocupar com o Karmazinov e não responde às minhas cartas! Ainda ontem voltou a devolver a minha carta sem a abrir. Está aí, sobre a mesa, sobre esse livro, sobre o *Homme Qui Rit.* Que me importam os seus planos a respeito de Lisa! *Je m'en fiche* e proclamo a minha liberdade! Que vá para o diabo o Karmazinov e para o diabo também a Lembke! Os vasos escondi-os na sala de espera; o *Teniers* guardei-o no armário e intimei-a a receber-me o mais depressa possível. Estás a ouvir: intimei-a! Fiz como ela: escrevi-lhe algumas palavras a lápis num bocado de papel e, sem mesmo o lacrar, entreguei-o a Nastásia para que lho levasse. Agora espero. Quero que Dacha se explique comigo à face do céu, ou então diante de ti. Acompanhar-me-ás, não é verdade? Como amigo e como testemunha. Não quero corar, não quero mentir, não quero segredos, nada admito nesta

questão! Confesse-me tudo, francamente, ingenuamente, dignamente, e então... então talvez cause assombro a todos com a minha magnanimidade! Sou ou não um desleixado, meu amigo? — concluiu ele, de repente, olhando-me com ar de ameaça, como se o tivesse tomado por louco.

Convidei-o a beber um gole de água. Ainda nunca o tinha visto em tal estado. Falando, corria de um canto ao outro do quarto; de súbito parou diante de mim, numa atitude deveras estranha.

— Pensas — continuou ele, medindo-me dos pés à cabeça — ou melhor, supões que eu, Stepan, não terei a força de vontade bastante para pegar na minha sacola (a minha sacola de mendigo!) carregá-la ao ombro e afastar-me para sempre daqui, quando o exigirem a honra e o grande princípio da independência? Não será a primeira vez que Stepan oporá a sua grandeza de alma ao despotismo, mais ainda, ao despotismo de uma mulher insensata, isto é, o despotismo mais insolente e mais cruel que pode existir no mundo, a despeito do sorriso que as minhas palavras acabam, creio eu, de fazer assomar nos teus lábios, meu amigo! Oh, supões que não encontrarei em mim a energia moral bastante para que não possa acabar meus dias como precetor em casa de um comerciante ou morrer de fome ao pé de uma parede? Responde, responde pela tua honra: acreditas ou não?

Excedi-me, como um homem que sabe que vai ofender o seu interlocutor com uma resposta negativa, mas que não pode, em consciência, responder-lhe afirmativamente. Em toda esta exaltação houve uma coisa que me feriu bastante, não por mim... oh! não!... Mas... explicar-me-ei mais tarde.

Ele empalideceu.

— Talvez te enfades comigo, G...v — é o meu nome — e tens vontade... de acabar com as tuas visitas! — disse ele, em tom frio, naquele tom que antecede, em geral, as grandes explosões.

Inquieto, corri para ele. No mesmo instante entrou Nastásia. Entregou, sem nada dizer, um pequeno papel a Stepan. Olhou-o e deu-mo. Era a resposta de Bárbara. Três palavras apenas, escritas a lápis: «Fique em sua casa».

Stepan pegou no chapéu e na bengala; sem proferir uma palavra, encaminhou-se apressado para a porta do quarto; maquinalmente, segui-o. Nessa altura, um barulho de vozes e de passos ligeiros ecoou do corredor. Parou como que ferido por um raio.

— É Lipoutine, estou perdido! — murmurou ele, agarrando-se à minha mão.

Mal acabava de dizer estas palavras, Lipoutine entrou no quarto.

Capítulo 4

Por que se julgava perdido com a chegada de Lipoutine? Ignorava-o e, de entrada, não liguei nenhuma importância a essas palavras; levei tudo à conta de nervos. Porém não deixei de notar o seu terror e preparei-me para observar com atenção o que ia passar-se.

A fisionomia de Lipoutine revelava que, desta vez, tinha interesse especial e até certo direito em entrar, a despeito de todas as ordens em contrário. Acompanhava-o um sujeito desconhecido e sem dúvida estranho ao nosso meio. Em resposta ao olhar estúpido de Stepan, que o espanto impossibilitara de mudar de lugar, exclamou com uma voz ressonante:

— Trago-lhe uma visita e é ela a razão desta minha vinda. Desculpem-me por vir perturbar a sua solidão. O senhor Kirilov é um engenheiro e arquiteto muito sabedor e, o que é mais importante, conhece o seu filho, o querido Pedro; são amigos muito íntimos e encarregou-o de uma incumbência para si. Chegou ainda há pouco.

— A incumbência é o senhor que a inventa — observou em tom áspero o visitante. — Não fui encarregado de coisa nenhuma, mas conheço com efeito Pedro. Deixei-o há dez dias na província de K…

Stepan estendeu-lhe maquinalmente a mão e convidou-o com um gesto a sentar-se; depois olhou para mim, olhou para Lipoutine e, como chamado ao campo da realidade, não se sentou, mas sem dar por isso conservou na mão a bengala e o chapéu.

— Ah, mas estava preparado para sair! Tinham-me dito, no entanto, que as suas ocupações o fizeram adoecer.

— Sim, estou adoentado e era por isso que ia agora dar um passeio, eu...

Stepan interrompeu-se, desembaraçou-se bruscamente da bengala e do chapéu e corou demasiado.

Durante este tempo examinei o visitante. Era um homem moreno, de vinte e sete anos mais ou menos, convenientemente vestido, elegante e bem-apresentado. O rosto pálido tinha uma cor um tanto terrosa e os olhos eram pretos e sem brilho. Parecia um pouco distraído e sonhador. A

maneira de falar era brusca e incorreta sob o ponto de vista gramatical; tinha dificuldade em construir uma frase mais comprida e pronunciava e atropelava as palavras de uma maneira singular. Lipoutine notou o extremo terror de Stepan e experimentou visível satisfação. Sentou-se numa cadeira de junco, que colocou quase a meio do quarto de maneira a encontrar-se a igual distância do dono da casa e de Kirilov, os quais estavam sentados em frente um do outro, em dois sofás opostos. Os seus olhos perspicazes percorreram todos os cantos.

— Eu... há muito que não vejo o Pedro... Foi no estrangeiro que o encontrou? — balbuciou Stepan, dirigindo-se ao visitante.

— Aqui e no estrangeiro.

— Aléxis Nilitch Kirilov e ele chegaram recentemente do estrangeiro, onde residia há quatro anos — interveio Lipoutine. — Foi lá que se aperfeiçoou na sua especialidade e veio até aqui porque espera empregar-se na construção da ponte do nosso caminho de ferro. Está à espera de uma resposta... Foi por intermédio de Pedro que conheceu a família Drozdov e Lisa.

O engenheiro escutava com uma impaciência mal dissimulada. Dava-me a impressão de um homem vexado.

— Conheceu também Nicolau? — perguntou Stepan.

— Conheci.

— Eu... Há muito que não o vejo e... sinto-me tão pouco no direito de me considerar seu pai... é a palavra... eu... Como o deixou?

— Deixei-o na forma do costume... mas virá em breve — respondeu Kirilov, que parecia ter pressa em pôr termo rápido a estas perguntas. Com certeza estava de mau humor.

— Virá breve!... Vê-lo-ei, enfim!... pois há muito não vejo o meu Pedro! — repetiu Stepan, preso a esta frase. — Até que enfim verei o meu pobre rapaz, ainda que... oh! ainda que me sinta bastante culpado! Quero dizer, noutros tempos, quando o deixei em S. Petersburgo, considerava-o como um zero. Como sabe é um rapaz nervoso, muito sensível e... cobarde. Quando se deitava, ajoelhava-se diante de uma imagem e fazia o sinal da cruz para não morrer nessa noite... recordo-me bem. Enfim, não tem o menor sentimento do belo, nada de elevado, nem mesmo o germe de uma ideia futura... É como um pequeno idiota. De resto, eu mesmo devo ter o aspeto de um pasmado... Desculpe-me, mas encontra-me...

— Isso do sinal da cruz é verdade? — perguntou rápido o engenheiro, a quem este pormenor pareceu interessar.

— Sim, fazia o sinal da cruz...

— Admira-me isso, mas continue.

Stepan interrogou com os olhos Lipoutine.

— Estou muito reconhecido pela sua visita, no entanto confesso, agora não... não estou em estado... Permite-me portanto que lhe pergunte onde reside.

— Rua da *Épiphanie,* casa Filippov.

— Ah, é onde vive Chatov! — disse eu, sem querer.

— Justamente, é na mesma casa — exclamou Lipoutine. — Somente Chatov vive em cima, no sótão, ao passo que Kirilov está instalado em baixo, em casa do capitão Lebiadkine. Este conhece também Chatov e a mulher. Travou relações muito íntimas com ela durante a sua estada no estrangeiro.

— Como? Sabe alguma coisa a respeito desse desgraçado casamento e conhece essa mulher? — perguntou Stepan de repente, com emoção. — A conhecê-la pessoalmente é o primeiro que encontro e todavia...

— Que estupidez! — replicou o engenheiro, cujo rosto se ruborizou. — Como inventa, Lipoutine! Nunca tive relações íntimas com a mulher de Chatov; consegui vê-la uma vez, apenas de longe, e foi tudo. A Chatov, conheço-o. Por que inventa sempre estas histórias?

Voltou-se de um salto no sofá e pegou no chapéu, mas arrependendo-se, pousou-o e sentou-se de novo no seu primeiro lugar. Ao mesmo tempo os seus olhos negros cintilaram, fixos em Stepan, com uma expressão de provocação. Tão estranha irritação era-me incompreensível.

— Desculpe-me — prosseguiu, num tom digno, Stepan. — Compreendo que esta questão é talvez muito delicada...

— Não há nenhuma questão delicada — respondeu Kirilov — e quando exclamei: «Que estupidez!» não era ao senhor que me referia, mas sim a Lipoutine, pois tem a mania de inventar. Perdoe-me, se julgou que era para o senhor. Conheço Chatov, mas não conheci na intimidade a mulher... na intimidade!

— Compreendo, compreendo! Se insisti, foi somente porque estimo muito o meu pobre amigo, o nosso irascível amigo, pelo qual me interessei sempre... Esse homem renunciou sem razão, segundo penso, e por completo, às suas antigas ideias, as quais pecavam talvez por excesso de

inocência, mas que não deixavam no fundo de ser justas. Nesta altura, divaga de tal forma sobre a «nossa santa Rússia», que atribuo essa monomania (não quero chamar-lhe outra coisa) a algum forte revés doméstico e em especial ao seu infeliz casamento. Eu, que tenho estudado a fundo a nossa pobre Rússia e consagrado toda a minha vida ao povo russo, posso assegurar-lhe que ele não o conhece, e mais...

— Nada conheço do povo russo... e não tenho tempo de o estudar! — disse o engenheiro, interrompendo Stepan no melhor do seu discurso.

— Estuda-o, sim, estuda-o! — afirmou Lipoutine. — Começou já a estudá-lo e tem escrito um artigo muito curioso sobre as causas que provocam o aumento de suicídios na Rússia e, de uma maneira geral, sobre as razões que originam o aumento ou a diminuição dos suicídios em todos os países. Chegou a uns resultados espantosos.

O engenheiro zangou-se.

— Não tem o direito de dizer isso — resmungou com cólera. — Não escrevi nenhum artigo. Não me dou a essas tolices. Pedi-lhe algumas informações, porém confidencialmente e por acaso. Não se trata de uma questão de artigo. Não publico nada e não tem o direito...

Esta irritação pareceu causar certa satisfação a Lipoutine.

— Perdão! Enganei-me então dando o nome de artigo ao seu trabalho literário, Kirilov limita-se a anotar as suas observações e não toca para já no fundo da questão, naquilo a que se poderá chamar o lado moral; mais ainda, põe de lado a moral e toma o princípio moderno da destruição universal como base para a sua reforma social. Reclama mais de cem milhões de cabeças para estabelecer na Europa o reino do bom senso: muito mais do que quanto se pediu no último congresso da paz. Neste sentido, Kirilov vai mais longe que ninguém.

O engenheiro escutava-o com um pálido e desdenhoso sorriso nos lábios. Durante meio minuto todos ficaram calados,

— O seu procedimento é um tanto estúpido, Lipoutine! — disse por fim, com certa dignidade, Kirilov. — Se lhe expus a minha maneira de ver, tem a liberdade de a criticar. Contudo não tem o direito de a revelar, porque nunca falei dela a outra pessoa. Esquivo-me de falar... Se tenho talou tal convicção é porque ela é clara para mim... e a linguagem que acaba de empregar é estúpida. Não disserto sobre os pontos para mim desconhecidos e sobre os quais não posso falar. Não posso suportar uma discussão e não gosto nunca de replicar...

— E talvez faça bem — respondeu o interlocutor, não sem deixar de observar propositadamente Stepan.

— Peço perdão, mas dos que estão aqui não estou zangado com nenhum — prosseguiu com vivacidade o visitante. — Há quatro anos, pouco tenho conhecido do mundo. Durante eles, pouco conversei; evitava todas as relações, pois nenhuma utilidade tinham para os meus fins. Lipoutine ao saber isto riu-se. Compreendo-o e não faço caso. Vexa-me apenas a liberdade que tomou. E se não lhes exponho as minhas ideias — parou de repente, com olhar decidido — não é porque tema ser denunciado por qualquer dos senhores ao governador, não... Peço-lhes para não suporem tal...

Ninguém respondeu a estas palavras. Contentámo-nos em olhar uns para os outros. Lipoutine deixou mesmo de rir.

— Estou desolado, meus senhores — disse Stepan, levantando-se resoluto. — Não me sinto bem. Desculpem-me.

— Ah, precisa de sair — notou Kirilov, pegando no chapéu. — Fez bem em dizê-lo, pois já me tinha esquecido.

Levantou-se e com toda a sinceridade avançou de mão estendida para o dono da casa.

— Peço desculpa em tê-los vindo importunar e muito em especial porque se encontra doente.

— Desejo que seja bem-sucedido nas suas pretensões — respondeu Stepan, apertando-lhe cordialmente a mão. — Se, como disse, viveu durante tanto tempo no estrangeiro e se tem, a bem do interesse dos seus fins, evitado as relações e esquecido a Rússia, compreendo que se encontre um pouco deslocado no meio de nós, russos primitivos. Isso porém há de passar. Existe apenas uma coisa que me inquieta: vem presidir à construção da nossa ponte e ao mesmo tempo declara-se partidário da destruição universal! Não lhe confiaria essa construção!

— Como? Que disse? Oh, diabo! — exclamou Kirilov, surpreso por esta observação e rindo-se com a mais franca alegria.

Durante um instante o seu rosto tomou uma expressão toda infantil, a qual me pareceu lhe ficava muito bem. Lipoutine esfregava as mãos, encantado com a frase espiritual de Stepan. Quanto a mim, continuava a interrogar-me sobre a razão por que este último tivera medo de Lipoutine, quando ouvira a sua voz e por que exclamara: «Estou perdido!»

Capítulo 5

Parámos no vão da porta, conforme manda a boa regra da educação, a fim de os visitantes e o dono da casa trocarem os últimos cumprimentos.

— Estou hoje de mau humor — exclamou Lipoutine. — Tive uma troca de palavras com o capitão Lebiadkine por causa da irmã. É tola e todos os dias a castiga com um chicote. Fustiga-a de manhã e à tarde com uma *nagaika* de Cosaque. Kirilov mudou-se já para um pavilhão próximo da casa, para não ser testemunha dessas cenas... Vamos embora... Até amanhã!

— Uma irmã? E doente? Com uma *nagaika?* — gritou Stepan, como se naquele momento tivesse também apanhado uma chicotada. — Qual irmã? Qual Lebiadkine?

O terror de há pouco voltou a dominá-lo.

— É um capitão reformado... Noutros tempos intitulava-se capitão do estado-maior...

— Que me importa o grau? Vive com uma irmã? Meu Deus! Lebiadkine, disse? Noutros tempos não viveu aqui um Lebiadkine?

— É esse mesmo, é o *nosso* Lebiadkine, o do Virguinsky, não te lembras?

— Não foi preso por passador de notas falsas?

— Voltou porém há três semanas e numas circunstâncias muito especiais.

— Mas é um velhaco!

— Como se não houvesse velhacos entre nós! — exclamou Lipoutine.

Sorriu ao mesmo tempo que os pequenos olhos maliciosos pareciam querer esquadrinhar a alma de Stepan.

— Ah, meu Deus!... não é ainda bem isso que eu... todavia, no resto, estou perfeitamente de acordo contigo... As circunstâncias! As circunstâncias! Que queres dizer com isso? Com certeza queres dizer alguma coisa!

— Não tem nenhuma importância... Apesar de todas as aparências, não foi a questão das notas falsas que motivou, aqui há tempos, a partida do

capitão. Deixou a nossa cidade pelo simples motivo de ir procurar a irmã. Esta, segundo parece, refugiara-se num sítio desconhecido, esperando furtar-se às suas investigações. Logo que a encontrou, trouxe-a para aqui... É quanto sei dessa história! Parece que tens medo, Stepan, porquê? Não faço mais do que repetir o que ele diz quando está sob a influência de quaisquer bebidas. Quando não está embriagado nada diz. É um homem irascível. Anda sempre como um militar, todo bem posto, mas com muito mau gosto. Quanto à irmã, não é apenas tola, mas também maneta. Parece que foi seduzida por alguém e que, há alguns anos, o irmão recebe do sedutor um subsídio anual em reparação do prejuízo causado à honra da família. É pelo menos o que se depreende do seu palavrório. No entanto, em meu entender, são apenas palavras de bêbado, palavreado. Os sedutores de mulheres tiram sempre bom resultado das suas proezas. Seja como for, o que é certo é que ele tem dinheiro. Há uma dúzia de dias nada tinha e agora, eu próprio vi, tem umas centenas de *rublos* à sua disposição. A irmã tem todos os dias acessos, durante os quais solta grandes gritos. Ele porém morigera-a a golpes de *nagaika.* «É assim», diz ele, «que se infunde respeito à mulher». Não compreendo como Chatov, que vive no andar superior, ainda não mudou de casa. Kirilov não pôde lá estar; conheceu-os em S. Petersburgo e, no entanto, esteve apenas três dias em casa deles. Agora, para estar sossegado, foi viver para o pavilhão.

— Isso é verdade? — perguntou Stepan ao engenheiro.

— É muito tagarela este Lipoutine — murmurou Kirilov em tom de desgosto.

— Mistérios... segredos! Como se entre nós houvesse assim de repente tantos segredos e mistérios! — gritou Stepan, não podendo mais conter-se.

O engenheiro franziu as sobrancelhas, corou e, com um encolher de ombros, saiu do quarto.

— Kirilov tirou-lhe há dias o chicote das mãos, quebrou-o e deitou-o pela janela fora. Houve entre eles viva altercação — acrescentou Lipoutine.

— Para que é tanto palavreado, Lipoutine? É tão estúpido tudo isto, e para quê? — interrogou Kirilov, dando um passo atrás.

— Para quê esconder, por modéstia, os nobres sentimentos da sua alma, isto é, das vossas almas? Não quero falar da minha!

— Tudo isto é tão banal e tão sem importância. Lebiadkine é estúpido e absolutamente frívolo... É um inútil para o trabalho e... prejudicial para

tudo... Por que conta todas essas coisas? Vou-me embora.

— Ah, que pena! — exclamou, sorrindo, Lipoutine. — Se não fosse isso, divertir-te-ia ainda com uma pequena anedota. Vim mesmo com a intenção de ta contar, apesar de ter quase a certeza que a conheces. Ficará para outra vez, visto Kirilov estar com pressa... Até logo. A anedota é com respeito a Bárbara. Fez-me anteontem rir bastante! Mandou-me procurar expressamente para isso. Fez-me rir até às lágrimas. Até logo.

Stepan porém agarrou-o com violência pelos ombros, levou-o à força para o quarto e fê-lo sentar.

Lipoutine chegou mesmo a ter medo ante tal atitude.

— Que é que queres? — interrogou ele, entretanto que observava com certa inquietação o rosto de Stepan. — Pediu-me para ir o mais depressa possível a casa dela e perguntou-me, «confidencialmente», a minha opinião sobre o estado mental de Stavroguine... Não é espantoso, isto?

— Perdeste a graça — resmungou Stepan, e logo, exaltado, acrescentou: — Sei muito bem que só vieste aqui para me comunicar alguma vilania idêntica a essa... ou pior ainda!

Lembrei-me logo do que ele me dissera há dias: «Não só Lipoutine conhece a nossa posição melhor do que nós, como conhece ainda alguma coisa que não saberemos nunca».

— Não, Stepan! — balbuciou, parecendo muito assustado. — Não.

— Trégua às negativas! Começa!... Peço-lhe o grande favor, senhor Kirilov, para voltar a entrar, pois desejo que esteja presente... Sente-se. E tu vais contar-nos tudo com a maior franqueza e simplicidade... sem recorrer a subterfúgios!

— Se soubesse que causava tanto efeito não tinha dito nada... Supunha que a Bárbara te tinha posto ao corrente de tudo.

— Não pensaste isso! Começa, começa e diz tudo!

— Mas senta-te também! Não posso falar se continuares a gesticular assim diante de mim.

Dominando a emoção, Stepan sentou-se com dignidade num sofá. O engenheiro baixou os olhos com aspeto de pouco satisfeito. Lipoutine observou-o com satisfação maliciosa.

— Não sei como entrar no assunto... Parece que estás contrafeito e preocupado...

Capítulo 6

— Anteontem, mandou um dos seus criados a minha casa com o pedido de ir falar com ela sem falta no dia seguinte, até ao meio-dia... Eras capaz de supor tal coisa? Como não sabia a causa desse pedido, só ontem, ao meio-dia, consegui satisfazer a curiosidade que durante toda a tarde e noite me martirizou. Chegado a sua casa, introduziram-me logo no salão, onde esperei apenas um minuto. Ela entrou, ofereceu-me uma cadeira e sentou-se na minha frente. A custo ousava acreditar! Sabes bem qual a sua ideia a meu respeito... Abordou logo a questão, sem preâmbulos, segundo o seu costume. «Lembra-se», disse-me ela, «de, há quatro anos, Stavroguine ter estado doente? Praticou nessa altura alguns atos um tanto anormais, sem que na cidade se soubesse a causa disso, até ao momento em que tudo se esclareceu. O senhor mesmo foi um dos atingidos. Stavroguine depois recuperou a saúde e foi a sua casa cumprir a minha vontade e o que o dever lhe impunha. Sei também que antes tinha já conversado algumas vezes com o senhor. Diga-me com franqueza e sem rodeios como...» Neste ponto da conversa hesitou um pouco. «Como o achou então? Que efeito lhe produziu? Que opinião ficou a fazer dele? E qual a que tem agora?» Nesta altura, o seu embaraço foi tal que se calou durante um minuto, corando de repente. Eu estava também inquieto. Continuou em tom comovido (a emoção nunca a deixou) mas um tanto grave: «Não sei se me fiz compreender bem... Mandei-o procurar e convidei-o a vir aqui porque o considero um homem perspicaz e esperto, capaz por consequência de me informar e de serem dignas de atenção quaisquer observações que se digne fazer-me.» Que te parece estas amabilidades? «Compreende sem dúvida que é uma mãe que lhe fala... Stavroguine teve na vida grandes contrariedades e atravessou já várias vicissitudes. Tudo isto pode ter influído no seu estado de espírito. Bem entendido, não é questão para agora saber se se trata de um caso de alienação mental!» Estas palavras foram pronunciadas num tom firme e altivo. «Disso pode ter resultado alguma coisa de estranho, de particular, certa mudança de ideias, certa disposição para ver as coisas por um prisma

especial». Estas expressões são textuais. Estava admirado com a precisão com que Bárbara sabia explicar-se. É sem dúvida dotada de uma grande inteligência! «Pelo menos», continuou ela, «tenho notado nele uma espécie de constante inquietação e uma tendência para certas inclinações. Sou mãe e o senhor é um estranho... Por consequência está nas condições, pois é bastante inteligente, de formar uma opinião mais independente. Suplico-lhe», foi por estas palavras que se exprimiu, «suplico-lhe para me dizer toda a verdade, sem nenhuma reticência e, por outro lado, prometer-me nada dizer a respeito desta nossa conversa. É absolutamente confidencial... Daqui para o futuro pode contar que não o esquecerei e tentarei provar-lhe em qualquer emergência o meu reconhecimento!...» E agora que dizes a isto?

— Deixas-me... deixas-me de tal forma estupefacto... — gaguejou Stepan — que quase não acredito...

Lipoutine pareceu, pelo seu aspeto, não o ter entendido.

— Não! Sim, de facto — prosseguiu ele — é preciso estar muito nervosa e perturbada para que tão nobre senhora faça tais perguntas a um homem como eu, e para que se humilhe mesmo até ao ponto de me pedir segredo! Que haveria então? Teria recebido alguma inesperada notícia a respeito de Stavroguine?

— Não sei... de nenhuma notícia... pois há muitos dias que não a vejo... —balbuciou Stepan, que a custo conseguia ligar o fio das suas ideias. — Repara bem, Lipoutine! Toma bem sentido no que disseste. Se te falou confidencialmente, por que o disseste assim diante de todos nós?

— Falou confidencialmente... Um raio me parta se menti! Só ainda o disse aqui... E dizê-lo aqui... tem alguma coisa de extraordinário? Todos quantos aqui estamos, incluindo o Kirilov, não nos conheceremos bastante?

— Não concordo com essa maneira de ver. Todos nós guardaremos silêncio, porém quanto a ti não creio muito na tua discrição.

— Que dizes? Sou o mais interessado em que ninguém o saiba, pois me prometeu reconhecimento eterno! E repara, pois quero contar-te justamente a tal respeito um caso muitíssimo estranho, ou talvez melhor dizendo, psicológico, ou mais simplesmente, extraordinário. Ontem à tarde, ainda impressionado com a minha conversa com Bárbara (podes calcular por ti próprio qual a impressão que me produziu) discuti a tal respeito com o Kirilov: «Visto que conheceu Stavroguine», disse eu,

«tanto no estrangeiro como em S. Petersburgo, como o julga em relação ao seu espírito e às suas faculdades?» Respondeu de uma forma lacónica, sempre à sua maneira: «É um homem de espírito sagaz e perfeito juízo». «Todavia», continuei eu, «não lhe notou nunca um certo baralhar de ideias, umas falhas de espírito muito pouco naturais, como direi, uma espécie de loucura?» Cheguei mesmo a pôr a questão tal como me foi posta por Bárbara. Nessa altura, mal imaginam, vi o Kirilov tornar-se pensativo, franzir a testa e falar-me tal como agora. «Sim», disse ele, «algumas vezes pareceu-me ter certas perturbações inexplicáveis». Ora para que ao Kirilov uma coisa pareça inexplicável não é preciso perguntar-lhe se ela o é, não é assim?

— É verdade? — perguntou Stepan, dirigindo-se ao engenheiro.

Este levantou bruscamente a cabeça com os olhos cintilando.

— Desejaria não falar nisso — respondeu ele — mas quero contestar o direito de que se arrogou Lipoutine. Não lhe dei, nem dou nunca o direito de invocar o meu testemunho. Estou longe de lhe dizer tudo quanto penso. Conheci Stavroguine em S. Petersburgo, mas há muito tempo, e apesar de o ter visto depois conheço-o muito pouco. Peço-lhe para me deixar fora dos seus mexericos.

Lipoutine abriu os braços como um inocente injustamente acusado.

— Eu, mexeriqueiro! Dentro em pouco sou espião, não? Tem a mania, este Kirilov, de criticar sem conhecer nada do assunto. Com respeito ao capitão Lebiadkine, não imaginas, Stepan, como ele é estúpido! Não se chega mesmo a fazer uma ideia! Há em russo uma comparação que exprime bem este grau de estupidez. Nas suas deduções, chega a supor que tem de lastimar o Stavroguine, em quem reconhece no entanto uma superioridade intelectual. «Este homem causa-me admiração, visto ser sábia serpente!». Tais foram as suas próprias palavras. Ontem interroguei-o, mas sempre influenciado pela conversa havida com Bárbara e pensando também no que me tinha dito Kirilov. «Muito bem capitão, que pensa da sua sábia serpente? É ou não um louco?» A estas palavras, que supões? Sobressaltou-se como se lhe tivesse dado inesperadamente uma chicotada nas costas. «Sim», respondeu ele, «sim, porém isso não pode influir...» Sobre quê? Não o disse e logo em seguida entregou-se a um devaneio tão profundo e tão sombrio que a embriaguez dissipou-se-lhe. Estávamos então sentados à mesa do café Filippov. Uma meia hora se passou nesse devaneio. De repente, deu um murro na mesa e exclamou: «Sim, é louco;

no entanto, essa causa não pode influir...» E não terminou a frase outra vez, Como é de supor, dou-te apenas uma ligeira ideia da nossa conversa, o bastante para apreenderes o sentido. Interroga todas as pessoas que quiseres e todas te informarão da mesma forma. Em caso contrário, essa ideia não teria surgido no espírito de ninguém: «Sim», disse ele, «é de facto um louco! É um homem muito inteligente, mas não deixa de ser um louco».

Stepan ficou pensativo.

— E como é que Lebiadkine conheceu Stavroguine?

— Podes perguntá-lo a Kirilov, que ainda há pouco me alcunhou de espião. Eu sou espião e não sei nada; contudo, Kirilov conhece a fundo as coisas e cala-se.

— Não sei nada, ou quase nada — replicou irritado o engenheiro. — Paga de beber a Lebiadkine para o obrigar a falar, a dizer-lhe tudo... Trouxe-me aqui para me obrigar a falar e não é um espião!

— Não lhe paguei ainda de beber e estou satisfeito por o jogo não valer nunca uma vela. Ignoro a importância que os seus segredos têm para si, pois para mim não tem nenhuma. Pelo contrário, é ele que me consola com champanhe e não eu que lho pago. Há uma dúzia de dias veio-me pedir quinze *kopeks* e agora atira com o dinheiro pela janela fora... Deu-me uma ideia, ensinou-me, e visto precisar, pagar-lhe-ei de beber precisamente para conseguir saber todos os seus pequenos segredos — respondeu acremente Lipoutine.

Stepan observava admirado os dois visitantes, que o tornavam testemunha das suas discussões. Fiquei a desconfiar que Lipoutine tivesse trazido Kirilov de propósito para, por intermédio de um terceiro, lhe fazer dizer o que tinha interesse em saber; era a sua manobra favorita.

— Kirilov conhece muito bem Stavroguine — prosseguiu ele, encolerizado — mas faz mistério de tudo. Quanto ao capitão Lebiadkine, a respeito do qual me interrogaste, conheceu-o primeiro do que nós; as suas relações vêm de há cinco ou seis anos. Encontraram-se em S. Petersburgo, na ocasião em que Stavroguine levava uma existência pouco conhecida e não pensava ainda em nos mimosear com a sua visita. É preciso não esquecer que foi nessa altura que o nosso *príncipe* escolheu a sua tão singular sociedade. Foi também então, segundo parece, que travou conhecimento com Kirilov.

— Cuidado, Lipoutine. Advirto-o que Stavroguine pode chegar de um momento para o outro e não ficaria satisfeito ao ouvir falar assim dele.

— Que é que eu disse? Sou o primeiro a declarar que é um homem de um espírito muito superior e distinto. Dei ontem a Bárbara as informações mais completas sobre esse assunto. «Por exemplo», acrescentei eu, «não posso responder pelo seu caráter». Lebiadkine falou-me ontem no mesmo sentido: «Tenho má impressão com respeito ao seu caráter». Por outro lado — disse, dirigindo-se a Stepan — divertes-te a alcunhar-me de mexeriqueiro e de espião, quando foste tu, não o esqueças, que me obrigaste a contar ainda agora tudo isto. Notem que ontem mesmo Bárbara me tocou no principal ponto: «É pessoalmente interessado na questão», disse-me, «e daí a razão por que me dirigi a si». Com efeito, pouco ou nada falo de Stavroguine, desde que fui por ele insultado diante de todos. Nestas condições, parece-me, sem ser mexeriqueiro, que tenho o direito de me interessar pela sua vida e pelos seus gestos. Hoje apertar-vos-á... a mão, e amanhã, sem a mais pequena consideração e em agradecimento à vossa hospitalidade, esbofetear-vos-á diante da muito honrosa sociedade, em satisfação da sua fantasia. É um homem prejudicado pela sua boa estrela. E sobretudo é um volúvel desesperado, um Petchorine! Tu que não és casado gostas de me tratar por mexeriqueiro, quando me exprimo desta forma sobre a maneira de proceder de Sua Excelência. Se algum dia casares com uma jovem e linda mulher (estás ainda bem conservado para isso!) aconselho-te a fechar bem a porta quando vires o nosso príncipe e a entrincheirar-te em casa. Repara na senhora Lebiadkine, a quem chicoteiam porque é tola e maneta. Acredito piamente que foi vítima das paixões do nosso príncipe e que o capitão faz alusão a isso quando diz que foi ferido na «honra da sua família». Na verdade esta conjetura está pouco de harmonia com o gosto delicado de Stavroguine, mas isso não é razão para, *a priori*, o não culpar: quando estas pessoas têm fome, comem o primeiro fruto que o acaso lhes depara. Não vás agora dizer que espalho boatos ou que ando a dizer isto por todos os cantos! É voz pública. Ponho-me a escutar o que se grita por toda a cidade e limito-me a dizer: sim! Acho que não é proibido dizer sim.

— A cidade grita? A propósito de quê?

— Não me compreendeu! Dizer que o capitão Lebiadkine grita por toda a cidade quando está embriagado, não é a mesma coisa que dizer que toda a cidade grita? Em que sou culpado? Converso isto apenas com os

amigos, pois creio encontrar-me entre amigos! — acrescentou Lipoutine, olhando-nos com ar inocente. — O que acaba de suceder é o seguinte: Sua Excelência, quando estava na Suíça, mandou entregar, segundo parece, trezentos *rublos* ao capitão Lebiadkine, por intermédio de uma senhora muito digna, uma pobre órfã por assim dizer e que tenho a honra de conhecer. Ora pouco tempo depois o Lebiadkine soube, segundo disse a um cavalheiro que não quero nomear, mas que é um caráter íntegro e portanto digno de crédito, que a quantia entregue. Foram mil *rublos* e não trezentos! Por isso agora proclama por toda a parte que essa senhora lhe roubou setecentos *rublos* e vai chamá-la aos tribunais, ou pelo menos ameaça-a de o fazer. Dá à língua por toda a cidade...

— Isso é uma infâmia, uma infâmia da sua parte! — vociferou o engenheiro, que se levantou bruscamente.

— Repare que é o senhor mesmo o cavalheiro de caráter íntegro a que aludi. Foi o senhor mesmo que afirmou a Lebiadkine, em nome de Stavroguine, que este lhe mandara mil *rublos* e não trezentos. O próprio capitão mo contou quando estava embriagado.

— Isso... é um deplorável mal-entendido. Alguém se enganou e como ele está a chegar! Isto nada significa e está a cometer uma infâmia!

— Sim, quero crer que isto não signifique nada; no entanto, como bem disse, o facto não é menos triste, visto tratar-se de uma senhora muito digna, que por um lado é acusada de um roubo de setecentos *rublos* e pelo outro de ter relações íntimas com Stavroguine. Mas que custa a Sua Excelência comprometer uma jovem menina ou fazer perder a reputação de uma senhora casada, como sucedeu com minha mulher aqui há tempos? Protege-o um homem todo magnanimidade, encobrindo-lhe com o seu respeitável nome todos os pecados. Tal é o papel que eu tenho representado, pois é de mim que falo...

Stepan, empalidecendo, levantou-se.

— Toma cuidado, Lipoutine! — disse ele.

— Não o creio, não o creio! Alguém se enganou e Lebiadkine é um borrachão... — gritou o engenheiro, tomado de uma agitação inexplicável. — Tudo se há de esclarecer! Por mim não posso mais... e considero uma baixeza... tão grande, tão grande!

E saiu precipitadamente.

— Que é que lhe deu? Eu vou consigo! — gritou Lipoutine inquieto, correndo atrás dele.

Capítulo 7

Stepan ficou indeciso durante um minuto e fitou-me, provavelmente sem me ver. Depois, pegando na bengala e no chapéu, saiu do quarto sem fazer ruído. Segui-o. Ao pôr o pé na rua e vendo-me a seu lado, disse:

— Ah, sim, podes ser testemunha... do assunto. Acompanhas-me, não é assim?

— Stepan, será possível que vás ainda lá? Pensa! Que poderá resultar dessa visita?

Parou um instante e, com um sorriso de aflição, no qual havia também alguma coisa de vergonha e de desespero, mas também uma espécie de exaltação estranha, disse-me em voz baixa:

— Não posso encobrir, casando, os «pecados de outrem».

Era a confidência que eu esperava. Escapara-lhe enfim, depois de toda uma semana de tergiversações e de malabarismos, o segredo que tanto havia tentado ocultar-me. Não me pude conter.

— E um pensamento tão vergonhoso, tão baixo, pôde encontrar acolhimento no teu espírito? No teu espírito esclarecido e no teu coração? E isto... antes mesmo da visita de Lipoutine!

Olhou-me sem responder e prosseguiu o caminho. Não quis ficar ali só. Desejava ver o que se ia passar entre ele e Bárbara.

Sempre pronto a acreditar em tudo, julgou serem verdadeiras todas as invenções daquela língua venenosa. Tê-lo-ia desculpado, mas não pude, visto ser evidente que essa ideia o começou a inquietar algum tempo antes da chegada de Lipoutine; este último não veio mais do que confirmar as suposições anteriores e atear o fogo. Desde o primeiro dia, sem nenhum motivo, antes mesmo das pretensas razões dadas por Lipoutine, Stepan não hesitara em incriminar *in petto* a conduta de Dacha. Explicava a maneira despótica do proceder de Bárbara, casando a jovem menina com um homem respeitável, pelo desejo de ocultar, ante todos, os pecadilhos aristocráticos do seu tão querido Stavroguine. Senti grande desejo de que fosse castigado por fazer tal suposição!

— Oh, Deus, que és tão grande e tão bom!... Oh! quem me restituirá a tranquilidade? — suspirou ele, parando de repente, depois de ter dado uma centena de passos.

— Volta já para tua casa e explicar-te-ei tudo! — exclamei eu, fazendo-o dar meia-volta na direção de casa.

— É ele, Stepan Trofimovitch! É ele!... ele!

Fresca, vibrante, juvenil, a voz que pronunciou estas palavras ressoou aos nossos ouvidos como uma música. Nos primeiros instantes não vimos nada. Porém logo apareceu ao nosso lado uma amazona. Era Lisa, acompanhada do seu habitual companheiro. Parou a montada.

— Vinde, vinde depressa! — gritou ela alegremente. — Apesar de não o ver há doze anos, reconheci-o, mal o avistei... É possível que não me tenha reconhecido?

Stepan pegou na mão que se lhe estendia e beijou-a piedosamente. Em seguida examinou a pequena com expressão extática, sem poder proferir uma palavra.

— Reconheceu-me e está contente! Maurício Nikolalevitch? Está encantado por me ver! Por que não apareceu durante estes quinze dias? A minha tia comunicou-me que estava doente e que não era permitido ir incomodá-lo. No entanto sabia que isso não era verdade. Cheguei a zangar-me, a chamar-lhe todos os nomes possíveis; todavia, como tinha jurado a mim própria que havia de ser o primeiro a aparecer, daí a razão por que não mandei ninguém a sua casa. Meu Deus!, não está muito mudado! — acrescentou ela, debruçando-se sobre a sela para o examinar. Stepan sentiu-se ridículo por estar tão pouco mudado. — A não ser umas pequenas rugas, umas pequenas rugas em volta dos olhos e nas fontes! Tem também os cabelos brancos, mas os olhos têm a mesma expressão. E eu, também estou mudada? Também estou mudada? Por que não responde?

Lembrei-me neste momento do que ele me contara a respeito dela; fingiu-se doente quando, com onze anos, a levaram para S. Petersburgo. Ao mesmo tempo chorava e perguntava sem cessar por Stepan.

— Tu... eu... — gaguejava ele, no excesso da alegria. — Acabava agora mesmo de exclamar: «Quem me restituirá a tranquilidade?», quando ouvi a tua voz... Considero isto como um milagre e começo a ter fé.

— Em Deus? Em Deus, que está lá em cima e que é tão grande e tão bom? Fique sabendo que retenho no coração todas as suas lições. Ah, Maurício, quanta fé em Deus, que é tão grande e tão bom, me insuflou

então este homem! Lembra-se, quando me falava da descoberta da América e dos marinheiros de Colombo ao gritarem: Terra! Terra! A minha antiga criada, Alena Frolovna, disse-me que sonhei na noite seguinte e que a dormir gritei: Terra! Terra!... Lembra-se de me contar a história do príncipe Hamlet? E como me descreveu as viagens dos pobres emigrantes que vão para a América! Lembra-se? Não havia uma palavra de verdade em tudo isso, como vim a saber mais tarde! Se soubesses, Maurício, as lindas histórias que inventava! Eram mais interessantes do que se fossem verdadeiras! Por que olhas assim, Maurício? É o homem melhor e mais digno que existe no globo terráqueo e é necessário que o estimes como me estimas a mim! Faz tudo quanto ele te disser... Mas, caro Stepan, é tão infeliz, para exclamar no meio da rua: «Quem me restituirá a tranquilidade?» É infeliz, na verdade?

— Agora sou feliz...

— A minha tia faz-lhe passar miséria? — continuou ela, sem o escutar. — Ela foi sempre tão má e tão injusta! Lembra-se do dia em que estava deitado nos meus braços, no jardim, enquanto eu o consolava, chorando?... Não tenha receio do Maurício, pois sabe há muito de tudo quanto lhe diz respeito, tudo; pode chorar tanto quanto lhe apetecer junto dele; tudo lhe consentirá com complacência! Tire o chapéu por um minuto e levante a cabeça. Erga-se na ponta dos pés. Quero abraçá-lo, tal como o abracei da última vez, quando nos despedimos. Repare naquela senhora que nos vê da janela! Vamos, mais acima, mais acima... Meu Deus, como está todo branco!

Curvando-se na sela, beijou-o no rosto.

— Agora volte para sua casa! Sei onde mora. Irei vê-lo dentro em pouco. Serei eu a fazer-lhe a primeira visita, seu grande teimoso! Mas em seguida quero que vá passar todo um dia a minha casa. Vá então preparar-se para me receber...

Dito isto, picou o cavalo e afastou-se, seguida do cavaleiro. Por nossa vez, retrocedemos no caminho. Entrando em casa, sentou-se num canapé e começou a chorar copiosamente.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou ele. — Consegui enfim um minuto de ventura!

Ainda não tinha decorrido um quarto de hora quando Lisa, cumprindo a sua promessa, chegou acompanhada de Maurício.

— Tu e a felicidade chegaste ao mesmo tempo! — disse Stepan, levantando-se para ir ao encontro dos visitantes.

— Trago-lhe um ramo de flores comprado em casa da senhora Chevalier, pois tem flores todo o inverno. Desejava antes trazer-lhe uns pastéis em vez do ramo, mas o Maurício informou-me que isso é contrário aos costumes cá da província. Deixe-me que lho apresente e peço-lhe para o contar do número das suas relações.

O capitão de artilharia, Maurício Nikolalevitch, era alto e bonito homem, de trinta e cinco anos; tinha um todo elegante e altivo, e a sua fisionomia imponente aparentava à primeira vista ser severo. No entanto, logo à primeira aproximação se reconhecia nele uma bondade extrema e uma alma das mais delicadas. Muito taciturno, parecia fleumático e de um caráter pouco comunicativo. Entre nós, nos dias seguintes, ao falar-se dele, considerámo-lo como um espírito acanhado, o que era menos verdade.

Não descreverei a beleza de Lisa. Provocara logo no primeiro dia um grito de admiração em toda a cidade, apesar de algumas das nossas senhoras casadas e solteiras protestarem com indignação contra tal entusiasmo. Várias de entre elas antipatizaram com Lisa, em especial devido à sua altivez. As senhoras Drozdov não as tinham ainda visitado devido na realidade à doença de Prascovie, o que bastante as desgostava. Um outro motivo de malquerença era o seu parentesco com a governadora, como censuravam a Lisa por montar a cavalo todos os dias. Nunca se tinha visto uma amazona na nossa cidade. A sociedade criticava-a e achava pouco correto o seu procedimento de passear a cavalo antes de ter feito as visitas exigidas pela etiqueta provinciana. Todos souberam depois que estes passeios lhe tinham sido ordenados pelos médicos, e a tal respeito falava-se maliciosamente da sua falta de saúde. Eram injustos, porém, nesta apreciação. Notava-se nela, logo ao primeiro exame, uma inquietação doentia e nervosa, uma incessante febrilidade. Ah, a infeliz sofria muito!... Tudo no entanto se explicará no decorrer desta narrativa. Evocando hoje as minhas recordações, direi apenas que era uma beleza, se bem que então não parecesse. Talvez o seu físico deixasse a desejar em mais de uma particularidade. Alta, delgada, mas flexível e forte, feria pela irregularidade dos contornos. Os olhos estavam dispostos um pouco obliquamente e as maçãs do rosto destacavam-se, por um relevo muito especial, nas faces magras e pálidas, de uma palidez própria das morenas. Contudo tinha um encanto dominador e atraente. Uma espécie de

voluntariedade se irradiava daqueles olhos sombrios, duna olhar ardente! Lisa aparecia «como uma heroína vitoriosa e nunca vencida». Parecia altiva e algumas vezes mesmo insolente. Ignoro se a bondade era uma sua qualidade; sei apenas que fazia os maiores esforços por ser boa. Sem dúvida havia nela muitas tendências nobres, porém faltava justo equilíbrio entre o seu temperamento moral e os diversos elementos que o compunham, por falta de encontrarem um ponto de contacto, isto é, formavam um verdadeiro caos sempre em ebulição.

Sentou-se numa poltrona e percorreu com os olhos todo o quarto.

— Por que será que em momentos idênticos estou sempre triste? Explique-me isto, meu caro professor! Deus sabe com quanta ansiedade esperava o momento de o tornar a ver. Chegou essa ocasião e não experimentei nenhuma alegria, apesar de toda a afeição que lhe tenho... Ah, meu Deus! Tem ali o meu retrato? Deixe-mo ver, pois quero ver como era nesse tempo!

Nove anos antes, os Drozdov mandaram de S. Petersburgo ao antigo precetor de sua filha uma maravilhosa pequena aguarela, representando Lisa aos doze anos. Desde então, Stepan tivera sempre essa aguarela no seu quarto.

— Na verdade sou tão bonita como era em criança. É este o meu rosto?

Levantou-se, pegou no retrato e foi ver-se a um espelho.

— Que horrível! Tome lá!... — exclamou ela, dando-lha depressa. — Não a coloque por agora no seu lugar. Coloque-a mais tarde, pois não gosto de a ver — acrescentou, sentando-se de novo na poltrona. — Uma vida acabada, uma outra sucedendo-lhe e que por sua vez acabará como a primeira, para ser substituída por uma terceira, e sempre assim, só sofrendo de cada vez uma amputação. Oh, meu Deus, por que falar em banalidades desta natureza, mas que no entanto são verdades?!

Olhou-me, sorrindo; várias vezes tinha já olhado para mim. Stepan, na sua perturbação, esquecera a promessa de me apresentar.

— Por que está o meu retrato ali por cima daqueles punhais? Por que tem tantas armas brancas?

De facto, Stepan tinha na parede, não sei porquê, uma pequena panóplia formada de dois punhais cruzados por cima de um sabre turco. Enquanto fazia estas perguntas, Lisa fitava-me com tal insistência que me

apeteceu responder; mantive-me no entanto calado. Por fim Stepan compreendeu o meu embaraço e apresentou-me.

— Eu sei, eu sei! — disse ela. — Estou encantada. A minha mãe tem falado muito no senhor. Apresento-lhe também Maurício, para quem peço a honra da sua amizade. É um excelente rapaz. Estava já a fazer do senhor uma ideia ridícula. É o confidente de Stepan, não é assim?

Corei um pouco,

— Ah, perdão, não queria dizer isso... Troquei uma palavra por outra. Não era bem ridícula, mas... — corou e perturbou-se. — Então por que corou, se é uma excelente pessoa? Vamos! São horas de nos irmos, Maurício! Espero, meu querido professor, que dentro em meia hora esteja em minha casa!... Meu Deus, quantas asneiras não somos capazes de dizer! Desde hoje passo a ser a sua confidente e contar-me-á tudo, compreende?

A estas palavras o rosto de Stepan revelou certa inquietação.

— Oh!... Maurício sabe tudo e a sua presença não deve constrangê-lo!

— Que sabe ele?

— Mas que tem? — interrogou Lisa, admirada. — Então é verdade que se esconde? Não o quero crer. Dacha também se esconde. A minha tia não me deixou ir vê-la sob o pretexto de que lhe dói a cabeça.

— Mas... como soube tudo isso?

— Oh! meu Deus! como toda a gente! Isto não tem nada de mal.

— Toda a gente?...

— E então?... A minha mãe, para dizer tudo, soube isto por Alena Frolovna, a minha criada, a quem a sua Nastásia o contou. Tem falado nisto com a Nastásia? Disse que foi o senhor mesmo que lho contou.

— Eu… eu falei-lhe apenas uma vez — balbuciou Stepan tornando-se muito vermelho. — E mesmo dessa vez... exprimi-me em termos vagos... Estava tão nervoso, tão doente e...

Ela riu-se.

— E como não tinha nessa altura nenhum confidente, desabafou com a Nastásia, a única pessoa que tinha perto e que podia considerar como tal! Compreende-se! A Nastásia, por seu lado, está relacionada com todas as bisbilhoteiras! E que mal tem que isso se saiba? É até mesmo preferível... Não me posso demorar. Jantamos à hora do costume... Ah, esquecia-me... — acrescentou, voltando a sentar-se. — Diz-me que espécie de homem é um tal Chatov?

— Chatov?... É o irmão da Dacha...

— Isso sei eu e não deixa de ser curioso, na verdade! — interrompeu ela com impaciência. — Quero saber que espécie de homem é.

— É um cismático, muito boa pessoa, mas muito irascível.

— Ouvi já falar dele como sendo uma criatura anormal. Mas não se trata disso. Sabe, segundo me disseram, três línguas, principalmente o inglês, e podia ocupar-se de um trabalho literário. Tenho muita necessidade dele para este efeito. Preciso de um colaborador e quanto mais cedo tanto melhor. Aceitará ele o trabalho? Recomendaram-mo...

— Oh, decerto e pratica uma boa ação...

— Não é por praticar uma boa ação, mas sim porque tenho necessidade de alguém como ele,

— Conheço muito bem Chatov e se lhe quer alguma coisa vou num instante a casa dele — propus eu.

— Agradecia-lhe muito o favor de lhe dizer para ir falar comigo amanhã ao meio-dia... Maurício, vamos embora?

Saíram. Sem perder um minuto, corri logo a casa de Chatov. Stepan correu atrás de mim e agarrou-me na escada.

— Meu amigo — disse-me ele — não deixes de passar pela minha casa das dez para as onze, pois nessa altura já devo ter voltado. Oh, tenho por vezes procedido mal para contigo... e para com todos, para com todos!

Capítulo 8

Não encontrei Chatov em casa. Voltei duas horas depois e não fui mais feliz. Perto das oito horas fiz uma última tentativa, resolvido, se não o encontrasse, a deixar-lhe uma carta. Desta vez ainda estava ausente. Tinha a porta fechada, visto viver só, sem mesmo ter criada. Pensei bater em baixo, em casa do capitão Lebiadkine, para me informar. Porém a residência deste último estava também fechada e parecia não estar ninguém. Não se via nenhuma luz, nem se ouvia o menor ruído. Ao passar diante da porta experimentei alguma curiosidade: lembraram-me as informações de Lipoutine. Resolvi passar por ali no dia seguinte pela manhã. Conhecendo os caprichos e a timidez de Chatov, não contava, na verdade, ser bem-sucedido com a minha carta. No momento em que maldizia a sorte e saía de casa, encontrei Kirilov, que entrava. Reconheceu-me primeiro do que eu. Em resposta à pergunta que me fez, expliquei-lhe sumariamente o motivo que ali me havia levado e falei-lhe na carta.

— Venha comigo e traga a carta — disse-me ele. — Eu farei tudo.

Lembrei-me do que contara Lipoutine: com efeito, o engenheiro alugara naquela manhã o pavilhão em madeira existente no pátio de entrada. Deste pavilhão, grande de mais para um homem só, cedeu parte a uma velha mulher surda, a qual se encarregara, como recompensa, da limpeza e direção da casa. O proprietário do pavilhão possuía numa outra rua uma casa nova, de que tinha feito um café. Deixara esta velha — sem dúvida a um dos seus parentes — e passara a residir na sua casa da rua *Épiphanie.* Os quartos do pavilhão estavam em bom estado e só a tapeçaria estava suja. O compartimento onde entrámos continha apenas uns móveis velhos, comprados naquela ocasião; duas mesas de jogo, uma cómoda em madeira de amieiro, uma grande mesa de madeira branca, proveniente sem dúvida de uma hospedaria ou de uma cozinha qualquer, algumas cadeiras e uma poltrona de espaldar com aberturas e duros coxins de couro. Num canto estava uma imagem, junto da qual a mulher, antes da nossa chegada, acendera uma lamparina. Das paredes estavam suspensos dois grandes

quadros a óleo: eram duas telas esfumadas, representando uma o imperador Nicolau e a outra um bispo qualquer.

Entrando, Kirilov acendeu uma vela. A mala, que ainda não tinha aberto, estava a um canto. Pegou num pau de lacre, num envelope e num sinete de cristal.

— Lacre a carta, escreva a direção e eu entregar-lha-ei.

Repliquei-lhe que não era necessário, mas ele insistiu. Depois de ter escrito a direção peguei no chapéu.

— Então não quer tomar uma chávena de chá? — perguntou-me ele. — Comprei-o ainda há pouco.

Não recusei. A mulher não tardou a aparecer, trazendo uma grande chaleira cheia de água quente e uma mais pequena cheia de chá, duas chávenas de louça ordinária pessimamente pintadas, vários pães e um prato coberto de ladrilhos de açúcar.

— Gosto de chá — disse Kirilov. — Bebo-o à noite e passeio depois até ao nascer do dia. No estrangeiro não era fácil beber chá à noite.

— Deita-se com o nascer do dia?

— Há já bastante tempo que faço assim. Como pouco e tomo sempre chá! O Lipoutine é astuto, mas um tanto atrevido.

Notei com surpresa que tinha vontade de conversar; resolvi aproveitar a ocasião.

— Com os seus ditos originou desagradáveis mal-entendidos — observei eu.

O rosto tornou-se-lhe carrancudo.

— Foi uma estupidez, apesar de serem puros nadas. Toda essa história não tem importância, atendendo a que Lebiadkine é um bêbado. Pouco tenho falado com Lipoutine e só lhe tenho dito banalidades. Foi com elas que inventou toda aquela história. Tem grande imaginação: de coisas insignificantes faz uma montanha. Até ontem acreditava nele!

— E hoje em mim? — retorqui, rápido, sorrindo.

— O senhor conhece tudo desde há muito. Lipoutine ou é fraco... ou atrevido... ou mau... ou... invejoso.

Esta última palavra magoou-me.

— Estabelece tantas categorias que com certeza deve pertencer a uma delas.

— Ou a todas ao mesmo tempo.

— É possível. Lipoutine é um caos... É verdade ter chalaceado quando falou de uma obra que estava a escrever?

O engenheiro franziu de novo as sobrancelhas e pôs-se a examinar o tapete.

— Por que acha que chalaceou?

Desculpei-me e em especial da minha indiscreta curiosidade. Kirilov corou.

— Disse a verdade; estou a escrever, de facto. Tudo isso porém nada tem com o caso.

Calámo-nos durante um minuto. De repente vi reaparecer-lhe no rosto o sorriso infantil que já lhe havia notado.

— Ele compreendeu mal. Procuro apenas as causas que impedem os homens de não terem a coragem de se matar. De resto isto também nada tem com o caso.

— Como, não têm a coragem de se matar? Acha que há poucos suicídios?

— Muito poucos.

— É esse, na verdade, o seu parecer?

Sem responder, levantou-se e, pensativo, começou a passear a todo o comprimento do quarto.

— Segundo o seu modo de ver, o que impede as pessoas de se suicidarem? — perguntei eu.

Olhou-me com ar distraído, como se procurasse lembrar-se do assunto da nossa conversa.

— Eu... eu... não sei ainda bem... Duas preocupações as arrastam, duas coisas apenas, sendo uma muito insignificante e a outra, pelo contrário, muito importante. A primeira não deixa de ter também certa importância.

— Qual é?

— O sofrimento.

— O sofrimento? Então representa assim um papel tão proeminente neste assunto?

— O maior. É preciso no entanto distinguir: há pessoas que se matam sob a influência de um grande desgosto, ou quando encolerizadas, ou porque são loucas, ou ainda porque tudo lhes é indiferente. Nestas condições suicidam-se bruscamente e não pensam no sofrimento. Porém os outros suicidam-se ante uma razão; pensam muito para tal fazerem.

— E há pessoas que se suicidam com razão?

— Um grande número. Não fossem os preconceitos e o número era maior; era a grande maioria, se não fosse toda a gente.

— O quê, toda a gente?

O engenheiro não deu atenção a esta observação.

— Mas não haverá uma maneira de morrer sem se sofrer?

— Imagine — disse ele, parando na minha frente — uma pedra do tamanho de uma casa de seis andares e suponha-a suspensa sobre a cabeça: se lhe cair em cima sentirá qualquer sofrimento?

— Uma pedra do tamanho de uma casa? Isso era horroroso!

— Não falo do horror; pergunto se sofreria?

— Uma pedra do tamanho de uma casa? Uma pedra pesando um milhão de quilos? Naturalmente não devia sofrer.

— No entanto, enquanto estivesse suspensa sobre a sua cabeça, teria grande medo e sofreria com isso. Ninguém, nem o homem mais inteligente, poderia esquivar-se a essa impressão. Cada um de nós sabia que a pancada da pedra não devia ser dolorosa e todavia todos a recearíam como um sofrimento extremo.

— E agora, a segunda causa, aquela que declarou tão importante.

— É o «outro mundo».

— Quer dizer, a punição?

— Não, isso nada representa. O «outro mundo», muito simplesmente.

— Mas não há ateus que não creem no «outro mundo»?

Kirilov não respondeu.

— Julga-se talvez por si?

— Nunca podemos nem devemos julgar as coisas por nós — disse ele, corando. — A liberdade completa só existirá quando nos for indiferente viver ou morrer. Eis a finalidade a atingir!

— O quê? Mas então ninguém viverá, nem poderá viver?

— Ninguém — asseverou ele sem hesitação.

— O homem tem medo da morte porque ama a vida, é como compreendo a questão — observei eu — e a natureza quere-lo assim.

— É uma cobardia enxertada numa impostura! — replicou ele com olhar brilhante. — A vida é um sofrimento, a vida é um constante medo e o homem é um desgraçado. Agora há apenas sofrimento e medo. Agora o homem ama a vida porque ama o sofrimento e o medo. É assim que se tem feito. Agora dá-se a vida por um sofrimento e pelo medo, o que é um absurdo. O homem não é ainda o que deve ser. Um dia há de vir um novo

homem, feliz e altivo. Aquele a quem for indiferente viver ou morrer, será o novo homem. Aquele que vencer o sofrimento e o medo será um Deus. Nessa altura o outro Deus deixará de existir.

— Crê na sua existência?

— Existe, sem existir. Na pedra não há sofrimento, mas este existe no medo que se tem pela pedra. Deus é o sofrimento que causa o medo da morte. Quem triunfar do sofrimento e do medo, tornar-se-á o próprio Deus. Então começará uma nova vida, surgirá um novo homem, será uma renovação universal... Então dividir-se-á a história em dois períodos: desde o gorila até ao aniquilamento de Deus e desde este até.

— Até ao gorila?

— Até à mudança física do homem e da Terra. O homem será Deus e mudar-se-á fisicamente. Uma transformação se operará na Terra, nos pensamentos, nos sentimentos e nas ações. Supõe que o homem não sofrerá então uma mudança física?

— Se se lhe tornar indiferente viver ou morrer tudo acabará e a mudança consistirá talvez nisso.

— Isso nada resolverá. Matar-se-á a mudança. Aquele que aspira à maior liberdade não deve ter medo de se matar. Quem ousar matar-se, descobrirá onde está o erro. Não há liberdade que ultrapasse essa; tudo vai até ela e além dela nada há. Quem ousar matar-se é Deus. Agora cada um o pode fazer porque não há Deus, nem qualquer outra coisa. Mas ninguém o fez ainda.

— Há milhões de suicidas!

— Mas nunca se inspiraram naquele motivo; mataram-se sempre com medo e não para matar o medo. Aquele que se matar para matar o medo, tornar-se-á logo Deus.

— Não terá talvez tempo — notei eu.

— Isso não tem importância — respondeu Kirilov, com tranquila e quase desdenhosa altivez. — Noto esse seu ar de riso — acrescentou ele um pouco depois.

— E eu admiro-me que tendo estado há pouco tão irascível, esteja agora tão calmo, não obstante o entusiasmo com que tem falado.

— Há pouco? Há pouco tornei-me ridículo! — exclamou ele, com um sorriso. — Não gosto de discutir e por isso raras vezes o faço — afirmou num tom de pesar.

— Não devem ser nada alegres as noites que passa a beber chá.

Dizendo isto levantei-me e peguei de novo no chapéu.

— Supõe isso? — perguntou, sorrindo, com um ar de espanto. — Porquê? Não, eu… não sei como são os outros, mas sinto que não posso parecer-me com eles. Cada um pensa sucessivamente em diversas coisas; eu tenho sempre a mesma ideia no espírito e é-me impossível pensar noutra. Deus tem-me atormentado toda a vida — concluiu, com este súbito e singular desabafo.

— Permite-me perguntar-lhe por que fala tão mal o russo? Será possível que uma estadia de cinco anos no estrangeiro o tenho feito esquecer a língua pátria?

— Falo mal o russo? Não admira, não sei nada... Não é por ter estado no estrangeiro, pois falei assim toda a minha vida... É-me indiferente.

— Ainda uma pergunta e esta mais delicada: estou persuadido de que fala verdade quando diz gostar pouco de conversar, no entanto por que quis conversar comigo?

— Consigo?... Teve até agora uma atitude muito digna e o senhor... mas tudo isto não tem nenhuma importância... parece-se muito com meu irmão. A semelhança é tão flagrante — exclamou ele, corando. — Morreu há sete anos e era muito mais velho do que eu,

— Deve ter tido grande influência na evolução das suas ideias.

— Não, falava pouco. Não dizia nada... Sobre a sua carta, mandar-lha-ei entregar.

Acompanhou-me de lanterna acesa até à porta da rua a fim de a fechar. «Com certeza é tolo», concluí eu ao transpor a porta.

No momento de o fazer tive novo encontro.

Capítulo 9

Ao pôr o pé no passeio senti-me agarrado de repente pelo peito por uma mão vigorosa, ao mesmo tempo que alguém gritava:

— Quem és tu? Amigo ou inimigo? Responde!

— É um dos nossos, é um dos nossos! — gritou num tom aflautado Lipoutine. — É o senhor G...v, que se dedica aos estudos clássicos e que está relacionado com a melhor sociedade.

— Gosto que esteja relacionado com a melhor sociedade... clássica... Deve por consequência ser muito instruído. Eu sou o capitão reformado Inácio Lebiadkine, ao dispor de todos e em especial dos amigos... se são verdadeiros... se são verdadeiros, os marotos!

O capitão Lebiadkine, que media um metro e oitenta e dois centímetros, era um homem cheio, com o cabelo encarapinhado e o rosto vermelho; nessa ocasião estava literalmente bêbado e a custo se mantinha de pé, assim como falava com muita dificuldade. Já tinha tido ocasião de anteriormente o ter visto ao longe.

— Ah, também aqui! — vociferou de novo, ao ver Kirilov, que estava ainda à porta com a lanterna acesa. Levantou o punho mas não foi além do gesto.

— Perdoo em consideração pelo saber! Lebiadkine é um homem culto...

A bomba de um amor tão ardente como demente
Havia explodido no coração de Inácio.
Porém tristemente definhou
O manco de Sebastopol.

— Para falar verdade não sou de Sebastopol, nem sou manco! Que versos!... — disse ele, avançando para mim o rosto congestionado pela bebedeira.

— Não tem tempo a perder e está com pressa de regressar a casa — observou Lipoutine ao capitão.

— Amanhã encarregar-se-á de contar tudo isso à Lisa.

— À Lisa! — repetiu Lebiadkine. — Espera então, não te vás ainda... Outra variante:

Passou ao trote de um cavalo vivo
Uma estrela que eu admiro;
Dirigiu-me um doce sorriso,
Essa aristocrática criança.

— Como vês é um hino. É um hino, se não és um asno! Eles não compreendem nada! Espera! — disse ele, agarrando-se ao meu sobretudo, apesar dos esforços que empreguei para me libertar. — Diz-lhe que sou um cavalheiro honrado e que a Dacha... a Dacha, com dois dos meus dedos, eu... É uma criada e não ousará...

Graças a uma violenta sacudidela que o deitou por terra, consegui libertar-me das suas mãos e vir para a rua. Lipoutine agarrou-se a mim.

— Kirilov levantá-lo-á. Sabe o que o capitão acabou de me confidenciar? — disse-me ele, precipitadamente. — Ouviu os seus versos? Pois bem, esta poesia dedicada a uma «estrela amazona» escreveu-a num papel, assinou-a, meteu-a num envelope e amanhã enviá-la-á à Lisa. Que homem!

— Aposto que fez isso por instigação sua.

— Perdeu! — respondeu rindo, Lipoutine. — É amoroso como um gato. E fique a saber que esta paixão começou pelo ódio. Detestava a Lisa porque se entregava à equitação; odiava-a ao ponto de a invetivar em voz alta na rua. Anteontem ainda, na ocasião em que passava aqui a cavalo, dirigiu-lhe uma série de palavras injuriosas. Por felicidade não as ouviu. Hoje, de súbito, começou a fazer-lhe versos. Já sabe que vai tentar um pedido de casamento? Sério, sério!

— Deixa-me espantado, Lipoutine. Em toda a parte onde se tramar alguma vilania deste género, é certo encontrar a sua mão! — disse eu encolerizado.

— Vai um pouco longe, senhor G...v. Não será o medo de um rival que lhe transtorna as ideias e o coração?

— O quê? — gritei embaraçado.

— Para o castigar, não direi mais nada! Queria saber mais, não era? Vamos lá, ainda vai saber uma coisa: este imbecil não é já um simples

capitão, mas um proprietário da nossa província e um proprietário muito importante, atendendo a que há pouco ainda Stavroguine vendeu-lhe todos os seus bens avaliados, segundo a antiga avaliação, em duzentos *âmes*. Deus é testemunha que não minto! Tive há minutos conhecimento do facto e soube-o de muito boa fonte... Agora vá descobrir o resto... Não digo nem mais uma palavra e até mais ver!

Capítulo 10

Stepan esperava-me com grande impaciência. Tinha voltado há aproximadamente uma hora. Encontrei-o como que embriagado; pelo menos durante os primeiros cinco minutos supu-lo bêbado. A visita às senhoras Drozdov tinha-lhe transtornado por completo as ideias!

— Meu amigo, perdi totalmente a transmontana... Gosto da Lisa e continuo a adorar esse anjo como outrora; todavia parece-me que ela e a mãe desejaram ver-me unicamente para me fazerem falar, isto é, para tirarem «nabos do púcaro», como se costuma dizer. Parece-me que foi essa a razão por que me convidaram... É como te digo.

— Não tens vergonha de dizer isso? — repliquei, com violência.

— Meu amigo, como estamos sós, confesso-te que fui ridículo. Imagina que há nisto tudo uma série de mistérios. Interrogaram-me a propósito do nariz, das orelhas e dos diversos incidentes inexplicáveis sucedidos em S. Petersburgo! Só depois da chegada souberam dos disparates que Stavroguine fez entre nós há quatro anos: «Visto que observaste tudo e a tudo assististe, podes dizer-nos se na verdade ele estava tolo?» Não compreendo a razão por que se convenceram desta ideia. Por que é que Prascovie teima à viva força em considerar o Stavroguine como sendo um tolo? Terá algum motivo? Terá algum motivo? Maurício é um homem ponderado, no entanto interviria também na questão a favor dele, após ter escrito a primeira carta de Paris a esta pobre amiga? Enfim, esta Prascovie é um tipo muito singular e lembra-me Korobotchka, a inolvidável criação de Gogol: somente é uma Korobotchka em ponto grande, em ponto muito maior...

— Julgas isso possível?

— Se queres, direi: em ponto muito menor! É-me indiferente. Porém não me interrompas, pois acabarias por me desconcertar. Estão agora em guerra aberta; não falo da Lisa, que está sempre em boas relações com a «tia», como ela diz. Lisa é astuta e tem alguma coisa com ela, sabe alguns segredos. Com a velha, o corte de relações é completo. Essa pobre «tia», lá isso é verdade, tiraniza toda a gente... A coincidir com esta questão

ocorreu a vinda da governadora, a irreverência da sociedade, a «irreverência» de Karmazinov, a convicção do filho ser talvez tolo, o Lipoutine, que sei eu mais! Numa palavra, viu-se obrigada por tudo isto, segundo me disse, a aplicar sobre a cabeça uma compressa embebida em vinagre. Foi nessa altura que a importunámos com as nossas queixas e as nossas cartas... Oh! quanto a tenho feito sofrer e principalmente logo nesta ocasião! Sou um ingrato! Imagina que quando entrei, encontrei uma carta dela. Lê, lê!... Oh! a minha ingratidão tem sido muito grande!

Deu-me a carta que acabara de receber de Bárbara. A viúva, lastimando a ordem: «Ficai em casa», dada pelo bilhete da manhã, escrevera esta carta num tom mais delicado, mas não menos decisivo e lacónico. Pedia a Stepan para ir a casa dela no próximo domingo, isto é, no dia seguinte ao meio-dia preciso, e aconselhava-o a levar com ele algum dos seus amigos — o meu nome aparecia entre parênteses. Por seu lado prometia convidar Chatov, como irmão de Dacha. «Ela dar-lhe-á uma resposta definitiva. Será isto o suficiente? Será esta a formalidade que tanto deseja?»

— Nota a provocação que se percebe na frase final. Pobre, pobre amiga da minha alma! Confesso que esta decisão *inopinada* sobre o meu futuro, quase, por assim dizer, me esmagou... Até a receber, esperei sempre; agora tudo acabou, tudo terminou! É terrível! Oh! se esse domingo nunca mais chegasse, se a vida pudesse continuar tal como até aqui!

— Foram os ignóbeis enredos de Lipoutine que te levaram a pensar completamente o contrário.

— Acabas de pôr o teu dedo de amigo sobre outro ponto também doloroso. Os dedos dos amigos são, em geral, impiedosos e algumas vezes mesmo insensatos... Perdão, mas a acreditar em ti, quase esquecera tudo isso, todas essas vilanias; ou antes, não as tinha esquecido de todo, apenas, estúpido como sou, durante a minha visita a casa de Lisa esforcei-me por ser feliz e persuadi-me de que o era. Mas agora... Oh! agora, penso nessa mulher magnânima, sensitiva, indulgente com os meus mais miseráveis defeitos... Engano-me! Ela não é tão indulgente como eu, que sou, com o meu oco e detestável caráter, um garoto, um ser que tem todo o egoísmo de uma criança, sem ter a sua inocência. Durante vinte anos essa pobre «tia», como graciosamente lhe chama Lisa, tratou de mim como se fosse minha *mãe!* De repente, ao fim de vinte anos, a criança pretende

ansiosamente casar-se: «Muito bem, casa-te», disse ela. Escrevi-lhe por tal motivo e ela respondeu-me, tendo a cabeça envolvida em compressas com vinagre... e no próximo domingo a criança será um homem casado... Por que teria eu insistido? Por que teria escrito aquelas cartas? Não sei; só sei que me esqueci. A Lisa adora a Dacha, ou pelo menos afirma-o. «É um anjo», dizia ela, falando da Dacha, «só é um pouco dissimulada». Ela e a mãe aconselharam-me... ou melhor, Prascovie nada me aconselhou. Oh, quanto veneno há nesta Korchotchka! E mesmo a Lisa não foi bem, bem, um conselho que me deu. «Para quê casar-se!», disse-me ela. «Devem bastar-lhe as alegrias da ciência». Depois pôs-se a rir. Perdoei-lhe, porque tem também um grande desgosto. «A principal razão», disseram-me elas, «é não poder passar sem uma mulher. As enfermidades vêm chegando, e precisa de alguém que trate da sua saúde»... Eu mesmo, durante todo este tempo em que vivi só contigo, pedi *in petto* à Providência para me conceder a Dacha, não obstante o declinar dos meus agitados dias a fim de tratar da minha saúde e pôr em ordem a minha casa... Está tão suja! Repara neste desarranjo, apesar de ter dado ordens para arrumarem tudo. Olha esse livro aí no chão. A pobre amiga zangava-se sempre que via a falta de asseio e o desmazelo da minha casa... Oh, não mais ouvirei a sua voz a dar ordens! Vinte anos! Recebeu, segundo parece, cartas anónimas... Por sua vez Stavroguine vendeu as propriedades a Lebiadkine. É um monstro!... mas este Lebiadkine quem é? Lisa ouviu, ouviu... oh, se visses como me escutava! Perdoo-lhe o riso, atendendo à atenção que prestou a tudo isto. E o Maurício? Não queria estar no seu lugar neste momento; é um homem honrado, mas um pouco tímido. Que Deus o ajude!

A fadiga obrigou-o a parar, visto as suas ideias se baralharem cada vez mais; baixou a cabeça e, imóvel, pôs-se a olhar o chão com ar de cansaço. Aproveitei o seu silêncio para contar a minha visita à casa Filippov. A propósito emiti, convencido no íntimo, a opinião de que de facto a irmã de Lebiadkine, que não tinha visto ainda, podia ter sido vítima de Stavroguine, na época em que levava, segundo a expressão de Lipoutine, uma existência enigmática: desde então era muito possível que o capitão recebesse dinheiro dele, mas não passava disso. Quanto aos ditos respeitantes a Dacha alcunhei-os de vis calúnias, servindo-me do testemunho de Kirilov, e Stepan não ousou levantar a mais pequena dúvida. Escutou-me com ar distraído, como se tudo quanto lhe contei não

tivesse nenhum interesse. Pormenorizei-lhe também a minha conversa com Kirilov e acrescentei que me deu a impressão de ser tolo.

— Não é tolo, mas é um homem sem grande visão, nem grandes ideias — respondeu ele, com uma espécie de desgosto. — As pessoas como ele supõem a natureza e a sociedade humana muito diferente das que Deus fez, o que na verdade não são. Gostam de galanteios, coisa que nunca fiz. Vi-os, quando estive em S. Petersburgo com a minha querida amiga (quantas vezes a ofendi então!) e não receei nunca nem as suas injúrias, nem os seus elogios. Não os temo também mais agora... mas falemos de outra coisa... Suponho que tenho feito asneiras tremendas. Imagina que escrevi ontem a Dacha! Quanto estou arrependido!

— Que lhe escreveste?

— Afianço-te que obedeci a um nobre sentimento. Informei-a de que tinha escrito cinco dias antes a Stavroguine. A delicadeza inspirou-me esta explicação.

— Não compreendo! — disse eu com veemência.

— Com que direito te permitiste juntá-los no mesmo banco dos réus?

— Meu amigo, não acabes de me esmagar e poupa-me às tuas exclamações. Estou já esborrachado como... como uma barata e suponho, contudo, que a minha conduta foi digna. Suponho que houve de facto alguma coisa... na Suíça… um começo. Devo por isso, antes de tudo, interrogar os seus corações, para... não me atravessar nos seus amores, para não ser um obstáculo no seu caminho... Tudo quanto tenho feito é por nobreza de alma.

— Oh, meu Deus, agiste estupidamente! — não pude deixar de exclamar.

— Estupidamente! Estupidamente! — repetiu ele com uma espécie de prazer. — Nunca disseste nada mais acertado. Fui estúpido, mas que fazer? Já não tem remédio. De qualquer maneira, caso-me. E se devo casar-me para ocultar os «pecados de outrem», para que preciso escrever? Não é verdade?

— Depois disso atreves-te a aparecer ainda!

— Oh, nesta altura poupa-me às tuas censuras, visto não teres na tua frente o velho Stepan. Esse enterrou-se, Está tudo dito. E tu porque não te exaltas também? Apenas porque não te casas, porque não estás na contingência de trazer na cabeça um certo ornamento. Franzes as sobrancelhas? Meu pobre amigo, não conheces a mulher e eu não tenho

feito outra coisa senão estudá-la. «Se queres vencer na vida, começa por te vencer», foram as únicas belas palavras que ouvi dizer a um outro romântico como tu, Chatov, o meu futuro cunhado. Sirvo-me sem constrangimento do seu aforismo. E agora que estou prestes a vencer-me, vou-me casar, sem contudo saber a espécie de vitória que vou alcançar, para, como devo, a transmitir a todos! O casamento é a morte moral de toda a alma altiva, de toda a independência. A vida conjugal perverter-me-á, roubar-me-á toda a energia, toda a coragem para bem servir a causa. Terei filhos e, o que é pior, filhos de que não serei o pai: o sábio não teme olhar a verdade de frente... Lipoutine aconselhou-me a entrincheirar-me para me salvaguardar de Stavroguine. É estúpido este Lipoutine. A mulher, quando quer, engana mesmo aquele que tudo vê. Deus, criando a mulher, sabia sem dúvida ao que se expunha; todavia estou convencido de que ela lhe impôs as suas ideias, que o forçou a criá-la com aquela forma… aqueles atributos. Por outro lado, quem quereria causar tantos aborrecimentos, sem nenhuma compensação?

Não teria sido ele, se não lhe servisse de pretexto para proferir alguns dos fáceis gracejos «voltairianos», que estiveram tanto em moda na sua juventude. Após este devaneio de um minuto, recomeçou com as suas ideias tristes.

— Oh, quem dera que não chegasse mais o dia fatal! — exclamou ele de repente, num tom desesperado. — Por que não há de poder existir uma semana sem domingo, se de facto os milagres são uma coisa real? Que custaria à Providência tirar um domingo do calendário, quando mais não fosse senão para provar o seu poder a um ateu? Como eu a tenho amado! Vinte anos! Vinte anos completos e nunca me compreendeu!

— De que falas tu? Não compreendo nada! — perguntei, deveras admirado.

— Vinte anos! Não me compreendeu uma única vez! É duro! Convencer-se-á que me caso por temor ou por necessidade? Oh, vergonha das vergonhas! Tia, tia, é por ti que o faço! É preciso dar-lhe a saber que foi ela a única mulher que me cativou durante vinte anos! Se não lho transmitirem, o casamento não se realizará, ou então será preciso empregar a força para me porem na cabeça a coroa!

Foi a primeira vez que lhe ouvi tal confissão e exposta de uma forma tão enérgica. Não posso deixar de confessar que senti grande vontade de rir. Estava deveras desorientado.

Entretanto um novo pensamento surgiu no espírito de Stepan.

— Nesta altura só o tenho a ele. É a minha única esperança! — exclamou, exaltado, batendo com as mãos uma na outra. — Agora só o meu pobre rapaz me poderá salvar e... Porque não teria chegado ainda? O meu filho! O meu Pedro! É certo que sou indigno do nome de pai e antes merecia o de tigre, mas... Deixa-me ficar só, meu amigo! Vou-me deitar um momento para concatenar as minhas ideias. Estou tão fatigado, tão fatigado! E tu mesmo é tempo de te ires deitar, pois é meia-noite...

Parte 4

Capítulo 1

Chatov não desaprovou e, conforme o que eu lhe tinha escrito, foi ao meio-dia a casa de Lisa. Chegámos quase ao mesmo tempo. Entrava também pela primeira vez em casa das senhoras Drozdov, Estas encontravam-se no salão, acompanhadas de Maurício, e discutiam os três no momento em que entrámos. Prascovie pedira a sua filha para lhe tocar uma certa valsa e Lisa sentara-se ao piano. Porém a mãe afirmava que a valsa tocada não era aquela que lhe pedira. Maurício tomou o partido de Lisa, com a sua costumada simplicidade, e afirmava que Prascovie estava enganada. Esta chorava encolerizada. Estava doente e caminhava mesmo com dificuldade. Os pés estavam inchados, o que a indispunha e tornava teimosa. Há alguns dias não cessava de altercar com todos os que a rodeavam, se bem que tivesse sempre certo medo de Lisa. Ficou contente por nos ver. Lisa corou também de satisfação e, depois de me ter agradecido por lhe ter levado Chatov, aproximou-se dele e examinou-o curiosa.

Este ficou no vão da porta, muito embaraçado com tal exame. Momentos depois agradeceu-lhe o ter vindo e apresentou-o a sua mãe.

— É o senhor Chatov, de que lhe falei, e o senhor G...v, um grande amigo meu e de Stepan. Maurício conheceu-o ontem também.

— Qual é o professor?

— Nem um nem outro, minha mãe.

— Mas disseste-me que viria um professor. Deve ser aquele — disse Prascovie, indicando Chatov com ar de desprezo.

— Está confundida. Não lhe anunciei a visita de nenhum professor. O senhor G...v fez o favor de trazer o senhor Chatov, que é um antigo estudante.

— Estudante ou professor, é sempre um frequentador da Universidade. Gostas de me contradizer por espírito de chicana. No entanto o que conhecemos na Suíça tinha bigode e barbicha.

— A minha mãe quer referir-se ao filho de Stepan e dá-lhe sempre o nome de professor — disse Lisa, levando Chatov para o outro lado da sala

e convidando-o a sentar-se numa poltrona.

— Quando lhe incham os pés é sempre assim. Está doente e, por isso, compreendem! — acrescentou Lisa, em voz baixa, continuando a observar com extrema curiosidade o visitante e, sobretudo, os seus cabelos revoltos, os quais chamavam a atenção de todos.

— É militar? — perguntou-me a velha senhora.

Lisa cometera a crueldade de me sentar frente a frente com ela.

— Não, minha senhora. Presto...

— O senhor G...v é um grande amigo de Stepan — apressou se a explicar a filha.

— Presta serviços em casa de Stepan? É também professor como ele?

— Ah, minha mãe só tem professores na cabeça. Creio mesmo que até sonha com eles! — exclamou Lisa, impacientada.

— Basta que os veja quando estou acordada. Mas só estás bem a contradizer-me. Estás sempre na oposição... Estava aqui há quatro anos, quando Stavroguine veio de S. Petersburgo?

Respondi afirmativamente.

— Havia um inglês entre os senhores?

— Não, minha senhora. Não havia nenhum.

Lisa pôs-se a rir.

— Vês como não havia nenhum inglês?! Por consequência é tudo mentira. Bárbara e Stepan mentiram... De resto, todos mentiram.

— A minha tia e Stepan encontraram em Stavroguine certa semelhança com o príncipe Harry, do drama *Henrique IV,* de Shakespeare. A minha mãe, por seu turno, objetou que ele não tinha nada de inglês — explicou-nos Lisa.

— Se não tinha nada de inglês, não tinha nada de Harry. Só Stavroguine era capaz dessas travessuras.

— Garanto-lhe que minha mãe o fez de propósito — julgou-se Lisa no dever de observar, dirigindo-se a Chatov. — Ela conhece muito bem Shakespeare. Já leu o primeiro ato do *Otelo*, mas agora está muito doente. Ouça, minha mãe: já deu meio-dia, por isso são horas de tomar o seu remédio.

— Chegou o senhor doutor — anunciou a criada de sala.

— Zémirka, Zémirka, anda comigo! — gritou Prascovie meia-levantada.

Em lugar de acorrer ao chamamento, Zémirka, uma cadela velha, feia e pequena, foi-se meter debaixo do sofá onde estava sentada Lisa.

— Não queres? Pois fica. Adeus pequena. Não sei o seu nome próprio, nem a sua denominação patronímica — disse a velha senhora dirigindo-se a mim.

— Antoine Lavrantievitch...

— Pouco importa. Isso entra-me por um ouvido e sai-me pelo outro. Não se dê ao incómodo de me acompanhar, Maurício, pois chamei apenas pela Zémirka. Graças a Deus já posso caminhar sem me amparar e amanhã irei passear.

Saiu, desgostosa.

— Peço-lhe para conversar um bocado com Maurício. Garanto-lhes que ganharão em se conhecerem o mais intimamente possível — disse-me Lisa, dirigindo entretanto um sorriso amigável ao capitão de artilharia, que ficou radiante quando os dois olhares se cruzaram.

Na falta de melhor fui obrigado a conversar com Maurício.

Capítulo 2

Com grande surpresa minha, a questão que Lisa tinha a tratar com Chatov era exclusivamente literária. Não sei porquê, mas convencera-me de que o convidara para outra coisa. Como não se esconderam de nós e conversaram muito alto, ficámo-nos, Maurício e eu, a escutar a conversa, na qual depois nos convidaram a tomar parte. Tratava-se de um livro que Lisa julgava útil e que, há uns tempos, pensava em publicar. Todavia, devido à sua completa inexperiência, necessitava de um colaborador. Fiquei deveras impressionado com a gravidade com que expôs o seu plano a Chatov. «É com certeza simpatizante das novas ideias» — pensei eu. «Não foi em vão que residiu na Suíça». Chatov escutava-a com atenção, de olhos fitos no chão. Não notava por isso quanto o projeto de que se falava, estava pouco em relação com as vulgares ocupações de uma menina da alta sociedade.

Vejamos de que género era esse cometimento literário. Aparecem nas nossas casas, tanto na capital como na província, grande quantidade de jornais e revistas que todos os dias nos dão conhecimento de um certo número de acontecimentos. O ano passa-se e os jornais, ou os empilham nas estantes, ou os sujam, ou os rasgam, ou os empregam em mil e uma coisa. Alguns dos incidentes, tornados públicos pela imprensa, produzem certa impressão e ficam na memória do leitor, o qual porém com o tempo os vem a esquecer. Mais tarde muitas pessoas pretendem conhecer ou esclarecer esses incidentes. Nessa altura, quanto trabalho para encontrarem o que procuram em tão grande oceano de papel impresso, tanto mais que, muitas vezes, não sabem nem o dia, nem o ano, nem mesmo o lugar onde o acontecimento se passou! Se por cada ano se catalogassem esses diversos factos num livro, segundo um estudado plano e uma determinada ideia, dispondo em quadros, em índices, ou em grupos as matérias, por mês e por dia, um tal catálogo poderia, do seu conjunto, patentear as características da vida russa durante um ano, se bem que os acontecimentos entregues à publicidade sejam infinitamente pouco numerosos em comparação com aqueles que de facto ocorrem.

— Em lugar de uma multidão de folhas, seriam precisos grossos volumes — observou Chatov.

Lisa respondeu, defendendo o seu projeto com calor, não obstante a dificuldade que tinha em se exprimir. A obra, assegurava ela, não devia formar mais do que um volume, e mesmo esse não devia ser muito volumoso. Se no entanto fosse obrigada a fazê-lo volumoso, pelo menos devia ser claro, pois o essencial era o plano e a maneira de apresentar os factos. Bem entendido, não se tratava de catalogar tudo. As banalidades, as medidas tomadas pelo governo, os regulamentos locais, as leis e factos idênticos, apesar da sua importância, não entravam no quadro da publicação projetada. Podiam-se também pôr de lado muitas coisas e limitar-se a escolha aos acontecimentos que exprimissem mais ou menos a vida moral da nação e a personalidade do povo russo numa dada época. Nada seria, no entanto, sistematicamente excluído, antes tudo teria o seu lugar: as anedotas curiosas, os incêndios, as dádivas de caridade ou patrióticas, as boas e as más ações, os ditos notáveis e os discursos, o relato das inundações e certos éditos do governo. Disto tudo anotar-se ia apenas o que interessasse à época. Tudo seria classificado segundo uma certa ordem, uma elevada intenção, um estudado plano esclarecedor do conjunto do catálogo. Enfim, o livro devia ser interessante e de uma leitura fácil, independentemente da sua utilidade como inventário ou catalogação. Seria, por assim dizer, o quadro da vida intelectual, moral e política da Rússia durante todo um ano. «É preciso — concluiu Lisa — que todos comprem esta obra e que ela se encontre sobre todas as mesas. Compreendendo que o mais importante nesta obra é o plano, daí a razão por que me dirigi ao senhor». Animou-se com o relato, e apesar de muitas vezes as suas explicações não serem nítidas e precisas, Chatov compreendeu-a.

— Será então uma obra com certa tendência, isto é, os acontecimentos serão agrupados segundo certa ideia preconcebida — murmurou ele, sem levantar a cabeça.

— Nada disso. O agrupamento dos acontecimentos não deve fazer-se com nenhuma tendência, pois é necessário manter a imparcialidade.

— Mas a tendência não é um mal — replicou Chatov. — Por agora não há maneira de evitar que se faça uma escolha. A forma como os factos forem coligidos e catalogados implica já uma tendência. No entanto a sua ideia não é má.

— Supõe que tal livro será possível? — perguntou Lisa, toda contente.

— É preciso estudar e refletir. É uma questão complicada. Nunca foi publicado nada de parecido e a experiência é sempre indispensável. Ao publicá-lo, sentiremos embaraços para sabermos como o devemos fazer. Só se é bem-sucedido depois de várias tentativas, mas há já pelo menos uma ideia, e uma ideia útil.

Quando por fim levantou a cabeça, os olhos brilhavam-lhe radiantes, tal o vivo interesse que tomara pelo assunto da conversa.

— Foi a senhora que imaginou isto? — perguntou ele, em voz acariciadora e um pouco tímida.

Ela sorriu.

— Imaginar não é difícil, o principal é executar. Não percebo quase nada destas coisas e não sou muito inteligente; persevero apenas uma ideia quando se me apresenta clara...

— Persevera?

— Não é esta provavelmente a palavra adequada? — perguntou com vivacidade Lisa.

— Não importa a palavra; o sentido é tudo.

— Enquanto estive no estrangeiro pensei tornar-me útil à sociedade, prestando-lhe alguns serviços. Tinha e tenho dinheiro, e não sabia o que fazer. Por que não trabalhar como os outros para uma obra de interesse geral? A ideia que acabo de lhe expor surgiu de repente no meu espírito. Não a procurei e fiquei por isso encantada ao descobri-la. No entanto reconheci logo que não podia passar sem um colaborador, atendendo a que não sabia nada. Naturalmente esse colaborador será também um associado na publicação da obra. Tocará metade do lucro a cada um de nós. Conto que o senhor se encarregará portanto do plano do trabalho e eu fornecerei (outra primeira ideia) os capitais necessários para o empreendimento. A venda do livro cobrirá as despesas.

— Vender-se-á se conseguirmos elaborar um bom plano.

— Previno-o desde já que isto não é para mim uma questão de lucro, mas sim só desejo que a obra tenha o maior sucesso. Ficarei, é claro, toda orgulhosa se ao sucesso se jantar o lucro monetário.

— Muito bem. E a minha missão nesta combinação será...?

— Convido-o a ser meu colaborador... pela metade do lucro. Traçará o plano e...

— Por que me julga capaz de traçar esse plano?

— Falaram-me de si e ouvi dizer na cidade... Sei que é muito inteligente... que se interessa por estes assuntos... que estuda muito. Pedro falou-me de si na Suíça — acrescentou ela com precipitação. — É um homem muito inteligente, não é verdade? — perguntou, dirigindo-se a mim.

Chatov deitou-lhe um olhar rápido para em seguida baixar os olhos.

— Stavroguine também me falou em si.

Chatov corou de súbito.

— Além disso tem aqui os jornais — continuou ela, apressando-se a pegar, de sobre uma cadeira, num maço de jornais presos com um fio. — Tentei anotar os factos que deviam ser coligidos e numerei-os... como verá.

O visitante pegou no maço.

— Pode levá-lo para sua casa e deitar-lhe uma vista de olhos. Onde reside?

— Na rua *Épiphanie,* casa Filippov.

— Já sei. É lá, segundo dizem, que reside também um certo capitão Lebiadkine? — perguntou Lisa, com vivacidade.

Durante um minuto Chatov não respondeu, de olhos fitos no maço.

— Para este assunto faria muito melhor se escolhesse outro, porque eu não sirvo para isto — disse por fim, num tom muitíssimo baixo.

Lisa corou.

— De que estão a falar, Maurício? — perguntou ela. — Dê-me a carta que chegou ontem.

Maurício aproximou-se da mesa, enquanto eu seguia com os olhos todos os seus movimentos.

— Veja isso — disse-me ela bruscamente, desdobrando a carta toda nervosa e entregando-ma. — Com certeza nunca viu coisa igual! Leia em voz alta. Quero que Chatov ouça.

Li em voz alta o que se segue:

À beleza da menina Touchine

Menina Isabel Nikolaievna

Ah, quanto é encantadora Isabel Touchine!
Quando, ao lado do seu querido parente,

Aperta as ilhargas do veloz corcel
E a cabeleira lhe ondula ao vento,
Ou quando a vejo com sua mãe no santo templo
Curvando diante do altar o rosto piedoso!
Contemplo-a, ao vê-la sonhar com o himeneu,
E com olhar sentido vejo-os a ambos!

Minha senhora

Lastimo o mais possível não ter perdido um braço, para glória minha, em Sebastopol, porém fiz toda a campanha adjunto ao serviço de abastecimentos, o que considerava como um posto pouco digno... Parece-se com uma deusa da antiguidade, enquanto eu nada sou, mas cada vez que a vejo parece-me perscrutar o infinito. Considere estas frases como versos e nada mais, porque os versos nada significando, permitem dizer o que em prosa passaria por impertinência ou banalidade. Poderá o Sol desgostar-se com o infusório se, na gota de água onde se contam por milhares, este compuser uma poesia em sua honra? A própria Sociedade Protetora dos Animais, com sede em S. Petersburgo e que se interessa pelo cão ou pelo cavalo, despreza e desdenha o humilde infusório porque este não atingiu certo desenvolvimento. Eu também fiquei no estado embrionário... A ideia de me casar poderá parecer-lhe extraordinária, mas tenho agora uma propriedade de duzentos âmes, atualmente na posse de um misantropo, a quem desprezo... Posso revelar muitas coisas e até, graças aos documentos em meu poder, posso mandar alguém para a Sibéria. Não despreze a minha proposta. A carta de um infusório é em verso, como é natural.

O seu muito obediente amigo e que lhe deseja descanso

Capitão Lebiadkine

— Isto foi escrito por um homem embriagado e ao mesmo tempo velhaco! — gritei indignado. — Conheço-o!

— Recebi essa carta ontem — explicou Lisa corando. — Compreendi logo que provinha de um imbecil e por isso não a mostrei a minha mãe, para não a excitar mais. Se voltar, porém, a escrever não sei como hei de fazer. Maurício pretende ir exigir-lhe uma satisfação... Ora, como desde

hoje passo a considerá-lo como meu colaborador — disse em seguida, voltando-se para Chatov — e sabendo que vive na mesma casa onde vive esse homem, desejava ouvi-lo a tal respeito para poder fazer uma ideia do que posso esperar dele.

— É um bêbado e um velhaco — respondeu Chatov, mostrando má cara.

— E é também sempre assim estúpido?

— Desde que não tenha bebido, não é muito estúpido.

— Conheci um general que fazia versos iguais a estes — observei eu, rindo.

— Esta carta prova até que não passa de um piegas — declarou Maurício, que até aqui se mantivera calado.

— É verdade viver com uma irmã? — perguntou Lisa.

— Sim, vive com uma irmã.

— Dizem, mais ainda, que a maltrata. É também verdade?

Chatov fitou de novo Lisa com olhar investigador, mas foi rápido.

— Julga que ando a espreitar a vida dos outros? — resmungou ele, franzindo as sobrancelhas, levantando-se e encaminhando-se para a porta.

— Ah, espere um pouco! — exclamou Lisa inquieta. — Onde vai já? Temos ainda muitos pontos a examinar...

— De que falávamos? Amanhã dar-lhe-ei a conhecer...

— E o ponto principal, a impressão? Supõe que não quero, quando pelo contrário desejo muito a sério dar princípio a este trabalho — afirmou Lisa, cuja inquietação aumentava cada vez mais. — Se nos decidirmos a publicar a obra, onde a imprimiremos? É o ponto mais importante, porque não iremos a Moscovo por causa disto, e é impossível confiar este trabalho a uma tipografia daqui. Estava resolvida a instalar uma, que terá o seu nome se o consentir. Nestas condições a minha mãe, sei-o já, dar-me-á carta branca...

— Por que me supôs capaz de ser tipógrafo? — perguntou ele em tom atrevido.

— Durante a minha estada na Suíça, Pedro indicou-mo como um homem conhecedor da arte tipográfica e em condições de dirigir um estabelecimento dessa natureza. Deu-me mesmo uma carta para si, mas não sei o que é feito dela.

Chatov, se bem me lembro, mudou de fisionomia. Decorridos alguns segundos, saiu da sala.

Lisa zangou-se.

— Faz sempre assim? — perguntou-me ela.

Encolhi os ombros. Inesperadamente Chatov voltou a entrar e indo direito à mesa colocou nela o maço dos jornais que havia levado.

— Não quero ser o seu colaborador, pois não tenho tempo...

— Porquê? Porquê? Tem o aspeto de quem está desgostoso — disse Lisa aflita e suplicante.

O tom desta súplica pareceu-me ter produzido certa impressão sobre Chatov. Durante alguns instantes fitou Lisa, como se tentasse ler-lhe no mais íntimo da alma.

— Não importa — murmurou ele muito baixo. — Não quero...

Retirou-se então de vez. Lisa ficou muitíssimo consternada. Por mim não imaginava que um incidente desta ordem pudesse afetá-la tanto.

— É um homem singularmente estranho! — observou em voz forte Maurício.

Capítulo 3

De facto era «estranho», mas em tudo isto havia qualquer coisa de muito ambíguo e subentendido. Para falar verdade não acreditava na publicação projetada; depois, a carta do capitão Lebiadkine, sendo toda ela estúpida, não deixava de conter uma alusão muito clara a certa denúncia, apoiada em «documentos». Contudo ninguém criticara essa passagem e falara-se antes de outras coisas... E a questão da tipografia? E a brusca partida de Chatov, após as primeiras palavras pronunciadas a tal respeito? Todas estas circunstâncias levaram-me a pensar que antes da minha chegada se passara alguma coisa de anormal de que não tinha ainda conhecimento. Revelavam todos estes factos certa gravidade, mas não me diziam respeito. Como para uma primeira visita era já bastante longa, senti-me no dever de apresentar as minhas despedidas. Eram já horas de partir.

Lisa parecia ter esquecido a minha presença. Sempre de pé, no mesmo sítio, junto da mesa, refletia profundamente e, de cabeça baixa, conservava os olhos fixos num ponto do tapete.

— Ah! vai também embora! Então, até logo — disse ela com a sua costumada afabilidade. — Apresente os meus cumprimentos a Stepan e diga-lhe para vir logo falar comigo. Maurício, o Sr. G...v vai-se embora. Desculpe a minha mãe por não poder vir despedir-se...

Saí e encontrava-me no fundo da escada, quando um criado me agarrou junto da porta.

— A senhora pede-lhe o favor de tornar a subir...

— A senhora ou a menina Lisa?

— A menina Lisa.

Não a encontrei na sala onde estivéramos antes, mas sim num compartimento vizinho. A porta da sala, onde estava apenas Maurício, encontrava-se hermeticamente fechada.

Lisa sorriu-me, mas estava pálida. De pé, no meio do quarto, parecia hesitante, dominada por uma luta interior. De um salto agarrou-me pelos braços e, sem proferir uma palavra, arrastou-me para perto da janela.

— Quero vê-la sem demora — murmurou ela, fixando em mim um olhar ardente, imperioso, sem admitir a menor réplica. — Quero vê-la com os meus próprios olhos e para isso solicito a sua ajuda.

Estava em tal estado de exaltação que era capaz de praticar qualquer disparate.

— Quem deseja ver, Lisa? — perguntei eu, assustado.

— Essa senhora Lebiadkine, essa cambeta. É verdade que ela é cambeta?

Fiquei estupefacto.

— Nunca a vi, mas já ouvi dizer que sim e ainda ontem mo confirmaram — balbuciei rapidamente e em voz baixa.

— Necessito vê-la. Poderia conseguir-me uma entrevista com ela, hoje mesmo?

O seu estado de desespero inspirou-me profunda piedade.

— É impossível, pois não tenho maneira de me poder apresentar — respondi eu. — Passarei no entanto por casa de Chatov...

— Se não me arranjar isso até amanhã, irei eu própria, sozinha, a casa dela e apresentar-me-ei, porque Maurício recusa acompanhar-me. Confio apenas em si, visto não poder contar com mais ninguém. Tratei estupidamente o Chatov... Tenho a certeza de que é um homem honrado, e talvez me seja dedicado e capaz de me arranjar isso.

Senti o mais vivo desejo de a ajudar, servindo-me de todos os meios possíveis.

— Ouça então o meu plano — disse eu, após um instante de reflexão. — Vou a casa dela e hoje, hoje mesmo *com certeza* a devo ver! Empregarei todos os esforços ao meu alcance, dou-lhe a minha palavra de honra; apenas tem de me permitir que dê a conhecer a Chatov este seu desejo.

— Transmita-lho, pois não posso esperar. Diga-lhe também que há pouco não o enganava. Se partiu assim rápido foi talvez porque, sendo muito honesto, supôs que o tomava por uma pessoa fácil de lograr. Disse-lhe a verdade. A minha intenção é, com efeito, publicar um livro e estabelecer uma tipografia.

— É honesto, muito honesto — confirmei com calor.

— De resto, se a coisa não se arranja para amanhã, irei eu mesma, aconteça o que acontecer, e toda a cidade o ficará a saber.

— Não posso estar amanhã em sua casa antes das três horas — observei eu.

— Está bem; esperarei até às três horas. Não me enganei portanto quando ontem, em casa de Stepan, o supus capaz de me prestar um favor! — acrescentou ela com um sorriso; depois apertou-me a mão e correu a encontrar-se com Maurício.

Saí muito preocupado com a minha promessa. Não compreendia nada do que se passava. Experimentara tão grande desespero, que não temeu comprometer-se confiando num homem que não conhecia. O seu sorriso feminino, num momento para ela tão difícil, e a alusão aos sentimentos que observara em mim, quando me fitara, causaram-me dores no coração, como se fossem picadas, o que então senti foi apenas piedade e nada mais! Os segredos de Lisa tomaram aos meus olhos um caráter sagrado e se nesse momento tentasse revelar-me mais, creio que taparia os ouvidos para não os conhecer. Pressentia apenas alguma coisa... Caminhava rua fora sem ter o menor plano ainda sobre a maneira como arranjaria essa entrevista. Toda a minha esperança estava em Chatov, se bem que previsse nada conseguir por seu intermédio. Apesar disso, encaminhei-me para sua casa.

Capítulo 4

Só o encontrei à tarde, perto das oito horas. Fiquei surpreendido ao encontrá-lo com visitas: Kirilov e outro cavalheiro que mal conhecia, um certo Chigalev, irmão da senhora Virguinsky.

Este Chigalev estava há dois meses na cidade. Não sei de onde veio. Ouvi apenas dizer que havia publicado um artigo interessante numa revista progressista de S. Petersburgo. Virguinsky apresentara-mo uma vez na rua, ao encontrarmo-nos por acaso. Nunca tinha visto fisionomia tão sombria, tão carrancuda, tão desengraçada como a deste homem. Tinha o ar de quem espera o fim do mundo no dia seguinte pela manhã. Nesta altura, se bem me recordo, falámos pouco e limitámo-nos a apertar a mão, com a aparência de dois conspiradores. Chigalev chamou a minha atenção sobretudo pelas suas orelhas compridas, largas, grossas e muito afastadas da cabeça. Os seus movimentos eram lentos e desgraciosos. Se Lipoutine pensasse em criar um dia um falanstério na nossa província, tinha-se a impressão de que Chigalev era capaz de dizer, com a certeza de um adivinho, o dia e a hora em que esse acontecimento se realizaria. Produziu-me uma impressão péssima. Neste último encontro fiquei tanto mais admirado de o ver em casa de Chatov, quando este último, em geral, não gostava de receber visitas.

Na escada ouvia-se o barulho da conversa. Falavam todos três quase ao mesmo tempo e provavelmente discutiam. Ao verem-me, calaram-se. Durante a discussão haviam-se levantado. Quando entrei, todos se sentaram logo, se bem que devessem esperar que eu me sentasse também. Durante três minutos reinou um silêncio estúpido. Chigalev reconheceu-me, mas fez de conta que nunca me tinha visto — não por hostilidade para com a minha pessoa, mas porque era assim o seu feitio. Eu e Kirilov saudámo-nos, sem nada dizer e sem estendermos a mão. Chigalev, franzindo as sobrancelhas, começou a fitar-me com olhar severo e insistente, ingenuamente convencido de que eu ia deitar a fugir. Por fim Chatov levantou-se devagar da cadeira, os visitantes levantaram-se

também e saíram sem se despedirem. No vão da porta Chigalev disse a Chatov, que os acompanhou:

— Lembre-se de que tem contas a dar.

— Rio-me das suas contas e não me entrego a qualquer diabo — responde-lhe Chatov, fechando em seguida a porta à chave.

— Excomungados! — exclamou, olhando-me com um sorriso desagradável.

O seu rosto exprimia certa cólera e notei, não sem espanto, que foi o primeiro a usar da palavra. Quase sempre quando ia a sua casa — o que sucedia poucas vezes — ficava sossegado a um canto e respondia em tom zangado: só passado tempos se animava e encontrava prazer em conversar. Pelo contrário, no momento de se despedir, o semblante tornava-se-lhe invariavelmente carrancudo e, acompanhando as visitas, tinha o aspeto de conduzir até à porta um inimigo pessoal.

— Tomei ontem chá em casa de Kirilov — disse eu, para começar. — Parece ter a mania do ateísmo.

— O ateísmo russo não passou nunca de uma invenção, de um trocadilho de palavras — resmungou Chatov, substituindo por uma vela nova o pavio que se encontrava num castiçal.

— Não me pareceu bom construtor de trocadilhos, pois a custo sabe proferir as expressões mais simples,

— São os homens do papel. Tudo isso resulta do servilismo do pensamento — respondeu Chatov, nesta altura já sentado numa cadeira, a um canto, tendo as mãos apoiadas nos joelhos.

— Há neles também o ódio — prosseguiu, após um minuto de silêncio. — Seriam os primeiros desgraçados, e os mais horrivelmente desgraçados, se de repente a Rússia se transformasse, mesmo segundo os seus pontos de vista, ou se, de uma maneira ou de outra, se tornasse deveras próspera e feliz. Não teriam mais ninguém a odiar, mais ninguém a conspurcar! Há apenas um ódio terrível e muito grande pela Rússia atual, um ódio que se infiltrou no íntimo de todos... E é uma tolice procurar sob o riso visível as lágrimas invisíveis ao mundo! A frase respeitante a estas pretensas lágrimas invisíveis é a mais mentirosa que entre nós se tem dito ainda! — vociferou ele, numa espécie de delírio.

— Então é esse o seu partido! — disse eu rindo.

Chatov sorriu por sua vez.

— É verdade, esqueci-me de que é um «liberal moderado». Talvez fizesse mal em falar no «servilismo do pensamento», porque com certeza pensou em responder: «Falas por ti, que és filho de um criado, ao passo que eu não sou».

— Não pensava em responder tal. Como pôde supor uma coisa dessas?

— Não se desculpe, pois não tenho medo do que pudesse dizer. Noutros tempos era filho de um lacaio e hoje tornei-me por mim próprio também um lacaio, tal como o senhor. O liberal russo é antes de tudo um lacaio e pensa apenas em engraxar as botas dos outros, dos que são alguém.

— Como, as botas? Quem é que faz essa figura?

— Não há figuras. Ri… Acho bem! Stepan não se enganou imaginando-me como um homem oprimido debaixo de uma pedra, mas esforçando-me por me livrar de tal peso; a comparação é muito justa.

— Stepan assegura que a Alemanha o tornou tolo — disse eu, rindo. — Emprestamos sempre alguma coisa aos alemães.

— Entregamos-lhes cem *rublos* em troca de vinte *kopeks* que nos emprestam.

Calámo-nos durante um minuto.

— Foi na América que apanhou aquela doença.

— Quem?

— Falo de Kirilov. Durante quatro meses dormimos juntos no chão de uma cabana.

— Foi à América? — perguntei eu, admirado. — Nunca tinha dito nada.

— Para quê, falar nisso? Há dois anos partimos três para os Estados-Unidos, a bordo de um vapor cheio de emigrantes. Sacrificáramos os nossos últimos recursos para conseguirmos os passaportes. Queríamos levar uma vida como a do operário americano e conhecer assim, por *nossa própria* experiência, o estado do homem na sua condição social mais árdua. Era este o nosso fim.

Pus-me a rir.

— Nunca tinha necessidade de atravessar o mar para fazer essa experiência. Bastava ir a qualquer ponto da nossa província na época dos trabalhos agrícolas!

— Chegados à América fomos contratados por um empreiteiro: éramos seis russos, estudantes, proprietários e oficiais, propondo-nos

todos trabalhar para o mesmo grandioso fim. Trabalhámos como negros, sofremos martírios. Por fim Kirilov e eu não nos podíamos suster; estávamos cansados, sem forças, doentes. Ajustámos contas com o empreiteiro, o qual nos deu uma parte do nosso salário. Devia-nos trinta dólares: eu recebi oito e Kirilov quinze. Tinham-nos também batido mais de uma vez. Depois disto, ficámos quatro meses sem trabalho numa reles cidadezita. Dormimos lado a lado, no chão, ele pensando numa coisa e eu noutra.

— E deixaram que o patrão lhes batesse, e na América? Deviam tê-lo repelido com aspereza!

— Não interessava. Desde o primeiro dia tínhamos concluído que nós, os russos, éramos para com os americanos como crianças, e que era preciso ter nascido na América, ou pelo menos ter lá vivido muitos anos, para se compreender e bem merecer o nível daquele povo. E que dizer, quando por um objeto que valia um *kopek* nos pediam um dólar? Pagávamos com prazer e até mesmo com entusiasmo. Admirámos tudo: o espiritismo, a lei de Lynch, as pistolas, os vagabundos! Uma vez, numa viagem que fizemos, um fulano qualquer meteu-me a mão no bolso, tirou-me o pente que levava e começou a pentear-se com ele. Contentámo-nos em trocar um olhar e examiná-lo de relance. Compreendemos que esta maneira de agir era a melhor...

— Era considerado tolo quem entre nós tivesse tais ideias, quanto mais pô-las em prática! — observei eu.

— São os homens do papel — repetiu Chatov.

— Isso mesmo de embarcar como emigrante, de ir para um país que se não conhece com o único fim de «aprender por experiência própria», etc., isso denota uma força de vontade pouco vulgar... E como regressou da América?

— Escrevi a um homem, para a Europa, e ele enviou-me cem *rublos*.

Até então Chatov falara de olhos fitos no chão, segundo o seu hábito. De repente levantou a cabeça.

— Quer saber o nome desse homem?

— Quem é?

— Nicolau Stavroguine.

Levantou-se bruscamente, aproximou-se da escrivaninha feita de madeira de tília e pôs-se a procurar alguma coisa. Correra o boato entre nós de que a mulher tinha sido durante algum tempo, em Paris, a

governanta da casa de Stavroguine. Isto deu-se há dois anos, portanto na época em que Chatov se encontrava na América. É verdade que há bastante tempo os dois esposos se haviam separado em Genebra. «Se é assim» — pensei comigo — «porque teve interesse em me dizer o nome do seu benfeitor»?

Voltou-se para mim:

— Não o reembolsei ainda dessa soma — acrescentou, olhando-me fixamente.

Foi sentar-se no seu primeiro lugar, ao canto, e perguntou-me com voz irregular, que contrastava singularmente com o tom da conversa anterior:

— Com certeza veio aqui para alguma coisa. Que o trouxe por cá?

Contei tudo, ponto por ponto, acrescentando, não sem um certo embaraço, mas só agora compreendo quanto fui imprudente em dizer tanto: «sabia que a entrevista pedida por Lisa era muito importante para ela, por isso tinha o mais vivo desejo em a ajudar, mas infelizmente não sabia como fazer para cumprir a minha promessa». Em seguida afirmei solenemente a Chatov que Lisa não pensara nunca enganá-lo, mas sim havia um mal-entendido, como também a sua brusca partida causara-lhe grande desgosto.

Escutou-me com toda a atenção até ao fim.

— Talvez, com efeito, segundo o meu hábito, tivesse procedido de uma forma inconveniente... Porém, se não compreendeu a razão por que parti, tanto melhor para ela.

Levantou-se, abriu a porta e pôs-se à escuta no patamar.

— Deseja ver essa pessoa?

— Desejo... mas como fazer? — respondi eu.

— Podemos fazê-lo enquanto está só. Quando ele voltar, bater-lhe-á se souber que a vimos. Vou muitas vezes vê-la às escondidas. Já tive de empregar a força para impedir que lhe batesse.

— Ah! Na verdade?

— Sim senhor. Enquanto a tosava, agarrei-o pelos cabelos. Então quis-me bater, mas amedrontei o e nada fez. Quando voltou já bêbado, suponho que não se vingou, no caso de se ter lembrado da cena passada entre nós.

Descemos ao rés do chão.

Capítulo 5

A porta dos Lebiadkine não estava fechada à chave e por isso pudemos entrar. A habitação consistia em dois feios e pequenos quartos, de que as paredes um tanto esfumadas estavam guarnecidas com tapeçarias sujas e deterioradas. Os dois compartimentos tinham noutros tempos feito parte da baiuca de Filippov, antes de este ter transferido o estabelecimento para uma casa nova. Salvo um velho sofá a que faltava um braço, o mobiliário compunha-se de bancos toscos e de mesas de madeira branca. Num canto do segundo quarto encontrava-se uma cama, coberta com uma colcha indiana. Era ali que dormia a senhora Lebiadkine e quanto ao capitão, que todas as noites entrava bêbado, curava a bebedeira deitado no chão. Por todos os lados reinava a desordem e a falta de asseio. Um grande trapo todo molhado estava no meio do quarto ao lado de uma chinela muito velha. Era evidente que ninguém ali tratava de qualquer coisa; não se acendiam as estufas, nem se cozinhava. Os Lebiadkine, segundo me informou Chatov, não possuíam mesmo um samovar. Quando o capitão chegou com a irmã, como nada tinham, e segundo disse Lipoutine, começaram por andar a mendigar pelas casas. Depois que conseguiu um certo rendimento, entregou-se às bebidas e a bebedeira fazia-o esquecer por completo o cuidar da sua casa.

A senhora Lebiadkine, que tanto desejava ver, estava tranquilamente sentada num banco, a um canto do quarto, diante de uma mesa de cozinha. Quando abrimos a porta não proferiu uma palavra e não se moveu do seu lugar, Chatov disse-me que o compartimento não estava nunca fechado e que uma vez tinha passado toda a noite no patamar, com a porta da rua aberta. À fraca luz de um toco de vela metido num castiçal de ferro, avistei uma mulher que podia ter trinta anos e que era de uma magreza doentia. Tinha vestido um velho roupão indiano de cor escura; o comprido pescoço estava todo a descoberto; os poucos cabelos, de uma cor escura, estavam apanhados na nuca, num rolo grosso como o punho de uma criança de dois anos, Olhou-nos com um ar bastante alegre. Além do castiçal, tinha diante dela, sobre a mesa, um espelho com um caixilho de

madeira, um sujo baralho de cartas, uma coleção de canções e um pão pequeno e branco, mas já encetado. Via-se que a senhora Lebiadkine pintava o rosto e coloria os lábios. Pintava também as sobrancelhas, as quais eram compridas, finas e pretas. Não obstante a sua pintura, três longas rugas apareciam bem nitidamente na fronte estreita e alta. Sabia já que era coxa, porque se assim não fosse não o ficaria a saber, visto não se ter levantado nem andado na nossa frente. Outrora, na sua juventude, aquele rosto emaciado talvez não tivesse sido feio; os olhos cinzentos, meigos e tranquilos, eram deveras interessantes; o seu olhar calmo, quase jovial, tinha alguma coisa de sonhador e de sincero. A alegria também calma que se manifestava no sorriso da pobre mulher surpreendeu-me, depois de tudo quanto me tinham dito sobre os maus tratos que lhe infligia o irmão. Longe de experimentar uma sensação de desgosto e mesmo de temor, que de ordinário se sente ao verem-se estas desgraçadas feridas pela cólera de Deus, no primeiro momento examinei a senhora Lebiadkine com uma espécie de prazer e em seguida produziu-me uma sensação de piedade, mas nunca de desgosto,

— Passa assim os dias inteiros, sempre só e sem se mover: deita as cartas ou olha-se ao espelho — disse-me Chatov, mostrando-ma do vão da porta. — Não se alimenta. A velha do pavilhão traz-lhe, de tempos a tempos, alguma coisa, pelo amor de Deus. Deixam-na assim só com uma vela.

Estava admirado por ouvir Chatov pronunciar estas palavras em voz alta, como se não estivesse dentro do quarto.

— Bons dias, Chatov! — disse ela, em tom afável.

— Trago-te um visitante, Maria Timofeievna — respondeu ele.

— Muito bem, tenho muito prazer. Não sei quem tu me trazes, pois não me lembra de o ter visto nunca — disse ela, olhando-me com atenção à luz da vela.

Depois pôs-se a conversar com Chatov, e enquanto durou a conversa não me prestou atenção, apesar de estar ao seu lado.

— Isto aborrece-te, não é assim? Estás sempre só no teu cubículo! — exclamou ela com um sorriso que descobria duas filas de dentes admiráveis.

— É verdade, e foi por isso que te vim ver.

Chatov aproximou um banco da mesa, sentou-se e convidou-me a fazer outro tanto.

— Gosto sempre de conversar, no entanto encontro-te excêntrico e pareces-me um frade. Quando te penteaste? Deixa-me ver a tua cabeça — disse ela tirando um pente do bolso. — Tenho a certeza de que não tocaste na cabeça desde que eu te penteei.

— Não tenho nenhum pente — respondeu, rindo, Chatov.

— Na verdade? Pois bem, dou-te um e aquele dá-te outro, mas não te esqueças de te servir deles.

Começou a penteá-lo com a maior seriedade, fez-lhe mesmo uma risca ao lado, e em seguida, após ter-se inclinado um pouco para trás a fim de contemplar a sua obra e assegurar-se que não deixava nada a desejar, meteu o pente no bolso.

— Sabes uma coisa, Chatov? — perguntou ela, meneando a cabeça. — És um homem de senso e portanto tens os teus desgostos. Causas-me admiração quando te contemplo. Não compreendo as pessoas que se desgostam. Eu divirto-me.

— Divertes-te com teu irmão?

— Falas de Lebiadkine? É o meu lacaio. É-me totalmente indiferente, quer esteja aqui, quer não. Chamo-o: Lebiadkine, traz-me água; Lebiadkine, dá-me os meus sapatos, e ele corre a procurar-mos. Algumas vezes engana-se e então rio-me dele.

— É verdade — observou-me Chatov, falando desta vez ainda em voz alta, sem se inquietar com a presença de Maria. — Trata-o de facto como um lacaio. Eu próprio tenho-a ouvido gritar: Lebiadkine traz-me água, e ri dando-lhe esta ordem. Ele, por sua vez, em lugar de lhe obedecer, bate-lhe, mas ela não o teme. É sujeita a ataques nervosos que se repetem quase todos os dias e lhe roubam a memória; em seguida a estes acessos esquece tudo quanto acaba de se passar e perde toda a noção do tempo. Supõe que se lembra como nós entrámos? É possível, mas com certeza planeia tudo à sua maneira e toma-me agora Deus sabe por quem, ainda que não esqueça que sou Chatov. Não faz mal que eu fale alto; ao fim de um instante não ouve os que conversam com ela entrega-se aos seus devaneios. Neste momento o seu espírito pensa no campo. É extraordinariamente distraída. Durante oito horas consecutivas, durante um dia inteiro, fica sentada no mesmo lugar. Repare no pão que está sobre a mesa: comeu um bocado desde a manhã e só amanhã o acabará. Olhe, agora deita as cartas...

— Sim, Chatov, deito as cartas, mas isto não serve de nada — disse bruscamente Maria ao ouvir as últimas palavras de Chatov, estendendo a

mão esquerda para o pão, sem o olhar.

Nesta altura a sua atenção estava concentrada nas suas últimas palavras. Por fim pegou no pão, mas, dominada pelo prazer de conversar, pousou-o inconscientemente sobre a mesa, após tê-lo conservado durante uns minutos na mão esquerda sem lhe tirar o mais pequeno bocado.

— São sempre as mesmas respostas: uma viagem, um mau homem, uma perfídia de alguém, um luto por morte, uma carta a chegar de qualquer parte, uma notícia inesperada... Considero tudo isto como mentiras, e tu, Chatov, que pensas? Se os homens mentem, por que é que as cartas não hão de mentir? — acrescentou ela, baralhando de repente o jogo. — Foi o que eu disse um dia à mãe Prascovie, uma senhora respeitável que vinha sempre visitar-me à minha cela, sem querer saber da Madre Superiora, e me pedia para lhe deitar as cartas. Não estávamos sós. Juntavam-se lá todas as religiosas, soltando exclamações, meneando a cabeça, fazendo comentários. «Mãe Prascovie», disse eu rindo,— «vai receber uma carta, quando há já doze anos que nada recebe!» Tinha uma filha casada com alguém que a levou para a Turquia e há doze anos estava sem notícias dela. No dia seguinte, à tarde, fui tomar chá a casa da Madre-Superiora (pertencia a uma família de príncipes). Estavam com ela duas personalidades estrangeiras; uma senhora muito sonhadora e um frade do monte Athos, homem bastante insolente, em minha opinião. Pois bem, Chatov, nessa mesma tarde o frade trouxera da Turquia à mãe Prascovie uma carta da filha! Enquanto bebíamos o chá, o religioso do monte Athos disse à Madre-Superiora: «Reverenda Madre Igoumene, é preciso que o vosso convento seja do especial agrado de Deus para possuir um tesouro tão precioso» «Qual tesouro?», perguntou a superiora. «A bem-aventurada Madre Isabel». Esta bem-aventurada ocupava um nicho, do comprimento de uma *sagène* e com a altura de dois *archines,* feito na parede da cerca do convento. Estava lá há dezassete anos, atrás de uma grade. De inverno e de verão usava apenas uma camisa de linho, de que fazia também um cilício guarnecido com argueiros de palha no interior. Não dizia nada, não se penteava, não se lavava há dezassete anos. No inverno, davam-lhe uma pele de porco pela abertura do nicho e, também pela mesma abertura, davam-lhe todos os dias uma côdea de pão. Os peregrinos contemplavam-na com veneração e, depois de a verem, faziam as suas oferendas ao convento. «Um famoso tesouro!», respondeu encolerizada a superiora, que não podia ver Isabel. «Está lá apenas por teima. É uma hipócrita». Estas

palavras desanimaram-me, porque pensava seguir a vida das reclusas. «Segundo o que penso», disse eu, «Deus e a natureza é tudo a mesma coisa». «Está ali uma riqueza!», gritaram todos em uníssono. A superiora riu-se e falou muito baixo ao ouvido da senhora. Chamou-me perto dela e acariciou-me. A senhora até me deu um laço de fita cor-de-rosa. Queres que ta mostre? Quanto ao monge, esse começou a dar-me explicações, falando-me muito maviosamente, muito gentilmente, e com certo espírito. Escutava-o sem dizer nada: «Compreendeu?», perguntou-me ele por fim. «Não, nada compreendi. Deixe-me em sossego». Desde então nunca mais me incomodou. Um dia, uma das religiosas que estava a cumprir penitência no convento, porque fazia profecias, perguntou-me muito baixo ao sair da igreja: «A mãe de Deus, que é, segundo o teu parecer?» «A mãe de Deus», respondi eu, «é a esperança do género humano». «Sim», repetiu ela, «a mãe de Deus, a grande mãe, é a Terra, e este pensamento dá ao homem grande alegria. Toda a ambição terrestre, toda a lágrima terrestre é um prazer para nós. Quando regares a Terra com as tuas lágrimas, quando delas lhe fizeres presente, a tristeza eclipsar-se-á logo e tu ficarás por completo satisfeita. Isto é uma profecia». Estas palavras causaram me profunda impressão. Daí em diante, sempre que, rezando, me prosterno no solo, não deixo de beijar a Terra, e beijo-a chorando. E repare, Chatov, não há sofrimento nestas lágrimas. Quando se tem uma satisfação ou algum desgosto chora-se na mesma, mas estas lágrimas são de alegria. Um dia, vi-a nas margens do lago; o convento fica situado num lado desse lago e no outro eleva-se uma montanha escarpada que se chama o monte Aigu. Subi essa montanha, voltei o rosto para o oriente, ajoelhei-me e chorei, chorei não sei quanto tempo! Em seguida levantei-me e retrocedi pelo mesmo caminho, quando o Sol se escondia, grande e esplêndido... Gostas de ver o Sol, Chatov? É belo, mas é triste. Ao chegar ao convento, voltei-me de novo para o oriente e a sombra da aguçada montanha refletia-se como uma flecha no lago. Era estreita e comprida, com um comprimento superior a uma *versta,* estendendo-se até à ilha situada a meio do lago, no ponto onde este se divide em duas partes iguais. O Sol desapareceu por completo, deixando tudo imerso na obscuridade. Então comecei a ficar inquieta. A memória reavivou-se bruscamente e tive medo das trevas. Quando anoiteceu por completo, chorei durante muito tempo por meu filho.

— Tiveste um filho? — perguntou Chatov, tocando-me com o cotovelo, pois não cessara de prestar a maior atenção às palavras de Maria.

— Sim, e então?... Uma linda criança rosada, com umas unhas tão pequeninas... Todo o meu pesar é não me poder lembrar se era rapaz ou moça. Após o seu nascimento vesti-a de cambraia, com rendas e laços de fita estreita cor-de-rosa a toda a volta... Cobri-a de flores, enfeitei-a muito. Rezei uma prece junto dela e levei-a, não batizada, através de uma floresta. Tenho medo dos bosques! O que me causa mais admiração, o que me faz sobretudo chorar, é que tive um filho sem conhecer nenhum homem.

— Talvez tivesses sido casada? — arriscou Chatov.

— Divertes-me, Chatov, com a tua suposição. Talvez com efeito tivesse tido um marido, mas que importa, se é como se não o tivesse tido? Eis um enigma que não é difícil decifrar! — respondeu ela, rindo.

— Para onde levaste então o teu filho?

— Fui-o deitar ao lago — suspirou ela.

Chatov deu-me ainda uma cotovelada.

— E quem sabe se nunca tiveste um filho, se tudo isto não é mais do que o efeito de um delírio? Que dizes?

Ao ouvir emitir esta hipótese, Maria não revelou nenhum espanto.

— Apresentas-me uma questão complicada, Chatov — disse ela, com ar pensativo. — Não te direi nada de positivo a tal respeito, porque talvez não tivesse tido nenhum filho. Em minha opinião, isto interessa apenas à tua curiosidade; por mim pouco me importa, visto não deixar de chorar. Não o ri já em sonho? — E grossas lágrimas se mostraram nos seus olhos. — Chatov, Chatov, é verdade que a tua mulher te abandonou? — prosseguiu ela, pousando-lhe bruscamente as mãos nos ombros e olhando-o com expressão de piedade. — Não te aflijas, eu também tenho as minhas penas. Sabes, Chatov? Tive um sonho. Ele voltou para junto de mim e chamou-me, falando e gesticulando: «Minha gatinha, chega-te a mim!» Estava contentíssima ao ouvi-lo chamar-me sua «gatinha». Ama-me, acredito-o.

— Talvez volte de verdade — murmurou a meia voz Chatov.

— Não, Chatov, pode chegar em sonho, mas não na realidade. Conheces esta canção?

Não tenho necessidade de um palácio;

Ficarei neste humilde covil
Onde não deixarei nunca
De implorar para ti os favores de Deus.

— Oh! Chatov, Chatov, meu caro, por que não me perguntas outras coisas?

— Porque não me respondes, abstenho-me de te interrogar.

— Não falarei, não falarei, nem que me ponham uma faca na garganta. Não direi mais nada — repetiu vivamente Maria. — Podem-me queimar viva, podem-me fazer sofrer todos os tormentos, calar-me-ei sempre e as outras pessoas não saberão nada!

— Olha, todos nós temos as nossas manias — observou Chatov em tom muito baixo.

— Está bem! Se me perguntares, talvez fale, sim, talvez! — repetiu ela com exaltação. — Por que não me interrogas? Pergunta-me, pergunta-me gentilmente, Chatov, pois talvez te responda... Pede-me, a fim de eu consentir... Chatov, Chatov!

Embaraçado, Chatov nada disse. Durante um minuto o silêncio reinou no quarto. Lágrimas correram pelas faces pintadas de Maria. Esquecera-se com as mãos nos ombros de Chatov, mas não o fitava.

Este levantou-se de súbito.

— Que necessidade tenho eu de saber da tua vida? Vamos — acrescentou ele, dirigindo-se a mim.

E rápido, pegou violentamente no banco onde eu estava sentado e foi colocá-lo no seu anterior lugar.

— Quando ele voltar, é preciso que não dê pela nossa visita. É tempo de irmos embora.

— Ah, falas do meu lacaio — disse com um riso súbito Maria. — Tens medo! Então até mais ver, meus bons visitantes! Porém escuta um minuto o que quero dizer-te: quando o Kirilov veio aqui com o Filippov, o proprietário que tem uma barba ruiva, o meu lacaio preparava-se para me maltratar. O proprietário agarrou -o pelos cabelos e arrastou-o através do quarto. O desgraçado gritava: «Não é minha a culpa... Sofro a falta cometida por outro!» Não fazes ideia de quanto nos rimos!

— Não, Maria, não foi um homem de barba ruiva. Fui eu que agarrei o teu irmão pelos cabelos para o impedir de te bater; quanto ao proprietário, esse veio fazer escândalo a tua casa anteontem. Estás confundida.

— Espera um pouco... Sim, com efeito estou confundida, talvez fosses tu. Mas para que interessa discutir estas ninharias? Quer fosses tu, quer fosse outro que o puxasse pelos cabelos, para ele não era a mesma coisa? — disse ela, rindo.

— Vamos embora — disse Chatov, agarrando-me pelo braço. — Acabam de abrir a porta da rua. Se nos encontra aqui, espancá-la-á.

Mal acabámos de subir a escada, ouvimos, junto da porta da cocheira, um grito de bêbado, seguido de mil imprecações. Chatov empurrou-me para dentro do seu compartimento e fechou a porta.

— Tem de se demorar aqui uns minutos para evitar qualquer história. Grita como um porco. Com certeza embicou com a soleira da porta. Cada vez que ali passa cai de bruços.

Por tudo isto as coisas não se passaram sem uma «história».

Capítulo 6

De pé, atrás da porta, Chatov pôs-se à escuta; de repente deu um salto atrás.

— Vem até aqui, não há que ver! — murmurou, com raiva. — Não nos veremos livre dele antes da meia-noite.

Retiniram várias pancadas dadas com o punho na porta.

— Chatov, Chatov, abre! — começou a gritar o capitão. — Chatov, meu amigo!

Venho saudar-te,
Dizer-te que o Sol nasceu,
— Sob a sua ofuscante luz
O bosque começa a estremecer. —
Contar-te que estou acordado,
— Que se importa o diabo com isso! —
Estou acordado sob a folhagem...

— Chatov, compreendes que seja bom viver neste mundo de miséria?

— Não responda — disse-me em voz baixa Chatov.

— Abre, então! Entendes que haja alguma coisa superior a uma questão... entre os homens? Há os momentos de um nobre personagem... Chatov, sou bom e perdoo-te... Que vão para o diabo as proclamações, hem!

Continuou o silêncio.

— Não compreendes, meu burro, que sou amoroso? Comprei um fraque. Olha um instante para este fraque. Está um amor e só custou quinze *rublos*. Um capitão tem que atenderás conveniências sociais... Abre! — berrou de novo Lebiadkine, batendo furiosamente à porta.

— Vai para o diabo! — gritou bruscamente Chatov.

— Escravo! Servo! A tua irmã é também uma escrava, uma serva... e uma ladra!

— E tu vendeste a tua.

— Mentes! Suporto essa acusação caluniosa, quando posso com uma só palavra... Sabes qual?

— Qual é? — perguntou Chatov, cheio de curiosidade e aproximando-se da porta.

— Sabes?

— Saberei, quando mo disseres.

— Atrevo-me a dizê-la! Atrevo-me sempre a dizer tudo em público!

— Só acredito depois de ouvir — disse Chatov, que esperava fazê-lo falar, irritando o seu amor-próprio.

Fez-me sinal para escutar.

— Não me atrevo?

— Não o creio.

— Não me atrevo?

— Fala, já te disse, se não temes a chibata de um *barine*... És um poltrão, como todo o capitão o é!

— Eu... eu... ela... ela é... — balbuciou Lebiadkine numa voz agitada e trémula.

— Vamos! — disse Chatov, apurando o ouvido.

Houve um meio minuto de silêncio.

— Tratante! — vociferou por fim o capitão, junto da porta.

Ouvimo-lo depois descer a escada: bufava como um *samovar* e tropeçava em cada degrau.

— É um espertalhão. Mesmo embriagado sabe calar-se — observou Chatov, afastando-se da porta.

— E agora que haverá? — perguntei eu.

Chatov fez um gesto de impaciência. Abriu a porta, pôs-se à escuta e desceu até alguns degraus muito devagar. Depois de ter escutado durante algum tempo, voltou a entrar.

— Não se ouve nada. Deixou a irmã tranquila. Logo que chegou a casa, caiu como uma massa do soalho e agora dorme. Pode sair.

— Ouça, Chatov. Que devo concluir de tudo isto?

— O quê?... Conclua o que quiser! — respondeu-me ele com uma voz que exprimia cansaço e tédio, ao mesmo tempo que se sentou junto da escrivaninha.

Retirei-me. No meu espírito arreigava-se cada vez mais uma ideia inverosímil. Pensava com inquietação no dia seguinte.

Capítulo 7

Esse dia seguinte — isto é, o mesmo domingo em que a sorte de Stepan devia ser irrevogavelmente decidida — é um dos mais importantes a relatar nesta crónica. Foi um dia cheio de imprevistos que dissiparam as trevas existentes sobre vários pontos e avolumaram as de outros, que esclareceram certas complicações e fizeram nascer outras. Pela manhã, como o leitor sabe já, tinha de acompanhar o meu amigo a casa de Bárbara, pois ela própria exigira a minha presença, e às três horas da tarde devia estar em casa de Lisa para lhe contar — não sabia o quê! — e ajudá-la — não sabia como! Todas estas visitas decorreram como ninguém esperava que decorressem. Numa palavra, o acaso originou, durante este dia, encontros e acontecimentos os mais extraordinários.

Para começar, quando eu e Stepan chegámos a casa de Bárbara, ao meio-dia preciso, hora por ela marcada, não a encontrámos. Não tinha ainda voltado da missa. O meu pobre amigo estava em tal estado de espírito que esta circunstância aterrou-o. Quase desfalecido, deixou-se cair num dos sofás do salão. Esforcei-me para que bebesse um copo de água, mas, não obstante a sua palidez e o trémulo das mãos, recusou com dignidade. De passagem, anotarei que o seu fato se distinguia desta vez por uma elegância extraordinária: a camisa de cambraia bordada era quase uma camisa de baile; trazia uma gravata branca, um chapéu novo, que conservava na mão, e umas luvas amarelo-palha. Estava também um pouco perfumado. Mal nos tínhamos sentado, apareceu Chatov, introduzido pelo criado de quarto. Demonstrava que havia recebido de Bárbara um convite em regra. Stepan levantou-se um pouco para lhe estender a mão, mas Chatov, depois de nos examinar com atenção, foi sentar-se a um canto, sem nos fazer o mais leve sinal com a cabeça. Stepan olhou-me com ar inquieto.

Alguns minutos se passaram em profundo silêncio. Stepan começou a murmurar-me algumas palavras ao ouvido, mas falava tão baixo e tão depressa que não compreendi nada; de resto, a sua agitação não lhe permitia falar. O criado entrou mais uma vez sob o pretexto de arrumar um

pouco melhor a mesa, porém o fim devia ter sido o de nos ver. Bruscamente Chatov interpelou-o em voz forte:

— Aléxis Egoritch, sabes-me dizer se a Dacha foi com ela?

— A senhora foi sozinha à catedral. A menina Dacha ficou no quarto e não está muito bem — respondeu Aléxis, com a gravidade compassada de um criado modelar.

O meu pobre amigo lançou-me de novo um olhar ansioso. Isto acabou por me aborrecer a tal ponto que me voltei para o outro lado. Entretanto ouvi o barulho de uma carruagem a aproximar-se do portão e um certo movimento na casa advertiu-nos que a viúva estava de volta. Levantámo-nos precipitadamente, mas nova surpresa nos estava reservada. Os passos vários que ouvíamos provavam que Bárbara não entrara só, e isto era bastante singular, atendendo a que tinha sido ela que nos tinha marcado esta hora. Percebemos por fim o barulho de um passo extremamente rápido, de uma espécie de corrida, que não estava nos hábitos de Bárbara. A porta abriu-se e esta, sufocada, presa de uma agitação grande, entrou no salão. Alguns instantes depois entrou, mas muito mais tranquila, Lisa, trazendo pela mão Maria Lebiadkine. Se tivesse visto isto em sonho, não teria acreditado.

Para explicar um facto tão extraordinário é preciso que conte uma aventura singular sucedida uma hora antes a Bárbara, quando saía da catedral.

Devo observar que quase toda a cidade assistia a esta missa; quando digo toda a cidade, quero dizer, tal como se entende, as classes superiores da nossa sociedade. Sabia-se que a governadora se mostraria pela primeira vez, desde a sua chegada à nossa cidade. Seja dito de passagem que correra o boato de ser livre pensadora e estar imbuída dos «novos princípios». As senhoras não ignoravam que Júlia vestia com um luxo e uma elegância extraordinária, por isso competiram em se apresentarem luxuosa e elegantemente vestidas. Apenas Bárbara estava vestida com simplicidade, como de costume. Desde há quatro anos, vestia-se sempre de preto. Chegada à catedral, foi ocupar o seu lugar habitual — na primeira fila, à esquerda — e um criado de libré colocou diante dela uma almofada de veludo para as genuflexões. Tudo se passou como nos outros dias. Notou se apenas que nesse dia rezou durante toda a missa com um fervor fora do costume. Mais tarde, quando se lembravam disto, pretendiam ter-lhe visto até algumas lágrimas. No final da cerimónia o arcipreste, o padre Paulo,

subiu ao púlpito. Os seus sermões eram muito admirados entre nós. Aconselharam-no mesmo muitas vezes a publicá-los, mas nunca se resolveu a tal. Naquele dia falou durante muito tempo.

Enquanto pregava, chegou à catedral uma senhora, numa ligeira carruagem de aluguer, um destes *drochkis* de outros tempos, nos quais as senhoras só se podiam sentar de lado, agarrando-se à cintura do cocheiro. Isso não evitava serem sacudidas como a erva pelo sopro do vento. Estes veículos incómodos encontram-se ainda hoje na nossa cidade. O *drochki* parou à esquina da catedral, porque diante da porta principal estacionava um grande número de carruagens e mesmo de polícias. A senhora desceu e deu quatro *kopeks* ao cocheiro.

— O quê! Achas que não é o bastante, Vanka? — exclamou ela, vendo-o fazer uma carantonha. Com voz lastimosa acrescentou: — É tudo quanto tenho.

— Vá, vá embora e Deus se amerceie de si! Fiz o serviço sem contratar! — respondeu com um gesto de resignação.

O seu olhar parecia dizer: «Só o teu estado nos causa pena». Meteu na algibeira a bolsa de couro, fustigou o cavalo e afastou-se, perseguido pelas chocarrices dos outros cocheiros. As mofas e os sinais de espanto acompanharam também a senhora durante o percurso através das pequenas e grandes carruagens que dificultavam o acesso à catedral. O aparecimento súbito desta senhora no meio da multidão causou grande admiração. De uma magreza doentia, coxeava um pouco e tinha o rosto excessivamente pintado de vermelho e de branco. Apesar do tempo estar frio e ventoso ia de colo nu, cabeça descoberta, sem lenço nem albornoz, e por vestuário apenas um velho vestido de cor duvidosa. No rolo do cabelo levava uma destas rosas artificiais com que se coroam os querubins em domingo de Ramos. Justamente na véspera, quando da minha visita a casa de Lebiadkine, notara a um canto, por cima de uma das imagens, um desses querubins cuja cabeça estava enfeitada com idênticas rosas de papel. E para cúmulo, se bem que baixasse modestamente os olhos, mantinha os lábios entreabertos e neles pairando sempre alegre e malicioso sorriso. Se se tivesse demorado um instante a entrar na catedral, ter-lhe-iam talvez interditado a entrada. Foi porém bem sucedida e, uma vez dentro do templo, rompeu através da multidão dos fiéis que enchiam por completo aquele santo lugar.

O pregador estava no meio do sermão e todos o escutavam com a maior atenção; no entanto alguns olhares curiosos examinaram furtivamente a recém-chegada. Ajoelhou-se, inclinou o rosto pintado sobre o pavimento da catedral e ficou assim durante uns minutos. Dir-se-ia que chorava. Em seguida levantou-se e não tardou em recuperar o seu bom humor. Alegremente, revelando todos os sintomas de grande satisfação, começou a olhar à sua volta, contemplando as paredes da igreja, examinando os rostos dos assistentes, e algumas vezes mesmo levantando-se na ponta dos pés para ver melhor certas senhoras. Por duas vezes teve um riso estranho. O sermão acabou e a cruz foi oferecida à veneração dos fiéis. A governadora aproximou-se em primeiro lugar para a beijar, mas não tinha ainda dado dois passos quando parou, com a evidente intenção de deixar passar Bárbara que, por seu lado, avançou intrépida, sem parecer notar que tinha alguém diante dela. Sem dúvida a excessiva delicadeza de Júlia escondeu um pensamento reservado. Ninguém julgou o contrário, e Bárbara mais do que todas as outras pessoas; a sua certeza não foi desmentida. Imperturbável, aproximou-se da cruz e depois de a ter beijado dirigiu-se para a saída. O seu criado de libré precedia-a para abrir o caminho, o que de resto era escusado, porque todos se afastavam respeitosamente diante dela. Chegada ao átrio, teve de parar um instante devido a um grande ajuntamento que lhe barrava a passagem. Era uma criatura de um aspeto bizarro, trazendo na cabeça uma rosa artificial, que, acotovelando todos, veio ajoelhar-se diante da viúva. Esta, que não perdia com facilidade a sua presença de espírito, sobretudo em público, fitou-a com olhar severo e grave.

É preciso notar que apesar de se ter tornado nestes últimos anos muito económica e avarenta, não deixava, sempre que se lhe oferecia a ocasião, de dar esmolas, por vezes bastante avultadas. Fazia parte de uma sociedade de beneficência estabelecida na capital e, ainda recentemente, quando de um inverno de grande fome, enviara para S. Petersburgo quinhentos rublos destinados aos indigentes. Também nos últimos dias antes da nomeação do novo governador, empreendera formar na cidade uma comissão de senhoras caridosas, a fim de socorrerem as mulheres grávidas mais necessitadas, não só da cidade como da província. A nossa sociedade criticava-lhe o fazer bem com tanta ostentação, mas o ardor do seu caráter, junto a uma rara obstinação, triunfou quase de todos os obstáculos. A comissão foi organizada e a execução da obra tomou

proporções cada vez maiores devido ao espírito entusiasta da fundadora. Pensava já em estabelecer uma sociedade semelhante em Moscovo e estender a sua ação a toda a Rússia. Estavam as coisas neste pé quando, sem ser esperado, foi nomeado governador Von Lembke, em substituição de Ivan. A nova governadora não tardou, segundo se disse, a referir-se em termos escarnecedores às ideias filantrópicas de Bárbara, que não eram, em seu entender, mais do que ambiciosas quimeras. Estas apreciações, consideravelmente deturpadas, como sucede sempre, foram transmitidas a Bárbara... Só Deus conhece a fundo os corações, mas suponho que naquela altura a viúva ficou contente por a fazerem parar à porta da catedral, sabendo que a governadora passaria dentro em pouco ao seu lado. «Tanto melhor!» — devia ela ter dito! — «Assim todos verão, e ela própria, quanto me são indiferentes as suas críticas sobre a minha maneira de praticar a caridade!»

— Que queres, minha pobre? — disse Bárbara, depois de ter examinado com atenção a mulher ajoelhada diante dela.

Trémula, confusa, a pobre olhou timidamente para ela e sem motivo deu uma grande gargalhada.

— Que é que ela tem? Quem é ela — perguntou a viúva, percorrendo com um olhar interrogador o grupo que a rodeava.

Ninguém respondeu.

— És desgraçada? Tens necessidade de algum socorro?

— Tenho necessidade... e vim... — balbuciou a «desgraçada» com voz entrecortada. — Vim apenas para lhe beijar a mão... — e começou a rir.

Com um olhar idêntico ao olhar carinhoso das crianças quando querem obter alguma coisa, estendeu os braços para agarrar as mãos de Bárbara; em seguida, como assustada, deitou bruscamente os braços para trás.

— Vieste só para isto? — perguntou Bárbara com um sorriso de compaixão e tirando da sua bolsinha de madrepérola uma nota de dez *rublos,* deu-a à desconhecida, que pegou nela.

Este encontro estava intrigando a viúva, visto estar convencida de que a pobre não era uma mendiga de profissão.

— Olha! Deu-lhe dez *rublos* — notou alguém de entre a multidão.

— Dê-me a sua mão — disse com voz hesitante a estranha criatura, que apertava com força, entre os dedos da mão esquerda, a nota que acabava de receber; como só a tinha presa por um canto, a nota flutuava ao vento.

Bárbara franziu as sobrancelhas e com ar sério e quase severo, estendeu a mão. A «desgraçada» beijou-a com o mais profundo respeito, enquanto um exaltado reconhecimento se lhe revelava nos olhos. Neste meio tempo aproximou-se a governadora, acompanhada de grande número de senhoras e de altos funcionários. Foi forçada a parar durante um minuto, tão grande era a multidão que se encontrava no átrio da catedral.

— Tremes com frio! — observou Bárbara.

Desembaraçou-se rápida da sua capa que o criado agarrou no ar, tirou dos ombros um xaile preto de alto preço e com solicitude cobriu a desgraçada, que continuava ajoelhada.

— Levante-se, levante-se, peço-lhe!

A desconhecida obedeceu.

— Onde mora? Ninguém sabe onde ela mora? — perguntou impaciente a viúva, percorrendo de novo com os olhos os que a rodeavam.

Essa multidão já não era formada pelas mesmas pessoas de princípio. Eram quase todas do conhecimento de Bárbara, pessoas da alta sociedade, que contemplavam esta cena, umas com ar de admiração a aproximar-se de severidade, outras com curiosidade escarninha e esperando um pequeno escândalo. Algumas mesmo começaram a rir.

Entre os assistentes encontrava-se o nosso respeitável comerciante Andreiev. Vestia um característico trajo russo e tinha uma patriarcal barba branca. Usava lunetas e segurava na mão um chapéu redondo.

— Creio que esta senhora é uma tal Lebiadkine — disse o honrado homem, em resposta à pergunta de Bárbara. — Vive na casa Filippov, à rua *Épiphanie.*

— Lebiadkine? A casa Filippov?... Já ouvi falar nisso... Obrigada Andreiev. Quem é esse Lebiadkine?

— Faz-se passar por capitão e é um homem pouco considerado, se pode dizer. Esta mulher é talvez sua irmã. Segundo diz, ela tenta enganar a sua vigilância — disse ele baixando a voz e dirigindo a Bárbara um olhar que completava o seu pensamento.

— Compreendo!... Obrigada. Minha querida, és a senhora Lebiadkine?

— Não, não sou a senhora Lebiadkine.

— Então é talvez o seu irmão que se chama Lebiadkine?

— Sim.

— Vou para minha casa e depois o meu carro levá-la-á à sua. Quer vir comigo?

— Oh, sim! — aquiesceu Maria, batendo as palmas.

— Tia! Tia! Leve-me também consigo! — gritou Lisa.

Acompanhara a governadora à missa, ao passo que a mãe, cumprindo as ordens do médico, fora dar um passeio de carro, levando consigo para se distrair Maurício. Lisa deixou bruscamente Júlia e correu para Bárbara.

— Minha querida, sabes que me sinto sempre muito satisfeita quando te tenho junto de mim, mas o que dirá a tua mãe? — observou com dignidade a viúva, para logo se comover ao ver a extrema agitação de Lisa.

— Tia, tia, tenho necessidade de ir consigo! — suplicou a pequena, abraçando-se a Bárbara.

— Que tens, Lisa? — perguntou, em francês, a governadora, deveras admirada.

Lisa voltou-se rapidamente para ela.

— Ah, perdão, querida prima, mas vou a casa da minha tia.

Dizendo isto abraçou por duas vezes a sua «querida prima», desagradavelmente surpreendida.

— Fazia o favor de dizer também a minha mãe para me ir procurar o mais breve possível a casa da minha tia. A minha mãe não queria demorar-se muito, segundo me disse. Esqueci-me até de lhe dizer isto — prosseguiu precipitadamente Lisa. — Perdão, mas não se esqueça... querida prima... Agora, tia, estou ao seu dispor! Se me não leva, corro atrás do carro a gritar — murmurou ela num tom desesperado ao ouvido de Bárbara.

Foi feliz porque ninguém ouviu. Bárbara recuou um passo. Após um olhar penetrante lançado sobre a estouvada moça decidiu-se a levá-la.

— É preciso pôr termo a isto — deixou ela escapar. — Da melhor vontade te levarei comigo, Lisa — acrescentou em voz alta — se, como é natural, Júlia o permitir — concluiu, voltando-se com ar cheio de dignidade para a governadora.

— Oh, sem dúvida. Não quero privá-la desse prazer, tanto mais que eu mesma... — respondeu muito amavelmente — eu mesma... sei bem quanto esta pequena cabeça é extravagante e voluntariosa.

Júlia pronunciou estas palavras com um sorriso encantador.

— Fico-lhe imensamente reconhecida — disse Bárbara, inclinando-se com um requinte de delicadeza.

— Isto é-me tanto mais agradável — balbuciou Júlia, influenciada por uma espécie de alegre transporte, que lhe fez até subir a cor às faces —

que, além do prazer de ir convosco, Lisa é neste momento arrastada por um sentimento tão belo, tão elevado, posso mesmo dizer... tão piedoso... — indicou com os olhos a desgraçada — e... no átrio do templo...

— Essa maneira de ver dignifica-a — aprovou majestosamente Bárbara.

A governadora estendeu-lhe a mão entusiasmada. A viúva não se mostrou menos obsequiosa em lhe estender a sua. A impressão produzida foi excelente; vários dos assistentes ficaram radiantes de satisfação e alguns sorrisos de cortesia apareceram em muitos rostos.

Em breve toda a cidade descobriu que não fora Júlia que desdenhara até aí visitar Bárbara, mas pelo contrário fora esta que mantivera a primeira à distância. Quando se convenceram de que, se não fosse o receio de não ser recebida, a governadora teria ido a casa da viúva, o prestígio desta última subiu de maneira inacreditável.

— Entra, minha querida — disse Bárbara à senhora Lebiadkine, indicando-lhe a carruagem que estava próxima; a «desgraçada» avançou alegremente para a portinhola e o criado ajudou-a a subir.

— Como! Coxeia! — exclamou a viúva admirada.

Ela empalideceu. Todos olharam, mas nada compreenderam.

A carruagem partiu. Da catedral a casa de Bárbara a distância era pequena, Segundo o que me contou mais tarde Lisa, Maria não deixou de rir nervosamente durante os três minutos que durou o trajeto. Quanto a Bárbara, estava «como que mergulhada num sono magnético», segundo a própria expressão de Lisa.

Parte 5

Capítulo 1

Bárbara vergou-se e deixou-se cair num sofá perto da janela.

— Sente-se aqui, minha querida — disse ela a Maria, indicando-lhe um lugar ao meio do salão, diante de uma grande mesa redonda. — Stepan, que é isso? Repare, olhe para esta mulher, quem é ela?

— Eu… eu... — começou a custo Stepan.

Entrou um criado.

— Uma chávena de café, depressa, o mais depressa possível! Que não desatrelem.

— Mas, querida e excelente amiga, porquê essa tão grande inquietação? — balbuciou em voz desfalecida Stepan,

— Ah, fala francês, fala francês! Nota-se logo que se está na alta sociedade — gritou Maria, batendo as mãos, e que de antemão manifestara grande contentamento por assistir a uma conversa em francês; Bárbara olhou-a quase com terror.

Esperávamos em silêncio a decifração do enigma, Chatov não levantava a cabeça e Stepan estava consternado, como se lhe tivessem feito as maiores injustiças; o suor escorria-lhe das fontes. Observei Lisa: estava sentada a um canto, a pouca distância de Chatov. O seu olhar perscrutador ia sem cessar de Bárbara para a Maria e vice-versa. Um mau sorriso se lhe patenteava nos lábios. Bárbara notou-o. Durante este tempo, Maria distraía-se. Nada a intimidava e sentia vivo prazer em contemplar o belo salão da viúva — o mobiliário, os tapetes, as pinturas do teto, o grande crucifixo de bronze pendurado a um canto, a lâmpada de porcelana, os álbuns e os enfeites diversos colocados sobre a mesa.

— Estás também aqui, Chatov? — disse ela de repente. — Parecias-me tu. Estava na dúvida. Ao reparar em ti disse comigo: é ele, não é ele, por que estará ele aqui? — E riu de boa vontade.

— Conhece esta mulher? — perguntou Bárbara a Chatov.

— Conheço — murmurou ele; ao dar esta resposta fez menção de se levantar, mas ficou sentado.

— Que sabe dela? Se sabe qualquer coisa diga depressa, peço-lhe!

— Sobre o quê? — perguntou ele com um sorriso bastante pouco próprio. — A senhora mesmo a vê.

— Que é que vejo? Vamos, diga alguma coisa!

— Vive na mesma casa onde eu vivo... com seu irmão... um oficial.

— E depois?

— Não vale a pena falar... — resmungou ele, e calou-se.

— Do senhor, de facto, nada há a esperar! — disse Bárbara, encolerizada.

Convenceu-se de que todos sabiam alguma coisa mas não ousavam responder às suas perguntas, antes preferiam deixá-la na ignorância.

O criado voltou trazendo numa salva de prata a chávena de café pedida. Apresentou-a à sua senhora, que lhe fez sinal para a levar a Maria.

— Minha querida, está a tremer com frio. Beba esse café para aquecer.

Maria pegou na chávena e disse ao criado, em francês, «*merci*»*;* depois começou a rir-se, pensando na inadvertência que acabava de cometer, mas, reparando no olhar severo de Bárbara, perturbou-se e pousou a chávena sobre a mesa.

— A tia não se zanga? — perguntou ela em tom jovial.

Estas palavras fizeram saltar Bárbara na cadeira.

— O quê? — gritou, tomando um ar altivo. — Sou sua tia? Que quer dizer com isso?

Maria não esperara estas bruscas perguntas. Um tremor convulso lhe agitou todo o corpo e recuou para o fundo do sofá.

— Eu... eu pensava que podia chamá-la assim — balbuciou ela, abrindo muito os olhos e fitando Bárbara. — Ouvi a Lisa dar-lhe esse nome!

— Como? Qual Lisa?

— É esta senhora — respondeu Maria, indicando com o dedo Lisa.

— Então já a trata por Lisa?

— Foi a senhora mesma que ainda há pouco a chamou assim — respondeu com mais confiança Maria. — Parece-me ter visto em sonho esta encantadora menina — acrescentou ela logo, sorrindo.

A esta reflexão Bárbara acalmou-se um pouco; às últimas palavras de Maria desenhou-se-lhe mesmo um ligeiro sorriso nos lábios. A tola compreendeu, levantou-se e, coxeando, avançou timidamente para a viúva.

— Faz favor, tinha-me esquecido de lho dar. Não se desgoste com a minha falta de delicadeza — disse ela, tirando o xaile preto que Bárbara

lhe tinha posto sobre os ombros.

— Torne a pô-lo depressa e guarde-o. Vá-se sentar e beba o seu café. Não tenha medo de mim, minha querida. Tranquilize-se. Começo a compreendê-la.

Stepan quis de novo falar:

— Querida amiga...

— Oh, dispense-nos por favor dos seus discursos. Estamos já bastante consternados com isto tudo; se vem complicar, então ficamos piores... Faz-me o favor de puxar pelo cordão da campainha que está perto de si e comunica com o quarto das criadas.

Fez-se silêncio. A dona da casa fixou em cada um de nós um olhar desconfiado e irritado. Entrou Agacha, a sua criada favorita.

— Traz-me o lenço dos quadrados que comprei em Genebra. Que está a menina Dacha a fazer?

— Está um pouco incomodada.

— Vá-lhe dizer que lhe peço o grande favor de vir até aqui, apesar de não se sentir bem de saúde.

Neste momento, dos compartimentos vizinhos chegou aos nossos ouvidos um barulho de passos e vozes semelhantes aos de há pouco. No vão da porta apareceu Prascovie. Estava agitada e sem poder respirar, Maurício amparava-a com o braço.

— Oh! Senhor, quanto me tem custado a arrastar-me até aqui!... Fizeste mal, Lisa, em procederes assim para comigo! — resmungou ela, dando a esta reprovação uma forte dose de acrimónia, segundo o hábito das pessoas fracas e irascíveis.

— Querida Bárbara Petrovna, venho procurar a minha filha a sua casa!

A viúva olhou-a de lado, levantou-se um pouco e disse, num tom onde se percebia cólera mal contida:

— Bons dias, Prascovie. Faz o favor de te sentar. Tinha a certeza de que havias de voltar.

Capítulo 2

Neste acolhimento nada havia que pudesse surpreender Prascovie. Desde a infância, Bárbara tratara sempre despoticamente a sua antiga companheira de colégio e, sob o pretexto da amizade, testemunhava-lhe verdadeiro desprezo. Mas nesta ocasião as duas senhoras encontravam-se frente a frente numa situação especial: estavam por completo malquistadas há já bastantes dias. Bárbara ignorava ainda as causas deste corte de relações que, por consequência, era bem mais ofensivo para ela. Por agora, antes mesmo que as coisas terminassem ali, Prascovie tinha, contra o seu costume, tomado uma atitude um tanto insolente para com a sua amiga. Como bem o pensou, isto magoou deveras Bárbara. Por outro lado, tinham chegado até ela certos rumores estranhos que a irritaram, sobretudo pelo seu caráter vago. Natureza franca e reta, a viúva não podia suportar acusações surdas e misteriosas. Preferia antes a guerra aberta. Fosse pelo que fosse, há já cinco dias que as duas senhoras tinham deixado de se ver. A última visita fora feita por Bárbara, que tinha saído de casa das Drozdov cruelmente impressionada. Creio poder dizer, sem receio de me enganar, que nesta altura Prascovie vinha a casa da sua amiga ingenuamente convencida de que esta devia tremer diante dela. Notava-se-lhe no rosto. Ora Bárbara tornava-se um demónio de orgulho desde que supusesse que alguém pensava tê-la à sua mercê. Quanto a Prascovie, como quase todas as pessoas fracas que se deixam calcar aos pés sem dizerem palavra, comportava-se com arrogância inaudita logo que as circunstâncias lhe fornecessem ocasião de conseguir a sua vingança. Nesta altura é verdade que estava doente e a doença tornava-a sempre mais irritável. Acrescentarei por último que a minha presença não conseguiu impor certa reserva às duas companheiras de infância, nem as impediu de dar livre curso aos seus ressentimentos: consideravam-nos a todos como seres mais ou menos inferiores, ante os quais não tinham que se constranger. Stepan, de pé desde a chegada de Bárbara, voltou a sentar-se ao ouvir gritar Prascovie, deitando-me ao mesmo tempo um olhar desesperado. Chatov deu bruscamente meia volta na cadeira e resmungou

consigo mesmo. Suponho ter tido grande vontade de se ir embora. Lisa levantou-se, mas sentou-se logo, sem mesmo escutar como devia a repreensão maternal. Evidentemente isto não era devido ao seu «caráter teimoso», mas a uma dominante preocupação, sobre a influência da qual se encontrava. Olhava vagamente para o ar e deixara até de prestar atenção a Maria.

Capítulo 3

— Ai, aqui! — gemeu Prascovie, indicando um sofá perto da mesa, onde se sentou a custo, com o auxílio de Maurício. — Se não fossem as minhas pernas nunca me sentaria em tua casa! — acrescentou ela, num tom amargo.

Bárbara levantou um pouco a cabeça. A sua fisionomia exprimia sofrimento. Apertou as fontes, onde sentia evidentemente um tique doloroso, com os dedos da mão direita.

— Que dizes tu, Prascovie? Por que não te sentavas em minha casa? Teu falecido marido testemunhou me sempre sincera amizade e nós, no colégio, brincámos muitas vezes juntas com as nossas bonecas; éramos duas perfeitas garotas.

Prascovie agitou os braços.

— Já te conheço! O colégio é sempre o princípio da conversa quando te preparas para me dizer coisas desagradáveis. É o teu velho truque.

— Decididamente estás hoje mal disposta. Estás melhor das tuas pernas? Vou mandar trazer-te um café. Tomas uma chávena, não? Não te zangues.

— Tratas-me como se trata uma criança. Não quero o café... Toma-o tu!

E quando o criado se aproximou dela para a servir, afastou-o com um gesto brutal. De resto, salvo Maurício e eu, todos recusaram tomá-lo, Stepan, que aceitara logo, deixou a chávena sobre a mesa; Maria desejava muito bebê-lo, estendeu mesmo a mão para pegar na chávena, mas o sentimento das conveniências renasceu nela e por isso recusou, visivelmente satisfeita por esta vitória sobre si própria.

Um sorriso venenoso aflorou os lábios de Bárbara,

— Sabes uma coisa, querida Prascovie? Vieste aqui com certeza por qualquer motivo que ainda não revelaste. Toda a tua vida tens vivido no país dos sonhos, agarrada à imaginação. Sempre que te falo do colégio, zangas-te... Lembras-te do dia em que contaste a todas as companheiras que o oficial Chablykine te tinha pedido em casamento? A senhora

Lefébure custou a convencer-te do engano. Supunhas ser verdade, devido ao sonho arreigado no teu espírito e que te dava prazer. Agora fala... Que tens? Que imaginaste para estares tão descontente?

— Falando do colégio e já que tens tão boa memória, deres lembrar-te do namoro que tiveste com o sacerdote que ensinava a doutrina. Ah, ah, ah!

Teve um riso irónico ao qual sucedeu um acesso de tosse.

— Ah, não esqueceste do sacerdote... — disse Bárbara, lançando à sua interlocutora um olhar rancoroso.

O rosto tornara-se-lhe esverdeado. Prascovie tomou de repente um ar de seriedade.

— Agora não tenho vontade de rir. Desejo saber a razão por que, ante tanta gente, meteste também a minha filha no teu escândalo. Foi para isso que vim aqui.

Bárbara levantou-se rápida.

— No meu escândalo? — repetiu, em voz ameaçadora.

— Minha mãe, peço-lhe para medir bem as suas palavras — observou Lisa.

— Que disseste? — replicou a mãe, que ia começar de novo a exaltar-se, mas que se deteve breve ao ver o olhar cintilante da filha.

— Como pôde a minha mãe falar de escândalo? — continuou Lisa, corando. — Vim aqui por minha vontade, com a permissão de Júlia, porque queria conhecer a história desta desgraçada para lhe ser útil.

— «A história desta desgraçada!» — repetiu com ironia Prascovie. — Que necessidade tens tu de te imiscuir nessas «histórias»? Oh, é bastante grande o seu despotismo — prosseguiu ela com raiva, voltando-se para Bárbara. — Diz-se, com ou sem razão, que tem toda a cidade debaixo do seu jugo! Tenho todavia a impressão de que os teus belos dias estão terminados!

A atitude de Bárbara era semelhante a uma flecha prestes a partir. Imóvel, olhou severamente, durante uns segundos, para Prascovie.

— Pede a Deus, Prascovie, para que todas as pessoas aqui presentes nada digam — disse ela por fim, com tranquilidade sinistra. — Tens falado muito.

— Não tenho medo como os outros da opinião pública; no entanto a mãe, apesar dos seus ares altivos, treme ante o juízo dos outros. Por isso é muito bom para si, se as pessoas aqui presentes nada disserem.

— Tornaste-te inteligente esta semana?

— Não, mas esta semana a verdade surgiu.

— Que verdade surgiu esta semana? Ouve, Prascovie, não me irrites e explica-te depressa; intimo-te a falar. Que verdade surgiu esta semana e que queres dizer com essas palavras?

Prascovie encontrava-se num estado de espírito semelhante ao de um homem que, sentindo desejos de dar um grande murro, não se importa com as consequências.

— Está ali toda a verdade, está ali sentada! — respondeu ela, indicando Maria.

Esta, que não tinha deixado de examinar Prascovie com curiosidade jovial, ao ver-se assim designada pela irritada visitante, começou a rir e agitou-se alegremente no sofá.

— Senhor Jesus Cristo, são todos tolos! — gritou Bárbara empalidecendo, ao mesmo tempo que a cabeça lhe descaía um pouco sobre o espaldar da cadeira.

A sua palidez alarmou-nos. Stepan foi o primeiro que avançou para ela. Eu aproximei-me também. A própria Lisa levantou-se, mas não se afastou do sofá. Por sua vez Prascovie foi de todos a que mais se inquietou.

Levantou-se o melhor que pôde e pôs-se a gritar em voz dolente:

— Bárbara, perdoa as minhas asneiras e a minha maldade. Deem-lhe ao menos um copo com água.

— Não finjas que choras, peço-te, Prascovie. E os senhores afastem-se, por favor, visto não precisar de água! — disse com firmeza Bárbara, ainda que as palavras lhe tivessem saído a custo dos lábios descorados.

— Por Deus! — clamou Prascovie um pouco mais tranquila. — Minha querida Bárbara, se assim falo é porque tenho agravos de tal ordem que me levam a empregar esta linguagem impensada. As cartas anónimas com que me bombardeiam de todos os lados, têm-me posto assim; deviam mandá-las para ti, visto que é de ti que falam! Eu, querida, tenho só uma filha!

Bárbara, com os olhos muito abertos, fitava-a em silêncio e escutava-a com admiração. Entretanto uma das portas laterais abriu-se sem ruído e Dacha apareceu. Parou um instante no vão da porta e percorreu com os olhos todo o salão. A nossa agitação impressionou-a. É provável que não tivesse visto logo a Maria, de que ninguém anunciara a presença. Stepan foi o primeiro a vê-la. Fez um movimento brusco e gritou, corando: «Daria

Pavlovna»! A estas palavras, todos os olhares se voltaram para a recém-vinda.

— Como! É esta a vossa Dacha? — perguntou Maria. — Tua irmã, Chatov, não se parece nada contigo! Como pode o meu criado dizer: «a criada, a minha Dacha»! falando desta encantadora menina!

Dacha tentou logo de entrada aproximar-se de Bárbara, mas a exclamação de Maria fez-lhe voltar bruscamente a cabeça. Ficou de pé diante da cadeira, com os olhos fitos na tola.

— Senta-te, Dacha — disse Bárbara com uma calma inquietante — aqui mais perto de mim. Podes ver essa mulher mesmo sentada. Conhece-la?

— Nunca a vi — respondeu tranquilamente Dacha e, após curto silêncio, acrescentou: — É talvez a irmã doente de um tal Lebiadkine!

— Eu também, minha querida, a vejo hoje pela primeira vez; contudo há muito que desejava conhecê-la, porque cada uma das suas atitudes revela a sua educação — disse Maria entusiasmada. — Quanto às gritarias do meu criado, será possível, na verdade, que lhe tenha pedido dinheiro, sendo tão educada e tão gentil? É gentil, muito gentil, digo-lho com sinceridade! — terminou ela entusiasmada.

— Compreendes alguma coisa? — perguntou Bárbara, com altiva dignidade.

— Compreendo tudo...

— De que dinheiro fala ela?

— Trata-se sem dúvida do dinheiro que, a pedido de Stavroguine, trouxe da Suíça para o senhor Lebiadkine, o irmão desta mulher.

Um silêncio seguiu estas palavras.

— Stavroguine encarregou-te dessa incumbência?

— Precisava muito mandar essa quantia, uns trezentos *rublos,* a Lebiadkine. Ignorava porém a sua direção; só sabia que este senhor devia vir residir para a nossa cidade. Daí a razão por que me encarregou de lho entregar quando chegasse aqui.

— Que é feito desse dinheiro? Perderam-no? A que quer essa mulher referir-se?

— Não sei nada. Só ouvi dizer depois que esse Lebiadkine me acusava de ter desviado parte da quantia. Não compreendo essas palavras. Deram-me trezentos *rublos* e foram esses que entreguei.

Dacha tinha quase por completo recobrado a calma. Em geral era difícil perturbá-la durante certo tempo ou até mesmo empolgar-lhe a presença de espírito. Todas as respostas dadas sobre este assunto, deu-as pausadamente, sem hesitação, sem dúvidas, numa voz nítida, igual e calma. Não deixou antever que houvesse na sua consciência alguma falta. Enquanto durou este interrogatório, Bárbara não tirou os olhos da sua protegida, em seguida ao que refletiu durante um minuto.

— Se... — disse ela com violência e, apesar de olhar só para Dacha, dirigia-se evidentemente a todos nós — se Stavroguine, em lugar de me confiar essa incumbência, te encarregou a ti, é sem dúvida por que tinha razões para agir assim. Não me avantajo o direito de as procurar, quando mas escondem. O facto de ela tomar parte nesta questão revela apenas da sua parte uma deferência, fiquem sabendo isso... Mas vê tu, minha querida, quando não se conhece o mundo, pode-se, com as intenções mais puras, cometer um ato impensado, e foi o que tu fizeste aceitando entrar em relações com aquele velhaco. Os boatos espalhados por esta tola provam que tens falta de tato. Pedirei informações a tal respeito e, como é a mim que cabe defender-te, saberei fazê-lo. Agora é preciso pôr termo a isto.

— Quando voltar à sua casa, o melhor será recebê-lo no vestíbulo — observou de repente Maria, debruçando-se um tanto do sofá. — Lá, entreter-se-á a jogaras cartas com os criados, entretanto que nós aqui beberemos café. Pode mesmo fazer o favor de lhe mandar uma chávena, no entanto eu desprezo-o profundamente — terminou ela com gesto expressivo.

— É preciso pôr termo a isto — repetiu Bárbara, que escutara com atenção Maria. — Peço-lhe para tocar outra vez, Stepan.

Este obedeceu e, sem que ninguém o esperasse, avançou muito agitado para a dona da casa.

— Se… se… — tartamudeou ele, corando — se bem ouvi contar a novidade ou, melhor dizendo, a calúnia mais odiosa, é com a maior indignação... enfim, esse homem é um miserável e alguma coisa mais, parece mesmo um forçado evadido...

Não pôde terminar. Bárbara examinou-o dos pés à cabeça, piscando os olhos. Nesta altura entrou o correto criado de quarto, Aléxis Egorovitch.

— Manda preparar a carruagem — ordenou a viúva — e tu, Aléxis, prepara-te também para acompanhares esta senhora — apontou para Maria

— a sua casa. Ela te dirá onde reside.

— O senhor Lebiadkine espera-a lá em baixo há bastante tempo e tem insistido para que o anunciem.

— Isso não pode ser, Bárbara — disse logo Maurício, com ar inquieto e quebrando o mutismo absoluto em que até então se mantivera. — Permita-me que lhe diga: não pode receber esse homem, pois é... é... é um homem impossível, Bárbara.

— Que espere um pouco — respondeu esta última a Aléxis.

O criado de quarto retirou-se.

— E mal-educado e creio que é um forçado evadido ou coisa parecida — murmurou de novo Stepan, com o rosto vermelho.

Prascovie levantou-se.

— Lisa, é tempo de irmos embora — disse ela em tom arrogante.

Parecia já ter pena de haver tratado mal a tola num dos seus momentos de exaltação e foi com um vinco desdenhoso nos lábios que escutou atentamente as explicações de Dacha. Nada porém a feriu tanto como a fisionomia de Lisa desde a entrada de Dacha: o ódio e o desprezo liam-se nos seus olhos flamejantes.

— Espera ainda um minuto, peço-te — disse com a mesma calma extraordinária Bárbara. — Por favor, senta-te; estou decidida a dizer tudo e tu estás doente das pernas. Desde já te agradeço o favor. Devido à minha perturbação e irritação de há pouco, dirigi-te algumas palavras bastante ofensivas. Perdoa-me, peço-te. Agi estupidamente, sou a primeira a confessá-lo porque amo a justiça. Sem dúvida, também te exaltaste quando falaste das cartas anónimas. Toda a comunicação não assinada só me merece desprezo. Se tens outra maneira de ver, não ta invejo. Em todo o caso, no teu lugar, sentir-me-ia vexada se desse crédito a tais vilanias. E já que falaste nisso, dir-te-ei que há seis dias também recebi uma carta anónima, que me fez rir. Nessa carta um parvo qualquer assegurava-me que Stavroguine estava tolo e que devia temer uma coxa, «a qual representaria um grande papel no meu destino». Eram estas as próprias palavras da carta. Sabendo que meu filho tem muitos inimigos, convidei a vir aqui aquele que o odeia secretamente com o ódio mais rancoroso e mais implacável. Conversando com esse homem, descobrirei logo qual a desprezível «oficina» de onde saiu essa carta anónima. Se tu também, minha pobre Prascovie, tens sido inquietada por *minha causa,* e, conforme tu dizes, «bombardeada» com esses miseráveis papeluchos, sou, sem

dúvida, a primeira a lastimar por ter sido inocentemente a causa. Era tudo quanto te queria dizer como explicação. Vejo com mágoa que não podes mais e que neste momento não estás bem disposta. Por outro lado decidi não *receber*, mas *deixar entrar* (o que não é a mesma coisa) esse equívoco personagem, sobre o qual tanto se discute. A presença de Lisa. em especial, é prejudicial aqui. Aproxima-te, minha querida Lisa, e deixa que te abrace ainda uma vez.

Lisa atravessou o salão e parou, sem nada dizer, junto de Bárbara, Esta abraçou-a, apertou-lhe as mãos e, afastando-a um pouco de si, fitou-a com emoção; depois abençoou-a, se assim se pode dizer, fazendo o sinal da cruz, e abraçou-a mais uma vez,

— Adeus, Lisa — disse Bárbara, parecendo ter lágrimas na voz. — Creio que nunca deixarei de te estimar em todas as emergências que o futuro te reserve... Que Deus te proteja e se faça a sua bendita vontade...

Desejou ainda dizer mais alguma coisa mas, apesar de ter feito grande esforço, não o conseguiu. Lisa encaminhou-se para o seu lugar, sempre silenciosa e pensativa, quando de repente parou junto da mãe.

— Minha mãe, não vou já. Quero ainda ficar um momento em casa de minha tia — disse ela com voz meiga, mas denotando todavia uma resolução inabalável.

— Meu Deus, que é isto? — exclamou Prascovie, batendo as mãos.

Lisa, sem responder, sem mesmo parecer ter entendido, foi de novo sentar-se no seu canto e pôs-se a olhar para o ar.

Uma expressão de triunfo se revelou no rosto de Bárbara.

— Maurício, tenho um grande serviço a pedir-lhe: faça o favor de ir aí fora espreitar esse homem e, se houver alguma possibilidade de o *deixar entrar*, traga-o aqui.

Maurício inclinou-se e saiu. Um minuto depois voltou, acompanhado de Lebiadkine.

Capítulo 4

Tracei já o retrato do capitão: era alto e cheio, de aspeto atrevido, tendo aproximadamente quarenta anos e usando barba e bigode. Tinha os cabelos crespos, um rosto vermelho e um tanto altivo, as faces flácidas, tremendo a cada movimento da cabeça, e uns olhos pequenos, injetados e algumas vezes bastante maliciosos. O nó da garganta era bastante saliente, o que não o favorecia. Porém, nesta altura, o que mais chamou a minha atenção foi o fraque e a roupa branca devidamente limpos. «Há pessoas a quem a roupa branca limpa não serve» — disse Lipoutine, num dia em que Stepan lhe censurou a sua falta de asseio. O capitão trazia também luvas pretas; tinha conseguido, não sem custo, calçar até meio a da mão esquerda; quanto à outra, segurava-a na mão direita, assim como um soberbo chapéu redondo, que com certeza servia pela primeira vez. Pude então certificar-me de que o «fraque do amor», de que tinha falado na véspera a Chatov era de facto bonito. O fato e a roupa branca tinham sido compradas — soube-o mais tarde — por conselho de Lipoutine, em vista de certos projetos misteriosos. Não restavam dúvidas que esta visita de Lebiadkine era devida a uma inspiração estranha, pois não teria podido conceber esta ideia nem pô-la em execução no espaço de três quartos de hora, supondo mesmo que tivesse sido logo informado da cena passada no átrio da catedral. Não estava bêbado, mas sim num estado de inércia e embrutecimento próprios de uma orgia prolongada durante dias consecutivos.

Ao transpor como uma tromba a porta do salão, tropeçou logo de entrada no tapete. Maria soltou uma gargalhada. O capitão lançou-lhe um olhar feroz e avançou rápido para Bárbara.

— Sempre vim, minha senhora... — começou ele em voz trovejante.

— Dá-me muito prazer, senhor — disse-lhe Bárbara. — Queira sentar-se aí nessa cadeira. Ouvi-lo-ei daí muito bem e poderei vê-lo melhor.

O capitão parou e olhou à sua roda com ar estúpido; voltando atrás, sentou-se no lugar indicado, isto é, muito perto da porta. A sua fisionomia era a de um homem que junta a grande desconfiança da sua pessoa, forte

dose de descaramento e de irascibilidade. Não se sentou com contentamento, era evidente, e por outro lado o seu amor-próprio sentiu-se ferido, podendo-se por isso prever que, chegada a ocasião, o orgulho faria deste tímido um atrevido. Consciente da sua inabilidade ousava a custo mexer-se. Como todos nós o fitávamos, a sua principal atrapalhação, como a de todos os cavalheiros desta espécie, quando por acaso entram num salão, é não saberem que fazer das mãos. O capitão, tendo nas suas o chapéu e as luvas, ficou de olhos fixos no rosto severo de Bárbara. Desejaria talvez olhar com mais atenção à sua volta, mas não podia resolver-se a tal. Maria soltou nova gargalhada, encontrando, sem dúvida, muito ridícula a posição embaraçosa do irmão. Este não se movia. Bárbara cometeu a desumanidade de o deixar assim sobre espinhos durante um longo minuto.

— Para já, permita-me que lhe pergunte o seu nome — disse ela por fim, em tom glacial, depois de ter longamente examinado o visitante.

— Capitão Lebiadkine — respondeu este, em voz sonora. — Vim aqui, minha senhora...

— Perdão! — interrompeu de novo Bárbara. — Esta desgraçada que tanto me interessou é de facto sua irmã?

— Sim, minha senhora. Escapou à minha vigilância, porque está numa situação...

Corou entretanto e começou a atrapalhar-se.

— Compreende bem, minha senhora, um irmão não maculado... numa situação… isto não quer dizer... numa situação… que mancha a reputação... há já algum tempo...

Parou de súbito.

— Por Deus! — disse a dona da casa, levantando a cabeça.

— Está nesta situação — concluiu bruscamente o visitante, colocando um dos dedos na testa.

Fez-se silêncio.

— E desde quando sofre ela? — perguntou com negligência Bárbara.

— Minha senhora, vim para lhe agradecer a generosidade de que deu provas no átrio. Agradecer-lhe segundo os costumes russos, fraternalmente...

— Fraternalmente?

— Quero dizer, no sentido apenas de que sou irmão de minha irmã, minha senhora. Creia, minha senhora — prosseguiu ele precipitadamente,

enquanto o rosto se tornava carmesim — creia que não sou tão mal-educado como pude parecer à primeira vista ao entrar no seu salão. Minha irmã e eu não somos nada, minha senhora, comparativamente ao luxo que vemos aqui. Tem muitos caluniadores... Mas Lebiadkine tem a sua reputação, minha senhora e... e... vim para lhe agradecer... Está aqui o dinheiro, minha senhora!

Após isto tirou do bolso a carteira e pegou num maço de pequenas notas, pondo-se a contá-las. A impaciência fazia-lhe tremer os dedos, pois sentia que tinha aspeto mais estúpido com o dinheiro nas mãos. Por fim atarantou-se, visto ter-se-lhe escapado da carteira uma nota verde e ter caído no tapete.

— Vinte *rublos*, minha senhora — disse o capitão, com o rosto coberto de suor e o maço das pequenas notas na mão.

Avançou apressado para a dona da casa. Vendo nessa altura a nota caída no tapete, baixou-se para a apanhar, mas corou deste primeiro movimento e, com um gesto de indiferença, disse:

— Isto será para os seus criados, minha senhora, para o criado que a apanhar. Lembrar-se-á de Lebiadkine.

— Não posso permitir isso — apressou-se a responder Bárbara um pouco inquieta.

— Nesse caso...

Apanhou a nota, tornando-se vermelho, e aproximando-se bruscamente da sua interlocutora estendeu-lhe o dinheiro que acabara de contar.

— Que é isto? — gritou ela, deveras assustada e recuando mesmo no sofá.

Maurício, Stepan e eu corremos para ela.

— Acalmem-se, acalmem-se, não sou tolo! Asseguro-lhes que não sou tolo! — repetiu o capitão voltado para todos e muito agitado.

— O senhor parece que perdeu a razão.

— Minha senhora, isso não é bem o que pensa. Sem dúvida sou um insignificante elo desta cadeia... Oh, minha senhora, sumptuosa é a sua habitação, ao passo que bem pobre é a de Maria Desconhecida, minha irmã, nascida Lebiadkine, mas a quem chamaremos, por enquanto, Maria Desconhecida... Por enquanto, por enquanto apenas, pois Deus não há de permitir que seja sempre assim! Deu-lhe, minha senhora, dez *rublos* e ela guardou-os, porque foi a senhora que lhos deu! Ouça, minha senhora! De

nenhuma outra pessoa Maria Desconhecida aceitaria qualquer coisa. De outra forma, agitar-se-iam no túmulo os restos mortais de um oficial do estado-maior, seu avô, que morreu no Cáucaso, ante os olhos de Ermolov. Da senhora, porém, aceitará tudo, porque recebe com uma das mãos e com a outra entrega-lhe vinte *rublos* sob a forma de dádiva para uma das comissões filantrópicas de que a senhora faz parte... Vi inserto na *Gazeta de Moscovo* um aviso, dizendo que na sua casa se aceitavam quaisquer quantias para socorrer uma sociedade de beneficência...

Nesta altura parou de falar; respirava a custo, tal como após ter terminado uma tarefa laboriosa. A frase sobre a sociedade de beneficência fora preparada provavelmente antes, talvez ditada por Lipoutine. O visitante estava atrapalhado. Bárbara fixou nele um olhar penetrante.

— O livro encontra-se sempre na casa do meu porteiro — respondeu ela com severidade. — Pode ir lá subscrever a sua oferta, se assim o entender. Por consequência peço-lhe para guardar por agora o seu dinheiro e de não vir para aqui mostrá-lo, Peço-lhe também para retomar o seu lugar. Tenho muita pena, caro senhor, de me ter enganado a respeito da sua irmã e de lhe ter dado aquela esmola, sendo ela tão rica. Há apenas um ponto que não compreendo: por que é que só de mim aceita alguma coisa, entretanto que nada recebe dos outros? Insistiu tanto nisto, que desejo uma explicação terminante.

— Minha senhora, é um segredo que descerá comigo ao túmulo! — disse o capitão.

— Porquê? — perguntou Bárbara, num tom que parecia já vacilar um pouco.

— Minha senhora, minha senhora!

E nada mais disse, limitando-se a olhar para o soalho e apoiando a mão direita sobre o coração. Bárbara esperou, sem levantar os olhos.

— Minha senhora — gritou ele de repente. — Permite-me que lhe faça uma pergunta, uma só, mas francamente, abertamente, à russa?

— Fale.

— Tem sofrido na sua vida, minha senhora?

— Quer dizer simplesmente que sofre por si ou por ver sofrer alguém?

— Minha senhora, minha senhora! O próprio Deus, no seu juízo final, surpreender-se-á com tudo o que marulha neste coração! — replicou o capitão, batendo no peito.

— É dizer muito.

— Minha senhora, sirvo-me talvez de expressões um tanto fortes...
— Não se inquiete. Saberei fazê-lo calar quando for preciso.
— Posso ainda fazer outra pergunta, minha senhora?
— Vejamos.
— Pode-se morrer só pelo facto de se ter uma alma nobre?
— Não sei nada e nunca pensei nessa questão.
— Não sabe nada! Nunca pensou nessa questão! — exclamou Lebiadkine com dolorosa ironia. — Muito bem, já que é assim, já que é assim.

Cala-te, coração sem esperança!

E deu um grande soco no peito. Em seguida começou a passear no salão. O traço característico destas pessoas é uma completa impotência em recalcar dentro de si os seus desejos. Aqueles que pensam, tendem irresistivelmente a manifestar-se e muitas vezes sem atender às conveniências. Fora do seu meio, um cavalheiro idêntico começará de ordinário por se sentir torturado mas, por pouco que lhe afrouxeis a rédea, tornar-se-á logo insolente. O capitão, muito exaltado, ia e vinha gesticulando, não ouvia o que lhe dizia e falava com tal rapidez que algumas vezes gaguejava; sem acabar uma frase, começava outra. Para dizer a verdade, estava talvez, em parte, sob a influência de uma espécie de embriaguez: no salão encontrava-se Lisa, que ele não fitava, mas cuja presença devia ser o suficiente para lhe transtornar a cabeça. É claro que isto é apenas uma suposição da minha parte. Bárbara tinha as suas razões para triunfar do seu desgosto e consentir em ouvir semelhante homem. Prascovie estava toda trémula, se bem que, para dizer a verdade, não parecesse saber do que se tratava; Stepan tremia também, mas esse, ao contrário, porque supunha compreender tudo; Maurício parecia ser como um anjo tutelar; Lisa estava pálida e com os olhos muito abertos, parecia cão os poder desfitar do estranho capitão; Chatov mantinha sempre a mesma atitude; mas o mais extraordinário de tudo era que a alegria de Maria tinha dado lugar à tristeza. Com o cotovelo direito apoiado na mesa, todos, enquanto o irmão falava, a fitavam, admirando-a com ar de desgosto. Só Dacha me pareceu calma.

Por fim Bárbara disse, desgostosa:

— Todas essas alegorias nada significam e, por outro lado, ainda não respondeu à minha pergunta: «Porquê?» Espero com impaciência uma resposta.

— Não respondi ao «porquê»? Espera uma resposta ao «porquê»? — disse o capitão com uma piscadela de olhos. — Esta palavra «porquê?» está espalhada por todo o universo desde o aparecimento do mundo, minha senhora. A cada instante toda a natureza grita ao criador «porquê?» e há sete mil anos que em vão espera uma resposta. Será possível, portanto, que o capitão Lebiadkine responda a essa pergunta e a sua resposta seja justa?

— Tudo isso é absurdo e não explica nada — replicou Bárbara irritada. — Isso são alegorias, já lhe disse. Além disso, fala muito pomposamente, caro senhor, o que considero como uma impertinência.

— Minha senhora — prosseguiu o capitão sem a escutar — desejava antes chamar-me Ernesto em vez de ter o nome vulgar de Inácio, que fui condenado a usar; «porquê», segundo a sua maneira de ver? Desejava poder chamar-me príncipe de Montbar e não sou mais do que o simples Lebiadkine... Porquê? Sou poeta, minha senhora, um poeta sentimental. Podia receber mil *rublos* de um editor e no entanto sou forçado a viver num casebre. Porquê? Porquê? Minha senhora, segundo a minha opinião, a Rússia é um capricho da natureza, nada mais!

— Na verdade, não pode falar em assuntos mais concretos?

— Posso recitar-lhe uma poesia, o *Cancrelas*!

— O quê?

— Não estou louco, minha senhora! Poderei sê-lo um dia com certeza, mas não o sou ainda! Um dos meus amigos, homem muito digno, escreveu uma fábula de Krylov, intitulada o *Cancrelas*. Posso dar-lha a conhecer?

— Quer recitar-me uma fábula de Krylov?

— Não, não é uma fábula de Krylov que eu quero recitar, mas uma fábula minha, da minha autoria. Suponho bem, minha senhora, que não sou tão inculto, nem tão apatetado, para não compreender que a Rússia tem em Krylov um grande fabulista, ao qual o ministro da instrução pública erigiu um monumento no Jardim de verão. A senhora não perguntou: «Porquê»? A resposta está no fim desta fábula em letras de fogo!

— Recite então a sua fábula.

— Existiu sobre a terra uma modesta barata. Um dia a pobre, ai!, caiu num copo. Ora o copo estava cheio de um alimento para as moscas...

— Caro senhor, mas que quer isso dizer? — exclamou Bárbara.

— No verão, quando se querem agarrar as moscas, coloca-se num copo um alimento de que elas são gulosas — apressou-se a explicar o capitão com o mau-humor próprio de um autor interrompido na sua leitura. — Convém que o imbecil compreenda. Não me interrompa, não me interrompa! Verá, verá… À vista disto, um grande grito dirigido a Júpiter saiu logo de suas bocas: «Não pode conseguir tirar esta intrusa do nosso copo?» Chegou um velho severo, o muito nobre Nikifor. Nikifor pegou no copo e, sem se inquietar com os gritos, deitou as moscas, a barata e todos os mais insetos no buraco do esgoto, o que fazia todos os dias há muito tempo. Mas note bem, minha senhora, que a barata não murmurou! É esta a resposta à sua pergunta — acrescentou o capitão, elevando a voz com um acento de triunfo. — «A barata não murmurou!» Quanto a Nikifor, esse representa a natureza — terminou ele rapidamente, encantado consigo mesmo e voltando a passear no quarto.

— Permita-me que lhe pergunte — disse Bárbara encolerizada — como se atreveu a acusar uma pessoa da minha casa de ter desviado parte do dinheiro que, por seu intermédio, lhe enviou Stavroguine?

— Calúnia! — vociferou Lebiadkine com um gesto trágico.

— Não, não é uma calúnia.

— Minha senhora, em certas circunstâncias resignamo-nos a sofrer uma desonra doméstica, a termos de proclamar em voz alta a verdade. Lebiadkine cala-se, minha senhora.

Sentindo-se em melhor posição, estava como que embriagado pela consciência das suas vantagens sobre a sua interlocutora. Sentiu necessidade de ofender, de macular, de mostrar o seu domínio.

— Toque, por favor, Stepan — pediu Bárbara.

— Lebiadkine não é ingénuo, minha senhora! — continuou o capitão, piscando o olho com um sorriso vilão. — É astuto, e em casa dele também há um vestíbulo aberto a todas as paixões! E esse vestíbulo é a velha garrafa do *hussard,* cantada por Denis Davydoff. Quando está no vestíbulo, minha senhora, chega a enviar-lhe uma carta em verso, carta escrita num estilo elevado, mas que logo em seguida ele desejava não ter escrito; sim, daria para a reaver as lágrimas de toda a sua vida, porque o sentimento do belo acha-a imperfeita. Infelizmente quando a ave principia o seu voo, só se pode agarrar pela cauda! Pois bem, nesse vestíbulo, minha senhora, está em perigo devido à generosa, chamemos-lhe assim, indignação despertada nele pelas afrontas de que está sobrecarregado. Tenho podido também

exprimir-me em termos impensados sobre suposições a respeito de uma nobre senhora e com isso os seus caluniadores lucram. Mas sou astuto, minha senhora! Em vão um lobo sinistro me assedia continuamente e não cessa de me obrigar a beber, esperando fazer-me falar: calo-me e do fundo da questão, o que de cada vez se encontra, em lugar da palavra esperada é a minha astúcia! Mas também, minha senhora, a sua sumptuosa habitação podia pertencer ao mais nobre dos seres que a barata não murmuraria! Note que não murmuraria e reconheceria a nobreza dos seus sentimentos!

Em baixo, no compartimento do porteiro, fez-se ouvir um toque de campainha e quase do mesmo instante entrou no salão Aléxis, que Stepan chamava a cada momento. O velho criado, sempre correto na sua maneira de proceder, estava dominado por uma agitação extraordinária.

— Stavroguine acaba de chegar e dentro em pouco estará aqui — declarou ele, em resposta ao olhar interrogador da sua senhora.

Lembro-me muito bem da forma como Bárbara recebeu esta notícia; empalideceu e os olhos cintilaram-lhe. Logo depois endireitou-se no sofá e o seu rosto tomou uma expressão de energia que chamou a atenção de todos nós. Esta chegada de Stavroguine, completamente imprevista, pois não era esperado antes de um mês, foi um acontecimento, em toda aquela conjuntura, semelhante a um verdadeiro golpe da fatalidade. O próprio capitão parou, como que petrificado, no meio do salão, de boca escancarada, olhando a porta com ar extremamente estúpido.

No compartimento vizinho ouviram-se uns passos leves, mas rápidos. Depois alguém irrompeu bruscamente pelo salão dentro, mas não Stavroguine.

Capítulo 5

Peço licença para descrever em poucas palavras este visitante inesperado, Era um homem novo, de vinte anos aproximadamente, de uma altura um pouco acima da média, de cabelos louros, raros e bastante compridos, e um pequeno bigode e barba. Estava vestido com asseio e à moda, mas sem grande aprumo. À primeira vista parecia pesado e lento nos seus movimentos, ainda que não fosse nem uma, nem outra coisa. Tinha também um falso ar de excêntrico; quando se tornou conhecido entre nós, fomos unânimes em acharmos as suas maneiras muito estudadas e a sua linguagem como não sendo das mais sérias.

Ninguém o consideraria feio, no entanto a sua figura também não agradava a ninguém. A cabeça era alongada para a nuca e achatada dos lados, disposição que lhe dava ao rosto um todo anguloso. Tinha a fronte alta e estreita, o olhar penetrante, o nariz pequeno e aguçado e os lábios longos e finos. O pequeno vinco que se lhe notava nas faces e em volta das maçãs do rosto, dava a impressão de um doente convalescente e a custo restabelecido de uma doença grave. Isto era apenas na aparência, pois na realidade vivia às mil maravilhas e nunca tivera uma doença.

Sem ser apressado, caminhava no entanto com precipitação. Parecia que nada o podia perturbar. Em quaisquer circunstâncias, como em qualquer parte onde se encontrasse, conservava um domínio imperturbável. Sem o saber, possuía uma dose enorme de presunção.

Extraordinariamente palrador, falava com uma volubilidade que não prejudicava, até ver, nem a nitidez, nem a distinção da sua maneira de falar. A sua palavra fluente era ao mesmo tempo de uma clareza e de uma precisão notáveis. De entrada escutava-se com prazer, mas em seguida, esta verborreia fácil e sempre rápida, despertava ideias desagradáveis no espírito dos ouvintes: imaginava-se logo a conformação estranha que devia ter a língua de um cavalheiro tão loquaz.

Desde a sua entrada no salão deu livre curso à sua facúndia; creio mesmo que entrou continuando uma conversa começada no

compartimento vizinho. Num movimento rápido parou diante de Bárbara e começou a palrar:

— Imagine, Bárbara, que entrei, supondo já me encontrar aqui há mais de um quarto de hora. Chegámos há uma hora e meia, depois estivemos juntos em casa de Kirilov e há meia hora deixou-o para vir diretamente para aqui, onde me concedeu uma entrevista de um quarto de hora...

— O quê? — perguntou Bárbara. — Quem é que lhe concedeu aqui uma entrevista?

— Quem? Stavroguine! Ignora ainda a sua chegada? A bagagem, pelo menos, deve estar aqui há já bastante tempo. Como é que ainda não lhe disseram nada? Então sou o primeiro a dar-lhe esta notícia! Pode mandar procurá-lo, mas deve estar a chegar. Virá breve com certeza, e, tanto quanto posso conjeturar, o momento foi dos melhor escolhidos — acrescentou o visitante, entretanto que com os olhos percorria o salão, reparando com atenção particular no capitão. — Ah! Lisa, estou contente por a encontrar logo na minha primeira visita! Fico radiante por poder apertar-lhe a mão. — Encaminhou-se para Lisa e apertou-lhe a mão que ela lhe estendeu com alegre sorriso. — Ao que me parece a nossa muito digna Prascovie não esqueceu o seu «professor» e não está mesmo zangada com ele, como o estava sempre na Suíça. Está melhor das suas pernas, Prascovie? Os médicos suíços tinham razão em lhe ordenar os ares pátrios!... Como? São tumores líquidos? Isso deve ser muito bom... Mas quanto eu lastimo, Bárbara — prosseguiu ele, dirigindo-se de novo à dona da casa — quanto eu lastimo não nos termos encontrado no estrangeiro para lhe apresentar pessoalmente a homenagem dos meus respeitos! Além disso tinha tanta coisa a dizer-lhe... Escrevi ao meu velho, mas talvez, segundo o seu hábito, ele...

— Pedro! — exclamou Stepan, saindo do seu canto, batendo as palmas e correndo para o filho. — Pedro, meu filho, não te reconheci!

Apertou-o nos braços, enquanto as lágrimas lhe saltavam dos olhos.

— Vamos, não faças asneiras, esses gestos são inúteis... Vamos, senta-te, senta-te, peço-te — murmurou Pedro, procurando libertar-se.

— Sempre, sempre fui culpado contigo!

— Vamos, senta-te. Falaremos disso mais tarde. Duvido que fizesses criancices. Vamos, sê um pouco mais razoável, peço-te.

— Mas há já dez anos que não te vejo!

— É uma razão para seres menos demonstrativo...

— Meu filho!

— Está bem... Creio na tua afeição, creio, mas tira as mãos, Vê bem que estás a torturar os outros... Ah, estás aí Stavroguine! Procura estar calmo até final, peço-te!

Stavroguine acabava com efeito de chegar. Entrara no salão sem ruído e, antes de entrar, examinara com olhar tranquilo todos os que estavam.

Como quatro anos antes, quando do nosso primeiro encontro, neste momento ainda o seu aspeto chamou a minha atenção. Certamente não o tinha esquecido, mas há, creio eu, fisionomias que, a cada nova aparição, oferecem sempre, se assim se pode dizer, alguma coisa de inédito, alguma coisa que não temos notado ainda, nem que as tenhamos visto já cem vezes. Na aparência, Stavroguine não tinha mudado durante esses quatro anos: o seu aspeto mantinha-se distinto e o seu andar imponente como naquela época. Parecia mesmo continuar sempre jovem. Encontrei no seu ligeiro sorriso a mesma afabilidade, no seu olhar a mesma expressão severa, pensativa e distraída, tal como noutros tempos, quando o conheci. Um detalhe porém me surpreendeu. Outrora, ainda que o considerasse já um bonito homem, o seu rosto tinha «o ar de uma máscara», tal como o disseram certas más-línguas femininas. Agora, tanto quanto se podia julgar, não se podia dizer o mesmo. Stavroguine tinha adquirido, em meu entender, uma beleza que desafiava toda a crítica. Seria porque estava um pouco mais pálido e emagrecera ligeiramente? Ou porque uma nova ideia lhe dava agora um novo brilho aos olhos?...

Bárbara não foi ao seu encontro. Levantou-se do sofá e agarrando-se ao espaldar com um gesto imperioso, gritou-lhe:

— Stavroguine, espere um minuto.

Para explicar a terrível cena que se seguiu a este gesto e a estas palavras — cena de uma audácia que me estupidificou, apesar de ocorrida em sua casa e feita por uma mulher como Bárbara — peço ao leitor para anotar que, em certos casos extraordinários, esta senhora, não obstante a sua força de vontade e o seu senso e tato prático, entregava-se sem reserva a toda a impetuosidade do seu caráter. Talvez o momento fosse para ela idêntico a um daqueles em que se concentrava bruscamente, como num lar o desenrolar de toda uma vida — passado, presente e futuro. Lembrarei também agora a carta anónima recebida e de que falara em termos irritantes a Prascovie, mas sim citar a passagem principal. Nessa carta

encontrava-se talvez a explicação da ousadia com que a mãe interpelava agora o filho.

— Stavroguine — repetiu ela, destacando cada sílaba, em voz forte e onde se pressentia um ameaçador desafio — antes de saíres desse lugar, diz-me, peço-te; é verdade que esta pobre criatura, esta coxa... repara bem... é verdade ser ela a tua mulher legítima?

Lembro-me muito bem deste momento: o jovem nem pestanejou: olhou fixamente a mãe, sem que um único músculo da face se contraísse. Por fim, uma espécie de sorriso indulgente lhe assomou aos lábios e, sem responder uma palavra, aproximou-se docemente de Bárbara, pegou-lhe na mão e beijou-lha com respeito. Desta forma o ascendente de seu filho subiu a tal ponto, mesmo sobre ela, que não se atreveu a recusar-lhe a mão. Limitou-se a fixá-lo com insistência, pondo nesse olhar a mais aflitiva interrogação.

Ficou porém calado. Depois de ter beijado a mão de sua mãe, examinou de novo as pessoas que o rodeavam e, sem se apressar, foi direito a Maria. É um destes minutos da nossa vida em que a fisionomia é muito difícil de descrever. Recordo-me, por exemplo, que ao aproximar-se de Maria, esta, tomada de terror, levantou-se e juntou as mãos como para suplicar; por outro lado lembro-me também, que no seu olhar brilhava uma alegria insensata, que lhe alterava quase os traços fisionómicos, uma destas alegrias imensas que o homem é muitas vezes incapaz de suportar. Não me atrevo a explicar esta coexistência de sentimentos tão contrários, e de tal forma que, encontrando-me então a pouca distância de Maria, avancei depressa para ela, supondo que ia desmaiar.

— O seu lugar não é aqui — disse-lhe Stavroguine em voz acariciadora e melodiosa, entretanto que se lhe lia nos olhos uma expressão extraordinária de ternura.

Estava de pé, diante dela, numa atitude a mais respeitosa, falando como se fala à mulher que se considera superior. Maria, ofegante, balbuciou surdamente algumas palavras.

— Posso... agora... pôr-me de joelhos diante de ti?

— Não, não pode — respondeu ele com um lindo sorriso que fez alegrar o rosto da desgraçada; depois, num tom grave e doce, tal como se faz para chamar à razão uma criança, acrescentou: — Supõe que és uma criança e que, sendo o teu amigo mais dedicado, não sou agora mais do que um estranho para ti: não sou nem o marido, nem o pai, nem o noivo.

Dá-me o teu braço e vamos embora. Vou acompanhar-te à carruagem e se mo permites, levar-te-ei a casa.

Maria escutou até ao fim e inclinou a cabeça com ar pensativo.

— Vamos — disse ela com um suspiro e dando-lhe o braço.

Sucedeu todavia um pequeno acidente à desgraçada. No momento em que se voltava, um falso movimento da sua perna defeituosa fez-lhe perder o equilíbrio, e teria caído se um sofá não estivesse ali perto, como que para a amparar na queda. Stavroguine segurou-a logo, agarrando-a com força entre os braços. Este acidente afligiu bastante Maria; confusa, cheia de vergonha, retirou-se em silêncio, de olhos baixos, acompanhada do seu cavalheiro que a conduziu com extremas precauções. Quando se dirigiam para a porta, Lisa levantou-se bruscamente. Seguiu-os com o olhar até os ver desaparecer, depois sentou-se de novo sem dizer palavra, mas um movimento convulso lhe agitou o rosto, como se tivesse sido mordida por um réptil.

Durante toda esta cena entre Stavroguine e Maria a estupefação tornara-nos mudos, Poder-se-ia ouvir passar uma mosca; contudo, mal saíram, travou-se uma conversação deveras animada.

Capítulo 6

É-me impossível relatar tudo, visto se limitarem a exclamações, de preferência a frases seguidas, e as versões proferidas eram as mais incoerentes, Stepan soltou uma exclamação em francês e bateu com as mãos uma na outra; porém Bárbara não lhe prestou a menor atenção. O próprio Maurício murmurou precipitadamente algumas palavras. O mais excitado de todos era Pedro; com grande acompanhamento de gestos esforçava-se por convencer um tanto Bárbara. Esta esteve no entanto algum tempo sem poder compreender o que ele dizia. Dirigia-se também a Prascovie e a Lisa, e uma vez mesmo gritou não sei o quê a seu pai. Estava muitíssimo agitado. Bárbara, muito vermelha, deixou rapidamente o seu lugar: «Entendeste, entendeste o que disse ainda agora?», gritou ela a Prascovie. Esta, por única resposta, moveu os braços, resmungando umas palavras ininteligíveis. A pobre mulher estava angustiada; a cada instante voltava a cabeça para Lisa, que a olhava com ar inquieto, sem se atrever a levantar-se, sem manifestar o menor desejo de ir embora. Durante este tempo o capitão, segundo percebi, tentou esquivar-se. Pedro agarrou-o pelo braço e cortou-lhe a saída. Desde o aparecimento de Stavroguine, dominou-o um terror incontestável.

— É necessário, é preciso — não deixava de dizer Pedro, de pé, diante do sofá onde Bárbara se tinha voltado a sentar; escutava-o com avidez e ele por sua vez tentava prender a atenção da sua interlocutora. — É necessário. A senhora mesmo nota haver aqui um mal-entendido e que a questão, parecendo muito estranha, é clara como a luz e simples como a água. Compreendo muito bem que ninguém me encarregou de falar e que tenho um aspeto bastante ridículo, quando me ponho assim a palrar. Por agora Stavroguine não liga nenhuma importância a isto, e casos há onde o interessado dificilmente se resolve a dar uma explicação, sendo por isso mais fácil a um terceiro contar certas particularidades delicadas. Suponho bem, Bárbara, que ele não tem nenhuma ofensa, para que não respondesse à pergunta que lhe fez. Estava em S. Petersburgo quando a questão se deu e, ele não tinha com que azorragar um gato. Ainda mais, toda esta aventura

não é nada lisonjeira para Stavroguine, e piara a definir, torna-se necessário empregar um termo tão vago como a palavra «honra»...

— Quer dizer, foi testemunha do facto que deu origem a este... mal-entendido? — perguntou Bárbara.

— Fui testemunha e tomei parte nele — apressou-se a responder Pedro.

— Se me dá a sua palavra de que isto não ofenderá Stavroguine na delicadeza dos seus sentimentos por mim, a quem ele tudo esconde... e se, por outro lado, está convencido de que isto lhe dá prazer...

— Certamente, e é por isso que tenho estado a falar. Estou certo de que ele próprio me pediria.

Este cavalheiro, caído do céu, e que, inconsideradamente, manifestava tão vivo desejo de contar a vida dos outros, podia parecer um tanto estranho; em todo o caso, a sua maneira de agir ia contra o que era costume fazer-se. Tocara num ponto sensível e Bárbara caíra no laço. Eu não conhecia ainda bem o caráter deste homem e com mais forte razão ignorava os seus intentos.

— Estou pronta a ouvi-lo — disse, num tom pleno de confiança, Bárbara, que se revestiu um pouco da sua condescendência.

— A história não é longa; se quer, podemos chamar-lhe mais propriamente uma anedota — começou Pedro. — Ou até um romancista ocioso podia fazer disto um romance. É uma questão bastante interessante, Prascovie, e estou certo que Lisa ouvirá a narração com curiosidade, pois há nela mais de um pormenor, não digo bizarro, mas muito divertido. Há cinco anos, em S. Petersburgo, Stavroguine conheceu este cavalheiro… este mesmo senhor Lebiadkine que está aqui de boca aberta e que parece desejoso de nos deixar. Desculpe-me, Bárbara. Aconselho-o a não querer ir embora, senhor ex-empregado das subsistências (como vê, lembro-me ainda do seu emprego). Stavroguine e eu sabíamos muito bem qual era a sua maneira de proceder nesta cidade, sem esquecer de que era obrigado a dar conta dela. Mais uma vez lhe peço perdão, Bárbara. Stavroguine chamava então a este senhor o seu Falstav: este nome serve para designar um personagem burlesco de que toda a gente escarnece e que se deixa cair no ridículo contanto que se lhe deem dinheiro. Stavroguine levava nesse tempo uma vida «irónica», se assim se pode dizer (não encontro outro termo para a definir). Não fazia nada e escarnecia de tudo. É preciso não esquecer que estou a falar do passado. O Lebiadkine tinha uma irmã: era a

mesma pessoa que ali estava sentada. O irmão e a irmã não tinham eira nem beira e por isso viviam um pouco em toda a parte. O primeiro, sempre vestido com o seu antigo uniforme, errava pelas arcadas do «Gostinoi Dvor» pedindo esmola aos passeantes com ar de mais ou menos abastados e bebia depois o dinheiro recebido das esmolas. A segunda alimentava-se como a ave do céu; prestava alguns serviços nas casas onde consentiam recebê-la. Conto estes pormenores da sua existência apenas pela originalidade, Stavroguine vivia então entre os miseráveis de S. Petersburgo. Falo, como já disse, dessa época passada e quanto à palavra «originalidade» é uma expressão que aprendi com ele. Não foi grande coisa para mim. A senhora Lebiadkine, que durante bastante tempo se encontrou muitas vezes com Stavroguine, chamava a atenção pelo seu exterior. Ele era para esta pobre criatura como que um diamante caído no fundo lodoso da sua existência. A análise dos sentimentos não é o meu forte. Deixarei isso de lado. Quaisquer que eles fossem, vivia entre pessoas mais prontas a fazer mal do que bem, o que afligia deveras a senhora Lebiadkine. Em geral tinham o hábito de a escarnecer, o que ela no entanto não notava. Nessa época tinha já o cérebro desconcertado, se bem que não fosse ainda como agora. Supõe-se que tenha recebido na infância alguma educação, graças a uma benfeitora. Stavroguine não lhe prestava nunca a menor atenção. A maior parte do tempo jogava as cartas com os empregados, a quatro *kopeks* a partida. Mas, num dia de grande mau humor, agarrou pelo colete um desses indivíduos e, sem lhe dar nem pedir qualquer explicação, atirou-o pela janela fora, de um segundo andar. Isto resultou da indignação de uma alma cavalheiresca, tomando partido pela inocência oprimida: a execução do insolente foi acompanhada de um riso geral e o que riu mais foi o próprio Stavroguine. A questão não teve nenhuma má consequência; reconciliaram-se e puseram-se a beber licores. Mas a inocência oprimida não esqueceu o facto. Naturalmente resultou disto, para ela, um abalo definitivo nas suas faculdades mentais. Repito, não sou forte na análise dos sentimentos; tudo o que posso dizer é que a visão tem nisto um grande lugar. E, como se fosse um facto expresso, Stavroguine contribuiu ainda, pela sua maneira de ser, para excitar esta doentia imaginação: em lugar de rir, começou desde aí a testemunhar uma consideração muito particular à senhora Lebiadkine. Kirilov estava também em S. Petersburgo (é um excêntrico número um); vê-lo-á talvez qualquer dia, pois está agora na nossa cidade. Pois bem, este Kirilov, que

de ordinário não abria a boca, desgostou-se e, recordo-me, fez ver a Stavroguine que, tratando esta senhora como uma marquesa, lhe dava o último golpe na razão. Direi que ele tinha certa estima por Kirilov. Imagine o que lhe respondeu: «Supõe, senhor Kirilov, que escarneço dela! Engana-se. Respeito-a, de facto, porque vale mais do que todos nós». Se visse o tom de seriedade com que deu esta resposta! Devido a isso, durante dois ou três meses, não falou à senhora Lebiadkine, se não apenas para lhe dizer «bom dia» ou «adeus». Como resultado, lembro-me muito bem, acabou por considerá-lo como um amoroso que não ousava «arrebatá-la», unicamente porque tinha muitos inimigos e encontrava obstáculos na sua família. O que seria então! Por último, quando Stavroguine veio para aqui, quis, antes da partida, assegurar a sorte desta desgraçada e para isso estabeleceu-lhe uma pensão anual bastante importante: trezentos *rublos*, se não mais. Numa palavra, tudo isto não foi da sua parte mais do que um capricho, um divertimento de homem enfastiado, ou mesmo, como dizia Kirilov, um estudo de uma espécie estranha, empreendido por um ocioso, para saber até onde se pode dominar uma mulher louca e impotente... Seja como for, tudo isto ocorreu como estou a dizer. Agora, no fim de contas, em que é um homem responsável pelas fantasias de uma maníaca, sobretudo, note-o bem, quando se trocou com ela pouco mais do que duas frases? Há coisas, Bárbara, de que se pode falar sensatamente e é mesmo uma tolice fazer segredo sobre elas. Enfim, pode-se ver nisto originalidade, se se quiser, mas nada mais do que isso, e portanto, pode fazer-se uma história como disse já... Além disso, sei também alguma coisa do que se tem passado por aqui.

Pedro interrompeu-se bruscamente e voltou-se para Lebiadkine; no momento em que ia interpelá-lo, Bárbara conteve-o. O que acabara de ouvir exaltara-a bastante.

— Acabou? — perguntou ela.

— Ainda não. Para completar a minha narração preciso, se mo permite, de fazer algumas perguntas a este cavalheiro... Verá já do que se trata.

— Falou já bastante. Descanse um minuto, peço-lhe. Oh, quanto fiz bem em deixá-lo falar!

— Muito bem, Bárbara — disse Pedro. — Stavroguine não podia, por melhor vontade que tivesse, explicar-lhe logo tudo isto em resposta à sua pergunta… pergunta um tanto categórica!

— Oh, sim, foi demasiada!

— E não tinha razão para lhe dizer que, em certos casos, um terceiro pode fornecer explicações muito mais facilmente do que o próprio interessado?

— Sim, sim... Mas enganou-se num ponto e vejo com pena que persiste nesse erro.

— Na verdade? Em que estou enganado?

— Ouça... Mas se se sentasse, Pedro...

— Oh, como lhe agradeço, pois estou de facto cansado. Obrigado.

Pegou numa cadeira e colocou-a de maneira a encontrar-se entre Bárbara de um lado e Prascovie do outro. Nesta posição estava em frente a Lebiadkine, que não tirava os olhos dele nem um minuto.

— Engana-se, chamando a isto «originalidade»...

— Oh, se não é isso...

— Não, não, não, espere — interrompeu Bárbara, cujo entusiasmo sentia evidente necessidade de se expandir num longo discurso; a custo Pedro se foi apercebendo que devia estar com toda a atenção. — Não, há nisto alguma coisa mais do que originalidade, ousarei dizer, alguma coisa de sagrado! O meu filho é um homem altivo, cujo orgulho foi prematuramente ferido, o que o levou a arrastar essa vida tão justamente qualificada por si de «irónica»: numa palavra, é um príncipe Harry, como lhe chamava noutros tempos Stepan. Esta comparação seria de facto exata, se não se parecesse mais ainda com Hamlet, pelo menos em meu entender.

— E tem razão — observou com sentimento Stepan.

— Muito obrigada. Agradeço-lhe sobretudo o ter tido sempre confiança em Stavroguine, o ter acreditado sempre na elevação da sua alma e na grandeza da sua missão. Essa confiança incutiu-a a mim própria, nas horas de dúvida e de desencorajamento.

— Querida, querida... — começou Stepan.

Deu um passo em frente, mas parou, supondo que seria perigoso interrompê-la.

— E se Stavroguine — continuou Bárbara, num tom um pouco declamatório — tivesse tido sempre junto dele um tranquilo Horácio, grande na sua humildade (outra linda frase sua, Stepan) talvez há muito tivesse escapado a esse triste «demónio da ironia», que tem amargurado toda a sua existência. O «demónio da ironia» é ainda uma linda frase que lhe restituo, Stepan. Mas Stavroguine não teve nunca um Horácio, nem

Ofélia. Teve apenas sua mãe... e que pode fazer uma mãe sozinha e em tais circunstâncias?... Sabe muito bem a razão, Pedro, e eu compreendo-o perfeitamente, por que é que um ser como Stavroguine pôde frequentar os antros miseráveis e abjetos de que falou. Imagino tão bem agora essa vida «irónica» (como lhe chamou com tanta propriedade) essa sede inextinguível de contrastes, esse fundo escuro de quadro, sobre o qual ele se destaca como um diamante, para me servir ainda da sua comparação, Pedro! E é ali que ele encontra uma criatura maltratada por toda a gente, uma enferma meia louca, que ao mesmo tempo possui talvez os mais nobres sentimentos.

— Sim! Sim! É possível.

— E depois disto admiram-se que não escarneça dela como os outros! Oh, os homens! Não compreendem que para a defender contra os seus insultadores a rodeou de todo o respeito «como se fosse uma marquesa». O Kirilov, apesar de ter profundo conhecimento dos homens, não compreendeu Stavroguine! Se assim o quer, é precisamente o contrário que tem originado o mal; se a desgraçada se encontrasse noutras condições, talvez não tivesse arquitetado tal sonho. Só uma mulher, uma mulher, pode compreender isto, Pedro, e que desgosto para si… isto é, não ser uma mulher, pelo menos por agora, para o compreender!

— Compreendo, Bárbara, tenho a certeza.

— Diga-me, Stavroguine deve, na verdade, para sufocar esse sonho do organismo da infortunada — porque se serviria Bárbara aqui da palavra organismo?, pergunto eu — deve zombar dela e tratá-la como faziam os empregados? Pode deixar-se de reconhecer a grande piedade que inspirou a resposta de Stavroguine a Kirilov: «Eu não zombo dela!»? Grande e santa resposta!

— Sublime! — murmurou, em francês, Stepan.

— Note que está longe de ser tão rico como pensa: eu sou rica, mas ele não, e nesse tempo era muito pouco o que lhe mandava.

— Compreendo, compreendo tudo isso, Bárbara — respondeu um tanto impaciente Pedro.

— Oh, é o meu caráter! Conheço-o bem. Encontrasse nesse período da juventude suscetível de arrebatamentos violentos, de entusiasmos tempestuosos... E se um dia passarmos a viver mais tempo juntos, Pedro, o que por meu lado desejo muito sinceramente, sobretudo depois das obrigações que contraí, compreenderá talvez então...

— Oh, acredite que por mim também o desejo — apressou-se a dizer Pedro.

— Compreenderá então esta cegueira de um coração ardente e nobre, que o leva bruscamente a escolher um homem indigno dele sob todos os aspetos, um homem que está profundamente reconhecido e que em toda e qualquer ocasião só lhe aumenta os seus desgostos; apesar de tudo encarna-se num tal homem o seu ideal, o seu sonho, todas as suas esperanças; inclina-se diante dele, ama-o toda a sua vida sem bem saber porquê! Talvez, quem sabe, porque ele é indigno desse amor... Oh, quanto tenho sofrido toda a minha vida, Pedro!

Stepan, cujo rosto tomara uma expressão de mágoa, procurava o meu olhar, que eu evitava, voltando a tempo os olhos.

— E ultimamente ainda, ultimamente (oh, o que eu tenho de injustiças para com Stavroguine, não imagina!) perseguem-me por todos os lados, todos, todos, os inimigos, os indiferentes e até os amigos; estes últimos talvez mais do que os primeiros. Quando recebi a primeira carta anónima, pode acreditá-lo, não tive forças para responder, por minha infelicidade, a essa infâmia... Nunca, nunca me perdoarei essa lassidão, essa tão grande falta de vontade.

— Já ouvi falar um pouco nessas cartas anónimas — disse com grande animação Pedro — e hei de descobrir os autores, fique certa.

— Não pode calcular as intrigas urdidas por esta gente! Têm até mesmo atormentado a nossa pobre Prascovie, não sei por que motivo! Hoje tenho sido talvez um tanto áspera contigo, minha querida Prascovie — acrescentou ela, num magnânimo transporte de ternura, não sem deixar de ter uma certa ponta de ironia triunfante.

— Não fales nisso, querida — murmurou, num tom de mau humor, a viúva Drozdov. — Em meu entender, é preciso pôr termo a tudo isto. Tem-se falado muito... — E de novo olhou timidamente para Lisa, mas esta tinha os olhos fitos em Pedro.

— E esta pobre, esta desgraçada criatura, esta louca que tudo perdeu e apenas tem conservado o coração, tenho agora a intenção de a tomar debaixo da minha proteção — exclamou de repente Bárbara. — É um dever meu e estou resolvida a cumpri-lo santamente. A partir de hoje tomo-a sob a minha proteção.

— E isso será digno de louvores, visto num certo sentido — aprovou calorosamente Pedro. — Desculpe-me no entanto, pois ainda não acabei.

Fiquei a quando da proteção. Supôs-se logo, após a partida de Stavroguine (recomeço a narrativa no ponto em que fui interrompido por Bárbara) este senhor, este mesmo senhor Lebiadkine aqui presente, supôs-se logo no direito de se apropriar da pensão concedida a sua irmã, o que fez. Não sei ao certo qual a maneira como as coisas foram reguladas então por Stavroguine, só sei que um ano depois, estando no estrangeiro e informado do que se passava, tomou novas providências. Não sei quais elas foram, nos seus detalhes. Ele se encarregará de lhas contar. Por mim sei apenas que internou a pobre criatura num mosteiro afastado. Vivia lá nas melhores condições de conforto e entregue aos cuidados de uma vigilância amigável, compreende? Calcule o que fez então o senhor Lebiadkine! Empregou todos os esforços para descobrir o lugar onde estava escondida a galinha dos ovos de ouro, ou melhor, a irmã. Só muito tempo depois conseguiu o seu fim. Servindo-se da sua qualidade de irmão, retirou a pobre mulher do convento e trouxe-a para aqui. Agora que vivem juntos, não lhe dá de comer, bate-lhe, tiraniza-a. Recebeu, nestes últimos tempos, de Stavroguine, por uma via qualquer, uma quantia importante. Recebeu-a, e se havia de poupá-la e tratar bem a irmã, passa os dias a beber, chegando à noite a casa sempre bêbado. Por outro lado, em lugar de agradecer, vem provocá-lo insolentemente, dirigir-lhe intimações estúpidas, ameaçá-lo com um processo se, de hoje em diante, a pensão não lhe passar a ser entregue. Assim, considera como um tributo a dádiva voluntária de Stavroguine... Mas suponhamos que isto não era assim. O senhor Lebiadkine vai portanto dizer-nos se é ou não verdade tudo quanto acabo de dizer!

O capitão, que até então estivera calado e de olhos fitos no chão, deu dois passos em frente. Estava deveras vermelho.

— O senhor está a tratar-me com dureza — disse ele, com esforço.

— Com dureza? Por que é que diz isso? Permita-me que falemos mais tarde da dureza ou da doçura, e por agora peço-lhe somente para responder a esta pergunta: *Tudo* quanto eu disse, é ou não verdade? Se encontrou alguma falsidade pode desde já declará-lo.

— Eu… o senhor próprio o sabe — balbuciou a custo o capitão; era-lhe impossível dizer mais qualquer coisa.

Devo notar que Pedro estava sentado numa cadeira, de pernas cruzadas uma sobre a outra, entretanto que o capitão se mantinha de pé diante dele, numa atitude respeitosa.

As hesitações de Lebiadkine pareceram desagradar sobremaneira ao seu interlocutor; e neste, com a irritação experimentada, contraíram-se-lhe os músculos do rosto.

— Quer de facto fazer alguma declaração? — repetiu, observando o capitão com olhar cauteloso. — Se assim é, fale, pois estou à espera.

— O senhor mesmo sabe que nada posso declarar.

— Não, não sei nada. Isso é mesmo uma novidade para mim. Por que é que nada pode declarar?

O capitão guardou silêncio e baixou os olhos.

— Dá-me licença que me retire? — perguntou resolutamente.

— Noto que não deu nenhuma resposta à minha primeira pergunta: *tudo* o que eu disse é verdade?

— Sim — afirmou em voz surda e levantando os olhos para o seu carrasco; o suor cobria-lhe as faces.

— *Tudo* é verdade?

— Tudo é verdade.

— Nada tem a acrescentar, nem nada tem a observar? Se se sente vítima de uma injustiça, declare-o, proteste, revele alto os seus agravos.

— Não, nada tenho a dizer.

— Ameaçou ultimamente Stavroguine?

— Sim... mas foi devido ao vinho. — E nesta altura levantou bruscamente a cabeça. — Será possível ser-se culpado, só porque entre os homens ousamos levantar o grito contra a nossa honra doméstica ultrajada ou contra uma vergonha imerecida? — vociferou ele descomedidamente.

— Não estará bêbado neste momento, senhor Lebiadkine? — replicou Pedro, lançando sobre o capitão olhar perscrutador.

— Não.

— Então que significam essas palavras de honra doméstica ultrajada e de vergonha imerecida?

— Não falei de ninguém, não pretendi designar ninguém, trata-se de mim... — balbuciou o capitão, de novo intimidado.

— Ofendeu-se com as expressões de que me servi para falar de si e da sua conduta? É muito irascível, senhor Lebiadkine, e todavia não revelei ainda a sua conduta a toda a luz da verdade. Até aqui tenho sido comedido na conversa; pode muito bem ser que a aborde, mas não o fiz ainda.

O capitão estremeceu e olhou o interlocutor com ar estranho.

— Ah, só agora começo a compreender!

— O quê? Fui eu que o fiz começar a compreender?!

— Sim, foi o senhor! Durante estes quatro anos tenho andado nas nuvens. Posso já retirar-me?

— Por agora pode, se Bárbara vê que não é necessário...

Com um gesto desdenhoso despediu o capitão.

Lebiadkine inclinou-se, deu dois passos para se retirar, mas parou bruscamente; pôs a mão sobre o coração, quis dizer alguma coisa, mas não o conseguiu. Depois aproximou-se rápido da porta. Ao transpô-la encontrou Stavroguine. Este afastou-se para o deixar passar. O capitão parece que se tornou mais pequeno diante dele e ficou quieto, fascinado, ante o aparecimento do visitante, como um coelho ante uma serpente. Após ter esperado um momento, Stavroguine afastou-o docemente e entrou no salão.

Capítulo 7

Estava bem disposto e calmo. Talvez acabasse de lhe suceder alguma coisa de feliz que ignoramos ainda; fosse como fosse, parecia sentir um contentamento muito especial. À sua aproximação, Bárbara levantou-se rápida.

— Perdoa-me, Stavroguine! — apressou-se ela a dizer-lhe.

Este começou a rir.

— Na verdade! — gritou alegremente. — Vejo que sabes tudo. Depois de ter saído daqui, pensei comigo: «Podia ter tentado, pelo menos, contar uma anedota!» Porém recordei-me que o Pedro tinha ficado aqui e isso sossegou-me. — E enquanto pronunciava estas palavras, percorria com os olhos toda a sala.

— Pedro — disse solenemente Bárbara — contou-nos uma aventura sucedida noutros tempos em S. Petersburgo a um homem singular, caprichoso, insensato, mas sempre nobre nos seus sentimentos, sempre de uma generosidade cavalheiresca...

— Cavalheiresca? É ir um pouco longe de mais — objetou, rindo, Stavroguine. — De resto, estou muito reconhecido a Pedro pela sua intervenção nesta circunstância. — Ao mesmo tempo olhava de soslaio para aquele de quem falava. — É preciso dizer-lhe, minha mãe, que Pedro é um reconciliador universal; é o seu fraco, a sua doença, a sua mania, e recomendo-vo-lo debaixo deste ponto de vista. Adivinho o belo relato que ele devia ter feito; quando conta é como se escrevesse; tem como que uma chancelaria na cabeça. Por outro lado, na sua qualidade de realista, não pode mentir; a verdade é-lhe mais querida que o sucesso... bem entendido, fora de certos casos particulares onde o sucesso lhe é mais querido do que a verdade. — E continuava a olhar à sua volta. — Como vê, minha mãe, não tem de que me pedir perdão e, se alguma tolice houve, foi sem dúvida feita por mim. No fim de contas é mais uma nova prova de que estou louco... É preciso manter a reputação que criei.

Dito isto, abraçou ternamente a mãe.

— Em qualquer dos casos é uma questão liquidada. Contou-se já tudo; pode-se por conseguinte falar de outra coisa.

Estas últimas palavras foram pronunciadas num tom de quem tinha alguma coisa de terminante e de decidido. Bárbara notou-o; no entanto a sua exaltação não diminuiu, antes pelo contrário.

— Durante este mês não esperava por ti, Stavroguine!

— Resolvi vir mais cedo, minha mãe. Eu depois explico-lhe tudo. Por agora...

Aproximou-se de Prascovie. Esta voltou a custo a cabeça para o lado, se bem que meia hora antes, quando da primeira aparição de Stavroguine, tivesse ficado muito intrigada. Nesta altura atormentavam-na novas angústias: quando o capitão se encontrou no vão da porta com Stavroguine, Lisa, até então muito carrancuda, começou bruscamente a rir-se, e esta hilaridade, longe de terminar com o incidente que a havia originado, tornou-se de instante a instante mais intensa. Estava bastante congestionada. Durante a conversa de Stavroguine com Bárbara, chamou duas vezes Maurício para perto dela, como para lhe falar em voz baixa; mas tão depressa aquele se aproximava dela, como soltava uma estridente gargalhada; quase se podia concluir que troçava do pobre Maurício. Por seu lado, este esforçava-se visivelmente por se manter sério e chegou até um lenço aos lábios. Stavroguine apresentou-lhe os seus cumprimentos com o ar mais inocente e mais ingénuo possível.

— Peço-lhe que me desculpe — respondeu ela precipitadamente. — Viu... viu sem dúvida o Maurício... Meu Deus, é triste ser-se tão grande como o senhor é, Maurício!

Nova gargalhada. O capitão de artilharia era de facto grande, mas debaixo do ponto de vista de um ser ridículo.

— Chegou... chegou há muito tempo? — perguntou ela, tentando conter-se.

Estava mesmo embaraçada. Os olhos cintilavam-lhe.

— Há mais de duas horas — respondeu Stavroguine, que a observava atentamente.

Era muito educado e delicado, mas ao mesmo tempo tinha um aspeto de indiferença e de enfastiamento.

— Onde passará a viver?

— Aqui.

Bárbara olhou também para Lisa com atenção. Uma ideia surgiu-lhe de repente.

— Onde estiveste durante todo este tempo, Stavroguine? — perguntou ela, aproximando-se do filho. — O comboio chegou às dez horas.

— Tive de acompanhar o Pedro a casa de Kirilov; encontrámo-nos na estação de Matveievo (a terceira antes de chegar aqui) e fizemos juntos o resto da viagem.

— Esperava-o em Matveievo desde o romper do dia — disse Pedro. — As últimas carruagens do comboio descarrilaram durante a noite e estivemos a ponto de ficar com as pernas partidas.

— As pernas partidas? — exclamou Lisa. — Mãe, mãe, e quisemos nós ir a semana passada a Matveievo! Olha se tínhamos ido, ficáramos também com as pernas partidas!

— O Senhor teve piedade de nós! — disse Prascovie, persignando-se.

— Mãe, mãe, minha querida mãe, não se admire, se por acaso quebrar com efeito as duas pernas; isto pode muito bem suceder, pois, como diz, tenho o hábito de lançar o meu cavalo a galope quando saio todas as manhãs. Maurício auxiliar-me-á quando ficar coxa? — acrescentou, principiando de novo a rir. — Se tal suceder, não consentirei que seja outro a ajudar-me, a não ser o senhor. Pode contar isto a todos um tanto atrevidamente. Agora, por outro lado, suponha que quebro apenas uma... Vamos, seja amável dizendo que isso seria uma felicidade para si.

— Por que quer que eu seja feliz se quebrar apenas uma perna? — perguntou seriamente Maurício, cujo semblante se tornou carrancudo.

— Porque só o senhor teria o privilégio de me acompanhar, visto não querer mais ninguém.

— Mesmo então seria a senhora que me conduziria — resmungou Maurício, tornando-se mais sério.

— Meu Deus, como ele quis fazer um *trocadilho* — exclamou Lisa com uma espécie de terror. — Não o aconselho a fazer mais, pois é perigoso! É portanto bastante egoísta! Estou em crer, para sua satisfação, que neste momento se calunia; pelo contrário, desde pela manhã até à tarde, não cessaria então de me repetir; privada de uma perna, tornava-se mais interessante! Por desgraça, é desmedidamente alto e eu, com uma perna de menos, ficaria muito pequena: como faria então para me dar o braço? Não seria nada cómodo!

Ao acabar de falar teve um riso nervoso. As suas zombarias eram muito sensaboronas; tornava-se pois evidente que não tinha em vista fazer espírito agradável.

— É uma crise de histerismo! — disse-me em voz baixa Pedro. — É preciso dar-lhe já um copo de água.

Adivinhara de facto; um instante depois aproximou-se rápido de Lisa trazendo-lhe água. Esta abraçou com ardor sua mãe e chorou copiosamente sobre o ombro dela; deitou-se depois para trás, fitou-o bem de frente e desatou a rir. Por fim, Prascovie começou a chorar. Bárbara apressou-se a conduzi-las ao seu quarto. As três senhoras saíram pela mesma porta por onde entrará Dacha. A sua ausência não durou porém mais de quatro minutos.

Procuro não omitir nenhuma das particularidades que assinalaram os últimos momentos desta memorável manhã. Quando as senhoras se retiraram — Dacha foi a única que se manteve no seu lugar — lembro-me que Stavroguine se aproximou sucessivamente de cada um de nós a fim de nos cumprimentar. O único de quem se não aproximou foi de Chatov, sempre sentado no seu canto e cada vez mais triste. Stepan tentou dizer alguma coisa de espirituoso ao seu antigo aluno; este contudo deixou-o logo às primeiras palavras e encaminhou-se para junto de Dacha. Não contara porém com o Pedro, que o agarrou à passagem e o levou quase à força para o vão de uma janela, onde começou a falar-lhe muito baixo. Tratava-se sem dúvida de uma comunicação muito importante, a julgar pelos gestos de Pedro e pela expressão do rosto. Entretanto Stavroguine, com o seu sorriso habitual, pouca atenção prestava ao seu interlocutor, e por último chegou mesmo a manifestar a impaciência que o dominava, Afastou-se no preciso momento em que as senhoras entravam. Bárbara forçou Lisa a tomar o seu antigo lugar, pedindo-lhe para descansar, nem que fosse um minuto, a fim de dar tempo a que os nervos doentes se acalmassem um pouco, antes de sair. Manifestou o mais vivo interesse pela pequena e sentou-se até junto dela. Pedro correu para junto das duas, com as quais começou a conversar num tom muito alegre e animado. Sem se apressar, segundo o seu hábito, Stavroguine dirigiu-se para Dacha; esta, vendo-o aproximar-se, sentiu-se emocionada, fez mesmo um brusco movimento na cadeira, e as suas faces tornaram-se vermelhas.

— Parece que a posso felicitar… ou é ainda cedo? — disse ele, cuja fisionomia tinha tomado particular expressão.

A resposta de Dacha não consegui ouvi-la.

— Perdoe a minha discrição — continuou Stavroguine, elevando a voz — mas recebi um aviso muito especial. Teve conhecimento dele?

— Sim, sei que foi avisado.

— Espero portanto não a ter melindrado com as minhas felicitações — disse ele, rindo — e se Stepan...

A estas palavras Pedro acorreu.

— De que são as felicitações? Por que estás a felicitá-la? O quê! Então sempre é verdade? O colorido do rosto prova que não me estou a enganar? Por que felicitas a nossa tão simpática e virtuosa senhora e por que é que essas felicitações a fizeram corar? Receba nesse caso também as minhas e se de facto adivinhei, paga a sua aposta. Lembra-se de que na Suíça apostou comigo em como não casaria! Ah, mas a propósito da Suíça… Onde tinha eu a cabeça? Imaginem que foi esta a principal razão que me trouxe aqui e já me ia a esquecer... Diz-me — acrescentou, dirigindo-se ao pai — quando vai à Suíça?

— Eu... à Suíça? — disse Stepan embaraçado.

— Como? Então não vai? Quer casar-se também, conforme me escreve?

— Pedro! — exclamou Stepan.

— Qual, Pedro!... Se isso lhe pode causar a felicidade, até foi bom vir mais depressa, para lhe declarar que não tenho nenhuma objeção a opor, se é que necessita do meu voto. Se é preciso «salvar-se», como me suplicava nessa mesma carta, estou ao seu inteiro dispor. É verdade, Bárbara, que se vai casar? — perguntou bruscamente, dirigindo-se à dona da casa. — Espero não ter cometido nenhuma indiscrição; ele próprio me escreveu a dizer que toda a cidade o sabia e que todos já o felicitavam, a tal ponto que, para escapar aos cumprimentos, não saía à noite. Tenho essa carta no bolso. Porém acredite, Bárbara, não compreendo nada! Diga-me só uma coisa: é preciso felicitá-lo ou «salvá-lo»? Suponho que, em vez de um ato normal, trazendo-lhe só a felicidade, se encontra ante factos desesperados. Por agora pede-me perdão; concedo-lho e desculpo-o, pois é o seu caráter... No entanto, é preciso dizê-lo: esta questão é um tanto engraçada: um homem que me viu apenas duas vezes na sua vida e por acaso; e agora, porque vai casar pela terceira vez, imagina de repente que este casamento é uma infração a não sei que deveres paternais e envia-me, para mil *verstas* de distância, uma carta na qual me suplica para não me zangar e

solicita a minha autorização. Peço-lhe que não se melindre com as minhas palavras. É um homem do seu tempo e eu, analisando os factos debaixo de um largo ponto de vista, não o condeno; se quer, direi mesmo que isto só o honra, etc., etc. Porém, há um outro ponto que não compreendo e tem maior importância. Fala-me de pecados cometidos na Suíça. «Caso-me», diz ele, «devido aos pecados de um outro». Esta questão dos pecados trata-a de uma forma breve e confusa. «A pequena», escreveu ele, «é uma pérola, um diamante», e bem entendido «ele é indigno dela»; é o seu estilo. No entanto, devido a certos pecados cometidos na Suíça ou por outras circunstâncias, «é forçado a fazer o casamento e a ir para a Suíça». E como conclusão diz: «Deixa tudo e vem salvar-me». Compreendem alguma coisa disto? No entanto, noto — continuou Pedro com a carta na mão e examinando com inocente sorriso as pessoas presentes — ou antes, concluo, pela expressão dos vossos rostos, que acabo, segundo o meu costume, de cometer uma *gaffe*... isto devido à minha estúpida franqueza, ou, como diz Stavroguine, à minha precipitação. Pensava que se podia falar aqui entre nós, isto é, que não havia aqui senão amigos, bem entendido, amigos seus, meu pai, porque eu sou no fundo um estrangeiro. Vejo... vejo que todos sabem alguma coisa de um assunto de que eu ignoro em absoluto tudo.

Olhava sempre para todos nós.

Lívida, as feições alteradas e os lábios trémulos, Bárbara avançou para ele.

— Então — perguntou ela — Stepan escreveu-lhe a dizer que casava devido «aos pecados cometidos na Suíça por um outro», e pedia-lhe para o vir «salvar», servindo-me das suas expressões?

— Repare — respondeu um tanto inquieto Pedro — que, se alguma coisa há que não compreendo, como é natural, é a sua falta... Por que escreveu ele assim? Como sabe, Bárbara, esgaratuja papel às resmas, e nestes dois ou três meses últimos recebi dele cartas sobre cartas, e confesso que acabei por não as ler até ao fim. Perdoe-me esta tão estúpida confissão, mas deve concordar que as suas cartas, se bem que me fossem dirigidas, eram mais escritas para a posteridade; por conseguinte pouco lhe importa que eu as leia... Vamos, vamos, não se zangue; somos sempre os parentes mais chegados! Esta carta porém, Bárbara, esta carta li-a toda. Estes «pecados», estes «pecados de um outro» são, com certeza, os pequenos pecados cometidos por nós próprios, e estava em apostar que são

os mais inocentes deste mundo. Imaginámos estabelecer para o além uma história terrível a fim de nos darmos certos ares de nobreza, que não para outra coisa. E que, como sabe, as nossas contas falham em pouco, é preciso confessá-lo. Sabe que temos a paixão das cartas... De resto isto são palavras supérfluas, absolutamente supérfluas... Perdão, estou muito palrador, mas asseguro-lhe, Bárbara, que de facto me assustou e que acorri em parte para o «salvar». Enfim, é para mim uma questão de consciência. E por que vim pôr-lhe o cutelo sobre o pescoço? É porque sou um credor impiedoso? Escreveu-me alguma coisa a respeito de um dote... No entanto sempre se casa, não é assim, Stepan? Muito bem, então basta de vãs palavras. É palrar unicamente para fazer estilo... Ah! Bárbara, estou certo que nesta altura me está condenando também e precisamente porque tenho da mesma forma feito estilo...

— Pelo contrário, pelo contrário, vejo que esgotou a paciência e sem dúvida com toda a razão — respondeu ela em tom irritado.

Escutara Pedro com astuto prazer, revelando o seu pesar por ter dado à língua deste modo. Evidentemente acabava de jogar uma partida. Qual? Ignoro-a ainda, no entanto era manifesto que a sua pretensa *gaffe* fora premeditada.

— Pelo contrário — continuou Bárbara — estou-lhe muito reconhecida por ter falado. Sem isso não saberia nada ainda. Pela primeira vez, desde há vinte anos, estou a abrir os olhos. E tu, Stavroguine, que a toda a hora és informado muito especialmente, diz-me: Stepan escreveu-te também alguma coisa a tal respeito?

— Recebi dele uma carta muito inocente e... e... muito digna...

— Estás embaraçado! Procuras as palavras... está bem! Stepan, espero de si um último serviço — acrescentou ela de repente, fitando o meu desgraçado amigo com os olhos inflamados pela cólera. — Peço-lhe o favor de sair imediatamente e nunca mais franquear a porta desta casa.

Peço ao leitor para não esquecer que a viúva se encontrava ainda num estado de especial «exaltação». Na verdade, isso não era devido a Stepan! O que me causou nele mais espanto foi a admirável firmeza da sua atitude, não só ante as «acusações» de Pedro, que não tentou interromper, como ante a imprecação de Bárbara. Onde tinha ele ido buscar tão grande força de vontade? Logo no primeiro encontro com o seu filho Pedro, era atingido no mais fundo do seu ser pela sua frieza revoltante. Da mesma forma que um verdadeiro desgosto dá algumas vezes inteligência aos

imbecis pôde também — momentaneamente, pelo menos — fazer de um homem pusilânime o mais estoico.

Stepan saudou com dignidade Bárbara e não pronunciou uma palavra — é verdade que nada tinha a dizer. Ia retirar-se, mas antes aproximou-se de Dacha. Esta, inquieta e prevendo o que ele ia dizer, apressou-se a declarar:

— Peço-lhe, Stepan, por amor de Deus, que nada diga — começou ela numa voz agitada, entretanto que a sua fisionomia traía uma sensação de mal-estar. — Asseguro-lhe — prosseguiu ela, estendendo-lhe a mão — que o estimei sempre do mesmo modo... que tenho tido sempre por si a mesma estima... e por isso julgue sempre bem de mim. Estimá-lo-ei muitíssimo se assim proceder...

Nada disse portanto e inclinou-se muito diante dela.

— És livre, Dacha! Em toda esta questão dei-te sempre a maior liberdade! Tiveste-a, tem-la e tê-la-ás sempre — disse com certa gravidade Bárbara.

— Ah! Agora compreendo tudo! — exclamou Pedro, batendo na testa. — E agora em que situação me encontro eu colocado?... Dacha, peço-lhe que me perdoe. Quantas tolices me fizeste cometer! — acrescentou ele, dirigindo-se a seu pai.

— Podias muito bem falar-me de outro modo, não é verdade, meu filho? — observou com a maior doçura Stepan.

— Não grite, peço-lhe — replicou Pedro, agitando os braços. — Persuada-se que tudo isto é o resultado dos seus velhos e doentes nervos e que não lhe serve de nada gritar. Responda à minha pergunta, pois devia muito bem saber que, mal chegasse aqui, era o primeiro assunto a tratar: por que não me preveniu?

Stepan lançou-lhe um olhar penetrante.

— Pedro, será possível, além do que se passou aqui, que nada saibas na verdade desta questão, que nada tenhas ouvido dizer?

— O quê!? Que está a dizer?! Então não basta sei uma criança velha, se não tornar-se uma criança maldosa? Bárbara, ouviu o que ele disse?

Nesta altura um barulho ecoou na sala. Produziu-se um incidente que ninguém esperava.

Capítulo 8

Antes de mais nada esclarecerei o desacato ocorrido perto de Lisa, durante dois ou três minutos. Falava ela rapidamente ao ouvido de sua mãe e de Maurício, debruçado junto dela. No rosto manifestava certa inquietação e ao mesmo tempo denotava energia. Por fim levantou-se, visivelmente disposta a partir e a levar consigo sua mãe; por seu lado, esta tentou levantar-se com o auxílio de Maurício. Estava contudo escrito que as senhoras Drozdov não iriam embora sem terem visto tudo.

Chatov continuava sempre sentado no seu canto, não longe de Lisa. Todos o tinham por completo esquecido e ele próprio parecia não saber a razão por que estava ali, em lugar de se ir embora; de repente levantou-se e de olhos fitos no rosto de Stavroguine, dirigiu-se para ele atravessando todo o salão num passo lento, mas firme. À sua aproximação este sorriu um tanto. Quando o viu, porém, perto de si, deixou de sorrir.

No momento em que os dois homens se encontraram frente a frente, fez-se silêncio, sendo Pedro o último a calar-se; Lisa e sua mãe pararam no meio do salão. Decorreram assim cinco segundos. Sem dizer uma palavra, Chatov olhou de frente Stavroguine; este, cuja fisionomia só tinha até então expresso uma surpresa insolente, franziu as sobrancelhas encolerizado e de repente... de repente o comprido e pesado braço de Chatov elevou-se no ar para cair com toda a sua força sobre o rosto de Stavroguine, que quase o ia deitando por terra.

Em lugar de lhe dar com a palma da mão, como quem dá uma bofetada, se muitas vezes assim nos podemos exprimir, deu-lhe com o punho, um punho grosso e pesado, ossudo e coberto de pelos ruços e de sardas. Se o tivesse atingindo no nariz ter-lho-ia quebrado. Porém deu-lhe na face, roçando-lhe o maxilar superior e o lado esquerdo do lábio, de onde o sangue jorrou logo.

No mesmo instante retiniu um grito, creio que dado por Bárbara. Não o afirmo porém, porque imediatamente tudo caiu em silêncio. Esta cena não durou mais do que uma dezena de segundos.

Entretanto, num tão curto espaço de tempo, outras coisas ocorreram.

Lembrarei de novo ao leitor que Stavroguine tinha um temperamento inacessível ao medo. Num duelo esperava com o maior sangue-frio o golpe de morte do seu adversário, ou então visava-o ele e matava-o mesmo com a maior tranquilidade deste mundo. Esbofeteado, era homem, não para desafiar o seu adversário para um duelo, mas para o matar no próprio lugar, e isto sem arrebatamentos, com a plena consciência do seu ato. Creio mesmo que nunca soube o que eram os cegos transportes de furor que suprimem a faculdade de raciocinar. No maior excesso de cólera mantinha-se sempre senhor de si. Podia por conseguinte explicar a diferença que existe, sob o ponto de vista jurídico, entre o duelo e o assassinato. Nesta altura teria, sem nenhuma hesitação, assassinado o seu insultador.

Mais tarde, depois de haver bem estudado Stavroguine, conheci várias anedotas a seu respeito. De boa vontade o compararia a certos personagens de outros tempos, cuja lembrança se tem mantido na nossa sociedade de uma forma lendária. O *dékabriste* L...ine, por exemplo, segundo se diz, procurou toda a sua vida o perigo; a sensação do perigo embriagava-o e tornara-se uma necessidade para a sua natureza; ainda jovem, batia-se em duelo a propósito de qualquer ninharia; na Sibéria, ia caçar ursos tendo apenas por arma uma navalha; gostava de encontrar nas florestas os forçados fugidos, os quais, seja dito de passagem, são mais de temer que os ursos. Com certeza estas façanhas lendárias eram suscetíveis de pôr à prova, e talvez mesmo num alto grau, o sentimento do medo; no entanto talvez tivessem sido praticadas calmamente e por isso não teriam transformado a sensação do perigo numa necessidade do seu espírito. Vencer porém a cobardia, ter a consciência da vitória e pensar que nada os faria recuar — eis sem dúvida o que os seduzia. Antes de ser enviado para a Sibéria, o L...ine lutara, durante certo tempo, contra a fome e ganhara a sua vida à custa de um trabalho exaustivo. Pertencia, no entanto, a uma família rica, mas resignara-se à miséria para não se submeterá vontade paterna, que julgara injusta. Empreendeu então a luta pela vida sob todas as formas; não era apenas a caça ao urso ou os duelos que o levavam a apreciar nele mesmo o estoicismo e a força de caráter.

O sistema nervoso da geração atual não admite a necessidade destas sensações espontâneas e imediatas, que certas personalidades irrequietas desses velhos e bons tempos procuravam com grande ardor. Stavroguine teria talvez classificado L...ine como um fanfarrão e um espadachim —

mas com verdade se diga, não lho diria de frente. No campo da luta era tão corajoso como esse célebre *dékabriste* e, chegada a ocasião, teria empregado a mesma intrepidez, como se estivesse na frente de um urso ou de um forçado encontrado na floresta. Somente não encontraria nenhum prazer nessa luta. Tê-la-ia aceitado com indolência e tédio, como se cumprisse apenas uma necessidade desagradável. Pela cólera, nem L...ine, nem mesmo Zermontov podiam ser comparados a Stavroguine; a cólera deste era fria, calma, racional, se assim se pode dizer — por consequência mais terrível que nenhuma outra. Repito: tal como eu o conheci, era homem para matar logo o indivíduo de quem tivesse recebido uma bofetada ou uma ofensa análoga.

Não obstante, naquela altura procedeu de uma forma muito diferente.

A violência da pancada fê-lo vacilar. Recobrando rápido o equilíbrio, o seu primeiro movimento foi agarrar Chatov pelos ombros. Quase porém no mesmo instante retirou as mãos, cruzou-as atrás das costas e, branco como a neve, olhou-o em silêncio, Caso estranho, não tinha nenhuma chama no olhar. Ao fim de dez segundos — garanto não mentir — os olhos tornaram-se-lhe frios e calmos. Somente a sua palidez era medonha. Ignoro, como é de supor, o que se passava no seu íntimo; limito-me a relatar o espetáculo de que fui testemunha. Um homem que agarrasse numa barra de ferro ao rubro e a mantivesse nas mãos durante dez segundos para avaliar a sua força de vontade — este homem teria, creio eu, uma impressão igual àquela que experimentou então Stavroguine.

O primeiro dos dois que baixou os olhos foi Chatov, porque evidentemente foi forçado a baixá-los. Em seguida deu lentamente meia volta sobre os calcanhares e retirou-se. A firmeza dos passos não era no entanto a mesma de há bocado, quando se aproximou de Stavroguine. Saiu sem fazer barulho, de cabeça inclinada para a frente e um movimento de ombros bastante desgracioso. Caminhava falando, parecendo raciocinar e dialogar consigo mesmo. Depois de ter atravessado o salão, tomando as suas precauções para não cair de costas ao tropeçar no tapete, empurrou a porta 6 passou, quase de lado, pela estreita entreaberta.

Agarrando a mãe pela mão e Maurício por um braço, Lisa preparou-se também para sair. Inesperadamente soltou um grito medonho e caiu desmaiada no tapete. Ainda agora ouço o ruído produzido pela pancada da nuca no soalho.

Livro 2

Parte 1

Capítulo 1

Decorreram oito dias. Agora que tudo passou e que estou a escrever a crónica, sei do que se tratava; então estava reduzido a conjeturas e, como é natural, fazia suposições, as mais estranhas. Durante os primeiros tempos, Stepan e eu não saímos, esperando com inquietação o que iria acontecer. Para dizer a verdade, saí ainda uns momentos a fim de informar o meu desgraçado companheiro das novidades ocorridas, sem o que lhe teria sido impossível viver.

Como bem se pode imaginar, não tardou a saber-se em toda a cidade da bofetada dada no Stavroguine, do desmaio de Lisa e de outros incidentes sobrevindos nesse domingo. Uma coisa no entanto nos intrigava: como haviam chegado esses acontecimentos tão depressa e de uma forma tão exata ao conhecimento do público? Nenhuma das pessoas que tal presenciaram tinham, segundo me parecia, o menor interesse em os relatar. Quanto aos criados, nenhum presenciara esta cena. Lebiadkine seria o único a tagarelar, primeiro porque não sabia moderar a língua, e segundo, quando mais não fosse, por espírito de vingança; no entanto não assistira a tudo e saíra dominado por terror enorme, o qual lhe paralisara o rancor. Além disso, no dia seguinte, deixara bruscamente com a sua irmã a casa Filippov e não se sabia para onde tinham ido. Chatov, a quem quis pedir notícias de Maria, fechara-se em casa, e durante esses oito dias não saiu do seu compartimento, abandonando mesmo as suas ocupações. Voltei a sua casa na terça-feira e bati à porta. Não obtive resposta, mas convencido por certos indícios que estava em casa, bati segunda vez. Então, segundo me parece, saltou fora da cama, aproximou-se rápido da porta e gritou-me em voz forte: «Chatov está ausente!» Em face disto, retirei-me.

Temendo fazer juízos temerários, Stepan e eu calámo-nos, ante a conclusão de que o único autor das indiscrições cometidas devia ter sido o Pedro. Por sua vez, este, numa conversa que teve com o pai, assegurou-lhe que todos conheciam a história, em especial no grémio, e que a governadora e seu marido a sabiam também nos seus menores detalhes. Há

ainda um ponto a anotar: na segunda-feira, quer dizer, no dia seguinte, encontrei à tarde Lipoutine e este sabia já tudo quanto se tinha passado na véspera em casa de Bárbara: fora um dos primeiros a ser informado.

Grande número de senhoras — mas mais as da alta sociedade — não ocultavam também certa curiosidade a respeito da «enigmática coxa», como chamavam a Maria Timofeievna. Algumas até desejavam muito vê-la e entrar em relações com ela; por outro lado, os cavalheiros que se apressaram a noticiar o desaparecimento do Lebiadkine, agiram com um a propósito incontestável. O que ocupava todavia o primeiro lugar nas preocupações do público era o desmaio de Lisa. Todos se interessavam mais por isto, devido a este assunto tocar diretamente Júlia Mikhailovna, que além de parenta era a sua protetora. E o que não dizia? O mistério era a parte mais interessante deste palratório, pois as duas casas não se abriram mais para ninguém. Lisa, assegurava-se, estava de cama, com um acesso de *delirium tremens.* Outro tanto se dizia de Stavroguine, acrescentando-se, que tinha um dente partido e a face entumecida como resultado do murro. Ainda mais, cochichava-se muito em segredo que se iria cometer um assassinato, pois Stavroguine não era homem para deixar impune um tal ultraje, e que mataria muito secretamente Chatov, à maneira corsa. Esta ideia encontrava muitos adeptos. No entanto, a maioria da nossa dourada juventude escutava tudo isto com desprezo e um ar de profunda indiferença; bem entendido, era uma atitude. A opinião geral, desde há muito hostil a Stavroguine, pronunciava-se abertamente contra ele. As próprias pessoas mais categorizadas inclinavam-se pela sua condenação, sem no entanto saberem porquê. Dizia-se ter havido entre eles uma intriga na Suíça. Os homens sérios, sem dúvida, calavam-se, mas não deixavam de apurar avidamente o ouvido a este concerto de difamações. Num meio mais restrito, circulavam outros boatos de feição muito esquisita: a acreditar nas pessoas que falavam dele, franzindo as sobrancelhas — e Deus sabe com que fundamento! — Stavroguine estava a desempenhar na nossa província uma missão especial. O conde K... relacionara-o em S. Petersburgo com várias individualidades importantes do mundo político, e talvez o tivesse mandado para a nossa cidade como funcionário da polícia secreta, dando-lhe para isso certas instruções especiais. As pessoas razoáveis sorriam e notavam judiciosamente que um homem cuja vida não tinha sido mais que uma série de escândalos e que, como estreia, recebera entre nós uma bofetada, não correspondia em nada

à ideia que em geral se fazia de um empregado do Estado. Replicava-se que a missão de Stavroguine não era, propriamente falando, de caráter oficial, e que para um agente secreto o melhor era parecer o menos possível um funcionário público. Esta observação parecia bastante plausível; sabia-se na cidade que o *zemtsvo* da província era em S. Petersburgo objeto de uma atenção especial. Vários dos boatos que acabo de mencionar tiveram a sua origem em certos ditos pouco claros e malévolos, proferidos no grémio por Artemii Petrovitch Gaganov, antigo capitão da guarda, chegado há pouco da capital. Este Artemii, um dos maiores proprietários da nossa província e ao mesmo tempo um dos homens mais conhecidos da sociedade de S. Petersburgo, era filho do falecido Pierre Gaganov, aquele respeitável ancião que Stavroguine insultara tão grosseiramente quatro anos antes.

Depressa se tornou público que Júlia fizera uma visita extraordinária a Bárbara. Esta não a recebera e a própria criada, à porta da rua, declarara-lhe que a viúva Stavroguine «estava doente e não podia receber». Sabia-se também que, dois dias depois, Júlia mandara saber da saúde de Bárbara. Passou por fim a «defendê-la» em toda a parte. Fazendo-se diante dela qualquer alusão à história de domingo, o seu semblante tornava-se frio e severo. Em virtude disso, nos dias seguintes, ninguém se atreveu mais a falar na sua presença a tal respeito. Todos se convenceram de que não só Júlia conhecia toda esta misteriosa questão, como conhecia ainda a razão de tudo e tinha mesmo tomado qualquer parte no assunto. Notarei a propósito que a governadora começou a ter entre nós certa influência, o objetivo de todos os seus esforços, e já se via mesmo bastante «rodeada». Muitas das pessoas da nossa sociedade achavam-na um espírito prático e possuidora de certo tato político. Só devido à sua proteção se explicavam, para nós, até certo ponto, os rápidos êxitos de Pedro no nosso meio elegante — êxitos que impressionaram bastante Stepan.

Talvez ele e eu nos enganássemos um pouco. Quatro dias após a sua chegada, Pedro conhecia toda a gente. Chegara no domingo, e na terça-feira encontrei-o já, passeando de carro, com Artemii, homem altivo, irascível e de um trato bastante difícil, não obstante as suas maneiras corteses. Pedro fora também recebido em casa do governador, onde a sua entrada teve logo foros de grande intimidade. Quase todos os dias lá jantava. Travara conhecimento com Júlia na Suíça. E no entanto era singular que, sendo Pedro considerado ainda há pouco, com razão ou sem

ela, como refugiado político, fosse tão depressa recebido na sociedade de Sua Excelência. No estrangeiro, Pedro fizera parte do corpo redatorial de várias publicações e de congressos socialistas, «como se podia provar pelos jornais», segundo dizia, irritado, Aléxis Teliatnikov, o jovem favorito de Ivan Osipovitch que, após a partida do seu protetor, fora obrigado, ai dele!, a deixar o serviço. Fosse como fosse, uma coisa era certa: de volta à sua querida Pátria, o antigo revolucionário, longe de ser incomodado, tinha pelo contrário encontrado todas as facilidades e captado todas as simpatias; fazia-se talvez um juízo temerário ao ver-se nele um conspirador tendo contas a regular com a terceira secção. Um dia, Lipoutine falou-me muito em segredo de um boato que corria a respeito de Pedro: entrara na Rússia, dizia-se, fazendo confissão pública dos erros passados e conseguira a proteção do governo, denunciando vários dos seus correligionários políticos. Contei esta vilania a Stepan, o qual ficou muito preocupado, se bem que não se encontrasse agora em estado de refletir. Descobriu-se mais tarde que Pedro chegara até nós munido das melhores referências; pelo menos a carta de recomendação que entregou à governadora vinha de uma velha senhora, cujo marido pertencia ao número dos homens mais influentes da capital. Essa senhora, madrinha de Júlia, dizia-lhe que o conde K… conhecera Pedro por intermédio de Stavroguine, o qual considerava «um homem de mérito, apesar das suas antigas loucuras». Júlia, empregando os melhores esforços para manter ou aumentar, se tanto fosse possível, as poucas relações que tinha na sociedade dirigente de S. Petersburgo, acolheu com extrema afabilidade o recém-chegado, recomendado pela sua madrinha. Anotarei, um tanto de memória, é certo, que o grande escritor se mostrou muito amável para com Pedro e teve mesmo pressa em o convidar para sua casa. Tal solicitude, num homem tão orgulhoso como ele, fez admirar Stepan. Expliquei-lhe facilmente o facto: ignorando a verdadeira situação política interna da Rússia, supunha que no futuro devia ser orientada pela juventude revolucionária, e humilhava-se tanto mais diante dos niilistas, quanto estes o desprezavam.

Capítulo 2

Pedro passou também duas vezes por casa de seu pai e, infelizmente para mim, encontrava-me junto dele nessas duas vezes. A primeira visita teve lugar na quarta-feira, isto é, quatro dias depois do primeiro encontro e trataram apenas da questão das suas propriedades. As contas entre o pai e o filho regularam-se sem discussão, devido à boa vontade deste último e graças também à intervenção de Bárbara, que se encarregou de todas as despesas e compensou Pedro, adquirindo-lhe, bem entendido, o património. Limitou-se a informar Stepan das suas resoluções e solução do assunto, e a enviar-lhe pelo seu criado de quarto um papel para assinar, o que ele fez em silêncio e com extrema dignidade. Durante estes dias estranhei o nosso «velho», pois nem parecia o mesmo, tanto se manteve digno, silenciosa e calmo. Não escreveu mesmo a Bárbara, facto que se pode considerar, sem favor, como um prodígio. Evidentemente tomara uma inabalável resolução, que lhe dava uma espécie de serenidade, e firmara-se nessa resolução. De resto, a princípio, esteve doente, em especial na segunda-feira: teve um ataque nervoso. Não podia passar sem ter informações; contudo só o interessavam os factos, pois logo que abordava o capítulo das conjeturas, fazia-me sinal para me calar. As duas entrevistas com o filho afetaram-no dolorosamente, sem todavia lhe quebrantarem a energia. Em seguida a cada uma delas, passou o resto do dia deitado num sofá, com a cabeça envolvida em compressas de vinagre.

Algumas vezes deixava-me falar. Parecia notar que, de tempos a tempos, a sua misteriosa resolução parecia abandoná-lo e que começava a lutar contra a sedução de uma nova ideia. Segundo desconfiava, parecia-me desejar imenso chamar a atenção dos outros sobre a sua pessoa e nessa altura sair da solidão, travar uma última, e decisiva batalha.

— Meu caro, esmagá-los-ei! — deixou ele escapar quinta-feira à tarde, após a segunda visita de Pedro e enquanto estava estendido no sofá, com a cabeça envolta numa toalha de mãos.

Foram as primeiras palavras que me dirigiu durante todo esse dia.

— «Filho, filho querido», etc., concordo que estas expressões são absurdas e pedidas emprestadas ao vocabulário dos cozinheiros, Reconheço mesmo que nesta altura é necessário pô-las de lado. Não lhe dei nem de comer, nem de beber; e ainda mais, logo que foi desmamado, mandei-o, tal como uma encomenda postal, de Berlim para a província de... Temos que reconhecer tudo isto... «Não me alimentaste», disse ele. «Desembaraçaste-te de mim, mandando-me para longe e como uma encomenda postal, e por cima ainda me tens roubado». «Falas de encomenda postal», repliquei eu, «mas infelizmente toda a minha vida tenho pensado em ti e por ti tem pulsado este coração». Riu-se destas palavras. Vamos, concordo que tem razão... mandei-o como encomenda postal! — concluiu ele, como em delírio. — Adiante — continuou ao fim de cinco minutos. — Não compreendo Tourgueniev. O seu Bazarov é um personagem fictício, desprovido de toda a realidade; eles próprios, no decorrer do tempo, têm sido os primeiros a contradizê-lo, como se nada representasse. O Bazarov é uma mistura obscura de Nozdrev e de Byron, é o termo! Observei-os atentamente: saltam e soltam gritos de alegria como os cães ao sol. São felizes e são vencedores! Onde se descobre nisto o *byronismo*? E por causa disto, que nervosismo! Que miserável irritabilidade de amor-próprio!... Que ridícula mania de provocar barulho à volta do seu nome, sem cogitar que o seu nome... Ó caricatura tremenda! «Repara», lhe gritei eu, «em ti mesmo e vê se podes oferecer-te aos homens em substituição de Cristo!» Riu, riu muito, muitíssimo. O seu riso era estranho e a sua mãe não ria assim. Riu sempre.

Caiu de novo em silêncio.

— São astuciosos. Domingo tinham-se combinado! — exclamou ele de repente. — Oh, sem dúvida — repetiu ele, aprestando o ouvido. — Tudo aquilo não passou de uma comédia preparada antecipadamente, porém muito mal representada e os seus artifícios saltavam aos olhos de todos.

— Não falo disso! Então não sabes que não esconderam os artifícios de propósito para que fossem notados por todos aqueles... que os deviam ver? Compreendes, agora?

— Não, nada compreendo.

— Tanto melhor... Adiante... Estou hoje muito excitado.

— Por que razão discutiste com ele, Stepan? — perguntei eu, num tom de reprimenda.

— Queria convertê-lo. Pudeste rir, de facto. Essa pobre tia devia ter ouvido coisas, coisas bem bonitas! Oh, meu amigo, acreditas nele? Se assim é, reconheço até em mim um patriota! De resto, sempre me senti um russo, um verdadeiro russo, além de que não podia sentir de outra forma, entre nós. Há nisto alguma coisa de obsessão e de ambiguidade.

— Com certeza — respondi eu.

— Meu amigo, a verdade absoluta é sempre inverosímil. Sabias isto? Para tornar a verdade verosímil é sempre preciso juntar-lhe um tanto de ficção. E o que os homens sempre têm feito. Há talvez nisto alguma coisa que nós não compreendemos. Que pensas?... Haverá alguma coisa de enigmático para nós neste grito de triunfo? Eu, pelo menos, creio que sim.

Nada respondi e ele manteve-se também calado durante certo tempo.

— Diz-se que o espírito francês é — continuou com veemência — uma ficção! Sempre foi assim. Para quê caluniar o espírito francês?... Não há nisto mais do que preguiça russa, a nossa humilhante impotência para originar ou cultivar uma ideia, o nosso repugnante parasitismo. São todos apenas preguiçosos, é o que é... e o espírito francês nada tem que ver com isso! Oh, os russos deviam ser exterminados para bem da humanidade como parasitas malfazejos! Não são estas de forma alguma as nossas aspirações; assim nada compreendo! Dessa maneira deixei mesmo de compreender! «Se colocas», lhe gritei eu, «entre nós a guilhotina no primeiro plano, é porque nada há mais fácil do que cortar cabeças e nada mais difícil do que ter uma ideia! Sois uns preguiçosos! A vossa bandeira é um farrapo, uma incapacidade! As carroças que transportam o trigo que comemos são mais úteis que a Madona Sistina. Chego portanto à conclusão de que a desgraça é tão necessária ao homem como a ventura!» Nesta altura riu-se. «Tu», disse-me ele, só sonhas em fazer frases enquanto descansas os membros...» (serviu-se de um termo muito mais violento) «sobre um confortável sofá de veludo...» Repara que, quando entre os pais e os filhos se adota o tratamento de tu, é muito interessante quando estão de acordo... mas se se injuriam?

Suspendeu de novo a conversa durante um minuto. Levantou-se um pouco, fazendo um brusco movimento.

— Meu caro — interrogou ele — supões que isto termine de facto com alguma coisa de extraordinário?

— Sem dúvida — respondi eu.

— Não compreendes nada... Adiante... Regra geral, no mundo nada acaba. Todavia nesta questão haverá na verdade um fim!

Levantou-se, deu algumas voltas pelo quarto como uma criatura muito agitada, para depois, cansado, se encostar ao sofá.

Na quinta-feira, pela manhã, Pedro saiu para qualquer parte da nossa província e esteve por lá até segunda. Soube da sua partida por intermédio de Lipoutine que, no decorrer da conversa, me disse também que os Lebiadkine haviam passado para o outro lado da ribeira, vivendo no bairro da Poterie. «Eu mesmo lhes fiz a mudança de casa» — disse-me ele. Logo depois, sem transição, anunciou-me que Lisa ia casar com Maurício. Os editais não tinham ainda sido publicados, mas o pedido de casamento fora feito e era um assunto arrumado. No dia seguinte encontrei-a a passear a cavalo, acompanhada de Maurício; era o primeiro passeio desde que estivera doente. Voltou para mim os seus olhos brilhantes, sorriu-se e fez-me com a cabeça uma saudação muito amigável. Contei tudo isto a Stepan. Apenas lhe despertou certa curiosidade o que lhe disse a respeito dos Lebiadkine.

Agora que descrevi a nossa enigmática situação durante estes oito dias, que vivemos sem nada saber, passo à narração dos acontecimentos ulteriores. Relatá-los-ei tal como nos aparecem hoje, à luz das revelações que surgiram ultimamente.

A partir de segunda-feira começou, digamos assim» «uma nova história».

Capítulo 3

Eram sete horas da tarde. Stavroguine encontrava-se sozinho no seu gabinete. Este compartimento, pelo qual tinha predileção muito especial, era de um grande pé direito. Guarneciam-no móveis bastante pesados, de estilo antigo. O chão encontrava-se coberto de tapetes. Sentado num canto do sofá, estava preparado como se fosse sair. Todavia não pensava ir a parte nenhuma. Sobre a mesa e na sua frente estava um candeeiro, munido de quebra-luz. Os lados e os cantos do vasto compartimento estavam numa meia obscuridade. O olhar de Stavroguine tinha uma expressão pensativa, concentrada e um tanto inquieta. O rosto tinha o aspeto de fatigado e estava um pouco mais magro. Via-se-lhe com efeito uma fluxão, e em tudo o mais a voz pública exagerara. O dente que supunham quebrado, fora apenas abalado e agora encontrava-se já consolidado; o lábio superior, fendido interiormente, também tinha já cicatrizado. Quanto à fluxão, se subsistia ainda, ao fim de oito dias, fora devido a ele, pois se recusou a receber o médico e preferiu antes dar tempo ao tempo para se curar. Não contente em recusar o auxílio da ciência, sofria muitíssimo com a visita que a mãe lhe fazia todos os dias, apesar de ser apenas de um minuto. Deixava-a entrar no quarto ao anoitecer e antes mesmo de acender o candeeiro. Não recebeu mais o Pedro, o qual não deixou, no entanto, por isso, antes da sua partida, de ir duas ou três vezes a casa de Bárbara. Na segunda-feira pela manhã, após três dias de ausência, Pedro reapareceu entre nós. Percorreu toda a cidade, jantou em casa de Júlia e à noite foi a casa de Bárbara, que o esperava com impaciência. Foram-lhe pedir e Stavroguine consentiu em receber o visitante. A própria viúva acompanhou-o até à porta do gabinete do filho. Há muito que ela desejava esta entrevista e Pedro dera-lhe a sua palavra de que, depois de sair de junto de Stavroguine, iria contar-lhe tudo. Bárbara bateu timidamente à porta e, como não recebesse resposta, atreveu-se a entreabri-la.

— Stavroguine, posso deixar entrar o Pedro? — perguntou ela em voz baixa, tentando ver o rosto do filho, que o candeeiro ocultava.

Foi o próprio Pedro que deu a resposta.

— Posso, posso, sem dúvida! — exclamou alegremente, abrindo a porta e entrando.

Stavroguine não ouvira empurrar a porta, por isso a aparição do visitante surpreendeu-o tanto, que não teve tempo de responder à tímida pergunta da mãe. Diante dele encontrava-se uma carta que acabava de ler e que o fazia meditar. A voz de Pedro fê-lo estremecer. Agarrou rápido na carta e escondeu-a debaixo do pesa-papéis. Não a escondeu porém por completo, porque um dos cantos e quase todo o envelope ficaram a descoberto.

— Falei o mais alto possível, para te dar tempo a tomares todas as tuas precauções — disse baixo Pedro.

O seu primeiro movimento fora correr para a mesa, onde logo viu o pesa-papéis e sob ele a carta.

— Sem dúvida notaste que à tua chegada escondi debaixo do pesa-papéis uma carta que acabei de receber — disse tranquilamente Stavroguine sem mudar de lugar.

— Uma carta? Bom proveito. Que tenho eu com isso? — exclamou o visitante. — Todavia... o principal — acrescentou ele em surdina, entretanto que se voltava para o lado da porta e fazia um sinal de cabeça nessa direção.

— Ela não escuta nunca às portas — observou friamente Stavroguine.

— E não interessa mesmo que escute! — respondeu Pedro, elevando alegremente a voz e sentando-se num sofá. — Não reprovo isso, pois apenas vim para conversar contigo frente a frente... Com custo consegui chegar até junto de ti. Antes de mais nada, como vai a tua saúde? Vejo que estás bem e que amanhã talvez já saias, não?

— Talvez.

— Puseste termo à minha espectativa! — exclamou ele, fazendo um gesto um tanto faceta. — Se soubesses quantas asneiras tenho pensado! Mas, de resto, podes calcular...

E pôs-se a rir.

— Não sei de nada. A minha mãe apenas me disse que estavas muito... excitado.

— Não me fiz compreender — apressou-se a dizer Pedro, como se tivesse de se defender contra terrível acusação. — Como deves calcular, pus em primeiro plano a mulher de Chatov, ou pelo menos os boatos

respeitantes às tuas relações com ela em Paris. Isto explicava até certo ponto o incidente de domingo. Não estás zangado?

— Tenho a certeza de que tens empregado todos os teus esforços...

— Era o que eu suspeitava. Que significa «tens empregado todos os teus esforços»? É uma repreensão? Parece-me que não deves fazer cerimónia. A minha grande esperança vindo aqui era que podias resolver-te a pôr com franqueza a questão.

— Não mereço o elogio que me fazes — disse Stavroguine, a princípio com certa irritação, mas terminando por sorrir.

— Não falo disso, não falo disso, compreende-me bem. Não se trata da questão — acrescentou Pedro, agitando os braços e zombando do descontentamento do seu interlocutor. — Não te aborreço com a *nossa* questão, sobretudo na tua atual situação. A minha visita relaciona-se apenas com a história de domingo e dela só quero falar-te no estritamente indispensável. É necessário que tenhamos entre nós a mais franca explicação, da qual sobretudo eu tenho necessidade e não tu… seja dito de passagem, para tranquilizar o teu amor-próprio e que por agora é a expressão da verdade. Vim para ser de hoje em diante franco.

— Então não o eras antes?

— Tu próprio o sabes. Tenho mentido mais de uma vez... Sorris e eu fico encantado com esse sorriso, que me proporciona a ocasião de te dar um esclarecimento: afianço-te que, se me vangloriei das minhas mentiras, foi apenas para te encolerizar. Estás a notar como estou sendo agora sincero! Pois bem, dás-me o prazer de me ouvir?

Ainda que, pelo descaramento das suas ingenuidades anteriormente preparadas e intencionalmente rudes, o visitante tivesse de facto resolvido dar-se à tarefa de irritar Stavroguine, este tinha-o escutado até agora com fleuma desdenhosa e mesmo escarninha. Por último, uma curiosidade um tanto inquietante se lhe manifestou no rosto.

— Escuta, então — prosseguiu Pedro, agitando-se cada vez mais. — Quando voltei aqui, quer dizer, a esta cidade, há dez dias, a minha intenção, sem dúvida, era resolver um certo assunto. O melhor seria não tratar de nenhum e tratar de ti, não é verdade? Era natural... Era a maneira de enganar toda a gente, porque ninguém acredita que sejas tu. Confesso que desejava por agora parecer um imbecil, atendendo que esse papel é mais fácil de fingir que o meu próprio. Porém a imbecilidade é um extremo e os extremos despertam a curiosidade. Esta ideia decidiu-me por

fim a ficar eu mesmo. Que sou eu? O *aurea mediocritas*, um homem nem estúpido nem inteligente, sofrivelmente incapaz, e caído da lua, como costumam dizer por aqui as pessoas espertas, não é verdade?

— Talvez — disse com um ligeiro sorriso Stavroguine.

— Ah, admites isso?... perfeitamente! Sabia de antemão que era essa a tua opinião... Não te inquietes, não te inquietes, pois não fico desgostoso, e se me tenho definido sempre desta maneira, não é por certo para provocar da tua parte um protesto lisonjeiro, fazer-te dizer: «Nada disso, não és um incapaz, mas sim és inteligente...» Ah, sorris ainda! Não acertei. Terias dito antes: «És inteligente». Sim, talvez, mas não acredito muito. Adiante, como diz meu pai. Um parênteses: sê indulgente com a minha prolixidade. Sou um pouco confuso, porque não sei falar. Aqueles que sabem falar bem, são lacónicos. Isto prova ainda mais a minha incapacidade, não é assim? Mas se possuo naturalmente esta incapacidade, porque não progrido artificialmente? hei de progredir. Na verdade, vindo aqui, pensei guardar silêncio, porém o silêncio é um grande talento, e por isso ficaria deslocado junto de ti. Além disso, suspeita-se de um homem silencioso. Supus que o melhor para mim era falar, mas falar como inábil, isto é, tagarelar constantemente e a respeito de tudo, tentar demonstrar tudo e terminar sempre por me atrapalhar nas minhas demonstrações, breve fatigando a paciência dos meus ouvintes. Disto resultam três vantagens: fazer acreditar na minha simplicidade, importunar a sociedade que me rodeia e não se ser compreendido! Quem, então, depois disto, suspeitará dos meus secretos desejos? Se alguém mos atribuísse, ficava enxovalhado. Por outro lado, distraio algumas vezes as pessoas e isso tem certa importância. Por agora perdoam-me tudo, pela simples razão de que, «hábil agitador» noutras terras, tenho-me mostrado aqui mais estúpido do que todos eles. Não é isto verdade? Vejo no teu sorriso a aprovação.

Stavroguine, muito pelo contrário, não sorriu. Escutava com ar aborrecido e um tanto ou quanto impaciente.

— O quê? Que disseste? Parece-me ter ouvido: «Isso é-me indiferente!» — continuou Pedro, mas Stavroguine não tinha pronunciado uma palavra. — Sem dúvida, sem dúvida. O que eu disse, afianço-te, não era para te comprometer com as minhas atitudes. Estás hoje muito taciturno, quando eu vim aqui para conversar alegremente contigo, com a maior franqueza, e tu vês uma segunda intenção nas minhas menores

palavras. Juro-te que a partir de hoje ponho de lado todo o assunto melindroso e subscrevo todas as tuas condições!

Stavroguine continuava a guardar teimoso silêncio.

— Hem? O quê? Disseste alguma coisa? Vejo que torci a verdade mais uma vez. Não puseste condições, nem as porás, creio eu. Vamos, acalma-te! Sei que não vale a pena apresentá-las, não é verdade? Respondo por ti e isso continua sendo o efeito da minha incapacidade... Que queres? Quando se é inábil... Ris? Hem? O quê?

— Nada — respondeu Stavroguine, que acabou por sorrir. — Lembro-me que de facto te tratei por inábil, mas... não foi na tua presença... Contaram-to... Peço-te que, sem perda de tempo, abordes a questão.

— Mas eu estou nela! Trata-se precisamente daquele assunto de domingo! Como achas que me apresentei nesse dia? Com a minha precipitação de inábil, meti-me na conversa de uma forma muito tola, por assim dizer à força. Perdoaram-me tudo, em primeiro lugar porque vim da lua, segundo a opinião geralmente admitida aqui; depois, porque contei uma pequena história engraçada e a todos tirei do embaraço, não é verdade?

— Quer dizer, a tua história foi imaginada para dar a ideia de uma combinação estabelecida, de uma conivência entre nós, embora ela não existisse e eu não te tenha pedido para intervires.

— Precisamente, precisamente! — disse Pedro com alegria. — Fi-lo de propósito para preparar este resultado; foi sobretudo por ti que tanto me empenhei; preparei-te uma ratoeira e quis comprometer-te. Tinha interesse em saber, muito em especial, até que ponto tinhas medo.

— Estou com curiosidade de saber porque descobres agora as tuas baterias!

— Não te zangues, não te zangues e não me fites com esses olhos chamejantes... De resto os teus olhos não queimam. Tens curiosidade em saber por que descobri as minhas baterias? Mas justamente porque agora tudo mudou, tudo acabou, tudo está morto e enterrado, mudei de súbito de ideias a teu respeito. Renunciei por completo ao antigo procedimento; não te comprometerei mais por esta forma. É preciso encontrar uma nova.

— Modificaste a tua tática?

— Não há tática. Agora és perfeitamente livre, isto é, podes exclamar conforme for do teu agrado, *sim* ou *não.* Quanto à *nossa* questão, não direi nem mais uma palavra sem que mo ordenes. Ris? A tua satisfação... eu rio

também. Agora falo seriamente, muito seriamente. Todavia, aquele que teimar muito será sem dúvida um incapaz, não é verdade? Não me importa de passar por incapaz, mas falo seriamente.

Com efeito, o seu tom tornara-se inteiramente outro e uma agitação especial se notava nele. Stavroguine olhou-o com curiosidade.

— Disseste que tinhas mudado de ideias a meu respeito? — perguntou ele.

— Mudei de ideias a teu respeito, no mesmo instante em que, tendo recebido uma bofetada de Chatov cruzaste as mãos atrás das costas. Basta, basta, peço-te, não me interrogues, pois não direi mais nada.

O visitante levantou-se rápido, agitando os braços, como para se prestar às perguntas que previa, mas Stavroguine não lhe fez nenhuma. Então Pedro, que não tinha nenhuma razão para se ir embora, tornou a sentar-se no sofá e acalmou-se um pouco.

— A propósito — disse ele precipitadamente — há quem diga que tu és capaz de o matar. Chegam mesmo a fazerem apostas! O Lembke pensou meter a polícia no caso, mas Júlia impediu-o disso... Está bem! Não digo mais nada sobre o assunto!... Isto foi só para te prevenir! Ah, ainda uma coisa: naquele mesmo dia fiz passar os Lebiadkine para o lado de lá da ribeira. Sabe-lo já, não?... Recebeste um bilhete em que te mandava a sua direção?

— Recebi.

— Isto que fiz não foi por «incapacidade» mas sim por zelo, por um zelo sincero. Pode ser que tenha sido incapaz, mas ao menos agi sinceramente.

— Sim, talvez isso fosse preciso... — disse com ar pensativo — somente não me escrevas mais cartas, peço-te.

— Nessa altura não podia fazer de outra forma.

— Então Lipoutine já sabe tudo?

— Era impossível esconder-lhe, mas, tu bem o sabes, não se atreverá... A propósito, é preciso ir ter com os nossos, ou melhor dizendo, ir ter com eles, porque os *nossos* é uma expressão de que tu não gostas. Sossega porém, pois não é preciso lá ir imediatamente. Vai chover... Eu comunico-lhes, eles reunir-se-ão e nós iremos lá uma noite. Esperam de boca aberta, como uma ninhada de corvos, as ideias que vamos expor-lhes. São pessoas entusiásticas e preparam-se para discutir. Virguinsky é um humanitário, Lipoutine é um *fouriériste*, com tendência pronunciada para os assuntos

policiais; digo-te mais, é um homem precioso sob um aspeto, mas sob todos os outros precisa ser severamente refreado. Por último, há aquele homem de orelhas compridas, que nos vai ler um sistema da sua invenção. E, sabes tu? Estão magoados porque não me acanho com eles, he, he! Mas é absolutamente necessário visitá-los.

— Apresentaste-me lá como chefe? — perguntou em tom, tanto quanto possível indiferente, Stavroguine.

Pedro lançou sobre o seu interlocutor rápido olhar.

— A propósito — apressou-se ele a continuar, sem parecer ter ouvido a pergunta que lhe tinha sido feita — passei duas ou três vezes por casa de Bárbara, com quem conversei muito.

— Faço ideia.

— Não, não imagines nada!... Disse-lhe simplesmente que tu não matarias o Chatov, bem como outras boas palavras a teu respeito. Imagina tu: no dia seguinte já sabia que eu tinha feito passar a Maria para o outro lado da ribeira. Foste tu que lho disseste?

— Nem mesmo pensei nisso.

— Desconfiei também que não tinhas sido tu. Mas então quem lho poderia ter dito?

— Naturalmente Lipoutine.

— Não, não foi Lipoutine — murmurou Pedro, carregando as sobrancelhas. — Eu saberei quem foi. Ia apostar em como está metido nisto Chatov... De resto, isto não tem nenhuma importância! Mas... é no entanto uma coisa muito importante... A propósito, supus sempre que a tua mãe me fizesse de um momento para o outro a pergunta principal... Ah, sim, das outras vezes estava de aspeto sombrio e hoje, quando cheguei, encontrei-a radiante. Qual será a razão?

— É que hoje dei-lhe a minha palavra de honra que dentro de cinco dias pediria a mão de Lisa — respondeu Stavroguine com franqueza inesperada.

— Ah, sim, então devia ser por isso — balbuciou Pedro, com ar hesitante. — Mas... tu sabes? Corre o boato que está noiva. E estará de facto? Tens porém razão: ainda que estivesse já com a coroa na cabeça, acorreria ao teu primeiro chamamento... Não ficas zangado por eu falar assim?...

— Não, não estou zangado.

— Noto que hoje é extremamente difícil fazer-te zangar e começo a ter medo de ti. Tenho o maior interesse em ver como te apresentarás amanhã. Com certeza preparaste mais do que um golpe... Isto que estou a dizer, não te faz também zangar?

Stavroguine nada respondeu, o que irritou ao máximo o seu interlocutor.

— A propósito, sempre é verdade o que disseste a tua mãe, a respeito de Lisa? — perguntou ele.

O interpelado fixou em Pedro um olhar frio e penetrante.

— Ah, compreendo! Disseste-lhe isso com o propósito apenas de a tranquilizar... ou não é assim?

— E se fosse a sério? — perguntou com voz firme Stavroguine.

— Que fosse com a graça de Deus, como se diz em casos idênticos. Isso não prejudicaria a questão... Vês! Eu não disse: *a nossa* questão. *Nossa* é uma palavra que te desagrada. E eu... eu estou ao teu serviço, como tu sabes.

— Pensas isso?

— Não penso nada — respondeu Pedro, rindo — porque sei que já refletiste de antemão sobre as tuas questões e que a tua deliberação está tomada. Limito-me a dizer-te muito seriamente que estou sempre à tua disposição em toda a parte e em todas as circunstâncias… em todas, compreendes bem?

Stavroguine bocejou.

— Estás aborrecido com a minha presença — continuou o visitante, levantando-se de um salto e pegando no chapéu mole, completamente novo, como se pretendesse sair.

No entanto não se foi embora e continuou a falar, mantendo-se umas vezes de pé diante do seu interlocutor e outras passeando pelo quarto; quando se animava com a conversa, batia com o chapéu nos joelhos.

— Pensava divertir-te ainda um pouco, falando-te dos Lembke — disse ele alegremente.

— Não, mais tarde... Como passa de saúde Júlia?

— Que feitio hipócrita têm todos! Preocupas-te tanto com a sua saúde, como com a de um gato que nunca tivesses visto, e no entanto pedes-me notícias dela! Isso não me desagrada. Júlia passa bem e tem por ti uma consideração a que eu chamarei supersticiosa: tem uma esperança no teu futuro. Quanto à questão de domingo, não diz nada e está convencida de

que não terás mais do que aparecer, para vencer. Imagina, na verdade, que tens um poder que só Deus sabe. De resto és hoje, mais do que nunca, um personagem enigmático e romanesco (posição extremamente vantajosa). Fizeste despertar todos os espíritos daqui; estavam já bastante excitados quando eu parti e vim encontrá-los muito mais ainda. A propósito, agradeço-te de novo a carta. Têm todos medo do conde K... Sabes? consideram-te, ao que parece, como sendo um beleguim. Por mim confirmo-lhes estas opinião. Não ficas zangado?

— Não.

— Isto não tem importância e mais tarde pode ser de certa utilidade. Têm por aqui uma maneira muito sua de ver as coisas. Por mim abundo nas suas ideias, isto é, uivo como os lobos; falo primeiro de acordo com Júlia, depois com Gaganov... Ris-te? É uma tática da minha parte: digo toda a espécie de inépcias e de repente faço ouvir uma palavra sensata. Prestam-me atenção e eu recomeço a dizer asneiras. Todos desesperam já de fazer qualquer coisa de mim: «ele sabe coisas», dizem eles, «mas anda sempre na lua». Lembke convidou-me a entrar para o serviço, para depois me reformar. Procedo com ele de uma forma abominável, isto é, comprometo-o em certas ocasiões e ele limita-se a fitar-me com olhos esbugalhados. Júlia sustem-me... Ah, sabes? Gaganov detesta-te horrivelmente. Ontem, em Doukhovo, falou-me de ti nos termos mais injuriosos. A seguir disse-lhe toda a verdade (mais ou menos, bem entendido). Passei um dia inteiro em casa dele, em Doukhovo. Tem uma bela casa e uma propriedade magnífica.

Stavroguine fez um brusco movimento para a frente.

— Está agora em Doukhovo? — perguntou.

— Não, trouxe-me esta manhã, viemos juntos — respondeu Pedro, sem parecer notar, de forma alguma, a agitação súbita do seu interlocutor. — Lá fiz cair um livro — acrescentou ele, baixando-se para apanhar um objeto que havia derrubado. — *As Mulheres,* de Balzac, com gravuras. Não li isto. Lembke escreve também romances.

— Escreve? — perguntou Stavroguine com uma ponta de interesse.

— Escreve romances russos em segredo, bem entendido. Júlia sabe-o e permite-lho. É um basbaque; todavia tem caráter, maneiras educadas e impecável correção de atitudes. É o que precisamos!

— Ah!... rendes elogios à administração?

— Certamente!... Só isso triunfou na Rússia... Não te zangues. Eu calo-me, pois já estás a ficar com má catadura.

— Tenho febre.

— Vê-se na tua cara... Deita-te... A propósito, há polícia secreta no nosso distrito e são muito curiosos. Mas falaremos disso mais tarde... E agora, que mais te direi ainda? A fábrica dos Chpigouline é interessante; trabalham nela, como sabes, quinhentas pessoas. Há quinze anos que não a limpam e é por isso um foco de epidemias. Os patrões são milionários e exploram atrozmente os operários. Asseguro-te que entre eles há muitos que conhecem a Internacional. O quê? Sorris? Tu mesmo verás. Dá-me só algum tempo mais (não te peço muito!) para te mostrar... Perdão, já não digo mais nada! Não faças escárnio. Bem, adeus. Que cabeça! Esquecia-me o principal — exclamou Pedro, voltando atrás. — Disseram-me há pouco que a nossa mala já chegou de S. Petersburgo.

— Chegou — disse Stavroguine, que o olhava sem nada compreender.

— Quero dizer, a tua mala, a tua papelada toda. É verdade?

— É. Disseram-mo logo quando ela chegou.

— Ah, então já eu podia ter...

— Pergunta ao Aléxis.

— Isso ficará para amanhã. Junto com a tua papelada encontra-se o meu casaco, o meu fraque e as três calças que o Charmer me fez sob a tua recomendação, lembras-te?

— Pelo que ouvi dizer, fazes-te passar aqui por um distinto cavalheiro — observou, sorrindo, Stavroguine. — É verdade que pretendes aprender a montar a cavalo?

Um sorriso, ou melhor, um trejeito desagradável se mostrou nos lábios de Pedro.

— É melhor — replicou ele com voz tremente e sacudida — é melhor pormos de lado, uma vez por todas, as nossas pessoas, não achas? Tens a liberdade, sem dúvida, de desdenhar de mim tanto quanto queiras, se achares a minha conduta ridícula, mas neste momento podias bem, não é verdade, poupar-me às tuas zombarias?

— Está bem, não o farei mais — disse Stavroguine.

O visitante sorriu, esfregou o chapéu no joelho e os traços do rosto recuperaram a serenidade.

— Há por aí muitas pessoas que me consideram mesmo como teu rival junto de Lisa. Por isso, como é que não hei de cuidar do meu exterior? —

disse ele rindo. — Quem te falou assim a meu respeito? Hem! São justamente oito horas. Vamos embora. Prometi a Bárbara passar por casa dela, mas já não posso; faltarei ao prometido. Tu deita-te e amanhã estarás mais bem-disposto. Chove e está escuro, daí a razão por que vim de carro, pois aqui as ruas não são seguras de noite... Ah, a propósito, pela cidade e arredores vagueia presentemente um forçado evadido da Sibéria, um tal Fedka: imagina que este homem foi um dos meus antigos servos. Há quinze anos o meu pai colocou-o, mediante fiança, numa repartição do ministério da guerra. É uma pessoa muito notável.

Stavroguine fixou subitamente os olhos em Pedro.

— Tu... falaste-lhe? — perguntou ele.

— Falei; ele não se esconde de mim. É uma pessoa disposta a tudo... a tudo, por dinheiro, bem entendido. De resto tem os seus princípios, à sua maneira, é bem verdade... Diz-me uma coisa: falaste seriamente há bocado, lembras-te, da Lisa?... Repito-te mais uma vez que também sou uma pessoa disposta a tudo, em todos os serviços que queiras e inteiramente às tuas ordens... O quê? Vais pegar na bengala? Ah, não, não pegas nela! Imagina que me deste a impressão de que procuravas uma bengala.

Stavroguine não procurava nada e não disse uma palavra, porém tinha-se quase levantado bruscamente e o rosto tomara-lhe uma expressão estranha.

— Sim, no que diz respeito ao senhor Gaganov, tens também precisão de alguma coisa — disse de repente Pedro, indicando com um sinal de cabeça o pesa-papéis. — Naturalmente poderei arranjar tudo e estou convencido de que não me enganarás.

Saiu, sem dar a Stavroguine tempo de lhe responder. Todavia, antes de se retirar em definitivo, entreabriu a porta e gritou pela abertura:

— Digo isto porque Chatov, por exemplo, também não tinha o direito de arriscar a sua vida no domingo, em que chegou a vias de facto contigo, não é verdade? Desejava apenas chamar a tua atenção para isto.

E desapareceu, sem esperar a resposta a estas palavras.

Capítulo 4

Talvez tivesse pensado que Stavroguine, deixado só, se atirasse aos murros à parede, e portanto tinha o maior interesse em ver se de facto fazia isso; porém enganou-se na sua espectativa. Stavroguine conservou-se calmo. Durante dois minutos manteve-se na posição ocupada antes: de pé, diante da mesa e parecendo muito absorto. Em breve, vago e frio sorriso lhe aflorou aos lábios. Retomou lentamente o seu antigo lugar ao canto do sofá e fechou os olhos como por efeito da fadiga. Uma ponta da carta, em parte escondida debaixo do pesa-papéis, continuava sempre em evidência; nada fez mesmo para a ocultar dos olhares indiscretos. O sono não tardou a apoderar-se dele. Após a partida de Pedro que, contrariamente à sua promessa, se tinha retirado sem ver Bárbara, esta, atormentada há alguns dias, não pôde conter-se e resolveu ir ter com o filho, embora não estivesse autorizada a penetrar nesse momento no seu quarto. «Não será capaz de me dizer enfim alguma coisa de definitivo?» — perguntou ela a si própria. Como há pouco, bateu docemente à porta e, não recebendo resposta, atreveu-se a abri-la. À vista de Stavroguine, sentado e absolutamente imóvel, aproximou-se com cautela do sofá. O coração batia-lhe fortemente. Foi para Bárbara um acontecimento extraordinário o filho ter podido adormecer tão depressa, com um sono tão profundo e numa posição meia vertical. A respiração era quase impercetível; o rosto estava pálido e severo, mas completamente inanimado; tinha as sobrancelhas um tanto carregadas; neste estado parecia-se em absoluto com uma figura de cera. A viúva, retendo a respiração, debruçou-se sobre ele durante três minutos; depois, tomada de medo, afastou-se nas pontas dos pés; antes de deixar o quarto fez o sinal da cruz sobre o adormecido e retirou-se sem ter sido notada, levando deste espetáculo uma nova sensação de angústia.

Durante muito tempo, durante mesmo mais de uma hora, Stavroguine conservou-se mergulhado num pesado sono; nenhum músculo da face se contraiu; nem o menor sinal de atividade motriz se manifestou em toda a sua pessoa; as sobrancelhas conservaram-se sempre aproximadas, dando

assim à sua fisionomia uma expressão de dureza. Se Bárbara tivesse ficado mais três minutos ainda, é possível que não pudesse suportar a aterradora impressão dessa imobilidade letárgica e tivesse acordado o filho. De repente este abriu os olhos, mas durante dez minutos não fez movimento algum; parecia observar com curiosidade obstinada um objeto colocado num canto do quarto, muito embora ali nada houvesse de novo, nada que pudesse chamar tão particularmente a sua atenção. Por fim, no relógio, soou uma badalada, Stavroguine voltou a cabeça com certa inquietação para ver as horas no mostrador.

Quase logo abriu-se a porta de trás, que dava acesso ao corredor, e Aléxis, o criado de quarto, apareceu. Trazia numa das mãos um casaco de agasalho, um lenço para o pescoço e um chapéu, e na outra uma pequena bandeja de prata sobre a qual se encontrava uma carta.

— São nove horas e meia — disse ele em voz baixa e, depois de ter pousado sobre uma cadeira, num canto do quarto, as roupas que trouxera, apresentou-lhe a bandeja.

A carta não estava lacrada e só continha duas linhas a lápis. Quando Stavroguine as leu, pegou também num lápis de cima da mesa, escreveu duas palavras no fundo do bilhete e tornou a colocá-lo sobre a bandeja.

— Entrega isto logo que eu saia. Agora ajuda-me a vestir — disse ele, levantando-se.

Notando que vestira um leve casaco de veludo, refletiu durante um instante e ordenou que lhe trouxesse uma sobrecasaca de fazenda, vestuário mais conveniente para as visitas da noite. Logo que acabou de se arranjar, fechou a porta por onde tinha entrado Bárbara, pegou na carta escondida sob o pesa-papéis e, sem dizer uma palavra, atravessou o corredor em companhia de Aléxis.

Ambos desceram a estreita escada de serviço e desembocaram no vestíbulo que dava para o jardim. Uma pequena lanterna e um grande guarda-chuva tinham sido colocados de antemão a um canto desse vestíbulo.

— Com esta chuva, a lama torna as ruas intransitáveis — observou o criado.

Era uma última e tímida tentativa que ele fazia para convencer Stavroguine a não sair. Este, porém, abrindo o guarda-chuva, embrenhou-se silenciosamente pelo jardim bastante molhado e muitíssimo escuro. O vento rugia e abanava o cimo das árvores meio despidas; os estreitos

caminhos ensaibrados estavam lamosos e escorregadios. Aléxis, sem casaco e chapéu, precedia-o à distância de três passos para lhe alumiar o caminho com a lanterna:

— Ninguém me verá? — perguntou bruscamente Stavroguine.

— Das janelas nada se verá; tomei de antemão todas as precauções — respondeu, em tom baixo e compassivo, o criado.

— A minha mãe está deitada?

— Recolheu-se ao quarto às nove horas precisas, como é seu costume há alguns dias, e agora é-lhe impossível poder ver ou saber qualquer coisa. A que horas deverei esperá-lo? — permitiu-se perguntar em seguida.

— Voltarei pela uma hora ou uma e meia, ou melhor, sempre antes das duas.

— Está bem.

Aventurando-se por carreiros sinuosos, contornaram o jardim que ambos conheciam muito bem e chegaram ao ângulo do muro que o circundava, onde havia uma pequena porta que dava saída para uma ruazinha estreita. Esta porta estava quase sempre fechada, mas Aléxis trazia consigo a chave.

— Não fará barulho ao abrir-se? — observou Stavroguine.

O criado respondeu-lhe que a untara, tanto na véspera como naquele dia. Encontrava-se já completamente encharcado. Depois de ter aberto a porta entregou a chave a Stavroguine.

— Se o senhor vai para longe, devo preveni-lo que não tenho nenhuma confiança nos moradores daqui; é sobretudo nos becos que os maus encontros são terríveis, e muito em especial do lado da ribeira — não pôde deixar de lho fazer sentir.

Era um velho servidor, que noutros tempos fora o aio de Stavroguine; homem sério e rígido, gostando de ouvir e ler a palavra de Deus.

— Não te inquietes, Aléxis.

— Deus o abençoe, senhor, se, bem entendido, só projeta boas ações.

— Como? — perguntou, parando, Stavroguine, que já tinha saído do jardim.

Aléxis repetiu com voz firme o voto que acabara de formular. Nunca até então se atrevera a empregar tal linguagem diante do seu senhor. Stavroguine fechou a porta, meteu a chave no bolso e aventurou-se no lamaçal, onde a cada passo se enterrava até acima do tornozelo. Por fim chegou a uma rua pavimentada, comprida e deserta. Conhecia a cidade

como os seus cinco dedos. Andou bastante, pois a rua *Épiphanie* ficava ainda longe. Eram mais de dez horas quando parou diante da porta fechada da velha e sombria casa Filippov. No rés do chão, onde ninguém vivia desde a partida de Lebiadkine, as janelas estavam fechadas, mas via-se luz na água-furtada, em casa de Chatov. Como não havia campainha, bateu à porta. Uma pequena janela rangeu e Chatov debruçou-se no peitoril para olhar para a rua. A escuridão era tal que, durante um minuto, nada pôde distinguir.

— És tu? — perguntou de repente.

— Sou — respondeu o visitante.

Fechou a janela e veio abrir a porta. Stavroguine entrou e, sem dizer uma palavra, dirigiu-se para o pavilhão ocupado por Kirilov.

Capítulo 5

Todas as portas estavam abertas. A obscuridade reinava no vestíbulo e nas primeiras salas, mas a última, onde Kirilov bebia o seu chá, estava iluminada. Ouviam-se uns risos e gritos estranhos. Nicolau encaminhou-se na direção em que divisara luz. Contudo, antes de entrar, parou no umbral. O chá encontrava-se na mesa. A parenta do proprietário estava de pé, no meio do quarto. A cabeça nua, sem meias e nos pés apenas uns chinelos, a velha não tinha por vestuário mais do que um saiote e uma espécie de manta de pele de lebre. Nos braços tinha uma criança de dezoito meses. Esta, em camisa e com os pés nus, via-se que a tinham acabado de tirar do berço. Tinha as faces muito coradas e os pequenos cabelos louros claros estavam no ar. Havia chorado um pouco antes porque se lhe viam ainda traços de lágrimas ao longo das faces; neste momento porém estendia os bracitos, esfregava as mãos uma contra a outra e ria com soluços, como acontece às crianças desta idade. Diante dela, Kirilov atirava ao chão uma grande bola de borracha que saltava até ao teto, para voltar a cair em seguida no soalho. O pequeno gritava: «Bola, bola». Kirilov apanhava-a e dava-lha. Então ela atirava-a ao chão com as suas mãozitas desastradas e de novo Kirilov corria a apanhá-la. Por fim rolou para debaixo de um armário. «Bola, bola» — gritava a irrequieta criança. Kirilov deitou-se no chão e estendeu o braço por baixo do armário para conseguir encontrar a bola. Nesta altura Stavroguine entrou no quarto. À vista do visitante a criança começou a gritar e achegou-se à velha, que se apressou a levá-la. Kirilov levantou-se com a bola na mão.

— Stavroguine? — exclamou ele, sem parecer nada surpreendido com esta visita inesperada. — Queres chá?

— Não recuso se estiver quente — respondeu Stavroguine. — Estou todo molhado.

— Está quente, a ferver mesmo — replicou com satisfação Kirilov.

— Senta-te... Estás todo enlameado! Deixa lá, não faz mal! Daqui a pouco vou molhar um pano e lavarei o soalho.

Stavroguine sentou-se e esvaziou quase de um só trago a chávena de chá que o engenheiro lhe deu.

— Mais? — perguntou este.

— Não, obrigado.

Kirilov, que até ali tinha estado de pé, sentou-se diante do visitante.

— Que te trouxe por aqui? — quis ele saber.

— Vim para tratar de um assunto. Pega, lê esta carta que recebi de Gaganov, lembras-te? Falei-te dele em S. Petersburgo.

Kirilov pegou na carta, leu-a, depois pousou-a sobre a mesa e olhou o seu interlocutor como um homem que espera uma explicação.

— Como sabes — começou Stavroguine — encontrei há um mês em S. Petersburgo este Gaganov, que nunca tinha visto na minha vida. Três vezes o acaso nos colocou na sociedade em presença um do outro. Sem ter relações comigo, sem me dirigir a palavra, encontrou meio de me tratar de uma forma deveras insolente. Contei-to na ocasião, mas ignoras o seguinte: na véspera de deixar S. Petersburgo, de onde partiu primeiro do que eu, escreveu-me uma carta, mais delicada do que esta, mas já no entanto bastante inconveniente. O que há de mais extraordinário, é que nessa carta não dava uma simples explicação sobre a razão por que me escrevia assim. Respondi-lhe imediatamente, por carta também, e com a maior franqueza: declarava-lhe que tinha razão para se sentir melindrado com a minha maneira de agir a respeito de seu pai, no grémio, há quatro anos, e por isso estava pronto a apresentar-lhe todas as desculpas possíveis por esse ato, apesar de não premeditado e cometido num estado de nervosismo muito grande. Pedia-lhe também para tomar as minhas desculpas em consideração. Não respondeu e partiu: aqui, e nesta altura, venho encontrá-lo deveras zangado. Contaram-me certas palavras injuriosas que proferiu publicamente a meu respeito, acompanhando-as de acusações assombrosas. Enfim, hoje chegou esta carta. Com certeza nunca ninguém recebeu uma parecida. Contém grosserias ignóbeis e serve-se de expressões como esta: «tem uma cabeça oca». Venho por isso esperançado em que não recusarás ser minha testemunha.

— Julgas que nunca ninguém recebeu uma carta semelhante? — observou Kirilov. — Aconteceu-me isso mais de uma vez. Quando se está furioso, o que se escreve?... Conheces a carta de Pouchkine a Heeckeren... Mas está bem... Irei... Dá-me as tuas instruções.

Stavroguine disse ao engenheiro que queria pôr termo a esta questão em vinte e quatro horas; para começar, tinha a dizer que renovaria as suas desculpas e mesmo comprometia-se a escrever uma segunda carta nesse sentido: por seu lado, Gaganov comprometer-se-ia a nunca mais lhe endereçar uma carta e, quanto a esta que lhe escrevera, seria considerada como não recebida.

— São concessões demasiadas e contudo não o satisfarão — respondeu Kirilov.

— Antes de mais nada, venho pedir-te, se não te custa, para lhe transmitires estas condições.

— Levar-lhas-ei... Isso é contigo... mas ele não as aceitará.

— Também o suponho.

— Pretende bater-se. Diz-me por isso como entendes que o duelo deva ter lugar.

— Tenho o máximo empenho em que tudo esteja terminado amanhã. Vai a casa dele às nove horas. Transmitir-lhe-ás parte das minhas propostas; ele rejeitá-las-á e pôr-te-á em contacto com a sua testemunha; nesta altura devem ser onze horas, creio eu. Conferenciarás com essa testemunha e à uma hora ou duas estaremos no terreno escolhido. Peço-te para te esforçares por arranjar as coisas desta maneira. A arma será, naturalmente, a pistola. As duas barreiras serão separadas por um intervalo de dez passos e colocarás cada um de nós a dez passos da sua barreira. Dado o sinal, marcharemos um contra o outro. Cada um poderá necessariamente avançar até à sua barreira, porém ele poderá atirar antes de ali chegar. Suponho estar dito tudo!

— Dez passos entre as duas barreiras é uma distância pequena — objetou Kirilov.

— Podemos marcar doze, mas não mais... Compreendes que isto é um duelo a sério. Sabes carregar uma pistola?

— Sei. Podem servir as minhas pistolas. Dar-lhe-ei a minha palavra de honra que não te serviste delas. A sua testemunha fará outro tanto quanto às que trouxer e a sorte decidirá com quais das pistolas vocês se baterão.

— Muito bem.

— Queres ver as minhas pistolas?

— Pois sim.

A mala de Kirilov estava a um canto. Ainda a não tinha desfeito por completo, mas sim ia retirando dela as coisas, à medida que ia precisando.

Nesta ocasião tirou dela uma caixa de madeira de palmeira, forrada interiormente a veludo e contendo um par de soberbas pistolas.

— Está aqui tudo: pólvora, balas e cartuchos. Também tenho um revólver... Espera.

Procurou de novo na mala e tirou dela uma outra caixa que continha um revólver americano, de seis balas.

— Não estás mal de armas e são de grande valor.

— De um grande valor.

Pobre, quase indigente, Kirilov que de resto não se apercebia nunca da sua miséria, estava evidentemente satisfeito por poder exibir aos olhos do seu visitante as suas armas de luxo, cuja aquisição lhe havia sem dúvida trazido muitos sacrifícios.

— Continuas sempre com as mesmas ideias? — perguntou Stavroguine, depois de um minuto de silêncio.

Apesar de esta pergunta ser vaga, pelo tom em que foi feita, o engenheiro adivinhou imediatamente a que é que ela se referia.

— Sim — respondeu ele laconicamente, enquanto apertava as armas colocadas em cima da mesa.

— Então quando? — volveu em termos ainda mais vagos Stavroguine, depois de um novo silêncio.

Durante este tempo Kirilov tornara a colocar as duas caixas na mala e sentara-se no seu anterior lugar.

— Isso não depende de mim, como sabes; quando mo disserem... — murmurou ele por entre dentes.

Esta pergunta parecia contrariá-lo um pouco. Entretanto, ao mesmo tempo, parecia disposto a responder a todas as outras. Os seus olhos negros e ternos conservavam-se fitos no rosto de Stavroguine e o seu olhar calmo era bom e afável.

Stavroguine calou-se durante três minutos.

— Compreendo, sem dúvida, que se dê um tiro nos miolos — começou ele em seguida, franzindo ligeiramente as sobrancelhas. — Algumas vezes, eu mesmo pensei nisso e por tal uma ideia nova me surgiu: se se comete um crime, ou pior ainda, um ato vergonhoso, desonroso e... ridículo, um ato destinado a cobrir-nos de desprezo durante mil anos, pode-se dizer: «Um tiro na cabeça e nada mais disso existirá». Que importa então o julgamento dos homens e o seu desprezo durante mil anos, não é verdade?

— Chamas a isso uma ideia nova? — perguntou Kirilov em tom sonhador.

— Eu... eu não a chamo assim... mas uma vez, pensando nela, senti-a bem nova.

— Tu «sentiste-a»? — perguntou o engenheiro. — É bom de dizer. Há muitas ideias que se tiveram sempre e que, num dado momento, parecem de repente novas. É verdade! Agora por exemplo vejo muitas coisas como se fosse a primeira vez.

Sem o ouvir, Stavroguine continuou a desenvolver a sua ideia.

— Admitamos que tenhas vivido na lua e suponhamos que foi ali que cometeste todas essas vilanias ridículas... Sabes sem dúvida alguma, pela qual te escarnecerão durante mil anos, que durante toda a eternidade toda a lua escarrará sobre a tua memória. Mas agora que estás aqui e que é da terra que tu contemplas a lua pouco te importam, não é verdade, as tolices que fizeste nesse astro e é-te perfeitamente indiferente estar durante um milhar de anos exposto ao desprezo dos seus habitantes.

— Não sei — respondeu Kirilov. — Nunca estive na lua — acrescentou com ironia, simplesmente para constatar o facto.

— De quem é essa criança que vi aqui há pouco?

— A sogra da velha chegou há três dias; quero dizer, a nora... Isto nada faz ao caso! Está doente e não pode tratar da criança; durante a noite, esta grita muito e tem dores de barriga. Enquanto a mãe dorme, a velha trá-la para aqui e eu entretenho-a com uma bola. Essa bola veio de Hamburgo. Comprei-a lá, para me entreter a atirá-la e a apanhá-la; é um exercício que fortifica as costas... A criança é uma mocinha.

— Gostas de crianças?

— Gosto — disse Kirilov num tom bastante indiferente.

— Então gostas também da vida?

— Sim, também gosto da vida... Isso espanta-te?

— Não estás portanto decidido a dar um tiro nos miolos?

— E que tem isso? Para que misturar duas coisas que são distintas uma da outra? A vida existe e a morte não existe.

— Ah! Já crês na vida eterna, no outro mundo?

— Não, mas na vida eterna deste. Há momentos em que o tempo para de repente para dar lugar à eternidade.

— Esperas chegar a tal momento?

— Espero.

— Duvido que no nosso tempo isso seja possível.

Estas palavras foram ditas por Stavroguine sem nenhuma intenção irónica; pronunciou-as lentamente e com ar pensativo.

— Após o Apocalipse, o anjo jura que não haverá mais tempo — observou ele em seguida.

— Eu sei. Isso é bem verdade. Quando todos os homens tiverem atingido a felicidade não haverá mais tempo, porque ele não será mais necessário. É um pensamento muito justo.

— Onde é que o colocarão então?

— Não o colocarão em parte nenhuma. O tempo não é um objeto, mas uma ideia. Essa ideia apagar-se-á do espírito.

— Isso são velhas banalidades filosóficas, sempre as mesmas desde o princípio dos séculos — resmungou Stavroguine com desprezadora piedade.

— Sim, são as mesmas desde o começo dos séculos e nunca haverá outras — prosseguiu o engenheiro, cujos olhos se iluminaram como se a afirmação desta ideia fosse para ele uma espécie de vitória.

— Pareces muito feliz, Kirilov?

— Sou muito feliz, com efeito — afirmou este, no mesmo tom em que teria dado a resposta mais banal.

— Mas não há ainda assim tanto tempo que estavas de mau humor e zangado com o Lipoutine.

— Deixei-me disso. Agora não ralho mais. Nessa altura ainda não sabia que era feliz. Já viste alguma vez uma palha ou uma folha de árvore?

— Já.

— Há poucos dias vi uma: estava amarela, mas conservava nalguns pontos a sua cor verde e os bordos estavam podres. O vento levou-a. Quando tinha dez anos, acontecia-me, no inverno, fechar propositadamente os olhos e imaginar uma folha verde com as nervuras nitidamente desenhadas e um sol brilhante. Abria os olhos e vendo a realidade, tornava-os a fechar para continuar nesse tão belo sonho.

— Que é que isso significa? É alguma figura alegórica?

— Não... porquê? Não faço nenhuma alegoria. Falo somente da folha. Enquanto a folha é bela, tudo vai bem.

— Tudo?

— Sim. O homem é infeliz porque não conhece a sua felicidade, unicamente por isso. E isso é tudo, tudo... O que souber que é feliz, sê-lo-á

naquele mesmo instante. Esta sogra morrerá e a neta ficará. Tudo continuará como até aqui. Nada mudará. Descobri isto de repente.

— E se se morre de fome, se se viola uma moça, também está bem?

— Sim, tudo está bem para aquele que julga ser assim. Se os homens soubessem que eram felizes, sê-lo-iam; enquanto o não souberem, serão infelizes. É esta a verdadeira ideia, não há outra.

— Então quando tiveste conhecimento da tua felicidade?

— Terça-feira última, ou antes, quarta-feira; melhor ainda, na noite de terça para quarta.

— E de que forma?

— Não me lembro; aconteceu por acaso. Passeava no meu quarto... Isto não tem importância nenhuma! Parei o relógio eram duas horas e trinta e sete minutos.

— Uma forma simbólica de dizer que o tempo deve parar!

Kirilov não respondeu a esta observação.

— Não são boas pessoas — prosseguiu ele de repente — porque não sabem que o são. Quando o souberem, não violarão mais as moças. É preciso que saibam que são boas pessoas e instantaneamente tornar-se-ão todos bons, sem exceção.

— Então sabendo isso, és bom?

— Sou.

— Sobre isso, de resto, sou da tua opinião — murmurou Stavroguine, carregando as sobrancelhas.

— O que der a conhecer, aos homens que eles são bons, esse porá fim ao mundo.

— O que lho fez conhecer foi por eles crucificado!

— Ele virá e o seu nome será: o homem-Deus.

— O Deus-homem?

— O homem-Deus, há uma certa diferença...

— Foste tu que acendeste a lâmpada diante da imagem?

— Fui.

— Tornaste-te crente?

— A velha gosta de acender essa lâmpada... mas hoje não teve tempo — murmurou Kirilov.

— E tu ainda não rezas?

— Rezo a tudo. Vês aquela aranha que passeia na parede? Olho para ela e sou-lhe reconhecido por passear assim.

Os olhos brilharam-lhe de novo; estavam obstinadamente fitos no rosto de Stavroguine. Este último parecia observar o seu interlocutor com uma espécie de tédio, sem contudo revelar no seu olhar a menor expressão escarnecedora.

Levantou-se e pegou no chapéu.

— Aposto — disse ele — que, quando voltares, já acreditarás em Deus.

— Porquê? — perguntou o engenheiro, soerguendo-se.

— Se soubesse que acreditavas em Deus, acreditaria também; mas como ainda não sabes se crês em Deus, não creio também — respondeu, sorrindo, Stavroguine.

— Não é isso — prosseguiu Kirilov pensativo. — Parodiaste a minha ideia. É um gracejo de homem da sociedade. Lembra-te que conseguiste ocupar um lugar proeminente na minha vida, Stavroguine!

— Adeus, Kirilov.

— Vens à noite? Quando?

— Já esqueceste o nosso negócio de amanhã?

— Ah, já me esquecia... Fica sossegado, levantar-me-ei a tempo; às nove horas lá estarei. Sei acordar quando quero. Ao deitar-me, digo às sete horas, e acordo às sete horas; às dez horas, e acordo às dez horas.

— Possuis qualidades extraordinárias — disse Stavroguine, examinando a face pálida de Kirilov.

— Vou abrir-te a porta.

— Não te incomodes, Chatov abrir-ma-á.

— Ah! Chatov!... Bem, adeus.

Capítulo 6

O patamar da casa onde morava Chatov estava iluminado; no entanto, para subir uns degraus, em vista da escuridão que havia no vestíbulo, teve de procurar às apalpadelas a escada que conduzia à água-furtada. De súbito abriu-se uma porta em cima e viu brilhar uma luz; Chatov não foi ao encontro do visitante, limitando-se a abrir a porta. Quando Stavroguine chegou à entrada do quarto, viu a um canto o chefe da casa, de pé, perto de uma mesa.

— Venho a tua casa tratar de um negócio. Queres receber-me? — perguntou ele, antes de entrar no quarto.

— Entra e senta-te — respondeu Chatov. — Fecha a porta; ou não, deixa, eu próprio a fecharei.

Fechou a porta à chave, voltou para junto da mesa e sentou-se em frente de Stavroguine. Durante essa semana tinha emagrecido muito e nesse momento parecia estar com alguma febre.

— Tens-me atormentado muito — disse ele em voz baixa e sem levantar os olhos. — Perguntava sempre a mim mesmo porque não vinhas.

— Tinhas então a certeza de que eu viria?

— Tinha... Espera... eu sonhei... talvez ainda agora sonhe... espera.

Soergueu-se e da mais alta prateleira que lhe servia para colocar os livros tirou alguma coisa: era um revólver.

— Uma noite sonhei que virias matar-me e na manhã do dia seguinte gastei todo o dinheiro que me restava na compra de uma pistola ao maroto do Liamchine... Queria vender cara a vida... Em seguida recobrei o bom senso... Não tenho nem pólvora, nem balas... Desde então a arma esteve sempre naquela prateleira. Espera...

Falando assim, dispunha-se a abrir a janela. Stavroguine impediu-o, dizendo:

— Não a deites fora... de que serviria isso? Custou dinheiro e amanhã o povo diria que se encontraram pistolas caídas debaixo das janelas de Chatov. Põe-na outra vez no seu lugar; assim, está bem! Senta-te. Diz-me, como um penitente na confissão, qual a razão por que me atribuías a

intenção de te vir matar? Agora mesmo não venho reconciliar-me contigo, mas falar-te de coisas urgentes. Em primeiro lugar tenho de te pedir uma explicação: foi por causa da minha ligação com tua mulher que me bateste?

— Sabes bem que não foi por isso — respondeu Chatov, de olhos sempre baixos.

— Nem porque tivesses acreditado na estúpida história respeitante a Dacha?

— Não, não, certamente que não! É uma estupidez! Desde o princípio que minha irmã mo disse — replicou Chatov impaciente e batendo, ainda que levemente, com o pé.

— Então eu adivinhei e tu também adivinhaste — prosseguiu Stavroguine em tom calmo. — Não te enganaste: Maria é minha mulher legítima, desposei-a em S. Petersburgo há quatro anos e meio. Foi por isso que me deste uma bofetada, não é verdade?

Chatov, estupefacto, escutava em silêncio.

— Tinha-o adivinhado, mas não queria acreditar — balbuciou ele por fim, olhando para Stavroguine com ar estranho.

— E no entanto bates-me?

Chatov corou e tartamudeou algumas palavras quase incoerentes.

— Foi por causa da tua queda... por causa da tua mentira. Ao avançar para ti não tinha a intenção de te castigar; no momento em que me aproximei, não pensava bater-te... Fiz isso porque influíste muito na minha vida... e eu...

— Compreendo, compreendo, mas poupa as palavras. Sinto que estejas tão agitado; a questão que aqui me traz é das mais urgentes.

— Esperei-te durante muito tempo — prosseguia Chatov soerguendo-se e cujo corpo tremia todo. — Diz do que se trata, eu falarei também... depois...

Tornou a sentar-se.

— A questão de que se trata é de um outro género — começou Stavroguine, observando o seu interlocutor com curiosidade. — Certas circunstâncias obrigaram-me a escolher este dia e esta hora para vir a tua casa: venho advertir-te que talvez te matem.

Chatov olhou-o com ar intrigado.

— Sei que um perigo grande me ameaça — disse ele vagarosamente — mas tu, tu, como podes sabê-lo?

— Porque, como tu, também lhes pertenço, também faço parte da sua sociedade.

— Tu... tu és membro da sociedade?

— Vejo nos teus olhos que esperavas tudo de mim, menos isso — disse Stavroguine com ligeiro sorriso. — Mas então já sabias que deviam atentar contra os teus dias?

— Recusava-me a acreditar nisso e mesmo agora, apesar das tuas palavras, não o creio. No entanto... quem pode, com aqueles imbecis, responder seja pelo que for! — vociferou ele furioso, batendo com o punho sobre a mesa. — Não os receio! Rompi com eles. Esse homem passou quatro vezes por minha casa e disse-me que eu podia fazê-lo... mas... — continuou ele fixando os olhos em Stavroguine. — Que sabes tu ao certo?

— Tranquiliza-te, pois não te enganarei — prosseguiu bastante friamente Stavroguine, como um homem que só cumpre o seu dever. — Perguntas-me o que sei? Sei que entraste para essa sociedade durante a tua estada no estrangeiro, há quatro anos, antes de ela ter sido reconstituída sobre novas bases; estavas então em vésperas de partir para os Estados-Unidos e nós, julgo eu, acabávamos de ter a nossa última conversa, aquela que largamente trataste na carta que me escreveste da América. A propósito, desculpa-me não te ter respondido e de me ter limitado...

— A uma remessa de dinheiro. Olha — interrompeu Chatov que, puxando vivamente da gaveta da mesa, tirou uma nota de banco de cores diversas — vê, aí tens os cem rublos que me enviaste. Sem ti, teria morrido por lá... Não te teria reembolsado tão depressa, se tua mãe não tivesse vindo em meu auxílio. Foi ela quem me deu estes cem rublos há nove meses para mitigar a minha miséria, quando me levantava de uma doença. Mas continua, peço-te.

Ele abafava.

— Na América as tuas ideias modificaram-se e, voltando à Suíça, quiseste retirar-te da sociedade. Eles não te responderam, mas encarregaram-te de receberes aqui, na Rússia, das mãos de alguém, certo material tipográfico e de o guardares até ao dia em que um terceiro te procurasse da sua parte para tomar conta dele. Consentiste, esperando ou tendo posto como condição que esta seria a sua última exigência e que no futuro te deixariam em paz. Tudo isto, verdadeiro ou falso, não o soube por eles, mas sim foi o acaso que mo revelou. Há uma coisa que, julgo,

ignoras ainda: esses senhores não pensam de forma alguma em separar-se de ti.

— É um absurdo! — exclamou Chatov. — Declarei lealmente que estava em desacordo com eles em todo o sentido. Estou no meu direito, o direito da consciência e do pensamento... Não admitirei isso! Não há força que possa...

— É melhor não gritares — observou muito seriamente Stavroguine. — O Verkhovensky é um tipo capaz de nos estar a ouvir neste momento; quem sabe se ele não está à escuta no vestíbulo ou um dos seus confidentes? É possível que esse bêbado do Lebiadkine esteja encarregado de nos vigiar, não é verdade? Ora diz-me: Verkhovensky concordou com as tuas razões?

— Concordou, reconhecendo que podia retirar-me, que tinha o direito de o fazer.

— Pois bem, então engana-te. Sei que o próprio Kirilov, que há bem pouco lhes pertence, forneceu informações tuas; eles têm muitos agentes e, entre esses, alguns servem-te sem o saberes. Têm sempre os olhos postos em ti. Verkhovensky, sobretudo, veio aqui para ultimar esse assunto e tem plenos poderes para isso: querem, na primeira ocasião favorável, desembaraçar-se de ti, porque sabes muitas coisas e podes fazer revelações. Repito-te que isto é certo; permite-me que te diga que estão absolutamente convencidos que és um espião e que, se ainda os não denunciaste, contas fazê-lo. É verdade?

A esta pergunta, feita em tom tão natural, Chatov fez uma careta.

— Mesmo que eu fosse um espião, a quem os denunciaria? — replicou ele com cólera, sem responder diretamente. — Não te importes, deixa que o diabo me leve! — exclamou, voltando de repente à sua primeira ideia, que, evidentemente, o preocupava cem vezes mais que a notícia do seu próprio perigo. — Tu, tu, Stavroguine, como pudeste embrenhar-te nessa tola e desavergonhada companhia de lacaios? Entraste na sua sociedade? É uma façanha digna de Stavroguine!?

Pronunciou estas palavras numa espécie de desespero, batendo com as mãos uma na outra; parecia que nada lhe poderia causar maior e cruel desgosto que tal revelação.

— Perdão — disse Stavroguine, espantado — mas tens a aparência de me considerar como um sol, perto do qual não és mais do que um pequeno escaravelho. Já notei isso na carta que me escreveste da América.

— Tu... tu sabes... Ah, não falemos mais de mim! — tornou vivamente Chatov. — Se me podes dar alguma explicação sobre o que me diz respeito, explica-te... Responde à minha pergunta! — acrescentou ele com veemência.

— De boa vontade. Perguntas-me como pude embrenhar-me num tal meio? Depois da comunicação que te fiz, julgo-me obrigado a responder-te neste ponto com certa franqueza. Ouve-me: no sentido restrito da palavra, não pertenço de forma alguma a essa sociedade; tenho muito mais direito do que tu de a deixar, visto que nela não entrei. Tive mesmo o cuidado de lhes declarar desde o princípio que não era seu associado e que, se por acaso lhes prestava qualquer serviço, era simplesmente para matar o tempo. Tive certa interferência na reorganização da sociedade debaixo de um plano novo, e foi tudo... Mas agora reconsideraram e decidiram entre eles que é perigoso dar-me a liberdade: para abreviar, parece que também estou condenado!

— Oh, as condenações à morte não lhes custam nada a proferir. Há lá três homens e meio que depressa lavram sentenças capitais, escrevendo-as em papéis revestidos de sinetes. E julgas que são capazes de as pôr em execução?

— Há verdade e falsidade na tua maneira de ver — respondeu Stavroguine, sem abandonar o seu tom fleumático e indiferente. — Não há dúvida que a fantasia representa nisto um grande papel como em todos os casos parecidos: o grupo exagera a sua importância. Se me permites, dir-te-ei que na minha opinião deve a sua existência devido ao Pedro. Este último é realmente bom de mais, considerando-se só como agente da sociedade. De resto, a ideia fundamental não é mais tola do que as outras do mesmo género. Estão em relações com a Internacional, conseguiram recrutar adeptos na Rússia, e encontraram mesmo uma fórmula bastante original... mas, bem entendido, é só teórica. Quanto ao que pretendem fazer entre nós, o movimento da nossa organização é uma coisa tão obscura e quase sempre tão inesperada que, aqui, pode-se com efeito tudo empreender. Nota que Verkhovensky é um homem pertinaz.

— Esse é um imbecil, um ignorante, um tolo que nada compreende da Rússia! — protestou Chatov irritado.

— Não o conheces bem. É verdade que todos, em geral, nada compreendem da Rússia, mas a esse respeito, tu e eu, somos pouco mais inteligentes do que eles. Mas Verkhovensky é um entusiasta.

— Verkhovensky um entusiasta?

— Oh, sim! Há um ponto em que deixa de ser um bobo, para se tornar um... meio tolo. Peço-te para te lembrares das tuas próprias palavras: «sabes como um homem só pode ser forte?». Não rias, por favor, pois é muito capaz de carregar no gatilho de uma pistola. Estão persuadidos de que eu também sou um espião. Como não sabem dirigir a questão, têm tendência enorme em ver por toda a parte espiões.

— Mas tu não tens medo?

— Não... não tenho muito medo... mas o teu caso é bem diferente do meu. Previno-te para que te ponhas em guarda. Quanto a mim, farás mal em desprezar o perigo sob o pretexto de que são uns imbecis; não se trata aqui da sua inteligência e, de resto, a sua mão já se levantou sobre outras pessoas que não fossem tu e eu. Mas são onze horas e um quarto — acrescentou ele olhando para o relógio e levantando-se. — Desejava ainda fazer-te uma pergunta, que de forma alguma se relaciona com este assunto.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Chatov, abandonando precipitadamente o seu lugar.

— Que queres dizer? — perguntou o visitante, interrogando com os olhos o dono da casa.

— Faz, faz a tua pergunta pelo amor de Deus — repetiu Chatov, preso de indizível indignação. — Hás de permitir-me que por minha vez te faça também uma. Suplico-te... não posso mais... faz a tua pergunta.

Depois de um momento de silêncio, Stavroguine começou:

— Ouvi dizer que tinhas certa influência sobre Maria, e que ela te via e escutava de bom grado. É verdade?

— Sim... escutava — respondeu Chatov um pouco perturbado.

— Conto daqui a poucos dias tornar público o meu casamento com ela.

— Isso é verdade? — murmurou Chatov, cujo rosto se mostrava consternado.

— Em que sentido é que falas? Este caso não apresentará nenhuma dificuldade; as testemunhas do casamento estão aqui. Tudo isso se fez em S. Petersburgo nas formas mais regulares e legais; se a coisa não foi conhecida até agora, foi porque as duas únicas testemunhas do casamento, Kirilov e Pedro, e por fim o próprio Lebiadkine (de quem eu tenho agora a

satisfação de ser cunhado) se comprometeram sob palavra de honra a guardar silêncio.

— Não falava disso... Exprimes-te com tal calma mas continua! Ouve, não te obrigaram a contrair esse casamento?

— Não, ninguém me obrigou — respondeu Stavroguine, a quem a suposição de Chatov fez sorrir.

— Mas ela pretende ter tido um filho? — prosseguiu Chatov com vivacidade.

— Pretende ter tido um filho? Bravo! Não o sabia. És tu a primeira pessoa a dizer-mo. Não teve um filho, não o podia ter. Maria é virgem.

— Ah! É também o que eu pensava! Escuta!

— Que tens, Chatov?

Chatov cobriu a cara com as mãos e voltou-se, mas de repente agarrou com força Stavroguine pelos ombros e gritou:

— Sabes, sabes ao menos por que fizeste tudo isso e por que te infliges agora uma punição tão pesada?

— A tua pergunta é fina e cáustica, mas tenho também a intenção de te assombrar; sim, eu sei pouco mais ou menos por que me casei então e por que me inflijo agora o que tu chamas uma punição.

— Deixemos isso... Falaremos disso mais tarde... Ouve agora: falemos do essencial, da questão principal; esperei-te durante dois anos.

— Sim?

— Esperei-te muitíssimo tempo e pensei sempre em ti. Tu és o único homem que pode... Já te escrevi da América sobre o assunto.

— Lembro-me muito bem da tua longa carta.

— Demasiadamente longa para ser lida de princípio a fim!... Estou de acordo; seis folhas de papel de carta. Cala-te, cala-te! Diz-me; podes-me conceder ainda dez minutos, mas já? Se não for possível esperarei mais tempo.

— Seja, conceder-te-ei meia hora, mas mais não, se isso não te transtorna a vida.

— E falarás também num outro tom — replicou com irritação Chatov. — Ouve, exijo quando deveria pedir... Compreendes o que é exigir, quando se deveria recorrer à prece?

— Compreendo que o destino te põe acima de todos os costumes, em vista dos fins elevados a atingir — respondeu em tom de mofa Stavroguine. — Vejo também com pena que tens febre.

— Peço-te que me respeites! — gritou Chatov. — Exijo o teu respeito! Reclamo-o, não pela minha pessoa (não me importo!) mas por outra coisa, durante os poucos instantes que durar a nossa conversa... Nós somos dois seres que se encontraram no infinito... e que se veem pela última vez. Deixa esse tom e toma o de um homem! Fala ao menos uma vez na tua vida, uma linguagem humana. Não é por mim, é por ti que te peço isto. Compreendes que me deves perdoar esse soco que te forneceu a ocasião de conheceres a tua imensa força... Eis nos teus lábios o desdenhoso sorriso de homem da sociedade. Oh! quando me compreenderás tu! Abandona o filho do fidalgo! Compreendes que exijo isto, exijo-o, se não calo-me e não falarei por nada deste mundo!

A sua exaltação tocava os limites do delírio. Stavroguine franziu o sobrecenho e tornou-se mais sério.

— Se consenti em ficar ainda meia hora em tua casa, quando o tempo é tão precioso para mim — disse ele gravemente — crê que tenho a intenção de te ouvir ao menos com interesse e estou certo de ouvir-te dizer muitas coisas novas.

Sentou-se numa cadeira.

— Senta-te! — gritou Chatov no instante em que se sentava.

— Permito-me contudo lembrar-te — prosseguiu Stavroguine — que tinha começado a falar-te de Maria e que pretendia dirigir-te, a seu respeito, uma pergunta, para ela, pelo menos, muito importante...

— O quê — perguntou Chatov com mau humor súbito.

Tinha o ar de um homem a quem interromperam de repente no ponto mais interessante do seu discurso e que, conservando os olhos fitos em nós, não teve tempo de compreender a pergunta que se lhe fez.

— Não me deixaste acabar — respondeu sorrindo Stavroguine.

— Isso não quer dizer nada! Mais tarde! — replicou Chatov com um gesto de desprezo, deixando em seguida o assunto que para ele era o principal.

Capítulo 7

Com o corpo debruçado para a frente, o indicador da mão direita levantado, num movimento evidentemente mecânico, Chatov, cujos olhos faiscavam, começou com voz quase ameaçadora.

— Sabes qual é, hoje, no universo inteiro o único povo crente chamado a renovar o mundo e a salvá-lo em nome do novo Deus, o único que possui as chaves da vida e da nova palavra? Sabes qual ê esse povo e como se chama?

— Da maneira como fazes a pergunta sou levado a concluir, e creio, sem dúvida, que é o povo russo...

— E ris! Oh, que raça! — vociferou Chatov.

— Acalma-te, peço-te; pelo contrário, esperava precisamente qualquer coisa desse género.

— Esperavas qualquer coisa deste género? Mas então não conheces estas palavras?

— Conheço-as muito bem; sei demasiadamente bem onde quero chegar. Toda a tua frase, mesmo a palavra povo crente, não é mais do que a conclusão da conversa que tivemos juntos no estrangeiro, há mais de dois anos, pouco antes da tua partida para a América... se a memória me não engana.

— Esta frase foi proferida por ti e não por mim. O que tu chamas «nossa» conversa, não foi uma conversa. Estava na realidade em frente um do outro, um mestre, pronunciando graves palavras, e um discípulo, ressuscitado de entre os mortos. Eu era esse discípulo e tu eras o mestre.

— Mas se bem me lembro, entraste para a sociedade depois de ter ouvido as minhas palavras e foi só depois disso que foste para a América.

— Sim, escrevi-te da América a esse respeito, contei-te tudo. Não pude libertar-me imediatamente das convicções que se tinham enraizado em mim desde a minha infância... É difícil mudar de Deus. Não te acreditei então porque não quis acreditar em ti, e mais ama vez enterrei me nessa dúvida... Mas a semente ficou e germinou. Seriamente,

responde-me a verdade: não leste até ao fim a carta que te mandei da América? Talvez não tivesses lido nem uma linha.

— Li três páginas, as duas primeiras e a última; além de ter lançado um rápido olhar às do meio. De resto, propunha-me sempre...

— E que importa isso? Deixemos a minha carta, que vá para o diabo! — replicou Chatov agitando a mão. — Se retratas agora o que do povo dizias então, como pudeste empregar essa linguagem? É isto o que agora me oprime.

— Naquela época não te mistifiquei; tentando persuadir-te, talvez procurasse convencer-me a mim próprio — respondeu evasivamente Stavroguine.

— Tu não me mistificaste! Na América dormi durante três meses sobre a palha, ao lado dum... infeliz, e soube dele que, na própria ocasião em que fazias brotar no meu coração as ideias de Deus e da Pátria, envenenavas a alma desse infortunado, desse maníaco do Kirilov... Fortificaste nele o erro e a mentira, exaltaste a sua inteligência até ao delírio... Olha-o agora, é a tua obra... Sei que já o viste.

— Antes de mais nada far-te-ei notar que o próprio Kirilov acabou de dizer-me há pouco que é feliz e que é bom. Não te enganaste em nada, pois tudo isso teve lugar ao mesmo tempo. Mas que concluis dessa simultaneidade? Repito, não fiz pouco de ti, nem dele.

— És ateu agora?

— Sou.

— E então?

— Era exatamente a mesma coisa.

— Não foi por mim que te pedi respeito do princípio desta conversa; com a tua inteligência poderias tê-lo compreendido — resmungou Chatov, indignado.

— Como vês, não me levantei logo a seguir à tua primeira palavra, não pus ponto final na tua conversa, não me retirei; pelo contrário, conservo-me aqui, respondo com doçura às tuas perguntas e... aos teus gritos. Por consequência ainda não te faltei ao respeito.

Chatov fez com o braço um gesto violento,

— Lembras-te das tuas expressões: «um ateu não pode ser russo», <um ateu deixa mesmo imediatamente de ser russo», lembras-te?

— Eu disse isso? — perguntou Stavroguine,

— Pergunta-lo ainda? Esqueceste-o? No entanto marcavas assim com extrema justeza um dos traços mais característicos do espírito russo. É impossível que o tenhas esquecido. Citar-te-ei outras das tuas palavras… dizias também então: «o que não é ortodoxo, não pode ser russo».

— Suponho que essa é uma ideia eslavófila.

— Não, os atuais eslavófilos repudiam-na. Tornaram-se pessoas cultas e estudiosas. Mas tu ias ainda mais longe: acreditavas que o catolicismo romano já não era cristianismo. Na tua opinião, Roma rezava a um Cristo que tinha cedido à terceira tentação do diabo. Declarando ao mundo inteiro que Cristo não pode renunciar a um reino terrestre, o catolicismo, dizias tu, proclamou com isso o Anticristo e perdeu todo o Ocidente. Se a França sofre, acrescentavas tu, a culpa é unicamente do catolicismo, porque ela repudiou o Deus infeto de Roma e não procurou outro. Eis o que disseste então! Lembro-me das tuas conversas.

— Se cresse, sem dúvida repetiria isso ainda hoje. Não mentia quando empregava a linguagem de um crente — prosseguiu Stavroguine muito seriamente. — Mas asseguro-te que me é extremamente desagradável lembrarem-me as minhas ideias de outrora. Não poderias deixar de falar nisso?

— Se tu cresses? — vociferou Chatov, sem de forma alguma se inquietar com o desejo expresso pelo seu interlocutor. — Mas não me disseste que se te pudessem provar matematicamente que a verdade está fora de Cristo, preferirias ficar com Cristo do que com a verdade? Disseste-me isso, disseste!

— Permites-me que te pergunte — replicou Stavroguine elevando a voz — a que visa este interrogatório apaixonado e... maldoso?

— Este interrogatório não é mais que um acidente fugitivo que passara sem deixar rasto na tua memória.

— Insistes sempre nessa ideia de que estamos fora do espaço e do tempo...

— Cala-te — gritou Chatov. — Sou desastrado e tolo, mas mesmo que o meu nome se afunde no ridículo! hás de permitir-me que te reproduza o que então era a tua principal teoria... Oh, só meia dúzia de palavras, só a conclusão.

— Seja, se é só a conclusão...

Stavroguine quis ver as horas no relógio, mas conteve-se.

De novo Chatov se debruçou para a frente e levantou o dedo para o ar.

— Nenhuma nação — começou ele, como se lesse num livro, continuando ao mesmo tempo a olhar para o seu interlocutor com ar ameaçador — nenhuma nação se organizou sobre os princípios da ciência e da razão; o facto nunca se produziu, salvo momentaneamente, num minuto de estupidez. O socialismo, no fundo, deve ser o ateísmo, pois desde o primeiro artigo do seu programa anuncia-se como abstraindo a divindade e diz repousar sobre bases científicas e racionais. Em todos os tempos, a ciência e a razão só desempenharam um papel secundário na vida dos povos e assim será até ao fim dos séculos. As nações formaram-se e modificaram-se em virtude de uma força motriz cuja origem é desconhecida e inexplicável. Essa força é o desejo insaciável de chegar ao fim e ao mesmo tempo nega o fim. É num povo ã afirmação constante e infatigável da sua existência e a negação da morte. É «o espírito da vida» como diz a Escritura, as «correntes de água viva» cuja seca o Apocalipse profetisa, o princípio estético ou moral dos filósofos, «a busca de Deus», para empregar a palavra mais simples. Era cada povo, em cada período da sua existência, o fim de toda a transformação nacional é somente a procura de Deus, de um seu Deus, no qual ele crê, como no Deus verdadeiro. Deus é a personalidade sintética de um povo inteiro, considerada desde as suas origens até ao seu fim. Ainda não se viu os povos ou muitos dentre eles reunirem-se na adoração comum de um mesmo Deus; sempre cada um teve a sua divindade própria. Quando os cultos começam a generalizar-se, a destruição das nacionalidades está próxima. Quando os deuses perdem o seu caráter indígena, morrem, e com eles os povos. Uma nação é tanto mais forte quanto mais o seu Deus é distinto dos outros. Nunca se encontrou um povo sem religião, quer dizer, sem a noção do bem e do mal. Cada povo interpreta estas palavras à sua maneira. Se as ideias do bem e do mal são compreendidas da mesma maneira por vários povos, estes morrem e a própria diferença entre o mal e o bem começa a apagar-se e a desaparecer. Nunca a razão pôde definir o mal e o bem, nem mesmo distingui-los um do outro, senão aproximadamente; pelo contrário, sempre os confundiu vergonhosamente; a ciência concluiu a favor da força bruta. Por ela sobretudo se distinguiu a meia-ciência, esse flagelo desconhecido da humanidade antes do nosso século e mais terrível para ela do que o mar, a fome ou a guerra. A meia-ciência é um déspota como nunca se viu outro até ao nosso tempo, um déspota que tem os seus pastores e os seus escravos, um déspota diante do qual se inclina com respeito idólatra tudo,

mesmo a verdadeira ciência, que lhe faz baixamente a corte. Foram estas as tuas próprias palavras, Stavroguine, salvo as palavras respeitantes à meia-ciência, que são minhas, porque eu mesmo não sou mais do que meia-ciência, e é por isso que eu a odeio particularmente. Mas os teus pensamentos e mesmo as tuas expressões reproduzi-as fielmente, sem lhes mudar uma vírgula.

— Duvido — observou Stavroguine. — Acolheste as minhas ideias com paixão e depois modificaste-as a teu belo prazer. Já esse facto de para ti Deus se limitar a um simples atributo da nacionalidade...

Pôs-se a examinar Chatov com atenção redobrada, ferido mais pela sua linguagem do que pela sua fisionomia nesse momento.

— Eu limito Deus, considerando-o como um atributo da nacionalidade? — exclamou Chatov. — Pelo contrário, elevo o povo até Deus. E quando é que isso foi de outra forma? O povo é o corpo de Deus. Uma nação não merece este nome senão enquanto tem o seu Deus próprio e repele obstinadamente todos os outros, enquanto conta com o seu Deus vencer e expulsar do mundo todas as divindades estranhas. Tal tem sido desde o começo dos séculos a crença de todos os grandes povos, de todos aqueles, pelo menos, que marcaram na história, de todos aqueles que têm estado à frente da humanidade. Não se pode ir de encontro a um facto. Os judeus viveram apenas para esperar o verdadeiro Deus e deixaram no mundo o verdadeiro Deus. Os gregos divinizaram a natureza e legaram ao mundo a sua religião, isto é, a filosofia e a arte. Roma divinizou o povo no Estado e legou o Estado às nações modernas. A França, no desenrolar da sua história, não fez mais do que encarnar e desenvolver em si a ideia do seu deus romano; se tombou no ateísmo, que lá se chama atualmente socialismo, é simplesmente porque o ateísmo é mais são do que o catolicismo de Roma. Se um grande povo não crer que só nele se encontra a verdade, se não se julgar o único a ser chamado para ressuscitar e salvar o universo pela sua verdade, cessa imediatamente de ser um grande povo para se tornar uma matéria etnográfica. Nunca um povo verdadeiramente grande se poderá contentar com um papel secundário na humanidade, nem mesmo um papel importante o satisfará, é-lhe preciso em absoluto o primeiro papel. A nação que renuncia a esta convicção, renuncia à existência. Mas a verdade é só uma e por consequência um só povo pode possuir o verdadeiro Deus. O único povo crente é o povo russo e... e... será possível que me julgues tão tolo, Stavroguine — disse ele de repente com

voz atroadora —, para repisar apenas uma banalidade de eslavofilismo moscovita? Que me importa o teu riso neste momento? Que me importa ser totalmente incompreendido por ti? Oh, como desprezo os teus ares desdenhosos e motejadores!

Levantou-se bruscamente, com espuma nos lábios.

— Pelo contrário, Chatov, pelo contrário — prosseguiu no mais sério dos tons Stavroguine, que se tinha conservado sentado — as tuas ardentes palavras despertaram em mim várias lembranças muito poderosas. Enquanto falavas, reconhecia a disposição do espírito em que me encontrava há dois anos, e agora já te não direi, como há pouco, que exageraste as minhas ideias de então. Parece-me mesmo que elas eram ainda mais explosivas, ainda mais absolutas, e asseguro-te pela terceira vez que desejaria vivamente confirmar de uma ponta à outra tudo quanto acabas de dizer, mas...

— Mas precisas de urna lebre?

— Como?

Chatov voltou a sentar-se.

— Aludo — respondeu ele com sorriso amargo — à frase ignóbil proferida em S. Petersburgo. «Para fazer lebradas é preciso lebres, é preciso uma lebre; para crer em Deus, é preciso um Deus».

— A propósito, permite-me que por minha vez te faça uma pergunta, tanto mais que agora, parece-me, tenho bem o direito de o fazer. Diz-me: a tua lebre foi apanhada ou ainda corre?

— Não tenhas a audácia de me interrogar nesses termos! Exprime-te de outra forma! — replicou Chatov, tremendo de cólera.

— Seja. Vou exprimir-me de outra forma — prosseguiu Stavroguine, fixando um olhar severo sobre o seu interlocutor. — Queria apenas perguntar-te isto: tu próprio crês ou não em Deus?

— Creio na Rússia, creio na sua ortodoxia… creio no corpo de Cristo... creio que uma nova vinda messiânica terá lugar na Rússia... creio... — balbuciou Chatov, que na sua exaltação só podia proferir palavras entrecortadas.

— Mas em Deus? Em Deus?

— Eu... creio em Deus.

Stavroguine ficou impassível.

Chatov olhou-o com expressão de desafio. Os olhos pareciam lançar chamas.

— Então não te disse que não acreditava por completo — exclamou ele por fim. — Por enquanto eu não sou mais do que um pobre e aborrecido livro, nada mais... Mesmo que o meu nome morra! Não é de mim que se trata, é de ti. Eu sou um homem sem talento e mais nada; como tal, só posso dar o meu sangue; pois bem, que ele seja derramado! Falo de ti, esperei-te aqui dois anos... Há meia hora que dancei todo nu para ti. Tu, só tu, poderias levantar essa bandeira!

Não acabou; como tomado de desespero, encostou-se à mesa e deixou cair a cabeça entre as mãos.

— É uma coisa interessante — observou de repente Stavroguine — que todos instem comigo para que levante uma bandeira qualquer! Pelas palavras que me comunicaram, Pedro está também persuadido de que poderia levantar a deles. Compenetrou-se de que desempenharia com eles e com sucesso o papel de Stenka Razine, graças ao que ele chama «as minhas raras disposições para o crime».

— Como? — perguntou Chatov — «Graças às tuas raras disposições para o crime?»

— Exatamente.

— Hem! É verdade — prosseguiu ele, com mau sorriso — é verdade que em S. Petersburgo fazias parte de uma sociedade secreta, tremenda e sensual? É verdade que o marquês de Sade poderia ter sido teu aluno? É verdade que seduzias e pervertias crianças? Fala, não mintas — gritou ele, fora de si. — Stavroguine não pode mentir diante de Chatov, que lhe bateu na cara! Diz tudo e, se for verdade, matar-te-ei neste mesmo instante!

— Proferi essas palavras, mas não ultrajei crianças — declarou Stavroguine.

Esta resposta, porém, só foi dada depois de um longo silêncio. Estava pálido e os olhos pareciam deitar chamas.

— Mas tu disseste-o! — prosseguiu Chatov em tom de chefe, fixando sempre nele um olhar que queimava. — É verdade que afirmavas não ver nenhuma diferença de beleza entre a farsa, a mais grosseiramente sensual, e a ação a mais heroica, mesmo que fosse a de sacrificar a vida pela humanidade? É verdade que encontravas nos dois extremos uma beleza e um prazer iguais?

— E impossível responder a tais perguntas... Recuso-me a responder — murmurou Stavroguine.

Podia muito bem ter-se levantado e saído, mas não o fez.

— Também não sei por que razão o mal é feio e o bem é belo — continuou Chatov, tremendo — mas sei por que o sentimento desta diferença se perde num Stavroguine. Sabes por que fizeste um casamento tão vergonhoso e estúpido? Justamente porque a vergonha e a estupidez desse ato pareceram-te ser geniais! Oh, não vadias à borda do abismo, atiras-te para ele atrevidamente, de cabeça! Havia nisso um audacioso desafia ao senso comum e foi isso que te seduziu, Stavroguine, desposando uma mundana coxa e idiota! Quando mordeste a orelha do governador, sentiste algum prazer? Sentiste ou não, meu pequeno aristocrata desocupado?

— És um psicólogo — respondeu Stavroguine cada vez mais pálido — embora em parte te tenhas enganado sobre as causas do meu casamento... Quem, de resto, te pode ter dado todas essas informações? — continuou ele com um sorriso forçado. — Seria Kirilov? Mas ele não tomou parte...

— Empalideces?

— Então que queres? — replicou Stavroguine, elevando por fim a voz. — Há meia hora que suporto o teu interrogatório, e podias ao menos despedir-me delicadamente... se com efeito não tens nenhum motivo razoável para brincar assim comigo.

— Nenhum motivo razoável?

— Sem dúvida. Pelo menos devias explicar-me o teu objetivo. Esperava sempre que o fizesses, mas em vez da explicação esperada, só encontrei em ti uma cólera doida. Abre-me a porta, peço-te!

Levantou-se para sair. Chatov, furioso, arremessou-se sobre ele.

— Beija a terra, rega-a com as tuas lágrimas, pede perdão! — gritou, segurando o visitante pelos ombros.

— No entanto não te matei... naquela manhã... e retirei as mãos após ter-te agarrado... — disse, quase dolorosamente, Stavroguine, baixando os olhos.

— Acaba, acaba! Vieste informar-me do perigo que corro, deixaste-me falar e queres amanhã tornar público o teu casamento!... Julgas que não leio no teu olhar que estás vencido por novo e terrível pensamento? Stavroguine, por que estou condenado a acreditar sempre em ti? Tenho pudor e no entanto não hesitei pôr-me nu, porque falava em Stavroguine. Não tive receio de ridicularizar uma grande ideia apropriando-me dela, porque Stavroguine ouvia-me... Julgas que não beijarei o rasto dos teus

pés, logo que tenhas partido? Não posso arrancar-te do meu coração, Stavroguine!

— Sinto não poder estimar-te, Chatov — respondeu ele friamente.

— Sei que isso te é impossível. Tu não mentes. Ouve, posso tudo remediar; obter-te-ei a lebre.

Stavroguine guardou silêncio.

— És ateu porque és imbecil, o último dos imbecis. Perdeste a distinção do bem e do mal, deixaste de conhecer o teu povo... Virá uma nova geração, saída diretamente do povo, e não a reconhecerás; nem tu, nem os Verkhovensky, pai e filho, nem eu, porque sou também um imbecil filho do teu servo, o criado Pachka. Ouve, procura Deus pelo trabalho. Tudo reside nele, de outra forma desaparecerás como vil podridão. Procura Deus pelo trabalho.

— Por que trabalho?

— Pelo do mujique, Vai, abandona as tuas riquezas... Ah, ris, achas o meio um pouco duro?

Mas Stavroguine não ria.

— Supões que se pode encontrar Deus pelo trabalho e, em particular, o trabalho do mujique? — perguntou ele, refletindo, como se de facto esta ideia lhe tivesse parecido digna de ser examinada. — A propósito — continuou ele — sabes que não sou nada disso, de maneira que não terei nada que abandonar! Mal tenho meios de assegurar a existência de Maria... E mais ainda: vinha pedir-te para manteres, se isto é possível, o teu interesse por ela, certo como é que só tu podes ter certa influência sobre o seu pobre espírito... Digo isto por acaso.

Chatov, que numa das mãos tinha uma vela, agitou a outra em sinal de impaciência.

— Bem, bem, falarás de Maria, mas mais tarde... Ouve, vai ver Tikhon.

— Quem?

— Tikhon. É um velho padre. Teve de deixar as suas funções por causa de uma doença e vive agora na cidade, no mosteiro de Santo Euthyme.

— Que pensarão disso?

— Nada. Tens que dar algumas satisfações ao mundo? Vai, não te importes!

— É a primeira vez que ouço falar dele e... Nunca convivi com essa espécie de gente. Agradeço-te... Irei.

Chatov alumiou a escada ao visitante e abriu a porta da rua.

— Não virei mais a tua casa, Chatov — disse em voz baixa Stavroguine no momento em que saía.

A obscuridade continuava espessa e a chuva não tinha deixado de cair com violência.

Parte 2

Capítulo 1

Seguiu toda a rua *Épiphanie* e atingiu por fim o sopé da montanha. Caminhava, enterrando-se na lama. Subitamente abriu-se-lhe na frente como que um espaço largo e vazio, meio escondido pelo nevoeiro — era o rio. As casas não eram mais do que casebres, a rua dava mil voltas e reviravoltas, entre as quais era difícil orientar-se. No entanto Stavroguine encontrou o caminho sem quase dar por isso. Outros pensamentos o preocupavam e não ficou pouco surpreendido quando, saindo da sua abstração e levantando os olhos, se encontrou de repente no meio da ponte. Nem viva alma se via nos arredores. Grande foi portanto o seu espanto quando se sentiu interpelado com familiaridade delicada por uma voz que parecia vir do chão. A voz muito agradável tinha as inflições que costumam empregar no nosso país os burgueses supercivilizados e os elegantes gerentes das lojas.

— Permita-me, senhor, que aproveite o seu guarda-chuva.

De facto uma forma humana deslizava ou parecia deslizar para debaixo do guarda-chuva de Stavroguine. Este retardou o passo e inclinou-se para examinar, tanto quanto a obscuridade o permitia, o passeante noturno que se tinha posto a andar ao seu lado. Era homem de pequena estatura e tinha o ar de um pequeno burguês. Não estava nem confortável, nem elegantemente vestido. Um boné de pano todo molhado, cuja pala ameaçava despegar-se, cingia-lhe a cabeça e os cabelos pretos e encaracolados. Devia ser um indivíduo de quarenta anos, moreno, magro e robusto; os seus grandes olhos negros e brilhantes tinham um reflexo amarelo, parecido com o que se nota nos ciganos. Não parecia ébrio.

— Conhece-me? — perguntou Stavroguine.

— Senhor Stavroguine, faz domingo oito dias que mo indicaram na estação, logo que o comboio parou. De resto já tinha ouvido falar muito em si.

— Por Pedro? É... Fedka, o forçado?

— Batizaram-me Fédor Fedorovitch; ainda tenho mãe, que vive neste país; a boa mulher reza por mim noite e dia para não perder o seu tempo, à

porta de casa, onde está continuamente deitada.

— Evadiu-se das galés?

— Mudei de carreira. Renunciei aos negócios eclesiásticos, porque se apanha uma grande talhada quando se é apanhado; já tinha tomado esta resolução durante a minha estada nas galés.

— Que faz aqui?

— Como vê, passeio noite e dia. O meu tio morreu a semana passada na prisão da cidade; fora preso como moedeiro falso. Desejando mandar dizer uma missa em sua intenção, atirei uma dezena de pedras aos cães: é a minha ocupação neste momento. Fora disso, Pedro deve arranjar-me um passaporte de mercador que me permitirá viajar em toda a Rússia Espero isso da sua bondade. Outrora — disse ele — o meu pai arriscou uma entrada numa partida de cartas no Grémio Ablais e perdeu; acho a sua maneira de proceder injusta e desumana. Poderia dar-me, senhor, três *rublos* para me poder aquecer e tomar uma chávena de chá?

— Tinha-se postado neste lugar para me esperar e eu não gosto disso. Quem lho ordenou?

— Ninguém; conhecia simplesmente a sua generosidade que ninguém ignora. No nosso modo de vida, o senhor sabe-o muito bem, há altos e baixos. Olhe, sexta-feira, abarrotei-me de pastéis até aqui, mas há três dias que aperto a barriga... A sua bondade não terá um gesto de largueza? Tenho justamente, não longe daqui, uma comadre que me espera, porém não nos podemos apresentar em casa dela quando não se tem *rublos*.

— Pedro prometeu-lhe alguma coisa da minha parte?

— Não é que ele me tenha prometido alguma coisa. Disse-me apenas que, dado um certo caso, poderia ser útil ao senhor... Mas de que se trata ao certo? Ele não mo explicou claramente, porque Pedro não tem nenhuma confiança em mim.

— E porquê?

— Pedro é *astrólomo* e conhece todos os *planetas* de Deus, mas isso não impede que tenha também os seus defeitos. Digo-lho com franqueza porque tenho ouvido muito falar de si, e sei que o senhor e Pedro são duas pessoas distintas. Quando se diz de alguém que é um covarde, nada mais se sabe desse homem senão que é um covarde. Se se decidiu que certa pessoa é um imbecil, não se quer mais ver nele senão imbecilidade. Mas eu posso só ser imbecil às terças-feiras e quartas, ao passo que às quintas poderei mesmo ser mais inteligente do que ele. Por exemplo, ele sabe que

neste momento suspiro por um passaporte (visto que Da Rússia é indispensável ter um) e julga por esse facto ter-me absolutamente nas mãos. Além disso é terrivelmente avaro. Supõe que não ousarei incomodá-lo antes dele mo ordenar; pois bem digo-lhe a verdade como diante de Deus: esta é já a quarta noite que espero o senhor neste lugar, porque não tenho necessidade de Pedro para encontrar o meu caminho. Mais vale, pensei eu, dirigir-me a Deus do que aos intermediários.

— Mas quem te disse que passaria de noite neste sítio?

— Soube-o indiretamente, graças à estupidez do capitão Lebiadkine, que nada sabe guardar para si... Por esta razão o senhor dar-me-á, por exemplo, três *rublos* pelos três dias e três noites em que enregelei a esperá-lo. Não falo das minhas roupas que ficaram encharcadas com a chuva; é um pormenor que deixo de lado por mera delicadeza.

— Vou para a esquerda e tu para a direita, visto estarmos chegados à extremidade da ponte. Escuta, Fedka, gosto que compreendam as minhas palavras uma vez por todas; não te darei nem um *kopek,* e não quero mais encontrar-te de futuro, nem aqui nem noutra parte, pois não tenho necessidade de ti, nem nunca terei. Se não tomares em consideração este aviso, agarro-te e entrego-te à polícia. Afasta-te!

— Eh, dê-me ao menos alguma coisa por lhe ter feito companhia. Alegrei-lhe o passeio.

— Desaparece.

— Conhece o seu caminho para estes lados? Há tantos becos que se entrecruzam, por essa cidade, que dir-se-ia na verdade que o diabo a trazia num cesto e a espalhou ao acaso pelo chão!

— Espera, vou-te prender! — disse Stavroguine virando-se para Fedka com ar ameaçador.

— Oh, senhor, não terá coragem de fazer mal a um órfão.

— Parece que contas muito contigo!

— Não é comigo que eu conto, senhor, é consigo.

— Já te disse que não tenho nenhuma necessidade de ti!

— Mas eu, senhor, tenho necessidade de si, ora aí está! Encontrar-me-á quando tornar a passar... Esperá-lo-ei.

— Dou-te a minha palavra de honra que se te encontro, prendo-te!

— Muito bem! Nesse caso terei o cuidado de me munir com uma correia. Boa viagem, senhor; em suma, abrigou o órfão sob o seu guarda-chuva. Só por isso ser-lhe-ei reconhecido até à morte.

Afastou-se. Stavroguine prosseguiu o seu caminho entregando-se às suas reflexões. Este homem caído do céu tinha a convicção de que lhe era necessário e tinha-se apressado a declarar-lho sem mais formalidades. Em geral ninguém se constrangia absolutamente nada diante dele. Mas talvez nem tudo fosse mentira nas palavras do vagabundo, talvez de facto lhe tivesse oferecido os seus serviços espontaneamente e sem o conhecimento de Pedro; nesse caso a coisa ainda era mais singular.

Capítulo 2

A casa para a qual Stavroguine se dirigia estava situada num canto afastado, na extremidade da cidade; completamente isolada, só tinha na sua vizinhança pomares. Era uma casinha de madeira que acabara de ser construída e que ainda não estava revestida exteriormente. Numa das janelas tinham deixado propositadamente as bandeiras abertas e sobre o peitoril colocaram uma vela, evidentemente destinada a guiar o visitante esperado a essa hora tardia. Stavroguine encontrava-se ainda a trinta passos da casa quando divisou, de pé, no patamar, um homem de alta estatura, sem dúvida o dono da casa, que tinha saído para lançar um golpe de vista pelo caminho.

— És tu? — perguntou o personagem num misto de impaciência e timidez.

— Sou eu — disse ele, enquanto fechava o guarda-chuva.

— Até que enfim! — prosseguiu o dono da casa, adiantando-se para o visitante; aquele não era mais do que o nosso conhecido capitão Lebiadkine. — Dá-me o guarda-chuva; está todo molhado e eu vou abri-lo aqui a um canto, no chão. Entra, peço-te, entra.

A porta do vestíbulo, escancarada, dava acesso a um quarto iluminado por duas velas.

— Tinha a tua palavra; sem isso teria desesperado da tua visita.

Stavroguine consultou o relógio.

— Meia noite e três quartos — disse ele, entrando no quarto.

— E depois a chuva, a distância que é grande... não tenho relógio e da janela só se veem jardins, de modo que... está a gente em atraso quanto aos acontecimentos... Mas eu não murmuro, não mo permitiriam; somente, há oito dias, sinto-me devorado de impaciência, tarda-me chegar enfim... a uma solução.

— Como?

— Ouvi a resolução que decidirá da minha sorte, Stavroguine! Peço-te...

Inclinou-se, indicando uma cadeira a Stavroguine.

Este último percorreu com a vista o quarto; pequeno e baixo, não continha quanto a móveis mais do que o estritamente necessário: cadeiras e um sofá de madeira, fabricados há pouco, sem guarnições e sem almofadas, duas pequenas mesas de tília, uma perto do sofá, outra num canto; esta última, coberta com toalha, estava carregada de coisas sobre as quais haviam estendido um pano muito limpo. De resto, todo o quarto parecia estar devidamente cuidado. Havia oito dias que o capitão não se embriagava; tinha as faces inchadas e amarelas; o seu olhar era inquieto, curioso e um tanto indeciso; via-se que Lebiadkine não sabia ainda que tom deveria tomar e que atitude seria mais de molde a servir os seus interesses.

— Ora aí tens — disse ele, agitando o braço em volta — vivo como um *zasine.* Sobriedade, solidão e pobreza: os três votos dos antigos cavaleiros.

— Supões que os antigos cavaleiros faziam tais votos?

— Talvez me engane! É possível, não tenho instrução! Perdi tudo! És capaz de acreditar, Stavroguine? Aqui, pela primeira vez, sacudi o jugo das paixões vergonhosas… nem um copinho, nem uma gota! Tenho um albergue, e há seis dias que aprecio as alegrias da consciência. Estes próprios muros tem um bom aroma a resina que lembra a natureza. Que era eu? Que era eu? «Não tendo abrigo para a noite, durante o dia puxa pela língua», segundo a expressão do poeta! Mas... estás encharcado! Queres tomar chá?

— Não te incomodes.

— O samovar fervia antes das oito horas, mas... arrefeceu... como tudo no mundo. O próprio Sol dizem que arrefecerá também um dia... De resto, se for preciso, irei dar ordens a Agafia, pois ainda não está deitada.

— Diz-me, a Maria…

— Está aqui, está aqui — respondeu imediatamente Lebiadkine em voz baixa. — Queres vê-la? — acrescentou ele, mostrando uma porta meia-cerrada.

— Ela não está a dormir?

— Oh, não, não é possível! Pelo contrário, espera-te desde o princípio da tarde e, desde que soube que devias vir, apressou-se a arranjar-se — continuou o capitão, que ao mesmo tempo quis tentar um sorriso jovial, mas não passou da intenção.

— Como está ela em geral? — perguntou Stavroguine, cujas sobrancelhas se encresparam.

O capitão encolheu os ombros em sinal de compaixão.

— Em geral? Tu próprio o sabes, mas agora, agora arranja-se como pode... deita as cartas.

— Está bem, trataremos disso mais tarde; em primeiro lugar é preciso tratar do que te diz respeito.

Stavroguine sentou-se numa cadeira.

O capitão, não ousando sentar-se no sofá, apressou-se a escolher outra cadeira e, ansioso, preparou-se para ouvir o que Stavroguine tinha a dizer-lhe.

Repentinamente a atenção deste último foi chamada para a mesa colocada ao canto.

— O que é que está debaixo daquele pano? — perguntou ele.

— Aquilo? — disse Lebiadkine, virando-se para o objeto indicado. — Aquilo provém das tuas liberalidades: desejava ter as minhas provisões, pois me lembrei que depois de tão grande percurso terias necessidade de te reconfortar — concluiu ele, com frouxo sorriso.

Levantou-se, aproximou-se lentamente da mesa e retirou o pano com precaução. Então apareceu uma refeição muito decentemente servida e oferecendo um aspeto muito agradável: nela havia presunto, vitela, sardinhas, uma grande garrafa esverdeada e outra de vinho de Bordéus.

— Tu é que trataste disto?

— Sim, desde ontem que nada omito para fazer as honras. Neste capítulo, tu mesmo o sabes, Maria está completamente indiferente. Mas, repito-o, tudo isto provém das tuas liberalidades, tudo isto te pertence, porque aqui tu és o chefe e eu, por assim dizer, não sou mais do que o teu empregado; no entanto, Stavroguine, da minha maneira de pensar sou independente! Não me tires este último bem, o último que me resta! — concluiu ele em tom patético.

— Olha, devias sentar-te.

— Reco-nhe-ci-do, reconhecido e independente. — E sentou-se. — Olha, Stavroguine, este coração está tão cheio que perguntava a mim próprio se não iria rebentar antes da tua chegada! Agora és tu que vais decidir da minha sorte, e... da desta infeliz. Agora... agora como outrora, como há quatro anos, expandir-me-ei contigo. Naquele tempo dignavas-te ouvir-me, lias as minhas estrofes... Então chamavas-me o teu Falstaff!...

mas isso que importa? Marcaste tanto na minha vida!... Tenho agora grandes receios e por isso só de ti espero conselho, luz. Pedro trata-me de forma horrorosa!

Stavroguine ouvia-o com curiosidade e fixava sobre ele um olhar perscrutador. Evidentemente que o capitão Lebiadkine, embora tivesse deixado de se embriagar, estava longe de ter recuperado as suas faculdades mentais. As criaturas que durante longos anos se entregam às bebidas, conservam sempre alguma coisa de incoerente, de indeciso e desarranjado; no entanto esta espécie de loucura não os impede de se mostrarem astuciosos, quando necessário, e de enganarem os seus amigos quase tão bem como os outros.

— Vejo que não mudaste nada, capitão, desde há quatro anos — observou em tom um pouco mais afável Stavroguine. — Isso prova que a segunda parte da vida humana compõe-se exclusivamente dos hábitos contraídos durante a primeira.

— Grandes palavras que cortam o nó górdio da vida! — exclamou Lebiadkine com admiração meia hipócrita, meia sincera, pois gostava muito das belas frases. — Entre todas as tuas frases, Stavroguine, há sobretudo uma de que me lembro e que pronunciaste em S, Petersburgo: «é preciso ser um grande homem para saber resistir ao bom senso». É assim?

— Um grande homem ou um imbecil.

— É certo, mas tu durante toda a tua vida semeaste o espírito às mãos cheias, ao passo que eles? Que Lipoutine, que Pedro emitam algum pensamento semelhante! Oh, como Pedro tem sido duro para mim!

— Mas tu próprio, capitão, como te conduziste?

— Estava ébrio e além disso tenho tal quantidade de inimigos! Mas agora não se fala mais nisso. Vou mudar de pele como uma serpente. Sabes tu, Stavroguine, que fiz o meu testamento? Até mesmo já o escrevi.

— É curioso. Que herança deixas, e a quem?

— À pátria, à humanidade e aos estudantes. Ouve, Stavroguine, li nos jornais a biografia de um americano» Legou toda a sua imensa fortuna às fábricas e às ciências positivas, o esqueleto à academia da cidade onde residia e a pele para fazer um tambor, com a condição de nesse tambor se tocar noite e dia o hino nacional da América. Oh, somos pigmeus comparados aos cidadãos dos Estados-Unidos; a Rússia é um jogo da natureza e não do espírito. Tive a honra de servir, no princípio da minha

carreira, no regimento de infantaria de Akmolinsky: se então me lembrasse de lhe legar a minha pele sob a forma de tambor, com a condição do hino nacional russo ser tocado todos os dias nesse tambor diante do regimento, veriam nisso liberalismo, interdiriam a minha pele... e foi por isso que me limitei aos estudantes. Quero legar o meu esqueleto a uma academia, mas estipulando ainda que nele seja colado um dístico, no qual se leia através dos tempos: «livre-pensador arrependido». Ora aí tens!

O capitão tinha falado com calor. É certo que achava muito interessante o testamento do americano, mas tinha também um fim manhoso, e o seu principal fito era fazer rir Stavroguine, junto de quem tinha exercido durante muito tempo o lugar de bobo. Esta esperança foi iludida. Stavroguine nem mesmo sorriu.

— Tens, sem dúvida, a intenção de tornar conhecidas, enquanto vivo, as tuas disposições testamentárias a fim de obter uma recompensa? — perguntou ele, algum tanto severamente.

— E se assim fosse, Stavroguine, se assim fosse? — perguntou Lebiadkine. — Sabes qual é a minha situação! Deixei mesmo de fazer versos. Antigamente as produções da minha musa divertiam-te. Lembras-te de certos versos sobre uma garrafa? Mas pousei a pena. Escrevi só uma poesia, que é para mim o canto do cisne, como para Gogol o foi a sua *Dernière Nouvelle.* Agora tudo acabou.

— Qual é então essa poesia?

— «No caso de ela partir a perna!»

— O quê?

Era o que queria o capitão. Tinha a maior admiração pelas suas poesias, mas um poeta era para ele ao mesmo tempo um parasita, por isso abandonava os seus versos gostosamente ao escárnio de Stavroguine, que de ordinário em S. Petersburgo, não podia ouvi-los sem rebentar de riso. Na circunstância presente, Lebiadkine demandava outro objetivo, de uma natureza muito delicada. Dando à conversação este ar, contava justificar-se num ponto que o inquietava até não poder mais e no qual se sentia muito culpado.

— «No caso de ela partir a perna», quer dizer, no caso de uma queda de cavalo. É uma fantasia, Stavroguine, um delírio, mas um delírio de poeta: um dia, no meu caminho, encontrei uma amazona e fiz-lhe esta pergunta: «Que encontraria ele então?», isto é, neste caso. A coisa é clara: todos os amorosos se eclipsariam logo, somente o poeta, com o coração

retalhado, ficaria imutavelmente fiel. Um verme mesmo pode estar enamorado, pois as leis não lho proíbem. Todavia a pessoa ofendeu-se com a carta e com os versos. Diz-se que tu te encolerizaste também; é desolador, e não quero mesmo acreditá-lo. Vejamos, a quem poderia eu fazer uma afronta, por uma simples fantasia? E depois, juro-o pela minha honra, foi Lipoutine quem inventou tudo: «envia-a, envia-a», não cessava ele de me dizer. «O direito de escrever pertence a toda a gente». Não fiz mais do que seguir os seus conselhos.

— Parece que fizeste um pedido de casamento…

— Os meus inimigos, os meus inimigos, sempre os meus inimigos...

— Recita os teus versos! — interrompeu duramente Stavroguine.

— É um delírio... É preciso não considerar a coisa de outra maneira.

Contudo endireitou-se, estendeu os braços para diante e começou:

A beleza das belezas, por um destino fatal,
Estropiou-se, caindo do cavalo;
E o seu adorador, depois que ela está coxa,
Sente redobrar o seu rancor amoroso.

— Vamos, basta — disse Stavroguine com um gesto de impaciência.

Sem transição, Lebiadkine desviou a conversa para outro assunto.

— Sonho com S. Petersburgo e aspiro a regenerar-me... Meu benfeitor! Posso esperar que não me recusará os meios para fazer essa viagem? Esperei-o toda esta semana como se fosse o Sol.

— Não, perdoa-me, não me resta quase nenhum dinheiro e, de mais, para que to dar?

Este pedido de dinheiro parecia ter irritado subitamente Nicolau.

Secamente, em poucas palavras, enumerou todos os delitos do capitão: a sua ebriedade, as suas loucuras, a sua conduta a respeito de Maria, à qual gastara a pensão e fizera sair do convento, as suas tentativas de ludibrio, a sua maneira de agir com Dacha, etc., etc. O capitão agitava-se, gesticulava, tentava responder, mas de cada vez Stavroguine impunha-lhe silêncio.

— Permites-me acrescentar uma última palavra — rematou ele. — Em todas as tuas cartas falas de «desonestidade doméstica». Que desonestidade há para ti no casamento de tua irmã comigo?

— Mas esse casamento é ignorado. Ninguém o conhece, é um segredo fatal. Recebo dinheiro de ti e de repente perguntam-me: a que título recebes tu esse dinheiro? Estou preso, não posso responder, e isso traz prejuízo à reputação de minha irmã e à honra do meu nome.

O capitão elevara o tom de voz; gostava deste tema, do qual esperava um efeito seguro. Ah, que deceção lhe estava reservada! Tranquilamente, como se fosse movido pela coisa mais simples do mundo, Stavroguine comunicou-lhe que daí a poucos dias, talvez no dia seguinte ou no outro dia, tinha a intenção de levar o seu casamento ao conhecimento «da polícia, assim como ao da sociedade», o que cortaria do mesmo golpe a questão da honra doméstica e a do dinheiro. O capitão arregalava os olhos: no primeiro momento não compreendeu. Stavroguine teve que lhe explicar as suas palavras.

— Mas é uma... louca!

— Tomarei disposições por esse motivo.

— Mas... que dirá a tua mãe?

— Dirá o que quiser.

— E introduzirás a tua mulher na tua casa?

— Sim, talvez. De resto, isso não te diz respeito.

— Como, isso não me diz respeito? — gritou o capitão. — Mas qual será então a minha situação?

— Bem. Naturalmente não entrarás em minha casa.

— Contudo sou um parente.

— Dos parentes como tu, foge-se deles. Por que te darei eu então o dinheiro? Julga-te tu mesmo.

— Stavroguine, é impossível. Refletirás talvez ainda... não poderás esquecer... o que se pensará, o que se dirá na sociedade…

— Tenho lá medo da tua sociedade! Desposei a tua irmã porque, depois de um jantar, estando bêbado, apostei que a desposaria, e agora fá-lo-ei saber publicamente... se isto me aprouver.

Pronunciou estas palavras com uma espécie de cólera. Lebiadkine começou a crer que era a sério e o assombro apoderou-se dele.

— Mas eu, vejamos, o principal aqui sou eu!... Tu gracejas talvez, Stavroguine!

— Não, não gracejo.

— És livre, Stavroguine, mas eu não creio... pois então apresentarei a minha queixa.

— És terrivelmente estúpido, capitão.

— Seja, mas é tudo o que me resta a fazer — replicou Lebiadkine, que não sabia já o que dizia. — Outrora, em S. Petersburgo, quando ela trabalhava nas casas de móveis, davam-nos ao menos alojamento. Mas agora, que será de mim se me abandonas?

— Não queres então ir para S. Petersburgo, para começares uma carreira nova? A propósito, depois do que te ouvi dizer, propunhas-te ir denunciar-nos, na esperança de obteres o teu perdão marcando todos os outros?

O capitão ficou de boca aberta, olhando com grandes olhos para o seu interlocutor.

Stavroguine inclinou-se sobre a mesa.

— Escuta, capitão — prosseguiu ele de repente, num tom extremamente sério; até então tinha falado de uma maneira bastante equívoca, se bem que Lebiadkine, habituado ao papel de bobo, tivesse podido perguntar-lhe se estava realmente encolerizado ou se queria rir, se cuidava na realidade tornar o seu casamento público ou se era somente um gracejo; agora não tinha que se enganar: a cara de Stavroguine estava tão severa que um arrepio lhe percorreu a espinha dorsal. — Escuta e diz-me a verdade, Lebiadkine: revelaste alguma coisa ou ainda o não fizeste? Não entraste ainda no caminho das denúncias? Não escreveste, por asneira, alguma carta?

— Não, não fiz ainda nada e... não pensei mesmo nisso — respondeu o capitão, que tinha sempre os seus olhos fixos em Stavroguine.

— Sim, mentes quando dizes que não pensaste nisso. É mesmo com essa intenção que queres ir a S. Petersburgo. Não escreveste, não soltaste uma palavra a mais, conversando aqui com alguém? Responde francamente, pois ouvi falar de alguma coisa.

— Conversei com Lipoutine, estando ébrio. Lipoutine é um traidor. Abri-lhe o coração — murmurou o capitão, tornando-se pálido.

— Não é proibido mostrar o coração, mas é preciso não ser estúpido. Se tinhas essa ideia, devias guardá-la para ti. Hoje os homens inteligentes calam-se, em lugar de tagarelarem.

— Stavroguine! — exclamou, tremendo, Lebiadkine — pessoalmente, não tomaste parte em nada e eu não te...

— Oh, sei bem que não ousarias denunciar quem te sustenta.

— Stavroguine, julga, julga!

E desesperado, com as lágrimas nos olhos, o capitão contou a sua vida passada, durante os últimos quatro anos. Era a estúpida história de um imbecil a quem a embriaguez e a preguiça arrastaram e envolveram num assunto para o qual não tinha vocação e do qual até ao último momento, quase não compreendeu a gravidade. Contou como em S. Petersburgo se deixou arrastar, a princípio simplesmente por amizade, como um bom estudante, posto não fosse um estudante: sem nada saber, «o mais inocentemente possível», espalhava diversos papéis pelas escadas, metia-os em embrulhos de dez debaixo das portas, pendurava-os nos cordões das campainhas, distribuía-os à semelhança de jornais, introduzia-se nos teatros, metendo-os nos chapéus e nos bolsos dos espectadores. Em seguida tinham-lhe dado dinheiro para fazer este trabalho, que aceitara «porque era preciso viver»! Em duas províncias divulgou, de distrito em distrito, «toda a espécie de vilanias».

— Oh! Stavroguine — exclamou ele — nada me revolta tanto como esses ataques dirigidos contra as leis civis e sobretudo contra as da pátria. «Pegai em forcados», lia-se num desses papéis, «pensai que aquele que de manhã sai pobre de sua casa, poderá à noite voltar rico». «Fechai o mais depressa possível as igrejas», dizia-se numa proclamação de cinco ou seis linhas dirigida a toda a Rússia, «aniquilai Deus, aboli o casamento, suprimi o direito de herança, armai-vos de facas». Só o diabo sabe o que vinha a seguir. Estes horrores faziam-me tremer, mas eu distribuía-os da mesma forma. Um dia quase me iam queimando: fui surpreendido por alguns oficiais, no momento em que tentava introduzir numa caserna esta proclamação de cinco linhas. Por felicidade contentaram-se em me espancar, deixando-me partir em seguida. Que Deus os recompense! Aqui, o ano passado, estive quase a ser preso quando entregava a Korovaiev umas notas falsas fabricadas em França, mas, graças a Deus, Korovaiev, estando ébrio, afogou-se num tanque e nada se pôde provar contra mim. Uma tarde, proclamei em casa de Virguinsky a liberdade social da mulher. No mês de junho, de novo espalhei vários papéis no distrito de ***. Parece que ainda me querem forçar a isso... e Pedro dá-me a entender que devo obedecer. Há muito tempo já que me ameaça. E a forma como me tratou no outro domingo! Sou um escravo, sou um verme, mas não um Deus, e só por isso me distingo de Derjavine. Vês qual é a minha desgraça!

Stavroguine ouviu-o com curiosidade até ao fim.

— Não sabia isso — disse ele — mas é natural, pois a um homem como tu tudo pode acontecer... Ouve — continuou ele depois de refletir um instante — se quiseres, diz-lhes, diz àquele que tu sabes, que os propósitos de Lipoutine são histórias e que as tuas ameaças de denúncia só visavam a minha pessoa porque, julgando-me comprometido também, contavas por essa forma extorquir-me dinheiro... Compreendes?

— Stavroguine, meu amigo, será possível que estejas exposto a tal perigo? Estava ansioso por te ver, para te interrogar.

O visitante sorriu.

— Com toda a certeza não te deixarão ir a S. Petersburgo, mesmo que te dê dinheiro para fazeres essa viagem... Mas é tempo de me avistar com a Maria.

Levantou-se.

— Quais são as tuas intenções no que diz respeito a Maria?

— Já tas disse.

— É possível que isso seja verdade?

— Não o crês ainda?

— Assim, vais deixar-me como se eu fosse uma velha bota fora de uso?

— Vê-lo-ei — respondeu Stavroguine, rindo. — Vamos, anuncia-me.

— Queres que vá para o patamar?... Ali poderia, sem o fazer de propósito, ouvir a vossa conversa... porque os quartos são pequenos.

— Seja... Vai para o patamar... Leva o guarda-chuva.

— O teu? Serei digno de me abrigar debaixo dele?

— Toda a gente é digna de um guarda-chuva.

— Especificas com isso o mínimo dos direitos do homem.

O capitão pronunciou estas palavras maquinalmente: estava esmagado, aniquilado pelas notícias que acabava de saber. E no entanto, apenas chegou ao patamar, este homem, tão dissolvente como inconsistente, pôs-se à escuta, pensando que Stavroguine procurava dar-lhe o troco com mentiras: a ser assim, não era ele que devia ter medo, visto todos o temerem.

«Se mente, se me engana, qual será o seu fim?», perguntou a si próprio Lebiadkine. Tornar público o casamento parecia-lhe um absurdo: «é certo que da parte de tal monstro tudo se deve esperar; ele só vive para fazer mal aos outros. Mas quem sabe se ele próprio não tem medo, depois da inaudita afronta que recebeu outro dia? Receia que não revele o seu

casamento, e daí a razão por que se apressou a vir dizer-me que ia ele próprio torná-lo conhecido. Oh, cuidado, não te enganes, Lebiadkine! E por que razão veio de noite, às escondidas, quando deseja tanto a publicidade? Mas se tem medo, evidentemente que é há pouco tempo, a sua inquietação deve ser muito recente... Eh, cuidado com os descuidos, Lebiadkine! Mete-me medo com o Pedro. É esse o ponto terrível! E por que razão fiz algumas confidências a Lipoutine? Só o diabo sabe o que esses demónios arquitetam. Nunca pude ver claro nisso. Começam de novo a agitar-se, como há cinco anos. A quem, na verdade, os poderia eu denunciar? *Não podias ter escrito a alguém por estupidez?* Hem! Então poder-se-ia escrever por estupidez? Não é este o conselho que ele me dá? *Tu vais para isso a S. Petersburgo*. O patife! Esta ideia mal tinha surgido no meu espírito e já ele a adivinhava! Dir-se-ia que, sem o parecer, me leva a ir lá. Só pode haver nisto duas suposições possíveis: ou, repito-o, tem medo porque está metido em maus lençóis, ou... ou nada receia por ele e excita-me surdamente a denunciá-los a todos! Oh, a conjetura é delicada! Lebiadkine, trata de não fazeres tolices!

Estava tão absorto nas suas reflexões que nem mesmo pensou continuar à escuta. De resto ser-lhe-ia difícil ouvir a conversa, porque a porta era maciça e inteiriça; por outro lado, falavam em voz baixa; o capitão só ouvia sons indistintos. Cuspinhou e voltou para o patamar, assobiando.

Capítulo 3

O quarto de Maria era duas vezes maior que a sala ocupada pelo capitão, mas não estava mais elegantemente mobilado; a mesa colocada em frente do sofá estava coberta com uma toalha de cor, sobre o chão estendia-se um belo tapete, a cama estava encoberta por uma grande cortina verde, que dividia o quarto em dois, e perto da mesa um divã grande e macio, no qual no entanto Maria não estava sentada. Aqui, como na habitação da rua *Épiphanie,* uma lâmpada ardia a um cauto, diante de uma imagem, e sobre a mesa encontravam-se também os mesmos objetos: baralhos de cartas, espelhos, uma coleção de canções, tudo, mesmo até o pequeno pão alvo; além disso via-se um álbum de fotografias e dois livros com gravuras coloridas: um era um relato de viagens, escrito para crianças, o outro era um conjunto de histórias morais e na sua maior parte cavaleirescas. Como dissera o capitão, Maria esperava o visitante, mas quando este entrou, dormia meia deitada no sofá. Stavroguine fechou sem ruído a porta atrás de si e, sem mudar de lugar, pôs-se a observar a adormecida.

O capitão havia mentido quando dissera que a irmã se havia arranjado. Vestia o vestido de cor escura que já lhe vimos em casa de Bárbara. Agora, como então, o alto pescoço descarnado estava a descoberto e os cabelos estavam reunidos na nuca, num puxo minúsculo. O xaile preto dado por Bárbara estava muito dobrado sobre o divã. Ainda desta vez Maria estava horrivelmente pintada de branco e de vermelho. Em menos de um minuto, depois da aparição de Stavroguine, acordou de repente, como se tivesse sentido o seu olhar, abriu os olhos e levantou-se com vivacidade. É provável que o visitante sentisse uma impressão estranha; sempre de pé, perto da porta, não proferia uma palavra e os seus olhos continuavam obstinadamente fixos no rosto de Maria. Talvez tivessem alguma coisa de especialmente duros, talvez exprimissem tédio, mesmo até alegria maldosa do medo sentido pela doida, ou então esta última, mal acordada, julgou somente ver isso no olhar de Stavroguine. Seja como for, ao cabo de um momento a fisionomia da pobre mulher tomou uma expressão de

terror extraordinário; convulsões percorreram-lhe as faces, levantou os braços, agitou-os e de repente pôs-se a chorar, como uma criança amedrontada; um instante mais e teria gritado. Todavia o visitante arrancou-se à sua contemplação, operou-se na sua fisionomia brusca mudança e foi com o mais gracioso dos sorrisos que se aproximou da mesa:

— Perdoa, causei-te medo, Maria — disse ele, estendendo-lhe a mão. — Fiz mal em vir surpreender-te assim, no momento de acordares.

A suavidade desta linguagem produziu o seu efeito. O medo de Maria dissipou-se, embora continuasse a olhar para Stavroguine com apreensão, fazendo visíveis esforços por compreender. Estendeu-lhe a mão receosa. Por fim, tímido sorriso lhe aflorou os lábios.

— Bom dia, príncipe — disse ela em voz baixa, olhando com ar estranho Stavroguine.

— Com certeza tiveste um mau sonho? — perguntou ele com um sorriso cada vez mais amável.

— Mas como sabes tu que eu sonhei com isso?

E de repente o tremor de há pouco tomou-a de novo, atirou-se para trás e levantou o braço como para se proteger, pouco faltando para se desfazer de novo em pranto.

— Sossega, por favor! Porque tens medo? E possível que me não reconheças? — repetia sem cessar Stavroguine, mas desta vez levou muito tempo a acalmá-la; olhava-o silenciosamente, presa de cruel incerteza, e via-se que fazia esforços penosos para concentrar a sua pobre inteligência numa ideia. Tão depressa baixava os olhos como os levantava bruscamente, e envolvia o seu visitante num olhar rápido. Por fim pareceu, se não acalmar-se, pelo menos tomar uma decisão.

— Senta-te, peço-te, a meu lado, para mais logo te poder examinar — disse ela com voz bastante firme; via-se claramente que novo pensamento tinha tomado vulto no seu espírito. — Mas, por agora, não te inquietes, pois eu própria não olharei para ti, conservarei os olhos baixos. Não olhes também para mim, até que eu to peça. Senta-te — continuou ela com impaciência.

Estava cada vez mais dominada por nova impressão.

Stavroguine sentou-se e esperou; houve um silêncio bastante longo.

— Ah, acho tudo isto estranho — murmurou ela de repente, num tom quase desdenhoso. — Com certeza tiveste muitos sonhos maus; mas por

que razão te vi em sonhos sob esse mesmo aspeto?

— Vamos, deixemos os sonhos — respondeu o visitante impaciente e, apesar de lho haver proibido, voltou-se para ela.

Talvez os seus olhos tivessem a mesma expressão de há pouco. Por várias vezes notou que Maria desejara olhar para ele, que tinha mesmo grande vontade de o fazer, mas que, lutando contra esse desejo, obstinava-se a contemplar o soalho.

— Ouve, príncipe, ouve — disse ela, elevando de repente a voz — ouve, príncipe...

— Porque te voltaste? Porque não olhas para mim? De que serve esta comédia? — interrompeu ele com violência.

Ela pareceu não o ter ouvido; a sua fisionomia estava inquieta e desgraciosa.

— Ouve, príncipe — repetiu ela pela terceira vez com voz firme — quando outro dia, no carro, me disseste que tornarias conhecido o nosso casamento, assustei-me com a ideia de que o nosso segredo fosse tornado público. Hoje, não sei, tenho refletido muito e vejo claramente que não sirvo para nada. Sei-me vestir e saberia também receber com rigor: não é assim difícil oferecer às visitas uma chávena de chá, sobretudo quando se têm criados. Mas isso que importa: olhar-me-ão sempre de lado. Domingo, por ocasião da minha visita àquela casa, observei muitas coisas. Aquela menina bonita examinou-me durante todo o tempo, sobretudo depois que entraste. Foste tu, não é verdade, que entraste então? A sua mãe, essa velha senhora da alta roda, é bastante ridícula. O meu Lebiadkine também se distinguiu; para não desatar a rir, olhei sempre para o teto, que estava adornado de lindas pinturas. A mãe dele servia para superiora de um convento; tenho medo dela, embora me tivesse presenteado com um xaile preto. Todas essas pessoas devem ter feito triste ideia de mim! Não lho levo a mal, apenas perguntava a mim mesmo: «Que espécie de pessoa posso eu ser para elas»? Sem dúvida não se exige de uma condessa mais do que as qualidades morais (as de uma dona de casa não lhe são necessárias, porque tem grande quantidade de criados) e admitamos que precise também de um pouco de garridice mundana para estar em condições de receber os estranhos distintos, e é quanto basta! Porém (isso que importa!) no domingo olhavam-me com ar de desolação. Só Dacha é um anjo. Receio bem que a tenham mortificado com ditos inconsiderados a meu respeito.

— Não tenhas receio e não te atormentes — disse Stavroguine, com um sorriso que não conseguiu tornar agradável.

— De resto, mesmo que esteja um pouco envergonhado de mim, isso não me incomodará muito, porque terá sempre mais compaixão do que vergonha; julgo-o, como é natural, bom coração. Sabe que me compete mais a mim lastimar essa gente, do que eles terem piedade de mim.

— Ficaste, parece, muito sentida com a sua maneira de ser?

— Quem?... Eu? Não — respondeu ela sorrindo — absolutamente nada. Olhava para todos vós; estáveis todos zangados e discutíeis uns com os outros. Reunis-vos e não sabeis divertir-vos. Tanta riqueza e tão pouca alegria, parece-me horrível. Além disso, agora, já não lastimo ninguém, guardo para mim toda a minha piedade.

— Ouvi dizer que junto do teu irmão a vida te era dura, antes da minha chegada?

— Quem é que te disse isso? É um absurdo. Sou bem mais infeliz agora. Tenho tido nestes dias maus sonhos, mas é porque vieste. Por que vieste? Diz, peço-te.

— Não queres voltar para o convento?

— Ora aí está. Já desconfiava que vinhas propor-me isso! Boa história essa do convento! E por que havia de voltar para lá? Com que poderia entrar agora? Estou completamente só! É demasiado tarde para começar uma terceira vida.

— Por que te exaltas assim? Não tens medo que deixe de te amar?

— Não me imporia nada contigo. Receio apenas nunca mais amar ninguém!

Teve um sorriso de desprezo.

— Devo ter cometido com *ele* uma falta grave — continuou ela de repente, como falando consigo própria — somente não sei qual foi essa falta e é isso o que causa o meu eterno tormento. Há cinco anos que não cesso de dizer a mim mesma que sou culpada para com *ele.* Rezava, rezava e pensava sempre na minha grande culpa para com ele. E eis que se prova ser isso verdade!

— Mas o quê?

— Todo o meu receio é que esteja misturado nisto — prosseguiu ela sem responder à pergunta, que não tinha mesmo ouvido. — Contudo não pode estar de novo associado a essas pobres pessoas. A condessa comer-me-ia de boa vontade, ainda que me tenha feito sentar a seu lado, na sua

carruagem. Formaram todos um grupo conspirador... Pode-se afirmar que seja também um traidor? — Um tremor lhe agitou os lábios e o queixo. — Escuta: leste a história de Grichka Otrépiev, que foi amaldiçoado em sete catedrais?

Stavroguine manteve-se calado.

— Vou agora voltar-me para ti e olhar-te — decidiu ela subitamente. — Volta-te também para o meu lado e fita-me, mas mais fixamente. Quero enfim esclarecer as minhas dúvidas.

— Olho-te já há muito tempo.

— Ah! — exclamou Maria, observando com atenção o visitante. — Engordaste muito...

A louca quis ainda dizer alguma coisa, mas o súbito terror que experimentara ao pintar pela terceira vez o rosto, fê-la calar, projetando para a frente os braços.

— Que tens tu? — gritou, com uma espécie de raiva, Stavroguine.

O terror de Maria não durou mais do que um instante; um sorriso cético e desagradável fez-lhe franzir os lábios.

— Príncipe, levanta-te, peço-te, e entra — disse ela de súbito, em tom firme e imperioso.

— Como, entrar? Onde queres tu que eu entre?

— Durante estes cinco anos não fiz mais do que pensar na maneira como tu entrarias. Levanta-te já e retira-te para detrás da porta, no outro quarto. Ficarei sentada aqui, como se não esperasse ninguém, terei um livro nas mãos e de repente aparecerás, depois de cinco anos de ausência. Quero ver esta cena.

Stavroguine rangeu os dentes e murmurou para si palavras ininteligíveis.

— Basta — disse ele, batendo na mesa. — Peço-te que me ouças, Maria. Esforça-te, se fazes o favor, por me prestares toda a tua atenção. Não estás completamente louca — deixou ele escapar num movimento de impaciência. — Amanhã tornarei público o nosso casamento. Nunca habitarás num palácio, desengana-te a esse respeito! Queres passar toda a vida comigo? Somente será muito longe daqui. Iremos habitar nas montanhas da Suíça; há lá um lugar. Fica tranquila; não te abandonarei nunca e não te meterei numa casa de saúde. Tenho bastante dinheiro para viver sem pedir nada a ninguém. Terás uma criada e não te ocuparás com nenhum trabalho. Todos os teus desejos realizáveis serão satisfeitos.

Mandarás, irás onde quiseres e farás o que bem te apetecer. Não te tocarei. Nunca estarei longe do lugar onde nos fixarmos. Se quiseres nunca te dirigirei a palavra. Poderás, se isso te agradar, contar-me cada tarde as tuas histórias, como outrora em S. Petersburgo. Ler-te-ei uns bocados, se quiseres. Mas também deverás passar toda a vida no mesmo lugar, e é um país triste. Consentes? Não lamentarás a tua resolução, não me infligirás o suplício das tuas imprecações e das tuas lágrimas?

Encostara-se, prestando-lhe uma atenção extraordinária, e refletiu muito tempo em silêncio.

— Tudo isso me parece inverosímil — disse ela, enfim, num tom sarcástico. — Assim, passarei talvez quarenta anos nessas montanhas!

Pôs-se a rir.

— Está bem, passaremos aí quarenta anos — respondeu, carregando o sobrecenho, Stavroguine.

— O quê? Por nada deste mundo irei para lá.

— Mesmo comigo?

— Mas quem és tu, para que vá contigo? Estar durante quarenta anos encarrapitada com ele numa montanha! Ele engana-me! E que pessoas pacientes temos nós hoje em dia, na verdade! Não, não é crível que o falcão se tenha tornado um mocho. Não é o meu príncipe! — declarou ela, levantando altiva a cabeça.

O rosto de Stavroguine ensombrou-se.

— Por que me chamas príncipe? Por quem me tomas tu? — perguntou ele vivamente.

— Como? Então não és príncipe?

— Nunca o fui.

— Assim, tu mesmo, tu confessas diante de mim que não és príncipe?

— Repito-te que nunca o fui.

Esfregou as mãos uma na outra.

— Senhor, esperava tudo dos seus inimigos, mas nunca teria julgado possível tal insolência! Vive ele ainda? — vociferou ela fora de si, lançando-se sobre Stavroguine. — Mataste-o, não é verdade? Confessa!

Stavroguine saltou para trás.

— Por quem me tomas tu? — exclamou ele.

As suas feições estavam muitíssimo alteradas, mas era difícil nesse momento meter medo a Maria. Prosseguiu por isso com um acento de triunfo.

— Quem te conhece? Quem sabe o que tu és e de onde saíste? Durante estes cinco anos o meu coração pressentiu toda a intriga! Admirava-me também e dizia a mim própria: «Quem é este gato assanhado?» Não, meu caro, és mau ator, mesmo pior do que Lebiadkine. Transmite as minhas homenagens à condessa e diz-lhe que lhe peço para me enviar alguém de mais caráter. Ela pagou-te? Estás empregado como moço em casa dela? Perscrutei diariamente a vossa impostura e por isso compreendo-vos a todos, até ao último.

Agarrou-a com força pelos braços e ela riu-se-lhe no rosto.

— Quanto a assemelhares-te, isso sim, assemelhas-te muito; poderias mesmo ser seu parente, meu grande impostor! O meu é um falcão de olhos perspicazes e um príncipe, enquanto tu és uma coruja e um mercador! O meu não se deixa enganar e a ti o Chatov (ele é muito gentil e eu amo-o muito!), o Chatov deu-te uma bofetada. O meu Lebiadkine contou-me. E por que tinhas tu medo nesse dia, quando entraste? Quem te amedrontou? Quando vi a tua cara, no momento em que caí e me levantaste, senti como que um verme a deslizar no meu coração; não é ele, disse eu a mim própria, não é ele. O meu falcão não se teria envergonhado de mim, diante de uma senhora da alta sociedade. Oh! Senhor! Durante cinco anos inteiros a minha única felicidade foi pensar que o meu falcão estava em qualquer parte, vivia lá longe, detrás das montanhas, e voava olhando o sol... Fala, impostor, recebeste uma grande quantia para desempenhar este papel? Pagaram-te caro? Eu, eu não te teria dado um *kopek*. Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!

— Oh, idiota — disse Stavroguine, rangendo os dentes e continuando a apertar-lhe os braços.

— Fora daqui, impostor! — ordenou ela. — Sou a mulher do meu príncipe, não tenho medo da tua navalha.

— Da minha navalha?

— Sim, da tua navalha. Tens uma navalha no bolso. Pensavas que dormia, mas via: logo que entraste, tiraste uma navalha!

— Que dizes, infeliz? De que sonho és ludíbrio! — gritou Stavroguine, empurrando-a de maneira tão rude que a cabeça e os ombros da louca bateram violentamente contra o divã.

Em seguida retirou-se, mas ela correu atrás dele e, manquejando, perseguiu-o até aos degraus exteriores. Lebiadkine, aterrado, trouxe-a à força para casa; contudo, antes do visitante ter desaparecido, pôde ainda

lançar-lhe através da escuridão esta apóstrofe, acompanhada de um riso estridente:

— Grichka Otrepiev, maldito sejas!

Capítulo 4

«Uma navalha! uma navalha!», repetia Stavroguine, preso de indizível cólera, enquanto marchava a grandes passos através da lama e das poças de água, sem ver onde punha os pés. Por momentos, na verdade, sentia violenta vontade de rir estrondosamente, furiosamente, mas repelia-a. Só recuperou um pouco de sangue-frio quando chegou à ponte, no lugar onde momentos antes encontrara Fedka. Ainda desta vez o vagabundo o esperava; vendo-o, tirou o boné, mostrou com alegria os dentes, e começou a conversar em tom galhofeiro e sem constrangimento. Apressado, Stavroguine continuou o seu caminho, e mesmo durante um certo tempo não ouviu o vagabundo que se metera a embaraçar-lhe os passos. De repente notou que o havia esquecido por completo e que começara a repetir alto: «Uma navalha! Uma navalha!» Agarrou o vagabundo e, com toda a sua força, dobrada pela cólera concentrada, atirou-o contra o parapeito da ponte. A ideia de uma luta atravessou o espírito de Fedka, mas logo a seguir compreendeu que não teria superioridade, por consequência deixou-se ficar quieto e não tentou mesmo nenhuma resistência. De joelhos, o corpo inclinado para a terra, os cotovelos saídos por detrás das costas, o ardiloso personagem esperou calmo o fim desta aventura, que não lhe pareceu nada de inquietar. O desenrolar dos acontecimentos deu-lhe razão. O primeiro movimento de Stavroguine foi o de pegar no abafo do pescoço e ligar as mãos do prisioneiro, mas abandonou-o com modo brusco e atirou-o para longe de si. Num fechar de olhos Fedka levantou-se, virou-se, e de repente uma navalha de lâmina curta, mas larga, brilhou na sua mão.

— Abaixa a navalha e guarda-a, guarda-a imediatamente! — ordenou com gesto impaciente Stavroguine.

E a navalha desapareceu tão depressa como se mostrara. Stavroguine continuou o seu caminho em silêncio e sem se voltar, porém o obstinado vadio não o deixava; agora, é verdade que não lhe falava e mesmo seguia-o respeitosamente a um passo de distância. Os dois atravessaram a ponte,

tomaram à direita e meteram-se num longo e obscuro beco: para ir para o centro da cidade era mais curto por ali do que pela rua *Épiphanle.*

— Diz-se que há pouco tempo ainda assaltaste uma igreja aqui no distrito, é verdade? — perguntou à queima-roupa Stavroguine.

— Quer dizer, entrei lá para rezar — respondeu o vagabundo em tom grave e polido, como se nada se tivesse passado entre ele e o seu interlocutor; era até mais do que grave, era digno.

A familiaridade «amigável» de outros tempos desaparecera. Fedka tinha agora todas as aparências de um homem sério, injustamente ofendido, é verdade, mas que sabe esquecer uma ofensa.

— Quando o Senhor me conduziu a essa igreja — prosseguiu ele — disse para mim: «É, é uma mercê do céu!» Fui levado a isso pela minha condição de órfão, porque na nossa situação não se pode passar sem socorros. Pois bem, Deus puniu-me dos meus pecados: os objetos em que peguei não me deram mais de doze *rublos.* Tive mesmo que dar por baixo preço a coroa de prata de S. Nicolau, pois disseram-me que era falsa.

— Assassinaste o guarda?

— Não é bem assim; esse guarda e eu fizemos a coisa juntos, mas de manhã, perto da ribeira, discutimos sobre a questão de saber quem levaria o saco e, na discussão, dei-lhe um mau golpe.

— Continua a matar e a roubar.

— É palavra por palavra o conselho que me dá também Pedro, porque é deveras avaro e duro à tentação. Fora disso, não tem nem um bocadinho de fé no Criador celeste que fez o homem e a terra; diz que só a natureza organizou tudo até ao último animal. De mais, não compreende que na nossa posição não se possa passar sem socorros benfazejos. Pretendes fazer-lho compreender e ele olha-te como um carneiro olha para a água... Olha, quando o capitão Lebiadkine que foste ver agora, morava em casa do Filippov, uma vez a sua porta esteve aberta toda a noite. Estava deitado por terra, completamente bêbado, e sobre o soalho estava espalhada grande quantidade de dinheiro, que deixara cair dos bolsos. Tive ocasião de o ver com os meus olhos porque, na nossa posição» quando não se é socorrido, é preciso contudo viver...

— Como, com os teus olhos? Entraste em casa dele durante a noite?

— Sim, mas ninguém o sabe.

— Por que não o assassinaste?

— Abstive-me por cálculo. Porque disse para mim: levar agora cento e cinquenta *rublos* quando, esperando um pouco, posso levar quinze centos! O capitão Lebiadkine, com efeito (ouvi-o com os meus ouvidos) tem sempre contado contigo: não há café ou taberna onde, estando ébrio, não o tenha declarado em alta voz: ouvindo isto, também eu pus toda a minha esperança em Vossa Alteza. Falo-lhe, senhor, como a um pai ou a um irmão, porque jamais direi isto nem a Pedro, nem a ninguém. Assim, Vossa Alteza terá a bondade de me dar três *rublos?* Devia, senhor, fixar-me, isto é, fazer-me conhecer toda a verdade, visto que não podemos passar sem socorros.

Stavroguine soltou ruidosa gargalhada e, tirando do bolso a carteira que continha cerca de cinquenta *rublos* em miúdos, deu uma a uma quatro moedas ao vagabundo. Este apanhou-as no ar ou levantou-as da lama, gritando: «Eh! eh!» Stavroguine acabou por lhe dar todo o dinheiro e, rindo sempre, prosseguiu o seu caminho. Desta vez, Fedka deixou-o ir sozinho. Deitou-se no chão, coberto de lama, para procurar as moedas caídas nas poças de água e, durante uma hora ainda se podia ouvir no meio da escuridão o seu pequeno grito: «Eh! eh!»

Parte 3

Capítulo 1

No dia seguinte, às duas horas da tarde, teve lugar o duelo projetado. O grande desejo que Gaganov tinha de se bater, custasse o que custasse, contribuiu para o pronto termo da questão. Não compreendia a conduta do seu adversário e por isso estava furioso. Há um mês que o insultava impunemente, sem conseguir fazer-lhe perder a paciência. Entretanto era preciso que o desafio proviesse de Stavroguine, porque Gaganov não conseguia o menor pretexto para lhe mandar um cartão. A verdadeira causa da sua raiva doentia contra Stavroguine era a ofensa feita a seu pai quatro anos antes, e ele mesmo sentia que não podia decentemente alegar um tal motivo, sobretudo depois das humildes desculpas já apresentadas duas vezes por ele. Considerava-o como um destrambelhado poltrão e achava incompreensível a tolerância a respeito de Chatov; por isso, cansado de lutar, resolveu-se a endereçar-lhe a carta ultrajante, que decidiu enfim Stavroguine a propor-lhe um encontro. Depois de ter enviado essa carta, Gaganov passou o resto do dia a perguntar a si mesmo se conseguiria o resultado esperado; de qualquer maneira, preveniu-se nessa mesma tarde com uma testemunha, escolhendo Maurício, seu antigo colega de escola e que estimava de maneira especial. Também Kirilov encontrou o terreno preparado quando, no dia seguinte, às nove horas da manhã, se apresentou como mandatário do seu amigo. Gaganov mal o deixou explicar e repeliu com irritação extraordinária todas as desculpas, todas as concessões de Stavroguine. Elas eram todavia de tal natureza que Maurício ficou estupefacto; queria falar no sentido da reconciliação, mas notando que Gaganov adivinhara a sua intenção e se agitava na cadeira, guardou silêncio. Se não tivesse dado a palavra ao seu amigo, ter-se-ia retirado; e ainda, se não renunciou à sua missão, foi somente esperançado de que no último momento a sua intervenção talvez conseguisse ser útil. Kirilov transmitiu, em nome do seu constituinte, o pedido de uma reparação pelas armas; todas as condições do encontro, tais como tinham sido fixadas por Stavroguine, foram aceites logo sem o mínimo debate. Gaganov não fez senão uma objeção, destinada de resto a tornar o duelo

mais mortal ainda; exigiu a troca de três balas. Kirilov teve por bem protestar, opor-se com teimosia obstinada, mas tudo quanto pôde obter foi que em nenhum caso o número de três balas seria ultrapassado. O encontro assim regulado teve lugar às duas horas da tarde, no pequeno bosque de Brykovo, situado entre a herdade de Skovrechniki e a fábrica do Chpigouline. A chuva cessara por completo, mas o ar estava húmido e estava muito vento. No céu frio flutuavam pequenas nuvens cinzentas; os cimos das árvores agitavam-se com ruído; e o dia tinha qualquer coisa de lúgubre.

Gaganov e Maurício chegaram ao campo numa elegante carruagem atrelada a dois cavalos e conduzida pelo próprio Gaganov. Com eles traziam um criado. Quase ao mesmo tempo, apareceram três cavaleiros: eram Stavroguine e Kirilov, acompanhados também de um criado; Kirilov, que montava a cavalo pela primeira vez, tinha na sela uma atitude muito ridícula; segurava na mão direita a grande caixa das pistolas que não tinha querido confiar ao criado, e na mão esquerda as rédeas da sua montada; porém, em virtude da sua inexperiência, puxava-as sem cessar; por seu lado o cavalo sacudia a cabeça e manifestava vontade de se encabritar, o que, entretanto, não assustava o engenheiro. Sombrio e facilmente irritável, Gaganov viu na chegada dos cavaleiros novo insulto: os seus inimigos julgavam-se bem seguros de êxito, pois tinham tido a negligência de não terem trazido uma carruagem para levar o ferido, se se desse esse caso. Pôs o pé em terra, lívido de raiva, e sentiu que as mãos lhe tremiam, o que fez observar a Maurício. Stavroguine saudou-o; ele não lhe retribuiu a saudação e voltou-lhe as costas. A sorte consultada sobre a escolha das armas, decidiu em favor das pistolas de Kirilov.

Depois de ter fixado a barreira, as testemunhas colocaram nos seus lugares os combatentes e ordenaram aos criados para se colocarem a trezentos passos mais longe com a carruagem e os cavalos. Em seguida carregaram as pistolas e entregaram-nas aos adversários.

Durante todos estes preparativos, Maurício esteve sombrio e inquieto. Pelo contrário, Kirilov tinha uma fisionomia perfeitamente calma e indiferente. Cumpria as obrigações do seu mandato com o cuidado mais minucioso e sem revelar a menor inquietação; a perspetiva de um desenlace fatal não parecia comovê-lo. Stavroguine, mais pálido do que o costume, estava ligeiramente vestido; trazia um casaco e um chapéu de pele castor. Parecia muito fatigado, carregava o sobrolho de tempos a

tempos, e não procurava de maneira nenhuma esconder o sentimento desagradável que experimentava. De todos, porém, o menos destacável nesse momento era Gaganov, visto não oferecer nada de particular a assinalar.

Capítulo 2

Não falei ainda do seu aspeto. Era um homem de trinta e três anos, alto e bastante cheio, ou bem nutrido, como diz o povo. Tinha a pele branca, os cabelos louros e raros; nos seus traços não faltava distinção. Gaganov deixara a carreira das armas no posto de coronel; se tivesse continuado no exército, era possível que fosse um dos nossos bons generais.

A causa principal da sua demissão fora a ideia fixa de que o seu nome estava desonrado, depois do insulto que Stavroguine fizera ao pai. Julgou de facto que não podia continuar mais no exército e que a sua presença no regimento era uma afronta para os seus camaradas, ainda que nenhum deles tivesse conhecimento do caso. Neste momento, de pé, no seu lugar, estava preso de uma inquietação extrema. Parecia-lhe sempre que o duelo não se realizaria e o menor atraso exasperava-o.

Uma impressão desagradável se lhe manifestou no rosto quando Kirilov, em lugar de dar o sinal de combate, endereçou aos dois adversários a pergunta usual:

— É somente um pró-forma: agora que as pistolas estão empunhadas e que vou dar o sinal de fogo, uma última vez pergunto: querem-se reconciliar? Cumpro o meu dever de testemunha.

Maurício aproveitou a ocasião. Até então tinha estado calado mas, desde a véspera, arrependera-se da sua condescendência.

— Associo-me por completo às palavras do senhor Kirilov. Esta ideia de que se não podem reconciliar no campo da luta é um preconceito bom para os franceses... Além disso, há muito tempo que pretendia dizer não conhecer nada que dê motivo a este encontro... porque todas as desculpas foram apresentadas, não é verdade?

Pronunciou estas palavras ruborizando-se. Não estava habituado a falar tanto e estava muito agitado.

— Renovo a minha oferta de apresentar todas as desculpas possíveis — respondeu com ardor extraordinário Stavroguine.

— É possível? — gritou Gaganov furioso e dirigindo-se a Maurício, deveras encolerizado. — Se és minha testemunha e não meu inimigo, explica a este homem — e indicou com a pistola Stavroguine — que semelhantes concessões não fazem mais do que agravar a ofensa! Julga-se acima dos meus insultos! No campo da luta e não vê nenhuma desonra em recusar um duelo comigo! Por quem me toma depois disto?, pergunto-te. E tu és minha testemunha! Não fazes mais do que irritar-me para que o deixe escapar.

De novo bateu com o pé e a escuma branqueava-lhe os lábios.

— As conversas estão terminadas. Atenção ao comando! — gritou com toda a força Kirilov.

— Um! dois! três!

A palavra três, Gaganov e Stavroguine dirigiram-se um para o outro. O primeiro levantou logo a pistola e, depois de ter dado cinco ou seis passos, atirou. Durante um segundo parou, depois, convencido de que o adversário não tinha sido atingido, aproximou-se rapidamente da barreira. Stavroguine avançou também, levantou a pistola, mas muito alto, e atirou quase sem apontar. Em seguida pegou no lenço com o qual amarrou o dedo mínimo da mão direita. Então viu-se que Gaganov não ferira muito o seu inimigo; a bala, tendo ferido simplesmente as partes moles do dedo, sem tocar no osso, não produziu em Stavroguine mais do que uma arranhadela insignificante.

Kirilov declarou logo que, se os adversários não estavam satisfeitos, o duelo ia continuar.

Gaganov dirigiu-se a Maurício:

— Declaro — disse ele, mas as palavras saíram-lhe com dificuldade da garganta seca — que este homem — dizendo isto, indicou de novo Stavroguine com a pistola — atirou para o ar conscientemente... com o propósito deliberado... É uma nova ofensa! Quer tornar o duelo impossível.

— Tenho o direito de atirar como quiser, desde que me sujeite às regras — observou em tom firme Stavroguine.

— Não, não tem! Faz-lho compreender! — gritou Gaganov.

— Partilho por completo da opinião de Stavroguine — disse em voz alta Kirilov.

— Porque me poupa ele? — vociferou Gaganov, que não ouvira o engenheiro. — Desprezo a sua clemência... escarro nela...

— Dou-lhe a minha palavra que não quis de forma alguma ofendê-lo — disse com impaciência Stavroguine. — Atirei para o ar porque não quero mais matar ninguém, nem ao senhor nem a outra pessoa. A minha resolução não lhe diz só respeito ao senhor. É certo que não me considero insultado, por muito que isso o aborreça. Mas não consinto que, seja quem for, queira imiscuir-se no meu direito.

— Se tem assim medo de derramar sangue, pergunta-lhe porque me chamou ao campo da luta! — exclamou Gaganov, dirigindo-se como sempre a Maurício.

Foi Kirilov quem respondeu:

— Era impossível não o chamar aqui! Não querendo ouvir nada, como podia ele desembaraçar-se do senhor?

— Limitar-me-ei a uma observação — disse Maurício, que seguira a discussão com penoso esforço — se um dos adversários declara de antemão que atirará para e ar, o duelo com efeito não pode continuar… por razões delicadas e... fáceis de compreender.

— Nunca declarei que atiraria sempre para o ar! — gritou Stavroguine fora de si. — O senhor desconhece em absoluto quais são as minhas intenções e como irei atirar daqui a pouco... Não impeço de forma alguma o duelo.

— Se é assim, o encontro pode continuar — disse Maurício a Gaganov.

Ao repetir-se o combate, reproduziram-se os mesmos incidentes; a bala de Gaganov perdeu-se de novo, e a de Stavroguine passou a uma unha negra do chapéu do adversário.

Desta vez, para evitar novas recriminações, Stavroguine, conquanto decidido a poupá-lo, fingira vará-lo, mas este não se deixou enganar.

— Outra vez! — berrou ele, rangendo os dentes. — Não importa, fui provocado e entendo que devo usar das vantagens da minha posição. Reclamo a troca de uma terceira bala.

— Está no seu direito — declarou Kirilov.

Maurício nada disse. Os combatentes retomaram os seus lugares. Quando o sinal foi dado, Gaganov avançou até à barreira e aí, isto é, a doze passos de distância, começou a apontar. As mãos tremiam-lhe demasiado para lhe permitirem apontar bem. Stavroguine, com a pistola baixa, esperava imóvel o fogo do seu adversário.

— Isso é apontar de mais! — gritou violentamente Kirilov. — Atira! Atira!

Nesse instante uma detonação se fez ouvir e o chapéu de pele castor de Stavroguine rolou por terra. O engenheiro apanhou-o e entregou-o ao seu amigo. O tiro não tinha sido mal dirigido; a copa estava furada muito perto da cabeça e não seria preciso mais que quatro *verchoks* para que a bala atingisse o crânio. Enquanto Stavroguine examinava com Kirilov o chapéu, parecia ter esquecido Gaganov.

— Atira, não demores o teu adversário! — gritou Maurício, excessivamente agitado.

Stavroguine estremeceu, olhou para Gaganov, virou-se e, desta vez, sem fazer cerimónia, descarregou a pistola para o bosque. O duelo estava terminado. Gaganov ficou como que esmagado. Maurício aproximou-se dele e começou a falar-lhe, mas ele parecia não compreender. Ao partir, Kirilov tirou o chapéu e cumprimentou Maurício com um abaixamento de cabeça. Quanto a Stavroguine, não se prendeu com cortesias; depois de ter atirado, como acabo de dizer, nem mesmo se virou para a barreira; entregou a arma a Kirilov e dirigiu-se a passos largos para o sítio onde se encontravam os cavalos. A face patenteava cólera, mas guardava silêncio. Kirilov também estava calado. Ambos montaram a cavalo e partiram a galope.

Capítulo 3

No momento em que se aproximavam de casa, Stavroguine interpelou Kirilov, um tanto exaltado.

— Porque te tens mantido calado?

— Que queres? — replicou o engenheiro.

A sua montada encabritava-se e por isso tinha muito que fazer para não ser desmontado.

Stavroguine conteve-se.

— Não queria ofender esse... esse imbecil, e ofendi-o no final — disse ele, baixando a voz.

— Sim, ofendeste-o no final — respondeu Kirilov — e, além disso, não é imbecil.

— Contudo fiz o que pude.

— Não.

— Que era preciso fazer então?

— Não o provocar.

— Suportar ainda uma bofetada?

— Sim.

— Começo a não compreender nada! — replicou com cólera Stavroguine. — Porque é que todos esperam de mim o que não esperam dos outros? Porque sofrerei eu o que ninguém sofre e me carregarei de fardos que ninguém pode suportar?

— Pensei que tu mesmo procuravas esses fardos!

— Procuro-os?

— Sim.

— Tu... tu notaste isso?

— Sim.

— Então isso nota-se?

— Sim.

Guardaram silêncio durante um minuto. Stavroguine tinha o semblante muito preocupado.

— Se não lhe atirei, foi unicamente porque não o queria matar. Afirmo-te que não tive outra intenção — disse Stavroguine com o ardor inquieto de quem procura justificar-se.

— Não o devias ter ofendido.

— Como devia fazer então?

— Devias matá-lo.

— Lamentas que não o tenha morto?

— Não lamento nada. Pensava que querias matá-lo. Não sabes o que procuras?

— Procuro fardos — disse rindo Stavroguine.

— Visto que não querias matá-lo, porque o desafiaste?

— Se não o tivesse provocado, ter-me-ia morto como um cão.

— Podes afirmá-lo?... Talvez te não tivesse morto.

— Ter-me-ia só batido?

— Não posso dizer nada. Carrega com o teu fardo. Só nisso há mérito.

— Mal haja o teu mérito! Não tenho interesse em adquiri-lo aos olhos de quem quer que seja.

— Julgava o contrário — observou friamente Kirilov.

Os dois cavaleiros entraram no pátio da casa.

— Queres vir a minha casa? — propôs Stavroguine.

— Não, vou para a minha. Adeus — disse Kirilov.

Desmontou e meteu debaixo do braço a caixa contendo as pistolas.

— Ao menos não estás zangado comigo? — perguntou Stavroguine, estendendo a mão ao engenheiro.

— Absolutamente nada! — respondeu este, voltando atrás para apertar a mão do amigo. — Se carrego facilmente com a minha cruz é porque a minha natureza se presta a isso; a tua talvez te torne a carga mais penosa. Não deves corar por isso.

— Sei que tenho um caráter débil, por isso não me apresento como um homem forte.

— Fazes bem. Vai tomar chá.

Stavroguine foi para casa muito confuso.

Capítulo 4

Contente por saber que o filho decidira dar um passeio a cavalo, Bárbara deu ordem para lhe prepararem o carro e foi, «como noutros tempos, respirar o ar puro», tal a notícia que Aléxis se apressou a comunicar ao seu senhor.

— Ela saiu só ou com Dacha? — perguntou Stavroguine.

As feições tornaram-se-lhe carrancudas quando o criado respondeu que Dacha, sentindo-se indisposta, se recusara a acompanhar a viúva e se encontrava nesse momento no seu quarto.

— Ouve, meu rapaz — começou Stavroguine, como se houvesse tomado uma resolução súbita — põe-te de atalaia durante todo o dia e se perceberes que vem ao meu quarto impede-a de entrar, diz-lhe que durante alguns dias não a poderei receber e que lhe peço para suspender as suas visitas: que eu mesmo a chamarei no momento oportuno, compreendes?

— Dir-lho-ei — disse Aléxis.

Baixando os olhos, o seu desgosto parecia provar que esta ordem em nada lhe agradava.

— Isto só no caso de a vires preparada para vir ao meu quarto.

— Esteja sossegado, não me enganarei. Foi por meu intermédio que estas visitas se realizaram até hoje; nessas ocasiões dirigiu-se sempre a mim.

— Eu sei; mas, repito-te, nada lhe digas antes de ela vir. Traz-me depressa o chá.

Mal o velho tinha saído, quando a porta se abriu de novo. No limiar apareceu Dacha. Tinha as faces pálidas, conquanto o seu olhar fosse calmo.

— Donde vens? — perguntou Stavroguine.

— Estava ali e esperava, para entrar, que Aléxis te deixasse. Ouvi o que lhe disseste e, quando ele saiu há pouco, escondi-me atrás da porta e não me viu.

— Há muito tempo já que desejava romper contigo, Dacha... No entanto... naquela ocasião... não pude receber-te, apesar da tua carta.

Queria eu mesmo responder-te, mas não sei escrever — prosseguiu ele encolerizado e um tanto desgostoso.

— Eu própria sou de opinião que é preciso romper. Bárbara desconfia muito das nossas relações.

— Está no seu direito.

— É preciso que não se inquiete. E será sempre assim até ao fim?

— Tu esperas então ainda?

— Sim, estou certa de que há de chegar.

— No mundo nada tem fim.

— Nisto haverá um fim. Então chamar-me-ás e eu virei. Por agora, adeus.

— E qual será o fim? — perguntou, sorrindo, Stavroguine.

— Tu não estás ferido e... não mataste ninguém? — perguntou por sua vez a moça, sem responder à pergunta que lhe tinha sido feita.

— Foi uma estupidez; não matei ninguém, descansa. De resto, saberás tudo ainda hoje por intermédio da opinião pública. Estou um pouco incomodado.

— Vou-me embora. Não tornas público hoje o teu casamento? — acrescentou ela com hesitação.

— Nem hoje, nem amanhã; depois de amanhã não sei, talvez todos estejamos mortos e mais valerá isso. Deixa-me, deixa-me em paz!

— Não perderás a outra... doida?

— Não perderei nem uma nem outra das duas doidas, porém a que é inteligente, creio que a deixarei: sou tão cobarde e tão vil, Dacha, que com efeito talvez te chame quando chegar o «fim», como tu dizes. E tu, apesar de inteligente virás. Porque te perdes tu própria?

— Sei que por fim ficarei só contigo e... espero esse momento.

— Mas se então não te chamar, se fugir?

— É impossível, chamar-me-ás.

— Nessa convicção há muito desprezo por mim.

— Sabes que não há só desprezo!

— Quer isso dizer que o há?

— Não disse isso. Deus é testemunha que desejo muito que nunca precises de mim.

— Uma frase vale a outra. Por minha vez não desejaria perder-te.

— Nunca me poderás perder, e tu mesmo o sabes melhor do que ninguém — apressou-se a responder Dacha, pondo nestas palavras energia

especial. — Se não ficar contigo, far-me-ei irmã de Misericórdia, enfermeira ou vendedeira de orações. Estou decidida a isso. Não posso casar-me para cair na miséria, como também não posso viver em casas como esta. Não quero... sabes tu?

— Não, nunca pude saber o que tu queres; a tua simpatia por mim parece-me assemelhar-se ao interesse que certas velhas enfermeiras têm, sem motivo, por certos doentes, em detrimento de outros. Ou melhor, lembras-me essas velhas devotas, habituadas a assistir aos enterros, que manifestam preferências por certos cadáveres. Por que olhas para mim com ar tão estranho?

Ela olhou-o atentamente.

— Tu estás muito doente? — perguntou ela afetuosamente. — Meu Deus! E este homem quer passar sem mim!

— Ouve, Dacha, agora vejo sempre aparições. Ontem, na ponte, um pequeno diabo ofereceu-se-me para assassinar Lebiadkine e Maria, o que resolveria a questão do meu casamento legal. Pediu-me como sinal três *rublos,* mas deixou claramente compreender que a operação não custaria menos de mil e quinhentos. Aí tens um diabo que sabe fazer contas! Um guarda-livros t Ah! ah!

— Mas estás bem certo de que foi uma aparição?

— Oh, não, não foi uma aparição! Era muito simplesmente Fedka, o forçado, um bandido que se evadiu das galés. Mas não é disso que se trata... Que julgas tu que fiz? Dei-lhe todo o dinheiro que trazia comigo e agora está convencido de que recebeu de mim dinheiro por conta.

— Encontraste-o esta noite e ele fez-te uma tal proposta? Não vês que estendem as suas redes à tua volta?

— Está bem, que as estendam! Mas, sabes, há uma pergunta que tens vontade de me fazer, vejo-o nos teus olhos — disse Stavroguine com mau sorriso.

Dacha teve medo.

— Não penso fazer-te pergunta alguma e de nada duvido. Farias melhor em te calar! — replicou ela com voz inquieta.

— Queres dizer que estás certa de que não entrei em negociações com Fedka?

— Oh, meu Deus — exclamou a jovem, batendo com as mãos uma na outra — porque me atormentas assim?

— Vá, perdoa o meu estúpido gracejo; sem dúvida, tomo para com eles maus modos. Sabes, desde a última noite tenho terrível vontade de rir, é uma necessidade de hilaridade prolongada, contínua, estou mesmo a rebentar de riso... Chiu! Minha mãe voltou; reconheço o barulho do seu carro.

Dacha agarrou a mão de Stavroguine.

— Que Deus te guarde do teu demónio e... chama-me, chama-me o mais depressa possível!

— O meu demónio, dizes tu! Não é mais do que um diabinho escrofuloso, encatarrado, um desastrado. Então, Dacha, continuas a não te atrever a fazeres-me a tua pergunta?

Ela olhou-o com expressão de dolorosa censura e dirigiu-se para a porta.

Um sorriso amargo apareceu nos lábios de Stavroguine.

— Ouve! — exclamou ele. — Se... pois bem... numa palavra, se... compreendes, se eu tratasse com Fedka e depois te chamasse, virias, apesar disso?

Saiu sem se voltar e sem responder, com a face escondida entre as mãos.

Stavroguine ficou pensativo.

— Virá mesmo depois disso! — murmurou ele com sentimento de enfado. — Uma enfermeira! Hem! De resto, talvez tenha necessidade dela.

Parte 4

Capítulo 1

A história do duelo não tardou a divulgar-se pela cidade e produziu uma impressão favorável a Stavroguine. Grande número dos seus antigos inimigos declararam-se abertamente a seu favor. Algumas palavras pronunciadas a respeito do assunto por uma pessoa que até então tinha reservado o seu juízo não pouco contribuíram para a inesperada reviravolta do espírito público. Eis o que aconteceu: no dia seguinte ao do encontro, toda a cidade se reuniu em casa da mulher do marechal da nobreza, cujo aniversário se celebrava justamente naquele dia. Entre a assistência notava-se Júlia, que trouxera consigo Lisa; a jovem estava radiante de beleza e mostrava-se muito alegre, o que desde o princípio pareceu a muitas das senhoras um pouco equívoco. Devo dizer que os seus esponsais com Maurício não podiam mais ser postos em dúvida. Em resposta a uma pergunta jovial de um general retirado do serviço, mas ainda de certa importância, Lisa declarara nessa noite que estava noiva. No entanto nenhuma das senhoras quis acreditar. Todas persistiam em supor um romance, uma aventura misteriosa ocorrida na Suíça e na qual misturavam obstinadamente — não sei porquê? — Júlia. Desde que entrou, todos os olhares se dirigiram ansiosamente para ela. É de notar que até essa noite o duelo só havia sido objeto de comentários muito discretos: o acontecimento era demasiado recente; além disso ignoravam-se ainda as medidas tomadas pela autoridade. Tanto quanto se podia saber, esta não tinha inquietado os dois duelistas. Por exemplo, era notoriamente público que, no dia seguinte de manhã, Gaganov partira livremente para o seu domínio de Doukhovo. Como era justo, todos esperavam com impaciência que alguém se decidisse a abordar abertamente a grande questão do dia e contava-se para isso sobretudo com o general de quem falei há pouco.

Este personagem, um dos membros mais qualificados do nosso grémio, tinha com efeito o hábito da bisbilhotice. Era esta, por assim dizer, a sua especialidade na sociedade. Era o primeiro a trazer à discussão pública as coisas sobre que os outros ainda não conversavam senão em voz baixa.

Na circunstância presente, o general tinha competência particular. Era parente afastado de Gaganov, se bem que estivessem zangados e mesmo traziam uma demanda; demais, ele mesmo tinha tido duas questões de honra na sua juventude e um desses duelos valera-lhe o ser enviado como simples soldado para o Cáucaso. Alguém falou de Bárbara que, havia dois dias, se lembrara de sair e, a este propósito, louvou a sua magnífica parelha, vinda das cavalariças de Stavroguine. Sobre isto, o general observou bruscamente que encontrara de dia «o jovem Stavroguine» a cavalo... Vivo movimento de atenção produziu-se logo na assistência. O general prosseguiu, fazendo girar entre os dedos uma tabaqueira de ouro que lhe tinha sido dada pelo Czar:

— Lamento não ter estado aqui há alguns anos... Estava então em Karlsbad... Este rapaz interessa-me muito. Ouvi falar tanto dele nessa época! É verdade que seja doido? Alguém o disse então. Noutro dia contaram-me que, ultrajado diante de sua prima por um estudante, se metera debaixo da mesa, e ontem Stepan disse-me que Stavroguine se tinha batido em duelo com esse... Gaganov. Arriscou a vida galantemente, parece que com o único fim de pôr termo às perseguições desse enraivecido... Isto estava nos costumes da guarda há cinquenta anos. Frequenta aqui a casa de alguém?

O general calou-se, como se esperasse uma resposta.

— Isso tem alguma coisa de extraordinário? — replicou subitamente, elevando a voz, Júlia, que estava vexada por ver todos os olhares fitarem-se nela, como por efeito de uma combinação. — Pode causar-nos espanto que Stavroguine se tenha batido com Gaganov e que tenha desdenhado a injúria do estudante? Não podia chamar a campo um homem que tinha sido seu servo.

A ideia era clara e simples, mas ainda ninguém tinha pensado nela. Estas palavras tiveram grande ressonância e mudaram inteiramente a opinião. Os escândalos, as bisbilhotices passaram desde então para segundo plano. Stavroguine apareceu como um homem até aí desconhecido e que possuía uma severidade de princípios quase ideal. Mortalmente ultrajado por um estudante, isto é, por um indivíduo que recebera certa educação e que estava emancipado da servidão, desdenhou da ofensa porque o ofensor era um dos seus servos. A sociedade frívola tem desprezo pelo homem que se deixa insultar impunemente: o seu gesto desafiava os preconceitos de uma sociedade pouco instruída.

Lembraram-se as relações de Stavroguine com o conde K... e concluiu-se disso muito ligeiramente que estava noivo de uma das filhas deste alto funcionário. Quanto à sua pretensa intriga na Suíça com Lisa, as próprias damas deixaram de falar disso. Prascovie e sua filha acabaram enfim por se pôr em regra com a etiqueta provincial: tinham feito as suas visitas. Toda a gente achava que a jovem Lisa era uma moça das mais vulgares, que se aproveitava somente dos seus nervos doentes para se tornar interessante. A sua síncope, no dia da chegada de Stavroguine, não era atribuída agora senão ao terror que a brutal conduta do estudante lhe causara. Exagerava-se mesmo o prosaísmo das circunstâncias que tinham sido até então apresentadas sob as cores mais fantásticas. Da coxa ninguém mais tratou. De tão insignificante pormenor não valia a pena falar. «E quando ele tinha diversas tolas? Quem é que não foi jovem?» Falava-se acerca do respeito que Nicolau tinha pela mãe, procurava-se descobrir-lhe diferentes virtudes, exaltava-se a instrução que adquirira em quatro anos de estudo nas universidades alemãs. A maneira de agir de Gaganov era unanimemente considerada como falta de tato e todos estavam de acordo reconhecendo em Júlia uma perspicácia notável.

Também, quando Stavroguine apareceu, acolheram-no sem a menor reserva e ele pôde ler em todos os olhos a impaciência com que era esperado. Não abriu a boca e o seu silêncio serviu-lhe melhor do que as mais belas palavras. Procedendo assim, ficava-lhe bem, pois estava até na moda. Na província, se alguém frequenta uma vez a sociedade, é forçado a lá voltar. Stavroguine prestou-se escrupulosamente a tudo o que as conveniências exigiram dele. Não o achavam alegre: «É um homem que tem sofrido», diziam, «um homem que não é como os outros e tem muito em que pensar». Iam até ao ponto de julgarem interessante o seu aspeto altivo e orgulhoso, que lhe criara tantos inimigos quatro anos antes.

Bárbara estava radiante. Não posso dizer se lamentava muito o desaparecimento dos seus sonhos a respeito de Lisa. Neste ponto, sem dúvida, valeu-se do seu orgulho familiar. Coisa estranha! Bárbara estava convencida de que Stavroguine, com efeito, «tinha escolhido» em casa do conde K... e o mais singular é que acreditava nisso, como toda a gente, em face dos boatos chegados aos seus ouvidos; contudo não ousava dirigir nenhuma pergunta direta ao filho. Não obstante, duas ou três vezes a curiosidade sobrepôs-se ao receio e num tom jovial censurou o filho por ter mistérios com ela. O jovem sorria e continuava a calar-se. O seu

silêncio foi interpretado como resposta afirmativa. Pois bem, apesar de tudo isto, Bárbara não esquecia nunca a coxa, mesmo quando sonhava com o próximo casamento de seu filho com uma das filhas do conde K...; o pensamento de Maria pesava sempre sobre o seu coração como uma pedra, como um pesadelo, e inquietava-a estranhamente quanto ao futuro.

Será inútil dizer que a viúva encontrara de novo na sociedade a consideração e as atenções respeitosas a que estava outrora acostumada, mas não se aproveitava nada dessa vantagem porque frequentava muito pouco a sociedade. Todavia fez uma visita de cerimónia à governadora. Naturalmente ninguém ficou mais encantado que Bárbara com a linguagem empregada por Júlia em casa da marechala da nobreza: essas palavras libertaram o seu coração de uma grande mágoa e cortaram de um só golpe várias questões que a atormentavam desde esse domingo infeliz. «Não compreendia esta mulher!», concluiu ela e, com franqueza, com a sua habitual espontaneidade, declarou a Júlia que viera agradecer-lhe. A governadora sentiu-se lisonjeada, mas guardou reserva. Começava a ter o sentimento da sua importância, ou talvez já o tivesse demais. Por exemplo, observou, no decorrer da conversa, que não ouviu falar do mérito de Stepan.

— Não há dúvida que recebo o jovem Pedro e interesso-me por ele. É estroina, mas na sua idade isso pode passar; de resto, possui um sólido saber e, além disso, não é um crítico cansado.

Bárbara apressou-se a responder que Stepan nunca fora crítico e que bem ao contrário passara toda a sua vida em casa dela. Na primeira parte da sua carreira, circunstâncias «demasiado conhecidas de todos» chamaram a atenção sobre ele, e nestes últimos tempos evidenciara-se nuns trabalhos sobre a história da Espanha. Agora propunha-se escrever alguma coisa sobre a situação atual das universidades alemãs e pensava também fazer um artigo sobre a Madona de Dresden. Para encurtar, Bárbara nada desprezou a fim de elevar Stepan aos olhos da governadora.

— Sobre a Madona de Dresden? Trata-se da Madona Sixtine?... Querida Bárbara, passei duas horas diante desse quadro e saí descoroçoada. Não compreendi nada e fiquei estupefacta. Karmazinov também diz que é difícil compreendê-lo. Nesta altura, todos, russos e ingleses, declaram nada encontrar de especial nesse quadro tão admirado pela antiga geração.

— É moda nova?

— Penso que não se deve desprezar a nossa mocidade. Grita-se que ela é comunista mas, na minha opinião, deve-se rodeá-la de atenções e de simpatia. Agora leio tudo, recebo todos os jornais, vejo tudo o que se escreve sobre a organização da comuna, das ciências naturais e do resto, porque enfim é preciso saber-se onde se vive e com quem temos de nos haver. Não se pode passar toda a vida nas altas regiões da fantasia. Tomei como regra ser amável com os jovens para os reter à beira do precipício. Acredita, Bárbara, só nós, a sociedade, podemos, pela nossa benéfica influência e sobretudo por processos atraentes, retê-los à beira do abismo para o qual os empurra a intolerância de todos esses velhos caturras. Fiquei muito satisfeita por me teres falado de Stepan. Deste-me uma ideia: podia tomar parte na nossa secção literária. Estou a organizar, como sabes, uma festa, por subscrição, em benefício das professoras pobres da nossa província. Estão dispersas por toda a Rússia. Contam-se seis que são naturais deste distrito. Há além delas duas telegrafistas, duas estudantes de medicina e várias outras que desejariam também estudar, mas que não têm meios para isso. A sorte da mulher russa é terrível! Faz-se agora disso uma questão universitária e o próprio conselho do Império ocupou-se do assunto numa das suas sessões. Na nossa intolerável Rússia pode fazer-se tudo quanto se queira. Assim, repito-o, se a sociedade quisesse, poderia, só com gentilezas e sem opressão, dirigir para o bom caminho este grande movimento de ideias. Oh, meu Deus, são os personagens esclarecidos que nos faltam? Certamente não, mas estão isolados. Unamo-nos portanto, e seremos fortes. Numa palavra, darei em primeiro lugar um sarau literário, depois uma ligeira merenda e à noite um baile. Queríamos começar o sarau por quadros vivos, mas parece que isso traria grandes despesas; assim, para o público, haverá uma ou duas quadrilhas dançadas por mascarados, que vestirão costumes a rigor e representarão certas tendências da literatura. Foi Karmazinov quem sugeriu a ideia deste divertimento; tem-me sido de grande auxílio. Sabes? Ler-nos-á a sua última produção que ninguém ainda conhece. Vai deixar a pena e renuncia desde esse dia em diante a escrever; este artigo é o seu adeus ao público. Uma pequena produção com um título encantador. Um título francês, mas acha isso mais realista e mesmo mais fino. Eu também sou dessa opinião e foi mesmo o meu conselho que o decidiu a favor desse título. Penso que Stepan poderia também fazer uma conferência, se tem qualquer coisa entre mãos e... que não seja demasiadamente científico. Pedro tomará também

parte, julgo-o, no sarau e teremos talvez ainda um outro conferencista. Este passará por tua casa para te dar parte do programa; ou melhor ainda, se mo permites, levar-to-ei eu própria.

— Por minha vez peço-te licença para me inscreveres na tua lista. Darei parte do teu desejo a Stepan e farei por obter o seu consentimento.

Bárbara voltou para casa definitivamente encantada com Júlia e — não sei porquê? — muito zangada com Stepan.

— Estou apaixonada por ela. Não compreendo como pude assim enganar-me com essa mulher — disse ela ao Pedro, quando veio à noite.

— É preciso no entanto que se reconcilie com o velho — aconselhou Pedro. — Ele está desesperado. A sua desgraça é completa. Ontem encontrou-a de carro, saudou-a e a senhora virou-lhe a cara. Como sabe, vamos apresentá-lo; conto fazer alguma coisa dele, pois pode ainda ser útil.

— Oh, ele vai ler!

— Não falo somente disso... Desejava justamente passar hoje por casa dele. Devo dar-lhe o recado?

— Se quiser! Não sei, de resto, como fará isso — disse Bárbara com hesitação. — Contava explicar-me eu mesma com ele, queria marcar-lhe uma entrevista — acrescentou ela, contraindo a face.

— Não vale a pena marcar-lhe uma entrevista. Dir-lhe-ei muito simplesmente do que se trata.

— Pois seja, diga-lho. Mas não deixe também de lhe dizer que irei vê-lo certamente um destes dias.

Pedro saiu, sorrindo. Tanto quanto me lembro, andava então de péssimo humor e quase ninguém estava ao abrigo das suas impertinências. Coisa estranha... todos lhas perdoavam, se bem que excedessem muitas vezes certos limites. Tinha-se geralmente espalhado a ideia de que não deveria ser julgado como os outros. Devo dizer que o duelo de Stavroguine o havia extremamente encolerizado. Este acontecimento foi para ele uma surpresa e tornou-se furioso quando lho contaram. Foi talvez devido ao seu amor-próprio ferido; só tivera conhecimento do facto no dia seguinte, quando já toda a cidade o conhecia.

— Não tinhas o direito de te bater — dissera ele baixo a Stavroguine, quando por acaso o encontrou no grémio cinco dias depois.

Deve notar-se que durante todo este tempo não se tinham encontrado em parte alguma, muito embora Pedro tivesse ido quase todos os dias a

casa de Bárbara.

Stavroguine olhou-o silenciosamente e com ar distraído, como se não tivesse compreendido do que se tratava, mas não parou e passou ao salão, dirigindo-se à sala de comer.

Pedro lançou-se em sua perseguição e, como por distração, agarrou-o pelos ombros.

— Foste também a casa de Chatov? Queres tornar público o teu casamento com Maria?

Stavroguine desembaraçou-se com um movimento brusco e, com semblante ameaçador, virou-se de repente para Pedro. Este encarou-o, sorrindo de forma estranha. Esta cena não durou mais do que um instante. Stavroguine retirou-se.

Capítulo 2

Saindo de casa de Bárbara, Pedro foi imediatamente ver o «velho». Se se apressava tanto, era unicamente porque tinha pressa de se vingar de uma injúria que eu ainda ignorava. Na sua última entrevista, que tivera lugar na quinta-feira precedente, pai e filho tinham questionado. Depois de ter ele próprio principiado a discussão, Stepan terminou-a, armando-se com um pau para pôr Pedro fora da porta. Escondera-me este facto, mas no momento em que Pedro entrou com o seu sorriso presunçoso e o seu olhar investigador, Stepan fez-me sinal para não abandonar o quarto. Fui assim informado sobre as suas verdadeiras relações porque assisti a toda a conversa que tiveram.

Stepan sentara-se na cama. Desde a última visita do filho emagrecera e empalidecera muito. Pedro sentou-se o mais familiarmente possível ao lado dele, cruzou as pernas à turca, sem a menor cerimónia, tomando sobre a cama muito mais espaço do que o que deveria ocupar se tivesse tido o maior cuidado em não incomodar seu pai. Este nada disse e acomodou-se com ar de dignidade.

Um livro estava aberto sobre a mesa. Era o romance *Que Fazer?* Ai de mim! Devo confessar uma estranha fraqueza do nosso amigo. A ideia que tinha de sair da sua apatia para dar uma batalha suprema seduzia cada vez mais a sua imaginação. Adivinhara a razão por que se munira com a obra de Tchernychevsky: prevendo os violentos protestos que a sua linguagem não deixaria de levantar entre os niilistas, estudava o catecismo destes para poder fazer *diante dela* uma triunfante refutação. Oh, como este livro o desolava! Por vezes atirava-o fora com desespero, levantava-se rápido e percorria o quarto preso de uma espécie de exaltação.

— Reconheço que a ideia fundamental do autor é verdadeira — dizia-me ele febrilmente — mas o mais terrível é que esta ideia pertence-nos, fomos nós os primeiros que a semeámos e fizemos brotar!... Além disso, que poderiam eles dizer de novo, depois de nós? Mas, Deus meu, como tudo isto está alterado, falseado, estragado! — exclamou, batendo com os

dedos sobre o livro. — Era a tais conclusões que nós desejávamos chegar? Quem poderia reconhecer ali a ideia primitiva?

Pedro pegou no volume e leu-lhe o título.

— Estás esclarecido? — disse ele com um sorriso. — É mais que tempo. Se quiseres trago-te um melhor do que este.

Stepan conservou-se silencioso e altivo. Por mim sentei-me a um canto do sofá.

Pedro apressou-se a tornar conhecido o objeto da sua visita. Como é natural, Stepan tomou conhecimento dele com extrema estupefação. Enquanto seu filho falava, o espanto e a indignação invadiam-lhe a alma.

— E essa Júlia conta que eu vá a sua casa?

— Não, nenhuma necessidade tem de ti. Pelo contrário, procede assim por amabilidade contigo e por adulação por Bárbara. Mas é claro que não ousarás recusar. Tu mesmo, julgo eu, não desejas outra coisa senão fazer essa conferência — acrescentou sorrindo Pedro. — Vós, os velhos, tendes todos um amor-próprio dos diabos. No entanto, é necessário que o assunto não seja aborrecido de mais. Estudas a história de Espanha, não é verdade? Na antevéspera mostrar-me-ás o trabalho e eu lançar-lhe-ei um golpe de vista. De outra forma adormecerás o auditório.

A grosseria destas observações era evidentemente premeditada. Pedro dava a impressão de crer que era impossível falar mais polidamente quando se dirigia a Stepan. Este, por sua vez, fingia sempre que não notava as insolências do filho, mas estava cada vez mais agitado com as novidades que acabava de conhecer.

— E é ela, ela própria, quem manda dizer isso por... *ti?* — perguntou ele, empalidecendo.

— Não sei se compreendes?... Quer marcar-te um encontro para ter uma explicação contigo. É um resto dos vossos hábitos sentimentais. Namoraste com ela durante vinte anos e acostumaste-la às mais ridículas atitudes. Mas está tranquilo, agora não é para isso; ela própria repete sem cessar que só agora começa «a ver claro». Fiz-lhe compreender nitidamente que toda a vossa amizade não era mais do que um derramamento mútuo de água suja. Contou me muitas coisas, meu amigo. Que emprego de lacaio preencheste durante todo esse tempo... Tive mesmo vergonha por ti.

— Preenchi um emprego de lacaio?

— Pior do que isso. Foste um parasita, ou antes, um lacaio benévolo. Nós somos preguiçosos. Não amamos o trabalho, mas amamos muito o dinheiro. Presentemente ela mesmo compreende tudo isso; pelo menos contou-me tudo muito contrita. O que eu ri, meu caro, lendo as cartas que lhe escrevias! E vil, sem dúvida! mas estás tão corrompido, tão corrompido! Há na esmola qualquer coisa que deprava para sempre! Tu és um admirável exemplo disso!

— Mostrou-te as minhas cartas?!

— Todas. Sem isso, como as teria eu lido? Oh, quanto papel tu enegreceste! Creio que vi bem mais do que duas mil cartas... Mas sabes tu, meu velho? Penso que houve um momento em que te teria desposado satisfeita. Deixaste muito estupidamente escapar a ocasião! Falo, colocando-me debaixo do teu ponto de vista; mas depois de tudo quanto se passou, mais valia consentir por dinheiro, a desposar os «pecados de outrem».

— Por dinheiro! Ela própria diz que era por dinheiro! — disse dolorosamente Stepan.

— E porque teria então sido? Dizendo-lhe isto, defendi-te, porque não tens outra desculpa. Ela própria compreendeu que precisavas, como toda a gente, de dinheiro e que sob esse ponto de vista (com todos os diabos!) tinhas razão. Provei-lhe claramente, tal como dois e dois são quatro, que as vossas relações, tanto de um lado como do outro, se baseavam exclusivamente no interesse: tu vias nela uma capitalista e ela via em ti um bobo sentimental. Não foi por causa do dinheiro que se zangou, apesar de a teres descaradamente explorado. Se te quer mal, é apenas porque durante vinte anos acreditou em ti, porque a apanhaste na armadilha da tua altivez e a fizeste mentir durante muito tempo. Nunca confessará que mentiu, mas tu não poderás fazer o mesmo, pelo contrário... Como não previste que um dia ou outro serias obrigado a prestar contas? No entanto não deixavas de ser então algum tanto inteligente. Ontem aconselhei-a a meter-te num hospício. Tranquiliza-te: num estabelecimento em termos. Isto nada terá do ofensivo e creio que se decidirá a fazê-lo. Lembras-te da tua última carta, a que me escreveste há três semanas, quando estava no distrito de K...?

Stepan levantou-se bruscamente.

— Será possível que lha tenhas mostrado? — perguntou ele alarmado.

— Como? Mas certamente; tive até pressa em fazê-lo. É a carta em que me informas de que ela te explora e que tem ciúmes do teu talento. Nessa carta também falas de «pecados de outrem». A propósito, meu amigo, como tens amor-próprio! Ri a valer. Em geral as tuas cartas são muito aborrecidas. Tens um estilo terrível. Muitas abstinha-me de as ler e ainda há uma esquecida em minha casa e que ainda não a abri; enviar-te-ei amanhã. Porém esta, a última, é o cúmulo da perfeição! Como eu ri! Como eu ri!

— Celerado! Monstro! — vociferou o pai.

— Oh, com os diabos, contigo não há maneira de conversar. Olha lá, pretendes zangar-te, como na última quinta-feira?

Stepan levantou-se com ar ameaçador.

— Como ousas falar-me em tais termos?

— Que censuras tu na minha linguagem? Não é ela simples e clara?

— Mas diz-me finalmente, meu monstro, se és ou não meu filho?

— Deves saber isso melhor do que eu. É verdade que sobre esse assunto qualquer pai pode ser levado a enganar-se...

— Cala-te! Cala-te! — interrompeu, tremendo, Stepan.

— Vês... gritas e injurias-me como na quinta-feira última, quando pretendeste levantar a tua bengala contra mim. Nesse dia descobri um documento. Por curiosidade passei toda a tarde a remexer na mala. Para falar verdade, nada há de preciso, podes estar tranquilo. Há somente uma carta de minha mãe a esse polaco. Mas a julgarmos pelo seu caráter...

— Uma palavra mais e dou-te uma bofetada.

— Eis como são as pessoas! — observou Pedro, dirigindo-se de repente a mim. — Vês, são estas as relações que temos um com o outro desde quinta-feira. Sinto-me satisfeito por, ao menos hoje, estares aqui, pois assim poderás julgar com conhecimento de causa. Há em primeiro lugar um caso: censura a maneira como eu falo de minha mãe... e não foi ele que me levou a isso? Em S. Petersburgo, quando ainda andava na escola primária, acordava-me duas vezes em cada noite para me beijar, chorando como uma mulher, e contar-me... o quê? Anedotas pouco decentes de minha mãe. Foi ele o primeiro que mas fez conhecer.

— Oh, falava disso num sentido elevado! Não me compreendeste, absolutamente nada!

— Mas hás de convir que dizias muito mais do que eu agora digo. Olha, se queres, é-me indiferente! Concordo contigo nesse ponto; quanto à

minha maneira de ver, tranquiliza-te: não acuso a minha mãe; que seja teu filho ou filho do polaco, pouco me importa! Não foi minha a culpa se vivestes em tão má harmonia em Berlim, mas poder-se-ia na verdade esperar outra coisa de vós? E a ti, não te é indiferente que eu seja ou não teu filho? Ouve — continuou ele, dirigindo-se de novo a mim — desde que existo nunca gastou um *rublo* comigo; até à idade de dezasseis anos vivi sem o conhecer; mais tarde, desbaratou os meus haveres; e agora protesta que sempre me trouxe no coração, representa diante de mim a comédia do amor paterno. Mas eu não sou Bárbara para acreditar em tais embustes!

Levantou-se e pegou no chapéu.

— Amaldiçoo-te — disse Stepan, pálido como a morte, estendendo a mão para o filho.

— Pode-se ser assim tão tolo! — volveu Pedro com ar admirado. — Vamos, adeus, meu velho, nunca mais virei a tua casa. Quanto ao teu artigo, não te esqueças de mo enviar antecipadamente, e faz por, se puderes, evitar as frivolidades: factos, factos, factos, e sobretudo sê breve. Adeus.

Capítulo 3

Pedro tinha de facto certas intenções quanto a seu pai. Creio que desejava exasperá-lo e levá-lo assim a cometer algum escândalo. Tinha necessidade disso para atingir os fins que desejava e de que se falará mais tarde. Entre outros personagens de que esperava servir-se sem que estes se apercebessem, para o êxito das suas combinações, havia um com que contava particularmente: era o próprio senhor Von Lembke.

André Antonovitch Von Lembke pertencia a essa feliz raça germânica que tantos empregados dá à Rússia. Conquanto muito mediocremente aparentado — um dos seus tios era tenente-general de engenharia e outro padeiro — tinha tido a sorte de ser educado numa dessas escolas aristocráticas, cujo acesso só está aberto aos jovens nascidos de famílias ricas ou possuindo relações influentes. Quase logo depois de terminarem os seus estudos, os alunos deste estabelecimento obtinham nos serviços públicos empregos relativamente importantes. Von Lembke nada brilhou nos estudos, mas tinha caráter alegre e tornou-se estimado de todos os seus camaradas. Nas classes superiores, onde grande número de jovens têm o costume de discutir ardentemente as grandes questões do dia, o nosso futuro governador continuou a entregar-se às mais inocentes brincadeiras escolares. Entretinha todos com anedotas, mais cínicas, é certo, do que espirituosas. Na aula, quando o professor lhe fazia uma pergunta, assoava-se de uma forma esquisita, o que fazia rir todos os alunos e o próprio professor. No dormitório representava, entre aplausos gerais, algum quadro vivo de género bastante realista. Às vezes executava ao piano, só com o nariz, a abertura do Fra-Diavolo, e fazia-o com bastante habilidade. Durante o seu último ano do liceu meteu-se a compor versos em russo. Quanto à sua língua materna, Von Lembke, como muitos dos seus compatriotas, só muito imperfeitamente a conhecia.

Nos serviços em que teve como chefes pessoas alemãs, subiu bastante depressa os primeiros degraus da hierarquia burocrática. De resto, nos seus princípios, o jovem empregado nada tinha de ambicioso: só sonhava com pequena situação oficial segura e trazendo-lhe alguns benefícios indiretos.

Nas horas vagas que as suas funções lhe deixavam, fabricava diversos objetos em papel, de um trabalho muito engenhoso: às vezes uma sala de espetáculo, outras vezes uma estação de caminho de ferro, etc. Acontecia também escrever de vez em quando uma novela e enviá-la para uma revista de S. Petersburgo, mas nunca nenhuma foi publicada. Ao chegar à idade de trinta e oito anos a sua boa figura e a sua boa aparência seduziram Júlia, a qual já tinha dobrado os quarenta. A partir desse momento a fortuna de Von Lembke tomou rápido desenvolvimento. Além de um dote calculado, segundo a antiga avaliação, em duzentas almas, Júlia trouxe a seu marido uma proteção poderosa. Von Lembke sentiu que desde então poderia permitir-se à ambição. Pouco depois do seu casamento recebeu várias distinções honoríficas, sendo nomeado logo em seguida governador da nossa província. Desde a sua chegada, Júlia esforçou-se por ter influência sobre o marido. Segundo ela, não era um homem sem recursos: sabia apresentar-se, fazer figura, ouvir com ar profundo e guardar um silêncio cheio de dignidade; ainda mais, podia, se fosse preciso, pronunciar um discurso, pois possuía uns vislumbres de ideias e tinha adquirido esse ligeiro verniz de liberalismo indispensável a um administrador moderno. Mas o que entristecia a governadora era encontrar em seu marido pouco expediente e iniciativa: agora que tinha chegado, não parecia sentir senão a necessidade de repouso. Enquanto queria infundir nele a sua ambição, entretinha-se ele a confecionar com papel um interior de um templo protestante: o pastor estava no púlpito, os fiéis ouviam-no de mãos postas, uma dama enxugava os olhos, um velho assoava-se, etc. Logo que Júlia teve conhecimento da existência deste lindo trabalho, apressou-se a guardá-lo, fechando-o num móvel do seu quarto. Para compensar Von Lembke autorizou-o a escrever um romance, com a condição de que se entregaria em segredo a essa ocupação literária. Desde então, a governadora só contou consigo própria para imprimir nova direção política ao governo da província. Conquanto não fosse uma boa resolução, devido à sua imaginação encandecida por um celibato muito prolongado, tudo correu bem durante os dois ou três primeiros meses, mas, com a vinda de Pedro, as coisas mudaram de feição.

Desde o princípio o jovem Pedro mostrou-se muito atrevido para com Von Lembke e tomou com ele as mais estranhas liberdades; Júlia, sempre tão ciosa do prestígio de seu marido, parecia não querer notá-lo, ou pelo menos não lhe ligava importância. Tinha feito do recém-vindo o seu

favorito; comia e bebia em sua casa, podia quase dizer-se que lá dormia. O governador tentava defender-se, mas debalde; era em vão que diante da sociedade tratava Pedro por «jovem» e batia-lhe no ombro com ar protetor. Este parecia sempre zombar de Sua Excelência, mesmo quando pretendia falar seriamente e usava para com ele, em público, dos mais extraordinários ditos. Um dia, ao entrar em casa, encontrou o jovem adormecido sobre um divã, no seu gabinete, onde tinha entrado sem se ter anunciado. Pedro explicou que o viera procurar, mas como estivesse ausente, «aproveitara a ocasião para passar pelo sono». Von Lembke, ofendido, queixou-se de novo a sua mulher; esta escarneceu das suscetibilidades do marido e observou maliciosamente que também ele mesmo não sabia conduzir-se de um modo conveniente: «Pelo menos para comigo» — disse ela — «esse rapaz não se permite nunca familiaridades; é uma natureza franca e simples a que falta apenas o convívio da sociedade». Von Lembke amuou. Desta vez Júlia teve de reconciliar os dois homens. Pedro não se desculpou e teve de pôr termo à questão com grosseira galanteria, que podia passar por novo insulto mas que se considerou como a expressão da sua desculpa. Por desgraça o governador tinha desde o começo calculado mal; cometera a imprudência de confiar o seu romance a Pedro, poucos dias depois de ter sido apresentado a este último, que tomara por um espírito poético. Von Lembke, desde muito tempo desejoso de ter um ouvinte, apressara-se a ler-lhe, uma tarde, dois capítulos da sua obra. O jovem escutou-o, sem dissimular o seu aborrecimento, bocejou grosseiramente e não louvou nenhuma vez o escritor, mas, quando se retirava, pediu licença para levar o manuscrito, a fim de — disse ele — «o ler em sua casa com calma, para poder fazer dele uma ideia mais exata». Von Lembke consentiu. Desde então, se bem que as visitas de Pedro fossem quotidianas, esquecia-se sempre de lho trazer e contentava-se em rir quando lhe pediam novas dele; por fim declarou que o perdera na rua, no mesmo dia em que o governador lho emprestara. Sabendo isto, Júlia zangou-se seriamente com seu marido.

— Não lhe deixaste levar também o teu templo de papel? — perguntou ela, com uma espécie de inquietação.

Von Lembke começou a andar inquieto, o que prejudicava a sua saúde e lhe estava proibido pelos médicos. Além de que, se como governador tinha graves motivos para preocupações, como veremos mais tarde, com a sua vida íntima sofria também cruelmente: ao desposar Júlia, não previra

que a discórdia pudesse um dia reinar entre eles e sentia-se incapaz de dominar a cabeça nas tempestades domésticas. A mulher explicou-se em fim francamente com ele.

— Não podes encolerizar-te por isso — disse ela — porque és três vezes mais razoável do que ele e infinitamente melhor colocado na escala social. Este jovem conserva muito da sua antiga má educação e, a meu ver, a sua maneira de agir é simples garotice; mas é pouco a pouco, e não de repente, que o corrigiremos. Devemos tratar a juventude com benevolência; prendo-a com processos atraentes e retenho-a sobre o declive do abismo.

— Mas diz o que o diabo não sabe — replicou Von Lembke. — Não posso conservar-me impassível, desde que, diante doutros e na minha presença, declara que o governo encoraja a embriaguez expressamente para embrutecer o povo e impedi-lo de se sublevar. Coloca-te no meu lugar, quando for forçado a ouvir publicamente essa linguagem.

Falando assim pensava numa conversa que tivera recentemente com Pedro. Desde 1859 que Von Lembke, movido, não por curiosidade de amador, mas por interesse político, colecionara todas as proclamações lançadas pelos revolucionários russos, tanto no nosso país como no estrangeiro. Pensou mostrar essa coleção a Pedro, na esperança ingénua de o desarmar pelo seu liberalismo. Adivinhando-lhe o pensamento, o jovem não hesitou em afirmar que uma só linha de certas proclamações continha mais bom senso do que qualquer circular das diversas chancelarias, «não excetuando mesmo a tua» — acrescentou ele.

A fisionomia de Von Lembke dilatou-se.

— Mas nós não estamos ainda preparados para isso, no nosso país isso é prematuro — observou ele com voz quase suplicante, indicando com um gesto as proclamações.

— Não, não é prematuro, e a prova é que tens medo.

— Mas olha, por exemplo, este convite para destruir as igrejas!

— Porque não? Tu, pessoalmente, és um homem inteligente e no entanto não crês, mas compreendes muito bem que a fé é necessária para embrutecer o povo. A verdade é mais honrosa do que a mentira.

— Admito-o, admito-o, sou inteiramente da tua opinião, mas no nosso país é ainda muito cedo — replicou o governador, carregando as sobrancelhas.

— Se é apenas a questão de oportunidade que nos divide, se, exceto isso, és de opinião que devemos queimar as igrejas e marchar armados de chuços sobre S. Petersburgo, que funcionário do governo és tu então?

Preso numa armadilha tão grosseira, Von Lembke experimentou vivo sofrimento de amor-próprio.

— Não é isso — respondeu ele com animação. — Enganas-te, porque és um rapaz e sobretudo porque não estás ao corrente dos nossos fins. Repara, caro Pedro, chamas-nos funcionários do governo: é verdade que o somos, mas sabes qual é a nossa tarefa? Temos grande responsabilidade e, no fim de contas, servimos a causa pública tão bem como vós. Com esta diferença: nós sustemos o que vós sacudis e o que sem nós cairia em dissolução. Nós não somos vossos inimigos, de maneira nenhuma! Dizemos apenas: ide para diante, abri o caminho ao progresso, sacudi mesmo, consentimos nisso! Sacudi tudo quanto está velho, tudo quanto requer uma reforma, mas, quando for preciso, reter-vos-emos nos limites necessários, porque, sem nós, não fareis mais do que arrasar a Rússia. Com penetra-te desta ideia: temos necessidade uns dos outros. Na Inglaterra, os socialistas e os conservadores contrabalançam-se. Pois bem, nós somos os conservadores e vós os socialistas, é assim que eu compreendo a questão.

Von Lembke animava-se. Já em S. Petersburgo gostava de falar como homem inteligente e liberal; agora fazia-o tanto mais gostosamente quanto havia apenas um ouvinte. Pedro calava-se e parecia mais sério do que o costume. Isto foi novo estimulante para o orador.

— Sabes qual é a minha situação, a de «administrador da província?» — prosseguiu ele, passeando no seu gabinete. — Tenho muitas obrigações para poder cumprir uma só e ao mesmo tempo posso dizer, com o mínimo de verdade, que não tenho nada a fazer. Todo o segredo é que a minha ação está inteiramente subordinada às ordens do governo. Suponhamos que, por política ou para acalmar as paixões, o governo se transforma em república, por exemplo, e que, por outro lado, paralelamente, aumenta os poderes dos governadores; nós, os governadores, destruiremos a república. Que digo? Destruiremos o que tu quiseres; eu, pelo menos, sinto-me capaz de destruir seja o que for... Numa palavra, se o governo me telegrafar para desenvolver uma atividade governativa, desenvolvo logo essa atividade. Digo-o aqui, abertamente, ou diante de toda a gente: «Meus senhores, para a prosperidade de todas as instituições provinciais, uma coisa é necessária:

a extensão dos poderes conferidos aos governadores». Olha, é preciso que todas essas instituições, quer sejam jurídicas, quer sejam territoriais, vivam, por assim dizer, uma vida dupla, ou melhor, é preciso que elas existam (admito esta necessidade!) e é preciso por outro lado que elas não existam, sempre conforme o que o governador julgar por bem, Dá-se qualquer caso e a necessidade das instituições faz-se sentir, imediatamente as restabeleço na minha província; deixam de ser necessárias, imediatamente também as faço desaparecer e não encontrarás mais vestígios delas. Eis como eu compreendo a atividade governativa; porém é impossível, se não aumentarem os nossos poderes. Isto é conversar particularmente. Sabes que já comuniquei para S. Petersburgo a necessidade do governador ter uma sentinela à sua porta. Espero a resposta.

— Precisas de duas — disse Pedro.

— Porquê duas? — perguntou Von Lembke, parando diante dele.

— Porque uma só não é bastante para te fazer respeitar. Precisas absolutamente de duas.

O governador fez uma careta.

— Tu... só Deus sabe as liberdades que tomas. Abusas da minha bondade para me dirigires sarcasmos *t* colocar-te como benfeitor.

— Sim, é possível — murmurou entre dentes Pedro — mas com tudo isso abris-nos o caminho e preparais o nosso triunfo.

— Nós, quem? E de que triunfo falas? — perguntou Von Lembke, encarando com espanto o seu interlocutor, mas sem obter resposta.

O relato desta conversa pés Júlia de muito mau humor.

Von Lembke tentou justificar-se.

— Sabes que não posso falar autoritariamente com o teu favorito, sobretudo numa conversa particular... É possível que tenha sido imprudente nas minhas expansões... mas tenho bom coração.

— Bom coração de mais. Não conhecia essa coleção de proclamações. hás de fazer o favor de mas mostrar.

— Pediu-mas emprestadas por vinte e quatro horas.

— E consentiste que as levasse? — exclamou Júlia colérica. — Que falta de tato!

— Vou imediatamente mandá-las buscar.

— Não tas mandará.

— Exigi-lo-ei! — replicou com veemência o governador, levantando-se bruscamente. — Quem é ele para assim se considerar temido e quem sou eu para nada ousar fazer?

— Senta-te e acalma-te. Vou responder à tua primeira pergunta: foi-me recomendado nos mais calorosos termos, tem qualidades e diz por vezes coisas bastante inteligentes. Karmazinov assegurou-me que tem relações quase em toda a parte e que exerce extraordinária influência sobre a juventude da capital. Se, por seu intermédio, os chamo e os junto todos à minha volta, arrancá-los-ei a uma perda certa, mostrando-lhes um novo caminho para a sua salvação. É-me inteiramente dedicado e segue em tudo os meus conselhos.

— Mas — balbuciou Von Lembke — enquanto se acarinham... podem... podem... eu sei lá o que eles podem fazer l... Não há dúvida que é uma ideia, mas... olha, acabo de saber que circulam proclamações no distrito de ***.

— Esse boato corria já no último verão. Falava-se de proclamações sediciosas, com assinatura falsa, que sei eu? No entanto, até agora, nem uma única se encontrou. Quem te disse isso?

— Soube-o por Von Blumer.

— Ah, não me apoquentes com o teu Blumer e nunca mais pronuncies esse nome diante de mim.

A cólera obrigou Júlia a interromper-se durante um minuto. Von Blumer, que servia na secretaria do governador, era a ave negra da governadora.

— Peço-te para não te inquietares a respeito de Pedro — terminou ela. — Se fomentasse quaisquer desordens, não falaria como fala, nem a ti, nem a toda a gente por aí. Os palradores não são perigosos. Direi mesmo: se alguma coisa acontecer, serei a primeira a ser informada, e por ele. É-me fanaticamente dedicado, fanaticamente!

Antecipando-me aos acontecimentos, devo dizer que, sem a ambição de Júlia e a sua presunçosa confiança em si própria, essas más criaturinhas não poderiam fazer na nossa província o que fizeram. A governadora tem neste particular grande parte da responsabilidade.

Parte 5

Capítulo 1

Por várias rezes a festa em benefício das professoras da nossa província foi anunciada para um determinado dia e depois adiada para uma data posterior. Além de Pedro, Júlia tinha como colaboradores o pequeno empregado Liamchine, cujo talento musical apreciava, Lipoutine, designado para ser o redator-chefe de um jornal independente que ela se propunha fundar, algumas senhoras e meninas, e por fim o próprio Karmazinov. Este último trabalhava menos do que os outros, mas declarara com ar satisfeito que reservava uma surpresa agradável, quando começasse a quadrilha da literatura. Afluíam dádivas e listas de subscrições, onde toda a boa sociedade se inscreveu; além disso, aceitava-se também o concurso pecuniário de pessoas que estavam longe de pertencer à alta sociedade. Júlia pensava que, por vezes, era necessário admitir a mistura de classes; «sem isso» — dizia ela — «como se poderão ilustrar?» A comissão organizadora, que se reunia em casa dela, resolvera dar à festa um caráter democrático. O prodigioso sucesso das subscrições era um convite à despesa; desejava-se fazer maravilhas, e daí todos esses adiamentos. Ainda não estava decidido onde teria lugar o baile: seria dado em casa da marechala da nobreza, que oferecera a sua grande casa, ou em casa de Bárbara, em Skvorechniki? Uma objeção se levantava contra esta última escolha: Skvorechniki era um pouco longe. Porém vários membros da comissão fizeram notar que ali estar-se-ia «mais à vontade». Bárbara desejava vivamente que a sua casa fosse a preferida. Seria difícil dizer como esta orgulhosa mulher chegava quase a procurar captar as boas graças de Júlia. Aparentemente parecia contente por ver que, por seu turno, a governadora se confundia em delicadezas para com Stavroguine e o tratava com consideração excecional. Repito-o mais uma vez: graças às meias palavras segredadas por Pedro, todos em casa do governador estavam persuadidos de que o jovem Stavroguine estava ligado pelos mais íntimos elos a gente misteriosa e que tinha sido enviado para a nossa cidade com qualquer missão.

O estado dos espíritos era então curioso. Reinava em todos uma irreflexão extraordinária, uma certa imprudência de ideias, que tinha qualquer coisa de engraçado, sem que contudo fosse sempre agradável. Este fenómeno havia-se produzido bruscamente. Dir-se-ia que um vento de frivolidade soprara de repente sobre a cidade. Mais tarde, quando tudo acabou, acusaram Júlia, a sua sociedade e a sua influência; todavia é duvidoso que só ela fosse a culpada. Ao princípio, quase todos louvavam à porfia a nova governadora, pois sabia reunir os diversos elementos sociais e tornava assim a existência mais alegre. Houve mesmo alguns casos escandalosos, mas Júlia estava completamente inocente; longe de se comover com isso, o público contentou-se em se rir dela. As poucas pessoas que haviam escapado ao contágio geral, se não aprovavam, abstinham-se de protestar, pelo menos de princípio. Algumas mesmo sorriam. Chegou à cidade uma vendedeira de livros, e muito em especial do «Evangelho»; era uma mulher considerada, embora de condição burguesa. Liamchine lembrou-se de lhe pregar uma partida que merecia a forca. Entendeu-se com um seminarista que passava os dias pelas ruas, enquanto esperava arranjar um lugar de professor num colégio; foram os dois procurar a vendedeira com o pretexto de lhe comprar livros. Sem que ela se apercebesse, introduziram-lhe no saco grande quantidade de fotografias obscenas, que lhe tinham sido dadas especialmente para esse fim, como mais tarde se soube, por um velho cavalheiro muito respeitado e cujo nome calarei. Esse ancião, condecorado com uma das mais honrosas ordens, gostava, segundo a sua expressão, «do riso franco e das boas farsas». Quando a pobre mulher se preparava para exibir a sua piedosa mercadoria, saíram-lhe do saco as fotografias misturadas com os «Evangelhos». A princípio houve risos, e depois murmúrios; formou-se um ajuntamento e às injúrias iam seguir-se as pancadas quando a polícia interveio. Levaram a vendedeira para a esquadra e só à noite foi posta em liberdade, graças à intervenção de Stavroguine, que soubera com indignação dos pormenores deste vil procedimento. Júlia quis então proibir a Liamchine a entrada em sua casa mas, nessa mesma noite, todo o nosso grupo lho levou e a obrigou a ouvir uma nova fantasia para o piano, que o judeu acabava de compor, sob o título: «A guerra franco-prussiana». Era uma espécie de rapsódia, onde os motivos patrióticos da *Marselhesa* alternavam com as notas galhofeiras do *Meu Caro Augustinho.* Esta

música obteve um sucesso hilariante e Liamchine readquiriu as boas graças da governadora...

Se se pode dar crédito à voz pública, este insolente tomou parte também num outro caso não menos revoltante, que a minha crónica não pode deixar passar em silêncio.

Uma manhã, a população da cidade soube, ao acordar, que uma odiosa profanação fora cometida. À entrada do grande mercado está situada a velha igreja da Natividade da Virgem, um dos mais antigos monumentos que possui o nosso burgo. Na parede exterior, perto da porta, existe um nicho que, desde tempos imemoriais, encerra uma grande imagem representando a Mãe de Deus. Ora, uma noite, alguém fez uma brecha na grade colocada diante do nicho, partiu o vidro e roubou algumas das pérolas e pedras preciosas com que a imagem estava adornada. Tinham grande valor? Ignoro-o, mas ao roubo juntava-se outra zombaria sacrílega: dentro do nicho foi encontrado pela manhã, diz-se, um rato vivo. Hoje, isto é, quatro anos depois do acontecimento, chegou-se à conclusão de que o ladrão fora o forçado Fedka, mas acrescenta-se que Liamchine participou no delito. Então, ninguém falou dele nem o deram como suspeito; hoje todos asseveram que foi ele quem colocou o rato. Lembro-me que naquela ocasião todas as nossas autoridades perderam um tanto a cabeça. O poro juntou-se imediatamente no local do crime e durante toda a manhã uma centena de indivíduos estacionou em frente do nicho; os que se iam embora eram imediatamente substituídos por outros; estes faziam o sinal da cruz, beijavam a imagem e depunham um óbolo numa bandeja, junto da qual se encontrava um monge. Eram três horas da tarde quando o governador se decidiu por fim a proibir o ajuntamento e a obrigar os curiosos a circularem, uma vez satisfeita a sua devoção. Este desgraçado caso produziu em Von Lembke a mais deplorável das impressões. Segundo mais tarde disse Júlia, foi a partir deste dia que começou a notar em seu marido o estranho abatimento que nunca mais o deixou até hoje.

Cerca das duas horas passei na praça do mercado; a multidão estava silenciosa e nas faces tinha uma expressão grave e triste. A certa altura, chegou de carro um mercador gordo e pálido; depois de descer, prostrou-se até ao chão, beijou a imagem e colocou um *rublo* na bandeja; em seguida meteu-se de novo no carro, suspirando, e afastou-se. Depois vi aproximar-se uma carruagem, onde vinham duas senhoras e dois dos nossos elegantes. Estes — dos quais um nada tinha de moço — desceram

também da carruagem e dirigiram-se para a imagem, abrindo, sem cerimónia, caminho através do povo. Nem um nem outro se descobriu e um deles pôs os óculos. A multidão manifestou o seu descontentamento por um murmúrio surdo. O dos óculos tirou do bolso uma carteira atulhada de notas de banco e, tirando um *kopek,* deitou-o na bandeja; depois disso, esses dois cavalheiros, rindo e falando muito alto, tomaram de novo a carruagem. De repente chegou a galope Lisa, escoltada por Maurício. Apeou-se, atirou as rédeas ao seu companheiro, que por sua ordem se manteve montado, e aproximou-se do nicho. À vista da dádiva irrisória que acabava de dar o cavalheiro dos óculos, a jovem senhora tornou-se rubra de indignação; tirou o chapéu e as luvas, ajoelhou-se no passeio lamacento, em frente à imagem, e por três vezes se inclinou para o solo. Em seguida abriu a bolsa mas, como só tinha algumas *grivnas*, desprendeu imediatamente os brincos de diamantes e depô-los na bandeja.

— Dá-me licença, não é verdade? É para os adereços da imagem? — perguntou ela ao monge com voz agitada.

— Sim, minha senhora, todo o donativo é uma boa obra.

A multidão assistiu muda a esta cena, sem exprimir censura nem aprovação. Lisa, cujo vestido estava todo coberto de lama, montou de novo a cavalo e desapareceu.

Capítulo 2

Dois dias depois, encontrei-a em numerosa companhia: fazia parte de um grupo que enchia três carruagens e à volta das quais galopavam vários cavaleiros. Logo que me viu, chamou-me com um gesto, fez parar a carruagem e exigiu que eu tomasse parte na digressão. Em seguida apresentou-me às elegantes senhoras que a acompanhavam e explicou-me que o passeio tinha um fim muito interessante. Lisa ria e parecia extremamente feliz. Nesses últimos tempos tinha-se tornado de uma alegria provocante. Tratava-se com efeito de um divertimento bastante excêntrico: toda esta gente se dirigia para o outro lado da ribeira, a casa do negociante Sevostianov, que há dez anos dava hospitalidade a Sémen Iakovlevitch, doido religioso, célebre pela sua santidade e profecias, não somente na nossa província, mas nas vizinhas e mesmo nas duas capitais. Muitas pessoas iam prostrar-se diante deste doido e faziam por obter dele uma palavra; os visitantes levavam-lhe por vezes presentes valiosos. Quando não aplicava às suas necessidades as ofertas que recebia, dava-as a uma igreja, em geral ao mosteiro de Santo Euthyme; também um monge deste convento habitava no pavilhão ocupado pelo doido. Todos esperavam divertir-se muito. Ninguém deste grupo tinha visto Sémen. Só Liamchine tinha ido noutros tempos a casa dele. Contava que o doido o havia posto fora da porta a golpes de vassoura e lhe atirara com duas batatas cosidas. Entre os cavaleiros notei Pedro; alugara um cavalo de um cossaco e segurava-se mal na sela. Na cavalgada figurava também Stavroguine. Quando entre os seus conhecidos se organizava um divertimento, decidia-se por vezes a tomar parte nele e tinha sempre, nestes casos, o aspeto alegre que as conveniências pediam, mas, conforme o seu costume, falava pouco.

No momento em que a caravana chegava em frente da pensão que se encontra perto da ponte, alguém observou bruscamente que um viajante acabava de se suicidar naquela casa com um tiro de pistola e que esperavam a polícia. Um dos companheiros propôs irem imediatamente ver o cadáver. Esta ideia foi recebida com entusiasmo, tanto maior quanto

algumas das senhoras nunca tinham visto um suicida. «A gente aborrece-se tanto — disse uma delas — que é preciso não opor dificuldades quando se trata de distrações». Só duas ou três ficaram à porta; as outras invadiram juntas o sujo corredor e não fiquei pouco surpreendido ao notar entre elas a própria Lisa. O quarto onde jazia o corpo estava aberto e, como é natural, ninguém ousou recusar-nos a entrada. O falecido era um rapaz muito novo, com mais ou menos dezanove anos; devia ter sido muito bonito. Tinha espessos cabelos louros, a fronte correta e o oval da face regular. Os seus membros estavam já hirtos e a face branca parecia de mármore. Sobre a mesa encontrava-se um bilhete que deixara, para que ninguém fosse acusado da sua morte. «Tinha-se morto» — escrevera ele — «porque tinha perdido quatrocentos *rublos».*

Estas poucas linhas continham quatro erros gramaticais. Um gordo proprietário que, ao que parecia, conhecia o suicida e ocupava na pensão um quarto vizinho, debruçava-se sobre o cadáver soltando grandes suspiros. Disse-nos que o jovem era filho de uma viúva que habitava no campo; fora mandado pela família à cidade, ou melhor, por sua mãe, suas tias e suas irmãs, para comprar o enxoval de uma destas, que em breve se ia casar. Uma parenta que vivia na cidade devia guiá-lo nas compras, tinham-lhe confiado quatrocentos *rublos,* as economias de dez anos, e não o deixaram partir sem primeiro lhe terem prodigalizado um sem número de recomendações e terem-lhe passado à volta do pescoço toda a espécie de objetos bentos. Até então tinha sido um rapaz muito bem comportado.

Chegado à cidade, em vez de ir para a casa da parenta, foi para a pensão. Dirigiu-se depois ao grémio, onde contava encontrar algum estranho que consentisse em fazer com ele uma vaca ao jogo. Vendo frustrada a sua esperança, voltou cerca da meia-noite à pensão, mandou vir champanhe, charutos havanos e encomendou uma ceia de seis ou sete pratos. Mas o champanhe embebedou-o e o tabaco causou-lhe náuseas; por isso não conseguiu sequer tocar na refeição que lhe serviram e deitou-se quase sem dar por isso. No dia seguinte acordou fresco e bem-disposto. Apressou-se a ir a casa de uns ciganos de que ouvira falar no grémio. Durante dois dias não o tornaram a ver na pensão. Só no dia seguinte, às cinco horas da tarde, voltou, mas bêbado. Deitou-se e dormiu até às dez horas da noite. Ao acordar pediu uma costeleta, uma garrafa de vinho branco, uvas, o necessário para escrever e por fim a conta. Ninguém notou o que quer que fosse de estranho; estava calmo, sorridente e afável. O

suicídio tinha, sem dúvida, tido lugar cerca da meia-noite, muito embora, caso estranho, ninguém tivesse ouvido uma detonação de arma de fogo. Foi só no dia seguinte, à uma hora da tarde, que os donos da pensão se inquietaram. Foram bater à porta do viajante e, não recebendo resposta, meteram a porta dentro. A garrafa de vinho branco estava ainda cheia e havia ainda meio prato de uvas. O jovem servira-se de uma pequena pistola de três tiros para meter uma bala no coração. A ferida quase não sangrara; os dedos do suicida tinham deixado cair a arma, que se encontrava sobre o tapete. O corpo estava meio deitado num divã. A morte devia ter sido instantânea. Nenhum sinal de sofrimento lhe aparecia no rosto, cuja expressão era calma, quase feliz, como se a vida o não tivesse deixado. Todo o nosso grupo olhou o cadáver com ávida curiosidade. Quem quer que sejamos, há em geral na infelicidade dos outros qualquer coisa que alegra os nossos olhos. As senhoras contemplavam em silêncio; os cavalheiros faziam certas observações, que testemunhavam grande liberdade de espírito. Um deles notou que fora a melhor saída e que o jovem não podia ter imaginado nada de mais sensato. A conclusão de um outro foi que, pelo menos durante um momento, tinha vivido bem. Um terceiro perguntara a si próprio por que razão os suicídios se tinham tornado tão frequentes na nossa terra; «parece» — disse ele — «que a terra nos falta debaixo dos pés». Este raciocínio não obteve nenhum sucesso. Liamchine, que se vangloriava em representar o papel de bobo, tirou do prato um pequeno cacho de uvas; um outro imitou-o rindo e um terceiro estendia um braço para a garrafa de vinho branco quando apareceu o chefe da polícia, que mandou evacuar o quarto. Como nada mais tínhamos a ver, retirámo-nos logo, muito embora Liamchine tentasse parlamentar com o polícia. O passeio terminou duas vezes mais alegre do que tinha começado.

Era exatamente uma hora da tarde quando chegámos a casa do negociante. Disseram-nos que Sémen estava a almoçar, mas que não obstante recebia. Entrámos todos juntos. O quarto onde o bem-aventurado comia as suas refeições e dava as suas audiências era bastante espaçoso, iluminado por três janelas e dividido em duas partes iguais por uma grade de madeira, que se elevava à altura de meio corpo. Os visitantes de todos os dias ficavam aquém dessa divisão; o doido conservava-se do outro lado e só deixava aproximar dele certos privilegiados; fazia-os sentar ora em sofás de couro, ora num divã; ele ocupava uma velha poltrona, cuja

fazenda já mostrava a trama. Com cinquenta e cinco anos de idade, Sémen era um homem bastante alto, com olhos pequenos e compridos, a face rapada, amarelo e vaidoso; a cabeça, quase inteiramente calva, só tinha alguns raros cabelos louros; tinha a face direita inchada, a boca um pouco torta e uma grande verruga perto da narina esquerda. A sua fisionomia era calma, séria, quase sonolenta. Vestido à alemã, com uma sobrecasaca preta, não tinha nem colete, nem gravata. Debaixo do seu vestuário entrevia-se uma camisa limpa, mas de pano bastante grosseiro. Os pés, que pareciam aleijados, estavam calçados com umas pantufas. Era, dizia-se, um antigo funcionário e possuía uma pensão. Neste momento acabava de comer uma sopa de peixe e principiava o segundo prato — batatas com casca! A isto se limitava invariavelmente a sua alimentação, mas gostava muito de chá e por isso bebia muito. À sua volta iam e vinham três criados, pagos pelo negociante; um deles vestia fraque, um outro parecia um operário bem trajado e o terceiro tinha a aparência de um rato de igreja; havia ainda um rapaz de dezasseis anos que se mexia muito. Independentemente destes criados, encontrava-se também ali, com um mealheiro na mão, um monge do convento de Santo Euthyme, homem de cabelos brancos e de aparência respeitável, apesar de uma gordura talvez excessiva. Sobre uma mesa, fervia um enorme samovar ao lado de uma bandeja contendo cerca de duas dúzias de copos grandes. Em frente, sobre uma outra mesa, estavam expostas as dádivas: alguns pães de açúcar e algumas libras do mesmo artigo, duas libras de chá, um par de pantufas bordadas, um lenço de seda, uma peça de fazenda, uma peça de pano, etc. As dádivas em dinheiro entravam quase todas no mealheiro do monge. Havia muita gente no quarto; só visitantes eram cerca de uma dúzia. Dois dentre eles tinham tomado lugar atrás da grade, perto de Sémen: um velho peregrino de cabelos brancos era com certeza um homem do povo; o outro, baixo e magro, era um religioso, de passagem pela nossa cidade; modestamente sentado, conservava os olhos baixos. O resto da assistência, de pé, diante da grade, compunha-se quase exclusivamente de lavradores; notava-se no entanto entre eles um proprietário, uma velha dama nobre, mas pobre, e por fim um gordo negociante, vindo de uma distante cidade do distrito; este último usava uma grande barba e vestia à russa. Sabia-se apenas que possuía uma fortuna de cem mil *rublos*. Todos esperavam em silêncio a felicidade. Quatro de entre eles tinham-se ajoelhado; um deles estava num lugar mais em destaque e chamava particularmente a atenção;

era o proprietário, homem gordo, de quarenta e cinco anos, que parecia disposto a conservar-se piedosamente ajoelhado muito junto da grade até que Sémen houvesse por bem honrá-lo com um olhar ou uma palavra. Havia cerca de uma hora que ali se achava e o bem-aventurado não parecia ter ainda apercebido a sua presença.

As senhoras, segredando alegremente, foram agrupar-se junto da grade, obrigando todos os outros visitantes a dar-lhes lugar; só o proprietário não consentiu que o desalojassem do seu, e agarrou-se com força à grade. Olhares folgazões dirigiram-se para o doido; uns examinaram-no com um monóculo, outros com os óculos; Liamchine chegou mesmo a assestar sobre ele o seu binóculo de teatro. Sem se importar com a curiosidade de que era objeto, Sémen relanceou o olhar sobre todos.

— Encantadora sociedade!... Encantadora sociedade! — disse ele, com voz bastante forte.

Todo o nosso grupo começou a rir e alguém disse: «Que quer isto dizer?» Mas o bem-aventurado nada respondeu e continuou a comer as batatas; quando acabou, limpou a boca e trouxeram-lhe chá.

Habitualmente não o tomava só e oferecia-o aos seus visitantes, mas só àqueles que lhe pareciam dignos de tal honra. Esta escolha tinha sempre muito de imprevisto. Tanto distinguia um lavrador ou alguma boa velhinha, pondo de parte altos dignitários e homens ricos, como, ao contrário, dava a preferência a um grande negociante, pondo de parte os pobres diabos. Justo seria que todos fossem servidos da mesma forma; não sucedia assim, pois a uns davam-lhe o chá doce de mais, a outros davam-lhe açúcar para o adoçar e a outros ainda nenhum açúcar lhes era oferecido. Nesse dia, os favorecidos foram o religioso e o velho peregrino. O primeiro recebeu um copo de chá açucarado e o segundo não teve nenhum açúcar. O gordo monge do convento de Santo Euthyme, que até então nunca tinha sido esquecido, teve desta vez de se contentar em ver beber os outros.

— Sémen, diga-me qualquer coisa. Há muito desejava conhecê-lo — disse, com um sorriso e um piscar de olhos, a senhora elegante que declarara não se deviam levantar dificuldades quando se tratasse de distrações.

O doido nem sequer olhou para ela. O proprietário, ajoelhado, exalou um profundo e ruidoso suspiro.

— Deem lhe chá açucarado! — disse de repente Sémen, designando o rico negociante.

Este aproximou-se e veio colocar-se ao lado do proprietário.

— Deem-lhe mais açúcar! — ordenou o bem-aventurado, depois de lhe terem enchido o copo de chá; obedeceram. — Mais ainda! — continuou ele.

Deitaram-lhe açúcar por três vezes. O negociante bebeu aquele xarope sem murmurar.

— Senhor! — murmurou a assistência, persignando-se.

O proprietário exalou segundo suspiro, não menos profundo que o primeiro.

— Adorado Sémen! — gritou de repente com voz dolente, mas ao mesmo tempo muito áspera, a senhora pobre, que os do nosso grupo tinham desviado da grade. — Há uma interminável hora, meu bom amigo, que espero uma palavra sua. Fale-me, dê um conselho à órfã.

— Interroga-a — disse Sémen ao sacristão.

Este dirigiu-se para ela.

— Fizeste o que Sémen te ordenou ultimamente? — perguntou à viúva em voz baixa e pausada.

— Que posso eu fazer contra eles, Sémen? — esganiçou a velha. — São antropófagos. Queixaram-se de mim no Tribunal do bairro e ameaçaram-me com a cadeia; eis como eles tratam sua mãe!

— Dá-lho! — disse o doido, mostrando um pão de açúcar.

O rapazito correu imediatamente para o objeto indicado, pegou nele e levou-o à viúva.

— Oh, santo adorado, és demasiadamente bom! Que devo fazer com isto? — continuou ela.

— Mais, mais! — ordenou Sémen.

Um outro pão de açúcar foi oferecido à viúva.

— Mais, mais! — repetiu o bem-aventurado.

Levaram-lhe um terceiro e por fim um quarto pão de açúcar. A visitante ficou rodeada deles. O monge do nosso convento suspirou, dizendo: «Tudo isto podia antes ir para o convento, como das outras vezes».

— É demasiado para mim. Tenho por ventura necessidade de tanto? — observou a viúva, confusa. — Mas, não é isto uma profecia?

— Sim, é uma profecia — disse alguém de entre a multidão.

— Deem-lhe ainda mais meio quilo. — E deram-lho.

— Senhor, senhor! — suspirava a gente do povo, fazendo o sinal da cruz. — É uma evidente profecia.

— Adoça primeiro o teu coração pela bondade e misericórdia e depois vem queixar-te dos teus filhos, ossos dos teus ossos. É isto provavelmente o que significa esta profecia — notou o monge em voz baixa, mas satisfeito consigo mesmo, a quem se tinham esquecido de oferecer chá e cujo amor-próprio ferido procurava uma consolação.

— Mas olha, bem-aventurado! — prosseguiu a viúva colericamente. — Quando houve incêndio em casa de Verkhichine, passaram à volta do meu corpo um nó corredio para me arrastarem pelas chamas; mais tarde meteram na minha arca um gato morto, etc. São capazes de todas as vilanias...

— Ponham-na fora da porta! — gritou Sémen, agitando os braços.

O sacristão da igreja e o garotelho precipitaram-se para o outro lado da grade. O primeiro agarrou a viúva pelo braço; esta não opôs resistência alguma e deixou-se conduzir até à porta, voltando-se para ver os pães de açúcar que o criado trazia atrás deles,

— Tira-lhe um! — ordenou Sémen ao criado que se encontrava perto dele.

Este correu atrás dos que acabavam de sair e, algum tempo depois voltaram os três trazendo um dos pães de açúcar que tinham sido dados à viúva; os outros três ficaram em seu poder.

— Sémen, porque não me respondeste nada? Há tanto tempo que te adoro — disse aquela das senhoras que já havia falado.

O bem-aventurado nem sequer lhe deu atenção e dirigiu-se ao monge do nosso mosteiro.

— Interroga-o! — ordenou ele, designando o proprietário ajoelhado.

O monge aproximou-se gravemente do proprietário.

— Que falta cometeste? Não te deram qualquer ordem?

— De não bater em mim próprio, de me abster das vias de facto — respondeu o interpelado com voz rouca.

— Obedeceste a essa ordem? — prosseguiu o monge.

— Não posso; o vício é mais forte do que eu.

Sémen agitou os braços,

— Manda-o embora! Manda-o embora! Põe-no fora da porta com uma vassoura!

Sem esperar que os factos seguissem as palavras, o proprietário apressou-se a desaparecer.

— Deixou uma moeda de ouro no lugar onde se encontrava — disse o monge, levantando do chão um meio imperial.

— A quem será preciso dá-lo? — disse Sémen, e logo em seguida indicou com um gesto o rico negociante, que não ousou recusar a dádiva.

— A água corre sempre para o rio! — não pôde deixar de observar o monge.

— Para esse, chá açucarado — ordenou bruscamente Sémen, indicando Maurício.

Um criado encheu um copo e ofereceu-o por engana a um elegante que estava de óculos.

— Ao outro, ao outro! — gritou o bem-aventurado.

Maurício pegou no copo, cumprimentou-o e principiou a beber. Todos do nosso grupo começaram a rir, não sei bem por quê.

— Maurício! — exclamou de repente Lisa. — O cavalheiro que estava ainda agora ali de joelhos foi-se embora; é preciso que te ponhas também de joelhos; desejo ver como o fazes. Se recusas, tudo acabará entre nós. Quero-o em absoluto, quero-o!...

Não sei qual era a sua intenção, mas exigiu com tal insistência e tão implacavelmente, que dir-se-ia estava com um ataque nervoso. Estes caprichos cruéis que havia algum tempo se renovavam com particular frequência, Maurício explicava-os como sendo movimentos de cego ódio e atribuía-os não à maldade — sabia que a jovem tinha por ele estima, afeição e respeito — mas a uma espécie de inimizade inconsciente, sobre a qual ela por vezes não podia triunfar.

Entregou silenciosamente o copo a uma velha mulher que se encontrava atrás dele, abriu a porta da grade e entrou, sem a isso ser convidado, na parte do quarto reservada a Sémen; depois, na frente de todos, pôs-se de joelhos. Julgo que a sua alma, simples e delicada, sentira-se muitíssimo com a brutal injúria a que Lisa se permitira publicamente. Talvez pensasse que, vendo a humilhação a que o condenara, tivesse vergonha da sua conduta. É certo que era preciso ser tão ingénuo como Maurício para acariciar a ideia de corrigir uma mulher por tal forma. De joelhos, aquele grande corpo desengonçado e revelando uma seriedade imperturbável, estava muito engraçado; no entanto nenhum de nós riu;

pelo contrário, este inesperado espetáculo produziu uma sensação de mal-estar.

Todos os olhos se voltaram para Lisa.

— Espírito Santo! Espírito Santo! — murmurou Sémen.

Lisa empalideceu de repente, sem um grito, e correu para o outro lado da grade. Aí sobreveio-lhe súbita cena de histerismo: a jovem agarrou Maurício pelos braços e puxou-o com toda a força para o levantar.

— Levanta-te! Levanta-te! — gritava ela fora de si. — Levanta-te imediatamente! Como ousaste pôr-te de joelhos?

Maurício obedeceu. Segurou-o depois pelos braços, por cima do cotovelo, e olhou-o fixamente com uma expressão de terror.

— Encantadora sociedade! Encantadora sociedade! — repetiu ainda uma vez o doido.

Lisa arrastou em seguida Maurício para o outro lado do quarto. Todo o nosso grupo estava muito agitado. A senhora de quem já falei quis sem dúvida tentar uma graça e, pela terceira vez, dirigiu-se, fazendo trejeitos a Sémen:

— Bem, Sémen, então não me dizes qualquer coisa? Contava tanto contigo!

— Vai-te, minha... — respondeu o bem-aventurado.

Estas palavras, pronunciadas muito distintamente e com acento de cólera, provocaram nos homens um riso alvar; quanto às senhoras foram-se embora, soltando pequenos gritos nervosos. Assim terminou a nossa visita a Sémen.

Se a contei com tantos pormenores, foi sobretudo, confesso-o, por causa de um incidente demasiado enigmático que se deu, diz-se, no momento da saída.

Enquanto todos se retiravam precipitadamente, Lisa, que dava o braço a Maurício, encontrou-se subitamente na obscuridade do corredor, com Stavroguine. É preciso dizer que, depois do desmaio da moça, apenas se tinham visto uma vez na sociedade, mas sem nunca terem trocado uma palavra. Fui testemunha do seu encontro perto da porta: ao que me pareceu, pararam durante um instante e olharam-se com um ar estranho. Pode ser que o ajuntamento me tenha impedido de ver bem, mas afirmou-se depois que, vendo Stavroguine, Lisa levantou de repente a mão e tê-lo-ia certamente esbofeteado se ele não se tivesse afastado a tempo. Talvez ela tivesse surpreendido uma expressão de escárnio na cara de

Stavroguine, sobretudo depois do episódio em que Maurício fora o triste herói.

Confesso que não notei nada; porém, em compensação, toda a gente pretendeu ter visto o facto, se bem que, tendo por verdadeiro o gesto atribuído a Lisa, poucas pessoas, na confusão da saída, pudessem testemunhá-lo. Recusei então acreditar nesses narradores. Recordo-me contudo que no regresso Stavroguine estava um pouco pálido.

Capítulo 3

No mesmo dia teve lugar em Skvorechniki a entrevista que Bárbara se propunha há muito tempo ter com Stepan. A viúva chegou muito afadigada à sua casa de campo; na véspera, decidira-se em definitivo que a festa em favor das professoras pobres fosse dada em casa de marechala da nobreza. Por outro lado, e tomando uma pronta resolução, Bárbara disse logo a si mesma que nada a impedia, depois desta festa, de dar por sua vez uma em sua casa e de convidar toda a cidade. A sociedade poderia então julgar com conhecimento de causa qual era das duas casas a melhor e em qual se sabia melhor receber e dar um baile com mais gosto. Bárbara não tinha mais a declarar. A altiva matrona que, ainda recentemente, vivia num retraimento grande, parecia agora apaixonada pelas distrações mundanas. De resto, esta mudança era talvez mais aparente do que real.

O seu primeiro cuidado ao chegar a Skvorechniki foi o de visitar todos os quartos da casa em companhia do fiel Aléxis e de Fomouchka, que era um hábil decorador. Então começaram as graves deliberações; quais os móveis, os quadros, as bugigangas que teriam de vir da casa da cidade? Onde se colocariam? Como se utilizariam melhor a estufa e as flores? Onde se colocariam as tapeçarias novas? Em que sitio se instalaria o serviço de bebidas? Não haveria mais do que um, ou organizar-se-iam dois? etc., etc. Foi no meio destas preocupações que Bárbara teve a ideia de mandar a sua carruagem em procura de Stepan. Este, que há muito tempo estava prevenido de que a sua antiga amiga desejava falar-lhe, esperava dia a dia esse convite. Logo que subiu para a carruagem, fez o sinal da cruz: a sua sorte ia decidir-se. Encontrou Bárbara na sala grande, sentada numa pequena poltrona, em frente de uma mesa de mármore; tinha na mão um lápis e um papel. Fomouchka media com um metro a altura das janelas e dos cortinados. A viúva escrevia os números e fazia marcas no soalho, Sem interromper a sua tarefa inclinou a cabeça diante de Stepan e, quando este último balbuciou a sua costumada saudação, estendeu-lhe vivamente a mão. Depois, sem o olhar, indicou-lhe um lugar ao seu lado.

«Sentei-me e esperei durante cinco minutos, comprimindo as pulsações do meu coração», contou-me ele depois. «Tinha diante de mim uma mulher bem diferente daquela que conhecera durante vinte anos. A profunda convicção de que tudo estava acabado entre nós deu-me uma força que a surpreendeu. Juro-te que lhe causei espanto com o meu estoicismo durante essa hora».

Bárbara pousou de súbito o lápis na mesa e voltou-se bruscamente para o visitante.

— Stepan, temos de falar de negócios. Estou certa que preparaste todas as tuas frases pomposas e grande quantidade de palavras de efeito, mas vale mais ir direito ao fim, não é verdade?

Ele sentiu-se muito pouco à vontade. Semelhante começo não tinha nada de animador.

— Espera, cala-te, deixa-me falar; falarás depois, embora, verdade se diga, ignore o que poderias responder — prosseguiu rapidamente Bárbara. — Considero como um dever sagrado dar-te durante toda a tua vida os mil e duzentos *rublos* de pensão; quando digo «dever sagrado», exprimo-me mal; digamos mais simplesmente, é uma coisa combinada entre nós e esta linguagem será muito mais exata, não é verdade? Se queres, faremos um documento a tal respeito. Disposições especiais foram tomadas para o caso da minha morte. Mas, além da pensão, recebes de mim atualmente alojamento, criadagem e alimentação. Convertendo tudo isto em dinheiro, perfará mil e quinhentos *rublos,* não é verdade? Dou-te ainda trezentos *rublos* para despesas imprevistas e ficarás assim com uma soma redonda de três mil *rublos.* Este rendimento anual chegar-te-á? Parece-me que é o bastante para viver. Além disso, em caso de despesas extraordinárias, dar-te-ei ainda alguma coisa mais. Pois bem, pega nesse dinheiro, manda-me os meus criados e vai viver para onde quiseres, para S. Petersburgo, para Moscovo, para o estrangeiro; vive mesmo aqui, se isso te agrada, mas não em minha casa, compreendes?

— Ultimamente, uma outra imposição e não menos perentória, nem menos brusca, me foi feita por esses mesmos lábios — disse com voz lenta e triste Stepan. — Submeti-me e dancei a *Cossaca* para te ser agradável. Sim! — acrescentou em francês — a comparação pode ser permitida: foi como se um pequeno cossaco do Dão saltasse sobre a sua própria sepultura. Agora...

— Termina, Stepan. És terrivelmente verboso. Não dançaste; vieste a minha casa com uma gravata nova, roupa branca lavada e luvas. Cobriste-te de pomada e perfumaste-te todo. Afirmo-te que tu próprio tinhas grande vontade de te casar. Lia-se-te na cara e, acredita-me, não era agradável vê-lo. Se então não to observei, foi por pura delicadeza. Mas desejarias, de facto, casar, apesar das ignomínias que confidencialmente escrevias sobre a minha pessoa e sobre o teu futuro? Agora já não se trata disso. E porque faias de um cossaco do Dão saltando sobre o túmulo? Não atinjo a razão dessa comparação. Pelo contrário, não morras, vive; vive o maior tempo, possível, pois terei nisso muito prazer.

— Num hospício?

— Num hospício? Não se vai para um hospício com três mil *rublos* de rendimento. Ah, recordo-me — disse ela com um sorriso. — Com efeito, uma vez, de gracejo, Pedro falou-me num hospício. Trata-se de um hospício particular que não é para desdenhar. É um estabelecimento onde são apenas admitidas criaturas muito consideradas: estão lá coronéis, e mesmo neste momento um general pretende lá um lugar. Se lá entrares com todo o teu dinheiro, encontrarás o repouso e o conforto que pretendes, bem como numerosa criadagem. Poderás nessa casa ocupar-te das ciências, e, quando desejares jogar as cartas, não te faltarão parceiros...

— Deixemos isso.

— Deixemos isso! — repetiu Bárbara com uma careta. — Mas, nesse caso, nada mais tenho a dizer; ficas prevenido de que daqui em diante viveremos completamente separados um do outro.

— E é tudo, tudo o que resta de vinte anos? É o teu último adeus?

— És forte em exclamações, Stepan. Isso está hoje por completo fora de moda. Fala-se grosseiramente, mas com simplicidade. Falas sempre nesses vinte anos! Foram de parte a parte vinte anos de amor-próprio e nada mais. Cada carta que me dirigias era escrita, não para mim, mas para a posteridade. És um estilista e não um amigo; a amizade não é mais do que uma palavra bonita para designar uma mútua existência de baixos sentimentos...

— Deus meu, que de palavras que não são tuas!... São lições aprendidas de cor!... Já te fizeram vestir o seu uniforme! Também te sentes alegre! Também estás ao sol! Querida, querida, porque preço lhes vendeste a tua liberdade?

— Não sou papagaio para repetir as palavras de outrem — redarguiu Bárbara, colérica. — Podes estar certa de que a minha linguagem pertence-me. Que fizeste por mim durante esses vinte anos? Recusavas-me mesmo até os livros que eu mandava vir para ti e cujas páginas se manteriam fechadas se não fossem mandados encadernar. Que leituras me recomendavas tu, quando, nos primeiros anos, solicitava os teus conselhos? Capefigue, sempre Capefigue. O meu desenvolvimento intelectual fazia-te sombra e tomavas as tuas medidas para obstar a isso. Por outro lado, no entanto, riam-se de ti. Confesso que nunca te considerei senão como crítico, e não outra coisa. Durante a nossa viagem a S. Petersburgo, quando te declarei que me propunha fundar uma revista e consagrar toda a minha vida a essa publicação, olhaste-me com ar motejador e tornaste-te de repente muito arrogante.

— Não foi isso! Enganas-te... Receávamos então as perseguições...

— Não, não era isso, porque em S. Petersburgo não tínhamos que recear nenhuma perseguição. Mais tarde, em fevereiro, quando se propagou o boato da próxima aparição dessa revista, vieste procurar-me muito alarmado e exigiste de mim uma carta declarando que eras completamente estranho à publicação projetada e que os jovens se reuniam em minha casa e não na tua, e por último, que não eras mais do que um simples perceptor a quem dava alojamento em minha casa por conta dos teus honorários. É ou não verdade? Recordas-te disso? Distinguiste-te sempre pelo teu heroísmo, Stepan!

— Não foi mais do que um minuto de pusilanimidade, um minuto de franqueza em conversa a sós — gemeu o visitante. — Mas será possível que uma rotura completa resulte de um sentimento tão mesquinho? Será essa, na verdade, a única lembrança que te tenham deixado tantos anos passados juntos?

— És um terrível calculista. Queres sempre fazer-me crer que sou eu quem fica em dívida para contigo. No teu regresso do estrangeiro olhaste-me do alto da tua grandeza, não me deixaste dizer uma palavra e quando eu própria, depois de ter visitado a Europa, quis falar-te da impressão que me ficara da Madona Sixtine, não me ouviste, sorriste desdenhosamente, como se eu não pudesse ter, tanto como tu, sensações artísticas.

— Não era isso!... Estás enganada... Esqueci...

— Era isso, era. Não tinhas necessidade de armar tanto em estético diante de mim porque só dizias puros disparates. Ninguém hoje perde o

seu tempo a extasiar-se diante da Madona, ninguém a admira, salvo os velhos atrasados. Está provado.

— Ah, está provado?

— Não serve absolutamente para nada. Este vaso é útil porque se lhe pode deitar água; este lápis é útil porque me posso servir dele para tomar notas; mas uma face de mulher pintada não vale nenhuma das que existem na realidade. Experimenta desenhar uma maçã e põe ao lado uma maçã verdadeira… qual escolherás? Estou certa de que te não enganarás. Eis como agora se julgam todas as vossas teorias; o primeiro clarão de livre exame foi o suficiente para mostrar a sua falsidade.

— Sim! Sim!

— Sorris ironicamente. E que me dizias tu, por exemplo, das esmolas? Contudo, o prazer de praticar a caridade é um prazer orgulhoso e imoral; o rico tira-a da sua fortuna e da comparação que estabelece entre a sua importância e a insignificância do pobre. A esmola deprava ao mesmo tempo o benfeitor e o mendigo; de mais, não atinge o seu objetivo porque não faz mais do que favorecer a mendicidade. Os preguiçosos que não querem trabalhar juntam-se em volta das pessoas caritativas, como os jogadores que esperam ganhar se juntam à volta do pano verde. E todavia as pobres moedas que lhes damos não mitigam sequer a centésima parte da sua miséria. Tens dado muito dinheiro na tua vida? Não mais do que oito *grivnas*. Recorda-te. Esforça-te um pouco por te lembrar da última vez que deste esmola; foi há dois anos, ou melhor, engano-me, vai em quatro. Gritas e fazes mais mal do que bem. A esmola na sociedade moderna deveria mesmo ser interdita pela lei. Na organização nova não haverá nenhum pobre.

— Oh, que fluxo de palavras recolhidas da boca de outrem! Assim, já chegaste a sonhar com uma nova organização! Desgraçada, que Deus te valha.

— Sim, já cheguei a isso, Stepan. Ocultavas-me cuidadosamente todas as ideias novas que são agora do domínio público e fazias isso unicamente por ciúme, para teres uma superioridade sobre mim. Até há pouco, até essa Júlia pretendia ir à minha frente mais de cem *verstas*. Mas presentemente também vejo claro. Defendi-te tanto quanto pude, Stepan, mas agora todos te condenam.

— Basta! — disse ele, levantando-se. — Basta! Que votos posso fazer por ti, a não ser o de te desejar arrependimento?

— Senta-te um minuto, Stepan. Tenho ainda uma pergunta a fazer-te. Sei que foste convidado a tomar parte no sarau literário e foste-o por meu intermédio. Diz-me, que contas ler?

— Pensava, justamente, ler alguma coisa sobre essa rainha das rainhas, sobre esse ideal da humanidade, essa Madona Sixtine, que, aos teus olhos, não vale um copo ou um lápis.

— Então não farás uma leitura sobre história? — replicou com penoso espanto Bárbara. — Mas não te ouvirão. Estás enamorado por essa Madona? Vamos, porque queres adormecer todo o auditório? Convence-te, Stepan, que falo unicamente para teu interesse. Que te impede de ir buscar à Idade Média ou à Espanha uma pequena historieta, curta mas interessante, uma anedota, se quiseres, e que entremearás de pequenas palavras espirituosas? Encontrarás nela cortes brilhantes, bonitas damas, envenenamentos... Karmazinov diz que é estranho que não encontres na história da Espanha assunto para uma leitura interessante.

— Karmazinov, esse estúpido, esse oco, procura temas para mim?

— Karmazinov é uma inteligência, um homem de Estado. Não tens cuidado com as tuas expressões, Stepan.

— O teu Karmazinov é uma velha coruja! Querida, querida, desde quando, oh Deus, te transformaram assim?

— Mesmo agora não posso suportar os seus ares importantes, mas faço justiça à sua inteligência. Repito-te, protegi-te com todas as minhas forças enquanto pude. E porque continuas a ser absolutamente ridículo e maçador? Pelo contrário, sobe para o estrado com o sorriso grave de um representante do passado e conta três anedotas, daquelas de sal e pimenta, como tu só sabes contar. Convenhamos que és um velho, um atrasado, um retardado; mas tu mesmo começarás por o reconhecer, sorrindo. Então toda a gente reconhecerá que és uma boa, amável e espirituosa relíquia... Numa palavra, um homem do passado, mas cujo espírito está bastante aberto para compreender toda a fealdade dos princípios que o têm inspirado até agora. Vamos, dá-me esse prazer, peço-te.

— Basta, querida! Não insistas, é impossível! Lerei o meu estudo sobre a Madona e depois, ou levantarei uma tempestade que rebentará sobre eles todos, ou serei eu a única vítima!

— Esta última conjetura é a mais provável.

— Muito bem; que o meu destino se cumpra! Marcarei o cobarde escravo, o lacaio infeto e depravado que primeiro se levantar sobre o

tablado para mutilar à tesoura a face divina do grande ideal, em nome da igualdade, da inveja e... do estômago. Farei ouvir nessa altura uma maldição suprema, pronto em seguida a...

— A entrar numa casa de doidos?

— Talvez. Mas, em todo o caso, vencedor ou vencido, nessa mesma tarde pegarei na minha saca, na minha saca de mendigo, abandonarei tudo o que possuo, tudo o que conservo da tua liberalidade, renunciarei a todas as tuas pensões, a todos os benefícios prometidos por ti e partirei a pé para ganhar a minha vida como precetor em casa de um negociante, ou morrer de fome numa valeta ou junto de um muro. Tenho dito... *Alea jacta est!*

Levantou-se de novo.

Bárbara, com os olhos fulgurantes de cólera, levantou-se também.

— Tinha a certeza disso! — disse ela. — Há anos já que estava convencida de que guardavas isso de reserva e que, para terminar, pretendias desonrar-me, a mim e à minha casa, pela calúnia! Que significa essa resolução de entrar como precetor em casa de um negociante, ou ir morrer de fome numa valeta ou junto de um muro? É uma malevolência, uma maneira de me caluniar e nada mais.

— Tens-me sempre desprezado; porém acabarei como o cavaleiro fiel à sua dama, porque a tua estima foi-me sempre mais cara do que tudo o resto. A partir deste momento, não aceitarei mais nada e o meu culto será desinteressado.

— Como isso é estúpido!

— Nunca me estimaste. Tive, é certo, um grande número de fraquezas. Sim, gastei os teus bens; falo a linguagem dos niilistas; mas extorquir-to nunca foi a razão suprema dos meus atos... Isso aconteceu assim, por acaso, não sei como... Pensei sempre que entre nós havia alguma coisa de mais alto que o estômago e nunca fui um cobarde! Pois bem, parto para reparar a minha falta! Ponho-me a caminho tardiamente, é certo; o outono está avançado, o nevoeiro estende-se pelas planícies, o gelo cobre o meu futuro caminho e o vento geme sobre um túmulo que vai em breve abrir-se... Mas a caminho, a caminho, partamos:

Fiel ao doce sonho...
Cheio de um amor puro.

Oh, adeus, meus sonhos! Vinte anos! *Alea jacta est*!

As lágrimas saltaram-lhe bruscamente dos olhos e inundaram-lhe as faces. Pegou no chapéu.

— Não compreendo o latim — disse Bárbara, obstinando-se com todas as forças contra si mesma.

Quem sabe? Talvez tivesse vontade de chorar; mas a indignação e o capricho contiveram-lhe uma vez mais a comoção.

— Sei apenas uma coisa: é que não há nada de sério em tudo isto. Jamais serás capaz de executar as tuas ameaças, ditadas pelo egoísmo. Não irás a parte nenhuma, a casa de nenhum negociante, mas sim continuarás a viver tranquilamente perto de mim, recebendo a minha pensão e reunindo em tua casa, todas as terças-feiras, os teus amigos. Isto não tem importância nenhuma. Adeus, Stepan.

— *Alea jacta est* — repetiu ele.

Depois inclinou-se profundamente e regressou a casa mais morto do que vivo.

Parte 6

Capítulo 1

O dia da festa tinha sido definitivamente fixado, mas Von Lembke tornava-se cada vez mais sombrio, Deixava-se dominar por pressentimentos estranhos e sinistros, o que inquietava muito Júlia. Na verdade, nem tudo corria bem. O nosso antigo governador, o amável Ivan Osipovitch, deixara a administração numa medonha desordem. Na época que estamos a relatar receava-se muito a cólera; a peste bovina fazia grandes razias em certas localidades; durante todo o verão, as cidades e as aldeias foram assoladas por grande quantidade de incêndios, nos quais o povo se obstinava em ver a mão de um bando negro; o latrocínio tomara proporções verdadeiramente anormais. Porém tudo isto, bem entendido, era muito insignificante para perturbar a serenidade de Von Lembke, se não tivesse outros e mais sérios motivos de preocupação.

O que sobretudo comovia Júlia era a melancolia crescente de seu marido, que, coisa singular!... se tornava dia a dia mais dissimulado. Contudo, que tinha ele a esconder? É verdade que raras vezes se opunha a sua mulher e que na maior parte das ocasiões lhe obedecia cegamente. Foi, por exemplo, a instâncias dela que tomou duas ou três medidas muito enérgicas e quase ilegais, tendentes a aumentar o poder do governador. Tomou, com a sua atitude e tendo em vista certo fim, compromissos pesados; recompensaram-se pessoas que mereciam ser julgadas e ir para a Sibéria, decidiu-se sistematicamente não dar ouvidos a certas lamentações e deitar para o cesto dos papéis certas reclamações. Todos estes factos, hoje conhecidos, foram devidos à ação predominante de Júlia. Von Lembke não só assinava tudo, mas também não discutia mesmo o direito da mulher se imiscuir no exercício das suas funções. Algumas vezes, em compensação, a propósito de «puras bagatelas», revoltava-se de uma forma que espantava a governadora. Sem dúvida, depois de uns dias de submissão, sentia a necessidade de se compensar com pequenos momentos de revolta. Desgraçadamente Júlia, apesar de toda a sua penetração, não podia compreender estas resistências inesperadas. No entanto não se inquietava e disso resultaram muitos mal-entendidos.

Não me alongarei no capítulo dos erros administrativos, pois não é esse o assunto que me propus tratar no começo desta crónica, mas era no entanto necessário dar alguns esclarecimentos sobre esta matéria, para se compreender o que se vai seguir.

Voltemos a Júlia.

A pobre senhora — lamento-a muito — podia ter atingido tudo o que ambicionava com tanto ardor — a glória e o resto — sem se entregar a certos procedimentos excêntricos, que a tornaram notada desde a sua chegada à nossa cidade. Mas, fosse excesso de poesia, fosse efeito de longos e cruéis desgostos que experimentara na sua primeira juventude, a verdade é que, ao mudar a fortuna, julgou subitamente que tinha uma missão a cumprir, imaginou que uma «língua de fogo» brilhava sobre a sua cabeça. Por desgraça, quando uma mulher imagina ter este raro diadema, não há tarefa mais ingrata do que desenganá-la e, pelo contrário, nada é mais fácil do que confirmá-la na sua ilusão. Toda a gente adulou à porfia Júlia. A pobre tornou-se de repente o joguete das mais diversas influências, mesmo quando se julgava ser profundamente original. Durante o pouco tempo que a tivemos como governadora, grande número de velhacos souberam explorar a sua ingenuidade no melhor dos seus interesses. E, mascarado sob o nome de independência, que incoerente mistura de inclinações contraditórias! Amava da mesma maneira a grande propriedade, o elemento aristocrático, o aumento dos poderes do governador, os sonhadores democráticos, as novas instituições, a ordem, o livre-pensamento, as ideias sociais, a etiqueta severa de um salão de alta sociedade e a sem-cerimónia das pessoas novas que a rodeavam. Sonhava espalhar a *felicidade* e harmonizar os irreconciliáveis, ou melhor, reunir todos os partidos na comum adoração da sua pessoa. Tinha também favoritos; Pedro, que a cumulava das mais grosseiras lisonjas, era muito bem visto por ela. Mas agradava-lhe por uma razão muito bizarra, e nisto se mostrava bem o caráter da pobre senhora: esperava sempre que ele lhe havia de revelar vasta conspiração política! Por mais estranho que isto possa parecer, era assim. Julgava, não sei porquê, que na província se tramava uma conspiração contra a segurança do Estado. Pedro, pelo seu silêncio em certos casos e por pequenas palavras enigmáticas noutros, contribuía para enraizar nela esta singular ideia. Supunha-o em relações com todos os grupos revolucionários da Rússia, mas ao mesmo tempo devotado à sua pessoa até ao fanatismo. Descobrir uma conspiração,

merecer o reconhecimento de S. Petersburgo, diligenciar o engrandecimento de seu marido, «acarinhar» a juventude para a reter à beira do abismo, tais eram as quimeras que embalavam o espírito fantástico da governadora. Visto que tinha salvo e conquistado Pedro — a este respeito não tinha a mínima dúvida — salvaria também os outros. Nenhum deles pereceria. Protegeria a todos de uma perda certa, trá-los-ia para o bom caminho, chamaria para eles a benevolência do governo, agiria inspirando-se numa justiça superior, talvez mesmo a história e todo o liberalismo russo bendiria o seu nome: e tudo isto não impediria que a conspiração fosse descoberta. Pretendia todos os proveitos ao mesmo tempo. Todavia era necessário que, no momento da festa Von Lembke, tivesse uma fisionomia um pouco mais risonha. Era absolutamente preciso dar-lhe a calma e a serenidade. Para este fim, Júlia enviou a seu marido Pedro, esperando que este último, por qualquer meio seu conhecido, talvez mesmo qualquer confidência oficiosa, saberia vencer o abatimento do governador. Tinha toda a confiança na habilidade do jovem. Há muito tempo que Pedro não tinha posto os pés no gabinete de Von Lembke. Quando entrou, a sua vítima estava justamente de muito mau humor.

Capítulo 2

Uma complicação surgiu que causou o maior embaraço a Von Lembke. Num distrito — o mesmo que Pedro visitara ultimamente — um alferes recebera, diante de toda a sua companhia, uma repreensão verbal do seu superior. O oficial, recentemente chegado de S. Petersburgo, era um homem ainda novo, sempre calado e melancólico; não deixava de ter um aspeto enérgico, ainda que de pequena estatura, gordo e corado.

Ouvindo a repreensão, soltou um grito que espantou toda a companhia. Em seguida atirou-se sobre o chefe e mordeu-lhe furiosamente um ombro. Foi com dificuldade que conseguiram que largasse a vítima. Não podia haver dúvidas que este alferes estava doido; pelo menos, o inquérito revelou que há algum tempo fazia coisas muito estranhas. Assim, atirara pela janela fora, da sua habitação, duas imagens pertencentes ao seu senhorio e quebrara uma delas a golpes de machado; no quarto colocara sobre três prateleiras, dispostas em forma de estante, as obras de Vogt, de Moleschott e de Buchner, e diante de cada uma destas estantes acendera umas velas de cera como as que se acendem nas igrejas. O número de livros encontrados em sua casa deu lugar a pensar que este homem lia muitíssimo. Se tivesse cinquenta mil francos, teria talvez embarcado para as ilhas Marquesas, como esse «cadete» do qual o senhor Hertzen conta algures a história, num tom deveras humorístico. Quando o prenderam, acharam-lhe na carteira e em casa grande quantidade de proclamações das mais subversivas. Esta descoberta não significava nele coisa nenhuma e na minha opinião não merecia que se preocupassem com isso. Era esta a primeira vez que víamos escritos sediciosos? Estes, além disso, não eram novos: eram, como se disse mais tarde, os mesmos que tinham sido distribuídos recentemente na província de Kh... e Lipoutine afirmara ter visto pequenas folhas muito parecidas durante uma viagem feita à província vizinha, seis semanas antes. Deu-se porém uma coincidência com a qual Von Lembke se impressionou muito: no mesmo tempo, o intendente dos Chpigouline entregou à polícia dois ou três maços de proclamações, que haviam sido introduzidas de noite na fábrica e que

eram idênticas às do alferes. Os maços não tinham ainda sido desfeitos e nenhum operário tivera conhecimento deles. A coisa não tinha importância; todavia pareceu equívoca ao governador e deixou-o muito inquieto.

Começava então a desenvolver-se a «questão Chpigouline», da qual tanto se falou no nosso país e que os jornais da capital relataram com tantas variantes. Três semanas antes, a cólera asiático aparecera entre os operários da fábrica, tinha havido já um falecimento e estavam muitos atacados. A inquietação apoderou-se da nossa cidade porque a cólera imperava também numa província vizinha. Farei notar que, em previsão da chegada do flagelo, a nossa administração tomara medidas profiláticas tão satisfatórias quanto possíveis. Mas os Chpigouline, sendo milionários e possuindo altas relações, tinham-se negligenciado na aplicação na sua fábrica dos regulamentos sanitários. Subitamente queixas gerais se elevaram contra essa fábrica, que acusavam de ser um foco de epidemia; estava tão mal-arranjada, dizia-se, os locais próprios dos operários, principalmente, estavam tão sujos que essa imundície devia ser suficiente, na falta de qualquer outra causa, para produzir a cólera. Algumas ordens foram imediatamente dadas e Voa Lembke vigiava a sua pronta execução. Durante três semanas limpou-se a fábrica, mas os Chpigouline, sem se saber porquê, pararam o trabalho. Um dos dois irmãos residia habitualmente em S. Petersburgo; o outro, em seguida às medidas de desinfeção tomadas pelas autoridades, foi para Moscovo. O intendente encarregado de pagar as contas roubava afrontosamente os operários; estes começaram a murmurar, quiseram receber o que lhes era devido e foram estupidamente queixar-se à polícia; não gritaram muito e apresentaram as suas reclamações com muita calma. Foi neste entretanto que remeteram ao governador as proclamações encontradas pelo intendente.

Pedro não se fez anunciar e penetrou no gabinete de Von Lembke com a sem-cerimónia de um amigo, de um íntimo; no entanto, neste momento, fora Júlia que o mandara. Vendo-o, Von Lembke deixou perceber um descontentamento muito nítido e, em lugar de ir ao seu encontro, ficou-se perto da mesa. Antes da chegada do visitante passeava no quarto, onde sustentava uma conversa com um empregado da sua chancelaria, um ridículo e desenxabido alemão, de nome Blum, que tinha trazido de S. Petersburgo, apesar da grande oposição de Júlia. Ao aparecimento de

Pedro, o empregado dirigiu-se para a porta, mas não saiu. O jovem julgou mesmo notar que trocara um olhar de inteligência com o seu superior.

— Oh, oh! Estás apanhado, administrador dissimulado! — gritou alegremente Pedro e cobriu com a mão uma proclamação que estava sobre a mesa. — Esta vai aumentar a tua coleção, hem?

Von Lembke corou e a sua fisionomia tomou uma expressão de mau humor ainda mais acentuada.

— Deixa, deixa isso imediatamente — gritou ele, tremendo de cólera — e não imagines...

— Que tens tu? Dir-se-ia que estás zangado!?

— Permite-me que te faça uma observação: de hoje em diante estou decidido a não tolerar mais a tua sem-cerimónia e peço-te que te lembres disto...

— Ah, diabo, estás zangado, com efeito!

— Cala-te, cala-te! — vociferou Von Lembke batendo com o pé. — Não tenhas a audácia...

Deus sabe que rumo as coisas ameaçavam tomar!

Havia aqui uma circunstância ignorada de Pedro e da própria Júlia. Há alguns dias, o desgraçado Von Lembke tinha o espírito muito desarranjado, pois tinha começado a suspeitar *in petto,* que Pedro era amante de sua mulher. Quando se encontrava só, de noite sobretudo, este pensamento fazia-o sofrer cruelmente.

— Pensava que, quando um homem te prende duas noites seguidas, até depois da meia-noite, para te ler o seu romance em particular, ele próprio esquece a distância que o separa de ti... Júlia recebe-me de um modo íntimo... e tu... como explicar isto? — replicou, não sem dignidade, Pedro. — A propósito, tens aqui o teu romance — acrescentou ele, pondo sobre a mesa um grande caderno enrolado em forma de cilindro e cuidadosamente embrulhado num papel azul.

Von Lembke corou e perturbou-se.

— Onde o encontraste? — perguntou ele tão friamente quanto pôde, mas a sua alegria era visível, apesar de todos os esforços que fazia para a esconder.

— Imagina que tinha caído atrás da cómoda. Quando entrei, o outro dia, atirei-o muito bruscamente para cima desse móvel. Foi anteontem somente que se encontrou, ao lavarem o soalho, mas deste-me muito trabalho.

O governador, querendo conservar um ar de severidade, baixou os olhos.

— Foste a causa de não dormir duas noites. Há já dois dias que o manuscrito foi achado; se não to trouxe imediatamente foi porque tinha empenho em lê-lo do princípio ao fim e, como não tenho tempo durante o dia, tive de lhe consagrar as minhas noites. Pois bem, estou descontente com esse romance: a ideia não me agrada. Pouco importa, afinal, nunca fui crítico! Contudo, se bem que descontente, não me pude arrancar a essa leitura! Os capítulos 4 e 5 são... são... o diabo sabe o quê! E que graça tu lhe introduziste! Ri com gosto. Como sabes bem provocar a hilaridade sem parecer! Nos capítulos 9 e 10 há apenas uma questão de amor; não tem nada com o resto, mas produz também bom efeito. Pelo que respeita ao fim, espancava-te de boa vontade. Vejamos... qual é a tua conclusão? Sempre a eterna chocarrice, a glorificação da felicidade doméstica: os teus personagens casam-se, têm filhos e cuidam bem dos seus negócios! No entanto encantas o leitor, porque eu mesmo, repito-te, não pude deixar de ler até ao fim o teu romance, mas tu não és culpado disso. O público é estúpido; os homens inteligentes deviam esclarecê-lo e tu, pelo contrário... Vamos... basta, adeus, Para a outra vez, não te zangues: vim para te dizer duas palavrinhas urgentes, mas estás tão mal disposto...

Von Lembke, durante este tempo, guardara o manuscrito num móvel de madeira de carvalho e fez sinal a Blum para se retirar. O empregado obedeceu com ar desgostoso.

— Não estou mal disposto, somente... tenho sempre aborrecimentos — resmungou o governador.

Ainda que tivesse pronunciado estas palavras carregando o sobrecenho, a sua cólera tinha desaparecido. Sentou-se perto da mesa.

— Senta-te — continuou ele — e diz-me as tuas duas palavrinhas. Não te via há muito tempo, Pedro: para a outra vez, não entres tão bruscamente como hoje... por vezes está-se ocupado...

— É um hábito que tenho.

— Sei-o e creio que não puseste nisso nenhuma má intenção, mas algumas vezes têm-se apreensões... Senta-te.

Pedro sentou-se à turca, no divã.

Capítulo 3

— Então tens apreensões? Será possível que seja por causa destas bagatelas?! — disse ele, mostrando a proclamação. — Trago-te dessas folhinhas tantas quantas quiseres; conhecias no governo de Kh...

— Durante a tua estada lá?

— Naturalmente não foi na minha ausência. Têm também uma gravura; têm um machado desenhado no alto da folha. Com licença. — Pegou na proclamação. — Com efeito o machado cá está, é exatamente o mesmo.

— Sim, têm um machado. Tu vês o machado?

— Que tem?... É isso que te faz medo?

— Não se trata do machado... De resto, não tenho medo, mas este assunto... é um negócio de tal ordem, há aqui circunstâncias...

— Quais? Porque isto foi trazido da fábrica? He, he! Mas, tu bem o sabes, em breve os próprios operários dessa fábrica redigirão proclamações.

— Como assim? — perguntou severamente Von Lembke.

— Assim é. Não os percas de vista. És um homem demasiadamente indolente, Von Lembke! Escreves romances! Ora, neste caso, era preciso proceder à moda antiga.

— Como? À moda antiga? Que me aconselhas?! Limpou-se a fábrica, dei ordens e foram executadas.

— Mas os operários agitam-se. Deverias mandá-los fustigar a todos; seria um assunto arrumado.

— Eles agitam-se? É um absurdo; dei ordens e a fábrica foi desinfetada.

— Eh! Von Lembke, tu és um homem mole!

— Antes de mais nada, estou longe de ser tão mole como tu dizes e depois... — replicou Von Lembke magoado.

Não se prestava a esta conversa senão com repugnância e somente na esperança de que o jovem lhe diria alguma coisa de novo.

— Ah, ah! Eis aqui um velho conhecimento! — interrompeu Pedro, dirigindo os seus olhares para outro documento colocado sob um pesa-papéis; era uma pequena folha que parecia também ser uma proclamação e que evidentemente tinha sido impressa no estrangeiro, mas era em verso. — Esta conheço-a de cor: *Um personagem esclarecido!* Vejamos... Com efeito é o *Personagem esclarecido.* Estava ainda no estrangeiro quando conheci este personagem. Onde a desencantaste?

— Dizes que a viste no estrangeiro? — perguntou com vivacidade Von Lembke.

— Sim, há de haver quatro meses, talvez mesmo cinco.

— Quantas coisas tu viste no estrangeiro! — observou com olhar pesquisador Von Lembke.

Sem o ouvir, o jovem desdobrou o papel e leu em voz alta a poesia seguinte:

Um personagem esclarecido

Vindo de origem obscura,
No meio do povo cresceu;
Sobre ele o Czar e o senhor
Fizeram pesar o seu jugo maldito.
Mas, arrastando com todas as ameaças
De um governo detestado,
Este homem foi entre o povo
O apóstolo da liberdade.

Desde o princípio da sua carreira,
Para fugir ao carrasco,
Teve de, em terra estranha,
Ir fixar a sua altiva bandeira.
E o povo, cheio de ódios,
Desde Smolensk até Tachkent,
Esperava, para partir as cadeias,
A volta do estudante.

A multidão impaciente
Só esperava dele um sinal

Para travar a luta ardente,
Derrubar o trono e o altar,
Depois, em todas as aldeias e cidades,
Abolir a propriedade
O casamento e a família,
Esses flagelos da humanidade.

— Com certeza trouxeram isto de casa do oficial, hem? — perguntou Pedro.

— Conheces também esse oficial?

— Certamente. Convivi com ele durante dois dias. Parece que endoideceu.

— Talvez não esteja doido.

— Como pode não o estar, se se pôs a morder?

— Mas, olha lá, se viste estes versos no estrangeiro e agora foram encontrados aqui, em casa desse oficial...

— E depois? És engenhoso! Parece-me, Von Lembke, que me queres submeter a um interrogatório! Ouve — começou de repente Pedro, com extraordinária gravidade — o que vi no estrangeiro, dei-o a conhecer a alguém quando voltei para a Rússia e as minhas explicações foram consideradas satisfatórias, pois de outra forma a tua cidade não teria neste momento a felicidade de me possuir. Julgo que o meu passado está liquidado e que não tenho de dar contas dele a ninguém. Liquidei-o, não fazendo-me denunciante, mas procedendo como a minha situação me obrigava a proceder. Os que escreveram a Júlia conhecem o caso e colocaram-me ante ela como um homem honesto... Vamos, que o diabo leve tudo isso. Tinha vindo para conversar contigo sobre um assunto sério e fizeste bem em mandar embora o teu limpa-chaminés. O assunto tem importância para mim. Von Lembke, tenho um pedido instante a fazer-te.

— Um pedido? Fala, escuto-te, e, confesso-o, com curiosidade. Deixa-me acrescentar que em geral causas-me bastante espanto, Pedro.

Von Lembke estava muito agitado, Pedro cruzou as pernas uma sobre a outra.

— Em S. Petersburgo — começou ele — fui franco em muitas coisas, mas noutras, esta por exemplo — tocou com o dedo no *Personagem esclarecido* — guardei silêncio, primeiro que tudo porque não valia a pena falar nisso, e depois porque me limitei a dar os esclarecimentos que me

pediram. Não gosto, em semelhantes casos, de ir adiante das perguntas; é isto, a meu ver, o que faz a diferença entre o ladrão e o homem honesto, obrigado a ceder ante as circunstâncias... Pois bem, numa palavra, ponhamos isto de lado. Mas agora... agora que estes imbecis... visto que isto também está descoberto, que está nas tuas mãos e que, vejo-o, nada te poderá escapar (porque és um homem vigilante) eu... eu... pois bem, eu… numa palavra, vim para te pedir a graça para um deles, um imbecil também, digamos mesmo, um doido; peço-te em nome da sua juventude, das suas desgraças, em nome da tua humanidade... Não é somente nos teus romances que és humano, suponho! — E terminou com uma espécie de impaciência brutal.

O visitante tinha o aspeto de um homem franco mas desastrado e inábil, exclusivamente dominado por sentimentos generosos e por delicadeza talvez excessiva; sobretudo, parecia acanhado. Assim o julgou desde logo Von Lembke. De resto, era a ideia que fazia há muito tempo de Pedro e, principalmente durante estes últimos oito dias, perguntava muitas vezes a si mesmo com cólera, na solidão do seu gabinete, como é que um rapaz tão pouco inteligente tinha podido sair-se tão bem junto de Júlia.

— Por quem intercedes tu, então, e que significam as tuas palavras? — perguntou ele, tomando um tom majestoso, para esconder a curiosidade que o devorava.

— É... é... diabo! Não é minha culpa, se tenho confiança em ti! Só tenho razão em te considerar como um homem cheio de nobreza e sobretudo sensato... quero dizer, capaz de compreender... Diabo!

O desgraçado, como era evidente, tinha grande dificuldade em desabafar.

— Enfim, compreendes — prosseguiu ele — compreendes que, nomeando-o, entrego-to, é como se o denunciasse, não é verdade? Não é verdade?

— Mas como posso adivinhar, se não te decides a falar mais claramente.

— É verdade, tens sempre uma lógica esmagadora, diabo! Pois bem, diabo! Esse «personagem esclarecido», esse «estudante», é Chatov... tu sabes tudo!

— Chatov? Como, Chatov?

— Chatov é o «estudante» de que, como tu vês, se trata nesta poesia. Ele mora aqui, é um antigo servo; olha, foi ele que deu a bofetada.

— Eu sei, eu sei! — disse o governador, piscando os olhos. — Mas, permite-me, de que, para falar propriamente, é ele acusado, e qual é o objeto do teu proceder?

— Pois bem, peço-te que o salves, compreendes? Há oito anos que o conheço e tenho sido talvez seu amigo — respondeu com veemência Pedro. — Mas não tenho que te dar contas da minha vida passada — prosseguiu ele, agitando os braços. — Tudo isso é insignificante; são em número de três e meio, e juntando-se-lhes os do estrangeiro, não chegarão a uma dezena. O essencial é que pus a minha esperança na tua humanidade e na tua inteligência. Compreendes a questão e apresentá-la-ás, no seu verdadeiro dia, como o estúpido sonho de um insensato... de um homem transviado pela desgraça, ou melhor, por grandes desgraças e não como uma espantosa conspiração contra a segurança do Estado.

Ele quase que abafava.

— Vejo que é o autor das proclamações que trazem um machado no frontispício — observou quase majestosamente Von Lembke — contudo, permite-me que te diga, se é sozinho, como pôde ele espalhá-las, tanto aqui como nas províncias e mesmo no governo de Kh...? Enfim, e é o ponto mais importante, onde as arranjou ele?

— Mas já te disse que, segundo todas as probabilidades, reduzem-se a cinco, digamos dez, que sei eu?

— Tu não o sabes?

— Como queres que o saiba? Os diabos me levem!

— Contudo sabes que Chatov é um dos conjurados!

— Hem! — disse Pedro, com um gesto de mão, como para afastar o golpe certeiro que lhe enviava Von Lembke. — Vamos, escuta, vou dizer-te toda a verdade; no que diz respeito às proclamações, não sei nada, ou antes, absolutamente nada, o diabo me leve! Tu compreendes o que significa a palavra nada? Pois bem, há, sem dúvida, depois deste alferes, um ou dois outros... talvez Chatov e ainda um quinto, se for! É uma miséria... Mas é por Chatov que te venho pedir; é preciso salvá-lo porque esta poesia é dele, é a sua obra, e ele fê-la imprimir no estrangeiro. É tudo quanto sei de fonte certa. Quanto às proclamações, não sei absolutamente nada.

— Se os versos são dele, as proclamações com certeza também o são. Mas sobre que dados te fundas para suspeitares de Chatov?

Como um homem a quem se esgota a paciência, Pedro tirou rápido do bolso uma carteira e desta uma carta.

— Eis os meus dados! — gritou ele, deitando-a para a mesa.

O governador desdobrou-a. Era um simples bilhete, escrito seis meses antes, e endereçado da Rússia para o estrangeiro. Não continha mais do que as duas linhas seguintes:

> *Não posso imprimir aqui o Personagem esclarecido nem qualquer outra coisa. Imprima-o no estrangeiro.*
>
> *Iv. Chatov*

Von Lembke olhou fixamente para Pedro. Bárbara tinha dito a verdade: os olhos do governador pareciam-se um pouco com os de um carneiro, em certos momentos sobretudo.

— Isto quer dizer que escreveu estes versos há seis meses — apressou-se a explicar Pedro — mas que não pôde imprimi-los clandestinamente, pois pede que os imprimam no estrangeiro... Isto é claro!

— Sim, é claro, mas a quem pede ele isto? Eis o que não é claro — observou insidiosamente Von Lembke.

— A Kirilov. A carta foi endereçada a Kirilov, então no estrangeiro... Não sabias isto? Olha, o que me vexa é que talvez faças de ignorante na minha frente, quando és há muito tempo sabedor do que diz respeito a estes versos! Como se encontram eles então na tua mesa? Soubestes arranjá-los! Porque me metes na questão, se isso é assim?

Limpou, todo trémulo, com o lenço, o suor que lhe corria pela testa.

— Sei talvez alguma coisa... — respondeu vagamente Von Lembke. — Mas então quem é Kirilov?

— É um engenheiro chegado há pouco tempo. Serviu de testemunha a Stavroguine, é um maníaco, um doido; no caso do teu alferes há apenas, com efeito, um acesso de febre... mas este é um verdadeiro alienado, garanto-te! Ele! Von Lembke, se o governo soubesse o que é essa gente, não procederia com rigor contra eles. São inteiramente imbecis: tive ocasião de os ver na Suíça, nos congressos.

— É de lá que dirigem o movimento que se produz aqui?

— Mas então a quem pertence essa direção? Estão lá três indivíduos e meio. Só em vê-los, o tédio apossar-se-ia de ti. E o que é este movimento

aqui? Limita-se a proclamações, não é assim? Quanto aos seus adeptos, quais são? Um alferes atingido de *delirium tremens* e dois ou três estudantes! Se és um homem inteligente, responde às perguntas que te faço: Por que não recrutam eles individualidades mais marcantes? Por que são todos jovens que ainda não atingiram os vinte e dois anos? E são em grande número? Tenho a certeza de que se lançassem em sua perseguição um milhão de sabujos, quantos descobririam? Sete... Digo-te, isto é vergonhoso,

Von Lembke ouvia atentamente, mas a expressão do seu rosto podia traduzir-se por estas palavras: «Não se alimenta um rouxinol com fábulas».

— Permite-me, todavia, o seguinte: afirmas que o bilhete foi enviado para o estrangeiro, mas, se não tem endereço, como sabes que o destinatário era o senhor Kirilov, que o bilhete foi endereçado para o estrangeiro e... e... que foi escrito com efeito por Chatov?

— Não tens senão que comparar a caligrafia do bilhete com a de Chatov. Deves ter certamente alguma assinatura dele entre os papéis da tua chancelaria. Quanto ao facto do bilhete ser endereçado a Kirilov, não posso duvidar porque foi ele mesmo que mo mostrou.

— Então tu mesmo...

— Sim, eu mesmo... Mostraram-me muitas coisas durante a minha estada lá fora. Quanto a estes versos, julga-se que eles foram dirigidos pelo falecido Hertzen a Chatov, enquanto este errava pelo estrangeiro, Hertzen tê-los-ia escrito, ou em memória de um encontro com ele, ou à maneira de elogio, de recomendação, que sei eu? O próprio Chatov divulga esta novidade entre os rapazes: «Eis», diz ele, «o que Hertzen pensava de mim».

A claridade fez-se enfim no espírito do governador.

— Ta-ta-ta, eu bem dizia! Proclamações, compreende-se, mas versos, porquê?

— E que há nisto de assombroso para ti? Só o diabo sabe por que me meti a palrar assim! Escuta! Concede-me o perdão de Chatov e que o diabo leve todos os outros, compreendendo mesmo Kirilov, que agora está escondido na casa Filippov, onde também vive Chatov. Não gostam de mim porque voltei... mas promete-me a salvação de Chatov e servir-te-ei todos os outros no mesmo prato. Ser-te-ei útil, Von Lembke! Estimo que esse miserável grupinho se componha de nove ou dez indivíduos. Eu

mesmo os procurarei; é um inquérito que vou empreender de moto próprio. Já conhecemos três: Chatov, Kirilov e o alferes. Quanto aos outros, só tenho por agora suspeitas... de resto, não sou totalmente míope. É como no governo de Kh...: os propagandistas de escritos sediciosos que se prenderam foram apenas dois estudantes, um colegial, dois fidalgos de doze anos, um professor de colégio e um antigo major, sexagenário embrutecido pelas bebidas. Acredita que não havia mais e nós mesmo ficámos espantados que fossem tão poucos... Mas são precisos seis dias. Já calculei tudo: seis dias, nem mais um de menos. Se queres chegar a um resultado, deixa-os tranquilos ainda durante seis dias e eu entregar-tos-ei todos na mesma ocasião; mas se te moves antes do fim deste prazo, todos se escaparão. Porém hás de deixar livre Chatov. Interesso-me por ele. O melhor seria fazê-lo vir secretamente aqui, ao teu gabinete, e teres com ele uma conversa amigável; interrogá-lo-ias, declarar-lhe-ias que sabes tudo... Com certeza se lançará a teus pés chorando. É um homem nervoso, perseguido pela desgraça. A mulher dele diverte-se com Stavroguine. Acarinha-o e far-te-á uma confissão completa; porém são precisos seis dias... E sobretudo, sobretudo, nem uma palavra à Júlia. Segredo! É preciso comprometeres-te a guardar silêncio.

— Como? — disse Von Lembke, abrindo muito os olhos. — Então não disseste nada à Júlia?

— A ela? Deus me livre! A ela, Von Lembke?! Olha, tenho por ela grande estima, aprecio muito a sua amizade... tudo o que tu queiras... mas não sou papalvo. Não a contradigo, porque é perigoso condizê-la. Sabe-lo muito bem, Disse-lhe apenas umas palavrinhas, porque gosta disso; mas quanto a abrir-me com ela como me abro agora contigo, quanto a confiar-lhe os nomes e as circunstâncias, nada disso! Nem uma palavra. Por que me dirijo neste momento a ti? Porque, no fim de contas, és um homem, um homem sério e possuindo longa experiência destes serviços, Aprendestes em S. Petersburgo a proceder como é necessário em semelhantes assuntos. Se, por exemplo, revelasse estes dois nomes a Júlia, punha-se imediatamente a dar com a língua nos dentes. Pretende espantar a capital com as suas informações... É demasiadamente curiosa e isso perde-a!

— Sim, há de facto nela um tanto de curiosidade! — murmurou, pouco satisfeito, Von Lembke, pois achava de muito mau gosto a liberdade com que este mal-educado se exprimia a propósito de Júlia.

Entretanto, Pedro julgou que ainda não tinha dito o bastante e que devia insistir por mais tempo sobre este ponto, para levar a cabo a conquista de Von Lembke.

— É como dizes! É dotada da grande persistência — replicou ele — e é possível que seja uma mulher de génio, uma literata, mas espanta os pardais. Não poderia esperar, não digo seis dias, mas nem seis horas. Ah, ah! Von Lembke, guarda-te de impor a uma mulher uma espera de seis dias! Entendamo-nos: reconheces-me alguma experiência, ao menos nestes assuntos; sei certas coisas e tu mesmo não ignoras que posso sabê-las. Se te peço seis dias, não é por capricho, mas porque as circunstâncias o exigem.

— Ouvi dizer... — começou com hesitação o governador — ouvi dizer que, quando do teu regresso do estrangeiro, tinhas implorado a quem de direito... como que um perdão para as tuas tropelias passadas.

— Isso que tem?

— Não tenho a pretensão de me intrometer... mas pareceu-me sempre que entre nós falavas num estilo completamente diferente; por exemplo, sobre a religião cristã, sobre as instituições sociais e, enfim, sobre o governo...

— Já sabes que digo sempre muitas coisas! Mantenho as mesmas ideias; apenas desaprovo a maneira como esses imbecis as aplicam, e é tudo. Haverá senso comum em morder as pessoas nos ombros? Feita a devida reserva sobre a questão da oportunidade, tu próprio reconheceste que eu estava dentro da verdade.

— Não é sobre esse ponto, propriamente dito, que estou em desacordo contigo.

— Pesas cada uma das tuas palavras!... he, he!... Homem circunspecto! — observou alegremente Pedro. — Escuta, meu velho, precisava aprender a conhecer-te, e daí a razão por que te falei no meu estilo normal. Não é apenas contigo, mas também com muitos outros, que assim faço. Tinha necessidade talvez de conhecer o teu caráter.

— Porquê?

— Sei lá porquê! — respondeu com novo riso o visitante. — Vês, meu caro e muito estimado Von Lembke, és astuto, mas ainda não o bastante para adivinhar *aquilo,* compreendes? Compreendes? Se bem que, no meu regresso do estrangeiro, tenha dado explicações a quem de direito (e na verdade não sei por que um homem dedicado a certas ideias não possa agir

no interesse dessas suas convicções)… todavia, ninguém *de lá* me encarregou ainda de estudar o teu caráter e não recebi ainda *de lá* nenhuma incumbência nesse ou noutro sentido. Pensa tu mesmo: em lugar de reservar para ti a novidade das minhas revelações, não poderia endereçá-las diretamente para *lá,* isto é, endereçá-las às pessoas a quem fiz as minhas primeiras declarações? Com certeza, se tivesse em vista um proveito pecuniário ou outro, entretanto que seria da minha parte bem tolo cálculo agir como estou a fazer. Agora, é a ti e não a mim que altamente agradecerão a descoberta da conspiração. Não me preocupo senão com Chatov — acrescentou nobremente Pedro. — O meu único motivo é o interesse que me inspira um antigo amigo... Não me importarei contudo, quando escreveres para lá a contar, se me elogiares. Isto, se quiseres... Não te contradirei! He, he! Adeus... Eternizei-me em tua casa e não devia tagarelar tanto — desculpou-se ele, não sem graça.

Concluindo estas palavras, levantou-se.

— Pelo contrário, estou encantado por o assunto ficar, por assim dizer, esclarecido — respondeu com ar não menos amável Von Lembke, que se tinha levantado também; as últimas palavras do seu interlocutor tinham-no visivelmente consolado. — Aceito os teus serviços com reconhecimento e está tranquilo que, pelo meu lado, aproveitarei todas as oportunidades para chamar sobre o teu zelo a atenção do governo.

— Seis dias! O essencial é esta espera de seis dias. Durante este espaço de tempo não dês sinal de ti, é o que é preciso.

— Está bem.

— Como é natural, não te prendo as mãos, pois não me atreveria. Não podes eximir-te a fazer pesquisas; todavia não assustes a ninhada antes do momento preciso. Conto para isso com a tua inteligência e a tua habilidade prática... Deves ter um lindo número de polícias e de espiões de todas as qualidades... he, he! — notou em tom folgazão Pedro.

— Não tanto como isso — disse agradavelmente o governador. — É uma prevenção para os rapazes crer que temos grande número... A propósito, permite-me uma pequena pergunta: se esse Kirilov foi a testemunha de Stavroguine, então este encontra-se também no mesmo caso…

— Porquê?

— Porque são muito amigos!

— Ah, ah! Não, não, não! Nesse ponto segues por má pista, apesar de seres astucioso. Causas-me espanto. Pensava que sobre isso não estavas sem informações... Hum! Stavroguine é exatamente o contrário, exatamente o contrário.,

— Ah, sim! É possível isso! — exclamou Von Lembke em tom de incredulidade. — Júlia disse-me que recebeu de S. Petersburgo informações que levavam a crer que foi enviado para aqui, por assim dizer, com certas instruções...

— Não sei nada, nada, absolutamente nada... Adeus...

Dito isto, o jovem correu para a porta.

— Permite-me, Pedro, permite-me — gritou o governador — duas palavras a propósito de uma patetice. Sabido isto, não te prendo mais.

Abriu uma das gavetas da secretária e tirou de lá um subscrito.

— É um pequeno documento que diz respeito ao mesmo assunto. Provo-te assim que tenho em ti a maior confiança. Dir-me-ás a tua opinião.

Este subscrito estava endereçado a Von Lembke. Este recebera-o na véspera e continha uma carta anónima muitíssimo estranha. Pedro leu com extrema cólera o que se segue:

Excelência

O seu cargo dá-lhe direito a este título. Informo-o de um atentado contra alguns altos funcionários e portanto contra a pátria, porque, atingindo estes, atingem a pátria. Eu próprio o preparei durante grande número de anos. É uma impiedade, mas é assim. Prepara-se uma sublevação; distribuíram-se muitos milhares de proclamações e cada uma delas perturbará o pensamento de cem homens. Esperam tudo conseguir, se a autoridade não tomar providências. Prometem-se grande número de recompensas e a população é estúpida, em especial com a aguardente. Se quer uma informação para a salvação da pátria, assim como das igrejas e das imagens, apenas eu a posso dar, no entanto com a condição de que receberei imediatamente da terceira secção o perdão, pelo telégrafo; quanto aos outros, é-me indiferente que os entreguem à justiça. Para sinal, ponha todas as tardes, às sete horas, uma vela na janela da choupana do suíço. Vendo-a, terei confiança e virei beijar a mão misericordiosa

enviada da capital. Além disso há ainda a condição de que obterei uma pensão, porque de outra maneira com que hei de viver? Não terá de que se arrepender, visto que o governo dar-lhe-á uma medalha. Silêncio, quando não torcer-me-ão o pescoço.

O homem vassalo de Vossa Excelência, que beija o rasto dos seus passos, o livre-pensador arrependido.

Incógnito.

Von Lembke explicou que a carta fora colocada na véspera na choupana, na ausência do suíço.

— E que pensas disto? — perguntou quase brutalmente Pedro.

— Inclino-me a considerá-la como obra de um gracioso de mau gosto, de um farsante anónimo.

— É a conjetura mais verosímil. Não te importe o golpe.

— O que me faz temer é sobretudo a estupidez desta carta.

— Já recebeste outras cartas semelhantes desde que estás aqui?

— Recebi duas, também sem assinatura.

— Naturalmente os autores deste gracejo não desejam ser conhecidos. Caligrafia e estilos diferentes?

— Sim.

— E imbecil como esta?

— Sim, e também aborrecidas.

— Se não é a primeira vez que te dirigem semelhantes sarcasmos, esta carta deve com certeza proceder de uma oficina idêntica.

— Tanto mais que é idiota. Os que estão lá fora são instruídos e certamente não escrevem tão estupidamente.

— Sem dúvida, sem dúvida.

— E esta carta será, com efeito, de alguém que oferece os seus serviços como denunciante?

— É inverosímil — replicou secamente Pedro. — O perdão que a terceira secção deve enviar pelo telégrafo, o pedido de uma pensão, que significa isso? A mistificação é evidente.

— Sim, sim — reconheceu Von Lembke, orgulhoso da suposição que acabava de revelar.

— Sabes o que é preciso fazer? Dá-me essa carta. Eu descobrirei o autor. Encontrá-lo-ei mais depressa do que nenhum dos teus agentes.

— Leva-a — consentiu Von Lembke, não sem alguma hesitação.

— Mostraste-a a alguém?

— A ninguém. Por que dizes isso?

— Nem mesmo a Júlia?

— Deus me livre! Por amor de Deus, não lha mostres! — exclamou Von Lembke assustado. — Ficaria muito excitada... e agastar-se-ia terrivelmente comigo.

— Sim! Serias o primeiro a ter que te haveres com ela. Diria que, se tinham escrito assim, era porque o merecias. Conhecemos a lógica das mulheres. Vou-me, adeus. Daqui a três dias talvez tenha descoberto o teu correspondente anónimo. Sobretudo, não esqueças o que combinámos!

Capítulo 4

Pedro não era talvez estúpido, mas Fedka julgava-o, dizendo que «se lhe afigurava ser um homem a seu modo, não largando mais a sua ideia».

O jovem deixou o governador, persuadido que o tinha por completo sossegado, durante pelo menos seis dias, prazo de que tinha absoluta necessidade. Ora enganava-se, e isto porque, sem grande estudo, decidira uma vez por todas que Von Lembke era um papalvo completo.

Como todos os mártires da suspeita, Von Lembke acreditava sempre voluntariamente, no primeiro momento, naquilo que parecia de natureza a fixar as suas incertezas. O novo aspeto das coisas começou por se lhe oferecer sobre aparência bastante agradável, apesar de certas complicações que não deixavam de o preocupar. Pelo menos as suas antigas dúvidas desvaneceram-se. Além disso, há alguns dias sentia-se bastante alquebrado e tão cansado que, agastado consigo próprio, a sua alma tinha sede de repouso. Mas… não estava ainda tranquilo.

A sua longa estada em S. Petersburgo deixara-lhe no espírito traços inapagáveis. A história oficial e mesmo secreta da «jovem geração» era muito sua conhecida — era um homem curioso e colecionava as proclamações — mas nunca cumprira nem a primeira palavra. Naquela altura estava indeciso: todos os seus instintos lhe faziam pressentir nas palavras de Pedro qualquer coisa de absurdo, qualquer coisa que estava fora de todas as normas e de todas as convenções — «contudo, só o diabo sabe o que pode acontecer a esta «nova geração» e como se originam as questões» — dizia ele consigo, muito perplexo.

Entretanto Blum, que espreitara a saída de Pedro, entrou no gabinete do patrão. Este Blum pertencia à categoria, muito pequena na Rússia, dos alemães que não têm sorte. Parente afastado e amigo de infância de Von Lembke, dedicara-lhe um afeto sem limites. De resto, Von Lembke era o único homem que gostava de Blum; tinha-o sempre protegido e, ainda que de ordinário muito submisso às vontades de sua esposa, recusara-lhe sempre sacrificar este empregado, que ela detestava. Nos primeiros

tempos do seu casamento, Júlia chegou a lançar mão de «ferro e fogo», a recorrer mesmo ao desmaio, mas Von Lembke permaneceu inabalável.

Fisicamente, Blum era um homem ruivo, alto, curvado, de fisionomia pouco atraente e triste. Associava a extrema humildade, uma obstinação de touro. Entre nós vivia muito retirado; não fazia nenhumas visitas e estava ligado somente a um farmacêutico, também alemão. Há muito tempo que Von Lembke o metera na confidência dos seus pecadilhos literários. Durante seis horas consecutivas, o pobre empregado estivera condenado a ouvir a leitura do romance do seu superior. Suara abundantemente, lutara o mais que pudera contra o sono e esforçara-se por sorrir: depois, ao voltar para casa, deplorara junto da sua alta e magra esposa a infeliz fraqueza do seu benfeitor pela literatura russa.

Logo que Blum entrou, Von Lembke olhou-o com ar de sofrimento.

— Peço-te, Blum, que me deixes em sossego — apressou-se a dizer, querendo evidentemente impedi-lo de retomar a conversa que a chegada de Pedro interrompera.

— E contudo podia-se fazer isso da maneira mais discreta, sem atrair nenhuma atenção. Tens plenos poderes — insistiu com firmeza respeitosa, entretanto que, com a espinha curvada, avançou a pequenos passos para o governador.

— Blum, és-me de tal maneira dedicado que o teu zelo espanta-me.

— Dizes sempre coisas espirituosas e, satisfeito com as tuas palavras, adormeces tranquilamente, e, por isso mesmo, prejudicas-te.

— Acabo de me convencer que não é nada disso.

— Não é, depois das palavras deste jovem impostor e depravado, de quem tu próprio suspeitas. Lisonjeou-te, fazendo o elogio do teu talento literário.

— Deliras! O teu projeto é um absurdo, digo-to eu. Não, não encontraremos nada, provocaremos um alarido terrível, depois farão troça de nós e por último Júlia...

O empregado, com a mão apoiada sobre o coração, aproximou-se com passo firme de Von Lembke.

— Encontraremos incontestavelmente tudo o que procuramos — respondeu ele. — O assalto far-se-á de improviso, de manhãzinha, Tomaremos todas as cautelas precisas com as pessoas e respeitaremos estritamente as formas legais. Rapazes que têm ido lá mais de uma vez, como Liamchine e Teliatnikov, asseguram-me que encontraremos lá tudo o

que desejamos. Ninguém se interessa por Stepan. A viúva Stavroguine retirou-lhe abertamente a sua proteção e todos os homens honestos, se é que existem nesta cidade de brutos, estão convencidos de que foi lá que se ocultou sempre a fonte da incredulidade e do socialismo. Tem em sua casa todos os livros proibidos, os *Pensamentos* de Ryléiev, as obras completas de Hertzen... Por acaso, tenho um catálogo aproximado...

— Oh, meu Deus! Esses livros existem em todas as bibliotecas! Como tu és simples, meu pobre Blum!

— E muitas proclamações — continuou o empregado sem ouvir o seu superior. — Acabaremos por descobrir infalivelmente a origem dos escritos sediciosos que circulam por aí nesta altura. O jovem Pedro, parece-me que é preciso desconfiar dele.

— Mas confundes o pai com o filho. Eles não se entendem; o filho troça do pai diante de toda a gente.

— Isso é apenas na aparência.

— Blum, juraste atormentar-me? Lembra-te que é um personagem notável da cidade. Foi professor, é muito conhecido, protestará, os gracejos choverão sobre nós e faltar-nos-á tudo... Pensa um pouco também no efeito que isto produzirá em Júlia!

Blum não quis ouvir nada.

— Foi apenas um assistente, nada mais do que um assistente, e deixou o serviço sem outro título que o de professor particular — replicou ele, batendo no peito. — Não possui nenhuma distinção honorífica, despediram-no das suas funções porque supunham que vivia dos seus trabalhos hostis ao governo. Esteve sobre a vigilância da polícia e é muito provável que ainda o esteja. Em presença das desordens que se estão a produzir hoje, tens incontestavelmente o dever de agir. Ao contrário, faltarás às obrigações do teu cargo se te mostrares indulgente para com o verdadeiro culpado.

— Júlia! Retira-te, Blum — gritou de repente Von Lembke, que ouvira a voz de sua mulher no quarto vizinho.

Blum tremeu, mas insistiu:

— Autoriza-me, autoriza-me — continuou ele, comprimindo o peito com as mãos.

— Retira-te! — repetiu, rangendo os dentes, Von Lembke. — Faz o que quiseres... mas mais tarde... Oh, meu Deus!

A porta abriu-se e Júlia apareceu. Parou, majestosa» à vista de Blum, que ela fulminou com olhar desdenhoso e altivo, como se a presença deste homem em semelhante lugar tivesse sido um insulto para ela.

Sem nada dizer, o empregado inclinou-se profundamente diante da governadora e, com o corpo dobrado em dois, dirigiu-se para a porta, andando nas pontas dos pés e alargando um pouco os braços.

Blum interpretou como autorização formal as últimas palavras arrancadas à impaciência de Von Lembke, ou então, como muito zeloso servidor, julgou poder tomar sob a sua própria responsabilidade uma medida que lhe parecia imperiosamente provocada pelo interesse do seu senhor.

De qualquer das maneiras, como veremos mais tarde, desta conversa do governador com o seu subordinado resultou uma coisa inesperada, que fez escândalo, suscitou muitos gracejos e exasperou Júlia; além disso, essa tão simples medida teve o efeito de desconcertar definitivamente Von Lembke, lançando-o, no momento mais crítico da sua governação, na mais lamentável irresolução.

Capítulo 5

Pedro andou muito nesse dia. Logo que deixou Von Lembke, julgou-se na obrigação de ir à rua *Epiphanie* mas, passando na rua onde habitava Karmazinov, parou bruscamente, sorriu e entrou. Responderam-lhe que era esperado, o que o espantou muito, porque não tinha de maneira nenhuma anunciado a sua visita.

O grande escritor, porém, esperava-o com efeito e até mesmo desde a antevéspera. Quatro dias antes confiara-lhe o seu *Obrigado* — o manuscrito que se propunha ler na tarde literária — e isto por pura amabilidade, convencido de que lisonjeava agradavelmente o amor-próprio de Pedro, dando-lhe a novidade de uma grande coisa. Há muito tempo que o jovem se apercebera que este homem vaidoso, corrompido pelo êxito e inabordável pela maior parte dos mortais, procurava, à força de gentilezas, insinuar-se nas suas boas graças. Tinha acabado, creio eu, se não por o considerar como um dos principais condutores da revolução russa, pelo menos como uma das mais fortes cabeças do partido e um dos guias mais escutados pela juventude. Não era sem interesse para Pedro saber o que pensava «o homem mais inteligente da Rússia», mas até então, por vários motivos, evitara toda a explicação com ele.

O grande escritor morava em casa de sua irmã, a qual havia desposado um camarista que possuía propriedades na nossa província. O marido e a esposa consideravam muitíssimo o seu ilustre parente, no entanto, quando lhes veio pedir hospitalidade, ambos, com muito desgosto se encontravam então em Moscovo, de sorte que a honra de o receber coube a uma velha prima do camarista, uma parente pobre que há muito tempo desempenhava em casa dos dois esposos o lugar de governanta. Toda a gente na casa andava nas pontas dos pés depois da chegada de Karmazinov. Quase todos os dias a velha escrevia para Moscovo a relatar como ele tinha passado a noite e o que tinha comido; uma vez telegrafou, após um jantar em casa do administrador da cidade, dizendo que teve de tomar uma colherada de medicamento. Raras vezes se permitia entrar no quarto do seu hóspede, embora ele fosse gentil para com ela. Falava-lhe sempre em tom seco e

apenas em casos de necessidade. Quando Pedro entrou, preparava-se ele para comer a sua costeleta usual, acompanhada com meio copo de vinho tinto. O jovem já tinha ido a casa dele várias vezes e sempre o encontrara à mesa, porém nunca Karmazinov o convidara a partilhar da sua refeição. Depois da costeleta, trouxeram-lhe uma pequenina chávena de café. O criado que o servia usava luvas, um fraque e botas moles por causa do ruído.

— Ah! — exclamou Karmazinov, levantando-se.

Limpou-se com o guardanapo e, da maneira mais delicada na aparência, preparou-se para beijar o visitante. Este, porém, sabia por experiência que, quando o grande escritor beijava alguém, tinha o costume de oferecer a face e não os lábios; também ele próprio, naquelas circunstâncias, usava essa maneira, por isso o beijo limitou-se a um choque das duas faces. Sem parecer notar isso, Karmazinov voltou para o seu lugar na poltrona e indicou amavelmente a Pedro um sofá diante dele. O jovem sentou-se onde lhe indicaram.

— Quer... quer almoçar? — perguntou o romancista, contrariamente ao seu hábito.

Via-se porém que contava com uma recusa delicada. A sua espectativa foi errada: Pedro apressou-se a responder afirmativamente. A expressão de uma surpresa desagradável apareceu no rosto de Karmazinov, mas teve somente a duração de um relâmpago. Tocou a campainha violentamente e, apesar da sua educação, foi com tom de enfado que ordenou ao criado para trazer um segundo talher.

— Que quer? Uma costeleta ou um café? — julgou-se ele no dever de perguntar.

— Uma costeleta e café. Mande também trazer vinho, pois tenho uma fome canina — respondeu Pedro, que examinava tranquilamente o fato do seu anfitrião.

Karmazinov trazia uma espécie de jaqueta de algodão fino, com botões de madrepérola, mas muito curta, a qual lhe dava um aspeto de aldeão, visto a rotundidade da sua barriga. Apesar de estar calor no quarto, colocara sobre os joelhos uma manta de lã, de um pano quadriculado, que chegava até ao chão.

— Está doente? — observou Pedro.

— Não, mas tenho medo de o ficar, neste clima — respondeu o escritor com a sua voz aguda; acentuava delicadamente cada palavra,

dando-lhe uma entoação a imitar a dos aldeões. — Esperava-o já ontem.

— Porquê? Não lhe prometera vir visitá-lo.

— É verdade, mas como tem o meu manuscrito... Leu-o?

— O manuscrito? Como?

Estas perguntas causaram o maior espanto a Karmazinov. A sua inquietação foi tal que se esqueceu da chávena de café.

— Mas levou-o consigo! — replicou o escritor, fitando Pedro com ar espantado.

— Ah! É o do *Bom dia* que fala, sem dúvida...

— Não, o do *Obrigado.*

— Não importa o título. Esqueci-me por completo dele e não o li. Não tenho tempo. Mas na verdade não sei o que lhe fiz! Não está nos meus bolsos. Tê-lo-ei deixado na minha mesa! Não se inquiete. Encontrar-se-á.

— Não, antes quero ir já a sua casa. Pode perder-se ou terem-no roubado.

— Quem é que o ia roubar? Mas porque está tão inquieto? Júlia diz que o senhor tem sempre muitas cópias de cada manuscrito; um é depositado num notário no estrangeiro, um outro fica em S. Petersburgo, um terceiro em Moscovo, e envia também um exemplar para um banco...

— Mas Moscovo pode arder e, com ela, o meu manuscrito. Não é melhor que o vá procurar imediatamente?

— Espere! Ei-lo! — disse Pedro, e tirou do bolsa de trás um rolo de papel escrito numa caligrafia miúda. — Está um pouco amarrotado. Imagine que desde o dia em que mo deu, tenho-o trazido sempre no bolso, de mistura com o lenço. Nunca mais pensei nele.

Karmazinov pegou com um gesto rápido no manuscrito, examinou-o com solicitude, certificou-se de que não lhe faltava nenhuma página e depois colocou-o respeitosamente sobre uma mesa pequena, mas bastante perto de si para o ter a cada instante sob os seus olhos.

— Pelo que parece não lê muito? — observou ele, com voz sibilante.

— Não, não muito.

— E com respeito a literatura russa, também nada?

— Com respeito a literatura russa? Tenho lido qualquer coisa... *Ao longo do caminho*... ou *A caminho...* ou *A passagem,* não me lembro já do título. Há muito tempo que li isto, talvez cinco anos. Não tenho tempo para ler.

A conversa foi suspensa por momentos.

— Quando cheguei aqui, assegurei a todos que o meu amigo era um homem extremamente inteligente e agora, segundo parece, toda a cidade está apaixonada por si.

— Agradeço-lhe muito — respondeu friamente o visitante.

Trouxeram o almoço. Pedro comeu sem descansar a sua costeleta; quanto ao vinho e ao café, não deixou nem uma gota.

«Este mal-educado sentiu, sem dúvida, toda a delicadeza da forma como o tratei», disse consigo Karmazinov, olhando-o de lado. «Estou certo de que leu com avidez o meu manuscrito, porém quer aparentar não o ter lido. Pode na verdade não ter mentido e que seja realmente estúpido. Gosto de ver num homem de génio um pouco de estupidez. Entre eles não é de facto um génio? Que o diabo o leve!»

Levantou-se e começou a passear de um lado para o outro, exercício higiénico a que se entregava sempre depois do almoço. Pedro não se moveu do seu sofá e acendeu um cigarro.

— Já está aqui há muito tempo? — perguntou ele.

— Vim sobretudo para vender umas propriedades e presentemente dependo do meu intendente.

— Diz-se que veio para a Rússia porque temeu o aparecimento de qualquer epidemia após a guerra, é verdade?

— Não, não foi por isso — respondeu placidamente Karmazinov que, a cada volta no quarto, levantava o pé direito com ar folgazão. — Tenho a intenção de viver o maior tempo possível — acrescentou com um sorriso rancoroso. — Na nobreza russa há qualquer coisa que se gasta extraordinariamente depressa, debaixo de todos os pontos de vista. Por mim quero gastar-me o menos possível e presentemente penso fixar para sempre a minha residência no estrangeiro; o clima é aí melhor e o ambiente mais são. A Europa durará, segundo penso, pelo menos tanto como eu. Qual a sua opinião?

— Não sei nada disso.

— Se, com efeito, a Babilónia se desmorona, a sua queda será um grande acontecimento (nisto estou inteiramente de acordo consigo, ainda que não suponha isso para breve). Todavia aqui na Rússia não é a bem dizer um desabamento, é uma dissolução. A santa Rússia é o país do mundo que oferece menos elementos de estabilidade. O povo continua ainda mais ou menos ligado à divindade russa; no entanto, segundo os últimos informes, essa divindade está muito doente e a custo poderá

resistir à alforria dos camponeses, ou pelo menos ficará muito abalada. E os empregados dos caminhos de ferro, e depois o meu amigo... e eu também... não cremos mais do que os outros nessa divindade russa.

— E na divindade europeia?

— Não creio em nenhuma divindade. Caluniaram-me junto da juventude russa. Fui sempre simpático a cada um dos seus movimentos. Mostraram-me até as proclamações que circulam por aí. As suas ideias assustam o público, mas não há ninguém que, apesar de não ousarem confessá-lo, não esteja convencido do seu poder. Há muito tempo que a sociedade está em perigo, e há muito tempo também que ela sabe não ter nenhum meio de salvação. O que me faz crer no êxito desta propaganda clandestina é que a Rússia é presentemente a única nação onde uma sublevação encontrará os menores obstáculos. Compreendo muito bem a razão por que todos os russos que têm fortuna fogem para o estrangeiro e por que esta emigração toma de ano para ano maiores proporções. Há nisto simples instinto. Quando um navio está prestes a soçobrar, os ratos são os primeiros a deixá-lo. A santa Rússia é um país cheio de casas de madeira, de mendigos e... de perigos; um país onde as altas classes se compõem de mendicantes vaidosos e onde a imensa maioria da população morre de fome nas choupanas. Mostrem-lhe qualquer saída, não importa qual, e ela aceitá-la-á com alegria. Basta que lha façam compreender. Somente o governo pretende ainda resistir, mas agita a batuta nas trevas e bate nos próprios correligionários. Na Rússia tudo está condenado. Tal como é, não tem futuro. Tornei-me por isso alemão e honro-me com esta decisão.

— Será, mas como falou há pouco nas proclamações, o que pensa a tal respeito?

— Têm-lhe medo, o que prova o seu poder. Põem tudo a descoberto e mostram que no nosso país não se pode ter confiança em coisa alguma. Falam alto, ante o silêncio universal. Pondo de lado a forma, o que deve sobretudo assegurar-lhes a vitória é a audácia, até aqui sem precedentes, com a qual os seus autores encaram a verdade. Há neles apenas um traço que pertence à geração contemporânea. Não, na Europa não se é ainda tão audaz. A autoridade está nesses diversos países solidamente estabelecida, como há ainda neles elementos de resistência. Tanto quanto posso supor, toda a base da ideia revolucionária russa consiste na negação da honra. Estou bastante contente que esse princípio seja tão loucamente afirmado. Na Europa não compreenderão ainda isto, porém no nosso país nada será

melhor sucedido do que essa ideia. Para o russo, a honra não é mais do que um fardo supérfluo. Foi sempre assim em todos os tempos da sua história. O mais seguro meio de a fazer desaparecer é reivindicar firmemente o direito à desonra. Eu, que sou um homem da antiga geração, confesso que sou ainda pela honra, mas somente por hábito. Guardo um resto da ligação às velhas formas. Levemos isso, se assim quer, à conta de pusilanimidade; na minha idade não se renuncia facilmente a preconceitos inveterados.

E parou de repente.

«Falo, falo...», pensava ele, «e ele escuta sempre, sem nada dizer. Contudo, tenho uma pergunta a fazer-lhe, e foi por essa razão que veio. Vou-lha fazer».

— Júlia pediu-me para o interrogar, a fim de saber qual é a surpresa que está a preparar para o baile de depois de amanhã — disse subitamente Pedro.

— Sim, será com efeito uma surpresa e causarei espanto... — respondeu Karmazinov, tomando um ar de dignidade — contudo não lhe direi o meu segredo.

Pedro não insistiu.

— Disseram-me que vive cá na cidade um certo Chatov — prosseguiu o grande escritor — e, imagine, ainda não o vi.

— É um belíssimo rapaz... E isso que tem?

— Oh, nada. Fala-se por aí de certas coisas... Foi ele que deu uma bofetada no Stavroguine?

— Foi.

— E Stavroguine, que pensa o meu amigo dele?

— Não sei, é um boémio.

Karmazinov detestava Stavroguine porque este tinha o hábito de não lhe prestar nenhuma atenção.

— Se, o que se diz na proclamação, se realiza um dia no nosso país — observou, rindo — esse boémio será sem dúvida o primeiro a ser enforcado num ramo de uma árvore.

— Talvez mesmo o seja antes disso — disse bruscamente Pedro.

— Era o que era preciso — replicou Karmazinov, não rindo já, mas sim num tom muito sério.

— O meu amigo já me disse isso e, sabe, eu já lho disse.

— Ah, sim! Já lho disse? — perguntou com novo sorriso Karmazinov.

— Respondeu-me que, se o enforcassem numa árvore, só o meu amigo seria o bastante para o açoitar, não, é verdade, como um pró-forma, mas vigorosamente, como se açoita um mujique.

Pedro levantou-se e pegou no chapéu. Karmazinov estendeu-lhe as mãos.

— Diga-me — começou ele repentinamente, em voz doce e com entoação especial, enquanto segurava a mão do visitante entre as suas — se tudo o que se projeta é destinado a realizar-se, quando poderá levar-se a efeito?

— Sei-o eu por ventura? — respondeu num tom um tanto brutal Pedro.

Olharam-se fixamente.

— Aproximadamente. Pouco mais ou menos! — insistiu Karmazinov, cada vez mais brandamente.

— O meu amigo não terá tempo de vender a sua propriedade ou de a passar — resmungou o jovem em tom de desprezo.

Os dois interlocutores lançaram um ao outro um olhar penetrante. Houve um minuto de silêncio.

— Começará nos primeiros dias de maio e terminará antes da festa da Assunção — declarou bruscamente Pedro.

— Agradeço-lhe sinceramente — disse em tom penetrante Karmazinov, apertando as mãos do visitante.

«Terás tempo de deixar o navio, meu rato!», pensou Pedro, quando estava na rua. «Se este *homem de Estado* está tão ansioso por conhecer o dia e a hora, e se a informação que lhe dei lhe dá tanto prazer, não podemos mais, depois disto, duvidar de nós». E sorriu. «Hum! Sendo considerado entre os seus amigos como um homem inteligente e... como não pensa senão em fugir… não será ele que nos denunciará!»

Correu à casa Filippov, na rua *Épiphanie.*

Capítulo 6

Pedro foi recebido logo em casa de Kirilov. Este, sozinho como de costume, fazia desta vez ginástica no meio do quarto, isto é, abria as pernas e levantava os braços acima da cabeça de maneira especial. A bola estava no chão. O resto do almoço não tinha ainda sido retirado e o chá arrefecera sobre a mesa. Antes de entrar, Pedro parou um instante no limiar da porta.

— Continua a tratar da sua saúde — disse com voz sonora e alegre, entrando no quarto. — Que bela bola! Oh, como ela salta! É também para fazer ginástica?

Kirilov vestiu o casacão.

— É para a minha saúde — murmurou ele em tom seco. — Sente-se.

— Não me demorarei mais que um minuto. No entanto aproveito e sento-me — replicou Pedro; depois, sem transição, começou a falar no motivo da sua visita. — É bom tratar da saúde, mas vim lembrar-lhe a nossa convenção. O prazo aproxima-se «sob certo sentido».

— Que convenção?

— Como, que convenção? — disse o visitante inquieto.

— Não é nem uma convenção, nem uma promessa. Não estou comprometido e o meu amigo está enganado.

— Escute, que conta fazer? — perguntou Pedro, levantando-se bruscamente.

— A minha vontade.

— Qual?

— A antiga.

— Como posso compreender as suas palavras? Quer dizer que tem sempre as mesmas ideias?

— Sim. Para mim não há convenção e nunca a houve. Não estou ligado a coisa nenhuma. Presentemente, como antigamente, faço somente o que quero.

Kirilov disse estas palavras em tom áspero e desdenhoso. Pedro voltou a sentar-se, satisfeito.

— Seja, seja — disse ele — faça a sua vontade, desde que essa vontade não varie. Irrita-se com uma palavra... Tornou-se muito irascível há algum tempo a esta parte. É por isso que evitava vir vê-lo. De resto, estava absolutamente convencido de que não me trairia.

— Estou longe de o estimar, mas pode estar perfeitamente tranquilo, se bem que encontre as palavras traição e não traição perfeitamente deslocadas nestas circunstâncias.

— Entretanto — replicou Pedro, de novo tomado de inquietação — é necessário precisar as coisas para evitar qualquer má interpretação. É um assunto em que a exatidão é necessária e a sua linguagem atordoa-me, positivamente. Quer dar-me licença de falar?

— Fale! — replicou o engenheiro, olhando-o de lado.

— Há muito tempo já que resolveu privar-se da vida... isto é, que tinha essa ideia. É verdade? Não há erro no que digo?

— Tenho sempre a mesma ideia.

— Muito bem. Note, além disso, que ninguém o forçou a isso.

— Não me faltava mais nada! O meu amigo diz cada asneira!

— Seja, seja! Exprimi-me muito estupidamente. Seria, sem dúvida, muito estúpido forçá-lo a isso. Continuo: o meu amigo faz parte da sociedade desde a sua fundação e falou acerca do seu projeto a um membro da sociedade.

— Confidenciei. Disse isso absolutamente na boa fé.

— Seja. Empreguei ainda uma expressão imprópria; teria sido ridículo, com efeito, revelar isso como quem faz uma confissão. Disse isso na sua boa fé. Muito bem.

— Não, não é muito bem, porque não gosto de o ver apreciar assim as minhas ações. Não tenho contas a dar-lhe e o meu amigo não pode compreender os meus desígnios. Pretendo privar-me da vida porque é a minha ideia, porque não admito o medo da morte, porque... não precisa de saber porquê... Que lhe falta? Quer beber chá? Está frio. Deixe... vou dar-lhe um outro copo.

Pedro tinha, com efeito, pegada na chaleira e procurava onde pudesse deitar o chá. Kirilov foi ao armário e trouxe um copo próprio.

— Almocei há pouco em casa do Karmazinov e os seus discursos fazem-me suar — observou o visitante. — Em seguida corri para aqui, o que de novo me fez suar. Morro de sede.

— Beba. O chá frio não é mau.

Kirilov retomou o seu lugar e pôs-se a olhar de lado.

— A sociedade pensou — prosseguiu ele no mesmo tom — que o meu suicídio poderia ser útil e que, quando o meu amigo fizesse algumas asneiras, das quais procurariam os autores, se de repente eu queimasse os miolos deixando uma carta onde me declarasse culpado de tudo, isso pô-lo-ia ao abrigo de suspeitas, durante todo um ano.

— Pelo menos durante alguns dias; e nestas circunstâncias é já muito ter vinte e quatro horas diante de si.

— Muito bem. Perguntaram-me se não podia esperar. Respondi que esperaria tanto tempo quanto a sociedade quisesse, visto que isso pouco me importa.

— Mas lembre-se que tomou o compromisso de redigir de acordo comigo a carta de que se trata e de se colocar, desde a sua chegada à Rússia, à minha... numa palavra, à minha disposição. Isto, bem entendido, apenas para este assunto, porque para tudo o resto é necessário que se mantenha livre — acrescentou quase amavelmente Pedro.

— Não estou comprometido. Consenti, porque isso é-me indiferente.

— Muito bem, muito bem. Não tenho de maneira nenhuma a intenção de magoar o seu amor-próprio, mas...

— Não é uma questão de amor-próprio.

— Lembre-se que lhe deram cento e vinte *talers* para a viagem, por consequência recebeu dinheiro.

— De maneira nenhuma — replicou rugindo Kirilov. — O dinheiro não me foi dado com essa condição. Não o recebi por isso.

— Algumas vezes.

— Mente. Escrevi de S. Petersburgo uma carta muito explícita a esse respeito e mesmo em S. Petersburgo reembolsei-o dos cento e vinte *talers*. Mandei-lhos por mão própria... e eles receberam esse dinheiro, se o meu amigo não o guardou no bolso.

— Bem, bem, não contesto nada disso. Mandei-lhes o dinheiro. O essencial é que o meu amigo esteja sempre nas mesmas disposições de outro tempo.

— As minhas disposições não mudaram. Quando me vier dizer: «É tempo», executar-me-ei. E isso será breve?

— O dia não está muito longe... Porém lembre-se de que devemos escrever a carta juntos, na tarde da véspera.

— E se for no próprio dia?... É preciso que me declare o autor das proclamações?

— E de mais algumas coisas ainda.

— Não tomarei a responsabilidade de tudo.

— Porquê? — perguntou Pedro, alarmado com esta recusa.

— Porque não quero, e basta... Não quero falar mais nisso.

Estas palavras irritaram sobremaneira Pedro, mas conteve-se e mudou de assunto.

— A minha visita tinha ainda outro objetivo — replicou ele. — O senhor virá esta noite a casa dos nossos? É hoje a festa do Virguinsky. Reunir-se-ão sob este pretexto.

— Não quero.

— Peço-lhe que venha. É preciso. Devemos impor-nos pelo número e pelo conjunto... O senhor tem uma cabeça... digamos o nome... uma cabeça fatal.

— Acha? — disse, rindo, Kirilov. — Está bem, irei, mas não será por causa da cabeça. Quando?

— Oh, de madrugada, às seis horas e meia. Sabe, pode entrar, sentar-se, mas não fale a ninguém, ainda que a assistência seja numerosa. Contudo não se esqueça de levar consigo um lápis e um bocado de papel.

— Para quê?

— Isso é-lhe indiferente, porém peço-lhe isto com certo interesse. Não terá mais do que comparecer, mas sem dizer nada a ninguém. Escutará apenas e, de tempos a tempos, fingirá que toma notas; tem liberdade, contudo, para desenhar o que quiser.

— Que estupidez! Para que serve isso?

— Então não lhe é indiferente? Não anda sempre a dizer que tudo lhe é indiferente?

— Está bem. Não quero saber porquê.

— Então ouça: o membro da sociedade que assumiu as funções de revisor, foi preso em Moscovo e eu anunciei a sua visita a alguns dos nossos. Ficarão por isso convencidos de que o meu amigo é esse revisor e, como se encontra entre nós há já três semanas, o efeito será ainda maior.

— É uma farsa, pois não têm nenhum revisor em Moscovo.

— Seja assim. Não o temos de facto, mas que lhe faz isso e como pode esse pormenor impedi-lo?... O senhor próprio é membro da sociedade.

— Dir-lhes-ei que sou revisor; sentar-me ei e manter-me-ei calado, porém não quero nem papel, nem lápis.

— Mas porquê?

— Não quero.

Pedro estremeceu, encolerizado; contudo dominou-se ainda desta vez, levantou-se e pegou no chapéu.

— O *homem* está em sua casa? — perguntou ele subitamente, a meia voz.

— Está.

— Está bem. Não tardarei a libertá-lo dele. Fique tranquilo.

— Não me incomoda. Só cá está à noite. A velha está no hospital e a nora morreu. Há dois dias que estou só. Indiquei-lhe a parte do tabique onde há uma fenda; introduz-se por ela e ninguém mais o vê.

— Retirá-lo-ei em breve da sua casa.

— Diz que não faltam sítios onde possa ir deitar-se.

— Mente. Procuram-no, e aqui, por agora, está em segurança. Fala com ele?

— Falo-lhe quase todos os dias. Diz muito mal de si. Na última noite li-lhe o Apocalipse e fiz-lhe beber chá. Escutou atentamente, muito atentamente mesmo, toda a noite.

— Oh, diabo!... vai convertê-lo à religião crista!

— Já é cristão. Mas não se inquiete, pois matará. Quem quer que ele assassine?

— Não, não é para isso que eu preciso dele... Chatov sabe que o meu amigo dá hospitalidade a Fedka?

— Não vejo Chatov há dias e não temos relações um com o outro.

— Estão zangados?

— Não, não estamos zangados, mas não nos falamos. Deitámo-nos durante muito tempo lado a lado na América.

— Passarei por casa dele já.

— Como quiser.

— Às dez horas, quando sair da casa do Virguinsky, virei talvez a sua casa com o Stavroguine.

— Venha.

— Preciso ter uma entrevista séria com ele... Sabe, dê-me a sua bola. Necessita dela agora? Faço também ginástica. Se quer, comprar-lha-ei.

— Leve-a, dou-lha.

Pedro meteu a bola no bolso.

— Mas não lhe darei nada para Stavroguine — murmurou Kirilov, reconduzindo o visitante, que o olhou com espanto e não respondeu nada.

As últimas palavras do engenheiro agitaram extremamente Pedro; refletia ainda nelas ao subir a escada de Chatov, quando pensou que devia dar à fisionomia descontente uma expressão mais agradável. Chatov encontrava-se em casa; um pouco doente, estava deitado, todo vestido, sobre o leito.

— Que contratempo! — exclamou Pedro, entrando no quarto. — Estás seriamente doente?

A sua fisionomia perdeu a fingida amabilidade e um clarão sinistro lhe brilhou nos olhos. Chatov saltou bruscamente da cama.

— De maneira nenhuma — respondeu ele com ar sobressaltado — não estou doente. Tenho apenas dor de cabeça.

A aparição inesperada de tal visitante tinha-o aterrado.

— Venho justamente para tratar de um assunto que não admite doença — principiou Pedro, em tom quase imperioso. — Permite-me que me sente — e sentou-se — e tu volta para a tua cama. Está bem. Hoje haverá uma reunião dos nossos em casa de Virguinsky, sob o pretexto de festejar o aniversário do seu nascimento; estão tomadas todas as precauções para que não haja intrusos. Irei com Stavroguine. Conhecendo as tuas atuais opiniões, não te convidaria a assistir a esta noitada... não que pensemos ser denunciados por ti, mas para te evitar um desgosto. Contudo a tua presença é indispensável. Encontrarás lá aqueles com quem decidiremos em definitivo sobre a maneira como deve operar-se a tua saída da sociedade e em que mãos terás de entregar o que se encontra em tua casa. Faremos isto sem ruído. Conduzir-te-ei às escondidas para qualquer canto; a assistência será numerosa, mas não é necessário explicar a toda a gente estes pormenores. Confesso que tive muito custo para triunfar da sua resistência; porém agora parece que consentem, com a condição, bem entendido, de renunciares à posse da tipografia e de todos os papéis. Então ficarás livre para os teus trabalhos.

Enquanto Pedro falava, Chatov escutava-o com o sobrolho carregado. O seu terror de há pouco desaparecera, para dar lugar à cólera.

— Não me creio de maneira nenhuma obrigado a dar contas, o diabo sabe a quem! — declarou ele repentinamente. — Não tenho necessidade do consentimento de ninguém para retomar a minha liberdade.

— Isso não é bem assim. Confiaram-te muitos segredos. Não tinhas o direito de romper assim do pé para a mão. E, por último, não tinhas nunca manifestado nitidamente a intenção de te retirares, de sorte que os colocaste em falsa posição.

— Desde a minha chegada que fiz conhecer as minhas intenções, numa carta bem clara.

— Não, não muito clara — contestou friamente Pedro. — Por exemplo, enviei-te, para imprimires aqui, o *Personagem esclarecido,* assim como duas proclamações. Reenviaste-me tudo com uma carta equívoca, não precisando nada.

— Recusei firmemente imprimir.

— Recusaste, mas não firmemente. Respondeste: «Não posso», sem explicar o motivo. Ora «Não posso» nunca quis dizer «não quero». Podia-se supor que estavas simplesmente impedido por obstáculos materiais, e é assim que a tua carta tem sido compreendida. Julgaram que não tinhas quebrado as tuas ligações com a sociedade e portanto continuaram a manter a sua confiança e a comprometer-se. Aqui, julgam que estás a empregar intencionalmente termos vagos na tua linguagem: querias, diz-se, enganar os teus companheiros, denunciando-os quando tivesses recebido deles alguma comunicação importante. Defendi-te com todas as minhas forças e mostrei como prova primordial da tua inocência as duas linhas de resposta que me mandaste. Todavia eu próprio reconheci, depois de as ter relido, que essas duas linhas não são claras e podem induzir em erro.

— Conservaste cuidadosamente essa carta em teu poder?

— Que faz que a tenha guardado? Está ainda em minha casa.

— Pouco me importa! — gritou Chatov, irritado. — Tendes a liberdade, meus imbecis, de acreditar que vos denunciei!... Pouco me importa com isso! Ainda gostava de saber o que me podeis fazer!

— Observar-te-ão e, ao primeiro grito da revolução, serás enforcado.

— Quando chegareis a conquistar o poder supremo e a serdes os senhores da Rússia?

— Não te rias. Repito-te... tomei a tua defesa. Aconselho-te por isso a ires hoje à reunião. Para que servem palavras ditadas por falso orgulho? Não será melhor afastares-te amigavelmente? Em qualquer dos casos, é preciso que entregues o material tipográfico, Precisamos de falar sobre esse assunto.

— Irei — resmungou Chatov que, com a cabeça baixa, parecia absorvido nas suas reflexões.

Pedro fitava-o com olhar malévolo.

— Stavroguine estará lá? — perguntou de repente Chatov, levantando a cabeça.

— Deve estar, com certeza.

— He, he!

Houve um minuto de silêncio. Um sorriso de cólera e de desgosto flutuava nos lábios de Chatov.

— E o teu miserável *Personagem, esclarecido,* que recusei imprimir aqui, está impresso?

— Está.

— Faz-se crer aos imbecis que foi o próprio Hertzen que escreveu isso no teu álbum.

— Sim, foi o próprio Hertzen.

Calaram-se ainda durante dois minutos. Por fim Chatov levantou-se da cama,

— Afasta-te para longe de mim. Não quero ver-te mais ao meu lado.

Pedro levantou-se também.

— Vou-me embora — disse ele com uma espécie de alegria. — Uma palavra apenas: é verdade que Kirilov está nesta altura sozinho no pavilhão e sem criada?

— Está absolutamente só... Vai-te embora. Não posso continuar neste quarto só contigo...

«Estás por agora muito bem!», pensou alegremente Pedro, quando já estava fora de casa. «Para esta noite estás também muito bem. Tenho justamente necessidade que continues assim. Não posso desejar nada de melhor! O próprio deus russo vem em meu auxílio!»

Capítulo 7

Fez muitas visitas durante o dia e com certeza não perdeu o seu tempo, porque estava com uma fisionomia radiante quando, de tarde, às seis horas precisas, se apresentou em casa de Stavroguine. Não o mandou entrar logo que chegou. Encontrava-se no seu gabinete em conversa com Maurício, que chegara ainda há pouco. Esta nova intrigou Pedro. Sentou-se perto da porta do gabinete, aguardando a saída do visitante. Na antecâmara ouvia-se o ruído da conversa, porém não compreendia nenhuma das palavras pronunciadas. A visita não durou muito tempo; de súbito ecoou uma voz extraordinariamente forte e vibrante e logo em seguida a porta abriu-se, saindo Maurício com o rosto lívido. Não viu Pedro, apesar de ter passado rápido junto dele. O jovem precipitou-se para o interior do quarto.

Julgo-me obrigado a contar em pormenor a entrevista ocorrida entre os dois «rivais» — entrevista que tudo parecia tornar impossível e que todavia se realizou.

Depois do jantar, Stavroguine passava pelo sono sobre um divã, no seu escritório, quando Aléxis lhe anunciou a chegada de Maurício. A este nome, estremeceu e julgou ter ouvido mal. Porém depressa lhe surgiu nos lábios um sorriso de triunfo altivo, ao mesmo tempo que de vaga surpresa. Entrando, Maurício ficou sem dúvida chocado com este sorriso, porque parou de repente no meio do quarto e pareceu perguntar a si próprio se deveria dar um passo adiante ou se seria melhor retirar-se.

No mesmo instante a fisionomia de Stavroguine mudou de expressão e, com ar sério e espantado, avançou para o visitante. Este não correspondeu ao gesto de lhe estender a mão e, sem dizer uma palavra, sentou-se sem esperar que o dono da casa lhe desse o exemplo ou lhe oferecesse uma cadeira. Stavroguine sentou-se na beira da poltrona e esperou em silêncio com os olhos fitos em Maurício.

— Se pode, case com a Lisa — começou bruscamente o capitão de artilharia.

Pronunciou estas palavras de tal forma que era impossível adivinhar se significavam súplica, recomendação, concessão ou ordem.

Stavroguine continuou silencioso; contudo o visitante, tendo dito evidentemente tudo quanto tinha a dizer, olhava-o com insistência, esperando uma resposta.

— Se não me engano (de resto já se sabe que é verdade), Lisa é sua noiva — observou por fim Stavroguine.

— É de facto minha noiva — declarou ele em tom firme.

— Estão em desacordo? Estão zangados? Desculpe-me, Maurício, se assim falo.

— Não, ela «ama-me» e «estima-me», segundo me disse, e as suas palavras são para mim preciosas e sagradas.

— Não o duvido.

— Pois fique a saber que, se estivesse já com a coroa na cabeça e o senhor lhe dissesse que me abandonasse, a mim ou a outro, e fosse para si, iria.

— Estando já com a coroa?

— E até depois da coroa.

— Não se engana?

— Não. Sob o ódio contínuo, sincero e profundo que lhe tem, passa a cada instante um amor, ainda que insensato, mas o mais sincero, o mais excessivo e… o mais louco! Pelo contrário, sob um amor não menos sincero que nutre por mim, passa a cada instante o ódio mais violento! Antes, nunca podia imaginar todas estas... metamorfoses.

— Contudo admiro-me que venha oferecer-me a mão de Lisa! Tem o direito de o fazer? Autorizou-o a isso?

Maurício carregou o sobrolho e durante um minuto baixou a cabeça.

— Da sua parte, tudo isso não passa de meras palavras — disse ele, bruscamente — palavras de onde ressalta triunfante rancor. Estou certo de que sabe ler nas entrelinhas. Não será tudo isso motivado por mesquinha vaidade? Não se julga vitorioso? É preciso que eu ponha os pontos nos «i»? Pois seja... Pô-los-ei. Se pretende humilhar-me, dir-lhe-ei: agi sem direito, pois não estou de maneira nenhuma autorizado; Lisa não sabe nada, mas o noivo perdeu por completo a razão; merece ser internado numa casa de doidos e, de mais a mais, é ele próprio que lho vem declarar. Só o meu amigo, no mundo inteiro, pode torná-la feliz e eu só posso fazer a sua desgraça. O meu amigo atormentada» mas (ignoro porquê!) não a desposa. Se se trata de um amor nascido no estrangeiro e se, para lhe pôr fim, o meu sacrifício é necessário, imole-me. É muito desgraçada e eu não

posso suportar tal. As minhas palavras não são nem uma permissão, nem uma ordem expressa, por consequência não tem nada de ofensivo para o seu amor-próprio. Se quer tomar o meu lugar debaixo da coroa não tem para isso nenhuma necessidade do meu consentimento e, sem dúvida, era inútil vir revelar-lhe a minha loucura, tanto mais que, depois da minha última maneira de proceder, o nosso casamento é impossível. Se presentemente a conduzisse junto do altar, era um miserável. O ato que cometo, cedendo-lha, a si, talvez o seu mais irreconciliável inimigo, é, na minha maneira de ver, uma infâmia da qual com certeza não suportarei o fardo.

— Esmagará o cérebro quando nos casarmos?

— Sim, mas muito mais tarde. De que serve pôr ama nódoa de sangue no seu vestido nupcial? Talvez mesmo não esmague o cérebro, nem agora, nem mais tarde.

— Diz isso, sem dúvida, para me tranquilizar?

— A si? A minha morte deve-lhe ser indiferente.

A estas palavras seguiu-se o silêncio de um minuto. Maurício estava pálido e os olhos chamejavam-lhe.

— Perdoe-me as perguntas que lhe fiz — disse Stavroguine. — Muitas delas foram bastante indiscretas, mas há uma coisa que tenho, em meu entender, o direito de lhe perguntar: para se resolver a vir fazer-me uma proposta tão... arriscada, foi preciso que estivesse muita convencido dos meus sentimentos para com Lisa: ora que dados o levaram a essa convicção?

— Como? — disse ele, com ligeiro estremecimento. — Não pretendeu a sua mão? Não a pretende ainda agora?

— Regra geral não gosto de falar a um terceiro dos meus sentimentos por uma mulher; desculpe-me, é mania minha. Porém, e para rematar, dir-lhe-ei toda a verdade: sou casado, por conseguinte é-me tão impossível desposar Lisa como «pretender a sua mão».

Maurício ficou de tal maneira estupefacto que se voltou no assento do sofá; durante certo tempo os seus olhos não deixaram de fitar Stavroguine.

— Imagine que não me tinha lembrado isso — balbuciou ele. — Disse outro dia que não era casado... e por isso julgava que o não era.

Empalideceu horrivelmente e de repente descarregou uma punhada na mesa.

— Se, depois de tal confissão, não deixar a Lisa tranquila, se a tornar desgraçada, matá-lo-ei à paulada, como a um cão!

Em seguida a isto, saiu precipitadamente do quarto. Pedro, que entrou logo depois, encontrou Stavroguine numa disposição de espírito muito inesperada.

— Ah, és tu! — exclamou Stavroguine com um riso estridente, que parecia não ter por causa a curiosidade revelada pelo Pedro. — Escutavas à porta? Por que vieste hoje? Tinha-te prometido qualquer coisa... Ah, sim, lembro-me: a visita «aos nossos»! Vamos, portanto. Estou encantado. Não podias propor-me nada de mais agradável neste momento.

Pegou no chapéu e saíram imediatamente.

— Ris antecipadamente à ideia de ver os «nossos»? — observou com jovialidade Pedro, que ora se esforçava por marchar ao lado do companheiro no estreito passeio pavimentado com tijolos, ora descia para a calçada e caminhava em plena lama, porque Stavroguine, sem notar, tomava sozinho toda a largura do passeio.

— Não rio disso — respondeu, com voz sonora e alegre, Stavroguine. — Pelo contrário, estou convencido de que encontrarei lá pessoas muito sérias.

— «Tristes imbecis», como tu os apelidaste um dia.

— Nada é, por vezes, tão divertido como um triste imbecil.

— Ah, dizes isso a propósito de Maurício! Estou certo que acabou de vir oferecer-te a noiva, não? Imagina que fui eu que o excitei a dar esse passo. Mas se não acede, nós próprios a iremos buscar, não é verdade?

Pedro sabia muito bem que arriscava um grande jogo encaminhando a conversa para este campo; porém, quando a sua curiosidade estava vivamente excitada, gostava mais de arriscar tudo a continuar na incerteza. Stavroguine limitou-se a sorrir.

— Contas ajudar-me sempre? — perguntou ele.

— Se pedes o meu auxílio! No entanto sabes que há apenas um bom meio.

— Conheço esse meio?

— Não, é ainda segredo. Lembra-te porém que esse segredo custa dinheiro.

— Sei mesmo quanto ele custa — resmungou consigo Stavroguine

Pedro estremeceu.

— Quanto?... Que disseste?

— Disse... Vai para o diabo com o teu segredo! Diz-me cá, primeiro, quem veremos lá? Sei que Virguinsky recebe por causa da tua festa, mas quais são os seus convidados?

— Oh, estará lá uma sociedade das mais variadas! O próprio Kirilov irá também.

— E todos os membros das secções?

— Apre! Por que vais lá tu? Até agora não existe ainda cá na cidade uma única secção organizada.

— Como fizeste para espalhar tantas proclamações?

— Onde nós vamos, estão lá somente quatro secionários. Enquanto esperam, espionam-se, cada qual da melhor maneira, e cada um manda-me relatórios sobre os seus companheiros. Estes homens dão-me muitas esperanças. São materiais que é preciso organizar. De resto, tu mesmo redigiste o regulamento; é inútil explicar-te as coisas.

— E isso vai andando? Há tiragem?

— Isto anda o melhor possível. Vou-te fazer rir: o primeiro meio de ação é a hierarquia. Não há nada de mais poderoso do que o partido burocrático. Invento propositadamente títulos e empregos: tenho secretários, emissários secretos, tesoureiros, presidentes, registadores; este traque resulta admiravelmente. Vem em seguida, como é natural, o sentimentalismo, que no nosso país é o mais eficaz agente de propaganda socialista. A desgraça é o ajudante que morde. Depois há os mais verdadeiros patifes; estes últimos são por vezes muito úteis, todavia perde-se com eles muito tempo, porque exigem uma vigilância contínua. Enfim, a principal força, o cimento que liga tudo, é o respeito humano, o medo de ter uma opinião própria. Sim!... é justamente com semelhantes pessoas que o êxito é possível. Afianço-te que seriam capazes de se deitarem ao fogo à minha voz: bastava dizer-lhes que não eram bastante liberais. Os imbecis censuram-me por ter enganado todos os associados daqui, falando-lhes na comissão central e em «ramificações inumeráveis». Tu próprio me censuraste isso, mas onde está a impostura? A comissão central sou eu e tu: quanto às ramificações, haverá tantas quantas quisermos.

— É sempre semelhante essa canalha!

— São os materiais. No entanto são bons.

— Não deixaste de contar comigo?

— Serás o chefe, a força dirigente; eu serei apenas o teu imediato, o teu secretário. Fica sabendo que vogaremos levados num barquinho com velas de seda e remos de cedro; à popa irá sentada uma bela moça, Lisa... Há alguma canção como esta?

Stavroguine começou a rir.

— Não, mas prefiro dar-te um bom conselho. Acabas de enumerar os processos de que te serves para cimentar os diversos grupos: limitam-se ao funcionalismo e ao sentimentalismo. Tudo isto não é mau como irrigação, mas ainda há uma coisa melhor: persuade quatro membros de uma secção a assassinarem o quinto, com o pretexto de que é um espião, e logo o sangue derramado os ligará indissoluvelmente a ti. Tornar-se-ão teus escravos, não ousarão nem amotinar-se, nem pedir-te contas... ha, ha, ha!

«Não obstante será preciso que me pagues isto», pensou consigo Pedro, «e não além desta tarde. Arriscas-te a muito».

Eis pouco mais ou menos o que devia ter dito Pedro consigo. Entretanto aproximavam-se da casa de Virguinsky.

— Provavelmente vais-me apresentar junto deles como membro chegado do estrangeiro, em relações com a Internacional, ou como inspetor? — perguntou de repente Stavroguine.

— Não, o inspetor será outro; tu, tu és um dos membros que fundaram a sociedade no estrangeiro e conheces os segredos mais importantes: eis o teu papel. Falarás, não?

— Onde imaginaste isso?

— Nesta ocasião deves falar.

No seu espanto, Stavroguine parou no meio da rua, não longe de um candeeiro. Pedro sustentou com relativa tranquilidade o olhar do seu companheiro. Este cuspia e pôs-se em marcha.

— E tu, usarás da palavra? — perguntou bruscamente a Pedro.

— Não, escutar-te-ei.

— O diabo te leve!... De facto, dás-me uma ideia.

— Qual? — disse vivamente Pedro.

— Sim, talvez fale desta vez, mas para vos dar uma tunda mestra, mas uma tunda séria.

— Supões então, agora que transmiti a Karmazinov o propósito em que te encontras a respeito da sua pessoa, que é necessário esfacelá-lo, não como pró-forma, mas vigorosamente, como se espanca um mujique?

— Mas eu nunca disse isso! Ah, ah!

— Não importa. *Se non è vero...*

— Está bem... Obrigado... Fico-te muito agradecido.

— Sabes o que disse Karmazinov? Para ele, a nossa doutrina é no fundo a negação da honra; e afirmar francamente o direito à desonra é o mais seguro meio de ter os russos por si.

— Palavras admiráveis! Palavras de ouro! — exclamou Stavroguine. — Disse uma grande verdade! O direito à desonra! Dito isso, toda a gente virá ter connosco e não ficará ninguém no outro campo... Mas escuta, meu amigo, pertences à alta polícia, não?...

— Aqueles que fazem semelhantes perguntas julgam-nos em geral por si.

— Sem dúvida, mas estamos sozinhos.

— Não, até agora não servi a alta polícia... Calemo-nos, visto estarmos chegados. Compõe a fisionomia, Stavroguine; tenho sempre o cuidado de me compor quando vou a casa deles. O que é preciso é tomar um ar um pouco sombrio... Não digo isto por malícia.

Parte 7

Capítulo 1

Virguinsky morava na rua *Fourmi,* numa casa sua, ou antes, da sua mulher. Era uma construção de madeira, de um só andar, onde habitava apenas o empregado e sua família. Quinze pessoas se tinham reunido em sua casa sob o pretexto de festejar os seus anos; todavia a reunião não se parecia em coisa alguma com aquelas que se costumam realizar na província, por ocasião de um aniversário natalício. Desde que se casaram, os dois esposos tinham decidido de comum acordo e de uma vez por todas, que era uma grande asneira receberem como era costume, em virtude de na sua casa não haver com que alegrar os visitantes. Durante alguns anos conseguiram isolar-se completamente da sociedade. Ainda que não lhe faltassem meios e estivesse longe de poder ser considerado «um pobre homem», dava a toda agente a impressão de original, amando a solidão e, mais ainda, «falando com altivez». Quanto à esposa, o seu ofício de parteira bastava para a colocar no mais baixo grau da escala social, baixo mesmo da mulher de um sacerdote, não obstante a posição que seu marido ocupava na sociedade. É verdade que, se a sua profissão era humilde, não se podia dizer o mesmo do seu caráter. Depois da sua estúpida ligação, divulgada descaradamente — em princípio — com um patife como o capitão Lebiadkine, as mais indulgentes senhoras da nossa sociedade tinham-na apontado com o dedo e não lhe ocultavam o seu desprezo. Tudo isso, porém, era indiferente à senhora Virguinsky. Coisa notável, as senhoras, mesmo as mais pudicas, quando se encontravam no seu estado interessante, dirigiam-se de preferência a Arina Prokhorovna — senhora Virguinsky — se bem que existissem na cidade três outras parteiras. Em todo o distrito, as mulheres dos proprietários rurais mandavam-na chamar, tanto ela era célebre pela sua habilidade profissional. Como ambicionava muito o dinheiro, acabara por limitar a sua clientela às pessoas mais ricas. Quando se sentia mais desejada era quando menos se incomodava e, nas casas mais aristocráticas, parecia fazer de propósito em excitar os nervos delicados das suas clientes com grosseiro esquecimento de todas as conveniências, ou com zombarias sobre as coisas sagradas. O nosso

cirurgião-mor, Rosanov, contava a este propósito um facto curioso: num dia em que uma parturiente evocava com fortes gemidos o socorro divino, Arina soltou bruscamente uma grande impiedade. Isto assustou de tal forma a doente que lhe provocou um rápido bom sucesso. Ainda que niilista, a senhora Virguinsky sabia muito bem, quando os seus interesses lho exigiam, transigir com os preconceitos vulgares. Assim, nunca faltava aos batizados dos neófitos a quem tinha facilitado a vinda ao mundo; nestas ocasiões arranjava-se com gosto e vestia um vestido de seda verde, ainda que noutras ocasiões a sua compostura fosse um tanto negligente. Durante a cerimónia religiosa mantinha «um ar deveras atrevido», a ponto de escandalizar os ministros do culto; porém, depois do batismo, oferecia-lhes sempre champanhe, sem que fosse necessário, ao pegarem num copo de *cliquot,* esquecer as alfinetadas da parteira.

A sociedade — quase exclusivamente masculina — reunida nesse dia em casa de Virguinsky apresentava um aspeto bastante excecional. Não houve colação e não jogaram as cartas. No meio de um espaçoso salão, cujas paredes estavam guarnecidas com velha tapeçaria azul, encontravam-se duas mesas encostadas uma à outra, de maneira a formarem uma só; uma grande toalha, ainda que de brancura duvidosa, cobria as duas mesas, sobre as quais se encontravam dois *samovares;* num dos extremos estavam colocados um vasto tabuleiro, contendo vinte e cinco copos, e uma cesta cheia de pão branco, cortado em fatias, como se faz nos colégios. O chá era servido pela irmã de Arina, moça de trinta anos, loura e sem sobrancelhas. Esta criatura, taciturna e maldizente, era partidária das novas ideias; Virguinsky, até em casa, tinha um grande medo dela. Apenas três senhoras se encontravam na sala: a dona da casa e a irmã, de que acabei de falar, e a irmã de Virguinsky, estudante niilista recentemente chegada de S. Petersburgo. Arina, bonita mulher de vinte e sete anos, não se preparara convenientemente para esta reunião; enfiara apenas um vestido de lã, de uma cor que parecia verde. Fitava toda a assistência com olhar atrevido, em que parecia dizer: «Notem como me rio de tudo». Junto dela via-se a cunhada, que não se apresentou mal; de pequena estatura e gordinha, com as faces muito coloridas, não tirara ainda, se assim se pode dizer, o vestido de viagem; tinha na mão um rolo de papel e os olhos iam sem cessar de um visitante para outro. Nessa noite, Virguinsky sentiu-se um pouco doente; saíra contudo do quarto e sentara-se num sofá, diante da mesa, à volta da qual tomaram lugar todos os

convidados, numa ordem que deixava adivinhar uma sessão. Enquanto esperavam, falavam em voz alta de coisas sem importância.

Quando Stavroguine e Pedro apareceram, estabeleceu-se súbito silêncio.

Peço, no entanto, licença para dar algumas explicações preliminares. Suponho que todos estes senhores se reuniram na esperança de saber qualquer coisa de particularmente especial. Representavam a fina flor do liberalismo local e Virguinsky escolhera-os com muito cuidado para esta «sessão». Notarei ainda que vários de entre eles — um pequeno número, sem dúvida — nunca tinham ido a casa dele. A maior parte não compreendia nem sabia bem o motivo por que tinham sido convidados. Na verdade, todos tomaram Pedro como um emissário vindo do estrangeiro e munido de plenos poderes. Esta ideia enraizou-se nos seus espíritos logo desde o começo e, como é natural, lisonjeou-os. Não obstante, entre os cidadãos reunidos em casa de Virguinsky sob o pretexto de festejar o seu aniversário, encontravam-se alguns a quem tinham sido dadas as devidas explicações. Pedro renunciara a criar entre nós um «conselho dos cinco», exemplo dos «quindrunviratos» já organizados por ele em Moscovo, e — o facto está presentemente provado — entre os oficiais do nosso distrito. Dizia-se que tinha também instituído um no governo de Kh... Sentados em volta da mesa, os «quindrúnviros» punham todo o interesse em dissimular a sua importância, de maneira que ninguém os pudesse reconhecer como tal. Nesta altura os seus nomes não são nenhum mistério: estava, em primeiro lugar, Lipoutine, a seguir o próprio Virguinsky, depois Chigalev, o irmão da senhora Virguinsky, Liamchine e, no final, um certo Tolkatchenko. Este último, já quadragenário, passava por conhecer profundamente o povo, sobretudo os trapaceiros e os ladrões de grande envergadura, que ia estudar nos cafés — pois só tratava disso. Com a sua figura incorreta, as botas de moscovita, os olhos piscos e maliciosos e as expressões populares com que completava as suas frases, Tolkatchenko era um tipo que se distinguia no meio dos nossos. Uma ou duas vezes Liamchine levara-o às reuniões de Stepan, mas não havia produzido lá muito efeito. Viam-no só de tempos a tempos na cidade, quando as horas de folga lho permitiam. Era empregado no caminho de ferro. Estes cinco homens de ação formaram um grupo, plenamente convencidos de que era apenas uma unidade no meio de centenas e milhares de outros «quindrunviratos» semelhantes, disseminados por toda a Rússia, e

dependentes de uma misteriosa comissão central, em relações diretas com a revolução europeia. Infelizmente, devo confessá-lo, já tinham começado a manifestar-se certas reservas entre eles e Pedro. O certo é que o esperavam há muito tempo, pois a sua próxima chegada fora-lhes anunciada em primeiro lugar por Tolkatchenko e em seguida por Chigalev. Devido à alta opinião que faziam dele, todos se agruparam docilmente ao seu primeiro apelo; todavia, mal o «quindrunvirato» se acabou de organizar, logo as discórdias surgiram no seu seio. Suponho que estes cavalheiros lamentavam o ter dado tão depressa a sua adesão. Bem entendido, haviam cedido, nestas circunstâncias, a generoso sentimento de vergonha; e, procedendo assim, julgavam que não os acusariam mais tarde de terem tido medo. Pedro devia portanto apreciar o seu heroísmo e recompensá-los com qualquer confidência importante. Ora, longe de procurar satisfazer a legítima curiosidade dos seus companheiros, Pedro tratou-os em geral com severidade extrema e até mesmo com desprezo. Esta atitude era vexativa e por isso não se conformavam; por outro lado, Chigalev incitava os companheiros a «reclamarem a apresentação de contas», porém não nesta reunião, porque estavam alguns ainda novos na iniciação.

Se não me engano, os «quindrúnviros» nomeados tinham vaga suspeita de que entre esses estranhos havia membros de outros grupos desconhecidos deles e secretamente organizados na cidade pelo próprio Pedro; por seu turno, os visitantes observavam-se com ar desconfiado, o que dava à reunião uma fisionomia bastante enigmática e até certo ponto romanesca. De resto, havia também entre eles pessoas ao abrigo de toda a suspeita, por exemplo, um major, parente próximo de Virguinsky; este homem, incapaz de fazer mal, não fora mesmo convidado, mas sim viera de moto próprio dar os parabéns ao dono da casa, de maneira que fora impossível não o receber. Virguinsky sabia, no entanto, que não tinham a temer nenhuma delação da parte dele porque, apesar de estúpido como era, gostara sempre de frequentar os meios liberais avançados; sem simpatizar com eles, ouvia-os de boa vontade. E ainda mais, ele próprio tinha-se comprometido: serviram-se dele para espalhar embrulhos de proclamações e de números do jornal *O Sino;* não ousara deitar a menor olhadela para esses papéis, mas recusar distribuí-los, parecera-lhe o cúmulo da cobardia. Ainda presentemente não faltam na Rússia pessoas que se parecem com este major. Os outros visitantes estavam ali, segundo parecia, ou devido ao

amor-próprio irritado, ou a grande exaltação juvenil: eram dois ou três professores e um número igual de oficiais. Entre os primeiros destacava-se sobretudo um coxo de quarenta e cinco anos de idade, que ensinava no liceu; este homem era extremamente maldizente e de uma vaidade pouco comum. No grupo dos oficiais notava-se um jovem mestre de artilharia, saído recentemente da escola militar e chegado há pouco tempo à nossa cidade, onde não conhecia ainda ninguém. Durante esta reunião manteve-se de lápis na mão, quase não tomando parte na conversa, mas escrevendo a cada instante alguma coisa no seu livrinho. Todos viam isto, mas fingiam nada notar. No número dos convidados de Virguinsky figurava também um seminarista, sem ordens religiosas, que, conjuntamente com Liamchine, tomara parte importante na questão da vendedora dos Evangelhos; este gordo rapaz, com maneiras muito desembaraçadas, mostrava em toda a sua pessoa a consciência de ter um mérito superior. A esta reunião assistia igualmente, não sei porquê, o filho do nosso administrador, rapaz que cedo se entregou à vida de boémio e cujo nome se vira já envolvido em aventuras escandalosas. Não disse uma palavra em toda a noite. Por último, não posso deixar de falar num colegial de dezoito anos, que parecia muito aborrecido; este fedelho — descobriu-se mais tarde com espanto — estava à cabeça de um grupo de conspiradores, recrutados entre os maiores do liceu. Chatov, de quem ainda não falei, estava sentado a um canto da mesa, um pouco atrás dos outros; calado, com os olhos fitos no chão, recusou tomar chá e manteve-se sempre de boné na mão, como para mostrar que não tinha vindo em visita, mas sim tratar de qualquer questão, e que se iria embora quando muito bem quisesse. Não longe dele tomara lugar Kirilov; calado também, fitava com o seu olhar, obstinadamente embaciado, cada um dos que falava, escutando tudo sem revelar o menor indício de emoção ou de espanto. A maior parte dos convidados, que nunca o tinham visto antes, observavam-no às furtadelas, com ar desconfiado. Conhecia a senhora Virguinsky a existência deste «quindrunvirato»? Suponho que o marido lhe contara tudo.

A estudante, naturalmente, é que era estranha a tudo isto, mas tinha também as suas ideias; contava estar apenas no nosso país um ou dois dias e em seguida era sua intenção visitar todas as cidades universitárias a fim de «tomar parte no sofrimento dos pobres estudantes e provocar neles um espírito de revolta». Para esse fim, redigira um apelo, de que mandara litografar centenas de exemplares. Facto curioso, o colegial e a estudante,

que nunca se haviam encontrado, sentiram logo, à primeira vista, a mais estranha aversão um pelo outro. O major era tio da moça e não a via há dez anos. Quando entraram Stavroguine e Pedro, a menina Virguinsky estava vermelha como uma papoila; acabava de ter violenta disputa com o tio a respeito da questão das mulheres.

Capítulo 2

Sem quase saudar ninguém, Pedro foi sentar-se muito negligentemente à cabeceira da mesa. Um insolente desdém lia-se-lhe no rosto. Stavroguine, por sua vez, inclinou-se numa atitude delicada. Esperavam-nos apenas a eles; contudo, como se uma ordem tivesse sido dada nesse sentido, todos fingiram não ter notado a sua chegada. Logo que Stavroguine se sentou, a dona da casa dirigiu-se-lhe em tom rude:

— Quer chá?

— Quero — respondeu ele.

— Chá para Stavroguine — ordenou a senhora Virguinsky. — E o senhor quer também? — Estas últimas palavras foram dirigidas a Pedro.

— Sem dúvida... Quem pergunta isso aos seus convidados? Mas dê-me também um bocado de creme, pois o que serve em sua casa com o nome de chá é sempre uma coisa intragável; e mais ainda em dia de festa...

— Como, o senhor também admite as festas? — perguntou rindo a estudante. — Falava-se disso ainda agora.

— Velharias! — rosnou o colegial do outro lado da mesa.

— Que são velharias? Calcar aos pés os preconceitos, sejam eles os mais inocentes, não é uma velharia; pelo contrário, é preciso dizê-lo, ainda que para nossa vergonha, que isso era até há muito pouco tempo uma novidade — declarou rápida a moça que, falando, gesticulava com veemência. — Além disso não há preconceitos inocentes — acrescentou ela em tom desabrido.

— Quis somente dizer — replicou com agitação o colegial — que, ainda que os preconceitos sejam sem dúvida velharias e que seja preciso extirpá-los, no entanto, no que diz respeito aos aniversários natalícios, a estupidez destas festas é universalmente reconhecida, por se perder tempo precioso, ainda que perdido por toda a gente, entretanto que se podia empregar o espírito a tratar de assuntos mais urgentes...

— Não acaba mais!... Não compreendo nada — gritou a estudante.

— Parece-me que cada um tem o direito de falar e eu desejo exprimir a minha opinião, como qualquer outro...

— Ninguém lhe contesta esse direito — interrompeu secamente a dona da casa. — Convidaram-no apenas a não falar entredentes, visto ninguém o compreender.

— Permita-me que lhe observe que é pouco delicada comigo. Se não pude concluir o meu pensamento não é porque não tenha ideias, mas sim porque as tenho de mais — balbuciou o pobre rapaz, atrapalhando-se cada vez mais.

— Se não sabe falar, então cale-se — replicou-lhe a estudante.

A estas palavras o colegial levantou-se subitamente, como movido por uma mola.

— Queria dizer apenas — vociferou ele, vermelho de vergonha e sem ousar olhar à sua volta — que, se está tão interessada em mostrar o seu espírito, é somente porque o senhor Stavroguine acaba de chegar!... Ora aí está!

— A sua ideia é ignóbil e imoral, e prova o seu pouco desenvolvimento espiritual. Peço-lhe para não mais se dirigir a mim — replicou com violência a moça.

— Stavroguine — começou a dona da casa — antes da sua chegada, este oficial — e indicou o major, seu parente — falava dos direitos da família. Não o aborrecerei falando-lhe numa patetice já muito velha e há muito tempo fora da ordem do dia. No entanto, onde poderemos ir procurar a origem dos direitos e dos deveres da família, bem entendido, no sentido que os preconceitos correntes dão a estas palavras? Era esta a questão. Qual é a sua opinião?

— Como, onde podemos ir procurá-la? — perguntou Stavroguine.

— Sabemos, por exemplo, que o preconceito de Deus veio do trovão e do relâmpago — apressou-se a dizer a estudante, dirigindo o seu olhar para Stavroguine. — Ninguém ignora que os primeiros homens, assustados com o raio, divinizaram o inimigo invisível ante o qual sentiam a sua fraqueza. Porém, onde nasceu o preconceito de família? De onde proveio mesmo a própria família?

— Não é propriamente a mesma coisa... — tentou observar a senhora Virguinsky.

— Suponho que a resposta a tal pergunta seria indecorosa — disse Stavroguine.

— Não sei porquê! — protestou a estudante.

No grupo dos professores estalou uma gargalhada, da qual se fez eco, do outro lado da mesa, Liamchine e o colegial.

O major riu também com vontade.

— O senhor devia escrever cançonetas — observou a dona da casa, dirigindo-se a Stavroguine.

— Essa resposta não a honra de maneira nenhuma. Nem sei mesmo como lhe chamar! — declarou a estudante, deveras indignada.

— Não podes estar quieta! — gritou o major à sobrinha. — És uma moça e deves por isso ter um porte modesto. Parece que estás sentada sobre uma agulha.

— Queira calar-se e não me interpelar com essa familiaridade. Poupe-me às suas ignóbeis comparações. Vejo-o pela primeira vez e não quero saber se é meu parente.

— Mas sou teu tio, trouxe-te nos meus braços quando eras ainda criança de peito!

— Se me trouxe nos braços, não fez mais do que a sua obrigação. Não lho pedi; se o fez, senhor oficial indelicado, foi porque lhe agradava... Permita-me que lhe observe que não me deve tratar por tu, nem que seja por civismo; proíbo-lhe de uma vez para sempre.

O major bateu com o punho sobre a mesa.

— Eis como são todas! — disse ele a Stavroguine, sentado na sua frente. — Permita-me que lhe diga que gosto do liberalismo e das ideias modernas; gosto muito das propostas inteligentes mas, entendamo-nos, só gosto de o ouvir da boca dos homens; agora o liberalismo em saias é para mim um suplício... Não te torças assim! — gritou ele à moça, que se agitava na cadeira. — Peço também a palavra, pois estou ofendido.

— O senhor não faz mais do que molestar os outros e além disso não sabe dizer nada — resmungou a dona da casa.

— Eu vou explicar-me — replicou encolerizado o major. — Dirijo-me a si, senhor Stavroguine, que acaba ainda de chegar, e mesmo sem ter a honra de o conhecer. Sem os homens, elas não podem nada; é a minha opinião. Toda a questão das mulheres não é mais do que jogo habilidoso da sua parte; asseguro-lhe que fomos nós que estupidamente a concebemos e depois agarrou-se a nós, como se fosse uma pedra presa ao pescoço. Agradeço a Deus o ter ficado solteiro! Não têm o mais pequeno grau de originalidade; não são mesmo capazes de criar uma pequena parte que seja dos seus vestidos; é preciso que os homens inventem modelos para elas!

Olhe, esta que trouxe nos meus braços e com quem dancei uma mazurca quando tinha dez anos, ao saber que chegara a S. Petersburgo, corri, como é natural, a abraçá-la e, à segunda palavra que me disse, exclamou: «Deus não existe!» Se ainda fosse a terceira! Mas não, foi a segunda. A língua estava impaciente por desabafar! «Sim», disse-lhe, «admito que os homens inteligentes não creiam, isto devido à sua inteligência, mas tu, cabeça oca, que compreendes acerca da existência de Deus?... Repetes o que um estudante te disse; se te tivesse dito para acenderes uma lâmpada diante de qualquer imagem de santo, acendê-la-ias».

— O senhor mente sempre. É um homem detestável e ainda agora lhe demonstrei perentoriamente a sua falta de razão — respondeu a estudante em tom desdenhoso, como se achasse indigno de si entrar em longas explicações com semelhante interlocutor. — Já lhe disse, sem sombra de dúvida, que pelo catecismo ensinaram-nos a todos isto: «Se honrares o teu pai e os teus parentes, viverás muito tempo e a felicidade ser-te-á dada». Isto está nos dez mandamentos. Se Deus julgou necessário prometer ao amor filial uma recompensa, Deus é imoral. Eis em poucas palavras o que lhe disse há pouco e não foi a minha segunda palavra; foi o senhor que, falando dos seus direitos, me levou a empregar essa linguagem. De quem é a culpa, se o senhor está calado e não compreende ainda? Isto vexa-os e incomoda-os, mas são as palavras da sua geração.

— Estúpida! — proferiu a major.

— E o senhor é um imbecil.

— Ah, agora injuria-me!

— Permita-me, capitão Maximovitch, que lhe lembre que foi o senhor mesmo que me disse não crer em Deus — gritou do fundo da mesa Lipoutine.

— Que importa que tenha dito isso? Eu, é outra coisa! Talvez creia, no entanto a minha fé não é completa. Porém, ainda que não creia por completo, não digo que seja preciso fuzilar Deus. Já quando servia nos hussardos esta questão me preocupava imenso. É admitido por todos os poetas que o hussardo é bêbado e estroina. Pelo que me diz respeito, não fiz talvez mentir a lenda; mas, creiam, levantava-me de noite e ia ajoelhar-me diante de uma imagem, pedindo a Deus, com grande fervor e persignando-me bastantes vezes, para que me incutisse fé, tanto estava nessa época atormentado com a questão de saber se sim ou não Deus existe. Vinha o dia seguinte e logo, devido às distrações a que me

entregava, os sentimentos religiosos desvaneciam-se; notei que a fé em geral é sempre mais fraca durante o dia.

Pedro bocejava, a ponto quase de desengonçar os queixos.

— Não vamos jogar às cartas? — perguntou ele à senhora Virguinsky.

— Associo-me inteiramente à sua ideia! — declarou a estudante, que se tornara rubra de indignação ao ouvir as palavras do major.

— Perde-se um tempo precioso a escutar conversas estúpidas — acrescentou a dona da casa, olhando severamente para o marido.

— Propunha-me — disse a estudante — relatar aos assistentes os sofrimentos e os protestos dos estudantes; como porém o tempo se passa em conversas imorais...

— Nada é moral, nem imoral! — interrompeu com impaciência o colegial.

— Já sabia isso, senhor colegial, muito tempo antes de lho terem ensinado.

— E eu afirmo — replicou o jovem irritado — que a nossa ilustre estudante é uma moça vinda da capital para nos esclarecer, ainda que nós saibamos tanto como ela. Depois de Bielinsky, ninguém ignora na Rússia a imoralidade do preceito: «Honra teu pai e tua mãe», que há pouco, seja dito entre parênteses, citou, estropiando-o.

— Mas isto não acabará! — disse resolutamente Arina a seu marido.

Como dona de casa, sentia-se envergonhada com estas conversas insignificantes e tanto mais que notava já sorrisos e até mesmo sinais de estupefação nos convidados que não eram visitantes habituais.

Virguinsky elevou subitamente a voz:

— Meus senhores, se alguém tem qualquer comunicação a fazer ou deseja tratar de algum assunto que se ligue mais diretamente com a nossa obra, convido-o a começar sem demora.

— Tomarei a liberdade, se mo permitem, de fazer uma pergunta — disse, numa voz doce, o professor coxo, que até aqui não tinha pronunciado uma palavra e se distinguira pela sua boa conduta. — Desejaria saber se estamos reunidos em sessão, ou se isto é apenas uma visita de simples mortais para festejar os anos de um amigo? Pergunto isto, mais por precaução e para que não estejamos na incerteza.

Esta «maliciosa» pergunta produziu efeito; todos olharam uns para os outros, parecendo cada um esperar uma resposta do vizinho; depois,

bruscamente, como que por uma ordem, todos os olhares se fixaram em Pedro e em Stavroguine.

— Proponho que se vote a questão de saber se estamos, sim ou não, em sessão — declarou a senhora Virguinsky.

— Concordo em absoluto com essa proposta — disse Lipoutine — ainda que seja um pouco vaga.

— Eu também, eu também — ouviu-se de diversos lados.

— Parece-me com efeito que é melhor resolver — declarou por seu turno Virguinsky.

— A votos, portanto! — replicou Arina. — Liamchine, vá tocar piano, peço-lhe; isso não o impedirá de votar.

— O quê?! — gritou Liamchine. — Já é preciso fazer barulho para abafar o que se diz?

— Peço-lhe com o máximo empenho, toque... Então não quer ser útil à comunidade?

— Asseguro-lhe, Arina, que ninguém nos está a escutar. É uma ideia que a senhora tem. De mais a mais as janelas são altas e, mesmo que alguém procurasse ouvir-nos, ser-lhe-ia impossível.

— Se não nos ouvimos a nós mesmos! — resmungou um dos visitantes.

— E eu digo-lhe que as precauções são sempre boas. No caso de haver espiões — explicou ela a Pedro — é preciso que aparentemos estar em festa e que a música se ouça na rua.

— Ah, diabo! Tem razão — murmurou Liamchine encolerizado.

Foi sentar-se ao piano e começou a tocar uma valsa, martelando as teclas como se as quisesse partir.

— Convido todos os que desejem que haja sessão a levantar a mão direita — propôs a senhora Virguinsky.

Uns fizeram o movimento indicado, outros abstiveram-se disso. Houve quem, tendo levantado a mão, a baixasse logo a seguir; outros que a tinham baixado, voltaram a levantá-la logo em seguida.

— Oh, diabo! Não compreendi nada! — gritou o oficial.

— Nem eu — acrescentou outro.

— Compreendi eu! — gritou um terceiro. — Se é *sim,* levanta-se a mão.

— Mas que significa *sim?*

— Significa a sessão.

— *Não* significa que não a queremos.

— Eu votei pela sessão — gritou o colegial à senhora Virguinsky.

— Então por que não levantou a mão?

— Olhei para si e, como não a levantou, imitei-a.

— Que estúpido! Fui eu que fiz a proposta, por consequência não podia levantar a mão. Meus senhores, proponho que recomecemos a prova inversamente: aqueles que quiserem a sessão ficam imóveis, e aqueles que não a quiserem levantam a mão direita.

— Quem é que não a quer? — perguntou o colegial.

— O senhor faz de propósito, não é verdade? — replicou, irritada, a senhora Virguinsky.

— Perdão, dê-me licença, quem é que quer e quem é que não quer? É preciso aclarar isso um pouco melhor — disseram duas ou três vozes.

— Aqueles que não querem, não querem.

— Está bem, mas que é preciso fazer se não se quiser? Deve-se levantar a mão ou não? — gritou um oficial.

— É isto!... não estamos ainda habituados ao regime parlamentar! — observou o major.

— Senhor Liamchine, não faça tanto barulho, por favor, pois não se ouve nada aqui — disse o professor coxo.

Liamchine deixou bruscamente o piano.

— Não há, Arina, nenhum espião à escuta e não quero tocar mais! Foi como visitante e não como pianista que vim aqui!

— Meus senhores — propôs Virguinsky — respondam todos verbalmente: estamos ou não em sessão?

— Em sessão, em sessão! — gritaram de todos os lados.

— Nesse caso é inútil votar. Isto chega. Não é a sua opinião, meus senhores? É preciso ainda proceder à votação?

— Não, não! Compreendemos, compreendemos!

— Haverá alguém contra a sessão?

— Não, não, queremo-la todos!

— Mas que é uma sessão? — gritou um dos assistentes.

Não obteve porém resposta.

— É preciso nomear um presidente — disse um grande número de vozes.

— O dono da casa, naturalmente!

Eleito por aclamação, Virguinsky tomou a palavra:

— Meus senhores, visto que assim o querem, renovo a minha primeira proposta: se alguém tem qualquer comunicação a fazer, ou deseja tratar de algum assunto que se ligue diretamente com a nossa obra, que comece sem perda de tempo.

Silêncio geral. Todos os olhares se dirigiram de novo para Stavroguine e Pedro.

— Pedro, não tem nada a declarar? — perguntou com rudeza Arina.

O interpelado estirou-se na cadeira.

— Absolutamente nada — respondeu ele bocejando. — Desejo apenas um copo de conhaque.

— E o senhor Stavroguine?

— Agradeço, mas não quero beber.

— Pergunto-lhe se quer falar, e não, se quer conhaque.

— Falar? Sobre quê? Não, nada tenho que dizer,

— Trazem-lhe já conhaque — respondeu a senhora Virguinsky a Pedro.

A estudante levantou-se. Há muito tempo que se notava a impaciência com que esperava o momento de fazer um discurso.

— Vim para lhes relatar o melhor possível os sofrimentos dos desgraçados estudantes e os esforços tentados para despertar neles o espírito de revolta.

Forçoso foi à menina Virguinsky ficar por aqui, porque do outro lado da mesa surgiu-lhe um concorrente que atraiu logo a atenção geral; sombrio e silencioso como sempre, Chigalev, o homem das orelhas compridas, levantou-se lentamente e, com ar de desdém, pousou sobre a mesa um grande caderno, todo escrito numa caligrafia extremamente miúda. Não voltou a sentar-se e manteve-se calado. Muitos deles deitaram olhares inquietos para o volumoso manuscrito; pelo contrário, Lipoutine, Virguinsky e o professor coxo pareciam experimentar certa satisfação.

— Peço a palavra — disse em voz melancólica, mas firme, Chigalev.

— Tem-na — respondeu Virguinsky.

O orador sentou-se, concentrou-se durante meio minuto e começou gravemente:

— Meus senhores...

— Aqui está o conhaque! — exclamou em tom desdenhoso a moça sem sobrancelhas que servira o chá.

Ao mesmo tempo colocava diante de Pedro uma garrafinha de conhaque e um copo pequeno. Nada de bandeja, nem guardanapo; limitou-se a trazer tudo na mão.

O orador interrompido esperou calado e numa atitude digna.

— Isto não tem importância. Continue, mas mais alto, que eu não ouço — gritou Pedro, deitando conhaque no copo.

— Meus senhores — continuou Chigalev — apelando para a vossa atenção e, como vereis mais adiante, solicitando o auxílio dos vossos conhecimentos para um ponto de importância magna, devo começar por um prefácio...

— Arina, não tem uma tesoura? — perguntou à queima-roupa Pedro.

A senhora Virguinsky fitou-o admirada, ao mesmo tempo que perguntou curiosa:

— Para que precisa da tesoura?

— Há três dias que penso cortar as unhas e tenho-me esquecido sempre de o fazer — respondeu ele tranquilamente, com os olhos fitos nas unhas compridas e sujas.

Arina corou de cólera, ao passo que a menina Virguinsky, parecendo gostar desta interrupção, exclamou:

— Creio que as vi ainda há pouco no peitoril da janela. — E foi procurá-las; pouco depois voltou e entregou-lhas.

Este, sem olhar para a moça, pegou nelas e começou a cortar as unhas.

Arina compreendeu que era o realismo em ação e teve vergonha da sua suscetibilidade. Os assistentes olharam-se em silêncio, e, quanto ao professor coxo, observou Pedro com olhos onde se lia a aversão e a inveja. Chigalev prosseguiu:

— Depois de me ter dedicado ao estudo da questão de saber como deve ser organizada a sociedade que há de substituir a de hoje, convenci-me de que todos os cria» dores de sistemas sociais, desde os tempos mais remotos até ao presente ano de 187... têm sido sonhadores, fantasistas, patetas, espíritos em contradição consigo mesmo, não compreendendo absolutamente nada, nem das ciências naturais, nem deste estranho animal que se chama o homem. Platão, Rousseau e Fourier são colunas de alumínio; as suas teorias podem ser boas para os pardais, mas não para a nossa sociedade. Ora como é necessário fixar a futura forma social, sobretudo agora que estamos resolvidos a passar da espectativa à ação, proponho um sistema por mim idealizado e respeitante à organização do

mundo. Ei-lo — disse ele, batendo com o dedo no caderno. — Pensava apresentá-lo numa reunião, mas de forma tão sucinta quando possível; porém vejo que, longe de admitir resumos, o meu livro exige ainda grande número de esclarecimentos orais; serão precisas pelo menos dez noites, após a leitura dos capítulos que compõem a obra. — Ouviram-se risos. — Além disso, advirto-os que o meu sistema está concluído. — Novos risos. — Confundi um tanto os meus próprios elementos e por isso a minha conclusão está em contradição direta com as premissas. Partindo da liberdade sem limites, rematei no despotismo ilimitado. Contudo julgo que nenhuma outra solução do problema social pode existir além da minha.

A hilaridade redobrou; no entanto os ouvintes que riam eram sobretudo os mais novos, ou melhor, os profanos. Arina, Lipoutine e o professor coxo patentearam na fisionomia certa cólera.

— Se o senhor não soube coordenar o seu sistema e se chegou ao desespero, que faremos nós? — aventurou-se a dizer um dos militares.

Chigalev voltou-se de repente para o que o tinha interrompido.

— Tem razão, senhor oficial, e tanta mais razão quanto fala de desespero. Sim, cheguei de facto ao desespero. Todavia desafio quem quer que seja a substituir esta noite a minha solução por qualquer outra; terá muito que procurar e não achará nada. Por isso, sem perder tempo, convido todos os assistentes a manifestarem a sua opinião depois de terem ouvido durante seis noites a leitura do meu livro. Se os senhores recusam ouvir-me, separar-nos-emos desde já (os homens indo para os seus escritórios e as mulheres voltando para as suas cozinhas), porque, desde que repelem o meu sistema, têm de renunciar a descobrir qualquer outra saída, porque não existe!

O auditório começou a tornar-se tumultuoso: «Quem é este homem? É doido, não?», perguntavam em altos gritos.

— Em resumo, trata-se do desespero de Chigalev — concluía Liamchine. — A questão consiste nisto: o desespero de Chigalev é ou não fundamentado?

— O desespero de Chigalev é uma questão pessoal — declarou o colegial.

— Proponho que se proceda à votação sobre a questão de saber até que ponto o desespero de Chigalev interessa à nossa obra; o escrutínio decidirá ao mesmo tempo se vale ou não a pena ouvi-lo — opinou um dos oficiais.

— Há nisto outro ponto a debater, meus senhores — interveio o coxo; um sorriso equívoco bailava-lhe nos lábios, de forma que não se podia saber se gracejava ou se falava a sério. — Estes gracejos de ator são descabidos aqui. O senhor Chigalev estudou muito conscienciosamente a matéria e além disso é muito modesto. Conheço o seu livro. O que propõe, como solução final da questão, é a divisão da espécie humana em dois grupos desiguais. Um décimo somente da humanidade possuirá os direitos de personalidade e exercerá autoridade ilimitada sobre os outros nove décimos. Estes perderão a sua personalidade e tornar-se-ão como que um rebanho; sujeitos à obediência passiva, serão levados à inocência primitiva, isto é, ao paraíso primitivo, onde, todavia, deverão trabalhar. As medidas propostas pelo autor para suprimir o livre arbítrio nos nove décimos da humanidade e transformá-los num rebanho, por novos métodos de educação, são muito importantes e fundamentam-se sobre os dados das ciências naturais, sendo por isso absolutamente lógicas. Podem não se admitir certas conclusões, porém é difícil contestar a inteligência e o saber do autor. É pena que as circunstâncias não nos permitam conceder-lhe as seis noites que pediu, visto só assim podermos ouvir muitas coisas curiosas.

A senhora Virguinsky dirigiu-se ao coxo num tom que traía certa inquietação:

— O senhor fala a sério? Será possível que este homem, não sabendo que fazer dos nove décimos da humanidade, os reduza à escravidão? Há muito tempo que o suspeitava.

— É de seu irmão que fala? — perguntou o coxo.

— Qual parente? O senhor está a fazer pouco de mim?

— Além disso, trabalhar para os aristocratas e obedecer-lhes como a deuses, é uma estupidez! — observou a estudante irritada.

— O que proponho não é de maneira nenhuma uma estupidez; ofereço em perspetiva o paraíso, um paraíso terrestre, e não pode haver outro na Terra — replicou em tom de autoridade Chigalev.

— Eu — gritou Liamchine — se não soubesse o que fazer dos nove décimos da humanidade, em lugar de lhes abrir o paraíso, fá-los-ia saltar pelos ares e deixaria subsistir apenas o pequeno grupo dos homens sabedores, que viveriam depois conforme a ciência.

— Só um farsista poderia falar assim — disse a estudante rubra de indignação.

— É um farsista, mas é inútil — disse-lhe muito baixo a senhora Virguinsky.

Chigalev voltou-se para Liamchine.

— Seria talvez a melhor solução do problema! — respondeu ele, calorosamente. — Sem dúvida, o senhor próprio não sabe, senhor motejador, quanto aquilo que acaba de dizer é profundo. Como porém a sua ideia é quase irrealizável, é preciso limitar-se ao paraíso terrestre, visto que lhe chamou assim.

— Que insofríveis absurdos — deixou escapar, como por descuido, Pedro, sem voltar os olhos e continuando com o ar mais indiferente a cortar as unhas.

O coxo, que pareceu só ter ouvido estas palavras, voltou-se para Pedro em ar de desafio.

— Por que são absurdos? — perguntou ele logo. — Chigalev é, até certo ponto, um fanático da filantropia; porém recordo-lhe que em Fourier, em Cabet sobretudo, e até no próprio Proudhon, encontram-se grande quantidade de propostas tirânicas e fantásticas ao mais alto grau. Chigalev resolve a questão de uma maneira talvez muito mais razoável que a deles. Afirmo-lhes que, lendo o seu livro, é quase impossível não se admitirem certas coisas. Está talvez menos distante da realidade que nenhum dos seus predecessores e o seu paraíso terrestre é quase o verdadeiro, aquele cuja perda a humanidade lamenta, apesar de nunca ter existido.

— Já sabia que me ia aborrecer com isto tudo! — murmurou Pedro.

— Permita-me que lhe diga — replicou o coxo, encolerizando-se cada vez mais —que a troca de impressões e as considerações sobre a futura organização social são quase uma necessidade natural para todos os homens instruídos da nossa época. Hertzen só tratou disto em toda a sua vida. Bielinsky, sei-o de boa fonte, passava as noites inteiras a discutir com os amigos os pormenores mais subtis e mais simples sobre a futura ordem das coisas.

— Há mesmo pessoas que ficaram doidas — observou bruscamente o major.

— Além de tudo, chega-se talvez melhor a um resultado qualquer com estas conversas do que por um majestoso silêncio de ditador — gritou Lipoutine, atrevendo-se por fim a abrir fogo.

— A palavra «absurdo» não pode aplicar-se, em meu entender, a Chigalev — disse Pedro levantando a custo os olhos. — Notem, meus

senhores — continuou ele negligentemente —, na minha opinião, todos esses livros, os Fourier, os Cabet, todos esses «tratados sobre o trabalho», o *chigalevismo*, não são romances, como aqueles de que se podem escrever centenas de milhares. É um passatempo estético. Compreendo que o senhor se aborreça neste malicioso meio e que, para se distrair, se debruce sobre o papel, enchendo-o de rabiscos.

— Deixe-me dizer-lhe — replicou o coxo, agitando-se na cadeira — ainda que não passemos de pobres provincianos, que sabemos que até agora não se produziu nada de novo no mundo que tenhamos de lamentar não ter visto. Tenho aqui umas pequenas folhas clandestinas, impressas no estrangeiro, que nos convidam a formar grupos, tendo por único programa a destruição universal, sob o pretexto de que todos os remédios são impotentes para curar o mundo e que o mais seguro meio de atravessar o fosso é abater violentamente cem milhões de cabeças. Na verdade a ideia é bela, mas é pelo menos tão incompatível com a realidade como o *chigalevismo* de que falava ainda há pouco em termos desdenhosos.

— Muito bem, mas eu não vim aqui para discutir — disse rápido Pedro e, sem parecer ter consciência do efeito que estas palavras imprudentes podiam produzir, aproximou de si a vela para a espevitar.

— É pena, muita pena, que não tenha vindo para discutir, e é também muito lamentável que esteja neste momento tão preocupado com as unhas.

— Que lhe importam as minhas unhas?

Lipoutine acorreu de novo em socorro do coxo:

— Abater cem milhões de cabeças é tão difícil como reformar o mundo pela propaganda; talvez seja mesmo mais difícil ainda, sobretudo na Rússia.

— É com a Rússia que se conta neste momento — declarou um dos oficiais.

— Ouvimos também dizer que se contava com ela — replicou o professor. — Sabemos que um dedo misterioso designou a nossa bela pátria como o país mais propício para a execução da grande obra. Porém uma observação: se trabalho para resolver gradualmente a questão social, esta tarefa traz-me algumas vantagens pessoais; tenho o prazer de conversar e recebo do governo um *tchin* em recompensa dos meus esforços pelo bem público. Se pelo contrário me ponho ao lado da solução rápida, aquela que reclama cem milhões de cabeças, que ganho

pessoalmente? Por outro lado, se se mete a fazer propaganda, cortam-lhe a língua.

— A si, cortar-lha-ão de certeza — disse Pedro.

— Veem! Ora, supondo as condições mais favoráveis, como semelhante massacre não será levado a efeito antes de cinquenta anos, digamos mesmo trinta se assim o quer (e visto que essas pessoas não são carneiros e não se deixarão degolar sem resistência) não valeria mais pegar em todas essas questões e transportar-se para uma ilha do Oceano Pacífico, para aí acabar tranquilamente os seus dias? Creia — acrescentou ele, batendo com o dedo na mesa — que tal propaganda não fará mais do que provocar maior emigração!

O coxo pronunciou estas últimas palavras com ar triunfante. Era uma das mais bem formadas cabeças da província. Lipoutine sorriu maliciosamente e Virguinsky escutara tudo com certa tristeza; os restantes, sobretudo as damas e os oficiais, tinham seguido com muita atenção a discussão. Cada um compreendeu que o homem dos cem milhões de cabeças estava encostado à parede e perguntava-se o que ia sair dali.

— De facto, tem razão — respondeu Pedro, em tom mais indiferente do que nunca, e mesmo com aspeto de contrariado. — A emigração é uma bela ideia. Todavia se, apesar das desvantagens evidentes que o senhor prevê, a nossa obra recruta dia a dia maior número de adeptos, poderá passar sem o seu concurso. Este ideal é uma religião nova que substituiu a antiga, daí a razão por que os recrutados são muito numerosos, e este facto tem grande importância. Emigre. Sabe? Aconselhar-lhe-ia a retirada para Dresden em primeiro lugar, do que para uma ilha do Oceano Pacífico. Primeiro que tudo, é uma cidade por onde não passou nunca uma epidemia, pois, na sua qualidade de homem inteligente, tem com certeza medo da morte; em segundo lugar, em Dresden, não estando longe da fronteira russa, pode receber-se mais depressa as notícias enviadas da nossa querida pátria; em terceiro lugar, há lá o que se chama um tesouro artístico que apreciará como estético que é e como antigo professor de literatura, se não me engano; por último, a paisagem dos arredores é uma Suíça em miniatura, que lhe fornecerá inspirações poéticas que o levarão a fazer versos deliciosos; numa palavra, esta cidade oferecer-lhe-á todas estas vantagens reunidas.

Um movimento se produziu na assistência, em especial entre os oficiais. Um momento mais de silêncio e toda a gente falaria ao mesmo tempo. Não obstante, sob a influência da irritação, o coelho meteu a cabeça na armadilha que lhe prepararam:

— Não — disse ele — talvez não abandonemos ainda a nossa obra; é preciso compreender isto...

— Como, o senhor entraria na secção se eu o propusesse? — replicou subitamente Pedro, pousando a tesoura na mesa.

Todos sentiram como que um arrepio. O homem enigmático desmascarara-se bruscamente e não hesitara em pronunciar a palavra «secção».

O professor procurou escapar-se pela tangente:

— Cada um sente-se homem honesto — respondeu ele — e continua ligado à obra de todos nós, mas...

— Não, não se trata de *mas* — interrompeu, breve, Pedro. — Declaro-lhes, meus senhores, que tenho urgência numa resposta franca. Compreendo muito bem que, tendo vindo aqui e sendo eu próprio a causa desta reunião, lhes devo uma explicação. — Nova surpresa para o auditório. — No entanto não a posso dar sem saber a que partido estão ligados. Pondo de lado as conversas (pois há trinta anos que se tagarela e é inútil tagarelar ainda durante mais trinta) peço-lhes para que me digam o que lhes agrada mais: são partidários do método lento, que consiste em escrever romances sociais e em anotar no papel, a mil anos de distância, os destinos da humanidade, ainda que nos intervalos o despotismo engula os bons bocados que hão de passar perto da nossa boca e que deixaremos escapar? Ou então preferem a solução rápida, que, não importa como, organizará enfim a humanidade socialmente, não no papel, mas na realidade? Fez-se muito barulho a propósito dos «cem milhões de cabeças»; isto não passa de uma metáfora, mas para que recuar diante desse programa se, pondo-nos tarde a caminho dos sonhos do escrevinhador de ideias, permitimos ao despotismo que devore durante esses centos de anos, não cem milhões de cabeças, mas quinhentos milhões? Notem ainda que um doente incurável poderá melhorar com os remédios que se lhe prescrevem no papel; pelo contrário, se não agirmos imediatamente, o contágio atingir-nos-á a nós próprios e deitará a perder todas as forças novas, com as quais se pode ainda contar nesta altura. Por último, mesmo, que será feito de todos nós? Reconheço que é

extremamente agradável perorar com eloquência sobre o liberalismo, entretanto que, agitando estas ideias, expomo-nos a ser espancados... Não sei porém falar e vim aqui porque tenho comunicações a fazer. Peço por consequência à distinta assistência para não votar, mas para declarar franca e simplesmente o que prefere: atravessar o charco com a lentidão da tartaruga, ou a todo o vapor.

— Sou de opinião que se deve atravessar a todo o vapor! — gritou o colegial num transporte de entusiasmo.

— Eu também — opinou Liamchine.

— A escolha, como é natural, não pode oferecer dúvidas — murmurou um oficial.

Um outro disse a mesma coisa e ainda um terceiro. A assembleia estava sobretudo surpreendida com o facto de Pedro ter prometido fazer «comunicações».

— Meus senhores, vejo que quase todos se decidem no sentido das proclamações — disse ele, percorrendo com os olhos os assistentes.

— Todos, todos! — gritou a maior parte.

— Confesso que sou antes partidário de uma solução mais humana — declarou o major. — Como porém têm quase todos uma opinião contrária, aceito a opinião de todos.

Pedro dirigiu-se ao coxo:

— Então o senhor também não se opõe?

— Não é que eu… — balbuciou, corando, o interpelado. — Se adiro no entanto à opinião que reuniu todos os votos, é unicamente para não romper...

— Eis como são todos! Capazes de discutirem de boa vontade seis meses para fazerem eloquência liberal e no fim de contas votam com toda a gente! Senhores, pensem portanto! É verdade que estão todos prontos?

«Prontos para quê?» A pergunta era vaga, mas terrivelmente artificiosa.

— Não tenha dúvida, todos...

Respondendo à sorte, os assistentes não deixaram contudo de olhar uns para os outros.

— Não acham que é exigir muito querer obter dos senhores tão rápido consentimento? Bem sei que *é* quase sempre assim que as coisas se passam entre nós.

A assembleia estava muito emocionada e começavam a desenhar-se diversas correntes. O coxo fez novo assalto a Pedro.

— Permita-me, no entanto, que lhe observe que as respostas a semelhantes perguntas são condicionais. Admitindo mesmo que tivéssemos dado a nossa adesão, não esqueça no entanto que uma pergunta posta de maneira tão estranha...

— Como, de maneira estranha?

— Sim, não é assim que se fazem semelhantes perguntas.

— Então, ensine-me, por favor, a fazê-las. O senhor sabe, estou certo, que seria sempre o primeiro a repontar.

— Conseguiu prender-nos a uma resposta afirmando que estamos prontos para uma ação imediata. Contudo, para fazer isso, que direitos tinha o senhor? Que plenos poderes o autorizaram a fazer tais perguntas?

— Devia ter perguntado isso há mais tempo. Por que respondeu então? Consentiu e agora insurge-se!

— A franqueza imprudente com que o senhor faz a pergunta leva-me a pensar que não tem, nem direitos, nem plenos poderes, e que satisfez simplesmente a sua curiosidade pessoal.

— Mas o que o leva a dizer isso? Por que fala assim? — replicou Pedro, que parecia começar a estar muito inquieto.

— É que, quando se tentam obter filiações, quaisquer que eles sejam, faz-se isso em particular, e não numa reunião de vinte pessoas, desconhecidas umas das outras! — exclamou desembaraçado o professor.

Levado pela cólera, bateu com os pés no chão. Pedro, com a inquietação pintada no rosto, voltou-se rápido para a assistência:

— Meus senhores, considero como um dever declarar-lhes que o que se disse não são mais do que patetices e que a nossa conversa foi além dos devidos limites. Não filiei ainda ninguém e ninguém tem o direito de dizer que pratico filiações. Temos muito simplesmente exprimido opiniões. Não é verdade? Mas não importa que o senhor se alarme — acrescentou, dirigindo-se ao coxo — não supunha, para dizer a verdade, que fosse necessário reunirmo-nos aqui para conversarmos sobre coisas tão inocentes. Ou então tem alguma denúncia? Será possível que baia entre nós neste momento algum espião?!

Seguiu-se a estas palavras uma agitação extraordinária; todos se puseram a falar ao mesmo tempo.

— Meus senhores, se assim é — prosseguiu Pedro — estou mais comprometido do que nenhum outro; por consequência peço-lhes para responderem a uma pergunta, se quiserem, bem entendido. São absolutamente livres.

— Que pergunta?... — gritaram de todos os lados.

— Uma pergunta, após a qual se saberá se devemos continuar juntos ou pegar silenciosamente nos chapéus e irmos cada um para o seu lado.

— A pergunta, a pergunta!

— Se um dos senhores tivesse conhecimento de um assassínio político em perspetiva iria denunciá-lo, sujeitando-se a todas as consequências, ou ficaria em casa à espera dos acontecimentos? Sob este ponto, as maneiras de ver podem ser diferentes. A resposta a esta pergunta decidirá claramente se devemos separar-nos ou continuar juntos, não apenas durante esta noite. Permita-me que me dirija a si em primeiro lugar — disse ele ao coxo.

— Porquê a mim?

— Porque foi o senhor que deu lugar ao incidente. Peço-lhe para não dissimular, visto que aqui os atalhos são inúteis. De resto, responderá como muito bem quiser. E perfeitamente livre.

— Perdoe-me, mas semelhante pergunta é ofensiva.

— Deixe as meias palavras; não poderá responder-me mais nitidamente?

— Nunca servi na polícia secreta — disse o coxo, procurando sempre evitar uma resposta direta.

— Seja mais preciso. Peço-lhe por favor e não me faça esperar.

O coxo ficou tão desesperado que deixou de responder. Calado, fitava encolerizado, por cima das lunetas, a cara do inquiridor.

— Sim ou não? Denunciá-lo-ia ou não? — gritou Pedro.

— Naturalmente não o denunciaria! — gritou ele, com dobrada violência.

— Ninguém o denunciaria, ninguém! — disseram algumas vozes.

— Permita-me que o interrogue agora, senhor major: denunciá-lo-ia ou não? — prosseguiu Pedro. — Note que é com interesse particular que me dirijo a si.

— Não o denunciaria.

— Mas se soubesse que um outro, um simples mortal, ia ser roubado e assassinado por um malfeitor, preveniria a polícia, denunciá-lo-ia?

— Sem dúvida, porque então era um crime de direito comum, enquanto no outro caso tratar-se-ia de uma denúncia política. Nunca estive empregado na polícia secreta.

— E nunca nenhum de nós o esteve — exclamou um grande número de vozes. — É inútil perguntar, pois todos responderão o mesmo. Não há entre nós delatores!

— Porque se levanta aquele senhor? — gritou a estudante.

— É Chatov. Por que se levanta, Chatov? — perguntou a senhora Virguinsky.

Chatov tinha-se de facto levantado e, de chapéu na mão, olhava para Pedro. Dir-se-ia que lhe queria falar, mas que hesitava. O rosto estava pálido e parecia irritado. Conseguiu dominar-se e, sem proferir palavra, encaminhou-se para a porta.

— Isto não te agrada, pois não, Chatov? — gritou-lhe Pedro.

Este parou no limiar da porta.

— Em compensação, um cobarde e um espião como tu sujeitar-se-ia em seu interesse! — vociferou ele, em resposta àquela estranha ameaça, e saiu depois.

Ouviram-se de novo gritos e exclamações.

— A prova está feita!

— Sempre não foi inútil!

— Não teria sido feita tarde demais?

— Quem o convidou? Quem o deixou entrar? Quem é ele? Quem é este Chatov? Denunciar-nos-á ou não?

Só se ouviram perguntas deste género.

— Se é denunciante, disfarçava o melhor que pudesse, em vez de se ir embora, como fez, cuspindo — observou alguém.

— Olha, Stavroguine também se levanta! Stavroguine não respondeu à pergunta — gritou a estudante.

De facto Stavroguine tinha-se levantado, assim como Kirilov, que estava do outro lado da sala.

— Com licença, senhor Stavroguine — disse em tom áspero Arina — todos respondemos à pergunta, entretanto que o senhor vai-se embora sem dizer nada!

— Não vejo necessidade de responder à pergunta, nem lhe interessa... — murmurou Stavroguine.

— Mas nós estamos comprometidos e o senhor não — gritaram alguns.

— E que me importa que os senhores estejam comprometidos? — replicou Stavroguine, rindo, enquanto os olhos lhe faiscavam.

— Como, que lhe importa? Que lhe importa? — exclamaram à volta dele.

Alguns levantaram-se precipitadamente.

— Permitam-me, meus senhores, permitam-me que lhes diga — disse muito alto o coxo — que Pedro também não respondeu à pergunta, contentando-se apenas em formulá-la.

Esta observação produziu um efeito extraordinário. Todos se olharam. Stavroguine soltou uma gargalhada na cara do coxo e saiu. Kirilov seguiu-o. Pedro, por sua vez, correu sobre eles e alcançou-os na antecâmara.

— Que fazes tu de mim? — balbuciou, agarrando-se às mãos de Stavroguine, que apertou com toda a força.

Este não respondeu, limitando-se a desprender as mãos.

— Vai imediatamente para casa de Kirilov, que irei lá ter contigo... Isto é preciso e bem preciso para mim.

— Para mim não é necessário — replicou Stavroguine —, é só para ti. Provar-to-ei quando estiveres em minha casa.

E saíram.

Parte 8

Capítulo 1

O primeiro movimento de Pedro foi o de voltar para a «sessão», a fim de restabelecer a ordem, mas, pensando que não valia a pena, deixou tudo e, dois minutos depois, voava na peugada daqueles que haviam partido. Pelo caminho lembrou-se de um atalho por onde se adiantava muito, Patinhando na lama até aos joelhos, tomou por essa estreita viela e chegou à casa Filippov justamente no momento em que Stavroguine e Kirilov transpunham o portão.

— Já aqui? — observou o engenheiro. — Muito bem. Entre.

— Então não me disse que vivia só? — perguntou Stavroguine, que, ao passar no vestíbulo, notara um sa*movar* que estava quase a ferver.

— Verá já com quem vivo — murmurou Kirilov. — Entre.

Logo que chegaram ao quarto, Pedro tirou do bolso a carta anónima que trouxera há pouco de casa do Lembke e mostrou-a a Stavroguine. Sentaram-se, entretanto que este lia silenciosamente a carta.

— E então? — perguntou ele.

— É patife bastante para fazer tudo quanto escreveu — explicou Pedro. — Mas, visto que está na tua dependência, ensina-lhe como se deve comportar. Amanhã talvez vá a casa do Lembke.

— Que tem isso? Que vá.

— Que vá? É preciso não lho permitir; é preciso impedir-lho por todas as formas.

— Enganas-te. Não depende de mim. Além disso é-me indiferente; não me ameaça, e o visado nesta carta és só tu.

— E tu também.

— Não creio.

— Mas os outros podem não te poupar, não compreendes isso? Escuta, Stavroguine, estamos a jogar com palavras. Será possível que olhes à despesa?

— É preciso dinheiro?

— Certamente, dois mil *rublos*, ou, pelo menos, mil e quinhentos. Dá-mos amanhã ou mesmo hoje, e amanhã à tarde mando-o para S.

Petersburgo; tem desejo de ir lá. Se queres, levará a Maria... Está bem?

Pedro estava muito perturbado, não media a responsabilidade da sua linguagem e deixava escapar palavras impensadas. Stavroguine observava-o, espantado.

— Não tenho razões para mandar a Maria.

— Talvez mesmo não queiras que se vá embora? — perguntou com sorriso irónico Pedro.

— Talvez não o queira.

Pedro perdeu a paciência e encolerizou-se.

— Numa palavra, dás o dinheiro ou não? — perguntou, levantando a voz, como se estivesse a falar a um subordinado.

Stavroguine olhou-o seriamente.

— Não o darei.

— Ah, Stavroguine. Sabes qualquer coisa ou já deste o dinheiro. Divertes-te comigo...

A fisionomia de Pedro alterou-se, os cantos da boca agitaram-se-lhe e de repente desatou em altas gargalhadas, sem nenhuma razão para isso.

— Recebeste de teu pai o dinheiro da tua propriedade — observou com calma Stavroguine. — A minha mãe mandou-te seis a oito mil *rublos* por Stepan. Por isso, paga esses mil e quinhentos *rublos* do teu bolso. Não quero pagar mais pelos outros. Já tenho desembolsado bastante com estas coisas e isto é aborrecido... — concluiu ele, sorrindo das suas palavras.

— Ah! Começas a brincar...

Stavroguine levantou-se. Pedro ergueu-se de um salto e maquinalmente colocou-se diante da porta, come se pretendesse impedir-lhe a saída. Stavroguine fazia já um gesto para o afastar, quando subitamente parou.

— Não te cederei Chatov — disse ele.

Pedro estremeceu. Olharam um para o outro.

— Disse-te há pouco a razão por que tens necessidade do sangue de Chatov — prosseguiu Stavroguine, cujos olhos pareciam chamejar. — É o cimento com o qual queres tornar indissolúvel a união dos teus grupos. Sempre empregaste todos os meios para expulsar Chatov. Sabias perfeitamente que se recusaria a dizer: «Não denunciarei», e que não desceria ao ponto de mentir diante de ti... Mas a minha pessoa para que te é necessária agora? Desde o meu regresso do estrangeiro, não deixei de estar na primeira fila das tuas obsessões. As explicações que até agora me

deste da tua conduta são puras extravagâncias. Neste momento insistes para que dê mil e quinhentos *rublos* a Lebiadkine, a fim de dar ocasião a Fedka para o assassinar. Por outro lado, sei que supões que pretendo ao mesmo tempo desembaraçar-me de minha mulher. Ligando-nos por solidariedade criminosa, esperas ter predomínio sobre mim, não é verdade? Porque esperas? Para que diabo te sirvo? Olha bem para mim e, de uma vez para sempre responde: sou o teu homem? Deixa-me em paz.

— O próprio Fedka foi procurar-te? — perguntou com esforço Pedro.

— Sim, vi-o. O seu preço é também mil e quinhentos *rublos*... Mas olha, ele próprio vai confirmá-lo, está aí... — disse, estendendo o braço.

Pedro voltou-se rápido. No limiar da porta, em meia obscuridade, destacava-se a sombra de Fedka. O vagabundo trazia vestido uma meia peliça, mas sem chapéu, como um homem que está em sua casa; um largo sorriso punha-lhe a descoberto os dentes brancos e bem ordenados; os olhos negros, com reflexos castanhos, examinavam o quarto e observavam os «assistentes». Havia qualquer coisa que ele não compreendia. Evidentemente Kirilov tinha ido procurá-lo; Fedka interrogava-o com o olhar e continuava de pé, no limiar, parecendo não poder resolver-se a franqueá-lo.

— Com certeza não está aqui por acaso: querias que nos ouvisse questionar o nosso ajuste, ou até que me visse dar-te dinheiro, não é verdade? — perguntou Stavroguine, e, sem esperar resposta, saiu.

Preso de uma espécie de loucura, Pedro correu em sua perseguição e apanhou-o no vão da porta.

— Alto! Nem mais um passo! — gritou ele, agarrando-o pelos braços.

Stavroguine tentou desembaraçar-se com uma brusca sacudidela, mas não o conseguiu. A raiva apoderou-se dele. Libertando a mão esquerda, agarrou Pedro pelo& cabelos. Atirou-o com toda a força ao chão e afastou-se. Não tinha porém dado trinta passos quando o seu perseguidor o apanhou de novo.

— Reconciliemo-nos, reconciliemo-nos — murmurou Pedro, com voz tremente.

Stavroguine encolheu os ombros e continuou a caminhar sem voltar a cabeça.

— Escuta, amanhã levar-te-ei a Lisa, queres? Não? Porque não respondes? Fala. Faço-te tudo quanto queiras. Escuta, conceder-te-ei o perdão de Chatov, queres?

— É então verdade que tinhas resolvido assassiná-lo? — gritou Stavroguine.

— Mas que te importa o Chatov? Que interesse tem ele para ti? — replicou Pedro, com voz estrangulada; estava fora de si e, provavelmente sem querer, segurara Stavroguine pelos braços. — Escuta, ceder-to-ei, mas reconciliemo-nos. A tua conta é muito pesada, mas... reconciliemo-nos!

Stavroguine fitou-o por fim e ficou estupefacto. Coma Pedro estava diferente agora daquele que sempre fora, daquele que fora ainda há pouco, no quarto de Kirilov! Não somente a fisionomia não era a mesma, como também a voz tinha mudado: pedia, implorava. Parecia-se a um homem que acabasse de ver roubar o que lhe era mais querido e que ainda não tivesse tido tempo de retomar a calma devida.

— Mas que tens? — gritou Stavroguine.

Pedro não respondeu e continuou a segui-lo, fixando nele um olhar suplicante, mas ao mesmo tempo inflexível.

— Reconciliemo-nos! — repetiu de novo, em voz baixa. — Ouve: trago, como Fedka, uma navalha nas botas, mas quero reconciliar-me contigo.

— Mas por que te penduras assim em mim, meu diabo? — vociferou Stavroguine, tão surpreendido como irritado. — Tens algum segredo, não é verdade? Encontraste em mim um talismã?

— Ouve, procuraremos tumultos — murmurou rapidamente e quase que em delírio Pedro. — Não crês que os provoquemos? Produziremos tal agitação que fará tremer até aos fundamentos toda a ordem das coisas. Karmazinov tem razão ao dizer que não se pode apoiar em nada. Karmazinov é muito inteligente. Se conseguir ter na Rússia pelo menos dez secções como esta, serei inaprisionável.

— Essas secções serão sempre compostas de imbecis como os de há pouco — não pôde deixar de observar Stavroguine.

— Oh! Sê tu próprio um pouco mais estúpido, Stavroguine! Sabes, és inteligente de mais para sonhares e ambicionares tudo isto; tens medo, não crês, e as dimensões aterram-te. E por que são eles imbecis? Não o são tanto como dizes; presentemente, cada um pensa depois de ver pensar os outros; os espíritos individuais são muito raros. Virguinsky é um homem muito puro, dez vezes mais puro do que as pessoas como nós. Lipoutine é um patife, mas sei por onde hei de prendê-lo. Não há patife que não tenha o seu lado fraco. Liamchine não tem nada disto, mas em compensação está

à minha disposição. Ainda há outros grupos semelhantes e estou prestes a conseguir por toda a parte passaportes e dinheiro, bem como lugares de segurança, que me tornarão inexpugnável. Procurado aqui, refugiar-me-ei acolá. Provocaremos desordens... Julgas, na verdade, que isto não seja bastante para nós os dois?

— Agarra-te a Chigalev e deixa-me tranquilo...

— Chigalev é um homem de génio! Sabes que é um génio, no género de Fourier, mas mais brilhante, mais forte que Fourier? Ocupar-me-ei dele. Inventou a «igualdade»!

Pedro tinha febre e delirava; alguma coisa de extraordinário se estava a passar nele; Stavroguine olhou-o ainda uma vez Ambos continuavam a caminhar.

— Há muita coisa boa no seu manuscrito — prosseguiu Pedro. — Tem por exemplo a espionagem. No seu sistema, cada membro da sociedade tem os olhos fixos em outro e a delação é um dever. Cada um pertence a todos, e todos a cada um. Todos são escravos e iguais na escravatura. Admite a calúnia e o assassinato nos casos extremos, não esquecendo nunca a igualdade. Em primeiro lugar, desce um tanto o nível de cultura das ciências e dos talentos. Um nível científico elevado é só acessível às inteligências superiores, e não são necessárias inteligências superiores! Os homens dotados de altas faculdades são sempre os senhores do poder, e tornam-se verdadeiros déspotas. Não podem mesmo deixar de ser déspotas e fizeram sempre mais mal do que bem; expulsam-se ou levam-se ao suplício. Cortar a língua a Cícero, vazar os olhos a Copérnico, lapidar Shakespeare, eis o *chigalevismo!* Os escravos devem ser iguais; sem despotismo nunca haveria nem liberdade, nem igualdade; porém num rebanho deve reinar a igualdade. E isto o *chigalevismo!* Ah, ah, ah! Achas isto estúpido? Eu sou pelo *chigalevismo*!

Stavroguine acelerou o passo, pois pretendia entrar em casa o mais cedo possível. «Se este homem está embriagado, onde se teria embriagado?», perguntava ele a si próprio. «Será efeito do conhaque que bebeu em casa do Virguinsky?»

— Escuta, Stavroguine: aplanar as montanhas é uma ideia bela e não ridícula. Sou por Chigalev! Abaixo a instrução e a ciência! Já temos o bastante para um milhar de anos. O que é preciso é estabelecer a obediência, pois é a única coisa que faz falta no mundo. A sede do estudo é uma sede aristocrática. Com a família ou o amor, aparece o desejo da

propriedade. Mataremos esse desejo: favoreceremos a embriaguez, os escândalos e a delação; propagaremos uma depravação sem precedentes. Abafaremos os génios no berço. Redução ao mesmo denominador, igualdade absoluta. «Aprendamos um ofício, sejamos homens honestos e não precisamos de mais nada», eis o lema apresentado ultimamente pelos operários ingleses. Não queremos mais do que o necessário, tal será para o futuro a divisa do globo terrestre. Porém são precisas também umas convulsões; promovê-las-emos, nós, os governantes. Os escravos devem ter chefes. Obediência completa, impersonalidade completa, mas, uma vez em cada trinta anos, Chigalev dará o sinal para essas convulsões. Nessa altura todos tentarão subitamente comer-se uns aos outros, até certo ponto, bem entendido. Isto faz-se com o único fim de evitar o aborrecimento. É ele uma sensação aristocrática; no *chigalevismo* não haverá desejos. Reservaremos para nós o desejo e o sofrimento, e os escravos terão o *chigalevismo.*

— Excetuas-te? — deixou escapar contra vontade Stavroguine.

— E tu também... Sabes, pensei em abandonar o mundo ao Papa. Se sair com os pés nus do seu palácio e se mostrar à populaça, dizendo: «Eis ao que me reduziram!», tudo, menos o exército, cairá de joelhos. O Papa no alto, nós à volta dele e por baixo de nós o *chigalevismo.* Basta que a Internacional se entenda com o Papa e tudo se passará assim. Quanto aos velhos, consentirá imediatamente; é a única saída que continua aberta. Lembrar-te-ás das minhas palavras. Ah, ah, ah! É estúpido? Diz, é estúpido ou não?

— Muitíssimo — murmurou encolerizado Stavroguine.

— Muitíssimo! Ouve, abandonei o Papa! Que vá para o diabo o *chigalevismo*! Que vá para o diabo o Papa! O que nos deve preocupar é o mal do dia e não o *chigalevismo,* porque este sistema é um artigo de enfeite, um ideal a realizar somente no futuro. Chigalev é um joalheiro e é estúpido como todo o filantropo. É preciso fazer uma grande obra e Chigalev despreza-a. Ouve: no Ocidente haverá o Papa e aqui, no nosso país, haverá a tua pessoa.

— Deixa-me, meu bêbado! — murmurou Stavroguine, e apressou o passo.

— Stavroguine, tu és bom! — exclamou com espécie de exaltação Pedro. — Sabes que és bom? No entanto tens por vezes atitudes tão estranhas que dás a impressão do contrário. Oh, estudei-te bem! Tenho-te

observado muitas vezes, ainda que de través, às fartadelas! Há mesmo em ti um todo de bondade e ingenuidade, sabes? Sim, ainda manténs esses sentimentos! Sofres, sem dúvida, e sofres muitíssimo, por causa dessa tua bondade. Por mim, gosto da bondade. Sou niilista, mas gosto da bondade. É porque os niilistas não gostam dela? Não, o que eles não amam é apenas os ídolos; pelo contrário, eu amo os ídolos; assim, tu és o meu ídolo! Não ofendes ninguém e és detestado por todos; consideras todos os homens como teus iguais e todos têm medo de ti... Ninguém se atreverá a bater-te nos ombros. És um terrível aristocrata; e quando vier a democracia, o aristocrata será encantador! É-te igualmente indiferente sacrificar a tua vida ou a dos outros. És de facto o homem que nos convém. É de ti que tenho necessidade. Além de ti não conheço outro. És um chefe, um sol, e eu... eu não sou a teu lado mais do que um verme da terra...

De súbito beijou a mão de Stavroguine. Este último sentiu um arrepio de frio ao longo das costas; assustado, retirou rápido a mão. Os dois homens pararam.

— Insensato! — disse em voz baixa Stavroguine.

— Deliro talvez — replicou logo a seguir Pedro. — Sim, talvez tresvarie, mas pensei em dar o primeiro passo. É uma ideia que Chigalev nunca teve! Não faltam Chigalevs! Apenas um homem, um único homem na Rússia pensou dar o primeiro passo e sabe como o deve dar. Esse homem sou eu. Por que me olhas assim? És-me indispensável; sem ti, sou um zero, uma mosca, uma ideia metida num frasco, um Colombo sem América.

Stavroguine fitou com insistência os olhos esbugalhados do seu interlocutor.

— Escuta, começaremos por fomentar a desordem — prosseguiu ele com volubilidade extraordinária, ao mesmo tempo que a cada instante agarrava Stavroguine pela manga esquerda do casaco. — Já to disse: imiscuir-nos-emos com o próprio povo. Sabes que somos já terrivelmente fortes? Os nossos não são unicamente os que esmagam, incendeiam, mordem ou executam golpes clássicos. Esses, por vezes, não passam de embaraços. Não compreendo nada sem disciplina. Por mim sou um patife e não um socialista... ah, ah! Ouve... contei-os todos. O precetor que escarnece com os seus rapazes do seu deus e do seu berço é um dos nossos. O advogado que defende um assassino instruído, provando que era mais instruído do que as suas vítimas e que, para conseguir dinheiro, não podia

deixar de matar, é um dos nossos. Os estudantes que, para experimentarem uma sensação, matam um camponês, são dos nossos. Os jurados que absolvem sistematicamente todos os criminosos são dos nossos. O procurador que, no tribunal, treme por não se mostrar muito liberal, é dos nossos. Entre os administradores, entre os literatos, grande número são dos nossos, com a circunstância de que eles próprios não o sabem! Por outro lado, a obediência dos estudantes e dos imbecis atingiu o apogeu; entre os professores, a vesícula biliar rebentou; vai por toda parte uma vaidade desmedida, um apetite bestial, inaudito... Sabes bem quanto devemos de pouco às teorias em voga? Quando deixei a Rússia, a tese de Littré, que assemelha o crime a uma loucura, fazia furor; volto, e já o crime não é uma loucura, é o próprio bom senso, é quase um dever, é pelo menos um nobre protesto, «Por que não há de um homem inteligente assassinar, se tem necessidade de dinheiro?» Isto porém ainda não é nada. O deus russo cedeu o lugar às bebidas. O povo está ébrio, as mães estão ébrias, as crianças estão ébrias, as igrejas estão desertas e nos tribunais só se ouvem estas palavras: «Duzentas vergastadas ou paga um *vedro*». Oh, deixa crescer esta geração. É pena que não possamos esperar, pois eles ficarão ainda mais ébrios! Ah, que pena não haver operários! Mas haverá, haverá, visto o momento aproximar-se...

— É pena também que nos tornemos estúpidos — murmurou Stavroguine, continuando a caminhar.

— Escuta, já vi com os meus próprios olhos uma criança de seis anos ir buscar a mãe à taberna. Esta estava muito ébria e insultou-a, proferindo grosseiras injúrias. Pensas que isto me deu prazer? Quando formos os senhores, guiá-los-emos para o bem e, se for preciso, desterrá-los-emos por quarenta anos para uma Tebaida... Todavia, nos tempos que vão correndo, a depravação é necessário que exista durante uma ou duas gerações (uma depravação inaudita, ignóbil, tremenda, é quanto é preciso). Porque ris? Não estou em contradição comigo mesmo, mas sim com os filantropos e com o *chigalevismo.* Sou um patife e não um socialista. Ah, ah, ah! Só é de lamentar que o tempo nos falte. Prometi a Karmazinov começar em maio e acabar para a festa da Ascensão. E agora? Ah, ah! Sabes o que pretendo dizer-te, Stavroguine? Até agora o povo russo, apesar do seu vasto vocabulário para designar os maus sentimentos, não conheceu o cinismo, Sabes que o servo tem mais respeito e fidelidade que

o Karmazinov? Maltratado, continua sempre fiel aos seus deuses, entretanto que Karmazinov abandonou os seus.

— Muito bem, Pedro, é a primeira vez que te ouço falar assim e a tua linguagem confunde-me — disse Stavroguine. — Na verdade, não és um socialista, mas sim um político qualquer... És um ambicioso!

— Um patife, um patife. Desejas saber quem sou? Vou-to dizer, e era a isto que pretendia chegar. Não foi por bajulação que te beijei a mão. É preciso que o povo creia que só nós temos consciência do nosso fim, enquanto o governo «agita apenas uma massa nas trevas e bate nos seus». Ah, se tivéssemos tempo! A desgraça é que andamos apressados. Pregaremos a destruição... Esta ideia é sedutora! Valer-nos-emos do incêndio, que é um valioso auxílio. Poremos em circulação lendas diversas… Estas «secções» de tinhosos serão úteis para esse efeito. Dado o tiro de pistola, encontrar-te-ei nas «secções» dos homens de boa vontade, que me agradecerão o tê-los designado para essa honra. Nessa altura a desordem começará! Será uma reviravolta como o mundo nunca viu. A Rússia cobrir-se-á de trevas e a terra chorará os seus antigos deuses... Então lançaremos... quem?

— Quem?

— O *tzarevitch* Ivan.

— Quem?

— O *tzarevitch* Ivan... Tu, tu!

Stavroguine refletiu um minuto.

— Um impostor? — perguntou de repente, fitando Pedro com profundo espanto. — Ah, é esse o teu plano!

— Diremos que se «escondeu» — sussurrou com voz terna Pedro, cujo aspeto era, com efeito, o de um homem embriagado. — Compreendes o poder desta palavra «escondeu-se»? Mas aparecerá... aparecerá. Criaremos uma lenda que fará esquecer a dos Skoptzi. Existe, mas ninguém o viu. Oh, que lenda se pode espalhar? E, sobretudo, será o princípio de uma nova força, da qual precisamos após aquela por que se suspira. Que há no socialismo? Destruiu as antigas forças, mas não as substituiu. No nosso caso, haverá uma força, uma força espantosa! Servir-nos-emos dela, como de uma alavanca, para sublevar a terra. Tudo se sublevará!

— Na verdade, tu contas de facto comigo? — perguntou Stavroguine com um pálido sorriso.

— Porque fazes esse amargo escárnio? Não me assustes. Neste momento estou como uma criança; esse sorriso é suficiente para me causar um medo mortal. Escuta, não te mostrarei a ninguém: é preciso que permaneças invisível. Existes, mas ninguém te viu, escondeste-te. Ou melhor, suponho eu, mostrar-te-ás a um indivíduo por cada cem mil. «Vi-o, vi-o», repetirão por todo o país. Dirão que viram «com os próprios olhos», Ivan Filippovitch, o deus Sabaoth, que subiu ao Céu num carro. E tu, tu que não és Ivan Filippovitch, mas sim um bom rapaz, altivo como um deus, não procurando nada para ti, ornado da auréola do sacrifício, «escondes-te». O essencial é a lenda! Fasciná-los-ás. Um olhar teu dominá-los-á. És portador de uma nova verdade e «escondes-te». Escreveremos dois ou três pensamentos, como os de Salomão, e espalhá-los-emos por toda a parte. Farão um grande sucesso. Com secções e quinquaviratos, não são precisos jornais! Se, em cada dez mil perguntas, dermos satisfação a uma, todos virão consultar-nos. Em cada distrito, cada mujique saberá que há em qualquer parte, num sítio afastado, um local onde as suas súplicas são bem aceites. E a Terra saudará o aparecimento da «nova lei», da «justiça nova»; o mar sublevar-se-á, a choupana aluirá e então será a altura de darmos a nossa opinião sobre a forma de se levantar um edifício de pedra (o primeiro!). Seremos *nós* os construtores, somente nós!

— Que frenesim! — disse Stavroguine.

— Porquê, porque não queres? Tens medo? É por não acreditares que me lembrei de ti. A minha ideia parece-te absurda, não é verdade? Mas, por agora, sou ainda um Colombo sem América: acharias Colombo razoável antes do êxito que o notabilizou?

Stavroguine nada respondeu. Chegados junto da casa deste último, os dois homens pararam diante do portão.

— Escuta — disse Pedro, chegando-se ao ouvido de Stavroguine. — Servir-te-ei sem pedir dinheiro. Amanhã acabarei com a Maria... sem pedir dinheiro, e amanhã também trar-te-ei a Lisa. Queres a Lisa amanhã?

Stavroguine sorriu. «Teria endoidecido?», pensou ele.

Alguém abriu o portão.

— Stavroguine, a nossa América? — disse Pedro, apertando-lhe pela última vez a mão.

— Para que serve? — replicou-lhe severamente.

— Não tens lá nada, bem sei! — gritou Pedro, com violento transporte de cólera. — Mentes, aristocrata vicioso. Não creio, pois tens sempre um apetite de lobo. Compreendes que a tua conta está agora muito carregada e que não posso deixar-te! Não há outro igual na terra! Descobri-te no estrangeiro; e porque te considero é que imaginei este papel para ti. Se não te tivesse visto, de nada o meu espírito se teria lembrado!

Stavroguine subiu a escada sem responder.

— Stavroguine! — gritou Pedro. — Dou-te um dia... dois… até três, mas não te posso conceder mais espaço de tempo. Preciso da tua resposta daqui a três dias!

Parte 9

Capítulo 1

Neste entretanto deu-se um incidente que originou em Stepan uma grande excitação. Às oito horas da manhã, Nastásia apareceu em minha casa e declarou-me que tinha havido uma busca na residência do patrão. Ainda que pouco pudesse deduzir das palavras da criada, fiquei a saber que alguns funcionários lhe tinham ido apreender uns papéis, de que um soldado fizera volumoso pacote, «levando-lhe num carrinho de mão». Fui por isso imediatamente a casa de Stepan.

Encontrei-o em singular estado: estava desfigurado e agitado, mas ao mesmo tempo lia-se-lhe no rosto incontestável expressão de triunfo. Na mesa, ao meio da sala, fervia um *samovar,* tendo ao lado um copo com chá, onde não tinham tocado ainda. Stepan passeava de um canto para o outro, sem dar contas dos seus movimentos. Trazia a costumada camisola vermelha, porém ao ver-me, apressou-se a tirar o colete e a sobrecasaca, o que nunca fazia, nem mesmo com os seus mais íntimos. Se o visitávamos de surpresa, só nos aparecia depois de estar completamente vestido. Apertou-me calorosamente a mão.

— Enfim, *un ami* — exclamou, suspirando profundamente. — *Cher,* só mandei a tua casa. Ninguém mais sabe do que se passa. É preciso dizer à Nastásia para fechar a porta e não deixar entrar ninguém, exceto, bem entendido, aquela gente... *Vous comprenez?*

Olhou-me com ar inquieto, como se esperasse uma resposta. Como é natural, apressei-me a fazer-lhe perguntas. No seu relato incoerente, muitas vezes interrompido e cheio de particularidades inúteis, comunicou-me, pouco mais ou menos, que às sete horas da manhã chegara «bruscamente» a sua casa um funcionário de mando do governador.

— *Pardon*, *j'ai oublié son nom. Il n'est pas du pays*, mas parece que Lembke o trouxe consigo; *quelque chose de bête et d'allemand* na fisionomia. *Il s'appelle Rosenthal*.

— Não é Blum?

— Blum, com efeito; é assim que se chama. *Vous le connaissez?* É alguma coisa *d'hébété et de très content dans la figure*, no entanto, *très*

sévère, roide et sérieux. Um tipo de polícia subalterno, *je m'y connais.* Eu dormia ainda e, imagina tu, pediu para «lançar uma vista de olhos» pelos meus livros e pelos meus manuscritos. *Oui*, não me recordo se *il a employé ces mots.* Não me prendeu e limitou-se a tirar-me os livros... *Il se tenait à distance* e, quando começou a explicar-me o objeto da sua visita, parecia supor que eu... *enfin, il avait l'air de croire* que me lançaria *sur lui immédiatement,* que começaria *à le battre comme plâtre.* Todas estas pessoas *de bas étage sont comme ça*, quando têm assuntos a tratar com um homem viril. Julgou que não compreendi logo. Há *vingt ans que je m'y prépare.* Abri-lhe todas as estantes e dei-lhe todas as minhas chaves; dei-lhas eu próprio, dei-lhe tudo. *J'étais digne et calme.* Em matéria de livros, levou as obras de Hertzen publicadas no estrangeiro, um exemplar encadernado da *Cloche,* quatro cópias do meu poema *et enfin tout ça.* Levou também alguns papéis, cartas *et quelques unes de mes ébauches historiques, critiques et politiques.* Apoderaram-se de tudo isto. Nastásia disse-me que um soldado levou todos os objetos apreendidos num carrinho de mão, cobrindo tudo com o toldo do carro, *oui, c'est cela,* o toldo.

Parecia uma alucinação. Quem poderia compreender o que se passava? De novo voltei a interrogá-lo: Blum veio só ou com outros? Em nome de quem agiu? Com que direito? Como se permitiu fazer isto? Que explicações deu ele?

— *Il était seul*, *bien seul;* ou antes, parece que estava alguém *dans l'antichambre*, *oui, je m'en souviens*, *et puis...* Sim, parece-me que veio mais alguém e que no vestíbulo estava um guarda. É preciso perguntar à Nastásia; ela sabe melhor do que eu. *J'étais surexcité, voyez-vous. Il parlait, il parlait... un tas de choses;* se bem que falou muito pouco, pois fui eu que falei todo o tempo... Contei a minha vida, apenas sob um único ponto de vista... *j'étais surexcité, mais digne, je vous l'assure.* Julgo que chorei, pois tive medo disto. O carrinho de mão foram buscá-lo a casa de um negociante vizinha.

— Oh, Senhor, como se pode fazer tudo isto! Mas, por amor de Deus, sê mais preciso, Stepan. O que estás a contar até parece um sonho!

— *Cher,* eu próprio estou como num sonho... *Savez-vous, il a prononcé* o nome de Teliatnikov. Suponho que estava também escondido no vestíbulo. Se não me engano, falou num procurador, salvo erro Dmitri Mitrich... *qui me doit encore quinze roubles que je lui al gagnés au jeu, soit dit en passant. Enfin je n'ai pas trop compris.* Mas fui mais astucioso

do que eles, e que me importa o Dmitri Mitritch? Creio que lhe pedi com todo o interesse para não divulgar a questão, tendo-lhe feito esse pedido várias vezes. Creio que fiz mal, *comment croyez-vous? Enfin il a consenti...* Sim, lembro-me bem, foi ele mesmo que me pediu isso: garantiu-me que mais valia manter a questão secreta, pois viera apenas para «lançar uma vista de olhos» *et rien de plus...* Se não encontrasse nada, nada haveria... Se bem que tenhamos ficado sempre *en amis, je suis tout à fait content.*

— Então tinha-te oferecido garantias de segurança para tal assunto e foste tu mesmo que as recusaste! — exclamei, num desabafo de indignação amigável.

— Que tem? Prefiro não ter essas garantias. E para que fazer escândalo? Até agora temos procedido *en amis,* e é muito melhor... Sabes... se descobrem na nossa cidade... *mes ennemis... et puis à quoi bon ce procureur, ce cochon* do nosso procurador, *qui deux fois m'a manqué de politesse et qu'on a rossé à plaisir quand il se cacha dans son boudoir?* E depois, *mon ami,* poupa-me às tuas observações e não me desmoralizes, peço-te, porque, quando um homem é desgraçado, não há nada mais insuportável para ele do que ouvir dizer a cem amigos que fez uma asneira. Senta-te, entretanto, e toma uma chávena de chá! Confesso que estou bastante fatigado. E se me deitasse por um momento e aplicasse à volta da cabeça uma ligadura molhada em vinagre, que dizes?

— Farás muito bem — respondi eu. — Devias mesmo pôr gelo na cabeça. Estás muitíssimo excitado, estás pálido e as tuas mãos tremem. Deita-te, repousa um pouco, e amanhã ou depois contar-me-ás o resto. Ficarei junto de ti e esperarei.

Hesitava em seguir o meu conselho, mas insisti. Nastásia trouxe uma chávena de vinagre, molhei uma toalha de mão e envolvi-lhe a cabeça nela. Em seguida a criada subiu para cima de uma mesa e acendeu uma lâmpada, que estava a um canto, diante de uma imagem. Isto espantou-me, porque nunca tinha visto tal fazer naquela casa.

— Dei esta ordem há pouco, logo após a sua partida — murmurou Stepan, olhando-me com ar astuto. — *Quand on a de ces choses-lá dans sa chambre et qu'on vient vous arrêter.* Fá-los mudar de opinião, pois serão obrigados a declarar o que viram...

A criada, logo que acendeu a lâmpada, apoiou a face na mão direita e, em pé no limiar da porta, pôs-se a olhar para o patrão com certo ar triste.

Este chamou-me com um sinal, a fim de me aproximar do canapé onde estava deitado.

— *Éloignez-la* sobre um pretexto qualquer, pois não posso suportar esta piedade russa, *et puis ça m'embête.*

Nastásia porém retirou-se sem que fosse preciso convidá-la a sair. Notei que Stepan continuava sempre com os olhos fitos na porta e que aplicava o ouvido ao menor ruído que sentia na antecâmara.

— *Il faut être prêt, voyez-vous* — disse ele com olhar significativo. — *A chaque moment*... vêm, prendem-me e *ff...uit*... desaparece um homem!

— Senhor! Quem é que vem? Quem é que o prende?

— *Voyez-vous, mon cher*, quando estavam para partir, pergunteis-lhe com insistência o que pretendiam fazer de mim.

— Terias feito melhor, perguntando-lhes para onde te deportariam — repliquei ironicamente.

— Estava subentendido na minha pergunta, mas partiram sem me responder. *Voyez-vous:* no que respeita à roupa branca, às malas e sobretudo aos vestuários para o inverno, é como eles quiserem: podem deixar-me vesti-los ou despacharem-me apenas com um capote de soldado. Todavia — acrescentou ele, baixando de repente a voz e olhando para a porta por onde Nastásia tinha saído — meti, sem que ninguém visse, trinta e cinco *rublos* no forro do colete... Olha, apalpa... Penso que não me farão tirar o colete; para salvar as aparências deixei sete *rublos* na carteira e coloquei-a ali, na mesa, bem à vista. Julgarão que é tudo quanto possuo e não vão adivinhar que escondi dinheiro. Deus sabe onde me deitarei na próxima noite.

Baixei a cabeça em face de tanta loucura. Evidentemente não se podia fazer uma busca ou uma apreensão de papéis em condições semelhantes, e não havia dúvidas que tinham abusado. É certo que tudo isto se passou antes de ser posta em vigor a legislação atual, como é também verdade — ele próprio o reconheceu — que o aconselharam a proceder com mais cuidado. Contudo, «por astúcia», repelira esta proposta. Por outro lado sei que, não há ainda muito tempo, o governador tinha o direito, em casos urgentes, de recorrer a processos rápidos. Mas, ainda uma vez, que caso urgente podia ter sido este? Era o que me preocupava.

— Com certeza receberam algum telegrama de S. Petersburgo — disse subitamente Stepan.

— Um telegrama! A teu respeito? Por causa do teu poema e das obras de Hertzen? Estás doido! Então isso pode motivar uma busca?

Pronunciei estas palavras já bastante encolerizado. Ele fez uma careta; tinha-o ofendido, dizendo-lhe que não havia razão para o prenderem.

— Nestes nossos tempos pode-se ser preso sem saber porquê — murmurou ele com ar misterioso.

Uma suposição absurda me veio ao espírito.

— Stepan, fala-me como a um amigo — gritei eu — como a um verdadeiro amigo. Não te trairei. Diz-me: pertences ou não a uma sociedade secreta?

Grande foi a minha surpresa ao ver o embaraço em que ficou com esta pergunta. Não tinha a certeza se fazia ou não parte de uma dessas sociedades.

— Isso depende do ponto de vista como virmos as coisas, *voyez-vous*...

— Como, «depende do ponto de vista»?

— Quando se pertence de todo o coração ao progresso... quem pode responder? julgámos não fazer parte de coisa nenhuma, mas, observando bem, descobre-se que fazemos parte de alguma coisa.

— Como é possível? Ou se é ou não de uma sociedade secreta!

— *Cela date de S. Pétersbourg,* do tempo em que ela e eu pretendíamos fundar uma revista. Foi este o ponto de partida. Então fugimos-lhe por entre as mãos e esqueceram-nos; mas agora recordam-se. *Cher, cher,* não sabes? — gritou ele, atormentado. — Prender-nos-ão, é a nossa vez; introduzir-nos-ão numa *kibitka* e mandar-nos-ão para a Sibéria, ou esquecer-nos-ão numa prisão…

E logo em seguida começou a chorar. Levando aos olhos o lenço de seda vermelha, soluçou convulsivamente durante cinco minutos. Experimentei uma sensação de dor. Este homem, há vinte anos nosso profeta, nosso oráculo e nosso patriarca, este fiel veterano do liberalismo, diante de quem nos curvávamos com todo o respeito, soluçava então como uma criança a quem o precetor tivesse batido em castigo de qualquer traquinice. Fazia-me pena. Sem dúvida nenhuma acreditava com tanta certeza na *kibitka,* como na minha presença perto dele. Esperava a todo o momento ser levado, nessa mesma manhã, devido ao seu poema e às obras de Hertzen! Por tocante que fosse, esta fenomenal ignorância da realidade tinha qualquer coisa de arrepiante.

Por fim deixou de chorar. Levantou-se e recomeçou a passear pela sala, conversando comigo. A cada instante, porém, olhava para a janela e aplicava o ouvido na direção da antecâmara. Conversávamos por intervalos. Em vão me esforcei por lhe levantar o moral; todo o meu esforço valeu tanto como atirar com ervilhas contra um muro. Se bem que me atendesse pouco, tinha a imperiosa necessidade de me ouvir repetir-lhe, sem cessar, palavras causticantes. Reconhecia que neste momento não podia passar sem mim e que por nada desta vida me deixaria ir embora. Prolonguei a minha visita, tendo ficado mais duas horas. No decorrer da conversa, lembrou-se que Blum tinha encontrado e levado consigo duas proclamações.

— Como, proclamações? — gritei eu, tomado de uma estúpida inquietação. — Tu...

— Sim! Trouxeram-me dez — respondeu ele num tom vexado; a sua linguagem era, ora agastada e altiva, ora lastimosa e humilde em excesso. — Porém oito já as tinha distribuído, e Blum só apreendeu duas...

Uma vermelhidão de indignação lhe coloriu de repente o rosto.

— *Vous me mettez avec ces gens-là?* Supões que esteja com esses estúpidos, com esses foliculários, com meu filho Pedro, *avec ces esprits forts de la lâcheté?* Oh, meus Deus!

— Com certeza não te terão confundido... Era um absurdo e isso não pode ser! — observei eu.

— *Savez-vous* — exclamou bruscamente — há minutos em que sinto que *je ferai là-bas quelque esclandre.* Oh, não te vás embora, não me deixes sozinho! *Ma carrière est finie aujourd'hui, je le sens.* Talvez quando me levarem, me atire a alguém e o morda, como fez esse alferes...

Fitou em mim um olhar estranho, onde se lia por sua vez o terror e o desejo de aterrorizar. À medida que o tempo passava sem que se visse aparecer a *kibitka,* a irritação ia-lhe aumentando cada vez mais, chegando mesmo a transformar-se em furor. De repente ouviu-se um barulho na antecâmara. Foi a Nastásia que, por desgraça, deixou cair um cabide. Stepan tremeu todo e empalideceu terrivelmente. Quando soube porém o motivo do barulho que lhe causara tamanho susto, pouco faltou para não empurrar brutalmente a criada para a cozinha. Cinco minutos depois começou a falar, olhando-me com expressão de desespero.

— Estou perdido! — gemeu ele, e sentou-se subitamente ao meu lado. — *Cher,* não temo a Sibéria. Oh, *je vous le jure* — acrescentou ele, com as

lágrimas nos olhos. — É outra coisa que me mete medo...

Adivinhei, pela sua fisionomia, que uma confidência muito especial e ao mesmo tempo muito penosa lhe ia escapar dos lábios.

— Temo a desonra — disse ele em voz baixa.

— Qual desonra? Pelo contrário, persuade-te, Stepan, que tudo isto se esclarecerá em breve e que este negócio terminará a teu favor...

— Estás assim tão seguro de que me perdoarão?

— Que quer dizer neste assunto essa palavra «perdoar»? Que significa? De que és culpado, para que te perdoem? Asseguro-te que não és culpado de coisa alguma.

— *Qu'en savez-vous?* Toda a minha vida foi... *cher*... Lembrar-se-ão de tudo... e se não encontrarem nada, será ainda pior — disse ele bruscamente.

— Como, ainda será pior?

— Sim.

— Não compreendo.

— Meu amigo, meu amigo, lá que me mandem para a Sibéria ou para Arkhangel, que me privem dos meus direitos civis, vá. Se é preciso perecer, aceito a minha perda! Porém... temo outra coisa — concluiu ele, baixando de novo a voz.

— Mas o quê, o quê?

— Bater-me-ão — disse ele, olhando-me com olhar perturbado.

— Quem é que te baterá? Onde? Porquê? — repliquei eu, perguntando a mim próprio com inquietação se não teria perdido a razão.

— Onde? Lá, nesse local... onde isso se faz.

— Mas onde se faz isso?

— Ah, *cher* — respondeu ele, em voz que mal se ouvia — um alçapão abre-se de repente debaixo dos teus pés e engole-te até meio do corpo... Toda a gente sabe isso.

— Isso são histórias! — gritei eu. — E possível que até agora tenhas acreditado nesses velhos contos?

Pus-me a rir.

— Histórias! No entanto não há fumo sem fogo; um homem que foi açoitado não o vai contar. Dez mil vezes tinha visto isso na minha imaginação!

— Mas tu, tu, por que te baterão? Não fizeste nada.

— Tanto pior. Reconhecer-se-á que não fiz nada, mas açoitar-me-ão.

— E estás convencido de que te levarão em seguida para S. Petersburgo?

— Meu amigo, já te disse que não lamentava nada, pois *ma carrière est finie.* Desde a hora em que me disse adeus, em Skvorechniki, deixei de amar a vida... Mas a desonra, a desonra, que *dira-t-elle,* se chega a saber isto?

O pobre homem fixava em mim um olhar cheio de mágoa. Baixei os olhos.

— Não saberá nada, porque não te acontecerá nada. Na verdade não te reconheço, Stepan. Nem me pareces tu esta manhã.

— Meu amigo, não é o medo. Mas supondo mesmo que me perdoem, que me conservem aqui e que não me façam nada, não estou menos perdido. *Elle me soupçonnera toute sa vie...* eu, eu, o poeta, o pensador, o homem que ela adorou durante vinte e dois anos!

— Não terá a menor ideia a tal respeito.

— Sim, não terá a menor ideia disso — murmurou, com profunda convicção. — Eu e ela falámos disso mais de uma vez em S. Petersburgo, durante a quaresma, na véspera da nossa partida, quando nos respeitávamos mutuamente. *Elle me soupçonnera toute sa vie...* e como desenganá-la? Além disso, aqui, nesta pequena cidade, quem acreditará nas minhas palavras? Tudo quanto puder dizer parecerá inverosímil... *Et puis les femmes...* Isto dar-lhes-á prazer. Ficará desolada, sinceramente desolada, como verdadeira amiga, mas no fundo ficará muito contente... Dar-lhe-ei uma arma contra a minha pessoa, para toda a vida. Oh! o que é feito da minha existência! Vinte anos de felicidade completa com ela... e foi tudo!

Tapou o rosto com as mãos.

— Stepan, e se transmitisses imediatamente a Bárbara o que se passou? — aconselhei eu.

Levantou-se e estremeceu.

— Deus me livre! Por nada deste mundo! Nunca lho direi, depois do que se passou e me disse em Skvorechniki... Nunca!

Os seus olhos fulguravam. Continuámos ainda durante uma hora, pelo menos, à espera de alguma coisa. Voltou a deitar-se no canapé, fechou os olhos e durante vinte minutos não disse uma palavra; creio mesmo que adormeceu. De súbito levantou-se, arrancou a compressa enrolada em volta da cabeça e correu para um espelho. As mãos tremiam-lhe enquanto

punha uma gravata. Em seguida, com voz forte e clara, gritou pela Nastásia para lhe dar o casaco, o chapéu e a bengala.

— Não posso estar mais aqui — disse ele com voz sacudida — não posso mais, não posso mais! Vou lá eu mesmo.

— Onde? — perguntei, levantando-me também.

— A casa de Lembke. *Cher,* devo lá ir, sou obrigado a isso. É um dever. Sou um cidadão, um homem, e não um pequeno cavaco. Tenho direitos e quero usufruir esses direitos... Durante vinte anos não os reclamei e toda a minha vida os tenho esquecido criminosamente... Agora porém reivindico-os. Preciso que ele me diga tudo, tudo. Diz que recebeu um telegrama. Não julgue que me faz padecer com a incerteza, que me coloca dentro em pouco tempo na situação de preso. Sim, se tem que me prender, que me prenda!

E bateu com o pé no chão ao proferir estas exclamações.

— Aprovo essa ideia — disse eu, tão tranquilo quanto possível, ainda que o seu estado me inspirasse vivas inquietações. — Depois de tudo isto, é melhor assim do que continuar em semelhante agonia. No entanto não aprovo o teu sobressalto; olha um pouco com quem vais ter e como contas lá ir. *Il faut être digne et calme avec Lembke.* Realmente és capaz, neste momento, de te precipitares sobre alguém e de o morderes.

— Irei eu próprio entregar-me. Lançar-me-ei na goela do leão.

— Acompanhar-te-ei.

— Não esperava menos de ti. Aceito o teu sacrifício, o sacrifício de um verdadeiro amigo, mas só até casa dele, pois não consentirei que passes além da porta. Não deves, nem tens o direito de te comprometer por mais tempo com a minha companhia. Oh! *Croyez-moi, je serai calme!* Sinto-me neste momento *à la hauteur de ce qu'il y a de plus sacré...*

— Talvez eu entre contigo — interrompi eu. — Ontem os imbecis do grupo fizeram-me saber por Vysotzky que contavam comigo e que me pediam para tomar parte na festa de amanhã, na qualidade de comissário: é assim que se chamam os seis rapazes designados para vigiar o serviço dos abastecimentos, ocupar-se das senhoras e dispor os convidados; como sinal indicativo das suas funções trazem no ombro esquerdo um laço de fitas brancas e azuis. A minha primeira intenção foi recusar, porém agora isso dá-me um pretexto para entrar nessa casa: direi que tenho de falar com Júlia... Desta forma, entraremos juntos.

Escutava-me, de cabeça inclinada, mas parecendo nada compreender. Parámos no limiar da porta.

— *Cher* — disse ele, indicando-me a lâmpada acesa no canto do quarto — *cher,* nunca tive fé naquilo, mas... seja, seja! — E benzeu-se. — *Allons!*

«De facto, isto vale mais», pensei eu ao aproximarmo-nos da porta da rua. «O ar fresco far-lhe-á bem, acalmar-se-á um pouco, voltará a entrar em casa e deitar-se-á.»

Estava porém enganado. Pelo caminho aconteceu-nos uma aventura que acabou de desconcertar o meu desgraçado amigo.

Parte 10

Capítulo 1

Uma hora antes de sair com Stepan, viu-se, sem surpresa, desfilar pelas ruas da cidade um grupo de setenta operários, pelo menos, pertencentes à fábrica dos Chpigouline, a qual tinha cerca de novecentos. Marchavam em boa ordem, quase silenciosamente. Mais tarde, algumas pessoas disseram que estes setenta eram os mandatários dos restantes camaradas. Tinham sido escolhidos para irem ter com o governador e pedir-lhe justiça contra o intendente que, na ausência dos patrões, fechara a oficina e roubara afrontosamente o pessoal despedido. Outras pessoas recusaram-se a admitir que os setenta operários tivessem sido nomeados delegados pelos trabalhadores da fábrica e sustentavam que tal deputação, compreendendo apenas setenta membros, não tinha senso comum. Dando crédito aos partidários desta opinião, o grupo compunha-se simplesmente de operários que tinham queixas do intendente e que se tinham reunido apenas para levar ao governador as suas queixas particulares e não as de toda a oficina. Na hipótese que acabo de indicar, a «revolta» geral da fábrica, da qual tanto se falou depois, foi apenas invenção dos novelistas. Enfim, segundo uma terceira versão, era preciso ver na manifestação operária, não simples amotinadores, mas um movimento político provocado pelos escritos clandestinos. Finalmente, não se sabe ainda ao certo se as excitações dos niilistas tiveram alguma coisa com este caso. A minha opinião pessoal é que os operários não tinham lido as proclamações e, se as tivessem lido, não teriam compreendido uma palavra, visto que os redatores desses papéis, não obstante a crueza do estilo, escreviam de uma maneira extremamente obscura. No entanto os operários, achando-se realmente lesados, e como a polícia, a quem se tinham dirigido em primeiro lugar, tivesse recusado intervir a seu favor, é muito natural que tivessem pensado dirigir-se em massa junto «do próprio general», para lhe exporem respeitosamente as suas queixas. Segundo a minha opinião não havia nisto motivo, nem para os considerarem sediciosos, nem mesmo para a eleição de uma deputação, mas sim apenas porque eram pessoas que seguiam a velha tradição russa; sempre, com efeito, o nosso povo amou as

explicações com «o próprio general», ainda que nunca tivesse tirado vantagem alguma desses colóquios.

Indícios sérios fazem pensar que Pedro, Lipoutine e talvez ainda um outro, sem contar com Fedka, tivessem procurado, servindo-se dos antecedentes, manejar as inteligências da oficina; mas sei por alguém que não tiveram conferências com mais de dois ou três operários, digamos cinco se quiserem, e que estas conversas não deram nenhum resultado. A propaganda dos agitadores não podia de forma alguma ser comprometida em semelhante meio. É verdade que Fedka parece ter sido melhor sucedido que Pedro. Está provado hoje que dois homens da fábrica tomaram parte, conjuntamente com o forçado, no incêndio da cidade, ocorrido três dias mais tarde; um mês depois, prenderam-se também no distrito três antigos operários da fábrica sob a acusação de incêndio e de pilhagem. Mas estes cinco indivíduos parece terem sido os únicos que deram ouvidos às instigações de Fedka.

Fosse como fosse, o que é certo é que, chegados ao largo que se estende diante da casa do governador, os operários dispuseram-se ordeiramente em frente da escada exterior; em seguida esperaram de boca aberta. Disseram-me que, apenas chegaram, tiraram os bonés, antes mesmo da aparição de Von Lembke, que, como de caso pensado, não se encontrava em casa nesse momento. A polícia apareceu daí a pouco, primeiramente por pequenos grupos, mas depois em grande número.

Como sempre, começou por aconselhar os manifestantes a dispersarem. Não fizeram caso e responderam laconicamente, dizendo que tinham de falar ao «próprio general». A sua atitude denotava uma resolução inabalável. A calma que não os abandonou nesta emergência, e que parecia o efeito de uma ordem, inquietou a autoridade. O chefe da polícia julgou dever esperar a chegada de Von Lembke. As façanhas e os gestos deste personagem foram-me contados como uma coisa deveras fantástica. Assim, é absolutamente falso que tenha mandado vir a tropa de baioneta calada e que tenha telegrafado para alguma parte a pedir artilharia e a vinda dos cossacos. Foram histórias de que fazem pouco, nesta altura, aqueles que as inventaram. Não menos absurda é a história das bombas de incêndio com que teriam regado a multidão. O que deu naturalmente motivo a este boato foi que Ilia Ilitch, muito encolerizado, disse aos operários: «Nenhum sairá seco de debaixo desta água». Disto resultou, sem dúvida, a lenda das bombas de incêndio, que fez eco nas

correspondências dirigidas para os jornais da capital. Na realidade o chefe da polícia limitou-se a cercar o ajuntamento com todos os homens disponíveis que tinha e a mandar ao governador o comissário do primeiro bairro; este subiu para o *drojki* de Ilia Ilitch e partiu a toda a brida para Skvorechniki, visto meia hora antes, segundo soube, Von Lembke ter seguido nessa direção.

Confesso que um ponto continua ainda obscuro para mim: por que razão se transformou tão depressa uma pacífica reunião de reclamantes numa rebelião ameaçadora da ordem social? Por que razão o próprio Lembke tomou arrebatadamente, ao fim de vinte minutos, essa atitude? Presumo — mas é ainda uma opinião pessoal — que Ilia Ilitch, afeto aos interesses do intendente, apresentou propositadamente ao governador a situação sob uma forma falsa, para o impedir de examinar seriamente as reclamações dos operários. A ideia de entregar a solução ao seu superior foi sem dúvida sugerida ao chefe da polícia pelo próprio André. Na véspera e antevéspera, em duas conversas confidenciais que este último teve com o seu subordinado, mostrou-se muito preocupado com as proclamações e muito disposto a admitir a existência de uma conspiração urdida pelos niilistas, em ligação com os operários da fábrica Chpigouline. Tinha-se a impressão de que Sua Excelência ficaria desolado se os acontecimentos não confirmassem as suas conjeturas. «Quer chamar sobre si a atenção do ministério», disse consigo mesmo o ardiloso Ilia Ilitch, ao sair da casa do governador. «Muito bem, calha tudo às mil maravilhas».

Estou, no entanto, persuadido de que o pobre André não desejava uma rebelião, mesmo para ter ocasião de se distinguir. Era um funcionário extremamente consciencioso e até ao seu casamento tinha tido uma conduta irrepreensível. Seria esta mesmo a única falta deste alemão simples e modesto, ligando-se a uma princesa quadragenária que o tinha elevado até si? Sei quase de certeza que datam desde essa tarde fatal os primeiros sintomas irrefutáveis de desequilíbrio intelectual, devido ao qual este infortunado Von Lembke está hoje em tratamento num estabelecimento psiquiátrico da Suíça; daqui pode-se supor que, já na véspera, a alteração das suas faculdades se manifestara por certos sinais. Sei de boa fonte que na noite precedente, às três horas da manhã, dirigiu-se para o quarto de sua mulher, acordou-a e intimou-a a ouvir «o seu ultimato». Falou em tom tão imperioso que Júlia teve de obedecer; levantou-se indignada, sentou-se numa cadeira e, sem ter tido tempo para

desfazer os papelotes, preparou-se para o ouvir com ar sarcástico. Então, pela primeira vez, compreendeu o estado de espírito em que se encontrava André e teve medo por si. Em lugar porém de acalmar, de se humanizar, afetou mostrar-se mais intratável do que nunca. Cada mulher tem a sua maneira de levar o marido para o caminho da razão. O processo de Júlia consistia em desdenhoso silêncio, mantendo-se nele durante uma hora, duas horas, vinte e quatro horas, algumas vezes durante três dias; nessas ocasiões o marido podia dizer ou fazer tudo quanto quisesse, ameaçar mesmo de se atirar da janela do terceiro andar, que a mulher não abria a boca. Para um homem sensível não há nada de mais insuportável que semelhante mutismo. Estaria a governadora encolerizada com seu esposo, que, não contente por há alguns dias acumular descuidos sobre descuidos, desconfiava das suas capacidades administrativas? Não teria ainda esquecido as censuras que lhe dirigira a respeito da sua conduta com os rapazes e com toda a sociedade, sem compreender as altas e subtis considerações políticas em que ela se inspirava? Sentir-se-ia ofendida com o estúpido ciúme que lhe testemunhava por causa do Pedro? Fosse como fosse, Júlia resolveu proceder com rigor para com seu marido, não obstante a agitação anormal que o dominava.

Enquanto passeava ao longo do quarto de sua mulher, Von Lembke desfazia-se em recriminações, tão escusadas como violentas. Começou por dizer que toda a gente troçava dele e lhe puxava pelo nariz. «Que importa a vulgaridade da expressão!», vociferou ele, surpreendendo um sorriso nos lábios de sua mulher. «A palavra não quer dizer nada, pois a verdade é que me puxam pelo nariz. Não, minha senhora, chegou o momento devido; fique a saber que atualmente não se trata de rir e que as astúcias da vaidade feminina já não estão na moda. Não estamos no quarto de uma presumida; somos de qualquer maneira dois seres abstratos, encontrando-nos num balão para podermos dizer toda a verdade». Como se vê, a confusão das suas ideias traía-se na incoerência das suas imagens. «Foi a senhora quem me obrigou a deixar o meu antigo posto; só aceitei este lugar por sua causa e para satisfazer a sua ambição... Sorri ironicamente? Não se apresse a triunfar. Saiba, minha senhora, saiba que posso e hei de saber mostrar-me à altura deste lugar... que digo eu?, de dez lugares semelhantes a este, porque não me falta capacidade. Porém com a senhora é impossível, visto que me faz perder todos os meios. Dois centros não podem coexistir, e a senhora organizou dois: um em minha casa, outro no

seu quarto — dois centros de comando, minha senhora. Contudo não permito isso, não o permitirei! No serviço, como em casa, a autoridade deve ser uma. Não se pode restringir... E que recompensa me tem dado?», gritou ele em seguida. «Que tem sido a nossa vida conjugal? Sempre, em todas as ocasiões, a senhora me demonstrava que era um ser nulo, estúpido e mesmo cobarde; e eu ficava limitado à necessidade de lhe demonstrar a todas as horas que não era, nem uma nulidade, nem um imbecil, e que confundia toda a gente com a minha nobreza. Pois muito bem, não era tudo isto uma situação humilhante para nós?» Pronunciando estas palavras, batia com o pé no tapete. Júlia endireitou-se com ar altivo e digno. Lembke acalmou-se logo; no entanto a sua cólera deu lugar a um excesso de sensibilidade. Durante cerca de cinco minutos soluçou e bateu no peito: o silêncio obstinado de sua mulher punha-o fora de si. Por fim esqueceu-se, a ponto de deixar de pensar no seu ciúme a respeito de Pedro; depois, sentindo quanto tinha sido estúpido, tomou-se de uma violenta cólera. «Não permitirei a negação de Deus», gritou ele. «Fecharei o seu salão, tão antinacional como antirreligioso. Crer em Deus é uma obrigação para o governador e, por consequência, também para sua mulher. Não consentirei que continue a ter mais rapazes à sua volta... Por dignidade pessoal devia, minha senhora, interessar-se por seu marido e não deixar pôr em dúvida a sua inteligência, ainda mesmo que ele fosse um homem dotado de fracas faculdades — o que não é de maneira nenhuma o meu caso. Ora, pelo contrário, a senhora é a causa de que toda a gente me despreze; foi a senhora que assim me fez considerar pelo espírito público... Suprimirei a questão das mulheres», prosseguiu ele com veemência. «Purificarei a atmosfera desse miasma. Amanhã vou interdizer a estúpida festa a favor das professoras — que o diabo as leve! Que se acautele a primeira que se apresente amanhã de manhã... Fá-la-ei reconduzir à fronteira da província por um cossaco. Farei isto de propósito, de propósito!... Sabe, sabe que os seus vadios fomentam a desordem entre os operários da fábrica e que sei de tudo isso? Sabe que distribuem proclamações de propósito? Sabe que conheço o nome de quatro desses vadios e que perco a cabeça? Sim, perco-a, e definitivamente, definitivamente!...»

A estas palavras, Júlia, saindo de súbito do seu mutismo, declarou secamente que ela própria estava há muito a par dos projetos da conspiração e que era uma estupidez a que Lembke dava muita

importância. Quanto aos garotos, conhecia não só esses quatro, como todos os outros. Ao falar assim, mentia. Além disso, contava não perder a razão por esse motivo; pelo contrário, estava mais segura do que nunca da sua inteligência e tinha a firme esperança de tudo terminar bem, graças à aplicação do seu programa: testemunhar interesse pelos jovens, fazer-lhes ouvir a voz da razão, provando-lhes de repente que descobriram os seus desígnios e em seguida oferecer à sua atividade um objetivo mais condigno.

Oh, o que sucedeu nesse momento a Lembke!... Assim, tinha sido mais uma vez escarnecido por Pedro; este último tinha indelicadamente troçado dele e só lhe tinha revelado alguma coisa, depois de ter confidenciado tudo, mas muito mais detalhado, à governadora. Enfim, este mesmo Pedro era talvez a alma da conspiração. Este pensamento exasperou Von Lembke. «Fica a saber, mulher insensata e venenosa», replicou ele com furor, «fica a saber que vou ordenar a prisão do teu indigno amante. Carregá-lo-ei de cadeias e metê-lo-ei num cárcere, a menos que... a menos que eu próprio, na tua frente, me atire pela janela fora!» Júlia, tremendo de cólera, acolheu esta tirada com um sorriso prolongado, como aqueles que se ouvem no teatro francês quando uma atriz parisiense, contratada por cem mil *rublos* para desempenhar o papel das grandes adúlteras, ri nas barbas do marido, que ousa suspeitar da sua fidelidade. Lembke fez menção de se atirar pela janela fora, mas parou repentinamente, como que pregado no solo; uma palidez cadavérica lhe cobriu o rosto, cruzou os braços sobre o peito e olhou para sua mulher com ar sinistro: «Sabes, sabes, Júlia...», proferiu ele com voz sufocada e suplicante, «sabes que no estado em que estou, tudo posso empreender?» A esta ameaça, a hilaridade da governadora redobrou. Vendo isto, Von Lembke franziu os lábios e avançou com o punho levantado para ela. Porém, no momento de lhe bater, sentiu os joelhos dobrarem-se-lhe. Fugiu então para o seu quarto e deitou-se vestido na cama. Durante duas horas o desgraçado deixou-se estar deitado de bruços, sem dormir, sem refletir em coisa alguma, estupidificado pelo insuportável desespero que lhe pesava no coração como pedra. De tempos a tempos, um estremecimento febril lhe sacudia todo o corpo. Ideias incoerentes, absolutamente estranhas ao que se estava a passar, lhe atravessavam o espírito: ora se lembrava do velho relógio que tivera em S. Petersburgo, quinze anos antes, e cujo ponteiro grande estava quebrado, ora se lembrava do jovial empregado Millebois, com quem

tinha um dia apanhado pardais no parque Alexandrovsky, enquanto dois funcionários se riam da sua sorte, e em especial quando souberam que era professor do liceu. Às sete horas, Lembke adormeceu e sonhos agradáveis visitaram-no durante o sono. Eram cerca de dez horas quando acordou. Saltou bruscamente da cama e lembrou-se de repente de tudo quanto se tinha passado. Esfregou o rosto com força. Vieram-lhe dizer que o almoço estava pronto, mas logo em seguida apresentaram-se Blum, o chefe da polícia e um empregado encarregado de anunciar a Sua Excelência que era esperado numa certa assembleia. Não quis comer nada, não recebeu ninguém e correu como um doido para os aposentos de sua mulher. Só encontrou Sofia Antropovna, velha dama, que já há muito tempo vivia em casa de Júlia. Esta disse-lhe que às dez horas a senhora partira em grande companhia para Skvorechniki. Combinara com Bárbara dar uma segunda festa daí a quinze dias, em casa desta. Tinham ido pois visitar a casa para porem as coisas nos seus lugares e tomarem as disposições necessárias. Esta nova impressionou Lembke. Voltou a entrar no quarto e mandou vir a sua carruagem. Mal pôde esperar que os cavalos fossem atrelados. A sua alma tinha sede de Júlia... Se pudesse vê-la apenas, ou passar cinco minutos junto dela! Talvez ela lhe dirigisse um olhar, talvez notasse a sua presença, talvez lhe sorrisse como outrora, talvez lhe perdoasse — «ah, ah! mas para quê atrelar os cavalos?» Maquinalmente abriu um grosso volume colocado sobre a mesa. Algumas vezes procurava inspirações em qualquer livro, abrindo-o ao acaso, e lendo as três primeiras linhas da página da direita. Eram os *Contos* de Voltaire que estavam sobre a mesa. «Tudo é pelo melhor, no melhor possível dos mundos...» leu o governador. Cuspiu e apressou-se a correr para a carruagem: «Para Skvorechniki!», exclamou ele, pondo o pé no estribo. O cocheiro contou que, durante toda a viagem, se mostrou muito impaciente por chegar, mas que no momento em que se aproximava da casa de Bárbara deu bruscamente ordem para o conduzir à cidade. «Mais depressa, peço-te, mais depressa», não cessava ele de repetir. Estávamos a pequena distância da muralha quando mandou parar, desceu e tomou por um caminho através dos campos. Em seguida parou e pôs-se a examinar umas pequenas flores. Contemplou-as por tanto tempo que perguntei a mim próprio o que quereria dizer. Tal foi a descrição que me fez o cocheiro. Recordo-me do estado do tempo nesse dia: era uma manhã de setembro, fria e clara, mas ventosa; diante de Lembke alargava-se uma paisagem de aspeto severo; o campo, cujas

colheitas já tinham sido feitas há muito, não tinha mais que pequenas flores amarelas, a que o vento agitava os caules... Compararia o governador o seu destino ao das pobres plantas, murchas pelo frio do outono? Não o creio. O que tinha diante dos olhos estava, suponho, muito longe do seu espírito. Mas foram concordes tanto o testemunho do cocheiro como o do comissário da polícia, que declarou mais tarde ter encontrado Sua Excelência com um pequeno ramo de flores amarelas na mão. Este comissário, Basílio Ivanovitch Flibustierov, havia chegado há pouco tempo; mas soubera logo distinguir-se pela intemperança do seu zelo. Mal se apeou, não teve a menor dúvida, ao ver em que se ocupava o governador, de que este fosse um doido; contudo anunciou-lhe, sem rodeio algum, que a cidade não estava tranquila.

— Hem? O quê? — exclamou Von Lembke, olhando para o comissário da polícia com um rosto severo, mas sem mostrar o menor espanto; parecia que se julgava no seu gabinete e que tinha perdido a lembrança da carruagem e do cocheiro.

— O comissário da polícia do primeiro bairro, Flibustierov. Excelência. Há uma revolta na cidade.

— Dos flibusteiros? — perguntou André, pensativo.

— Precisamente, Excelência. Os operários da fábrica dos Chpigouline revoltaram-se.

— Os operários dos Chpigouline!

Estas palavras lembraram-lhe alguma coisa. Estremeceu e levou a mão direita ao rosto: «Os operários dos Chpigouline!» Calado, mas sempre pensativo, regressou lentamente à sua carruagem, subiu e ordenou que o conduzissem à cidade. O comissário da polícia seguiu-o no seu *drojki*. Calculo o grande número de objeções interessantes que surgiram no pensamento do governador durante a viagem. Teria todavia sido melhor se tivesse pensado na decisão a tomar quando chegasse à praça, situada em frente da sua residência. Mas todo o sangue lhe afluiu ao coração logo que viu o grupo resoluto dos «revoltados», o cordão dos polícias, a confusão — talvez mais aparente do que real — do chefe da polícia, enfim, a espectativa que se lia em todos os olhares fitos nele. Estava lívido quando desceu da carruagem.

— Descubram-se! — disse ele em voz estrangulada e quase ininteligível. — De joelhos — acrescentou, num arrebatamento que foi uma surpresa para todos e talvez para ele próprio.

Em toda a sua vida tinha-se distinguido pela igualdade do seu caráter e nunca o tinham visto despropositar com alguém. Todavia estas pessoas calmas são as mais temíveis, se por acaso alguma coisa as faz irrita! Todos começaram a colocar-se por ordem à sua volta.

— Flibusteiros! — vociferou ele.

Depois de ter proferido esta exclamação insensata, calou-se e ficou por aqui, ignorando ainda o que iria fazer, mas sabendo e sentindo em todo o seu ser que ia imediatamente fazer qualquer coisa.

«Senhor», ouviu-se entre a multidão. Um rapaz persignou-se, três ou quatro homens quiseram pôr-se de joelhos, e todos deram três passos em frente, continuando aos gritos: «Vossa Excelência... prenderam-nos cerca de quarenta... o intendente… não podes dizer...», etc., etc. Era impossível perceber o sentida destes clamores confusos.

Do que ouvia, André não podia compreender nada: continuava com as flores na mão. A revolta era evidente, como a *kibitka* o tinha sido há pouco para Stepan. E entre a multidão dos «revoltados» que o fitavam, esgazeando os olhos, julgou ver passar um «cabecilha» dessa desordem, Pedro, do qual o seu pensamento nunca se tinha afastado desde a véspera, o execrando Pedro.

— Batedores! — gritou de repente.

Estas palavras foram seguidas de um silêncio mortal.

O relato que acabo de fazer, foi escrito segundo informações muito exatas. No que se segue, as minhas informações não são tão precisas. No entanto conheço certos factos.

Primeiramente, os batedores apareceram logo em seguida; evidentemente estavam de prevenção, devido a um mero acaso do previdente chefe da polícia. De resto, não bateram em mais de dois ou três operários. Insisto neste ponto porque correu o boato que todos os manifestantes, ou pelo menos a maior parte, tinham sido fustigados. Não é este o único boato que, da nossa cidade, tem voado para as gazetas de S. Petersburgo. Falou-se muito entre nós da pretensa aventura acontecida a uma pensionista de um hospício, Avdotia Petrovna Tarapyguine,

Esta senhora, pobre, mas nobre, saíra para fazer umas visitas. Ao passar na praça, dizem que exclamou, indignada: «Que vergonha!» Daí a razão por que a prenderam e fustigaram. Não só a história foi relatada nos jornais, como ainda se fez na cidade uma subscrição a favor da vítima e para protestar contra os atos violentos da polícia. Eu próprio me subscrevi

com vinte *kopeks*. Pois bem, está provado agora que essa dama Tarapyguine não passou de um mito! Fui informar-me ao hospício onde disseram que ela estava e informaram-me que nunca lá tinha estado nenhuma pensionista com esse nome. Logo que chegámos à praça, Stepan escapou-se à minha guarda, não sei como. Não pressentindo nada de bom, quis impedi-lo de atravessar a multidão, pois era minha intenção conduzi-lo a casa do governador, obrigando-o a dar a volta à praça. Dominado por certa curiosidade, parei um minuto a interrogar um basbaque e quando em seguida olhei à minha volta não vi Stepan. Instintivamente corri logo a procurá-lo no ponto onde o tumulto era mais intenso. Supunha, e não me enganava, que estava fora de si. Descobri-o com efeito mesmo no meio do tumulto. Recordo-me que o agarrei por um braço. Ao ver-me, fitou-me com dignidade calma e imponente;

— *Cher* — disse ele numa voz onde vibrava uma corda quase a rebentar — se aqui, na praça, diante de todos nós, se comportam com tal falta de dignidade, que dizer a isto... no caso de agirem, sem investigar?

E tremendo de indignação indicou, com um gesto de provocação, o comissário da polícia que, de pé, a dois passos, nos olhava com insistência.

— Isto? — gritou Flibustierov, ébrio de cólera. — Isto, o quê? E tu, quem és tu? — Ao pronunciar estas palavras, cerrou os punhos e avançou para nós. — Quem és tu? — repetiu ele com raiva.

Notarei que o rosto de Stepan estava longe de lhe ser desconhecido. Mais um momento, e teria sem dúvida agarrado o meu audacioso companheiro pela gola. Por sorte Lembke virou a cabeça para o nosso lado, ao ouvir gritar o comissário da polícia. O governador fixou em Stepan um olhar indeciso, mas atento, como se estivesse a procurar conciliar as suas ideias. De repente fez um gesto de impaciência. Flibustierov não disse uma palavra. Arrastei Stepan para fora da multidão. Foi-me fácil, porque ele próprio tinha também desejos de bater em retirada.

— Volta para tua casa, volta para tua casa — insisti eu. — Se não te bateram foi, sem dúvida, devido a Lembke.

— Deixa-me, meu amigo. Censuro-me por te ter feito correr perigos. És jovem e tens futuro, ao passo que para mim já soou a minha hora.

Subiu com passo firme a escada exterior da casa do governador. O guarda fez-nos entrar, pois lhe disse que íamos visitar Júlia, Esperámos no

salão de receção. Não queria abandonar o meu amigo, como também julgava inútil fazer-lhe mais observações. Tinha o aspeto de um homem que se prepara para executar o sacrifício de Décius. Sentámo-nos, não ao lado um do outro, mas cada um em seu canto; eu muito perto da entrada e ele do lado oposto. Tendo na mão esquerda o chapéu de abas largas, inclinava pensativamente a cabeça e apoiava as duas mãos no castão da bengala. Estivemos assim durante dez minutos.

Capítulo 2

De repente Lembke, acompanhado do chefe da polícia, entrou com passo rápido; mal nos olhou, e sem nos prestar mais atenção, encaminhou-se para o seu gabinete. Stepan, porém, colocou-se diante dele, a fim de lhe barrar a passagem. A alta estatura deste homem, que parecia não ver pela primeira vez, produziu o seu efeito. Lembke parou.

— Quem é? — murmurou ele com ar espantado.

Ainda que esta pergunta parecesse ser feita ao chefe da polícia, não voltou a cabeça para ele e continuou a examinar Stepan.

— Sou o antigo professor do liceu, Stepan Trofimovitch Verkhovensky, Excelência — respondeu ele, inclinando-se com dignidade diante do governador, que não deixava de o fitar com olhar de verdadeiro espanto.

— De quê? — disse com laconismo autoritário Lembke, inclinando desdenhosamente a orelha para o lado de Stepan, pois tinha acabado de supor que não passava de um dos muitos solicitadores de favores.

— Hoje, um empregado, agindo em nome de Vossa Excelência, foi fazer uma busca a minha casa... Por consequência eu desejava...

A estas palavras, fez-se luz no espírito de Voa Lembke.

— O nome? O nome? — perguntou, impaciente.

Stepan, mais digno do que nunca, declinou de novo o seu nome e a profissão.

— Ah, ah, ah! É... este o propagandista... O senhor destacou-se de uma maneira que... O senhor é professor? Professor?

— Tive outrora a honra de dar algumas lições à mocidade na universidade de...

— À mocidade! — repetiu Von Lembke com uma espécie de estremecimento.

Por mim apostava em como ainda nessa altura não compreendeu bem do que se tratava, nem mesmo talvez o que ele queria.

— Senhor, não admito isso — prosseguiu ele tomado de cólera súbita. — Não admito a palavra mocidade. Isso são sempre palavras das

proclamações. É um assalto feito à sociedade... O senhor é flibusteiro. Que pretende?

— Foi, pelo contrário, a sua esposa que me pediu para ler amanhã qualquer coisa na festa por ela organizada. Eu, eu não peço nada... Venho reclamar os meus direitos...

— Na festa? Não haverá festa nenhuma! Proibirei essa festa! Lições? Lições? — vociferou furiosamente o governador.

— Peço-lhe, Excelência, para falar mais delicadamente, sem bater com o pé e sem berrar tanto, como se se dirigisse a um criado.

— Sabe a quem fala? — perguntou Von Lembke, que se tinha tornado vermelho.

— Perfeitamente, Excelência.

— Faço à sociedade uma muralha com o meu corpo e o senhor tenta abrir uma brecha! O senhor tenta inutilizá-la! O senhor! Bem sei quem o senhor é: foi o senhor o governador da casa da viúva Stavroguine?

— Sim, fui... o governador... da casa da viúva Stavroguine.

— E durante vinte anos o senhor propagou as doutrinas de que estamos vendo agora... os frutos... Julgo tê-lo visto ainda há pouco na praça. Olhe por si, senhor, se receia alguma coisa; a sua maneira de pensar é conhecida. Esteja certo que não o perco de vista. Não posso, senhor, tolerar as suas lições. Não o posso, já lhe disse. Não é a mim que deve dirigir semelhantes perguntas.

Pela segunda vez tentou entrar no seu gabinete.

— Repito-lhe que se engana, Excelência. Foi sua esposa que me pediu para fazer, não uma lição, mas uma leitura literária na festa de amanhã. Porém agora já não a farei; renuncio a tal. Peço-lhe muito humildemente para me explicar, se é possível, como e por que mandou passar hoje uma busca à minha casa. Levaram-me livros, papéis, cartas particulares que eu estimava... levaram tudo num carrinho de mão.

Lembke sobressaltou-se.

— Quem passou a busca? — perguntou ele, corando e virando-se para o chefe da polícia.

Neste momento apareceu no limiar da porta um personagem um tanto curvado, alto e deselegante. Chamava-se Blum.

— Olhe, foi este funcionário — replicou Stepan, indicando-o.

Blum aproximou-se com a fisionomia de um culpado, mas não arrependido.

— O senhor não faz senão asneiras — disse em tom irritado o governador.

Logo em seguida um rápido reviramento se operou nele.

— Desculpe-me... — balbuciou confuso. — Tudo isto... há em tudo isto apenas um mal-entendido... um simples mal-entendido.

— Excelência — replicou Stepan — fui testemunha na minha mocidade de um facto idêntico. Um dia, no teatro, dois espectadores encontraram-se num corredor e, diante de toda a gente, um dos dois deu ao outro uma sonora bofetada. Logo a seguir o agressor reconheceu que tinha cometido um grave engano. Como homem que aprecia muito o valor do tempo para o perder em vãs desculpas, contentou-se em dizer, em tom vexado, à sua vítima, exatamente o que acabo de ouvir da boca de Vossa Excelência: «Enganei-me... perdoe, foi um mal-entendido, um simples mal-entendido». E como entretanto o indivíduo agredido continuasse a recriminá-lo, o agressor acrescentou com cólera: «Então, se lhe disse que foi um mal-entendido, porque grita o senhor ainda?»

— Foi… foi sem dúvida muito ridículo — replicou Von Lembke com um sorriso forçado — mas... mas será possível que o senhor não saiba quanto eu próprio sou desgraçado?

Nesta exclamação inesperada revelava-se o desespero de um coração despedaçado. Quem sabe? Mais um momento e talvez o governador começasse a soluçar. Stepan examinou-o primeiramente com estupefação; depois inclinou a cabeça e replicou num tom profundamente comovido:

— Excelência, não se inquiete mais com a minha estúpida queixa; dê-me os meus livros e as minhas cartas...

Neste momento um ruído se produziu na sala vizinha: Júlia chegava com todo o seu grupo.

Capítulo 3

À esquerda da escada exterior, uma entrada particular dava acesso aos aposentos da governadora. Desta vez, porém, todo o grupo se dirigiu para o sítio onde estávamos, atravessando a sala, sem dúvida porque ali se encontrava Stepan, cuja aventura conheciam. O acaso fizera com que Liamchine não fosse com os outros a casa de Bárbara. Graças a esta circunstância, o judeu soube, antes de toda a gente, o que se tinha passado na cidade. Desejoso de transmitir tão agradáveis notícias, alugou um mau cavalo de um cossaco e partiu ao encontro do grupo que regressava de Skvorechniki. Presumo que Júlia, apesar da sua firmeza, se tivesse perturbado um pouco ao ouvir a narração de Liamchine. No entanto essa impressão deve ter sido muito rápida. Por exemplo, o lado político da questão não podia de modo algum preocupar a governadora: já por quatro vezes Pedro lhe tinha assegurado que não era preciso mais do que fustigar em massa todos os amotinadores da fábrica, como também há algum tempo se tornava para ela como um verdadeiro oráculo. «Mas... não importa, pagar-me-á tudo», pensou ela provavelmente para consigo; estas palavras eram de certeza com respeito a seu marido. Seja dito de passagem que Pedro não figurava, por maneira nenhuma, no grupo de Júlia na excursão a Skvorechniki, e nessa manhã ninguém o tinha visto. Direi ainda que Bárbara, depois de ter recebido os visitantes, regressou com eles à cidade, tendo todo o interesse em assistir à última sessão da comissão organizadora da festa. Segundo todas as aparências, não foi sem certa curiosidade e mal-estar que teve conhecimento das explicações dadas por Liamchine a respeito de Stepan.

O castigo de Lembke não se fez esperar. Logo ao primeiro olhar trocado com sua excelente esposa, o governador soube o que lhe ia suceder. Apenas entrou, Júlia aproximou-se com encantador sorriso de Stepan, estendeu-lhe a sua pequenina mão adoravelmente enluvada e apresentou-lhe os mais lisonjeiros cumprimentos: dir-se-ia que se sentia imensamente feliz por o ver em sua casa. Nem uma palavra acerca da busca da manhã, nem um desabafo, nem um olhar para Von Lembke, cuja

presença ela parecia não ter notado. Pelo contrário, agarrou imediatamente Stepan e conduziu-o ao salão, como se não tivesse de se explicar com o governador. Repito-o: sendo uma mulher de grandes qualidades, julgo que nesse momento não teve nenhum tato. Karmazinov rivalizava com ela.

Este, a pedido da governadora, juntara-se aos excursionistas. Quando muito, podia-se chamar a este passeio uma visita, e esta delicadeza tardia e indireta não deixara de lisonjear deliciosamente a vaidade de Bárbara. Ao entrar, este último avistou Stepan, Deu um grito e correu para ele de braços abertos, empurrando mesmo Júlia.

— Quantos verãos, quantos invernos! Enfim, meu excelente amigo.

Abraçou-o, ou melhor, aproximou-lhe a face. Stepan, admirado, teve de o beijar.

«Meu caro», disse-me ele, mais tarde, ao conversar comigo acerca dos acidentes do dia, «pergunto a mim próprio qual de nós foi, naquele momento, o mais cobarde: se foi ele que me abraçou para me humilhar, ou se fui eu, que, com desgosto, o beijei na face quando me podia dispensar de o fazer... hem!»

— Muito bem, conta, conta-me tudo — prosseguiu Karmazinov, com a sua voz sibilante.

Pedir a um homem para de um momento para o outro contar toda a sua vida, tudo quanto lhe aconteceu desde há vinte e cinco anos, era um absurdo, mas foi dito com tão boa vontade, que...

— Lembra-te que nos vimos pela última vez em Moscovo, no banquete dado em honra de Granovsky, e que são passados já vinte anos... — começou muito sensatamente, e por conseguinte numa linguagem simples, Stepan.

— Este querido homem! — interrompeu Karmazinov, agarrando o seu interlocutor pelo ombro, com uma familiaridade que, por ser amigável, não era menos descabida. — Leve-nos o mais depressa possível para os seus aposentos, Júlia. Sentar-nos-emos lá e contar-nos-á tudo.

«Nunca fui da intimidade dessa irascível mulher», disse-me uma tarde Stepan, que tremia de cólera à lembrança da sua conversa com Karmazinov, «pois já quando éramos novos sentíamos antipatia um pelo outro...»

O salão de Júlia não tardou a encher-se. Bárbara estava particularmente excitada, ainda que aparentasse indiferença; duas ou três vezes a vi olhar com rancor para Karmazinov e com cólera para Stepan.

Esta irritação era prematura e provinha de um inquieto amor; se nesta ocasião Stepan tivesse sido dominado, se se tivesse deixado eclipsar diante de todos por Karmazinov, creio que Bárbara se teria lançado sobre ele e lhe teria batido. Esqueci-me de mencionar, entre as pessoas presentes, Lisa; nunca a vi tão alegre, tão descuidada e tão jovial. Junto de Lisa encontrava-se também, como é natural, Maurício. Depois, entre a multidão de jovens moças e rapazes de bastante mau tom, que formavam a roda habitual de Júlia, encontrei duas ou três caras novas: um polaco, de passagem pela nossa cidade, um médico alemão, velho, mas muito conservado ainda e rindo bruscamente a propósito de tudo, e por último um jovem príncipe chegado de S. Petersburgo, figura automática, encaixada num imenso colarinho. A governadora tratava este último visitante com visível consideração e parecia mesmo inquieta com a opinião que poderia fazer do seu salão.

— Caro senhor Karmazinov — disse Stepan, que se sentara num divã, numa atitude esquisita, ao mesmo tempo que começou a recear tudo, como o grande romancista — caro senhor Karmazinov, a vida de um homem da nossa geração, quando possui certos princípios, deve, mesmo durante um espaço de vinte e cinco anos, apresentar um aspeto uniforme...

Julgando, sem dúvida, ter ouvido alguma coisa de muito tolo, o alemão desatou num ruidoso riso. Stepan olhou para ele com ar de espanto, o qual, de resto, não produziu nenhum efeito no velho doutor. O príncipe virou-se também para este último e examinou-o negligentemente com a luneta.

— Deve apresentar um todo uniforme — repetia Stepan, acentuando propositadamente cada palavra. — Tal foi a minha vida durante todo este quarto de século, *e como se encontram por toda a parte mais frades do que razão*, a consequência foi que durante estes vinte e cinco anos eu...

— Aquela frase dos frades é encantadora — murmurou a governadora, inclinando-se para Bárbara, sentada a seu lado.

Um olhar cheio de orgulho foi a resposta da viúva Stavroguine. Karmazinov não pôde porém suportar o sucesso da frase francesa e apressou-se a interrompê-lo.

— Quanto a mim — disse, com a voz aguda — não me inquieto a esse respeito. Há já sete anos que fixei residência em Karlsruhe. E quando, o ano passado, o concelho municipal decidiu estabelecer uma nova rede de distribuição de água, senti que essa questão de Karlsruhe me

impressionava muitíssimo mais o coração do que todas as questões da minha querida pátria... que todas as pretendidas reformas...

— Como se tem muito que fazer, temos que nos interessar à força — suspirou Stepan, inclinando a cabeça com ar significativo.

Júlia estava radiante: a conversa ia-se tornando profunda e manifestava certa «tendência».

— Um cano de esgoto? — perguntou com voz sonora o médico alemão.

— Uma rede de distribuição de águas, doutor, e ajudei mesmo a fazer o projeto.

O velho começou a rir, e o seu exemplo encontrou eco nalguns assistentes, porém foi dele que se riram. No entanto não se apercebeu disto e a hilaridade geral deu-lhe grande prazer.

— Permita-me que não esteja de acordo consigo, Karmazinov — apressou-se a observar Júlia. — Admito que o senhor ame Karlsruhe, mas diverte-se a enganar as pessoas e desta vez nós não o acreditamos. Qual é de entre os escritores russos aquele que pôs em cena mais tipos contemporâneos, adivinhando com maior presciência as questões atuais? Foi o senhor, de facto. E depois disto vem-nos falar da sua indiferença a respeito da pátria, e quer-nos fazer crer que só se interessa pelas águas de Karlsruhe! Ah, ah!

— Sim, é verdade — respondeu, fazendo trejeitos, Karmazinov — encarnei no personagem Pogojev todos os defeitos dos partidários dos eslavos, e no de Nikodimov todos os defeitos dos *zapadniki*...

— Oh, esqueceu-se de alguns! — disse a meia voz Liamchine.

— Só me ocupo disto nos meus momentos livres, com o único fim de matar o tempo e... de dar satisfação às importunas exigências dos meus compatriotas.

— Provavelmente sabe, Stepan — replicou com entusiasmo Júlia — que amanhã teremos a alegria de lhe ouvir um texto encantador... uma das suas últimas e mais delicadas produções, intitulada *Obrigado.* Declara nesse texto que não escreverá mais, por nada deste mundo, ainda mesmo que um anjo do Céu ou, para melhor dizer, toda a alta sociedade lhe suplicasse para mudar a sua resolução. Numa palavra, pousa para sempre a pena, e este gracioso *Obrigado* é dirigido ao público, cujas ardentes simpatias nunca lhe faltaram durante tantos anos.

A governadora rejubilava.

— Sim, darei o meu último adeus, lerei o meu *Obrigado* e depois irei enterrar-me em Karlsruhe — replicou Karmazinov, cuja fatuidade se ia espraiando pouco a pouco. — Nós, os homens notáveis, quando concluímos a nossa obra, não temos mais a fazer do que desaparecer, sem procurar a recompensa. É o que eu farei.

— Dê-me a sua direção e irei vê-lo a Karlsruhe, ao seu túmulo — disse, rindo às gargalhadas, o doutor alemão.

— Presentemente transportam-se os mortos pelo caminho de ferro — notou à queima-roupa um dos jovens, um desconhecido que ali se encontrava.

Sempre alegre, Liamchine gritava de admiração. Júlia carregou as sobrancelhas. Nesta altura entrou Stavroguine.

— Tinham-me dito que o senhor havia sido levado ao posto!? — disse ele em voz alta, dirigindo-se a Stepan.

— Não — respondeu alegremente este. — Não passou de uma coisa sem importância.

— Espero que não o impedirá por maneira nenhuma de aceder ao meu pedido — disse Júlia. — Espero que esquecerá este tão aborrecido dissabor, que é ainda inexplicável para mim. Não queira deixar em suspenso a nossa ansiosa espera e privar-nos do prazer de ouvir a sua, com certeza, interessante leitura.

— Não sei, eu... agora.

— Na verdade sou muito desgraçado, Bárbara... imagine que tinha imenso gosto em entrar pessoalmente em relações com um dos espíritos mais notáveis e dos mais independentes da Rússia, e eis que de repente Stepan manifesta a intenção de não nos fazer companhia.

— O elogio foi pronunciado num tom tão alto que, sem dúvida, não devia ouvi-lo — observou espirituosamente Stepan — mas não creio que a minha pobre personalidade seja tão necessária à sua festa. De resto, eu...

— Queres tirar-lhe o brilho devido! — gritou Pedro, entrando como um furacão no salão. — Ia encarregar-me dele, mas sem ninguém contar, na mesma manhã, teve uma busca, uma confiscação, um polícia deitou-lhe a mão à gola e a rematar tudo isto, ainda as senhoras lhe endereçam adulações no salão do governador da província! Estou certo de que neste momento está perdido de alegria! Mesmo em sonhos, nunca tinha entrevisto semelhante felicidade. Agora irá amaldiçoar os socialistas!

— É impossível, Pedro. O socialismo é uma ideia demasiadamente grande para que Stepan não a admita — replicou com energia Júlia.

— A ideia é grande, mas aqueles que a pregam nem sempre são gigantes. Não falemos porém nisso, meu caro — disse Stepan, dirigindo-se a seu filho.

Logo em seguida sobreveio um caso deveras imprevisto. Há já algum tempo que Von Lembke entrara no salão, mas ninguém parecera notar a sua presença, embora todos o tivessem visto entrar. Sempre decidida a castigar seu marido, Júlia importava-se tanto com ele como se lá não estivesse. Sentado não longe da porta, o governador escutava a conversa com ar sombrio e severo. Ouvindo as alusões aos acontecimentos da manhã, começou a dar sinais de agitação e fixou os olhos no príncipe; a sua atenção era evidentemente provocada pelo extraordinário colarinho que este visitante trazia; depois teve como que um estremecimento súbito ao ouvir a voz de Pedro e mais ainda quando o viu entrar no salão. Stepan não tinha ainda acabado a sua frase sobre os socialistas quando Von Lembke avançou bruscamente para ele. Empurrou mesmo Liamchine, que encontrou no caminho; este recuou rápido, tomado de estupefação, e esfregou o ombro, como se lho tivessem magoado.

— Basta — disse Von Lembke e, agarrando com energia a mão de Stepan, que estava aterrado, apertou-lha com toda a força. — Basta, os flibusteiros seus amigos são já conhecidos. Nem mais uma palavra. As medidas estão tomadas...

Estas palavras, pronunciadas em voz vibrante, ecoaram em todo o salão. A impressão foi terrível. Toda a gente teve o pressentimento de uma desgraça. Vi Júlia empalidecer. Um estúpido acidente juntou-se ainda ao efeito desta cena. Depois de ter declarado que as medidas estavam tomadas, rodou fortemente sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta; todavia, ao segundo passo, um dos pés embaraçou-se-lhe no tapete, perdeu o equilíbrio e esteve a ponto de cair. Durante um momento parou para examinar o lugar do soalho onde tinha tropeçado: «É preciso mudar isto», observou ele, e saiu. À mulher levantou-se para o seguir. Logo que Júlia deixou o salão, os que ficaram começaram a comentar o acidente. «É doido», diziam uns, e outros exprimiam a mesma ideia, levando o dedo à testa. Contaram-se em segredo diversas particularidades a respeito da existência doméstica de Von Lembke. Ninguém pegou no chapéu para sair e todos ficaram à espera. Não sei o que Júlia fez durante esse tempo, mas

sei que só voltou ao fim de cinco minutos. Esforçando-se por parecer calma, explicou um tanto evasivamente que o marido se mostrava um pouco agitado, mas que não seria nada, pois tinha destas coisas desde a infância e não havia razão para inquietações, contudo a festa de amanhã dar-lhe-ia uma distração salutar. Depois de ter dirigido algumas palavras lisonjeiras a Stepan, embora somente por conveniência, convidou os membros da comissão a fechar imediatamente a sessão. Era uma maneira de despedir os outros; estes compreenderam-no e retiraram-se. Contudo, uma última peripécia devia encerrar este dia já tão acidentado... No próprio momento em que Stavroguine entrou, notei que Lisa tinha os olhos fitos nele; fixou-o tão longamente que a insistência desse olhar acabou por chamar a atenção, Maurício, que se manteve atrás dela, debruçou-se sobre a cadeira com a intenção de lhe falar baixo; porém mudou de ideia, porque quase a seguir endireitou-se e lançou à volta dele um olhar com a expressão de um culpado. Stavroguine também despertou a curiosidade dos assistentes: tinha o rosto pálido, mais pálido do que o costume, e o olhar extraordinariamente distraído. Pareceu esquecer Stepan logo após ter-lhe dirigido a pergunta em que já falámos; creio mesmo que não pensou em ir cumprimentar a dona da casa. Quanto a Lisa, não a fitou uma única vez, e não o fez por afetada indiferença; estou persuadido que não notou a presença da jovem. De súbito, no meio do silêncio que sucedeu às últimas palavras de Júlia, elevou-se a voz sonora de Lisa, interpelando Stavroguine.

— Stavroguine, um certo capitão, de nome Lebiadkine, que se diz seu parente, ou irmão de sua mulher, escreve-me sempre cartas inconvenientes, nas quais se queixa de si, e oferece-me a revelação de diversos segredos que lhe dizem respeito. Se é de facto seu parente, proíba-o de me insultar e livre-me dessa perseguição.

O terrível desafio contido nestas palavras não escapou a ninguém. Lisa provocava Stavroguine com audácia, da qual ela própria talvez ficasse aterrorizada se estivesse em estado de o compreender. Esta atitude parecia-se com a resolução de um homem desesperado que se precipita com os olhos fechados do alto de um telhado.

Todavia a resposta de Stavroguine foi mais espantosa e, por outro lado, tornou-se ainda mais extraordinária a fleuma imperturbável com que tinha ouvido a jovem. Nem confusão, nem cólera revelou no rosto. À pergunta

que lhe dirigiram, respondeu em tom firme e mesmo com uma espécie de solicitude:

— Sim, tenho a desgraça de ser parente desse homem. Há cinco anos que desposei a irmã, filha do velho Lebiadkine. Esteja certa que lhe darei parte das suas exigências, dentro do mais curto prazo, e afianço-lhe que de futuro deixá-la-á tranquila.

Nunca esquecerei a consternação que a viúva Stavroguine aparentou. A sua fisionomia tomou uma expressão de loucura e tentou levantar-se, com os braços estendidos, como para se defender. Stavroguine olhou alternativamente para a mãe, para Lisa e para a assistência. Depois surgiu-lhe um sorriso de inefável desdém nos lábios e lentamente dirigiu-se para a porta. O primeiro movimento de Lisa foi o de correr atrás dele; no momento em que ele saía, todos a viram levantar-se precipitadamente. Mudou porém de parecer e, em lugar de se lançar atrás dele, retirou-se tranquilamente, sem nada dizer a ninguém e sem olhar para quem quer que fosse. Como era natural, Maurício apressou-se a oferecer-lhe o braço... A fim de voltar à sua casa da cidade, Bárbara fechou a porta. Quanto a Stavroguine, diz-se que se dirigiu diretamente para Skvorechniki, sem ver sua mãe. Stepan mandou-me, em seu nome, pedir a «essa querida amiga» a permissão de a ir ver, mas não fui recebido. Ficou profundamente desolado: «Um tal casamento! Um tal casamento! Que desgraça para uma família!», não cessava ele de repetir, com as lágrimas nos olhos. Entretanto não esquecia Karmazinov, contra quem se desfazia em injúrias. Estava também muito ocupado com a leitura que devia fazer e — sentimento artístico! — preparava-se diante de um espelho, relembrando, para os dizer no dia seguinte ao público, todos os trocadilhos e rasgos de espírito que tinha criado durante toda a sua vida e os quais tinha cuidadosamente conservado.

— Meu amigo, é por causa da grande ideia — disse-me ele, à laia de justificação. — Meu amigo, saio do retraimento em que tenho vivido há vinte e cinco anos. Onde vou eu? Ignoro-o, mas vou...

Livro 3

Parte 1

Capítulo 1

A festa levou-se a efeito não obstante as contrariedades que tinham surgido na noite anterior. Poderia Lembke morrer, que nada, creio eu, teria mudado as disposições tomadas para o dia seguinte, tal a importância que Júlia dava à sua festa. Até ao último minuto enganou-se acerca do estado de espírito dos outros, como também toda a gente estava persuadida de que o solene dia não se passaria sem algum contratempo. «Isto será o fim» — diziam alguns, que, antecipadamente, esfregavam as mãos. É verdade que muitos outros carregavam as sobrancelhas e afetavam modos inquietos; porém, em geral, toda a desordem causa prazer infinito à mocidade. Na verdade, havia entre nós outra coisa, além de simples sede de escândalo; havia provocação, irritação, lassidão. Por toda a parte reinava um cinismo de enervamento e perturbação que não se reconhecia. No meio da desordem geral, só as senhoras não se perturbavam, porque tinham um sentimento comum: o ódio a Júlia. E a pobrezinha não se apercebeu de nada; até à última hora continuou convencida de que tinha agrupado todas as simpatias à sua volta e que lhe eram «fanaticamente devotados».

Tinha já notado a chegada de pessoas de baixa escala à nossa cidade. É um fenómeno que costuma produzir-se nas épocas de perturbação ou de transição. Não faço alusão aqui aos homens que se dizem «avançados» e cuja principal preocupação, em todos os tempos, foi anteceder os outros: estes têm um fim muitas vezes bastante estúpido, é verdade, mas mais ou menos definido. Não falo somente da canalha. Nos momentos de crise vê-se surgir das profundidades sociais uma espécie de indivíduos que nem têm objetivo, nem ideias de espécie alguma, e se distinguem apenas pelo seu amor à desordem. Quase sempre essa malta sobe sem se saber como, impulsionada pelo pequeno grupo dos «avançados», os quais fazem deles o que querem, a não ser que eles próprios sejam perfeitos idiotas, o que, de resto, acontece muitas vezes. Agora que tudo passou, pretende afirmar-se que Pedro era um agente da Internacional e acusam Júlia de ter disciplinado a gentalha em conformidade com as instruções que recebia de

Pedro. As nossas cabeças mais bem formadas espantam-se atualmente de não ter visto mais claro a situação. O que se preparava, ignoro-o ainda, e creio que ninguém o sabia, salvo talvez alguns indivíduos estranhos à nossa cidade. Ninguém ligou grande importância a isso. Começaram a criticar com violência todas as ideias ou pessoas respeitáveis. Os mais novos não ousavam ainda abrir a boca e os mais respeitados e sensatos de entre nós escutavam-nos em silêncio, ou por vezes apenas com riso aprovador. Os Liamchines, os Teliatnikov, os rapazolas como Radichtchef, os judeus de sorriso amargo, os alegres viajantes, os poetas com tendências sociais, vindos da capital, ou outros, que não tendo nem tendências nem talento, substituíam tudo isso por uma *poddevka* e umas botas de montar; os majores e os coronéis que desprezavam a sua profissão e que, para ganhar um *rublo* mais, estavam prontos a trocar a espada por um cinto de couro, num escritório de caminho de ferro, os generais tornados advogados, os juízes de paz feitos eruditos, os mercadores quase instruídos, os inúmeros seminaristas, as mulheres de reputação equivoca, todos eles foram os que de repente tomaram entre nós a supremacia — mas sobre quem, afinal? Sobre o grémio, sobre os funcionários de uma certa classe, sobre os generais de pernas de pau, sobre os elementos mais estimáveis da nossa sociedade. Repito-o, do começo, pequeno número de pessoas sérias escapou ao contágio desta grande loucura e fechou-se mesmo em casa. Mas que reclusão pode lutar contra uma lei natural? Nas famílias mais rigoristas há, como em toda a parte, moças para quem a dança é uma necessidade. E, no fim de contas, as pessoas mais sisudas também se subscreveram para a festa em benefício das professoras. O baile prometia ser brilhante! Anteriormente diziam dele maravilhas. Corria o boato de que apareceriam nele príncipes estrangeiros, celebridades políticas de S. Petersburgo, dez comissários escolhidos entre os mais alegres gentis-homens e trazendo um laço de fitas no ombro esquerdo. Dizia-se também que, para aumentar a receita, Karmazinov tinha consentido em ler o seu *Obrigado,* disfarçado em professor da província. Enfim, na «quadrilha da literatura», cada um dos dançarinos estaria vestido de maneira a representar uma tendência. Como resistir a tantas atrações? Toda a gente se subscreveu.

Capítulo 2

Os organizadores da festa tinham decidido que constaria de duas partes: um sarau literário, do meio-dia às quatro horas, e um baile, que começaria às nove horas para durar toda a noite. Este programa, no entanto, encobria já uns elementos de desordem. Desde o primeiro dia que se espalhou pela cidade o boato de que haveria ama merenda logo em seguida ao sarau literário, ou então este seria cortado por um entreato que permitisse aos ouvintes restaurarem-se; naturalmente contavam com uma merenda gratuita e regada a champanhe. O grande custo do bilhete — três *rublos* — parecia permitir até certo ponto esta conjetura. «Valerá a pena subscrever, para voltar para casa com a barriga vazia? Se se retêm pessoas durante vinte e quatro horas, é preciso alimentá-las, quando não morrer-se-á de fome» — assim pensava toda a gente. Devo confessar que a própria Júlia contribuiu com o seu estouvamento para dar crédito a este molesto boato. Um mês antes, ainda em todo o entusiasmo do grande projeto que havia concebido, a governadora falava da sua festa ao primeiro que encontrava e fizera anunciar num jornal da capital que haveria uma merenda nessa ocasião. A ideia desta merenda seduzia-a muito em especial: ela própria queria prepará-la e, contando com ela, ia compondo um discurso para essa ocasião. Devia arvorar-se nessa altura, servindo-se de um pretexto qualquer, a nossa bandeira. — Qual seria? Apostava em como a pobre mulher não tinha ainda pensado nesse ponto. Os discursos seriam inseridos em forma de correspondência nos jornais de S. Petersburgo. Seriam escritos em tom alegre, mas bem escritos. Em seguida espalhar-se-iam por todas as províncias, onde não faltaria quem admirasse e imitasse estas manifestações. Mas para a merenda era necessário champanhe e, como não se bebe champanhe em jejum, impunha-se um almoço. Mais tarde, quando, graças aos esforços da governadora, se formou uma comissão para estudar as maneiras e meios de execução, provaram a Júlia, tão claramente como o dia, que, se se dava um banquete, o produto auferido da festa reduzir-se-ia a muito pouca coisa, ainda que a receita bruta fosse abundante. Tinham afinal que

escolher entre as duas alternativas; ou dar um banquete e fazer uma merenda, e auferir noventa *rublos* para as professoras, ou realizar uma soma importante com a festa, se bem que, para falar mais propriamente, não o seria. Falando desta maneira, a comissão não teve em vista desanimar Júlia e por isso imaginou uma terceira solução que conciliava tudo: dar-se-ia uma festa, conveniente sob todos os pontos de vista, mas sem champanhe, de maneira que restaria, pagas as despesas, uma soma avultada, muito superior a noventa *rublos.* Este meio termo era muito razoável; desgraçadamente não agradou a Júlia, a cujo caráter desagradavam os meios termos. Num discurso cheio de entusiasmo declarou à comissão que, se a primeira ideia era impraticável, era necessário executar a segunda, de forma a conseguir a realização de uma receita colossal, que faria da nossa província um objeto de inveja para todas as outras. «O público deve compreender» — concluiu ela — «que o fim de um desejo humanitário prevalece muitíssimo sobre os fugitivos prazeres do corpo, que a festa não é no fundo mais do que a proclamação de uma grande ideia; é preciso contentarem-se com um baile mais modesto, mais económico, quando não terão de riscar em absoluto do programa um passatempo inepto, mas consagrado pelo uso!» Tinha tomado de súbito horror ao baile. Conseguiram no entanto acalmá-la. Foi então, por exemplo, que inventaram a «quadrilha da literatura» e as outras coisas estéticas, destinadas a substituir os prazeres do corpo. Foi também então que Karmazinov, que até esse momento se tinha feito rogado, consentiu, em definitivo, ler o seu *Obrigado,* para abafar toda a veleidade gastronómica do espírito da nossa glutona população; graças a estes engenhosos expedientes, o baile, primeiramente muito comprometido, ia tornar-se soberbo, pelo menos até certo ponto. Contudo, para não se perder totalmente, a comissão admitiu a possibilidade de se servirem alguns refrescos: chá no começo do baile, *orchata* e limonada no meio, gelados no fim — e nada mais. Há porém pessoas que têm sempre fome e sobretudo sede: como concessão a estes estômagos exigentes, resolveu-se instalar numa sala um serviço especial, do qual Prokhoritch — o chefe de mesa do grémio — se ocuparia, sob a vigilância severa da comissão. Por meio de dinheiro, cada um podia beber e comer o que quisesse; um aviso colocado na porta da sala prevenia o público de que o serviço estava fora do programa. Temendo que o ruído feito pelos consumidores perturbasse o sarau literário, decidiu-se que o serviço projetado não seria aberto durante

a tarde, ainda que cinco quartos o separassem da sala branca, onde Karmazinov consentiu em ler o seu manuscrito. Este estava com curiosidade de ver qual a enorme importância que a comissão, sem excetuar os mais práticos dos seus membros, ligava a este acontecimento, quer dizer, à leitura de *Obrigado.* Quanto às naturezas poéticas, o seu entusiasmo chegara ao delírio; assim, a marechala da nobreza declarou a Karmazinov que, logo depois da leitura, colocaria na parede da sala branca uma placa de mármore, na qual seria gravado em letras de ouro o que se segue: «A... 187... o grande escritor russo e europeu, Sémen Egorovitch Karmazinov, abandonando a pena, leu neste lugar o seu *Obrigado.* Assim se despediu, pela primeira vez, do público russo, na pessoa dos representantes da nossa cidade».

No princípio do baile, isto é, cinco horas depois da leitura, esta placa comemorativa expor-se-ia aos olhares de todos. Sei de boa fonte que Karmazinov se opôs, mais do que ninguém, à abertura do serviço durante a tarde; alguns membros da comissão acharam por bem observar que isso seria uma exceção aos nossos usos. Neste assunto, o grande escritor manteve-se inflexível.

As coisas foram espalhadas de tal maneira que na cidade se chegou a falar num festim de Baltazar, ou por outra, num serviço onde o consumo seria gratuito. Esta ilusão subsistiu até à última hora. As meninas sonhavam com gulodices. Toda a gente sabia que a subscrição continuava admiravelmente, que se disputavam os bilhetes e que à comissão surgiam pedidos de todos os cantos da província. Não se ignorava, por maneira nenhuma, que, independentemente do produto da subscrição, muitas pessoas generosas viriam largamente em auxílio dos organizadores da festa. Bárbara, por exemplo, pagara pelo seu bilhete trezentos *rublos* e deu todas as flores do seu laranjal para ornamentarem a sala. A marechala da nobreza, que fazia parte da comissão, emprestou a sua casa e tomou a seu cargo as despesas de iluminação; o grémio, não contente por fornecer a orquestra e os criados, cedeu Prokhoritch por todo dia. Houve muitos outros donativos que, ainda que mais pequenos, não deixaram de engrossar a receita, se bem que tivessem pensado em baixar o preço do bilhete de três *rublos* para dois. A princípio, com efeito, a comissão temeu que o preço primeiramente fixado afastasse as meninas; resolveram por isso, mas só por momentos, criar bilhetes chamados de família, combinação graças à qual bastava uma menina comprar um bilhete de três *rublos* para

levar consigo, de graça, todas as pessoas novas da sua família, por mais numerosa que fosse. Os factos contudo provaram que os receios da comissão não eram fundamentados: não faltaram moças na festa. Os empregados mais pobres vieram acompanhados das suas filhas e, sem dúvida, se não as tivessem, não teriam mesmo sonhado na subscrição. Um pequeno secretário levou, além de sua mulher, as suas sete filhas e uma sobrinha; cada uma destas pessoas pagou o bilhete de três *rublos*. Não é preciso perguntar se as costureiras tiveram que fazer! Compreendendo a festa duas partes, as senhoras tiveram necessidade de ter dois vestidos: um para a tarde, outro para o baile. Na classe média, muita gente, como se soube mais tarde, hipotecaram em casa dos judeus a roupa branca e mesmo os próprios lençóis da cama. Quase todos os funcionários pediram o seu ordenado antecipadamente; muitos proprietários venderam gado de que tinham necessidade, tudo isto para fazer tão boa figura como os outros e apresentarem as suas filhas vestidas como marquesas. O luxo dos vestidos ultrapassou desta vez tudo quanto nos tinha sido dado ver até então na nossa cidade. Durante quinze dias não se ouvia falar na cidade senão de anedotas relativas à vida privada de diversas famílias; os motejadores levavam, ainda frescos, a Júlia e à sua corte estes boatos. Circulavam também caricaturas. Eu próprio vi no álbum da governadora muitos desenhos desse género. Desgraçadamente as pessoas ridicularizadas estavam longe de ignorar tudo isso. Assim se explica, a meu ver, o ódio implacável que em tantas casas se votou a Júlia. Naquela altura, era uma *indignação* geral. Já tempos antes se sabia que, se a comissão tinha a menor falta, se o baile deixasse alguma coisa a desejar, a explosão da cólera pública atingiria proporções espantosas. Daí a razão por que cada um, *in petto,* esperava um escândalo; ora, desde o momento que o escândalo era previsto por toda a gente, como poderia não se dar?

Ao meio dia preciso um toque da orquestra anunciou a abertura da festa. Na minha qualidade de comissário, tire o triste privilégio de assistir aos primeiros incidentes deste vergonhoso dia. Começou por uma terrível desordem à porta. Isto aconteceu porque as medidas de ordem foram mal dadas. Não acuso própria mente o público: os chefes de família esperavam pacientemente a sua vez; por elevada que fosse a sua categoria social, não se fundaram nisso para passar à frente dos outros; diz-se mesmo que, aproximando-se da escada exterior, ficaram desconcertados, à vista da multidão tumultuosa que cercava a entrada e tomava parte na onda de

assalto da casa. Era um espetáculo invulgar na nossa cidade. Entretanto as equipagens não cessavam de chegar; depressa a circulação se tornou impossível na rua. No momento em que escrevo, alguns dados seguros permitem-me afirmar que Liamchine, Lipoutine e talvez um terceiro comissário deixaram entrar, sem bilhete, pessoas pertencendo à escória do povo. Verificou-se mesmo a presença de indivíduos que ninguém conhecia e que tinham vindo de distritos longínquos. Ainda estes senhores não tinham entrado há muito tempo quando, a um sinal combinado — como se lho tivessem ensinado! — perguntaram onde era o serviço. Sendo informados que não havia, puseram-se a gritar com uma insolência até então sem exemplo entre nós. É preciso dizer que muitos deles estavam embriagados. Alguns, como verdadeiros selvagens que eram, ficaram primeiramente pasmados ante a magnificência da sala. Nunca tinham visto nada semelhante e durante um momento olharam à volta com a boca aberta. Ainda que de construção antiga e mobilada em estilo Império, essa grande sala branca era realmente soberba, com as suas vastas dimensões, o seu teto revestido de pinturas, a sua tribuna, os seus vãos das janelas ornados de espelhos, as suas tapeçarias vermelhas e brancas, as suas estátuas de mármore e o seu velho mobiliário branco dourado. Ao fundo da sala elevava-se um estrado, destinado aos literatos que se iam ouvir; fileiras de cadeiras, entre as quais tinham deixado largas passagens, ocupavam toda a sala e davam-lhe o aspeto de uma plateia de teatro. Aos primeiros minutos de espanto sucederam-se as perguntas e as declarações mais estúpidas. «Talvez não gostemos da leitura... Nós pagámos... Brincaram afrontosamente com o público... Os senhores aqui somos nós e não os Lembke!...» Decerto deixaram-nos entrar expressamente para fazer algazarra, visto que eles não se comportaram nunca de outra maneira. Recordo-me particularmente de um caso em que se distinguiu o príncipe, de rosto seco, que havia visto na véspera entre os visitantes de Júlia. Cedendo aos rogos da governadora, tinha consentido em ser dos nossos, isto é, em trazer no ombro esquerdo o nó de fitas brancas e vermelhas. Viu-se que este personagem, imóvel e silencioso como um manequim, se não sabia falar, sabia pelo menos agir. À frente de um bando de desordeiros, um antigo capitão, destacando-se pela sua cara bexigosa e pela sua estatura gigantesca, mandou-o imperiosamente indicar-lhe o caminho do serviço. O príncipe fez sinal ao comissário da polícia e a ordem foi executada imediatamente. O capitão, que estava ébrio e gritava

furioso, foi expulso da sala. Entretanto, a pouco e pouco iam chegando pessoas mais decentes. Os desordeiros acalmaram um pouco a sua excitação, porém o próprio público mais escolhido tinha o ar de surpreendido e descontente; algumas senhoras estavam mesmo inquietas.

Por fim sentaram-se. Nessa altura a orquestra calou-se. Toda a gente começou a assoar-se e a olhar à sua volta. As fisionomias exprimiam uma espectativa solene — o que é sempre de mau agouro. Todavia, «os Lembke» ainda não tinham aparecido. A seda, os veludos, os diamantes brilhavam por todos os lados. Perfumes esquisitos embalsamavam a atmosfera. Quase todos elogiavam as interessantes decorações. Os altos funcionários tinham vindo de uniforme. A marechala da nobreza chegou, acompanhada de Lisa, cuja beleza realçada por luxuoso vestido, estava mais deslumbrante do que nunca. A entrada da jovem fez sensação; todos os olhares se fixaram nela; segredou-se que procurava Stavroguine, mas nem este nem Bárbara se encontravam entre a assistência. Não compreendia nada, ante o aspeto da fisionomia de Lisa; por quê tanta felicidade, alegria, energia e voluntariedade se lhe refletiam no rosto? Lembrando-me do que se tinha passado na véspera, não sabia o que pensar. No entanto «os Lembke» continuavam a fazer-se desejar. Era já um hábito. Soube mais tarde que, no último momento, Júlia tinha esperado por Pedro. Há já algum tempo que não podia passar sem ele e, contudo, nunca confessou a influência que tinha sobre ela. Noto, entre parênteses, que na véspera, na última sessão da comissão, Pedro recusara fazer parte dos comissários da festa, o que contristou Júlia a ponto de a fazer chorar. Em face do grande desgosto da governadora, não apareceu em toda a tarde, não assistiu ao sarau literário e manteve-se invisível até à noite. O público acabou por manifestar claramente a sua impaciência. Ninguém aparecia no estrado. Nas últimas filas começaram a pactear como no teatro. «Os Lembke acham isto muito interessante», resmungavam, carregando as sobrancelhas, os homens de idade e as senhoras. Rumores surdos começaram a circular, mesmo entre os elementos da parte mais seleta da assistência: «Não haverá festa», cochichava-se. «Lembke não anda bem» — etc., etc. Enfim, graças a Deus, Lembke chegou, dando o braço a sua mulher. Eu próprio, confesso, não contava com a sua presença. À aparição do governador e da mulher, um suspiro de alívio se escapou de todos os peitos. Lembke parecia de perfeita saúde. Tal foi, se não me engano, a impressão produzida em todos os olhares — e imagine-se o grande

número dos que se dirigiam para ele. Observarei que, na alta sociedade da nossa cidade, muitíssimo poucas pessoas estavam dispostas a admitir a decadência intelectual de Lembke; encontravam, pelo contrário, as suas ações perfeitamente normais e aprovavam mesmo a conduta que tomara, na véspera, na praça. «Era assim que devia ter agido desde o começos — declararam. Ao princípio pretende-se sempre ser filantropo, mas depois acaba-se por verificar que os velhos hábitos são ainda os melhores, são mesmo os mais filantrópicos. Era assim, pelo menos, que se pensava no grémio. Apenas se censurava o governador de se ter encolerizado naquele momento: «Devia ter mostrado mais sangue-frio. Vê-se que lhe falta ainda prática!» — diziam os conhecedores.

Júlia não atraiu menos olhares. Sem dúvida isto não me diz respeito e ninguém me pode pedir para revelar factos que se tenham passado na alcova conjugal. Sei apenas uma coisa: na noite anterior, Júlia foi encontrar Lembke no seu gabinete. No decorrer da entrevista havida, que se prolongou até muito depois da meia-noite, o governador foi perdoado e consolado; uma franca reconciliação se estabeleceu entre os dois, tudo foi esquecido e quando Von Lembke se pôs de joelhos para exprimir à mulher a sua grande mágoa pela cena que tinha feito na noite da antevéspera, esta emudeceu-o às primeiras palavras, pondo primeiramente a encantadora mãozinha e depois os lábios na boca do pesaroso marido.

Nenhuma nuvem sombreava a fisionomia da governadora; soberbamente vestida, caminhava de cabeça erguida, irradiando-lhe a felicidade do rosto. Parecia que não desejava mais nada; a festa — fim e coroação da sua política — era uma realidade. Dirigindo-se para os seus lugares, em frente ao estrado, suas Excelências saudavam à direita e à esquerda a multidão dos espectadores que se inclinavam à sua passagem. A marechala da nobreza levantou-se para lhes dar as boas vindas... Produziu-se então nesse momento um deplorável mal entendido: a orquestra executou de repente uma marcha qualquer, ou melhor, uma dessas fanfarronadas que são usuais entre nós, no grémio, quando num jantar oficial se faz uma saúde a alguém. Sei presentemente que a responsabilidade deste gracejo de mau gosto foi devido a Liamchine; foi ele que, na sua qualidade de comissário, ordenou aos músicos para tocarem esse trecho, sob o pretexto de saudarem a chegada dos «Lembke». Podia sempre, sem dúvida, desculpar-se disto, como tendo sido um descuido, ou como um excesso de zelo... Não sabia ainda que aquelas

pessoas não procuravam desculpas, mas sim os triunfos, naquele dia. A fanfarronada não foi mais do que um prelúdio: ainda que o engano dos músicos provocasse no público evidentes sinais de espanto e sorrisos, no fundo da sala e na tribuna ouviram-se estrondosos vivas, sensatamente proferidos para vitoriar os Lembke. Estes gritos foram soltados apenas por pequeno número de pessoas, mas duraram muito tempo. Júlia corou e os seus olhos faiscaram. Chegado ao seu lugar, o governador parou; depois, voltando-se para o lado dos vozeadores, passou sobre a assembleia um olhar altivo e severo... Apressaram-se a fazê-lo sentar. Tornei a ver, não sem apreensão, nos seus lábios, o sorriso inquietador que lhe tinha visto na véspera no salão da sua mulher, quando olhou para Stepan, antes de se aproximar dele. Ainda agora me recordo da sua fisionomia, onde pairou por momentos uma expressão sinistra, e — o que foi pior! — ligeiramente cómica: tinha o aspeto de um homem que se sacrificava pelas visões superiores de sua esposa... Imediatamente Júlia me chamou com um gesto; «Vá depressa procurar Karmazinov e suplique-lhe para começar», disse-me ela em voz baixa. Tinha dado meia volta, quando sobreveio novo acidente, muito mais aborrecido que o primeiro. Sobre o estrado vazio, para onde convergiam nesse momento todos os olhares e atenções, sobre esse estrado não ocupado, onde se via só uma cadeira e uma pequena mesa, apareceu subitamente o corpulento Lebiadkine, de fraque e gravata branca. Na minha estupefação, cheguei a duvidar dos meus olhos. O capitão parecia intimidado; depois de dar um passo no estrado, parou. De repente o público soltou um forte grito: «Tu, Lebiadkine?» A estas palavras, a estúpida cara de bêbado do capitão — estava completamente embriagado — alegrou-se, dilatada por um sorriso parvo. Bateu na testa, abanou a cabeça cabeluda e, como decidido a tudo, deu dois passos em frente. De súbito uma gargalhada de homem feliz, não muito estrondosa, mas prolongada, sacudiu-lhe o maciço tronco e contraiu-lhe ainda mais os pequenos olhos. O contágio dessa hilaridade ganhou a maior parte da assistência e umas dezenas de indivíduos aplaudiram. O público sério olhava para isto com ar sombrio. A felicidade foi isto não durar mais do que meio minuto. Lipoutine, trazendo o nó de fitas, insígnia das suas funções, correu bruscamente para o estrado, seguido de dois criados. Estes últimos agarraram o capitão, cada um por seu braço, mas sem nenhuma brutalidade, e Lipoutine segredou-lhe ao ouvido qualquer coisa, Lebiadkine carregou as sobrancelhas: «Se assim é, vamos!», murmurou

ele, fazendo um gesto de resignação; depois virou as enormes espáduas ao público e desapareceu, seguido da respetiva escolta. Porém, daí a um instante, Lipoutine tornou a subir para o estrado. O seu sorriso, de ordinário dúbio, era desta vez mais suave do que o do costume. Trazendo na mão uma folha de papel escrita, avançou, dando pequeninos passos, até à beira do estrado.

— Meus senhores — começou ele — ocorreu por inadvertência um cómico mal-entendido, que, contudo, está dissipado. Para principiar, decidi transmitir-vos a respeitosa súplica de um poeta da nossa cidade... Imbuído da ideia elevada e generosa (não obstante a sua aparência) da ideia que nos reuniu a todos... de enxugar as lágrimas das moças da nossa província, que a instrução não põe ao abrigo da miséria... este senhor, quer dizer, este poeta... desejando por todas as formas manter o incógnito... ficaria muitíssimo contente se a sua poesia fosse lida no começo do baile... Enganei-me! Queria dizer, ao começo deste sarau literário, ainda que esta parte não figure no programa... pois o fizeram há meia hora... Todavia, em virtude da notável candura de sentimentos que nele se encontra, junta a picante alegria, pareceu-nos (nós, quem?... transcrevo palavra por palavra este confuso discurso proferido a custo) pareceu-nos que essa poesia podia ser lida, não, é verdade, como obra séria, mas oportuna... Serei breve e a título de curiosidade vou ler... pouco mais que alguns versos... Antes, permito-me solicitar a devida autorização do benevolente público.

— Leia! — gritou alguém do fundo da sala.

— É necessário ler então?

— Leia! Leia! — disseram muitas vozes.

— Vou ler, visto que o público mo permite — replicou Lipoutine com leve sorriso.

Contudo parecia ainda indeciso e julguei mesmo notar nele certa agitação. A atitude desta gente nunca iguala a sua insolência. Não resta dúvida que, em semelhante caso, um seminarista não teria hesitado; porém Lipoutine, a despeito das suas ideias avançadas, era um homem de estilo clássico.

— Previno, perdão, tenho a honra de prevenir que não se trata propriamente de uma ode, como se compunham antigamente para as festas, mas sim de uma espécie de crítica, em que se pressente sensibilidade incontestável, acompanhada de uma ponta de bom humor.

Acrescentarei ainda que este trecho revela, no mais alto grau, certo cunho de realismo.

— Leia, leia!

Desdobrou o papel. Quem poderia impedi-lo de tal fazer? Não estava devidamente autorizado pela insígnia honorífica que trazia no ombro esquerdo? Com voz sonora leu o que se segue:

— O poeta saúda as professoras russas da nossa província, as homenageadas desta festa:

Viva, viva a professora!
Alegra-te e grita: Evohé!
Radical ou conservadora,
Não importa, chegou o teu dia.

— Isso é de Lebiadkine! Isso é de Lebiadkine! — observaram em voz alta alguns dos assistentes.

Ouviram-se risos, houve também alguns aplausos, mas constituíram exceção.

Sempre ensinando a gramática,
Tu o fazes de manhã e tarde,
Na esperança enganadora de agradar
Pelo menos a algum sacristão.

— Hurra! Hurra!

Mas neste século da luz
O rato da igreja é um malvado:
Para o desposar é preciso esclarecê-lo,
Pois sem velas não há sacristão.

— Justamente, justamente, aí está o realismo... Sem velas não há pavio!

Mas agora nesta festa
Temos vontade de que
Te ofereçam dádiva avultada,

Pois as nossas saudações são para ti!

Radical ou conservadora,
Não importa, grita: Evohé!
Com teu dote, professora,
Salta sobre tudo, teu dia é chegado!

Confesso que cheguei a duvidar dos meus ouvidos. A impudência saltava com tal cinismo que não se podia desculpar Lipoutine de tentar ler-nos os seus versos sob a capa da estupidez. Lipoutine não era estúpido. A intenção era clara, para mim pelo menos. Havia a intenção de provocar qualquer desordem. Alguns versos desta idiota composição, principalmente o último, eram de uma grosseria que devia chocar o homem mais simplório. Finda a proeza, o próprio Lipoutine pareceu sentir que tinha ido longe de mais; confuso com a grande audácia que tivera, não deixou porém o estrado, parecendo na sua atitude querer acrescentar ainda mais alguma coisa. A atitude do auditório foi evidentemente para ele uma deceção: o próprio grupo dos desordeiros, que havia aplaudido durante a leitura, ficou de repente silencioso. Parecia terem ficado desconcertados. O pior é que alguns, tomando a sério a parvoíce de Lebiadkine, tinham visto nela a expressão conscienciosa da verdade, no que respeita às professoras. Todavia o excessivo mau tom desta poesia acabou por lhes abrir os olhos. Quanto ao verdadeiro público, não estava somente escandalizado, como considerava uma afronta a descortesia de Lipoutine. Não me iludo assinalando essa impressão. Júlia disse mais tarde que esteve a ponto de desmaiar. Um velho dos mais respeitáveis convidou sua mulher a levantar-se, ofereceu-lhe o braço e retirou-se. A sua partida foi notada. Quem sabe? Talvez outras deserções se tivessem seguido se, nesse momento, Karmazinov, de fraque e de gravata branca, não tivesse subido ao estrado com um caderno na mão. Júlia dirigiu para o seu salvador um olhar cheio de reconhecimento... Neste momento encontrava-me à porta; não tardaria a ter uma explicação com Lipoutine.

— Fizeste-o de propósito? — disse-lhe eu, indignado, tendo-o agarrado por um braço.

Tomou imediatamente uma atitude de desolado.

— Asseguro-te que não tinha nenhuma intenção — respondeu ele hipocritamente. — Os versos foram-me entregues há pouco e pensei que

eram uma alegre brincadeira...

— Nunca pensaste nisso. Como pode ser que esse insulto te parecesse uma alegre brincadeira?

— É o que te digo.

— Mentes, e é igualmente falso que esses versos te tenham sido entregues há pouco. Foste tu mesmo que os fizeste, em colaboração com Lebiadkine, para provocar escândalo. Talvez os tivesse escrito ontem. O último é com certeza teu, bem como aqueles que falam do sacristão. Por que veio Lebiadkine de fraque? Querias que fosse ele a ler essa poesia, se não estivesse bêbado?

Lipoutine lançou-me um olhar frio e venenoso.

— Que te importa? — perguntou-me subitamente, com calma estranha.

— Como, que me importa? Também tens esse nó de fitas! Onde está Pedro?

— Não sei. Está em qualquer parte, porquê?

— Porque agora percebo claramente o teu jogo. É muito simplesmente um golpe vibrado contra Júlia. Pretendes ofuscar a festa...

Lipoutine olhou-me de novo com ar equívoco.

— Mas que te importa? — replicou ele com estranho sorriso, e afastou-se, encolhendo os ombros.

Fiquei como que aniquilado. Todas as minhas suspeitas estavam justificadas. Esperava ainda ter outra confirmação! Que fazer? Por um instante pensei em consultar Stepan, mas este, todo entregue à preparação da leitura que devia ter lugar imediatamente a seguir a Karmazinov, estava ocupado em ensaiar uns sorrisos diante de um espelho. O momento seria mal escolhido para lhe falar. Prevenir a Júlia? Era também muito estúpido: a governadora tinha necessidade de uma lição muito mais severa para perder as ilusões sobre as «simpatias gerais» e o «devotamento fanático» de que se julgava rodeada. Longe de dar crédito às minhas palavras, ter-me-ia considerado como um visionário. «Sim! — disse para comigo — que me importa? *Quando isto começar,* tirarei o laço de fita e voltarei para casa». Recordo-me de ter pronunciado textualmente estas palavras: *Quando isto começar.* Precisava no entanto de ouvir Karmazinov. Lançando um último olhar à minha volta, vi circular por entre uns bastidores certo número de pessoas que não tinham nada que fazer ali; entre esses intrusos encontravam-se mesmo algumas mulheres. Estes

«bastidores» ocupavam um espaço muito reduzido, que um espesso reposteiro ocultava dos olhares do público. Um corredor posterior punha-os em comunicação com o resto da casa. Era ali que os oradores oficiais esperavam a sua vez. Neste momento chamou-me a atenção aquele que devia suceder a Stepan. Ainda agora não estou bem certo da sua pessoa. Ouvi dizer que era um professor que havia deixado o ensino após as agitações universitárias. Chegado apenas há uns dias à nossa cidade, onde o haviam chamado não sei que negócios, fora apresentado a Júlia; esta acolhera-o como um distinto visitante. Sei agora que antes do sarau só tinha ido uma vez a casa dela: manteve-se calado durante essa visita, limitando-se a escutar, com sorriso irónico, os gracejos proferidos pelos componentes da roda da governadora; o misto de arrogância e de sombria suscetibilidade que se manifestava nas suas ações, produziu em todos uma impressão desagradável. Foi a própria Júlia que lhe pediu para concorrer com a sua presença para a solenidade do sarau. Naquela altura passeava de um lado para o outro e murmurava consigo, como Stepan, porém com a diferença que, ao invés deste, mantinha os olhos fitos no chão, em vez de olhar para um espelho. Sorria também muitas vezes, mas os seus sorrisos tinham uma expressão feroz e não se pareciam de modo algum com os sorrisos preparados por aquele para o público. Como era evidente, não tinha nada a lucrar em me dirigir a ele. Este personagem, devidamente vestido, parecia ter uns quarenta anos: era baixo, calvo e usava barba grisalha. Notei sobretudo que, a cada volta que dava no quarto, levantava o braço direito ao ar, agitava o pulso fechado acima da cabeça e baixava-o bruscamente, como que para bater num inimigo imaginário. Executava este gesto a cada instante. Uma sensação de mal estar começava a invadir-me, mas corri a ouvir Karmazinov.

Capítulo 3

Na sala, as coisas pareciam tomar outro rumo. Declaro antecipadamente: inclino-me ante a majestade do génio, contudo, por que será que os nossos grandes homens, chegados ao termo da sua gloriosa carreira, se comportam algumas vezes como verdadeiros garotos? Por que será que Karmazinov se apresentou com arrogância idêntica à de cinco camaristas? Pode-se ter, durante uma hora, um público como o nosso, atento à leitura de um artigo? Notei que, em geral, nas tardes literárias, um escritor, qualquer que fosse o seu mérito, arriscava-se muito, se pretendia fazer-se ouvir para cima de vinte minutos. Na verdade, logo que o grande romancista se apresentou, foi acolhido muito respeitosamente: os próprios velhos mais circunspectos manifestaram curiosidade simpática e entre as senhoras houve também entusiasmo. Todavia aplaudiram-no pouco e sem convicção. Em compensação, a multidão, sentada nas últimas filas, manteve-se calada e sossegada até à altura em que Karmazinov tomou a palavra. Então produziu-se uma manifestação inconveniente, mas foi isolada. Disse já que o escritor tinha voz penetrante, mas um tanto afeminada e cada vez mais ciciava de forma aristocrática. Mal pronunciou algumas palavras, um ouvinte, provavelmente mal-educado e dotado de caráter alegre, permitiu-se soltar uma gargalhada. Longe de fazer coro com este garoto, a assistência apressou-se a impor-lhe silêncio. Abafando tudo, Karmazinov declarou, fazendo trejeitos, que a «princípio se tinha recusado a fazer aquela leitura». Sentia grande necessidade de dizer isto! «Há algumas linhas que brotam do mais íntimo da nossa alma, que não se podem, sem profanação, revelar ao público» — mas por que as mostrava ele? — «Fora porém forçado a ceder às instâncias com que o tinham cumulado; e como além disso pousava a pena para sempre, pois jurou não mais rabiscar, escreveu este último trecho; e como por outro lado jurou não ler mais nada em público, leria ao público o seu último artigo». Tudo isto teria passado sem reparo, porque não conheciam os prefácios dos autores? Observarei no entanto que esse exórdio era desastrado, pois que se dirigia a um público como o nosso, isto é, pouco culto e em parte

composto de elementos turbulentos. Não importaria porém, e tudo se leria salvo, se Karmazinov tivesse lido uma pequena novela, um curto recitativo no género daqueles que escreveu outrora e em que, à parte certos modos afetados, se encontrava muitas vezes espírito. Em vez disso leu-nos uma rapsódia interminável. Meu Deus, o que se teria passado lá dentro? Isto era capaz de tornar louco o público de S. Petersburgo, quanto mais o nosso. Imaginem que, após duas folhas cheias de patetices, as mais pretensiosas e mais inúteis, este senhor tinha o aspeto de estar a ler contrafeito e como que por favor, o que devia forçosamente esfriar o entusiasmo do auditório. O tema... mas quem podia dizer qual era? Eram impressões, recordações... Impressões de quê? Recordações de quê? Os nossos provincianos tiveram de torturar o espírito durante toda a primeira parte da leitura e não compreenderam nada; por outro lado, a segunda parte escutaram-na apenas por delicadeza. Tinha de facto falado muito de amor, do amor do génio por certa pessoa, mas, confesso, que isso não tinha graça nenhuma! Na minha opinião, este homenzinho roliço era um tanto ridículo ao contar a história de um primeiro beijo... Para falar com justiça, estes amores não se pareciam com os de toda a gente; rodeava-os uma paisagem muito especial. Imaginava-se entre giestas. Seriam na verdade giestas? Em todo o caso era uma planta que seria preciso procurar num livro de botânica. O céu, de cor violeta, que nenhum mortal tinha visto, ou melhor, que todos já viram bem, mas sem o fixar, «enquanto eu» — deu a entender Karmazinov — «já o observei e por isso vo-lo descrevo, a vós, imbecis, como se fosse a coisa mais vulgar». A árvore à sombra da qual os dois amantes se sentaram era cor-de-laranja. Encontravam-se em qualquer parte da Alemanha. Subitamente veem Pompeu, ou Cássio, na véspera de uma batalha, e um frio de êxtase domina o interessante par. Ouve-se uma flauta tocada por uma ninfa escondida nas moitas. Gluck, nos roseirais, toca violino. O trecho tocado escreve-se com todas as letras, mas ninguém o conhece, de sorte que é preciso procurá-lo num dicionário de música. Entretanto o nevoeiro levanta-se, levanta-se a ponto de parecer mais um milhão de almofadas do que um nevoeiro propriamente dito. De repente a cena muda: o grande génio atravessa o Volga no inverno, numa ocasião de desgelo. Duas páginas e meia de descrição. O gelo cede sob os passos do génio, que desaparece no rio. Todos o julgam afogado? Qual! Quando estava prestes a beber uma taça, oferecem-lhe um sorvete, um pequeníssimo sorvete, do tamanho de uma ervilha, mas puro e

transparente «como uma lágrima gelada», na qual se reflete a Alemanha, ou, para dizer melhor, o céu da Alemanha. «À vista disto lembrei-me da lágrima que, lembras-te, caiu dos teus olhos quando estávamos sentados debaixo da árvore de esmeralda e quando gritaste jovialmente: «Não há crime!» — «Sim» — disse eu no meio das minhas lágrimas — «pois a não ser assim, nunca mais havia justos. Começámos a soluçar e separámo-nos para sempre». — O sorvete continua a sua rota para o mar, o génio desce às cavernas e depois de uma viagem subterrânea de três anos, chega a Moscovo, sob a torre de Soukahrev. De repente, nas entranhas da terra, veem uma lâmpada e diante da lâmpada um asceta. Este estava a rezar. O génio debruça-se a uma pequena janela gradeada e subitamente ouve um suspiro. Pensais que foi o asceta que suspirou? Não se trata do asceta! Não, este suspiro lembrou muito simplesmente ao génio o primeiro suspiro da mulher amada, «trinta e sete anos antes, lembras-te, quando, na Alemanha, estávamos sentados debaixo de uma árvore de ágata e tu me dizias: «para que serve amar? Olha, a sombra aumenta à nossa volta, e eu amo; porém quando a sombra deixar de aumentar, eu deixarei de amar». O nevoeiro consegue dissipar-se ainda e Hoffmann aparece, enquanto uma ninfa executa uma melodia de Chopin. De repente, através do nevoeiro, vê-se por cima dos telhados de Roma, Anco Márcio coroado de louros... «Um estremecimento de êxtase percorreu-nos a espinha, e separámo-nos para sempre», etc., etc. Numa palavra, é possível que a minha descrição não seja de uma exatidão absoluta, mas estou convencido de ter reproduzido fielmente a essência de toda esta patetice. Enfim, é uma terrível paixão que se nota nos grandes espíritos pelos trocadilhos pomposos! Os grandes filósofos, os grandes sábios, os grandes inventores europeus — todos esses grandes trabalhadores intelectuais não passam, na verdade, para o grande génio russo, de marmitas de que se serve para os seus cozinhados. É o mestre do qual recebem humildemente as ordens. Na verdade, o seu humorismo altiva não poupa sequer o seu país e Dada lhe é mais agradável do que proclamar ante os grandes espíritos da Europa a completa banca rota da Rússia, salvo a sua pessoa, que paira acima de todos os eminentes pensadores europeus; serve apenas para lhe fornecer materiais para os seus trabalhos. Toma uma ideia de um deles, funde-a com o seu inverso e está conseguido o objetivo. O crime existe, o crime não existe; não há justiça, como não há justos; o ateísmo, o darwinismo, os sinos de Moscovo... Ele, no entanto, não acredita nos sinos de Moscovo,

nem em Roma, nem nos louros... Domina-o um acesso obrigatório de lassidão e aborrecimento byroniano, um trejeito de Heine, um arrebatamento de Petchorine — e a máquina torna a partir... «Todavia, louvai-me, louvai-me sempre, pois adoro os elogios; se digo que ponha de parte a pena, é por pura vaidade da minha parte; esperai, aborrecer-vos-ei ainda trezentas vezes, fatigar-vos-eis de me ouvir...» Como é fácil de ver, este arrazoado não foi escutado até ao fim sem murmúrios, e o pior é que Karmazinov provocou mesmo interrupções que o levaram a apressar o final da sua leitura. Já há muito que o público tossia, se assoava, fazia barulho com os pés, isto é, ouviam-se os sinais de impaciência que se costumam produzir quando, num sarau literário, um conferencista, qualquer que seja, se mantém na tribuna mais de vinte minutos. O grande escritor contudo não notava nada disto e continuava muito tranquilamente a recitar as suas lindas frases. Sem ser esperado, no fundo da sala, ressoou uma voz isolada, mas forte:

— Mas que grandes frioleiras!

Estas palavras foram pronunciadas, estou convencido, sem nenhum pensamento reservado de manifestação: foi o grito involuntário de um ouvinte irritado. Karmazinov parou, lançou sobre a assistência um olhar irónico e perguntou, no tom de um camarista ciente da sua dignidade:

— Parece, meus senhores, que os não tenho aborrecido muito?

Palavras imprudentes de um espírito culto, porque, interrogando assim o público, deu por isso mesmo a qualquer pessoa a possibilidade e, de alguma maneira, o direito de lhe responderem; se no entanto não tivesse dito nada, o auditório tê-lo-ia deixado acabar a leitura, sem interrupções, ou pelo menos, ter-se-iam limitado, como antes, a alguns tímidos protestos. Talvez esperasse obter aplausos em resposta a esta pergunta. Nesse caso enganou-se: a sala continuou muda, como que oprimida por vago sentimento de inquietação.

— Nunca viste Anco Márcio e tudo isso não passa de figuras de retórica — observou subitamente alguém, em voz irritada e ao mesmo tempo cheia de mágoa.

— Precisamente — apressou-se a dizer um outro. — Agora que se conhecem as ciências naturais, não há mais aparições. Estude, estude as ciências naturais.

— Meus senhores, estava muito longe de esperar tais críticas — respondeu Karmazinov, extremamente surpreendido.

Desde que fixara residência em Karlsruhe, o grande génio estava em absoluto desorientado, dentro da sua pátria.

— Na nossa época é uma vergonha o vir dizer que o mundo tem por suporte três peixes — gritou de súbito uma moça. — O senhor Karmazinov não pôde descer à caverna onde pretende ter visto o eremita. No entanto, quem fala em eremitas nestes tempos?

— Meus senhores, estou muitíssimo admirado por os ver tomar isto tão a sério. De resto... de resto, têm muita razão. Ninguém mais do que eu respeita a verdade, a realidade...

Ainda que sorrisse ironicamente, estava muitíssimo perturbado. A sua fisionomia parecia dizer: «Não sou o que pensais. Estou convosco. Louvai-me apenas. Louvai-me o mais possível, pois adoro muito isso...»

Por fim, excitado vivamente, acrescentou:

— Meus senhores, vejo que o meu pobre poema não atingiu o seu fim. Eu próprio, parece que não fui muito feliz.

— Visava uma gralha e atingiu uma vaca — gritou alguém.

O melhor teria sido não responder a esta observação de um imbecil, provavelmente ébrio. É verdade que foi seguida de risos desrespeitosos.

— Uma vaca, disse o senhor? — replicou logo Karmazinov, cuja voz cada vez se tornava mais penetrante. — No que diz respeito a gralhas e a vacas, tomo, senhores, a liberdade de me abster. Respeito muito o público, qualquer que seja, para me permitir fazer comparações, mesmo as mais inocentes; porém pensava…

— Contudo, senhor, não devia ter dito tanto... — interrompeu um dos ouvintes, sentado numa das últimas filas.

— Mas eu supunha que, abandonando a pena e despedindo-me dos meus leitores, seria escutado...

Alguns da primeira fila ousaram enfim elevar a voz:

— Sim, sim, desejamos ouvi-lo! Desejamos ouvi-lo! — gritaram eles.

— Leia, leia! — disseram muitas senhoras entusiasmadas e, por fim, ressoaram alguns abafados aplausos.

Karmazinov esboçou um sorriso e levantou-se um pouco.

— Creia, Karmazinov, que todos o consideram muito e têm muita honra... — não pôde deixar de dizer a marechala da nobreza.

Ouviu-se então no fundo da sala uma voz fresca e juvenil. Era a de um professor do liceu, nobre e belo rapaz, chegado recentemente à nossa província.

— Senhor Karmazinov — disse ele, levantando-se um pouco — se tivesse a felicidade de ter um amor como o que o senhor descreve, abster-me-ia de lhe fazer a mínima alusão num artigo destinado a um jornal.

Pronunciou estas palavras com o rosto bastante ruborizado.

— Meus senhores — gritou Karmazinov — tenho dito. Concedo-lhes a graça das últimas páginas e depois retiro-me. Permitam-me só que lhes leia a conclusão: tem só dez linhas...

Dito isto, pegou no manuscrito e, sem voltar a sentar-se, começou:

— Sim, leitor amigo, adeus! Não insisto mais, para que nos separemos amigos. Para que serve, com efeito, importunar-te? Ainda mais, injuria-me, oh!, injuria-me tanto quanto queiras, se isso te é agradável. Contudo, o melhor é que nos esqueçamos, daqui em diante, um do outro. E ainda que todos os presentes se pusessem de joelhos e me suplicassem com lágrimas, ou me dissessem: «Escreve para nós, Karmazinov, para a pátria, para a posteridade, para a coroa de louros», responder-vos-ia, bem entendido, com toda a delicadeza possível: «Não. Percorremos juntos durante muito tempo o mesmo caminho, caros compatriotas, por isso obrigado!»

Karmazinov saudou cerimoniosamente e, vermelho como um tomate, abandonou o estrado.

— Ninguém se lançou a seus pés. Que bizarra suposição!

— Que amor-próprio!

— E só um tanto de humorismo — observou um crítico mais inteligente.

— Oh, deixa-nos em paz com o teu humorismo.

— Isto não passa de uma insolência, meus senhores.

— Pelo menos até agora estamos quites.

— Foi tão aborrecido!

Não foram apenas os ouvintes das últimas filas que patentearam o seu desagrado, porém os aplausos do público seleto abafou a voz destes malcriados. Chamou-se Karmazinov. À volta do estrado agruparam-se muitas senhoras, tendo à frente a governadora e a marechala da nobreza. Júlia entregou ao grande escritor, numa almofada de veludo branco, uma magnífica coroa de louros e de rosas naturais.

— Louros! — exclamou ele, com um sorriso forçado e um tanto sarcástico. — Surpreende-me, deixando-me embaraçado e ao mesmo tempo emocionado, a entrega desta coroa que foi preparada antecipadamente, mas que não teve ainda tempo de secar; contudo, minhas

senhoras, asseguro-lhes que me tornei de repente tão realista que cheguei ao ponto de reconhecer que na nossa época os louros estão muito melhor nas mãos de um hábil cozinheiro do que nas minhas...

— Sim, um cozinheiro é mais útil — gritou um seminarista, o mesmo que tomou parte na reunião da «secção», em casa de Virguinsky.

Reinava certa confusão na sala. Grande número de ouvintes deixaram bruscamente os seus lugares para se aproximarem do estrado onde tinha lugar a cerimónia da coroação.

— Nesta ocasião dava bem três *rublos* por um cozinheiro — disse um outro, que pronunciou apenas estas palavras em voz alta.

— Eu também.

— Eu também.

— Mas é possível que não haja um serviço aqui?

— Senhores, isto é uma verdadeira balbúrdia!

Devo dizer que a presença dos altos funcionários e do comissário da polícia impunha certo respeito aos desordeiros. Ao fim de dez minutos, toda a gente tinha retomado os seus lugares, mas a ordem não ficou restabelecida. A excitação dos espíritos fazia prever uma explosão, quando apareceu, como que de propósito, o pobre Stepan.

Capítulo 4

Antes disto, tinha ido procurar o Stepan, ainda mais uma vez, entre os bastidores, para lhe dar parte das minhas apreensões. No momento em que lhe ia a falar, subia ele os degraus do estrado.

— Stepan — exclamei rápido — em minha opinião é inevitável um desastre. É melhor para ti não te mostrares. Pretexta uma enxaqueca qualquer e vai para tua casa o mais rápido possível. Vou-me desembaraçar do nó de fitas e acompanhar-te-ei.

Parou bruscamente, olhou-me dos pés à cabeça e replicou em tom solene:

— Por que me julgas capaz de semelhante cobardia?

Não insisti. Estava intimamente convencido de que ia desencadear-se terrível tempestade. Enquanto este pensamento me entristecia, vi de novo o professor que devia suceder no estrado a Stepan. Como da outra vez, passeava de trás para diante, absorvido consigo mesmo e monologando a meia voz. Nos lábios pairava-lhe um sorriso, com expressão de malícia triunfante. Acerquei-me dele, quase sem dar conta do que fazia.

— Sabe — disse-lhe — numerosos exemplos provam que a atenção de um auditório não resiste a uma leitura além de vinte minutos. Não há nenhuma celebridade que consiga fazer-se ouvir durante meia hora...

A estas palavras interrompeu de súbito o seu passeio e estremeceu como um homem ofendido. Uma estranha arrogância se lhe pintou no rosto.

— Não se inquiete — rouquejou ele em tom de desprezo, e afastou-se.

Neste momento ouviu-se a voz de Stepan.

«Oh, o diabo vos leve a todos!», pensei eu, entrando de corrida na sala.

A agitação provocada pela leitura de Karmazinov durava ainda, quando Stepan se sentou na poltrona. Os que estavam nos lugares de honra carregaram as fisionomias logo que o viram. Nestes últimos tempos, o grémio havia-se mantido frio com ele. Além disso devia ainda dar-se por muito feliz em não ter sido pateado. Desde a véspera, uma ideia estranha se fixou obstinadamente no meu espírito: parecia-me que a aparição de

Stepan seria acolhida com uma descarga de assobiadelas. Logo de entrada, e em consequência da agitação que continuava a reinar na sala, não se notou mesmo a sua presença. E que podia ele esperar, se haviam tratado assim Karmazinov? Estava pálido. Depois de uma ausência de dez anos, era a primeira vez que reaparecia ante o público. A sua emoção e certos indícios muito significativos para aqueles que o conheciam bem, provaram-me que, ao subir para o estrado, se preparava para jogar a partida suprema da sua existência. Era isso que eu temia, pois estimava-o muitíssimo. Para dizer tudo, nem sei o que esperava dele, quando o vi abrir a boca, quando ouvi a sua primeira frase.

— Meus senhores! — começou com ar resoluto, ainda que a voz parecesse um tanto estrangulada. — Meus senhores, ainda esta manhã tinha diante de mim uma dessas folhas clandestinas que nestes últimos dias têm circulado por aí, e pela centésima vez fiz a mim próprio esta pergunta: «Em que consiste o seu segredo?»

Instantaneamente o silêncio restabeleceu-se em toda a sala, todos os olhares se dirigiram para o orador e alguns um tanto inquietos. Viram-se mesmo cabeças a espreitar dos bastidores; o Lipoutine e o Liamchine escutavam avidamente. A um novo sinal que me fez a governadora corri para junto dela.

— Faça-o calar, custe o que custar... Prenda-o — disse-me ela muito baixo e bastante angustiada.

Contentei-me em encolher os ombros. Seria possível fazer calar um homem decidido a falar? Compreendia o que ele queria.

— Oh, é das proclamações que fala! — murmurou-se entre a assistência, que estava deveras agitada.

— Meus senhores, descobri a palavra do enigma: todo o segredo do efeito que produzem esses papéis está na sua estupidez! — prosseguiu Stepan, cujos olhos pareciam chamejar. — Sim, meus senhores, se essa estupidez fosse propositada, simulada por cálculo (oh, seria genial). É preciso porém render justiça aos redatores desses papéis, pois não põem neles nenhuma malícia. É uma estupidez franca, sincera, ingénua, é a estupidez na sua essência mais pura, é alguma coisa como um elemento simples. Se fossem escritas de maneira um pouco mais inteligente, toda a gente reconheceria nelas imediatamente o seu profundo absurdo. Mas presentemente hesitam em pronunciar-se: ninguém acredita que sejam consumadamente estúpidas... «É impossível que não haja alguma coisa por

baixo disto tudo», dizem todos, procurando um segredo, fazendo um juízo misterioso, querendo ler nas entrelinhas... O efeito está obtido! Oh! Nunca a patetice recebeu recompensa tão brilhante, ela que, contudo, tantas vezes tem merecido ser recompensada... Porque, seja dito entre parênteses, a estupidez e o génio mais elevado desempenham um papel igualmente útil nos destinos da humanidade.

— Palavras vãs de 1840! — notou alguém.

Ainda que feita em tom muito modesto, esta observação abriu, por assim dizer, as comportas a um dilúvio de exclamações: a assistência tornou-se ruidosa. A exaltação de Stepan atingiu os últimos limites.

— Meus senhores, hurra! Proponho um brinde à estupidez! — gritou ele, afrontando o auditório.

Corri para ele com o pretexto de lhe dar um copo de água.

— Stepan, retira-te! Júlia suplica-te que saias...

— Não, deixa-me, rapaz ocioso! — respondeu-me em voz forte.

Fui-me embora.

— Meus senhores — continuou ele — porque será essa agitação, para que são todos esses gritos de indignação? Apresento-me com o ramo de oliveira. Trago a última palavra (porque neste assunto tenho-a!) e reconciliar-nos-emos.

— Fora! — gritaram alguns.

— Não tão depressa... Deixem-no falar, deixem-no exemplificar — disseram outros.

Um dos mais encolerizados era o jovem professor. Desde que se atrevera a falar, parecia não poder parar.

— Meus senhores, a última palavra neste assunto é uma amnistia. Eu, velho, e cuja carreira está terminada, declaro alto que o espírito da vida sopra como que do passado e que a seiva vital não foi morta pela nova geração. O entusiasmo da juventude contemporânea é também puro, é também intenso, como aquele que nos animou noutros tempos. Apenas o objetivo não é o mesmo; um culto foi substituído por outro! Toda a questão se reduz a isto: qual é melhor, Shakespeare ou um par de botas, Rafael ou o petróleo?

— É uma denúncia! — vociferaram muitas vozes.

— São perguntas comprometedoras!

— Agente provocador!

— Declaro — replicou ele com veemência extraordinária — declaro que Shakespeare e Rafael estão acima da liberdade dos lavradores, acima da nacionalidade, acima do socialismo, acima da jovem geração, acima da química, quase acima do género humano, porque são o fruto de toda a humanidade e talvez o mais alto que ela possa produzir! A beleza foi realizada por eles na sua forma superior e, sem ela, talvez não concordasse em viver... Oh, meu Deus! — gritou ele, batendo com as mãos — o que estou a dizer, disse-o em S. Petersburgo há dez anos, exatamente nos mesmos termos; então, como hoje, não me compreenderam, escarneceram-me e reduziram-me ao silêncio. Homens moderados, que vos é preciso para compreender? Sabeis que a humanidade pode passar sem a Inglaterra, sem a Alemanha, que pode muito facilmente passar sem a Rússia, que a rigor não tem necessidade, nem de ciência, nem de pão, mas que só a beleza lhe é indispensável, porque sem beleza não haveria nada a fazer no mundo! Todo o segredo, toda a história está nisto! A própria ciência não subsistiria por um minuto sem a beleza... Sabíeis isto, vós, os que vos estais rindo? Transformar-se-ia em rotina servil, tornar-se-ia incapaz de inventar um prego! Por mim, resistirei! — concluiu ele com ar desconcertado e descarregando um violento soco sobre a mesa.

Enquanto assim divagava, a efervescência ia aumentando na sala. Muitos deixaram precipitadamente os seus lugares; um grupo tumultuoso dirigiu-se para o estrado. Tudo isto se passou muito mais depressa do que eu o conto, e por isso não houve tempo para tomar quaisquer medidas ou talvez também o não quisessem.

— És um grande traste, meu garoto dissipador de tudo! — berrou o seminarista, pavoneando-se em frente do orador e divertindo-se a invetivá-lo.

Stepan percebeu isso e avançou rápido até à extremidade do estrado.

— Não acabo de declarar que o entusiasmo da jovem geração é tão puro e tão intenso como o da antiga e que comete somente a injustiça de desvirtuar o objetivo? Isto não será o suficiente? E se aquele que vos fala assim é um pai ultrajado e vencido, é possível (oh, homens tão pouco inteligentes!) é possível dar o exemplo de uma imparcialidade mais firme, de examinar as coisas com maior calma e maior desinteresse? Homens ingratos... injustos... porque, porque recusais a reconciliação?

E de repente pôs-se a soluçar convulsivamente, saltando-lhe logo as lágrimas, que lhe escorregaram por entre os dedos. Os soluços sacudiam-

lhe as espáduas e o peito. Tinha perdido a noção do lugar onde se encontrava. A maior parte dos assistentes levantaram-se admirados. A própria Júlia inclinou-se bruscamente e, agarrando Von Lembke pelos braços, obrigou-o a levantar-se. O escândalo estava no auge.

— Stepan! — gritou alegremente o seminarista. — Aqui na cidade e nos arredores vagueia atualmente um forçado, um evadido, chamado Fedka. Vive do roubo e ainda nestes últimos dias cometeu um novo assassinato. Permita-me que lhe faça uma pergunta: se há quinze anos o senhor não o tivesse feito soldado para pagar uma dívida de jogo, ou melhor, por outras palavras, se o senhor o não tivesse jogado às cartas e não o tivesse perdido, diga-me, teria ele ido para as galés? Assassinaria pessoas, como o faz hoje, na luta pela existência? Que responde, senhor esteta?

Renuncio a descrever a cena que se seguiu. Em primeiro lugar, explodiram aplausos frenéticos. Os que aplaudiam, não formavam mais do que a quinta parte do auditório, mas destacavam-se da maioria pelo entusiasmo. Todo o resto do público se dirigiu em massa para a porta; todavia, como o grupo que aplaudia não deixava de avançar para o estrado, resultou uma barafunda tremenda. As senhoras gritavam e muitas das meninas pediam a chorar que as levassem para as suas casas. De pé, ao lado da sua cadeira, Lembke lançava à sua volta olhares de uma expressão estranha. Júlia tinha perdido por completo a cabeça — pela primeira vez, desde a sua chegada entre nós. Quanto a Stepan, pareceu por momentos fulminado pela violenta apóstrofe do seminarista; mas de repente, elevando os braços para o ar, como que para os estender por cima do público, gritou:

— Sacudo a poeira dos pés e maldigo... É o fim... o fim...

Fez em seguida um gesto de ameaça e desapareceu por entre os bastidores.

— Insultou-nos a todos nós... — vociferaram alguns, furiosos.

Pretenderam mesmo lançar-se em sua perseguição. A desordem não podia já ser dominada quando, para a aumentar, entrou num passo ligeiro o terceiro conferencista, o maníaco que entre os bastidores brandia sempre o punho.

O seu aspeto era positivamente o de um doido cheio de vaidade sem limites; olhava com evidente prazer a agitação da sala. Qualquer outro teria medo de falar no meio de tal tumulto; ele, pelo contrário, regozijava-

se com isso, como visivelmente deixava transparecer. Isto era tão manifesto que a atenção de todos concentrou-se bruscamente nele.

— Que é isto ainda? — ouviu-se entre a assistência. — Quem é ele? Que vai ele dizer?...

— Meus senhores! — gritou o maníaco com toda a força, em pé, na beira do estrado; a sua voz gritante ultrapassava muito e soprano agudo de Karmazinov e não ciciava como Stepan. — Meus senhores! Há vinte anos, na véspera de entrar em luta com a maioria da Europa, a Rússia alcançava o ideal, aos olhos das classes dirigentes. Os homens das letras ocupavam o ofício de censores; nas universidades ensinava-se a marcar passo; o exército tornara-se sucursal dos salões de baile; o povo pagava impostos e calava-se, sob o chicote da servidão, e o patriotismo consistia, para os funcionários, em vexar os vivos e os mortos. Aqueles que impediam o vexame passavam por facciosos, pois perturbavam a harmonia. As florestas de bétulas eram devastadas para assegurar a manutenção da ordem. A Europa tremia... Mas nunca a Rússia, durante os mil anos da sua estúpida existência, passara por tal vergonha.

Levantou o punho, agitou-o com ar ameaçador por cima da cabeça e subitamente brandiu-o com tanta cólera como se fosse bater num inimigo. Palmas e aclamações de entusiasmo se levantaram de todos os lados. A maioria da sala aplaudiu com toda a força. Toda está exaltação e entusiasmo tinha a sua razão de ser: é que este homem arrastava a Rússia pela lama!

— É essa a questão! Sim, é essa! Hurra! Não, isto não é estético!

— Desde então — prosseguiu o energúmeno — vinte anos são passados. Reabriram as universidades e multiplicaram-nas. A marcha a passo não é mais do que uma lenda; faltam milhares de oficiais para que os quadros estejam completos. Os caminhos de ferro devoram todos os capitais e, semelhante a imensa teia de aranha, a rede de vias férreas está-se a estender por toda a Rússia, tão bem que, dentro em quinze anos. poder-se-á viajar para onde se quiser. As pontes não ardem senão de longe em longe, e quando as cidades se permitem fazer o mesmo, respeita-se pelo menos a ordem estabelecida: é com regularidade, cada uma por sua vez, que na época dos incêndios são devoradas pelas chamas. Os tribunais fazem julgamentos dignos de Salomão, e se os jurados traficam com o seu *veridictum* é unicamente porque o *struggle for life* os obriga a isso, sob pena de morrerem de fome. Os servos estão emancipados, e em vez de

serem açoitados pelos seus senhores, açoitam-se agora uns aos outros. Absorvem dos oceanos a aguardente, com grande vantagem para o tesouro, e como temos atrás de nós dez séculos de estupidez, levantam em Novgorod um monumento colossal em honra desse milénio. A Europa carrega as sobrancelhas e principia a inquietar-se... Quinze anos de reformas! E, no entanto, nunca a Rússia, mesmo nas épocas mais grotescas da sua estúpida história, chegou...

Os gritos da multidão não me permitiram ouvir o resto da frase. Vi-o ainda uma vez levantar o braço e baixá-lo com ar triunfante. O entusiasmo era indiscritível: sucediam-se os aplausos e os vivas, aos quais muitas senhoras não desdenhavam em corresponder. Dir-se-ia que todas estas pessoas estavam ébrias. O orador percorreu o público com os olhos; a alegria que experimentou com o seu êxito parecia ter-lhe tirado a consciência de si próprio. Lembke, tomado de uma agitação inexplicável, deu uma ordem a alguém. Júlia, muito pálida, disse com vivacidade algumas palavras ao príncipe, que tinha corrido para perto dela.

De repente seis indivíduos saíram de trás dos bastidores, agarraram no maníaco e tiraram-no do estrado. Como conseguiu livrar-se das mãos deles?... Não o posso dizer, só sei que o vi reaparecer no estrado, brandindo o punho e gritando com toda a força:

— Mas nunca a Rússia chegou...

De novo o agarraram e o levaram. Uns quinze indivíduos correram para os bastidores para o soltar, mas em lugar de entrarem pelo lado do estrado, atiraram-se contra o delgado tabique que os separava da sala e conseguiram derrubá-lo. Depois vi — mas julguei ter sido uma visão — a estudante — irmã de Virguinsky — subir bruscamente para o estrado: trazia um rolo de papel debaixo do braço e como vestido, o de viagem. Tinha também as faces coloridas e irradiando boa disposição. À volta dela estavam duas outras mulheres e dois outros homens, entre os quais se contava o seu mortal inimigo, o colegial. Pude só ouvir-lhe a seguinte frase: «Meus senhores, vim para lhes relatar os sofrimentos dos desgraçados estudantes e para suscitar em todos um espírito de protesto...»

Por mim precisava de sair. Meti o nó de fitas no bolso e, graças ao conhecimento que tinha da casa, fugi por uma saída oculta. Como bem se pode prever, o meu primeiro movimento foi correr a casa de Stepan.

Parte 2

Capítulo 1

Não me recebeu. Fechara-se em casa a escrever. Como insistisse para me abrir a porta, respondeu-me, sem a abrir:

— Meu amigo, terminou tudo. Que pode existir mais para mim?

— Não terminou absolutamente nada. Não fizeste mais do que auxiliar a derrota geral. Pelo amor de Deus não taças frases. Abre... É necessário tomar providências, pois podem ainda vir insultar-te em tua casa.

Não me julgava no direito de lhe falar severamente, ou mesmo de lhe pedir contas. Tinha medo que empreendesse alguma coisa mais tola ainda. Mas, com grande espanto meu, encontrei nele uma firmeza inacostumada.

— Não sejas o primeiro a insultar-me. Agradeço-te por tudo o que se passou; contudo, repito-te, cortei relações com os homens, tanto com os bons como com os maus. Escrevi a Dacha, pois cometi a indesculpável injustiça de a esquecer até agora. Amanhã, se quiseres, leva-lhe a minha carta, mas, por agora, obrigado.

— Stepan, o caso, acredita, é mais sério do que pensas. Julgas ter alcançado uma vitória retumbante? Desengana-te. Não esmagaste ninguém, e foste tu próprio quem quebrou como um vidro... Oh, foste incivil e grosseiro, recordo-me disso com tristeza! Não tens de facto nenhuma razão para escrever a Dacha... E que vais fazer agora sem mim? Entendes alguma coisa da vida prática? Tens de certeza um novo projeto no espírito? Nesse caso, uma segunda desgraça te espera...

Levantou-se e veio até à porta.

— Ainda que não tenhas convivido muito tempo com eles, já aprendeste a sua linguagem e o seu tom de voz. Deus te perdoe, meu amigo, e Deus te guarde! Sempre reconheci em ti as qualidades de um homem bom. Virás talvez a arrepender-te, com o tempo, bem entendido, como nós todos na Rússia. Quanto à tua observação a respeito da minha falta de senso prático, citar-te-ei uma nota feita por mim há muito tempo: «temos no nosso país grande número de pessoas que criticam, o mais violentamente possível, a ausência de espírito prático nos outros e não têm a coragem de se censurar a si próprios». Meu caro, acredita, estou excitado

e não me atormentes. Mais uma vez, obrigado por tudo; separemo-nos um do outro, como Karmazinov se separou do público, isto é, fazendo reciprocamente a esmola de um esquecimento magnânimo. Representava uma comédia quando pedia tão instantemente aos seus antigos leitores para o esquecerem; eu... eu não tenho tanto amor-próprio, e contando muito com a juventude do teu coração, conservarás tu a lembrança de um velho inútil? «Vive por mais tempo», meu amigo, como disse Nastásia da última vez que me apresentou os seus votos, por ocasião da minha festa. Esta pobre gente tem por vezes frases encantadoras e cheias de filosofia. Não te desejo muita felicidade, pois isso seria fastidioso; também não te desejo mal, mas, de acordo com a filosofia popular, limito-me a dizer-te: «Vive por mais tempo», e faz por te não aborreceres muito. Este frívolo desejo, acrescento-o do meu bolso. Vamos, adeus, adeus. Não continues à minha porta, pois não ta abrirei.

Afastou-se sem lhe poder arrancar mais uma palavra. Apesar da sua «excitação», falava correntemente, sem precipitação, mas com uma gravidade que se esforçava visivelmente por tornar enérgica. Estava sem dúvida um pouco desgostoso comigo e talvez me castigasse por ter sido na véspera testemunha dos seus pueris terrores. Por outro lado, sabia também que as lágrimas que derramou pela manhã diante de toda a gente o colocaram numa situação bastante cómica; ora, ninguém tinha maior preocupação que Stepan em conservar intacto o seu prestígio em face dos seus amigos. Oh, não o censuro! Todavia tranquilizei-me, vendo que aquele humor sarcástico e aquela pequena fraqueza subsistiam nele, apesar de todos os abalos morais; um homem, aparentemente tão pouco diferente daquele que tinha sido sempre, não podia por maneira nenhuma estar disposto a tomar nesse momento qualquer resolução desesperada. Eis como eu julgava esta questão e, meu Deus, qual seria o erro em que incorria! Punha de lado muitas coisas.

Antecipando-me aos acontecimentos, reproduzo as primeiras linhas da carta que mandou na manhã seguinte a Dacha:

Minha filha,

A minha mão treme ao dizer-te que tudo acabou. Não assististe ao meu último desacordo com os homens, como não assististe a essa leitura, e fizeste bem. Contar-te-ão que na Rússia, tão pobre em carateres, um homem corajoso se levantou e que, sem recear

as ameaças de morte proferidas de todos os lados contra ele, expôs a esses imbecis o seu pensar, para saberem quanto são imbecis. Oh, são pobres patetas, e mais nada! Uns… uns pobres imbecis, é esta a classificação devida! A sorte assim o quis! Deixo esta cidade para sempre, e não sei para onde irei. Todos aqueles que estimava, afastaram-se de mim. Contudo tu, tu, sê pura e ingénua, tu, meiga criatura que a sorte tentou unir a mim, devido à vontade de um coração caprichoso e déspota; tu, que talvez me visses com desgosto chorar lágrimas cobardes, na véspera do nosso projetado casamento: tu que, em qualquer caso, só me podes considerar como ridícula pessoa — oh, vai para ti, para ti, o último grito do meu coração! A teu respeito tenho, no entanto, um dever a cumprir. Não posso abandonar-te para sempre deixando-te a impressão de que sou ingrato, estúpido, místico ou egoísta, como provavelmente te repete todos os dias uma pessoa ingrata e egoísta, a qual me é impossível esquecer...

Etc., etc. Tinha quatro páginas de frases semelhantes a estas.

Em resposta ao seu «não abrirei», bati três vezes à porta. «Tirarei a minha desforra» — gritei-lhe, indo-me embora. «Hoje mesmo mandar-me-ás chamar três vezes por Nastásia e não virei». Corri em seguida para casa de Júlia.

Capítulo 2

Em casa dela fui testemunha de uma cena revoltante: enganavam afrontosamente a pobre senhora e fui forçado a calar-me. Que poderia eu dizer-lhe, com efeito? Levado a uma apreciação mais calma dos factos, vi que tudo se simplificava para mim a impressões, a pressentimentos sinistros, e que além disso não tinha nenhuma prova. Encontrei a governadora a chorar, com os nervos muitíssimo agitados. Friccionava-se com água de colónia. Tinha um copo de água perto de si. Pedro, em pé, diante dela, falava sem cessar; o príncipe estava também, mas não dizia palavra. Chorando, censurava o Pedro com entusiasmo, no que ela chamava a sua «deserção». Para ela, todos os deploráveis incidentes que se deram no sarau ocorreram devido à ausência de Pedro.

Notei nele grande mudança. Parecia muito preocupado. Em geral não tinha aspeto sério e ria sempre, mesmo quando se aborrecia, o que lhe acontecia muitas vezes. Oh, porém nesta altura Pedro estava aborrecido e falava com modo brutal, cheio de impaciência e de cólera. Dizia ter estado com dores de cabeça, acompanhadas de náuseas, durante uma visita que fizera de madrugada a Gaganov. Ai, a pobre senhora desejava tanto ser enganada! Quando entrei, a principal questão que se discutia era a seguinte: haveria baile ou não? Numa palavra, era toda a segunda parte da festa que tornava a discutir-se, Júlia declarava formalmente que não assistiria ao baile «depois das afrontas de há pouco». No fundo só pretendia que lhe impusessem a ida e que fosse principalmente Pedro a impor-lha. Considerava-o como um oráculo, e se ele a abandonasse de repente, creio que ficaria doente. Ele porém não tinha desejos de se ir embora; insistia com todas as suas forças para que o baile se realizasse e sobretudo que a governadora comparecesse.

— Vamos, por que chora? Quer fazer uma cena? É preciso, em absoluto, que passe a sua cólera para alguém? Seja, passe-a para mim; mas despache-se, porque o tempo aperta e é urgente tomar uma decisão. O sarau literário foi um fiasco, mas o baile tudo reparará. Olhe, é também a opinião do príncipe, e sem ele, há pouco, não sei como o caso terminaria.

Ao começo, o príncipe tinha-se manifestado contra o baile, ou melhor, parece que não era da opinião de Júlia. Além disso, mesmo até quanto ao baile, não se podia desobedecer-lhe, como em caso nenhum. Não obstante, Pedro tantas vezes se referiu à sua opinião, que a pouco e pouco foi mudando de ideias.

O tom indelicado de Pedro era demasiadamente extraordinário para não me causar espanto. Oh, seja-me permitido opor um desmentido formal aos boatos espalhados mais tarde a respeito das pretensas relações íntimas que teriam existido entre Júlia e Pedro. Foram calúnias. Não, a influência que o rapaz exercia sobre a governadora devia-o exclusivamente às baixas adulações de que a tinha cumulado desde o início. Vendo-a desejosa de desempenhar um grande papel político e social, lisonjeou-lhe a sua mania, fingiu associar-se aos seus sonhos e persistiu na realização do baile, conjuntamente com ela. Enfim, tinha-a de tal maneira cercado que naquela altura não pensava senão nele.

Quando me viu, um clarão lhe iluminou os olhos.

— Olhe, interrogue-o! — gritou ela. — Também esteve sempre perto de mim, como o príncipe. Diga-nos, não é evidente que tudo isto foi um golpe preparado, um golpe baixo e perfidamente preparado para me fazer a mim e a Lembke todo o mal possível? Oh, estavam combinados e tinham o seu plano. Foi uma intriga organizada de há muito tempo.

— Exagera, conforme o seu costume. Sempre teve um poema na cabeça... Mas estou muito contente por o ver... — E mostrou uma cara de quem não se lembra do seu nome. — Ele lhe dirá a sua opinião.

— A minha opinião — respondi logo — é absolutamente conforme com a de Júlia. A conspiração tornou-se evidente. Trago-lhe este distintivo, Júlia. Que o baile se realize ou não, não tenho nada com isso porque nada posso, porém o meu papel de comissário de festa terminou. Desculpe o meu atrevimento, mas não posso agir sem atender ao bom senso e até à minha convicção.

— Ouvem-no, ouvem-no! — disse ela, batendo as mãos.

— Ouço, e vou já dar-lhe a resposta — replicou Pedro, dirigindo-se a mim. — Suponho que comeu qualquer coisa que lhe fez perder o espírito. Segundo a minha opinião, não se passou nada, absolutamente nada que não se tenha já visto e que não se possa ver sempre na nossa cidade. Para que fala numa conspiração? Isso é espantoso e vergonhosamente estúpido. Onde podia haver uma conspiração? Como teriam conspirado contra Júlia,

que os protege, que os encobre, que lhes perdoa com indulgência inesgotável todas as maroteiras? Júlia, que lhe tenho repetido todos os dias há um mês a esta parte? De que a preveni? Vamos, que necessidade tinha toda aquela gente? Quereria envilecer-se? Porquê? Com que fim? Para fundir os diversos elementos sociais? A sua ideia de fusão é interessante.

— Quando me preveniu? Pelo contrário, aprovou e exigiu que agisse assim... A sua linguagem, confesso-o, espanta-me sobremaneira... Apresentou-me mesmo muitas vezes pessoas estranhas...

— Pelo contrário, longe de aprovar, discutia sempre consigo. Reconheço que lhe apresentei pessoas estranhas, mas fi-lo muito recentemente, depois de ver os seus salões invadidos por dezenas de indivíduos semelhantes: trouxe-lhe dançarinos para a «quadrilha literária», visto não os poder recrutar entre a boa sociedade. De resto, aposto que deixaram entrar hoje no sarau literário, sem bilhete, muitos borrachões.

— Com certeza — confirmei eu.

— Ai, o senhor concorda?! Recorda-se da tensão que reinava na cidade nestes últimos tempos? Era a afronta mais imprudente e o cinismo mais escandaloso. E quem encorajava isso? Quem cobria isso com a sua proteção? Quem desviou o espírito público? Quem o lançou fora dos trilhos? Não guarda no seu álbum os segredos de todas as famílias? Não enche de carícias os seus poetas e os seus desenhadores? Não dá a mão a beijar a Liamchine? Um seminarista não insultou na sua presença um conselheiro de Estado, que veio a sua casa com a filha? Não lhe estragou o vestido, esfregando-lhe em cima as grossas botas ensebadas? Por que se espanta então que o público lhe seja hostil?

— Mas tudo isto é obra sua; eu não fiz mais do que seguir os seus conselhos! Oh, meu Deus!

— Não! Adverti-a, tentei convencê-la a manter-se dentro dos devidos limites! Tivemos discussões a esse respeito, chegando por vezes a altercarmos!

— Mente indignamente...

— Eu sei muito bem que é inútil falar-lhe nisso. Presentemente está zangada e é-lhe necessário uma vítima; então, repito, passe a sua cólera para mim. Mais vale que eu me dirija a si, senhor... — Fingia sempre ter esquecido o meu nome. — Pondo de lado Lipoutine, afirmo-lhe que não houve nenhuma conspiração, nenhuma! Provar-lho-ei, mas examinemos primeiro o caso de Lipoutine. Veio ler os versos do imbecil Lebiadkine, e é

a isso que o senhor chama uma conspiração? Sabe que Lipoutine podia muito bem achar o assunto espirituoso? Seriamente, seriamente espirituoso! Fazendo essa leitura, contava divertir a sociedade, alegrar toda a gente, a começar pela sua protetora, a Júlia. Não acredita? Então aquela facécia não era idêntica a tudo o que se fez aqui há um mês? Quer que lhe diga todo o meu pensamento? Estou convencido de que num outro momento aquilo teria passado por uma carta; não teriam visto naquilo mais do que uma brincadeira arriscada, grosseira talvez, mas divertida.

— Como! Acha espirituosa a ação de Lipoutine? — gritou num transporte de indignação Júlia. — Ousa chamar assim a tal estupidez, a tal inconveniência, a ato tão baixo, tão cobarde, tão pérfido? Vejo que o senhor também fez parte da conspiração.

— Sem dúvida nenhuma. Era eu que, invisível, mas presente, fazia mover todos os fios. Porém, vejamos, se fizesse parte de uma conspiração (compreenda ao menos isto!) seria para dirigir outra coisa que não a leitura de alguns versos ridículos! Por que não dizem que falei ao meu pai para causar aquele grande escândalo? De quem foi a culpa em deixarem o meu pai exibir-se em público? Quem é que ontem lhe aconselhou o contrário? Ainda ontem, ontem!

— Oh, ontem estava com tanto espírito e contava tanto com ele! Não há outro com tão boas maneiras; dizia eu... ele e Karmazinov... e foi o que se viu!

— Sim, foi o que se viu. Não obstante, com todo *o* seu espírito, conduziu-se estupidamente. Já sabia antecipadamente que faria tolices. Se entrasse numa conspiração urdida contra a sua festa, tê-la-ia induzido a não soltar o burro na horta? Não, sem dúvida. Pois bem, ontem solicitei-lhe vivamente para interdizer a palavra ao meu pai, porque pressentia o que ia acontecer. Naturalmente era impossível prever tudo, e ele próprio, com certeza, não sabia, um minuto antes, ao subir para o estrado, que fogo ia acender. Estes velhos nervosos parecem-se com alguns homens! Mas o mal tem remédio: para dar satisfação ao público mande amanhã, ou mesmo hoje, por ordem administrativa, dois médicos examinar o seu estado mental, e em seguida interná-lo num hospital de alienados. Toda a gente verá e compreenderá que não há razão para se sentir ofendida. Na minha qualidade de filho, anunciarei a notícia esta noite no baile. Karmazinov é outro caso: o animal pôs o auditório de mau humor, lendo durante uma hora inteira. É ainda um dos que, com certeza, se entenderia

comigo! Estava combinado entre nós que diria tolices, a fim de arreliar a Júlia!

— Oh! Karmazinov, que vergonha! Corei pelo nosso público!

— Pois bem, eu não teria corado, mas teria envaidecido o próprio leitor com a sua importância. Era o público que tinha razão. E, pelo que diz respeito a Karmazinov, de quem é ainda a culpa? Fui eu que lho lembrei? Fui alguma vez dos seus aduladores? Vamos, que o diabo o leve! Resta o terceiro, o maníaco político; esse é outra coisa. Nesse toda a gente teve a sua quota parte e não se podem culpar exclusivamente as minhas maquinações.

— Oh, cale-se, é terrível, terrível! Nesse ponto sou eu, só eu, a culpada.

— Com certeza, mas desculpo-a. Ninguém suspeita destes francos faladores e, mesmo em S. Petersburgo, não fazem caso deles. Havia-lhe sido recomendado, e em que termos! Assim, concorde que é obrigatória a ida ao baile. A coisa é grave, porque foi a senhora que fez com que este homem subisse ao estrado. Nesta altura pode declinar publicamente toda a solidariedade com ele, dizer que o atrevido está nas mãos da polícia e que a senhora foi enganada de maneira inexplicável. Declare com indignação que foi vítima de um doido, porque é de facto um doido. Eis como é preciso ver o caso. Eu não posso suportar estes furiosos. Dirige-se-me muitas vezes para que diga palavras mais duras ainda, mas isto não é *ex-cathedra.* É justamente por isso que se fala num senador.

— De qual senador? De quem fala?

— Eu também não compreendo nada disso. Não foi avisada, Júlia, da próxima chegada de um senador?

— De um senador?

— Estão convencidos de que foi encarregado de vir para aqui um senador e que o governo vai destituir-vos. Isto chegou-me aos ouvidos por diversos lados.

— Ouvi isso também — observei eu.

— Quem falou nisso? — perguntou a governadora, toda vermelha.

— Ou antes, quer dizer: quem falou disso primeiro? Não sei. Sempre se falou nisso e até bastantes vezes. O público não se entreteve com outra coisa no dia de ontem. Toda a gente está muito preocupada, se bem que não tenha ainda nenhum dado positivo. As pessoas mais inteligentes, os

indivíduos mais competentes calam-se, mas entre eles alguns não deixam de escutar.

— Que baixeza! E... que tolice!

— Pois bem, é necessário que apareça para calar a boca a esses imbecis.

— Confesso-o, eu próprio si ato que não posso fazer outra coisa, mas... se me está reservada mais uma humilhação? Se me vou encontrar só no baile? Porque ninguém virá, ninguém, ninguém!

— Que ideia! Não irem ao baile... E os vestidos que fizeram e os preparativos das meninas? Na verdade, ante o que ouço, duvido que seja mulher! Parece que não conhece o seu sexo.

— A marechala da nobreza não irá!

— Mas o que aconteceu? Por que não hão de ir ao baile? — gritou ele, impaciente.

— Uma ignomínia, uma vergonha, foi o que aconteceu. O que há no fundo de tudo isto? Ignoro-o, mas, depois de tal facto, não posso ir ao baile...

— Porquê? No fim de contas, quais são os seus agravos? Em que é culpada? A falta não foi antes do público, dos homens respeitáveis, dos pais de família? Só eles deviam impor silêncio aos patifes e aos imbecis, porque entre os amotinadores havia imbecis e patifes. Em nenhum lado, em nenhuma sociedade, a autoridade mantém a ordem por ela só. Cada um de nós, entrando em qualquer parte, exige que destaquem um polícia para velar pela sua segurança pessoal. Não se compreende que a sociedade tenha de proteger-se a si própria! E que fazem em semelhantes circunstâncias os país de família, os altos funcionários, as senhoras casadas, as moças, em suma, todos os seus adeptos? Todas essas pessoas se calam e desconfiam. O público não tem mesmo iniciativa para meter os linguareiros na ordem.

— Lá isso é verdade! Calam-se, desconfiam e... olham em volta deles.

— Muito bem, se isso é verdade, deve declará-lo em alto som, com firmeza e severidade. E preciso mostrar que não está incomodada e mostrá-lo precisamente a esses velhos, a essas mães de família. Oh, saberá falar: não lhe faltará eloquência, desde que tenha a cabeça lúcida. Reuni-los-á à sua volta e far-lhes-á um discurso, que será em seguida publicado no *Golos* e na *Gazeta da Bolsa.* Espere, eu próprio vou meter mãos à obra e me encarrego de organizar tudo. Naturalmente devem ter mais cuidado

com as medidas de ordem a tomar; será necessário vigiar o serviço, convidar o príncipe, convidar este senhor... Não pode deixar-nos em meio, senhor, visto que tudo vai recomeçar. E enfim a senhora fará a sua entrada pelo braço de Von Lembke. Como vai ele?

— Oh, que opinião falsa, injusta e ultrajante sempre fez deste angélico homem! — gritou com súbito enternecimento Júlia, e pouco faltou para começar a chorar.

Por instantes, Pedro, desconcertado, só soube apenas balbuciar.

— Vamos, então, eu... mas o quê? Eu tenho sempre...

— Nunca, nunca! Nunca lhe fez justiça.

— É preciso renunciar a compreender a mulher! — balbuciou Pedro, esboçando um sorriso.

— É o homem mais bondoso, mais delicado e mais compassivo que tenho conhecido!

— Pelo que diz respeito à sua bondade, tenho-a sempre reconhecido.

— Nunca. Mas não falemos nisso. Defendi-o muito desastradamente. A dissimulada marechala da nobreza fez logo diversas alusões sarcásticas ao que se passou ontem.

— Oh, agora já não falará do dia de ontem, pois o de hoje deve preocupá-la muito mais. E por que se arrelia tanto com a ideia de que ela não assistirá ao baile? Com certeza não virá, em face da parte que tomou no escândalo! Talvez não seja por sua culpa, porém a sua reputação não sofre mais com isso, visto ter já nas mãos lama que chegue!

— O quê? Não compreendo. Por que tem lama nas mãos? — perguntou Júlia, fitando Pedro com olhar espantado.

— Não afirmo nada, mas na cidade corre o boato de que lhes serviu de mediadora.

— Como? A quem serviu ela de mediadora?

— O quê! Então não sabe ainda do caso? — gritou ele, com surpresa admiravelmente simulada. — A respeito do Stavroguine e da Lisa?

De todos nós se escapou um grito de espanto:

— Como? O quê?

— Na verdade, não sabem o que se passou? Fiquem então a saber que se trata de um acontecimento trágico-romanesco: em pleno dia, Lisa deixou a carruagem da marechala da nobreza para subir para a de Stavroguine, e partiu à desfilada com «este último» para Skvorechniki. Há uma hora, quando muito, que isto aconteceu.

Estas palavras causaram-nos a maior estupefação, como é fácil de compreender. Curiosos, diligenciámos conhecer a questão em todos os pormenores e pusemo-nos a interrogar Pedro. Porém, circunstância singular, apesar de ter sido «por acaso» testemunha do facto, apenas nos pôde fazer uma descrição muito sumária. Segundo ele, a cena passou-se como segue: depois do sarau literário, a marechala da nobreza levou, na sua carruagem, Lisa e Maurício a casa da viúva Drozdov — esta continuava com as pernas doentes. No momento em que a carruagem parou, diante da porta, Lisa, saltando em terra, correu para outra carruagem, que estava a vinte passos da porta, abriu-a e entrou. «Desculpe-me», gritou a jovem a Maurício, e a carruagem partiu a toda a brida para Skvorechniki. Em resposta às perguntas que saíram espontaneamente dos nossos lábios. — Houve entendimento antecedente? Quem estava na carruagem? — Pedro declarou que não sabia nada, que com certeza esta fuga tinha sido combinada anteriormente entre os dois jovens, que não tinha visto Stavroguine na carruagem, que talvez lá estivesse o velho criado de quarto, Aléxis.

— Por que estava lá o senhor? — perguntámos-lhe nós. — Como sabe que foi para Skvorechniki?

— Passava por esse sítio por acaso — respondeu ele — e vendo Lisa, corri para a carruagem.

Como é que, sendo tão curioso, não vira quem estava na carruagem?

— Quanto a Maurício — continuou ele — não só se absteve de perseguir a moça, como nem mesmo procurou retê-la. Pediu, sim, à marechala da nobreza, que se esfalfava a gritar, para se calar: «Vai para casa de Stavroguine! Vai para casa de Stavroguine!»

Não me pude conter por mais tempo:

— Foste tu, celerado, que organizaste tudo! — vociferei com raiva. — Foi nisto que empregaste a manhã! Foste o cúmplice de Stavroguine. Eras tu que estavas na carruagem e que fizeste subir Lisa... tu, tu, tu! Júlia, este homem é seu inimigo e tenta perdê-la também! Tome cuidado!

Deixei logo em seguida a casa da governadora.

Ainda hoje pergunto a mim próprio como pude acusar tão gravemente Pedro na frente de todos. Mas eu tinha adivinhado: descobriu-se mais tarde que as coisas se passaram quase como eu tinha dito. Em primeiro lugar, tinha achado muito equívoca a maneira como ele tomara parte na questão. Uma novidade tão extraordinária parece que devia ser contada

logo no primeiro momento da chegada a casa; em vez disso aparentou crer que nós já sabíamos, o que era impossível, dado o pouco tempo passado depois do acontecimento. Pela mesma razão não podia também ter ouvido dizer por toda a parte que a marechala da nobreza servira de medianeira. Por outro lado, enquanto falava, surpreendi-lhe por duas vezes nos lábios um sorriso malicioso de impostor, com que julgava enganar os papalvos. Pouco porém me importava com Pedro; não duvidava do facto principal e, ao sair de casa de Júlia, quase me desconhecia. Esta catástrofe atingiu a corda mais sensível do meu coração; tinha vontade de me desfazer em lágrimas e talvez mesmo tivesse chorado. Não sabia o que decidir. Corri a casa de Stepan, mas este irritante velho recusou ainda receber-me. Nastásia resolveu por bem assegurar-me, em voz baixa, que estava deitado, mas não acreditei. Em casa de Lisa interroguei os criados, e estes confirmaram a fuga da sua jovem patroa, eles próprios não sabiam mais do que eu. Reinava a consternação naquela casa. Prascovie tinha tido já algumas síncopes. Maurício manteve-se perto dela. Não julguei o momento azado para o interrogar. Em resposta às minhas perguntas, as pessoas da casa informaram-me que, nestes últimos tempos, Pedro tinha ido muitas vezes lá a casa. Aconteceu até algumas vezes fazer duas visitas no mesmo dia. Os criados estavam tristes e falavam de Lisa com respeito particular; estimavam-na. Que estava perdida, irremediavelmente perdida, não duvidava, contudo o lado psicológico do facto era ainda incompreensível para mim, sobretudo depois da cena que tinha tido na véspera com Stavroguine. Correr a cidade em procura de notícias, informar-me junto das pessoas maledicentes, a quem esta lamentável aventura devia alegrar, repugnava-me e, ainda por consideração por Lisa, não o queria de maneira nenhuma fazer. Todavia, o que me espantou, é que sem querer fui a casa de Dacha, onde, de resto, não fui recebido — desde a véspera que não se abria a porta da casa de Stavroguine para nenhum visitante. Não sei o que lhe poderia ter dito e qual o motivo que determinou esta minha resolução. Da casa de Dacha fui para a casa do irmão. Encontrei-o mais sombrio do que nunca. Pensativo e triste, parecia fazer esforço em si próprio para me ouvir; enquanto falava, passeava ele silenciosamente pelo quarto e a custo lhe pude arrancar uma palavra. Estava já no fundo da escada quando me gritou do patamar: «Passe por casa de Lipoutine e lá saberá tudo». Não fui porém a casa de Lipoutine e

voltei a ir mais tarde a casa de Chatov. Contentei-me em abrir a porta: «Não vai hoje a casa de Maria?» — disse-lhe eu, sem entrar.

Respondeu-me com injúrias e eu retirei-me. Noto, para não esquecer, que nessa mesma tarde tinha ido expressamente ao fim da cidade, a casa de Maria, que não via há bastante tempo. Encontrou-a tão bem quanto possível, física e moralmente; Lebiadkine, completamente ébrio, dormia num divã do primeiro quarto. Esteve lá justamente dez horas. O próprio Chatov contou-me estes pormenores no dia seguinte, ao encontrar-nos por acaso na rua. Passava das nove horas quando me decidi a ir ao baile. Não podia assistir, na qualidade de comissário, porque tinha deixado a minha roseta em casa de Júlia. Estava com curiosidade de saber o que se dizia na cidade de todos estes acontecimentos. De mais a mais pretendia vigiar a governadora, ainda que só de longe em longe tivesse de a ver. Arrependi-me muito da precipitação com que a deixara poucos minutos antes.

Capítulo 3

Toda esta noite, devido aos incidentes absurdos e indicativos de uma tremenda catástrofe, dormi sob a ação de um espantoso pesadelo, e é neste ponto que a minha tarefa de cronista se torna particularmente difícil. Eram mais de dez horas quando cheguei a casa da marechala da nobreza. Apesar do pouco tempo de que tinham disposto, a sala onde decorreu o sarau literário foi transformada em sala de baile, e esperava-se ver lá toda a sociedade da cidade. Por mim, desde pela manhã que não tinha nenhuma ilusão a esse respeito; contudo, os acontecimentos ultrapassaram as minhas previsões mais pessimistas. Nenhuma família da alta sociedade foi ao baile e todos os funcionários de alguma importância se abstiveram também de ir. A ausência quase geral do público feminino confirmou em absoluto o prognóstico de Pedro — sem dúvida, este tinha enganado conscientemente a governadora. Havia, quando muito, uma senhora para quatro cavalheiros, e poucas mais! Esposas de oficiais subalternos, de empregados dos correios e de pequenos burocratas, três doutoras acompanhadas de suas filhas, duas ou três representantes da pequena propriedade, as sete filhas e sobrinhas do secretário de que já falei, e algumas lojistas... Seriam estas as pessoas que Júlia esperava? Mesmo a maioria dos negociantes ficaram em casa. Pelo lado dos homens, ainda que o grupo médio brilhasse pela ausência, a quantidade, pelo menos, supria de certo modo a qualidade. No entanto o aspeto desta multidão não tinha nada de tranquilizador. Aqui e ali viam-se alguns oficiais que tinham vindo com as esposas e muitos pais de família, cujas condições e maneiras eram igualmente modestas. Todos estes humildes se encontravam no baile, mais «por necessidade», como dizia um deles. Em compensação, os desordeiros e as pessoas que entraram sem bilhete eram em número muito maior do que pela manhã; todos, apenas entraram, dirigiram-se para o serviço. Dir-se-ia que algum entre eles lhe tinha designado antecipadamente esse lugar como ponto de reunião. Tal foi, pelo menos, a impressão que tive. Prokhoritch tinha-se instalado, com todo o material culinário do grémio, numa vasta sala, situada na extremidade de uma série de quartos. Vi entre

eles pessoas com o peito à mostra, borrachões ainda sob a influência de um resto de embriaguez, indivíduos saídos Deus sabe de onde, homens estranhos à nossa cidade. Sem dúvida não ignorava que Júlia se tinha proposto dar ao baile o caráter mais democrático possível. «Receber-se-ão mesmo os burgueses» — dissera ela — «se quiserem comprar um bilhete». A governadora gostou de falar assim à sua comissão, porque estava convencida, dada a extrema miséria de todos os nossos burgueses, que a ideia de comprar um bilhete não ocorreria ao espírito de nenhum deles. Não importava. Por outro lado, tendo em conta as intenções democráticas da comissão, não podia compreender que vestidos tão negligentes não tivessem sido recusados por ela. Quem os tinha deixado entrar e com que fim se tinham mostrado tão tolerantes? Lipoutine e Liamchine, substituídos nas suas funções de comissários, encontravam-se no entanto no baile, devendo figurar na «quadrilha literária». Contudo, com grande espanto meu, a roseta do primeiro ornava agora o ombro do seminarista que, tomando resolutamente o partido de Stepan, tinha mais do que ninguém contribuído para o escândalo da manhã. Quanto ao comissário nomeado em substituição de Liamchine, era o próprio Pedro. O que não se podia esperar em semelhantes condições?

Pus-me a escutar o que se dizia. Algumas ideias tinham um aspeto de excentricidade absolutamente singular. Por exemplo, afirmava-se num grupo que a história de Lisa com Stavroguine era obra de Júlia, que recebera para isso dinheiro de Stavroguine, indo até ao ponto de especificarem a quantia. A festa mesmo, afirmavam eles, não tinha outro fim no pensamento da governadora; assim se explicava, no dizer desta gente bem informada, a ausência da maioria da sociedade da cidade: não tinham querido vir ao baile quando souberam qual o seu fim. Lembke ficou tão surpreendido que parece ter perdido a razão. Passou a ser um doido «conduzido» por sua mulher. Ouvi muitos risos estranhos, guturais e dissimulados, Toda a gente fazia também amargas críticas ao baile e exprimia-se nos termos mais injuriosos acerca da conduta de Júlia. Em geral, as conversas eram tão desencontradas, tão confusas, tão incoerentes, que mal se podia concluir alguma coisa de nítido. Havia também no serviço muitíssimas pessoas alegres e entre elas muitas senhoras demasiadamente amáveis, daquelas que não se admiram nem aterrorizam com coisa alguma. Eram na maior parte esposas de oficiais, vindas em companhia de seus maridos. Cada grupo sentava-se a uma mesa privativa,

onde bebiam alegremente chá. Num dado momento, quase toda a maioria do público estava reunido no serviço.

Neste entretanto, graças aos cuidados do príncipe, três pobres e pequenas quadrilhas foram modestamente organizadas na sala branca. As meninas dançavam e os pais contemplavam-nas embevecidos. Entretanto, apesar do prazer que experimentavam em ver as suas filhas divertir-se, muitas dessas pessoas respeitáveis estavam decididas a ir-se embora na devida altura, isto é, antes de começar a «balbúrdia». A convicção de que haveria balbúrdia dominava todos os espíritos. Quanto aos sentimentos da própria Júlia, ser-me-ia difícil descrevê-los. Não lhe falei, posto que estivesse muito perto dela. Saudara à entrada e ela não me tinha notado. Estou persuadido que esta falta da sua parte não foi por querer. A sua fisionomia tinha aspeto de mortificada; o seu olhar, ainda que altivo e desdenhoso, errava por todos os lados com expressão de inquietação. Por um esforço visivelmente doloroso, teimava consigo própria. — Porquê e por quem? — Deveria ter-se retirado, sobretudo acompanhar seu marido, e contudo ficara.

Era suficiente vê-la neste momento para adivinhar que os seus olhos «estavam abertos» e que não alimentava nenhuma ilusão. Nem mesmo chamava para perto de si Pedro. Este, por seu lado, parecia também evitá-la; vi-o no serviço, já excessivamente alegre. Contudo ela continuava no baile e não deixava por maneira nenhuma que Von Lembke desse um único passo sem ela. Oh, de manhã ainda recebeu um imprudente, que se permitiu deixar transparecer, na sua conversa, certa dúvida sobre a saúde intelectual de seu marido! Agora, por mal, muitos deles tiveram de se render à evidência. Para mim, à primeira vista, o estado de Von Lembke pareceu-me pior do que então. O governador parecia estar inconsciente; dir-se-ia não ter nenhuma consciência do lugar onde estava. Por vezes olhava à sua volta com severidade inesperada; foi assim que por duas vezes os seus olhos se fixaram em mim. Uma vez abriu a boca e pronunciou algumas palavras com voz forte, mas não acabou a frase; um velho empregado, pessoa muito humilde, que estava por acaso ao seu lado, quase que teve meda, ouvindo-o falar. O próprio público da sala branca, público composto na sua maior parte de subalternos, afastavam-se com ar sombrio e inquieto de Júlia; ao mesmo tempo estas pessoas, de ordinário tão tímidas em face dos seus superiores, conservavam os olhos fitos em Von Lembke com insistência tão estranha que não procuravam esconder.

— Impressionei-me, notando isso, e foi então que o estado de Lembke se me revelou de repente — confessou-me, mais tarde, Júlia.

Sim, tinha cometido uma falta. Logo depois de ter prometido a Pedro ir ao baile, tinha, segundo todas as probabilidades, ido ao gabinete de Von Lembke, já então por completo perturbado, em seguida ao sarau literário, e fazendo uso de todas as suas seduções femininas, decidira o desgraçado homem a acompanhá-la. Mas quanto devia ela sofrer agora! E todavia não queria retirar-se! Era por altivez que se impunha este suplício, ou então tinha simplesmente perdido a cabeça? — Não sei. — Apesar do seu orgulho, viam-na abordar humildemente certas senhoras, com o sorriso nos lábios; contudo as suas manobras eram em pura perda. Júlia não obtinha em resposta senão sim ou não, tanto as senhoras a quem se dirigia tinham pressa de se afastar dela.

De entre as personalidades mais distintas, uma só assistiu ao baile; foi o general de reserva, que o leitor encontrou já em casa da marechala da nobreza. Sempre digno, como no dia em que perorara sobre o duelo de Stavroguine com Gaganov, o velho passeava pelos salões, abrindo os olhos, aplicando o ouvido e procurando dar todas as aparências de um homem que veio mais para estudar os costumes do que para se divertir. Por fim agarrou-se à governadora e não a deixou mais. Evidentemente queria reconfortá-la com a sua presença e palavras. Era com certeza um bom homem, muito distinto de maneiras, mas bastante velho para que a sua piedade pudesse ofender. Era no entanto muito custoso a Júlia confessar que este velho ousava ter compaixão dela e se arvorava de alguma maneira em seu protetor. Entretanto o general tagarelava sem interrupção:

— Uma cidade não pode subsistir, diz-se, se não possuir sete justos (creio que são sete, não me recordo bem do número). De entre os sete justos reconhecidos que contém a nossa cidade, quantos têm a honra de estar no seu baile? Ignoro-o, mas, apesar da sua presença, começo a sentir-me um pouco inquieto. Perdoar-me-á, querida senhora, não é verdade? Falo alegoricamente. Fui ao serviço e, por minha fé, achei que o nosso excelente Prokhoritch não está no seu devido lugar: pode muito bem ser expulso daqui amanhã de manhã. De resto divirto-me. Espero apenas pela «quadrilha literária». Espero saber como isso é, e em seguida ir-me-ei deitar. Perdoe a um velho gotoso; deito-me cedo, e aconselhar-lhe-ia também a ir «fazer ó-ó», como se diz às crianças. Vim por causa das jovens belezas... pois o seu baile ofereceu-me ocasião única para ver tão

grande número. Habitam todas do outro lado da ribeira e eu não vou nunca para esses lados. A esposa de um oficial... de caçadores, parece... ela não é má de todo e... sabe-o bem. Falei com a marota e é folgazã e... estas mocinhas são frescas também, mas não passam daí; não têm mais nada senão frescura. Além disso o seu porte não é desagradável. São flores em botão. Desgraçadamente os lábios são grossos. Em geral, nas mulheres russas, a beleza do rosto deixa a desejar sob o aspeto da correção... Enquanto dura a primeira juventude, durante dois anos, mesmo três, estas pequenas carinhas são encantadoras, mas depois desfeiam-se, originando nos maridos esse indiferentismo que contribui tanto para o desenvolvimento da questão das mulheres... se bem que compreendo perfeitamente essa questão... Hum! A sala é bonita e os quartos não estão mal mobilados. Podia ser pior. A música podia ser muito pior... Não digo que devesse ser. O aspeto não é bonito; faltam mulheres. Quanto aos vestidos, não falo deles. Acho mal que este cavalheiro de casaco cinzento se permita dançar com tanta falta de jeito. Perdoo-lhe, se é a alegria que lhe faz esquecer as conveniências; contudo, como é farmacêutico... não importa que dance o can-can antes das onze horas. É começar um pouco cedo, mesmo para um farmacêutico... No serviço, dois homens bateram-se ao soco e não os puseram na rua. Antes das onze horas devem-se expulsar os questionadores, quaisquer que sejam os hábitos do público... Passando das duas horas da manhã, já não digo isso; haverá então ocasião para fazer concessões aos hábitos dominantes — supondo que este baile dure até às duas horas da manhã. Bárbara prometeu enviar flores e não cumpriu a palavra. Hum, são mais necessárias as flores para ela, pobre mãe! E a pobre Lisa, já se ouviu falar mais nisso? Dizem que é uma história misteriosa e... mas sempre o Stavroguine na berlinda... Hum! Iria da melhor vontade deitar-me, porque não posso mais. Então quando é essa «quadrilha da literatura»?

Enfim, foi dada satisfação ao desejo impaciente do velho guerreiro. Nestes últimos tempos, quando falavam na cidade do baile projetado, não faltavam discussões a respeito dessa «quadrilha da literatura», e como ninguém podia imaginar o que fosse, tinha despertado curiosidade extraordinária. Como a espectativa geral ia ser enganada!

Uma porta lateral, até então fechada, abriu-se e subitamente apareceram algumas máscaras. Imediatamente o público fez círculo em volta delas. Todo o serviço se esvaziou instantaneamente, vindo todos para

a sala branca. As máscaras ocuparam os seus lugares para a dança. Tendo conseguido colocar-me no primeiro plano, encontrei-me justamente atrás do grupo formado por Júlia, Von Lembke e o general. Pedro, que até este momento não se tinha mostrado, correu então para junto da governadora.

— Estou sempre a vigiar o serviço — disse-me ele em voz baixa.

Para a irritar ainda mais, tomou, pronunciando estas palavras, a expressão de um estudante incorreto. Júlia corou de cólera.

— Agora, pelo menos, devia renunciar às suas mentiras, seu descarado! — replicou ela.

Esta resposta foi proferida bastante alto para que o público a ouvisse. Pedro esquivou-se todo contente.

Seria difícil conceber uma alegoria mais terrível, mais insípida, mais miserável do que essa «quadrilha da literatura». Não podiam ter imaginado nada que fosse menos apropriado ao espírito dos nossos provincianos; e contudo a paternidade desta invenção pertence, diz-se, a Karmazinov. O divertimento, é verdade, tinha sido regulado por Lipoutine, ajudado pelo professor coxo que vimos em casa de Virguinski. A ideia porém veio de Karmazinov, e pretendem mesmo que o grande escritor tinha querido figurar mascarado entre os dançarinos. Estes estavam divididos em seis grupos e só podiam ser chamados pelas máscaras, atendendo a que, pelo fato, não se distinguiam das outras pessoas presentes. Assim, por exemplo, havia um velho senhor, de pequena estatura, que estava de casaca como toda a gente e cujo disfarce se reduzia a uma barba postiça. Este senhor mexia constantemente os pés, sem quase mudar de lugar, e conservava sempre um ar sério ao dançar. Proferia certos sons em voz baixa e enrouquecida, para representar com este enrouquecimento um jornal conhecido. Estavam em frente a esta máscara dois gigantes: tinham as letras KH e Z cosidas nos fraques, mas que significavam elas? Não se sabia. O «honesto pensamento russo» estava personificado num cavalheiro de meia-idade, que usava lunetas, fraque, luvas e — *cadeias*, verdadeiras cadeias. Este tinha metido debaixo do braço uma carteira, contendo uma espécie de maço de papéis. Saía-lhe do bolso uma carta: era um certificado que alguém tinha enviado do estrangeiro para atestar a todos os céticos a honestidade do «honesto pensamento russo». Tudo isto era explicado de viva voz pele comissário do baile, porque não havia maneira de decifrar o fim da carta que lhe saía do bolso. Na mão direita levantada, o «honesto pensamento russo» tinha

uma taça, como se quisesse fazer um brinde. À sua direita e à sua esquerda, jovens moças niilistas, penteadas à Titus, batiam com os pés no chão; em frente dançava um outro velho cavalheiro de casaca e que trazia pesada moca, figurando o redator-chefe de um terrível órgão moscovita. «Numero tuas montarias», parecia dizer este mata-mouros. Todavia era em vão que estava armado de moca: não podia sustentar o olhar que o «honesto pensamento russo» lhe dirigia obstinadamente através das lunetas; desviava os olhos e, delineando um passo, agitava-se, torcia-se, não sabia onde se meter — tanto o atormentava, evidentemente, a sua consciência... Não me recordo de todas as alegorias; não eram mais espirituosas umas do que as outras, tanto assim que, por fim, senti-me envergonhado por assistia a semelhante espetáculo. Esta mesma impressão de vergonha refletia-se em todos os rostos, sem excetuar mesmo aqueles indivíduos extravagantes que tinham vindo do serviço. Durante certo tempo o público esteve calado, perguntando a si próprio o que aquilo queria dizer. Pouco a pouco as línguas foram-se desligando.

— O que é isto? — resmungou, num grupo, um despenseiro.

— É uma estupidez.

— É a literatura. Parodiam o *Golos*.

— Mas que interesse tem isto?

Entretanto ouvi o seguinte diálogo:

— São estúpidos.

— Não, os estúpidos não são eles, mas somos nós.

— Porque és estúpido?

— Eu não sou estúpido.

— Pois bem, se não és estúpido, com muito mais razão eu também não o sou.

Num terceiro grupo:

— Devíamos corrê-los a todos a pontapé.

— Liquidar tudo o que está na sala!

Num quarto grupo:

— Como é que os Lembkes não têm vergonha de ver tudo isto?

— Para quê deviam privar-se disto? Tu falas bem!

— Não é o que faço melhor, mas como não sou governador!

— Não, és um porco.

— Nunca na minha vida vi garoto tão insolente — observou em tom azedo e com o desejo evidente de ser ouvida uma senhora que estava

muito perto de Júlia.

Era uma robusta mulher de quarenta anos, tinha o rosto pintado e trazia um vestido de seda, de cor berrante. Quase toda a gente a conhecia na cidade, mas ninguém a recebia. Viúva de um conselheiro de Estado, que não lhe tinha deixado senão uma casa de madeira e uma pequena pensão, vivia bem e tinha carruagem. Dois meses antes Júlia tinha ido visitá-la, mas não fora recebida.

— Era fácil prever isto — acrescentou ela, olhando afrontosamente para Júlia.

Esta não se conteve mais.

— Se o pôde prever, por que veio? — perguntou ela.

— É a pena que tenho — replicou insolentemente a senhora, que só procurava uma discussão.

Porém o general interveio.

— Querida senhora, na verdade devia retirar-se — disse ele, inclinando-se ao ouvido de Júlia. — Não fazemos mais do que incomodá-los e, sem nós, divertir-se-ão maravilhosamente. Já cumpriu todas as suas obrigações e abriu o baile. Agora deixe-os em descanso... De resto, Von Lembke não parece estar muito satisfeito... É preciso agir para não acontecer uma desgraça.

Mas era muito tarde.

Logo que a quadrilha começou, Von Lembke olhou para os dançarinos com um espanto misturado de irritação; ouvindo as primeiras considerações feitas pelo público, pôs-se a olhar para todos com ar inquieto. Então, pela primeira vez, os seus olhos viram certos homens do serviço e um espanto extraordinário se manifestou no seu olhar. De repente rebentaram risos vibrantes entre os espectadores da quadrilha; na última volta, o redator-chefe do «terrível órgão moscovita», vendo sempre pregadas nele as lunetas do «honesto pensamento russo» e não sabendo como escapar ao olhar que o perseguia, resolveu subitamente ir, de pernas para o ar, ao encontro do seu inimigo, maneira engenhosa de exprimir que tudo estava às avessas no espírito do terrível publicista. — Como só Liamchine sabia fazer o pino, tinha-se encarregado de representar o papel do jornalista da moca. Júlia ignorava que deviam marchar de pés para o ar. «Eles esconderam-me isso, esconderam-me» — repetia me ela mais tarde, com indignação. A facécia de Liamchine obteve grande sucesso; com toda a certeza o público importou-se pouco com a alegoria, mas achou estúpido

que este cavalheiro, de casaca, andasse de cabeça para baixo. Lembke tremeu de cólera.

— O patife! — gritou ele, indicando Liamchine. — Agarrem esse tratante e ponham-no de pé… de cabeça… de cabeça para cima… para cima!

Liamchine retomou imediatamente a sua posição normal. A hilaridade redobrou.

— Expulsem todos os tratantes que riem! — ordenou bruscamente Lembke.

Começou a sentir-se certo murmúrio.

— Isso não é permitido, Excelência.

— Não é permitido insultar o público.

— É um imbecil! — disse uma voz de um canto da sala.

— Flibusteiros! — gritaram de um outro canto.

O governador voltou-se logo para o sítio de onde partiu este grito e tornou se muito pálido. Um vago sorriso se mostrou nos seus lábios, como se tivesse recordado alguma coisa. Júlia julgou dever acalmá-los.

— Senhores — disse ela, dirigindo-se à multidão que se apertava contra ela e seu marido. — Senhores, desculpem-no, está doente... Desculpem... Perdoem-lhe, senhores!

Mal ouvi a palavra «perdoem-lhe». A cena não durou mais do que rápidos instantes. Mas recordo-me muito bem que nesse momento, ou melhor, depois das palavras de Júlia, parte do público, tomada de uma espécie de espanto, correu precipitadamente para a porta. Recordo-me mesmo que uma senhora gritou com lágrimas na voz:

— Ah, estamos como há pouco!

Não julgava bem que assim fosse; de facto, quando se preparava para sair o mais depressa possível, uma bomba rebentou subitamente no meio da balbúrdia, «ainda como há pouco».

— Fogo! Todo o Zariétchié arde!

Não sei dizer se deram este grito nos salões, ou se alguém que chegou o deu na antecâmara; seja como for, produzia logo um pânico de que a minha pena não pode dar ideia. A maior parte das pessoas que vieram ao baile viviam em Zariétchié, ou como proprietários, ou como inquilinos das casas de madeira que abundam nesse bairro. Correr às janelas, subir os transparentes, abri-las, foi um rápido instante. Todo o Zariétchié estava em chamas. O incêndio estava de facto apenas no começo, mas via-se arder

em três sítios perfeitamente distintos, o que era uma circunstância alarmante.

— O fogo foi lançado voluntariamente! Foram os operários dos Chpigouline que deitaram o fogo! — vociferou a multidão.

— Recordo-me de algumas exclamações que bem definem o estado dos espíritos.

— O meu coração dizia-me que haveria fogo; há dias que tinha este pressentimento!

— Foram os operários dos Chpigouline; não se devem procurar os culpados noutra parte.

— Reuniram-nos expressamente para poderem lançar o fogo!

Esta última exclamação, a mais estranha de todas, foi proferida por uma senhora, uma Korobotchka, que perdeu a cabeça ante a perspetiva da sua ruína. Todo o público correu para a porta. Não descreverei a desordem na antecâmara; enquanto os homens vestiam os sobretudos, as senhoras pegavam nas mantilhas e nos lenços. Passarei igualmente em silêncio sobre os gritos das senhoras, aterradas, e as lágrimas das moças. Muito tempo depois contaram que se haviam cometido muitos roubos nessa ocasião. Parece-me não ter sido verdade, mas não nos devemos admirar se, no meio de tal confusão, alguém se retirasse sem ter encontrado o que lhe pertencia. No limiar da porta a pressa era tal, que Lembke e Júlia estiveram a ponto de serem arrastados ou até deitados ao chão.

— Prendam-nos a todos! Não deixem sair ninguém! — ordenou o governador, estendendo os braços como que para impedir que a multidão avançasse. — Revistem-nos a todos minuciosamente, uns após outros!

Clamores injuriosos acolheram estas palavras.

— Von Lembke, Von Lembke? — gritou Júlia, no cúmulo do desespero.

— Prendam-na a ela primeiro! — prosseguiu ele, designando a mulher com gesto ameaçador. — Que seja a primeira a ser revistada! O baile não foi mais do que um pretexto de que se serviram para poderem incendiar à vontade!

Ela soltou um grito e caiu desmaiada — oh, com certeza não foi um desmaio fingido. O príncipe, o general e eu corremos em seu socorro; outras pessoas, mesmo mulheres, vieram ajudar-nos neste momento crítico. Retirámos a infeliz deste inferno e metemo-la numa carruagem. Só recuperou porém os sentidos quando chegou a casa, e o seu primeiro grito

foi para Von Lembke. Depois do desabar de todos os seus castelos, não lhe restava mais do que o marido. Foram buscar um médico. Esperámos, o príncipe e eu, durante uma hora, junto de Júlia. Num gesto de generosidade, o general — ainda que muito aterrado — declarou que passaria toda a noite à cabeceira da «infortunada»; contudo, ao cabo de dez minutos, adormeceu numa poltrona da sala, onde o deixámos ficar. À primeira notícia do incêndio, o chefe da polícia apressou-se a deixar o baile. Conseguiu fazer sair Lembke logo depois de nós e tentou convencê-lo a subir para a carruagem de Júlia, repetindo em todos os tons que Sua Excelência tinha necessidade de repouso. Não compreendo a razão de ser da sua insistência. Como é lógico, Von Lembke não quis ouvir falar em repouso e desejou ir para o lugar do sinistro. Ilia Ilitch terminou por o deixar subir para o seu *drojki* e partiu com ele para Zariétchié. Contou-me depois que durante todo o caminho o governador tinha gesticulado e dado ordens, muito extraordinárias para poderem ser executadas. Mais tarde soube-se também que o sobressalto provocou em Von Lembke um acesso de *delirium tremens*.

Torna-se necessário dizer como acabou o baile. Algumas dezenas de alegres boémios, e com eles várias senhoras, ficaram nos salões que a polícia tinha por completo abandonado. Pretenderam fazer com que os músicos ficassem, mas estes, persistindo em sair, foram espancados. Prokhoritch foi «maltratado», como o predissera o general; esvaziaram todas as garrafas do serviço; entregaram-se às fantasias coreográficas mais arriscadas; sujaram os quartos, e foi só de madrugada que uma parte dos borrachões saiu, para irem começar no Zariétchié novas aventuras saturnais... Os outros, deitados no chão ou nos divãs de veludo, maculados pela orgia, curaram assim a bebedeira até de manhã. Então os criados pegaram-lhes pelos pés e puseram-nos na rua. E assim terminou a festa a favor das professoras da nossa província.

Capítulo 4

Os habitantes do outro lado da ribeira ficaram emocionados com a circunstância do incêndio ter sido lançado por mãos criminosas. Coisa de estranhar: ainda o grito de «Fogo!» não tinha sido bem proferido e já toda a gente acusava os operários dos Chpigouline. Agora sabe-se muito bem que, de facto, três deles participaram no incêndio, ao passo que os outros foram reconhecidos como inocentes, tanto pelos tribunais como pela opinião pública. A culpabilidade do forçado Fedka não foi melhor definida do que a dos três patifes de que acabo de falar. São estes todos os dados positivos que até agora foram estabelecidos com respeito à origem do incêndio. Mas qual era o fim desses três tratantes? Agiram por sua própria iniciativa ou instigados por alguém? São perguntas às quais, por agora, só é possível responder por conjeturas.

Lançado em três pontos e favorecido por vento violento, o fogo propagou-se com a maior rapidez, devido a grande parte das casas do bairro serem construídas de madeira. Além disso, um dos três focos do incêndio foi apagado quase logo, como se verá mais adiante. O ocorrido foi muitíssimo exagerado nas notícias mandadas para os jornais da capital: só um quarto do Zariétchié, quando muito, foi devorado pelas chamas. Os bombeiros, ainda que poucos relativamente ao tamanho e à população da cidade, revelaram coragem e abnegação acima de todo o elogio. Dos seus esforços, mesmo secundados, como foram, pelos habitantes, não teria porém resultado nenhum benefício se aos primeiros alvores da aurora o vento não acalmasse. Uma hora depois de ter deixado o baile, cheguei, a suar, ao local do sinistro. Encontrei o incêndio na sua máxima impetuosidade. Estava claro como em pleno dia. É inútil relatar os diversos pormenores de um quadro que todos, com certeza, já tiveram ocasião de observar ou de que fazem uma ideia muito aproximada. Nas vielas vizinhas da rua onde se tinha declarado o incêndio, reinava agitação extraordinária. Diretamente ameaçados pelo alastrar do incêndio, os habitantes dessas vielas apressaram-se a tirar tudo de casa. Contudo não se distanciaram muito das suas habitações: depois de terem tirado de casa os

haveres e as camas, sentaram-se em cima e esperaram. Parte dos homens ocupava-se num trabalho violento; abatiam a golpes de machado as cumeeiras dos telhados e as casotas que estavam próximas do incêndio. As crianças, acordadas em sobressalto, soltavam gritos, aos quais se juntavam os das mulheres que já haviam conseguido tirar os móveis para fora das suas casas: quanto às outras, trabalhavam silenciosamente, mas com a maior atividade, no salvamento do seu mobiliário. Para longe voavam, levadas pelo vento, as faúlhas e as labaredas, que tratavam logo de apagar tanto quanto possível. No local do sinistro tinha-se agrupado grande número de pessoas, vindas de todos os lados da cidade: uns ajudavam a combater o fogo, outros contemplavam o espetáculo com espanto.

Sempre na peugada da multidão curiosa, cheguei sem interrogar ninguém ao lugar mais perigoso e aí encontrei Lembke, em procura do qual Júlia me tinha pedido para ir. O governador estava de pé, em cima de um monte de pranchas, provenientes de uma cabana abatida. À sua esquerda, a trinta passos de distância, levantava-se o esqueleto negro de uma casa de madeira já quase toda incendiada: nos dois andares, as janelas eram buracos ardentes; o telhado desabara e as chamas continuavam serpenteando de um lado para o outro, ao longo das traves carbonizadas. No fundo dam pátio, a vinte passos da casa incendiada, um pavilhão, composto também de dois andares, começava a arder. Os bombeiros disputavam-no às chamas o melhor que podiam. À direita, os bombeiros e a gente do povo esforçavam-se por defender um grande edifício de madeira que o fogo não tinha ainda atingido, mas que corria perigo eminente. Com a cara voltada para o pavilhão, Lembke gritava, gesticulava e dava ordens que não eram executadas por ninguém. Notei que todos o deixavam fazer o que queria. À sua volta a multidão compunha-se dos elementos mais diversos. Junto da populaça estavam cavalheiros respeitáveis e, entre eles, o arcipreste da catedral. Ouviam Von Lembke com surpresa, mas ninguém lhe dirigia a palavra, nem procuravam levá-lo. Pálido, com os olhos a faiscar, Von Lembke dizia as coisas mais incoerentes. Estava com a cabeça descoberta, tendo há muito perdido o chapéu.

— Um incêndio é sempre devido a malvadez! Foi o niilismo! Se alguma coisa arde, é o niilismo — ouvi eu espantado, posto que esta linguagem não fosse para mim uma revelação.

— Excelência — observou um polícia que estava perto do governador — era melhor ir para casa e descansar. Há mesmo perigo para Vossa Excelência em continuar aqui...

Segundo soube depois, este polícia fora colocado junto de Von Lembke por Ilia Ilich, com a missão expressa de velar pela sua pessoa e de tentar, sem o irritar, levá-lo para casa. Em caso de necessidade urgente podia mesmo empregar a força. Porém como havia de fazer para executar semelhante ordem?

— Limparam as lágrimas aos sinistrados, mas queimaram a cidade. São sempre os quatro velhacos, os quatro velhacos e meio. Prendam o patife! Introduz-se como um verme no seio das famílias. Para queimar as casas, serviram-se das professoras. Foi uma cobardia, uma cobardia! Ah, que faz ele? — gritou Von Lembke, vendo de repente num telhado, em parte queimado, um bombeiro a quem as chamas rodeavam. — Façam-na descer. Tirem-no daí! O telhado vai cair e cairá... Salvem-no... Que faz ele acolá?

— Trabalha para extinguir o incêndio, Excelência.

— É inverosímil. O incêndio está nos espíritos e não nos telhados das casas. Tirem-no de lá e não tratem de mais nada! É o melhor, é o melhor! As coisas arranjam-se como se pode! Ah, quem chora ainda? Uma velhinha! Esta velhinha grita porque a esqueceram?

Com efeito, no rés do chão do pavilhão ouviam-se os gritos de uma senhora de idade, talvez de oitenta anos, parenta do negociante a quem pertencia o prédio incendiado. Não a tinham esquecido; ela própria é que, antes que o acesso à casa fosse impossível, tinha tido a loucura de entrar para salvar uma cama que se encontrava num pequeno quarto, até então poupado pelo incêndio. Neste entretanto o fogo invadiu esse quarto. Meia asfixiada pelo fumo, sentindo um calor insuportável, a infeliz soltava gritos de terror, esforçando-se por deitar a cama pela janela. Lembke correu em seu socorro. Toda a gente o viu encaminhar-se para a janela, pegar na cama e puxá-la com toda a força. Porém nesse momento uma tábua, caindo do teto, atingiu-o no pescoço e fê-lo desmaiar.

A alvorada apareceu enfim, pálida e sombria. O incêndio perdeu a sua violência; o vento deixou de soprar e foi substituído por chuva fina. Nessa altura estava já noutro sítio do Zariétchié, muito longe daquele onde se tinha dado o incêndio. Aí, entre a multidão, ouvi conversas bastante estranhas, como notei também um facto singular: mesmo na extremidade

do bairro havia um terreno vago e no extremo do jardim uma casa de madeira, recentemente construída, situada a uns cinquenta passos das outras habitações. Foi nessa casa afastada que o fogo começou. Visto a sua situação absolutamente isolada, podia ter ardido inteiramente sem pôr em perigo nenhuma outra habitação, como também teria sido poupada se um incêndio devorasse todo o Zariétchié. Como era evidente, tratava-se de um caso isolado, de uma tentativa criminosa, e não de um acidente devido às circunstâncias. Havia porém um ponto onde o caso se complicava: a casa pôde ser salva e, quando lá entraram, ao amanhecer, viram um espetáculo inesperado.

O proprietário dessa casa era um burguês que habitava não longe dela, num arrabalde; tinha corrido a toda a pressa para a sua nova casa logo que vira ou soubera do começo do incêndio e, com o auxílio de alguns vizinhos, começara a apagar o fogo. Nessa habitação vivia um capitão conhecido na cidade, a irmã deste e uma velha criada; ora, durante a noite, os três foram assassinados e, segundo toda a evidência, roubados. O chefe da polícia visitava o local do crime no momento em que Lembke se propunha salvar a cama. Pela manhã, a notícia espalhou-se pela cidade e a curiosidade arrastou logo para a casa uma multidão de indivíduos de todas as condições, entre os quais estavam mesmo muitos dos incendiários do Zariétchié. Era difícil poder passar por entre multidão tão compacta. Contaram-me que tinham encontrado o capitão deitado, ainda vestido, num banco e com a garganta cortada. Estava sem dúvida prostrado pelo sono da embriaguez quando o assassino o golpeou. Lebiadkine, diziam, tinha sido degolado «como um boi»; o corpo da Maria estava todo crivado de punhaladas e jazia deitada no solo, o que provava que tinha havido luta entre ela e o assassino; a criada, cuja cabeça era toda uma ferida, devia ter sido despertada no momento do crime. Segundo o proprietário, Lebiadkine tinha passado em casa dele a manhã da véspera; estando embriagado, gabara-se de possuir muito dinheiro e tinha mostrado até duzentos *rublos.* A sua velha carteira verde fora encontrada vazia no soalho, mas não tinham tocado nem no vestuário, nem no cofre da Maria, nem tão pouco tinham levado a guarnição de prata de uma imagem. Evidentemente o ladrão tinha-se apressado; além disso, devia ser homem conhecedor dos negócios do capitão: roubou só o dinheiro e sabia onde ele estava. Se o proprietário não tivesse chegado a tempo de extinguir o incêndio, os

cadáveres seriam reduzidos a cinzas e então seria difícil descobrir a verdade.

Tais foram as informações que me deram. Soube também que fora Stavroguine que viera alugar esta casa para o capitão e sua irmã. O proprietário não queria a princípio ouvir falar em aluguer, porque pensava estabelecer um café-concerto na sua casa; mas Stavroguine não olhou ao preço e pagou seis meses adiantados.

— Não foi por acaso que se deu o fogo — dizia a multidão.

A maioria estava contudo calada e as fisionomias estavam mais sombrias e irritadas. Entretanto à minha volta continuavam a falar de Stavroguine; a mulher assassinada era sua esposa. A velha levara a esta casa, «com fins desonestos», uma jovem pertencente à mais alta sociedade, a filha da viúva Drozdov. Iam fazer queixa dele a S. Petersburgo. Se a mulher tinha sido assassinada, era para ele poder desposar a menina Lisa. Como Skvorechniki ficava apenas à distância de duas milhas e meia, pensei em ir levar lá tais notícias. Para dizer a verdade, não vi ninguém excitar a multidão, ainda que reconheci entre os indivíduos presentes duas ou três das caras patibulares que encontrei no serviço. Devo apenas anotar um rapaz, cuja atitude me espantou: alto, magro, anémico, de cabelos anelados e espessa máscara de cera cobrindo-lhe a cara. Era, conforme me disseram mais tarde, um burguês que exercia a profissão de serralheiro. Embora não estivesse embriagado, a sua agitação contrastava com a tranquilidade daqueles que o rodeavam. Dirigia-se sem cessar ao povo, fazendo grandes gestos; porém tudo quanto pude distinguir das suas palavras, limitou-se a frases como estas: «Meus amigos, que é isto? É possível que isto se passe assim?»

Parte 3

Capítulo 1

Da grande sala de Skvorechniki — a mesma em que se tinha dado a última entrevista entre Bárbara e Stepan — avistava-se todo o local do incêndio. Eram mais de cinco horas. O dia nascia, e em pé, perto da última janela da direita, Lisa contemplava o rubro agonizante do céu. A moça estava só no quarto. Tinha ainda vestido o magnífico traje verde, guarnecido de rendas, que levara ao sarau literário, mas estava bastante amarrotado e via-se que tinha sido vestido apressadamente e sem cuidado. Notando de repente que o corpete não estava bem acolchetado corou, arranjou-se a toda a pressa e pôs ao pescoço um lenço vermelho que, na véspera, a quando da chegada, atirara para uma poltrona. Os anéis desfeitos da sua opulenta cabeleira saiam por baixo do lenço e caiam-lhe sobre o ombro direito. O rosto estava melancólico e triste, mas os olhos brilhavam sob as sobrancelhas carregadas. Encostou-se ao parapeito da janela e apoiou a fronte escaldante no vidro frio. A porta abriu-se e entrou Stavroguine.

— Mandei um emissário, que partiu a toda a brida — disse ele. — Dentro de dez minutos saberemos tudo; dizem que a parte de Zariétchié que ardeu é a que fica ao lado do cais, à direita da ponte. O incêndio declarou-se entre as onze horas e a meia-noite e agora está no fim.

Não se aproximou da janela e parou a três passos de distância da jovem. Ela não se voltou para ele.

— Segundo o calendário, devíamos ver claro há já ama hora, e estamos quase que em plena noite — observou ela em tom vexado.

— Todos os calendários mentem — respondeu com sorriso amável Stavroguine, mas, envergonhado por ter dado resposta tão banal, apressou-se a acrescentar. — É aborrecido viver pelo calendário, Lisa.

E reparando, encolerizado, que tinha dito outra vulgaridade, calou-se. Lisa esboçou um sorriso amargo.

— Estás com uma disposição de espírito tão extraordinária que não encontras nada para me dizer. Mas tranquiliza-te, pois a tua observação veio muito a propósito: eu vivo sempre segundo o calendário e é ele que

regula cada uma das minhas ações. Admiras-te por me ouvires falar assim? — E deixou bruscamente a janela, sentando-se numa poltrona.

— Senta-te também, peço-te. Não temos muito tempo para estar juntos e por isso quero dizer tudo quanto me apetecer... Por que não fazes outro tanto?

Stavroguine sentou-se ao lado da moça, docemente, quase que religiosamente, e pegou-lhe na mão.

— Que significa essa linguagem, Lisa? Qual é a cansa disso? Por que dizes «que não temos muito tempo para estar juntos»? É já a segunda frase enigmática que sai da tua boca desde que te levantaste.

— Estás a contar as minhas frases enigmáticas? — replicou ela, rindo. — Recordas-te então da minha primeira palavra quando cheguei aqui ontem? Disse-te que era um cadáver que vinha para tua casa. Esqueceste-a, ou não lhe prestaste atenção?

— Não me recordo, Lisa. Por que és um cadáver? É preciso viver...

— E é tudo? Perdeste toda a tua eloquência. Tive a minha hora de vida e foi o bastante. Recordas-te de Cristóvão Ivanovitch?

— Não, não tenho nenhuma ideia dele — respondeu Stavroguine, carregando as sobrancelhas.

— Cristóvão Ivanovitch, que conheceste em Lausanne? Achava-lo insuportável. Quando abria a porta, nunca se esquecia de dizer: «Venho por um instantinho» e ficava toda a tarde. Não quero assemelhar-me a Cristóvão Ivanovitch e ficar toda a tarde.

Uma impressão de sofrimento se revelou no rosto de Stavroguine.

— Lisa, o tom ligeiro que afetas faz-me mal. Essa hipocrisia custa-te muito. Para que gracejas assim? Para quê?

Um clarão lhe fulgiu nos olhos.

— Lisa — gritou ele — juro-te que te amo agora mais do que quando entraste ontem em minha casa!

— Que estranha declaração! Porque tomas ontem como medida e o pões em comparação com hoje?

— Não me deixarás — prosseguiu Stavroguine com uma espécie de desespero. — Partiremos juntos, hoje mesmo, não é verdade? Não é verdade?

— Ai, não me apertes o braço com tanta força, pois magoas-me. Para onde iremos hoje? Começar em qualquer parte uma «vida nova»? Não, são já muitas tentativas... e é muitíssimo longo para mim, visto ser incapaz, ou

não estar à altura do que queres. Onde iria de boa vontade era a Moscovo, para fazer visitas e recebê-las… é esse o meu ideal, como sabes. Já na Suíça te revelei o meu caráter. Como estás casado, é-nos impossível ir a Moscovo e fazer visitas. É inútil, por consequência, falar nisso.

— Lisa, que houve ontem?

— Houve o que houve.

— Isso não pode ser! É cruel!

— Que importa? Se é cruel, suporta-o.

— Vingas-te em mim da tua fantasia de ontem... — resmungou Stavroguine, com sorriso desgostoso; a moça corou.

— Que triste pensamento!

— Então para que me deste... «tanta felicidade?» Não tenho o direito de o saber?

— Não. Interroga-me sem dizer se tens direito a isso; não juntes uma tolice à baixeza de uma suposição. Estás muito mal inspirado hoje. A propósito, não acreditas também na opinião pública, e não serás enganado pela ideia de que esta «felicidade» te causará uma condenação? Oh, se é assim, pelo amor de Deus não te inquietes por coisa alguma. Não és culpado e não tens de dar contas a ninguém. Quando abri ontem a tua porta não sabias quem ia entrar. Não houve mais do que uma fantasia da minha parte, como disseste ainda há pouco, e nada mais. Podes levantar os olhos com orgulho e olhar toda a gente face a face!

— As tuas palavras, essa jovialidade simulada que dura há já uma hora, gelam-me de pavor. Essa «felicidade» de que falas com tanta irritação, custa-me... muito. Posso porventura perder-te? Juro-o, amava-te menos ontem. Por que me desenganas hoje? Sabes o que me custou esta nova esperança? Paguei-a com uma vida.

— A tua ou a de outro?

Ele tremeu.

— Que queres dizer? — perguntou, olhando fixamente a sua interlocutora.

— Queria perguntar-te se a tinhas pago com a tua vida ou com a minha. Agora também não compreendes? — replicou, corando, a moça. — Por que fizeste esse brusco movimento? Por que me olhaste com esse modo? Aterrorizas-me. De que tens sempre medo? Já há muito que tenho notado isso. Tens sempre medo e agora sobretudo... Oh, Senhor, como estás pálido!

— Se sabes alguma coisa, Lisa, juro-te que eu não sei nada... Não era disso, por maneira nenhuma, que falava há pouco, ao dizer que tinha pago com uma vida.

— Não compreendo nada — respondeu ela com voz trémula.

Um sorriso lento e pensativo surgiu nos lábios de Stavroguine. Sentou-se silenciosamente, pousou os cotovelos nos joelhos e encostou a cara às mãos.

— É um mau sonho e um delírio... Falávamos de duas coisas diferentes.

— Não sei do que falavas... Por acaso podias saber ontem que te deixaria hoje?... Sabias ou não? Não mintas, sabias ou não?

— Sabia... — disse ele em voz baixa.

— Muito bem, então de que te lamentavas? Sabias e aproveitaste logo o «instante». Que deceção há nisto para ti?

— Diz-me toda a verdade — gritou Stavroguine com acento de profundo sofrimento. — Ontem, quando abriste a porta, sabias que não entravas em minha casa apenas por uma hora?

Ela fixou nele um olhar rancoroso.

— É verdade que o homem mais sério pode fazer as perguntas mais espantosas! Para que é que te inquietas tanto com isso? Sentes-te atingido no teu amor-próprio porque uma mulher te deixa logo, em lugar de esperar que tu lhe dês licença? Sabes, Stavroguine, estou convencida, além doutras coisas, da tua extrema benevolência a meu respeito e, olha, não posso suportar isso em tua casa.

Levantou-se e deu alguns passos pelo quarto.

— Está bem, admito que isto deva acabar assim... Seja... Mas como pôde tudo isto acontecer?

— É o que te intriga! E o mais estranho é que estás muito bem informado acerca disso e compreendes isso melhor do que ninguém, pois tu mesmo tinha-lo previsto. Sou uma moça e o meu coração fez a sua educação na Ópera. Foi esse o ponto de partida e nele se originou tudo isto...

— Não.

— Não há nada nisto que possa ferir o teu amor-próprio. É esta a devida verdade. Isto começou num suave momento que foi mais forte do que eu. Anteontem, em minha casa, depois da tua resposta tão cavalheiresca ao insulto público que te fiz, adivinhei logo que, se me

fugias, era porque estavas casado, e não porque me desprezasses, coisa de que tinha medo na minha qualidade de moça vaidosa. Compreendi que, evitando-me, protegias-me contra a minha própria imprudência. Vês como aprecio a tua grandeza de alma. Chegou então Pedro, que explicou tudo. Revelou-me que estavas agitado devido a uma grande ideia, ante a qual não éramos, ele e eu, absolutamente nada, mas eu era um obstáculo no teu caminho. Disse-me que era teu associado nessa empresa e pedia-me instantemente para me juntar a vós os dois. A sua linguagem foi absolutamente fantástica, recitou versos russos onde falava de um barco de remos de ácer. Felicitei-o pela sua imaginação poética, mas não fez caso das minhas palavras. Sabendo há muito que as minhas resoluções não duram mais de um minuto, decidi-me desde logo. E é tudo. Suponho que estas explicações são suficientes, não é verdade? Peço-te que fiquemos por aqui, se não (quem sabe?) zangar-nos-emos ainda. Não tenhas medo de ninguém; assumo toda a responsabilidade. Sou má, caprichosa e fui seduzida por um *navio de ópera*... sou moça... E, sabes, julguei sempre que me amavas loucamente. Que estúpida que sou! Não me desprezes e não rias desta lágrima que deixei cair agora. Gosto muito de chorar e tenho pena na verdade de mim mesmo. Vamos, basta, basta. Não sou capaz de nada, nem tu tão pouco; cada um de nós fica na sua insignificância, e é esta a nossa consolação. Ao menos, salve-se o amor-próprio.

— Foi um sonho e um delírio! — exclamou Stavroguine, que passeava a grandes passos pela sala, torcendo as mãos. — Lisa, pobre Lisa, que fizeste?

— Consumi-me como uma vela de cebo e mais nada. Olha, dir-se-ia que também choras? Sê mais conveniente e menos sensível...

— Porque… porque vieste a minha casa?

— Mas então não compreendes a situação cómica em que te colocas aos olhos do mundo, com semelhantes perguntas?

— Porque te perdeste tão monstruosamente, tão estupidamente? Que havemos de fazer agora?

— E é este o Stavroguine, o «Stavroguine bebedor de sangue», como te chama uma senhora daqui, que está apaixonada por ti! Escuta, já te disse: pus a minha vida numa hora e estou tranquila. Faz tu o mesmo... ou antes, não, para ti é inútil: terás ainda muitas «horas» e muitos «momentos» diversos...

— Tanto como tu. Dou-te a minha palavra de honra, a mais sagrada, de que nem uma hora mais do que tu.

Continuara a passear no quarto, sem notar os olhares penetrantes que Lisa lhe dirigia. Subitamente brilhou nos olhos da moça como que um raio de esperança, mas extinguiu-se no mesmo instante.

— Se soubesse o preço da minha *impossível* sinceridade neste momento, se ao menos ta pudesse revelar...

— Revelar? Queres-me revelar alguma coisa? Deus me livre das tuas revelações! — interrompeu ela um tanto receosa.

Ele parou e esperou inquieto.

— Devo-te confessar que já na Suíça me tinha persuadido que tinhas não sei o quê de terrível na consciência: uma mistura de lama e de sangue e... ao mesmo tempo alguma coisa de profundamente ridículo. Se não me enganei, abstinhas-te de me fazer a tua confissão, pois receavas excitar a minha hilaridade. Desde que te conheci, que faço escárnio de ti... Ah, empalideces outra vez? Vamos, acabou. Vou-me embora.

Levantou-se rápida, fazendo um trejeito de desgosto,

— Atormenta-me, suplicia-me, concentra em mim toda a tua cólera! — gritou Stavroguine desesperado. — Tens esse pleno direito! Sabia que não te amava e que te havia perdido. Sim, «aproveitei o instante», tive uma esperança... há tempos... uma última esperança... Não pude suportar a luz que iluminou o meu coração quando ontem entraste em minha casa espontaneamente, sozinha, pela primeira vez. Julguei de repente... talvez o mesmo que julgo ainda agora.

— Tão nobre franqueza merece ser paga com outra! Não quero ser irmã de caridade para ti. É possível que depois de tudo isto me faça enfermeira, se não tiver a feliz sorte de morrer hoje; todavia, antes mesmo de me devotar ao serviço dos enfermos, não será a ti que dedicarei os meus cuidados, ainda que, sem dúvida, valhas mais do que um coxo ou um aleijado qualquer. Pensei sempre que me levarias para qualquer sítio habitado por gigantesca aranha, da altura de um homem e de uma ferocidade proporcional ao seu tamanho; passaríamos lá toda a nossa vida a olhar para esse animal tremendo. Só assim usufruiríamos juntos o verdadeiro e completo amor. Fala a Dacha, e essa seguir-te-á para onde quiseres.

— Não podias dispensar-te de pronunciar esse nome nesta ocasião?

— Pobre cadela! Dá-lhe os meus cumprimentos. Já sabia que na Suíça lhe tinhas reservado lugar para a sua velhice. Que previdência! Que espírito prático! Ah, ah! Quem está aí?

Ao fundo da sala entreabriram a porta, deixando ver uma cabeça que desapareceu quase do mesmo instante.

— És tu, Aléxis? — perguntou Stavroguine.

— Não, sou eu — respondeu Pedro, passando de novo a cabeça e a maior parte do corpo pela abertura da porta.

— Bom dia, Lisa, ou melhor, boa manhã. Sabia que vos encontraria aos dois nesta sala. Venho apenas por um instante, Stavroguine. É necessário em absoluto que te diga duas palavras... é absolutamente necessário... Duas palavrinhas, nada mais!

Stavroguine dirigiu-se para a porta, mas depois de dar uns passos, voltou para junto de Lisa.

— Se alguma vez ouvires alguma coisa, Lisa, fica sabendo que sou o culpado!

Estremeceu e olhou-o com ar aterrado, mas ele saiu apressadamente.

Capítulo 2

O compartimento cuja porta Pedro acabava de entreabrir era uma antecâmara de forma oval. Aléxis já lá estava, antes da chegada do visitante, mas este obrigou-o a sair. Stavroguine, depois de ter fechado a porta que dava acesso à sala, esperou a comunicação que tinham a fazer-lhe. Pedro lançou-lhe um olhar penetrante.

— Que há?

— Se sabes já o que se passou — respondeu precipitadamente Pedro, cujos olhos brilhavam — dir-te-ei que a culpa não é, bem entendido, de nenhum de nós e que és menos culpado do que ninguém; visto ter havido tal concordância... tal coincidência de acontecimentos... em suma, debaixo do ponto de vista jurídico, estás absolutamente ilibado. Era isto que tinha pressa em te dizer.

— Foram queimados? Assassinados?

— Assassinados, mas não queimados, e é o que tem de mais vexante. Além disso dou-te a minha palavra de honra que não entrei na questão, quaisquer que sejam as tuas suspeitas a meu respeito (porque talvez suspeites de mim, não?). Queres que te diga toda a verdade? Olha, esta ideia surgiu-me há um instante. Tu mesmo ma sugeriste, é claro, sem ligar a isso importância e somente para me inquietar... Porque não ma sugeriste a sério! Contudo não a pus em prática, nem a executo por nenhum preço, nem mesmo por cem *rublos,* tanto mais que o interesse era nulo para mim... Entendamo-nos... para mim...

Todo este palavreado era pronunciado com volubilidade extraordinária.

— Mas repara como as circunstâncias vieram ao nosso desejo; dei do meu bolso... do meu bolso, nem um *rublo!* Veio de ti e tu sabe-lo... dei do meu bolso, ao imbecil do Lebiadkine, duzentos e trinta *rublos* na reunião de anteontem... nota! anteontem, e não ontem, depois do sarau literário. Chamo a tua atenção para este ponto, porque então ainda não sabia que Lisa viria a tua casa; tirei este dinheiro da minha própria carteira, unicamente porque anteontem te tinhas distinguido e tinhas a fantasia de

revelar o teu segredo a toda a gente. Vamos, não me intrometo no assunto... Isso é contigo... És um cavalheiro... mas confesso contudo que uma namorada não me teria atendido melhor. Ora como estas tragédias me aborrecem muitíssimo e, enfim, como tudo isto prejudicava os meus planos, jurei mandar, custasse o que custasse, os Lebiadkine para S. Petersburgo, sem tu saberes, tanto mais que o próprio capitão me pedira para ir. Enganei-me, porém; dei o dinheiro em teu nome! Foi ou não um erro? Talvez não fosse, não? Ouve agora qual foram as consequências de tudo isto...

No calor da conversa aproximou-se de Stavroguine e agarrou-o pela lapela do casaco — talvez o fizesse de propósito — mas este, dando-lhe uma pancada no braço, obrigou-o a deixar a presa.

— Que fazes? Toma cuidado, que me ias quebrando o braço... O principal nisto é a maneira como se passou o resto — replicou Pedro, sem se comover nada com o golpe recebido. — Dei-lhe o dinheiro no sarau, estipulando-lhe que os dois partiriam no dia seguinte de madrugada e confiei ao tratante do Lipoutine o cuidado de os meter no comboio. Contudo o patife tinha-se comprometido a fazer uma farsa de estudante (ouviste talvez falar nisso?) no sarau literário. Ouve, ouve: ambos bebem e compõem versos. Lipoutine, que escreveu metade, vestiu um fraque ao capitão e, afirmando-me que o levaria pela manhã à estação, prendeu-o num pequeno quarto do fundo, para o empurrar para o estrado no momento oportuno. O outro entretanto embriagou-se. Então deu-se o escândalo que sabes. No final, Lebiadkine foi conduzido a casa completamente ébrio. Lipoutine tirou-lhe os duzentos *rublos,* deixando-lhe apenas dinheiro miúdo no bolso do colete. Por desgraça, este, pela manhã, tinha-se vangloriado de ter a carteira bem recheada, e teve a imprudência de mostrar os duzentos *rublos* nas tabernas frequentadas por gente suspeita. Ora, como Fedka esperava justamente por isso e tinha ouvido as tuas palavras em casa de Kirilov (lembras-te do que disseste?), decidiu aproveitar a ocasião. Aqui está toda a verdade. Estimei que Fedka, pelo menos, não tivesse encontrado o dinheiro. O tolo contava com uma receita de mil *rublos!* Apressou-se e parece que ele próprio teve medo do incêndio... Convence-te de que este incêndio foi para mim como que uma pancada que me dessem na cabeça. Não, esta nem pelos diabos! É tal insubordinação... Olha, de ti, de quem esperava grandes coisas, não tenho nada a esconder; pois bem, por mim, desde há muito que sonhava recorrer

ao incêndio, porque esta maneira de agir é muito popular e profundamente nacional; todavia, reservado este meio para a hora crítica, para o momento decisivo, quando nos revoltássemos todos, e... de repente, sem ordens, por sua própria iniciativa, decidem isto, no momento em que precisamente era necessário estar inquieto e evitar qualquer propaganda? Não, assim é uma grande indisciplina! Numa palavra, ainda não sei nada. Fala-se de dois operários da fábrica Chpigouline... mas se os *nossos* também estão metidos nisso, se um dos dois tomou parte no incêndio (desgraçados deles!). Vê no que dá o abandoná-los a si próprios! Não, não há nada a fazer com esta ladroeira democrática e os seus quinquaviratos; o que é preciso é vontade forte, despótica, tendo o seu ponto de apoio fora das secções e cegamente obedecido por estas... E agora acham bem em espalhar por toda a parte que a cidade ardeu porque Stavroguine necessitava do incêndio para se desembaraçar da mulher, quando no fim de contas...

— Ah, espalham isso por toda a parte?

— Quer dizer, ainda não dizem tal. Confesso que nada de semelhante chegou aos meus ouvidos, mas sabes bem como raciocina a multidão, sobretudo quando sucede algum sinistro como este. Puseram logo a circular um boato, o mais idiota. No fundo, de resto, tu nada tens a temer. Em face da lei, estás completamente inocente, como em face da consciência também. Não desejavas isto, não é verdade? Não o desejavas? Não há provas, mas sim apenas uma coincidência... A menos que Fedka não se lembre das palavras imprudentes pronunciadas por ti outro dia em casa de Kirilov... Que necessidade tinhas de falar assim? Mas mesmo isso não prova nada e além disso faremos calar o Fedka. Encarrego-me de lhe cortar a língua hoje mesmo.

— Os cadáveres foram queimados?

— Não, escaparam. Aquela canalha não soube fazer as coisas como devia... Mas alegro-me, pelo menos, por te ver tão tranquilo... porque ainda que isto não seja por tua culpa e que não tenhas mesmo um mau pensamento a lamentar, não importa... No entanto confesso que tudo isto simplifica admiravelmente os teus negócios: ficaste de repente livre, viúvo, em condições de desposar, quando quiseres, uma linda e rica moça, que, por um acaso feliz da sorte, já está nas tuas mãos. O que pode fazer um acaso da sorte, um concurso fortuito de circunstâncias, hem?

— Ameaças-me, imbecil?

— É sempre isto! Agora tratas-me por imbecil, e nesse tom! Devias estar encantado e... Corri a informar-te o mais depressa possível. E para que te ameaçaria? Não quero obter nada de ti com intimações! É-me necessário o teu consentimento, e não quero por forma nenhuma uma adesão forçada. És um astro, um sol... Sou eu que na verdade te temo, e não tu que me temes! Não sou o Maurício... Imagina que, quando cheguei aqui, a toda a brida, encontrei o Maurício perto das grades do jardim! Devia ter lá passado toda a noite, pois tinha o capote todo molhado! É prodigioso! Como um homem pode ser tão doido!

— Maurício? Isso é verdade?

— É a verdade. Estava diante da grade do teu jardim, a trezentos passos daqui, se não me engano. Passei ao lado dele tão depressa quanto possível, mas viu-me. Não o sabias? Nesse caso fiz bem em to dizer. Olha, esse é mais para temer do que ninguém. Se tem um revólver, e, enfim, de noite, com mau tempo, uma irritação bem legítima — porque está numa situação muito estúpida... Ah, ah! E quem espera ele, se não a ti?

— Espera pela Lisa, naturalmente.

— O quê! Mas para que iria ela ao seu encontro? E... com uma chuva destas! Aqui está um imbecil!

— Vai já ao encontro dele.

— Ah, sim? É uma novidade! Assim... Mas ouve, agora a posição de Lisa mudou fundamentalmente: que lhe importa o Maurício? Tornado livre pela viuvez, podes desposá-la quando quiseres, não é verdade? Ela não o sabe ainda... Deixa-me agir e num instante terei arranjado tudo. Onde está ela? Como vai ficar contente quando souber isto!

— Contente?

— Creio-o bem... Vamos dar-lhe a notícia.

— E tu pensas que esses cadáveres não despertarão nela nenhuma suspeita? — perguntou Stavroguine, com singular piscar de olhos.

— Não, não lhe despertarão nenhuma suspeita — respondeu Pedro alegremente — porque sob o ponto de vista jurídico... Ah, que ideia! E mesmo que ela duvidasse de alguma coisa? As mulheres mudam tão facilmente a esse respeito... Ainda não conheces as mulheres! Antes de tudo é absolutamente necessário que ela case contigo, visto que perdeu a reputação. Depois falo-lhe do «navio» e lembro-lhe que se deixou enganar... De que calibre é esta menina! Não tenhas medo. Saltará por cima desses cadáveres com felicidade e facilidade, tanto mais que estás

completamente inocente, não é verdade? Somente terá o cuidado de conservar esses cadáveres para tos servir mais tarde, depois de um ano de casados. Toda a mulher, ao cingir a coroa nupcial, procura armas no passado de seu marido. Mas até lá... que haverá num ano? Ah, ah, ah!

— Se tens um *drojki,* leva-a já para junto de Maurício. Declarou-me ainda há pouco que não me podia suportar e que me ia deixar. Com certeza não permitirá que lhe ofereça uma carruagem.

— O quê? Então ela na verdade quer ir-se embora? Qual a causa? — perguntou Pedro, olhando para Stavroguine com ar estúpido.

— Verificou esta noite que não a amo... e que sempre foi assim.

— Mas tu não a amas? — replicou Pedro, que parecia muitíssimo espantado. — Se é assim, para que a recebeste ontem em tua casa e porque não a preveniste lealmente, ao entrar, de que não a amavas? Cometeste uma cobardia odiosa, e eu estou a desempenhar um papel ignóbil junto dela por causa dessa tua ação!

Stavroguine teve brusco acesso de hilaridade.

— Rio da minha hipocrisia — apressou-se ele a explicar.

— Ah, adivinhavas que desempenharia o papel de palhaço — replicou Pedro, rindo também. — Era para te divertires! Imagina, quando entrei aqui o teu rosto disse-me que estavas «desgraçado». É mesmo um azar completo, não? Ah, ah! Aposto — prosseguiu ele, elevando alegremente a voz — aposto que durante toda a noite estivestes sentados um ao lado do outro na sala e que perdestes tempo precioso a fazer ataques à nobreza... Perdoa-me, perdoa-me, pois isso é-me indiferente, no fim de contas. Já ontem estava convencido que o desenlace seria estúpido. Trouxe-ta com o único fim de te dar um pouco de alegria e para te provar que comigo não te aborrecerás. Sou muito útil neste particular; em geral gosto de dar prazer às pessoas. Se não tens necessidade dela agora, o que presumia quando vinha para tua casa, então...

— Visto isso, não foi para me alegrares que ma trouxeste?

— Então para que teria sido?

— Não era para me decidires a matar minha mulher?

— Tens cada uma! Mas então tu mataste-a? Que homem trágico!

— Mataste-a tu, é a mesma coisa.

— Mas eu matei-a? Afianço-te que não tenho absolutamente nada que ver com essa questão. Começas a inquietar-me...

— Continua. Dizias tu: «se não tens agora necessidade dela, então...»

— Então, pedir-te-ei que ma dês, como é natural! Casá-la-ei com Maurício. Seja dito de passagem que não fui eu que o pus de sentinela diante do teu jardim!... Não vás agora meter essa na cabeça! Olha, neste momento, tenho medo dele. Falavas de um *drojki* quando tenho necessidade de correr a toda a brida! Não estava calmo quando passei ao lado dele. «Se está armado de um revólver!», pensei eu. Felizmente que trouxe o meu. Ei-lo — e tirou do bolso um revólver, que se apressou a guardar logo, depois de o ter mostrado a Stavroguine. — Muni-me dele por causa da distância que tinha a percorrer... Pelo que diz respeito a Lisa, digo-te em duas palavras: o seu coração sofre agora ao pensar em Maurício... pelo menos deve sofrer... e tu sabe-lo. Na verdade, inspira-me certa piedade! Vou levá-la ao Maurício e logo começará a ter saudades de ti, a cantar-te louvores, a insultá-lo... tal é o coração desta mulher! Ai, ainda ris? Estou muito satisfeito por teres ficado outra vez alegre. Vamos falar com ela. Falarei em primeiro lugar do Maurício. Quanto àqueles... que foram assassinados... talvez seja melhor não falar nisso agora? Dentro em pouco tempo saberá tudo.

— Que saberei? Quem foi assassinado? Que vos disse Maurício? — perguntou Lisa, abrindo a porta de repente.

— Ah! Estavas a escutar.

— Que acabaste de dizer a respeito do Maurício? Foi assassinado?

— Ah! Essa pergunta prova que não ouviste bem! Tranquiliza-te. Maurício está vivo e de perfeita saúde. Posso assegurar-to neste instante, porque está aqui perto da grade do jardim... e creio que passou lá toda a noite. Tinha pelo menos o capote todo molhado... Quando cheguei, viu-me...

— Não é verdade. Pronunciaste a palavra «assassinado...» Quem foi assassinado? — insistiu a moça, presa de dolorosa angústia.

— Foram assassinados a minha mulher, o seu irmão Lebiadkine e a criada — declarou em tom firme Stavroguine.

Lisa estremeceu e empalideceu deveras.

— É um estranho caso de ferocidade, um estúpido caso de assassinato, tendo o roubo por móbil — apressou-se a explicar Pedro. — Um malfeitor aproveitou-se do incêndio, foi o que foi! O culpado é o forçado Fedka, e teve por ajudante o estúpido do Lebiadkine, o qual cometeu a asneira de mostrar o seu dinheiro a toda a gente... Apressei-me a trazer esta notícia a

Stavroguine, a qual produziu nele o efeito de uma pancada. Estávamos a ver se havíamos de te dizer isto já, ou se seria melhor dizer-to mais tarde.

— Fala verdade, Stavroguine? — articulou com dificuldade Lisa.

— Não, não diz a verdade.

Pedro estremeceu.

— Como, não digo a verdade! — vociferou ele. — Que há mais?

— Senhor, que vou perder a cabeça! — gritou Lisa.

— Mas então não compreendes que está doido! — gritou com toda a força Pedro. — No fim de contas isto não tem nada de espantoso: a mulher dele foi assassinada. Veja como está pálido... Passou toda a noite consigo, não a deixou um minuto, como pode então suspeitar dele?

— Stavroguine, fale como se falasse diante de Deus: é culpado ou não? Juro-lhe que acreditarei na sua palavra como em Deus, e acompanhá-lo-ei ao fim do mundo, Oh, sim, irei consigo para toda a parte! Segui-lo-ei como um cão...

— Porque o atormentas, minha cabeça no ar? — disse Pedro, exasperado. — Lisa, podes fazer-me o maior mal possível que direi sempre a mesma coisa: não é culpado, longe disso!... Ele próprio está morto, veja como delira. Não se lhe pode censurar nada, nada, nem mesmo um pensamento!... O crime foi cometido por malfeitores que, certamente, daqui a oito dias serão descobertos e receberão o castigo. Os culpados são o forçado Fedka e alguns operários da fábrica Chpigouline. Toda a cidade o diz. É este o boato que corre.

— É verdade? É verdade? — perguntou Lisa, tremendo, como se esperasse a sua pena de morte.

— Não os assassinei e opus-me ao crime. No entanto sabia que deviam assassiná-los e deixei que o fizessem. Foge de mim, Lisa — disse Stavroguine, entrando na sala.

A moça cobriu a cara com as mãos e saiu de casa. O primeiro movimento de Pedro foi correr atrás dela, mas, reconsiderando, voltou para junto de Stavroguine.

— Assim tu... Assim tu... Assim tu não tens medo de nada? — titubeou ele, com espuma nos lábios e um furor tal que mal podia falar.

De pé, no meio da sala, Stavroguine não disse palavra. Tinha na mão esquerda um punhado dos seus cabelos e sorria com ar desvairado. Pedro agarrou-o violentamente por uma manga.

— Descobrirás tudo, não é verdade? É isso o que tens em vista? Denunciarás toda a gente, entrarás depois para um mosteiro, onde irás para o diabo... Mas saberei liquidar-te, ainda que não me temas!

Por fim Stavroguine notou a presença de Pedro.

— Oh, és tu que fazes este barulho? — observou ele, visto a memória se lhe aclarar subitamente; depois continuou. — Corre, corre! Recondu-la a casa e que ninguém saiba... Que não vá ao local do incêndio... ver os corpos... os corpos... Obriga-a a meter-se numa carruagem... Aléxis! Aléxis!

— Espera, não grites! Agora já está nos braços de Maurício... e este não subirá para a tua carruagem... Espera! Não se trata agora da carruagem.

Tirou de novo o revólver do bolso. Stavroguine olhou-o seriamente.

— Então mata-me! — disse ele em voz baixa e num tom resignado.

— Oh, diabo, com que ilusão um homem pode carregar a consciência! — replicou vivamente Pedro. — Queres que te mate, não é assim? Ela devia, na verdade, escarrar-te na cara! Tu, um «navio»! Não és mais do que uma barca esburacada, boa para queimar... Vou-me, antes que a cólera acorde em ti! Eh, eh! Isto devia ser-te indiferente, visto pedires para te meterem uma bala na cabeça!

Stavroguine teve um sorriso estranho.

— Se não fosses bobo, talvez agora te dissesse: Sim... se apenas tudo isto fosse um pouco mais inteligente...

— Sou bobo, mas não quero que tu, a melhor parte de mim próprio, o sejas! Compreendes-me?

Stavroguine compreendeu esta linguagem, que talvez fosse incompreensível para qualquer outro. Chatov ficara em tempos bastante admirado quando Stavroguine lhe disse que Pedro também se entusiasmava.

— Por agora deixa-me e vai para o diabo. Até amanhã tomarei uma resolução. Vem amanhã.

— Sim? É... sim?

— Sei lá? Vai para o diabo!

E saiu da sala.

«No fim de contas talvez seja melhor assim», murmurou consigo Pedro, metendo o revólver no bolso.

Capítulo 3

Não valia a pena correr para alcançar Lisa, pois ainda ia apenas a alguns metros de casa. Aléxis, de fraque e sem chapéu, seguia-a a um passo de distância. Tomara uma atitude respeitosa e suplicava com insistência à jovem para que esperasse pela carruagem! O velho estava comovidíssimo, quase que chorava.

— Vai-te embora, o teu patrão quer chá — disse Pedro, ao criado.

E depois de o ter assim afastado, meteu sem cerimónia o braço no de Lisa. Esta consentiu, mas parece que não estava ainda na posse de toda a sua razão e que ainda lhe não tinha voltado a sua costumada presença de espírito.

— Em primeiro lugar, não deves ir por esse lado — começou Pedro. — É por aqui que deves ir, em lugar de passares diante do jardim. Em segundo lugar, é impossível fazeres todo o caminho a pé. São três *verstas* daqui a tua casa e estás muito ligeiramente vestida. Se esperasses um minuto? O meu cavalo está na cavalariça. Vou atrelá-lo imediatamente, subirás para o meu *drojki* e conduzir-te-ei a casa sem que ninguém te veja.

— Como és bom... — disse Lisa com sentimento,

— Não digas isso. No meu lugar todo e qualquer homem faria outro tanto...

Lisa olhou para o seu interlocutor e a sua fisionomia tomou uma expressão de espanto.

— Ah, meu Deus, pensava que esse velho vinha atrás de nós.

— Escuta... Estimo muito que tomes a coisa por esse lado, porque não há nisso senão um preconceito estúpido: visto que é assim, não vale mais ordenar a esse velho para preparar a carruagem? É questão de dez minutos. Retrocederemos e esperaremos diante da escada, não?

— Quero ir para diante... Onde estão essas pessoas que mataram?

— Aí está ainda outra fantasia! Era o que eu temia... Não, basta de frivolidades. Não tens necessidade de ver isso.

— Sei onde eles estão, conheço a casa.

— Muito bem, que importa que a conheças? Está a chover e nevoeiro, e além disso assumi um dever sagrado... Escuta, Lisa... das duas uma: ou aceitas um lugar no meu *drojki* e então esperas, não sais daqui, porque se damos mais uns vinte passos, Maurício ver-nos-á...

— Maurício! Onde? Onde?

— Se queres encontrá-lo, seja. Acompanhar-te-ei ainda um momento e mostrar-te-ei onde ele está, mas em seguida deixo-te, pois não posso de maneira nenhuma aproximar-me dele neste quarto de hora.

— Espera por mim, meu Deus! — gritou Lisa, parando subitamente, ao mesmo tempo que vivo rubor lhe coloriu o rosto.

— Mas que tem isso, se é um homem sem preconceitos? Sabes, Lisa, isto não é comigo, e estou por completo desinteressado da questão. Porém, em atenção à tua pessoa, sempre terei algum interesse... Se estamos enganados acerca da utilidade do nosso «navio», se se verifica que não passa de uma velha barca esburacada, boa para demolir.

— Ah, perfeitamente! — gritou Lisa.

— Perfeitamente! — continuou ele. — É necessário ter virilidade. É preciso não ceder nada a um homem. No nosso século, quando uma mulher... apre, diabo! — Pedro espirrou, mal tendo tido tempo de limpar o nariz; estava constipado. — E sobretudo o que é preciso é não nos lamentarmos. A questão pode ainda arranjar-se admiravelmente. Maurício é um homem... numa palavra, é um homem sensível, ainda que pouco comunicativo, o que, de resto, também é bom, bem entendido, com a condição de não ter preconceitos...

— Maravilhoso, maravilhoso! — repetiu a moça com um riso nervoso.

— Que diabo... Lisa! — replicou Pedro um pouco irritado. — O que te digo é unicamente no teu interesse... Que mal me pode fazer isso a mim? Prestei-te serviços ontem, concordei com o teu desejo, e hoje... Olha, daqui vê-se o Maurício... Olha, lá em baixo. Ele não nos vê. Já leste a *Paulina Sax?*

— Que é isso?

— É uma novela. Li-a quando era estudante... O herói é um certo Sax, rico funcionário, que surpreende a mulher em flagrante delito de adultério... Que diabo, é preciso desprezar essas coisas! Verás que antes de chegar a casa, Maurício ter-te-á feito o devido pedido de casamento. Ele ainda não te viu.

— Ah, que não me veja por maneira nenhuma! — gritou Lisa, como que louca. — Vamo-nos, vamo-nos! Para o bosque, para a planície!

E arrepiou caminho, correndo. Pedro correu em sua perseguição.

— Lisa, que cobardia essa! Por que não queres que te veja? Pelo contrário, olha-o frente a frente, altivamente, firmemente... Estás envergonhada porque perdeste a... virgindade? Isso é um preconceito muito antiquado... Mas onde vais, onde vais? Eh, como tu corres! Voltemos para casa de Stavroguine. Tenho lá o meu *drojki*... Mas onde vais? Para aí são os campos. Olha que vais cair!

Parou. Lisa voava como uma ave, sem saber para onde. Já uma distância de cinquenta passos a separava de Pedro quando tropeçou num pequeno monte de terra e caiu. Ao mesmo tempo ouviu-se um grito terrível atrás dela. Este grito foi dado por Maurício que, vendo a moça cair desamparada, correu para ela através dos campos. Imediatamente Pedro bateu em retirada, para casa de Stavroguine, a fim de tomar o mais rápido possível o seu *drojki*.

Maurício depressa chegou perto de Lisa, que acabava de se erguer. Inclinou-se para ela e agarrou-lhe nas mãos, que conservou entre as suas. Este encontro, produzindo-se em condições tão inverosímeis, abalou a razão do capitão de artilharia e as lágrimas rolaram -lhe pelas faces. Viu aquela que amava tão respeitosamente correr como doida através dos campos, a tais horas, com um tempo terrível, não tendo outro vestuário além do seu vestido de baile, aquele soberbo vestido da véspera, agora rasgado e coberto de lama. Sem proferir palavra, porque não teria força para isso, tirou o capote e colocou-o, tremendo, sobre os ombros de Lisa. De repente um grito se lhe escapou do peito: tinha sentido os lábios da jovem na sua mão.

— Lisa, não sei nada, não me alastes para longe de ti!

— Oh, sim, vamo-nos embora depressa, não me abandones.

E agarrando-se-lhe ao braço, pôs-se a segui-lo. Depois baixou subitamente a voz e disse em tom amedrontado:

— Maurício, até este momento tenho-me vangloriado de ser corajosa, mas agora tenho medo da morte. Morrerei, morrerei em breve, mas tenho medo, medo de morrer.

E, murmurando estas palavras, apertava com força o braço do companheiro,

— Oh, se passasse alguém! — suspirou Maurício, que olhava em volta com olhares desesperados. — Se pudéssemos encontrar uma carruagem! Molhas os pés e... perdes a razão!

— Não, não, não é nada — replicou ela. — Perto de ti tenho menos medo. Pega-me na mão e guia-me... Onde vamos agora? Para casa? Não, quero primeiramente ver as vítimas. Dizem que degolaram a mulher e ele declarou-me que foi ele próprio que a assassinou. Não é verdade, não é assim?... Não é verdade? Quero ver os que foram mortos... por minha causa... Foi pensando neles que esta noite deixou de me amar... Verei e saberei tudo. Depressa, depressa, conheço essa casa... Houve lá um incêndio... Maurício, meu amigo, não me perdoes, pois estou desonrada! Para que me perdoar? Porque choras? Dá-me uma bofetada e mata-me aqui no campo, como um cão.

— Não pertence a ninguém julgar-te agora — respondeu em tom firme Maurício. — Que Deus te perdoe! Menos do que qualquer outro, posso ser teu juiz!

A conversa foi muito esquisita para poder ser relatada. Durante este tempo os dois, com as mãos dadas, caminharam em passo rápido. Podiam tê-los tomado por doidos. Caminhavam em direção ao incêndio. Maurício não tinha ainda perdido a esperança de encontrar alguma carruagem, mas não se via ninguém. Uma chuvinha miúda continuava a cair, obscurecendo toda a paisagem e cobrindo-a de uma mesma tinta cinzenta que não permitia distinguir os objetos uns dos outros. Apesar de já ser dia há muito tempo, parecia que a aurora ainda não tinha surgido. Subitamente, deste frio nevoeiro destacou-se uma figura estranha, ridícula, que marchava ao encontro dos dois jovens. Quando imagino esta cena, penso que não teria acreditado nos meus olhos se estivesse no lugar de Lisa, Esta soltou um grito de alegria pois reconheceu imediatamente o homem que avançava para ela. Era Stepan. Por que acaso estava ele ali? Como se pudera realizar a sua estúpida ideia da fuga? Ver-se-á mais adiante. Notarei apenas que nessa manhã ele já tinha febre, porém a doença não foi obstáculo para ele. Pisava o solo húmido com passo firme. Evidentemente preparara a sua empresa o melhor que pudera, no seu isolamento e com toda a experiência de um homem de estudo. Trazia «um vestuário de viagem», isto é, um capote com mangas, apertado na cinta com largo cinturão envernizado, munido de uma fivela e umas grandes botas, onde tinha metido as calças. Via-se que havia já muito tempo que tinha imaginado assim o tipo do

viajante; o cinturão e as grandes botas à hussardo, que incomodavam consideravelmente a marcha, deviam ter sido procuradas bastantes dias antes. Um chapéu de abas largas e uma manta de pele de camelo enrolada à volta do pescoço completavam o vestuário de Stepan. Na mão direita trazia uma bengala e um guarda-chuva aberto, e na mão esquerda um saco de viagem muito pequeno, mas cheio como um ovo. Estes três objetos — a bengala, o guarda-chuva e o saco de viagem — deveriam ser, ao fim de uma *versta,* muito incómodos de levar.

Ao primeiro movimento de alegria de Lisa, tinha sucedido penoso constrangimento.

— É possível que seja o senhor? — exclamou ela, fitando o velho com tristeza.

Levada por uma espécie de exaltação delirante, correu para ele:

— Lisa! *Chère*, *chère*, é possível também que seja a menina... com semelhante nevoeiro? Veja: as chamas do incêndio avermelham o céu! *Vous êtes malheureuse, n'est-ce pas?* Eu vejo-o, vejo-o, não me diga nada, mas também não me interrogue. *Nous sommes tous malheureux, mais il faut les pardonner tous. Pardonnons*, *Lisa,* e tornar-nos-emos livres indefinidamente. Para acabar com o mundo e ficarmos completamente livres. *Il faut pardonner*, *pardonner et pardonner!*

— Mas porque se põe de joelhos?

— Porque, despedindo-me do mundo, quero dizer adeus, na sua pessoa, a todo o meu passado! — Chorava e, pegando nas mãos da moça, chegou-as aos olhos húmidos. — Ajoelho diante de tudo o que tive de bom na minha existência. Abraço-a e agradeço-lhe! Agora o meu ser está quebrado em dois: ali, é um insensato que sonhou em escalar o céu, *vingt-deux ans*; acolá, é um velho morto, frio, perceptor... *chez un marchand, s'il existe pourtant, ce marchand...* Como está enganada, Lisa! — exclamou ele, levantando-se rápido ao sentir que a humidade do solo lhe chegava aos joelhos. — Como se explica que se encontre assim vestida... a pé, nesta planície? Chora? *Vous êtes malheureuse*? Ah, eu ouvi falar de alguma coisa. Mas de onde vem agora? — perguntou ele com ar inquieto, ao mesmo tempo que fitava com profunda surpresa Maurício. — *Mais savez-vous l'heure qu'il est?*

— Stepan, ouviu falar na cidade em pessoas assassinadas? É verdade? É verdade?

— Quais pessoas?! Toda a noite vi o incêndio lançado por eles. Não podiam acabar de outra maneira. — Os seus olhos brilharam de novo. — Arranco-me a um sonho produzido pela febre, corro à procura da Rússia, *existe-t-elle, la Russie?* Ah, *c'est vous, cher capitaine!* Nunca duvidei que o encontraria na execução de alguma grande ação... Mas pegue no meu guarda-chuva. Para que há de ir a pé? Pelo amor de Deus, pegue lá o guarda-chuva. Não tenho necessidade dele. Encontrarei uma carruagem em qualquer parte. Parti a pé porque, se a Nastásia tivesse adivinhado o meu desígnio, amotinaria toda a rua com os seus gritos. Esquivei-me por consequência tão incógnito quanto possível. Não sei, mas tenho lido no *Golos* descrições de ataques à mão armada, em plena estrada. Será presumível que logo que me ponha a caminho encontre um ladrão? *Chère Lisa,* parece que disse, creio eu, que tinham morto alguém? Oh, meu Deus, está incomodada?

— Vamo-nos, vamo-nos! — gritou, num acesso nervoso, Lisa, pondo-se outra vez a seguir Maurício; depois voltou-se bruscamente. — Espere, Stepan, espere, pobre homem, deixe-me fazer sobre si o sinal da cruz. Talvez fosse melhor perdê-lo, mas gosto mais de fazer um sinal da cruz. Reze também pela pobre Lisa... Um pouco, não muito, para que não o incomode. Maurício, restitui-lhe o guarda-chuva — ordenou rápida. — Partamos, partamos!

Quando chegaram à casa fatal, a enorme multidão reunida nesse lugar falava muito de Stavroguine, mostrando o interesse que despertara o assassinato da mulher. Entretanto, repito-o, a imensa maioria continuava a escutar, silenciosa e calma. Os poucos indivíduos que davam sinais de agitação eram, ou pessoas ébrias, ou espíritos muito impressionáveis, como o burguês de que falei acima. Toda a gente o conhecia como um homem mais terno do que violento, mas sob a impressão de uma emoção súbita perdia logo o sangue-frio. Não vi chegar os dois jovens.

Quando, com grande espanto, reparei em Lisa, já se tinha embrenhado muito por entre a multidão e estava já a grande distância de mim. Não vi logo Maurício. É provável que em certo momento a balbúrdia o tivesse separado da sua companheira. Esta, que, parecendo hipnotizada, atravessava o ajuntamento sem nada ver à sua volta, não tardou, como se deve compreender, a chamar a atenção. À sua passagem ouviram-se vociferações ameaçadoras. «É a amante de Stavroguine!» — gritou alguém. — «Não se satisfazem em matar e ainda vêm contemplar as

vítimas» — acrescentou outro. De súbito, vi levantar-se um braço atrás de Lisa e abater-se sobre a sua cabeça. Caiu desamparada. Maurício, dando um grito medonho, precipitou-se em socorro da desgraçada e agarrou com todas as suas forças um homem que o impedia de chegar até ela. No mesmo instante o burguês, que estava atrás dele, agarrou-o pela cintura. Durante alguns minutos houve tamanha confusão que nada pude distinguir. Parece que Lisa se levantou, mas uma segunda pancada a atirou de novo a terra. A multidão afastou-se pouco depois, formando pequeno círculo à volta da moça, estendida no solo. De pé diante da sua amiga, Maurício, ofegante, coberto de sangue, gritava, chorava e torcia as mãos.

Não me recordo bem do que se passou depois. Lembro-me que alguém pegou em Lisa. Corri a juntar-me ao lúgubre cortejo; a infeliz respirava ainda e talvez não tivesse recuperado os sentidos. Prenderam entre a multidão o burguês e três outros indivíduos. Estes últimos protestaram logo a sua inocência. Dando-lhes crédito, a sua prisão foi um erro da polícia. É bem possível. Quanto ao burguês, se bem que a sua responsabilidade fosse evidente, ficou em tal estado de exaltação que não pôde fazer um relato pormenorizado dos acontecimentos. Chamado a depor como testemunha no processo de instrução judiciária, declarei que, na minha opinião, este crime não tinha sido de maneira nenhuma premeditado e que era necessário ver nele o resultado de uma exaltação acidental. É ainda o que penso hoje.

Parte 4

Capítulo 1

Durante essa manhã, muitas pessoas viram Pedro. Contaram mais tarde que não tinham notado em casa dele nenhuma animação extraordinária. Às duas horas da tarde foi a casa de Gaganov, que chegara na véspera do campo. Numerosa sociedade estava reunida na sua casa e, bem entendido, cada um contava a sua versão sobre os últimos acontecimentos. Pedro sustentou a conversa e fez-se escutar. Tínhamo-lo sempre considerado como um «estudante palrador e um pouco leviano», mas desta vez o assunto de que tratava era interessante, pois falava de Júlia. Tendo sido o confidente íntimo da governadora, revelava a seu respeito muitas particularidades novas e inesperadas, como, por inadvertência, revelou alguns ditos mais fortes que ela tinha dito sobre algumas das personalidades mais conhecidas da cidade. A atitude de Pedro, enquanto comentava estas indiscrições, era a de um homem livre de malícia, mas obrigado pela sua honestidade a esclarecer grande número de mal-entendidos. Fazia-o ao mesmo tempo em tom tão ingénuo e tão desajeitado, que dava a impressão de não saber por onde começar, nem por onde acabar. Sempre sem parecer que o fazia de propósito, declarou no decorrer da conversa que Júlia conhecia perfeitamente o segredo de Stavroguine e que dirigira toda a intriga. Ele, Pedro, fora enganado pela governadora, pois estivera enamorado dessa infeliz Lisa e no entanto tinham arranjado as coisas de tal maneira que *quase* conduzira a moça a casa de Stavroguine. «Sim, sim, podem rir, meus senhores» — concluiu ele — «mas se ao menos tivesse adivinhado, se tivesse adivinhado como aquilo acabaria». Interrogaram-no com a mais viva curiosidade a respeito de Stavroguine. Respondeu abertamente que, na sua opinião, a trágica aventura de Lebiadkine fora simples acidente, provocado pela imprudência do capitão ter cometido a tolice de mostrar o dinheiro. Deu a este respeito explicações muito satisfatórias. Um dos ouvintes observou-lhe que era muito pouco digno vir nessa altura desacreditar Júlia, depois de terem comido e bebido, se não dormido, em sua casa. Pedro porém encontrou logo uma réplica vitoriosa.

— Se bebi e comi em casa dela, não foi porque estivesse sem dinheiro, e não tenho culpa de que ela me convidasse para jantar. Permita-me que eu próprio julgue da medida em que devo ser reconhecido.

A impressão produzida em geral por estas palavras foi-lhe favorável. «Sem dúvida este rapaz é um estouvado» — diziam uns — «mas será possível que diga isto, se Júlia não fez tolices? Pelo contrário, procurou sempre moderá-la...»

Cerca das duas horas, espalhou-se subitamente o boato de que Stavroguine, de quem se tinha falado tanto, partira de improviso para S. Petersburgo no comboio do meio-dia. Esta notícia fez sensação e muitas pessoas carregaram o sobrolho. Pelo que se conta, Pedro ficou tão consternado que mudou de fisionomia. O seu assombro traduziu-se mesmo por uma exclamação estranha: «Mas quem o deixou partir?» Saiu imediatamente de casa de Gaganov. Depois viram-no ainda em duas ou três casas.

À tardinha encontrou meio de ser recebido por Júlia, não sem dificuldade, pois não queria recebê-lo. Só tive conhecimento do facto três semanas mais tarde; foi a própria Júlia que mo disse, na véspera de partir para S. Petersburgo. Não entrou em nenhum pormenor e limitou-se a dizer-me, estremecendo, que ele «lhe havia causado o maior dos espantos». Suponho que a ameaçou de a apresentar muito simplesmente como sua cúmplice, no caso dela se resolver a «falar». Pedro era obrigado a aterrar a governadora para assegurar a execução dos seus projetos, que, como é natural, ela ignorava, e foi só cinco dias depois que ela compreendeu por que duvidara tanto do seu silêncio e tanto temera da sua parte novo momento-de indignação.

Entre as sete e as oito horas da tarde, quando já estava muito escuro, os *nossos* reuniram-se todos, isto é, os cinco, na casa do porta-bandeira Erkel, que morava num dos extremos da cidade, numa pequenina casa escusa, da rua de S. Tomaz. O próprio Pedro marcara-lhes este lugar para a entrevista, mas não foi pontual, e tiveram de esperar por ele durante uma hora. O porta-bandeira era aquele oficial que, em casa de Virguinsky, na noite da reunião, fingira tomar notas numa agenda. Tendo vindo há pouco para a nossa cidade, vivia muito retirado, num beco sem saída, em casa de duas irmãs, duas velhas burguesas. Contava demorar-se pouco entre nós. Reunindo-se em casa dele, não se arriscavam a chamar a atenção. Este estranho rapaz distinguia-se por uma taciturnidade notável. Podia assistir a

duas reuniões consecutivas, no meio de uma sociedade ruidosa, e ouvir as conversas mais extraordinárias, que não proferia palavra. Nessas reuniões contentava-se em ouvir com a máxima atenção, fixando os olhos inexpressivos naqueles que falavam. A sua fisionomia era agradável e parecia mesmo indicar inteligência. Não pertencia ao novo quinquavirato, mas supunham que tinha recebido de uma entidade superior instruções especiais e que era apenas um homem de ação. Sabe-se agora que não tinha nenhumas instruções e era, quando muito, devido à sua maneira de ser, que se saía bem das suas atitudes. Não era mais do que um partidário fanático de Pedro, que havia conhecido pouco tempo antes. Se tivesse encontrado algum monstro, prematuramente pervertido, e se este lhe tivesse pedido, como serviço prestado à causa social, para organizar um bando de assassinos e para assassinar o primeiro mujique que encontrasse, Erkel cumpriria a ordem sem discutir. Tinha a mãe doente, vivendo não se sabendo onde, a quem enviava a maior parte do seu magro ordenado. Pode calcular-se o enternecimento com que a pobre mulher adorava essa «pequena cabeça loura», como tremia e pedia pela sua boa sorte.

Grande exaltação reinava entre os *nossos*. Os acontecimentos da noite anterior tinham-lhes causado a maior estupefação; sentiam-se inquietos. Que consequências más resultariam do escândalo, sistematicamente organizado por eles, mas que, em sua opinião, não devia ter ultrapassado as proporções de um simples tumulto? O incêndio do Zariétchié, o assassinato dos Lebiadkine, o homicídio de Lisa, foram outras tantas surpresas que não tinham previsto no seu programa. Acusavam de enorme despotismo e dissimulação a mão que os fizera agir. Em resumo, enquanto esperavam por Pedro, todos se excitavam mutuamente, declarando que iriam reclamar dele uma explicação categórica, e se ainda desta vez a não pudessem obter, dissolver-se-iam, ficando com a liberdade de substituírem o quinquavirato por nova sociedade secreta, fundada sob os princípios igualitários e democráticos. Lipoutine, Chigalev e o homem versado no conhecimento do povo mostravam-se sobretudo partidários desta ideia; Liamchine, calado, parecia aprovar tacitamente; Virguinsky hesitava, pois na sua opinião convinha ouvir antes Pedro. Este porém não aparecia, e esta sem-cerimónia contribuía ainda mais para irritar os espíritos. Erkel servia os seus hóspedes sem proferir palavra. Para maior segurança, o porta-bandeira fora buscar o chá à sala dos seus hospedeiros, em lugar de o mandar vir pela criada.

Pedro só chegou às oito horas e meia. Com passo rápido avançou para a mesa redonda, que estava em frente ao divã, e em volta da qual os assistentes tinham tomado lugar. Conservou na mão o boné forrado e recusou o chá que lhe ofereceram. A sua fisionomia estava carregada, dura e altiva. Bastou-lhe olhar para todos eles para adivinhar a revolta que lhes ia no íntimo.

— Antes de falar, confessem o que sentem — começou ele, olhando à sua volta, com sorriso amargo.

Lipoutine tomou a palavra em nome de todos e, com voz tremente de cólera, declarou que, «se se continuava assim, dar-se-ia cabo da cabeça». Oh, não receavam de maneira nenhuma esta eventualidade e estavam mesmo prontos a afrontar tudo, mas para vitória da obra de todos. Entre os assistentes notou-se certo movimento de aprovação. Por consequência era preciso ser franco com eles e dizer-lhes com a devida antecedência para onde os levariam, «de outra forma, que sucederia?» Novo movimento e algumas exclamações guturais. Semelhante maneira de proceder era para eles tão humilhante como perigosa... «Não é porque tenhamos medo — concluiu o orador — mas se um só maneja os outros como simples máquinas, os erros desse causarão a perda de todos». Ouviram-se gritos: Sim! Sim! Em sinal de consentimento geral.

— Que o diabo me leve! Que lhes é preciso então?

— Que proveito têm as pequenas intrigas de Stavroguine para a nossa obra? — replicou violentamente Lipoutine. — Que pertença ocultamente à direção, se é verdade que essa direção fantástica existe, é possível, mas que nos interessa a nós isso? O facto é que se cometeu um assassinato e que a polícia procede a investigações. Descobrindo a miada, chegarão até ao nosso grupo.

— Perder-te-ás devido a Stavroguine e nós perder-nos-emos por tua causa — acrescentou o homem que conhecia o povo.

— E sem nenhuma utilidade para a obra de todos nós — observou tristemente Virguinsky.

— Que absurdo! O assassinato foi simples acidente. Fedka matou para roubar.

— Hum! Todavia há uma coincidência muito singular — notou amargamente Lipoutine.

— Pois bem, se queres que te diga, foi devido a ti que isto aconteceu.

— Como, devido a mim?

— Em primeiro lugar, devido a ti, Lipoutine. Tu próprio tomaste parte nessa intriga. Tinham-te ordenado, sobretudo, para mandares Lebiadkine para S. Petersburgo e tinham-te remetido o dinheiro para esse efeito. Que fizeste tu? Se tivesses cumprido a tua obrigação, isto não teria acontecido.

— Mas não foste tu próprio o da ideia de que seria bom deixar Lebiadkine ler os versos?

— Uma ideia não é uma ordem. A ordem era de o fazer partir.

— A ordem! É uma palavra bastante estranha... Pelo contrário, se não partiu, foi em virtude de uma contraordem que deste.

— Enganas-te e fizeste uma asneira, ao mesmo tempo que cometeste um ato de indisciplina. Quanto ao homicídio, foi obra de Fedka. Agiu sozinho, com o intuito de roubar. Ouviste contar histórias e acreditaste nelas. O medo dominou-te. Stavroguine não é assim tão estúpido, e a prova é que partiu ao meio-dia, depois de ter falado com o vice-governador. Se os boatos que correm tivessem o mínimo fundamento, não o teriam deixado partir em pleno dia para a capital.

— Por maneira nenhuma afirmámos que Stavroguine tenha assassinado — explicou em tom rude Lipoutine. — Poderia mesmo ignorar tudo como eu. Tu próprio sabes bem que não estou ao corrente de nada, se bem que me tenha entremetido na questão, como um carneiro na marmita.

— Então quem acusas? — perguntou Pedro, olhando-o com ar sombrio.

— Aqueles que têm necessidade de queimar as cidades.

— O pior é que te esquivaste pela tangente. Agora lê isto e mostra aos outros... É só para vos convencer.

Tirou do bolso a carta anónima que Lebiadkine tinha escrito a Von Lembke e deu-a a Lipoutine. Este leu-a com espanto visível e, pensativo, passou-a ao seu vizinho; este a outro e em pouco tempo deu a volta à mesa.

— É, com efeito, a caligrafia de Lebiadkine? — perguntou Chigalev.

— Sim, é a sua caligrafia — declararam Lipoutine e Tolkatchenko, o que conhecia o povo.

— Quis só convencer-vos de quão precária era a sorte de Lebiadkine — repetiu Pedro. — Assim, meus senhores — continuou ele, depois de reaver a carta — Fedka, sem saber o que fazia, desembaraçou-nos de um

homem perigoso. Eis o que faz às vezes a sorte! Não é verdade que é edificante?

Os presentes trocaram entre si rápido olhar.

— E agora, meus senhores, é a minha vez de vos interrogar — prosseguiu com dignidade Pedro. — Posso saber por que julgaram dever incendiar a cidade sem os autorizar a isso?

— Como? O quê? Fomos nós, fomos nós que incendiámos a cidade? Isso é uma ideia tola — exclamaram os interpelados.

— Compreendo que quiséssseis divertir-vos — continuou Pedro, sem se emocionar — mas não se trata, na essência, dos pequenos escândalos que alegraram a festa de Júlia. Convoquei-vos para vos revelar a gravidade do perigo que provocastes e que ameaça ainda outra coisa, além das vossas pessoas.

Virguinsky, que tinha estado até então calado, começou a falar em tom quase indignado:

— Permita-me que lhe diga: tínhamos a intenção de lhe declarar que uma medida tão grave e ao mesmo tempo tão estranha, tomada sem conhecimento de ninguém, com exceção dos dirigentes, demonstra um despotismo que não tem em nenhuma consideração os nossos direitos.

— Ah, os senhores negam? Pois então eu, eu afirmo que fostes vós, só vós que incendiastes a cidade. Senhores, não mintam, tenho informações precisas. Com a sua indisciplina puseram em perigo a obra de todos dós. Não sois mais do que malhas de uma imensa rede e deveis obedecer cegamente à direção central. Contudo três de entre vós, sem terem recebido as mínimas instruções a esse respeito, incitaram os operários da fábrica a lançar o fogo, e o incêndio deu-se.

— Quem são esses três? Queremos conhecê-los.

— Antes de ontem, entre as três e as quatro horas, o senhor Tolkatchenko fez propostas incendiárias a Fomka Zavialov, o *Miosótis*.

O homem que conhecia o povo pulou de espanto.

— Não é bem assim, pois mal lhes disse uma palavra, e essa mesmo sem intenção nenhuma. Não liguei ao caso nenhuma importância. Como tinha sido chicoteado nessa manhã, foi a razão por que lhe falei assim. Pouco porém me demorei junto dele. Estava muito ébrio. Se o senhor não me tivesse recordado isso, nem de tal me lembraria. Não é uma simples palavra que pode ocasionar um incêndio.

— O senhor parece que se espantaria se visse uma pequena faísca provocar a explosão de um monte de pólvora!

— Fomka e eu estávamos num canto, e falei-lhe muito baixo, ao ouvido. Como pôde saber o que lhe disse? — lembrou-se bruscamente de perguntar Tolkatchenko.

— Estava debaixo da mesa. Estejam tranquilos, meus senhores, que não ignoro nenhuma das suas ações! O senhor sorri maliciosamente, Lipoutine? Mas eu sei, por exemplo, que há três dias, no seu quarto, quando se deitava, arrancou os cabelos a sua mulher.

Lipoutine ficou de boca aberta e empalideceu.

Soube mais tarde como este pormenor chegou ao conhecimento de Pedro: foi Agafia, a criada de Lipoutine, quem lho contou. Tinha-a lá colocado como espia.

Chigalev levantou-se de súbito.

— Posso analisar um facto? — perguntou ele.

— Analise.

Chigalev voltou a sentar-se.

— Se compreendi bem, e é impossível não compreender — começou ele —, o senhor descreveu-nos muitas vezes um quadro eloquente, se bem que teórico, da Rússia, envolta numa rede de inúmeras malhas. Cada uma das secções, recrutando prosélitos e ramificando-se por toda a parte, tem por missão minar sem cessar, com propaganda sistemática, o prestígio da autoridade local; deve semear a confusão nos espíritos, pôr o cinismo em moda, provocar escândalos, propagar a negação de todas as crenças, estimular a rede dos adeptos, enfim, se necessário for, recorrer ao incêndio, como processo eminentemente nacional para que, no momento desejado, o desespero se apodere das populações. Esforcei-me por lhe relatar tudo textualmente. Foram estas ou não as suas palavras nesse relato? Foi ou não este o programa de ação que o senhor nos comunicou, fundado nas instruções da direção central, a qual é totalmente desconhecida para nós, e se se pode mesmo dizer, quase fantástica aos nossos olhos?

— É exato, todavia o senhor foi muito longe.

— Cada um tem o direito de falar como quiser. Fazendo-nos crer que as malhas da rede que cobre a Rússia se contam já por centenas, fazendo-nos crer que, se cada um se sair bem da sua missão, toda a Rússia, no momento preciso, logo que deem o sinal...

— Ah, o diabo me leve, mas o senhor faz-nos perder um tempo precioso! — interrompeu Pedro, agitando-se na cadeira.

— Seja... Eu vou resumir, limitando-me, para acabar, a uma pergunta: se já vimos escândalos, se já sentimos o descontentamento das populações, se assistimos à queda da administração provincial, devido ao nosso esforço, se, enfim, fomos testemunhas de um incêndio, por que se lamentam então? Não é este o seu programa? Em que podem censurar-nos?

— Da vossa indisciplina! — replicou Pedro, encolerizado. — Visto que estou aqui, não podem agir sem a minha permissão. Basta. Está iminente uma denúncia e amanhã talvez, ou mesmo esta noite, sejam presos. Era isto o que tinha a dizer-lhes. Não duvidem desta notícia.

Estas palavras causaram espanto geral.

— Prendê-los-ão, não só como instigadores do incêndio, mas também como membros de uma sociedade secreta. O denunciante conhece toda a nossa misteriosa organização. Aí está o resultado dos seus despropósitos!

— É com certeza Stavroguine! — gritou Lipoutine.

— Como?... Por que há de ser Stavroguine? — replicou Pedro, que, no primeiro momento, pareceu perturbar-se. — Com os diabos, não sabem quem é Chatov! — acrescentou ele, recompondo-se imediatamente. — Suponho que todos sabem que, noutros tempos, Chatov tomou parte nas nossas reuniões. Devo declarar-lhes que, fazendo-o espiar por pessoas de quem não suspeitava, soube, não sem surpresa, que o segredo da nossa rede era do seu conhecimento e... numa palavra, que sabia tudo. Para conseguir o perdão do seu passado, vai denunciar todos os seus antigos camaradas. Até agora hesitava bastante, pois também eu o poupava... Agora, devido ao incêndio, os senhores fizeram desaparecer-lhe os últimos escrúpulos. Está muito impressionado e não hesitará. Por isso amanhã seremos presos como incendiários e como criminosos políticos.

— Isso é certo? Como é que Chatov o soube?

Os assistentes à reunião estavam dominados por indignação indescritível.

— Tudo isso está perfeitamente certo. Não tenho o direito de lhes revelar as minhas fontes de informação, mas o que posso fazer, por intermédio de uma terceira pessoa, é agir sobre Chatov sem ele saber e levá-lo a retardar por vinte e quatro horas a denúncia, mas apenas por

vinte e quatro horas. É-me impossível obter maior prorrogação. Por isso, não têm nada que temer até depois de amanhã.

Todos se mantiveram calados.

— É necessário mandá-lo para o diabo, em resumo! — gritou primeiramente Tolkatchenko.

— Era o que nós devíamos ter feito há muito tempo! — acrescentou zangado Liamchine, batendo com o punho na mesa.

— Mas como agarrá-lo? — murmurou Lipoutine.

Em resposta a esta pergunta, Pedro apressou-se a expor o seu plano: sob o pretexto de tomarmos conta da tipografia clandestina que está em poder de Chatov, convida-se este último a comparecer amanhã à noitinha no sítio solitário onde o material tipográfico está escondido, e «lá concluímos o negócio». Pedro prestou todos os esclarecimentos necessários e deu a conhecer aos companheiros a posição equívoca que Chatov tomara em face da direção central. Como estes pormenores são já conhecidos do leitor, não os torno a repetir.

— Sim — observou um pouco hesitante Lipoutine — mas depois do que acaba de suceder… uma nova aventura do mesmo género despertará a atenção da opinião pública.

— Sem dúvida — reconheceu Pedro — mas todas as precauções estão tomadas para esse efeito. Há um meio de afastar todas as suspeitas.

Então contou como Kirilov estava decidido a estourar os miolos e como prometera dar execução ao seu desígnio, no momento em que lho pedissem, mas antes de morrer escreveria uma carta que lhe ditariam e na qual se confessaria culpado de tudo.

— A sua firme resolução de se suicidar, resolução filosófica e na minha opinião insensata, chegou ao conhecimento *deles* — prosseguiu Pedro. — *Lá* não deixam perder nada e utilizam tudo para o bem da obra de todos nós. Prevendo a possibilidade de terem que aproveitar o suicídio de Kirilov e convencidos de que o seu projeto é sério, ofereceram-lhe dinheiro para regressar a Rússia, o que ele aceitou, pois queria, não sei porquê, morrer no seu país. Confiaram-lhe uma missão que se encarregou de executar e executou-a. Enfim, como lhes disse, fizeram-no prometer que não se mataria se não quando o julgassem oportuno. Tomou todos os compromissos que lhe pediram. Notem que pertence até certo ponto à nossa sociedade e que deseja ser útil. Não posso ser mais explícito. Amanhã, *depois de Chatov,* ditar-lhe-ei uma carta, na qual se declarará

autor do assassinato. Será aceitável, porque foram amigos e estiveram ambos na América. Porém lá zangaram-se. Tudo isto será explicado na carta... e... seguindo o rumo que tomaram as circunstâncias, poder-se á ainda ditar a Kirilov mais alguma coisa, por exemplo, a respeito das proclamações e do incêndio. Mas nesse ponto terei ainda de pensar. Estejam sossegados. É um homem sem preconceitos e assinará tudo o que quisermos.

Sinais de incredulidade acolheram esta explicação, que pareceu fantástica. Todos mais ou menos tinham ouvido falar de Kirilov e Lipoutine conhecia-o um pouco pessoalmente.

— Mudará de ideias de repente e não quererá — disse Chigalev. — No fim de contas é um doido, e por consequência não podemos confiar nas suas resoluções.

— Não se inquietem com isso, meus senhores. há de querer — respondeu Pedro. — Segundo a nossa combinação, devo-o prevenir na véspera, isto é, hoje mesmo. Convido Lipoutine a ir imediatamente a casa dele comigo e, no regresso, poderá confirmar-lhes a verdade das minhas palavras. De resto — continuou ele com irritação súbita, como se tivesse sentido bruscamente que dava a semelhante gente demasiada honra em tentar convencê-los — de resto, procedam como quiserem. Se os senhores não se decidem, a nossa associação dissolver-se-á, porém, fique assente, devido à sua desobediência e à sua traição. Devemo-nos separar, pois, a partir deste momento. Saibam todavia que, nesse caso, sem falar nas consequências desagradáveis que poderá ter para nós a denúncia de Chatov, irão provocar certo desapontamento, a respeito do qual me expliquei nitidamente por ocasião da criação do grupo. Quanto a mim, meus senhores, não temo nada... Não julguem que a minha causa esteja muito ligada à dos senhores. Para mim, é-me indiferente.

— Estamos decididos — declarou Liamchine.

— Não há outro partido a tomar — murmurou Tolkatchenko — e se Lipoutine nos der uma certeza favorável no que diz respeito a Kirilov, então...

— Sou de opinião contrária e protesto com todas as forças da minha alma contra decisão tão sanguinária!— disse Virguinsky, levantando-se.

— Mas?... — perguntou Pedro.

— Como, *mas?*

— O senhor disse *mas*... Eu ouvi.

— Não julgava ter pronunciado essa palavra... Quis apenas dizer que, se estavam decididos, pode...

— Pode?

Virguinsky não acabou a frase.

— E possível, creio eu, negligenciar um pouco a própria segurança pessoal — observou rápido Erkel — mas estimo que esta negligência não seja permitida, dado o caso de se arriscar a comprometer a obra de todos nós.

Perturbou-se e corou. Não obstante as preocupações que inquietavam o espírito de cada um, todos olharam para o porta-bandeira com surpresa, tão pouco esperavam vê-lo dar também a sua opinião.

— Sou pela defesa da obra de todos nós — disse bruscamente Virguinsky.

Todos os assistentes se levantaram. Pedro explicou o sítio onde o material tipográfico estava escondido, distribuiu os papéis por todos os assistentes e, acompanhado de Lipoutine, dirigiu-se para casa de Kirilov.

Capítulo 2

A perspetiva de denúncia atribuída a Chatov não originou nenhuma dúvida em nenhum dos *nossos,* porém estavam plenamente convencidos de que Pedro os manejava como se fossem máquinas. Além de tudo isto sabiam que no dia seguinte se encontrariam no lugar convencionado e que a sorte de Chatov estava resolvida. Sentiam-se presos, como moscas na teia de uma enorme aranha, e a sua irritação não era menor do que o seu terror.

Pedro tinha sido incontestavelmente injusto para com eles. Devia ter, pelo menos em consideração pelos seus delicados escrúpulos, dissimulado um pouco a empresa para a qual os convidava e apresentar-lha como um ato de civismo, à Bruto! Mas não, tinha-se apenas referido ao grosseiro sentimento do medo e tinha-os feito recear pela sua pele, o que era muito indelicado. Não há, sem dúvida, melhor princípio do que a luta pela existência. Todos sabem isto, no entanto...

Era porém muito necessário a Pedro preparar a pílula para todos nós! Ele próprio estava desconcertado. A fuga de Stavroguine tinha-lhe dado um golpe terrível. Havia mentido ao dizer que, antes de deixar a nossa cidade, Stavroguine tinha visto o vice-governador; ora a verdade é que o jovem tinha partido sem ver ninguém, nem mesmo a mãe. Podia causar admiração, se de facto não estivesse inquieto. Mais tarde as autoridades quiseram explicar este ponto. Durante todo o dia Pedro procurara informar-se, mas sem sucesso. Nunca estivera tão alarmado. Devia assim de repente deitar luto por Stavroguine? Daí a razão por que lhe era impossível ser amável para com os *nossos*. Por agora ligavam-lhe as mãos. O seu desejo era seguir o mais depressa possível em perseguição de Stavroguine, mas Chatov retinha-o. Era necessário, ainda para mais, cimentar a união dos cinco, de maneira a torná-la indissolúvel. — «Seria absurdo largá-los, pois podem ser úteis!». Tal devia ser, se não me engano, o seu raciocínio.

Quanto a Chatov, tinha a certeza de que não era um delator. O que dissera aos nossos, acerca da denúncia, era mentira. Nunca o tinha visto e

nunca tinha ouvido falar nisso, porém acreditava que era verdade, como acreditava que dois e dois são quatro. Parecia-lhe que os acontecimentos desenrolados — a morte de Lisa e a morte de Maria Timofeievna — poriam necessariamente fim às últimas hesitações dos ex-revolucionários. Quem sabe? Talvez alguns outros dados o autorizassem a pensar desta maneira. De mais a mais sabe-se que detestava Chatov. Tinham tido noutros tempos uma altercação violenta e Pedro não perdoava nunca uma injúria. Estou mesmo persuadido que foi este o motivo determinante,

No nosso país, os passeios das ruas, quer sejam feitos de tijolos ou de madeira, são sempre muito estreitos. Pedro caminhava pelo meio do passeio e ocupava-o todo, sem ligar a mínima atenção a Lipoutine, que, não tendo lugar a seu lado, era obrigado, ou a seguir na sua peugada, ou a seguir pela rua lamacenta. De súbito Pedro lembrou-se que, poucas horas antes, havia também patinhado na lama, enquanto Stavroguine, como ele agora, caminhava pelo meio do passeio e ocupava-o todo. A recordação desta cena, a cólera pareceu estrangulá-lo.

Também Lipoutine espumava de raiva ao ver-se tratar tão desatenciosamente. Que Pedro gostasse de ser indelicado com os outros secionários ainda se admitia, mas proceder assim para com ele! *Sabia mais* do que todos os seus colegas, estava mais intimamente associado ao assunto do que nenhum deles, e até agora tinha tomado parte em tudo de uma maneira constante, ainda que indireta. Oh, não ignorava que Pedro podia perdê-lo; mas há muito que o detestava, mais ainda como homem perigoso do que como personagem insolente. Naquela ocasião, em que era necessário resolver-se a semelhante coisa, estava mais irritado do que todos os outros, que estavam irritados também. Ah, sabia que, «como escravo», seria amanhã o que levaria os outros ao lugar aprazado. E se, antes dessa fatal jornada, pudesse, de qualquer maneira, acabar com o Pedro, se só ele próprio se perdesse, bem entendido, tê-lo-ia certamente morto.

Absorvido nas suas reflexões calava-se e seguia timidamente o carrasco. Este parecia ter esquecido a sua presença; de tempos a tempos agarrava-o pelo cotovelo com sem-cerimónia atrevida. Na rua mais bonita da cidade, Pedro interrompeu bruscamente a caminhada e entrou numa hospedaria.

— Onde vai? — perguntou Lipoutine. — Isso é uma taberna.

— Quero comer uns bifes.

— Não pense nisso! Este estabelecimento está sempre cheio de gente.

— E que faz isso?

— Demoram-no... e chega atrasado. Já são dez horas.

— Onde vamos nunca se chega atrasado.

— Mas serei eu que chegarei atrasado. Esperam por mim até voltar desta visita.

— Que importa? Pretende voltar para junto deles? Será uma tolice da sua parte. Devido às suas coisas é que não jantei hoje. Chegaremos tarde a casa de Kirilov, mas mais vale assim.

Pedro meteu-se num gabinete reservado, onde o serviram. Lipoutine, sempre aborrecido, sentou-se numa poltrona, um pouco afastado, a ver comer o companheiro. Passou-se assim mais de meia hora. Pedro não se mostrou apressado e jantou com bom apetite. Chamou o criado para lhe trazer mais mostarda, em seguida mandou trazer cerveja, e isto sem dirigir uma só palavra ao companheiro. Estava muito apreensivo, mas as suas preocupações de homem político não incomodavam em nada as delícias do gastrónomo. Lipoutine acabou por se zangar, a ponto de não poder tirar dele os olhos. Era qualquer coisa como que um acesso nervoso. Contava todos os bocados de bife que o Pedro metia à boca. Irritava-se, vendo-o abrir a boca, mastigar a carne e insalivá-la, chegando a enraivecer-se com o próprio bife. Por fim, uma espécie de nuvem lhe passou pelos olhos, a cabeça começou a andar-lhe à volta e sensações de calor intenso e de frio glacial percorreram-lhe alternadamente a espinha.

— Visto que não faz nada, leia isto — disse Pedro, estendendo-lhe uma pequena folha de papel.

Lipoutine aproximou-se da luz e pôs-se a decifrar o papel, que estava coberto de uma caligrafia muito miúda com rasuras em todas as linhas. Quando acabou a leitura, Pedro pagou a conta e saiu. No passeio, Lipoutine quis restituir-lhe o papel.

— Guarde-o. Dir-lhe-ei depois porquê. Mas agora, que pensa o senhor disso?

Lipoutine estremeceu todo.

— Na minha opinião... tal proclamação... não é mais do que absurdo ridículo.

Encolerizado, não pôde mais conter-se.

— Se resolvemos espalhar semelhantes proclamações — prosseguiu ele nervosamente — desprezar-nos-ão a todos. Dir-se-á que somos

estúpidos e que não pretendemos fazer nada.

— O quê? Não é essa a minha opinião — disse Pedro, que caminhava apressado pelo passeio.

— Mas é a minha. Se calhar foi o senhor mesmo quem redigia isto!

— Não tem nada com isso.

— Penso também que os versos da *Personalidade esclarecida* são os piores que podemos ler e que nunca podiam ser escritos por Hertzen.

— O senhor não sabe o que diz. Esses versos são um primor.

— Por exemplo, há ainda uma coisa que me espanta — replicou Lipoutine, que se esfalfava para conseguir acompanhar Pedro — é que nos incitam a trabalhar para a destruição universal. Na Europa é natural que desejem uma mudança geral, porque lá o proletariado existe, mas entre nós não passamos de amadores e, na minha opinião, não passamos de simples poeira.

— Julgava-o *fourierista.*

— Não há nada de semelhante em Fourier.

— Sei que nele só se encontram tolices.

— Não, não há tolices em Fourier... Desculpe-me, mas não posso acreditar numa revolta para o mês de maio.

Lipoutine sentiu tanto calor que teve de desapertar o casaco.

— Vamos, basta — disse Pedro com sangue-frio terrível. — Agora, para não a esquecer, o senhor irá compor e imprimir esta proclamação. Vamos descobrir a tipografia de Chatov e amanhã recebê-la-á. Imprimirá a proclamação o mais prontamente possível, tirará tantos exemplares quantos puder, e depois espalhá-los-á durante todo o inverno. Os meios ser-lhe-ão indicados. É preciso um número grande de exemplares, pois lhos pedirão de diferentes lados.

— Não, perdoe-me, não posso encarregar-me de tal serviço... Recuso.

— No entanto é necessário que se encarregue disso. Trabalho segundo as instruções do poder central e o senhor deve obedecer.

— Se assim é, estimo que os nossos centros organizadores do estrangeiro tivessem esquecido a realidade russa e cortado todos os laços com a pátria. É essa a razão por que não fazem mais do que disparates... Julgo mesmo que as poucas centenas de secções provável mente espalhadas por toda a Rússia se reduzem apenas a uma só, a nossa, e que a pretendida rede é um mito — replicou Lipoutine, sufocado de cólera.

— A sua conduta é vil. Então colocou-se ao serviço de uma obra em que não acredita... e ainda há pouco corria atrás de mim como um cão perdigueiro?

— Não, não corri. Temos o pleno direito de nos retirarmos e de fundarmos nova sociedade.

— Imbecil! — disse repentinamente Pedro em voz atroadora e lançando um olhar fulminante ao seu interlocutor.

Durante algum tempo os dois pararam em frente um do outro. Pedro rodou sobre os calcanhares e pôs-se a caminho com calma imperturbável.

Uma ideia atravessou, como um relâmpago, o cérebro de Lipoutine... «Vou arrepiar caminho e é a altura de o poder fazer». Deu dez passos pensando nisto, mas ao undécimo parou e nova ideia desesperada lhe surgiu no espírito. Não voltou para trás.

Antes de chegarem à casa Filippov, tomaram por uma travessa ou, para melhor dizer, por uma estreita viela que costeava o muro da casa. No ângulo mais sombrio do recinto Pedro descobriu uma prancha; formava uma abertura, pela qual passou imediatamente. Esta maneira de se introduzir na casa espantou Lipoutine. Todavia imitou o exemplo do seu companheiro; depois taparam a abertura, pondo a prancha no seu antigo lugar. Foi por esta entrada secreta que Fedka entrou em casa de Kirilov.

— Chatov não deve saber que estamos aqui — segredou em tom severo Pedro.

Capítulo 3

Como sempre a essa hora, Kirilov estava sentado num sofá de couro e bebia chá. À chegada dos visitantes não se levantou, mas sentia uma espécie de estremecimento e olhou com ar assustado para os que acabavam de chegar.

— Não se enganou — disse Pedro —, é para isso que eu venho.

— Hoje?

— Não, não, amanhã... por volta desta hora.

E apressou-se a sentar-se perto da mesa, ao mesmo tempo que observou com certa inquietação Kirilov, cuja perturbação não lhe tinha escapado. Mas o engenheiro não tardou a retomar a sua fisionomia habitual.

— Imagine, não quiseram acreditar. Não ficou aborrecido por eu trazer Lipoutine?

— Hoje não me aborrece, porém amanhã quero estar só.

— Mas antes é preciso que volte aqui, amanhã, por volta das...

— Gostaria mais de morrer sem a sua presença.

— Lembre-se que prometeu escrever e assinar tudo o que lhe ditar.

— Isso é-me indiferente. E agora demora-se aqui muito tempo?

— Tenho que estar com uma pessoa, junto da qual devo passar meia hora. Faça por isso como quiser... Estarei aqui meia hora.

Kirilov não respondeu. Durante este tempo, Lipoutine sentou-se um pouco afastado, debaixo do retrato do bispo. A ideia que lhe ocorrera há pouco, apoderava-se cada vez mais do seu espírito. Kirilov quase que não reparava nele. Lipoutine conhecia há muito já a teoria do engenheiro e tinha-o sempre escarnecido. No entanto, nessa noite, manteve-se calado e olhava à sua volta com ar sombrio.

— Aceitaria uma chávena de chá — disse Pedro.

— Acabei de comer um bife e contava tomar chá em sua casa.

— Seja, beba.

— Outrora o senhor não esperava que lho pedisse para mo oferecer — observou um pouco amargamente Pedro.

— Isso não quer dizer nada. O Lipoutine que beba também.

— Não quero, obrigado.

— Não quero ou não posso? — perguntou Pedro, virando-se bruscamente para ele.

— Não tomarei nada nesta casa — respondeu Lipoutine em tom significativo.

Pedro carregou as sobrancelhas.

— Isso indica misticismo e só o diabo sabe que espécie de homem és.

Nenhum respondeu a esta observação. O silêncio reinou durante um minuto.

— Mas sei uma coisa — continuou em tom imperioso Pedro — é que, apesar de todos esses preconceitos, cada um de nós cumprirá o seu dever.

— Stavroguine partiu? — perguntou Kirilov.

— Partiu.

— Fez bem.

Uma chama brilhou nos olhos de Pedro, mas conteve-se.

— Pouco importa a sua maneira de ver, contanto que cada um cumpra a sua palavra.

— Cumprirei a minha.

— Sempre estive convencido de que o senhor cumpriria o seu dever, como homem independente e progressista.

— O senhor é amável.

— Tanto melhor, estou satisfeito por lhe agradar. Alegro-me sempre quando me é dado contentar alguém.

— O senhor acha muito necessário que queime os miolos e tem medo que não execute a minha resolução?

— Note que foi o senhor mesmo que associou o seu projeto às nossas agitações. Contando que o senhor cumpriria a sua palavra, delineámos um plano de ataque, de sorte que agora uma recusa da sua parte equivaleria a uma traição.

— O senhor não tem nenhum direito sobre mim.

— Compreendo, compreendo, o senhor é completamente livre. Nós não somos nada; tudo quanto lhe pedimos, é que cumpra a sua vontade.

— E deverei tomar à minha conta todas as suas infâmias?

— Escute, Kirilov, não ficará muito sobrecarregado. Se quer desdizer-se, declare-o já.

— Não, não tenho medo.

— Digo isto devido às suas muitas perguntas.

— O senhor não se demora muito?

— Porque está o senhor a perguntar isso?

Kirilov olhou-o com desgosto.

— Vê — prosseguiu Pedro, que, cada vez mais irritado e inquieto, não encontrava o tom conveniente — o senhor quer que me retire e que o deixe com as suas reflexões; isso é mau sintoma para o senhor. Pretende meditar muito. Na minha opinião, valia mais fazer tudo isso de repente. Na verdade o senhor inquieta-me.

— Há só uma coisa que me repugna, é ter neste momento um canalha como o senhor ao pé de mim.

— Está bem, não se arrelie por isso. Sairei, se assim é necessário, e esperarei na escada. Se o senhor se matar já, visto lhe ser tão pouco indiferente... é bastante perigoso. Retirar-me-ei para a escada. O senhor poderá supor que não compreendo nada e que lhe sou infinitamente inferior.

— Não, o senhor não me é infinitamente inferior; o senhor tem meios, mas há muitas coisas que não compreende, porque não tem cultura bastante.

— Encantado, encantado! Já lhe disse que me agradaria muito distraí-lo... em semelhante momento.

— O senhor não compreende nada.

— Quer dizer que eu... Em todo o caso, ouço-o com respeito.

— O senhor não pode nada. Agora mesmo não pode esconder a sua torpe cólera, ainda que seja desvantajoso para si deixá-la transparecer. O senhor está a aborrecer-me e, a continuar assim, concederei a mim próprio seis meses de espera.

Pedro consultou o relógio.

— Nunca compreendi nada da sua teoria, mas sei que, apesar de não ser inventada por si, o senhor pô-la-ia em prática, quer nós lhe pedíssemos ou não para o fazer. Sei também que não foi o senhor que absorveu a ideia, mas sim foi a ideia que o absorveu a si, por consequência não adiará para mais tarde a execução do seu desígnio.

— Como? A ideia absorveu-me?

— Sim.

— E não fui eu que absorvi a ideia? Está bem. O senhor tem espírito, mas só sabe contrariar, e eu sou orgulhoso.

— Muito bem, muito bem... É precisamente o que é necessário.

— Basta. Já bebeu, por isso pode retirar-se.

— O diabo me leve! Então é preciso retirar-me? — disse Pedro, levantando-se um pouco. — Contudo ainda é muito cedo. Escute, Kirilov, encontrarei aquele homem em casa da mulher do cortador?... Ou teria ela mentido?

— Não o encontrará lá, porque está aqui em casa.

— Aqui? O diabo me leve! Onde está ele?

— Está na cozinha a comer e a beber.

— Como se atreveu ele? — gritou Pedro, rubro de cólera. — Devia esperar. É um absurdo! Não tem passaporte nem dinheiro!

— Não sei. Está com um fato de viagem e veio apresentar-me as suas despedidas. Parte, sem contar voltar. Diz que o senhor é um tratante e que não quer esperar pelo seu dinheiro.

— Ah, ah! Tem medo que eu... Muito bem, mas eu posso ainda... se... Onde está ele? Na cozinha?

Kirilov abriu uma porta lateral que dava acesso a um pequeno quarto sem luz. Descendo uma escada de três lanços, passava-se deste reduto para a parte da cozinha onde dormia habitualmente a cozinheira, e que um tabique separava do resto do compartimento. Aí, num canto, junto de uma imagem, estava sentado Fedka. Tinha diante dele meia garrafa, um bocado de pão, um pedaço de carne de boi e algumas batatas. O ex-forçado, já meio ébrio, trajava uma peliça de pele de carneiro e parecia preparado para se pôr a caminho. Atrás do tabique, um *samovar* fervia, não por causa de Fedka, mas sim porque este, conhecendo os hábitos de Kirilov, tinha a obrigação de lhe preparar chá todas as noites, há já uma semana pelo menos. Quanto à carne de boi e às batatas, estou convencido de que Kirilov, não tendo cozinheira, obrigou o seu hóspede a preparar-lhas nessa manhã.

— Que imaginaste tu? — gritou Pedro, irrompendo pela cozinha dentro. — Por que não esperaste no sítio onde te ordenaram?

E descarregou violenta pancada na mesa.

Fedka tomou um ar digno.

— Um minuto, Pedro, um minuto! — começou ele, destacando cada palavra com uma nitidez que visava um efeito. — O teu primeiro dever é o de compreender que tens a honra de ser visita de Kirilov, ao qual deverás

sempre limpar as botas, porque é uma inteligência culta, ao passo que tu... hem!

Em seguida cuspiu. O tom arrogante do forçado devia inquietar Pedro, se tivesse a calma de espírito bastante para ver o perigo que o ameaçava. Mas estava desnorteado, aturdido pelos malfadados acontecimentos do dia... De pé, na escada, Lipoutine olhava com curiosidade para a cozinha.

— Queres ou não ter um passaporte e dinheiro para ires para onde te disseram?

— Olha, Pedro, desde o primeiro momento que não deixaste de me enganar, e por isso também te considero como um verdadeiro tratante. És aos meus olhos um ímpio, um verme humano. É esta a minha opinião a teu respeito. Para me levares a derramar sangue inocente, prometeste-me grande soma de dinheiro e juraste-me que Stavroguine estava ao corrente de tudo, ainda que tudo isso tosse um imprudente sonho. Prometeste-me mil e quinhentos *rublos* e ainda não recebi coisa alguma. Pouco tempo depois, Stavroguine esbofeteou-te, o que já chegou ao nosso conhecimento. Agora voltas a ameaçar-me e prometes-me dinheiro sem me dizeres o que esperas de mim. Adivinho porém do que se trata. Contando com a minha credulidade, queres-me mandar a S. Petersburgo para assassinar Stavroguine, de quem juraste vingar-te. Por consequência és, em primeiro lugar, um assassino. E sabes do que te tornaste digno por este único feito? E que, na tua depravação, deixaste de crer em Deus, o verdadeiro Criador. Colocaste-te no mesmo plano de um idólatra, de um Tatare ou de um Morduan. O teu amigo, que é um verdadeiro filósofo, explicou-te muitas vezes o verdadeiro Deus, o autor de todas as coisas; falou-te da criação do mundo, assim como do futuro e da transfiguração de todas as criaturas e de todos os animais, segundo o livro do Apocalipse. Mas tu continuas surdo e mudo como um ídolo estúpido e semelhante a esse perverso tentador que se chama ateu. Fizeste partilhar dos seus erros o guarda-marinha Ertélev...

— Ah!... Que estúpido ébrio. Rouba as imagens dos santos e prega sobre a existência de Deus!

— Olha, Pedro, é verdade que roubei como tu dizes, mas contentei-me em levar as pérolas, e, depois, que sabes tu disso? Talvez nesse mesmo momento as minhas lágrimas tivessem obtido o perdão do Altíssimo para o pecado, ao qual fui levado pela miséria, por que sou um órfão sem asilo. Sabes que, outrora, nos tempos antigos, passou-se um facto do mesmo

género? Um negociante, chorando e dando grandes suspiros, tirou uma das pérolas da coroa que ornava a cabeça da santa mãe de Deus; mais tarde veio ajoelhar-se publicamente diante da imagem e colocou todo o dinheiro sobre o tapete. Então, à vista de todos, a santa Virgem abençoou-o e cobriu-o com o seu manto. Este milagre foi escrito nos arquivos do Estado por ordem do governo. Mas tu, tu meteste um rato no nicho da imagem, isto é, gracejaste com o poder divino. E se não tivesse sido teu criado, se outrora não te tivesse trazido nos meus braços, matar-te-ia agora mesmo, sem sair daqui.

Pedro enfureceu-se.

— Fala, viste hoje Stavroguine?

— Nunca me perguntes isso. Stavroguine está muitíssimo admirado com as tuas invenções: não só não organizou coisa nenhuma, como não contribuiu *pecuniariamente,* nem desejava que isto se desse. Aproveitaste-te de mim.

— Vou-te dar dinheiro e, quando estiveres em S. Petersburgo, enviar-te-ei de uma só vez dois mil *rublos* sem falar no que receberás depois.

— Mentes, meu caro, e diverte-me ver as ilusões que tens. Stavroguine está, em relação a ti, no alto de uma escada, de onde te cospe, enquanto tu, em baixo, procedes com ele como um cão estúpido.

— Sabes, patife — gritou Pedro desesperado — sabes que não te deixarei sair daqui e que vou já entregar-te à polícia.

Fedka aproximou-se dele dando um salto. Um clarão sinistro lhe brilhou nos olhos. Pedro tirou o revólver do bolso. A cena que se seguiu foi tão rápida como repugnante. Antes que Pedro pudesse fazer uso da sua arma, Fedka inclinou-se rápido para o lado e, com toda a força, socou-o no rosto. No mesmo instante estalou outro soco não menos terrível que o primeiro, depois um terceiro e um quarto, todos dados no rosto. Espantado com a violência deste ataque, Pedro esgazeou os olhos, murmurou algumas palavras ininteligíveis e logo em seguida caia pesadamente no chão.

— Pronto, aí o tendes! — gritou Fedka triunfante.

Num fechar de olhos pegou no boné e no embrulho que estava num banco e retirou-se apressadamente. Sons roucos saíam do peito de Pedro. Tinha perdido os sentidos e Lipoutine julgou mesmo que ele ia morrer. Kirilov correu precipitadamente para a cozinha.

— É preciso deitar-lhe água no rosto — disse o engenheiro, e enchendo de água uma caneca com asa de ferro, deitou-a no rosto de Pedro.

Este estremeceu e levantou um pouco a cabeça. Depois encostou-se a um cotovelo e olhou à sua volta com ar estúpido.

— Então, como se sente? — perguntou Kirilov.

Pedro não tinha ainda recuperado bem os sentidos; olhou demoradamente para o seu interlocutor. Mas, vendo Lipoutine, um sorriso amargo lhe pairou nos lábios. Levantou-se bruscamente, pegou no revólver que estava no chão e, pálido de raiva, gritou a Kirilov.

— Se amanhã se lembrar de fugir, como o velhaco do Stavroguine — articulou com voz convulsa — vou procurá-lo nem que seja à outra extremidade da terra e esmago-o como a uma mosca... compreende?

E apontou o revólver à testa de Kirilov; porém, quase logo, voltando a si, tornou a meter a arma no bolso e retirou-se sem acrescentar uma palavra mais. Lipoutine também se foi embora. Saíram ambos disfarçadamente de casa pela porta secreta que já conhecemos. Uma vez na rua, Pedro começou a andar tão aceleradamente que o companheiro teve dificuldade em o acompanhar. Chegando à primeira encruzilhada, estacou.

— Então? — disse com certo ar de desafio, voltando-se para Lipoutine.

Este pensou no revólver e a recordação da cena anterior fê-lo tremer dos pés à cabeça. A resposta porém saltou-lhe dos lábios, por assim dizer espontaneamente:

— Penso... penso que de «Smolensk a Tachkent» já não esperam o estudante com tanta impaciência.

— Viu o que Fedka estava a beber na cozinha?

— O que estava a beber? *Vodka?*

— Fique a saber que bebeu *vodka* pela última vez na vida. Lembre-se disto para seu governo. E agora, vá para o diabo, pois já não tenho necessidade de si até amanhã... Tome cautela, não faça disparates!

Lipoutine voltou para casa a toda a pressa.

Capítulo 4

Havia muito que se tinha munido de um passaporte falso. Coisa difícil de explicar! Este homem de instintos burgueses, este pequeno tirano doméstico, este eterno funcionário, apesar da sua filosofia e de partidário de Fourier, enfim, este capitalista habituado a ser usurário, tinha previsto há tempos que podia vir a ter necessidade de um passaporte nestas condições para fugir para o estrangeiro, se... Admitia a possibilidade deste *se,* posto que, bem entendido, o acompanhasse mentalmente de uma linha de pontos... Porém, depois, esta partícula enigmática tomara subitamente um sentido exato. Disse que Lipoutine, enquanto se dirigia para casa de Kirilov. tivera uma ideia inesperada, devido a ter sido tratado como imbecil por Pedro. Essa ideia consistia em deixar tudo e partir no dia seguinte para o estrangeiro, às primeiras horas do dia! Aquele que, ao ler este relato, o julgar exagerado, nada mais tem a fazer do que consultar a biografia de todos os refugiados russos: nem um só emigrou em condições que não fossem fantásticas.

De volta a casa, começou por se fechar no quarto, em seguida ao que procedeu febrilmente aos preparativos da partida. A principal preocupação que o dominava era o dinheiro a levar. Quanto à viagem, ainda não tinha decidido como a empreenderia; pensou vagamente em ir tomar o comboio à segunda ou terceira estação depois da estação da nossa cidade, embora tivesse de ir a pé até lá. Encadeando estes pensamentos no cérebro, ia empacotando as suas coisas, quando de repente, interrompendo o trabalho e dando um profundo suspiro, se estendeu no divã. Sentiu inesperadamente e reconheceu muitíssimo bem que, sem dúvida alguma, teria de fugir, mas já não tinha a liberdade de decidir se sim ou não seria antes ou depois do caso de Chatov; já não passava de um corpo bruto, de uma massa inerte, movida por uma força estranha que, tendo toda a facilidade de fugir antes do assassinato de Chatov, só partiria depois. Até ao dia seguinte pela manhã, ficou em ânsias terríveis, todo trémulo e gemebundo, sem saber o que fazia. Às onze horas, quando deixou os seus aposentos, as pessoas da casa deram-lhe uma novidade que corria em toda a cidade: o famoso

Fedka, o terror da região, o forçado evadido, procurado em vão pela polícia há muito tempo, fora encontrado assassinado, pela manhã, a sete *verstas* da cidade, no ponto de junção da via pública com o caminho que ia ter a Zakharino. Ávido de mais notícias saiu imediatamente de casa para obter informações: soube logo que Fedka fora encontrado com a cabeça despedaçada e que havia indícios de ter sido roubado. Das informações recolhidas pela polícia, o assassino devia ser um operário da fábrica do Chpigouline, um tal Fomka, que tomou parte com o forçado no incêndio da morada dos Lebiadkine e no assassinato destes. Talvez a sua morte fosse devida a qualquer questão suscitada entre os dois celerados na partilha dos roubos... Lipoutine correu a casa de Pedro e interrogou os criados; disseram-lhe que o patrão entrara em casa à uma hora da madrugada e dormira sossegadamente até às oito horas. Na verdade não havia nada de extraordinário na morte de Fedka, pois era o desfecho natural de uma vida de ladrão. Todavia, na véspera, Pedro dissera-lhe: «Fedka bebeu *vodka* pela última vez na vida». Como não ligar estas palavras aos acontecimentos que acabavam de se dar? Surpreendido com tal coincidência, Lipoutine não hesitou. Entrando em casa, atirou o saco de viagem, com um pontapé, para debaixo da cama e, à noite, à hora marcada, foi o primeiro a achar-se no sítio onde devia encontrar Chatov, simplesmente conservava ainda o passaporte no bolso.

Parte 5

Capítulo 1

Stavroguine não dormiu durante toda aquela noite, mantendo-se sentado no divã e fixando, durante a maior parte do tempo, o seu olhar vago num ponto do canto mais próximo da cómoda. A lâmpada esteve acesa toda a noite. Pelas sete horas da manhã adormeceu nessa mesma posição. Quando Aléxis entrou no quarto, às nove horas e meia precisas, como de costume, trazendo uma chávena de café, acordou e ao abrir os olhos, pareceu desagradavelmente surpreendido por ter dormido até tão tarde.

Tomou o café a correr, arranjou-se num instante e saiu a toda a pressa de casa.

À pergunta, um tanto tímida, feita por Aléxis; «Não tem ordens a dar?», não respondeu.

Stavroguine caminhava de olhos baixos, todo absorvido nos seus pensamentos, só levantando a cabeça por momentos e para manifestar vaga, mas intensa inquietação.

Num cruzamento pouco distante de casa, uma multidão de mujiques, cinquenta ou mais, barrou-lhe a passagem; marchavam em fila, silenciosos e em boa ordem. Próximo do estabelecimento onde Stavroguine teve de parar um instante, alguém disse que eram «os operários do Chpigouline». Pouca atenção deu a isso.

Pelas dez horas e meia chegou à porta do convento da Mãe de Deus, de Spasso-Efimievsky, situado na extremidade da cidade, perto da ribeira. Só então pareceu lembrar-se de qualquer coisa, parou, apalpou com gesto febril um objeto que tinha no bolso interior e sorriu.

Ao atravessar a cerca, perguntou ao primeiro noviço que encontrou qual o caminho que conduzia aos aposentos do bispo Tikhon, que vivia isolado no mosteiro. Depois de muitas saudações, o noviço caminhou à frente.

Ao fim do comprido claustro, junto de uma escadaria, encontrava-se um monge corpulento e de cabelos grisalhos que, afastando o noviço com gesto vivo, se apoderou do visitante e, fazendo-lhe também diversas saudações, o conduziu por extenso e estreito corredor.

Constrangido nas suas mesuras pela gordura, o monge inclinou, com gesto curto, só a cabeça, e convidou Stavroguine a segui-lo, apesar deste não se afastar um passo.

O monge multiplicava as perguntas e falava do «pai arquimandrita»; não conseguindo resposta alguma às suas palavras, tornou-se cada vez mais respeitoso.

Stavroguine apercebeu-se que não era desconhecido no mosteiro, ainda que não se recordasse de ter lá voltado desde a infância. Chegado à porta que se encontrava ao fundo do corredor, o monge abriu-a com gesto decidido, perguntou se se podia entrar e, sem esperar resposta, deixou passar o «caro» visitante. Meteu no bolso a gratificação que Stavroguine lhe deu e eclipsou-se.

Este entrou num compartimento estreito, onde apareceu no mesmo instante, parando à porta do quarto contíguo, um homem de alta estatura, seco, de uns cinquenta anos, vestido com uma sotaina de trazer por casa; tinha aspeto de sofrer um pouco, no rosto aflorava-lhe vago sorriso e o olhar tinha uma expressão de estranha timidez. Era Tikhon, de quem Stavroguine ouvira falar, pela primeira vez, a Chatov e sobre o qual depois conseguira, com tempo, colher algumas informações. Estas eram diversas e contraditórias, mas tinham de comum, quer gostassem ou não — também havia destes — de Tikhon, não se referirem, nem na menor crítica, à sua conduta: os que não o amavam abstinham-se, sem dúvida, por desdém; os que o amavam, e tinha partidários ardentes, nada diziam, com uma espécie de reserva, como se quisessem dissimular qualquer coisa que lhe dizia respeito, talvez alguma mania estranha.

Stavroguine soubera que Tikhon recolhera ao convento há já seis anos e que recebia tanto a gente do povo como as altas personalidades; tinha entusiásticos admiradores, e sobretudo admiradoras, até no longínquo S. Petersburgo.

Em compensação ouvira dizer a um sócio idoso do grémio, velho da melhor sociedade e muito piedoso, que «este Tikhon era quase um tolo, isto é, um ser nulo e, sem dúvida, um bêbado». Acrescentarei, antecedendo os factos, que esta última alegação era simplesmente absurda. Na realidade o bispo sofria de reumatismo e às vezes tinha cãibras nervosas nas pernas. Stavroguine soubera também que o bispo, no seu retiro, não conseguira, ou por fraqueza de caráter ou por distração incompatível com a sua dignidade, inspirar aos habitantes do convento o respeito que lhe era

devido. Afirmava-se que o «pai arquimandrita», austero e rigoroso no desempenho das suas funções de superior do convento, conhecido, além disso, pela sua sabedoria, alimentava uma espécie de hostilidade para com Tikhon; dizia mal — indiretamente, bem entendido — falando da sua vida desregrada e acusando-o quase de heresia. Quanto aos restantes membros do convento, tratavam o santo homem com certa familiaridade.

As duas divisões de que se compunham os aposentos de Tikhon estavam mobiladas de forma bastante estranha. Entre velhos móveis de couro usado, apercebiam-se três ou quatro objetos elegantes: uma rica cadeira de descanso, uma grande escrivaninha finamente trabalhada, uma estante muito bonita, diversas jardineiras e outros adornos que recebera como oferendas. Ao lado de um rico tapete de Bukhara estavam estendidas esteiras de entrecasca de tília entrançada. No meio de gravuras de assuntos mundanos ou mitológicos, tinha ao canto um grande oratório com imagens de santos, resplandecentes de ouro e prata, e entre elas um ícone antigo contendo relíquias. Segundo os «diz-se», a biblioteca não era menos disparatada na sua composição; ao lado das obras dos grandes santos e dos mártires cristãos, enfileiravam-se «livros de teatro e romances, ou talvez ainda pior».

Depois de trocados os primeiros cumprimentos, um tanto rápidos e pouco à vontade, isto sem razão plausível, Tikhon conduziu o seu hóspede para o gabinete de trabalho, fê-lo sentar no divã, diante de uma mesa, enquanto ele se sentou numa cadeira de verga. Stavroguine, bastante emocionado, continuava a mostrar-se muito distraído. Dava a impressão de um homem resolvido a praticar um ato extraordinário e inevitável, mas que ao mesmo tempo lhe parecia impraticável. Examinou durante muito tempo o gabinete de trabalho, porém tão distraidamente que nada apercebeu: sonhava, e certamente sem saber em quê. Foi despertado pelo silêncio, e pareceu-lhe de repente que Tikhon baixava os olhos pudicamente e esboçava mesmo um sorriso inconveniente.

Sentiu logo desgosto e revoltou-se. Quis levantar-se e ir-se embora, tanto mais que supôs Tikhon embriagado. Mas, sem o esperar, o outro levantou os olhos e fixou-o com olhar tão firme, tão carregado de pensamentos, de uma expressão tão inesperada e enigmática, que se sentia preso. Pareceu-lhe que Tikhon tinha já adivinhado o fim com que ali fora — apesar de que ninguém no mundo o podia saber! — e se não foi o primeiro a falar-lhe nisso foi porque quis poupá-lo e temeu humilhá-lo.

— Conhece-me? — perguntou bruscamente Stavroguine. — Apresentei-me quando entrei? Sou muito distraído...

— Não se apresentou, mas tive já o prazer de o encontrar uma vez, há cerca de quatro anos, neste mosteiro... por acaso.

Tikhon falava lentamente, com voz igual e doce, pronunciando distintamente as palavras.

— Vim há quatro anos a este mosteiro? — perguntou ele, em tom descortês. — Vim apenas aqui quando era pequeno e nessa altura ainda o senhor cá não estava...

— Talvez se tenha esquecido — respondeu Tikhon, sem teimar muito.

— Não, não me esqueci, e seria bastante ridículo se não me lembrasse disso — insistiu Stavroguine, mais do que devia. — Talvez tivesse simplesmente ouvido falar de mim e por isso fizesse uma certa ideia a meu respeito, ou julgasse mesmo ter-me já visto.

Tikhon não respondeu. Neste momento, Stavroguine apercebeu-se de um certo tique que por momentos lhe contraía o rosto, denotando um antigo enfraquecimento nervoso.

— Parece-me estar hoje um tanto doente, por isso seria melhor eu ir-me embora.

Chegou a levantar-se do seu lugar.

— Com efeito, sinto desde ontem fortes dores nas pernas e dormi mal esta noite...

Tikhon não acabou. O seu hóspede havia recaído na vaga meditação de há pouco. O silêncio durou assim bastante tempo, dois bons minutos.

— Examinava-me? — perguntou de repente Stavroguine, desconfiado.

— Olhava para si e recordava-me dos traços do rosto de sua mãe. Há uma certa dissemelhança exterior, mas por outro lado há grande semelhança interior, espiritual.

— Não há nenhuma semelhança, e sobretudo espiritual! Nenhuma, absolutamente! — exclamou o visitante com inquietação e insistência, sem bem saber porquê. — Diz isso... por piedade pelo meu estado... São ninharias — acrescentou com rudeza. — A minha mãe vem visitá-lo?

— Vem.

— Não o sabia... Nunca me falou nisso... Vem cá muitas vezes?

— Quase todos os meses e em algumas ocasiões até mais a miúdo.

— Nunca lhe ouvi falar nisso, nunca… Então tem-lhe, sem dúvida, falado de mim como de um louco?

— Não... como um louco, não... para dizer a verdade... Outras pessoas, sim, têm aludido a isso.

— Tem excelente memória para se poder lembrar de semelhantes bagatelas... E ouviu falar da bofetada que apanhei?

— Sim, alguma coisa.

— Isto é, sabe tudo. É uma maneira de matar o tempo. E do duelo?

— Do duelo também.

— Sabe então aqui muitas coisas. Aí está onde os jornais são supérfluos! E Chatov falou-lhe de mim?

— Não. Mas conheço-o perfeitamente, apesar de não o ter visto há muito tempo.

— Ah! De que é aquele mapa? Ah, o mapa da última guerra! Que necessidade tem dele?

Consulto o mapa para esclarecer o texto... É um relato da guerra muito interessante.

— Mostre-mo... Está na verdade muito bem feito... É no entanto uma estranha leitura para o senhor.

Pegou no livro e examinou-o. Era uma longa narrativa, muito bem feita, dos acontecimentos da última guerra, mas mais sob o ponto de vista literário que militar. Depois de ter folheado rapidamente o livro, repeliu-o com um gesto de impaciência.

— Decididamente não sei por que vim aqui! — exclamou com desgosto, olhando a direito para Tikhon como se esperasse a resposta.

— Parece-me que também sofre.

— Sim, um pouco.

E imediatamente se pôs a contar, em frases curtas e apressadas, que, sobretudo de noite, o torturava uma espécie de alucinações; que às vezes sentia ou via perto dele um ser mau, escarnecedor e «resmungão», manifestando-se «sob a forma de várias pessoas e diversos carateres, mas existindo contudo numa só pessoa, o que me fazia enraivecer deveras...»

Estas confidências absurdas pareciam realmente vir de um louco. Contudo, Stavroguine falava com franqueza tão singular, com ingenuidade tão contrária à sua natureza que dir-se-ia ter-se tornado por completo outro homem. Não teve vergonha alguma de revelar o medo que sentia por esse espectro. Mas isto durou apenas um instante e desapareceu também, rapidamente, como tinha surgido.

— Tolices — exclamou ele com despeito, como se recobrasse os sentidos. — Irei consultar um médico.

— Vá sem falta — disse Tikhon.

— Fala com tal segurança! Já encontrou homens como eu, tendo tido semelhantes visões?

— Tenho-os encontrado, porém muito raras vezes. Lembro-me só de um caso idêntico ao seu. Era um oficial que acabara de perder a esposa, companheira insubstituível na sua vida. De outro doente, só ouvi falar. Ambos se trataram e foram curados no estrangeiro... Mas o senhor sente-se assim atormentado há muito?

— Há cerca de um ano... Mas não tem importância. Vou ao médico... Não passam de tolices... tolices enormes... Sou eu próprio que existo sob diversos aspetos, é o que é. Já que acrescentei esta... frase, vai com certeza acreditar que estou sempre em dúvida e não tenho a certeza se sou ou não eu, ou algum diabo por mim.

Tikhon fitou-o com ar interrogador.

— Então... vê-o, na verdade? — perguntou ele. — Quero dizer, afastando a menor dúvida de que a sua alucinação seja doentia, vê na verdade alguma imagem?

— É muito estranho ouvi-lo insistir, quando lhe disse já que a vejo.

A irritação de Stavroguine ia crescendo a cada pergunta de Tikhon, por isso continuou:

— Naturalmente vejo-a como o estou a ver ao senhor... Às vezes vejo-a sem ter a certeza de a ver, apesar de saber que é a realidade... Serei eu ou ele? Numa palavra, tolices... Mas por que não supõe que seja um diabo em carne e osso? Seria mais conforme com a sua religião — acrescentou, passando bruscamente a falar em tom de troça: — Parece-me antes que é um doente... contudo...

— Contudo o quê?

— Os demónios existem, de certeza, mas há diversas maneiras de compreender a sua existência.

— Baixa mais uma vez os olhos porque tem vergonha, por mim, que eu creia no diabo e que sob o pretexto de não crer nele, lhe faça esta pergunta insidiosa: existe ou não existe? — exclamou Stavroguine, irritado e escarninho.

Tikhon esboçou vago sorriso. O outro continuou:

— E depois não lhe fica bem, de modo algum, baixar os olhos; isso é ser presumido, ridículo e pouco natural... Para compensar a minha forma indelicada de lhe falar, dir-lhe-ei, muito a sério e com impudência: «Creio no diabo, creio canonicamente no diabo incarnado ou não numa alegoria, e não tenho necessidade alguma de interrogar quem quer que seja sobre este assunto. Deve sentir grande alegria com isto, não é verdade?

Teve um riso nervoso. Tikhon olhou-o com curiosidade, com os seus olhos doces e tímidos.

— Crê em Deus? — perguntou bruscamente Stavroguine.

— Creio.

— Está dito, não é, que quando se crê e se ordena à montanha que ande, ela andará? Mais tolices. Mas, contudo, tinha curiosidade em saber: poderá deslocar a montanha ou não?

— Se Deus o ordenasse, deslocá-la-ia — disse Tikhon em tom reservado e baixando lentamente os olhos.

— Não se trata de a deslocar com a ajuda de Deus. Não pode o senhor deslocá-la, à guisa de recompensa da sua fé em Deus?

— Talvez a deslocasse.

— Talvez? Não está má... Mas porque duvida?

— Não tenho a fé absoluta.

— Como, não é absoluta?

— Sim... talvez não seja perfeita.

— Pelo menos crê que, com a ajuda de Deus, a deslocaria. É o bastante. Já é mais que o «muito pouco» de um outro homem santo, também arcebispo, que a pronunciou, é verdade, sob a ameaça do sabre... É cristão, com certeza?

— Da tua cruz, oh! Senhor, não tenho vergonha! — murmurou Tikhon num sopro apaixonado e inclinando bastante a cabeça.

As comissuras dos lábios estremeceram-lhe nervosamente.

— E pode-se crer no diabo sem ter fé absoluta em Deus? — perguntou Stavroguine, em ar de troça.

— Oh, por certo que se pode; isso acontece muitas vezes — respondeu Tikhon, levantando os olhos e sorrindo.

— Tenho a certeza de que há de encontrar uma crença semelhante, a qual é mais honesta que a descrença total...

— Oh, o espertalhão! — disse Stavroguine, rindo-se muito.

Tikhon respondeu-lhe outra vez com um sorriso e acrescentou com bom humor:

— Pelo contrário, o ateísmo absoluto é mais honesto que a indiferença mundana.

— Ai o maroto! Aí está como o senhor é!

— O ateísmo completo ocupa o penúltimo degrau do ponto culminante da fé perfeita... Transpor-se-á ou não? É outra questão... Ao passo que o indiferente não tem fé alguma, tem por outro lado medo da infelicidade, e ainda se é um homem sensível!

— Mas... já leu o Apocalipse?

— Li.

— Recorda-se...: «Escreve ao anjo da igreja de Laodiceia»?

— Recordo. São palavras belas.

— Belas? Singular expressão para um bispo. De uma maneira geral o senhor é um original... Onde tem esse livro? — perguntou Stavroguine, com precipitação estranha, procurando-o na mesa com os olhos. — Queria ler-lhe essa passagem. Tem uma tradução russa?

— Conheço a passagem. Recordo-me dela muito bem — disse Tikhon.

— Sabe-a de cor? Era favor dizê-la.

Stavroguine baixou os olhos e apoiou as mãos nos joelhos, manifestando impaciência. Tikhon recitou, sem omitir uma única palavra: «Escreve ao anjo da igreja de Laodiceia — isto anunciou Amen, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus... — Sei quais são as tuas obras; nem és frio, nem quente. Antes fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, e não frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Porque dizes: eu sou rico, tenho todas as regalias e nada me falta; não sabes que és um desgraçado, um miserável, um pobre, um cego, um nu...»

— Basta — interrompeu Stavroguine. — Isto é dito para os que se encontram no meio termo, para os indiferentes, não é? Fique sabendo que o estimo muito.

— E eu ao senhor — replicou Tikhon a meia-voz.

Stavroguine calou-se e embrenhou-se outra vez nos seus pensamentos. Aconteceu-lhe isto pela terceira vez, como se estivesse sob o domínio de crises nervosas. Por isso dissera, numa dessas crises, a Tikhon: «Estimo-o». Dissera-lho de uma maneira inesperada, quase sem querer.

Passou-se um bom minuto.

— Não se zangue — murmurou Tikhon, tocando com o dedo, timidamente, num cotovelo de Stavroguine.

Este estremeceu e franziu o sobrolho irritado.

— Como adivinhou que estafa zangado? — perguntou bruscamente.

Tikhon quis responder, mas ele prosseguia com inquietação infundada.

— Porque supôs que devia, em absoluto, irritar-me? Sim, estava furioso, e pela razão, precisamente, de lhe ter dito: «Estimo-o». Tem razão, mas é cínico. Tem uma opinião muito baixa da natureza humana. Podia não me encolerizar se fosse outro homem... Porém não se trata de outro homem, mas de mim. E, apesar disso, é um original e um doente.

Irritava-se cada vez mais e, facto estranho, não se constrangia nos termos a empregar.

— Escute, não gosto dos espiões e dos psicólogos, pelo menos dos que procuram insinuar-se na minha alma. Não convido ninguém a penetrar nela, nem preciso de ninguém: sei conduzir-me sozinho. Pensa talvez que o temo? — perguntou, elevando a voz e levantando a cabeça num gesto de desafio. — Tem a certeza de que vim para lhe revelar um segredo terrível e espera com toda a paciência de monge de que é capaz. Fique sabendo, pois, que nada lhe revelarei, nenhum segredo, porque não necessito, absolutamente nada do senhor.

Tikhon fitou-o com olhar firme e disse:

— Estou admirado como o facto de o Cordeiro preferir os frios aos tépidos, e não querer ser apenas tépido. Pressinto que tem qualquer intenção extraordinária, talvez terrível. Se assim é, peço-lhe para não se torturar e dizer tudo quanto vinha para dizer.

— E tem a certeza de que vinha revelar-lhe alguma coisa?

— Eu... eu adivinhei-o pelo seu rosto — murmurou Tikhon, baixando os olhos.

Stavroguine empalideceu um tanto e as mãos tremeram-lhe. Durante alguns segundos fixou o seu olhar em Tikhon, muito calado, como se tivesse tomado uma decisão. Por fim tirou do bolso interior do casaco uns folhetos impressos e pô-los sobre a mesa.

— Aqui estão uns folhetos que se destinam a ser espalhados — disse em voz entrecortada. — Se estes folhetos fossem lidos por um *homem,* não os conservaria guardados e toda a gente os poderia ler. Está resolvido assim. Nada preciso de si porque tudo resolvi... Mas leia... Não me diga nada durante a leitura. Quando acabar de ler, dir-me-á então tudo...

— Na verdade é preciso ler? — perguntou Tikhon, hesitante.

— É. Há muito tempo que tal havia resolvido.

— Não posso ler sem as lunetas. Os carateres são pequeníssimos. Com certeza isto foi impresso no estrangeiro.

— Aqui estão as lunetas — disse Stavroguine, apresentando-lhas, pois as encontrara sobre a mesa, e recostou-se, apoiando-se nas costas do divã.

Tikhon embrenhou-se na leitura.

Capítulo 2

A impressão dos folhetos denotava, com efeito, origem estrangeira; eram cinco folhetos, em formato de papel de carta e brochados. Deviam ter sido impressos em segredo, numa tipografia russa, no estrangeiro, porque os folhetos tinham o tom de uma proclamação.

O título dizia: «Da parte de Stavroguine».

Reproduzo textualmente esse documento nesta minha crónica. Contudo, permiti-me corrigir faltas ortográficas, bastante numerosas com grande surpresa minha, pois o autor era, apesar de tudo, um homem culto e mesmo habituado a ler muito.

No entanto não toquei no estilo, apesar das incorreções e até das ambiguidades. Em todo o caso é evidente que o autor não é um escritor.

Permitir-me-ei ainda uma observação apesar de me adiantar ao relato que estou a fazer. Este documento é o produto, na minha opinião, de uma criatura em estado de crise, sendo a sua obra, obra do diabo que o domina. A razão que o levou a escrever este documento é a mesma que leva um doente que sofre de um mal agudo a mexer-se na cama para encontrar uma posição que lhe dê alívio, pelo menos momentâneo, e se não um alívio, uma modificação da dor. Por isso, com certeza não sonha com a beleza ou a eficácia da posição tomada.

O pensamento dominante deste documento está na necessidade horrorosa do castigo, da crucificação e do suplício público.

Por outro lado, todo o documento é, ao mesmo tempo, obra de um revoltado, de um desesperado, apesar de dar a impressão de ter sido escrito com outro fim. O autor declara que «não pôde deixar de o escrever», pois a tal foi «forçado», e isto parece plausível.

Bem queria afastar de si este cálice, mas estava preso a ele e bem preso. Aproveitou a ocasião de um novo frenesim, ou de uma outra revolta. Sim, o doente agitou-se na cama e tentou substituir um sofrimento por outro sofrimento; daí a luta contra a sociedade, luta que lhe assegurará uma posição mais suportável, lançando o desafio à sociedade. A própria

redação de tal documento é um desafio inesperado e imperdoável. Revela-se nele a sede de provocar seja que adversário for.

É permitido supor também que estes folhetos, destinados à publicidade, não sejam, todavia, senão uma nova dentada na orelha do governador, mas dada de outra forma. Por que é que este incidente me veio ao espírito quando muitos factos estão já esclarecidos, não sei dizê-lo. Contudo não afirmo que o documento seja falso, ou por outras palavras, inventado no todo. Sem dúvida é preciso procurar a verdade entre os dois extremos...

Noto que ultrapassei muito os acontecimentos e o mais seguro é voltarmos ao já referido documento. Eis o que leu Tikhon:

Da parte de Stavroguine.

Eu, Nicolau Stavroguine, oficial reformado, vivi em S. Petersburgo, em 186... entregando-me à vida de boémio, na qual não encontrei prazer algum. Durante certo tempo tive três alojamentos.

Tinha a minha residência normal numa casa mobilada, onde então vivia também Maria Lebiadkine, que se tornou depois minha esposa legítima.

Alugara os outros compartimentos para as minhas intrigas: num deles recebia uma senhora que me amava, e no outro a sua criada de quarto. Durante certo tempo tentou-me o desejo de provocar um encontro, em minha casa, entre a senhora e a criada. Conhecendo os seus carateres, esperava divertir-me com este encontro.

Para preparar o encontro, ia mais a miúdo a um outro alojamento que tinha numa grande casa da rua Garokhovaia, frequentado pela criada de quarto. Aí ocupava eu um quarto, num quarto andar, em casa de uns pequenos burgueses de S. Petersburgo. Os meus hospedeiros viviam num compartimento pegado. Era tão estreito que tinham de deixar aberta a porta de ligação entre o meu quarto e o deles. O marido, usando barba comprida e sobrecasaca, era empregado num escritório e saía de manhã para entrar só à noite. A mulher, de uns quarenta anos de idade, desfazia fatos velhos para os consertar e ausentava-se muitas vezes para ir entregar o seu trabalho. Ficava só com a

moça, que tinha aspeto de criança. Chamavam-lhe Matriocha. A mãe gostava muito dela, mas batia-lhe muitas vezes e berrava-lhe por tudo e por nada, segundo o costume destas mulheres. A petiza servia-me e arrumava-me o quarto.

Declaro ter-me esquecido do número da casa. Atualmente, segundo me informaram, sei que este velho edifício foi demolido e que no seu lugar, assim como no de duas outras casas velhas, se eleva uma casa nova, muito grande. Esqueci-me também do nome destes pequenos burgueses; talvez até nunca o soubesse. Lembro-me contudo que a mulher se chamava Stepanida; não me lembro do nome do marido, nem do que foi feito de ambos. Suponho que, procurando nos registos da polícia da capital, se poderia descobrir quem eram.

O compartimento dava para um pátio.

Os factos que vou contar passaram-se no mês de junho. Um dia desapareceu-me da minha mesa um canivete de que nunca me servia; estava para ali abandonado. Falei deste desaparecimento à minha locatária, sem pensar que por tal batesse na filha. Já havia berrado por causa do desaparecimento de um farrapo e acusava a filha de o ter roubado para a boneca. Quando, mais tarde, o encontraram debaixo da toalha da mesa, a pequena não proferiu uma palavra de censura pelo seu castigo injusto e não fez outra coisa se não olhar em silêncio. Notei que o fez de propósito, e foi então que, pela primeira vez, examinei o seu rosto; até então não me tinha chamado a atenção. Era alourada, tinha a cara coberta de sardas, uma cara vulgar, mas tendo uma expressão por completo infantil e extraordinariamente meiga.

A mãe ficou descontente por ver que a filha não lhe censurou a punição injusta e por isso o incidente do canivete excitou mais o seu mau humor. A mulher estava descontente por ter castigado a filha sem razão. Arrancou portanto algumas varas da vassoura e fustigou a pequena até lhe marcar a pele com traços sanguinolentos. Fez isto na minha presença, apesar de a moça ter já onze anos. Matriocha não gritou com as vergastadas, talvez porque eu assisti ao castigo, mas soluçou de uma maneira estranha a cada pancada e continuou a soluçar depois durante uma hora.

Entretanto havia-se passado o seguinte: no momento preciso em que a locatária pegava na vassoura para lhe tirar as varas, encontrava eu o canivete na minha cama, para onde, sem dúvida, caíra da mesa. Imediatamente pensei nada dizer, para que a moça fosse fustigada. Foi uma decisão súbita, porque, em instantes como estes, faltava-me a respiração... Resolvi porém contar tudo com todos os pormenores, de forma a não esconder coisa alguma.

Toda a situação extremamente vergonhosa e muitíssimo humilhante e vil, mas sobretudo ridícula, em que me encontrava, excitou em mim grande cólera e, ao mesmo tempo, gozo indizível. Sentia o mesmo nos meus momentos de intensas crises ou perigos. Se tivesse roubado qualquer coisa, sentiria entusiasmo, no momento do roubo, ante a grandeza da minha infâmia. O que apreciava nisso não era o ato infamante, mas o prazer extremo que me dava a consciência, amargurada com a minha baixeza. Acontecia assim todas as vezes que, encontrando-me no campo do duelo, esperava o tiro do adversário. Sofria a mesma sensação. Confesso tê-la procurado, às vezes, de propósito, pois agia sobre mim o mais fortemente possível. Quando recebia uma bofetada, e recebi-as por duas vezes na minha vida, experimentava também essa sensação, apesar de toda a minha indignação. Todavia, quando se consegue reprimir a cólera, o prazer ultrapassa todas as delícias imagináveis.

Nunca falei disto a ninguém, evitei mesmo a mínima alusão a esta vergonha, escondendo-a como uma abjeção.

Quando me bateram e arrastaram pelos cabelos num café de S. Petersburgo, não experimentei esse sentimento de vergonha, mas sim grande cólera, apesar de estar bêbado. Se, pelo contrário, esse visconde francês, que no estrangeiro me deu uma bofetada e a quem fraturei, em duelo, a maxila inferior, me tivesse agarrado pelos cabelos e feito baixar a cabeça, teria sentido sem dúvida prazer embriagador e não cólera.

Digo tudo isto para fazer saber a todos que nunca essa sensação me dominou por completo e que conservei sempre a minha plena consciência. Se tivesse querido, podia ter dominado essa sensação, mesmo no seu ponto culminante, mas nunca tive vontade disso. Estou convencido de que seria capaz de viver toda

a minha vida como um monge casto, apesar da voluptuosidade bestial de que sou dotado e que sempre me excitou. Interessa-me declarar que não tenho intenção alguma de justificar os meus crimes, nem pela influência do meio, nem por irresponsabilidade de doente.

Logo que terminou o castigo da moça, meti o canivete no bolso do colete e saí de casa sem dizer palavra. Fui deitá-lo fora, longe de casa, a fim de que ninguém soubesse que o tinha encontrado.

Senti logo que acabava de cometer uma vilania e, no entanto, senti um certo prazer, porque um sentimento indefinido me queimou, como ferro em brasa, e porque o facto me interessou.

Em seguida esperei dois dias. Depois de ter chorado, a moça tornou-se ainda mais calada. Estou convencido de que não tinha ressentimento algum contra mim, mas sofria com a vergonha de ter sido castigada daquela maneira na minha frente. Porém, como criança submissa, amargurava-se sozinha por causa dessa vergonha. Anoto isto porque interessa para a sequência do relato.

Passei uns dois ou três dias na minha residência principal. Grande número de pessoas habitava nesta casa: funcionários desempregados ou ocupando pequenos empregos, médicos sem clientela e toda a espécie de polacos, os quais se comprimiam à minha volta. Vivia solitário nesta Sodoma, isto é, isolado em espírito, mas rodeado, durante todo o dia, por um bando de «camaradas» muito dedicados e que me adoravam, devido ao amor à minha bolsa. Creio bem que cometemos muitas canalhices, a ponto dos outros locatários nos temerem, mostrando-se sempre indiferentes connosco, apesar das nossas rapaziadas, por vezes muito atrevidas. Mais uma tolice e não estaria longe a minha deportação para a Sibéria. Aborrecia-me a tal ponto que podia ter-me enforcado; e se não me enforquei, é porque esperava que viesse alguma coisa de novo, como esperei sempre toda a minha vida.

Lembro-me de ter então estudado, muito seriamente, teologia. Isto durou certo tempo, mas depois o aborrecimento assaltou-me mais forte ainda.

Quanto aos meus sentimentos cívicos, concentravam-se na ânsia de colocar pólvora nos quatro cantos do universo e fazer

saltar tudo pelos ares, se de facto isso valesse a pena. Isto não era por especial maldade, mas, muito simplesmente, por tédio. De forma alguma sou socialista. Creio que foi uma doença. O doutor Dobrolioubov, que vivia num dos quartos com a família, à minha pergunta extraordinária se existia algum ingrediente que pudesse excitar as virtudes cívicas, respondeu-me um dia: «Para excitar as virtudes cívicas, talvez não exista; mas talvez se encontrasse para excitar a um crime». Ficou muito contente com a piada, apesar de ser excessivamente pobre e tendo de sustentar a mulher, no estado de gravidez, e duas filhitas esfomeadas. É uma verdade de todos os dias que, se os homens não estivessem exageradamente contentes consigo próprios, ninguém seria capaz de viver.

Foi ainda durante estes dois ou três dias que deixei passar para dar tempo à moça de se acalmar, que cometi também um roubo, talvez para me distrair da ideia que me obcecava, ou apenas para me divertir. Foi o único roubo da minha vida.

Dois dos quartos mobilados da casa estavam ocupados por um funcionário e pela família; era um homem de uns quarenta anos, mas pobre. As nossas relações não eram íntimas e temia os acólitos que me rodeavam.

Acabava de receber o seu ordenado de vinte e cinco rublos. Na verdade precisava de dinheiro nesse momento, apesar de o ir receber três dias depois pelo correio; de maneira que poder-se-á levar à conta de que roubei por necessidade e não para lhe pregar a partida. Isto foi executado com descaramento e, por assim dizer, abertamente: entrei no quarto do funcionário na altura em que jantava com a mulher e os filhos no outro compartimento. Perto da porta de entrada estava, pousado numa cadeira, o casaco do funcionário. Este pensamento acudiu-me ao espírito quando passei no corredor. Enfiei a mão no bolso interior do casaco e tirei a carteira. O funcionário, ao ouvir o ligeiro ruído que fiz, meteu a cabeça pela porta do compartimento vizinho. Tive a impressão de que viu o meu gesto, mas enganei-me, ou com certeza não confiou nos seus olhos. Expliquei-lhe que, ao passar diante da porta aberta, entrara para saber as horas que eram. — «Não trabalha» — disse ele, voltando-se para o relógio.

Nesse dia tinha desejos de beber e por isso fartei todo o meu grupo, incluindo também Lebiadkine. Atirei a carteira para a rua e guardei as notas. Havia três notas vermelhas de dez rublos e duas amarelas de um rublo; trinta e dois rublos ao todo. Troquei imediatamente uma das vermelhas e mandei buscar champanhe. Depois dei a segunda e por último a terceira.

Cerca de quatro horas depois, à noitinha, o funcionário, avistando-me no corredor, aproximou-se de mim:

— O senhor, ao entrar no meu quarto esta tarde, não teria feito cair, por descuido, o meu casaco da cadeira... que estava junto da porta?

— Não, não me lembro disso. Estava lá algum casaco?

— Estava.

— No chão?

— Primeiro na cadeira, depois no chão.

— Apanhou-o?

— Apanhei.

— E então, que quer mais?

— Mas... se foi assim... mais nada.

Não ousou acabar o seu pensamento e mesmo não disse nada a ninguém, tal o espírito tímido de que estas pessoas eram dotadas. Além disso, todos os locatários me temiam muito e respeitavam. Nos primeiros dias que se seguiram senti o prazer de o fitar bem de frente, deixando depois de me interessar.

Três dias mais tarde voltei a Gorokhovaia. A mãe preparava-se para sair com um embrulho volumoso e o homem, como é natural, não estava em casa. Fiquei pois só com a Matriocha.

As janelas que davam para o pátio estavam completamente abertas. A casa estava cheia de trabalhadores e, durante o dia, em todos os andares se ouvia o barulho dos martelos e das canções. Passara-se uma hora. Matriocha, sentada num banco, no quarto dela, estava de costas para mim e trabalhava em qualquer costura. De repente pôs-se a cantarolar a meia voz. Isto acontecia algumas vezes. Puxei pelo relógio e vi que eram duas horas. Senti o coração bater violentamente. Levantei-me e comecei a aproximar-me dela.

O peitoril da janela estava guarnecido de vasos com gerânios e o sol brilhava com esplendor. Sentei-me junto dela, no chão. Estremeceu assustada e levantou-se. Agarrei-lhe na mão e beijei-lha. Forcei-a a sentar-se e pus-me a fitá-la nos olhos. O facto de lhe beijar a mão fê-la rir como uma criança, mas apenas por um segundo; voltou a levantar-se de um pulo e, desta vez, tomada de tal pânico que o rosto se lhe convulsionou. Olhou-me com olhos de espantada e os lábios contraíram-se-lhe com vontade de chorar, mas não chorou.

Beijei-lhe outra vez a mão e sentei-a nos meus joelhos; então afastou-se para trás, depois sorriu como que envergonhada, mas com um sorriso forçado. Todo o rosto se lhe purpureou de vergonha. Murmurei-lhe não sei mais o quê e ri-me. De súbito passou-se uma coisa extraordinária, uma coisa que me causou imenso espanto e que nunca esquecerei: a moça rodeou-me o pescoço com os braços e pôs-se, por seu turno, a beijar-me com ardor. O rosto exprimia-lhe verdadeiro êxtase. Levantei-me indignado, de tal maneira o facto me impressionou desagradavelmente num ser tão pequeno. Arrependi-me e senti piedade.

O folheto terminava neste ponto por uma frase incompleta. Produziu-se então um incidente que não posso deixar passar em silêncio.

Havia ao todo cinco folhetos: um deles era o que Tikhon tinha acabado de ler; os outros quatro estavam nas mãos de Stavroguine. Respondendo ao olhar interrogador de Tikhon, deu-lhe logo os restantes.

— Mas aqui falta... — disse Tikhon, examinando os folhetos, e acrescentou logo em seguida: — Ah, sim, é o terceiro folheto, mas falta-me o segundo.

— Sim, é o terceiro... Quanto ao segundo, para já, está nas mãos da censura — respondeu vivamente Stavroguine, com sorriso contrafeito.

Manteve-se sentado no canto do divã e seguiu febrilmente os efeitos da leitura no rosto de Tikhon.

— Sê-lo-á mais tarde, quando o merecer — acrescentou Stavroguine com gesto de familiaridade fictícia.

Riu-se, mas o seu riso metia piedade.

— Que seja o segundo ou o terceiro, é indiferente daqui em diante — disse Tikhon.

— Como, é indiferente? Porquê? — encolerizou-se de repente Stavroguine. — Não é indiferente. Ah, sim, convém-lhe, como é monge, suspeitar imediatamente da coisa mais odiosa. Um frade seria o melhor dos juízes de instrução.

Tikhon fitou-o em silêncio.

— Tranquilize-se... Não era culpa minha que a moça fosse estúpida e compreendesse mal... Nada houve... absolutamente nada.

— Então que Deus seja louvado — disse Tikhon, persignando-se.

— Leva tempo a explicar... Houve... apenas um mal-entendido psicológico — murmurou Stavroguine.

De repente corou. Pintou-se-lhe no rosto um sentimento de desgosto, de abatimento e de desespero. Calou-se e ambos se mantiveram em silêncio, sem se olharem, durante mais de um minuto.

— Ouça, é melhor continuar a leitura — disse Stavroguine, enxugando com os dedos o suor frio que lhe perlava a testa. — Depois... seria melhor que não olhasse para mim... Parece-me um sonho... e... não me faça perder a paciência — acrescentou ele num sopro.

Tikhon desviou logo os olhos, agarrou no terceiro folheto e, desta vez, leu até ao fim, sem parar um instante. Nos três folhetos que Stavroguine lhe entregou não havia nenhuma outra lacuna, exceto o facto de o terceiro folheto começar pelo fim de uma frase.

Foi para mim um momento de verdadeiro pânico, ainda que não muito intenso. Naquela manhã estava muito alegre, muito bom para com todos e todos os do grupo estavam contentes comigo. Porém deixei-os a todos e fui a Gorokhovaia.

Encontrei-a em baixo, no vestíbulo. Regressava do merceeiro, onde tinha ido procurar chicória; avistando-me, correu, muito assustada, escadaria acima. Não era só o susto, mas sim um terror mudo.

No momento em que entrei, a mãe acabava de a esbofetear por ter vindo de «cabeça baixa». Nada transpirara até àquele momento. Matriocha escondeu-se em qualquer parte e não a vi durante todo o tempo que lá estive. Uma hora depois, saí.

À tardinha, senti de novo medo, mas um medo muito maior, Sobretudo o que me atormentava era o facto de ter medo e ter a consciência disso. Nada é mais horrível nem mais estúpido. Nunca, nem antes, nem depois, tinha sentido tanto medo. Dessa vez tremia como varas verdes e tinha a consciência da minha fraqueza.

Se tivesse podido, tinha-me matado, mas sentia-me indigno da morte. É verdade que há quem se mate por medo e quem conserve a vida por medo. Depois, à noite, quando fiquei só no quarto, senti por ela tal ódio que resolvi matá-la. Foi nessa intenção que corri para Gorokhovaia. Pelo caminho ia pensando na forma como a iria espancar e escarnecer. O ódio era excitado sobretudo pela visão do seu sorriso... Desprezava-a por se ter agarrado ao meu pescoço, imaginando não sei o quê...

Quando cheguei porém ao canal da Fontanka, senti-me mal. Além disso, novo pensamento me atravessou o cérebro, pensamento terrível e tanto mais quanto tinha consciência de que o era. Voltei para casa, deitei-me, tremendo de febre e dominado por tal medo que deixei mesmo de odiar a moça. Não a quis matar em resultado do pensamento que me ocorreu em Fontanka. Foi então que notei, pela primeira vez na minha vida, como o medo, ao atingir o seu mais alto grau, expulsa o ódio e mesmo todo o sentimento de vingança.

Levantei-me por volta do meio-dia, relativamente bem-disposto e surpreendido mesmo com a violência das impressões que sentira na véspera. Envergonhei-me de a ter querido matar. Apesar da minha disposição e da minha repugnância, era constrangido a ir a Gorokhovaia. Não me lembro de ter sentido nessa ocasião vontade de questionar com alguém. No entanto, quando cheguei ao meu aposento de Gorokhovaia, encontrei lá a criada de quarto, aquela Nina que me visitava a miúdo e que esperava por mim há uma hora.

Por maneira nenhuma amava esta moça, além de que a encontrei um pouco intimidada e temendo desgostar-me com a sua visita. Vinha sempre com esta apreensão. Desta vez, contudo, senti-me feliz por a encontrar, o que a encantou. Era muito graciosa, mas modesta, e tinha aquele porte que os pequenos

burgueses apreciam muito; a minha senhoria não a poupava a elogios diante de mim. Encontrei-as ambas a tomar uma chávena de café. A minha senhoria estava muito satisfeita e entretinham uma conversa agradável.

Num canto do outro quarto avistei Matriocha; estava em pé, olhando por cima da mãe e da visita. Quando entrei, não se escondeu como da outra vez; isto impressionou-me e gravou-se no meu espírito. Pareceu-me que tinha emagrecido muito e que tinha febre. Mostrei-me muito cordial com a Nina, de forma que esta sentiu-se muito feliz. Saímos juntos.

Durante dois dias não voltei à Gorokhovaia. Estava farto daquilo tudo e aborrecia-me horrivelmente. Foi nessa ocasião que resolvi acabar com tudo por uma vez e deixar S. Petersburgo. Quando fui à Gorokhovaia para me despedir de todos, encontrei a senhoria muito triste. Matriocha estava doente há dois dias e delirava de noite. Como é natural, perguntei logo o que ela dizia no delírio. Falávamos em voz baixa, no meu quarto. A mãe murmurou-me que a filha dizia coisas «terríveis». «Matei Deus», dizia ela. Ofereci-me para chamar o médico à minha custa, mas recusou, acrescentando: «Com a ajuda de Deus, isto há de passar. Não está sempre deitada; ainda há pouco foi à mercearia».

Resolvi voltar para me encontrar só com a Matriocha, pois a senhoria disse-me que tinha de dar uma volta pelas cinco horas da tarde. A bem dizer, não compreendia a razão por que queria fazer esta visita.

Jantei numa taberna. Às quatro horas e um quarto precisas, voltei a Gorokhovaia. Entrava sempre, abrindo a porta com a minha chave. Só lá estava a Matriocha, deitada no quarto escuro, atrás de um biombo, na cama da mãe; vi-a deitar a cabeça de fora, mas fiz de conta que tal não notei. As janelas estavam abertas. Estava calor, mesmo muito calor. Passeei durante algum tempo no quarto e depois sentei-me no divã.

Lembro-me de tudo até ao último momento. Não sei porque sentia prazer em não falar à moça e em a fazer esmorecer. Estava assim há uma hora, quando, de repente, se levantou e saiu de trás do biombo. Senti-lhe os pés baterem no soalho e logo depois uns passos precipitados. Apareceu no limiar da porta do meu quarto.

Era tão vil que sentia alegria ao ver que era ela a primeira a vir. Oh, como tudo isto era cobarde e como eu estava sem sentimentos! Conservou-se calada e olhando para mim. Como a não via há bastantes dias, notei que tinha emagrecido muito. Os olhos tinham-se tornado maiores e fitavam-me com vaga curiosidade; foi pelo menos esta a minha primeira impressão. Continuei sentado, a examiná-la.

De repente senti renascer o ódio que tinha tido contra ela. Dei conta que não tinha nenhum medo de mim e que talvez ela estivesse inconsciente. Mas eis que se põe a abanar a cabeça, como fazem os seres ingénuos e desajeitados, para reprovarem alguma ação má. Depois, também bruscamente, levantou o pequeno punho e ameaçou-me de onde estava. No primeiro momento, este gesto pareceu-me grotesco, mas, logo em seguida, levantei-me e dei alguns passos atemorizado. O seu rosto exprimia tal desespero que senti pena que tal sucedesse num ser tão novo. Continuou a agitar o punho na minha direção e a abanar a cabeça em ar de censura.

Pus-me a falar-lhe com doçura, mas em voz baixa, talvez por cobardia. Notei que não me compreendia e assustei-me ainda mais. Num gesto brusco cobriu o rosto com as mãos, como da outra vez, e aproximou-se da janela, virando-me as costas. Voltei para o meu quarto e sentei-me também perto da janela.

Não posso compreender por que não me retirei e continuei a ficar à espera de qualquer coisa. Talvez que, se me demorasse mais algum tempo, a tivesse morto para acabar com isto, de uma maneira ou doutra. Ouvi porém de novo os seus passos precipitados, via-a sair pela porta e seguir pela galeria de madeira em direção à escada. Segui-a imediatamente e tive tempo de a ver entrar num gabinete escuro, situado ao lado da retrete...

Lembro-me que o meu coração batia violentamente. Um instante depois, olhei para o relógio e marquei o tempo de maneira precisa. O que me levou a esta precisão não sei dizê-lo; só sei que tinha o desejo de observar tudo e daí talvez a razão por que me lembro tão bem.

O dia estava a acabar. Uma mosca zumbiu por cima da minha cabeça e pousou-me na cara. Agarrei-a, segurei-a um instante

entre os dedos e soltei-a pela janela. Uma carroça entrou no pátio fazendo muito barulho. Há muito tempo que um alfaiate cantava a plenos pulmões de uma janela situada num canto do pátio. Estava a trabalhar e via-o perfeitamente. Veio-me então ao pensamento que, como não encontrara ninguém quando passara pela porta principal e subira a escada sem que me vissem, era preciso evitar qualquer encontro quando descesse. Afastei portanto a cadeira da janela e sentei-me de maneira que os habitantes da casa não me pudessem ver.

Oh, cobardia! Agarrei num livro, mas larguei-o e pus-me a examinar uma pequenina aranha vermelha pousada numa folha de gerânio. Absorvi-me assim nesse devaneio. Lembro-me de tudo, até ao mínimo pormenor.

Puxei outra vez pelo relógio: tinham passado vinte minutos desde quando a pequena saíra. As minhas desconfianças começaram a ganhar foros de certeza. Resolvi então esperar mais um quarto de hora. Concedi a mim mesmo esta espera. Em seguida resolvi certificar-me se ela teria voltado sem que a tivesse notado. Mas reinava silêncio absoluto e podia ouvir o ruído de um inseto. O coração voltou a bater-me apressado. Consultei de novo o relógio: faltavam ainda três minutos. Deixei-os passar, apesar do coração me continuar a pulsar cada vez mais. Por fim levantei-me, pus o chapéu na cabeça, apertei o sobretudo e olhei à minha volta, a fim de me certificar que não tinha deixado rasto algum da minha passagem.

Empurrei a cadeira para a janela, a fim de a colocar outra vez no seu anterior lugar. Abri a porta de saída, fechei-a outra vez à chave e dirigi-me para o quarto escuro. A porta estava fechada, mas não à chave. Já sabia que não a fechara à chave, porém como não quis abri-la, levantei-me na ponta dos pés e olhei pela fresta que tinha em cima. Lembrei-me então que, quando estava sentado perto da janela a examinar a pequena aranha vermelha, pensara precisamente neste pormenor: elevar-me nos bicos dos pés e olhar pela fresta de cima!

Ao mencionar aqui este detalhe pretendo provar à evidência o quanto estava de posse das minhas faculdades mentais. Não estava doido e sentia a responsabilidade de tudo. Olhei pela fresta

durante muito tempo, porque dentro do quarto estava escuro, mas não totalmente. Numa palavra, vi tudo quanto precisava...

Decidi então ir-me embora e desci a escada. Não encontrei ninguém e ninguém poderia depor contra mim.

Três horas depois estava com todos os do meu grupo a tomar chá num café e a jogar as cartas em mangas de camisa. Lebiadkine recitava versos. Eu estava de bom humor; dizia frases com espírito, o que provocava o riso geral. Ninguém bebia álcool, apesar de estar na mesa uma garrafa de rum; só Lebiadkine lhe fez as honras. Malow observou: «Quando Stavroguine está contente, fala com espírito e não tem tristezas, todos nós estamos também alegres». Gravara isto na memória e daí depreende-se que estava de facto alegre, contente e com espírito. Lembro-me também muito bem que sentia a minha infâmia e a minha cobardia precisamente na proporção da alegria que experimentava por me sentir livre de suspeitas. Sabia no entanto, por outro lado, que não mais teria sentimentos nobres, nem nesta, nem na outra vida. Outra coisa ainda: dei foros de certeza, nesse momento, ao ditado judeu: «O que acontece espontaneamente é mau, mas não se sente». Por que, ao dar conta que era um miserável, não senti vergonha disso e não me apoquentei?

Enquanto bebia o chá e conversava com os outros, dizia comigo: «pela primeira vez na minha vida que não conheço o sentido do mal nem o do bem, e que não só perdi o sentimento disso, como sei que o mal e o bem não existem senão apenas como preconceito; podia por outro lado libertar-me de todo o preconceito, no entanto, se atingisse essa liberdade, estaria perdido. Foi a primeira vez que tive a consciência desta fórmula e no momento preciso em que os divertia com os meus ditos de espírito. Lembro-me disso muito bem. Muitíssimas vezes os velhos pensamentos apresentam-se-nos como se fossem novos, quando às vezes já têm mais de cinquenta anos de vida.

Apesar de tudo, estava de sobreaviso, na hipótese de qualquer incidente. O meu pressentimento verificou-se. Pelas onze horas da noite apareceu a filhita do porteiro da casa de Gorokhovaia e trouxe-me a notícia de que Matriocha se enforcara. Segui a pequena e tive a informação de que a senhoria não sabia a razão

por que mandara esta moça prevenir-me. Berrava e batia na cabeça, como todas as mulheres em iguais circunstâncias.

Estavam lá muitas pessoas e agentes da polícia. Demorei-me algum tempo e depois retirei-me.

Não me inquietaram em coisa alguma, exceto para me pedirem alguns esclarecimentos. Disse-lhes apenas que a moça estava doente, que delirava e que lhes tinha proposto chamar um médico à minha custa. Fizeram-me também perguntas sobre o canivete: respondi-lhes que a senhoria castigara a filha, mas que isso não tinha influído no suicídio. Quanto à minha estada na casa, durante a noite da morte da Matriocha, ninguém desconfiou. Não teve pois essa minha visita nenhuma consequência.

Só passado uma semana lá voltei e foi apenas para me despedir. A senhoria continuava a chorar, apesar de estar já ocupada com os farrapos, como de costume.

— Foi por causa do seu canivete que a ofendi tanto — disse-me ela, sem acentuar muito a censura.

Despedi-me, sob o pretexto de que me aborrecia receber a Nina em tal aposento. Isto foi mais uma ocasião para que ela dissesse algumas palavras elogiosas para a Nina. Ao retirar-me, deixei cinco rublos além da quantia devida.

Afastado o perigo, teria esquecido de todo o incidente de Gorokhovaia, como esqueceria tudo quanto se passou nessa época, se nos primeiros tempos não me lembrasse com irritação da cobardia por mim manifestada. Descarreguei a bílis sobre quem pude. Ocorreu-me também a ideia de torturar a vida de alguém, tão odiosamente quanto me fosse possível. Já há um ano atrás pensara suicidar-me, mas não o fiz, pois encontrei outra coisa melhor.

Olhando um dia para a coxa Maria Lebiadkine, que ajudava a arrumar os quartos, decidi casar com ela. Nessa altura não estava doida, mas simplesmente idiota. Tinha por mim grande paixão e não podia esconder o entusiasmo que sentia ao ver-me. A ideia do meu casamento com um ser colocado no último ponto da escala social mexia-me com os nervos. Não podia ter imaginado coisa mais insensata. Não sei como explicar isto. Teria sido uma decisão inconsciente, ou queria mal a mim próprio devido à minha

cobardia ante o sucedido com Matriocha? Não o creio. Seja como for, não me casei apenas em resultado «de uma aposta feita depois de beber», como disseram algumas pessoas. As testemunhas do casamento foram Kirilov e Pedro, que então se encontravam de passagem por S, Petersburgo, além do próprio Lebiadkine e Malow, falecido tempos depois. Deram-me a sua palavra de que guardariam segredo sobre o casamento e ninguém mais saberia do que se passou. Este silêncio pareceu-me sempre uma vilania; todavia ninguém o quebrou até hoje, apesar de ter a firme intenção de tornar o facto público. Talvez o faça hoje, se tiver tempo.

Logo que a cerimónia se celebrou, parti para casa de minha mãe, na província. Fui para aí a fim de me distrair, porque a minha situação era insuportável. Deixei na nossa cidade a impressão de um doido, impressão que subsiste ainda e que com certeza me prejudica. Depois fui para o estrangeiro, onde passei quatro anos.

Viajei pelo Oriente; assisti no mosteiro do monte Athos a ofícios que duravam oito horas sem descanso; estive no Egito, vivi na Suíça e fui mesmo até à Islândia. Frequentei, durante um ano, cursos na Alemanha. No último ano relacionei-me em Paris com uma família da alta nobreza russa e mais tarde com duas moças russas, na Suíça.

De passagem por Frankfurt, isto há bastantes anos» vi numa montra, entre outras fotografias expostas, a de uma moça elegantemente vestida, com um trajo de criança, muito parecida com Matriocha. Comprei logo a fotografia e coloquei-a na beira da chaminé. Ali esteve durante uma semana, sem que lhe deitasse um olhar uma única vez, e esqueci-me dela quando deixei Frankfurt. Em geral o passado aborrece-me sempre e não posso falar nele, ao contrário do que faz toda a gente. Quanto a Matriocha, confesso-o, esqueci de facto a fotografia em cima da beira da chaminé.

Há cerca de um ano, ao atravessar a Alemanha, esqueci-me, por distração, de descer na estação onde devia mudar de comboio. Fizeram-me sair do compartimento na estação seguinte. Eram duas horas da tarde e o dia estava claro. A estação servia uma

pequenina cidade alemã. Era preciso esperar a passagem do comboio seguinte, isto é, esperar até às onze horas da noite. No entanto não fiquei aborrecido com o incidente porque não tinha pressa alguma na viagem. Indicaram-me uma pensão pequena e pouco confortável, mas toda rodeada de verdura e de canteiros de flores. Jantei muitíssimo bem e, como viajara durante uma longa noite, deitei-me pelas quatro horas e dormi maravilhosamente.

Tive um sonho inesperado, pois nunca tinha visto qualquer coisa de semelhante: no museu de Dresden está exposto um quadro de Claude Laurent, intitulado no catálogo Acio e Galatheia, se não me engano. Por mim, chamava-lhe A idade de ouro, sem bem saber porquê. Já o havia contemplado noutros tempos e ainda da última vez que passei por Dresden. Foi este quadro que vi em sonho, não como tela, mas como uma paisagem real. Era um ponto encantador de um arquipélago grego: ondas azuis acariciadoras, ilhas, rochedos, margens floridas, um panorama mágico, e ao longe um pôr do sol fascinador. Não tenho palavras para o poder descrever. Foi ali o berço da humanidade europeia; ali se desenrolaram as primeiras cenas da mitologia, foi ali o paraíso terrestre, ali viveram os homens nobres. Acordavam e adormeciam felizes e inocentes, os bosquezinhos enchiam-se com os seus cânticos alegres, as suas energias virgens despendiam-se em amor e em cândidas alegrias... O sol inundava com seus raios as ilhas e o mar, feliz por espalhá-los sobre os seus filhos queridos. Sonho magnífico... Sonho inconcebível, que nunca se viu, ao qual a humanidade sacrificava a vida e onde os profetas morriam na cruz, ou eram imolados. Foi um sonho, sem os quais os povos se recusam a viver e nem mesmo saberiam morrer. Pareceu-me viver tudo isso num sonho.

Não sei dizer tal qual o que sonhei, mas vi ainda os rochedos, o mar e os raios oblíquos do sol poente quando despertei e abri os olhos, inundados de lágrimas pela primeira vez na minha vida. Um sentimento de felicidade nunca experimentada até então me encheu o coração até à dor.

O dia declinava e, pelos vidros do meu pequeno quarto, através das flores dos vasos que estavam no peitoril da janela, penetrava um feixe completo de raios oblíquos, que me inundava

de luz o quarto. Apressei-me a fechar outra vez os olhos, no desejo de prolongar o sonho desaparecido; mas, de repente, vi aparecer, como no meio de um incêndio, a pequena aranha escarlate. Apareceu-me tal como a vira na folha do gerânio, quando os raios oblíquos do sol poente penetravam, como hoje, pela janela, junto da qual estava sentado. Senti como que um ferro entrar-me na carne. Levantei-me rápido e sentei-me na cama...

Vi diante de mim Matriocha, magrinha, olhos febris, exatamente como no dia em que a vi de pé, à porta do meu quarto, abanando a cabeça e levantando para mim o seu pequenino punho, Nunca tive nada que me fizesse sofrer tanto! O desespero lamentável desse pequenino ser impotente, de inteligência ainda a desabrochar, ameaçando-me — que podia ela fazer-me? — e acusando-se a si própria! Nunca senti tormento que se parecesse com este!

Fiquei assim sem me mexer, até ao anoitecer, esquecendo as horas que passaram. Chamarei a isto remorso, ou arrependimento? Não sei, e não posso dizê-lo hoje ainda. Talvez mesmo esta recordação do ato que pratiquei não me inspire desgosto. Talvez esta recordação contenha alguma coisa de agradável, que me excite os nervos... Não, o que me é insuportável é essa visão: a pequenina no limiar da porta, com o punho levantado e ameaçando-me. É-me insuportável esse rápido instante em que a vi, esse minuto da sua vida, esse triste abanar de cabeça... É isto que não posso suportar e é isto que me aparece quase todos os dias! E a imagem não surge espontaneamente: sou eu que a provoco e não posso deixar de a provocar, apesar de ser o tormento da minha vida. Oh, se pelo menos a visse uma vez na realidade ou numa espécie de alucinação!...

Tenho muitas outras velhas recordações, talvez melhores ainda. Procedi para com outra mulher ainda mais ignobilmente, e também morreu por isso. Matei dois homens em duelo que nada me tinham feito. Fui um dia ofendido quase mortalmente por outro, e não me vinguei. Pesa-me na consciência um envenenamento premeditado e executado. Também por felicidade ficou no olvido. Se for preciso, contar-lhes-ei todos os pormenores.

Porque é que nenhuma destas recordações desperta em mim uma dor parecida à da Matriocha?

Errei depois durante um ano inteiro, procurando trabalho. Sei que podia afastar a visão da moça, desde que o quisesse. Possuo o domínio completo da minha vontade, como outrora. Mas, precisamente, nunca o quis fazer, nem quero, nem quererei. Sei-o de antemão. Isto continuará assim até à minha completa loucura.

Dois meses depois do meu sonho fantástico, fui outra vez excitado pelo desejo de ficar apaixonado por uma moça, ou melhor, de sentir uma dessas crises de paixão, desses excessos a que outrora estava habituado. Fui tentado de uma forma terrível a cometer um novo crime, isto é, a cometer uma bigamia. Nessa altura já era casado. No entanto fugi, a conselho de uma outra moça, à qual desvendei quase tudo, e até a circunstância de não amar aquela que tanto desejava, e de não poder amar ninguém. Além disso, este novo crime não me libertaria de forma alguma de Matriocha...

Foi por isso que me decidi a imprimir trezentos exemplares destes folhetos e a trazê-los para a Rússia. Chegado o momento, enviei-os à polícia e às autoridades locais; enviei-os ao mesmo tempo às redações dos jornais, com o pedido de os publicarem, assim como às numerosas pessoas que me conhecem em S. Petersburgo e em toda a Rússia. Aparecerá também uma tradução. Sei que, sob o ponto de vista jurídico, não poderei ser inquietado: sou o único a acusar-me e não tenho outro acusador; nenhuma prova, ou pouquíssimas provas; e por último, a ideia do meu desequilíbrio mental, enraizada na opinião de todos, assim como os esforços dos meus parentes para explorarem esta ideia, fizeram desaparecer todo o perigo de uma grande questão judicial. Declaro-o, entre outros motivos, para mostrar que estou na posse plena da minha razão e inteiramente consciente da minha situação. O que pretendo, é que todos os que conhecerem a minha confissão me olhem como eu sou, que eu também os olharei da mesma forma. Quanto maior número houvesse, tanto melhor. Ficarei assim sossegado? Não sei. Sirvo-me deste meio como sendo o último recurso.

Ainda mais uma palavra: se se procurar bem nos arquivos da polícia de S. Petersburgo encontrar-se-á, sem dúvida, alguma coisa. Os dois burgueses talvez habitem ainda na capital. A casa destacava-se pela sua cor azul celeste. Quanto a mim, não sairei para parte nenhuma e, durante um ano ou dois, não deixarei a propriedade de minha mãe. À primeira chamada apresentar-me-ei.

Nicolau Stavroguine.

Capítulo 3

A leitura durou perto de uma hora. Tikhon leu devagar e talvez tivesse relido certas passagens. Durante este tempo, desde o intervalo resultante da «confissão» do segundo folheto, Stavroguine conservou-se imóvel e calado, num canto de um divã, recostado e parecendo concentrado na espectativa. Tikhon tirou as lunetas, ficou pensativo alguns momentos e por fim fitou um olhar hesitante em Stavroguine. Este estremeceu e, com movimento brusco, inclinou-se para a frente.

— Esqueci-me de o prevenir — disse ele em tom breve — de que todas as suas palavras serão baldadas; não modificarei as minhas intenções, por isso não procure dissuadir-me. Publicarei tudo.

Corou e calou-se.

— Quando comecei a leitura, fez-me essa mesma observação. Era desnecessário lembrar-ma agora.

Uma espécie de irritação transpareceu nas palavras de Tikhon. Com toda a evidência o «documento» produzira nele forte impressão. O seu sentimento cristão ofendera-se; nem sempre era senhor dos seus sentimentos. Notarei ainda que não foi sem razão que adquiriu a fama de um homem «incapaz de observar uma conduta rígida ante o público», como diziam dele no mosteiro. Apesar da sua humildade cristã, uma indignação visível lhe alterou a voz.

— Não importa — tornou Stavroguine com a mesma indelicadeza e sem notar a mudança de tom de Tikhon. — Seja qual for a força dos seus argumentos, manterei a minha resolução. Note que com esta frase pouco delicada ou muito hábil, pense o que quiser, não mendigo as suas objeções ou a sua eloquência persuasiva — concluiu ele com sorriso contrafeito.

— Não posso tentar persuadi-lo do contrário. O seu pensamento cristão não poderia exprimir-se com maior plenitude. Não poderá tomar uma atitude mais sublime, um suplício de si próprio, do que aquele que projeta, se…?

— Se, quê?

— Se não se trata realmente de sincero arrependimento, de pensamento verdadeiramente cristão...

— Subterfúgios — murmurou Stavroguine com ar distraído.

Levantou-se e percorreu o quarto a largos passos, sem parecer dar conta do que fazia.

— Parece querer passar por mais velhaco do que o desejo do seu coração — tornou Tikhon, procurando revelar todo o seu pensamento.

— Passar? Não quero passar por coisa nenhuma. Mostro sempre maus modos. Mais velhaco, disse: que quer dizer com isso? — perguntou ele, corando e irritando-se logo pelo seu rubor. — Sei que isso é um ato miserável e torpe — acrescentou, indicando os folhetos com a cabeça. — Mas que a sua própria baixeza sirva...

Interrompeu-se, como se sentisse vergonha de continuar a explicar-se. Uma expressão de sofrimento lhe crespou, ao mesmo tempo, o rosto, pois era levado por uma espécie de necessidade inconsciente a não dar mais explicações. É de notar também que nem uma só palavra pronunciaram a respeito da razão da confiscação do segundo folheto, nem mesmo no decurso ulterior da conversa.

Stavroguine parou diante da escrivaninha e, pegando num crucifixo de marfim, pôs-se a virá-lo entre os dedos, terminando por o quebrar em dois. Dando conta do que fizera, e admirado de si próprio, olhou para Tikhon, perplexo. O lábio superior tremeu-lhe como se tivesse sido ofendido e fosse lançar um desafio.

— Esperava que me dissesse na verdade uma coisa razoável e foi por isso que vim aqui — disse a meia voz, como procurando dominar-se, e atirando os dois pedaços do crucifixo para cima da mesa.

Tikhon baixou rápido os olhos e disse com ardor:

— Este documento foi ditado pelo seu coração, mortalmente ulcerado? É assim que devo compreendê-lo? Foi uma necessidade profunda de penitência, ou uma necessidade interior que se apossou de si? Perturbou-se, exaltou-se, até fazer disso uma questão de vida ou de morte, com os sofrimentos de um ser ofendido; por si, concluo disto que a esperança não o abandonou ainda e que segue agora a grande estrada do suplício, revelando ao mundo inteiro a sua vergonha. Pede-me o julgamento à face das leis da Igreja, apesar de não crer nela. É assim que devo compreendê-lo? No entanto parece que odeia e despreza de antemão todos aqueles a quem der a ler esta história e lança-lhes um desafio.

— Eu? Lanço um desafio?

— Não tendo tido vergonha de confessar o seu crime, porque tem vergonha do arrependimento?

— Eu?... Tenho vergonha?

— Sim, vergonha e medo.

— Eu tenho medo?

Stavroguine sorriu e o lábio superior tremeu-lhe de novo.

Tikhon tornou:

— Parece que quer dizer: os outros devem olhar para mim. Mas o senhor como olha para eles? Espera encolerizá-los para lhes responder com cólera ainda maior. Certas passagens do seu folheto estão escritas num estilo muito pesado; parece que admira a sua psicologia e aproveita o mínimo pormenor para espantar o leitor com a sua insensibilidade, com a sua impudência, que talvez lhe sejam estranhas. Ao mesmo tempo as paixões más e o hábito da ociosidade tornam-no de facto insensível e tolo.

— A tolice não é um vício — disse Stavroguine, empalidecendo.

— Às vezes é — objetou Tikhon em tom implacável e ardente. — Mortalmente ulcerado e martirizado pela visão da pequena no limiar da porta, parece que não vê na realidade o seu crime e do que tem de se envergonhar perante os homens, a quem pede o seu julgamento: da insensibilidade na violência, ou da cobardia que manifestou. Num ponto do seu folheto empenha-se mesmo em afirmar ao leitor que o gesto ameaçador da pequena não lhe pareceu grotesco, mas sim esmagador. Pareceu-lhe na verdade esse gesto grotesco, por um instante que fosse? É capaz de o afirmar?

Tikhon calou-se. Falava como um homem que não procura conter-se mais.

— Fale, fale — instou Stavroguine. — Está irritado e maltrata-me. Aprecio isso da parte de um monge. Mas deixe-me fazer-lhe uma observação: há dez minutos já que falámos disso — designou com a cabeça os folhetos — e apesar de estar indignado, não descubro em si nenhuma expressão de tristeza, nem de vergonha... Parece que está desgostoso e fala como de igual para igual.

Acrescentou as palavras «de igual para igual» baixando a voz e quase contra vontade. Tikhon olhou-o com atenção e continuou:

— Admira-me, porque as suas palavras são sinceras e neste caso... a culpa é minha. Fique sabendo que me mostrei descortês e desgostoso para

consigo, ao passo que o senhor, na sua sede de castigo nem mesmo o notou, apesar de ter notado a minha impaciência e de ter chamado a atenção. Na realidade está convencido de que merecia um desprezo bem maior, e as suas palavras: «fala como de igual para igual», são bonitas palavras, apesar de ditas contra vontade. Não esconderei nada: fiquei aterrorizado com a sua grande força de vontade, ao ouvir as minhas infâmias. Não é sem efeitos funestos que nos tornamos estrangeiros no nosso país: é-se castigado devido ao aborrecimento e à ociosidade, mesmo quando se tem o desejo de ação. Porém o cristianismo reconhece a responsabilidade em qualquer situação. Deus não o privou da sua inteligência; por isso reflita e faça mentalmente a urgente pergunta: «Sou ou não responsável pelas minhas obras?» Sem a menor dúvida é responsável. «As tentações não podem deixar de se insinuar em nós; coitado porém daquele devido ao qual as tentações surgem». Quanto à sua falta, muitos outros pecam também, mas vivem com a consciência em paz e consideram mesmo como inevitáveis as culpas da juventude. Assim acontece também aos velhos que sentem já o cheiro do túmulo e que cometem os mesmos pecados com negligência e bom humor. O mundo está cheio de todos estes horrores. O senhor, ao menos, mediu a profundidade do seu crime, o que acontece muito raras vezes em tal grau.

— Será estima o que sente por mim depois da leitura destes folhetos? — perguntou Stavroguine em ar de troça. — Ouvi dizer, meu honesto padre Tikhon, que o senhor é feito para servir de guia às consciências — acrescentou, acentuando o seu mau modo. — Criticam-no muito aqui. Diz-se que, logo que descobre um sentimento sincero de humildade num pecador, se entusiasma, se arrepende e humilha diante dele...

— Não responderei a isso diretamente. É exato que não sei observar uma conduta ponderada para com todas as pessoas. Sempre concordei em reconhecer esse grande defeito — disse Tikhon com um suspiro e em tom tão sincero que Stavroguine olhou-o com um sorriso de simpatia. — Quanto a isto — tornou ele, deitando um olhar aos folhetos — não pode haver crime maior e mais vergonhoso do que aquele que cometeu contra a moça.

— Nada de medir essas coisas a metro! — disse Stavroguine com algum despeito. — Talvez o meu sofrimento não seja tão violento como o pintei e talvez me tenha caluniado mais do que devo — concluiu bruscamente.

Tikhon não replicou. Stavroguine continuava a andar pelo quarto, com a cabeça baixa e absorto nos seus pensamentos.

— E essa moça — perguntou de repente Tikhon — aquela com quem rompeu as relações começadas na Suíça, onde... se encontra nesta ocasião?

— Aqui.

Um novo silêncio.

— Talvez lhe mentisse no que me diz respeito — repetiu Stavroguine com insistência. — Bem sei que provoco as pessoas com a impudência da minha confissão. O senhor mesmo deu com a provocação, mas é o que é preciso, pois essas pessoas merecem-no.

— Quer dizer que será mais fácil para si odiá-las do que aceitar a sua piedade?

— Perfeitamente, Não tenho o hábito da franqueza, mas já que comecei a ser franco... consigo, fique sabendo que as desprezo tanto como a mim mesmo, se não for ainda mais, muitíssimo mais. Nenhumas delas poderia improvisar-se meu juiz... Escrevi estas frivolidades — e indicou os folhetos — porque me passou pela cabeça e por descaramento... Talvez exagerasse… foi num momento de exaltação — exclamou ele muito irritado, e corou de novo, zangado por ter contra sua vontade deixado escapar estas palavras.

Aproximou-se da mesa e agarrou num fragmento do crucifixo.

— Responda-me a uma pergunta, mas com toda a sinceridade. Fale como se estivesse a falar consigo, calmamente e nas trevas da noite — disse Tikhon com voz penetrante. — Se alguém lhe perdoasse isto — e apontou os folhetos —, não uma das pessoas que estima ou que teme, mas sim um desconhecido, um homem que nunca tivesse visto e que lhe perdoasse em consciência, depois de ter lido esta terrível confissão, sentir-se-ia apaziguado com esse pensamento, ou ser-lhe-ia indiferente?

— Assim, acalmava-me — respondeu Stavroguine em voz baixa — mas se o senhor me perdoasse, aliviar-me-ia muito mais — acrescentou vivamente.

— Com a condição de me perdoar também — disse Tikhon em tom comovido.

— E porquê? Ah, sim, é a sua fórmula monástica. Humildade detestável... Deixe-me dizer-lhe que estas fórmulas de monge não são nada elegantes... Além disso, não sei bem porque estou aqui — acrescentou,

olhando à sua volta. — Mas, a propósito, parti-lhe em sua casa... Quanto vale isto?... Vinte e cinco *rublos?*

— Não faça caso.

— Cinquenta, talvez? Por que não hei de importar-me? Porque o quebrei eu e o senhor me presenteia com o prejuízo? Aqui estão cinquenta *rublos* — disse ele, pondo uma nota de banco sobre a mesa. — Se não os quiser para si, guarde-os para os pobres, para a igreja, que sei eu... — acrescentou, irritado. — Escute, vou dizer-lhe toda a verdade, desejo o seu perdão, como desejo o de um segundo, o de um terceiro, o de todos, enfim! Ou melhor, que todos me odeiem.

— E a piedade de todos, não a poderia suportai com toda a humildade?

— Não podia. Não quero a piedade de toda a gente; além disso não a pode haver. Ouça, não quero esperar mais e quero publicar... Não me lisonjeie... Não posso esperar mais... Não posso mais! — gritou, exasperado.

— Tenho medo por si. Está diante de um abismo quase intransponível — disse timidamente Tikhon.

— Tem medo de me ver sucumbir devido ao ódio?

— Não só ao ódio.

— A que mais?

— Aos risos — disse Tikhon com esforço.

Stavroguine perturbou-se. A ansiedade pintou-se-lhe no rosto.

— Pressenti isso — disse ele. — Pareço-lhe muito cómico depois da leitura do meu «documento»? Não se atormente nem fique tão confuso, pois esperava por isso.

Com efeito, Tikhon estava confuso e apressou-se a explicar:

— Tão altas ações exigem sangue-frio. No próprio sofrimento deve conservar-se serenidade plena... Mas ela falta em tudo nos nossos dias. Por toda a parte só há disputas. Os homens não se compreendem como no tempo da torre de Babel...

— Isso é já muito velho, já foi dito milhares de vezes — interrompeu Stavroguine.

— Além disso, não atingirá o fim — replicou Tikhon, entrando desta vez na questão. — Juridicamente, é quase inatacável, e logo de começo far-lhe-ão notar isso com ironia. Depois ficarão admirados. Quem compreenderá o verdadeiro motivo desta confissão? Não quererão compreendê-lo, porque ficam admirados perante tais atos e vingam-se

depois. O mundo ama a sua própria lama e não quer que se lhe mexa. É por isso que o seu ato será ridicularizado, porque é pelo ridículo que se pode matar mais depressa.

— Falai, dizei tudo — encorajou Stavroguine.

— A princípio mostrará sem dúvida horror, mas um horror falso, a fim de conservar as aparências. Não falo das almas puras. Estas sentirão o horror e acusar-se-ão a si próprias; mas não ouvirão, porque guardarão silêncio. Os outros homens, os mundanos, temem unicamente o que ameaça os seus interesses pessoais. Esses, passada a primeira surpresa ou o espanto fictício, apressar-se-ão a soltar uma gargalhada. Manifestarão curiosidade pelo louco, porque será tomado por tal; não em absoluto, mas julgá-lo-ão irresponsável, até ao ponto de se poderem rir de si. Poderá suportar isto? O seu coração não se encherá de tal ódio que o levará a uma perda certa? É isso que eu temo.

— Admira-me vê-lo julgar tão mal os homens, professar tal desprezo por eles — disse Stavroguine em tom irritado.

— Acredite-me; falando assim dos homens, julgo-os primeiro por mim — exclamou Tikhon.

— Haverá na sua alma também um motivo para se alegrar da minha infelicidade?

— Quem sabe, talvez haja? Oh, é tão natural!

— Indique-me então o que há de ridículo na minha exposição... Sei bem o que é, mas preferia vê-lo indicado por si. Faça-o tão cinicamente quanto possível e com toda a sinceridade de que é capaz... Depois, deixe-me dizer-lhe: é um original famoso!

— A própria forma da sua ardente penitência reveste um caráter ridículo... Mas não duvides do triunfo! — exclamou de súbito o monge com entusiasmo. — Mesmo sob essa forma, vencerá se aceitar com toda a sinceridade as bofetadas e os desprezos. A crucificação mais vergonhosa acaba sempre numa grande glória e com grande poder, dado que a humildade revelada nos atos da vida seja sincera. E pode ser que mesmo neste paraíso terrestre seja consolado...

— Numa palavra, só descobre o ridículo na forma? — insistiu Stavroguine.

— E no fundo. Será a fealdade que o matará — murmurou Tikhon, baixando os olhos.

— A fealdade? Qual?

— Do crime. Há crimes que são, de facto, horrendos. Qualquer que seja o crime, quanto mais sangue houver, mais ele se imporá, se tornará atraente, por assim dizer: porém há crimes vergonhosos, vis, que estão fora de toda a classificação, muito deselegantes mesmo, se desta palavra me posso servir.

Tikhon não acabou.

— Isto é — disse Stavroguine com emoção — julga muito ridículo o gesto de beijar as mãos a um porcalhão... Oh, compreendo-o muito bem! Ficou desolado comigo porque fui feio, vil... vil não!... mas vergonhoso, ridículo, e pensa que é precisamente isso que não poderei tolerar...

Tikhon manteve-se calado.

— Agora compreendo por que perguntou se a minha menina da Suíça se encontrava aqui!

— Não está preparado, não tem a força de vontade suficiente, é volúvel, não tem fé — murmurou timidamente Tikhon.

— Escute, meu padre: pretendo perdoar a mim mesmo. É este o meu fim, o meu único fim! — exclamou repentinamente Stavroguine, num êxtase feroz. — Só então o espectro desaparecerá... É esta a razão por que procuro o sofrimento infinito... Não me assuste, quando não afogar-me-ei na minha raiva.

Esta explosão de sinceridade foi tão inesperada que Tikhon se levantou.

— Se tem fé, em que pode perdoar a si mesmo e obter esse perdão pelo sofrimento? Se estabelece esse fim com fé, então é já um crente! — exclamou Tikhon emocionado. — Como pode dizer que não crê em Deus?

Stavroguine não respondeu.

— Deus perdoar-lhe-á a sua descrença, porque honra o Espírito Santo sem o conhecer.

— E Cristo perdoará a tempo? — perguntou Stavroguine com um sorriso contrafeito e um tom irónico na voz.

— Não diz o Evangelho: «Se seduzires um destes meninos»..., recorda-se? Segundo o Evangelho, não há crime maior...

— Diga simplesmente, meu bom padre Tikhon, que quer evitar um escândalo e armar-me uma cilada — disse com despeito Stavroguine, fazendo menção de se levantar. — Em suma, quer-me ver bem-comportado, talvez mesmo casado convenientemente e acabar a minha vida como honesto membro do grémio da cidade e fiel ao vosso mosteiro,

frequentando-o em todas as festas. Bela penitência, na verdade! Todavia, como bom conhecedor do coração humano, pressente que o assunto acabará dessa forma e que a nossa conversa se limita a persuadir-me, o que é precisamente o que eu esperava de si, não é?

— Não, não é essa penitência que eu quero. Preparo-lhe outra! — tornou Tikhon com ardor, sem reparar do tom de troça de Stavroguine. — Conheço um velho eremita, um asceta que vive não longe daqui, num completo isolamento, e que é de tal sabedoria cristã que nem eu, nem o senhor podemos conceber. Ele ouvirá a minha prece. Contar-lhe-ei tudo quanto lhe diz respeito. Vai depois fazer a sua penitência junto dele, submeter-se-á à sua direção durante cinco ou seis anos, o tempo que julgar necessário. Imponha-se o cumprimento de um voto e com esse grande sacrifício obterá tudo aquilo de que tem sede, mesmo o que não espera; porque hoje não pode compreender o que o espera!

Stavroguine escutou-o com ar grave.

— Induz-me a entrar num convento e a fazer voto de frade?

— Não precisa de tomar o hábito de monge. Faça-se apenas noviço, mesmo em segredo; poderá continuar a viver na sociedade.

— Deixemos isso, padre Tikhon — interrompeu Stavroguine, levantando-se.

Tikhon fez o mesmo.

— Mas que tem? — exclamou Stavroguine, olhando para o bispo com terror.

O outro manteve-se em pé, diante dele, com as mãos juntas e o rosto convulsionado por terror súbito.

— Que tem? Que tem? — repetiu Stavroguine, aproximando-se rápido dele para o segurar, pois pareceu-lhe que ia cair.

— Vejo... vejo como se fosse real — exclamou Tikhon, com expressão de profundo desgosto — que nunca, meu pobre rapaz perdido, esteve tão próximo de um novo e maior crime como neste instante.

— Acalme-se — disse Stavroguine, cada vez mais inquieto por Tikhon. — Adiarei talvez... Tem razão...

— Não, não é depois da publicação. Será um dia antes, talvez uma hora antes do grande ato, de que procura uma saída num novo crime, e cometê-lo-á unicamente para evitar a publicação dos folhetos.

Stavroguine tremeu de cólera e de terror ao mesmo tempo.

— Maldito psicólogo! — exclamou ele, no paroxismo da cólera, e saiu da célula sem olhar para trás uma única vez.

Parte 6

Capítulo 1

O desastre da Lisa e a morte de Maria Timofeievna aterrorizaram Chatov. Já disse que o encontrei naquela manhã; pareceu-me transtornado. Entre várias coisas, contou-me que, na véspera, às nove horas da noite, isto é, três horas antes do incêndio, tinha ido a casa de Maria. De manhã fora ver os cadáveres e, segundo o que me foi possível averiguar, não deu parte das suas suspeitas a ninguém. Contudo, para o fim do dia, ficou numa grande agitação moral e — julgo poder afirmá-lo! — ao cair da noite quis levantar-se, ir à polícia e contar tudo. O que significava este *tudo,* sabia-o ele. Este modo de proceder não teria tido, naturalmente, outro resultado que não fosse prenderem-no como conspirador. Não possuía uma única prova contra aqueles a quem atribuía os crimes cometidos; só tinha hipóteses vagas, se bem que para ele equivalessem a uma certeza. Mas, como ele próprio dizia, estava pronto a perder-se, contanto que pudesse «esmagar os patifes». Prevendo no ânimo de Chatov esta explosão de cólera. Pedro tratou de preparar as coisas conforme o plano traçado, pois não ignorava que se arriscava muito em protelar por mais um dia a execução da sua terrível empresa. Nesta circunstância, como sempre, obedeceu às inspirações da presunçosa confiança que tinha em si próprio e do desprezo sentido por toda aquela «gentalha», especialmente por Chatov, de quem no estrangeiro já fazia troça, pelo seu «choramingar idiota». Um homem assim, desprovido de malícia, parecia a Pedro um adversário muito pouco temível. No entanto os «patifes» escaparam à denúncia devido a um acontecimento inesperado... Entre as sete e as oito horas da noite — na ocasião em que os *nossos,* reunidos em casa de Erkel, esperavam encolerizados a chegada de Pedro — Chatov, com nevralgias acompanhadas de arrepios, estava deitado na cama, com o quarto às escuras; não tinha nem uma vela acesa. Não sabia o que decidir e esta irresolução era para ele enorme suplício. Adormeceu insensivelmente e durante um curto sono teve uma espécie de pesadelo: parecia-lhe estar ligado fortemente à cama, incapaz de mover um membro. Neste meio tempo um estrondo terrível fez tremer toda a casa: deram umas pancadas

violentas na parede e na porta principal. Bateram também na porta de Chatov e na de Kirilov. O dormente ouviu uma voz longínqua e sua conhecida chamar por ele em tom choroso. O som dessa voz afligiu-o dolorosamente. Despertou sobressaltado, sentou-se na cama e notou com espanto que continuavam a bater à porta principal; sem serem pancadas tão fortes como lhe pareceram em sonho, eram no entanto amiudadas e persistentes: em baixo, junto da porta da cocheira, continuava a ouvir-se a mesma voz esquisita e «chorosa». Não era de modo algum uma voz queixosa; pelo contrário, era impaciente e irritada. Por intervalos ouvia-se outra voz, mais moderada e vulgar. Chatov saltou da cama, abriu a porta da janela e deitou a cabeça de fora.

— Quem está aí? — gritou, literalmente gelado de assombro.

— Se és Chatov — disseram de baixo — digna-te responder franca e honradamente: consentes ou não em me receberes em tua casa?

A voz era firme e cortante. Reconheceu-a.

— Maria?! És tu?

— Sim, sou eu, Maria Chatov. Asseguro-te que não posso demorar o cocheiro nem um minuto mais.

— Vou já... É o tempo de acender uma vela — pôde a custo dizer Chatov, que se apressou a procurar os fósforos.

Como costuma acontecer em casos idênticos, não os encontrou e deixou cair o castiçal com a vela. Em baixa ouviram-se novos gritos de impaciência. Deixou tudo, desceu as escadas quatro a quatro e correu a abrir a porta.

— Seguras nisto, por favor, um instante, enquanto faço as contas com este animal — disse Maria Chatov ao marido, estendendo-lhe uma saca de mão muito leve.

Era uma saca de pouco valor, fabricada em Dresden com tecido das velas.

— Asseguro-lhe que está a pedir mais do que é justo — prosseguiu ela com veemência, dirigindo-se ao cocheiro. — Se anda há uma hora a passear por estas ruas sujas a culpa é sua, por não conhecer esta estupidez de rua e de casa. Pegue lá trinta *kopeks* e esteja certo que não lhe dou mais.

— Oh, minha senhora! Foi mesmo a senhora que me indicou a rua da Ascensão, quando desejava ir para a da *Épiphanie.* A da Ascensão é muito longe daqui, e uma corrida destas estafou o cavalo.

— Ascensão, *Épiphanie*... estes nomes tolos devem-lhe ser mais familiares do que a mim, visto ser daqui. Além disso não tem razão: pedi-lhe para me levar à casa Filippov, depois de me ter dito que sabia, onde era. Se quiser, pode chamar-me amanhã perante o juiz de paz, mas agora quero que me deixe.

— Pegue lá mais cinco *kopeks!* — interveio Chatov, que se apressou a tirar uma moeda do bolso e a dá-la ao cocheiro.

— Não faças tal, por favor! — protestou ela.

O cocheiro porém chicoteou o cavalo e afastou-se. Por sua vez Chatov pegou na mão da mulher e fê-la entrar,

— Depressa, Maria, depressa! Isto não tem importância. Como estás molhada! Tem cautela, aqui há uma escada! Que pena não haver luz! A escada é difícil de subir. Agarra-te ao corrimão, agarra-te bem... Aqui fica o meu quarto. Desculpa, não tenho lume... Eu volto já!

Apanhou o castiçal e procurou os fósforos, os quais levaram tempo ainda a encontrar. Calada e imóvel, Maria Chatov esperou de pé, no meio do quarto.

— Graças a Deus! Até que enfim! — exclamou com alegria, ao acender a vela.

Maria Chatov percorreu o compartimento com olhar rápido.

— Já me tinham dito que moravas num chiqueiro, mas não esperava tanto — observou ela com ar de nojo, dirigindo-se para a cama.

— Não posso mais! — continuou ela, deixando-se cair de cansada na cama dura de Chatov. — Pousa o saco e aproxima uma cadeira. Ou melhor, faz como quiseres. Venho pedir-te abrigo provisoriamente enquanto não arranjo trabalho, e porque não conheço aqui ninguém, nem tenho dinheiro. Porém, se te incomodo, di-lo já, por favor, como é teu dever de homem honrado. Tenho alguns objetos que posso vender e isso permitir-me-á alugar um quarto mobilado em qualquer parte. Podes fazer o favor de me conduzires a uma pensão! Oh, como estou cansada!

Chatov estava todo trémulo.

— Não precisas de ir para a pensão, Maria!... Para quê?... Com que fim? — suplicou, juntando as mãos.

— Está bem, se não é preciso que eu vá para uma pensão, devo contudo expor-te a minha situação. Lembra-te, Chatov, que vivemos juntos maritalmente em Genebra, durante mais de quinze dias. Há três anos que nos separámos amigavelmente. Não julgues que voltei para recomeçar as

loucuras doutros tempos. O meu único fim é procurar trabalho, e se vim diretamente a esta cidade, foi por acaso, pois era-me indiferente tomar este ou aquele destino. Não é o arrependimento que me traz para junto de ti. Peço-te o favor de não supores tal tolice.

— Oh! Maria! É inútil, perfeitamente inútil! — murmurou Chatov.

Que quereria ele dizer com estas palavras?

— Pois bem, já que assim é, e visto seres bastante inteligente para compreender as coisas, quero acrescentar que, se me dirigi primeiramente a ti e se te peço hospitalidade, é porque nunca te julguei velhaco; pelo contrário, pensei sempre que valias talvez muito mais do que um bando... de velhacos.

Os olhos dela faiscaram. Tinha com certeza razão de queixa de certos «velhacos».

— Acredita que, ao falar na tua bondade, não faço, por maneira nenhuma, troça de ti. Digo as coisas com toda a franqueza, sem rodeios, pois não gosto nem posso admitir muito fraseado. Tudo isto é absurdo. Supus sempre que eras bastante esperto, para não achares mau... Oh, basta, não posso mais!

Olhou para ele durante muito tempo, com aspeto de cansada. De pé, a cinco passos de distância, Chatov tinha-a ouvido timidamente; parecia ter rejuvenescido e o rosto tinha um brilho fora do vulgar. Aquele homem forte, brusco e rápido, sentiu de súbito abrir-se-lhe a alma à ternura. Vibrava nele uma corda nova. Três anos de separação nada tinham arrancado do seu coração. E talvez em cada dia desses três anos tivesse pensado nela, na querida criatura a quem outrora dissera «Amo-te».

Tal como conheci Chatov, não julgo enganar-me afirmando que, ouvir de uma mulher uma palavra de amor, devia parecer-lhe coisa impossível. Casto e pudico até ao extremo, considerava-se um escárnio da natureza, detestava o seu semblante e o seu caráter, julgava ter a configuração dos monstros que se exibem nas feiras. £m consequência de tudo isto, nada havia que mais estimasse do que a probidade. Levava até ao fanatismo o apego às convicções que tinha, mostrava-se sério, orgulhoso, irascível e pouco dado. De súbito, porém, essa criatura única, que durante duas semanas o amou — assim o julgou toda a vida! — esse ser de quem estava longe de desconhecer os erros e a quem considerava sempre superior a si mesmo, essa mulher a quem podia perdoar tudo — que digo? Parecia-lhe ter sempre faltas para com ela! — essa Maria Chatov, entrava-lhe em casa,

na sua casa! Custava-lhe a acreditar! Quase não voltava a si da surpresa... Parecia-lhe tão extraordinário este acontecimento que mal ousava crer nele e, tomando-o por um sonho, tinha medo de despertar.

Quando ela olhou para ele, com aquela expressão de cansaço, adivinhou imediatamente que a sua bem-amada sofria e até estivesse magoada. Com o coração amargurado, começou a examiná-la.

Embora o rosto fatigado de Maria tivesse à muito perdido a frescura da primeira mocidade, estava ainda muito bem parecido e o marido achou-a tão bela como outrora. Era uma mulher de vinte e cinco anos, bastante forte e de estatura acima da média. Era mais alta do que Chatov. O farto cabelo castanho escuro fazia sobressair a palidez do seu rosto oval e os olhos grandes e escuros brilhavam febrilmente. Porém aquela intrepidez simples e ingénua que seu marido lhe conhecera noutros tempos fora substituída por uma irritabilidade melancólica; desanimada de todo, fingia aparentar uma espécie de cinismo, o que lhe custava, por não estar ainda habituada a ele. O que principalmente se notava nela era o seu estado doentio. Chatov ficou comovido. Apesar do receio que sentiu na presença da mulher, aproximou-se rápido dela e agarrou-lhe nas mãos:

— Maria... sabes... estás talvez muito cansada... Pelo amor de Deus não te zangues... Queres, por exemplo, tomar chá? O chá fortalece, sabes? Consentes?

— Por que perguntas se eu consinto? Sim, consinto! Estás mais criança do que nunca. Se me podes dar chá, dá-mo. Que miséria esta tua casa! Como está frio aqui dentro!

— Oh, vou já buscar lenha... Tenho — replicou Chatov, muito azafamado — lenha... isto é, mas vais ter chá rapidamente — acrescentou com um gesto, como que a indicar uma resolução desesperada.

Pôs o boné.

— Onde vais? Então não tens chá em casa?

— Vai haver, vai haver, vai haver num instante. eu...

Pegou no revólver que estava na prateleira.

— Vou num instante vender este revólver... ou empenhá-lo...

— Que série de tolices e quanto tempo isso vai demorar! Toma, aqui tens a minha bolsa, visto não teres nada em casa. Estão aí dentro oito *grivnas,* julgo eu. É tudo quanto tenho. Isto parece uma casa de doidos.

— Não é preciso, não tenho necessidade do teu dinheiro, volto já, é um segundo só... Dispenso mesmo a venda do revólver...

Correu direito a casa de Kirilov. Esta visita realizou-se duas horas antes da de Pedro e de Lipoutine, que contámos já. Embora morassem ambos na mesma casa, Chatov e Kirilov não se falavam; quando se encontravam no pátio não trocavam uma palavra, nem mesmo um cumprimento; tinham dormido juntos durante muito tempo na América!

— Kirilov, ainda tens chá? Tens chá e um samovar?

O engenheiro passeava a todo o comprimento do quarto, como costumava fazer todas as noites; parou e olhou fixamente para Chatov, sem se mostrar muito admirado.

— Tenho chá, açúcar e um samovar. Não precisas porém do samovar, pois o chá está quente. Senta-te e serve-te.

— Kirilov, vivemos juntos na América... Minha mulher chegou a minha casa... Eu... Dá-me chá... Preciso de um samovar.

— Se é para tua mulher, é preciso levar o samovar. O que aí está não serve muito bem. Tenho dois. Por agora pega na chaleira que está em cima da mesa. O chá está quente, o mais quente possível. Leva açúcar, o açúcar todo... e pão... muito pão... tudo. Tenho vitela e um *rublo* de prata.

— Dá-mo, amigo. Entrego-to amanhã! Ah, Kirilov!

— É a tua mulher que estava na Suíça? Antes assim. Foi bom teres vindo a minha casa.

— Kirilov! — exclamou Chatov, que segurava a chaleira debaixo do braço e tinha nas mãos o pão e o açúcar. — Kirilov, se... se pudesses renunciar às tuas medonhas fantasias e livrar-te desse ateísmo. Oh! que homem serias então, Kirilov!

— Vê-se que continuas a amar a tua mulher, mesmo depois da tua estadia na Suíça. É justo tê-la amado depois disso. Quando for preciso chá, vem sempre. Podes vir durante toda a noite, que não me deitarei. Terás um samovar. Toma lá, pega nesse *rublo.* Vai para junto de tua mulher; eu fico a pensar em ti e nela.

Maria Chatov pareceu muito satisfeita ao ver chegar o chá tão depressa. Lançou-se avidamente a ele, e por isso não foi preciso ir buscar o samovar; no entanto apenas tomou meia chávena e comeu um bocadinho de pão. Afastou a vitela com repugnância e mau humor.

— Estás doente, Maria. Isso tudo em ti são efeitos da doença... — disse timidamente Chatov, que andava medroso à volta dela.

— Não tenhas dúvidas que estou doente. Senta-te, por favor! Onde foste buscar o chá, se o não tinhas?

Falou-lhe de Kirilov. Ela já tinha ouvido falar nele.

— Sei que é um louco... Desculpa, não fales dele... Os imbecis não são assim uma raridade, não é verdade? Então estiveste na América? Ouvi falar nisso. Sei que escreveste.

— Sim... escrevi para Paris.

— Basta, falemos de outra coisa, se fazes favor. Tens ideias eslavófilas?

— Eu... não é bem assim... Como não posso ser russo, tornei-me eslavófilo — respondeu Chatov, com sorriso forçado, próprio de um homem que graceja fora do tempo e sem vontade.

— Ah, não és russo.

— Não, não sou russo.

— Então, tudo quanto tens dito não passa de asneiras. Pela última vez, senta-te. Porque te mexes assim tanto? Pensas que estou a delirar? Quem sabe! Sois só dois, diz-se, aqui em casa?

— Somos, sim... No rés do chão...

— E quanto a inteligência, sois uma parelha. Que há no rés do chão? Disseste: no rés do chão...

— Nada.

— O quê, nada? Quero saber.

— Eu queria dizer que antigamente os Lebiadkine moravam no rés do chão...

Maria Chatov fez um movimento brusco.

— Aquela que assassinaram a noite passada? Ouvi falar nisso. Foi a primeira notícia que soube quando aqui cheguei. Houve um incêndio?

Chatov levantou-se rapidamente.

— Houve, sim, Maria, e estou a cometer uma espantosa infâmia neste momento, ou perdoo a uns infames...

Dava grandes passadas no quarto, levantando os braços e mostrando-se muito perturbado.

Porém Maria não compreendia absolutamente nada do que se passava. Estava distraída, enquanto falava; perguntava e nem sequer ouvia as respostas.

— Passam-se bonitas coisas em tua casa! Oh, que patifarias por toda a parte! Que súcia de velhacos! Mas senta-te por uma vez. Assim aborreces-me! — replicou, deixando cair a cabeça no travesseiro, vencida pelo cansaço.

— Maria, obedeço-te... Talvez te quisesses deitar?

Não respondeu e, esgotada de forças, cerrou as pálpebras. O seu rosto pálido parecia o de uma morta. Adormeceu instantaneamente. Chatov lançou um olhar à sua volta, espevitou a luz da vela e, depois de ter olhado uma vez mais ainda, com inquietação, para sua mulher, depois de ter junto as mãos em sinal de espanto, saiu devagarinho do quarto. Quando chegou ao patamar, encostou-se a um canto, onde permaneceu dez minutos sem se mexer e sem fazer o mais pequeno barulho. De repente ressoaram na escada passos leves e cautelosos. Vinha alguém a subir. Chatov lembrou-se de que se esquecera de fechar a porta da rua.

— Quem está aí? — perguntou em voz baixa.

O visitante não respondeu e continuou a subir sem pressa. Chegado que foi ao patamar, parou; a escuridão não deixava distinguir-lhe as feições.

— Ivan Chatov — disse este, misteriosamente.

O dono da casa deu-se a conhecer, mas ao mesmo tempo estendeu o braço para afastar o desconhecido; este apertou-lhe a mão e Chatov estremeceu, como se sentisse o contacto de um réptil.

— Pare — murmurou rapidamente — não entre, não posso recebê-lo nesta ocasião. Minha mulher voltou para casa. Vou buscar luz.

Quando voltou com a vela, viu que tinha na sua frente um oficial muito novo, de quem ignorava o nome, mas que se lembrava ter encontrado em qualquer parte.

O visitante deu-se a conhecer.

— Erkel. Já me viu em casa de Virguinsky.

— Lembro-me muito bem; estava sentado a escrever — continuou Chatov; ao dizer isto avançou para o rapaz e, dominado por cólera inesperada, mas sem levantar a voz, prosseguiu: — Ouça, há pouco, ao cumprimentar-me, fez-me um sinal de reconhecimento. Fique sabendo que escarro em todos esses sinais! Rejeito-os... e não os admito... Posso até atirar consigo pela escada fora, compreendeu?

— Não, não sei de nada, e ignoro até porque é que está tão zangado — respondeu o oficial em tom sossegado, sem mostrar nenhuma irritação. — Fui unicamente incumbido de lhe dar um recado e quis desobrigar-me disso sem perda de tempo. O senhor tem em seu poder uma tipografia que não lhe pertence e tem de prestar contas dela, como bem compreende. Segundo a ordem que recebi, peço-lhe que a entregue a Lipoutine, amanhã

às sete horas da tarde, em ponto. Além disso, declaro-lhe também que, para o futuro, não lhe será exigido mais nada.

— Nada?

— Absolutamente nada. O seu pedido foi tomado em consideração e daqui para o futuro já não faz parte da sociedade. Fui encarregado de lho transmitir.

— Quem o encarregou disso?

— Os que me revelaram o sinal de reconhecimento.

— Vem do estrangeiro?

— Isso... isso, julgo que deve ser-lhe indiferente.

— Oh, diabo! Mas porque não veio mais cedo, se lhe deram essa ordem?

— Submeti-me a certas ordens, e não estava sozinho.

— Compreendo, compreendo que não estava só. Diabo! Mas por que não veio o Lipoutine?

— De maneira que amanhã às seis horas da tarde virei buscá-lo e iremos até lá, a pé. Iremos só nós os três.

— Pedro estará lá?

— Não, não estará. Pedro sai daqui amanhã, às onze da manhã.

— Desconfiava — disse Chatov com voz surda e irritada. — Foge, o miserável! — acrescentou, batendo com o punho fechado numa das pernas.

Agitavam-no pensamentos tumultuosos. Erkel olhava fixamente para ele e esperava uma resposta.

— Como querem fazer? Uma tipografia não é um objeto fácil de transportar.

— Não é preciso carregar com ela. Indicar-nos-á simplesmente o sítio e nós limitar-nos-emos a verificar que está lá, que efetivamente está lá! Sabemos onde está enterrada, mas não conhecemos bem o local. O senhor ainda não o disse a ninguém?

Os olhos de Chatov fixaram-se no oficial.

— Como é que um inocente como o senhor se lhe meteu essa na cabeça? Precisam de muitos da força do senhor... Vamos, retire-se! Aquele patife enganou-os a todos e fugiu.

Erkel observava o seu interlocutor com calma imperturbável e fingia não compreender nada.

— Pedro fugiu, o Pedro! — prosseguiu Chatov, rangendo os dentes.

— Ainda não, ainda cá está, ainda se não foi embora. Só vai amanhã — disse Erkel, com brandura e persuasão. — Tinha empenho em que ele estivesse lá como testemunha; as ordens que me deram assim e determinavam — continuou ele, com a simplicidade de um rapazinho sem experiência — mas recusou, sob o pretexto de que devia partir, e na verdade tem muita pressa em o fazer.

O olhar de Chatov fixou-se novamente, com expressão de piedade, no rosto do idiota, mas logo agitou os braços, para afastar tal sentimento.

— Está bem, irei — declarou ele com veemência — e agora retire-se!

— Passarei então aqui às seis horas em ponto — respondeu Erkel que, depois de um cumprimento delicado, se afastou com toda a tranquilidade.

— Parvinho! — não pôde deixar de gritar Chatov do alto da escada.

— O quê? — perguntou o oficial, já em baixo.

— Nada, vá-se embora.

— Julguei que tinha dito alguma coisa.

Capítulo 2

Erkel era «parvinho», no sentido de se deixar influenciar pelas ideias dos outros; porém como agente subalterno e como homem de ação tinha inteligência e astúcia. Fanaticamente dedicado à «obra social», isto é, no fundo, a Pedro, trabalhava segundo as instruções recebida deste, nas sessões em que os papéis eram distribuídos aos partidários para o dia seguinte. Entre outras recomendações, ordenara ao oficial para observar bem, enquanto cumprisse a ordem, em que condições se achava Chatov, e quando este, falando no patamar, disse que sua mulher regressara a casa, Erkel, com instintos maquiavélicos, não mostrou o menor desejo de mais explicações, embora tivesse percebido que este facto contribuiria poderosamente para o êxito da empresa.

Foi, com efeito, o que aconteceu: esta simples circunstância permitiu que os «patifes» se livrassem da denúncia que os ameaçava e, mais ainda, livrarem-se do seu inimigo. O regresso da Maria, mudando a direção das preocupações de Chatov, tirou-lhe a sagacidade e a prudência habituais. Teve desde então uma coisa bem diferente no cérebro em vez da segurança pessoal. Quando Erkel disse que Pedro partia no dia seguinte, não hesitou em acreditá-lo: esta intenção, para mais, concordava tão bem com as suas ideias. Entrando no quarto, sentou-se a um canto, pôs os cotovelos nos joelhos e tapou o rosto com as mãos. Atormentavam-no pensamentos dolorosos...

De súbito levantou a cabeça, aproximou-se da cama em bico de pés e pôs-se a contemplar a mulher: «Senhor! Amanhã de manhã irá acordar com febre e talvez já a tenha! Apanhou com certeza um resfriado! Não está habituada a este clima terrível e viajou em terceira!... Apanhou o vento e a chuva, apenas com um capote ordinário às costas. E ia deixá-la lá fora, abandoná-la!... Que saquito, não pesa nada! Não pesa mais do que dez arráteis! Coitadita, como temas feições mudadas!... como tem sofrido!... É orgulhosa e por isso não se queixa. Mas está irascível, muito irascível! Talvez por causa da doença... Até um anjo, se adoecesse, ficaria irascível. Como tem a testa enxuta! Deve estar a escaldar. À volta dos

olhos tem uma tarja escura e... no entanto tem um rosto bonito! Que lindo cabelo! Que...»

Libertou-se bruscamente desta contemplação e voltou a sentar-se ao canto; estava como que assustado da simples ideia de considerar Maria como outra coisa que não uma criatura infeliz, sofrendo muito e com necessidade de socorro. «O quê? conceberia esperanças naquele instante! Oh, como sou baixo e vil!» — pensou, com a cara escondida entre as mãos. De novo, no entanto, os sonhos e as esperanças vieram obcecar-lhe o espírito... mas principalmente as esperanças!

Lembrou-se da exclamação: «Oh, já não posso mais!», que sua mulher proferira várias vezes com voz fraca e anelante. «Senhor! Abandoná-la agora, que não possui mais do que oito *grivnas* e quando me estendeu a sua bolsa velha! Veio procurar trabalho! Que pensará ela acerca disto? Que pensarão na Rússia? Não têm mais juízo do que as crianças. As fantasias que a sua imaginação cria é tudo em benefício deles, e zangam-se, coitados, porque a Rússia não se parece com as quimeras que fantasiaram no estrangeiro. Oh, infelizes! Oh, inocentes! Não reconheceis que aqui não faz calor...»

Lembrou-se de que ela se queixara de frio e que ele prometera acender-lhe o fogão. «Tenho lenha e podia ir buscá-la, porém não quero acordá-la. E se tentasse?... Não é coisa impossível. Que hei de fazer?... Quando se levantar, talvez queira comer... Veremos isso mais tarde... Kirilov não se deita. É preciso cobri-la com qualquer coisa... Está a dormir profundamente, mas com certeza tem frio! Ai, está tanto frio!»

Mais uma vez se aproximou dela para a contemplar; o vestido um pouco levantado deixava ver a perna até ao joelho. Voltou-se bruscamente, quase assustado. Depois tirou o casaco de agasalho que trazia por cima da sobrecasaca velha e, esforçando-se por não olhar, estendeu-o por cima dela, cobrindo-lhe em especial as pernas.

Enquanto acendia o fogão, ia-a contemplando. Decorreram duas ou três horas e foi durante este tempo que Kirilov recebeu a visita de Pedro e de Lipoutine. Por fim, Chatov adormeceu a um canto. Acabava de fechar os olhos quando se ouviu um gemido. Maria acordou e chamou pelo marido. Este correu para ela, envergonhado como se estivesse culpado.

— Maria! Adormeci... Que mandrião que eu sou!

Ela levantou-se um bocadinho, deitou um olhar admirado à volta do quarto como se não se lembrasse do lugar onde estava, e em breves

instantes terrível indignação se apoderou dela.

— Deitei-me na tua cama. Estava muito cansada e adormeci sem querer. Porque não me acordaste? Como pudeste imaginar que tivesse a intenção de te sobrecarregar?

— Como poderia acordar-te, Maria?

— Podias e devias! Não tens outra cama senão esta e eu deitei-me nela. Não me devias colocar nesta má situação. Julgas que vim aqui para receber os teus benefícios? Vem já para a tua cama, que eu deitar-me-ei a um canto ou em cima de uma cadeira.

— Maria, não tenho cadeiras suficientes e além disso não tenho nada para te deitar em cima.

— Muito bem, deitar-me-ei no chão. Não quero por forma alguma privar-te da tua cama. Vou deitar-me no soalho, já, já!

Levantou-se, quis andar, mas repentinamente uma dor espasmódica, das mais violentas, fez-lhe desaparecer toda a força, toda a decisão: saiu-lhe do peito um gemido profundo e voltou a cair na cama. Chatov aproximou-se rápido, e ela, encostando o rosto ao travesseiro, agarrou-se às mãos do marido e apertou-lhas até lhas fazer doer. Passou-se assim um minuto.

— Maria, minha querida, se for preciso há aqui um médico que conheço, o doutor Frenzel... Vou já a casa dele.

— Que disparate!

— Como, é um disparate? Diz-me o que tens, Maria! Podia pôr-te uma cataplasma... na barriga, por exemplo... Posso fazer isso, mesmo sem conselho médico... ou então uns sinapismos.

— Que estás a dizer? — replicou, levantando a cabeça e olhando para o marido com ar de espanto.

Chatov procurou em vão o sentido desta esquisita pergunta.

— De que falas, Maria? Por que me perguntas isso? Meu Deus, não percebo nada! Perdoa, Maria, mas não compreendo nada do que queres dizer.

— Deixa lá, não te compete a ti semelhante coisa. Seria até esquisito demais... respondeu com sorriso triste. — Diz-me qualquer coisa. Passeia pelo quarto e vai falando. Não pares ao pé de mim, nem olhes para mim. Peço-te pela quinquagésima vez!

Chatov começou a passear pelo quarto, de olhos baixos e fazendo o possível por não fitar sua mulher.

— Tenho aqui... Não te zangues, Maria, por favor. Tenho aqui vitela e chá... Comeste tão pouco, há bocado...

Ela fez com a mão um gesto, revelando repugnância. Chatov, desesperado, mordeu os lábios.

— Ouve, tenho a intenção de instalar aqui uma oficina de encadernação. A casa comercial seria fundada, tendo como princípios as bases racionais de uma associação. Como tens vivido na cidade, que pensas disto? Terei probabilidades de êxito?

— Sabes, Maria, entre nós ninguém lê; nem sequer há livros... Como há de ele querer encaderná-los?

— Mas quem?

— O leitor daqui, o habitante da cidade em geral.

— Então exprime-te mais claramente, em vez de dizeres *ele*. Ninguém sabe a quem se refere o pronome. Não sabes gramática?

— É o meu hábito de falar, é uma subtileza da língua — balbuciou Chatov.

— Deixa-me sossegada com subtilezas. Aborreces-me. Porque é que o leitor ou habitante da cidade não há de encadernar os seus livros?

— Porque ler um livro e dá-lo a encadernar são duas operações que correspondem a dois graus de civilização diferente. Primeiramente tem de habituar-se pouco a pouco a ler, o que, bem entendido, requer séculos; depois não tem cuidado com os livros, considera-os um objeto sem importância. O ato de dar um livro a encadernar mostra já respeito pelo livro; não só indica que tomou gosto pela leitura, como também revela estima. A Europa há já muito dá os livros a encadernar; a Rússia ainda não chegou tanto.

— Embora dito com modo pretensioso, não denota no entanto estupidez e sinto-me transportada três anos atrás: tinhas por vezes bastante espírito nesses tempos.

Pronunciou estas palavras no mesmo tom desdenhoso das frases precedentes.

— Maria, Maria — repetiu Chatov. — Ó Maria! Se soubesses tudo quanto se passou nestes três anos! Ouvi dizer que me desprezavas por causa da minha mudança de ideias. A quem é que eu deixei? Aos inimigos da vida real, aos liberalões atrasados, receosos da sua própria independência, aos lacaios do pensamento hostis à personalidade e à liberdade, aos pregadores decrépitos dos cadáveres e da podridão! Que

possuem? A senilidade, a mediocridade dourada, a mais burguesa e vil incapacidade, uma igualdade invejosa, uma igualdade sem mérito pessoal, uma igualdade como a compreende um lacaio ou como a compreendia um francês em 93... E o pior é serem todos patifes!

— Sim, há muito malandro — observou Maria em voz entrecortada e com expressão de sofrimento.

Deitada um pouco de lado, imóvel, como se temesse fazer um pequeno movimento, tinha a cabeça pousada no travesseiro e fixava o teto com olhar cansado, mas enérgico. Tinha o rosto pálido e os lábios ressequidos.

— Concordas, Maria, não é verdade? — exclamou Chatov.

Ia a fazer com a cabeça um sinal negativo, quando de repente lhe deu nova dor. Desta vez ainda escondeu o rosto no travesseiro e durante um minuto apertou, quase até quebrar os ossos, a mão do marido, que, louco de terror, se aproximou ainda mais dela.

— Maria, Maria! O que tens, é talvez de gravidade?

— Cala-te. Não quero, não quero — replicou violentamente, retomando a sua primeira posição. — Não te atrevas a olhar para mim com esse ar de compaixão! Passeia pelo quarto e diz alguma coisa, fala...

Chatov, que ficara meio aparvalhado, começou a murmurar não sei o quê.

A mulher interrompeu-o com impaciência.

— De que tratas aqui?

— Faço a escrita de um negociante. Se quisesse, ganhava bastante dinheiro.

— Melhor para ti...

— Ah, não faças caso, Maria! Disse isto, como teria dito outra coisa qualquer.

— E que mais fazes ainda? Que doutrina pregas? Porque é impossível que não faças propaganda. Está no teu feitio.

— Falo de Deus, Maria.

— Sem acreditar nele! Nunca pude compreender semelhantes convicções.

— Deixemos isso, por agora.

— Quem era essa Maria Timofeievna que assassinaram?

— Falaremos também disso mais tarde.

— Não te lembres mais de me fazer semelhante observação! É verdade poder-se atribuir a morte dela à perversidade de... dessa tal gente?

— Com toda a certeza — respondeu Chatov, rangendo os dentes.

— Não me fales mais nisso, não me fales mais, nunca mais!

E recaiu no leito, atormentada por novas convulsões. Durante este terceiro ataque, o sofrimento não causou à doente os gemidos do costume, mas sim soltou verdadeiros gritos.

— Oh, que homem insuportável! Que homem insuportável! — repetia ela, torcendo-se e repelindo Chatov, que se inclinara sobre ela.

— Maria, farei o que me ordenaste... Vou passear, falar.

— Não vês que isto começou?

— O que é que começou, Maria?

— Eu sei lá! Porventura saberei alguma coisa? Oh, maldita! Que tudo seja amaldiçoado antes!

— Maria, se dissesses o que vai principiar, então eu... mas não sendo assim, como queres que compreenda?

— És um homem abstrato, um tagarela inútil... Maldito seja tudo!

— Maria! Maria!

Cuidou francamente que sua mulher endoidecera.

Ela levantou-se na cama e, voltando para Chatov um rosto lívido de cólera, vociferou:

— Não percebes que estou com as dores de parto? Oh, maldita seja esta criança, mesmo antes de nascer!

— Maria! — exclamou Chatov, compreendendo por fim a situação. — Maria... por que não o disseste há mais tempo? — acrescentou bruscamente e, veloz como um raio, pegou no boné.

— Adivinharia porventura ao entrar aqui? Viria para tua casa se o soubesse? Disseram-me que demorava ainda dez dias! Onde vais? Onde vais? Fazes o favor de não sair!

— Vou buscar uma parteira. Venderei o revólver. Agora o que é preciso, primeiro que tudo, é dinheiro.

— Livra-te de trazeres uma parteira; basta simplesmente uma mulher boa, uma velha qualquer... Tenho oito *grivnas* no bolso... No campo, as lavradeiras dão à luz sem auxílio de parteira... E se morrer, melhor...

— Terás uma mulher boa e uma velha. Mas como te hei de deixar só, Maria?

Contudo, se não a deixasse nesta ocasião, ficaria privada dos cuidados da parteira quando chegasse o momento crítico. Esta reflexão suplantou

todas as outras no espírito de Chatov e, surdo aos gemidos e aos gritos de cólera da Maria, desceu a escada a toda a pressa.

Capítulo 3

Em primeiro lugar passou por casa de Kirilov. Devia ser uma hora da manhã. O engenheiro estava ainda levantado e passeava pelo quarto.

— Kirilov, minha mulher vai ser mãe!

— O quê? Como?

— Vai dar à luz. Está para ter uma criança.

— Não... não estará enganado?

— Oh, não, não, está com as dores! É preciso uma mulher, uma velha qualquer, e depressa... Pode-me procurar uma agora? O meu amigo tinha em sua casa várias velhas...

— Tenho muita pena de não saber assistir — respondeu com ar abstrato Kirilov — isto é, não lamento o não saber assistir, mas sim não saber o que é preciso fazer para... Não, não me ocorre a expressão,

— Quer dizer que não saberia assistir a uma parturiente... Mas não é isso que lhe peço; pedia-lhe somente que me mandasse uma boa relha, uma ajudanta, uma criada.

— Conseguir-lhe-ei uma velha, mas não será possivelmente para já. Se quiser, posso, enquanto espera...

— Oh, é impossível. Vou a correr a casa da senhora Virguinsky, a parteira.

— Uma vadia!

— Oh, sim, mas é a melhor parteira da cidade. Oh, sim, tudo isto se passará sem alegria e sem piedade! Este grande mistério, a vinda ao mundo de uma nova criatura, será apenas saudada com palavras de desgosto, ou de cólera, ou blasfémias! Oh, maldiz já a criança!

— Se quiser, eu...

— Não, não, mas durante a minha ausência (pois por vontade ou por força hei de trazer comigo a senhora Virguinsky!) vá de tempos a tempos até à escada e escute, sem fazer barulho. Não entre, por maneira nenhuma, no quarto. Excitá-la-ia... Livre-se de lá entrar. Limite-se a escutar... para no caso de sobrevir um acidente... sim! se surgir alguma coisa de grave, então entre.

— Compreendo. Tenho ainda um *rublo* de prata. Tome... Queria amanhã uma galinha, mas já agora não a tenho. Ande depressa, despache-se. Tenho chá para toda a noite.

Kirilov não tinha nenhum conhecimento dos projetos formados contra Chatov. Sabia apenas que o seu vizinho tinha velhas contas a ajustar «com aquelas pessoas». Ele mesmo estava em parte envolvido nesse caso, por causa das instruções que lhe tinham sido dadas no estrangeiro — instruções, aliás, muito superficiais, porque ele só partilhava indiretamente da sociedade. Algum tempo depois da sua chegada à nossa cidade abandonara toda a ocupação, a começar pela «obra comum», e procurara uma vida exclusivamente contemplativa. Embora Pedro tivesse, durante a sessão, convidado Lipoutine a ir com ele a casa de Kirilov para o convencer que no momento próprio o engenheiro endossaria o «trabalho de Chatov», no entanto não disse a última palavra na sua conversa com Kirilov. Julgando imprudente revelar os seus desígnios a um homem sobre o qual não tinha confiança, pensara ser mais prudente só lhos dizer depois de os ter executado, isto é, no dia seguinte: «Quando for um facto consumado — pensava Pedro — Kirilov aceitá-lo-á com a sua costumada indiferença». Lipoutine reparara bastante no silêncio do seu companheiro sobre o assunto que motivara a sua visita a casa do engenheiro, mas estava muitíssimo perturbado para lhe fazer qualquer observação sobre esse ponto.

Chatov correu, sem tomar fôlego, à rua Formiga; amaldiçoou a distância e parecia-lhe nunca mais lá chegar.

Devia ter batido muito tempo à porta de Virguinsky: toda a gente da casa se tinha deitado há poucas horas.

Mas Chatov não ia com a mão leve e bateu umas pancadas fortes no postigo. O cão de guarda, fechado no pátio, fez-se ouvir com um ladrar furioso, ao qual respondeu o dos cães da vizinhança; houve alarido em toda a rua.

Por fim abriu-se o postigo, depois a janela, e o próprio Virguinsky tomou a palavra:

— Porque faz tamanho barulho? Que quer? — perguntou ele ao desconhecido que perturbava o repouso da sua casa.

— Quem está aí? Que brincadeira é essa? — acrescentou, com cólera, uma voz feminina.

O personagem que acabava de pronunciar estas palavras era a velha senhora, parenta de Virguinsky.

— Sou eu, Chatov. Minha mulher voltou a minha casa e está para dar à luz de um momento para o outro.

— Pois que se arranje!

— Vinha procurar a Arina e não sairei daqui sem ela!

— Ela não pode ir a casa de toda a gente. Não visita à noite senão clientela particular. Dirija-se à senhora Makchéev e deixe-nos em paz! — replicou a voz feminina, sempre irritada.

Da rua ouvia-se Virguinsky parlamentar com a velha criada, para a fazer sair da cama, mas esta não se queria levantar.

— Não sairei daqui! — replicou Chatov.

— Espere, espere então! — gritou Virguinsky, depois de ter conseguido afastar sua mãe. — Peço-lhe que espere cinco minutos, o tempo de ir acordar Arina, mas peço-lhe também que deixe de bater à porta e de gritar assim... Oh, como tudo isto é terrível!

Ao fim de cinco minutos — cinco séculos! — a senhora Virguinsky apareceu à janela.

— A sua mulher voltou para sua casa? — perguntou ela num tom que, com grande espanto de Chatov, não atraía nenhuma cólera e era apenas imperioso.

Arina tinha, por natureza, a voz forte, de maneira que lhe era impossível falar de outra maneira.

— Minha mulher regressou e está para dar à luz.

— Maria Ignatievna?

— Sim, Maria Ignatievna. Quem é que havia de ser?

Houve um curto silêncio. Chatov esperou. Dentro de casa murmuravam em voz baixa.

— Quando chegou ela? — perguntou em seguida a senhora Virguinsky.

— Esta noite, às oito horas. Mas ande depressa, por favor.

Houve novo murmúrio; parecia que estavam em deliberação.

— Ouça, não estará enganado? Foi ela mesmo que o mandou cá?

— Não, não foi ela que me mandou aqui. Para me evitar despesas só queria ser assistida por uma mulher, porém não se inquiete, porque serei eu a pagar-lhe.

— Está bem, irei. Tanto me faz que pague, como não. Apreciei sempre os sentimentos de independência de Maria Ignatievna, embora, como é

natural, ela não se lembre já de mim. Tem em sua casa tudo o que é necessário?

— Não tenho nada, mas tudo se arranjará. Tudo ficará pronto, tudo...

«Haverá pois generosidade mesmo entre estas pessoas?», pensava Chatov, dirigindo-se para casa de Liamchine. «As opiniões e os homens são, ao que parece, duas coisas completamente diferentes. Sou possivelmente muito injusto para com eles! Toda a gente pratica injustiças, toda a gente! Se cada um estivesse convencido disso!»

Em casa de Liamchine não teve que bater muito tempo. O judeu saltou imediatamente da cama e, descalço, em camisa, correu a abrir o postigo, com risco de apanhar uma constipação, ele que era sempre muito cauteloso com a sua saúde. Havia um motivo especial nesta pressa tão estranha: durante toda a noite só tinha tremido e até essa altura não pudera dormir, de tal maneira ficara inquieto depois da sessão; sem cessar julgava ver chegar certos visitantes, cuja aparição não lhe dava prazer nenhum. A notícia de que Chatov ia denunciá-los tinha-o posto num suplício... Entretanto ouviu bater violentamente à janela!

Ficou tão atrapalhado ao avistar Chatov que fechou logo o postigo e correu a meter-se na cama. O visitante começou a bater de novo e a gritar com toda a força.

— Como se atreve a fazer tanto barulho no meio da noite? — resmungou o dono da casa, que, embora se esforçasse por tomar um aspeto ameaçador, estava cheio de medo.

Esperou pelo menos mais dez minutos, antes de tornar a abrir o postigo, e a que só se decidiu depois de ter a certeza de que Chatov estava só.

— Trago-lhe aqui o revólver que me vendeu. Vendo-lho por quinze *rublos*.

— Que é isso? Está bêbado? Isso é um roubo. Por sua causa vou apanhar uma constipação. Espere aí. Vou-me embrulhar num cobertor.

— Dê-me imediatamente quinze *rublos*. Se recusa, baterei e gritarei até de manhã. Quebrar-lhe-ei o caixilho.

— E eu chamo o guarda e ele levá-lo-á para o posto.

— E julga que sou mudo? Julga que não chamarei também o guarda? Qual de nós deve recear, o senhor ou eu?

— E pode ter sentimentos tão baixos... Sei ao que faz alusão... Espere, espere, por amor de Deus esteja tranquilo! Diga-me, quem é que tem

dinheiro de noite? Mas não está bêbado? Porque precisa de dinheiro?

— Minha mulher voltou para minha casa... Faço-lhe um desconto de dez *rublos*. Não me servi uma única vez dele. Tome-o lá.

Maquinalmente Liamchine estendeu a mão pelo postigo e pegou na arma; pensou um momento e depois, como se se desconhecesse a si próprio, meteu a cabeça pelo postigo e balbuciou, ao mesmo tempo que umas tremuras lhe percorriam a espinha:

— Mente… sua mulher não deve ter voltado para sua casa. Isto... isto é o senhor a querer salvar-se sem cerimónia.

— Imbecil, como quer que eu me salve? Isso é bom para o seu Pedro, porque eu não faço isso. Estive agora mesmo com a senhora Virguinsky, a parteira, e ela prometeu ir imediatamente a minha casa. Pode informar-se. Minha mulher está com as dores e preciso de dinheiro... Dê-me dinheiro!

Produziu-se como que um acordar súbito no espírito de Liamchine; as coisas tomavam agora outro rumo, mas o medo era ainda bastante para não lhe permitir raciocinar.

— Mas como, então... não vivia com sua mulher?

— Parto-lhe a cabeça se me faz outra pergunta como essa.

— Ah, meu Deus, desculpe-me. Compreendo, mas estava tão abstrato... Compreendo, compreendo. Mas... mas será possível que Arina tenha ido a sua casa? Ainda há pouco dizia que ela tinha ido? Bem sabe, isso não é verdade. Veja, veja, veja como mente a cada instante...

— Pode estar certo que a parteira está agora ao pé de minha mulher!... Não me faça exaltar, pois não tenho culpa que seja tão estúpido.

— Não é verdade, não sou estúpido. Desculpe, mas é-me completamente impossível...

O judeu perdera a cabeça por completo e pela terceira vez fechou a pequena janela. Chatov porém pôs-se a berrar de tal maneira que voltou a abri-la logo quase em seguida.

— Mas isto é um verdadeiro atentado contra a minha pessoa! Que exige de mim? Vamos, vamos, explique-se. Lembre-se que vem fazer esta cena em plena noite!

— Exijo quinze *rublos,* seu cabeça de carneiro!

— Mas não me interessa ficar com este revólver. Não tem o direito de me forçar a isso. Comprou-o, acabou-se, não me pode obrigar a ficar com ele. Não posso dar-lhe de noite semelhante quantia. Onde quer que a arranje?

— Tem sempre dinheiro em casa. Paguei-lhe vinte e cinco *rublos* por este revólver e cedo-lho outra vez por quinze... Sei bem que estou a tratar com um judeu.

— Venha depois de amanhã... Ouça, depois de amanhã de manhã, perto do meio-dia, e dar-lhe-ei toda a soma. Ficamos entendidos?

Pela terceira vez Chatov bateu violentamente no caixilho.

— Dê-me dez *rublos* já, e cinco amanhã de manhã cedo.

— Não, cinco depois de amanhã de manhã. Amanhã não posso dar-lhos, asseguro-lho. Fará melhor em não vir.

— Dê-me dez *rublos* já, seu miserável!

— Mas porque me insulta assim? Espere, é preciso ver as coisas... Olhe, quebrou um vidro... Quem é que injuria assim as pessoas de noite? Tome lá!

Chatov pegou no papel que Liamchine lhe estendeu pela janela; era uma nota de cinco *rublos*.

— Na verdade não lhe posso dar mais. Mesmo que me ponha o cutelo no pescoço, não posso; depois de amanhã, sim, mas agora é-me impossível.

— Não me irei embora! — gritou Chatov.

— Vamos, pegue lá mais um, e ainda outro, e é tudo quanto tenho... Agora grite o que quiser, que não lhe darei mais nada. Faça o que quiser, que não lhe darei mais nada, mais nada, mais nada!

Estava furioso, desesperado, escorrendo em suor. Os dois papéis que lhe dera no final eram duas notas de um *rublo* cada. Chatov não recebera portanto mais do que sete *rublos*.

— O diabo te leve! Voltarei amanhã. Desanco-te, Liamchine, se não completas a quantia.

«Amanhã não estarei em casa, imbecil!», pensou consigo o judeu.

— Espere! Espere! — gritou ele ao ver Chatov afastar-se a toda a pressa. — Espere, ande cá. Diga-me, por favor: é verdade sua mulher ter voltado para sua casa?

— Imbecil! — respondeu Chatov, cuspindo-lhe na cara e correndo para casa o mais rápido possível.

Capítulo 4

Arina Prokhorovna nada sabia do que se havia combinado na sessão da véspera. Ao regressar a casa, perturbadíssimo e muito abatido, Virguinsky não ousara confiar à mulher a resolução tomada, mas não pôde deixar de lhe repetir as palavras de Pedro a respeito de Chatov, acrescentando que não acreditava por nada deste mundo no pretenso projeto de denúncia, Grande foi a inquietação de Arina. Daí a razão por que, logo que Chatov veio solicitar os seus serviços, não hesitou em se dirigir imediatamente a casa deste, embora estivesse muito fatigada, pois outro parto laborioso a fizera estar a pé durante toda a noite. A senhora Virguinsky estivera sempre convencida de que «uma droga como Chatov, era capaz de uma cobardia cívica». A chegada, porém, de Maria Ignatievna dava ao caso novo aspeto. A agitação de Chatov, as suas súplicas desesperadas denotavam uma mudança nos sentimentos do traidor: um homem decidido a livrar-se, fazendo perder os outros, não apresentaria, segundo lhe parecia, nem esse aspeto, nem esses modos. Curiosa, Arina quis ver tudo com os seus próprios olhos. Este desejo deu grande prazer a Virguinsky. Foi como se lhe tirassem de cima do peito um peso de cinco arrobas! Resolveu portanto esperar, pois o aspeto do pretenso denunciante não lhe parecia condizer com as suposições de Pedro.

Chatov não se enganara: logo que chegou a casa, viu Arina sentada junto de Maria. O primeiro cuidado da parteira, ao chegar, foi expulsar Kirilov, embora com desgosto deste, que estava de guarda no fundo da escada; em seguida aproximou-se de Maria, mas esta não pareceu reconhecê-la. Encontrou-a doente «numa disposição muito má», isto é, irritada, agitada e «dominada pelo desespero mais pusilânime». Em menos de cinco minutos a senhora Virguinsky rebateu vitoriosamente todas as objeções da sua cliente.

— Para que está sempre a repetir que não precisa de uma parteira cara? — perguntava ela, quando Chatov entrou. — É pura asneira: são falsas ideias, resultantes do seu estado anormal. Com uma parteira inexperiente, uma velha qualquer, tem cinquenta probabilidades de

acidente e, neste caso, seria um grande embaraço. Além disso terá maior despesa do que se escolher uma parteira cara. Como sabe que eu peço muito? Pagará quando puder, não levarei muito e respondo pelo sucesso. Comigo não morrerá, pois é coisa que não conheço. Quanto à criança, amanhã mesmo meto-a num asilo, onde será bem tratada. Levá-la-ão para o campo. Comigo, isto faz-se tudo rápido. A senhora recuperará a sua saúde, entregar-se-á depois a um trabalho razoável e dentro em pouco tempo indemnizará Chatov da sua hospitalidade e do seu dinheiro, que em todo o caso não gastará assim muito...

— Não se trata disso... Eu é que não tenho o direito de perturbar...

— Isso são sentimentos lógicos e dignos, mas esteja certa de que Chatov não despenderá quase nada se, em lugar de querer aparentar grandezas, se quiser mostrar um pouco razoável. Basta que não faça asneiras, que não vá bater à porta das casas e que não corra como um perdido por toda a cidade. Se não o segurasse, iria acordar todos os médicos da cidade! Já disse que respondo por tudo. Se quiser, pode chamar uma velha para me ajudar. Isso não custa nada. Mas o próprio Chatov está pronto a prestar alguns serviços e ele pode ainda fazer muita coisa sem ser asneiras. Tem bons braços e boas pernas. Correrá a casa do farmacêutico, sem que a senhora tenha que ver disso um favor penoso à sua delicadeza. Na verdade, é um famoso benefício! Se está nesta situação, não é por causa dele? Com o fim egoísta de a desposar, não a intrigou com a família que a tinha contratado como professora? Ouvimos falar nisso... Ainda há pouco correu como um insensato e encheu toda a rua com os seus gritos. Eu não me imponho a ninguém. Vim apenas por sua causa e por princípio, pois todas as *nossas* são obrigadas a ajudarem-se entre si. Declarei-lho mesmo antes de sair da minha casa. Se julga a minha presença inútil, está bem, adeus! Não se arrependa depois da sua resolução!

E levantou-se para sair.

Maria estava tão quebrantada, tão doente, e, para dizer a verdade, o desfecho disto tudo causava-lhe tal apreensão, que não teve coragem para a despedir. Contudo, essa senhora Virguinsky tornou-se-lhe subitamente odiosa: a sua linguagem era em absoluto fora de propósito e não correspondia de maneira nenhuma aos sentimentos de Maria. O medo, no entanto, de morrer nas mãos de uma parteira inexperiente triunfou das repugnâncias da doente. Descarregou o seu mau humor em Chatov, o qual atormentou, mais implacavelmente do que nunca, com os seus caprichos e

exigências. Chegou a proibi-lo de olhar para ela, como também de voltar a cabeça. À medida que as dores tomavam um caráter mais agudo, Maria expandia-se em imprecações e injúrias cada vez mais violentas.

— Então! Vamos fazê-la sair — observou Arina. — Tem ar de atrapalhado e, com a sua palidez cadavérica, só serve para meter medo! Que é que tem isto de extravagante ou de original? Que comédia!

Chatov não respondeu. Resolvera manter-se calado.

— Já vi pais estúpidos, em semelhantes casos, que perdiam também o espírito, mas tanto como...

— Cale-se, ou vá-se embora. Prefiro estourar! Não diga nem mais uma palavra. Não quero, não quero! — gritou Maria.

— É impossível não dizer nada e deve compreender isso, se não está privada da razão. É necessário pelo menos falar do que é preciso: diga, tem alguma coisa pronta? Responda, Chatov, que ela não pode pensar nisso.

— Que é preciso? Diga.

— Então, não tem nada preparado.

Indicou tudo aquilo de que necessitava, e devo fazer-lhe justiça, porque se limitou às coisas mais indispensáveis. Algumas estavam no quarto. Maria entregou ao marido uma chave para que procurasse no saco de viagem. Como lhe tremessem as mãos, demorou muito tempo a abrir a fechadura. A doente zangou-se. Por outro lado, como Arina se tivesse subitamente dirigido a Chatov para lhe pegar na chave. Maria não quis que a parteira visse o seu saco e insistiu, gritando e chorando, para que apenas o marido se encarregasse desse trabalho. Precisaram de ir buscar umas coisas a casa de Kirilov. Chatov não podia sair do quarto, porque a mulher o chamava em grandes gritos. Só acalmou depois de lhe ter jurado que não se demoraria mais do que um minuto.

— A senhora é difícil de contentar — casquinou a parteira. — Há pouco, o estribilho era: vira-te para a parede e não olhes para mim. Agora é outra coisa: não quero que saias daqui um instante que seja, e depois põe-se a chorar. Com certeza vai supor que é outra coisa! Vamos, vamos, não se zangue. Fico sempre satisfeita.

— Não se atreverá a pensar nada.

— Se não a amasse como um carneiro, não teria corrido pelas ruas até se cansar e fazer ladrar todos os cães da cidade. Quebrou um caixilho em minha casa.

Capítulo 5

Chatov encontrou Kirilov passeando de um lado para o outro do quarto e de tal maneira absorvido nos seus pensamentos que esquecera a vinda de Maria Chatov. Ouviu-o sem compreender.

— Ah, sim — disse ele, como que despertado a custo, e por um instante apenas, de uma ideia que o fascinava — sim... a parteira... Sua mulher ou a parteira? Espere: sua mulher e a parteira, não é assim? Já me lembro. Passei por casa dela. A parteira deve vir, mas não é para já. Sente-se nessa poltrona. Que mais ainda? Sim? Ouça, não tem por vezes a sensação da harmonia eterna?

— Sabe, Kirilov, nunca mais pode passar as noites sem dormir.

O engenheiro voltou a si e, coisa estranha, começou a falar de maneira muito mais corrente do que tinha por hábito fazer. Evidentemente as ideias que exprimia tinham-se fixado no seu espírito há muito tempo e tinha-as até talvez escrito.

— Há momentos na vida, mas apenas de cinco ou seis segundos, em que se sente de repente a presença da harmonia eterna. Este fenómeno não é terrestre, nem celeste, mas é qualquer coisa que o homem, sob o seu invólucro material, não pode suportar. É preciso transformar-se fisicamente ou morrer. É um sentimento claro e indiscutível, Parece-lhe que fica de súbito em contacto com toda a natureza e dirá: «Sim, isto é verdade». Quando Deus criou o mundo, disse, no fim de cada dia de criação: «Sim, isto é verdade, isto é bom». Isto é... isto não é ternura, é alegria. Não perdoe nada, porque nada mais há a perdoar. Também já não ama. Oh, este sentimento é superior ao amor. O mais terrível é a espantosa clareza, com a qual este fenómeno se manifesta, e a alegria de que nos enche. Se este estado dura mais de cinco segundos, a alma não lhe pode resistir e desaparece. Durante esses cinco segundos, vivo uma existência completa e por eles daria toda a minha vida, porque mesmo dessa forma não os pagaria caros demais. Para suportar isto durante dez segundos, é preciso transformarmo-nos fisicamente. Creio que o homem deve deixar de gerar. Para que há de ter filhos? Para que serve a propagação se se

atingiu o fim? O Evangelho diz que, depois da ressurreição, não haverá mais geração, seremos como anjos de Deus. É uma figura! A sua mulher está para dar à luz?

— Isso dá-lhe muitas vezes?

— Uma vez cada três dias, ou uma vez por semana.

— Não é epilético?

— Não.

— Há de vir a sê-lo. Tome cuidado. Tenho ouvido dizer que é precisamente assim que se começa. Um homem sujeito a essa doença fez-me uma descrição minuciosa da sensação que precede o ataque, e, ouvindo-o a si, julgo estar a ouvi-lo. Falou-me também dos cinco segundos e disse-me que era impossível suportar esse estado durante mais tempo. Lembre-se do cântaro de Maomet; enquanto se esvaziava, o profeta cavalgava para o paraíso. O cântaro são os cinco segundos; o paraíso é a harmonia de que está para aí a falar, e Maomet era epilético. Tome cautela para não vir também a sê-lo!

— Não terei tempo para isso — respondeu o engenheiro com um sorriso tranquilo.

Capítulo 6

A noite passou. Maria despediu Chatov, injuriou-o, chamou-o... e por fim acabou por conceber os maiores receios pela sua vida. Gritava que queria viver «acima de tudo, acima de tudo!»... e que tinha medo de morrer: «Não quero, não quero!» repetia ela. Sem Arina, as coisas teriam corrido muito mal. Pouco a pouco tornou-se senhora da sua cliente, que acabou por lhe obedecer com a docilidade de uma criança. A parteira procedia com severidade e não com carícias; em compensação sabia admiravelmente do seu ofício. A aurora começou a romper. Arina lembrou-se de repente que Chatov tinha ido rezar a Deus, para o patamar, e pôs-se a rir. A doente riu também, com riso mau, mordaz, que parecia consolá-la. Finalmente o marido foi expulso, de verdade. A madrugada estava húmida e fria. De pé, no cimo da escada, de face voltada para a parede, Chatov encontrava-se exatamente na mesma posição da véspera, na ocasião da vinda de Erkel. Tremia como uma folha e não se atrevia a pensar. Sonhos incoerentes, aos pedaços, apenas esboçados, lhe ocupavam o espírito. Do quarto chegaram-lhe, enfim, não gemidos, mas uivos terríveis, inexprimíveis. Quis tapar os ouvidos, mas foi em vão; só pôde cair de joelhos, a exclamar, sem saber o que dizia: «Maria, Maria!» Pouco depois ressoou novo grito, mas fraco, inarticulado, um vagido! Chatov estremeceu, levantou-se de um salto, fez o sinal da cruz e precipitou-se no quarto. Nos braços de Arina agitava-se um recém-nascido, um pequeno ser vermelho, enrugado, sem defesa, à mercê do menor sopro, mas que gritava para atestar o seu direito à vida. Estendida na cama, Maria parecia privada da consciência; todavia, ao cabo de um minuto, abriu os olhos e olhou para o marido de maneira estranha. Até então nunca ele tinha visto esse olhar e não pôde compreendê-lo.

— Um rapaz? Um rapaz? — perguntou à parteira com voz de cansada.

— Sim — respondeu esta, ocupada a enfaixar o pequeno.

Deu-o a segurar a Chatov por um instante, enquanto preparou as coisas para o meter na cama, entre dois travesseiros. A doente fez às escondidas

um pequeno sinal a seu marido, como se tivesse receio de ser vista por Arina. Este compreendeu logo e foi mostrar-lhe a criança.

A mãe sorria.

— Como é bonito... — murmurou debilmente.

A senhora Virguinsky estava radiante.

— Oh, como olha para ele! — disse com sorriso alegre, analisando o rosto de Chatov. — Repara para esta cabeça!

— Regozije-se, Arina... É uma grande alegria... — balbuciou este, com ar de beatitude idiota.

Estava radiante por ouvir as palavras pronunciadas pela Maria acerca da criança.

— Que alegria tão grande pode haver para si neste facto? — retorquiu, rindo-se, Arina, que não se poupava ao trabalho e trabalhava como uma escrava.

— O segredo da aparição de um ser, um grande e inexplicável mistério, Arina! Que pena que não compreenda isto!

Com a sua exaltação, Chatov gaguejava e palavras confusas pareciam brotar-lhe da alma. Sem querer, dir-se-ia que tinha qualquer coisa desarranjada no cérebro.

— Havia dois seres humanos e eis que de repente surge um terceiro, um espírito novo, completo, acabado, como nunca o são as obras das mãos do homem, um novo pensamento, um amor novo... Não há nada no mundo que esteja acima disto.

A parteira soltou uma gargalhada espontânea.

— Que está ele a palrar! É simplesmente o desenvolvimento ulterior de um organismo e não há nada de misterioso nesta coisa. Dessa forma, qualquer mosca seria um mistério. Mas há uma coisa: as pessoas que são de mais não deviam vir ao mundo. Começam por fazer de maneira que não sejam de mais, mas a seguir engendram-nas. E depois o que acontece? Este, por exemplo, depois de amanhã manda-se para um asilo. Também assim é preciso!

— Não consentirei que seja mandado para um asilo — disse em tom firme Chatov, que olhava fixamente para o soalho.

— Adotá-lo-á?

— É já meu filho.

— Sem dúvida é um Chatov; à face da lei, é o pai. Não tem razão para se julgar benfeitor do género humano. Ou precisa falar sempre

pretensiosamente. Vamos, vamos, está bem, mas, meus senhores, é tempo de me ir embora — disse a senhora Virguinsky, quando acabou todos os preparativos. — Virei de manhã. Se fosse preciso passaria aqui a noite, porém agora como tudo terminou com felicidade, vou-me embora para junto de outras que me esperam há muito tempo. Não tem uma velha que vive em sua casa, Chatov? Tanto faz ela como outra qualquer, porém não deixe por esse motivo sua mulher, seja bom marido... Fique junto dela, pois pode ser preciso. Suponho que a Maria não o repelirá. Vamos, vamos, estou a brincar...

Chatov acompanhou Arina até à porta da rua. Antes de sair, ela disse-lhe:

— Divertiu-me como nunca na minha vida. Não lhe levarei dinheiro. hei de sonhar e rir ainda. Nunca vi pessoa tão engraçada como o senhor esta noite!

E foi-se embora muito contente. A maneira de proceder e de falar de Chatov tinham-lhe provado claramente que semelhante «esfregão», um homem em quem o orgulho da paternidade era tão grande, não podia ser denunciante. Embora tivesse uma cliente para visitar na vizinhança da rua *Épiphanie*, Arina voltou diretamente para casa, ansiosa como estava por dar parte das suas impressões a seu marido.

— Maria, ela pediu-me para dormires, durante certo tempo, embora seja um tanto difícil, estou a ver — começou Chatov, timidamente. — Vou-me pôr ali, perto da janela, e velarei por ti, sim?

Sentou-se junto da janela, por detrás do sofá, a fim de que ela não o visse. Não passara um minuto e já ela o chamava, para em tom desdenhoso lhe pedir que arranjasse o travesseiro. Ele obedeceu. Ela olhava para a parede, encolerizada.

— Não é assim! Oh, não é assim! Que desajeitado.

Chatov tornou a compô-lo.

A doente teve uma fantasia esquisita:

— Baixa-te — disse ela, de súbito, a seu marido, empregando todos os esforços para não olhar para ele.

Este sentiu um arrepio, mas inclinou-se para ela.

— Mais... assim não... mais perto...

Passou bruscamente o braço esquerdo à volta do pescoço do marido, o qual sentiu na fronte um beijo ardente da mulher.

— Maria!

Tinha os lábios trémulos e estava hirta. Porém levantou-se um pouco, com os olhos brilhantes.

— Nicolau é um miserável — exclamou ela.

Em seguida recaiu sem forças sobre a cama, escondeu o rosto no travesseiro e pôs-se a soluçar, conservando a mão de Chatov intimamente apertada na sua.

A partir deste instante nunca mais o deixou afastar-se. Quis que ficasse sentado à cabeceira da cama. Não podia falar muito, mas não se fartava de o contemplar, com um sorriso de bem-aventurada. Parecia ter-se tornado numa tolinha. Era por assim dizer um renascimento completo. Quanto a Chatov, ora chorava como uma criança, ora dizia, sabe Deus, quantas extravagâncias, beijando-lhe as mãos! Ela ouvia enlevada, talvez sem compreender, enquanto os seus dedos afilados alisavam e acariciavam amorosamente os cabelos do marido. Ele falava de Kirilov, da nova vida que ia agora começar para eles, da existência de Deus, da bondade dos homens em geral. Depois, com olhar arrebatado, puseram-se a observar a criança.

— Maria — exclamou Chatov, que tinha a criança no colo — acabámos, não é verdade, com a loucura passada, com a infâmia e com a corrupção. Deixa-me procurar e entraremos todos três por novo caminho, sim, sim! Ah, mas como te chamaremos, Maria?

— A ele? Como lhe chamaremos?— disse ela com espanto e num instante as suas feições tomaram uma expressão de terrível sofrimento.

Bateu as mãos, deitou a Chatov um olhar repreensivo e enterrou a cabeça no travesseiro.

— Maria, que tens? — perguntou assustado.

— E pudeste, pudeste... Oh, ingrato.

— Maria, perdoa, queria somente saber o nome. Não sei...

— Ivan, Ivan — respondeu ela com entusiasmo, levantando a face coberta de lágrimas. — Pudeste na verdade supor que se lhe daria qualquer outro nome, um nome repelente?

— Maria, sossega... Oh, como estás nervosa.

— Mais uma indelicadeza. Porque atribuis isto aos nervos? Aposto que, se tivesse dito para lhe dares um nome odioso, terias consentido imediatamente, sem mesmo prestar atenção. Oh, os ingratos dos homens! Todos, todos!

É inútil dizer que um momento depois se reconciliaram. Chatov persuadiu Maria a descansar. Adormeceu, sem mais largar a mão do marido; de vez em quando despertava, olhava para ele, como se tivesse medo de o ver afastar, e fechava de novo os olhos.

Kirilov mandou a velha apresentar-lhe as suas «felicitações» e levar-lhe, além disso, chá quente, costeletas acabadas de grelhar e caldo com pão branco para a «Maria Ignatievna». A doente tomou o caldo com sofreguidão e obrigou o seu marido a comer uma costeleta. Entretanto a velha tratou da criança.

O tempo passou. Vencido pelo cansaço, Chatov adormeceu também na cadeira e deixou cair a cabeça no travesseiro de Maria. Arina, fiel à sua promessa, chegou neste espaço de tempo. Acordou os dois, fez a Maria os tratamentos e as recomendações precisas, examinou a criança e proibiu a Chatov de se afastar. A parteira dirigiu em seguida ao «feliz casal» algumas piadas e retirou-se tão contente como viera.

Estava escuro quando Chatov acordou. Apressou-se a acender uma vela e correu a procurar a velha; contudo, logo que principiou a descer a escada, não sem espanto, ouviu alguém subir os degraus, com passo ligeiro. O visitante era Erkel.

— Não entre! — disse Chatov em voz baixa, agarrando rápido o jovem pelo braço e fazendo-o retroceder até à porta principal. — Espere aqui. Saio já. Esqueci-me completamente de si. Como sabe fazer-se lembrado!

Estava tão apressado que não foi a casa de Kirilov, mas sim se contentou em chamar a velha. Maria indignou-se ante o arrojo de se atrever a deixá-la só.

— É para ultimar umas coisas gritou Chatov, exaltado. — Depois entraremos num novo caminho e nunca mais, nunca mais pensaremos nos antigos horrores!

Conseguiu, da melhor maneira que pôde, fazê-la compreender e prometeu-lhe estar de volta às nove horas em ponto. Abraçou-a ternamente, beijou a criança e correu a encontrar-se com Erkel.

Tinham de ir ao parque dos Stavroguine, em Skvorechniki, pois fora ali que, dezoito meses antes, enterrara a máquina de imprimir que lhe tinha sido confiada. Situado bastante longe do lugar habitado, o sítio era ermo e muito bem escolhido para servir de esconderijo. Da casa Filippov a esse lugar deviam ser três *verstas* e meia, ou talvez quatro.

— Será possível fazermos o caminho a pé? É melhor chamar uma carruagem.

— Não faça nada disso, peço-lhe — respondeu Erkel. — Insistiram muitíssimo nesse ponto. Um cocheiro é uma testemunha.

— Que diabo... Pouco importa... O principal é acabar com isto!

Puseram-se a caminho em passo rápido.

— Erkel, é ainda muito novo! — exclamou Chatov. — Já foi alguma vez feliz?

— O senhor parece que agora o é bastante — observou o oficial, intrigado.

Parte 7

Capítulo 1

Durante o dia, Virguinsky passou duas horas a correr as casas dos que pertenciam ao partido: desejava dizer-lhes que Chatov não os denunciaria, visto sua mulher ter voltado para casa; que lhe nascera um filho e que, «conhecendo o coração humano», era de opinião que não deviam considerá-lo, nesta ocasião, como um homem perigoso. Mas, com grande pesar, procurou-os em vão quase em toda a parte; apenas Erkel e Liamchine estavam em casa. O primeiro fitou os olhos claros no visitante e ouviu-o em silêncio. Quando Virguinsky lhe perguntou claramente se iria à reunião às seis horas, respondeu, com o mais franco sorriso, que sobre isso não podia haver dúvida.

Liamchine estava deitado e parecia estar seriamente doente; puxava a coberta para cima da cabeça. A chegada de Virguinsky espantou-o. Logo que este começou a falar, pôs depressa os braços fora da roupa e começou a agitá-los, suplicando que o deixassem descansar. Não obstante, ouviu até final o que lhe contou de Chatov e a notícia de que Virguinsky procurara em vão todos os restantes do partido. Isto causou-lhe uma impressão extraordinária. Já sabia — por Lipoutine — da morte de Fedka e falou disso com certa perturbação ao visitante que, por sua vez, ficou chocado com este acontecimento. À pergunta: «deve-se ir ou não?», Liamchine respondeu, agitando de novo os braços, que era alheio a tudo, que não sabia nada e que deviam deixá-lo em paz.

Virguinsky voltou para casa muito oprimido e também muito inquieto; custava-lhe não poder fazer confidências à família, porque tinha por costume dizer tudo a sua mulher e se uma ideia nova, uma maneira de arranjar as coisas amigavelmente não lhe brotasse do cérebro excitado, meter-se-ia talvez na cama como Liamchine. Mas a ideia que o espírito lhe sugerira, deu-lhe forças e até, na sua impaciência de pôr esse projeto em execução, fê-lo partir antes da hora para o ponto da reunião.

Era um sítio muito sombrio, situado na extremidade do grande parque dos Stavroguine. Mais tarde fui expressamente visitá-lo. Como devia parecer triste nessa húmida tarde de outono. Ali começava um cerrado e

antigo bosque; enormes pinheiros seculares desenhavam manchas negras na escuridão. Era esta tão grande que a dois passos era difícil ver alguém. Pedro e Lipoutine levaram umas lanternas. Erkel levou também uma. Em época muito recuada, e por motivos que ignoro, tinham construído neste lugar, com pedra bruta, sem esquadria, uma gruta de aspeto bastante bizarro. A mesa e os banquinhos que estavam no interior da gruta eram há muito vítimas da podridão. A duzentos passos à direita terminava o terceiro lago do parque. Os outros compartimentos de água eram a seguir: entre o primeiro, que começava mesmo junto da casa, e o último, que terminava exatamente ao fundo do parque, havia mais de uma *versta* de distância. Não era de presumir que um barulho qualquer, um grito, ou mesmo um tiro, chegasse aos ouvidos de algumas pessoas ainda residentes na casa de Stavroguine. Depois da partida de Nicolau e de Aléxis, apenas lá ficaram cinco ou seis indivíduos, criados inválidos, por assim dizer. Em todo o caso, supondo mesmo que estas criaturas ouvissem gritos, chamadas desesperadas, era certo que nenhuma delas deixaria o seu fogão para os ir socorrer.

Às seis horas e vinte acharam-se todos reunidos, exceto Erkel, que tinha sido encarregado de ir procurar Chatov. Desta vez Pedro não se fez esperar e veio acompanhado de Tolkatchenko. Este último estava muito pensativo. A sua presunção e a sua bazófia descarada haviam desaparecido por completo. Não deixava Pedro, a quem tentava demonstrar dedicação sem limites: aproximava-se continuamente dele com aspeto azafamado e falando-lhe em voz baixa, porém ele não lhe respondia ou resmungava-lhe, em tom zangado, algumas palavras para se livrar dele.

Chigalev e Virguinsky chegaram alguns minutos antes de Pedro e, logo que este apareceu, retiraram-se um pouco para o lado, sem proferirem uma única palavra; este silêncio era evidentemente premeditado, Pedro levantou a lanterna e foi observá-los por debaixo do nariz, com um à vontade insultuoso.

«Querem falar», pensou.

— Liamchine não está? — perguntou em seguida Pedro a Virguinsky. — Quem disse que estava doente?

Liamchine, que se conservara escondido atrás de uma árvore, apressou-se a aparecer.

— Presente — disse ele.

O judeu vestira um casaco de inverno, que o envolvia dos pés à cabeça, de modo que, mesmo com uma lanterna, não era fácil distinguir-lhe as feições,

— Então só falta Lipoutine?

A estas palavras, Lipoutine saiu silenciosamente da gruta, Pedro de novo levantou a lanterna.

— Por que é que se meteu aí? Por que não saiu?

— Suponho que temos liberdade de movimentos — murmurou Lipoutine, que de resto não sabia bem o que queria dizer.

— Senhores — começou Pedro, levantando a voz, o que causou sensação, porque até ali todos tinham falado baixo — penso que compreendeu bem que passou a hora das deliberações. Tudo foi dito, prescrito e decidido na sessão de ontem. Mas talvez, a julgar pelas fisionomias, algum dos senhores deseje tomar a palavra. Nesse caso, peço-lhe para se apressar. O diabo me leve... mas não temos muito tempo e Erkel pode aparecer de um momento para o outro.

— Há de aparecer, com certeza — observou Tolkatchenko.

— Se não me engano, em primeiro lugar será entregue a tipografia, não é verdade? — perguntou Lipoutine, sem saber ao certo por que fazia a pergunta.

— Naturalmente, não nos vamos arriscar a perder o negócio — respondeu Pedro, fazendo incidir a luz no rosto de Lipoutine. — Ontem porém foi decidido, de comum acordo, que não levaríamos hoje a máquina. Que indique apenas o lugar onde a enterrou. Mais tarde desenterrá-la-emos. Sei que está escondida aqui, em qualquer parte, a dez passos de um dos cantos desta gruta... Mas o diabo me leve como se esqueceu disso, Lipoutine? Ficou combinado que iria só, ao seu encontro, e que em seguida sairíamos nós... É esquisito que faça essa pergunta, ou então fala para não dizer nada?

O rosto de Lipoutine tornou-se sombrio, mas não retorquiu. Todos se calaram. O vento agitava os ramos dos pinheiros.

— Espero, meus senhores, que cada qual cumprirá o seu dever — declarou, impaciente, Pedro.

— Sei que a mulher de Chatov voltou para junto dele e que acaba de ter uma criança — disse de súbito Virguinsky, cuja emoção era tal que mal podia falar. — Conhecedor do coração humano... podemos estar certos de que agora não nos denunciará... porque é feliz. Por isso, de manhã, fui a

casa de todos, mas não encontrei ninguém... Suponho que agora não há talvez mais nada a fazer...

A respiração faltou-lhe e teve de parar.

Pedro aproximou-se dele em passo rápido.

— Se o senhor Virguinsky fosse feliz de repente, renunciaria (não digo a denunciar, não se trata disso!) mas renunciaria a cumprir um perigoso ato de civismo, cuja ideia tivesse sido concebida antes de ser feliz, considerada como um dever, como uma obrigação para si, quaisquer que fossem os riscos a que estivesse sujeita a sua felicidade?

— Não, não renunciaria! Por nada no mundo renunciaria! — respondeu Virguinsky com um entusiasmo desastrado.

— Em vez de ser um cobarde, preferia tornar a ser infeliz?

— Sim, sim... E mesmo ao contrário... quereria ser um perfeito cobarde... isto é, não... cobarde não, mas pelo contrário, ser antes completamente infeliz, do que ser cobarde.

— Então, fique sabendo que Chatov considera esta denúncia como uma façanha cívica, como um ato imperiosamente exigido pelos seus princípios, e a prova é que, ele próprio, se coloca muito mal para com o governo, ainda que, como delator, deva esperar muita indulgência. Um homem assim não renunciará ao seu desígnio por nada deste mundo. Não há felicidade que o possa comover. Daqui a vinte e quatro horas cairá nele, ficará atormentado de remorsos e executará o que projetou. Além disso, não vejo que Chatov tenha motivo para ser tão feliz, porque sua mulher, depois de três anos de separação, lhe entrou em casa para dar à luz uma criança, filha de Stavroguine.

— Mas ninguém viu a denúncia — objetou, em tom firme, Chigalev.

— Vi-a eu — gritou Pedro. — Existe e tudo isto é muito estúpido, meus senhores!

— E eu — disse Virguinsky, encolerizando-se de repente — protesto... Quero... Vou dizer o que quero: quando chegar, vamos todos ter com ele e interrogamo-lo: se for verdade, fá-lo-emos arrepender... Se der a palavra de honra, deixá-lo-emos ir embora. Seja como for, deve ser julgado, devem observar-se as formas jurídicas. Não deve haver ciladas.

— Aventurar a obra comum por uma palavra de honra é o cúmulo da asneira! Diabos me levem, mas isto é estúpido, agora, meus senhores! Que papel assumem no momento do perigo.

— Protesto, protesto — não cessava de repetir Virguinsky.

— Pelo menos não grite, pois não ouviremos o sinal... Chatov, meus senhores... O diabo me leve em como isto é estúpido agora! Disse-lhes que Chatov é eslavófilo, isto é, um dos homens mais estúpidos... Contudo, isto nada significa... Fizeram-me perder a sequência das ideias! Chatov, meus senhores, é um homem irascível e como, apesar de tudo, pertencia à sociedade, desejei até ao último minuto esperar que se pudessem utilizar os seus ressentimentos no interesse da obra comum. Poupei-o, perdoei-lhe, não obstante as instruções terminantes que tinha! Tive por ele cem vezes mais indulgência do que merecia! Acabou por nos denunciar? Pior para ele! E agora, fazei o possível por ceder. Nenhum de vós tem o direito de abandonar a obra. Podem abraçar Chatov, se quiserem, mas não têm o direito de entregar a obra comum à mercê de uma palavra de honra. Os porcos e as pessoas vendidas ao governo é que se portam assim!

— Quem é que está aqui vendido ao governo? — perguntou Lipoutine.

— Vós, talvez. Fazia melhor em se calar, Lipoutine. Fala por falar, como é seu costume. Chamo vendidos, senhores, a todos os que recuam na hora do perigo. Há sempre no último instante um imbecil que, tomado de terror, corre, gritando: «Ah! perdoa-me, entrego-os todos!» Saibam, senhores, que agora já não há denúncia que possa valer-lhes perdão. Abatendo mesmo dois graus à pena, é sempre a Sibéria para cada um, sem talar de outro castigo ao qual não escapam. Há uma espada mais afiada do que a do governo.

Pedro estava furioso e a cólera fazia-lhe dizer muitas palavras inúteis. Chigalev adiantou-se ousadamente para ele.

— Desde ontem, refleti no assunto — começou, em tom frio, metódico e seguro como tinha por costume; a terra poder-se-ia abrir a seus pés que julgo não levantaria uma só nota à voz, nem mudaria uma palavra ao discurso — refleti no assunto e convenci-me de que não só o assassinato projetado faria perder um tempo precioso, que podia ser empregado de maneira mais prática, mas ainda que este constitui um desvio funesto da vereda normal, desvio que prejudicará sempre a obra comum, que atrasará o seu êxito em muitas dezenas de anos, subtraindo à influência dos puros socialistas os homens frívolos e políticos. O meu único fim ao vir aqui é protestar, para bom exemplo, contra a tentativa projetada e em seguida recusar o meu concurso no momento presente, que vós chamais, não sei porquê, o momento do perigo. Retiro-me, não com medo desse perigo, nem por simpatia por Chatov, que não quero abraçar de

modo nenhum, mas apenas porque esta questão está, desde uma ponta à outra, em contradição total com o meu programa. Quanto a ser delator ou homem vendido ao governo, não o sou, podem estar muito sossegados no que me diz respeito: não os denunciarei.

Voltou o rosto e afastou-se.

— Diabos me levem! Vai encontrá-los e avisará Chatov! — exclamou Pedro, ao mesmo tempo que pegou no revólver e pôs-se em guarda.

A este barulho, Chigalev voltou-se.

— Pode estar certo de que, se encontrar Chatov no caminho, talvez o cumprimente, mas não o aviso.

— Sabe que poderia fazer-lhe pagar isso, senhor Fourier?

— Peço-lhe para reparar que não sou Fourier. Confundindo-me com esse insípido extrator de quinta essência, prova que o meu manuscrito lhe é totalmente desconhecido, ainda que o tenha tido entre mãos. No que diz respeito à sua vingança, digo-lhe que fez mal em pegar no revólver. Neste momento pode ser-lhe muito prejudicial. Se conta realizar a sua vingança, amanhã ou depois é a mesma coisa; queimando-me os miolos não faz senão atrair embaraços inúteis. Pode matar-me, mas cedo ou tarde chegará ao meu sistema. Adeus.

De repente ouviu-se assobiar a duzentos passos dali, no parque, do lado do tanque. Segundo o combinado na véspera, Lipoutine respondeu imediatamente a este sinal. Tendo a boca bastante desprovida de dentes, comprara pela manhã um pequeno assobio de um *kopek,* num bazar, daqueles que as crianças se servem. Pelo caminho, Erkel prevenira Chatov que seriam trocados uns assobios, de modo que este não concebeu nenhuma suspeita.

— Não se inquiete. À sua aproximação, desvio-me para o lado e não me verão — disse em voz baixa Chigalev.

Tranquilamente, sem se apressar, voltou para sua casa, atravessando o parque mergulhado na escuridão.

Conhece-se agora até aos mínimos pormenores este terrível drama. Os dois recém-chegados encontraram perto da gruta Lipoutine, que viera ao seu encontro. Sem o saudar, sem lhe estender a mão, Chatov entrou bruscamente no assunto.

— Muito bem... Onde está a enxada? — perguntou com voz forte. — Não tem aí outra lanterna? Não tenha medo, estamos sós e um tiro de

canhão, disparado aqui, não o ouviriam em Skvorechniky. Repare, é aqui, neste mesmo sítio.

O local indicado, batendo com o pé, achava-se com efeito a dez passos de um dos cantos da gruta, do lado do bosque. No mesmo instante, Tolkatchenko, até ali disfarçado por uma árvore, atirou-se sobre ele e Erkel prendeu-lhe os braços; enquanto estes o seguravam por detrás, Lipoutine assaltou-o pela frente. Num abrir e fechar de olhos Chatov foi deitado por terra e os seus três inimigos conservaram-no de costas contra o solo. Nessa ocasião Pedro acercou-se, de revólver em punho. Dizem que Chatov teve tempo de voltar a cabeça e de o reconhecer. Três lanternas iluminavam esta cena. O desgraçado deu um grito desesperado, mas fizeram-no calar imediatamente. Com mão firme, Pedro colocou-lhe na nuca o cano do revólver e comprimiu o gatilho. A detonação não foi muito forte, porque em Skvorechniki não a ouviram. Chigalev encontrava-se apenas a trezentos passos dali. Naturalmente ouviu tanto o grito de Chatov como o tiro, mas, como declarou mais tarde, não se voltou e continuou o seu caminho. A morte foi quase instantânea. Somente Pedro conservou a presença de espírito precisa, bem como o sangue-frio; baixou-se sobre a vítima e pôs-se a examiná-la. Cumpriu esta tarefa precipitadamente, mas sem tremer. O defunto não trazia dinheiro com ele. A bolsa do dinheiro ficara sobre o travesseiro de Maria Ignatievna. As pesquisas feitas no vestuário apenas descobriram três insignificantes bocados de papel: uma nota de contabilidade, o título de um livro e uma velha conta de um restaurante, que datava da estada de Chatov no estrangeiro e que conservava havia dois anos, só Deus sabe porquê! Pedro meteu estes papéis no bolso e depois, reparando na inação dos seus cúmplices, que, em grupo, à volta do cadáver, o contemplavam sem fazer nada, ficou furioso e invetivou-os grosseiramente. Tolkatchenko e Erkel, voltando a si, correram a procurar na gruta duas pedras, pesando cada uma vinte quilos, que lá tinham colocado de manhã, já preparadas, isto é, presas solidamente a umas cordas. Como tinham resolvido antes, deitariam o corpo no lago mais próximo — no terceiro. Tratava-se agora de ligar essas pedras, uma aos pés e a outra ao pescoço do cadáver. Foi Pedro quem se encarregou deste trabalho. Tolkatchenco e Erkel limitaram-se a segurar as pedras e a dar-lhe as cordas, praguejando. Pedro ligou primeiro uma das cordas aos pés da vítima, ou seja a que lhe entregou Erkel. Esta operação foi bastante demorada e enquanto durou, Tolkatchenko não teve a ideia de colocar a

sua pedra no chão: respeitosamente inclinado, conservou-a sempre nas mãos, a fim de a poder entregar à primeira voz. Quando por fim tudo terminou e Pedro se levantou para observar a fisionomia dos assistentes, produziu-se um facto completamente inesperado, cuja surpresa espantou quase toda a gente.

Como o leitor reparou, entre os do partido, só Tolkatchenko e Erkel ajudaram Pedro na tarefa. No momento em que todos se atiraram sobre Chatov, Virguinsky fez o mesmo, mas absteve-se de o agredir. Quanto a Liamchine, só o viram depois do tiro. A seguir, durante os dez minutos que durou o trabalho de Pedro e dos seus dois auxiliares, podia-se dizer que os outros três se tornaram parcialmente inconscientes. Nenhuma perturbação nem inquietação os agitou: só pareciam experimentar um sentimento de surpresa. Lipoutine conservava-se à frente dos companheiros, junto do cadáver. De pé, atrás dele, Virguinsky, olhando por cima do ombro com curiosidade de basbaque, chegava a levantar-se na ponta dos pés para ver melhor. Liamchine estava escondido atrás de Virguinsky e só de tempos a tempos levantava a cabeça, lançando um olhar furtivo, depois do qual se ocultava rápido. Logo porém que as pedras ficaram ligadas e que Pedro se levantou, Virguinsky pôs-se de repente a tremer todo, batendo com as mãos uma na outra e, com voz retumbante, exclamou dolorosamente:

— Não é isto, não é isto! Não, não é nada disto!

Teria acrescentado mais qualquer coisa a estas exclamações, mas Liamchine não lhe deu tempo para isso: como se achava atrás dele, pegou-lhe rapidamente pelo meio do corpo e apertando-o com toda a força, começou a proferir gritos inauditos. Há momentos de grande terror, como por exemplo quando se houve de repente um homem gritar com voz que não é a sua e que ninguém suspeitava que tivesse. A voz de Liamchine nada tinha de humana e parecia pertencer a um animal feroz. Enquanto estreitava Virguinsky cada vez com mais força, não parava de tremer, olhando para todos com os olhos muito abertos, abrindo desmedidamente a boca e batendo com os pés. Virguinsky ficou de tal modo assustado, que se pôs a gritar como um idiota; ao mesmo tempo, com grande cólera, inesperada num homem tão calmo, esforçava-se por se libertar, batendo e arranhando Liamchine tanto quanto podia. Este encontrava-se atrás deles. Erkel veio em seu socorro e deu ao judeu uma forte sacudidela, que o obrigou a largar a presa. No seu terror, Virguinsky correu a refugiar-se dez

passos mais longe. Então Liamchine, avistando de repente Pedro, atirou-se a ele, gritando de novo. Batendo com o pé no cadáver, caiu em cima de Pedro, agarrou-o pelos braços e encostou-lhe a cabeça contra o peito com força tal que, no primeiro momento, nem Pedro, nem Tolkatchenko, nem Lipoutine, puderam fazer coisa nenhuma. O primeiro deu gritos, vomitou injúrias e encheu de murros a cabeça que obstinadamente se lhe encostara ao peito. Conseguindo por fim desembaraçar-se um pouco, pegou no revólver e apontou-o à boca sempre aberta de Liamchine; por sua vez Tolkatchenko, Erkel e Lipoutine agarraram-nos pelos braços, mas ele continuou a gritar, apesar do revólver que o ameaçava. Para o fazer calar foi preciso que Erkel lhe metesse a gravata na boca, em forma de bucha. Quando o judeu acabou de ser amordaçado, Tolkatchenko ligou-lhe as mãos com o resto da corda.

— É muito esquisito — disse Pedro, examinando o louco com espanto e ao mesmo tempo com inquietação.

O seu espanto era visível.

— Tinha dele uma opinião completamente diferente — acrescentou, pensativo.

Confiaram a Erkel a guarda de Liamchine por algum tempo. Foram obrigados a fazer desaparecer o mais depressa possível o cadáver, porque os gritos tinham sido tão penetrantes e tão prolongados que poderiam ter-se ouvido em qualquer parte. Tolkatchenko e Pedro, munidos das lanternas, agarraram o corpo pela cabeça; Lipoutine e Virguinsky agarraram-no pelos pés, e puseram-se em marcha. As duas pedras tornavam o fardo pesado e a distância a percorrer era de duzentos passos. Tolkatchenko era o mais forte dos quatro e propôs que era melhor ir a passo. Ninguém lhe respondeu e cada qual andou conforme lhe aprouve. Pedro, quase dobrado em dois, levava ao ombro a cabeça do morto e com a mão esquerda segurava a pedra por debaixo. Como durante mais de meio caminho Tolkatchenko não se resolvesse a ajudá-lo nessa parte da tarefa, Pedro acabou por o injuriar. Os outros mantiveram-se calados durante o percurso e foi só quando chegaram à beira do lago que Virguinsky, parecendo extenuado, repetiu de súbito, com voz desolada, a exclamação habitual:

— Não é isto! Não, não, não é nada disto...

O local onde terminava este grande lago era um dos mais solitários e menos visitados do parque, sobretudo nessa época do ano. Colocaram no

chão as lanternas e, depois de terem dado um impulso ao cadáver, lançaram-no ao lago.

Ouviu-se um barulho surdo e prolongado. Pedro voltou a pegar na lanterna; todos se aproximaram da beira com curiosidade, mas o corpo, arrastado pelas duas pedras, desaparecera para o fundo do lago, não se vendo por isso mais nada. O crime estava concluído.

— Meus senhores — disse Pedro — vamo-nos separar. Cada um sente, sem dúvida, aquele orgulho inseparável e resultante do dever cumprido. Se, por infelicidade, estão alguma coisa comovidos nesta ocasião para poderem experimentar semelhante sentimento, com certeza o sentirão amanhã; seria vergonhoso que acontecesse de outra maneira. Só compreendo o indigno enfurecimento de Liamchine como um delírio, resultante de uma febre elevada, tanto mais que, segundo disseram, está realmente doente desde esta manhã. Enquanto a si, Virguinsky, um minuto apenas de calma reflexão lhe demonstrará que não podíamos, sem se comprometer a obra social, ficar satisfeitos com uma simples palavra de honra e que fizemos precisamente o que se devia fazer. verão com o andar dos tempos que a denúncia tinha sido feita. Consinto em esquecer os protestos que fizeram. Quanto ao perigo, não posso prevê-lo. A ideia de duvidar de algum de nós ninguém a terá, sobretudo se souberem conduzir-se; o principal, portanto, depende dos senhores e da sua plena satisfação, que tornarão mais firme, de amanhã por diante. Assim o espero de todo o meu coração. O termo-nos reunido em grupo, foi, entre outros motivos, para nos encorajarmos no momento preciso e em caso de necessidade para nos vigiarmos uns aos outros. Cada um de nós tem pesada responsabilidade. Fomos chamados a reconstruir sobre novos alicerces um edifício decrépito e carunchoso; tenhamos sempre isto em vista para estimularmos a nossa coragem. Atualmente compete-nos destruir o Estado e a sua moralidade. Ficaremos só nós, os que nos preparámos de antemão para tomarmos conta do poder: arrebanharemos os homens inteligentes e passaremos sobre a barriga dos imbecis. Não fiquem perturbados com este meu modo de falar. É preciso tornar a educar a geração presente para a tornar digna da liberdade. Os Chatov contam-se ainda por milhares. Organizemo-nos para ter entre as mãos a direção dos espíritos: o que estiver vago e se nos oferecer de boa vontade, será vergonhoso não o aproveitarmos. Vou daqui a casa de Kirilov. Amanhã de manhã hão de encontrar em cima da mesa dele a declaração, que ele próprio há de

escrever antes de se matar, e pela qual se confessará culpado de tudo. Esta combinação vai ter todas as aparências de verdadeira. Primeiro, estava de mal com Chatov; viveram juntos na América, mas depois, com o tempo, zangaram-se. Segundo, sabe-se que Chatov mudou de ideias. Acharão naturalíssimo que Kirilov assassinasse um homem que devia detestar como renegado e por quem recearia ser denunciado. Além disso, tudo isto será esclarecido na Carta. Ela revelará também que Fedka morou em casa de Kirilov. Como veem, de uma maneira simples, afastaremos de nós a mínima suspeita e todas essas cabeças lãzudas hão de ficar completamente desnorteadas. Amanhã, meus senhores, não nos veremos. Devo fazer uma viagem (pequena, por sinal!) até uma aldeia do distrito. Mas depois de amanhã hão de ter notícias minhas. Aconselho-os a passar o dia de amanhã em casa. Agora vamos voltar para a cidade, seguindo caminhos diferentes. Peço-lhe, Tolkatchenko, para tratar do Liamchine e para o levar para casa. Pode dominá-lo e sobretudo fazer-lhe compreender que será a primeira vítima da sua *pusilanimidade.* Senhor Virguinsky, não quero duvidar do seu parente Chigalev, nem de si. Ele não nos denunciará. No entanto devo lastimar a forma como se conduziu; bem sei que não manifestou intenção de deixar a sociedade e é muito cedo ainda para o enterrar. Desapareçamos rápidos, meus senhores; embora tenhamos de tratar com cabeças de carneiro, a prudência não prejudicou nunca.

Virguinsky partia com Erkel. Este, depois de ter entregado Liamchine a Tolkatchenko, declarou a Pedro que o louco voltara à razão, que estava arrependido, que pedia perdão e não se lembrava do que tinha feito. Pedro foi embora sozinho, dando uma volta que tornava muito maior o caminho a percorrer. A meio da distância para a cidade, ficou deveras surpreendido por encontrar Lipoutine junto de si.

— Pedro, o Liamchine vai-nos denunciar.

— Não, há de refletir e há de compreender que, denunciando-nos, há de ser o primeiro a ser enviado para a Sibéria. Ninguém nos denunciará, nem mesmo tu.

— E tu?

— Bem entendido, faria com que todos fossem presos, se se lembrassem de me trair. Já o sabem. Não nos trairão. E foi para isto que andaste mais duas *verstas* para me alcançar?

— Pedro, Pedro, talvez não nos tornemos a ver!

— Que te inspirou essa ideia?

— Diz-me só uma coisa.

— O que é? Sabes o que eu quero? É que desapareças.

— Dá-me uma única resposta, mas verdadeira: somos o único quinquavirato que existe na Rússia, ou há na realidade mais algumas centenas? Ligo a esta pergunta a maior importância.

— A tua exaltação está a prová-lo. Reconheces que és mais perigoso do que Liamchine?

— Sei, sei, mas uma resposta, diz!

— És estúpido! Um ou mil quinquaviratos devem ser para ti a mesma coisa, neste momento, não te parece?

— Vejo que há um só. Tinha as minhas dúvidas! — exclamou Lipoutine. — Pensei sempre, com efeito, que era um só...

Sem esperar resposta, retrocedeu caminho e per» deu-se na escuridão.

Pedro ficou um momento pensativo.

— Não, ninguém nos denunciará — disse resolutamente — mas o grupo deve conservar a sua organização e obedecer, ou eu os... Que ordinária é esta gente!

Capítulo 2

Passou em primeiro lugar por sua casa e metodicamente, sem se apressar, fez a mala. Um comboio expresso partia no dia seguinte às seis horas da manhã. Era uma experiência que estava a fazer ainda há pouco tempo a administração dos caminhos de ferro e por isso só organizava este comboio pela manhã e uma vez por semana. Embora Pedro tivesse dito aos do seu partido que ia com pouca demora visitar uma aldeia do distrito, as suas intenções eram muito outras, como os acontecimentos o demonstraram. Feitos os preparativos para a partida, pagou à sobrealuga, que já tinha sido prevenida por ele, alugou um carro e fez-se conduzir a casa de Erkel, que morava próximo da estação. Em seguida, pela uma hora da manhã, foi a casa de Kirilov, no domicílio do qual se introduziu clandestinamente, como na visita anterior.

Pedro estava de muito mau humor. Sem falar noutras contrariedades que lhe eram extremamente sensíveis — ainda não tinha sabido nada do que dizia respeito a Stavroguine — pelo dia adiante, parece-me — pois nada posso afirmar de positivo — foi avisado secretamente de que um perigo próximo o ameaçava. Donde recebeu ele esta comunicação? Provavelmente de S. Petersburgo. Hoje, conta-se na cidade uma porção de histórias a respeito daquele tempo, todavia, só a autoridade judiciária possui dados certos. A minha opinião pessoal é que Pedro podia ter empreendido qualquer outra coisa noutra terra, sem ser na nossa, e portanto os avisos virem-lhe de lá. Estou mesmo persuadido, embora Lipoutine tivesse dito o contrário no seu desespero, que independentemente do quinquavirato organizado entre nós, existiam dois ou três outros grupos criados pelo agitador, como, por exemplo, nas grandes capitais. E se não fossem quinquaviratos propriamente ditos, deviam ser coisa parecida. Três dias depois da partida de Pedro, enviaram, de S. Petersburgo, às autoridades da nossa cidade a ordem da sua prisão imediata. Teria sido tomada esta medida em virtude dos factos consumados, ou seria outro o motivo? Ignoro-o. De qualquer forma, nada mais foi preciso para levar ao cúmulo o terror quase supersticioso que

acabrunhava o espírito de todos, visto que novo crime, o assassinato misterioso do estudante Chatov, veio aumentar a lista de tantos outros sem explicação. A ordem chegou tarde demais; Pedro já estava em S. Petersburgo; ali viveu algum tempo sob um nome falso e, na primeira ocasião favorável, fugiu para o estrangeiro... Porém não nos adiantemos.

Parecia irritado quando entrou em casa de Kirilov. Dir-se-ia que, além do principal objetivo da visita, tinha necessidade de satisfazer uma vingança. O engenheiro pareceu ficar satisfeito em o ver; notava-se que o esperava há muito com impaciência. Tinha o rosto mais pálido do que o habitual e os olhos pretos tinham uma fixidez pesada. Sentado a um canto do sofá, não se mexeu do lugar quando a visita apareceu.

— Pensei que não viria — articulou vagarosamente.

Pedro postou-se diante dele e observou-o com atenção antes de pronunciar qualquer palavra.

— Então tudo correu bem e continuamos persistindo nos nossos desígnios... Muito bem, é um valente! — respondeu com sorriso protetor e, por consequência, ultrajante. — E que tem feito? — acrescentou com ar alegre. — Se venho atrasado, não tem de que se queixar. Disponho de três horas.

— Não quero as horas da sua generosidade e não pode fazer-me favor delas, seu imbecil!

— Como? — replicou Pedro, tremendo de cólera, mas contendo-se. — Que suscetibilidade! Ah, estaremos zangados? — prosseguiu com fria arrogância. — Num momento como este, é melhor ter calma. O que tem a fazer nesta ocasião é considerar-se um Colombo e a mim um ratinho, do qual as ações e os gestos não podem ofendê-lo. Recomendei-lhe isso ontem.

— Não quero considerá-lo um ratinho.

— É uma gentileza? Olhe que o próprio chá está frio... em sentido figurado! Não, aqui há qualquer coisa que inquieta. O quê? Que vejo ali na janela, naquele prato? — E aproximou-se da janela. — Oh, uma galinha com arroz! Por que a não encetou ainda? Achamo-nos portanto numa disposição de espírito igual à da galinha...

— Eu comi... Não é nada consigo! Cale-se.

— Oh, sem dúvida, e além disso não tem importância. Engano me! Tem muita nesta altura... Imagine que mal jantei. Suponho que a galinha já não lhe serve para nada nesta ocasião... hem?

— Coma-a, se pode.

— Obrigado... A seguir hei de pedir-lhe chá.

Foi sentar-se na outra ponta do sofá, em frente à mesa, e pôs-se a comer com apetite devorador, sem ao mesmo tempo perder de vista a sua vítima. Kirilov não deixava de olhar para ele com expressão de ódio e de nojo; parecia não poder desviar os olhos do rosto de Pedro.

— É preciso no entanto falar do nosso assunto — disse este, sem interromper a feição. — Persistimos então na nossa resolução, não? E o nosso papelinho?

— Decidi esta noite que me era indiferente. Escreverei. E sobre as proclamações?

— Sim, também é preciso falar das proclamações. Mas eu dito-a... Tanto lhe faz! Dar-se-á o caso que num momento destes se inquiete com o assunto dessa carta?

— Não lhe diz respeito.

— Sem dúvida, não tenho nada com isso. Contudo, poucas linhas bastarão: há de escrever dizendo que, juntamente com Chatov, espalharam proclamações e que, para isso, se serviram especialmente de Fedka, o qual encontrara abrigo em casa dos dois. Este último ponto, o que diz respeito a Fedka e à sua permanência na casa dos dois, é muito importante, é o mais importante de tudo. Já vê que não posso ser mais franco.

— Chatov? E porquê Chatov? Por nada deste mundo falarei do Chatov.

— Outra vez na mesma? Que importância tem isso para si? Já não o pode prejudicar.

— A mulher dele voltou para casa. Acordou e mandou-me perguntar onde é que ele se encontra.

— Mandou saber onde ele está? Hum! Isso não tem importância. É provável que mande saber de novo; ninguém deve ter conhecimento de que estou aqui...

A inquietação apoderou-se de Pedro.

— Não o saberá, pois voltou a adormecer. Arina, a parteira, está em casa dela.

— Mas não ouvirá, penso eu? É melhor fechar lá em baixo.

— Não ouve nada. E se Chatov vier, escondo-o a si no outro quarto.

— Chatov não virá... O senhor há de escrever que, por causa da sua traição e da denúncia que fez, tiveram ambos uma questão... a noite passada... e que o senhor o matou.

— Mataram-no! — exclamou Kirilov, comovido de surpresa.

— Hoje, pelas oito horas da noite, ou melhor ontem, porque já é uma hora da madrugada.

— E foi o senhor quem o matou! Já ontem previa isso.

— Como se fosse difícil de prever... Olhe, foi com este revólver. — Tirou a arma do bolso, para a mostrar, mas não voltou a guardá-la, continuando a segurá-la com a mão direita. — O senhor é deveras singular! Então não sabia muito bem que era preciso acabar com a estupidez daquele homem. Que havia a prever nisto? Mais de uma vez lhe pus a si os pontos nos «i». Chatov preparava-se para nos denunciar e eu, que andava com olho nele, não lho podia permitir. O senhor também foi encarregado de o vigiar, pois disse-mo há três semanas.

— Cale-se! Assassinou-o porque em Genebra lhe escarrou na cara!

— Por isso e por outra coisa ainda. Por uma coisa diferente, mas sem nenhuma aversão. Para que salta tanto? Para que faz essas caretas? Oh, o que nós somos!

Levantou-se rápido, mas sempre em guarda com o revólver. Por outro lado, Kirilov tinha também agarrado no dele, carregado desde pela manhã e colocado no peitoril da janela. Pedro pôs-se em posição e apontou a arma para Kirilov. Este teve um sorriso de desdém.

— Confesse, seu cobarde, que pegou no revólver, porque julgou que eu lhe queimaria os miolos... Mas não, não o matarei, apesar de que...

E de novo fingiu apontar para Pedro. Imaginar que ia atirar contra o seu inimigo era um prazer ao qual parecia não ter forças para resistir. Sempre em guarda, Pedro esperou até ao último momento sem comprimir o gatilho, apesar do risco que corria de receber antecipadamente uma bala na testa. Da parte de um «maníaco» tudo se podia recear. Por fim este, arquejante, a tremer, sem poder pronunciar uma palavra, deixou cair o braço.

Por sua vez, Pedro baixou a arma.

— Divertiu-se um bocado e já foi bastante — disse ele. — Bem sabia que era a brincar, pois para si era perigoso; eu podia puxar primeiro pelo gatilho.

Dito isto, voltou a sentar-se com bastante tranquilidade. Depois, com a mão um pouco a tremer, na verdade, deitou o chá. Kirilov pousou o revólver na mesa e começou a passear a todo o comprimento do quarto.

— Não escreverei que matei o Chatov e... agora não escreverei mesmo nada. Não há de ficar nenhum papel!

— Não há de ficar nenhum papel?

— Não.

— Que cobardia e que estupidez! — gritou Pedro, enfiado de cólera. — Afinal já o pressentia. Fique a saber que não estou surpreendido. Como quiser. Posso empregar a força e empregá-la-ei... Mas o senhor é um patife — prosseguiu, com furor crescente. — Outrora pediu -nos dinheiro, fez-nos toda a espécie de promessas... Pois não irei daqui embora sem obter um resultado qualquer, sem pelo menos ver como faz saltar os miolos.

— Ordeno que saia imediatamente — disse Kirilov, indo colocar-se em frente do visitante.

— Não, não sairei — respondeu este, agarrando de novo o revólver. — Agora, talvez por cólera ou cobardia, pretende adiar a execução do seu projeto e amanhã, se nos denunciar, ainda recebe algum dinheiro, porque esta denúncia há de ser-lhe paga. O diabo me leve... A gente baixa como o senhor é capaz de tudo! Não obstante, pode sossegar, pois tudo previ: se recua, se não executa desde já a sua resolução, não vou daqui sem lhe furar o crânio com este revólver, como acabei de fazer ao miserável Chatov. Que o diabo o esfole!

— Quer então, a todo o custo, ver também o meu sangue?

— Não é por ódio, compreenda bem. Pessoalmente não me interessa. Quero somente salvaguardar a nossa obra. Não se pode contar com os homens, sabe-o por si. A ideia que tem de se matar é uma fantasia que não percebo. Não fui eu que lha encaixei na cabeça. O senhor formou este projeto antes de entrar em relações comigo. Quando falou nisso pela primeira vez, não foi a mim, mas sim aos nossos correligionários políticos, refugiados no estrangeiro. Note, além disso, que nenhum deles procedeu de forma a provocar as suas confidências, mesmo nenhum deles o conhecia. Foi o senhor que, de sua livre vontade, lhes deu parte da intenção que tinha. Pois bem, que havemos de fazer, depois de ter tomado em consideração um oferecimento espontâneo, tendo sobre ele fundado, com o seu consentimento (repare bem nisto!) um certo plano de ação, quando já não há maneira de o modificar? A posição que tomou em relação a nós colocou-o na situação de saber muitos dos nossos segredos. Se se desdiz ou se amanhã nos denuncia, sofreremos imenso. Pensou bem

nisto?... Não, o senhor comprometeu-se, deu-nos a sua palavra e recebeu dinheiro. E impossível negar este facto.

Pedro falava com veemência, mas há muito que Kirilov não o ouvia já. Tornara-se pensativo e andava a passos largos pelo quarto.

— Lamento Chatov — disse, parando de novo em frente de Pedro.

— Está bem, eu também o lamento, e é mesmo possível que...

— Cale-se, seu infame! — uivou o engenheiro, com um gesto cuja significação não deixava dúvidas. — Vou matá-lo.

Pedro recuou rápido, estendendo ao mesmo tempo o braço para se defender.

— Vamos, vamos, menti! Concordo, mas não lamento nada... Basta, basta!

Kirilov acalmou de repente e começou o seu passeio pelo quarto.

— Não deixarei isto para mais tarde. hei de matar-me agora mesmo. Os homens são uns velhacos!

— Muito bem, aí está uma ideia: todos os homens são de facto velhacos e, como repugna a um homem honrado viver em semelhante meio, então...

— Imbecil, sou tão velhaco como tu, como toda a gente. Não sou um homem honrado. Não há gente honesta em parte nenhuma.

— Então, acaba por duvidar! É possível, Kirilov, com o seu espírito, ter levado tanto tempo a compreender que os homens são todos iguais, que as diferenças que os distinguem não têm por motivo maior ou menor porção de honradez, mas simplesmente mais ou menos inteligência, e que sendo todos velhacos (o que de resto não significa nada!) é impossível haver alguém que deixe de o ser?

— Ah, não está a brincar? — perguntou Kirilov, olhando para o seu interlocutor com certa surpresa. — Está a exaltar-se e tem aspeto de falar a sério... Será possível que pessoas como o senhor tenham convicções?

— Kirilov, nunca pude compreender por que motivo se quer suicidar. Sei apenas que é por princípio... em consequência de uma convicção já antiga. Mas se tem necessidade de fazer quaisquer confidências, estou à sua disposição... Entretanto, é bom não esquecer que o tempo passa...

— Que horas são?

— Duas horas em ponto — respondeu Pedro, depois de ter olhado para o relógio e acendendo um cigarro. «Ainda há tempo para um entendimento», pensou ele.

— Não tenho nada a dizer-lhe — resmungou Kirilov.

— Lembro-me que certa ocasião me explicou qualquer coisa acerca de Deus; duas vezes mesmo. Se estourasse os miolos, seria feito Deus, não é por isso?

— Sim, tomarei a forma de Deus.

Pedro nem sequer sorriu e esperou que ele voltasse ao seu estado normal. Kirilov fitou nele um olhar inteligente.

— É um impostor e um intrigante político... Quer atrair-me ao campo filosófico com o fim de dissipar a cólera que tenho, quer levar-me a uma reconciliação e obter, antes de eu morrer, uma carta afirmando que fui eu que matei Chatov.

— Sim, admitamos que tenha esse pensamento acanalhado — respondeu Pedro com aparente sinceridade, sem parecer nada fingida — o que é que isso pode ocasionar-lhe nos seus últimos momentos? Vejamos, porque estamos a discutir? Diga-me, por favor: cada um de nós é aquilo que é, e depois? Além disso, somos ambos...

— Patifes.

— Sim, patifes, na verdade. Isto não passa de palavras.

— Durante toda a vida não desejei limitar-me a palavras e foi por isso que vivi. Ainda agora mesmo, cada dia que passa, o meu desejo é que não sejam só palavras.

— Muito bem, cada um procura ser o melhor possível. O peixe... isto é, cada qual procura o conforto à sua moda e nada mais. É coisa conhecida há muito.

— Fala em conforto?

— Não vale a pena discutir palavras.

— Não, falou acertado; deixemos o conforto. Deus é preciso e por consequência deve existir.

— Muito bem.

— Mas eu sei que ele não existe e não pode existir.

— É muito mais certo.

— Como compreende que, tendo estas duas ideias, seja possível a um homem continuar a viver?

— Deve estourar os miolos, não é isso?

— Como não compreende que haja nessas duas ideias razão suficiente para alguém se matar? Não compreende que entre milhares de milhões de

homens possa encontrar um só que não queira, que seja incapaz de suportar uma coisa dessas?

— O que eu compreendo é que o senhor hesita... É o que me quer parecer... E isso é ignóbil!

Kirilov pareceu não ter ouvido estas palavras.

— A ideia também devorou Stavroguine — observou com aspeto triste, passeando pelo quarto.

Pedro prestou atenção.

— Como? Que ideia? Foi ele próprio que lhe disse a si alguma coisa?

— Não, adivinhei. Se Stavroguine acredita, não crê que acredita; se não acredita, não crê que não acredita.

— Há ainda outra coisa dentro de Stavroguine, qualquer coisa de mais elevado do que isso... — murmurou Pedro, inquieto com o rumo que a conversa tomara e com a palidez de Kirilov.

«O diabo me leve! Ele não se mata», pensou. «Já o tinha pressentido!... É uma extravagância cerebral e nada mais! Que canalhas são todas estas criaturas!»

— É o último que trabalha comigo; desejo que não nos separemos por motivo de más relações — disse Kirilov, com súbita sensibilidade.

Pedro não respondeu logo. «O diabo me leve! Que quererá ele dizer com isto?» Depois exclamou:

— Acredite, Kirilov, nada sinto contra si, hoje, e sempre...

— É um patife e um espírito falso. Mas eu sou igual a si e vou suicidar-me, ao passo que o meu amigo continuará a viver.

— Quer dizer que sou pusilânime, para ter coragem de me matar?

Seria vantajoso ou prejudicial continuar semelhante conversa num momento como este? Pedro não pudera ainda decidir esta dúvida e resolveu «entregar-se ao acaso». O tom, porém, de superioridade, tomado por Kirilov, e o desprezo manifestado, até certo modo, ao falar-lhe, irritaram-no mais nesta altura do que no princípio da conversa. Dar-se-ia o caso de que um homem sem vida para mais de uma hora — assim o julgava Pedro, apesar de tudo! — lhe aparecesse já como meio cadáver, de quem fosse impossível tolerar por mais tempo as impertinências?

— Quer-me parecer que me deseja esmagar com a sua superioridade, em virtude de se ir suicidar!?

Kirilov não ouviu esta observação.

— Admirei-me sempre como todos os homens desejam viver.

— Sim, é uma ideia, mas...

— Macaco, aprova o que eu digo para me lisonjear? Cale-se, não compreende nada. Se Deus não existe, eu sou deus.

— Já me disse isso, mas nunca o compreendi. Por que motivo é que é deus?

— Se Deus existe, tudo depende dele e eu não possuo poder, além da vontade dele. Se não existe, depende tudo de mim e eu sou levado a afirmar a minha independência.

— A sua independência? E por que motivo é levado a afirmá-la?

— Porque me tornei completamente livre. Poderá haver alguém, na extensão do planeta, que depois de ter suprimido Deus e adquirida a certeza da sua independência, não se atreva a mostrar essa independência no sentido completo da palavra? É como se um pobre, tendo recebido uma herança, não ousasse aproximar-se do saco e tivesse medo de ser muito fraco para o transportar. Eu quero proclamar a minha independência. Ainda que fosse o último a fazê-lo, não me esquivaria a tal.

— Tanto melhor, faça-o.

— Deliberei queimar os miolos porque, matando-me, afirmarei a minha independência da forma mais categórica.

— Mas não é o primeiro que se mata. Já muita gente se matou também.

— Tinham as suas razões. Porém homens que se tenham suicidado sem motivo algum, unicamente para afirmarem a sua independência, não houve ainda um. Vou ser o primeiro.

«Não se matará», pensou de novo Pedro.

— Sabe uma coisa? — observou este com modo zangado. — No seu lugar, para manifestar a minha independência, mataria outro qualquer, menos a mim. Desta maneira podia tornar-se útil. Posso-lhe indicar alguém, se não tiver medo. Vamos lá, não estoure hoje os miolos. Faz-se uma combinação...

— Matar outra pessoa seria manifestar a minha independência da maneira mais vil. Vê-se nisso a sua pessoa inteira! Não me pareço consigo. Quero atingir o ponto culminante da independência e matar-me-ei em seguida.

«Encontrou isto sem auxílio de ninguém», murmurou, com cólera, Pedro.

— Tenho empenho em afirmar a minha incredulidade — prosseguiu Kirilov, dando grandes passadas no quarto. — A meus olhos não há mais alta ideia do que a negação de Deus. Tenho por mim a história da humanidade. O homem inventou Deus para viver sem se matar. Eis o resumo da história universal até agora. Sou eu o primeiro, na história do mundo, que renego a ficção da existência de Deus. Que o fiquem a saber de uma vez para sempre.

«Não se matará», continuava a pensar Pedro, angustiado.

— Quem terá conhecimento disto? — perguntou com certa sombra de ironia. — Aqui só está o senhor e eu... Talvez queira falar de Lipoutine?

— Todos o hão de saber. Não há segredo que não se descubra. *Ele* o disse.

E, num transporte febril, mostrou a imagem do Salvador, diante da qual ardia uma lâmpada. Pedro zangou-se de verdade.

— Então sempre acredita nele e acendeu-lhe uma lâmpada, «para o que der e vier», não é verdade?

O engenheiro não respondeu.

— Fique a saber que, em minha opinião, acredita mais do que um louco?!

— Em quem? Nele? Ouve — disse Kirilov, parando, e cujos olhos imóveis olhavam para a frente com expressão extática. — Ouça uma grande ideia: certo dia, levantaram-se três cruzes no centro da terra. Um dos crucificados tinha tal fé que disse para o outro: «Hoje mesmo ficarás comigo no paraíso». O dia terminou, ambos morreram e não encontraram o paraíso, nem a ressurreição. A profecia não se realizou. Ouça: esse homem era o maior de todo o mundo e este deve-lhe aquilo que o faz viver. O planeta, em toda a sua extensão, com tudo o que o cobre (sem esse homem) seria uma loucura. Nem antes, nem depois, se encontrou outro igual. Dir-se-ia um milagre. Sim, foi um verdadeiro milagre a existência desse homem, na sequência dos séculos. Mas se é desta maneira, se as leis da natureza não o pouparam mesmo a ele, se não tiveram piedade da sua obra-prima, e se, pelo contrário, o fizeram viver também no meio da mentira e morrer por uma mentira, é que o planeta é uma mentira, assenta sobre uma mentira, sobre um desprezo louco. Portanto, as leis da natureza são uma impostura e uma farsa diabólica. De que serve a vida, responde, se és homem?

— É outro ponto de vista. Parece-me que confunde aqui duas coisas diferentes e isso é muito aborrecido. Mas permite-me uma pergunta, se é deus? Desenganando-se, compreendeu agora que o erro está na crença do deus antigo.

— Até que, finalmente, compreendeste! — exclamou Kirilov, entusiasmado. — É fácil de compreender, visto que um homem como o meu amigo o compreendeu! Percebe agora porque a salvação da humanidade consiste em provar-lhe este pensamento? Quem lho provará? Eu! Não compreendo como até aqui o ateu, sabendo que Deus não existe, não se tenha suicidado imediatamente! Sentir que Deus não existe e não sentir de repente a nossa personalidade transformada em Deus, é um absurdo, de outro modo não faltaria quem se matasse. Quem sente isso, é um czar e, longe de se matar, viverá no cúmulo da glória. Mas o primeiro deve matar-se; não o fazendo, quem começará a provar estes princípios? Devo portanto ser eu a matar-me, para o começar a provar. Não sou Deus senão pela força das circunstâncias e sou desgraçado porque sou obrigado a afirmar a minha liberdade. Todos são infelizes, porque temem afirmar a sua liberdade. Se o homem até esta data foi tão infeliz e tão pobre, foi porque não ousou mostrar-se livre na mais alta aceção do termo e porque se contentou com a insubordinação do estudante. Sou extremamente infeliz porque tenho medo terrível. O temor é a maldição do homem... Mas vou manifestar a minha independência. Sou obrigado a acreditar que não acredito. Começarei, acabarei e fecharei a porta. Salvar-me-ei. O que vou fazer salvará a humanidade e transformará fisicamente a geração futura; porque, da maneira como eu penso sob a forma física atual do homem, não lhe é possível passar sem o antigo Deus. Procurei durante três anos o atributo da minha divindade e achei-o: o atributo da minha divindade é a independência! É por ela que posso demonstrar do mais alto grau a minha revolta, a minha nova e terrível liberdade. Porque ela é terrível! hei de suicidar-me para afirmar a minha revolta, a minha nova e terrível liberdade.

O seu rosto tinha uma palidez esquisita e o olhar uma fixidez impossível de suportar. Parecia estar sob a influência de um ataque febril. Pedro julgou que ele ia cair.

Neste estado de exaltação, Kirilov tomou de repente a resolução mais inesperada:

— Dá-me uma pena! — disse. — Dita, que eu assino tudo. Até vou escrever que matei Chatov. Dita, enquanto isto me diverte, Não receio os pensamentos dos escravos arrogantes! Vais ver que todo este mistério se esclarecerá! E serás esmagado! Eu creio! Eu creio!

Pedro, que tremia pelo sucesso da sua empresa, agarrou a ocasião pelos cabelos; deixando imediatamente o lugar onde estava, foi procurar tinta e papel e pôs-se a ditar: «Eu, baixo assinado, Aléxis Kirilov, declaro...»

— Espera! Não quero! A quem é que declaro?

Uma espécie de arrepio febricitante agitava os ombros de Kirilov. Ficou inteiramente absorto por causa da declaração e ante uma ideia súbita que lhe ocorreu no momento de escrever: era como uma saída para a qual corria, por instantes, o seu espírito cansado.

— A quem faço a declaração? Quero saber a quem!

— A ninguém, a toda a gente, ao primeiro que a ler. De que serve estar a pensar nisso? Ao universo inteiro!

— Ao universo inteiro? Bravo! Que ele não tenha de se arrepender. Não quero fazer uma confissão pública, não quero dirigir-me à autoridade!

— Mas não, não, não se trata disso! Manda a autoridade para o diabo! Bem, escreve então, no caso de estares resolvido a isso! — replicou com vivacidade Pedro, impaciente.

— Para! Quero desenhar primeiro uma cabeça a deitar a língua de fora.

— Oh, que tolice! Não é preciso desenhar, basta exprimir isso pelas palavras.

— Pelas palavras? Está bem. Sim, pelas palavras, pelas palavras! Dita pelas palavras!

«Eu, baixo assinado, Aléxis Kirilov», começou, com voz firme e imperiosa, Pedro, ao mesmo tempo que, inclinado sobre o ombro do engenheiro, seguia com os olhos cada letra que ele traçava com mão trémula, «declaro que hoje, outubro, das sete às oito horas da noite, assassinei no parque o estudante Chatov como traidor e autor de uma denúncia sobre as proclamações e sobre Fedka, o qual viveu durante dez dias connosco, na casa Filippov. A mim próprio, no dia de hoje, estouro os miolos, não porque esteja arrependido ou porque tenha medo de alguém, mas simplesmente porque, já no estrangeiro, tinha resolvido acabar com a vida».

— Só isto? — exclamou Kirilov, espantado e indignado.

— Nem mais uma palavra! — respondeu Pedro, e quis tirar-lhe o documento.

— Espera — disse o engenheiro, carregando com força no papel. — Espera! É um absurdo! Quero dizer com que matei. Para quê falar em Fedka! E o incêndio? Quero dizer tudo! Tenho vontade de os insultar por meio das palavras, das palavras!

— Basta, Kirilov! Asseguro-lhe que isto basta — disse com voz suplicante Pedro, temendo que o engenheiro rasgasse o papel. — Para que acreditem na declaração, deve ser concebida em termos vagos e tão obscuros quanto possível. Não se deve mostrar senão um cantinho da verdade, o suficiente para lhes fazer trabalhar a imaginação. hão de enganar-se melhor a eles próprios do que nós nunca o poderíamos conseguir e, naturalmente, acreditam com mais facilidade nos erros deles do que nas nossas mentiras. Por este motivo a declaração não pode estar melhor do que está. Dê cá! Não há nada mais a acrescentar. Está admirável assim... Dê cá, dê cá!

Fez nova tentativa para obter o papel. Kirilov ouviu-o, abrindo muito os olhos; tinha o aspeto do homem que dá elasticidade a todas as molas do espírito, mas que já não está em estado de compreender.

— Que diabo — disse Pedro, irritado — ainda não assinou! Porque olha assim para mim? Assine!

— Quero injuriá-los... — resmungou Kirilov.

No entanto pegou na pena e assinou.

— Ponha por baixo: *Viva a República!* E chega.

— Bravo! — exclamou o engenheiro entusiasmado. — Viva a República democrática, social e universal, ou a morte! Não, isto não! Liberdade, igualdade e fraternidade, ou a morte! Assim fica melhor, muito melhor!

Escreveu alegremente esta divisa por debaixo da assinatura.

— Basta, basta! — não deixava de repetir Pedro.

— Espere, ainda mais qualquer coisa... Vou assinar outra vez, mas em francês: «de Kirilov, fidalgo russo e cidadão do mundo». Ah, ah, ah! Não, não, espere! — prosseguiu, quando acabou de rir. — Achei muito melhor do que isso... *Eureca!* «Fidalgo-seminarista, russo e cidadão do mundo civilizado!» Só isto vale mais do que tudo o resto.

Depois, deixando de repente o sofá onde estava sentado, correu a pegar no revólver que estava no peitoril da janela e dirigiu-se para o quarto vizinho, onde se fechou. Pedro, de olhos fixos na porta desse quarto, ficou pensativo durante um minuto.

«Neste momento pode suicidar-se, mas se se põe a pensar, pronto, não o chega a fazer».

À espera, sentou-se e examinou o papel. Essa leitura feita com calma incutiu-lhe a certeza de que a redação do documento estava nas devidas condições.

«Que mais é preciso nesta ocasião? É preciso afastá-los, lançá-los para uma pista falsa. O parque? Não há parque na cidade... Acabarão por adivinhar que se trata do parque Skvorechniki, mas há de levar o seu tempo a chegarem a essa conclusão. As investigações também levarão certo tempo. Se descobrirem o cadáver, é a prova que a declaração é verdadeira. E sendo verdadeira para Chatov, também o é para Fedka. Mas quem é Fedka? Fedka é o incêndio, é o assassinato dos Lebiadkine; por conseguinte tudo saiu daqui, da casa Filippov, e eles não deram conta de coisa nenhuma. Tudo lhes passou desapercebido! Vai-lhes dar uma síncope! Não chegarão a pensar no nosso partido; só verão Chatov, Kirilov, Fedka e Lebiadkine. Porque é que se mataram uns aos outros? Mais uma perguntinha que lhes dedico. Diabo, ainda não ouvi detonação nenhuma!»

Enquanto lia e admirava a beleza do seu trabalho literário, não deixava de escutar, cruelmente atormentado. Sem querer, foi-se encolerizando. Devorado pela inquietação, viu as horas no relógio; estava-se a fazer tarde; tinham passado dez minutos desde que Kirilov entrara no quarto. Pegou na vela e dirigiu-se para a porta do quarto onde o engenheiro se tinha metido. No momento em que se aproximava, reparou que a vela estava no fim; vinte minutos mais, estaria gasta de todo e não havia outra. Encostou devagarinho o ouvido à fechadura e não ouviu o menor ruído. De repente abriu a porta e levantou um pouco a vela; alguém se atirou a ele, dando uma espécie de urro. Fechou-a com toda a força e voltou a pôr-se à escuta, mas não ouviu mais nada. Reinava um silêncio sepulcral.

Ficou muito tempo nesta posição, não sabendo o que resolver e segurando sempre o castiçal na mão. Mal tinha entreaberto a porta, por isso não vira quase nada; todavia o rosto de Kirilov, de pé, ao fundo do quarto, junto da janela, e a ferocidade de animal selvagem com que tinha saltado sobre ele — isso, Pedro tinha-o podido apreciar. Um leve arrepio

lhe percorreu a espinha. Pousou a vela na mesa, com toda a pressa, preparou o revólver e andando na ponta dos pés foi colocar-se no canto oposto, de modo a não ser surpreendido por Kirilov, antes, pelo contrário, para estar prevenido no caso deste, animado por sentimentos hostis, entrar bruscamente no quarto.

Quanto ao suicídio, já não acreditava nele! «Estava no meio do quarto a refletir», pensou. «Além disso, aquela sala triste e terrível! Deu um grito feroz e precipitou-se para mim! Isto pode explicar-se de duas maneiras: ou eu o distraí no momento em que ia puxar ao gatilho, ou... ou então estava a estudar a maneira de me matar. Sim, é isso, era no que ele pensava. Sabe que não saio daqui sem dar cabo dele, no caso de não ter coragem para queimar os miolos...

Por isso, para não ser morto por mim, é preciso que me mate antes... O silêncio continua a manter-se... É horrível! Vai abrir a porta de repente... O que é mais nojento é que ele acredita em Deus, mais do que qualquer tolo... Não se suicidará nunca! Atualmente há destes espíritos assim. Canalha! Ah, diabo, e a vela, a vela! Dentro de um quarto de hora estará completamente gasta... É preciso acabar com isto, custe o que custar... É preciso acabar... Com este papel posso matá-lo... Com ele ninguém suspeitará que o tenha assassinado... Poderei dispor o cadáver convenientemente, estendê-lo no soalho e meter-lhe na mão o revólver descarregado. Toda a gente julgará que foi ele... Oh, diabo, mas como o hei de matar? Quando abrir a porta vai atirar-se de novo a mim e disparará antes que eu possa fazer uso da minha arma! Diabo, mas com toda a certeza não me acertará!

A situação de Pedro era atroz, pois não podia resolvesse a tomar uma resolução, cuja urgência se impunha ao seu espírito como irrefutável necessidade. Contudo, e por fim, pegou na vela e aproximou-se de novo da porta, de revólver em punho. Colocou a mão esquerda no botão da fechadura, a mesma mão em que segurava o castiçal. O botão produziu um som áspero. «Vai atirar», pensou Pedro. Impeliu a porta com um valente pontapé, levantou a vela e estendeu o revólver para a frente... Mas não houve detonação, nem grito. Não estava ninguém no quarto.

Pedro estremeceu. O compartimento não comunicava com nenhum outro!... Era impossível qualquer evasão. Levantou ainda mais a vela e olhou com atenção: ninguém. «Kirilov», disse, chamando primeiro em meio-tom e depois muito mais alto. Este chamamento ficou sem resposta.

«Teria fugido pela janela?»

De facto, uma das portadas estava aberta. «É impossível, não podia fugir por ali». Atravessou o quarto em toda a extensão e chegou à janela: «Não é possível!» Voltou-se bruscamente e um espetáculo inesperado fê-lo estremecer.

Encostado à parede, do lado oposto à janela, à direita da porta, havia um armário. À direita do armário, no ângulo que este formava com a parede, estava Kirilov, de pé, numa atitude das mais esquisitas: rígido, imóvel, com as mãos nas costuras das calças, a cabeça um pouco levantada e a nuca colada à parede. Dir-se-ia que desejava sumir-se, dissimular-se por completo neste canto. Segundo todas as probabilidades parecia estar a esconder-se, porém não havia a certeza. Um pouco de lado, Pedro apenas podia distinguir perfeitamente as partes salientes do rosto. Hesitou em aproximar-se para examinar melhor o engenheiro e descobrir a chave deste enigma. O coração batia-lhe com força. De súbito, ao espanto sucedeu, dentro dele, verdadeira raiva: arrancou-se do lugar onde estava e pôs-se a gritar, correndo furioso para a terrível visão.

Quando chegou perto dele, parou, ainda mais aterrorizado do que há pouco. Havia uma circunstância, sobretudo, que o espantava: gritara, lançara-se ébrio de cólera contra Kirilov e, apesar de tudo, este não se tinha mexido, não tinha movido um único membro; uma figura de cera não teria conservado imobilidade mais completa. A fronte tinha uma palidez inverosímil, os olhos pretos fitavam fixamente um ponto ao espaço. Ora baixando, ora levantando a vela, Pedro fez-lhe incidir a luz no rosto; a custo notou que Kirilov, parecendo olhar para a frente, o estava a observar pelo canto do olho. Lembrou-se de chegar a chama à cara do «patife» e de o queimar, para ver o que ele faria. Nesse instante teve a impressão de que o queixo de Kirilov se moveu e que um sorriso de troça lhe passou pelos lábios, como se o engenheiro tivesse adivinhado o pensamento do seu inimigo. Trémulo e não se contendo mais, agarrou com força no ombro de Kirilov.

O que se passou a seguir foi tão terrível e tão rápido, que não deixou senão uma lembrança confusa e duvidosa no espírito de Pedro. Mal tinha tocado em Kirilov e logo este, baixando-se bruscamente, lhe aplicou nas mãos uma cabeçada, que o obrigou a largar a vela.

O castiçal fez barulho ao cair no soalho e a luz apagou-se. Neste instante Pedro, que sentiu uma dor atroz no dedo mínimo da mão

esquerda, deu um grito terrível. Fora de si, serviu-se do revólver como se fosse uma maça e com toda a força deu três pancadas na cabeça de Kirilov, que o estreitava contra ele e lhe mordia o dedo. Foi de tudo quanto se lembrou mais tarde o herói desta aventura. Por fim pôde livrar o dedo e fugir como um perdido, procurando às apalpadelas o caminho. Enquanto fugia, chegaram-lhe aos ouvidos, vindos do quarto, gritos terríveis:

— Imediatamente, imediatamente, imediatamente!

Por dez vezes ressoou esta exclamação, mas Pedro fugiu sempre, e já se encontrava no átrio, quando ouviu uma formidável detonação. Então parou, refletiu durante cinco minutos e tornou a entrar no compartimento. Precisava, primeiro que tudo, procurar luz. Reencontrar o castiçal não era difícil. Bastava procurá-lo no chão, à direita do armário... Mas com que havia de acender o toco da vela? Uma vaga ideia lhe veio ao espírito: lembrou-se que na véspera, quando entrou na cozinha para ter certa explicação com Fedka, pareceu-lhe ter visto uma caixa de fósforos numa mesinha do canto. Orientando-se o melhor que pôde através das trevas, acabou por se encontrar na escada que ia ter à cozinha. A memória não o tinha enganado: a caixa dos fósforos estava justamente no sítio onde julgou tê-la visto na véspera. Ainda não tinha sido aberta. Descobriu-a às apalpadelas. Sem gastar tempo a acendê-los, voltou a subir a toda a pressa. Quando se achou de novo junto do armário, no mesmo lugar onde tinha batido em Kirilov com o revólver para se livrar dele, só nessa ocasião se lembrou do dedo mordido, sentindo então uma dor quase insuportável. Cerrando os dentes, tornou a acender como pôde o coto da vela, pô-lo no castiçal e lançou um olhar em volta: junto da porta aberta, com os pés voltados para o canto direito do quarto, jazia o cadáver de Kirilov. O engenheiro alvejara-se com um tiro no lado direito da fronte; a bala tinha-lhe atravessado o crânio e saíra-lhe por cima do frontal esquerdo. Aqui e ali viam-se salpicos de sangue e de massa encefálica. A arma ficara na mão do suicida e a morte devia ter sido instantânea. Depois de ter examinado tudo com o maior cuidado, Pedro saiu em bicos de pés, fechou a porta e, na volta ao primeiro compartimento, colocou a vela na mesa; vendo que não havia perigo de incêndio, decidiu-se a não a apagar. Pela última vez deitou um olhar à declaração do defunto e veio-lhe aos lábios um sorriso maquinal. Seguidamente, e sempre em bico dos pés, deixou a sala e saiu pela porta falsa.

Capítulo 3

Às seis horas menos dez, Pedro e Erkel passeavam no cais da estação, cercado neste momento por uma comprida fila de vagões. Pedro ia partir e Erkel viera despedir-se dele. O viajante despachara as bagagens e escolhera um lugar num compartimento de segunda classe, onde pousara o saco de viagem. A sineta tinha tocado uma vez e esperava-se a segunda badalada. Pedro olhara atrevidamente para um lado e para o outro, observando as pessoas que entravam para o comboio. Quase todas lhe eram desconhecidas; só teve que cumprimentar duas: um negociante que mal conhecia e um padre ainda novo, de uma aldeia, que voltava para a sua paróquia. Nestes últimos minutos, Erkel desejava, evidentemente, conversar com o seu amigo sobre um assunto importante, embora nem mesmo soubesse qual, mas não se atreveu a principiar. Parecia-lhe sempre que Pedro tinha pressa em se livrar dele e que esperava com impaciência o segundo toque da sineta.

— Olha com descaro para toda a gente! — observou, em voz um pouco tímida e a modo de conselho.

— E porque não? Ainda não tive ocasião de me esconder. É cedo demais. Não se inquiete. Do que tenho medo é que o diabo do Lipoutine se lembre de vir; se suspeita de qualquer coisa, não falta.

— Pedro, não se pode ter confiança neles — disse Erkel, sem hesitar.

— Em Lipoutine?

— Em ninguém, Pedro.

— Que tolice! Agora estão todos aliados, devido ao que se passou ontem. Nem um só nos trairá. Quem se arriscaria a perder a vida, a não ser por loucura?

— Olhe que eles vão endoidecer.

A Pedro já tinha ocorrido este receio, e daí o seu descontentamento ao ouvir este expressão da boca do oficial.

— Tem também medo, Erkel? Tenho mais confiança em si do que em nenhum deles. Reconheço agora o que cada um vale. Transmita-lhes tudo em tom de ordem, ainda hoje; entrego-os nas suas mãos. Passe pela casa

de cada um deles da parte da manhã. Com respeito às minhas ordens escritas, há de lê-las amanhã ou depois de amanhã. Reúna-os para lhes dar conhecimento delas, quando estiverem em estado de as compreender... No entanto espere só até amanhã, porque o terror torná-los-á maleáveis como a cera... Sobretudo, não se deixe sucumbir.

— Ah! Pedro, fazia melhor em não se ir!

— Vou só por alguns dias. A minha ausência será muita curta.

— Mesmo no caso de ir a S. Petersburgo! — retorquiu Erkel em tom compassado, mas firme. — Não sei, por acaso, que trabalha exclusivamente no interesse da obra social?

— Esperava isso de si, Erkel. Se adivinhou que vou a S. Petersburgo, compreendeu também que não podia dizer-lhes isto ontem; num momento como aquele, ficariam surpreendidos se soubessem que eu ia tão longe. Viu o estado em que eles estavam! Compreende também que motivos da mais alta importância e o próprio interesse da obra social exigem a minha partida e que não se trata de uma fuga, como Lipoutine poderá supor.

— Pedro, mesmo no caso de ir para o estrangeiro, eu compreendo muito bem; acho perfeitamente justo que se ponha em segurança, atendendo a que é tudo e nós não somos ninguém. Compreendo muito bem isso!

Falando assim, o pobre rapaz estava tão comovido que a voz tremia-lhe.

— Obrigado, Erkel... Ai! Esqueceu-se que me doía o dedo. — Erkel acabava de apertar, com grande entusiasmo, a mão a Pedro; o dedo mordido estava muito bem envolvido numa tira de seda preta. — Repito-lhe mais uma vez, só vou a S. Petersburgo para tomar ar, e talvez não fique lá senão vinte e quatro horas. De volta, irei, como de costume, ficar na casa de campo do Gaganov. Se se julgarem ameaçados por qualquer perigo, chamem-me, pois serei o primeiro a vir partilhá-lo com os senhores. No caso em que, por impossibilidade, a minha permanência em S. Petersburgo tenha de ser prolongada, além das minhas previsões, informá-lo-ei imediatamente... pela via que sabe, e dar-lhes-á aviso a eles.

Ouviu-se o segundo toque da sineta.

— Ah! O comboio vai partir daqui a cinco minutos. Fique sabendo que não quero por coisa nenhuma que o grupo aqui formado se dissolva. Não tenha medo, nem se inquiete por minha causa: a rede tem bastante extensão e uma malha a mais ou a menos não tem importância, porém

nunca são demais... De resto, não tenho receio da sua sorte, embora o deixe só com aqueles monstros. Esteja sossegado. Não o denunciarão... Não se atreverão... Ah, também parte hoje? — exclamou subitamente e com alegria para um rapaz novo, que se aproximou a dar-lhe os bons-dias. — Não sabia que tomava também o expresso de hoje. Onde vai? Volta para casa de sua mãe?

A mãe, de que falavam, era uma senhora muito rica, que possuía propriedades numa localidade vizinha. O jovem, um parente afastado de Júlia, acabava de passar cerca de quinze dias na nossa cidade.

— Não, vou um pouco mais longe, a R... Viagem de oito horas. E o meu amigo vai a S. Petersburgo? — perguntou o rapaz, rindo.

— Por que lhe parece que vou a S. Petersburgo? — perguntou, por seu turno e cada vez mais alegre, Pedro.

O rapaz, em sinal de adivinho, levantou o dedo pequeno da mão esquerda, elegantemente enluvada.

— É verdade, acertou — respondeu, em tom confidencial, Pedro. — Levo cartas de Júlia e vou encarregado de ir visitar três ou quatro personalidades que o meu amigo conhece. E, para falar verdade, mandava-as para o diabo! É uma missão ridícula!

— Mas, diga-me, de que é que ela tem receio? — replicou o jovem, baixando também a voz. — Nem sequer fui recebido por ela, ontem. Na minha opinião, não precisa de se inquietar com o marido. Pelo contrário, mostrou-se tão valente na ocasião do incêndio. Pode até dizer-se que arriscou a vida.

Pedro pôs-se a rir.

— Sim, trata-se disso mesmo. Não compreende. Escute, ela receia que tenham já escrito daqui... Refiro-me a certos senhores... Resumindo, trata-se sobretudo de Stavroguine, isto é, do príncipe E... Oh, isto é uma história muito complicada. Pelo caminho hei de contar-lhe talvez alguma coisa... tanto, pelo menos, quanto as regras da cavalaria o permitam. Apresento-lhe o meu parente, o oficial Erkel, que vive no distrito...

O jovem dirigiu por favor um olhar a Erkel e contentou-se em levar a mão ao chapéu, sem se descobrir. O oficial inclinou-se.

— Sabe, Pedro, oito horas numa carruagem é terrível. Está ali, numa de primeira, Berestov, um coronel muito esquisito, meu vizinho no campo. Casou com a menina Garine, mas, como sabe, é um homem às direitas. Tem até certas ideias. Só esteve aqui quarenta e oito horas. É um viciado

terrível pelo jogo. Se jogássemos uma partidinha, que diz? Já encontrei o quarto parceiro, o senhor Pripoukhlov, um negociante de T..., barbudo, como convém a um homem daquela condição. É milionário, um verdadeiro milionário na aceção da palavra... hei de apresentar-lho. É muito interessante aquele saco de dinheiro e vamo-nos rir.

— Gosto muito de jogar em viagem, mas tirei bilhete de segunda.

— Que tem isso? Suba connosco. Mando trocar já o seu bilhete. O chefe do comboio não me recusa nada. Que traz consigo? Saco de viagem? Sobretudo? Entre!

Pedro pegou no saco, no sobretudo, num livro e passou imediatamente para a primeira classe. Erkel ajudou a instalar estas coisas na carruagem.

Ouviu-se a sineta pela terceira vez.

— Adeus, Erkel — disse Pedro, estendendo a mão ao oficial, através da portinhola. — Veja, vou jogar com eles.

— De que serve dar-me explicações, Pedro? Eu compreendo, compreendo tudo.

— Então, felicidades... — disse este.

Voltou-se bruscamente, porque o jovem chamava-o, a fim de o apresentar aos seus companheiros de viagem. Erkel deixou de ver o seu Pedro.

O oficial voltou para casa muito triste. Com certeza a ideia de que Pedro fosse um cobarde não lhe ocorreu, apesar de este lhe ter voltado depressa as costas, ao ouvir o rapaz elegante chamá-lo, quando podia ter-lhe dito uma palavra mais amável do que «felicidades» ou pelo menos podia ter-lhe apertado a mão com mais força.

Mais alguma coisa ainda principiou a dilacerar o pobre coração de Erkel e, sem que este o compreendesse bem, o acontecimento da noite anterior não deixara de influir neste sofrimento.

Parte 8

Capítulo 1

Estou convencido de que Stepan ficou apavorada quando sentiu aproximar-se o momento marcado para a execução do seu louco empreendimento. Com certeza ficou doente com o susto, sobretudo na noite que precedeu a sua fuga. Nastásia contou-me depois que ele se deitara tarde e dormira. Mas isto nada prova; dizem que os condenados à morte dormem profundamente na véspera da sua execução. Embora estivesse já claro quando partiu e que a luz do sol levante um pouco o espírito das pessoas nervosas — temos o testemunho do major, parente de Virguinsky, cuja religião se desvanecia aos primeiros raios da aurora — estou no entanto persuadido que anteriormente não poderia, sem espanto, calcular a situação em que iria encontrar-se. Sobre-excitado como estava, é provável que não tivesse sentido ao princípio o horroroso isolamento a que se condenara, deixando Nastásia e a casa onde vivera reconfortado durante vinte anos. Mas que importava isso! Ainda que tivesse tido a mais nítida consciência de todos os terrores que o esperavam, nem por isso deixaria de persistir menos na sua resolução. Havia nesta decisão um tanto de altivez, que, apesar de tudo, o seduzia. Oh, podia ter aceitado as brilhantes propostas de Bárbara e ter ficado a viver à casta dela, «como um vulgar parasita!» Mas não. Desdenhoso de uma esmola, fugia dos benefícios da viúva, arvorava «o estandarte de uma grande ideia» e por ela ia morrer heroicamente! Tais deviam ser os sentimentos de Stepan. Foi até sob este aspeto que a sua conduta se lhe apresentou.

Há uma dúvida que procurei resolver por mais de uma vez: porque é que fugiu a pé, em vez de tomar uma carruagem, o que teria sido muito mais simples? A princípio expliquei este facto, julgando-o devido ao feitio fantasista deste antigo idealista. «É de supor» — dizia comigo — «que a lembrança de alugar uma carruagem lhe parecesse muito banal e demasiado prosaica». Devia achar muito mais belo o viajar a pé, como um peregrino. Agora, porém, julgo que não devo procurar tão longe a explicação. O primeiro motivo que impediu Stepan de tomar uma carruagem foi o medo de alarmar Bárbara: conhecedora das suas

intenções, tê-lo-ia retido à força; por sua vez, ter-se-ia submetido e, então, adeus projeto sem realização! Em seguida, para alugar um carro, era preciso saber, pelo menos, a direção que havia de tomar. Ora a questão do lugar para onde ia, constituiu nesse momento o tormento principal do nosso viajante. Por nada deste mundo poderia resolver-se a indicar uma localidade qualquer, porque se se decidisse a isso, o absurdo do seu empreendimento saltar-lhe-ia aos olhos imediatamente e ele pressentia isso muito bem. Com efeito, porque havia de se dirigir de preferência a esta cidade ou àquela? Para procurar *ce marchand.* Mas que *marchand?* Era este o segundo problema que o inquietava. No fundo, nada havia mais terrível para ele do que esse *marchand,* à procura do qual assim corria e a quem naturalmente tinha um medo atroz de descobrir. Não, mais valia andar a direito, sempre em frente, escolher a grande estrada e percorrê-la sem pensar em nada, ou pelo menos durante o tempo suficiente para conseguir não pensar em nada. A grande estrada é tão extensa, tão extensa, que ninguém lhe vê o fim, tal como acontece à vida dos homens e aos seus sonhos. Na grande estrada há uma imagem, ao passo que num passaporte, que imagem poderá haver?... *Vive la grande route*, aconteça o que acontecer.

Depois do encontro imprevisto com Lisa, Stepan prosseguiu no seu caminho, esquecendo-se cada vez mais da sua pessoa. A grande estrada passava a meia *versta* de Skvorechniki e, coisa singular, meteu por ela, sem suspeitar. Refletir, analisar um pouco mais claramente os seus atos, era-lhe impossível nessa altura. A chuva ora parava, ora tornava a cair, mas ele não a sentia. Também foi maquinalmente que pôs o saco às costas, como também não reparou que desta forma andava mais ligeiro. Depois de ter andado uma *versta* ou *versta* e meia, parou de repente e lançou um olhar à sua volta. Na sua frente, a perder de vista, estendia-se como uma linha enorme a estrada escura, escavada pelas rodas dos carros e cercada de salgueiros brancos; à direita estendiam-se terrenos despidos, pois a ceifa tinha sido feita há muito; à esquerda havia espinheiros e mais além um pequeno bosque. Ao longe, mais fácil de adivinhar do que de distinguir, via-se o caminho de ferro, que fazia um cotovelo naquele sítio; uma fumarada por cima do lugar indicava a passagem de um comboio; todavia a distância não deixava ouvir o barulho. Durante um segundo a coragem de Stepan pareceu desfalecer. Suspirou vagamente, pousou o saco no chão e sentou-se, a fim de tomar alento. Na ocasião em que se sentava,

sentiu arrepios e embrulhou-se no sobretudo; reparou então que estava a chover e abriu o guarda-chuva para se abrigar. Ficou bastante tempo nesta posição, movendo os lábios de longe em longe, enquanto a mão direita se agarrava com força ao cabo do guarda-chuva. Com a febre, flutuavam no seu espírito diversas imagens, substituindo-se alternadamente: «*Lisa, Lisa*», pensava, «e com ela o *Maurício*... Gente extravagante... E o incêndio, também não foi esquisito? De quem falariam eles? Que vítimas seriam aquelas? Suponho que a Nastásia ainda ignora a minha partida e está à minha espera com o café... A jogar às cartas? Ter-se-ia perdido alguém comigo a jogar as cartas? Hum entre nós, na Rússia, na época da escravatura... Ah, meu Deus, e Fedka?»

Estremeceu dos pés à cabeça e olhou à sua volta: «E se Fedka estivesse escondido por ali, em qualquer parte, atrás de uma moita? Dizem que é o chefe de uma quadrilha de ladrões que infesta os caminhos. Oh, meu Deus, então... hei de confessar-lhe toda a verdade? hei de dizer-lhe que sou culpado? Que durante dez anos a sua lembrança me despedaçou o coração e me tornou mais infeliz do que ele nunca o foi a trabalhar? Dar-lhe-ei a minha bolsa? Hum! *J'ai en tout quarante roubles; il prendra les roubles et il me tuera tout de même!*

Aterrorizado, fechou, não sei porquê, o guarda-chuva e colocou-o ao lado. Ao longe viu na estrada uma carroça que vinha da cidade. Pôs-se a observá-la com desassossego.

«Grâce à Dieu, é uma carroça e vem a passo. Não deve ser perigosa. Estes rendeiros pobres da nossa terra... Falei sempre nesta raça... ou melhor, Pedro Ilitch é que falava deles no grémio e eu obrigava-o a fazer-lhes um desconto, *et puis*... Mas traz alguma coisa na parte posterior e... dir-se-ia que vem uma mulher na carroça. Uma camponesa e um mujique… *cela commence à être rassurant.* A mulher vem atrás e o homem à frente… *c'est très rassurant.* E vem uma vaca presa pelas pontas atrás do carro… *c'est rassurant au plus haut degré».*

A carroça passou-lhe ao lado. Era uma *télègue* de aldeia, um carro de quatro rodas para transporte de mercadorias, solidamente construído e de bom aspeto. Um saco cheio a rebentar servia de assento à mulher e o homem ia sentado, de pernas pendentes, no rebordo do veículo, fazendo frente a Stepan. Atrás vinha, com efeito, uma vaca castanha, segura pelas pontas. O mujique e a camponesa olharam para o viajante com olhos espantados. Este pagou-lhes da mesma maneira; todavia, quando se tinham

distanciado dele vinte passos, levantou-se bruscamente e pôs-se a andar depressa para os alcançar. Pareceu-lhe que iria mais seguro ao pé da carroça. Ao chegar porém junto da *télègue,* esqueceu outra vez tudo e recaiu nas suas distrações. Dava grandes passos, sem suspeitar que era para os dois camponeses o objeto mais bizarro e mais enigmático que podiam encontrar na grande estrada. Por fim, a mulher não pôde conter a sua curiosidade.

— Quem é o senhor, se não é indiscrição? — perguntou de repente, na ocasião em que Stepan olhava para ela com ar distraído.

Era uma camponesa forte, de vinte e sete anos, sobrancelhas carregadas e cor rosada; os lábios vermelhos e entreabertos por um gracioso sorriso deixavam ver uns dentes brancos e muito certos.

— A senhora... dirige-se a mim? — murmurou o viajante desagradavelmente admirado.

— O senhor deve ser negociante — disse com segurança o mujique.

Este, de quarenta anos, era um homem alto e de barba espessa e avermelhada. O seu rosto largo não revelava estupidez.

— Não, não é porque eu seja negociante, eu... eu... *moi, c'est autre chose* — disse, entre dentes, Stepan, deixando passar a carroça adiante e pondo-se a andar ao lado da vaca.

As palavras estrangeiras que o camponês acabava de ouvir foram para ele um rasgo de luz.

— O senhor é sem dúvida algum fidalgo — retorquiu, tentando entabular conversa.

— O senhor anda a passear? — perguntou de novo a mulher.

— É a mim que a senhora interroga?

— O caminho de ferro traz-nos muitos visitantes estrangeiros e as botas do senhor mostram que não é daqui.

— São botas de militar — declarou o mujique, sem hesitar.

— Não, não é porque eu seja militar, eu...

«Que bisbilhoteira!», praguejou Stepan mentalmente. «E como olham para mim! *Mais enfin...* até parece que devo prestar-lhes contas e no entanto não tenho satisfações a dar-lhes».

A mulher conversava baixo com o camponês.

— Se lhe for agradável, podemos levá-lo.

O mau humor de Stepan desapareceu imediatamente.

— Sim, sim, meus amigos, aceito com todo o gosta porque estou muito cansado. Mas como hei de subir para aí?

«Que extraordinário que isto é!», dizia ele. «Caminho há bocado ao lado desta vaca e não me veio à cabeça pedir-lhes um lugar na carroça... Esta *vida de realidade* tem qualquer coisa de muito característico.»

Todavia o mujique não parou o carro.

— Mas onde? — perguntou com certa desconfiança.

Stepan não compreendeu logo.

— O senhor vai até Khatovo?

— A Khatovo? Não, não vou a Khatovo... Não conheço esse lugar, mas já ouvi esse nome.

— Khatovo é uma aldeia a nove *verstas* daqui.

— Uma aldeia? *C'est charmant*... Julgo ter ouvido falar nela...

Stepan continuava a andar sempre e os camponeses não tinham pressa em o deixarem subir para a carroça. Sem esperar, veio-lhe uma inspiração.

— Talvez pensem que eu... Tenho o meu passaporte, sou professor, isto é, precetor... superior. Sou precetor-superior. *Oui, c'est comme ça qu'on peut traduire*. Desejava sentar-me aí ao lado e pagar-lhes-ia... Dou-lhes por esse serviço meia garrafa de aguardente.

— Dê-nos cinquenta *kopeks,* pois o caminho é mau.

— Se pedirmos menos, ficamos prejudicados — acrescentou a mulher.

— Cinquenta *kopeks?* Está bem, cinquenta *kopeks*. *C'est encore mieux, j'ai en tout quarante roubles, mais*...

O mujique parou. Ajudado pelos dois, Stepan conseguiu trepar para a carroça e sentou-se no saco, ao lado da mulher. O seu pensamento continuava a vaguear. De vez em quando chegava mesmo a reparar, com espanto, que estava muito distraído e que as ideias que lhe ocorriam não tinham nexo. A consciência da sua doentia fraqueza de espírito era-lhe por vezes muito aborrecida e ficava zangado.

— Porque é que esta vaca vai presa atrás? — perguntou à camponesa.

— Parece que nunca viu uma coisa assim — disse ela, rindo.

— Comprámos o nosso gado na cidade — observou o homem — e não tivemos sorte nenhuma. Na primavera declarou-se o tifo entre os animais e morreram quase todos, não ficou metade.

Dizendo estas palavras, chicoteou de novo o cavalo que havia metido as patas numa cova.

— Sim, isso acontece entre nós, na Rússia... e em geral, nós, os russos... sim, isso acontece...

Stepan não concluiu a frase.

— Se o senhor é precetor, qual o motivo por que vai a Khatovo? Talvez vá mais longe?

— Eu... isto é, não é porque vá mais longe... Vou a casa de um negociante.

— Então vai a Spassov?

— Justamente, vou a Spassov. Apesar de que, para mim, é-me indiferente.

— Se o senhor for a pé a Spassov, com essas botas levará oito dias a lá chegar — observou, rindo, a mulher.

— Sim, sim, isso não me importa, *mes amis* — retorquiu Stepan com impaciência.

«Que gente tão curiosa! A mulher fala melhor do que o marido. Noto que, depois do 19 de fevereiro, o estilo desta gente se modificou qualquer coisa, mas... que lhes importa que eu vá a Spassov ou a qualquer outra parte? Se lhes pago, porque me perseguirão deste modo?»

— Se vai a Spassov, precisa de tomar o barco a vapor — disse o mujique.

— Decerto — acrescentou a camponesa com animação. — Tomando uma carruagem e seguindo ao longo da margem, anda mais umas trinta *verstas*.

— Ou quarenta.

— Amanhã, às duas horas, encontrará o barco em Oustiévo — voltou a dizer a mulher.

Stepan teimou em não responder, e os companheiros acabaram por o deixar em paz. O mujique estava ocupado de novo a retirar o cavalo de uma cova. Só de longe a longe o marido e a mulher trocavam duas palavras. O viajante começava a dormitar. Ficou muito espantado quando a camponesa o empurrou, a rir, e se viu numa aldeia bastante grande. A carroça parara diante de uma casa de madeira com três janelas.

— Senhor, está a dormir?

— Que quer? Onde estou? Ah, sim, sim... tanto me faz... — suspirou Stepan e saltou para terra.

Olhou tristemente à sua volta e sentiu-se desorientado neste novo meio.

— Devo-lhe cinquenta *kopeks* e já não pensava em tal — disse ao camponês, para junto do qual se aproximou.

Como é natural, já lhe custava a separar-se dos seus companheiros de viagem.

— Pagará em casa... Entre — respondeu o mujique.

— Sim, é melhor — concordou a mulher.

Stepan subiu uma escada pequena com os degraus um pouco gastos.

«Como pode ser possível tudo isto?», murmurou, inquieto e surpreendido, mas entrando em casa. *«Elle l'a voulu»*, exclamou, com o coração despedaçado, esquecendo tudo, até o próprio lugar onde se encontrava.

Era uma casa de camponeses, clara, bastante limpa e com dois quartos. Não merecia, propriamente, o nome de estalagem, mas os viajantes conhecidos dos donos da casa tinham por costume, há muito, hospedarem-se ali. Sem pensar em cumprimentar ninguém, Stepan foi propositadamente sentar-se no canto, em frente, entregando-se às suas reflexões. Não deixou todavia de sentir a influência benéfica do calor, que se sucedia à humidade sofrida durante três horas de viagem. Como acontece sempre aos homens nervosos quando têm febre, e na transição brusca do frio para o calor, Stepan sentiu um leve arrepio ao longo da espinha dorsal, sensação essa acompanhada de um prazer esquisito. Levantou a cabeça e um perfume delicioso veio despertar-lhe o nervo olfativo: a dona da casa preparava-se para fazer *bolos.* Aproximou-se dela com um sorriso de criança e inquiriu:

— Que vai fazer? Vai fazer *bolos? Mais... c'est charmant.*

— O senhor deseja alguns? — perguntou com delicadeza a mulher.

— Desejo, sim, e... peço-lhe também para me dar chá — respondeu apressadamente Stepan.

— Quer um samovar? De muito boa vontade.

Serviram-lhe os bolos num grande prato, adornado com desenhos azuis. Achou deliciosos esses bolos de aldeia, feitos com farinha de frutas e banhados em manteiga fresca.

— São bons! Escorregam bem! Se ao menos houvesse um *doigt d'eau-de-vie!?*

— Não deseja um copo de *vodka?*

— Sim, sim, uma lágrima, *un tout petit rien.*

— Cinco *kopeks* dela, sim?

— Cinco, cinco, cinco, um quase nada — aquiesceu ele, com um sorriso de beatitude.

Pedi a um homem do poro para vos prestar um serviço; se quiser e puder, servir-vos-á de muito boa vontade. Se lhe pedirdes porém para ir buscar aguardente, a sua placidez servil, do costume, será substituída por uma espécie de desvelo alegre: um parente não mostraria mais zelo em vos ser agradável. Indo buscar *vodka,* sabe muito bem que vós bebereis e ele não, mas não se importa, e parece contentar-se em tomar parte no vosso prazer. Passados três ou quatro minutos — havia uma taberna a dois passos da casa — o frasco pedido estava em cima da mesa, assim como um grande copo de pé.

— É tudo para mim! — exclamou espantado Stepan. — Tive sempre aguardente em minha casa, contudo não sabia que se podia ter tanta por cinco *kopeks*.

Encheu o copo, levantou-se e dirigiu-se com certa solenidade para o outro canto do quarto, onde estava sentada a sua companheira de viagem, a mulher das sobrancelhas pretas, cujas perguntas tanto o aborreceram pelo caminho. Envergonhada, a camponesa principiou por recusar, mas, após este tributo às conveniências, levantou-se e bebeu a aguardente aos golinhos, como bebem as mulheres, e enquanto o seu rosto tomava uma extraordinária expressão de sofrimento, entregou o copo a Stepan, fazendo uma reverência. Este, por sua vez, cumprimentou-a com seriedade e voltou com altivez para o seu lugar.

Procedera assim por uma espécie de inspiração súbita: um segundo antes ainda não sabia se iria presentear a camponesa.

«Sei tratar maravilhosamente a gente do povo», pensou, enquanto deitava o resto da aguardente. Já não deu um copo. No entanto o que bebeu, aqueceu-o e subiu-lhe um pouco à cabeça. «*Je suis malade tout à fait, mais ce n'est pas trop mauvais d'être malade».*

— Deseja comprar? — disse junto dele uma voz meiga de mulher.

Levantando os olhos viu com espanto uma senhora na sua frente — *une dame*, *et elle en avait l'air* — de ter entrado já nos trinta. A sua aparência era demasiadamente modesta. Vestida à moda da cidade, trazia um vestido de cor escura e um grande lenço cinzento no pescoço. A sua fisionomia era afável e agradou logo a Stepan. Acabava de entrar na estalagem e os objetos que vendia tinha-os pousados num banco, perto do lugar onde estava o viajante. Este lembrou-se de que ao entrar no quarto

vira, entre outros objetos, uma carteira e um saco de oleado. A jovem tirou desse saco dois livrinhos elegantemente encadernados, com cruzes em relevo na capa, e ofereceu-os a Stepan.

— Oh, *mais je crois que c'est l'Evangile!* Com o maior prazer... Ah, agora estou a compreender! *Vous êtes ce qu'on appelle* uma vendedeira de livros... Já li por diversas vezes... Custa cinquenta *kopeks?*

— Trinta e cinco — respondeu a vendedeira.

— Com todo o gosto. *Je n'ai rien contre l'Evangile, et...* Há muito que tencionava tornar a lê-lo.

Lembrou-se de que há trinta anos, pelo menos, não o lera e que uma única vez, há sete anos, tivera uma vaga recordação desse livro ao ler a *Vie de Jésus,* de Renan. Como estava sem dinheiro trocado, tirou do bolso quatro notas de dez *rublos* — tudo quanto tinha. Como é natural, a dona da casa encarregou-se de as trocar; só nessa ocasião reparou, percorrendo a estalagem com o olhar, que estava ali bastante gente e que todos o observavam e pareciam estar a falar dele. Também falavam do incêndio de Zariétchié; o dono da carroça e da vaca, como tinha chegado da cidade, falava mais do que qualquer outro. Diziam que o sinistro fora devido à malvadez e que os incendiários eram operários da fábrica Chpigouline.

«É singular», pensou Stepan, «não me disse palavra durante a viagem acerca do incêndio, apesar de ter falado tanto».

— O quê, senhor Stepan!... É ao senhor que estou a ver? Que surpresa! Não me reconhece? — exclamou um homem de idade, que lembrava o tipo do criado-escravo de outros tempos.

Tinha a cara rapada e trazia um capote e colete comprido. Stepan assustou-se quando ouviu pronunciar o seu nome.

— Desculpe-me — balbuciou este — não me lembro...

— Não se lembra de mim? Sou Anisim Ivanov. Estive ao serviço do falecido Gaganov e quantas vezes, senhor, o vi com Bárbara em casa da falecida Avdotia Serguievna! Mandava-me levar-lhe livros, e por duas vezes lhe entreguei, do mando dela, bombons de S. Petersburgo...

— Ah, sim, já me recordo — disse, sorrindo, Stepan. — Moras então aqui?

— Moro na vizinhança de Spassov, perto do mosteiro de V... em casa de Marfa Serguievna, irmã de Avdotia Serguievna. Deve conhecê-la. Foi a que quebrou uma perna ao saltar da carruagem, num dia em que foi a um

baile. Agora vive junto do mosteiro e eu estou em casa dela. Se me encontro aqui hoje, é porque vim visitar uns parentes.

— Está muito bem, está muito bem.

— Estou muito contente por o encontrar. O senhor era muito bom para mim — prosseguiu Anisim, rindo-se satisfeito. — Mas onde vai assim sem companhia, senhor? Parece-me que nunca saiu sozinho?

Stepan olhou para o seu interlocutor com ar tímido.

— Não tenciona ir ver-nos a Spassov?

— Sim, hei de ir a Spassov. *Il me semble que tout le monde va à Spassov...*

— Vá a casa de Fédor Matviévitch. Ficará encantado com a visita. Estimava-o tanto noutros tempos! Ainda agora fala muitas vezes em si...

— Sim, sim, irei a casa de Fédor.

— Deve ir, sem demora. Há aqui mujiques que estão admiradíssimos: segundo dizem, encontraram-no na estrada, viajando a pé. Gente tola!

— Eu... aconteceu-me... Sabes, Anisim, apostei, como os ingleses, em que iria a pé, e eu...

O suor orvalhava-lhe a testa e as fontes.

— Sem dúvida, sem dúvida... — ia para continuar o implacável Anisim, mas Stepan não pôde suportar por mais tempo este suplício.

Estava tão envergonhado que quis levantar-se e deixar a estalagem. Nesta altura trouxeram-lhe o samovar, e a vendedeira, que estava para fora, voltou a entrar no quarto. Vendo-a, como supremo recurso, apressou-se a oferecer-lhe chá. Anisim percebeu e retirou-se.

O que é verdade é que os camponeses estavam muito intrigados. «Que espécie de homem será este?», diziam uns para os outros. «Encontraram-no a pé, pela estrada, intitula-se precetor, veste como um estrangeiro e não parece mais inteligente do que uma criança. Além disso, responde de tal modo que parece fugitivo, e tem dinheiro!» Já estavam a lembrar-se de prevenir a polícia, «visto a agitação que nestes últimos dias tinha reinado na cidade». Anisim apressou-se a sossegar o espírito daquela gente. Ao chegar ao vestíbulo contou, a quem quis ouvir, que Stepan não era verdadeiramente um precetor, mas «um grande sábio, que se entregava com paixão ao estado das ciências elevadas e ao mesmo tempo era proprietário. Vivia há vinte e dois anos na casa da viúva do general Stavroguine, de quem era pessoa de confiança, e toda a gente na cidade tinha por ele uma consideração extraordinária. No grémio da nobreza

acontecia-lhe ter noites de perder centenas de *rublos*. O seu cargo no *tchin* era o de secretário, título que correspondia no exército a tenente-coronel. Não era para admirar que tivesse dinheiro, porque a viúva não deitava contas ao que gastava com ele», etc., etc.

«Mais c'est une dame, et très comme il faut», dizia consigo Stepan, logo que voltou a si da perturbação que lhe causara o encontro com Anisim, ao analisar entusiasmado a sua vizinha, a vendedeira. Talvez devido a isso serviu-se de açúcar à moda da gente do povo, e logo em seguida exclamou: «*Ce petit morceau de sucre, ce n'est rien*... Há nela qualquer coisa de nobre, de independente e ao mesmo tempo de agradável. *Le comme il faut tout pur,* simplesmente com uma pequena diferença, *sui generis».*

Contou-lhe que se chamava Sofia Matvievna Oulitine e que residia em K... com sua irmã, que era viúva e pertencia à burguesia. Ela também era viúva, pois seu marido, antigo sargento-mor, promovido a tenente subalterno, tinha sido morto em Sebastopol.

— Mas a senhora ainda é tão nova, *vous n'avez pas trente ans*.

— Tenho trinta e quatro — respondeu sorrindo Sofia.

— Compreende o francês, então?

— Qualquer coisa. Depois da morte de meu marido passei quatro anos em casa de uns fidalgos e lá aprendi algumas palavras em francês, com as crianças.

Contou que, tendo ficado viúva aos dezoito anos, entrou para o serviço de uma ambulância em Sebastopol e em seguida viveu em diferentes terras, andando agora, por aqui e por ali, a vender o Evangelho.

— *Mais, mon Dieu,* não foi à senhora que aconteceu na cidade uma história esquisita, mesmo muito esquisita?

Corou. Era com efeito a triste heroína da aventura à qual Stepan se referia.

— *Ces vauriens*, *ces malheureux!* — começou com voz trémula de indignação.

Aquela triste lembrança reabrira uma chaga na sua alma. Durante um minuto ficou pensativo.

«O quê! Voltou a ir-se embora!», disse consigo, ao ver que Sofia já não estava ao lado dele. «Sai muitas vezes e tem qualquer coisa a preocupá-la! Parece que está inquieta! *Bah, je deviens égoïste!*»

Levantou a cabeça e viu de novo Anisim, mas desta vez o aspeto da assistência era mais extraordinário. A estalagem estava completamente cheia de camponeses, que Anisim arrastara consigo. Lá estava o dono da casa, o proprietário da carroça, dois cocheiros e finalmente um homenzinho meio ébrio e que falava mais do que ninguém. Este último, vestido como um camponês, mas de barba feita, parecia um burguês arruinado pela embriaguez. Todos falavam de Stepan. O proprietário da carroça teimava em dizer que, seguindo ao longo da margem, teria de andar quarenta *verstas* mais, pelo que era preferível tomar o barco a vapor. O burguês, meio embriagado, e o dono da casa replicavam com força:

— Sem dúvida, meu amigo. Sua Alteza levaria menos tempo a atravessar o lago a bordo do barco, mas nesta ocasião o serviço de carreiras está suspenso.

— Não, o barco ainda faz serviço durante mais oito dias! — gritou Anisim, mais exaltado do que ninguém.

— Talvez, mas à nossa estação não chega, nem em dias, nem a horas certas, e algumas vezes é preciso esperar por ele durante três dias, em Oustiévo.

— Há de vir amanhã e há de chegar às duas horas em ponto. Deve estar, senhor, em Spassov, antes de ser noite! — vociferou Anisim, fora de si.

— *Mais, qu'est ce qu'il a, cet homme?* — gemeu Stepan, tremendo de susto e esperando que decidissem a sua sorte.

Em seguida os cocheiros tomaram também a palavra; para levarem o viajante até Oustiévo pediram três *rublos.* Os outros gritavam que este preço não era nada exagerado e que durante todo o verão tinha sido a tabela em vigor para este percurso.

— Mas... estou bem aqui... e não quero... — pronunciou debilmente Stepan.

— Tem razão, senhor, está muito bem, no entanto estará melhor em Spassov, e Fédor ficará muito contente em o ver!

— *Mon Dieu, mes amis,* tudo isto é tão inesperado!

Por fim Sofia voltou a aparecer, mas, ao sentar-se de novo no banco, o seu rosto exprimia a mais profunda tristeza.

— Não posso ir a Spassov! — disse ela à dona da casa.

Stepan estremeceu.

— Como, também queria ir para Spassov? — perguntou ele.

A vendedeira contou que, na véspera, uma proprietária, Nadejda Égirovna Svietlitzine, lhe marcara um encontro em Khatovo, prometendo levá-la de lá até Spassov. Afinal essa senhora não veio.

— Que hei de fazer agora? — repetiu Sofia.

— *Mais, ma chère et nouvelle amie,* acabo de alugar uma carruagem para ir a essa aldeia. Como se chama ela? Posso levá-la até lá, assim como à proprietária, e amanhã... sim, amanhã, partimos todos para Spassov.

— Mas o senhor também vai para Spassov?

— *Mais que faire? Et je suis enchantê!* Levá-la-ei com o maior gosto. Se quiserem... Já o aluguei... Ajustei o preço com um deles... — acrescentou Stepan, que se sentia ansioso por ir para Spassov.

Um quarto de hora depois tomavam ambos lugar num *britcka* coberto; ele, muito animado, muito contente, e ela, ao lado, com o saco e um sorriso de agradecimento. Anisim ajudou-os a subir para o carro.

— Boa viagem, meu senhor — gritou ele, solícito. — Não calcula como fiquei contente em o encontrar!

— Adeus, adeus, meu amigo, adeus.

— O senhor vai ver Fédor?

— Sim, meu amigo, sim... Fédor... adeus.

Capítulo 2

— Então, minha amiga! Sim, há de permitir que me considere seu amigo, *n'est-ce pas?* — disse precipitadamente o viajante, logo que a carruagem se pôs a caminhar. — Veja, eu... *J'aime le peuple, c'est indispensable, mais il me semble que je ne l'avais jamais vu de près. Nastasie... cela va sans dire qu'elle est aussi du peuple... mais le vrai peuple,* refiro-me ao que se vai encontrando pela estrada, àquele, segundo parece, que não tem outra preocupação se não saber para onde vou... Mas, basta de recriminações. Diriam que estou a divagar e por isso falo muito depressa.

Sofia fixou no seu interlocutor um olhar penetrante, embora respeitoso.

— O senhor está doente, segundo penso — disse ela.

— Não, não, basta agasalhar-me; o vento está frio, mesmo muito frio, mas não tem importância. *Chère et incomparable amie,* parece que me sinto quase feliz e é devido a si. A felicidade não me serve de nada, porque me sinto logo na obrigação de perdoar a todos os meus inimigos...

— E é o que deve ser.

— Nem sempre, *chère inocente. L'Evangile... Voyez-vous, désormais nous le prêcherons ensemble,* e serei feliz na venda dos seus bons livros. Sinto que isto é uma inspiração *quelque chose de très nouveau dans ce genre.* O povo é religioso, *c'est admis,* mas não conhece ainda o Evangelho. Dar-lho-ei a conhecer... Por meio de explicações orais podem corrigir-se os erros deste livro notável, que estou disposto, bem entendido, a tratar com o devido respeito. hei de tornar-me útil, mesmo percorrendo os caminhos. Fui sempre útil. Disse-lhes isto muitas vezes, *à eux et à cette chère ingrate...* Oh, perdoemos, perdoemos! Perdoemos primeiro que tudo a toda a gente e para sempre... Só assim poderemos esperar que nos perdoem também, porque nós somos todos culpados, uns para com os outros... Somos todos culpados!

— Tem razão. Acaba de dizer, segundo me parece, uma grande verdade.

— Sim, sim... Sinto que falo bem. Falo muito bem, mas que queria eu dizer de importante? Perco sempre a fio da conversa e esqueço-me... Dá-me licença de não a deixar? Sinto que o seu olhar e... admiro os seus modos; é simples, a sua maneira de falar é ingénua, deita o chá no pires... com esse feio bocadito de açúcar, mas tem qualquer coisa que encanta e vejo nas suas feições... Oh, não core e não tenha medo de mim por eu ser homem. *Chère et incomparable*, *pour moi une femme*, *c'est tout.* É indispensável que viva junto de uma mulher, mas só ao lado... Estou a sair completamente do assunto... Já não sei o queria dizer. Oh, feliz daquele a quem Deus envia uma mulher e imagine estarem êxtase. Até nos caminhos existe um pensamento elevado. Era isto, era isto o que eu desejava dizer, era a ideia que eu procurava e que não achava. Mas para que nos trouxeram para mais longe? Lá também estávamos bem, aqui *cela devient trop froid. A propos, j'ai en tout quarante roubles*, *et voilà cet argent...* Pegue, pegue nele, pois não sei guardá-lo e posso perdê-lo ou roubarem-mo, e... Parece-me que tenho vontade de dormir! Há qualquer coisa que me dá volta à cabeça. Sim, isto varia, varia, varia! Como é boa. Com que me está a cobrir?

— O senhor tem muita febre e pus-lhe em cima a minha capa. Porém, quanto ao dinheiro, não.

— Oh, por favor, *n'en parlons plus*, *parce que cela me fait mal...* Oh, como sois boa!

A esta avalanche de palavras sucedeu de repente um sono febril, acompanhado de arrepios. Os viajantes percorreram as dezassete *verstas* através de um caminho escabroso, no qual a carruagem dava grandes solavancos. Stepan despertava muitas vezes, levantava-se bruscamente da pequena almofada que Sofia lhe colocara sob a cabeça, agarrava-lhe nas mãos e perguntava: «Está aqui!» — como se temesse que ela o deixasse. Afirmava que via em sonhos uma mandíbula aberta, o que lhe fazia muita impressão. O seu estado inquietava bastante a vendedeira. Os cocheiros pararam em frente de uma grande estalagem de quatro janelas, rodeada de construções habitáveis. Tendo acordado, apressou-se a entrar e foi direito ao segundo compartimento, o maior e o mais bonito da casa. O seu rosto ensonado tinha retomado uma expressão muito pensativa. A dona do estabelecimento era alta e forte, camponesa dos seus quarenta anos, cabelos muito pretos e um pequeno buço a escurecer-lhe o lábio superior. O viajante declarou rápido que queria para ele só todo o quarto. «Feche a

porta» — disse — «e não deixe entrar aqui ninguém, *parce que nous avons à parler. Oui, j'ai beaucoup à vous dire*, *chère amie.* hei de pagar-lhe tudo, hei de pagar-lhe tudo!» — terminou, dirigindo-se à vendedeira com gesto largo.

Embora falasse precipitadamente, parecia que lhe custava mexer a língua. A mulher ouviu-o com aspeto pouco amável: não tez nenhuma objeção, mas a sua muda aprovação estava cheia de ameaças. Stepan não reparou nisso e pediu solicitamente que lhe servissem o jantar.

Desta vez a dona da casa falou.

— Isto não é nenhuma hospedaria, senhor. Não damos de jantar aos viajantes. Podemos, para o servir, cozer-lhe uns lagostins ou fazer chá, mas é tudo quanto temos. Só amanhã haverá peixe fresco.

Stepan, fazendo de conta que nada tinha ouvido, exclamou: «Eu pagarei, mas só quero que ande depressa, ande depressa!» — repetiu, fazendo um gesto de encolerizado. Pediu uma sopa de peixe e uma galinha assada. A mulher assegurou-lhe que em toda a aldeia seria talvez impossível encontrar uma galinha; contudo concordou em ir tentar ver se encontraria alguma. Pela cara que fazia, parecia mostrar-se de uma condescendência extraordinária.

Logo que saiu, Stepan sentou-se no sofá e convidou

Sofia a sentar-se ao pé dele. Havia no quarto um sofá e várias cadeiras de braços, mas estes móveis estavam muito estragados. A sala, bastante espaçosa, era dividida em duas por um tabique. Do outro lado havia uma cama. A parede estava coberta de tapeçarias amarelas, muito velhas e estragadas. Esta sala, mobilada com móveis comprados em segunda mão, estampas mitológicas horrorosas e imagens de santos ao canto e em frente, era um conjunto desengraçado de cidade e de campo. Stepan não olhou para nada disto e nem sequer foi à janela contemplar a imensidade do lago que começava a pouco mais de vinte metros da casa.

— Enfim, eis-nos sós, e não deixaremos entrar aqui ninguém! Quero contar-lhe tudo, desde o princípio...

Sofia, parecendo muito inquieta, apressou-se a interrompê-lo:

— O senhor Stepan sabe...

— *Comment, vous savez déjà mon nom?* — disse, com sorriso prazenteiro.

— Há pouco ouvi Anisim chamar-lhe assim, enquanto o senhor falava com ele.

Depois de ter olhado para a porta, a fim de se assegurar que estava fechada e que ninguém podia ouvir, a vendedeira baixou de repente a voz e fez-lhe saber o perigo que corria nesta aldeia. «Embora — disse ela — todos os camponeses daqui sejam pescadores e vivam principalmente dessa profissão, isso não os impede de explorarem abominavelmente os viajantes. Esta localidade não é passagem obrigatória e só se vem aqui porque o barco a vapor aqui para. Todavia, este barco faz o serviço muito irregularmente. Se o tempo está um pouco pior, é preciso esperar alguns dias a chegada desse barco. Entretanto a aldeia e todas as casas se vão enchendo e os habitantes aproveitam-se desta circunstância para vender qualquer objeto pelo triplo do valor.

Enquanto Sofia falava animadamente, lia-se como que uma repreensão no olhar que Stepan lhe dirigia. Várias vezes tentou fazê-la calar, mas ela nem por isso deixou de prosseguir nas suas recriminações contra a cobiça das pessoas de Oustiévo. Já uns tempos antes tinha vindo a esta aldeia com uma «senhora muito rica e nobre»; tinham-se demorado à espera da chegada do barco e eles tinham-nas explorado! Era terrível essa lembrança. «Note que o senhor pediu este quarto só para si... Ora se lhe falo assim, é unicamente para o prevenir... Do lado de lá, no outro quarto, já estão também uns viajantes: um velho, um rapaz novo, uma senhora com umas crianças, mas amanhã a casa «ficará repleta até às duas horas, porque o barco, não tendo vindo há dois dias, deve chegar amanhã, de certeza. Pois bem, pelo quarto particular que o senhor alugou e pelo jantar que encomendou, vão levar-lhe um preço que mesmo numa cidade seria inaudito».

Este modo de falar fazia-o sofrer e estava na verdade bastante aflito:

— *Assez, mon enfant,* suplico-lhe; *nous avons notre argent et après… et après… le bon Dieu.* Admiro-me que tendo tão grande elevação de ideias... *Assez, assez, vous me tourmentez* — disse, com uma espécie de impaciência histérica. — O futuro está aberto de par em par diante de nós e a senhora... está inquieta pelo futuro...

Seguidamente pôs-se a contar toda a história da sua vida, falando com tal pressa que a princípio foi-lhe difícil compreendê-lo. Esta narrativa foi muito demorada. Serviram a sopa de peixe, serviram a galinha, trouxeram o samovar e Stepan continuava a falar... Esta esquisita verbosidade tinha alguma coisa de mórbido e, com efeito, o pobre homem estava doente. Ao ouvi-lo, Sofia previa com angústia que, a esta brusca tensão de esforço

intelectual, se seguiria um enfraquecimento extraordinário do organismo. Principiou por contar os seus primeiros anos, as «suas corridas pelos campos»; só passado uma hora chegou aos seus dois casamentos e à sua estada em Berlim. Este relato provocava o riso, se nos fosse de facto permitido rir. Havia nisto tudo para ele grande interesse em jogo, como hoje se diz, quase uma luta pela vida. Via diante dele aquela a quem sonhava fazer companheira da sua vida e tinha pressa em iniciá-la nisso, se assim se pode dizer. O talento de Stepan não podia ser para o futuro um segredo para Sofia. Com certeza estava a fazer acerca dela uma opinião muito exagerada, mas fora ele quem a escolhera. Não podia passar sem mulher, Estudando o rosto da vendedeira, foi forçado a confessar que grande parte das suas frases, mesmo as mais simples, eram para ela letra morta.

«Ce n'est rien, nous attendrons. Nesta altura pode muito bem compreender, adivinhando o sentimento», pensou ele.

— Minha amiga — disse com transporte — apenas preciso do seu coração e desse encantador, desse adorável olhar que está a fixar em mim neste momento! Oh, não core! Já lhe disse...

O que pareceu mais obscuro à pobre Sofia foi a comprida dissertação, destinada a provar-lhe que nunca ninguém o compreendera e que «entre nós, na Rússia, os talentos são esmagados...» «Era-me extremamente difícil compreendê-lo» — disse-me ela mais tarde, com tristeza. Foi ouvindo com ar de compaixão e abrindo um pouco mais os olhos. Quando começou a criticar, em frases mais violentas, os nossos «homens da vanguarda», por duas vezes ele tentou sorrir, mas o rosto dela exprimiu tal desgosto que Stepan ficou perturbado. Mudando de assunto, começou a descarregar com força nos niilistas e na «gente nova». Nessa ocasião a sua ira assustou a vendedeira e só respirou um pouco quando o orador encetou o capítulo dos seus amores. A mulher, embora freira, é sempre mulher. Sofia sorria e abanava a cabeça; às vezes corava e baixava os olhos, o que alegrava Stepan tanto, tanto, que acrescentou à sua história muitas variações romanescas. Na sua narrativa, Bárbara transformou-se numa deliciosa morena — «muito admirada em S. Petersburgo e em várias capitais da Europa» — e cujo marido se deixara matar em Sebastopol unicamente porque, sentindo-se indigno do amor de tal mulher, quis deixá-la ao seu rival, que, bem entendido, não era outro senão Stepan... «Não se escandalize, minha meiga cristã!» — exclamou, quase iludido com as suas

próprias invenções. «Era um sentimento elevado, uma coisa tão platónica que, nem uma só vez, durante o nosso convívio, confessámos os nossos sentimentos um ao outro». O decorrer do tempo porém demonstrou que a causa de tal estado de coisas era uma loura — se não se referia aqui a Dacha, não sei a quem Stepan fazia alusão! — Esta loura devia tudo à morena, que, na qualidade de parenta afastada, a educara em sua casa. A morena, reparando por fim no amor da loura por Stepan, impôs silêncio ao coração. A loura, por seu lado, fez outro tanto, quando percebeu que a morena era sua rival. E estes três seres, vítimas todos da sua magnanimidade, estiveram assim calados durante vinte anos, concentrando tudo dentro deles. «Oh, que paixão tamanha! Que paixão tamanha!» — soluçava ele, sinceramente comovido. «Vi a morena no pleno desenvolvimento dos seus encantos. Escondendo a minha ferida no fundo de mim mesmo, via-a passar todos os dias a meu lado, como que envergonhada da sua beleza, ou, conforme sem querer ela me disse um dia: «como que envergonhada da sua gordura». Por fim, fugiu, arrancando-se a esse sonho, a esse delírio, que durara vinte anos — «*Vingt ans*... E agora nessa grande estrada...» — exclamou ele. Depois, atormentado por uma espécie de sobre-excitação cerebral, tentou explicar a Sofia o que significava o seu encontro de hoje, «encontro tão imprevisto como fatídico». Extremamente agitada, a vendedeira acabou por se levantar. Tentou pôr-se de joelhos diante dele e chorou abundantes lágrimas. A escuridão foi-se tornando cada vez maior; os dois haviam passado muitas horas juntos.

— Não é melhor que eu fique naquele compartimento, pois de outro modo que pensaria esta gente?

Conseguiu por fim ir-se embora. Ele deixou-a ir, depois de lhe ter jurado que se deitaria imediatamente. Ao dizer-lhe adeus, queixou-se de forte dor de cabeça. Sofia tinha deixado o saco e as suas coisas no primeiro quarto; contava passar a noite ali, com os donos da casa, mas foi-lhe impossível descansar um instante.

Mal se meteu na cama, Stepan teve um ataque de nervos, daqueles que todos os seus bons amigos e eu conhecíamos bem. Como o leitor deve saber, este facto acontecia-lhe regularmente depois de uma tensão nervosa qualquer, ou depois de um grande abalo moral. A pobre Sofia esteve a pé toda a noite; e como, para prestar ao doente os seus cuidados, era obrigada a atravessar bastantes vezes o quarto vizinho, onde dormiam os viajantes e

os donos da casa, estes, perturbados no sono pelas suas idas e vindas, manifestaram alto o seu descontentamento; chegaram a injuriá-la quando, pela madrugada, a vendedeira se lembrou de fazer chá. Enquanto esteve mal, Stepan permaneceu meio inconsciente; às vezes parecia-lhe que punham o samovar ao lume, que lhe faziam tomar qualquer coisa — um xarope de framboesas — e que lhe friccionavam a barriga e o peito. Mas, quase sempre, sentia que ela estava ali, junto dele; que era ela que entrava e saía, que o ajudava a levantar-se e a deitar-se. Às três da manhã, o doente achou-se melhor; levantou-se da cama e de um salto prostrou-se no soalho, diante de Sofia. Não foi a genuflexão de há pouco; caia aos pés da vendedeira e beijou-lhe a extremidade do vestido.

— Deixe-se disso, não mereço tal — disse ela com embaraço, esforçando-se por conseguir que ele se metesse na cama.

— É a minha salvação — disse, juntando as mãos piedosamente diante dela. — *Vous êtes noble comme une marquise!* Eu sou um patife! Oh, fui sempre um grosseirão!

— Sossegue — suplicava Sofia.

— Há pouco só lhe disse mentiras, por vaidade, por elegância, por ociosidade. É tudo falso, até à última palavra... Oh, que patife que eu sou!

Pelo que se depreende, depois do ataque, Stepan sentiu necessidade histérica de se condenar a ele mesmo. Já mencionei este fenómeno quando falei das cartas dele para Bárbara. De repente lembrou-se de Lisa e do encontro que teve com ela na manhã anterior: «Foi tão terrível!... Com certeza houve alguma desgraça, mas nada lhe perguntei, de nada me informei! Só pensava em mim! Oh, que lhe teria acontecido? Não sabe?» — perguntou a Sofia, em tom suplicante. A seguir jurou que «não era infiel, que voltaria para ela» — isto é, para junto de Bárbara, «Havemos de nos aproximar cada vez mais da escadaria do seu átrio». Sofia estava compreendida neste «nós». «Iremos à hora em que sai para o passeio da manhã e vê-la-emos sem fazer barulho... Oh, quero que me bata na outra face. Quero-o de todo o coração! hei de dar-lhe a outra minha face, *comme dans votre livre.* Agora, só agora, compreendi o que significam estas palavras: «dar a outra face. Nunca até hoje as tinha compreendido!»

Este dia e o seguinte foram os mais tormentosos para Sofia. Mesmo agora, ao lembrar-se deles, sente arrepios. Stepan estava muitíssimo doente para poder tomar lugar no barco, que, desta vez, chegou exatamente às duas horas da tarde. A vendedeira, não tendo coragem de o deixar só,

também não partiu para Spassov. Segundo o que ela contou, o doente manifestou grande alegria ao saber que o barco tinha partido:

— Muito bem, muito bem — murmurou, deitado na cama. — Tive sempre receio de partir. Está-se tão bem aqui! Melhor do que noutra qualquer parte... Não me deixará? Oh, ainda não me deixou!

No entanto não era verdade que se sentisse bem ali. Stepan pouco ou nada se importava com as dificuldades da sua companheira. Na sua cabeça só germinavam quimeras. Considerava a sua doença como uma pequena indisposição sem consequência de maior e não pensava nela. A sua única intenção era ir vender «os livrinhos» com a vendedeira. Pediu-lhe para lhe ler o Evangelho:

— Há muito tempo que o li... no original. Se por acaso me perguntassem sobre ele alguma coisa, com certeza me enganava. É preciso que me encontre em circunstâncias de responder.

Sentou-se junto dele e abriu o livro.

Este interrompeu-a, logo ao principiar:

— Lê muito bem. Vejo que não me enganei! — acrescentou.

Estas últimas palavras, cujo sentido não se compreende, foram pronunciadas com entusiasmo. Além disso, o exaltar-se era nesse momento uma das características de Stepan.

Sofia leu o sermão da montanha.

— *Assez, assez, mon enfant,* basta! Julga que *cela* não chega por hoje?

Fechou então os olhos de cansado. Estava muito fraco, mas ainda não tinha perdido as ideias. A vendedeira ia levantar-se, julgando que tinha vontade de dormir, mas ele reteve-a:

— Minha amiga, menti toda a vida, mesmo quando dizia verdades. Nunca falei a favor da verdade, mas sim a meu favor. Noutros tempos já o sabia, mas só agora é que o compreendo... Oh, onde estão os amigos a quem, durante a vida, ofendi com a minha amizade? Todos, todos! *Savez-vous,* talvez ainda esteja a mentir agora. O pior é enganar-me a mim mesmo quando minto. Nada há na vida nada mais difícil do que viver sem mentir... e... sem acreditar na sua própria mentira. Sim, sim, justamente! Mas, espere, falaremos de tudo isto mais tarde... Estamos um ao pé do outro, muito juntos! — terminou entusiasmado.

— Stepan — perguntou timidamente Sofia — não seria melhor mandar chamar um médico à cidade?

Estas palavras causaram-lhe uma impressão terrível.

— Porquê? *Est-ce que je suis si malade? Mais rien de sérieux.* Que necessidade temos de pessoas estranhas? Reconhecer-me-iam e... que sucederia então? Não, não, não quero pessoas estranhas. Juntos, só nós os dois!

— Sabe — disse depois de uma pausa — leia-me mais qualquer coisa, seja o que for, o que calhar.

Sofia abriu o livro e pôs-se a ler.

— Ao acaso, a primeira passagem que aparecer — repetiu ele.

— «Escreve também ao anjo da igreja de Laodiceia...»

— O quê? O quê? Onde vem isso?

— No Apocalipse.

— *Oh! Je m'en souviens, oui, l'Apocalypse. Lisez, lisez,* pois calcularei o nosso futuro segundo esse livro. Quero saber o que ele diz. Leia a partir do anjo, a partir do anjo.

— «Escreve também ao anjo da igreja de Laodiceia», eis o que diz aquele que é a própria verdade, a testemunha fiel e verdadeira, a origem das obras de Deus. «Eu sei quais as tuas obras; não tens frio, nem calor... Oh, porque se tivesses frio ou calor… Porém, como és tépido e não estás quente nem frio, expelir-te-ei da minha boca. Porque dizes: sou rico, estou cheia de bens, não necessito de nada e não reconheces afinal que és um infeliz, um miserável, um pobre, um cego e estás nu».

Stepan soergueu-se no travesseiro, com os olhos a brilhar.

— Então isso... então isso está no seu livro? — exclamou. — Ainda não conhecia essa belíssima passagem! Ouvi: antes frio, sim, antes frio do que tépido, *seulement* tépido. hei de provar-lho: simplesmente não me abandone, não me deixe só! Havemos de o demonstrar. Havemos de o demonstrar!

— Não o deixarei, Stepan, nunca o abandonarei — respondeu Sofia.

Pegou-lhe nas mãos, apertou-as entre as suas e colocou-as sobre o coração, olhando para ele com os olhos cheios de lágrimas. «Causou-me verdadeiro dó naquele momento!», contou-me ela mais tarde.

Um tremor convulso agitou os lábios do doente.

— Mas então, Stepan, que havemos de fazer? Se preveníssemos algum dos seus amigos ou parentes?

Ficou tão aterrorizado que a vendedeira teve pena de lhe falar assim. Suplicou-lhe, a tremer, que não chamasse ninguém, que não fizesse nada. Exigiu dela uma promessa formal em relação a este seu desejo. «Ninguém,

ninguém» — repetia ele. «Só nós os dois, só nós os dois! *Nous partirons ensemble!»*

Para cúmulo da desgraça, os senhorios da casa também começaram a inquietar-se: resmungaram e perseguiram Sofia com reclamações. Pagou-lhes e arranjou tudo de forma a provar-lhes que tinha dinheiro. Só assim obteve algum descanso. Contudo, o dono da estalagem pediu para ver o «passaporte» de Stepan. Tendo nos lábios um sorriso altivo, indicou-lhes com um gesto o seu saco de viagem, onde estava um documento que lhe servira sempre de passaporte: era uma certidão, constatando a sua saída do serviço. Sofia mostrou esse documento ao dono casa, mas este não se enterneceu: «É preciso» — disse — «levar o doente para outra parte, pois a nossa casa não é nenhum hospital. Se morresse aqui, teríamos muitas contrariedades». Sofia sugeriu-lhes mandar buscar um médico à cidade, mas isso originava tão grande despesa que teve de renunciar a tal ideia. A vendedeira, angustiada, voltou para junto de Stepan. Este enfraquecia a olhos vistos.

— Leia mais alguma coisa... No ponto onde fala de uns porcos... — disse de repente.

— O quê? — perguntou Sofia, com espanto.

— No sítio onde fala de uns porcos... Também vem no seu livro... *ces cochons*... Lembro-me muito bem: os diabos introduziram-se nos porcos e todos se afogaram. Leia isso. Interessa-me muito esse ponto. Dir-lhe-ei depois porquê. Quero lembrar-me mesmo do texto.

Sofia conhecia bem os evangelhos, por isso não lhe foi difícil encontrar, no de S. Lucas, a passagem que serve de epígrafe à minha crónica. Transcrevo-a de novo aqui:

> *32 — Ora andava ali pastando no monte uma grande vara de porcos e os demónios lhe rogavam que lhes permitisse entrar neles. E Jesus lho permitiu.*
>
> *33 — Saíram, pois, do homem os demónios e entraram nos porcos: e logo a vara dos porcos se arrojou por um despenhadeiro impetuosamente no lago e ali ficou toda afogada.*
>
> *34 — Quando isto viram, os porqueiros fugiram e foram-no contar pelas cidades e pelas granjas.*
>
> *35 — Então as pessoas saíram a ver o que havia acontecido e vieram ter com Jesus: e acharam a seus pés, sentado, já vestido e*

em juízo, o homem de onde haviam saído os demónios, e tiveram grande medo.

36 — E os que haviam presenciado o que tinha sucedido lhes contaram também como o possesso fora libertado da legião.

— Minha amiga — disse Stepan, muito agitado — *savez-vous,* essa passagem maravilhosa e... extraordinária, foi para mim, durante a minha vida, uma pedra de escândalo. Foi até por esse motivo que não mais me esqueci dela, desde a infância. Todavia agora surgiu-me uma ideia: *une comparaison.* Tenho nesta altura grande número de ideias terríveis... Notai, é exatamente a figura da nossa Rússia. Esses demónios que saem do doente e que entram nos porcos são os venenos, os miasmas, as impurezas, os diabos acumulados há séculos na nossa grande e querida doente, a nossa Rússia! *Oui, cette Russie, que j'aimais toujours.* Contudo, sobre ela, como sobre esse tolo endemoninhado, vela, do alto, um pensamento transcendente, uma vontade dominadora, que expulsará todos os demónios, todas as impurezas, toda essa corrupção que supura na sua superfície... e serão eles próprios a pedir a sua introdução nos porcos. Que digo? Talvez até já tenham entrado! Somos nós, nós e eles e Pedro... *et les autres avec lui,* e eu talvez em primeiro lugar: loucos furiosos, e precipitar-nos-emos do rochedo ao mar. Afogar-nos-emos todos e será bem feito, porque não merecemos outra coisa. Entretanto a doente salvar-se-á e «irá sentar-se aos pés de Jesus...» e todos a contemplarão com espanto... Querida, *vous comprendrez après.* Agora estou muito agitado... *Vous comprendrez après... Nous comprendrons ensemble.*

O delírio apoderou-se dele e por último perdeu a razão. O dia seguinte passou-se da mesma forma. Sofia chorou, sentada junto do doente. Durante três noites, só tivera um escasso instante de descanso. Evitava a presença dos donos da casa, pois já sabia que pensavam pô-los a ambos na rua. A libertação só chegou ao terceiro dia. Pela manhã Stepan voltou a si, reconheceu a vendedeira e estendeu-lhe a mão. Esta fez-lhe o sinal da cruz com confiança. Ele pretendeu olhar pela janela: «*Tiens*, *un lac*», disse. «Ah, meu Deus, ainda não o tinha visto...» Neste momento parou um trem em frente da porta da estalagem e dentro de casa produziu-se uma mudança extraordinária.

Capítulo 3

Era Bárbara em pessoa que chegava, numa carruagem de quatro lugares, com Dacha e dois criados. Esta aparição inesperada explica-se do modo mais natural do mundo: Anisim, não podendo conter a sua curiosidade, foi a casa da viúva, no dia seguinte à sua chegada à cidade, e contou aos criados que encontrara Stepan, sozinho, numa aldeia; que alguns camponeses o viram caminhar só, através da grande estrada, e, finalmente, que partira na companhia de Sofia para Oustiévo, de onde devia seguir para Spassov. Como, por seu lado, Bárbara estivesse muito inquieta e procurasse por todas as formas o fugitivo, preveniram-na imediatamente da chegada de Anisim. Logo que este a pôs ao corrente de tudo, deu ordem para atrelar e partiu a toda a pressa para Oustiévo. No que dizia respeito à doença do seu amigo, não tinha ainda conhecimento dela.

A sua voz forte e arrogante intimidou os próprios donos da casa. Apenas parou para pedir informações, persuadida de que Stepan se encontrava há muito em Spassov; porém, ao saber que não tinha ainda deixado a estalagem e que estava doente, entrou muito aflita.

— Onde está ele? Ah, és tu! — exclamou, vendo Sofia, que apareceu no limiar do segundo compartimento. — Pelo descaramento, adivinhei logo quem era! Para trás, desavergonhada! Não quero que fiques aqui nem mais um minuto! Põe-te lá fora, minha descarada, senão meto-te na cadeia para toda a vida! Fechem-na imediatamente noutro compartimento! Na cidade já esteve presa e vai sê-lo outra vez. Peço-lhe, ao senhor, como dono da casa, para não deixar entrar ninguém aqui enquanto eu cá estiver. Sou a viúva do general Stavroguine e alugo para mim toda a casa. Mas tu, minha atrevida, hás de prestar-me contas de tudo.

O som desta voz tão conhecida assustou Stepan. Pôs-se a tremer. Entretanto Bárbara entrava-lhe no quarto. Os seus olhos chamejavam; com o pé puxou uma cadeira, recostou-se e voltou-se violentamente para Dacha:

— Retira-te um instante. Vai para junto dos donos da casa. Que quer dizer tanta curiosidade? Tem cuidado, fecha bem a porta quando fores

embora.

Durante algum tempo manteve-se calada, mas fitou o rosto sobressaltado do doente, com olhar de ave de rapina.

— Como está, Stepan? Deu um pequenino passeio? — começou, de súbito, com ironia cheia de cólera.

— *Chère* — balbuciou ele, comovido — andava a estudar a verdadeira vida russa... *et je prêcherais l'Evangile...*

— Oh, homem sem vergonha! Oh, seu ingrato! — vociferou, batendo com as mãos uma na outra. — Não era bastante o cobrir-me de vergonha, se não ainda ir-se ligar... Oh, velho libertino, homem sem vergonha.

— *Chère...*

A voz faltou-lhe, enquanto fitava a viúva com os olhos dilatados pelo terror.

— Quem é ela?

— *C'est un ange... c'était plus qu'un ange pour moi*, *toute la nuit*, *elle...* Oh, não grite, não lhe faça mal, *chère, chère...*

Bárbara levantou-se bruscamente em bico de pés:

— Água, água! — disse ela, com ar de espanto.

Embora Stepan tivesse voltado a si, continuou a olhar para ele, pois estava muito pálido e trémulo, com o rosto desfigurado. Só nesta altura ela suspeitou da gravidade da doença,

— Dacha — disse baixinho à moça — é preciso mandar vir imediatamente o doutor Zaltzfisch. Que o Aléxis parta imediatamente. Alagará cavalos aqui e trará da cidade outra carruagem. É preciso que o doutor esteja aqui antes da noite.

Dacha correu a transmitir a ordem da viúva. O olhar de Stepan tinha sempre a mesma expressão de susto e os lábios brancos tremiam-lhe. Bárbara falava-lhe como a uma criança:

— Espere, Stepan, espere, meu querido... Sim, espere, Dacha! Eu volto já e... Ah, meu Deus! — acrescentou — Senhora, senhora, venha a senhora, pelo menos.

Na sua impaciência, foi ela própria procurar a dona da casa.

— Torne a trazer *celle-là,* imediatamente. Traga-a, traga-a.

Felizmente Sofia ainda não tinha saído da casa. Ia a transpor o limiar da porta com o saco e o seu embrulho quando a fizeram voltar para trás. O seu terror foi tão grande que se pôs a tremer toda. Bárbara agarrou-a por

um braço, da mesma maneira que um milhafre se atira a um frango, e, com modos violentos, arrastou-a para junto de Stepan.

— Muito bem, aqui tens. Não a comi. Pensavas que ta tinha comido.

Stepan pegou na mão de Bárbara e chegou-a aos lábios. Depois, num acesso de ternura doentia, começou a chorar e a soluçar.

— Vamos, sossega, sossega, meu querido. Vamos! Ah, meu Deus! Mas sossega! — exclamou, encolerizada, a viúva. — Oh, que algoz, que eterno algoz!

— Minha querida — balbuciou por fim Stepan, dirigindo se a Sofia. — Não se vá embora, minha querida, tenho que lhe dizer.

Sofia porém retirou-se imediatamente.

— *Chérie... chérie*… — disse, com voz arquejante.

— Não fales agora, Stepan. Espera um pouco. Descansa primeiro. Aqui está água... Espera.

Bárbara voltou a sentar-se. O doente apertou-lhe a mão com força. Durante bastante tempo não lhe permitiu que falasse. Pôs-se a beijar a mão da viúva, enquanto esta, de lábios cerrados, olhava para o canto da sala.

— *Je vous aimais!* — disse ele por fim.

Nunca Bárbara, até então, o tinha ouvido proferir semelhante palavra.

— O quê? — resmungou ela.

— *Je vous aimais toute ma vie... vingt ans!*

Manteve-se calada. Dois ou três minutos se passaram assim.

— E como ele se aformoseava para Dacha, como ele se perfumava — disse, de repente, com voz pouco clara, mas ameaçadora, o que assombrou Stepan.

— Pôs até uma gravata nova.

Houve de novo uma pausa de dois minutos.

— Lembras-te do charuto?

— Minha amiga — gaguejou, aterrorizado.

— O charuto, à noite, junto à janela... ao luar... depois da nossa entrevista sob a caniçada... em Skvorechniki? Lembras-te? Lembras-te?

Ao mesmo tempo Bárbara levantou-se de um salto, agarrou o travesseiro pelos dois lados e sacudiu-o, sem contemplações pela cabeça que nele repousava.

— Lembras-te, homem frívolo, homem sem glória, homem pusilânime, ser eternamente fútil? — prosseguiu em tom baixo, mas onde se notava a mais violenta irritação; por fim largou o travesseiro e deixou-

se cair na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos. — Basta — exclamou, levantando-se. — Os vinte anos passaram e não voltarão mais. Eu também sou tola.

— *Je vous aimais* — repetiu Stepan, juntando as mãos.

De novo a viúva se levantou desabridamente.

— «*Je vous aimais... Je vous aimais...*» Porque me hás de cantar sempre essa antífona? Basta — replicou ela. — Se não dormes imediatamente, eu... Tens necessidade de repouso. Dorme, dorme imediatamente, fecha os olhos. Ah, meu Deus, queres talvez almoçar. Que queres comer? O que é que comes? Ah, meu Deus! Onde está a tal? Onde está ela?

Ia voltar a procurar Sofia, quando Stepan balbuciou, com voz pouco distinta, que dormiria de facto *une heure,* e em seguida tomaria *un bouillon, un thé... enfin, il est si heureux!* Adormeceu, como tinha dito, ou melhor, fingiu dormir. Depois de esperar um momento, Bárbara saiu nos bicos dos pés.

Instalou-se no quarto dos senhorios, obrigando estes a sair, e mandou Dacha procurar *celle-là.* Desta vez começou um interrogatório sério:

— Conta-me tudo com todos os pormenores. Senta-te ao pé de mim, assim... Então?

— Encontrei Stepan...

— Cala-te um momento. Aviso-te que, se mentires ou se esconderes qualquer coisa, será difícil depois refugiares-te nas entranhas da terra, pois nem aí escaparás à minha vingança. Bem... e depois?

— Encontrei Stepan... quando cheguei a Khatovo — declarou Sofia, quase sufocada pela comoção.

— Espera um instante, um minuto, porque tens tanta pressa? Primeiramente, diz-me, que espécie de ave és tu?

A vendedeira deu, o mais rapidamente que pôde, informações da sua vida passada, a partir da sua permanência em Sebastopol. Bárbara ouviu-a em silêncio, endireitando-se na cadeira e conservando os olhos fixos, mas carrancudos, no rosto da jovem.

— Por que tens tanto medo? Por que olhas para o chão? Gosto de quem olhe a direito para mim e questione comigo. Continua.

Sofia fez o relato pormenorizado do encontro, falou dos livros e contou a maneira como Stepan oferecera aguardente a uma camponesa.

— Bem, bem — aprovou Bárbara — não omitas o menor facto.

— Quando chegámos aqui — prosseguiu a vendedeira — já estava muito doente e falava muito. Contou-me toda a sua vida desde a infância e esse relato levou muitas horas.

— Conta-me o que te disse da vida dele.

Esta exigência colocou Sofia em grande dificuldade.

— Não sei repetir esse relato — disse, com lágrimas nos olhos. — Não compreendi nada do que ele disse.

— Mentes... É impossível que não tenhas compreendido alguma coisa.

— Falou-me muito de uma senhora da alta sociedade, que tinha os cabelos pretos — continuou Sofia, vermelha como uma papoila.

Ela havia reparado que Bárbara era loura e não se parecia nada com a «morena».

— Uma senhora que tinha os cabelos pretos? Que vem a ser isso? Fala, anda!

— Disse-me que essa senhora o tinha amado apaixonadamente durante toda a vida, durante vinte anos completos, mas que nunca ousara confessar-lhe o seu amor e que se sentia envergonhada diante dele, por ser muito gorda.

— Que imbecil! — declarou secamente Bárbara, que no entanto parecia pensativa.

Sofia já não estava em estado de conter as lágrimas.

— Não sei contar bem isto, porque, enquanto ele falava, estava eu muito inquieta a seu respeito e depois não consegui compreender um homem tão espiritual.

— Uma gralha como tu, de facto, não pode avaliá-lo. Ofereceu-te a sua mão?

A vendedeira pôs-se a tremer.

— Enamorou-se de ti?... Fala! Propôs-te casamento? — exclamou Bárbara.

— Quase — respondeu, chorando, Sofia. — Mas tomei tudo isso como devido à sua doença e não lhe liguei nenhuma importância — acrescentou, levantando ousadamente o olhar.

— Como te chamas? O teu nome próprio e apelido?

— Sofia Matvievna.

— Fica a saber, Sofia, que é o homem mais frívolo e pior do mundo... Senhor! Senhor! Julgas-me assim uma velhaca?

A vendedeira abriu muito os olhos.

— Julgas-me uma velhaca ou uma tirana? Acreditas que lhe tomei a vida desgraçada?

— Como seria possível uma coisa dessas, se até está a chorar?

Com efeito, as pálpebras de Bárbara estavam orvalhadas de lágrimas.

— Senta-te, senta-te, não tenhas medo. Olha para mim mais uma vez, a direito, sem pestanejares. Por que coras? Dacha, vem cá, olha para ela... Que pensas a seu respeito? O seu coração está puro...

E, de súbito, a viúva deu uma pancadinha no rosto de Sofia, coisa que lhe produziu mais susto do que espanto.

— Só o que é pena, é que sejas tola. Na tua idade não se deve ser assim tola. Mas está bem, eu tratarei de ti, pois vejo que isto não tem importância. Por agora fica aqui. Eu tomo a meu cargo a tua habitação e sustento. Pagar-te-ei tudo... Entretanto, tirarei informações.

A vendedeira observou timidamente que era obrigada a partir quanto antes.

— Nada te obriga a partir. Compro-te todos os teus livros, mas quero que fiques aqui. Cala-te, não admito nenhuma observação. Olha, se eu não viesse, deixá-lo-ias?

— Por nada deste mundo o deixaria — respondeu com voz meiga, mas firme, Sofia enquanto enxugava os olhos.

O doutor Zaltzfisch só chegou a uma hora adiantada da noite. Era um velho que gozava de grande consideração e um homem experimentado. Pouco tempo antes, por discórdias administrativas, perdeu o seu lugar no serviço de saúde, e desde então Bárbara encarregou-se de o «proteger» com todo o seu valimento. Examinou demoradamente Stepan, fez-lhe perguntas e depois declarou com cautela à viúva que, devido a umas complicações sobrevindas no estado do doente, este se achava em grande perigo: «Devemos esperar o pior». Durante esses vinte anos passados, Bárbara tinha insensivelmente perdido o costume de considerar seriamente tudo quanto dizia respeito a Stepan. Por isso, as palavras do médico desorientaram-na.

— Será possível que não exista uma pequena esperança? — perguntou, empalidecendo.

— Quase que não existe, no entanto...

Não se deitou em toda a noite e esperou com impaciência o amanhecer. Logo que o doente abriu os olhos — conservou-se sempre

lúcido, embora enfraquecesse de hora a hora — interpelou-o com a maior decisão

— Stepan, temos de prever tudo. Mandei buscar um padre. É a ocasião de cumprir o seu dever...

Conhecendo as convicções daquele a quem se dirigia, a viúva tinha muito medo que o seu pedido fosse repelido. Olhou para ela com aspeto surpreendido.

— É um absurdo, é um absurdo! — vociferou, imaginando logo uma recusa. — Agora não se trata já de simular fortaleza de espírito. O tempo dessas brincadeiras passou.

— Mas... estarei assim tão doente?

Ficou muito pensativo e consentiu. Fiquei muito admirado, quando mais tarde Bárbara me fez saber que a morte não o assustou. Talvez não a imaginasse tão perto e continuasse a considerar a doença que tinha como uma bagatela.

Confessou-se e comungou sem repugnância. Toda a gente, inclusivamente Sofia e os próprios criados, veio felicitá-lo por ter recebido os sacramentos. Todos, até ao último, tinham dificuldade em conter as lágrimas, ao verem as faces descarnadas e os lábios descorados e trémulos do moribundo.

— *Oui, mes amis,* admiro-me que estejam tão preocupados. Amanhã, com certeza, levantar-me-ei e... partiremos... *Toute cette cérémonie...* que eu considero com todo o respeito devido... era...

O sacerdote já tinha tirado as suas vestes, mas Bárbara reteve-o:

— Peço-lhe com instância, senhor abade, para ficar com o doente. Vai servir-se o chá. Fale-lhe por favor das coisas divinas, para o fortalecer na fé.

O padre começou a falar. Uns estavam sentados, outros de pé, à volta da cama de Stepan.

— Na nossa época de pecado — começou o sacerdote, segurando na mão direita a chávena de chá — a fé no Todo-Poderoso é o único refúgio do género humano, em todas as provações e atribulações da vida, assim como também é a esperança da felicidade prometida aos justos...

Stepan pareceu completamente reanimado e um sorriso inteligente perpassou-lhe pelos lábios.

— *Mon père, je vous remercie, et vous êtes bien bon, mais...*

— Não existe *mais,* não existe *mais!* — exclamou Bárbara, levantando-se da cadeira. — Meu padre — disse para o sacerdote —, é um homem que... daqui a uma hora é preciso torná-lo a confessar! Veja que espécie de homem é.

O doente conteve um sorriso.

— Meus amigos — declarou este — preciso de Deus, porque é o único ser a quem se pode chamar eternamente.

Acreditaria de verdade, ou a imponente solenidade do sacramento que acabava de lhe ser ministrado estaria a produzir efeito na sua natureza artística? Fosse como fosse, pronunciou com voz firme e, dizem, com muito sentimento, algumas palavras que eram a negação formal das suas teorias antigas.

— A minha imoralidade é precisa, porque Deus não quererá cometer uma iniquidade extinguindo para sempre a chama do amor divino, uma vez que ela me abrasou o coração. E que há de mais precioso que o amor? O amor é superior à existência, o amor é a coroa da vida... Como poderia esta vida não lhe estar sujeita? Se amei a Deus, se me alegrei com este amor, será possível que ele nos extinga, a mim e à minha alegria, fazendo-nos entrar, a mim e a ela, no nada? Se Deus existe, eu sou imortal! *Voilà ma profession de foi.*

— Deus existe, Stepan. Asseguro-te que existe — disse, suplicante. Bárbara. — Retrata-te, renuncia às tuas tolices, pelo menos uma vez na vida!

Como se está a ver, não compreendera nada da «declaração de fé» do doente.

— Minha amiga — voltou ele a dizer com animação cada vez maior, embora a voz lhe faltasse muitas vezes na garganta — minha amiga, quando compreendi... a face estendida... nesse momento também compreendi várias coisas mais... *J'ai menti toute ma vie,* toda a minha vida! Queria... no entanto, amanhã... Amanhã, partiremos todos.

Bárbara desfez-se em lágrimas. Stepan procurava alguém com o olhar.

— Está aqui, está aqui! — disse a viúva, segurando a Sofia pela mão e levando-a ao pé da cama.

O doente teve um sorriso enternecedor.

— Oh, ainda quero viver mais! — exclamou com energia extraordinária. — Um minuto, um instante de vida, deve ser uma felicidade para o homem! Sim, deve ser! E é um dever para o homem

orientar assim a existência. É a lei-mistério, mas nem por isso menos real... Oh, queria ver o Pedro... e todos os outros... e Chatov.

Notem que nem Dacha, nem Bárbara, nem o próprio Zaltzfisch, o último chegado da cidade, sabiam qualquer coisa sobre Chatov.

A agitação febril de Stepan ia sempre aumentando e acabou por lhe esgotar as forças.

— O simples pensamento de que existe um ser infinitamente mais justo, infinitamente mais feliz do que eu, enche-me por completo de ternura imensa e, embora tenha feito o que fiz, essa lembrança enche-me de glória! A própria felicidade é para o homem uma necessidade muito menor do que saber acreditar a todo o instante que há noutro mundo uma felicidade perfeita e calma, para todos e para tudo. Toda a lei da existência humana consiste em nos podermos inclinar diante do que é infinitamente grande. Tirai aos homens a grandeza infinita e deixarão de viver, e morrerão no desespero. O imenso, o infinito, é tão necessário ao homem como o pequeno planeta em que vive. Meus amigos, digam todos comigo: «Viva o Grande Pensamento! O imenso, o eterno Pensamento!» Todo o homem, seja qual for, tem necessidade de se inclinar diante dele. Qualquer coisa de grandioso é preciso ao homem, o mais estúpido! Pedro! Oh, como queria ainda ir vê-los a todos, uma vez que fosse! Não sabem, não sabem que também neles reside este grande pensamento, este pensamento eterno!

O doutor Zaltzfisch, que não assistira à cerimónia, entrou de improviso e ficou admirado, ao encontrar tanta gente no quarto. Pô-los todos fora da porta, insistindo que se poupasse ao doente a menor perturbação.

Stepan expirou três dias depois, com as ideias completamente perdidas. Extinguiu-se lentamente, como uma vela que se gasta. Bárbara mandou celebrar ofícios fúnebres em Oustiévo, e depois levou para Skvorechniki os restos mortais do seu pobre amigo. Repousa agora no cemitério que fica ao lado da igreja. Uma laje de mármore indica o seu túmulo e na próxima primavera vai-lhe mandar gravar uma inscrição e colocar uma grade.

Bárbara esteve recolhida, em sinal de luto, durante oito dias. Em seguida voltou à cidade, trazendo na carruagem Sofia, que daí por diante ficou sempre em sua casa. Uma particularidade a notar: logo que Stepan perdeu as faculdades, Bárbara mandou de novo retirar da estalagem a vendedeira e ficou só, junto do doente, prestando-lhe todos os cuidados.

Apenas este deu o último suspiro, apressou-se a chamá-la e propôs-lhe, ou antes, intimou-a a fixar residência em Skvorechniki. Em vão a jovem, assustada, balbuciou uma recusa tímida. A viúva não concordou.

— Isso não quer dizer nada! Irei eu própria vender os Evangelhos contigo! Agora não tenho mais ninguém no mundo.

— Tem o seu filho — observou Zaltzfisch.

— Já não tenho filho — respondeu Bárbara.

Os acontecimentos iam dar-lhe em breve razão.

Capítulo 4

Todas as vilanias e todos os crimes, dos quais se leu o relato, foram logo descobertos, e muito mais depressa do que Pedro o tinha previsto. Na noite em que seu marido foi assassinado, a infeliz Maria Ignatievna despertou antes do romper do dia, procurou-o a seu lado e, como não o encontrou, inquietou-se muitíssimo. No quarto dormia a enfermeira mandada por Arina. Esta tentou, mas sem resultado, acalmá-la, terminando por ir procurar a parteira, depois de ter garantido à doente que a senhora Virguinsky sabia onde estava o marido e quando viria. Nessa ocasião Arina estava muito inquieta, pois acabava de saber pela boca de seu marido tudo quanto se tinha passado, naquela noite, em Skvorechniki. Este entrara em casa entre as dez e as onze horas da noite, num estado de exaltação terrível. Torcendo as mãos, deitou-se de bruços sobre a cama e não deixou de repetir, através dos soluços que lhe sacudiam convulsivamente o corpo: «Não é isto, não é isto, não é nada disto!» Por fim, apertado pelas perguntas da mulher, confessou-lhe tudo. Não revelou porém nada disto a qualquer outra pessoa da casa. Logo que convenceu o marido a meter-se na cama, deixou-o, dizendo-lhe com severidade: «Se queres gritar, grita ao menos com a boca metida no travesseiro, para que ninguém te ouça, e amanhã, se não fores idiota, finge que nada sabes». Depois, prevendo uma busca policial, escondeu ou destruiu tudo quanto o pudesse comprometer: papéis, livros e até talvez proclamações. Feito isto, a senhora Virguinsky disse consigo que pessoalmente nada tinha a temer, o mesmo sucedendo a sua irmã, a sua tia, à estudante e talvez também a seu irmão, o homem das orelhas compridas. Pela manhã, mal a enfermeira lhe transmitiu o que se havia passado, foi imediatamente ver Maria Ignatievna. Além deste motivo, um outro muito particular a decidiu a ir à casa Filippov; na véspera, o marido falara-lhe nas esperanças que Pedro tinha no suicídio de Kirilov: ora, quase não acreditando nas confidências de um homem a quem o terror parecia ter endoidecido, tinha pressa em certificar-se se haveria mais qualquer coisa, além das visões de um espírito em delírio.

Quando chegou a casa de Maria era muito tarde. Em seguida à partida da enfermeira, a jovem, tendo ficado só, não pôde conter-se; levantou-se, deitou por cima dela a primeira roupa que encontrou — vestidos muito finos para a estação! — e dirigiu-se para o compartimento de Kirilov, pensando que o engenheiro podia melhor do que ninguém dar-lhe notícias do marido.

É fácil de imaginar o efeito produzido na parturiente pelo espetáculo que se lhe ofereceu. O espanto e a perturbação que o facto lhe ocasionou não lhe permitiram ver a carta colocada em cima da mesa. Voltou a correr ao seu quarto, pegou na criança e saiu de casa. A manhã estava húmida e denso nevoeiro envolvia tudo. Nessa rua, longe do centro da cidade, não encontrou viva alma. Maria esfalfou-se a caminhar através daquela lama fria. Por fim, cansada, foi batendo de porta em porta; a primeira permaneceu fechada; a segunda, levando tempo a abrir, fê-la desesperar, e foi bater na seguinte. Vivia lá o nosso negociante Titov. As lamentações incoerentes de Maria emocionaram os inquilinos da casa; afirmava apenas que «lhe tinham assassinado o marido», não dando mais nenhum pormenor sobre esse acontecimento. Os Titov conheciam qualquer coisa de Chatov e da sua história. Ficaram surpreendidos ao verem uma parturiente, que há vinte e quatro horas tinha dado à luz, correr pelas ruas com semelhante frio, quase sem roupa e com uma criancinha nua nos braços. A primeira ideia que tiveram foi que ela estava a delirar, visto não conseguirem deduzir das suas palavras quem fora a pessoa assassinada: se o marido, se Kirilov. Compreendendo que não a acreditavam, quis ir-se embora, mas eles não deixaram. Gritou, segundo me disseram, e debateu-se de uma maneira terrível. Para se certificarem, foram à casa Filippov. Ao fim de duas horas, o suicídio de Kirilov e a sua declaração póstuma eram conhecidos em toda a cidade. A polícia interrogou a parturiente, antes de ter perdido o uso das suas faculdades. As suas respostas provaram que não tinha lido a carta de Kirilov. Porém, de onde deduzira ela que o marido também tinha sido assassinado? A este respeito não se conseguiu obter nenhum esclarecimento. Só sabia repetir: «Visto Kirilov ter sido assassinado, o meu marido também o foi. Estiveram juntos esse dia!» Pelo meio-dia teve uma síncope e não recuperou mais os sentidos. Três dias depois faleceu. A criança, vítima do frio, morrera antes da mãe. Não encontrando na casa Filippov, nem a Maria, nem a criança, Arina deduziu que isto era mau sinal e pensou em voltar para casa rapidamente. No

entanto, antes de se ir embora, mandou a enfermeira «perguntar ao senhor do pavilhão se Maria lá estava, ou se sabia alguma coisa dela». Voltou, soltando gritos medonhos. Depois de a ter persuadido a calar-se, por meio de um grande argumento — «Vão chamar-nos ao tribunal» —, a senhora Virguinsky escapou-se sem barulho.

Muito naturalmente, nessa mesma manhã, foi convidada a prestar declarações, devido a ter assistido à parturiente. O seu depoimento reduziu-se a muito pouco: contou muito naturalmente e com todo o sangue-frio tudo quanto tinha visto e ouvido em casa de Chatov. Quanto ao resto, declarou nada saber, nem nada perceber.

Pode calcular-se a agitação que houve na cidade. Mais uma nova «história», mais um assassinato! Além disso havia ainda outra coisa: todos começaram a deduzir que existia de facto uma sociedade secreta de assassinos, de incendiários, de revolucionários, de amotinados: a terrível morte de Lisa, o assassinato da mulher de Stavroguine, a fuga do próprio Stavroguine, o incêndio, o baile a favor das professoras e a libertinagem existente na sociedade de Júlia! Até à desaparição de Stepan não houve nada onde parecesse existir um enigma. Nas conversas trocadas em voz baixa, o nome de Stavroguine aparecia sem cessar. No fim do dia, soube-se também da partida de Pedro, mas, coisa singular, foi dele que se falou menos. Pelo contrário, entretiveram-se muito naquele dia a falar no «senador». Durante quase toda a manhã estacionou uma multidão numerosa em frente da casa Filippov. A carta de Kirilov enganou efetivamente a autoridade. Todos acreditaram no assassinato de Chatov pelo engenheiro, como no suicídio do assassino. Contudo, o engano não durou muito tempo. Por exemplo, o «parque», citado em termos vagos na carta de Kirilov, não despistou ninguém, ao contrário das previsões de Pedro. Apesar de não haver outro parque, senão aquele, nos arredores, uma espécie de instinto fez derivar para aquele lado as investigações; Skvorechniki estava, com efeito, ligado direta ou indiretamente a todos os horrores desses últimos dias. É assim, pelo menos, que eu compreendo os factos, como também torna-se necessário dizer que foi nessa manhã que Bárbara, sem saber de nada, partiu em procura de Stepan. Graças a certos indícios, na noite desse mesmo dia o corpo foi descoberto no lago; tinham encontrado no lugar do crime o boné de Chatov, esquecido por imprudência singular dos assassinos. O exame médico ao cadáver e diferentes suspeitas fizeram pensar, desde logo, que Kirilov devia ter tido

cúmplices. Era fora de dúvida que Chatov e Kirilov tinham feito parte de uma sociedade secreta, a qual não era alheia às proclamações. Mas quem eram esses cúmplices? Ninguém, naquele dia, pensou em duvidar de algum dos cúmplices. Sabiam que Kirilov vivia como um recluso e em tal solidão que, segundo o que dizia na carta, Fedka, tão ativamente procurado por toda a parte, pudera viver em casa dele durante dez dias. O que sobretudo enervava o espírito público era a impossibilidade de pôr a limpo esta embrulhada sinistra. Seria difícil imaginar as conclusões fantásticas a que seria levada a nossa sociedade, enlouquecida pelo terror, se não se tivesse esclarecido tudo, bruscamente, no dia seguinte, graças a Liamchine.

Não pôde manter-se naquela situação e deu razão ao pressentimento que nos últimos tempos inquietara o próprio Pedro. Colocado sob a vigilância de Tolkatchenko, passou na cama todo o dia a seguir ao crime. Na aparência, esteve muito sossegado: de rosto voltado para a parede, não disse uma palavra e respondeu com dificuldade ao que lhe perguntaram. Por isso não soube nada do que se passou naquele dia na cidade. No entanto, chegou ao conhecimento de Tolkatchenko. Por este motivo, ao cair da noite, renunciou ao encargo que Pedro lhe confiara. Abandonou a cidade, encaminhou-se para a sede do distrito, ou, dizendo de outra maneira, fugiu. Tal como Erkel o tinha previsto, todos perderam a cabeça. Relatando sucintamente os acontecimentos, direi que, na tarde desse mesmo dia, Lipoutine desapareceu também. A sua partida porém só chegou ao conhecimento da autoridade no dia seguinte à noite: interrogaram a família, a qual, muitíssimo inquieta com a fuga, não ousou falar acerca dela com receio de o comprometer.

Voltando a Liamchine, direi que, mal o deixaram só, saiu para a rua e, como é natural, não tardou a saber tudo quanto se passava. Não se atrevendo a voltar a casa, deitou a fugir, correndo sempre em frente. Contudo a escuridão era tão espessa e a empresa oferecia tantas dificuldades que, depois de ter enfiado por duas ou três ruas, voltou a casa, onde se fechou durante a noite. De manhã, segundo parece, tentou matar-se, mas essa tentativa falhou. Até ao meio-dia esteve em casa, com as portas fechadas; depois, subitamente, foi entregar-se à polícia. Foi, segundo dizem, a arrastar-se de joelhos, que se apresentou ao chefe da esquadra. Soluçou, gritou, beijou o soalho e chegou a declarar-se indigno de beijar as botas dos altos funcionários que estavam na sua frente.

Sossegaram-no, ou melhor, acariciaram-no. O interrogatório durou três horas. Confessou todo, revelou os segredos dos acontecimentos, não escondeu coisa nenhuma do que sabia, antecipando-se mesmo às perguntas e entrando em pormenores inúteis. Resumindo, no seu depoimento revelou tudo de forma clara; o assassínio de Chatov, o suicídio de Kirilov, o incêndio, a morte dos Lebiadkine, etc., passaram a segundo plano, enquanto no primeiro apareceram Pedro, a sociedade secreta, a organização, a sua rede, etc. Quando perguntaram a Liamchine qual fora o móbil de tantos assassinatos, escândalos e abominações, apressou-se a responder que «o fim era o abalo sistemático da atual sociedade, a decomposição social, o ruir de todos os princípios. Quando a inquietação dominasse todos os espíritos, quando a desorganização se encontrasse espalhada por toda a parte, quando a sociedade, vacilante e cética, fosse levada por um mal-estar de enfraquecimento e de impotência a desejar, com toda a vontade, uma ideia dirigente, então, nessa altura, devia levantar-se o estandarte da revolta, com o apoio do conjunto das secções, já instruídas sobre os pontos fracos onde poderia dar-se o assalto». Acabou por declarar que Pedro apenas fizera, na nossa cidade, uma experiência dessa desorganização sistemática e como que uma repetição de um programa ulteriormente traçado, ou pelo menos era a opinião dele, Liamchine. Por último, pediu que lhe levassem em conta a franqueza das suas declarações: provava com essa franqueza que podia prestar, de futuro, bons serviços à autoridade. A pergunta: «Há muitas secções?» — respondeu que havia um grande número delas, que a sua rede cobria toda a Rússia, e embora não fornecesse provas que comprovassem o que dizia, supuseram que falava sinceramente. Por outro lado, limitou-se a citar o programa da sociedade, impresso no estrangeiro e o projeto da ação a desenvolver, redigido em rascunho por Pedro. A passagem do depoimento de Liamchine acerca do «abalo sistemático da sociedade» fora tirado, palavra por palavra, desse rascunho, embora o judeu pretendesse apenas emitir considerações pessoais. Sem esperar que o interrogassem sobre Júlia, declarou, com empenho ridículo, «que estava inocente e que apenas se tinham divertido à custa dela». Entretanto deve-se esclarecer que não desprezou coisa alguma para desculpar Stavroguine de qualquer participação na sociedade secreta e de entendimento com Pedro. As misteriosas e muito ridículas esperanças que este último tinha fundado sobre Stavroguine, Liamchine estava muito longe de as conjeturar. A dar-

se-lhe crédito, Pedro teria, sozinho, feito perecer os Lebiadkine com o fim maquiavélico de assegurar o seu domínio sobre Stavroguine, ligando-o a um crime. Mas, em vez do reconhecimento com que contava, só provocou a indignação e até o desespero na alma do «nobre» Stavroguine. Sempre, sem que lho perguntassem, Liamchine deixou perceber, intencionalmente, que Stavroguine era talvez um pássaro de voo muito alto. Com certeza havia nisto um segredo. «Viveu entre nós, por assim dizer, incógnito» — observou o judeu — «e é muito possível que volte de S. Petersburgo». Liamchine tinha a certeza de que Stavroguine se encontrava em S. Petersburgo. «Simplesmente será noutras condições e fazendo parte do séquito de personagens de quem se falará em breve». Acrescentou que obteve estas informações de Pedro, «o inimigo secreto de Stavroguine».

(N. B. — Dois meses depois, Liamchine confessou que, na mira de assegurar a proteção de Stavroguine, empregara todos os esforços para o defender. Esperava assim que este, em S. Petersburgo, lhe obtivesse a comutação da pena e não o deixasse partir para a Sibéria sem lhe dar dinheiro e cartas de recomendação. Por isto se vê como Liamchine exagerava a importância de Stavroguine).

Nesse mesmo dia prenderam Virguinsky e, com ele, todas as pessoas de sua família. Arina, a irmã, a sua tia e a estudante foram postas em liberdade tempos depois. Por outro lado, disse-me que Chigalev não tardaria muito a ser libertado, visto nenhum dos chefes da acusação o haver indicado, porém não passou de boato. Virguinsky fez logo a mais completa confissão. Estava na cama, com febre, quando a polícia lhe entrou em casa. Há até quem diga que a viu entrar com certa alegria: «Isto alivia-me o coração», teria dito ele. Nos interrogatórios parece que respondeu francamente e com certa dignidade. Não renunciando a nenhuma das suas «luminosas esperanças», maldisse o fatal «concurso das circunstâncias», que o fez desertar do caminho do socialismo para o da má política. As averiguações parece terem demonstrado que não tomou parte no crime, limitando-se a acompanhar os assassinos, por isso é possível que sofra uma condenação relativamente pequena. É isto, pelo menos, o que se afirma entre nós.

Quanto a Erkel, é pouco provável que o benefício das circunstâncias atenuantes lhe seja concedido. Logo que foi preso, guardou certo silêncio e só fala para alterar a verdade. Até agora, ninguém pôde obter dele uma palavra de arrependimento. No entanto inspira certa simpatia aos

magistrados mais severos; sem falar no interesse que desperta a sua mocidade e a sua infelicidade, sabe-se que não passou de uma vítima de um subornador político. Mas é sobretudo pela sua piedade filial, hoje conhecida, que dispõe os espíritos a seu favor. A mãe dele encontra-se agora na nossa cidade. É uma mulher fraca, envelhecida antes do tempo; chora e roja-se aos pés dos juízes, implorando compaixão para o filho. Aconteça o que acontecer, muitas pessoas entre nós o lastimam.

Lipoutine estava há duas semanas em S. Petersburgo quando foi preso. A maneira como procedeu é difícil de explicar. Muniu-se, dizem, de um passaporte falso e de uma quantia considerável. Nada lhe teria sido mais fácil do que fugir para o estrangeiro. Contudo, ficou em S. Petersburgo. Depois de ter procurado durante algum tempo Stavroguine e Pedro, entregou-se rapidamente à devassidão mais desenfreada, como homem a quem o juízo faltou e não reflete na sua situação. Prenderam-no numa casa de toleradas, completamente embriagado. Presentemente, a acreditar «no diz tu, direi eu», Lipoutine não está, de modo nenhum, abatido. Multiplica as mentiras nos interrogatórios e prepara-se com solenidade para ser interrogado. A decisão dos juízes não parece inquietá-lo. Tem tenção de asar da palavra durante os debates. Muitíssimo mais conveniente é a atitude de Tolkatchenko, que foi preso na sede do distrito, dez dias depois da sua partida da nossa cidade; não mentiu, não olhou de lado, disse quanto sabia, não procurou desculpar-se e reconheceu os seus erros com toda a humildade. Deseja apenas mostrar-se orador, fala muito e gosta de ouvir a sua própria voz; tem a pretensão de conhecer o povo e os elementos perturbadores de que este se compõe. Sobre este ponto» a sua verbosidade é inesgotável e conta, dizem, pronunciar um discurso na audiência. Como Lipoutine, Tolkatchenko parece esperar a absolvição, o que não deixa de ser esquisito. Repito, este processo não está concluído. Agora, depois de terem passado três meses sobre os acontecimentos, a nossa sociedade, refeita do susto, encara as coisas com muito mais sangue-frio. E, devido a isto, se várias pessoas hoje não consideram Pedro como um génio, consideram-no pelo menos como um homem «dotado de certas faculdades de inteligência». «Uma competência!», dizem no grémio, levantando um dedo no ar. No entanto é um dito inocente e os que assim falam são muito poucos. Pelo contrário, há outros que, sem negarem a inteligência de Pedro, veem nele um espírito totalmente ignorante da

realidade, cheio de abstrações, desenvolvido num sentido exclusivista e, por conseguinte, extremamente frívolo.

Já não sei de quem falar mais para não esquecer ninguém. Maurício deixou-nos definitivamente. A velha viúva Drozdov ficou imbecil... Todavia falta contar uma história muito triste. Cinjo-me aos factos. Chegada de Oustiévo, Bárbara fechou-se na sua casa da cidade. Soube do que se passara entre nós, na sua ausência, e estas notícias transtornaram-na. Encerrou-se sozinha no quarto. Como era tarde e estavam todos cansados, foram logo deitar-se.

No dia seguinte, a criada de quarto entregou, com ar misterioso, uma carta a Dacha. Segundo disse, chegara na noite anterior, mas como ela estava deitada, não se atreveu a despertá-la. Esta carta não tinha vindo pelo correio. Levara-a um desconhecido a Skvorechniki, que a entregou a Aléxis. Este partiu imediatamente para a cidade e, entregando o sobrescrito à criada de quarto, voltou logo para Skvorechniki.

Dacha, com o coração em sobressalto, olhou durante muito tempo para a carta, sem poder resolver-se a abri-la. Tinha adivinhado quem era o remetente: Stavroguine. No envelope a moça leu a seguinte direção: «Dirigida a Aléxis, para a entregar em segredo a Dacha Pavlovna».

Eis o que dizia a carta:

Querida Dacha

Outrora desejaste ser minha enfermeira e fizeste-me prometer que te chamaria quando fosses precisa. Parto daqui a dois dias e não torno a voltar. Queres vir comigo?

O ano passado, juntamente com Hertzen, naturalizei-me cidadão do cantão de Uri, e ninguém o sabe. Comprei naquela terra uma casinha. Possuo, além disso, doze mil rublos; iremos para lá e lá ficaremos eternamente. Não quero ir, de futuro, para mais parte alguma.

O sítio é muito tristonho; é um pequeno vale comprimido entre montanhas, que incomodam a vista e o pensamento. Decidi-me por aquele lugar, por haver ali uma casinha para vender. Se esta não te agradar, desfaço-me dela e compro outra, noutra parte qualquer.

Não ando bem de saúde, mas espero que o ar da Suíça me cure destas alucinações. Isto, quanto ao físico; moralmente, sabes

tudo... Mas saberás de facto tudo?

Contei-te muito da minha vida, mas nem tudo te contei. Mesmo a ti, não diria tudo. A propósito, declaro-te que, em consciência, sou o culpado da morte de minha mulher. Não te vi desde então e por esse motivo te declaro isto agora. Por outro lado, também fui culpado no sucedido a Lisa, mas sobre isso não tenho nada a dizer-te. O que aconteceu, tinha-lo em parte previsto.

É melhor que não venhas. É uma baixeza terrível chamar-te para junto de mim. Para que havias de enterrar a tua vida no meu túmulo? Foste boa para mim e nos meus ataques de hipocondria gostava bem de te sentir a meu lado: diante de ti, só diante de ti, podia falar alto a meu respeito. Mas isto não é uma razão. Mostraste-te «verdadeira enfermeira», definiste-te com esta palavra. Para que hei de agora sacrificar-te? Repara que é preciso não ter compaixão de ti para te chamar e não te estimar para esperar por ti. Contudo, chamo-te e espero-te. De todas as maneiras, não demores a tua resposta, pois devo partir muito brevemente. Se não me responderes, parto só.

Não espero conseguir nada em Uri; vou para lá para me isolar. Escolhi de propósito um sítio tristonho. Nada tenho a prender-me à Rússia, onde, como noutra parte qualquer, sou um estrangeiro. Para falar a verdade, aqui, mais do que noutro ponto, acho a vida insuportável; mas, ainda assim, não detesto esta terra!

Experimentei em tudo a minha energia. Aconselhaste-me a proceder assim, «para aprender a conhecer-me».

Nestas experiências, como em toda a minha vida precedente, mostrei-me imensamente forte. Viste-me receber impassível a bofetada do teu irmão e tornei público o meu casamento. Porém, em que hei de aplicar esta energia? Foi o que nunca vi, o que não vejo ainda, apesar dos incitamentos que me deste na Suíça e aos quais prestei toda a atenção. Posso, como sempre pude, sentir o desejo de fazer uma boa ação e tenho nisso prazer; ao mesmo tempo, desejo fazer mal e sinto igual satisfação. Mas estas impressões quando se formam, o que raramente sucede, são sempre muito subtis. Os meus desejos não têm bastante força para me dominarem. Pode-se atravessar um rio sobre uma trave, mas

não sobre um cavaco. Digo isto para que não julgues que me dirijo a Uri com qualquer esperança.

Conforme o meu hábito, não acuso ninguém. Experimentei a devassidão em grande escala e gastei, por esse motivo, a minha energia, mas não a amo, nem o meu fim era esse. Seguiste-me nestes últimos tempos. Sabes quanto eu antipatizava com os nossos próprios negativistas, invejoso das suas esperanças? Mas assustavas-te sem razão: como não compartilhava de nenhuma das suas ideias, não podia associar-me a eles. Ainda havia outro motivo que me impedia de o fazer: não era o medo do ridículo — estou acima de tudo isso — mas sim o ódio e o desprezo que me inspiravam. Tenho, apesar de tudo, hábitos de homem que se preza e repugnavam-me as suas relações. Mas, se lhes tivesse maior ódio e mais inveja, talvez me tivesse dado com eles. Imagina se eu estivesse com eles, por gosto.

Querida amiga, amiga eterna e magnânima, descoberta por mim... Esperas do teu amor um milagre, imaginas que à força de espalhares sobre mim os tesouros da tua bela alma, chegarás a ser um motivo que falta à minha vida? Não, é melhor que não te embales com essa ilusão: o meu amor será tão mesquinho como eu, e tu não tens sorte! Quando alguém deixa de sentir-se preso à sua pátria, disse-mo o teu irmão também, já não tem deuses, isto é, não tem um fim na vida. Podemos discutir indefinidamente sobre todos os assuntos, porém de mim saiu apenas uma negação sem grandeza e sem força. E ainda me vanglorio de faiar assim! Somos todos nós fracos e débeis! O magnânimo Kirilov foi vencido por uma ideia e estourou os miolos. Eu vejo a sua magnanimidade na ação que lhe fez perder a cabeça. Nunca poderia fazer como ele; também nunca poderia acreditar tão apaixonadamente numa ideia. Mais ainda, não tenho, nem tinha, a possibilidade de me preocupar com ideias até àquele ponto. Nunca, nunca poderia queimar os miolos!

Sei que me devia suicidar, desaparecer da superfície da terra como um inseto miserável, mas tenho medo do suicídio, temo demonstrar grandeza de alma. Seria acrescentar um engano, uma última mentira a uma infinidade de tantas outras. Que vantagem há então em nos enganarmos, se é simplesmente para fingir que

somos magnânimos? Devendo ficar sempre alheio à indignação e à vergonha, também não poderei conhecer o desespero.

Desculpa-me em te escrever tão grande carta. Dez linhas chegavam para chamar a minha «enfermeira».

Depois de ter tomado o comboio, isto há tempos, desci na sexta estação e vivo incógnito na casa de um funcionário que conheci há cinco anos, no tempo das minhas loucuras de S. Petersburgo. Escreve para a direção do meu hospedeiro. Achá-la-ás juntamente com a carta.

Nicolau Stavroguine.

Dacha foi imediatamente mostrar esta carta a Bárbara. A viúva viu o que ela dizia e, querendo estar só para a tornar a ler, pediu a Dacha para se retirar. Porém, passado um instante, chamou para junto dela a moça.

— Tu vais? — perguntou quase timidamente.

— Vou.

— Vai preparar tudo para a viagem; partimos ambas.

Dacha olhou para a sua benfeitora com espanto.

— Que faria aqui agora? Não é o mesmo? Vou fixar também residência no cantão de Uri e habitar no meio daquelas montanhas... Está sossegada, não vos aborrecerei.

Ativaram-se os preparativos da partida, a fim de estarem prontas para o comboio da tarde. Ainda não tinha decorrido meia hora quando apareceu Aléxis. O criado vinha de Skvorechniki. Disse que Stavroguine chegara ali «bruscamente» no comboio da manhã. Estava com tal aspeto que não sentiram coragem de o interrogar. Mal chegou, foi logo para os seus aposentos, onde se fechou.

— Embora não me tivesse ordenado, julguei do meu dever vir informá-las destas coisas — acrescentou Aléxis, cujo rosto estava muito sério.

A dona da casa absteve-se de o interrogar e contentou-se em fixar nele um olhar penetrante. Num abrir e fechar de olhos, a carruagem foi atrelada e Bárbara partia com Dacha. Pelo caminho fez muitas vezes, segundo dizem, o sinal da cruz.

Procuraram em vão Stavroguine em todos os recantos do seu aposento e não o encontraram em nenhuma parte.

— Não estará por acaso nas águas-furtadas? — observou, com reserva, Fomouchka.

Deve-se notar que alguns criados acompanharam Bárbara, ao entrar no compartimento do filho; outros esperaram na sala. Nunca antes disto lhes foi permitido tal transgressão da etiqueta. A viúva viu e não disse nada.

Subiram às águas-furtadas, onde havia três quartos, mas não estava lá ninguém.

— Não teria ido para ali? — arriscou-se a dizer um deles, mostrando a porta de um compartimento pequeno, no cimo de uma alta escada de madeira, estreita e bastante inclinada.

O certo é que aquela porta, sempre fechada, estava agora aberta para trás.

— Não vou lá. Para que havia ele de subir tão alto? — disse Bárbara, que, muito pálida, parecia interrogar com o olhar os criados.

Estes observavam-na silenciosamente. Dacha tremia toda.

Bárbara subiu rapidamente a escada; Dacha seguia-a, mas a viúva, mal entrou no quarto, deu um grito e caiu sem sentidos,

O cidadão do cantão de Uri havia-se enforcado atrás da porta. Na mesa, um bocadito de papel continha as seguintes palavras escritas a lápis: «Não acusem ninguém da minha morte. Foi eu que me matei». Ao lado deste estava um martelo, um bocado de sabão e um grande prego, de que se munira para se prevenir contra qualquer acontecimento. O sólido cordão de seda, evidentemente escolhido com antecipação, que Stavroguine passara à volta do pescoço, tinha sido anteriormente ensaboado com cuidado. Tudo indicava que a premeditação e a consciência tinham presidido até ao último minuto à execução do suicídio.

Depois da autópsia do cadáver, os nossos médicos afastaram por completo a hipótese de alienação mental.

GENTE POBRE

8 de Abril
8 de Abril
8 de Abril
9 de Abril
12 de Abril
25 de Abril
20 de Maio
1 de Junho
11 de Junho
12 de Junho
20 de Junho
21 de Junho
22 de Junho
25 de Junho
26 de Junho
27 de Junho
28 de Junho
28 de Junho
1 de Julho
1 de Julho
7 de Julho
8 de Julho
27 de Julho
28 de Julho
28 de Julho
29 de Julho
1 de Agosto
2 de Agosto
3 de Agosto
4 de Agosto
4 de Agosto
5 de Agosto
5 de Agosto
11 de Agosto
13 de Agosto
14 de Agosto
19 de Agosto
21 de Agosto
3 de Setembro
5 de Setembro
9 de Setembro
10 de Setembro
11 de Setembro

15 de Setembro
18 de Setembro
19 de Setembro
23 de Setembro
23 de Setembro
27 de Setembro
27 de Setembro
28 de Setembro
28 de Setembro
28 de Setembro
30 de Setembro
30 de Setembro

8 de Abril

Minha estimada Bárbara Alexeievna:

Ontem fui feliz, excessivamente feliz, como não se pode sê-lo mais! Até que enfim, uma vez na vida, você, sempre tão inacessível, satisfez os meus desejos! Eram cerca de oito horas, já quase noite, quando acordei da soneca que costumo dormir todos os dias, depois do trabalho. Acendi a luz e tinha já os papéis em ordem, faltando-me apenas aguçar a pena, quando, de súbito, levantei, casualmente, os olhos e deparou-se-me um espetáculo extraordinário, que me fez pular o coração. Decerto adivinhou já do que se trata, compreendeu o motivo do meu alvoroço! É que vi uma pontinha da cortina da sua janela presa a um vaso de balsamina, exatamente como já por várias vezes lhe lembrei fazer. Pareceu-me vislumbrar o seu querido rosto, através da janela; que me contemplava da penumbra do seu quarto, e que também pensava em mim. E que pena eu tive de não poder distinguir bem essa face aveludada, minha querida! Dantes eu via bem, mas os anos não perdoam, meu amor! Agora, por vezes, como que bailam na minha frente os objetos. Se trabalhar um bocadito de noite, se escrever qualquer coisa, no dia seguinte, quando me levanto, tenho os olhos vermelhos e chorosos; até sinto vergonha de aparecer assim diante de estranhos. Mas, em espírito, eu via perfeitamente o seu amável e afetuoso sorriso, e no meu coração sentia o mesmo que quando a beijei pela primeira vez, querida Bárbara. Lembra-se, meu anjo? Parece-me estar a vê-la, neste momento, ameaçar-me com o dedo. Não será verdade, minha mazinha? Na próxima carta, quero que me diga pormenorizadamente se acertei nas minhas conjeturas.

Mas que me diz da minha ideia acerca da cortina, Bárbara? Magnifica, não lhe parece? Sempre que me sente para escrever, ou me deite, ou me levante, poderei assim saber se ainda me traz no pensamento e se lembra de mim, e também se está boa e bem-disposta. Quando baixar a cortina, isso quererá dizer que são horas de eu, Makar Alexeievitch, me deitar; se a

erguer, significará que me dá os bons-dias e me pergunta se dormi bem, informando-me ao mesmo tempo de que, graças a Deus, se encontra de saúde e muito contente. Como vê, este engenhoso plano é de grande vantagem e poupa-nos muitas cartas. E fui eu o inventor desta ideia tão subtil. Ainda será capaz de negar que sou dotado de prodigiosa imaginação, Bárbara Alexeievna?

Devo dizer-lhe, querida, que contra o que esperava, dormi a última noite de um sono, o que deveras me alegra, pois, como sabe, agora moro noutra casa, e quando se muda de cama, geralmente nas primeiras noites dorme-se mal! Mas, pelo que vejo, nem sempre assim acontece. Levantei-me muito cedo, a transbordar de alegria e de amor. Como tudo me parecia belo, àquela hora, meu anjo! Quando abri a janela, o sol resplandecente entrou a jorros no meu quarto, o canto das avezinhas deliciou-me o ouvido e aspirei a atmosfera saturada de perfumes de primavera. Numa palavra, toda a Natureza parecia despertar para nova vida. Tudo se mostrava de harmonia com a minha boa disposição, belo e primaveril. Além disso, imaginava que o dia me correria admiravelmente. Mas todos os meus pensamentos se dirigiam para si. «Sem dúvida — pensei —, todos aqueles que levam uma vida de trabalhos e sofrimentos podem, com razão, invejar as avezinhas do céu, que não conhecem nada disto!» E todos os meus pensamentos eram mais ou menos neste teor. Quer dizer: ocupei o espírito com comparações fantásticas.

Tenho aqui um livrito, onde estes pensamentos se encontram amplamente expressos. Diz, por exemplo, que há muitas, mesmo muitas espécies de sonhos, querida Bárbara. Mal chega a primavera, os nossos pensamentos tornam-se agradáveis, espirituais e fantásticos — como a bela estação — e os sonhos são ternos, tudo é calor e rosas. É por isso que eu escrevi estas coisas. Se bem que, na sua maior parte, fui buscá-las ao livro de que lhe falei. Nele o autor exprime, mas em verso, este mesmo desejo.

Oh, quem me dera ser pássaro, ave de rapina...

Tem ainda muitos outros pensamentos, porém deixemos isso...

Mas diga-me, meu amor: aonde foi esta manhã? Muito cedo, antes de eu sair para o trabalho, já a Bárbara saíra do quarto e atravessava o pátio, toda lampeira, tal como o pardal na primavera, quando deixa o ninho. Que

grande alegria senti ao vê-la! Ah, querida Bárbara, querida Bárbara, não se deixe dominar pela tristeza; as lágrimas nada remedeiam, acredite. Sei-o por experiência própria. Agora leva uma vida mais alegre e distraída, por isso parece melhor de saúde. Ah! Já me esquecia: e a nossa boa Fédora? Que coração de ouro! Manda-me dizer que agora vive consigo e que se dão muito bem. Bem sei que a pobre é um pouco resmungona, mas não se importe, Bárbara. Ao fim e ao cabo, é uma excelente alma, Deus seja louvado!

Já me referi, nas minhas cartas, à nossa Teresa; é também uma boa criatura e muito fiel. O que passei por causa da nossa correspondência! Vi-me e desejei-me para descobrir forma de a fazer chegar ao seu destino. Felizmente, Deus mandou-nos a Teresa. É uma bondosa moça, honesta e de bom génio, mas a nossa patroa não tem piedade dela, tratando-a como uma escrava. A pobre trabalha de mais.

Mas a que espécie de alojamento vim eu dar. Bárbara Alexeievna? Que ideia faz do meu quarto? Como sabe, dantes eu vivia completamente só, tão só que o simples esvoaçar de uma mosca não me passava despercebido. Todavia, agora, tudo é barulho e bulício à minha volta. Vou descrever-lhe a planta da casa em que vivo. Imagine um comprido corredor, quase escuro e muito imundo. À direita fica uma parede de resguardo e, à esquerda, há uma série de portas, correspondentes cada uma delas a um quarto, que ostenta um número, como nos hotéis. Estes compartimentos são habitados por diferentes pessoas por uma, duas ou três, conforme os casos. O que, porém, aqui não existe é ordem. Pode dizer-se que o edifício é uma perfeita Arca de Noé. Não obstante, a maior parte dos inquilinos são boas pessoas, educadas e até cultas. Entre outros, mora aqui um funcionário muito erudito, que tanto pode falar de Homero como de qualquer autor; numa palavra, conhece de tudo, pois é dotado de verdadeiro talento. Vivem também aqui dois oficiais reformados que passam o tempo a jogar as cartas, um marinheiro e um professor de Inglês. Mas, para a distrair um pouco, na próxima carta vou descrever-lhe estas pessoas, contando-lhe pormenorizadamente a vida de cada uma.

Quanto à nossa patroa, é uma velhota baixinha e muito suja, que passa o dia a passear de um lado para outro, sempre de chinelos e de bata, insultando constantemente a pobre Teresa.

Eu moro na cozinha, ou, melhor dizendo, num pequeno quarto que faz parte da cozinha. Esta é muito espaçosa, muito limpa, com muita luz;

constitui um esplêndido compartimento com três janelas. Paralelo à parede exterior, existe um tabique que a divide, formando assim uma espécie de recantozinho, como que um quarto supranumerário, que é o meu. Tudo neste quarto é confortável e cómodo, e até disponho de uma janela. É este o meu cantinho. Não vá, porém, pensar, minha querida, que nas minhas palavras há qualquer intenção reservada. Viver na cozinha significa simplesmente que habito por detrás da parede divisória existente neste compartimento, quase sem companhia, e que passo o tempo em paz, ocupado com ninharias.

O mobiliário do meu aposento compõe-se de uma cama, uma mesa, uma cómoda e duas cadeiras — duas, note bem! Também pendurei fia parede uma imagem piedosa. Podem, é certo, existir no mundo quartos melhores do que o meu, mesmo muito melhores; mas o principal é o conforto. Se coloquei aqui todas estas coisas, foi unicamente para conseguir o conforto; não julgue que tive outro fim em vista. E como a sua janela fica mesmo defronte da minha e o pátio que nos separa é muito estreito, eu daqui vejo-a passar. Assim, este miserável poderá levar uma vida mais feliz e ao mesmo tempo mais económica. O quarto mais pequeno desta casa, incluindo a comida, custa trinta e cinco rublos por mês — mais do que as minhas posses; o meu cantinho, pelo contrário, custa apenas vinte e quatro. Dantes pagava cerca de trinta, e por isso tinha de renunciar a muitas coisas; só raramente tomava chá, e nunca pude conceder-me o prazer daquela bebida e de açúcar como agora. Seja como for, eu não gosto de passar sem o chá, porque os inquilinos são todos pessoas remediadas e o facto de o não tomar envergonha-me. Devo dizer-lhe, Bárbara, que o uso desta bebida, nesta casa, faz parte do bom tom. Se assim não fosse, não me importaria absolutamente nada, pois não sou homem muito dado a prazeres. É necessário, além disso, contar com despesas extraordinárias, pois está-se sempre a precisar de alguma coisa: um par de botas, um corte de fazenda, etc. Somando todas estas despesas, com que se fica? É claro, gasto quanto ganho. Mas não me queixo; pelo contrário, estou muito satisfeito. Governo-me com o que tenho. Há já muitos anos que sigo esta norma. O que vale é de vez em quando, recebermos algumas gratificações...

Bom, adeus, minha querida. Comprei duas penas e dois vasos, um de balsamina e outro de gerânios, para lhe oferecer. Preferia, talvez, reseda? Bastará dizer-mo aa sua carta, que logo ela lhe aparecerá aí. Mas escreva-

me o mais minuciosamente possível, sim? Além disso, espero, meu amor, que não lhe dê cuidado a minha vida, nem o facto de ter alugado este quarto tão pequenino. Foi a comodidade que me seduziu, unicamente o conforto que ele me oferece me levou a esta resolução... Mas devo confessar-lhe, minha amiguinha, que sob o aspeto financeiro, também fiquei a lucrar e já tenho algumas economias. É verdade; vou amealhando qualquer coisa. Não me julgue um pobrezinho a quem uma mosca seria capaz de derrubar com as asas. Não, meu amor, não sou tão insignificante, O meu caráter é o de um homem de consciência tranquila, possuidor dessa retidão que é dada pelo sentimento do próprio decoro. Adeus, meu anjo! Já enchi duas folhas e são horas de ir trabalhar.

Beijo os seus deditos, querida Bárbara, e sou um seu humilde criado e fiel amigo.

Makar Dievuchkin

P. S. — Uma coisa lhe peço especialmente: que em resposta a esta, me escreva uma carta o mais extensa possível. Junto envio-lhe um cartuchinho de bombons. Coma-os, que lhe farão bem e, por amor de Deus, não se preocupe comigo, nem fique zangada. Uma vez mais, adeus, minha querida.

8 de Abril

Prezado Makar Alexeievitch:

Ainda acabo por me zangar consigo, sabe? É verdade, Makar Alexeievitch, juro-lhe que me custa imenso aceitar os seus presentes; sei pelo preço que lhe devem ficar e que para mos oferecer se vê obrigado a impor-se grandes sacrifícios e a privar-se mesmo do necessário. Quantas vezes lhe disse já que não preciso de nada, absolutamente nada, e que não me encontro em condições de corresponder às atenções com que me cumula? Por exemplo, para que me mandou os gerânios? Lá que me tivesse enviado um vasinho de balsamina, ainda vá; mas os gerânios! Basta então que eu deixe, distraidamente, escapar uma palavra — como sucedeu com os gerânios —, para que o senhor vá imediatamente comprar um vaso? Deve ter sido muito cara esta planta! E que flores maravilhosas! São tão vermelhas e dá tantas! Mas diga-me: onde foi descobrir tão belo exemplar? Pu-lo à janela, no sítio mais visível. No banquito que há do lado de dentro hei de colocar também outras flores, mas isso será quando for rica. Fédora não se cansa de gabar o nosso quartinho. Está tão limpo, claro e acolhedor, que é um verdadeiro paraíso. Mas porque me mandou os bombons?

Ao ler a sua carta, pareceu-me compreender que o senhor não estava lá muito fixe da cabeça; falava muito em paraíso, em primavera, em doces perfumes, em pipilar de passarinhos. Pensei comigo própria, confesso, que o senhor me ia dedicar uma poesia. É que só faltavam versos à sua carta, Makar Alexeievitch. Os sentimentos nela expressos são muito ternos e as ideias cor-de-rosa... Todavia, quanto à cortina, nem nela pensei. Naturalmente, essa pontinha de que fala ficou presa a algum ramo quando andei a mudar os vasos. Não deve ter sido outra coisa.

Ah, Makar Alexeievitch! Bem sei que fala e enumera os seus ganhos e despesas só para me tranquilizar e fazer crer que esses gastos extraordinários os faz por prazer. Mas não me conseguirá enganar. Tenho a

certeza de que se priva do necessário por minha causa... Por exemplo, porque alugou esse quarto, onde o incomodam e distraem e não dispôs de largueza nem comodidade, quando gosta da solidão e do silêncio? Com o seu ordenado, creio que podia arranjar um aposento noutras condições. Até a Fédora me contou que o senhor dantes vivia muito melhor do que agora. Quer, porventura, convencer-me de que tem passado toda a vida cheio de privações, sem alegria, sem uma palavra carinhosa, sempre em quartos de aluguer, entre estranhos? Ah! Se soubesse a pena que tenho de si, meu pobre amigo! Ao menos não despreze a sua saúde, Makar Alexeievitch. Diz-me, por exemplo, que os seus olhos enfraquecem cada vez mais devido a escrever à luz artificial. E porque escreve? Os seus superiores não precisam disso para saberem como é zeloso no serviço.

Mais uma vez lhe peço que não gaste tanto dinheiro comigo. Bem sei que gosta de mim, mas também não ignoro que não é rico... Hoje de manhã acordei tão bem-disposta como você. Que satisfação a minha! Fédora já trabalhava havia muito e eram horas de me agarrar à minha tarefa. Esta simples ideia dava-me uma alegria indescritível. Saí apenas para comprar seda e entreguei-me logo ao trabalho. Passei o dia, desde manhã à noite, tão contente! Mas agora... surgem de novo as ideias escuras e tristes a atormentar-me o coração.

Ah, que será de mim? Que destino será o meu? O que deveras confrange é não se saber nada, absolutamente nada, do que a sorte nos reserva; não nos pertence o futuro e nem podemos vislumbrar o que há de ser de nós! Quando penso nisto, sinto tal dor e tanta pena que o coração parece querer saltar-me do peito. hei de queixar-me toda a vida, de lágrimas nos olhos, dos que fizeram a minha desgraça. Que abomináveis criaturas!

São horas de me agarrar outra vez ao trabalho, que já está escuro. Bem queria escrever-lhe mais coisas, mas por hoje fico por aqui; tenho de adiantar o serviço, a fim de o ter pronto no prazo que me foi marcado. Na verdade, é com muito prazer que lhe escrevo isso, representa mesmo, para mim, um passatempo agradável. Mas porque não vem pessoalmente visitar-me? Porque não, Makar Alexeievitch? Mora tão perto de mim e deve ter tanto tempo livre! há de vir cá, suplico-lhe. Ainda há momentos vi a Teresa. Pareceu-me de aspeto doentio e tive tanta pena dela que lhe dei vinte *kopeks*.

Estou mesmo a cair de sono. Em resposta a esta, descreva-me minuciosamente o género de vida que leva, as características das pessoas que habitam nessa casa, e diga-me se se dá bem com elas. Não se esqueça de me dar todos estes pormenores. Esta noite deixarei, de propósito, a ponta da cortina levantada. Vá-se deitar mais cedo, porque, ontem, vi a luz acesa no seu quarto por volta da meia-noite. E com isto, adeus!

Estou outra vez triste e aborrecida. Sempre foi um dia! Mais uma vez, adeus! Sua

Bárbara Dobroselof

8 de Abril

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Pensar, meu amor, que um dia como este me reservava tão triste sorte! Divertiu-se à custa deste pobre velho, não há dúvida... Mas a culpa é só minha e de mais ninguém. Com esta idade e o cabelo que tenho na cabeça, quem me manda meter em aventuras amorosas? O homem é por natureza incompreensível, um ser raro, devo confessar. Santo Deus! Deita às vezes tais coisas pela boca fora... E não pensa nas consequências. Suceda o que suceder, isso não lhe importa; diz tais loucuras, que Deus nos livre delas! Não, minha querida, eu não me zango; apenas me sinto vexado ao pensar que tive a leviandade de lhe escrever numa fraseologia tão estúpida e floreada.

Hoje fui para a repartição bem-disposto e a pular de contente, porque o meu coração estava sob a sua influência e a minha alma encontrava-se em festa, por assim dizer. Sim, tudo me parecia correr bem. Votei-me ao trabalho, e que sucedeu? Circunvagando o olhar pelos objetos que de há muito me eram familiares, notei que eles se apresentavam cinzentos e escuros como sempre, tinham a mesma aparência dos outros dias. Eram ainda as mesmas manchas de tinte, as mesmas mesas e cadeiras que sempre conheci. Sim, era tudo exatamente o mesmo, nada havia mudado. Por que motivo, pois, eu montara o Pégaso? A que era devida a minha boa disposição? Filiava-se no facto de certo sol me ter sorrido e o céu haver-se tornado mais claro? Mas apenas nisso? De que valem os aromas primaveris, quando se olha para um pátio em que se pode encontrar toda a imundície do inundo? Todas estas coisas são devidas à minha estúpida imaginação, porque o homem pode perder-se nos seus próprios sentimentos de modo a esquecer o que o cerca, e entregar-se a uma paixão louca que lhe ataca o coração.

O regresso a casa, fi-lo com grande dificuldade, quase arrastando-me, pois doía-me muito a cabeça, o que de resto me costuma suceder.

Certamente apanhei frio nas costas. Sou muito imbecil! Alegrei-me tanto com a chegada da primavera, que saí de casa com um agasalho demasiado ligeiro.

Quanto aos meus sentimentos, porém, está enganada, querida. As minhas palavras foram inspiradas unicamente por um afeto paternal, o mais puro dos afetos, Bárbara Alexeievna, mas interpretou-as mal. De facto, ocupo ao seu lado o lugar de um pai, na triste orfandade em que se encontra. Digo-lhe isto do fundo da minha alma, com toda a sinceridade. Mas, seja como for, prendem-nos laços de parentesco, embora muito afastado. Sou seu parente. Posso mesmo acrescentar que agora sou o seu melhor parente, o seu único protetor, pois onde seria natural que encontrasse auxílio e proteção, apenas se lhe deparam a perfídia e o insulto.

Em referência à poesia, devo dizer-lhe, meu amor, que com a idade que tenho, já me não fica bem dedicar-me a ela. A poesia é rematado disparate. Atualmente, nas escolas, quando apanham os alunos a fazer versos, castigam-nos.

Porque me fala, na sua carta, de comodidade, descanso e não sei que mais, Bárbara Alexeievna? Não sou exigente e nunca vivi tão bem como presentemente; porque havia, pois, de me lamentar agora? Tenho que comer, que vestir e que calçar... distraio-me... que mais hei de querer? Não devemos meter-nos em altas cavalarias. Não corre nas minhas veias sangue azul! Meu pai não era nenhum aristocrata; mantinha toda a família com um ordenado igual ao meu. Nem eu sou nenhum sibarita. Não obstante, para lhe falar com toda a franqueza, devo dizer-lhe que estava muito melhor na outra casa. Gozava ali de mais liberdade e independência, minha querida. Mas o aposento que agora ocupo também é bom e, sob certos aspetos, oferece algumas vantagens: leva-se aqui uma vida mais alegre, se se quiser, e há mais variedade e distração, não o nego. Apesar de tudo, sinto pena de haver deixado o antigo. Nós, os velhos, ou melhor, os que estamos a entrar na velhice, olhamos para as coisas velhas a que esta» mos habituados, como se elas fizessem parte da nossa família. O meu antigo quarto era um cantinho tão sossegado e bonito! E era só meu! As paredes eram como as de qualquer outro; porém, não é delas que quero falar, mas sim das recordações que em mim despertam e me entristecem... Essas recordações são-me dolorosas, é certo; contudo, proporcionam-me também alegria, porque me fazem pensar com prazer no passado. Até o

que aquela casa tinha de desagradável e às vezes me irritava, deixou de ser mau na minha recordação, aparecendo-me purificado de todo o mal e, em espírito, vejo tudo como uma coisa familiar e boa. Vivíamos felizes e sossegados, querida Bárbara, eu e a minha patroa, e agora não posso lembrar-me daquela boa velhota sem experimentar um sentimento de tristeza. Era uma excelente mulher e não me levava caro. Passava o tempo a fazer colchas de retalhos velhos, que cortava em tiras, e usava no seu lavor umas agulhas muito compridas. Não se ocupava em mais coisa alguma. Como à noite trabalhávamos à mesma mesa, uma luz chegava para ambos. Vivia com ela uma sobrinhita de nome Macha, então uma criança de dez anos. Agora deve ter uns treze; é quase uma mulherzinha. Era uma pequenita tão desajeitada e indolente que nos fazia rir. Constituíamos um trio absolutamente feliz. Nas longas noites de inverno, sentávamo-nos em volta da mesa redonda, tomávamos chá e depois continuávamos o nosso trabalho. Para que a menina se não aborrecesse, e também para a instruir, às vezes a tia punha-se a contar-nos histórias. E que bem ela as contava! Podiam interessar a uma criança e mesmo a um adulto inteligente. Quantas vezes eu próprio me deliciava a escutar com a maior atenção aquelas histórias, enquanto tirava umas fumaças do meu cachimbo! Chegava, por vezes, a esquecer-me por completo do meu trabalho. A pequena, a nossa menina, com ar pensativo, uns olhos muito grandes, e a bochechinha cor-de-rosa apoiada na mãozita, abria a linda boquinha e punha-se a ouvir a velha atentamente; e se o conto era de meter medo, era vê-la toda medrosa, a chegar-se devagarinho para a velha, até se lhe agarrar à saia. Olhar para ela constituía para nós um prazer, de modo que, com umas coisas e outras, estávamos sentados à mesa até altas horas da noite; não dávamos fé do tempo passar e esquecíamo-nos até de que lá fora nevava. E foi assim, levando uma vida feliz, que decorreram quase vinte anos da minha existência, querida Bárbara!

Mas já estou a alongar-me demasiado. É possível que estas histórias lhe não agradem, e a mim, recordar estas coisas faz-me mal, especialmente a esta hora do crepúsculo.

A Teresa está para ali a fazer barulho com os cacos... Sinto dores na cabeça e nas costas, e ocorrem-me uns pensamentos tão estranhos, que parecem doer-me também. Sim, estou triste até mais não, querida!

Que me diz na sua carta? Que a vá visitar? Mas como posso eu ir a sua casa? Que diriam as outras pessoas, minha querida? Para isso, teria de

atravessar o pátio; os vizinhos notá-lo-iam e certamente punham-se de atalaia. Levantava-se então semelhante borborinho e as mexeriqueiras inventavam tais histórias, deturpando por completo as coisas! Não, meu anjo; acho preferível vê-la amanhã de tarde, na igreja; assim será melhor e menos comprometedor para nós dois.

Não se zangue, querida, por lhe escrever uma carta tão disparatada. Ao relê-la, vejo bem as incoerências do seu conteúdo. Sou um homem sem cultura, preza-la Bárbara; em novo pouco aprendi e nesta idade seria rematada loucura querer recomeçar os estudos. Devo, na verdade, confessar-lhe que não sou lá muito hábil na escrita, e não preciso de indicações alheias nem de observações sarcásticas para saber que não digo senão disparates quando pretendo dizer qualquer coisa engraçada.

Vi-a hoje à janela, precisamente no momento em que baixava a cortina. Adeus, querida Bárbara, e que Deus a guarde!

Seu desinteressado amigo

Makar Dievuchkin

P. S. — Não me julgue capaz de lhe escrever em tom satírico, meu amor. Já sou muito velho para me permitir brincadeiras com o simples propósito de passar o tempo. Se assim procedesse, daria azo a que os outros se rissem de mim, podendo aplicar-se-me o provérbio russo que diz: «Quem para outro abre a cova... nela cai!»

9 de Abril

Prezado Makar Alexeievitch

Não tem vergonha, meu bom amigo e protetor, de albergar no seu cérebro tais ideias? Sente-se deveras ofendido? Ai! Sou, por vezes, tão irrefletida nas minhas apreciações! Mas desta, pode crer, nem sequer pensei que o senhor pudesse ver nas minhas palavras tom de zombaria. Fique certo de que nunca seria capaz de brincar com a sua idade ou o seu caráter. A culpada de tudo foi a minha cabecinha oca, ou, para melhor dizer, o facto de me aborrecer horrivelmente... E quando o tédio se apossa de nós, de que não somos capazes para conseguirmos combatê-lo?

Para lhe falar com franqueza, ao ler a sua carta pareceu-me também ver nela um tom de brincadeira; mas agora sinto-me deveras penalizada ao pensar que o senhor estará zangado comigo. Não, meu leal amigo e protetor, será injusto se me julgar, por um momento que seja, insensível e ingrata. Sei apreciar bem tudo o que fez por mim, protegendo-me do ódio e da perseguição de homens abomináveis. hei de sempre pedir a Deus por si, e se Ele ouvir as minhas orações, o senhor será absolutamente feliz.

Estou hoje muito doente. Ora sinto arrepios de frio, ora um calor que parece abrasar-me, e Fédora mostra-se inquieta com o meu estado. Quanto aos escrúpulos que demonstra em visitar-me, julgo-os destituídos de fundamento. Que importam os outros? O senhor é nosso amigo, e é quanto basta.

Adeus, Makar Alexeievitch. Não tenho mais que lhe escrever, e mesmo não me seria possível prosseguir; estou muito doente. Mais uma vez lhe peço que não se zangue comigo e creia no respeito e afeto inalteráveis da sua dedicada e agradecida.

Bárbara Dobresselof

12 de Abril

Minha estimada Bárbara Alexeievna:

Mas que aconteceu, meu amor? Assusta-me, querida! Não me canso de lhe repetir nas minhas cartas que não deve sair à rua quando esteja mau tempo, que tenha o máximo cuidado com tudo; mas não quer saber e desobedece-me! É uma perfeita criança, meu anjo! Sei que é fraquinha. Um pouco de vento que apanhe, é o bastante para ficar doente. Por isso, deve cuidar mais da sua pessoa, evitar, quanto possível, os perigos, se não por outro motivo, ao menos para não inquietar aqueles que lhe querem bem.

Na sua penúltima carta, manifestava o desejo de conhecer mais pormenorizadamente o meu género de vida e tudo quanto me rodeia e comigo se relaciona. É com prazer que vou dar satisfação ao seu desejo. Vou começar, pois... pelo princípio, minha querida, para haver, assim, mais ordem.

Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a entrada da nossa casa não é lá grande coisa. Todavia, a escada principal encontra se em bom estado, mesmo muito bom, e é limpa, clara e larga, com forro de chapa metálica, e os corrimões, de madeira, brilham como acaju. Em contrapartida, na de serviço, é melhor não falarmos: é húmida, suja, com os degraus gastos e as paredes tão ensebadas, que, encostando-lhes as mãos, estas ficam lá pegadas. Nos patamares veem-se gavetas, cadeiras e armários velhos, completamente desmantelados e a cair, roupa a secar, janelas com os vidros partidos; se uma pessoa se descuida, tropeça nos baldes do lixo, cheios de toda a espécie de porcaria: cascas de ovos, restos de comidas, etc. O cheiro é insuportável; numa palavra, a casa não tem nada de interessante.

Já lhe disse a disposição dos quartos. Na verdade, são bastante cómodos, isso sim; mas o ar que se lá respira é um tanto húmido. Não quero com isto dizer que cheiram mal; apenas se sentem neles umas

esquisitas emanações a podre, isto é, um odor penetrante e enjoativo a mofo ou a coisa que o valha. A primeira impressão que se recebe não é muito agradável. Mas isso depressa se esvai; ao fim de dois minutos passados lá dentro, já não se nota coisa alguma, porque nós próprios, a roupa, as mãos, tudo, enfim, fica impregnado do mesmo cheiro. A gente depressa se habitua a esta atmosfera e não liga mais importância ao caso. Os pássaros não se aguentam muito tempo neste ambiente. O marinheiro já comprou cinco, mas está sobejamente provado que eles não se dão aqui, e não vale a pena teimar. A cozinha é grande, espaçosa e clara. De manhã, quando cozinham peixe ou carne, a casa enche-se de fumo e sente-se o cheiro a carvão. É claro, entorna-se sempre qualquer coisa, de modo que o chão fica um pouco húmido; em compensação, de tarde é um verdadeiro paraíso. É costume porem na cozinha cordas carregadas de roupa, a secar. Ora, como o meu quarto fica mesmo contíguo, o cheiro a barreia incomoda-me um pouco. Mas não será por muito tempo. Não demora muito que esteja habituado.

A vida nesta casa principia logo ao alvorecer, querida Bárbara. Levantam-se os primeiros, andam de um lado para o outro, fazem barulho, até que, pouco a pouco, vão saltando todos para fora da cama: uns para irem para o trabalho, outros, porque isso lhes agrada. Antes, porém, tomam o chá. Os *samovares* são quase todos da patroa; mas como esta não possui muitos, temos de aguardar com paciência a nossa vez. Aquele que sai da bicha para ser servido primeiro, é energicamente admoestado. Foi o que me sucedeu a mim na primeira manhã que passei nesta casa. Nessa altura familiarizei-me com todos os moradores. O primeiro que me dirigiu a palavra foi o marinheiro. É tão expansivo, que me pôs ao corrente de toda a sua vida; falou-me do pai, da mãe, de uma irmã, casada com um advogado em Tula, e da cidade de Cronstadt, onde viveu muito tempo. Ofereceu-se para tudo em que me pudesse ser útil e convidou-me a tomar chá com ele, de tarde. À hora marcada fui encontrá-lo na sala em que os hóspedes costumam reunir-se a jogar. Tomámos chá e depois quis que eu jogasse com eles. Não sei se o fizeram com o fim de troçar de mim, ou se era outro o seu objetivo; o certo é que, quando entrei, já estavam agarrados às cartas e que o jogo se prolongou por toda a noite. Viam-se por todos os sítios baralhos de cartas e pedras de dominó, e a fumarada lá dentro era tão espessa que até fazia arder os olhos. Claro, não quis jogar, e por isso começaram a dizer que eu era filósofo. Daí em diante, ninguém voltou a

olhar para mim nem a dirigir-me a palavra enquanto lá me demorei. Mas, para lhe ser franco, confesso que não me sentia muito bem naquele ambiente. Agora já não paro naquele aposento; ali só há jogos de azar e nada mais. Costumo juntar-me à noite com o funcionário que, diga-se de passagem, também tem certos conhecimentos de literatura. No seu aposento o ambiente é outro; tudo ali respira modéstia, inocência e decoro.

O nosso homem leva uma vida austera.

Devo dizer-lhe, antes de mais nada, que a nossa patroa é fraca prenda, uma verdadeira bruxa. Conhece a Teresa e viu que está que parece tísica. Pois a pobre aguenta com todo o serviço. É só ela e um criado, o Faldoni. Para lhe dizer a verdade, não sei se é este o seu verdadeiro nome; seja, porém, como for, toda a gente lhe chama assim e ele responde. Tem o cabelo ruivo e aspeto finlandês ou báltico, é zarolho e possui um narigão de respeito; passa a vida a insultar a Teresa e pouco tem faltado para lhe bater. Para ser franco, devo dizer-lhe que a vida aqui não é lá muito modelar. Por exemplo, o hábito de se deitar toda a gente à mesma hora, é coisa que nesta casa não existe. Sejam as horas que forem, há sempre alguém a pé e a jogar, e por vezes dão-se cá casos que só pensar neles faz corar. Eu já estou afeito e pouco me importo, mas não compreendo como casais decentes possam viver nesta sucursal de Sodoma.

Num compartimento, sem porta para o corredor, pois fica do outro lado, num recanto, vive uma pobre família que faz pena. É uma gente tão calada! Ninguém os ouve. E vivem todos no mesmo quarto, separados apenas por um simples biombo. O chefe de família, segundo parece, é um funcionário que foi demitido do seu cargo há coisa de sete anos, não se sabe porquê. Chama-se Gorchkov. É um homenzinho baixo, de cabelos brancos; anda tão pobremente vestido, que até horroriza vê-lo... Traja muito pior do que eu. É um sujeito acanhado e com cara de doente. Costumo encontrá-lo no corredor. Tremem-lhe sempre os joelhos e a cabeça devido a alguma doença, ou então por qualquer outra razão desconhecida. Extremamente tímido, receia toda a gente, e quando se encontra com alguém, afasta-se para o lado, com ar medroso, e desliza encostado à parede. Eu também sou um pouco tímido, mas nada que se compare com ele. Vive com a mulher e três filhos. O mais velho é, em tudo, o perfeito retrato do pai e também tem aspeto doentio. A mulher não deve ter sido feia no seu tempo, a avaliar pela sua boa aparência atual; mas anda tão malvestida, com roupas do que há de pior, e tão velhas! Consta

que devem o aluguer à patroa; não sei, mas o certo é que ela não é lá muito amável com eles. Ouvi também qualquer coisa acerca de Gorchkov; segundo se sussurra, foi demitido por ter praticado qualquer irregularidade. Ignora-se, porém, se está a correr qualquer processo ou coisa semelhante, talvez algum inquérito, por denúncia. Mas uma coisa há que salta aos olhos: que se encontram na mais negra miséria! Não se ouve no quarto deles o mínimo ruído; parece mesmo que não vive lá ninguém. As próprias crianças não fazem barulho; nunca andam à bulha nem brincam, o que é mau sintoma. Quando, numa tarde em que reinava na casa absoluto silêncio, por acaso passava junto do tugúrio daqueles infelizes, notei lá dentro soluços e gemidos entre cortados, logo seguidos de novos soluços, como se alguém chorasse; e aquele pranto era tão débil e denotava tal tristeza e desespero, que me confrangeu o coração. Naquela noite, só de madrugada consegui conciliar o sono, pois tinha o meu pensamento ocupado com essas pobres criaturas.

Com isto, adeus, querida Bárbara, minha boa amiguinha. Já lhe descrevi tudo, o melhor que me foi possível. Durante todo o dia não pensei senão em si. Por sua causa vivo num verdadeiro tormento. É que, por exemplo, sei que não tem um bom casaco. E conheço tão bem estas primaveras petersburguesas, com ventania, chuva e, às vezes, neve... Um tempo assim faz tão mal, meu anjo! É cada mudança de temperatura, que Deus nos valha.

Não leve a mal estas palavras, minha boa amiga; o que tenho a dizer, digo-o com franqueza, sem meias palavras nem rodeios, porque não possuo capacidade para fazer frases lindas, bem o sei. Se eu soubesse escrever em condições! Espalho no papel o que me vem à cabeça, sempre com a mira em distraí-la e levar-lhe um pouco de alegria. Se fosse um literato, então o caso seria outro; mas... que diabo sei eu? Os meus pais não gastaram muito com a minha educação.

Seu eterno e fiel amigo

Makar Dievuchkin

25 de Abril

Meu prezado Makar Alexeievitch:

Encontrei hoje a minha prima Sacha. Que desagradável encontro! A pobre também caminha para a ruína e perversão. Horrível! Soube ainda, por acaso, e indiretamente, que Ana Fedorovna anda por toda a parte a perguntar por mim e que procura a todo o transe saber notícias minhas. Estou a ver que não deixa mais de me perseguir. Segundo me disseram, ela declarou que me *perdoaria* tudo, que já esqueceu o passado e que deseja visitar-me! Diz a toda a gente que o senhor não tem qualquer parentesco comigo, nem mesmo muito afastado; a mais próxima e única parenta é ela, e ao senhor não assiste o direito de se imiscuir na nossa vida. Afirma ainda que é vergonhoso eu ser mantida por si e viver à sua custa. Diz que já me não lembro do que ela fez por mim e por minha mãe, evitando com a sua hospitalidade que tivéssemos morrido de fome; que nos alimentou e tratou de nós durante dois anos e meio, tendo-nos até pago uma dívida antiga e, entretanto, só lhe demos dissabores. Ora veja! Nem ao menos deixa a minha querida mãe em paz no outro mundo! Se a santa velha soubesse o mal que me têm feito! Mas a Deus nada escapa!...

Ana Fedorovna disse ainda que só por estupidez não soube assegurar a felicidade que ela me pôs ao alcance, e que não tem culpa de eu não saber ou não querer... pescar um bom marido. Mas quem foi culpado, meu Deus! Afirmou que o senhor Buikov teve muita razão e que, na verdade, um homem não pode casar-se com qualquer mulher... Enfim, deitou pela boca fora uma série de disparates.

Custa imenso ter de ouvir todas essas aldrabices, Makar Alexeievitch.

Não sei o que tenho hoje: tremo, choro, soluço. Estou há duas horas a escrever esta carta. Convencera-me já de que essa mulher havia reconhecido, ao menos, as suas culpas, a injustiça que me fez, mas verifico que me enganei!

Peço-lhe, meu bom amigo, que não lhe dê cuidado a minha saúde. Por amor de Deus, não se aflija, meu bom e único protetor. A Fédora exagera sempre. Eu não estou doente; apenas me constipei um pouco ontem, quando fui ao cemitério de Volkovo ouvir missa por alma da minha querida mamã. Porque não foi comigo?... Tinha-lhe pedido tanto... Oh! pobre mãe, se pudesses, do lugar onde te encontras, ver o que fizeram de mim...

B. D.

20 de Maio

Minha querida Bárbara:

Mando-lhe uns cachinhos de uvas; fazem bem aos convalescentes, e os médicos dizem que também são boas para matar a sede. Pode, por isso, comê-las sem receio, quando sentir a boca seca. Manifestou há dias desejo de um raminho de rosas; pois é com muito gosto que lho envio, minha querida. Tem apetite? Olhe que é o principal. Felizmente, o mal já lá vai, e assim as nossas desgraças não tardarão a ter fim também. Dê graças a Deus! Quanto aos livros, não me é possível de momento mandar-lhe nenhum. Mas disseram-me que um dos hóspedes desta casa tem um muito bom, escrito em estilo muito elevado. Afirmam que é, na verdade, uma obra excelente; eu não a li, mas têm-ma elogiado muito. Já a pedi e creio que ma emprestam. Mas... será capaz de a ler? É tão esquisita neste particular, que dificilmente se descobre coisa que lhe agrade. Digo isto, porque a conheço muito bem. Talvez prefira poesias amorosas e nostálgicas. Se assim for, arranjar-lhas-ei e tudo o que desejar. Por acaso tenho um caderno cheio de poesias copiadas por mim, que lhe envio.

Eu estou bem, esteja descansada quanto a isto, peço-lhe. Aquilo que Fédora lhe contou não é bem verdade; há de dizer-lhe que não minta tanto, não se esqueça. Mas diga-lho a sério! Que linguareira! Não vendi a casaca do meu fato novo, nem sequer tive tal ideia. E porque havia de vendê-la? Ainda há pouco soube que me iam dar uma gratificação de quarenta rublos e, sendo assim, porque havia de me desfazer dos meus fatos? Não, meu amor, não se aflija com isso. A Fédora é maliciosa e desconfiada, o que não está bem. Tenha paciência, e verá como a vida nos há de sorrir. Mas, para isso, torna-se necessário, antes de mais nada, que se restabeleça por completo. Por amor de Deus, procure recuperar a saúde e não se aflija com coisa alguma. O que mais me confrange e desgosta é vê-la tão fraca. Quem lhe disse que eu tinha emagrecido? Outra calúnia! Gozo de boa saúde e sinto-me muito contente; e engordei tanto, que quase tenho vergonha. Vivo

alegre e satisfeito e nada me falta... Se você já estivesse completamente restabelecida…

Por agora, adeus, meu anjo. Beijo-lhe as pontas dos seus dedos e sou sempre o seu fiel amigo.

Makar Dievuchkin

P. S. — Ah, meu amor! Para que voltou ao mesmo assunto na sua carta? Que ideia foi essa? Como quer que vá amiúde visitá-la... não me dirá? Só se for a coberto das trevas da noite. Mas isso, só daqui a algum tempo, pois agora, a bem dizer, nem noite há. Enquanto esteve doente, prostrada com febre e em delírio, não a deixei por um só momento. Não compreendo mesmo como pude arranjar tempo para tudo, sem faltar às minhas obrigações. Depois, porém, suspendi as minhas visitas, porque os curiosos já andavam a fazer perguntas. Já não faltam por aí rumores. Confio plenamente na Teresa, que não é linguareira. Contudo, minha querida, sabe muito bem o que sucederia se o povo soubesse da nossa vida. Que pensaria e que diria? Por isso, tenha paciência, até ao seu completo restabelecimento, e então não faltará ocasião de nos encontrarmos em qualquer parte, fora de casa.

1 de Junho

Meu bom Makar Alexeievitch:

Quem me dera poder de qualquer modo manifestar-lhe a minha gratidão pelos seus desvelos e pelos sacrifícios que faz por mim! Resolvi, por isso, tirar da minha cómoda o velho caderno que junto lhe envio. Comecei a apontar nele as minhas impressões, no tempo em que ainda a vida me sorria. Por diversas vezes o senhor me manifestou desejos de conhecer o meu passado, e pediu-me que lhe falasse da mamã, de Pokrovski e da minha estadia em casa de Ana Fedorovna, e o pusesse ao facto das minhas recentes infelicidades. E mostrou tanta vontade de ler este caderno, a cujas páginas confiei parte da minha vida, que julgo dar-lhe grande alegria enviando-lho. Foi, porém, com grande tristeza que agora o reli. Tive a impressão de ter duplicado a idade desde que escrevi nele a última linha. As notas que aí encontra foram traçadas em diferentes épocas. Praza a Deus que continue de saúde, Makar Alexeievitch. Por mim, agora, de vez em quando tenho horríveis acessos de tédio, e de noite atormentam-me as insónias. Que aborrecida convalescença!

B. D.

I

Quando morreu meu pai, tinha eu catorze anos apenas. A infância foi a época mais feliz da minha vida. Passei-a longe daqui, na província de Tula, onde meu pai administrava uma grande quinta, propriedade do príncipe P... Ali vivíamos sozinhos, tranquilos e felizes... Eu era o que podia chamar-se uma selvagem. Passava os dias a correr através dos campos e do bosque, e por onde me apetecia, porque ninguém se

importava comigo. O meu pai estava sempre ocupado nos seus assuntos administrativos, e a vida doméstica não deixava à minha mãe um momento livre. Não me mandavam para a escola, com o que muito folgava. Assim, logo de manha, ia brincar para junto do lago ou para o bosque, ou então para a companhia dos ceifeiros que trabalhavam nos campos, conforme me aprouvesse. Saía de casa sem destino, sem me importar com o ardor do sol, e o mato que me arranhava o rosto e rasgava os vestidos não representava qualquer obstáculo aos meus folguedos. Queria lá saber que estivessem em casa preocupados por minha causa!

Julgava então que havia de ser sempre assim feliz, embora passasse a vida inteira no campo. Infelizmente, teria eu uns escassos doze anos, quando me vi obrigada a dizer adeus àquela vida rústica e àqueles sítios que me eram tão familiares, para seguir os meus pais para S. Petersburgo. Ah! Como me custou arrancar-me dali! Chorei amargamente ao abandonar tudo quanto até então amara. Abracei-me a meu pai — lembro-me bem — e com os olhos inundados de lágrimas supliquei-lhe que me deixasse mais algum tempo na quinta. Ele ralhou-me, e a minha mãe, a chorar, dizia-me que era necessário partir, por força das circunstâncias. O velho príncipe P... morrera, e os herdeiros haviam dispensado os serviços do meu pai. Como o papá tinha colocado em S. Petersburgo algum capital com o fim de melhorar a sua fortuna, achou conveniente ir ele próprio tratar dos seus negócios para essa cidade. Tudo isto me foi mais tarde contado por minha mãe. Alugámos então um andar em S. Petersburgo, onde vivemos até à morte do meu pai.

Ai! Como me foi difícil habituar-me à nova vida! Chegámos a S. Petersburgo no outono. Deixámos a quinta num dia de sol, claro e ameno. As colheitas estavam no fim, e nas eiras viam-se altas montanhas de trigo, em torno das quais chilreavam bandos de inquietos passarinhos. Como tudo aquilo era calmo e alegre!

Quando, porém, chegámos à cidade, tudo era diferente; chovia e estava frio, e o chão coberto de lama; e depararam-se-nos rostos desconhecidos, que me pareceram hostis, mal-encarados e maus. Instalámo-nos o melhor que pudemos. Que maçada para conseguirmos pôr a casa em ordem!

O papá passava o dia na rua e a minha mãe encontrava-se sempre atarefada, de modo que se esqueciam por completo de mim. Que triste foi o meu despertar após a primeira noite passada na nossa nova casa! Diante das nossas janelas ficava um muro pintado de amarelo e na rua só se via

barro. Os transeuntes eram raros, todos muito enroupados e de pescoço agasalhado, com aspeto de quem tinha muito frio. Tudo o que nos rodeava causava tristeza e tédio insuportáveis. Não tínhamos na cidade parentes ou conhecidos. Meu pai estava de relações cortadas com Ana Fedorovna, por causa de um dinheiro que ela lhe devia. Vinham, contudo, visitar-nos pessoas que tinham negócios com o papá. Em geral, entre os visitantes e o meu pai travavam-se grandes discussões, ouvindo-se de fora gritos e barulho. E depois de se irem embora, ele ficava sempre triste e maldisposto. Passava horas inteiras a passear de um lado para o outro da casa, de semblante carregado e sem proferir palavra. Nesses momentos, nem mesmo a mamã se atrevia a abrir a boca, conservando-se em silêncio. E eu ia meter-me a um canto, com um livro na mão, tendo receio de me mexer.

Três meses após a nossa chegada a S. Petersburgo, meteram-me num colégio. Que tristeza a minha ao princípio, ao ver-me diante de tantas caras desconhecidas! Era tudo tão árido, tão hostil, tão pouco atraente! As professoras ralhavam, as companheiras pregavam partidas e eu ficava cheia de medo. E então o regulamento era de um rigor! Tudo era feito a horas determinadas e com toda a pontualidade. As refeições em conjunto, aquelas lições tão maçadoras constituíram para mim, ao princípio, um verdadeiro martírio. Nem sequer podia dormir. Quantas noites longas, aborrecidas e frias eu passei em claro, a chorar até ao amanhecer! De tarde, enquanto as outras meninas estudavam ou passavam os olhos pelas suas lições, eu conservava-me muito quietinha, com o livro na minha frente, e não me atrevia a fazer o menor movimento; mas o meu pensamento voava em direção à minha casa, lembrava-me dos meus pais e da minha boa e velha ama e dos seus contos... E que tristeza eu sentia então! Recordava-me perfeitamente do mais insignificante objeto da casa, e ainda hoje mesmo relembro tudo isso com um prazer especial, doloroso... E para ali estava a matutar... Ai! como seria bom encontrar-me agora em casa! A esta hora, estaria sentada à mesa, sobre a qual fumega o *samovar,* em companhia de meus pais. Que calorzinho se sente e como se está bem ah! «Como gostaria — pensava — de dar agora na minha mamãzinha um abraço apertado, muito apertado]» Depois continuava a pensar, até que a nostalgia se apoderava de mim, fazendo-me chorar em silêncio lágrimas amargas... E esquecia por completo o que tinha para estudar. Vinha a noite, e como não sabia a lição, pensava no professor, na

madame e nas condiscípulas, sonhando que estudava; mas, afinal, se me interrogavam, eu nada sabia. Era então condenada a manter-me de joelhos num canto e a ficar sem uma das refeições. A minha vida era, pois, tristonha e melancólica. As outras moças riam-se de mim, pregavam-me partidas, distraiam-me durante as horas de estudo, e beliscavam-me quando, em formatura, nos dirigíamos para o refeitório, ou faziam queixa de mim à professora. Mas, em contrapartida, que alegria a minha quando, aos sábados de tarde, a minha boa ama me ia buscar!

Com que alegria eu abraçava a boa velhinha! Depois de me vestir e me pôr *muito quentinha,* como ela dizia, seguíamos para casa. Pelo caminho, ela não conseguia acompanhar-me, tão ligeira eu ia. É que não tinha paciência de caminhar vagarosamente. Apesar da pressa que levava, não parava de conversar com ela durante todo o trajeto, contando-lhe tudo o que me vinha à ideia. Logo que entrava em casa, louca de alegria, atirava-me para os braços de meus pais, tal como se nos não víssemos há sete anos. Começava então a contar as novidades que sabia e a fazer perguntas acerca de tudo. Ria a bom rir e desatava a correr pela casa, cumprimentando toda a gente. Depois o papá fazia-me perguntas mais sérias: acerca dos professores, das matemáticas, do francês e da gramática de L'Homond... e todos estávamos contentes e alegres. Ainda hoje recordo com saudade aqueles momentos.

Esforcei-me o mais possível por me instruir, a fim de dar gosto ao meu pobre pai. Via quanto ele se sacrificava por mim, apesar das preocupações cada vez mais graves que o atormentavam. Mostrava-se de dia para dia mais triste, mais sombrio e mais colérico. O seu génio piorava assustadoramente. Tudo lhe corria mal, a sorte não o protegia e as dívidas iam aumentando cada vez mais.

Minha mãe nem sequer se atrevia a chorar, não soltava o menor queixume, receando irritar ainda mais o meu pai. Por fim, a sua saúde alterou-se, começou a emagrecer e a tossir de modo inquietante. Quando, então, regressava do colégio, só se me deparavam rostos tristes: minha mãe chorava em silêncio e o meu pai encolerizava-se. Seguiam-se os queixumes e as censuras: a minha presença não lhe dava a mínima alegria, qualquer consolação; apesar de ele haver feito os maiores sacrifícios para me dar uma educação capaz, eu ainda não sabia uma palavra de francês. Em suma, vingava-se em mim e na minha mãe, afirmando que fôramos nós as únicas causadoras de tudo, de todos os fracassos, de toda a sua

infelicidade. Como era possível que ele atormentasse assim a minha pobre mãe? Ao vê-la, sentia o meu coração confranger-se. Tinha as faces descoradas, os olhos enterrados nas órbitas, enfim, todos os sintomas da tísica.

Era a mim que atingiam as mais ásperas censuras de meu pai. Geralmente, principiava a queixar-se de uma insignificância, para logo proferir as frases mais descabeladas. Por vezes, eu nem atinava com o sentido das suas palavras. Dizia cada coisa! Que eu não conhecia nada de francês, que era uma estúpida e a diretora do colégio não passava de uma idiota, que não sabia ministrar a educação; que assim não me podia arranjar emprego; que a gramática de L'Homond não prestava para nada, que a de Zapolski era muito melhor; que estava a gastar comigo rios de dinheiro, sem qualquer proveito ou utilidade; que eu não tinha juízo nenhum nem sentimentos; quer dizer: eu consumia-me para conseguir aprender um pouco de francês e, ao fim e ao cabo, era a culpada de tudo e tinha de aguentar todas as censuras. Não se julgue, porém, que o meu pai procedia desta forma porque não nos amasse; consagrava-nos, pelo contrário, imenso carinho. Mas era assim o seu génio...

Melhor dizendo, o seu génio azedara-se devido aos desgostos, às deceções e aos fracassos que sofrera na vida, pois, antes, não podia ser melhor. Tornara-se desconfiado, por vezes denotava extrema amargura, quase cedendo ao desespero; começou a descurar a saúde, até que um dia apanhou um resfriamento, do qual veio a morrer ao cabo de curta doença. O golpe foi tão repentino e inesperado, e tal o aturdimento em que nos deixou, que só ao fim de algum tempo pudemos afazer-nos à triste realidade. A mamã ficou com as ideias um pouco perturbadas; a princípio cheguei mesmo a recear pelas suas faculdades mentais. Mal o meu pai morreu, os credores, aos magotes, começaram a apresentar-se em nossa casa. Entregámos-lhes tudo o que possuíamos. Fomos obrigadas também a vender a casa em que vivíamos e que o papá comprara meio ano após a nossa chegada a S. Petersburgo. Não sei bem como as coisas se arranjaram; mas o certo é que nos vimos sem teto, sem dinheiro, desamparadas e sem recursos. A mamã estava doente; minava-a uma febre lenta que a ia consumindo; não podíamos ganhar a vida e, assim, estávamos resignadas a morrer. Tinha eu então catorze anos.

Foi nessa altura que Ana Fedorovna nos visitou pela primeira vez. Apresentou-se-nos como uma proprietária e afirmou-nos que era nossa

próxima parente. A mamã, porém, dizia que, de facto, ela era aparentada connosco, mas esse parentesco era muito afastado. Enquanto o meu pai foi vivo, nunca entrou em nossa casa. Agora, aparecia-nos de lágrimas nos olhos, exagerando a parte que tomava no nosso luto. Aparentava grande compaixão pela nossa desgraça, deixando, contudo, compreender que o único culpado de todos os nossos infortúnios fora o papá com o seu orgulho e a excessiva confiança que depositava nas suas próprias forças. Além disso, na qualidade de *única parente* manifestou desejos de cultivar connosco relações mais íntimas e pediu-nos que esquecêssemos o passado. A mamã replicou-lhe que nunca lhe quisera mal, e ela desatou a chorar, muito comovida. Levou minha mãe à igreja e mandou celebrar uma missa por alma do *querido morto*, como ela chamou ao meu pai. Em seguida reconciliou-se solenemente com a mamã.

Depois de muitos preâmbulos e observações e de nos ter feito ver claramente quanto era desesperada a nossa situação, devido à absoluta falta de recursos, de proteção e de amparo, instou para que fôssemos viver com ela sob o seu teto, conforme dizia. A mamã agradeceu muito a oferta; mas só daí a algum tempo se decidiu a aceitá-la, uma vez que não nos restava outro recurso. Escreveu então a Ana Fedorovna, comunicando-lhe que aceitava, agradecida, o asilo que lhe oferecera.

Lembro-me ainda muito bem do dia em que nos mudámos da nossa casita de Petersburgskaia, para Vasilievski Ostrov, no outro extremo da cidade. Foi numa clara manhã de outono, seca e fria. A mamã chorava e eu sentia profunda tristeza, como que uma inexplicável angústia me oprimia a alma. Que doloroso momento aquele...

II

Ao princípio, enquanto nos não habituámos, tanto a minha mãe como eu sentimos uma certa tristeza na nossa nova casa, essa tristeza que é costume experimentar-se sempre que se nos deparam perspetivas de um futuro pouco tranquilizador. Ana Fedorovna vivia numa das principais ruas de Vasilievski Ostrov, numa casa de sua propriedade, com cinco divisões. Destas, três eram ocupadas por Ana e Sacha, uma minha prima órfã de quem aquela tomara conta em criança; eu e minha mãe vivíamos noutra, e

na quinta, pegada à nossa, habitava um pobre estudante de nome Pokrovski, o único que pagava aluguer.

Ana Fedorovna vivia muito bem — melhor mesmo do que seria lícito esperar-se; porém, de onde lhe vinham os rendimentos de que gozava e o género de ocupações em que entretinha a vida, isso constituía um enigma. A verdade é que ela não parava um momento; a pé ou de carro, ela andava sempre numa roda-viva, entrando e saindo de casa muitas vezes durante o dia. Estava relacionada com pessoas das mais diversas camadas sociais. Recebia a todo momento visitas de pessoas que vinham falar-lhe de negócios e geralmente se demoravam breves instantes. Quando a campainha tocava, a mamã costumava retirar-se comigo para os nossos aposentos, o que era motivo para Ana Fedorovna se zangar e repetir-nos continuamente que éramos umas orgulhosas. «Ainda se tivessem de que se orgulhar, vá — dizia —; mas na situação em que se encontram, sem terem nenhum motivo de orgulho...» E durante horas seguidas não se calava, sempre no mesmo tom. Eu nunca lhe ouvira estas censuras; só agora, ao escutá-las, compreendi, ou antes, adivinhei a razão por que minha mãe se negara, a princípio, a aceitar a hospitalidade que minha prima lhe oferecia.

É uma má mulher e o seu gosto era atormentar-nos constantemente. Ainda hoje não consigo descortinar o motivo por que nos teria convidado a ir viver para a sua companhia. A princípio, ainda nos tratou razoavelmente, era mesmo carinhosa connosco; mas não tardou em mostrar o seu verdadeiro caráter, logo que lhe foi possível verificar que nos achávamos desamparadas de todo e inteiramente à sua mercê. Mais tarde, voltou a ter comigo as atenções anteriores, talvez exageradas; chegava, por vezes, a dirigir-me lisonjas descabidas; mas, antes disso, sofri tanto como a minha mãe. A cada passo nos dirigia ásperas censuras, lançando-nos em rosto os benefícios que nos fazia. Apresentava-nos aos estranhos como parentes pobres — uma viúva e uma órfã desamparadas, que só por caridade cristã recebera sob o seu teto e sentara à sua mesa. À hora das refeições, não tirava os olhos dos bocados que levávamos à boca. No entanto, se não comíamos, ou comíamos pouco, isso não era para ela motivo de regozijo; perguntava-nos então se não achávamos boa a comida, se lhe encontrávamos qualquer defeito... «Dou-lhes do que tenho e do mesmo que eu como — declarava. — Talvez vocês sozinhas pudessem arranjar-se melhor, isso não sei...» Estava sempre a dizer do papá tudo o que há de pior; não podia viver sem o criticar. Afirmava que ele quisera

ser sempre mais do que ninguém, mas agora podia ver-se a verdade: deixara uma viúva e uma órfã, condenadas a morrer de fome na rua se não tivessem encontrado uma alma caritativa entre os parentes, isto é, ela. E isto ainda não era nada! As suas palavras causavam mais asco do que sofrimento. A mamã levava a vida a chorar. A sua saúde piorava de dia para dia, enfraquecia a olhos vistos; contudo, trabalhávamos de manhã à noite. Costurávamos para fora, o que não agradava muito a Ana Fedorovna. Dizia que a sua casa não era nenhuma oficina. Nós, porém, para nos vestirmos, tínhamos de trabalhar, isto para não necessitarmos de que nos dessem tudo. Por isso, trabalhávamos o mais que podíamos e íamos economizando, a fim de um dia dispormos do bastante para alugarmos um quartinho para nós ambas. Mas o mal de minha mãe, devido ao excessivo trabalho, foi-se agravando; cada dia estava mais fraca. A doença minava-lhe a existência e ia-a empurrando para a cova. Eu via-o, sentia-o e nada podia fazer para o evitar!

Os dias sucediam-se, sempre iguais. Levávamos uma vida recatada, como se vivêssemos na aldeia. Ana Fedorovna, à medida que verificava a sua absoluta superioridade e que nada tinha a temer, ia-se humanizando. De resto, nunca a havíamos contrariado. O nosso quarto ficava separado do dela por um corredor e contíguo ao de Pokrovski, como já disse. O estudante ensinava a Sacha francês e alemão, história e geografia, isto é, *todas as ciências,* como Ana costumava dizer. Em paga, não lhe cobravam qualquer importância pela comida.

Sacha tinha então cerca de treze anos; era muito inteligente, mas extremamente grosseira. Certo dia Ana Fedorovna lembrou à minha mãe que talvez fosse conveniente eu receber algumas lições juntamente com a mocita, já que deixara o colégio antes de terminar os meus estudos.

A mamã ficou, naturalmente, muito satisfeita e, assim, Pokrovski deu-nos lição às duas, durante um ano.

O referido Pokrovski era um rapaz muito pobre, cuja saúde não lhe permitira seguir regularmente os seus estudos universitários. Por isso, só por força do hábito é que lá em casa lhe chamávamos *estudante.* Levava uma vida tão modesta e tranquila, que do nosso quarto nunca ouvíamos o mais ligeiro ruído no seu. Distinguia-se ainda por uma singularidade do seu exterior: era um pouco curvado e o seu andar era desajeitado; e tinha uma pronúncia tão esquisita que, a princípio, logo que o via desatava a rir. Sacha, especialmente durante a lição, estava sempre a ridicularizá-lo. Ele,

porém, também não lhe ficava a dever nada; encolerizava-se com frequência; a menor graça punha-o fora de si; ralhava connosco, soltava berros e, às vezes, levantava-se e saía furioso, dando por finda a lição antes do tempo, indo meter-se no quarto. Ali passava dias inteiros, sentado a ler. Dava também lições noutras casas, e o dinheiro que ganhava aplicava-o logo na compra de mais livros.

Com o andar do tempo, fui-o conhecendo mais a fundo, acabando por verificar que era o homem mais honrado e bondoso que até então eu conhecera. A mamã tinha-o também em grande estima. Com a convivência chegou a ser o meu melhor amigo... depois de minha mãe, claro.

Ao princípio, apesar de eu já ser uma mulherzinha, associava-me a todas as partidas que Sacha tramava contra ele; às vezes passávamos horas inteiras a estudar a forma de fazermos troça dele e pôr à prova a sua paciência. Tornava-se verdadeiramente caricato quando se zangava, e nós queríamos divertir-nos à sua custa. Ainda hoje sinto vergonha quando me lembro disso. Certo dia irritámo-lo tanto, que o pobre até chorou; e ouvi-o então murmurar por entre dentes: «Que crianças tão más!» Fiquei desorientada: despertava em mim, pela vez primeira, como que um misto de vergonha, pesar e compaixão. Corei até à raiz dos cabelos e, com as lágrimas a bailarem-me nos olhos, supliquei-lhe que não se ofendesse com as nossas grosseiras travessuras. Mas ele fechou o livro e encaminhou-se para o seu quarto, sem terminar a lição.

Os remorsos não me deixaram durante todo o dia. Era para mim um verdadeiro tormento a ideia de que, com as nossas crueldades de moças, o fizéramos exasperar a ponto de lhe saltarem as lágrimas dos olhos. Quer dizer que foram só as suas lágrimas que nos fizeram arrepender! E a sua irritabilidade, sem dúvida doentia, que nós nos comprazíamos em excitar? E o esgotamento da sua paciência? E o facto de havermos obrigado o pobre rapaz a sentir mais a infelicidade da sua triste condição?

Não consegui pregar olho em toda a noite, de tal modo os remorsos me torturavam. Costuma dizer-se que o pesar e os remorsos aliviam o espírito. Pois é o contrário! Como, não sei; mas o certo é que aliado ao meu pesar andava uma pontinha de orgulho. Não me conformava com a ideia de que ele me julgasse uma criança. Contava eu nessa altura quinze anos.

A partir de então, o meu único pensamento foi procurar conseguir que Pokrovski mudasse de opinião a meu respeito. Formei mil projetos para atingir o meu objetivo, mas a timidez obstou a que os pusesse em prática;

nunca me decidia por nenhum, de modo que tudo ficou em planos e sonhos. E que sonhos os meus, Santo Deus! Daí em diante, porém, jamais me associei às brincadeiras de mau gosto de Sacha, e esta mesmo, pouco a pouco, foi-se corrigindo também. Assim, o estudante não teve mais motivos para se zangar connosco. Contudo isso não era compensação bastante para o meu orgulho.

Quero traçar aqui meia dúzia de palavras acerca do homem mais invulgar e mais digno de compaixão que conheci. E é neste lugar que o desejo fazer, porque a partir do dia a que vou referir-me, ele, com quem nunca até então me preocupara nem muito nem pouco, começou a ganhar vulto nos meus pensamentos.

Aparecia às vezes em nossa casa um velhote baixinho, mal vestido e sujo, de cabelo branco, meio trôpego, em suma de características verdadeiramente invulgares. À primeira vista, dir-se-ia que sentia vergonha dele próprio e que pedia perdão de haver nascido. Pelo menos, encolhia-se muito ou esforçava-se por se tornar mais pequeno ainda, por se reduzir à ínfima espécie. Quem observasse as suas maneiras e os seus gestos estranhos convencer-se-ia de que se tratava de uma criatura sem o juízo todo. Quando vinha a nossa casa, ficava sempre muito direito por trás da porta envidraçada, não se atrevendo a entrar. Se, por acaso, Sacha ou eu íamos ao corredor e o víamos ali parado, ele começava a fazer-nos sinais para nos chamar a atenção; e se nós, também por gestos, lhe dávamos a entender que não se encontrava lá qualquer pessoa estranha, ou o chamávamos em voz alta, o pobre ganhava coragem, abria, devagarinho, a porta e entrava, com um sorriso nos lábios. Em seguida esfregava as mãos e, em bicos de pés, dirigia-se para o quarto de Pokrovski. Era o seu pai.

Mais tarde, soube pormenorizadamente a história desse pobre homem. Fora, em tempos, empregado não sei onde; mas, por falta de habilitações, ocupara sempre um lugar insignificante e modesto. Após a morte de sua primeira mulher — mãe de Pokrovski —, voltara a casar com uma burguesa. Jamais reinara a paz naquela família; a nova consorte apoderara-se do mando e levara aquele lar à ruína, de modo que o pobre homem vira-se em piores circunstâncias do que anteriormente. Pokrovski, então com dez anos, fartara-se de sofrer as consequências do ódio da madrasta, até que a sorte o protegera e as coisas para ele tomaram novo rumo. Buikov, um proprietário que conhecera em tempos o pai e lhe dispensara certa

proteção, tomara a seu cargo o órfão e metera-o num colégio. Interessava-se pelo rapaz pela simples razão de que conhecera a sua falecida mãe quando esta, protegida por Ana Fedorovna, gozava dos seus *benefícios* e por seu intermédio casara com o empregado Pokrovski. Quando do casamento, o Sr. Buikov, como bom amigo de Ana Fedorovna, dera à noiva o dote de cinco mil rublos. O que foi feito desse dinheiro, não sei. Tudo isto me foi contado pela própria Ana Fedorovna, pois o estudante nunca me falou da sua família e não gostava que lhe fizessem perguntas acerca dos seus pais. Consta que sua mãe fora muito bonita, pelo que são deveras incompreensíveis as razões que a levaram a contrair uma união tão desvantajosa com aquele homem insignificante. Ela morreu muito nova ainda, ao cabo de quatro anos de casada.

Da escola, o jovem Pokrovski passou para o liceu e daqui para a Universidade, onde o Sr. Buikov, que ia frequentemente a S. Petersburgo, continuou a protegê-lo. Devido à sua débil saúde, porém, o jovem não pôde prosseguir os seus estudos; e foi então que o seu protetor o apresentou a Ana Fedorovna e lho recomendou, comprometendo-se ela a fornecer-lhe cama e mesa, com a condição de o estudante ensinar a Sacha *todas as ciências*.

Para se consolar dos maus bocados que a sua segunda mulher lhe fazia passar, o velho Pokrovski entregou-se ao pior dos vícios — a bebida —, de forma que andava quase permanentemente embriagado. A mulher dava-lhe pancada, fazia-o dormir na cozinha e levou a tal ponto os maus tratos que, com o andar do tempo, o infeliz sofria tudo sem replicar, acabando por nem soltar a mínima queixa. Não era ainda muito idoso, mas, em resultado da vida desregrada que levava, parecia, como disse não ter o juízo todo.

O único vestígio de sentimentos nobres que o pobre homem ainda mostrava, era o imenso amor pelo filho, que se parecia com a sua falecida mulher como duas gotas de água. Seria a recordação dela — que tão boa fora para ele — que alimentava no coração desse velho degenerado essa grande adoração pelo filho? Não falava noutra coisa; visitava-o duas vezes por semana, e não o fazia com mais frequência porque o jovem não gostava das visitas paternas. O desprezo que tinha pelo pai constituía, sem dúvida, o maior defeito do estudante. Na verdade, aquele, por vezes, tornava-se extremamente antipático, era demasiado curioso, tagarelava tanto que não deixava o filho trabalhar, fazia-lhe perguntas absolutamente descabeladas e, além disso, nem sempre se apresentava em estado normal.

Com o tempo, o rapaz conseguiu fazê-lo perder os maus costumes, e o pai acabou por obedecer-lhe como a um deus, não se atrevendo sequer a abrir a boca sem sua ordem.

O pobre velho não encontrava palavras bastantes para elogiar o seu Petinka —como ele lhe chamava. Quando ia visitá-lo, levava sempre um aspeto preocupado, uma expressão tímida, certamente por ignorar o acolhimento que o filho lhe dispensaria. Geralmente, hesitava por muito tempo antes de entrar, e quando me lobrigava da porta, corria logo para junto de mim e assediava-me durante uma boa meia hora com perguntas acerca do seu Petinka: que estava a fazer, se se encontrava de boa saúde, que tal a sua disposição e se naquele momento trabalhava em qualquer coisa importante. Estaria a escrever, ou a estudar alguma obra filosófica? Finalmente, logo que eu lhe dava respostas suficientemente tranquilizadoras, resolvia-se a abrir devagarinho e com muito cuidado a porta do quarto do filho, metendo a cabeça pela abertura. Se visse que ele estava de bom cariz ou correspondia com um gesto à sua saudação, entrava deliberadamente no aposento, tirava a capa e o chapéu, sempre todo esburacado e às vezes sem abas, e pendurava-os num prego. Fazia tudo isto com o maior cuidado e sem causar o menor ruído. Em seguida, também com extrema cautela, sentava-se numa cadeira e para ali ficava, com os olhos fitos no filho, seguindo-lhe todos os movimentos e olhares, a ver se adivinhava o seu estado de espírito. Se, por acaso, compreendia que naquele dia o jovem se encontrava mal-humorado, levantava-se logo e dizia que tinha ido «só para passar um momento contigo, Petinka. Precisei de fazer um recado para muito longe e, como tinha de passar por aqui, disse: *Vou entrar um bocadinho só para o ver e descansar um pouco*. Agora vou-me embora, Petinka». E sem acrescentar mais palavra, pegava lentamente na sua velha e fina capa e no amolgado chapéu, fechava, com todo o cuidado, a porta atrás de si e saía, esforçando-se por sorrir e conter a mágoa que sentia no peito a fim de que o filho a não notasse.

Se, pelo contrário, o estudante lhe dispensava um acolhimento afetuoso, então o velho não cabia em si de contente. O seu rosto, os seus gestos, as suas mãos deixavam transparecer a alegria que lhe ia na alma. E se o filho entabulava conversa com ele, o pobre homem levantava-se na cadeira e respondia, num tom humilde e sossegado, quase respeitoso, esforçando-se sempre por adotar expressões estudadas, que como é natural, naquele caso se tornavam cómicas. Além disso, não tinha o dom

da palavra, atrapalhava-se, intimidava-se e não sabia onde pôr as mãos nem o que fazer à sua pessoa; acabava por gaguejar as respostas, repetindo-as em voz baixa, como que para as retificar. Mas se, por acaso, conseguia responder em condições ficava todo vaidoso, alisava o casaco, compunha a gravata, sacudia o pó das lapelas e o seu semblante ganhava um certo ar de importância.

Em certos dias mostrava tal desenvoltura que quase se tornava atrevido; levantava-se da cadeira, ia direito à estante dos livros, pegava num à sorte e punha-se a ler. E fazia tudo isto com todo o desembaraço e sangue-frio, como se estivesse sempre autorizado a mexer nos livros, conforme lhe apetecesse, e as suas relações com o filho nada tivessem de especial. Mas um dia tive ocasião de ver o pobre velho assustar-se por o filho lhe pedir que não tocasse nos livros, Perdeu por completo a estribeira, apressou-se a reparar o seu erro, quis colocar no respetivo sítio o exemplar em que pegara, mas ele escorregou-lhe e caiu ao chão; apanhou-o com toda a rapidez, tentou encaixá-lo novamente entre os outros, mas não o conseguiu, deixando-o cair outra vez, agora de lado; sorriu sem vontade, pôs-se muito vermelho e acabou por não atinar com a forma de corrigir o mal feito.

Pouco a pouco, com admoestações e afetuosas censuras, o filho foi conseguindo que o pai perdesse os seus maus hábitos; e quando o velhote lhe aparecia três vezes seguidas sem estar embriagado, à quarta dava-lhe vinte e cinco ou cinquenta *kopeks*, e até mais. Comprava-lhe calçado, um casaco ou uma gravata. O pobre homem, quando aparecia com estas coisas novas, impava de orgulho como um galo. Às vezes também vinha passar uns momentos connosco, e levava-nos, a mim e a Sacha, tortas e maçãs. Conversava connosco acerca do seu Petinka, com toda a naturalidade. Pedia-nos que estivéssemos muito atentos às lições e guardássemos respeito ao nosso professor, pois Petinka era um bom filho, o melhor dos filhos e, além disso, um *filho muito ilustrado.* Quando dizia isto, piscava-nos comicamente o olho esquerdo e dava-se tal importância, que nós, quase sempre, não nos podíamos conter e desatávamos a rir. A mamã tinha grande simpatia pelo velhinho; este, por sua vez, detestava Ana Fedorovna, embora na sua presença se mostrasse mais humilde que a erva e mais calmo do que a água.

Bem depressa deixei de assistir às lições. Pokrovski continuava a ter-me na conta de uma criança malcriada, uma garota como Sacha. Tal facto

desgostava-me em extremo, pois eu fizera tudo para modificar a minha conduta anterior. Mas de nada valia; ele não reparava, o que me feria o amor-próprio e me irritava cada vez mais. Fora das horas das lições quase não lhe dirigia a palavra, porque não podia falar. Punha-me muito vermelha e depois ia chorar, às escondidas, para um canto… revoltada contra mim mesma. É difícil de prever a que estado teriam chegado estas coisas, se não fosse um acidente puramente casual nos ter facilitado a aproximação. Foi o seguinte:

Uma tarde, estando a mamã sentada junto de Ana Fedorovna, às escondidas, entrei no quarto de Pokrovski. Sabia perfeitamente que ele não estava; contudo, não poderia explicar bem como me lembrei de me introduzir daquele modo no quarto de um homem. Apesar de vivermos há mais de um ano com uma simples parede de permeio, era a primeira vez que o fazia. O coração pulsava-me com tal violência, que me dava a impressão de saltar fora do peito. Circunvaguei pelo quarto um olhar de curiosidade. O aposento era de uma simplicidade extrema, e encontrava-se pobremente mobilado, e em completa desordem. Viam-se papéis sobre as cadeiras e em cima da mesa. Livros e papéis por toda a parte! De súbito, veio-me à imaginação uma estranha ideia: que a minha amizade e até mesmo o meu amor nada podiam significar para Pokrovski. Ele era um homem culto, enquanto eu não passava de uma ignorante, que não sabia nada, não lia nada, não possuía um único livro... Com que avidez contemplei aquela comprida estante, tão carregada de livros que dava a impressão de estar prestes a cair por não aguentar o peso! Senti inveja, pena, nostalgia e cólera!... Apoderou-se, então, de mim, um desejo enorme de ler aqueles livros, os seus livros, de lê-los todos, do primeiro ao último, e o mais depressa possível. Não sei, mas talvez pensasse que, depois de haver lido tudo aquilo e saber tanto como ele, poderia conseguir a sua amizade muito mais facilmente do que antes, quando nada conhecia. O certo é que fui direita à referida estante e, sem qualquer hesitação, nem sequer refletir no que fazia, peguei no primeiro livro que me veio à mão — um calhamaço muito velho e coberto de pó — e, a tremer de susto e de nervoso, levei-o para o meu quarto, a fim de o ler à noite, à luz da lamparina, depois de a mamã adormecer.

Qual não foi, porém, o meu desapontamento quando, já no meu quarto, abri o livro furtado e verifiquei tratar-se de uma obra em latim muito velha, amarelecida pelo tempo e roída da traça! Corri, sem perda de

tempo, a repor o exemplar no respetivo sítio. Mas, no preciso momento em que tratava de o colocar lá, dei fé de abrirem e fecharem a porta do corredor e, em seguida, senti o rumor de passos. Alguém entrava! Procurei desfazer-me do calhamaço rapidamente; mas quando o retirara, os seus camaradas do lado foram ocupar o seu lugar e, agora, só comprimindo-os se conseguiria encaixá-lo. Foram baldados os meus esforços. Os passos já se ouviam muito perto; eu continuava a tentar desesperadamente atingir o meu objetivo, quando o prego que segurava uma das extremidades da estante, como se estivesse à espera daquele momento, se quebrou. O móvel caiu estrondosamente e bateu com um extremo no chão, ficando os volumes todos em desordem sobre o soalho. Então a porta abriu-se e Pokrovski entrou.

Antes de mais nada, devo observar que o estudante não admitia que se atrevessem a mexer-lhe nas suas coisas. Ai daquele que lhe tocasse, especialmente, nos livros! Imaginem, pois, a sua indignação ao ver rodarem pelo solo todos os seus livros — grandes e pequenos, encadernados e em brochura! Misturados uns com os outros, foram parar debaixo da mesa e das cadeiras e bater contra a parede, onde formaram pilha. Eu quis deitar a correr, mas já era tarde de mais. «Acabou-se — pensei —; já não tem remédio! Estou perdida! Sou desastrada como uma criança de dez anos, uma estúpida moça! Que grande tola!»

Pokrovski ardia em cólera.

— Só faltava esta! — exclamou, irado. — Não tem vergonha, menina? Nunca mais ganhará juízo e não esquecerá de uma vez para sempre as criancices do colégio?

Dito isto, apressou-se a apanhar os livros e eu abaixei-me para o ajudar.

— Não é preciso, não é preciso — prosseguiu ele em tom irritado. — Faria melhor não metendo o nariz onde não é chamada!

Contudo, a minha silenciosa intenção de o auxiliar, que bem mostrava a consciência da minha culpa, pareceu suavizá-lo um pouco. E prosseguiu, em tom mais brando, a admoestar-me, tal como pouco tempo antes me falava na qualidade de professor.

— Quando se resolverá a deixar de fazer coisas no ar e a ganhar juízo? Lembre-se de que já não é nenhuma criança... é uma mocinha de quinze anos!

E, de súbito, como que para se certificar de que eu de facto não era nenhuma criança, fitou os olhos em mim e corou intensamente. Não compreendi o motivo do seu rubor; de pé na frente dele, contemplava-o, atónita, com os olhos muito abertos. Então, com um ar embaraçado, deu dois passos na minha direção e, cada vez mais enleado, balbuciou qualquer coisa em voz baixa, pretendendo talvez pedir desculpa de não haver reparado há mais tempo que eu era já uma mulherzinha. Por fim, compreendi. Não me lembro agora do que então senti; preguei logo os olhos no chão, envergonhada; pus-me mais corada do que Pokrovski, tapei o rosto com as mãos e deixei o aposento, a correr.

Não sabia o que tinha, nem onde esconder a minha vergonha. Ter sido surpreendida no seu quarto! Durante três dias não me atrevi a olhar para ele. Corava de tal modo, que as lágrimas me brotavam dos olhos. Agitavam-se-me no cérebro os mais horríveis e ridículos pensamentos. O mais extravagante de todos era de ir ter com ele, explicar-lhe, confessar-lhe e contar-lhe tudo tal como se passara, garantindo-lhe depois que o meu procedimento não fora uma leviandade de garota, mas antes uma ação animada do melhor propósito. Quando já estava quase resolvida a levar por diante o meu intento, felizmente faltou-me a coragem e não me atrevi a fazê-lo. Arranjava-a bonita! Ainda hoje, só de o pensar me envergonho.

Alguns dias depois, a mamã adoeceu gravemente, com febre. Esta foi aumentando, aponto de na terceira noite de doença cair em delírio intenso. Eu passara uma noite em claro, à cabeceira, para lhe ministrar às devidas horas os remédios que o médico receitara. Na noite seguinte, faltaram-me as forças e senti-me esgotada de todo. De vez em quando os olhos fechavam-se-me, via dançar na minha frente uns pontinhos verdes, a cabeça andava-me à roda e parecia-me estar prestes a perder os sentidos. Então, era despertada por um ligeiro gemido da doente; soerguia-me e ficava alerta por mais um bocadito, para voltar a amodorrar-me, vencida pela fadiga. Durante esses breves momentos de sono, assaltavam-me pesadelos. Não me lembro bem, mas recordo-me de que eram terríveis e, durante a luta que travava com o cansaço, cada vez maior, horrorosas visões me atormentavam. Acordava sobressaltada. A lamparina apagava-se e o aposento mergulhava na escuridão. Depois a luz despontava outra vez e um claro esplendor iluminava o quarto, para, a seguir, aquela se transformar numa chama azulada que projetava nas paredes sombras oscilantes e, por fim, mergulhar tudo em impenetráveis trevas. De uma das

vezes assustei-me sobremodo e fui tomada de um temor extraordinário; os meus sentidos e a minha fantasia achavam-se sob a impressão do horrível pesadelo que tivera e o medo oprimia-me o coração. Levantei-me da cadeira a tremer e, movida por aquele medo torturante, deixei escapar dos lábios um grito aflitivo. No mesmo instante a porta abriu-se e Pokrovski entrou no aposento.

Lembro-me apenas de ter sido nos seus braços que despertei daquele horrível pesadelo. Instalou-me cautelosamente numa cadeira, deu-me um copo de água e, com ar preocupado, fez-me várias perguntas, às quais não sei o que respondi.

— A menina está doente, muito doente — dizia, com as minhas mãos nas suas. — Tem febre. Não cuida de si, dá cabo da saúde. Sossegue, deite-se e durma. Daqui a duas horas, acordo-a, esteja tranquila. Deite-se e durma descansada — ordenou-me sem me dar tempo a protestar.

Com efeito, a fadiga dera-me conta das energias e os olhos fechavam-se-me de fraqueza. Deitei-me então, resolvida a passar pelo sono meia hora apenas, mas dormi até ser dia. Pokrovski acordou-me precisamente à hora de dar o remédio à minha mãe.

No dia seguinte, quando pelas onze horas, após um breve descanso, me dispunha a velar a mamã, desta vez firmemente decidida a não adormecer, bateram à porta. Abri... e dei de cara com o estudante.

— Pensei que era muito aborrecido estar aí sozinha — disse-me —; por isso trago-lhe este livro para a distrair um pouco.

Peguei no livro — já não me lembro do título — mas pouco li, apesar de ter passado quase toda a noite em claro. Uma extraordinária excitação não me permitia conservar-me quieta um instante; não conseguia dormir, nem tão-pouco ficar por muito tempo sentada, levantando-me por isso a cada passo, para passear pelo aposento. Uma estranha agitação interior agitava todo o meu ser. Causava-me enorme contentamento a atenção de Pokrovski e sentia-me orgulhosa daquela gentileza e dos cuidados que por mim demonstrava. Passei toda a noite a pensar nisso e a sonhar acordada. Ele não apareceu mais e eu sabia muito bem que não voltaria durante aquela noite, mas esforçava-me por fantasiar o nosso próximo encontro.

Na noite seguinte, quando já todos se encontravam deitados, o estudante abriu a porta do seu quarto e pôs-se dali a falar comigo. Já não me recordo de nada do que dissemos um ao outro; apenas me lembro de que estava perturbada e confusa, e revoltada contra mim própria, e que

esperava com impaciência o fim da conversa, apesar de tão ardentemente a ter desejado, e durante todo o dia não haver pensado noutra coisa, chegando mesmo a ensaiar, em imaginação, as minhas perguntas e respostas.

Começaram ali as nossas relações de amizade, e enquanto durou a doença da mamã, passávamos assim algumas horas da noite. Fui, pouco a pouco, vencendo a minha timidez, embora após cada colóquio tivesse mais motivos para estar descontente comigo própria. Ao mesmo tempo, porém, sentia grande alegria e secreto orgulho por ver que ele abandonava, por minha causa, os seus horríveis calhamaços.

Um dia, por acaso, a conversa recaiu sobre o incidente da queda da estante, e referimo-nos a ele em tom de brincadeira. Que momento extraordinário aquele! Creio que me exprimi com absoluta franqueza e ingenuidade. Senti-me arrebatada por uma singular inspiração e confessei-lhe tudo: que queria estudar para aprender, para *saber*, e quanto me magoava que me considerassem uma criança... Como digo, encontrava-me naquele momento com uma disposição de espírito especial; o meu coração trasbordava de ternura e as lágrimas afloravam-me aos olhos. Contei-lhe tudo, sem lhe omitir a mínima particularidade: o carinho que ele me inspirava, o meu desejo de o amar, de o ter sempre junto do meu coração, de o consolar, de o ajudar pela vida fora...

Ele contemplava-me de modo estranho, parecia ao mesmo tempo perturbado e surpreendido e não proferia palavra. A sua atitude fez-me pena e, de súbito, invadiu-me a tristeza. Pensei que ele não me compreendia e talvez intimamente se risse à minha custa. As lágrimas brotaram-me dos olhos e desatei a chorar como uma criança; era impotente para me conter, estava como que dominada pela vertigem. Então, pegou-me nas mãos, beijou-mas, e apertou-mas de encontro ao seu peito; e, carinhosamente, começou a dizer-me coisas para me consolar. As minhas palavras tinham decerto calado fundo na sua alma, pois dava mostras de grande emoção. O que então me disse, não sei; eu chorava e ria ao mesmo tempo, corava, voltava a chorar de alegria e não conseguia articular palavra. Apesar, porém, da minha agitação, notei que Pokrovski se conservava embaraçado e como que coagido. Surpreendera-o, sem dúvida, o meu arrebatamento sentimental, aquela súbita e apaixonada ternura. A princípio, talvez lhe tivesse despertado apenas curiosidade, mas depois acabou por perder toda a reserva; correspondia ao meu afeto, à

minha dedicação, com sentimentos não menos sinceros e verdadeiros, e manifestava-me delicadeza e ternura de amigo leal, como se fora meu irmão. Que alegria experimentava o meu coração e que bem me fazia o seu afeto! Eu não lhe ocultava coisa alguma, não usava com ele de dissimulação; mostrava-me aos seus olhos tal como era, e de dia para dia mais se ia aproximando de mim e o nosso amor aumentava...

Na verdade, não me seria fácil dizer as palavras que trocávamos naquelas horas torturantes e ao mesmo tempo tão agradáveis dos nossos colóquios noturnos à luz trémula da lamparina, que ardia diante do oratório, e quase chegados ao leito da minha pobre mãe... Falávamos de tudo o que nos vinha à ideia, de tudo o que nos enchia os corações, e éramos quase felizes... Que período triste e ao mesmo tempo alegre! Ainda hoje o recordo com tristeza e alegria. As recordações são sempre pungentes, quer sejam alegres ou melancólicas. É, pelo menos, o que sucede com as minhas; mas essa tortura vem sempre acompanhada de certa dose de prazer. E quando nos ataca a melancolia e a tristeza se apossa do nosso coração, quando aos sentimos lacerados e tristes, as recordações servem-nos de lenitivo e vivificam-nos, tal como o fresco orvalho que, após um dia de canícula, refrigera, na tarde húmida, as pobres flores murchas pelo ardor do sol, e lhes dá nova vida,

A mamã já se encontrava muito melhor, mas, apesar disso, continuei a passar as noites à sua cabeceira. Pokrovski emprestava-me livros. Ao princípio, lia apenas para não adormecer; mas depois começaram a interessar-me, e acabei por devorá-los com verdadeira sofreguidão. Um novo mundo de coisas desconhecidas e não imaginadas se abria diante de mim. Na minha alma agitavam-se novos pensamentos e novas impressões, e quanto maior fosse a excitação, quanto maiores o trabalho e a luta para conseguir assimilar dentro de mim essas novas impressões, tanto mais queridas se me tornavam e tanto mais alegremente sacudiam todo o meu ser. Penetravam-me de., súbito no coração afugentando dele a tranquilidade e transformando-o num horrível caos. Porém, aquele domínio exercido sobre o meu espírito não era bastante forte para me aniquilar. Eu era demasiado idealista e sonhadora, e esse facto salvou-me.

Logo que minha mãe se restabeleceu por completo, cessaram as nossas entrevistas e os longos colóquios noturnos. Depois só de vez em quando se nos deparava ocasião de trocar meia dúzia de palavras insignificantes e indiferentes; mas consolava-me a ideia de que a cada uma daquelas

palavras sem importância eu atribuía um significado particular, dando-lhe a entender um sentido secreto. Sentia que a minha vida tinha um objetivo, por isso era feliz, tranquilamente feliz. E assim passaram várias semanas...

Um dia, o velho Pokrovski veio visitar-nos. Falou muito connosco, acerca das coisas mais diversas, dando mostras de grande contentamento, e até se excedeu um pouco em gracejos e ditos espirituosos — espirituosos a seu modo, bem entendido. Por fim, saiu-se com a grande novidade que era a causa daquela alegria e boa disposição, dizendo-nos que na semana próxima se verificava o aniversário de Petinka e que todos os anos, nesse dia, costumava visitar o filho. Para o efeito, envergaria o fato novo, e sua mulher prometera comprar-lhe umas botas novas. Em suma: o velho estava radiante e falava pelos cotovelos.

Era então o aniversário do nascimento de Pokrovski! Essa ideia não me deixou em sossego nem de dia, nem de noite. Para lhe testemunhar a minha amizade, resolvi oferecer a Petinka uma prenda. Mas qual? Finalmente, tive a boa ideia de lhe oferecer livros. Sabia que ele andava mortinho por conseguir a última edição das *Obras Completas* de Pouchkine e decidi comprar-lhas. A minha fortuna pessoal eram uns trinta rublos que ganhara na costura. Tinha destinado esta quantia à aquisição de um vestido novo. Contudo, mandei logo a nossa cozinheira, a velha Matriona, à livraria mais próxima saber o preço daquelas obras. Que horror! Os onze volumes, encadernados, custavam sessenta rublos. Onde havia de ir buscar tão elevada importância? Examinei o problema com todo o cuidado e sob todos os aspetos, mas não encontrei solução. Não queria pedir dinheiro à mamã. Estou certa de que se apressaria a dar-mo; mas ter-me-ia perguntado para que precisava dele, e assim todos ficariam a saber que eu queria presentear Petinka. Além disso, não seria considerado um presente, mas simplesmente a paga dos serviços que o jovem me havia prestado durante o ano. Por isso o meu desejo era oferecer-lhe os livros, eu só, sem que ninguém soubesse. Pelos ensinamentos que o estudante me ministrava, ficar-lhe-ia grata para sempre, mas queria que esta gratidão se traduzisse apenas em amizade. Por fim, consegui uma solução.

Sabia que nos estabelecimentos de velharias do Gostinii Dvor se podem adquirir livros quase novos por metade do seu preço, desde que se regateie um pouco. Às vezes apareciam lá exemplares muito pouco usados, ou mesmo completamente novos. Optei por este partido e resolvi

ir ao mercado na primeira vez que saísse. A ocasião proporcionou-se-me no dia seguinte. Tanto a mamã como Ana Fedorovna precisavam de comprar umas coisas; esta, porém, felizmente para mim, não estava com vontade de sair e, assim, encarregaram-me de ir fazer as compras em companhia de Matriona.

Encontrei logo a obra que desejava, primorosamente encadernada e em muito bom estado. Ao princípio pediram-me por ela mais do que ela custava nova; mas, depois de grande trabalho da minha parte e de haver simulado, por várias vezes, desinteressar-me e dirigir-me a outra parte, o homenzinho fixou o preço em trinta e cinco rublos. Que bom fora ter regateado tanto! A pobre Matriona não podia compreender o que se passava nem a razão do meu empenho em adquirir tantos livros de uma vez só. Mas, ó desgraça das desgraças! Eu só dispunha de trinta rublos, e o comerciante não me queria dar os volumes mais baratos do que o preço referido. Pedi e implorei, e tanto fiz por o convencer, que ele, por fim, já mos dava por menos dois rublos e meio, mas jurando e tornando a jurar que não abaixaria mais o preço; e que era por ser para mim, por se tratar de uma menina tão simpática, pois qualquer outro cliente teria de pagar muito mais. Ainda me faltavam dois rublos e meio! Estava capaz de chorar de desgosto. Mas, de súbito, uma circunstância inesperada veio em meu auxílio.

Não longe de mim, junto de outro tabuleiro, encontrava-se o velho Pokrovski, no meio de quatro ou cinco negociantes de livros. Todos, à porfia, lhe recomendavam a sua mercadoria — livros de todos os gostos imagináveis —, de modo que o pobre homem parecia perplexo, não sabendo os que comprar. Não podia comprá-los todos! Por quais optar? Aproximei-me e perguntei-lhe o que procurava. O velho ficou radiante ao ver-me, pois queria-me muito, embora não tanto como ao seu Petinka.

— Olhe, Bárbara Alexeievna: estou a ver se compro uns livritos — respondeu-me — para o Petinka, sabe? Aproxima-se o seu aniversário, e como o que ele aprecia mais neste mundo são os livros, disse de mim para comigo: «Vou comprar-lhe uns livritos...»

O pobre homem costumava exprimir-se de um modo vago, e naquele momento encontrava-se absolutamente perdido da cabeça. Qualquer dos livros expostos não custaria menos de um rublo, e alguns até dois ou três. Os volumes grandes não os podia comprar; apenas os olhava de soslaio, com um sorriso guloso, ou então folheava-os devagarinho, com muito

cuidado e respeito, mirava-os e remirava-os, virava-os de um lado e do outro e acabava por os repor no respetivo lugar.

— Não, não; isto é muito caro — dizia a meia voz. — Vejamos estes... — E começava a mexer no monte de folhetos e opúsculos, nos livros de poesias e nos almanaques velhos, que, naturalmente, eram baratos.

— Mas, que vai comprar? — perguntei-lhe. — Esses folhetos não prestam.

— Ora essa! — tornou-me. — Olhe que bonitos livros aqui há...

Proferiu estas palavras num tom repassado de tal tristeza, que receei que irrompesse em choro... com pena de os livros bons serem tão caros. E, na verdade, uma lagrimazita deslizou-lhe até ao seu rubicundo nariz.

Apressei-me a perguntar-lhe quanto dinheiro trazia.

— Este todo — respondeu-me o pobre homem tirando do bolso o seu capital, que trazia embrulhado num bocado de jornal todo sujo: algumas moedas de prata e vinte *kopeks* em cobre.

Eu levei-o para junto do meu livreiro.

— Olhe: estão aqui dozes volumes que custam, todos, trinta e dois rublos e meio. Eu tenho trinta; dê-me os dois e meio que possui; compramos os livros e somos os dois a oferecer-lhos.

O velho ficou louco de alegria; com as suas trémulas mãos, tirou do bolso todo o dinheiro e dispôs-se a carregar com a nossa improvisada biblioteca. Meteu volumes em todos os bolsos e colocou os restantes debaixo dos braços, encaminhando-se para sua casa, tendo-me antes jurado que no dia seguinte os levaria ao meu quarto, sem que ninguém desse fé.

De facto, no outro dia o pobre homem foi visitar o filho; demorou-se com ele cerca de uma hora, como de costume e, em seguida, veio visitar-nos, apresentando o seu rosto um ar verdadeiramente cómico e misterioso. Sorrindo e esfregando as mãos, intimamente orgulhoso de possuir um segredo, comunicou-me, muito em particular, que os livros já se encontravam em minha casa, escondidos na cozinha, onde, com a proteção de Matriona, se poderiam conservar até ao aniversário de Petinka.

A seguir, a conversa, como é natural, recaiu sobre a solene *festa* que se aproximava. Falou dela com grande entusiasmo, e expôs como, segundo ele, se devia fazer a entrega da prenda. À medida que a conversa se ia prolongando, sempre sobre o mesmo assunto e cada vez mais ambígua, mais me convencia de que o velho tinha para me dizer qualquer coisa que não queria ou não sabia exprimir, ou que talvez não se atreveria a

manifestar-me sequer. Eu esperava, calada. Pouco a pouco iam-se apagando do seu rosto a misteriosa alegria e a cómica satisfação que os seus gestos, as suas maneiras, os seus sorrisos e -até o piscar do seu olho esquerdo denunciavam a princípio. Era evidente que no íntimo não reinava a tranquilidade e que se encontrava preocupado e triste. Por fim, não pôde conter-se mais e começou, com voz tímida:

— Olhe, Bárbara Alexeievna... Sabe, Bárbara Alexeievna? — O pobre velho estava embaraçado. — Sim, vai ver: no dia do aniversário, a menina pega em dez livros e oferece-lhos, sabe? Depois, ofereço-lhe o restante, eu só, isto é, apenas em meu nome. Está a ver: a Bárbara tem de lhe oferecer alguma coisa, e eu também; assim, ambos teremos que lhe dar...

Era tal a sua perturbação, que não pôde prosseguir. Eu levantei os olhos do meu lavor; muito sentadito, esperava decerto, a tremer, a minha resposta...

— Porque não quer que façamos a oferta em comum, Zakar Petrovitch? — perguntei.

— Está muito bera, Bárbara Alexeievna, está muito bem; eu apenas queria dizer...

Em suma: o velhote, embaraçado, não atinava com o que dizer; por isso calou-se por momentos.

— Olhe — continuou por fim. — Eu queria dizer-lhe que tenho os meus defeitos, isto é, às vezes não me porto lá muito bem; confesso-lhe que faço tolices, Bárbara Alexeievna... que não estão bem. É verdade: não estão bem... Mas é que... vai ver... Quando na rua está muito frio, ou a gente quer esquecer certos desgostos, ou lhe sucedeu alguma coisa desagradável e não quer pensar nisso... empurra a porta da taberna, entra e bebe um copito a mais... Quem não gosta muito disto é Petruchka. Zanga-se comigo, ralha-me e dá-me conselhos. Quero, por isso, oferecer-lhe qualquer coisa, para lhe provar que as suas lições de moral me têm aproveitado e que já me porto melhor e até economizo uns patacos para lhe comprar um livro. As minhas economias são do dinheiro que ele me dá, pois não disponho de outro, como ele bem sabe; assim, verá com gosto que faço dele bom uso e o gasto exclusivamente em proveito dele!

Fiquei profundamente comovida com as palavras do pobre velho.

— Olhe, Zakar Petrovitch — disse-lhe —, ofereça-lhos você todos!

— Que me diz? Os onze volumes?

— Sim, os onze.

— Os onze, eu só?

— Você só.

— Mas… como sendo eu só a oferecer-lhos? Sem lhe falar em si?

— Sim, isso mesmo.

Julgo ter sido bastante clara; contudo, só ao fim de muito tempo o homenzinho conseguiu compreender-me.

— Pois bem — exclamou depois de refletir. — Isso seria esplêndido, magnífico. Mas, e você, Bárbara Alexeievna?

— Eu? Ora, não lhe ofereço nada, aí está.

— Como! — exclamou, espantado. — Não oferece nada a Petinka? Não quer dar-lhe uma prenda?

Tenho a certeza de que naquele momento o velho estava resolvido a recusar a minha oferta, simplesmente para que eu pudesse oferecer qualquer coisa ao seu filho. Que bom coração o daquele homem!

Apressei-me a afirmar-lhe que, naturalmente, também tinha vontade de lhe oferecer qualquer coisa, mas que me custava privá-lo da sua satisfação.

— Se o seu filho gostar da prenda e se alegrar e você também ficar contente — acrescentei —, eu, intimamente, compartilharei da mesma alegria, como se fosse eu a dar-lhe o presente.

Consegui assim tranquilizar o bom velho. Demorou-se na nossa companhia ainda duas horas, mas não pôde conservar-se quieto no assento, nem por um instante; levantava-se, passeava de um lado para o outro, falava mais alto do que de costume, taramelava com Sacha, atirava-me beijos dissimuladamente, e fazia caretas por trás da cadeira de Ana Fedorovna. Entreteve-se deste modo por muito tempo, até que, por fim, se foi embora. Em suma: não cabia em si de contente e nunca na sua vida havia experimentado tamanha alegria.

No dia do aniversário do filho, chegou às onze horas em ponto, depois de ter ido à missa. Envergava um fraque muito decente, embora já passajado; botas novas, conforme tinha anunciado, e um chapéu novo. Levava um pacote de livros em cada mão, embrulhados em dois guardanapos que Matriona lhe emprestara. Era um domingo. Encontrávamo-nos a tomar café com Ana Fedorovna. Se bem me recordo, o pobre homem começou por dizer que Pouchkine era um grande poeta. A seguir, não sem grande dificuldade e com as hesitações e confusão habituais, e fazendo mais pausas do que nunca, mas, apesar disso, com

invulgar fluência, derivou para outras questões. «O homem — dizia — deve portar-se bem; se assim não fizer, praticará ações condenáveis. As más inclinações levam o homem à ruína e à degradação». Chegou mesmo a apresentar-nos alguns exemplos pavorosos de intemperança, para concluir que havia algum tempo que se emendara e que o seu atual comportamento era quase exemplar. Reconhecera há muito quanto eram justas as observações de seu filho; no entanto, só ultimamente começara a desviar-se do mal e a levar uma vida de acordo com o que o seu coração considerava bom. Como prova da sua regeneração, oferecia ao filho aqueles livros, para comprar os quais economizara durante muito tempo a quantia necessária.

Dificilmente consegui conter as lágrimas e o riso enquanto o pobre velho falava. Não há dúvida de que sabia bem mentir quando era necessário! Em seguida levámos os livros para os aposentos do filho e colocámo-los na estante, tendo logo Pokrovski adivinhado tudo.

Convidámos o velho para jantar connosco e o dia constituiu uma verdadeira festa intimai Depois de comermos, entretivemo-nos a jogar as prendas e, a seguir, as cartas. Sacha estava sempre a pregar partidas e mostrava-se mais traquinas que nunca; mas eu não a imitava nas suas infantilidades. Pokrovski cumulou-me de atenções e procurava todos os meios de me falar a sós; eu, porém, esquivava-me. Esse dia foi para mim o mais feliz daqueles quatro anos da minha vida.

A partir de então, a vida só me deixou tristes e graves recordações; começa ali a história dos meus dias cinzentos. Talvez por isso, a minha pena como que principia a deslizar mais dificilmente; dir-se-ia sentir-se fatigada e não querer levar mais por diante o relato. E pela mesma razão foi que contei tão pormenorizadamente os sucessos daqueles dias felizes da minha juventude. Passaram tão rápidos! Seguiram-se-lhes a dor, a tristeza, os sofrimentos, que só Deus sabe quando terminarão.

Os meus infortúnios principiaram com a doença e a morte de Pokrovski.

Caiu doente dois meses após o seu aniversário natalício. Durante esse período de tempo, o pobre empenhara-se com afinco para conseguir uma colocação que pudesse assegurar-lhe a existência, pois até então não tivera nenhuma. Como todos os tuberculosos, sonhava com muitos anos de vida, ilusão que o acompanhou até à hora da morte. Aparecera-lhe um dia um lugar de professor, não sei onde; mas não quis, porque tinha ferrenha

aversão pelo ensino. Devido à sua doença já declarada, não lhe era possível conseguir um lugar público, e mesmo admitindo tal possibilidade, teria de passar muito tempo como suplente sem ganhar um tostão. Quer dizer: fracassava em toda a linha. Tudo isto foi de péssimos efeitos para ele. O seu caráter azedou-se. Dava cabo da saúde, sem o sentir.

Chegou, por fim, o outono. Envolto na sua leve capa, lá ia todos os dias em busca de emprego, o que para ele constituía um tormento. Regressava a casa cansado, cheio de fome, todo molhado da chuva e com os pés húmidos; até que, finalmente, a sua doença fez tais progressos, que caiu de cama, para não mais se levantar... Morreu em meados do outono, por fins de outubro.

Quase não abandonei o seu quarto, enquanto ele esteve doente. Passei muitas noites em claro. Geralmente conservava-se em estado de inconsciência devido à febre e, no seu delírio, falava nas coisas mais diversas: no seu emprego, nos livros, no pai e em mim. Soube, deste modo, muitas coisas da sua vida, que ignorava e de que nunca teria suspeitado. Quando principiei a tratar dele, todos lá em casa me olhavam com um ar estranho, e Ana Fedorovna mexia a cabeça significativamente. Eu, porém, olhava-os bem de frente, e foram deixando de me censurar o interesse que demonstrava pelo doente. Pelo menos minha mãe nunca mais me criticou.

Às vezes Pokrovski reconhecia-me, mas esses intervalos de lucidez eram relativamente raros. A maior parte do tempo, passava-a em delírio. Havia momentos, e até noites inteiras, em que proferia palavras vagas, incompreensíveis, dirigindo-se a um interlocutor imaginário, e a sua voz ressoava naquele diminuto quarto como saída de uma tumba. Então eu tinha medo. Principalmente na última noite, já na agonia, sofria horrivelmente, e os seus queixumes de dor dilaceravam-me a alma. Todos se alarmaram e Ana Fedorovna pedia instantemente a Deus que aliviasse a sua agonia. Chamaram o médico, e este disse que o doente não passaria a manhã seguinte.

O velho Pokrovski passou a noite no corredor, junto à porta do quarto do filho. Arranjámos-lhe ali uma cama com esteiras, mas ele não descansava um instante; volta e meia transpunha a porta, com um aspeto que fazia dó. A dor atingia-o tão profundamente, que parecia alucinado, insensível e estúpido. O corpo tremia-lhe dos pés à cabeça, e ele

murmurava, mecanicamente, palavras misteriosas. Temi que perdesse por completo e razão.

Por fim, ao amanhecer, o velho adormeceu, deitado na esteira, no corredor. Cerca das oito horas o filho entrou na última agonia. Acordei o pai. Pokrovski encontrava-se então em pleno uso das suas faculdades e despediu-se de nós todos. Coisa extraordinária! Eu já não podia chorar, mas como que sentia o coração despedaçar-se-me fibra a fibra.

Mas o que mais me custou foram os últimos momentos do enfermo. Manteve-se por muito tempo a rezar, a pedir qualquer coisa que eu não compreendia, pois já mal movia a língua. O coração estalava-me de dor. Passou uma hora extremamente agitado; esforçava-se por fazer sinais com a sua mão já rígida e com a voz rouca suplicava qualquer coisa... Mas as suas palavras eram apenas sons inarticulados que eu não conseguia compreender. Uma a uma, levei até junto dele todas as pessoas da casa; dava-lhe de beber; mas ele limitava-se a abanar tristemente a cabeça e olhava para mim. Finalmente compreendi o seu desejo; queria que corresse as cortinas da janela e a abrisse, decerto para ver pela última vez a luz do dia, a chama divina do sol.

Levantei as cortinas e abri as portadas, mas o dia que despontava era sombrio e triste como a pobre vida do agonizante, prestes a extinguir-se. Não havia pinta de sol. Uma espessa cortina de nuvens envolvia o céu e o tempo estava chuvoso, melancólico e escuro. Uma chuva miudinha batia mansamente nos vidros da janela, desfazendo-se contra eles em claras e frias gotas. O dia estava escuro e opaco. Penetrava no quarto uma pálida luz, mal ofuscando a lamparina acesa que ardia no oratório. O moribundo lançou-me um olhar triste, muito triste, e moveu a cabeça, como num estremecimento de cansaço. Um minuto depois expirou.

Foi Ana Fedorovna que se encarregou do funeral. Mandou comprar um caixão barato e alugou um carro fúnebre, e para se indemnizar das despesas, tomou conta de todos os livros e de tudo o mais que pertencera ao defunto. O velho não queria de modo algum privar-se da herança do filho, discutiu com ela, gritou, fez escândalo, pegou nos livros que lhe foi possível meter nos bolsos, no chapéu e onde pôde e, neste preparo, andou três dias, nem mesmo se resolvendo a abandoná-los para nos acompanhar à igreja. Parecia um perfeito alienado. Desenvolvia extraordinária atividade à volta do féretro, ora pondo em ordem as coroas, ora acendendo as velas, para logo as apagar e tornar a acendê-las de novo. Era evidente

que o pobre homem não podia fixar a atenção por muito tempo na mesma coisa.

Nem minha mãe, nem Ana Fedorovna assistiram aos responsos. A mamã estava doente, e a minha prima, no momento em que saía para a igreja, discutira outra vez com o velho Pokrovski e zangara-se, resolvendo ficar em casa. Na missa encontrávamo-nos apenas eu e o velho. Durante a cerimónia fui acometida de um receio inexplicável, como que um vago pressentimento do que o destino me reservava. Mal me tinha de pé.

Finalmente fecharam o caixão, puseram-no no carro e levaram-no para o cemitério. Acompanhei-o apenas até ao fim da rua. Dai em diante o carro seguiu a trote. O pobre pai foi atrás do veículo, a chorar ruidosamente, num pranto entrecortado devido à corrida. Caiu-lhe o chapéu, mas não se deu ao trabalho de o apanhar, continuando o seu caminho. A chuva caía-lhe na cabeça e um vento frio açoitava-lhe o rosto. O velho, porém, parecia não o sentir, chorando e correndo sempre, ora de um lado do carro, ora de outro. As compridas abas do seu fraque já roto ondulavam ao vento. Viam-se-lhe livros em todos os bolsos, e debaixo do braço levava um grande e pesado volume, que apertava convulsivamente de encontro ao peito. Os transeuntes descobriam-se e benziam-se e alguns ficavam parados a contemplar o pobre homem, com olhos de espanto. De vez em quando caia-lhe um livro, sobre a lama da rua. Então chamavam por ele, obrigavam-no a parar e dar fé do que perdera. O velho apanhava o volume e continuava a caminhar atrás de féretro. Pouco antes de dobrar a esquina, aproximou-se dele uma mendiga bastante idosa e seguiu também o carro, ao seu lado. Finalmente o cortejo sumiu-se na curva do caminho.

Regressei então a casa e, a tremer de dor, atirei-me para os braços de minha mãe. Apertei-a contra o meu peito, beijei-a muito e de súbito irrompi em pranto. Agarrava-me angustiosamente ao único ente amigo que ainda me restava para me consolar, como se quisesse retê-lo para sempre, a fim de que a morte mo pudesse preservar.

Mas a morte já esvoaçava sobre a minha pobre mãe.

11 de Junho

Quanto lhe agradeço o nosso passeio de ontem pelas ilhas, Makar Alexeievitch! Como tudo aquilo estava belo, que maravilha de verdura e que perfumes pairavam na atmosfera! Havia tanto tempo que não via verdura nem árvores! Durante a minha doença, cheguei a convencer-me de que não sararia mais, que morria com certeza... Imagine as sensações que ontem devo ter experimentado!

Não se incomode por ter parecido triste. Sinto-me muito bem e sou feliz; mas nos mais alegres momentos da minha vida, hei de ter sempre um motivo de tristeza, não posso evitá-lo. E as lágrimas que me viu nos olhos também não querem dizer nada; eu própria ignoro porque não posso passar sem chorar. Bem sei que tenho uma sensibilidade mórbida, de modo que todas as impressões que experimento tornam-se-me morbidamente violentas. A culpa foi do céu claro e sem nuvens, do pôr sol, do silêncio do anoitecer, de tudo isso... e verdadeiramente de nenhuma dessas coisas...

É que ontem estava numa disposição de espírito tal, que todas as impressões eram tristes e torturantes; o meu coração parecia em extremo sobrecarregado e pedir às lágrimas que o aliviassem. Mas para que escrevo eu estas coisas? Se nós próprios nos vemos e desejamos para as compreender, como poderemos explicá-las aos outros? Mas pode ser que o senhor me compreenda. Tristeza e alegria ao mesmo tempo! Como é bom, Makar Alexeievitch!

Ontem o senhor fitava-me como se quisesse ler nos meus olhos o que me ia na alma, e sentia-se feliz por me ver contente. Quer fosse num maciço, ou numa alameda, ou junto de um regato, lá estava sempre o senhor diante de mim, todo orgulhoso, fitando-me nos olhos como se tudo aquilo que me mostrava lhe pertencesse. Isso prova que tem bom coração, e é por isso que lhe quero tanto, Makar Alexeievitch.

Bem, tenho de ficar por aqui. Estou um pouco adoentada; ontem molhei os pés e apanhei uma constipação. Fédora ainda não está boa de

todo, de modo que estamos ambas doentes. Não se esqueça de mim e venha ver-me mais amiúde.

Sua

B. D.

12 de Junho

Querida Bárbara Alexeievna:

Julguei, minha querida, que me ia descrever em verso a nossa excursão, e afinal manda-me uma folha apenas escrita de um lado. Mas não a censuro por isso, pois, no pouco que me escreveu, conseguiu fazer uma descrição de rara beleza e graça. Com reduzido número de palavras, pintou-me, de modo admirável, a Natureza, as sensações que experimentou em contacto com a paisagem, tudo, enfim, que lhe feriu os sentidos. Eu, pelo contrário, não tenho esse talento; nem gatafunhando dez folhas de papel, chegaria a dizer qualquer coisa de jeito.

Diz a minha querida que eu sou bom e amável por princípio, incapaz de ofender seja quem for, que compreendo bem a bondade do Criador — sobejamente demonstrada na Natureza —, e muitas coisas mais neste teor. Talvez tenha razão, meu amor, talvez seja exatamente como diz. Na verdade, penso que assim é. Mas, se assim sucede, é porque, depois de recebermos uma carta como a que acaba de me mandar, o coração enternecesse involuntariamente e acorrem-nos pensamentos da índole mais profunda e mais grave. Ouça, minha querida: vou contar-lhe uma coisa.

Principiarei pela época dos meus dezassete anos, altura em que entrei para o lugar que hoje ocupo; completo, em breve trinta anos de atividade como funcionário. Devo dizer-lhe que durante este período gastei muitos fardamentos, transformei-me num homem mais prudente e avisado, conheci e convivi com muita gente, vivi... Sim — porque não dizê-lo? —, também eu vivi e ganhei experiência. Como prémio dos meus serviços, quiseram até agraciar-me com uma condecoração. É possível que não acredite nisto, mas é verdade; não lhe minto, meu amor. Mas a que vem tudo isto? Vai ver. Neste mundo há de tudo: bons e maus.

Confesso-lhe, minha boa amiga, que sou um homem inculto, estúpido mesmo, se assim quer. Mas, em contrapartida, o meu coração é

perfeitamente igual ao dos outros homens. Não calcula, querida Bárbara, quanto me fizeram sofrer os maus colegas de trabalho! Até tenho vergonha de o contar. «Porquê?» — perguntará. Precisamente porque sou uma pessoa pacata, um homem modesto, um bom rapaz. Não gostavam do meu feitio e atribuíam-me sempre as culpas de tudo. Ao princípio, quando alguém fazia qualquer coisa mal feita, diziam logo: «Ah, sim! Devem ser coisas do Makar Alexeievitch!»

Com o andar do tempo, esta frase transformou-se noutra: «Ah, naturalmente foi Makar Alexeievitch! Não pode ter sido outro!»

Até que, por fim, só diziam: «Foi Makar Alexeievitch! É escusado indagar!»

Já vê no que parou a história. Makar Alexeievitch era o culpado de tudo o que sucedesse de mau. Chegaram ao extremo de converter o meu nome não só em sinónimo de «tudo o que havia de mau» na repartição, mas ainda, não satisfeitos em fazer dele uma palavra amaldiçoada, uma censura digna de anátema — quase um termo injurioso —, tinham sempre alguma coisa a dizer das minhas botas, do fato, do cabelo e das orelhas. Numa palavra, tudo o que me dizia respeito lhes merecia reparo, tudo o que era meu lhes parecia mau, nada era do gosto deles. E isto todos os dias, durante inúmeros anos! Acabei por me habituar, porque sou um homem pacato, uma criatura insignificante. É caso para perguntar: Ao fim e ao cabo, que fiz eu para merecer tal trato? Fiz algum dia mal a alguém? Tirei a algum companheiro o seu lugar na escala? Ou fui algum dia ao chefe com intriguices acerca de algum colega, para conseguir qualquer recompensa pela delação? Tramei alguma conjura contra alguém? Seria injusta se assim pensasse, minha querida. Sabe muito bem que eu seria incapaz de praticar tais infâmias. Mas porquê, então, aquela antipatia? Perdoai-lhes, Senhor! Desde que a Bárbara me tenha na conta de homem de bem, a opinião dos outros não me interessa, pois você é incomparavelmente melhor do que todas as outras criaturas!

Qual será a maior virtude cívica? Não vai há muito tempo que Evstafil Ivanovitch, em conversa particular, dizia que a maior virtude cívica é saber ganhar dinheiro. Disse-o a brincar, claro; mas a moralidade da frase — o que ele pretendia dizer exatamente — é que não devemos tomar-nos pesados para ninguém. Mas eu nunca o fui! O bocado de pão que como é amassado com o suor do meu rosto. Tenho, de facto, apenas um bocado de

pão, às vezes duro e seco, mas pertence-me, adquiri-o legitimamente com o meu trabalho honrado.

Afinal, que hei de fazer? Bem sei que copiar minutas no escritório não é uma profissão muito elevada. Contudo orgulho-me dela porque trabalho, faço alguma coisa de utilidade, e faço-o com as minhas mãos. E que pode haver de mau no facto de ser um simples copista? Será, porventura, algum crime? «Ora! Não passa de um amanuense!» — dizem. Mas vejamos: que há de desonroso nisso? Tenho uma letra bonita, tão legível que até parece de imprensa e até dá gosto ver uma folha escrita por mim, e sua excelência, o ministro, está muito satisfeito com ela. Quer que seja eu o copista dos documentos que têm de ser assinados por ele. Sim, tudo isto está muito bem; mas não tenho estilo! Sei muito bem que o não tenho. Não possuo talento para construir uma frase com elegância, e isso tem obstado a que suba de categoria na repartição, não o ignoro também. Para si, minha querida, escrevo como Deus quer, sem arrebiques, espalho no papel as ideias tais como me ocorrem, como o coração, mas dita... Sei tudo isto perfeitamente; mas se todos fossem escritores, quem havia de ser copista?

Pois é este o problema que lhe apresento e ao qual peço que me responda, minha querida. Cheguei à conclusão de que tem necessidade de mim, melhor dizendo, que sou imprescindível; seria, por isso, insensato incomodar-me com ninharias. Sou como um ratito — se tal semelhança é admissível —, mas este ratito é necessário, sem ele não podem passar, é um elemento apreciável e, finalmente, a este ratito prometeram até uma gratificação. Imagine o rato que eu sou!

Já falei de mais a este respeito. Não era meu desejo dizer-lhe nada disto; mas agora já está; a ocasião proporcionou-se-me e, além disso, foram as suas palavras que me espevitaram. É-nos sempre agradável verificar que nos fazem alguma justiça!

Adeus, meu amor, minha querida consoladora! Irei visitá-la muito brevemente, irei com certeza, para ver como passam e o que fazem. Entretanto, não se aborreça muito. Levar-lhe-ei um livro. Mais uma vez, adeus!

De todo o coração lhe deseja toda a sorte de venturas

Makar Dievuchkin

20 de Junho

Prezado Makar Alexeievitch:

Escrevo-lhe apenas meia dúzia de palavras à pressa. Estou a acabar um trabalho que tenho de entregar num prazo fixo, não dispondo por isso de mais tempo.

Vou dizer-lhe, sem rodeios, o assunto de que se trata: surgiu uma oportunidade de efetuar um negócio vantajoso. Diz a Fédora que um conhecido dela se quer desfazer de uma farda quase nova — calças, casaco e boné — e que a vende barato. Se quiser comprar... O senhor agora tem dinheiro e não vive com dificuldades; garantiu-me até que tinha dinheiro de mais. Por isso, seja razoável e adquira esse fato, que precisa dele. O que traz está muito velho, como poderá verificar se se mirar ao espelho. É verdadeiramente horroroso! Está cheio de nódoas e, segundo me afirmaram, o senhor não tem outro, apesar de me garantir o contrário. Pelo menos, ninguém lho vê. Peço-lhe, por isso, que me obedeça uma vez e compre o fato! Faça-o por mim, se é que realmente me tem algum amor.

O senhor mandou-me roupa branca. Devo dizer-lhe, Makar Alexeievitch, que é de mais. Se assim continua, arruinar-se-á, pode crer; o que já gastou comigo representa quase uma fortuna! Como pode esbanjar tanto? Eu não preciso de nada, todas essas prendas são exageradas. Sei, tenho mesmo a certeza de que me quer; é, portanto, supérfluo o seu empenho em demonstrar-me. a verdade do seu carinho, oferecendo-me umas coisas atrás de outras. Creia que me custa imenso aceitar os seus obséquios, porque sei bem os sacrifícios que eles representam. Deixe-se dessas coisas de uma vez para sempre, ouviu? Peço-lhe, suplico-lhe!

Pede-me que lhe envie a continuação das minhas memórias e diz que devo terminá-las. Meu Deus! Se eu própria não sei como consegui escrever tantas coisas naquele caderno! Não; já não sinto coragem para falar do meu passado, não quero pensar mais nele. Essas recordações horrorizam-me. Especialmente referir-me à minha pobre mãe, cuja filha

única, após a sua morte, foi vítima de tantos infortúnios, é superior às minhas forças! Sinto o meu coração sangrar quando evoco essas recordações, apesar de serem tão longínquas. A ferida está ainda muito viva! Além disso, não disponho de serenidade para pensar; já passou um ano sobre esses acontecimentos, mas não consegui ainda recuperar a tranquilidade. De resto, o senhor sabe tudo.

Já lhe falei também das tenções com que anda agora Ana Fedorovna. Acusa-me de ingratidão e afirma não ter de modo algum interferido no caso do senhor Buikov. Diz que estou a viver de esmolas e que enveredei pelo mau caminho. Por isso convida-me a voltar para sua casa, prometendo levar o senhor Buikov a reparar o mal que fez. Chegou mesmo a dizer que ele me indemnizará dando-me um dote. Para longe com eles! Estou aqui muito bem sob a sua proteção e ao lado da boa Fédora, cuja afeição me faz lembrar a minha velha ama que Deus haja. Bem sei que o senhor é apenas um parente afastado, mas isso não o impede de olhar por mim e me proteger com o seu nome honrado e a sua boa fama. A essa gente, não a conheço, votá-la-ei ao esquecimento, se tal me for possível! Que mais querem de mim? Diz a Fédora que são simples artimanhas que eles empregam e que, por fim, hão de acabar por me deixar em paz. Deus o queira!

B. D.

21 de Junho

Minha querida:

Desejo escrever-lhe, mas não sei por onde principiar. É deveras estranha a vida que ambos agora levamos! Quero com isto apenas dizer que nunca passei dias tão felizes! É como se Deus me tivesse dado um lar e uma família querida: Mas para que falou nas quatro camisas que lhe enviei? Sei que precisava delas, disse-mo Fédora. E, bem sabe, para mim constitui um prazer ser-lhe útil em qualquer coisa. É a maior alegria que posso ter na vida; peço-lhe por isso que me permita gozá-la e queira fazer-me feliz. Nunca experimentei nada de semelhante, querida. A vida que hoje levo é completamente diferente, muito outra, da anterior.

Em primeiro lugar, vivo duplamente vivendo perto de si, o que é para mim uma verdadeira consolação espiritual, ao passo que, por outro lado, o meu vizinho de quarto, Ratazaiev — esse funcionário em cujos aposentos se dão serões literários, convidou-me para tomar chá. Esta noite, portanto haverá uma dessas reuniões onde serão lidos alguns trechos literários. Está a ver a minha vida?

Bom, por hoje adeus! Já lhe escrevi bastante sem qualquer objetivo; apenas queria participar-lhe que me encontro bem-disposto. Mandou-me dizer pela Teresa que precisava de seda de cor para os seus bordados; esteja descansada, que eu vou-lha comprar amanhã, sendo para mim um grande prazer a satisfação de um desejo seu. Já sei onde poderei encontrar a seda da melhor qualidade.

Entretanto, creia-me seu sincero amigo

Makar Dievuchkin

22 de Junho

Querida Bárbara Alexeievna:

Têm estas linhas por fim comunicar-lhe que se deu em nossa casa um acontecimento deveras lamentável e digno da compaixão de toda a gente. Esta manhã, por volta das cinco horas, morreu um dos filhos de Gorchkov, não sei se vítima da escarlatina ou de qualquer outra doença parecida. Fui apresentar aos pais as minhas condolências e verifiquei que viviam na maior miséria e desordem. Se a Bárbara visse... Verdade seja que não é para admirar, pois vive toda a família num único compartimento, separados por um simples biombo, para salvar a decência. Agora têm o féretro no meio do quarto — um caixão muito simples, do mais barato, mas muito bonito, que compraram já pronto. O pequenito tinha nove anos e, segundo me contaram, fazia alimentar acerca dele as mais lisonjeiras esperanças. Faz pena, mesmo muita pena, ver aquele corpinho inanimado, querida Bárbara! A mãe não chora, mas está triste. Talvez seja para eles um alívio verem-se livres de uma boca, mas ainda lhes ficam duas para alimentar: um menino de peito e uma menina de seis anos, o máximo. Custa imenso ver aquelas crianças a sofrer e não lhes podermos valer! O pai, vestindo um casaco velho, sujo e roto, está sentado numa cadeira quase a desfazer-se; as lágrimas correm-lhe pelas faces, talvez por hábito e não devido â dor, mas o certo é que chora. É uma criatura tão invulgar! Quando alguém lhe dirige a palavra, põe-se muito vermelho e nunca atina com a resposta.

A pequenita está chegada ao caixão, muito caladita e séria e com ar pensativo. Não me agrada. Não gosto de ver as crianças assim sérias, querida Bárbara! Incomodam-me. Ao pé da pequena, deitada no chão, está uma boneca muito velha, mas ela não brinca. Para lá está com o dedito na boca, sem esboçar um movimento. A patroa deu-lhe um bombom, mas ela não o comeu. Como tudo isto é triste, não lhe parece, Bárbara?

Seu

Makar Dievuchkin

25 de Junho

Meu querido Makar Alexeievitch:

Devolvo-lhe o seu livro. É muito pesado e, quanto a mim, não vale nada. Melhor fora não me ter chegado às mãos. Onde descobriu essa joia? Falando a sério... gosta de livros como este? Prometeu há dias arranjar-me qualquer coisa para ler. Faremos a despesa a meias, se quiser.

E agora, adeus, até à vista. Não tenho tempo para escrever mais.

B. D.

26 de Junho

Minha querida Bárbara;

Devo confessar-lhe sinceramente que não tinha lido o livro a que se refere. Na verdade, limitei-me a examiná-lo por alto, o bastante para verificar que se tratava de coisas disparatadas, escritas para fazer rir e alegrar os leitores. E pensei então: «Deve ser engraçado e talvez agrade à Bárbara.» Foi por isso que lho enviei.

Ratazaiev prometeu agora arranjar-me qualquer coisa verdadeiramente literária para ler. Prepare-se, pois, para ler um bom livro, minha querida. É que Ratazaiev percebe do assunto! Também é escritor, e que escritor! Escreve muito bem e o seu estilo é admirável, acredite. Em cada palavra, mesmo nas mais vulgares e banais, em cada frase, até, por exemplo, quando se dirige a Faldoni ou à Teresa, exprime-se com estilo, o que já tive ocasião de verificar. Costumo frequentar com regularidade os seus serões literários. Fumamos enquanto ele nos lê coisas; às vezes lê durante cinco horas seguidas, e nós ouvimo-lo durante todo esse tempo, sem pestanejar. É que aquilo são pérolas, verdadeiras pérolas; não é literatura, são flores, simplesmente flores, cheirosas e em tal profusão, que com cada página poder-se-ia fazer um ramalhete. Além disso, é tão efusivo e cordial! Que sou eu ao pé dele? Nada. Ele é um homem conhecido, respeitável, ao passo que eu não sou nada, não sirvo para nada, nada represento comparado com ele. No entanto, honra-me com a sua amizade. Já lhe copiei duas ou três coisitas, mas não julgue, querida Bárbara, que é por isso que ele me trata com tanta deferência. Não dê ouvidos a essas bisbilhotices, não acredite no que se diz por aí! Não; copio-lhe essas coisas de livre vontade, simplesmente para lhe ser agradável; e se ele é gentil comigo, fá-lo espontaneamente para me dar prazer. Não sou tão tolo que não o compreenda; sei muito bem avaliar a delicadeza do seu procedimento. É um homem bom, muito bom, e um escritor incomparável!

A literatura, querida Bárbara, é uma coisa bela, qualquer coisa de extraordinário, segundo aprendi anteontem em casa de Ratazaiev. Ela fortalece o coração do homem, instrui... Nos livros de Ratazaiev, que, na verdade, estão muito bem escritos, encontram-se vários pensamentos sobre este assunto. A literatura é, por assim dizer, uma pintura e um espelho; um espelho das paixões e de todos os nossos sentimentos; é, ao mesmo tempo, instrução e lição edificante; é crítica e um importante documento humano. Foi isto o que ouvi e aprendi de Ratazaiev, que explanou o assunto diante dos frequentadores dos seus serões. Confesso-lhe, querida, com toda a sinceridade, que quando me encontro sentado no meio deles, a escutar e a fumar o meu cachimbo — como todos os circunstantes — e eles começam a argumentar e a discutir acerca das coisas mais diversas, costumo dizer, como no jogo das cartas, simplesmente: passo. Já que não posso entrar no jogo, passo, é o que tenho a fazer. Estou sentado no meio deles, calado como um basbaque, e até sinto vergonha de mim próprio. E embora esteja durante todo o serão a pensar na forma de intervir na conversa, nem uma só palavra me ocorre! O eterno desejado nunca aparece! Dou voltas e mais voltas à cabeça, e tudo em vão! Dir-se-ia que estou enfeitiçado, querida Bárbara, e acabo por ter pena de mim mesmo, é verdade. Pode-se aplicar-me o ditado que diz: «Quem torto nasce, torto morre.»

Que faço agora nas horas vagas? Durmo, durmo como um porco. Em vez, porém, de dormir sem necessidade, faria melhor se empregasse o tempo livre em qualquer coisa agradável e proveitosa, como, por exemplo, a escrever o que me viesse à cabeça, não lhe parece? Assim, seria útil aos outros e a mim próprio. Não faz ideia do que esses tipos ganham com o que escrevem! Para não ir mais longe, por exemplo, calcula quanto ganha esse Ratazaiev? Trabalha muito e escreve uma folha num instante. Segundo disse, em poucos dias pode ganhar uns trezentos rublos! Quando escreve uma historiazita ou um conto humorístico, uma anedota ou qualquer coisa de interesse para o público, nunca recebe menos de quinhentos rublos. E é para quem quer! Se um achar exagerado, aparecerá outro que dê mil. Que diz a isto, querida Bárbara?

E isto não é nada. Por um cadernito de poesias — meia dúzia de linguados com uns versitos — pede ele sete mil rublos, nem mais nem menos. Que lhe parece? Com esse dinheiro compra-se uma boa propriedade; é o rendimento de um prédio de cinco andares. Já lhe

ofereceram cinco mil rublos, mas ele não aceitou. Tentei persuadi-lo, com boas razões, dizendo-lhe: «Aceite os cinco mil, homem, aceite, pois com essa quantia já pode virar as costas e não se importar com esses tipos; olhe que cinco mil rublos são dinheiro!» Mas ele não cede e diz que lhe têm de dar os sete mil. Ora veja se ele não é esperto!

Olhe, querida Bárbara, já que estamos a falar disto, mando-lhe um extrato das *Paixões Italianas,* tal é o título de uma das suas obras. Leia e avalie:

> Vladimiro estremeceu, porque nas suas veias despertavam furiosas paixões e o sangue fervia-lhe.
>
> — Condessa — exclamou — condessa! Não sabe como é terrível esta paixão, como é ilimitado este delírio? Não, os meus sentidos não me enganam! Amo, amo com loucura, amo com desespero! Todo o sangue do teu marido não bastará para apagar esta horrível exaltação da minha alma. Não haverá obstáculo capaz de deter o fogo destruidor, diabólico, que arde no meu peito desolado! Oh, Zinaida, Zinaida!
>
> — Vladimiro — murmurou a condessa, fora de si e reclinando a cabeça no seu ombro.
>
> — Zinaida! — exclamou Imeielski, deixando escapar um soluço do seu peito.
>
> No altar do amor brotou clara a chama e envolveu as almas dos amantes.
>
> — Vladimiro — murmurou outra vez a condessa. O seu peito arquejava, as faces tingiam-se-lhe de púrpura, os seus olhos brilhavam.
>
> Uma nova e terrível união se consumara!
>
> […]
>
> Meia hora depois, o velho conde entrou no toucador da esposa.
>
> — Mas, meu amor, como é que ainda não está pronto o chá para o nosso querido hóspede? — perguntou acariciando-lhe as faces.

Ora diga-me: que tal acha isto? É um bocadinho livre, é verdade; mas, ao mesmo tempo, que grandioso, que bem escrito! Mas não; ainda lhe vou transcrever outra passagem do conto intitulado: *Iermak e Zuleika.*

Imagine, querida, que o cossaco Iermak, o feroz conquistador da Sibéria, se encontra enamorado de Zuleika, filha do chefe siberiano Kuchum, que foi feito prisioneiro. A ação decorre, como vai ver, na época em que reinava Ivan, o Terrível. Bom; eis o diálogo entre Iermak e Zuleika:

> — Amas-me, Zuleika? Oh! Repete-mo, repete-mo!
>
> — Anuo-te, Iermak! — respondeu Zuleika, num sussurro.
>
> — Céu e Terra, obrigado! Sou feliz! Concedestes-me tudo aquilo a que desde a infância a minha alma aspirava! E tu, estrela que guias os meus passos, por isso me trouxeste aqui, através da cintura de pedra do Ural! Mostrarei ao mundo inteiro a minha Zuleika, e os homens, esses monstros selvagens, não se atreverão a acusar-me! Oh, se pudessem compreender as secretas torturas da sua alma terna! Se, como eu, soubessem contemplar, numa lágrima da minha Zuleika, todo um poema! Oh, deixa-me enxugar com os meus beijos essa lágrima, essa gota de orvalho do céu... Ó ente celestial!
>
> — Iermak — disse-lhe Zuleika —, o mundo é mau e os homens são injustos. Vão perseguir-nos e condenar-nos, meu amor! Que será de uma pobre moça como eu, criada nos campos nevados da Sibéria, na cabana do seu pai, lá nesse mundo frio, glacial, egoísta e sem alma? Os homens não me compreenderão, meu querido!
>
> — Sim? Nesse caso terão de se entender com a espada do cossaco! — exclamou Iermak, em cujos olhos brilhou um relâmpago sinistro.

Imagine, querida Bárbara, o que acontece a Iermak quando tem conhecimento de que lhe assassinaram a sua Zuleika. O velho Kuchum, protegido pelas trevas da noite, conseguiu introduzir-se na tenda de Iermak, que se achava ausente, e matou a sua filha Zuleika, julgando vingar-se do cossaco que lhe arrebatara o cetro e a coroa.

> — Que prazer eu senti a afiar a espada! — exclamou Iermak, a arder em furioso desejo de vingança; e pôs-se a passar o aço numa

pedra sagrada. — Quero o seu sangue, o seu sangue! Preciso de a vingar, de a vingar, de a vingar!

Mas, apesar de tudo, Iermak não pode sobreviver à sua Zuleika. Atira-se ao Irtich e afoga-se, com o que termina o conto.

Veja agora uma amostra de uma descrição humorística, feita exclusivamente para fazer rir:

> — Então não conheces Ivan Prokofievitch Zeltopuz? Não? É aquele que mordeu Prokofi Ivanovitch numa perna. Ivan Prokofievitch tem mau génio, mas ao mesmo tempo é dotado de raras virtudes. Prokofi Ivanovitch, pelo contrário, pela-se por rabanetes com mel. Quando ainda vivia em boas relações com Pelágia Antonovna... Mas não conhece, porventura, Pelágia Antonovna? Como? Ah, sim, é essa mesmo; aquela que veste sempre a camisa do avesso...

Isto é que é humorismo, verdadeiro humorismo, não acha, querida Bárbara? Quando ele nos leu esta página, nós até nos retorcíamos nos assentos, de tanto rir. Que grande maduro, meu amor! De resto, se bem que seja um pouco cómico e livre, no fundo, é um inocente, sem sombra de livre-pensamento nem de nenhum desses erros liberais. Devo dizer-lhe, também, que Ratazaiev, além de um grande escritor, é um homem de linha, o que não se pode dizer da maioria dos escritores.

Que sucederia se eu pusesse em prática a ideia em que por várias vezes tenho pensado, de também escrever alguma coisa? Suponhamos que, de um momento para o outro, me lembrava de publicar um livro, em cuja capa se lesse: «Poesias de Makar Dievuchkin»? Que diria a isto, meu anjo? Que lhe pareceria, como receberia um tal acontecimento? Cá por mim, posso garantir-lhe, querida, que, depois do meu livro ser publicado, não me atreveria a aparecer mais na Perspetiva Nevski. Não podia ouvir toda a gente dizer, apontando-me: «Olhem, vai ali o poeta Dievuchkin; é ele mesmo!»

Que sucederia então às minhas botas? Porque devo dizer-lhe, meu amor, que as trago sempre por engraxar e as solas, para falar verdade, não costumam encontrar-se em muito bom estado. Que figura faria se todos soubessem que o poeta Dievuchkin andava com as botas sujas? Que diria

uma condessa ou duquesa se tivesse conhecimento de tal coisa? É possível que não dessem por isso, pois as condessas e as duquesas não reparam nas botas, principalmente tratando-se das botas de um empregadito qualquer (ao fim e ao cabo, umas botas são sempre umas botas, é preciso ver...). Mas tenho a certeza de que não faltaria quem lhes levasse a notícia, a começar pelos meus próprios amigos. Ratazaiev seria o primeiro, pois é frequentador assíduo da casa da condessa B..., onde, segundo diz, se apresenta mesmo sem que tenha sido convidado. Consta que se trata de uma bondosa senhora e, além disso, uma dama distinta e muito versada em literatura. Que espertalhão que é Ratazaiev!

Mas fiquemos por aqui! Escrevo-lhe estas coisas apenas para a distrair, por mera brincadeira. O que desejo é que continue bem, meu amor! A carta é um pouco longa porque, para lhe ser franco, hoje encontro-me admiravelmente bem-disposto. Jantámos todos no quarto de Ratazaiev, que costuma servir um licor especial, tão bom, que não sei de palavras para o descrever... Mas, alto lá! Não vá pensar mal de mim, querida Bárbara! Não se trata disso! Vou enviar-lhe uns livrinhos. Agora andam aqui a ler uma novela de Paul de Kock, mas este autor não é próprio para si... Não, não, Deus me livre! Paul de Kock não deve cair nas suas mãos. De facto, consta que todos os críticos decentes de S. Petersburgo se mostraram um pouco mal impressionados.

Envio-lhe uma libra de bombons, que comprei expressamente para si. E olhe, querida, pense em mim de todos as vezes que pegar num. Meta-os à boca e não os engula logo; vi derretendo-os pouco a pouco, senão, ao trincá-los, pode estragar os dentes. Também gosta de pastilhas de chocolate? Se gostar, diga-mo.

Adeus, adeus! Deus a guarde.

Sempre seu muito fiel amigo

Makar Dievuchkin

27 de Junho

Querido Makar Alexeievitch:

Fédora disse-me que conhece pessoas que seriam capazes de se interessar pela minha situação e, se eu quisesse, me poderiam arranjar um bom lugar como governante em qualquer casa. Que lhe parece, meu amigo? Aceito ou não? Não queria continuar a ser-lhe pesada, e o referido lugar parece muito bom. Por outro lado, atemoriza-me um pouco a ideia de ter de entrar ao serviço de gente estranha. Dizem que se trata de uma família de proprietários rurais. E se quiserem obter informações acerca do meu passado, que deverei dizer-lhes? Além disso, insociável e amiga da solidão como sou! Onde gosto mais de viver, é onde já me encontro. Sinto-me mais contente e alegre neste cantinho a que já estou habituada; embora, por vezes, passe dificuldades, sempre é preferível a qualquer outro. Além disso, ver-me-ia obrigada a viajar para me trasladar para as propriedades da referida família; e sabe-se lá que serviço me dariam? Eram capazes de me pôr a olhar por crianças! E que gente será aquela para, nestes últimos dois anos, haverem já tido três governantes? Aconselhe-me, querido Makar Alexeievitch, a fazer o que achar ser melhor: devo aceitar a proposta ou deixar-me ficar aqui?

Porque não nos vem visitar? Vejo-o tão poucas vezes! Tirante os domingos, na igreja, durante a semana quase não nos vemos. O senhor é assim insociável? Então é como eu! E não admira, pois, ao fim e ao cabo, somos parentes. Ou já me não tem amor, Makar Alexeievitch? A solidão, às vezes, entristece-me, sobretudo à hora do crepúsculo, quando me encontro sozinha em casa. Se Fédora sai, às compras ou a qualquer coisa, fico para aqui a pensar e a recordar o passado — as alegrias e as tristezas —, pois tudo perpassa diante de mim como uma nuvem. Surgem outra vez na minha frente os rostos conhecidos — parece-me vê-los, acordada, como se fosse em sonhos-, sendo frequente ver a mamã... E o que eu sonho! Penso que a minha saúde está abalada. Sinto-me tão fraca! De manhã, ao

levantar-me da cama, achei-me muito mal, e esta aborrecida tosse não há forma de me passar! Pressinto — sei-o bem — que pouco durarei. Quem me acompanhará à última morada? Quem chorará por mim? E se morrer numa casa estranha, no meio de desconhecidos? Meu Deus, como esta vida é triste, Makar Alexeievitch!

Meu amigo, porque me está sempre a mandar doces? Não posso compreender como arranja dinheiro para estas coisas. Guarde-o para outras de mais utilidade, guarde! Fédora arranjou comprador para o tapete que fiz. Dão-me por ele quinze rublos. Já é bem pago; julguei que me ofereceriam menos. Tocam três rublos a Fédora, e com o resto comprarei um bocado de tecido qualquer, barato, para um vestido simplesinho. Ao meu amigo, quero dar-lhe um colete muito bonito, de bom pano, que eu mesma farei.

Fédora arranjou-me um livro — *Contos de Bielkin* — que junto lhe envio, a fim de que o leia também. Apenas lhe peço que não o demore muito aí, porque não é meu. É da autoria de Pouchkine. Há dois anos li estes contos na companhia da mamã; por isso, ao lê-lo agora, acudiram-me à mente tristes recordações.

Se tiver por aí algum livro, mande-mo, contanto que não seja de Ratazaiev. Ele é capaz de lhe oferecer alguma obra da sua autoria, se é que tem alguma publicada. Como é possível que o senhor goste tanto dos seus escritos, Makar Alexeievitch? São verdadeiramente disparatados.

Bem, adeus! O que eu para aqui rabisquei! Quando me assalta a melancolia, o meu gosto é ter com quem falar! É o melhor remédio para o mal; sinto-me logo mais aliviada, sobretudo quando posso deitar cá para fora tudo o que me aflige o coração.

Adeus, adeus, meu amigo!

Sua

B. D.

28 de Junho

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Para longe as tristezas! Não tem vergonha? Acabe com essas mágoas! Como pode ter semelhantes pensamentos? A sua doença já lá vai; está completamente boa, meu anjo! Até dá gosto vê-la, é a pura verdade, creia; apenas um bocadinho pálida, mas, apesar disso, é bem nítida a sua louçania. Deixe-se desses sonhos, pesadelos e espectros! Isso é vergonhoso, sabe? Não pense nessas coisas, minha querida! Se não se preocupar com esses estúpidos sonhos, eles não a apoquentarão mais. Não há nada mais simples. Porque é que eu durmo bem? Será por não me faltar nada? Repare em mim. Sinto-me contente e alegre, durmo a sono solto, tenho saúde a rodos, numa palavra, sou da pele do diabo; e gabo-me disso! Deixe-se dessas coisas, repito, tenha vergonha e corrija-se. Mas eu conheço bem essa cabecita; a mínima insignificância entristece-a e preocupa-a, e atormenta o espírito com pensamentos de toda a espécie. Acabe com esses desvarios, quanto mais não seja, para me fazer a vontade!

Ir servir gente estranha? Isso nunca. Não, e mil vezes não! Que ideia foi essa? Como se fosse uma coisa sem importância ir para longe daqui! Não, minha querida; ainda me não conhece bem; nunca consentirei em tal; oponho-me com todas as minhas forças a semelhante projeto! Nem que tivesse de vender o casaco e ficar em camisa, meu amor, nunca a deixaria passar necessidade! Não, eu conheço-a bem! Isso é uma loucura e nada mais. A culpada de tudo, é essa tonta da Fédora, tenho a certeza; é ela que lhe mete essas ideias na cabeça. Mas você não deve ligar importância ao que ela diz. Sabe muito bem que essa mulher é uma imbecil, uma charlatã incorrigível que amargurou a vida do falecido marido com as suas loucuras! Decerto tem-na atormentado, como fazia ao infeliz.

Não, minha querida; nada do que escreveu se poderá realizar! E que seria de mim, aqui sozinho?

Não, Bárbara, meu amor, deixe-se disso. Que falta nessa casa? Para mim é uma alegria tê-la aqui perto, e para si esta proximidade representa também uma satisfação. Não vá, e vivamos todos juntos, em paz e na graça de Deus! Faça o que quiser — costure ou leia, ou não costure —, mas não nos abandone. Se assim fizesse, diga-me: que seria de nós? De vez em quando daremos o nosso passeio. O que é preciso é afastar de si, de uma vez para sempre, esses pensamentos, procurar ser razoável e não se preocupar nem afligir com bagatelas! Irei visitá-la brevemente e então falaremos. Mas espero que não faça isso; com certeza não o fará.

Não sou, naturalmente, um homem culto. Mais do que ninguém, preciso de me instruir, pois pouco mais aprendi além das primeiras letras. Mas não se trata agora disso, nem era a este ponto que eu queria chegar. Pretendia apenas dizer que, por Ratazaiev, seria capaz de tudo; e não leve a mal esta minha confissão! É meu amigo e cumpre-me defendê-lo. Escreve bem, mesmo muito bem. Não posso, de modo algum, estar de acordo consigo.

O seu estilo é colorido, sóbrio, cheio de imagens e pensamentos. Numa palavra: escreve muitíssimo bem! Talvez o haja lido superficialmente, querida Bárbara; se calhar Fédora incomodou-a com alguma das suas, ou então, estava maldisposta nesse dia.

Não; há de voltar a lê-lo, mas com interesse e atenção, quando estiver contente e bem-humorada; por exemplo, com um docinho na boca... Só nestas condições deverá tentar fazê-lo. Não quero dizer — o que seria um disparate — que Ratazaiev é incomparável; porém, admitindo mesmo que há escritores muito melhores do que ele, isso não é razão para o declarar mau. Todos são bons: ele escreve bem, e os outros também, quanto a mim. Além disso, não esqueçamos que ele escreve apenas para se entreter; só pega na pena nos momentos livres... o que bem se nota; e, para dizer a verdade, não perde nada com isso.

Por agora, adeus, meu amor; hoje não lhe escrevo mais; tenho de copiar umas coisas, e por isso não posso demorar-me. Veja se me tranquiliza. Deus a guarde, queridinha, e a conserve sob a Sua proteção.

Seu fiel amigo

Makar Dievuchkin

P. S. — Muito obrigado pelo livro, minha querida. Vou ler, seguido, este volume de Pouchkine, e logo à noite, sem falta, irei aí.

28 de Junho

Meu querido Makar Alexeievitch:

Não, meu amigo; não posso continuar aqui por mais tempo. Pensei bem no caso e cheguei à conclusão de que não devia deixar fugir uma colocação tão boa. Ali, ao menos terei garantido o pão de cada dia. Trabalharei o mais possível, procurarei conquistar a simpatia desses estranhos e, se tanto for necessário, esforçar-me-ei até por mudar de feitio. Bem sei que é difícil e doloroso viver entre estranhos, fazer-lhes todas as vontades, dissimular e depender deles em tudo; mas conto para isso com a ajuda de Deus. Não posso ficar toda a vida presa! Já em tempos passei por transes semelhantes, por exemplo, quando estava no colégio.

Aos sábados ia para casa e passava o domingo inteiro a brincar e a saltar como uma verdadeira selvagem, e quando por acaso a mamã me ralhava — o que às vezes fazia —, nem por isso eu deixava de continuar contente e sentir o coração radiante e quente. Mas quando chegava a tarde, sentia-me outra vez imensamente infeliz; às nove tinha de regressar ao colégio. Tudo ali era estranho, frio, severo: as professoras, aos domingos, estavam sempre maldispostas, e invadia-me tal tristeza, caía num abatimento tal, que não conseguia conter as lágrimas. Devagarinho, escondia-me num canto e ali me punha a chorar, sozinha e abandonada. Se me viam naquele preparo, logo diziam que era preguiçosa e não queria estudar. Mas não era esse o motivo do meu pranto.

E, por fim, que sucedeu? Acabei por me habituar, e quando me vi obrigada a deixar o colégio, foi com lágrimas que me despedi das minhas companheiras.

Não; não devo continuar aqui, pois represento um encargo para si e para Fédora. Pensar nisto é para mim um verdadeiro tormento. Digo-lhe isto com toda a franqueza, porque estou afeita a não lhe ocultar seja o que for. Pensa que não vejo a Fédora levantar-se ainda não é bem dia e ir lavar, prosseguindo depois numa lida constante até altas horas da noite? As

pessoas de idade precisam de descanso. Sei também quanto o senhor se sacrifica por mim, privando-se por vezes do necessário para gastar comigo tudo o que ganha. Não ignoro, meu bom amigo, que faz por esta infeliz mais do que pode. Dizia-me o senhor, na sua carta, que preferia ficar sem nada, a consentir que eu passasse necessidade. Acredito, meu protetor; sei-o muito bem, conheço o seu bondoso coração. Mas pense um pouco! É possível que presentemente tenha dinheiro de sobra, talvez haja recebido uma gratificação inesperada. Mas, e depois? Sabe bem que passo a maior parte do tempo doente. Não posso trabalhar como o Makar Alexeievitch, apesar de ser esse o meu desejo, e mesmo nem sempre há trabalho. Que devo fazer? Sofrer e torturar-me, sem fazer coisa alguma, deixando que entretanto o senhor e Fédora tratem de mim? Como poderia eu retribuir o menor dos seus desvelos, como poderia eu auxiliámos, fosse no que fosse? Não lhe sou, certamente, tão indispensável como o meu amigo diz. Já lhe fiz, porventura, algum bem? Fiz uma coisa apenas: querer-lhe do fundo do coração; e é tudo quanto posso fazer. O meu destino cruel persegue-me outra vez! Sei amar, mas não posso fazer bem, retribuir com ações os benefícios com que me tem cumulado. Por isso, não me retenha por mais tempo, pense maduramente no meu projeto e dê-me depois, com sinceridade, a sua opinião.

Fica na expectativa a sua.

B D.

1 de Julho

Loucura, querida Bárbara; tudo isso não passa de uma loucura, uma verdadeira loucura! Quando se abandona a si mesma, vêm-lhe à ideia as coisas mais disparatadas! Tão depressa pensa numa coisa, como já pensa noutra! Mas que lhe falta na nossa companhia, não me dirá? Queremos-lhe muito e a Bárbara corresponde ao nosso afeto, vivendo todos contentes e na melhor harmonia... Que mais deseja? Porquê essa teimosia em ir viver com gente estranha? Sabe o que significa «gente estranha»? Se o ignora, pergunte-mo a mim, que eu conheço muito bem os estranhos, minha querida; conheço-os demasiado; posso dizer-lhe como são. Já comi o pão deles. Todo o ente estranho é mau, muito mau; a sua maldade é tal, que o nosso coração não pode conter-se perante as censuras, recriminações e olhares de desprezo com que no-lo martirizam. Ao menos, na nossa companhia, leva uma vida calma e descuidada, como o pássaro no ninho. Como é possível que agora, do pé para a mão, resolva deixar-nos? Que será de mim se levar avante o seu intento? Pensa que não preciso de si? Está convencida de que me não serve de nada? Não, meu amor; reconsidere bem, e depois veja se me é útil ou não. Saiba que me é utilíssima! Tem sobre mim uma influência tão benéfica! Por exemplo, se estiver maldisposto e me lembrar de si, logo o mau humor desaparece... Escrevo-lhe uma carta na qual me abro por completo, e recebo a seguir uma resposta sua, pormenorizada. De vez em quando, compro-lhe um vestido, e se você precisa, por acaso, de que lhe traga qualquer coisa, eu vou logo procurar seja o que for... E, então, não me é útil? Que poderei fazer sem a Bárbara, com a idade que tenho? Para que servirei eu?

É possível, meu amor, que ainda não tenha pensado nisto; mas pense e verá que não posso prescindir de si. Afiz-me à sua companhia, querida Bárbara. Que fim seria o meu longe de si? Atirar-me-ia ao Neva, acabando por uma vez. É que, não a tendo ao pé de mim, não tenho nada a fazer no mundo. Parece, querida, que me estou já a ver no carro fúnebre que me há de levar ao cemitério de Volkov; uma velha que, por acaso, passa, segue o

ataúde; atiram-me à cova, cobrem-me de terra e depois vão-se embora, deixando-me sozinho. Que injustiça sua, minha querida! Cometeria um grande pecado. Digo-lhe isto com a máxima sinceridade, creia!

Devolvo-lhe o livro que me emprestou, e devo dizer-lhe que nunca na minha vida li uma obra tão excelente. Chego a perguntar a mim próprio como pude viver até aqui como um mocho. Deus me perdoe! Em que tenho empregado os meus dias? De que planeta terei eu caído? É que não sei nada de nada; sou o que se chama um zero. Confesso-lhe com toda a franqueza, minha boa amiga, que não tenho a mais rudimentar cultura. Pouco, pouquíssimo, tenho lido até esta idade, isto para não dizer «nada». Li *O Retrato do Homem*, que é um bom livro, e *O Menino que Tocava Várias Músicas em Campainhas* e *A cegonha de Ivik.* E é tudo. Mas agora li o seu livrinho *O Inspetor;* e é caso para pensar, querida, como se pode viver no mundo e não saber que se tem ao alcance da mão uma obra, na qual se descreve uma vida completa, com todas as minúcias, como se fosse uma pintura. E soube muitas coisas com que nunca sonhara. É a sensação que se experimenta ao principiar a leitura de um livro assim; mas depois, pouco a pouco, à medida que se vai lendo, vamos descobrindo novas coisas, acabando por as compreender e as ver com toda a clareza. Quer saber outra razão que me levou a gostar tanto de seu livro? É que há muitas obras que, por mais famosos que os seus autores sejam, lemo-las e voltamos a lê-las e ficamos atarantados, sem compreendermos absolutamente nada. Estão tão bem escritas e encerram pensamentos tão subtis, que não as podemos entender. Eu, por exemplo, que sou rude por natureza, *a nativitate,* não posso ter uma obra demasiado profunda. Mas a que me emprestou, lemo-la e temos a impressão de termos sido nós quem a escreveu, dir-se-ia que brotou cá de dentro, do coração. Sim, talvez assim seja; é como se pegássemos no coração e o virássemos do avesso, diante de toda a gente, e depois nos puséssemos a descrevê-lo minuciosamente. É assim mesmo, meu amor! De resto, é uma coisa tão simples, meu Deus! Oh, se é! Eu próprio não teria a mínima dificuldade em escrever assim, pode crer. E porquê? Porque eu sinto exatamente as mesmas coisas que esse livrinho diz. Já me encontrei também em situação análoga, por exemplo, à do pobre Sansão Virin. E quantos Sansão Virin não há por esse mundo, pobres e bons como aquele! E a verdade ressalta de todas estas páginas! Ao lê-las, quase me saltavam as lágrimas dos olhos, minha querida. Coitado! Embriagava-se, até perder os sentidos, quando a

desgraça o perseguiu, e passava o dia inteiro a dormir deitado numa pele de carneiro! Para afastar as penas, bebia ponche; contudo, quando se recordava da sua pobre ovelha tresmalhada, da sua filha Dunacha, chorava amargamente, enxugando, com o sujo forro de pele, as lágrimas que lhe corriam pelas faces!

Sim; isso é que se chama uma pintura natural! Leia-o outra vez, e verá que é assim; tão verdadeiro como a própria vida. É real! Eu próprio o senti... Tudo isto existe, e cerca-nos por todos os lados. Aí temos a Teresa ou, para não irmos mais longe, temos este pobre, que é um perfeito Sansão Virin, apenas com outro nome: chama-se, por acaso, Gorchkov. É uma coisa que qualquer de nós está sujeito a experimentar: você mesmo, querida, ou, em especial, eu. Até um conde que vive na Perspetiva Nevski ou na rua de Nevakai, pode achar-se um dia em idêntica situação, apenas com a diferença de que, exteriormente, se conduziria de modo diverso — por fora tudo é diferente nele —; no entanto, podem suceder-lhe as mesmas coisas que a nós.

Nesse livro, meu amor, pode ver o que se chama a vida. Mas quanto a afastar-se de nós e abandonar-nos à nossa sorte, nem é bom pensar em tal! Não pode avaliar, nem mesmo superficialmente, querida Bárbara, o prejuízo que com isso me causaria. Seria um prejuízo irreparável para si e para mim. Por amor de Deus, afaste de si tais pensamentos, minha boa amiguinha, e não me torture inutilmente! Como poderia você, meu pobre pardal sem asas, procurar o alimento, não se perverter e defender-se das ciladas? Pense melhor no caso, deixe estar as coisas como estão, não dê ouvidos a conselhos néscios e leia outra vez esse livro; far-lhe-á bem, acredite.

Troquei impressões com Ratazaiev acerca de *O Inspetor;* diz ele que isso é tudo já muito antiquado, que agora só se publicam livros com ilustrações e ornatos de várias espécies. Falou ainda em muitas outras coisas, que eu não sei bem explicar, porque não compreendi. Por fim, acabou por declarar que Pouchkine é um grande poeta e que cantou a Sagrada Rússia. Sim, está bem. Volte a ler o livro com atenção; siga o meu conselho e faça feliz este pobre velho, com a sua obediência. Deus recompensá-la-á, minha querida, não duvide!

Seu fiel amigo

Makar Dievuchkin

1 de Julho

Meu querido Makar Alexeievitch:

Fédora trouxe-me hoje os quinze rublos do tapete. A pobre mulher ficou tão contente quando lhe dei três! Escrevo-lhe à pressa, porque estou a fazer o seu colete. O tecido, muito bom, é amarelo, com umas florinhas. Mando-lhe um livro de contos, de que apenas li alguns. Aconselho-lhe a leitura do que tem por título *A Capa.*

Prometeu levar-me uma noite ao teatro. Mas é capaz de ficar muito caro. Só se formos para a galeria. Há tanto tempo que não vou ao teatro, que nem me lembro de quando foi a última vez! Receio, porém, que esse divertimento esteja fora das suas possibilidades. A Fédora abana a cabeça e diz que o senhor está a gastar mais do que pode, o que eu também tenho notado. Só comigo, o que o senhor já gastou! Tenha cuidado, meu amigo, não vá suceder-lhe qualquer infortúnio. A Fédora contou-me, se não me engano, que a hospedeira não anda lá muito bem-disposta consigo por o senhor se ter atrasado nos pagamentos, o que me traz bastante preocupada.

Bem; adeus por agora, pois preciso de tratar de outra coisa: pôr uma fita no meu chapéu.

P. S. — Se formos ao teatro, quero levar o meu chapéu novo e a mantilha preta. Acha que ficarão bem?

7 de Julho

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Retomo o fio da conversa no ponto onde ontem a deixámos... Também, minha querida, no meu tempo, fiz algumas loucuras.

Estive enamorado de uma atriz, mas enamorado a valer; é como lhe digo! E o mais interessante é que nunca a tinha visto na rua; vi-a no teatro, e só uma vez. No entanto apaixonei-me por ela.

Nesse tempo, na divisão pegada aos meus aposentos viviam cinco rapazes muito alegres. Não mantínhamos relações íntimas, mas uma noite juntei-me espontaneamente com eles e acompanhei-os ao teatro. O que eu ouvia os rapazes contarem dessa atriz! Sempre que havia espetáculo, lá iam todos, gastando às vezes o dinheiro que lhes fazia falta para as coisas necessárias. Entravam para a galeria e todos os seus aplausos e ovações eram exclusivamente para aquela atriz; não se cansavam de a aplaudir freneticamente como possessos. Depois, como é natural, os meus companheiros não me deixavam dormir em toda a noite; passavam-na a falar dela, todos lhe chamavam a sua Glacha, estavam todos enamorados da artista, denominando-a «o canário dos seus corações». Por fim, acabaram por me contagiar do seu entusiasmo. Eu era ainda tão novo!

Não sei como, uma noite encontrei-me sentado, como eles, na galeria. Apenas distinguia um cantinho do pano de fundo do palco, mas ouvia tudo perfeitamente. Ela possuía uma vozita linda, clara, agradável como a de um rouxinol. Batíamos palmas até ficarmos com as mãos roxas e vermelhas, e gritávamos sem cessar; numa palavra, quase tinham de nos tirar dali pelo pescoço para nos irmos embora.

De regresso a casa, vinha como envolto numa névoa! Já só trazia no bolso um rublo, e para o fim do mês faltavam ainda uns bons dez dias. E que imagina que eu fiz, meu amor? No dia seguinte, quando ia para o trabalho, entrei numa perfumaria e gastei o dinheiro que me restava em perfumes e sabonetes cheirosos, sem saber mesmo para que queria tudo

aquilo. Além disso, naquela tarde não comi; fui rondar a casa da atriz, ao pé das suas janelas. Vivia num quarto andar da Perspetiva Nevski. Em seguida, regressei a casa, comi qualquer coisa e dirigi-me de novo para Nevski, onde reatei a vigilância em frente às suas janelas.

Passei assim mês e meio; de vez em quando alugava um *drochki* dos mais luxuosos, e passeava nele de um lado para o outro, junto das janelas da atriz. Gastei assim todo o meu ordenado, vendo-me obrigado a contrair dívidas. Por fim aquela paixão foi-se dissipando, acabando por se me tornar aborrecido aquele namoro.

Ora veja a que extremos uma atriz pode conduzir um homem! Mas é preciso ter em conta que nessa altura era um jovem, querida Bárbara. Sim, era ainda muito novo...

M. D.

8 de Julho

Querida Bárbara Alexeievna:

Apresso-me a devolver-lhe o livro que teve a amabilidade de me enviar no dia 6 deste mês, ao mesmo tempo que quero ter consigo umas explicações, meu amor. Acho que não faz bem colocando-me nesta melindrosa situação.

Permita-me, minha amiga, que lhe diga que é o Todo-Poderoso quem marca ao homem a sua condição social. Um nasceu para ostentar as estrelas de general, outro para ser literato; aquele, para mandar; este, para obedecer, sem replicar. Estas coisas estão de acordo com a *capacidade* de cada qual; um tem aptidão para uma coisa, outro para outra, mas é Deus quem dá essas aptidões.

Já tenho trinta anos de serviço como empregado público, cumpro à risca os meus deveres, procuro comportar-me bem e nunca fui apanhado na mínima falta. Como cidadão e como pessoa humana, reconheço que sou homem e que tenho, por isso, defeitos, mas também tenho algumas virtudes. Sou estimado pelos meus superiores e mesmo sua excelência está contente comigo... Apesar de até hoje me não haver dado mostras da sua satisfação, sei de boa fonte que isso é verdade. Possuo uma letra agradável, nem muito grande nem muito pequena; no cursivo, destaco-me mesmo no meio dos copistas; mas em qualquer dos tipos, sou regular. De todos os empregados do ministério, talvez haja apenas um — Ivan Prokofievitch — com letra igual à minha, ou antes, que se aproxima da minha. Envelheci no serviço e não me lembro de ter cometido qualquer falta digna de registo. Faltas ligeiras, claro, quem nunca as cometeu? Todos pecamos, minha amiga, até você própria. Mas não me pesa na consciência qualquer delito importante, nem mesmo um ato consciente de insubordinação como, por exemplo, perturbar a tranquilidade pública ou qualquer coisa no género. Não tenho nada disso a censurar-me, nunca me ralharam por nada parecido. Pelo contrário, concederam-me até uma cruz

de mérito. Mas a que vêm estas coisas? Já deve saber tudo isto, e o autor também; antes de principiar a descrição, decerto pôs-se ao corrente de tudo. Não, nunca a julgaria capaz de tal coisa, querida Bárbara, nunca esperara isto de si.

Mas quê? Não poderão deixar-nos viver em paz no nosso cantinho, por mais humilde que este seja, sem incomodar ninguém, sem turvar as águas, como diz o ditado, possuídos do temor de Deus? Será que terão sempre de nos incomodar, quando nós não queremos causar incómodo a quem quer que seja, devassando sempre a nossa vida particular, penetrando-nos em casa, para espiar o que por lá vai e verificar, por exemplo, se o colete se encontra em bom estado, se carecemos de roupa interior, se temos botas e que tais as solas, o que comemos, o que bebemos e o que andamos a copiar? Lá porque uma pessoa às vezes tenha falta de dinheiro e não tome chá, será razão para lhe assoalhar a vida no papel? Como se todos os mortais, sem exceção, tivessem de tomar chá! Alguma vez, porventura, examinei a boca de alguém para ver o que come? A quem é que eu fiz tal ofensa? Não, meu amor; não devemos fazer mal a quem nos não ofende! Tem aqui um exemplo; um homem serve conscienciosamente, cumpre com zelo os seus deveres, e goza mesmo da estima dos seus superiores — digam os outros o que quiserem; o certo é que o estimam —, e de repente surge um maduro que, sem qualquer motivo e inopinadamente, começa a escrevinhar um folheto atentatório da dignidade desse empregado, uma sátira como a desse livro!

Bem sei que todo aquele que cria alguma coisa de novo, fica orgulhoso e, com a alegria, quase não dorme. Sucede ordinariamente assim; se uma pessoa, por exemplo, compra umas botas novas, o gosto que sente quando as calça! É verdade, já se passou comigo, pois torna-se sumamente agradável enfiar os pés numas botas finas. O livro descreve isto muito bem. Todavia, confesso muito sinceramente que estou espantado de Fédor Fedrovich o ter lido sem se mostrar ofendido.

É certo que esse funcionário é um simples oficial, ainda jovem, e às vezes gosta de fazer valer os seus direitos e barafustar com os subordinados. Mas porque não havia de se insurgir quando se torna necessário? Porque não havia de o fazer, dado que, de outro modo, nada se pode conseguir? Bom; aqui para nós, querida Bárbara, isso é necessário, embora não passe de uma simples formalidade. Devem segurar-se bem as rédeas, tem de se mostrar energia, porque senão, meu amor, sem energia,

sem severidade, não conseguem nada de nós. O que cada um quer é conservar o seu emprego e poder dizer: «Estou empregado aqui ou ali»; quanto a trabalho, cada qual procura fugir-lhe o mais que pode. Mas como há várias categorias na hierarquia burocrática, e cada uma delas uma vez ou outra merece ser repreendida, sucede que o chefe tem de servir-se, nas suas reprimendas, de diversos tons, de acordo com a categoria a que se dirige; e isso está muito bem!

De resto, para que o mundo possa subsistir, tem de haver sempre uns que mandem nos outros e lhes retesem as rédeas... Se assim não fosse, o mundo perderia o equilíbrio e não se aguentaria, transformar-se-ia num verdadeiro caos. Na verdade, admira-me Fédor Fedrovich não haver notado semelhante ofensa.

Mas para quê escrever todas estas coisas? Alguém lucrará com isso? Dar-me-á, porventura, algum leitor alguma capa ou umas botas novas? Não, querida Bárbara; o leitor limita-se a ler a história e fica ansioso pela continuação da mesma. O resultado de tal escrito é que a gente tem de se esconder, ocultar-se, acobardar-se, sentir medo até de deitar o nariz fora da porta, com receio de ser escarnecido, pois, como se sabe, o difamador serve-se de tudo. Se qualquer se lembra de exibir, em letra de forma, toda a sua vida, tanto a pública como a particular, de modo a provocar sarcasmos e risos a quem a ler, já não poderá mais aparecer nas ruas! Mas, no livro a que me refiro, a descrição atinge tal minuciosidade, que o protagonista pode ser reconhecido até pelo modo de andar! Se ao menos o autor, para o fim, fosse mudando um pouco, suavizando as cores, dizendo, por exemplo, que o herói, apesar de tudo, foi sempre um honrado e virtuoso cidadão e que nada fez para merecer tal tratamento da parte dos seus colegas; que era obediente para com os superiores e cumpria escrupulosamente os seus deveres (podendo, neste ponto, apontar um caso elucidativo do que afirmava); que nunca desejou mal a quem quer que fosse; que cria em Deus e quando morreu (se é que por força tinha de morrer), todos o prantearam...

Mas não seria preferível, em vez de deixar morrer esse pobre infeliz, arranjar as coisas de modo a que a capa aparecesse e Fédor Fedrovich, o chefe da repartição, estivesse mais bem informado acerca das virtudes do seu subordinado e lhe desse emprego no seu gabinete, promovendo-o e aumentando-lhe o ordenado? Desta forma, o mal seria castigado e a

virtude conseguiria o triunfo. Se assim procedesse, os seus companheiros ficariam cheios de inveja!

Era este o desenlace que eu imaginaria; de outro modo, a novela apresenta um caso dos mais vulgares da vida corrente, destituído de qualquer beleza; não se vê nela mais que um simples exemplo do humilde dia a dia. E como pôde lembrar-se de me enviar semelhante livro? É uma obra mal-intencionada, prejudicial, querida Bárbara! Falta-lhe verdade, verosimilhança, pois é de todo impossível encontrar, seja onde for, um empregado como este! Não, querida Bárbara; tenho de me queixar, vou apresentar uma queixa em forma!

Seu fiel servidor

Makar Dievuchkin

27 de Julho

Meu querido Makar Alexeievitch:

A sua carta e os últimos acontecimentos inquietaram-me sobremaneira, tanto mais quanto é certo que, a princípio, não consegui compreender nada. Foi Fédora que me explicou do que se tratava. Porque se desespera tanto e se inquieta por tão pouca coisa, Makar Alexeievitch? As suas explicações só em parte me satisfizeram. Talvez eu não devesse insistir em aceitar aquele emprego tão vantajoso, lembrando-me do que a minha última experiência neste capítulo me proporcionou.

Diz o senhor que o seu afeto por mim o levou a ocultar-me muitas coisas. Eu não ignorava os grandes sacrifícios que fazia por mim, apesar da sua insistente afirmação de que apenas gastava comigo o supérfluo, aquilo que, de outro modo, seria para pôr de lado. Mas agora que sei que o senhor não dispõe de quaisquer reservas de dinheiro; que foi só condoído pela minha triste situação que começou a gastar, em meu proveito, o seu ordenado, chegando mesmo a pedir adiantamentos; que durante a minha doença se sacrificou ao ponto de vender peças do seu vestuário… ao ter conhecimento de tudo isto, acho-me numa situação deveras crítica, sem saber como interpretar o sucedido, nem que pensar acerca dele.

Ah, Makar Alexeievitch! O senhor, movido pela compaixão e pelo afeto de parente, devia ter-se limitado a auxiliar-me nas minhas mais prementes necessidades, nunca indo além das suas posses e não fazendo comigo essas despesas supérfluas que constituem um verdadeiro esbanjamento. Atraiçoou a nossa amizade, Makar Alexeievitch; abusou da minha confiança; e agora que me vejo obrigada a ouvir que o senhor gastou até ao último centavo nas ofertas de vestidos, doces e livros e em passeios e teatros que me proporcionou — pago bem caro tudo isso com as censuras que a consciência me dirige —, deploro amargamente a minha imperdoável despreocupação, pois aceitava tudo o que me oferecia sem querer saber da sua vida. Deste modo, tudo o que fez para me dar prazer,

converteu-se num peso aniquilador, e o pesar que sinto enegrece a recordação do que noutros tempos foi agradável.

Já tinha notado que ultimamente dava mostras de certo abatimento; mas, embora eu própria, assaltada por pressentimentos, suspeitasse de qualquer coisa, não podia, de modo algum, prever a realidade. Nunca pensei que a sua cabeça regulasse tão mal, Makar Alexeievitch. Que dirão de si todos aqueles que o conhecem? Será possível que o senhor, a quem eu, como de resto toda a gente, estimava tanto pela sua honradez, simplicidade e dignidade, haja contraído um vício tão repugnante e em que, segundo parece, nunca caíra? Se soubesse o que pensei quando Fédora me contou que o haviam encontrado na rua embriagado e que a polícia se vira obrigada a acompanhá-lo a casa! Fiquei deveras surpreendida, se bem que já imaginasse qualquer coisa de extraordinário, em virtude de ter passado quatro dias sem aparecer. Já pensou, Makar Alexeievitch, no que dirão os seus superiores quando souberem do verdadeiro motivo da sua falta ao trabalho? Diz-se que toda a gente se ri à sua custa, que ninguém ignora as nossas relações e que os seus vizinhos me envolvem nos seus comentários trocistas! Não se preocupe com isso, Makar Alexeievitch, e por amor de Deus, tranquilize-se!

Traz-me também bastante inquieta o incidente que teve com aquele oficial... Ainda não sei bem como as coisas se passaram, pois apenas surpreendi uns rumores acerca do caso. Peço-lhe que me explique no que aquilo veio a dar.

Diz-me na sua carta que não me contou toda a verdade, com receio de perder o meu afeto; que durante a minha doença, desesperado, vendeu tudo para fazer face às despesas e evitar que me internassem no hospital; e que se viu mesmo obrigado a empenhar-se até mais não, o que lhe valeu ter todos os dias cenas desagradáveis com a patroa. Pois, devo dizer-lhe, o pior que fez foi ocultar-me essas coisas. Pretendia, com o seu silêncio, evitar-me o conhecimento das suas dificuldades, mas agora, pondo-me ao corrente de tudo, causa-me duplo sofrimento. Isto dá cabo de mim, Makar Alexeievitch. A desgraça é uma doença contagiosa, meu amigo! Os pobres e os desgraçados deviam viver longe uns dos outros, para que as suas misérias se não agravassem mutuamente. Reconheço que fui a causadora do seu infortúnio, e este facto aflige-me extraordinariamente e faz-me perder toda a coragem.

Escreva-me, contando-me com franqueza tudo o que lhe aconteceu e como lhe foi possível deixar-se abater até tal ponto. Tranquilize-me, se puder. Não é por egoísmo que assim falo, mas pelo afeto e pela amizade que lhe tenho, sentimentos que nada será capaz de arrancar do meu coração.

Adeus, Makar Alexeievitch. Espero com impaciência a sua resposta. Julgou-me mal, meu amigo. Ama-o sinceramente

Bárbara Dobroselof

28 de Julho

Minha inestimável Bárbara Alexeievna:

Que lhe hei de dizer, agora que tudo acabou, que tudo, pouco a pouco, está a regressar à normalidade? Sim, agora posso ser sincero consigo. Diz a minha amiguinha que está inquieta com o que se pensa e se diz de mim. Apresso-me, por isso, a comunicar-lhe que na repartição me estimam ainda mais do que dantes. E depois de lhe contar todas as minhas calamidades e infortúnios, posso informá-la de que os meus superiores não tiveram ainda conhecimento de nada disso; continuam todos a ter de mim a mesma opinião favorável. A única coisa que receio são as mexeriquices. Cá em casa a patroa gritava; mas, como, graças aos dez rublos, já lhe paguei parte do meu débito, agora limita-se a rosnar baixinho. Quanto às restantes pessoas, também a coisa não piorou; contanto que não lhes peça dinheiro, todos mostram boa cara. Para terminar as minhas explicações, devo dizer-lhe, querida, que para mim a sua estima vale mais do que tudo o que há no mundo, e que o simples facto de a não ter perdido representa uma consolação no meio das minhas dificuldades presentes. Graças a Deus, o primeiro choque e os primeiros dissabores já lá vão; e a grande bondade da minha boa amiga permite-me acreditar que não fez de mim mau conceito e continua a ter-me na conta de um bom amigo, não me acusando de egoísmo pelo facto de tudo ter feito para a reter na nossa companhia. É que queria-lhe muito e não me sentia com coragem para me separar de si, meu anjo. Agarrei-me novamente, com todo o afinco, ao meu trabalho, esforçando-me por reparar o mal feito, com o cumprimento fiel dos meus deveres burocráticos. Evstafii não me disse nada quando ontem passei ao seu lado.

Devo dizer-lhe que as minhas dívidas e o mau estado do meu fato me contrariam sobremaneira; mas tudo se há de arranjar e, entretanto, rogo-lhe que não se aflija com insignificâncias.

Envia-me mais meio rublo, querida Bárbara, e esse meio rublo trespassou-me o coração. Aqui tem, pois, como as coisas são e ao que eu cheguei. Não sou eu, velho imbecil, que a ajudo a si, meu anjo, mas você, pobre órfã, que me auxilia a mim. Fédora é credora da minha gratidão por ter arranjado o dinheiro. Por mim, não sabia aonde recorrer, minha filha; mas tão depressa saiba de alguma possibilidade, lhe comunicarei o que houver. As mexeriquices e só as mexeriquices é que me inquietam! Adeus, meu amor. Beijo-lhe as mãos e peço-lhe encarecidamente que faça por se restabelecer. Por hoje não lhe escrevo mais, porque são horas de ir para o trabalho; quero, à força de zelo e de aplicação, reparar as minhas faltas e tranquilizar, pouco a pouco, a minha consciência. Deixo para logo à noite a descrição mais pormenorizada de tudo o que me tem sucedido, bem como o incidente com os oficiais.

Seu respeitoso e sincero amigo,

Makar Dievuchkin

28 de Julho

Minha querida Bárbara:

Ah! Bárbara, querida Bárbara! Desta vez a culpa é toda sua e há de pesar-lhe na consciência. A sua carta arrumou com os últimos laivos de superioridade que ainda me restavam e deixou-me por completo desnorteado. Só agora pude pensar em tudo calmamente e lançar um olhar introspetivo para o meu coração, tendo verificado que a razão estava do meu lado. Razão de sobra. Não quero referir-me agora aos meus três dias de loucura (seja boa, querida; não falemos mais nestas coisas!); limito-me apenas a insistir no afeto que lhe consagro e a afirmar que este sentimento nada tem de absurdo. Não, de modo nenhum. Mas, minha querida, ainda não sabe tudo. Se soubesse como isso foi, como comecei a gostar de si, falaria de outro modo. Agora fala assim, mas estou convencida de que intimamente pensa outra coisa. Passam-lhe pela cabeça essas ideias, mas não as sente.

Quanto ao incidente com os oficiais, para lhe ser franco, nem sei bem como aquilo foi. Devo observar-lhe que nessa altura atravessava uma crise terrível. Imagine que havia já um mês que eu andava, por assim dizer, suspenso por um fio. Encontrava-me numa situação tão aflitiva que não sabia que rumo dar à minha vida. Ocultava-lhe tudo, e aqui em casa procurava também que ninguém o percebesse; mas a patroa encarregava-se de pôr toda a gente ao facto do que se passava. Isso não me incomodaria muito e teria deixado essa desavergonhada dizer o que lhe apetecesse; mas, em primeiro lugar, isso era uma vergonha e, em segundo, saiba que ela estava ao corrente das nossas relações de amizade, não sei como, e dizia cá em casa tais coisas a nosso respeito, que eu ficava atordoado e me via obrigado a tapar os ouvidos. O caso é que as outras pessoas não os tapavam, antes os abriam o mais possível. Mesmo agora, não sei onde me esconder deles.

Na verdade, este conjunto de circunstâncias desagradáveis, até então para mim desconhecidas, deixaram-me desnorteado. Soube depois, por Fédora, que um tipo indigno aparecera em vossa casa e a insultara com uma vil proposta. A dor que tal ofensa lhe deve ter causado, avalio-a bem, minha querida, por mim próprio, porquanto isso me feriu também profundamente. Então, como que me fugiu a razão e perdi a cabeça. Nunca me senti tão encolerizado, querida Bárbara. O meu primeiro movimento foi correr a toda a pressa em busca daquele sedutor, para quem nada havia de sagrado no mundo. Para ser franco, porém, não sei o que pretendia; queria, sim, obstar a que a ofendessem. Que tristeza! Chovia e o chão estava coberto de lama, e no coração sentia uma mágoa imensa. Quis regressar a casa, mas eis que não me aguentei nas pernas e... Encontrei-me com Emelia, o Emelia Ilich, que é companheiro de ofício, ou antes, era, porque agora já não é; despediram-no, ignoro porquê. Não sei em que trabalha presentemente, mas ele já deve ter conseguido alguma coisa... Depois Emelia agarrou-se a mim e acompanhou-me. Sim, devo contar-lhe tudo, querida Bárbara, embora não lhe causem alegria alguma os infortúnios e faltas do seu amigo, o relato de todas as minhas desventuras. Daí a três dias, ao anoitecer, animado por Emelia — Deus lhe perdoe! —, fui ter com o oficial, cujo endereço soubera por intermédio do nosso criado. Vem agora a propósito dizer-lhe, querida, que eu trazia, havia muito, esse rapaz debaixo de olho; já quando ele se encontrava hospedado aqui, eu o vigiava. Agora compreendo que não me conduzi lá muito bem, pois não me encontrava muito fixe quando fui a sua casa. E depois, francamente, não sei o que se passou. Lembro-me apenas de que estava acompanhado de muitíssimos empregados, embora talvez eu naquela altura visse tudo em duplicado. Tão pouco me recordo das palavras que lhe dirigi, lembrando-me apenas de que, preso de nobre indignação, falei pelos cotovelos. Por fim, puseram-me fora da porta, empurrando-me pelas escadas abaixo, isto é, eu é que me atirei, esta é que é a verdade. Como vim ter a casa, isso não sei. E eis tudo, querida Bárbara. O resto já o conhece. Rebaixei-me muito, sem dúvida, a minha reputação ficou um pouco abalada com isto; mas ninguém tem conhecimento de tudo o que sucedeu, nenhum estranho, além da minha boa amiga. Assim, afinal de contas, é como se nada se houvesse passado. Será, porventura, da mesma opinião, querida Bárbara? Que me diz? A única coisa que sei ao certo é que, no ano passado, um dos hóspedes daqui, Aksenti Osipovicth, fez o

mesmo a Pedro Petrovitch, mas em segredo. Convidou-o a ir até ao quarto da guarda — eu, por acaso, presenciei tudo — e logo que o apanhou ali, disse-lhe o que entendeu, mas educadamente, sem fazer barulho, de modo que só eu, como já referi, tive conhecimento da cena. O facto de eu estar ao corrente do caso não importa, pois se alguém me fizesse perguntas a tal respeito, limitar-me-ia a afirmar que nada ouvira, de modo que era a mesma coisa que de nada soubesse. Pois, a seguir a isso, as relações entre ambos não se alteraram. Como sabe, Pedro Petrovitch é muito orgulhoso e teve o máximo cuidado em não contar nada a ninguém. Agora, cumprimentam-se e até se apertam a mão, quando se encontram, tal como se entre eles nada se tivesse passado.

Lá que me rebaixei muito e — o que é mais lamentável — fiquei muito diminuído na minha dignidade, isso compreendo e estou plenamente de acordo consigo, minha boa amiga. Mas não há dúvida de que isto já devia estar escrito desde o meu nascimento, seria certamente a minha sina e, como sabe, ninguém pode fugir ao seu destino.

Aqui tem, pois, querida Bárbara, o relato pormenorizado de todas as minhas atribulações e infortúnios. Como vê, são de tal marca, que melhor será não falar mais neles. Sinto-me um pouco doente, meu amor, e perdi toda a minha boa disposição. Dou por terminada esta, reiterando-lhe a certeza dos meus sentimentos de afeto, estima e respeito.

Seu muito humilde criado

Makar Dievuchkin

29 de Julho

Meu querido Makar Alexeievitch:

Li as suas duas últimas cartas, que me fizeram sofrer imenso. Meu Deus! Ou o meu bom amigo me oculta alguma coisa, descrevendo-me apenas uma parte dos seus infortúnios, ou então, Makar Alexeievitch, não compreendi nada do que nelas diz... Venha, hoje, ver-me, por amor de Deus! Venha do trabalho direito aqui e janta connosco, ouviu? Não sei que vida é a sua agora aí, nem como se arranja com a patroa. Não se refere a isso nas suas cartas e tenho a impressão de que o faz de propósito.

Até à vista, meu bom amigo; não falte. Seria mesmo preferível vir sempre comer connosco.

A Fédora cozinha muito bem. Até logo, pois.

Sua

Bárbara Dobroselof

1 de Agosto

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Está satisfeita por Deus lhe haver proporcionado a oportunidade de pagar o bem com o bem e saldar a sua dívida de gratidão! Creio nisso e acredito, querida Bárbara, na bondade do seu coração. Não serei eu quem a censure. Peço-lhe, porém, que também me não critique agora por eu ter sido um dissipador. Cometi um pecado, mas que se lhe há de fazer? Isto, se ainda teima em classificar assim o meu procedimento. Lembro-lhe, porém, que me custa imenso ouvir, precisamente da sua boca, essas coisas!

Não leve a mal as minhas palavras. O meu coração anda tão fraco, meu amor! Os pobres também têm caprichos. A Natureza é que assim o determina, e já há muito que eu o havia observado e sentido. O pobre é suscetível; não vê o mundo tal qual ele é, olha de soslaio quem passa, com receio, não perdendo uma só palavra que seja proferida à sua volta. Estarão a falar dele? Dar-se-á o caso de estarem a comentar, em voz baixa, o seu miserável aspeto? Ou perguntarão no que agora se emprega? Que figura fará ele neste ou naquele lugar? Toda a gente sabe que um homem pobre é pior do que um farrapo e que, digam o que disserem, ninguém tem por ele a mínima consideração. Por mais que escrevam esses rabiscadores, um pobre será sempre um pobre com todas as consequências de tal condição. E há de ser sempre assim, porquê? Porque o pobre, por assim dizer, tem de mostrar tudo, não pode conservar nada escondido — um bocadinho de orgulho, por exemplo, qualquer outro sentimento parecido —, porque não lho permitem. Contou-me há dias Emelia que uma vez fizeram uma subscrição a seu favor e que por cada pequena moeda que lhe davam, submetiam-no a uma espécie de investigação. Entendiam os subscritores que não deviam dar as suas esmolas assim sem mais nem quê... De modo nenhum! Pagavam para gozar o espetáculo de um pobre! Hoje, minha boa amiga, a caridade é exercida de um modo muito estranho!

Quem sabe se não terá sido sempre assim! Das duas, uma: ou as pessoas não sabem ministrá-la, ou então já são peritos na matéria...

Se calhar, ignorava estas coisas, mas faça por não as esquecer para o futuro! É verdade que acerca de muitos outros assuntos não sei nada, mas conheço em pormenor tudo o que diz respeito a este, acredite. E como se pode adquirir tão perfeito conhecimento? Sobretudo, porque pensar desta forma? Sim, como se consegue saber tão bem estas coisas? Pois... pela experiência. Pela mesma razão o pobre sabe que, se entrar num restaurante juntamente com um senhor, este perguntará para os seus botões: «Que irá comer agora ao almoço este empregadito? Eu vou pedir *sauté aux papillotes,* ao passo que ele talvez tenha de contentar-se com um cozinhado qualquer, sem manteiga.» Mas que lhe importará a ele que eu não possa comer senão um reles cozinhado sem manteiga? É verdade, querida Bárbara, há homens assim, existem criaturas que só pensam nessas coisas. E andam entre nós esses seres inúteis, esses bisbilhoteiros e mexeriqueiros; metem o nariz em tudo, a ponto de repararem se os outros põem no chão a planta do pé ou só a ponta, observando se este ou aquele empregado traz os dedos a sair pelas botas fora, se tem as mangas do casaco rotas nos cotovelos. Depois escrevem tudo sem omitir a mínima particularidade e, sem mais preâmbulos, mandam-no imprimir...

Que lhes importa que eu tenha as mangas rotas nos cotovelos? Se me permite esta comparação, dir-lhe-ei, minha amiga, que o pobre, neste caso, sente uma vergonha análoga à do pudor virginal da mulher.

A Bárbara — desculpe o grosseiro exemplo — seria capaz de se despir diante de toda a gente? Decerto que não. Pois exatamente pelo mesmo motivo, o pobre não gosta que metam o nariz na sua pocilga, para bisbilhotar como vivem ele e os seus. Com que razão, pois, a minha amiga me ofende, precisamente como os meus inimigos, que atentaram contra a honra e a reputação de um homem honrado?

Hoje de manhã, sentado na repartição, muito calado e absorto, pareceu-me ver a minha própria figura como se fosse a de um pardal sem penas. Senti tal vergonha, que cheguei a ter desejos de morrer. É verdade, querida, senti vergonha! Sem querer, a gente sente-se desanimado quando sabe que através dos rasgões das mangas se lhe veem os cotovelos e que os botões do casaco estão presos por um fio. Pois eu encontrava-me precisamente neste preparo! E será de admirar que nos sintamos desanimados? Até Estepan Karlovitch, ao falar-me de qualquer coisa

relacionada som o serviço, mudou, de repente, de assunto e exclamou: «Ai, Makar Alexeievitch!»; mas não chegou a dizer o resto, aquilo que no seu íntimo pensava. Eu, porém, adivinhei tudo e ruborizei-me de tal forma, que decerto até a careca se me pôs cor-de-rosa. Bem pensado, isso não tem uma importância por aí além; no entanto, sempre causa uma certa inquietação e faz com que os nossos pensamentos se encaminhem num rumo melancólico. Como conseguem estes tipos saber a minha vida? Devo confessar-lhe, para ser franco, que alimento sérias suspeitas acerca de certo indivíduo. A esses bandidos não escapa coisa alguma! Põem-nos a nu sem qualquer consideração! São capazes de vender a vida por uma ninharia, minha boa amiga, porque para eles não existe nada sagrado!

Já sei de quem deve ter partido tudo: de Ratazaiev! Certamente é amigo de alguém da minha repartição, a quem contou qualquer coisa, acrescentando ao relato alguns pormenores da sua lavra. Ou então falou do caso onde trabalha e dali a notícia alastrou. Cá em casa estão todos ao corrente do sucedido, e até apontam com o dedo a janela da minha boa amiga. É, pelo menos, o que me consta. Ontem ao meio-dia, quando me dirigia a sua casa para almoçar, esconderam-se por trás das janelas, espreitando com muito cuidado, para que não os víssemos; e a patroa dizia que o diabo fizera um pacto com uma criança de peito e mimoseava-a, a si, com nomes pouco decentes.

Mas isto ainda não é nada, comparado com o escandaloso procedimento de Ratazaiev. Pretende fazer-nos figurar num dos seus livrecos e fazer com o nosso caso uma sátira. Foi o que ele disse, segundo me contaram alguns bons amigos, colegas na repartição. Não me sai isto da ideia, meu amor, e não sei que medidas adotar. Não há dúvida, meu anjo, que temos ofendido muito o Senhor, não o esqueçamos!

Queria a minha amiga mandar-me um livro, para que eu me não aborrecesse. Não, por enquanto não preciso de livros, meu amor! Mas que livro, nesta altura, me poderia divertir? Ainda se fosse um que só descrevesse a realidade! Mas as novelas e as sátiras são verdadeiros disparates, escritos com o único fim de dizer tolices e os ociosos terem alguma coisa que ler. Acredite, querida Bárbara, no que lhe digo, deixe-se guiar pela minha larga experiência. A começar pelas de Shakespeare — e é Shakespeare, note bem! — essas mesmo são puros disparates e nada mais, como as de qualquer escrevinhador de livrecos para divertir o público!

Seu

Makar Dievuchkin

2 de Agosto

Querido Makar Alexeievitch;

Não se inquiete, por favor. Tudo se há de arranjar, se Deus quiser. A Fédora conseguiu muito trabalho para nós, e agarrámo-nos logo a eles, cheias de alegria. É possível que com isto remediemos tudo. A minha companheira assevera que Ana Fedorovna está ao corrente dos meus últimos desgostos; mas isso é-me indiferente. Hoje sinto-me alegre a valer.

Então o senhor queria contrair um empréstimo de dinheiro! Deus o defenda de tal! Iria agravar ainda mais a sua situação; ao fim, feitas as contas, teria de pagar uma quantia muito mais elevada. O que deve é levar uma vida mais económica, visitar-nos com mais frequência e não se importar com os comentários da sua patroa. Quanto aos seus inimigos e a todas as outras pessoas que pensam mal de si, estou convencida de que as suas apreensões são infundadas, Makar Alexeievitch.

Devo dizer-lhe também que precisa de ter mais cuidado com o estilo; tenho notado que difere grandemente de carta para carta. Com isto, adeus até à vista. Espero que não falte.

Sua

B. D.

3 de Agosto

Bárbara Alexeievna, meu anjo:

Apresso-me a comunicar-lhe que estão a renascer em mim as esperanças. Antes, porém, permita-me que lhe pergunte se de facto entende que não devo contrair um empréstimo de dinheiro. Na verdade, sou obrigado a recorrer a este meio, meu amor. A minha vida encontra-se desorganizada e, além disso, de um momento para o outro, vocês podem necessitar também de qualquer coisa. A Bárbara não goza de muito boa saúde, por isso julgo imprescindível o empréstimo.

Antes de mais nada, deixe-me dizer-lhe que o meu lugar na repartição é ao lado de Emelia Ivanovitch. Este não é o Emelia de que já lhe tenho falado, é, como eu, um funcionário público. Somos os mais antigos da repartição, os veteranos, como costumam chamar-nos. É um homem extremamente bondoso, nada egoísta, mas fala muito pouco. E veja o que são as coisas: quem o vir, julga-o um perfeito urso. Trata só do seu trabalho, tem uma boa letra inglesa e, para dizer a verdade, não escreve pior do que eu. Além disso, é um homem de uma honradez a toda a prova. Nunca houve entre nós verdadeira intimidade, limitando-nos à troca de saudações: «Bom dia!» e «Até amanhã!» Mas se eu, por exemplo, preciso, às vezes, de um apara-penas, digo-lhe: «Caro Ivanovitch, faz o favor de me emprestar o seu apara-penas por um momentinho?» Quer dizer, nunca tivemos uma verdadeira conversa; apenas trocamos essas palavras que é costume dizerem-se entre empregados da mesma secção. Pois hoje, esse tal Emelia disse-me: «Makar Alexeievitch, porque está tão pensativo?» Notei que me falava com a melhor das intenções e... confessei-me a ele, abri-lhe o meu coração e contei-lhe tudo, isto é, tudo não, Deus me livre! Coisas há na minha vida que nunca as confiarei a ninguém; não teria coragem de o fazer. Contei-lhe apenas parte ou, melhor dizendo, confessei-lhe que estava *com dificuldades financeiras*, etc., etc. Ele então disse-me que me dirigisse, por exemplo, a Pedro Petrovitch e lhe pedisse dinheiro

emprestado, a juros. Contou-me que já recorrera a ele com o mesmo fim e garantiu-me que o juro não era exagerado.

Pois bem; ao ouvi-lo, o meu coração até pulou de alegria... Batia com tanta força! Pensava e tornava a pensar e pedia a Deus que inspirasse a Pedro Petrovitch a ideia de me emprestar dinheiro! Em seguida, pus-me a fazer contas, para ver a forma como poderia pagar à patroa e ajudá-la também a si, e renovar o meu vestuário a fim de readquirir o aspeto de homem, pois já sinto tal vergonha de andar neste estado, que até me custa estar aqui no meio dos meus colegas — sem falar nos motejos com que me mimoseiam os próprios contínuos... Deus lhes perdoe! De mais a mais, sua excelência passa às vezes junto da nossa mesa de trabalho, e se lhe dá para me dirigir um olhar e reparar no meu fato, Deus me livre! É que para ele a boa apresentação e a ordem são o que há de mais importante no mundo. Talvez não dissesse nada; mas eu, querida Bárbara, creio que cairia logo morto de vergonha... É o que lhe digo. Por isso, apelei para toda a minha coragem, pus de parte o receio e, por um lado, cheio de esperança, e por outro um pouco inquieto, resolvi-me a ir ter com Pedro Petrovitch. Pois bem, meu amor, foi tudo em vão. Encontrava-se muito entretido a conversar com Fadosi Ivanovitch. Aproximei-me dele e toquei-lhe muito discretamente no braço, como quem lhe queria falar. Ele voltou-se para mim e então eu disse-lhe pouco mais ou menos o seguinte: «Encontro-me numa situação deveras aflitiva e desejava que me emprestasse trinta rublos...» A princípio, pareceu não me ter compreendido; mas eu expliquei-lhe outra vez a minha pretensão e ele desatou a rir, sem me dizer palavra. Comecei de novo a falar-lhe na minha necessidade, após o que ele me perguntou: «Pode dar-me alguma garantia?» Em seguida, mergulhou de novo nos seus papéis e continuou a escrever, sem sequer me dirigir um olhar. Fiquei um tanto enleado e disse-lhe: «Não, Pedro Petrovitch, não posso dar-lhe qualquer garantia, mas mal receba o ordenado deste mês, aparecerei logo aqui para cumprir a minha obrigação.» Naquele momento chamaram-no e ele abalou do escritório e eu fiquei à sua espera. Não demorou muito a estar de volta. Sentou-se, aguçou a pena, tendo feito tudo isto sem reparar na minha presença. Eu, porém, voltei à carga, dizendo-lhe: «Quer então dizer, Pedro Petrovitch, que não se pode arranjar nada?»

Ele continuava calado, como se não ouvisse, e eu, ali de pé, pensei: «Vou fazer mais uma tentativa, a última». E puxei-lhe outra vez pela

manga. Pedro Petrovitch, porém, não proferiu palavra; tirou da pena um fiapo e continuou a escrever. Então, retirei-me.

Olhe, minha amiga, estes tipos talvez sejam muito honrados, não o contesto; mas orgulhosos, lá isso são, e muito... São verdadeiramente inacessíveis. Contei-lhe este episódio para que fique a saber o que é essa gente.

Entretanto Emelia Ivanovitch animou-me muito. Aquele, de facto, é uma bondosa criatura. Prometeu recomendar-me a um individuo que mora em Viborskaia e que também empresta dinheiro, e garante-me que serei servido, sem falta. Por isso, amanhã vou ter com o sujeito em questão. Que lhe parece? Sem dinheiro nada feito.

A minha patroa já me ameaçou de me pôr na rua e não me quer fornecer mais refeições. Trago as botas em estado lastimoso, minha querida, falta-me uma grande quantidade de botões e uma infinidade de coisas mais! E se algum dos meus superiores se lembra de reparar em mim... Horrível, minha amiga, simplesmente horrível!

Makar Dievuchkin

4 de Agosto

Querido Makar Alexeievitch:

Por amor de Deus, Makar Alexeievitch, veja se arranja algum dinheiro o mais depressa possível! Eu não pediria, de modo algum, o seu auxílio para as dificuldades com que presentemente me debato; mas se o meu amigo soubesse a situação em que me encontro... Não posso continuar nesta casa, tenho de me mudar! Sofri aqui os mais horríveis desgostos, e o senhor não pode imaginar como me sinto inquieta e desanimada!

Hoje de manhã, calcule, apareceu-me cá em casa, inesperadamente, um desconhecido, um homem de certa idade, quase um velho, com uma condecoração ao peito. Fiquei muito surpreendida, sem compreender o que desejava. Como Fédora tinha saído a fazer umas compras, perguntei-lhe o que pretendia. Então o visitante quis saber como é que eu vivia, em que me ocupava, e depois, sem esperar resposta, informou-me que era tio daquele oficial de que o senhor falou e que o procedimento incorreto do seu sobrinho o desgostara muito, sobretudo por ter posto em cheque a minha boa reputação. Acrescentou que o rapaz era um estouvado, sem juízo algum; por isso, ele, na qualidade de tio, achava-se na obrigação de reparar os seus erros e tomar-me sob a sua proteção. Aconselhou-me ainda a não dar ouvidos aos rapazes; ele sentia por mim uma compaixão de pai e um amor paternal e estava pronto a auxiliar-me em tudo o que lhe fosse possível.

Ao ouvir isto, fiquei tão envergonhada que nem sabia o que responder-lhe, pois, como deve calcular, a minha perturbação não me permitia qualquer pensamento. Pegou-me na mão contra vontade e não ma queria largar; eu procurei libertar-me, e ele deu-me umas palmadinhas nas faces, dizendo que eu era muito bonita e que gostava muito de mim, encantando-o, sobretudo, as covinhas do rosto, só Deus sabe com que sentido! Continuou a falar pelos cotovelos e, por fim, fez menção de me dar um beijo. «Como sou um velho!» — dizia. Que indecente galanteador!

Naquele momento chegou a Fédora. Então o presumido perdeu um pouco o entusiasmo; repetiu que tinha em grande apreço sobretudo a minha modéstia e virtude, acrescentando que veria com gosto a minha confiança nele. Depois chamou Fédora de lado e quis meter-lhe dinheiro na mão, não sei com que pretexto. Fédora, claro, não aceitou.

Então ele despediu-se, reiterando os seus oferecimentos e prometendo fazer-me em breve outra visita, trazendo-me nessa altura uns brincos de presente. Além disso, aconselhou-me a mudar de casa, recomendando-me uma que é muito bonita e não me custaria um tostão. Repetiu-me que lhe inspirara um afeto muito especial, por ser uma moça honrada e de juízo, e advertiu-me mais uma vez que tivesse muito cuidado com os rapazes libertinos. Por fim, declarou que conhecia Ana Fedorovna, a qual o encarregara de me dizer que muito em breve me faria uma visita.

Então, compreendi tudo! Não sei explicar o que se passou em mim. Nunca experimentara tal sensação, e também era a primeira vez que me encontrava em situação igual. Estava fora de mim! Verberei asperamente o seu procedimento, secundada por Fédora, quase o pusemos fora da porta. Tudo isto é, sem dúvida, obra de Ana Fedorovna... De outro modo, como poderia ele conseguir saber tantas coisas a nosso respeito?

É por isso que agora recorro a si, Makar Alexeievitch, e lhe peço o seu auxílio. Ajude-me e, por amor de Deus, não me abandone em tão aflitiva situação. Arranje-nos, por favor, algum dinheiro, nem que seja pouco, pois não temos a que deitar a mão para as despesas da mudança e não podemos, de modo nenhum, continuar a viver aqui. Fédora é da mesma opinião. Precisamos, pelo menos, de vinte e cinco rublos, que lhe pagarei com o produto do trabalho que Fédora arranjou e que começarei dentro de dias. Se lhe pedirem juros muito elevados, não se importe, aceite todas as condições, que eu reembolsá-lo-ei de tudo; mas, por amor de Deus, não me abandone nesta conjuntura! Custa-me imenso fazer-lhe este pedido nas atuais circunstâncias, mas não tenho mais a quem recorrer; o senhor é o meu único amparo, a minha única esperança!

Adeus, Makar Alexeievitch. Pense em mim e Deus queira que seja bem-sucedido.

B. D.

4 de Agosto

Bárbara Alexeievna, meu amor:

São precisamente estes choques imprevistos que me desconcertam. Estas horríveis calamidades dão cabo de mim. Esses insulsos peralvilhos, esses velhotes desprezíveis acabarão por fazer-nos adoecer, não só a si, meu amor, com os desgostos que lhe causam, mas também a mim, a quem esses malandros darão o golpe mortal. São capazes de o fazer, asseguro-lho, querida. Contudo, seria mais fácil eu deixar-me matar do que não lhe prestar o meu auxílio. Se não pudesse ajudá-la, morreria, querida Bárbara, isso seria a minha morte, a minha verdadeira morte! Mas logo que eu consiga socorrê-la, fuja de mim sem demora, como um pardal, pois só assim se verá livre dessa chusma de aves de rapina que lhe andam a rondar o ninho. Dou-lhe este conselho, apesar de ser isso o que mais me aflige. O que eu sofro por sua causa! Como é cruel, minha amiga! Afligem-na, ofendem.na, pobre passarinho, meu amor, fazem-na sofrer continuamente... E como se isso fosse pouco, preocupa-se ainda com outras coisas que me desgostam a mim também. Promete reembolsar-me do dinheiro à custa do seu trabalho! Quer dizer: fraca como está, vai pôr-se a trabalhar com afinco a fim de poder dar-me o dinheiro dentro do prazo marcado. Já pensou bem no que promete? Para que há de trabalhar, fatigar-se, torturar essa pobre cabecinha com preocupações, cansar esses lindos olhos e dar cibo da saúde? Ah, querida Bárbara, querida Bárbara!

Olhe, meu anjo, bem sei que nada valho, que não sirvo absolutamente para nada, mas vai ver que alguma coisa conseguirei. hei de vencer todas as dificuldades. Arranjarei trabalho extraordinário, farei cópias de manuscritos para escritores; irei ter com eles e pedir-lhes-ei serviço. verão que escrevo bem e hão de dar-me que fazer, pois sei que procuram bons copistas! Mas o que não consentirei é que dê cabo das suas forças pondo em prática os seus horríveis desígnios! Não, hei de evitá-lo, custe o que custar!

Vou pedir dinheiro emprestado e hei de arranjá-lo, esteja descansada, meu anjo. Se não o conseguisse, morreria. Recomenda-me que não me importe se os juros forem muito elevados; pode ficar certa de que assim farei, nada me deterá, já nada me mete medo! Para já, pedirei quarenta rublos. Talvez seja pouco, não lhe parece, querida Bárbara? E serão capazes de me emprestar quarenta rublos, sem outra garantia além da minha palavra? O que desejo saber, meu amor, é se me acha capaz de inspirar confiança a qualquer pessoa, à primeira vista. Com um simples olhar, isto é, pela expressão do meu rosto, poderão formar de mim um conceito favorável? Pense bem, minha querida, pense bem. Posso fazer boa impressão em quem me vê pela primeira vez? Que lhe parece? Serei homem para isso? Bem vejo as dificuldades que tenho a vencer e sinto uma angústia doentia, verdadeiramente doentia! Dos quarenta rublos, vinte e cinco serão para si, dois para a minha patroa, e o resto ficará para as minhas despesas.

Na verdade, devia dar um pouco mais à minha patroa; mas, se deitar conta às minhas prementes necessidades, verá que não me é possível dar-lhe maior quantia... Por isso, não vale a pena preocupar-se mais com o assunto, podendo dá-lo por solucionado. Por cinco rublos compro um par de botas; as que tenho encontram-se em tão lastimoso estado, que não me sinto com coragem de me apresentar outra vez com elas na repartição. Também precisava de uma gravata, pois esta já tem quase um ano de uso; como, porém, você me prometeu fazer, de um avental velho, um peitilho e uma gravata, para já não penso neste assunto. Tenho, portanto, botas e gravata. Faltam ainda botões, minha boa amiga. Deve concordar que são imprescindíveis; ao meu casaco da farda falta mais de metade. Até tremo ao pensar que qualquer dia sua excelência pode reparar em tal amostra de desleixo e dizer alguma coisa, e com muita razão. Eu não chegaria a ouvir mais do que uma palavra, porque cairia logo morto, subitamente, com vergonha; à simples ideia dessa desgraça, parece que a alma se me aparta do corpo. Sim, meu amor, não poderia sobreviver a tal opróbrio.

Depois de acudir às mais urgentes necessidades, restar-me-ão seguramente três rublos, para viver e para comprar uma onça de tabaco, pois não posso passar sem o tabaco e há já nove dias que não meto o cachimbo na boca. Confesso-lhe francamente que sou capaz de comprar tabaco sem lhe dizer nada, apesar da vergonha que sinto perante a minha consciência. Você é uma infeliz que se priva de tudo e eu hei de satisfazer

os meus prazeres! Desde já a aviso do facto para evitar os remorsos da minha consciência.

Encontro-me presentemente numa situação deveras desesperada, é com sinceridade que lho digo; nunca me vi em tais apuros. A minha patroa despreza-me; ninguém tem por mim qualquer consideração ou respeito. Por toda a parte, só faltas e dívidas. E na repartição, onde os meus companheiros nunca me trataram muito bem, nem é bom falar. Eu dissimulo tudo, procuro ocultar tudo e até ocultar-me a mim próprio; de manhã, quando entro, faço todo o possível por passar despercebido e meto-me no meio dos colegas quase sem ninguém dar fé. Só a si tenho coragem de contar francamente a minha situação... Mas e se me não emprestarem o dinheiro?

Não, querida Bárbara; é melhor não pensar em tal eventualidade e não me atormentar com semelhantes ideias, não vá desanimar antes do tempo. Digo-lhe estas coisas apenas para a prevenir e a pôr de sobreaviso, a fim de não pensar nisso e atormentar-se com outras ideias tristes! Não faça isso! Que seria da minha boa amiga, meu Deus! Decerto, se tal sucedesse, a Bárbara não poderia mudar de casa e continuaria minha vizinha. Eu, porém, não resistiria, sumir-me-ia, simplesmente, pela terra abaixo, desapareceria, sucumbiria!

Aqui tem outra longa carta. Em vez de escrevinhar tanto, faria melhor barbeando-me, pois um homem com a barba feita tem um aspeto mais distinto e respeitável, o que é de grande importância e representa um grande auxílio, muito apreciável para conseguirmos o que temos em mira. Será o que Deus quiser! Vou rezar e depois… mãos à obra.

M. Dievuchkin

5 de Agosto

Meu querido Makar Alexeievitch:

Se o senhor ao menos não desesperasse! Nada de mais preocupações, que as que temos já chegam... Mando-lhe trinta *kopeks*, lamentando não dispor de mais. Compre com elas aquilo que mais necessitar, a fim de poder arranjar-se até amanhã. Nós ficamos quase sem nada e não sei o que há de ser de nós agora! Não sei. Que tristeza, Makar Alexeievitch! Mas não é caso para o senhor se afligir. Se não lhe arranjaram o dinheiro, que lhe havemos de fazer? Fédora diz que, afinal, não é assim tão desesperadora a nossa situação; podíamos continuar aqui por mais algum tempo e, segundo ela, pouco teríamos a lucrar com a mudança, pois os interessados não nos perderiam a pista. Apesar de tudo, porém, não me agrada muito continuar nesta casa. Se não receasse magoá-lo, dir-lhe-ia o motivo.

Que estranho feitio o seu, Makar Alexeievitch! Toma tudo muito a sério, sendo por isso o mais infeliz dos homens. Leio atentamente as suas cartas e por elas verifico que se preocupa e aflige mais por causa de mim do que propriamente pela sua pessoa. Sim, cada uma delas diz-me que o senhor possui bom coração; mas eu digo-lhe a si que o acho bom de mais. Por isso, permito-me dar-lhe um conselho amigo, Makar Alexeievitch. Estou-lhe muito reconhecida, mesmo muito, por tudo quanto tem feito por mim; agradeço-lhe do fundo do coração, creia. Pode fazer ideia do prazer que sinto por ver que apesar de todos esses maus bocados, de que fui causa involuntária, o senhor continua a viver só para mim e, de certo modo, eu sou a razão da sua existência, pois as minhas alegrias são as suas, os meus sofrimentos são os seus, os meus sentimentos têm para si mais valor do que propriamente os seus. O meu bom amigo encara de tal forma as dores alheias e é capaz de se preocupar tanto com aquilo que não lhe diz respeito, que se pode de facto chamar-lhe o mais infeliz dos mortais! Hoje, quando, de passagem para a repartição, entrou em minha casa, assustei me

ao vê-lo. Vinha tão pálido, tão aflito, tão abatido, tão preocupado e desesperado que, francamente, nem parecia o mesmo. E porquê? Simplesmente por recear desgostar-me e afligir-me confessando-me o seu fracasso. Quando, porém, viu que eu encarava as coisas com otimismo, respirou mais à vontade. Não se desespere assim, Makar Alexeievitch, nada de inquietações e seja razoável, peço-lhe, imploro-lhe! Verá que tudo se há de arranjar e correr à medida dos nossos desejos. Se continua a incomodar-se e a afligir-se tanto com as desgraças dos outros, a sua vida será cada vez mais triste, tornando-se um eterno suplício.

Adeus, meu amigo. Mais uma vez lhe peço que não se inquiete por minha causa!

B. D.

5 de Agosto

Minha querida Bárbara:

Está bem, meu anjo, está bem! Crê então que não é caso para aflições o facto de eu não haver conseguido o dinheiro? Bem, nesse caso, também estou tranquilo e contente. Até sinto alegria por saber que não abandonará este pobre velho e continuará na mesma casa. É para lhe dizer a ver dade, devo confessar-lhe que fiquei radiante com as bonitas palavras que me dirigia na sua carta e a apreciação que fez dos meus sentimentos. Não é por orgulho que lhe digo isto, mas sim por ver o afeto que me tem, uma vez que tanto se esforça por me tranquilizar o coração. Mas deixemos o meu coração, que não é agora cá chamado. Aconselha-me a pôr de parte o receio e tem toda a razão; nada de pusilanimidade. Mas, isto cá para nós: que botas hei de levar amanhã para a repartição, não me dirá? A questão é esta, fique sabendo; esta é que é a realidade. Basta esta ideia para dar cabo de um homem, aniquilá-lo pura e simplesmente. A falar a verdade, não é a minha pessoa que me dá cuidado e me faz inquietar. Cá por mim, não me ensaiava para ir através dessas ruas sem casaco e descalço; isso ser-me-ia indiferente, de nada me importaria, porque sou um homem simples e modesto. Mas que diriam os outros? Que diriam os meus inimigos e todas essas más línguas se me vissem sem casaco? Usa-se casaco por causa dos outros e por causa deles também é que se calçam botas. Quer dizer, meu amor, quer as botas servem simplesmente para a conservação da honra e da boa fama do homem. Quem andar com o calçado roto, perde as duas coisas. Acredite no que lhe digo, minha querida; deixe-se guiar pela longa experiência deste velho, siga os meus conselhos e não dê ouvidos a qualquer peralvilho!

Mas ainda lhe não contei pormenorizadamente o meu insucesso de hoje, meu amor. Talvez, nesta manhã, eu tenha sofrido tanto, passado por tantas torturas morais como num ano inteiro.

Eis como as coisas se passaram: saí de casa muito cedo para me avistar com o homem e chegar ao meu trabalho a tempo. Chovia e o chão estava coberto de lama. Embrulhado no capote, pus-me a caminho, pensando no meu íntimo: «Meu Deus, perdoai-me todos os meus pecados e permiti que os meus desejos se realizem! Ao passar diante da igreja de …, benzi-me e fiz ato de contrição; mas ao mesmo tempo pensei que não devia pedir estas coisas a Nosso Senhor. Assim, voltei a mergulhar nos meus pensamentos e continuei o meu caminho, sem sequer olhar para o lado. As ruas encontravam-se desertas e os transeuntes que de vez em quando se me deparavam pareciam preocupados e pensativos... Não é, porém, para admirar; com um tempo destes e a tal hora só anda fora de portas quem a isso é obrigado. Nisto, passou por mim um grupo de trabalhadores esfarrapados, que me deram um grande encontrão. Senti-me então atacado de timidez e, para dizer a verdade, nem queria lembrar-me do dinheiro. Contudo, lá fui à aventura, à sorte de Deus.

Precisamente ao atravessar a ponte Vrokresenski, soltou-se-me a sola de uma das botas e, depois disto, não compreendo como pude caminhar. Nesse momento encontrei-me com o amanuense lá da repartição, Ermolaiev, que parou e me seguiu com a vista, como se quisesse pedir-me uma gorjeta. «Ah, meu amigo — pensei —, querias uma gorjeta! Mas como dar-ta com os bolsos vazios como os levo?»

Sentia-me terrivelmente cansado; parei um momento para repousar, e depois prosseguir no meu caminho.

Comecei então a olhar para toda a banda, a ver se descobria qualquer coisa que me distraísse, afastando-me o pensamento da realidade; mas foi em vão. E como se isto ainda não fosse pouco, cobri-me de tal modo de lama, que até senti vergonha. Finalmente, divisei ao longe uma casa amarela, de madeira, com uma espécie de mirante. «Deve ser aquela, a avaliar pela descrição que dela me fez Emelia Ivanovitch. A casa de Markov». (É assim que se chama o homem que empresta dinheiro a juros.) Mas naquele momento fervilharam-me no espírito tantos pensamentos que fiquei quase sem ideias. Dirigi-me então a um guarda perguntando-lhe de quem era aquela casa. O agente da autoridade, um bruto, com maus modos e como se estivesse zangado comigo, resmungou por entre dentes: «Essa casa pertence a um tal Markov.» Os guardas são todos uns grosseiros, o que, de resto, não me interessa absolutamente nada. Contudo, aquele causou-me uma impressão má e desagradável. Quer dizer: se vinha

aborrecido, mais aborrecido fiquei. Sucede sempre assim. Quando qualquer coisa nos preocupa, surge outra contrariedade, como que relacionada com a primeira.

Passei diante da porta por três vezes; mas, à medida que me aproximava, mais a minha perturbação crescia. «Não — pensava —, nada consigo deste homem; nunca conseguirei dele coisa alguma, não há dúvida. Sou um estranho, completamente desconhecido para ele; o meu caso é bastante melindroso, e o meu aspeto não é lá muito recomendável.» «Bom — prosseguia comigo mesmo —; seja o que Deus quiser; ao menos, assim não sentirei remorsos de não ter tentado o remédio. Decerto não me hão de matar!»

Assim pensando, abri a porta com muito jeitinho. Mas surgiu-me outro contratempo: mal tinha transposto o limiar, atirou-se a mim um estúpido cão, a ladrar desesperadamente, com tal fúria que me atroava os ouvidos. São sempre incidentes fúteis como aquele, minha querida, que nos perturbam e nos infundem receio, aniquilando num instante a coragem que com tanto esforço conseguíramos ganhar. Entrei naquela casa mais morto do que vivo, mas já dentro, outra desgraça me sobreveio: devido à obscuridade, não vi um degrau ali existente e dei um passo em falso, indo inesperadamente tropeçar numa mulher que, de cócoras, estava a vazar uma medida de leite num canado. Foi tal o empurrão, que o leite entornou-se todo, e a tola da mulher desatou a apostrofar-me em altos gritos: «Não vê onde põe os pés, seu estúpido? Traz os olhos fechados? Que quer daqui?» e muitas outras amabilidades do género. Contei-lhe isto, meu amor, porque quando me encontro em circunstância semelhantes, sucede-me sempre qualquer contratempo como aquele; dir-se-ia que é este o meu destino. há de surgir-me sempre algum obstáculo, aparentemente sem importância, que se me atravessa no caminho.

Atraída pelos gritos da mulher, apareceu uma bruxa, uma finlandesa. Dirigi-me logo a ela e perguntei-lhe se era ali que morava o Sr. Markov.

— Não — respondeu-me ela com maus modos; mas depois olhou-me de alto a baixo, perguntando-me, por seu turno, em tom desabrido: — E que lhe quer?

Então expliquei-lhe tudo; falei-lhe de Emelia Ivanovitch e disse-lhe que... que... enfim, contei-lhe tudo, acabando por declarar-lhe: «Venho tratar de um negócio.»

Ao ouvir isto, a velha chamou a filha, uma moçoila que apareceu imediatamente, descalça.

— Vai chamar o teu pai — disse-lhe. — Anda com os criados... Entre, faça o favor.

Entrei. A sala era confortável, como em geral sucede com os compartimentos destas casas. Das paredes pendiam alguns quadros, na maior parte retratos de generais, e via-se ali um sofá, uma mesa redonda, vasos de reseda e balsamina... Entretanto, eu ia pensando: «Não seria melhor retirar-me enquanto é tempo?» Confesso-lhe, minha boa amiga, que pouco faltou para me pôr ao fresco. «Sim — continuei —, talvez fosse preferível vir amanhã, que a ocasião deve ser mais propícia. Esperarei até amanhã! Hoje entornei o leite a essa mulher e esses generais olham-me com maus olhos...» E com franqueza, já me dirigia para a porta quando Markov entrou.

É um tipo absolutamente vulgar, baixinho, com o cabelo branco e uns olhos um pouco travessos, envolto num roupão cheio de nódoas, apertado na cinta com um cordão.

Perguntou-me em que me poderia servir e eu comecei a dizer-lhe que ia da parte de Emelia Ivanovitch e que…

— Resumindo, preciso que me empreste quarenta rublos... — concluí. Mas não pude acrescentar mais nada, pois li nos seus olhos que errara o alvo.

— Não — tornou-me ele —; lamento muito, mas de momento não disponho de dinheiro. De resto, que garantia me dá?

Comecei então a explicar ao homenzinho que, de facto, não podia oferecer qualquer garantia, mas que Emelia Ivanovitch me tinha dito... Isto é, expliquei-lhe tudo minuciosamente enquanto ele me ouvia em silêncio.

— Já disse — retorquiu —, não tenho dinheiro. Quero lá eu saber de Emelia Ivanovitch!

«Claro — pensei —, isso já eu sabia, tinha de ser assim, bem o suspeitava.»

Digo-lhe com franqueza, querida: naquele momento teria sido melhor que a terra se abrisse e me tragasse, pois os meus pés estavam gelados e sentia calafrios nas costas. Eu olhava para Markov e ele para mim, parecendo dizer-me: «Põe-te a mexer, meu caro amigo; não sei porque esperas.» Noutra ocasião qualquer, sentiria uma vergonha mortal.

— E para que quer o senhor esse dinheiro? — perguntou-me muito a sério, querida Bárbara!

Ia para lhe responder qualquer coisa, só para não ficar calado, mas ele não se dignou escutar-me.

— Não — disse —, não tenho dinheiro. Se o tivesse — acrescentou — seria com muito gosto que...

Eu insisti com ele, observei-lhe que não precisava de uma quantia muito avultada, que estava resolvido a pagar-lhe escrupulosamente no prazo combinado, que poderia cobrar-me os juros que entendesse e que eu, repeti-lhe, me comprometia a pagar-lhe tudo. Era em si que eu pensava nesse momento, nos seus infortúnios e dificuldades, e lembrava-me do seu meio rublo.

— Não — repetiu-me. — Quero lá saber de juros! Ainda se me desse um fiador... De momento, como disse, não disponho de dinheiro, juro-lhe por Deus. Se não fosse isso, teria muito gosto em...

O grande bandido até por Deus me jurava!

Em suma, meu amor, não sei como consegui sair dali, percorrer a rua Viborskaia e chegar à ponte de Voskresenski.

Eram cerca de dez horas quando, muito fatigado e cheio de frio, cheguei à repartição.

Quis limpar a lama que me salpicara o fato, mas o contínuo teimou em não me emprestar a escova, alegando que as escovas pertencem ao Estado e que eu as estragava.

Ora veja, minha querida, como agora me tratam! Para essa gente represento menos do que o capacho a que limpam os pés. E é isto que me comove, meu amor... Não é propriamente a falta de dinheiro, mas esses dissabores que me pregam e o ver-me obrigado a passar pelos homens; são todas essas mexeriquices, esses sorrisos e essas partidinhas... E se qualquer ocasião, por acaso, sua excelência repara na minha indumentária! Ai, minha boa amiga, os meus dias de felicidade lá se foram! Hoje li outra vez todas as suas cartas... Que tristeza eu sinto, minha querida! Adeus! Que o Senhor a conserve sob a sua proteção!

M. Dievuchkin

P. S. — Pretendia contar-lhe as minhas desgraças em tom de brincadeira; mas verifico que a não consegui — a brincadeira, quero dizer.

— O meu desejo era distraí-la. Irei visitá-la logo que possa, a ver se consigo entretê-la.

11 de Agosto

Bárbara Alexeievna, meu amor:

Estou perdido, estamos ambos irremediavelmente perdidos... A minha reputação, a minha honra — a única fortuna que possuía — tudo se foi! E o causador da sua perdição fui eu! Todos me desprezam e escarnecem, e agora a minha patroa insulta-me em altos gritos e diante de toda a gente. Hoje discutiu comigo e dirigiu-me as piores injúrias, como se eu fosse um Zé-Ninguém! À tarde, um dos componentes da tertúlia de Ratazaiev pôs-se a ler em voz alta uma carta destinada a si e que eu não tinha terminado. Decerto caíra-me do bolso, onde a metera. O que eles se riram à custa dessa carta, meu amor! O que aqueles malandros troçaram de nós! Ao ver aquilo, não me contive; fui direito a eles e acusei Ratazaiev de desleal e de falso. Ele tornou-me que falso era eu e que me dedicava só a conquistas. Segundo Ratazaiev, eu é que os dececionei, porquanto, ao fim e ao cabo, não passava de um Don Juan; e é por este nome que agora sou conhecido em toda a parte! Estão ao corrente de tudo o que se relaciona connosco, imagine, meu anjo! Tanto do que se refere a si como do que a mim diz respeito. Até o próprio Faldoni comunga nos mesmos princípios. Quis hoje mandá-lo à loja buscar um bocado de chouriço e ele recusou-se, declarando que não podia ir porque tinha muito que fazer.

— Contudo — disse-lhe —, tens obrigação de me obedecer.

— Ora, ora... Obrigação! — murmurou. — O senhor não paga à minha ama, por isso não sou obrigado a prestar-lhe nenhum serviço.

Eu, que não posso suportar tais ofensas vindas de um indivíduo estúpido e insolente como aquele, apostrofei-o:

— Seu animal!

E ele replicou-me, muito calmo:

— Olhe a grande coisa! Isso é o que toda a gente me chama cá na casa!

A princípio, lembrou-me que teria bebido uma pinga a mais e dei-lho a entender, perguntando:

— Estás bêbedo?

Ao que ele me tornou:

— Foi decerto com o dinheiro que o senhor me deu! Não tem para mandar vir um copo para si! — E resmungou a seguir: — Que grande personagem!

Já vê, querida Bárbara, a que ponto as coisas chegaram! Até sinto vergonha de viver, meu amor! Estou perdido, esta é que é a verdade! Irremediavelmente perdido!

M. D.

13 de Agosto

Meu querido Makar Alexeievitch;

A desgraça persegue-nos de tal modo, que já não sei o que havemos de fazer. Que será de nós? Nem mesmo com o meu trabalho posso contar! Hoje queimei-me, com o ferro de brunir, na mão esquerda; deixei-o cair, estraguei o trabalho e queimei-me, tudo ao mesmo tempo. Por isso não posso trabalhar, e a Fédora encontra-se doente há três dias. Estou numa ansiedade verdadeiramente torturante!

Mando-lhe trinta *kopeks*, que representam quase toda a nossa fortuna. Só Deus sabe quanto eu gostaria de lhe valer em tão aflitiva conjuntura. Sinto-me tão triste que me apetece chorar!

Adeus, querido amigo! Se pudesse vir hoje visitar-nos, dar-me ia uma grande consolação.

B. D.

14 de Agosto

Que lhe sucedeu, Makar Alexeievitch? Terá, porventura, perdido o temor de Deus? Não só dá comigo em doida, como o senhor mesmo caminha a passos largos para a completa ruína. Não tem vergonha de assim proceder? Pense na sua reputação! É um homem honrado, respeitável, trabalhador... Que dirão quando todos tiverem conhecimento da vida que leva? O senhor mesmo, Makar Alexeievitch, morrerá de vergonha! Lembre-se de que já tem cabelos brancos! Não perca, ao menos, o temor de Deus!

Fédora diz que não mais o ajudará, e eu, se o senhor continuar nessa vida, também não lhe mandarei mais dinheiro. Que ideia faz de mim? Imagina que não sofro com a sua conduta incorreta?

O senhor bem sabe o que tenho passado por sua causa! Nem coragem tenho de aparecer nas escadas, pois todos me olham e me apontam a dedo, dizendo o que lhes dá na veneta... Olhe, meu amigo: chegam a dizer-me que *ando metida com um bêbedo!* Acha que não me custa dizer coisas assim? E quando o trazem bêbedo para casa, toda a gente diz, com desprezo: «Aí vêm trazer o funcionário!» Mas eu... Eu coro de vergonha por sua causa. hei de sair desta casa, nem que tenha de ir servir, juro-lhe! Continuar aqui, isso de modo nenhum!

Pedi-lhe que viesse a minha casa, e o senhor não apareceu. Então, Makar Alexeievitch, os meus pedidos e as minhas lágrimas deixam-no indiferente? Por amor de Deus, tenha cuidado, senão está irremediavelmente perdido, creia! E que vergonha, que ignomínia! Ontem a sua patroa não quis abrir-lhe a porta, e o senhor passou a noite nas escadas... Estou ao facto de tudo. Se soubesse quanto sofro quando me contam essas coisas!

Venha ver-nos; passará melhor o tempo na nossa companhia; leremos e falaremos do passado. A Fédora contar-nos-á coisas da sua vida. Não se perca, que me perde a mim também, creia, Makar Alexeievitch! É para si que eu vivo, por sua causa é que continuo nesta casa. E o senhor porta-se

dessa maneira! Seja um homem de linha, tenha caráter e coragem mesmo na desgraça! Sabe muito bem que ser pobre não é vergonha. Porque se desespera então? Esta vida é efémera. Com a ajuda de Deus, se o senhor entrar no bom caminho, tudo se arranjará!

Mando-lhe vinte *kopeks*, para o meu bom amigo comprar tabaco ou o que lhe aprouver, mas não dê mau destino ao dinheiro, por amor de Deus! Reabilite-se! Venha visitar-nos sem falta! É possível que se sinta envergonhado como da última vez... Não lhe dê, porém, isso cuidado, porque essa vergonha é falsa, de outro modo ter-se-ia sinceramente arrependido... Tenha confiança em Deus e verá que tudo se há de remediar da melhor maneira.

B. D.

19 de Agosto

Querida Bárbara Alexeievna:

Estou envergonhado, muito envergonhado, minha boa amiguinha. Mas, afinal de contas, que sucedeu de especial? Porque não havemos de alegrar um pouco o coração? Olhe: já nem me lembro das solas das minhas botas, pois uma sola nada representa e nunca passará de ser uma sola, simples e suja. Até mesmo as botas nada valem! Os sábios gregos andavam descalços. Para que havemos de nos preocupar com insignificâncias? Será caso para me ofenderem e desprezarem? Ai, meu amor, o que se lembrou de me escrever! Diga à Fédora que ela é uma maluca, sem juízo algum, uma tonta e, ainda por cima, estúpida, de uma estupidez incrível! No que se refere aos meus cabelos brancos, está enganada, pois ainda não sou nenhum velho, como imagina.

Emelia envia-lhe cumprimentos. Manda-me a minha boa amiga dizer que, ao ler a minha carta, sentiu vontade de chorar. Pois, devo ê dizer-lhe, também as suas palavras me causaram um grande desgosto e me fizeram chorar. Para terminar, desejo-lhe saúde e muitas felicidades.

Quanto a mim, encontro-me bem e sinto-me também muito feliz.

Sempre seu amigo

Makar Alexeievitch

21 de Agosto

Minha querida e boa Bárbara Alexeievna:

Sinto que sou culpado e que tem muito que me perdoar; mas quanto a mim, o facto de eu reconhecer as minhas culpas, meu amor, não interessa. Há já muito que eu reconhecia tudo isso perante a minha consciência, embora só agora visse bem a minha culpa.

Meu amor, meu anjo, não sou cruel nem mau; para dilacerar o seu coraçãozinho seria preciso ser um tigre sedento de sangue, e eu possuo um coração de cordeiro e, como deve saber, não tenho queda nenhuma para armar em animal feroz. Por isso, a bem dizer, meu anjo, não me sinto verdadeiramente culpado, e não o são também o meu coração e os meus pensamentos. Assim, nem eu sei também a quem cabe, de facto, a culpa. É um assunto muito complexo, querida Bárbara!

Mandou-me, da primeira vez, vinte *kopeks*, e agora trinta, e o meu coração confrangia-se ao pensar que este dinheiro me vinha das mãos de uma órfã. Queimou a mãozinha, sentia dores, e daqui a pouco terá fome! Apesar disso, dizia-me na sua carta que comprasse tabaco com esta importância! Mas diga-me: qual seria o caminho a seguir? Simplesmente, como um bandido e sem remorsos de consciência, havia de a sugar, pobre órfã?

Não tive coragem de o fazer, meu amor. A princípio, cheguei a convencer-me de que não sirvo para coisa alguma e que, ao fim e ao cabo, sou pouco melhor do que a sola das minhas botas. Comecei a cismar nisto e persuadi-me de que era um absurdo aspirar a ser alguém; melhor dizendo: que devia considerar-me desgraçado e indigno. Quando um homem chega ao ponto de perder a estima de si próprio e abdicar das suas melhores qualidades e da dignidade humana, perdeu tudo, a sua ruína é inevitável! Mas não me cabe a culpa. É o destino. Naquela tarde saí de casa com o simples propósito de tomar ar, e deu-se então toda essa série de circunstâncias: o tempo estava frio e chuvoso, a natureza associava-se

ao meu estado de espírito. Sucedeu então encontrar-me com Emelia no caminho. Este tinha gasto tudo o que possuía *e,* quando se encontrou comigo, havia já dois dias que não provava uma côdea de pão. Por isso estava resolvido a empenhar umas coisas de tão pouco valor que, se as quisesse vender, ninguém lhes pegava. Então, querida Bárbara, acedi a acompanhá-lo, mais por compaixão do que propriamente por vontade. E foi este o meu crime, meu amor. Falou-me de si e eu confundi as minhas lágrimas com as dele. Sim, é um excelente homem, todo bondade e dotado de um coração muito sensível. Eu compreendia tudo isso, minha querida, e precisamente porque o compreendia foi que me sucederam todas aquelas coisas.

Bem sei os favores que lhe devo, minha boa amiga! Desde que travei conhecimento consigo, melhor me fui conhecendo a mim próprio, e assim nasceu este amor. Até então, meu anjo, vivera sempre só, levara uma existência obscura, afastado da maldade do mundo. Os meus conhecidos costumavam dizer que eu tinha aspeto de mau e envergonhavam-se de me acompanhar. Isso causou-me tal impressão que acabei por me julgar mau e por sentir vergonha de mim mesmo. Garantiam que eu era curto de inteligência, e eu pensava que o era realmente. Mas, depois que a Bárbara apareceu na minha vida, varreu-se de vez a escuridão que me envolvia, fez-se luz na minha alma e no meu coração. Pude, então, saborear as delícias da paz interior e compreender que os outros não me eram superiores. Reconheço que, embora destituído de elegância, de esplendor e de maneiras delicadas — o que é verdade —, sou, contudo, um homem completo pelo coração e pelo pensamento! Pois bem: agora, ao ver-me perseguido pela pouca sorte, esqueci de todo a minha própria dignidade, deixei-me vencer pelo peso do infortúnio, demonstrando assim que perdera a coragem, o que seria a maior desgraça.

Agora que sabe tudo, meu amor, rogo-lhe, com as lágrimas nos olhos, que não me pergunte mais nada acerca desse incidente, nem me fale mais nele, pois tenho o coração destroçado e a vida já me é bem dura e atroz.

Apresento-lhe os meus respeitos, minha querida, e fico seu sincero amigo de sempre

Makar Dievuchkin

3 de Setembro

Não cheguei a terminar a minha última carta, Makar Alexeievitch, porque me custava muito escrever. Há ocasiões em que o meu gosto é estar, só, para poder, livremente, abandonar-me aos meus sofrimentos, e saborear sozinha a minha torturar tais estados de espírito são cada vez mais frequentes. Perdura qualquer coisa de misterioso nas minhas recordações, que me prende sem que eu oponha a mínima resistência; e são tão fortes os laços dessa coisa inexplicável, que passe horas e horas alheia a tudo o que me cerca e esquecida por completo do presente, de todo o presente. Sim. Na minha vida atual não há impressão alguma, seja de que género for, que não me faça recordar um facto semelhante do meu passado, sobretudo da minha infância, da minha feliz infância! Mas após estes momentos evocadores, mergulho sempre numa horrível melancolia. Perco de todo as forças, esgotada pelos meus sonhos, e cada vez sinto a saúde mais abalada.

Porém, esta manhã outonal, tão fresca, luminosa e brilhante, como agora já vão sendo raras, comunicou-me nova vida e trouxe à minha alma uma alegria indizível. Oh! Como eu gostava do outono no campo! É certo que nesse tempo eu era uma criança, mas sentia e apreendia tudo com grande intensidade. Na verdade, gostava mais das tardes de outono do que das manhãs. Ainda me lembro. A meia dúzia de passos de minha casa, junto da montanha, ficava o lago. Esse lago... Parece-me mesmo que o estou a ver... Era claro e puro como cristal! Naquelas tardes serenas, tudo se refletia nas suas águas. Não se agitava uma folha nas árvores que o marginavam; o lago, cristalino e imóvel, parecia um espelho. Puro e frio! O orvalho tremeluzia na relva. Numa cabana, ao longe, fumegava uma fogueira pastoril, e os pastores tangiam o rebanho... Eu fugia, às escondidas, de casa e ia para junto do lago; olhava-o e tornava a olhá-lo, e esquecia-me de tudo, até de mim própria. Na margem os pescadores aqueciam-se a uma fogueira de ramos, e o fogo iluminava grande superfície da água, na minha direção. O céu mostrava-se de um azul pálido

e frio, e ao Poente, no horizonte, estendiam-se manchas de um vermelho ígneo, que, pouco a pouco, se iam tornando mais pálidas, até, finalmente, perderem toda a cor. Surgia a lua. A atmosfera tornava-se tão diáfana, tão serena e calma! De repente, um pássaro levantava voo, ou ouvia-se o leve sussurrar do junco agitado brandamente pela aragem... Distinguia-se tudo claramente, até o mais ligeiro rumor. Sobre a água azul começava a formar-se, lentamente, uma branca neblina, leve e transparente. Ao longe começava a escurecer, dir-se-ia que a névoa envolvera tudo; mas, de perto, que bem se via! A embarcação, a margem, a ilha…

Um tonel, que para ali ficara esquecido na água, deixava ouvir o seu gorgolejar; um ramo de salgueiro, com as folhas secas, via-se, não muito longe, sobre o junco; uma gaivota retardatária esvoaçava, tocava na água e tornava a levantar voo, acabando por desaparecer por trás do nevoeiro... E eu para ali me deixava estar, olhando e escutando tudo aquilo, tão maravilhoso! Contudo, nesse tempo eu era uma criança!...

Encantava-me o outono em especial no seu fim, quando o trigo já fora ceifado, as grandes fainas do campo terminadas e os lavradores se metem nas suas cabanas e se começam a preparar para o inverno. Os dias então são mais escuros, e o céu cobre-se de nuvens, os bosques apresentam um tom amarelo, as árvores perdem as suas folhas, ficando despidas e negras, em especial ao entardecer, quando se forma uma bruma ainda mais húmida, e depois dão o aspeto de gigantes escuros e informes, que parecem pavorosos espectros. E se por acaso retardamos o nosso passeio e ficamos para trás das outras pessoas, que pressa nós temos de as alcançar e que horrível medo nós experimentámos! Trememos como varas verdes. Sabe-se lá se... atrás daquele tronco de árvore não estará escondido um monstro que, à nossa passagem, nos atacará! Entretanto, o vento atravessa o bosque, ruge, assobia, e às vezes parece-nos ouvir vozes que uivam e soltam gemidos, e as folhas revoluteiam pelos ares e são levadas pelo vento; de súbito, um bando de aves de rapina fere a atmosfera com os seus estridentes guinchos. O medo é cada vez maior e parece-nos escutar a voz estranha de alguém, que murmura: «Corre, corre, pobre criança; não te demores, porque de um momento para o outro este lugar será terrível; corre, meu filho...» A estas palavras que julgamos ouvir, o terror apossa-se do nosso coração e corremos, corremos sempre, até entrarmos em casa, desolados. Em casa, contudo, espera-nos a vida e a alegria; enquanto crianças, mandam-nos escolher ervilhas ou descascar semente de papoula.

Na lareira arde o lume; a mãe contempla com um sorriso o alegre trabalho das crianças, e a velha ama Iliana conta-nos pavorosas histórias de bruxas e salteadores. E nós, ainda crianças, chegamo-nos bem umas às outras; mas o riso não nos sai dos lábios. De um momento para outro, tudo mergulha no silêncio... «Ouve: parece que estão a bater à porta!...» Mas não! É o ruído da roca da tia Frolovna. E desatamos todos a rir! Depois vamos para a cama, mas o medo não nos deixa dormir, pavorosas visões e pesadelos afugentam o sono. Acordamos e não nos atrevemos a mexer-nos, e assim ficamos, despertos e a tremer, até raiar a aurora, sempre com a cabeça debaixo da roupa. Quando o sol entra no quarto, levantamo-nos, desembaraçados e alegres. Espreitamos então com curiosidade pela janela, e vemos campos de restolho, em que brilham argênteas gotas outonais, e todas as árvores e arbustos cobertos de orvalho. O gelo formou como que um ténue disco cristalino na superfície do lago e os passarinhos deixam ouvir os seus alegres gorjeios. E o sol, por toda a parte, trespassa, com os seus quentes raios, o fino gelo, como se fora cristal. Como tudo é claro, reluzente, delicioso!

Na lareira arde outra vez o lume; sentamo-nos à mesa onde já ferve o *samovar,* e através de uma janela olha para nós o negro cão *Polkan,* agitando a cauda. Nisto passa junto da casa um lavrador que se dirige para o bosque, à procura de lenha. E todos se sentem contentes e bem-dispostos! Nos celeiros erguem-se grandes montões de trigo e o coruto de palha das medas de feno brilha ao sol, despedindo cintilações de amarelo-ouro... É tão agradável contemplar tudo isso!... Todos se sentem contentes, irradiam felicidade; reconhecem a bênção de Deus que lhes concedeu a colheita; todos sabem que no inverno não passarão necessidade, e poderão dar aos seus filhos pão com fartura. E esta atmosfera de bem-estar reflete-se nas canções das moças que, às tardes, sorridentes, dançam em roda. Aos domingos toda a gente vai à igreja agradecer a Deus, com suas orações, os benefícios que se dignou conceder-lhe... Ah, como foi bela, que maravilhosa a minha infância...

Ao recordar assim o meu passado, as lágrimas brotam-me, abundantes, dos olhos, como se eu fosse uma criança. Revejo esses bons tempos com tanta nitidez, essa época da minha vida revive de tal modo no meu espírito, que agora o presente se me afigura ainda mais triste e desolador... Que fim terá tudo isto? Que será de nós? Sabe? Pressinto, ou melhor, estou convencida de que vou morrer neste outono. Sinto-me doente, muito

doente. A cada passo penso na morte; mas, na verdade, não me apetecia morrer assim... Não queria que o meu corpo fosse sepultado em S. Petersburgo. Creio que vou recolher à cama outra vez, como sucedeu na primavera, pois não cheguei a restabelecer-me completamente daquela doença.

A Fédora saiu e só voltará à noite, de modo que estou sozinha em casa. Ultimamente até sinto receio de me ver só; tenho a impressão de que se encontra alguém na minha companhia, em especial quando me abandono a estes devaneios em que me mergulham as recordações, fazendo-me esquecer a realidade. De repente, desperto e olho à minha volta, parecendo-me então sentir que algo de sinistro se encontra escondido dentro de casa. É por isso que lhe escrevo uma carta tão extensa, sabe? É que quando escrevo, esqueço-me de tudo.

Adeus, meu bom amigo. Fez muito bem em dar dois rublos à sua patroa; assim, ela deixá-lo-á sossegado por algum tempo... Mas veja se, de qualquer modo, consegue arranjar um fato mais decente. Com isto, não escrevo mais, que estou cansada... Não compreendo a razão desta minha fraqueza. O mais pequeno esforço me fatiga. Se a Fédora me trouxer trabalho, como poderei fazê-lo? É isto o que me desanima.

B. D.

5 de Setembro

Minha querida Bárbara:

Hoje, meu anjo, experimentei várias impressões. Doeu-me a cabeça durante todo o dia, e ao cair da tarde resolvi ir tomar um pouco de ar fresco junto do canal de Fontanka, a ver se melhorava. O tempo estava húmido e cinzento. Como sabe, agora, por volta das seis horas é noite. Não chovia, mas caía um frio orvalho que é ainda mais desagradável do que propriamente a chuva, e as nuvens formavam no firmamento compridas e largas manchas. Andava muita gente pelo cais, mas só distingui rostos claros, horríveis, caras capazes de pôr triste uma pessoa: *mujiques* bêbedos; finlandesas de narizes encarnados, com botas de homem e o cabelo despenteado; operários e cocheiros — gente de todas as idades —, aprendizes de serralheiro de blusa com nódoas, entre eles um rapazito magrinho e pálido, moreno e besuntado de óleo, levando na mão uma fechadura; um soldado reformado, de elevada estatura, que oferecia aos transeuntes navalhas e anéis de cobre, por baixo preço..., etc., etc. A tal hora não podia encontrar-se outro género de passeantes por aquele local?

O Fontanka é um canal largo e com grande profundidade, que permite a navegação, e veem-se ali barcos em tal número, que parece impossível caberem lá tantos... Pois, ao fim e ao cabo, não passa de um canal, não é um rio. Ao longo do cais encontravam-se mulheres sentadas, velhas e sujas, que vendiam bolos molhados e maçãs quase podres. Resumindo, o Fontanka é um local muito triste para passeio. O pavimento, de granito, está húmido. Assim, por baixo, os pés enterram-se na neblina, e sobre a cabeça cai neblina também. As casas são altas e escuras... Que triste e aborrecida decorreu esta tarde!

Ao chegar à rua de Gorochovaya era noite fechada e já se encontravam acesas as luzes. Havia muito tempo que não passava por ali, e melhor fora que não tivesse lá posto boje os pés. Que rua larga e populosa! Tantas lojas, tantas montras! Tudo muito iluminado e brilhante... Tecidos e

vestidos de seda de mistura com flores e cristais... Que bonitos chapéus com fitas e laços! Dá a impressão de que tudo aquilo foi ali colocado para embelezar a rua; mas não, há homens que compram essas coisas para oferecer às suas mulheres. Esplêndida rua, não há dúvida! É ali que se situam as padarias de vários alemães... Deve tratar-se de gente de grossos cabedais. O movimento de carros é tão intenso que não sei como o pavimento pode resistir! E então é cada trem! As janelas deles parecem espelhos e são interiormente forrados a cetim e seda; e os cocheiros e lacaios, todos empertigados, envergam brilhantes uniformes agaloados! Eu olhava para todos aqueles carros ao passar, e via sempre neles senhoras sentadas, muito luxuosas e elegantes, talvez princesas ou condessas que àquela hora iam certamente a algum baile, jantar ou serão. Ainda gostava de ver, ao pé, uma dessas grandes damas da alta sociedade. Sim, deve ser uma coisa muito agradável. Nunca tive esse prazer; contento-me com vê-las através dos vidros e de passagem, como agora sucedeu. O que me lembrei hoje de si, querida Bárbara! Minha pomba, meu anjo, valerá porventura menos do que elas? Não; a Bárbara é boa, bonita e instruída! Porque a persegue tanto o infortúnio? Que triste quinhão lhe reservou a sorte! Porque será que o homem de bem tem de viver pobre e miserável, enquanto a felicidade vai ter com os outros sem que a procurem? Bem sei, bem sei, meu amor, que não devo pensar assim; isso chama-se livre-pensamento. Mas a verdade é que — isto falando com sinceridade e franqueza —, ao cabo de muito refletir sobre a justiça das coisas, não chego a compreender como é que uns ainda no ventre da mãe estão destinados a serem felizes por toda a vida, ao passo que outros são atirados para a Roda e só conhecem tribulações durante todo o tempo que se demoram por este mundo de Cristo! E, entretanto, a vida é isto, e às vezes até qualquer imbecil Ivanuchka é protegido pela sorte.

«Tu, imbecil Ivanuchka — diz o Destino —, tira quanto puderes do bolso de teu pai; come, bebe e diverte-te. Mas tu, e tu, e tu, fazei boca, que não fostes julgados merecedores de melhor sorte!»

É pecado, meu amor, bem sei que é pecado pensar assim; mas à força de tanto refletir, os pecados invadem-nos a alma, involuntariamente. Com efeito, meu anjo, porque não havemos de passear também de carruagem? Tenho a certeza, de que até generais e altos funcionários do Estado disputariam a graça de um olhar dos seus… não dos meus. Em vez desse vestido velho de algodão, envergaria um de seda, e no seu corpo

brilhariam pedras preciosas. Não estaria, certamente, tão magra e pálida como agora, antes se apresentaria fresca, rosada e gorda como uma boneca. Poder, então, ver da rua as suas janelas iluminadas e distinguir de vez em quando a sua sombra já seria para mim verdadeira felicidade. Só de a imaginar assim feliz e contente, minha pomba, me sinto também invadido de felicidade e contentamento. Mas, agora, como se não bastasse que a maldade humana a tivesse desgraçado, surge ainda um grosseiro a insultá-la! E porque esse canalha enverga um fato de corte impecável e pode vê-la através de umas lentes de aros de ouro, apenas por isso, é-lhe permitido tudo o que lhe apetecer, enquanto a Bárbara se vê obrigada a escutar com paciência as suas palavras insolentes. Onde está, pois, a justiça?

Sabe porque sucede isto? Porque a Bárbara é órfã; porque não tem quem a defenda; porque não tem um amigo poderoso que a ampare e a proteja.

Mas que homem é esse, que homens são esses que não têm o menor pejo em ofender uma órfã? Nem homens são; são uns vadios, uns rufiões, seres desprezíveis que só juntos é que valem alguma coisa, mas sem a entreajuda da classe nada representam... Sei muito bem que é assim. Aí tem o que é essa gente. Em minha opinião, querida Bárbara, o mendigo que vi hoje na Gorochovaya é mais digno da estima dos homens do que esse canalha. Esse pobre arrastava-se por ali penosamente, a ver se arranjava meia dúzia de *kopeks* para prover ao seu sustento; mas, no fundo, é senhor de si mesmo e só tem de procurar que comer. Não pede, propriamente, esmola, sem mais nem menos; toca realejo sem cessar, como uma máquina a que deram corda para distrair o povo. Quer dizer, é útil à sociedade, na medida das suas posses. Sim, é um pobre mendigo, e há de sê-lo sempre, mas é, por isso mesmo, um homem honrado; está alquebrado e decrépito e passa um frio horrível, no entanto trabalha, e embora o seu trabalho não seja igual ao dos outros, o certo é que trabalha. E como este há muitos homens honrados, meu amor, muitos que, apesar de ganharem uma insignificância em relação à atividade que exercem, não precisam de se inclinar diante de ninguém, nem de saudar humildemente o próximo, nem mesmo pedir a quem quer que seja um bocado de pão por caridade. Eu sou como esse mendigo, se bem que, por natureza, totalmente diferente. Pareço-me com ele neste aspeto: também faço o que as minhas

forças me permitem. Não será muito, mas é, com certeza, mais do que nada.

Se lhe falei tanto daquele mendigo, querida Bárbara, foi porque, devido ao seu encontro, experimentei ainda maior infortúnio. Cruzaram-me pelo cérebro estranhos pensamentos que me deixaram como que entontecido, e para ver se os afugentava, parei então com os olhos postos no músico ambulante. A ouvi-lo pararam também uns cocheiros, depois uma mocinha e mais tarde uma criança muito suja. O mendigo instalara-se ao pé da janela de uma casa. Entre os circunstantes, despertou a minha atenção um rapazito de uns dez anos, que seria lindo se não fosse o-aspeto doentio e faminto do seu rosto. Vestia uma simples camisita e uma espécie de calças muito finas. Naquele preparo, e para mais descalço, ali estava de boca aberta a ouvir a música. As crianças são sempre as mesmas! Tinha, segundo parecia, toda a sua atenção concentrada, com infantil assombro, nas marionetes que dançavam sobre o realejo do mendigo, enquanto, com as mãozitas e os pés arroxeados pelo frio, tremia todo e mordia a manga com os dentes... Segurava na mão um bocado de papel. Passou um senhor e atirou uma moeda ao tocador, a qual foi cair precisamente sobre a tábua onde dançavam as marionetes. Mal o pequenito ouviu o retinir, da moeda, saiu da sua abstração; olhou timidamente em redor e, julgando que fora eu quem atirara o dinheiro, aproximou-se de mim, a tiritar, estendeu-me o papel e, com voz mal segura, disse-me: «Uma esmolinha, cavalheiro!»

Peguei no papel, desdobrei-o e li-o... Tinha os dizeres já conhecidos: «Almas caridosas, sou uma pobre mãe doente, com três criancinhas com fome... Tende compaixão de nós! Não me esquecerei dos meus benfeitores nas minhas orações, e quando for chamada à Divina Presença, pedirei a Deus por aqueles que não esqueceram os meus queridos filhos.»

Não há que pensar, a coisa é clara e vulgar. Mas que havia eu de lhe dar? Não lhe dei nada. E contudo inspirou-me tanta compaixão! O pobre pequeno estava roxo de frio e com a cara de esfomeado; apesar disso, ninguém o socorria!

Eu bem sei o que é isto! o que indigna é essas mães não poderem sustentar os filhos e mandarem-nos para a rua mendigar, quase nus e com um frio destes. A mãe daquele rapazito deve ser uma imbecil, que não sabe cumprir o seu dever; talvez ninguém a ajude, e ela deixa-se estar em casa sentada, sem fazer nada. Mas é possível também que esteja doente! Sim; mas, de qualquer modo, o que ela tinha a fazer era dirigir-se a uma

instituição de beneficência, ou então apresentar-se à polícia, que é o que em tais casos se deve fazer. Pode, porém, tratar-se simplesmente de uma embusteira que manda para a rua uma criança esfomeada e doente para enganar o público, até que o pobre pequeno piore e acabe por ir desta para melhor. E que é que o infeliz aprende nesta vida de mendicidade? O seu coração tornar-se-á duro e cruel. Leva o dia, de manhã à noite, de um lado para outro, a pedir. Passa por ele muita gente, mas ninguém repara na sua infelicidade. Só têm para ele palavras duras e cruéis.

«Põe-te a andar, desaparece, vadio!» — é o que ele ouve. E o coração daquela criança confrange-se, o pobre tirita, assustado, cheio de frio. Incham-lhe os pés e as mãos. Passado tempo, começa a tossir. A doença, como um verme porco e horrendo, vai-lhe roendo o peito; o insensivelmente, a morte lançar-lhe-á as suas garras e o pobrezinho cairá mortalmente ferido em qualquer cubículo imundo, sem tratamento ou assistência E assim terminará a vida! Sim, querida Bárbara, é o que sucede a muitos seres humanos. Como é doloroso, meu amor, ouvirmos estas palavras: «Pelo amor de Deus», e termos de prosseguir o nosso caminho sem darmos nada, dizendo apenas: «Deus o ajude!»

Verdade seja que muitos «Por amor de Deus» não são motivo para compaixão. É que há várias espécies de «Por amor de Deus», querida Bárbara! Uns são de pedinchão rotineiro, em tom arrastado, salmodiante, indiferente. Esse é o mendigo de profissão, que se defende bem, graças à prática que tem da mendicidade. Se passarmos junto deste e não lhe dermos nada, não haverá nisso grande mal. Há outros, porém, que imploram a caridade em voz rude, torturada, terrível. Ao ouvirmos o apelo destes infelizes, sentimos como que um calafrio percorrer-nos as costas e as pernas... Foi precisamente o que me sucedeu hoje com o pequeno do papel. Encontrava-se junto da parede sem dizer palavra, até que, finalmente, se dirigiu a mim: «Uma esmolinha, cavalheiro, pelo amor de Deus!» — me disse ele com uma voz tão hesitante e cava que, involuntariamente, estremeci de terror. E não lhe dei a esmola porfie não tinha nada que lhe dar. Há ricos que não querem ouvir os pobres queixarem-se do seu infortúnio. «São a vergonha da sociedade e uns importunos» — dizem. Dar-se-á o caso de os lamentos dos esfomeados não deixarem dormir os que estão fartos?

Para lhe falar com franqueza, meu amor, escrevi-lhe tudo isto, não só para desafogar o meu coração, mas também — e principalmente para isso,

devo confessar-lhe — a fim de lhe dar uma amostra do meu bom estilo. Já deve, decerto, ter notado, querida Bárbara, que ultimamente o meu estilo tem melhorado de modo apreciável. Mas em vez de com isto desafogar o coração, enquanto escrevia, invadiu-me tal pena, que, realmente, começo a sentir verdadeira piedade dos meus próprios sentimentos, embora saiba muito bem que com esta piedade nada consigo. Mas, ao menos, de certo modo, faço justiça a mim mesmo!

Na verdade, meu amor, a gente humilha-se até mais não poder ser, sem razão; julga-se valer menos que um *kopek*, menos que uma palha. Mas isso deve-se apenas ao facto de nos assustarmos e diminuirmos, exatamente como aquele pequeno que hoje me pediu esmola.

Mas deixe-me continuar com as minhas alegorias, querida Bárbara, e preste atenção ao que lhe vou dizer.

Às vezes, quando me levanto de manhã para ir para o trabalho, ponho-me a contemplar o aspeto da cidade, a ver como ela desperta gradualmente e se vai levantando, o fumo que começa a subir das chaminés, o movimento e o barulho. Esqueço-me, então, de mim mesmo e perante esse espetáculo sinto-me pequeno e insignificante, como se alguém me tivesse dado um soco no nariz curioso... Sim, nessas ocasiões, prossigo no meu caminho, acanhado e sem sequer me atrever a pensar em nada! Mas faça ideia, por um momento, do que se passa no interior dessas casas grandes e negras, faça um esforço de imaginação, e depois veja se teremos motivos para nos humilharmos tanto e deixarmo-nos acobardar tão indignamente... Lembre-se, querida Bárbara, de que estou a falar apenas alegoricamente; as minhas palavras não devem ser tomadas ao pé da letra.

Vejamos agora o que há dentro destas casas.

Ali, no canto mofento de um sótão defumado, que só por grande necessidade se pôde tornar uma residência para seres humanos, acordou um operário. Passou toda a noite a sonhar com um corte que ontem, por descuido, deu num par de botas. Como se um homem só devesse sonhar com insignificâncias!... Sim, mas é que esse operário é sapateiro, e isso explica tudo. Tem filhos pequenos e a sua mulher passa fome. Não pense, porém, minha querida, que essas coisas só sucedem aos sapateiros. O caso, em si, nada representaria, nem mereceria qualquer referência especial; mas repare, meu amor, nesta circunstância: na mesma casa, mas num quarto com todo o luxo, outra pessoa passou a noite a sonhar também com um par de botas. Claro que essas botas do sonho do cavalheiro rico eram

de outra classe, naturalmente, mais elegantes, mas ao fim e ao cabo não passavam de umas botas. Quero eu dizer com esta minha alegoria que todos somos um pouco sapateiros. Isto também nada teria de particular; o mal está em que não haja um homem, um só, junto dele, que lhe pudesse sussurrar ao ouvido: «Deixa-te dessas coisas, não penses nisso; pensa apenas em ti, em ti, e lembra-te de que não és um pobre sapateiro e tens os teus filhos com saúde e uma mulher que não se queixa com fome; olha em tua volta e vê se descobres outra coisa mais nobre e digna das tuas preocupações, do que as tuas botas».

Era isto, querida Bárbara, que eu queria explicar em forma alegórica. Talvez que isto seja uma ideia um pouco avançada; no entanto, às vezes agita-se dentro do nosso peito, e quando assim acontece, escapam-se-nos do coração palavras amargas. Por isso é que eu digo que não há motivo para nos humilharmos como eu fiz, só porque alguém murmurou qualquer coisa a nosso respeito. Talvez considere uma insinuação maldosa o que acabo de expor, ou que fui beber estas ideias a qualquer livro. Não, querida Bárbara; não é nada disso; esteja descansada, que eu não sei pintar as coisas com cores negras, nem tão pouco sou precipitado nas minhas afirmações, devo dizer-lhe!

Regressei a casa muito triste, sentei-me à mesa, pus um pouco de água a aquecer e ia deitar-lhe um bocado de chá, quando, de repente, entrou no meu quarto Gorchkov, o pobre que vive em nossa casa. Já de manhã tivera a impressão de que ele andava através do corredor a espreitar às portas dos outros quartos, e de uma vez até me parecera que ele mostrava vontade de se dirigir a mim. Diga-se de passagem que a sua situação é pior, muito pior do que a minha. Nem pode comparar-se! Tem mulher e filhos para manter... Quer dizer, eu no seu lugar... Ora... Não sei o que faria no seu caso!... Pois, como ia dizendo, o bom Gorchkov entrou no meu quarto e cumprimentou-me, com uma lágrima a brilhar-lhe nas pestanas, como de costume... A sua boca emitia um pequeno ruído, mas sem chegar a articular qualquer palavra. Ofereci-lhe uma cadeira, desengonçada, claro, pois é a única que possuo. Convidei-o a tomar chá e ele recusou com insistência, mas por fim aceitou. Em seguida, queria bebê-lo sem açúcar, mas eu opus-me, e ele, depois de apresentar pretextos e desculpas para a sua preferência, que eu rebati, agradeceu, voltou a insistir na sua obstinação e acabou por deitar um torrãozinho na chávena. Afirmou então

que o chá, de tão doce, até estava enjoativo. Ora veja, querida Bárbara, aonde a miséria nos pode conduzir!

— Então, que há de novo, meu amigo? — perguntei-lhe.

— Simplesmente isto, Makar Alexeievitch. Peço-lhe que nos socorra; ajude-me, ampare uma família desgraçada, que se encontra na maior miséria! Meus filhos e minha mulher!... Não temos absolutamente nada que meter na boca!... E eu, como pai... Ponha-se no meu lugar, compreenda o meu sofrimento!...

Ia para dizer qualquer coisa, mas ele interrompeu-me:

— Aqui, tenho medo de toda a gente, Makar Alexeievitch; quer dizer, não é precisamente que lhes tenha medo, mas, compreende, sinto vergonha... São todos tão orgulhosos e altivos! Também não queria incomodar o senhor — acrescentou — se não fosse... Já sei que tem tido grandes dificuldades e que não me pode dar muito; mas talvez tenha possibilidade de me emprestar qualquer coisa! Por conhecer a bondade do seu coração e saber que também já tem passado necessidades e é pobre, foi que ousei pedir-lhe auxílio, na certeza de que, por tais motivos, se compadeceria da minha triste situação...

Por último, pediu-me desculpa do seu atrevimento e ousadia. Respondi-lhe que da melhor vontade lhe valeria, mas que não tinha nada, ou quase nada, que lhe dar.

— Oh! Makar Alexeievitch, não julgue que lhe vou pedir muito — principiou, corando até à raiz dos cabelos —, mas a minha mulher e os meus filhos têm fome. Não poderia emprestar-me dez *kopeks* apenas, Makar Alexeievitch?

Que havia de lhe dizer, querida Bárbara? Aquelas palavras faziam-me sangrar o coração. Comparado com ele, eu era rico! Na verdade, vinte *kopeks* constituíam toda a minha fortuna, com a qual contava aguentar-me até receber o meu ordenado. Respondi, por isso, que me era de todo impossível valer-lhe... E pu-lo ao corrente da situação.

— Dez *kopeks*, apenas dez *kopeks*, meu amigo, senão morremos de fome, Makar Alexeievitch...

Fui então buscar à gaveta os vinte *kopeks* e dei-lhos, minha boa amiga... Era uma obra de caridade. Sim, a miséria... Coitado de quem vive nela! Depois conversámos durante uns momentos, perguntando-lhe, entre outras coisas, como é que ele se encontrava em tão desesperada situação e

morava num quarto que não custava menos de cinco rublos de prata por mês.

O pobre homem explicou-me então que alugara o quarto por seis meses, tendo pago um trimestre adiantadamente. Mas depois as coisas pioraram e já não pudera pagar os outros três meses, nem tão pouco arranjar dinheiro para mudar de casa. Entretanto, aguardava debalde a solução de um processo em curso. Mas um processo é uma coisa tão complicada, querida Bárbara. Como sabe, foi acusado de conivência em irregularidades cometidas por um negociante, nuns fornecimentos que este fez ao Estado. Os abusos foram descobertos e o comerciante foi preso, tendo então metido Gorchkov no assunto. Este, contudo, apenas pôde, na realidade, ser acusado de negligência por não ter inspecionado convenientemente os fornecimentos e não haver zelado, como devia, os interesses do Estado. De qualquer modo, porém, há já dois anos que o processo corre os seus trâmites e, até hoje, ainda não estão bem esclarecidas todas as circunstâncias. Assim, não pode, por enquanto, ser reconhecida a inocência de Gorchkov. «Estou completamente inocente da infâmia que me atribuem — diz o próprio Gorchkov. — É certo que, de certo modo, não cumpri o regulamento, mas não cometi qualquer fraude nem a encobri.»

Apesar dos seus protestos de inocência, e de nada se haver apurado de concreto contra ele, como já disse, exoneraram-no do cargo que desempenhava. Enquanto não surgir a sentença que o reabilitará, não pode tomar conta de uma quantia apreciável que o comerciante lhe deve e que o tribunal tem em seu poder. E assim se vai passando lamentavelmente o tempo, sem que o infeliz veja proclamada a sua inocência.

Eu acredito sinceramente nas suas palavras, querida Bárbara, mas a justiça não pensa do mesmo modo. O assunto é tão complicado, que, possivelmente, nem em cem anos ficará esclarecido. Às vezes parece o caso caminhar para a solução definitiva; mas o comerciante, então, volta a complicá-lo, e tudo muda novamente de feição. Tenho sincera pena da infelicidade de Gorchkov, meu amor, e estou inteiramente do seu lado. Um homem sem emprego dificilmente consegue trabalho, pois a notícia da sua incapacidade depressa se espalha. O pouco que o pobre Gorchkov tinha amealhado, já o comeu. E este estado de coisas pode prolongar-se, sabe-se lá por quanto tempo... Mas eles têm de viver... E eis que, em situação tão crítica, lhes nasceu um filho, o que ocasiona sempre despesas. A mulher

também se encontra doente e ele, por seu turno, padece não sei de que moléstia contagiosa. Em suma: infeliz sorte, muito infeliz.

O pobre homem assevera, convicto, que o processo deve ser julgado dentro de dias, e a seu favor, não o duvida. Tenho compaixão dele, muita compaixão, é verdade! Tratei-o o mais afetuosamente possível, pois tem-se tornado extremamente tímido e o que anseia é uma palavra de conforto, de bondade e de afeto. Eu, como digo, tratei-o nos mais afetuosos termos.

Bem, adeus, meu amor. O Senhor a acompanhe e lhe conserve a saúde. Quando penso em si, minha querida, é como se derramasse um bálsamo na minha alma doente. Até mesmo sofrer por si é para mim um prazer.

Seu sincero amigo

Makar Dievuchkin

9 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Escrevo-lhe esta carta completamente transtornado. Um terrível incidente excitou-me a tal ponto, que quase perdi os sentidos. Sinto tonturas na cabeça e parece-me ainda que tudo anda às voltas. Ai, meu amor, não sei como contar-lhe o sucedido! Nunca nos passou pela mente que tal se desse! Se bem que... julgo ter pressentido tudo, é verdade; absolutamente tudo! O coração já mo segredava, e não vai há muito que tive um sonho em que vi uma coisa semelhante!

Ouça agora o que me sucedeu! Desta vez contar-lhe-ei tudo sem me importar com o estilo: com toda a simplicidade, conforme a inspiração de Deus.

Esta manhã, dirigi-me, como de costume, para a repartição. Cheguei lá, sentei-me e pus-me a escrever. Como sabe, minha querida, já ontem estive no mesmo serviço, e quando estava a trabalhar, fui abordado por Timotei Ivanovitch, que me disse: «Tem aqui um documento de grande importância, que deve copiar com urgência. Por isso, agarre-se já a ele... Boa letra e o máximo cuidado! Sua excelência queria-o pronto depressa para ser assinado ainda hoje...» Antes de mais nada, devo lembrar-lhe que ontem não me encontrava muito bem-disposto; achava-me abatido de compaixão e de dor, embora o não deixasse transparecer. Sentia frio no coração e trevas no cérebro. Mas os meus pensamentos iam todos para si, meu anjo! Bem, principiei a cópia, com boa letra e muito cuidado; mas eis que... Olhe, não sei explicar-lhe exatamente se foi o diabo — Deus me perdoe — em pessoa que me guiou a mão, ou se qualquer outra força misteriosa, ou se de facto tinha simplesmente de suceder; o certo é que saltei uma linha inteira. Só Deus sabe o sentido que o texto tomou com aquele salto, talvez um verdadeiro absurdo. Mas o documento só ficou pronto ao fim da tarde, de modo que apenas esta manhã pôde ser apresentado à assinatura de sua excelência.

Pois quando hoje lá cheguei, como de costume, ocupei o meu lugar ao lado de Emelia Ivanovitch. Devo dizer-lhe, minha querida, que de algum tempo a esta parte sinto cada vez mais vergonha e procuro mais do que nunca esconder-me. Ultimamente até perdi a coragem de olhar as pessoas de frente. Mal dou fé de mexerem uma cadeira, fico logo mais morto do que vivo. Nesse estado de espírito me encontrava hoje; estava todo dobrado sobre o trabalho, muito quietinho no meu sítio, como um ouriço, quando Efin Akimovitch (o maior brincalhão deste mundo), de repente, me disse em voz alta, de modo que todos ouvissem:

— Porque está assim sentado, Makar Alexeievitch? Parece um U!

E ao dizer isto, fez tal trejeito que todos desataram a rir à minha custa, naturalmente, que não à dele. Pois foi o que o tipo me disse! Tapei os ouvidos, fechei os olhos e não me mexi. É o que costume fazer sempre quando me dirigem piadas, e deste modo mais depressa me deixam em paz. Mas de repente ouvi vozes excitadas, uns passos apressados, corridas e vozes. Ouvi... — mas não se enganariam os meus ouvidos? — Ouvi chamar-me, pelo meu nome, chamar por Dievuchkin. O meu coração palpitou desordenadamente e por todo o corpo senti um medo como nunca tivera em toda a minha vida! Continuei sentado na cadeira.

Como se estivesse morto, sem me mexer, porque eu já não era eu! Mas os gritos soavam cada vez mais perto, mesmo junto de mim. «Dievuchkin! Mas onde está Dievuchkin? Dievuchkin!» Abri então os olhos e deparou-se-me Evstafii Ivanovitch... Ainda o ouvi repetir: «Makar Alexeievitch, venha já a sua excelência. Arranjou-no-la boa com a sua cópia!» Disse-me apenas isto, e chegou bem. Não lhe parece, minha querida, que era o suficiente? Fiquei como que petrificado, simplesmente morto, não senti mais nada, e dirigi-me para o gabinete do ministro... Quer dizer, quem se dirigiu foram os meus pés, porquanto, a bem dizer, a minha pessoa encontrava-se mais morta do que viva! Levaram-me através de uma sala, depois atravessei outra e outra ainda, até chegar ao gabinete de sua excelência... Só ali tive consciência do sítio em que me achava. Não posso dizer-lhe, de modo nenhum, os pensamentos que então me cruzaram pela mente. Vi diante de mim o ministro, rodeado pela sua gente. Julgo que nem sequer me lembrei de lhe fazer uma inclinação de cabeça. Os lábios e as pernas tremiam-me de emoção. E tinha razões de sobra para isso, meu amor! Em primeiro lugar porque sentia muita vergonha, e depois porque, tendo-me virado casualmente para a direita, mirei-me ao espelho, e

verifiquei que tinha motivo de sobra para cair redondamente no chão. Além disso, procurara sempre portar-me tal como se não existisse, pelo que não era provável que sua excelência tivesse de mim a mais vaga ideia. Talvez o ministro tivesse ouvido dizer, de passagem, que na sala quatro, trabalhava um empregado de nome Dievuchkin, mas não devia ser mais circunstanciada a referência.

Pois, de súbito, sua excelência, muito zangado, exclamou:

— Como é que o senhor fez este disparate, não me dirá? Onde tinha os olhos? Um documento tão importante e que tinha de ser enviado urgentemente! E o senhor arranja um serviço destes! Em que estava a pensar, homem?

E ao dizer isto, sua excelência virava-se para Evstafii Ivanovitch. Apenas consegui compreender algumas palavras soltas, que pareciam vir do outro mundo: *Descuido! Negligência! Não faz senão tolices!*

Abri a boca, mas não consegui articular palavra. Queria desculpar-me, pedir perdão, mas não podia. Deitar a fugir… nem pensar nisso. De repente, sucedeu uma coisa... uma coisa, meu amor, que até tenho vergonha de contar. Um botão do meu casaco — diabos o levem! —, um botão que se encontrava preso apenas por um fio, de súbito caiu ao chão (decerto toquei-lhe, não sei como) e, rodando, foi ter mesmo junto dos pés de sua excelência, rodando sempre no meio do silêncio sepulcral que ali reinava. E foi àquilo que ficou reduzida a minha justificação, a minha desculpa, tudo o que tinha a dizer ao ministro! As consequências foram imediatas. Logo sua excelência atentou no meu aspeto e no meu fato. Lembrei-me do que vira no espelho... E não é preciso dizer mais nada... Baixei-me, para apanhar o botão e colocar de novo no respetivo sítio o inoportuno desertor. Perdera por completo o juízo! Estendi a mão para o alcançar, mas ele continuava a rodar como um pião, e por mais esforços que fizesse, nada conseguia… Mesmo quanto a habilidade, estava a dar bonitas provas!

De súbito, senti que me abandonavam as minhas últimas energias e que estava tudo perdido. Fora-se toda a dignidade, a minha reputação acabara-se! Ao mesmo tempo senti um zumbido nos ouvidos e tinha a impressão de que, através da parede, chegavam até mim os insultos de Teresa e Faldoni, tão habituado estou a ser insultado por eles na cozinha.

Finalmente, consegui apanhar o botão e levantei-me. Mas em vez de fazer por reparar de certo modo a falta cometida e me conservar direito e

j:om as mãos na costura das calças, fui tão imbecil que me pus a ver se segurava o botão no respetivo sítio, com duas pontas de fio ali existentes. Como se pudesse prendê-lo com tanta facilidade! E ainda me ria do caso, é verdade; tinha o descaramento de me rir!

Sua excelência olhou outra vez para mim, e ouvi-o a seguir dizer a Evstafii Ivanovitch:

— Olhe... Repare no aspeto dele! Porque é que anda assim? Que quer aquilo dizer?

Ai, minha querida! Não era preciso mais nada! Sua excelência tinha dito tudo com clareza. Evstafii Ivanovitch respondeu-lhe:

— Não tem havido motivo para lhe dirigir a mínima censura, Excelência; o seu porte, até hoje, tem sido irrepreensível, verdadeiramente exemplar... Tem boa letra... e ganha um ordenado regular...

— Bem, então, veja a forma de o ajudar — continuou o ministro. — Faça-lhe um adiantamento...

— Adiantamentos já lhe foram feitos de mais; já recebeu adiantadamente uma data de meses. Decerto atravessa qualquer crise especial. Quanto ao resto, como digo, o seu porte é irrepreensível, exemplar...

Sentia-me, meu anjo, como que no meio de um círculo de chamas infernais, que me queimavam e tostavam vivo! Eu... Já não era nada, havia exalado o último suspiro, tinha morrido e estava morto.

— Bem — disse sua excelência em voz alta —, é preciso fazer outra cópia. Dievuchkin, venha cá; vai copiar isto novamente, sem erros; e os senhores…

Dizendo isto sua excelência voltou-se para os circunstantes e deu-lhes diferentes ordens, após o que eles se foram retirando. Logo que o último saiu, sua excelência tirou prontamente a carteira do bolso, da qual pegou numa nota de cem rublos.

— Olhe, é quanto posso dar-lhe... Pegue lá. Atribua ao meu gesto o sentido que entender...

E meteu-me na mão a nota.

Estremeci com a comoção, meu anjo. Não sei explicar o que se passou dentro de mim. Quis agarrar-lhe na mão para a beijar, mas ele pôs-se vermelho, meu amor, é pura verdade o que lhe digo, e pegou nesta indigna mão e apertou-ma — tudo isto como se se tratasse da mão de um igual, de qualquer personagem da sua categoria.

— Bem, pode retirar-se — disse. — É quanto posso fazer por si. Copie o documento outra vez, mas veja que não se engane. Esta cópia pode rasgar-se.

Pois agora, meu amor, ouça o que pensei: rogar a si e à Fédora, como o faria aos meus filhos se os tivesse, que nas suas orações peçam a Deus, não pelo seu pai, mas por sua excelência, e que rezem por ele enquanto forem vivas. Sim, minha querida, vou dizer-lhe mais uma coisa solenemente e preste-lhe toda atenção: por maior que fosse a penúria em que me achava e por muito que a nossa falta de recursos me fizesse sofrer, ao pensar na necessidade da minha boa amiga e nas dificuldades com que se debatia e, portanto, ao lembrar-me da minha triste condição e da minha inutilidade, juro-lhe que estes cem rublos não representam para mim tanto como o gesto de sua excelência ao dar-me a mim, o bêbedo, o mau entre os maus, a sua mão e dignar-se apertar a minha, tão indigna. Com este movimento, sua excelência restituiu-me ao meu verdadeiro ser; ressuscitou-me de entre os mortos; suavizou-me a vida para sempre. E estou firmemente convencido de que, embora pecador aos olhos do Altíssimo, as minhas preces pela saúde e prosperidade de sua excelência hão de chegar ao trono de Deus e Ele há de ouvi-las!...

Querida, meu amor! Encontro-me, neste momento, inusitadamente excitado, perturbado. O meu coração palpita e dá saltos, e sinto-me tão fatigado como se todas as minhas forças fossem abandonar-me.

Mando-lhe quarenta e cinco rublos; dei vinte à minha patroa e fico com trinta e cinco para mim. Destes, vinte destino-as à aquisição de algumas peças de roupa, e o restante para ir fazendo face às necessidades de cada dia.

Todas as impressões desta manhã deixaram-me tão fatigado, que me sinto muito fraco. Vou-me deitar. De resto, agora, estou absolutamente tranquilo. Apenas experimento uma espécie de peso no coração e, no fundo, não sei onde, sinto como que a minha alma a agitar-se, a esvoaçar. Irei vê-la em breve, mas, de momento, ainda tenho a cabeça transtornada com todas estas sensações...

Deus vê tudo, minha querida, tudo!

Seu digno amigo

Makar Dievuchkin

10 de Setembro

Meu querido Makar Alexeievitch:

A sua felicidade causou-me indizível alegria e sei avaliar bem o valor do auxílio do seu superior. Deste modo, o meu bom amigo poderá, finalmente, respirar e descansar das suas preocupações. Agora, por amor de Deus, não gaste mais dinheiro em coisas inúteis, suplico-lhe! Leve uma vida calma e ordenada, o mais económica possível, e principie, a partir de hoje, a pôr todos os dias alguma coisa de lado, a fim de não tornar a ver-se em tais dificuldades. A falar verdade, não precisa de se preocupar connosco. Nós cá nos arranjaremos. Porque nos mandou tanto dinheiro, Makar Alexeievitch? De facto, não precisamos dele. O que vamos ganhando é-nos suficiente. É certo que daqui a pouco tempo necessitaremos de algum para a mudança; mas a Fédora conta que lhe paguem, até então, uma dívida antiga. Entretanto, fico com vinte rublos para o que der e vier, e devolvo-lhe o restante. Não julgue o dinheiro uma coisa supérflua, Makar Alexeievitch, peço-lhe!

Adeus, meu amigo. Desejo que continue tranquilo e se conserve de saúde e cheio de alegria.

Por minha vontade, escreveria uma carta mais extensa; mas sinto-me muito cansada. Ontem estive de cama durante todo o dia. Fiquei muito contente com a promessa da sua visita. Não demore, Makar Alexeievitch. Olhe que estou à sua espera.

Sua

B. D.

11 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Rogo-lhe, meu anjo, que se não esqueça de que agora sou completamente feliz e tudo corre à medida dos meus desejos. Não faça caso da Fédora, minha querida! Prometo fazer-lhe tudo o que a minha boa amiga quiser. De futuro, hei de comportar-me bem, de maneira digna e decente, quando por outro motivo não fosse, em atenção a sua excelência. Recomeçaremos a troca de cartas alegres; confiaremos um ao outro os nossos pensamentos e também as nossas alegrias e preocupações, se é que havemos de ter estas últimas; voltaremos de novo a viver uma vida feliz e em boa harmonia... Dedicar-nos-emos à literatura. Agora, tudo na minha vida tende a melhorar, anjo do meu coração! A minha patroa já conversa comigo. A Teresa tornou-se mais atenciosa e até Faldoni me é mais prestável. Fiz as pazes com Ratazaiev. A alegria que me ia na alma impeliu-me para ele outra vez. Realmente, é um bom rapaz, querida Bárbara, e tudo o que de mal disseram dele não passa de pura mentira e disparate; tive agora oportunidade de verificar que se tratava de uma odiosa calúnia. Nunca lhe passou pela cabeça escrever qualquer sátira a nosso respeito; isso era mentira. Foi ele próprio que mo afirmou, e até me leu a sua última obra. E quanto a ter-me posto a alcunha de *Don Juan*... isso não me traz mal algum, nem tal denominação tem nada de ofensivo. Explicou-me o que queria dizer. É um termo estrangeiro, que significa, mais ou menos, *rapaz esperto,* ou, exprimindo-me em linguagem mais polida, isto é, mais literária, *cavalheiro galante.* E é tudo. Assim, tratava-se, como vê, simplesmente de um gracejo inofensivo, meu anjo! Sou tão ignorante, que o havia tomado por uma ofensa, pelo que já hoje lhe apresentei as minhas desculpas...

Que bonito dia está hoje, querida Bárbara! É certo que de manhã havia alguma neve; mas isso não importa: torna o ar mais fresco. Fui comprar umas botas, e adquiri um par esplêndido, absolutamente irrepreensível...

Em seguida dei um passeio pela Nevski e depois li o jornal. Sim, e com isto esquecia-me de lhe contar o mais importante!

É isto, ora ouça:

Hoje de manhã estive à conversa com Emelia Ivanovitch e Aksenti Michaelovitch, e falámos de sua excelência. É verdade, querida Bárbara; não foi só para comigo que sua excelência teve gestos de bondade. A sua caridade tem-se estendido também a outras pessoas e toda a gente conhece bem os tesouros do seu coração. São muitos, mesmo muitos os indivíduos que exaltam as suas bondosas qualidades e vertem lágrimas de sincero agradecimento pelo bem que ele lhes fez. Sua excelência tomou conta de uma órfã e educou-a em sua casa, e depois casou-a com um empregado dos que trabalham diretamente sob as suas ordens; e não contente com isso, ainda lhe destinou um bom dote. Além disso, sua excelência colocou numa chancelaria o filho de uma pobre viúva. E muitos outros atos de generosidade se lhe podem apontar. Achei que era meu dever, querida, entrar na conversa, e pus em destaque o que ele fizera por mim; contei tudo, sem omitir a mínima particularidade, e fi-lo desassombradamente. Tratando-se de um gesto de tão grande alcance, pus de lado toda a timidez e toda a circunspeção e referi o caso em voz alta, para que todos ouvissem. Sim, muito alto, a fim de tornar bem conhecidas as nobres ações de sua excelência. Falei com calor e entusiasmo e fi-lo sem corar, antes, pelo contrário, sentia-me orgulhoso por poder contar semelhante episódio.

No meu relato, apenas omiti, felizmente, o que se relaciona consigo, minha querida; essa circunstância, passei-a em claro, muito discretamente. Mas o respeitante à patroa, a Faldoni, a Ratazaiev, a Markov e às minhas botas, foi tudo contado pormenorizadamente... Alguns riram-se de mim um pouco, ou, melhor dizendo, todos fizeram caçoada... Mas ao menos todo riam! Pelo visto sempre encontraram em mim algum motivo de riso. Talvez se rissem só das minhas botas! No entanto, creio que não o faziam com má intenção, pois são incapazes disso. O mais certo é aqueles risos serem devidos à juventude dos colegas que me ouviam, ou então ao facto de não terem falta de dinheiro. Porém, repito, não devia existir má intenção ou sentido hostil nos risos que com as minhas palavras provoquei. Sim, pois não creio que fosse de sua excelência... Não; de sua excelência nunca se atreveriam a fazer pouco... Não lhe parece, querida Bárbara?

Ainda não recuperei de todo a serenidade após a perturbação em que os últimos acontecimentos me mergulharam! Tem lenha para o lume, querida Bárbara? Tenha cuidado, não vá apanhar frio! Peço a Deus que vele por si e a proteja, meu amor. Tem, por exemplo, meias de lã ou os agasalhos necessários para o inverno? Tenha cautela, meu anjo! Se tiver falta de alguma coisa, não se acanhe, diga a este pobre velho aquilo de que precisa. Os nossos tempos maus já lá vão. A vida agora apresenta-se-nos brilhante, e bela!

Foram bem tristes aqueles dias, querida Bárbara! Mas não vale a pena recordá-los, uma vez que já passaram!... À medida que os anos forem andando, poderemos falar desses tempos. Não evoco com tanta saudade a minha infância? No entanto, o que eu sofri então! Às vezes não dispunha de um único *kopek*. Passava frio e fome; mas senti-me sempre contente.

De manhã ia até Nevski, deparava-se-me uma cara bonita... e lá se iam os sofrimentos por aquele dia. Bons tempos, maravilhosos tempos aqueles, apesar de tudo, meu amor! Dá gosto viver neste mundo, querida Bárbara! Sobretudo em S. Petersburgo. Ontem fiz ato de contrição diante de Deus, com lágrimas nos olhos, para que me perdoe todos os pecados que nessa dolorosa época cometi: maus pensamentos, embriaguez e jogo. E também me lembrei de si nas minhas orações. Foi a minha única consolação, meu anjo, a única pessoa que me deu bons conselhos e me ajudou a vencer todas as dificuldades. Isso, meu amor, jamais o esquecerei! Hoje beijei as suas cartas, uma a uma, meu anjo! Mas, com isto, adeus!

Ouvi dizer que há por aqui perto quem venda um fato. É que também quero melhorar o meu exterior. Mais uma vez adeus, meu anjo; Deus lhe dê saúde e até à vista.

Seu de alma e coração

Makar Dievuchkin

15 de Setembro

Meu querido Makar Alexeievitch

Estou numa excitação terrível. Ouça o que me sucedeu. Tenho o pressentimento de uma fatalidade. O meu bom amigo atenda e julgue: o Sr. Buikov está outra vez em S. Petersburgo!

A Fédora encontrou-o. Ele ia de carro, reconheceu-a, mandou logo parar, dirigiu-se a ela e perguntou-lhe onde morava. A Fédora, claro, não lho disse. Então ele, com um sorriso, deu a entender que sabia quem vivia com ela. (Deve ter sido Ana Fedorovna que lhe contou tudo.) Ao ouvir aquilo, Fédora ficou furiosa e insultou-o ali mesmo, na rua, dizendo-lhe que ele era um imoral e o único causador das minhas desgraças. Então ele respondeu-lhe que quem não possui um *kopek* é por força um desgraçado. A Fédora replicou-lhe que eu ganho bem a vida com o meu trabalho, e que posso casar-me ou arranjar um emprego; mas que perdi a felicidade para sempre, que estou muito doente e pouco durarei.

Buikov observou que, apesar de muito jovem ainda, parecia ter perdido o juízo e que as minhas boas qualidades se tinham turvado um pouco (foram exatamente estas as suas palavras).

Tanto eu como Fédora julgávamos que ele ignorava a nossa morada; mas ontem, enquanto fui ao Gostini Dvor fazer umas compras, ele veio a nossa casa. Pelo visto, não queria encontrar-se aqui comigo! Começou por fazer a Fédora uma série de perguntas acerca da vida que levávamos, reparando em tudo com muita atenção, até nos meus trabalhos. De súbito, por fim, perguntou:

— Quem é esse funcionário vosso amigo?

Precisamente naquele instante, o senhor atravessava o pátio e Fédora mostrou-o. Ele espreitou da janela e em seguida desatou a rir. Fédora convidou-o a ir-se embora, dizendo-lhe que eu não estava muito boa de saúde por causa dos desgostos, e não me seria muito agradável encontrá-lo ali quando regressasse. Mas ele, sem dar qualquer resposta, conservou-se

calado por um bocado e acabou por declarar que fora ali *por ir,* pois não tinha nada que fazer. Por fim, quis, a toda a força, dar à Fédora vinte e cinco rublos, que ela, claro, não aceitou.

Que quererá dizer tudo isto? Porquê e para quê terá ele vindo a nossa casa? Não sei como conseguiu saber tudo o que se relaciona connosco. Perco-me em conjeturas.

Diz a Fédora que Aksina, sua cunhada, a qual nos visita de vez em quando, é muito bem dada com Nastásia, a lavadeira, e esta tem um primo empregado no mesmo escritório em que trabalha um dos mais íntimos amigos de Ana Fedorovna. Não terão, por essa via, chegado aos seus ouvidos todas essas intriguices? Não sabemos o que pensar. Será capaz de voltar cá? O simples pensamento de que tal venha a acontecer me revolta! Quando, ontem, a Fédora me contou o que se passara, fiquei tão assustada que ia desmaiando de angústia. Que quererá de mim esse homem? Se eu não quero saber dessa gente para nada! Que têm eles comigo? Ai, se soubesse a ansiedade em que vivo! Parece-me, a cada momento, ver Buikov na minha frente. Que há de ser de mim? Que mais me reservará o destino?

Por amor de Deus, venha cá o mais breve possível, peço-lhe, Makar Alexeievitch! Venha já, suplico-lhe!

18 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Deu-se hoje em nossa casa um acontecimento deveras triste, inexplicável e absolutamente inesperado. Mas eu vou contar-lhe as coisas pela respetiva ordem.

Antes de mais nada, comunico-lhe que o nosso pobre Gorchkov foi absolvido no processo. O caso já há muito que estava julgado, mas só hoje de manhã foi lida a sentença, que o ilibava de toda a culpa. Não conseguiram qualquer prova da matéria da acusação — descuido, negligência, etc. O Tribunal reconheceu a sua absoluta honorabilidade e condenou o negociante a pagar a Gorchkov aquela avultada quantia de que lhe falei. Assim, de súbito, a sua miserável situação melhorou, pois o dinheiro será, sem dúvida, arrancado ao negociante por via judicial. Mas o mais importante, naturalmente, era o pobre ver-se limpo daquela mancha que a denúncia pusera na sua honra. Numa palavra: conseguira ver realizados todos os seus desejos.

Chegou a casa pelas três horas da tarde, mas com tal aspeto que dificilmente se reconhecia. Trazia a cara branca como a cal, os lábios tremiam-lhe e ao mesmo tempo sorria. Correu para a mulher e os filhos e abraçou-os. Nós todos, num magote, dirigimo-nos para ele, a fim de o felicitarmos. A nossa atitude, creio, comoveu-o muito, pois desfazia-se em agradecimentos e apertou a mão de cada um de nós repetidas vezes. É verdade; até parecia que crescera; pelo menos, conservava-se mais direito do que de costume. Nos olhos já não se lhe viam lágrimas, antes ostentava neles um brilho extraordinário. Como o pobre estava emocionado! Não parava quieto no sítio, por dois minutos que fosse; pegava numa coisa para logo a largar, e tão depressa se apoiava nas costas de uma cadeira, sorria e pronunciava palavras de agradecimento, como se sentava e voltava a levantar-se para se sentar outra vez, e murmurava frases ininteligíveis. Uma vez disse: «Já posso deixar aos meus filhos a minha honra, sim, a

minha honra, uma boa reputação...» E como ele dizia aquilo! Tinha os olhos inundados de lágrimas, e a nós pouco faltava também para chorar. Ratazaiev, decerto para lhe insuflar coragem, disse-lhe:

— Ora! A honra! De que serve a honra, meu amigo, quando não há que comer? Dinheiro, meu velho, dinheiro, isso é o principal! O dinheiro, esse sim, deve agradecê-lo a Deus!

E deu-lhe uma amigável palmada no ombro.

Tive a impressão de que as palavras de Ratazaiev ofenderam um pouco Gorchkov. Não é que ele tivesse mostrado cara de ressentido; mas olhou para ele de um modo um tanto estranho e não fez qualquer comentário, limitando-se apenas a afastar do seu ombro a mão do literato. Melhor fora não o ter feito, minha querida. De resto, não temos todos o mesmo feitio. Eu, por exemplo, se me visse em idênticas circunstâncias, não levaria a mal um gesto assim. Às vezes, meu amor, dizem-se coisas absolutamente descabidas mesmo sem qualquer motivo, apenas por excesso de ternura ou numa efusão de cordialidade... Contudo, isto não é da minha conta...

— Sim — prosseguiu Gorchkov, após uma pausa —; o dinheiro também é uma boa coisa, graças a Deus. Graças a Deus!

E repetia várias vezes em voz baixa: «Graças a Deus! Graças a Deus!»

A mulher arranjou-lhe uma refeição mais abundante e melhor do que o habitual, e foi mesmo a nossa patroa que a cozinhou, pois, reconheço, no fundo, ela não é má pessoa. Mas até à hora de comer Gorchkov não teve um momento de descanso. Ia e vinha de um lado para o outro da casa, aproximando-se de cada um de nós, como se o tivéssemos chamado. Vinha direito à gente, nem mais nem menos, sorrindo a seu modo; sentava-se numa cadeira, dizia qualquer coisa, ou deixava-se estar calado... e depois lá ia outra vez. No quarto do marinheiro, onde naquela altura se encontravam a jogar, pegou nas cartas na mão e os outros convidaram-no para o jogo. E para ali esteve joga que joga, mas de tal modo que desnorteava os companheiros. O que valeu foi ele largar as cartas depois de ter perdido três ou quatro partidas.

— Não, só tenho isto — disse —; só tenho isto.

E saiu do quarto.

Encontrei-me com ele no corredor. Pegou-me nas mãos e fitou-me detidamente, mas de modo estranho. Depois estreitou-mas e afastou-se, sempre a sorrir, com aquele sorriso singular, impassível como o sorriso de

um louco. A mulher chorava de alegria e nos seus aposentos tudo tinha o ar de festa. A refeição não durou muito e, depois de comer, Gorchkov disse então à mulher:

— Agora queria descansar um bocadinho.

E deitou-se na cama.

Daí a instantes chamou a filhinha, pôs-lhe as mãos na testa e começou a acariciá-la, Em seguida dirigiu-se outra vez à mulher:

— Onde está Petinka? O nosso Petinka? — perguntou. — O nosso Petinka...

A mulher benzeu-se e respondeu-lhe que a criança tinha morrido.

— Sim, é verdade; bem sei. Petinka está no céu!

A mulher notava que o marido não era o mesmo de antes; verificou que os acontecimentos daquele dia lhe haviam transtornado as ideias e tinham causado nele profunda impressão. Por isso, aconselhou-o a fazer por dormir e descansar, enquanto ela faria o mesmo.

— Sim... Vou ver se durmo... um bocadinho apenas...

Ao dizer isto, deitou-se de costas. Conservou-se assim uns momentos e, por fim, deu uma volta, fez menção de querer dizer alguma coisa. A mulher perguntou-lhe:

— Que dizes, homem?

Mas não teve resposta. «Deve ter adormecido», pensou a mulher, e saiu do quarto para conversar um pouco com a patroa. Voltou ao cabo de uma hora. O marido ainda não acordara, dormia a sono solto, sem se mexer. «Está a dormir sossegado — disse, sentando-se e começando a trabalhar em qualquer coisa. — Com o sono, ganhará vontade para o trabalho.»

Contou que estivera sentada à cabeceira mais de meia hora, mas não pôde dizer ao certo em que pensava, por mais que puxasse pela ideia; apenas sabe que se esquecera por completo do marido. De súbito, porém, voltou à realidade, despertada por uma estranha agitação que sentiu dentro de si. Foi então que deu conta do silêncio sepulcral em que se encontrava mergulhado o aposento.

Olhou, para a cama e verificou que o marido se achava deitado como hora e meia antes. Aproximou-se dele e tocou-lhe... Mas sentiu-o frio, porque estava morto, minha querida; Gorchkov morrera repentinamente, como que fulminado por um raio. Só Deus sabe a causa da sua morte!

Este acontecimento causou-me tal impressão que ainda agora não consigo associar bem as ideias. Não compreendo como um homem pode morrer assim, sem mais nem menos. Coitado do pobre Gorchkov! E logo morrer hoje, precisamente num dia para ele de tanta alegria! Porquê? Sim, é o destino, o destino! A mulher está debulhada em lágrimas, ainda transtornada por tão horrível e imprevisto choque. A filhinha, essa acocorou-se num canto, assustada. Entretanto, no seu quarto, entram e saem constantemente. Tem de ser feito ao cadáver um exame médico... ou lá o que é; não sei como isso se chama. Que desgraça, querida, que desgraça! É muito triste pensar que de um momento para outro se morre, sem mais nem menos, e li se vai!...

Seu

Makar Dievuchkin

19 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Apresso-me a comunicar-lhe, minha boa amiga, que Ratazaiev me arranjou trabalho... Um escritor trouxe-lhe hoje um enorme manuscrito para eu copiar... Graças a Deus, agora não me falta serviço. A única dificuldade é o original ser tão ilegível, que não sei como o hei de decifrar; e, além disso, o autor querer o trabalho feito com urgência. Para mais, o assunto é tão transcendente que pouco compreendo. Já ficou estabelecido o preço de quarenta *kopeks* por folha. Escrevi-lhe para sem demora lhe dizer, minha querida, que agora já conto com um ganho suplementar.

Com isto adeus, meu anjo. Vou-me agarrar ao trabalho.

Seu fiel

Makar Dievuchkin

23 de Setembro

Meu bom amigo Makar Alexeievitch:

Há já três dias que lhe não escrevo, meu amigo; contudo não me têm faltado preocupações e receios durante este tempo.

Anteontem veio cá Buikov. Encontrava-me sozinha, pois a Fédora tinha saído.

Abri-lhe a porta, e fiquei tão assustada quando o vi que nem me podia mexer do sítio. Senti que empalidecia. Ele entrou, a rir, como é seu costume, puxou de uma cadeira e sentou-se sem mais cerimónias. Custou-me a recuperar a serenidade. Por fim, fui outra vez sentar-me a trabalhar, junto da janela. Ao reparar em mim, decerto ficou surpreendido com o meu aspeto, pois, de súbito, deixou de rir. Ultimamente, piorei muito: tenho os olhos fundos e as faces mirradas. Além disso, estava coberta de uma palidez mortal... Sim; devo despertar compaixão em quem me conheceu há uns anos para trás...

Observou-me atentamente durante largo tempo e, por fim, o seu semblante alegrou-se outra vez. Disse não sei quê, ao que nem sequer me lembro o que respondi. E retomou o aspeto risonho. Conservou-se uma hora sentado ao pé de mim, torturando-me com perguntas e conversando animadamente. Antes de se ir embora, pegou-me na mão e disse-me exatamente isto:

— Bárbara Alexeievna, vou-lhe dizer uma coisa, muito em segredo. Ana Fedorovna, sua prima e minha antiga amiga, é uma mulher muito ordinária. — Qualificou-a mesmo com uma palavra indecentíssima. — Primeiro, preparou a desgraça da prima, e depois arruinou-se a si própria. Sim; o meu procedimento então também foi ignóbil; mas, enfim, não percamos o tempo com palavras inúteis, que isso é o pão-nosso de cada dia, coisas da vida.

E desatou outra vez a rir alto. Em seguida, depois de fazer notar que não possuía o dom da palavra, disse que a única coisa que tinha a dizer era

simplesmente aquilo que um homem de bem não podia calar, como já declarara; por isso, limitar-se-ia a explicar o resto em duas palavras. E assim fez. Declarou-me que pedia a minha mão, que achava ser seu dever devolver-me a honra, que é rico, e que, após o casamento, me levaria com ele para a sua terra, na região das estepes. Tencionava passar ali o tempo na caça à lebre, não fazendo conta de voltar a S. Petersburgo, pois aborrecia a vida nas grandes capitais. Acrescentou ainda que teve aqui um sobrinho, estroina e pouco prometedor, a quem se propôs fazer perder as esperanças de ser seu herdeiro. Resolvera, por isso, casar-se, isto é, deseja herdeiros diretos. Depois, deteve-se em considerações acerca do nosso quarto; disse que não era nada para admirar encontrar-me doente vivendo num tugúrio destes, e augurou-me a morte para breve, no caso de continuar aqui. «Em S. Petersburgo, todas as residências são más», disse; e depois perguntou-me se não tinha desejo de alguma coisa.

A sua proposta impressionou-me tanto que, de súbito, sem eu mesma saber o motivo, desatei a chorar. Atribuiu as lágrimas à gratidão e disse-me que estivera sempre convencido de que eu era uma boa moça, sensível e culta: mas que não se decidira há mais tempo a fazer-me aquela proposta, porque quisera antes informar-se pormenorizadamente da minha conduta. Falou-me então de si, contando-me que ouvira dizer que o senhor era um homem de bem, e declarou que não queria ficar a dever-lhe nada... Perguntou-me se quinhentos rublos seriam bastante para pagar os seus favores, e eu respondi-lhe, que o que o senhor tem feito por mim não há dinheiro que o pague. Ao ouvir isto, disse que tal ideia era um absurdo e que essas coisas estão bem, mas é nos romances; que eu sou ainda muito nova e que vejo a vida através dos livros; mas que os romances só servem para sugerir ideias extravagantes às moças. Segundo ele, em geral os livros apenas concorrem para a corrupção dos costumes, e por isso detesta-os. Aconselhou-me a esperar pela sua idade para poder julgar os homens. «Só então — disse — poderá dizer que os conhece.»

Depois convidou-me a refletir sobre a sua proposta e pesar maduramente os prós e os contras, pois não achava bem que eu, sem profunda meditação, desse passo tão importante. Acrescentou ainda que a falta de ponderação e as resoluções precipitadas são quase sempre a origem da desgraça das jovens sem experiência da vida; mas que, apesar de tudo, o seu maior desejo era obter de mim uma resposta afirmativa. Caso contrário, ver-se-ia forçado a desposar a filha de um comerciante de

Moscovo, pois, como já dissera, tinha feito solene juramento de não deixar os seus bens ao estroina do sobrinho. Finalmente, levantou-se e colocou quinhentos rublos sobre o bastidor com que trabalhava, para alfinetes, segundo disse; eu quis levantar-me, mas ele não me deixou, quase à força. Para terminar, disse-me que lá na sua terra havia de engordar muito e ganhar cores de saúde, e que poderia dormir quanto quisesse. Segundo parece tem muito que fazer; disse que os negócios lhe ocupam quase todo o dia, e por essa razão só se demorara na minha companhia breves minutos. E dizendo isto, saiu.

Já refleti muito sobre o assunto, e examinei-o de todos os lados. Por fim, meu bom amigo, tomei uma resolução: casar-me-ei com ele; devo aceitar a sua proposta. Só ele me pode livrar da vergonha, devolver-me a minha honra e preservar-me da pobreza e das dificuldades no futuro. Que outra coisa posso esperar do futuro ou pedir ao destino? Diz Fédora que não devemos brincar com a sorte; mas pergunta a si própria, entre soluços, se a isto se pode chamar sorte. Por mim, também não descubro outra solução para a minha vida, meu bom amigo. Que hei de fazer? Na luta pela existência já perdi a saúde. O trabalho ininterrupto... é superior às minhas forças. Servir a estranhos? Claro que a carreira que vou encetar também não será nenhum paraíso. Mas que devo fazer, meu amigo, que devo fazer? Que resolução tomar?

Não pedi o seu conselho, porque queria meditar bem tudo, sozinha. A resolução que tomei e que já lhe dei a conhecer, mantém-se firme, e vou sem demora escrever a Buikov, que já deve estar impaciente pela minha resposta, participando-lhe que aceito. Disse-me que os negócios lhe tomavam quase todo o tempo, que não se podia demorar, e não podia, por causa *destas bagatelas*, alterar a sua vida.

Só Deus, nos seus sagrados e impenetráveis desígnios sobre o meu futuro, sabe se vou ser feliz; mas a minha resolução está tomada. Dizem que Buikov é boa pessoa; se assim for, espero que venha a sentir por mim afeto, e que talvez eu também lhe ganhe algum. E que mais se pode esperar do nosso casamento?

Ponho-o ao corrente de tudo, Makar Alexeievitch, porque sei que compreenderá a minha angústia. Não tente dissuadir-me do meu propósito, pois nada conseguiria. Se analisar bem todas as razões que me levaram a dar este passo, estou certa de que o seu coração aprovará o meu procedimento. A princípio, senti-me extremamente angustiada, mas agora

já estou mais tranquila, O que me espera... não sei. há de ser o que Deus quiser...

Acaba de chegar Buikov e não posso terminar a carta. Ainda tinha muitas coisas para lhe dizer, mas Buikov já está à porta.

23 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Apresso-me a responder-lhe. Sim, meu amor, apresso-me a exprimir-lhe o meu espanto. De passagem, comunico-lhe que ontem foi enterrado o pobre Gorchkov... Sim; Buikov portou-se honradamente, isso é verdade, querida Bárbara; mas diga-me: já lhe deu a sua palavra? Claro que Deus é quem tudo dispõe. É assim, e assim tem de ser, quer dizer, também nisto se tem de cumprir a vontade do Criador. A Providência Divina, embora imperscrutável, nunca tem outro fim senão a felicidade dos mortais, e a sorte e a vontade de Deus são uma e a mesma coisa.

A Fédora, claro, comunga nos mesmos sentimentos. Estou certo de que será feliz, minha querida; vai viver na riqueza e na abundância, meu amor, meu anjo; não me canso de lhe chamar assim... Mas diga-me uma coisa, apenas uma, querida Bárbara: porque tem tanta pressa? Ah, pois é, os negócios!... O senhor Buikov tem negócios... Naturalmente... E quem há que os não tenha? Por isso, também ele os pode ter. Vi-o quando ele saía de sua casa. É um homem imponente, mesmo demasiado imponente, quer dizer, a sua presença impõe respeito. Mas não é deste pormenor que eu pretendo agora falar; trata-se de outra coisa. Já não sou o mesmo, devo dizer-lhe. De futuro, como nos poderemos escrever? E eu... sim, eu... como poderei continuar aqui sozinho? O meu coração, meu anjo, avalia e pesa tudo o que me dizia na sua carta, as razões que a levaram a decidir-se, etc.

Já tinha vinte folhas copiadas quando, de súbito, recebi a notícia. Meu amor, meu amor! Antes de sair daqui, precisa de comprar um sem-número de coisas; vários pares de sapatos e diversos vestidos, não é verdade? Pois bem: lembra-se daquele armazém da Gorcohovaya de que uma vez lhe falei? Ainda se recorda, decerto, da descrição que lhe fiz daquela rua. Mas não. Que estou eu para aqui a dizer? Que ideia fará de mim? Que pensará, minha querida? Não; não deve, é-lhe completamente impossível sair assim sem mais nem quê. Precisa de fazer muitas compras, mas para isso tem de

alugar um carro. Demais, com um tempo destes! Como vê, chove a bom chover, ininterruptamente e, além disso, está muito frio.

Era capaz de lhe arrefecer, de lhe gelar esse coraçãozinho da minha alma.

Diz a minha boa amiga que receia os estranhos, e agora está resolvida a viajar com esse desconhecido! Como pode deixar-me aqui sozinho? Sim. A Fédora garante que uma feliz sorte lhe está reservada a si... Mas essa Fédora é uma velha cruel e quer arrebatar-me o único bem que me resta. Vai hoje à igreja, à oração da tarde? Eu também vou, minha querida, só para a ver lá! Buikov tem razão em afirmar que a Bárbara é uma boa moça, sensível e culta. Contudo, acho que ele faria melhor se casasse com a filha do tal comerciante. Que lhe parece, meu amor? Que se case com essa menina de Moscovo!...

Irei visitá-la, minha querida, depois de escurecer; daqui a uma hora ter-me-ão aí. Agora já anoitece muito cedo, de modo que não demorarei. Dentro de uma hora, sem falta! Agora está aí Buikov, bem sei; mas logo que ele se vá embora... Espere, pois, por mim, querida, que vou sem falta...

Makar Dievuchkin

27 de Setembro

Querido Makar Alexeievitch:

O senhor Buikov disse que preciso de levar, pelo menos, três dúzias de camisas de holanda. Por isso, tenho de arranjar, a toda a pressa, costureiras de roupa branca que me façam duas dúzias, pois o tempo urge. O senhor Buikov está aborrecido por não se ter lembrado dos incómodos que o arranjo do enxoval ocasiona.

O nosso casamento realizar-se-á daqui a cinco dias e no seguinte partimos. O senhor Buikov tem muita pressa e diz que não devemos perder tanto tempo com estas ninharias. Estou tão cansada de toda esta lida que mal me posso ter de pé. Ainda tenho de fazer muito trabalho e, contudo, quem sabe se não seria preferível não me incomodar tanto com estas coisas! Além disso, não temos rendas que cheguem e temos de comprar mais algumas; o senhor Buikov não quer que a sua mulher vá vestida como uma cozinheira e deseja que ela *meta a um canto todas as senhoras das redondezas*. São estas as suas palavras.

Por isso, peço-lhe, querido Makar Alexeievitch, que vá a casa de madame Chiffon, na rua Gorochovaya, e lhe diga, em primeiro lugar, que me mande, o mais depressa possível, algumas costureiras, e em segundo lugar, que ela própria faça o favor de passar por aqui; não posso lá ir, porque hoje sinto-me muito doente. A nossa nova casa é muito fria e está numa desordem que mete medo. A tia do senhor Buikov mal pode respirar de tão velha e doente. Receio bem que exale o último suspiro antes da nossa viagem de núpcias, O meu futuro marido, porém, diz-me que não tema tal coisa, pois ela depressa se restabelecerá.

Cá em casa anda tudo numa barafunda, como costuma dizer-se. Como o senhor Buikov não vive aqui, as criadas andam de um lado para o outro e fazem o que lhes apetece. Às vezes apenas disponho da Fédora para o serviço. O criado de quarto do senhor Buikov, a quem compete manter o pessoal na ordem, não apareceu cá nos últimos três dias. O patrão vem

todas as manhãs, de carro, e exalta-se; ontem bateu no criado, pelo que foi incomodado pela Polícia...

Neste momento não tenho quem vá entregar-lhe esta carta. Por isso, segue pelo correio.

Como de costume, já me esquecia do mais importante! Diga a madame Chiffon que troque as rendas por outras a dizer com a amostra que ontem escolhi, e depois venha cá mostrar-me o que arranjou. Diga-lhe ainda que, com respeito à guarnição, mudei de ideia: quero-a também bordada. Ah! Recomende-lhe que o monograma dos lenços tem de ser trabalhado e não simples... Compreende? Trabalhado! Tome bem sentido! Ah! Ainda me esquecia outra coisa! Diga-lhe que quero a capa de arminho bem guarnecida a cordão, e o peitilho da blusa com uma renda ou uma guarnição larga. Explique-lhe tudo bem, Makar Alexeievitch!

Sua

B. D.

P. S. — Estou envergonhada de voltar a incomodá-lo com os meus recados! Anteontem fi-lo correr de um lado para outro durante toda a tarde. Mas que hei de fazer? A nossa casa está em completa desordem e eu sinto-me doente. Não se aborreça comigo, Makar Alexeievitch! Se soubesse a pena que tenho de si! Que há de ser do meu amigo, do meu bom e querido amigo Makar Alexeievitch? Receio tanto o futuro! Ao pensar nele, fico apreensiva e mil pressentimentos maus me cruzam pela cabeça.

Por amor de Deus, meu amigo, não se esqueça de tudo o que lhe peço que diga a madame Chiffon. Receio que façam tudo ao contrário. Fixe bem: tudo com cordão e não simples bordado!

27 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Cumpri escrupulosamente as suas instruções. Madame Chiffon disse que já tinha pensado em fazer as letras em cordão, porque assim é mais distinto e... Não sei se foi exatamente assim que ela disse, porque não compreendi muito bem; mas deve ter sido mais ou menos isto. Também me falou na tal guarnição a que Bárbara se havia referido. O que disse acerca disto, é que já me não lembro. Apenas me recorda que falou muito. Que mulher tagarela! Mas que me disse? Olhe, dir-lho-á ela própria hoje mesmo. Eu, querida Bárbara, ando completamente desnorteado. Hoje de manhã não fui trabalhar, mas não se preocupe, porque não foi nada de grave. Para lhe conseguir pia e sossego, estou disposto a visitar todas as lojas de S. Petersburgo. Diz-me a minha amiga que tem medo de pensar no futuro. Pois hoje, pelas sete horas, tomará conhecimento de tudo, porque madame Chiffon irá pessoalmente visitá-la. Por isso, tenha paciência e espere que tudo corra pelo melhor. O que não me sai da ideia é essa malfadada guarnição; até parece zunir-me nos ouvidos: *guarnição, guarnição, guarnição!*

Daqui a bocado irei visitá-la, meu anjo; tenho absoluta necessidade de perder uns momentos à conversa consigo. Já me aproximei hoje da sua porta duas vezes; mas Buikov, quer dizer, o senhor Buikov parece dotado de mau génio e decerto não gostaria muito... Enfim, as coisas são como são... não é verdade?

Seu

Makar Dievuchkin

28 de Setembro

Meu querido Makar Alexeievitch:

Por amor de Deus, vá a toda a pressa à joalharia e diga ao proprietário que já não quero os brincos de pérolas e esmeraldas. O senhor Buikov diz que são muito caros e que lhe dão um rombo na carteira. Está muito zangado. Queixa-se de que já lhe estou a ficar pelos olhos da cara e de que o estamos a depenar. Disse ontem que se pudesse prever todas estas despesas, não teria feito as coisas assim à pressa, e acrescentou que partiremos logo a seguir à cerimónia do casamento. «Não penses que vai haver convidados para a boda e baile a seguir; não, as festas realizar-se-ão no campo, na minha terra, mas não imagines que podes dançar nesse dia», foram estas as suas palavras! Só Deus sabe o pouco que essas coisas me interessam. Foi o senhor Buikov quem determinou tudo e eu não me atrevo a contradizê-lo. Tem um génio tão irascível! Que será de mim, meu Deus?

B. D.

28 de Setembro

Minha querida Bárbara Alexeievna:

Eu, isto é, o joalheiro diz que... está bem. Quanto a mim, infelizmente apenas tenho a comunicar-lhe que estou doente e não me posso levantar. E logo agora, que há tanto que fazer e a minha amiga precisa do meu auxílio é que havia de adoecer! Não parece um absurdo?

Comunico-lhe também que, para cúmulo da infelicidade, sua excelência deu-lhe hoje para estar maldisposto; zangou-se com Emelia Ivanovitch e ralhou-lhe tanto que o pobre, no fim, mostrava-se extremamente sucumbido. Metia pena! Como vê, conto-lhe tudo.

Queria escrever mais, mas receio roubar-lhe tempo que pode dedicar a outras coisas. Sou um homem simples, um ignorante, sem cultura, que escreve ao correr da pena, conforme as ideias lhe vêm à cabeça, de modo que a minha boa amiga, por vezes, há de notar alguns disparates. Não sei o que quero dizer... Ah, já me lembro: precisamos agora tanto de conversar!

Seu

Makar Alexeievitch

28 de Setembro

Querida Bárbara Alexeievna:

Encontrei hoje a Fédora e estive a conversar com ela, meu anjo. Contou-me que se realiza amanhã o seu casamento e que depois de amanhã segue viagem. O senhor Buikov já alugou os cavalos.

Muito bem, já lhe contei o incidente com sua excelência. Estive a verificar as contas de madame Chiffon; estão certas, mas levou muito caro. Mas porque é que o senhor Buikov se zanga consigo? Olhe, desejo-lhe muitas felicidades, querida! Que a sorte a proteja sempre é a minha maior alegria; é verdade, a sua felicidade será sempre para mim motivo de satisfação. Bem queria ir amanhã à igreja, mas não posso; é demasiado violento.

Mas como havemos de continuar a corresponder-nos? Insisto outra vez neste ponto. Quem se há de encarregar de fazer chegarem ao seu destino as nossas cartas?

Sim, a Bárbara tem sido muito amiga da Fédora. Tem-na tratado com toda a deferência e bondade. Tal procedimento é bem digno de si. Deus abençoa-nos sempre que praticamos uma boa ação. Nada fica sem recompensa e a virtude recebe sempre o divino galardão.

Querida, meu amor! Tinha ainda muitas coisas para lhe dizer; passaria minutos e horas seguidas a escrever-lhe; por minha vontade estaria sempre a escrever-lhe.

Ainda tenho aqui um livro seu — *Contos de Bielkin* — que me esqueci de lhe devolver. Mas peço-lhe, meu anjo, que mo deixe cá ficar; não mo tire, ofereça-mo! Não é que sinta gosto de tornar a ler esses contos; mas, como sabe, o, inverno está à porta, as noites são grandes e a tristeza invade-nos... Então, far-me-á muito bem dispor de um livro para ler.

Como sabe, vou mudar deste quarto para a casa onde você morou, onde a Fédora me alugará um compartimento. Jamais me separarei desta honrada e boa velhinha. Demais, trabalha tanto! Ontem percorri os seus

antigos aposentos demoradamente. Ainda se vê lá o bastidor com o trabalho principiado. Deixámos tudo exatamente como estava. Demorei-me também a ver os seus bordados. Ainda por lá ficaram uns restos de coisas. Dei com uma carta minha com linhas enroladas nela. Na sua mesinha encontrei uma folha de carta em que a Bárbara escrevera: «Meu querido Makar Alexeievitch: Apresso-me...» E nada mais. Certamente entrara alguém no momento em que principiava a carta. No canto, separada por um biombo, está a sua caminha... Oh meu anjo querido!

Bem, com isto, adeus, adeus. Por amor de Deus, escreva-me alguma coisa em resposta à minha carta, o mais breve possível!

Makar Dievuchkin

30 de Setembro

Meu querido amigo Makar Alexeievitch:

Está tudo acabado! A minha sorte está lançada e não sei o que o futuro me reserva, mas desde já me entrego nas mãos de Deus.

Partimos amanhã e venho, pela última vez, despedir-me de si, meu único, meu fiel, meu querido e bom amigo. É o meu único parente, a única pessoa que me valeu nas minhas dificuldades!

Não sofra por minha causa, seja feliz, lembre-se algumas vezes de mim e que Deus o abençoe! Pensarei muito em si e não o esquecerei nas minhas orações. Acabou-se a nossa convivência! São poucas as recordações agradáveis do passado que levo para a minha futura vida; por isso mesmo, mais querida e apreciada se me torna a sua lembrança e maior estima lhe consagra o meu coração. É o meu único amigo, a única pessoa que aqui me quis bem. Não sou nenhuma cega, pude avaliar bem o afeto que sempre me dedicou. Um simples sorriso meu era o bastante para o fazer feliz, e uma linha minha tinha o condão de o reconciliar com tudo. Agora tem de me esquecer. Que vida solitária o senhor vai levar! E quem estará ao seu lado para o confortar, meu bom, prezado e único amigo?

Ofereço-lhe o livro, o bastidor e a carta principiada. Ao ler essas linhas, continue, faça de conta que lê no meu pensamento tudo aquilo que teria lido ou escutado de mim com prazer, tudo o que lhe poderia haver escrito... e de futuro não poderei! Não esqueça a sua pobre Bárbara que lhe dedicou sempre uma afeição cordial e sincera. As suas cartas ficam todas guardadas na gaveta da cómoda da Fédora.

Escreve-me que está doente. Da melhor vontade o iria visitar, mas o senhor Buikov não me deixa sair hoje. Prometo escrever-lhe, meu bom amigo; mas só Deus sabe o que pode acontecer.

Por isso, é melhor despedirmo-nos para sempre, meu amiguinho, meu adorado, meu tesouro, como o senhor me chama a mim. Para sempre! Ai, que abraço tão apertado lhe daria agora! Adeus, querido amigo. Desejo-lhe

muitas felicidades! Deus permita que goze sempre de boa saúde; nunca me esquecerei de rezar por si. Oh, se soubesse como estou triste, que horrível peso tenho na minha alma!

O senhor Buikov está-me a chamar.

Sua eternamente dedicada

B.

P. S. — A minha alma está tão cheia, tão cheia de lágrimas! Parecem querer afogar-me, despedaçar-me... Adeus, adeus, Makar Alexeievitch! Que tristeza, meu Deus!

Não esqueça, não esqueça nunca a sua pobre Bárbara.

30 de Setembro

Querida Bárbara, meu anjo, meu amor:

Levam-na, lá se vai! Seria preferível que me arrancassem o coração do peito a arrebatarem-ma. Como é isso possível? Como pôde consentir em tal?

Acabo de receber a sua carta, que se vê salpicada de lágrimas em muitos sítios. Dar-se-á o caso de ir contra a vontade? Levá-la-ão, porventura, à força? Ou terá pena de mim? Se assim é... tem-me amor! Pode lá ser! Ora... Que será de si? O seu coração não poderá resistir; lá nessa terra, é tudo feio, horrível, frio... As saudades não a deixarão ter saúde, o sofrimento dará cabo de si. Morrerá nessa região distante, hão de sepultá-la na terra húmida e não terá quem a chore. O senhor Buikov passará a vida na caça.

Ah, minha querida, meu amor! Que terrível resolução tomou! Como pôde aceitar semelhante proposta? Que fez a Bárbara, que crime cometeu contra si própria? Cavar-lhe-ão a sepultura, querida; acabarão consigo, pura e simplesmente, meu anjo! É uma criança, terna e leve como uma pena! Mas onde estava eu? Dormia de olhos abertos, como um imbecil! Então não via uma criança a pensar loucuras, não sabia que à sua cabecinha apenas faltava juízo? Eu, simplesmente, o que devia ter feito era... Mas não: portei-me como um rematado idiota; não pensava nem via nada, como se tudo estivesse bem, como se o assunto me não interessasse. E ainda por cima andei a correr atrás das costureiras! Não, Bárbara; hei de curar-me. Até amanhã, talvez continue doente; mas depois ficarei bom. Aparecerei inopinadamente diante do seu carro e atirar-me-ei para debaixo das rodas! Não a deixarei partir! Com que direito procedem assim? Irei consigo. Correrei atrás da carruagem, se não me admitir dentro dela, correrei, correrei enquanto tiver forças, até que perca o alento e exale o último suspiro!

Mas sabe bem, meu amor, o que a espera nessa região distante para onde a levam? Se não sabe, eu vou dizer-lho, porque o sei! Espera-a a estepe, meu anjo, a estepe nua, plana e sem fim, tão nua como a palma da minha mão! Ali só há camponeses brutais, sem sentimentos, aldeões incultos e bêbedos. Nesta altura do ano, já lá se não encontra uma única árvore com folha, chove e está frio. Aí tem para onde a levam!

O senhor Buikov, claro, esse terá em que se entreter: a caça à lebre. Mas, e a Bárbara? Que vida será a sua? Contentar-se-á com ser proprietária rural? E isso, querida, fascina-a, está muito desejosa de ocupar tal posição?

Como é possível tal coisa, querida Bárbara? A quem hei de escrever agora? Sim! Pense e pergunte a si própria apenas isto: a quem há de agora aquele desgraçado escrever cartas? E a quem, de futuro, poderei chamar «minha querida»? A quem poderei dar este nome tão terno? A quem poderei dirigir essa doce invocação? Onde a tornarei a encontrar, meu anjo? Morrerei, Bárbara; morrerei com certeza! Não; o meu coração não poderá resistir a tão grande desgraça!

Amei-a como à luz do sol, quis-lhe como a uma verdadeira filha, tudo o que lhe diz respeito me interessava, minha pomba! a Bárbara era a razão da minha vida. Trabalhava e escrevia, e refletia depois sobre as impressões que confiava ao papel, e tudo isto, meu amor, porque a tinha perto de mim. Talvez você não o compreendesse, mas era assim, era realmente como lhe digo!

Preste-me atenção, querida; pense bem e veja se me deve abandonar... Não, meu amor, não o pode fazer e não o fará! Nem pensar em tal coisa! Chove e você anda tão adoentada! Vai apanhar, sem dúvida, um resfriamento! O carro em que viajam molhar-se-á, porque um carro não é uma casa... e a chuva há de atingi-la a si também. Logo à saída da cidade, uma roda do carro rebentará, se não se despedaçar todo ele! Os carros feitos em S. Petersburgo são muito maus! Eu conheço todos os construtores! São uns veículos muito bonitos, metem vista, mas quanto a segurança... Pode crer, juro-lhe: esses carritos não prestam para nada.

Lançar-me-ei aos pés do senhor Buikov e dir-lhe-ei tudo, tudo. E você, minha querida, há de também procurar convencê-lo. Contar-lhe-á tudo, discretamente, e convencê-lo-á. Dir-lhe-á simplesmente que fica cá, que o não pode acompanhar... Ah! Porque se não terá ele casado com a filha do tal comerciante de Moscovo? Porque não terá optado por isso? Seria

melhor para todos e mais indicado para ele, creio! Assim você continuaria aqui, ao meu lado! De resto, que é para si esse senhor Buikov? Como pôde enamorar-se de si tão de repente e você ganhar-lhe tal afeição? Ter-lhe-á, porventura, transtornado a cabeça com esses trapos que lhe ofereceu, ou a razão será outra? Mas, afinal, para que servem esses farrapos? Não passam de um bocado de pano. Neste momento, trata-se de coisa de maior valia: de uma vida humana, meu amor; e esses trapos, comparados com ela, nada valem, não têm a mínima importância. Além disso, também lhe posso comprar dessas coisas; deixe-me receber o ordenado, e há de ver... Sei onde se vendem e tenho conhecimento na loja. Apenas precisa, como digo, de esperar que receba o ordenado, meu anjo, querida Bárbara.

Ah, meu Deus, meu Deus! Então está deveras resolvida a acompanhar o senhor Buikov para a estepe, para sempre? Ai, querida!... Não, tem de me voltar a escrever, nem que sejam umas letras apenas, a contar-me tudo. E logo que chegue ao destino, escreva-me de lá! De contrário, meu amor, seria esta a última carta, e isso não é possível, não me conformo com a ideia de que seja esta a última!

Como poderia interromper-se a nossa correspondência assim tão de repente? A última, a última! Mas não; ainda lhe hei de escrever muitas cartas e você a mim. Pois se só agora é que começo a ter estilo... Ah, querida Bárbara, que digo eu de estilo? Escrevo-lhe ao correr da pena, sem saber o que escrevo — porque não sei mesmo! —, e não leio outra vez os meus escritos, nem os emendo, nem nada. Só penso em escrever-lhe, escrever-lhe cada vez mais!... Meu cordeirinho, meu amor, minha querida Bárbara!

RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS

PARTE 1
Capítulo 1 — A Casa dos Mortos
Capítulo 2 — Primeiras Impressões
Capítulo 3 — Primeiras Impressões (continuação)
Capítulo 4 — Primeiras Impressões (continuação)
Capítulo 5 — O Primeiro Mês
Capítulo 6 — O Primeiro Mês (continuação)
Capítulo 7 — Novos Conhecimentos: Petrov
Capítulo 8 — Homens Resolutos: Louka
Capítulo 9 — Içaï Fomitch. O Banho. A Narração de Baklouchine
Capítulo 10 — A Festa do Natal
Capítulo 11 — A Representação
PARTE 2
Capítulo 1 — O Hospital
Capítulo 2 — O Hospital (continuação)
Capítulo 3 — O Hospital (continuação)
Capítulo 4 — O Marido de Akoulka (narrativa)
Capítulo 5 — A Estação do Verão
Capítulo 6 — Os Animais do Presídio
Capítulo 7 — O «Agravo»
Capítulo 8 — Os Meus Companheiros
Capítulo 9 — A Evasão
Capítulo 10 — A Ordem de Soltura

Parte 1

No meio das estepes, das montanhas ou das florestas intransitáveis das distantes regiões da Sibéria encontram-se, de longe em longe, pequenas cidades de mil ou dois mil habitantes, com as casas todas construídas de madeira, muitíssimo feias, tendo duas igrejas — uma ao centro da povoação, outra no cemitério — ou melhor, cidades que mais parecem uma aldeia sossegada dos subúrbios de Moscovo do que uma cidade propriamente dita. Nelas vivem, a maior parte do ano, grande número de agentes da polícia, de adjuntos e outros funcionários subalternos. A compensar o frio intenso da Sibéria, os serviços oficiais são ali muito bem remunerados.

Os habitantes são pessoas simples, sem ideias avançadas, de costumes antiquados, tradicionais a consagrados pelo tempo. Os funcionários, que são o maior contingente da nobreza siberiana, ou são Indivíduos da região, — siberianos dos quatro costados — ou então vieram da Rússia. Estes últimos vêm diretamente das capitais das províncias, atraídos pelos bons ordenados, pelas subvenções extraordinárias para as despesas da viagem e por outras não menos tentadoras esperanças de futuro. Os que sabem resolver o problema da vida deixam-se ficar na Sibéria, onde fixam residência; os proventos ótimos e rendosos que conseguem obter, indemnizam-nos mais tarde, amplamente, dos sacrifícios feitos. Quanto aos outros, sempre volúveis e incapazes de estabelecerem um programa de vida, cedo se enchem da Sibéria e a eles próprios perguntam, pesarosos, qual a razão por que cometeram a asneira de virem para ali. É com impaciência que veem decorrer os três anos — prazo mínimo de estada que a lei estabelece; terminado o contrato, requerem o regresso e voltam para as suas casas, amaldiçoando a Sibéria e dela só contando horrores. Não têm no entanto razão, pois é uma região abençoada, não apenas no que diz respeito aos serviços públicos, mas também sob outros pontos de vista. O clima é excelente; os negociantes são ricos e muito hospitaleiros, e os europeus são quase todos abastados e em grande número. Com respeito às

moças, dir-se-iam rosas a desabrochar; são de uma moral irrepreensível. Ali a caça corre pelos carreiros, vindo ao encontro do caçador. Bebe-se champanhe em grande quantidade; o caviar é admirável e as colheitas dão, algumas vezes, na proporção de quinze sementes para uma. Resumindo, é uma terra abençoada que é apenas preciso saber aproveitar, e aproveitá-la muito bem!

Foi numa dessas pequenas cidades — alegres e sempre satisfeitas de si mesmas, e cuja amável população me deixou uma indelével lembrança — que travei conhecimento com um exilado, Alexandre Petrovitch Goriantchikov, ex-fidalgo e ex-proprietário da Rússia. Fora condenado a trabalhos forçados de segunda ordem por ter assassinado a esposa. Depois de ter cumprido a pena — dez anos de trabalhos forçados — vivia despreocupado e passando despercebido, como colono, na pequena cidade de K... Estava, dizendo melhor, inscrito numa das povoações circunvizinhas, mas residia em K..., onde angariava a vida lecionando crianças. Encontram-se bastantes vezes, nas cidades da Sibéria, deportados que se dedicam ao ensino. São sempre bem acolhidos, porque ensinam a língua francesa, tão necessária na vida e da qual, sem eles, não haveria a menor ideia nas regiões longínquas da Sibéria. Encontrei pela primeira vez Alexandre Petrovitch em casa de um funcionário, Ivan Ivanytch Grvosdikov — velho respeitável, muito hospitaleiro, pai de cinco filhas que denotavam as mais belas esperanças. Alexandre Petrovitch dava-lhes lições quatro vezes por semana, recebendo trinta *kopeks* por lição. Interessou-me o seu aspeto: muitíssimo pálido, magro, ainda novo, cerca de trinta e cinco anos, baixo e alentado, mas sempre muito bem vestido à europeia. Se alguém lhe falava, fitava-o muito atentamente, ouvindo cada uma das suas palavras com uma estrita delicadeza e um ar circunspecto, como se lhe tivessem proposto um problema ou lhe quisessem extorquir algum segredo. Respondia claro e rápido, mas pesando de tal maneira as palavras que os interpelantes se sentiam deveras constrangidos, sem bem saber porquê, pelo que davam graças a Deus ao porem termo à conversa. Interroguei a tal respeito Ivan Ivanytch: disse-me que Alexandre era dotado de um caráter austero, irrepreensível, sem o que não lhe teria confiado a instrução das suas filhas; porém era um terrível misantropo, vivendo afastado de todos, muito instruído, lendo muito, falando pouco e era sempre contrariado que mantinha uma longa conversa.

Algumas pessoas afirmavam que ele era doido, sem que contudo isso lhes parecesse um grave defeito. Outras, as mais consideradas da cidade, tratavam-no com deferência, pois poder-lhes-ia ser útil em qualquer coisa ou quando mais não fosse em lhes escrever os requerimentos. Dizia-se que tinha uma honrosa parentela na Rússia — talvez tivesse entre ela pessoas bem colocadas — mas também não ignoravam que desde o exílio cortara relações com todas essas pessoas. Com tal procedimento Alexandre Petrovitch saía prejudicado. Todos conheciam a sua história, não ignorando que matara por ciúmes a esposa — ainda não estavam casados há um ano! — entregando-se depois à prisão, o que lhe valeu o minorarem-lhe a pena. Tais crimes são sempre considerados desgraças dignas de compaixão. Todavia este homem original timbrava, obstinadamente, em se isolar, só aparecendo para dar as suas lições.

Alexandre não me despertara, a princípio, nenhuma atenção; porém, mais tarde, sem que eu saiba como, começou a interessar-me; a sua vida era um tanto enigmática. Conversar muito tempo com ele era impossível. Responderia talvez a todas as minhas perguntas, considerando isso como que o cumprimento de um dever; por outro lado tinha-me respondido tanto que não me atrevia a interrogá-lo por mais tempo; após essas conversas refletia-se-lhe claramente nos gestos um certo sofrimento e cansaço. Lembra-me que, numa bela noite de verão, quando saíamos os dois da casa de Ivan Ivanytch, tive de repente a ideia de o convidar para fumarmos um cigarro em minha casa. É impossível descrever o horror que se refletiu no semblante; perturbou-se por completo, balbuciou umas palavras incoerentes e, de súbito, após ter-me fitado com um olhar enraivecido, afastou-se de mim em direção oposta. Fiquei admirado. Desde então, todas as vezes que nos encontrávamos, o seu olhar revelava uma espécie de terror. Eu porém não desanimei: havia nele qualquer coisa que me atraía. Um mês depois, sem pretexto algum, entrei em casa de Goriantchikov. Concordo que o meu procedimento foi leviano e indelicado. Residia ele num dos extremos da cidade, em casa de uma velha que tinha uma filha tuberculosa, a qual por sua vez tinha também uma filhinha natural de dez anos muito bonitinha e esperta. Quando entrei, Alexandre estava sentado ao pé da criança e ensinava-a a ler. Ao encarar comigo perturbou-se logo, como se o tivesse surpreendido em flagrante delito. Atrapalhado, levantou-se rápido e fitou-me admirado. Depois sentámo-nos. Ele seguia atentamente o meu olhar, coma se visse em mim alguma intenção

misteriosa. Compreendi que era deveras desconfiado. Olhava-me com má catadura, parecendo dizer-me: «Não te irás embora?»

Falei-lhe da pequena cidade onde vivíamos e das novidades que corriam; calava-se, obstinadamente, quando não mostrava um sorriso irónico. Verifiquei então que por sua vontade ignorava, e até não queria saber, o que se passava na cidade. Não era nada curioso. Em seguida falei-lhe da região e das suas necessidades; ouviu-me, sempre calado, fitando-me de um modo tão estranho que me senti vexado com a minha conversa; creio até que o desgostei, oferecendo-lhe, ainda por abrir, livros e jornais que recebera pelo último correio. No primeiro momento fitou-os com um olhar ávido: logo em seguida disfarçou o seu interesse, declinando a oferta sob o pretexto da falta de tempo para leituras. Nada conseguindo, despedi-me. À saída tive a sensação de haver alijado um peso enorme. Arrependi-me de ter magoado um homem, cujo prazer era manter-se afastado de todos; o mal estava feito, não tinha remédio. Observara, porém, que possuía poucos livros; não podia portanto ler muito, como se afirmava. No entanto, por duas vezes que passei de carruagem, a horas tardias, em frente das suas janelas, avistei luz no seu quarto. Porque velaria ele até de madrugada? Escreveria? E, se assim era, que escreveria ele?

Tendo-me ausentado da cidade durante dois meses, soube, quando regressei, que Alexandre tinha falecido sem qualquer assistência médica. Já o tinham quase esquecido. Estava desabitado o compartimento onde ele morrera; dirigi-me então à locatária a fim de me informar sobre o que fazia o seu misterioso hóspede e se tinha de facto o hábito de escrever. Por vinte *kopeks* trouxe-me um cesto repleto de papéis deixados pelo misantropo, confessando-me que já gastara dois cadernos a acender o lume. Era uma velha casmurra e taciturna; não tentei arrancar-lhe nada que me pudesse interessar, visto que nada me sabia dizer sobre o passado do falecido. Entretanto foi-me dizendo que Alexandre quase nunca trabalhava, passando meses seguidos sem abrir um livro ou pegar na pena: em compensação deambulava a noite inteira pelo quarto, absorto nos seus pensamentos, falando mesmo algumas vezes em voz alta; adorava-lhe a netinha, Katia, em especial depois que lhe soube o nome. No dia de Santa Catarina mandava rezar uma missa de *requiem* por alma de alguém; não gostava que o visitassem; só saía para dar as suas lições e fitava a própria locatária de lado todas as vezes que, uma vez por semana, lhe ia arrumar o quarto. Durante os três anos que ali viveu, quase não lhe disse palavra.

Perguntei a Katia se se recordava dele; fitou-me, calada, e voltou-se para a parede a chorar. Apesar do seu feitio, este homem fizera com que alguém simpatizasse com ele!

Levei comigo os papéis e passei todo o dia a examiná-los. A maior parte deles não tinham importância: eram exercícios escolares. Porém, a certa altura, deparou-se-me um volumoso caderno, escrito em letra miúda, mas incompleto. O autor esquecera-se dele talvez. Era o relato, incoerente e fragmentário, dos dez anos passados na prisão, em cumprimento da pena de trabalhos forçados; o relato era intercalado, aqui e ali, ou por uma anedota ou por estranhas e pavorosas recordações escritas de um fôlego, como se fossem desabafos do escritor. Reli várias vezes esses manuscritos e cheguei a aventar a hipótese se não teriam sido escritos em momentos de loucura. Apesar disso, essas memórias de um forçado, *Recordações da Casa dos Mortos* — como ele próprio as denominou a certa altura do manuscrito — não me pareceram desprovidas de certo interesse. Um mundo inteiramente novo, desconhecido para mim até àquela altura, o ineditismo de certos factos, algumas observações justas sobre aquela gente decaída moralmente — tinha qualquer coisa em si que me seduziu e me levou a lê-lo com uma crescente curiosidade. Pode ser que me tenha iludido: publico alguns capítulos desse manuscrito — e o público julgá-lo-á...

Capítulo 1 — A Casa dos Mortos

O nosso presídio estava situado no extremo da cidade, para além das muralhas. Se olhássemos através das fendas da paliçada na esperança de vermos alguma coisa — nada mais avistaríamos que uma pequena nesga do céu e um alto aterro, coberto dos desenvolvidos arbustos das estepes. Noite e dia as sentinelas percorriam-no de um extremo ao outro, num constante vigiar. Diz-se, ao vê-las, que os anos decorrerão iguais uns após outros e sempre pela mesma fenda da paliçada avistaremos o mesmo aterro, as mesmas sentinelas e a mesma ponta do céu, não aquele céu que vemos por cima da prisão, mas um outro céu, longínquo e libertador. Suponham um grande pátio, de duzentos passos de comprido por cento e cinquenta de largo, rodeado de uma paliçada com a forma de um hexágono irregular, formada de aguçadas estacas, muito enterradas na terra, e eis o contorno exterior do presídio. A um lado da paliçada havia uma grande e sólida porta, sempre fechada, guardada constantemente pelas sentinelas da prisão e que apenas se abria quando os condenados iam para os trabalhos. Para além dessa porta ficava a luz, a liberdade; estavam as pessoas livres... Dentro da paliçada vivia-se um mundo maravilhoso, fantástico como um conto de fadas: não há nada que se pareça com ele — porque é único, porque nada se lhe pode comparar. Tem costumes, trajos e leis especiais; é uma casa de mortos-vivos, uma vida sem analogia, vivida por homens postos à margem da sociedade. É este recanto que vou tentar descrever.

Ao penetrarmos no recinto deparam-se-nos alguns edifícios. Num dos lados do amplo pátio veem-se dois compridos pavilhões em madeira, feitos de troncos desbastados e com um só pavimento: são as casernas dos forçados. Nelas se alojam os presos, divididos em várias categorias. No fundo do pátio ergue-se outra casa, a cozinha, dividida em dois compartimentos, e a um canto vê-se ainda outro edifício que serve ao mesmo tempo de adega, celeiro e alpendre. O centro do pátio, completamente livre, forma uma praça ampla e espaçosa. É aí que os presos se dispõem em forma. A verificação e a chamada são feitas três vezes no dia: pela manhã, ao meio-dia e à noite; e algumas vezes ainda

durante o dia, se os guardas são desconfiados e pouco hábeis na contagem. Em toda a volta, entre a estacaria e os pavilhões, fica um espaço bastante largo onde alguns presos mais misantropos ou de caráter mais reservado gostam de passear nas horas do descanso; aí entregam-se, longe de todos os olhares, aos seus pensamentos mais prediletos. Quando os via nesses passeios punha-me a contemplá-los, examinando-lhes os semblantes tristes e estigmatizados, e procurando descortinar neles o que pensavam. Um deles tinha por ocupação predileta, nos momentos em que o trabalho o deixava livre, contar e recontar as estacas da paliçada. Eram mil e quinhentas; contara-as uma por uma e já as conhecia de cor. Cada uma delas representava para ele um dia de reclusão; descontava uma todos os dias e assim podia saber, ao certo, o número de dias que ainda tinha de passar na prisão. Ao terminar um dos lados do hexágono sentiu-se verdadeiramente feliz; e no entanto ainda precisava esperar muitos anos para lhe darem a liberdade! No presídio aprende-se a ter paciência. Vi uma vez um que se despedia dos companheiros, após ter terminado a pena; estivera vinte anos nos trabalhos forçados. Muitos dos presos lembravam-se de o ter visto chegar, moço ainda, despreocupado, sem se lembrar do crime que tinha praticado e do castigo que lhe haviam aplicado; quando saiu era um velho de cabelos grisalhos, rosto macerado e custando-lhe a andar. Nesse dia deu um passeio, calado, em volta das seis casernas; entrou em todas, ajoelhou diante da santa de cada uma delas, despediu-se com efusão dos companheiros, exortando-os a que não ficassem com uma má recordação dele. Lembro-me também de um outro que uma tarde chamaram ao portão da entrada: era um aldeão siberiano, forte e abastado. Seis meses antes recebera a notícia, que muito o entristecera, da mulher ter casado segunda vez. Uma tarde ela veio à prisão e mandou-o chamar para lhe dar uma esmola; conversaram uns dois minutos, choraram ambos e separaram-se para não se verem mais. Observei-lhe a expressão do rosto quando voltou à caserna. Na verdade ali aprende-se a suportar tudo!

Ao fim da tarde faziam-nos entrar na caserna, onde nos fechavam por toda a noite. Era-me sempre penoso o momento em que tinha de trocar o pátio pela caserna. Imaginem uma comprida sala, baixa e abafada, apenas iluminada por uma lanterna e onde se respirava um ar acre e nauseabundo. Custa-me nesta altura a compreender como pude viver ali dez longos anos... A minha tarimba compunha-se de três tábuas e era todo o espaço de que podia dispor. Encerravam num dormitório para cima de trinta homens.

Em especial no inverno recolhíamos cedo. Porém só passadas quatro horas, pelo menos, conseguíamos adormecer; antes era um tumulto infernal, uma confusão de risos, de pragas, de grilhetas arrastadas; era um ar infeto, um fumo espesso, uma confusão de cabeças rapadas, de rostos marcados, de roupas em farrapos — tudo miserável, repelente. O homem é, sem dúvida, um animal resistente. Poderíamos defini-lo: é um ser que a tudo se habitua — e esta seria, talvez, a melhor definição a dar.

Éramos ao todo, neste presídio, duzentos e cinquenta, número quase invariável, pois assim que uns terminavam a pena ou morriam, chegavam logo outros. Havia ali gente de toda a espécie; creio que cada região da Rússia, cada classe de habitantes tinha ali o seu representante. Havia-os também estrangeiros e até montanheses do Cáucaso. Todos estes homens se dividiam em várias categorias, conforme a importância do crime e a duração da respetiva pena. Cada crime, fosse qual fosse, tinha ali o seu herói. A população do presídio compunha-se, na sua maioria, de condenados a trabalhos forçados, da categoria civil — *fortemente condenados*, como eles diziam. Eram criminosos privados de todos os seus direitos civis, membros expulsos da sociedade, repelidos por ela e cujos rostos, parecendo marcados a ferro, deviam eternamente revelar a sua ignomínia. Tinham sido condenados por um lapso de tempo variável entre oito a doze anos; cumprida a pena, eram mandados como colonos para um dos distritos da Sibéria. Quanto aos criminosos de categoria militar, esses não estavam privados dos seus direitos civis — o que em geral sucede nas companhias disciplinares russas — e eram para ali mandados por um prazo relativamente curto. Uma vez cumprida a pena, voltavam à sua anterior situação, alistando-os como praças nos batalhões de linha siberianos. Muitos deles voltavam dentro de pouco tempo para o presídio, condenados então por crimes graves. Nessa altura a pena não era pequena, mas sim, pelo menos, de vinte anos. Alistavam-nos numa secção denominada *a perpétua*, sem que contudo esses *perpétuos* fossem privados dos seus direitos. Havia ainda uma outra categoria bastante numerosa composta dos mais perversos malfeitores, quase todos veteranos do crime, denominada a *secção particular.* Eram para ali mandados condenados de toda a Rússia, os quais se consideravam — e com razão! — condenados por toda a vida, visto que o final da sua reclusão não estava fixado. A lei ordenava que o seu trabalho fosse dobrado e triplicado. Mantinham-nos por isso na prisão até darem começo na Sibéria aos trabalhos forçados

mais penosos. «Vocês estão aqui por um tempo determinado» — diziam eles aos outros forçados — «nós, pelo contrário, devemos passar aqui toda a vida!» Disseram-me mais tarde que esta secção desapareceu e que foram afastados os condenados civis a fim de ficarem ali apenas os condenados militares, agrupados então numa única companhia disciplinar. É de presumir que a administração haja também mudado. Se assim é, vou descrever factos ocorridos noutros tempos, práticas de há muito abolidas. Já lá vão tantos anos... Parece-me até um sonho! Recordo-me da minha entrada no presídio por uma tarde de dezembro, ao cair da noite. Os forçados regressavam dos seus trabalhos; separaram-nos, procedendo à chamada. Um sargento, de grandes bigodes, abriu-me a porta de uma dessas casernas, onde devia passar longos anos, experimentar muitas e diversas comoções das quais nunca poderia fazer uma ideia se não as tivesse sentido. Assim, por exemplo, podia lá imaginar o pungente e terrível que é o não poder estar um momento a sós comigo, mesmo durante dez anos? No trabalho, sempre escoltado; na caserna, sempre de mistura com os meus duzentos companheiros... Nunca só, nunca! De resto, precisava habituar-me.

Havia ali homicidas por imprudência, assassinos de profissão, salteadores e chefes de bandoleiros, simples larápios, mestres na indústria de se proverem de dinheiro limpando a bolsa dos outros ou escamotear fosse o que fosse de cima de uma mesa! Era todavia difícil dizer, por outro lado, o como e a razão por que alguns detidos estavam no presídio. Cada qual tinha a sua história confusa, incómoda e penosa, como o acordar de uma embriaguez. Os forçados, em geral, referiam-se pouco ao seu passado, de que não gostavam de falar; esforçavam-se mesmo por não pensar nele. Conheci entre os meus companheiros de desgraça e trabalho assassinos tão alegres e despreocupados que era talvez capaz de apostar em como nunca tiveram um rebate de consciência; pelo contrário, havia-os sempre também de catadura sombria, quase nunca falando. Era raro que algum contasse a sua história, pois essa curiosidade não estava nos costumes e sentir dos presos; digamos mesmo, não era permitida. Sucedia, contudo, de longe a longe, haver alguns que, por desfastio, contavam a sua história a um companheiro, o qual a ouvia friamente. Ninguém, por assim dizer, se vingava, escarnecendo do seu vizinho. «Não somos ignorantes» — diziam muitas vezes, com um vaidoso cinismo. Recordo-me que um dia, um facínora, já embriagado — podiam embriagar-se às vezes nos

trabalhos forçados — contou a maneira como tinha morto e esquartejado uma criança de cinco anos: embrulhara-a primeiro num pano e levara-a depois para um barracão, onde a cortara em bocados. A caserna inteira — que de ordinário ria dos seus gracejos — soltou um grito unânime de reprovação, obrigando o bandido a calar-se. Interromperam-no, não porque a história lhes tivesse causado indignação, mas sim porque era expressamente proibido falar sobre *aquilo*. Devo dizer que os presos tinham um certo grau de instrução: metade, pelo menos, sabia ler e escrever. Encontrar-se-ão por acaso, na Rússia, seja qual for o grupo popular, duzentos e cinquenta homens que saibam ler e escrever? Mais tarde ouvi dizer e concluir até, destas informações, que a instrução desmoraliza o povo. É um erro. A instrução é em absoluto estranha a esta decadência moral. Pode e deve mesmo desenvolver no povo o espírito de iniciativa, mas está longe de ser um defeito.

Cada secção tinha um traje diferente; uma delas usava uma túnica de pano, metade escura e metade cinzenta; as calças tinham também cada uma das pernas de iguais cores. Estávamos um dia no trabalho quando uma moça, que vendia uns pães brancos, se aproximou de nós. Fitou-nos durante algum tempo e logo depois soltou uma estridente gargalhada. «Ih, como são feios!», exclamou ela. «Não tiveram pano escuro ou cinzento para fazerem as roupas...» Outros forçados vestiam-se de pano cinzento liso, com mangas escuras. As cabeças eram também rapadas de diferentes maneiras: umas rapadas sobre o comprimento, outras sobre a largura, da nuca à testa ou de uma orelha à outra.

Esta exótica família tinha um ar de semelhança que os distinguia logo de toda a gente ao primeiro lance de olhos. Até os forçados mais importantes, os que, sem mesmo quererem, dominavam, esses mesmos timbravam em se identificarem com o geral da prisão. Os presos — excetuando alguns incorrigíveis galhofeiros, que por isso mesmo tinham o desprezo geral — eram tristes, invejosos, muitíssimo vaidosos, presunçosos, melindrando-se com tudo e deveras formalistas. Não se admiravam de coisa nenhuma — pois para eles isso constituía uma qualidade primordial e timbravam mesmo em fazer gala dessa qualidade. Não raras vezes a mais atrevida arrogância transmudava-se, num segundo, na mais miserável das cobardias. No entanto alguns deles eram na verdade valentes; esses eram humanos e sinceros, mas — coisa estranha! — denotavam ao mesmo tempo uma vaidade excessiva e doentia. Era sempre

a vaidade o que estava no primeiro plano. A maioria era depravada e pervertida, razão porque as calúnias e as intrigas choviam como granizo. Aquela vida era um inferno, um martírio; ninguém no entanto ousava revoltar-se contra os regulamentos internos da prisão e costumes estabelecidos. Com boa ou má vontade, todos se submetiam. Alguns, os de caráter altivo, dificilmente se submetiam, mas obedeciam. Quando livres, esses presos eram o terror de cidades inteiras e, arrastados por uma vaidade sobre-excitada, cometeram crimes horrorosos; ali, inconscientemente, como num delírio, eram dominados quase desde início pelo regime da prisão. O *neófito,* ao procurar orientar-se, notava, desde logo, que ali dentro não causava admiração a ninguém; então, sem dar por isso, submetia-se, tornava-se idêntico aos outros, adquiria uma espécie de dignidade pessoal de que todos estavam compenetrados, como se a designação de *forçado* fosse um simples título honorífico. Não se lhes notava o mais leve sinal de vergonha ou de arrependimento; contudo, um não sei quê de submissão exterior, de algum modo oficial, indicava-lhes o caminho que lhes cumpria seguir. «Somos uns perdidos» — diziam eles. — «Não soubemos viver em liberdade; agora temos de percorrer, ainda que muito nos custe, a *rua verde* e consentir que nos contem e recontem como animais». «Não quiseste obedecer a teu pai e a tua mãe, mas obedeces agora ao tambor». «Quem não quis deliciar-se com a vida, quebra agora pedras a qualquer hora». Diziam e repetiam isto muitas vezes, à guisa de moral, como sentenças ou provérbios, sem que no entanto os tomassem a sério. Não eram mais do que palavras deitadas ao vento. Haveria ali algum capaz de confessar a sua culpa? Que tentasse um estranho — não um forçado — criticar a algum deles o crime cometido ou insultá-lo, e de todos os lados ouviria intermináveis protestos. E como eles requintam no que diz com respeito a injúrias! Insultam diplomaticamente, como artistas. A injúria ali é uma verdadeira ciência: timbram em ofender menos pela expressão do que pelo sentido; preferem o espírito de uma frase envenenada. As contínuas disputas a que se entregam contribuem muito para o aperfeiçoamento desta arte especial.

Como apenas trabalham sob a ameaça da chibata, são em geral indolentes e depravados. Os que não estão ainda pervertidos, ao entrarem para o presídio ficam-no por completo dentro em pouco. Encontrando-se, contra sua vontade, eventualmente reunidos, são em absoluto estranhos uns para com os outros. «O diabo» — diziam eles — «rompeu três pares

de *lapti* antes de nos reunir». As intrigas, as calúnias, os ditos, as invejas, as altercações tinham a primazia naquela vida infernal. Uma língua, por mais ferina que fosse, não se atreveria a correr parelhas com tais facínoras, de injúria sempre pronta nos lábios.

Como já disse atrás, havia entre eles alguns de caráter indomável, destemidos e valentes, habituados a dominarem a dentro do presídio; faziam-se também, involuntariamente, estimar. E posto estadeassem, orgulhosos, a sua fama, esforçavam-se por não molestar os companheiros, não os insultando nunca sem motivo; procediam com dignidade, eram cordatos e quase sempre obedientes, não por princípio ou consciência dos seus deveres, mas por uma mútua convenção entre eles e os dirigentes do presídio, da qual reconheciam as vantagens. Eram tratados com prudência. Lembro-me de um preso, forte e destemido, notável pelos seus instintos de fera, que um dia chamaram para ser vergastado. Era no verão. Não se trabalhava. O ajudante, chefe direto e imediato do presídio, chegara ao edifício da guarda — que era ao lado do portão — a fim de assistir ao castigo. Este major era odiado pelos presos, que tremiam diante dele. Severo até ao crime, «atirava-se sobre eles», diziam os forçados. Era sobretudo o seu olhar penetrante como o de um lince, aquilo que os aterrava. Como via, por assim dizer, sem olhar, era impossível dissimular com ele. Ao entrar na caserna, sabia logo o que faziam os presos no lado oposto àquele por onde entrara. Os forçados por isso alcunharam-no de «o homem dos oito olhos». O seu sistema era contraproducente, visto que só conseguia irritar ainda mais estes indivíduos, já de si irascíveis. Se não fosse o comandante — homem de fino trato e prudente, que refreava os ímpetos selvagens do major — teria originado os mais lamentáveis desastres com a sua má orientação. É quase inacreditável que tivesse conseguido, são e salvo, a sua reforma; verdade é que deixou o serviço após um processo que lhe promoveram.

O forçado, ao ser chamado, empalideceu. Em geral deitava-se corajosamente, sem proferir palavra; recebia as terríveis vergastadas e erguia-se, findo o suplício, sacudindo-se. Sofria com estoicismo a desgraça, qual verdadeiro filósofo. Apesar disso puniam-no com todas as cautelas e precauções. Desta vez supunha-se inocente: empalideceu e aproximou-se muito devagar da escolta. Levava, escondida na manga, uma faca de sapateiro. Note-se que era terminantemente proibido aos forçados trazerem instrumentos cortantes, como facas, etc. As buscas eram

frequentes, inesperadas e muito minuciosas. As infrações a esta regra eram punidas com todo o rigor; todavia, como é difícil tirar a um criminoso o que ele quer ocultar, e como além disso havia necessidade de ter na prisão instrumentos cortantes, não conseguiam suprimi-los; se lhos tiravam, logo os presos adquiriam outros. Os forçados, à uma, correram para a paliçada, com os corações opressos, e espreitaram pelas frestas; sabiam que desta vez Petrov recusaria deixar-se fustigar e tinham como certa a chegada da hora do major. No momento do castigo este subia para um carro e partiu, entregando o comando da execução a um oficial subalterno. — «Salvou-o Deus!» — disseram mais tarde os forçados. E Petrov sofreu calmamente o castigo; partira o major, extinguira-se-lhe a cólera. O forçado é, até certo ponto, respeitoso e obediente; há no entanto um limite que é arriscado ultrapassar. Nada mais curioso do que estas alternativas de revolta e obediência. Muitas vezes aquele que suporta, anos e anos, os mais cruéis castigos revolta-se por uma ninharia, uma bagatela. Diríamos mesmo que é um louco! E de resto tratam-no como tal.

Já disse que durante muitos anos não pude descobrir o menor sinal de arrependimento, o mínimo pesar pelo crime cometido, pois a maioria dos forçados pensavam com eles que podiam proceder como melhor lhes parecesse. Com certeza concorria para isto a vaidade, os maus exemplos, a fanfarronice e um mal-entendido pundonor. Contudo, quem poderá afirmar que sondando o íntimo destes perversos caráteres os encontrou fechados a toda a luz? Poderá parecer que devia, durante tantos anos, surpreender-lhes pelo menos algum sinal, por mais fugitivo que fosse, de pesar, de sofrimento moral. Nada, positivamente nada pude notar a tal respeito. Não se pode julgar um criminoso com razões apriorísticas, pois a sua filosofia é um pouco mais complicada do que em geral se supõe. Está provado que a prisão, o presídio, todo um sistema de trabalhos forçados não corrigem o criminoso; estes castigos só conseguem preservar a sociedade contra os atentados que ele poderia cometer. A reclusão e os trabalhos excessivos servem para despertar nesses homens um ódio profundo, o desejo de gozar prazeres que lhe estão interditos e uma terrível indiferença. Por outro lado estou convencido de que qualquer sistema celular só atinge um fim aparente e ilusório: tira ao criminoso toda a força e energia, enerva-lhe a alma, enfraquecendo-a e aterrando-a, e mostra-nos no final uma múmia ressequida e semilouca, tal como um modelo de arrependimento e contrição. O criminoso, que é um revoltado contra a sociedade, odeia-a e

julga sempre que tem razão; a sociedade, para ele, é que a não tem. Além disso não foi ele condenado? Logo está pago, absolvido aos seus próprios olhos. Nem que isso pese às opiniões em contrário, todos reconhecemos, sem a menor dúvida, que se cometeram e hão de continuar a cometer crimes, ou classificados como tais, sempre e em toda a parte, qualquer que seja a legislação e enquanto o homem for homem. Foi apenas no presídio que ouvi contar, com um sorriso infantil e a custo reprimido, os mais estranhos e horríveis crimes. Nunca me esquecerá um parricida pertencente à nobreza e funcionário público. Desgraçara o pai, como verdadeiro filho pródigo; o velho, com as suas admoestações, envidara os maiores esforços para o suster no declive fatal por onde ia resvalando. Como estivesse cheio de dívidas e suspeitasse que o pai, além de ter uma herdade, possuía dinheiro escondido, matou-o a fim de entrar logo na posse da herança. Só passado um mês o crime foi descoberto. Nesse meio tempo o assassino, que aliás comunicara à polícia o desaparecimento do pai, continuou com os seus desregramentos. Um dia, porém, na sua ausência, a polícia descobriu o cadáver do velho num cano de esgoto, coberto com umas tábuas. A cabeça grisalha estava separada do tronco, mas colocada ao lado do corpo, todo vestido; por baixo da cabeça, como por escárnio, o assassino colocara uma almofada. O preso nada confessou; apesar disso retiraram-lhe os privilégios de nobre e condenaram-no por vinte anos a trabalhos forçados. Conheci-o durante muitos anos e vi-o sempre indiferente. Era o homem mais estouvado e imprudente que tenho conhecido, se bem que nada tivesse de doido. Nunca, porém, lhe notei a mínima crueldade. Os outros presos desprezavam-no, não pelo crime que cometera — no qual não pensavam — mas porque não tinha compostura. Às vezes falava do pai; um dia, vangloriando-se da sua robusta compleição, qualidade hereditária na sua família, acrescentou: «Meu pai, por exemplo, *até à sua morte,* nunca esteve doente». Parece impossível existir uma insensibilidade levada a um tão alto grau; era na verdade um grande fenómeno. Neste homem devia existir um defeito orgânico, uma deformidade física ou moral desconhecida até então da ciência e não um simples delinquente. Custava-me, como é natural, a acreditar num crime tão atroz; confirmaram-mo, porém, pessoas da mesma cidade do criminoso, as quais o conheciam com todos os pormenores. Eram tão positivos os factos que era impossível não me render à evidência. Os

presos ouviram-no uma vez exclamar, durante o sono: «Pega! Pega! Corta-lhe a cabeça!... a cabeçal».

Quase todos os forçados sonhavam em voz alta ou deliravam durante o sono: vinham-lhe então à boca as injúrias, os palavrões, as facas, os machados. «Somos uns desgraçados!», diziam eles. «Não temos sentimentos, por isso gritamos de noite».

Os trabalhos forçados no nosso presídio não constituíam ocupação, mas obrigação. Os presos cumpriam a tarefa que lhes fosse marcada, ou trabalhavam o número de horas fixados por lei e recolhiam depois ao presídio. Este trabalho não era odiado por eles. Se o preso não tivesse qualquer ocupação, a que voluntária e aplicadamente se entregasse, ser-lhe-ia impossível suportar a reclusão. De que maneira poderia viver, natural e normalmente, toda aquela gente bastante robusta, presa contra vontade, que tinha vivido a seu modo, sem dúvida, e desejava viver ainda, apesar da sociedade a ter afastado de si?

Entregues à indolência, os mais criminosos instintos de que o forçado não tem consciência redobrariam logo de intensidade.

O homem não pode viver sem trabalho ou sem uma ocupação legal; fora destas condições perverte-se e transmuda-se numa besta fera. Por isso cada forçado, por uma exigência natural e por instinto de conservação, tinha uma profissão, uma ocupação qualquer. Os compridos dias de verão eram quase todos tomados pelos trabalhos forçados; as noites eram tão curtas que mal havia tempo para dormir. Porém outro tanto não sucedia de inverno; conforme o regulamento, os presos tinham de recolher às casernas logo ao cair da noite. Que fazer pois durante essas compridas e tristes noites se não trabalhar? Por isso cada caserna, uma vez trancadas as portas, tomava o aspeto de uma vasta oficina. A bem dizer a direção do presídio não proibia que se trabalhasse, porém não permitia o uso de certos instrumentos sem os quais não é possível trabalhar. Os forçados trabalhavam portanto às escondidas e a direção parece que fazia sobre isso vista grossa. Muitos chegavam ao presídio sem saber o que fazer das mãos; aprendiam com os companheiros um ofício e, uma vez livres, tornavam-se uns excelentes operários. Entre eles havia sapateiros, alfaiates, escultores, serralheiros e douradores. Um judeu, por exemplo, Içaï Baumstein, era ao mesmo tempo ourives e usurário. Todos trabalhavam, satisfazendo as muitas encomendas que recebiam da cidade e ganhando com isso alguns *kopeks*. Para um homem privado totalmente da

verdadeira liberdade, o dinheiro é uma liberdade sonante, ponderável e estimável; se tem no bolso alguma moeda, conforma-se com a sua situação, ainda que a não possa gastar. No entanto o homem pode sempre e em toda a parte gastar o seu dinheiro, tanta mais quanto o fruto proibido é duplamente saboroso. Podiam comprar aguardente na própria caserna e, posto que o cachimbo não lhes fosse permitido, todos os presos o fumavam. O dinheiro e o tabaco preservam os forçados do escorbuto, como o trabalho os salva do crime; sem o trabalho esmagar-se-iam mutuamente, como aranhiços metidos num frasco de vidro. Certos instrumentos de trabalho e o dinheiro eram interditos: muitas vezes, durante a noite, procediam a rigorosas buscas, tirando-lhes tudo quanto não fosse legalmente autorizado. Por mais cautelas que tivessem no esconder dos seus pecúlios, as autoridades conseguiam sempre descobrir-lhos. Era esta uma das razões porque não o guardavam por muito tempo; trocavam-no logo por aguardente, e isto por sua vez explica a razão por que esta era levada em quantidade para o presídio. O prevaricador não só era privado do seu pecúlio, mas ainda cruelmente fustigado!

Porém, logo depois de cada busca, os forçados adquiriam de novo os objetos que lhes tinham sido tirados e tudo voltava a decorrer como antes. A direção do presídio sabia-o, e posto a situação dos presos fosse muito semelhante à dos habitantes do Vesúvio, nunca murmuravam dos castigos que lhe infligiam por causa disso. Todo aquele que não tinha um trabalho manual negociava em qualquer coisa. Os processos de compra e venda eram muito originais: uns ocupavam-se fazendo trocas, revendendo às vezes objetos que ninguém, a não ser um forçado, teria ideia de comprar ou vender, ou sequer imaginar que valessem alguma coisa; o mais insignificante trapo tinha no entanto o seu valor e podia vir a servir. Em razão da pobreza extrema dos forçados, o dinheiro adquiria um valor superior ao que realmente tinha. Pesados e penosos trabalhos, por vezes complicadíssimos, pagavam-se com poucos *kopeks*. Alguns dos presos emprestavam a curto prazo, auferindo juros elevados. O que pedia emprestado, dissipador ou arruinado, levava ao usurário os poucos objetos que possuía, empenhando-os por alguns *kopeks*, que este lhe emprestava a uma taxa fabulosa; se os não resgatava no prazo estipulado, o prestamista vendia-os inexoravelmente em leilão, sem nenhuma preocupação. A usura imperava de tal modo no presídio que emprestavam até sobre objetos pertencentes ao Estado, como roupas, botas, etc., coisas em absoluto

indispensáveis. Quando o usurário aceitava estes penhores, o negócio tomava por vezes uma feição inesperada: o que emprestava, logo após ter embolsado o dinheiro, ia procurar o sargento, chefe dos guardas do presídio, e contava-lhe o que se tinha passado. Este mandava apreender os objetos empenhados, sem dar ao sucedido a importância bastante para o levar ao conhecimento da direção do presídio. Porém — facto curioso — nunca surgiu qualquer questão entre o denunciante e o denunciado: o primeiro entregava sem protestar, mas de aspeto melancólico os objetos reclamados, como se há muito esperasse por aquilo. Talvez confessasse com ele que, no lugar do delator, procederia da mesma forma. Por isso, se após essas buscas e apreensões ambos se insultavam, faziam-no menos por ódio do que por simples descargo de consciência.

Os condenados roubavam-se uns aos outros sem a mínima vergonha. Cada preso possuía a sua pequena arca, munida de uma fechadura, onde guardava as roupas que a direção do presídio lhe fornecia; isto porém não evitava os roubos. O leitor poderá calcular como seriam hábeis os larápios existentes entre nós. Um preso que tinha por mim uma sincera afeição — digo-o sem vanglória — roubou-me uma vez a minha Bíblia — o único livro permitido no presídio.

Confessou-mo porém no mesmo dia, não por estar arrependido, mas por compaixão, ao ver-me andar a procurá-la durante bastante tempo. Tínhamos entre os nossos companheiros de trabalho alguns a quem chamavam taberneiros, porque vendiam aguardente e ganhavam muito dinheiro neste negócio; tratarei deste ponto mais adiante, por quanto este tráfico é muito curioso para que se lhe consagrem apenas algumas linhas. Muitos deles haviam sido deportados por terem sido contrabandistas, o que explica como podiam trazer para o presídio, sem que ninguém descobrisse, a aguardente, apesar da vigilância sempre severa das inevitáveis escoltas. Digamos desde já que o contrabando constituía um crime à parte. Poderão acreditar que o dinheiro — o lucro do negócio — não tem, na maior parte dos casos, mais do qua ama importância secundária para o contrabandista? E no entanto é uma realidade, porque o contrabandista trabalha por vocação; na sua arte é como qualquer artista. Arrisca tudo o que possui, expõe-se a terríveis perigos, é astucioso, resoluto e arquiteta mesmo habilidades com um quê de originalidade. Esta paixão é tão violenta como a do jogo. Conheci um de estatura colossal, que era o mais meigo, dócil e pacífico dos homens. Quedava-se a meditar no

que fizera para que merecesse a deportação. Era de um caráter tão delicado e tão sociável que enquanto esteve no presídio nunca teve a menor questão com qualquer dos companheiros. Natural da Rússia ocidental, vivia próximo da fronteira. Ali foi condenado como contrabandista a trabalhos forçados. Em agradecimento à justiça, não resistia à tentação de trazer aguardente para a prisão. Quantas vezes fora já castigado por isso... e só Deus sabe o pavor que tinha às vergastadas! E no entanto auferia apenas um irrisório benefício deste arriscado mister; era o fornecedor quem enriquecia à sua custa. Sempre que o castigavam, chorava como uma velha, jurando aos seus deuses não fazer outra. Cumpria o juramento durante um mês; no fim deste, cedia de novo à tentação. Por isso, devido a estes amadores do contrabando, não faltava nunca aguardente no presídio.

Outra espécie de rendimento, que sem enriquecer os que o praticavam não era menos constante e lucrativo, era a esmola. A alta sociedade russa ignora o quanto os negociantes, os burgueses e em geral todo o nosso povo se compadecem dos *desgraçados*. A esmola não faltava nunca; consistia nuns pães muito brancos e, nalgumas ocasiões, em dinheiro — mas este poucas vezes. Sem as esmolas, a vida dos forçados — e em especial a dos presos mal alimentados — seria bastante mais penosa. A esmola é dividida irmãmente entre todos os presos; se não é muito grande, dividem ao meio os pães secos e às vezes em três ou mais pedaços para que cada forçado tenha o seu quinhão. Recordo-me ainda da primeira esmola que recebi — uma pequena moeda. Pouco tempo depois da minha chegada, numa manhã em que voltava do trabalho, escoltado por um guarda, cruzei-me com uma mulher e uma pequena, uma criança de uns dez anos, linda como um anjo. A mulher era mãe da pequena e viúva de um pobre soldado que respondera em conselho de guerra e morrera ainda novo na enfermaria do presídio quando lá estive a tratar-me. Vi-as num pranto convulso ao virem dar-lhe o seu último adeus. Ao avistar-me, a pequena corou, murmurando algumas palavras ao ouvido da mãe. Esta estacou e, tirando de um cesto um quarto de *kopek,* entregou-o à filha. A pequena correu para mim: «Toma desgraçado» — disse-me ela — «toma este *kopek*, em nome de Cristo». Guardei a moeda que me meteu na mão e ela voltou feliz para junto da mãe. Conservei por muito tempo este *kopek*.

Capítulo 2 — Primeiras Impressões

As primeiras semanas, como em geral os primeiros tempos da minha reclusão, revivem na minha memória minuto a minuto. Os últimos anos, pelo contrário, confundem-se e deles só tenho uma confusa reminiscência. Algumas épocas desse período da minha vida diluíram-se até mesmo do meu espírito, Desses tempos conservo apenas uma impressão única e sempre igual: foi torturante, monótona e asfixiante.

O que vi e sofri durante os primeiros anos passados no presídio parece-me que foi ontem... E devia ser assim!

Lembro-me muito bem que, a princípio, essa vida causou-me admiração, pois não me apresentou nada de especial, de extraordinário ou, para dizer melhor, de inesperado. Só mais tarde, depois de ter passado muito tempo no presídio, é que compreendi o quanto havia de excecional e de inopinado numa tal existência, e então pasmei. Confesso que esse espanto não me deixou mais durante todo o tempo que levei a cumprir a minha pena; não podia, decididamente, conformar-me com tal existência!

Senti uma tremenda repugnância ao chegar ao presídio, mas — coisa singular! — a vida pareceu-me menos penosa do que se me afigurara no caminho.

De facto os forçados, se bem que presos pela grilheta, moviam-se livremente na prisão; injuriavam-se, cantavam, trabalhavam, fumavam, bebiam aguardente — eram raros, todavia, os bêbedos — e formavam-se mesmo, à noite, grupos de jogadores de cartas. Os trabalhos não me pareceram muito pesados: afigurou-se-me a princípio que não eram o verdadeiro *cansaço* dos presídios. Só mais tarde compreendi porque era duro e excessivo esse trabalho; não o era tanto pela sua dificuldade, mas sim porque era *forçado,* constrangedor, obrigatório e porque apenas o executavam pelo terror à vergasta. O camponês trabalha muito mais do que o forçado, porque aquele labuta dia e noite, mas tem uma razão de ser, pois se afadiga no seu próprio interesse; sofre portanto menos que o condenado, porque este executa um trabalho de que não tira nenhum proveito. Concluí um dia que se quiséssemos atormentar um homem, puni-

lo cruelmente, esmagá-lo de modo que o mais feroz assassino se horrorizasse ante esse castigo e tremesse mesmo, bastaria dar ao seu trabalho o caráter de completa inutilidade, de verdadeiro absurdo. Os trabalhos forçados, tais como existem atualmente, não apresentam nenhum interesse para os condenados, mas têm apenas uma razão de ser: o forçado fabrica tijolos, cava a terra, prepara couros, constrói, em suma, e todas estas ocupações têm um sentido e um fim. Algumas vezes o próprio preso interessa-se pelo que faz. Deseja então tornar-se mais hábil para auferir maiores proventos; obriguem-no porém a trasfegar água de uma tina para outra ou vice-versa, a triturar areia ou a mudar um monte de terra de um pátio para outro e em seguida ordenem-lhe o contrário e estou persuadido que o preso, ao fim de alguns dias, se estrangulará ou cometerá vários crimes que o levarão à pena de morte, o que é preferível do que viver num tal aviltamento e com tais tormentos. Compreende-se que tal castigo seria mais uma tortura, uma vingança atroz do que um corretivo; seria um paradoxo, pois não atingiria um fim justificável.

Quanto a mim, havia chegado no inverno, em dezembro; os trabalhos eram então insignificantes na fortaleza. Não fazia ideia do que fosse o trabalho no verão, cinco vezes mais exaustivo. Os presos, durante a estação invernosa, desfaziam, nas margens do Irtych, velhas barcaças pertencentes ao Estado; trabalhavam nas oficinas, removiam a neve acumulada pelas ventanias ao pé das habitações, queimavam e trituravam o alabastro, etc. Como os dias eram pequenos, o trabalho terminava cedo. Voltávamos então todos para o presídio, onde quase nada havia que fazer a não ser o trabalho suplementar em que se entretinham alguns forçados.

Apenas um terço dos detidos trabalhava a valer: os outros preguiçavam ou passeavam durante o dia pelas casernas, intrigando ou injuriando. Os que tinham dinheiro embebedavam-se com aguardente ou perdiam ao jogo as suas economias; faziam tudo isto por preguiça, por tédio, por ociosidade. Aprendi então a conhecer um sofrimento, talvez o mais forte, o mais doloroso que se pode sentir numa prisão além da privação da liberdade; refiro-me à *coabitação forçada.* A coabitação é sempre, em toda a parte, mais ou menos forçada; porém em nenhuma outra parte é tão horrível como numa prisão; há nela indivíduos com os quais ninguém deseja conviver. Estou convencido de que todo o condenado — talvez inconscientemente — já lhe sentiu o travor.

A alimentação dos presos pareceu-me sofrível. Afirmavam que era ali muitíssimo melhor do que em qualquer outra prisão da Rússia. Não pude certificar-me disto, porque nunca estive preso noutra. Muitos de entre nós tinham, de resto, a faculdade da pedir a comida que desejassem; se bem que a carne custasse apenas três *kopeks,* só aqueles que tinham dinheiro se davam ao luxo de a comer; a maioria contentava-se com a ração regulamentar. Quando elogiavam a alimentação do presídio queriam mais referir-se ao pão, que era distribuído sem conta pelas casernas e não individualmente. Esta última condição aterraria os forçados, porque um terço, pelo menos, neste caso, estaria sempre com fome, ao passo que com o sistema em vigor todos estavam satisfeitos. O pão era particularmente saboroso e até afamado na cidade; atribuíam-lhe essa qualidade devido à forma feliz como na prisão haviam construído os fornos. Quanto, porém, à sopa de couves amargas, cozidas num grande caldeirão, e engrossada com farinha, ficava sempre longe de ser saborosa. Nos dias de trabalho era muito branca e aguada; porém o que me desgostava, sobretudo, era a quantidade de grúmulos que nela se encontravam. Os outros presos incomodavam-se pouco com isso.

Nos três dias imediatos à minha chegada não me mandaram para o trabalho; concediam sempre algum repouso aos novos deportados a fim de refazerem as suas forças. No dia seguinte tive de sair do presídio para ser *ferrado* (pôr a grilheta). A minha cadeia não era a do «uniforme»; compunha-se de uns anéis que produziam um som claro, conforme ouvi dizer aos outros presos. Trazia-a exteriormente, por cima da roupa, ao passo que a dos meus companheiros consistia não em argolas, mas em quatro varetas da grossura de um dedo e ligadas entre si por três anéis, que traziam por baixo das calças; do anel central saía uma correia que, por sua vez, prendia a um cinturão afivelado por cima da camisa.

Recordo-me muito bem da minha primeira manhã no presídio. Na casa da guarda, junto ao portão, o tambor tocou à alvorada; dez minutos depois o sargento do pelotão abriu as casernas; despertaram uns após outros, erguendo-se das tarimbas, a tiritarem de frio, à luz baça de uma lanterna.

Quase todos estavam tristes. Bocejavam, espreguiçando-se, franzindo as testas, que pareciam marcadas a ferro; uns persignavam-se e outros começavam logo a dizer tolices. A atmosfera era horrível. Uma onda de ar frio invadia, em turbilhões, a caserna, logo que abriam as portas. Os presos reuniam-se em volta de umas tinas cheias de água: iam, um a um,

gargarejavam um pouco e depois lavavam o rosto e as mãos. Esta água era trazida na véspera pelo *parachmick,* o forçado que, segundo o regulamento, tinha a seu cargo a limpeza da caserna. Os presos escolhiam-no entre eles. Não ia trabalhar porque tinha de cuidar das tarimbas, varrer a caserna, despejar e lavar o depósito da noite e encher as tinas de água fresca. Esta água servia pela manhã para se lavarem e durante o dia era a bebida normal dos forçados. Nessa manhã as altercações começaram devido a uma bilha de água.

— Que fazes aí, ó testa marcada? — rosnou um preso de alta corpulência, magro e trigueiro.

Chamava a atenção devido às estranhas saliências que tinha no crânio. Ao falar, empurrou um outro forçado, de baixa estatura, gordinho, de rosto alegre e vermelho.

— Espera, homem!

— Espera o quê?! Bem sabes que entre nós paga-se quando se quer que os outros esperem. Vai saindo! Olha para este belo monumento! Não tem, na verdade, nada de *farticultiapnost!*

A palavra *farticultiapnost* deu o efeito desejado; os presos romperam à gargalhada, o que muito lisonjeou o gracejador, que fazia o papel de bobo da caserna. O outro olhou-o com um ar de profundo desprezo.

— Ah, meu comilão! — continuou o primeiro. — Vede como ele engorda com o pão branco da prisão!

— E tu? Que pensas tu quem és? Um lindo pássaro?

— É como dizes!

— Que lindo pássaro és então?

— Bem o vês.

— O quê? Bem o vejo?

— Um pássaro, como dizes!

— Mas que pássaro?

Ambos se devoravam com os olhos. O mais pequeno esperava a resposta, cerrando os punhos, pronto a engalfinhar-se. Vi-os quase a ponto de se atirarem um ao outro. Tudo isto era novo para mim, pelo que acompanhava a cena com um certo interesse. Soube depois que semelhantes altercações eram inofensivas e que só serviam para alegrar os forçados, como comédia desopilante. Era raro chegarem a lutar. Isto caracteriza na verdade os hábitos do presídio.

O preso mais alto permaneceu calmo e majestoso. Sabia que todos aguardavam uma resposta sua, sob pena de se desacreditar, de se cobrir de ridículo; devia manter o que dissera, mostrar que de facto era um pássaro maravilhoso, um alto personagem. Fitou por conseguinte o adversário, com um olhar de lado, onde se refletia um desprezo inexprimível, e procurando irritá-lo. Olhou-o por cima do ombro, de alto a baixo, como se o adversário fosse um inseto, e lenta e distintamente redarguiu:

— Um *kaghane*!

Queria dizer com isto que era um pássaro *kaghane*. Formidável gargalhada acolheu esta saída e aplaudiram todos a habilidade do forçado.

— Tu não és um *kaghane,* mas um canalha! — rugiu o mais gordo ao ver-se por completo derrotado. Furioso, ter-se-ia lançado sobre o adversário se os companheiros não o rodeassem por temerem uma questão séria.

— À unha, em vez de estarem para aí a dar à língua! — gritou, do seu canto, um espectador.

— Segurem-nos! — contraveio outro. — Nada de barulhos. Estamos bem dispostos e não queremos arreliar-nos por causa de um contra sete.

— Oh, que belos lutadores... Um está aqui por ter roubado uma libra de pão; o outro é um ladrão de vasilhas de barro e já foi vergastado por ter roubado a uma velha uma terrina de leite coalhado.

— Vamos lá! Acabemos com isso! — exclamou um inválido, a cujo cargo estava o manter a ordem na caserna e que dormia a um canto, numa tarimba reservada.

— Água, meninos, água para o Névalide Petrovitch! Água para o nosso irmãozinho Névalide Petrovitch, que acordou agora!

— Teu irmão! Eu sou lá teu irmão! Nunca bebemos juntos um *rublo* de aguardente… — resmungou o inválido, enfiando os braços nas mangas do capote.

Aprontaram-se para a chamada, pois já era dia claro. Comprimiam-se, em multidão, no refeitório. Haviam vestido as suas meias peliças e iam recebendo nos bonés bicolores o pão que lhes distribuía um dos cozinheiros, ou «forneiros de aveia», como lhes chamavam. Esses cozinheiros, assim como os *parachniki,* eram escolhidos pelos próprios forçados — havia dois para cada cozinha, ou seja, quatro para todo o presídio. Só eles dispunham da única faca de cozinha autorizada na prisão e dela se serviam para cortar o pão e a carne.

Os presos dispersaram-se pelos cantos e em volta das mesas, todos de boné e peliça apertada com umas correias, prontos a partir para o trabalho. Alguns deles tinham na sua frente o *kvass*, no qual migavam o pão, que comiam em seguida.

A algazarra era insuportável; alguns, no entanto, conversavam tranquilamente pelos cantos.

— Saúde e bom apetite, tio Antonytch — disse um jovem preso, sentando-se ao lado de um velho desdentado e carrancudo.

— Se não estás a mangar, então viva! — retorquiu este último, sem erguer os olhos, esforçando-se por mastigar o pão com as gengivas desdentadas.

— E eu a pensar que estavas morto, Antonytch! Ora esta…

— Morre tu primeiro que eu irei depois.

Sentei-me perto deles. À minha direita, dois dos principais, entre os forçados, haviam encetado uma conversa, timbrando em manter uma certa dignidade enquanto falavam.

— Não é a mim que hão de roubar — dizia um deles. — Antes disso hei de roubá-los eu.

— A mim também não, com os diabos... Não será prudente que me roubem. Quem quer que o faça, arrepender-se-á.

— E que farias tu então? Não passas de um forçado... Não tens outro nome. hás de ver que te há de roubar, a velhaca, sem mesmo te dizer «obrigado». Eu fui lá pelo meu dinheiro. Imagina tu que chegou há poucos dias. Onde diabo esconder-me? Bem, pedi licença para ir a casa do Teodoro, o carrasco; vivia ainda nos subúrbios, na casa que comprou ao Salomão, tu sabes, o sarnento, o judeu, aquele que se estrangulou não há muito tempo.

— Sim, conheci o que era taberneiro aqui, há uns dez anos, e a quem chamavam o Grichka… uma taberna escura, eu sei.

— Não, não conheceste. Agora a taberna é outra.

— Como, outra?! Não sabes o que dizes. Apresento-te quantas testemunhas queiras.

— O quê! Tu é que as apresentas? Mas quem és tu? Sabes com quem estás a falar?

— Não estás bom!

— Já te bati muitas vezes sem com isso me envaidecer. Não te faças de valente.

— Tu tens-me batido? Ainda não nasceu o que me há de bater, e quem me bateu já está seis pés abaixo da terra.

— Empestado de Bender!

— Que a lepra da Sibéria te cubra de úlceras!

— Que um turco te corte essa cabeça!

E continuaram a chover as injúrias.

— Então! Já estais a descompor-vos um ao outro! Quem não sabe portar-se bem está calado. Estais muito contentes por terdes vindo comer o pão do governo, não, meus pândegos?

Separaram-nos logo. Podem «bater língua» quanto queiram, pois isso é permitido porque é uma distração para todos, mas nada de lutas. Só em casos extremos é que os inimigos se batem. Se surge uma refrega, comunicam logo o caso ao major, que ordena um inquérito, onde ele não se intromete — mas onde tudo corre mal para os presos. Por isso, ao dar-se qualquer zaragata, os companheiros intervêm logo, acalmando *os* contendores. Aliás, os díscolos insultam-se mais por distração ou por exercício de retórica. Se os ânimos se exaltam, a contenda toma um caráter violento, bastante feroz; chegam quase a ponto de se estrangularem, mas no fundo não é nada; uma vez que a cólera atinge certo diapasão, separam-nos logo. Isto causava-me admiração e se relato algumas das conversas dos forçados é com uma segunda intenção. Poder-se-ia supor, por acaso, que se possa injuriar alguém por prazer, por se sentir nisso um gosto qualquer? É preciso também não esquecer a vaidade lisonjeada; o farsante que injuria com arte é respeitado. Quase o aplaudem como a um ator.

Já, desde a véspera, notara que alguns companheiros me fitavam de lado, enquanto outros andavam à minha volta, suspeitando que eu tivesse trazido dinheiro; estes esforçavam-se por me cativarem, já ensinando-me a trazer a grilheta sem me magoar, já fornecendo-me, por dinheiro, bem entendido, uma arca com fechadura, para guardar nela os objetos que me haviam dado e a pouca roupa que tinham permitido que eu trouxesse para o presídio. Logo no dia seguinte esses mesmos companheiros roubaram-me a arca, embebedando-se com o dinheiro que nela encontraram. Um deles tornou-se, daí para o futuro, um meu amigo dedicado, se bem que me roubasse todas as vezes que tivesse ensejo. Não se arrependia em absoluto dos seus roubos, por quanto os cometia inconscientemente, como por um dever; por mim também não podia querer-lhe mal por isso. Os forçados

preveniram-me que podia ter chá e que fazia bem se adquirisse um bule. Encontraram-me um, que aluguei por um certo tempo. Recomendaram-me também um cozinheiro que, por trinta *kopeks* mensais, me faria a comida que eu quisesse se por acaso tinha a intenção de comprar os víveres e de comer à parte. Como é de calcular pediram-me logo dinheiro emprestado; só no dia da minha chegada pediram-me por três vezes.

Os ex-nobres detidos no presídio eram mal vistos pelos outros presos. Se bem que tivessem perdido os seus direitos, como os outros forçados, estes não os reconheciam por companheiros. No entanto não havia nenhuma razão para este instintivo afastamento. Éramos sempre para eles uns fidalgos, posto escarnecessem muitas vezes da nossa degradação.

— Ah, Ah! Isso já acabou! O carro de V. Exa. atropelou noutros tempos muita gente em Moscovo; agora S. Exa. faz cordas de cânhamo.

Divertiam-se com os nossos sofrimentos, que dissimulávamos o melhor que podíamos. Era principalmente quando trabalhávamos juntos que mais ouvíamos os seus motejos, por quanto as nossas forças não se comparavam às deles, como não podíamos também imitá-los. Nada é mais difícil do que conquistar a confiança do povo e com maior razão a de semelhante gente, como ainda merecer a sua estima.

Eram poucos, todavia, os ex-nobres que estavam no presídio. Em primeiro lugar, cinco polacos — dos quais falarei adiante com mais pormenores — a quem os forçados detestavam, mais ainda talvez do que aos fidalgos russos. Os polacos (refiro-me apenas aos condenados políticos) mantinham com eles uma delicadeza afetada e escarninha, não lhes dirigindo quase nunca a palavra nem ocultando o desgosto que sentiam com a sua companhia; os forçados compreendiam-no muito bem a pagavam na mesma moeda.

Foram-me precisos quase dois anos para cativar a confiança de alguns dos meus companheiros; a maior parte estimava-me e fazia de mim um lisonjeiro conceito.

Éramos ao todo — contando comigo — cinco nobres russos. Já tinha ouvido falar de um deles, mesmo antes da minha chegada, como sendo uma criatura vil e de baixos sentimentos, deveras corrupta, exercendo o ofício de espião e delator; recusei-me por isso, desde o primeiro dia, a travar relações com esse homem. O segundo era o parricida, a quem já me referi atrás. Quanto ao terceiro chamava-se Akim Akimytch; poucas vezes

encontrei uma pessoa mais original e por isso a recordação que tenho dele é ainda como se fosse hoje.

Alto, magro, um pouco atoleimado e deveras ignorante, era argumentador e minucioso como um alemão. Os forçados escarneciam dele, posto que o temessem devido ao seu caráter cheio de melindres, exigente e brigão. Logo que deu entrada no presídio, igualou-se aos outros, injuriando-os e batendo-lhes. Honesto a toda a prova, intrometia-se ao notar qualquer injustiça em questões que não lhe diziam respeito. Era além disso de uma excessiva ingenuidade, a ponto de, nas suas questões com os forçados, reprovar-lhes o roubo, exortando-os sinceramente a não mais fazerem isso. Servira como alferes no Cáucaso. Tornei-me seu amigo desde o primeiro dia e, numa tarde de desabafo, contou-me o seu caso. Iniciara a sua carreira como *junker* (voluntário, com o grau de sargento), num regimento de linha. Depois de ter esperado durante muito tempo a sua passagem a alferes, foi por fim promovido e mandado para as montanhas, como comandante de um fortim. Um simples príncipe tributário, dos arredores, lançou o fogo ao fortim e tentou um assalto noturno, mas sem resultado. Akim Akimytch usou da maior diplomacia neste assunto e fingiu ignorar quem era o autor do atentado; atribuiu-o a insurretos que vagueavam pelas montanhas. Decorrido um mês convidou gentilmente o príncipe a ir visitá-lo. Este chegou a cavalo, sem suspeitar de nada; Akim Akimytch mandou formar a guarnição e expôs aos soldados a má ação e a traição cometida pelo visitante; reprovou-lhe o procedimento, provando-lhe que o incendiar um fortim era um crime vergonhoso, e explicou-lhe minuciosamente quais os deveres de um tributário; e por último, à guisa de conclusão deste discurso, ordenou que fuzilassem o príncipe. Num minucioso relatório informou depois os seus superiores sobre essa execução sumária. Instauraram-lhe um processo, e Akim Akimytch foi julgado em conselho de guerra e condenado à morte; comutaram-lhe a pena, mandando-o para a Sibéria como forçado de segunda categoria, isto é, condenado a doze anos de fortaleza. Reconhecia muito bem que tinha procedido ilegalmente, pois o príncipe devia ter sido julgado civilmente e não por um tribunal marcial. Todavia não podia compreender que a sua ação fosse considerada um crime.

— Incendiara o meu fortim, que devia eu fazer? Ir agradecer-lhe? — respondia ele a todas as minhas objeções.

Se bem que os forçados escarnecessem de Akim Akimytch e dissessem que era tolo, estimavam-no devido à sua habilidade e à sua correção.

De facto conhecia todos os ofícios imagináveis e fazia tudo quanto se lhe pedia: era cordoeiro, sapateiro, pintor, dourador e serralheiro. Aprendeu a fazer tudo isto no presídio, pois bastava-lhe ver um objeto para logo o imitar. Vendia na cidade, ou melhor, mandava vender cestas, lanternas e brinquedos.

Graças a estes trabalhos tinha sempre algum dinheiro, que empregava logo na compra de roupas brancas, um travesseiro, etc.; ele próprio fabricara um colchão para seu uso. Como dormíamos na mesma caserna, prestou-me bons serviços no começo da minha prisão.

Antes de saírem do presídio para o trabalho, os presos formavam em duas fileiras, diante do corpo da guarda; os soldados da escolta rodeavam-nos com as espingardas aperradas. Chegava depois um oficial de engenharia, com o dirigente dos trabalhos e algumas praças, que vigiavam as terraplanagens. O dirigente contava os forçados e mandava-os em seguida, por grupos, para os lugares onde deviam trabalhar.

Mandaram-me, com outros presos, para a oficina de engenharia: uma casa de tijolos, muito baixa, construída no meio de um grande pátio, atravancado de materiais. Havia nela uma forja e oficinas de marcenaria, de serralharia e de pintura. Akim Akimytch trabalhava nesta última: fervia o óleo para os vernizes, misturava as cores, pintava mesas e outros móveis, imitando nogueira.

Enquanto aguardava que me pusessem os novos ferros da grilheta, comuniquei-lhe as minhas primeiras impressões.

— Sim — disse-me Akim — não gostam dos nobres e sobretudo dos condenados políticos; sentem-se bem fazendo-lhes mal. E no fundo isto justifica-se: não sois da sua igualha e não vos pareceis com eles, que foram sempre servos ou soldados. Que simpatia poderão ter por vós? Aqui a vida é dura, mas não é nada em comparação com as companhias disciplinares da Rússia. Nelas é um inferno. Aquele que de lá vem elogia o presídio; é um paraíso, comparado com esse purgatório. Não é porque o trabalho seja mais penoso. Diz-se até que com os forçados de primeira categoria, a direção (que não é exclusivamente militar como aqui) procede de um modo muito diverso do que se faz connosco. Têm a sua cozinha (contaram-mo, não vi), não trazem uniforme nem lhe rapam a cabeça, se

bem que, em meu entender, o uniforme e a cabeça rapada não é das piores coisas; antes é mais asseado e agradável à vista! O pior é que eles não gostam disso, *eles*! E olhe-me para esta Babel! Soldados do estado, *tcherkesses,* velhos-crentes, ortodoxos, aldeãos que deixaram a mulher e os filhos, judeus, ciganos, enfim, gente vinda Deus sabe de onde. E todos eles têm de viver em boa paz, lado a lado, comer da mesma panela, dormir sob o mesmo teto. Nem um instante só de liberdade! Não pode deliciar-se com os pequenos roubos, ocultar o dinheiro nas botas… e depois, sempre o presídio, o eterno presídio! Sem querer, só asneiras lhes sobem à cabeça!

Por mim sabia já tudo isto. O que desejava sobretudo era conversar com Akim Akimytch sobre o nosso major. Contou-me tudo, mas a impressão que me deixou com esse relato estava longe de ser agradável.

E tinha eu de viver durante dois anos sob as ordens desse oficial. Tudo o que sobre ele Akim Akimytch me contou era a estrita verdade. Era um homem mau e desregrado, terrível, se se pode dizer, porque tinha nas suas mãos um poder quase absoluto sobre duzentos seres humanos. Considerava os detidos como seus inimigos pessoais, o que era o seu primeiro e grave erro. As raras qualidades, e talvez mesmo as boas, de que era dotado estavam pervertidas mercê da sua intemperança e crueldade. Entrava às vezes como uma bomba nas casernas, a altas horas da noite; se descobria algum preso deitado de costas ou sobre o lado esquerdo, acordava-o aos berros: «Deves dormir como eu ordenei!» Os forçados detestavam-no e temiam-no como a uma peste. A sua má figura avermelhada fazia tremer os presos. Todos sabiam que o major dependia e obedecia cegamente ao seu impedido, Fedka, e ficava quase louco quando o seu cão, o Tesouro, adoecia; preferia este cão a tudo quanto havia no mundo. Uma vez Fedka disse-lhe que um forçado — veterinário por acaso — fazia curas maravilhosas. Mandou logo ao campo chamar o preso e disse-lhe:

— Confio-te o meu cão; se o curares, recompensar-te-ei regiamente.

O homem, um aldeão siberiano muito inteligente, era na verdade um hábil veterinário, mas antes de tudo um esperto mujique. Ele próprio contou depois aos companheiros, mas passado muito tempo, a visita que fizera ao major.

— Examinei o Tesouro: estava deitado num sofá, com a cabeça reclinada numa branca almofada; logo à primeira vista reconheci que se tratava de uma inflamação e que era preciso sangrá-lo. Creio que o teria

salvo, mas pus-me a pensar: «Que fará se ele morrer? Com certeza fico sendo o culpado!» Então exclamei: «Ah! Vossa alta nobreza mandou-me chamar muito tarde. Se tivesse visto o cãozinho ontem ou anteontem agora estaria bom; porém nesta altura já não possa fazer nada; é um caso perdido!»

E o Tesouro morreu.

Contaram-me que um forçado quis certo dia matar o major. Esse preso, desde há muitos anos, tornara-se notado pela sua submissão e taciturnidade; tinham-no por um doido. Como sabia ler alguma coisa, passava as noites a ler a Bíblia. Quando todos já dormiam, levantava-se, sentava-se sobre o fogão, acendia uma vela, abria o seu evangelho e punha-se a ler. E assim fez durante todo um ano.

Um belo dia saiu da formatura e declarou solenemente que não queria ir trabalhar. O facto foi levado ao conhecimento do major, que se irritou e foi logo à caserna. O forçado correu para ele e atirou-lhe com um tijolo, já de antemão preparado para isso, mas errou o alvo. Agarrou-se ao preso, subjugou-o e vergastou-o. Isto foi tudo obra de alguns minutos; transportado ao hospital, faleceu ali três dias depois. Declarou durante a sua agonia que não tinha ódio a ninguém e que quisera apenas sofrer. No entanto não pertencia a nenhuma seita de dissidentes. Os forçados, quando falavam dele nas casernas, faziam-no sempre com respeito.

Puseram-me por fim os novos ferros. Enquanto os soldavam, uns vendedores de pequenos pães brancos entraram na forja, uns após outros. Eram em geral moças ainda novas, que vinham vender os pães que as mães fabricavam. Quando, já crescidas, continuavam a andar à nossa volta, mas então já não traziam que vender. Encontrávamos sempre alguma. Havia-as também casadas. Cada pãozinho custava dois *kopeks;* quase todos os presos os compravam.

Chamou-me a atenção um forçado, marceneiro, já grisalho, de rosto sanguíneo e prazenteiro. Gostava de gracejar com as vendedeiras dos pães. Antes delas chegarem, atara em volta do pescoço um lenço vermelho. Uma mulher gorda e bexigosa pousou o cesto em cima do banco do marceneiro. Puseram-se a conversar.

— Porque não vieste ontem? — perguntou-lhe ele, com um sorriso satisfeito.

— Vim, mas já te tinhas ido — respondeu num tom atrevido a mulher.

— Sim, mandaram-nos sair daqui. Se não fosse isso, ter-nos-íamos visto, com certeza... Anteontem todas elas me vieram ver.

— Quem?

— Ora! A Mariachka, a Khavroschka, a Tchekoundá... A Dvougrochevaïa (quatro *kopeks)* veio também.

— Pois quê! — perguntei, admirado, a Akim Akimytch. — É possível que...?

— Acontece às vezes... — respondeu ele, baixando os olhos, pois era um homem muito casto.

Isto acontecia algumas vezes, mas de longe a longe e com dificuldades tremendas. Os forçados gostavam mais de gastar o dinheiro a beber, apesar de toda a lassidão da sua vida conventual. Era dificílimo conseguir conversar com uma mulher; era preciso escolher a tempo o sítio, fixar o encontro, procurar a solidão e, o que era mais difícil, evitar as escoltas, coisa quase impossível, e despender — relativamente — uma fortuna. Fui testemunha no entanto, várias vezes, de algumas cenas amorosas. Um dia estávamos três ocupados a aquecer os fornos de uma fábrica de telhas, num barracão à margem do Irtych; os soldados da escolta eram uns pobres diabos. Duas *sopradeiras* (era assim que as chamavam) apareceram nessa ocasião.

— Onde estivestes metidas tanto tempo? — perguntou-lhes um preso, que decerto as esperava. — Com certeza vos demorastes em casa dos Zvierkov, não?

— Em casa dos Zvierkov? Só irei a casa dele quando as galinhas tiverem dentes! — respondeu alegremente uma delas.

Era a doidivana mais imunda que se pode imaginar; chamavam-na Tchekoundá. Chegara em companhia da sua amiga, a Quatro-*kopeks* (Dvougrochevaïa), que estava abaixo de toda a classificação.

— Que diabo! Há quanto tempo não mostras essa carinha à gente? — disse o galanteador, dirigindo-se à Quatro-*kopeks*. — Dir-se-ia que estás mais magra...

— Talvez. Antigamente era bonita e gorda, ao passo que hoje parece que engoli agulhas.

— E vais sempre com os soldados, não é assim?

— Vede como estes perversos nos caluniam! E se fôssemos, que havia nisso? Ainda que me calcassem aos pés, não deixaria de amar os meus queridos soldados!

— Deixa lá os teus soldados; é a nós que tu deves amar, pois temos dinheiro.

Imaginem o que seria este galã, de crânio rapado, grilheta nos pés, blusa de duas cores e sob escolta...

Como já podia voltar ao presídio — pois já me tinham soldado a grilheta — despedi-me de Akim Akimytch e abalei escoltado por um soldado. Aqueles que trabalhavam por tarefa regressavam primeiro; por isso, quando cheguei à caserna, já ali estavam, de volta, alguns forçados.

Como no refeitório não cabiam, de uma só vez, todos os presos de uma caserna, não comíamos todos juntos. Os primeiros que chegavam iam logo comendo a sua ração. Provei a sopa de couves azedas, mas, porque não estava ainda habituado, não pude tragá-la e por isso fui preparar o meu chá. Sentei-me ao fundo de uma das mesas com outro forçado, ex-fidalgo como eu.

Os presos entravam e saíam. Não era por falta de lugares, pois eram poucos ainda os que estavam; cinco deles sentaram-se à parte, perto da mesa grande. O cozinheiro deitou-lhes em duas tigelas a sopa azeda e deu-lhes uma tachada de peixe frito. Estes cinco pareciam celebrar qualquer coisa, banqueteando-se. Olhavam-nos de lado. Um dos polacos entrou e sentou-se ao nosso lado.

— Não estive junto de vós, mas sei que estais fazendo uma festa! — exclamou um forçado, que acabava de entrar, passeando o olhar pelos companheiros.

Orçava pelos cinquenta anos, magro e musculoso. O seu semblante denotava astúcia e bom humor; o lábio inferior, grosso e pendente, dava-lhe uma expressão cómica.

— Então, dormiram bem? Porque não me dão os bons dias? Muito bem, meus ilustres amigos de Koursk — disse ele, sentando-se ao lado dos que se banqueteavam. — Bom apetite! Trago-lhes um novo conviva.

— Não somos do distrito de Koursk.

— Então, amigos de Tambov!

— Também não somos de Tambov. E não tens nada que vir aqui reclamar; se queres banquetear-te, dirige-te a algum rico camponês.

— Tenho hoje Ivane Taskoune e Maria Ikotichna (*ikote,* o soluço) na barriga, ou por outra, estou a rebentar de fome; mas onde vive esse camponês?

— Aí o tens, é Gazine! Vai ter com ele.

— Gazine, hoje, meus irmãos, come e bebe o capital.

— Tem pelo menos vinte *rublos* — disse um outro forçado. — A taberna dá para tudo.

— Está bem! Não me quereis hoje, pois não? Vamos então comer da cozinha do governo.

— Olha, queres chá? Pede-o ali àqueles senhores que o estão a beber!

— Onde é que vês aqui senhores? Já não são nobres; agora valem tanto como nós — exclamou, de mau aspeto, um forçado que estava sentado a um canto e que ainda não tinha proferido uma palavra.

— Da melhor vontade beberia um copo, mas tenho vergonha de lho pedir, porque temos sempre o nosso amor-próprio — ponderou o forçado de lábio grosso, fitando-nos com um olhar de bom humor.

— Dou-lho eu, se assim quer, — disse-lhe, convidando-o com um gesto. — Quer servir-se?

— Como não? Se quero? Porque não hei de querer? — retorquiu, aproximando-se da mesa.

— Estais vendo isto? Enquanto era livre apenas comia sopa azeda e pão negro; agora, na prisão, precisa de tomar chá! Até parece um fidalgo! — continuou o forçado de mau aspeto.

— Com que então mais ninguém aqui bebe chá? — perguntei-lhe eu. Ele, porém, não me julgou digno de uma resposta.

— Pão branco! Pão branco! Estreai o vendedor!

Era um jovem preso que trazia, suspenso num cordel, grande quantidade de *kalatchi* que vendia pelas casernas. Por cada dez pães vendidos, a padeira dava-lhe um de recompensa pelo seu trabalho; era precisamente com esse décimo que ele contava jantar.

— Pãezinhos! Pãezinhos! — gritava ele, entrando no refeitório. — Pãezinhos quentes de Moscovo! Comia-os todos sem custo, mas preciso de dinheiro, muito dinheiro. Vamos, companheiros, é preciso que só fique um! Pelo amor das vossas mães!

Este apelo ao amor filial alegrou-os a todos e compraram-lhe por isso alguns pães.

— Querem saber? — perguntou ele. — O Gazine fez hoje uma festa, que é mesmo um pecado! Teve dedo para escolher o dia, meu Deus! Se o *homem dos oito olhos* (o major) chega...

— Escondem-no. Está bêbedo?

— Está, mas ele é mau e teimoso.

— Com certeza deve haver pancadaria...

— De quem falam eles? — perguntei eu ao polaco, meu vizinho.

— De Gazine, um preso que vende aguardente. Quando ganha algum dinheiro nesse negócio, bebe-o até ao último *kopek.* E quando bebe, torna-se um homem cruel e mau. Sem ter bebido, é sossegado, mas quando bêbedo mostra-se tal como é: lança-se de faca em punho sobre os companheiros, sendo preciso desarmá-lo.

— E como conseguem isso?

— Dez homens atiram-se a ele à pancada e batem-lhe tão ferozmente que o estiraçam no chão, sem sentidos. Quando está semimorto de pancadas deitam-no na tarimba e cobrem-no com a peliça.

— Mas podem matá-lo assim!

— Outro qualquer morreria, ele não. É excessivamente robusto e o mais forte de todos os presos. A sua constituição é tão sólida que no dia seguinte levanta-se como se nada lhe tivesse acontecido.

— Ora diga-me, peço-lhe! — continuei eu, dirigindo-me ao polaco. — Está ali aquela gente que come à parte e no entanto parecem invejar-me o chá que estou tomando.

— Não se trata do seu chá. É a si que eles invejam: não é o senhor um fidalgo? Logo o senhor não é da mesma igualha que eles e por isso sentir-se-ão felizes, procurando qualquer questão para o humilharem. Não imagina os dissabores que o esperam. É um martírio para nós, os que vivemos aqui, porque a nossa vida é assim duplamente penosa. É necessário uma grande força de vontade para nos habituarmos a isto. Far-lhe-ão muitas picardias e desfeitas devido à sua comida e ao seu chá, e contudo os que comem à parte e diariamente bebem chá são bastante numerosos. É que eles têm o direito de o fazer, mas o senhor não!

Levantou-se e despediu-se, saindo da mesa. Alguns instantes depois as suas predições confirmavam-se.

Capítulo 3 — Primeiras Impressões (continuação)

Mal M…cki (o polaco com quem tinha estado a falar) se tinha retirado, Gazine, completamente bêbedo, precipitou-se como uma fera pelo refeitório dentro.

Ao ver um forçado, em pleno dia, completamente embriagado, quando todos deviam estar no trabalho — e sabia da muito conhecida severidade do major, que de um momento para o outro podia entrar na caserna, bem como da vigilância do sargento, que percorria a todo o instante a prisão, da presença dos inválidos e dos funcionários — tudo isto fez desaparecer em mim as ideias que havia já estabelecido acerca do presídio; só muito depois é que pude compreender e consegui explicar factos que, à primeira vista, me pareciam enigmáticos.

Já disse que todos os forçados tinham um trabalho qualquer e que essa ocupação era para eles uma necessidade natural e imperiosa. Todos eles tinham um culto apaixonado pelo dinheiro, preferindo-o a tudo, amando-o quase tanto como à liberdade. O deportado sente-se quase conformado com a sua sorte se sente tinir na algibeira alguns *kopeks*. Pelo contrário, fica triste, inquieto e desesperado se não tem dinheiro; e pronto mesmo a cometer qualquer crime, contanto que consiga algum. No entanto, apesar da importância que lhe dão, não lhes dura muito tempo no bolso, porque é difícil de guardar. Confiscam-lho ou roubam-lho. Sempre que o major, nas suas buscas inopinadas, descobria um pequeno pecúlio, a custo acumulado, logo o confiscava; pode ser que o empregasse em melhorar o rancho dos presos, visto que lhe entregavam todo o dinheiro tirado aos prisioneiros. Porém a maior parte das vezes roubavam-lho; era impossível confiar em quem quer que fosse. Descobriram no entanto um meio de o guardarem; um ancião, um velho-crente natural de Starodoub, encarregava-se de esconder as economias dos forçados. Não posso resistir ao desejo de dizer algumas palavras sobre este homem, ainda que isto me desvie do fio da narração. Tinha este velho mais ou menos sessenta anos, era magro, pequeno de corpo e todo grisalho. Impressionou-me deveras, logo à primeira vez que o vi, porque não se parecia nada com os companheiros; o

seu olhar era tão franco e terno que via sempre com prazer os seus olhos claros e límpidos, rodeados de um grande número de rugas. Conversava amiudadas vezes com ele e raro me tem sido deparar com um homem mais bondoso e mais benfazejo. Tinha sido condenado a trabalhos forçados devido a um crime grave. Alguns velhos crentes de Starodoub (província de Tchernigov) tinham-se convertido à ortodoxia. O governo envidara todos os esforços para os encorajar a prosseguirem nesse caminho e para atrair os outros dissidentes a converterem-se por sua vez. O velho e mais alguns fanáticos resolveram então «defender a fé». Ao iniciar-se a construção de uma igreja ortodoxa, na sua cidade, incendiaram-na. Este atentado valeu a deportação ao seu autor. O rico burguês — era negociante — deixou a mulher e os filhos queridos e partiu corajosamente para o exílio, em absoluto convencido de que sofria «pela fé». Depois de se ter convivido algum tempo com este meigo velhinho, perguntava-se involuntariamente: «Como pôde ele revoltar-se?» Interroguei-o diversas vezes sobre a «sua fé». Não se afastava um milímetro das suas convicções; porém nunca lhe surpreendi o menor ressentimento nas suas réplicas. Todavia destruíra uma igreja, o que, aliás, não negava; parecia estar convencido que o seu crime e o que ele chamava «o seu martírio» tinham sido ações gloriosas. Havia ainda outros forçados, também velhos crentes, siberianos na sua maioria, instruídos e astuciosos como uns velhos camponeses. Dialéticos à sua maneira, seguiam cegamente a sua lei e gostavam muito de discutir. Tinham, porém, graves defeitos: eram soberbos, orgulhosos e muito intolerantes. O velhinho em nada se parecia com eles; versadíssimo em exegese, muito mais que os correligionários, evitava no entanto as controvérsias. Dotado de um caráter expansivo e alegre, ria às vezes — não o riso grosseiro e cínico dos outros forçados — mas um riso terno e claro, no qual se refletia uma certa simplicidade infantil e se harmonizava muito bem com a sua cabecinha branca. (Talvez esteja em erro, mas parece-me não há nada como o riso para conhecermos uma pessoa: se o riso de um desconhecido vos parecer agradável, tende por certo que é um homem simpático). O velho fizera-se respeitar por todos os presos sem que disso se vangloriasse. Chamavam-lhe o *avô* e nunca o ofendiam. Compreendi então a influência que pôde alcançar sobre os seus correligionários. Apesar da firmeza com que suportava a vida do presídio, adivinhava-se que trazia oculta no seu íntimo uma tristeza profunda e incurável. Dormíamos na mesma caserna. Uma noite, perto das

três horas da madrugada, acordei, ouvindo uns soluços lentos e abafados. O velho estava sentado em cima do fogão (no mesmo sítio onde rezava noutros tempos o forçado que atentara contra o major) e lia no seu eucológio manuscrito. Chorava. Ouvi-o repetir: «Senhor, não me desampares!... Mestre, fortifica-me! Os meus pobres filhos! Os meus queridos filhos! Não nos veremos mais!» Não posso dizer quanto isto me entristeceu.

Dávamos portanto o nosso dinheiro a guardar a este velho. Só Deus sabe a razão porque se espalhou na caserna a certeza de que não lho podiam nunca roubar; sabia-se que escondia em qualquer parte as economias que lhe confiavam, mas nunca ninguém conseguira descobrir-lhe o segredo. Revelou-no-lo um dia, a mim e aos polacos.

Um dos suportes da paliçada tinha um ramo que parecia bem preso a uma árvore, mas que se podia levantar e colocar de novo no seu lugar. Descobrira nele um buraco; era o esconderijo onde guardava o dinheiro.

Mas reatemos o fio da narração. Porque não guarda o forçado o seu dinheiro? Não só porque lhe é difícil de guardar, mas ainda porque a prisão é muito triste. O forçado, por sua própria natureza, tem uma sede infinita de liberdade. Pela sua posição social é um ser tão descuidado e tão desordenado que a ideia de engolir o seu capital numa estroinice, de se aturdir pelo rumor e pela música ocorre-lhe naturalmente ao espírito a fim de esquecer, por um minuto que seja, as suas mágoas. Era interessante ver certos indivíduos curvados sobre o trabalho, tendo apenas em vista gastar num só dia todo o seu ganho, até ao último *kopek;* depois recomeçavam a faina até outra nova pândega, ansiosamente esperada durante longos meses. Alguns gostavam de ter uns fatos novos, mais ou menos extravagantes, como calças de fantasia, coletes e siberianas: mas era sobretudo pelas camisas de chita indiana que os forçados tinham preferência, bem como pelos cinturões com fecho de metal.

Nos dias de festa os elegantes endomingavam-se: era vê-los então, pavoneando-se pelas casernas. A alegria de se sentirem vestidos com garridice ia até à infantilidade. De resto, os forçados, por muitas coisas, não passam de umas crianças grandes. Esses belos trajes desapareciam depressa, às vezes no mesmo dia em que os compravam; empenhavam-nos ou revendiam-nos por uma bagatela. As pândegas tinham em geral as suas épocas fixas; coincidiam com as solenidades religiosas ou com a festa do padroeiro do forçado amigo de comezainas. Este, ao levantar-se, acendia

uma vela diante da sua imagem mais querida e rezava; depois vestia-se e ia encomendar o jantar. Comprara já na véspera carne, peixe e pequenos pastéis; empanturrava-se como um boi e quase sempre só; raras vezes convidava algum companheiro a participar no festim. Era então que aparecia a aguardente; o forçado bebia como uma esponja e passeava depois pelas casernas, titubeante e trôpego; fazia gala em mostrar aos seus companheiros que estava bêbedo, que «valsava» e que por isso tinha direito a uma consideração especial.

O povo russo tem sempre pelo ébrio uma certa simpatia; no presídio porém era uma verdadeira estima, ou melhor, era a bem dizer uma distinção aristocrática.

Ao sentir-se alegre o forçado procurava um músico; havia entre nós um rapaz polaco, antigo desertor, muito feio, mas que possuía um violino onde arranhava qualquer coisa. Como não tinha nenhum ofício, prestava-se a acompanhar o bêbedo, de caserna em caserna, tangendo contradanças com toda a força. Muitas vezes liam-se-lhe no semblante o cansaço e o desgosto que lhe causava essa música, sempre a mesma, mas ao grito que o preso soltava — «Toca, que é para isso que eu te pago!» — recomeçava a tanger o seu belo violino. Estes bêbedos sabiam que os companheiros velariam por eles e que no caso de o major aparecer, os esconderiam imediatamente. Este serviço era sempre desinteressado. Pelo seu lado o sargento e os inválidos, que viviam na prisão para manter a ordem, estavam inteiramente sossegados; o ébrio não ocasionaria distúrbio algum. À menor tentativa de revolta ou discórdia, acalmavam-no ou amarravam-no; por isso os vigilantes subalternos (guardas, etc.) fechavam os olhos. Eles sabiam que a aguardente era interdita, mas que no entanto todos a bebiam. Como conseguiam os forçados essa aguardente?

Compravam-na no próprio presídio aos taberneiros, como chamavam aos presos que se entregavam a esse comércio — muito lucrativo — posto que os bebedores e os amigos de pândegas não fossem muito numerosos, por quanto as patuscadas custavam caro às magras bolsas dos clientes. O comércio iniciava-se e terminava de uma maneira muito original. O preso que não conhecesse nenhum ofício nem quisesse trabalhar, mas que no entanto desejasse enriquecer rapidamente, decidia-se, quando tinha algum dinheiro, a comprar e a vender aguardente. A empresa era arriscada; exigia muita audácia, pois aventuravam a pele, sem contar com a mercadoria. Mas o taberneiro não recuava ante estes obstáculos. No princípio, como

tem pouco dinheiro, traz ele próprio, para a prisão, a aguardente e desfaz-se dela de uma maneira lucrativa. Repete esta operação duas ou três vezes: se não é descoberto pela direção do presídio, possui dentro em breve um pecúlio que lhe permite alargar o negócio; torna-se então negociante, capitalista; toma agentes e auxiliares; aventura-se muito menos e ganha muito mais. Os ajudantes arriscam-se por ele.

Na prisão existem sempre presos miseráveis e sem ofício, mas audazes e hábeis. Têm por único capital as costas; decidem-se muitas vezes a pô-lo em circulação, propondo ao taberneiro o introduzirem aguardente nas casernas. Encontra sempre na cidade um soldado, um burguês, ou mesmo uma mulher que, por um lucro convencionado — em geral insignificante — compra aguardente com o dinheiro do negociante e esconde-a num sítio conhecido do forçado contrabandista, perto do local onde ele trabalha. O que a esconde prova quase sempre, no caminho, o precioso líquido, substituindo impiedosamente por água pura o que bebeu... e é se quer assim! O taberneiro não lhe pode exigir mais; deve até sentir-se feliz se não lhe roubam o dinheiro e se recebe a aguardente de qualquer forma. O portador, a quem o taberneiro indicou o sítio do encontro, leva a casa do fornecedor umas tripas de boi, previamente lavadas e cheias de água, para manterem assim a devida flexibilidade e elasticidade. Uma vez cheias as tripas, o contrabandista enrola-as e esconde-as nas partes mais recatadas do corpo. É nisto que se cifra toda a astúcia e esperteza desses temerários forçados. Está em jogo a sua honra, tornando-se necessário enganar a escolta e o corpo da guarda — e ele enganá-los-á de facto! Se o portador é esperto, o soldado da escolta (às vezes um recruta) nada percebe da manobra, porque o preso já a estudou a fundo e por isso combina bem o lugar e a hora do encontro. Se o deportado — um tijoleiro, por exemplo — sobe ao forno a fim de o aquecer, o soldado da escolta não vai subir certamente com ele para lhe observar os movimentos. Quem há de ver então o que ele faz? Ao aproximar-se do presídio prepara sempre uma moeda de quinze ou vinte *kopeks* e espera, à porta, o cabo da guarda. Este examina, apalpa e rebusca cada forçado que quer entrar na caserna; só depois é que lhe abre a porta. O portador da aguardente sabe que terão pejo de o examinar e apalpar com cuidado em certos sítios... Mas se o cabo é manhoso, é justamente nesses sítios delicados que o apalpa e encontra então o contrabando. Resta apenas ao forçado uma única saída: meter, sem que ninguém veja, na mão do

sargento a moeda que traz escondida; e sempre assim, com iguais manobras, a aguardente chega sem novidade às mãos do taberneiro. Porém algumas vezes a manobra não surte efeito; é então que o único capital do contrabandista entra, de verdade, em circulação. Apresentado o caso ao major, este ordena que o desastrado capital seja castigado a valer. Quanto à aguardente, é confiscada. O contrabandista sofre o castigo sem trair o negociante, não porque a delação o desonre, mas porque isso nada lhe adianta: vergastá-lo-iam da mesma forma. O único consolo que poderia ter é que o taberneiro quinhoasse do seu castigo; mas como necessita dele, não o denuncia, se bem nada receba no caso de se deixar apanhar.

De resto, a delação era vulgar no presídio. Longe de se revoltarem contra o espião ou de o manterem à distância, fazem-se muitas vezes amigo dele; se alguém tivesse a presunção de demonstrar aos forçados o quanto de baixo e vil havia no denunciarem-se mutuamente, ninguém na prisão o compreenderia. O ex-fidalgo, de quem já falei, essa cobarde e desprezível criatura que repudiei logo à minha chegada à fortaleza, era amigo de Fedka, o impedido do major. Contava-lhe tudo quanto se passava no presídio; este apressava-se, como é natural, a transmitir ao superior o que aquele lhe contara. Todos sabiam isto, mas ninguém pensava em o castigar por isso ou exprobar-lhe tal procedimento.

Quando a aguardente chegava ao presídio, o negociante pagava ao contrabandista e fazia os seus cálculos. A mercadoria custara-lhe muito caro; por isso, para que o lucro fosse maior, trasfegava-a, adicionando-lhe metade de água pura; ficava assim preparada e restava-lhe apenas aguardar os consumidores. No primeiro dia de festa, às vezes mesmo durante a semana, chegava um forçado; trabalhou como um negro durante alguns meses, amealhando, *kopek* a *kopek,* um pecúlio que se decide a gastar de uma só vez. Da há muito esse dia de pândega está previsto e prefixado; sonha com ele nas longas noites de inverno, durante os duros trabalhos, e esta perspetiva encoraja-o para os mais fatigantes labores. Já vem rompendo a aurora desse dia esperado com tanta impaciência; soa-lhe na algibeira o dinheiro, pois não lho roubaram nem lho confiscaram; pode gastá-lo coma bem entender. Leva essas economias ao taberneiro, que a princípio lhe fornece aguardente quase pura — só foi batizada duas vezes; porém à medida que a garrafa se esvazia, vai-a enchendo com água. Deste modo o forçado paga um copo de aguardente cinco ou seis vezes mais caro do que em qualquer taberna. Podemos calcular quantos desses copos são

necessários e sobretudo quanto despende o desgraçado para ficar bêbedo. No entanto, como se desabituou de beber, o pouco álcool que o líquido contém basta para o embriagar dentro de pouco tempo. Bebe até que lhe não reste coisa alguma; empenha ou vende todo o vestuário novo — o taberneiro é ao mesmo tempo penhorista — mas como as suas roupas de uso são poucas, empenha também aquelas que lhe são fornecidas pela direção do presídio. Depois de ter bebido a última camisa, o último farrapo, deita-se para só acordar no dia seguinte, pela manhã, com uma forte dor de cabeça. Vai então, ainda uma vez, ao taberneiro implorar-lhe crédito para um gole de aguardente a fim de afastar a sua doença, mas sofre o desgosto de uma recusa formal; volta, pesaroso, e recomeça nesse mesmo dia a trabalhar. Durante os meses seguintes esfalfa-se a trabalhar e recorda com alegria o dia feliz que passou; cria aos poucos coragem e aguarda outro dia como aquele, ainda que longínquo, mas que há de chegar.

Quanto ao taberneiro, se ganhou muito — algumas dezenas de *rublos* — manda vir mais aguardente, mas nesta não lhe deita água, porque é para seu gasto particular. Basta de negócio! É tempo de gozar! Bebe, come e paga a música. Os seus lucros permitem-lhe untar as mãos aos empregados subalternos do presídio. Esta festa dura-lhe alguns dias.

Esgotada a provisão de aguardente, vai junto dos outros taberneiros, que já o esperam, e então bebe até ao último *kopek.* Por mais cuidada que seja a atenção dos forçados em vigiarem os companheiros bêbedos, acontece, às vezes, o major ou o oficial da ronda darem conta da infração. Arrastam então o bêbedo para o corpo da guarda, tiram-lhe o dinheiro — se ainda traz algum com ele — e vergastam-no. O desgraçado sacode-se como um cão enlameado, volta à caserna e retoma a sua profissão ao cabo de alguns dias.

Encontram-se também entre os deportados alguns amadores do belo sexo: mediante uma boa quantia conseguem, e acompanhados de um soldado subornado, escapar-se, muito às escondidas, para fora da fortaleza, e vão para os subúrbios da cidade em vez de irem para o trabalho. Aí, numa casita de aparência modesta, desenfreia-se a orgia a troco de somas fabulosas. O dinheiro do forçado não é para desdenhar; por isso os soldados preparam, eles próprios, estas saídas, certos de que são generosamente recompensados. Em geral estes soldados são futuros candidatos aos trabalhos forçados. Estas fugas ficam sempre secretas.

Devo acrescentar que são muito raras, porque são muito dispendiosas, e por isso os amadores do belo sexo recorrem a outros meios menos onerosos.

Logo nos primeiros dias da minha chegada, um jovem forçado, de feições atraentes, despertou vivamente a minha curiosidade. Chamava-se Sirotkine e era nalgumas das suas atitudes um ser bastante enigmático. Impressionou-me o seu aspeto: teria, quando muito, vinte e três anos e pertencia à secção particular, ou o mesmo é dizer, condenado a perpétuos trabalhos forçados. Era, sem dúvida, considerado como um dos mais temíveis criminosos militares. Meigo e sossegado, falava pouco e ria raras vezes. Tinha os olhos azuis, a pele branca e os cabelos louro-claros davam-lhe uma expressão terna que o crânio rapado em nada prejudicava. Posto não tivesse nenhuma profissão, arranjava de tempos a tempos algum dinheiro. Por outro lado era deveras preguiçoso e andava sempre com o fato num desalinho, cheio de rugas e de nódoas. Se alguém generosamente o presenteava com uma camisa encarnada, ficava satisfeitíssimo por ter um traje novo e ia mostrá-lo por todas as casernas. Sirotkine não bebia, não fumava e quase nunca discutia com os companheiros. Passeava sempre com as mãos nos bolsos, sossegado e com um ar pensativo. Em que poderia pensar, não o sei dizer. Se o chamavam para lhe perguntar qualquer coisa, respondia logo num tom breve e delicado, sem gastar muitas palavras como os outros; olhava-nos sempre com os olhos ingénuos de uma criança de dez anos. Quando tinha dinheiro, não comprava nada do que os outros consideravam indispensável; se tinha o colete rasgado não o remendava nem mandava deitar solas novas nas botas. Aquilo de que mais gostava eram os pãezinhos, ou os pães com doce; comia-os, saboreando-os com o prazer de uma criança de sete anos. Quando não havia trabalho, deambulava quase sempre pelas casernas; e quando todos estavam ocupados em qualquer trabalho, ficava-se parado, de braços caídos. Se o metiam ao barulho ou se troçavam dele — o que sucedia muitas vezes — rodava sobre os calcanhares, sem dizer palavra, e ia-se embora. Se as piadas eram muito fortes, corava. Perguntava algumas ocasiões a mim mesmo qual teria sido o crime que lhe originara a condenação a trabalhos forçados. Um dia em que baixei, doente, ao hospital, encontrei lá Sirotkine, deitado numa cama, não muito longe da minha. Entabulei conversa com ele; esta animou-se e ele então contou-me, inopinadamente, como o tinham feito soldado, como a mãe o tinha

acompanhado, lavada em lágrimas, os tormentos que sofreu no serviço militar, e acrescentou que nunca se pudera habituar àquela vida; eram todos muito severos com os soldados e com ele em especial, por motivos que não sabia; os seus superiores mostravam-se também quase sempre descontentes com ele.

— Mas porque é que te mandaram para aqui? E logo para a secção particular? Ah, Sirotkine! Sirotkine... foi grande crime que cometeste!

— É verdade, Alexandre Petrovitch! Estive apenas um ano no batalhão; mandaram-me para aqui porque matei o meu capitão, Gregório Petrovitch.

— Já tinha ouvido dizer isso, mas não acreditei. Porque é que o mataste?

— Tudo quanto te contaram é verdade. A vida era-me bastante pesada.

— Mas os outros soldados suportam-na bem... Sei que é um pouco dura, a princípio, mas por fim a gente habitua-se e torna-se daí por diante um excelente soldado. A tua mãe amimava-te muito e fazia-te todas as vontades; quer-me parecer que te alimentou com pão doce e gemadas até aos dezoito anos!

— A minha mãe, sim, estimava-me muito! No dia em que parti, caiu doente e ainda hoje continua de cama... Quanto me era então penosa a vida de soldado... Tudo me corria ao contrário! Não cessavam de me castigar, e porquê? Obedecia a todos, cumpria com os meus deveres, era cuidadoso, não bebia, não pedia nada emprestado. (É mau quando um homem começa a pedir emprestado!) E no entanto, todos à minha volta eram duros e cruéis comigo. Quantas vezes ia esconder-me num canto a chorar e a soluçar. Um dia, ou melhor, uma noite estava eu de guarda. Era no outono: ventava forte e a escuridão era tanta que não se via um palmo diante do nariz. Sentia-me triste, muito triste! Tirei a baioneta da espingarda e pousei-a a meu lado; depois apoiei o cano contra o peito e com o dedo grande do pé (tinha-me descalçado) dei ao gatilho. O tiro falhou. Examinei a espingarda e carreguei-a de novo com pólvora fresca. Coloquei-lhe o fulminante e encostei outra vez o cano ao peito. Pois bem! O tiro falhou ainda! «Que fazer?», perguntei a mim mesmo. Voltei a calçar a bota, enfiei de novo a baioneta e, de arma ao ombro, recomecei o meu passeio de um lado para o outro. «Que me mandem para onde quiserem, mas não quero mais ser soldado!», pensei comigo. Meia hora depois chegou o capitão que fazia a ronda. Veio direito a mim: «Então é essa a posição quando se está de

sentinela?» Agarrei na espingarda e traspassei-o com a baioneta. Fizeram-me percorrer quatro mil *verstas* a pé. E foi por isto que vim para a secção particular.

Não mentira; porém continuei a não compreender porque o mandaram para ali. Crimes semelhantes tinham tido um castigo muito menos severo. Sirotkine era o único forçado bonito; quanto aos outros seus companheiros da secção particular — em número de quinze — eram todos horrendos: fisionomias hediondas e antipáticas. Cabeças grisalhas havia muitas. Falarei mais adiante deste grupo. Sirotkine estava muitas vezes de boas relações com Gazine, o taberneiro a que já me referi no começo deste capítulo.

O Gazine era um homem terrível. A impressão que causava em todos era pavorosa, horrível. Parece-me que não pode existir criatura mais perversa, mais monstruosa do que ele. E todavia em Tobolsk conheci Kamenev, o salteador que se tornou célebre pelos seus crimes. Mais tarde conheci Sokolov, forçado evadido, antigo desertor e que era um feroz assassino. Mas nem um nem outro me inspiraram tanta aversão como Gazine. Ao vê-lo, parecia-me ter diante dos olhos uma aranha enorme, gigantesca, com o talho de um homem. Era tártaro e não havia forçado mais robusto. O terror que inspirava era menos pela sua alta estatura e compleição de hércules do que pela sua cabeça enorme e disforme. Corriam a seu respeito as versões mais extraordinárias; tinha sido soldado, diziam uns; outros afirmavam que se evadira de Nertchinsk, que fora exilado várias vezes para a Sibéria, mas que conseguira sempre evadir-se. Meteram-no por fim no nosso presídio e fazia parte da secção dos perpétuos. Ao que parecia, a sua predileção era matar crianças, que atraía para qualquer sítio ermo; agarrava-as então e amedrontava-as, torturando-as; após ter-se deleitado com o medo e as palpitações dos pobres pequenos, matava-os lentamente, delicadamente, com prazer. Tinham talvez imaginado estes horrores devido à terrível impressão causada pelo monstro; no entanto, fossem ou não verdadeiros, quadravam com a sua fisionomia. Nas ocasiões em que não estava bêbedo, portava-se convenientemente. Era em geral sossegado, não discutia nunca, evitava as questões, porque desprezava os companheiros, tal como aquelas pessoas que formam de si próprias uma alta opinião. Falava muito pouco. Todos os seus movimentos eram comedidos, calmos e resolutos. O seu olhar refletia uma certa inteligência, mas a sua expressão era cruel e escarninha, tal

como o seu sorriso. De todos os forçados vendedores de aguardente, era o mais rico. Embebedava-se a mais não ser, duas vezes por ano; era então que revelava toda a sua feroz brutalidade. Animava-se a pouco e pouco, e desdenhava então dos companheiros com zombarias venenosas, causticantes e desde há muito estudadas; por fim, quando já não se podia ter nas pernas, tinha acessos de raiva furiosa; empunhava uma faca e lançava-se sobre os companheiros. Os forçados, que conheciam o seu vigor de hércules, evitavam-no e fugiam-lhe, porque ele atirava-se ao primeiro que lhe surgisse pela frente. Descobriram porém um meio de o segurarem. Uns dez forçados lançavam-se à uma sobre ele e davam-lhe fortes pancadas no estômago, no ventre, sobre o coração, até lhe fazerem perder os sentidos. Outro que não fosse ele morria com semelhante tratamento. Gazine, porém, escapava sempre. Após terem-no espancado, envolviam-no na peliça e deitavam-no na tarimba. «Digere em paz essa aguardente!» Na manhã seguinte levantava-se quase de perfeita saúde; ia então para o trabalho, calado e carrancudo. Cada vez que Gazine se embebedava, todos sabiam já como ia acabar o dia. Ele também não o ignorava, mas não deixava de beber. Alguns anos se passaram desta forma. Por fim notaram que Gazine tinha tosse e começava a enfraquecer. Passava os dias a lamentar-se, queixando-se de várias doenças. As suas baixas ao hospital eram cada vez mais frequentes. «Vai chegando ao fim!», diziam os presos.

Neste dia Gazine entrou no refeitório, seguido do rapaz polaco, o que arranhava no violino e que os forçados, amigos de pândegas, contratavam para lhe alegrar as suas orgias. Estacou no meio da sala, calado, examinando os companheiros um após outro. Ninguém disse palavra. Ao descobrir-nos, a mim e ao meu companheiro, olhou-nos com ar de escárnio e sorriu horrivelmente, com o aspeto de um homem satisfeito com a picardia que acabava de imaginar. Aproximou-se da nossa mesa, num passo trémulo, e perguntou:

— Podem dizer-me de onde lhes vêm os rendimentos que lhes permitem tomar chá?

Troquei um olhar com o meu vizinho, fazendo-o compreender que era melhor não lhe respondermos. Gazine enfurecia-se à menor contradição.

— Com certeza tendes dinheiro! — continuou ele. — É preciso ter mesmo muito para que vos digneis tomar chá! Mas, dizei-me cá... viestes

para os trabalhos forçados para tomar chá? Hein? Viestes aqui para beber? Respondei qualquer coisa para verdes como eu vos...

Compreendendo que nos calávamos e que estávamos resolvidos a não lhe darmos atenção, caminhou para nós lívido e trémulo de raiva. A dois passos estava uma grande caixa, onde guardavam o pão partido para o jantar e para a ceia dos forçados; comportava o bastante para as refeições de metade dos presos. Nessa ocasião estava vazia. Gazine agarrou-a com as duas mãos e ergueu-a acima das nossas cabeças. Se bem que um assassinato ou tentativa de assassinato fosse a causa de uns maus quartos de hora para os forçados (porque então os inquéritos, as devassas e as inquirições não tinham fim), e ainda que estes, em geral, impedissem as questões cujas consequências pudessem ser desagradáveis, todos se calaram e esperaram.

Nem uma palavra a nosso favor! Nem um grito contra Gazine! Era tão grande a animosidade dos presos contra os nobres que cada um deles gozava evidentemente por nos ver e sentir em perigo. Um incidente feliz pôs termo a esta cena, que poderia ter-se tornado trágica. Gazine ia já largar a enorme caixa, que ele volteava como uma pena, quando um forçado, vindo da caserna onde dormia, gritou:

— Gazine, roubaram-te a aguardente!

O terrível bandido deixou cair a caixa, soltando uma praga horrível, e precipitou-se para fora do refeitório. «Vamos lá! Deus salvou-vos!», disseram entre si os presos. Repetiram depois esta frase muitas vezes.

Nunca pude saber se de facto lhe tinham roubado a aguardente ou se aquilo foi um ardil inventado para nos salvarem.

Nessa mesma tarde, antes de fecharem as casernas, já ao lusco-fusco, passeava eu ao longo da paliçada. Pesava-me na alma uma tristeza esmagadora: nunca, em todo o tempo que ali passei, me senti tão miserável como nessa tarde. O primeiro dia de reclusão é sempre o mais cruciante, quer se esteja nos trabalhos forçados ou no cárcere. Agitava-me então um pensamento, que não mais me deixou durante todo o meu exílio — problema insolúvel então, e insolúvel ainda hoje. Refletia na desigualdade do castigo para os mesmos crimes. Não se pode, de facto, comparar dois crimes, por muito que eles se assemelhem. Dois assassinos matam cada qual um homem; as circunstâncias em que esses dois crimes foram cometidos são minuciosamente examinadas e ponderadas. A ambos os assassinos se aplica a mesma pena e no entanto há um abismo entre as

duas ações. Um assassinou por uma coisa de nada, uma ninharia — assaltou em plena estrada um camponês que passava e apenas lhe encontrou uma cebola.

— Ora esta! Então condenam-me a trabalhos forçados devido a um camponês que tinha apenas uma cebola.

— Imbecil que tu és! Uma cebola vale um *kopek.* Se tivesses morto cem camponeses, terias cem *kopeks* ou um *rublo,* que sei eu... Mistério de prisão!

O outro criminoso matou um devasso que lhe tiranizara ou lhe desonrara a mulher, a irmã ou a filha. Um terceiro vagabundo, semimorto de fome, perseguido por toda uma força de polícia, defendeu a sua liberdade, a sua vida. Será ele igual ao bandido que assassina crianças por gosto, pelo prazer de sentir correr pelas mãos o sangue quente das suas vítimas, vê-las estremecer, numa derradeira palpitação de passarinho, sob a faca que lhe dilacerou as carnes? Pois bem... uns e outros são mandados para os trabalhos forçados. A condenação não será, talvez, de duração igual, mas são poucas as variedades de penas, ao passo que é preciso contar por milhares as espécies de crimes. Tantos caráteres, tantos crimes diferentes! Admitamos que seja impossível fazer desaparecer esta primeira desigualdade do castigo, que o problema é insolúvel e que em matéria de penalidades estamos na quadratura do círculo. Admitamo-lo! Mesmo se não quisermos considerar essa desigualdade, há ainda uma outra: a das consequências do castigo. Aqui está um indivíduo que se martiriza e se funde como uma vela. Pelo contrário está ali um outro que não imaginava, antes de ser exilado, que pudesse existir uma vida tão alegre, tão divertida — onde veio encontrar um número tão agradável de amigos. Indivíduos desta última categoria encontram-se alguns nos trabalhos forçados. Tomai agora um homem de coração, de espírito culto e consciência limpa. O que ele sente fere-o mais dolorosamente que o castigo material. A sentença que ele próprio proferiu sobre o seu crime é mais impiedosa que a do mais severo tribunal, mais implacável que a mais draconiana das leis. Convive, lado a lado, durante todo o tempo da sua estada no presídio, com outro forçado que nunca refletiu, uma só vez que fosse, sobre o homicídio que lhe originou o castigo e que talvez se suponha até inocente. Além disso há uns pobres diabos que cometem os crimes com o objetivo de serem mandados para os trabalhos forçados, escapando desta forma a uma liberdade incomparavelmente mais penosa

que a reclusão! A vida é miserável; não têm talvez com que matar a fome; morrem de trabalho para enriquecer o patrão. No presídio, o trabalho será mais árduo, mais penoso, mas terão comida que farte e a vida corre-lhes melhor do que a que podem esperar cá fora. Nos dias de festa comerão carne e acima de tudo isso as esmolas e o dinheiro que lhes deve render o trabalho da noite. E a sociedade que vão encontrar no presídio, não vale nada? Os forçados são pessoas hábeis, astutas, sabendo de tudo. É com uma admiração não disfarçada que o recém-chegado olhará os seus companheiros de prisão, ele que nunca viu coisa igual; julgar-se-á por isso na melhor das companhias.

Será possível que indivíduos tão diversos sintam igualmente o castigo infligido? Mas para que tratamos de questões insolúveis? Ouve-se o tambor, é preciso entrar na caserna.

Capítulo 4 — Primeiras Impressões (continuação)

Contaram-nos ainda uma vez mais e em seguida fecharam as portas das casernas, cada uma delas com o seu cadeado especial, ficando os presos impossibilitados de sair até pela manhã.

A contagem era feita por um sargento, seguido de dois soldados. Quando, por acaso, estava presente algum oficial, os forçados formavam no pátio; mas, em geral, procedia-se à verificação nos próprios alojamentos. Como os soldados se engajavam muitas vezes, saíam e entravam para nos recontarem, um por um, até que o resultado fosse exato. Fechavam então as casernas. Cada uma tinha cerca de trinta presos, pelo que as tarimbas ficavam muito próximas umas das outras. Como ainda era cedo para dormir, os forçados começavam a trabalhar.

Além do inválido a que já me referi e que dormia na nossa caserna, representando durante a noite a direção do presídio, havia ainda em cada alojamento um *veterano,* designado pelo major, em recompensa do seu bom comportamento. Era bastante vulgar cometerem esses *veteranos* delitos que implicavam a pena de serem vergastados; perdiam então o posto, sendo logo substituídos por aqueles companheiros cujo procedimento fosse satisfatório. O nosso *veterano* era justamente Akim Akimytch. Com grande admiração, vi que repreendia asperamente os presos, os quais lhe retorquiam com motejos. O inválido, mais prudente, não se metia em coisa alguma, e se abria a boca era apenas pelo respeito às conveniências, por descargo de consciência. Permanecia sentado na tarimba, calado, todo preocupado com o apertar das suas velhas botas.

Neste dia observei uma coisa cuja exatidão só pude verificar mais tarde: é que todos aqueles que não são forçados, mas que com eles têm relações, quaisquer que eles sejam — a começar pelos soldados da escolta e pelos funcionários — consideram os forçados debaixo de um ponto de vista falso e exagerado; estão convencidos que, por um sim ou por um não, os forçados se lançam sobre eles, de faca em punho. Os presos, perfeitamente conscientes do terror que inspiram, mostram uma certa arrogância. Por isso o melhor chefe de prisão é precisamente aquele que

não experimenta nenhuma comoção junto dos presos. Apesar da importância que revelam, preferem que tenhamos confiança neles; procedendo deste modo, poderemos facilmente captar-lhes a sua estima. Pude observar, mais de uma vez, a admiração que eles sentiam ao verem entrar um chefe, sem escolta, na prisão; e com certeza essa admiração não tinha nada de aduladora. Um visitante intrépido impõe sempre respeito aos habitantes de um presídio; se sucede qualquer desgraça, não será nunca na sua presença. O terror que os forçados inspiram é geral e contudo não tem nenhum fundamento; será o aspeto do prisioneiro, a sua máscara de bandido, que causam uma carta repulsa? Ou será antes o sentimento que nos domina, ao entrarmos na prisão, por sabermos que, apesar de todos os esforços, de todas as precauções, é impossível fazer de um homem vivo um cadáver, aniquilar-lhe os seus sentimentos, a sua sede de vingança e de vida, as suas paixões e a necessidade imperiosa de as satisfazer? Como quer que seja, afirmo que não há razão nenhuma para temer os forçados. Um homem não se atira assim, nem tão depressa nem tão facilmente, sobre o seu semelhante, de faca na mão. Se às vezes sucede algum acidente, eles são tão raros que se pode afirmar que o perigo é nenhum. Refiro-me apenas, é claro, aos presos já condenados, àqueles que cumprem as suas penas, dos quais alguns se julgam quase felizes por se encontrarem enfim no presídio; tanto uma nova forma de vida exerce sempre atração sobre o homem. Estes vivem tranquilos e submissos. Quanto aos turbulentos, os próprios forçados mantêm-nos sossegados e a sua arrogância não vai muito longe. O preso, por mais audacioso e atrevido que seja, teme-se de tudo na prisão. O mesmo porém já não sucede com o acusado, cuja sorte está ainda por decidir. Este é muito capaz de se atirar ao primeiro que lhe apareça, sem motivo de ódio, mas apenas porque tem de ser vergastado no dia seguinte. De facto, se comete um novo crime, o processo complica-se, o castigo é adiado e ele ganha tempo. Essa agressão explica-se porque tem uma causa e um fim; o forçado quer, custe o que custar, «mudar a sua sorte», e quanto antes. A propósito, fui testemunha de um facto psicológico muito original. Havia na secção dos condenados militares um antigo soldado condenado por dois anos a trabalhos forçados, que era ao mesmo tempo fanfarrão e cobarde. Em geral o soldado russo não é vaidoso, porque ainda mesmo que o quisesse ser, não lhe sobeja tempo para isso. Quando se encontra um assim, é com certeza velhaco e poltrão. Doutov — que era o nome do preso de que falo — cumpriu a pena

e foi reintegrado num batalhão de linha; mas como todos os que são mandados para o presídio para se corrigirem, ele tinha-se pervertido ainda mais. Estes *cavalos de retorno,* após duas ou três semanas de liberdade voltavam para o presídio, não por uma temporada relativamente curta, mas sim por quinze ou vinte anos. Assim sucedeu com Doutov. Três semanas depois de ter sido posto em liberdade, já ele roubava, por arrombamento, um dos seus companheiros e tornava-se um indisciplinado. Submetido a julgamento, foi condenado a uma severa pena. Tomado de um medo horrível, como cobarde que era, pelo próximo castigo, correu de faca em punho sobre o oficial da guarda, que entrou no cárcere na véspera do dia em que tinha de ser vergastado pelos soldados da sua companhia. Conseguiu com isto agravar o seu crime e aumentar a duração da sua pena. Porém o que ele pretendia em especial era adiar por alguns dias, ou até por algumas horas, o terrível momento do castigo. Era tão pusilânime que nem ao menos feriu o oficial com a faca; parece que cometeu a agressão tendo apenas em vista aumentar ao seu registo criminal um novo crime, do qual resultaria um novo julgamento.

Os minutos que antecedem o castigo são terríveis para o condenado a ser vergastado. Vi muitos acusados na véspera do dia fatal. Encontrava-os em geral no hospital, quando ali estava doente, o que me sucedia muitas vezes. Na Rússia, os que mostram mais compaixão pelos forçados são exatamente os médicos; não fazem nunca distinção entre os presos, o que não sucede em geral com as outras pessoas que com eles estão em contacto. Talvez que só o povo sinta também compaixão como os médicos, pois que nunca reprova no acusado o crime cometido, qualquer que ele seja; perdoa-lhe, em virtude da pena que está cumprindo.

Não é sem fundamento que o povo, em toda a Rússia, chama *desgraça* ao crime e ao criminoso *desgraçado.* Esta designação é expressiva e profunda, e tanto mais importante quanto é instintiva e inconsciente. São, pois, os médicos o recurso natural dos forçados, sobretudo quando estão prestes a sofrer qualquer castigo corporal. O acusado, condenado em conselho de guerra, sabe mais ou menos o dia em que a sentença será executada; para se furtar a ela, baixa ao hospital a fim de adiar por alguns dias o terrível momento. Restabelecido, não ignora que no dia seguinte ao da sua saída do hospital, esse instante chegará; os outros forçados estão também comovidos nesse dia. Alguns deles, é verdade, procuram, por amor-próprio, ocultar essa comoção; mas ninguém se deixa enganar por

um falso semblante de coragem. Todos compreendem a crueza do momento e calam-se por compaixão! Conheci um jovem forçado — ex-soldado, condenado por homicídio — que devia receber o máximo das vergastadas. Na véspera do dia em que devia ser castigado, resolveu beber uma garrafa de aguardente onde havia deitado rapé de infusão. O preso, condenado a ser vergastado, bebe sempre, antes do momento crítico, aguardente, de que se previne com muita antecedência, e às vezes por um preço fabuloso; privar-se-á do necessário durante seis meses, contanto que, antes da execução, possa beber bastante. Estão convencidos de que um homem embriagado sofre menos as vergastadas e os açoites do que se estiver a sangue-frio. Voltemos ao relato. O pobre diabo adoeceu logo após ter ingerido a garrafa de aguardente; começou a ter vómitos de sangue, sendo levado sem sentidos para o hospital. O seu peito ressentiu-se tanto com este acidente que uma tuberculose o vitimou ao cabo de alguns meses. Os médicos que o trataram nunca souberam qual foi a causa da doença.

Se entre os forçados não são raros os exemplos de pusilanimidade, há-os também de uma intrepidez espantosa. Lembro-me de alguns rasgos de temeridade que tocavam as raias da insensibilidade. A chegada de um terrível bandido ao hospital ficou para sempre gravada na minha memória. Num belo dia de verão correu o boato na enfermaria que o famigerado salteador, Orlov, fora fustigado, naquela mesma tarde em que o levaram para o hospital. Alguns presos afirmaram que a execução seria cruel e por isso todos se encontravam deveras comovidos; eu próprio, confesso, esperava com curiosidade a chegada do bandido acerca do qual se contavam coisas inauditas. Era um malfeitor como há poucos, capaz de assassinar a sangue-frio velhos e crianças; era dotado de uma indomável força de vontade e tinha a orgulhosa consciência da sua força física. Acusado de vários crimes, fora condenado a ser vergastado. Trouxeram-no, ou melhor transportaram-no à tarde; a sala encontrava-se imersa na escuridão, pelo que tiveram de acender as lanternas. Orlov estava excessivamente pálido, quase sem consciência do que fazia, com os cabelos espessos e anelados, de um negro-mate e sem brilho, no ar. Tinha as costas todas cortadas, tumefactas, roxas, com equimoses sanguíneas. Os companheiros velaram-no durante toda a noite; mudavam-lhe as compressas, voltavam-no de vez em quando, preparavam-lhe o remédio

prescrito pelo médico, numa palavra, tiveram com ele tanto carinho como se fosse um parente ou benfeitor.

No dia seguinte, depois de haver recuperado os sentidos, deu uma ou duas voltas pela sala. Isto admirou-me deveras, por quanto estava inanimado quando o levaram na véspera; e, todavia, recebera apenas metade das vergastadas prescritas pela sentença. O médico fizera suspender a execução, convencido de que, a continuar, a morte de Orlov seria inevitável. Este criminoso era de uma compleição débil, enfraquecido por uma longa reclusão. Quem viu um dia presos condenados a serem vergastados fica a lembrar-se para sempre dos seus rastos escaveirados e dos seus olhos febris. Orlov restabeleceu-se dentro de poucos dias; contribuiu para o restabelecimento do seu organismo combalido a sua poderosa energia; não era um homem vulgar. Por curiosidade travei relações com ele e pude estudá-lo com vagar durante uma semana. Em toda a minha vida nunca encontrei pessoa dotada de uma vontade mais decidida e mais inflexível. Já tinha visto em Tobolsk uma celebridade do mesmo género, um antigo chefe de salteadores. Este era uma verdadeira fera; ao passar-se por ele, mesmo sem se conhecer, pressentia-se que estava ali uma criatura perigosa. O que mais me admirou, sobretudo, foi a sua estupidez; a matéria nele ultrapassava em muito o espírito, a ponto de, ao primeiro olhar, se poder jurar que para ele só existia a satisfação brutal dos seus maus instintos. No entanto estou convencido que Koronev — assim se chamava este bandido — desmaiava ao ouvir a sua condenação a um castigo tão violento como o de Orlov; degolaria, sem hesitar, o primeiro que se aproximasse dele. Orlov, pelo contrário, era uma brilhante vitória do espírito sobre a carne. Dominava-se muitíssimo bem, desdenhava os castigos e nada havia neste mundo que lhe metesse medo. O que nele se tornava notável era a sua energia sem limites, a sua sede de vingança, a sua grande atividade e uma vontade inabalável quando se propunha atingir qualquer fim. Admirava-me o seu ar arrogante, o olhar com que nos admirava do alto da soa grandeza, e isto sem afetar vaidade; era próprio dele esse orgulho. Suponho que nunca ninguém teve sobre ele qualquer influência. Examinava tudo com um olhar impassível, como se nada no mundo o maravilhasse. Sabia que os outros forçados o respeitavam; porém nunca se prevaleceu disso para se vangloriar e todavia a vaidade e a presunção são defeitos de que nenhum forçado está isento. Era inteligente e de uma franqueza extraordinária, sem

ter nada de arrogante. Respondia sem jactância a todas as perguntas que lhe faziam; confessou-me que aguardava com impaciência o seu restabelecimento a fim de terminar de vez com o castigo que lhe fora estabelecido. «Agora», disse-me ele, piscando o olho, «acabou-se! Receberei as vergastadas que me faltam e mandar-me-ão para Nertchinsk com um grupo de presos; aproveitarei então o ensejo para me evadir. Evadir-me-ei, pode estar certo! Assim cicatrizem depressa as minhas costas!» Durante cinco dias ardeu de impaciência por deixar o hospital. Era por vezes alegre e bem-humorado. Aproveitei essas ocasiões para o interrogar acerca das suas aventuras. Encolhia um pouco o sobrecenho, mas respondia sempre com sinceridade às minhas perguntas. Quando compreendia que tentava fazê-lo confessar e ver se descobria nele qualquer ponta do arrependimento, fitava-me com um ar altivo e desdenhoso, como se eu fosse um garoto atolado a quem ele dava a honra de conversar. Surpreendia então no seu rosto uma espécie de compaixão por mim. Ao cabo de alguns instantes começava a rir às gargalhadas, mas sem a menor ironia; penso que muitas vezes deve ter soltado as suas gargalhadas ao lembrar-se das minhas palavras. Se bem que as costas ainda não estivessem devidamente cicatrizadas, solicitou baixa do hospital; como eu estivesse também quase restabelecido, deixámos juntos a enfermaria; eu voltei ao presídio, enquanto ele era encarcerado no sítio onde estivera antes. Ao separarmo-nos, apertou-me a mão, o que para ele era uma demonstração de grande confiança. Penso que procedeu assim porque estava bem disposto nesse momento. Na verdade devia desprezar-me, visto eu ser um homem fraco, digno de compaixão sob todos os aspetos e além disso mais conformado com a sorte. No dia seguinte Orlov sofreu a segunda metade do seu castigo.

Ao fecharem as portas da nossa caserna, esta tomava, num rápido instante, um outro aspeto, o de uma verdadeira casa, o de um lar doméstico. Só então vi, como se estivessem em minha casa, os meus companheiros, os forçados. Durante o dia podiam os sargentos ou qualquer outro superior surgir de repente, que encontravam sempre a caserna em boa ordem; apesar de estarem sempre atentos, os presos viviam numa constante atemorização. Uma vez colocadas as trancas e fechadas as portas ao cadeado, cada qual sentava-se no seu lugar e começava a trabalhar. A caserna iluminava-se de uma maneira inesperada; cada forçado tinha a sua

vela e um castiçal de madeira. Uns consertavam as botas e os outros cosiam as roupas.

O ar, já de si empestado, envenenava-se ainda mais. Alguns, agachados a um canto, jogavam às cartas em cima de um tapete. Em cada caserna havia um preso que tinha um tapete de oitenta centímetros, um candeeiro e um baralho de cartas bastante sujo e engordurado. Chamavam a isso «um jogo». O proprietário das cartas recebia, por noite, dos jogadores, quinze *kopeks:* era o seu negócio. Em geral jogavam às «*três folhas*» ou à «*gorka*», isto é, jogos de azar. Cada jogador colocava na sua frente uma pilha de moedas de cobre — toda a sua fortuna — e só saía do jogo depois de o terem deixado sem nenhum ou de ter levado a banca à glória. O jogo prolongava-se até altas horas da noite; não poucas vezes o dia surpreendia-os ainda ao jogo e só terminavam minutos antes de abrirem as portas da caserna. No nosso alojamento havia — como aliás em todos os outros — desgraçados arruinados pelo jogo e pelo álcool, ou antes, mendigos *natos*. Digo *natos* e mantenho a palavra. De facto, no nosso povo, e não importa qual a posição, há e haverá sempre essas personagens originais e sossegadas cujo destino é permanecerem sempre mendicantes. São uns pobres diabos toda a vida, bestializados e vencidos que vivem sob o domínio, sob a tutela de alguém, em especial dos pródigos e dos parvos enriquecidos. Todo o esforço, toda a iniciativa é para eles um fardo. Vivem apenas com a condição de nada empreenderem, mas de servirem sempre e viverem sempre segundo a vontade de um outro: são destinados a agir por e para os outros. Nenhuma circunstância, nem a mais imprevista, os pode enriquecer; serão sempre mendigos. Tenho encontrado desta gente em todas as classes da sociedade, em todos os agrupamentos, em todas as associações, até mesmo no mundo literário. Encontro-os em cada prisão, em cada caserna.

Logo que um jogo começava, chamava-se um desses mendigos, que eram indispensáveis aos jogadores; ganhava cinco *kopeks* em prata por uma noite de trabalho, e que trabalho! Consistia em ficar de guarda ao vestíbulo, sob um frio de trinta graus Réaumur, numa obscuridade completa, durante seis ou sete horas. O guarda ficava de ouvido à escuta ao menor rumor, porque o major ou os oficiais da guarda faziam algumas vezes a segunda ronda a horas mortas da noite. Vinham, muito devagar, surpreender em flagrante delito de desobediência os jogadores e os trabalhadores graças à luz dos candeeiros, que podiam distinguir do pátio.

Quando ouviam o ranger da chave no cadeado que fechava a porta e não havia tempo para tudo esconderem, limitavam-se a apagar as velas e estendiam-se nas tarimbas. Tais surpresas eram muito raras. Cinco *kopeks* era um salário irrisório, mesmo no presídio; no entanto a exigência e a dureza dos jogadores causavam-me espanto, tanto neste campo como em muitos outros. «Já que te pagámos, deves servir-nos!» Era este um argumento que não admitia réplica. Bastava terem pago alguns centavos a alguém para que o explorassem a mais possível, exigindo-lhe até reconhecimento. Por mais de uma vez tive ocasião de ver os forçados despender o seu dinheiro sem conta, a torto e a direito, e enganarem o «criado»; vi também a repetição de cenas idênticas em muitas outras prisões.

Disse já que, à parte os jogadores, todos trabalhavam; apenas cinco presos ficavam todo o dia sem fazer nada e se deitavam quase logo. A minha tarimba ficava ao pé da porta e a pouca distância da de Akim Akimytch; quando nos deitávamos, as nossas cabeças tocavam-se; ele trabalhava até às dez ou onze horas a soldar uma lanterna multicolor que um habitante da cidade lhe encomendara e pela qual lhe pagavam generosamente. Primava nesse trabalho, que executava com precisão e método; ao terminar o serão, guardava com cuidado os utensílios, estendia o cobertor, rezava a sua oração e adormecia como um justo. Levava a sua ordem e minúcia até ao exagero, tendo-se por certo na conta de um homem ajuizado, como em geral acontece com os espíritos acanhados e medíocres. A princípio não me causou boa impressão, se bem que me desse muito que pensar; admirava-me que semelhante homem estivesse num presídio em vez de ter seguido na vida uma brilhante carreira. Ainda terei ocasião de me referir mais de uma vez a Akim Akimytch no decorrer destas memórias.

Agora preciso descrever o pessoal da nossa caserna. Tinha de viver aqui muitos anos e os que me rodeavam deviam ser os meus companheiros de todos os minutos. Imagine-se como eu os observaria, deveras curioso! À minha esquerda dormia um grupo de montanheses do Cáucaso, quase todos presos devido aos seus latrocínios, e condenados a diferentes penas; havia entre eles dois Lezghines, um Tcherkesse e três Tártaros do Daghestan. O Techerkesse era um ser apático e triste que não falava quase nunca, olhando-nos com mau aspeto e um terrível sorriso de animal venenoso. Um dos Lezghines, um velho de nariz aquilino, comprido e fino,

parecia um grande bandido. Pelo contrário, o outro, o Nurra, causou-me uma mais favorável e consoladora impressão. De estatura mediana, ainda jovem, parecia um hércules de cabelos louros e olhos azuis, tinha um nariz um pouco arrebitado e os traços um tanto ou quanto de finlandês; como todos os cavaleiros, caminhava com as pontas dos pés voltadas para dentro. Tinha o corpo cheio de cicatrizes às riscas e era tatuado à bala e a golpes de baioneta. Posto que montanhês submetido do Cáucaso, bandeara-se com os rebeldes, com os quais tomara parte em várias incursões pelo nosso território.

No presídio todos o estimavam devido à sua alegria e afabilidade. Trabalhava sem protestar, sempre obediente e sossegado; desgostavam-no muito os roubos, as velhacarias e a embriaguez; não altercava com ninguém, como não admitia nada que fosse indigno; afastava-se apenas arreliado. Durante o tempo da sua reclusão, nunca furtou nem cometeu nenhuma má ação. De uma piedade fervorosa, rezava com devoção as suas orações todas as noites; observava todos os jejuns maometanos, como verdadeiro fanático, e passava noites inteiras a orar. Todos os estimavam e tinham por muito honesto. «Nurra é um leão!», diziam os forçados. Este nome, *leão*, ficou-lhe. Estava convencido de que, uma vez cumprida a pena, voltaria para o Cáucaso; para bem dizer vivia apenas dessa esperança e creio que morreria se a perdesse. Observei-o desde o primeiro dia da minha chegada ao presídio. E como não distinguir este semblante meigo e honesto no meio dos outros rostos sombrios, antipáticos ou sardónicos? Após meia hora depois de eu ter chegado, passou por mim, bateu-me docemente no ombro e sorriu-me com ar bonacheirão. Não compreendi logo o que ele me queria dizer porque falava muito mal o russo; porém, minutos depois, cruzando-se de novo comigo, bateu-me outra vez no ombro com um sorriso amigo. Repetiu durante três dias esta brincadeira original; como tivesse adivinhado depois, declarou-me que tivera piedade de mim e que compreendia muito bem o quanto me seriam penosos os primeiros tempos no presídio; queria testemunhar-me a sua simpatia, encorajar-me o moral e assegurar-me a sua proteção. Bom e ingénuo Nurra!...

Dos três tártaros do Daghestan, todos irmãos, os dois mais velhos eram já homens feitos, enquanto o mais novo, Alei, teria quando muito vinte e dois anos: ao ver-se, parecia ainda mais novo. Dormia ao pé de mim. Atraiu-me logo o seu rosto inteligente, franco e de uma ingenuidade

simples; agradeci ao destino o ter-mo dado por vizinho em lugar de outro qualquer preso. No seu belo semblante refletia-se toda a sua alma. O seu sorriso era tão confiante e de uma simplicidade tão infantil, os seus olhos negros eram tão acariciadores e tão ternos que sentia sempre um prazer especial ao contemplá-los, e isso consolava-me nos momentos de tristeza e angústia. Na sua terra natal o irmão mais velho (eram cinco, dos quais dois tinham sido mandados para as minas da Sibéria) ordenara-lhe certo dia que pegasse na sua chibata, montasse a cavalo e o seguisse. É tão grande o respeito dos montanheses pelo irmão mais velho que o jovem Alei nem sequer tentou indagar qual era o fim da expedição; talvez que semelhante ideia nem lhe tivesse passado pela mente. Os irmãos, por sua vez, julgaram desnecessário dizer-lho. Iam assaltar a caravana de um rico mercador arménio, a qual, de facto, conseguiram apanhar: assassinaram o mercador e apoderaram-se das suas riquezas. Infelizmente para eles, esse ato de banditismo foi descoberto; julgaram-nos, açoitaram nos e mandaram-nos para a Sibéria, para os trabalhos forçados.

O tribunal só reconheceu circunstâncias atenuantes em favor de Alei, que foi condenado à pena mínima: quatro anos de reclusão. Era muito querido dos irmãos; a sua afeição era mais paternal do que fraternal. Para eles, Alei era a sua única consolação no exílio; melancólicos e tristes, em geral sorriam-lhe sempre; quando lhe falavam — o que era raro, porque o consideravam uma criança a quem não se deve falar de coisas sérias — logo os seus rostos antipáticos se amenizavam; suponho que lhe falavam sempre num tom amimalhado como a uma criança. Quando lhes respondia, os irmãos entreolhavam-se e sorriam com um ar de bonomia. Alei não se atrevia a falar-lhes devido ao grande respeito que tinha por eles. É inexplicável como este rapaz conseguiu manter a ternura do seu coração, a sua nativa honestidade, a sua franca cordialidade sem se perverter ou corromper durante todo o tempo dos seus trabalhos forçados. Apesar de toda a sua terna bondade, era de seu natural estoico e forte, como pude verificar mais tarde. Gasto como uma jovem moça, toda a ação vil, cínica, vergonhosa ou injusta fazia-lhe chamejar de indignação os seus bonitos olhos pretos, que se tornavam então mais bonitos ainda. Sem ser daqueles que se deixam impunemente ofender, fugia às questões e às injúrias, mas mantendo toda a sua dignidade. De resto, com quem poderia ele altercar? Todos o estimavam e acarinhavam. A princípio, foi apenas delicado comigo; em breve porém começámos a conversar à noite;

bastaram-lhe somente alguns meses de estudo para aprender bem o russo, ao passo que os irmãos nunca conseguiram exprimir-se nessa língua. Reconheci nele um jovem muito inteligente e ao mesmo tempo muito modesto, delicado e judicioso. Alei era um ente privilegiado e lembro-me sempre do nosso encontro como um dos bons acasos da minha vida. Era destes caráteres muito leais e dotados por Deus de tais qualidades que a ideia de os vermos perverterem-se afigurava-se-nos absurda. Estamos sempre sossegados a seu respeito; por isso nunca receei coisa alguma da parte de Alei. Onde estará ele agora?

Um dia, já muito depois da minha chegada ao presídio, estava deitado na tarimba, com a imaginação agitada por bruscos pensamentos. Alei, sempre cuidadoso, não trabalhava nesse momento. A hora de dormir ainda não chegara. Os irmãos celebravam uma festa muçulmana e por isso estavam também inativos. Alei, deitado com a cabeça entre as mãos, preparava-se para dormir quando, abruptamente, se voltou para mim e perguntou:

— Então? Estás muito triste?

Olhei-o com curiosidade; esta pergunta de Alei, sempre tão delicado e discreto, surpreendeu-me; porém, examinando-o com mais atenção, notei-lhe tanta amargura e um tão íntimo sofrimento, sofrimento, sem dúvida, ocasionado pelas recordações que lhe acudiam à memória, que compreendi que também ele, nesse momento, estava deveras consternado. Chamei-lhe a atenção para isso. Suspirou fundo, sorrindo com um ar melancólico. Adorava o seu sorriso sempre gracioso e cordial; quando ria, mostrava duas filas de dentes que causariam a inveja da primeira beleza do mundo.

— Recordas-te com certeza da maneira como celebram esse rito no Daghestan, não? Vive-se lá bem?

— Vive! — exclamou com entusiasmo, ao mesmo tempo que os olhos lhe cintilaram. — Porque adivinhaste que estava a pensar nisso?

— Como não adivinhá-lo? Então não é melhor viver lá do que aqui?

— Oh! Porque me dizes isso?

— Que bonitas flores há no teu país, não? É um verdadeiro paraíso...

— Cala-te, peço-te por favor. Cala-te! — Estava muitíssimo comovido.

— Diz-me cá, tinhas alguma irmã?

— Tinha... Porque mo perguntas?

— Porque deve ser bonita, se se parece contigo.

— Oh, não há comparação entre nós. Não se encontra em todo o Daghestan moça mais bonita. Oh, como é bonita a minha irmã! Com certeza ainda não viste outra igual. A minha mãe também era muito bonita.

— E a tua mãe amava-te?

— Oh, que pergunta! Morreu de mágoa. Amava-me muito! Era o seu menino querido... Amava-me muito mais do que à minha irmã, mais do que a ninguém. Esta noite, em sonho, vi-a junto de mim, derramando lágrimas sobre a minha cabeça.

Calou-se e não disse mais palavra durante toda a noite; desde então procurava-me para conversarmos, se bem não se atrevesse a dirigir-me em primeiro lugar a palavra. Sentia-se feliz quando eu conversava com ele. Falava-me muitas vezes do Cáucaso e da sua vida passada. Os irmãos não lhe proibiam conversar comigo; creio até que isso lhes era agradável. Quando viram que me afeiçoava a Alei, tornaram-se muito mais amáveis comigo.

Alei auxiliava-me muitas vezes no trabalho; na caserna fazia aquilo que supunha que me era mais agradável ou me traria algum alívio. Nestas atenções não havia porém servilismo ou esperança de algum proveito, mas apenas um sentimento bondoso e cordial que ele não ocultava. Tinha este rapaz uma extraordinária aptidão para as artes mecânicas: cosia regularmente, remendava as botas e conhecia alguma coisa de marcenaria — o que se podia até aprender no presídio. Os irmãos tinham orgulho nele.

— Ouve cá, Alei — disse-lhe um dia — porque não aprendes a ler e a escrever o russo? Pode-te vir, mais tarde, a ser muito útil aqui na Sibéria.

— Oh, desejava bem instruir-me...

— Aqui não falta quem saiba ler e escrever. Se quiseres, eu mesmo te ensino.

— Oh, sim, ensina-me a ler! Peço-te! — exclamou Alei, levantando-se e juntando as mãos ao mesmo tempo que me fitava com um olhar suplicante.

No dia seguinte encetámos as nossas lições. Tinha comigo uma tradução russa do Novo Testamento, o único livro que não era proibido no presídio. Só com este livro, sem um alfabeto, Alei aprendeu a ler em poucas semanas. Ao fim de três meses já compreendia muito bem o que se lhe escrevia, pois se aplicara ao estudo com um ardor e uma paixão extraordinários.

Certo dia, numa só lição, lemos juntos o sermão da montanha. Notei que lia certas passagens com uma especial comoção; perguntei-lhe então se lhe tinha agradado o que acabara de ler. Fitou-me admirado, com o rosto purpureado de um rubor súbito.

— Oh, sim!... Jesus é um santo profeta! Fala a língua de Deus. Como é belo!

— Mas o que te agradou mais?

— A passagem onde diz: «Perdoai e amai aos vossos semelhantes, desde os vossos inimigos, e não ofendais a ninguém». Oh, como ele fala bem...

Voltou-se para os irmãos que ouviam a nossa conversa e disse-lhes algumas palavras com entusiasmo. Conversavam longo tempo, muito sérios, aplaudindo por vezes o irmão mais novo com um abanar de cabeça e um sorriso grave e benévolo, sorriso todo muçulmano (aprecio muito a gravidade desse sorriso) e afirmaram-me um dia que Isou (Jesus) foi um grande profeta. Fez grandes milagres; «criou, de um bocado de argila, um pássaro, insuflando-lhe a vida, pelo que esse pássaro voou...» Isto estava escrito nos seus livros. Pareciam convencidos de que me causavam um grande prazer, louvando Isou; quanto a Alei sentia-se feliz ao ver que os irmãos me estimavam e procuravam, proporcionando-me tudo quanto lhe parecia ser para mim uma satisfação. Foi na verdade admirável o êxito que tive com o meu aluno ao ensinar-lhe a escrever. Alei adquiriu papel (à sua custa, porque não consentiu que eu fizesse essa despesa), pena e tinta; em menos de dois meses aprendeu a escrever. Os próprios irmãos admiraram-se com tão rápidos progressos. O seu orgulho e contentamento não tinham limites; e não sabiam como manifestar-me o seu reconhecimento. No campo de trabalho, se acontecia trabalharmos juntos, ajudavam-me à porfia e tinham nisso um grande prazer. Não me refiro a Alei: esse tinha por mim uma afeição tão profunda como pelos irmãos. Nunca mais me esquecerá o dia em que foi posto em liberdade. Levou-me para fora da caserna e atirou-se-me ao pescoço a soluçar. Nunca me tinha abraçado nem nunca chorara na minha frente.

— Ajudaste-me tanto... tanto... — disse-me ele — que nem meu pai nem minha mãe teriam sido melhores para mim. Fizeste de mim um homem. Deus há de abençoar-te! Não te esquecerei nunca, nunca...

Onde estará ele agora? Onde estará o meu bom, o meu querido Alei?

Além dos circassianos, tínhamos ainda na caserna alguns polacos que faziam vida à parte; não tinham quase relações com os outros forçados. Disse já que, mercê do seu isolamento e do seu ódio aos deportados russos, todos os desprezavam; tinham uns espíritos mesquinhos e doentios. Eram em número de seis; entre eles encontravam-se alguns instruídos de quem me ocuparei mais pormenorizadamente no decorrer destas memórias. Foi por intermédio deles que nos últimos tempos da minha reclusão obtive alguns livros. A primeira obra que li causou-me uma profunda e extraordinária impressão. Dessas sensações, que considero curiosíssimas, falarei mais adiante; algumas pessoas dificilmente compreenderão, estou certo, porque não podemos avaliar umas tantas coisas se as não experimentamos nós próprios! Basta dizer que as privações intelectuais são mais cruéis de suportar do que os mais terríveis tormentos físicos. O homem do povo, que é mandado para o presídio, encontra-se entre os seus iguais, a não ser numa sociedade mais policiada. Perdeu, sim, o seu torrão natal, a sua família, mas o meio onde vive permanece idêntico. O homem culto, condenado à mesma pena que o homem do povo, sofre incomparavelmente mais do que este último. Precisa dominar todas as suas necessidades, mudar todos os seus hábitos; é obrigado a descer a um meio inferior e sem cultura, a habituar-se a respirar outra atmosfera.

É como um peixe atirado para a areia. A pena que cumpre, igual para todos os criminosos, conforme o espírito da lei, é, regra geral, dez vezes mais dolorosa e mais cruciante para ele do que para o homem do povo. É uma verdade incontestável, ainda que só tenhamos em conta os hábitos materiais que é obrigado a sacrificar.

Esses polacos formavam, pois, um grupo à parte. Viviam juntos; de todos os forçados da nossa caserna só conviviam com um judeu, e isso mesmo porque os divertia. Esse judeu era estimado, se assim se pode dizer, por todos, posto que troçassem dele. Era o único que havia entre nós. Agora mesmo, ao recordá-lo, ainda sorrio. Sempre que o fitava, fazia-me lembrar o judeu Iankel, descrito por Gogol no seu *Tarass Boulba,* o qual, depois de despido e prestes a deitar-se com a sua judia numa espécie de armário, se parecia com um frango. Içaï Fomitch e um frango implume pareciam-se tanto como duas gotas de água. Já de meia idade — orçava pelos cinquenta — baixo e débil, astuto e ao mesmo tempo sem grande inteligência, era insolente, impostor e deveras pusilânime. Tinha o rosto cheio de rugas e mostrava na testa e nas faces as marcas das queimaduras

que sofrera no pelourinho. Não pude nunca compreender como pôde suportar sessenta vergastadas, pois fora condenado por homicídio. Trazia com ele uma receita médica que outros judeus lhe deram logo depois da sua exposição no pelourinho. Graças à pomada prescrita nessa receita, as marcas deviam desaparecer dentro de duas semanas; ele porém não se atrevia a empregá-la: aguardava o final dos seus vinte anos de reclusão para se tornar colono e dispor-se então a untar-se com a maravilhosa pomada. «Sem isso não posso casar, e eu tenho necessidade de me casar!» Éramos muito amigos. Tinha uma constante boa disposição e a vida presidiária não lhe era muito penosa. Ourives de profissão, recebia muitas encomendas, porque não havia nenhum mais na cidade. Escapava dessa forma aos trabalhos pesados. Muito ganancioso, emprestava aos forçados, sobre penhor, e pelo qual lhe pagavam pesados juros. Entrara primeiro do que eu na prisão. Um dos polacos contou-me a sua entrada triunfal. É uma história que contarei mais adiante, porque terei ainda de falar de Içaï Fomitch.

Quanto aos outros presos, eram, em primeiro lugar, quatro velhos-crentes, entre os quais um velho de Starodoub e dois ou três pequenos russianos, indivíduos muito sorumbáticos; em segundo lugar, um jovem forçado de feições delicadas e nariz aquilino, com vinte e três anos de idade e já autor de oito assassinatos; em terceiro lugar, um grupo de moedeiros falsos, dos quais um deles era o bobo da caserna; por último, alguns condenados de aspeto sombrio e triste, de cabeças rapadas e disformes, sempre macambúzios e invejosos; olhavam de lado para tudo quanto os rodeava. Com certeza deviam continuar a olhar e a invejar, com o mesmo arquear de sobrecenho, durante longos anos. Tudo isto eu observei logo de entrada, desde a triste tarde da minha chegada ao presídio, no meio de um fumo espesso, de um ar infecionado, de um praguejar obsceno, tudo acompanhado de um arrastar de cadeias, de insultos, de risos cínicos. Deitei-me sobre as tábuas nuas da tarimba, fazendo o travesseiro com a minha roupa enrolada (pois não tinha travesseiro) e cobri-me com a manta. Devido, portanto, às penosas impressões desse primeiro dia, não pude logo adormecer. Ia iniciar a minha nova vida. Reservava-me o futuro muitas outras coisas que não havia previsto e em que nunca, mesmo nunca, pensara!

Capítulo 5 — O Primeiro Mês

Três dias depois da minha chegada, recebi ordem de ir para o trabalho. A impressão que me ficou desse dia tenho-a ainda bem nítida na minha memória, se bem que nada me tivesse sucedido de especial, a não ser o quanto a minha situação tinha de extraordinária. Foram as primeiras sensações; até esse momento olhava ainda para tudo com curiosidade. Decerto esses três primeiros dias foram os mais amargurados da minha reclusão. «Acabaram-se as minhas peregrinações!», dizia comigo a cada instante. «Eis-me fechado num presídio, o meu porto de abrigo por muitos anos. É ele o rincão onde terei de viver e onde entrei com o coração alanceado e repleto de desconfiança... Quem sabe? Quando tiver de o deixar, talvez o faça com saudades!», acrescentei, impulsionado por esse prazer maligno que nos leva a avivar a ferida com um ferro para nos deliciarmos com o sofrimento; sentimos, muita vez, uma delícia subtil na consciência da imensidade da nossa própria desgraça. A ideia de que poderia ter saudades desse dia horrorizava-me. Já então pressentia o quanto o homem é escravo dos seus hábitos. Porém não se tratava do futuro, mas sim do presente, que me cercava hostil e terrível. Pelo menos assim me parecia.

A curiosidade selvagem com que os forçados, meus companheiros, me examinavam, a sua dureza com um fidalgo que vinha viver junto deles, dureza que, por vezes, se transmudava em ódio, tudo isto me atormentava de tal modo que ansiei ir para o trabalho a fim de avaliar, de um só golpe de vista, toda a extensão da minha desgraça, de viver como os outros e de cair como eles na mesma rotina. Escapavam à minha perceção muitos factos e não sabia ainda separar da hostilidade geral a simpatia que alguns me manifestavam. No entanto a afabilidade e benevolência que me testemunharam alguns forçados reanimaram-me e insuflaram-me um pouco de coragem. O mais amável para comigo foi Akim Akimytch. Notei também, entre os rostos sombrios e odiosos de quase todos, alguns semblantes carinhosos e amigos. «Em toda a parte há perversos, tal como entre estes desgraçados existem alguns que são bondosos, o que constitui

uma certa consolação. Quem sabe? Talvez não sejam piores do que aqueles *outros* que andam em liberdade». Assim pensando, abanei a cabeça e no entanto — Deus meu! — mal eu sabia quanto tinha razão!

O forçado Souchilov, por exemplo: um homem que só vim a conhecer muito mais tarde, posto que fosse quase sempre um dos meus vizinhos, enquanto ali vivi. Desde que falei em forçados que não são piores do que os *outros,* lembrei-me logo, sem querer, dele. Era meu criado, assim como um outro preso chamado Osip, que Akim Akimytch me recomendou após a minha entrada na prisão; por trinta *kopeks* mensais, este homem comprometeu-se a preparar-me um jantar especial no caso de não me agradar o que me davam na prisão e eu poder comer à minha custa. Osip era um dos quatro cozinheiros designados pelos presos para as nossas cozinhas (entre parênteses: podiam aceitar ou recusar estas funções e deixá-las quando bem entendessem). Os cozinheiros não iam para os trabalhos pesados; o seu mister consistia em cozer o pão e a sopa de couves azedas. Chamavam-lhes *cozinheiras,* não por desprezo, pois eram sempre escolhidos entre os mais inteligentes e honestos, mas por gracejo. Esta designação não os magoava. Havia já muitos anos que Osip era reeleito *cozinheira* e só declinava o cargo quando estava cansado dele ou se se lhe proporcionava ensejo de trazer aguardente para a prisão. Posto tivesse sido mandado para o presídio por ter sido contrabandista, era de uma honestidade e de uma bondade excessiva (podia-se dizer isto dele em voz alta); deveras cobarde, apavorava-se só em pensar nas vergastadas. De um caráter sossegado, paciente e amável com todos, não discutia com ninguém; mas por coisa alguma deste mundo conseguia resistir à tentação de ser contrabandista, de trazer aguardente, apesar de toda a sua cobardia. Como todos os outros cozinheiros, negociava também em aguardente, mas em escala muito mais modesta que Gazine, porque não ousava arriscar muito nem muitas vezes. Vivi sempre em boas relações com Osip.

Para se ter uma refeição especial, não era preciso ser-se muito rico; alimentava-me à razão de um *rublo* por mês, salvo, bem entendido, o pão, que esse forneciam-no-lo de graça; uma vez por outra, quando estava com muita fome, sujeitava-me a comer a sopa de couves azedas dos forçados, apesar da aversão que ela me inspirava; mais tarde esta aversão desapareceu por completo. Comprava, em geral, uma libra de carne por dia, a qual me custava dois *kopeks.* Os inválidos, a cargo de quem estava a vigilância das casernas, iam todos os dias, por compaixão, ao mercado

fazer as compras para os presos; não recebiam por isso retribuição alguma, a não ser, de longe em longe, uma pequena gratificação. Procediam assim por amor à sua própria tranquilidade, pois a vida no presídio tornava-se-lhes um perpétuo martírio se se recusassem a isso. Traziam tabaco, chá, carne, enfim tudo quanto se queria, exceto aguardente, a qual, aliás, não se lhes pedia nunca se bem que algumas vezes se consolassem com ela.

Durante vários anos Osip preparou-me sempre da mesma forma o bife; o como conseguia prepará-lo constituía o seu segredo. E o mais extraordinário é que durante todo esse tempo não troquei com ele talvez duas palavras; tentei várias vezes levá-lo a conversar; era incapaz de sustentar uma conversa; só sabia sorrir e responder sim ou não a todas as perguntas. Era original este hércules, que não tinha mais inteligência do que um pequeno de sete anos.

Souchilov pertencia também ao número dos que me ajudavam. Não o tinha chamado nem procurado. Unira-se a mim por sua espontânea vontade, sem que me lembre quando começou essa amizade. Tinha por ocupação principal o lavar-me a roupa. Havia para este fim um tanque no meio do pátio, em volta do qual os forçados lavavam a roupa em tinas pertencentes ao Estado. Souchilov tinha arranjado maneira de me prestar inúmeros serviços: preparava-me o chá e corria de um lado para o outro a dar cumprimento às diversas comissões de que eu o encarregava; conseguia-me tudo quanto eu precisava, já remendando-me a túnica ou engraxando-me as botas quatro vezes por mês. Fazia tudo isto com cuidado e com um ar de apressado, como se sentisse sobre ele outras responsabilidades; numa palavra, ligou a sua sorte à minha, intervindo em tudo quanto me dizia com respeito. Nunca me disse, por exemplo: «Tem tantas camisas... a sua túnica está rasgada», mas, sim: «Temos tantas camisas... a nossa túnica está rasgada». Era eu a sua constante preocupação e creio mesmo que me tornei até a preocupação máxima de toda a sua vida. Como não sabia nenhum ofício, ganhava apenas o dinheiro que eu lhe dava, uma miséria, já se vê, mostrando-se sempre contente, por menor que fosse a quantia que eu lhe desse. Não podia viver sem servir alguém e dera-me a preferência, porque era mais afável e, em especial, mais generoso que os outros em matéria de dinheiro. Era um desses seres que nunca enriquecem, porque não sabem governar o que ganham; pertencia também ao número daqueles que os jogadores contratam por cinco *kopeks* para velarem a noite inteira, à entrada, de orelha à escuta ao menor rumor,

a fim de lhes comunicar a chegada do major. Em caso de busca noturna, nada recebiam, mas as costas é que pagavam essa falta de atenção. O que caracterizava esta espécie de homens era a sua absoluta ausência de personalidade; perdiam-na sempre, onde quer que estivessem, ocupando por isso o segundo ou terceiro plano. Isto é próprio deles. Souchilov era um pobre diabo, dócil e parvajola, mas isto desde a nascença; dir-se-ia que acabava sempre de ser vergastado quando ninguém na caserna levantaria a mão para lhe bater. Não sei porquê, tive sempre piedade dele. Não o podia fitar sem deixar de sentir uma profunda compaixão. Porque tinha eu piedade dele? Não o poderia dizer. Não podia conversar com ele, porque não sabia conversar, por pouco que fosse; animava-se apenas quando, para pôr termo à conversa, lhe ordenava que me fizesse qualquer coisa ou fosse a correr a qualquer parte. Convenci-me de que lhe dava prazer dando-lhe uma ordem, qualquer que fosse. Nem grande, nem pequeno, nem bonito, nem feio, nem inteligente, nem estúpido, nem velho, nem jovem, era difícil dizer alguma coisa de definido, de exato acerca deste homem de rosto um pouco bexigoso e de cabelos louros. Somente um ponto me pareceu destacar-se: pertencia, tanto quanto pude observar, à mesma categoria de Sirotkine devido à sua palermice e irresponsabilidade. Os presos troçavam dele muitas vezes, dizendo-lhe que se havia *trocado* no caminho ao vir para a Sibéria; havia-se *trocado* por uma camisa encarnada e um *rublo* de prata. Riam-se da pequena quantia por que se vendera. *Trocar-se* significa dar o seu nome pelo de outro preso e, por conseguinte, comprometer-se a cumprir a pena deste último. Por mais extraordinário que isto pareça, o facto é autêntico; este costume, consagrado pela tradição, existia entre os presos que me acompanharam para o exílio, na Sibéria. A princípio pareceu-me inacreditável semelhante coisa; porém, com o decorrer do tempo tive de me render à evidência.

Eis a forma como praticam a troca: um comboio de deportados põe-se a caminho da Sibéria. Nele vão condenados de todas as categorias: para trabalhos forçados, para as minas, para a simples colonização. No caminho, a certa altura, no distrito de Perm, por exemplo, um deportado deseja *trocar* a sua sorte pela de um outro companheiro. Um Mikailov, condenado a trabalhos forçados devido a ter cometido um crime capital, não gosta da perspetiva de passar muitos anos privado da liberdade; como é astucioso e velhaco, sabe bem o que tem a fazer. Procura no comboio um companheiro ingénuo e bonacheirão, de caráter sossegado e cuja pena seja

muito menor: alguns anos de minas, de trabalhos forçados ou apenas de exílio. Depara-se-lhe um Souchilov, antigo servo, condenado à pena de colonização. Acaba de percorrer mil e quinhentas *verstas* sem um *kopek* no bolso pela simples razão de que um Souchilov não pode trazer dinheiro consigo; está fatigado, extenuado porque só tem para se alimentar a ração regulamentar e para se cobrir apenas o uniforme dos forçados; não pode, sequer, de longe a longe passar um bom bocado, porque faz recados a todos por uns míseros centavos. Mikailov entabula conversa com Souchilov; agradam um ao outro e travam-se de amizade. Na primeira paragem, Mikailov embriaga o companheiro. Depois pergunta-lhe se quer *trocar a sua sorte.* «Chamo-me Mikailov e estou condenado a trabalhos forçados, que não devo cumprir porque vou ser incluído numa secção particular. São, de facto, trabalhos forçados, se quiseres, mas não como os outros, pois a minha secção é particular e deve ser bastante melhor!»

Antes de ser abolida a secção particular, muitas pessoas pertencentes à sociedade oficial, até mesmo em S. Petersburgo, não sabiam da sua existência. Encontrava-se num sítio muito afastado de um dos mais longínquos centros da Sibéria, que era difícil conhecer-lhe a existência; além disso era muito insignificante devido ao número dos condenados (no meu tempo eram ao todo setenta). Encontrei mais tarde indivíduos que tinham servido na Sibéria e conheciam muito bem essa região: no entanto era a primeira vez que ouviam falar de uma «secção particular». A *Compilação das Leis* consagra apenas seis linhas a essa instituição: «*Fica adjunta ao presídio de... uma secção particular para os criminosos mais perigosos, até que sejam organizados os trabalhos forçados mais violentos».* Os próprios presos não sabiam nada desta secção particular; seria perpétua ou temporária? Na realidade não havia termo fixado, pois era um estágio que podia prolongar-se «*até à abertura dos trabalhos forçados mais violentos*»*,* isto é, por muitíssimo tempo. Nem Souchilov nem nenhum dos condenados do comboio, nem o próprio Mikailov podiam adivinhar o significado dessas duas palavras. No entanto Mikailov teve o palpite sobre o verdadeiro caráter dessa secção; levou-o a isso a gravidade do crime cometido e devido ao qual lhe fizeram percorrer a pé três ou quatro mil *verstas.* Com certeza não o iam mandar para um sítio onde se sentisse muito bem. Souchilov, pelo contrário, ia ser colono; que podia ele desejar de melhor? «Queres trocar comigo?» Souchilov estava um tanto embriagado, era além disso um coração simples, todo reconhecido ao

companheiro que o consolou, e por isso não ousou recusar. De resto, tinha ouvido dizer a outros condenados que se podia *trocar,* que outros já o tinham feito, e que portanto não havia nada de extraordinário, de inédito no que lhe propunha o companheiro. Chegaram a acordo: o velhaco Mikailov, valendo-se da simplicidade de Souchilov, comprou-lhe o nome por uma camisa encarnada e um *rublo* de prata, e tudo isto feito diante de testemunhas. No dia seguinte Souchilov já estava no seu juízo, mas fazem-no beber de novo, e tanto que não pode recusar; o *rublo* é bebido e ao fim de pouco tempo a camisa tem o mesmo fim. «Se não concordas com a troca, dás-me o dinheiro que te dei!», exclamava Mikailov. Onde conseguirá Souchilov um *rublo*? Se não lho devolve, o *artel* forçá-lo-á a devolver-lho; os deportados são muito escrupulosos nesse ponto. Cumpre-lhe manter o prometido; o *artel* exige-o sem o que — desgraçado dele! — matam-no ou pelo menos intimidam-no seriamente.

De facto, se o *artel* se mostrasse uma só vez indulgente para com os que não cumprem a sua promessa, ninguém mais faria troca de nomes. Se se pudesse negar a palavra dada e desfazer o acordo concluído após ter recebido a quantia estipulada, quem se manteria ligado às condições combinadas? Logo, é uma questão de vida ou de morte para o *artel,* uma questão que interessa a todos; por isso mesmo os deportados mostram-se muito severos neste ponto. Souchilov compreende por fim que é impossível recuar, que nada o salvará, e portanto consente no que exigem dele. Comunicam logo a todo o comboio a combinação efetuada, e se temem denúncias tratam como devem aquele de quem têm receio. Aos outros é-lhes indiferente que seja o Mikailov ou o Souchilov! Que vão para o diabo! Beberam aguardente, consolaram-se, logo o segredo será guardado por todos. Na estação imediata procede-se à chamada. Quando chega a vez de Mikailov, Souchilov responde *Presente!,* o mesmo fazendo aquele quando chega a vez deste último. Não se fala mais no assunto. Em Tobolsk separam-se os prisioneiros: Mikailov vai colonizar a região e Souchilov é levado à *secção particular* duplamente escoltado. É-lhe impossível agora reclamar ou protestar. Como poderia provar? Quantos anos demoraria o processo? Que lucraria o queixoso? Onde estariam por fim as testemunhas? Estas, ainda que fossem encontradas, recusar-se-iam a depor. E foi assim que Souchilov, por um *rublo* de prata e uma camisa encarnada, foi mandado para a *secção particular.*

Os presos troçavam dele, não porque se tivesse *trocado* — embora, em geral, desprezem aqueles que cometem a asneira de trocarem um trabalho fácil por outro mais pesado — mas sim porque nada recebera além de uma camisa encarnada e um *rublo,* o que era uma retribuição demasiado irrisória. Regra geral trocavam-se por grossas quantias — relativamente aos recursos dos forçados — chegando a receber até algumas dezenas de *rublos*. Souchilov porém era tão falto de vontade, tão impessoal, tão insignificante que não havia razão para o escarnecerem.

Vivemos juntos durante muito tempo; habituara-me a este homem e ele só estava bem ao pé de mim. Um dia, no entanto — não me perdoarei nunca o que lhe fiz — não executou umas ordens que lhe dei; como depois me viesse pedir dinheiro, tive a crueldade de lhe dizer: «Sabes muito bem pedir dinheiro, mas não fazes o que te mandam». Souchilov calou-se e deu-se pressa em me obedecer; de repente, porém, tornou-se triste. Passaram-se dois dias. Não supunha que se tivesse sentido muito com o que lhe disse. Soube porém que um preso chamado Vassiliev exigiu dele o pagamento imediato de uma pequena dívida. Com certeza estava sem dinheiro e não se atrevia a pedir-mo. Chamei por ele e disse-lhe: «Souchilov, queres, suponho eu, pedir-me dinheiro para pagares a António Vassiliev. Aqui o tens, toma!» Eu estava sentado na tarimba. Souchilov mantinha-se de pé, diante de mim, muito admirado por eu lhe oferecer dinheiro quando devia lembrar-me ainda da sua posição pouco airosa para comigo, e tanto mais quanto nestes últimos dias e com bastante custo já mo tinha pedido adiantado: não podia por isso esperar que lhe adiantasse mais. Olhou a nota que eu lhe dava, fitou-me e saiu, rodando sobre os calcanhares. Isto admirou-me muito. Segui atrás dele e encontrei-o nas traseiras da caserna. Estava de pé, com o rosto encostado à paliçada e os cotovelos fincados nas tábuas.

— Que tens, Souchilov? — perguntei-lhe. Não me respondeu, mas notei, admirado, que a custo retinha as lágrimas.

— Julgas... Alexandre Petrovitch... — soluçou ele com voz trémula e desviando os olhos dos meus — que eu te... por dinheiro... mas eu... eu...

E voltou-se, encostando de novo o rosto à paliçada; estava a soluçar. Foi a primeira vez que eu vi chorar um homem no presídio. Confortei-o a muito custo; daí em diante serviu-me ainda com mais cuidado, se é possível, e *observava-me;* por uns pequenos nadas percebi que o seu coração nunca me perdoou esta reprimenda. E todavia os outros troçavam

dele, importunavam-no sempre que a ocasião se lhe proporcionava, insultavam-no até sem que se mostrasse magoado; pelo contrário, vivia com todos em boa amizade. É difícil conhecermos um homem, mesmo depois de termos convivido com ele muitos anos.

Eis a razão por que o presídio não teve, a princípio, para mim a significação que devia ter mais tarde, com o rodar do tempo. Eis a razão por que, apesar de toda a minha atenção, não consegui apreender muitos factos que me feriram os olhos. Aqueles que desde logo me chamaram a atenção eram os mais notáveis; por vezes, porém, o meu ponto de mira era falso e só me deixavam então uma impressão grosseira e desesperadoramente triste. O que mais contribuiu para este resultado foi o meu encontro com A...f, o preso chegado ao presídio antes de mim e que nos primeiros dias me surpreendeu e magoou deveras. Envenenou o início da minha reclusão e agravou ainda mais os meus sofrimentos morais, já de si muito cruéis.

Era o mais repugnante exemplo de vileza e extrema cobardia a que pode resvalar um homem que se despoja de todo o sentimento de honra, sem luta nem arrependimento. Este rapaz, um nobre — já me referi a ele — contava ao major tudo quanto se passava nas casernas e era íntimo do impedido Fedka. Eis aqui a sua história.

Tendo chegado a S. Petersburgo sem ter podido acabar os estudos após uma questão com os pais, a quem escandalizava a sua vida de libertino, não recuou para conseguir algum dinheiro ante a mais torpe delação. Decidiu-se a vender o sangue de seis homens a fim de satisfazer a sua sede insaciável de prazeres, os mais ignóbeis e os mais desonestos. Tornara-se tão ávido desses deleites, pervertera-se a tal ponto nos prostíbulos e tabernas de S. Petersburgo que não hesitou em meter-se num negócio que sabia ser insensato, pois não lhe faltava inteligência; foi por isso condenado ao exílio e a dez anos de trabalhos forçados na Sibéria. A sua vida ia começar então; parece que o terrível golpe que o ferira devia tê-lo surpreendido, despertando nele alguma resistência, provocando-lhe qualquer crise; aceitou porém a sua nova sorte sem o menor ressentimento, sem mesmo se admirar; o que o apavorava era a obrigação de trabalhar e o ter de deixar para sempre os seus hábitos de libertinagem. O nome de forçado serviria apenas para o impulsionar para maiores baixezas, para vilanias mais odiosas. «Agora que sou forçado posso aviltar-me à vontade sem ter de corar». Era assim que ele filosofava sobre

a sua situação. Recordo-me desta asquerosa criatura como de um fenómeno monstruoso. Convivi vários anos com assassinos, com crápulas, com verdadeiros celerados, porém nunca na minha vida se me deparou um exemplar mais completo de rebaixamento moral, de corrupção máxima, de impudente abjeção. Entre nós encontrava-se um parricida de origem nobre, de quem já falei; no entanto pude convencer-me, por alguns factos, que este era muito mais sociável e humano do que A...f. Durante todo o tempo da minha reclusão, A...f não passou a meus olhos de outra coisa que não fosse um pedaço de carne provido de dentes e de estômago, ávido dos mais salazes e ferozes prazeres animais, para satisfação dos quais não recuaria em assassinar quem quer que fosse. Não exagero nada, pois reconheci em A…f um dos mais completos exemplares da animalidade, ante o qual não há nenhum princípio nem nenhuma regra que o contenha. Quanto me desgostava o seu sorriso escarninho! Era um monstro, um Quasímodo moral. Era inteligente, astucioso, bonito, um tanto ou quanto instruído e com algumas capacidades. Não. O incêndio, a peste, a fome, ou qualquer outro flagelo é preferível à presença de um tal indivíduo na sociedade. Disse já que no presídio a espionagem e a delação floresciam como produtos naturais do aviltamento, sem que no entanto os presos se formalizassem com isso; neste caso, porém, mantinham relações amigáveis com A...f, sendo até mais amáveis para com ele do que para comigo. As boas graças em que o tinha o bêbado do nosso major outorgavam-lhe uma certa importância e até algum valor aos olhos dos forçados. Mais tarde esta vil criatura evadiu-se em companhia de outro forçado e de um soldado da escolta; contarei porém essa evasão no seu devido tempo e lugar. A princípio vinha para junto de mim, na suposição de que não lhe conhecia o passado. Repito: envenenou-me os primeiros tempos da minha reclusão a ponto de me fazer desesperar bastante. Apavorava-me o tremendo ambiente de depravação moral para onde me tinham lançado. Supus que tudo fosse assim, vil e miserável; iludi-me, contudo, ao supor que todos fossem iguais a A…f.

Nos três primeiros dias não fiz mais do que passear pelo presídio, quando não me mantinha deitado na tarimba. Confiei a um preso, que havia conquistado a minha confiança, o pano que me fora dado pela direção do presídio, para que me fizesse algumas camisas. Adquiri ainda, por conselho de Akim Akimytch, um colchão de dobrar ao meio, em crina, forrado de linho, mas delgado como uma bolacha e muitíssimo duro, em

especial para quem não estava habituado. Akim Akimytch empenhou-se em me conseguir todos os objetos de primeira necessidade, tendo feito até, por suas mãos, uma colcha de retalhos com velhas roupas do Estado, escolhidos e cortados de calças e coletes velhíssimos, comprados a vários presos. As roupas fornecidas pelo Estado, depois de usadas durante o tempo regulamentar, tornavam-se propriedade dos presos, que as vendiam logo, pois por mais usada que seja uma peça tem sempre algum valor. Tudo isto me impressionou muito, sobretudo no princípio, aquando dos meus primeiros atritos com esta gente. Aclimatei-me, e por isso tornei-me povo como os meus companheiros e forçado como eles. Os seus hábitos, as suas ideias, as suas maneiras dominaram-me e passei a fazer como eles, sem no entanto se fixarem no meu foro íntimo. Estava admirado e confuso, como se nunca tivesse ouvido falar em tudo aquilo nem suspeitasse de coisa que se lhe pudesse comparar; contudo, sabia bem com quem teria de me haver, quando mais não fosse pelo que me tinham contado. A realidade porém produz sempre uma impressão muito diversa daquilo que nos contaram. Poderia eu supor, por acaso, que tão míseros farrapos tivessem ainda algum valor? E no entanto a minha colcha compunha-se toda de bocados! É difícil de qualificar a fazenda empregada no vestuário dos presos: assemelhava-se ao pano grosso e acinzentado, fabricado para os soldados; porém logo que se usava algumas vezes, começava a mostrar o fio e esgarçava muito. Um uniforme devia durar todo um ano, mas não durava esse tempo. O preso trabalha muito, carrega fardos pesados, por isso o tecido gasta-se e rasga-se com facilidade neste mister. As capas deviam ser conservadas durante três anos: em todo esse período serviam ao mesmo tempo de capa, de colcha e de travesseiro; eram resistentes, mas ao fim do terceiro ano não era raro vê-las todas remendadas com pano ordinário. Contudo, apesar de muito usadas, os presos conseguiam ainda vendê-las à razão de quarenta *kopeks* cada uma. As melhores conservadas alcançavam até o preço de sessenta *kopeks* — quantia fabulosa no presídio.

O dinheiro — como já disse — tem um poder soberano na vida de um presidiário. Pode-se afirmar que o preso que dispõe de alguns recursos, sofre dez vezes menos do que aquele que não tem nada. «Se o Estado provém a todas as necessidades do forçado, para que precisa ele de dinheiro?» Assim raciocinam os nossos chefes. Todavia, volto a repeti-lo, se proibissem os presos de possuírem alguma coisa de seu,

enlouqueceriam, matar-se-iam como moscas, cometeriam os maiores crimes: uns por aborrecimento ou por tristeza, outros para serem punidos com mais rigor e, por conseguinte, *mudarem de sorte,* como eles dizem. Se o forçado que ganha alguns *kopeks* com o amargo suor do seu rosto, que se aventura às mais perigosas empresas para o conseguir, que gasta esse dinheiro, esbanjando-o com uma estupidez infantil, isso por maneira nenhuma significa que ele não saiba dar-lho o valor, como à primeira vista poderia parecer. O forçado é ávido pelo dinheiro a ponto de por ele quase perder o juízo; mas se o atira pela janela é para conseguir aquilo que ele prefere ao dinheiro. E que é que o forçado coloca acima do dinheiro? A liberdade, ou pelo menos um sonho de liberdade! Os forçados são todos uns grandes nefelibatas. hei de referir-me a isto mais adiante e com mais pormenores; por agora limito-me a dizer que conheci *condenados a vinte anos de trabalhos forçados* e que me confessaram com ingenuidade: «Quando terminar o meu tempo, se Deus quiser, então…» O próprio nome de *forçado* indica um homem privado da sua liberdade; ora, quando esse homem gasta o seu dinheiro, *procede como bem lhe parece.* Apesar dos estigmas e das grilhetas, apesar da paliçada que o cerca, impedindo-o de ver o mundo livre, enjaulando-o como um animal feroz, pode procurar aguardente, uma mulher e até muitas vezes (não sempre!) subornar os guardas da escolta, os inválidos, os sargentos, e todos farão vista grossa às infrações ao regulamento; poderá mesmo — o que ele adora — fanfarronar diante deles, isto é, mostrar aos seus companheiros e iludir-se a ele próprio, *por algum tempo,* de que disfruta de mais liberdade do que na realidade tem; o pobre diabo quer, numa palavra, convencer-se de que tem aquilo que sabe ser impossível: é essa a razão por que os presos gostam de se vangloriar, de exagerar cómica e ingenuamente a sua miserável personalidade, muito embora de uma forma imaginária. Bem sei que arriscam alguma coisa nestas brincadeiras, mas por outro lado é uma espécie de vida e de liberdade o único bem que eles procuram por momentos. Um milionário a quem pusessem uma corda ao pescoço não daria todos os seus milhões para respirar um hausto de ar puro?

Um preso vive tranquilamente durante muitos anos seguidos e comporta-se de uma forma tão exemplar que por vezes até o fazem *decurião*; de repente, com grande espanto dos seus chefes, revolta-se, comete as maiores tropelias, não recuando mesmo ante um crime capital, tal como o assassinato, o estupro, etc. Fica-se estarrecido. A causa desta

revolta inesperada, num homem de quem nada havia que temer, é a manifestação *agónica* e *convulsiva* da personalidade ou de uma melancolia instintiva, ou de um desejo de afirmar o seu *eu* envilecido, uma série de sentimentos que transtornam o juízo. É uma espécie de acesso de epilepsia, de espasmo; tal como o homem enterrado vivo que acorda de repente, deve tentar forçar também desesperadamente a tampa do caixão, tentar afastá-la, levantá-la, posto que a razão o convença da inutilidade dos seus esforços. O raciocínio porém nada tem que ver com estas convulsões. É preciso não esquecer que quase toda a manifestação voluntária da personalidade dos forçados é considerada um crime, tanto faz que essa manifestação seja importante ou insignificante, ou melhor, é em absoluto indiferente. Libertinagem por libertinagem, perigo por perigo, mais vale ir logo até ao fim, ir mesmo até ao homicídio. O que custa é o primeiro passo; pouco a pouco o homem apaixona-se, embriaga-se e nada há que o detenha mais. É por isso que é melhor não o impulsionar para tais extremos. Todos ficaríamos assim mais tranquilos.

Sim! Mas como conseguir isso?

Capítulo 6 — O Primeiro Mês (continuação)

Quando me mandaram para o presídio tinha uma pequena importância; não a levei toda comigo com medo que ma tirassem. Colei apenas, por precaução, algumas notas no interior da lombada do meu evangelho (único livro permitido na prisão). Este evangelho foi-me dado em Tobolsk por um dos exilados que ali residiam há mais de uma dezena de anos e que estavam habituados a ver um irmão em cada *desgraçado.* Há na Sibéria pessoas que consagram a sua vida a socorrer irmãmente os *desgraçados;* têm por eles a mesma simpatia que têm pelos filhos; a sua compaixão é toda ternura e ao mesmo tempo desinteressada. Não me posso esquivar ao relato, em poucas palavras, de um encontro que tive então.

Na cidade onde ficava a nossa prisão havia uma viúva chamada Nastasia Ivanovna. Como é natural, nenhum de nós estava em relação direta com essa mulher. Dedicava-se, como fim único da sua existência, a correr em socorro de todos os exilados, mas em especial de nós, os forçados. Teria havido na sua família, por acaso, algum desgraçado? Teria alguém, que lhe fosse querido, sofrido algum castigo semelhante ao nosso? Não o posso dizer. O que é certo é que fazia sempre por nós tudo quanto podia. E não fazia mais porque era muito pobre.

Porém nós, que estávamos fechados no presídio, reconfortávamo-nos ao saber que tínhamos lá fora uma pessoa nossa amiga. Era ela quem nos comunicava muitas vezes notícias de que tínhamos grande necessidade (pois éramos todos pobres). Ao deixar para sempre o presídio, mas antes de seguir para outra cidade, tive ensejo de ir a casa dela e tornar-me seu conhecido. Vivia num dos bairros dos subúrbios, em casa de um parente muito chegado.

Nastasia Ivanovna não era nem velha nem nova, nem feia nem bonita; era difícil e impossível mesmo de dizer se era inteligente e bem-educada. Somente se lhe notava em todas as suas ações uma infinita bondade, um ardente desejo de cativar, de aliviar, de fazer alguma coisa de agradável. Liam-se estes sentimentos no seu bondoso e terno olhar. Passei uma noite em sua casa com outros companheiros de prisão. Olhava-nos de frente,

rindo quando nos ríamos, acedendo de bom grado a tudo quanto lha pedíamos; era sempre da nossa opinião, qualquer que fosse o assunto tratado e andava numa azáfama para nos contentar da melhor maneira.

Serviu-nos chá e algumas guloseimas. Se fosse rica, o que seria para ela uma grande satisfação, conforme deixava antever, passaria a vida a consolar e a aliviar o melhor possível os presos detidos no presídio.

Ao despedirmo-nos, deu-nos de presente, como lembrança, a cada um, uma cigarreira de papelão. Ela própria as fabricava — Deus sabe como! — com o papelão colorido com que encadernam os livros de aritmética para as escolas. Estas cigarreiras eram ornadas, à volta, com uma delicada cercadura de papel dourado, que comprara talvez em qualquer loja com o fim de as tornar mais bonitas.

— Já que todos fumam, estas cigarreiras talvez vos sejam úteis — disse-nos ela, desculpando-se timidamente desta sua modesta lembrança.

Existem pessoas que dizem (já li e ouvi isto em algures) que um grande amor pelo próximo não é mais que um grande egoísmo. Que egoísmo poderia ela ter? Nunca tal poderei compreender.

Posto que tivesse pouco dinheiro quando entrei no presídio, não podia no entanto irritar-me muito a sério com aqueles forçados que, desde a minha chegada, vinham com toda a desfaçatez — após me terem ludibriado uma vez — pedir-mo emprestado segunda, terceira e mesmo mais vezes. Confesso francamente que aquilo que, de tudo isto, mais me aborrecia era que todos eles, com as suas palavrinhas ingénuas, me tomassem na conta de parvo, se rissem mesmo de mim só porque lho emprestava pela quinta vez. Dava-lhes a impressão de que me deixava enganar com as suas manhas e habilidades; se, pelo contrário, lho recusasse e os mandasse embora, estou certo que passavam a olhar-me com mais respeito; mas apesar de tudo isso e de me mostrar por vezes zangado, não sabia recusar-lho.

Nos primeiros dias senti-me um pouco apreensivo quanto à maneira como me devia comportar no presídio e que regra de conduta devia adotar com os meus companheiros. Sentia e compreendia muito bem que este meio era totalmente novo para mim, que caminhava nas trevas, mas que me era impossível viver dez anos nas trevas. Resolvi comportar-me com franqueza, conforme mo ordenasse a minha consciência e os meus sentimentos. Porém ignorava também que isto é um aforismo bom em teoria e que a realidade é sempre feita de imprevistos.

Por isso, apesar de todas as pequenas apreensões que me causava o instalar-me na caserna, apreensões essas de que já falei e as quais foram removidas de repente por Akim Akimytch, uma angústia terrível me envenenava, me atormentava cada vez mais. É a *«Casa dos Mortos»,* exclamava comigo, ao cair da noite, quando contemplava, da porta da caserna, os presos que vinham dos trabalhos pesados, que passeavam no pátio, que iam da cozinha para a caserna ou vice-versa. Examinava-lhes então os movimentos e as fisionomias, tentava adivinhar que espécie de homens seriam eles e como seria o seu caráter. Giravam na minha frente, de sobrecenho carregado ou então muito alegres — estes dois estados misturavam-se muitas vezes e podem mesmo caracterizar um preso — injuriavam-se ou conversavam apenas, ou melhor ainda, vagueavam calados, embebidos na aparência pelos seus pensamentos: uns com semblante macilentos e apáticos, outros com o sentimento de uma superioridade arrogante (pois quê, aqui também?!), de boné caído sobre a orelha, a capa deitada ao ombro, passeavam por nós o olhar atrevido e velhaco, de um motejo impudentemente zombeteiro. «É este o meu meio, o meu mundo atual», pensava eu, «mundo com o qual nada quero, mas dentro do qual tenho de viver».

Tentei interrogar Akim Akimytch, na companhia de quem tomava o chá para não estar só, sobre os diversos forçados. Como simples informe direi que o chá, no princípio da minha reclusão, foi quase o meu único alimento. Akim Akimytch não recusava nunca tomá-lo na minha companhia, acendendo ele próprio o velho samovar de metal branco, feito no presídio, e que M... me havia alugado.

Akim Akimytch bebia em geral um copo de chá (ele tinha copos), todo sério, em silêncio, agradecendo-me quando acabava e pondo-se logo em seguida a trabalhar na confeção da minha colcha. Ele, porém, não pôde dizer-me o que eu pretendia saber, nem sequer compreendeu o interesse que eu tinha em conhecer o caráter dos indivíduos que nos rodeavam; ouviu-me com um sorriso atrevido, que ainda agora estou a ver. «Não posso!», pensei eu. «Devo ser eu só a tentar fazer tudo e não interrogar os outros».

No quarto dia os forçados alinharam pela manhã, em duas filas, no pátio, em frente do corpo da guarda, perto da porta da prisão. À frente e atrás deles estavam os soldados de armas carregadas e baionetas caladas.

O soldado tem o direito de atirar sobre o forçado se este se tenta evadir, mas pelo contrário responde pelo tiro se o não deu em caso de absoluta necessidade; o mesmo se passa com as revoltas dos prisioneiros; porém, quem é que pensa em se evadir na frente dos guardas?

Chegou um oficial de engenharia acompanhado do *condutor,* de alguns sargentos, de engenheiros e de algumas praças escalonadas para o serviço. Fazem a chamada; os forçados que se destinam às oficinas de alfaiate são os primeiros a partir — aqueles que trabalham no presídio só vestem o que eles fazem; depois saem os destinados às outras oficinas, até que chega a vez dos presos designados para os trabalhos mais pesados. Pertencia a estes últimos — éramos vinte. Por trás da fortaleza, sobre o rio gelado, estavam duas barcaças pertencentes ao Estado que não valiam nada, mas que era preciso desarmar a fim de se aproveitar a madeira. Esta, para dizer a verdade, também não valia grande coisa, porque na cidade a lenha era baratíssima. Toda a região está coberta de florestas.

Davam-nos este trabalho para não ficarmos de braços cruzados. Os forçados sabiam-no muito bem, razão por que se metiam ao trabalho com indolência e apatia. Dava-se justamente o contrário quando o trabalho tinha um certo valor e uma razão de ser ou quando podiam pedir uma determinada tarefa. Os trabalhadores então animavam-se, e posto não pudessem tirar nenhum proveito de tal trabalho, via que os presos se extenuavam para o acabarem o mais depressa possível; estava em jogo o amor-próprio de cada um.

Quando um trabalho — como o de que tratamos — era executado mais por entretém do que por necessidade, não lhes era permitido pedir tarefas; tinham de trabalhar até ao rufar do tambor, que anunciava o regresso ao presídio às onze horas da manhã.

O dia estava lépido é brumoso e faltava pouco para que a neve fundisse. O nosso grupo dirigiu-se para a encosta, por trás da fortaleza, agitando ligeiramente as cadeias; escondidas sob as roupas, produziam a cada passada um som forte e seco. Dois ou três forçados foram buscar as ferramentas ao depósito.

Caminhava juntamente com os meus companheiros; sentia-me um tanto excitado, pois ansiava ver e saber o que eram esses trabalhos forçados. Em que consistiriam eles? Como trabalharia eu pela primeira vez na minha vida?

Lembram-me ainda os mais pequenos pormenores. Encontrámos no caminho um burguês de barbas compridas, que parou e meteu a mão ao bolso. Um preso destacou-se logo do grupo, tirou o boné e recebeu a esmola — cinco *kopeks* — voltando rápido para junto de nós. O burguês persignou-se e seguiu o seu caminho. Esses cinco *kopeks* foram gastos, nessa mesma manhã, na compra de pequenos pães brancos, os quais se dividiram igualmente por todos.

No meu grupo, uns eram sombrios e taciturnos, os outros indolentes e apáticos; havia alguns também que conversavam preguiçosamente. Um destes homens era deveras alegre e folgazão — sabe Deus porquê! Cantava e dançava ao longo da estrada, fazendo ressoar as grilhetas a cada salto; este forçado, atarracado e corpulento, era o mesmo que no dia da minha chegada, por ocasião da lavagem geral, discutiu com um dos companheiros a respeito da água das tinas e a quem o outro chamou pássaro *kaghane.* Chamava-se Skouratov. Acabou por entoar uma canção alegre cujo coro me ficou na memória:

Casaram-me sem o meu consentimento,
quando estava no moinho.

Faltava apenas uma viola.

O seu extraordinário bom humor foi, como sempre, asperamente reprimido por alguns presos, que se mostravam ofendidos com ele.

— Já a berrar! — exclamou um forçado em tom de censura, se bem que a canção não lhe dissesse respeito.

— O lobo só tem uma canção e este Tuliak (habitante de Tula) pediu-lha emprestada! — acrescentou um outro que, pela pronúncia, mostrava ser um Pequeno-Russiano.

— É verdade, sou de Tula — redarguia logo Skouratov — mas tu, na tua Poltava, enchias-te de bolinhos de massa até rebentares.

— Mentiroso! E tu que comias? Bocados de casca de tília com couves azedas!

— Diz-se que o diabo te alimentou com amêndoas — acrescentou um terceiro.

— Para falar a verdade, companheiros, sou um insolente! — exclamou Skouratov com um leve suspiro e sem se dirigir diretamente a ninguém, como se, na realidade, se sentisse de repente um ser amesquinhado. —

Desde a minha mais tenra infância fui educado no luxo e alimentado com ameixas e pães doces; os meus irmãos são atualmente uns grandes comerciantes em Moscovo; são comerciantes por junto e fazem grandes negócios, pois são muitíssimo ricos, como sabeis!

— E tu, que é que vendias?

— Cada qual tem as suas qualidades. Ora, quando recebi os meus primeiros duzentos...

— *Rublos?* Será possível? — interrompeu um preso, curioso, que se agitou ao ouvir falar em tão grande quantia.

— Não, meu amigo, não são duzentos *rublos,* mas duzentas vergastadas... Louka! Ah! Louka!

— Há quem me possa chamar somente Louka, mas para ti sou Louka Kouzmitch — respondeu com mau aspeto um forçado baixo e magricela, de nariz afilado.

— Pois então, Louka Kouzmitch, vai para o diabo que te carregue...

— Não! Para ti não sou Louka Kouzmitch, mas mais: sou um tiozinho.

— Pois então que o diabo te carregue a ti e mais ao teu tiozinho! Só por isso não vale de facto a pena dirigirmos-te a palavra. E, contudo, desejava falar-te afetuosamente! Companheiros, vou dizer-vos porque não fiquei muito tempo em Moscovo: deram-me lá as minhas últimas quinze vergastadas e depois mandaram-me para aqui... Aí está a razão.

— Mas porque é que te exilaram? — interrogou um forçado que havia escutado com atenção a conversa.

— Não perguntes tolices! Foi a razão por que não mo tornei rico em Moscovo. E, todavia, como eu desejava ser rico! Desejava-o tanto que não podeis fazer uma pequena ideia!

Alguns riram-se destas palavras. Skouratov era um destes pobres bonacheirões e ao mesmo tempo farsantes que tomam a peito alegrar os seus tristes companheiros, não recebendo, como é natural, outro pagamento que não sejam injúrias. Pertencia a um grupo de indivíduos originais e notáveis de quem ainda talvez me ocupe mais adiante.

— Que patusco que é ele agora! Uma verdadeira zibelina! — notou Louka Kouzmitch. — Só as suas roupas valem mais de cem *rublos.*

Skouratov trazia vestida a mais velha e a mais usada capa que se imaginar pode; estava tapada em vários pontos com bocados meios soltos. Olhou Louka dos pés à cabeça, demoradamente, e replicou:

— Mas é a minha cabeça, companheiro, a minha cabeça é que vale ouro! — respondeu ele. — Quando disse adeus a Moscovo, já estava meio consolado, visto a minha cabeça poder fazer a viagem sobre os ombros. Adeus, Moscovo! Obrigado pelo teu banho, pelo teu ar livre, pela bela tunda que me deram! Quanto à minha capa, meu caro, não tens necessidade de olhares para ela.

— Querias talvez que olhasse para a tua cabeça.

— Se ainda fosse dele... Mas é que lha venderam! — exclamou Louka Kouzmitch. — Deram-lha por caridade em Tumène, quando o comboio atravessava a cidade.

— Skouratov, tinhas alguma oficina?

— Que oficina podia ele ter? Era um simples remendão; batia a sola em cima da pedra — acrescentou um dos forçados com ar melancólico.

— É verdade! — confirmou Skouratov, sem notar o tom de escárnio do interlocutor. — Tentei remendar algumas botas, mas consegui apenas consertar um par.

— E compraram-to?

— Deus me salve! Encontrei um pândego que, com certeza, não tinha temor a Deus, nem honrava o pai e a mãe. Deus puniu-o e por isso comprou-me a minha obra!

Todos quantos rodeavam Skouratov soltaram uma gargalhada.

— Depois trabalhei ainda uma vez no presídio — continuou ele, com imperturbável sangue-frio. — Deitei umas gáspeas novas nas botas do Stépane Fédorytch Pomorster, o nosso tenente.

— E ele ficou satisfeito?

— Parece que não, companheiros! Pelo contrário! Injuriou-me tanto que já tenho carga para toda a minha vida; e depois deu-me ainda com o joelho no fundo das costas. Estava furioso! Ah, enganou-me, a ingrata desta vida, desta vida de forçado...

O marido de Akoulina está no pátio,
Esperando um pouquinho.

Repetiu de novo o estribilho ao mesmo tempo que começou aos saltos.

— Oh, mas que indecente — resmungou o Pequeno-Russiano, que caminhava ao meu lado, olhando-o de soslaio.

— É um homem inútil! — concluiu um outro, num tom sério que não admitia réplica.

Não compreendia a razão por que injuriavam Skouratov ou porque desprezavam os forçados que eram alegres, conforme pude observar nos meus primeiros dias. Atribuí a cólera do Pequeno-Russiano e dos outros a uma hostilidade pessoal, no que me enganei. Estavam descontentes com Skouratov porque não tinha as maneiras afetadas de uma falsa dignidade, de que todos os presos estavam impregnados, e porque era, conforme ele próprio dizia, um homem inútil. Contudo, algumas vezes não se zangavam com todos os foliões, nem os tratavam como a Skouratov. Havia alguns entre eles com uma língua viperina que não perdoavam nada: quer quisessem, quer não, tinham de os respeitar. Havia justamente no nosso grupo um forçado desta espécie, rapaz encantador e sempre bem-humorado; só mais tarde é que o conheci sob o seu verdadeiro aspeto. Era um rapagão de boas maneiras com a beleza refletida nas faces; o rosto tinha uma expressão cómica, se bem que bela e inteligente. Chamavam-lhe *o sapador,* porque havia servido na engenharia; fazia parte da secção particular. Falarei dele mais adiante.

Os *forçados* mais sisudos não o eram tanto como o austero Pequeno-Russiano, o qual se indignava sempre que via os companheiros alegres. Tínhamos no presídio alguns que só tinham em vista destacarem-se, quer devido à sua habilidade para o trabalho, quer devido ao seu engenho ou ao seu caráter, ou ainda aos seus dotes de espírito. Muitos de entre eles, devido à sua inteligência ou à sua energia, atingiram o fim que tinham em vista, isto é, a primazia da influência moral sobre os companheiros. Eram em geral entre si inimigos mortais e eram muito invejados. Olhavam os forçados com um ar de superioridade condescendente e não se envolviam em questiúnculas inúteis. Bem vistos pela direção, dirigiam de algum modo os trabalhos; nenhum deles desceria ao ponto de altercar com os companheiros; não se rebaixariam a tanto. Todos eles foram sempre muito delicados comigo durante todo o tempo da minha prisão, mas pouco comunicativos. A eles me referirei também pormenorizadamente mais adiante.

Chegámos à margem. Em baixo, na ribeira, estava a velha barcaça presa entre o gelo, o qual era preciso remover. Na outra margem a estepe tornava-se azulada e o horizonte triste e deserto. Esperava ver toda aquela gente deitar-se ao trabalho com afã; nada disso! Alguns sentaram-se

preguiçosamente em cima de umas vigas que estavam na margem; quase todos tiraram de dentro das botas as bolsas do tabaco (vendia-se às folhas no mercado, à razão de três *kopeks* a libra), ou os cachimbos de tubo curto. Acendiam-nos, enquanto os soldados formavam um círculo à nossa volta e se preparavam para nos vigiarem com um ar de tédio.

— Quem diabo teria tido a ideia de mandar desfazer este barco? — perguntou em voz alta um deportado sem se dirigir a ninguém. — Terão assim tanta necessidade dos cavacos?

— Aqueles que têm medo de nós, esses parvos, é que tiveram esta boa ideia! — redarguiu um outro.

— Para onde irão aqueles camponeses? — perguntou ainda o primeiro, após um breve silêncio.

Sem sequer ouvir a resposta que lhe deram, apontou com o dedo, ao longe, para um grupo de camponeses que caminhava pela neve. Todos os *forçados* se voltaram com indolência para esse lado, ao mesmo tempo que zombavam deles. Um dos camponeses, o último da fila, caminhava alegremente com os braços afastados e a cabeça inclinada para trás; levava um boné muito alto, com a forma de um bolo sarraceno. A silhueta desenhava-se viva sobre a branca neve.

— Olhem como vai vestido o nosso irmão Petrovitch! — exclamou um dos companheiros, imitando a pronúncia dos camponeses.

O que havia de mais interessante nisto é que os forçados olhavam para os camponeses do alto da sua vaidade, conquanto muitos deles fossem também camponeses.

— O último, sobretudo, parece que vai a plantar beterrabas.

— É um grande figurão… e tem muito dinheiro — comentou um terceiro.

Todos se riram, mas molemente, como se fosse sem vontade. Durante este tempo aproximou-se de nós uma vendedora de pães brancos; era uma mulher esperta e de cara alegre. Compraram-se-lhe alguns com a esmola dos cinco *kopeks* que nos dera o burguês e dividiram-se irmãmente por todos.

O rapazola que vendia pão no presídio comprou-lhe também umas duas dúzias, mas teve uma viva discussão com a vendedora para que esta lhe fizesse um abatimento; ela porém não concordou com essa diferença.

— Pois bem, e *isto,* não mo darás?

— *Isto* o quê?

— Ora essa! *Aquilo que* os ratos não comem!

— Que o diabo te carregue, minha peste! — invetivou a mulher, soltando uma gargalhada.

Por fim chegou o sargento encarregado de vigiar os trabalhos, empunhando um pau comprido.

— Olá! Que estão aí a fazer sentados? Vamos a trabalhar!

— Estamos à espera das tarefas, Ivan Matvieitch — disse um dos *comandantes,* erguendo-se lentamente.

— Que é que vos falta? Vamos, puxai a barca! É essa a tarefa!

Os forçados acabaram por se levantar e descer para a ribeira, caminhando a custo. Apareceram logo vários *diretores*, mas *diretores* de palavras, pelo menos...; não se devia demolir a barcaça a torto e a direito, mas sim manter intactas as vigas, em especial as transversais, fixadas em todo o seu comprimento ao fundo da barca, por meio de cavilhas — trabalho este demorado e fastidioso.

— É preciso tirar antes de tudo esta vigota! Vamos, rapazes! — gritou um forçado, que não era nem *diretor,* nem *comandante,* mas simples operário. Este homem sossegado, mas um tanto boçal, não tinha ainda dito palavra. Curvou-se, deitou as mãos ambas a uma grossa viga, esperando que o ajudassem. Ninguém porém respondeu ao seu apelo.

— Sai daí! Tu não a podes levantar. O teu avô mesmo, o urso, não o conseguiria — rosnou um deles por entre dentes.

— Vamos começar, companheiros... Eu, por mim, não sei grande coisa — confessou, um tanto embaraçado, o que se adiantara, largando a viga e levantando-se.

— Se não fazes todo o trabalho sozinho... para que tens tanta pressa?

— Mas, companheiros, só pode ser como eu disse... — desculpou-se, embaraçado, o pobre diabo.

— Estou a ver que é preciso dar-vos umas cobertas para vos aquecerdes, ou preferis que vos mande salgar para o inverno? — gritou de novo o sargento, fitando aqueles vinte homens que não sabiam por onde começar. — Vamos! Comecem depressa!

— Depressa e bem não faz ninguém, Ivan Matvieitch!

— Mas tu nem nada fazes, Saveliev! Que tens, para ficares aí de olhos arregalados? Queres vendê-los, por acaso? Vamos, começa!

— Que posso eu sozinho?

— Marca-nos uma tarefa, Ivan Matvieitch!

— Já lhes disse que não dou tarefa nenhuma. Vamos! Desmanchem a barca. Depois voltarão para o presídio. Comecem!

Os presos começaram a trabalhar, mas de má vontade, com indolência, como se fossem aprendizes. Compreendia-se a irritação dos chefes ao verem este grupo de homens robustos que pareciam não saber por onde começar o trabalho. Logo que levantaram a primeira trinca, muito pequena, esta rebentou.

«Rebentaria por si mesma», disseram os forçados ao sargento, à maneira de justificação; não se podia trabalhar assim; era preciso procurar outro meio. Que fazer? Uma longa discussão se travou entre os presos, até que, pouco a pouco, começaram a chover as injúrias; ameaçavam mesmo ir mais longe. O sargento gritou de novo, agitando o pau, mas a segunda trinca rebentou como a primeira. Verificaram então que não tinham machados e que precisavam de outros instrumentos para trabalhar. Mandaram dois rapazes, escoltados, à fortaleza, buscar as ferramentas. Enquanto esperavam que voltassem, os outros sentaram-se sobre a barca o mais comodamente possível e puxaram dos seus cachimbos, começando a fumar muito calmos.

O sargento, cuspindo com desprezo, exclamou:

— O trabalho não vos há de matar. Oh, que gente, que gente! — resmungou com má cara. Fez um gesto com a mão e retirou-se para a fortaleza, brandindo sempre o pau.

Ao cabo de uma hora chegou o *condutor*. Ouviu com atenção os forçados; no fim declarou que daria como tarefa o arrancarem quatro trincas inteiras, sem a menor estaladela, e demolirem uma parte considerável da barca; uma vez executado esse trabalho, os presos podiam voltar para o presídio. A tarefa era grande, mas — santo Deus! — com que vontade se deitaram ao trabalho! Onde teria ficado a preguiça e a ignorância de há pouco? Os machados entraram numa roda vida, fazendo saltar as cavilhas. Os que não tinham machados metiam grossas estacas por baixo das trincas e, sem grande demora, arrancavam-nas perfeitas, como verdadeiros artistas. Com grande admiração minha, elas saíam inteiras, sem se partirem. Os presos trabalhavam com vontade. Dir-se-ia que se tinham tornado inteligentes de repente. Cessaram as conversas e as injúrias, e cada um sabia perfeitamente o que lhe cumpria dizer, fazer, aconselhar ou onde se colocar. Meia hora antes de rufar o tambor, já a tarefa estava concluída e os presos voltavam para a prisão, fatigados, mas

contentes por haverem ganho meia hora de repouso sobre o tempo indicado pelo regulamento. No que me diz respeito pude observar uma coisa muito original: onde quer que procurasse colocar-me para ajudar os trabalhadores, nunca estava no meu lugar; incomodava-os sempre, e por isso expulsavam-me de toda a parte ao mesmo tempo que me insultavam.

Qualquer esfarrapado ou mísero operário, que não se atrevia a abrir a boca diante dos outros forçados mais inteligentes e mais hábeis, julgava-se no direito de me injuriar se por acaso me encontrava ao seu lado, sob o pretexto de que o incomodava no seu trabalho. Por fim, um dos mais desembaraçados disse-me com uma grosseira franqueza: «Que vem fazer aqui? Vá-se embora! Porque veio para aqui se ninguém o chamou?»

— Toma! — acrescentou logo um outro.

— Fazias melhor se pegasses numa bilha — aconselhou-me um terceiro — e fosses buscar água para a casa em construção, ou então fosses para a oficina onde se desfia o tabaco; aqui nada tens que fazer.

Fui obrigado a manter-me afastado. Permanecer inativo quando os outros trabalhavam pareceu-me vergonhoso. Dirigi-me então para o outro lado da barca, onde me injuriaram ainda mais: «Olhem que trabalhadores nos dão! Que se pode fazer com semelhantes monos?»

Diziam tudo isto com intenção; sentiam-se felizes por poderem zombar de um nobre e aproveitavam-se da ocasião.

Compreende-se agora a razão por que o meu primeiro pensamento, ao entrar para o presídio, fosse o de perguntar a mim mesmo como me comportaria com semelhante gente. Pressentia que factos idênticos se deviam repetir ainda muitas vezes, mas estava resolvido a não alterar a minha linha de conduta, quaisquer que fossem esses atritos e esses contrachoques. Sabia que o meu raciocínio era justo. Estava resolvido a viver com simplicidade e independência, sem manifestar o menor desejo de me aproximar dos meus companheiros, mas também não os iria repelir se eles próprios se aproximassem de mim; não mostrar temer as suas ameaças nem os seus ódios, afetando, tanto quanto possível, não observar nem uns nem outros. Tal era o meu plano. Fiquei logo convencido de que me desprezariam se fosse outro o meu procedimento.

Ao voltar nessa tarde para o presídio, depois do trabalho, sentia-me cansado e uma tristeza profunda se apoderou de mim. «Quantos milhares de dias semelhantes me esperariam ainda! Seriam sempre os mesmos?», perguntava a mim próprio. Comecei a passear, só e pensativo, sob a

placidez do crepúsculo, ao longo da paliçada, por detrás das casernas, quando vi de repente que o nosso Boulot se dirigia para mim. Boulot era o cão do presídio; todo o presídio tem o seu cão, tal como as companhias, os esquadrões ou as baterias de artilharia. Havia muito que estava neste presídio, sem pertencer a ninguém, tendo a todos por seu dono e alimentando-se dos restos da cozinha. Era um canzarrão preto, malhado de branco, não muito velho, de olhos inteligentes e uma cauda espessa. Ninguém o acariciava nem lhe ligava a menor atenção. Logo à minha chegada, tornara-o meu amigo, dando-lhe um bocado de pão. Quando o afagava, ficava imóvel, olhando-me com um ar terno, ao mesmo tempo que agitava a cauda todo satisfeito. Nessa tarde, não me tendo visto durante todo o dia — a mim, o primeiro que desde há muitos anos lhe fizera uma carícia — correu a procurar-me por toda a parte, saltando de júbilo e latindo de alegria ao ver-me. Não posso exprimir o que então senti; abracei-me a ele e apertei-lhe a cabeça contra o meu peito; pousou as patas nos meus ombros e lambeu-me o rosto. «Aqui está um amigo que o destino me depara!», disse comigo; e durante essas primeiras semanas tão martirizantes, sempre que regressava do trabalho logo me encaminhava, antes de qualquer outro cuidado, para trás das casernas a encontrar-me com Boulot, que saltava de alegria diante de mim; agarrava-lhe a cabeça e beijava-o, beijava-o muito; um sentimento muito suave, mas ao mesmo tempo cruciante e amargo, me confrangia o coração. Lembro-me de quanto me era agradável pensar — apreciava de algum modo o meu tormento — que nada mais me restava no mundo que não fosse um ser que me amava e me era querido, que era meu amigo, o meu único amigo — o meu fiel Boulot.

Capítulo 7 — Novos Conhecimentos: Petrov

O tempo passava e, pouco a pouco, ia-me habituando à minha nova vida. Já não me incomodavam tanto as cenas que dia a dia se desenrolavam ante os meus olhos; numa palavra, o presídio, os seus habitantes e os seus costumes deixavam-me indiferente. Conformar-me com esta vida era impossível; no entanto tinha de a aceitar como um facto inevitável. Ocultava no mais íntimo do meu ser todas as inquietações que me perturbavam. Já não errava pela prisão como um transviado nem me deixava dominar pela minha angústia. A curiosidade selvagem dos forcados havia desaparecido; já não me olhavam com aquela afetada insolência dos primeiros dias; tornara-me um indiferente para eles, o que muito me alegrava. Passeava pela caserna, como em minha casa, e já conhecia qual o lugar que à noite havia ocupar; habituei-me mesmo a coisas, que só a ideia me pareceria inaceitável noutros tempos. Ia, regularmente, todas as semanas rapar a cabeça. Éramos chamados aos sábados, uns após outros, ao corpo da guarda; aí, os barbeiros do batalhão, depois de nos lavarem sem piedade a cabeça com sabão e água fria, rapavam-nos em seguida com navalhas mal afiadas. Só de pensar nessa tortura, ainda sinto que se me arrepia a pele. Encontrei para isto um remédio. Akim Akimytch indicou-me um preso da secção militar, o qual, por um *kopek,* rapava a cabeça, aos que assim o queriam com a sua própria navalha: era o seu ganha-pão. Muitos deportados eram seus clientes, só para se furtarem aos barbeiros militares, o que não quero dizer que fossem pessoas melindrosas. Chamavam «*major*» ao nosso barbeiro; porquê, não sei. Ver-me-ia até embaraçado se quisesse dizer quais os pontos de semelhança entre ele e o nosso major. Ao escrever estas linhas estou vendo muito bem o «*major*» e a sua magra figura. Era um rapaz alto, calado, muito estúpido, sempre absorvido no seu mister; víamo-lo sempre com uma correia na mão, sobre a qual passava, noite e dia, uma navalha admiravelmente afiada. Adotara, com certeza, este trabalho como fim supremo da sua vida. Sentia-se tanto quanto possível feliz quando tinha a navalha bem afiada e alguém solicitava os seus serviços. Tinha sempre

sabão e água morna, assim como a mão muito macia, um verdadeiro veludo. Orgulhava-se de sua habilidade e recebia, com um ar indiferente, o *kopek* que acabava de ganhar; dir-se-ia que trabalhava por amor à arte e não para receber essa moeda. O A...f foi seriamente castigado pelo verdadeiro major, um dia em que teve a desgraça de dizer «o *major*» ao referir-se ao barbeiro. O verdadeiro major teve um acesso de furor.

— Sabes, canalha, o que é um major? — vociferou ele com a espuma a sair-lhe pelos cantos da boca e abanando, aos repelões, o infeliz A...f, como era seu costume. — Compreendes o que seja um major? E dizer que se atrevem a chamar *«major»* a um patife de um forçado na minha presença!

Só A…f podia entender-se com semelhante homem.

Desde o primeiro dia da minha prisão que comecei a sonhar com a minha liberdade. A minha ocupação favorita era contar mil e mil vezes, de mil maneiras diferentes, o número de dias que devia passar ainda no presídio. Não podia pensar noutra coisa e estou convencido de que todo o prisioneiro, privado da sua liberdade por um tempo determinado, não procede de outro modo. Não posso dizer se os outros forçados procediam também assim, porém o desvairo das suas esperanças admirava-me extraordinariamente. A esperança de um prisioneiro é muito diferente daquela porque anseia um homem livre. Este pode esperar uma melhoria na sua vida ou ainda a realização de um projeto qualquer. Porém enquanto espera, vive, agita-se; a vida real arrasta-o na sua corrente. Para o forçado é justamente o contrário. Vive também, se assim quiserem; contudo não há um condenado a trabalhos forçados, por qualquer número de anos, que se conforme com a sua sorte, que a tome como coisa positiva, definitiva, como parte da sua verdadeira vida. Isto é instintivo: sente que não está *em sua casa,* mas sim se supõe apenas de visita. Os vinte anos da sua condenação conta-os como se fossem somente dois. Está convencido que aos cinquenta anos, depois de ter cumprido a pena, deve estar tão forte como um rapaz aos trinta e cinco. «Temos ainda muito tempo para viver!», diz consigo, afugentando a todo o instante os desalentadores pensamentos e as dúvidas que o assaltam. O próprio condenado por toda a vida tem a esperança de que um dia há de chegar de S. Petersburgo uma ordem como esta: «Transfiram fulano para as minas de Nertchinsk e estabeleçam-lhe um termo para a sua prisão». Será *uma beleza!* Principia logo por serem precisos quase seis meses a fim de ir para Nertchinsk; porém a vida num

comboio é cem vezes preferível à do presídio! Acabará o seu tempo em Nertchinsk e depois... Mais de um velho de cabelos brancos raciocina desta forma.

Vi em Tobolsk homens presos pela grilheta às muralhas; a corrente da grilheta tem dois metros de comprido e ao seu lado tem uma cama pequena. Foram assim presos devido a algum crime terrível, cometido após a sua deportação para a Sibéria. Permanecem assim cinco e dez anos. Quase todos são salteadores. Entre eles só vi um que tinha o aspeto de uma pessoa distinta: servira outrora numa repartição pública qualquer e falava num tom melífluo e sibilante. O seu sorriso era meigo. Mostrou-me a sua grilheta e explicou-me a maneira mais cómoda de se deitar. Devia ser uma coisa agradável. Todos estes desgraçados têm um bom comportamento e cada um deles parece estar contente; no entanto estão sempre ansiosos porque acabe o seu tempo de grilheta. Porquê?, perguntarão. Porque sairão então das suas celas baixas, asfixiantes e húmidas, de arcos de tijolo, e irão para o pátio do presídio e... E é tudo. Daí não os deixarão sair mais. Não ignoram que aqueles que uma vez são presos à grilheta não deixarão mais o presídio, que ali acabarão seus dias, que morrerão ligados aos ferros. Sabem tudo isto e, apesar disso, têm pressa em terminar o seu tempo de grilheta. Sem este desejo poderiam passar cinco ou seis anos presos a uma muralha, sem morrer ou enlouquecer? Poderiam resistir?

Compreendi por isso logo, que só o trabalho me poderia salvar, fortificar-me a saúde e o corpo, enquanto uma constante inquietação moral, uma irritação nervosa e o ar viciado da caserna arruinar-me-iam por completo a saúde. O ar livre, a fadiga de todos os dias, o trabalho de transportar fardos, deviam fortalecer-me, pensava eu. Graças ao trabalho, sairia dali mais forte, cheio de saúde e de vida. E não me enganei; o trabalho e o movimento foram-me de uma grande utilidade.

Via, com terror, um dos meus companheiros, um fidalgo, ir desaparecendo como uma vela. E, contudo, quando chegou ao presídio comigo, era ainda jovem, belo e vigoroso; quando saiu, tinha a saúde arruinada, as pernas já não o sustinham e a asma oprimia-lhe o peito. «Não!» — dizia comigo — «quero viver e hei de viver!» O meu amor ao trabalho valeu-me, a princípio, o desprezo e as fortes zombarias dos meus companheiros. Isso, porém, não me incomodava e seguia satisfeito para onde me mandavam, a queimar ou a triturar o alabastro, por exemplo. Esse trabalho, um dos primeiros que me ensinaram, era facílimo. Os

engenheiros faziam o possível por suavizar a tarefa dos nobres; não era indulgência, mas justiça. Não seria de estranhar que exigissem o mesmo trabalho de um operário ou de um homem cujas forças são muito menores e que nunca trabalhou fisicamente? Essa atenção, porém, não era constante; e isso mesmo faziam-no às escondidas, porque a vigilância era severa. Como havia quase sempre trabalhos pesados, acontecia muitas vezes que a tarefa ultrapassava as forças dos nobres, os quais sofriam por isso duas vezes mais que os seus companheiros. Regra geral mandavam três ou quatro homens triturar o alabastro; eram quase sempre os presos mais velhos ou mais fracos. Nós, os nobres, éramos por acaso esse número; connosco ia também um verdadeiro operário, conhecedor do mister. Durante muitos anos foi sempre o mesmo: Almazov. Era ríspido, já de uma certa idade, de tez bronzeada, muito magro, pouco comunicativo e difícil de contentar. Desprezava-nos como ninguém, mas como era pouco expansivo não se dava sequer ao trabalho de nos injuriar. O alpendre onde calcinávamos o alabastro estava situado na margem escarpada e deserta do ribeiro. De inverno, num dia brumoso, a paisagem era triste, desde a margem onde nos encontrávamos até ao longe da margem oposta. Havia alguma coisa de cruciante nessa paisagem nua e melancólica e sentíamo-nos ainda mais tristes quando o sol triunfante irradiava acima dessa planície branca e infinita. Desejava então poder voar ao longo dessa estepe, que começava na outra margem e se estendia por mais de mil e quinhentas *verstas* para sul, plana como uma toalha imensa. Almazov começava a trabalhar, sempre calado, com um ar sombrio; sentíamos vergonha de não o podermos ajudar eficazmente, mas ele chegava ao fim do seu trabalho, sempre só, sem pedir o nosso auxílio, como se quisesse fazer-nos compreender todo o seu desprezo, bem como fazer-nos sentir a nossa inutilidade. O trabalho consistia em aquecermos o forno a fim de calcinar o alabastro que metíamos dentro dele.

No dia seguinte, quando o alabastro estava inteiramente calcinado, tirávamo-lo do forno. Cada um de nós pegava então num pesado pilão e, enchendo de alabastro uma caixa, púnhamo-nos a triturá-lo. Este trabalho era agradável: o frágil alabastro desfazia-se rápida e facilmente numa poeira branca e brilhante. Brandíamos os pesados pilões e com eles vibrávamos golpes formidáveis, de que nós próprios nos admirávamos. Quando estávamos fatigados, sentíamo-nos mais leves; avermelhavam-se-nos as faces e o sangue circulava-nos mais rápido nas veias. Almazov

olhava-nos então com indulgência, como se fôssemos umas crianças; fumava o seu cachimbo com um ar negligente, mas sem contudo deixar de resmungar logo que abria a boca. Era sempre assim e com todos; creio porém que no íntimo era uma boa criatura.

Davam-me também às vezes outro trabalho, que consistia em pôr em movimento a roda do torno. Esta roda era alta e pesada; precisava fazer um grande esforço para a fazer girar, sobretudo quando o operário (das oficinas de engenharia) devia tornear um balaústre de escada ou o pé de uma grande mesa, o que exigia um tronco quase inteiro. Como um homem só não podia executar até ao fim esse trabalho, mandavam dois forçados — B..., um dos fidalgos, e eu. Este trabalho foi sempre feito por nós, durante dois anos, quando havia alguma coisa a tornear. B... era fraco, vaidoso, ainda jovem e sofria do peito. Fora mandado para o presídio um ano antes de mim, com dois outros companheiros também nobres. Um deles, já velho, rezava a Deus dia e noite (os presos respeitavam-no muito por causa disso) e morreu durante a minha reclusão. O outro era ainda novo, saudável e corado, forte e destemido, que havia levado às costas o seu companheiro B... numa distância de cerca de setecentas *verstas* quando caiu de fadiga, depois de ter percorrido meio caminho. Ficaram por isso muito amigos. B... era um homem educadíssimo, de caráter nobre e generoso, mas combalido e irritável devido à sua doença. Os dois fazíamos girar a roda e este trabalho chegou a interessar-nos. Por mim encontrava-o um excelente exercício.

Todavia o que mais me agradava era remover a neve com a pá, serviço em que nos empregavam após as grandes nevadas, muito frequentes no inverno. Depois de a neve ter açoutado um dia inteiro a cidade, mais de uma casa ficava soterrada até às janelas, quando não ficavam inteiramente cobertas. Terminado o nevão e reaparecendo o sol, mandavam-nos desobstruir os edifícios cobertos pela neve. Íamos então em grandes grupos, e algumas vezes mesmo todos os forçados. Cada um recebia uma pá e tinha de executar uma tarefa, que muitas vezes nos parecia impossível de concluir. Metíamo-nos todos, alegremente, ao trabalho. A fria neve não se tinha ainda solidificado e estava apenas gelada à superfície: enchíamos grandes pazadas, que espalhávamos à nossa volta. A neve, no ar, transformava-se num pó brilhante. A pá mergulhava com facilidade na massa branca, que cintilava ao sol. Os forçados executavam sempre este trabalho com alegria; o ar frio do inverno e o movimento animava-os.

Todos se sentiam mais alegres: ouviam-se risos, gritos e zombarias. Atiravam bolas de neve uns aos outros, o que excitava, dentro em pouco, a indignação dos mais sisudos, que não gostavam nem de rir nem de brincar; por isso a alegria geral terminava quase sempre por injúrias.

Pouco a pouco o círculo das minhas relações foi aumentando, se bem que eu nada concorresse para isso: continuava sempre inquieto, triste e desconfiado. Esses conhecimentos foram-se criando por eles próprios. O primeiro de todos foi o deportado Petrov, que me veio visitar. Digo visitar e mantenho a palavra. Pertencia à secção particular, ou o mesmo é dizer que pertencia à caserna que ficava mais distante da minha. Na aparência não podia existir entre nós nenhuma relação, pois não tínhamos, nem podíamos ter nenhum ponto de contacto que nos aproximasse. No entanto, durante o primeiro período da minha estada no presídio, Petrov entendeu ter por dever o vir ver-me à caserna todos os dias, ou pelo menos vir conversar comigo durante o período da repouso, quando ia passear para trás das casas, o mais longe possível de todos os olhares. Essa persistência pareceu-me, a princípio, desagradável; soube porém proceder de tal modo que as suas visitas tornaram-se para mim uma distração, posto que o seu caráter estivesse longe de ser comunicativo. Era de pequena estatura, muito robusto, ágil e destro. O seu rosto, muito simpático, era pálido, com as faces salientes, o olhar atrevido, e uns dentes brancos, pequenos e unidos. Trazia sempre uma pitada de tabaco entre a gengiva e o lábio inferior (muitos forçados tinham o hábito da mascar tabaco). Parecia mais novo do que realmente era, pois ao vê-lo não se lhe davam mais de trinta anos, quando de facto andava pelos quarenta. Falava-me sem nenhum constrangimento, mantendo-se comigo no mesmo plano de igualdade, sendo ao mesmo tempo muito dado e atencioso. Se, por exemplo, percebia que eu procurava a solidão, conversava comigo dois minutos e despedia-se logo; agradecia-me sempre a boa vontade com que o recebia, o que ele não fazia com mais ninguém. Acrescentarei que estas relações não se alteraram, não só durante os primeiros tempos da minha prisão, como durante os anos seguintes, sem que as nossas relações se tornassem mais íntimas, posto que me fosse na verdade dedicado. Não podia explicar o que ele procurava com a minha amizade, nem adivinhar a razão por que vinha conversar todos os dias comigo. Roubou-me algumas vezes, mas sempre involuntariamente; quase nunca me pediu dinheiro emprestado, logo o que o atraía não era o dinheiro ou qualquer outro interesse.

Não sei porquê, mas parecia-me que este homem não vivia comigo na mesma prisão, mas sim noutra casa, na cidade, muito longe: parecia-me que visitava o presídio por acaso, para estudar a vida dos presos, para inquirir de mim, para, numa palavra, ver como nós vivíamos. Estava sempre com pressa, como se tivesse deixado, por instantes, alguém à sua espera ou se tivesse interrompido algum seu trabalho. E todavia não se fatigava. O seu olhar tinha uma fixidez estranha, com um leve aspeto de audácia e ironia; olhava para longe, por sobre os objetos, como se se esforçasse por avistar alguma coisa para além da pessoa que estava na sua frente. Parecia sempre distraído. Às vezes perguntava a mim mesmo onde iria Petrov, ao despedir-se de mim. Onde o esperariam com tanta impaciência? Dirigia-se sempre num passo rápido, ou a alguma caserna, ou à cozinha, e sentava-se junto dos que conversavam: ouvia com atenção a conversa, na qual tomava parte com vivacidade, e depois calava-se abruptamente. Mas quer falasse, quer estivesse calado, lia-se-lhe sempre no rosto que tinha alguma coisa que fazer em qualquer parte, ou que o esperavam algures, muito longe. A verdade, porém, é que nunca tinha que fazer; à parte os trabalhos forçados que lhe cumpria executar, mantinha-se sempre inativo. Não sabia nenhum ofício e nunca tinha dinheiro, mas isto não o afligia nada. De que me falava ele? Era tão estranha a sua conversa como ele próprio. Quando notava que me encaminhava sozinho para trás das casernas, corria rápido e vinha para o meu lado. Andava sempre apressado e voltava-se de uma forma abrupta. Mesmo andando a passo, parecia que vinha de dar uma corrida.

— Bons-dias!

— Bons-dias!

— Não o incomodo?

— Não.

— Queria perguntar-lhe alguma coisa sobre Napoleão. Queria perguntar-lhe se é parente do que veio à Rússia no ano doze.

Petrov era filho de um soldado e sabia ler e escrever.

— Sim, senhor.

— E dizem que ele é presidente... Mas que presidente? E de quê?

Estas perguntas eram sempre rápidas, nervosas, como se quisesse saber o mais depressa possível o que perguntava.

Expliquei-lhe então como e de quem é que o Napoleão era presidente, acrescentando que talvez viesse a ser imperador.

— Como?

Expliquei-lhe tudo, tanto quanto me era possível explicar-lhe. Petrov ouviu-me com atenção; compreendeu muito bem tudo quanto lhe disse e acrescentou, inclinando o ouvido para o meu lado:

— Hein? Ah! Queria ainda perguntar-lhe, Alexandre Petrovitch, se há de facto macacos que têm mãos e pés e são da estatura de um homem.

— Sim, há.

— Como são eles?

Descrevi-lhos, explicando-lhe tudo quanto sabia acerca do assunto.

— E onde vivem eles?

— Nos países quentes. Há-os também na ilha Sumatra.

— Isso é que é a América? Dizem que lá as pessoas andam de cabeça para baixo…

— Nada disso! Quer mas é referir-se aos antípodas?

E expliquei-lhe como pude o que era a América e os antípodas. Ouviu-me com tal atenção que parecia ter sido a questão dos antípodas a causa que o trouxera junto de mim.

— Ah, ah! Li o ano passado uma história da condessa de La Valliére. O Aréfief trouxe esse livro de casa do ajudante. Será verdadeira ou foi inventada? A obra é do Dumas...

— Com certeza é uma história inventada.

— Vou-me. Adeus e muito obrigado!

E desaparecia. Na verdade as nossas conversas eram quase sempre assim.

Colhi informações sobre a sua pessoa. M... julgou do seu dever procurar-me, logo que teve conhecimento da nossa amizade. Disse-me que muitos forcados lhe haviam inspirado horror, desde que chegara à prisão; nenhum porém, nem mesmo Gazine, lhe produzira uma impressão tão horrível como esse Petrov.

— É o mais resoluto e o mais temível de todos os presos — disse-me M... — É capaz de tudo. Nada o detém ante qualquer capricho. Assassinar-vos-á se se lembrar dessa fantasia, sem hesitar um instante a sem o menor arrependimento. Creio mesmo que não tem o juízo todo.

Esta declaração impressionou-me muitíssimo, mas M... não me pôde dizer o motivo por que tinha semelhante opinião sobre Petrov. Coisa singular! Durante vários anos convivi com este homem e conversei com ele quase todos os dias; foi-me sempre muito dedicado (posto não

soubesse a causa) e durante todo esse tempo, ainda que se tivesse comportado sempre corretamente e nada fizesse de extraordinário, convenci-me cada vez mais de que M... tinha razão. Petrov era talvez o homem mais destemido e difícil de conter que havia no presídio. Porquê isto? Não o sei explicar.

Petrov era aquele forçado que, ao ser chamado para sofrer o castigo, havia tentado matar o major. Já expliquei como este último, «salvo por milagre», se retirou um minuto antes da execução. Uma vez, quando era ainda soldado — antes da sua entrada no presídio — o seu coronel maltratou-o durante uma manobra. É de crer que já antes o tivessem maltratado mais vezes; nessa ocasião, porém, não estava com disposições de suportar uma ofensa e por isso, em pleno dia, à frente de todo o batalhão em linha, matou o coronel. Não conheço todos os pormenores desta história, porque nunca ma contou. Bem entendido, estas exacerbações só se manifestavam quando se exaltava muitíssimo, o que felizmente era raro. Regra geral era prudente e sossegado. As suas paixões, fortes e ardentes, mantinham-se ocultas no seu íntimo, mantinham-se latentes, como brasas sob cinzas.

Todavia nunca me deu a impressão de ser fanfarrão ou vaidoso, como tantos outros forçados.

Questionava só de longe em longe com os companheiros, isto porque não mantinha relações amigáveis com ninguém, exceto com Sirotkine, e deste só se aproximava quando necessitava dele. Vi-o, no entanto, um dia, muito irritado. Haviam-no ofendido, recusando-lhe um objeto que ele reclamava. Discutiu então a tal respeito com um forçado de alta corpulência, vigoroso como um atleta, chamado Vassili Antonov, conhecido pelo seu caráter maldoso e altercador; este homem pertencia à secção dos condenados civis e estava longe de ser um covarde. Insultaram-se durante bastante tempo e cheguei a supor que esta questão terminasse como quase todas as outras do mesmo género, por uma simples troca de murros. O conflito porém tomou uma feição inopinada: Petrov empalideceu de repente, os lábios tremeram-lhe e arroxearem-se-lhe, e a respiração tornou-se-lhe difícil. Levantou-se e lentamente, muito lentamente, em passos que não se ouviam (gostava de andar descalço no verão) aproximou-se de Antonov. Num rápido instante a algazarra e os gritos deram lugar a um silêncio de morte; poder-se-ia ouvir o zumbido de uma mosca. Todos aguardaram, suspensos, o desenlace do conflito.

Antonov, de um salto, colocou-se na frente do seu adversário; o seu rosto nem parecia uma figura humana. Não pude ver por mais tempo esta cena; saí da caserna convencido de que, antes de descer as escadas, devia ouvir os gritos de um homem a quem estivessem estrangulando. Não ouvi nada. Antes que Petrov tivesse tentado aproximar-se, atirou-lhe como objeto em litígio, um miserável farrapo, um forro de qualquer coisa. Durante uns dois minutos, Antonov não deixou de injuriar o outro, mas apenas por simples descargo de consciência, para atender às conveniências e para mostrar que o não temia. Petrov não deu, todavia, atenção alguma às injúrias nem respondeu sequer. Tudo terminara a seu bel prazer — as injúrias não o incomodavam — e sentia-se satisfeito por ter reavido o seu farrapo. Um quarto de hora mais tarde passeava pela caserna, sem ter nada que fazer, procurando uma companhia a quem pudesse ouvir alguma coisa de importante. Parecia interessar-se por tudo e por outro lado permanecia quase sempre indiferente ao que ouvia; errava, à boa vida, pelo pátio do presídio. Podíamos compará-lo a um operário, a um valente operário, ante o qual o trabalho «treme», mas que de momento nada tem que fazer e condescende, enquanto aguarda a ocasião de dar que fazer às suas forças, em brincar com as crianças. Não compreendia a razão porque Petrov permanecia no presídio. Porque não se evadia? Com certeza não teria hesitado um instante em evadir-se se o tivesse querido. O raciocínio não tem poder sobre indivíduos como Petrov, quando eles *querem* alguma coisa. Quando eles *querem,* não há obstáculos à sua vontade. Estou certo que se teria evadido habilmente, que teria ludibriado toda a gente, muito embora depois passasse fome semanas inteiras, escondido numa floresta ou nos ervaçais de uma ribeira. Esta ideia, porém, ainda o não tinha preocupado. Nunca lhe notei nem juízo, nem bom senso. Estes homens nascem com uma ideia que os impulsiona inconscientemente toda a vida, ou para a direita ou para a esquerda; erram assim até ao momento em que se lhes depare um objeto que desperto neles um desejo violento. Desde então procuram não perder a cabeça. Admirava-me às vezes que um homem, que havia assassinado o coronel por este lhe ter batido, se deixasse vergastar sem o menor protesto. Fustigavam-no quando o surpreendiam a introduzir aguardente na prisão; como todos aqueles que não tinham ofício certo, fazia também o contrabando da aguardente. Deixava-se então açoitar, consentindo em que o castigassem, visto se reconhecer culpado; fora destes casos era mais fácil matarem-no do que

obrigarem-no a deitar-se. Mais de uma vez fiquei surpreso ao reconhecer que me roubava, não obstante ser meu amigo. Isto não passava de um capricho. Roubou-me assim a minha Bíblia, no dia em que lhe pedi para ma colocar no sítio do costume. Para fazer isto, bastava-lhe dar alguns passos; porém nesse curto caminho encontrou um comprador a quem a vendeu logo, gastando em aguardente o dinheiro recebido. Com certeza nesse dia sentiu um irresistível desejo de beber, e quando desejava alguma coisa tinha de a conseguir, fosse como fosse. Um indivíduo como Petrov assassina um homem por vinte e cinco *kopeks,* só para ter com que possa beber meio litro; em qualquer outra ocasião desdenharia centenas de *rublos.* Confessou-me nessa mesma tarde o roubo do livro, mas sem o menor sinal de arrependimento ou confusão, num tom de indiferença, como se se tratasse de um incidente vulgar. Tentei repreendê-lo como merecia, visto estimar muito a minha Bíblia. Ouviu-me muito sossegado, sem se irritar; concordou comigo que a Bíblia era um livro de grande utilidade, ficando deveras pesaroso porque não voltasse mais a possuí-la; no entanto não se arrependeu um instante sequer de me ter roubado e olhava-me com uma tal seriedade que desisti de o censurar. Acatava as minhas reprimendas, porque sabia que não podia ser de outro modo, que merecia ser censurado por tal procedimento e que por isso devia maltratá-lo de palavras a fim de me consolar da perda sofrida; porém, no seu íntimo, não considerava estas coisas mais do que ninharias, ninharias de que um homem de bem devia ter vergonha de falar. Creio mesmo que me considerava uma criança, um rapazote que não compreende ainda as coisas mais simples da vida. Se lhe falava de outros assuntos que não fossem livros ou ciências, respondia-me por pura delicadeza e em termos lacónicos. Perguntava a mim mesmo o que é que o levava a só me interrogar sobre livros! Examinava-o com atenção durante estas conversas, para ver se de facto não estaria zombando de mim.

Mas não: escutava-me muito sereno, com toda a atenção, se bem que algumas vezes me parecesse abstrato; esta circunstância irritava-me bastante. As suas perguntas eram sempre claras e precisas, e parecia nunca se admirar com as respostas que elas exigiam. Tinha, com certeza, decidido, de uma vez por todas, que não podia falar-me como às outras pessoas e que, além dos livros, eu não sabia de mais nada.

Estou certo que me estimava, o que muito me admirava. Ter-me-ia tomado talvez por uma criança, por um homem incompleto? Sentiria por

mim aquela espécie de compaixão que todo o ser forte sente por um mais fraco? Tomar-me-ia por... nem sei bem! Posto que esta compaixão não o impedisse de me roubar, estou certo que, depois de me roubar, ficava com pena de mim. «Ah, que divertido este *particular*!», pensaria ele, talvez, ao fazer mão baixa do que me pertencia. «Nem sequer sabe guardar o que é seu!» Simpatizava comigo, talvez por isso mesmo. Um dia, disse-me involuntariamente:

— O meu amigo é muito honrado, mas tão simples, tão simples que até causa piedade! Não leve a mal o que lhe digo, Alexandre Petrovitch — acrescentou ao fim de um momento. — Digo-lho sem má intenção.

Deparam-se-nos muitas vezes na vida pessoas como Petrov. Manifestam-se e afirmam-se num momento de perturbação ou de agitação e encontram então a atividade que lhes convém. Estes são homens de palavras; não poderiam nunca ser os instigadores ou chefes de insurreições, mas sim aqueles que executam e agem. Agem com simplicidade, sem ostentação, sendo os primeiros a vencer qualquer obstáculo, lançando-se para a frente, a peito descoberto, sem reflexão nem medo; toda a gente os segue, e segue-os cegamente até junto do campo da luta, onde deixam em geral a vida. Não creio que Petrov tenha um bom fim de vida: está-lhe marcado um fim violento e, se ainda está vivo, é porque a ocasião ainda se lhe não deparou. E daí, quem sabe? Atingirá talvez uma extrema velhice e morrerá muito sossegado, depois de ter andado sem rumo de um lugar para outro. Quero crer, porém, que M... tenha razão e que Petrov seja o homem mais destemido do presídio.

Capítulo 8 — Homens Resolutos: Louka

É difícil falar de homens resolutos. No presídio, como em qualquer outro lado, são muito raros. Pressentimo-los pelo terror que inspiram e depois precavemo-nos. Um sentimento irresistível levava-me, a princípio, a evitar estes homens; mudei depois esta maneira de pensar, ainda mesmo para com os mais terríveis assassinos. Há alguns que nunca mataram e no entanto são mais ferozes do que aqueles que já assassinaram seis pessoas. Não conseguimos fazer uma ideia de certos crimes, tão estranha se nos apresenta a sua execução. Digo isto porque muitas vezes os crimes cometidos pelo povo têm causas assombrosas.

Um tipo de assassino que se encontra com mais frequência é o seguinte: um homem vive tranquilo, sem agitações; a sua vida é o trabalho constante — e sofre por isso. (É um camponês que cultiva a sua gleba, um criado doméstico, um burguês ou um soldado). Um dia sente que há qualquer coisa ou alguém que o tortura; não resiste e crava um punhal no peito do seu opressor ou do seu inimigo. Então a sua conduta torna-se estranha; este homem ultrapassou a medida do razoável: matou o seu opressor ou o seu inimigo. É um crime, mas que se explica. Há nele uma causa; mais tarde não assassina porém só os inimigos, mas sim o primeiro que lhe aparecer, seja quem for. Mata pelo prazer de matar, por uma palavra que lhe soa mal, por um olhar, para perfazer um número par ou muito simplesmente por: «Arreda! Sai do meu caminho!» Procede como um ébrio, num constante delírio. Uma vez transposta a linha fatal, deixa-se dominar pela ideia de que para ele nada mais existe de sagrado. Salta por cima de todas as leis, de todo o poder, e goza a liberdade sem limites, excessiva mesmo, que para si próprio criou, comprazendo-se com os receios do seu coração, com o terror que por vezes experimenta. Sabe muito bem que um terrível castigo o espera. As suas sensações são talvez semelhantes às de uma criatura que se debruça do alto de uma torre sobre o abismo aberto a seus pés e que seria feliz se se atirasse ao primeiro inclinar de cabeça para morrer mais depressa. E isto sucede com os indivíduos mais sossegados, mais normais. Há-os mesmo que chegam a

este extremo: quanto mais estúpidos e tímidos eram antes, mais anseiam depois por se exibir, por inspirar terror. O desesperado diverte-se com o horror que infunde, compraz-se com a aversão que provoca. Comete desatinos para *desesperar,* e a maior parte das vezes espera um próximo castigo; impacienta-se ante a irresolução do seu futuro, pois lhe parece muito pesado que só ele suporte o fardo desse *desespero.* O mais curioso é que essa excitação e esse estadear de grandeza só se mantenha até ao pelourinho! Depois parece-lhe que o fio está quebrado; este termo é fatal, parecendo marcado de antemão por leis determinadas. O homem acalma-se de repente, desaparece, torna-se um farrapo inofensivo. Preso ao pelourinho, desfalece e pede perdão ao povo. Uma vez no presídio, muda por completo; ninguém, ao vê-lo, será capaz de dizer que esse «mosca-morta» matou cinco ou seis homens.

Há-os, no entanto, a quem o presídio não domina com facilidade. Esses mantêm ainda uma certa arrogância, um espírito de vanglória. «Oh, cuidado!», dizem eles. «Não sou quem pensam! Já despachei seis almas!» Porém acabam sempre por se submeter. De tempos a tempos divertem-se a recordar a sua antiga audácia, as suas antigas façanhas, dos tempos em que eram uns *desesperados.* Gostam da encontrar um simplório ante quem possam vangloriar-se da sua alta importância, contando-lhe os seus grandes feitos, mas dissimulando, já se vê, o desejo que têm de se tornarem admirados devido às suas proezas: «Ah, nesses tempos era assim!»

E com que calculado e prudente amor-próprio eles procedem! Com que lenta negligência expõem o seu caso! No tom de voz, na menor palavra, nota-se uma estudada pretensão. E onde aprendeu esta gente tudo isto?

Ouvi uma destas descrições numa das longas noites dos primeiros dias da minha reclusão. Graças à minha inexperiência tomei o narrador por um terrível bandido, com um caráter de ferro. Nessa altura ainda eu quase desprezava Petrov. O narrador, Louka Kouzmitch, tinha *posto em baixo* um major, sem outro motivo que não foi o seu bel prazer. Este Louka Kouzmitch era o mais pequeno e o mais raquítico de todos os da nossa caserna; nascera no Sul e tinha sido servo não dos que trabalham a gleba, mas dos que servem um amo na qualidade de criados. Tinha alguma coisa de decisivo e arrogante, «era um pequeno pássaro, mas com bico e garras». Os presos viram nele um homem de maus instintos; respeitavam-no muito

pouco. Era suscetível em extremo e cheio de amor-próprio. Nessa tarde, sentado na tarimba, cosia uma camisa, isto é, tratava das suas costuras. Perto dele estava um rapaz acanhado e estúpido, mas bom e amável, uma espécie de colosso, o preso Kobyline, seu vizinho. Louka querelava muitas vezes com ele devido a serem vizinhos e tratava-o do alto da sua grandeza com uns ares de déspota e zombador, do que, aliás, Kobyline, graças à sua bonomia, não fazia caso. Este último fazia umas meias e ouvia Louka com um ar de indiferença. Falava alto e distintamente; queria que todos o ouvissem, se bem que na verdade só se dirigisse a Kobyline.

— Como vês, irmão, expulsaram-me da minha terra por vagabundo — começou ele, levando a mão às agulhas.

— Há muito tempo? — indagou Kobyline.

— Faz agora um ano, quando as peras amadureceram. Ao chegarmos a K...v, meteram-me no presídio. À minha volta havia uma dúzia de homens, todos Pequenos-Russianos, entroncados, fortes, robustos, verdadeiros touros, mas mansos! A alimentação era péssima e o major da prisão fazia o que bem queria. E assim iam passando os dias: todos aqueles boémios eram os maiores cobardes que eu conheço.

»— Tendes medo de semelhante imbecil? — disse-lhes eu.

»— Vai então falar-lhe, vai! — replicaram eles, soltando gargalhadas como brutos.

»Calei-me. Entre eles havia um que tinha *topete* e era um grande insolente — acrescentou o narrador, afastando-se de Kobyline para se dirigir a todos. — Contou depois como o tinham julgado no tribunal e o que ele lhes disse, chorando abundantes lágrimas: «Tenho mulher e filhos...» dissera ele. Era um grande patife, gordo e todo grisalho: «Sou eu que lhe digo, não…» Havia lá um cão que não fazia outra coisa que não fosse escrever, e escrever tudo o que eu dizia! Então, disse comigo: oxalá que rebentes! É assim que escreve, que escreve ainda. Foi então que vi a minha cabeça perdida!

— Dá-me linha, Vecia; esta da prisão está podre.

— Toma esta que veio da loja — respondeu Vecia, dando-lhe o fio pedido.

— A da oficina é melhor. Mandaram o Névalide procurá-la, não há muito tempo, mas não sei a que espécie de mulher ele a comprou, que não vale nada! — disse Louka, enfiando a agulha contra a luz.

— Foi em casa da comadre, meu parvo!

— Sim, talvez! Em casa da comadre...

— E depois, o major...? — inquiriu Kobyline, a quem parece já haviam esquecido.

Era o que Louka desejava, pois não quis continuar logo a conversa, como que dando a entender que o Kobyline não valia semelhante atenção. Enfiou com todo o vagar a agulha e, sentando-se preguiçosamente sobre as pernas, continuou por fim:

— Incitei tão bem os meus Toupets que eles reclamaram o major. Nessa manhã tinha pedido emprestado ao meu vizinho o seu *coquin* (faca), que trazia bem escondido dentro de mim. O major estava furioso como um cão danado. Chegou-se para nós. Disse então aos Pequenos-Russianos que era chegado o momento de não terem medo! Mas quê! Fugiu-lhes toda a coragem para as solas dos pés. Tremiam todos! O major correu para eles, muito bêbado.

»— Que é isto? Como é que se atreveram...? Sou o vosso Tzar, sou o vosso Deus!

»Quando disse que era o nosso Tzar e o nosso Deus, aproximei-me dele com a faca escondida na manga.

»— Não! — disse-lhe eu. — Vossa alta nobreza! — E aproximei-me mais ainda. — Não pode ser que vossa alta nobreza seja o nosso Tzar e o nosso Deus!

»— És tu, talvez!? És tu!! — gritou o major. — És tu o cabeça?

»— Não! — respondi eu, aproximando-me sempre. — Não sou, vossa alta nobreza! Como todos sabem, e vós mesmo sabeis, o nosso Deus, todo poderoso, está presente em toda a parte, como está no céu. Só temos também um único Tzar, colocado pelo próprio Deus acima de todos nós. Ele é o monarca, vossa alta nobreza; e vós, vossa alta nobreza, não passais ainda de major. Sois o nosso chefe apenas por graça do Tzar e devido aos vossos méritos.

»— Como? Coomo?? Cooomo??... — Nem podia falar; tartamudeava deveras estarrecido.

»— Assim! — disse eu, atirando-me a ele e cravando-lhe a faca no ventre até ao cabo. Foi um trabalho limpo: estrebuchou e caiu, dando às pernas. Por minha vez atirei fora a faca.

»— Vamos! Agora Toupets, toca a levantá-lo!

Aqui torna-se necessário fazer uma digressão para explicar este relato. As expressões «sou o Tzar, sou o vosso Deus» e outras semelhantes eram

infelizmente muito empregadas, noutros tempos, por muitos dos comandantes. Devo declarar que o número destes tem diminuído bastante e que os últimos devem já ter desaparecido. É de notar que aqueles que se envaideciam ao proferirem semelhantes expressões eram em geral oficiais saídos da tarimba. O grau de oficial dava-lhes por vezes volta ao cérebro. Depois de haverem, durante muito tempo, andado debaixo da mochila, viam-se de repente promovidos a oficiais, a comandantes, e até a nobres ainda por cima; devido à falta de hábito e à primeira bebedeira que lhes proporcionava a promoção, faziam uma ideia exagerada do seu poder e da sua importância, em relação aos seus subordinados. Diante dos seus superiores estes homens eram de uma bajulação revoltante. Os mais servis mesmo apressavam-se a comunicar aos seus chefes que já tinham sido subalternos e que «sabem reconhecer qual o seu lugar». Pelo contrário, com os subordinados, eram de um despotismo sem limites. Nada irritava mais os presos, é preciso dizer-se, do que esses abusos. Esta arrogante opinião do seu próprio valor, esta ideia exagerada da impunidade provocam o ódio no coração do homem mais submisso e arrastam a extremos o mais paciente. Por felicidade tudo isto pertence já a um passado quase esquecido; e até mesmo a autoridade superior censura severamente os culpados. Por mim, conheço mais de um exemplo.

O que mais exaspera os subordinados é o desdém e o desprezo que manifestam ao tratar com eles.

Aqueles que supõem que apenas lhes cumpre alimentar e dar trabalho aos presos, seguindo em tudo a letra fria da lei, enganam-se igualmente. O homem, por mais degradado que seja, exige um instintivo respeito pela sua dignidade. Todo o condenado sabe muito bem que é um prisioneiro, que é um réprobo, e conhece a distância que o separa dos seus superiores; porém nem o castigo, nem as grilhetas lhe fazem esquecer que é homem. Cumpre por isso tratá-lo humanamente. Santo Deus... um tratamento humano pode erguer aquele mesmo de cuja consciência a imagem divina haja desaparecido há muito. É com os «desgraçados», sobretudo, que é preciso agir humanamente: depende disto a sua regeneração e a sua alegria. Encontrei comandantes cujo caráter era bondoso e nobre, e pude observar devidamente a influência benfazeja que exerciam sobre esses desgraçados. Algumas palavras afáveis proferidas por eles ressuscitavam moralmente os presos. Viviam alegres como as crianças e tornavam-se amigos sinceros do seu chefe. Uma observação ainda: os presos não

gostam que os superiores os tratem com familiaridade ou com muita bonomia nas suas relações. Querem respeitá-los e se assim os não tratarem, não podem. Sentem-se altivos, por exemplo, quando o seu chefe tem muitas condecorações, quando tem boas maneiras, quando trata de igual para igual um superior poderoso, quando é severo, grave e justo, quando possui, enfim, o sentimento da sua dignidade. Então os forçados preferem-no a qualquer outro: sendo assim dotado sabe o que vale e não ofende a ninguém; tudo corre então pelo melhor.

— Isso custou-te caro, não? — perguntou num tom calmo Kobyline.

— Sim! Saiu-me caro, companheiros, muito caro, não há dúvida... Alei, dá-me a tesoura! Então? Não temos um joguinho de cartas esta noite?

— Há muito que o jogo foi bebido — observou Vecia. — Se o não tivessem vendido para beber, ainda cá estaria.

— *Se*! Os *ses* são pagos a cem rublos em Moscovo — observou Louka.

— Mas, afinal, Louka, que te deram pelo bonito golpe? — perguntou de novo Kobyline.

— Pagaram-me com cento e cinco, meu amigo... É verdade, companheiros! Era muito justo se me tivessem morto — continuou Louka, desdenhando uma vez mais o seu vizinho Kobyline. — Quando me deram esses cento e cinco açoites, levaram-me de grande uniforme. Não tinha sido nunca açoitado. Por toda a parte se via uma grande multidão. Toda a cidade tinha corrido a ver castigar o bandido, o assassino. Não vos posso dizer o quanto essa gente é estúpida! O carrasco despiu-me, deitou-me no chão e gritou: «Está quieto, que vou desfazer-te!» Esperei. À primeira vergastada com que me fustigou, quis gritar, mas não pude; debalde abri a boca; a voz estrangulou-se-me na garganta. Quando me deu a segunda (podeis não acreditar, se quiserdes!) nem sequer ouvi como contaram *dois!* Quando voltei a mim, já os ouvi contar *dezassete.* Tiraram-me quatro vezes de cima do cavalete a fim de respirar uma meia hora e molharem-me com água fria. Olhava para todos com os olhos quase a saírem-me das órbitas e dizia comigo: «Vão dar cabo de mim!»

— E não morreste? — perguntou num tom ingénuo o Kobyline.

Louka mediu-o com um olhar desdenhoso enquanto se ouviam algumas gargalhadas.

— Que verdadeiro imbecil...

— Não tem o juízo todo! — diagnosticou Louka, arrependendo-se de ter dirigido a palavra a semelhante idiota.

— É parvo! — confirmou por sua vez Vecia.

Se bem que Louka fosse o autor de seis homicídios, ninguém tinha medo dele na prisão. Todavia o seu desejo era passar aos olhos de todos por um homem terrível.

Capítulo 9 — Içaï Fomitch. O Banho. A Narração de Baklouchine

Aproximavam-se as festas do Natal. Os forçados esperavam-nas com uma certa solenidade e eu próprio, ao vê-los, fiquei também na espectativa de que ia passar-se alguma coisa de extraordinário. Quatro dias antes das festas deviam levar-nos ao banho. Todos se regozijavam com isso e se preparavam para ele; devíamos ir para lá depois de jantar. Por essa ocasião o trabalho durava apenas até ao meio-dia. De todos os forçados, o que mais se alegrava e mais se agitava era com certeza Içaï Fomitch Bumstein, o judeu a quem já me referi no capítulo 4 desta minha narrativa. Gostava de se manter na estufa até perder os sentidos. Cada vez que folheio o amontoado destas minhas velhas recordações e me lembro do banho da prisão (que vale a pena não esquecer nunca) a primeira figura que surge na minha memória é a do muito glorioso e inesquecível Içaï Fomitch, meu companheiro de presídio. Deus meu, era um companheiro deveras engraçado! Disse já alguma coisa com respeito à sua figura: cinquenta anos, vaidoso, de pele enrugada, com horríveis estigmas nas faces e na testa, magro, débil, um corpo só de ossos e os cabelos todos brancos. O seu rosto exprimia uma presunção contínua e inabalável, direi quase: a felicidade. Creio que não lastimava nada o ter sido mandado para os trabalhos forçados. Como era joalheiro de ofício e não havia outro na cidade, tinha sempre trabalho que lhe pagavam bem ou mal, conforme. Não tinha necessidade de nada e vivia mesmo *ricamente,* sem despender tudo quanto ganhava, pelo que fazia economias e emprestava sobre penhor a todos os presos. Possuía um samovar, um bom colchão, chávenas e um talher. Os judeus da cidade dispensavam-lhe a sua proteção. Todos os sábados ia, sob escolta, à sinagoga (o que é autorizado por lei). Vivia portanto como um príncipe, mas aguardando, com impaciência, a expiação da sua pena para se *casar.* O seu espírito era uma misturada cómica de ingenuidade, de estupidez, de impertinência, de astúcia, de simplicidade, de timidez, de vaidade e de impudência. O mais estranho para mim é que

os presos não troçavam nunca dele; se o contrariavam, faziam-no só para se rirem dele. Içaï servia de facto de distração e contínua alegria para todos: «Não lhe toquem, pois só temos um Içaï Fomitch!», diziam os forçados. Se bem compreendesse o papel que representava, nem por isso deixava de se orgulhar da sua importância; isto divertia imenso os presos. Fez a sua entrada no presídio da maneira a mais cómica (foi muito antes da minha chegada, segundo me contaram). Uma tarde espalhou-se pelo presídio a notícia de que chegara um judeu, o qual nessa altura estava sendo rapado na casa do corpo da guarda, e dentro em pouco daria entrada na caserna. Como não havia nenhum judeu no presídio, os presos aguardaram-no com impaciência, pelo que o cercaram logo que transpôs a porta de entrada. O sargento de dia acompanhou-o à prisão civil, indicando-lhe o lugar da sua tarimba. Içaï Fomitch trazia um saco contendo as roupas que lhe tinham dado e aquelas que havia trazido com ele. Pousou o saco perto da tarimba e sentou-se no chão, cruzando as pernas sob si mesmo, sem ousar erguer os olhos. As gargalhadas estalaram à sua volta enquanto lhe dirigiram as mais diversas zombarias sobre a sua origem israelita. De repente, um jovem deportado, abrindo caminho por entre os outros, aproximou-se dele, levando nas mãos umas velhas calças de verão, todas sujas, rotas e cheias de remendos. Sentou-se ao lado de Içaï Fomitch e tocou-lhe no ombro.

— Olá, caro amigo! Há seis anos que te espero! Olha cá, quanto me dás por isto?

E estendeu diante dele os seus farrapos.

Içaï Fomitch era de uma timidez tão grande que nem ousou erguer os olhos para esse grupo de trocistas, de rostos mutilados e terríveis, agrupados em círculo à sua volta. Não tinha ainda pronunciado uma palavra, tal era o seu receio. Ao ver porém os farrapos que lhe apresentavam, estremeceu ao mesmo tempo que principiou a apalpá-los. Aproximou-se mesmo da luz. Todos aguardavam o que ele iria dizer.

— Então! Não me queres dar um *rublo* em prata? Isso sempre vale! — continuou o vendedor, olhando de lado para Içaï Fomitch.

— Um *rublo* em prata, não... Mas vale bem sete *kopeks*.

Foram estas as primeiras palavras pronunciadas por Içaï Fomitch no presídio. Uma forte gargalhada ressoou entre os assistentes.

— Sete *kopeks*... Está bem, aceito! És um homem de sorte, palavra de honra! Mas toma cuidado com o penhor: a tua cabeça responde por ele!

— Com três *kopeks* de juro, são dez *kopeks* que me ficas a dever — disse o judeu na sua vozinha sacudida e trémula, metendo a mão no bolso para tirar a quantia ajustada e fitando os forçados com um olhar perscrutador. Via-se que estava dominado por um medo horrível, mas o desejo de concluir um bom negócio arrastava-o.

— Hein? Três *kopeks* de juros... por ano?

— Não! Por ano, não! Por mês!

— És um terrível avarento! Como te chamas?

— Içaï Fomitch.

— Hás de ir longe, Içaï Fomitch! Adeus!

O judeu examinou mais uma vez os andrajos, pelos quais acabava de emprestar sete *kopeks*; dobrou-os e meteu-os com todo o cuidado no saco. Os outros forçados continuavam entretanto a rir.

Na realidade, porém, todos o estimavam, e como quase todos os presos lhe eram devedores, nenhum o ofendia. A contradizer, porém, todos lhe eram fiéis como uma galinha. Quando, por outro lado, se convenceu que todos se davam bem com ele, tomou-se de uns tais ares de importância que os outros perdoaram-lhe logo devido a tornarem-se deveras cómicos.

Louka, que conhecera muitos judeus quando vivera em liberdade, zombava dele amiudadas vezes, menos por maldade do que por divertimento, tal como se brincasse com um papagaio, um cãozinho ou outro qualquer animal doméstico. Içaï Fomitch não o ignorava, mas também não se ofendia, antes lhe dava pronta réplica.

— Ainda um dia, meu judeu, te encho de pancada.

— Se me deres um sopapo, dou-te dez — respondia-lhe, rindo, Içaï Fomitch.

— Cão sarnento!

— Serei sarnento quanto tu queiras.

— Judeu tinhoso!

— Serei tinhoso, se te dá prazer; tinhoso, mas rico. Tenho dinheiro.

— Vendeste Cristo!

— É como tu queiras!

— É impagável, o nosso Içaï Fomitch! Um verdadeiro pândego! Mas não lhe toquem que só temos um.

— Eh, judeu! Pega no chicote, que ainda hás de ir para a Sibéria!

— Já estive na Sibéria!

— Então mandar-te-ão ainda para mais longe.

— O senhor Deus também lá está?

— És parvo! Está lá mesmo à tua espera!

— Então é como quiserem! Onde está o senhor Deus e há dinheiro, tudo corre bem.

— É um pândego o nosso Içaï Fomitch! Um pândego, como se vê! — gritaram à sua volta.

O judeu reconhecia que troçavam dele, mas não desanimava nem perdia a boa disposição. Os louvores com que o cumulavam davam-lhe um verdadeiro prazer, e com a sua voz aguda de contralto, que estridulava por toda a caserna, cantarolava *lá, lá, lá, lá, lá!* sobre um motivo idiota e risível, o único canto que o ouviram trautear durante toda a sua estada no presídio. Quando travou relações comigo, garantiu-me, jurando-me pelos seus profetas, que aquilo era o canto e o motivo que seiscentos mil judeus, do mais pequeno ao maior, entoaram ao atravessar o mar Vermelho e que foi ordenado a cada israelita para o cantar logo após uma vitória sobre o seu inimigo.

Todas as sextas-feiras os forçados vinham de propósito das outras casernas ver o nosso Içaï Fomitch celebrar o sábado judaico. Era de uma vaidade e de um orgulho tão inocentes que essa geral curiosidade o enternecia deveras. Cobria um canto da sua mesa, com um ar de requintada e pedantesca importância, abria um livro, acendia duas velas, murmurava algumas palavras misteriosas e envergava uma espécie de casula, de cores variadas e sem mangas, que guardava com todo o cuidado no fundo da sua caixa. Prendia nos punhos uns braceletes de couro e por último fixava na cabeça, por meio de uma fita, uma caixinha que mais parecia um corno que lhe saía da testa. Começava depois a rezar. Lia pausadamente, gritava ou cuspinhava, mas tudo isto acompanhado de uns esgares selvagens e cómicos. Estava tudo prescrito pelo ritual do seu culto; não havia nisto nada de risível ou de extraordinário se não fossem os gestos que Içaï Fomitch fazia na nossa frente, fazendo gala dessas cerimónias. Assim, cobria de repente a cabeça com as mãos e começava a ler, ao mesmo tempo que soluçava. O pranto ia aumentando pouco a pouco, e no máximo da sua dor escondia debaixo do livro a cabeça ornada com a caixa, e quase uivava; mas de súbito, no meio desses soluços desesperados, principiava a rir e declamava, num tom nasalado, um hino, numa voz triunfante, como que enternecida e tornada meiga, por uma extrema felicidade. «Não se compreende nada», diziam às vezes os presos.

Perguntei, um dia, a Içaï Fomitch o que significavam aqueles soluços e porque passava tão abruptamente da desolação ao triunfo, da felicidade ao prazer. Gostava muito que o interrogasse sobre estes assuntos. Explicou-me logo que os prantos e os soluços eram devidos à perda de Jerusalém, e a lei ordena que deve gemer-se e ferir-se no peito. Porém no momento de maior aflição *deve, imediatamente,* ele, Içaï Fomitch, recordar-se, como por acaso, (este «imediatamente» é prescrito pela lei) que uma profecia promete aos judeus voltarem a Jerusalém; deve então manifestar logo uma grande alegria, cantar, rir e proferir as suas preces, dando à voz uma expressão de felicidade e ao rosto a maior nobreza e solenidade possível. Esta mudança súbita e a obrigação absoluta de a observar agradavam muitíssimo a Içaï Fomitch, pelo que me explicava com uma notória satisfação esse engenhoso preceito da lei. Uma noite, no momento mais solene do ritual, o major entrou na caserna, seguido do oficial da ronda e de uma escolta de soldados. Todos os presos alinharam logo diante das suas tarimbas; só Içaï Fomitch continuou a gritar e a gesticular. Sabia que o seu culto era autorizado, que ninguém podia interrompê-lo e que, gritando diante do major, nada lhe poderia suceder.

Agradava-lhe muito o poder mover-se ante os olhos do chefe. O major aproximou-se até um passo de distância: Içaï Fomitch voltou as costas à mesa e, perfilado diante do oficial, começou a cantar o seu hino de triunfo, gesticulando e arrastando umas certas sílabas. Quando devia dar ao rosto uma expressão de felicidade e nobreza, fê-lo rápido, piscando os olhos, rindo muito e levantando a cabeça para o lado do major. Este, a princípio, admirou-se do atrevimento, mas depois sorriu, chamou-lhe «imbecil» e retirou-se enquanto o judeu continuava a gritar. Uma hora depois, ao preparar-se para cear, perguntei-lhe o que teria feito se o major tivesse tido a má ideia e a tolice de se zangar.

— Qual major?

— Como? Não viste o major?

— Não.

— Estava mesmo a dois passos de ti, a ver o que fazias.

Mas Içaï Fomitch garantiu-me, muito sério, que não vira o major, por quanto nos momentos de prece ficava num tal estado de êxtase que não via nem ouvia nada do que se passava à sua volta.

Recordo-me ainda de ver Içaï Fomitch mandriar todo o sábado pela prisão, evitando fazer a mínima coisa, tal como a lei prescreve a todos os

judeus. E então que série de anedotas inverosímeis ele me contava! Cada vez que vinha da sinagoga trazia-ma sempre notícias de S. Petersburgo e dos boatos absurdos que corriam, que me assegurava ter ouvido aos seus correligionários da cidade, os quais tinham sido os primeiros a sabê-los.

Mas já falei mais do que o bastante de Içaï Fomitch. Mudemos de assunto.

Em toda a cidade havia apenas dois balneários públicos. O primeiro, que pertencia a um judeu, estava dividido em compartimentos, os quais custavam cada um cinquenta *kopeks:* era frequentado pela aristocracia da cidade. O outro era velho, imundo, acanhado e destinava-se ao povo: era para este que levavam os forçados. O dia estava claro, mas frio. Os presos sentiam-se satisfeitos por poderem sair da fortaleza e percorrerem a cidade. Durante todo o percurso os risos e as chalaças não tinham fim. Acompanhavam-nos um pelotão de soldados com as armas carregadas; era um espetáculo para a cidade. Uma vez chegados, e dada a exiguidade do balneário, que não comportava a todos, éramos divididos em dois grupos; um ficava à espera no gabinete frio, situado antes da estufa, enquanto o outro se banhava. Ainda assim era tão pequena a sala que parecia impossível como podia comportar mesmo a metade dos forçados. Petrov não saía de junto de mim, dando-se pressa em me auxiliar, oferecendo-se até para me esfregar o corpo. Ao mesmo tempo que Petrov, Baklouchine, forçado da secção particular, oferecia-me também os seus serviços. Recordo-me deste preso, a quem apelidavam de «sapador» e que era na verdade o mais alegre e afável de todos os meus companheiros. Ambos nos tínhamos tornado amigos. Petrov ajudou-me a despir, porque esta operação levava-me muito tempo, visto não estar ainda habituado a isso. Dentro do gabinete havia quase tantos presos como fora. A um preso, ainda novo no presídio, é sempre difícil o despir-se, dado que é preciso saber desprender muito bem as correias que prendem as grilhetas. Estas correias de couro têm dezassete centímetros de comprimento e apertam-se por cima da roupa, junto do anel que está preso à perna. Um par de correias custa sessenta *kopeks;* cada forçado é obrigado a adquiri-las, pois é-lhe impossível caminhar sem esse auxiliar. O anel não fica justo à perna e pode-se meter um dedo entre o anel e a carne; por esta razão o anel bate e roça pela barriga da perna a ponto de, num só dia, desde que ande sem correias, se lhe formarem feridas vivas. Desapertar as correias não apresenta nenhuma dificuldade; porém já não se dá o mesmo com a roupa.

Para despir esta é preciso fazer prodígios de habilidade. Despida a perna esquerda das calças, é preciso fazê-la passar entre o anel e a perna, voltando a passa-la depois, em sentido contrário, por baixo do anel; a perna esquerda fica então toda livre. Em seguida a perna esquerda das calças deve ser passada pelo anel da perna direita e, ainda uma vez, passada ao contrário juntamente com a perna direita. Tem de se realizar idêntica manobra ao vestir-se a roupa lavada. Quem primeiro me ensinou foi Korenef, em Toblosk, um antigo chefe de salteadores condenado a cinco anos de grilheta. Os forçados já habituados a este exercício executam-no com rapidez. Dei a Petrov alguns *kopeks* para me comprar sabão e um esfregão de tília, que era com que se lavavam na estufa. Entregavam aos forçados um bocado de sabão, mas tão pequeno como uma moeda de dois *kopeks* e tão fino como as fatias de queijo servidas nos chás das reuniões da sociedade elegante. Vendiam o sabão no próprio gabinete, assim como o *sbitène*, bocados de pão branco e água quente, da qual cada forçado só recebia um balde, conforme o contrato feito entre o proprietário do balneário e a administração do presídio. Os presos que queriam lavar-se bem, podiam comprar por dois *kopeks* um segundo balde, que o proprietário lhes entregava por uma janela aberta na parede para este efeito.

Logo que ma encontrei despido, Petrov agarrou-me no braço, fazendo-me notar que teria dificuldade em caminhar com as grilhetas. «Puxe-as para cima, para a barriga das pernas», disse-me ele, agarrando-me por baixo dos braços como se fosse um velho. «Cuidado aqui! É preciso transpor a soleira da porta». Tive vergonha destas suas recomendações, por isso afirmei-lhe que saberia caminhar sozinho, o que ele no entanto não quis acreditar. Tinha para comigo atenções que só se têm com uma criança que ensaia os primeiros passos. Petrov não fazia isto por espírito de servilismo, nem também com se fosse um criado. Se o ofendesse, sabia como devia agir comigo. Não lhe prometi nada pelos seus serviços, nem ele nada me pediu. Que seria então o que o levava a ter esta solicitude comigo?

Ao abrirem-nos a porta da estufa, supus que entrávamos no inferno. Imaginem uma sala com doze passos de comprimento e outro tanto de largo na qual se aglomeravam às vezes cem homens ou, pelo menos, oitenta, visto sermos ao todo duzentos, divididos em dois grupos. O vapor cegava-nos; a fuligem, a imundice e a falta de espaço eram tais que não

sabíamos onde pôr os pés. Senti-me horrorizado e quis sair. Petrov porém tranquilizou-me. A muito custo, com grande dificuldade, conseguimos chegar até aos nossos bancos, saltando por cima das cabeças dos forçados, a quem pedíamos para se baixarem a fim de podermos passar. Todos os bancos porém já estavam ocupados. Petrov aconselhou-me a comprar um lugar e entrou logo em negociações com um forçado que estava ao pé da janela. Por um *kopek* concordou em ceder-me o seu lugar, depois de ter recebido de Petrov a moeda que este conservava muito apertada na mão e que dentro da sua prudência trouxera já para esse efeito do presídio. Petrov pôs-se de cócoras a meus pés, num sítio escuro e sujo, onde havia pelo menos meia polegada de bolor. Até os lugares que ficavam abaixo das banquetas estavam todos tomados. Os forçados formigavam por aqueles lugares. No soalho não havia um palmo que não estivesse tomado pelos presos; a água transbordava a jorros das tinas. Os que estavam de pó, lavavam-se, segurando com uma das mãos o balde. A água suja que lhes corria ao longo do corpo caía sobre as cabeças rapadas dos que estavam sentados. Sobre as banquetas e os degraus que a elas levavam, comprimiam-se outros forçados que se lavavam, encolhendo-se e levantando-se nos baldes; estes porém eram em menor número. O povo não se lava de bom grado com água e sabão: preferem ressoar horrivelmente na estufa e banharem-se em seguida em água fria; é assim que tomam o seu banho. Em baixo, no chão, viam-se cinquenta vassouras de junco erguerem-se e baixarem-se, ao mesmo tempo, todos se açoitando como bêbados. A cada instante o vapor ia aumentando; assim, o que sentíamos já não era calor, mas sim uma sensação de queimadura como a do pez a ferver. Gritavam e praguejavam, de mistura com o barulho de cem grilhetas, arrastando-se pelo soalho. Aqueles que pretendiam passar de um lado para o outro da sala embaraçavam as grilhetas nas dos companheiros, tropeçavam nas cabeças dos que se encontravam agachados e caíam, imprecando e arrastando na queda aqueles a quem se agarravam. Todos se sentiam como que embriagados ou dominados por uma excitação louca: cruzavam-se os gritos e as pragas. Havia uma depressão ou vão junto da janela do gabinete pela qual passavam a água quente; esta, antes de chegar ao destino, caía sobre as cabeças dos que estavam sentados no soalho. Parecia que nos encontrávamos em liberdade. No entanto, de instante a instante, por trás da janela ou pela porta entreaberta surgia a figura barbeada de um soldado, de arma na mão, vigiando, para que se não

desse alguma desordem. As cabeças rapadas dos forçados e os seus corpos nus, aos quais o vapor dava uma cor sanguínea, pareciam ainda mais monstruosos. Sobre as costas, ruborizadas pelo vapor, viam-se nitidamente as cicatrizes das chicotadas do azorrague ou das vergastadas apanhadas noutros tempos, se bem que a coluna vertebral desse a impressão de ter sido recentemente contundida. Estranhas cicatrizes! Só em as ver, sentia um arrepio percorrer-me todo o corpo. O vapor ia aumentando — e a sala de banho enchia-se de uma nuvem espessa, escaldante, dentro da qual todos se agitam, gritam, barafustam. Nessa nuvem destacam-se dorsos contundidos, cabeças rapadas, uma confusão de braços e pernas; a completar este quadro, Içaï Fomitch soltava grandes berros de alegria em cima da banqueta mais alta. Suturado de calor, qualquer outro desfaleceria, mas para ele nenhuma temperatura era demasiado elevada; contratava por um *kopek* um massagista, o qual ao fim de um minuto já não se podia ter mais, pelo que atirava fora a vassoura e corria a banhar-se em água fria. Içaï Fomitch não desanimava e contratava um segundo, um terceiro... Nessas ocasiões não olhava a despesas, chegando a mudar até cinco vezes de massagista. «Aquece-se bem, esse pândego do Içaï Fomitch!», gritavam debaixo os forçados. O judeu sabia bem que resistia mais que os companheiros, que os «derrotava», e na sua voz áspera e ridícula cantava a sua ária predileta: *lá, lá, lá, lá, lá,* dominando a algazarra. Suponho que, se algum dia devêssemos reunir-nos todos no inferno, isto devia representar ao vivo esse lugar maldito. Não resisti ao desejo de comunicar esta ideia a Petrov. Este olhou à sua volta e não disse nada.

Quis alugar-lhe um espaço a meu lado, mas ele sentou-se a meus pés, declarando-me que estava muitíssimo bem. Baklouchine comprou-nos, durante este tempo, água quente, que nos ia trazendo à medida que precisávamos. Petrov fez-me saber que me lavaria dos pés à cabeça, de forma que «ficasse muito bem limpo», como instou também comigo para ir até à estufa. Porém não me resolvi a isso. Em seguida esfregou-me todo o corpo com sabão. «Agora vou lavar-lhe os *pezinhos»,* acrescentou, à laia de conclusão. Quis responder-lhe que podia lavar-me muito bem, mas não o contrariei e deixei-o fazer a sua vontade. No diminutivo *pezinhos* que empregou, não havia nenhum sentido servil. Petrov não podia chamar aos meus pés pelo seu verdadeiro nome, talvez devido a que os outros, os verdadeiros homens, também tinham pés; logo eu só podia ter *pezinhos.*

Depois de me ter lavado reconduziu-me ao gabinete, amparando-me, advertindo-me a cada passada como se eu fosse de porcelana. Ajudou-me a vestir e quando acabou de me arranjar, dirigiu-se então para o banho a fim de se esquentar a ele próprio.

Ao chegarmos à caserna ofereci a Petrov um copo com chá, que ele aceitou. Bebeu e agradeceu-me. Fiz a despesa com um copo de aguardente em sua honra. Encontrei-a na nossa própria caserna. Petrov ficou deveras contente; bebeu de um trago o copo da aguardente e pigarreou satisfeito, dizendo que eu lhe restituíra a vida. Logo depois dirigiu-se a toda a pressa para a cozinha, como se a sua presença ali fosse necessária para a realização de qualquer coisa de importância. Um outro interlocutor se me apresentou então: era Baklouchine, de quem já falei e a quem tinha também convidado para tomar chá.

Não conheço ninguém com um caráter mais amável que este Baklouchine. Para falar verdade não perdoava nada aos outros e discutia amiudadas vezes com os companheiros; não gostava sobretudo que estes se intrometessem nos seus negócios; numa palavra, sabia defender-se. As suas questões, porém, não duravam muito tempo e creio até que os forçados o estimavam. Onde quer que chegasse, era bem recebido. Mesmo na cidade, era tido pelo homem mais alegre do mundo. Era um rapaz alto, de trinta anos de idade, de rosto ingénuo e ousado, bastante bonito com a sua barbicha. Tinha a habilidade de modificar tão comicamente as feições, imitando o primeiro que lhe aparecesse, o que provocava sonoras gargalhadas naqueles que o rodeavam. Era um comediante, mas nunca se deixaria insultar pelos que andavam desgostosos e não gostavam de rir. Também ninguém o acusava de ser um homem «inútil e sem miolo». Era pleno de vida e entusiasmo. Travámos relações logo desde os primeiros dias e contou-me então a sua carreira militar, como pensionista do Estado, como soldado do regimento de sapadores, onde era bem visto pelas pessoas melhores colocadas.

Fez-me logo uma série de perguntas sobre S. Petersburgo, pois também gostava muito de ler livros. Quando vinha tomar chá comigo, alegrava toda a caserna, contando como o tenente Ch... havia insultado nessa manhã o nosso major; depois, sentando-se ao meu lado, anunciava-me com um ar satisfeito que devíamos ter talvez uma representação teatral no presídio. Os presos projetavam organizar um espetáculo por ocasião das festas do Natal. Os atores já haviam sido designados e pouco a pouco

iam preparando os cenários. Algumas pessoas da cidade tinham prometido fornecer os trajes femininos para a representação. Esperava-se mesmo, por intermédio de um impedido, obter um uniforme de oficial com as respetivas agulhetas. O que era de desejar é que o major não se lembrasse de proibir o espetáculo, como no ano anterior! Verdade era que ele andava então muito mal-humorado, pois tinha perdido ao jogo e tinha havido também uma zaragata no presídio; tinha-o proibido num acesso de descontentamento. Este ano talvez o não proibisse. Baklouchine andava entusiasmado; notava-se que era um dos principais instigadores da futura récita; por mim resolvi logo assistir ao espetáculo. A alegria infantil que Baklouchine manifestava ao falar desse projeto comoveu-me. De um assunto ou de outro conversávamos sem a menor reserva. Disse-me, entre outras coisas, que não servira apenas em S. Petersburgo: fora também mandado para R… com o grau de sargento, para fazer parte de um batalhão da guarnição.

— De lá é que me mandaram para aqui — acrescentou Baklouchine.

— Porquê? — perguntei eu.

— Porquê? Não o pode adivinhar, Alexandre Petrovitch! Foi porque me apaixonei!

— Ora adeus! Ainda ninguém foi exilado por causa disso — repliquei eu, sorrindo.

— Para dizer a verdade — explicou Baklouchine — foi por causa disso que matei um alemão com um tiro de pistola. Mas é justo que me mandem para os trabalhos forçados por causa de um alemão? Responda, fazendo de juiz.

— Coma é que foi isso? Conte-me lá essa história. Deve ser curiosa.

— É uma história engraçada, Alexandre Petrovitch!

— Tanto melhor. Conte.

— Quer que lha conte? Então, ouça...

Ouvi mais uma história de um homicídio; nada tinha de «engraçada», mas era na verdade bastante original.

— Eis como o caso se passou — começou Baklouchine. — Haviam-me mandado para Riga, uma grande e bonita cidade, mas que só tem um defeito: tem muitos alemães. Era ainda muito novo e era bem considerado pelos meus superiores; usava o boné caído sobre a orelha e gozava agradavelmente o meu tempo. Namoriscava as alemãs. Uma delas, chamada Luísa, agradou-me muitíssimo. Ela e a tia eram lavadeiras de

roupas finas, muito finas. A velha era uma verdadeira caricatura, mas tinha dinheiro. A princípio limitava-me a passar-lhe sob as janelas; porém, dentro em pouco comecei a falar com a moça. Luísa falava bem o russo, se bem que arrastasse um pouco as palavras. Era encantadora, como nunca encontrei nada igual. Instei-a várias vezes, mas ela recusou sempre, dizendo-me:

»— Não me peças isso, Sacha, pois pretendo manter a minha inocência, para ser uma mulher digna de ti.

»E não fazia mais do que acariciar-me, sorrindo com meiguice. Era deveras asseada, como ainda, confesso, não vi outra. Propôs-me um dia casar comigo. E porque não casar com ela, pensei eu?! Já me preparava para ir apresentar o requerimento ao meu coronel. De repente a Luísa começou a faltar às entrevistas, pela primeira vez, pela segunda, pela terceira... Enviei-lhe uma carta. Não me respondeu. Que fazer?, pensei comigo. Se me houvesse traído, com certeza procuraria deitar-me poeira nos olhos, responderia à minha carta e teria vindo às entrevistas! Mas ela não sabia mentir: rompeu de vez com as nossas relações. Isto é combinação da tia, pensei eu. Não me atrevi a ir a casa dela; se bem que estivesse a par dos nossos amores, procedíamos como se ela ignorasse... Andava portanto como um doido. Escrevi-lhe uma última carta, na qual lhe dizia: «Se não vieres, irei a casa da tua tia». Teve medo e veio. Começou a chorar e contou-me que um alemão, Schultz, seu parente afastado, relojoeiro de profissão e com uma certa idade, mas rico, tinha manifestado o desejo de a desposar a fim de a tornar feliz, como ele dizia, e também para não ficar sem uma companheira durante a velhice. Havia muito que ele a amava, segundo ela dizia, e acariciava esta ideia desde há uns anos; porém até então nada lhe dissera, nem se decidira nunca a falar-lhe. «Já vês, Sacha», disse-me ela, «que é a minha felicidade, porque é rico; quererás, por acaso, privar-me desta felicidade?» Olhei-a, enquanto ela rompeu a chorar, beijando-me e abraçando-me. «Ah!», disse comigo, «ela tem razão! Que benefício pode ela esperar, casando com um soldado ou mesmo com um sargento?»

»— Está bem, Luísa, adeus! Deus te proteja! Não tenho o direito de te privar da tua felicidade. E como é ele de pessoa? É bonito?

»— Não, é já de idade e tem o nariz comprido. — Riu-se mesmo ao dizer isto.

»Separámo-nos. «Está bem! Não me estava destinada», pensei comigo. No dia seguinte passei pela porta da loja de Schultz (Luísa dissera-me a rua onde ele vivia). Espreitei pela porta envidraçada; vi um alemão que consertava um relógio de algibeira: quarenta e cinco anos, muito alto, nariz aquilino, olhos papudos e vestindo um fraque de gola direita. Ao vê-lo, senti-me enojado e estive prestes a quebrar-lhe os vidros da montra. «Mas para quê?», pensei eu. «Nada mais há a fazer, porque tudo está acabado e bem acabado!» Quando cheguei à caserna, anoitecia já. Estendi-me na tarimba e quer acreditar, Alexandre Petrovitch? Comecei a soluçar, a soluçar...

»Passou um dia, um segundo, um terceiro... Não vi mais a Luísa. Soube, no entanto, por uma velha comadre (lavadeira também e a casa de quem a Luísa ia algumas vezes) que o alemão não ignorava os nossos amores e que fora por essa razão que decidira casar-se com a Luísa o mais cedo possível. Se não fosse esta razão, demoraria o casamento mais dois anos. Obrigou a Luísa a jurar-lhe que nunca mais tentaria ver-me; parece que, por minha causa, apertou os cordões à bolsa, tornando-se avaro com as duas, a Luísa e a tia. Talvez mudasse de ideias, pois não estava ainda muito resolvido a casar. A Luísa disse-me também que ele as convidara a irem a sua casa tomar café, dali a dois dias, um domingo, indo igualmente um outro parente dele, antigo negociante, nessa altura muito pobre e que estava dirigindo uma casa de víveres. Quando soube que resolveriam essa questão no domingo, fiquei tão furioso que não pude manter o meu sangue-frio. Todo esse dia e o seguinte passei-os a meditar. Cheguei a pensar em devorar esse alemão.

»Até à manhã de domingo não tinha ainda resolvido coisa alguma. Porém logo que terminou a missa saí, correndo, vesti o capote e dirigi-me a casa do tal alemão. Contava que estivessem todos reunidos. Porque ia a casa do alemão e o que queria dizer-lhe, não o saberia dizer! Meti no bolso a primeira pistola que encontrei, uma pequena pistola que não valia nada e com um cão antigo modelo (da qual me servia, quando rapaz, para atirar ao alvo). Enfim, estava, há muito, posta de lado. Todavia, carreguei-a, porque supunha que tentariam agarrar-me ou que o alemão me dirigisse qualquer insulto, pelo que puxaria pela pistola só para os amedrontar. Cheguei. Na escada, ninguém; estavam todos na sala, por trás da loja. Criado não tinha nenhum e a única criada estava ausente. Atravessei a oficina e vi que a porta estava fechada, uma velha porta presa por um

gonzo. O coração batia-me apressado: parei e pus-me à escuta: falavam em alemão. Com um pontapé meti a porta dentro. Olhei e vi a mesa posta. Sobre ela estava uma grande cafeteira, uma lamparina de álcool sobre a qual o café fervia, e próximo uma bandeja com uns biscoitos. Sobre uma outra bandeja, uma botija com aguardente, arenques, salsichas e uma garrafa com algum vinho. A Luísa e a tia, ambas endomingadas, estavam sentadas na poltrona. Em frente delas, o alemão, refestelado numa cadeira, tal como um noivo, muito bem penteado, de fraque e colarinho alto. Do lado oposto estava ainda o outro alemão, já velho, gordo e grisalho. Este estava calado. Quando entrei, a Luísa empalideceu. A tia levantou-se de um salto, mas voltou a sentar-se e o alemão enfureceu-se. Levantou-se e veio ao meu encontro, perguntando:

»— Que deseja?

»Teria perdido logo a cabeça se não viesse disposto a conter a minha cólera.

»— O que desejo? Que receba mais este hóspede e lhe dê de beber aguardente. Venho apenas fazer-lhe uma visita.

»O alemão refletiu um instante e depois disse:

»— Sente-se.

»Sentei-me.

»— Aqui tem aguardente. Faça o favor de beber.

»— Quero que me dê aguardente, mas da boa — exigi eu, enfurecendo-me cada vez mais.

»— É boa esta aguardente.

»Enraiveci-me ao ver que me olhava de alto a baixo. O mais horrível para mim, porém, era ver que a Luísa assistia a esta cena. Bebi e disse, voltando-me para ele:

»— Ora, senhor alemão, que insultos tem a dizer-me? Tornemo-nos conhecidos, pois vim a sua casa como amigo.

»— Não posso ser seu amigo, visto que é um simples soldado.

»Então perdi a cabeça.

»— Ah, seu biltre, seu salsicheiro! Não sabe que posso fazer de si o que muito bem quiser? Olhe, quero que lhe rebente os miolos com esta pistola?

»Puxei da pistola, levantei-me e apliquei-lhe o cano contra a testa. As mulheres estavam mais mortas do que vivas; respiravam a custo. O velho tremia como varas verdes, pálido como um cadáver.

»O alemão assustou-se, mas replicou com ânimo sereno:

»— Não tenho medo de si e peço-lhe, como homem bem educado, que ponha termo a esse gracejo. Não tenho medo de si, já lhe disse.

»— Oh! Tu mentes! Tens medo! Vejam... Nem se atreve a mover a cabeça diante da pistola.

»— Não! Não se atreverá a fazer isso!

»— E porque é que não me atreverei?

»— Porque lhe é terminantemente proibido e seria severamente castigado.

»O diabo tivesse levado este estúpido alemão! Se não me tivesse provocado, ainda estaria vivo.

»— Supõe que não tenho coragem?

»— N...n…n...não!

»— Não terei coragem?

»— Não se atreverá a fazer…

»— Pois então pega, meu salsicheiro! — Dei ao gatilho e ele caiu desamparado na cadeira. Os outros começaram aos gritos.

»Meti a pistola no bolso e saí. Ao entrar na fortaleza, deitei-a fora, junto do portão.

»Cheguei ao alojamento e atirei-me sobre a tarimba, dizendo comigo: «Vão-me prender já em seguida!» Uma hora se passou e outra ainda sem me prenderem. À tarde fui dominado por um tal remorso que resolvi sair; queria ver, a todo o custo, Luísa. Passei diante da casa do relojoeiro. Estava uma grande massa de povo à porta e a polícia. Corri a casa da velha comadre e disse-lhe: «Vá chamar a Luísa!» Foi chamá-la logo. Esta, sem demora de um segundo, correu a casa da comadre. Ao ver-me, atirou-se-me ao pescoço a soluçar. «A culpa foi toda minha!», exclamou ela. «Dei ouvidos à minha tia». Contou-me então que a tia, logo após a cena, recolheu a casa e foi tão grande o seu medo que estava doente e não proferira ainda palavra. Não tinha denunciado ninguém; pelo contrário, havia ordenado à sobrinha que não dissesse nada, pois estava com muito medo: «Eles que façam o que quiserem!», dissera ela. «Ninguém nos viu depois», acrescentou a Luísa. O relojoeiro tinha despedido a criada, porque a temia como ao fogo; se soubesse que ele tencionava casar-se, saltava-lhe aos olhos. Não tinha nenhum operário em casa; havia-os afastado a todos. Ele próprio é que preparara o café e a entrevista. Quanto ao velho parente, como toda a vida tinha sido um calado, pusera logo o chapéu e, sem abrir a

boca, fora o primeiro a sair. «Com certeza esse nada dirá», asseverou a Luísa. E foi o que aconteceu. Durante duas semanas ninguém me prendeu, nem tiveram a menor suspeita da minha pessoa. Talvez não creia, Alexandre Petrovitch, mas essas duas semanas foram as mais felizes da minha vida. Via a Luísa todos os dias. E como ela se afeiçoou a mim! Dizia-me, entre lágrimas: «Se fores exilado, irei contigo; deixarei tudo para te seguir». Pensei até em acabar com a vida, tal a compaixão que a Luísa me inspirava. Porém ao cabo dessas duas semanas prenderam-me. O velho e a tia, combinados, haviam-me denunciado.

— Mas, Baklouchine — interrompi eu — por *isso* não podiam aplicar-te mais de dez ou doze anos de trabalhos forçados, o máximo da pena, e ainda assim na secção civil; no entanto estás na «secção particular». Como foi isso?

— É uma outra questão! — disse Baklouchine. — Quando me levaram ante o conselho de guerra, o capitão relator começou a insultar-me ante o tribunal, a dirigir-me palavras injuriosas. Não me contive e gritei-lhe: «Porque me injurias? Não reparas, canalha, que estás a ver-te num espelho?» Isto valeu-me um novo processo: mandaram-me para julgamento e pelos dois crimes fui condenado a quatro mil vergastadas e à «secção particular». Quando me levaram para me aplicarem o castigo na *rua verde*, levaram também o capitão; tinham-no demitido do seu posto e mandado para o Cáucaso, como simples soldado.

Capítulo 10 — A Festa do Natal

As festas do Natal aproximavam-se finalmente. Na véspera do grande dia os forçados quase não foram trabalhar. Aqueles que trabalhavam nas oficinas de costura e outras encaminharam-se para elas, como de costume; os restantes dirigiram-se para os trabalhos forçados, mas voltaram quase imediatamente ao presídio, um a um ou aos grupos. Depois do jantar ninguém mais trabalhou. Desde pela manhã que a maior parte dos forçados só se preocupavam com as suas próprias coisas, e não com as do presídio: uns providenciavam para que não lhes faltasse a aguardente, encomendando novas remessas, ao passo que outros pediam licença para ir ver os seus compadres e as suas comadres, ou procediam à cobrança das pequenas quantias que lhes deviam por trabalhos feitos. Baklouchine e os forçados que tomavam parte no espetáculo procuravam convencer alguns dos seus conhecidos, quase todos impedidos de oficiais, para que lhes emprestassem as roupas de que necessitavam.

Uns iam e vinham, com um ar atarefado, só porque outros se apressavam e esfalfavam: não tinham nenhum dinheiro a receber e no entanto pareciam aguardar algum pagamento; numa palavra, estavam todos na espectativa de assistir a qualquer mudança, a qualquer acontecimento extraordinário. Para a tarde, os inválidos, que tinham ido fazer as compras para os forçados, trouxeram toda a espécie de vitualhas: carne de vaca, leitões, patos... Muitos dos presos, mesmo os mais modestos e económicos que amealhavam todo o ano os seus poucos *kopeks,* consideravam um dever fazer a despesa desse dia, festejando condignamente a consoada. O dia seguinte seria para os forçados uma verdadeira festa à qual tinham direito, pois esta festa era reconhecida por lei. Neste dia os presos não podiam ser mandados para os trabalhos forçados; havia apenas três dias iguais durante o ano.

Quem poderá dizer as recordações que tumultuavam nas almas desses réprobos, ao aproximar-se tal solenidade? Desde a infância os humildes guardam sempre uma indelével lembrança das grandes festas. Deviam recordar-se, decerto com tristeza e amargura, desses dias em que

descansavam dos pesados trabalhos no seio consolador da família. O respeito dos forçados por este dia tinha alguma coisa de solene: os amigos de estroinices tornavam-se pouco numerosos, pois quase todos se mantinham sérios e por assim dizer ocupados, se bem que a maior parte nada tivesse que fazer. Mesmo aqueles que se permitiam divertir-se mantinham um ar grave e sério. Dir-se-ia que o riso tinha sido interdito. Reinava em todo o presídio uma espécie de suscetibilidade intolerante, e se alguém, mesmo involuntariamente, perturbava o sossego geral, faziam-no logo entrar na ordem, gritando ou praguejando, como se tivesse faltado ao respeito devido a tal festa. Esta maneira de proceder dos forçados era digna de nota e até comovedora. Além da veneração inata que têm por este dia, supõem que, observando esta festa, estão em comunhão com o resto do mundo, que não são em absoluto considerados réprobos, perdidos, rejeitados pela sociedade, por quanto no presídio esta data é na mesma celebrada como lá fora. Sentem tudo isto, tal como pude ver e compreender por mim mesmo.

Akim Akimytch tinha feito também grandes preparativos para a festa. Não tinha recordações de família, visto qua ficara órfão logo ao nascer numa casa estranha e entrara para o serviço dessa casa desde os quinze anos; nunca sentira grandes alegrias, tendo sempre vivido com regularidade, uniformemente, no receio de faltar ao cumprimento dos deveres que lhe eram impostos. Não era muito religioso, visto que o seu formalismo lhe comprimira todos os seus dons humanos, todas as suas paixões e inclinações, boas ou más. Preparava-se portanto para festejar o Natal sem se preocupar ou comover muitíssimo; nenhuma lembrança pesarosa ou inútil o contristava; fazia tudo com a pontualidade bastante para cumprir convenientemente os seus deveres ou para celebrar uma cerimónia estabelecida e aceite por todos. Por outro lado não gostava muito de refletir. A importância de um facto, em si mesmo, nunca lhe preocupara o espírito, ao passo que executava com uma minúcia religiosa as regras que lhe impunham. Se lhe ordenassem no dia seguinte para fazer o contrário do que fizera na véspera, obedeceria com a mesma submissão e o mesmo escrúpulo que havia mostrado no dia anterior. Somente uma vez quis proceder conforme a sua vontade — e por isso o mandaram para os trabalhos forçados. Esta lição nunca mais a esqueceu. E posto fosse estabelecido que ele não devia nunca compreender a sua falta, deduzira no entanto dessa sua aventura uma regra de moral salutar: não raciocinar

nunca, quaisquer que fossem as circunstâncias, porque o seu espírito não estava nunca à altura de julgar qualquer assunto. Cumprindo cegamente as cerimónias, olhava com respeito o pequeno leitão, que ele mesmo assara e recheara com farinha de aveia (pois tinha alguns conhecimentos culinários) como se não se tratasse de um vulgar leitão, que se podia comprar e assar em qualquer ocasião, mas sim de um leitão especial, nascido especialmente para a festa do Natal. Talvez estivesse habituado, desde a sua mais tenra infância, a ver nesse dia, sobre a mesa, um leitão, de onde concluíra que este era indispensável para celebrar dignamente a festa. Estou até convencido que se, por desgraça, não comesse neste dia desta carne teria durante toda a vida o remorso de não ter cumprido o seu dever. Até ao dia de Natal trouxe a sua velha túnica e umas calças muito velhas, as quais, apesar dos infinitos remendos, já mostravam de há muito o fio. Vim a saber então que guardava com todo o cuidado na sua caixa o novo uniforme, que lhe fora entregue quatro meses antes e no qual ainda não tocara, só com o fim de o estrear no dia de Natal. E foi o que fez. Na véspera tirou a roupa nova da caixa, desdobrou-a, examinou-a, limpou-a, soprou-lhe a poeira e, estando tudo em ordem, experimentou-a previamente. A roupa estava-lhe um primor: todas as peças lhe caíam bem, a túnica abotoava até ao pescoço e a gola, direita e dura como o papelão, mantinha-lhe o queixo levantado; de longe quase parecia um militar. Akim Akimytch sorria satisfeito, mirando-se e remirando-se, todo vaidoso, diante do espelho que ele mesmo ornara, havia muito, com uma moldura dourada. Apenas um colchete da túnica parecia não estar no seu lugar; Akim Akimytch notou-o e resolveu mudá-lo; quando acabou, provou-a de novo: estava irrepreensível. Voltou a dobrar o uniforme como estava antes, com toda a calma, e fechou-o de novo na caixa até ao dia seguinte. A cabeça estava suficientemente rapada, mas após um demorado exame certificou-se que não estava lisa em absoluto: os cabelos tinham já crescido um pouco. Dirigiu-se logo ao «major» a fim de que este o rapasse a preceito, conforme o regulamento. Na verdade, ninguém iria pensar em o examinar no dia seguinte; ele, porém, é que procedia assim por descargo de consciência, porque queria nesse dia cumprir com todos os seus deveres. Esta veneração pelo mais pequeno botão, pelo menor cordão da ombreira, pelo menor alamar, gravou-se-lhe no espírito como um dever imperioso e no coração como a imagem da mais perfeita beleza a que pode e deve chegar um homem que se preza. Na sua qualidade de «veterano» da

caserna providenciava para que trouxessem o feno e o espalhassem pelo soalho. A mesma coisa se fazia nas outras casernas. Não consegui saber por que razão espalhavam sempre feno pelo chão no dia de Natal. Uma vez terminado o seu trabalho, Akim Akimytch rezava as suas orações, estendia-se na tarimba e adormecia num sono tranquilo de infância, para se levantar no dia seguinte o mais cedo possível. Os outros forçados faziam da mesma forma. Todos se deitavam mais cedo do que costumavam. Nos trabalhos normais da noite ninguém lhes tocava; quanto a jogarem às cartas, nenhum se atrevia a falar em tal. Todos aguardavam, impacientes, a manhã seguinte.

Chegou, por fim, essa manhã! Muito cedo, antes mesmo do romper do dia, o tambor tocou a alvorada e o sargento, que entrou para fazer a contagem dos forçados, desejou-lhes umas «boas-festas». Retribuíram-lhes no mesmo tom afável. Akim Akimytch e muitos outros, que tinham comprado os seus patos e os seus leitões, abalaram a toda a pressa para a cozinha, depois de terem rezado a correr as suas orações, para verem onde lhe tinham posto as suas comidas e como é que as iam preparar. Pelas pequenas janelas da nossa caserna, meias ocultas pela neve e pelo gelo, via-se flamejar nas trevas o fogo vivo das duas cozinhas, cujos seis fogões estavam acesos. No pátio, ainda escuro, os forçados, com a meia peliça deitada sobre os ombros ou já todos vestidos, comprimiam-se para os lados da cozinha. Alguns, entretanto — um pequeno número — já tinham ido visitar as cantinas. Eram os mais impacientes. Todos se comportavam com decência, sossegadamente, muito melhor do que nos outros dias. Não se ouviam nem as discussões nem as injúrias habituais. Cada qual se compenetrava de que era um grande dia, uma grande festa, e alguns deles mesmo iam até às outras casernas apresentar as boas-festas aos seus conhecidos. Nesse dia parecia ter-se estabelecido entre todos uma espécie de amizade. Cumpre dizer de passagem que os forçados, no presídio, não têm quase nunca relações, nem gerais nem particulares; é muito raro que um forçado estabeleça amizade com outro, como fazemos cá fora. Somos, em geral, ríspidos e secos nas nossas recíprocas relações, com pouquíssimas exceções; era uma regra adotada desde há muito. Saí também da caserna; o dia começava a clarear, as estrelas empalideciam e uma ligeira névoa congelada elevava-se subtilmente da terra, e das chaminés saíam espirais de fumo. Alguns presos, com quem me encontrei, desejaram-me com afabilidade umas boas-festas. Agradeci-lhes,

desejando-lhes umas iguais. Alguns deles nunca me tinham dirigido até aí a palavra.

Perto da cozinha, um forçado da caserna militar, com a capa ao ombro, veio ao meu encontro. Tendo-me avistado do meio do pátio, gritou-me: «Alexandre Petrovitch! Alexandre Petrovitch!» Corria apressado para o lado da cozinha. Parei para o atender. Era um mancebo de rosto redondo, olhos meigos, mas pouco comunicativos; não me havia falado nunca, desde a minha entrada no presídio, e nem sequer me ligara a menor atenção, nem sequer mesmo lhe sabia o nome. Acorreu todo ofegante, colocou-se diante de mim a olhar-me com um sorriso alvar, mas com um ar de felicidade.

— Que desejas? — perguntei-lhe eu, um tanto admirado. Manteve-se diante de mim, sempre a sorrir, olhando-me com todo o interesse, sem no entanto dizer o que queria.

— Como é então? Hoje é dia de festa! — exclamou ele. E compreendendo que nada mais me tinha a dizer, deixou-me para correr a toda a pressa para a cozinha.

Observei que, depois deste incidente, poucas vezes voltámos a encontrar-nos sem que no entanto dirigíssemos mais a palavra um ao outro até à minha saída da prisão.

Na cozinha, em volta das panelas fumegantes, os presos formigavam, azafamados, acotovelando-se. Cada qual cuidava dos seus petiscos, enquanto os cozinheiros preparavam a refeição normal do presídio, porque nesse dia o jantar devia ser servido um pouco mais cedo do que o costume. Ninguém tinha ainda comido, se bem que todos sentissem algum apetite, mas era necessário observar as respetivas conveniências. Esperavam o padre e só depois da chegada deste é que cessaria o jejum. Ainda não era dia claro quando se ouviu o cabo gritar, atrás do portão da fortaleza: «Os cozinheiros!» Estes gritos repetiram-se, de contínuo, por espaço de duas horas. Reclamavam-se os cozinheiros para irem receber as esmolas trazidas de todos os cantos da cidade, em grande quantidade: eram bocados de pão branco, queijadas, coscoréis, bolos folhados e outros pastéis com manteiga. Suponho que não havia em toda a cidade uma vendedeira ou burguesa que não mandasse alguma coisa aos «desgraçados». Entre essas esmolas havia algumas ricas, como pães de farinha flor, em grande número; havia por outro lado umas mais modestas, como um bocado de pão branco de dois *kopeks,* ou dois *changhi* pretos

apenas cobertos de um creme azedo; era a lembrança do pobre para o pobre e com a qual havia despendido o seu último *kopek.* Porém tudo era aceite com o mesmo reconhecimento, sem distinção de valor ou de ofertantes. Os forçados que recebiam as esmolas descobriam-se, saudavam os dadores, agradeciam-lhes e desejavam-lhes umas boas-festas; depois as esmolas eram levadas para a cozinha. Quando havia um grande número de pães, chamavam os mais antigos de cada caserna, os quais dividiam o todo em partes iguais pelas secções. Esta partilha não provocava discussões nem injúrias! Procediam honesta e equitativamente. Akim Akimytch, auxiliado por um outro preso, dividia pelos forçados da nossa caserna o lote que nos coubera, repartindo por cada um o que lhe vinha vinda às mãos. Todos se sentiam satisfeitos, não se ouvia uma única reclamação nem se manifestava nenhum desejo de tal fazer; a ninguém acudia a ideia de uma fraude. Quando Akim Akimytch terminou as suas ocupações na cozinha, procedeu religiosamente às suas lavagens e começou a vestir-se com solenidade, apertando, sem exceção de um só, todos os colchetes da sua túnica; uma vez vestido o uniforme novo, pôs-se a rezar durante bastante tempo. Muitos dos presos cumpriam os seus deveres religiosos, mas os que tal faziam eram na sua maioria os mais velhos; os mais novos quase não rezavam nunca; quando muito, persignavam-se ao levantar e ainda isto só nos dias santificados. Akim Akimytch, ao terminar as suas orações, aproximou-se de mim para me apresentar os cumprimentos do estilo. Convidei-o a tomar chá, ao que ele retribuiu, com toda a delicadeza, oferecendo-me do seu leitão. Pouco tempo depois chegou Petrov, que veio por sua vez apresentar-me as suas congratulações. Estou em crer que já tivesse bebido alguma coisa e, tal como de costume, sempre apressado, não conversou por muito tempo; ficou de pé diante de mim alguns instantes e depois dirigiu-se para a cozinha. Nesta altura, na caserna da secção militar preparavam-se para receber o padre. Esta caserna não era de construção igual às outras; as tarimbas estavam dispostas ao longo da parede e não no meio da sala, como nas restantes; era a única cujo centro estava desocupado. Fora talvez assim construída para, em caso de urgência, poderem ali reunir todos os forçados. No centro da sala encontrava-se uma pequena mesa; haviam colocado nela uma imagem e diante desta acenderam uma pequena lamparina. O padre chegou por fim com a cruz e a água benta. Rezou e cantou diante da imagem; depois voltou-se para o lado dos forçados, os quais, um após outro, vieram beijar

a cruz. Em seguida percorreu todas as casernas, que aspergiu com água benta; quando chegou à cozinha elogiou o pão do presídio, que gozava de boa fama em toda a cidade. Os presos manifestaram logo por isso desejos de lhe mandarem dois pães frescos ainda quentes, pelo que um inválido ficou encarregado de lhos levar imediatamente. Feito isto, os forçados reconduziram a cruz com o mesmo respeito com que a tinham trazido. Quase logo em seguida chegaram o major e o comandante. Este era muito mais estimado e respeitado pelos presos. Percorreu todas as casernas em companhia do major, desejou aos forçados um alegre Natal, entrou na cozinha e provou a sopa de couves azedas. Estava deliciosa nesse dia; cada preso tinha direito também nesse dia a quase meio quilo de carne e tinham preparado ainda papas de farinha de milho miúdo, nas quais haviam deitado manteiga com abundância. O major acompanhou o comandante até ao portão e depois ordenou que servissem o jantar aos presos. Estes esforçavam-se porque não lhes pusesse a vista em cima, como costumavam dizer. Evitavam-lhe o olhar malévolo e sempre inquiridor, por trás dos óculos, errando da direita para a esquerda, como se procurasse uma desordem para reprimir ou um culpado para castigar.

Jantámos. O leitão de Akim Akimytch estava muitíssimo bem preparado. Não posso explicar como, cinco minutos após a saída do major, havia já um grande número de presos bêbados quando há pouco, na sua presença, estavam todos ainda no seu estado normal. Os carões vermelhos e lustrosos eram bastantes; as balalaicas fizeram logo a sua aparição. O rapaz polaco seguia já, tocando no violino, atrás de um pândego que o havia contratado por todo o dia e para o qual tocava as danças mais alegres. As conversas tornaram-se cada vez mais estridentes e tumultuosas. O jantar terminou no entanto sem grandes desordens. Todos se sentiam empanturrados. Alguns forçados, mais velhos e todos circunspectos, foram-se logo deitar, tal como fez Akim Akimytch, que com certeza supunha que devia deitar-se após o jantar dos dias de festa. O velho-crente de Starodoub, depois de ter dormido uma ligeira soneca, colocou-se sobre o fogão e abriu o livro: rezou durante todo o dia e mesmo grande parte da noite sem um momento de interrupção. O espetáculo desta «pouca vergonha» constrangia-o muito, segundo ele dizia. Todos os Tcherkesses foram sentar-se no limiar da porta da caserna; olhavam para todos com curiosidade, mas ao mesmo tempo com um ar de desgosto por verem toda aquela gente bêbada. Encontrei-me com Nourra: «*Aman*,

Aman», disse-me ele com um entusiasmo de honesta indignação e levantando a cabeça. «*Ouh! Aman*! Alá há de zangar-se!» Içaï Fomitch acendeu no seu canto uma vela, com um certo ar de arrogância e teimosia, e pôs-se a trabalhar para dar a entender que, para ele, esse dia não era santificado. Organizavam-se, aqui e ali, pequenas bancas de jogo. Os forçados não receavam os inválidos; mas colocavam no entanto sentinelas para o caso do sargento chegar de improviso, o qual também fingiria nada ver. O oficial da guarda fazia apenas três rondas; os presos embriagados escondiam-se depressa e as cartas desapareciam num abrir e fechar de olhos; creio contudo que havia decidido não se incomodar com as desordens de pequena importância. Naquele dia não era crime estar-se embriagado. Pouco a pouco todos se iam alegrando. As altercações começavam. A maioria porém mantinha o seu sangue-frio e divertia-se, na verdade, rindo-se daqueles que haviam apanhado uma bebedeira completa. Estes bebiam sem medida. Gazine, triunfante, passeava satisfeito em volta da tarimba, por baixo da qual ocultara a aguardente depois de a ter enterrado na neve, por trás das casernas, num sítio secreto; ria astuciosamente ao ver chegar os consumidores, em multidão. Estava em absoluto no seu juízo e ainda não tinha bebido nada, pois só tencionava embebedar-se no último dia de festa, após ter aliviado por completo os bolsos dos companheiros. O entoar das canções ecoava pelas casernas. A embriaguez tornara-se infernal e as cantigas comoviam até às lágrimas. Os presos passeavam aos grupos, fazendo vibrar, com um ar arrogante, as cordas das suas balalaicas e com a capa atirada num gesto negligente para os ombros. Na secção particular organizou-se até um coro de oito ou dez vozes. Cantavam de uma forma ordenada, com o acompanhamento de violões e balalaicas. As canções verdadeiramente populares eram raras. Recordo-me apenas de uma, dita com admirável expressão:

Ontem, eu ainda rapaz,
Encontrava-me no festim...

Foi no presídio que ouvi uma variante para mim até então desconhecida. No fim da canção haviam-lhe acrescentado alguns versos:

Na minha mocidade,
Em tudo trabalhei.

Eu lavava as colheres;
Eu entornava sopa de couve;
Eu raspava os alizares das portas;
Eu cozia os pastéis.

No entanto o que sobretudo se cantava, eram as canções dos «forçados». Uma delas, «*Ele chegou…*», toda humorística, contava como um homem se divertia e levava uma vida de grande senhor, e como depois o mandaram para o presídio. Então saboreava o seu «manjar branco com champanhe», ao passo que no presídio

Só me dão couves com água,
que eu como, lambendo os beiços.

A canção seguinte, muito conhecida, estava muito em moda nessa altura:

Noutros tempos eu vivia,
Garoto ainda, mas divertia-me
E tinha o meu capital...
O meu capital, garoto ainda, perdi-o
E depois vim viver para o cativeiro..., etc.

Apenas não se dizia *capital*, entre nós, mas sim *copital,* que se fazia derivar do verbo *copit* (entesourar). Havia também canções melancólicas. Uma destas, muito conhecida, segundo creio, era uma verdadeira canção de forçados:

A luz celeste resplandece,
O tambor rufa à alvorada,
O veterano abre a porta,
O escriturário vem-nos chamar.
Não se vê através das muralhas,
Nem como nós vivemos aqui.
Deus, o criador celeste, está connosco,
Nós não pereceremos aqui..., etc.

Uma outra canção ainda mais melancólica e cuja melodia era soberba tinha uma letra sem gosto e bastante incorreta. Lembro-me de alguns versos:

O meu olhar não verá mais o país
Onde eu nasci;
A sofrer tormentos imerecidos
Fui condenado toda a vida.
O mocho chorará sobre o telhado
E ressoará por toda a floresta.
Tenho o coração pungido de tristeza
Não irei mais lá baixo.

Cantam-na muitas vezes, mas não em coro, sempre só. Assim, quando os trabalhos estão acabados, um preso sai da caserna e senta-se no vão da porta põe-se a meditar, o queixo apoiado nas mãos, e canta, arrastando a voz num elevado falsete. Ouvem-na os companheiros e o coração confrange-se-lhe. Tínhamos boas vozes entre os forçados.

Entretanto o crepúsculo caía. O tédio, a tristeza e o desalento reapareciam através da embriaguez e da intemperança. O preso que uma hora antes ria às gargalhadas soluçava agora a um canto, bêbado até mais não poder ser. Alguns outros já tinham altercado várias vezes ou andavam aos ziguezagues pelas casernas, muito pálidos, procurando uma questão. Aqueles a quem a embriaguez dava para a tristeza, procuravam os amigos para com eles desafogar as suas mágoas e chorar as suas dores de bêbados. Toda esta pobre gente queria divertir-se, passar alegremente a grande festa — mas, santo Deus, como tal dia foi penoso para todos! Haviam passado este dia na esperança de uma vaga felicidade que se não realizara. Petrov veio junto de mim por duas vezes; como bebera pouco, estava no seu juízo; mas até ao último instante aguardava alguma coisa que devia chegar fatalmente, alguma coisa extraordinária, alegre e divertida. Se bem que não dissesse nada, lia-se-lhe no olhar. Andava de caserna em caserna sem se fatigar. Nada sucedeu, à parte a bebedeira geral, as injúrias idiotas dos bêbados e a prostração costumada destas cabeças inflamadas. Sirotkine não parava também, trazendo vestida uma camisa vermelha, toda nova, andando de caserna em caserna, bonito rapaz como sempre e muito asseado; aguardava também alguma coisa de extraordinário, na sua doce

ingenuidade. Pouco a pouco o espetáculo tornava-se insuportável, repugnante, de causar náuseas; havia no entanto algumas coisas que provocavam o riso, mas eu sentia-me triste sem saber o motivo. Dominava-me uma profunda piedade por todos aqueles homens e sentia-me como que estrangulado ou sufocado no meio deles. Perto de mim dois forçados injuriavam-se para saber qual deles divertiria o outro. Discutiam há já algum tempo; terminaram por se atirarem um ao outro. Um deles tinha desde há muito uma grande má vontade contra o companheiro: lamentava-se, gaguejando, e pretendia provar que o companheiro procedera incorretamente, vendendo no ano anterior uma peliça e escondendo em seguida o dinheiro. E depois havia mais alguma coisa... O queixoso era um grande latagão; deveras musculoso, sossegado, inteligente, mas que, quando bêbado, tinha a mania de se agarrar a um amigo e desabafar com ele a sua dor. Injuria o adversário ao expor-lhe os seus queixumes, na intenção de mais tarde se reconciliar com ele. O outro, um homem também forte, entroncado, de rosto redondo, esperto como uma raposa, tinha talvez bebido mais que o companheiro, se bem parecesse apenas um pouco toldado. Era um forçado honesto e, segundo se dizia, tinha algum dinheiro; é provável que não tivesse nenhum interesse em irritar o companheiro, pois o havia convidado para irem à taberna; o amigo expansivo assegurava-lhe que ele lhe devia dinheiro e que apenas lhe aceitaria o convite para beber «se ele se chamava tão somente um homem honesto».

O taberneiro, não sem algum respeito pelo consumidor, fez uma redução de preço ao amigo expansivo porque este bebia à custa do outro e consolava-se todo, pegando num copo e enchendo-o de aguardente.

— Não, Stepka, tu é que deves pagar, porque me deves dinheiro.

— Oh, não quero gastar a língua a explicar-te! — respondeu Stepka.

— Não, Stepka, tu mentes — afirmou o primeiro, pegando no copo que o taberneiro lhe estendeu. — Deves-me dinheiro. É preciso que não tenhas consciência. Olha, os teus próprios olhos não são teus, pediste-os emprestados, como pedes emprestado tudo! Canalha! Sabes, Stepka... numa palavra, és mesmo um canalha!

— Que estás para aí a grunhir? Olha que entornas a aguardente! Já que ta pagam, bebe e regala-te! — gritou o taberneiro ao amigo expansivo. — Não vou estar aqui até amanhã à tua disposição!

— Hei de beber, não tenhas medo. Mas para que estás aí a gritar? Desejo-te que tenhas as melhores festas, Stépane Doroféitch! — exclamou ele de copo na mão, inclinando-se com toda a delicadeza para o lado onde estava Stepka, a quem minutos antes havia tratado de canalha. — Comporta-te bem e vive cem anos, sem contar aqueles que já viveste! — E bebeu de um trago, soltando um suspiro de satisfação e lambendo os lábios. — Noutros tempos também bebia aguardente! — acrescentou com um ar sério, cheio de gravidade, falando para toda a gente, sem se dirigir a ninguém em particular. — Porém agora o meu tempo acabou. Agradece-me, Stépane Doroféitch!

— Não há de quê.

— Ah, não queres agradecer-me? Então direi a toda a gente aquilo que me fizeste. Além de seres um grande canalha, dir-te-ei...

— Muito bem! Eu por mim chamar-te-ei um vilão focinho de bêbado! — interrompeu-o Stepka, a quem já ia faltando a paciência. — Ouve-me e com muita atenção: dividamos o mundo em dois, tomando tu uma metade e eu a outra, e depois deixa-me em paz.

— Então não me queres dar o meu dinheiro?

— Que dinheiro queres tu ainda, meu borracho!?

— Quando tu... mo quiseres dar no outro mundo, toma nota!, não to aceitarei. O nosso dinheiro é o suor do nosso rosto, são os calos que trazemos nas mãos. Hás de arrepender-te no outro mundo, onde te hão de assar por causa desses cinco *kopeks*.

— Vai para o diabo!

— Para que estás a chicotear-me? Não sou nenhum cavalo.

— Vai-te! Vai-te embora!

— Canalha!

— Forçado!

E as injúrias continuavam, muito mais fortes do que antes da festa.

Dois amigos estavam sentados separadamente nas suas tarimbas. Um era alto, forte, bastante gordo, um verdadeiro magarefe, de rosto avermelhado. Estava quase a chorar, tão grande era a sua comoção. O outro era vaidoso, franzino, delicado, com um grande nariz que parecia nunca deixar de andar constipado, e uns olhos pequenos e azuis sempre fixos no chão. Era um homem educado e de uma certa instrução, tendo sido outrora secretário. Tratava o amigo com um certo desdém, o que

desagradava muito ao companheiro. Haviam bebido juntos durante todo o dia.

— Tomou uma certa liberdade comigo! — gritou o mais gordo, abanando fortemente com a mão esquerda a cabeça do outro. «Tomou uma certa liberdade» significava bater. Este forçado, antigo sargento, invejava no íntimo a magreza do seu vizinho. Ambos procuravam pôr o máximo esmero e elegância nas suas conversas.

— Digo-te que não tens razão... — obtemperou num tom dogmático o secretário, de olhos teimosamente fitos no chão, com um ar grave e sem contudo ver o seu interlocutor.

— Mas ele bateu-me, ouviste! — continuou o outro, abanando ainda com mais força o amigo. — És o único amigo que tenho aqui, entendes? Por isso te disse: tomou uma certa liberdade comigo.

— E eu repito que essa tua justificação só te pode envergonhar, meu caro! — replicou o secretário, na sua vozinha aflautada e cortês. — Confessa antes, meu caro, que toda esta tarde de bebedeira provém da tua própria inconstância.

O amigo corpulento estremeceu e recusou, filando, mal-humorado, com os seus olhos de bêbado, o satisfeito secretário. De repente, com toda a força da sua manápula de hércules, deu-lhe no rosto uma formidável bofetada. Assim terminou naquele dia a amizade entre os dois. O caro amigo desapareceu debaixo das tarimbas, perdido...

Um dos meus conhecidos entrou na nossa caserna. Era um forçado da secção particular, bondoso em extremo, alegre, rapaz que nada tinha de estúpido, muito simples, amigo de gracejar sem má intenção. Era o mesmo que, a quando da minha chegada ao presídio, procurava um camponês rico e declarava que tinha o seu amor-próprio, e havia terminado por beber do meu chá. Tinha quarenta anos, uns lábios muito grossos e um nariz carnudo e cheio de borbulhas. Trazia com ele uma balalaica onde dedilhava qualquer coisa. Acompanhava-o um outro forçado, baixo, de cabeça grande, que eu quase não conhecia e que passava despercebido aos olhos de todos. Seguia-o como se fosse a sua sombra. Era muito original, desconfiado e andava sempre taciturno e sério; trabalhava na oficina de costura e esforçava-se por viver isolado, sem se ligar a ninguém. Agora que estava bêbado, juntara-se ao Varlamof, não o deixando um segundo sequer, seguindo-o deveras comovido, gesticulando, batendo com o punho pelas paredes e tarimbas, quase a chorar. Varlamof prestava-lhe tanta

atenção, como se ele não existisse. E o mais curioso é que entre estes dois homens não havia a menor afinidade: nem as suas ocupações, nem os seus caracteres eram semelhantes. Pertenciam a secções diferentes e viviam em diferentes casernas. Este forçado chamava-se Boulkine.

Varlamof sorriu ao ver-me sentado no meu lugar, junto do fogão. Parou a alguns passos de distância, refletiu um instante, titubeou um pouco e veio direito a mim, a passos desiguais, mas afetando um ar arrogante; agitou as cordas do instrumento e pôs-se a cantarolar, batendo ligeiramente o compasso com a bota, numa toada de recitativo:

A minha querida,
Com um rosto cheio e branco,
Canta como um abelharuco;
Com o seu vestido de cetim,
De brilhante guarnição,
É muito bonita.

Esta canção fez exaltar Boulkine, porque agitou os braços e gritou, dirigindo-se a toda a gente.

— Mente, meus irmãos, mente como um arrancador de dentes. Não há uma ponta de verdade em tudo quanto diz.

— Os meus respeitos ao velho Alexandre Petrovitch! — exclamou Varlamof, olhando-me com um riso velhaco; creio mesmo que pensou em me abraçar. Estava bêbado. Quanto à expressão, «os meus respeitos ao velho tal», é empregada pela gente do povo de toda a Sibéria, mesmo quando se dirigem a um rapaz de vinte anos. A palavra «velho» indica respeito, veneração ou lisonja e emprega-se apenas para com as pessoas honradas e dignas.

— Ora viva, Varlamof! Como tem passado?

— Assim, assim! Vai-se andando. O que se sente na verdade feliz com esta festa está bêbado desde pela manhã. Desculpe-me!

Varlamof falava com esforço.

— Mente! Mente de novo! — exclamou Boulkine, dando murros nas tarimbas, numa espécie de desespero. Poder-se-ia afirmar que Varlamof dera a sua palavra de honra de não ligar a mínima atenção ao companheiro; e era isto justamente o que havia de mais cómico, porque o Boulkine não se separara um instante do Varlamof, desde pela manhã, isto

sem nenhum motivo, apenas porque este mentia, em seu entender. Seguia-o como uma sombra, procurava contrariá-lo a cada palavra, torcia as mãos, batia com os punhos nas paredes e nas tarimbas a ponto de se ferir e sofria, sofria visivelmente com a convicção que tinha, de que o Varlamof «mentia como um arrancador de dentes». Se tivesse cabelos na cabeça, arrancá-los-ia com certeza, tão grande era a sua dor, a sua profunda mortificação. Dir-se-ia que havia tomado o compromisso de responder pelos atos do Varlamof e que todos os desatinos por este cometidos lhe torturavam a consciência. O interessante, no entanto, é que Varlamof continuava a não dar atenção à comédia do Boulkine.

— Mente! Mente! Mente! Nada disso é verdade! — gritava Boulkine.

— Mas que é que tens tu com isso? — perguntaram-lhe, a rir, os forçados.

— Digo-lhe, Alexandre Petrovitch, que fui um bonito rapaz, quando jovem, e que as moças gostavam muito de mim, gostavam… — disse-me de repente Varlamof, fora de todo o propósito.

— Mente! Está ainda a mentir! — interrompeu Boulkine, soltando um forte gemido. Os forçados fizeram ouvir grandes gargalhadas.

— E eu envaidecia-me todo diante delas; tinha uma camisa vermelha, umas calças largas de pelúcia e dormia quando queria, como o conde Bouteille; numa palavra, fazia tudo quanto me apetecia.

— Ele mente! — exclamou com energia Boulkine.

— Havia herdado então de meu pai uma casa de cantaria, de dois andares. Pois bem, em dois anos deitei abaixo os dois andares e resta-me agora apenas a porta da cocheira, sem colunas nem alizares. Que quer? O dinheiro é como os pombos, vem e depois desaparece.

— Ele mente! — exclamou Boulkine com mais energia ainda.

— Quando cheguei aqui, uns dias depois, mandei uma carta aos meus parentes, pedindo-lhes para que me mandassem algum dinheiro. Chamavam-me irreverente, porque diziam que eu havia procedido contra a sua vontade. Já passaram sete anos desde que mandei essa carta!

— E não responderam? — perguntei eu, sorrindo.

— Oh, não! — exclamou ele, rindo também e aproximando cada vez mais o seu nariz do meu rosto. — Tenho aqui uma namorada, Alexandre Petrovitch!

— Tens aqui uma namorada?!

— Onuphrief dizia, não há muito tempo: «A minha é bexigosa e feia como não podes imaginar, mas tem muitos vestidos; já a tua é bonita, mas é uma mendiga, toda esfarrapada».

— E isso é verdade?

— Assim Deus me salve!... mas é mendiga! — confirmou ele. Depois soltou uma risada surda e todos se riram também. Eles sabiam, de facto, que estava ligado a uma mendiga, à qual dava dez *kopeks* de seis em seis meses.

— Mas afinal que queres de mim? — perguntei-lhe eu, pois já me estava aborrecendo a conversa.

Calou-se, fitou-me, juntou os lábios fazendo beicinho e disse-me com ternura:

— Não me oferece por tudo isto qualquer coisa para eu beber, um meio litro? Só tenho bebido chá durante todo o dia — acrescentou num tom gracioso, pegando no dinheiro que eu lhe dava. — E quer acreditar que esse chá me fez tanto mal que me tornei um asmático... Tenho a barriga a gorgolejar como... uma garrafa com água!

E como guardasse o dinheiro que eu lhe tinha dado, o desespero de Boulkine ultrapassou todos os limites e começou a gesticular como um possesso.

— Meus senhores — gritava ele para todos os presos, boquiabertos — que quereis vós? Ele mente! Tudo quanto diz, tudo, tudo é mentira!

— Mas que é que tens tu com isso? — gritavam-lhe os forçados, admirados com toda esta iracúndia. — És parvo!

— Não consinto que ele minta —continuou Boulkine, revirando os olhos e descarregando com toda a força punhadas nas tábuas das tarimbas. — Não quero que ele minta!

Todos se riram. Varlamof saudou-me depois de ter recebido o dinheiro e despediu-se dos outros, fazendo caretas, dando-se pressa em ir até à taberna. Só então é que reparou em Boulkine.

— Vamos lá! — disse-lhe ele, parando no limiar da porta da caserna como se este lhe fosse necessário para a execução de algum projeto. — Palerma! — acrescentou com desprezo, fazendo passar Boulkine à sua frente. E recomeçou a atormentar as cordas da balalaica.

Mas para quê descrever todo este desregramento! Este dia sufocante terminou por fim. Os forçados adormeceram pesadamente nas tarimbas. Falavam e deliravam durante o sono, ainda mais que nas outras noites.

Aqui e ali ainda se jogavam às cartas. A festa tão impaciente e longamente esperada havia terminado. E amanhã de novo o trabalho quotidiano, de novo os trabalhos forçados...

Capítulo 11 — A Representação

Na noite do terceiro dia das festas teve lugar a primeira representação do nosso teatro. Para a sua completa organização não haviam faltado dificuldades; os atores porém haviam tomado sobre si todos os encargos. Os outros forçados ignoravam onde se realizaria o próximo espetáculo ou os trabalhos que se faziam. Não sabíamos mesmo ao certo o que se iria representar. Durante esses três dias, os atores, ao dirigirem-se para o trabalho, empregavam todos os esforços para reunir a maior variedade possível de trajes. Cada vez que encontrava o Baklouchine, este fazia estalar os dedos de satisfação, mas nada me confidenciava. Parecia que o major andava bem-humorado. Ignorávamos, de resto, por completo se ele tinha conhecimento do espetáculo, se o havia autorizado ou se tinha resolvido calar-se e fechar os olhos sobre essas fantasias dos forçados depois de se ter certificado que tudo decorreria o melhor possível. Suponho que teria ouvido falar na representação, mas não quis meter-se nisso, porque compreendeu que tudo passaria a decorrer ao contrário se o proibisse; os forçados tornar-se-iam mais insubordinados ou embriagar-se-iam, e por isso era mais prudente que se ocupassem a fazer alguma coisa. É de crer que tivesse feito este raciocínio, pois era o mais natural. Pode-se mesmo dizer que se os forçados não tivessem o teatro durante as festas, ou qualquer coisa deste género, ter-se-ia tornado necessário à administração organizar qualquer distração. Porém como o nosso major se distinguia por ter sempre ideias inteiramente opostas às das outras pessoas, reconhecia-se que assumiria uma grande responsabilidade se afirmasse que tinha conhecimento do nosso projeto e que o autorizava. Um homem como ele pensa sempre em esmagar, em estrangular alguém, em arrebatar alguma coisa, em privar alguém de um direito, numa palavra, manter a ordem por todas as formas. Desta maneira é que ele era conhecido em toda a cidade. Era-lhe em absoluto indiferente que os vexames provocassem rebeliões. Para esses delitos havia os castigos (há muitas pessoas que pensam como o nosso major!); com os canalhas dos forçados só se deve empregar uma severidade impiedosa, cingindo-se à

aplicação rigorosa da lei — eis tudo! Estes incapazes executores da lei não compreendem que ao aplicar a lei sem a intervenção do espírito provocam de direito desordens. «É a lei que o diz, que mais quereis?» Admiram-se mesmo, com toda a sinceridade, que se exija deles, além da execução da lei, bom senso e discernimento. A última condição, sobretudo, parece-lhes supérflua; é para eles de um luxo revoltante, quase lhes parecendo um vexame, uma intolerância.

Fosse como fosse, o sargento-chefe não se opôs à organização do espetáculo e isto era o principal de que necessitavam os forçados. Estou em absoluto convencido de que, se durante as festas não ocorreu na prisão nenhuma desordem grave, nem questões sangrentas, nem roubos, deve-se atribuir à autorização concedida aos forçados para organizarem o espetáculo. Vi com os meus olhos a maneira como ocultavam os companheiros que tinham bebido demasiado, como os separavam nas suas rixas sob o pretexto de que a direção do presídio proibiria o teatro. O sargento exigiu aos forçados a sua palavra de honra de que se comportariam bem e que tudo decorreria da melhor maneira possível. Todos concordaram com alegria e cumpriram religiosamente a promessa; lisonjeava-os muitíssimo que acreditassem na sua palavra de honra. Temos a informar que esta representação não custava nada, absolutamente nada, à direção do presídio; não tinha nenhuma despesa a fazer. Os lugares não tinham sido marcados com antecedência, porque o teatro armava-se e desarmava-se em menos de um quarto de hora. O espetáculo devia durar cerca de hora e meia, e no caso de chegar de repente a ordem de cessar a representação, as decorações desapareciam num abrir e fechar de olhos. Os vestuários estavam guardados nas caixas dos forçados. Antes de dizer como fora construído o nosso teatro e quais os vestuários dos personagens, falarei do programa, isto é, das peças que os forçados se proponham representar.

Para dizer a verdade não havia programa escrito; fizeram-no apenas para a segunda e terceira representação. Baklouchine compusera-o para os senhores oficiais e outras nobres visitas que se dignassem honrar o espetáculo com a sua presença, a saber: o oficial da guarda, que veio uma só vez, o oficial de serviço encarregado dos guardas e por fim um oficial de engenharia. O programa foi escrito em honra destes nobres visitantes.

Supunham que a fama do nosso teatro se estenderia além da fortaleza e da própria cidade, tanto mais que em N... não havia nenhum teatro;

apenas representações de amadores e nada mais. Os forçados, como verdadeiras crianças, rejubilavam e sentiam-se lisonjeados com o mais insignificante sucesso. «Quem sabe?», dizia-se. «Pode ser que isto chegue ao conhecimento dos chefes e que estes venham ver; ficarão então sabendo o que valem os forçados, porque isto não é uma representação dada pelos soldados, com barcos flutuando, com ursos e bodes, mas sim por atores, por verdadeiros atores, que representavam comédias traçadas por escritores teatrais; em toda a cidade não havia um teatro igual! O general Abrocimof deu uma representação em sua casa, segundo se diz, e ainda haverá outra. Pois bem, que nos suplantem com os seus trajes, se são capazes! E quanto à *conversação,* ainda é uma coisa para ver! O próprio governador pode ouvir falar nisto — e quem sabe? Talvez venha também assistir. Não têm teatro na cidade!...»

Em suma, a fantasia dos forçados, sobretudo depois do êxito da primeira representação, ia até ao ponto de imaginarem que lhes distribuiriam recompensas, que lhes tornariam menos pesados os trabalhos forçados; porém, passados os primeiros momentos de exaltação, caíam em si e eram os primeiros a rir de boa vontade das suas fantasias. Não passavam de crianças, de verdadeiras crianças, se bem que tivessem quarenta anos. Conhecia muito por alto as peças da representação que se propunham dar e da qual não tinham programa. O título da primeira peça era *Philatka e Mirochka rivais.* Baklouchine, uma semana antes, vangloriara-se na minha presença que o papel de Philatka, que escolhera para ele, seria representado de maneira como ninguém ainda vira, nem mesmo nos palcos de S. Petersburgo. Passeava pelas casernas todo ufano da sua importância, todo arrogante, mas com os seus ares de bonomia, apesar de tudo. Se se lhe proporcionava qualquer ensejo para declamar «à teatral» algumas frases do seu papel, todos soltavam fortes gargalhadas, quer a parte declamada fosse para rir ou não, mas sim porque se esquecia sempre do que devia dizer. É preciso notar que os presos sabiam conter-se e manter uma compostura condigna; os que se entusiasmavam com as declamações de Baklouchine, eram apenas os mais novos, sempre mais atrevidos, ou então os mais proeminentes, aqueles cuja autoridade estava tão solidamente firmada, que não temiam exteriorizar com franqueza as suas impressões, quaisquer que elas fossem. Os outros escutavam calados as atoardas e as discussões, sem protestar nem contradizer, mas esforçando-se por mostrarem a sua indiferença e desdém pelo teatro. Isto

foi assim até ao último momento, até ao dia da representação, porque nessa altura todos passaram a interessar-se pelo que se iria ver, pelo que iriam fazer os companheiros. Perguntavam uns aos outros no que pensaria o major. O espetáculo alcançaria o mesmo êxito do que se tinha realizado há dois anos?, etc., etc. Baklouchine assegurou-me que todos os atores estavam «perfeitamente senhores dos seus papéis» e que haveria mesmo um pano de boca. O papel de Mirochka seria representado por Sirotkine. «Verá como fica bem, vestido de mulher», dizia ele, piscando-me o olho e fazendo estalar a língua contra o céu da boca. A proprietária benfeitora devia trazer um vestido com folhos e rendas, e uma sombrinha, entretanto que o proprietário traria uma farda de oficial com charlateiras e uma bengala. A peça dramática que devia ser representada em segundo lugar intitulava-se *Kedril*, *o glutão.* Este título intrigou-me muito e, por mais que eu inquirisse, não consegui saber nada a tal respeito. Soube somente que esta peça não estava impressa; era uma cópia manuscrita cedida por um sargento reformado, o qual com certeza participara outrora na sua representação, em qualquer festa militar. Temos, de facto, nas cidades e distritos afastados muitas peças desse género, as quais, quer-me parecer, são em absoluto desconhecidas e nunca foram impressas, mas que surgem por si mesmas, às temporadas, para animar o teatro popular em certas zonas da Rússia.

Disse «teatro popular», e seria bom que os nossos investigadores da literatura popular fizessem cuidadosas pesquisas sobre esse teatro, que existe e que talvez não seja tão insignificante como pensam. Não posso crer que tudo quanto vi no presídio seja obra do engenho dos forçados. Para isso precisavam-se velhas tradições, processos estabelecidos e noções transmitidas de geração em geração. Era preciso investigar entre os soldados, os operários das fábricas, nas cidades industriais, e até mesmo entre os burgueses de certas pobres aldeias ignoradas. Essas tradições têm-se mantido nalgumas aldeias e capitais de distritos, entre a criadagem pertencente às grandes propriedades rurais. Creio mesmo que as cópias de muitas dessas velhas peças se tenham multiplicado, graças precisamente a essa criadagem de morgados da província. Os antigos proprietários e senhores moscovitas tinham os seus teatros próprios, em cujos tablados representavam os seus criados. Foi daqui que nasceu o nosso teatro popular, cujos sinais de origem são indiscutíveis. Quanto ao *Kedril, o glutão,* apesar da minha grande curiosidade, apenas consegui saber que os

demónios apareciam em cena a fim de levarem o Kedril para o inferno. Mas que significava este nome de Kedril? Porque se chamava Kedril e não Cirilo? A sua ação é russa ou estrangeira? Não pude esclarecer como queria estas questões. Dizia-se mais ainda que a representação terminaria por uma «pantomima musical». Tudo isto prometia ser muito curioso. Os atores eram em número de quinze, todos muito espertos e decididos. Empregavam-se todos os esforços precisos e multiplicavam-se os ensaios, que tinham lugar por detrás das casernas, escondendo-se com ares misteriosos. Numa palavra, pretendiam surpreender-nos com alguma coisa de extraordinário e de imprevisto.

Nos dias de trabalho fechavam as casernas muito cedo, ao cair da noite. Nas festas do Natal faziam porém uma exceção; então só metiam o cadeado nas portas depois do toque de recolher (nove horas). Este favor era concedido, em especial, por causa do espetáculo. Durante todo o tempo das festas, à noite, mandavam uma deputação pedir muito humildemente ao oficial da guarda para que «permitisse a representação e não fechasse cedo o presídio», alegando-se que na véspera houvera espetáculo, sem que no entanto se tivesse dado alguma desordem. O oficial da guarda fazia o seguinte raciocínio: se não houve nenhuma desordem nem nenhuma infração à disciplina no dia do espetáculo, e se empenham a palavra de honra de que a noite de hoje se passará como a de ontem, é porque fazem eles próprios de polícia, e essa vigilância será a mais rigorosa de todas! Além disso sabia muito bem que se proibisse a representação, esses pândegos (não fossem eles forçados!) podiam cometer tais tolices que dariam muito que fazer aos oficiais da guarda. Havia ainda uma outra razão a favor do consentimento: estabelecer e rondar os guardas era deveras enfadonho; ora, permitindo a representação, tinha à mão um espetáculo levado a efeito não por soldados, mês por forçados, gente sempre curiosa; seria talvez interessante e tinha o direito de assistir a tudo.

No caso de chegar o oficial de serviço e perguntar pelo oficial da guarda, responder-lhe-iam que tinha ido contar os forçados e fechar as casernas; resposta exata e justificação fácil. Eis a razão por que os nossos guardas autorizaram o espetáculo durante a duração das festas; só fechavam as casernas quando o tambor tocava a recolher. Os forçados sabiam de antemão que a guarda não se oporia ao seu projeto; por isso estavam tranquilos.

Por volta das seis horas Petrov veio procurar-me e juntos dirigimo-nos para a sala de espetáculo. Quase todos os presos da nossa caserna já lá estavam, com exceção do velho-crente, de Tchernigof e dos polacos. Estes só se decidiram a assistir ao espetáculo no dia da última representação, a quatro de janeiro, e ainda assim, depois de os terem convencido que tudo decorria com ordem, alegria e sossego. O desdém dos polacos irritava os forçados, pelo que foram recebidos muito delicadamente no dia quatro; sentaram-nos nos melhores lugares. Quanto aos Tcherkesses e a Içaï Fomitch, a comédia era para eles um verdadeiro delírio. Içaï Fomitch dava, de cada vez, três *kopeks;* no último dia pagou mesmo dez *kopeks;* a satisfação refletia-se-lhe no semblante. Os atores haviam decidido que cada espectador desse o que quisesse. A receita serviria para custear a despesa e «gratificar» os atores. Petrov assegurou-me que me cederiam um dos melhores lugares, por mais repleto que estivesse o teatro: primeiro, porque sendo mais rico que os outros, havia a probabilidade de dar mais que os outros e, segundo, porque de teatro eu entendia melhor do que ninguém. A sua previsão realizou-se. Descreverei em primeiro lugar a sala e a construção do teatro.

A caserna da secção militar, que devia servir de sala de espetáculo, tinha quinze passos de comprimento. Do pátio subia-se por uma escada, que dava acesso a um vestíbulo, e deste passava-se à caserna. Esta comprida caserna, conforma já disse, era de uma construção especial: as tarimbas, alinhadas contra a parede, deixavam um espaço livre no centro da sala. A primeira metade era destinada aos espectadores e a segunda, que comunicava com outro pavilhão, constituía o palco. O que me admirou, logo que entrei, foi o pano de boca que dividia a caserna em duas numa extensão de dez passos. Era uma maravilha que, com justiça, podia ser admirada: pintado a óleo, em diversas cores, representava árvores, caramanchões, lagos e estrelas. Era feito de panos novos e velhos fornecidos pelos presos: camisas e faixas, que nos camponeses substituem as meias, tudo isto cosido tão bem, que formava um grande pano de boca. Onde o pano faltou, substituíram-no por papel, mendigado folha a folha pelas diversas repartições e secretarias.

Os pintores (entre os quais se encontrava Brulof) haviam-no decorado a preceito, pelo que o efeito era deveras admirável. Esse luxuoso aspeto regozijava os forçados, mesmo os mais apáticos e os mais exigentes; aliás, estes últimos, uma vez começado o espetáculo, mostraram-se como

verdadeiras crianças, tais como os mais impacientes e entusiastas. Estavam todos satisfeitos e um tanto envaidecidos. A iluminação era feita com bocados de velas. Haviam trazido da cozinha dois bancos, que colocaram junto ao palco, assim como três ou quatro cadeiras trazidas por empréstimo da sala dos sargentos. Tinham-nas ali colocado para o caso de virem os oficiais superiores assistir ao espetáculo. Quanto aos bancos, eram destinados aos sargentos, aos auxiliares de engenharia, aos diretores dos trabalhos, enfim, a todos os chefes imediatos dos forçados que não tivessem o grau de oficiais e que talvez viessem passar uns momentos no teatro. De facto os visitantes não faltaram; vieram, conforme os dias, em maior ou menor número, mas na última representação não havia um único lugar devoluto nos bancos. Por trás destes comprimiam-se os forçados, de pó e cabeças descobertas, em sinal de respeito pelos visitantes, da túnica ou peliça curta, apesar do calor asfixiante da sala. Como é fácil de prever, o espaço destinado aos presos era demasiado pequeno; apertavam-se uns contra os outros, em especial nas últimas filas, onde chegavam a ocupar as tarimbas e os intervalos entre elas; havia mesmo alguns atores que desapareciam de contínuo por trás da cena, na outra extremidade, e que só viam o espetáculo do fundo da caserna. Fizeram-nos passar para a frente, a mim e a Petrov, para junto dos bancos, donde se via muito melhor que do fundo da sala. Tinham-me na conta de um bom conhecedor, de um bom crítico, que já vira muitos teatros; haviam notado que o Baklouchine conversara várias vezes comigo, aceitando de muito boa vontade os meus conselhos, por isso deliberaram que me deviam honrar, dando-me um dos melhores lugares. Estes homens são vaidosos e volúveis, mas só na aparência. No trabalho zombavam de mim, porque era um inferior operário. Almazov tinha o direito de nos desprezar, a nós, os considerados nobres, e orgulhar-se da sua habilidade no calcinar do alabastro. Tais zombarias e vexames eram devidas à nossa descendência, porque pertencíamos, por nascimento, à estirpe dos seus antigos senhores, de que não guardavam uma boa recordação. Porém no teatro estes mesmos homens deram-me o melhor lugar, pois confessavam ser eu, nesta matéria, mais entendido do que eles. Aqueles mesmos que não simpatizavam comigo, desejavam ouvir-me elogiar-lhes o seu teatro e cediam-me o seu lugar sem o menor servilismo. Julgo-o agora, conforme a impressão que me ficou dessa época. Compreendi muito bem que nesta decisão equitativa não havia nenhum aviltamento da sua parte, mas, muito pelo contrário, o

sentimento da sua própria dignidade. O traço mais característico do nosso povo é a sua consciência e a sede de justiça. Nada de falsa vaidade e de presunçoso orgulho em disputarem a primeira fila, sem a ela ter direito, por conhecimento — não, o povo não tem esse defeito! Levantai um pouco a sua aparência grosseira, e notareis, estudando-o sem espírito preconcebido, com atenção e de perto, virtudes de que nem vós sois dotados e muito menos pensáveis que eles o fossem. Os nossos sábios têm pouco, muito pouco que lhes ensinar e direi mesmo que são eles, pelo contrário, que devem aprender na sua escola.

Petrov dissera-me ingenuamente, ao acompanhar-me à sala de espetáculo, que me arranjariam um bom lugar porque eu daria mais dinheiro. Os lugares não tinham preço fixo; dava cada um o que queria e o que podia. Quase todos colocaram uma moeda no prato ao proceder-se à recolha dos donativos. Mesmo que me tivessem dado um lugar na frente, na esperança de que daria mais que os outros, não haveria nisso ainda um profundo sentimento de dignidade pessoal? «És mais rico do que nós, vai para a primeira fila; aqui todos somos iguais, é verdade, mas tu pagas mais, por consequência um espectador como tu dá prazer aos atores; ocupa o primeiro lugar, porque estando aqui devido ao nosso dinheiro, devemos classificar-nos a nós próprios». Que nobre orgulho neste modo de proceder! Não é o culto do dinheiro que é tudo, mas em última análise o respeito por si mesmo. Entre os forçados não se dava muito apreço à riqueza. Não me recordo que algum deles se haja humilhado por causa do dinheiro, mesmo que passe em revista todo o presídio. Pediam-me, sim, dinheiro, mas por zombaria, por picardia, e não com a mira posta em qualquer benefício: era uma característica de bom humor, de ingénua simplicidade. Não sei se me faço bem compreender. Com isto esqueci-me do nosso teatro, mas voltemos a ele.

Antes de se levantar o pano a sala apresentava um aspeto original e animado. Em primeiro lugar a multidão apertada, comprimida, esmagada de todos os lados, mas impaciente, aguardava, de rostos incendidos, o começo da representação. Nas últimas filas tumultuava uma massa confusa de forçados; muitos haviam trazido da cozinha grossas achas, que colocavam ao alto, encostadas à parede e sobre as quais se equilibravam; passavam assim duas horas, nessa posição fatigante, apoiando-se aos ombros dos companheiros, mas muitíssimo satisfeitos com eles e com os lugares arranjados. Outros fincavam os pés contra o fogão, no último

degrau, e ficavam todo o tempo da representação apoiados àqueles que se encontravam na sua frente, ao fundo, junto da parede. Dos lados, apinhada em cima das tarimbas, via-se uma multidão compacta, pois eram esses os melhores lugares. Cinco dos forçados, os mais felizes, haviam-se guindado e deitado em cima do fogão, de onde olhavam para baixo; eram estes os mais protegidos pela sorte. Do outro lado formigavam os retardatários que não tinham conseguido bons lugares. Todos se comportavam decentemente, sem fazerem barulho. Cada um pretendia avantajar-se mais aos olhos dos superiores que nos visitavam. A mais ingénua atenção se refletia nos seus rostos vermelhos e húmidos de suor, resultante do calor abrasador que sentiam. Que estranho reflexo de alegria infantil, de prazer sincero e gracioso se notava nesses semblantes estigmatizados e antes tão sombrios e apáticos, iluminados por vezes de um fogo terrível! Estavam todos sem bonés; como me encontrava à direita, parecia-me que as suas cabeças estavam inteiramente rapadas. De repente ouviu-se no palco um rumor, uma algazarra... Iam levantar o pano. A orquestra começou a tocar. Esta orquestra merece algumas palavras. Sete músicos estavam dispostos ao longo das tarimbas; havia dois violinos (um deles era propriedade de um forçado, o outro fora emprestado por alguém de fora do presídio e os músicos eram todos forçados) três balalaicas, feitas pelos próprios presos, duas guitarras e um pandeiro, que fazia as vezes de contrabaixo. Os violinos não faziam senão gemer e guinchar; as guitarras não valiam nada; em compensação as balalaicas eram extraordinárias. A agilidade dos dedos dos artistas faria honra ao mais hábil prestidigitador. Só tocavam músicas de dança; nas passagens de mais entusiasmo batiam bruscamente com os dedos na tabuinha dos instrumentos: o tom, o gosto, a execução, o fulcro do motivo, tudo era original, pessoal. Um dos violinistas conhecia muito bem o seu instrumento. Era o fidalgo que tinha morto o pai. Quanto ao pandeiro, esse executava verdadeiras maravilhas; assim, fazia rodar o disco sobre um dedo ou rufava com o polegar sobre a pele de burro, ouvindo-se então uns sons repetidos, claros, monótonos que de súbito se dividiam e ressoavam numa infinidade de pequenas notas surdas, abafadas e saltitantes. A esta orquestra juntaram-se depois duas harmónicas. Na verdade, até então não fazia nenhuma ideia da sonoridade que se pode tirar desses instrumentos populares tão grosseiros. Fiquei admirado. A harmonia, o jogo e sobretudo a expressão, como a própria conceção do motivo, eram superiormente executados. Então compreendi muito bem —

e pela primeira vez! — o arrojo soberano e o louco abandono de si mesmo que se encerra nas árias das nossas danças populares e nas canções de taberna. O pano subiu por fim. Sentiu-se um movimento geral: os que se encontravam ao fundo levantaram-se nas pontas dos pés; algum deles desequilibrou-se da sua acha; todos abriram a boca e semicerraram as pálpebras; um silêncio absoluto reinou por toda a caserna. Começara a representação.

Estava sentado não muito longe de Alei, que se encontrava no meio de um grupo formado pelos irmãos e pelos outros Tcherkesses. Eram uns apaixonados pelo teatro a que assistiam todas as noites. Observei que todos os muçulmanos, tártaros, etc., eram una grandes apreciadores de espetáculos de qualquer género. Junto deles Içaï Fomitch rejubilava; desde o levantar do pano, era todo ouvidos e olhos; o seu semblante exprimia uma avidíssima espectativa de milagres e prazeres. Ter-me-ia sentido consternado se visse a sua esperança enganada. O rosto encantador de Alei brilhava de uma alegria tão infantil e tão pura que me sentia satisfeito só em contemplá-lo; toda a vez que uma risada geral ecoava a qualquer dito engraçado, voltava-me involuntariamente para ele a fim de lhe admirar as feições. Ele, porém, não me via; tinha mais que fazer do que pensar em mim! Perto de mim, à esquerda, estava um forçado idoso, sempre triste, descontente e resmungão; havia também notado o Alei e por isso, mais de uma vez, o vi deitar-lhe olhares furtivos e sorrir um pouco, tanto era encantador o jovem Tcherkesse! Este preso chamava-lhe sempre «Alei Sémionytch» sem que eu soubesse porquê. Começaram o espetáculo pela *«Philatka e Mirochka».* Philatka (Baklouchine) estava na verdade maravilhoso. Desempenhou o seu papel a primor. Via-se que tinha estudado cada frase e cada movimento. Sabia dar à menor palavra, ao menor gesto, um sentido que correspondia perfeitamente ao caráter do seu personagem. Acrescentava a este estudo consciencioso uma alegria espontânea, irresistível de simplicidade e naturalidade. Se tivésseis visto Baklouchine, ter-vos-íeis convencido de que era um verdadeiro ator, um ator de vocação e de grande talento. Assisti, mais de uma vez, à representação da *Philatka* nos palcos de S. Petersburgo e de Moscovo; afirmo-vos porém que, nesse papel, nenhum artista dessas cidades conseguia igualar Baklouchine. Eram camponeses de qualquer região e não verdadeiros mujiques russos; notava-se-lhes claramente o desejo de *representarem* camponeses. A emulação excitava Baklouchine, pois sabia-

se que o forçado Potsieikine representaria o papel da Kedrie na segunda peça. Não sei porquê, mas supunha-se que este último devia ter mais talento que Baklouchine. Este sofria com esta preferência, como se fosse uma criança. Quantas vezes, nos últimos dias, não veio ter comigo para expandir os seus sentimentos! Duas horas antes da representação, já o dominava uma forte impaciência. Quando se ouviram as primeiras gargalhadas e lhe gritaram: «Bravo, Baklouchine! És um gracejador!», o seu rosto resplandeceu de felicidade e nos olhos brilhou-lhe uma verdadeira inspiração. A cena dos beijos entre Kirochka e Philatka, quando esta última grita à filha: «Limpa-te!» e ela própria se limpa também, foi de um cómico soberbo. De todos os lados ecoaram as gargalhadas. O que mais me impressionou foram os espectadores: todos se sentiam comunicativos e se entregavam sem constrangimento à sua alegria. Os gritos de aprovação cada vez recrudesciam mais. Um forçado acotovelava o companheiro e comunicava-lhe, à pressa, as suas impressões, sem mesmo querer saber de quem é que estava ao seu lado. Logo que começava uma cena cómica, via-se um ou outro voltar-se rápido, agitando os braços, como para convidar os companheiros a rir, mas logo em seguida olhava para a cena. Um terceiro fazia estalar a língua contra o céu da boca e não podia ficar quieto; como lhe faltava o espaço para mudar de posição, descansava o corpo ora sobre uma perna, ora sobre a outra. Para o final da peça a alegria geral atingiu o auge. Não exagero nada. Imaginai o presídio, as grilhetas, o cativeiro, os longos anos de reclusão, de trabalhos pesados, a vida monótona, que decorria, digamos assim, gota a gota, nos dias sombrios do outono: de repente permitem a esses presos oprimidos que se divirtam, que respirem livremente durante uma hora, que esqueçam esse pesadelo, que organizem um espetáculo — e que espetáculo! — que desperta o interesse e a admiração de toda a cidade. «Reparai nestes forçados!» Tudo os interessa, desde os vestuários, por exemplo. Parecia-lhes sobremaneira curioso ver o Vanka, o Nietsviétaef ou o Baklouchine vestindo outros trajes que não aqueles que traziam há tantos anos. «É um forçado, um verdadeiro forçado, cujas grilhetas se ouvem quando caminha, e apesar disso entra em cena trajando uma sobrecasaca, um chapéu de coco e uma capa como se fosse um civil. Traz cabeleira e bigodes. Tira do bolso um lenço encarnado e sacode o como um senhor, um verdadeiro senhor». E o entusiasmo atingia então o máximo. O «proprietário benfeitor» entrava com o uniforme de ajudante de campo, muito velho, na verdade,

com charlateiras e uma barretina com laços; foi indescritível o efeito produzido. Havia dois amadores para este uniforme e — podem crer! — discutiram como dois garotos para verem qual deles devia representar esse papel, porque ambos queriam exibir-se com o uniforme de oficial e respetivas charlateiras! Os outros atores separaram-nos e, por maioria de votos, foi confiado a Nietsviétaef o desempenho daquele papel, não porque este preso fosse mais bem parecido que o outro ou porque se assemelhasse mais a um senhor, mas apenas porque prometera exibir uma fina bengala que faria voltear ou bateria com ela no chão como um verdadeiro fidalgo, um elegante da última moda, o que Vanka Ospiéty não poderia fazer, porquanto nunca havia tratado com fidalgos. De facto, quando Nietsviétaef entrou em cena com a esposa, principiou por traçar rápidos círculos no chão, com a leve bengala de bambu; estava convencido que isso era uma prova de aprimorada educação e suprema elegância. Na sua infância ainda, quando não era mais que um miserável servo, deixara-se provavelmente seduzir pelo garbo de algum senhor ao voltear a bengala; esta impressão ficara-lhe para sempre gravada na memória, e de tal forma que trinta anos mais tarde recordava esses gestos de maneira a encantar e a iludir por sua vez os companheiros de prisão. Nietsviétaef estava por tal modo absorvido com esse seu gesto que não via ninguém; dava a resposta sem mesmo erguer os olhos; o mais importante para ele eram a ponta da bengala e os círculos que traçava. A proprietária benfeitora estava também digna de admiração; apareceu em cena trajando um velho vestido de musselina usada, com o aspeto de um verdadeiro andrajo, os braços e o pescoço nus, uma pequena touca de chita na cabeça, presa com umas fitinhas por baixo do queixo; numa das mãos uma sombrinha e na outra um leque de papel cor de rosa, com o qual de momento a momento se abanava. Uma estrondosa gargalhada acolheu esta grande dama, a qual também não pôde reprimir o riso, desfazendo-se por vezes em sonoros e alegres sorrisos. Este papel era desempenhado pelo preso Ivanov. Quanto a Sirotkine, representando uma donzela, estava bonito. As coplas foram bem declamadas. Numa palavra, a primeira parte da festa terminou com geral satisfação. Não se ouvia a menor crítica; e de resto como se poderia criticar?

Tocou-se ainda uma vez a sinfonia, *Siéni, moisiéni* e de novo o pano subiu. Ia-se agora representar *Kedril, o glutão.* Kedril é uma espécie de D. João; pode-se fazer esta comparação, porque os diabos arrastam o patrão e

o criado para o inferno no fim da peça. Declamaram todo o manuscrito, mas notava-se que este era apenas um fragmento; talvez tivessem perdido o princípio e o fim da peça, porque esta não tinha pés nem cabeça. A cena passava-se num albergue, em qualquer parte da Rússia. O hospedeiro introduz num quarto um senhor, trajando capa e um chapéu de coco deformado; o criado deste último, Kedril, acompanha o seu amo; traz uma mala de mão e uma galinha embrulhada num papel azul. Veste uma peliça curta e na cabeça traz um boné de lacaio. É este criado que é o glutão. Era o forçado Potsieikine, o rival de Baklouchine, que desempenhava este papel, ao passo que o do amo era desempenhado por Ivanov, o mesmo que fazia de grande dama na primeira peça. O hospedeiro (Nietsviétaef) adverte o fidalgo que aquele quarto é frequentado pelos demónios e retira-se. O senhor está triste e preocupado; responde, resmungando, que já sabe disso há muito e ordena a Kedril para desfazer as malas e preparar a ceia. Kedril é glutão e cobarde; ao ouvir falar em diabos, empalidece e treme como um vime, pensa mesmo em fugir, mas tem medo do patrão e tem também fome. É voluptuoso, estúpido, velhaco, a seu modo, e pusilânime. A cada instante engana o patrão, que teme como o diabo a cruz. É um modelo original de criado, no qual se encontram os principais traços do caráter de Leporell, mas indistintos e confusos. Este caráter era, na verdade, superiormente desempenhado por Potsieikine, cujo talento era indiscutível e que ia além, talvez, a meu ver, do próprio Baklouchine. No dia seguinte, ao conversar com este último, dissimulei esta minha impressão, pois o magoaria deveras.

Quanto ao forçado que desempenhava o papel de fidalgo, também não ia muito mal; tudo o que ele dizia não tinha sentido, nem queria dizer nada, mas a sua dicção era nítida e a gesticulação apropriada. Enquanto Kedril trata da mala, o patrão passeia de um ao outro lado do quarto e comunica-lhe que desde esse dia deixará de percorrer mais terras estrangeiras. Kedril ouve-o, faz várias momices e diverte os espectadores com as suas reflexões em apartes. Não tem nenhuma comiseração pelo patrão e, como tinha ouvido falar em diabos, quer saber como eles são. Faz-lhe por isso uma série de perguntas. Este declara-lhe que noutros tempos, encontrando-se em perigo de morte, pediu socorro ao inferno: os diabos ajudaram-no e salvaram-no, mas o prazo da sua liberdade está terminado; se os diabos vierem essa noite, é para exigirem a sua alma, conforme o pacto firmado entre eles. Kedril começa a tremer de verdade;

entretanto o patrão não perde a coragem e ordena-lhe que trate da ceia. Ao ouvir falar de comida, Kedril ressuscita; tira o papel no qual está embrulhada a galinha e tira uma garrafa de vinho, que prova logo. A plateia ri com vontade. Porém a porta range e o vento abana as janelas. Kedril treme, mas depressa e quase sem querer mete na boca um grande bocado de galinha, que em vão tenta engolir. Ouvem-se de novo as gargalhadas. «Está pronta?», gritou o patrão, continuando sempre a passear de um lado para o outro do quarto. «Um instante, senhor. Estou... a prepará-la», respondeu a custo Kedril, sentando-se e engolindo com esforço. O público está deveras encantado com a astúcia deste criado, que ludibriava tão habilmente o seu senhor. É preciso confessar que Potsieikine merecia os aplausos. Havia pronunciado muitíssimo bem as palavras: «Um instante, senhor... Estou... a prepará-la». Uma vez à mesa, come vorazmente, e a cada bocado treme que o patrão lhe descubra a manobra; cada vez que este se volta, Kedril esconde-se debaixo da mesa, mas sempre com a galinha na mão. Satisfeita a sua primeira fome, precisa cuidar do seu senhor. «Kedril! Já está pronta?», gritou-lhe ele. «Está pronta!», responde num tom decidido Kedril, o qual só então nota que havia comido quase toda a galinha; dela só restava uma coxa no prato. Todavia o patrão, sempre triste e preocupado, não nota coisa nenhuma e senta-se enquanto Kedril se coloca atrás dele, de guardanapo no braço. A cada palavra, a cada gesto, a cada careta do criado, que se volta para o público quando zomba do patrão, ouvem-se grandes gargalhadas entre os forçados. Precisamente no momento em que o jovem fidalgo começa a cear, entram em cena os diabos; a partir deste momento não se compreende mais o que se passa, pois os diabos nada têm de humano nem de terrestre. Abrem a porta do lado e aparece um fantasma todo vestido de branco; em vez da cabeça, o espectro traz uma lanterna acesa. Segue-o um outro fantasma que tem também em ver da cabeça uma lanterna e na mão uma foice. Porque vêm vestidos de branco e trazem uma foice e umas lanternas? Ninguém mo sabe explicar; aliás os presos preocupavam-se pouco com isso. Aquilo era assim, porque devia ser assim. O patrão fez corajosamente frente aos fantasmas, gritando-lhes que está pronto e que o podem levar. Kedril, porém, cobarde como uma lebre, escondeu-se debaixo da mesa; apesar do seu medo, não se esqueceu todavia de levar com ele a garrafa. Os espectros desaparecem. Kedril sai do esconderijo e o patrão principia a comer a galinha. De repente três diabos entram no

quarto e agarram-se a ele a fim de o levarem para o inferno. «Salva-me, Kedril!», gritou-lhe o patrão. Kedril porém tem mais que fazer: agarrou de novo na garrafa, no prato e no pão, e meteu-se outra vez debaixo da mesa. Fica sozinho: os diabos estão longe e o patrão também. Sai do esconderijo, olha para todos os lados e um sorriso lhe ilumina o rosto. Pisca um olho, com cara de refinado tratante, senta-se no lugar do patrão e murmura, a meia voz, para a plateia:

— Muito bem! Agora sou o patrão... de mim mesmo...

Todos se riem ao verem-no sem o patrão; mas ele continua, sempre a meia voz, num tom de confidência e piscando alegremente o olho:

— Os diabos te levaram!

O entusiasmo dos espectadores não tem limites. Esta frase foi dita com tal perversidade e com um esgar tão ridículo e triunfante que era impossível não aplaudir. Porém a felicidade de Kedril não dura muito. Apenas tinha pegado na garrafa do vinho e deitado algum num copo, que levou aos lábios, voltaram os diabos; arrastaram-se de mansinho até junto dele e agarraram-no pelas costas. Kedril gritou como um possesso, sem se atrever no entanto a olhar para os diabos. Bem queria defender-se, mas não podia; tinha as mãos ocupadas com a garrafa e o copo, dos quais não queria separar-se; de olhos esbugalhados e boca aberta de horror, ficou um instante a olhar para a plateia com uma tão cómica expressão de cobardia que não se pode descrever. Levam-no por fim, de rastos, a espernear e a bracejar, mas sempre agarrado à garrafa, a gritar, a gritar cada vez mais! Os gritos ouviram-se-lhe ainda para além dos bastidores. Caiu o pano. Todos se riram muito, deveras encantados... A orquestra tocou a famosa dança *kamarinskaïa*. Começa muito docemente, *pianíssimo,* mas pouco a pouco o tema desenvolve-se, torna-se mais intenso, acelera-se o compasso e pancadas fortes ressoam nas tabuinhas das balalaicas. É a *kamarinskaïa* em todo o seu arrebatamento; Glinka devia ouvi-la, tocada no nosso presídio. Em seguida deram princípio à pantomima musical. Durante toda esta representação tocaram a *kamarinskaïa.* A cena representava o interior de um moinho, onde se viam sentados um moleiro e a esposa; ele estava a remendar e ela a fiar o linho. Sirotkine fazia o papel da mulher e Nietsviétaef o do moleiro.

Os cenários eram muito pobres. Nesta peça, como nas anteriores, era preciso suprir com a imaginação o que faltava na realidade. Em vez de um muro, ao fundo da cena, via-se um tapete ou uma coberta; do lado direito

havia um pobre biombo, enquanto que à esquerda a cena não era fechada e deixava ver as tarimbas dos forçados. Os espectadores porém não eram exigentes e prestavam-se de boa vontade a imaginar tudo quanto faltava; isto para eles é tarefa fácil, pois todos os presos são grandes sonhadores. Desde que se diz: é um jardim!... está bem, é um jardim… um quarto, um moinho!... está bem, e não há que fazer reparos! Sirotkine estava adorável em trajes femininos. O moleiro, terminado o trabalho, pega no boné e no chicote, aproxima-se da esposa e faz-lhe saber, por sinais, que se durante a sua ausência tiver a desgraça de receber alguém, terá de ajustar contas com ele... e mostrou-lhe o chicote. A mulher ouviu-o e abanou afirmativamente a cabeça. O chicote já lhe era sem dúvida conhecido: como adúltera, era-lhe indiferente. O marido sai e apenas lhe volta as costas ela ameaça-o com o punho. Batem à porta; abrem e entra o vizinho, moleiro também de profissão. É um camponês muito barbudo e traz vestido um cafetã. É portador de um presente, um lenço encarnado. A mulher ri, e quando o compadre vai para a beijar batem de novo à porta. Onde se esconder? Obriga-o a ocultar-se debaixo da mesa e pega no fuso. É outro admirador que se apresenta: é o furriel, com o uniforme de sargento. Até aqui a peça foi muito bem desempenhada; os gestos eram irrepreensíveis. Ficávamos admirados ao ver estes atores improvisados desempenhar os seus papéis de uma maneira tão correta e, sem querer, dizíamos: «Quantos talentos se perdem na nossa Rússia, inutilizados nas prisões e no exílio!» O forçado que fazia o papel de segundo moleiro tinha assistido com certeza a qualquer representação nalgum teatro da província ou de amadores; parecia-lhe que todos os nossos atores, sem exceção, não compreendiam nada do jogo de cena, nem caminhavam como era devido. Entrou pois em cena como os velhos clássicos do antigo repertório, dando grandes passadas; antes mesmo de levantar uma perna, já ele deitava a cabeça e o corpo para trás, deitando um olhar orgulhoso para a plateia, depois do que dava, todo majestoso, outro passo em frente. Se uma tal manobra devia ser ridícula nos heróis clássicos, muito mais o era ainda numa cena cómica representada por um secretário. Porém os espectadores acharam-na muito natural e aceitaram, sem a criticar, a altivez triunfante do personagem, como um ato necessário. Um momento após a entrada do furriel batem mais uma vez à porta. A mulher perde a cabeça. Onde esconder este segundo galã? Na mala, que felizmente estava aberta. O furriel mete-se nela e a comadre deixa cair a tampa. O recém-vindo é um

amoroso como os outros, mas de um género especial. Vem vestido de brâmane. Uma risada formidável dos espectadores acolhe a sua entrada. Este personagem é o forçado Kochkine, que desempenha muito bem o seu papel, pois tem mesmo umas feições que se ajustam à cena; explica por gestos o seu amor à moleira, levantando os braços ao céu, para trazer depois as mãos ao peito... De novo batem à porta; desta vez foi uma pancada vigorosa; não há que hesitar, é o dono da casa. A moleira, aterrada, perde a cabeça enquanto o brâmane, correndo como um louco de um lado para o outro, lhe suplica que o esconda. Ajuda-o a meter-se atrás de um armário e põe-se a fiar, a fiar, esquecendo-se de abrir a porta. E vai fiando sempre, sem ouvir os golpes redobrados que o marido vai dando na porta; vai torcendo um fio que não tem na mão, fazendo ao mesmo tempo o gesto do girar do fuso, que está caído no chão. Strotkine representa muitíssimo bem esse terror. Por fim o moleiro mete a porta dentro com um pontapé e aproxima-se da mulher de chicote no ar. Ele sabe de tudo, pois viu entrar os visitantes; faz então saber por gestos à mulher que tem escondidos em casa os três galãs. E põe-se logo a procurá-los. Primeiro encontra o vizinho que pôs fora de casa aos murros. O secretário, espavorido, pensa em fugir e para isso levantou com a cabeça a tampa da mala. Traiu-se com este gesto. O moleiro correu para ele e, dando-lhe fortes chicotadas, faz com que desta vez o galante secretário não ande à moda clássica, mas sim corra e corra bem. Resta o brâmane que o marido procurou durante minutos; encontrou-o por fim escondido atrás do armário. O moleiro cumprimentou-o com toda a cortesia e arrastou-o pelas barbas até ao meio da cena. O desgraçado tenta defender-se e grita: «Maldito! maldito!» (únicas palavras proferidas durante toda a pantomima). O moleiro não o ouve e vai ajustar contas com a mulher. Esta, vendo que é chegada a sua vez, atirou para longe a roca e o fuso e deitou a correr para fora da cena. Na corrida precipitada partiu um vaso de louça. Os forçados soltam grandes gargalhadas. Alei, sem olhar para mim, agarrou-me na mão e gritou: «Olha, olha! O brâmane!» Não pode continuar de pé, tal é o riso que o sacode. Cai o pano e uma outra cena vai começar.

Representam ainda duas ou três, todas muita engraçadas e muito alegres. Apesar de não terem sido obra dos forçados, estes haviam-lhe introduzido alguma coisa da sua inspiração. Cada ator improvisava e alterava o que bem lhe parecia, interpretando de vários modos o mesmo

papel todas as noites. A última pantomima, de género fantástico, terminava por um bailado e o enterro de um dos figurantes. O brâmane fez várias sortes de magia sobre o cadáver, sem conseguir no entanto ressuscitá-lo. No final ouviu-se a ária «Ao pôr do sol.» O morto ressuscitou então e todos começaram a dançar de alegria. O brâmane dançou com o ex-defunto, mas dançou à sua moda, como brâmane. E com esta cena terminou a espetáculo. Os forçados debandaram, alegres, satisfeitos, elogiando os atores e agradecendo ao sargento. Não se ouviu a menor altercação. Sentiam-se todos contentes, direi até felizes, e adormeceram de alma tranquila, num sono que em nada se pareceu com o sono habitual. Isto não é fantasia da minha parte, mas sim a verdade, a pura verdade. Tinham permitido a esta pobre gente viver alguns minutos como eles entendiam, divertirem-se humanamente, furtarem-se por uma hora à sua condição de forçados — e o homem transforma-se moralmente, nem que seja só por alguns minutos...

A noite ia já um tanto adiantada. Sinto um arrepio e desperto por acaso: o velho crente está ainda em cima do fogão a rezar, e rezará até de madrugada. A meu lado, Alei dorme tranquilamente. Lembro-me que, ao deitar-se, ainda ele ria e falava do teatro com os irmãos. Sem querer contemplo o seu meigo semblante. Pouco a pouco lembro-me de tudo, deste último dia, das festas do Natal, de todo este mês. Levanto a cabeça com terror e olho para os meus companheiros que dormem envoltos na luz trémula da lanterna fornecida pela direção do presídio. Observo-lhes os rostos macerados, as suas pobres tarimbas, toda aquela nudez, toda aquela miséria — olho-os — e tento convencer-me de que aquilo não é um horrível pesadelo, mas sim a pura realidade. Sim, é a realidade! Ouço até um gemido. É algum que dobra pesadamente as pernas, fazendo soar as grilhetas. Outro agita-se num sonho pesado e fala enquanto o velho crente reza pelos «cristãos ortodoxos»; ouço-lhe a prece regular, suave e um tanto arrastada:

— Jesus Cristo, Nosso Senhor, tem piedade de nós!

«Não, não ficarei aqui para sempre, mas apenas por alguns anos», digo comigo, pousando de novo a cabeça no travesseiro.

Parte 2

Capítulo 1 — O Hospital

Pouco depois das festas do Natal adoeci e vi-me obrigado a baixar ao hospital militar, que ficava um pouco distante, a cerca de meia *versta* da fortaleza. Era um pavilhão de um só pavimento, muito comprido e pintado de amarelo. Em cada verão gastava-se uma grande quantidade de ocre na sua caiação. No extenso pátio do hospital havia várias dependências: os pavilhões dos médicos-chefes e outros pavilhões necessários, enquanto que o pavilhão principal era apenas ocupado pelas enfermarias destinadas aos doentes; estes eram em grande número. Porém como havia apenas duas reservadas aos presos, estas estavam quase sempre repletas, sobretudo no verão, a ponto de se verem obrigados a aproximar as camas dos doentes umas das outras. Estas enfermarias eram ocupadas pelos «desgraçados» de toda a espécie; em primeiro lugar pelos nossos, os forçados do presídio, depois pelos acusados militares, presos no edifício do corpo da guarda e que já tinham sido condenados; encontravam-se ainda outros sob julgamento ou de passagem. Mandavam-se também para elas os doentes da companhia disciplinar — triste instituição destinada aos soldados com mau comportamento a fim de se corrigirem; ao fim de um ou dois anos saíam dali os mais requintados bandoleiros que existiam sobre a terra. Os forçados que se sentiam doentes comunicavam-no logo pela manhã ao respetivo sargento. Este inscrevia-os num livro especial que mandava para o hospital juntamente com os doentes, acompanhados de uma praça de escolta. Uma vez ali chegados, eram examinados por um dos médicos, que autorizava os forçados a ficarem na enfermaria, se estavam de facto doentes. Inscreveram-me portanto no tal livro e por volta da uma hora, quando todos os meus companheiros haviam partido para o trabalho, depois do jantar, dirigi-me para o hospital. Cada preso levava consigo todo o pão e dinheiro que podia conseguir (porque sabia que nesse dia não lhe dariam de comer), um cachimbo, um saquinho com tabaco, a pederneira e a isca. Levavam estes objetos escondidos nas botas. Entrei no recinto do hospital, não sem experimentar um sentimento de curiosidade por este aspeto novo e desconhecido da vida do presídio.

O dia estava quente, de um céu coberto e triste — era um desses dias em que as coisas, tal como um hospital, tomavam um aspeto particularmente banal, sem vida e antipático. Eu e o soldado que me acompanhava entrámos para a sala de receção, onde havia duas banheiras de cobre; já aí encontrámos dois condenados que aguardavam a visita com os seus respetivos guardas. Pouco depois entrou um *feldscher*; olhou-nos com ar descuidado e protetor, e foi — mais descuidadamente ainda — anunciar a nossa chegada ao médico de serviço. Este veio logo examinar-nos, tratando-nos com afabilidade e entregando-nos depois umas folhas de papel onde estavam inscritos os nossos nomes. Cumpria ao médico encarregado das enfermarias reservadas aos condenados fazer o diagnóstico da nossa doença, prescrever os medicamentos a tomar, o regime alimentar a seguir, etc. (Tinha já ouvido dizer que os presos não tinham que se queixar dos médicos. «São verdadeiros pais!», disseram-me eles ao referirem-se aos médicos quando entrei no hospital). Despimo-nos para mudarmos de roupa. Levam-nos toda aquela que trazemos e dão-nos em troca outra, que pertence ao hospital, à qual juntam umas meias compridas, umas chinelas, um boné de algodão e um roupão de pano escuro, muito grosso, forrado, não de fazenda, mas de vários remendos; este roupão estava horrivelmente imundo, mas só mais tarde compreendi qual a sua utilidade. Em seguida levam-nos para as enfermarias dos forçados, as quais ficavam situadas ao fundo de um comprido corredor, muito limpo e bem tratado. O asseio exterior era satisfatório; tudo quanto estava à vista reluzia ou pelo menos assim me pareceu ao compará-lo com a imundície do presídio. Os dois outros presos entraram para a que ficava à esquerda do corredor, enquanto eu fui para a que ficava à direita. Em frente à porta, fechada com um cadeado, passeava uma sentinela, de espingarda ao ombro, e um pouco mais adiante rondava o seu substituto. O sargento (da guarda do hospital) ordenou que me deixassem passar. Encontrei-me então no meio de uma sala comprida e estreita; ao longo das paredes estavam dispostas vinte e duas camas. Três ou quatro estavam ainda desocupadas. Estas camas eram de madeira pintada de verde e deviam, como todas as camas de hospital, bem conhecidas em toda a Rússia, ser habitadas pelos incómodos percevejos. Instalei-me a um canto, ao lado das janelas.

Eram poucos os presos ali deitados, gravemente doentes. A maior parte estavam convalescentes ou ligeiramente indispostos. Estes novos

companheiros ou estavam deitados nas camas ou passeavam pela enfermaria; para as suas idas e vindas tinham apenas o espaço compreendido entre as duas filas de camas. O ar da sala era abafante, devido ao cheiro especial dos hospitais; estava infetado pelas diferentes emanações, cada qual a mais desagradável, e pelo cheiro dos medicamentos, se bem que o fogão estivesse aceso quase todo o dia. A minha cama estava coberta com uma colcha de riscado, que logo levantei; além disto tinha uma manta de pano, forrada de linho e outros panos grosseiros, cujo asseio era muito duvidoso. Ao lado da cama estava uma mesa, tendo em cima uma bilha e uma chávena de estanho sobre a qual estava colocado um minúsculo guardanapo, tudo isto entregue à minha guarda. A mesa tinha ainda uma prateleira onde os doentes que tomavam chá colocavam o bule, a tigela de pau para o *kwass,* etc.; porém estes felizardos eram muito poucos. Os cachimbos e as bolsas com tabaco — porque todos os presos fumavam, inclusive os tuberculosos — escondiam-nos debaixo do colchão. O médico e os outros chefes quase nunca faziam buscas e quando surpreendiam um doente de cachimbo na boca, fingiam que o não viam. Os presos eram também muito cautelosos e fumavam quase sempre atrás do fogão. Nas camas só fumavam de noite, porque não havia outras rondas além da do oficial comandante do corpo da guarda do hospital.

Até então nunca havia estado como doente em nenhum hospital; por isso tudo quanto me cercava despertava a minha atenção. Observei que a minha entrada havia intrigado alguns presos; tinham ouvido falar de mim; por isso todos me olharam sem cerimónia, com um não sei quê de superioridade, tal como os empregados de uma sala de audiências ou de uma qualquer outra repartição têm para um recém-chegado ou um requerente. À minha direita estava deitado um forçado, ex-secretário, filho natural de um capitão reformado, acusado de ter falsificado moeda; encontrava-se no hospital há mais de um ano; não estava nada doente, mas afirmava aos médicos que tinha um aneurisma. Convencera-os também que ainda não cumprira os trabalhos forçados nem sofrera o castigo corporal a que fora condenado; mandaram-no, um ano mais tarde, para T…k, onde o internaram num hospício. Era um vigoroso rapaz de vinte e oito anos, baixa estatura, um velhaco procurador judicial, mais ou menos conhecedor das leis. Era inteligente, dotado de maneiras muito desembaraçadas, mas muito presunçoso e de um doentio amor-próprio.

Convencido de que não havia no mundo homem mais honesto e mais justo do que ele, não se reconhecia culpado; e manteve esta convicção toda a sua vida. Foi ele quem primeiro me dirigiu a palavra, interrogando-me com um certo interesse; pôs-me ao corrente dos hábitos do hospital, tendo-me declarado, antes de mais nada, bem entendido, que era filho de um capitão. Com isto desejava desde logo que o considerassem como um fidalgo, ou pelo menos como pertencendo «à nobreza». Em seguida um doente da secção disciplinar veio garantir-me que conhecia muitos nobres, antigos exilados; para melhor me convencer, nomeou-os pelos seus sobrenomes e pelos seus nomes patronímicos. Nada tinha digno de admiração a figura deste velho soldado, mas notava-se logo que mentia abominavelmente. Chamava-se Tchékounof. Veio conversar comigo porque supunha que havia trazido dinheiro; quando descobriu que eu trazia uns pacotes de chá e algum açúcar, ofereceu-me logo os seus serviços para fazer ferver a água e procurar-me uma chaleira. M…kski prometera mandar-me a minha, no dia seguinte, por um dos presos que trabalhavam no hospital; no entanto Tchékounof arranjou as coisas de forma que nada me faltasse. Conseguiu-me uma marmita de cobre, onde me ferveu a água para o chá; em suma, mostrou-se tão atencioso comigo que isso valeu-lhe logo as zombarias aceradas da parte de um dos doentes, um tuberculoso, cuja cama ficava em frente da minha. Chamava-se Oustiantsef. Era este precisamente o soldado condenado a ser vergastado e que, com terror da vergasta, ingerira uma garrafa de aguardente com infusão de tabaco, o que lhe ocasionou uma tuberculose. Já atrás falei neste preso. Havia estado calado até então, estendido na cama e respirando com dificuldade; fitou-me sempre com um ar muito sério. Seguia com o olhar Tchékounof, cujo servilismo o irritara. A sua extraordinária gravidade tornava cómica a sua indignação. Por fim não se pôde conter mais.

— Eh! Olhem este lacaio que encontrou patrão! — exclamou ele, espaçando as palavras, com voz estrangulada pela sua extrema fraqueza, pois já estava às portas da morte.

Tchékounof, magoado, retorquiu-lhe:

— Quem é que é lacaio? — E olhou com desprezo para Oustiantsef.

— Tu! Tu és um lacaio! — respondeu-lhe este com tal presunção como se tivesse o direito de censurar Tchékounof ou que isto fosse para ele um dever imperioso.

— Eu, um lacaio?

— Sim, um verdadeiro lacaio! Estão ouvindo o que ele diz? Não quer acreditar em mim. Admira-se o pândego!

— Mas que tens tu com isso? Bem vês que eles não sabem servir-se das mãos. Não estão habituados a passar sem criado. Porque não posso eu servi-lo, meu farsante de focinho cabeludo?

— Quem é que tem o focinho cabeludo?

— Tu!

— Eu?! Eu tenho o focinho cabeludo?

— Sim, um verdadeiro focinho cabeludo e pelado!

— E tu és bonito! Lá isso és! Se eu tenho o focinho cabeludo, tu tens a cara como um ovo de corvo!

— Focinho peludo! Deus já te fez as contas a farias melhor se fosses morrendo sossegado...

— Porquê? Antes queria ajoelhar-me diante de uma bota do que de uma sandália. Meu pai nunca se prosternou e nunca me disse que o fizesse. Eu... eu...

Quis prosseguir, mas um acesso de tosse sacudiu-o por alguns minutos, fazendo-o deitar escarros com sangue. Um suor frio, causado pelo esgotamento, cobriu-lhe de camarinhas o rosto deprimido. Se a tosse o não tivesse impedido de falar, teria continuado a injuriar, pois lia-se-lhe nos olhos; mas, impotente, o mais que pôde fazer foi agitar a mão, se bem que Tchékounof não pensasse mais nele.

Reconheci que o ódio desse desgraçado era menor contra Tchékounof do que contra mim. Ninguém teria tido a ideia de se revoltar contra este, ou de o desprezar até, em virtude dos serviços que me prestava e dos míseros *kopeks* que procurava tirar-me. Cada doente sabia muito bem que ele só fazia aquilo com o fim de arranjar algum dinheiro. O povo não é em geral dado a esses prejuízos e sabe muito bem o que isso vale. Tinha desagradado a Oustiantsef, como lhe desagradara também o meu chá; o que em especial o irritava é que eu, apesar de tudo, sem embargo das minhas grilhetas, continuava a ser um fidalgo, pelo que não podia passar sem criado; e no entanto não desejava nem procurava nenhum. Na verdade empregava todos os esforços para me servir a mim mesmo a fim de não parecer uma criança de mãos mimosas, nem por outro lado me julgarem um grão-senhor. Punha nisto, para bem dizer, um certo amor-próprio. Contudo — se bem que não tivesse descoberto a causa — via-me sempre rodeado de criaturas prestáveis e serviçais que se dedicavam a mim, por

sua própria vontade, e que acabavam por me dominar; por isso era eu que me tornava seu criado, ainda que para todos, bem ou mal, fosse considerado um senhor que não podia dispensar os serviços dos outros e que se tinha na conta de uma pessoa importante. Isto exasperava-me. Oustiantsef era um tuberculoso e portanto um irascível; os outros doentes manifestaram-me uma igual indiferença, de mistura com um certo desdém. Estavam todos preocupados com uma circunstância que me veio agora à memória: compreendi, ao ouvir as suas conversas, que nessa mesma tarde deviam trazer para o hospital um condenado a quem estavam vergastando nesse momento. Os presos esperavam este novo companheiro com alguma curiosidade. Diziam, de resto, que o castigo era leve: quinhentas vergastadas.

Olhei à minha volta. A maior parte dos verdadeiros doentes estavam — tanto quanto pude observar — atacados de escorbuto e de doenças dos olhos, doenças próprias dos presídios. Outros tremiam com febres ou sofriam do peito e de outras misérias. Na enfermaria dos presos tais doentes não estavam isolados: viviam todos no mesmo compartimento. Falei de *verdadeiros doentes* porque alguns forçados estavam ali só para «descansar». Os médicos admitiam-nos por simples compaixão, em especial se havia camas desocupadas. A vida nos corpos da guarda e nas prisões era tão dura, em comparação com a do hospital, que muitos presos preferiam estar ali deitados, apesar do ar asfixiante que ali se respirava e da expressa proibição de saírem da sala. Havia mesmo amadores deste género de vida: pertenciam quase todos à companhia disciplinar. Pus-me a examinar com curiosidade os meus novos companheiros; um deles intrigou-me deveras. Era um tuberculoso que estava agonizando; a sua cama ficava um pouco mais longe que a de Oustiantsef, quase em frente da minha. Chamava-se Mikailov. Tinha-o visto no presídio duas semanas antes; já então ele estava gravemente enfermo. Desde há muito que devia ter-se tratado, mas tentara resistir ao seu mal com uma teimosia inútil; só baixou ao hospital na véspera das festas do Natal, para morrer três semanas depois de uma tuberculose galopante. Parecia que este homem se estava extinguindo como uma vela. O que mais me impressionou foram as suas feições, pois haviam-se alterado de uma maneira extraordinária — havia-o notado desde a minha entrada no presídio — e sempre a sua figura me chamara a atenção. Ao seu lado estava deitado um soldado da companhia disciplinar, um velho mal-encarado e de um aspeto repugnante.

Não quero porém aqui enumerar todos os doentes. Recordo-me deste velho porque desde o primeiro momento me impressionou bastante e porque foi ele que ao mesmo tempo me pôs a descoberto algumas particularidades da enfermaria dos presos. Sofria de um forte defluxo, que o fazia estremecer a cada momento (espirrava uma semana inteira) ainda mesmo durante o sono, em salvas de cinco ou seis vezes seguidas, repetindo de cada vez: «Meu Deus, que castigo!» Estava sentado na cama, enchendo com avidez o nariz de rapé, que ia tirando de um embrulho de papel a fim de espirrar mais forte e com mais regularidade. Assoava-se a um lenço de algodão, aos quadrados, que lhe pertencia, mas já bastante desbotado devido às muitas lavadelas. O nariz, pequeno, contraía-se-lhe de uma maneira especial, cobrindo-se de um grande número de pequenas rugas, deixando ver os dentes cariados, todos negros e sujos, com as gengivas vermelhas e húmidas de saliva. Depois de se ter assoado, abria o lenço, examinava a porção de muco expelido, limpava-o em seguida ao seu roupão escuro, ao qual portanto se agarrava todo o ranho, ao passo que o lenço ficava apenas húmido. Esta economia feita em seu interesse, à custa do roupão pertencente ao hospital, não levantava nenhum protesto por parte dos forçados, se bem que alguns deles tivessem sido mais tarde obrigados a vestir aquele mesmo roupão. É quase inacreditável este pouco escrúpulo de que é dotado o nosso povo no que diz respeito à limpeza. Isto impressionou-ma de tal forma que sem querer me pus a examinar com curiosidade e repugnância o roupão que havia acabado de vestir. Um cheiro fortíssimo me chegou ao nariz; aquecido pelo calor do meu corpo ressoava a emplastros e a remédios; dir-se-ia que desde tempos imemoriais nunca desamparara os ombros dos doentes. Talvez lhe tivessem apenas lavado uma só vez o forro; eu porém não o juraria; em todo o caso, no momento em que mo vestiram, estava saturado de todos os líquidos, epítemas e vesicatórios imagináveis. Os condenados às vergastadas vinham logo depois do castigo para o hospital, com as costas ainda a sangrar; ora como o tratamento consistia em compressas e unguentos, o roupão que vestiam sobre a camisa húmida absorvia e retinha tudo aquilo. Durante todo o meu tempo de trabalhos forçados, cada vez que tinha de baixar ao hospital (o que sucedeu muitas vezes) vestia sempre com uma forte repugnância o roupão que me entregavam.

Logo que Tchékounof me serviu o chá (entre parêntesis direi que a água da nossa sala, trazida pela manhã para todo o dia, adulterava-se com

facilidade debaixo da ação daquele ar fétido) abriram a porta, e, sob dupla escolta, foi introduzido na sala o soldado que vinha de receber as vergastadas. Vi então, pela primeira vez, um homem que acabava de ser açoitado. Mais tarde outros foram também para ali levados quando o castigo era demasiado rigoroso: de todas as vezes isto tornava-se uma grande distração para os doentes. Acolhiam estes desgraçados com uma expressão de afetada gravidade; a receção que lhes faziam dependia quase sempre da importância do crime cometido e, por conseguinte, do número de vergastadas recebidas. Os condenados, mais cruelmente fustigados e que gozavam de uma reputação de bandidos consumados, tornavam-se alvo de um maior interesse e atenção do que um simples desertor, um recruta, como o que acabava de chegar. Todavia, nem num nem noutro caso manifestavam qualquer particular simpatia; abstinham-se também de zombarias irritantes; cuidavam do desgraçado, em silêncio, ajudando-o a curar-se, sobretudo se estava impossibilitado de o fazer por suas próprias mãos. Os próprios *feldschers* sabiam que os pacientes eram tratados por mãos hábeis e peritas. A medicação normal consistia em aplicar continuadamente, nas costas do vergastado, uma camisa ou pano embebido em água fria; era preciso ainda tirar das feridas, com cuidado, as esquírolas idas varas, que se tinham partido no dorso do desgraçado. Esta última operação era muitíssimo dolorosa para os pacientes: o estoicismo extraordinário com que estes infelizes suportavam os seus sofrimentos enchia-me de admiração. Vi muitos condenados fustigados, e cruelmente, posso assegurar-vo-lo: pois bem, não me recordo que um único tenha soltado um gemido. Somente depois de terríveis sofrimentos, o rosto se lhe alterava e empalidecia, os olhos tornavam-se cintilantes, o olhar alucinado e os lábios tremiam-lhe tanto que chegavam ao ponto de os morder, até sangrar. O soldado que acabava de entrar tinha vinte e três anos, era bastante musculoso forte, um homem esbelto, bem proporcionado, alto e com a pele morena. O dorso — nu até à cintura — fora seriamente fustigado; o corpo tremia-lhe de febre sob o pano húmido que lhe cobria as costas. Durante cerca de hora e meia não fez mais do que passear de um para o outro extremo da sala. Observei-lhe as feições: parecia que não pensava em nada; os olhos tinham uma estranha expressão, selvagem e errante, só pousando com esforço sobre algum objeto. A certa altura tive a impressão de que olhava fixamente para o meu chá; um vapor quente saía do bule cheio; o pobre diabo tiritava e batia os

dentes; convidei-o por isso a beber. Voltou-se para mim sem dizer uma palavra, pegou na chávena, muito hirto, e bebeu o chá de um trago, de pé, sem lhe deitar açúcar; esforçava-se por não olhar para mim. Depois de ter bebido, pousou a chávena sem dizer uma palavra, sem ao menos agradecer com um gesto de cabeça, e recomeçou a andar a todo o comprimento e largura da sala; sofria muito, para ter a ideia de me falar ou agradecer. Quanto aos presos, abstiveram-se de o interrogar; uma vez aplicadas as compressas não lhe prestaram mais atenção, julgando talvez que valia mais deixarem-no sossegado do que incomodarem-no com perguntas ou revelarem-lhe a sua «compaixão». O soldado parecia muito satisfeito com esta decisão.

Entretanto a noite foi-se aproximando; acenderam o candeeiro. Alguns doentes tinham castiçais só para eles, mas eram poucos. O doutor fez a sua visita da noite, depois do que o sargento da guarda contou os presos e fechou a enfermaria, após terem trazido e colocado, a meio da sala, uma vasilha para as dejeções. Fiquei surpreendido quando me disseram que essa vasilha ficava ali toda a noite, na enfermaria, quando a latrina se encontrava a dois passos da porta. Mas era costume. Durante o dia só deixavam sair os presos um minuto, quando muito; à noite, nem pensar nisso! Para os forçados o hospital não é idêntico a um hospital normal; o condenado doente, apesar de tudo, continua a sofrer o seu castigo. Ignoro quem estabeleceu este costume; o que sei é que esta medida era em absoluto inútil e que nunca o formalismo pedante e absurdo se manifestou de uma maneira tão evidente como neste caso. Esta precaução não fora imposta pelos médicos porque, repito, os presos não podiam elogiá-los mais, olhavam-nos como verdadeiros pais e respeitavam-nos; esses médicos tinham sempre um carinho, uma palavra agradável para estes réprobos, que os apreciavam tanto mais quanto reconheciam neles toda a sinceridade.

Sim, eram verdadeiramente sinceras essas boas palavras, pois ninguém pensaria repreender os médicos se eles fossem grosseiros ou desumanos; eram bons com os presos por puro humanitarismo. Compreendiam muito bem que um forçado, quando doente, tem tanto direito a respirar um ar puro como qualquer outro paciente, seja este no entanto qualquer grande personagem. Os convalescentes das outras enfermarias tinham o direito de passear livremente pelos corredores, de fazer exercício, de respirar um ar menos empestado que o da nossa

enfermaria, fétida e sempre fechada, assim como saturada de emanações deletérias.

Durante muitos anos um facto inexplicável me irritou sempre, tal como um problema insolúvel, sem que pudesse encontrar-lhe a solução. Torna-se necessário parar um instante, antes de prosseguir a minha descrição: quero referir-me às grilhetas, de que nenhum forçado se liberta, por mais doente que esteja. Os próprios tuberculosos expiraram junto de mim com as pernas presas a elas. Todos já estão habituados a isto, aceitando-o como facto natural, inelutável. Creio que ninguém, nem mesmo os médicos, teriam tido a ideia de reclamar que tirassem as grilhetas aos presos gravemente doentes ou, pelo menos, tuberculosos. Para falar a verdade as grilhetas não eram excessivamente pesadas; em geral pesavam oito a doze libras, peso, aliás, suportável para um homem válido. Disseram-me no entanto que, ao fim de alguns anos, as pernas dos forçados com grilhetas perdiam as carnes e enfraqueciam; não sei se isto é verdade, mas inclino-me a acreditar. Um peso, por menor que seja, ainda mesmo de dez libras, se é soldado para sempre a uma perna, aumenta de uma maneira anormal o peso geral desse membro, e ao cabo de um certo tempo deve ter uma influência desastrosa no seu desenvolvimento. Para um forçado com boa saúde, isto não é nada; mas será o mesmo para um doente? Para os presos gravemente doentes, para os tuberculosos, cujas mãos e pernas vão enfraquecendo cada vez mais, a menor contrariedade é insuportável. Se a direção médica reclamasse alojamentos para os tuberculosos, seria um verdadeiro e grande benefício, estou certo. Dir-me-ão que os forçados são uns malfeitores, não dignos de compaixão; mas será preciso redobrar de severidade para o infeliz sobre quem pesa já a mão implacável de Deus? Não se suponha que esse agravamento tem por fim castigar o forçado. Os tuberculosos são, pelo tribunal, isentos de castigos corporais. Deve haver para isto uma razão misteriosa, importante, uma precaução salutar, mas qual? Eis o que é impossível de compreender. Não se supõe, não se pode mesmo supor que um tuberculoso tente evadir-se. Quem poderá ter esta ideia, sobretudo se a doença atingiu um certo grau? É impossível iludir os médicos a ponto de que estes tomem um preso são por um tuberculoso; é uma doença que se reconhece ao primeiro golpe de vista. De resto (digamo-lo já, visto se nos apresentar o ensejo) as grilhetas não evitam a evasão de um forçado. Pelo menos sobre a terra! As grilhetas são uma infâmia, uma vergonha, um fardo físico e moral — pelo

menos é o que eu penso — porque nunca poderiam servir de obstáculo a uma evasão. O mais desastrado dos forçados, o mais estúpido, saberia limá-las ou cortá-las, no sítio do rebite, nas arestas das pedras, sem muito trabalho. As grilhetas são uma inútil precaução; se as colocam nos forçados como castigo do seu crime, porque não poupar esse castigo a um agonizante?

Ao escrever estas linhas, uma fisionomia se destaca viva na minha memória: a fisionomia de um moribundo, de um tuberculoso, desse Mikailov, que estava deitado quase na minha frente, não muito longe de Oustiantsef, e que expirou, segundo me parece, quatro dias depois da minha chegada ao hospital. Quando acima me referi aos tuberculosos, não fiz mais do que revelar, sem querer, as sensações e reproduzir os pensamentos que me assaltaram por ocasião daquela morte. Conhecia pouco o Mikailov. Era um rapaz de vinte e cinco anos ou pouco mais, de baixa estatura, magro e de umas belas feições. Pertencia à «secção particular» e destacava-se por uma estranha melancolia, meiga e triste; dir-se-ia que «havia secado» no presídio, tal como se exprimem os forçados, que guardam dele uma saudosa recordação. Lembro-me muito bem que tinha uns olhos belíssimos — nem eu sei na verdade porque deles me recordo tão bem. Expirou às três horas da tarde de um dia luminoso e seco. O sol dardejava os seus raios brilhantes e oblíquos através dos vidros esverdeados e cobertos de neve da enfermaria; uma torrente de luz iluminou o desgraçado que, em estado de coma, agonizava há algumas horas. Desde pela manhã que os seus olhos se haviam nublado e não o deixavam reconhecer aqueles que dele se acercavam. Os forçados, que lhe viam o seu muito sofrer, procuravam aliviá-lo; a respiração tornava-se-lhe difícil, profunda e rouca, e o peito arfava com violência, como se lhe faltasse o ar. Repeliu depois para longe dele, primeiro, o lençol que o cobria, e a seguir, as suas próprias roupas, tentando fazer em bocados a camisa, que parecia se lhe tornara um fardo intolerável. Tiraram-lha. Era horrível de ver, o seu corpo muitíssimo estirado, as mãos e as pernas descarnadas, o ventre flácido, o peito soerguido, as costelas a desenharem-se-lhe de uma maneira tão nítida como as de um esqueleto. Sobre esse monte de ossos via-se apenas uma cruz, um escapulário e as grilhetas, de cujo peso e sem perigo lhe poderiam ter libertado as pernas, que eram só ossos. Um quarto de hora antes de morrer fez-se na sala um profundo silêncio: só falavam uns aos outros, murmurando. Andavam nas pontas

dos pés, muito discretamente. De quando em quando trocavam reflexões sobre outros assuntos, mas lançando um olhar furtivo para o agonizante. Este estertorava cada vez com mais dificuldade. Por fim, com mão trémula e mal segura, tateou a cruz que lhe pesava sobre o peito e fez o gesto de a tirar; pesava-lhe muito, sufocava-o. Tiraram-lha. Dez minutos depois expirava. Bateram então à porta para advertir a sentinela. Um dos guardas entrou, olhou o morto com um ar atoleimado e foi-se em procura do *feldscher*. Este era um bom rapaz, bastante preocupado talvez com o seu aspeto exterior, mas muito agradável. Chegou quase logo e aproximou-se a grandes passos do cadáver, o que produziu um ruído surdo na sala silenciosa: apalpou o pulso com um ar compungido, que parecia ter sido composto para aquele ato; fez um gesto vago com a mão e saiu. Comunicaram o facto ao posto, porque o criminoso era de importância (pertencia à secção particular); para o declararem devidamente morto, eram precisas algumas formalidades. Enquanto aguardávamos a entrada do guarda do hospital, um dos presos propôs a meia voz que talvez fosse melhor fechar os olhos ao morto. Um dos que ouviu o alvitre aproximou-se em silêncio de Mikailov e cerrou-lhe as pálpebras; ao ver sobre o travesseiro a cruz que lhe tinham tirado do pescoço, pegou nela, examinou-a um instante e colocou-lha de novo, persignando-se. Nas feições do cadáver quase só se viam os ossos; um raio de luz branca brincava-lhe na face, iluminando duas fileiras de dentes brancos e sãos, que brilhavam entre os lábios delgados, colados às gengivas, na boca entreaberta. O sargento da guarda chegou por fim, armado e de boné na cabeça, seguido de dois soldados. Aproximou-se lentamente, num passo incerto; olhou um pouco de lado para os presos muito calados e que o fitavam com um ar sombrio. Parou de repente, a um passo do morto, como se se tivesse sentido colado ao solo por um súbito mal-estar. Aquele corpo nu e esquelético, carregado com as grilhetas, impressionava deveras. Desapertou as correias que lhe prendiam o boné, tirou este (o que não sentia nunca necessidade de fazer) e fez um grande sinal da cruz. Era uma figura austera, já grisalha; uma cabeça de soldado que tinha muitos anos de serviço. Recordo-me que ao seu lado estava Tchékounof, um velho também grisalho como ele e que não desfitava os olhos do sargento, seguindo os movimentos deste com uma atenção estranha. Em dado momento os seus olhares cruzaram-se e vi que o lábio inferior de

Tchékounof tremia. Depois mordeu os lábios, cerrou os dentes e disse ao sargento, como por acaso, indicando o morto com um gesto da cabeça:

— Também tinha mãe, ele.

Estas palavras calaram fundo no meu espírito. Porque é que as teria ele proferido e como é que lhe surgiu aquela ideia? Levantaram o cadáver juntamente com a cama; a palha rangeu e as grilhetas rojaram pelo chão com um ruído forte. Levantaram-nas e saíram com o cadáver. De repente todos começaram a falar em voz alta. Ouviu-se ainda o sargento que, já no corredor, gritava a alguém para ir procurar o serralheiro. Era preciso desagrilhoar o cadáver.

E assim fiz uma digressão fora do meu assunto!

Capítulo 2 — O Hospital (continuação)

Os médicos visitavam as enfermarias pela manhã. Apareciam por volta das onze horas, todos juntos, servindo de comitiva ao médico-chefe. Hora o meia antes deles o médico pertencente à nossa enfermaria vinha fazer a sua visita. Era um rapaz muito novo ainda, sempre gentil e alegre, que os presos estimavam muito e que conhecia a preceito a sua arte. Só lhe encontravam um único defeito: o de ser «condescendente demais». Era pouco comunicativo e por vezes parecia ficar contrafeito na nossa frente, indo até ao ponto de corar algumas vezes; mudava logo a quantidade e a qualidade da dieta à primeira reclamação dos doentes e creio mesmo que consentiria de boa vontade em dar aos presos os medicamentos que eles desejassem. Era, enfim, um excelente médico! Muitos médicos na Rússia gozavam da estima e do respeito popular, e com justiça, segundo pude observar. Sei que estas minhas palavras hão de parecer um paradoxo, sobretudo se tivermos em consideração a desconfiança que esse mesmo povo tem pela medicina e pelos medicamentos estrangeiros. De facto prefere, ainda mesmo quando sofre de uma doença grave, dirigir-se, nem que seja durante anos seguidos, a uma feiticeira, ou empregar as mezinhas que lhe receita uma curandeira (que cumpre não desprezar em absoluto) do que ir consultar um médico ou baixar a um hospital. Para dizer a verdade é preciso atribuir esta prevenção a uma outra causa mais profunda e que não tem nenhuma relação com a medicina, mas sim é devida à desconfiança que o povo tem por tudo aquilo que traz um caráter burocrático, oficial. É preciso não esquecer por forma alguma que o povo teme e odeia os hospitais, a respeito dos quais se contam, as mais das vezes, absurdos e fantásticos horrores de que eles são teatro. (Apesar de que muito do que se conta tem um fundo de verdade). Porém o que mais lhe repugna são os hábitos alemães dos hospitais, a ideia de que serão talvez tratados por estrangeiros durante a doença, a severidade da dieta, enfim, os relatos que lhe fazem da dureza inflexível dos *feldschers* e dos médicos, da dissecação e da autópsia dos cadáveres, etc. E depois a gente do povo diz que são os senhores que vão tratá-la, e não gostam (para ela os médicos são

considerados senhores). Uma vez tomado conhecimento com os médicos (há sem dúvida exceções, mas são raras) todos os receios desaparecem. É de justiça atribuir este êxito aos nossos médicos, em especial aos novos, os quais sabem, na grande maioria, captar o respeito e a afeição do povo. Digo isto pelo que vi e experimentei várias vezes, em diferentes sítios; e suponho que as coisas não se devem passar de modo diverso noutros lugares. Em certas localidades afastadas os médicos bebem um pouco demais, abusam dos seus hospitais e descuram os doentes; às vezes esquecem até por completo a sua arte. Isto sucede, mas eu estou falando da maioria, inspirada, na verdade, por esse espírito, por essa tendência generosa que tem em vista regenerar a arte médica. Quanto aos apóstatas, aos lobos no redil, esses fica-lhes bem o tentarem desculpar-se, atribuindo as culpas ao ambiente que os rodeia, pois os deforma; continuarão porém indesculpáveis, sobretudo se já perderam de todo o sentimento humanitário. E é justamente o humanitarismo, a afabilidade, a compaixão fraternal pelo doente que muitas vezes substitui os remédios mais enérgicos. Já é tempo de deixarmos as nossas apáticas lamentações sobre o meio que nos envenena. Há na verdade alguns patifes consumados que, para se desculparem, não cessam de acusar o meio onde têm vivido, procurando conseguir o perdão das suas fraquezas, em especial quando manejam a pena ou a palavra com eloquência. Mas aqui estou eu de novo fora do meu tema. Queria com isto dizer apenas que a gente do povo é desconfiada e antipatiza mais com a burocracia da medicina do que com os próprios médicos. Quando porém os vê no seu trabalho, perde muitas das suas desconfianças.

O nosso médico parava em geral diante da cama de cada doente, interrogava-o séria e atentamente, e depois prescrevia-lhe os remédios e as poções. Às vezes compreendia muito bem que estava em frente de um pretenso doente: o preso vinha repousar dos trabalhos forçados e dormir sobre um colchão, numa sala aquecida, o que era preferível às tábuas nuas da tarimba do corpo da guarda, húmidas e frias, onde se amontoava sempre, devidamente trancada, uma multidão de acusados, pálidos e abatidos. (Na Rússia os desgraçados detidos na prisão preventiva são quase sempre pálidos e abatidos, o que demonstra que a maneira como os tratam e o seu estado moral são ainda mais deploráveis que os dos condenados). Por todas estas causas o nosso médico inscrevia o falso doente na sua caderneta, como afetado de uma «*febris catharalis*» e

consentia, por vezes, que ficasse uma semana no hospital. Todos zombavam desta «*febris catharalis*», porque todos sabiam muito bem que isto era a fórmula admitida para uma conspiração tácita entre o médico e o doente para indicar uma falsa doença, ou as «cólicas de reserva», como lhe chamavam os presos, que traduziam assim a «*febris catharalis*». Acontecia algumas vezes o doente imaginário abusar da compaixão do médico para ficar no hospital até o mandarem à força. Era então que se devia ver o nosso médico. Perturbado com a teimosia do forçado, não se decidia a dizer-lhe claramente que já estava curado e que portanto o aconselhava a pedir o seu bilhete de saída, se bem que lhe assistisse o direito de o mandar embora sem a menor explicação, escrevendo na sua folha «*Sanat est*». Principiava antes por insinuar ao desgraçado que já era tempo de deixar o hospital e pedia-lhe com insistência: «Não te parece que devias ir embora? Agora já estás curado, os lugares são poucos, não há espaço, etc.», até que o fingido doente, ofendido no seu amor próprio, pedia por fim para que o deixassem ir embora. O médico-chefe, se bem que muito compassivo e honesto (os doentes queriam-lhe também muito), era muitíssimo mais severo e resoluto que o nosso médico da todos os dias; em certos casos mostrava uma despiedosa severidade, o que provocava um maior respeito dos forçados. Chegava sempre à nossa enfermaria acompanhado de todos os médicos do hospital, depois de o subordinado ter feito a sua visita, e diagnosticava então sobre cada caso em particular; demorava-se mais tempo junto daqueles que estavam gravemente enfermos, tendo sempre para com eles uma palavra encorajadora que os reanimava e deixava sempre a melhor impressão. Não mandava nunca embora os forçados que chegavam com *cólicas de reserva,* mas se algum deles teimava em ficar ainda no hospital, inscrevia-o logo como pronto para sair: «Vamos, amigo, já descansaste bastante! Agora vai-te embora, pois é preciso não abusar». Aqueles que teimavam em ficar eram em geral forçados extenuados do trabalho, durante os grandes calores do estio, ou então condenados a serem vergastados. Recordo-me que foram obrigados a empregar uma severidade especial, que foram mesmo de uma certa crueldade para expulsarem um deles. Viera tratar-se de uma doença dos olhos, os quais estavam sempre muito vermelhos. Dizia sentir uma dor lancinante nas pálpebras. Submeteram-no a diversos tratamentos, aplicaram-lhe pomadas e sanguessugas e injetaram-lhe nos olhos uma solução corrosiva, mas tudo sem o menor resultado. A doença não cedia e

os olhos continuavam sempre no mesmo estado. Os médicos descobriram por fim que a doença era uma pura simulação, porque a inflamação não cedia nem piorava; o caso era suspeito. Desde há muito que os presos sabiam que aquilo não passava de uma comédia e que enganava os médicos, se bem que ele o não tivesse confessado. Era um latagão, de bonita figura, mas que provocava uma impressão desagradável em todos os companheiros; era dissimulado, desconfiado e sombrio, olhando sempre com mau aspeto, não falando nunca a ninguém e mantendo-se sempre isolado, como se desconfiasse de todos nós. Lembro-me que muitos o temiam, não lhes fizesse alguma picardia. Quando soldado, cometera um roubo com agravantes; preso, fora condenado a receber mil vergastadas, sendo depois mandado para uma companhia disciplinar. Para afastar o momento do castigo, os condenados decidiam-se algumas vezes, como já disse atrás, a praticar as mais terríveis «cabeçadas». Na véspera do dia fatal cravavam uma faca na barriga de um seu superior ou de um companheiro para assim serem submetidos a novo julgamento, o que retardava o seu castigo um ou dois meses, único fim que tinham em vista. Pouco se lhes importava que a condenação dobrasse ou triplicasse ao fim desses três meses; o que eles pretendiam era adiar de qualquer forma o terrível instante, muito embora isso lhes saísse muito mais caro, de tal maneira que lhes faltava a coragem para o afrontarem.

Alguns doentes aconselharam a que se vigiasse o recém-vindo, porquanto era muito capaz de, num momento de desespero, assassinar alguém durante a noite. Todavia não se atendeu ao conselho, ninguém tomou nenhuma precaução, nem aqueles mesmos que dormiam ao seu lado. Tinham no entanto observado que esfregava os olhos com a cal da parede e qualquer outra substância ainda a fim de que estivessem vermelhos por ocasião da visita médica. Por fim o médico-chefe ameaçou-o de empregar as *orties* para o curar. Sempre que uma doença de olhos se mostrava rebelde a todos os meios científicos, os médicos decidiam experimentar um remédio salvador, mas doloroso! Aplicavam as *orties* ao doente como se este fosse nem mais nem menos do que um cavalo. Mas o pobre diabo não queria por maneira nenhuma curar-se. Era de um caráter muito teimoso ou muito pusilânime; por mais dolorosa que fosse a aplicação das *orties,* não se podia comparar às vergastadas. Consistia a operação em prender o doente, perto da nuca, pela pele do pescoço, e puxar esta para trás tanto quanto possível. Faziam-lhe então uma incisão,

funda e comprida, na qual introduziam um bocado de algodão da largura de um dedo; todos os dias, a uma hora certa, puxavam o algodão para a frente e para trás, como se pretendessem cortar de novo a pele, a fim de que a ferida supurasse continuamente e não cicatrizasse. O pobre diabo sofreu esta tortura, que lhe provocava um sofrimento horrível, durante muitos dias; por fim resolveu-se a pedir alta. Em menos de um dia os olhos ficaram-lhe perfeitamente sãos e logo que o pescoço cicatrizou mandaram-no para o corpo da guarda, de onde na manhã seguinte saiu para receber as mil vergastadas.

É terrível o minuto que precede o castigo. É tão atroz que eu talvez seja injusto se chamar pusilanimidade e cobardia ao terror que os condenados sentem. É preciso que seja deveras terrível para que os forçados se decidam a aventurar-se a um castigo duplo ou triplo apenas com o fim de adiarem o momento de receberem esse castigo. Contudo já me referi a condenados que pediam para deixarem o hospital antes mesmo de cicatrizadas as feridas causadas pelas primeiras vergastadas a fim de receberem as que ainda lhe faltavam e terminarem assim com aquele estado preventivo; a vida no corpo da guarda era certamente pior do que em quaisquer trabalhos forçados. O hábito inveterado de ser vergastado e castigado contribuem também para dar a certos condenados intrepidez e decisão. Aqueles que haviam sido muitas vezes açoitados tinham as costas e o espírito encouraçados, eram verdadeiros coriáceos: acabavam por considerar o castigo como um simples e passageiro incómodo que já não temiam. Um dos nossos forçados da secção particular, apelidado por Kalmouk, mas que tinha o nome de Alexandre ou Alexandrina, como lhe chamavam, por gracejo, no presídio (um original galhofeiro, velhaco da pior espécie, intrépido, mas também bonacheirão) contou-me como recebeu uma vez quatro mil vergastadas. Ao referir-se a esse castigo fazia-o sempre a rir e a gracejar; confessou-me porém muito a sério que se não tivesse sido educado na sua quadrilha à força de muita pancada desde a mais tenra infância — as cicatrizes, de que tinha as costas cobertas e que nada as tinha feito desaparecer, lá estavam para o confirmar — não teria nunca podido suportar essas quatro mil vergastadas. Bendizia agora essa educação a golpes de correia. «Batiam-me à menor coisa, Alexandre Petrovitch», disse-me ele uma noite em que nos sentámos na minha tarimba, diante do fogão. «Bateram-me sem motivo durante quinze anos seguidos, desde que eu me recordo, e várias vezes ao dia; batia-me quem

queria, pelo que me habituei às vergastadas». Já não me recordo dos motivos que fizeram dele um soldado (e talvez ele mentisse, pois fora sempre um desertor incorrigível e um grande vagabundo). Lembro-me do relato que me fez um dia, do medo que sentiu quando o condenaram a receber quatro mil vergastadas por ter assassinado um seu superior. «Não tinha a menor dúvida de que me iam castigar severamente. Dizia comigo que, por mais habituado que estivesse a ser espancado, ia ficar rebentado no sítio. Diabo... Quatro mil vergastadas não eram uma bagatela, e depois todos os meus superiores estavam furiosos com o que se tinha passado. Sabia muito bem que aquilo não se pareceria a água de rosas; supunha mesmo que acabaria os meus dias debaixo da vergasta. Procurei por todas as formas que me mandassem batizar, supondo que com isso talvez me perdoassem. Quem o sabia!? Tinham-me no entanto advertido (os meus companheiros) que isso não serviria de nada, mas eu pensava: *Apesar de tudo, talvez me perdoem, quem sabe? Sempre terão mais compaixão por um batizado do que por um maometano*. Batizaram-me e deram-me o nome de Alexandre; no entanto tive de receber as devidas vergastadas; não me concederam a graça de me perdoarem uma só. Isto exasperou-me. E então pensei: *Esperai! Vou rir-me de vós todos que vai ser um regalo!* Pode acreditar, Alexandre Petrovitch, que assim supunha! Só queria zombar deles todos! Eu sabia muito bem fingir de morto, não porque tivesse o aspeto de um cadáver, não!, mas juraria, quem me visse, que eu iria dentro em pouco entregar a alma ao Criador. Conduziram-me à frente do batalhão e recebi o primeiro milhar. Parecia que queimavam e por isso comecei a gritar. Deram-me depois o segundo milhar. Pensei então: *Está chegado o meu fim*. Fizeram-me perder a cabeça e parecia-me ter as pernas quebradas... e de repente deixei-me cair por terra! Tinha os olhos como os de um morto, as feições roxas, a boca a escumar e sustida a respiração. O médico chegou e disse que eu ia morrer. Levaram-me ao hospital; recordo-me que ao chegar logo recuperei os sentidos. Vergastaram-me ainda duas vezas. Ah, como eles estavam furiosos, como estavam danados! Mas ainda assim trocei deles por mais duas vezes. Ao receber o terceiro milhar caí de novo, mas por sua vez, quando me aplicavam o último milhar, cada vergastada devia valer por três: era como uma faca que me ia direita ao coração! Oh, a vontade com que eles me bateram! Pareciam ter-se encarniçado contra mim! Oh, essa carga do quarto milhar (que vá!). Valeu bem os três primeiros juntos, e se não me tivesse fingido de morto quando

já só me restavam duzentas a receber, creio que me teriam dado cabo da vida. Porém não me deixei esmagar e ainda dessa vez os enganei, fingindo-me de morto. Julgaram mais uma vez que eu ia rebentar, e como não teriam eles acreditado? O próprio médico estava convencido disso. Porém as duzentas que me faltavam, essas então é que foi vergastar com vontade! (Essas valeram por duas mil). Que o diabo os carregue! Se não tivesse zombado deles, não se teriam vingado, espancando-me tão barbaramente! E porque resisti? Porque, quando garoto, havia crescido debaixo da pancada. E aqui está porque ainda estou vivo! Oh! Tenho sido toda a minha vida um verdadeiro armazém de pancadaria», comentou ele com um ar pensativo ao terminar a narrativa; parecia rever o passado e contar as pancadas que havia recebido. «Ah, não é possível, não!», acrescentou depois de um curto silêncio. «Não as contaria, não as poderia contar, não haveria número para tanto!» Olhou-me então e soltou uma risada tão ingénua que não pude evitar responder-lhe com um sorriso. «E sabe, Alexandre Petrovitch, com o que sonho todas as noites? Sonho que me estão sempre a bater. Não posso ter outros sonhos». Falava de facto durante o sono e gritava tanto às vezes que acordava os companheiros. «Que estás tu para aí a berrar, ó alma do diabo?» Este entroncado atrevido, de estatura meã, com os seus quarenta e cinco anos, ágil e alegre, vivia sempre em boas relações com todos os companheiros, posto gostasse muito de deitar a mão ao que não lhe pertencia, o que lhe valia muitas vezes tareias formidáveis; mas qual dos nossos forçados é que não furtava e não era espancado por causa dessas escamoteações?

A estas observações acrescentarei que ficava sempre muito admirado ante a bonomia extraordinária, a ausência de rancor com que esses desgraçados falavam dos seus castigos e dos chefes encarregados de lhos aplicar. Nestas narrativas, que muitas vezes me faziam descompassar o coração, não se vislumbrava a menor sombra de rancor ou de ódio e riam-se de boa vontade, como crianças. Só não se passou o mesmo com M...tski, por exemplo, quando me contou o seu castigo; como não era nobre, havia recebido quinhentas vergastadas. Até então nunca me falara nisso; quando lhe perguntei se era verdade, respondeu-me afirmativamente, em duas curtas palavras, com um sofrimento íntimo e sem olhar para mim. O rosto ruborizou-se-lhe; ao fim de um instante ergueu os olhos para mim e neles vi brilhar uma chama de ódio, como também os lábios lhe tremeram de indignação. Reconheci que não esquecera, que nunca poderia esquecer essa

página do seu passado. Os nossos companheiros, pelo contrário (não garanto que não pudesse haver exceções), consideravam de outra maneira as suas aventuras. É impossível, pensava algumas vezes, é impossível que eles possuam o sentimento da sua culpabilidade e da justiça da sua pena, sobretudo quando haviam delinquido, não contra os companheiros, mas contra os seus superiores. A maior parte não se confessava nunca culpada. Disse já que nunca notei neles o mais leve remorso, mesmo quando o crime tivesse sido cometido contra pessoas da sua condição. Quanto aos crimes cometidos contra os seus superiores, nesses nem falo! Pareceu-me que tinham para esses casos uma maneira especial de ver, toda prática e empírica: desculpavam esses crimes devido ao seu destino, à sua fatalidade, sem raciocinarem, de uma maneira inconsciente, como por efeito de uma crença qualquer. O forçado julga-se sempre com razão nos crimes cometidos contra os seus superiores, coisa que para ele não oferece a menor dúvida; no entanto na prática reconhece que os seus chefes não compartilham dessa opinião e que, por consequência, deve sofrer um castigo, pois só então estará perdoado.

A luta entre a direção do presídio e o preso é, por igual, encarniçada. O que contribui para justificar o criminoso a seus próprios olhos é que ele não tem a menor dúvida sobre a sentença absolutória do meio onde nasceu e viveu; está confiado que os seus iguais não o julgam definitivamente perdido, salvo, é claro, se o crime foi cometido precisamente contra pessoas do seu meio, contra seus irmãos. Por este lado está tranquilo; forte da sua consciência, não perderá nunca a assistência moral desses seres iguais, e isto é o principal. Sente que pisa terreno seguro, como também não odeia em absoluto o *knout* com que o vergastam; considera-o apenas como inevitável e conforta-se pensando que não é o primeiro nem será o último a senti-lo, e que esta luta passiva, surda e tenaz durará por muito tempo. O soldado detesta por acaso o turco, a quem combate? Não detesta, e no entanto acutila-o, esquarteja-o, mata-o.

Não se suponha que todos estes relatos são feitos com indiferença e sangue frio. Ao referirem-se ao tenente Jerebiatnikov, faziam-no sempre com uma indignação mal contida. Travei conhecimento com esse tenente Jerebiatnikov por ocasião da minha primeira estada no hospital — pelas narrativas dos presos, bem entendido. Vi-o mais tarde, uma vez em que ele comandava a guarda ao presídio. Com trinta anos de idade, era alto, muito gordo e muito forte, de faces avermelhadas e cheias, os dentes brancos e

um riso formidável. Ao vê-lo notava-se logo que era um homem totalmente incapaz de refletir. Adorava a vergasta e o dar vergastadas quando era escalado para executor. É preciso dizer desde já que ou outros oficiais consideravam Jerebiatnikov como um monstro e os forçados tinham dele a mesma opinião. Havia em remotos tempos, ainda não muito afastados, cuja «lembrança ainda está viva, mas na qual se acredita com dificuldade», executores que gostavam do seu ofício. Regra geral, porém, as vergastadas eram dadas sem entusiasmo, muito naturalmente.

Aquele tenente era uma exceção, um sibarita consumado, um profundo conhecedor em matéria de execuções. Era um apaixonado pela sua arte, da qual gostava muitíssimo. Como um patrício cansado da Roma imperial, exigia dessa arte requintes, gozos contra a natureza a fim de espicaçar e comover um pouco a sua alma estrangulada e afogada pela apatia. Levavam um preso para sofrer o seu castigo; era Jerebiatnikov o oficial executor; só o ver os soldados estendidos em linha e munidos de grossas varas o excitava. Percorria com um ar satisfeito toda a fileira e entusiasmava-os a todos para que cumprissem o seu dever com consciência, sem o que... Os soldados já sabiam o que significava este *sem o que*... Chegava o condenado; se não conhecia ainda Jerebiatnikov e se não estava ao corrente do seu segredo, o tenente levava-o a fazer o seguinte (era uma das invenções mais engenhosas de Jerebiatnikov para estas execuções): todo o preso era despido da cintura para cima e amarrado pelos sargentos à coronha de uma espingarda a fim de percorrer em seguida e em toda a sua extensão a *rua verde.* O infeliz exorta então com uma voz chorosa e lamuriante o oficial executor a vergastá-lo com pouca força e a não duplicar o castigo com uma severidade supérflua. «Minha alta nobreza», clama o desgraçado, «tenha piedade, seja paternal, faça com que eu peça a Deus toda a minha vida por si! Não me deite a perder, tenha compaixão!» Jerebiatnikov já espera isto. Faz suspender então a execução e entabula com o preso o seguinte diálogo, num tom sentimental e penetrante:

— Mas, meu caro, que posso eu fazer? Não soa eu quem te castiga, é a lei!

— Vossa alta nobreza pode fazer o que quiser. Tenha piedade de mim…

— Julgas na verdade que não tenho piedade de ti? Pensas que é um prazer para mim o ver-te vergastar? Sou um homem como todos! Ou

duvidas que seja um homem?

— Não duvido, minha alta nobreza! Todos sabemos que os oficiais são nossos pais e nós os seus filhos. Sede para mim um verdadeiro pai! — implorava o desgraçado, que entrevia em tudo isto uma possibilidade de escapar ao castigo.

— Assim, meu amigo, julga-te a ti mesmo; tens um cérebro para refletir. Bem sei que, por humanidade, devo ter para contigo, pecador, condescendência e misericórdia.

— Vossa alta nobreza diz apenas a pura verdade.

— Sim, devo ser misericordioso contigo, por mais culpado que sejas. Mas não sou eu que te castigo, é a lei... Pensa um pouco: eu sirvo a Deus e à minha Pátria, por consequência cometeria um grande pecado se atenuasse o castigo que a lei te impôs. Pensa nisto!

— Minha alta nobreza…

— Que queres que te faça? Admitamos que te perdoo por esta vez. Sei que vou cometer uma falta, mas faço como tu desejas... Perdoo-te e mandar-te-ei castigar ligeiramente. Mas se vou com isto prestar-te um mau serviço? Perdoo-te e punir-te-ei ligeiramente, mas vais pensar que para a outra vez serei também misericordioso contigo e por isso praticarás novas asneiras, não? A minha consciência portanto...

— Minha alta nobreza! Deus me preserve de tal... Ante o trono do Criador celeste, eu...

— Está bem! Está bem! E juras-me que te comportarás bem?

— Que o Senhor me dê uma morte imediata e que no outro mundo...

— Não jures assim, que é um pecado. Acreditarei no que me dizes se me deres a tua palavra.

— Minha alta nobreza…

— Está bem! Ouve: perdoo-te em atenção às tuas lágrimas de órfão. Tu és órfão, não?

— Órfão de pai e mãe, minha alta nobreza! Sou só no mundo.

— Está bem! Por causa das tuas lágrimas de órfão, tenho piedade de ti. Mas toma sentido, é a última vez. Levem-no! — acrescentava ele com uma voz tão meiga que o desgraçado não sabia como agradecer a Deus o ter-lhe deparado um oficial executor tão bondoso e compassivo. E a terrível procissão põe-se a caminho; o tambor rufa forte e os primeiros soldados brandem as suas vergastas. — Força! — gritava então Jerebiatnikov com toda a sua força. — Desanquem-no! Assem-no! Batam-

lhe! Cheguem-lhe em cima! Escorchem-no! Tirem-lhe a pele! Mais! Mais! Batam com mais força nesse órfão! Deem sem piedade nesse patife! Mais força! Desfaçam-no! Desfaçam-no! — E os soldados aplicavam as vergastadas com toda a força, de braço estendido, sobre o dorso do desgraçado, cujos olhos lançavam chispas, e gritava forte enquanto Jerebiatnikov corria atrás dele, à frente da fileira, desfazendo-se em gargalhadas. De tanto rir, quase nem se podia ter nas pernas, o que chegava a causar piedade por este estranho castigador. E era feliz com isto este homem. Acha tudo aquilo divertido. De quando em quando ouvia-se uma gargalhada maior, clara e bem timbrada. E continuava a repetir: — Batam! Força! Desanquem-no a esse bandido! Deem-me cabo desse órfão!

E tinha composto ainda algumas variantes sobre este motivo. Traziam-lhe um preso para ser castigado; este punha-se a suplicar que tivesse piedade dele. Desta vez Jerebiatnikov não se fingia de bondoso apóstolo e, sem reticências, diz francamente ao condenado:

— Fica sabendo, meu caro, que vou castigar-te deveras, porque assim mereces. Posso porém conceder-te uma graça: não te mandarei prender à coronha da espingarda. Irás tu mesmo, pelo teu pé, conforme a nova moda; só tens de correr o melhor que puderes diante da fileira. É claro que cada vara te atingirá da mesma forma, porém acabarás assim mais depressa, não é verdade? Então que te parece? Queres experimentar?

O preso, que o ouvira cheio de desconfiança e incerteza, diz consigo: «Quem sabe? Pode ser que esta maneira seja mais vantajosa que a outra; se correr muito, isto durará cinco vezes menos, e depois talvez nem todas as vergastadas me atinjam.»

— Está bem, minha alta nobreza, concordo.

— E eu também concordo. Vamos, que estão para aí todos de boca aberta! — grita o tenente aos soldados. Sabe bem que as costas dos desgraçados não serão poupadas por uma só vara sequer; o soldado que falhasse o golpe já sabia com quem tinha depois de se haver. O condenado tenta correr depressa pela *rua verde,* mas não consegue percorrê-la quinze vezes, porque as vergastadas chovem-lhe em cima da espinha como granizo, com a velocidade de um relâmpago; o desgraçado cai, mordendo o pó da rua o soltando gritos, como se tivesse ficado preso ao solo, atingido por uma bala.

— Oh, não, minha alta nobreza, prefiro que me fustiguem conforme o regulamento — diz ele então ao levantar-se a custo, pálido e aterrado, ao

passo que Jerebiatnikov, que antecipadamente sabia qual o resultado desta farsa, dá largas ao seu prazer, soltando estridentes gargalhadas.

É-me impossível porém relatar todas as variações que ele inventou e tudo quanto se contava dele.

Na nossa enfermaria falava-se também de um outro tenente, Smekalov, que desempenhou as funções de comandante da fortaleza antes da chegada do nosso atual major. De Jerebiatnikov falavam com indiferença, sem ódio, mas também sem lhe elogiarem os altos feitos; não o louvavam, ou numa palavra, desprezavam-no; entretanto que ao tenente Smekalov todo o presídio era unânime nos seus elogios e no seu entusiasmo por ele. Este oficial não era em absoluto um amador apaixonado das vergastadas; nada tinha do caráter de Jerebiatnikov; no entanto não desdenhava delas. Porque seria então que no presídio as suas execuções eram sempre lembradas com satisfação? É que soubera agradar aos forçados. Porquê? Como adquiriu ele uma tal popularidade? É que os meus companheiros, como aliás todo o povo russo, depressa esquecem os seus tormentos se lhes dizem uma palavra meiga (refiro-me ao facto em si, sem o analisar nem o examinar). Também não é difícil conquistar a afeição deste povo e tornar-se popular. O tenente Smekalov tinha alcançado uma popularidade *particular* — e por isso, ao contarem as suas execuções, faziam-no sempre com ternura: «Era bondoso como um pai», diziam algumas vezes os forçados, que suspiravam, comparando o antigo comandante interino com o atual major: «Uma pérola! Sim!» Era um homem simples e até bondoso a seu modo. No entanto há comandantes que são não só bondosos, mas misericordiosos, sem que no entanto se tornem queridos, de quem mesmo os presos escarnecem; Smekalov, ao contrário, soubera comportar-se de tal forma que todos os presos o consideravam o *seu* homem; é um mérito, uma qualidade inata, desconhecida muitas vezes dos que a possuem. Coisa extraordinária: há pessoas que estão longe de ser boas, e contudo têm o talento de se tornarem populares. Não desprezam o povo que lhe está subordinado; creio que está nisso o segredo dessa popularidade. Não se encontram neles os grandes senhores, não têm o espírito de casta e possuem de alguma maneira um odor do povo que lhes vem do nascimento e que o povo fareja de repente. Fará tudo por esse povo e este trocará de bom grado o mais humano e o mais terno dos chefes por um outro muito severo se este último possuir esse odor particular. E se esse homem for além disso um bonacheirão, à sua maneira, bem

entendido, oh!, então é inapreciável! Como ia dizendo, o tenente Smekalov castigava às vezes muito rudemente, mas fazia-o de tal maneira e com um tal agrado que os presos não lhe guardavam rancor; pelo contrário, recordavam as suas *histórias* das vergastadas, a rir. Elas eram de resto poucas, pois não tinha grande imaginação artística. Inventara apenas uma farsa, uma só, de que muito se ufanou durante um ano no nosso presídio; era-lhe querida, provavelmente porque era a única, e não lhe faltava nunca o bom humor. Smekalov assistia quase sempre à execução do castigo, gracejando e zombando do preso, inquirindo-o sobre diversos assuntos como, por exemplo, a vida particular do forçado; fazia isto sem má intenção, sem espírito preconcebido, mas apenas porque *desejava estar ao corrente das questões do condenado.* Traziam-lhe uma cadeira e as varas que deviam servir para o castigo do culpado; o tenente sentava-se e acendia o comprido cachimbo. O preso suplicava. «Oh, não, camarada! Vamos, deita-te! Que tens tu já?» O forçado suspirava e deitava-se por terra. «Muito bem, meu caro! Sabes ler corretamente?» «Como não, minha alta nobreza? Sou batizado e aprendi a ler quando rapaz». «Então lê». O forçado já sabe o que vai ler e como terminará esta leitura, pois este gracejo é pela trigésima vez repetido. Smekalov sabe também que o forçado não é ludibriado pela sua invenção, quando mais não seja porque os soldados têm as varas levantadas sobre as costas da desgraçada vítima. O forçado começa a leitura; os soldados, empunhando as varas, esperam, imóveis. Smekalov deixa de fumar, levanta a mão e fica à espera de uma determinada palavra. O preso lê e chega por fim às palavras: *«aos céus»*. É tudo quanto é preciso. «Alto!», grita, tornando-se vermelho, o tenente, e bruscamente, com um gesto especial, diz ao soldado que tem a vara levantada mais perto dele: «E tu faz de *celebrante*!»

Ouve-se então uma forte gargalhada. Os soldados, de pé, em volta do oficial, sorriem; o vergastador sorri também, como o próprio vergastado. Deus me perdoe!, sorri também, posto que à voz de comando, *«faz de celebrante!»*, a vergasta silve e venha cortar como uma navalha as costas do culpado. Smekalov sente-se feliz, porque foi ele quem inventou esta boa farsa, quem encontrou estas duas palavras, *céus* e *celebrante*, que se ajustam perfeitamente. Retira-se satisfeito, bem como o próprio vergastado, que fica também muito contente consigo e com o tenente, indo contar, meia hora depois, a todo o presídio, pela trigésima vez, a farsa de Smekalov. «Numa palavra, um bom coração, um verdadeiro pândego!»

Ouvia muitas vezes entoar, com carinho, louvores ao bondoso tenente.

— Alguns dias, quando íamos para o trabalho — contava um forçado, cujo rosto se alegrava ao recordar esse bravo oficial — víamo-lo à sua janela, em roupão, pronto para ir tomar o seu chá, de cachimbo na boca. Tirava-lhe sempre o meu chapéu. «Onde vais tu, Axénof?» «Para o trabalho, Mikail Vassilitch, mas antes tenho de ir à oficina.» E ria como um bem-aventurado. Uma verdadeira joia! Sim, uma verdadeira joia!

— Como este, não os temos por aqui muito tempo! — acrescentou um dos ouvintes.

Capítulo 3 — O Hospital (continuação)

Referi-me até aqui aos castigos e àqueles que os aplicavam porque pude fazer de tudo isso um primeiro e bem minucioso estudo durante a minha estada no hospital. Até então só conhecia todas estas coisas por ouvir dizer. Na nossa enfermaria estavam internados todos os condenados dos batalhões que deviam receber as *spitzruten*, assim como os presos das secções militares estabelecidas nas cidades e nos distritos a elas subordinados. Durante os primeiros dias observei com tanta curiosidade o que se passava à minha volta que os estranhos costumes, os prisioneiros vergastados ou os que aguardavam a vez de o serem me causavam uma terrível impressão. Sentia-me comovido e aterrado. Ao ouvir as conversas e os relatos dos meus companheiros sobre esse assunto propunha a mim mesmo questões que em vão procurava resolver. Tinha o desejo de conhecer todos os graus das condenações ou das execuções, todas as suas variações e surpreender a opinião dos próprios condenados; tentava adivinhar o estado psicológico dos fustigados. Disse já que era muito raro que um preso mantivesse o sangue frio no momento fatal, ainda que tivesse sido muitas vezes fustigado. O condenado sentia um medo horrível, mas puramente físico, um medo inconsciente que lhe perturbava o seu moral. Durante os meus poucos anos de reclusão no presídio pude estudar com cuidado os presos que pediam alta do hospital, onde haviam passado algum tempo a tratar das costas, retalhadas pela primeira metade do castigo; no dia seguinte deviam receber a outra metade. Este interregno na execução de sentença é sempre provocado pelo médico que assiste às vergastadas. Se o número delas a receber é demasiado para que as possam aplicar de uma só vez, esse número é dividido em duas ou três partes, conforme o parecer formulado pelo médico durante a execução; é ele que diz se o condenado está em condições de receber todo o castigo ou se a sua vida corre perigo. Quinhentas, mil ou mesmo mil e quinhentas vergastadas são administradas de uma só vez; porém se se trata de duas ou três mil, divide-se o castigo em duas ou três sessões. Aqueles cujas costas já estavam curadas, mas que deviam sofrer o resto da pena, ficavam tristes,

melancólicos, taciturnos na véspera e no dia da saída do hospital. Notava-se neles uma espécie de embrutecimento, de distração forçada. Abstinham-se de tomar parte em qualquer conversa e mantinham-se quase sempre calados; e, coisa curiosa, os outros presos evitam dirigir a palavra aos que têm de ser vergastados e não fazem nunca nenhuma alusão a esse castigo. Nem consolações, nem palavras supérfluas; não lhe prestam mesmo nenhuma atenção, o que com certeza é preferível para o condenado.

Havia no entanto exceções, como por exemplo o forçado Orlov, a quem já me referi. Este ardia de impaciência porque lhe curassem as costas o mais depressa possível a fim de pedir a sua saída e acabar de vez com as vergastadas e ser englobado no primeiro comboio de condenados para se evadir durante a viagem. Era um caráter exaltado e ardente, preocupando-se apenas com aquilo que tinha em vista; era um finório consumado. Parecia muito contente aquando da sua chegada e num estado de excitação anormal; se bem que dissimulasse aa suas impressões, receava morrer no local onde ia ser vergastado, antes mesmo de cumprir a primeira metade da sua condenação. Ouvira falar das precauções a tomar com ele pela direção do presídio, ainda quando estava para ser julgado; por isso preparou-se para morrer. Uma vez recebidas as primeiras vergastadas, recobrou coragem. Quando chegou ao hospital — eu nunca tinha visto semelhantes feridas — vinha todo satisfeito; esperava estar naquela altura sem vida; as atoardas que lhe tinham contado eram mentira, pois haviam até interrompido o castigo. Após uma longa reclusão preventiva começou a sonhar com a viagem, a sua futura evasão, a liberdade, os campos, a floresta... Dois dias depois da saída do hospital, voltava de novo para morrer na mesma cama que ocupara durante a sua primeira estada; não tinha podido suportar a segunda metade. Mas já falei demais acerca deste homem.

Todos os presos, sem exceção, mesmo os mais pusilânimes, aqueles a quem atormentava dia e noite a espectativa do castigo, suportavam corajosamente a sua pena. Era muito raro ouvirem-se gemidos durante a noite que se seguia à execução; em geral o povo sabe sofrer a sua dor. Interroguei muitas vezes os meus companheiros a respeito dessa dor a fim de a determinar com exatidão e saber a que sofrimento poderia compará-la. Não era uma mera curiosidade que me impulsionava. Repito: sentia-me comovido e aterrado. Porém, por mais que eu perguntasse, não consegui de

nenhum deles uma resposta satisfatória. Aquilo queima como o fogo — era o que, em geral, me diziam. Sempre a mesma coisa. Em primeiro lugar tentei interrogar M...tski: «aquilo queima como o fogo, como um inferno; parece que temos as costas em cima de uma fornalha ardente». E exprimia tudo com estas palavras. Fez um dia uma estranha observação, cuja exatidão não garanto, posto confirme o meu sentir e a opinião dos próprios forçados: é que as chibatadas são o mais terrível dos suplícios empregados entre nós. Parece, à primeira vista, que isto seja absurdo, impossível, e no entanto quinhentas chibatadas ou mesmo quatrocentas podem muito bem matar um homem; passando de quinhentas, a morte é quase certa. Um homem menos robusto não conseguirá suportar mil chibatadas, ao passo que sofrerá quinhentas vergastadas sem ficar muito contundido ou correr o risco de perder a vida. Um homem de compleição normal suporta mil vergastadas sem perigo e duas mil não matarão um homem de compleição média, bem constituído. Todos os presos asseguravam que as chibatadas eram piores que as vergastadas. «As chibatadas queimam mais e atormentam pavorosamente», dizem eles. Que as primeiras torturam muito mais que as segundas é evidente, porque irritam e atuam fortemente sobre o sistema nervoso, sobre-excitado por elas de uma maneira que não se pode calcular. Não sei se ainda existem uns tais senhores — pelo menos existiam ainda não há muito — para os quais o açoitar uma vítima era um prazer requintado que fazia lembrar o marquês de Sade e a Brinvilliers. Creio que este prazer indica uma anomalia de coração e que esses senhores devem gozar e sofrer ao mesmo tempo. Há pessoas que são como os tigres, ávidos de sangue que possam lamber. Aqueles que têm possuído esse poder ilimitado sobre a carne, o sangue e a alma dos seus semelhantes, dos seus irmãos, segundo a lei de Cristo, aqueles que têm tido esse poder e que têm tido a faculdade de o aviltar pelo rebaixamento supremo de outro ser feito à imagem de Deus, esses são incapazes de resistir aos seus desejos, à sua sede de sensações. A tirania é um hábito capaz de se desenvolver e que se torna uma doença de longa duração. Afirmo que o melhor homem do mundo pode tornar-se desumano e embrutecer a tal ponto que nada o distinguirá de um animal feroz. O sangue e o poder embriagam; ajudam o desenvolvimento da crueldade e da libertinagem; o espírito e a razão tornam-se então acessíveis aos fenómenos, os mais anormais, que então lhes parecem prazeres. O homem e o cidadão desaparecem para sempre no tirano: então o regresso à dignidade humana, o arrependimento, a

ressurreição moral tornam-se quase impossíveis. Acrescentemos que a possibilidade de uma semelhante liberdade age contagiosamente sobre toda a sociedade; um tal poder é fascinador. A sociedade que olha estas coisas com um olhar indiferente está já infetada até à medula. Numa palavra, o direito concedido a um homem de punir fisicamente os seus semelhantes é uma das chagas da nossa sociedade, é o meio mais eficaz para anestesiar nela o espírito de civismo, e esse direito encerra, em gérmen, os elementos de uma decomposição inevitável, iminente.

A sociedade despreza o carrasco de profissão, mas não o senhor carniceiro, tal como cada fabricante ou cada empresário sente um prazer irritante ao pensar que o operário que está sob as suas ordens, depende dele e toda a sua família. Bem sei que uma geração não extirpa de repente uma coisa que é nela hereditária; o homem não pode renunciar ao que tem no sangue e que lhe foi transmitido com o leite. Essas revoluções não vingam tão depressa. Não basta confessar a sua falta, o pecado original. Isso é pouco, muito pouco! É preciso ainda arrancá-lo, desenraizá-lo, e isto não se faz de um dia para o outro.

Referi-me atrás ao carrasco. Os instintos de um verdugo estão latentes em quase todos os nossos contemporâneos, mas os instintos animais do homem não se desenvolvem uniformemente. Quando eles abafam todas as outras faculdades o homem torna-se um monstro hediondo. Há duas espécies de carrascos: os que o são por sua vontade e os que o são por dever de cargo. O carrasco por sua vontade está, sob todos os pontos, abaixo daquele que é pago e que todavia tanto repugna ao povo, que lhe inspira mesmo um certo tédio, um temor irrefletido, quase místico. De onde provém este horror quase supersticioso ao último, ao passo que só tem indiferença e indulgência para o primeiro? Conheço estranhos exemplos de pessoas honestas, bondosas, estimadas na sociedade que julgavam necessário que um condenado ao ser vergastado tivesse de gritar, suplicar, exorar misericórdia. Isto era para eles uma coisa admirável, reconhecida mesmo como imprescindível; se a vítima não se decidia a gritar, o executor, que em qualquer outra ocasião seria tomado por um homem compassivo, considerava isso como uma ofensa pessoal. A princípio não pretendia mais que um ligeiro castigo; porém logo que não ouvia as habituais súplicas: «Minha alta nobreza, tenha piedade de mim! Seja um pai para mim! Faça com que eu agradeça a Deus toda a minha vida, etc.» tornava-se logo furioso e ordenava que lhe aplicassem

cinquenta vergastadas mais na esperança de chegar assim a ouvir os gritos e as súplicas, o que conseguia por fim. «É impossível proceder de outro modo! É muito insolente!», dizia-me um deles, muito sério. Quanto ao carrasco por dever, é um deportado a quem designam para esse cargo; faz a sua aprendizagem junto de um outro mais antigo e, uma vez conhecedor do seu ofício, fica para sempre no presídio, onde passa a ter uma casa à parte, um quarto só para ele, algumas vezes mesmo o seu lar conjugal, mas mantido quase sempre sob escolta. Um homem não é uma máquina; conquanto fustigue por dever, domina-o às vezes um grande furor e vergasta então com um certo prazer; no entanto não tem nenhum ódio à sua vítima. O desejo de mostrar a sua habilidade, a sua ciência na arte de vergastar aguilhoam-lhe o seu amor próprio. Trabalha pela arte. Sabe muito bem que é um réprobo, que provoca em toda a parte um horror supersticioso. É impossível que este mister não exerça sobre ele uma certa influência, que não lhe irrite os seus instintos animais. As próprias crianças sabem que este homem não tem pai nem mãe. Coisa curiosa: todos os carrascos que eu conheci eram indivíduos robustos, inteligentes, dotados de uma excessiva vaidade. O orgulho desenvolvia-se neles em relação ao desprezo que encontravam por toda a parte, arreigando-se talvez pela consciência que tinham do terror que inspiravam às suas vítimas ou pelo sentimento do seu poder sobre os desgraçados. O aparato e a encenação teatral das suas funções públicas contribuíam talvez para lhes dar uma certa presunção. Tive a ocasião, durante algum tempo, de encontrar e observar de perto um carrasco de estatura normal; era um homem que tinha pelo menos uns quarenta anos, musculoso, magro, com um rosto agradável e inteligente, e uns cabelos deveras encaracolados; o seu andar era grave e calmo, e o seu aspeto exterior decente. Às perguntas que se lhe faziam respondia com bom senso e clareza, com uma espécie de condescendência, como se se julgasse superior àquele que o interrogava. Os oficiais da guarda dirigiam-lhe a palavra com um certo respeito, do qual ele tinha perfeitamente consciência; como também diante dos seus chefes redobrava de delicadeza, de altivez, de dignidade. Quanto mais estes se mostravam amáveis, mais ele parecia tornar-se intratável, sem no entanto deixar a sua requintada delicadeza. Estou convencido de que nesses momentos se considerava muitíssimo superior ao seu interlocutor; isto lia-se-lhe claramente no rosto. No verão, às vezes, quando fazia muito calor, mandavam-no, sob escolta, matar, com um longo varapau, os cães

que vadiavam pela cidade; estes cães errantes multiplicavam-se com uma rapidez prodigiosa, tornando-se perigosos durante as canículas; por ordem das autoridades o carrasco era encarregado de os destruir. Este humilhante mister não o vexava por forma alguma; era digno de se ver o orgulho com que percorria as ruas da cidade, seguido da escolta, já cansada e exausta; aterrava com um só olhar as mulheres e as crianças, e fitava os transeuntes do alto da sua grandeza. Os carrascos vivem a seu bel prazer; têm dinheiro, viajam com conforto e bebem aguardente. São sua fonte de rendimento as gorjetas que os condenados civis lhes dão antes da execução. Quando têm de castigar os condenados à sua discrição, estipulam uma quantia proporcional aos haveres do paciente; exigem até trinta *rublos* e às vezes mais ainda. O carrasco não tem o direito de poupar a vítima, sob pena de as suas costas responderem por ele; porém, mediante uma importância razoável, compromete-se a não bater muito forte. As vítimas concordam quase sempre com as suas exigências porque se se recusam a pagar, fustiga como um verdadeiro bárbaro, conforme o seu poder. Chega mesmo a exigir uma grande quantia a um condenado muito pobre; então toda a parentela do desgraçado se põe em campo; esmolam e suplicam; desgraçado dele se não conseguem a quantia exigida; em tais casos o temor supersticioso que os carrascos inspiram é para eles um poderoso auxiliar. Contaram-me a respeito deles alguns atos de selvajaria. Os forçados afiançaram-me que, de um só golpe, o carrasco pode matar a sua vítima. Já se teria dado tal facto? Talvez... quem sabe? O tom em que mo disseram era bastante sincero para que não fosse verdade. O próprio carrasco assegurou-me que o podia fazer. Disseram-me também que podia fustigar com toda a força as costas de um condenado sem que este, no entanto, sentisse a menor dor e sem lhe deixar cicatrizes. Mesmo no caso em que o carrasco recebe uma gorjeta para não castigar muito severamente, a primeira vergastada dá-a sempre com toda a força dos seus braços. É o costume. Depois aplica as outras com menos força, sobretudo se lhe pagaram bem. Ignoro a razão por que assim procedem; será para habituar desde logo o paciente aos golpes seguintes, os quais lhe parecerão muito menos dolorosos se o primeiro foi forte? Ou ainda procurarão aterrar o condenado para que fique sabendo com quem tinha de se haver? Ou pretenderão mostrar, todos vaidosos, a sua musculatura? Em todo o caso o carrasco é ligeiramente excitado antes da execução, tendo consciência da sua força e do seu poder; nesses momentos é ator e o

público admira-o e sente um certo temor. Por isso não é sem satisfação que grita à vítima: «Põe-te em guarda! Vais ficar frito!», palavras habituais e fatais que precedem o primeiro golpe. A custo podemos compreender como um ser humano se pode desnaturar tanto. Nos primeiros tempos da minha estada no hospital ouvia atentamente estas narrativas dos forçados, as quais serviam para amenizar a monotonia dos compridos dias passados na cama, tão uniformes, tão semelhantes uns aos outros. Pela manhã distraía-nos a visita dos médicos; depois vinha o jantar. Como é de calcular, a comida era uma questão primacial naquela nossa vida tão monótona. As rações eram diferentes, conforme a natureza das doenças: alguns apenas recebiam caldo de cereais, outros papas de cevada, e outros, enfim, de sêmola, a qual tinha muitos amadores. Os presos debilitavam-se com o tempo e tornavam-se lambareiros. Os convalescentes recebiam um bocado de carne «de vaca», cozida, como diziam os meus companheiros. A melhor alimentação era reservada para os escorbúticos: davam-lhe carne assada com cebola, rábano, e algumas vezes mesmo um pouco de aguardente. O pão era, conforme a doença, ou negro ou de rolão. A exatidão observada na distribuição das rações fazia rir os doentes. Havia quem não comesse absolutamente nada do que lhe serviam; trocavam as rações, se bem que muitas vezes a ração destinada a um doente era comida por outro. Aqueles que estavam a dieta ou que só tinham uma pequena ração, compravam a de um escorbútico; outros conseguiam carne à custa de um bom preço; outros havia ainda que comiam duas rações completas, o que lhes ficava muito caro, pois, regra geral, compravam-nas a cinco *kopeks*. Se ninguém tinha carne na nossa enfermaria para vender, mandávamos o guarda à outra secção, e se aí não se encontrava ainda vendedor, pedíamos-lhe para a ir comprar às enfermarias militares «livres», como nós dizíamos. Havia sempre entre os presos quem quisesse vender a ração. A pobreza era geral, mas aqueles que tinham consigo umas moedas mandavam comprar ao mercado rações de pão branco ou gulodices. Os nossos guardas executavam todos estes recados de uma maneira desinteressada. Os momentos mais aborrecidos eram aqueles que se seguiam ao jantar: os que nada sabiam fazer, dormiam; os outros palravam ou discutiam, ou contavam qualquer coisa em voz alta. Se não chegavam novos doentes, então o aborrecimento era insuportável. Causava sempre um certo alvoroço a chegada de um novo doente, em especial quando nenhum de nós o conhecia. Admiravam-no com curiosidade e

informavam-se da sua história. Os que mais interesse despertavam eram os doentes de passagem; esses tinham sempre alguma coisa para contar, sem se referirem nunca, é claro, aos seus assuntos particulares. Mas se o preso não provocava por si mesmo a conversa, ninguém o interrogava. Perguntavam-lhe apenas de onde vinha, com quem tinha feito a viagem, como estavam as estradas, para onde o levavam, etc. Entusiasmados com as narrações do recém-chegado, os nossos companheiros contavam por sua vez o que tinham visto e feito; falavam sobretudo dos comboios, dos executores das sentenças, dos comandantes dos comboios, etc. De quando em quando também, pela tarde, apareciam os presos que tinham sido vergastados, os quais, como já se disse, causavam sempre uma certa impressão. Mas nem todos os dias chegavam destes infelizes; então quase se morria de tédio, porque nada vinha animar a apatia e a indolência geral; parecia até que os doentes ficavam exasperados só ao ver os seus vizinhos, e por essa razão algumas vezes discutiam. Os forçados alegravam-se sempre que aparecia algum louco para ser examinado pelo médico; algumas vezes os condenados a serem vergastados fingiam perder a razão para que lhes perdoassem. Ou os descobriam ou então eram eles próprios que renunciavam a esse subterfúgio; os presos que durante dois ou três dias haviam cometido as suas loucuras e voltavam de súbito à razão, acalmavam-se e suplicavam com ar triste para os deixarem sair do hospital. Nem os forçados nem os médicos lhes reprovavam a manha ou lhes recordavam as suas tolices; inscreviam-nos em silêncio e em silêncio os levavam; passados alguns dias voltavam com as costas a sangrar. Pelo contrário, a chegada de um verdadeiro louco era uma desgraça para toda a enfermaria. Os que eram alegres e espertos, que gritavam, dançavam e cantavam eram logo recebidos com entusiasmo pelos forçados. «Vamos ter brincadeira», diziam eles ao verem entrar os desgraçados fazendo contorções e esgares. Todavia o espetáculo era deveras doloroso e triste. Nunca pude ver os loucos a sangue frio.

Tivemos durante três semanas um na nossa enfermaria; já não sabíamos onde nos escondermos. Justamente nesse meio tempo levaram para lá um segundo. Este causou-me uma profunda impressão.

No primeiro ano, ou mais propriamente nos primeiros meses do meu exílio, ia eu para o trabalho com um grupo de serralheiros para a olaria, que ficava a cerca de duas *verstas* da prisão; trabalhávamos na reparação dos fornos, onde coziam os tijolos durante o verão. Certa manhã M...tski e

B... apresentaram-me ao sargento encarregado da fábrica, Ostrojski. Era um polaco já idoso — tinha sessenta anos mais ou menos — de alta estatura, magro, um exterior agradável, imponente mesmo. Havia já muito tempo que estava ao serviço na Sibéria, se bem pertencesse à camada mais baixa do povo — fora um soldado da insurreição de 1830. M...tski e B... estimavam-no e adoravam-no. Lia sempre a sua Vulgata. Falei-lhe; a sua conversa era amável e sensata; tinha uma maneira muito interessante de contar e era honesto e bonacheirão. Não o voltei a ver mais durante dois anos; informaram-me apenas que lhe estava sendo feito um inquérito; um belo dia levaram-no para a nossa enfermaria; havia enlouquecido. Entrou aos saltos, soltando gargalhadas, e pôs-se a dançar no meio da sala, fazendo gestos indecentes que lembravam a dança chamada *Kamarinskaïa*. Os forçados ficaram entusiasmados, mas eu, não sei porquê, senti-me triste. Quem diria? Ninguém pode dizer qual será o nosso futuro! Insultava todos, debatia-se, gemia, cantava até alta noite; a cada instante os seus destemperos repugnantes causavam-nos náuseas. Não atendia a ninguém. Vestiram-lhe a camisa de forças, mas a nossa situação não melhorou, porque ele continuou a altercar com todos e a tentar bater em todos os doentes. Ao fim de três semanas os doentes pediram ao médico-chefe para o transferir para a outra enfermaria destinada aos forçados. Passados porém dois dias conduziam-no de novo para a nossa enfermaria a pedido dos que estavam na outra. Como tínhamos connosco dois loucos, ambos desordeiros, as duas enfermarias não faziam mais que mandá-los mutuamente, acabando por trocarem de louco. Foi para todos um grande alívio quando os levaram para longe, para qualquer parte.

Lembro-me ainda de um outro louco muito original. Num dia de verão levaram-nos um condenado, de uma sólida e vigorosa corpulência, que andava pelos quarenta e cinco anos. O seu rosto era sombrio e triste, desfigurado pela varíola, com uns olhos pequeninos, vermelhos e inflamados. Veio colocar-se ao meu lado; era muito sossegado, não falava a ninguém e refletia sem cessar sobre qualquer coisa que o preocupava. A noite caía; dirigiu-se para mim e sem mais preâmbulos contou-me, à queima-roupa, com o ar de quem me confia um grande e íntimo segredo: devia receber duas mil vergastadas, mas nada tinha a temer porque a filha do coronel G… ia intervir em seu favor. Olhei-o com surpresa e replique-lhe que em tais casos e em meu entender, a filha de um coronel nada podia conseguir. Não sabia ainda com quem estava falando, pois o desgraçado

fora levado para o hospital como um doente do corpo, que não do espírito. Perguntei-lhe então de que doença sofria; respondeu-me que não sabia nada, que o haviam para ali levado por uma certa questão, mas que ele estava de perfeita saúde e que a filha do coronel andava perdida de amores por ele; duas semanas antes passara ela de carruagem em frente do corpo da guarda, na ocasião em que ele estava a espreitar pela janela gradeada, e ela apaixonara-se por ele só ao vê-lo. Depois desse dia veio ainda três vezes ao corpo da guarda, sob diversos pretextos: a primeira vez com o pai, sob o pretexto de ver o irmão, que era o oficial de serviço; a segunda com a mãe, para distribuir esmolas aos presos. Ao passar por ele disse-lhe ao ouvido que o amava e que o faria sair da prisão. E contava-me com detalhes exatos e minuciosos este absurdo que germinara e se fixara na sua pobre cabeça de demente. Acreditava religiosamente em como lhe perdoariam o castigo. Falava, muito calmo e confiado, na ardente paixão que havia inspirado a essa menina. Esta invenção estranha e romanesca, a paixão de uma menina da alta sociedade por um homem com perto de cinquenta anos, atribulado, com um rosto tão triste e tão monstruoso, indicava bem o efeito que o castigo havia produzido sobre essa tímida criatura. Talvez, de facto, tivesse visto alguém da sua claraboia e então a loucura, que o crescente terror tinha feito germinar no seu espírito, encontrou por fim a sua forma. O desgraçado soldado, que com certeza não tinha nunca pensado em senhoras, fantasiou de repente todo o seu romance e agarrou-se com afinco a essa esperança. Ouvi-o em silêncio, e contei depois a sua história aos outros forçados. Quando estes o inquiriram curiosos, manteve-se num reservado silêncio. No dia seguinte o médico interrogou-o; como o louco lhe afirmasse que não estava doente, inscreveu-o como bom para sair. Só soubemos que o médico escrevera na papeleta o *«Sanat est»* quando era já muito tarde para o advertirmos. Nós também não sabíamos ao certo o que havia. A falta foi da direção do presídio, que mandou o preso sem indicar qual a causa porque julgara necessário fazê-lo entrar no hospital; havia nisto uma negligência imperdoável. Fosse como fosse, dois dias depois o infeliz foi conduzido ao suplício. Ficou apavorado ante este castigo imprevisto; até ao último instante esteve convencido que lhe perdoariam; ao ser conduzido à frente do batalhão, começou a gritar desesperadamente por socorro. Como na nossa enfermaria não havia espaço nem camas, mandaram-no para a outra. Soube depois que, durante oito dias seguidos, não disse palavra e esteve

sempre triste, muito triste. Quando lhe curaram as costas, levaram-no. Nunca mais ouvi falar dele.

No que diz respeito aos médicos e tratamento dos doentes, aqueles que se encontravam ligeiramente indispostos não observavam nunca as prescrições dos médicos, como não tomavam os medicamentos, ao passo que os doentes de verdade executavam com pontualidade as ordens do médico; tomavam as suas misturas ou os seus pós; numa palavra, gostavam de se tratar, mas preferiam os remédios de uso externo, as ventosas, as sanguessugas, as cataplasmas, as sangrias, nas quais o povo tem uma confiança cega, e tinham grandes honras no nosso hospital; os doentes tomavam-nas até com prazer. Houve um facto estranho que muito me interessou: como é que indivíduos que suportavam, sem se queixarem, as dores horríveis causadas pelos açoites ou pelas vergastas se lamentavam, se contorciam, gemiam mesmo, ao mais insignificante achaque, a qualquer ventosa que lhe aplicavam?! Pode ser que representassem uma farsa. Tínhamos no hospital ventosas de uma espécie particular. Como o instrumento com que faziam as incisões instantâneas na pele já estava um pouco gasto, serviam-se de uma lanceta. Para uma ventosa era preciso fazer doze incisões, que não eram dolorosas, quando se empregava o tal instrumento, pois as fazia instantaneamente; com a lanceta era muito diferente, porque só cortava lentamente e fazia sofrer o paciente; se fossem precisas dez ventosas, era necessário fazer cento e vinte incisões bastante dolorosas. Eu próprio as experimentei; tinham ainda o inconveniente de irritar e fazer arrepiar; porém o sofrimento não era tão grande que não se pudessem reprimir os gemidos. Era digno de riso o verem-se robustos latagões contorcerem-se e gritarem. Poderíamos compará-los a certos indivíduos que são enérgicos e calmos quando se trata de uma questão importante, mas uma vez em casa, tornam-se caprichosos e mostram-se mal humorados à menor coisa só porque não lhes servem a horas o jantar; repreendem e praguejam; nada os distrai e todos os incomodam e ofendem; para dizer tudo, o bem estar torna-os inquietos e impertinentes; tais caráteres, muito comuns entre a gente do povo, eram também muito numerosos na nossa prisão por causa da coabitação forçada. Às vezes os presos escarneciam ou insultavam esses indolentes, que se calavam logo; parecia até que esperavam apenas os insultos dos companheiros para se calarem. Oustiantsef não gostava deste género de indivíduos e não deixava nunca passar a ocasião sem meter na

ordem o delinquente. De resto ele gostava de repreender os companheiros; era uma necessidade criada pela sua doença e também pela sua estupidez. Olhava com insistência para o que escolhia como vítima, e a certa altura dirigia-lhe uma longa admoestação, num tom calmo e convincente. Dizia que tinha por missão velar pela ordem e pela moralidade geral.

— É preciso que se intrometa em tudo — diziam, rindo, os presos, pois tinham pena dele e evitavam as discussões.

— Mas não falou já muito? Nem três carroças chegariam para levar tudo quanto ele já disse.

— Que estás tu aí a dizer? Não venhas incomodar-nos por causa desse imbecil. Que tens tu que gritar por causa de uma simples lancetada?

— E que tens tu com isso?

— Não, companheiros! — interrompeu um preso. — As ventosas não doem nada; já as experimentei. O pior é quando nos puxam muito tempo pelas orelhas e sem nada podermos dizer.

Todos os presos romperam às gargalhadas.

— Já te puxaram as tuas?

— Parvo! Já se sabe que sim.

— É por isso que elas se mantêm direitas como estacas!?

Este forçado, Chopkine, tinha de facto umas orelhas enormes e muito direitas. Antigo vagabundo, ainda novo, inteligente e sossegado, falava com um bom humor, escondido sob uma aparência de seriedade, o que tornava bastante cómicas as suas narrações.

— Como posso eu saber se já te puxaram as orelhas, meu pedaço de asno? — recomeçou Oustiantsef, dirigindo-se, indignado, a Chopkine. Este não prestou nenhuma atenção à azeda interpelação do seu companheiro.

— Quem foi que te puxou as orelhas? — perguntou um deles.

— O chefe da polícia, meu parvo, por causa da minha vida de vagabundo. Tínhamos chegado a K..., eu e outro vagabundo, Efime. (Este não tinha nenhum nome de família). No caminho, havíamo-nos refeito um pouco na aldeola de Tolmina. Sim, há ali um lugarejo que se chama Tolmina. Chegados à cidade olhámos à nossa volta para vermos se não haveria acaso por ali um bom negócio e safarmo-nos em seguida. Sabeis que, em pleno campo, é-se livre como o ar, ao passo que não é a mesma coisa na cidade. Entrámos sem mais demora numa taberna, não sem lançarmos uma espreitadela cautelosa, ao abrirmos a porta. Aproxima-se então de nós um pândego, muito moreno, com os cotovelos do seu fato de

algodão esburacados. Falámos de várias coisas. «Permitam-me», disse-nos ele, «que lhes pergunte se trazem algum documento».

»— Não trazemos.

»— Ah, sim! Nem eu! Tenho comigo dois companheiros que estão ao serviço do general cuco. Temos feito um pouco pela vida, mas neste momento estamos sem um centavo. Posso tomar a liberdade de mandar vir um litro de aguardente?

»— Com muito prazer — respondemos-lhe nós. E bebemos juntos. Indicou-nos depois um sítio onde poderíamos dar um bom golpe. Era uma casa, no extremo da cidade, que pertencia a um rico burguês. Havia lá muitas coisas boas, por isso nos decidimos a tentar o assalto durante a noite. Porém quando combinávamos a maneira de executar o nosso plano, deitam-nos a mão e levam-nos para o posto e daí para casa do chefe da polícia. — Eu próprio os interrogarei — disse ele. E veio logo de cachimbo ao canto da boca, e trouxeram-lhe uma chávena de chá. Era um grande pândego e usava suíças. Além de nós cinco havia ainda mais três vadios que acabavam de ser presos também. Como sabem, não há nada mais cómico do que um vagabundo, porque esquece tudo o que fez; podem esmagar-lhe a cabeça com um maço que só responderá que não sabe nada, que se esqueceu de tudo. O chefe da polícia voltou-se para o meu lado e perguntou-me à queima-roupa: — Quem és tu? — Respondi como todos os outros, dizendo: — Não me lembro de nada, minha alta nobreza.

»— Espera, pois tenho ainda que conversar contigo; conheço bem o teu focinho! — E pôs-se a olhar para mim com toda a atenção. Por mim, no entanto, nunca o tinha visto em parte alguma. E perguntou um segundo depois: — Quem és tu?

»— *Sai daqui,* minha alta nobreza.

»— Chamas-te *Sai daqui*?

»— Assim me chamam aqui, minha alta nobreza.

»— Muito bem! És o *Sai daqui*! E tu? — perguntou ele a um terceiro.

»— *Com ele,* minha alta nobreza.

»— Mas como te chamam?

»— Eu? Eu chamo-me *Com ele,* minha alta nobreza.

»— Quem te deu esse nome, canalha?

»— Pessoas de bem, minha alta nobreza! Não faltam por esse mundo pessoas de bem, e a minha alta nobreza sabe-o bem.

»— Mas quem são essas pessoas de bem?

»— Já as esqueci um pouco, minha alta nobreza. Queira perdoar-me generosamente esta falta!

»— Com que então esqueceste todas essas pessoas de bem?

»— Todas, minha alta nobreza.

»— Mas tu deves ter parentes, pai, mãe... Lembras-te deles?

»— Devo crer que tive, de facto, pais, minha alta nobreza; mas também a esses já os esqueci... Com certeza os tive, minha alta nobreza!

»— Mas onde tens tu vivido até agora?

»— Na floresta, minha alta nobreza.

»— Sempre na floresta?

»— Sempre na floresta!

»— E no inverno?

»— Nunca vi o inverno, minha alta nobreza.

»— Está bem! E lá como te chamam?

»— *Machado*, minha alta nobreza.

»— E tu?

»— *Amo-a-sem-cegar*, minha alta nobreza.

»— E tu?

»— *Afia-sem-medo,* minha alta nobreza.

»— Com que então nenhum de vós se lembra de coisa alguma?

»— Não nos lembramos de nada, mesmo de nada.

»E ficou de pé, a rir-se; os outros começaram também a rir sem bem saberem porquê. Isto não se passa sempre assim; às vezes dão-nos grandes murros a ponto de nos quebrarem todos os dentes. Estes figurões são sempre muito fortes e muito gordos.

»— Levem-nos para o presídio — ordenou o chefe. — Eu ocupar-me-ei deles mais tarde. Tu ficas! — disse, voltando-se para mim. — Senta-te ali.

»Olhei e vi papel, uma pena e tinta. Pensei comigo: *Que quererá ele ainda fazer?*

»— Senta-te — repetiu ele. — Pega na pena e escreve. — E de repente agarrou-me pelas orelhas e puxou-as.

»Olho-o com o mesmo ar com que o diabo olharia para um sacerdote russo, do rito grego.

»— Não sei escrever, minha alta nobreza!

»— Escreve!

»— Tenha pena de mim, minha alta nobreza!

»— Escreve como puderes, mas escreve! — E continuava a puxar-me as orelhas; puxava-mas e torcia-mas.

»Ah, companheiros! Gostaria mais de receber trezentas vergastadas ou um calor do inferno... Mas não. *Escreve!* era o que ele me dizia.

— Era doido, então, ou o quê?

— Qual doido... Pouco tempo antes um secretário cometera um roubo em Tobolsk; havia roubado a caixa do governo e fugira com o dinheiro. Tinha também, como eu, umas grandes orelhas. Como compreendem, comunicaram o facto para toda a parte. Ora eu correspondia àquele sinal; daí a razão porque me atormentava com o seu *Escreve!* Queria ver se eu sabia escrever e como escreveria.

— Que grande finório! E isso doía muito?

— Oh, nem me falem!

Uma gargalhada geral se ouviu.

— E depois? Escreveste?

— Que havia eu de escrever? Passeei a pena pelo papel e fiz tantas garatujas que deixou de me atormentar. Presenteou-me depois com uma dúzia de bofetadas, como era da praxe, e deixou-me sair... para a prisão, bem entendido.

— Mas tu sabes na verdade escrever?

— Sim, sabia escrever, como não? Mas desde que começaram a servir-se de penas, esqueci tudo, tudo!

E graças às tagarelices dos forçados que passavam pelo hospital, ia matando o tempo... Meu Deus, que tédio! Os dias eram compridos, abafados e monótonos, tanto se pareciam uns com os outros. Se ao menos tivesse um livro! Todavia era obrigado a baixar muitas vezes ao hospital, sobretudo no princípio do meu exílio, ou fosse porque estivesse doente ou fosse para repousar um pouco, ou fosse para sair do presídio. A vida era ali ainda mais penosa que no hospital, em especial sob o ponto de vista moral. Sempre a mesma inveja, a mesma hostilidade altercadora, as mesmas contínuas intrigas a tentarem envolver-nos, a nós, os fidalgos, sempre os mesmos rostos ameaçadores e repulsivos! Ali, no hospital, vivia-se ao menos numa certa igualdade como companheiros. A hora mais triste do dia era entre a tarde e o começo da noite. Deitávamo-nos cedo... Um candeeiro fumarento cintilava ao fundo da sala, junto da porta, como um ponto brilhante. No canto onde eu estava a escuridão era quase completa. O ar era infeto e abafado, e alguns doentes não podiam conciliar o sono:

levantavam-se e ficavam sentados, uma hora inteira, sobre as camas, a cabeça pendida, com o ar de quem está a refletir nalguma coisa. Olhava-os e procurava adivinhar o que pensavam para matarem o tempo. E eu punha-me também a sonhar: recordava o meu passado, que se apresentava em quadros fortes e largos na minha imaginação; recordava-me de certas particularidades que em qualquer outro tempo teria esquecido e que não me teriam causado uma impressão tão profunda como agora. E sonhava sobre o futuro: «Quando sairei do presídio? Para onde irei? Que me sucederá então? Voltarei à minha terra natal?» Penso, penso, e a esperança renasce na minha alma. Outras vezes punha-me a contar: um, dois, três, etc., a fim de adormecer mais depressa. Chegava algumas vezes até três mil sem conseguir adormecer. Alguém se voltava na cama. Oustiantsef tossia, com a sua tosse de tuberculoso do último grau, depois gemia fracamente e balbuciava de cada vez: «Meu Deus, estou em pecado!» Como era horrível ouvir essa voz doente, exausta e entrecortada no meio daquela calma geral. A um canto, os doentes que não conseguiam dormir conversavam ainda, em voz baixa, deitados nas suas camas. Um deles contava o seu passado, coisas longínquas, fugidias: falava da sua vida de vagabundo, dos filhos, da mulher, dos seus antigos hábitos. Adivinhava-se, pelo tom que dava às palavras, que tudo aquilo não voltaria mais, não existiria mais para ele, tal como um membro amputado e deitado fora. Um companheiro escutava-o. Percebia-se um murmurar baixinho, como a água que sussurra em qualquer parte, lá fora, muito longe! Recordo-me que uma vez, durante uma interminável noite de inverno, ouvi uma narração que às primeiras palavras me pareceu um sonho balbuciado durante um pesadelo, sonhado durante um acesso febril, num delírio.

Capítulo 4 — O Marido de Akoulka (narrativa)

Era já noite alta, cerca das onze horas. Há muito já que eu dormia quando acordei de um salto. A luz baça e fraca da lanterna iluminava a custo a enfermaria. Quase todos os doentes dormiam, até mesmo Oustiansef; no silêncio da noite ouvia o seu respirar difícil e os escarros que lhe rolavam na garganta a cada aspiração. Na antecâmara ressoavam os passos pesados e longínquos da ronda que se aproximava. Uma coronha de espingarda bateu surdamente no soalho. Abriram a porta e o cabo pôs-se a contar os doentes, andando com precaução. Ao fim de um minuto voltou a fechar a porta, depois de ter deixado a nova sentinela à porta da enfermaria; a patrulha afastou-se e o silêncio voltou de novo. Só então é que eu notei, não longe de mim, dois presos que não dormiam e pareciam murmurar qualquer coisa. Acontecia muitas vezes que dois doentes deitados lado a lado e que nunca trocavam palavra durante semanas, meses inteiros, encetarem de súbito uma conversa no meio da noite e em que um deles relatava ao outro todo o seu passado.

Estes dois falavam provavelmente já há muito tempo. Como não ouvira o princípio da conversa, não pude logo perceber do que tratavam; porém, pouco a pouco, habituei-me àquele murmurar e então compreendi tudo. Não tinha sono. Que outra coisa podia eu fazer senão escutar? Um deles contava com entusiasmo, meio deitado na cama, com a cabeça soerguida e estendida para o companheiro, qualquer coisa. Estava visivelmente animado e sobre-excitado; sentia necessidade de falar. O seu ouvinte, sentado na cama, com um ar triste e indiferente, as pernas estiradas sobre o colchão, murmurava, de quando em quando, algumas palavras em resposta ao companheiro; fazia-o, porém, mais por deferência do que por interesse, metendo a cada momento no nariz grossas pitadas de rapé que tirava de uma tabaqueira de ouro. Era o soldado Tchérévine, da companhia disciplinar, um pedante, rabugento, reservado, teimoso, um imbecil com amor próprio, ao passo que o narrador, Chichkof, com cerca de trinta anos, era um forçado civil, ao qual até então não tinha dado a menor atenção; durante todo o meu exílio não senti nunca o menor

interesse por ele, pois era um homem frívolo e estouvado. Passava semanas inteiras sem proferir uma palavra, com um ar sombrio e intratável; dava-lhe porém de repente para se intrometer nas questões que não lhe diziam respeito, para intrigar e caluniar; entusiasmava-se por quaisquer futilidades, contando sabe Deus o quê de caserna em caserna. Parecia então nem ser ele! Batiam-lhe e voltava a emudecer de novo. Como era um poltrão e um cobarde, tratavam-no com desdém. Era de pequena estatura, muito magro, com os olhos muito esbugalhados, ou melhor, estupidamente abertos. Quando contava alguma coisa, entusiasmava-se, agitava os braços, e de súbito interrompia-se e passava a outro assunto, perdendo-se em novos detalhes, e esquecia-se por fim do que estava falando. Discutia muitas vezes com os companheiros; quando injuriava o seu adversário, fazia-o com um ar sentimental e quase chorava. Não tocava mal a balalaica, da qual gostava muito; dançava mesmo nos dias de festa, e muito bem, quando os outros o convidavam. (Conseguia-se dele, com facilidade, o que se queria, não porque fosse obediente, mas porque gostava de ser bom companheiro e agradar a todos.)

Durante minutos não pude compreender o que Chichkof contava. Parecia-me que deixava continuamente um assunto para falar de outro. Tinha talvez notado que o Tchérévine prestava pouca atenção à sua narrativa; mas por outro lado creio que fingia ignorar essa indiferença para não o molestar.

— Quando ia ao mercado — continuou Chichkof — todos o cumprimentavam e desfaziam-se em amabilidades. Era um ricaço!

— Disseste que ele negociava?

— Sim, negociava. A nossa classe comercial é muito pobre; é a mais triste miséria. As mulheres vão à ribeira, muito longe, buscar água para regar as suas hortas: cansam-se, esfalfam-se e no entanto, quando chega o outono, não têm sequer com que fazer uma sopa de couves. Uma miséria! Este, porém, possuía um bom pedaço de terra, que os seus criados (tinha três) cultivavam; tinha ainda um colmeal, de que vendia o mel; negociava em gado; enfim, gozava entre nós de uma boa reputação. Era já velho e todo grisalho; os setenta anos pesavam-lhe bastante sobre os cansados ossos. Todos o saudavam quando ia ao mercado, agasalhado na sua peliça de raposa. «Bons-dias, Sr. Ankoudim Trofimytch!» «Bons-dias! Como vais tu?», respondia ele, sem menosprezar ninguém. «Viva por muitos anos, Sr. Ankoudim Trofimytch!» «Como vão os teus negócios?» «São tão bons

como a fuligem é branca. E os teus, meu amigo?» «Vivendo para os nossos pecados, vamos fatigando a terra». «Vive por muitos anos, Ankoudim Trofimytch!» Falava sempre a todos. Os seus conselhos eram bons; cada palavra sua valia um *rublo.* Lia muito, pelo que era considerado um sábio; não lia obras que não fossem referentes a Deus. Chamava a sua velha esposa e dizia-lhe: «Ouve cá, mulher, e guarda bem o que te digo». Então explicava-lhe o que queria. A velha Maria Stépanovna, que para dizer tudo não era ainda velha, era a sua segunda esposa; havia casado só para ter filhos; a primeira mulher não lhos tinha dado. Tinha dois rapazes ainda novos; o mais jovem, Vacia, havia nascido quando o pai estava à porta dos sessenta; Akoulka por sua vez tinha dezoito anos e era a mais velha.

— Tua mulher, não é verdade?

— Espera um instante. Filka Marosof principiou então a fazer das dele. Disse a Ankoudim: «Vamos a contas. Dá-me os meus quatrocentos *rublos;* deixo de ser o teu jornaleiro, não quero mais negociar contigo nem casar com a tua Akoulka. O que eu quero é divertir-me. Agora que meus pais morreram vou beber todo o meu dinheiro e depois empregar-me-ei, isto é, irei alistar-me como soldado; daqui a dez anos voltarei feito marechal do campo!» Ankoudim deu-lhe todo o seu dinheiro, tudo quanto tinha com ele, pois que em tempos haviam negociado da sociedade com o pai de Filka. «És um homem perdido!», disse-lhe ele. «Seja ou não um perdido, meu velho de barba grisalha, tu és o maior ladrão que conheço. Queres enriquecer com quatro *kopeks* e para isso amontoas todas as imundícies imagináveis. Desprezo todas essas coisas. Amontoas e enterras, e só o diabo sabe para quê! Eu, porém, tenho caráter. Não casarei por coisa nenhuma com a tua Akoulka. Já dormi com ela...» «Como ousas desonrar um pobre pai e uma moça honesta? Quando foi que dormiste com ela, minha língua de víbora, meu sangue de cão, que és?», perguntou-lha Ankoudim a tremer de cólera. (Foi o próprio Filka quem me contou tudo isto mais tarde.) «E não só não desposarei a tua filha como farei ainda com que ninguém a tome por esposa, nem mesmo Mikita Grigoritch, porque está desonrada. Desde o outono passado que temos feito vida em comum. Eu, porém, não a quero mais, por coisa nenhuma deste mundo. Não! Dá-me tudo quanto queiras, mas não casarei com ela!» Depois disto tornou-se um boémio, um devasso. Era um clamor geral, uma queixa unânime por toda a cidade. Era procurado apenas pelos companheiros como ele, porque tinha muito dinheiro. Estroinou durante três meses, numa liberdade

completa, ao fim dos quais ficou sem um centavo. «Quero ver o fim deste dinheiro; venderei a casa, venderei tudo, e depois alistar-me-ei ou tornar-me-ei um vagabundo!» Andava sempre a beber, de manhã até à noite, e passeava numa carruagem puxada por dois cavalos com guizeiras. As doidivanas adoravam-no, pois sabia guiar a primor a *tiorba.*

— É verdade que teve relações com essa Akoulka?

— Espera um pouco. Acabava eu de enterrar meu pai; a minha mãe cozia pães de cereais; trabalhávamos por conta de Ankoudim, o que mal nos dava para comermos, pelo que vivíamos miseravelmente. Tínhamos umas terras para além da floresta, onde semeávamos trigo. Porém quando meu pai morreu, tornei-me também um devasso. Obriguei minha mãe a dar-me dinheiro e cheguei até a bater-lhe...

— Tinhas coragem para lhe bater?! Isso é um grande pecado!

— Cheguei às vezes a passar todo o santo dia bêbado. Tínhamos ainda uma casita razoável, um pouco em ruínas, se quiseres, mas que era nossa. Morríamos de fome; tínhamos semanas inteiras que só mastigávamos farrapos... Minha mãe injuriava-me a valer, mas isso incomodava-me pouco. Não deixava o Filka Marosof; passávamos juntos dia e noite. «Toca a guitarra», dizia-me ele, «e eu ficarei aqui deitado; dar-te-ei dinheiro, pois sou o homem mais rico do mundo!» Não sabia mais o que havia de inventar. Apenas não tocava em nada do que tinha sido roubado. «Não sou ladrão, mas sim sou um homem honesto!... Vamos besuntar de pez a porta de Akoulka porque não quero que ela case com Mikita Grigoritch! E agora mais do que nunca!» Havia já muito tempo que o velho queria dar a filha a Mikita Grigoritch: era um homem de uma certa idade, também negociante e que usava óculos. Quando ouviu falar do mau comportamento de Akoulka, disse ao velho: «Isso deve ser uma grande vergonha para mim, Ankoudim Trofimytch; de resto, não me quero casar, pois já passei da idade». Fomos portanto besuntar com pez a porta de Akoulka. Por causa disso bateram-lhe tanto em casa que quase a mataram. A mãe, Maria Stépanovna, gritou: «Eu morro de vergonha!», ao passo que o velho dizia: «Se vivêssemos no tempo dos patriarcas, esquartejava-a em cima de uma fogueira; agora, porém, tudo é podridão e corrupção na terra». De quando em quando, de um ao outro extremo da rua, os vizinhos ouviam os gritos de Akoulka. Vergastavam-na de manhã à noite. E Filka gritava no mercado, para quem o queria ouvir: «É uma boa rameira, essa Akoulka, para se beber junto com ela! Atirei-a ao focinho dos outros, que se hão de

lembrar de mim». Um dia encontrei-me com ela, que ia com o cântaro buscar água à fonte. Gritei-lhe: «Bons-dias, Akoulina Koudimovna! Como estás bonita! Com quem vives tu agora e onde vais buscar tanto dinheiro para estares assim tão boa?» Não lhe disse nada do outro; fitou-me com os seus grandes olhos; estava magra como um espeto. Sem ter deixado de olhar para mim, a mãe, que julgou que estava a conversar comigo, gritou-lhe do limiar da porta: «Que estás para aí a conversar, minha desavergonhada?» E nesse dia começaram de novo a bater-lhe. Batiam-lhe por vezes uma hora inteira. «Bato-lhe», dizia a mãe, «porque já não é minha filha».

— Mas ela prostituíra-se de facto?

— Escuta que já te conto, meu caro! Não fazíamos outra coisa se não embebedarmo-nos, eu e o Filka. Um dia, quando estava deitado, minha mãe chegou ao pé de mim e gritou-me: «Porque estás deitado, meu grande canalha e bandido que és?» Injuriou-me primeiro e depois aconselhou-me: «Casa com a Akoulka. Os pais ficarão contentes dando-ta por esposa e estabelecer-te-ão um dote de trezentos *rublos».* Respondi-lhe: «Mas agora todos sabem já que ela está desonrada». «Imbecil! Tudo isso desaparece sob a grinalda do casamento. Poderás levar assim uma vida melhor e ela tremerá diante de ti toda a sua vida. Por nossa vez ficaremos a coberto da miséria com o dinheiro que ela trouxer; já falei deste casamento a Maria Stépanovna e estamos de acordo». Objetei-lhe logo: «Dai-me vinte *rublos* já e eu casarei com ela». Talvez não acredites, mas afianço-te que até ao dia do meu casamento andei sempre bêbado. E depois Filka Marosof ameaçava-me a cada momento: «Quebrar-te-ei as costelas se casas com a Akoulka; se eu quiser, dormirei todas as noites com a tua noiva». «Mentes, meu grande canalha!» Daí em diante injuriava-me pelas ruas, na frente da toda a gente. Corri um dia a casa de Akoulka e disse-lhes: «Se me não derem já, muito depressa, cinquenta *rublos,* não casarei nunca com Akoulka».

— E deram-ta em casamento?

— A mim? Porque não? Então não éramos já pessoas desonradas? O meu pai arruinara-se por causa de um incêndio, pouco antes da sua morte; tinha sido mais rico ainda que Ankoudim Trofimytch. «Uma pessoa sem camisa como tu deve considerar-se muito feliz em casar com a minha filha», disse-me o velho Ankoudim. «E não tiveste a porta toda besuntada de pez?», repliquei-lhe eu. «Que é que estás para aí a dizer? Prova-me em

como ela está desonrada! Olha, se quiseres, a porta é por ali e podes ir em boa hora. Somente me dás o dinheiro que eu te dei!» Decidimos então, eu e o Filka Marosof, mandar o Mitri Bykof junto do Sr. Ankoudim para lhe dizer que o difamaríamos diante de toda a gente. Até ao dia do meu casamento não interrompi a bebedeira. Só na igreja, se pode dizer, me desemborrachei. Quando voltámos da igreja, fizeram-nos sentar e Mitrofane Stépanych, um tio dela, disse: «Se bem que este casamento não seja muito honesto, está todavia feito e concluído». O velho Ankoudim estava sentado e chorava; as lágrimas corriam-lhe ao longo da barba grisalha. Quanto a mim, companheiro, eis o que planeei: antes de irmos para a igreja meti no bolso um pequeno chicote, decidido a servir-me dele com alegria a fim de que todos soubessem por que abominável fraude ela casava comigo e para que todos vissem bem que eu não era um imbecil.

— E ainda o que tu querias mais é que ela compreendesse o que a esperava!

— Cala-te, homem! É de uso entre nós, depois da cerimónia do casamento, acompanharem-se os recém-casados a um quarto afastado enquanto os convidados vêm para a sala beber, aguardando que eles voltem. Deixaram-me só com Akoulka; estava pálida, sem sangue nas faces, muito assustada. Os seus cabelos eram tão finos e claros como o linho, e os olhos muito grandes. Quase sempre se manteve calada; era raro ouvir-se falar e quase se podia acreditar que era muda. Era muito original, esta Akoulka! Imagina tu mesmo a cena: o chicote em cima da cama, pronto a entrar em ação... Pois bem, meu amigo, ela estava inocente e eu não tinha nada, mesmo nada a reprovar-lhe!

— É possível?

— Palavra de honra! Pura como uma honesta filha de boa família. E porquê, irmão, porque teria ela sofrido sem protestar toda esta tortura? Porque a teria difamado esse Filka Marosof?

— Sim, porquê?

— Desci então da cama e ajoelhei-me diante dela, juntando as mãos: «Querida Akoulina Koudimovna!», exclamei eu. «Perdoa-me por ter sido tão idiota a ponto de acreditar em todas essas calúnias! Perdoa-me, pois sou um canalha!» Ela estava sentada na cama, olhando-me com fixidez; pousou as mãos nos meus ombros e riu-se enquanto as lágrimas lhe corriam ao longo das faces; soluçava e ria ao mesmo tempo. Saí do quarto e disse a todos os convidados daquela noite: «Livre-se Filka Marosof de se

atravessar no meu caminho, pois deixará desde então de pertencer a este mundo!» Os velhos não sabiam o que dizer, tão grande foi a sua alegria; a mãe quase se ia lançando aos pés da filha a soluçar. Então o velho disse: «Se tivéssemos sabido e conhecido tudo isso, minha querida filha, não te teríamos dado semelhante marido!» Queria que visses como estávamos vestidos no primeiro domingo após o nosso casamento quando saímos da igreja: eu com o cafetã de pano fino e boné de pele com bragas de pelúcia; ela com uma peliça de lebre, nova em folha, e a cabeça coberta com um lenço de seda. Estávamos bem a dizer um com o outro. Todos nos admiravam. Na verdade eu não estava mal e Akoulinouchka também não; por um lado não devemos nunca envaidecer-nos, mas não devemos também nunca desprestigiar-nos. Sim, não existem às dúzias pessoas como nós...

— Decerto!

— Mas ouve! Dias após o meu casamento fui para longe da casa dos meus sogros e, posto que bêbado, pus-me a correr pelas ruas da cidade, gritando: «Que apareça esse bandido do Filka Marosof! Que venha agora esse canalha!» Gritei isto em plena praça pública. É preciso dizer que não me podia ter nas pernas; entretanto só me agarraram ao pé da casa dos Vlassof; foram precisos três homens para me levarem à força para casa. Todos falavam disto na cidade. As moças diziam umas às outras, quando se encontravam na praça: «Então já sabes a novidade? Akoulka estava virgem». Pouco tempo depois encontrei-me com Filka Marosof, que me disse em público, diante de estranhos: «Vende a tua mulher e terás com que beber. Olha, o soldado Jachka só casou para isso; não dormiu mesmo uma única vez com a mulher, mas teve com que se embriagar durante três anos, pelo menos.» Respondi-lhe: «Canalha!» «Imbecil!», retorquiu ele. «Quando te casaste não estavas no teu juízo. Podias por acaso compreender alguma coisa *daquilo?».* Corri a casa e gritei-lhes: «Casaram-me quando eu estava bêbado!» A mãe de Akoulka quis então agarrar-se a mim, mas eu disse-lhe: «Minha boa sogra, tu só compreendes de questões de dinheiro! Traz-me aqui a Akoulka». Foi então que comecei a bater-lhe. Bati-lhe, companheiro, bati-lhe duas horas seguidas, até que eu próprio, exausto, rolei também por terra; durante três semanas não pôde sair da cama.

— Muito bem! — observou Tchérévine com fleuma. — Se não se lhes bates, elas… Encontraste-a com o amante?

— Não... Para dizer a verdade, nunca a surpreendi — continuou Chichkof depois de um curto silêncio, falando com esforço. — Mas eu sentia-me ofendido, muito ofendido, porque toda a gente escarnecia de mim. A causa de tudo isto era o Filka. «Tua mulher foi feita para que os outros a olhem.» Um dia convidou-me para ir a sua casa e uma vez lá exclamou: «Olha que tens uma boa mulher: meiga, nobre, bem-educada, afetuosa, amável para todos. Por acaso já te esqueceste, meu rapaz, que um dia, os dois lhe besuntámos a porta com pez?». Eu estava bêbado nessa ocasião. Agarrou-me com tal força pelos cabelos que me estendi a todo o comprido no chão. «Vamos, dança, marido de Akoulka! Enquanto te seguro pelos cabelos, dançarás para me distraíres!» «Canalha!», praguejei por minha vez. «Ainda hei de ir em alegre companhia a tua casa para açoitar a tua mulher, a tua Akoulka, na tua frente e enquanto isso me der prazer». Acreditarás que durante um mês inteiro não saí de casa com receio de que cumprisse o que prometera e fizesse um escândalo a minha mulher?! Ah, quanto lhe bati por causa disto...

— E para quê bater-lhe? Podem-se prender as mãos a uma mulher, mas nunca a língua! Também não é preciso bater-lhe muito. Bate-se-lhe primeiro, depois prega-se-lhe uma lição de moral e em seguida acariciam-se. A mulher foi feita para isto.

Chichkof ficou calado por alguns instantes e depois continuou:

— Sentia-me muito ofendido e por isso retomei o velho hábito: batia-lhe de manhã à noite, às vezes por coisa nenhuma, outras porque não se tinha levantado como eu queria que o fizesse, outras ainda porque não caminhava como era preciso... Aborrecia-me quando não lhe batia. Ficava muitas vezes sentada perto da janela, a chorar em silêncio. Fazia-me mal algumas vezes vê-la chorar, mas batia-lhe, mesmo assim... A mãe insultou-me alguns dias por causa disso. «És um malvado, um bandido!» «Não me digas nada, se não bato-te também! Fizeram-me casar quando estava bêbado! Enganaram-me!» O velho Ankoudim quis intrometer-se a princípio. Disse-me um dia: «Toma cuidado! Não és um portento de tal ordem que não possa fazer-te entrar nos eixos!» Mas não foi além desta ameaça. Maria Stépanovna tornou-se muito amável. Uma vez veio direita a mim, toda lacrimosa, e disse-me: «Tenho o coração angustiado, Ivan Sémienytch! O que te vou pedir, para ti não tem importância alguma, mas tem muita para mim: deixa-a partir, separar-se de ti, meu amigo!» E de repente ajoelhou-se aos meus pés. «Esquece-a! Perdoa-lhe! Os perversos

caluniaram-na. Sabes bem que estava virgem quando a desposaste». E prosternou-se uma vez mais e chorou. Mantive-me inflexível: «Não quero ouvir nada», disse-lhe eu. «O que tiver vontade de vos fazer, eu o farei, porque nesta altura estou fora de mim; quanto ao Filka Marosof, é o meu melhor e mais querido amigo...»

— Vós os dois tínheis começado de novo a pagodear juntos, não?

— Nada disso! Não havia maneira de o encontrar. Matava-se à força de tanto beber. Já tinha bebido tudo quanto possuía e havia-se alistado como soldado, em substituição de um burguês da cidade. Entre nós, quando um rapaz se decide a ir substituir outro, fica sendo ele o dono da casa e de todos, até ao momento de ser chamado às fileiras. Recebe a quantia combinada no dia da sua partida, mas passa a viver em casa do seu senhor, às vezes até seis meses. Então não há diabruras que esses pândegos não pratiquem. É na verdade de levar para longe de casa as santas imagens. Desde o momento em que concorda em substituir o filho da casa, considera-se como um benfeitor e julga que todos, por isso, o devem respeitar, sem o que dá o dito por não dito. Também Filka Marosof fazia mil e uma diabruras em casa desse burguês: dormia-lhe com a filha, arrastava o dono da casa pela barba depois do jantar, fazia enfim tudo quanto lhe vinha à cabeça. Tinham de lhe aquecer todos os dias o banho (de vapor) e fazia ainda com que lhe aumentassem o vapor com aguardente e que as mulheres o levassem para o banho, agarrando-o por baixo dos braços. Quando recolhia a casa, depois de ter passado a noite fora, parava a meio da rua e gritava: «Não quero entrar pela porta! Deitem abaixo a sebe!» E tinham por força de deitar abaixo a sebe, que ficava ao lado da porta, só para que ele passasse. Isto terminava no dia em que o levavam para o regimento; porém nesse dia não o embebedavam. Na rua todos se acotovelaram para o ver passar: «Olhem! Lá vai o Filka Marosof!» E ele cumprimentava para todos os lados, à direita e à esquerda. Nesta ocasião Akoulka vinha da horta. Logo que Filka a avistou, gritou-lhe: «Para!» e saltou abaixo da telega, ajoelhando-se diante dela. «Meu amor, meu pequeno morango! Amei-te por espaço de dois anos; agora levam-me com música para o regimento. Perdoa-me, filha honesta de um homem de bem, porque eu sou um canalha, culpado de toda a tua desgraça!» E prosternou-se uma segunda vez diante dela. A princípio Akoulka sentiu-se aterrada, mas logo em seguida fez lhe uma grande saudação, quase se dividindo em duas. «Perdoa-me tu também, meu bom

rapaz! Afirmo-te que não tenho nenhuma má vontade contra ti!» Entrei em casa quase logo quando ela. «Que lhe disseste, carne de cão que tu és?» Acredita ou não, como queiras, mas respondeu-me, encarando comigo francamente: «Amo-o como a ninguém mais no mundo!»

— Ora aí tens...

— Nesse dia, não lhe disse mais uma palavra. À noite, porém, disse-lhe: «Akoulka! Agora posso matar-te!» Não preguei olho durante toda a noite e fui muitas vezes à antecâmara beber *kvas*. Mal o dia despontava, entrei no quarto. «Akoulka! Prepara-te que vamos para o campo». Já de antemão havia resolvido ir até lá e a minha mulher sabia-o. «Tens razão», disse-me ela. «Estamos na época das colheitas; disseram-me há dois dias que o segador está doente e não faz nada». Atrelei a telega sem dizer uma palavra. À saída da cidade há uma floresta que tem quinze *verstas* de comprido e no fim dela é que ficava o nosso campo. Já tínhamos percorrido três *verstas* da floresta quando parei os cavalos. «Vamos, Akoulka, levanta-te! É chegada a tua hora!» Olhou-me toda aterrada, mas ergueu-se em silêncio. «Tens-me atormentado bastante», disse-lhe eu, «e por isso reza as tuas orações!» Agarrei-a pelos cabelos (ela tinha umas tranças compridas e grossas). Enrolei-as em volta do braço, prendi-a depois entre os joelhos, tirei a faca, puxei-lhe a cabeça bem para trás e cravei-lha na garganta. Ela soltou um grito e o sangue jorrou. Então atirei para longe com a faca, apertei-a nos braços, estendi-a em terra e abracei-me a ela, gritando com todas as minhas forças. Grito enquanto ela geme, palpita e estrebucha; o sangue (o seu sangue) salpica-me as faces, borbulha-me para as mãos, cada vez com mais força. Horrorizado, larguei-a, deixei o cavalo e deitei a correr, a correr até casa. Entrei pelas traseiras da casa e fui-me esconder na velha barraca de banho, toda arruinada e inabitável; deitei-me por baixo da banqueta, onde estive escondido até alta noite.

— E Akoulka?

— Levantara-se para voltar também para casa. Encontraram-na mais tarde a cem passos do lugar onde a deixei.

— Então não a tinhas liquidado?

— Não! — Chichkof calou-se uns momentos.

— Sim — comentou Tchérévine — há uma veia… Se não a cortamos ao primeiro golpe, o homem esperneia, o sangue corre a bom correr e muitas vezes não morre!

— Ela no entanto morreu. Encontraram-na à tarde, já fria. Comunicaram logo o facto a quem de direito e puseram-se à minha procura. Foram dar comigo, durante a noite, no velho banheiro. E é esta a razão porque estou aqui há já quatro anos — acrescentou ele depois de um curto silêncio.

— Sim. Se não lhes batemos, elas tomam conta de nós — sentenciou Tchérévine, tirando de novo a caixa do rapé. Fungava longamente, com pausas. — No entanto, meu rapaz, procedeste muito estupidamente. Eu também surpreendi minha mulher com um amante. Obriguei-a a ir à cavalariça, dobrei então em dois um cabresto e perguntei-lhe: «A quem juraste ser fiel? A quem juraste na igreja?» E sovei-a, sovei-a com o cabresto, e sovei-a tanto durante hora e meia que ao fim, desquadrilhada, gritou-me: «Lavar-te-ei os pés e beberei a água!» Chamava-se Avdotia.

Capítulo 5 — A Estação do Verão

Abril começara já; a semana santa não estava longe. Encetámos os trabalhos de verão. De dia para dia o sol tornava-se mais brilhante e mais quente; no ar sentia-se o cheiro da primavera, que atua sobre os organismos nervosos. Também o forçado se sente encantado e nervoso com a aproximação dos belos dias, os quais lhe provocam novos desejos, novas aspirações e uma tristeza nostálgica. Creio que sentimos muitíssimo mais a perda da liberdade durante um belo dia de sol, do que nos dias chuvosos e melancólicos do outono e do inverno. É um facto que se observa entre todos os forçados: quanta mais alegria sentem durante um belo e claro dia de sol, tanto mais impacientes e irritáveis se tornam depois. Observei que na primavera as questiúnculas eram mais frequentes no presídio. Irrompiam de cada canto as algazarras e os gritos, como se multiplicavam as altercações. Durante as horas do trabalho surpreendia muitas vezes olhares meditativos, obstinadamente perdidos no azulado longínquo, para qualquer lugar, para lá da outra margem do Irtych, onde começava a incomensurável planície que se estende por centenas de *verstas,* a livre estepe *kirghise;* ouviam-se longos suspiros, saídos do fundo do peito, como se aquele ar distante e livre convidasse os forçados a respirar e lhes confortasse a alma prisioneira e sucumbida. — Ah! — suspirava por fim o condenado, e bruscamente, como para afastar de si esses sonhos, empunhara com fúria a pá ou reunia os tijolos que devia transportar de um lado para o outro. Ao fim de alguns minutos, esquecida esta fugitiva sensação, começava a rir ou a injuriar, conforme o seu humor; lançava-se com desacostumado ardor à tarefa que lhe haviam determinado; trabalhava com toda a energia como se desejasse acalmar pela fadiga uma dor que o torturava. Eram indivíduos vigorosos, todos na flor da vida, na plena posse das suas forças. Como são pesadas as grilhetas durante essa estação! Isto não é sentimentalismo e garanto a certeza da minha observação. Durante a quadra calmosa, sob um sol ardente, quando sentimos em toda a nossa alma, em todo o nosso ser, a natureza que renasce à nossa volta com um vigor inexplicável, é quando se torna mais

insuportável a prisão, a vigilância da escolta, a tirania de uma vontade estranha.

Além disso é na primavera, com o canto da primeira cotovia, que a vagabundagem recomeça em toda a Sibéria, em toda a Rússia: as criaturas de Deus evadem-se das prisões e embrenham-se nas florestas. Depois da fossa asfixiante, das barcas, das grilhetas, das vergastadas, vagueiam por onde bem lhes apetece, à aventura, onde a vida lhes parece mais agradável e mais fácil; comem e bebem do que encontram ou do que lhes dão, satisfeitos, adormecendo sossegados, durante a noite, na floresta ou num campo, vivendo despreocupados, sem o terror da prisão, como as aves do Senhor, dando as boas-noites apenas às estrelas do céu, sob os olhos de Deus. Porém nem tudo são rosas: sofrem algumas vezes a fome e a fadiga, «ao serviço do general cuco». Muitas vezes estes vagabundos não têm, durante dias inteiros, um bocado de pão para meter na boca; precisam esconder-se de toda a gente, soterrando-se como as marmotas, vendo-se na necessidade de roubar, de assaltar e às vezes mesmo de assassinar. «O deportado é uma criança; atira-se a tudo quanto vê», diziam os exilados na Sibéria. Este adágio pode aplicar-se, em toda a sua verdade e com mais justeza, aos vagabundos. São quase todos bandidos e ladrões, mas mais por necessidade do que por vocação. Os vagabundos incorrigíveis são numerosos; há forçados que se evadem depois de terem cumprido a sua pena, quando são já colonos. Deviam sentir-se felizes com sua nova vida, visto terem assegurado o pão de cada dia. Pois não estão! Alguma coisa os impele e os arrasta. Essa vida nas florestas, miserável e terrível, mas livre e aventurosa, tem para aqueles que já uma vez a experimentaram um encanto misterioso e sedutor. Causa-nos admiração ver entre esses fugitivos indivíduos bem colocados, sossegados, que prometiam tornar-se uns homens de bem, uns bons agricultores. Casava-se um forçado, tinha filhos, vivia durante cinco anos no mesmo local e de repente, numa bela manhã, desaparecia, abandonava a mulher e os filhos ante o espanto da família e de todos os seus vizinhos. Mostraram-me um dia, no banho, um desses desertores do lar doméstico. Não cometera nenhum crime, ou pelo menos ninguém o suspeitava, mas havia desertado, desertado para toda a sua vida. Havia estado na fronteira meridional do Império, na outra margem do Danúbio, na estepe *kirghise,* na Sibéria oriental, no Cáucaso — numa palavra, em toda a parte. Quem sabe? Noutras condições talvez tivesse sido um Robinson Crusoé, tal a sua paixão pelas viagens. Soube

destes detalhes em conversa com outros forçados, pois ele não gostava de falar, só abrindo a boca em caso de extrema necessidade. Era um pequeno aldeão, de uns cinquenta anos, muito sossegado, de rosto calmo e um tanto aparvalhado; era de uma pacatez que parecia idiotismo. Gostava de estar sentado ao sol, a trautear, por entre dentes, uma canção qualquer, mas tão baixinho que a cinco passos não se ouvia nada. Tinha uma fisionomia, por assim dizer, petrificada; comia pouco e sobretudo pão negro; não comprava nunca pão branco nem aguardente; creio mesmo que nunca tinha tido dinheiro, que nem mesmo o sabia contar. Era-lhe tudo indiferente. Às vezes dava de comer aos cães do presídio por suas próprias mãos, o que ninguém fazia. (Em geral o russo não gosta de dar de comer aos cães). Dizia-se que fora casado duas vezes e que tinha filhos em qualquer parte. A razão por que havia sido mandado para o presídio, não a sei dizer. Supunham os meus companheiros que ele devia evadir-se; mas, ou porque a sua hora ainda não tivesse chegado ou porque já tivesse passado, cumpria sossegadamente a sua pena. Não mantinha nenhumas relações com o estranho meio onde vivia: era muito reservado para isso. No entanto era preciso não confiar naquela serenidade aparente; e por outro lado, que lucraria em se evadir?

Se compararmos a vida do vagabundo pelas florestas com a do presídio, diremos que a primeira é uma felicidade paradisíaca. O destino do vagabundo é desgraçado, mas é livre pelo menos. E aqui está por que todo o presidiário na Rússia, onde quer que se encontre, se torna inquieto aos primeiros alvores sorridentes da primavera. Nem todos porém sentem a tentação de fugir; com medo aos obstáculos e à possibilidade do castigo, há apenas um prisioneiro em cada cem que a isso se aventura; os outros noventa e nove limitam-se a sonhar em como poderiam fugir. Conforta-os o desejo e a ideia de uma eventualidade qualquer, ou recordam-se de uma antiga evasão. Refiro-me somente aos forçados já condenados, porque aqueles que ainda não cumpriram a pena aventuram-se a isso com mais facilidade. Os condenados só se evadem nos primeiros tempos da sua reclusão; uma vez passados dois ou três anos no presídio, aclimatam-se e concordam em que é preferível terminar legalmente a sua pena e tornarem-se colonos do que arriscarem-se a perder tudo, em caso de revés, pois um mau sucesso é sempre possível. Dos forçados, apenas um, em cada dez, consegue *mudar a sua sorte.* São quase sempre os condenados à reclusão indefinida. Quinze, vinte anos parecem-lhe uma eternidade. Além

disso, um grande obstáculo para as evasões é o ferrete. *Mudar a sua sorte* é uma locução técnica. Se se surpreende um forçado em flagrante delito de evasão, tem de responder a um interrogatório a que o submetem para averiguar porque queria *mudar a sua sorte.* Esta expressão, um pouco literária, mostra claramente o ato que ela designa. Nenhum evadido espera ficar para sempre livre, pois sabe que isso é quase impossível, mas quer que o mandem para outro presídio, que o obriguem a colonizar o país, que o julguem de novo por um crime cometido durante a sua vagabundagem — numa palavra, que o mandem não importa para onde, contanto que não seja para o presídio onde já esteve preso e que se lhe tornou intolerável. Todos estes fugitivos, se não encontram durante o verão uma choupana onde possam passar o inverno, se não se lhes depara alguém que tome interesse em os esconder, se enfim não conseguem, algumas vezes por um assassinato, um passaporte que lhes permita viver em qualquer parte sem inquietações, surgem, em multidão, durante o outono, nas cidades, às portas das cadeias; confessam então que são vagabundos e passam o inverno nas prisões, com a íntima esperança de se evadirem no verão seguinte.

Sobre mim exercia também a primavera a sua influência. Recordo-me da avidez com que, através das fendas da paliçada, fitava o horizonte; permanecia horas, de cabeça colada às estacas, a contemplar com teimosia, sem me poder saciar, a erva que reverdecia no fosso da paliçada ou o longínquo azul do céu, que mais e mais se carregava. Dia a dia a minha tristeza e a minha angústia iam-se agravando; o presídio tomava-se-me insuportável. O ódio que a minha qualidade de fidalgo inspirou aos forçados durante os primeiros anos envenenou-me toda a vida. Pedia muitas vezes, sem necessidade, para que me deixassem baixar ao hospital só para fugir ao presídio, esquivar-me a esse ódio pertinaz e implacável. «Vós, os nobres, éreis uns abutres que nos dilaceráveis às bicadas quando éramos servos», diziam-nos os forçados. Oh, quantas vezes invejei os homens do povo que chegavam ao presídio! Esses, logo ao primeiro contacto, se tornavam companheiros de todos. Assim a primavera, o fantasma da liberdade entrevista, a alegria de toda a natureza, traduziam-se em mim por um redobrar de tristeza e de irritação nervosa. Pela sexta semana da quaresma tive de cumprir as minhas obrigações religiosas: o sargento dividira os forçados em sete grupos — justamente o número das semanas quaresmais — os quais, cada um por sua vez, tinham de dar

cumprimento aos seus deveres religiosos. Cada grupo compunha-se mais ou menos de trinta homens. Essa semana foi para mim uma consolação; íamos à igreja, situada não muito longe do presídio, duas e três vezes por dia. Havia já muito tempo que não tinha ido à igreja. O ofício quaresmal conhecia-o muito bem desde a infância, por ter assistido muitas vezes em casa dos meus pais às preces solenes, às prosternações. Tudo isto fazia-me recordar um passado longínquo, muito longínquo; reavivava-me as mais remotas impressões. Sentia-me, lembro-me ainda, muito satisfeito quando, pela manhã, nos dirigíamos à casa do Senhor, caminhando sobre a terra gelada, ainda de noite, acompanhados de uma escolta de soldados com as armas carregadas; esta escolta não entrava na igreja. Uma vez no interior, agrupávamo-nos junto da porta, se bem que nem sequer ouvíssemos a voz profunda do diácono; e só de longe a longe lobrigávamos uma casula preta ou o crânio calvo do celebrante. Recordava-me então como, sendo ainda criança, via o povo comprimir-se à porta da igreja, em massa compacta, só recuando servilmente diante de umas grandes dragonas, de qualquer senhor barrigudo, de alguma dama sumptuosamente vestida, mas muito devota, apressada em alcançar a primeira fila, pronta a querelar para ter a honra de ocupar um dos primeiros lugares. Era ali, à entrada da igreja, segundo pensava nessa altura, que se rezava com mais fervor e humildade, prosternando-se até ao chão com a plena consciência da sua humilhação.

E agora estava no lugar desse povo, mas não na sua vez, porque estávamos presos à grilheta, aviltados por todos; fugiam de nós, temiam-nos, davam-nos esmolas... Lembro-me que foi lá que experimentei uma sensação singular, um prazer estranho. «Assim seja!», dizia comigo. Os forçados oravam com fervor; todos levavam o seu humilde *kopek* para um pequeno círio ou para a esmola a favor da igreja. «Eu também sou gente, também sou um homem», diziam eles talvez ao entregarem o seu óbolo: «Diante de Deus todos somos iguais». Depois da missa das seis horas, comungávamos. Quando o sacerdote, com o cálice nas mãos, proferia as palavras: «Tem piedade de mim, como do ladrão que salvaste...», quase todos os forçados se ajoelhavam, fazendo soar as grilhetas. Creio que consideravam estas palavras como aplicadas a eles.

Chegou a semana santa. A direção do presídio presenteou-nos, dando a cada um de nós um bolo da Páscoa e um pedaço de pão trigo candial.

A cidade cumulou-nos de esmolas. Como pelo Natal, houve a visita do padre com a cruz, a visita dos chefes, as distrações e também bebedeira e

pândega geral, com a única diferença que nesta altura podíamos passear pelo pátio e aquecermo-nos ao sol. Tudo parecia mais claro, mais amplo do que no inverno, mas mais triste também. Os longos dias de verão, parecendo não nos fatigar, tornavam mais insuportáveis os dias de festa. Os dias de trabalho, pelo menos, a fadiga tornava-os mais curtos.

Os trabalhos de verão eram sempre comparáveis aos mais penosos dos trabalhos de inverno; ocupavam-nos sobretudo nas construções dirigidas pelos engenheiros. Os forçados preparavam os alicerces, cavavam a terra, assentavam os tijolos ou trabalhavam nas obras de reparação dos estabelecimentos do Estado, no que dizia com respeito às obras de serralharia, marcenaria e pintura. Outros iam para a olaria cozer os tijolos, o que considerávamos como o trabalho mais pesado. Esta fábrica ficava a cerca de quatro *verstas* da fortaleza e durante o verão mandavam para lá, todas as manhãs, às seis horas, um grupo de cinquenta forçados escolhidos de preferência entre os que não sabiam ofício algum nem pertenciam a nenhuma oficina. Levava cada um o seu pão para a merenda, visto que, dada a grande distância, não podiam vir jantar com os outros forçados, percorrendo inutilmente oito *verstas;* jantavam, por isso, à tarde, quando regressavam ao presídio. Marcavam-lhes tarefas para todo o dia, mas tão grandes que a custo um homem podia terminá-las. Tinham primeiro de trabalhar com as pás, removendo a argila; depois humedeciam-na e calcavam-na dentro do próprio fosso para no fim fabricarem uma quantidade grande de tijolos, duzentos ou até mesmo duzentos e cinquenta. Somente duas vezes fui mandado para a olaria. Os forçados mandados para este trabalho regressavam exaustos, criticando os companheiros por lhes deixarem o trabalho mais penoso. Creio que estas censuras eram para eles um prazer, uma consolação. Alguns havia, no entanto, que preferiam este trabalho: primeiro, porque saíam da cidade e iam até às margens do Irtych trabalhar ao ar livre com relativa comodidade; segundo, porque eram mais agradáveis à vista os arrabaldes do que os medonhos edifícios do Estado. Ali podia-se fumar livremente e até deitar-se uma meia hora com imensa satisfação!

Quanto a mim, mandavam-me ou trabalhar numa oficina ou esmagar o alabastro, ou carrear os tijolos a empregar nas construções. Este último trabalho coube-me durante dois meses seguidos. Tinha de transportar o meu carrego de tijolos desde as margens do Irtych até uma distância de cerca de cento e quarenta metros, e depois transpor o fosso da fortaleza

antes de chegar à caserna que se estava a construir. Este trabalho não me desagradava muito, se bem que a corda com que prendia os tijolos me esfolasse os ombros; agradava-me, sobretudo, porque as minhas forças se iam desenvolvendo dia a dia. A princípio não podia carregar, de cada vez, mais de oito tijolos, cada um dos quais pesava umas doze libras; porém, com a prática, cheguei a transportar doze e até quinze, o que muito me alegrava. Não me faltavam menos as forças físicas que as morais para suportar, resignado, todas as contrariedades desta vida maldita.

Pretendia viver muito ainda, depois da minha saída do presídio!

Sentia-me satisfeito em carregar tijolos, não só porque esse trabalho me enrijava o corpo, mas também porque passava o dia à margem do Irtych. Se me refiro muitas vezes a este sítio é porque era o único de onde podia contemplar o mundo do Senhor, o claro azul longínquo e puro, as livres estepes desertas, cuja nudez me causava sempre uma impressão extraordinária. As outras oficinas estavam todas situadas dentro da fortaleza ou nas suas imediações. Odiei desde os primeiros dias essa fortaleza e em especial os seus alojamentos. A casa do comandante da praça parecia-me um lugar maldito, horripilante, e olhava-a sempre com um ódio especial quando passava diante dela, ao passo que nas margens do Irtych podíamos ao menos esquecer-nos de nós próprios, contemplando esse espaço imenso e deserto, tal como um prisioneiro se esquece a olhar o mundo livre pela janela gradeada da prisão. Naquele sítio tudo era terno e gracioso: desde o sol, brilhando no infinito azul do céu, até à canção longínqua dos *kirghises,* que ouvíamos na margem oposta. Fitava por largo tempo a pobre choça enfurnada de um *baïgouch* qualquer; seguia as azuladas espirais do fumo que se evolavam no ar; via a *kirghise* a cuidar dos seus cordeirinhos... Este espetáculo era selvagem e pobre, mas era livre. Acompanhava com o olhar o voo sereno de um pássaro que deslizava no ar transparente e puro, que baixava a roçar a superfície da água que desaparecia no azul para bruscamente surgir de novo, grande como um ponto minúsculo... Mesmo a florinha humilde que crescia a custo numa qualquer fenda da margem e se me deparava no começo da primavera atraía a minha atenção e enternecia-me. A tristeza do primeiro ano de trabalhos forçados tornou-se-me intolerável e enervante. Esta angústia impediu-me a princípio de observar as coisas que me rodeavam; fechava os olhos e não queria ver nada. Entre os homens corruptos, no meio dos quais eu vivia, não distinguia ainda os indivíduos capazes de pensar e de

sentir, apesar do seu aspeto exterior repugnante. Não sabia, tão pouco, ouvir e reconhecer uma frase afetuosa no meio das ironias envenenadas que irrompiam de cada canto; e, contudo, essa frase era dita com simplicidade, sem intenções reservadas, vindo do fundo do coração de um companheiro qualquer, que tinha sofrido e suportado mais do que eu. Mas para quê alongar-me mais sobre isto?

A grande fadiga era para mim uma fonte de satisfação porque me permitia esperar um bom sono. Durante o verão o sono era um tormento mais intolerável que a depravação de inverno. Havia, na verdade, noites muitíssimo belas. O sol, que durante todo o dia inundava de luz o pátio do presídio, acabava por se ocultar. O ar tornava-se mais fresco e a noite, uma noite da estepe, tornava-se relativamente fria. Os forçados, enquanto esperavam que os fechassem nas casernas, passeavam aos grupos, de preferência para o lado da cozinha, pois era ali que se discutiam as questões de interesse geral, era ali que se comentavam os boatos que nos chegavam de fora, muitas vezes absurdos, mas que excitavam sempre a atenção desses homens afastados do mundo: assim, um dia, correu a notícia de que iam expulsar o major. Os forçados são tão crédulos como as crianças; sabiam muito bem que a notícia era falsa, inverosímil, que havia sido espalhada por um mentiroso consumado, Kvassov; no entanto agarram-se à atoarda, discutem-na, alegram-se com ela, consolam-se para no final se sentirem envergonhados por se terem deixado enganar por um Kvassov.

— Mas quem é capaz de o expulsar? — gritou um forçado. — Não tenhas receio! Ele é valente, há de resistir!

— Sim, mas tem de obedecer aos superiores! — replicou um outro, ardente controversista que havia viajado muito pelo país.

— Os lobos não se comem uns aos outros! — disse um terceiro com um ar melancólico, como se falasse só com ele; era um velhote, grisalho, que estava comendo a sua sopa de couves azedas a um canto.

— E supões que os chefes virão pedir o teu conselho para saber se é preciso pô-lo ou não na rua? — perguntou um quarto, num tom indiferente, arranhando na balalaica.

— E porque não? — replicou o segundo com entusiasmo. — Se te interrogarem, respondes com franqueza? Qual, o quê! Entre nós grita-se muito, mas assim que é preciso meter resolutamente mãos-à-obra, todos se esquivam.

— Muito bem! — afirmou o tocador da balalaica. — Os trabalhos forçados foram criados para isso.

— Assim, nestes últimos dias — continuou o outro, sem mesmo ouvir o que lhe diziam — sobrou um pouco de farinha, umas raspaduras, uma ninharia. Muito bem... quiseram vender essas migalhas. Sabeis o que sucedeu? Levou-as. Confiscou-as por economia, compreendeis? Isto será justo?

— Mas a quem te hás de queixar?

— A quem? Ao fiscal inspetor, que está para chegar.

— Qual fiscal inspetor?

— É verdade, companheiros! Dentro de poucos dias deve chegar um fiscal inspetor — disse um jovem forçado, bastante corpulento, que já lera a *Duquesa de La Vallière* ou outro livro qualquer deste género e que havia sido furriel de um regimento. Era amigo de chalacear e, como tinha alguns conhecimentos, os forçados tinham por ele um certo respeito. Sem prestar a menor atenção à discussão em que os outros estavam envolvidos, foi à cozinha ver se a *cozinheira* lhe dava uma isca de fígado. (Os nossos cozinheiros vendiam muitas vezes coisas deste género. Compravam, por exemplo, um fígado inteiro, dividiam-no em pedaços e vendiam-nos depois aos forçados.)

— Para dois ou quatro *kopeks?* — perguntou o cozinheiro.

— Corta-me um para quatro. Os outros até me vão invejar! — respondeu o forçado. — É o que lhes digo, companheiros! Um general, um verdadeiro general está a chegar de S. Petersburgo para inspecionar toda a Sibéria. É sério! Disseram-mo em casa do comandante.

A notícia produziu uma extraordinária sensação. Durante um quarto de hora todos perguntavam quem seria esse general, que título teria, se pertenceria a uma classe superior à dos generais da nossa cidade. Os forçados gostam de falar de patentes, de comandantes, de saber quem tem a primazia, de quem pode fazer dobrar a espinha aos outros funcionários e quem lha pode dobrar a esses; discutem e chegam a injuriar-se em honra desses generais, travando-se por vezes de rixas. Que interesse podem ter nisso? Ouvindo-se falar os forçados em generais e comandantes, avaliamos logo o seu grau de educação e inteligência, isto é, o que eles eram, na verdade, antes de virem para o presídio. É preciso também dizer-se que o falar entre eles de generais e da direção superior do presídio é considerado como uma conversa muito grave e a mais elegante.

— Não tenhais dúvidas de que vão pôr na rua o nosso major — observou Kvassov, um homenzinho todo vermelho, colérico e acanhado. Fora ele que anunciara que o major ia ser substituído.

— Ele é homem para os subornar! — exclamou com uma voz sacudida o velhote melancólico, que acabava de engolir a sopa de couves azedas.

— Sim! Ele há de untar-lhe as mãos! — concordou o outro. — Já roubou muito dinheiro, esse bandido! E dizer-se que foi major de batalhão antes de vir para aqui... Locupleta-se com as coisas. Ainda não há muito estava noivo da filha do arcipreste.

— Mas não chegou a casar. Indicaram-lhe a porta da rua, o que prova que é pobre! Um belo noivo… Só tem a roupa que traz com ele! Ainda o ano passado, pela Páscoa, perdeu ao jogo tudo quanto possuía. Foi o Fedka quem mo contou.

— Eh! Eh! Companheiros! Eu também me casei, mas um pobre diabo nunca se deve casar! Temos pressa em arranjar mulher, porém o prazer dura pouco — observou Skouratov, intrometendo-se na conversa geral.

— Julgas que nos vamos divertir a falar de ti? — atirou o rapaz gorducho que fora furriel. — Quanto a ti, Kvassov, dir-te-ei que és um grande imbecil. Se pensas que o major pode untar as unhas a um general inspetor, enganas-te redondamente. Imaginas que o mandam de S. Petersburgo só com a missão de inspecionar o major? Digo-te que só mostras com isso que és muito idiota, meu atrevido.

— E julgas que por ele ser general não recebe gorjetas? — interpelou-o, num tom cético, um dos do grupo.

— Não digo que não. Mas se as recebe, são das graúdas.

— É bem de ver. Vão subindo conforme a patente.

— Um general também gosta que lhe untem as unhas! — sentenciou Kvassov.

— Já lhe deste por acaso dinheiro para assim falares com tanta certeza? — interrompeu-o de repente Baklouchine, com um ar de desprezo. — Já viste, por ventura, um general na tua vida?

— Já sim, meu senhor!

— Mentiroso!

— Mentiroso és tu!

— Está bem, rapazes! Se já viu um general, que nos diga qual foi. Vamos, diz depressa. Conheço todos os generais.

— Vi o general Zibert! — afirmou Kvassov, num tom indeciso.

— Zibert?! Não há nenhum general com esse nome. Se calhar esse general viu-te as costas quando te vergastavam! Esse Zibert deve ser talvez um simples tenente-coronel, mas estavas com tanto medo nesse momento que supuseste ver um general.

— Não! Escutem-me — gritou Skouratov — porque sou um homem casado! Havia de facto em Moscovo um general com esse nome, Zibert, um alemão, mas súbdito russo. Confessava-se todos os anos ao sacerdote, do rito grego, dos pecados que cometia com algumas conhecidas damas e bebia água como um pato. Bebia pelo menos quarenta copos de água de Moscovo; curou-se assim de não sei que doença... Foi o seu criado de quarto quem mo contou.

— Muito bem! E as carpas não lhe nadavam na barriga? — perguntou o forçado da balalaica.

— Silêncio! Estamos a falar sério e não podeis passar sem dizer asneiras! Que inspetor é esse que está para chegar? — perguntou um preso, que andava sempre muito atarefado chamado Martynov, um velho que havia servido nos hussardos.

— Mas que grandes mentirosos! — exclamou um dos céticos. — Deus sabe de onde veio esse boato. Tudo isso não passa de uma galga.

— Não, não são galgas! — protestou, num tom dogmático, Koutikov, que até aqui mantivera um silêncio todo majestoso. Era homem discreto, tendo mais ou menos cinquenta anos, umas feições simpáticas e uns modos desdenhosos e altivos de que muito se envaidecia. Era um cigano e veterinário, pelo que ganhava dinheiro na cidade a tratar de cavalos e a vender vinho no presídio; não tinha nada de estúpido, era até inteligente e possuía uma memória prodigiosa; deixava sair as palavras com tanto cuidado que parecia que cada uma delas valia um *rublo.* — É verdade — continuou ele num tom calmo. — Ainda a semana passada ouvi falar nisso; é um general de grandes dragonas que vem inspecionar toda a Sibéria. Untar-lhe-ão as mãos, com certeza, mas em todo o caso não será o *oito olhos* do major! Não ousará insinuar-se junto dele, porque, como sabeis, companheiros, há generais de generais, como há corruptíveis e incorruptíveis. Somente, o que eu vos digo, é que o nosso major continuará no seu lugar. Nós não temos língua, nós não temos o direito de falar, e quanto aos nossos chefes não são eles que o vão denunciar. O inspetor chegará aqui ao presídio, passará uma vista de olhos por tudo e partirá, dizendo que está tudo em ordem.

— Sim, mas o que é certo é que o major teve medo. Desde manhã que está bêbado.

— E esta tarde mandou vir duas grandes carroças... Foi o Fedka que mo disse.

— Por mais que esfregueis, um negro nunca se tornará branco. É a primeira vez que o vedes bêbado, não?

— Não… mas será uma grande injustiça se o general não lhe fizer nada — disseram os forçados entre si, agitando-se, inquietos.

A notícia da chegada do inspetor espalhou-se depressa pelo presídio. Os presos passeavam no pátio da prisão, impacientes, ao mesmo tempo que se espalhava a grande novidade. Uns estavam calados, mantendo o seu sangue-frio e dando-se por isso uns ares de importância; aos outros era-lhes indiferentes. Sentavam-se no limiar das portas para tocarem a balalaica, ao passo que outros continuavam a tagarelar. Grupos cantavam arrastadamente e, em geral, todos no pátio palravam excitados e expectantes.

Às noves horas procedia-se à chamada; faziam-nos depois recolher às casernas, que fechavam para toda a noite. Era uma curta noite de verão; levantávamo-nos às cinco horas da manhã, muito embora ninguém tivesse adormecido antes das onze horas da noite, pois até essa hora não cessavam as conversas e o vai e vem dos forçados. Às vezes organizavam-se partidas de cartas, como durante o inverno. O calor era insuportável, asfixiante. A janela aberta deixava entrar a frescura da noite, mas os presos não cessavam de se agitar nas tarimbas de madeira, como em delírio. As pulgas pululavam. Já durante o inverno tínhamos fartura; ao chegar a primavera multiplicavam-se em proporções tão extraordinárias que só se pode fazer uma ideia sentindo-as como eu as senti. E quanto mais se avançava pelo verão dentro, mais insuportáveis elas se tornavam. Um homem pode habituar-se às pulgas, observei-o eu, mas será sempre um suplício incomportável a ponto do nos causar febre; sentimo-las muito bem durante a noite, quando não dormimos, mas sim deliramos. Por fim, quando já é manhã, o inimigo está saciado e conseguimos adormecer deliciosamente sob a aragem da madrugada, vibra então, imperativo e impiedoso, o toque da alvorada. Ouvimos, amaldiçoando-os, os rufos repetidos e distintos das baquetas; embrulhamo-nos na meia peliça e sem querer vem-nos à ideia que isto se repetirá amanhã, depois de amanhã, anos seguidos, até ao momento de sermos postos em liberdade. E quando

virá ela, essa liberdade? Onde estará ela? É obrigatório levantarmo-nos, pois já soam passos à nossa volta, recomeça a costumada algazarra... Os forçados vestem-se e apressam-se a ir para o trabalho. Pode-se dormir ainda uma hora, ao meio-dia.

Era de facto verdade o que se dissera quanto ao inspetor. De dia para dia confirmavam-se os boatos, até que por fim soubemos que estava para chegar de S. Petersburgo um general, um alto funcionário, a fim de inspecionar toda a Sibéria; já estava em Tobolsk. Cada dia chegava até nós um novo boato. Era na cidade que se sabia tudo isso. Dizia-se que estavam todos aterrados, tratando cada qual de se preparar para se apresentar o melhor possível. As autoridades organizavam receções, bailes e festas as mais diversas. Escalavam-se grupos de forçados para terraplenar as ruas da fortaleza, limpá-las das ervas, pintar os tapumes e os postes, caiar, rebocar, reparar enfim tudo quanto pudesse ser visto. Os presos compreendiam muito bem o fim desses trabalhos e as discussões cada vez se iam tornando mais calorosas e violentas. Já não tinham limites as suas fantasias; dispunham-se até a apresentar as suas exigências quando chegasse o general; isto, porém, não os inibia de se injuriarem, até nas horas de trabalho. O major sentia-se numa situação crítica; visitava a cada momento o presídio, vociferava e insultava os forçados mais do que era costume; por uma ninharia mandava-os para o corpo da guarda a fim de serem castigados, vigiava severamente o asseio e a boa ordem das casernas. Nesta altura sucedeu um facto que não impressionou tanto esse oficial, como se poderia esperar; antes lhe causou uma grande satisfação. Foi o caso de um forçado ferir outro com uma sovela em pleno peito, quase no coração.

O delinquente chamava-se Lomov e a vítima era conhecida no presídio pelo nome de Gavrilka. Era um dos vagabundos incorrigíveis de que falei atrás. Não sei se tinha outro nome, mas por mim sempre lhe ouvi chamar Gavrilka.

Lomov fora um lavrador abastado do concelho de T..., distrito de K... Eram cinco na família e viviam todos juntos: os dois irmãos Lomov e mais três filhos. Ricos lavradores, dizia-se em todo o concelho que possuíam uma fortuna superior a trezentos mil *rublos* em obrigações. Agricultavam as terras e curtiam peles; porém dedicavam-se principalmente à usura, acoitando vagabundos e sendo recetadores de objetos roubados. Tinham um sem número de «bons negócios». Metade

dos aldeões do distrito deviam-lhes dinheiro, encontrando-se por isso nas suas mãos. Como eram tidos na conta de inteligentes e espertos, apresentavam-se com um aspeto de grandes senhores. Tendo-se hospedado em casa do pai dos dois Lomov uma personalidade importante do país, esta dedicou-lhes uma grande amizade e simpatia, devido em especial à sua audácia e esperteza. Desde então convenceram-se que podiam fazer tudo quanto lhes viesse à cabeça, pelo que cada vez se entregaram mais a negócios ilícitos. Toda a gente murmurava contra eles, só desejando que desaparecessem pela terra dentro; contudo a audácia dos Lomov tornava-se cada vez maior; não receavam já os delegados da polícia do distrito nem os próprios delegados dos tribunais. Um dia, porém, a fortuna traiu-os; perdeu-os não os crimes encobertos, mas uma acusação falsa e caluniosa. Passou-se assim o caso: possuíam, a dez *verstas* do lugarejo, uma quinta onde no outono trabalhavam seis jornaleiros, *kirghises,* os quais se encontravam há muito reduzidos à servidão. Um dia esses *kirghises* apareceram trucidados. Procedeu-se a um inquérito, o qual durou muito tempo; no decorrer do mesmo descobriram-se muitos factos escandalosos. Os Lomov foram acusados de terem assassinado aqueles seus jornaleiros. Eles próprios tinham contado a sua história, a qual era conhecida em todo o presídio: acusaram-nos de serem devedores de uma grande importância aos *kirghises,* e porque os Lomov, apesar dos seus grossos cabedais, eram muito avarentos e gananciosos, acreditaram que tivessem de facto assassinado os seus *kirghises* para se esquivarem ao pagamento da dívida. No decorrer do processo e julgamento despenderam grandes quantias, arruinando-se e desbaratando os seus haveres. O pai morreu e os filhos foram deportados: um destes e um dos tios viram-se condenados a quinze anos de trabalhos forçados, se bem estivessem em absoluto inocentes do crime que lhes imputavam. Um belo dia, porém, Gavrilka — ladrão incorrigível e reconhecido vagabundo, mas muito esperto e grande pândego — confessou-se autor do crime. Não sei se na verdade fez essa confissão espontaneamente; o certo porém é que os forçados consideravam-no como o assassino dos *kirghises.* Gavrilka — quando vagabundo — tivera uma querela com os Lomov. (Estaria no presídio por pouco tempo, pois fora condenado apenas como soldado desertor e vagabundo). Ele e mais três outros vagabundos haviam degolado os *kirghises* para ver se assim conseguiam saquear a fazenda.

No presídio — não sei porquê! — detestavam os Lomov. Um deles — o sobrinho — era um latagão, inteligente e sociável, ao passo que o tio — o que ferira Gavrilka com a sovela — era um camponês estúpido e mal-humorado, que altercava a cada momento com os outros forçados, os quais por isso lhe batiam bastante. No presídio todos gostavam de Gavrilka devido ao seu espírito alegre e muito dado. Os Lomov não ignoravam que fora ele o autor do crime pelo qual haviam sido condenados; nunca no entanto haviam altercado com ele, até porque Gavrilka não lhes prestava nenhuma atenção. A rixa começara devido a uma certa prostituta que ele disputava ao tio Lomov; vangloriava-se, o Gavrilka, da condescendência que ela lhe dispensava; o lavrador, deveras enciumado, pusera termo à questão cravando-lhe a sovela no peito.

Posto que os Lomov ficassem arruinados devido à sentença que lhes confiscara os bens, no presídio gozavam ainda da fama de ricos: tinham sempre dinheiro, possuíam um samovar e tomavam chá. O major estava ao corrente destas coisas e, como odiava os dois Lomov, não lhes poupava o mínimo vexame. As vítimas de tal carrasco explicavam este procedimento com o desejo que o major tinha de receber uma boa gorjeta, ao que eles não queriam aceder.

Se o tio Lomov tivesse enterrado mais um centímetro a sovela, com certeza teria morto Gavrilka; porém, como foi pouco, resultou apenas numa simples arranhadela. Comunicaram o facto ao major. Estou ainda a vê-lo chegar, todo esbaforido, mas com uma visível satisfação refletida no rosto. Dirigiu-se logo a Gavrilka, num tom carinhoso e paternal, como se falasse a um filho:

— Então, meu amigo, podes ir pelo teu pé para o hospital ou é preciso que te levem lá? É melhor talvez mandar atrelar um cavalo... Mande-o atrelar imediatamente! — gritou ao sargento, numa voz ofegante.

— Não sinto nada, minha alta nobreza! Só conseguiu picar-me ligeiramente, minha alta nobreza!

— Não sabes o que dizes, meu caro, não sabes o que dizes! hás de ver... Feriu-te num mau sítio. Tudo depende do lugar... Ora ele atingiu-te justamente abaixo do coração, o bandido! Espera, espera! — exclamou, dirigindo-se a Lomov. — Vou já preparar-te a cama... Levem-no para o corpo da guarda.

E cumpriu o que prometera. Submeteu Lomov a julgamento e, posto fosse levíssimo o ferimento, tomaram em atenção a evidente premeditação

e aumentaram-lhe a condenação a trabalhos forçados em mais alguns anos, mandando dar-lhe ao mesmo tempo mil vergastadas. O major ficou radiante.

O inspetor chegou por fim.

Logo na manhã da sua chegada à cidade foi inspecionar o presídio. Foi um verdadeiro dia de festa. Já há alguns dias que tudo se encontrava limpo, brilhante, cuidadosamente lavado; os forçados estavam rapados de fresco, as suas roupas muito brancas, não apresentando a menor mancha. (Conforme estabelecia o regulamento, usávamos durante o verão casacos e calças de linho. Cada um trazia cozido nas costas do casaco um círculo preto, de oito centímetros de diâmetro). Durante uma hora ensinaram os presos sobre o que deviam responder e em que termos, se por acaso esse alto funcionário se dignasse interrogá-los; tinham mesmo procedido a repetições. O major parecia ter perdido a cabeça. Uma hora antes de chegar o inspetor, já os presos estavam a postos, perfilados, imóveis como estátuas, com as mãos sobre a costura das calças. Por fim, perto da uma hora da tarde chegou o inspetor. Era um general de aspeto imponente, e tão imponente que o coração de todos os funcionários da Sibéria ocidental devia ter-se descompassado, tal o terror de que vinha precedido. Entrou no presídio com um ar severo e majestoso, seguido de uma comitiva de generais e coronéis, e de todos aqueles que ocupavam altos cargos na cidade. Entre os do séquito vinha também um civil, alto, de feições regulares, vestindo fraque e calçando sapatos. Este personagem mantinha um aspeto de altiva independência e o general dirigia-se-lhe a cada instante com uma extrema delicadeza. Viera também de S. Petersburgo. Intrigou muito os forçados devido à deferência que lhe dispensava um tão importante general. Soubemos depois qual o seu nome e as suas funções; porém, antes de o sabermos, falámos muito dele. O nosso major, de grande uniforme, com a gola cor de laranja, não causou uma impressão muito favorável ao general, talvez devido aos olhos injetados de sangue e ao rosto de cor violácea e sardento. Em consideração ao seu superior, tinha tirado os óculos, mantendo-se a alguma distância, direito como uma estaca, aguardando impaciente o momento em que exigissem alguma coisa dele, para logo correr a executar os desejos de sua Excelência; porém a necessidade dos seus serviços não se fez sentir. O general percorreu, calado, as casernas, deitou um olhar pela cozinha, onde provou a sopa de

couves azedas. Apresentaram-me ao general, dizendo-lhe que era um ex-fidalgo que tinha feito isto o aquilo.

— Ah! — exclamou o general. — E que tal é o seu comportamento?

— Satisfatório, até agora, Excelência, satisfatório!

O general fez um sinal com a cabeça e saiu do presídio ao fim de dois minutos. Os presos ficaram desapontados, mal acreditando no que viam, quase perplexos. Quanto a queixarem-se do major, foi coisa que nem sequer lhes passou pela cabeça. Ele próprio já de antemão se encontrava tranquilo a tal respeito.

Capítulo 6 — Os Animais do Presídio

A compra de um cavalo baio, que teve lugar alguns dias depois, foi uma distração muito mais agradável e mais interessante para os forçados do que a visita do alto personagem de que acabamos de falar. Tínhamos necessidade, no presídio, de um cavalo que servisse para transportar a água, carrear os estrumes, etc. O cavalo ficou a cargo de um forçado, que o conduzia — sob escolta, bem entendido. O pobre do animal tinha muito que fazer, desde pela manhã até à noite; era uma boa cavalgadura, mas já cansada pelo muito que trabalhara. Uma bela manhã, na véspera de S. Pedro, o cavalo, que transportava um barril com água, caiu por terra e expirou ao fim de alguns instantes. Deixou-nos muitas saudades. Os forçados rodearam-no, discutindo e comentando a sua morte; os que se tinham alistado ou trabalhado na cavalaria, os ciganos, os veterinários e outros, aproveitaram a ocasião para estadearem conhecimentos profundos sobre cavalos, em geral, e discutirem a morte daquele em particular. Nada disto porém fez ressuscitar o pobre cavalo baio, que permaneceu estirado no chão, de ventre inchado. Cada um dos forçados considerava um dever tateá-lo com o dedo. Levaram por fim o facto, ocorrido por vontade de Deus, ao conhecimento do major, que resolveu logo comprar outro.

No dia de S. Pedro, de madrugada, quando todos os forçados estavam reunidos, chegaram alguns cavalos para serem vendidos. Corria por conta dos presos a escolha do animal, visto haver entre eles verdadeiros especialistas; seria difícil enganar duzentos e cinquenta homens, cuja especialidade havia sido a cavalaria. Juntaram-se os ciganos, os *kirghises,* os alquiladores e os burgueses. Todos aguardavam com impaciência o aparecimento de cada novo cavalo e sentiam-se alegres como crianças. O que em especial os lisonjeava é que podiam comprar livremente o animal como se fossem homens livres, como se o cavalo fosse para *eles,* como se o dinheiro saísse do bolso *deles.* Trouxeram e voltaram a levar três cavalos antes que deliberassem sobre a compra de um deles. Os vendedores admiravam, cheios de espanto e timidez, os soldados da escolta que acompanhavam os forçados. Duzentos homens de cabelo rapado, marcados

com o ferrete e de grilhetas nas pernas, deviam inspirar, de facto, um não sei quê de respeito, tanto mais que se encontravam em *sua* casa, no *seu* covil de forçados, onde não entravam pessoas estranhas. Os presos eram inesgotáveis em ardis, por onde avaliavam o valor do cavalo que lhes apresentavam; examinavam-no, apalpavam-no, muito atentos e concentrados, como se a prosperidade do presídio dependesse da aquisição daquele animal. Os circassianos saltaram-lhes em cima e cavalgaram um pouco. Os olhos brilhavam-lhes de contentamento. Murmuravam rapidamente, no seu incompreensível dialeto, mostrando os dentes claros, fazendo mover as asas do nariz aquilino e de cor baça. Alguns russos seguiam interessados as discussões, abrindo muito os olhos por não compreenderem palavra do que diziam os companheiros; no entanto notava-se que queriam ler-lhes nos olhos se era bom ou mau o cavalo que apreciavam. Que importaria a um forçado, em especial a um forçado estúpido e sujeito ao domínio dos outros, que não pronunciava sequer uma palavra diante dos companheiros, que lhe importaria que comprassem este ou aquele cavalo? Todavia procediam como se fosse adquirido por sua conta, como se lhes não fosse indiferente a escolha deste ao daquele. Depois dos circassianos, aqueles a quem os forçados concediam o primeiro lugar e cuja palavra acatavam, eram os ciganos e os ex-alquiladores. Estabeleceu-se até um como que duelo entre dois forçados, o cigano Koulikov, antigo alquilador e ladrão de cavalos, e um outro, veterinário por vocação, esperto camponês siberiano e que conseguira já tirar a Koulikov toda a sua clientela da cidade. Cumpre notar que recorriam muitas vezes aos veterinários sem diploma do presídio, não só os burgueses e negociantes como também os altos funcionários da cidade. Dirigiam-se a eles, de preferência a muitos veterinários diplomados, quando lhes adoeciam os cavalos. Até à chegada de Iolkine, assim se chamava o referido aldeão siberiano, Koulikov tinha uma grande clientela, da qual recebia boas remunerações e outras mais provas de reconhecimento; não havia quem pudesse rivalizar com ele. Procedia como verdadeiro e hábil cigano que era; seduzia e ludibriava os incautos, pois os seus conhecimentos não eram tão grandes como de tal se ufanava. Os seus rendimentos permitiam-lhe poder apresentar-se entre os forçados com uns ares de aristocrata; ouviam-no e acatavam a sua opinião; falava pouco e só se pronunciava nas grandes ocasiões. Era um charlatão, mas dispunha de um enorme prestígio. Já entrado em anos, mantinha ainda

uma boa apresentação, e era sobretudo inteligente. Falava-nos, a nós os fidalgos, com uma extrema delicadeza, mas guardando sempre uma certa dignidade. Estou convencido de que se o vestissem a preceito e o levassem, com o título de conde, a qualquer reunião da capital, desempenharia a primor o seu papel, jogando o *whist* e falando corretamente como homem educado que sabe calar-se quando é preciso; durante a reunião ninguém descobriria, estou certo, que aquele conde ocultava um simples vagabundo. Com certeza era um homem viajado; a sua vida passada era-nos desconhecida; fazia parte da secção particular. Todavia, logo que Iolkine, um simples velho-crente e aldeão, mas esperto como o mais esperto dos mujiques, chegou ao presídio, imediatamente a glória veterinária de Koulikov começou a empalidecer. Em menos de dois meses o siberiano arrebatou-lhe quase todos os clientes da cidade, pois curara, em pouco tempo, cavalos qua Koulikov dera por incuráveis e os veterinários diplomados haviam desistido de curar. Este camponês fora condenado a trabalhos forçados devido a ser fabricante de moeda falsa. Que tentações do diabo o teriam levado a meter-se em semelhante indústria? Ele próprio nos contou, a gracejar, que lhe eram precisas apenas três autênticas moedas de ouro para fazer com elas moeda falsa. Koulikov dissimulava não notar os bons sucessos do camponês, apesar da sua glória ir declinando rapidamente. Ele, que até então se dera ao luxo de manter uma amante nos arrabaldes, de usar uma camisola de pelúcia e botas de canhão, viu-se de súbito obrigado a fazer-se taberneiro. Em vista disto todos esperavam uma grande discussão, por ocasião da compra de um novo cavalo. Era geral a curiosidade. Os dois mantinham-se cada um junto dos seus partidários; os mais entusiastas exaltavam-se, tornando-se recíprocas as injúrias. As feições velhacas de Iolkine estavam contraídas por um sorriso irónico e, muito ao contrário do que se pensava, Koulikov não pretendia por coisa nenhuma disputar com o rival, procedendo em tudo habilmente. A princípio cedeu, ouvindo com deferência as opiniões críticas do seu contrário; porém ao apanhá-lo em falso em certo ponto, fez-lhe sentir, com uns ares de modéstia, mas de firmeza, que se enganara; e antes que Iolkine tivesse tempo de se refazer e corrigir a sua asneira, o seu rival demonstrou-lhe que havia cometido um erro. Iolkine viu-se, portanto, derrotado por completo de uma maneira imprevista e habilíssima, ao mesmo tempo que os partidários de Koulikov se congratulavam, satisfeitos.

— Eh, companheiros, não há que repontar! Não o apanhais em falso! Ele sabe bem o que faz! Eh, eh! — exclamavam uns.

— Nada disso! Iolkine vê mais longe do que ele! — retorquiam os contrários, mas num tom conciliador, visto que ambos os partidos se preparavam para fazer algumas concessões.

— Quem disse!? Além de saber tanto como o outro, tem a mão mais leve! Oh, em tudo quanto diz respeito a gado, Koulikov não teme ninguém.

— Nem o outro tão pouco!

— Não, não! Koulikov não tem quem o possa igualar.

Por fim escolheram o novo cavalo, que foi logo comprado; era um excelente animal, novo, forte, uma bela estampa, um cavalo irrepreensível em todos os sentidos. Discutiram depois o preço: o dono pedia trinta *rublos* e os forçados não lhe queriam dar mais de vinte e cinco. Regatearam durante largo tempo, acaloradamente, com abatimentos e aumentos dos dois lados. No fim, os próprios forçados não puderam conter o riso.

— Ides por acaso pagar com dinheiro do vosso bolso? — perguntavam alguns. — Para que estais então a regatear?

— Quereis fazer economias para o tesouro? — gritavam outros.

— Em todo o caso, companheiros, o dinheiro é de todos.

— De todos?! Bem se vê que os imbecis não se semeiam, mas nascem por si!

Por fim fecharam o negócio por vinte e oito *rublos*. Prevenido o major, foi a compra autorizada. Trouxeram logo pão e sal, e levaram em triunfo o novo pensionista do presídio; não houve forçado, creio eu, que não lhe batesse no pescoço ou lhe afagasse o focinho. Nesse mesmo dia fizeram-no acarretar água; os presos olhavam-no com curiosidade ao vê-lo passar com o barril. O nosso aguadeiro, o forçado Romane, contemplava o animal com uma religiosa satisfação. Era um camponês, à volta dos cinquenta anos, sério e taciturno, à semelhança de quase todos os cocheiros russos, como se o lidar todos os dias com cavalos lhes imprimisse ao caráter uma certa gravidade e circunspeção. Romane era calmo, afável e homem de poucas palavras; tomava rapé que trazia na sua tabaqueira, e desde há muito tempo era o encarregado dos cavalos do presídio; o último adquirido era o terceiro com que lidava, desde que entrara para o presídio.

O posto de cocheiro pertencia de justiça a Romane e ninguém teria a ideia de lhe contestar esse direito. Quando morreu o cavalo baio, nenhum forçado, nem mesmo o major, pensou em levar tal facto à conta de imprudência de Romane; fora apenas a vontade de Deus, pois Romane era um excelente tratador. O cavalo baio tornou-se logo desde o início o favorito do presídio; por mais insensíveis que os forçados fossem, acariciavam-no muitas vezes. Às vezes, quando Romane, de volta do rio, fechava o portão que lhe viera abrir o sargento, o cavalo ficava imóvel, à espera do seu condutor, que olhava de lado. «Vai tu sozinho», dizia-lhe Romane, e o animal dirigia-se tranquilamente até à cozinha, onde parava, aguardando que os cozinheiros e os ajudantes viessem buscar a água com os baldes.

— É uma joia o nosso cavalo! — diziam os forçados. — Chega a carregar sozinho o barril! É obediente, o que dá um grande prazer...

— É verdade! Nem parece um animal. Compreende tudo quanto lhe dizem.

— É esperto, o nosso cavalo!

E o animal abanava a cabeça e bufava, como se compreendesse e apreciasse os elogios; alguns traziam-lhe então pão e sal; depois de comer abanava de novo a cabeça, como para dizer: «Conheço-te bem! Conheço-te bem! Sou um bom cavalo e tu um bom companheiro!»

Também eu gostava de lhe dar pão. Sentia prazer em contemplar-lhe o bonito focinho e sentir na palma da mão os seus lábios quentes e macios, que abocavam avidamente a guloseima que lhe dava.

Os forçados gostavam muito de animais e, se lho permitissem, teriam povoado as casernas com pássaros e diversos animais domésticos.

E que outra ocupação melhor se poderia encontrar para enobrecer e suavizar o caráter selvagem dos presos? Mas isso era proibido. Nem o regulamento nem o espaço o permitiam.

Contudo, no meu tempo ainda existiram alguns animais no presídio. Além do cavalo baio, tivemos cães, gansos, um bode e uma águia, mas esta por pouco tempo.

O nosso cão era, como já disse, o *Boulot,* animal muito inteligente e ao qual me afeiçoei; mas como o povo tem o cão na conta de animal azarento, ninguém olhava por ele, ninguém o afagava. Vivia no presídio, dormia no pátio, comia os restos da cozinha e não despertava nunca a simpatia dos forçados, aos quais, no entanto, conhecia e reconhecia como seus donos.

Ao regressarem dos trabalhos fora do presídio, mal ouvia o grito de «Cabo!», corria para o portão a fim de receber alegremente o grupo, agitando a cauda e olhando, um por um, como que à espera de uma carícia. Durante muitos anos estas suas manifestações resultaram inúteis: ninguém, além da minha pessoa, o afagava. Em virtude disso tinha por mim toda a preferência. Não me lembra já a maneira como arranjámos um outro cão, o *Blanchet.* Quanto ao terceiro, *Koultiapka,* fui eu próprio que o trouxe, ainda pequeno, para o presídio.

O nosso *Blanchet* era um animal original. Fora uma vez apanhado por uma *telega,* que lhe amolgou a espinha, curvando-a para dentro. Ao longe, vendo-o a correr, pareciam dois cães gémeos que tinham nascido ligados. Era, além disso, sarnento, de olhos remelentos e cauda pelada sempre metida entre as pernas.

Enjeitado da sorte, resolvera com ele permanecer impassível, quaisquer que fossem as rajadas do destino; não latia a ninguém, como se receasse ver-se de novo pisado. Ficava quase sempre atrás das casernas e se alguém se aproximava dele, agachava-se logo, parecendo dizer: «Faz de mim o que quiseres, que não te oporei nenhuma resistência». Todo o forçado, logo que via o cão agachado na sua frente, dava-lhe um pontapé como por dever: «Põe-te ao largo, animal azarento!» E o mísero nem ousava ganir; se a dor era muito forte, soltava apenas um gemido abafado. Punha-se também às voltas, diante de *Boulot* ou de outro qualquer cão quando ia às lambeduras das cozinhas; se os outros cães lhe saltavam em cima, ladrando, deitava-se logo por terra. Os cães apreciam a humildade e a submissão dos seus semelhantes; em virtude disto o agressor acalmava-se logo, desarmado ante aquela humildade suplicante que se lhe estendia aos pés e farejava-o depois com curiosidade, percorrendo-lhe todo o corpo. Que pensaria nesta situação o pobre *Blanchet,* todo arrepiado de medo? «Irá morder-me, este bandido?», pensaria talvez com ele. Depois de o ter farejado, afastava-se, visto não lhe ter descoberto nada de interessante. Então *Blanchet* levantava-se rápido, de um salto, e ia-se juntar ao bando dos seus iguais, que rodeavam ou seguiam uma cadela qualquer. *Blanchet* sabia bem que essa cadela nunca se baixaria até ele; era bastante orgulhosa para isso. Porém, o segui-la de longe, farejando, trôpego e curvado, era um consolo no meio das suas desgraças. No que diz respeito a honestidade, tinha apenas uma noção muito vaga; sentindo que não podia realizar nenhuma das suas esperanças do futuro, limitava a sua única ambição a

trazer a barriga sempre cheia e disso fazia gala cinicamente. Uma vez tentei afagá-lo; foi para ele uma tão inesperada novidade que o desgraçado estendeu-se no chão, a todo o comprido, em calafrios de gozo e um ladrar de prazer. Apiedei-me dele e passei a afagá-lo muitas vezes; por esta razão, logo que me avistava punha-se a latir num tom plangente e lagrimoso. Acabou atrás do presídio, no fosso, estracinhado pelos dentes dos outros cães.

Koultiapka era de seu natural muito diferente. Não sei bem qual a razão por que o trouxe um dia comigo de um dos estaleiros, onde acabava de ser dado à luz. Sentia-me satisfeito em o alimentar e vê-lo crescer. *Boulot* tomou logo *Koultiapka* sob a sua proteção e dormia com ele. À medida que o cãozito ia crescendo, mais tinha por ele verdadeiros carinhos; consentia que lhe mordiscasse as orelhas e lhe puxasse o pelo. Brincava com ele, como os cães adultos podem brincar com os pequenos. O interessante, porém, é que *Koultiapka* não aumentara de altura, mas crescera apenas em comprimento e criara mais gordura; tinha um pelo espesso, cor de rato, e uma orelha desabada e outra direita. De temperamento brincalhão e entusiasta, como todos os cães novos que ladram de prazer ao verem o dono e lhe saltam à cara, lambendo-o, ele também não dissimulava os seus sentimentos. «Contanto que notem a minha satisfação, as conveniências que vão para o diabo!», pensaria consigo. Onde quer que eu estivesse, ao simples grito de «*Koultiapka*» surgia logo apressado, de um canto qualquer, debaixo da terra mesmo, e corria para mim com um entusiasmo bulhento, rebolando como uma bola, fazendo cabriolas. Dedicava um verdadeiro amor a este brutinho. Dir-se-ia que neste vale de lágrimas o destino só lhe reservara bem-estar e alegria; um belo dia, porém, o forçado Neoustroiev, que fabricava calçado feminino e curtia peles, observou-o com atenção. Alguma coisa lhe despertou a atenção, porque chamou o cão, examinou-lhe o pelo e deitou-o amigavelmente no chão. E o desgraçado, longe de supor o que o esperava, latiu de prazer. Desde o dia seguinte ninguém mais viu *Koultiapka.* Procurei-o um vão por bastante tempo; só passados quinze dias se esclareceu tudo; o pelo do pobre cão seduzira Neoustroiev, que matou o animal para fazer da pele o forro para uns quentes sapatos de veludo, encomenda que lhe tinha feito a esposa do auditor. O próprio Neoustroiev mostrou-mos quando ficaram prontos; o forro era magnífico... Pobre *Koultiapka*!

Muitos forçados dedicavam-se ao curtimento de peles, razão por que traziam muitas vezes para o presídio cães de lindo pelo, para os fazerem desaparecer dentro em pouco. Roubavam-nos ou compravam-nos. Lembro-me que vi um dia, atrás das cozinhas, dois forçados que discutiam entre si qualquer coisa; um deles segurava pela trela um lindo cão preto de fina raça. O bandido de um criado roubara-o ao patrão e vendera-o aos nossos sapateiros por trinta *kopeks*. Os dois preparavam-se para o matar, operação para eles muito fácil. Tiraram-lhe depois a pele e deitaram o cadáver a uma fossa, que ficava no canto mais afastado do pátio, mas que exalava um cheiro horrível, em especial durante os grandes calores do verão, visto só a limparem de longe a longe. Parecia que o pobre animal adivinhava a sorte que lhe estava reservada. Olhava-nos com ar inquieto e perscrutador, um a um; de quando em quando ousava agitar a cauda felpuda, que lhe pendia entre as pernas, como se tentasse enternecer-nos, dada a pouca confiança que mostrava ter em nós. Horrorizado, dei-me pressa em me afastar dos dois forçados, que levaram a cabo a sua operação sem que ninguém os incomodasse.

Quanto aos gansos, haviam-se instalado no presídio por acaso. Quem os tratava? A quem pertenciam? Não sei. Porém, o que não há dúvidas é que divertiam os forçados e chegaram até a adquirir uma certa fama na cidade. Haviam nascido no presídio a tinham por quartel general a cozinha, de onde saíam em bandos na ocasião em que os forçados se dirigiam para o trabalho. Logo que o tambor rufava e os presos se juntavam próximo do portão, os gansos corriam atrás deles, a grasnar e a bater as asas; depois, um após outro, saltavam por cima da porta falsa, que ficava ao lado do portão. Enquanto os forçados trabalhavam, punham-se a esgravatar na terra, a alguma distância deles. Logo que voltavam para o presídio, juntavam-se de novo ao comboio dos presos. «Olha, lá vão os forçados com os seus gansos», diziam os que passavam. «Como é que ensinastes os gansos a seguirem-vos?», perguntavam outros. «Tomai lá dinheiro para os vossos gansos», exclamavam outros, metendo a mão no bolso. No entanto, apesar de toda esta sua dedicação pelos forçados, foram mortos em honra de não sei já que fim de quaresma.

O nosso bode, *Vaska*, é que ninguém se atreveria a matá-lo se não se tivesse dado uma circunstância especial. Não sei dizer porque se encontrava no presídio, nem quem para ali o trouxera. Era um lindo bode branco. Ao fim de poucos dias, já todos os forçados lhe tinham dedicado

uma certa afeição, tornando-se objeto de distração e consolo de todos. Como era preciso apresentar um pretexto para que o deixassem estar no presídio, afirmaram que era imprescindível um bode na estrebaria. No entanto não era ali que ele passava os dias, mas sim na cozinha, posto que pudesse andar por todo o presídio. Era um grande brincalhão, este gracioso animal; saltava às mesas, lutava com os forçados, acorria quando o chamavam e sempre alegre e prazenteiro. Uma tarde Lesghine Babaï, que se encontrava sentado na escada da caserna em companhia de outros presos, teve a lembrança de ir lutar com *Vaska*, cujos cornos eram bastantes compridos. Brincaram por muito tempo às marradas um ao outro — o que era o divertimento predileto dos forçados. De repente *Vaska* saltou para o degrau mais alto da escada e, afastando-se de Babaï, empinou-se rápido nas patas traseiras, encolheu as dianteiras junto ao corpo e marrou com toda a força contra a testa de Lesghine, que rolou pelas escadas fora com grande alegria dos espectadores e do próprio Babaï. Numa palavra, adorávamos o nosso *Vaska*. Quando atingiu a puberdade, fizeram-lhe, depois de uma conferência geral muito séria, uma operação que os veterinários amadores do presídio executavam a preceito. «Assim, não terá mais desejos de ser bode!», disseram os presos. E *Vaska* começou a engordar muitíssimo; é preciso dizer também que o alimentavam em excesso. Tornou-se um belíssimo animal, de aspeto magnífico e de uma gordura surpreendente a ponto de, por vezes, cruzar as patas durante a marcha e ir pesadamente a terra. Seguia-nos, quando íamos para o trabalho, com grande satisfação dos forçados e dos transeuntes que encontrávamos, pois todos conheciam *Vaska* do presídio. Se trabalhavam à margem de algum ribeiro, os presos cortavam ramos de salgueiro e folhas, colhiam flores e adornavam *Vaska*; enfeitavam-lhe as hastes e ornavam-lhe o dorso com grinaldas. Ao regressarmos, caminhava à frente do comboio, todo orgulhoso e arrogante; os forçados seguiam-no, vaidosos por o verem tão altivo. Esta dedicação por *Vaska* aumentou tanto que alguns presos propuseram que lhes dourássemos os chifres, o que não passou porém de um simples projeto. Perguntei a Akim Akimytch, o melhor dourador do presídio, depois a Içaï Fomitch se se poderiam, de facto, dourar as hastes de um bode; depois de examinar com atenção as de *Vaska*, Akim refletiu um instante e decidiu pela afirmativa, ponderando, no entanto, que esse dourado duraria pouco e seria uma coisa em absoluto inútil. O alvitre ficou pois por aqui. *Vaska* teria vivido ainda muitos anos

no presídio e morreria talvez de asma se não tivesse tido a desgraça, um dia, quando regressava dos trabalhos forçados, à frente dos presos, de se encontrar com o major, que passava repoltreado na sua carruagem. O bode vinha, como de costume, todo enfeitado e vaidoso. «Alto!», gritou o major. «A quem pertence esse bode?» Informaram-no da verdade. «Como? Um bode no presídio sem o meu consentimento, sargento?!» Este recebeu ordem de matar imediatamente *Vaska*, de o esfolar e de vender a pele no mercado. O produto da venda seria entregue à caixa do presídio; quanto à carne, ordenou que a cozessem na sopa de couves azedas dos forçados. Falou-se muito no caso, lastimando a sorte do pobre *Vaska*, mas ninguém se atreveu a desobedecer ao major. E o infeliz foi morto ao pé da fossa. Um forçado comprou toda a carne por um *rublo* e cinquenta *kopeks*. Com esse dinheiro mandaram vir pão branco para todos. O que arrematou a carne, vendeu-a depois aos bocados sob a forma de bifes. Estavam deliciosos.

Tivemos ainda no presídio, durante certo tempo, uma águia das estepes, mas de pequena corpulência. Trouxera-a um forçado, malferida e semimorta. Todos se acercaram dela. Não podia voar, pois tinha a asa direita quebrada, sem a poder mexer, e uma das pernas ferida. Fitava com um olhar de ódio concentrado a multidão curiosa que a rodeava, abrindo, zangada, o bico, pronta a vender cara a vida. Quando se cansaram de a admirar e a deixaram só, a infeliz foi, aos saltos, numa só perna e batendo a asa válida, esconder-se num canto do presídio, onde se aninhou, achegando-se às estacas da paliçada. Durante os três meses que viveu no presídio, não saiu desse canto. A princípio os forçados iam vê-la amiudadas vezes, açulando contra ela *Boulot*, que investia, furioso, sem todavia se aproximar muito, sempre de pé atrás, o que muito divertia os forçados. «É um animal feroz... E não é para brincadeiras, pois não?» *Boulot*, porém, deixou de ter medo dela e punha-se a enraivecê-la; quando o acirravam, investia com a asa doente da águia, a qual se defendia com o bico e as garras, encolhendo-se no seu canto, altiva e selvagem como um rei ferido, fitando os curiosos. Os forçados acabaram por a deixar, esquecendo-se até dela; contudo havia alguém qua todas as manhãs ia levar-lhe um pedaço de carne fresca e uma vasilha com água. Nos primeiros dias a águia não quis comer nada; por fim decidiu-se a comer o que lhe levavam, mas nunca aceitando o que lhe davam na mão ou na frente dos presos. Consegui observá-la algumas vezes de longe: quando

não via ninguém e se julgava só, aventurava-se então a deixar o seu canto e a arrastar-se uma dezena de passos ao longo da paliçada; depois desandava para voltar mais uma vez e regressar por fim, como se lhe tivessem prescrito aquele passeio higiénico. No entanto, logo que me pressentia, corria rapidamente para o seu canto, aos saltos, a coxear, de cabeça voltada para trás, o bico aberto, toda encrespada, parecendo preparada para o combate. Tentei em vão acarinhá-la; era rebelde às carícias; mordia e encrespava-se logo que lhe tocavam; nem uma só vez comeu a carne que eu lhe oferecia, antes me fitava com o seu olhar hostil e penetrante durante todo o tempo que estava perto dela. Solitária e rancorosa, aguardava a morte, num contínuo desafio a todos, sempre irreconciliável. Depois de dois longos meses de esquecimento, os presos lembraram-se dela e manifestaram-lhe uma inopinada simpatia. Combinaram tirá-la dali: «Se tem de morrer, ao menos que morra livre!», disseram os presos.

— Decerto! Uma ave livre e independente como esta não poderá habituar-se nunca à prisão! — comentaram outros.

— Não se parece connosco! — disse um deles.

— Pudera! É uma ave, ao passo que nós somos gente.

— A águia, companheiros, é a rainha das florestas — começou Skouratov, mas naquele dia ninguém lhe deu ouvidos.

Uma tarde, depois do meio-dia, quando o tambor anunciou o regresso ao trabalho, os forçados pegaram na águia, ligaram-lhe o bico, pois queria defender-se, e levaram-na para fora da prisão, para além da paliçada. Os doze presos de que se compunha o grupo iam muito intrigados, desejando saber para onde iria a águia. E, caso singular, iam tão satisfeitos como se fossem eles que acabassem de ser postos em liberdade.

— Oh, que terrível animal! Quer-se-lhe fazer bem e agradece-nos picando-nos as mãos! — dizia o que a segurava, olhando quase com amor para a ingrata ave.

— Deixa-a voar, Mikitka!

— Não lhe agrada o cativeiro. Dá-lhe a liberdade, a linda liberdade!

E arrojaram a águia da paliçada para a estepe. Foi no fim do outono, por um dia escuro e frio. O vento soprava da despida estepe, gemendo nas ervas amareladas e ressequidas. A águia levantou voo, muito direita e firme, apesar da asa enferma, como tendo pressa em nos deixar e

distanciar-se dos nossos olhares. Os forçados, atentos, seguiam-na com o olhar, vendo-a deslizar por sobre a erva.

— Estais vendo, hein? — perguntou um deles, todo pensativo.

— Nem sequer olha para trás! — exclamou outro. — Ainda não olhou uma só vez para trás!

— Julgavas, por acaso, que se ia voltar para nos agradecer? — disse um terceiro.

— Conseguiu ver-se livre! Está a sentir a liberdade!

— Sim, a liberdade!

— Nunca mais a veremos, companheiros...

— Que estão aí parados? Vamos, a caminho! — gritaram os soldados da escolta. E os forçados abalaram, lentamente, para o trabalho.

Capítulo 7 — O «Agravo»

No princípio deste capítulo, o editor das *Recordações* do falecido, Alexandre Petrovitch Gorioutchikov, julga-se na obrigação de fazer aos seus leitores a seguinte comunicação:

> *Relatou-se no primeiro capítulo das* Recordações da Casa dos Mortos *a história de um parricida, nobre de nascimento, tomado como exemplo da insensibilidade com que os condenados se referem aos crimes por eles praticados. Disse-se também que nada confessara ao tribunal, mas que, graças aos depoimentos das pessoas que conheciam os detalhes da sua história, a evidência da sua culpabilidade ficara fora de dúvida. Essas pessoas tinham dito ao autor das Recordações que o criminoso era um devasso, cheio de dívidas, que assassinara o pai para mais depressa entrar na posse da herança. Aliás, toda a cidade onde o parricida vivera contava essa história da mesma forma, como muito bem se informou o editor das presentes Recordações. Por último disse-se que esse assassino, ainda mesmo no presídio, era muito alegre e folgazão, imprevidente e estouvado, posto que inteligente, e que o autor das Recordações nunca lhe notara qualquer crueldade extraordinária e acrescentara: «Por isso, também eu nunca o supus culpado».*
>
> *Há pouco tempo o editor das* Recordações da Casa dos Mortos *recebeu da Sibéria a notícia de que o suposto parricida estava inocente e que, por conseguinte, sofrera durante dez anos os trabalhos forçados sem os merecer. A sua inocência foi oficialmente reconhecida. Haviam descoberto os verdadeiros criminosos, os quais confessaram o crime, ao passo que o desgraçado recuperou a sua liberdade. O editor não pode pôr em dúvida a autenticidade destas notícias.*
>
> *A isto é inútil acrescentar qualquer coisa mais. Para quê alongarmo-nos sobre o que há de trágico neste facto? Para quê*

falarmos desta vida desorientada por tal acusação? O facto, em si mesmo, fala bem alto.

Pensamos por isso que, se são possíveis semelhantes erros, só a sua possibilidade acrescenta a esta narrativa uma característica brilhante e nova que serve para completar e evidenciar as cenas descritas nas Recordações da Casa dos Mortos.

E agora continuemos...

Disse já que me habituara à minha condição de forçado; porém, para chegar até aí fora penoso e demorado. Para dizer tudo, foi necessário seguramente um ano a fim de me habituar à prisão, e recordarei sempre esse ano como o mais horroroso da minha vida, pelo que se me gravou inteiro na memória até aos seus mínimos pormenores. Creio até que me lembrarei de todas as suas horas, umas após outras. Disse também que os outros presos não conseguiam *habituar-se* àquela vida. Durante todo o meu primeiro ano perguntava a mim mesmo se eles seriam na verdade calmos, como pareciam mostrar. Estes problemas preocupavam-me muito. Conforme já disse, todos os forçados se consideravam hóspedes do presídio; não estavam em sua casa, mas era como se estivessem numa hospedaria, de passagem para uma localidade qualquer. Estes homens, desterrados por toda a vida, uns pareciam agitados, outros abatidos, mas cada um deles sonhava com qualquer coisa de impossível. Essa inquietação constante, que só com dificuldade se lhe notava, o ardor e a impaciência das suas esperanças involuntariamente expressas, mas talvez irrealizáveis, como se vivessem num delírio, tudo isto dava uma aparência e um caráter extraordinário àquele viver, se bem que apenas toda a originalidade consistisse talvez nesses traços. Sentia-se, ao entrar ali, que fora do presídio não havia nada que se lhe comparasse. Todos ali tresvariavam, era o que se concluía. E esta sensação era hiperestésica ou nervosa, justamente porque esse sonho constante dava à maior parte dos forçados um aspeto sombrio e melancólico, um ar de doentes. Quase todos eram taciturnos e irascíveis, e como que não gostavam de exteriorizar as suas íntimas esperanças. Detestavam também a ingenuidade e a franqueza. E tanto mais essas esperanças eram impossíveis e tanto mais o forçado sonhador lhes reconhecia a impossibilidade, tanto mais as guardava no mais fundo do seu coração sem poder contudo a elas renunciar. Teriam

vergonha disto? O caráter russo é tão positivo e tão sóbrio na sua maneira de ver, tão escarninho com os seus próprios defeitos...

Talvez fosse esse descontentamento de si mesmos, a causa dessa intolerância nas suas relações de todos os dias e dessa crueldade revelada para com os seus companheiros. Se algum deles, mais ingénuo ou mais impaciente que os outros, dizia alto o que cada qual pensava consigo mesmo, ou se se embrenhava no mundo dos castelos de Espanha e das quimeras, os outros tratavam-no grosseiramente ou perseguiam-no com as suas zombarias. Estimava que os mais encarniçados perseguidores fossem precisamente aqueles que o haviam talvez ultrapassado nos seus sonhos insensatos e nas suas loucas esperanças. Disse já que os mais simples e ingénuos eram tidos entre nós por estúpidos idiotas, pelos quais não tinham mais que desprezo. Os forçados eram tão melindrosos e impressionáveis que odiavam as pessoas dotadas de bom humor ou as desprovidas de amor próprio. Além desses ingénuos palradores, os outros presos dividiam-se em bons e maus, em alegres e tristes. Os últimos eram em maioria; se por acaso se encontrava entre eles algum que fosse palrador, era sempre um consumado caluniador e invejoso que se intrometia em todas as questões que não lhe diziam respeito, evitando, todavia, trazer à superfície os seus próprios sentimentos, as suas ideias mais íntimas; isso era proibido, estava fora dos seus hábitos. Quanto aos bondosos — um número insignificante — eram, em geral, sossegados, ocultando sem o menor desabafo as suas esperanças; tinham no entanto mais fé nas suas ilusões do que aqueles que eram macambúzios. Quer-me parecer que ainda havia no presídio uma outra categoria de presos: a dos desesperados, como o velho de Starodoub, mas estes eram poucos.

Na aparência este velho era sossegado; por certos indícios, contudo, cheguei à conclusão de que o seu estado moral devia ser insuportável, horrível; tinha como único recurso uma consolação: a prece e a ideia de que era um mártir. Outro idêntico devia ser com certeza o forçado a quem já me referi, aquele que vivia sempre imerso na leitura da Bíblia e que enlouqueceu, avançando para o major armado de um tijolo. Desamparara-o por completo toda e qualquer esperança; e porque é impossível um homem viver sem esperança, procurou a morte num martírio voluntário. Declarou não ter motivo nenhum para se atirar assim armado sobre o major; fizera-o apenas para sofrer. Quem poderá dizer o processo psicológico que se havia elaborado dentro do seu cérebro? Ninguém vive sem um objetivo e sem

um esforço para alcançar esse fim. Desde o momento que esse fim ou essa esperança desaparecem, a angústia faz do homem uma fera. O nosso objetivo, o nosso fim era a liberdade, a saída do presídio.

Tentei agrupar os forçados em diferentes categorias: será possível? É tão infinitamente diversa a realidade que foge às deduções mais engenhosas do pensamento abstrato, não comportando classificações nítidas e precisas.

A realidade tende sempre para a individualização, para a infinita variedade. Cada um de nós tinha a sua vida própria, íntima, individual além da vida oficial, regulamentar.

Mas, como já disse, não consegui, no princípio da minha reclusão, penetrar a intensidade dessa vida interior, visto que todas as manifestações externas me causavam repugnância, me enchiam de uma indizível tristeza. De tempos a tempos sentia vontade de odiar aqueles mártires que sofriam tanto como eu; invejava-os porque se encontravam no seu meio, compreendendo-se muito bem uns aos outros. Na realidade, contudo, essa camaradagem nos açoites e nas vergastadas, essa comunhão forçada inspirava-lhes tanta aversão como a mim mesmo, e cada qual esforçava-se por viver à parte. Essa inveja que me assaltava nos momentos de irritação tinha os seus motivos legítimos; os que afirmam que um fidalgo ou um homem culto não sofre, nos trabalhos forçados, mais do que um rústico aldeão enganam-se redondamente. Tenho lido e ouvido sustentar esta afirmativa. Em princípio a ideia parece justa e generosa: todos os forçados são homens. Isto porém é deveras abstrato; cumpre não esquecermos uma infinidade de complicações práticas que não poderemos compreender se as não experimentarmos na vida real. Não quero dizer com isto que o fidalgo, ou o homem culto, sinta mais delicadamente ou mais vivamente pelo facto de ser mais conhecedor. Fazer passar por sobre as almas de todos os homens um nível comum é impossível; a própria instrução não saberia fornecer-nos o padrão pelo qual poderíamos estabelecer as penas.

Por mim, sou o primeiro a testemunhar e a afirmar que entre esses mártires, cujo meio era o menos instruído e o mais abjeto, se nos deparam atitudes de uma certa elevação moral. Assim, havia no presídio homens que eu conhecia há já alguns anos e a quem desprezava, pois tinha-os na conta de abomináveis criaturas. De repente, no momento mais imprevisto, expandia-se-lhes sem querer a alma, trasbordando para o exterior com tal riqueza de sentimentos e cordialidade, com uma compreensão tão nítida

dos sofrimentos alheios e seus que diríeis ter-vos enganado em toda a linha; no primeiro instante seria tamanha a estupefação, que hesitaríeis acreditar no que tínheis visto e ouvido. No outro lado sucedia também o reverso; o homem culto revelava, por vezes, uma tal barbárie e um tal cinismo que vos causaria náuseas; por maior que fosse a nossa boa vontade, não se encontrariam desculpas ou justificações em seu favor.

Não tratarei da mudança de hábitos, da maneira de viver, da alimentação, etc., que são muito mais penosos para um homem culto do que para um camponês, o qual, muitas vezes, quando ainda em liberdade, morria de fome, ao passo que no presídio está sempre farto. Não discuto isso. Admitamos que, para um homem com alguma força de caráter, seja isso uma bagatela em comparação com outras privações; no entanto, mudar os seus hábitos materiais não é coisa fácil nem de somenos importância para um homem. A vida do forçado tem horrores ante os quais tudo empalidece, tal como a lama que os rodeia, a insuficiência e imundice da alimentação, as grilhetas que os sufocam e torturam. O ponto capital cifra-se em que, ao cabo de duas horas, o recém-chegado ao presídio está no mesmo pé de igualdade que os outros seus mais velhos companheiros; está *em sua casa,* tem tantos direitos como os seus companheiros, compreendem-no e ele compreende-os, todos o têm por *um dos seus,* o que já não sucede com um fidalgo. Por mais justo, bondoso e inteligente que este último seja, todos o odiarão e desprezarão durante anos seguidos; não o compreendem e o que é mais, não acreditam nele. Para eles nunca será amigo nem companheiro; e se consegue que não o ofendam, nem por isso se sentirá menos estrangeiro; antes confessará com mágoa, e durante a sua vida, a sua solidão e o seu isolamento. Este vácuo à sua volta faz-se, a maior parte das vezes, sem querer, sem reservadas intenções da parte dos presos. Nada mais horrível do que viver um homem fora do seu meio. O camponês que é deportado de Taganrog para o campo de Pétropavlovsk, encontrará ali outros camponeses russos como ele, com os quais se entenderá e harmonizará; em menos de duas horas ligar-se-ão e passarão a viver sossegados na mesma casota ou na mesma choupana. O mesmo, no entanto, já se não passa com os nobres: um incomensurável abismo os separa da arraia miúda. Isto só se observa *bem* quando um *nobre* perde os seus direitos e se torna ele próprio *povo.* E ainda que tratásseis toda a vossa vida em amistosas relações diárias com um camponês, ainda que, durante quarenta anos, diariamente estivésseis em contacto com ele

quer devido ao vosso serviço, por exemplo, quer por força de funções administrativas, ou mesmo quando fôsseis para esse povo um benfeitor e um pai, não conseguiríeis conhecê-lo bem a fundo. Tudo quanto supusésseis conhecer, nada mais seria que uma ilusão de ótica. Aqueles que me leem dirão talvez que eu exagero; estou porém convencido de que a minha observação é exata. E estou convencido, não teoricamente, por ter lido esta opinião em qualquer parte, mas porque a vida real me deu o tempo bastante para verificar as minhas convicções. E quem sabe... talvez saibam muito bem até que ponto é fundado o que acabo de dizer.

Desde os primeiros dias os acontecimentos confirmaram as minhas observações e atuaram doentiamente sobre o meu organismo. Durante o primeiro verão errei solitário pelo presídio. Disse já que me encontrava num estado moral que não me permitia julgar ou distinguir os forçados que mais tarde me pudessem estimar sem que, no entanto, se colocassem perante mim num mesmo plano de igualdade. Tinha por companheiros alguns ex-nobres, cuja companhia, no entanto, não me agradava. Não queria ver ninguém. Mas para onde me retirar? Eis um dos incidentes que logo à primeira vista me fez compreender todo o meu isolamento e a minha estranha posição no presídio. Certo dia do mês de agosto, num dia de calor causticante, cerca da uma hora da tarde, no momento em que todos dormiam a sesta antes de retomarem os seus trabalhos, os forçados levantaram-se como um só homem e reuniram-se no pátio da prisão. Até esse momento não tinha sabido nada. Deveras absorvido pelos meus pensamentos, quase não dei conta do que se passava à minha volta. Havia contudo três dias que alguma coisa de anormal vinha agitando os ânimos dos forçados. Esta agitação começara talvez muito antes, segundo me pareceu depois, ao recordar-me de alguns episódios de conversas e sobretudo o visível mau humor dos forçados, a contínua irritação em que viviam há já algum tempo. Atribuía isto aos penosos trabalhos do verão, aos enfadonhos e intermináveis dias, aos sonhos involuntários de liberdade e de florestas, às noites muito curtas durante as quais era impossível um repouso completo. Talvez tudo isto se encontrasse fundido num grande descontentamento, prestes a explodir, e cujo pretexto seria a má alimentação. Desde há uns dias que os forçados se queixavam em altas vozes e resmungavam pelas casernas, em especial quando se encontravam reunidos na cozinha para o jantar ou para a ceia. Haviam experimentado substituir um dos cozinheiros, mas ao fim de dois dias foi de novo

chamado o antigo. Enfim, todos viviam dominados por um inquietante mau humor.

— Trabalhamos como escravos e dão-nos apenas a comer estas porcarias! — atirava um deles na cozinha.

— Se isto não te agrada, requisita manjar branco — ripostou-lhe um outro.

— Sopa de couves azedas é muito bom! Eu gosto muito! — exclamou um terceiro. — É suculento!

— E se te dessem a comer apenas tripas de boi, encontrá-las-ias famosas durante muito tempo, não?

— É verdade, sim, deviam dar-nos carne! — acrescentou um quarto. — Cansamo-nos na fábrica, e para quê?! Quando acabamos a tarefa, temos fome, e tripas não matam a fome a ninguém!

— E quando não nos dão tripas, enchem-nos com porcarias!

— É verdade, a comida não vale um diabo.

— E com isso vai enchendo os bolsos, não tenhais dúvidas.

— Isso não é da tua conta.

— De quem é então? A barriga é minha. Se todos nos queixássemos, veríeis como mudava.

— Queixarmo-nos?

— Sim!

— Já temos sido castigados demais por causa dessas queixas! És sempre o mesmo parvo!

— Isso é verdade! — corroborou um outro, mal-humorado. — O que se faz depressa nunca é bem feito. E, além disso, de que te queixarias? Diz lá, em primeiro lugar.

— Digo, sim! Se todos fossem, eu ia também, porque estou a morrer de fome. Isto é bom para aqueles que comem à parte, mas nós, os que comemos o de todos os dias...

— Tem olhos de lince, este invejoso! Os olhos brilham-lhe muito mais sempre que admira o que não lhe pertence.

— Mas porque não nos resolvemos, companheiros? Basta de sofrer! Estes bandidos esfolam-nos! Vamos a isto.

— Para quê? Com certeza queres que te mastiguem os bocados e tos metam na boca, não! Ora o figurão! Só queres comer o que te mastigarem. Estamos condenados a trabalhos forçados…

— Essa é que é a causa de tudo isto!

— E, como sempre, o povo morre de fome e os chefes enchem a barriga.

— Essa é que é a verdade! O nosso *Oito Olho*s tem engordado deveras! Até já comprou uma parelha de cavalos castanhos.

— E não gosta nada da pinga — exclamou um dos forçados num tom irónico.

— Há tempos perdeu num jogo com o veterinário. Durante duas horas jogou sem ter no bolso um centavo. Foi o Fedka quem mo disse.

— Ora aí está porque nos dão sopa de couves azedas com tripas!

— Sois todos um bando de imbecis! Que temos nós com isso?

— Se nos queixarmos, vereis como ele se justifica. Que resolvemos então?

— Justificar-se?! Esmaga-te a cabeça com o punho e nada mais.

— Mas será processado.

Todos os presos estavam bastante excitados, porque na verdade a alimentação era execrável. O que mais contribuía porém para aumentar ao máximo o descontentamento geral era a angústia, o sofrimento contínuo, a expectativa. O forçado é, por temperamento, altercador e rebelde; mas é raro haver entre eles um motim, uma rebelião devido a não estarem de acordo. Cada um de nós sabia-o muito bem e por isso se injuriavam mais do que agiam na realidade. No entanto, desta vez, a esta agitação não sucedeu como às outras. Formavam grupos pelas casernas, discutiam, injuriavam-se, comentavam com calor a má administração do major, sondando-lhe todos os mistérios. Em semelhantes conflitos surgiam sempre os cabecilhas, os instigadores. Os cabecilhas nestas ocasiões tornavam-se pessoas importantes, não só nas prisões como também em todos os grupos de trabalhadores, nos destacamentos, etc. Este tipo original é sempre o mesmo em toda a parte; são indivíduos exaltados, ávidos de justiça, muito ingénuos e honestamente convencidos da absoluta possibilidade de realizarem os seus desejos; não são mais estúpidos que os outros e há-os mesmo de uma inteligência superior, mas são demasiado exaltados para serem astuciosos e prudentes. Se se encontram pessoas que sabem dirigir as turbas e conseguir o que pretendem, esses pertencem já a outro tipo de orientadores populares, muitíssimo raros entre nós. Aqueles de que falo, chefes ou instigadores de revoltas, atingem quase sempre o seu fim, indo no entanto depois encher as prisões e os presídios de trabalhos forçados. Devido à sua impetuosidade sofrem sempre as

consequências dessas revoltas, mas é essa mesma impetuosidade que lhes dá a influência sobre as multidões; seguem-nos espontaneamente porque o seu ardor e a sua honesta indignação atuam de tal forma sobre todos, que os mais indecisos veem-se arrastados. A cega confiança que depositam no seu bom êxito, empolga e seduz mesmo os céticos mais renitentes, posto que, muitas vezes, a confiança adquirida tem uns alicerces tão instáveis, tão infantis que nos admiramos que haja alguém que neles possa confiar. O segredo da sua influência está em que são eles os primeiros a marchar, sem terem medo de coisa alguma. Arrojam-se para a frente, de cabeça levantada, sem mesmo saberem, muitas vezes, o que pretendem, sem esse jesuitismo prático graças ao qual por vezes um homem vil e abjeto ganha uma causa, atinge o seu fim, saindo branco de um tonel de tinta preta. Resta-lhes então o supremo recurso de darem cabo da cabeça. Na vida de todos os dias esses indivíduos são biliosos, irascíveis, intolerantes e altivos, e algumas vezes mesmo bastante acanhados, no que, aliás, repousa toda a sua força. O pior é que não atacam nunca o principal, o âmago da questão; detêm-se em geral nos detalhes em lugar de irem direitos ao fim, o que os perde. Mas a multidão compreende-os e eles tornam-se temíveis por causa disso.

Cumpre-me dizer em breves palavras o que significa o termo «agravo».

Alguns forçados tinham sido precisamente deportados por causa de um agravo; foram os mais exaltados, entre eles um certo Martinov, que havia servido noutros tempos nos hussardos, e posto que fosse um arrebatado, irrequieto e irascível, não era por isso menos honesto e sincero. Um outro, Vassili Antonov, irritava-se à menor coisa; tinha um olhar atrevido e um sorriso sarcástico, mas era igualmente honesto e sincero, além de ser muito instruído. Havia ainda outros mais, pois o seu número era maior do que aquilo que se podia supor. Petrov andava de um para outro grupo; falava pouco, mas reconhecia-se logo que estava também exaltado, pois foi o primeiro que saltou fora da caserna quando os outros se reuniram no pátio.

O nosso sargento, que fazia as vezes de sargento-chefe, acorreu logo a informar-se do que se passava. Os forçados dispuseram-se em formatura e pediram-lhe delicadamente para que dissesse ao major que desejavam falar-lhe e interrogá-lo acerca de certos assuntos. Atrás do sargento chegaram os inválidos, que formaram do outro lado, em frente aos

forçados. A comissão que acabavam de confiar ao sargento era tão extraordinária que este se encheu de terror, sem que no entanto se atrevesse a não comunicar o pedido ao major, porque se os forçados se revoltavam, só Deus sabe o que poderia acontecer! Todos os nossos chefes eram excessivamente cobardes nas suas relações com os presos e depois, mesmo que nada houvesse, mesmo que os forçados reconsiderassem e se dispersassem, cumpria sempre ao sargento relatar à direção tudo quanto se passasse. Pálido e trémulo de medo, dirigiu-se a toda a pressa para a casa do major, sem no entanto tentar antes acalmar os forçados. Sabia bem que estes não se dignariam discutir com ele.

Apesar de ignorar tudo quanto se passava, meti-me também na forma (só muito depois tomei conhecimento de todos os detalhes desta história). Supus que se ia proceder a uma chamada; não vendo, porém, os soldados da escolta que procediam à verificação, admirei-me e pus-me a olhar à minha volta. Tinham todos as feições alteradas e afogueadas, e outros até o aspeto de exasperados. Preocupados e calados, refletiam sobre o que pretendiam dizer ao major. Observei que alguns estavam admirados por me verem formar ao lado deles, mas logo desviaram a sua atenção da minha pessoa. Estranhavam que formasse com eles e que quisesse portanto tomar parte na reclamação, pelo que não acreditavam no que viam. Minutos passados voltaram de novo para mim os seus olhares interrogadores.

— Que vindes aqui fazer? — perguntou-me num tom áspero e em voz alta Vassili Antonov, que se encontrava ao meu lado, a alguma distância dos outros, e que sempre me tratara por *vós* e com a maior delicadeza.

Olhei-o todo perplexo, esforçando-me por compreender o que tudo aquilo significava; no entanto adivinhava que se passava alguma coisa de extraordinário no presídio.

— Sim, que vens aqui fazer? Vai já para a tua caserna! — disse-me um jovem latagão, forçado militar, que não tinha visto até então e que era um bondoso e excelente rapaz. — Isto não é contigo, não te diz respeito.

— Não estais a dispor-vos em forma? — disse-lhe eu. — Não se vai proceder à chamada?

— Ele também se veio meter aqui? — gritou um deportado.

— Nariz de ferro! — exclamou outro.

— Caçador de moscas! — acrescentou um terceiro, com um desprezo inexprimível pela minha pessoa. Este novo insulto fez com que todos

soltassem uma grande gargalhada.

— Esses atrevidos vivem sempre, em toda a parte, com todas as comodidades. Estamos no presídio, não é verdade? Todavia não passam sem o pão branco e o leitão assado, como uns grandes senhores! Não tens a tua comida à parte? Que vens então aqui fazer?

— O vosso lugar não é aqui — disse-me calmamente Koulikov, agarrando-me pela mão e fazendo-me sair da forma.

Este estava também muito pálido; os seus olhos negros cintilavam e mordia nervosamente o lábio inferior, o qual já sangrava. Não era daqueles que aguardavam de ânimo sereno a chegada do major.

Gostava muito de ver Koulikov nestas ocasiões, isto é, quando estadeava, com toda a evidência, as suas qualidades e os seus defeitos. Vangloriava-se, mas agia também. Creio mesmo que caminharia para a morte com uma impecável elegância, com a altivez de um chefe. Agora que os outros zombavam de mim e me injuriavam, timbrava ele em ser ainda mais delicado comigo, falando-me, porém, num tom firme e decidido que não admitia réplica.

— Estamos aqui por uma questão apenas nossa, Alexandre Petrovitch, na qual não tendes que vos intrometer. Ide para onde vos apetecer, ou melhor, ide ter com os vossos companheiros que estão na cozinha. Ora reparai...

— Estão em lugar quente! — exclamaram alguns deles.

De facto avistei, pela janela aberta, os nossos polacos, que se encontravam na cozinha, em companhia de muitos outros forçados. Entrei ali deveras vexado, ouvindo atrás de mim as risadas, as injúrias e uma espécie de cacarejar que no presídio substituía os assobios e os apupos.

— Isto não lhe agrada. — E seguiu-se uma gritaria, imitando o tal cacarejar.

Nunca fora tão gravemente ofendido desde que me encontrava no presídio. Aquele momento foi para mim muito doloroso, mas devia prevê-lo: os ânimos estavam deveras exaltados. No vestíbulo encontrei-me com T...vski, jovem fidalgo sem grande instrução, mas de caráter resoluto e generoso, e a quem os presos excetuavam do ódio que votavam aos forçados nobres, tão grande era o afeto que lhe tinham; cada um dos seus gestos denotava um homem forte vigoroso.

— Que anda a fazer, Gorientchikov? — gritou-me ele. — Venha para aqui!

— Mas que é que se passa?

— Querem queixar-se, então não sabe? Não conseguirão coisa alguma, pois quem é que acredita em forçados? hão de procurar os cabeças de motim, e se nós estivéssemos junto deles seria com certeza sobre nós que recairia a culpa. Lembra-se do motivo porque fomos deportados? A eles, vergastá-los-ão apenas, ao passo que a nós instauravam-nos um processo. O major detesta-nos a todos nós, os nobres, e ficaria satisfeito se conseguisse envolver-nos na questão; assim, servir-lhe-emos de justificação.

— Os forçados são capazes de nos vender de pés e mãos atados — informou M...tski ao entrarmos na cozinha.

— Não terão nunca piedade de nós — acrescentou T...vski.

Além dos nobres, havia ainda na cozinha uns trinta presos que não desejavam participar da queixa, uns por cobardia, outros porque estavam convencidos da inutilidade desta revolta. Akim Akimytch — inimigo de todas as reclamações e de tudo quanto pudesse entravar a disciplina e o serviço — aguardava com toda a calma o fim deste conflito cujo resultado pouco o inquietava; estava em absoluto convencido do triunfo imediato da ordem e da autoridade administrativa. Içaï Fomitch, de olhos baixos, numa grande perplexidade, escutava o que nós dizíamos com uma medrosa curiosidade; estava deveras inquieto. Aos nobres polacos tinham-se juntado os plebeus da mesma nacionalidade, bem como alguns russos mais tímidos, gente sempre estúpida e calada que não tinha ousado ligar-se aos insurretos e esperava tristemente o fim daquela questão. Havia ainda alguns forçados, melancólicos e descontentes, que se tinham deixado ficar na cozinha não por timidez, mas porque lhes parecia absurda semelhante revolta, descrendo por completo do seu êxito. Pareceu-me notar que estes se sentiam naquele momento constrangidos e que os seus olhares eram incertos e vagos. Sabiam muito bem que os outros tinham razão, mas por outro lado sabiam também que o resultado de tudo aquilo seria o que eles haviam previsto. Consideravam-se uns renegados que haviam traído a comunidade e vendido os seus companheiros ao major. Iolkine — o esperto camponês siberiano, condenado a trabalhos forçados por falsificar moeda e que tirara ao Koulikov os seus clientes da cidade — também ali estava, assim como o velho de Starodoub. Nenhum cozinheiro tinha deixado o seu posto, isto naturalmente porque se consideravam parte

integrante da administração e porque, em seu entender, não era decente colocarem-se contra ela.

— Contudo — disse eu a M...tski num tom ainda mal seguro — além daqueles que estão aqui, todos os restantes fizeram causa comum.

— E que temos nós com isso? — murmurou B…

— Acompanhando-os, arriscávamo-nos muito mais do que eles. E porquê? *Je hais les brigands*. E acredita que saberão queixar-se? Não compreendo que prazer possam ter em arranjar, por suas próprias mãos, questões perigosas como esta.

— Isto não dá nada — afirmou um velho rabugento, todo senhor da sua opinião.

Almazov, que estava também perto de nós, foi da mesma opinião.

— Vergastarão uns cinquenta de entre eles e não passará disso.

— Chegou o major! — gritou alguém, e todos correram para as janelas.

O major acabava de chegar, trazendo os óculos, de fisionomia carrancuda, furioso, todo vermelho. Sem dizer uma palavra, caminhou resoluto para os forçados, dispostos em linha. Em idênticas circunstâncias era verdadeiramente intrépido, não perdendo nunca a presença de espírito; não devemos porém esquecer-nos que estava quase sempre bêbado. Neste momento o seu boné ensebado, com guarnições cor de laranja, e as charlateiras de prata embaciadas tinham o quer que fosse de sinistro. Ao seu lado vinha o furriel Diatlov, personagem muito importante no presídio, pois era na verdade quem o administrava; rapaz hábil e enérgico, tinha uma grande influência sobre o major. Os forçados tinham por ele alguma simpatia, pois não era má criatura. Acompanhavam ainda o major o sargento e mais três ou quatro soldados. O sargento tinha já recebido uma áspera reprimenda e esperava ainda dez vezes mais. Os forçados, que se tinham conservado de cabeça descoberta desde que mandaram pedir ao major para os ouvir, endireitaram-se, batendo com o pé um no outro, devidamente perfilados; imóveis, esperaram a primeira palavra, ou antes o primeiro grito do seu chefe supremo.

Não esperaram muito tempo. Logo à segunda palavra, o major pôs-se a vociferar, aos berros: perdera a calma habitual. Das janelas, víamo-lo percorrer toda a formatura, atirando-se aos rebeldes, interpelando-os. Como estávamos bastante longe, não pudemos ouvir as suas perguntas

nem as respostas dos forçados. Ouvimo-lo apenas gritar com uma espécie de lamento ou rugido:

— Rebeldes! Sereis vergastados… Instigadores! Tu és um dos cabeças! Sim, tu! — gritou, dirigindo-se a um dos forçados.

Não ouvimos a resposta, mas minutos depois vimos o desgraçado sair da forma e levarem-no para o corpo da guarda. Depois dele, um outro e mais um terceiro.

— Processados! Todos! Eu vos... Quem está ali ainda na cozinha? — berrou ao avistar-nos às janelas. — Todos já para aqui! Mandem-nos a todos para aqui!

O furriel Diatlov dirigiu-se para a cozinha. Ao declararmos-lhe, porém, que não tínhamos nenhuma queixa a fazer, voltou logo a comunicar isto mesmo ao major.

— Ah, aqueles não se queixam? — exclamou, baixando dois tons à voz, todo satisfeito. — É o mesmo. Que venham para aqui todos!

Saímos. Eu sentia-me um tanto envergonhado; aliás, todos caminhámos de cabeça baixa.

— Ah! O Prokofief! E o Iolkine também! E tu também, Almazov! Aqui! Formem aqui! — ordenou o major numa voz ofegante, mas já menos irritado; o seu olhar tornou-se mesmo mais afável. — M...tski, tu também és destes! Toma nota dos nomes, Diatlov! Toma nota dos nomes de todos, dos que estão satisfeitos a um lado e dos descontentes a outro, mas de todos, sem exceção! Dás-me depois a lista... hei de processar-vos a todos. Eu vos... bandidos!

A palavra «lista» surtiu efeito.

— Nós também estamos satisfeitos! — gritou um dos descontentes numa voz surda e irresoluta.

— Ah, satisfeitos! Quem é que está satisfeito? Os que estão satisfeitos deem um passo à frente!

— Eu! Eu! — exclamaram outras vozes.

— Estais satisfeitos com a alimentação? Isto quer dizer que houve instigadores? Houve amotinadores, perturbadores? Tanto pior para eles!

— Senhor, que significa tudo isto? — exclamou uma voz entre a multidão dos presos.

— Quem foi que gritou para aí? Quem foi? — rugiu o major, voltando-se para o lado de onde se ouvira a voz. — Foste tu que gritaste, Rastorguïev? Levem-no para o corpo da guarda!

Rastorguïev, um rapaz alto e encorpado, saiu da forma e dirigiu-se lentamente para o corpo da guarda. Não foi ele o que gritou; porém como o major o tinha nomeado, nem sequer tentou contradizê-lo.

— É a gordura que vos torna rebeldes! — bradou o major. — Deixa estar, meu cara de lua cheia, que dentro de três dias tu não... Esperai que vou fazer-vos a cama a todos... Aqueles que não se queixam podem sair!

— Nós não nos queixámos, nossa alta nobreza! — disseram alguns forçados num tom lamurioso; os outros calaram-se obstinadamente. O major não desejava porém prolongar a cena; queria terminar esta questão o mais depressa possível e de comum acordo.

— Ah, agora já *ninguém* se queixa! — exclamou, gaguejando. — Eu logo vi! Já sabia... São os instigadores! Há portanto aqui instigadores! — continuou, voltando-se para Diatlov. — É preciso descobri-los a todos. E agora... agora é tempo de irem para o trabalho. Tamborileiro, um toque!

Ele próprio assistiu à formação dos diversos grupos. Os forçados separaram-se, tristes, calados, felizes por poderem desaparecer. Após a saída dos diversos grupos, o major dirigiu-se para o corpo da guarda, onde tomou as providências que entendeu, com respeito aos cabeças de motim; apesar de tudo, não foi tão vingativo como se esperava. Notava-se que tinha vontade de pôr termo à questão dentro do menor tempo possível. Um deles contou depois que lhe pediu perdão e que o oficial imediatamente lhe relevou a prisão. Com certeza o major não se encontrava em boa situação; temeu-se talvez uma revolta, a qual é sempre uma coisa muito séria, se bem que a queixa dos forçados não fosse na realidade uma revolta (haviam apenas comunicado o facto ao major e não ao comandante), no entanto não deixara de ser desagradável. E o que mais o incomodou é que a reclamação dos presos fora quase unânime; urgia por consequência pôr-lhe fim no mais curto prazo de tempo. Por conseguinte ordenou a relevação da prisão a todos os cabeças do motim. No dia imediato a alimentação foi regular, mas esta melhoria durou pouco tempo. Nos dias que se seguiram à rebelião, o major visitou o presídio mais vezes, pois havia sempre desordens a reprimir. O sargento ia e vinha, desorientado e preocupado, como se ainda não estivesse refeito da sua estupefação. Quanto aos presos, levou tempo a acalmarem-se; contudo a sua agitação já não era parecida à dos primeiros dias; continuavam inquietos, sem saber o que fazer. Uns calavam-se, baixando a cabeça, ao passo que outros resmungavam, num tom de mau humor, dessa frustrada revolta. Muitos

zombavam amargamente deles próprios, como que a penitenciarem-se da sua indevida atitude.

— Aí tens, companheiro. Agora torce as orelhas! — dizia um deles.

— Onde está o rato que quis prender o guiso à cauda do gato?

— Só nos convencem à pancada, esta é que é a verdade. Congratulemo-nos por *ele* não nos ter mandado vergastar a todos.

— É melhor que reflitas mais e fales menos.

— Quem és tu para me quereres dar conselhos? És por acaso professor?

— Não, mas precisas que te chamem à ordem.

— Mas quem és tu?

— Eu? Sou um homem! E tu, quem és?

— Sobejo para cães, é o que tu és!

— E tu és outro.

— Vamos lá sentar e calar! Que estais para aí a ladrar! — gritaram-lhes de todos os lados.

Na mesma tarde da rebelião, depois dos trabalhos do dia, encontrei-me atrás das casernas com Petrov, que andava à minha procura. Ao aproximar-se de mim soltou duas ou três exclamações incompreensíveis, calando-se em seguida; começámos depois a passear ao lado um do outro. Eu estava ainda bastante preocupado com toda aquela história e julguei que Petrov me poderia explicar tudo.

— Diz-me cá, Petrov — perguntei-lhe eu — os teus companheiros estão zangados connosco?

— Quem é que se zangou!? — exclamou, como que acordando naquele momento.

— Os forçados... contra nós, contra os nobres!

— E porque haviam eles de se zangar?

— Ora, porquê... Por não os termos acompanhado.

— E por que razão é que vos havíeis de revoltar? — perguntou ele por sua vez, esforçando-se por compreender o que eu lhe dizia. — Vós comeis à parte!

— Valha-me Deus! Também muitos dos teus companheiros, que não comem as refeições normais, se amotinaram juntamente convosco. Nós devíamos talvez acompanhar-vos... por camaradagem...

— Muito obrigado! Então julgais que sois nossos companheiros? — perguntou Petrov, muito admirado.

Fitei-o por momentos; vi que não me compreendia nem atingia o fim das minhas palavras; pelo contrário, eu compreendia-o muito bem. Pela primeira vez uma ideia que há muito se agitava confusamente no meu cérebro achou por fim a sua fórmula; adivinhei então o que até ali apenas pressentira. Compreendi de repente que nunca me tornaria companheiro dos forçados, ainda que eu mesmo fosse um forçado perpétuo, um forçado da «secção particular». A fisionomia de Petrov, nesse momento, ficou para sempre gravada na minha memória. Na sua pergunta: «Muito obrigado! Então julgais que sois nossos companheiros?» havia uma ingenuidade tão franca, um espanto tão inocente que perguntei a mim mesmo se não esconderia naquelas palavras alguma ironia, alguma mordacidade escarninha. Não, não era para eles um companheiro, não! Iam para a direita, nós íamos para a esquerda; tínhamos os nossos negócios e eles tinham os seus.

Convenci-me que após a rebelião passariam a tratar-nos sem a menor piedade e que o nosso viver se tornaria um inferno. Nada disso porém aconteceu; não ouvimos a menor censura nem a menor alusão ofensiva. Continuaram apenas a zombar de nós como noutros tempos, sempre que a ocasião se lhes proporcionava, e nada mais. Ninguém guardou rancor aos que não se tinham amotinado e se haviam deixado ficar na cozinha, nem tão pouco àqueles que se desdisseram, afirmando que não tinham razão para se queixar. Ninguém disse uma palavra a tal respeito. Por isso a minha estupefação tornou-se maior.

Capítulo 8 — Os Meus Companheiros

Como se pode calcular, aqueles que mais despertaram a minha afeição foram os meus, isto é, os «nobres», sobretudo nos primeiros tempos; mas dos três ex-nobres russos que se encontravam no presídio, Akim Akimytch, o espião A…f e aquele que se supunha ter sido o parricida, só conhecia Akim Akimytch, o único com quem conversava. Para dizer a verdade, só me dirigia a ele em ocasiões de desespero, nos meus mais intoleráveis momentos de tristeza, quando me convencia que não me afeiçoaria a mais nenhum outro. No capítulo anterior tentei dividir os forçados em diversas categorias; porém ao lembrar-me de Akim Akimytch, quer-me parecer que devo aumentar uma categoria à minha classificação, se bem que seja o único a poder ser nela englobado. Esta categoria é a dos forçados inteiramente indiferentes, isto é, a daqueles a quem tanto lhes interessa viver em liberdade como nos trabalhos forçados — o que era, entre nós, e nem podia ser de outra maneira, uma exceção. Akim Akimytch era uma dessas exceções. Instalara-se no presídio como se ali devesse passar toda a sua vida; tudo quanto lhe pertencia, desde as mantas, os travesseiros, os utensílios, tudo fora comprado do melhor, como para lhe durar o resto da vida. Nada tinha que pudesse lembrar uma vida temporária, um estágio. Devia viver ainda muitos anos entregue aos trabalhos forçados; apesar disso, creio que não pensava em conseguir a liberdade; se estava conformado com a realidade, era menos por vontade própria que por espírito de subordinação, o que tudo para ele dava na mesma. Era uma excelente pessoa. Nos primeiros tempos ajudava-me sempre com os seus conselhos e serviços, se bem que, por vezes, me inspirasse uma profunda tristeza, uma tristeza sem igual, que aumentava e se agravava ainda com a minha tendência para a melancolia. Quando me sentia deveras desesperado, entretinha-me a conversar com ele; gostava de ouvir as suas entusiásticas palavras; tivessem sido palavras de ódio e amargura, e ter-nos-íamos revoltado os dois contra o nosso destino; mas ele sossegava-me e continuava a colar com toda a calma as suas lanternas, contando que tinha tomado parte numa revista em 18..., que o comandante

da divisão se chamava fulano e sicrano, que ficara contente com as manobras, que haviam mudado os sinais para os atiradores, etc. Dizia tudo isto numa voz igual e compassada, como água que caísse gota a gota. Animava-se apenas quando me contava não sei que acontecimento ocorrido no Cáucaso, pelo qual o condecoraram com a insígnia de Santa Ana da Espada. Noutras ocasiões a sua voz tornava-se mais grave e mais pausada, baixando de tom ao pronunciar as palavras «Santa Ana», com um certo mistério até; durante três minutos, pelo menos, mantinha-se calado e sério... No decorrer do primeiro ano tive momentos absurdos em que odiei cordialmente Akim Akimytch sem saber porquê; acessos de desespero, durante os quais amaldiçoava o destino que me havia dado por cama uma tarimba onde a minha cabeça quase tocava na de Akim. Uma hora depois, porém, aproximava-me desse companheiro. Felizmente tais acessos só me incomodaram durante o primeiro ano da minha reclusão; à medida que o tempo decorreu, fui-me adaptando ao caráter de Akim Akimytch, e então envergonhei-me daquelas minhas passadas arremetidas. Não me lembro de termos altercado, uma vez que fosse, um com o outro.

Além dos três nobres russos de que já falei, havia ainda no meu tempo mais oito; com alguns deles, que não com todos, mantive uma estreita amizade. Os melhores eram uns doentes, exclusivistas, intolerantes num alto grau. Deixei mesmo de falar a dois deles. Apenas três eram instruídos: B...ski, M...tski e o velho J...ki, que havia sido noutros tempos professor de matemática — homem honesto, muito original, não muito inteligente, mas bastante erudito. Outro tanto não sucedia com M...tski e B...ski. Logo desde o primeiro encontro, eu e M...tski entendemo-nos; nunca tivemos a menor disputa. Estimava-o muito, embora não gostasse dele nem me afeiçoasse; nunca pude chegar até aí. Era muitíssimo irritável e desconfiado, com um alto domínio sobre si próprio. Ora, era isto justamente o que me desagradava, pois reconhecia-se assim que este homem não abriria nunca o seu coração a ninguém; e, quem sabe?, talvez me tivesse enganado! Era uma forte e nobre alma. O seu inveterado ceticismo ocultava-se com uma extraordinária habilidade, na prudência das suas relações com aqueles que o cercavam. Contudo sofria com esta dualidade da sua alma, porque era ao mesmo tempo cético e profundamente crente, de uma fé inabalável em certas esperanças e convicções. Apesar de toda a sua sagacidade prática, vivia em guerra aberta com B...ski e o seu amigo T…ski.

O primeiro, B...ski, era um homem doente, com uma predisposição para a tuberculose, irascível e nervoso, mas bondoso e magnânimo. A sua irritabilidade nervosa tornava-o caprichoso como uma criança; não podendo suportar semelhante caráter, deixei de me aproximar de B…ski, sem no entanto deixar de o estimar. Passava-se justamente o contrário com M...tski, com o qual nunca me indispus, mas de quem não gostava. Cortando as relações com B...ski, tive também de cortá-las com T...ski, a quem já me referi no capítulo anterior, o que muito me custou, porque se era pouco instruído, tinha pelo contrário um bom coração; era um excelente caráter e muito corajoso. Amava e respeitava tanto B...ski, venerava-o de tal forma que aqueles que se zangavam com este tornavam-se também logo seus inimigos. Assim, zangou-se com M...tski por causa de B...ski, se bem que tivesse de lutar com ele próprio para tal fazer. Todos estes homens eram irascíveis, rabugentos, desconfiados e sofriam de uma hiperestesia moral. Isto compreende-se: a sua situação era muito mais penosa, muito mais dura que a nossa, pois estavam exilados da sua terra e deportados por dez e doze anos. Mas, sobretudo, o que lhes tornava mais insuportável a estada no presídio eram os seus arreigados preconceitos, a maneira como tratavam e procediam para com os outros forçados; para eles, estes não eram mais que animais ferozes, recusando-se a admitir neles qualquer coisa de humano. Levava-os a este juízo a força das circunstâncias e o seu próprio destino. A vida no presídio era para eles um tormento. Eram amáveis e delicados para com os circassianos, os tártaros e Içaï Fomitch, pois aos outros presos tratavam-nos com desprezo. Somente o velho crente conquistara o seu respeito. E no entanto, durante todo o tempo que estive no presídio, nunca um único preso lhes criticou as linhagens, as crenças religiosas, as convicções, coisa muito vulgar no povo russo nas suas relações com os estrangeiros, sobretudo com os alemães. No fundo, não era mais do que zombar do alemão, que é para o povo russo um ser fanfarrão e grotesco. Os forçados tinham muito mais respeito pelos nobres polacos do que por nós, os russos; nem sequer lhes *tocavam,* mas suponho que os polacos simulavam não notar essa deferência e tomá-la em consideração. Já me referi a T...ski, mas tenho ainda de voltar a falar nele. Ao deixar, juntamente com o seu companheiro, a primeira paragem da sua jornada até chegarem à nossa fortaleza, quase transportou às costas, durante toda a viagem, o seu amigo B..., de débil e precária saúde, exausto desde metade da jornada. Primeiro haviam-nos mandado para Y...gorsk,

onde a vida lhes correra suave, pois ali os trabalhos eram muito menos pesados do que na nossa fortaleza. Devido, porém, a uma inocente troca de correspondência com os deportados de uma outra cidade, julgaram necessário mandá-los para o nosso presídio, com uma recomendação especial de vigilância à direção. M...tski vivera sempre isolado até à sua chegada ao presídio. Que triste não devia ser a sua vida durante o seu primeiro ano de exílio!

J...ki era aquele ancião que rezava continuamente e a quem já me referi nos capítulos anteriores. Todos os condenados políticos eram ainda novos, mesmo bastante novos, exceto J...ki, que devia andar à volta dos cinquenta anos.

Era deveras honesto, mas muito original. Os seus companheiros, T...ski e B...ski, detestavam-no e não lhe falavam; consideravam-no como um teimoso e intriguista, e verifiquei mais tarde que tinham razão. Suponho que num presídio — como em qualquer lugar onde se encontrem reunidos pela força e não pela sua vontade muitos indivíduos — as disputas são contínuas e os homens odeiam-se com mais facilidade do que em liberdade. Causas múltiplas concorrem para estas constantes questiúnculas. J…ki era de facto antipático e estúpido; nenhum dos seus companheiros o estimava. Nós os dois nunca altercámos, mas as nossas relações foram sempre de mera cortesia. Creio que era um bom matemático. Explicou-me um dia, na sua algaraviada semirrussa e semipolaca, um sistema astronómico qua havia inventado; disseram-me depois que tinha escrito uma obra a tal respeito, mas da qual os entendidos na matéria fizeram troça; estou convencido que não tinha o juízo todo, como se costuma dizer. Rezava dias inteiros, de joelhos, o que provocava o respeito dos outros forçados, respeito que soube manter até à sua morte, pois espirou à minha vista, no presídio, após uma dolorosa doença. Logo à sua chegada havia conquistado a consideração dos presos, em seguida a um incidente com o major. Ao chegarem à fortaleza, vindos, após várias paragens, de Y...gorsk, onde não os tinham rapado, traziam a barba e o cabelo muitíssimo crescidos. Quando os apresentaram ao major, este enfureceu-se, parecendo o diabo, indignado com semelhante infração à disciplina, do que, aliás, os presos não tinham culpa alguma.

— Têm umas caras de não sei quê! — gritou ele. — São uns vagabundos, uns bandidos!

J…ki, que compreendia muito mal o russo, supondo que o major lhes perguntava se eram bandidos ou vagabundos, respondeu:

— Somos condenados políticos e não vagabundos.

— Co...omo? Que grande insolente! Que grande vilão! — gritou-lhe o major. — Já para o corpo da guarda e deem-lhe cem vergastadas imediatamente! Agora mesmo!

E o velho foi vergastado: deitou-se no chão sob as vergastas, sem oferecer a menor resistência, mordendo as mãos para não gritar e, sem soltar um gemido, sofreu todo o castigo imóvel. B...ski e T...ski chegaram nessa ocasião ao presídio, onde M...ski os esperava, próximo do portão; dirigiu-se a eles e abraçou-os, se bem nunca os tivesse visto. Revoltados com a receção que lhes fez o major, contaram a M...ski a cena cruel que acabavam de presenciar. Este disse-me mais tarde que, ao saber disso, ficara como um louco: «Nunca me senti tão enraivecido, tremia mesmo de febre. Esperei J…ki junto da porta grande, pois sabia que devia voltar do corpo da guarda, depois do castigo. Abriram a porta e vi-o passar diante de mim, com os lábios trémulos, muito brancos e as feições descompostas; não olhou para ninguém ao atravessar os grupos de forçados que se tinham formado no pátio ao saberem que um nobre acabava de ser vergastado. Entrou depois na caserna e, sem dizer palavra, foi direito ao seu lugar, onde se ajoelhou e se pôs a rezar. Os presos ficaram admirados e comovidos. Quando vi esse velho de cabelos brancos que havia deixado na terra natal a mulher e os filhos, quando o vi depois desse humilhante castigo ali ajoelhado e a rezar, fugi da caserna e durante duas horas errei como um louco; fiquei como um bêbado... Desde então os forçados começaram a olhar com mais simpatia e deferência para J…ki; e o que sobretudo os entusiasmara é que ele não gritara ao ser vergastado.»

Cumpre no entanto sermos justos e dizermos a verdade; não podemos julgar, por este exemplo, as relações da direção do presídio com os nobres deportados, quaisquer que estes fossem, russos ou polacos. A história demonstra apenas que podemos cair sob a alçada de um homem perverso; e se esse homem é o comandante chefe de um presídio e por acaso antipatiza com um exilado, a sorte deste fica longe de ser invejável. Todavia a direção superior dos trabalhos forçados na Sibéria, que dá as ordens e as direções dos trabalhos aos comandantes, seus subordinados, procede com discernimento e critério com respeito aos deportados nobres e até, em certos casos, é para eles muito mais indulgente do que para os

outros forçados de baixa condição. As razões são claras: em primeiro lugar esses chefes são também nobres e, em segundo lugar, porque sucede às vezes esses nobres recusarem-se a deixarem-se vergastar e lançarem-se mesmo sobre os seus executores, e os resultados dessas rebeliões são sempre desagradáveis; por último — e quer-me parecer que é esta a causa principal — sucedeu um dia (há pelo menos trinta e cinco anos) serem mandados, de uma só vez, para a Sibéria um grande número de deportados nobres; comportaram-se tão bem e tornaram-se tão merecedores da estima dos chefes dos trabalhos forçados que estes começaram a ter maior consideração pelos criminosos nobres do que pelos forçados do povo. Os comandantes subalternos seguiram o exemplo dos chefes e obedeceram cegamente a esta maneira de ver. Contudo alguns deles criticaram e deploraram essas disposições dos seus superiores; julgavam-se felizes quando lhes permitiam agir como bem lhes parecesse, sem no entanto lhes darem uma demasiada latitude. Tive razões para assim o supor, como vou contar. A segunda categoria dos trabalhos forçados, da qual eu fazia parte e que se compunha de antigos servos submetidos então à autoridade militar, era muito mais pesada que a primeira (a das minas) ou a terceira (o trabalho nas fábricas). Era mais pesada não só para os nobres, mas também para os outros forçados, porque a sua direção e organização eram inteiramente militares, assemelhando-se muito às dos presídios da Rússia. Os chefes eram mais severos e os regulamentos mais rigorosos que nas outras duas secções; estávamos quase sempre sob ferros, sempre sob escolta, sempre fechados, o que não acontecia nas outras prisões, a acreditarmos no que diziam os outros forçados, e com certeza havia entre eles alguns que as conheciam bem. Da melhor vontade partiriam todos para as minas, cujo trabalho, conforme a lei, era a pena suprema: sonhavam mesmo com esse trabalho! Aqueles que já haviam estado nas prisões russas falavam delas com horror e afirmavam que não existia inferno que se lhes pudesse comparar; a Sibéria era um verdadeiro paraíso comparada à reclusão nas fortalezas da Rússia. Se para com os nobres tinham no presídio um pouco mais de consideração, naqueles que eram inspecionados pelo general governador e cuja direção era inteiramente militar, tinham ao contrário uma maior benevolência para com os forçados da primeira e terceira categorias. Posso falar com conhecimento de causa do que se passava em toda a Sibéria; as referências que ouvi aos deportados da primeira e da terceira categoria confirmam a minha

conclusão. Estávamos sob uma vigilância muito mais rigorosa do que em qualquer outra parte; não gozávamos de qualquer imunidade no que diz com respeito aos trabalhos forçados e à reclusão; os mesmos trabalhos, as mesmas grilhetas, a mesma sequestração que os outros presos. Era em absoluto impossível protegerem-nos, porquanto sabia que, *num passado bom tempo, muito próximo,* as denúncias e as intrigas minavam o crédito das autoridades locais e multiplicavam-se de tal modo que a direção temia os denunciantes e por conseguinte era um crime mostrarem-se indulgentes para com uma certa classe de forçados. Cada qual chegava a temer-se a si próprio; éramos considerados ao mesmo nível dos outros forçados e só se fazia uma exceção para os castigos corporais — e ainda assim seríamos vergastados se cometêssemos qualquer delito, pois o regulamento exigia que fossem iguais os castigos —, mas não nos vergastariam pelo mais leve motivo ou culpa, como aos outros presos. Quando o nosso comandante soube do castigo infligido a J...ki, repreendeu bastante o major, ordenando-lhe que de futuro tivesse mais cuidado. Todos souberam disto, como também não ignoravam que o general governador, apesar de depositar uma grande confiança no major e de o estimar devido ao seu rigor no cumprimento da lei e às suas boas qualidades de funcionário, lhe dera uma severa reprimenda ao ser informado do incidente. O nosso major tomou-a na devida consideração. Bem desejou, por exemplo, ter o prazer de mandar vergastar M...ski, a quem detestava devido às calúnias de A…f, mas nunca o conseguiu; por mais pretextos que procurasse, por mais que o mandasse perseguir e espionar, nunca tal prazer lhe foi concedido. A questão havida com o J…ki espalhou-se pela cidade e a opinião pública foi desfavorável ao major; alguns chegaram a censurá-lo e outros foram até ao ponto de o insultar.

Recordo-me agora do meu primeiro encontro com o major. Quando ainda em Tobolsk — a mim e a um outro deportado nobre — haviam-nos amedrontado com histórias relativas ao caráter abominável desse homem. Os antigos exilados (condenados noutros tempos a vinte e cinco anos de trabalhos forçados), nobres como nós, que nos visitaram, dado o seu espírito bondoso, durante a nossa estada na prisão da cidade preveniram-nos contra o nosso futuro comandante; prometeram-nos fazer em nosso favor tudo quanto pudessem, junto dos seus amigos, a fim de nos pouparem às perseguições do major. De facto escreveram às três filhas do general governador, rogando-lhes que intercedessem por nós. Mas que

podia ele fazer? Limitou-se a dizer ao major que fosse magnânimo na aplicação da lei. Eu e o meu companheiro chegámos à cidade perto das três horas da tarde; fomos logo conduzidos pela escolta a casa do nosso tirano. Uma vez aí chegados, esperámos no vestíbulo enquanto foram procurar o sargento do presídio. Logo que este chegou, apareceu o major. Causou-nos uma dolorosa impressão o seu rosto avermelhado e espinhento; ao fitar-nos, dir-se-ia que uma aranha ia lançar-se sobre uma pobre mosca, debatendo-se na teia onde havia sido apanhada.

— Como te chamas? — perguntou ele ao meu companheiro numa voz áspera, às sacudidelas, como que a procurar impressionar-nos.

O meu companheiro disse-lhe o nome.

— E tu? — continuou ele, voltando-se para mim e fitando-me através dos seus óculos.

Disse-lhe também o meu nome.

— Sargento! Mande acompanhá-los ao presídio, que os rapem na casa do corpo da guarda como aos civis... metade do crânio, e amanhã coloquem-lhe as grilhetas. Que capotes são esses que trazeis aí? De onde vos vieram? — perguntou-nos bruscamente ao ver os nossos capotes cinzentos com círculos amarelos cosidos nas costas e que nos tinham sido dados em Tobolsk. — É um novo uniforme, não? Deve ser um novo uniforme... Ainda está em projeto... Isso vem de S. Petersburgo — disse ele ao mesmo tempo que nos ia examinando, cada um por sua vez. — Não trazem nada com eles? — perguntou, dirigindo-se ao soldado que nos escoltava.

— Trazem apenas as roupas de uso, minha alta nobreza! — respondeu o soldado, apresentando armas e estremecendo um pouco. Todos o conheciam e temiam.

— Tire-lhes tudo isso! Devem ficar apenas com a roupa branca; tire-lhes todas as peças de cor, se as tiverem, e mande-as vender em hasta pública. O que renderem, inscreva-o na receita. O forçado não pode possuir coisa nenhuma — continuou ele, examinando-nos com o rosto carregado. — Tomem cuidado! Comportem-se sempre bem! Não quero ouvir queixas, pois de outra forma... castigo corporal! Ao menor delito, ver...vergastadas!

Quase adoeci nessa tarde ante semelhante acolhimento, a que não estava habituado; a impressão foi tanto mais dolorosa quanto acabava de entrar naquele inferno. Mas já contei tudo isto!

Disse já também que não tínhamos imunidade alguma nem nenhum alívio nos nossos trabalhos quando estavam presentes os outros forçados; tentaram, no entanto, muito em segredo vir em nosso auxílio, mandando-nos, a mim e a B...ski para o gabinete de engenharia, onde estivemos durante três meses, como simples copistas; sabiam-no apenas aqueles que o deviam saber, mas simulavam nada saber. Devemos esta boa fortuna aos engenheiros chefes, durante o pouco tempo em que foi nosso comandante o tenente-coronel G…kof. Este oficial (que se demorou apenas seis meses no presídio, pois regressou logo à Rússia) foi para nós um grande protetor, mandado pelo céu. Era grande o seu prestígio entre todos os forçados. Não o estimavam apenas; adoravam-no, se se pode empregar esta palavra. Não sei o que ele fez, mas o que sei é que conquistou logo a afeição de todos ao primeiro contacto. «É um verdadeiro pai!», exclamavam a cada passo os presos, durante todo o tempo em que ele dirigiu os trabalhos de engenharia. Era uma pessoa alegre. De pequena estatura, com um olhar ousado e seguro de si próprio, era amável e cortês com todos os forçados, a quem estimava como um verdadeiro pai. Porque é que os estimaria ele? Não o sei dizer, mas não podia ver um preso sem lhe dirigir uma palavra afável, sem rir e gracejar com ele. Nesses gracejos não havia nada de autoritário, nada que lembrasse o senhor, o chefe. Era um seu companheiro, um seu igual. E contudo, apesar desta condescendente liberdade, não me lembro que os forçados se tivessem atrevido a serem menos respeitosos ou familiares; muito pelo contrário. Apenas o rosto do forçado se alegrava de repente ao encontrar-se com o seu comandante; sorria satisfeito, com o boné na mão, logo que o via aproximar-se. Se este lhe dirigia a palavra, era para ele uma grande honra. Há destes tipos populares! G…kof tinha um aspeto imponente e caminhava a grandes passadas, muito direito. «É uma águia!», diziam os forçados. Não podia porém vir em seu auxílio porque estava à frente dos trabalhos de engenharia, os quais, sob todos os comandos, eram executados conforme as fórmulas legais estabelecidas uma vez por todas. Quando por acaso se fazia encontrado com um grupo de forçados que regressavam dos trabalhos, mandava-os recolher logo ao presídio, mesmo antes do rufar do tambor. Os presos estimavam-no pela confiança que lhes testemunhava, pelo horror que tinha às impertinências e às mesquinhices, sempre tão irritantes nas nossas relações com os chefes. Estou certo de que se ele perdesse mil *rublos* em notas, o mais consumado ladrão do presídio

restituir-lhos-ia. Sim, estou disso convencido! Tornou-se também ainda mais simpático para os presos quando souberam que se zangara deveras com o detestado major. Isto sucedeu um mês depois da nossa chegada. Como todos ficaram radiantes! O major tinha sido noutros tempos seu companheiro de armas; quando se encontraram, após uma longa separação, ficaram satisfeitos e fizeram a princípio boas pândegas os dois. Em breve porém cortaram relações. Tiveram uma violenta discussão e G...kof tornou-se inimigo figadal do major. Dizia-se mesmo que haviam trocado alguns sopapos, o que não admirou os que conheciam de perto o major, pois sabiam o quanto ele gostava de brigar. Quando os forçados couberam da questão, não cabiam em si de contentes: «O nosso *Oito Olhos* a querer meter-se com o comandante! Este é uma águia e ele é um *vilão*...» Mostraram-se bastante curiosos em saber qual dos dois nessa luta tinha levado a melhor. Se este boato tivesse sido desmentido, os forçados sentiriam um cruel desapontamento. «Com certeza foi o comandante que desancou o major», diziam eles. «Ele é pequeno, mas é valente; ao passo que o outro, com o medo, meteu-se logo debaixo da cama». G...kof, porém, foi embora pouco depois, deixando vivas saudades no presídio. Os nossos engenheiros eram todos boas pessoas, mas foram substituídos três ou quatro vezes no meu tempo. «Os nossos águias nunca se demoram», diziam os presos, «em especial quando nos protegem».

Foi este G...kof que, estimando os deportados nobres, nos mandou, a mim e a B...ski, trabalhar para a sua secretaria. Quando partiu, melhorámos ainda mais de condição por estar ali um engenheiro que simpatizou muito connosco. Havia já algum tempo que copiávamos relatórios, no que aperfeiçoámos a nossa caligrafia, quando chegou uma ordem superior que nos reenviou para os nossos anteriores trabalhos. Já tinha decorrido o tempo bastante para nos denunciarem. No fundo não desgostámos muito, porque já estávamos cansados com o nosso trabalho de copistas. Durante dois anos inteiros trabalhei sempre junto de B...ski, quase sempre nas oficinas. Divagávamos e palestrávamos sobre as nossas esperanças e convicções. As do excelente B...ski eram originais e exclusivistas; há pessoas muito inteligentes, cujas ideias são por vezes bastante paradoxais, mas têm sofrido e trabalhado tanto por elas, têm-nas mantido ao preço de tantos sacrifícios que tirar-lhas seria, além de impossível, uma crueldade. B...ski não levava a bem as minhas objeções e respondia-me com violência. Teria talvez razão, mais razão do que eu,

sobre certos pontos; fomos porém obrigados a separar-nos, o que me contristou muitíssimo, pois tínhamos já bastantes ideias comuns.

Com o decorrer dos anos M...tski tornou-se cada vez mais triste e concentrado. O desespero acabrunhava-o. Nos primeiros tempos da minha reclusão era o mais comunicativo e o que mais desabafava o que pensava. Estava a terminar o seu segundo ano de trabalhos forçados quando eu cheguei. Mostrou-se logo muito interessado pelas novidades que eu lhe transmiti, pois ignorava tudo quanto se havia passado cá fora: interrogava-me, escutava-me com interesse, comovia-se, mas pouco a pouco foi-se tornando cada vez mais reservado, não dando a conhecer nada do que pensava. Os seus carvões ardentes cobriam-se de cinzas e, portanto, de dia para dia foi-se tornando cada vez mais irritável. *Je hais ces brigands*, repetia ele ao referir-se aos forçados, que eu havia já aprendido a conhecer; os meus argumentos em seu favor não tinham para ele nenhum valor. Não compreendia o que eu lhe dizia, mas às vezes concordava comigo distraidamente. No dia seguinte repetia-me de novo: *Je hais ces brigands*. (Falávamos muitas vezes em francês, o que deu motivo a que um guarda dos trabalhos, o soldado de engenharia Dranichnikov, nos chamasse, Deus sabe porquê, os *ajudantes-cirurgiões*. M...tski só se animava quando falava da mãe. «Estava velha e doente», dizia-me ele. «Amava-me acima de tudo na vida, e no entanto nem sei se ainda vive. Se soubesse que me vergastaram…» M...tski não era nobre e havia sido vergastado antes da sua deportação. Sempre que de tal se lembrava, rangia os dentes e desviava o olhar. Para o final da sua reclusão, passeava quase sempre só. Um belo dia, à tarde, chamaram-no a casa do comandante, que o recebeu com um sorriso nos lábios. Mais tarde M...tski contou-me o que acontecera:

— Então, M...tski! Não sonhaste nada esta noite? — perguntou-lhe o comandante.

— Sonhei que tinha recebido uma carta de minha mãe — respondeu-lhe ele.

— Muito melhor do que isso. Muito melhor! — replicou-lhe o comandante. — És livre! A tua mãe suplicou ao Imperador e a sua súplica foi deferida. Aqui tens a carta dela e mais a ordem para te mandarem em liberdade. Vais sair desde já do presídio.

M...tski ainda voltou para junto de nós. Estava pálido e custava-lhe a acreditar em tamanha felicidade.

Felicitámo-lo. Apertou-nos a mão nas suas mãos frias e trémulas. Muitos dos forçados cumprimentaram-no também: sentiam-se contentes com a felicidade do seu ex-companheiro.

M...tski tornou-se colono e estabeleceu-se na nossa cidade, onde pouco tempo depois conseguiu um emprego. Vinha então muitas vezes ao presídio e sempre que podia comunicava-nos as diferentes novidades. Eram as novidades políticas o que mais nos interessava.

Além dos quatro polacos, condenados políticos a que já me referi, havia ainda outros dois, muito novos, deportados por um curto espaço de tempo; eram pouco instruídos, mas honestos, simples e francos. Um outro, A...tchonkovski, era também muito simples e não tinha nada de notável, ao passo que homem já idoso causou-nos uma péssima impressão. Ignoro o motivo por que havia sido exilado, se bem que ele o contasse da melhor vontade; tinha um caráter mesquinho, vulgar, com umas ideias e uns hábitos grosseiros, tal como um taberneiro enriquecido. Como não possuía a menor instrução, desinteressava-se em absoluto de tudo quanto fosse estranho ao seu ofício de pintor, mister em que, cumpre reconhecê-lo, era notável. Os nossos chefes ouviram fazer referência ao seu talento e por isso, dentro de pouco tempo, toda a cidade recorreu aos serviços de B...m para pintar os tetos e paredes das suas casas. Em dois anos decorou quase todos os aposentos dos funcionários, os quais lhe pagavam generosamente o trabalho, pelo que vivia numa relativa abastança. Dois dos três companheiros que com ele trabalhavam aprenderam muito bem o mesmo ofício, a ponto de um deles, T...jevski, chegar a pintar quase tão bem como ele. O major, que vivia numa casa do Estado, chamou um dia B...m e ordenou-lhe que pintasse as paredes e os tetos do edifício. B...m tomou tanto em brio essa comissão que a residência do governador general parecia um velho pardieiro comparada com a do major. A casa era um edifício velho e arruinado, de um só andar, com as paredes muito sujas; o interior estava porém decorado como um palácio, pelo que o nosso major rejubilava. Esfregava as mãos de satisfeito e dizia a toda a gente que ia casar. «Como não casar quando se tem uma casa assim?», dizia ele, muito sério. Estava cada vez mais contente com B...m e com aqueles que o auxiliavam. Durou um mês esse trabalho. Durante esse tempo o major mudou de opinião a nosso respeito e começou mesmo à proteger-nos, a nós, os condenados políticos. Um dia mandou chamar J...ki.

— J...ki — disse-lhe — ofendi-te há tempos, mandando-te vergastar injustamente. Estou arrependido. Compreendes? *Eu, eu* estou arrependido!

J…ki respondeu-lhe que compreendia muito bem.

— Compreendes que *eu, eu,* o teu chefe, te mandei chamar para te pedir perdão? Podias supor isto? Que és *tu* para mim? Um verme! Menos que um verme da terra: és um forçado, ao passo que eu, pela graça de Deus, sou major. Major, compreendes bem?!

J…ki respondeu que também compreendia.

— Pois não! Agora quero reconciliar-me contigo. Mas compreendes bem aquilo que estou a fazer? Alcanças bem toda a grandeza desta minha ação? És capaz de a sentir e apreciar? Imagina tu: *eu, eu,* um major...

O próprio J...ki contou-me toda esta cena. Seria certo que no íntimo daquele bruto, sempre bêbado, devasso e perverso existia ainda um resto de sentimento humano! Se tomarmos em consideração as suas ideias e o seu desenvolvimento intelectual, temos de concordar que esta ação foi de facto magnânima. Talvez para isso contribuísse a contínua embriaguez em que sempre se encontrava.

O sonho do major não se realizou; não casou, se bem que tivesse planeado fazê-lo logo que terminasse a pintura dos seus aposentos. Em vez do casamento mimosearam-no com um processo que o obrigou a demitir-se. Vieram à superfície antigas e graves culpas do tempo em que, segundo parece, foi chefe da polícia da nossa cidade. Este golpe apanhou-o de surpresa. Os forçados, ao terem conhecimento de tão grande novidade, regozijaram-se imenso; foi um dia de festa para eles, uma solenidade. Diz-se que choramingava e que se lamentava como uma velha quando até não berrava. Mas que fazer? Foi forçado a pedir a sua demissão, a vender os seus dois cavalos cinzentos e tudo o mais que possuía para acabar por cair na miséria. Encontrámo-lo algumas vezes — mais tarde — à paisana, com um fato muito usado e um boné de laços. Fitava os forçados com um olhar sombrio. A sua auréola e o seu prestígio tinham desaparecido com o uniforme de major. Enquanto foi nosso chefe, era um deus quando vestido à paisana; depois perdeu tudo e parecia mesmo um lacaio.

Quanto vale o uniforme para dar importância a estes indivíduos!

Capítulo 9 — A Evasão

Pouco tempo depois de o major ter sido demitido, reorganizaram por completo o nosso presídio. Os trabalhos forçados foram abolidos e substituídos por um presídio militar, de modelo igual aos presídios da Rússia. Deixaram de mandar para ali os deportados de segunda categoria, visto que de futuro só podiam entrar no novo presídio presos militares ou, o mesmo é dizer, indivíduos que conservavam os seus direitos civis. Eram soldados como todos os outros, mas que tinham sido fustigados; eram apenas condenados a penas de curta duração (seis anos, no máximo); e uma vez a pena cumprida, voltavam aos batalhões como simples soldados, tal como eram antes. Os reincidentes, esses, eram condenados a vinte anos de reclusão. Até então havíamos tido na nossa prisão só uma divisão militar, mas isto apenas porque não sabiam onde meter os soldados. E o que a princípio era uma exceção tornou-se depois regra. Quanto aos forçados civis, privados de todos os direitos, marcados a ferro e rapados, deviam ficar na fortaleza até terminarem o seu tempo; e como não ia para lá mais nenhum de novo, e os que lá estavam iam sendo postos em liberdade, uns após outros, o presídio, ao fim de dez anos, não devia ter um único forçado. Foi igualmente mantida a divisão particular. De tempos a tempos chegavam ainda alguns criminosos militares de certa importância que ficavam detidos no nosso presídio enquanto aguardavam o início dos trabalhos pesados na Sibéria oriental. O nosso viver não se alterou. Os trabalhos e a disciplina eram os mesmos de outros tempos; só a direção fora renovada e a administração tornou-se mais complicada. Um oficial superior, comandante de companhia, foi designado para comandante do presídio; tinha sob as suas ordens quatro oficiais subalternos que eram escalados para fazerem a guarda. Dispensaram os inválidos, que foram substituídos por doze sargentos e um guarda do arsenal. Formaram-se as secções dos presos por dezenas, escolhendo-se de entre eles os maiorais; estes tinham, é claro, um poder meramente nominal sobre os companheiros. Como era de justiça, Akim Akimytch foi um dos escolhidos. O novo estabelecimento foi confiado ao comandante, que ficou

sendo o chefe da prisão. Não foram grandes as mudanças. A princípio os forçados alvoroçaram-se bastante: discutiam, procuravam conhecer o caráter dos chefes; porém quando se convenceram de que, no fundo, as coisas ficavam como antes, tranquilizaram-se e a nossa vida tomou o seu curso normal. Em todo o caso estavam livres do major; todos por isso respiravam melhor e ganhavam coragem. O terror havia desaparecido; cada qual sabia que, no caso de necessidade, tinha o direito de se queixar ao seu chefe e que já o não podiam castigar se tivesse razão, salvo nos casos de engano. Continuaram a trazer aguardente como noutros tempos, posto que em lugar dos inválidos tivéssemos os sargentos. Estes eram porém boas pessoas, honestos e cordatos, que compreendiam a sua posição. Entre eles houve ainda alguns que tentaram mostrar-se arrogantes, tratando-nos como aos soldados, mas tiveram de mudar de procedimento e fazerem como os outros. Aqueles que não conheciam os hábitos do presídio foram ensinados pelos próprios forçados. Deram-se até alguns incidentes curiosos. Certa ocasião subornaram um sargento com uma pouca de aguardente, embriagando-o; desaparecida a bebedeira, explicaram-lhe o que se tinha passado; reconheceu então que havia bebido com os forçados, pelo que... Os sargentos acabaram por fazer vista grossa quanto ao comércio de aguardente. Iam, como os inválidos, ao mercado e traziam para os presos pão branco, carne, tudo aquilo enfim que podia ser trazido sem perigo. Não consegui saber a razão por que tudo tinha mudado e porque é que haviam transformado o presídio numa prisão militar. Isto deu-se dois anos antes da minha saída. Devia viver ainda dois anos sob este regime…

Deverei relatar nestas memórias todos os sucessos que ocorreram no presídio durante o tempo que ali estive? Não. Se fosse contar por ordem tudo quanto vi devia duplicar ou triplicar o número dos capítulos, e uma tal descrição tornar-se-ia muito monótona. Tudo quanto contasse, foi já mais ou menos referido nos capítulos anteriores e o leitor, se de facto os leu, já tem com certeza uma ideia da vida que os forçados de segunda categoria levavam no presídio. Procurei mostrar o nosso presídio e a minha vida de uma maneira tanto quanto exata e flagrante. Não sei se o consegui. Não posso ser eu próprio a julgar o meu trabalho. Creio no entanto que poderei terminá-lo aqui. Ao relembrar estas velhas recordações, o velho sofrimento despertou e parece que me faltou o ar. Por outro lado não posso recordar-me de tudo quanto vi, porque os últimos

anos apagaram-se-me da memória; estou convencido que me esqueceram muitas coisas. O que me recordo, por exemplo, é que esses anos decorreram lenta e tristemente, que os dias eram compridos, fastidiosos, passando como se fosse gota a gota. Lembro-me também que tinha um ardente desejo de ressuscitar, de renascer numa nova vida, o que me dava forças para resistir, para confiar e esperar. Habituei-me por fim; esperei; contei todos os dias; e quando mesmo só me faltavam mil, que sabia que havia de passá-los no presídio, julgava-me mais feliz no dia seguinte por poder dizer comigo que só faltavam já novecentos e noventa e nove, e não mil como na véspera. Lembro-me ainda que apesar de ter à minha volta centenas de companheiros, considerava-me vivendo num terrível isolamento; por fim cheguei a amar essa solidão. Isolado no meio da multidão dos forçados, passei a relembrar a minha vida anterior, a analisá-la nos menores detalhes, refletindo sobre tudo e julgando-me sem piedade; algumas vezes agradecia mesmo ao destino por me ter concedido essa solidão, sem a qual não teria podido julgar-me nem embrenhar-me na recordação da minha vida passada. Algumas esperanças germinavam então no meu coração. Pensava, decidia, jurava a mim mesmo não cometer mais as faltas que havia cometido e evitar os desvios que tanto me haviam prejudicado. Estabeleci comigo o programa do meu futuro, prometendo cumpri-lo em todos os seus pontos. Acreditava cegamente que o havia de cumprir e que poderia cumprir tudo quanto ambicionava. Esperei, impetrando com entusiasmo a minha liberdade. Queria experimentar de novo as minhas forças numa nova luta. Às vezes comprimia-me o coração uma febril impaciência. E sofro só em despertar estas lembranças. Bem entendido, isto só a mim interessa! Escrevo no entanto estas coisas na presunção de que me compreendam, de que sentirão o mesmo aqueles que tiverem a desgraça de serem condenados e encarcerados na flor da idade, na plena posse de todas as suas forças.

Mas para quê tudo isto? Prefiro terminar estas minhas recordações com uma história qualquer e não pôr-lhe termo assim, de uma maneira brusca.

Suponho que talvez alguns dos leitores perguntem a si próprios se será possível um homem evadir-se do presídio e se durante todo o tempo que ali passei não houve alguma tentativa da evasão. Disse já que um preso, após dois ou três anos de presídio, começa a ter em conta esse número; pensa consigo que vale mais acabar de cumprir, sem enganos nem perigo,

a sua pena, e uma vez posto em liberdade tornar-se um colono. Todavia os que assim pensam são os forçados condenados por um lapso de tempo relativamente curto; aqueles cuja pena é longa estão sempre prontos a aventurar-se a tal. São portanto raras as tentativas de evasão. Dever-se-á atribuir esta pusilanimidade dos forçados à severidade da disciplina militar ou ainda à situação da nossa cidade, que não é nada favorável às evasões, pois fica situada em plena estepe descampada? Não sei. Creio que todos estes motivos tinham a sua influência. Era difícil evadirem-se do presídio; no meu tempo só dois forçados o tentaram; eram uns criminosos de importância.

Quando o nosso major pediu a demissão, o espião do presídio ficou desamparado, sem proteção. Novo ainda, o caráter adquirira a firmeza própria da idade; era resoluto, atrevido e muito inteligente. Se o tivessem posto em liberdade, continuaria com certeza a espiar e a passar moeda falsa por todos os meios possíveis, por mais degradante que isso fosse, mas não mais se deixaria apanhar nas malhas da justiça, pois ganhara experiência no presídio. Exercitara-se a forjar falsos passaportes. Não o afirmo porém, visto que apenas tive conhecimento disto por mo contarem os outros forçados. Parece-me que estava disposto a tudo aventurar só na esperança de mudar de sorte. Tive ocasião de penetrar na sua alma e reconhecer toda a sua perversidade; o seu grande cinismo era revoltante e provocava em mim um horror invencível. Se lhe desse na vontade beber aguardente, ainda que para tal fosse preciso assassinar alguém, não hesitaria um só instante; apenas punha a condição de que o seu crime não fosse descoberto. A prisão ensinara-o a tudo calcular. Foi sobre ele que recaiu a escolha de Koulikov, da secção particular.

Já me referi a este Koulikov. Se não era tão novo como A…f, era no entanto mais vigoroso, mais cheio de vida, possuindo umas faculdades extraordinárias. Sentia-se forte e queria viver ainda; era destas pessoas que querem viver, mesmo quando a velhice já faz delas suas presas. Ficaria muito surpreendido se Koulikov não tentasse evadir-se. O seu projeto de fuga estava traçado há muito. Qual dos dois tinha sobre o outro mais influência, se Koulikov ou A...f, não o sei dizer. Ajudavam-se e harmonizavam-se muito bem; por isso se ligaram e acamaradaram. Quer-me parecer que Koulikov contava com A…f para lhe arranjar um passaporte; além disso este último era um nobre, com relações na alta sociedade — e isto deixava-lhes antever certas probabilidades de êxito se

conseguissem entrar na Rússia. Deus sabe como eles se entenderam e quais eram as suas esperanças; em todo o caso era-lhes necessário desviarem-se do caminho dos vagabundos siberianos. Koulikov era um comediante que podia adaptar-se aos diversos papéis da vida e tinha razões para esperar muito do seu talento. A atmosfera do presídio amarfanha e asfixia semelhantes indivíduos. Combinaram-se pois para a evasão.

Era-lhes no entanto impossível fugir sem o auxílio de um soldado da escolta e precisavam conseguir a cumplicidade desse soldado. Num dos batalhões aquartelados na fortaleza encontrava-se um polaco de uma certa idade, homem enérgico e digno de uma melhor sorte, sério e corajoso. Quando chegou à Sibéria, novo ainda, desertou, levado pelas saudades do seu país natal. Fora agarrado e fustigado, e durante dois anos fez parte das companhias disciplinares. Readmitido no seu batalhão, dedicou-se com zelo ao serviço militar; recompensaram-no, concedendo-lhe as divisas de cabo de secção. Era muito pundonoroso e falava num tom de quem se considera um alto personagem.

Observei-o algumas vezes entre os soldados que nos vigiavam, porque os polacos já me tinham falado nele. Pareceu-me reconhecer que a nostalgia do seu país dera lugar a um ódio surdo e irreconciliável. Não era homem para recuar ante coisa alguma e Koulikov tivera faro ao escolhê-lo para cúmplice da sua evasão. Esse cabo chamava-se Kohler. Concordou com Koulikov e fixaram o dia. Estávamos no mês de junho, na época dos grandes calores. A temperatura da nossa cidade, em especial no verão, é bastante igual, o que muito favorece os vagabundos. Evadir-se diretamente da fortaleza, não há quem pense fazê-lo, porque a cidade fica situada numa colina, num sítio descampado, a grande distância das florestas que a circundam. Era imprescindível um disfarce qualquer, e para o conseguirem era preciso chegar até aos arrabaldes, onde Koulikov desde há muito descobrira e preparara um esconderijo. Ignoro se os seus amigos dos arrabaldes estavam no conhecimento do segredo. É provável que sim, embora este facto não se tenha conseguido averiguar. Nesse ano viera instalar-se num dos subúrbios uma moça de porte duvidoso, muito simpática, chamada Vanika Tanika; deu desde logo grandes esperanças, que mais tarde se justificaram em absoluto. Apelidaram-na depois por «Fogo e Chama». Sou levado a crer que se entendia com os fugitivos, porque Koulikov havia feito as maiores loucuras por ela durante todo o ano. Numa certa manhã, ao formarem-se os destacamentos, os nossos

heróis arranjaram as coisas de maneira a serem mandados, juntamente com o forçado Chilkine — caldeireiro-oleiro por ofício — rebocar as casernas que os soldados do campo haviam desocupado. A...f e Koulikov iam para o ajudar a transportar os materiais necessários. Kohler conseguiu também fazer parte da escolta, e como o regulamento exigia dois soldados para três presos, deram-lhe um jovem recruta a quem ele, na qualidade de cabo, devia ensinar o serviço. Era preciso que os dois fugitivos tivessem uma grande influência sobre Kohler para que este se decidisse a segui-los, ele, um homem sério, inteligente e precavido a quem só faltavam alguns anos para passar à reforma.

Chegaram às casernas por volta das seis horas da manhã. Estavam completamente sós. Depois de terem trabalhado aproximadamente uma hora, Koulikov e A...f disseram a Chilkine que iam à oficina buscar um instrumento de que precisavam. Tiveram de usar de manha com Chilkine, falando-lhe num tom despreocupado e o mais natural possível, pois o caldeireiro era um moscovita esperto que sabia do seu ofício, arguto e pouco conversador; tinha um aspeto de doente e era magro. Este homem, que devia ter passado a vida, em colete de cafetã, ao balcão de qualquer loja de Moscovo, encontrava-se, após várias peregrinações por outros lados, na «secção particular», no número dos mais temíveis criminosos militares. Assim o quisera o seu destino. Que teria ele feito para merecer um tão duro castigo? Nunca o soube. Ele não manifestava nunca o menor ressentimento e vivia tranquilamente; de tempos a tempos embriagava-se, tal como um sapateiro; à parte isto, o seu comportamento era excelente. Como não podia saber do segredo, era necessário distraírem-lhe a atenção. Koulikov disse-lhe, piscando-lhe o olho, que iam procurar a aguardente que desde a véspera estava escondida na oficina, o que muito interessou Chilkine; sem duvidar de coisa alguma, ficou esperando com o jovem recruta, enquanto Koulikov, A...f e Kohler se dirigiam para o arrabalde.

Passou uma meia hora e eles sem voltarem. Chilkine começou a refletir e atravessou-lhe o espírito um mau presságio. Lembrou-se que Koulikov parecia estar um pouco preocupado, que falara baixo com A…f, que lhe piscara o olho. Tinha visto, sim! Recordava-se agora de tudo. Kohler também lhe havia despertado a atenção; ao partir com os dois forçados, explicara ao recruta o que lhe cumpria fazer durante a sua ausência, o que não estava nos seus hábitos. E quanto mais Chilkine recordava esses pormenores, mais as suas suspeitas aumentavam.

O tempo ia passando e os forçados não voltavam; a sua inquietação ia-se tornando cada vez maior, pois sabia bem que a direção do presídio o ia supor conivente com os trânsfugas; arriscava a pele, por consequência. Podiam supor que era seu cúmplice, que os deixara partir sabendo da sua intenção; e se se demorasse a comunicar o seu desaparecimento, mais essas suspeitas se avolumariam. Não tinha tempo a perder. Lembrou-se então que Koulikov se tinha tornado, desde há algum tempo, amigo íntimo de A…f e vira-os muitas vezes a conversar atrás das casernas, longe dos companheiros. Lembrou-se ainda de que já há muito tivera a ideia de que eles preparavam a fuga. Olhou para o seu soldado da escolta; bocejava, encostado à espingarda, e esgaravata o nariz com o ar mais inocente deste mundo; Chilkine não julgou por isso necessário comunicar-lhe os seus pressentimentos; disse-lhe apenas para ir com ele à oficina de engenharia. Queria ir perguntar se por acaso não teriam visto lá os dois companheiros. Ninguém os tinha visto. Confirmavam-se assim as suspeitas de Chilkine. E se tinham ido simplesmente embebedar-se ou divertir-se para os subúrbios, como Koulikov fazia muitas vezes? Mas não, era impossível. Se assim fosse, ter-lho-iam dito. Mas porque é que lho ocultaram? Chilkine deixou o trabalho e, sem mesmo voltar à caserna onde trabalhava, dirigiu-se rápido e a direito para o presídio.

Eram quase nove horas quando chegou a casa do sargento chefe, ao qual comunicou as suas suspeitas. O sargento deu um salto de grande espanto, mal querendo acreditar no que ouvia. Chilkine transmitiu-lhe o que pensava, dizendo-lhe das suas suspeitas. O sargento correu a casa do major, o qual correu por sua vez a casa do comandante. Ao fim de um quarto de hora estavam tomadas todas as providências necessárias. Fez-se logo um relatório para o general governador. Como os evadidos eram presos de importância, arriscavam-se a receber de S. Petersburgo uma severa reprimenda. A...f, com razão ou sem ela, estava classificado entre os condenados políticos; Koulikov pertencia à «secção particular», isto é, era um arquicriminoso e além disso um antigo militar. Lembraram-se então que, nos termos do regulamento, cada forçado da divisão particular devia ser escoltado por duas praças quando fosse para o trabalho; ora esta disposição regulamentar não tinha sido observada e isto podia acarretar qualquer dissabor a todos. Por conseguinte expediram ordens para todos os chefes das comarcas, para todas as pequenas aldeias das proximidades a fim de advertir as autoridades acerca da evasão dos dois forçados e dar-

lhes os seus sinais. Mandaram alguns cossacos em sua procura e escreveram para todos os administradores e governadores vizinhos. Por fim, dominou-os um medo horrível. A agitação não foi menor no presídio; à medida que os forçados iam voltando do trabalho, iam tomando conhecimento da grande novidade, que já corria de boca em boca; cada um deles acolhia a notícia com profunda e íntima satisfação. O coração transbordava-lhes de comoção. É que além de ser um acontecimento que vinha quebrar a monotonia do presídio, divertindo-os, era uma evasão, uma evasão que encontrava um eco simpático em todas as almas, fazendo-lhes vibrar as suas cordas, de há muilo adormecidas; e uma como que esperança e audácia revolvia todos os corações, fazendo-lhes acreditar também na possibilidade de mudar de sorte. «Muito bem! Evadiram-se apesar de toda a vigilância! Por isso nós também...» E cada um, ante este pensamento, animava-se e olhava os companheiros com um ar provocador. Todos os forçados tomaram um ar altivo e passaram a olhar os sargentos do alto da sua grandeza. Como se pode calcular, os nossos chefes acorreram ao presídio, vindo até o próprio comandante. Os presos olhavam-nos a todos com altivez, com um aspeto que era ao mesmo tempo de desprezo e de severa gravidade: «Hein? Quando queremos, não há dificuldades para nós!» Todos aguardavam a visita geral dos chefes; sabia-se de antemão que iriam proceder a um inquérito, que fariam buscar por todos os lados; os forçados porém já tinham escondido tudo convenientemente, pois não ignoravam que a direção do presídio só se apressava depois do caso passado. Tais previsões foram justificadas; houve de facto grande movimento nas casernas; viraram tudo de baixo para cima, remexeram em toda a parte e, como sempre, nada encontraram.

Quando soou a hora do trabalho, depois do meio-dia, fomos acompanhados por dupla escolta. À noite os oficiais e sargentos da guarda vinham a cada instante ver se nos apanhavam em flagrante; contaram-nos mais uma vez do que o costume e enganaram-se também duas vezes mais do que em geral sucedia, o que ocasionou uma nova desordem; fizeram-nos formar no pátio para nos contarem de novo, o que ainda não impediu que fôssemos uma vez mais contados nas casernas.

Os forçados não se inquietaram muito com semelhante alvoroço. Tomaram uns ares de independência e, como sempre em tais conflitos, comportaram-se devidamente toda a noite. «Pelo menos não poderão envolver-nos na questão», diziam eles. A direção envidou os seus

melhores esforços para ver se descobria entre nós alguns cúmplices dos evadidos; ordenou que nos vigiassem e espionassem as nossas conversas, mas sem resultado. Comentavam apenas: «Eram tão parvos que iam deixar cúmplices atrás dele? Quando se tentam golpes como estes, esconde-se bem o jogo! Koulikov e A...f são bastante matreiros para esconderem bem a sua pista. Fizeram-na como verdadeiros mestres, sem que ninguém desconfiasse. Evaporaram se, os marotos! Passaram através das portas fechadas!» Numa palavra, a glória de Koulikov e de A...f aumentou cem vezes mais. Todos se sentiam altivos por eles. Reconhecia-se que tal façanha seria transmitida à mais longínqua posteridade, sobrevivendo até ao próprio presídio.

— Foram uns grandes finórios! — diziam uns.

— É verdade! Julgavam que ninguém podia fugir daqui... e eles evadiram-se! — acrescentavam outros.

— Sim! — ponderava um terceiro, olhando os companheiros com condescendência. — Mas quem é que se evadiu? Sereis vós, por acaso, dignos de lhes desapertar os cordões dos sapatos?

Em qualquer outra ocasião o preso, interpelado desta forma, teria respondido ao desafio e defendido a sua honra; desta vez houve por bem calar-se modestamente. «É verdade! Nem todos são Koulikov ou A...f; é preciso dar provas primeiro.»

— Mas afinal, companheiros, porque continuamos nós aqui? — interrompeu bruscamente um forçado, que estava sentado perto da janela da cozinha; a sua voz era arrastada, mas denotava satisfação. Esfregou depois o rosto com a palma da mão e prosseguiu: — Que estamos nós aqui a fazer? Vivemos sem viver, estamos mortos sem ter morrido. Ah!

— És parvo! Não podemos deixar o presídio como se fosse uma bota velha. Ele tem-vos presos pelas pernas... Mas que estás para aí a suspirar?

— Olha o Koulikov, por exemplo — começou um dos jovens mais exaltados, mas ainda rapaz inexperiente.

— O Koulikov? — ripostou-lhe um outro, olhando de lado o rapaz. — O Koulikov... Os Koulikovs não se fazem às dúzias!

— E o A…f, companheiros? Que águia!

— Eh! Eh! Esse ultrapassa o Koulikov quando e como quiser. É um finório de bico amarelo.

— Já estarão longe? Era o que eu mais desejava saber.

E as perguntas generalizaram-se: «Estarão já a grande distância da cidade? Por que lado fugiriam? Por que lado terão mais sorte? Qual é o concelho mais próximo?». Como havia forçados que conheciam os arredores, ouvia-os com curiosidade.

Quando chegaram ao ponto de falar dos habitantes das povoações vizinhas, terminaram por concluir que não valiam o diabo. Perto da cidade eram tudo pessoas que sabiam o que lhes cumpria fazer; por coisa alguma auxiliariam os fugitivos; pelo contrário, procederiam de forma a entregá-los às autoridades.

— Não sabeis de que ruim casta é esta gente! Oh, são um bando de vilões!

— Camponeses que nada valem.

— O siberiano é mau como poucos. Mata um homem pela coisa mais simples desta vida.

— Oh, os nossos...

— Bem entendido, resta saber quem será o mais forte. Os nossos nada temem!

— Em todo o caso, se não morrermos, devemos ter notícias deles.

— Crês que consigam prendê-los?

— Estou convencido que não os agarram mais! — ripostou um dos mais exaltados, dando uma grande punhada na mesa.

— Hum! Isso depende da maneira como se orientarem.

— Pois eu, companheiros — afirmou Skouratov — se me evadisse, juro-vos que não me apanhavam mais!

— Tu?

Ouviu-se uma gargalhada geral e alguns houve até que fingiram não o ter ouvido. Man Skouratov estava falador.

— Juro-vos que não me apanhavam mais! — reafirmou com energia. — Digo isto muitas vezes comigo, companheiros, e até me admiro. Seria mais fácil eu passar pelo buraco de uma fechadura do que deixar-me apanhar.

— Não tenhas medo... quando a fome te apertasse, ias tu mesmo, pelo teu pé, pedir pão a um camponês.

Novas gargalhadas.

— Pão? Que mentiroso!

— Que estás para aí a alanzoar? Vós os dois matastes, tu e o teu tio Vacia, a «morte-bovina» e foi por isso que vos deportaram.

As gargalhadas redobraram. Os forçados mais circunspectos pareciam indignados.

— Mentiroso! — gritou Skouratov. — Foi Mikitka quem te contou essa história. Eu não tenho nada com isso, mas sim o meu tio Vacia, com quem por vezes me confundem. Sou moscovita e vagabundo desde a mais tenra infância. Olhai, quando o padre me ensinava a ler a liturgia, agarrava-me pelas orelhas e dizia-me: «Repete: Senhor, tem piedade de mim pela tua grande bondade», etc. E eu repetia com ele. Dizia ainda: «Conduziram-me à polícia pela tua grande bondade», etc. Ora aqui está o que eu fazia desde a minha mais tenra infância.

E todos soltaram grandes gargalhadas. Era isto o que Skouratov queria: fazia gala em ser o bobo do presídio. Voltaram logo em seguida ao assunto das conversas, em especial os mais velhos e os conhecedores de outras evasões. Os forçados mais novos ou os mais despreocupados ouviam satisfeitos, de pescoços estendidos. Na cozinha tinha-se reunido um grande grupo. Como é natural não se encontravam presentes *os* sargentos, porque se assim fosse os forçados não se atreveriam a falar abertamente. Entre os mais alegres, reparei num tártaro de pequena estatura, com as maçãs do rosto bastante salientes, pelo que as suas feições eram um pouco cómicas. Chamava-se Mametka, quase não falava o russo e não compreendia nada do que os outros diziam; no entanto estendia muito o pescoço por cima dos companheiros e escutava com atenção.

— Então, Mametka! *Iakchi.*

— *Iakchi, oukh iakchi!* — murmurou Mametka, abanando grotescamente a cabeça. — *Iakchi!*

— Prendê-los-ão? *Iok.*

— *Iok! Iok!* — E Mametka abanava e levantava a cabeça, gesticulando com os braços.

— Mentiste então e eu não compreendi, hein?

— É isso, é isso! *Iakchi*! — respondeu Mametka.

— Vamos, bom *iakchi* também!

Skouratov deu-lhe em seguida tamanho murro que lhe enterrou o boné até às orelhas. Saiu depois todo satisfeito, deixando Mametka atordoado.

Durante uma semana a disciplina foi extremamente severa dentro e fora do presídio; procediam a minuciosas batidas pelos arredores. Não sei como isso se conseguia, mas os presos estavam sempre ao corrente das disposições tomadas pela direção para encontrar os fugitivos. Nos

primeiros dias as notícias foram-lhes favoráveis; haviam desaparecido sem deixar rasto. Os forçados não faziam mais do que zombar dos chefes e não tinham a menor inquietação sobre a sorte dos dois companheiros. «Não encontrarão coisa nenhuma. Haveis de ver como nunca mais os prendem», diziam, satisfeitos.

Sabíamos que estavam prevenidos todos os camponeses dos arredores e que vigiavam os sítios suspeitos, como as florestas e as ravinas.

— Asneiras! — escarneciam os presos. — A estas horas estão muito escondidos em casa de alguém que os protege.

— Com certeza! São bastante espertos para não se aventurarem sem que antes tivessem tudo preparado.

Iam ainda mais longe nas suas suposições: diziam que estavam talvez escondidos nos subúrbios, nalgum esconderijo, aguardando que passasse o pânico e lhes crescessem os cabelos. Deviam demorar-se aí talvez seis meses e só depois iriam sossegadamente para mais longe.

Enfim, todos os presos romanceavam e fantasiavam a seu bel prazer. De repente, passados oito dias, começou a correr o boato de que tinham dado com a pista. Tal notícia foi, a princípio, desmentida com desprezo; porém, para a tarde, foi tomando mais consistência. Os forçados alvoroçaram-se. No dia seguinte, pela manhã, já se dizia na cidade que sempre tinham conseguido deitar a mão aos fugitivos, os quais já vinham a caminho. Depois do jantar chegaram mais pormenores; haviam-nos prendido à distância de setenta *verstas* da cidade, num pequeno lugarejo. Por último recebeu-se uma notícia de boa origem. O sargente chefe, vindo de casa do major, declarou que, nessa mesma tarde, os dois seriam levados ao corpo da guarda. Não havia mais dúvidas de que os evadidos tinham sido presos. É difícil descrever a impressão que tal notícia causou nos forçados: primeiro exasperaram-se e depois desanimaram. Desde logo observei entre eles uma certa tendência para a zombaria; começaram a escarnecer, não já a direção do presídio, mas sim os estúpidos trânsfugas. A princípio foram poucos; em breve porém todos fizeram coro nas zombarias, salvo alguns forçados mais sisudos e independentes a quem os motejos não perturbavam. Esses olhavam com desprezo para a turba desatinada e mantinham-se calados.

Quanto haviam glorificado antes Koulikov e A…f, tanto mais depois os amesquinharam. Faziam-no até com prazer, como se eles os tivessem ofendido, deixando-se agarrar. Diziam com desprezo que talvez se

tivessem sentido esfomeados e, não podendo suportar o sofrimento da fome, haviam ido mendigar a uma quintarola um bocado de pão, o que, para um vagabundo, é a maior das vilanias. Esta história não era verdadeira. Haviam seguido a pista dos fugitivos; quando estes se embrenharam num bosque, os perseguidores cercaram-nos e então os desgraçados, vendo que não tinham maneira de se salvarem, renderam-se. Não tinham mesmo outra coisa a fazer.

À tarde chegaram ao presídio com os pés e as mãos ligadas, e escoltados por soldados. Todos os forçados correram para a paliçada a fim de verem o que lhes iam fazer. Só viram porém as carruagens do major e do comandante, que estacionavam diante do corpo da guarda. Aos evadidos, depois de lhe colocarem de novo as grilhetas, meteram-nos no segredo, incomunicáveis; no dia seguinte responderam em juízo. As zombarias e o desprezo dos presos pelos dois companheiros cessaram quando souberam os detalhes da fuga; convenceram-se então de que estes tinham sido obrigados a render-se, pois estavam cercados por todos os lados. Passaram por isso a interessar-se cordialmente pelo decorrer do processo.

— Vão dar-lhes pelo menos um milheiro.

— Oh, oh! Serão fustigados até morrerem. O A...f talvez receba só mil vergastadas; porém ao outro matam-no, com certeza, pois como sabeis é da secção particular.

Enganaram-se, porém. A...f foi condenado a quinhentas vergastadas, dado o seu bom comportamento anterior, o qual lhe serviu de circunstância atenuante, e por ser aquela a sua primeira falta. Quanto a Koulikov, recebeu segundo parece duas mil vergastadas. Como se vê o castigo foi bastante leve e, como pessoas honestas, não envolveram ninguém no processo e declararam francamente que haviam fugido da fortaleza sem auxílio de ninguém. Tive piedade sobretudo de Koulikov; perdera a última esperança, sem contar com as duas mil vergastadas que recebeu. Mandaram-no mais tarde para um outro presídio. A…f recebeu um pequeno castigo graças aos médicos. Porém, uma vez no hospital, tornou-se fanfarrão, declarando que dali para o futuro não recuaria diante de coisa alguma e ainda havia de dar muito que falar. Koulikov ficou o mesmo homem, bem-comportado e sério; uma vez de volta à prisão, depois de ter sofrido o castigo, tinha o aspeto de quem não havia saído nunca do presídio. Porém os forçados passaram a olhá-lo contrafeitos, e se

bem que Koulikov não tivesse mudado, deixaram de o estimar no seu íntimo, não mais o tratando como de igual para igual.

Depois desta frustrada tentativa de evasão, a estrela de Koulikov começou a empalidecer. O sucesso significa tudo neste mundo.

Capítulo 10 — A Ordem de Soltura

Esta tentativa de evasão ocorreu no decurso do meu último ano de trabalhos forçados. Recordo-me tão bem deste último período como do primeiro. Mas para quê acumular pormenores? Apesar da minha impaciência em terminar o meu tempo, foi esse ano o menos penoso da minha deportação. Tinha muitos amigos e conhecidos entre os forçados que me estimavam, porque me consideravam um homem de bem. Muitos de entre eles eram-me dedicados e sinceramente simpatizavam comigo. O sapador que nos acompanhou, a mim e ao meu companheiro, fora do presídio quase se desfez em lágrimas; e quando já estávamos definitivamente em liberdade, vinha quase todos os dias ver-nos ao compartimento do Estado que nos tinham destinado durante o mês que passámos na cidade. Houve no entanto algumas fisionomias duras e desabridas que não consegui cativar. Deus sabe porquê! Estávamos, por assim dizer, separados por uma barreira.

Tive um maior número de imunidades durante o último ano. Encontrei entre os funcionários militares da cidade antigos conhecimentos e até mesmo companheiros da escola com os quais reatei relações. Por intermédio deles é que recebia dinheiro, correspondia-me com a minha família e adquiria alguns livros. Desde há muitos anos que eu tinha um único livro; é por isso difícil de relatar a estranha impressão e a comoção extraordinária que produziu em mim o primeiro volume que me foi dado ler no presídio. Comecei logo a lê-lo, à noite, quando fecharam as portas e li-o de um fôlego, durante toda a noite, até ao romper da madrugada. Esse número de uma revista pareceu-me um mensageiro do outro mundo; ante os meus olhos desenhou-se com relevo e nitidez a minha vida anterior; tentava adivinhar se havia ficado muito para trás, se tinham vivido muito tempo sem mim, lá fora. Perguntava a mim mesmo o que é que os agitava e que questões os preocupariam. Agarrava-me ansiosamente às palavras, lia nas entrelinhas, procurava encontrar o sentido misterioso, as alusões a um passado que era meu conhecido, procurava os motivos que no meu tempo me causaram comoção, e que tristeza não foi a minha quando me vi

forçado a reconhecer que era como um estranho à vida moderna, que era como um membro amputado à sociedade! Sentia-me um atrasado; urgia travar conhecimento com a nova geração. Li com interesse um artigo assinado com o nome de um homem que me era querido. Os outros nomes eram na sua maior parte desconhecidos para mim; novos trabalhadores tinham entrado em cena; dei-me pressa em travar relações com eles e desesperava-me por ter à mão tão poucos livros e tantas dificuldades para os conseguir. Noutros tempos, na época do nosso antigo major, arriscávamo-nos muito, trazendo livros para o presídio. Se nas suas buscas encontrava algum, era uma questão complicada; perguntava-nos logo de onde tinha vindo. «hás de ter por força cúmplices!». E que lhe poderia eu responder? Por esta razão vivi sem livros, fechado comigo mesmo, propondo a mim próprio questões que tentava resolver e cuja solução me atormentava algumas vezes... Nunca, porém, poderei descrever tudo isto.

Como chegara ao presídio no inverno, devia ser posto em liberdade também no inverno, dia do aniversário daquele em que ali entrara. Com que ansiedade esperei esse ditoso inverno! Com que alegria vi findar aquele verão, amarelecerem as folhas nas árvores, secar a erva na estepe! Passou o verão... Uiva e geme agora o vento do outono, cai, remoinhando, a primeira neve... Chegou por fim esse inverno tão ansiosamente esperado! Ao pressentimento da liberdade, o coração batia-me surda e precipitadamente. Coisa extraordinária! À medida que o tempo passava e que portanto o final se aproximava, mais eu me tornava calmo e paciente. Admirava-me de mim mesmo, acusando-me de frieza e indiferença. Muitos forçados, ao encontrarem-me no pátio depois de terminados os trabalhos, congratulavam-se comigo e davam-me os parabéns.

— Viva lá, Alexandre Petrovitch! Dentro em pouco vai ser posto em liberdade! Vai deixar-nos sozinhos como uns pobres diabos!

— E tu, Martynov, ainda tens de esperar muito tempo? — perguntei-lhe eu.

— Eu? Oh, oh! Sete anos para me estafar!

Suspirou, parando, a olhar ao longe com um ar distraído, como se fitasse o futuro. Muitos dos meus companheiros felicitavam-me sincera e cordialmente. Parecia-me até que tinham para mim uma maior afabilidade, que já não lhes pertencia mais, que já não era um companheiro e por isso mesmo me diziam adeus. K...tchinski, um jovem e nobre polaco de caráter meigo e bondoso, gostava de passear, como eu, no

pátio da prisão. Esperava conservar a sua saúde fazendo exercício e respirando o ar puro a fim de neutralizar o mal que lhe causavam as noites abafadas na caserna. «Espero com impaciência que seja posto em liberdade», disse-me a sorrir um dia em que passeávamos juntos. «Quando deixardes o presídio, *saberei então* que só me falta justamente um ano de trabalhos forçados».

E já agora direi de passagem que, graças à perpétua idealização, a liberdade parece-nos mais livre do que é na realidade. Os forçados exageram a ideia de liberdade; isto é comum a todos os presos. A ordenança esfarrapada de um oficial parecia ser aos nossos olhos uma espécie de rei, o ideal do homem livre em relação aos forçados: não trazia grilhetas, não tinha a cabeça rapada e ia onde bem queria, sem escolta.

Na véspera de ser posto em liberdade, ao cair do crepúsculo, dei *pela última vez* uma volta pelo presídio. Que milhares de vezes não tinha eu andado à volta daquela paliçada, durante aqueles dez anos! Fora ali, por trás daquelas casernas, que eu errara durante o meu primeiro ano, solitário e desesperado. Recordo-me ainda como contava os dias que tinha de passar ali. Eram alguns milhares. Meu Deus, como já vai longe tudo isso... Neste canto havia vivido a nossa águia prisioneira; encontrei muitas vezes Petrov neste sítio. Agora não me deixava um minuto; acompanhava-me para onde eu ia e, como se adivinhasse os meus pensamentos, passeava silenciosamente ao meu lado, admirando-se às vezes não sei de quê! Mentalmente dizia adeus às negras vigas esquadriadas das nossas casernas. Quanta mocidade, quantas forças inúteis viviam ali emparedadas e perdidas entre aquelas muralhas, sem proveito para ninguém! É bom que o confessemos: todos aqueles indivíduos eram talvez os melhores constituídos, os mais fortes do nosso povo. Mas estas poderosas forças estavam perdidas sem remédio. E por culpa de quem?

Sim, por culpa de quem?

No dia seguinte ao dessa tarde, pela manhãzinha, antes que formassem os forçados para irem para o trabalho, percorri todas as casernas a fim de me despedir dos companheiros. Muitas daquelas mãos fortes e calosas estenderam-se para mim com afeto. Alguns deles apertaram-me as mãos como companheiros de facto: estes porém foram em menor número. Os outros compreendiam muito bem que estava tornado num outro homem, que já não pertencia ao seu número. Sabiam que tinha relações na cidade, que iria dali logo para casa desses *senhores,* que me sentaria à sua mesa,

que seria seu igual. Compreendiam tudo isto e se bem que o seu aperto de mão fosse afável e cordial, já não era contudo o de um igual. Para eles tornara-me já um senhor. Outros voltaram-me grosseiramente as costas e não corresponderam ao meu cumprimento. Alguns fitaram-me mesmo com ódio.

O tambor rufou e todos os forçados se dirigiram para os seus trabalhos. Fiquei sozinho. Souchilov acordara mais cedo que todos e dera-se pressa em me preparar pela última vez o chá. Pobre Souchilov! Chorou quando lhe dei as minhas roupas, as minhas camisas, as minhas correias para as grilhetas e algum dinheiro. «Não é isso... não é isso», disse-me ele, mordendo os lábios trémulos. «É que vou separar-me de vós, Alexandre Petrovitch... E que vai ser de mim, agora, sem vós?»

Disse também adeus a Akim Akimytch.

— Dentro em breve chegará também a tua vez de partir! — disse-lhe eu.

— Tenho de ficar aqui muito tempo, ainda muito tempo! — murmurou ele, apertando-me a mão. Demos também um longo abraço.

Dez minutos depois da saída dos forçados deixámos o presídio, eu e o meu companheiro, para *nunca mais* ali voltarmos. Dirigimo-nos à serralharia, onde deviam tirar-nos as grilhetas. Já não tínhamos atrás de nós mais nenhuma escolta armada; acompanhava-nos apenas um sargento. Foram forçados os que nos cortaram as grilhetas na oficina de engenharia. Esperei que as tirassem primeiro ao meu companheiro. Depois, por minha vez, aproximei-me da bigorna. Os serralheiros fizeram-me voltar de costas, agarraram-me nas pernas e estenderam-mas sobre a bigorna. Andaram à minha volta, preparando tudo; queriam fazer aquilo com destreza e habilidade.

— O rebite! Vira agora o rebite! — ordenou o mestre da oficina. — Assim, põe-no assim! Está bem. Dá-lhe agora com o martelo.

E as grilhetas caíram. Levantei-as. Quis tê-las ainda mais uma vez nas mãos, contemplá-las ainda mais uma vez. Quase não queria acreditar que as trouxera, ainda há momentos, soldadas às minhas pernas!

— Agora, adeus! Adeus! — disseram-me os forçados numa voz áspera, aos repelões, mas parecendo satisfeitos.

Sim, adeus. A liberdade, a nova vida, a ressurreição de entre os mortos... Inefável minuto!

O ETERNO MARIDO

Capítulo 1 — Veltchaninov
Capítulo 2 — O Homem do Chapéu com Fita de Crepe
Capítulo 3 — Pavel Pavlovitch Trussotzky
Capítulo 4 — A Mulher, o Marido e o Amante
Capítulo 5 — Lisa
Capítulo 6 — O Novo Capricho de um Ocioso
Capítulo 7 — O Marido e o Amante Beijam-se
Capítulo 8 — Lisa Está Doente
Capítulo 9 — O Fantasma
Capítulo 10 — O Cemitério
Capítulo 11 — Pavel Pavlovitch Vai Casar-se
Capítulo 12 — Em Casa dos Zakhlébinine
Capítulo 13 — Para Que Lado Pende a Balança?
Capítulo 14 — Sachenza e Nadenka
Capítulo 15 — Ficam Liquidadas as Contas
Capítulo 16 — Análise
Capítulo 17 — O Eterno Marido

Capítulo 1 — Veltchaninov

Chegou o verão e Veltchaninov, contra toda a expectativa, ficou em Petersburgo. A sua projetada viagem pela Rússia meridional não pôde fazer-se e, quanto à sua demanda, não se lhe via o fim. Essa demanda, um litígio de terras, tomara um aspeto muito desagradável. Três meses antes parecia uma coisa simples e o seu êxito quase indiscutível; mas de repente tudo se embrulhou. «E, em geral, tudo vai cada vez pior.» Veltchaninov repetia agora frequentemente esta frase. Tinha um advogado hábil, caro, de fama, e não olhava a despesas. Mas a sua impaciência e uma certa desconfiança inquieta incitaram-no a intervir pessoalmente na questão: redigia planos que o advogado lançava em seguida ao cesto dos papéis inúteis; percorria as repartições, tratava incessantemente de obter informações e não fazia provavelmente senão retardar tudo. Pelo menos, o advogado queixava-se disso e insistia com ele para que fosse para o campo; mas Veltchaninov não podia resolver-se a partir, nem sequer para os arrabaldes da cidade. A poeira, o calor asfixiante, as noites brancas de Petersburgo, tão enervantes, era o que ele gozava na cidade. Também não tinha tido sorte com os aposentos, que tomara de arrendamento há pouco, numa rua perto do Grande Teatro. «Nada corre bem!» A sua hipocondria agravava-se de dia para dia; o que não admirava, pois já de há muito tempo tinha uma certa predisposição para a doença.

Era um homem que vivera muito e intensamente. Estava longe de ser jovem, tinha já uns trinta e oito anos, e essa «velhice» como ele dizia, surgira «quase de repente». Mas ele próprio compreendia que não era o número de anos, mas a sua qualidade, por assim dizer, que o tinha envelhecido e que a causa dos seus achaques era principalmente interna. Parecia ainda um homem forte. Era um rapagão corpulento e robusto. Não tinha um fio branco no seu cabelo louro claro, nem na longa barba que lhe chegava quase até meio do peito. À primeira vista parecia um pouco rude e pesado, mas, observando-o mais de perto, teríeis imediatamente reconhecido nele o perfeito cavalheiro que sabe viver em sociedade e que

recebeu uma educação mundana. As maneiras de Veltchaninov eram ainda desembaraçadas, dignas e até graciosas, apesar do ar atrevido e o à vontade que havia contraído. E conservava ainda um aprumo inabalável, uma altivez aristocrática indo até à insolência e de que ele próprio não suspeitava talvez a extensão, embora fosse um homem não só inteligente mas subtil por vezes, razoavelmente instruído e incontestavelmente dotado. O rosto franco de um tom rosado distinguia-se ainda por uma carnação delicada, que atraía a atenção das mulheres. E ainda hoje, ao vê-lo, às vezes se exclamava: «Que lindo rapaz e que saudável! Dir-se-ia sangue e leite!» Contudo sofria de uma terrível hipocondria. Os seus grandes olhos, uma dúzia de anos antes, tinham também qualquer coisa de aliciante. Eram uns olhos tão claros, tão alegres, de uma tão feliz despreocupação que, sem nada fazerem para isso, logo atraíam todos os que os viam. Agora que roçava já pelos quarenta, estavam quase completamente extintas a candidez e bondade nesses olhos, já cercados de pequenas rugas. Refletiam, pelo contrário, o cinismo do homem fatigado e de pouca moralidade, a velhacaria, o sarcasmo a maior parte das vezes, e uma expressão nova que não tinham dantes: de tristeza e de dor, de tristeza inconsciente, sem objeto por assim dizer, mas profunda. Essa tristeza manifestava-se sobretudo quando estava só. E, coisa estranha, esse homem, apenas dois anos antes, ainda tão ruidoso, tão alegre, tão divertido e que contava com tanta graça histórias para fazerem rir, não gostava agora de ficar completamente só. Desfizera-se, apesar do mau estado da sua fortuna, de muitas relações que lhe poderiam ser úteis. A vaidade tinha para isso contribuído também: a sua desconfiança inquieta e a sua vaidade tornavam-lhe impossível a convivência com os seus antigos conhecimentos. Também a sua vaidade, na solidão, se foi transformando pouco a pouco. Longe de se atenuar, tomou, pelo contrário, uma nova forma, muito especial: outros motivos muito diferentes dos que o preocupavam dantes o inquietavam agora; motivos imprevistos, «superiores» àqueles que o haviam determinado até então, «se na verdade se pode dizer assim, se há realmente motivos superiores e inferiores», como ele dizia a si mesmo.

Sim, tinha chegado até àquilo: debatia-se agora contra não se sabe que razões *superiores,* que nem um instante teriam prendido a sua atenção noutro tempo. No seu espírito, na sua consciência, considerava «razões superiores» aquelas de que (com grande espanto seu) lhe era impossível rir

quando estava só. Mas em sociedade era outra coisa! Sabia muito bem que na primeira ocasião favorável, no dia seguinte, renunciaria bem alto a todas essas «razões superiores», apesar das resoluções secretas da sua consciência e que seria o primeiro a rir-se delas, sem o confessar, é claro. Dava-se isto, apesar da independência de pensamento bastante notável que ultimamente conseguira conquistar sobre as «razões inferiores» que dantes o dominavam. E quantas vezes, então, ao deixar de manhã o leito, ele próprio tinha vergonha dos pensamentos e dos sentimentos que lhe tinham vindo durante a sua insónia (e, nos últimos tempos, sofria constantemente de insónias). Já há muito tempo notara que se ia deixando dominar cada vez mais pelos escrúpulos e a desconfiança, tanto nas coisas de importância como quando se tratava de futilidades, e havia resolvido fiar-se cada vez menos em si próprio. Produziam-se, contudo, certos factos cuja realidade lhe era impossível contestar. Nesses últimos tempos, durante a noite, às vezes, os seus pensamentos, as suas sensações habituais, sofriam uma transformação quase completa e não se pareciam absolutamente nada com os que havia tido ao principiar do dia. Isto impressionou-o e foi pedir sobre o assunto o conselho de um médico célebre que, além disso, conhecia pessoalmente. Contou-lhe com toda a naturalidade o facto, gracejando. O médico respondeu-lhe que a transformação e mesmo o desdobramento dos pensamentos e das sensações, nas noites de insónia, e em geral durante a noite, era um fenómeno vulgar nas pessoas que «pensam e sentem com intensidade»; que as convicções de uma existência inteira se transformavam bruscamente sob a influência deprimente da noite e da insónia; sucedia mesmo tomarem de repente, sem razão de ser, as mais fatais resoluções; mas que havia remédio para tudo e que, se esse desdobramento fosse de tal intensidade que chegasse a provocar sofrimento, isso era o indício incontestável de uma verdadeira doença e que era preciso nesse caso tratar-se sem demora. O melhor era modificar radicalmente o seu sistema de vida, mudar de regime ou fazer mesmo uma viagem. Seria certamente útil também purgar-se.

Veltchaninov não quis ouvir mais nada; sabia já que tudo aquilo era doença.

«Assim, portanto, tudo isto é mórbido, todas estas razões «superiores» não são mais do que o efeito da doença, e não outra coisa!» exclamava ele ironicamente para si mesmo. Mas não se resignava realmente a admiti-lo.

Dentro em pouco, porém, o que ele dantes não sentia senão excecionalmente, durante a noite, começou a dar-se também de manhã, mas com mais acuidade ainda e amargura, o remorso cedendo o lugar à irritação, o enternecimento ao sarcasmo. Eram em suma, e cada vez mais frequentemente, certos factos da vida anterior, e às vezes mesmo muito remota, que surgiam na sua memória de uma maneira muito especial «bruscamente e sabe-se lá porquê». Veltchaninov queixava-se já há muito de ter perdido a memória: esquecia as feições das pessoas suas conhecidas, que se ofendiam com isso quando ele as encontrava; esquecia às vezes completamente um livro lido seis meses antes. Pois bem! apesar desta perda evidente e cotidiana da memória (perda que o preocupava muito) tudo o que dizia respeito ao seu passado, acontecimentos completamente esquecidos há dez ou quinze anos, tudo isso ressuscitava às vezes bruscamente, e com uma tão nítida precisão de pormenores e uma tal vivacidade de impressões que era como se os revivesse de novo. Alguns desses acontecimentos haviam sido tão completamente esquecidos que só o facto de ter podido recordar-se deles lhe parecia milagre.

Mas não era tudo ainda: quem é que, tendo vivido muito e amplamente, não possui recordações de um certo género? O mais importante era que esse passado, renascendo agora, se apresentava sob um prisma novo, inesperado, e em que não teria podido pensar dantes. Porque é que algumas das suas recordações tomavam hoje aos seus olhos o aspeto de verdadeiros crimes? E não se tratava unicamente de um juízo da sua inteligência: não se teria fiado no seu espírito, sombrio, solitário e mórbido; ia até a maldizer-se, a chorar quase, e se não eram lágrimas que se patenteassem ostensivamente, eram um soluçar interior. Dois anos antes, não teria com certeza podido acreditar que haveria de chorar um dia.

A princípio essas recordações eram mais amargas do que sentimentais: recordava-se de certos fracassos mundanos, certas humilhações; recordava-se, por exemplo, das «calúnias de um intriguista», em consequência das quais deixaram de o receber numa casa; ou, ainda, como pouco tempo antes o tinham claramente e publicamente ofendido, sem que ele tivesse exigido uma reparação pelas armas; como, um dia, fora alvejado na presença de lindas mulheres por um epigrama acerado a que não soubera responder; recordava-se mesmo de duas ou três dívidas que deixara por pagar, insignificantes é verdade, mas dívidas de honra, contraídas para com pessoas a quem nunca mais falara e das quais agora

dizia mal. Sofria também (mas apenas nos momentos piores) à recordação de duas fortunas, ambas importantes, que dissipara estupidamente. Mas, dentro em pouco, essas recordações reportaram-se a coisas mais «elevadas».

Subitamente, por exemplo, e sem nenhum motivo, recordou-se, após um longo esquecimento, de um velhito, funcionário, de cabelos brancos, um pouco ridículo, que um dia,, há muito tempo já, ele havia impune e publicamente ofendido, por pura fanfarronada, unicamente para proferir um dito gracioso, que lhe criou certa reputação e que mais tarde se repetiu e espalhou. Esse facto estava tão profundamente recalcado na sua memória, que não podia mesmo tornar a lembrar-se do nome desse velho, embora todas as circunstâncias desta história tivessem surgido de repente no seu espírito com uma nitidez extraordinária. Recordou-se claramente que o velho se tinha entreposto para defender a filha, já idosa, que se não casara e vivia com ele: haviam feito correr na cidade boatos malévolos a seu respeito. O velhito tentara responder e zangar-se, mas de repente desabou a chorar diante de toda a gente, o que produziu mesmo uma certa impressão. Acabaram, em ar de brincadeira, por o embriagar de champanhe e riram-se muito. E quando agora, «sem saber como», Veltchaninov tornou como que a ver diante de si o velhito a chorar e a tapar a cara com as mãos, como uma criança, pareceu-lhe de súbito que nunca cessara de se recordar dele. Coisa singular: tudo isto lhe parecia então muito divertido e agora sucedia o contrário; certos pormenores sobretudo, e precisamente esse rosto que ele ocultava tapando-o com as mãos.

Recordou-se também como tinha caluniado, unicamente para se rir, a linda mulher de um mestre-escola e como a calúnia chegara até aos ouvidos do marido. Como Veltchaninov deixara essa pequena cidade pouco tempo depois, não soube nunca as consequências da sua ação: mas pôs-se de repente a imaginá-las agora, e Deus sabe até onde o teria arrastado a sua imaginação, se de súbito lhe não surgisse a recordação bem mais próxima de uma moça, da pequena burguesia, que nem sequer lhe agradava e de quem, a falar franco, corava, mas que tivera um filho dele; tinha abandonado a mãe e o filho, sem mesmo lhes dizer adeus (é verdade que não teria tido tempo para isso), ao partir de Petersburgo. Mais tarde, tentara, durante um ano, tornar a encontrar essa moça, mas sem o ter conseguido. Havia centenas de recordações deste género e parecia-lhe que

cada uma delas arrastava atrás de si muitas outras. Pouco a pouco, a sua vaidade começou a sofrer.

Dissemos já que a sua vaidade adquirira uma forma muito especial. Efetivamente, havia momentos (em todo o caso raros) em que era tal a sua indiferença, que não tinha já mesmo vergonha de não ter uma carruagem sua, e de andar a pé de uma administração para outra, de se descuidar do seu vestuário; e se algum dos seus antigos conhecimentos o fitasse na rua com um olhar de troça ou fizesse apenas de conta que o não conhecia, ele teria tido bastante orgulho para não mostrar nenhum despeito, não só na aparência, mas no fundo de si mesmo. Evidentemente o caso era raro; não passava isso de curtos instantes de esquecimento de si próprio e de irritação; contudo, a sua vaidade desviava-se das coisas que exerciam influência sobre ele e concentrava-se à volta de um único objeto que ocupava constantemente o seu pensamento.

«Haverá, dizia consigo num ar irónico, (quase sempre, pensando em si, começava por tomar um ar irónico) então alguém que lá longe se ocupa do meu estado moral e me envia todas estas malditas recordações e estas «lágrimas de arrependimento»! Seja, mas isso não servirá para nada; é um tiro que erra o alvo! Não tenho eu a certeza de que, apesar de todos esses remorsos lacrimosos e a severidade com que me julgo a mim próprio, eu não disponho da menor independência, a despeito dos meus estúpidos quarenta anos? Que a mesma tentação me venha amanhã e as circunstâncias sejam semelhantes: por exemplo, que eu tenha interesse em espalhar o boato de que a mulher do mestre-escola aceita os meus presentes, eu caluniá-la-ei de novo sem hesitar. E seria ainda pior e muito mais vil do que da primeira vez, porque esta vez seria a segunda. Que esse principezinho, filho único de sua mãe e ao qual, há onze anos eu inutilizei uma perna com um tiro de pistola, me ofenda de novo, e logo o provocarei e lhe farei presente de uma segunda perna de pau... Não é portanto um tiro que falha o alvo? Que utilidade têm, pois? Para que servem essas recordações, se eu não consigo libertar-me nem muito nem pouco de mim mesmo?!»

Embora a história da mulher do mestre-escola se não tivesse renovado, nem que ele fizesse presente de perna de pau a ninguém, a simples ideia de que, desde que as circunstâncias a isso se prestassem, isso se teria inevitavelmente repetido, essa ideia matava-o quase... às vezes. É

impossível efetivamente estar-se sempre dominado por dolorosas recordações; é bom descansar e passear nos entreatos.

Assim fazia Veltchaninov: estava disposto a passear nos entreatos, mas a sua existência em Petersburgo tornava-se-lhe cada vez mais penosa. julho estava a chegar. Tomava, às vezes, a decisão brusca de abandonar tudo, mesmo a sua demanda, e de partir imediatamente não importa para onde, para a Crimeia, por exemplo, e não pensar em mais nada. Mas uma hora depois, geralmente, desprezava a sua ideia e ria-se dela: «Nenhuma viagem poderá curar-me destes mortificantes pensamentos, uma vez que eles surgiram e que eu sou um homem pouco honesto; não posso pois fugir-lhes. E para quê, afinal, havia de fugir deles?»

«Sim, para que fugir-lhes? continuava ele a filosofar amargamente, Tudo isto aqui é tão poeirento, tão sufocante, tudo é tão sujo nesta casa; nessas repartições onde eu perco o meu tempo, entre esses homens de negócios há tantas agitações vãs, tão mesquinhas preocupações; todas essas caras que a gente encontra de manhã até à noite refletem um egoísmo tão petulante, tão patente, uma impudência tão ingénua, toda a covardia das suas pequenas almas, toda a devassidão dos seus corações mesquinhos, que é verdadeiramente aqui o paraíso do hipocondríaco. Tudo é franco, tudo é claro, ninguém pensa mesmo em dissimular seja o que for, como o fazem as nossas damas, no campo, nas águas, no estrangeiro. Tudo é, pois, muito mais digno de estima aqui, ainda que não fosse senão por essa franqueza e essa simplicidade. Não partirei! Rebentarei aqui, mas não irei para parte nenhuma!»

Capítulo 2 — O Homem do Chapéu com Fita de Crepe

Era o dia 3 de julho. O calor sufocante era insuportável. Esse dia foi cheio de inquietações para Veltchaninov. Teve de correr toda a manhã por um lado e por outro, ora a pé, ora de carro e à tarde devia, desse lá por onde desse, falar infalivelmente a uma pessoa que lhe podia ser muito útil; um homem de negócios e conselheiro de Estado, que queria surpreender na sua «villa» situada perto do Rio Negro. As seis horas, enfim, Veltchaninov entrou num restaurante (de aparência duvidosa, embora francês) da perspetiva Nevsky, perto da ponte da Polícia; sentou-se no seu canto, à sua mesa do costume, e pediu o jantar que lhe custava um rublo; como o vinho ora pago à parte, só o bebia raramente, consentido ao mau estado dos seus negócios. Admirando-se ele próprio de que se pudesse comer uma coisa tão horrorosa, devorava, apesar disso, tudo, até à última migalha, e de cada vez com um tal apetite que se diria que não comia há três dias. «É da doença», murmurava, quando lhe sucedia reparar no seu apetite. Mas, desta vez, sentou-se de muito mau humor, lançou violentamente o chapéu para um canto, acotovelou-se à mesa e ficou a cismar. Se o seu vizinho, da mesa ao lado, tivesse feito o mais leve ruído, ou o criado que o servia o não compreendesse às primeiras palavras, ele, que sabia ser tão amável e, quando era necessário, impassível e altivo, teria certamente altercado como um simples sargento e provocado talvez mesmo um escândalo.

Trouxeram-lhe a sopa; pegou na colher, mas atirou-a logo para cima da mesa e quase saltou da cadeira. Uma ideia inesperada iluminara-lhe de repente o cérebro: compreendeu nesse instante, sabe Deus como! a causa da sua angústia, dessa angústia estranha, especial, que o torturava há muitos dias nesses últimos tempos, que vinha sabe Deus de onde; e não cessava de o oprimir, sabe Deus porquê! de um só jato agora, via tudo tão claro e tão simples como os cinco dedos da mão.

«É o chapéu, murmurou como iluminado. É unicamente esse maldito chapéu de coco com a sua irritante fita de crepe que é a causa de tudo!»

Pôs-se a refletir e, à medida que refletia, tornava-se mais taciturno e o acontecimento surgia aos seus olhos cada vez mais estranho.

«Mas... trata-se realmente de um acontecimento? tentou ele protestar não se fiando já em si próprio. Há nisto qualquer coisa que se pareça com um acontecimento?»

Eis o que se tinha passado: duas semanas antes pouco mais ou menos (ele não se recordava ao certo, mas julgava que fossem duas semanas) tinha pela primeira vez encontrado na rua, perto da esquina da Podiatcheskaia e da Mestchannskaia, um homem que trazia uma fita de crepe no chapéu! Esse homem era como toda a gente, não tinha nada de especial; passou rapidamente, mas lançou um olhar um pouco insistente a Veltchaninov e atraiu imediatamente a atenção deste. Em todo o caso, pareceu a Veltchaninov que já vira aquela cara; tinha-a evidentemente visto noutro tempo em qualquer parte. «Mas, afinal, não tenho eu visto milhares de caras durante a minha vida! Não se podem recordar todas!» Depois de ter dado vinte passos parecia ter já esquecido esse encontro, apesar da vivacidade dessa primeira impressão. Esta persistiu todo o dia sob a forma de uma irritação sem objeto. Agora, decorridas duas semanas, recordava-se de tudo nitidamente; recordava-se também de que não compreendia então de onde lhe vinha essa irritação, a ponto de não ter estabelecido nenhuma relação do seu mau humor durante essa tarde e a noite com o encontro da manhã. Mas o homem não tardou a fazer-se lembrar, e na manhã do dia seguinte tornou a aparecer diante de Veltchaninov na perspetiva Nevsky e olhou-o de novo de uma maneira estranha. Veltchaninov cuspiu com engulho, mas imediatamente ficou surpreendido com o seu próprio gesto. Há caras, efetivamente, que logo à primeira vista provocam uma aversão incompreensível, sem objeto. «Eu com certeza já o vi em alguma parte», murmurou, pensativo, meia hora já depois do encontro. E de novo, à noite, sentiu-se com uma detestável disposição; teve mesmo um mau sonho; mas não lhe veio contudo à ideia que esse novo e singular mal-estar não tinha outra causa senão esse mesmo cavalheiro de luto, embora durante essa noite pensasse nele frequentemente. Sentiu mesmo uma certa irritação por que «semelhantes bagatelas» pudessem durante tanto tempo ocupar a sua memória; quanto a tornar o cavalheiro responsável pelo seu mau humor, mesmo que essa ideia lhe tivesse ocorrido, ela tê-lo-ia humilhado imenso. Dois dias depois, encontraram-se de novo na multidão de pessoas que desembarcavam de

um dos navios que fazem o curso do rio Neva. Esta terceira vez, Veltchaninov iria jurar que o homem de luto o reconhecera e tinha caminhado para ele, procurando desembaraçar-se da multidão que o detinha; «tinha ousado» mesmo, parecia-lhe, estender-lhe a mão; talvez também tivesse falado e o chamasse pelo seu nome... Isso Veltchaninov não o distinguira claramente, mas... «Quem é, pois, esse canalha que não vem ter comigo, se realmente me conhece e deseja falar-me? pensava, furioso, tomando lugar num fiacre para ir ao convento de Smolny. Meia hora depois, já ele tinha uma discussão tempestuosa com o seu advogado; mas à tarde e à noite uma angústia atroz, fantástica o tomou de novo. «Não será um derramamento de bílis?» perguntava a si mesmo com inquietação olhando-se ao espelho.

Era o terceiro encontro. Durante cinco dias não tornou a ver «ninguém» e «o canalha» não tornou a dar sinal de vida. De tempo a tempo, contudo, vinha-lhe à mente a recordação do homem da fita de crepe, e isto não deixava de lhe causar certa admiração. «Terei eu por acaso assim um tal desejo de o tornar a ver? Hum!... ele tem também provavelmente muito que fazer em Petersburgo. E por quem andará ele de luto? Ele reconheceu-me evidentemente, mas eu não o conheço. E porque é que estes homens trazem uma fita de crepe no chapéu? Não lhes fica bem... Parece-me que se o visse mais de perto o reconheceria...»

Alguma coisa parecia querer precisar-se na sua memória, como quando procuramos recordar-nos de uma palavra conhecida, subitamente esquecida: conhecemo-la muito bem e sabemos que a conhecemos, sabemos o que ela significa, temo-la quase debaixo da língua; mas por mais esforços que façamos, ela escapa-se-nos!

«Foi... há já bastante tempo... E foi em... Havia lá... havia lá... Ora! que o diabo leve tudo isto! exclamou de repente, com raiva. Vale mesmo a pena estar-se uma pessoa a vexar assim, a humilhar-se por causa desse canalha!...»

Estava dominado por uma irritação terrível; mas, à noite, quando se recordou de repente dessa irritação «tão terrível» teve uma sensação muito desagradável: era como.se tivesse sido apanhado em flagrante delito; experimentou uma grande confusão e admirou-se.

«Deve haver uma razão para eu me irritar assim... sem nenhum motivo... à simples recordação...» Não concluiu o seu pensamento.

E na manhã do dia seguinte encolerizou-se mais violentamente ainda; mas, desta vez, pareceu-lhe que o seu furor era motivado e que tinha uma verdadeira razão de ser. «É um atrevimento inaudito.» Um quarto encontro se dera. O cavalheiro da fita de crepe surgira de novo, como se saísse debaixo da terra. Veltchaninov acabava de encontrar finalmente na rua o tal conselheiro de Estado de quem tinha necessidade e a quem há muito procurava falar, perseguindo-o até na sua «villa». Esse funcionário, com quem Veltchaninov não tinha quase relações, não se deixava apanhar e escondia-se manifestamente. Muito satisfeito por o ter encontrado, pôs-se a caminhar ao lado dele. Apressando-se, fitando-o nos olhos e tratando com toda a sua habilidade de levar aquela velha raposa para certo assunto, esperava que se descobriria enfim e deixaria escapar algumas palavras importantes que ele esperava há tanto tempo; mas a velha raposa também tinha a sua fisgada: sorria e calava-se. E fora precisamente nesse instante crítico que o olhar de Veltchaninov distinguiu de repente no passeio oposto o homem do chapéu com fita de crepe. Estava parado e olhava-os a ambos fixamente. Seguia-os, era evidente, e parecia mesmo rir-se dos dois.

«Diabos o levem!» exclamou consigo mesmo Veltchaninov, furioso: acabava de deixar o funcionário, e atribuía agora a falta de êxito que tivera junto dele ao aparecimento súbito daquele «insolente». «Diabos o levem! Parece que me anda a espionar! Segue-me, é evidente! Pagaram-lhe para isso? E... e... por Deus! troçava de mim! hei de pôr-lhe aquela cara numa pasta, juro-o!... Que pena não ter uma bengala! hei de comprar uma! Não deixarei passar isto assim! Quem é ele? Quero absolutamente saber quem ele é!»

Finalmente, exatamente três dias depois deste encontro (o quarto), encontramos Veltchaninov no seu restaurante, como o descrevemos, realmente perturbado e mesmo um pouco aturdido. Ele próprio o devia confessar a si mesmo, apesar de todo o seu orgulho. Tendo examinado bem todas as circunstâncias que se tinham dado, era obrigado enfim a admitir que a causa única do seu mau humor, da sua angústia tão *singular* e de todas as suas emoções durante essas duas semanas, era o cavalheiro de luto, «apesar da sua completa insignificância».

«Admito que eu seja um hipocondríaco, refletia Veltchaninov, e que, por consequência, tenha a propensão para fazer de uma mosca um elefante, mas é menos penoso para mim saber que tudo isto não é talvez senão pura

imaginação? Se é permitido ao primeiro mariola que apareça transtornar completamente uma pessoa, então... então...»

Efetivamente, nesse dia (era o quinto encontro) o elefante tivera toda a aparência de uma mosca: como precedentemente, o cavalheiro passou rapidamente, mas desta vez sem encarar Veltchaninov, sem mostrar o ar de o reconhecer, mas, pelo contrário, baixando os olhos e parecendo evitar ser reconhecido. Veltchaninov voltou-se e gritou-lhe em voz bastante alta:

— Eh lá! ó homem do crepe no chapéu! Você agora esconde-se! Pare, quem é você?

A pergunta e toda esta gritaria eram ineptas. Mas Veltchaninov não reparou nisso senão depois de ter gritado. O homem assim interpelado voltou-se, parou um instante, perturbou-se, sorriu, tentou dizer qualquer coisa, fazer qualquer gesto, teve certamente um momento de indecisão extrema, depois, deu de repente meia volta e escapou-se sem uma única vez olhar para trás. Veltchaninov, muito admirado, seguiu-o com os olhos.

«Talvez, pensou, não seja ele que me persegue a mim mas eu que o persigo a ele, e tudo se reduz a isso...»

Tendo jantado, fez-se conduzir à «villa» do funcionário. Mas não pôde falar-lhe; responderam-lhe «que não voltara desde manhã e que era provável que não tornasse a casa antes das três ou quatro horas da madrugada, porque ficaria na cidade para festejar o aniversário de um amigo». Veltchaninov sentiu com isto tal «ofensa» que, no primeiro momento de cólera, resolveu ir a casa do herói da festa; pôs-se mesmo a caminho mas, reparando que levava as coisas longe de mais, pagou o fiacre a meio do percurso e seguiu lentamente a pé até à sua habitação, perto do Grande Teatro. Sentia a necessidade de andar. Para acalmar os nervos excitados, precisava absolutamente de dormir essa noite e, para combater a insónia, devia pelo menos fatigar-se. Chegou a casa às dez horas e meia, porque o caminho era longo e ele estava extremamente fatigado.

Os compartimentos que ele tinha arrendado em março, que criticava e injuriava tão amargamente, desculpando-se perante si próprio, repetindo-se a si mesmo que «aquilo não passava de um bivaque» e que a culpa era dessa «maldita demanda» que o ratinha «temporariamente» em Petersburgo, não eram tão incómodos nem tinham tão mau aspeto como ele o pretendia. A entrada da casa era, realmente* um pouco escura, e «suja»; mas a habitação, no segundo andar, era composta de duas grandes

peças claras e de teto alto, separadas uma da outra por uma antecâmara um pouco escura; uma dava para a rua; a outra, que dava para o pátio, comunicava com um gabinete destinado a servir de quarto de cama; mas Veltchaninov havia lá metido, dispersos na maior desordem, vários livros e papéis; dormia num dos compartimentos maiores, o que dava para a rua. Faziam-lhe a cama num divã. Tinha bons móveis embora um pouco usados e alguns objetos caros, restos de um antigo esplendor: porcelanas e bronzes, tapetes de Bukhara verdadeiros, e mesmo dois ótimos quadros. Mas estava tudo coberto de pó, em desordem, e nada se encontrava no seu lugar desde que Pelágia, uma moça que lhe tratava da comida e do arranjo de casa, tinha partido para ir ver os pais a Novgorod e o deixara só.

Esta estranha situação de uma moça em casa de um celibatário, homem mundano, e que queria ainda observar um certo decoro, fazia corar Veltchaninov, embora estivesse muito satisfeito com a Pelágia. Entrara ao seu serviço quando ele arrendara aquela casa na primavera, porque a família que ela servia partira para o estrangeiro. A moça introduzira imediatamente na casa uma certa ordem; mas, depois que ela se fora embora, Veltchaninov não quis tomar nenhuma mulher como criada. Quanto aos criados, não gostava deles, e não valia a pena contratar qualquer por tão pouco tempo. As arrumações e limpeza eram pois feitas todas as manhãs pela irmã da porteira, Mavra, à qual deixava a chave quando saía, mas que não fazia absolutamente nada, recebia regularmente o seu ordenado e roubava-o provavelmente. Mas ele era já indiferente a tudo, satisfeito até por se encontrar em casa completamente só. Porém tudo tem um limite, e os nervos, quando tinha um ataque de bílis, recusavam-se às vezes a suportar aquela «porcaria» e sentia quase sempre um aborrecimento profundo ao entrar em casa.

Mas, desta vez, só tratou de se despir; meteu-se na cama e, irritado, procurou não pensar em nada e dormir «imediatamente». Coisa estranha, adormeceu logo, mal poisou a cabeça no travesseiro. Isto já lhe não sucedia havia um mês.

Dormiu perto de três horas, mas com um sono agitado. Teve sonhos estranhos, como os que a febre produz. Tratava-se de um crime que se dizia ele tinha cometido e dissimulado e de que o acusavam a uma só voz todas as pessoas vindas não se sabe de onde e que entravam no quarto ininterruptamente. Havia já uma multidão, mas continuava a vir mais gente, e ninguém fechava a porta, que continuava escancarada. Mas todo o

interesse se concentrava numa personagem estranha, que ele tinha conhecido intimamente já, que morrera e que acabava agora de entrar. O mais doloroso é que Veltchaninov não sabia quem era: tinha-lhe esquecido o nome e não conseguia lembrar-se; sabia apenas que fora muito amigo daquele homem noutro tempo! Parecia que era precisamente dele que toda a gente ali reunida esperava uma palavra definitiva que condenaria ou absolveria Veltchaninov, e a impaciência era geral. Mas o homem conservava-se sentado, imóvel, e recusava-se a falar. O ruído não cessava, a excitação aumentava; e de repente Veltchaninov bateu naquele homem porque teimava em se conservar calado; e, tendo-o agredido, sentiu uma estranha volúpia. O horror deste ato e o sofrimento confrangeram-lhe o coração, mas era precisamente nisso que consistia a sua estranha volúpia. Completamente exasperado, bateu-lhe uma segunda, uma terceira vez e, ébrio de raiva e de terror, dominado por uma espécie de loucura, muito intensa, e também de uma volúpia infinita, cessou de contar as pancadas que dava e pôs-se a bater sem parar. Queria destruir *aquilo, tudo aquilo.* Mas produziu-se subitamente qualquer coisa: toda a gente se pôs a gritar e se voltou para a porta, parecendo esperar; nesse instante a campainha retiniu três vezes, mas com uma tal força que parecia que a queriam arrancar. Veltchaninov acordou, voltou imediatamente a si, saltou da cama e precipitou-se para a porta. Estava absolutamente convencido de que o toque de campainha não era uma ilusão e que alguém tocara realmente. «Seria muito pouco natural que um som assim tão claro, tão papável fosse apenas ilusão.»

Mas, com grande espanto seu, verificou que o toque de campainha não era mais do que a continuação do seu sonho. Abriu a porta, saiu ao patamar, lançou mesmo um olhar para a escada: não estava lá ninguém. A campainha pendia imóvel. Admirado mas satisfeito, tornou a entrar no quarto. Acendendo a vela, lembrou-se de que a porta não estava senão empurrada e que não tinha dado a volta à chave nem corrido o ferrolho. Sucedia-lhe frequentemente esquecer-se, ao entrar em casa, de fechar a porta à chave para a noite, e não prestava a isso atenção. Pelágia fizera-lhe por várias vezes muitos reparos a respeito disso. Voltou à antecâmara para fechar a porta, abriu-a mais uma vez, olhou para fora e correu o ferrolho, mas não se deu ao trabalho de dar volta à chave. O relógio de parede bateu as duas horas e meia.

O seu sonho tinha-o impressionado a tal ponto que se não quis tornar a deitar imediatamente; resolveu passear uma meia hora pelo quarto, «o tempo de fumar um charuto». Tendo-se vestido sumariamente, aproximou-se da janela, ergueu a pesada cortina, depois o estore branco. Fazia já dia.

As claras noites de Petersburgo excitavam-lhe sempre os nervos e agravavam-lhe ainda mais a insónia; era por isso que ele havia mandado pôr nas janelas espessas cortinas, que impediam a luz de filtrar quando as fechavam completamente. Tendo-as afastado e esquecendo a vela acesa em cima da mesa, pôs-se a caminhar de uma parede à outra dominado por uma sensação pesada e penosa. A impressão produzida pelo sonho não se tinha ainda dissipado. A ideia de que tinha podido erguer a mão contra aquele homem e bater-lhe faziam-no sofrer verdadeiramente.

«Mas aquele homem não existe, nunca existiu! Não foi senão um sonho! Que razão há então para que eu esteja a lamentar-me?»

Febrilmente, e como se todas as suas preocupações convergissem para este ponto, pôs-se a pensar que decididamente se ia tornando doente: «um homem doente!»

Era-lhe sempre lancinante confessar a si mesmo que enfraquecia e envelhecia e nos seus maus instantes exagerava os seus males, de propósito para se torturar.

«É a velhice! Faço-me completamente velho, murmurava passeando pelo quarto; perco a memória, vejo fantasmas, tenho sonhos, campainhas que tocam... Diabo! sei por experiência que sonhos destes em mim são sempre um sinal de febre... Estou convencido de que toda esta «história» do crepe não é talvez mais do que um sonho. Decididamente, eu pensei bem ontem: sou eu, eu que o persigo e não ele a mim. Imagino a seu respeito um drama e depois cheio de terror, corro a esconder-me debaixo da mesa. E porque é que lhe chamo canalha? É talvez um homem muito decente. É verdade que a cara dele é muito desagradável, mas não tem nenhuma fealdade especial; traja como toda a gente. Mas tem qualquer coisa no olhar... Lá recomeço eu! Penso de novo nele! Que diabo tenho eu que me importar com o olhar dele! Não posso viver sem estar a pensar nesse «patife»!

Entre os diversos pensamentos que lhe acudiam ao espírito, houve um, sobretudo, que o feriu dolorosamente: pareceu-lhe de repente adquirir a certeza de que o cavalheiro da fita de crepe o conhecera noutro tempo intimamente e que agora se ria dele quando o encontrava, porque sabia um

dos segredos mais graves do seu passado e por o ver agora tão em baixo. Aproximou-se maquinalmente da janela para a abrir e respirar o ar da noite e... e de repente estremeceu: pareceu-lhe que se passava qualquer coisa de inaudito, de prodigioso.

Não tinha tido ainda tempo de abrir a janela; afastou-se rapidamente e dissimulou-se com o cunhal da parede: no passeio defronte, precisamente em frente da sua casa, acabava de ver o homem do chapéu com fita de crepe. Estava no passeio, deserto àquela hora, com o rosto voltado para as suas janelas; ele não o tinha com certeza visto e parecia examinar com curiosidade a casa e refletir. Parecia hesitar e procurar tomar uma deliberação: ergueu a mão e pôs um dedo na testa. Decidiu-se finalmente, lançou um olhar furtivo à sua volta, depois, nos bicos dos pés, fazendo-se mais pequeno, atravessou rapidamente a rua... Sim, ele transpunha o pórtico, e a pequena porta (que ficava aberta no verão, às vezes, até às três horas da madrugada). «Ele vem a minha casa», pensou logo Veltchaninov e, correndo também nos bicos dos pés, atravessou a antecâmara e parou diante da porta, sem se mexer, procurando conter os nervos, à espera, a mão tremente apoiada no ferrolho, com o ouvido à escuta do subtil ruído dos passos na escada.

O coração batia-lhe tão fortemente que receava não poder ouvir o desconhecido subindo na ponta dos pés. Não compreendia o que se passava mas sentia tudo com uma intensidade decuplicada. Era como se o seu sonho se confundisse com a realidade. Veltchaninov era corajoso, gostava às vezes de levar o desprezo pelo perigo até à bravata, mesmo quando ninguém o via, unicamente pelo seu próprio prazer. Mas agora havia mais alguma coisa: o hipocondríaco de há pouco, inquieto e choroso, transformara-se completamente; não era já o mesmo homem. Um riso nervoso, silencioso agitava-lhe o peito. Através da porta cerrada, adivinhava cada um dos movimentos do desconhecido.

«Lá vem ele a subir a escada! Chegou agora acima, inclina-se a escutar, mal respira, desliza furtivamente... Ah! agarrou o puxador da porta, puxa-a para si. Esperava que ela não estivesse fechada! Torna a puxar! Pensará ele por acaso que o ferrolho vai ceder! Custa-lhe a ir-se assim embora? Custa-lhe a ir-se assim embora, sem ter feito o que queria?»

Efetivamente tudo se devia passar como ele o imaginava: alguém estava atrás da porta, experimentava a fechadura, brandamente, sem ruído,

e puxava com força o manípulo. «Tinha evidentemente um objetivo.» Mas Veltchaninov tinha já pronta a solução do problema; esperava com uma certa exaltação o momento propício, preparava-se, concentrava toda a sua energia: tinha uma irresistível tentação de correr de repente o ferrolho, abrir subitamente a porta e encontrar-se frente a frente com o «espantalho»: «Que é que faz aqui, meu caro senhor?»

Foi o que sucedeu: tendo escolhido o momento, correu bruscamente o ferrolho, empurrou a porta e foi quase esbarrar com o cavalheiro do chapéu da fita de crepe.

Capítulo 3 — Pavel Pavlovitch Trussotzky

O outro ficou como petrificado. Estavam de pé um em frente do outro, cada um deles fixando os olhos nos olhos do outro.

Decorreram assim alguns momentos, depois, subitamente, Veltchaninov reconheceu o seu visitante.

E, ao mesmo tempo, este adivinhou manifestamente que Veltchaninov o reconhecera: brilhou-lhe isso nos olhos. Num instante o seu rosto serenou e abriu-se num sorriso amável:

— Tenho com certeza o prazer de falar a Alexei Ivanovitch? — disse com uma voz suave e cantante que fazia um contraste extraordinariamente cómico com as circunstâncias do momento.

— O senhor é realmente Pavel Pavlovitch Trussotzky? — proferiu enfim Veltchaninov, estupefacto.

— Nós conhecemo-nos, há nove anos já, em T..., e, se me permite recordar-lho, as nossas relações foram muito cordeais.

— Sim... talvez... mas... são três horas da madrugada e o senhor tentou durante dez minutos abrir a minha porta...

— Três horas! — exclamou o cavalheiro puxando do relógio e parecendo dolorosamente surpreendido. — São realmente três horas! Desculpe-me, Alexei Ivanovitch; deveria ter pensado antes de subir; deploro-o, creia. Voltarei noutra ocasião e explicar-me-ei, e agora...

— Ah! não! Se quer explicar-se, tenha então a bondade de o fazer imediatamente — disse, dominando-se, Veltchaninov. — Peço-lhe, então; não veio com certeza aqui de noite apenas para experimentar as fechaduras...

Estava impressionado e ao mesmo tempo um tanto desconcertado, sentia que não podia reunir as suas ideias. Sentia-se mesmo envergonhado: não havia nenhum mistério, nenhum perigo; não restava já nada dessa fantasmagoria senão a cara idiota de um certo Pavel Pavlovitch. Contudo não tinha bem a certeza de que aquilo fosse assim tão simples: pressentia confusamente e com inquietação qualquer coisa de estranho.

Tendo feito sentar o seu visitante numa cadeira, sentou-se na cama a um passo da cadeira, inclinou-se para a frente, poisou a palma das mãos nos joelhos e esperou febrilmente que o outro falasse. Examinava-o avidamente e concentrava as suas recordações. Mas, coisa singular: o outro conservava-se calado, não se apercebendo, parecia, que devesse falar «imediatamente». Pelo contrário olhava-o com um ar interrogador, como se esperasse qualquer coisa. É possível que tivesse simplesmente medo, não se sentindo muito à vontade, como um rato apanhado numa ratoeira. Mas Veltchaninov irritou-se:

— Então? — exclamou. — Penso que o senhor não é nem um sonho, nem um fantasma! Veio para aqui para fazer de morto? Explique-se, faça favor!

O visitante teve um movimento, sorriu e começou cautelosamente:

— O que o surpreende sobretudo é que eu tenha vindo a uma hora destas e... em circunstâncias tão especiais... Recordando-me de tudo o que se passou entre nós, e como nos separamos, parece-me até estranho... Além disso, eu não pensava em entrar, se as coisas tomaram este rumo, foi por um acaso...

— Como um acaso? Mas eu vi-o da minha janela, atravessando a rua nos bicos dos pés!

— Ah! viu-me! Nesse caso, sabe provavelmente mais do que eu a respeito de todas estas coisas! mas afinal não faço senão irritá-lo... eis o que há: estou aqui há já três semanas por causa de um assunto que me diz respeito... Sou Pavel Pavlovitch Trussotzky; não se enganou. Ando a fazer umas diligências para mudar de serviço e obter a minha nomeação noutro governo, e num posto muito mais importante... Mas não é disto que se trata... O principal é que perco o meu tempo aqui há três semanas já e que eu próprio faço arrastar, parece, o meu caso, o caso da minha nomeação; mas na verdade, mesmo que tudo se consiga, esquecerei isso e não poderei deixar o seu Petersburgo na disposição de espírito em que me encontro. Vou de um lado para o outro, como se tivesse perdido o meu objetivo e quase satisfeito por o ter perdido; no estado de espírito em que me encontro...

— Mas que estado é esse? — interrompeu Veltchaninov, impaciente.

O outro ergueu os olhos para ele, pegou no seu chapéu e desta vez com um gesto digno, apontou para a fita de crepe.

— Sim, aqui tem o meu estado de espírito.

Veltchaninov dirigiu um olhar estúpido ora para o crepe ora para o rosto do seu visitante. De repente o sangue coloriu-lhe o rosto e perturbou-se:

— Como? Natália Vassilievna?

— Sim, Natália Vassilievna! Em março... a tuberculose, e rapidamente, em dois, três meses... E aqui estou como o senhor vê!

Tendo pronunciado estas palavras, o visitante, muito comovido, abriu os braços, continuando a segurar na mão esquerda o chapéu com a fita de crepe, e inclinou profundamente a cabeça calva, permanecendo assim uns dez segundos, pelo menos.

Isto pareceu reanimar de repente Veltchaninov; esboçou-se-lhe mesmo nos lábios um sorriso irónico e provocante, mas isto não durou mais do que um instante: a notícia da morte daquela mulher (que conhecera há muito tempo e que tinha esquecido completamente) produziu-lhe uma súbita comoção.

— Mas é isso possível? — murmurou, pronunciando as primeiras palavras que lhe acudiram. — Mas porque não veio simplesmente procurar-me e contar-me isso?

— Agradeço-lhe a sua simpatia; vejo-a e sinto-a; apesar de...

— Apesar de?...

— Apesar de já nos não vermos há bastantes anos, o senhor mostrou partilhar tanto a minha dor, demonstrou-me uma tal simpatia, que não posso deixar de lhe ser reconhecido. É tudo o que eu tinha que lhe dizer. E não é que eu duvide dos outros meus amigos, porque posso encontrar aqui amigos muito sinceros (Stepane Mikhailovitch de Bagantov, por exemplo), mas as nossas relações, Alexei Ivanovitch (poderia dizer a nossa amizade, porque as recordo com gratidão), cessaram há nove anos; não voltou a nossa casa, não nos escrevíamos...

O visitante falara como se recitasse uma lição, mas, enquanto as palavras iam correndo, o seu olhar conservava-se cravado no chão, embora visse certamente tudo o que se passava. Entretanto Veltchaninov havia já voltado a si.

Escutava e examinava Pavel Pavlovitch com uma sensação estranha e cada vez mais intensa, e, quando este parou, invadiram-lhe o cérebro as ideias mais inesperadas.

— Mas porque foi então que eu o não reconheci até agora? — exclamou animando-se. — Nós encontrámo-nos cinco vezes cara a cara!

— Sim, lembro-me disso; o senhor encontrava-se constantemente no meu caminho, duas vezes, três mesmo, talvez...

— Pelo contrário era *o senhor* que se encontrava *constantemente* no meu caminho!

Veltchaninov ergueu-se e, de repente, rebentou num riso intempestivo. Pavel Pavlovitch ficou um momento interdito e fixou-o atentamente, mas prosseguiu logo:

— Quanto ao facto de me não ter reconhecido logo, isso é natural: podia ter-me esquecido e, demais a mais, eu tive, depois, a varíola que me deixou alguns sinais no rosto.

— A varíola? Efetivamente teve varíola! Mas como diabo?...

— Como é que ela me gazofilou? São coisas que acontecem, Alexei Ivanovitch! Quando menos se espera é-se gazofilado!

— Contudo, é realmente cómico. Bem, continue, meu caro amigo!

— Embora o tivesse encontrado...

— Espere! Porque é que disse «ela me gazofilou»? Eu gosto sempre de me exprimir muito mais polidamente. Bem! continue, continue!

Sabe Deus porquê, ia se tornando cada vez mais alegre; à comoção que o agitara há pouco sucedera um sentimento inteiramente diverso.

Caminhava pelo quarto, em passos apressados.

— Embora o tivesse encontrado e embora ao vir a Petersburgo tivesse a ideia de o procurar, estou, repito-lhe, a tal ponto aniquilado moralmente, desde março...

— Ah, sim! Ficou moralmente aniquilado desde o mês de março! Ouça uma coisa, não fuma?

— Sabe-o muito bem, já no tempo de Natália Vassilievna...

— Sim, sim, sei, mas desde o mês de março?...

— Um cigarrito, talvez.

— Aqui tem um cigarro; acenda-o e continue! Continue, o senhor tem-me causado um terrível...

E tendo acendido o seu charuto, Veltchaninov sentou-se de repente na cama. Pavel Pavlovitch, em vez de continuar a sua narrativa, disse:

— Mas como também o senhor está agitado! Não passa bem de saúde?

— Importa-me a mim bem a saúde! — exclamou Veltchaninov. — Continue!

O visitante, pelo seu lado, apesar da excitação do dono da casa, parecia cada vez mais satisfeito e seguro de si.

— Que lhe hei de eu dizer? Imagine, primeiro, Alexei Ivanovitch, um homem morto, morto radicalmente, por assim dizer. Um homem que, depois de vinte anos de casado, muda completamente de existência e se arrasta pelas ruas poeirentas, como através a estepe, sem destino certo, quase inconsciente, e que nessa mesma inconsciência encontra certo prazer. É natural que, se encontro, por acaso, num desses momentos, um conhecido meu ou mesmo um verdadeiro amigo, o evite de propósito para lhe não falar. Mas, noutros momentos, as recordações são tão vivas e tem-se tão grande desejo de tornar a ver uma testemunha qualquer, que tivesse tomado parte nesse passado tão próximo, mas irrevogavelmente desaparecido, e o coração a essas recordações bate de tal forma, que a gente corre a lançar-se nos braços do seu amigo, seja de dia ou de noite, mesmo arriscando-se a despertá-lo às três horas da madrugada. Enganei-me apenas nas horas, mas não me enganei a respeito do amigo, porque estou neste momento largamente recompensado. Quanto à hora, realmente julgava que não era mais de meia noite, por me não encontrar com disposição para dormir. A gente bebe o seu próprio desgosto, e inebria-se. E mesmo já não é a mágoa, é qualquer coisa de novo o que me rói.

— Exprime-se de uma maneira estranha! — observou com um ar sombrio Veltchaninov, tornando-se de súbito muito sério.

— Sim, é estranho o modo como me exprimo...

— E... não estará a divertir-se comigo?

— Eu divertir-me! — exclamou Pavel Pavlovitch dolorosamente admirado. — E no próprio momento em que eu anuncio...

— Ah! cale-se a respeito disso, peço-lhe!

Veltchaninov ergueu-se e recomeçou a caminhar pelo quarto.

Cinco minutos se passaram assim. O visitante esboçou um movimento para se levantar também, mas Veltchaninov gritou-lhe: «Fique sentado, fique sentado!» e o outro tornou a sentar-se imediatamente na cadeira.

— Mas como o senhor mudou! — tornou Veltchaninov, passando de repente diante dele, como se este pensamento o tivesse assaltado de súbito. — Terrivelmente mudado! Extremamente! Dir-se-ia outro homem!

— Não é nada de admirar: passaram já nove anos!

— Não, não, não! A idade nada tem com isso. Não é tanto o seu aspeto que mudou, é outra coisa.

— Sim, é possível: nove anos!

— Não terá antes sido desde o mês de março?

— Hé, hé! — sorriu maliciosamente Pavel Pavlovitch. Acudiu-lhe uma ideia pouco razoável... — Mas, se mo consente... Em que consiste então essa mudança?

— Vou dizer-lho francamente... Dantes era um Pavel Pavlovitch bem-comportado, respeitável, um Pavel Pavlovitch ponderado, e agora... é um *vaurien*.

A sua irritação atingira esse ponto em que mesmo as pessoas mais reservadas deixam escapar palavras supérfluas.

— *Vaurien*! Julga isso? E deixei de ser «ponderado»? Já não sou nada ponderado? — pronunciou Pavel Pavlovitch fazendo ouvir um risinho satisfeito.

— Absolutamente nada! E talvez mesmo *demasiadamente inteligente* agora.

«Sou insolente, pensava Veltchaninov, este canalha é ainda mais insolente do que eu... Mas... que pretenderá ele?»

— Oh! meu muito caro, oh! muito querido Alexei Ivanovitch! — exclamou o visitante dominado por uma súbita emoção, mexendo-se na sua cadeira. — Que é que isso nos importa? Nós não estamos neste momento no meio do mundo elegante! Somos dois velhos amigos, muito sinceros; encontramo-nos reunidos com toda a sinceridade, para assim dizer, e evocamos ambos essa cadeia muito querida de que a falecida era o mais belo elo.

E parecia ser tal a exaltação dos seus sentimentos, que baixou de novo a cabeça como há pouco e escondeu o rosto no chapéu. Veltchaninov examinava-o com desagrado e inquietação.

«Quem sabe! Não é talvez mais do que um bobo, disse-se a si mesmo subitamente. Mas não, não! Ele não está bêbado, calculo eu. Talvez o esteja, afinal: o rosto dele está vermelho. E mesmo que esteja bêbado, tudo vem a dar na mesma. Que é que ele maquina? Que quer este canalha?»

— O senhor recorda-se? Recorda-se? — exclamou Pavel Pavlovitch, afastando pouco a pouco o chapéu e parecendo deixar-se arrastar pelas suas recordações. — Recorda-se das nossas excursões ao campo, dos nossos serões, das reuniões dançantes e os pequenos jogos e diversões de Sua Excelência, o tão acolhedor Sermione Sermionovitch? E as nossas leituras a três, à noite, e a nossa primeira entrevista, quando o senhor veio a minha casa uma manhã, informar-se a respeito de um assunto; o senhor começou mesmo por se zangar; mas Natália Vassilievna apareceu e dez

minutos depois o senhor era já o amigo muito sincero da casa; e isso durou um ano inteiro, exatamente como na *Provinciana,* a peça do Sr. Turguenev.

Veltchaninov passeava lentamente, com os olhos voltados para o chão; escutava com impaciência, com aborrecimento, mas escutava atentamente.

— Nunca pensei na *Provinciana* — interrompeu, um pouco confuso —, e nunca o senhor falava com uma voz tão aguda e nesse tom... que não é o seu. Porque é isso?

— Efetivamente — continuou com vivacidade Pavel Pavlovitch —, dantes, a maior parte das vezes conservava-me calado; quero dizer falava menos. Dantes, bem sabe, preferia escutar quando a falecida falava. Recorda-se como ela falava, com que espírito?... Quanto à *Provinciana* e em especial a *Stupendiev,* o senhor tem também razão: foi mais tarde, depois do senhor se ter vindo embora, que, pensando em si, serenamente, eu e a querida falecida, comparámos o nosso primeiro encontro à peça de Turguenev... E a respeito de *Stupendiev*...

— Qual *Stupendiev*? Diabos o levem a você! — exclamou Veltchaninov, batendo com o pé no chão, irritado por esse nome de *Stupendiev* que lhe evocava certa recordação já distante.

— *Stupendiev?* É uma personagem de comédia, o «marido» da *Provinciana* — respondeu Pavel Pavlovitch com a sua mais suave e aflautada voz. — Mas isso diz respeito a outra série das nossas belas, das nossas queridas recordações; já o senhor se tinha vindo embora, quando Stepane Mikailovitch Bagautov nos honrou com a sua amizade, exatamente como o senhor, mas durante cinco longos anos...

— Bagautov? Qual Bagautov?

Veltchaninov parou de repente, e ficou como pregado no chão.

— Bagautov, Stepane Mikailovitch, que nos honrou com a sua amizade, um ano exatamente depois do senhor... e da mesma maneira que o senhor...

— Ah! meu Deus! Mas eu sei isso — exclamou Veltchaninov, tendo finalmente compreendido. — Bagautov! Era funcionário na nossa cidade...

— Era sim! ao serviço do governador. Um rapaz tudo o que há de mais elegante, da mais alta sociedade de Petersburgo — exclamou num verdadeiro transporte de entusiasmo Pavel Pavlovitch.

— Sim, sim! Em que é que eu estava a pensar, que me não lembrei logo! Então também ele...

— Também ele — repetiu Pavel Pavlovitch com o mesmo entusiasmo, apanhando no ar a palavra imprudente do seu interlocutor. — Também ele! E foi então que nós representámos a *Provinciana* num palco de amadores, em casa de Sua Excelência, o tão hospitaleiro Semione Semionovitch; Stepane Mikailovitch fazia o papel de conde, eu o «marido» e a falecida a «provinciana»; mas a mim tiraram-me o papel de «marido» a instâncias da falecida; não representei, pois, o «marido»; não tinha jeito para isso, diziam...

— Mas quem diacho podia pretender que o senhor fosse Stupendiev? O senhor é Pavel Pavlovitch Trussotzky e de modo nenhum Stupendiev — exclamou grosseiramente e sem se contrafazer Veltchaninov; tremia quase de irritação. — Mas ouça: esse Bagautov está aqui, em Petersburgo; eu mesmo o vi, na primavera. Porque o não vai visitar também?

— Vou lá todos os dias, há já três semanas. Mas não me recebem. Está doente, não pode receber-me. E, imagine, soube de boa fonte que ele estava com efeito gravemente doente. Um tão velho amigo! Ah! Alexei Ivanovitch, digo-lho e repito-lho: na disposição em que me encontro, tenho às vezes o desejo de desaparecer realmente debaixo da terra. Noutros momentos apetece-me lançar-me nos braços de uma dessas antigas testemunhas, por assim dizer, de uma dessas pessoas que tomaram parte na nossa existência que se desfez, e apenas para chorarmos juntos, é verdade, digo-lhe apenas para chorar!...

— Bem, já chega por hoje! — disse brutalmente Veltchaninov.

— Chega e sobra! — E Pavel Pavlovitch ergueu-se logo. — São quatro horas e além disso vim perturbar o seu descanso tão egoistamente...

— Ouça: passarei por sua casa sem falta; e então... Diga-me francamente, abertamente: não está bêbado?

— Bêbado? absolutamente nada!

— Não bebeu antes de vir aqui, ou mesmo bastante antes?

— Sabe, Alexei Ivanovitch, o senhor está com febre.

— Passarei por sua casa amanhã mesmo, antes da uma hora.

— Noto já há uns momentos que o senhor parece quase em delírio — interrompeu como com satisfação e insistindo sobre o assunto Pavel Pavlovitch. — Estou realmente confuso pela minha falta de tato... Vou-me embora. E o senhor deite-se e trate de dormir.

— Mas não me disse onde é que mora — gritou-lhe, reanimando-se, Veltchaninov.

— Não lho disse ainda? No hotel Pokrovoky.

— Que vem a ser esse hotel?

— É um hotel muito próximo da igreja de Pokrov, numa travessa; esqueci-me o nome da travessa e o número da porta, mas é ao lado da igreja...

— Eu hei de encontrar!

— Será muito bem-vindo!

Estava já na escada.

— Pare lá — exclamou de novo Veltchaninov —, não vai com certeza procurar escapar-se?

— Como «escapar-me»?

Pavel Pavlovitch, que tinha já descido três degraus, voltou-se com os olhos esgazeados, mas o sorriso nos lábios.

Por única resposta, Veltchaninov bateu a porta com estrondo, depois voltou cuidadosamente a chave e correu o ferrolho. De volta ao quarto, cuspiu com nojo como se se tivesse sujado.

Ficou de pé, imóvel, no meio do quarto, durante cinco minutos, depois atirou-se para a cama, sem mesmo se despir e adormeceu imediatamente. A vela que se esquecera de apagar ardeu até ao fim em cima da mesa.

Capítulo 4 — A Mulher, o Marido e o Amante

Dormiu profundamente e acordou às nove horas e meia; ergueu-se logo, sentou-se na cama e pôs-se a pensar na morte «daquela mulher».

A «agitação» que sentira na véspera à notícia dessa morte deixara nele uma perturbação e mesmo um certo sofrimento que haviam sido abafados por um tempo por uma ideia singular que lhe surgira então à vista de Pavel Pavlovitch. Mas agora, ao despertar, tudo o que se passara nove anos antes se lhe desenrolava na memória com uma nitidez extraordinária.

Essa mulher, a falecida Natália Vassilievna, a mulher de «esse Trussotzky» tinha-a ele amado e havia sido o seu amante durante todo um ano em que estivera em T. por um assunto que o interessava (tratava-se igualmente de uma questão de herança) que, em suma, não exigia uma estadia tão prolongada; o verdadeiro motivo era essa ligação. Essa ligação e esse amor haviam-lhe a tal ponto dominado o espírito que se tornara, por assim dizer, o escravo de Natália Vassilievna; teria feito sem hesitar as coisas mais monstruosas, as mais insensatas, se tal tivesse sido o capricho dessa mulher. Nem antes, nem depois, nada lhe tinha sucedido de semelhante. Pelo fim do ano, quando a separação era inevitável, Veltchaninov estava num tal desespero à aproximação da data fatal, embora essa separação devesse ser curta, que propôs a Natália Vassilievna fugir com ele, deixar o marido, abandonar tudo e partirem ambos para o estrangeiro para sempre. Só os motejos e a firmeza dela (no princípio, aprovava inteiramente essa ideia, mas por brincadeira provavelmente, ou para distrair o inimigo) o fizeram renunciar a esse projeto e o obrigaram a partir só. Pois bem! apenas dois meses depois da sua separação, já ele em Petersburgo punha a si mesmo esta questão que nunca conseguira resolver: havia ele realmente amado essa mulher, ou não teria sido uma espécie de «enfeitiçamento»? E não fora por ligeireza de espírito ou sob a influência de uma nova paixão nascente que a si próprio pusera essa questão: durante esses dois meses em Petersburgo andava verdadeiramente fora de si e não prestava naturalmente nenhuma atenção às mulheres, embora tivesse

reatado imediatamente as suas antigas relações e tivesse ocasião de ver centos de mulheres. Além disso sabia perfeitamente que apesar de todas as dúvidas que lhe surgiam, cairia imediatamente sob o encanto dominador dessa mulher, logo que voltasse a T... Cinco anos mais tarde mesmo, continuava a estar disso convencido. Mas então só o confessava com irritação e não podia pensar «nessa mulher» sem rancor. Tinha vergonha do ano que passara em T... Não conseguia conceber a possibilidade de uma paixão tão «estúpida» nele, Veltchaninov. Todas as recordações que tinham relação com essa paixão lhe pareciam ignominiosas; corava até às lágrimas e crivava-se de censuras dolorosas. É verdade que, alguns anos depois, se sentiu mais calmo; esforçou-se por esquecer tudo e conseguiu-o quase. E eis que, de súbito, passados nove anos, tudo isso ressuscitava bruscamente, estranhamente, à notícia da morte de Natália Vassilievna!

Sentado na cama, assaltado por ideias confusas que se lhe acumulavam no espírito, não sentia e não compreendia claramente senão uma coisa: apesar da impressão «perturbante» produzida por essa notícia, o próprio facto de ela ter morrido deixava-o completamente calmo. «Nem sequer a deploro, então?» perguntava-se. É verdade que, não sentindo já ódio por ela, podia agora julgá-la mais imparcialmente, e fazer-lhe justiça. A sua opinião, formada há muito tempo durante esses nove anos de separação, era que Natália Vassilievna pertencia ao número das senhoras de província vulgares, senhoras da «boa» sociedade provinciana: «Quem sabe, era talvez assim, e eu era o único a imaginar ideias fantásticas a seu respeito.» Contudo pensara sempre que essa opinião podia ser errónea em parte; sentia-o agora também. Era, além disso, contraditada pelos factos: esse Bagautov teve também com ela uma ligação que durou alguns anos; estivera também «dominado pelo seu encanto». Bagautov pertencia com efeito à melhor sociedade de Petersburgo; e, como era um «homem perfeitamente nulo» (dizia dele Veltchaninov), não podia fazer carreira senão em Petersburgo. E contudo desdenhara Petersburgo que lhe prometia tantas vantagens e perdera cinco anos da sua vida em T... unicamente por causa dessa mulher. Talvez que não tivesse até voltado para Petersburgo senão depois de ter sido, também, rejeitado como um «velho sapato fora de uso». Havia, pois, qualquer coisa de extraordinário nessa mulher, o dom de atrair, de subjugar, de dominar!

Parecia contudo que não tinha o que atrai e subjuga, não era tão bonita como isso; é possível que não fosse mesmo nada bonita. Tinha já vinte e

oito anos quando Veltchaninov a viu. O seu rosto, que não era muito belo, tinha um certo encanto quando se animava. Mas os olhos eram desagradáveis: havia uma dureza exagerada no seu olhar. Era muito magra. O seu desenvolvimento intelectual era medíocre; o seu espírito indiscutível era penetrante, mas quase sempre exclusivo; as maneiras de uma provinciana mundana, mas juntamente com isso muito tato, é verdade; um gosto fino, mas que só se manifestava na maneira de se vestir. Um caráter resoluto e dominador; ninguém se podia entender com ela, num meio termo moderado: «tudo ou nada». A sua firmeza e a sua perseverança nas situações difíceis eram assombrosas. Uma grande generosidade e, ao lado disso, uma extrema injustiça. Era impossível discutir com esta mulher, porque «duas vezes dois» não tinha nenhuma significação para ela. Nunca se considerava, fosse no que fosse, injusta ou tendo feito mal. As suas infidelidades contínuas, inúmeras ao marido nada lhe pesavam na consciência. O próprio Veltchaninov comparava-a a uma dessas «Virgens Maria» de certas seitas dissidentes que se julgam sinceramente cada uma delas a «Mãe de Deus». Era fiel aos seus amantes, mas enquanto se não aborrecia deles. Sentia prazer em os fazer sofrer, mas recompensava-os logo. Era uma natureza apaixonada, cruel, sensual. Odiava a depravação, reprovava-a calorosamente, mas era depravada. E nada teria podido fazer-lhe admitir a sua própria depravação. «É certo que ela ignora-a *muito sinceramente»,* dizia a si mesmo Veltchaninov quando estava ainda em T... (e, seja dito de passagem, enquanto ele próprio tomava parte nas suas depravações). «É uma dessas mulheres, pensava ele, que parecem ter nascido para serem infiéis ao marido. Essas mulheres não caem nunca enquanto são ainda solteiras. Segundo a lei da sua natureza, isso não deve suceder-lhes senão quando já são casadas. O marido é o seu primeiro amante, mas depois do casamento, nunca antes. Nenhuma mulher casa mais habilmente e mais facilmente. É sempre o marido que é culpado do primeiro amante. E tudo se passa muito sinceramente; elas consideram-se sempre no seu direito e, naturalmente, perfeitamente inocentes.

Veltchaninov estava convencido que este tipo de mulher existia realmente, mas estava certo também da existência de um tipo de marido correspondente a este género de mulher, marido cuja única razão de ser é a de se adaptar a esse tipo de mulher. Em sua opinião, o caráter essencial destes homens consistia em serem, por assim dizer, «eternos maridos», ou, para nos exprimirmos melhor, a serem na existência *unicamente* maridos.

«Um tal homem não nasce e não cresce senão para se casar e para se tornar ogo o complemento da esposa, mesmo que possua indiscutivelmente caráter próprio. O sinal distintivo de um tal marido é um certo ornamento. É-lhe tão impossível não trazer chifres como é impossível ao sol não dar luz; e não só ele o ignora sempre, mas deve ignorá-lo segundo as leis da natureza.» Veltchaninov cria firmemente na existência destes dois tipos e que Pavel Pavlovitch Trussotzky era em T... o representante de um deles. Mas o Pavel Pavlovitch da véspera era evidentemente diferente daquele que ele conhecera em T... Veltchaninov achava que ele mudara extraordinariamente mas sabia que não podia ser doutra maneira e que isso era perfeitamente natural: Trussotzky não podia ser o que era em vida da mulher, e agora não representava senão uma parte do todo, abandonada na existência, uma coisa estranha, que se não assemelhava a nenhuma outra.

Quanto ao Pavel Pavlovitch de T... eis a imagem que Veltchaninov conservara e de que se relembrava agora: Em T... Pavel Pavlovitch não era certamente mais do que um marido e nenhuma outra coisa. Se era, além disso, funcionário, por exemplo, era unicamente porque as suas ocupações faziam parte, por assim dizer, dos seus deveres de marido. Entrara para o serviço tendo em vista a situação de sua mulher na sociedade de T..., embora fosse por si mesmo um funcionário zeloso. Tinha então trinta e cinco anos e possuía uma certa fortuna, mesmo bastante importante. Não manifestava capacidades notáveis, mas também não mostrava uma notória incapacidade. Tinha relações na melhor sociedade e vivia com certo desafogo material. Natália Vassilievna era muito estimada em T…, mas não fazia disso grande caso, considerando essas homenagens como sendo-lhe devidas; recebia muito bem e tinha educado tão bem Pavel Pavlovitch que ele adquirira excelentes maneiras e sabia receber quando se oferecia a ocasião as pessoas mais importantes de T... Era mesmo talvez inteligente (parecia a Veltchaninov) mas Natália Vassilievna não tinha nenhum empenho em que o marido falasse muito e não se notava a sua inteligência. Possuía talvez bastantes qualidades naturais assim como defeitos, mas as primeiras eram, por assim dizer, cobertas como os móveis que se tapam para se não estragarem; quanto aos maus instintos estavam quase completamente abafados. Veltchaninov lembrava-se, por exemplo, que Trussotzky gostava às vezes de dizer mal do próximo, mas isto também era fiscalizado: não lhe permitiam contar senão histórias insignificantes. Gostava de se reunir com camaradas fora de casa, e tinha

mesmo uma certa inclinação para beber em boa companhia, mas essas tentativas foram cortadas pela raiz. Contudo, a julgar pelas aparências, ninguém teria podido dizer que ele andava sob o chinelo da mulher. Natália Vassilievna parecia uma esposa submissa e talvez mesmo ela julgasse que o era. Pavel Pavlovitch amava talvez Natália Vassilievna loucamente, mas ninguém o podia notar: era impossível saber nada a esse respeito, por causa provavelmente das disposições tomadas nesse sentido por Natália Vassilievna. Várias vezes, durante a sua estada em T..., Veltchaninov se perguntou a si próprio se aquele marido tinha alguma suspeita das suas relações com a mulher dele. Muitas vezes fez muito a sério essa pergunta a Natália Vassilievna, que lhe respondia sempre com impaciência que o marido não sabia nada e não podia nunca nada saber e que, além disso, «-nada tinha com tudo aquilo». Outro traço curioso: ela não se ria nunca de Pavel Pavlovitch e não o achava nunca, fosse no que fosse, ridículo, nem muito desagradável, e tê-lo-ia mesmo calorosamente defendido se alguém se tivesse permitido cometer contra ele qualquer incorreção. Não tendo filhos, tornara-se naturalmente quase apenas uma mulher da sociedade; mas apreciava também bastante a vida de casa. Os prazeres mundanos não a absorviam nunca completamente, e gostava muito de se ocupar do arranjo doméstico e de trabalhos de senhoras. Pavel Pavlovitch havia na véspera recordado as leituras familiares em casa deles, à noite, em T... Assim era efetivamente: era às vezes Veltchaninov quem fazia a leitura, outras vezes Pavel Pavlovitch; este, com grande admiração de Veltchaninov, lia muito bem em voz alta. Quanto a Natália Vassilievna bordava geralmente, seguindo a leitura com calma e atenção. Liam-se romances de Dickens, revistas russas, e às vezes qualquer coisa de «sério». Natália Vassilievna apreciava muito a cultura de Veltchaninov, mas não falava disso; era uma coisa estabelecida, verificada e sobre a qual não era preciso tornar a pronunciar-se. Em geral, era indiferente a tudo o que era ciência e livros como coisas que lhe não diziam respeito, mas que tinham talvez a sua utilidade; quanto a Pavlovitch, falava disso às vezes com uma certa paixão.

Esta ligação acabou subitamente, no momento mesmo em que o amor de Veltchaninov se elevava ao seu mais alto grau e atingia quase a loucura. Foi escorraçado com a maior simplicidade e bruscamente, embora tudo fosse arranjado de tal maneira que ele partiu sem saber que tinha sido já posto de parte «como um velho sapato fora do uso.» Mês e meio antes da

sua partida, apareceu em T... um jovem oficial de artilharia, que acabava de terminar os seus estudos na escola dos cadetes; começou a frequentar a casa dos Trussotzky; em vez de três, eram agora quatro. Natália Vassilievna acolheu o rapaz com benevolência, mas tratava-o como a uma criança. Veltchaninov não suspeitava de nada; tinha além disso outra coisa na cabeça, porque lhe haviam significado de repente que era preciso separarem-se. Entre os cem motivos que, segundo Natália Vassilievna, tornavam necessária a pronta partida de Veltchaninov, ela invocou a sua gravidez: julgava-se grávida; era preciso que ele desaparecesse imediatamente, por uns três ou quatro meses, para que daí a nove meses o marido não pudesse ter nenhuma suspeita se alguém tentasse caluniá-la. O argumento era bastante fraco. Veltchaninov, no ardor da sua paixão, propôs-lhe fugirem para Paris ou para a América, mas partiu sozinho para Petersburgo, por um «tempo muito curto», isto é por três ou quatro meses o máximo; doutra forma ele não teria partido de maneira nenhuma, apesar de todos os argumentos e todas as explicações que tivessem podido apresentar-lhe. Exatamente dois meses depois, recebia em Petersburgo uma carta de Natália Vassilievna que lhe pedia para não tornar a T… porque ela amava outro; quanto à sua gravidez, tinha-se enganado, dizia. Esta explicação era inútil; tudo era agora claro para ele: lembrava-se do pequeno oficial. Aquilo tinha acabado para sempre. Soube mais tarde, alguns anos depois, que Bagautov, que tinha estado em T..., aí permanecera cinco anos. Veltchaninov explicou a si próprio a duração anormal dessa ligação pelo facto de Natália Vassilievna, tendo envelhecido, se prender certamente mais.

Veltchaninov ficou sentado na cama durante quase uma hora; voltou enfim a si, tocou a campainha a chamar Mavra para que lhe trouxesse o café, bebeu-o rapidamente, vestiu-se e saiu, eram precisamente onze horas, para ir à procura do hotel Pokrovsky. Tinha-lhe acudido nessa manhã outra ideia a respeito daquele assunto. Além disso, estava um pouco confuso pela maneira como tinha recebido, na véspera, Pavel Pavlovitch; era preciso tirar tudo aquilo a limpo.

Dizia-se agora a si mesmo que toda a história fantasmagórica da fechadura não era senão o efeito do aceso da embriaguez de Pavel de Pavlovitch e de outra coisa ainda talvez; mas não concebia muito claramente, em suma, o fim que ele tinha em vista indo estabelecer novas relações com o ex-marido, agora que tudo havia tão naturalmente

terminado entre eles. Havia qualquer coisa que o impelia para ele; tinha recebido uma impressão muito especial, e era ela justamente a causa desta atração...

Capítulo 5 — Lisa

Pavel Pavlovitch não pensava em «escapar-se»: Deus sabe por que razão Veltchaninov lhe tinha feito na véspera aquela observação; estava certamente com o espírito perturbado. Num pequeno estabelecimento, perto da praça Prokov, indicaram-lhe o hotel Pokrovsky, a dois passos, numa pequena travessa. No hotel explicaram-lhe que Trussotzky se instalara num quarto mobilado, em casa de uma tal Maria Syssolevna, num anexo, ao fundo do pátio. Quando subia ao segundo andar onde se encontravam os quartos mobilados, por uma escada de pedra, estreita, suja, coberta de detritos, ouviu de repente chorar. Era, parecia, uma criança de sete ou oito anos; o choro era aflitivo; ouviam-se soluços abafados que subitamente rebentavam em pranto e a que se misturavam os gritos furiosos, roucos e agudos de um homem e o ruído de passadas no sobrado. Esse homem esforçava-se, dir-se-ia, por fazer calar a criança por não querer que se ouvisse o choro, mas, procurando conter-se, fazia muito mais ruído do que ela. Os gritos eram ferozes e a criança parecia implorar-lhe perdão. Tendo-se metido por um estreito corredor de cada lado do qual havia duas portas, Veltchaninov encontrou uma mulher alta e forte, meia despida, e perguntou-lhe por Pavel Pavlovitch. A mulher apontou com o dedo a porta atrás da qual se ouvia chorar. O rosto grosseiro e avermelhado dessa mulher, que devia ter uns quarenta anos, exprimia uma certa indignação.

— Vejam como ele se diverte! — disse ela a meia voz descendo a escada.

Veltchaninov ia para bater à porta, mas reconsiderou e abriu-a bruscamente. No meio de um pequeno quarto, cheio de móveis grosseiramente pintados, estava de pé Pavel Pavlovitch, meio vestido, sem colete nem casaco, de rosto vermelho e irritado; gritando, gesticulando e talvez dando-lhe socos (pareceu a Veltchaninov) tentava fazer calar uma pequenita duns oito anos, vestida pobremente, mas como uma menina, com um curto vestido de lã negra. Parecia ter uma crise nervosa e,

soluçando, estendia as mãos para Pavel Pavlovitch, como se o quisesse abraçar, beijar, e implorar. Num instante, tudo isto mudou: à vista de um estranho, a pequenita soltou um grito e correu como uma flecha para o quarto contíguo; quanto a Pavel Pavlovitch, depois de um instante de pasmo, a contração do rosto transformou-se-lhe num sorriso açucarado, exatamente como na véspera, quando Veltchaninov abrira na frente dele de repente a porta da escada.

— Alexei Ivanovitch! — exclamou muito surpreendido. — Realmente não o esperava... Mas faça favor, sente-se aqui. Aqui, neste divã ou nesta poltrona, e eu...

Apressou-se a enfiar o casaco, esquecendo-se de pôr o colete.

— Nada de cerimónias! Fique como estava.

Veltchaninov tomou lugar numa cadeira.

— Não, não! Permita-me que faça uma certa cerimónia. Estou agora mais decente. Mas para que se foi sentar nesse canto? Sente-se nesta poltrona ao pé da mesa... Pois é verdade! não esperava!...

Sentou-se na beira de uma cadeira de palha entrançada, não ao lado do visitante «inesperado», mas voltando a cadeira de modo a ficar quase em frente de Veltchaninov.

— Porque é então que me não esperava? Não lhe disse ontem que viria cá hoje, precisamente a esta hora?

— Pensava que não viria e quando, ao acordar, me lembrei de tudo o que se passou ontem, perdi toda a esperança de o tornar a ver.

Veltchaninov, entretanto, examinava o quarto. Estava em desordem, a cama por fazer, por toda a parte peças de vestuário atiradas ao acaso; em cima da mesa, copos com restos de café, migalhas de pão, uma garrafa de champanhe desarrolhada e quase vazia, e ao lado — um copo. Lançou um olhar para o quartito contíguo; mas tudo lá se conservava silencioso, a pequena estava quieta e calada.

— Que é isto? O senhor agora bebe?

Veltchaninov apontava para a garrafa de champanhe.

— São os restos... — disse Pavel Pavlovitch confuso.

— Como o senhor mudou!

— São maus hábitos: isto veio-me de repente. Foi depois do que se deu; não minto! Foi impossível resistir! Mas não tenha nenhum receio, Alexei Ivanovitch, eu agora não estou embriagado e não direi tolices como ontem, em sua casa. Mas digo-lhe a verdade: foi depois do que se deu. E se

alguém me tivesse dito, aqui há uns seis meses, que eu chegaria a ficar assim tão escangalhado, se alguém me tivesse mostrado num espelho a minha própria imagem atual, eu não teria acreditado.

— Estava, então, ontem embriagado?

— Sim — confessou a meia voz Pavel Paviovitch, confuso e baixando os olhos. — Não estava completamente bêbado, mas tinha bebido umas horas antes. Explico-lhe isto porque fico ainda pior depois da bebedeira: quando ela se dissipa, sou mau, cruel, quase louco, e então a minha mágoa torna-se mais forte; é ela talvez que me faz beber. Sou então capaz das piores asneiras e armo questões por tudo. Devo ter-lhe parecido bem estranho ontem?

— Não se recorda?

— Como não! Lembro-me de tudo...

— Era então como eu pensava, Pavel Paviovitch, e foi assim que eu a mim próprio dei a explicação disso que se passou — disse Veltchaninov num tom conciliador. — Além disso, eu próprio ontem estava um pouco irritado e bastante... impaciente; não tenho dúvida em o confessar. Não me sinto muito bem às vezes, e depois... a sua visita de noite, sem ser esperada...

— Sim, de noite! — Pavel Pavlovitch meneou a cabeça, como se se admirasse do que tinha feito e se censurasse a si próprio. — E que é que me levou a isso? Por nada deste mundo eu teria entrado em sua casa, ter-me-ia ido embora... se o senhor mesmo me não tivesse aberto a porta. Eu já lá tinha ido há quase uma semana, Alexei Ivanovitch, e não o encontrei; mas é possível que eu nunca mais lá tivesse ido. Tenho também o meu orgulho, Alexei Ivanovitch, embora tenha consciência... do estado a que cheguei. Encontrámo-nos na rua, mas eu dizia: «E se ele me não reconhece, se se afasta? nove anos é alguma coisa!» E não me resolvia a falar-lhe. Ora, ontem eu vinha dos arrabaldes e havia completamente perdido a noção do tempo. A culpa era disto — indicou a garrafa — e dos meus sentimentos. É estúpido, muito estúpido! E se isto tivesse acontecido com outro e não com o senhor, eu teria perdido a esperança de reatar as nossas relações: mas o senhor recordando o passado, veio procurar-me, mesmo depois do que se deu ontem.

Veltchaninov escutava com atenção. O homem parecia falar sinceramente e mesmo com uma certa dignidade; mas Veltchaninov não

acreditava nem uma palavra de tudo o que o outro dizia, desde o instante em que entrara em casa dele.

— Diga-me, Pavel Pavlovitch, o senhor não está aqui só? De quem é esta pequenita que eu vi há pouco?

Pavel Pavlovitch, surpreendido, franziu as sobrancelhas; mas dirigiu a Veltchaninov um olhar claro e afável.

— De quem é esta criança? Mas é Lisa — proferiu sorrindo de um modo agradável.

— Qual Lisa? — murmurou Veltchaninov, e sentiu um estremecimento. A impressão era demasiadamente súbita. Há pouco, tendo visto Lisa, ao entrar, ficara surpreendido mas não tivera nenhum pressentimento, nenhuma ideia especial.

— Mas é a nossa Lisa, a nossa filha Lisa! — repetiu Pavel Pavlovitch sempre sorridente.

— A vossa filha! Mas então Natália... Natália Vassilievna tinha filhos? — perguntou timidamente e hesitando Veltchaninov, com uma voz um pouco abafada.

— Mas então não sabe? Ah, é verdade... Como é que o senhor o teria podido saber? Nem sequer pensava nisso! Foi depois do senhor se vir embora que Deus no-la concedeu.

Pavel Pavlovitch estremeceu como se o dominasse uma impressão desagradável.

— Eu não sabia nada — exclamou Veltchaninov, e empalideceu.

— Na verdade, na verdade! Quem é que poderia ter-lho dito! — repetiu Pavel Pavlovitch com uma voz terna e suave. — O senhor mesmo deve recordar-se que nós tínhamos perdido toda a esperança, a falecida e eu, e eis que Deus nos abençoou. Ah! o que eu experimentei então só Ele o sabe! Foi exatamente um ano depois da sua partida. Mas não, menos de um ano, muito menos; espere, se a minha memória me não engana, o senhor deixou-nos em outubro ou mesmo em novembro, não foi?

— Eu retirei de T... no princípio de setembro, a 12 de setembro; lembro-me muito bem...

— Em setembro? Foi? E eu que julgava... — disse muito admirado, Pavel Pavlovitch. — Se é assim, espere: o senhor partiu em 12 de setembro e Lisa nasceu em 8 de maio; há portanto setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril... oito meses e alguns dias! E se o senhor soubesse como a falecida...

— Mostre-ma então! Traga-ma! — murmurou Veltchaninov com uma voz trémula.

— Mas porque não? — exclamou agitado Pavel Pavlovitch, interrompendo logo a sua frase como se ela não tivesse nenhuma importância. — Imediatamente; vou apresentar-lha já!

E passou com uma grande vivacidade para o quarto de Lisa.

Três ou quatro minutos talvez decorreram; no pequeno quarto cochichava-se rapidamente e baixo; a voz de Lisa mal se fazia ouvir; «ela suplica que a não obriguem a sair», pensou Veltchaninov. Finalmente apareceram.

— Ela aqui está, sempre atarantada — disse Pavel Pavlovitch —; tem vergonha, é orgulhosa... o verdadeiro retrato da falecida!

Lisa já não chorava; baixava os olhos; o pai trazia-a pela mão. Era uma rapariguita elegante, delgada, muito linda. Ergueu rapidamente os olhos para Veltchaninov, mas, tendo-o olhado com um ar curioso e sombrio, baixou-os logo. Havia no seu olhar essa gravidade das crianças que, ficando sós com um desconhecido, se metem para um canto e, de lá, graves e desconfiadas, observam o visitante que nunca até então haviam visto. Mas havia talvez mais alguma coisa ainda nesse olhar, um pensamento que não era infantil; assim pareceu a Veltchaninov, junto do qual o pai a conduziu.

— Ouve! Este senhor conheceu a mamã noutro tempo; era nosso amigo. Não tenhas medo, estende-lhe a mão.

A pequenita inclinou-se levemente e estendeu timidamente a mão.

— Natália Vassilievna não queria ensinar-lhe a fazer a reverência; ela devia, à inglesa, inclinar levemente a cabeça e estender a mão — explicou Pavel Pavlovitch a Veltchaninov observando-o atentamente.

Veltchaninov sabia que ele o observava, mas já não pensava em ocultar a sua comoção; imóvel na sua cadeira, tinha a mão de Lisa na sua e contemplava atentamente a criança. Mas Lisa parecia muito preocupada; deixando a mão na daquele estranho, não tirava os olhos do pai e escutava com temor tudo o que ele dizia. Veltchaninov reconheceu imediatamente esses grandes olhos azuis; mas o que o impressionou mais foi a extraordinária brancura e a delicadeza da pele, e a cor dos cabelos; essas particularidades eram suficientemente significativas. Pelo contrário, o oval do rosto e a curva dos lábios lembravam vivamente Natália Vassilievna. Entretanto Pavel Pavlovitch contava já há muito qualquer

coisa e, parecia-lhe, com muito calor e sentimento; mas Veltchaninov não ouvia nada. Não apanhou senão a última frase.

—...Não pode, pois, imaginar, Alexei Ivanovitch, a alegria que nos causou este dom do Senhor; desde o seu aparecimento, esta criança foi tudo para mim. Se, pela vontade de Deus, a minha calma felicidade devia dissipar-se, restava-me Lisa contudo, dizia a mim mesmo. Disso, ao menos, eu estava certo.

— E Natália Vassilievna? — perguntou Veltchaninov.

— Natália Vassilievna? — O rosto de Pavel Pavlovitch contraiu-se ligeiramente. — O senhor conhecia-a bem, não é verdade? recorda-se de que ela gostava pouco de manifestar o que sentia; mas que adeuses ela lhe dirigia no seu leito de morte!... Ela exprimiu tudo, então... Acabo de lhe dizer: «no seu leito de morte». Mas, um dia antes de morrer, começou de repente a agitar-se, a zangar-se; disse que a queriam matar com todas aquelas drogas, que não tinha mais do que uma simples febre e que os nossos dois doutores não compreendiam nada do que ela tinha; que quando Koch fosse para casa (lembra-se dele? o nosso médico militar, um velhinho?) ela deixaria o leito ao cabo de duas semanas. Há mais ainda! Cinco horas antes de entrar na agonia, lembrou-se que daí a três semanas tinha absoluta necessidade de visitar a tia, a madrinha de Lisa, pelo seu aniversário...

Veltchaninov ergueu-se subitamente, sem largar a mão de Lisa. Pareceu-lhe ver uma censura no olhar febril que a criança fixava no pai.

— Ela não está doente? — perguntou com uma voz rápida, estranha.

— Não me parece... Mas como as nossas coisas tomaram uma tal feição... — disse Pavel Pavlovitch com um ar triste e preocupado. — É uma criança esquisita e já bastante nervosa; depois da morte da mãe, ficou doente duas semanas... Uma histérica. Há pouco, quando o senhor entrou, o que ela para aí chorou!... Tu estás a ouvir, Lisa? ouves? E porquê? Porque eu saio e a deixo só, o que quer dizer, parece-lhe a ela, que eu já não gosto dela tanto como no tempo da mãe. Eis do que me acusa. As fantasias que se apoderam da cabeça de uma criança que não devia pensar senão nas suas bonecas. Porém ela não tem aqui ninguém com quem brincar.

— Mas como? Vivem aqui sós?

— Sim, sós... A criada só vem fazer as camas e arrumar os quartos, uma vez por dia.

— E quando o senhor sai, deixa-a assim só?

— Como é que eu podia fazer doutra maneira? Ontem, quando saí, fechei-a à chave neste quartinho: foi justamente por causa disso que chorou hoje. Mas que é que eu posso fazer? Ponha-se o senhor no meu lugar e pense nisto. Há três dias, desceu sozinha ao pátio e um garoto atingiu-a com uma pedra na cabeça. Outra vez pôs-se a chorar e a suplicar a toda a gente para lhe dizer para onde é que eu fui. Compreende que isto assim não pode ser. Mas também eu sou realmente uma peste! Saio por uma hora e não volto senão pela madrugada, como o fiz ontem. E foi ainda uma sorte que o nosso senhorio, pudesse tê-la feito sair, na minha ausência, mandando chamar um serralheiro. É uma vergonha isto! Pareço-me a mim mesmo um monstro. E tudo isto porque tenho a cabeça perturbada, sim, perturbada...

— Papá! — exclamou a pequenita, medrosa e inquieta.

— Outra vez! Vais recomeçar? Que é que eu te disse há pouco?

— Não torno mais, não torno mais — repetiu Lisa, tolhida de terror, estendendo precipitadamente as mãos para ele.

— Isto não pode continuar assim — interveio impacientemente e em tom imperioso Veltchaninov. — O senhor tem meios: porque vive assim, neste pavilhão e nestas condições?

— Neste pavilhão? Mas nós vamos talvez partir dentro de uma semana, e gastámos já muito dinheiro, e mesmo quando se tem alguma coisa de seu...

— Basta, basta — interrompeu Veltchaninov cada vez mais impaciente, como se deixasse claramente entender: «E inútil falar, eu sei tudo o que tu vais dizer e com que fim tu o dizes». — Ouça, vou fazer-lhe uma proposta: acabou de dizer que ficará aqui ainda uma semana, talvez duas. Eu tenho aqui uma casa, uma família onde estou perfeitamente como se fosse minha, e há vinte anos já. É um Pogoreltzev, conselheiro secreto, que poderia ser-lhe útil no seu caso. Ele e os seus encontram-se agora no campo onde possuem uma herdade magnífica. Cláudia Petrovna Pogoreltzev é para mim como uma mãe, como uma irmã. Têm oito filhos. Deixe-me levar Lisa para casa deles... É para não perder tempo... Recebê-la-ão com alegria e tratá-la-ão como se fosse filha deles, todo esse tempo; sim, tratá-la-ão como filha.

— Isso é completamente impossível — disse Pavel Pavlovitch tomando ares e fitando-o nos olhos, maliciosamente segundo pareceu a

Veltchaninov.

— Porquê? Porque é impossível?

— Mas então isto pode ser? Deixar partir assim a criança, e tão bruscamente, com um amigo como o senhor, é verdade, concordo, mas para casa de uma família desconhecida, e pertencendo à alta sociedade; pergunto a mim mesmo como é que aceitarão isso.

— Mas já lhe disse que eu estou em casa dessas pessoas como se fossem a minha própria família! — exclamou Veltchaninov, quase furioso. — Será uma felicidade para Cláudia Petrovna recebê-la a pedido meu como minha própria filha... Que diabo o leve! Sabe muito bem que diz isso unicamente para falar... É claro.

Bateu mesmo com o pé no chão.

— Digo isto, porque receio que uma coisa destas pareça esquisita. Era preciso que eu a fosse ver uma vez ou duas; e que se diria não vendo o pai?... Hi... hi... E uma casa tão rica!...

— Mas é uma casa muito simples e nada «rica» — gritou Veltchaninov. — Digo-lhe que têm muitos filhos. Ela ressuscitará, é para isso... Eu apresento-o ao senhor amanhã, se o deseja. Será mesmo necessário que lá vá, para agradecer. Nós iremos lá a casa todos os dias, se quiser...

— E contudo...

— É um absurdo! E o senhor sabe-o muito bem. Ouça, venha a minha casa esta tarde, passará lá a noite, e amanhã partiremos de manhã cedo para chegar lá ao meio dia.

— Que generoso! Passar a noite em sua casa... É um favor realmente... E onde se encontra essa herdade? — perguntou Pavel Pavlovitch, parecendo já aceder.

— Em Liessnoi.

— E o vestuário! Uma família tão altamente colocada... e no campo ainda... O senhor sabe... O coração de um pai!

— E que necessidade tem ela doutro vestuário? Está de luto. Pode usar outros? Está o melhor que pode ser! Roupa lavada, um pequeno laço para o pescoço; é tudo o que é preciso. — O laço e a roupa branca que se lhe entrevia estavam, efetivamente, muito sujos.

— Pronto! Ela vai mudar imediatamente de roupa, apressou-se Pavel Pavlovitch. Preparar-lhe-ei em seguida mais roupa para mudar; está na barreia em casa de Maria Syssoievna.

— Então é preciso mandar buscar um carro, interrompeu Veltchaninov... E o mais depressa possível.

Mas um obstáculo surgiu. Lisa revoltou-se; ela seguira com terror a conversação e, se Veltchaninov tivesse tido tempo para a olhar atentamente, enquanto persuadia Pavel Pavlovitch, teria visto o desespero que exprimia esse rostozinho.

— Não vou — declarou com uma voz fraca, mas firme.

— Vê, vê? É o retrato da mãe!

— Não, eu não sou o retrato da mamã, não sou o retrato da mamã! — gritava Lisa no cúmulo do desespero, torcendo as pequeninas mãos, como se protestasse diante do pai contra a terrível acusação de se parecer com a mãe. — Papá, papá, se me deixa...

Precipitou-se de repente para Veltchaninov terrificado.

— Se o senhor me leva, eu...

Mas não pôde continuar; Pavel Pavlovitch pegou-lhe na mão e levou-a para o quartinho sem dissimular já a sua raiva. Houve lá novo cochichar de vozes, choros abafados. Veltchaninov dispunha-se já a entrar lá, quando Pavel Pavlovitch saiu e lhe declarou com um sorriso como uma careta que a pequena vinha já. Veltchaninov esforçou-se por o não ver e desviou os olhos.

Entrou Maria Syssoievna, a mesma mulher que encontrara ao chegar ao corredor; e meteu numa linda maleta a roupa branca que acabava de trazer para Lisa.

— É o senhor que leva a criança? — perguntou ela a Veltchaninov. — Tem família? Faz bem em a levar. É uma criança meiga; vai tirá-la de um inferno.

— Que diz, Maria Syssoievna? — balbuciou Pavel Pavlovitch.

— Que é que está a dizer? Maria Syssoievna! Toda a gente sabe que me chamo assim! Não é um inferno em tua casa? Tem algum jeito que uma criança que compreende tudo assista a tais torpezas? Trouxeram-lhe uma carruagem, senhor; é para Liessnoi?

— Sim, sim.

— Boa viagem, então!

Lisa apareceu, pálida, de olhos baixos; pegou na maleta, sem um olhar para Veltchaninov. Conteve-se e não se precipitou, como há pouco, para beijar o pai; mesmo quando se despediu dele, não o queria olhar. Pavel Pavlovitch, muito corretamente, beijou-a na testa e acariciou-lhe os

cabelos; os lábios da criança estenderam-se a esse gesto, o queixo tremeu-lhe, mas não ergueu os olhos. Pavel Pavlovitch estava um pouco pálido e as mãos tremiam-lhe; Veltchaninov notou-o perfeitamente, embora fizesse os maiores esforços para o não olhar. Não queria senão uma coisa: partir o mais depressa possível. «Não sou culpado, pensava: aconteceu o que tinha de acontecer!»

Desceram; Maria Syssoievna e Lisa beijaram-se; e foi só então, já na carruagem, que Lisa ergueu os olhos para o pai; e de repente, unindo as mãos, soltou um grito; um segundo mais e ela ter-se-ia precipitado para ele, saltando da carruagem, mas os cavalos partiram.

Capítulo 6 — O Novo Capricho de um Ocioso

— Sente-se mal? — perguntou Veltchaninov, aterrorizado. — Eu mando parar e mando que lhe tragam água...

Ela ergueu para ele um olhar ardente, cheio de censuras.

— Onde me leva? — perguntou com uma voz áspera, sacudida.

— É uma encantadora família, Lisa. Mora numa casa muito linda; há lá muitos meninos; serão todos muito seus amigos; são todos tão bons... Não esteja zangada comigo, Lisa; eu quero-lhe bem...

Como ele teria parecido estranho a quantos o conheciam, se o tivessem podido ver.

— O senhor... o senhor... Oh! como é mau! — disse Lisa, estrangulada por soluços abafados e fitando-o com os seus belos olhos faiscantes de cólera.

— Lisa, eu...

— Ê um mau, um mau, um mau!

E torcia as mãos.

Veltchaninov perdia a cabeça.

— Lisa, minha querida, se soubesse como me desespera!

— É verdade que ele virá amanhã? É verdade? — perguntou ela com autoridade.

— É verdade, é verdade! Trá-lo-ei eu próprio. Irei procurá-lo e levo-o.

— Ele enganar-nos-á — murmurou Lisa baixando os olhos.

— Ele não é seu amigo, Lisa?

— Não, não gosta de mim.

— Ele faz-lhe mal? Sim? mal?

Lisa olhou-o com um ar sombrio e conservou-se calada. Desviou de novo os olhos e manteve-os obstinadamente baixos. Ele tentou convencê-la; falou-lhe calorosamente, dominado ele próprio por uma agitação febril. Lisa escutava-o, desconfiada, hostil; contudo escutava-o. A sua atenção causou-lhe um grande prazer; pôs-se mesmo a explicar-lhe o que era um

homem que bebe. Disse-lhe que ele gostava muito dela e que iria velar pelo pai.

Lisa levantou finalmente os olhos e olhou-o atentamente.

Ele contou-lhe então como tinha conhecido a mãe dela, e notou logo que isto a interessava. Pouco a pouco a pequenita começou a responder às suas perguntas, mas com prudência, por monossílabos, como embezerrada. Às perguntas importantes não dava contudo nenhuma resposta: calava-se obstinadamente sobre tudo o que dizia respeito às suas relações com o pai.

Conversando, Veltchaninov tomou-lhe, como há pouco, a pequenina mão na sua e não a largou mais; ela não a retirou. A pequenita mesmo não se conservou silenciosa todo o tempo; acabou por deixar ouvir, em termos pouco claros, que dantes ela gostava mais do pai do que da mãe; mas que a mãe, no momento de morrer, a tinha beijado com muita força e a chorar, quando todos tinham deixado o quarto e que elas tinham ficado sós... e que agora ela amava a mãe mais do que tudo no mundo, e que a amava cada noite mais. Mas a criança era, efetivamente, muito altiva: reparando de repente que tinha dito demais encerrou-se de novo no seu mutismo. Lançou mesmo um olhar rancoroso a Veltchaninov que a tinha levado a falar.

Para o fim da viagem, o seu nervoso tinha-se quase acalmado, mas tornou-se extremamente pensativa, lançando olhares selvagens, mostrando um rosto sombrio e obstinado. A ideia de que a levavam para casa de pessoas desconhecidas, onde nunca tinha estado, não parecia preocupá-la no momento. Outra coisa a fazia sofrer, Veltchaninov compreendia-o; adivinhava que tinha vergonha *dele,* que se envergonhava de seu pai a ter tão facilmente deixado partir, como se quisesse desembaraçar-se dela.

«Ela está doente, talvez gravemente, pensava ele. Torturaram-na... Oh! maldito bêbado, infame! Compreendo-o a ele agora!»

Dava pressa ao cocheiro. Fundava grandes esperanças no ar do campo, no jardim, nas crianças, na influência de uma vida nova para ela, e depois...

Quanto ao que sucederia depois não tinha a menor dúvida; um futuro luminoso, cheio de esperança, se abria diante dele. Estava certo de uma coisa, em todo o caso: é que nunca até então tinha sentido o que sentia nesse instante, e que era para toda a vida! «Eis o objetivo! Eis a vida!» pensava com exaltação.

As ideias acumulavam-se-lhe no espírito, mas ele não se detinha e evitava obstinadamente os pormenores; sem eles, tudo parecia claro e sólido. O seu plano geral surgia por si mesmo: «É preciso manobrar esse miserável reunindo todas as nossas forças, pensava; ele deixará Lisa em casa dos Pogoreltzev, por um tempo a princípio, fixando um prazo, e partirá só; Lisa ficará comigo e eis tudo. Que mais é preciso? E... além disso, ele próprio o deseja, porque, se assim não fosse, para que a martirizava assim?

Chegaram enfim. A «villa» dos Pogoreltzev estava efetivamente muito bem situada. O grupo ruidoso das crianças apareceu na porta e precipitou-se ao seu encontro. Havia já muito tempo que Veltchaninov não ia lá, e a alegria das crianças era enorme: estimavam-no ali muito. Os mais velhos, antes mesmo que ele tivesse descido da carruagem, gritaram-lhe logo:

— E a sua demanda? A sua demanda?

Os mais pequenos apanharam a frase e repetiram-na com risos e gritos. Brincava-se lá em casa com ele por causa da sua demanda. Mas, tendo descoberto Lisa, rodearam-na e puseram-se a examiná-la com essa curiosidade silenciosa e atenta que é própria das crianças. Depois apareceu Cláudia Petrovna, seguida pelo marido; também eles, logo às primeiras palavras, começaram a interrogá-lo, rindo, a respeito da sua demanda.

Cláudia Petrovna era uma senhora de uns trinta e sete anos, morena, bastante forte e ainda linda, o rosto fresco e rosado. O marido tinha cinquenta e cinco anos; era um homem inteligente, ardiloso, mas principalmente bom. Em casa deles, Veltchaninov sentia-se verdadeiramente como no seu «próprio lar», segundo a sua expressão. Havia para isso também uma razão especial: vinte anos antes, Cláudia Petrovna estivera quase a casar-se com Veltchaninov que não passava então de um rapazola, um estudante. Era o primeiro amor de ambos, amor ardente, ridículo e belo. Mas afinal viera a casar com Pogoreltzev. Cinco anos depois, voltaram a encontrar-se e ligaram-se então por uma amizade pura e calma. Do seu amor subsistiu sempre uma certa ternura., uma claridade especial que iluminava as suas relações de amizade. Tudo era puro e irrepreensível nas recordações de Veltchaninov relativas a esse passado e apreciava-o tanto mais que era talvez essa a única exceção na sua vida. Ali, naquela família, era simples, ingénuo e bom; ocupava-se das crianças e a sua atitude era sempre sincera e franca. Mais de uma vez, jurou ao Pogoreltzev que mais cedo ou mais tarde viria instalar-se

definitivamente em casa deles para nunca mais os deixar, e pensava muito a sério neste projeto.

Contou-lhes com os pormenores indispensáveis o que eles deviam saber a respeito de Lisa; que, afinal, ter-lhe-ia bastado exprimir um desejo sem entrar em longas explicações. Cláudia Petrovna beijou «a órfã» e prometeu fazer tudo o que pudesse. As crianças apoderaram-se de Lisa e levaram-na para brincar no jardim. Ao cabo de meia hora de uma conversação animada Veltchaninov levantou-se e despediu-se. Estava dominado por uma tal impaciência que toda a gente o notou. Admiraram-se: a ausência dele havia durado três semanas, e ei-lo que partia ao fim de meia hora! Ele ria e jurava voltar no dia seguinte. Observaram-lhe que parecia estar bastante comovido. Agarrou de repente as mãos de Cláudia Petrovna e, pretextando um assunto importante de que se tinha esquecido de lhe falar, levou-a para a sala contígua.

— Recorda-se do que lhe contei, só a si, e que ignora mesmo seu marido, do ano que passei em T...?

— Recordo-me perfeitamente; falava disso tantas vezes...

— Eu não falava disso; confessava-me a si, a si só. Nunca lhe disse quem era essa mulher; era a mulher deste Trussotzky. Foi ela que morreu e Lisa é filha dela, é minha filha!

— Tem a certeza disso? Não se engana? — perguntou Cláudia Petrovna, muito comovida.

— Não, não! Não me engano — respondeu Veltchaninov, com vivacidade.

E contou tudo, o mais brevemente que pôde, com uma pressa febril. Cláudia Petrovna sabia tudo já mas não sabia o nome da mulher de quem se tratava. Veltchaninov experimentava um tal terror à ideia de que um dos seus conhecimentos pudesse encontrar *Madame* Trussotzky e dizer a si mesmo que *ele,* Veltchaninov, pudera amar *assim* aquela mulher, que não tinha nunca ousado revelar mesmo a Cláudia Petrovna, sua única amiga, o nome de «essa mulher».

— E o pai não sabe nada? — perguntou ela quando ele acabou.

— Sabe... É justamente o que me faz sofrer, é o que não compreendo ainda bem, respondeu Veltchaninov com calor. Sabe, sabe, notei isso ontem e hoje. Mas preciso de averiguar o que é que ele sabe ao certo. É por causa disso que tenho pressa. Esta tarde ele virá. Não compreendo muito bem, além disso, como ele poderia ter sabido, sabido tudo. Está a

par de tudo o que diz respeito a Bagautov; nenhuma dúvida sobre isto; mas quanto a mim? A senhora sabe como, em casos destes, as mulheres conseguem convencer os maridos. Se mesmo um anjo descesse do céu, não era nele que o marido acreditaria, mas na sua mulher. Não meneie a cabeça, não me condene. Eu julguei-me já a mim próprio e condenei-me, já há muito tempo, há muito tempo!... Veja, há pouco eu estava tão certo de que ele sabia tudo que me comprometi conscientemente a mim próprio aos olhos dele. Creia-me, sinto vergonha, e pesa-me bastante por o ter tão grosseiramente recebido ontem (contar-lhe-ei mais tarde tudo isso pormenorizadamente)! Veio a minha casa ontem, movido pelo desejo perverso, incivil, de me fazer compreender que ele sabia a ofensa que lhe tinha sido feita e o nome do ofensor. Foi esta a única razão do seu estúpido aparecimento, de noite, e meio bêbado. Mas é isso tão natural da parte dele! Veio precisamente para me confundir. Mas eu conduzi todo este assunto com excessivo calor, ontem e hoje. Fui imprudente, estúpido! Traí-me a mim mesmo. Porque apareceu ele num momento em que eu estava tão nervoso? Digo-lhe isto: ele até torturava Lisa, uma criança: para a humilhar também, certamente, para descarregar a sua raiva, ainda que não fosse senão sobre uma criança. Sim, tornou-se rancoroso agora; por mais nulo que seja, está cheio de malvadez. Não passa de um bufão, evidentemente, embora dantes, afirmo-lho, parecesse um homem honesto, tanto quanto isso lhe era possível; mas é tão natural que se tenha lançado na devassidão! É preciso, minha cara amiga, ver estas coisas como cristão. E sabe, minha querida, minha boa amiga, eu quero mudar completamente de atitude para com ele: quero tratá-lo bem e isto será, creio-o, uma «boa ação» da minha parte. Porque, seja ele o que for, eu sou culpado para com ele. Ouça, vou confessar-lhe uma coisa. Uma vez, em T..., tive necessidade de quatro mil rublos: pois bem; ele emprestou-mos imediatamente, sem o menor papel, satisfeito por me poder ser agradável; e eu peguei naquele dinheiro, aceitei-o das suas mãos, compreende? Recebi-lhe dinheiro emprestado a título de amigo.

— Mas seja prudente — observou com inquietação Cláudia Petrovna. — Que entusiasmo! Temo por si. Lisa é evidentemente a minha filha agora; mas restam ainda tantas coisas para elucidar! E, sobretudo, seja mais prudente; é-lhe preciso proceder com circunspeção, quando se sentir feliz como neste momento; é demasiadamente generoso quando se sente feliz — acrescentou ela sorrindo.

Saíram todos para o acompanhar até à porta; as crianças trouxeram Lisa que brincava com elas no jardim. Pareciam considerá-la ainda com mais perplexidade do que há pouco. Lisa perdeu toda a continência quando Veltchaninov a beijou diante de toda a gente, despedindo-se dela e repetindo-lhe calorosamente a promessa de voltar no dia seguinte com o pai. Até ao último momento, não pronunciou uma palavra, fitando-o sempre; mas, de repente, agarrou-lhe pela manga do casaco e puxou-o à parte, implorando-o com os olhos; ela queria dizer-lhe qualquer coisa. Ele levou-a logo à sala pegada.

— Que há, Lisa? — perguntou com uma voz meiga e persuasiva.

Mas, lançando em volta de si olhares inquietos, a pequenita levou-o para um canto afastado; parecia querer esconder-se de toda a gente.

— Que há, Lisa, que há?

Ela conservava-se calada e não se decidia a falar; fixava-o com os seus olhos azuis, e o seu rosto exprimia um terror louco.

— Ele... vai enforcar-se... — murmurou como em delírio.

— Quem é que se vai enforcar? — perguntou Veltchaninov aterrado.

— Ele, ele! Queria atar uma corda ao pescoço esta noite! — disse a criança com uma voz precipitada, ofegante. — Vi-o eu! Queria enforcar-se, disse-me! disse-me! Há muito tempo que ele o queria fazer!... E eu vi-o de noite...

— Isso não pode ser — murmurou Veltchaninov perturbado.

Subitamente ela começou a beijar-lhe as mãos; chorava e os soluços sufocavam-na; pedia, implorava, mas ele não conseguia compreender as suas palavras entrecortadas. Recordava-se sempre, depois, do olhar apavorado dessa criança martirizada; os seus olhos loucos de terror e fixos nele numa suprema esperança perseguiam-no até nos seus sonhos.

«É possível que ela o ame tanto? pensava ciosamente, com inveja, voltando à cidade, dominado por uma impaciência febril. Há pouco ela própria disse que amava mais a mãe... Pode ser que o que ela sente por ele seja ódio e não amor. Que vem a ser essa história mais? Enforcar-se! Que é que ela disse? Ele, esse imbecil, enforcar-se?... É preciso tirar isto a limpo, é preciso. É preciso também encontrar uma solução o mais depressa possível, uma solução definitiva.»

Capítulo 7 — O Marido e o Amante Beijam-se

Ele tinha um desejo irresistível de «saber». «Há pouco estava completamente transtornado e não tive tempo de procurar saber tudo.» Tendo pressa de apurar tudo rapidamente, resolveu na sua impaciência fazer-se transportar diretamente a casa de Trussotzky; mas reconsiderou logo: «Não, é melhor que ele venha a minha casa e, entretanto, terminarei o mais rapidamente possível o trabalho que tenho a fazer por causa dessa maldita demanda.»

Começou febrilmente nessa ocupação, mas teve de reconhecer que, dessa vez, se encontrava desatento ao que fazia e que lhe era impossível trabalhar nesse dia. Às cinco horas, quando ia jantar, veio-lhe de repente, pela primeira vez, uma ideia que lhe pareceu cómica: talvez que ele não fizesse realmente senão retardar o andamento da sua demanda intervindo, mexendo-se, correndo os tribunais, perseguindo o advogado, que era evidente o evitava. Esta ideia fê-lo rir alegremente. «Se esta ideia me tivesse vindo ontem, teria ficado desolado», disse a si mesmo ainda mais satisfeito. Apesar da sua alegria, ia ficando cada vez mais distraído e impaciente, e acabou por mergulhar numa vaga meditação; o pensamento inquieto tentava prender-se a diversas coisas, sem conseguir fixar-se na que para ele era a mais importante.

«É dele que eu tenho necessidade, desse homem! disse enfim. É preciso que eu o decifre, e depois se decidirá o que há a fazer. Tudo isto é como se estivéssemos travando um verdadeiro duelo!»

Voltando a casa, às sete horas, não encontrou Pavel Pavlovitch, o que começou apenas por o surpreender, mas depois o irritou e acabou por o impressionar desagradavelmente: teve medo... «Deus sabe como tudo isto acabará» dizia consigo mesmo repetidas vezes, ora passeando agitadamente pelo quarto, ora estendendo-se sobre o divã, sem perder de vista o relógio. Eram já perto das nove horas quando Pavel Pavlovitch apareceu finalmente. «Este velhaco não podia ter achado melhor maneira de me fazer irritar; estou completamente desorientado.» Mas, tendo feito

esta reflexão, sentiu-se de repente perfeitamente à vontade e bem-disposto.

A pergunta que fez num tom de bom humor: «Porque é que demorou tanto?», Pavel Pavlovitch esboçou a careta de um sorriso, sentou-se com certa desenvoltura, numa atitude muito diferente da do dia anterior e, com um gesto negligente, atirou para cima de uma cadeira o seu chapéu com fita de crepe. Veltchaninov notou imediatamente essa atitude e deliberou conservar-se na defensiva.

Tranquilamente, sem palavras inúteis, tendo-se dissipado a emoção de há pouco, contou-lhe a sua viagem com Lisa e como a tinham acolhido; explicou-lhe a utilidade da permanência da pequenita naquela casa para a saúde dela; e pouco a pouco, como se esquecesse Lisa, começou a falar exclusivamente de Pogoreltzev. Falou da sua bondade, das antigas relações de amizade que os ligavam, da situação importante que Pogoreltzev ocupava, da sua influência, da sua afabilidade e doutras coisas semelhantes. Pavel Pavlovitch ouvia-o distraidamente, sorrindo às vezes com um ar malicioso e desdenhoso e lançando-lhe de vez em quando olhares dissimulados.

— O senhor é um entusiasta — proferiu por fim, e teve um sorriso perverso.

— E o senhor tem hoje um ar bastante desagradável — observou Veltchaninov, irritado.

— E porque é que eu não hei de ser mau como é toda a gente? — explodiu de repente Pavel Pavlovitch, como movido por uma mola.

Dir-se-ia que não estava à espera senão do momento oportuno para saltar sobre o adversário.

— Como quiser — disse Veltchaninov com um sorriso de troça. — Julguei que lhe tinha sucedido alguma coisa.

— Sim, sucedeu-me alguma coisa! — exclamou Pavel Pavlovitch, como se se gabasse.

— E que foi?

Pavel Pavlovitch demorou um instante a responder.

— Sim, é ainda o nosso Stepane Mikailovitch... Bagautov, que fez das suas, esse elegante mancebo de Petersburgo, esse *gentleman* da mais alta sociedade.

— Tornaram a não o receber?

— Não, desta vez receberam-me. Deixaram-me entrar pela primeira vez e pude contemplar as suas feições... Mas eram já as de um defunto!...

— Como! Bagautov morreu? — exclamou Veltchaninov surpreendido, embora na verdade não tivesse de que o estar.

— Sim, o nosso antigo e fiel amigo! Morreu pelo meio-dia, e eu não sabia nada! E foi talvez precisamente no momento em que eu fui saber notícias dele! O enterro é amanhã; está já no caixão forrado de veludo vermelho com galões dourados... Morreu de febre maligna. Sim, permitiram-me que entrasse e contemplasse o seu rosto. Eu tinha dito que me considerava como um seu verdadeiro amigo e deixaram-me entrar. Mas, veja lá, a partida que me pregou esse velho e querido amigo! Foi talvez unicamente para lhe falar a ele que eu vim a Petersburgo!

— Mas que razão há para se irritar? — disse Veltchaninov. — Ele não o fez de propósito!

— Digo isto porque lamento esse excelente amigo... Sabe o que ele me fez?...

E de repente Pavel Pavlovitch, com um gesto inesperado, ergueu dois dedos por cima da fronte calva, como dois chifres, e teve um riso silencioso. Ficou assim, rindo, com os chifres na fronte, meio minuto, olhando Veltchaninov a direito nos olhos com uma impudência triunfante. Este ficou petrificado, como à vista de um espectro; mas esta estupefação durou apenas um instante; um sorriso irónico e calmo, quase insolente, deslizou-lhe nos lábios.

— Que é que isso quer dizer? — perguntou indolentemente, proferindo vagarosamente as palavras.

— São chifres — respondeu brutalmente Pavel Pavlovitch baixando enfim os dedos,

— Os seus chifres?

— Claro, os meus, e que eu muito bem adquiri!

E Pavel Pavlovitch teve de novo um mau sorriso.

Ambos se calaram.

— O senhor é corajoso — pronunciou Veltchaninov.

— Porquê? Porque lhe mostrei estes chifres? Ouça, Alexei Ivanovitch, faria melhor se me oferecesse qualquer coisa. Eu recebi-o e dei-lhe de comer em T... durante um ano, todos os dias que Deus botou ao mundo... Mande vir uma garrafa; tenho a garganta seca.

— Com prazer... Devia tê-lo já dito há mais tempo. Que é que o senhor quer beber?

— Porque diz *o senhor?* Diga *nós*. Nós vamos beber juntos, não é verdade? — insistiu Pavel Pavlovitch, encarando-o com um ar de desafio, mas ao mesmo tempo com uma estranha inquietação.

— Champanhe?

— Como beber outra coisa! Não estamos ainda na fase da água ardente!...

Veltchaninov ergueu-se sem se apressar, tocou a campainha chamando Mavra e deu-lhe ordens.

— Ao prazer do nosso alegre encontro depois de nove anos de separação! — tentou chalacear sem êxito Pavel Pavlovitch. — É agora o senhor, o senhor apenas, o meu verdadeiro amigo! Stepane Mikailovitch Bagautov já não existe! E, como diz o poeta,

O grande Pátroclo já não existe,
Mas está vivo o vil Tersites!

E ao nome de «Tersites» apontou-se a si próprio com o dedo.

«Vamos, animal, explica-te depressa! eu não gosto de alusões», dizia consigo Veltchaninov. A cólera fervia dentro dele, e há muito já que fazia um grande esforço para se conter.

— Mas diga-me — começou com um ar sorridente —, se acusa assim Stepane Mikailovitch (já lhe não chamava agora familiarmente Bagautov), foi uma felicidade para si que o seu ofensor tivesse morrido; quem é pois que o vexa?

— Porque é uma felicidade? Que felicidade?

— Julgo segundo os seus sentimentos.

— Hi... hi; engana-se nesse caso, a respeito dos meus sentimentos: um sábio o disse: «Um inimigo morto é uma coisa boa; mais um inimigo vivo, é ainda melhor.» Hi... hi... hi...

— Mas o senhor teve-o vivo durante cinco anos, viu-o todos os dias, suponho; teve todo o tempo de o contemplar, observou maldosamente e com insolência Veltchaninov.

— Mas então... sabia-o eu então? — explodiu subitamente Pavel Pavlovitch, movido de novo como por uma mola, e mesmo com uma certa

alegria, como se lhe tivessem posto a questão que ele esperava há muito. — Por quem me toma então, nesse caso, Alexei Ivanovitch?

Uma expressão nova, imprevista, lhe brilhou no olhar e lhe transformou completamente o rosto contraído até então numa careta vil e perversa.

— Como? É possível que nada tenha sabido? — proferiu desorientado e no cúmulo do pasmo Veltchaninov.

— Sabia-o eu? sabia isso? Oh! vós outros, da raça de Júpiter!... Um homem para vós não é mais do que um cão, e julgais toda a gente segundo a vossa miserável natureza. Aí tem! Engula isso!

E bateu com o punho fechado em cima da mesa com fúria; mas o seu gesto atemorizou-o logo a si próprio e lançou em volta um olhar medroso.

Veltchaninov ergueu-se.

— Ouça, Pavel Pavlovitch, é-me absolutamente indiferente, deve concordar, que o tenha sabido ou não. Se o não sabia, isso é honroso para si, em todo o caso, se bem que... Além disso, eu não compreendo porque é que me escolheu para confidente...

— Não era o senhor quem eu tinha em vista... Não se zangue, não é o senhor — murmurou Pavel Pavlovitch, com os olhos baixos.

Mavra entrou com o champanhe.

— Ei-lo! — exclamou Pavel Pavlovitch, visivelmente satisfeito com esta diversão à conversa. — Copos, tiazinha, copos! Muito bem! Não nos falta já mais nada, minha querida! Já desarrolhado! Honra e glória a si, encantadora criatura! E, agora, desapareça!

E, tendo retomado o seu aprumo, olhou de novo com insolência Veltchaninov.

— Confesse — caçoou de repente — que tudo isto o interessa muito e que lhe não é absolutamente «indiferente», como se dignou dizer; e interessa-o a tal ponto que ficaria desolado se eu me levantasse neste momento e me fosse embora sem lhe ter explicado nada.

— Engana-se, não ficaria de modo nenhum desolado.

«Mentes!» dizia o sorriso de Pavel Pavlovitch.

— Bem, comecemos! — Deitou o vinho nos copos. — Bebamos! — disse erguendo o seu copo. — Bebamos à saúde desse pobre amigo Stepane Mikailovitch, falecido com o conforto da religião.

Ergueu o copo e bebeu.

— Não aceito um semelhante brinde e não bebo — disse Veltchaninov tornando a pôr o copo na mesa.

— Mas porquê? É um brindezinho encantador.

— Ouça! Ao entrar aqui, não vinha já embriagado?

— Efetivamente, bebi um pouco. Porque me pergunta isso?

— Não é nada de especial; mas pareceu-me que, ontem e sobretudo esta manhã, o senhor se mostrava sinceramente saudoso da Natália Vassilievna.

— E quem lhe diz que me não suceda o mesmo neste momento?

E Pavel Pavlovitch pôs-se de repente direito, como estava há pouco.

— Não se trata disso; mas ouça, pode talvez enganar-se a respeito de Stepane Mikailovitch, e isso é muito grave.

Pavel Pavlovitch teve um sorriso velhaco e piscou um olho.

— Ah! quer saber como é que eu consegui descobrir a verdade a respeito de Stepane Mikailovitch!

Veltchaninov corou.

— Repito-lhe que isso me é indiferente.

E dizendo isto perguntava a si mesmo com raiva, tornando-se-lhe o rosto cada vez mais vermelho:

«Se eu o atirasse pela porta fora, com a garrafa e tudo?»

— Isto não é nada! — disse Pavel Pavlovitch, como se quisesse encorajá-lo.

E encheu outra vez o copo. Depois prosseguiu:

— Vou explicar-lhe como soube tudo e satisfarei assim os seus mais ardentes desejos... Porque o senhor é um homem muito ardente, Alexei Ivanovitch, um homem muito ardente! Hi... hi... Mas dê-me um cigarro, porque desde o mês de março...

— Aqui tem o cigarro.

— Eu tornei-me um pouco devasso, Alexei Ivanovitch, desde o mês de março; e vou dizer-lhe como isto sucedeu. Escute. A tuberculose, como sabe, meu caro amigo, é uma doença curiosa. Acontece continuamente o tuberculoso morrer sem ter suspeitado na véspera que no dia seguinte já não estaria vivo. Saiba que cinco horas antes do seu fim, Natália Vassilievna se preparava para ir visitar, daí a duas semanas, a tia, que morava a quarenta verstas da nossa casa. Sabe também naturalmente o hábito ou antes a mania que têm muitas senhoras e cavalheiros de conservar com eles toda a espécie de velharias que dizem respeito à sua

correspondência amorosa. O mais seguro seria lançar tudo ao lume, não é verdade? Mas não, guardam cuidadosamente todas as cartas e os mais insignificantes pedaços de papel, nas suas caixas, nas suas gavetas, numerando-os, por anos, por datas, e classificando-os. Isso consola-os talvez, não sei; mas é provavelmente para lhes renovar recordações agradáveis. Ora, dispondo-se cinco horas antes da sua morte a ir ver dentro de poucos dias a tia, Natália Vassilievna não pensava evidentemente no seu próximo fim, nem mesmo quando chegou o último momento e em que ela continuava a esperar o doutor Koch. Sucedeu pois, que Natália Vassilievna morreu tendo deixado a caixinha de pau preto com incrustações de prata na sua secretária. Uma linda caixinha, que se fechava à chave; estava há muito tempo na família e vinha-lhe da avó. Sim, foi graças a essa caixinha que tudo se descobriu, tudo, sem nenhuma exceção, dia por dia, ano por ano, e durante vinte anos. E como Stepane Mikailovitch tinha uma verdadeira paixão pela literatura e enviara mesmo à redação de uma revista uma novela muito comovente, a caixinha continha pelo menos umas cem dessas produções. É verdade que aquilo tinha durado cinco anos. Alguns números da revista estavam anotados pela mão de Natália Vassilievna. É bastante agradável isto para o marido, não lhe parece?

Veltchaninov concentrou rapidamente as suas recordações e lembrou-se de que nunca escrevera a Natália Vassilievna nem uma carta nem mesmo um simples bilhete. Escrevera duas vezes de Petersburgo, é verdade, mas dirigindo-se aos dois esposos, como estava combinado.

A última carta de Natália de Vassilievna que o despedia definitivamente tinha ficado sem resposta da sua parte.

Tendo terminado a sua narrativa, Pavel Pavlovitch calou-se durante um minuto, sorrindo com insistência e parecendo pedir uma resposta.

— Porque não respondeu nada à minha perguntazinha? — perguntou enfim com manifesto sofrimento.

— A que pergunta se refere?

— Àquela que lhe fiz sobre os sentimentos do marido que descobre uma caixa deste género...

— Ah! que é que isso me importa!

Veltchaninov teve um gesto de bom humor, ergueu-se e pôs-se a passear pelo quarto, de uma parede à outra.

— Aposto que está a pensar consigo: «Que safado que tu és em expor assim a tua desonra!» Hi... hi... hi... parece que está enojado!

— Não penso em nada que com isso se pareça. Pelo contrário, o senhor está bastante irritado pela morte do homem que o ofendeu e, além disso, bebeu demais. Não vejo nisso nada de extraordinário e compreendo muito bem por que tinha necessidade que Bagautov, não tivesse morrido; respeito a sua irritação, mas...

— E porque tinha eu necessidade de Bagautov, na sua opinião?

— Isso é consigo.

— Aposto que pensou num duelo!

— Ora que diabo! — exclamou Veltchaninov cada vez se dominando menos. — Eu supunha que todo o homem que se preza... em casos semelhantes, não se permite dizer coisas ridículas, fazer caretas estúpidas ou alusões equívocas, subentendidos ais que o emporcalham ainda mais, mas procede abertamente, francamente, como um homem que se preza!

— Hi... hi... hi... E não sou eu então um homem que se preza?

— Isso, torno a dizer-lhe, é lá consigo... Mas então para que diabo tinha necessidade de Bagautov?

— Mas apenas para admirar esse querido amigo. Desarrolharíamos uma garrafa e bebê-la-íamos ambos.

— Ele não teria bebido consigo.

— Porquê? *Noblesse oblige.* Não bebeu o senhor comigo? E em que é que ele lhe é superior?

— Eu não bebi.

— Donde lhe vem então esse súbito orgulho?

Veltchaninov pôs-se de repente a rir nervosamente.

— Diabo! O senhor é verdadeiramente o «tipo feroz». Eu julgava que não era senão um «eterno marido» e nada mais.

— Que vem a ser um «eterno marido»? Que é que isso significa? — disse de repente Pavel Pavlovitch de ouvido atento.

— É um certo tipo de marido. Leva muito tempo a explicar. Vá-se embora! É talvez melhor; além disso é já tempo e está a aborrecer-me.

— E «feroz»? O senhor disse «feroz».

— Disse que o senhor era o «tipo feroz». Foi por brincadeira que o disse.

— Que é o «tipo feroz»? Peço-lhe que mo explique, Alexei Ivanovitch, em nome de Deus, ou antes em nome de Cristo!

— Já chega, por hoje! Basta! — proferiu Veltchaninov num acesso de cólera. — É tempo de se ir embora. Retire-se!

— Não, não chega! — exclamou Pavel Pavlovitch, impetuosamente. — Mesmo que eu o importune, não estou ainda satisfeito, porque devemos beber juntos e tocar os nossos copos. Bebamos, e ir-me-ei embora, e isso que disse não me basta.

— Pavel Pavlovitch, vai para o diabo ou não?

— Posso ir para o diabo, mas antes disso tenho de beber. O senhor disse expressamente que não queria beber *comigo* e eu *quero* que beba comigo.

Já não se ria nem gracejava. Qualquer coisa nele se tinha subitamente transformado e o seu aspeto, o seu tom tinham mudado a tal ponto que Veltchaninov ficou estupefacto.

— Eh! Alexei Ivanovitch, bebamos! Não me recuse isto! — continuou Pavel Pavlovitch agarrando-lhe a mão e fitando-o de uma maneira estranha.

O mais importante para ele não era evidentemente esse copo de vinho.

— Talvez... sim, eu bebo... — balbuciou Veltchaninov. — Mas... este vinho não presta... É já a borra do fundo da garrafa...

— Há ainda dois copos... É muito mau; mas nós beberemos e tocaremos os copos. Aqui tem o seu!

Tocaram os copos e beberam.

— Bem! se é assim, se é assim... Ah!

Pavel Pavlovitch apoiou a testa na mão e ficou assim alguns instantes. Pareceu a Veltchaninov que ele ia pronunciar uma palavra definitiva. Mas Pavel Pavlovitch não disse nada; fitou-o e teve um demorado sorriso silencioso, o sorriso de há pouco cheio de malícia e de subentendidos.

— Que é que quer de mim, maldito bêbado? Está a caçoar comigo! — exclamou, exasperado, Veltchaninov batendo com o pé no sobrado.

— Não grite, não grite! Para que é preciso gritar? — disse o outro apressadamente, acalmando-o com o gesto. — Ninguém está a caçoar consigo. Não! Sabe o que é agora para mim?

E de repente agarrou-lhe a mão e beijou-lha.

Veltchaninov ficou petrificado.

— Eis o que é agora para mim! E agora, vou para todos os diabos...

— Espere, espere! — exclamou Veltchaninov, voltando a si. — Esqueci-me de lhe dizer...

Pavel Pavlovitch, que estava já perto da porta, voltou-se.

— Ouça — murmurou rapidamente Veltchaninov, corando e desviando o olhar —, é absolutamente preciso ir amanhã a casa dos Pogoreltzev... travar conhecimento com eles e agradecer... é absolutamente preciso...

— Sim, absolutamente! Compreendo-o muito bem — disse Pavel Pavlovitch com uma solicitude extrema, indicando com um breve gesto que não era mesmo necessário recordar-lho...

— E, além disso, Lisa espera-o com impaciência. Eu prometi...

— Lisa? — Pavel Pavlovitch voltou atrás. — Sabe o que era para mim Lisa, o que era e o que é agora? Sim, o que era e o que agora é? — exclamou subitamente, como fora de si... — Mas... Hé! hé!... Isso fica para mais tarde... E agora, fique a saber, Alexei Ivanovitch, que não basta termos bebido juntos, preciso doutra satisfação ainda...

Pôs o chapéu em cima da mesa e fitou Veltchaninov como há pouco, um tanto ofegante.

— Beije-me, Alexei Ivanovitch! — propôs de repente.

— O senhor está embriagado! — exclamou o outro estremecendo.

— Estou, mas beije-me apesar disso, Alexei Ivanovitch, beije-me! Não lhe beijei há pouco a mão?

Alexei Ivanovitch ficou silencioso durante alguns instantes como se tivesse recebido uma bengalada na cabeça. Depois, de repente, inclinou-se para Pavel Pavlovitch que só lhe chegava aos ombros e beijou-o na boca, que exalava um forte cheiro a vinho. Não ficou contudo bem certo de o ter realmente beijado.

— Bem, agora... agora... — exclamou de novo Pavel Pavlovitch num transporte de embriaguez, com os olhos brilhantes. — Eis o que lhe quero dizer: pensei há pouco: «Como! também este! Se até ele, em quem é que se pode acreditar?»

Pavel Pavlovitch fundiu-se de repente em lágrimas.

— Compreende agora que amigo o senhor é para mim?

E escapou-se de chapéu na mão. Veltchaninov ficou imóvel alguns minutos no meio do quarto, como por ocasião da primeira visita de Pavel Pavlovitch.

«Ah! não passa de um sacripanta bêbado e mais nada!» e teve um gesto de desprezo.

«Não, mais nada!» repetiu com energia depois de se ter despido e deitado.

Capítulo 8 — Lisa Está Doente

No dia seguinte pela manhã, à espera de Pavel Pavlovitch que prometera estar a horas, para ir a casa dos Pogoreltzev, Veltchaninov passeava de um lado para o outro, bebendo o seu café em pequenos goles e fumando. Tinha a sensação nítida de se assemelhar a um homem que, ao despertar pela manhã, se recordasse sem cessar de ter sido esbofeteado na véspera.

«Hum!... ele compreende muito bem a situação e vingar-se-á de mim servindo-se de Lisa», pensava com terror.

A doce e triste imagem da pobre criança surgiu ante os seus olhos. O coração começou a bater-lhe mais rapidamente à ideia de que ia ver, dentro de duas horas, a sua querida Lisa. «Não há que discutir! Concluiu com entusiasmo, é nela que está a minha vida, o objetivo da minha existência. Que significam estas bofetadas, estas recordações. Em que tenho gasto a minha vida até hoje? Tudo isso era só desordem e tristeza... E agora tudo correrá doutra maneira!»

Mas, apesar do seu entusiasmo, tornava-se cada vez mais preocupado.

«Ele vai fazer-me sofrer servindo-se para isso de Lisa; é evidente. Vai torturar também Lisa: É assim que se vingará de *tudo.* Hum! eu não posso evidentemente permitir a repetição das suas injúrias de ontem!» E corou. «E... contudo... ele não vem e é já perto de meio dia.»

Esperou muito tempo, até ao meio dia e meia hora, e a sua angústia aumentava. Finalmente a ideia que há um momento já se apresentava ao seu espírito, a ideia de que o outro não viria, e o fazia de propósito, unicamente para repetir a sua tática da véspera, pô-lo fora de si: «Sabe que eu dependo dele. Que se vai agora passar com Lisa? E como apresentar-me diante dela?»

Não se conteve mais e à uma hora em ponto, correu a Pokrov. No hotel, disseram-lhe que Pavel Pavlovitch, não tinha dormido em casa, que só voltara de manhã, às nove horas, e que tornara a sair um quarto de hora depois. Veltchaninov, de pé junto da porta de Pavel Pavlovitch, escutava as

explicações da criada e voltava maquinalmente o puxador tentando abrir. Voltando a si, afastou-se da porta e pediu que o levassem junto de Maria Syssoievna. Mas esta, tendo sabido que ele estava ali, aparecia nesse momento.

Era uma excelente mulher, uma mulher «de sentimentos nobres», como se exprimiu mais tarde Veltchaninov contando a sua conversação a Cláudia Petrovna. Depois de o ter rapidamente interrogado a respeito da instalação da «pequena» Maria Syssoievna, pôs-se a contar-lhe o que sabia de Pavel Pavlovitch.

Ao que ela dizia: «Se ele não tivesse a criança, há muito que ela o teria posto na rua. Tinham-no já despedido do hotel por causa dos seus escândalos. Não era um pecado trazer mulheres da vida a casa de noite havendo lá uma criança que compreende tudo? Ele gritava-lhe: «Ela será tua mãe, se eu quiser!» Creia-me se quiser, mas, apesar de ser uma criança, ela cuspiu-lhe na cara. Ele gritava: «Tu não és minha filha! tu és uma bastarda.»

— Que diz?! — exclamou Veltchaninov, aterrado.

— Ouvi-o eu mesma. Estava bêbado, é verdade, fora de si, mas não se podem dizer semelhantes coisas diante de uma criança; ela é muito nova ainda, mas o seu espírito trabalha e ela compreende. A pequena chora e eu vejo que ela sofre. Ora há uns dias, sucedeu uma desgraça no nosso pátio: um caixeiro, disse-se, arrendara um quarto, na véspera à tarde, e apareceu enforcado na manhã seguinte. Tinha roubado a caixa ao que se diz. Toda a gente acorreu: Pavel Pavlovitch não estava em casa e ninguém velava pela criança. E que é que eu vejo? Ela estava no corredor, no meio da multidão, e olhava para o enforcado com um ar estranho. Levei-a imediatamente. Mas, então, começa a tremer e a pôr-se negra; e apenas a meti em casa, cai ao chão, tomada por convulsões. Tive uma grande dificuldade em a fazer voltar a si. E, desde então, ficou sempre doente. Ele, quando entrou e soube o que se passara, começou a beliscá-la por todo o corpo, porque ele não lhe bate, tem o costume de lhe dar beliscões. Depois enervou-se e aí começa ele a aterrorizá-la: «hei de enforcar-me também, diz-lhe, por tua causa, com este cordão que ali está, o cordão da cortina.» E pôs-se a fazer diante dela um nó corredio. E aí fica ela como doida: grita, rodeia-o com os seus bracitos: «Eu não torno a fazer mais isso, nunca mais, nunca mais!» Era de cortar o coração vê-la!

Embora Veltchaninov esperasse muita coisa, esta narrativa surpreendeu-o a tal ponto que não quis mesmo acreditá-la. Maria Syssoievna disse mais: uma vez, por exemplo, se eu não estivesse presente ele teria atirado a pequena pela janela fora!

Veltchaninov saiu do hotel, cambaleando como um bêbado: «Mato-o como um cão, às cacetadas pela cabeça» repetia ele.

Tomou um fiacre e fez-se conduzir a casa dos Pogoreltzev. Ainda na cidade, a carruagem teve de parar no cruzamento de duas ruas, perto de uma ponte, num canal, para deixar passar um enterro; dos dois lados da ponte, carruagens e transeuntes tinham parado. Era um enterro rico e os carros formavam uma longa fila; à portinhola de um deles, Veltchaninov viu de repente surgir o rosto de Pavel Pavlovitch. Não teria acreditado nos seus olhos, se Pavel Pavlovitch, que metera a cabeça pela portinhola, o não tivesse saudado sorrindo. Parecia satisfeitíssimo por ter reconhecido Veltchaninov e fez-lhe mesmo um gesto amigável com a mão. Veltchaninov saltou do fiacre e apesar da aglomeração de gente e apesar dos agentes da polícia, e embora o carro de Pavel Pavlovitch fosse já à ponte, conseguiu chegar até junto da portinhola. Pavel Pavlovitch estava só.

— Que é que sucedeu? — exclamou Veltchaninov. — Porque não apareceu? Porque é que se encontra aqui?

— Presto as últimas homenagens! Não grite! Não grite! Presto as últimas homenagens — disse Pavel Pavlovitch, rindo maliciosamente e piscando um olho. — Acompanho à sua última morada os restos do meu excelente amigo Stepane Mikailovitch.

— É absurdo tudo isso! Que bêbado! Que louco que é! — gritou ainda mais alto Veltchaninov, interdito um momento. — Desça imediatamente e venha comigo! imediatamente!

— Não quero. O dever...

— Arranco-o daí à força! — rugia Veltchaninov.

— E eu pedirei socorro! Chamarei a polícia!

Pavel Pavlovitch continuava a rir alegremente, como se se tratasse de uma brincadeira, mas metendo-se para o fundo do carro.

— Atenção! Olhe que o vão esmagar! — gritou o agente da polícia.

Efetivamente, uma carruagem que não pertencia ao cortejo rompeu a fila e lançou uma certa perturbação na turba. Veltchaninov foi obrigado a

afastar-se; outras carruagens repeliram-no para mais longe ainda. Cuspiu para o lado, de despeito, e voltou para o seu fiacre.

«Em todo o caso, tal como está, eu não podia agarrá-lo e trazê-lo comigo», pensou inquieto e surpreendido.

Quando referiu a Cláudia Petrovna o que lhe contara Maria Syssoievna e o encontro que acabava de ter, esta tornou-se pensativa:

— Tenho medo por si — disse-lhe ela —; deve cessar todas as suas relações com ele e quanto mais depressa melhor.

— Não passa de um bêbado e nada mais! — exclamou Veltchaninov com arrebatamento. — Eu ter medo dele?! E como posso cortar todas as relações, se existe Lisa! Pense em Lisa!

Ora Lisa estava de cama, doente. Na véspera, à tarde, fora tomada de febre, e estava-se à espera de um médico célebre que tinham ido buscar à cidade pela manhã cedo.

Tudo isto transtornou completamente Veltchaninov. Cláudia Petrovna levou-o até junto da doente.

— Ontem observei-a atentamente — disse ela, parando defronte da porta do quarto de Lisa. — É uma criança altiva e concentrada. Tem vergonha de estar em nossa casa e de se ver abandonada pelo pai; eis, na minha opinião, em que consiste a sua doença.

— Porquê «abandonada»? Porque é que a senhora pensa que ele a abandonou?

— Apenas pelo facto de a ter deixado partir para casa de pessoas desconhecidas e com uma pessoa... quase desconhecida também, ou com a qual apenas teve em tempo relações...

— Mas eu trouxe-a, à força... Não acho...

— Em nome de Deus! Lisa, uma criança, é que é capaz de julgar isso. Eu cá o que penso é que ele não virá nunca, muito simplesmente.

Vendo Veltchaninov só, Lisa não ficou admirada; teve um sorriso triste e voltou para a parede a sua cabecita escaldante de febre. Não respondeu às suas tímidas consolações e às promessas ardentes que ele lhe fez de lhe trazer o pai no dia seguinte. Saindo do quarto, ele pôs-se de repente a chorar.

O médico só chegou pela noite. Tendo examinado a doente, aterrou toda a gente, desde as primeiras palavras, observando que tinham andado mal em o não terem chamado mais cedo. Quando lhe disseram que a doença só se declarara na véspera à noite, não quis a princípio acreditar.

— Tudo depende da maneira como ela passar a noite — declarou por fim.

Depois de ter dado as suas instruções, foi-se embora, prometendo voltar no dia seguinte o mais cedo possível. Veltchaninov queria a todo o risco passar a noite em casa dos Pogoreltzev, mas a própria Cláudia Petrovna insistiu para que ele tentasse mais uma vez «trazer o monstro».

«Mais uma vez?» pensou Veltchaninov, tomado de raiva; «mas eu ato-o com cordas pelas minhas próprias mãos e trago-o cá!»

A ideia de atar Pavel Pavlovitch e trazê-lo à força acabou por o obcecar a tal ponto, que o tornou impaciente.

— Já me não sinto absolutamente nada culpado para com ele — disse a Cláudia Petrovna, ao despedir-se. — Renego — acrescentou com cólera — todas as palavras sentimentais e covardes que pronunciei aqui mesmo.

Lisa estava deitada, de olhos fechados, e parecia dormir; parecia estar melhor. Quando Veltchaninov se inclinou para ela com precaução para beijar-lhe ao menos a orla do vestido, ela abriu de repente os olhos, como se o esperasse e murmurou-lhe:

— Leve-me!

Era uma súplica suave e triste, sem sombra da irritação da véspera; mas compreendia-se bem que ela própria sabia que a sua súplica não seria atendida. Mal Veltchaninov, no cúmulo do desespero, começou a tentar persuadi-la que isso era impossível, ela fechou silenciosamente os olhos e não pronunciou nem mais uma palavra, como se já o não ouvisse nem o visse.

Chegado à cidade, fez-se conduzir imediatamente a Pokrov. Eram nove horas. Pavel Pavlovitch não estava. Veltchaninov esperou-o durante meia hora, andando ao longo do corredor numa impaciência dolorosa. Maria Syssoievna convenceu-o por fim de que Pavel Pavlovitch não voltaria certamente antes de romper do dia. «Pois bem! resolveu Veltchaninov, voltarei ao romper do dia!» E voltou para casa, fora de si.

Mas qual não foi a sua estupefação quando, ao subir ao seu quarto, soube por Mavra que o seu visitante da véspera o esperava desde as dez horas.

— Esse senhor bebeu já chá e mandou-me outra vez à rua para comprar vinho, do mesmo de ontem: deu-me uma nota de cinco rublos.

Capítulo 9 — O Fantasma

Pavel Pavlovitch tinha-se instalado confortavelmente. Ocupava a mesma cadeira da véspera, fumava cigarros e acabava de encher o quarto e último copo de champanhe. Uma chaleira e um copo de chá meio vazio estavam ao lado, em cima da mesa. O rosto cor de púrpura radiava de satisfação. Havia mesmo tirado o casaco e estava em colete.

— Desculpe-me, meu muito fiel amigo! — exclamou, à vista de Veltchaninov, precipitando-se para vestir o casaco. — Tirei-o para gozar melhor o prazer do momento.

Veltchaninov aproximou-se dele com um ar terrível.

— Não está ainda completamente bêbado? Pode-se conversar consigo?

Pavel Pavlovitch perdeu um pouco a sua presença de espírito.

— Não, ainda não completamente... Bebi à memória do defunto; mas... não completamente.

— Está em estado de me compreender?

— É justamente para isso que vim, para o compreender.

— Então começo por lhe dizer que é um miserável! — exclamou Veltchaninov com uma voz que o estrangulou.

— Se começa assim, por onde é que acabará! — tentou protestar Pavel Pavlovitch, que parecia muito aterrado.

Mas Veltchaninov continuava a gritar sem o escutar:

— A sua filha vai morrer; está doente. Abandona-a? Sim ou não?

— É possível que ela morra?

— Está doente, muito doente, perigosamente doente!

— Não são talvez mais do que pequenas crises...

— Não diga tolices. Está em perigo. Devia lá ir, quando mais não fosse para...

— Para agradecer o acolhimento que lhe fizeram! Compreendo muito bem, Alexei Ivanovitch, excelente amigo! — Apertou de repente a mão de Veltchaninov nas suas e exclamou num tom sentimental, choroso, como se implorasse o seu perdão: — Alexei Ivanovitch, não grite! Se eu morrer, se

desaparecer neste instante, bêbado, no Neva, que importância pode isso ter nas circunstâncias atuais? E quanto a esse senhor Pogoreltzev, nós sempre teremos tempo de lá ir...

Veltchaninov voltou a si e conteve se um pouco.

— Está embriagado, e não compreendo o que quer dizer — proferiu ele severamente. — Estou sempre pronto a dar-lhe todas as explicações; teria mesmo muita satisfação em acabar com isto... Mas, antes de tudo, saiba que tomo as minhas precauções; passará esta noite em minha casa. Amanhã pela manhã, levo-o. Não o largarei! — rugiu de novo. — Amarro-o e levo-o... Fica bem neste divã?

E, ofegante, indicou-lhe o divã amplo e cómodo que ficava em frente daquele em que ele próprio dormia, junto da parede oposta.

— Ora essa! Eu ficarei em qualquer parte...

— Não em qualquer parte, mas neste divã. Aqui tem um lençol, uma coberta, uma travesseira. — Veltchaninov tirou tudo isto do armário e atirou-o apressadamente a Pavel Pavlovitch, que estendia os braços, obediente. — Faça a sua cama imediatamente; então? faça-a já!

Pavel Pavlovitch ficou um instante de pé com os braços carregados, no meio do quarto; parecia hesitar, um longo sorriso de bêbado desenhou-se-lhe no rosto; mas quando Veltchaninov repetiu a sua ordem com uma voz furibunda, correu para a executar; empurrou a mesa e, muito afogueado, bufando, pôs-se a estender e a esticar o lençol. Veltchaninov aproximou-se para o ajudar; a submissão e o terror do seu amigo satisfizeram-no até certo ponto.

— Esvazie o seu copo e deite-se — proferiu de novo num tom imperativo; sentia que lhe era impossível falar doutra maneira. — Foi o senhor que mandou vir vinho?

— Sim, fui eu... vinho... Sabia bem, Alexei Ivanovitch, que já me não deixaria mandar vir mais.

— É bom que o saiba. Mas devia ainda saber outra coisa. Declaro-lhe mais uma vez que tomei as minhas precauções. Não tornarei a ver as suas caretas nem os seus beijos de bêbado!

— Eu mesmo compreendo, Alexei Ivanovitch, que isso só é possível uma vez, apenas uma vez.

Pavel Pavlovitch sorriu maliciosamente.

Ouvindo esta resposta, Veltchaninov, que andava pelo quarto em passadas nervosas, parou de repente diante de Pavel Pavlovitch e proferiu

num tom quase solene:

— Pavel Pavlovitch, fale francamente! É inteligente, torno a concedê-lo, mas garanto-lhe que segue um mau caminho, proceda abertamente, e eu dou-lhe a minha palavra de honra que responderei a todas as suas perguntas.

Pavel Pavlovitch teve de novo esse longo sorriso malicioso que punha Veltchaninov fora de si.

— Ouça — exclamou este ainda uma vez —, não represente uma comédia; leio em si como num livro aberto. Repito-lhe: estou pronto a responder a *todas* as perguntas, dou-lhe a minha palavra, estou pronto também a dar-lhe todas as satisfações possíveis e mesmo impossíveis. Oh! como eu queria que me pudesse compreender!

— Porque é tão bom — disse Pavel Pavlovitch, aproximando-se prudentemente — dir-lhe-ei que fiquei muito interessado pelo que disse ontem relativamente ao tipo feroz.

Veltchaninov teve um gesto de desapontamento e recomeçou a caminhar pelo quarto mais rapidamente ainda.

— Não. Alexei Ivanovitch, não se impaciente, porque estou muito interessado em saber isso e vim de propósito para o saber... A minha língua está um pouco peganhenta, mas há de desculpar-me... Eu próprio li qualquer coisa numa revista, um artigo do critica sobre o tipo «feroz» e sobre o tipo «pacífico»; recordei-me disso esta manhã... mas esqueci-me do que se tratava e, na verdade, no momento em que o li não compreendi. E agora queria elucidar-me: o falecido Stepane Mikailovitch Bagautov a que tipo pertencia: ao tipo «feroz» ou ao tipo «pacífico»?

Veltchaninov mantinha-se calado e continuava a caminhar pelo quarto.

— O homem «feroz» — exclamou num acesso de furor parando bruscamente — é o que teria envenenado o copo de Bagautov bebendo com ele champanhe para «festejar o alegre encontro dos dois», como o senhor o fez ontem comigo; mas não teria ido acompanhar o seu caixão ao cemitério como o senhor foi, impelido por não sei que motivos secretos e vis, só pelo prazer de fazer de bufão!

— Ele não teria lá ido, é verdade — aquiesceu Pavel Pavlovitch —, mas o senhor está a tratar-me de uma tal maneira...

Porém Veltchaninov, fora de si, continuava a exclamar, sem o ouvir:

— O homem feroz não é o que inventa sabe Deus que história fantástica, que estabelece a conta do que se lhe deve, se repara da sua

ofensa, choraminga, faz caretas, representa a comédia, se lança ao pescoço das pessoas e, finalmente, emprega todo o seu tempo em asneiras... É verdade que quis enforcar-se? É verdade?

— É possível, estando bêbado; uma ideia que me tivesse vindo... Não me lembro. Mas ministrar veneno, Alexei Ivanovitch, isso não é próprio de nós; eu sou um funcionário bem-conceituado e, além disso, disponho de uma certa fortuna; pode ser que queira tornar a casar-me.

— E, além disso, há os trabalhos forçados.

— É verdade, poderia dar-se essa coisa desagradável, se bem que os tribunais agora descobrem quase sempre circunstâncias atenuantes. Eu queria contar-lhe, Alexei Ivanovitch, uma pequena história muito divertida; recordei-me dela há pouco na carruagem. O senhor acabou de dizer: «se lança ao pescoço das pessoas…»; recorda-se talvez de Semione Petrovitch Livtzov; veio a T... quando o senhor lá estava; pois bem! O irmão mais novo, considerado como um elegante rapaz da sociedade de Petersburgo, estava ao serviço do governador de V... e tinha também as mais brilhantes qualidades. Teve uma discussão uma noite com Golubenko, o coronel, na presença de alguns membros entre as quais se encontrava a dama do seu coração; considerou-se ofendido, mas engoliu a ofensa e ficou calado. Algum tempo depois, Golubenko roubava-lhe a dama e pedia-a em casamento. Pois bem! Imagine que esse Livtzov conseguiu tornar-se o amigo muito íntimo de Golubenko; não só se reconciliou com ele, mas insistiu em ser o seu pajem de honra e sustentou-lhe a coroa por cima da cabeça durante a cerimónia. Quando tudo acabou, aproximou-se de Golubenko para o felicitar e beijar; e, como era o costume, todo frisado e perfumado, na presença do governador e de toda a elegante sociedade, vibra-lhe de repente uma violenta punhalada no ventre, e o meu Golubenko cai estatelado no chão! O seu próprio pajem de honra! Que vergonha! Mas isto não é nada ainda! O pior é que mal dá a punhalada Livtzov precipita-se para os que o rodeavam: «Ah! que é que eu fiz; que é que eu fiz!» Soluça, treme, lança-se ao pescoço das pessoas, mesmo das damas... Ah! que fiz eu? Que é que eu acabo de fazer!» Hi... hi... hi... Era de rebentar a rir. Só o Golubenko é que fazia pena; ele mesmo também voltou a si, afinal.

— Não compreendo porque me contou isso — disse Veltchaninov serenamente, com as sobrancelhas carregadas.

— Mas precisamente por causa daquela punhalada — respondeu Pavel Pavlovitch rindo silenciosamente. — É evidente que não era um homem feroz, mas um trapo, visto que o terror lhe fez esquecer todas as conveniências e se lançou ao pescoço das damas na presença do governador; e contudo ele atingiu o seu fim, meteu-lhe um punhal no ventre! É unicamente isto que eu tinha em vista.

— Vá para o diabo! — rugiu de repente Veltchaninov com uma voz completamente mudada, como se alguma coisa se lhe tivesse partido. — Vá para o diabo com a sua vil psicologia subterrânea, as suas nojentas ideias tortuosas!... Pensa causar-me medo!... não é capaz senão de torturar uma criança!... Covarde, covarde, covarde! — gritava ele, completamente fora de si, ofegante.

Pavel Pavlovitch estremeceu; a embriaguez dissipou-se-lhe de repente, os lábios tremeram-lhe.

— É o senhor que me chama «covarde», Alexei Ivanovitch! *O senhor* chama-me «covarde» a *mim?*

Mas Veltchaninov voltou a si:

— Estou pronto a pedir-lhe desculpa — respondeu após um silêncio, sombrio e pensativo —, mas com a condição de o senhor proceder francamente.

— E eu, no seu lugar, Alexei Ivanovitch, pediria desculpa sem pôr condições.

— Bem, seja! — disse Veltchaninov depois de um novo silêncio. — Peço desculpa: mas o senhor mesmo deve compreender, Pavel Pavlovitch, que, depois de tudo o que se passou, eu não me considero já como seu devedor, não só pelo que acaba de ser dito, mas por *tudo.*

— Isso não é nada, para quê essas contas?...

Pavel Pavlovitch sorriu, com os olhos voltados para o chão.

— Se é assim, tanto melhor, tanto melhor! Esvazie o seu copo e deite-se, porque eu não o largo mais...

— Sim, o vinho...

Pavel Pavlovitch parecia um pouco confundido; aproximou-se da mesa, contudo, e entendeu-se na obrigação de despejar o seu copo, cheio há muito tempo. Tinha já bebido bastante, com certeza, porque a mão tremia-lhe e ele salpicou de vinho o sobrado, a camisa e o colete, bebeu, porém, até à última gota, como se não pudesse deixar nada; depois poisou

respeitosamente o copo e foi com um ar submisso despir-se para junto do leito.

— Não era melhor não passar a noite em sua casa? — perguntou de repente, não se sabe porquê, tendo na mão uma das botas que acabava de descalçar.

— Não, não é melhor — respondeu num tom acre Veltchaninov sem olhar para ele, continuando a andar de um lado para o outro.

Pavel Pavlovitch despiu-se e deitou-se. Um quarto de hora depois, Veltchaninov deitou-se por sua vez e apagou a vela.

Teve dificuldade em adormecer. Qualquer coisa de novo havia surgido, que complicava mais ainda o seu *caso;* estava inquieto e tinha vergonha disso. Começava já a perder a noção das coisas quando um ruído ligeiro o despertou de repente. Lançou imediatamente um olhar para o leito de Pavel Pavlovitch; estava tudo às escuras (as cortinas das janelas estavam completamente cerradas), mas pareceu-lhe que Pavel Pavlovitch já não estava deitado mas sentado na cama.

— Que tem? — perguntou Veltchaninov.

— Uma sombra — respondeu depois de um curto momento Pavel Pavlovitch com uma voz quase impercetível.

— Que é? Que sombra?

— Lá adiante, naquele quarto; vi como que uma sombra passar diante da porta.

— A sombra de quem? — perguntou Veltchaninov ao cabo de alguns instantes.

— A sombra de Natália Vassilievna.

Veltchaninov pôs os pés no tapete e lançou um olhar para o quarto contíguo cuja porta se conservava sempre aberta. Esse quarto não tinha cortinas mas apenas estores brancos; estava por isso muito claro.

— Não há lá nada e o senhor está embriagado. Deite-se! — disse Veltchaninov.

E tornou a deitar-se tapando-se com a coberta.

Pavel Pavlovitch não disse mais nada e estendeu-se também.

— Já tinha visto alguma vez essa sombra? — perguntou de repente Veltchaninov passados uns dez minutos!

— Já, parece-me tê-la visto uma vez — respondeu instantes depois Pavel Pavlovitch com uma voz frouxa. Depois, reinou de novo o silêncio.

Veltchaninov não teria podido dizer com certeza se tinha ou não dormido; mas tinha decorrido já uma hora quando se voltou de novo de repente. Um ruído havia-o despertado? Não o sabia, mas pareceu-lhe que qualquer coisa se aproximava dele, qualquer coisa branca que se destacava vagamente da obscuridade e tinha conseguido chegar ao meio do quarto; endireitou-se na cama, esforçando-se por penetrar com o olhar a escuridão que o rodeava.

— É o senhor, Pavel Pavlovitch? — perguntou ao cabo de um minuto; com uma voz muito baixa; e essa voz ressoando no meio do silêncio e da obscuridade pareceu-lhe a ele próprio bastante estranha.

Nenhuma resposta chegou; mas ele não podia já duvidar: estava alguém no meio do quarto.

— É o senhor, Pavel Pavlovitch? — repetiu mais alto, e tão alto que mesmo que Pavel Pavlovitch tivesse continuando a dormir, teria certamente acordado e respondido.

Ninguém respondeu, mas pareceu-lhe que a forma branca e que mal se distinguia se aproximava mais ainda. Produziu-se então nele uma brusca transformação; qualquer coisa como que se lhe partiu dentro de si, como há pouco, e gritou tão fortemente quanto pôde, com uma voz ofegante que a raiva estrangulava:

— Se você ousa supor, seu bêbado, que me pode meter medo, eu volto-me para a parede, cubro a cabeça com a roupa da cama e não me mexo em toda a noite, para lhe demonstrar até que ponto eu o desprezo... É mesmo, se fica assim até de manhã... como um bufão... eu cuspo-lhe em cima!...

E, efetivamente, cuspiu com furor para o que supunha ser Pavel Pavlovitch, voltou-se para a parede puxou a coberta para cima da cabeça e imobilizou-se completamente nesta posição. Fez-se um silêncio de morte. O fantasma aproximava-se dele, ou continuava sempre no mesmo lugar? Veltchaninov não podia saber, mas sentia o coração a bater, a bater... Cinco minutos, pelo menos, se passaram assim, e de repente, a dois passos dele, ressoou débil e gemente a voz de Pavel Pavlovitch.

— Levantei-me, Alexei Ivanovitch, para procurar... — E nomeou um indispensável objeto de quarto de cama. — Não o encontrei junto da minha cama e queria... sem fazer barulho... ver perto da sua.

— Porque me não respondeu... quando gritei? — perguntou Veltchaninov com uma voz sacudida, após meio minuto de silêncio.

— Tive medo... o senhor gritou tão alto!... que me fez medo...

— Lá adiante, à esquerda, no canto, perto da porta, no armário pequeno. Acenda a vela.

— Dispenso a vela — disse Pavel Pavlovitch, num tom humilde, dirigindo-se para o armário. — Desculpe-me, Alexei Ivanovitch, tê-lo incomodado... Senti-me de repente completamente embriagado...

Mas Veltchaninov já não respondeu. Estava estendido, o rosto voltado para a parede, e permaneceu assim toda a noite sem se voltar uma única vez. Queria manter a sua palavra e manifestar assim o seu desprezo? Ele próprio não compreendia o que sentia; tinha os nervos excitados a tal ponto que acabou por deslizar e não pôde durante muito tempo adormecer. Quando despertou no dia seguinte às dez horas da manhã, ergueu-se bruscamente como se o tivessem sacudido: Pavel Pavlovitch já não estava no quarto; a cama dele estava vazia, em desordem; ele próprio havia desaparecido ao romper do dia.

«Já contava com isto» disse para consigo Veltchaninov batendo na testa.

Capítulo 10 — O Cemitério

Deu-se o que o médico receava: Lisa sentiu-se de repente pior, muito pior do que esperavam, na véspera, Veltchaninov e Cláudia Petrovna. Quando Veltchaninov chegou de manhã, a febre consumia-a, mas estava ainda na posse de todos os sentidos; ele disse mais tarde que ela lhe tinha sorrido e lhe estendera mesmo a pequenina mão escaldante. Passou-se isso assim, ou imaginava-o ele involuntariamente para se consolar? Não pôde, em todo o caso, adquirir a certeza: à noite a doente perdeu o acordo das suas faculdades e nunca mais voltou a si. Faleceu no décimo dia da sua chegada a casa dos Pogoreltzev. Foi um período muito doloroso para Veltchaninov, e os Pogoreltzev, em casa de quem ele passou a maior parte desses dias dolorosos, receavam mesmo pela sua saúde. Durante os últimos dias da doença de Lisa, ficava sentado horas inteiras num canto qualquer, sem pensar em nada, parecia. Cláudia Petrovna esforçava-se por o distrair, porém ele limitava-se a responder-lhe e parecia às vezes que lhe custavam essas conversas. Cláudia Petrovna não esperava com certeza que «tudo aquilo pudesse produzir nele uma tão forte impressão». As crianças conseguiam distraí-lo mais; chegava mesmo a rir uns instantes com elas, mas deixava constantemente o seu canto e ia, na ponta dos pés, lançar um olhar à doente. Parecia-lhe às vezes que ela o reconhecia. Como as outras pessoas, não conservava nenhuma esperança, mas não se afastava do quarto onde Lisa perecia e conservava-se constantemente no compartimento contíguo

Uma ou duas vezes, contudo, manifestou durante esse período uma atividade extrema; ia à pressa a Petersburgo, corria os consultórios dos médicos de mais notoriedade, chamava-os em consulta junto da doente; a última dessas consultas realizou-se na véspera da morte. Três dias antes, Cláudia Petrovna insistira junto de Veltchaninov para que ele procurasse encontrar finalmente Trussotzky e o trouxesse: «Se sucede uma desgraça sem ele estar, não se poderá mesmo enterrar Lisa.» Veltchaninov respondeu, num tom vago e distraído, que ia escrever-lhe. Pogoreltzev

declarou então que ia fazê-lo procurar pela polícia. Veltchaninov decidiu-se enfim a escrever-lhe algumas palavras que ele próprio levou ao hotel Pokrovsky. Pavel Pavlovitch não estava lá, conforme o seu costume, e Veltchaninov deixou a carta a Maria Syssoievna.

Lisa morreu por uma bela tarde de estio, ao pôr do sol; foi só então que Veltchaninov pareceu voltar a si. Quando o corpo, revestido do vestido branco de uma das filhas de Cláudia Petrovna, foi colocado em cima da mesa da sala, tendo flores nas suas pequeninas mãos postas, ele aproximou-se de Cláudia Petrovna e disse-lhe com os olhos faiscantes, que ia buscar imediatamente o «assassino»; partiu logo, embora lhe aconselhassem que deixasse a viagem para o dia seguinte.

Sabia onde encontrar Pavel Pavlovitch; não era unicamente para convocar os médicos que ele ia ultimamente a Petersburgo: parecia-lhe às vezes que se conseguisse levar Pavel Pavlovitch para junto de Lisa, ela voltaria à vida ouvindo a voz do pai; corria então como um doido à sua procura. Pavel Pavlovitch continuava a ter o mesmo quarto, mas era inútil procurarem-no lá. «Acontece, às vezes, deixar de vir dormir três dias seguidos, contava Maria Syssoievna, e, quando por acaso aparece, vem bêbado, está uns minutos e abala logo; desceu muito.» O criado do hotel Pokrovsky contou, entre outras coisas, a Veltchaninov que há um certo tempo Pavel Pavlovitch frequentava umas mulheres, na perspetiva Voznessensky. Veltchaninov encontrou-as sem dificuldade. Bem banqueteadas e bem pagas, recordaram-se imediatamente cio seu cliente, cujo chapéu com fita de crepe lhes chamara a atenção, e aproveitaram esta ocasião para o injuriar, evidentemente porque ele não vinha procurá-las. Uma delas, Katia, encarregou-se de descobrir Pavel Pavlovitch a qualquer hora, «porque ele não larga Machka Prostokova. Não se lhe vê o fim do dinheiro. Quanto a essa Machka, não é Prostokova mas Prokhvostova: esteve em tratamento no hospital e, se se quisesse, bastaria uma palavra, para ela ser deportada para a Sibéria».

Katia, contudo, não conseguiu nada nas suas investigações nesse dia, mas prometeu que havia por força de encontrar Pavlovitch na próxima vez. Era pois com ela que contava Veltchaninov.

Chegado à cidade às dez horas, mandou-a imediatamente chamar, e, depois de ter embolsado a casa pelo tempo que devia durar a ausência da moça, pôs-se a caminho com ela. Não sabia ainda sequer o que ia fazer. Mataria Pavel Pavlovitch ou participar-lhe-ia apenas a morte da filha,

explicando-lhe que a não podiam enterrar sem a sua intervenção? As primeiras investigações dos dois não foram felizes; ficaram a saber que tinha havido bulha, três dias antes, entre Machka Prokhvostova e Pavel Pavlovitch, e que um dos caixas da casa «tinha quase amolgado a cabeça de Pavel Pavlovitch com um banco», As investigações foram longas, numa palavra, e só pelas duas horas da madrugada é que Veltchaninov, ao sair de certo estabelecimento que lhe haviam indicado, se encontrou subitamente em frente de Pavel Pavlovitch.

Este estava completamente bêbado: duas mulheres arrastavam no para o tal estabelecimento, uma delas segurava-o por um braço; um forte mocetão, um rival evidentemente, seguia-os fazendo grandes gestos e proferindo em voz alta as ameaças mais abomináveis dirigidas a Pavel Pavlovitch. Gritava, entre outras coisas, «que Pavel Pavlovitch o explorava e lhe envenenava a existência». Tratava-se, parecia, de uma certa importância de dinheiro. As mulheres, muito aterradas, procuravam escapar-se apressadamente. Desde que viu Veltchaninov, Pavel Pavlovitch correu para ele, de braços abertos, e gritou como se o estrangulassem:

— Irmão! Socorro!

À vista do arcabouço atlético de Veltchaninov, o rival desapareceu num esfregar de olhos. Pavel Pavlovitch, triunfante, voltou-se brandindo o punho fechado e soltou um longo grito em sinal de vitória; mas Veltchaninov sem saber ao certo porquê, agarrou-o pelos ombros e pôs-se a sacudi lo violentamente a ponto de se lhe ouvir o bater dos dentes. Pavel Pavlovitch deixou logo de gritar e voltou para Veltchaninov um olhar de bêbado, medroso e estonteado.

Não sabendo provavelmente ainda o que ia fazer, Veltchaninov, com um movimento brutal, sentou-o sobre um marco de pedra.

— Lisa morreu — disse-lhe.

Pavel Pavlovitch, sem despregar os olhos dele, continuava sentado no marco, amparado por uma das mulheres. Compreendeu por fim e o rosto pareceu de repente transformar-se-lhe.

— Morreu... — murmurou com uma voz estranha.

Teve ainda o seu mau sorriso de bêbado ou foi o rosto que se lhe contraiu ligeiramente? Veltchaninov não o pôde saber; mas um instante depois, Pavel Pavlovitch ergueu com custo a mão direita, que tremia, para se persignar; sem ter acabado o sinal da cruz, a mão baixou-se-lhe. Ao cabo de um momento, ergueu-se com lentidão, agarrou o braço da mulher

e, apoiando-se-lhe, pôs-se a caminhar, como inconsciente, parecendo ter esquecido completamente Veltchaninov. Mas este agarrou-o de novo pelo ombro.

— Compreendes, bêbado! monstro! que é impossível enterrá-la sem que tu compareças? — gritou com voz ofegante.

O outro voltou para ele o rosto.

— Recorda-se... do tenente de artilharia? — gaguejou com voz pastosa.

— Quê? — rugiu Veltchaninov estremecendo dolorosamente...

— É esse o pai!... Procure-o... para o enterro...

— Tu mentes! — gritou Veltchaninov fora de si. — É por malvadez... Eu já sabia que me ias dizer isso mesmo!

Dominado pela raiva, deixou cair um murro formidável sobre a cabeça de Pavel Pavlovitch. Um pouco mais e tê-lo-ia matado só de uma pancada. As mulheres afastaram-se de repente, soltando gritos agudos, mas Pavel Pavlovitch não se mexeu: uma expressão de ódio selvagem, exasperado, contraiu-lhe o rosto.

— Conheces tu — e a sua voz soava firme como se já não estivesse bêbado — conheces tu a nossa expressão russa? — E pronunciou uma praga impossível de reproduzir. — Aí está, engole isso!...

Desembaraçou-se violentamente das mãos de Veltchaninov, cambaleou e esteve quase a cair... As mulheres agarraram Pavel Pavlovitch pelo braço e, arrastando-o quase, fugiram em altos gritos. Veltchaninov não os perseguiu.

No dia seguinte, uma hora depois do meio dia, um funcionário de certa idade, muito correto, apresentou-se uniformizado em casa dos Pogoreltzev e entregou a Cláudia Petrovna um pacote lacrado, da parte de Pavel Pavlovitch Trussotzky. Continha, além dos documentos necessários para o enterro de Lisa, uma carta e trezentos rublos. A carta era breve, perfeitamente correta e muito respeitosa. Pavel Pavlovitch exprimia a Sua Excelência Cláudia Petrovna o seu grande reconhecimento pela bondade que tinha tido para com a órfã e de que só Deus a podia recompensar. Uma indisposição grave, explicava ele vagamente, não lhe permitia assistir ao enterro da sua infeliz filha muito querida, mas confiava para tudo na bondade angélica de Sua Excelência. Quanto aos trezentos rublos, explicava na carta, eram para pagar o enterro e as despesas ocasionadas pela doença. Se houvesse excedente, pedia-lhe muito humilde e

respeitosamente que o empregasse em missas pelo repouso da alma de Lisa.

O empregado não pôde fornecer outras explicações; algumas das suas palavras fizeram mesmo compreender que não acedera a transmitir pessoalmente aquele embrulho a Sua Excelência senão às instâncias repetidas de Pavel Pavlovitch. Pogoreltzev sentiu-se quase ofendido pela frase: «as despesas ocasionadas pela doença» e declarou que bastava ficarem cinquenta rublos para o enterro (era impossível, com efeito, não dar a um pai o direito de pagar o enterro da sua filha) e devolver imediatamente o resto, duzentos e cinquenta rublos, ao senhor Trussotzky. Mas Cláudia Petrovna resolveu finalmente entregar essa quantia à igreja do cemitério para o repouso da alma da «virgem Elisabeth». O recibo foi remetido a Veltchaninov para que o enviasse logo a Pavel Pavlovitch; o que aquele fez, expedindo-o pelo correio ao hotel.

Depois do enterro, Veltchaninov desapareceu da «villa». Durante duas semanas, errou pela cidade, sem destino, só, profundamente absorvido, a ponto de esbarrar com os transeuntes, às vezes também, ficava dias inteiros em casa, estendido sobre o divã, esquecendo até as coisas mais elementares. Os Pogoreltzev mandaram-lhe pedir por várias vezes que fosse para casa deles; ele prometia ir, mas esquecia-o imediatamente. Cláudia Petrovna foi de propósito procurá-lo, mas não o encontrou em casa. Foi o mesmo que aconteceu ao seu advogado; ora este tinha uma notícia importante a comunicar-lhe: havia muito habilmente conseguido arranjar as coisas, e a parte contrária estava disposta a concluir um acordo que garantia a Veltchaninov uma parte muito importante da herança em litígio. Não faltava senão obter o seu consentimento. Tendo finalmente conseguido encontrá-lo, o advogado ficou extremamente surpreendido com a indiferença e apatia com que o seu cliente, dantes tão impaciente, recebeu aquela notícia.

Estava-se nos mais quentes dias de julho; mas Veltchaninov tinha perdido a noção do tempo. Como um abcesso maduro, a sua dor envenenava-lhe a alma e, sem cessar presente, dominava-lhe o pensamento. Sofria sobretudo pensando que Lisa não tinha tido tempo de o conhecer, e tinha morrido sem saber quão dolorosamente ele a tinha amado. O objetivo da sua vida que lhe surgira numa luz radiosa tinha-se extinguido na noite eterna. Esse objetivo, em que pensava agora sem cessar, era que Lisa sentisse o seu amor sempre presente em todos os

momentos da sua existência. «Não, pensava às vezes, dominado por uma grande tristeza, ninguém tem ou pode ter objetivo superior a este. Se outros existem, nenhum é mais sagrado». «O amor de Lisa, dizia-se a si mesmo, teria purificado e resgatado a minha vida passada, inútil e vil, e eu, ocioso, fatigado, teria tratado com todo o carinho, teria educado um ser puro e belo, em nome do qual eu me perdoaria a mim mesmo».

Todos estes pensamentos, perfeitamente conscientes, estavam indissoluvelmente ligados à recordação nítida, sempre presente, sempre dolorosa, da criança morta. Via de novo o seu rostozinho pálido, recordava cada uma das suas expressões; via-a tal como ela estava no seu caixão, rodeada de flores, ou então, consumida pela febre, sem acordo, de olhos abertos e fixos. Recordou-se uma vez de repente que, depois dela morta, notara que um dos deditos se lhe enegrecera, Deus sabe porquê; isso impressionou-o a tal ponto e sentiu uma tal piedade por esse dedinho que foi então justamente que surgiu nele, pela primeira vez, a ideia de procurar imediatamente Pavel Pavlovitch e de o matar; até então «parecia completamente insensível».

Teria sido a humilhação sofrida pelo seu orgulho que dilacerara esse coração de criança? Ou teriam sido os sofrimentos que lhe provocara durante três meses o pai, esse pai cujo amor por ela fora substituído pelo ódio, que a insultava, a escarnecia por ter medo de ficar só e acabara por a abandonar a estranhos? Ele não cessava de pensar em tudo isto e de repisar, variando-as até ao infinito, as mesmas ideias. Recordou-se de repente da exclamação de Trussotzky. «Sabe o que Lisa era para mim?» e compreendeu que não era o dito de um bêbado, mas uma exclamação sincera, que era amor». Como é que esse algoz pôde ter sido tão cruel para com essa criança que ele amava assim? Como é que isso podia ser?...» Mas de cada vez tratava logo de repelir esta interrogação. Havia naquilo qualquer coisa de terrível, de doloroso e incerto.

Um dia, quase inconscientemente, foi até ao cemitério onde tinham enterrado Lisa, e dirigiu-se para a sua campa. Nenhuma vez, desde o enterro, ali tinha ido. Parecia-lhe que a dor que experimentaria seria demasiadamente violenta e não ousava. Mas, coisa estranha! quando se inclinou para a campa e lhe depôs um longo beijo, sentiu de súbito um certo alívio. A tarde estava puríssima, o sol tombava no horizonte; perto das campas, em volta, rompia uma relva espessa e fresca, uma abelha zumbia numa moita de espinheiros; as flores, as coroas que os filhos de

Cláudia Petrovna tinham deposto sobre a campazinha estavam lá ainda, já meio desfolhadas. E, pela primeira vez, há muito tempo já, uma certa esperança lhe aliviou o coração. «Que doçura!» pensou, invadido pela paz do cemitério, o olhar perdido no céu calmo e claro. Uma confiança estranha, tranquila e pura o invadiu e lhe encheu a alma. «É Lisa que me envia isto; é ela que me fala», dizia a si mesmo.

Havia já escurecido quando tomou o caminho para regressar. Não longe do cemitério, seguindo a estrada, passou perto de uma pequena casa de madeira. Era uma estalagem; pelas janelas entreabertas viam-se alguns homens sentados às mesas. Pareceu-lhe de repente que um deles, sentado junto da janela, o via também e parecia olhá-lo com uma certa curiosidade: era Pavel Pavlovitch. Continuou o seu caminho e ouviu logo que alguém tentava alcançá-lo; era, efetivamente, Pavel Pavlovitch que corria atrás dele. É provável que a expressão serena do rosto de Veltchaninov o tivesse encorajado e mesmo atraído. Chegado junto dele, sorriu timidamente, mas sem ser com o seu sorriso de bêbado.

— Boa tarde — disse.

— Boa tarde — respondeu Veltchaninov.

Capítulo 11 — Pavel Pavlovitch Vai Casar-se

Mal Veltchaninov acabou de pronunciar aquelas palavras, ficou ele próprio surpreendido. Parecia-lhe muito estranho que a vista daquele homem já lhe não provocasse a cólera, mas despertasse sentimentos muito diferentes, ou antes o desejo, a veleidade de sentimentos novos.

— Que bela tarde! — disse Pavel Pavlovitch num tom cauteloso.

— Não partiu então ainda? — disse Veltchaninov, continuando o seu caminho e parecendo mais que estava a refletir em voz alta do que a fazer uma pergunta.

— Sim, há alguma demora, mas obtive a minha nomeação e para um lugar mais elevado. Partirei com certeza amanhã.

— Obteve a sua nomeação? — perguntou Veltchaninov e desta vez realmente.

— E porque não havia de a obter? — respondeu com uma expressão levemente contrafeita Pavel Pavlovitch.

— Oh! eu disse isto... sem qualquer intenção — proferiu Veltchaninov.

E, franzindo as sobrancelhas, examinou Pavel Pavlovitch de soslaio. Com grande surpresa sua, o vestuário, o chapéu de fita de crepe e todo o aspeto do Sr. Trussotsky estavam muito mais decentes e apresentáveis do que duas semanas antes. «Que fazia ele naquela estalagem?», perguntava a si mesmo.

— Eu tencionava, Alexei Ivanovitch, dar-lhe outra boa notícia — continuou Pavel Pavlovitch.

— Uma boa notícia?

— Vou casar-me.

— Quê!

— Depois dos sofrimentos, a alegria: é sempre assim que se passa na vida. Eu desejava muito, Alexei Ivanovitch... mas não sei... vai talvez com pressa; o seu aspeto...

— Sim, tenho pressa... e... sinto-me mal.

Veio-lhe subitamente o desejo de se ver livre do seu companheiro. As boas disposições que sentira esboçarem-se haviam-se bruscamente dissipado.

— E eu, eu desejaria...

Pavel Pavlovitch não disse o que desejaria e Veltchaninov não lhe pegou na palavra.

— Nesse caso, fica para outra ocasião, se nos tornarmos a encontrar.

— Sim, sim, noutra ocasião — disse rapidamente Veltchaninov sem o olhar e continuando o seu caminho.

Houve um minuto de silêncio. Pavel Pavlovitch caminhava ao seu lado.

— Bem, então até à vista — disse Veltchaninov.

— Até à vista, desejo-lhe...

Veltchaninov regressou a casa, de novo muito perturbado. A vista «daquele sujeito» era superior às suas forças. Ao deitar-se interrogou-se outra vez:

«Que fazia ele perto do cemitério?»

No dia seguinte de manhã, resolveu enfim ir a casa dos Pogoreltzev; decidiu-se um pouco contrafeito. Toda e qualquer manifestação de simpatia lhe era penosa, mesmo a dos Pogoreltzev; porém eles estavam tão inquietos a seu respeito, que era preciso absolutamente lá ir. Imaginou de repente que sentiria uma certa vergonha quando os tornasse a ver. «Vou ou não vou?» perguntava a si mesmo, terminando apressadamente o seu almoço, quando, de repente, com grande espanto seu, viu entrar Pavel Pavlovitch.

Apesar do encontro da véspera, Veltchaninov não podia imaginar que aquele homem transporia jamais o limiar da sua porta; ficou a tal ponto desconcertado que o olhou sem lhe poder dirigir a palavra. Mas Pavel Pavlovitch, sem se embaraçar, deu-lhe os bons dias e sentou-se na mesma cadeira que tinha ocupado três semanas antes, por ocasião da sua última visita, de que Veltchaninov se recordou de repente com uma nitidez extraordinária. Olhou para o visitante com uma inquietação em que havia aborrecimento.

— Está admirado? — disse Pavel Pavlovitch adivinhando a significação desse olhar.

A sua atitude parecia em geral mais desembaraçada do que na véspera, mas sentia-se ao mesmo tempo que estava mais intimado. O seu aspeto era

muito curioso. Trussotzky estava vestido de uma maneira não só correta mas elegante mesmo: um leve casaco de verão, calças claras, colete claro; luvas, camisa passada a ferro e, Deus sabe porquê! luneta com aro de ouro; tudo isto era irrepreensível. Estava mesmo perfumado. Havia em todo o seu aspeto qualquer coisa de cómico e que evocava ao mesmo tempo uma ideia estranha, desagradável.

— É evidente, Alexei Ivanovitch — continuou ele com um esforço visível —, que a minha visita o surpreende; sinto-o, mas considero que há sempre, que deve sempre haver entre os homens qualquer coisa de superior a todas as contingências e mesmo a todos os desastres que podem produzir-se... não é assim?

— Pavel Pavlovitch, diga depressa tudo o que tem a dizer e sem rodeios escusados.

Veltchaninov franziu as sobrancelhas.

— Eis do que se trata — apressou-se a dizer Pavel Pavlovitch. — Estou prestes a casar-me e vou agora daqui para casa da minha noiva. Ela mora também no campo. E então eu queria ter a grande honra de o apresentar a essa família e permito-me a liberdade de lhe pedir, de lhe pedir muito humildemente — Pavel Pavlovitch inclinou a cabeça — o favor de me acompanhar.

Veltchaninov esgazeou os olhos.

— Acompanhá-lo aonde?

— A casa deles, à sua quinta. Desculpe-me, eu estou com um pouco de febre e é possível que me atrapalhe a explicar-me, mas eu temo de tal maneira a sua recusa.

Fitou Veltchaninov com um ar lamuriento.

— Quer que o acompanhe agora a casa da sua noiva? — disse Veltchaninov lançando-lhe um rápido olhar e não podendo acreditar nos seus olhos nem nos seus ouvidos.

— Sim — disse Pavel Pavlovitch, tomado de repente de um grande receio. — O senhor não está zangado, Alexei Ivanovitch? Não é uma insolência da minha parte, é um pedido, uma súplica muito humilde. Eu imaginava que o senhor não seria capaz de me recusar isto...

— Em primeiro lugar, é impossível.

Veltchaninov começou a agitar-se na sua cadeira.

— Não é senão um grande desejo da minha parte e não outra coisa — continuava a insistir Pavel Pavlovitch. — Não lhe ocultarei que tenho

também outro motivo, mas não quero confiar-lho senão mais tarde, e agora peço-lhe instantemente...

Levantou-se, cheio de respeito.

— Mas é impossível, em todo o caso, compreende...

Veltchaninov levantou-se também.

— É possível, Alexei Ivanovitch. Eu desejava apresentá-lo como meu amigo. Além disso, conhecem-no lá. São os Zakhlebinine, o conselheiro de Estado Zakhlebinine.

— Como! — exclamou Veltchaninov.

Era o mesmo conselheiro de Estado a quem ele procurara falar e que parece sustentava a parte adversa no litígio da herança.

— Sim, é — disse sorrindo Pavel Pavlovitch, como se sentisse encorajado pela surpresa enorme manifestada por Veltchaninov. — É esse; recorda-se; os senhores iam andando ao lado um do outro, e eu, no outro passeio, fitava-os, esperava que o senhor se fosse embora para eu me aproximar dele. Nós já havíamos trabalhado na mesma administração, há uns vinte anos; mas quando eu me dispunha a aproximar-me dele, não tinha ainda nenhum projeto. Essa ideia veio-me subitamente há uma semana.

— Mas, diga-me, é uma família muito decente, parece-me? — disse Veltchaninov, com verdadeira admiração.

— Muito decente. E então?...

O rosto de Pavel Pavlovitch contraiu-se ligeiramente.

— Oh! não é nada. Não era isso que eu queria dizer... mas, pelo que eu pude notar quando lá estive…

— Eles lembram-se, lembram-se muito bem da sua visita — interrompeu Pavel Pavlovitch com uma precipitação alegre. — Mas o senhor não pôde ver a família nesse dia. O pai lembra-se de si e estima-o. Eu falei-lhe do senhor nos termos mais respeitosos.

— Mas o senhor só enviuvou há três meses!

— Oh! o casamento não se fará imediatamente; não será senão daqui a nove ou dez meses, e terei então já um ano de luto. Acredite, tudo vai bem. Em primeiro lugar, Fedossei Petrovitch conheceu-me quando eu era ainda criança; está ao par da minha carreira. E, além disso, eu tenho alguma fortuna e fui nomeado para um lugar mais elevado. Tudo isto tem uma certa importância.

— É então a filha dele?

— Eu vou contar tudo pormenorizadamente.

Pavel Pavlovitch esfregou as mãos, satisfeito.

— Mas dê-me licença de acender um cigarro. O senhor vai apreciar isso por si mesmo hoje. Os homens de negócios como Fedossei Petrovitch são muito conceituados aqui em Petersburgo, quando conseguem fazer-se destacar. Mas, além dos seus vencimentos e do resto (verbas suplementares, gratificações nas festas, ajudas de custo para alojamento e alimentação), ele não tem nada; falta o fundo, o capital. Vive-se bem, mas não se põe nada de parte, sobretudo com uma família tão numerosa. Imagine: Fedossei Petrovitch tem oito filhas e um rapazito. Se ele morre agora, não ficarão senão com uma pequena pensão. Oito moças! Pense nisto! Não, mas pense numa coisa destas! Só um par de botas para cada uma já é uma quantia importante. Cinco delas estão já em idade de se casarem. A mais velha tem vinte e quatro anos (uma moça encantadora, verá); a sexta, que tem quinze anos, anda ainda no liceu. É preciso encontrar maridos para as cinco mais velhas, e é preciso tratar disso o mais depressa possível: o pai deve pois mostrá-las na sociedade. Calcula o que isto custa? E eis que apareço eu, o primeiro pretendente que chega àquela casa, e eles conhecem-me muito bem; sabem que tenho fortuna. E aqui tem tudo.

Pavel Pavlovitch falava com uma alegre exaltação.

— Foi a mais velha que o senhor pediu em casamento?

— Não... eu... não foi a mais velha. Escolhi a sexta que anda ainda no liceu.

— Como! — exclamou Veltchaninov com um sorriso involuntário. — Mas diz que ela tem quinze anos!

— Ela só tem quinze anos agora, mas daqui a nove meses tem dezasseis; dezasseis anos e três meses. E então, porque não?... E, como não ficaria bem agora, não se anunciou coisa nenhuma; ficou isso combinado com os pais... Acredite, está tudo bem encaminhado!

— Portanto, isso não está ainda resolvido...

— Está, está resolvido. Tudo vai bem, acredite.

— E ela, ela sabe?

— Não falamos ainda disso um ao outro, para respeitar as conveniências; mas como poderia ela ignorá-lo? — Pavel Pavlovitch piscou os olhos. — Bem! vai dar-me este prazer, Alexei Ivanovitch, não é verdade? — disse timidamente como em conclusão.

— Mas que vou eu lá fazer? Mas — acrescentou apressadamente — como eu não irei em caso nenhum, escusa de me dar razões.

— Alexei Ivanovitch...

— Mas como poderia eu sentar-me ao seu lado numa carruagem? Pense nisso!

O sentimento de antipatia, de asco, que a tagarelice de Pavel Pavlovitch havia por momentos dissipado renascia mais forte. Um instante mais e tê-lo-ia posto na rua, ao que parecia; estava irritado consigo mesmo sem saber porquê.

— O senhor sentar-se-á ao meu lado, Alexei Ivanovitch, sentar-se-á e não se arrependerá — disse Pavel Pavlovitch com uma voz comovida. — Não, não, não — dizia com a mão em resposta a um brusco movimento de impaciência de Veltchaninov. — Alexei Ivanovitch, Alexei Ivanovitch! Ouça antes de tomar uma decisão! Eu vejo que o senhor talvez me tivesse compreendido mal. Eu compreendo muito bem que nós não podemos ser camaradas; não sou tão estúpido que o não possa compreender, e o favor que lhe peço neste momento não o obriga a nada para o futuro. Eu, além disso, vou-me embora definitivamente depois de amanhã. É, pois, como se nada se tivesse passado. É um único dia. Ao vir a sua casa, eu fundava toda a minha esperança na nobreza dos seus sentimentos, Alexei Ivanovitch, nos seus sentimentos que puderam, nestes últimos tempos, despertar no seu coração... Creio que falo bastante claro; não é isto ainda suficiente?

A agitação de Pavel Pavlovitch tornava-se extrema. Veltchaninov olhava-o admirado.

— O senhor pede-me que lhe preste um serviço — disse ele pensativo — e põe nisso uma tal insistência que isso me põe de sobreaviso; eu quero saber mais alguma coisa.

— O serviço consiste em acompanhar-me. Não é mais nada. Depois, quando voltarmos, eu lhe contarei tudo, como a um confessor. Alexei Ivanovitch tenha confiança em mim.

Mas Veltchaninov obstinava-se na sua recusa, e tanto mais que sentia esboçar-se nele uma ideia obscura, má. Começara a apoderar-se dele desde que Pavel Pavlovitch falara da noiva; era simples curiosidade, ou não seria um outro desejo ainda indefinido? Qualquer coisa o impelia a aceder, mas quanto mais forte era a tentação mais ele lhe resistia. Estava sentado, apoiado nos cotovelos e pensava. Pavel Pavlovitch andava à volta dele e implorava-o.

— Bem, irei — anunciou ele de repente, agitado, quase ansioso.

Pavel Pavlovitch manifestou uma grande alegria.

— Mas peço-lhe, Alexei Ivanovitch — dizia ele saltitando em volta de Veltchaninov — que se vista, que se faça elegante, como o sabe ser.

«O patusco do homem, pensava Veltchaninov, porque me lança ele nisto?»

— Espero de si ainda outro serviço, Alexei Ivanovitch. Visto que acedeu, seja agora o meu conselheiro.

— Em quê?

— Por exemplo, numa questão muito importante: o crepe? Devo conservá-lo ou tirá-lo? O que é que ficará melhor?

— Como o senhor entender.

— Não, eu aguardo a sua decisão: como teria procedido o senhor se usasse um crepe no chapéu? A minha ideia era conservá-lo, porque isso prova a constância dos meus sentimentos e recomenda-me.

— É preciso tirá-lo evidentemente.

— É assim tão evidente como isso? — Pavel Pavlovitch ficou um instante pensativo. — Não, prefiro conservá-lo.

— Como quiser.

«Ele não tem, contudo, confiança em mim, disse para consigo Veltchaninov, está muito bem.»

Saíram. Pavel Pavlovitch contemplava com estupefação Veltchaninov, muito elegante, e o seu rosto exprimia, parecia, ainda mais respeito e importância. A atitude dele fazia admirar Veltchaninov, que se admirava ainda mais da sua. Estava uma carruagem à porta.

— O senhor tinha já fretado uma carruagem? Tinha então a certeza de que eu acedia?

— Mandei vir uma carruagem para mim; mas estava quase certo de que viria também — respondeu Pavel Pavlovitch, com um ar absolutamente satisfeito.

— Eh! Pavel Pavlovitch — disse com um riso um pouco irritado Veltchaninov, quando se encontravam já instalados e que a carruagem partiu —, o senhor não tem confiança em mim?

— Mas não é ao senhor, Alexei Ivanovitch, que cabe dizer-me que isto é uma tolice da minha parte — respondeu com toda a seriedade e com uma voz forte Pavel Pavlovitch.

«E Lisa?» pensou Veltchaninov; mas repeliu imediatamente este pensamento como temendo cometer um sacrilégio. De súbito pareceu-se a si próprio tão pequeno, tão mesquinho nesse instante, e a ideia que o tentava pareceu-lhe tão miserável, tão vil, que sentiu mais uma vez o desejo impetuoso de abandonar tudo e saltar para fora da carruagem, empregando mesmo a força contra Pavel Pavlovitch, se fosse preciso. Mas este pôs-se outra vez a falar, e a tentação invadiu de novo a alma de Veltchaninov.

— Alexei Ivanovitch, entende de pedras preciosas?

— Quais?

— Brilhantes.

— Sim, sei alguma coisa.

— Eu queria levar um pequeno presente. Aconselhe-me: devo fazê-lo?

— Na minha opinião, não.

— E eu queria muito levar-lhe um presente — insistiu Pavel Pavlovitch —, mas que hei de comprar? O jogo completo: broche, brincos e pulseira? ou escolher um só objeto?

— Quanto quer gastar?

— Pelo menos uns quatro ou cinco mil rublos.

— Oh!

— É muito? — disse, inquieto, Pavel Pavlovitch.

— Compre apenas uma pulseira de cem rublos.

Pavel Pavlovitch pareceu desolado. Queria gastar mais e comprar a coleção completa. Insistiu. Pararam em frente de uma joalheira. Acabou contudo por comprar uma só pulseira, e não a que lhe agradava mas a que indicou Veltchaninov. Pavel Pavlovitch tinha uma grande vontade de comprar as duas e, quando o joalheiro, que tinha pedido primeiro setenta e cinco rublos pela pulseira, acedeu por cento e cinquenta, sentiu mesmo um certo descontentamento; tê-la-ia pago com prazer por duzentos se lho tivessem exigido, tal era o seu desejo de gastar.

— Não há mal nenhum em que eu faça presentes já — explicou ele na exaltação da sua alegria, quando se meteram de novo a caminho. — Não é gente da alta roda, mas tudo pessoas simples. A inocência ama os presentes, disse com um sorriso alegre e malicioso. Esses quinze anos fizeram-no sorrir há pouco, Alexei Ivanovitch. Aos meus olhos o que importa não é tanto a beleza do rosto; mas a inocência. Os risos com uma amiguinha pelos cantos! e que risos, meu Deus! E a respeito de quê! de um

gato que saltou da cómoda para o leito e se enrolou numa bola. Isto cheira a maçã fresca!... Eu faria melhor em tirar o crepe, talvez?

— Como quiser.

— Vou tirá-lo!

Tirou da cabeça o chapéu, arrancou o crepe e atirou-o para a estrada. Veltchaninov viu-lhe o rosto irradiar de esperança quando tornou a pôr o chapéu na cabeça calva.

«Mas afinal, pensou ele, tomado por verdadeira cólera, não é realmente senão isto? A insistência dele não oculta nenhuma armadilha? Conta realmente com a minha generosidade?» Esta última suposição pareceu-lhe até ofensiva. «Que é ele então P Um bobo, um imbecil, um eterno marido? Mas é impossível, afinal!...»

Capítulo 12 — Em Casa dos Zakhlébinine

Os Zakhlébinine eram, efetivamente «gente muito decente», como há pouco se exprimira Veltchaninov: o pai Zakhlébinine ocupava um lugar em evidência e era bem conceituado. O que Pavel Pavlovitch dissera dos seus recursos era também exato: «Levam uma vida larga, parece, mas, se o pai morre, ficam sem nada.»

Zakhlébinine acolheu Veltchaninov muito calorosamente; o adversário de ontem tornara-se um amigo.

— Felicito-o, foi melhor assim — declarou logo às primeiras palavras, com um tom amável mas importante. — Eu mesmo tinha insistido por uma solução amigável e quanto a Piotr Karlovitch (o advogado de Veltchaninov) é um homem precioso para uma coisa dessas. O senhor receberá sessenta mil rublos, sem discussão e já! Ora a questão poderia ainda demorar três anos!

Veltchaninov foi imediatamente apresentado à senhora Zakhlébinine, senhora de idade, muito corpulenta, de rosto fatigado e vulgar. As moças apareceram em seguida, umas após as outras. Havia lá muitas: dez ou doze. Veltchaninov não conseguiu mesmo contá-las: entravam umas, saíam outras; mas estavam também vizinhas, amigas da família. A «villa» dos Zakhlébinine, uma grande casa de madeira, de um estilo desconhecido e extravagante, com numerosos anexos datando de épocas diversas, tinha um vasto jardim para o qual davam também mais três ou quatro outras «villas»; o jardim era, pois, comum, e isso facilitava naturalmente a aproximação entre as meninas Zakhlébinine e as da vizinhança.

Logo às primeiras palavras, Veltchaninov percebeu que era esperado e que a sua visita tinha sido anunciada quase solenemente como a de um amigo de Pavel Pavlovitch, desejoso de se fazer apresentar à família. O seu olhar penetrante, experiente nestes assuntos, descobriu logo uma intenção especial na receção que lhe era feita: pelo acolhimento exageradamente amável dos pais, por um certo ar apurado das moças e a maneira como estavam vestidas (é bem verdade que era dia de festa) não

duvidou que Pavel Pavlovitch tivesse empregado a sua manha e feito talvez nascer certas esperanças, por meias palavras, bem entendido, descrevendo-o como um homem «da melhor sociedade», rico, fatigado da sua vida de solteiro e que podia estar disposto a «pôr-lhe um fim» e a instalar-se, «tanto mais que acaba de herdar». Parecia que a mais velha das meninas Zakhlébinine, Katerina Fedosseievna, a que tinha vinte e quatro anos e de que Pavel Pavlovitch falara como de uma pessoa encantadora, tinha justamente tomado um ar de circunstância. Distinguia-se das irmãs pela maneira cuidada com que se vestia e a forma original como dispusera os seus belos cabelos. As irmãs e as outras moças pareciam estar absolutamente convencidas de que Veltchaninov tinha vindo «por causa de Katia, para a examinar». Os seus olhares e mesmo certas palavras que lhes escaparam, durante o dia, confirmaram-lhe essa suposição. Katarina Fedosseievna era uma loira alta e forte, quase opulenta, de rosto agradável, de índole evidentemente serena, inativa, um pouco mole. «E' para admirar que tenha ficado solteira, pensou sem querer Veltchaninov, contemplando-a com um certo prazer; ela não tem dote, é verdade, e dentro em pouco ficará gorda de mais; mas, por enquanto, devem encontrar-se ainda amadores...» As outras irmãs também não faziam má figura, e entre as vizinhas notou algumas carinhas gentis e mesmo bonitas. Isto começou a diverti-lo; além disso, ao entrar, ele tinha a sua ideia.

Nadiedja, a sexta irmã, a aluna do liceu, aquela que Pavel Pavlovitch considerava como a sua noiva, fez-se desejar um pouco. Veltchaninov esperava-a com uma impaciência que o surpreendia e de que troçava no seu foro íntimo. Ela fez enfim a sua entrada, que produziu certo efeito, acompanhada de uma amiga, Maria Nikitichna, morenita de rosto esperto e malicioso e da qual Pavel Pavlovitch, como se viu depois, tinha um medo enorme.

Esta Maria Nikitichna, moça de vinte e três anos, risonha e inteligente, era governante numa família amiga e vizinha onde havia crianças; os Zakhlébinine tratavam-na há muito tempo como pessoa da casa, e as moças adoravam-na. Era visível que Nádia sobretudo não podia passar sem ela naquele momento. Logo à primeira vista, Veltchaninov percebeu que as moças estavam todas coligadas contra Pavel Pavlovitch, mesmo as vizinhas, e um minuto apenas após a entrada de Nádia, viu que esta o *detestava* também. Notou igualmente que Pavel Pavlovitch não suspeitava isso, ou melhor não o queria admitir.

Nádia era indiscutivelmente a mais bonita de todas: era uma moreninha, com o ar um pouco selvagem, audaciosa como uma niilista; um diabinho de olhos brilhantes, de sorriso delicioso, embora às vezes mau, de lábios e dentes admiráveis, esbelta, elegante; o rosto ainda infantil refletia já o ardor nascente do pensamento. Os seus quinze anos revelavam-se em cada um dos seus gestos e em cada uma das suas palavras. Soube-se mais tarde que ela levava efetivamente um saco de escolar de tela encerada quando Pavel Pavlovitch a viu pela primeira vez, mas já o não trazia agora.

A pulseira não teve nenhum êxito e produziu mesmo uma impressão desagradável. Logo que viu a noiva, Pavel Pavlovitch aproximou-se dela sorrindo. Ofereceu-lhe o seu presente pretextando «o grande prazer que tivera na última vez ao ouvir Nadiedja Fedosseievna cantar ao piano aquela linda romanza...» Atrapalhou-se, não pôde acabar e ficou assim desconcertado, esforçando-se por enfiar o estojo na mão de Nádia, que não queria pegar-lhe e que, vermelha de vergonha e de cólera, escondia as mãos atrás das costas. Voltou-se por fim insolentemente para a mãe, que parecia muito contrariada, e disse em voz alta:

— Não o quero aceitar, mamã!

— Aceita e agradece — disse o pai num tom firme e severo; mas também não estava satisfeito: — Não era necessário, não era necessário — disse a meia voz a Pavel Pavlovitch com um ar significativo.

Não podendo fazer outra coisa, Nádia pegou no estojo e, baixando os olhos, fez uma reverência como as crianças, mergulhando de repente e endireitando-se logo, como movida por uma mola. Uma das irmãs aproximou-se para ver a pulseira e Nádia entregou-lhe o estojo fechado, frisando assim que não queria sequer ver a joia. Tiraram-na do estojo e começaram a passá-la de mão em mão; mas todas a examinaram em silêncio e algumas mesmo com um sorriso de troça. Só a mãe disse, com uma voz flácida, que a pulseira era muito bonita. Pavel Pavlovitch teria querido sumir-se pelo chão abaixo.

Veltchaninov acudiu em seu socorro. Pôs-se a falar alto e muito, aproveitando a primeira ideia que lhe veio à cabeça; não se tinham ainda passado cinco minutos e já ele havia conquistado a atenção de todas as pessoas presentes. Possuía admiravelmente a arte da conversação mundana, essa arte que consiste em parecer absolutamente simples e sincero e em manifestar ao mesmo tempo por toda a sua atitude que se

consideram os auditores também absolutamente simples e sinceros. Quando era necessário, sabia muito bem fazer de homem alegre e feliz. Sabia também lançar o seu lindo calembur, como por acaso e sem parecer ter pensado nisso, embora o dito de espírito, o calembur e até mesmo a própria conversação tivessem sido preparados há muito, sabidos de cor e já muitas vezes postos em circulação. Mas, naquele momento, o seu bom humor ajudava a sua arte; sentia-se com disposição, havia qualquer coisa que o arrastava; tinha a certeza absoluta, triunfante, de que, ao cabo de alguns minutos, todos esses olhos se voltariam para ele, todas essas pessoas não escutariam senão a ele só, não falariam senão com ele, não ririam senão do que ele dissesse. Efetivamente aqui e ali já se ouviam risos; pouco a pouco a conversação generalizou-se; ele possuía no mais alto grau o talento de arrastar as pessoas à conversação; ouviam-se já três, quatro vozes falando ao mesmo tempo. A satisfação, quase a alegria, iluminou o rosto mole e fatigado da Sra. Zakhlébinine; o mesmo sucedeu a Katerina Fedosseievna que escutava e olhava, encantada. Nádia observava Veltchaninov por baixo e muito atentamente; via-se que estava prevenida contra ele; isto não fez senão estimular ainda mais Veltchaninov. Maria Nikitichna, «a má», conseguiu contudo lançar-lhe na conversação um dardo acerado: contou que Pavel Pavlovitch falara na véspera de Veltchaninov como do seu amigo de infância; ela acrescentava-lhe assim à idade, e sublinhando-o, sete anos bem contados. Mas Veltchaninov conseguiu agradar também à má Maria Nikitichna. Pavel Pavlovitch estava perfeitamente estupefacto. Conhecia evidentemente os meios de que dispunha o seu amigo, e mostrava-se a princípio satisfeito pelo seu triunfo; tinha rido modestamente com os outros e metera-se na conversação; mas, pouco a pouco, tornou-se pensativo, triste mesmo; e o seu rosto preocupado traiu os pensamentos que o agitavam.

— Vejo que é uma visita com a qual não há necessidade de fazer cerimónia — declarou alegremente o pai Zakhlébinine levantando-se para se retirar para o seu quarto no segundo andar, onde, embora fosse dia de festa, tinha ainda diversos papéis para assinar. — Imagine que eu o supunha o mais hipocondríaco dos homens. Como a gente se engana!

Havia um piano no salão; Veltchaninov quis saber quem cantava e dirigiu-se de repente a Nádia.

— Canta, não é verdade?

— Quem lho disse? — respondeu ela secamente.

— Disse-o há pouco Pavel Pavlovitch.

— Não é verdade. Não canto senão de brincadeira; nem mesmo tenho voz.

— Eu também não, não tenho voz, e, contudo, canto.

— Cantará então? Nesse caso, também cantarei — disse Nádia, com os olhos a brilharem-lhe. — Já tenho raiva a este piano: cá em casa toda a gente canta e toca de manhã até à noite. Mas só Katia é que sabe alguma coisa e tem habilidade.

Veltchaninov apanhou a bola no ar; ficou-se a saber que Katerina Fedosseievna era a única de todas que linha verdadeira predisposição para a música. Ele pediu-lhe logo que tocasse. Todos ficaram visivelmente satisfeitos por que ele se dirigisse a Katia, e *maman* corou mesmo de prazer. Katerina Fedosseievna levantou-se sorrindo e dirigiu-se para o piano; corou de repente e sentiu-se perturbada por ter corado como uma pequenita, ela tão alta, tão forte e já com vinte e quatro anos; e todos estes sentimentos se denunciaram no seu rosto quando se pôs a tocar. Tocou um trecho de Haydn, com nitidez, mas sem muita expressão: estava intimidada. Quando acabou, Veltchaninov elogiou com entusiasmo, não a execução, mas Haydn, e muito principalmente a pequena peça que ela acabava de executar; isto causou-lhe visivelmente tanto prazer e parecia tão reconhecida, tão satisfeita pelos elogios dirigidos não a ela, mas a Haydn, que Veltchaninov, involuntariamente, teve para ela um olhar mais atento, mais caricioso: «Tu és realmente uma interessante moça», parecia dizer, e todos pareceram também compreender esse olhar, sobretudo a própria Katerina Fedosseievna.

— Que belo jardim que têm — disse ele subitamente, sem se dirigir em especial a ninguém e voltando-se para a porta envidraçada da varanda. — Vamos ao jardim!

— Isso mesmo, vamos lá!

Ouviram-se então exclamações de alegria como se ele tivesse adivinhado o maior desejo de toda a gente.

Passeou-se pelo jardim até ao jantar. A Sra. Zakhlébinine, que já há muito queria ir descansar, não pôde deixar de acompanhar os outros e saiu também; mas instalou-se prudentemente no terraço e adormeceu logo.

No jardim, Veltchaninov e as moças acabaram por se tornarem verdadeiros amigos. Três rapazes das casas vizinhas vieram juntar-se-lhes: um era estudante de curso superior, o segundo um aluno do liceu; estes

precipitaram-se cada um para a *sua dama;* não tinham manifestamente vindo senão por causa delas; quanto ao terceiro, era um rapaz duns vinte anos, hirsuto, com um ar tenebroso e usando uns enormes óculos azuis. Teve uma conversação rápida e em voz baixa, com Maria Nikitichna e Nádia; do sobrancelhas carregadas, lançava a Veltchaninov olhares severos e parecia considerar de seu dever desprezá-lo profundamente.

Algumas das moças propuseram que se organizassem jogos, Veltchaninov perguntou em que jogos é que elas costumavam entreter-se; responderam-lhe que eram vários, mas que naquela tarde seria o dos provérbios: todos se sentam, e o que tem de adivinhar afasta-se por um instante; escolhe-se então um provérbio qualquer, por exemplo: *Devagar se vai ao longe;* chama-se a seguir o que adivinha e cada um deve, um por cada vez, dirigir-lhe uma frase preparada previamente; o primeiro diz uma frase em que se encontra a palavra *devagar;* o segundo uma frase contendo a palavra *se,* e assim sucessivamente.

Trata-se de apanhar essas palavras e reconstituir o provérbio.

— Isso deve ser muito divertido — observou Veltchaninov.

— Oh! não! é muito aborrecido — responderam várias vozes ao mesmo tempo.

— Representamos também — interveio Nádia dirigindo-se a ele. — Vê essa árvore grande rodeada de um banco? São os bastidores onde ficam os atores: o rei, a rainha, a princesa, o primeiro galã; cada um aparece quando lhe agrada e declama o que lhe passa pela cabeça; às vezes sai bem.

— Mas é magnífico! — aprovou mais uma vez Veltchaninov.

— Oh não! É imensamente maçador. A princípio, não corre muito mal, mas, para o fim, tudo se embaralha, porque ninguém sabe concluir. Consigo, talvez isso vá melhor. E nós que imaginávamos que era um amigo de Pavel Pavlovitch! Ele gabou-se disso. Agrada-me muito que tivesse vindo... cá por causa de uma coisa.,

E a moça olhou para Veltchaninov de uma maneira significativa, muito a sério, e foi imediatamente juntar-se a Maria Nikitichna.

— Vai-se brincar aos provérbios esta tarde — cochichou de repente confidencialmente a Veltchaninov uma moça que ele mal tinha visto e que ainda lhe não tinha dirigido a palavra. — Esta tarde vamos todos pregar partidas a Pavel Pavlovitch e o senhor vai também tomar parte nelas.

— Oh! como foi bom que viesse! A gente cá em casa aborrece-se tanto! — disse-lhe amigavelmente outra moça que ele não tinha sequer notado ainda e que surgira não se sabe de onde, uma ruiva que das correrias e do calor mostrava um rosto tão vermelho que chegava a ser cómico.

Pavel Pavlovitch tornava-se cada vez mais inquieto. Veltchaninov e Nádia acabaram por se tornar excelentes amigos; ela deixara de o olhar por baixo e não pensava já em o examinar atentamente; ria, pulava, soltava gritinhos, e por duas vezes mesmo agarrou-lhe a mão. Estava muito satisfeita e continuava a não fazer nenhum caso de Pavel Pavlovitch, como se ele lá não estivesse. Veltchaninov pôde convencer-se que havia uma verdadeira conspiração contra Pavel Pavlovitch; enquanto Nádia e um grupo de moças atraíam Veltchaninov para um lado, outras, sob diversos pretextos, levavam para o outro lado Pavel Pavlovitch; mas este escapava-se, corria para Veltchaninov e Nádia, e surgia de repente entre os dois a sua cabeça calva e o seu rosto inquieto tratando de apreender as palavras de ambos. Por fim não pôs nisso a menor dissimulação; a ingenuidade da sua atitude era por vezes surpreendente.

Veltchaninov não pôde deixar de observar ainda atentamente Katerina Fedosseievna: ela havia evidentemente compreendido agora que ele não viera por sua causa e se interessava muito por Nádia; mas o seu rosto refletia a mesma doçura, a mesma satisfação que há pouco. Parecia achar-se feliz só por estar junto dos outros e escutar o que dizia o novo visitante; ela própria, coitada, era incapaz de se meter habilmente na conversação.

— Como é gentil a sua irmã Katerina! — murmurou de repente em voz baixa Veltchaninov a Nádia.

— Katia? Mas pode lá ser-se melhor do que ela? É o anjo de nós todos, e gosto muito dela — respondeu com exaltação.

Às cinco horas, serviu-se enfim o jantar. Era evidente que não era um jantar habitual e que se fizera cerimónia com o novo conviva. Dois ou três pratos complicados haviam sido acrescentados aos do costume; um deles era mesmo tão extraordinário que ninguém teria podido dizer o que era. Além dos vinhos de mesa vulgares, viu-se aparecer uma garrafa de Tokai, comprada evidentemente de propósito para aquela ocasião, e, pelo fim do jantar foi mesmo servido champanhe. O pai Zakhlébinine, que bebera um copo a mais, estava de excelente humor e disposto a rir-se de tudo o que dizia Veltchaninov. Pavel Pavlovitch, finalmente, não se conteve mais;

levado pela emulação, tentou fazer também o seu calembur; à ponta da mesa, onde ele se encontrava sentado junto da Sra. Zakhlébinine, retiniu de súbito o riso estrondoso das moças.

— Papá, papá! Pavel Pavlovitch fez também um calembur! — gritaram ao mesmo tempo duas das meninas Zakhlébinine. — Diz que nós somos moças dignas de admiração.

— Ah! ele também se mete a fazer calembures? Que foi então que ele disse? — respondeu Zakhlébinine, dirigindo-se com um tom importante e um tanto protetor a Pavel Pavlovitch, e sorrindo já com antecipação ao esperado trocadilho.

— Lá vai outra vez: ele diz que nós somos «moças dignas de admiração».

— Sim, mas?...

Ele continuava a não compreender, contudo o seu sorriso era cada vez mais agradável e atencioso.

— Mas, papá, como é que não compreende então?

Explicaram-lhe finalmente.

— Ah! ah! — exclamou um pouco desanimado. — Hum!... Perfeitamente... Para a outra vez ele arranjará melhor...

E desatou a rir.

— Não se podem ter todos os talentos ao mesmo tempo, Pavel Pavlovitch! V exclamou num tom trocista Maria Nikitichna. — Ah! meus Deus! Ele engasgou-se com uma espinha! — exclamou ela erguendo-se de repente.

Foi um borborinho geral e era justamente o que Maria Nikitichna queria. Pavel Pavlovitch havia apenas engolido de lado um gole de vinho que havia bebido para ocultar a sua confusão; mas Maria Nikitichna jurava pelos seus deuses que «era uma espinha, que ela bem a tinha visto, e que se podia morrer de uma coisa destas».

— Batam-lhe nas costas! — exclamou alguém.

— É efetivamente o que há de melhor a fazer — declarou Zakhlébinine.

Houve imediatamente amadores. Maria Nikitichna, a ruiva (convidada também para jantar) e a própria Sra. Zakhlébinine, muito assustada, todas queriam bater nas costas de Pavel Pavlovitch, que se tinha erguido da mesa e tratava de se escapar, afirmando que não era nada, e que a tosse ia

acabar já. Percebeu-se por fim que se não tratava senão de uma partidinha de Maria Nikitichna.

— Isso ultrapassa as marcas, tu és brincalhona de mais... — tentou dizer-lhe num tom severo a Sra. Zakhlébinine; mas não pôde continuar e rompeu num riso louco que lhe não era habitual e que produziu também o seu efeito.

Depois do jantar, tomou-se o café no terraço.

— Que belos dias nós temos este ano — proferiu sentenciosamente Zakhlébinine, contemplando com satisfação o jardim. — Mas havia agora necessidade de uma boa chuva. Bem, eu cá vou descansar. Divirtam-se! Diverte-te também! — acrescentou batendo no ombro de Pavel Pavlovitch, e saiu.

Quando todos desceram ao jardim, Pavel Pavlovitch correu de repente para Veltchaninov e agarrou-o pela manga do casaco.

— Um minuto, peço-lhe — cochichou-lhe impaciente.

Meteram-se por um pequeno caminho, afastando-se.

— Não... desculpe-me... não, desta vez eu não lhe permitirei — disse em voz baixa, abafando de cólera e apertando o braço de Veltchaninov.

— Mas que é que há? de que se trata? — perguntou Veltchaninov abrindo muito os olhos.

Pavel Pavlovitch fitou-o sem poder falar; os lábios tremiam-lhe e ele sorria enraivecidamente.

— Onde é que vão? Onde estão? Está tudo pronto! — chamaram as vozes impacientes das moças.

Veltchaninov encolheu os ombros e foi ter com elas. Pavel Pavlovitch apressou-se a segui-lo.

— Aposto que lhe pediu um lenço — disse Maria Nikitichna —; da última vez esqueceu-se do lenço de algibeira.

— Esquece-se sempre do lenço — acrescentou uma das Zakhlébinine.

— Esqueceu o lenço! Pavel Pavlovitch esqueceu o lenço! Mamã, Pavel Pavlovitch esqueceu outra vez o lenço! Mamã, Pavel Pavlovitch está outra vez constipado! — gritava-se de todos os lados.

— Mas porque é que ele o não diz! Não faça isso Pavel Pavlovitch! — proferiu a Sra. Zakhlébinine com uma voz arrastada. — Não se deve brincar com as constipações. Vou mandar dar-lhe um lenço. Mas porque é que o senhor anda sempre constipado? — acrescentou a afastar-se, muito satisfeita por ter arranjado um pretexto para recolher a casa.

— Eu tenho dois lenços — gritou-lhe Pavel Pavlovitch — e não tenho nem sombra de constipação.

Porém, ela não compreendeu provavelmente; e alguns instantes depois, quando Pavel Pavlovitch seguia os outros e tratava de se colocar o mais perto possível de Nádia e de Veltchaninov, uma criada esbaforida veio trazer-lhe um lenço.

— Vamos! Vai-se ao jogo dos provérbios! Vai-se ao jogo dos provérbios! — gritava-se de todos os lados, como se se prometesse Deus sabe que prazer com esse jogo.

Foi escolhido um sítio, e sentaram-se em bancos. Foi a Maria Nikitichna a quem coube ser a primeira a adivinhar; foi exigido que ela se afastasse o mais possível e não tentasse escutar. Escolhido o provérbio, distribuíram-se as palavras. Maria Nikitichna chegou e adivinhou imediatamente. O provérbio era: *O perigo é grande, mas Deus é misericordioso.*

Depois foi a vez do rapaz hirsuto de óculos azuis. Foram tomadas para com ele precauções maiores ainda; foi colocado perto do pavilhão, com o rosto voltado para a parede. O rapaz tenebroso cumpriu o seu dever com um ar altivo e desdenhoso; dir-se-ia que se sentia humilhado. Quando o chamaram, não pôde adivinhar, deu duas vezes a volta às pessoas sentadas, fez repetir cada frase duas vezes, refletiu demoradamente, de cara carregada, mas sem resultado. Envergonharam-no. O provérbio a adivinhar era: *A oração feita a Deus e o serviço prestado ao Czar nunca são perdidos.*

— O provérbio é, além de tudo, muito estúpido — resmungou o rapaz, muito ofendido, voltando a sentar-se no seu lugar.

— Oh! que aborrecimento! — lamentaram-se algumas vozes.

Foi em seguida a vez de Veltchaninov. Obrigaram-no a afastar-se mais ainda. Também ele não pôde adivinhar.

— Que aborrecido que isto é! Que coisa tão aborrecida!

As vozes tornaram-se mais numerosas.

— Sou eu agora que vou adivinhar — disse Nádia.

— Não, não, é Pavel Pavlovitch! — exclamaram todas elas animando-se.

Levaram Pavel Pavlovitch até ao muro que fechava o jardim, onde o colocaram, o nariz voltado para um canto, sob a vigilância da ruiva. Pavel Pavlovitch, um pouco mais calmo e tendo recuperado o seu bom humor,

dispôs-se a cumprir escrupulosamente o seu dever, não ousando voltar-se, conservando-se com os olhos pregados no muro. A ruiva, muito agitada, vigiava-o à distância de vinte passos, fazendo sinais de inteligência às moças; preparava-se evidentemente qualquer coisa, um acontecimento que se esperava com grande impaciência. De repente, a ruiva ergueu os braços e toda a companhia desatou a correr, pernas para que vos quero!

— Corra! Corra também! — disseram a Veltchaninov umas dez vozes abafadas, inquietas por ele ficar no lugar.

— Que é que há? Que sucedeu? — perguntava ele seguindo os outros.

— Silêncio! Não grite! Ele fica lá de cara para o muro e nós fugimos-lhe. Veja Nástia vai a fugir também.

Nástia (a ruiva) corria como uma perdida abrindo os braços; dir-se-ia que se tinha produzido Deus sabe o quê. Chegou-se enfim ao outro extremo do jardim, por trás de um tanque. Quando Veltchaninov chegou junto deles, viu que Katerina Fedosseievna estava em viva discussão com as outras moças e sobretudo com Nádia e Maria Nikitichna.

— Katia, minha querida, não te zangues! — dizia-lhe Nádia beijando a irmã.

— Bem, não direi nada à mamã; mas eu vou-me embora, porque isso não fica bem. Que deve pensar o pobre, ao pé do muro?

Ela deixou-as, mas as outras foram implacáveis. Exigiu-se de Veltchaninov que não prestasse nenhuma atenção a Pavel Pavlovitch quando este chegasse ao pé deles, e fizesse como se nada se tivesse passado.

— E agora, corramos a apanhar-nos uns aos outros! — exclamou, radiante, a ruiva.

Pavel Pavlovitch não deu com eles senão ao cabo de um quarto de hora pelo menos, tendo certamente passado os dois terços desse tempo imóvel junto do muro. Brincava-se com entusiasmo; todos gritavam e riam. Louco de raiva, Pavel Pavlovitch correu para Veltchaninov e agarrou o de novo pela manga do casaco.

— Um instantezinho, peço-lhe.

— Meu Deus! como ele é maçador com os seus instantezinhos!

— Precisa outra vez de um lenço! — exclamaram algumas vozes.

— Desta vez, foi o senhor, foi o senhor a causa! O senhor só! — disse Pavel Pavlovitch rangendo os dentes.

Veltchaninov interrompeu-o e aconselhou-lhe, muito sereno, que se mostrasse mais alegre:

— É justamente por causa disso que se riem de si; o senhor é desagradável, enquanto toda a gente se diverte.

Com grande espanto seu, estas palavras influíram fortemente em Pavel Pavlovitch, que se tornou de repente silencioso, muito humilde, voltou para junto de todos e, com ar submisso, tomou parte nos jogos. Durante um certo tempo, deixaram-no sossegado, brincando também com ele como com os outros e, ao cabo de meia hora apenas, ele tinha já quase completamente recuperado a sua boa disposição.

Quando cada um devia escolher a sua dama, era sempre a ruiva, a «traidora», ou uma das irmãs Zakhlébinine que ele designava. E, ainda com grande surpresa sua, Veltchaninov notou que nem uma vez Pavel Pavlovitch ousou dirigir-se a Nádia, embora andasse constantemente à roda dela. Parecia, em todo o caso, aceitar o à-vontade com que o tratavam como uma coisa devida, natural. Mas, no fim, fizeram-lhe uma nova partida.

Brincava-se às escondidas e era permitido, quando se estava escondido, mudar de lugar. Pavel Pavlovitch, que se tinha dissimulado entre uns arbustos, teve de repente a ideia de se esconder na casa; viram-no correr, gritos retiniram; ele subiu rapidamente a escada e correu para o entresolo; conhecia lá um cantinho detrás de uma cómoda e queria esconder-se ali. Mas a ruiva lançou-se na sua perseguição; correndo na ponta dos pés, conseguiu chegar até à porta, empurrou-a e fechou-a à chave. Todas então, como o tinham feito da outra vez, deixaram de brincar e fugiram. Ao cabo duns dez minutos, Pavel Pavlovitch compreendeu que já o não procuravam e meteu a cabeça pela janela. Não viu ninguém. Não se atreveu a chamar, com receio de despertar os pais; a criada de quarto e a cozinheira tinham recebido ordens severas para não aparecerem e mesmo para não responderem à chamada de Pavel Pavlovitch. Só poderia libertá-lo Katerina Fedosseievna; mas, tendo regressado ao seu quarto, ela tinha adormecido. Ficou assim fechado perto de uma hora. Por fim as moças reapareceram umas após outras.

— Pavel Pavlovitch! Porque não vem para junto de nós? Estamos a divertir-nos imenso. Estamos a representar: Alexei Ivanovitch faz o papel de galã.

— Pavel Pavlovitch! Que é que está a fazer aí? Estamos verdadeiramente admirados!

— Que é que há? — perguntou de repente a voz da Sra. Zakhlébinine; tendo despertado, decidia-se enfim a descer ao jardim e a assistir às brincadeiras «das crianças» enquanto se esperava pelo chá.

— Veja onde está Pavel Pavlovitch!

Indicaram-lhe a janela onde se enquadrava, pálido de raiva e convulsionado por um sorriso, o rosto de Pavel Pavlovitch.

— Que prazer tem ele em estar ali, sozinho, quando os outros se divertem? — disse a idosa senhora meneando a cabeça.

Entretanto, Veltchaninov havia sido distinguido com a confiança de Nádia, que lhe tinha explicado porque se considerava «muito satisfeita com a sua visita». A explicação foi dada numa álea afastada. Maria Nikitichna fez sinal a Veltchaninov que continuava a tomar parte nos jogos, mas começava a sentir uma profunda tristeza; a moça levou-o junto de Nádia e deixou-o só com ela.

— Estou convencida agora — começou com todo o desembaraço Nádia, com uma voz rápida, precipitada — que o senhor não é realmente tão íntimo com Pavel Pavlovitch como ele se gabava. Penso que o senhor é a única pessoa que me pode prestar um favor muito importante. Aqui tem a odiosa pulseira que ele me ofereceu — e tirou o estojo do seu bolsinho. — Peço-lhe encarecidamente que lho entregue imediatamente, porque eu nunca mais lhe dirigirei a ele a palavra em toda a minha vida. Poderá dizer-lhe, além disto, que fui eu que o encarreguei de lhe entregar a joia e acrescentar que não torne a ter a audácia de me fazer presentes. Quanto ao resto, eu far-lho-ei saber por outros. Quer dar-me o prazer de fazer o que lhe peço?

— Em nome do céu, dispense-me disso! — exclamou Veltchaninov afastando o estojo.

— Como? dispensá-lo?

Muito surpreendida pela recusa dele, Nádia abriu muito os olhos, perdeu imediatamente a sua compostura e esteve quase a fundir-se em lágrimas. Veltchaninov desatou a rir.

— Não é que... eu teria até muito prazer... mas eu e ele temos umas contas a ajustar...

— Eu bem sabia que o senhor não era amigo dele e que ele mentiu — interrompeu ela com volubilidade. Nunca casarei com ele, sabe, nunca!

Não compreendo mesmo como ele pôde atrever-se!... Mas o senhor deve contudo entregar-lhe a sua ignóbil pulseira, pois que outra maneira tenho eu de o fazer? Quero absolutamente, absolutamente, que ela lhe seja entregue hoje mesmo e que ele receba esta afronta. E se ele se atreve a queixar-se ao papá, verá o que lhe acontece.

Neste momento surgiu bruscamente detrás dos arbustos o rapaz hirsuto dos óculos azuis.

— O senhor deve entregar-lhe a pulseira — disse ele furibundo a Veltchaninov. — Quando mais não fosse em nome dos direitos da mulher, se acaso o senhor está à altura...

Mas não pôde terminar. Nádia agarrou-lhe com força o braço e empurrou-o.

— Meu Deus, como é estúpido, Predpossylof! — exclamou ela. — Vá-se embora! Vá-se embora! E não se atreva a espionar-nos. Eu tinha-lhe ordenado que se conservasse a distância!

Ela batia com o pé no chão; o outro havia já desaparecido por detrás dos arbustos, porém ela continuava a dar passadas pela álea, fora de si, os olhos brilhantes, as mãos juntas no peito.

— O senhor não pode imaginar até que ponto eles são estúpidos!

Parou de repente diante de Veltchaninov:

— O senhor ri-se disto, mas pense no que eu devo sentir!

— Não é *ele,* não é verdade? Não é *ele?* — perguntou Veltchaninov rindo.

— Evidentemente que não, não é *ele.* Como foi mesmo que o senhor o pôde ter pensado?

Nádia sorriu e corou:

— É um seu amigo. Mas porque é que ele escolhe amigos destes? Não o compreendo; dizem todos que é um homem de grande futuro, mas eu não compreendo... Alexei Ivanovitch, eu não tenho ninguém a quem me dirigir. Uma última palavra: entrega a pulseira?

— Está bem, entrego, dê-a cá.

— Ah! como o senhor é gentil, como é bom! — disse ela toda alegre entregando-lhe o estojo. — Para lhe agradecer, vou cantar para si durante todo o serão, porque eu canto muito bem, fique sabendo; menti há pouco quando lhe disse que não gostava de música. Ah! se o senhor pudesse voltar, mais uma vez, uma só que fosse, como eu ficaria contente; contar-

lhe-ia tudo, e muitas coisas mais, porque o senhor é tão bom, exatamente como Katia.

Efetivamente, quando todos regressaram à casa para tomar o chá, ela cantou-lhe duas canções com uma voz que não estava ainda trabalhada, mas que era bastante agradável e já bem colocada. Tornou a ver-se Pavel Pavlovitch, confortavelmente sentado junto dos pais Zakhlébinine em volta da mesa do chá, onde fervia já um enorme samovar e em cima da qual estava disposto um serviço de porcelana de Sevres. Falavam provavelmente de coisas muito importantes, porque dois dias depois ele devia partir com uma demora de nove meses. Pareceu que nem reparara em toda aquela gente moça que regressava do jardim, e muito especialmente em Veltchaninov; ele não se tinha por enquanto queixado, evidentemente, e tudo estava ainda perfeitamente calmo.

Mas quando Nádia se dispôs a cantar, apareceu imediatamente. Nádia não respondeu a uma pergunta direta que ele lhe fez, mas Pavel Pavlovitch não se desconcertou, nem perturbou. Colocou-se-lhe atrás da cadeira, mostrando pela sua atitude que estava ali no seu lugar e que o não cederia a ninguém.

— É agora Alexei Ivanovitch que vai cantar. Mamã, Alexei Ivanovitch quer cantar! — exclamaram as moças juntando-se em volta do piano em frente do qual Veltchaninov, muito senhor de si, tomava lugar e se preparava para acompanhar-se a si mesmo.

Os pais Zakhlébinine passaram da sala de jantar para a sala de visitas, assim como Katerina Fedosseivna, que acabava de servir o chá.

Veltchaninov escolheu uma canção de Glinka, hoje quase esquecida.

Quando, entreabrindo alegremente os lábios,
Mais terna que uma pomba me falares...

E cantou-a endereçando-a diretamente a Nádia, que se conservava junto dele. Há muito tempo já que não tinha voz, mas adivinhava-se ainda que devia ter sido bela. Quando era estudante, uns vinte anos antes, Veltchaninov ouvira pela primeira vez essa canção cantada pelo próprio Glinka, numa noite de arte em casa de um amigo do compositor. Cheio de entusiasmo, Glinka tocou e cantou, nesse dia, das suas obras as que preferia e, entre outras, aquela canção. Também ele, o autor, já então não tinha voz, mas Veltchaninov conservara a recordação da impressão

profunda que lhe tinha deixado precisamente essa canção; nunca o mais hábil artista ou cantor de salão teria podido atingir aquela intensidade de expressão. A paixão ia aumentando a cada frase da melodia, e era exatamente por causa dessa tensão sempre crescente que o menor exagero, o menor erro de estilo, que numa ópera passam tão facilmente despercebidos, destruiriam toda a significação da obra e diminuiriam o seu alcance. Esta coisa tão simples, mas tão extraordinária, exigia, para ser perfeitamente executada, uma inspiração muito sincera, uma paixão real, ou pelo menos a sua recriação poética. Doutra forma, essa canção pareceria vulgar: era impossível exprimir com uma tal intensidade uma paixão tão ardente sem provocar aborrecimento, se se não cantasse com sonoridade, simplicidade e certa candura. Veltchaninov recordara-se que chegara em tempos a executá-la muito bem. Tinha quase assimilado completamente a maneira de Glinka.

Ora, desta vez, a paixão abrasou-lhe a alma e fez-lhe tremer a voz. A cada palavra o sentimento exprimia-se cada vez com mais força, desnudava-se com mais audácia; os últimos versos ressoaram como gritos de paixão e, quando ele cantou, com os olhos brilhantes fixos em Nádia:

Agora olho-te audaciosamente nos olhos
Aproximo os meus lábios e já não tenho a força de te ouvir.
Quero beijar-te, beijar-te, beijar-te!

Nádia estremeceu quase de medo e fez um pequeno movimento de recuo; o sangue invadiu-lhe as faces e, no mesmo instante, Veltchaninov viu passar no seu rosto perturbado e intimidado uma expressão rápida de assentimento. Todos os ouvintes pareciam encantados, mas ao mesmo tempo desconcertados; parecia-lhes a todos que era impossível, que era indecoroso cantar assim, e apesar disso os seus rostos jovens estavam afogueados, os seus olhos brilhavam e pareciam esperar que ele continuasse. Veltchaninov notou sobretudo o rosto de Katerina Fedosseievna, que se tornara quase belo.

— Hé hé! isto é que é uma canção! — murmurou o velho Zakhlébinine, bastante desconcertado. — Mas não é violento de mais?... É agradável... mas violento...

— Sim, é violento — interveio a mulher.

Mas Pavel Pavlovitch não o deixou acabar; precipitou-se como um doido e, perdendo toda a compostura a ponto de agarrar Nádia pela mão e de a afastar violentamente de Veltchaninov, com os olhos espantados, os lábios trementes, disse com uma voz sacudida:

— Tenho que lhe falar.

Veltchaninov viu claramente que, no estado em que Pavel Pavlovitch se encontrava, era capaz das piores loucuras; agarrou-o pela mão e, sem prestar atenção à surpresa geral, conduziu-o ao terraço e deu mesmo alguns passos com ele no jardim já quase completamente às escuras.

— Compreende que deve neste mesmo instante, sem nenhuma demora, partir comigo? — disse Pavlovitch.

— Não, não compreendo.

— Recorda-se — continuou Pavlovitch, com uma voz ardente, mas abafada —, recorda-se de me ter exigido um dia que eu lhe dissesse tudo, *tudo,* francamente, que lhe dissesse a «última palavra»... Recorda-se? Pois bem! Chegou o momento de lha dizer... Partamos!

Veltchaninov refletiu, olhou mais uma vez para Pavel Pavlovitch e acedeu em partir.

O anúncio súbito da sua retirada surpreendeu os pais e indignou todas as moças.

— Mais uma chávena de chá, ao menos... — insistiu com uma voz queixosa a Sra. Zakhlébinine.

— Que tens tu para estares nessa agitação? — disse com um tom descontente e severo o velho Zakhlébinine dirigindo-se a Pavel Pavlovitch que tentou sorrir mas se conservou calado.

— Pavel Pavlovitch, porque leva Alexei Ivanovitch? — lamuriaram suspirando as moças ao mesmo tempo que lhe lançavam olhares furibundos.

Quanto a Nádia, essa lançou-lhe um olhar tão mau que ele se sentiu contrafeito; mas não cedeu.

— Eu agradeço a Pavel Pavlovitch que acaba de me recordar um assunto muitíssimo importante e de que eu me não lembrava absolutamente neste momento — disse Veltchaninov apertando a mão do dono da casa e fazendo as suas despedidas à Sra. Zakhlébinine e às moças; inclinou-se mais diante de Fedosseievna, o que foi notado.

— Agradecemos-lhe a sua visita e teremos todos sempre muito prazer em o ver — concluiu Zakhlébinine com um tom convicto.

— Ah! teremos muito prazer!... — insistiu com calor a esposa.

— Volte, Alexei Ivanovitch, volte! — gritaram as moças do alto da varanda, quando ele tomava lugar na carruagem ao lado de Pavel Pavlovitch.

Julgou mesmo ouvir uma vozita pronunciar mais baixo do que as outras:

— Venha outra vez, caro, caro Alexei Ivanovitch!

«E a ruiva», disse Veltchaninov para consigo mesmo.

Capítulo 13 — Para Que Lado Pende a Balança?

Podia ainda pensar na ruiva, mas estava descontente consigo próprio, e o remorso perturbava-lhe já o espírito. Além disso, durante esse dia, passado tão alegremente, como lhe parecia, a sua tristeza não o havia abandonado e, antes de começar a cantar, não sabia já como fugir-lhe. Não foi talvez senão essa a razão do sentimento apaixonado que pôs na execução da canção.

«Como pude descer a tal ponto... e esquecer tudo!» pensou amargamente; mas apressou-se a dar outro curso aos seus pensamentos. Pareceu-lhe humilhante lamentar-se; era muito mais agradável transferir a sua irritação, fazê-la cair sobre outrem.

«Imbecil!» pensou com raiva lançando um olhar oblíquo a Pavel Pavlovitch, sentado silenciosamente a seu lado...

Pavel Pavlovitch conservava-se obstinadamente calado; preparava-se talvez e reunia as suas ideias. Com um movimento impaciente, tirava às vezes o chapéu e passava um lenço pela testa.

«Transpira», dizia a si mesmo com irritação Veltchaninov.

Pavel Pavlovitch só abriu a boca uma vez, para perguntar ao cocheiro se haveria trovoada.

— Oh! com certeza! A atmosfera tem estado tão carregada durante todo o dia.

O céu tornara-se escuro, efetivamente. Distantes clarões zebravam o horizonte. Chegaram à cidade pelas onze horas.

— Vou a sua casa — anunciou com um tom cauteloso Pavel Pavlovitch quando estava já perto da habitação de Veltchaninov.

— Já sei, mas previno-o de que me sinto muito indisposto.

— Oh! não me demorarei muito.

Quando passou sob o pórtico, Pavel Pavlovitch entrou um instante no cubículo de Mavra.

— Que foi lá fazer? — perguntou Veltchaninov num tom severo, quando o outro se lhe juntou; e entraram.

— Não era nada... era... o fiacre.

— Eu não consentirei que beba.

Não obteve nenhuma resposta. Veltchaninov acendeu a vela e Pavel Pavlovitch instalou-se imediatamente na poltrona. Veltchaninov pôs-se diante dele, com um ar soturno.

— Também eu prometi dizer-lhe a minha «última» palavra — começou ele com uma irritação contida ainda. — Aqui a tem: Eu entendo, com toda a consciência, que todas as questões estão definitivamente reguladas entre nós e que não temos mais nada a dizer um ao outro. Percebeu? Nada! Não vale mais, por conseguinte, que se retire imediatamente e que eu feche a porta atrás de si?

— Regulemos a nossas contas, Alexei Ivanovitch — disse enfim Pavel Pavlovitch, fitando-o nos olhos com uma doçura especial.

— Regular as nossas contas? — exclamou Veltchaninov profundamente surpreendido. — Que estranha expressão emprega! Que contas? É então essa a «última» palavra que há pouco prometia dizer-me?

— Exatamente.

— Não temos nenhumas contas a ajustar; há muito que se ajustaram já — proferiu orgulhosamente Veltchaninov.

— Pensa realmente assim? — perguntou num tom compenetrado Pavel Pavlovitch apertando as mãos, com um movimento estranho, sobre o peito.

Veltchaninov não lhe respondeu e pôs-se a caminhar pelo quarto. «Lisa?» gemia confrangido o seu coração.

— Como quer que eu lhe dê uma satisfação, como é ela possível? — disse após um longo silêncio.

O outro não cessara de o seguir com os olhos, conservando as mãos apertadas uma na outra.

— Não vá mais a casa dos Zakhlébinine — murmurou Pavel Pavlovitch com uma voz implorativa, e levantou-se de repente na cadeira.

— Como? Não é senão isso?

Veltchaninov teve um riso mau:

— Pode dizer-se que o senhor me tem feito pasmar hoje — começou, em tom desprezativo. Mas bruscamente mudou-se-lhe a expressão do rosto. — Ouça — disse tristemente e com um sentimento profundo —, eu penso que nunca, em nenhuma circunstância, desci tanto como hoje: primeiro acedendo a acompanhá-lo, depois comportando-me como me

comportei... Era tão mesquinho, tão lamentável... Emporcalhei-me, rebaixei me aceitando... e esqueci... E depois!...

Reanimou-se bruscamente:

— Ouça! O senhor apanhou-me desprevenido hoje, eu estava irritado, doente... Mas que tenho eu que me justificar, afinal! Não tornarei a ir lá e afirmo-lhe que nada lá me atrai — concluiu resolutamente.

— Isso é verdade? Isso é verdade? — exclamou Pavel Pavlovitch sem dissimular a sua alegria.

Veltchaninov mediu-o dos pés à cabeça com desprezo e pôs-se de novo a caminhar pelo quarto.

— O senhor parece resolvido a ser feliz a todo o custo! Não pode impedir-me enfim de observar.

— Sim — afirmou ingenuamente com uma voz suave Pavel Pavlovitch.

«Que me importa que ele não passe de um bretão e que a sua maldade não seja mais do que estupidez? pensava Veltchaninov. Não posso deixar de o odiar, mesmo não sendo ele digno disso.»

— Eu sou um «eterno marido» — disse Pavel Pavlovitch com um sorriso humilde e resignado. — Há muito que eu conhecia, por lha ouvir, essa expressão, Alexei Ivanovitch, quando o senhor estava ainda junto de nós. Retive nesse ano muitas das suas expressões. Da última vez, quando o senhor disse aqui mesmo «eterno marido», eu compreendi.

Mavra entrou, trazendo uma garrafa de champanhe e dois copos.

— Desculpe-me, Alexei Ivanovitch, sabe bem que não posso passar sem isto. Não o considere como uma insolência da minha parte e não veja em mim mais do que uma pessoa que lhe é estranha, um homem completamente indigno de si.

— Está bem — autorizou Veltchaninov com asco. — Mas garanto-lhe que me sinto muito indisposto.

— Sim, eu não me demoro nada — disse Pavel Pavlovitch. — É apenas um copinho porque a minha garganta... — Esvaziou o copo avidamente, de um trago, e tornou a sentar-se lançando a Veltchaninov olhares quase ternos. Mavra saiu.

— Isso é ignóbil! — murmurou Veltchaninov.

— A culpa é daquelas moças! E além disso, tão novas, tão interessantes!... Elas divertem-se. Chega a ser encantador. E em casa,

compreende, eu serei o escravo dela: será rodeada das pessoas que quiser, respeitada... depois o mundo... ela há de transformar-se completamente.

«Eu tenho contudo que lhe restituir a pulseira» pensou Veltchaninov com aborrecimento, tateando o estojo no fundo do bolso.

— O senhor dizia há pouco que eu estava decidido a ser feliz. Preciso de me casar — prosseguiu Pavel Pavlovitch, num tom confidencial, quase enternecido. — Porque de outra forma, que será de mim? Veja! — Indicou a garrafa. — E este é o menor dos meus defeitos. Não posso viver se me não caso, se não recupero a minha antiga confiança em mim mesmo; se readquirir a fé, ressuscitarei.

— Mas porque é que me está a contar essas coisas?

Veltchaninov esteve prestes a desatar a rir. Tudo aquilo lhe parecia absolutamente ridículo.

— Explique-me finalmente porque é que me levou àquela casa? Que necessidade tinha o senhor de mim?

— Era para apreciar.

Pavel Pavlovitch pareceu subitamente embaraçado.

— Apreciar quê?

— O efeito... Ouça Alexei Ivanovitch: há só uma semana que eu tento... lá... — Estava cada vez mais embaraçado. — Ontem encontrei-o e disse comigo: «Nunca o vi em convivência na sociedade de pessoas estranhas, com outros homens.» Uma ideia tola, eu próprio o vejo agora, tola e supérflua. A tentação era muito forte. Era a minha má índole que a isso me impelia.

Ergueu de repente a cabeça e corou.

«Dirá toda a verdade?» perguntava Veltchaninov estupefacto.

— Bem, e então? — disse.

Pavel Pavlovitch sorriu com velhaca satisfação.

— São encantadoras infantilidades. A culpa é delas. Desculpe o meu tolo procedimento para consigo hoje, Alexei Ivanovitch. Não o tornarei a ter. Não se dará isto nunca mais.

— Mas eu não voltarei lá — disse sorrindo Veltchaninov.

— Acredito.

Veltchaninov teve um momento de irritação.

— Mas não existo só eu no mundo — observou irritado.

Pavel Pavlovitch corou outra vez.

— Faz-me pena ouvi-lo dizer isso, Alexei Ivanovitch: eu respeito muito, creia-me, Nadiedja Fedosseievna.

— Desculpe-me; eu não disse isto com nenhuma intenção. Estou um pouco admirado contudo de que, tendo em tão alta conta os meus meios de ação, o senhor... tenha tido tanta... confiança em mim.

— O que me deu confiança, foi o facto de isto se passar... depois... de tudo o que se passou...

— Continua então a considerar-me ainda um perfeito cavalheiro?

Veltchaninov deteve-se subitamente. Em qualquer outra ocasião, a ingenuidade da pergunta tê-lo-ia surpreendido a si próprio.

— Considerei-o sempre como tal.

Pavel Pavlovitch baixou os olhos.

— Sim, sim, evidentemente... mas não é isso, não é nesse sentido... Eu queria dizer se... apesar de todas... as prevenções...

— Sim, apesar de todas as prevenções...

— E quando partir para Petersburgo? — não pôde evitar de perguntar Veltchaninov, apercebendo-se bem de que a sua curiosidade era monstruosa.

— Quando parti para Petersburgo, considerava-o igualmente como um homem absolutamente honesto. Tenho tido sempre estima por si, Alexei Ivanovitch.

Pavel Pavlovitch ergueu os olhos; olhava o seu adversário francamente, sem nenhuma perturbação. Veltchaninov teve de repente medo; não procurava um conflito e não queria que as coisas ultrapassassem um certo limite, sobretudo por culpa sua.

— Eu estimava-o muito, Alexei Ivanovitch — proferiu Pavel Pavlovitch, como se de repente se decidisse. — Durante todo esse ano em T... eu tinha-lhe amizade. O senhor não o notava — disse com voz trémula, com grande terror de Veltchaninov. — Eu era uma coisa insignificante demais junto de si para que pudesse reparar nisso. Valia mais assim, talvez. E, durante esses nove longos anos, recordava-me de si porque não me lembrava de um ano comparável àquele. — Os olhos de Pavel Pavlovitch brilharam singularmente. — E retive na memória um grande número de expressões e ideias suas. Recordava-me sempre de si como de um homem ardente e capaz de bons sentimentos, culto, muitíssimo culto, possuindo certas ideias: «As grandes ideias são mais o fruto de um grande coração do que de uma grande inteligência.» O senhor próprio o disse, mas

já talvez se não recorde, eu porém não o esqueci. Vi sempre em si um homem de coração. Contava consigo e tinha confiança em si... apesar de tudo...

O queixo pôs-se-lhe de repente a tremer. Veltchaninov estava apavorado; era preciso absolutamente acabar com aquele tom inesperado.

— Basta, peço-lhe, Pavel Pavlovitch — murmurou corando, excitado e impacientado. — Mas porque é — exclamou de repente —, porque é que então perseguia um homem doente, irritado, quase em delírio, e porque é que o atirava para as trevas... quando... quando tudo isso que disse não é mais do que fantasma, miragem, mentira vergonhosa e, além disso, ultrapassando todas as medidas, sim, é isso o principal, o que há de mais revoltante: ultrapassar todas as medidas. Tudo isto é ridículo; nós somos ambos viciosos e vis, seres subterrâneos. E quer, quer que lhe demonstre imediatamente não só que me não estima, mas que me odeia com toda a sua alma e que mente sem mesmo o saber? O senhor arrastou-me, levou-me àquela casa hoje, não com o fim ridículo de experimentar a sua noiva (ideia estúpida); mas, quando me viu ontem, a *cólera* tomou-o, pura e simplesmente, e o senhor levou-me para ma mostrar e poder dizer-me: «Vê-la! Ela será minha! Tenta lá se és capaz!» Desafiou-me. Não se apercebia disso, mas era assim, o senhor sentia-o assim. Ora é preciso odiar para desafiar desta maneira; portanto odeia-me.

Percorria em passos agitados o quarto, lançando estas frases com uma voz ofegante, humilhado, torturado pela consciência que tinha de cair assim no nível de Pavel Pavlovitch.

— Eu queria fazer as pazes consigo, Alexei Ivanovitch — disse de repente o outro numa voz baixa, precipitada, e o queixo tremia-lhe de novo.

Uma raiva louca apoderou-se de Veltchaninov, como se nunca ninguém lhe tivesse feito uma tão grande ofensa.

— Repito-lhe mais uma vez — rugiu ele — que o senhor persegue um homem doente, irritado... Persegue-o para lhe arrancar as palavras que espera em vão! Mas nós somos... sim, nós pertencemos a dois mundos diferentes... compreenda isso enfim... E depois... há uma campa entre nós... — proferiu ele com uma voz oprimida; e de súbito voltou a si.

— Mas como pode o senhor compreender... — o rosto de Pavel Pavlovitch empalideceu de repente e contraiu-se —, como pode compreender o que essa campa significa para mim... aqui? — exclamou,

caminhando para Veltchaninov; e com um gesto ridículo mas atroz, bateu no peito. — Eu sei o que é essa campazinha; ela está entre nós ambos e de cada lado estamos nós, eu e o senhor... Mas pende mais para o meu lado... mais... mais... — balbuciava ele como em delírio, continuando a bater no peito... — Mais, mais...

De repente um violento toque de campainha fê-los voltar bruscamente à realidade. Tinham tocado tão fortemente que parecia que queriam arrancar o cordão.

— Não se toca assim à minha porta — disse Veltchaninov, confundido.

— Também se não toca assim à minha — balbuciou timidamente Pavel Pavlovitch, recuperando a presença de espírito e voltando a ser o Pavel Pavlovitch de há pouco.

Veltchaninov, aborrecido, foi abrir a porta.

— É o senhor Veltchaninov, se me não engano? — disse na antecâmara uma voz jovem, forte e firme.

— Que deseja?

— Sei — continuou a voz firme e sonora — que tem em sua casa neste momento um certo Trussotzky. Preciso de lhe falar.

Veltchaninov teria tido, certamente, um grande prazer em atirar pela escada abaixo, com um bom pontapé, aquele cavalheiro tão seguro de si mesmo. Mas refletiu um instante, afastou-se e deixou-o passar.

— Eis o Sr. Trussotzky, entre.

Capítulo 14 — Sachenza e Nadenka

Era um rapaz de dezanove anos, talvez menos ainda, tio infantil parecia o seu lindo rosto altivo e firme. Estava muito bem vestido, ou, pelo menos, o seu vestuário ficava-lhe bem; a sua estatura era um pouco mais que mediana; cabelos pretos, espessos, espalhando-se em desordenadas madeixas, grandes olhos sombrios e atrevidos, davam-lhe uma expressão especial á fisionomia. O nariz era um pouco grande e retorcido; se não fosse o nariz, pareceria realmente um belo rapaz. Entrou, com um ar importante.

— Suponho que tenho a ocasião de falar ao senhor Trussotzky, disse, separando as palavras umas das outras e sublinhando com prazer especial a palavra «ocasião», o que dava a entender que uma conversa com o dito Trussotzky não era para ele nenhuma honra, nem nenhum prazer.

Veltchaninov começava a compreender. Pavel Pavlovitch parecia também pressentir qualquer coisa. Refletia-se-lhe no rosto uma certa inquietação; fez contudo um esforço para se conter.

— Não tenho a honra de o conhecer, respondeu, com um ar digno. Suponho que não pode haver nada de comum entre nós.

— Comece por me ouvir; dir-me-á depois a sua opinião, disse o rapaz com um tom firme e sentencioso.

Pôs as suas lunetas de aro de tartaruga que estavam presas a um cordão de seda e examinou atentamente a garrafa que estava em cima da mesa. Terminado o seu exame, tirou com calma as lunetas e disse, dirigindo-se de novo a Pavel Pavlovitch:

— Alexandre Lobov.

— Alexandre Lobov? Que vem a ser isso?

— Sou eu. Não me conhece?

— Eu não.

— Como poderia afinal conhecer-me? Venho por causa de um assunto importante que lhe diz respeito. Mas permitam-me que me sente, estou fatigado...

— Sente-se — disse Veltchaninov.

Mas o rapaz tinha-se já sentado sem esperar a autorização.

Apesar da dor cada vez mais forte que lhe tomava o peito, Veltchaninov sentia-se muito interessado por esse rapaz insolente. Pareceu-lhe descobrir uma certa semelhança muito vaga entre esse lindo rosto róseo infantil e Nádia.

— Sente-se também! — disse o rapaz a Pavel Pavlovitch indicando-lhe um assento em frente dele, com um movimento negligente da cabeça.

— Ficarei de pé.

— Fatigar-se-á. Quanto a si, senhor Veltchaninov, suponho que pode ficar.

— Não tenho nenhuma razão para sair, estou em minha casa.

— Como quiser. Devo confessar-lhe que prefiro mesmo que assista à minha explicação com este senhor. Nadiedja Fedosseievna falou-me de si nos termos mais elogiosos.

— Falou? Mas quando é que ela teve tempo para isso?

— Logo depois da sua partida. Eu venho também de casa deles. Eis do que se trata, senhor Trussotzky.

Voltou-se para Pavel Pavlovitch, que continuava de pé.

— Nadiedja Fedosseievna e eu — pronunciou ele lentamente — amamo-nos há muito tempo e demos a nossa palavra um ao outro. O senhor é um obstáculo entre ambos; eu venho convidá-lo a retirar-se. Está disposto a obedecer?

Pavel Pavlovitch esteve prestes a cair no chão; empalideceu, mas um sorriso mau deformou-lhe os lábios:

— Não, de modo nenhum! — respondeu nitidamente.

— Mau, mau... — disse o rapaz, recostando-se na sua poltrona e cruzando as pernas.

— Não sei mesmo a quem estou a falar — acrescentou Pavel Pavlovitch — e suponho que não temos nada mais a dizer um ao outro.

Tendo proferido estas palavras, entendeu ser melhor sentar-se também.

— Eu tinha-o avisado de que se fatigaria — observou negligentemente o rapaz. — Tive já ocasião de lhe dizer que me chamava Lobov e que Nadiedja Fedosseievna e eu somos noivos. Não pode pois dizer como acaba de declarar que não sabe com quem está tratando. Também não pode pensar que não temos nada a dizer um ao outro; não se trata só de mim,

mas de Nadiedja Fedosseievna, que o senhor persegue indecentemente. Bastaria isto para justificar a nossa conversação.

Pronunciou tudo isto entre dentes, num tom fátuo, mal se dignando articular os sons; colocou mesmo de novo as suas lunetas e, mesmo falando, tomou a atitude de quem está a examinar qualquer coisa.

— Permita-me, menino — tentou interromper Pavel Pavlovitch, muito irritado.

Mas o «menino» deteve-o imediatamente.

— Em qualquer outro momento, eu ter-lhe-ia certamente proibido que me tratasse por «menino»; mas presentemente, devo concordar, que é principalmente a minha juventude a principal superioridade que tenho sobre o senhor; e hoje mesmo, por exemplo, quando oferecia a sua pulseira, o senhor teria querido talvez ser um pouco mais novo.

«Oh! oh! que víbora!» murmurou Veltchaninov.

— Em todo o caso, senhor — replicou com dignidade Pavel Pavlovitch —, eu não considero que as razões que invocou, razões duvidosas e inconvenientes, sejam suficientes para continuarmos a nossa conversação. Vejo que tudo isso não passa de uma criancice sem importância. Amanhã mesmo me informarei junto do muito respeitável Fedassei Semionovitch, e por agora peço-lhe que me deixe sossegado.

— Veja este homem? — exclamou dirigindo-se a Veltchaninov o adolescente, incapaz de conservar o seu tom despreocupado. — Não lhe basta que o expulsem de lá de casa. Quer ainda recorrer ao pai! Não demonstra assim, homem obstinado, que quer obter a moça à força, que a compra aos pais, caídos na meninice, mas cujo poder a barbárie social mantém? Não lhe manifestou ela suficientemente o seu desprezo? Não lhe devolveu o seu inconveniente presente, a sua pulseira? Que precisa mais?

— Ninguém me entregou a minha pulseira, nem isso se poderia ter feito.

Pavel Pavlovitch estremeceu.

— Isso não se poderia ter feito, diz? O senhor Veltchaninov não lhe entregou a pulseira?

«Que diabos o levem!» pensou Veltchaninov.

— Efetivamente — proferiu ele com enfado —, Nadiedja Fedosseievna encarregou-me há pouco, Pavel Pavlovitch, de lhe entregar este estojo. Eu não lhe queria pegar, porém ela insistiu. Estou bastante aborrecido por isso.

Tirou o estojo do bolso e, um pouco perturbado, colocou-o diante de Pavel Pavlovitch, tolhido de pasmo.

— Porque lho não tinha entregado? — perguntou o rapaz com um tom severo a Veltchaninov.

— Não tive ainda tempo para o fazer — respondeu ele de muito mau humor.

— É muito estranho.

— Que é que diz?

— Confesse que é pelo menos estranho. Estou pronto contudo a admitir que há qualquer equívoco.

Veltchaninov teve uma vontade furiosa de se levantar e puxar as orelhas ao garotelho, mas não pôde manter-se sério e riu-lhe nas bochechas. O rapaz pôs-se a rir também. Pavel Pavlovitch é que não ria. Se Veltchaninov tivesse podido surpreender o olhar terrível que ele lhe lançou, teria percebido que Pavel Pavlovitch, nesse instante, atingira um certo limite perigoso... Mas, embora não tivesse notado esse olhar, Veltchaninov sentiu que devia colocar-se do lado de Pavel Pavlovitch.

— Ouça, senhor Lobov — começou ele num tom amigável. — Sem entrar no exame dos outros motivos, que quero pôr de parte, tenho a fazer-lhe notar que, desejando a mão de Nadiedja Fedosseievna, Pavel Pavlovitch tem a seu favor em primeiro lugar a vantagem de ser muito conhecido dessa respeitável família; é preciso depois ter em conta a sua excelente situação e finalmente a sua fortuna. É, pois, muito natural que esteja surpreendido à vista de um rival como o senhor: pode ter as mais altas qualidades, mas é tão novo que lhe é impossível considerá-lo como um rival sério... Tem, pois, razão para lhe pedir que acabe com isso.

— Que entende o senhor por «tão novo»? Fiz dezanove anos há um mês. Segundo a lei, há já muito tempo que me posso casar. Eis tudo!

— Mas qual é o pai que lhe concederia a filha agora, embora mais tarde o senhor venha a ser muitas vezes milionário ou um grande benemérito? Um rapaz de dezanove anos não pode ainda ser responsável pelos seus atos. Ora o senhor pretende assegurar o futuro de outro ser tão novo como o senhor! Não acha que isto não é muito honesto? Permiti-me falar-lhe francamente, foi o senhor mesmo que, há um instante, invocou o meu testemunho contra Pavel Pavlovitch.

— Ah! É verdade! Ele chama-se Pavel Pavlovitch! — notou Lobov. — Porque é que eu tinha imaginado que se chamava Vassili Petrovitch? Bem!

— continuou, dirigindo-se a Veltchaninov. — As suas palavras não me causaram nenhuma surpresa: sabia que são todos os mesmos! E, contudo, é singular! tinham-me falado de si como de um homem bastante moderno. Mas tudo isso não tem importância. Não somente eu não cometo nenhuma desonestidade, como o senhor se permitiu dizer, mas sucede precisamente o contrário, como vou procurar demonstrar-lho. Em primeiro lugar nós empenhamos a nossa palavra, e depois eu prometi-lhe formalmente, perante testemunhas, que, se alguma vez ela amar outro, ou se arrepender simplesmente de se ter casado comigo e quiser separar-se de mim, eu reconhecer-me-ei imediatamente, por escrito, culpado de adultério e fornecer-lhe-ei os motivos necessários para obter o divórcio. Mas não é tudo ainda. Para o caso de que, mais tarde, eu tentasse recuar e recusasse entregar-lhe esse documento, dou-lhe como garantia, no próprio dia do casamento, uma letra de câmbio no valor de cem mil rublos. Assim, pois, se eu me obstino e não consinto no divórcio, ela dá parte da minha burla e faz-me prender. Tudo está previsto, por consequência, e não comprometo o futuro de ninguém. Eis quanto ao primeiro ponto.

— Aposto que foi o outro... como se chama ele?... Predpossylov! Aposto que foi ele que imaginou esse belo plano, não foi?

— Hi... hi... hi... — chasqueou maldosamente Pavel Pavlovitch.

— De que tem que se rir este senhor? Adivinhou, senhor Veltchaninov: essa ideia pertence a Predpossylov, e deve concordar que está bem imaginada. A absurda legislação fica completamente paralisada. Eu estou bem decidido a cumprir, a todo o tempo, aquilo a que me comprometi, e todas essas precauções a fazem rir; mas é uma coisa muitíssimo hábil. Reconheça que isto é muito nobre e que não é uma coisa que faça o primeiro que apareça.

— Na minha opinião, não só isso não tem nobreza, mas é mesmo bastante indigno.

O rapaz encolheu os ombros.

— Repito, o senhor não me surpreende — disse após um instante de silêncio. — Há já muito tempo que estas coisas me não espantam. Predpossylov ter-lhe-ia dito claramente que a sua incompreensão dos factos mais naturais provém de os seus sentimentos e as suas ideias terem sido pervertidos logo desde o princípio pela existência absurda que o senhor leva há muito e depois pela sua longa ociosidade... É possível que

nos não tenhamos compreendido: tinham-me falado de si em tão bons termos... O senhor tem uns cinquenta anos, não é isso?

— Voltemos, peço-lhe, ao nosso assunto.

— Desculpe a minha indiscrição, e não se ofenda; não tive semelhante intenção. Continuo, pois: não serei um futuro multimilionário, como o senhor o imaginava há pouco (que ideia tão pândega!) Sou tal qual me vê; mas estou absolutamente certo do meu futuro. Não serei nem um herói, nem um benemérito, mas assegurarei a existência de minha mulher e a minha. Por enquanto, não tenho nada, é verdade; tenho sido mesmo sustentado e educado pela família dela, desde a minha infância.

— Que me diz?

— É verdade, sou filho de um parente afastado da família Zakhlébinine. Tinha apenas oito anos quando os meus pais morreram; o velho levou-me para casa dele e, mais tarde, enviou-me ao liceu. É um bom homem, pode crer...

— Eu sei.

— Sim, mas a cabeça dele está cheia de teias de aranha, de ideias velhas. Mas é muito bom. Há muito que eu me libertei da sua tutela, porque quero ganhar a minha vida e nada dever senão a mim mesmo.

— Desde quando? — perguntou Veltchaninov com curiosidade.

— Vai já quase em quatro meses.

— Oh! então tudo se torna perfeitamente claro: amigos de infância! E tem uma situação?

— Sim, no cartório de um notário: vinte e cinco rublos por mês. É por enquanto provisório; mas, quando fiz o meu pedido, nem tinha mesmo isso. Era empregado na administração dos caminhos de ferro, onde ganhava dez rublos. Mas tudo isto é provisório.

— O senhor fez então o seu pedido aos pais?

— Sim, um pedido oficial, há muito já: três semanas.

— E então?

— O velho a princípio riu-se, depois zangou-se imenso e fechou a filha. Nádia foi heroica. Mas, se nós não fomos bem sucedidos, é porque o pai tinha já há muito uma lasca de má vontade contra mim: eu deixara a administração onde ele me metera quatro meses antes; era ainda antes dos caminhos de ferro. É um excelente velhote, repito, muito simples e alegre em casa, na intimidade; mas se o visse na sua repartição! É outra coisa; um verdadeiro Júpiter! Fiz-lhe naturalmente compreender que as suas

maneiras tinham cessado de me agradar. Mas o principal culpado foi o subchefe: esse cavalheiro lembrou-se de se queixar da minha «grosseria»; ora eu tinha-lhe dito simplesmente que ele não era bastante culto. Mandei-os passear a todos e cá estou agora no notário.

— Era bem pago nessa administração?

— Era apenas supranumerário. Era o velho Zakhlébinine que pagava a minha manutenção. É o que eu lhe digo: é muito bom. Mas nós não cederemos! Vinte e cinco rublos, não é certamente suficiente. Mas eu conto tomar daqui a pouco parte na administração das propriedades do conde Zavileisky, cuja situação está muito embrulhada, e principiarei então com três mil rublos: senão for isso, faço-me advogado. Há agora muita necessidade de homens ativos!... Oh! que grande trovão! Vamos ter trovoada. Foi uma sorte ter chegado antes. Vim de lá a pé, a correr quase durante todo o tempo.

— Mas permita-me que lhe pergunte ainda uma coisa. Se assim é, como teve tempo de falar com Nadiedja Fedosseievna, tanto mais que o não recebem lá em casa?

— Podemos falar por cima do muro. Não viu lá uma pequena ruiva? — perguntou ele rindo. — Pois bem, ela auxilia-nos assim como Maria Nikitichna. Mas que é que o senhor tem? Tem medo da trovoada?

Veltchaninov, a quem fazia sofrer fortemente a sua súbita dor no peito, ergueu-se da sua poltrona e tentou dar alguns passos através do quarto.

— Nesse caso, estou a incomodá-lo... Vou já embora.

E o rapaz ergueu-se imediatamente.

— Não me incomoda, isto não é nada — disse delicadamente Veltchaninov.

— Como nada?... «Quando Kobylnikov tem dores de barriga...» Lembra-se dele, de casa de Chtchedrine? Gosta de Chtchedrine?

— Gosto.

— Eu também. Pois bem, Vassili... ah! como... desculpe! Pavel Pavlovitch! Acabemos isto — recomeçou, dirigindo-se a Pavel Pavlovitch quase a rir-se. — Eu formulo mais uma vez a pergunta, para que compreenda melhor: Está resolvido a declarar amanhã aos pais, oficialmente e na minha presença, que renuncia a todas as suas pretensões a respeito de Nadiedja Fedosseievna?

— Não, não estou resolvido a fazer nada disso! — Pavel Pavlovitch ergueu-se, impaciente, irritado. — E peço-lhe mais uma vez que me deixe

em paz... porque tudo isto não passa de criancice e tolice!

— Tome cautela! — disse o rapaz, com um sorriso arrogante, ameaçando-o com o dedo. — Vai enganar-se nos seus cálculos. Compreende até onde o pode levar um erro de cálculo? Quanto a mim, previno-o de que, quando, dentro de dez meses, depois do senhor ter feito grandes despesas e ter tido grandes embaraços, regressar, há de ser o senhor que se há de ver obrigado a renunciar a Nadiedja Fedosseievna; e, se não renunciar, será isso muito mal para si! Devo dizer-lhe, desculpe a comparação, que o senhor é como o cão deitado num molho de feno: não come, mas não permite que ninguém se aproxime. Repito-lhe caridosamente: Reflita, procure refletir seriamente, ao menos uma vez na sua vida.

— Dispense-me da sua moral, peço-lhe! — exclamou encolerizadamente Pavel Pavlovitch. — Quanto às suas vis alusões... eu tomarei as minhas providências já amanhã, providências sérias, meu caro senhor!

— As minhas vis alusões? De que quer falar? O senhor é que é uma criatura vil, se tem tais ideias na cabeça. Eu espero ainda até amanhã, mas se... Outro trovão! Até à vista! Muito prazer em o ter ficado a conhecer — disse para Veltchaninov numa saudação e safou-se, com pressa de sair antes da trovoada e de evitar a chuva.

Capítulo 15 — Ficam Liquidadas as Contas

— Viu isto? Viu isto? — exclamou Pavel Pavlovitch precipitando-se para Veltchaninov, mal o rapaz saiu.

— Sim, o senhor não tem sorte — disse sem pensar Veltchaninov.

Se não fosse a irritação causada pela dor que sentia no peito, não teria soltado aquela frase. Pavel Pavlovitch estremeceu como se se tivesse queimado.

— Bem! e o senhor? Era por piedade para comigo, sem dúvida, que me não entregava a pulseira, não é verdade?

— Não tivera tempo ainda para o fazer...

— Lamentava-me de todo o seu coração, como verdadeiro amigo?

— Pois bem! sim, lamentava-o!

A cólera ganhava Veltchaninov.

Contou, contudo, muito resumidamente, como lhe tinham entregado a pulseira e como Nadiedja Fedosseievna o havia quase à força obrigado a ocupar-se daquele assunto...

— Compreende, eu não queria pegar nisso; tinha já bastantes aborrecimentos para não ir por minhas mãos arranjar mais um.

— Deixou-se dominar por ela e pegou na pulseira — chasqueou Pavel Pavlovitch.

— É ridículo o que diz; tenho afinal que o desculpar. O senhor acabou de se convencer há pouco: não sou eu que desempenho o papel principal neste seu caso; há outros.

— E contudo, o senhor deixou-se dominar.

Pavel Pavlovitch sentou-se e deitou vinho no copo.

— O senhor imagina que eu vou ceder perante este garotelho? Vou despedaçá-lo como vidro, é o que vou fazer. Irei lá a casa amanhã e acabarei com todas essas criancices...

Esvaziou o copo quase de um só trago e encheu-o outra vez. E fazia aquilo com um à vontade até então não costumado.

— Veja isto! Nadenka e Sachenka!... Encantadoras crianças!... Hi hi! hi!

Já se não continha de raiva.

Iluminou-os um relâmpago ofuscante, seguido imediatamente de um trovão formidável; a chuva começou a cair em torrentes. Pavel Pavlovitch ergueu-se e fechou a janela.

— Há pouco ele perguntou-lhe: «Não tem medo da trovoada?» Hi! hi! Veltchaninov ter medo da trovoada! E depois «quando Kobylnikov...» é isso... «quando Kobylnikov…» E os seus cinquenta anos! Recorda-se? — insistiu maldosamente Pavel Pavlovitch.

— O senhor instalou-se aqui, ao que vejo... — observou Veltchaninov mal podendo falar, tão forte era a dor que sentia. — Eu vou deitar-me e o senhor faça o que quiser.

— Por um tempo assim, não se poria nem mesmo um cão na rua — respondeu Pavel Pavlovitch com um ar ofendido, mas ao mesmo tempo quase satisfeito por ter o direito de se ofender.

— Bem! fique, beba... passe mesmo aqui a noite — disse Veltchaninov com uma voz de fadiga.

Estendeu-se no divã e gemeu baixo, debilmente.

— Passar a noite!... o senhor não tem medo?

— Medo de quê?

Veltchaninov ergueu de repente a cabeça.

— Oh! de nada... digo isto por dizer... Da última vez parecia recear qualquer coisa, ou pelo menos foi o que se me afigurou...

— O senhor é estúpido! — vociferou Veltchaninov, não podendo conter-se, e voltou-se furioso para a parede.

— Oh! não é nada — respondeu Pavel Pavlovitch.

O doente adormeceu quase logo. A tensão fictícia que o tinha mantido durante todo esse dia desapareceu de repente e, como a sua saúde estava já muito abalada, sentiu-se tão fraco como uma criança.

Mas a dor dominou tudo e venceu a fadiga e o sono. Ao cabo de uma hora, despertou, e o sofrimento obrigou-o a levantar-se. A trovoada tinha cessado; o quarto estava cheio de fumo de tabaco; a garrafa estava vazia. Pavel Pavlovitch dormia no outro divã; estava estendido ao comprido e de costas, a cabeça caída, completamente vestido e com as botas calçadas. As lunetas haviam-lhe escorregado do bolso e pendiam na ponta do cordão de seda, quase rentes ao soalho. O chapéu rolara para o chão. Veltchaninov

olhou-o com um olhar triste, mas não o despertou. Dobrado em dois e andando pelo quarto, porque não pudera ficar deitado, gemia e pensava com angústia não sua dor.

Tinha medo e com razão. Estava sujeito a estas crises há muito tempo já, mas não se produziam senão com longos intervalos: um ano ou dois. Sabia que aquilo provinha do fígado: começava no vazio do estômago ou mais acima, num certo ponto do peito, por uma pressão surda, fraca ainda, mas irritante. Aumentando pouco a pouco, durando às vezes dez horas, a dor atingia uma tal intensidade, a pressão tornava-se tão intolerável, que o doente via já vir a morte. Por ocasião da última crise, um ano antes, após dez horas de sofrimento que enfim se tinham acalmado, ele achara-se a tal ponto esgotado que, deitado no seu leito, mal podia mexer a mão; e o médico não o autorizava a tomar, durante todo o dia, como uma criancinha, mais do que alguns goles de um chá muito fraco, com um pouco de pão molhado em caldo. As dores sobrevinham sem causas aparentes, mas quase sempre em seguida a uma excitação nervosa excessiva: desapareciam também de uma maneira muito estranha: conseguia-se às vezes fazer cessar a crise logo no princípio, na primeira hora, por meio de simples compressas quentes; outras vezes, como tinha acontecido no último acesso, nada dava resultado e as dores só cediam ao emprego repetido de vomitórios. O médico confessou, depois, que supusera que se tratava de um envenenamento.

Porém, a manhã vinha ainda longe, e Veltchaninov, não queria mandar chamar o médico durante a noite. Além disso, não gostava de médicos. Mas não pôde conter-se e começou a gemer muito alto. Os seus gemidos despertaram Pavel Pavlovitch; ergueu-se no seu divã e permaneceu assim algum tempo, escutando com terror os gemidos de Veltchaninov: todo assustado, via-o correr através dos quartos. A garrafa que ele tinha esvaziado atuava nele mais do que o costume, e levou-lhe tempo a voltar a si; mas compreendeu finalmente e correu para Veltchaninov, que lhe respondeu com dificuldade.

— Isto é do fígado, eu sei o que é! — exclamou Pavel Pavlovitch, subitamente agitado. — Piotr Kuzmitch Polossukine, que o senhor conheceu, teve exatamente a mesma coisa, e era o fígado. Era preciso aplicar compressas quentes. Piotr Kuzmitch aplicava-as sempre: é que disso pode-se morrer! Eu corro a chamar Mavra.

— Não é preciso, não é preciso... — Irritado, Veltchaninov repeliu-o. — Não tenho necessidade de nada.

Mas Pavel Pavlovitch, Deus sabe porquê! estava fora si, como se se tratasse da existência do seu próprio filho. Não queria ouvir nada e insistia com força para que Veltchaninov aceitasse as compressas e engolisse de um trago duas ou três chávenas de chá pouco forte, «não só quente, mas a ferver». Correu a despertar Mavra, sem esperar a autorização de Veltchaninov, ajudou-a a acender o lume na cozinha abandonada há muito e fez ferver água no samovar; entretanto, tornou a deitar o doente, despiu-o e envolveu-o num cobertor. Vinte minutos depois, o chá estava pronto, assim como a primeira compressa.

— São pratos quentes, a escaldar — dizia ele parecia que com entusiasmo, aplicando no peito de Veltchaninov um prato aquecido e envolto numa toalha.

— Nós não temos outra coisa; os pratos é também o que há de melhor; dou-lhe a minha palavra que já eu próprio fiz a experiência em Piotr Kuzmitch. É que disto pode-se morrer. Beba o chá, engula-o rapidamente! É o diabo se se queima. Mas a vida vale bem algumas queimaduras.

Empurrava Mavra, ainda meio adormecida e mudavam de prato de dois em dois minutos. Depois do terceiro prato e da segunda chávena de chá, quase a ferver, bebido de um trago, Veltchaninov sentiu de repente um certo alívio.

— Se se consegue atenuar a dor e dominá-la, já é um bom sinal e tem que se agradecer isso a Deus! — exclamou Pavel Pavlovitch; e correu a preparar muito satisfeito outra chávena de chá e outro prato.

— O principal é atalhar o mal; o principal é deter-lhe a marcha — repetia a cada instante.

Ao cabo de meia hora, a dor tinha quase completamente acalmado, mas o doente estava tão extenuado que, apesar de todas as súplicas de Pavel Pavlovitch, opôs-se a que se lhe aplicasse «mais um pequeno prato». Os olhos fechavam-se-lhe de fraqueza.

— Dormir, dormir — repetia ele com uma voz débil.

— É o que tem de melhor a fazer — aquiesceu Pavel Pavlovitch.

— Passe a noite aqui... que horas são?

— São quase duas horas menos um quarto.

— Deite-se.

— Sim, vou já deitar-me.

Um minuto depois o doente chamou de novo Pavel Pavlovitch.

— O senhor, o senhor... — murmurou-lhe ele, enquanto o outro se inclinava — é melhor do que eu! Eu compreendo tudo, tudo... obrigado.

— Durma, durma! — disse em voz baixa Pavel Pavlovitch, e voltou nos bicos dos pés para o seu divã.

Ao adormecer, o doente ouviu-o ainda a fazer rapidamente a cama, a despir-se, a apagar a vela, e a deitar-se contendo a respiração, para o não acordar.

Veltchaninov adormeceu, com certeza, logo que a luz se apagou; recordou-se disso nitidamente mais tarde; mas, todo o tempo que durou o seu sono e até ao momento em que despertou, viu em sonho que não dormia e que apesar da sua fraqueza não conseguia adormecer. Sonhou que delirava acordado e que não podia dissipar as visões que se acumulavam à sua volta, embora tivesse perfeitamente a consciência de que não eram senão visões. Reconhecia-as todas, além disso; o seu quarto estava cheio de gente; a porta de entrada permanecia aberta; as pessoas entravam em multidão e comprimiam-se na escada; diante da mesa, no meio do quarto, um homem estava sentado, exatamente como no sonho que tivera há um mês. Da mesma forma que então, o homem estava acotovelado à mesa e conservava-se calado; mas desta vez, trazia um chapéu de coco com uma fita de crepe. «Como! da última vez era então também Pavel Pavlovitch?» pensou Veltchaninov. Mas, tendo olhado mais atentamente para essa silenciosa personagem, verificou que se tratava de outra pessoa. «Porque traz ele então uma fita de crepe?» perguntou a si mesmo Veltchaninov. As pessoas que se juntavam em volta da mesa falavam, gritavam, e o tumulto era horrível. Esta multidão parecia ainda mais irritada contra Veltchaninov de que no primeiro sonho; ameaçavam-no com o punho e gritavam-lhe qualquer coisa, mas não conseguia compreender o que lhe queriam. «Eu deliro, sei bem, pensava ele, sei que não pude adormecer e que me levantei, não podendo estar deitado, tanto eu sofria!» E contudo, estas pessoas, os seus gritos, tudo aquilo parecia tão nítido, tão real, que lhe vinham dúvidas por momentos: «Será realmente uma alucinação? Que querem então de mim todas estas pessoas? Meu Deus! Mas... se não é uma alucinação, como podem estes gritos não ter acordado Pavel Pavlovitch? Porque ele lá está a dormir no divã!» Finalmente produziu-se qualquer coisa, exatamente como no outro sonho: todos se precipitaram para a escada e se acumularam diante da porta, porque nova turba subia a escada

para entrar no quarto. Essas pessoas traziam qualquer coisa: qualquer coisa volumosa e pesada; ouviam-se ressoar na escada os passos pesados dos que a transportavam e as suas vozes ofegantes que se interpelavam. No quarto ouviram-se gritos: «Trazem-no, trazem-no!» Todos os olhos brilharam e se fixaram em Veltchaninov; ameaçadores e triunfantes, todos lhe indicaram a escada. Não duvidando já de que tudo aquilo não fosse real, ergueu-se na ponta dos pés para ver mais depressa, por cima das cabeças, o que é que transportavam. O seu coração batia, batia, e, de repente, exatamente como no outro sonho, retiniram três violentos toques de campainha. E, desta vez também, eram tão claros, tão nítidos, que aquilo não podia ser evidentemente um sonho. Soltou um grito e acordou.

Mas não correu como da outra vez à porta. Qual foi o pensamento que determinou o seu primeiro movimento, e teria mesmo tido nesse instante um pensamento qualquer?... Foi contudo como se alguém lhe tivesse segredado o que devia fazer: ergueu-se na cama e, de mãos estendidas para a frente para se defender e repelir um ataque, precipitou-se na direção em que dormia Pavel Pavlovitch. As suas mãos encontraram logo outras mãos, estendidas por cima dele, e ele agarrou-as fortemente: alguém, pois, estava já ali, de pé, inclinado para ele. As cortinas da janela estavam cerradas, mas a escuridão não era completa, porque, do outro quarto que não tinha cortinas, vinha já uma ténue claridade. De repente sentiu uma dor terrível na palma e nos dedos da mão esquerda e compreendeu logo que tinha agarrado e apertado fortemente a lâmina de uma faca ou de uma navalha de barba... No mesmo instante, qualquer coisa caiu no chão com um ruído pesado e seco.

Veltchaninov era três vezes mais forte do que Pavel Pavlovitch, mas a luta dos dois durou muito tempo, não menos de três minutos. Conseguiu por fim dominá-lo e puxar-lhe os braços para trás, mas quis também atar-lhos. Enquanto com a mão esquerda ferida segurava o assassino, pôs-se a procurar, tateando com a direita, o cordão da cortina: isto durou muito tempo, por fim agarrou-o e arrancou-o. Ele próprio se surpreendeu mais tarde do esforço extraordinário que foi preciso empregar para isso. Durante esses três minutos, nem um nem outro proferiram uma única palavra. Não se ouvia senão a sua respiração ofegante e o ruído surdo da luta. Tendo enfim conseguido atar os braços de Pavel Pavlovitch atrás das costas, Veltchaninov atirou-o ao chão, ergueu-se, afastou a cortina e levantou o estore.

Na rua deserta, o dia começava já a clarear. Abriu a janela e permaneceu assim alguns instantes, aspirando profundamente o ar fresco. Eram mais de quatro horas.

Tendo fechado a janela, dirigiu-se, sem se apressar, para o armário, tirou de dentro uma toalha lavada e envolveu com ela a mão esquerda, apertando-a muito para estancar o sangue que corria. Os pés tropeçaram-lhe numa navalha aberta; levantou-a, fechou-a e tornou a colocá-la no seu estojo que se encontrava desde pela manhã em cima de uma mesinha junto do divã onde dormia Pavel Pavlovitch; fechou em seguida o estojo na sua secretária. Só então voltou para junto de Pavel Pavlovitch e se pôs a examiná-lo.

O outro, durante esse tempo, havia conseguido com muito esforço levantar-se e sentar-se na poltrona. Não estava vestido, nem mesmo calçado. A camisa estava ensopada de sangue nas costas e nas mangas, mas era o sangue que tinha corrido da mão ferida de Veltchaninov. Era bem Pavel Pavlovitch, mas poderia não se ter reconhecido no primeiro instante, se fosse visto assim de repente, tanto o seu rosto tinha mudado.

Estava sentado, o rosto esverdeado, convulsionado, escalavrado; as mãos atadas atrás das costas mantinham-no direito na poltrona. De vez em quando estremecia. Voltou para Veltchaninov um olhar fixo mas apagado, como se não distinguisse agora tudo. De repente teve um sorriso de louco e, indicando com um movimento da cabeça a garrafa da água que se encontrava em cima da mesa, murmurou:

— Água...

Veltchaninov encheu-lhe um copo e deu-lhe de beber. Pavel Pavlovitch estendeu avidamente os lábios. Tendo bebido três golos, levantou a cabeça, encarou atentamente Veltchaninov que se conservava diante dele com o copo na mão; mas não disse nada e pôs-se de novo a beber. Quando acabou, respirou profundamente. Veltchaninov pegou no seu travesseiro, juntou as peças do seu fato e passou para o quarto contíguo fechando Pavel Pavlovitch à chave.

As dores de há pouco tinham desaparecido completamente, mas sentiu de novo uma enorme fraqueza, depois do súbito esforço que tinha feito, Deus sabe como! Tentou apurar o que se tinha passado, mas as suas ideias não se coordenavam ainda; o abalo tinha sido demasiadamente forte. Os olhos fechavam-se-lhe durante dez minutos, depois de repente estremecia, despertava, recordava-se de tudo, erguia a mão ferida, envolta numa toalha

ensopada de sangue e que o fazia sofrer e punha-se a refletir com uma avidez febril. Um só ponto lhe parecia claro. Pavel Pavlovitch queria efetivamente cortar-lhe o pescoço, mas, um quarto de hora antes talvez, ele mesmo não sabia que o faria. É possível que a caixa das navalhas de barba tivesse na véspera caído sob o seu olhar, sem lhe despertar nenhuma ideia precisa, mas a imagem havia permanecido na sua recordação. (De ordinário as navalhas ficavam fechadas à chave na secretária, e Veltchaninov não as tinha tirado senão na véspera para rapar alguns pelos supérfluos em volta do bigode e das suíças).

«Se ele tivesse há muito tempo resolvido matar-me, teria certamente preparado com antecedência um punhal ou uma pistola, e não teria contado com a minha navalha, que nunca tinha visto antes de ontem à noite» pensou ele entre outras coisas.

Soaram finalmente seis horas. Veltchaninov voltou a si, vestiu-se e entrou no quarto onde encerrara Pavel Pavlovitch. Abrindo a porta, perguntou a si mesmo, sem o poder explicar, porque é que o fechara em vez de o pôr imediatamente fora da porta.

Com grande surpresa sua, o prisioneiro estava já completamente vestido; tinha conseguido desfazer o laço que o ligava e estava sentado na poltrona; desde que Veltchaninov entrou, levantou-se; tinha já o chapéu na mão. O olhar inquieto que lançou rapidamente a Veltchaninov parecia dizer: «Não diga nada, não é preciso falar...»

— Saia! — disse Veltchaninov. — Pegue no seu estojo — acrescentou ele.

Pavel Pavlovitch voltou sobre os seus passos, pegou no estojo, meteu-o no bolso e saiu. Veltchaninov foi até à porta para a fechar atrás dele. Os olhares dos dois cruzaram-se pela última vez; Pavel Pavlovitch parou de repente; fitaram-se nos olhos, parecendo hesitar; isto durou bem cinco segundos. Por fim Veltchaninov fez-lhe um leve gesto com a mão.

— Então! vá-se embora! — disse a meia voz e fechou a porta à chave.

Capítulo 16 — Análise

Uma alegria imensa, extraordinária, o inundou; qualquer coisa havia cessado; qualquer coisa se tinha desatado; a angústia atroz que o perseguia afastava-se, dissipava-se. Assim lhe parecia. Havia durado cinco semanas. Levantava a mão, olhava a toalha ensanguentada e murmurava: «Desta vez tudo acabou definitivamente.» E durante toda essa essa manha, pela primeira vez há três semanas, ele não pensou quase em Lisa, como se esse sangue derramado dos seus dedos golpeados tivesse podido também liquidar essa conta.

Teve claramente a consciência de ter escapado a um perigo terrível. «Esses homens, pensava ele, que, um minuto antes, não sabem ainda se matarão ou não, uma vez com a faca entre as suas mãos trémulas e sentindo nos dedos o primeiro jato de sangue quente, já se não contentam só em matar, cortam-nos a cabeça *rente,* como dizem os forçados. Sim, é assim.»

Não podia ficar em casa e saiu, convencido de que devia fazer qualquer coisa, ou que qualquer coisa devia inevitavelmente suceder-lhe. Caminhava pelas ruas e esperava. Tinha um desejo enorme de encontrar alguém, de conversar fosse com quem fosse, mesmo com um desconhecido, e foi só então que pensou em ir procurar um médico e fazer pensar convenientemente a mão.

O médico, que ele conhecia há muito, ao examinar o ferimento, teve a curiosidade de se informar «como é que aquilo pudera acontecer». Veltchaninov esquivou a resposta gracejando, riu às gargalhadas e esteve quase a contar-lhe tudo; mas conteve-se. O doutor tomou-lhe o pulso e, tendo sabido da crise da noite anterior, convenceu-o a tomar imediatamente uma poção calmante que ele tinha ali à mão. Tranquilizou-o sobre o seu ferimento: «Isso não pode ter consequências más». Veltchaninov pôs-se a rir e afirmou-lhe que as consequências, pelo contrário, tinham sido excelentes.

Duas vezes ainda durante esse dia ele foi tomado do desejo irresistível de contar tudo, e mesmo uma vez a um cavalheiro completamente desconhecido ao qual ele fora o primeiro a dirigir a palavra numa pastelaria, embora tivesse sempre detestado encetar a conversação com desconhecidos num lugar público.

Entrou em diversos estabelecimentos, comprou um jornal, foi ao seu alfaiate e encomendou-lhe um fato. A ideia de ir a casa dos Pogoreltzev continuava a ser-lhe desagradável e tratava de não pensar neles; e mesmo ele não podia ir para o campo: esperava qualquer coisa que se devia produzir ali mesmo, na cidade.

Jantou com grande apetite, conversou com o criado e com o seu vizinho de mesa e bebeu meia garrafa de vinho. Não pensava num reaparecimento possível da crise da véspera, persuadido de que a sua doença havia completamente passado no próprio momento em que saltara da cama e agarrara o assassino hora e meia depois de ter adormecido completamente extenuado. Pela tarde, contudo, teve vertigens e sentiu-se por momentos assaltado por ideias semelhantes às do seu sonho da véspera. Voltou a casa logo que começou a escurecer e o aspeto do seu quarto causou lhe quase medo quando entrou. Pareceu-lhe triste, sinistro; percorreu-o várias vezes e foi mesmo à cozinha, onde não entrava nunca. «Foi aqui que eles aqueceram os pratos» pensou. Fechou cuidadosamente a porta e acendeu as velas mais cedo do que o costume. Ao fechar a porta, lembrou se de que, ao passar pelo cubículo da porteira, tinha chamado Mavra e lhe perguntara se Pavel Pavlovitch não tinha vindo na sua ausência, como se realmente o outro tivesse podido vir vê-lo.

Tendo-se aferrolhado bem, abriu a secretária, tirou o estojo das navalhas e examinou atentamente a da *véspera*. No cabo de marfim, distinguiam-se apenas alguns sinais de sangue. Tornou a colocar anavalha no seu lugar e fechou de novo o estojo na secretária. Desejava dormir e sentia que devia deitar-se imediatamente, porque, doutro modo, *não seria bom para nada no dia seguinte*. Ora esse dia seguinte parecia-lhe dever ser, não se sabe porquê, um dia fatal, *decisivo*. As mesmas ideias que, todo o dia, na rua, o não tinham abandonado um só instante surgiam agora e assaltavam-lhe o cérebro doente, sem lhe deixar um momento de descanso; refletia, refletia e, durante muito tempo ainda, não pôde adormecer.

«Se está bem estabelecido que ele se pôs a degolar-me sem premeditação», pensava, «essa ideia ter-lhe-ia já vindo ao espírito, embora não fosse senão uma vez? Pensaria nisso pelo menos num dos seus maus momentos?»

Cortou a questão de uma maneira bastante estranha: «Sim, Pavel Pavlovitch queria matar-me, mas a ideia deste assassínio nunca lhe veio ao espírito.» Ou por outra, *Pavel Pavlovitch queria matar, mas não sabia que queria matar*. «Isto não tem sentido, mas é assim», pensava Veltchaninov. «Não foi por causa de Bagautov nem para obter a sua promoção que veio a Petersburgo, embora, chegado aqui, tivesse percorrido os ministérios e tivesse ido procurar Bagautov; a morte deste enraiveceu-o. Mas ele desprezava Bagautov como uma coisa insignificante. Foi por minha causa que ele veio a Petersburgo e que trouxe Lisa...»

«E eu, eu esperava que ele... tentasse matar-me?» Concluiu que esperava, e isso precisamente a partir do momento em que o viu seguir de carruagem o enterro de Bagautov. «Desde então, eu esperava qualquer coisa, mas não isto certamente; não esperava que ele me degolasse!»

«E é possível», exclamou erguendo bruscamente a cabeça do travesseiro e abrindo os olhos, «é possível verdadeiramente que esse... doido fosse sincero quando me afirmava ontem a sua amizade, quando o queixo lhe tremia e batia no peito com o punho fechado?»

«Sim, era sincero», disse ele a si mesmo, avançando e aprofundando mais a análise. «Esse Quasímodo de T... era suficientemente generoso e estúpido para gostar do amante da sua mulher, cuja conduta, durante vinte anos, lhe pareceu irrepreensível. Durante nove anos, respeitou-me, venerou a minha recordação e conservou as minhas *expressões* na sua memória. Meu Deus! E eu que não sabia de nada! Ele não podia mentir ontem. Mas tinha-me amizade ontem quando me declarava ser meu amigo e me dizia: *Liquidemos as nossas contas?* Sim, ele amara *odiando* e é justamente o amor mais forte...»

«É muito possível, e é com certeza assim, que eu lhe tenha produzido em T... uma impressão realmente formidável e *benéfica*. É justamente o que devia suceder com este Schiller que é ao mesmo tempo um Quasímodo. Fez-me cem vezes maior do que o meu tamanho natural, porque eu o perturbei profundamente na sua solidão filosófica... seria curioso saber o que foi que realmente o perturbou. Talvez as minhas luvas sempre novas e a maneira de eu as usar? Os Quasímodos gostam muito da

estética! Oh! como eles a amam! Um par de luvas é mais do que suficiente para certas almas muito generosas, sobretudo para *eternos maridos*. Quanto ao resto, eles exageram mil vezes e bater-se-ão se for necessário por nós, se o quisermos. E em que conta ele tem os meus meios de sedução! É possível mesmo que sejam esses meios que o tivessem conquistado mais do que qualquer outra coisa. E a sua exclamação, o outro dia: *Se aquele também, então, em quem é que se pode acreditar?* Depois de uma tal exclamação, quem a profere torna-se uma besta fera...»

«Hum!... Ele chegou aqui *para me beijar e chorar comigo*, como ele próprio se exprimiu tão vilmente; isto é, ele vinha a Petersburgo para me cortar a cabeça, mas imaginava que vinha só *para me beijar e chorar*... E trouxe consigo Lisa. Mas, se eu me tivesse posto a chorar com ele, ele teria podido perdoar-me!... E tudo isto, desde o primeiro encontro, redundou em carantonhas de bêbedo, em gestos grotescos, em covardes gemidos de mulher ofendida (e os chifres, os chifres de que ele se gabava!). Foi justamente para isso que ele veio bêbedo, para poder fazer extravasar, nem que fosse só em esgares, o que ele tinha na consciência. Não estando bêbedo, não teria podido falar... Como ele gostava desses esgares e dessas bobices! Ah! como ele gostava disso! E que alegria não foi a sua quando um dia conseguiu fazer-se beijar! Mas não sabia ainda como aquilo acabaria: por beijos ou punhaladas? Finalmente achou que o melhor era beijar e matar. Era a solução mais natural. Sim, a vida não ama os monstros e desembaraça-se deles por meio de *soluções naturais*. O mais monstruoso dos monstros é o que tem nobres sentimentos. Eu sei isto por experiência própria, Pavel Pavlovitch! A natureza não é uma mãe para os monstros, mas uma madrasta. A natureza produz um monstro e, em vez de ter piedade dele, condena-o. E assim deve ser. Os beijos e as lágrimas de perdão já não ficam bem na nossa época mesmo às pessoas honestas: que dizer então de nós, Pavel Pavlovitch?»

«Sim, ele foi bastante estúpido para me levar a casa da noiva. Meu Deus! uma noiva! A ideia de ressuscitar uma vida nova, com o auxílio da inocência da menina Zakhlébinine, só podia vir à cabeça de um Quasímodo desta espécie. Mas Pavel Pavlovitch não é culpado, absolutamente nada culpado! é um monstro e tudo nele, por conseguinte, tem de ser monstruoso, os seus sonhos e os seus desejos! Mas, monstro como é, duvidou do seu sonho, teve necessidade da alta sanção de Veltchaninov, tão respeitado, tão venerado. Era-lhe precisa a aprovação de

Veltchaninov, a certeza de Veltchaninov de que esse sonho não era um sonho, mas a própria realidade. Foi precisamente pelo respeito que tinha por mim que me levou lá, porque tinha confiança na nobreza dos meus sentimentos, contando talvez que nos beijaríamos lá, entre as árvores, chorando, ali perto da inocência.»

«Sim, este eterno marido devia acabar, um dia ou outro, por se castigar a si próprio uma vez para sempre e, para se castigar, pegou na navalha, sem premeditação é verdade, mas em todo o caso pegou nela! *Deu-lhe uma punhalada na presença do governador*. A propósito, pensaria já ele qualquer coisa deste género quando me contava essa anedota a respeito do pajem de honra? Teria ele qualquer ideia na cabeça, a outra noite, quando, tendo-se levantado da cama, ficou de pé no meio do quarto? Hum!... não, era uma *brincadeira.* Levantou-se para uma necessidade, mas vendo que eu tinha medo, não me respondeu durante dez minutos, porque lhe era muito agradável sentir que eu tinha medo dele... Foi talvez então, com efeito, quando estava de pé na escuridão, que pela primeira vez a ideia nasceu nele...»

«Contudo, se eu não tivesse esquecido a navalha em cima da mesa essa tarde, nada teria provavelmente sucedido. É assim? É realmente assim? Ele evitava-me todavia e esperou duas semanas antes de me vir ver. Escondia-se de mim, porque tinha *pena* de mim. Escolheu primeiro Bagautov e não me escolheu a mim. E esses pratos que ele andou a aquecer de noite, esperando operar assim uma diversão no seu espírito: da faca para a ternura!... Ele queria salvar-me e salvar-se a ele mesmo por meio dos pratos quentes.»

E durante muito tempo trabalhou assim o cérebro deste antigo *homem da sociedade* até que por fim se acalmou. Despertou no dia seguinte, com a cabeça ainda transtornada, dominado agora por um terror *novo,* completamente imprevisto.

Esse novo terror vinha da certeza súbita que se lhe encasquetara de que ele, Veltchaninov, homem da sociedade, iria apresentar-se, nesse mesmo dia, e voluntariamente, a Pavel Pavlovitch... Porquê? Com que fim? Não o sabia e cheio de mágoa, o queria saber; sabia só uma coisa, é que iria até lá, sem compreender porquê.

Esta louca ideia — não lhe podia chamar outra coisa — atingiu contudo uma tal precisão que tomou uma forma bastante razoável: na véspera já ele pensara que, regressando ao seu quarto, Pavel Pavlovitch se

fecharia cuidadosamente à chave e se enforcaria, como esse homem de que lhe falara Maria Syssoievna. Esta ideia transformou-se progressivamente numa certeza absurda, mas invencível. «Mas por que diabo esse imbecil poderia querer enforcar-se?» dizia-se a si mesmo procurando interromper o curso dos seus pensamentos. Recordava-se das palavras de Lisa... «Além disso, eu, no lugar dele, talvez me enforcasse...», pensou.

Finalmente, em vez de ir jantar, resolveu ir à habitação de Pavel Pavlovitch: «Perguntarei apenas por Maria Syssoievna», dizia. Mas, tendo descido a escada, parou à porta da rua.

«Como, como!» exclamou vermelho de vergonha, «realmente eu vou arrastar-me até lá para nos beijarmos e chorarmos juntos? Tenho de acrescentar ainda a toda esta vergonha esta baixeza insensata?»

Mas foi salvo da *baixeza insensata* pela Providência que vela por todas as pessoas decentes. Mal tinha posto o pé na rua, esbarrou com Alexandre Lobov. O rapaz vinha ofegante e agitado.

— Ia agora mesmo a sua casa! Que me diz do nosso amigo Pavel Pavlovitch?

— Enforcou-se? — murmurou Veltchaninov com um ar alarmado.

— Enforcar-se? Porquê?

Lobov esgazeou os olhos.

— Não é nada... continue!

— Diabo! O senhor tem ideias muito singulares! Ele não se enforcou (porque é que se havia de enforcar?). Muito pelo contrário, foi-se embora. Acabo de o instalar no seu vagão e de o ter expedido. Mas o que ele bebe! Esvaziámos três garrafas. Predpossylov também. O que ele bebe! O que ele bebe! Cantava no comboio; recordou-se de si, fez-nos um sinal com a mão e encarregou-nos de lhe dar cumprimentos. Mas é um canalha! Que é que pensa a este respeito?

O rapaz estava bêbedo: o rosto iluminado, os olhos brilhantes e a língua pastosa indicavam-no suficientemente. Veltchaninov riu desabaladamente.

— Acabaram por fraternizar bebendo. Ha! ha! ha! Beijaram-se e choraram todos três. Ah vós outros poetas! Schiller!

— Nada de injúrias! Saiba que *lá* renunciou a tudo. Esteve lá ontem e hoje. Denunciou-nos e Nádia foi fechada no quarto de baixo. Ele teve crises, choros, mas nós não cederemos! Mas se soubesse como ele bebe! Falava constantemente do senhor, mas pode-se compará-lo ao senhor? O

senhor é um homem educado e pertenceu à alta sociedade; é obrigado a conservar-se aparte agora, por causa de não ter meios, creio... O diabo o leve! não fui capaz de o compreender inteiramente...

— Foi então ele que lhe falou de mim nesses termos?

— Foi, mas não se zangue. Vale mais ser um cidadão honesto que pertencer à alta sociedade. Eu digo isto porque, na nossa época, na Rússia, já a gente não sabe quem há de estimar. Concorde que é uma infelicidade para uma época não se saber quem se há de estimar. Não é verdade?

— É verdade, é verdade! Mas ele?

— Ele? Quem? Ah sim! Porque é que dizia ele constantemente: «Esse Veltchaninov tem cinquenta anos, *mas* está arruinado.» Porquê *«mas* arruinado» e não «e arruinado»? Ele ria e repetia isto mil vezes. No comboio, pôs-se a chorar. Era uma coisa aborrecida! Esse homem bêbedo era lamentável! Ah! eu não gosto nada dos Imbecis. Pôs-se, em seguida, a distribuir dinheiro aos pobres, pelo descanso da alma de Elisabeth. É a mulher dele?

— É a filha.

— Que tem o senhor na mão?

— Um golpe. Não é nada, isto passa.

— Sabe, ele fez bem em partir. Que o diabo o leve! Mas aposto que, desde que chegue à terra para onde vai, se casa. Não julga isso?

— Mas o senhor não se quer também casar?

— Eu?... Eu cá é outra coisa... O senhor é bastante singular. Se o senhor tem cinquenta anos, ele tem com certeza sessenta. Tem que se ser lógico, meu caro senhor. E depois, sabe, há já muito tempo eu era um slavófilo, mas atualmente, é do ocidente que esperamos a aurora... Bem, até à vista! Foi uma sorte tê-lo encontrado sem ter de subir a sua casa; é-me impossível entrar, não insista, não tenho tempo!...

Pôs-se a caminho, mas quase logo voltou sobre os seus passos.

— Onde é que tenho a cabeça? Ele encarregou-me de lhe entregar uma carta. Aqui está. Porque não foi despedir-se dele à estação?

Veltchaninov tornou a subir a casa e abriu o sobrescrito que tinha o seu nome.

O sobrescrito não continha nem uma linha de Pavel Pavlovitch, mas uma carta que não era dele. Veltchaninov reconheceu a letra. O papel tinha amarelecido, a tinta esmaecera. A carta tinha sido escrita há dez anos, dois meses depois da sua partida de T... Mas não lhe tinha sido expedida e fora

substituída por outra; isso depreendia-se claramente pelo seu conteúdo. Nessa carta, Natália Vassilievna dizia-lhe adeus para sempre e confessava-lhe que amava outro e não lhe escondia a sua gravidez. Pelo contrário, para o consolar, prometia-lhe achar ocasião de lhe enviar o filho de ambos e afirmava-lhe que teriam daí em diante outras obrigações e que, assim, a sua amizade, ficava selada para sempre. Em resumo, um poucochinho de lógica, mas o fim era sempre o mesmo: desembaraçar-se do amor de Veltchaninov. Autorizava-o mesmo a ir a T... daí a um ano para ver o filho. Deus sabe porquê, tendo refletido, substituíra esta carta pela outra!

A leitura destas linhas, Veltchaninov empalideceu, mas representou-se-lhe Pavel Pavlovitch descobrindo aquela carta e lendo-a pela primeira vez diante do cofrezinho de ébano com incrustações de nácar.

«Também ele deve ter empalidecido como um defunto», pensou ao ver a sua própria imagem no espelho. «Ele leu, fechou os olhos provavelmente, depois tornou a abri-los na esperança de que a carta voltasse a ser uma simples folha de papel branco... Deve ter recomeçado a experiência três vezes pelo menos!...»

Capítulo 17 — O Eterno Marido

Passaram dois anos sobre os acontecimentos que acabamos de descrever. Vamos tornar a encontrar Veltchaninov, instalado, por um belo dia de verão num vagão de uma das nossas novas linhas de caminho de ferro. Ia a Odessa para ver um amigo, mas também com outro objetivo, não menos agradável: por intermédio desse amigo, esperava poder encontrar uma mulher encantadora com a qual queria, há muito travar maiores relações. Sem entrar em pormenores, diremos apenas que Veltchaninov, durante esses dois últimos anos, se tinha extraordinariamente transformado ou, para melhor dizer, corrigido. A sua antiga hipocondria desaparecera sem quase deixar vestígios.

Das «recordações» e inquietações (consequências do seu estado doentio) que o tinham assaltado em Petersburgo, dois anos antes, não sentia senão uma vergonha secreta ao pensar na sua antiga fraqueza. A certeza de que isso se não repetiria nunca mais e que nunca ninguém o saberia consolava-o em parte. Tinha, com efeito, abandonado nessa época completamente as suas relações mundanas; vestia-se mal, escondia-se, e isso *toda a gente* o tinha certamente notado. Mas regressara daí a pouco à sociedade, mostrando um tal arrependimento e aparecendo tão completamente transformado que «todos» desculparam imediatamente o seu abandono temporário.

Aqueles até que ele deixara de cumprimentar foram dos primeiros a reconhecê-lo e a estender-lhe a mão, sem mesmo lhe fazerem perguntas indiscretas, como se ele tivesse estado todo esse tempo ausente por quaisquer razões de família com que ninguém tinha nada e acabasse simplesmente de voltar a Petersburgo. A causa dessas mudanças tão felizes era evidentemente o resultado favorável da sua demanda. Veltchaninov obtivera sessenta mil rublos, o que não era certamente muito, mas que tinha para ele uma grande importância; em primeiro lugar, tornava a encontrar-se em terreno sólido; estava, pois, satisfeito moralmente; além disso, sabia que não dissiparia esses últimos recursos

como um imbecil, como o fizera às suas duas primeiras fortunas, e que esse dinheiro lhe bastava até ao fim da sua vida. «Que o edifício social deles se desmorone, que nos berrem aos ouvidos o que quiserem», pensava às vezes considerando as coisas inauditas, miraculosas, que se passavam em volta dele na Rússia, «os homens e as ideias podem mudar quando lhes agradar; quanto a mim, terei sempre a certeza deste fino jantar diante do qual me sento e estou, por consequência, preparado para tudo».

Este pensamento, doce até à voluptuosidade, fora pouco a pouco apoderando-se completamente dele e tinha-o modificado mesmo no físico, sem falar do moral. Era verdadeiramente outro homem, comparado àquele que nós descrevemos no princípio e ao qual sucediam histórias tão pouco decentes. O seu aspeto era alegre, aberto, agradável. E mesmo as rugas inquietantes que lhe haviam aparecido em volta dos olhos e na testa tinham-se quase completamente desvanecido. A pele tornara-se-lhe mais branca e mais rosada.

Estava confortavelmente instalado num vagão de primeira classe, e uma ideia muito agradável acabava de lhe surgir ao espírito. Havia uma bifurcação na estação seguinte; uma linha recentemente construída dirigia-se para a direita: «Se eu deixasse a linha direta e me deixasse levar para a direita, poderia, duas estações mais adiante, visitar uma dama que acaba de chegar do estrangeiro e que se encontra atualmente só no campo, o que é muito vantajoso para mim, mas muito desagradável para ela; seria, pois, possível empregar lá o meu tempo de uma maneira mais interessante que em Odessa, tanto mais que eu poderia ir a Odessa depois». Mas hesitava ainda, e não podia decidir-se; esperava o «choque» imprevisto que devia determinar a sua resolução. Ora estava-se já próximo da estação; o choque também se não fez esperar.

A paragem nessa estação era de quarenta minutos; os viajantes podiam lá jantar. Um público impaciente juntava-se e acotovelava-se, como de costume, à entrada da sala de espera; e, como de costume também, produziu-se um escândalo. Uma dama, que acabava de descer de um compartimento de segunda, mulher bonita, mas vestida de uma maneira um pouco vistosa para uma viajante, arrastava com as duas mãos um oficial de ulanos, um lindo rapaz, que procurava libertar-se. O jovem oficial estava completamente bêbedo e a dama, uma parente com mais idade provavelmente do que ele, não o largava, receando sem dúvida vê-lo correr ao restaurante. Ora o ulano tinha esbarrado no meio da turba com

um jovem comerciante que andava a divertir-se naquele momento e já estava um pouco fora de si: há dois dias que se encontrava na estação, bebia em companhia de numerosos camaradas e lançava o dinheiro pelas janelas, sem se dispor a continuar a sua viagem. Rebentou uma questão: o oficial gritava, o comerciante praguejava; a dama estava em grande desespero e, tentando levar o ulano, gritava-lhe com uma voz suplicante: «Mitenka, Mitenka». Isto pareceu escandaloso ao jovem comerciante; toda a gente ria, é verdade, mas ele sentiu-se, Deus sabe porquê, ofendido nos seus sentimentos morais.

— Veem aquilo? *Mitenka!* — disse num tom de censura, imitando a voz aflautada da dama. — Não têm vergonha mesmo em público!

E, aproximando-se cambaleando da dama que se havia deixado cair em cima de uma cadeira, fazendo sentar o ulano ao pé dela, lançou-lhe um olhar de desprezo e disse numa voz arrastada:

— Tu não passas de uma marafona, uma marafona, ouviste!

A dama soltou um grito agudo e lançou em volta de si olhares implorativos, a pedirem socorro. Tinha vergonha e medo. Por cúmulo, o oficial saltou da sua cadeira vociferando e fez menção de se precipitar sobre o comerciante, mas escorregou e caiu de novo em cima da cadeira. As gargalhadas em volta aumentavam e ninguém pensava em intervir. Foi Veltchaninov que veio em socorro; agarrou no comerciante pelo colete e repeliu-o para cinco passos de distância da dama apavorada. Isto pôs cobro ao escândalo; o jovem comerciante, muito assustado pelo safanão e pela estatura de Veltchaninov, deixou-se logo levar pelos seus camaradas. A aparência imponente de um cavalheiro vestido com tanta elegância produziu também grande efeito sobre os que riam; os risos cessaram. A dama, muito vermelha, com as lágrimas nos olhos começou a exprimir-lhe com efusão o seu reconhecimento. O ulano mastigava: «Obrigado, obrigado» e quis estender a mão a Veltchaninov; mas, tendo mudado de ideia, deitou-se ao comprido em cima das cadeiras.

— Mitenka! — gemeu a dama num tom de censura, juntando as mãos.

Veltchaninov estava contente com a aventura e as circunstâncias da sua intervenção. A dama interessava-o: era evidentemente uma provinciana de fortuna, vestida ricamente, mas sem gosto, de maneiras um pouco ridículas; retinia portanto todas as condições que podiam garantir o êxito a um janota da capital tendo certas vistas sobre uma mulher.

Conversou-se: a dama falava com fogo e lamentava-se do seu marido «que havia saído subitamente do vagão e que era a causa de tudo... porque desaparecia sempre exatamente no momento em que se tinha necessidade dele».

— Foi satisfazer uma necessidade... — gaguejou o ulano.

— Oh! Mitenka!

Ela juntou de novo as mãos.

«Pobre marido!» pensou Veltchaninov.

— Como se chama ele? Eu vou procurá-lo — propôs Veltchaninov.

— Pa... Pa...litch — balbuciou o ulano.

— O seu esposo chama-se Pavel Pavlovitch? — perguntou com curiosidade Veltchaninov.

E de súbito a cabeça calva que ele conhecia tão bem surgiu entre ele e a dama. Num instante tornou a ver o jardim dos Zakhlébinine, os jogos inocentes e a insuportável calva que se interpunha constantemente entre ele e Nadiedja Fedosseievna.

— Ei-lo enfim! — exclamou com uma voz exasperada a esposa.

Era o próprio Pavel Pavlovitch. Surpreendido e assustado, contemplava Veltchaninov, petrificado, como à vista de um fantasma. O seu pasmo era tal que durante um certo tempo pareceu não compreender nada do que lhe explicava com irritação e volubilidade a sua esposa ofendida. Estremeceu enfim e compreendeu num instante todo o horror da situação: a sua falta, o que havia feito Mitenka e como aquele «cavalheiro» (a dama designava assim, não se sabe porquê, Veltchaninov) «tinha sido o nosso anjo da guarda, o nosso salvador, ao passo que o senhor vai-se sempre embora quando devia estar junto de nós!»

Veltchaninov desatou a rir.

— Mas nós somos antigos amigos, amigos de infância! — disse ele à dama, muito admirada.

E, pousou familiarmente, num gesto protetor, a mão direita no ombro de Pavel Pavlovitch, que sorria vagamente.

— Ele nunca lhe falou de Veltchaninov?

— Não, nunca — disse a dama um pouco embaraçada.

— Vamos, apresente-me a sua esposa, amigo infiel.

— É, com efeito, o senhor Veltchaninov, Lipotchka. Eis... começou todo confuso.

Atrapalhou-se. A esposa corou e lançou-lhe um olhar furibundo por lhe ter chamado Lipotchka.

— Imaginem, nem sequer me participou que se ia casar e não me convidou para a boda; mas a senhora, Olimpíada...

— Semionovna — soprou Pavel Pavlovitch.

— Semionovna! — interveio subitamente o ulano que adormecia.

— Desculpe-o, Olimpíada Semiovna, em minha honra, em honra do nosso encontro... É um excelente marido!

E Veltchaninov bateu amigavelmente no ombro de Pavel Pavlovitch.

— Minha querida, eu tinha-me afastado por um instante... — tentou justificar-se Pavel Pavlovitch.

— E deixou insultar covardemente a sua mulher — interrompeu imediatamente Lipotchka. — Quando se tem necessidade do senhor, nunca está; quando se não tem necessidade é que está.

— Onde não é preciso, está... onde não é preciso... onde não é preciso... — insistia o ulano.

Lipotchka abafava quase de cólera. Ela própria compreendia que tudo aquilo não era decente diante de Veltchaninov; corava, mas não podia conter-se.

— O senhor é muito prudente, onde não é preciso... muito prudente — deixou ela escapar.

Mitenka deixou-se arrebatar também por sua vez.

— Debaixo da cama... procura amantes... debaixo da cama... onde não é preciso, onde não é preciso...

Mas nada havia a fazer com Mitenka. Afinal tudo terminou bem. Travou-se um maior conhecimento. Pavel Pavlovitch foi mandado a procurar café e caldo. Olimpíada Semiovna explicou a Veltchaninov que vinham de O... onde servia seu marido e que iam agora passar dois meses à sua propriedade a quarenta verstas da estação; que tinham uma bela casa e um jardim, que esperavam lá numerosas visitas e, além disso, tinham muitos vizinhos e que se Alexei Ivanovitch quisesse ter a amabilidade de os visitar «na sua solidão» ela o receberia «como o seu anjo da guarda», porque não podia pensar sem terror no que teria acontecido se... e assim sucessivamente, numa palavra, «como um anjo da guarda».

— Um salvador, um salvador! — insistia calorosamente o ulano.

Veltchaninov agradeceu delicadamente e respondeu que estava encantado, que era um homem sem ocupação, um ocioso, e que o convite

de Olimpíada Semiovna o lisonjeava imenso. E logo a seguir encetou uma conversação muito alegre, na qual conseguiu meter dois ou três cumprimentos. Lipotchka corou de prazer e mal Pavel Pavlovitch voltou anunciou-lhe alegremente que Alexei Ivanovitch tinha tido a bondade de aceitar ir passar um mês em casa deles no campo e que prometia chegar dentro de uma semana.

Pavel Pavlovitch teve um sorriso um pouco espantado e não disse palavra. Olimpíada Semionovna encolheu os seus lindos ombros e ergueu os olhos ao céu.

Separaram-se por fim; novas expansões de reconhecimento e, de novo, «anjo da guarda», «Mitenka», etc. Pavel Pavlovitch conduziu sua mulher e o ulano ao vagão. Veltchaninov acendeu um charuto e pôs-se a passear ao longo do cais. Sabia que Pavel Pavlovitch ia acorrer junto dele para trocar algumas palavras antes da partida do comboio. Foi o que sucedeu, com efeito: Pavel Pavlovitch apareceu; toda a sua fisionomia e os seus olhos exprimiam uma interrogação inquieta.

Veltchaninov pôs-se a rir, agarrou-lhe «amigavelmente» o cotovelo, levou-o até um banco próximo, sentou-se e fê-lo sentar junto de si. Ficou calado, querendo que Pavel Pavlovitch começasse.

— Então vem a nossa casa? — balbuciou este indo direito ao facto.

«Eu sabia-o bem! Ele não mudou nada.»

Veltchaninov desatou a rir.

— Mas diga-me. — Bateu-lhe de novo no ombro. — Pôde acreditar a sério, um só instante, que eu iria a sua casa e demais a mais por um mês? Hé! hé!

Pavel Paviovitch endireitou-se, muito alegre.

— Não virá então? — exclamou não pensando de modo nenhum em dissimular a sua alegria.

— Não, não irei, não irei!

Veltchaninov teve um riso satisfeito; afinal ele não compreendia porque é que tudo aquilo lhe parecia de tal forma cómico, mas quanto mais nisso pensava, mais divertido lhe parecia o caso.

— Realmente? Fala a sério?

Tendo pronunciado estas palavras, Pavel Pavlovitch vibrava de ansiedade febril.

— Já lho disse: não irei... Que homem estranho que o senhor é!

— Mas então, sendo assim... que é que eu hei de dizer à Olimpíada Seminovna que o espera daqui a uma semana e não o verá chegar?

— Isso á fácil! Diga-lhe que parti uma perna, ou qualquer coisa neste género.

— Ela não me acreditará — disse Pavel Pavlovitch com uma voz lamurienta.

— E você apanhará qualquer coisa?

Veltchaninov ria-se perdidamente.

— Noto, meu caro amigo, que treme diante da sua encantadora esposa! Hein?

Pavel Pavlovitch tentou sorrir, mas não conseguiu. Que Veltchaninov tivesse recusado ir, estava bem; mas que se permitisse falar num tom familiar da Sra. Trussotzky, isso é que não era agradável. O rosto de Pavel Pavlovitch tornou-se sombrio. Veltchaninov notou-o. Entretanto tocava a campainha pela segunda vez. Ao longe ouvia-se uma voz inquieta, chamando Pavel Pavlovitch. Este começou a agitar-se, mas não correu ainda ao apelo; esperava evidentemente que Veltchaninov lhe prometesse uma última vez que não iria.

— Qual é o nome de solteira de sua esposa? — perguntou Veltchaninov, como se não notasse a inquietação de Pavel Pavlovitch.

— É a filha do nosso arcipreste — respondeu o outro, de ouvido à escuta e lançando olhares inquietos para o seu vagão.

— Ah! compreendo, o senhor casou com ela por causa da sua beleza.

Pavel Pavlovitch fez de novo uma careta.

— E quem é este Mikenka?

— Não é nada... Um dos nossos parentes afastados, um parente meu... o filho de minha falecida prima Golubtchikov; obrigaram-no a deixar o serviço por causa de uma certa história, mas está reintegrado agora. Nós equipámo-lo completamente... infeliz rapaz!...

«É isso mesmo, tudo está em ordem, é completo» pensou Veltchaninov.

— Pavel Pavlovitch! — exclamou de novo, mais irritada ainda a voz que vinha do vagão.

— P... Pa...litch — repetiu outra voz, avinhada.

Pavel Pavlovitch agitou-se de novo, mas Veltchaninov agarrou-lhe fortemente o cotovelo e deteve-o.

— Quer que eu vá daqui contar já à sua esposa como é que tentou degolar-me? Que diz a isto?

— Como? Pensa nisso? — exclamou Pavel Pavlovitch, espavorido. — Que Deus o livre!

— Pavel Pavlovitch! Pavel Pavlovitch! — gritaram outra vez as vozes.

— Bem! vá lá!

Veltchaninov largou-o enfim, rindo de vontade.

— Não virá, pois não? — balbuciou pela última vez, quase num desespero, Pavel Pavlovitch.

E juntou mesmo as mãos diante dele, com dantes.

— Juro-lho! Corra pois, senão há rixa!

Com um movimento largo, ele estendeu-lhe a mão, estendeu-lha e estremeceu: Pavel Pavlovitch não pegou na mão que ele lhe estendia; retirou a sua.

Deram o último sinal da partida.

Então, num instante, produziu-se uma mudança: ambos pareceram transformados. Alguma coisa fremiu e se quebrou em Veltchaninov que, um momento antes, ria tão alegremente. Agarrou violentamente Pavel Pavlovitch pelo ombro.

— Se eu, *eu,* lhe estendesse esta mão — e mostrava-lhe a palma da mão esquerda, onde aparecia a longa cicatriz deixada pelo ferimento — poderia tomá-la! — ciciou-lhe ele com os lábios pálidos e trementes.

Pavel Pavlovitch empalideceu também e os lábios tremiam-lhe. Ligeiras convulsões lhe passavam no rosto.

— E então Lisa? — balbuciou.

E de súbito os seus lábios, as faces, o queixo, tudo se pôs a tremer e saltaram-lhe as lágrimas dos olhos.

Veltchaninov permanecia de pé diante dele, petrificado.

— Pavel Pavlovitch! Pavel Pavlovitch! — rugiam do vagão, como se estivessem a degolar alguém.

Um apito retiniu.

Pavel Pavlovitch voltou a si, fez um gesto desesperado e fugiu quanto as pernas podiam correr; o comboio estremecia já; mas ele conseguiu agarrar a portinhola e saltar para o seu vagão com o comboio em marcha.

Veltchaninov ficou ali até à tarde; subiu para o comboio seguinte e retomou a linha direta. Não bifurcou para a direita e não foi ver a senhora

que habitava sozinha no campo; não estava com disposição para isso. Mas como ele o deplorou mais tarde!

NETOCHKA NEZVANOVA

Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Parte 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Parte 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Parte 4
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4

Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Epílogo — Últimas Recordações

Parte 1

Capítulo 1

Na noite de 22 de março do ano passado aconteceu-me qualquer coisa de extremamente singular. Percorrera a cidade durante todo o dia à procura de alojamento. Aquele onde vivia era demasiado húmido, dando origem a uma tosse de mau caráter. Já pensava deixá-lo desde o outono anterior. A mudança, porém, arrastara-se até à primavera. Procurara pois, como ia dizendo, durante o dia inteiro, sem encontrar. Precisava, antes de tudo, de um compartimento bem arejado; podia constar, a rigor, de um único aposento, contanto que fosse espaçoso, e a par dessa qualidade o aluguer devia ser modesto.

Tenho observado que num aposento acanhado as ideias ficam mal instaladas, e sempre gostei de passear no quarto enquanto medito nas minhas novelas. E visto ter falado nelas, acrescentarei que sempre achei mais encanto em as imaginar do que em as escrever. E no entanto não sou preguiçoso. Como explicar então este sentimento?

Pela manhã senti-me indisposto e de tarde o meu estado piorara um tanto; tinha febre e, como andara o dia inteiro, estava alquebrado de fadiga quando cheguei, alguns instantes antes do pôr do sol, ao miradouro de Vosnessensky.

Adoro o sol de março em S. Petersburgo, sobretudo quando se esconde numa tarde serena e fria. As ruas inundadas de flocos de trevas iluminam-se de repente; as casas parecem lançar subitamente clarões e as suas pinturas cinzentas, amarelas, verde malva, perdem bruscamente o seu aspeto sinistro. Uma claridade penetra a alma das pessoas, um estremecimento percorre as nossas veias, e como que se acorda de repente num sobressalto.

Novo espetáculo, novas ideias! Oh, poder maravilhoso de um raio de sol sobre a alma humana!

O sol, entretanto, já se escondera. A neve aumentava e começava a enregelar os ossos; a sombra tornava-se mais espessa e o gás brilhava no interior dos estabelecimentos. Chegado à altura da confeitaria Muller, parei num salto, como que pregado à calçada, e pus-me a olhar o outro

lado da rua com o pressentimento de que alguma coisa de extraordinário ia acontecer. Com efeito, no mesmo momento distingui na calçada oposta um velho e um cão. O coração confrangeu-se-me sob o domínio de uma sensação desagradável, sem eu próprio poder definir de que género era.

Não sou um místico e não dou crédito aos pressentimentos nem à feitiçaria; passaram-se porém comigo certos acontecimentos muito difíceis de explicar. Assim, por exemplo, por que tive, ao ver o aspeto aquele velho, o pressentimento de que me ia acontecer nessa noite qualquer coisa de anormal? De resto, estava doente e as sensações doentias são quase sempre enganadoras.

O velho dirigia-se para a confeitaria. Caminhava com um passo lento e incerto, deslocando as pernas como se deslocasse pedaços de madeira; caminhava curvado e batia com a bengala nas pedras da calçada. Nunca na minha vida vira uma figura tão estranha, e ao encontrá-lo junto da casa Muller senti uma impressão dolorosa. A sua alta estatura, o busto curvado, *o* rosto de oitenta anos, com qualquer coisa de cadavérico, o velho casaco descosido nas costas, o chapéu redondo e usado, mostrando pelo menos vinte anos de serviço, a cabeça calva, tendo apenas sobre a nuca um punhado de cabelos, outrora brancos e hoje amarelecidos, e os seus movimentos de autómato, tudo isto impressionava involuntariamente todos aqueles que o viam pela primeira vez. Tinha, com efeito, muito de invulgar, ver esse velho, vivendo, por assim dizer, sem vigilância, e parecendo um louco fugido aos seus guardas. Era de uma magreza inconcebível e não tinha, para dizer a verdade, corpo... Dir-se-ia uma pele estendida sobre um feixe de ossos. Os olhos grandes, mas ternos, com uma espécie de círculo arroxeado, olhavam sempre em frente e nunca para o lado, parecendo nada verem. E assim devia ser, pois mais de uma vez constatei que, mesmo olhando para os que cruzavam com ele, o velho avançava sem se desviar, como se tivesse o caminho livre.

Nenhum dos frequentadores da confeitaria sentiria coragem em lhe falar e ele mesmo nunca se dirigia a ninguém.

«Porque vai à casa Muller? Que vai ali fazer?», pensava eu, enquanto, de pé, do outro lado da rua, o meu olhar se fixava no seu vulto.

E sentia nascer em mim um certo despeito, consequência da minha indisposição e da fadiga.

«Em que pode ele pensar?», dizia de mim para mim. «O que pode ter no cérebro? Pensará ainda nalguma coisa? Na sua fisionomia parece ter

morrido toda a expressão e talvez nunca mais revele qualquer impressão. Onde teria arranjado aquele vagabundo cachorro que nunca o abandona e parece ser parte integrante e inseparável do seu dono, com quem se parece tanto?!...»

O desgraçado cachorro parecia ter também oitenta anos. Tinha o aspeto de ser velho, como nenhum outro animal da sua espécie conseguiu ser; quando o vi pela primeira vez julguei que esse cão não podia ser semelhante a nenhum outro, que era um cão fora do vulgar e devia ter com certeza qualquer coisa de fantástico, de enfeitiçador. Era um Mefistófeles sob forma canina, tendo a sua sorte ligada à do dono por qualquer laço misterioso, desconhecido. Era magro como um esqueleto ou, para sermos mais verdadeiros, como o dono. Quem o visse diria, como eu, que não comia há muitos anos. Todo pelado, tinha a cauda presa ao corpo, como se fosse um pedaço de madeira preso entre as pernas descarnadas, e as longas orelhas pendiam-lhe tristemente da cabeça, sempre baixa. Nunca na minha vida vi um cachorro tão horroroso. Quando caminhavam juntos pela rua, o dono na frente, seguido pelo cão, cujo focinho ia sempre colado às abas do seu casaco, o seu andar e todo o seu aspeto pareciam dizer a cada passo: «Oh, como nós somos velhos, santo Deus! Como nós somos velhos!»

Um dia tive a impressão de que o velho e o cão haviam fugido de alguma página de Hoffmann, ilustrada por Gavarni, e percorriam o mundo por conta do editor, em viagem de propaganda.

Atravessei a rua e entrei na casa do confeiteiro.

A conduta do ancião no estabelecimento era extremamente estranha e Muller, especado atrás do balcão, quando chegava este indesejável visitante, fazia uma careta de aborrecimento, pois era um frequentador que nunca fazia a mínima despesa. Mal chegava, ia logo sentar-se no canto onde estava o fogão; se esse lugar estava ocupado, ficava alguns momentos de pé, numa perplexidade estúpida, diante da pessoa que o ocupava. Em seguida, com um ar desapontado, ia sentar-se no outro canto, junto da janela; colocava a bengala junto do chapéu e depois, recostado ao espaldar da cadeira, permanecia imóvel durante três ou quatro horas. Nunca se vira um jornal nas suas mãos nem se ouvira uma palavra ou um som dos seus lábios.

Conservava-se sentado, olhando fixamente um ponto, de uma forma terna, mas sem vida; dir-se-ia não escutar nem compreender o que se passava à sua volta. O cão dava duas ou três voltas e deitava-se todo

encolhido a seus pés; mergulhava o focinho entre as botas do dono, dava um profundo suspiro e estendia-se, semelhando um fio sobre o soalho, permanecendo imóvel durante toda a noite, como se tivesse deixado de existir.

Dir-se-ia que estes dois seres, mortos há muito, ressuscitavam todas as tardes ao pôr do sol, apenas para virem à confeitaria Muller cumprir qualquer obrigação misteriosa, desconhecida de todos. Depois de permanecer assim três ou quatro horas, levantava-se, pegava no chapéu e na bengala, e encaminhava-se para casa. O cão levantava-se também e, com a cabeça baixa, a cauda entre as pernas, seguia maquinalmente o dono. Os frequentadores da confeitaria, quase todos alemães, faziam o possível por o evitar, e procuravam sentar-se longe dele a fim de demonstrarem a sua antipatia. Ele porém não se apercebia de tal.

Eu costumava ir à casa Muller nos primeiros dias do mês para ler as revistas russas.

Quando entrei, nessa tarde, na confeitaria, já achei o velho instalado junto à janela e o cão, como de costume, estendido a seus pés. Sentei-me em silêncio a um canto e fiz a mim mesmo as seguintes perguntas: «Porque entrei, se nada tenho aqui que fazer e justamente quando estou doente? Não seria muito mais razoável que fosse para casa? Não estarei aqui, em resumo, apenas para o ver?»

O despeito apoderara-se de mim.

«O que me faz esse velho?», pensava eu, lembrando-me da sensação de mal-estar produzida por ele no meu espírito ao vê-lo na rua. «De onde me vem este humor extravagante, esta inquietude que a menor bagatela faz nascer em mim, há algum tempo a esta parte, que me perturba e me impede de encarar a vida com aquela lucidez e boa disposição, já assinalada em mim por um crítico, que é também um psicólogo, na sua apreciação sobre a minha última novela?»

Enquanto fazia estas reflexões, e embora agastado, não abandonava o lugar onde estava, e o mal invadia-me cada vez mais; sentia que abandonar a sala, onde reinava uma temperatura tépida, seria bastante desagradável para mim. Peguei num jornal francês, li duas ou três linhas e acalmei um pouco, adormecendo.

Ao cabo de meia hora, mais ou menos, um fortíssimo estremecimento acordou-me.

Era em absoluto necessário que eu fosse para casa! Mas uma cena muda, passada neste momento, prendeu-me ainda uma vez mais. Já disse que o velho, mal se sentava na cadeira, fixava os olhos num ponto qualquer e não os desviava mais durante todo o resto da tarde. Aconteceu-me algumas vezes ser eu o ponto de mira do seu olhar, estupidamente teimoso e nada investigador. Era uma sensação desagradável, insuportável mesmo, e em geral mudava de lugar tão depressa quanto podia.

Naquele momento a vítima do velho foi um alemão, baixo, rechonchudo e afetado cujo rosto, de um vermelho fora do vulgar, estava enquadrado por um colarinho excessivamente engomado. Era um negociante de Riga, de passagem por S. Petersburgo, chamado, conforme soube mais tarde, Adão Ivanitch Schultz, e amigo íntimo de Muller. Não conhecia ainda o ancião. Deleitava-se com a leitura do *«Barbeiro da Aldeia*» quando, bebendo o seu ponche, ergueu a cabeça e notou aquele olhar pregado nele. Adão Ivanitch era de uma suscetibilidade extrema, como são, aliás, todos os alemães *de distinção.* Achou estranho e insultuoso ser olhado com semelhante fixidez e sem a mínima cerimónia.

Com uma indignação, contida a custo, afastou os olhos desse freguês sem delicadeza, murmurou qualquer coisa entre dentes e ocultou-se atrás do seu jornal. Pouco depois olhou de novo. A mesma obstinação nos olhos do velho e a mesma ausência de ideias no olhar. Ainda desta vez Adão Ivanitch se calou. À terceira, porém, explodiu e sentiu-se obrigado a defender a sua dignidade e a não deixar comprometer, ante um público tão distinto, a bela cidade de Riga, da qual se considerava, como é provável, o representante. Pousou o jornal sobre a mesa, com um gesto de impaciência, e bateu forte com a tábua à qual estava preso esse jornal; em seguida, arrastado pelo sentimento da sua dignidade pessoal, rubro de ponche e de amor-próprio, fixou por sua vez os olhos pequenos e injetados sobre o desagradável velho.

Dir-se-ia que ambos tentavam magnetizar-se, até verem qual deles era o primeiro a perturbar-se e a baixar os olhos. O ruído produzido pela pancada da tábua sobre a mesa e a posição excêntrica que Adão assumira, haviam chamado sobre ele a atenção de todos. Cada um dos presentes interrompeu logo as suas ocupações, para observar com uma curiosidade grave e silenciosa os dois lutadores. A cena tornara-se deveras cómica. O magnetismo provocador dos olhitos de Adão, que se tornara carmesim, gastava-se em pura perda: o velho continuava a olhá-lo fixamente e Adão

estava tão furioso que não notava ser objeto da curiosidade geral, como se estivesse na lua, por exemplo, e não ali. Por fim a paciência de Adão chegou ao extremo e explodiu.

— Porque olha para mim com tanta insistência? — exclamou em alemão com uma voz azeda e agressiva, e com um ar ameaçador,

O adversário porém não saiu do seu mutismo, como se não tivesse ouvido nem compreendido a pergunta. Adão decidiu falar-lhe em russo.

— Pergunto-lhe, porque me olha com tanta obstinação? — exclamou com redobrada cólera e em péssimo russo.

O velho nem se mexeu. Um murmúrio de desaprovação se elevou da assistência. Muller, atraído pelo barulho, entrou na sala. Posto ao corrente do que se passava, supôs que o velho era surdo e curvou-se junto à sua orelha.

— O senhor Schultz pede-lhe para não o olhar com tanta obstinação! — disse ele, o mais alto que pôde, abrindo muito os olhos diante do incompreensível visitante.

Este volveu maquinalmente o olhar para Muller e a sua fisionomia, até ali imóvel, exprimiu de repente uma grande perturbação e uma grande inquietude.

Tomado de uma forte agitação, baixou-se, tateando o chapéu, apanhou-o vivamente, bem como a bengala, levantou-se e, com um sorriso humilde, o sorriso humilde do pobre que se põe fora do lugar que ocupou por engano, dispôs-se a abandonar a sala.

Havia na submissão do velho enfermo qualquer coisa de tão lastimoso, qualquer coisa a confranger de tal maneira o coração que todos os assistentes, a começar por Adão, se sentiram comovidos. Era evidente não só que o velho era incapaz de ofender quem quer que fosse, mas também que compreendia a sua situação de poder ser posto fora de qualquer lugar, em qualquer altura, como um mendigo.

Muller era um homem bom e complacente.

— Não! Não! — disse ele, batendo-lhe familiarmente no ombro à guisa de encorajamento. — Fique sentado. O senhor Schultz apenas lhe pede para não o olhar com tanta insistência.

Contudo o pobre velho não compreendeu desta vez mais do que das outras. A sua agitação tornou-se muito maior. Baixou-se para apanhar o lenço, um lenço azul, velho e esburacado que acabava de lhe cair do chapéu, e chamou o cão. Este, deitado sobre o soalho, as duas patas

dianteiras unidas ao focinho, não se mexia e parecia profundamente adormecido.

— Azor! Azor! — balbuciou o velho com voz trémula e alquebrada. — Azor!

O cão não se mexeu.

— Azor! Azor! — repetiu com ansiedade.

E com a ponta da bengala tocou no cachorro, que continuou imóvel.

A bengala escapou-se-lhe dos dedos. Baixou-se, pôs-se de joelhos e, com as duas mãos, ergueu o focinho de Azor.

Pobre Azor!... Estava morto! Morto, sem que ninguém tivesse dado por isso, aos pés do dono, de velhice talvez, ou talvez também de fome! O velho olhou-o um momento, como se não compreendesse, depois curvou-se lentamente para aquele fiel servidor, seu velho amigo, e comprimiu o rosto pálido de encontro ao focinho sem vida.

Passou-se um minuto de silêncio... Estávamos todos comovidos. Por fim o pobre homem levantou-se. Estava de uma palidez extrema e tremia, como sob o domínio de um acesso de febre.

— Pode-se mandar embalsamar — disse Muller com um acento de compaixão e o desejo de dar algum consolo à mágoa do velho. — Pode-se embalsamar. Feodor Karlovitch Kruger é um ótimo embalsamador, um artista a saber do seu ofício — repetiu, apanhando do chão o chapéu do velho e entregando-lho.

— Sim, sei embalsamar — replicou modestamente Kruger, aproximando-se.

Era um alto, magro e bravo alemão, de cabelos louros e encaracolados, e de nariz adunco, encimado por um par de óculos.

— Feodor tem muitíssima habilidade para embalsamar qualquer espécie de animais! — acrescentou Muller, que começava a entusiasmar-se com a ideia.

— Sim, sei de facto embalsamar qualquer espécie de animais — repetiu Kruger — e desejo embalsamar o seu cão gratuitamente! — acrescentou ele num acesso de generosidade.

— Isso é que não. Quero pagar-lhe o trabalho de embalsamar esse animal! — exclamou Schultz, cujo rubor redobrou e que, considerando-se como causa indireta daquela desgraça, se inflamava por sua vez com a sua liberalidade.

O velho ouvia tudo aquilo sem compreender coisa alguma e continuava a tremer todo.

— Espere — exclamou Muller, vendo que o enigmático visitante queria a toda a força ir-se embora. — O senhor vai tomar um cálice de conhaque...

Trouxeram-lhe o conhaque. Pegou maquinalmente no cálice, porém a mão tremia-lhe tanto que, ao levá-lo aos lábios, entornou metade. Comprometido, pousou-o sobre a mesa, sem ter bebido uma gota. Depois esboçou um sorriso estranho, em desacordo com as circunstâncias, e num passo desigual e precipitado saiu da confeitaria, deixando Azor no mesmo lugar.

Todos os presentes ficaram estupefactos e ecoaram algumas exclamações.

— Irra! Que estúpida história! — bradaram alguns alemães, olhando-se boquiabertos.

Lancei-me em perseguição do velho. A alguns passos da confeitaria, à direita, havia uma rua estreita e sombria, de casas altas. Tive o pressentimento de que enveredara por ali, o segundo edifício à direita era uma casa em construção, cercada de andaimes, o muro e o tapume de tábuas que a cercavam avançavam quase até ao meio da rua. Distingui o velho no ângulo sombrio, formado pelo muro e pela casa vizinha; estava sentado na calçada e, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, escondia a cabeça entre as mãos. Sentei-me a seu lado.

— Vamos! — disse-lhe, sem saber por onde devia começar. — Não desespere por causa do seu Azor. Venha, levá-lo-ei a sua casa. Levante-se. Vou chamar um carro para nos levar... Onde mora?

Nada respondeu. Por mim não sabia o que fazer. A rua estava deserta. De repente agarrou-me uma das mãos.

— Sufoco! — disse com voz rouca e fraca. — Sufoco!

— Venha!... levá-lo-ei a sua casa! — exclamei, tentando levantá-lo à força. — Tomará uma chávena de chá e deitar-se-á em seguida... Vou buscar um carro e depois chamarei um médico... um amigo meu...

Não me lembro do que disse mais ainda. Fez um grande esforço para se erguer; mas quando estava ainda meio curvado, voltou a cair e pôs-se de novo a murmurar qualquer coisa, com a mesma voz rouca e fraca. Curvei-me ainda mais para ouvir.

— Vassili-Ostrow — balbuciou ele — a sexta linha... a sex...ta li...nha...

E calou-se a seguir.

— O senhor reside em Vassili-Ostrow?... Mas não era para esse lado que se dirigia... É preciso ir por ali. Venha comigo... Guiá-lo-ei.

Não se mexeu. Peguei-lhe na mão direita. Ao largá-la, recaiu inerte... Olhei-lhe para o rosto. Toquei-lhe... Estava morto! Pensei que sonhava!...

Este acontecimento aborreceu-me deveras e preocupou-me de tal maneira que a febre escaldante que me torturava passou por si mesma. Encontrou-se o alojamento do velho, que residia não em Vassili-Ostrow, mas a dois passos do local onde exalara o último suspiro, na casa Klugen, no quinto andar, sob o telhado. Compunha-se de uma pequena antecâmara e um quarto grande, extremamente baixo e provido de três aberturas, à guisa de janelas. O velho vivera ali numa horrorosa miséria. Por móveis possuía apenas uma mesa, duas cadeiras e um velho sofá, duro como pedra, de onde se escapavam os fios de crina, pendendo em volta. Soube-se depois ainda que esse mobiliário modestíssimo pertencia ao próprio dono da casa. Verificou-se que o fogão não era aceso há muito tempo, assim como não se encontrou qualquer candeeiro. Provavelmente ia a casa de Muller apenas para estar sentado num lugar iluminado e aquecido. Sobre a mesa estava um cântaro de barro vazio e um bocado de pão seco. Não se encontrou um único *kopek;* não havia mesmo uma só peça de roupa para mudar, antes de o enterrarem. Alguém deu por isso uma camisa. Era evidente que não podia viver assim completamente sozinho; era mais do que certo que alguém devia vir visitá-lo, fosse embora muito raras vezes. Os seus documentos pessoais estavam numa gaveta da mesa. Era estrangeiro, mas naturalizado cidadão russo; chamava-se Jeremias Smith, era mecânico e tinha setenta e oito anos. Sobre a mesa havia dois livros: um Compêndio de geografia e um Novo Testamento em língua russa, com as margens cobertas de anotações a lápis e à unha. Comprei esses dois livros. Interrogámos os vizinhos e o proprietário da casa; nada sabiam, ou quase nada. Havia uma multidão de pensionistas, quase todos operários alemães que alugavam aposentos com mobília e pensão, o gerente, um homem da boa sociedade, nada mais pôde também dizer sobre o seu ex-locatário, além de que o alojamento estava alugado por seis *rublos* mensais, que o habitara seis meses, mas não pagara a última renda, pelo que fora obrigado a despedi-lo. Indagou-se se alguém vinha vê-lo, porém

ninguém pôde dar uma resposta satisfatória a essa pergunta. A casa era grande, entrava ali muita gente, sendo por isso difícil saber para quem eram as visitas. O porteiro que servira na casa durante cinco anos e que poderia sem dúvida dar alguns esclarecimentos, partira para a aldeia quinze dias antes e deixara no seu lugar um sobrinho, um rapazote, que não conhecia ainda metade dos inquilinos do prédio.

Não sei ao certo o resultado final de todas estas pesquisas. Só sei que o velho foi enterrado. Apesar de uma série doutras preocupações, ia todos os dias a Vassili-Ostrow, à sexta linha, e apenas lá chegava ria a bom rir de mim mesmo. O que poderia eu ver na sexta linha, salvo uma fileira de casas? Mas porque falou o velho, no momento de morrer, na sexta linha e em Vassili-Ostrow? Moraria no campo?

Fui ver o seu compartimento desalugado. Como me agradou, resolvi tomá-lo. O que me convinha, sobretudo, era o tamanho do quarto. No entanto, era tão baixo que nos primeiros dias tive a impressão de que dava com a cabeça no teto. Mas depressa me acostumei. Era impossível achar coisa melhor por seis *rublos* mensais e agradava-me sobretudo porque era independente. Restava-me apenas conseguir alguém para a limpeza. O porteiro, no começo, prometeu vir ao menos uma vez por dia e fazer os recados extraordinários que tivesse. Pensava também que alguém viria saber notícias do velho. Porém havia já cinco dias que morrera e ninguém viera ainda.

Capítulo 2

Nessa época, isto é, há um ano, era eu colaborador de diversos jornais aos quais fornecia pequenos artigos, e estava persuadido que chegaria a escrever uma bela obra de fôlego. Trabalhava então num grande romance. Estes lindos projetos não foram muito longe e hoje vejo-me deitado num leito do hospital e, ao que parece, prestes a morrer.

Mas se o fim está próximo, porquê escrever estas recordações?

Esse penoso e último ano da minha vida vem, mau grado meu, e sem cessar, levantar-se diante da minha memória. Vou escrever tudo, pois creio morrer de enfado se não lançar mão deste meio de distração. Todas estas impressões passadas lançam a minha alma numa agitação que vai até à dor, até ao tormento. Tomarão, escritas por mim, um caráter mais calmo e mais ordenado, parecer-se-ão menos com um sonho mau, com um pesadelo, suponho. A ação mecânica de escrever tem o seu valor: tranquiliza, refresca, acorda os meus antigos hábitos de autor e transforma as minhas lembranças e as minhas visões doentias em objeto palpável, em trabalho!... Sim! Eis uma ideia feliz!

Se morrer, o enfermeiro herdará as minhas memórias. Com elas poderá tapar as fendas das janelas quando vier o inverno.

Comecei uma narrativa pelo meio, sem mesmo saber porquê. Visto que penso escrever tudo, é preciso começar pelo princípio.

Assim, pois, recomecemos. De resto, a minha autobiografia não será muito longa.

Nasci não em S. Petersburgo, mas bem longe dessa cidade, na província de X...

Meus pais eram, suponho, uns bons camponeses. Porém, fossem como fossem, deixaram-me órfão muito cedo e fui por isso criado em casa de Nicolai Sergueitch Ikhmeniev, modesto proprietário, que me recolheu por caridade. Tinha apenas uma filha, Natascha, três anos mais nova do que eu, e criámo-nos juntos, como bons irmãos.

Oh, belos dias da nossa infância!... Que loucura não se lamentar outra coisa se não esses lindos dias, quando chegamos aos vinte e cinco anos!

Que loucura, no momento da morte, a recordação, com transporte e reconhecimento, desses lindos dias! O sol era tão brilhante, tão diferente do sol de S. Petersburgo e os nossos pequenos corações batiam tão contentes... Então estávamos cercados de campos e florestas; e hoje de um paredão feito de pedras inanimadas! Que maravilhas o jardim e o parque de Vassilievskoé, propriedade da qual Nicolai era o intendente…

Natascha e eu passeávamos pelo jardim e pela grande floresta húmida que se estendia muito além, e onde um dia nos perdemos.

Dias felizes! A vida aparecia-nos pela primeira vez cheia de mistério e de sedução, e era tão doce aprender-se a conhecê-la! Parecia-nos que atrás de cada bosque ou de cada árvore vivia algum ser misterioso e ignorado por nós. O mundo das lendas fundia-se ao mundo real e algumas vezes, quando os vapores da tarde se tornavam mais espessos e mais profundos. Natascha e eu, de pé, à beira do abismo, de mãos dadas, olhávamos, com uma curiosidade cheia de receio, as profundezas e esperávamos que, de repente, alguém surgisse dali ou nos respondesse do fundo do precipício, tornando verdadeiros os contos da nossa ama. Uma vez, mais tarde, bem mais tarde, lembrava a Natascha o dia em que nos trouxeram as *Primeiras leituras para a infância* e como fugimos ligeiros para junto do pequeno lago, ao fundo do jardim, onde havia um velho ácer de folhagem copada e um banco de relva, nosso lugar favorito, e ali principiámos logo a ler *Afonso e Dalinda,* num conto de fadas. Hoje ainda é-me impossível pensar nesse conto sem experimentar uma emoção estranha, e o ano passado, quando citava a Natascha as duas primeiras linhas dessa lenda («Afonso, o herói da história, nasceu em Portugal; D, Ramiro, seu pai, etc...») as lágrimas vieram-me aos olhos. Isto dava-me, sem dúvida, um ar terrivelmente estúpido, pois Natascha não pôde reprimir um sorriso que contrastava com o meu entusiasmo.

Ela percebeu-o e, para me consolar, pôs-se a evocar o passado, e à medida que falava a comoção dominava-a também. Que noite agradável passámos a reviver essas lembranças! E no dia em que me mandaram para o colégio na sede da província? Grande Deus! Quanto Natascha chorou! E a nossa última separação, quando deixei definitivamente Vassilievskoé, ao sair do colégio, para ir continuar os meus estudos na Universidade de S. Petersburgo… Tinha dezassete anos e Natascha entrava nos quinze. Disse-me mais tarde que eu era nessa época alto, delgado e tão mal feito de corpo que não me podia olhar sem se rir.

À despedida, chamei-a à parte para lhe dizer alguma coisa de grande importância; tinha, porém, a língua paralisada, presa, e não pudemos conversar. Eu não sabia como dizer e ela talvez me compreendesse. Chorei, chorei muito, e parti sem ter dito nada. Só nos tornámos a ver muito tempo depois, há dois anos, em S. Petersburgo, onde o pai estava vivendo, para tratar de um processo. Foi então quando me iniciei na literatura.

Capítulo 3

Nicolai Sergueitch Ikhmeniev pertencia a uma boa família, mas quase arruinada. Mortos os pais, vira-se herdeiro de uma bela propriedade com 150 almas.

Aos vinte anos entrou para os hussardos e já contava seis anos de serviço quando, numa noite de má sorte, perdeu ao jogo tudo quanto possuía. Não dormiu toda a noite. Na noite seguinte voltou à mesa de jogo e arriscou o cavalo, único bem que lhe restava. Ganhou a partida, depois outra, ainda uma terceira, e meia hora depois possuía de novo a pequena propriedade de Ikmenievskoé e 50 almas. Deixou de jogar e pediu a reforma, o que conseguiu dois meses mais tarde, no posto de tenente. Foi viver para a sua propriedade. Nunca falava nesses acontecimentos e, embora fosse conhecida a sua grande bondade, zangar-se-ia seriamente com quem ousasse tocar-lhe no assunto.

Estudou com grande interesse a economia rural e casou alguns anos depois com uma menina da pequena nobreza, Ana Andrievna Choumilov. Era pobre e não lhe trouxe dote algum, porém fora educada num pensionato de fama, da senhora de Mant-Revêche, uma emigrada. Isto tornava-a orgulhosa em extremo, embora ninguém soubesse dizer ao certo em que consistia tal educação.

Nicolai tornou-se um excelente agrónomo, modelo dos seus vizinhos.

Viveu assim tranquilamente muitos anos, quando um belo dia o príncipe Pedro Alexandrovitch Valkovsky, vizinho de campo, pois possuía a propriedade denominada Vassilievskoé, a qual contava novecentas almas, chegou de S. Petersburgo.

A sua chegada fez sensação na região. Embora não fosse muito moço, também ainda não era velho. Possuía uma alta patente e relações poderosas, além de ser um homem rico e viúvo, o que o tornava particularmente interessante aos olhos de todas as mães e de todas as moças casadoiras das imediações. Falava-se da brilhante receção que lhe fizera o governador da província, com quem era mesmo aparentado, e dizia-se que a sua amabilidade pusera a cabeça à roda de todas as damas.

Finalmente era um destes representantes da alta sociedade de S. Petersburgo que muito poucas vezes vêm à província e produzem um efeito extraordinário quando se dignam aparecer.

No entanto o príncipe não era muito amável, sobretudo quando não precisava das pessoas ou as considerava inferiores; não julgou por isso ser necessário travar conhecimento com os seus vizinhos de campo, o que lhe acarretou grande número de inimizades.

Assim, foi grande o espanto de todos quando o príncipe foi visitar Nicolai. É verdade que era ele o seu vizinho mais chegado...

A visita do príncipe foi um acontecimento na casa dos Ikhmeniev; os dois esposos ficaram logo presos da sua cordialidade, em especial Ana Andrievna, cujo entusiasmo não conheceu limites. Dentro de pouco tempo o príncipe deixara de fazer cerimónia: vinha vê-los todos os dias, convidava-os a ir a sua casa, brincava, contava anedotas, cantava e tocava no horrível piano da casa.

Os Ikhmeniev estavam radiantes. Como se podia chamar altivo e egoísta a um homem tão delicado e agradável? O príncipe caíra na graça de Nicolai, natureza simples, reta, nobre e desinteressada. Aliás, tudo se explicava. O príncipe viera a Vassilievskoé despedir o seu intendente, um alemão sem vergonha, homem cheio de ambições, com respeitáveis cabelos brancos, óculos e um nariz aquilino, mas roubando escandalosamente.

O miserável protestou; no entanto, preso em flagrante, deu-se por ofendido e falou muito da honestidade alemã. Isso porém não evitou a sua ignominiosa expulsão. O príncipe precisava de um intendente e a sua escolha recaiu em Nicolai, ótimo administrador e homem honrado em toda a aceção da palavra, no dizer unânime de todos.

O príncipe desejava que o próprio Nicolai se oferecesse, mas como tal não se deu, decidiu-se uma bela manhã a fazer-lhe a proposta da maneira mais cortês e sob a forma de um simples convite. Nicolai começou recusando, mas os honorários, bastante remuneradores reduziram Ana Andrievna, e a amabilidade insistente do convite dissipou as últimas dúvidas. Conseguiu assim o príncipe o seu fim.

É de crer que conhecesse bem os homens; o pouco tempo passado junto de Nicolai bastou para perceber que este devia ser preso mais por amizade do que pelo interesse material.

O príncipe precisava de um intendente no qual pudesse ter toda a confiança para não ser obrigado a voltar a Vassilievskoé.

A simpatia exercida sobre Nicolai foi tão poderosa que este acreditou sinceramente na sua amizade. Nicolai era uma dessas excelentes naturezas russas, dotadas de uma certa ingenuidade romanesca que se prendem muitas vezes a seres indignos dela, que se entregam de corpo e alma, levando muitas vezes o devotamento ao extremo do ridículo.

Muitos anos se passaram; as terras do príncipe estavam em franca prosperidade e o proprietário e o seu intendente nunca tinham tido o mínimo dissabor mútuo, e as suas relações limitavam-se a uma correspondência seca sobre os negócios. O príncipe, não intervindo em absoluto nas providências que Nicolai tomava, dava-lhe contado algumas vezes conselhos que o surpreendiam pelo seu caráter prático e competente. Era evidente não só que o príncipe detestava as despesas supérfluas, como sabia procurar o seu próprio benefício. Cinco anos depois da sua visita a Vassilievskoé, enviou a Nicolai uma procuração para a compra de uma outra terra nas proximidades; era uma magnífica propriedade, vastíssima. Nicolai sentia-se tomado de admiração. Interessava-se pelos sucessos do príncipe, pela realização dos seus projetos, pela sua prosperidade como se fosse seu irmão. Contudo o seu entusiasmo atingiu o auge quando, nas circunstâncias que vou descrever, o príncipe lhe deu provas de uma confiança verdadeiramente extraordinária.

Como disse já, o príncipe era viúvo. Muito jovem ainda, fizera um casamento de conveniência. A família, que sempre residira em Moscovo, estava por completo arruinada e os pais tinham-lhe deixado apenas as terras de Vassilievskoé, e essas mesmo sobrecarregadas com inúmeras hipotecas, representando uma dívida enorme. Assim, até aos vinte e dois anos vira-se forçado a trabalhar numa chancelaria de Moscovo, e não lhe sobrando muito para as suas despesas frequentava a sociedade como a vergôntea mesquinha de uma velha árvore.

O casamento com a filha, já um tanto idosa, de um fabricante de aguardente salvou-o.

Embora o fabricante de aguardente o enganasse sobre o dote, como era de esperar, foi-lhe possível readquirir, com a fortuna de sua mulher, as terras dos seus ancestrais e passar a viver melhor. A filha do negociante sabia apenas escrever, mas era incapaz de ligar duas palavras, era feia e tinha um único mérito: boa e afável. O príncipe soube perfeitamente tirar

partido dessas duas qualidades. Após um ano de casado, deixou a esposa, que acabava de lhe dar um filho, em Moscovo entregue aos cuidados de seu sogro e foi ocupar, na província de X... um cargo bastante em evidência que obtivera à força de solicitações e graças à proteção de um parente de influência. Tinha sede de distinções. Sentia-se devorado pelo desejo de se elevar, de fazer carreira, e como calculava que, devido a sua mulher, nada poderia fazer nem em S. Petersburgo nem em Moscovo, resolveu, na esperança de melhor oportunidade, começar na província.

Tratava a esposa com extrema grosseria. Durante o primeiro ano de casado chegou a dizer-se que quase a matava com maus tratos. Estes boatos revoltaram Nicolai, que tomava calorosamente a sua defesa, afirmando ser incapaz de qualquer ação indigna. Sete anos depois, quando já viúvo, o príncipe regressou a S. Petersburgo.

A sua chegada fez alguma sensação na capital. Jovem ainda, belo, rico, dotado de um grande número de qualidades próprias para se impor à banal sociedade, incontestavelmente espirituoso, de extremo bom gosto e de uma alegria inesgotável, fez a sua aparição não como um homem que vem procurar proteção e fortuna, mas sim com altivez e orgulho. Possuía, diziam, um certo prestígio pessoal que dominava, subjugava e provocava admiração. Agradava muitíssimo às mulheres e uma ligação com uma bela mundana valera-lhe a glória de um escândalo. Semeava dinheiro sem titubear, ele que fora até ali de uma parcimónia, quase tocando as raias da avareza; perdia ao jogo quando julgava útil perder e sem que o rosto traísse a menor comoção, por muito avultada que fosse a importância.

O conde Vainsky, um parente muito bem colocado que não se dignaria olhar para ele se o procurasse a solicitar-lhe qualquer benesse, ficou surpreendido com este êxito. Julgou possível e conveniente voltar para ele a sua atenção e deu-lhe a honra de lhe tomar conta do filho, então com sete anos de idade, para lho educar. É justamente esta época que corresponde à viagem do príncipe a Vassilievskoé e ao momento em que conheceu os Ikhmeniev.

Por intermédio do conde, o príncipe obteve um lugar importante junto de uma das melhores embaixadas e partiu para o estrangeiro.

Certos rumores haviam corrido a seu respeito, porém permaneceram mais ou menos na obscuridade. Falara-se de um acontecimento desagradável que o iria atingir no estrangeiro, sem que contudo alguém pudesse dizer de que natureza fosse. Sabia-se apenas uma coisa: achara-se

subitamente na situação de poder comprar uma grande propriedade, conforme disse já.

Ao fim de alguns anos voltou à Rússia com um posto elevado e foi imediatamente destacado para um lugar importante de S. Petersburgo. Contaram a Nicolai que ia fazer um segundo casamento e ligar-se a uma casa poderosa e rica. Esfregou as mãos de contentamento.

Estava eu então em S. Petersburgo, em vésperas de iniciar os meus estudos na Universidade. Nicolai escreveu-me de propósito para saber se esses boatos de casamento eram fundados. Escreveu também ao príncipe a recomendar-me, mas a sua carta ficou sem resposta. Pelo meu lado consegui apenas saber que o filho, educado primeiro na casa do conde e mais tarde no Liceu Imperial, acabava de terminar o seu curso com a idade de dezanove anos. Comuniquei isso a Nicolai e acrescentei que o príncipe adorava o filho, fazendo-lhe todas as vontades, e formava já para ele projetos de futuro. Isto fora-me contado por um camarada da Universidade que conhecia o rapaz.

Uma bela manhã Nicolai recebeu uma carta que o surpreendeu deveras.

O príncipe, que até ali tratara o seu intendente de uma forma puramente oficial, escreveu-lhe dessa vez num tom franco e amistoso sobre os seus negócios de família. Queixava-se de seu filho, cuja conduta lhe causava profundos desgostos; dizia que, embora não fosse conveniente dar a algumas estroinices de um rapaz daquela idade — esforçava-se, como era evidente, por atenuar as culpas — mais importância do que a merecida, resolvera puni-lo, amedrontá-lo, e para isso enviá-lo-ia para o campo, onde passaria algum tempo sob a guarda tutelar de Nicolai.

O príncipe confiava em absoluto no seu venerável e excelente amigo, bem como em sua esposa, e pedia a ambos para que lhe recebessem o leviano do filho no seio da sua família, que o forçassem a ouvir, na solidão, a voz da razão, que o estimassem, se fosse possível, mas sobretudo que o corrigissem da sua leviandade de caráter, inculcando-lhe princípios salutares e honestos tão necessários na vida.

O jovem príncipe chegou e foi acolhido como um filho. Nicolai passou depressa a estimá-lo e a querer-lhe tanto quanto estimava e queria à sua Natascha. Mais tarde, após o corte de relações com o pai, recordava-se muitas vezes com alegria do seu Alyosha, como costumava chamar ao príncipe Alexis Petrovitch.

Este era, aliás, um encantador rapaz; bonito, frágil, nervoso como uma mulher, mas ao mesmo tempo cheio de alegria e afabilidade, dotado de uma alma franca e acessível aos mais nobres sentimentos, de um coração temo, reto e reconhecido, tornando-se por isso o ídolo de Nicolai.

Era ainda completamente infantil, apesar dos seus vinte anos, e não se explicava por completo o motivo devido ao qual o pai, que o amava tanto, conforme diziam, pudera exilá-lo. Alyosha teria, de acordo com os boatos, vivido em S. Petersburgo uma vida ociosa e desregrada, e recusara entrar para o exército, o que muito desgostara seu pai.

Nicolai não lhe fez a mínima pergunta, julgando que o príncipe desejara, como era evidente, ocultar as verdadeiras razões do exílio do filho. Segundo se dizia, tornara-se culpado numa estroinice imperdoável. Falava-se de uma ligação, de uma provocação, de uma perda inverosímil no jogo, relativa a uma quantia considerável, que não lhe pertencia e que desviara. Outros porém atribuíam a resolução tomada pelo príncipe a considerações particulares, a um cálculo de egoísmo pessoal.

Nicolai repelia todas estas informações com indignação, tanto mais quanto Alyosha estimava extremamente o pai, que não conhecera na infância nem na adolescência, mas do qual só falava com entusiasmo e a quem era inteiramente submisso.

Alyosha falava também, muitas vezes, de uma condessa, origem, segundo parece, da rivalidade entre o pai e ele; este, segundo se dizia, fora o vencedor nessa luta, o que aborrecera em extremo o pai. Alyosha contava esta história com animação, com uma candura infantil, um riso sonoro e alegre; Nicolai, porém, interrompia-o logo às primeiras palavras. Confirmou também a notícia dos projetos de casamento de seu pai.

Passara já um ano no exílio, durante o qual escreveu ao príncipe longas cartas, respeitosas e razoáveis, e estava finalmente tão aclimatado a Vassilievskoé que na primavera, quando seu pai chegou para tratar de uns negócios de que prevenira o intendente, o proscrito suplicou-lhe que consentisse em o deixar ficar o maior tempo possível, assegurando sentir uma verdadeira vocação pela vida do campo.

Todos os atos, todos os arrebatamentos de Alyosha provinham da sua sensibilidade excessiva, do seu coração ardente, da sua infantilidade, que ia algumas vezes até ao absurdo, da sua extraordinária disposição para aceitar qualquer influência exterior e da sua completa falta de vontade.

O príncipe acolheu o pedido do filho com alguma desconfiança.

Nicolai mal reconheceu o seu *velho amigo:* o príncipe estava completamente mudado. Transformara-se de repente num regateador; no exame das contas mostrou-se aborrecidamente avaro e desconfiado. Isso desgostou bastante ao excelente Nicolai que, a princípio, julgou ser uma má interpretação sua. Tudo porém o confirmou, pois a visita decorreu de maneira completamente diversa do que sucedera na anterior, catorze anos antes: travou conhecimento com todos os seus vizinhos (os mais importantes, bem entendido) e não pôs os pés em casa de Nicolai, a quem tratou como um subalterno.

De repente sobreveio um acontecimento inconcebível: sem a menor causa aparente houve entre ele e o príncipe uma cena tempestuosa. Trocaram algumas palavras violentas, ofensivas mesmo, de parte a parte.

Nicolai saiu indignado. No entanto a questão não ficou por aqui. Odiosas insinuações se espalharam por toda a cidade. O intendente, depois de ter estudado o caráter do jovem príncipe, formara o propósito de se aproveitar da sua inexperiência: sua filha Natascha — que tinha já dezassete anos — soubera fazer-se amar por esse adolescente, e fingindo ignorar tudo, os pais favoreceram esse amor. Natascha, *astuta* e *depravada,* enleara por completo o rapaz que, graças aos seus cuidados, não vira, durante um ano, uma só das meninas da sociedade local, que envelheciam aos montes nas respeitáveis famílias dos proprietários vizinhos.

Chegava-se até a afirmar que os amantes tinham já combinado casar-se na aldeia de Grigorievo, a quinze *verstas* de Vassilievskoé, com suposta ignorância dos pais dela, que conheciam entretanto os mínimos detalhes do negócio e a guiavam com os seus abomináveis conselhos.

Em resumo: um grosso volume não seria bastante para registar todas as invenções que os linguarudos dos dois sexos, da região, conseguiram fazer circular.

Todavia, o que mais surpreendeu nisto tudo foi o príncipe acreditar no que se dizia, e tanto assim que viera a Vassilievskoé devido apenas a uma denúncia anónima recebida em S. Petersburgo.

Por certo todos aqueles que conheciam um pouco Nicolai deviam recusar-se a acreditar, como era de prever, uma só palavra de todas essas invenções; porém, como acontece de ordinário em casos semelhantes, cada qual falou o mais que pôde, comentou, censurou, meneou a cabeça e... pronunciou um juízo inapelável.

Tinha demasiado orgulho para defender a filha perante os detratores e proibiu severamente a esposa de entrar em explicações com qualquer dos vizinhos.

Natascha, tão cruelmente caluniada, não teve conhecimento durante perto de um ano de uma só palavra dessas mentiras e dessas calúnias, e continuou a ser alegre e inocente como uma criança de doze anos.

Durante esse tempo a história foi-se envenenando cada vez mais.

Os *oficiosos* não dormiam.

Houve delatores e testemunhas que conseguiram demonstrar ao príncipe que a forma como Nicolai lhe administrara as propriedades estava longe de poder ser tomada como um modelo de honestidade.

Chegaram mesmo a afirmar que três anos antes, por ocasião da venda de uma floresta, embolsara doze mil *rublos*. Isto poder-se-ia provar com as testemunhas mais verdadeiras e mais legais, e com tanta mais facilidade quanto, não tendo nenhuma procuração do príncipe para essa operação, agira por sua própria iniciativa e soubera convencê-lo de repente da necessidade dessa venda, da qual prestara contas de uma quantia bem inferior à que recebera de facto.

Eram simples calúnias, conforme se provou mais tarde; no entanto o príncipe acreditou em tudo e na frente de testemunhas acusou-o de ladrão. Este não suportou semelhante afronta e replicou de uma forma violenta; seguiu-se uma cena horrível e instaurou-se logo um processo.

Nicolai reconheceu antecipadamente que a sua causa estava perdida; era inexperiente na preparação destas questiúnculas, faltavam-lhe certos documentos e, sobretudo, proteção. Perdeu pois a questão e a sua propriedade foi sequestrada.

Desesperado, abandonou tudo e mudou a residência para S. Petersburgo a fim de se ocupar do processo; deixou na terra um homem entendido no qual depositava inteira confiança.

O príncipe reconheceu, estou certo, que o insultara injustamente; porém a ofensa fora tão violenta de parte a parte que não deixara lugar a uma palavra de reconciliação, e o príncipe, irritado, fez todo o possível por arrumar o assunto em seu proveito, o que equivalia a arrancar ao seu antigo intendente o último pedaço de pão.

Capítulo 4

Os Ikhmeniev vieram, pois, para S. Petersburgo. Não descreverei o meu encontro com Natascha, a quem, durante os quatro anos de separação, não esqueci um só momento.

Não refleti, como devia, sobre o sentimento que a sua lembrança produzia em mim; voltando a vê-la, porém, o meu primeiro pensamento foi fazer dela minha mulher caso me estivesse destinada pela sorte.

Pareceu-me à primeira vista que se desenvolvera pouco e permanecera a mesma garota, tal como a deixara quando partira. Mas pouco a pouco descobri nela qualquer coisa de novo que ignorara por completo até então, como se ela própria mo houvesse ocultado, como se tivesse querido dissimular-se aos meus olhos. Foi para mim uma grande alegria essa descoberta!

Durante os seus primeiros tempos na capital, Nicolai manteve-se irritável, bilioso; a questão não lhe caminhava como queria, por isso exaltava-se, indignava-se, mergulhava na papelada e preocupava-se muito pouco connosco.

Ana Andrievna, a mulher, parecia perdida, não sabendo como fazer. S. Petersburgo infundia-lhe medo; suspirava, tremia, chorava, visitando os lugares onde vivera até então, lamentava-se, pois a sua Natascha estava em idade de casar e ali não havia ninguém que pensasse nela. Deixava-se arrastar por uma franqueza extrema para comigo, à falta de outra pessoa mais digna de ser o seu confidente.

Terminara o meu primeiro romance, o ponto de partida da minha carreira literária. Como principiante, não sabia onde colocá-lo. Nunca dissera uma palavra sobre o assunto aos Ikhmeniev, que se preparavam para romper comigo porque vivia na ociosidade, isto é, sem emprego e sem nada fazer para conseguir um, o meu pai adotivo censurara-me amargamente isso, e como as suas censuras eram ditadas pela sua afeição paternal tive vergonha de confessar qual era a minha ocupação. De facto, como declarar-lhe francamente que não queria ser funcionário, mas que escrevia romances?

Enganava-o, pois, quando lhe dizia não encontrar colocação, embora fizesse todo o possível por obter uma. De resto, não tinha tempo para me vigiar.

Um dia, Natascha, ouvindo uma das nossas conversas a esse respeito, chamou-me de lado e, com lágrimas nos olhos, suplicou-me que pensasse no meu futuro.

Interrogou-me, procurando saber como passava o tempo, e como não me expandi também com ela mais do que com os outros, fez-me jurar que evitaria tornar-me infeliz devido à minha preguiça e à minha ociosidade, Não lhe confessei o meu género de trabalho e, no entanto, estou certo de que uma só palavra sua de encorajamento ter-me-ia causado mais alegria do que a mais elogiosa das apreciações feitas mais tarde à minha obra.

O meu romance apareceu, por fim. Já muito antes da sua publicação, tinham falado dele no mundo literário.

B... divertira-se como uma criança, lendo os manuscritos.

Se algum dia fui feliz não foi durante os primeiros momentos de embriaguez do meu sucesso, mas sim antes de ter lido ou mostrado a minha obra a alguém, durante essas longas noites passadas entre sonhos e esperanças entusiastas, quando, trabalhando com ardor, vivia com as personagens por mim criadas, como se existissem de facto: amava-os, tomava parte nas suas tristezas e algumas vezes, aconteceu-me mesmo chorar por causa da pouca sagacidade de um dos meus heróis.

Não poderei descrever a alegria experimentada pelo velho Nicolai e pela esposa com o meu sucesso; o seu primeiro sentimento foi de surpresa. Ana não queria acreditar que esse novo escritor, cujo elogio era feito por toda a gente, fosse esse mesmo Ivan que... etc., etc.... e punha-se a menear a cabeça. O velho custou mais a convencer-se e quando os primeiros rumores chegaram aos seus ouvidos, ficou horrorizado; disse-me que podia perder todas as esperanças de conseguir fazer carreira nos serviços do Estado, pois anulara quaisquer probabilidades, e falou da vida acidentada que levam a maior parte dos escritores.

Porém as críticas favoráveis que apareceram nos jornais e algumas palavras elogiosas ouvidas a meu respeito e ditas por pessoas que mereciam uma confiança muito próxima da veneração fizeram-no mudar de opinião. Quando viu que eu tinha dinheiro e quando soube como o trabalho literário pode ser remunerado, os seus últimos escrúpulos desapareceram. Pronto a passar da dúvida à mais inteira confiança,

satisfeito como uma criança pelos meus sucessos, entregou-se de repente às mais loucas idealizações, aos sonhos mais absurdos sobre o meu futuro. Em cada dia inventava-me uma nova carreira e fazia um novo projeto! Só Deus sabe o que esses projetos encerravam... Começou mesmo a testemunhar-me uma certa deferência que anteriormente nunca lhe inspirara.

As suas dúvidas, entretanto, voltavam muitas vezes, bruscamente, a assediá-lo, no melhor das suas fantasias entusiásticas e desconcertavam-no por completo. Ser autor, ser poeta! Que coisa singular... Os poetas tinham algum dia feito carreira?! Alcançariam honras? Não havia muito a esperar de todos esses suja-papéis.

Estas perplexidades e estas dúvidas assaltavam-no, na maioria das vezes, à hora do crepúsculo; nesses momentos ficava deveras nervoso, impressionável e cético. Natascha e eu sabíamos muito bem disso e divertíamo-nos antecipadamente. Por mim tentava arrastá-lo para uma apreciação menos pessimista; contava-lhe alguma anedota sobre Soumarakov, que fora nomeado general, ou sobre Derjavine, que recebera uma tabaqueira cheia de moedas de ouro, ou dizia-lhe que a imperatriz Catarina visitara Lamanossov, ou ainda falava-lhe de Pushkin, de Gogol...

— Sei, meu caro, sei tudo isso! — replicava ele, embora talvez ouvisse pela primeira vez na sua vida aquelas histórias. — Quanto a ti, o que me consola um pouco é o teu *manjar* não estar escrito em verso. Os versos, meu amigo, são um absurdo, não negues, e acredita num velho que te quer bem. São tempo perdido! Que os colegiais façam versos, ainda escapa; mas um rapaz da tua idade... vai direitinho para um manicómio! Pushkin é um grande homem, ninguém diz o contrário, mas nos versos e em nada mais. Tudo isso é bem efémero! De resto, eu li-o pouco. A prosa é outro negócio; o escritor pode instruir, pode falar de amor, de patriotismo, de virtude... Não sei explicar bem as coisas, mas tu compreendes-me. É a amizade que me faz falar. Mas vejamos o que nos vais ler! — disse em conclusão e num tom protetor no dia em que pude finalmente levar-lhe a minha obra.

Estávamos todos reunidos, após o chá, em torno de uma mesa redonda.

— Lê-nos um pouco disso que aí rabiscaste! — acrescentou ele. — Deste tanto que falar aos outros… Vejamos o que isso será.

Dispus-me a ler. O meu romance aparecera naquele mesmo dia e, mal consegui um exemplar, corri logo a casa dos Ikhmeniev. Como me

aborrecera não ter podido lê-lo mais cedo! O manuscrito porém já se encontrava nas mãos do editor. Natascha chorara de despeito, discutira comigo e censurara-me pelo facto de outros terem lido o meu trabalho primeiro que ela.

Estávamos sentados, próximos uns dos outros. O velho tomou um ar extraordinariamente sério. Preparando-se para emitir o mais severo dos julgamentos, quis certificar-se por si mesmo e obter uma convicção.

A velha senhora tinha também um aspeto mais solene do que era costume; quase pusera expressamente uma touca nova para ouvir a leitura. Há muito percebia que olhava para a sua querida Natascha com um amor intenso, que pensava apenas nela e que o meu olhar se tornava mais vivo quando lhe falava. Natascha, por sua vez, fitava-me com um olhar mais brilhante do que o costume. Chegara por fim o momento em que o êxito vinha realizar as minhas douradas esperanças e trazer-me a felicidade.

Ela observara também que o marido principiara, havia algum tempo, a elogiar-me de uma maneira excessiva e a olhar a filha de uma forma um tanto esquisita. Por sua vez, quando olhava para mim, parece que o rosto se lhe transtornava. Eu não era conde nem príncipe, nem duque da casa reinante. Se ao menos fosse, à falta de melhor, conselheiro de colégio, saído da faculdade de direito, ou então condecorado e bonito rapaz... Quando se entregava aos seus sonhos, não gostava nada de parar no meio do caminho!

Capítulo 5

Li o meu romance numa única sessão, a qual se prolongou até às duas horas da manhã. O velho franzira, a princípio, os supercílios. Esperava qualquer coisa de sublime, que ele mesmo não estivesse em condições de compreender; em lugar disso ouviu, logo de início, descrever acontecimentos vulgares e inteiramente conhecidos, factos que se passam a todo o momento em torno de nós. Se ao menos tivesse por herói um homem merecedor de um interesse particular, qualquer personagem histórica, como Roslavliev ou Jouri Miloslavsky! Mas longe disso; eu punha em cena um pobre diabo, um funcionário obscuro e modesto, vestindo um casaco remendado e sem botões, e tudo descrito com simplicidade, na linguagem que utilizamos todos os dias... Era na verdade singular! Ana olhava o marido com um ar interrogador e um pouco carrancudo, como sentindo-se lograda. «Valeria a pena imprimir e ler semelhantes misérias e, pior ainda, comprá-las?», parecia dizer a excelente senhora.

Natascha era toda ouvidos. Escutava com avidez, não me desfitava um só momento e, a cada palavra pronunciada, os seus lindos lábios moviam-se, imitando os meus. No entanto, ainda não chegara ao meio e já lhe arrancava lágrimas. A mãe chorava sinceramente, compartilhando de todo o coração as desgraças do herói e desejando mesmo auxiliá-lo, a julgar pelas suas exclamações. Nicolai renunciara aos seus sonhos de grandeza e elevação.

— Desde a primeira palavra — disse-me ele — nota-se que é uma boa obra... Não está má... É uma historiazinha simples, mas empolgante. As circunstâncias acessórias são também fáceis de compreender e de gravar... e vê-se que o mais obscuro dos homens é sempre um homem e um irmão.

Natascha ouvia e chorava, e disfarçadamente, sob a mesa, apertava-me com força as mãos. Acabada a leitura, ergueu as faces em fogo e os olhos marejados de lágrimas; agarrou rápida na minha mão, levou-a aos lábios e fugiu, correndo para o seu quarto. O pai e a mãe trocaram um olhar.

— Que exaltada, hem?! — exclamou o velho. — Não há mal nisto... é uma excelente pequena! — acrescentou logo, lançando um olhar distraído para a esposa, como tendo a intenção de justificar a filha e a mim mesmo.

Ana, porém, mau grado a comoção que experimentara durante a leitura, tinha um aspeto de menos entusiasmo. Olhando-a, lembrei-me daquele trecho de um dos nossos autores: «Alexandre da Macedónia era um herói. Estamos de acordo... mas não é isso uma razão para quebrarmos as cadeiras!»

Natascha não tardou a voltar, alegre e feliz. Passando perto de mim beliscou-me ao de leve. Nicolai pôs-se a apreciar *severamente* o meu trabalho, mas a sua alegria fê-lo esquecer o tom de severidade e não tardou a entusiasmar-se.

— É bom, meu Ivan, é muito bom! Empolgaste-me mais do que esperava. Não é um estilo elevado, não é grandioso, evidentemente... Tenho como exemplo *«Moscovo salvo»*, onde, desde as primeiras linhas, nos sentimos transportados aos ares como as águias, ao passo que o teu livro é mais simples, mais fácil de entender. O que me agrada é justamente o ele ser mais compreensível e mais simples; parece-me que foi a mim próprio que tudo aquilo aconteceu. E também, para quê fazer coisas sublimes, coisas incompreensíveis? Não farias mal, porém, mudando um pouco o teu estilo... És merecedor de todos os elogios, mas, diz o que quiseres, falta-te um pouco de elevação. De resto, agora é um pouco tarde, pois já está impresso! Talvez para a segunda edição... Quem sabe? Haverá talvez uma segunda edição... e outra vez dinheiro, hem?!

— É verdade, Ivan, que isso lhe rende muito? — perguntou Ana. — Quanto mais o fito, mais tudo isto me parece um sonho. Ah! Ah! meu Deus, no que se gasta o dinheiro!

— Queres saber, Ivan? — continuou Nicolai, animando-se cada vez mais. — Isto não pode comparar-se aos lugares do Estado, no entanto é uma carreira. Pessoas bem colocadas hão de ler o que escreveste. Dizes que Gogol tinha uma pensão e que foi mandado ao estrangeiro? E quem sabe se tu mesmo, hem? Ou será ainda muito cedo? Que pensas? Talvez seja ainda muito cedo... Será preciso escrever outra obra... Nesse caso, escreve, meu caro, escreve depressa, depressa! Não durmas sobre os louros. É preciso bater no ferro enquanto ele está quente.

Dizia isto com um ar convencido, com uma tal simplicidade que não tive coragem para lhe levantar objeções ou fazer esfriar o seu entusiasmo.

— Dar-te-ão uma tabaqueira! — recomeçou ao cabo de alguns instantes. — Porque não? Para te animar. E quem sabe? Talvez sejas convidado para a corte! — acrescentou num tom grave, piscando o olho. — Não?! É cedo ainda para chegar à corte!

— Bom! Ei-los na corte! — exclamou a esposa, melhor humorada.

— Por esse andar depressa chego a general! — retorqui, rindo com vontade.

O velho riu-se também. Estava todo contente.

— Meu general!... Não quer comer um bocado? — perguntou Natascha, que durante a conversa preparara o jantar.

Soltou uma gargalhada e lançou-se nos braços do pai.

— Como és bom, meu querido pai! — exclamou, emocionada.

— Basta! Basta! — retorquiu Nicolai, dominado também pela comoção. — Estava brincando. General ou não, vamos jantar.

E afagando com a mão as faces ruborizadas de Natascha, acrescentou:

— Que coração sensível!... Ah! Ivan, a minha amizade por ti é que me faz falar assim... Concordamos em que não chegues a general! Não serás por isso um homem menos célebre. Um autor!

— Atualmente, pai, diz-se *um escritor*.

— Ah! não é *autor?*... Com as minhas palavras apenas quis dizer que, se não se consegue ser gentil-homem da câmara só pelo facto de se ter escrito um romance (não se deve pensar nisso, é claro!) pode-se, contudo, ser qualquer coisa... Pode-se ser adido de embaixada, ser mandado ao estrangeiro, a Itália, por exemplo, ou por questões de saúde ou para se aperfeiçoar no estudo da arte, ou pode-se ainda receber um subsídio. Naturalmente é preciso tornares-te merecedor de tudo isso, pois será muito mais honesto obter honrarias e dinheiro unicamente pelo teu trabalho, que não pela proteção...

— E não fiques, ao menos nessa ocasião, mais orgulhoso! — observou Ana, rindo.

— Não, meu pai! — disse Natascha. — Coloque-lhe antes, uma estrela sobre o peito... Adido de embaixada... que miséria!

E beliscou-me o braço mais uma vez.

— Estás de novo a divertir-te comigo! — exclamou o velho, deitando um olhar de orgulho para a filha, cujas faces estavam afogueadas e cujos olhos brilhavam como duas estrelas. — Fui talvez um pouco longe no que

disse, meus filhos. É este o meu feitio. E no entanto, Ivan, quando olho para ti não noto nada de extraordinário.

— Oh! Deus meu! Como querias que fosse, pai?!

— Não... não foi isso o que eu quis dizer... Quero dizer que não acho absolutamente nada de poético na tua figura, Ivan! Sabes... Dizem que os poetas são pálidos, têm os cabelos assim, os olhos assim, qualquer coisa... Tu sabes... um Goethe ou qualquer outro... Li isso num almanaque. Mas quê? Teria dito alguma tolice? Vejam a velhaqueta como se diverte à minha custa... Meus amigos, não sou um letrado, mas tenho sentimentos. E quanto ao género, não interessa ser este ou aquele. Para mim, o teu género está muito bem e agrada-me sobremodo. Não foi isto o que eu quis dizer. Ser honesto, ser homem de coração, eis o principal. Vive honestamente e nunca faças uma opinião muito elevada a teu respeito. Um belo futuro te espera! Convence-te da tua missão, foi o que eu quis dizer, justamente, o que eu quis dizer!

Que tempo feliz! Passava em casa dos Ikhmeniev todas as tardes, todos os momentos de liberdade. Levava ao velho as novidades do mundo literário, dos escritores pelos quais, de repente, não sei porquê, começara a interessar-se; começou mesmo a ler os artigos de um crítico de que lhe falara e o qual não compreendia em absoluto, mas elogiava-o muito.

A mãe vigiava-nos. Tínhamos porém conseguido enganar a sua vigilância. Os nossos corações haviam-se entendido e ela confessara-me o seu amor. Os velhos pais souberam, observaram e refletiram. A mãe no entanto continuava meneando a cabeça, pois não tinha confiança.

— Teve um belo sucesso! — dizia-me. — Contudo, se na próxima vez não vencer ou se acontecer qualquer coisa, o que fará? Se ao menos tivesse um emprego!

— Quanto a mim, aí vai a minha opinião — acrescentou o velho, após ter refletido um momento. — Vi, compreendi e, confesso-o, rejubilei mesmo por ver que tu e a Natascha... E que mal haveria nisso? Sois ainda muito crianças. Minha mulher tem razão... Esperemos. Tens talento, muito talento, concordo. Vai-se muito longe quando se tem génio. Assim, tens talento... Li ainda hoje uma crítica enaltecendo-te muitíssimo, Porém isso nada quer dizer. O talento, sabes bem, não representa um capital no Banco e sois pobres. Esperemos um ano, um ano e meio; se andares direito, se te firmares no teu caminho, Natascha será tua; se não alcançares êxito, julga por ti mesmo... És um rapaz honesto... refletirás conforme convém.

Ficámos pois assim e assim estávamos um ano depois...

Sim, foi quase um ano mais tarde! Por uma bela e límpida tarde de setembro, doente e com o desespero na alma, entrei em casa dos meus amigos e caí numa cadeira, meio desmaiado. Ficaram horrorizados ao verem-me em tal estado.

Se naquele momento a cabeça me andava à roda, se tinha o coração angustiado, não era tudo porque tivesse vindo dez vezes à sua porta e voltado dez vezes sem entrar, como não era também por não ter vencido na minha carreira ou por não ter alcançado a glória nem o dinheiro, nem o lugar de adido de embaixada, nem por estar mesmo longe demais o momento em que me mandariam para Itália tratar da saúde... Não! A minha cabeça andava às voltas e o meu coração estava angustiado porque... pode-se viver dez anos num apenas e porque nesse ano Natascha tinha, também, vivido dez anos. Um abismo se abrira entre nós.

A mãe olhava-me com uma compaixão mal dissimulada e parecia dizer com os seus botões: «A quem eu ia dar a minha filha...»

O samovar fervia sobre a mesa.

— Tome uma chávena de chá, Ivan! Como vai? Está doente? — perguntou-me ela num tom lamentoso que ressoa ainda aos meus ouvidos.

Enquanto me falava, os seus olhos traíam uns cuidados inteiramente diversos dos que aparentava, os mesmos, sem dúvida, que ensombravam a fisionomia do marido, sentado, imóvel e perdido nos seus pensamentos. Estavam deveras inquietos sobre o resultado do processo com o príncipe. Esta questão punha o velho quase maluco.

O príncipe mais novo, causa primária de todo este processo, encontrara, alguns meses antes, um pretexto para os ir ver. O velho Nicolai, que estimava Alyosha como a um filho, que falava nele quase todos os dias, acolhera-o com alegria. Sua mulher lembrara-se de Vassilievskoé e começara a chorar. As visitas do rapaz não tardaram a ser mais frequentes e Nicolai, que era a honestidade, a franqueza e a retidão personificadas, repelira com indignação todas as medidas de precaução; dotado de um nobre orgulho, nem mesmo quisera pensar no que diria o príncipe, cujas suspeitas absurdas lhe mereciam apenas desprezo, se viesse a saber que o filho era recebido na sua casa.

As visitas do jovem tornaram-se quase diárias: passava tardes inteiras com os dois esposos, felizes por estarem junto dele, e muitas vezes só ia embora depois da meia-noite.

O pai foi naturalmente prevenido de tudo e isso deu causa às mais abomináveis atoardas. Escreveu a Nicolai uma carta injuriosa, sob o mesmo tema antigo, e proibiu categoricamente o filho de os ir ver. Isto deu-se precisamente quinze dias antes da minha visita.

O velho estava dominado por uma terrível aflição.

A sua Natascha, aquela criança tão pura e tão inocente, estava implicada de novo nessa estúpida calúnia.

O seu nome era insultado por um homem que o ultrajara horrivelmente. E era necessário suportar tudo isso sem exigir uma satisfação! Durante os primeiros dias o desespero fê-lo adoecer. Esta história, com todos os seus detalhes, chegara aos meus ouvidos, embora, devido à doença e ao desgosto, não fosse a casa deles há três semanas. Mas eu sabia? Não, eu não fazia mais do que pressentir... Sabia, mas não ousava acreditar que houvesse ainda outra coisa que os inquietava mais do que tudo no mundo, e olhava para eles com uma ansiedade pungente.

Era um suplício. Tinha medo de adivinhar, tinha medo de acreditar e desejava com toda a força da minha alma retardar esse momento fatal.

Fora por ela que eu viera nessa tarde, mas sentindo haver qualquer outra coisa a atrair-me para lá.

— Com efeito — murmurou o velho, como que acordando bruscamente de um sonho — estiveste doente? Há quanto tempo não te vemos... Deves censurar-me. Quis ir ver-te, mas houve sempre...

E recaiu nas suas reflexões.

— Estive um pouco indisposto — respondi apenas.

— Ah, indisposto — repetiu ele, ao cabo de alguns minutos. — Indisposto... Já te disse mais de uma vez que tenhas cuidado. Não me queres escutar... Meu caro Ivan, desde os tempos imemoriais a musa foi relegada para as águas-furtadas, rebentando de fome, e continua ainda hoje da mesma forma.

O velho não estava de bom humor.

Era preciso estar muito aborrecido para me falar assim.

Pus-me a olhá-lo. O rosto estava amarelo e os olhos exprimiam uma grande perplexidade; lia-se neles um pensamento, um problema que não tinha coragem de resolver. Estava mais zangado e bilioso do que o costume. A mulher olhava-o com inquietação, meneando a cabeça. Aproveitou um momento em que ele se voltou para me fazer um sinal.

— Como vai a Natascha? — perguntei eu. — Não está em casa?

— Está — respondeu a mãe, a quem a minha pergunta pareceu embaraçar. — Não tarda aí e sentirá grande prazer em o ver... Acredite que não digo isto por galanteio, mas sim porque não se veem há três semanas. Ela também está mudada, sem bem se compreender porquê. Não se sabe o que tem: se está doente ou com saúde, Deus a ajude! — acrescentou, lançando sobre o marido um olhar medroso.

— Não, não! Não é coisa de grande importância! — retorquiu este com uma voz forçada. — Não está doente. Coisas da sua idade, eis tudo. Quem pode compreender esses aborrecimentos, esses caprichos da pequena!

— Bom, aí voltas tu a falar em caprichos! — tornou a mulher.

O velho calou-se e pôs-se a tamborilar sobre a mesa.

«Haverá qualquer entendimento entre eles?», pensei eu.

— E de ti, o que há de novo? — perguntou Nicolai um momento depois. — B... continua sempre ocupado com a crítica literária?

— Sim, continua a escrever sempre — respondi eu.

— Ah! Ivan! — exclamou ele como conclusão, agitando os braços. — Para que serve toda essa crítica?

A porta abriu-se e Natascha apareceu.

Capítulo 6

Entrou com o chapéu na mão. Colocou-o sobre o piano e aproximou-se depois, estendendo-me a mão, sem dizer palavra. Um ligeiro tremor lhe agitava os lábios. Parecia querer dizer qualquer coisa, umas simples palavras de cortesia, mas calou-se.

Havia três semanas que não nos víamos e assustou-me a mudança nela operada.

Doeu-me o coração ao ver-lhe as faces pálidas e emagrecidas, os lábios queimados pela febre e os olhos, sob os cílios carregados, irradiando um fogo ardente e misterioso.

Mas como estava bela! Nunca a vira tão linda como nesse dia fatal... Seria a mesma Natascha que, há apenas um ano, me seguia sempre com os olhos e cujos lábios se agitavam como os meus durante a leitura do meu romance? Seria a mesma Natascha que, alegre e despreocupada, ria e brincava comigo e com o pai durante o jantar? Seria a mesma Natascha que, no quarto ao lado, de olhos baixos e faces ruborizadas, me dissera «sim»?

A voz grave e solene de um sino, chamando para as vésperas, fez-se ouvir. Natascha estremeceu e a mãe persignou-se.

— Devias ir às vésperas, Natascha. Vai... Vai rezar, minha filha. Não é longe e um pequeno passeio deve fazer-te bem. Vives sempre metida em casa... Andas tão pálida que parece te deitaram um mau olhado.

— Não... hoje não vou — disse ela lentamente e baixinho, quase num murmúrio. — Não... não me sinto bem.

E fez-se pálida como um cadáver,

— Porque não vais? Há pouco querias ir; foste até buscar o chapéu. Vai rezar, minha querida Natascha, vai pedir a Deus que te dê saúde — continuou a mãe.

— Também me parece que deves ir. Sempre tomas um pouco de ar — acrescentou o velho, fitando com inquietação o semblante da filha. — A tua mãe tem razão. O Ivan far-te-á companhia.

Vejo ainda o sorriso amargo que lhe perpassou pelos lábios.

Foi pôr o chapéu. As mãos tremiam-lhe. Todos os seus movimentos eram como que instintivos; parecia agir sem dar conta do que fazia. O pai e a mãe olhavam-na com espanto.

— Adeus — disse ela numa voz que mal se ouviu.

— Porque dizes adeus, meu anjo? — exclamou a mãe. — Não te demores... Vai tomar apenas um pouco de ar. Vê como estás pálida! Ah, meu Deus, tinha-me esquecido... Esqueço sempre as coisas! Acabei o bentinho. Cosi-lhe uma oração dentro. Uma freira de Kiev ensinou-me o ano passado como se deve fazer. É uma prece muito eficaz, Natascha. Toma, talvez assim Deus te dê saúde.

E tirou da caixa de trabalho a cruz de ouro que Natascha usava ao pescoço; o bentinho estava preso à mesma fita.

— Deus te dê saúde! — disse ela, pondo-lhe a fita ao pescoço e fazendo o sinal da cruz. — Houve tempo em que fazia assim todas as noites, antes de te deitares; eu rezava e tu repetias a oração comigo. Agora já não és a mesma e não tens paz de espírito. Ah, Natascha, as minhas orações maternais já nada valem para ti...

Disse estas últimas palavras com as lágrimas nos olhos.

Natascha beijou em silêncio a mão da mãe, depois voltou-se bruscamente e dirigiu-se ao pai, diante do qual ajoelhou, dizendo:

— Meu pai, abençoe também a sua filha.

Invadira-nos uma perturbação estranha, dada esta conduta inesperada e bastante solene,

O pai fitou-a por momentos,

— Natascha, meu amor, minha querida filha, minha adorada filha! Que tens tu? — exclamou ele, deixando correr as lágrimas, — Que sofrimento é o teu? Porque choras noite e dia? Sim, porque eu também não durmo e ouço bem quando choras. Conta-me tudo, Natascha. Confia o teu segredo a teu pai, a nós...

Não terminou. Puxou-a para si e abraçou-a longamente. Ela agarrou-se convulsivamente ao velho, escondendo o rosto no seu peito.

— Não é nada, não é nada. Estou apenas um pouco indisposta — disse, sufocada pelas lágrimas que estava retendo.

— Deus te dê a sua bênção como eu te dou a minha. Que ele te dê a paz e te livre do mal. Pede a Deus, querida, para que a minha prece de pecador chegue até Ele.

— E que a minha bênção te acompanhe também — disse a mãe, soluçando.

— Adeus — murmurou Natascha em voz débil. Chegada à porta, parou, olhou-os ainda uma vez, quis dizer alguma coisa, mas faltaram-lhe as forças e saiu rapidamente do quarto.

Precipitei-me atrás dela, pressentindo uma desgraça.

Capítulo 7

Caminhava em silêncio, apressadamente, a cabeça baixa e sem me olhar. Chegando ao fim da rua, junto ao cais do Neva, parou e agarrou-me as mãos.

— Não sei o que sinto! — bradou ela. — Falta-me o ar.

— Voltemos para casa, Natascha — exclamei, assustado.

— Então não vês que fujo para não mais voltar? — disse, olhando-me com inexprimível angústia.

Senti um choque no coração. Pressentira tudo isto, mas as suas palavras fizeram-me o efeito de um raio.

Continuámos a caminhar, mas cabisbaixos, ao longo do cais. Não podia falar e fazia esforços inauditos para pensar. A cabeça andava-me às voltas. Tudo isto me parecia tão monstruoso, tão impossível...

— Julgas-me culpada, Ivan — disse ela por fim.

— Não, mas... Não acredito... Não pode ser… — exclamei sem bem saber o que dizia.

— Pois é verdade. Deixo-os e não sei o que será deles nem sei o que será de mim.

— Vais para casa *dele*?

— Sim — respondeu.

— Mas é impossível! — objetei, exaltado. — Sabes que é impossível, Natascha!... Minha pobre Natascha, isso é uma insensatez! Mata-los e perdes-te. Não sabes isso, Natascha?

— Sei, mas que hei de fazer? Não está em mim — disse ela, e as suas palavras traiam um desespero tão grande como se a levassem para o suplício.

— Volta, volta enquanto é tempo — supliquei com Ioda a insistência de que era capaz, embora reconhecesse o inútil e o absurdo das minhas súplicas. — Já pensaste em teu pai? Sabes que o pai *dele* é inimigo do teu, que o insultou, que o acusou de o ter roubado, que o chamou ladrão? Sabes que estão em demanda? E depois há ainda outra razão... Sim, deves sabê-la, compreendes Natascha... Por Deus, deves saber tudo! Sabes que

acusaram teus pais de favorecerem a tua ligação com Alyosha? Lembra-te quanto teu pai sofreu com essas calúnias! Como envelheceu... Já não te falo do quanto lhe custará perder-te, a ti, o seu único tesouro, o seu amparo na velhice. Bem o sabes. Lembra-te ainda de que teu pai te julga vítima da calúnia dessa gente. A antiga animosidade renasceu depois de Alyosha ter sido recebido de novo em tua casa. O pai dele tornou a insultar o teu. A cólera ferve ainda na alma do velho por essa nova injúria. E todas essas acusações serão justificadas! Todos aqueles que conhecem o caso irão agora desculpar o príncipe para passarem a acusar-te a ti e a teu pai. Que será dele? Morre, com certeza! E a vergonha, a infâmia... E de quem vem o golpe? De ti, da sua única filha. E tua mãe? Julgas que sobrevive ao velho? Natascha, Natascha, que fazes? Reflete! Voltemos...

Ficou silenciosa. No seu olhar havia uma dor tão intensa, um sofrimento tão grande que compreendi, mesmo abstraindo tudo quanto dissera, como o seu pobre coração sangrava. Compreendi quanto lhe custara a resolução tomada e como eu a torturava com as minhas recriminações. Não pude porém deixar de continuar:

— Há pouco dizias a tua mãe que não querias sair, que não ias à igreja. Não estavas então resolvida?

Sorriu com amargura. Porque lhe perguntava eu isto? Então não era evidente que a resolução tomada era definitiva? Eu, porém, já não era senhor de mim.

— É tão grande assim o teu amor? — bradei, com o coração torturado e sem compreender a minha própria pergunta.

— Que queres que te responda, Ivan? Bem o vês! Disse-me que viesse... Vim e aqui estou esperando.

— Mas escuta, ao menos — recomecei eu, agarrando-me a uma tábua de salvação. — Tudo se pode arranjar ainda pelo melhor. Nada te obriga a deixar a tua casa. Dir-te-ei como deves fazer, minha querida Natascha. Arranjarei tudo, tudo... Poder-vos-eis encontrar. Mas não fujas de casa! Eu levarei as cartas... Porque não o hei de fazer? Sempre é melhor do que aquilo que queres fazer. Arranjarei tudo e todos serão felizes, verás! Ao menos não te perderás, querida Natascha. Porque assim perdes-te e perdes-te sem esperança. Queres, Natascha? Tudo correrá bem e amar-vos-eis à vontade. E quando acabar a questão entre os velhos (porque acaba, cedo ou tarde) então...

— Basta, Ivan — interrompeu ela, apertando-me as mãos com força e sorrindo por entre as lágrimas. — Meu bom, meu querido Ivan! Como tu és bom, como tu és honesto... E não dizes uma palavra de ti... Atraiçoei-te e perdoaste tudo, e só pensas na minha felicidade. Entregarias as cartas...

E começou a chorar.

— Sei como me adoraste, como me adoras ainda hoje, e não me fazes uma recriminação, não me dizes uma má palavra. E eu, Deus do céu, como me sinto culpada! Lembras-te do tempo que passámos juntos? Ah, antes nunca o tivesse conhecido, nunca o tivesse encontrado! Teria sido feliz contigo, meu bom amigo. Não sou digna de ti. Para quê lembrar a felicidade passada, para quê reavivar essa saudade? Passaste três semanas sem vir. Apesar disso, juro-o, nem por um instante julguei que me odiasses. Sabia que não vinhas para não seres um obstáculo, uma acusação. Como seria penoso encontrarmo-nos... E entretanto, como eu te esperava! Amo Alyosha com um amor insensato e creio que te amo ainda mais como meu amigo. Não poderia viver sem ti. És-me necessário, preciso do teu coração de ouro. Oh, quanto sofrimento, quanta amargura se aproxima!

E continuava a chorar.

— Como precisava de ti — continuou ela, procurando dominar-se. — Estás muito magro, pálido... Estiveste doente, Ivan? Nem te perguntei... Só falámos de mim... Que tens feito? O teu romance?

— Para o diabo os meus romances! Diz-me antes: Alyosha exigiu que fugisses?

— Não, fui eu que... Ele disse-me... é certo... e eu... Olha, vou-te contar tudo. Querem casá-lo com uma moça riquíssima. O pai, conheces bem esse intrigante, exige o casamento. Fará tudo para que se realize, pois semelhante ocasião não se apresenta duas vezes. Altas relações, fortuna colossal... e além disso, bonita, bem-educada e um anjo de bondade. O próprio Alyosha está interessado; e como o pai se quer ver livre dele o mais cedo possível para poder também casar, quer, custe o que custar, romper a nossa ligação. Teme a minha influência...

— Sabe então o que há entre vós? — interrompi eu.

— Sabe tudo.

— Como o soube?

— Alyosha contou-lhe.

— Deus do céu!... Que significa isso?! Então conta tudo ao pai numa ocasião destas?

— Não o recrimines. Seria injusto julgá-lo como a qualquer outro. É uma criança e teve uma educação muito diferente da minha e da tua... Julgas que tem consciência do que faz? A primeira impressão, a primeira influência basta para o fazer esquecer todos os juramentos feitos cinco minutos antes. É completamente falho de vontade. Confia em alguém e no mesmo dia, com a mesma boa fé, passa a confiar em outrem; e é o primeiro a vir contar o que fez. Pode cometer uma ação má, que ficamos sem saber se devemos repreendê-lo ou lastimá-lo. E isto, ainda, dura apenas até à primeira impressão, pois nessa altura esquece logo tudo. *Assim, esquecer-me-á se não estiver sempre ao lado dele.*

— Talvez esse casamento não seja verdade. Se é tão criança...

— O pai tem as suas intenções, afirmo-te.

— Como sabes que a noiva é bonita e que lhe agrada?

— Foi ele que mo disse.

— Ele... Pois disse-te que poderia amar uma outra e ao mesmo tempo forçar-te a sacrificar-lhe tudo?!

— Não, não! Conhece-lo mal... Viste-o tão pouco... É preciso conhecê-lo melhor para o poder julgar. Não há coração mais digno e mais puro do que o seu. Achas que devia mentir? É natural que ela lhe tenha agradado. Se passasse oito dias sem me ver, esquecia-me e amava outra. Porém, logo que me tornasse a ver estaria de novo a meus pés. Prefiro que não me esconda os seus segredos; morreria de ciúmes. Eu sei, *se não estiver sempre a seu lado esquecer-me-á.* Conheço-o. Qualquer uma o pode seduzir. E que seria então de mim? Morreria. Mas morrer que importava... A morte seria uma felicidade. Agora viver sem ele seria o mais horrível dos suplícios... Oh, Ivan, Ivan! Compreendes bem quão grande é este amor... quanto o amo, para deixar assim meu pai e minha mãe. Não insistas. Está decidido. Preciso tê-lo sempre ao pé de mim. Sei que me perco e que perco os outros comigo... Ah, Ivan... Se na verdade ele não me amasse... Se o que acabas de dizer fosse verdade, se me enganasse — eu não tinha dito nada disto — se tudo nele fosse falsidade, se de facto fosse mau, vaidoso e egoísta! Defendo-o contra ti no momento em que talvez ele esteja com outra, a rir de mim, enquanto eu, vil criatura, tudo abandonei e ando à sua procura pelas ruas... Oh, Ivan…

E gemia tão dolorosamente que me assustei. Compreendi que já não tinha nenhum domínio sobre si. Somente o ciúme mais cego, mais insensato poderia arrastá-la a uma decisão tão extrema. Enciumado também, deixei-me arrastar por um mau sentimento.

— Não compreendo como o possas amar depois do que me disseste dele. Não crês no seu amor e vais procurá-lo, e sacrificas a vida dos que te são caros. Que fazes? Estás cega. Não compreendo semelhante amor.

— Sim, amo-o como uma insensata — respondeu ela, pálida de angústia e dor. — Nunca te amei assim, Ivan. Vejo que perdi a razão. Não devia amá-lo deste modo... Sinto e senti sempre, mesmo nos momentos mais felizes, que tudo para mim será mágoa e tormento. Mas que posso eu fazer se os tormentos, vindos dele, são a felicidade para mim? Sei o que me espera e quanto tenho a sofrer. Jurou amar-me sempre, fez-me todas as promessas e não creio numa só palavra das que me disse. Não creio e nem mesmo antes acreditava. Disse-lhe espontaneamente nunca o pretender prender em coisa nenhuma. Ninguém gosta de compromissos e eu sou a primeira a odiá-los. Sinto-me feliz em ser sua escrava, sua escrava voluntária, sofrer por ele, contanto que o tenha comigo, que o possa ver, pelo menos. Sabes?... Chego a supor que consentiria em que ele amasse outra, contanto que eu pudesse estar sempre ao seu lado. Que baixeza, não é Ivan? — gritou ela de repente, fitando-me com um olhar abrasador. — Sei que é uma baixeza, e no entanto, se me abandonasse, correria atrás dele até ao fim do mundo, mesmo se me repelisse, se me expulsasse. Aconselhas-me a renunciar, a retroceder... De que serviria isso? Voltaria amanhã. Se ele o ordenar, eu vou. Basta chamar-me para que eu o siga como um cão. Não temo os tormentos vindos dele; saberei que é *dele* que me vem a dor... Oh! Ivan, tenho vergonha de te falar assim!

— Disse que queria casar contigo?

— Prometeu, prometeu tudo. Disse mais: casar-nos-emos amanhã, secretamente, fora da cidade. Que marido singular! E se não nos casarmos, acusar-me-á mais tarde. Não quero que tenha queixas de mim. Nada exijo dele. Se pode vir a ser infeliz casando comigo, para quê fazer a sua infelicidade?

— E vais agora para casa dele?

— Não! Prometeu vir-me buscar aqui.

Olhou com impaciência para todos os lados, mas nada se via.

— E és a primeira a chegar! — exclamei eu, indignado.

A minha exclamação fê-la estremecer e o seu rosto tomou uma expressão de dor.

— Talvez nem venha — disse ela com um sorriso triste. — Escreveu-me, dizendo que se eu não prometesse vir seria obrigado a deixar para mais tarde a nossa fuga e o nosso casamento, pois seu pai levá-lo-ia a ver a noiva... Ivan!... e se está junto *dela*?

Não respondi. Apertava-me a mão com força e os seus olhos faiscavam.

— Está junto dela! — murmurou tão baixo que mal pude ouvir. — Esperava que não viesse para poder ir para junto dela e dizer depois que a culpa foi minha. Aborreço-o e ele abandona-me. Oh, meu Deus, que louca eu sou... Disse-me a última vez que me aborrecia... Que espero eu mais?

— Ei-lo! — exclamei eu, vendo-o ao longe, junto do cais.

Natascha estremeceu. Soltou um grito ao avistá-lo, largou-me a mão e correu ao seu encontro. A rua estava quase deserta. Enlaçaram-se nos braços um do outro.

Natascha ria e chorava ao mesmo tempo. As faces estavam rubras. Alyosha viu-me e aproximou-se de mim.

Capítulo 8

Olhei para ele como se o visse pela primeira vez, embora já o conhecesse há muito. Procurei o seu olhar, como se assim pudesse dissipar todas as minhas apreensões e descobrir como uma tal criança pôde enfeitiçar deste modo Natascha e inspirar-lhe um tão insensato amor, amor que a fazia esquecer os seus deveres mais sagrados e sacrificar loucamente tudo quanto mais amara até então.

Apertou-me as mãos com força e o seu olhar sereno e doce foi-me direito ao coração.

Pensei tê-lo julgado mal, pela razão única de o ter como inimigo.

Era alto, delgado, bem proporcionado. Tinha o rosto oval, sempre pálido, cabelos louros, grandes olhos azuis, doces e sonhadores onde brilhava às vezes uma alegria das mais ingénuas e infantis. Os seus lábios vermelhos e carnudos, admiravelmente bem proporcionados, deixavam transparecer um sorriso tão inocente e tão simples que por mais mal-humorado que se estivesse sentia-se a necessidade de lhe responder com outro sorriso. Vestia sempre com elegância, uma elegância natural e simples que encantava.

Tinha, é certo, algumas maneiras de mau gosto, admitidas na sociedade: estouvamento e uma amabilidade um tanto impertinente. Dotado, porém, de uma simplicidade e uma serenidade de ânimo muito grandes, era o primeiro a reconhecer os seus defeitos e a levá-los para o ridículo. Não era mentiroso, ou provavelmente mentia sem se dar por isso. O seu próprio egoísmo tinha qualquer coisa de simpático, talvez mesmo porque o revelava com franqueza: era isento de dissimulação.

Fraco, confiante e tímido de coração, não tinha vontade própria. Ofendê-lo ou enganá-lo causaria pena; seria como ofender ou enganar uma criança. De uma ingenuidade incrível na sua idade, quase nada conhecia da vida. Aliás, creio que aos quarenta não a conheceria melhor; há criaturas que parecem condenadas a esperar eternamente pela maioridade.

Ninguém poderia deixar de o amar: sabia conquistar com as suas maneiras infantis. Natascha tinha razão. Sob determinada influência era

capaz de uma ação má, porém morreria de arrependimento, segundo creio, ao saber as consequências dessa sua ação.

Natascha sentia instintivamente que seria um dia a sua dominadora, a sua soberana, e ele terminaria por ser a sua vítima.

Antegozava a delícia de amar até à loucura e fazer sofrer a quem se ama, justamente porque se ama; e por isso mesmo, começava por se sacrificar.

Os olhos brilhavam-lhe de amor e ele olhava-a extasiado. Esquecera tudo: pais, despedidas, suspeitas, ciúmes... Era feliz.

— Ivan — disse ela —, fui injusta; não sou digna dele. Esquece as coisas más que disse. — E olhando-o com um amor infinito, acrescentou: — Julguei que não viesses...

Alyosha beijou-lhe a mão e depois virou-se para mim.

— Há muito que desejava abraçá-lo como a um irmão. Ela tem-me falado muito de si e com uma grande admiração. Sejamos amigos e... perdoe-nos — disse ele a meia voz e corando.

— Sim, sim — concordou Natascha — é um amigo e um irmão. Já nos perdoou e não poderíamos ser felizes sem ele. Ah, como nós somos cruéis! Ivan, volta para casa, para junto *deles*. Conhecem tão bem o teu coração de ouro que, ainda que não me perdoem, ao saberem do teu perdão terão um pouco de compaixão por mim. Dir-lhes-ás tudo com palavras tiradas do teu coração... Defende-me, salva-me. Diz-lhes a razão de tudo, visto teres-me compreendido. Talvez não me decidisse se não tivesses aparecido... Vendo-te, lembrei-me de que saberias contar-lhes tudo de maneira a tornar menos rude o primeiro golpe. Oh, meu Deus, meu Deus! Diz-lhes da minha parte, Ivan, que reconheço ser impossível o perdão. Ainda que perdoassem, Deus não me perdoaria. No entanto, mesmo amaldiçoada, não deixarei por isso de os abençoar e rezarei por eles toda a vida. O meu coração está com eles. Ah, porque não podemos ser felizes todos? Porquê? Meu Deus, que fiz eu?

Dito isto tapou o rosto com as mãos.

Alyosha apertou-a nos braços e ficámos silenciosos durante algum tempo.

— E pode exigir um tal sacrifício? — disse eu, lançando um olhar cheio de reprovação a Alyosha.

— Não me condene — replicou ele. — Todas estas desgraças durarão pouco, tenho a certeza. É preciso apenas um pouco de energia para

suportar o momento presente. Natascha também pensa assim. Como sabe, a causa de tudo é esse orgulho de família, essa questão, esse processo... Tenho pensado muito sobre o caso. Vivemos muito unidos e nossos pais, ao verem-nos felizes, reconciliar-se-ão. Quem sabe se o nosso casamento não será o começo da reconciliação? Creio que deve ser assim, não lhe parece?

— Falou em casamento... Quando se casam? — perguntei, fitando Natascha.

— Amanhã ou depois, não sei ao certo. Ainda não está nada arranjado. Não tinha a certeza se a Natascha vinha hoje... Além disso, o meu pai queria-me levar a casa da minha noiva. Sabe que pretende casar-me? Natascha contou-lhe? Por isso nada podia resolver de definitivo. De qualquer maneira, porém, casar-nos-emos depois de amanhã. Tomaremos pela estrada de Pekov; um colega meu, do Liceu, vive lá. Encontraremos um padre na aldeia vizinha. Apesar de que não sei se haverá lá padre. Devia ter-me informado, mas não tive tempo... É um simples detalhe. Pode-se mandar chamar um padre fora, não é assim? É pena que eu não tenha tido tempo de escrever algumas linhas, prevenindo. Pode o meu amigo não estar lá agora... Mas não importa, o principal é tomar uma resolução; o resto vai por si. Enquanto se espera, Natascha ficará em minha casa. Aluguei um andar onde iremos residir quando casarmos, pois não quero mais viver em casa de meu pai. O senhor irá visitar-nos, bem como os meus antigos camaradas do Liceu. Daremos festas, receções...

Olhava-o com angústia e o olhar de Natascha parecia pedir por ele. Esta acompanhou as suas palavras com um sorriso triste, ao mesmo tempo que o admirava, como uma criança interessante de quem se ouve o papaguear vazio de sentido, mas cheio de encanto. Quanto a mim, sentia uma tristeza intolerável.

— Mas — perguntei — tem a certeza de que seu pai perdoará?

— Naturalmente; não pode ter outra alternativa. A princípio começará por me amaldiçoar. É da praxe. Talvez mesmo se dirija à justiça, tentando fazer uso da sua autoridade paternal. Nada disso, porém, será a sério. Ama-me loucamente; zangar-se-á, mas fará logo as pazes. Reconciliar-se-ão todos e seremos felizes, até mesmo o pai dela.

— E se ele não perdoar? Já pensou nisso?

— Perdoa, tenho a certeza; talvez custe um pouco, mas perdoa. Provar-lhe-ei que tenho um bom caráter. Acusa-me sempre de ser um

estouvado; convencer-se-á no entanto que o não sou... Além de tudo, isto não é uma brincadeira. Quando se é casado, já se não é criança... Enfim, quero ser como os outros... como os homens casados. Viverei do meu trabalho. A Natascha diz que devemos viver do nosso trabalho e não à custa dos outros, como nós fazemos. Se soubesse as coisas boas que ela me diz! Sozinho nunca descobriria essas coisas. Não fui educado assim... Sei que sou um pouco estouvado e não tenho grandes habilitações. Há três dias, contudo, tive uma ideia maravilhosa! Embora a ocasião não seja muito própria, vou-lha contar, pois a Natascha precisa também conhecê-la, o senhor dar-nos-á os seus conselhos. É o seguinte: quero escrever também novelas para os jornais; o senhor apresentar-me-á aos redatores, não é assim? Conto pelo menos com isso. A noite passada imaginei um romance que deve ser interessante; o assunto é tirado de uma comédia de Scribe... Depois lhe contarei tudo. O essencial é que dê dinheiro... O senhor ganha por escrever, não ganha?

Não pude deixar de sorrir.

— O senhor ri... — disse ele, rindo também. E acrescentou com uma ingenuidade incrível: — Não faça juízos a meu respeito pelo que pareço; asseguro-lhe que sou muito observador, verá! Porque não experimentar? Quem sabe? Daí, talvez tenham razão; não conheço nada da vida real, como diz a Natascha. Que escritor havia de sair daqui? Ria, ria à vontade, mas corrija-me. Faça-o por ela, já que a ama. Na verdade, não valho quanto ela vale... Reconheço-o. Não sei como lhe inspirei um tal amor. Seria capaz de dar a minha vida por ela. Até aqui nunca temi coisa alguma, mas agora começo a ter medo. Que iremos fazer? Meu Deus... Será possível que um homem queira cumprir o seu dever e não saiba? Ajude-nos. O senhor é o nosso único amigo. Eu, só, nada posso. Perdoe, mas sei que tem um nobre coração e é muito melhor do que eu. Juro-lhe tornar-me digno dela e do senhor.

Apertou-me de novo a mão.

O seu olhar exprimia os mais elevados e nobres sentimentos.

Estendia-me a mão com toda a confiança, esperançado sem reservas na minha amizade.

— Ela ajudar-me-á a ser melhor — continuou. — Não faça muito má opinião a nosso respeito. Não se aflija. Tenho esperanças e sobre o ponto de vista material estaremos garantidos. Se por acaso a minha ideia do romance não der resultado, posso ainda dar lições de música. Não me

envergonho de viver do meu trabalho. Tenho ideias muito modernas... Além disso tenho uma porção de coisas que não servem para nada; posso-as vender e teremos com que viver durante bastante tempo. Em último caso, posso trabalhar, como meu pai quer. há de gostar deveras. Aleguei sempre que tinha uma saúde muito delicada, porém agora... Quando reconhecer que o casamento me tornou mais sério, mais ponderado, mais trabalhador, de verdade, ficará tão satisfeito que fará as pazes.

— Já pensou no que vai acontecer entre o seu pai e o dela? Que noite passarão eles hoje? — acrescentei, indicando-lhe Natascha, pálida como a morte, ante as minhas palavras. Estava sendo cruel.

— Tem razão — disse ele, — É horrível. Já pensei, já... mas que fazer? Se ao menos os pais dela nos perdoassem... Se o senhor soubesse como os amo! Trataram-me como um filho e agradeço-lhes desta forma. Oh, esse processo! Por que razão questionam eles? Amamo-nos tanto os dois... Se pudessem reconciliar-se! Era melhor e estava tudo acabado. As suas palavras aterrorizam-me. Natascha, é horrível o que vamos fazer... Eu bem dizia... Insististe! Porém pense, Ivan, tudo pode acabar bem, não acha? Terminarão por fazer as pazes. Reconciliá-los-emos. Não poderão resistir ao nosso amor. Não calcula como meu pai é bom. Se visse a ternura como me falou esta manhã... Como se esforçou por me persuadir. E agora vou contra a sua vontade... Como é triste! E tudo por uma questão de tolos preconceitos! Loucura rematada! Bastava que a conhecesse, que estivesse com ela meia hora para dar o seu consentimento.

E fixava em Natascha um olhar cheio de ternura e de paixão.

— Imagino como a amará quando a conhecer e como ela os encherá de espanto a todos. Nenhum deles conhece uma moça assim. Meu pai julga-a uma intrigante. É meu dever reabilitá-la e saberei cumprir esse dever. Ah, Natascha, todos te amarão! — exclamou ele triunfante. — Todos! Seremos felizes. Esse dia trará a todos felicidade, paz e reconciliação. Bendito seja esse dia! Não é, Natascha? Mas que tens tu, meu Deus?

Parecia insensível, mergulhada numa espécie de torpor. Todavia as exclamações de Alyosha fizeram-na despertar. Olhou em torno de si. De um salto agarrou-se a mim. Tirou uma carta do bolso e entregou-ma.

Era uma carta aos seus, escrita por ela na véspera. Entregou-ma com um olhar tão desesperado que jamais o poderei esquecer. Compreendi ser esse o momento em que sentiu todo o horror do seu procedimento. Quis

falar... Começou ainda, mas as forças traíram-na e mal tive tempo de a amparar. Alyosha, muito pálido, beijava-lhe as mãos.

Momentos depois voltou a si.

O carro que trouxera Alyosha estava parado, ali perto. Quando a fizemos sentar, apertou-me as mãos, molhando-as com lágrimas ardentes.

O carro partiu. Estive ali muito tempo imóvel: era toda a minha felicidade perdida, toda a minha vida transformada em barco sem rumo.

Voltei lentamente para casa dos velhos pelo mesmo caminho que levara. Não sabia como entrar... Não sabia que dizer... Tinha a cabeça pesada e mal podia andar.

É esta a história da minha felicidade e foi assim que findou o meu amor.

Capítulo 9

Cinco dias depois da morte de Smith alojei-me na que fora sua casa; foi para mim um dia de tristeza insuportável. Só ao entardecer o sol apareceu por instantes e um raio perdido veio espreitar curiosamente o meu quarto. Já estava arrependido de ter vindo morar para ali; o quarto era grande, mas tão baixo, tão sombrio, tão impregnado de um cheiro a mofo e parecia tão vazio, apesar dos meus móveis.

Passei a manhã a pôr em ordem os meus papéis. Tinha-os trazido numa travesseira, por não ter uma pasta para os guardar. Depois pus-me a escrever, mas a pena fugia-me dos dedos. Pensava noutra coisa...

Atirei para longe a caneta e aproximei-me da janela. Começava a escurecer e isso aumentava a minha tristeza. Pensamentos dolorosos me assaltaram. Tinha a impressão de que acabaria por sucumbir nesta grande cidade.

A primavera estava prestes a chegar. Voltaria à vida, pensei comigo, se pudesse fugir e ir respirar o perfume fresco dos campos e dos bosques que há muito não sentira.

Que delícia seria se pudesse, por encanto ou por qualquer milagre, esquecer completamente o sucedido na minha vida destes últimos anos e, livre de espírito, recomeçar a viver com forças novas!

Se fosse preciso, entraria até para um hospício a fim de me transformarem o cérebro, disporem-no de outro modo e curar-me depois.

Tinha sede de viver e de crer na vida.

Soltei uma gargalhada. E ao sair do hospício que faria? Escreveria romances?

Enquanto esperava, meditando e torturando-me, o tempo ia passando e já anoitecia.

Cedera às instâncias de um bilhete que Natascha me mandara na véspera e prometera ir vê-la essa noite. Levantei-me e comecei a preparar-me para sair, pois sentia a necessidade de fugir à tristeza daquele ambiente.

O quarto ia-me parecendo cada vez maior à medida que ia escurecendo. Comecei a pensar que todas as noites havia de ver ali o Smith, imóvel, sentado, com Azor deitado a seus pés e olhando-me da mesma forma como fitara Ivan Adamovitch na confeitaria.

Pensava assim quando se deu um facto que me causou profunda impressão.

Ou porque os meus nervos estivessem um tanto exaustos ou pelas novas impressões produzidas em mim pelo novo quarto, ou ainda devido à inação que há um certo tempo me dominava, confesso com franqueza que nessa tarde, à medida que escurecia, ia caindo num estado de alma que, à noite, depois da minha doença, me domina muitas vezes e a que chamarei o *terror místico.*

É o receio doloroso de qualquer coisa que não sei precisar bem, de qualquer coisa que não concebo, que não existe na realidade, mas que se pode realizar a cada momento, como uma ironia atirada a todos os argumentos da razão. Este receio apresenta-se-me como um facto irrefutável, medonho, disforme e inexorável. Domina-me cada vez mais, apesar de todas as análises, e o espírito, talvez adquirindo nesse momento um pouco mais de lucidez, opõe-se a essas sensações. Porém não é obedecido, torna-se inútil, e essa divisão em dois aumenta ainda mais o medo doloroso da espera.

Estava em pé, diante da mesa, de costas para a porta, e ia pegar no chapéu quando de repente me assaltou a ideia de que se me virasse veria, de certeza, Smith abrir a porta sem barulho e ficar um momento parado, percorrendo o quarto com os olhos. Depois viria postar-se diante de mim a olhar-me com ternura, para logo em seguida se rir muito, com um riso impercetível, mas agitando-lhe por muito tempo todo o corpo.

Essa visão desenhou-se no meu cérebro com tal clareza que acreditei não estar vendo esse quadro unicamente por estar de costas para a porta, mas sim porque na verdade estava sendo aberta nesse momento.

Voltei-me bruscamente e... a porta abriu-se, com efeito, sem ruído, como supusera um minuto antes. Soltei um grito. Durante um instante ninguém apareceu, como se a porta se tivesse aberto por si. De repente uma criatura estranha surgiu no limiar e vi dois olhos fixando-me teimosos.

Um frio glacial me percorreu os membros. Reconheci que era uma criança, uma menina. Talvez se fosse Smith não me tivesse causado tanto

medo como essa estranha e inesperada aparição de uma criança desconhecida, no meu quarto e naquele momento. Abrira a porta lenta e docemente, como se tivesse medo de entrar.

Parou no limiar, olhou-me com estupefação e deu por fim dois passos, parando na minha frente sem nada dizer.

Olhando-a agora de mais perto pude ver que era uma pequena de doze para treze anos, magra e pálida, como se se tivesse levantado de uma doença muito grave. Os seus olhos grandes e negros brilhavam mais ainda.

Com a mão esquerda segurava um lenço velho e esburacado que lhe protegia o peito enregelado pelo frio. Os vestidos eram andrajos e os cabelos negros estavam despenteados e em desordem. Ficámos a olhar-nos mutuamente um ou dois minutos.

— Onde está o avô? — perguntou ela por fim, com uma voz enrouquecida e fraca, como se estivesse doente do peito ou da garganta.

O meu *terror místico* evaporou-se com esta pergunta. Vinha procurar Smith. Os seus traços surgiram assim, desta inesperada maneira, à minha vista.

— O teu avô?! Morreu! — disse eu bruscamente, sem refletir, lamentando logo esta resposta.

Ficou imóvel, mais ou menos um minuto, para em seguida começar a tremer tanto que pensei lhe ia dar um ataque de nervos. Apressei-me a ampará-la para não cair. Ao cabo de alguns instantes sentiu-se melhor, embora se notasse bem que fazia esforços sobre-humanos para dominar a sua comoção.

— Perdoa, minha pequena! perdoa-me... — murmurei eu. — Precipitei-me. Talvez não seja ele... pobre pequena!... A quem procuras? O velhote que morava aqui?

— Sim — respondeu ela com esforço, olhando-me ansiosamente.

— Chamava-se Smith?

— Sim!

— Então é ele... Sim... morreu!... Mas não chores, minha filha. Porque não vieste antes? De onde vens agora? Enterraram-no ontem... Morreu de repente... És neta dele?

Não respondeu às minhas perguntas rápidas e desordenadas. Voltou-se rapidamente e sem nada dizer saiu a passo lento do quarto. Estava tão alheado que não fiz um só gesto para a deter. Parou ainda uma vez no vão da porta e, meia voltada para mim, perguntou:

— O Azor também morreu?

— Sim, também — respondi, surpreendido com a forma estranha como havia perguntado.

Dir-se-ia estar persuadida de que Azor devia morrer ao mesmo tempo que o velho. Então saiu do quarto e fechou a porta.

Um minuto depois lancei-me em sua perseguição, aborrecido por a ter deixado partir. Saíra tão docemente que não a ouvi abrir a porta que dava para a escada.

«Não teve tempo ainda de descer!», pensei. E pus-me a escutar, de pé, no patamar. Tudo estava em silêncio, não se ouvia o menor ruído; apenas senti fechar a porta de um dos andares inferiores para logo em seguida tudo recair no mesmo silêncio.

Corri para baixo. A escada, a partir do meu andar, entre o quarto e o quinto, era em espiral, mas dali para baixo era direita e ao mesmo tempo velha, negra e sombria. Era uma dessas escadas que encontram de ordinário nas grandes construções destinadas a moradia coletiva.

Àquela hora reinava nela a mais absoluta obscuridade.

Desci até ao quarto andar, parei e tive de súbito a impressão de que havia no patamar alguém que se ocultava. Pus-me a procurar, tateando... A pequena estava ali, num canto, o rosto voltado para a parede. Chorava em silêncio.

— Porque tens medo? — perguntei-lhe. — Assustei-te, não é? Procedi mal... O teu avô, quando morreu, falou-me de ti... Foi a sua última palavra... Ficaram dois livros seus, sem dúvida para ti. Como te chamas? Onde moras? Disse que moravas na sexta linha...

Não acabei, porém. A criança deu um grito, motivada sem dúvida pela ideia de que sabia onde morava. Afastou-me com a mão e pôs-se a descer precipitadamente a escada. Acompanhei-a, ouvindo o ruído dos seus passos. Passados instantes o ruído cessou. Quando cheguei em baixo havia desaparecido. Fui até à esquina, procurei-a por todos os lados, mas as minhas pesquisas foram baldadas.

Capítulo 10

Ao dar uma volta esbarrei com um transeunte que, de cabeça baixa e mergulhado nos seus sonhos, caminhava com rapidez. A minha surpresa foi grande quando reconheci Nicolai.

Esta noite era para mim a noite dos encontros inesperados.

Nicolai tinha adoecido três dias antes com uma forte indisposição de estômago e de súbito encontrava-o na rua, com aquele maldito tempo, quando raras vezes saía à noite e se tornara ainda mais caseiro depois da partida de Natascha.

Ao ver-me, pareceu ficar mais contente; dir-se-ia ler o aspeto de um homem que acaba de encontrar, enfim, o amigo com quem pode trocar impressões. Pegou-me na mão, apertou-ma com força e, sem perguntar onde eu ia, arrastou-me com ele.

Tinha qualquer coisa de amedrontado, de impetuoso e de arrebatado. «Onde ia?», pensei eu. Perguntar-lho era inútil. Tornara-se deveras desconfiado e via quase sempre uma alusão humilhante ou uma ofensa na pergunta ou na observação mais natural deste mundo.

Olhei-o disfarçadamente. Emagreceu muito, não estava barbeado e no seu rosto havia qualquer coisa de doentio. Os cabelos, embranquecidos de repente, escapavam-se-lhe do chapéu usado e caíam em madeixas sobre o colarinho e sobre a gola do velho casaco.

Observara já que tinha momentos de amnésia; acontecia-lhe julgar-se muitas vezes só, no seu quarto, e punha-se a falar, gesticulando muito. Fazia pena vê-lo nessas ocasiões.

— Onde vais? — perguntou-me. — Saí para tratar de uns negócios... Estás melhor?

— É a mim que pertence indagar da sua saúde — retorqui. — Esteve doente estes últimos dias e saiu com este tempo?

Não respondeu, como se não tivesse ouvido.

— Como vai a senhora Ana?

— Vai bem, vai bem... embora esteja também um pouco indisposta. Acho-a triste, aborrecida... Fala de ti muito amiúde. Porque não nos vais

visitar? Ias talvez agora a nossa casa? Não? Talvez te perturbe, hem?... Desviei-te do teu caminho? — perguntou, olhando-me com desconfiança.

Apressei-me a dizer-lhe que ia justamente fazer uma visita à esposa, embora estivesse persuadido de que me ia atrasar e não tinha depois tempo para ir a casa de Natascha.

— Isso alegra-me — disse ele, tranquilizado com a minha resposta. — Muito bem...

Depois calou-se, pensativo.

— Sim, muito bem — repetiu maquinalmente ao cabo de alguns minutos, como quem acorda de um sonho profundo. — Foste sempre para nós, sabe-lo perfeitamente, como que um filho. Deus não nos concedeu filhos, mas enviou-te a ti... Sempre pensei assim e a minha velha companheira também. Sim! Foste sempre respeitador e terno como um filho bom e reconhecido. Que Deus te recompense com a sua graça, Ivan! Que te abençoe, como nós te abençoamos e te estimamos.

A sua voz tremia. Calou-se um momento.

— Estiveste doente? Porque estiveste tanto tempo sem nos visitar?

Contei-lhe a história de Smith, desculpando-me com as preocupações ocasionadas por essa questão. Acrescentei ter estado um pouco adoentado, não tendo mesmo podido ir, por vários motivos, a Vassili-Ostrow, ao bairro onde ele morava. Estive quase a ponto de descobrir que tinha, apesar de tudo isso, aproveitado uma ocasião para ir ver Natascha; felizmente parei a tempo.

A história de Smith interessou-o vivamente e acompanhou a narrativa com grande atenção. Quando soube que o meu novo quarto era húmido, mais ainda talvez do que o anterior, e que custava seis *rublos* por mês, irritou-se. Tornara-se bastante arrebatado e nervoso. Apenas sua mulher podia acalmá-lo nesses momentos e ainda assim nem sempre o conseguia.

— Oh! É a tua literatura, Ivan! — exclamou ele irritado. — Levou-te às águas-furtadas e há de conduzir-te ao cemitério! Já to disse diversas vezes. E B... continua sempre a fazer a crítica?

— Morreu tuberculoso. Pensava já lho ter dito...

— Morreu?! Hum... Morreu! Sim, devia ser assim! Deixou qualquer coisa à mulher e aos filhos? Disseste-me, segundo suponho, que era casado... Porque se casará esta gente?

— Nada deixou — respondi.

— Ora aí está! — exclamou ele, tão arrebatado como se se tratasse de um parente próximo, do seu próprio irmão. — Vês, Ivan? Pressentia há muito que havia de acabar assim. Nada deixou! É fácil de dizer. Oh, mas a fama... Porém mesmo que tivesse alcançado uma fama inultrapassável, ela não lhe mitigaria a fome. E quanto a ti, Ivan, também já adivinho tudo, meu caro. Elogiei-te, mas no íntimo adivinhava tudo. Ele morreu, e tu? E como não morrer? A vida é bela... e isto tudo é tão lindo... Olha!

E com um gesto brusco, involuntário, a mão estendida, mostrou-me a vaporosa perspetiva oferecida pela rua, fracamente iluminada pelos lampiões perdidos no nevoeiro, as casas sujas, as pedras molhadas da calçada que brilhavam e os transeuntes tristes, aborrecidos, encharcados pela chuva. O quadro era encimado pela cúpula sombria do céu de S. Petersburgo, que parecia embebido em tinta negra.

Chegámos à praça. Na nossa frente erguia-se, nas trevas, a estátua do imperador Nicolai, iluminada na base por alguns bicos de gás, e mais longe, por trás desta, erguia-se a negra e pesada massa da catedral de Santo Isaac, que se destacava apenas por vagos contornos sobre o colorido sombrio do céu.

— Disseste que era um homem bom, generoso, simpático, sensível e de coração. Vês? São todas assim, as tuas simpáticas criaturas. A única coisa que sabem fazer é multiplicar os órfãos! Hem? Sim!... devia estar satisfeito por morrer. Eh! eh! eh! Sair deste mundo, ir para qualquer parte, mesmo para a Sibéria que fosse. Que queres pequena? — perguntou de repente, vendo diante dele, na beira do passeio, uma criança que mendigava.

Era uma garota de sete ou oito anos, no máximo, coberta de andrajos. Trazia os pezitos sem meias, calçados com uns grosseiros sapatos esburacados e esforçava-se por cobrir o corpito, trémulo de frio, com uma espécie de vestido velho, sem talhe e muito curto já, o rosto magro, pálido e doente, voltara-se para nós. Olhava-nos receosa e calada, e estendia-nos, cheia de resignação, mas receando a recusa, a mãozita trémula. O velho, vendo-a, ficou todo trémulo e voltou-se tão rápido para ela que a assustou, fazendo-a estremecer e obrigando-a a recuar.

— Não tenhas medo, pequena! — exclamou. — Pedes esmola? Sim? Toma! toma! toma!... aí tens, toma...

E, nervoso, trémulo de comoção, pôs-se a procurar no bolso, de onde tirou duas ou três moedas. Mas isso pareceu-lhe ainda pouco e tirou da

carteira um *rublo* em papel, tudo quanto tinha, metendo-o na mão da pequena.

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo te guarde. Que os anjos de Deus te acompanhem!

E com a mão vacilante fez muitas vezes o sinal da cruz sobre a cabeça da infeliz. Lembrando-se porém da minha presença e que o estava examinando, franziu a testa e continuou a caminhar a passos largos.

— Vês, Ivan? — começou, após um silêncio de intensa agitação interior. — Não posso ver estas inocentes criaturinhas tiritando pelas ruas por culpa dos seus malditos pais ou mães! Poder-se-á dar o nome de mãe a quem mandou uma criança como esta para uma coisa tão horrorosa? Não será antes uma criatura miserável? Tem, sem dúvida, noutro canto, outros nas mesmas condições... Esta será a mais velha... E quem sabe, talvez esteja doente e pobre! E... hem?! não são filhos de príncipe! Há muitas crianças no mundo, Ivan... que não são filhas de príncipes, hem?

Calou-se por momentos.

— Sabes, Ivan? Prometi a minha mulher... — recomeçou um pouco depois, um tanto perturbado e embrulhando-se no casaco. — Prometi-lhe... ou melhor, decidimos adotar uma órfã... a primeira que aparecesse.... mas pobre e ainda pequenina. Aborrecemo-nos, dois velhos, assim como estamos, sem ninguém, sozinhos. Todavia, ela começou já com umas objeções. Fala-lhe, peço-te, mas fala-lhe como coisa tua. Aconselha-a, compreendes? Há muito tempo que te queria pedir... para lhe falares. Para mim seria muito penoso, muito penoso. Depois, para quê falar? Que necessidade tenho eu de uma menina? Não preciso. Era só para ouvir uma voz de criança. E para a minha velha... era para a distrair um pouco... Mas por este andar não chegamos mais a casa! Vamos tomar um carro. Deve estar impaciente com a nossa demora.

Eram sete horas e meia quando chegámos.

Capítulo 11

Os esposos Ikhmeniev amavam-se muito; uma longa convivência os unia.

Isso não impediu que o marido fosse e tivesse sido, mesmo nos tempos mais felizes, pouco expansivo para com a companheira, chegando mesmo a ser brusco. Certas naturezas delicadas e sensíveis são dominadas por um pudor íntimo que as impede de expandir os seus sentimentos, não só em público, como ainda na vida a mais íntima. O velho Nicolai fora sempre assim para com sua mulher. Estimava-a e amava-a, embora ela não tivesse outro mérito senão a sua bondade e soubesse apenas amá-lo, com um amor que na sua simplicidade era por vezes expansivo de mais.

Esta afeição aumentou com a saída da Natascha; o saber que viviam agora sós atormentava-os, e não era sem grande mágoa que se separavam, mesmo por algumas horas.

Nunca falavam na filha; parecia haver um acordo tácito entre eles. A mãe não ousava fazer a mais pequena alusão à fugitiva na presença do marido, embora isso lhe fosse muito penoso. O seu coração havia já perdoado e estabelecera-se entre nós uma espécie de convenção: em cada uma das minhas visitas dava-lhe notícias da filha querida, sempre presente no seu espírito.

Adoecia quando estava muito tempo sem notícias e, quando lhas trazia, interessava-se pelos menores detalhes. Interrogava-me febrilmente e as minhas narrativas confortavam-na. Quase adoeceu também numa ocasião em que Natascha estivera doente e decidira ir vê-la se esta não tivesse melhorado.

Por vezes lastimava-se, chorava, chamava a filha pelos nomes mais carinhosos e queixava-se amargamente do marido. Na sua presença comprazia-se em falar do orgulho e da dureza do coração; chegava mesmo a dizer que Deus não perdoaria àqueles que não soubessem perdoar. Não ousava, porém, abordar diretamente a questão.

Nesses momentos o velho ficava triste e sombrio e ou franzia as sobrancelhas sem nada dizer ou desviava a conversa. Outras vezes

deixava-nos e metia-se no quarto. Nessas ocasiões a boa mulher expandia a sua mágoa em lágrimas e lamentações.

Deixava-nos sós, por momentos, em cada uma das minhas visitas, de modo que podia dizer à velha tudo quanto sabia da filha.

Naquele dia agiu como de costume.

— Estou todo molhado — disse ele logo que entrou. — Vou um pouco até ao quarto. Senta-te, Ivan. Contar-te-á o que lhe sucedeu a propósito da sua nova residência — acrescentou, dirigindo-se a sua mulher. — Volto já...

E deixou-nos precipitadamente, como envergonhado do que fizera, desolado com a sua falta de firmeza e a sua condescendência.

— É sempre assim — disse a pobre Ana. — Quem melhor do que nós compreende a sua atitude? Porquê disfarçar connosco? Sou acaso uma estranha? Bem lhe podia perdoar, à minha Natascha. Talvez até lhe queira perdoar... Só Deus pode ler no seu pensamento. De noite, ouço-o chorar. Mas quando não está só, é de pedra; o orgulho contém-no... Assustei-me deveras quando o vi sair com um tempo destes! É preciso que tenha havido qualquer coisa de muito importante... o que teria sido? Tenho medo e não tenho coragem para o interrogar. Vivo em contínuos sobressaltos por ele e por ela. Às vezes penso que resolveu perdoar-lhe. Sabe tudo, mesmo as coisas mais recentes. Como? Não sei... Esteve muito aborrecido ontem e hoje. Então não dizes nada? Aconteceu mais alguma coisa? Esperava-te como ao Messias. Conta tudo! Aquele celerado pensará em abandonar Natascha? Conta! De onde é que ele vem?

Contei-lhe tudo o que sabia, com a franqueza do costume. Disse-lhe que talvez se desse um provável corte de relações, que havia dissentimentos mais sérios que nunca, que a Natascha me escrevera pedindo para a ir ver naquela mesma noite e que não teria vindo se Nicolai não me arrastasse.

Expliquei-lhe que a situação era crítica: o príncipe, de volta de uma viagem, interpelara energicamente o filho, o qual parecia mais inclinado a aceitar a noiva que lhe destinavam. Dizia-se mesmo que estava apaixonado por ela.

Natascha tinha-me escrito num momento de grande exaltação; na noite daquele dia decidiria tudo, segundo afirmava. Que significava isso? Não o sabia dizer. Precisava encontrá-la à hora marcada e não tinha tempo a perder.

— Vai, meu amigo, vai sem falta... Quando voltar do quarto tomarás uma chávena de chá. Matriona! Traz o samovar. Anda minha peste! Está combinado: tomas uma chávena de chá e depois arranjas um pretexto para sair. Mas não deixes de vir amanhã cedo contar-me o que houve. Oh, meu Deus, se está para lhe acontecer outra desgraça! O meu marido sabe tudo o que se passa. Hoje esteve de mau humor, zangou-se e quase gritou comigo. Depois do jantar fechou-se no quarto, dizendo que ia descansar; mas pelo buraco da fechadura vi-o a rezar, de joelhos, diante da imagem da Virgem. Depois do chá pegou no chapéu e saiu. Não tive coragem para lhe perguntar onde ia. Ficaria furioso. Por qualquer coisa agora grita com a Matriona e até comigo. Quando começa a gritar, tremem-me as pernas e dói-me o coração... Queres mostrar-me o que a Natascha escreveu?

Mostrei-lhe o bilhete que recebera. A pobre mulher tinha uma esperança que acariciava secretamente, no fundo do coração: Alyosha, a quem chamava celerado, bandido, sem coração e por vezes até tolinho, acabaria por desposar Natascha, e o pai, o príncipe Pedro Alexandrovitch, daria o seu consentimento. Traíra-se várias vezes na minha presença, mas por coisa alguma deste mundo deixaria transparecer essa esperança na presença do marido. Este amaldiçoaria Natascha e, creio, tê-la-ia mesmo banido para sempre do coração se julgasse essa união possível. Era esta a opinião de todos: esperava a filha, desejava vê-la voltar, mas esperava-a só, arrependida, e depois de ter arrancado do coração a lembrança do amante. Só assim perdoaria.

— Esse tolo mau tem tão pouco caráter como pouco coração! Sempre disse isso — continuou Ana. — Foi mal-educado e por isso é de um estouvamento único. Vai abandoná-la. Que será então da minha pobre filha? Que achará ele de tão extraordinário na outra? Parece incrível!

— Dizem ser encantadora, e a própria Natascha...

— Cala-te... Encantadora?! Para vós, os rabiscadores de papel, a primeira saia que aparece é logo encantadora! Natascha diz isso porque é uma grande alma. Não sabe prendê-lo e desculpa-lhe tudo. Quantas vezes ele a atraiçoou? Bandido! Sem coração! E o orgulho dessa gente toda! Se ao menos o meu marido vencesse o ressentimento e perdoasse à minha filhinha... Como eu gostaria de a ver... Como a beijaria... Está muito magra?

— Bastante.

— Coitadinha! Oh, como sou infeliz! Dia e noite não faço outra coisa senão chorar. Um dia contar-te-ei tudo. Quantas vezes estive já quase para lhe pedir o seu perdão! Mas falta-me a coragem. Pode-se zangar e amaldiçoá-la-á ainda mais. Oh! seria horrível! Deus castiga uma filha amaldiçoada pelo pai. Vivo em sobressalto. Que vida a minha... E tu, que cresceste na nossa casa, que tens sido acarinhado por nós, como podes achá-la encantadora, à *outra*? Sei a origem disso tudo! Uma conhecida de Matriona, que mora na casa do príncipe, explicou-me todos os detalhes da questão. O pai de Alyosha teve uma ligação com uma condessa, a qual durante muito tempo o incriminou por não cumprir a promessa que fizera, de a desposar; ele, porém, sabe sempre esquivar-se. Essa condessa distinguia-se, ainda em vida do marido, pela sua conduta vergonhosa. Ficando viúva, partiu para o estrangeiro e não houve italiano ou francês que lhe escapasse. Frequentadora dos cenáculos boémios, aí conheceu Pedro Alexandrovitch, o pai de Alyosha. A condessa tem uma enteada, filha do primeiro matrimónio do marido, e enquanto a madrasta esbanjava a sua fortuna, a pequena crescia, assim como os dois milhões que o pai, negociante de aguardente, lhe deixara depositados num Banco. Dizem ter agora três milhões. O príncipe, como não é tolo, pensou: casemo-la com Alyosha! Não podia nem devia deixar fugir uma tão boa oportunidade. Um dos seus parentes, um conde muito bem colocado, também estava de acordo. Três milhões! Não eram de perder! «Muito bem!», dissera-lhe ele. «Dirija-se à condessa!» Porém esta última não é da mesma opinião e opõe-se a esse casamento. Parece ser uma mulher sem princípios e de uma insolência pouco vulgar. Aqui não é recebida em todas as casas, como acontecia no estrangeiro. «Nada disso», dissera ela ao príncipe. «Tu é que vais casar comigo e não Alyosha com a minha enteada!» Quanto a esta, parece que teme a madrasta e por isso obedece-lhe em tudo. Dizem que é um anjo de bondade. «Mais calma, condessa!», replicara o príncipe. «Esbanjaste a fortuna e estás crivada de dívidas. Se a tua enteada casar com o Alyosha, os dois farão um lindo par. Ela é uma inocente e ele um toleirão. Tomá-los-emos ao nosso cuidado, mantê-los-emos sob a nossa tutela e não te faltará dinheiro. De que te serviria casar comigo?» É um espertalhão e um ateu. Há seis meses a condessa não o queria; agora fizeram uma viagem juntos a Varsóvia e segundo parece estão de acordo. É tudo o que sei de fonte limpa.

Este relato condizia com o que dissera Alyosha, jurando pelos seus deuses não se sujeitar a um casamento de interesse. Entretanto as qualidades de Catarina Feodorovna haviam-no seduzido. Alyosha amava o pai e acreditava nele como num oráculo.

— E depois, fica sabendo, essa tua *encantadora* não é condessa! — exclamou ela, exasperada com as palavras de elogio que eu dissera da pequena. — Natascha seria um melhor partido para ele. É nobre, descendente da antiga nobreza, enquanto a outra é filha de um vendedor de aguardente. Ontem à noite esqueci-me de te contar: o meu velho abriu o cofre onde tem guardados os seus papéis e passou o tempo a arrumar uns velhos pergaminhos. Sentou-se ali, todo sério, e eu a trabalhar numas rendas, sem coragem de olhar para ele. De repente, zangado, porque eu não falava, chamou-me e pôs-se a explicar a nossa genealogia. Pois bem... a nobreza dos Ikhmeniev data do reino de Ivan, o Terrível, e os Choumilov eram já conhecidos no tempo de Alexis Mikhailovitch. Temos todos os documentos e Karamsine fala disso na sua história. Já vês, meu caro, que valemos tanto como os outros. A princípio não compreendi onde queria chegar, explicando-me isso; é que se sente magoado com o desprezo dos outros por Natascha. A única vantagem deles é a fortuna. Pois bem, esse bandido desse príncipe que fique com o dinheiro. É um interesseiro sem coração, todo o mundo sabe disso. Contam que entrou secretamente para a Ordem dos Jesuítas, em Varsóvia. Será verdade?

— Isso é um absurdo! — respondi, mas um tanto impressionado com a insistência do boato. Por outro lado, Nicolai, compulsando os seus pergaminhos, também era um caso estranho; nunca ligara a essas questões de genealogia.

— São todos uns bandidos, sem coração! — continuou ela. — E a pobre, o que faz? Chora e sofre! Ah!... mas está na hora de ires. Matriona! Matriona! Criada do diabo! E... eles são maus para com ela, Ivan?

Que podia eu responder? Pôs-se a chorar. Um momento depois perguntei-lhe qual era a nova desgraça a que aludira pouco antes.

— Ah, meu caro, ainda não te contei todas as minhas desgraças. Tinha um medalhão de ouro com o retrato de Natascha quando era ainda criança; tinha então oito anos, o anjinho. Foi um pintor que passou por aqui quem o fez, um bom pintor, por sinal... Com os cabelos louros muito frisados e uma camisola de musselina, parecia um amor, um anjo! Tão bonita, tão bonita, que dava gosto vê-la. Pedi para lhe pôr umas asas, mas não quis.

Pois bem, depois de todos estes horrores, tirei-o da caixa onde o tinha guardado e pendurei-o ao pescoço, juntamente com a minha cruz. Tinha medo que meu marido visse... Sabes que queimou e deitou fora tudo quanto restava dela? Ao menos assim podia olhar para o retrato e chorar; assim sempre era um consolo. Quando estava só, falava com ela, e à noite, antes de dormir, deitava-lhe a bênção... Fazia-lhe perguntas e tinha a impressão que me respondia. Dava graças a Deus porque o velho não soubesse... Pois ontem pela manhã perdi o medalhão! Fiquei gelada. Procurei, procurei, procurei... Perdido! completamente perdido! Desarrumei a casa toda... Nada! Com certeza alguém o encontrou. Mas quem pode ter sido, a não ser Matriona ou *ele?* Matriona não foi. Se fosse, ter-mo-ia entregado. É muito fiel, muito dedicada... Matriona! Peste de criada, esse samovar vem ou não vem? E agora estou pensando: se foi ele quem o encontrou, que estará para acontecer? Tenho-me lastimado tanto... e chorado, chorado sem poder conter as lágrimas. E ele... tão bom, tão carinhoso... olha-me com um ar triste, como se soubesse porque choro, como se lhe causasse piedade. Se foi ele quem achou o medalhão, destruiu-o. É capaz de tudo quando está encolerizado e agora tem remorsos. Chorei a noite toda. Tenho o pressentimento de uma desgraça. Estava à tua espera, meu querido amigo, como se fosses um anjo de Deus, para me aliviares um pouco o coração.

E começou a chorar.

— Ah, é verdade, esquecia-me de te perguntar: não te falou em adotar uma pequena?

— Falou, sim. Disse-me que estava isso combinado entre vós os dois.

— Deus me livre, meu amigo! Mais avivaria ainda a nossa desgraça. A não ser a minha Natascha, não quero mais ninguém. Só tive uma filha, não quero outra. Que ideia! Pensa talvez trazer-me com isso um pouco de conforto. É para eu não chorar mais; ou então pretende apagar por completo a lembrança da filha, prendendo-se a outra. Não o achas triste? Aborrecido? Cala-te!... Ele aí vem. Contar-me-ás depois... Não deixes de vir amanhã.

Capítulo 12

Nicolai entrou. Lançou-nos um olhar perscrutador e sentou-se.

— E o samovar — perguntou — porque o não trazem?

— Vem já, meu amigo, vem já — apressou-se Ana a responder.

Nesse momento Matriona entrava com o samovar, como se estivesse esperando apenas a chegada de Nicolai.

Era uma criada velha e dedicada, mas a teimosa mais cabeçuda que já houve no mundo.

— Não é nada agradável voltar molhado para casa... Depois custa-lhes, quase *não querem* preparar o chá — resmungou o velho.

Ana lançou-me um olhar significativo. Nicolai não gostava desses sinais e, embora se esforçasse por não olhar para nós, tinha notado tudo.

— Saí a tratar das minhas coisas, Ivan — disse ele. — É uma infâmia! Acabam por me condenar. Não tenho provas, sabes? Precisava de certos papéis que não possuo. O inquérito foi feito de um modo todo parcial. Ah!

Falava do seu processo. Sem saber o que responder, ouvi-o em silêncio. Olhou-me desconfiado.

— Bolas! — gritou de repente. — Se tem que ser, que seja já! Podem-me condenar, mas não farão com isso que me torne desonesto. Tenho a consciência limpa. Podem-me condenar. Tenho melhor!... Assim acaba tudo. Quando estiver arruinado, deixar-me-ão em paz. Vendo tudo e vou-me para a Sibéria.

— Deus do céu! Para onde ele quer ir! Para tão longe?! — não pôde deixar de exclamar Ana.

— Longe? E perto de quem havemos nós de estar? — perguntou ele com rudeza, porém satisfeito por lhe falarem.

— Mas... das pessoas que... — respondeu Ana, olhando-me cheia de ansiedade.

— De que pessoas? — gritou ele irritado. — De ladrões, de caluniadores, de Judas? Em toda a parte há disso, descansa; na Sibéria também os encontraremos. Aliás, se não quiseres vir comigo, podes ficar. Não serei eu a obrigar-te.

— Mas, meu bom Nicolai, como podia eu ficar sem ti? — exclamou a pobre velha. — Sabes que não tenho no mundo ning...

Começou a gaguejar e olhou-me aterrada, como implorando ajuda. O velho porém estava irritado. Tudo o arreliava. Não convinha contradizê-lo.

— Acalme-se — disse eu — a Sibéria não é tão má como se pensa. Se acontecer qualquer desgraça e tiverem de vender a propriedade, o projeto de Nicolai é excelente. Ser-lhe-á fácil arranjar um bom lugar na Sibéria e...

— Muito bem. Assim gosto de ouvir falar! Foi isso mesmo o que eu pensei: deixo tudo e vou para a Sibéria.

— Francamente, não esperava isso de ti — disse Ana, juntando as mãos. — Nem de ti, Ivan!... Tu, a quem sempre tratámos tão bem, és...

— Ah! ah! ah! Mas que querias tu? De que havemos de viver aqui?! Pensa um pouco. O nosso dinheiro acabou-se e estamos gastando os últimos *kopeks*. Creio que não me aconselharás a ir a casa do príncipe pedir-lhe perdão...

Ouvindo o nome do príncipe a boa da velha começou a tremer, aterrorizada. A colher escapou-se-lhe das mãos e tiniu sobre o pires.

— Era uma ideia! — continuou Nicolai, com uma alegria perversa. — Que dizes, Ivan? Não achas que devo ir lá? Para quê ir para a Sibéria? É melhor assim: amanhã preparo-me, penteio-me, enfeito-me, a Ana arranja-me uma camisa nova, compro luvas para ficar mais elegante e vou a casa de sua alteza. «Senhor! Excelência! Meu benfeitor, meu pai, sê misericordioso comigo! Dá-me um pedaço de pão! Tenho mulher e filhos.» Não é assim, Ana? Não é isto o que tu queres?

— Não quero nada. Falei por falar, sem saber o que dizia... Perdoa, se te aborreci, mas não grites — pediu ela em tom suplicante.

Tenho a certeza de que estava emocionado ao ver as lágrimas e o medo da sua companheira. Ele sofria também e talvez mais do que ela. Porém não se podia dominar. Observa-se isto nas naturezas boas, mas nervosas: deixam-se arrastar, até achar prazer na própria aflição e na cólera, que explode, mesmo ofendendo um ser inocente e querido.

As mulheres, por exemplo, têm necessidade muitas vezes de se sentir ofendidas e infelizes, mesmo quando não há já ofensa nem desgraça. Nisso, muitos homens parecem mulheres, e mesmo aqueles que não são fracos.

O velho Nicolai sentia necessidade de discutir, embora sofresse com isso.

Lembrei-me nesse momento de que tinha talvez feito uma tentativa, tal como Ana suspeitava.

Deus sugerira-lhe talvez um bom pensamento e, aproveitando-o, tentara procurar Natascha. Todavia, no caminho surgiu qualquer empecilho que o fez voltar para casa irritado, diminuído, envergonhado dos seus pensamentos, procurando alguém sobre quem desabafasse a cólera que lhe inspirava a sua própria *fraqueza*... e escolhendo justamente aquela que suspeitava de haver feito votos idênticos aos seus. Talvez desejando perdoar à filha pensasse justamente na comoção e na alegria da sua pobre mulher; e diante do impossível, era natural que fosse ela a primeira a sofrer.

Sentiu-se penalizado ao vê-la diante dele, trémula de medo; teve vergonha do seu ímpeto e conteve-se um momento. Estávamos calados. Por mim evitava o seu olhar. Este movimento de compaixão, porém, foi curto. Era inevitável a tempestade; era necessária uma explosão, uma maldição talvez...

— Não — disse ele de repente — não queria, mas sou obrigado a falar. É preciso que me explique abertamente, como convém a um homem sério. Tu compreendes-me. Gosto que estejas aqui, a fim de poder dizer tudo em voz alta e para que *outros* o saibam. Todas essas tolices, esses suspiros, essas lágrimas, essas lamentações começam a aborrecer-me. Aquilo que arranquei do coração, dilacerando-o, é certo, deixando-o em pedaços, não voltará a ele. hei de fazer o que disse. Falo dos acontecimentos passados há seis meses atrás, compreendes? Faço-o de uma forma direta, para que ninguém se engane — acrescentou, voltando para mim os olhos inflamados e evitando os olhares suplicantes da esposa. — Não admito esses absurdos. Enraivece-me o tomarem-me por tolo, o julgarem-me covarde, o emprestarem-me uma fraqueza e uma baixeza que não tenho. Julgam-me louco de tristeza... Absurdo! Já extirpei do coração os meus antigos sentimentos, já os esqueci. A lembrança não existe para mim! Não, não, não e não!

— Nicolai, tenha piedade da Ana! Não vê o estado em que ela está?! — exclamei, indignado. — Isso é um crime!

— Piedade — bradou ele, trémulo de cólera — tiveram piedade de mim?! Não!... Não há piedade!... Pois se na minha própria casa se urde

uma conspiração contra mim, em favor de uma filha depravada, digna de todos os castigos e de todas as maldições...

— Nicolai, não a maldigas! Tudo, tudo, menos isso! Não amaldiçoes a tua filha — gritou Ana,

— Maldigo-a! — repetiu o velho, gritando ainda mais. — Maldigo-a, porque exigem de mim, de mim que fui ofendido, que fui ultrajado, que vá a casa dessa maldita pedir-lhe perdão. Sim, sim, eu sei! É com isso que me atormentam constantemente, dia e noite, na minha casa, na minha própria casa, com lágrimas, com suspiros, com alusões idiotas! Querem enternecer-me! Olha, olha, Ivan! — acrescentou ele, tirando, com a mão trémula, vários papéis do bolso do casaco. — Olha as cópias do processo! Sou um canalha, um ladrão e o príncipe foi um meu benfeitor... Estou desonrado, difamado, por causa dela, vê!... Vê!

E atirou-me com os papéis sobre a mesa. Na precipitação de o fazer, tirou do bolso tudo quanto a mão pôde apanhar e um objeto pesado e sonoro caiu sobre a mesa. Ana deu um grito. Era o medalhão que havia perdido.

O velho estremeceu. O sangue subiu-lhe à cabeça e coloriu-lhe as faces. A mulher estava de pé, junto dele, as mãos juntas e olhava-o suplicante. A alegria e a serenidade da esperança resplandeciam no seu semblante. Este rubor, esta confusão do velho...

Compreendia agora o motivo por que o seu medalhão desaparecera.

Compreendia ter sido ele que o achara, e trémulo de prazer ocultara-o avaramente de todos para, só, em segredo, contemplar, com amor infinito, o rosto querido da filha bem-amada. Talvez também se tivesse fechado no quarto, como fizera a pobre mãe, para falar com a sua Natascha querida. À noite, atormentado, cheio de angústia, o peito a estalar de soluços, cobriria talvez de beijos essas feições adoradas e então, em lugar de a amaldiçoar, imploraria para ela o perdão e a bênção dos céus, para ela que ainda agora, na presença de todos, queria renegar e amaldiçoar.

— Meu querido, meu querido!... Amá-la-ás sempre! — exclamou Ana, incapaz de se conter por mais tempo diante desse pai severo, que acabava de amaldiçoar a sua Natascha.

Apenas o velho ouviu este grito, a cólera faiscou no seu olhar. Pegou no medalhão, atirou-o com força ao chão e pôs-se a pisá-lo raivosamente.

— Maldita seja para sempre — bradou — para sempre!

— Deus do céu! — gemeu a velha. — Ela! Ela! A minha Natascha? E pisa o seu retrato?! Tirano! Homem cruel! Orgulhoso!... Coração de pedra!

Ouvindo os gemidos da mulher, o velho deteve-se, aterrorizado com o que acabava de fazer. Pegou no medalhão e correu para fora do quarto; mal dera, porém, alguns passos, caiu de joelhos, apoiou as mãos sobre uma poltrona que estava perto e escondeu nelas a cabeça, já sem forças.

Chorava como uma criança. Os soluços sufocavam-no e o peito parecia estalar. Nalguns segundos o terrível velho tornou-se fraco como uma criança. Oh, já não poderia amaldiçoar, já não se envergonhava de nós! E num transporte de amor, cobriu convulsivamente de beijos sem conta esse retrato que acabava de pisar aos pés.

Toda a sua ternura pela filha, tanto tempo aprisionada no coração, escapava-se com uma força irresistível, e a violência do transporte despedaçara-lhe o ser.

— Perdoa, perdoa! — suplicou, em soluços, Ana. Curvou-se sobre ele e beijou-o. — Permite que ela volte. No dia do juízo final, Deus lembrar-se-á da tua humildade e da tua clemência...

— Não, não, nunca! — disse com voz rouca. — Nunca! Nunca!!

Capítulo 13

Já era muito tarde quando cheguei a casa de Natascha. Morava então no cais Fontanka, perto da ponte de Semenov, no quarto andar de uma casa enorme e malcuidada. Ao abandonar a casa dos pais fora viver com Alyosha num lindo terceiro andar de uma vivenda situada em Liteine.

Porém, os recursos do jovem príncipe esgotaram-se depressa.

Não se fez professor de música, mas contraiu dívidas bastante grandes. Todo o dinheiro conseguido gastou-o nas despesas da instalação e em presentes para Natascha. Esta protestava em vão, repreendia-o, chorava mesmo. Com uma semana de antecedência principiava a deleitar-se, imaginando como ela o receberia ante a ideia de lhe levar um presente. Por isso as reprimendas e as lágrimas de Natascha deixavam-no numa tristeza e num abatimento que causava pena vê-lo.

Depois vieram as discussões, os aborrecimentos, as brigas...

Além disso Alyosha gastava também muito sem que a Natascha o soubesse. Deixava-se levar por antigos camaradas e enganava-a, indo ao teatro ver a primeira Josefina ou Berta que aparecesse.

No entanto, continuava a amá-la muito; muitas vezes vinha-me ver, triste e cheio de remorsos, para me dizer que não valia o dedo mínimo de Natascha, que era injusto e mau, incapaz de a compreender e indigno do seu amor.

Confessava-me, chorando, as suas estroinices e pedia-me para que nada dissesse a Natascha; depois pedia-me para o acompanhar a casa, jurando que não se atrevia a ir lá depois do que fizera se não fosse com ele.

Natascha percebia logo do que se tratava. Era deveras ciumenta; no entanto, coisa difícil de explicar, perdoara-lhe sempre todas as loucuras.

Alyosha falava-lhe com timidez e olhava-a ternamente. Ela adivinhava logo que havia culpas, mas nada deixava transparecer; não lhe fazia perguntas e redobrava as carícias. Não o fazia por cálculo, não! Para esta bela alma, perdoar era um prazer infinito; parecia encontrar um encanto

muito especial no ato de perdoar. Tratava-se apenas, é certo, de uma aventura banal.

Vendo-a, meiga e clemente, Alyosha não se continha; confessava logo tudo, sem mesmo ser interrogado, apenas para aliviar o coração, para — como ele dizia — «tornar a ser como dantes».

Conseguido o perdão, o seu contentamento não conhecia limites; chorava enternecido, apertava-a nos braços, cobria-a de beijos. Depois, muito alegre, contava as suas aventuras com a ingenuidade de uma criança, ria às gargalhadas, cumulava-a de bênçãos e elogios, e a noite terminava feliz.

Mal o dinheiro acabou, começaram a vender vários objetos. A instâncias de Natascha mudaram-se para um quarto mais pequeno e mais barato. Continuaram a vender, Natascha vendeu mesmo alguns vestidos e procurou trabalho. Quando Alyosha soube, ficou desesperado; lastimou-se, sentiu-se amesquinhado, mas nada fez para resolver a situação. Nos últimos tempos, esgotados todos os recursos, restava apenas o trabalho, cuja retribuição era de uma modicidade extrema.

O plano do príncipe, de casar o filho com a enteada da condessa, continuava apenas em projeto. O príncipe porém esforçava-se ardorosamente por levar a bom termo esse casamento; levou várias vezes Alyosha a casa daquela que deveria ser sua noiva, tentando convencê-lo.

Como a teimosia da condessa impedia a realização do plano, o príncipe fechou de novo os olhos sobre a ligação do filho, resolvido a deixar agir o tempo.

Conhecia bem o estouvamento e a volubilidade do filho, e estava certo de que esse amor não tardaria a esfriar.

Já não o inquietava a possibilidade de um casamento entre o filho e Natascha.

Por sua vez os dois amantes haviam transferido isso para quando se reconciliassem os pais. Algumas palavras que Alyosha deixou escapar um dia fizeram-me crer que o pai encontrava um certo prazer em toda esta história: agradava-lhe ver o velho Nicolai humilhado.

Continuava, no entanto, a testemunhar ao filho o seu descontentamento, reduzindo-lhe a mesada, já muito pequena, e contrariando-lhe sempre os projetos de casamento.

Este era de facto muito novo para casar, mas a noiva era tão rica que era asneira deixar perder semelhante ocasião.

O príncipe, aborrecido com a persistência dos sentimentos do filho, intimou-o com severidade a romper com Natascha. Todavia mudou logo de tática e principiou por levar Alyosha a casa da condessa.

Catarina, a enteada da condessa, apesar de muito criança ainda, era realmente bonita; excelente coração, alma serena e casta, alegre, espirituosa e sensível.

O príncipe não se enganara.

Alyosha, para quem Natascha já não possuía o encanto da novidade, deixou-se prender.

Então Pedro mostrou-se todo bondade para com o filho, exceto na questão monetária. Alyosha sentia bem que uma resolução inflexível se ocultava sob essas carícias e isso entristecia-o. Consolava-se, contudo, indo ver todos os dias Catarina.

Durante cinco dias não apareceu em casa de Natascha.

Eu sabia de tudo e, ao dirigir-me para sua casa, depois de deixar os Ikhmeniev, pensava com inquietação no que poderia ter para me contar.

De longe divisei uma lâmpada na janela; era o sinal convencionado para me fazer saber que precisava de mim.

Como passava frequentes vezes diante da sua casa, sabia assim se me esperava e se precisava de me falar.

Nos últimos tempos colocava a luz na janela quase todas as noites...

Capítulo 14

Estava só, e passeava pelo quarto, de um lado para o outro, com os braços cruzados e um tanto nervosa.

O samovar, sobre a mesa, tinha arrefecido à minha espera.

Sorriu e estendeu-me a mão em silêncio; tinha o semblante pálido como uma enferma e o seu sorriso era resignado e terno. Os olhos azuis e serenos pareceram-me maiores que de costume e os cabelos mais espessos. Era sem dúvida o efeito da palidez e da doença.

— Julguei que não vinhas — disse ela. — Ia mandar a Mavra para saber se estavas doente.

— Não, não estou doente. Atrasei-me apenas. Depois te contarei. Que há de novo?

— Nada — respondeu ela, fingindo-se surpresa. — Porque perguntas?

— Porque me escreveste, pedindo para não deixar de vir...

— Ah, sim... pensei que *ele* viesse hoje.

— Como!... Continua sem vir?

— Continua. Pensei consultar-te, caso não viesse ainda hoje.

— E tu esperava-lo esta noite?

— Não, não o esperava. Vai *lá* todas as noites.

— Julgas que não vem mais?

— Tenho a certeza que há de voltar — respondeu ela, olhando-me com um ar extremamente sério.

A rapidez com que as minhas perguntas se seguiam desagradava-lhe. Estivemos um momento calados, continuando ambos a andar pelo quarto.

— Há muito tempo que te espero — disse ela, sorrindo outra vez. — Sabes o que fazia? Andava a dizer versos.

E começou a declamar uma poesia cheia de tristeza e de melancolia.

— Meu caro Ivan... — disse ela depois de um curto silêncio. Porém deteve-se, como se tivesse esquecido o que tinha a dizer, ou nada tinha de facto a dizer.

Continuámos o nosso passeio. Notei que acendera uma lâmpada diante da imagem da Virgem, embora não fosse dia santo. Nos últimos tempos

tornara-se muito devota.

— Senta-te, Ivan, deves estar cansado. Queres chá?

— Obrigado, já tomei.

— De onde vens tão tarde?

— De casa *deles*. — Era assim que designávamos seus pais.

— De casa *deles*? E ainda tiveste tempo de me vir ver? Tinham-te convidado?

Fez-me um verdadeiro interrogatório. Contei-lhe o meu encontro com o velho, a minha conversa com a mãe, sem omitir nenhum detalhe, pois nunca lhe escondia coisa alguma. Ouvia-me febril, bebendo-me as palavras e os olhos cheios de lágrimas. A cena do medalhão abalou-a profundamente.

— Julgas que tivesse tentado vir aqui? Ou tivesse vontade mesmo de o fazer? — perguntou ela depois de um momento de silêncio.

— Não sei, Natascha, nada te posso dizer. Só tenho a certeza de que te ama e sofre por te haver perdido. Agora ter tentado vir aqui...

— Beijou o medalhão? — interrompeu ela. — O que disse?

— Palavras entrecortadas, exclamações... Dava-te os nomes mais ternos, chamava por ti...

— Chamava... — E pôs-se a chorar em silêncio. — Pobres pais! Não é para admirar que saiba de tudo — continuou ela. — Soube também muitas coisas a respeito do pai de Alyosha.

— Natascha — disse eu timidamente — vem comigo até lá, queres?

— Onde? — exclamou ela, pálida e levantando-se da poltrona. — Não — continuou, pondo as mãos sobre os meus ombros, com um sorriso cheio de tristeza. — Não, meu querido amigo, não falemos mais nisso, é melhor...

— Então isto há de continuar assim? — exclamei, desolado. — És assim tão orgulhosa para não dares o primeiro passo? E teu pai talvez só espere por isso para perdoar! Deves ser tu a primeira a começar; tu é que o ofendeste. Respeita a sua altivez, que é justa e natural. Vem. Perdoar-te-á sem condições.

— Sem condições! Não é possível. Não me recrimines inutilmente. Já pensei muito nisso. Pensei noites e dias. Desde que os deixei, não se passou um único dia que não pensasse no caso. E quantas vezes já o discutimos juntos... Sabes bem que não é possível.

— No entanto...

— Não, meu amigo, não posso. Só o iria irritar mais ainda. Não se pode ressuscitar o que morreu para sempre. Ninguém poderá fazer reviver os dias felizes da minha infância, os dias passados junto deles. Embora meu pai me perdoasse, não me reconheceria mais. Amava em mim a inocência da criança, extasiava-se com a minha ingenuidade; passava as mãos pelos meus cabelos, tal como nos meus sete anos quando, sentada nos seus joelhos, cantava canções infantis. Desde o dia do meu nascimento, até àquele em que os deixei, vinha todas as noites beijar-me, antes de dormir. Pouco antes de todas estas desgraças comprou-me uns brincos. Fez disso um grande mistério, antegozando a minha alegria; pois ficou zangadíssimo quando lhe disse que já sabia de tudo. Dias antes da minha partida, vendo-me triste, lembrou-se de me levar ao teatro, para me distrair. Coitado! Pensava curar-me assim… Podes crer. Conheceu e amou a criança, sem mesmo querer pensar que um dia ela seria mulher. Se voltasse para casa, não me reconheceria. Mesmo que perdoe, quem sou eu hoje? Já não sou a mesma, já não sou uma criança. Vivi muito. Poderia encontrar prazer em ter-me a seu lado, mas procuraria sempre debalde aquela que eu fui e que deixei de ser; e isso fá-lo-ia sofrer mais ainda, o passado parece-nos sempre melhor. Oh, como é lindo o passado! — exclamou ela exaltada, num grito de dor arrancado do fundo do coração.

— Não deixas de ter razão, Natascha! É preciso que aprenda a conhecer-te e a amar-te de novo. O principal é conhecer-te; o amor virá em seguida, verás.

— Ivan, não é isso o que eu quero dizer, o amor paterno também é ciumento. Sente-se magoado por nada ter visto, por nada ter notado desde o princípio das minhas relações com Alyosha. Nada percebeu e o que mais o feriu foi a minha dissimulação, a minha ingratidão, o não lhe ter confessado todo o meu amor. Ocultei o meu segredo bem cá no íntimo e sofre mais talvez por isso do que pela minha fuga. Admitamos que me receba agora com um amor e uma ternura de pai. O germe da inimizade não deixaria por isso de existir. No fim de dois ou três dias viriam as mortificações, as dúvidas, as quedas. Além disso, não me perdoaria sem condições. Exigiria aquilo que eu não posso fazer; maldizer o passado, amaldiçoar Alyosha, arrepender-me deste meu amor por ele. Pretenderia fazer reviver o que está morto para sempre e apagar da nossa vida os últimos seis meses. Eu, porém, não amaldiçoo ninguém nem me posso

arrepender. Foi... o que tinha de ser... Não, Ivan, é impossível. A hora ainda não chegou,

— E quando chegará?

— Não sei... É preciso sofrer pela felicidade futura, comprá-la a peso de novos tormentos. O sofrimento purifica tudo.

Olhei-a, pensativo, sem nada dizer.

— Porque me olhas assim, Alyosha? Quer dizer, Ivan! — emendou, com um sorriso amargo. — Que tens feito? Como vão os teus negócios?

— Sempre a mesma coisa. Escrevo o meu romance, mas pouco tenho adiantado. Não vai como eu queria. Tenho a imaginação cansada... Podia escrever de qualquer modo, pois sempre sairia alguma coisa: não quero, porém, estragar uma boa ideia. É uma destas ideias que agradam. Tenho no entanto que o acabar para o dia marcado pela redação.

— Pobre trabalhador! Andas doente. Tens os nervos abaladíssimos. Não tornaste a ver Smith? Tens umas visões tão estranhas... A tua casa é doentia, é húmida, não é?

— Muito. Ainda esta noite... mas depois eu conto-te — acrescentei, vendo que não me escutava.

— Como pude abandoná-los? Foi uma loucura... Pedi-te para vires porque quero dizer-te que me vou separar dele.

— Vais-te separar ou já o fizeste?

— É preciso acabar com isto. Chega desta vida. Preciso de te fazer umas confidências muito sérias. Coisas que nunca te disse.

Começava sempre assim quando queria dizer qualquer coisa, e na maior parte das vezes conhecia já o segredo.

— Ah, Natascha, já te ouvi falar assim mais de mil vezes. Que ligação tão esquisita! Nada há de comum entre vós. É claro que não podeis continuar a viver juntos; terás contudo forças para o deixares?

— Até hoje era apenas um projeto; agora é uma resolução definitiva. Amo-o loucamente e todavia sou a sua maior inimiga e arruíno-lhe o futuro. Quero dar-lhe a liberdade. Não pode casar comigo, pois não é forte bastante para ir contra a vontade do pai. Por mim, também não o quero ter constrangido. Folgo até que se tenha apaixonado pela noiva; a separação assim será menos penosa para ele. É dever meu agir assim... Uma vez que o amo, devo sacrificar tudo pelo meu amor. Não pensas como eu?

— Mas poderás convencê-lo?

— Tentarei... Se entrasse agora, seria a mesma de sempre. É preciso encontrar um meio que o leve a deixar-me, sem remorsos. É isso o que me atormenta, Ivan. Ajuda-me!... Não me podes dar um conselho?

— É difícil. Conheces o seu caráter. Não vem aqui há cinco dias. Suponhamos que te deixou de uma vez para sempre. Basta escreveres-lhe, dizendo-lhe não o quereres ver mais, para ele vir logo.

— Porque o odeias, Ivan?

— Eu?!

— Sim, tu! Tu mesmo! Odeia-lo. Não podes falar nele sem um sentimento de ódio, de vingança... Já notei que encontras um prazer extraordinário em o humilhar.

— Falemos de outra coisa, Natascha.

— Gostaria de sair daqui — disse ela, depois de um curto silêncio. — Não fiques zangado, Ivan.

— Não estou zangado... De nada serviria saíres daqui. Saberia encontrar-te.

— Quem sabe? O amor pode muito e o seu novo amor talvez o prenda. Se voltar, será por um momento apenas. Que achas?

— Não sei, Natascha. Nele tudo é inexplicável. Quer casar com a outra e continuar a amar-te. Não sei como consegue isso.

— Se tivesse a certeza de que me ama! Ivan... não me enganes. Sabes talvez alguma coisa que não queres dizer — acrescentou ela com um olhar inquieto e perscrutador.

— Nada sei, minha amiga, juro. Sempre fui franco contigo. Depois, talvez não ame assim tanto a enteada da condessa. Pode ser um entusiasmo de momento.

— Oh, meu Deus! Se pudesse saber a verdade... Queria vê-lo agora, apenas um minuto... Saberia ler no seu rosto. Mas não vem!... não vem!

— Esperava-lo, Natascha?

— Não. Está em casa dela... Gostaria de a ver. Ouve, Ivan, é um absurdo, mas não me seria possível vê-la? Encontrá-la em qualquer lugar? Que dizes?

— Que adiantava?

— Se a visse, era o bastante; adivinhava o resto. Tenho a cabeça tonta. Ando há muito tempo aqui pelo quarto, sozinha com os meus pensamentos. As ideias turbilham na minha pobre cabeça... É um suplício! Olha, podias travar conhecimento com ela. Disseste-me que a condessa

elogiou o teu romance e vê-la às vezes num salão literário. Procura ser-lhe apresentado. Contar-me-ás depois tudo.

— Mais tarde veremos isso. Supões ter a força necessária para romper?

— Tenho — disse ela baixinho. — Por ele daria a vida. Não posso porém suportar a ideia de que está neste momento junto dela, rindo e contando-lhe coisas, como fazia comigo. Sentava-se ali, lembras-te? E não se lembrará de que estou agora aqui, contigo? Ter-me-á esquecido?

Interrompeu-se e olhou-me desesperada.

— Então não acabaste de dizer...

— Sim, sim, separar-nos-emos — exclamou ela com um olhar alucinado. — Acompanhá-lo-ei em espírito... abençoá-lo-ei. Mas, Ivan, que tormento ao lembrar-me que sou esquecida... Ah! que suplício! Chego a não me compreender a mim mesma... Oh! meu Deus, meu Deus! que vai ser de mim?

— Calma, Natascha, calma.

— Dura isto há cinco dias. Cada minuto, cada instante, esteja acordada, a dormir ou a sonhar, só penso nele, só nele, sempre nele! Vamos!... Quero ir lá... quero...

— Calma, Natascha!

— Não... Vem comigo! Esperava por ti para isso mesmo. Há três dias que esta ideia não me sai do pensamento. Era esta a questão de que te falava no meu bilhete. Preciso que me leves lá. Não me podes recusar isto. Esperava-te. Vamos esta noite lá. Ele está lá... com ela. Vem! Vamos!

Estava como louca.

Ouvi um ruído na antecâmara: Mavra discutia com alguém.

— Escuta, Natascha. Chegou alguém.

Um sorriso incrédulo passou-lhe pelo rosto, tornando-o lívido.

— Meu Deus! Quem será? — disse ela com voz fraca.

Tentou deter-me, mas corri para a antecâmara.

Era Alyosha. Parlamentava com Mavra, a qual tentava impedir-lhe a entrada.

— De onde vem? Por onde andou? Sempre me saiu um bom traste! Vá, vá! Entre! Veremos essas desculpas como são!

— Não temo ninguém — respondeu Alyosha, embaraçado.

— Vá lá, entre...

— Por certo que entro. Ah, está aqui — disse ele, ao ver-me. — Assim é melhor. Que devo fazer?

— Entre — disse eu. — Que teme?

— Nada. A culpa não é minha. Não acredita? Verá. Posso entrar, Natascha? — perguntou com um desembaraço afetado, parando à porta do quarto. Ninguém respondeu. — Que há? — perguntou ele, inquieto.

— Nada — respondi — a não ser que...

Abriu a porta a medo e lançou um olhar discreto pelo quarto. Não viu logo Natascha. Esta, mais morta que viva, tinha-se escondido a um canto, entre um armário e a janela.

Aproximou-se dela e saudou-a timidamente, olhando-a inquieto.

Estava perturbadíssima. Dir-se-ia ser ela a verdadeira culpada.

— Natascha, escuta. Julgas-me talvez culpado. Não. A culpa não é minha. Tu verás. Conto-te tudo...

— Para quê? — murmurou ela. — É inútil... Dá-me a mão e pronto!... Acabou-se... Não se fala mais...

Saiu do esconderijo, as faces vermelhas e os olhos baixos, como se temesse olhar para o seu amado.

— Meu Deus! — exclamou ele encantado. — Se fosse o culpado não teria coragem de olhar para ti assim. Veja! — continuou ele, voltando-se para mim. — Veja! Julga-me culpado... De facto tudo depõe contra mim, as aparências condenam-me... Passo cinco dias sem vir aqui... Dizem-lhe que estou em casa da minha noiva... Muito bem! Já perdoaste!... Estendes-me a mão!... Acabou-se tudo!... Mas, Natascha, meu amor, meu anjo, estou inocente, juro-te!

— Mas devias estar lá agora... Eles esperavam-te. Como podes estar aqui? Que horas são?

— Dez e meia. Venho de lá. Disse estar indisposto e saí. É a primeira vez, nestes cinco dias, que consigo ver-me livre, fugir para te vir ver. Podia ter vindo mais cedo, é verdade, mas fi-lo de propósito. Depois te explicarei. Juro-te que desta vez não sou culpado, podes crer...

Natascha levantou os olhos para ele, o olhar do rapaz era tão sincero, o seu semblante tão puro e estava tão radiante, que era impossível duvidar das suas palavras.

Esperava vê-la lançar-se nos seus braços, pois já tinha sido testemunha de muitas cenas de reconciliação. Natascha, porém, como sufocada pela

felicidade, deixou pender a cabeça sobre o peito e começou a chorar em silêncio.

Alyosha não se conteve. Precipitou-se delirante a seus pés, beijando-lhe as mãos e os joelhos.

Natascha cambaleou. Aproximei-lhe uma poltrona e sentou-se, mais parecendo ter-se deixado cair.

Parte 2

Capítulo 1

Um momento depois ríamos como loucos.

— Deixai-me contar! — exclamou Alyosha, com voz sonora, tentando abafar as nossas gargalhadas. — Tenho coisas interessantíssimas para vos dizer. Acabai com esse riso!

Estava impaciente por nos comunicar as suas importantes novidades. Porém a sua gravidade estudada dava-lhe um ar tão ridículo que fomos assaltados por novos acessos de riso.

E quanto mais se zangava, mais vontade tínhamos de rir. O seu despeito, o seu desespero infantil puseram-nos num estado de espírito que o mínimo gesto provocava as mais alegres gargalhadas.

Por fim, percebendo que o nosso riso o desconcertava, Natascha conseguiu pôr-se séria.

— Estamos prontos a ouvir-te! — disse ela.

— Vou contar-vos tudo quanto se passou e vai passar-se, pois já o sei. Vejo que estais ansiosos por saber onde passei estes cinco dias... Eu bem quero contar, mas não me deixais começar. Primeiro, Natascha, fica sabendo que te enganava e há muito tempo!

— Enganavas-me?

— Sim, há um mês. Devo falar com franqueza... Há um mês, meu pai escreveu-me uma longa, uma enormíssima carta a respeito da qual nunca te falei. Comunicava-me muito simplesmente, mas num tom severo, de aterrorizar, que o meu casamento era assunto resolvido, que a minha noiva era encantadora, que apesar de não ser digno dela devia desposá-la e que me preparasse para o casamento, esquecendo, em primeiro lugar, todas as loucuras até então praticadas, etc, etc. Quais são as loucuras... já nós sabemos! Pois bem, acerca dessa carta nunca vos disse nada, guardando absoluto segredo.

— Enganas-te! — interrompeu Natascha. — Contaste-nos tudo logo no primeiro dia. Vejo-te ainda, como então, solícito comigo, terno e carinhoso, como se tivesses qualquer coisa e fosse necessário o meu perdão. E período a período, disseste-nos todo o conteúdo dessa carta!

— Não é possível... Pelo menos não relatei a parte mais importante. Talvez tivésseis adivinhado, mas disso não tenho culpa. Quanto a mim, tenho a certeza de nada vos ter contado. Escondi tudo e confesso que sofri horrivelmente.

Depois de uma pausa, continuou:

— Admitamos que eu tenha de facto contado tudo nessa ocasião, com todos os pormenores, não estou certo, porém o tom, o tom da carta, esse não o conheceis e é justamente o principal. Era isto o que eu queria dizer.

— Muito bem. Então como era esse tom? — perguntou ela.

— Escuta, Natascha! Tens o aspeto de quem graceja, mas não gracejes! A coisa é muito séria, afianço-te, pois nunca meu pai me falou de tal maneira.

— Vejamos... Porque me ocultaste essa carta?

— Mas, meu Deus!, para não te atemorizar! Pensei poder arranjar tudo. Logo após a receção e a chegada de meu pai, os meus tormentos começaram. Preparava-me para lhe responder de maneira clara, séria e firme. Todavia a ocasião não se proporcionava. Ele por sua vez não me fazia a mínima pergunta. É esperto! Tinha o ar de quem supõe o assunto resolvido, pelo que não podia levantar-se entre nós nenhuma discussão, nem havia nenhuma questão a resolver. Digo: *não podia levantar-se!* Que presunção! Era tão terno comigo, tão carinhoso que fiquei deveras surpreendido... Que espírito, Ivan! Se o conhecesse... Leu tudo, conhece tudo! Basta ver um homem uma só vez para conhecer os seus pensamentos como se fossem os dele próprio! É por isso, sem dúvida, que o chamam jesuíta. A Natascha não gosta de me ouvir elogiá-lo. Não te zangues, sim! Eis que... mas, a propósito, no princípio não me dava dinheiro e ontem deu-mo. Acabou a nossa miséria, Natascha, meu anjo! Olha... Tudo quanto me tirou da pensão, para me castigar, durante estes seis meses, deu-mo ontem! Repara! Ainda não o contei... Mavra, olha como temos já dinheiro! Não terás mais necessidade de levar colheres às casas de penhor.

Tirou do bolso um grosso pacote de notas, mais de mil *rublos,* deitando-as sobre a mesa. Mavra olhou satisfeita e disse-lhe algumas palavras elogiosas. Natascha porém pediu-lhe para que continuasse.

— Por tudo isto pus-me a pensar no que devia fazer — prosseguiu Alyosha. — «Será preciso ir contra a sua vontade?», perguntava a mim mesmo. Juro-vos que se tivesse sido mau comigo, não teria hesitado um segundo em lhe dizer logo aquilo que não me agradava, pois já não sou

criança. Teria mesmo teimado com ele, acreditai. Porém, em face desta sua atitude, o que dizer?... Pareces aborrecida comigo, Natascha! O que tens, para me olhares assim? Talvez digas, contigo mesmo: «Ei-lo dominado, sem o mínimo esforço! Já não lhe resta um único átomo da sua enorme firmeza!» Não! Tenho mais firmeza do que imaginas! E a prova é que, apesar do embaraço resultante da minha posição, disse a mim mesmo: «É o teu dever e precisas dizer-lhe tudo...» Comecei... Disse-lhe tudo e escutou-me até ao fim...

— E o que lhe disseste, afinal? — perguntou Natascha, inquieta.

— Disse-lhe ter uma noiva e que não queria outra! Quer dizer... isto não foi dito diretamente ainda, mas já preparei o caminho e amanhã dir-lho-ei, é coisa resolvida. Disse-lhe ser vergonhoso casar com alguém apenas por dinheiro e que era uma tolice da nossa parte considerarmo-nos aristocratas. Sou franco com ele, como com um irmão. «Pertenço ao *terceiro estado»,* disse-lhe, «e o terceiro estado é o principal. Sinto orgulho em dizer a todos que não pretendo distinguir-me de ninguém.» Falei com um calor e um entusiasmo de que eu próprio me admirei... Provei-lhe por fim, mesmo debaixo do seu ponto de vista, que... nada somos. Disse-lhe com toda a franqueza: «O que temos nós de principesco? Apenas o nascimento, pois no fundo onde está o nosso principado? Não somos ricos e, no entanto, a riqueza é o principal... Nos nossos dias, o príncipe dos príncipes é Rothschild. Não se ouve falar de nós na alta sociedade há bastante tempo; o último que provocou ruído foi meu tio, Simão Valkovsky, e esse mesmo era conhecido apenas em Moscovo, pela simples razão de ter dissipado tudo quanto pertencia à nossa família. E se seu pai não tivesse juntado, os seus descendentes estariam agora a cavar a terra, como fazem muitos príncipes. Não temos pois nenhum motivo para nos orgulharmos!» Em resumo, disse-lhe tudo quanto sentia, com firmeza e franqueza. Não replicou uma única palavra. Repreendeu-me por abandonar a casa do conde Nainsky e aconselhou-me a conquistar as boas graças da princesa K... minha madrinha. Se tal conseguisse, acrescentou depois, depressa seria acolhido em toda a parte, e iniciando a minha carreira sob os seus auspícios, em breve estaria lançado. Discutimos, espiámo-nos e procurámos enganar-nos mutuamente.

— Muito bem. Mas a questão está resolvida? Decidiu afinal o quê? És um falador barato, Alyosha!

— Decidiu o quê?! Só Deus pode sabê-lo! Quanto a mim, fiquei sem compreender coisa nenhuma... Não sou falador, conto apenas como as coisas se passaram. Ele nada respondeu... Sorriu a todos os meus raciocínios, como se me lamentasse. Depois disse-me: «Sou inteiramente da tua opinião. Vamos agora um pouco a casa do conde Nainsky. Evita dizer-lhe uma palavra a respeito da nossa conversa. Eu compreendo-te, mas ele talvez não te compreenda!» O conde recebeu-me a princípio friamente, do alto da sua grandeza. Tinha o aspeto de ter esquecido que me criara na sua casa. Pareceu-me concentrar-se nas suas reminiscências para se lembrar de mim. Estava apenas zangado comigo por causa da minha ingratidão. É tão aborrecida a vida em sua casa... Fez também a meu pai um acolhimento glacial, não percebendo a razão porque o procurava ainda. Revolta-me vê-lo fazer-lhe a corte. É por mim, bem o compreendo, que procede dessa maneira, mas penso ser inútil. Jurei a mim mesmo enganá-los a todos e forçar o conde a estimar-me. Consegui-o! Um dia apenas bastou para modificar tudo. O conde é agora a amabilidade personificada, e obtive tudo isto apenas com os meus próprios recursos maliciosos, sem obrigar meu pai a intervir.

— Farias melhor falando-nos do assunto principal — disse Natascha com impaciência —, em vez de nos contares as tuas proezas em casa do conde Nainsky. Em que me pode interessar o teu conde Nainsky?

— No que te pode interessar? Escuta, Ivan. É esta justamente a parte mais importante do assunto. Verás como tudo se esclarecerá, Natascha, mas é preciso deixar-me contar. Afinal (porque não confessá-lo?) é possível que eu tenha sido muitas vezes, muitas vezes mesmo, pouco razoável; admitamos mesmo o que já se teve ocasião de ver, que tenha sido simplesmente um estúpido... um tolo... Contudo, desta vez, afirmo-te, mostrei muita esperteza e muito... raciocínio!

Natascha não gostava de o ouvir acusar-se de estúpido e muitas vezes se zangara por eu lhe mostrar qualquer asneira feita por Alyosha. Era o seu ponto sensível. Não suportava que o humilhassem, tanto mais que no seu íntimo avaliava provavelmente a mediocridade de espírito do amante.

— Basta, Alyosha — exclamou. — És um pouco precipitado e nada mais. Porque te julgas abaixo do teu próprio valor?

— Está bem, está bem! Deixa-me acabar, então. Saímos da casa do conde. Meu pai estava furioso comigo. Fomos a casa da princesa. Sabia que era quase uma criança, de tão velha, que era surda e tinha uma coleção

de cachorrinhos. Isso não a impede, porém, de ter uma grande influência na sociedade, e tanto assim que o próprio conde Nainsky a visita frequentemente. No caminho delineei o meu plano de ataque, baseado na circunstância de ser estimado por todos os cães que encontro. Com franqueza, já observei isto! Será força magnética ou isto acontece porque gosto muito dos animais? Não sei... A propósito de magnetismo, estivemos ultimamente em casa de um médico. Evocámos espíritos... E é deveras curioso! Eu evoquei o de Júlio César.

— Oh! Deus meu! Porque evocaste o de Júlio César? — exclamou Natascha, explodindo numa gargalhada. — Deixa lá isso e conta-nos antes como decorreu a conversa com a princesa.

— Interrompeis-me a cada momento! Chegados a casa da princesa comecei a fazer a corte à Mimi. É uma abominável cadelinha, velha, teimosa e feia. A princesa é louca por ela... Parecem tão velhas uma como a outra. Principiei a dar-lhe chocolates. Ao fim de dez minutos tinha-lhe ensinado a dar a pata, o que ninguém havia conseguido até então. A princesa sentia-se no paraíso. Chorava de alegria, dizendo: «A Mimi já sabe dar a pata!» Alguém chegou nesse momento. «A Mimi já sabe dar a pata! Foi o meu afilhado que a ensinou!» O conde Nainsky entrou. «A Mimi já sabe dar a pata!» E olhava para mim com lágrimas de enternecimento. É uma excelente velhota. Fazia-me dó. Continuei a agradar-lhe. Sobre um pequeno banco, ao seu lado, vi o retrato de uma jovem senhora, o dela, quando era ainda nova, há talvez sessenta anos. Peguei nele e, fingindo ignorar tudo, exclamei: «Que encantadora beldade! Que beleza ideal!» E ei-la prestes a desfazer-se. Fala-me disto e daquilo, pergunta-me onde fiz os meus estudos, as casas que frequento, fala dos meus cabelos, considerando-os belos e sinto-a arrebatada. Por meu lado divirto-a, conto-lhe uma anedota escandalosa... Adora-as. Por isso contenta-se em ameaçar-me com o dedo e ri bastante. Quando me despedi, beijou-me, fez-me mesmo o sinal da cruz sobre a testa à guisa de bênção e pediu, ou melhor exigiu, que fosse distraí-la todos os dias. O conde apertou-me as mãos, olhando-me langorosamente, e meu pai, o mais nobre dos homens, acreditem ou não, quase chorava de alegria enquanto voltávamos para casa. Beijou-me e fez-me revelações tão misteriosas a propósito de carreiras, de relações, de dinheiro, de casamentos que nem tudo consegui compreender. Foi nessa altura que me deu o dinheiro. É, de facto, o mais nobre dos homens, escusais de pensar o contrário. E se

procura afastar-me de ti, Natascha, é porque está obcecado pelos milhões de Catarina e pretende-os só para mim. Mostra-se injusto contigo porque não te conhece. Qual é o pai que não deseja o bem dos seus filhos? E estar habituado a ver felicidade apenas na riqueza não é culpa sua.

— Assim, tudo quanto conseguiste, foi aumentar as tuas relações com a princesa, não é? Resume-se nisso toda a tua esperteza? — perguntou Natascha.

— Como? Que pensas tu? Isto é apenas o começo... Falei da princesa porque, por seu intermédio, convencerei meu pai. Quanto à história principal, ainda não cheguei a ela.

— Mas conta-a de uma vez!

— Aconteceu-me ainda hoje uma aventura bastante estranha e tem-me trazido um tanto impressionado. Preciso dizer-vos que, embora o meu casamento seja coisa resolvida entre meu pai e a condessa, não há ainda absolutamente nada de oficial, podendo por isso ser desfeito de um momento para o outro, sem que daí resulte o menor escândalo. Mas vamos ao principal. Conhecia já a Catarina desde o ano passado, porém nessa época eu era ainda criança e não compreendia grande coisa, motivo porque nada via nela de extraordinário...

— Ou melhor dizendo, foi porque gostavas mais de mim nessa época — interrompeu Natascha. — Ao passo que agora...

— Cala-te, Natascha! — exclamou Alyosha com calor. — Enganas-te e ofendes-me! Nem mesmo responderei ao que acabas de dizer. Escuta-me até ao fim e verás... Oh, se a conhecesses! Se soubesses como é uma alma terna e inocente! Mas hás de saber... Deixa-me acabar. Há quinze dias, quando meu pai me levou a casa de Katia principiámos a observar-nos mutuamente. Todavia só me resolvi a conhecê-la mais intimamente depois de ter recebido a famosa carta de meu pai. Não farei o seu elogio, mas digo apenas que é uma brilhante exceção no meio onde vive. É uma natureza oriental, uma alma forte e reta, muito em especial pela sua pureza e pela sua franqueza. Ao seu lado não passo de uma criança, de um irmão mais novo, embora tenha apenas dezassete anos. Há no seu caráter qualquer coisa de melancólico e de misterioso. É um tanto receosa e amedrontada. Parece ter medo de meu pai e não estima a madrasta. Compreendi logo isto desde o primeiro momento. Faz hoje quatro dias que, terminadas as minhas observações e traçado o plano do meu trajeto, me dispus a pô-lo em execução. Fi-lo nessa mesma noite. Queria contar

tudo a Katia, confessar-lhe o que havia, conquistá-la para a nossa causa e acabar de vez...

— O que querias contar? O que querias confessar? — perguntou Natascha, inquieta.

— Tudo, absolutamente tudo! — replicou Alyosha. — E bendigo o céu por me ter inspirado este pensamento. Resolvi afastar-me de vós e resolver a situação por mim mesmo. Se vos tivesse visto, teria ouvido o vosso parecer, teria hesitado e não me teria talvez decidido. Sozinho, enchi-me de coragem e agi. Decidira não voltar para junto de vós sem ter uma solução, e trago-a!

— O quê? E como conseguiste isso? Conta depressa!

— A felicidade proporcionou-me a oportunidade de ficar sozinho com Katia durante duas horas. Declarei-lhe muito simplesmente que, a despeito de todos os projetos para a realização do nosso casamento, a nossa união era uma coisa totalmente impossível. Simpatizava, é certo, com ela, e no entanto só ela me poderia salvar. Depois, confiei-lhe tudo. Ignorava a nossa ligação, imaginem! Se visses, Natascha, como estava emocionada e receosa! A sua palidez impressionava. Contei-lhe a nossa história: como abandonaste os teus pais, como temos vivido, como nos encontramos atormentados, como receamos tudo, como resolvêramos recorrer a ela (porque eu falava também em teu nome!) para que tomasse o nosso partido e declarasse à madrasta que não queria casar comigo. Disse-lhe depender disso apenas, e dela, a nossa felicidade. Nada mais tínhamos a esperar de quem quer que fosse. Escutava-me com interesse, com simpatia. Se visses os seus olhos nesse momento! Toda a sua alma parecia concentrada no seu olhar! Agradeceu-me a confiança depositada nela e prometeu ajudar-nos em tudo o que estivesse ao seu alcance. Em seguida interrogou-me a teu respeito, disse-me que desejava ardentemente conhecer-te, pediu-me para te dizer que já te estima como a uma irmã, esperando que lhe retribuas com igual estima. Quando soube que não te via há cinco dias, apressou-se a recomendar-me pouca demora a fim de vir para junto de ti…

Natascha estava comovida.

— E pudeste contar tudo isso, dar todas essas explicações depois do que fizeste à surda princesa? — exclamou ela, num tom de censura. — Como ficou Katia quando a deixaste? Alegre? Contente?

— Sim... Estava satisfeita por ter podido praticar uma bela ação e ao mesmo tempo chorava. Sim, chorava, porque também... gosta de mim! Confessou-me ter já começado a estimar-me, pois conhecia pouca coisa do mundo e eu tinha-lhe agradado havia já muito tempo. Distinguiu-me sobretudo porque, vivendo cercada de astuciosos e falsários, parecera-lhe sincero e honesto. Depois levantou-se e disse-me: «Deus o ajude, Alexis Petrovitch, mas tinha pensado...» Não acabou e fugiu chorando. Estamos combinados: amanhã declarará à madrasta não querer casar comigo e eu, pelo meu lado, direi tudo a meu pai e mostrar-me-ei firme e corajoso. Repreendeu-me por não ter falado mais cedo. «Um homem honesto nada deve temer!», disse-me ela. Oh, é a nobreza personificada! Quanto a meu pai, não o estima em absoluto. Considera-o astucioso e pensando apenas no dinheiro. Defendi-o, mas Katia não quis acreditar. Se não vencer amanhã junto de meu pai (ela é de opinião que fracassarei), aconselha-me a recorrer à proteção da princesa, à qual ninguém ousará opor-se. Prometemos um ao outro sermos para o futuro como irmão e irmã. Oh, se soubesses a sua história, se soubesses o quanto é infeliz, como se sente desgostosa com a vida que leva em casa da madrasta, como a enoja essa mascarada toda... Que admiração sentiria por ti, se te visse, minha Natascha adorada! Fostes criadas para serdes irmãs. É preciso que vos ameis. Meteu-se-me esta na cabeça e acho que o deveis fazer. Queria ver-vos as duas juntas... Não vás pensar mal desta ideia, Natascha, e deixa-me falar dela. Quando estou contigo tenho vontade de falar dela e quando estou com ela tenho vontade de falar de ti. Sabes muito bem que te amo mais do que tudo no mundo, mais do que a ela... Tu és tudo para mim!

Natascha fitava-o com um olhar terno, mas cheio de tristeza. Estas palavras pareciam produzir sobre o seu espírito o efeito de uma carícia e faziam-na sofrer ao mesmo tempo.

— Comecei a estimá-la há três semanas, quanto ela merece — continuou Alyosha. — Ia vê-la todos os dias e de volta a casa pensava em vós, comparando-vos uma à outra.

— E qual das duas se avantajava sobre a outra? — perguntou Natascha, rindo.

— Algumas vezes tu, algumas vezes ela. Porém tu acabavas sempre por sobressair... Quando falo com ela, sinto ficar melhor... Amanhã, por fim, tudo será resolvido.

— E não tens pena dela? Ama-te, como dizes...

— Tenho, Natascha! Mas estimar-nos-emos uns aos outros e depois...

— E depois... adeus! — murmurou Natascha baixinho, como se falasse consigo.

Alyosha olhou-a, surpreso.

Neste momento a conversa foi interrompida da maneira mais inesperada possível. Ouvimos ruido no compartimento que servia ao mesmo tempo de cozinha e de antecâmara e logo depois Mavra abriu a porta, pondo-se a fazer diferentes gestos na direção de Alyosha.

— Estão a chamá-lo! — disse ela num tom misterioso. — Venha aqui por um momento.

— Quem pode procurar-me agora? — disse Alyosha, olhando-nos com inquietação. — Voltarei dentro de um minuto.

Era um criado do príncipe. Este último, regressando a casa, parara à porta de Natascha e mandara saber se o filho estava.

— É singular! — murmurou Alyosha, embaraçado. — É a primeira vez... Que quererá isto dizer?

Natascha estava presa da maior aflição. De repente Mavra abriu de novo a porta.

— Ei-lo em pessoa, o príncipe! — disse ela num murmúrio, desaparecendo logo depois.

Natascha ergueu-se, pálida. Apoiada à beira da mesa, dominada por uma forte agitação, fixava o olhar na porta pela qual o visitante inesperado ia entrar.

— Nada receies! Estou ao teu lado e não permitirei que sejas ofendida! — disse Alyosha que, mau grado a sua perturbação, se esforçava por manter uma atitude conveniente.

Abriram a porta e o príncipe Valkovsky surgiu.

Capítulo 2

Envolveu-nos num olhar rápido, investigador, pelo qual não se poderia ainda dizer se vinha como amigo ou como inimigo.

Era um homem de perto de quarenta e cinco anos e a sua fisionomia, bela e regular, mudava de expressão segundo as circunstâncias. Estas variações eram completas, indo do mais agradável ao mais sombrio, como se fossem produzidas pela rutura brusca de qualquer nervo. O oval do rosto um pouco tostado, os dentes soberbos, os lábios delgados e pequenos, o nariz bem desenhado, reto e um pouco comprido, a fronte alta na qual não se via ainda a menor ruga, os olhos cinzentos e grandes, tudo isto contribuía para ser considerado um bonito homem. No entanto, o conjunto, não produzia uma impressão muito agradável. Era antipático, sobretudo, porque exprimia constantemente qualquer coisa de fingido, de estudado, e dava a certeza de não deixar nunca conhecer a sua verdadeira expressão. Olhando-o com mais atenção, adivinhava-se desde logo, sob aquela permanente máscara, um não sei quê de maldade, de astúcia e de egoísmo elevados ao mais alto grau.

O que chamava em especial a atenção eram os olhos; eram bonitos e extremamente rasgados. Apenas eles pareciam não estar por completo submetidos à sua vontade. Esforçava-se por os tornar ternos e carinhosos, mas os seus raios visuais dividiam-se, por assim dizer, e entre os suaves e afáveis viam-se brilhar alguns que eram duros, desconfiados, perscrutadores, maldosos... Era bastante alto, bem proporcionado, um pouco magro e longe de revelar a sua verdadeira idade. Os cabelos castanhos e finos começavam apenas a esbranquiçar. Tinha as orelhas, as mãos e os pés de uma fineza surpreendente, de uma beleza aristocrática. Vestia com esmero e os seus detalhes lembravam os que a gente nova em geral procura e que de resto não lhe ficavam mal. Dir-se-ia ser o irmão mais velho de Alyosha.

Aproximou-se de Natascha.

— A minha visita à sua casa, a esta hora inconveniente e sem ser anunciada, é singular e fora de todas as regras — disse ele. — Acredite

que tenho plena consciência da excentricidade da minha conduta. Sei ter tanta penetração quanta generosidade. Se quiser conceder-me alguns minutos, estou persuadido de que me compreenderá e de que me desculpará.

Pronunciara estas palavras delicadamente, mas com rigor e firmeza.

— Queira sentar-se — disse Natascha, que não conseguia dominar o susto e a agitação.

Inclinou-se um tanto e sentou-se.

— Permita-me primeiro que diga duas palavras a meu filho. Alyosha — continuou ele, voltando-se para o rapaz — apenas saíste, sem esperares por mim e sem te despedires, vieram dizer que Catarina se sentia mal. A condessa levantou-se rápida para a ir ver, mas ela apareceu logo, bastante comovida e extraordinariamente agitada. Declarou-nos não poder ser tua mulher. Vai para um convento, pois confessaste-lhe o teu amor pela Natascha e pediste-lhe o seu apoio. Esta confissão inesperada resultou, como é natural, da estranha explicação que tinhas tido com ela. Imagina o meu susto e a minha surpresa. Passando por aqui — continuou ele, mas agora dirigindo-se a Natascha — vi as suas janelas iluminadas. Um pensamento que me perseguia há muito apoderou-se de mim por tal forma que não resisti. Subi e vai já saber porquê. Peço-lhe, porém, não se admire se a minha explicação for um tanto forte. Tudo isto foi tão inesperado...

— Creio que hei de compreendê-lo e saberei... apreciar como devo as suas palavras — respondeu Natascha com hesitação.

— Assim o espero — continuou ele. — Se me decidi a vir foi sobretudo por saber com quem tratava. Há muito que a conheço. Sabe existirem entre mim e seu pai desavenças que não datam de hoje. Não me justificarei. É possível que as minhas razões sejam mais fracas do que julguei até hoje. Se assim é, enganei-me. Sou desconfiado, confesso; vejo mais depressa o mal que o bem. Isto é próprio dos corações secos e não tenho o costume de dissimular os meus defeitos. Acreditei em todas as calúnias e quando a senhora deixou seus pais tive receio sobre o futuro do Alyosha. Não a conhecia ainda. As informações obtidas tranquilizaram-me pouco a pouco. Estudei, observei, e convenci-me por último de que as minhas suspeitas não tinham fundamento. Soube do corte de relações com a sua família e da oposição feita por seu pai, servindo-se de todos os meios, ao seu casamento com o meu filho. O facto de a senhora ter um domínio tão grande sobre Alyosha e não o forçar a casar coloca-a numa

posição extremamente favorável. Entretanto, confesso com franqueza, a minha intenção era fazer todo o possível por impedir a sua união com o meu filho. Exprimo-me com uma sinceridade brutal, sei bem, mas neste momento a sinceridade da minha parte é mais necessária do que qualquer outra coisa. Dar-me-á razão depois de me ouvir. Pouco depois da sua saída da casa de seus pais, deixei S. Petersburgo e já não receava o futuro de Alyosha, pois confiava na sua altivez. A senhora não queria este casamento, compreendi-o muito bem, enquanto as inimizades que nos separam não deixassem de existir; a senhora não queria perturbar a boa harmonia existente entre mim e o meu filho, pois sabia que eu não perdoaria. Não queria também que a acusassem de ter procurado um noivo príncipe. Deixou ver todo o desdém sentido por nós e aguardava o dia em que eu próprio viesse pedir a sua mão. Também teimei na recusa. Sem querer justificar a minha conduta, não posso ocultar as razões que assim me levaram a agir. Ei-las: a senhora não pertence a uma família nobre e não é rica. Embora eu tenha alguma fortuna, precisávamos aumentá-la... dourar o brasão. Precisávamos de relações influentes e de dinheiro, e se a enteada da condessa não nos trazia essas relações, é pelo menos muitíssimo rica. Se nos demorássemos um pouco, não faltariam pretendentes. Era mau deixar passar uma tão bela ocasião; e embora Alyosha seja muito jovem, resolvi-me a aproximá-lo de Catarina. Como está vendo, sou franco. A senhora fará o juízo que quiser de mim. Deixei-me levar por interesses e preconceitos a ponto de querer obrigar o meu filho a cometer uma má ação. Sim... digo bem!, abandonar uma criatura generosa que tudo sacrificou por ele e para com a qual ele se tornou tão culpado é uma má ação. Ainda uma vez mais, não me justifico. A segunda razão que me levava a desejar a união de meu filho com a enteada da condessa é ela ser digna, sob todos os pontos de vista, de amor e consideração. É bonita, bem-educada, espirituosa e tem um excelente caráter, embora ainda muito jovem. Alyosha é um estouvado e um leviano, uma verdadeira criança, apesar dos seus vinte e dois anos; o seu único mérito é ter um bom coração, qualidade essa que, aliada aos seus defeitos, pode tornar-se perigosa. Ultimamente notei que a minha influência sobre ele ia enfraquecendo; o ardor da mocidade dominava-o, chegando mesmo a fazer-lhe esquecer certas obrigações. Não sei se o amo demais; sei ter chegado à conclusão de não ter forças para o conduzir sozinho. Precisa estar sempre sujeito a uma influência constante e benfazeja; de seu natural

submisso, fraco e amoroso, prefere amar e obedecer a ordenar. Será assim toda a sua vida. Imagine a minha alegria quando encontrei em Catarina o ideal ambicionado. Era porém tarde, pois uma outra influência o dominava: a sua. Quando voltei, há um mês, pus-me a observá-lo e notei-lhe uma grande diferença, uma grande diferença para melhor. O seu estouvamento, o seu caráter infantil, eram os mesmos; no entanto, outros sentimentos se desenvolviam nele, pois começava a achar interesse não em folguedos, mas nas ações grandes, nobre e honestas. Tinha ainda umas certas ideias singulares, inconstantes, absurdas mesmo; contudo, as aspirações, o coração, os instintos tornavam-se melhores e isto é o principal. Esta feliz mudança devia-se incontestavelmente à senhora, que refizera a sua educação. Confesso: assaltou-me então o pensamento de que ninguém melhor do que a senhora o podia fazer feliz. Repeli, porém, essa ideia. Era precisa afastá-lo a todo o custo e dei princípio à obra. Julgava ter conseguido o meu fim; estava mesmo convencido disso até há ainda uma hora. O sucedido porém em casa da condessa veio transtornar todas as minhas previsões e um facto em especial me chamou a atenção: Alyosha mostrara-se singularmente sério e surpreendeu-me a sua força de vontade, a sua persistência, a vivacidade do seu amor. Não havia dúvida; a senhora tinha-o reeducado. As modificações sobrevindas, notei-o então, iam mais longe do que eu supunha. Tive hoje indícios de uma razão que estava longe de suspeitar nele ao mesmo tempo dava-me provas de uma delicadeza de coração e de uma penetração extraordinárias. Escolheu o caminho mais seguro para sair de uma situação embaraçosa; soube despertar a mais nobre faculdade do coração humano, a de perdoar e retribuir o mal com a generosidade. Soube apelar para a altivez de uma mulher que já o amava, confessando-lhe amar uma outra, e ao mesmo tempo despertar-lhe simpatia por essa rival e obter para ele o perdão e a promessa de um amor fraterno e desinteressado. Lançar-se em tal explicação sem magoar, sem ofender, é tarefa em que os mais hábeis raras vezes são bem-sucedidos. Isto prova um coração puro e bem dirigido. Tenho a certeza, Natascha, de não ter tomado parte com o mínimo conselho no que sucedeu esta noite. É provável, mesmo possível, que só agora tenha conhecimento destes factos. Estarei enganado?

— Não, Não está enganado... — respondeu Natascha, cujas faces ardiam enquanto os olhos tomavam um fulgor extraordinário.

A dialética do príncipe começava a surtir efeito.

— Não via o Alyosha há cinco dias — continuou ela. — A ideia e a execução são inteiramente dele.

— Tinha a certeza — disse o príncipe. — No entanto, esta força de resolução, esta consciência do dever, esta nobre firmeza, tudo, enfim, é o efeito da sua influência sobre ele. Estive refletindo sobre isso antes de voltar para casa, pois é necessário tomar uma resolução. Os nossos projetos de aliança com a família da condessa estão por terra e coisa alguma os poderá erguer. E mesmo que assim não fosse, abandoná-los-ia, pois estou convencido de que só a senhora pode fazer o meu filho feliz e guiá-lo. Já lançou até as bases da sua felicidade futura. Nada escondi há pouco e nada escondo agora: amo o dinheiro, as distinções, as honrarias, embora em consciência os considere como preconceitos. Estes preconceitos, contudo, agradam-me e não os renego. Por outro lado há circunstâncias que impõem silêncio a todas as considerações e eu amo ardentemente o meu filho. Cheguei à conclusão de que Alyosha não se deve separar da senhora, pois de contrário estará perdido. Descobri isso (devo confessá-lo!) há um mês. Esta conclusão somente hoje reconheci ser verdadeira. Podia ter vindo explicar-lhe isto amanhã em vez de a vir incomodar à meia-noite, A minha pressa demonstra o ardor e em particular a sinceridade com que me ponho em ação. Não sou uma criança e não poderia na minha idade agir irrefletidamente. Entretanto, sinto ser preciso tempo para a convencer da minha sinceridade. Começo, pois. Será necessário dizer-lhe ao que vim? Vim cumprir o meu dever e... peço-lhe solenemente para não abandonar o meu filho e conceder-lhe a sua mão de esposa. Oh, não veja em mim um pai severo, acabando por perdoar aos filhos e condescendendo generosamente com a sua felicidade. Não! Seria julgar-me mal. Não creia também que, sabendo tudo quanto sacrificou por meu filho, eu contasse antecipadamente com o seu consentimento; ainda uma vez, não! Não a merece, sou o primeiro a declará-lo, e ele, como é sincero e bom, confessá-lo-á também. Isto, porém, não basta. Se vim aqui a esta hora foi por outra razão. Vim... — levantou-se, respeitoso e solene — vim para me tornar seu amigo. Sei bem não ter direito algum à sua amizade, mas peço-lhe a permissão de me deixar esforçar por merecê-la.

Respeitosamente inclinado diante de Natascha, esperou a resposta. Esta observara-o atentamente enquanto falara e ele notou isso.

A sua linguagem era fria, mas não sem alguma pretensão dialética; por vezes afetava mesmo uma certa negligência na dicção. O tom nem sempre

correspondia ao entusiasmo que originara esta primeira visita, a uma hora tão imprópria, principalmente tendo-se em conta as relações existentes. Algumas das suas palavras, notava-se, tinham sido estudadas e nalguns trechos do seu discurso, estranho pelo comprimento, afetara uns ares bonacheirões de quem se esforça por dominar uns sentimentos ocultos. Estas ideias só me ocorreram mais tarde; naquele momento pensara de outro modo. Tinha pronunciado as últimas palavras com tanta animação e tal ternura, com uma tão grande aparência de sincera estima por Natascha, que estávamos todos seduzidos. Qualquer coisa como lágrimas brilharam mesmo nos seus olhos. O coração de Natascha estava cativado. Levantou-se e, sem proferir uma palavra, presa da mais viva agitação, estendeu-lhe as mãos. Ele tomou-as e beijou-as com ternura e sentimento. Alyosha transbordava de entusiasmo.

— Que te dizia eu, Natascha? — exclamou. — Não acreditavas que ele fosse o mais nobre coração do mundo! Vês agora?

Atirou-se ao pescoço do pai e beijou-o com efusão.

Este respondeu-lhe da mesma maneira, mas apressou-se a pôr termo a esta cena de sensibilidade, como se tal o incomodasse.

— Basta — disse ele, pegando no chapéu. — Agora retiro-me. Pedi-lhe dez minutos e demorei-me uma hora — acrescentou, sorrindo. — Parto com a mais ardente impaciência de voltar. Permite que a venha ver sempre que me seja possível?

— Oh, sim, sim! — respondeu Natascha. — Sempre que queira. Desejo tanto chegar a... estimá-lo... — acrescentou, toda confusa.

— Deliciosa franqueza — disse o príncipe, sorrindo. — Como é diferente de certas pessoas que empregam frases feitas, simples fórmulas de polidez! A sua sinceridade é-me deveras querida e espero muito breve ser digno da sua amizade.

— Oh, por quem é... — murmurou Natascha muito corada.

Meu Deus, como estava linda, então!

— Ah, é verdade... — continuou o príncipe. — Que aborrecimento! Esquecia-me de lhe dizer: não poderei vir vê-la amanhã nem depois. Recebi esta tarde uma carta pedindo a minha comparência imediata para um negócio de alta importância. Isto obriga-me a deixar S. Petersburgo amanhã. Não julgue ter vindo tão tarde justamente porque... Mas que ideia! Por certo não vai pensar isso... Vê como sou desconfiado! Esta desconfiança tem-me prejudicado muito e todas as minhas discussões com

a sua família não são mais que o resultado deste meu terrível caráter. Hoje é terça-feira; espero estar de volta sábado e virei vê-la nesse mesmo dia. Permite-me vir passar aqui a tarde?

— Certamente — respondeu Natascha. — Espero-o com impaciência.

— Muito bem. Assim aprenderei a conhecê-la melhor. Agora... até breve. Não posso sair, no entanto, sem lhe apertar a mão — continuou, voltando-se para mim. — Desculpe-me. Já tive várias vezes o prazer de o encontrar e mesmo já fomos apresentados. É para mim muitíssimo agradável renovar este conhecimento.

— Já nos temos encontrado, é certo — respondi, apertando-lhe a mão. — Não me recordo, porém, de lhe ter sido apresentado.

— Em casa do príncipe R... o ano passado.

— Perdão, tinha-me esquecido. Asseguro-lhe lembrar-me para a outra vez. Jamais me esquecerei, e muito em especial ligada aos acontecimentos desta noite.

— Sim, tem razão. Para mim também ela será inesquecível. Sei que é um amigo verdadeiro e sincero da Natascha e do meu filho. Espero ser admitido aqui como o quarto amigo — disse ele, dirigindo-se a Natascha.

— Sim, um verdadeiro amigo! Sejamos todos amigos! — exclamou Natascha com o coração transbordando de alegria.

Pobre pequena! O seu rosto rejubilou quando viu o príncipe não se esquecer de se despedir de mim. Era tão minha amiga!

— Conheço muitos admiradores do seu talento — continuou o príncipe — e principalmente duas admiradoras que teriam um grande prazer em vê-lo. Falo da condessa, a minha melhor amiga, e da sua enteada. Permite-me apresentá-lo a essas senhoras?

— Será grande honra para mim, embora pouco frequente...

— Dar-me-á o seu endereço. Onde mora? Terei um grande prazer...

— Não posso receber em minha casa, príncipe; pelo menos neste momento.

— Embora não tenha direito a uma exceção, eu...

— Por quem é... Se assim o quer... terei muito prazer. Moro numa ruazinha aqui perto, no edifício Klungen.

— Edifício Klungen! — exclamou ele um tanto impressionado, — Há muito tempo?

— Pouco... — respondi, observando-o sem querer. — Resido no quarto 44.

— 44! E... mora só?

— Sim.

— S...im... É que... Parece-me ter uma ideia da casa... Está muito bem. Passarei por lá, sem falta. Quero muito falar com o senhor. Tenho um serviço a pedir-lhe. Vê como começo bem... Então, até à vista. Ainda uma vez mais, a sua mão.

Apertou-nos a mão, a mim e ao filho, beijou a de Natascha e saiu.

Estávamos todos emocionados.

O que se acabava de passar fora tão inesperado... Sentíamos tudo mudar. Num abrir e fechar de olhos qualquer coisa de novo e de desconhecido começava.

Alyosha tinha-se aproximado de Natascha e beijou-lhe as mãos em silêncio, olhando-a e esperando as suas palavras.

— Alyosha, meu amigo, amanhã irás a casa da Catarina — disse ela por fim.

— Já pensei nisso — respondeu. — Irei sem falta.

— Talvez seja penoso para ela. Como vai ser?

— Não sei, querida. Veremos isso... Agora, Natascha, tudo mudou para nós.

Ela sorriu e fitou-o durante muito tempo com ternura.

— Que tato, que delicadeza mostrou! Viu o teu pobre compartimento e nem uma palavra...

— De quê?

— De... que precisavas de ir para um outro melhor — disse, corando,

— Ora, Alyosha... A que propósito?!

— Quis apenas fazer notar a sua delicadeza. Como te elogiou! Não te tinha dito? É capaz de tudo compreender e de tudo sentir. Quanto a mim, tratou-me como uma criança! Todos me tratam assim. Afinal… têm razão.

— És uma criança, mas és o melhor de todos nós, meu bom, meu querido Alyosha!

— No entanto disse também que a minha bondade podia ser prejudicial. Aí está uma coisa incompreensível para mim. Não achas conveniente que vá ter com ele agora? Voltarei amanhã cedo. Que achas?

— Vai, vai, meu querido. É uma ótima ideia. Volta amanhã o mais cedo possível. Agora não há motivos para passares cinco dias completos longe de mim — acrescentou ela, lançando-lhe um olhar lânguido e malicioso.

Invadia-nos a todos uma alegria serena e terna.

— Vem comigo, Ivan? — disse Alyosha despedindo-se.

— Não, deixa-o ficar. Preciso de falar com ele — disse Natascha. — Não te esqueças: amanhã bem cedo.

— Bem cedo! Adeus, Mavra!

Mavra estava agitadíssima. Tinha ouvido tudo, mas nem tudo entendera e estava ansiosa por interrogar Natascha. Percebeu, de uma forma um tanto confusa, ter havido grande mudança.

Ficámos sós. Natascha agarrou-me nas mãos e pareceu procurar um momento aquilo que pretendia dizer-me.

— Estou cansada — disse ela por fim, com voz fraca. — Escuta, vais amanhã lá a casa, não é?

— Certamente.

— Conta à minha mãe, mas nada digas ao velho.

— Nunca lhe falei nestas coisas... tu bem o sabes.

— Sim, é verdade. Mas sabê-lo-á de qualquer modo. Procura conhecer as suas ideias a tal respeito. Amaldiçoar-me-á se me casar? Julgas isso?! Será possível?

— É o príncipe quem deve arranjar as coisas. Caso se reconcilie com teu pai, está tudo acabado.

— Ah, meu Deus, se isso acontecesse! — exclamou ela num tom suplicante.

— Não te inquietes, Natascha. Tudo irá agora pelo melhor, é claro.

— Ivan, que pensas do príncipe? — perguntou ela, depois de um ligeiro silêncio.

— Se é sincero, parece um perfeito cavalheiro.

— Que queres dizer? Achas poder...

— Não, não é possível! — respondi-lhe, percebendo, ao mesmo tempo tê-la assaltado igual ideia. Era singular!

— Observaste-o todo o tempo... com tanta insistência.

— Sim, pareceu-me estranho.

— A mim também. Tem um modo de falar... Mas estou cansada, meu caro. Deixa-me agora e vem ver-me amanhã, de regresso de casa. Ah, escuta, não fiz mal dizer que desejava chegar a estimá-lo?

— Não... Mal porquê?

— E... não é tolice?... Disse que não o estimava ainda...

— Não, não... Pelo contrário, foste muito gentil. Estiveste encantadora. Ele é que será um tolo se do alto da sua grandeza não compreender isso.

— Pareces aborrecido com ele. Ah, sou muito desconfiada! Não rias; sabes que não te escondo aquilo que sinto. Ah, meu bom amigo! Se tornar a ser desgraçada, se as tristezas voltarem estarás a meu lado e talvez sejas o único... Como te poderei recompensar? Ivan, não me maldigas nunca!

Voltei para casa e deitei-me.

O meu quarto estava húmido e sombrio.

Sentia fermentar em mim toda a espécie de ideias e sentimentos, e estive muito tempo sem poder dormir.

Como deveria rir-se nesse momento um homem, deitado no seu leito confortável, se é que não julgava descer muito baixo na sua dignidade o rir-se de nós...

Capítulo 3

Pelas dez horas da manhã seguinte saí de casa para ir a Vassili-Ostrow, depois a casa dos Ikhmeniev e de lá ir ver Natascha. À porta encontrei a minha visitante da véspera, a neta de Smith. Alegrou-me esse encontro, não sei bem porquê. Não tinha tido tempo de a examinar com atenção da primeira vez e por isso causou-me admiração ao vê-la à luz do dia. Na verdade, seria difícil encontrar criatura mais estranha e mais original, pelo menos no exterior. Pequena, com uns olhos grandes, negros e brilhantes que nada tinham de russo, uma espessa cabeleira muito preta e muito crespa, um olhar mudo, mas obstinado e perscrutador, chamaria a atenção de qualquer transeunte que a encontrasse na rua.

O mais esquisito nela era o olhar; faiscava de inteligência e era ao mesmo tempo cheio de suspeita e desconfiança. Àquela hora o vestido velho e manchado parecia ainda mais andrajoso que na véspera. Pareceu-me minada por alguma moléstia lenta e tenaz que lhe ia destruindo inexoravelmente o organismo. O seu rosto magro era amarelado e tinha qualquer coisa de bilioso, nada natural. Entretanto, apesar de todo o horror da sua miséria e da sua moléstia, não era feia; tinha uma fronte larga e bonita, um pouco baixa, lábios magnificamente desenhados, indicando altivez e desembaraço, mas pálidos, quase sem cor.

— Ah, és tu! — exclamei. — Julguei que não voltasses. Entra.

Como na véspera, entrou devagar, olhando em torno de si com desconfiança. Examinou com atenção o quarto onde tinha vivido o avô, como se quisesse notar as modificações feitas pelo novo locatário. «A neta é como o avô», pensei eu. «Talvez seja louca.» Esperava que dissesse alguma coisa. Mantinha-se porém calada.

— Vinha procurar os livros — disse por fim, baixando os olhos.

— Ah, sim, os livros. Toma, estão aqui. Guardei-os por tua causa...

Olhou-me com curiosidade e torceu os lábios de forma singular, como se quisesse esboçar um sorriso incrédulo. Foi apenas um segundo, pois logo o seu semblante retomou a expressão severa e enigmática.

— O avô falou em mim? — perguntou ela, olhando-me da cabeça aos pés com certa ironia.

— Não, não falou em ti, mas...

— Como soube então que eu vinha aqui? Quem lhe disse? — perguntou ela bruscamente.

— O teu avô não podia viver só, abandonado de todos; era tão velho e tão fraco... Pensei logo que alguém devia vir ajudá-lo... Toma os teus livros. Estudas muito?

— Não.

— Para que queres então os livros?

— O avô fazia-me estudar, no princípio, quando vinha vê-lo.

— E depois?

— Deixei de vir... estive doente. — E logo em seguida deu uns passos para a porta na intenção de se retirar.

— Tens pai? Mãe? Família?

Franziu as sobrancelhas e olhou-me toda assustada; depois voltou-se e saiu docemente do quarto, sem responder, como fizera na véspera.

Segui-a com os olhos, admirado. Parou à porta.

— De que morreu ele? — perguntou, voltando-se um pouco para mim com o mesmo gesto e o mesmo movimento da véspera ao interrogar-me sobre Azor.

Aproximei-me dela e contei-lhe em poucas palavras a morte do avô. Ouviu-me, calada, de cabeça baixa e de costas para mim.

Contei-lhe também que, ao morrer, o velho falara na «sexta linha» e por isso calculei logo que devia viver lá alguém a quem estimava. Esperava pois a vinda desse alguém.

— Era muito teu amigo, sem dúvida, visto ter pensado em ti na sua última hora.

— Não — murmurou ela, como sem querer — não era meu amigo.

Estava muito agitada. Fazia visíveis esforços para dominar a sua comoção, com uma certa altivez: mordia o lábio inferior com força e o coração batia-lhe tão violentamente que se podia ouvir. Julguei que ia principiar a chorar, como da outra vez; porém reprimiu as lágrimas.

— Onde foi que morreu?

— Mostrar-te-ei quando sairmos. Como te chamas?

— É inútil...

— Inútil porquê?

— É inútil, tudo é inútil... Não tenho nome — proferiu ela com voz entrecortada, querendo ir-se embora.

Detive-a.

— Espera, pequena selvagem. Não vês como te quero bem? Fiquei triste, ontem, quando te vi chorar ali, no canto da escada. O teu avô morreu nos meus braços. Decerto pensava em ti quando falou na «sexta linha». Foi quase como se te tivesse confiado a mim. Ele aparece-me quando durmo... e por isso guardei os teus livros... Porque és tão arisca? Tens medo de mim? Com certeza és órfã. Vives em casa de estranhos... não é assim?

Esforçava-me por lhe inspirar confiança. Qualquer coisa me atraía para ela, um sentimento para mim inexplicável e muito diferente de piedade.

Estas minhas palavras pareceram impressioná-la. O seu olhar perdera a dureza habitual e estava um tanto cismador.

— Elena — disse de repente.

— Chamas-te Elena?

— Sim...

— E... virás visitar-me?

— É impossível... Não sei. Venho — terminou ela por dizer baixinho e hesitante, como se um combate se travasse no seu íntimo.

Neste momento um relógio soou no compartimento vizinho.

A garota estremeceu e olhando-me com uma angústia inexprimível perguntou as horas.

— Devem ser dez e meia.

Soltou um grito de susto e correu para a escada. Detive-a ainda uma vez no patamar.

— Não te deixo ir assim — disse eu. — Que temes tu? Tens medo de chegar muito tarde?

— Sim, sim, saí sem dizer nada. Deixe-me! Ela bate-me! — gritou, esforçando-se por fugir.

— Escuta, vou também a Vassili-Ostrow, à décima-terceira linha, e estou atrasado. Vou apanhar um carro. Vem comigo e deixo-te na tua casa. Chegarás assim mais depressa.

— Não pode ir lá a casa, não pode! — exclamou ela, com o semblante crispado de pavor.

— Preciso de ir à décima-terceira linha. Não vou a tua casa nem te seguirei. Chegas mais cedo, vem!

Descemos correndo. Tomei o primeiro carro que apareceu.

Devia ter de facto muita pressa, pois não fez a mais pequena objeção em subir.

Receava interrogá-la; torceu os braços e quase se atirou do carro quando perguntei quem lhe causava tanto medo em casa.

«Que mistério será este?», pensava eu. Como não estava habituada a andar de carro, a cada balanço agarrava-se ao meu casaco com a mão esquerda, uma mãozita pequena, suja e gretada do frio. Com a outra apertava fortemente os livros. Fazendo um movimento para se sentar melhor, descobriu os pés; os sapatos estavam velhos e rotos, e não tinha meias.

Embora tivesse resolvido não a interrogar mais, não me contive e exclamei:

— Não tens meias?! Como podes sair assim, com um tempo tão húmido e um frio destes?

— Não tenho…

— Deus do céu! Mas não vives só! Devias pedir a alguém antes de sair.

— Não quero.

— Mas ficas doente e morres...

— Melhor... Morro.

As minhas perguntas irritavam-na, por isso desisti.

— Olha, morreu aqui — disse eu, mostrando-lhe a casa diante da qual o velho soltara o último suspiro.

Olhou fixamente o local e disse depois num tom suplicante:

— Pelo amor de Deus, não me siga! Eu volto... Volto logo que possa.

— Está bem. Já disse que não te sigo. Diz-me, porém, de que tens medo. Fazes-me tanta pena...

— Não tenho medo de ninguém — respondeu irritada.

— E porque disseste «ela bate-me»?

— Pois que bata! — exclamou. — Que bata, que bata! — Os seus olhos faiscavam e os lábios tremiam-lhe com um amargo desdém.

Chegámos a Vassili-Ostrow. Fez parar o carro à entrada da sexta linha e olhou em redor, inquieta.

— Não pare, continue! Eu volto! Eu volto! — disse-me, deveras agitada. — Vá embora depressa! Vá!

Tomei outra rua, mas mal deixei de a ver saltei do carro e voltei a pé. Seguindo pelo outro lado da rua, vi-a um pouco adiante. Não ia muito longe, embora caminhasse apressada. Voltou-se várias vezes, como para se certificar de que não era seguida.

Eu, porém, ocultei-me bem. Seguiu por isso o seu caminho sem me ver.

Capítulo 4

Ia quase a correr. Chegando ao fim da rua, entrou num armazém.

Esperei que saísse.

Na verdade, não tardou a sair, mas sem os livros e com uma panela de barro na mão. Caminhou ainda um bocado e entrou numa casa de má aparência.

Era uma casa de pedra, pequena, velha, de dois andares e pintada de amarelo sujo. Numa das três janelas do primeiro andar via-se a tabuleta de um fabricante de caixões mortuários, o qual parecia não fazer grande negócio.

As janelas do andar superior eram quadradas, pequenas, e através dos vidros sujos, verdes e partidos viam-se umas cortinas de cassa cor-de-rosa. Atravessei a rua e li os dizeres de uma placa de ferro existente na porta: Casa Boubnov.

Mal tinha acabado de ler essa inscrição quando ouvi, vindos do interior da casa, gritos agudos seguidos de uma interminável série de injúrias.

No pátio, próximo da escada de madeira, estava uma mulher gorda, vestida como uma burguesa, com um pano na cabeça e um xaile verde nos ombros.

O seu rosto era vermelho e repelente; os olhos pequenos e injetados de sangue brilhavam maldosamente. Estava embriagada, apesar da hora matinal. Injuriava a pobre Elena, a qual, como petrificada, se mantinha de pé, diante dela, com a panela na mão. Uma outra criatura, com o vestido e os cabelos em desalinho, o rosto pintado de branco e vermelho, olhava por detrás da megera.

Pouco depois abriram a porta do subsolo e uma outra mulher de meia idade, pobremente vestida, mas de aparência agradável, apareceu também na escada; outros locatários, um velho decrépito e uma moça, entreabriram as portas e um mujique, alto e robusto, sem dúvida o porteiro, estava no meio do pátio, apoiado a uma vassoura, e observava com displicência toda esta cena.

— Ah, maldita! Bêbeda! Assassina! — gania a mulher, despejando todos os insultos e palavrões conhecidos. — É assim que recompensas os meus cuidados, peste? Mando este diabo fazer compras e a peste foge! O coração estava-me adivinhando isso mesmo... Estava triste e triste. Ontem quase esganei esta cachorra e a miserável hoje torna a fugir! Por onde andaste, vagabunda do inferno? De onde vens? A casa de quem foste? Maldita! Verme! Veneno! Peçonha! Fala, podridão! Fala ou te mato, diabo!

E, furiosa, ia a agarrar na pobre pequena; deteve-se, porém, vendo a locatária do andar de baixo a observá-la. Voltou-se para ela e começou em lamentações, gritando cada vez mais e agitando os braços, como se a tomasse por testemunha do monstruoso crime da sua vítima.

— A mãe estourou, como a senhora sabe! Esta miserável está só no mundo. Ficou nos braços da senhora, como sabe... A senhora, que, coitada, mal tem para comer. Então pensei: é preciso fazer alguma coisa para ser agradável a S. Nicolau. Vou tomar conta desta órfã. A gente deve ser caridosa, a senhora não acha? Não é assim que a senhora pensa? Sustento há dois meses esta cadela; há dois meses que me bebe o sangue e me come a carne! Cachorra! Sanguessuga! Serpente! Diabo do inferno... Está vendo?! Fica ali... e não diz uma palavra. Calada! Pode apanhar, apanhar... e calada! Fico desesperada, e esta peste não fala. Em que pensas, miserável?! Aborto indecente! Sem mim rebentavas de fome na rua...

— Porque se zanga, Ana Trifonovna? Que lhe fez ela?

— Que me fez, boa mulher? Que me fez?! Não quero que me desobedeça. Faça torto, mas faça como eu quero. Sou assim... Hoje mandei este diabo fazer umas compras e a excomungada leva três horas na rua! Onde teria ido ela? Que protetores arranjou? E eu a fazer bem a esta desgraçada... A pagã da mãe devia-me catorze *rublos;* pois perdoei-lhe a dívida e fiz-lhe o enterro à minha custa. Ainda tomei conta deste traste, como sabe, não é, boa mulher? Sabe... Depois disto não tenho direitos sobre ela? Se ao menos fosse reconhecida... mas não! Faz tudo para me contrariar. Só quero a felicidade dela. Dei-lhe vestidos de musselina, comprei-lhe umas botas, parecia uma boneca! Que é que a senhora pensa que fez? Em dois dias rasgou a roupa toda, em pedacinhos... em trapos! Olhe como anda! E rasgou tudo de propósito, juro-o por Deus! Eu fique cega se não fez isto. Não queria o vestido de musselina, mas sim de chita. Ah, então desafoguei o meu coração. Dei-lhe uma tunda… Depois foi preciso chamar o médico. Tive ainda de pagar... Pois sabe qual foi o *único*

castigo que dei a esta fera? Cortar-lhe o leite por uma semana. Ah, e mandei-a lavar o soalho. E lavou-o! Ah, isso lavou... Logo calculei: agora foge de casa. Dito e feito! Bem ouviu, boa mulher; ontem dei-lhe aquela tunda por causa disso. Fiquei com as mãos inchadas. Depois tirei-lhe os sapatos e as meias para não sair. Pois bem, esta desgraçada saiu assim mesmo! Onde foste, assassina? A casa de quem? Fala, urtiga brava! A quem te foste lamentar? Fala! — E cheia de raiva lançou-se sobre a pobre pequena aterrorizada; agarrou-a pelos cabelos e atirou-a ao chão.

Com a queda, a panela partiu-se, espalhando-se o conteúdo. Isto mais aumentou o furor da megera. Pôs-se a bater no rosto e na cabeça da sua vítima. Elena não deixou escapar um grito, uma queixa.

Entrei no pátio e, indignado, avancei para a mulher, ébria de cólera e de álcool.

— Que está fazendo? Com que direito maltrata assim uma pobre órfã? — exclamei, agarrando-a por um braço.

— Que é isto?! Quem és tu? — perguntou ela, largando a vítima e colocando-se diante de mim, com as mãos nas ancas. — Que fazes em minha casa?

— Não tem piedade? — perguntei. — Com que direito atormenta essa pobre criança? Uma pobre órfã que nem ao menos é filha adotiva?

— Meu bom Jesus! Quem é este desgraçado que se vem meter na vida dos outros? Vieste com ela, não foi? Espera! Vou chamar o comissário! É a tua casa que ela vai, não é? E depois vens fazer barulho para a casa dos outros! Socorro! Socorro!

Avançou para mim de mão levantada quando um grito agudo, nada tendo de humano, se ouviu. Voltei-me. Elena jazia por terra, desmaiada, e debatia-se em horríveis convulsões. Tinha o rosto transtornado, as faces contraídas: era um ataque epilético. Duas mulheres correram para ela e levaram-na.

— Quem dera que morra, essa maldita! — berrou a megera. — É o terceiro ataque num mês! Vá embora, seu coiso!

E depois, voltando-se para o porteiro:

— Que fazes aí, pasmado? Para que serve um porteiro assim? Para que te pagarei eu?

— Vá embora, vá embora. É melhor — disse-me ele. — Não se meta onde não é chamado.

Nada mais tinha a fazer. Afastei-me, convencido da inutilidade da minha intervenção. Ia trémulo de indignação. Na rua, porém, parei um momento, olhando pela porta. A mulher gorda entrou para o seu quarto e o porteiro, acabado o serviço, saiu também.

Pouco depois umas das mulheres que o ajudara a levar a Elena passou pelo pátio, dirigindo-se para o seu compartimento. Viu-me, parou e olhou-me com ar intrigado. Como o seu semblante revelasse doçura e bondade, encorajei-me. Entrei de novo e aproximei-me dela.

— Permita-me uma pergunta: quem são essa pequena e essa cruel mulher? Não é uma simples curiosidade da minha parte; encontrei essa pobre criança e há uma circunstância que me leva a interessar-me bastante por ela.

— Se o senhor se interessa por ela, faria melhor levando-a para sua casa ou colocando-a noutro qualquer lugar, pois de contrário perde-se aqui — disse-me ela.

Pareceu-me ter medo de falar e queria afastar-se de mim.

— Mas se não me der outras explicações, que quer que eu faça? Nada sei dessa desprezível mulher, já lhe disse. É com certeza a Boubnov, a proprietária da casa?

— Sim, é ela.

— E como se encontra a pequena em casa desta maluca? A mãe morreu aqui?

— Parece que sim! Mas nada temos com isso.

E fez de novo menção de se ir.

— Peço-lhe que me atenda! Já lhe disse que isto me interessa bastante. Talvez possa fazer qualquer coisa... Quem é esta pequena? Quem era a mãe?

— Era uma estrangeira. Morava na nossa casa, em baixo. Ocupava apenas um canto da loja. Estava doente e morreu anémica.

— Era então muito pobre!

— Coitada! Fazia dó! Vivemos com bastante dificuldade e apesar disso ficou-nos a dever seis *rublos* durante os cinco meses que viveu connosco. Enterrámo-la e meu marido fez as despesas.

— Mas a Boubnov disse que foi ela quem pagou o enterro.

— Mentira!

— Como se chamava?

— Tinha um nome complicado, alemão, sem dúvida. Não sei pronunciá-lo.

— Seria Smith?

— Não, não era assim. Ana Trifonovna tomou conta da criança para a educar, segundo diz... Mas não é bem isso...

— Tem talvez um outro fito qualquer?

— Faz coisas repugnantes — respondeu-me com alguma hesitação. — Não sei se devo dizer isto. Não nos diz respeito e nada temos que ver com essas coisas.

— E farias melhor se prendesses a língua! — disse uma voz grossa, que ressoou atrás de nós.

Voltei-me e vi um homem idoso, vestido com um roupão. Era o marido da minha interlocutora.

— Eh, meu caro senhor! Que deseja de nós? Nada disto é da nossa conta — disse ele, olhando-me de soslaio. — E tu, vai para dentro! Um criado para o servir, meu caro senhor. Somos fabricantes de caixões. Se tiver necessidade de qualquer coisa no género, com todo o prazer. À parte isso, nada temos a ver com os outros.

Afastei-me pensativo e tomado de uma violenta agitação. Nada podia fazer e, no entanto, era-me penoso deixar esta história continuar da mesma maneira. Algumas palavras da esposa do fabricante de caixões impressionaram-me deveras. Havia, sem dúvida, qualquer vilania nesta história.

Caminhava de cabeça baixa, mergulhado nas minhas reflexões, quando ouvi o meu nome pronunciado por uma voz espevitada. Levantei os olhos e vi na minha frente um homem embriagado, cambaleante, mas decentemente vestido, com exceção do velho capote e do gorro esburacado que trazia na cabeça. Aquele rosto não me era estranho. Pus-me a examiná-lo, enquanto ele, por sua vez, me olhava, apertando os olhos com um sorriso irónico.

— Não me reconheces?

Capítulo 5

— Oh, és tu, Masloboiev? — exclamei eu, reconhecendo de repente um antigo camarada do colégio. — Que inesperado encontro!

— Sim, um singular encontro! Vimo-nos há seis anos, quero dizer, encontrámo-nos, mas Vossa Excelência não me quis honrar com um simples olhar. Somos, atualmente, general… na literatura, entenda-se.

E olhava-me com um sorriso zombeteiro.

— Quanto a isso, meu caro Masloboiev, é engano teu. Primeiro, os generais, mesmo os da literatura, são feitos de maneira diversa da minha; depois, permito-me dizer-te que me lembro com efeito de te ter encontrado, mas fizeste de conta que não me vias.

— Tens a certeza? E não tens então receio de te comprometer? Estou um pouco... Mas deixemos isso de lado! Sabes, Ivan? Foste sempre um bom diabo! Lembras-te quando te dei uma palmatoada? Não me denunciaste e entretanto eu, em sinal de reconhecimento, trocei de ti toda a semana. Alma cândida! Abracemo-nos! — E abraçámo-nos. — Trabalho e sofro há muitos anos, aceitando os dias conforme eles vêm, mas não esqueci o tempo antigo. Isso nunca se esquece! E tu, o que fazes?

— Eu? Trabalho, também.

Olhou-me com a ternura do homem enfraquecido pelo vinho. Era, de facto, um excelente rapaz.

— Não, Ivan! Não és como eu! — exclamou de repente num tom trágico. — Sabes, Ivan? Li, li muito... Vejamos, sem cerimónia; estás com pressa?

— Sim, estou, e além disso muitíssimo preocupado com uma questão. Diz-me onde moras... será melhor.

— Dir-te-ei. O melhor será aquilo.

E indicou-me uma tabuleta a dez passos do lugar onde estávamos.

— «Bar-restaurante» — continuou. — É uma simples hospedaria, mas quando é preciso um recanto sossegado e isolado, e aguardente, meu caro, nem falemos! Vem diretamente de Kiev, a pé. Bebo-a, bebo-a muito, conheço-a. De resto ninguém ousaria dar-me qualquer coisa. Conhecem

Filipe Filipovitch? Sou eu. Faço caretas! São onze e um quarto... Pois bem... às onze e trinta e cinco dar-te-ei a minha bênção. Teremos tempo de tocar os copos. Vinte minutos junto do teu velho amigo... Hem?

— Vá lá, por vinte minutos... Juro-te que estou muito atarefado.

— Mas se aceitas é quanto basta! Apenas uma palavra antes de entrarmos: estás com a fisionomia abatida e tens o aspeto de quem está vexado.

— Acertaste.

— Vês como adivinhei? Fiz-me fisionomista. É uma ocupação como outra qualquer. Entremos e conversemos. Em vinte minutos terei tempo de beber. Filtrarei um copinho de aguardente de tonel, um segundo de cerveja, um outro de cidra, em seguida um de limão e depois inventarei qualquer coisa mais. Bebo em seco, meu velho! Fico em jejum nos dias de festa, antes da missa. Quanto a ti, se não quiseres beber, não bebas; apenas quero e estimo a tua companhia. Mas se beberes, serás magnânimo. Vem. Palraremos um pouco e depois despedir-nos-emos de novo por uma dezena de anos, pois bem vês, amigo Ivan, não sou igual a ti.

— Está bem, não digas tolices e despachemo-nos. Concedi-te vinte minutos, após os quais me vou.

Subindo a escada de madeira que conduzia ao primeiro andar, esbarrámos com dois indivíduos completamente embriagados. Quando nos viram, desviaram-se, cambaleando.

Um deles era um rapazola imberbe, com uma leve sombra de bigode apenas. O rosto exprimia a estupidez elevada ao mais alto grau. Estava vestido com esmero, porém de uma maneira um pouco ridícula: as roupas davam a impressão de não lhe pertencerem. Tinha anéis nos dedos e um alfinete na gravata. Os cabelos, penteados sem capricho, levantavam-se, formando popa. Sorria ou ria sem cessar. O seu companheiro, um homem de cinquenta anos, mais ou menos, gordo, barrigudo, vestido com negligência e usando também um alfinete de gravata, era calvo. O rosto era magro, bexigoso, de autêntico bêbado; o nariz, em forma de borbulha, era encimado por uns óculos. O rosto exprimia a astúcia e a sensualidade, e os olhos, maus e ladinos, eram untuosos e tinham o aspeto de olharem através de uma fenda. Ambos conheciam Masloboiev, porque o barrigudo fez uma careta de desagrado, rápida como um relâmpago, e o sorriso do mais jovem tornou-se dulcíssimo e servil. Chegou mesmo a tirar o gorro.

— Desculpe-me, Filipe Filipovitch — balbuciou ele, olhando enternecidamente para o meu companheiro.

— De quê?

— Disto que...

E deu umas pancadinhas no pescoço, à altura da garganta, para significar que bebera demais.

— Mitrochka está lá também. Está provado ser um velhaco.

— Que novidade!

— De facto... Mas — e o rapaz indicou o companheiro —, na semana passada, num recanto escuro, graças a Mitrochka, esfregaram-lhe a cara... Hi! hi! hi!...

O companheiro deu-lhe uma cotovelada, aborrecido.

— Se quisesse, Filipe, esvaziaríamos umas garrafas. Eu podia esperar?

— Não, meu velho! Agora é impossível — respondeu Masloboiev. — Não estou livre.

— Hi! hi! hi! Eu também! Tenho um negócio mesmo consigo...

O companheiro deu-lhe outra cotovelada.

— Veremos isso mais tarde.

Entrámos para a primeira sala, onde um balcão muito limpo ia de um extremo ao outro, coberto de acepipes, de pastéis, de assados e de garrafas cheias dos mais variados licores.

Masloboiev arrastou-me para um canto.

— O rapaz — disse-me ele — é Sisobrioukhov, filho de um negociante de farinha muito conhecido. O pai deixou-lhe quinhentos mil *rublos* e agora dá banquetes. Esteve em Paris, onde esbanjou muitíssimo dinheiro e talvez mesmo tenha gasto tudo. Depois herdou de um tio e está, parece-me, comendo os restos. Mais um ano e estará sem nada. Estúpido como uma ostra, corre as hospedarias e as tabernas, visita as atrizes e quer entrar para os hussardos. O outro mais velho, Archipov, é também uma espécie de negociante ou intendente. Meteu-se em especulações com aguardente e faliu duas vezes. É um velhaco, um trampolineiro. Acompanha agora muito com o Sisobrioukhov. Judas e Falstaf ao mesmo tempo, A sensualidade asquerosa desta criatura tem muitas vezes certos caprichos... Conheço dele um negócio criminoso. Soube porém desenvencilhar-se. Até certo ponto não estou aborrecido de o ter visto aqui, pois esperava isto... Anda despojando o Sisobrioukhov; conhece todos os recantos e isso torna-o precioso para rapazes do género deste. Tenho umas velhas contas a

ajustar com ele. Mitrochka, aquele bonito rapaz, vestido à moda russa e cara de boémio, sentado lá em baixo, perto da janela, tem também uma questão com ele. Este Mitrochka negoceia em cavalos e conhece todos os hussardos da capital. É um gatuno, mas um gatuno como há poucos. Com uma casaca de veludo, parece um eslavo. Pois bem! Enfia-lhe um fraque, prepara-o, leva-o ao clube inglês, fá-lo passar por um conde Tambourinov qualquer e verás! Jogará a sua partida de *bridge,* conversará como um grão-senhor e atrapalhará todos os ouvintes. Embrulhá-los-á a todos. Um dia há de acabar mal. Ia, porém, dizendo que Mitrochka tem uma terrível contenda com o barrigudo. Irrita-se com facilidade e o barrigudo subtraiu-lhe Sisobrioukhov, antes de o ter depenado. Se se encontraram há pouco, deve ter havido qualquer coisa. Sei mesmo, segundo me disse Mitrochka, que o Archipov e o Sisobrioukhov deviam vir aqui, pois andam por estas redondezas para qualquer vilania. Aproveito-me de tudo isto, por certos motivos, meus só... Não há necessidade de Mitrochka o saber… Não lhe diz respeito... Quando sairmos, virá ele próprio dizer-me o que preciso saber. E agora, anda daí! Entremos neste gabinete. Stepam! Stepam! — exclamou para o copeiro. — Já conheces os meus gostos, hem?

— Perfeitamente, senhor!

— Muito bem! Vais então servir-nos!

— Imediatamente, senhor!

— Senta-te, Ivan! Porque me olhas assim? Estás surpreendido por me encontrares desta forma? Não te admires. Há na vida coisas nas quais nunca se pensou, nem mesmo em sonhos, e sobretudo nessa época passada. Sim, nessa época em que vivemos a decorar o Cornelius Nepotes. Olha!... Sabes, Ivan? Acredita nisto: o Masloboiev pode ter saído do nada, mas o seu coração continuou o mesmo; apenas as circunstâncias mudaram e pelo facto de ter as mãos negras não vale menos do que qualquer outro. Comecei a estudar medicina, depois quis ser professor de línguas, ensinar a literatura da minha Pátria e cheguei a escrever um artigo sobre Gogol. Pensei também em me fazer lavador de ouro. Estive a ponto de me casar... *Ela* estava de acordo, embora reinasse na casa uma abundância deplorável. Preparava-me para a cerimónia e entabulava negociações para comprar umas botas, visto as minhas estarem esburacadas, pois tinha-as já há ano e meio, e... não me casei. Desposou um precetor e eu empreguei-me numa agência. Mais tarde as coisas mudaram. Os anos passaram e embora não tenha emprego fixo, ganho sem me fatigar muito. Deixo que me untem as

mãos e defendo a boa causa. Bravo contra os cordeiros e cordeiro contra os bravos, eis a minha divisa. Sei que não se faz uma fritada sem quebrar os ovos e... Os meus negócios caminham... Trabalho no género confidencial, secreto... entendes?

— Mas não és espião da polícia?

— Não! Não sou um sabujo da polícia. Ocupo-me de negócios, parte oficialmente, parte por minha conta. Vês, Ivan? Bebo! E como nunca me aconteceu perder por completo a razão com a aguardente, sei o que me espera. É garantido; a lavar um negro perde-se sabão. O que é certo contudo é que não te abordaria hoje se não sentisse o *homem* em mim mesmo. Não valho quanto tu vales, e disseste a verdade, Ivan! Se hoje o fiz foi porque estava embriagado. Mas basta de falar de mim. Falemos antes de ti. Ora bem, meu caro, li o teu livro. Li-o, li-o do princípio ao fim... Falo do primeiro. E após tê-lo lido, sabes, quase me tornei um homem às direitas... Estava a isso resolvido; refleti porém, e resolvi continuar o que sou. E assim...

Continuou a falar ainda por muito tempo, enternecendo-se cada vez mais à medida que se ia embriagando. Quase chegou às lágrimas. Fora sempre um excelente rapaz, mas fino e desembaraçado demais para a idade. Astucioso, sabendo intrigar, insinuante, tornara-se desde os bancos da escola um homem de coração e por consequência um homem perdido. Há muita gente assim entre os russos. Homens de grande capacidade, na maioria das vezes: todavia embrulham-se e como são, por outro lado, fracos e podem caminhar, conscientemente e por prazer, contra a sua consciência, não só se perdem, como o fazem sempre com boa intenção. A fraqueza de Masloboiev era gostar do vinho.

— Agora, meu amigo, ainda uma palavra — continuou ele. — A princípio ouvi elogiar bastante a tua obra e li mesmo diferentes críticas... Não penses que não leio. Depois disso encontrei-te com as botas rotas, patinhando na lama e com um chapéu esburacado. Fiz diversas conjeturas. Trabalhas agora como jornalista?

— Trabalho.

— Quer dizer, transformaste-te em cavalo de fiacre?

— Sim, ou coisa parecida.

— Pois bem! Antes isso, meu amigo... prefiro antes beber! Embriago-me, estendo-me no meu sofá (tenho um excelente!) e imagino-me Homero, Dante ou Frederico Barba-roxa, pois tenho o direito de imaginar

tudo quanto quero. Tu, porém, não podes pensar que és Dante ou Barbaroxa, primeiro porque queres ser *tu mesmo* e, segundo, porque toda a tua vontade te é interditada, visto seres cavalo de fiacre. Eu tenho a imaginação; tu tens a realidade. Escuta... mas com franqueza, como entre irmãos, pois de contrário ficaria mortificado por muito tempo. Não precisas de dinheiro? Tenho muito. Não faças caretas. Aceita! Saldarás as tuas contas com os teus editores, arrojarás para longe a canga e ficarás livre de cuidados durante um ano. Poderás então desenvolver uma ideia qualquer e escrever uma grande obra. Hem? Que dizes a isto?

— Obrigado, Masloboiev! Agradeço reconhecido o teu oferecimento fraternal. Irei ver-te e voltaremos a falar nesse assunto. Visto, porém, seres franco comigo, quero pedir-te um conselho, tanto mais que desejo instruir-me em negócios desta natureza.

Contei-lhe a história de Smith e da neta, tendo começado pela confeitaria. Enquanto falava, deu-me a impressão, pela expressão dos olhos, que não lhe era estranha esta história. Interroguei-o a tal respeito.

— Não, não é isso! — respondeu-me. — Ouvi de facto falar um pouco nesse Smith e sabia ter morrido um velhote na confeitaria. Quanto à senhora Boubnov, sei efetivamente qualquer coisa a seu respeito. Obriguei-a a abrir os cordões da bolsa, há uns dois meses... *Busco o meu benefício onde o encontro,* é a única semelhança que tenho com Molière. Foi forçada a desembolsar. E prometi a mim mesmo que para a próxima vez não serão cem *rublos,* mas sim quinhentos. É uma exploradora, entregando-se à prática de atos repelentes, e algumas vezes vai longe demais nas suas vilanias. Não me julgues um D. Quixote. No entanto aproveito quanto posso e fiquei encantado há pouco por ter encontrado o Sisobrioukhov. É evidente que foi o barrigudo quem o trouxe para aqui, e como conheço a indústria à qual de preferência se dedica, concluí... Mas hei de apanhá-lo... Estou satisfeito por me teres falado nessa pequena, porque encontrei uma nova pista. Encarrego-me, meu caro, de toda a espécie de comissões e se soubesses com que gente mantenho relações! Ultimamente tive um pequeno negócio para um príncipe, e um negócio como nunca se esperaria de uma tal personagem. Se gostas, contar-te-ei a história de uma mulher casada. Vem ver-me de quando em quando, meu caro! Reservo-te assuntos magníficos! Nem fazes ideia!

— Como se chama esse príncipe? — perguntei eu com um certo pressentimento.

— Que te importa isso? Mas vá lá, para te ser agradável. Chama-se Valkovsky.

— Pedro?

— Sim. Conhece-lo?

— Um pouco. Por estes dias talvez tenha de te falar desse cavalheiro — disse eu, levantando-me. — Estou interessado em te ouvir.

— Sabes, meu caro? Podes pedir o que quiseres. Conheço a arte de contar histórias e sei muito bem até onde posso ir. Compreendes-me, não? Se procedesse de outra forma, perderia o crédito e a honra… em negócios, bem entendido.

— Muito bem! Dir-me-ás apenas aquilo que a tua honra permitir e nada mais.

Estava muito agitado e ele notou-o.

— E que dizes da minha história? — acrescentei. — Concluis alguma coisa?

— Da tua história? Espera-me dois minutos... Vou pagar a conta.

Aproximou-se do balcão e postou-se, de repente, como por acaso, ao lado do rapaz vestido à moda russa. Conhecia-o talvez melhor do que fazia supor e era evidente que não se viam pela primeira vez. Mitrochka era um rapaz bastante original: vestia casaco de veludo, sob o qual se via uma blusa de seda encarnada. Os seus traços rudes, mas belos, o rosto juvenil, a pele trigueira e os olhos brilhantes de ousadia, tudo isto atraía a curiosidade e inspirava uma certa simpatia.

Os gestos eram afetados; procurava dar-se ares de atarefado, grave e severo.

— Ivan — disse Masloboiev voltando para junto de mim — vem ver-me esta noite às sete horas. Talvez te possa dizer então qualquer coisa. Sozinho, sabes? Nada posso... Outrora era diferente. Hoje não passo de um ébrio e renunciei aos negócios. Conservei, porém, as relações e posso, aqui ou ali, conseguir algumas informações, farejar à direita e à esquerda, junto de pessoas de espírito subtil. Trabalho assim. Durante os meus momentos de lazer, isto é, quando não estou bêbado, ocupo-me também um pouco de mim, mas sempre por intermédio dos meus conhecimentos. Sobretudo em pesquisas... Mas basta! Aqui está o meu endereço. Começo a tontear. Vou esvaziar ainda um cálice de licor e recolher-me. Vou dormir um pouco. Quando chegares, apresento-te à Alexandra Simonovna e, se tivermos tempo, falaremos alguma coisa de poesia.

— E falaremos também do meu assunto?
— Talvez bastante.
— Seja! Farei por não faltar.

Capítulo 6

Ana esperava-me havia muito; o bilhete da Natascha intrigara-a e pensava ver-me logo pela manhã ou, o mais tardar, às dez horas. Quando cheguei, às catorze, a impaciência da boa velhinha estava transformada em angústia. Afora isto, ansiava comunicar-me um novo projeto e falar-me do marido que, embora estivesse doente e de mau humor, era de uma ternura excecional. Recebeu-me friamente e com uma indiferença afetada. Parecia querer dizer: «Porque só agora vieste? Que prazer encontras em passear, assim, todos os dias?» Eu, porém, tinha pressa, e contei-lhe, sem mais preâmbulos, a cena da véspera. Quando lhe descrevi a visita do príncipe e a sua proposta feita tão solenemente, o seu fingido mau humor deu lugar a uma indescritível alegria; parecia ter perdido a cabeça, persignava-se, chorava, ajoelhava-se e prostrava-se diante do oratório, saltava-me ao pescoço, beijava-me e queria correr a comunicar ao marido a sua alegria.

— Foram as humilhações e as ofensas que o puseram assim! — exclamou ela. — Quando souber que a Natascha recebeu ampla satisfação, tudo será esquecido.

Custou-me a fazê-la mudar de opinião. Conhecia mal o marido, mau grado os seus vinte e cinco anos de casada. Queria ir também a casa da Natascha; fiz-lhe ver que Nicolai não gostaria disso e talvez mesmo uma tal atitude prejudicasse a questão. Convenceu-se por fim, mas reteve-me inutilmente durante meia hora, repetindo sempre a mesma coisa: «Como vou ficar agora fechada com a minha alegria entre quatro paredes?» E só se decidiu a deixar-me partir quando soube que Natascha me esperava.

Despediu-se de mim fazendo muitas vezes o sinal da cruz sobre a fronte e encarregou-me de levar as suas bênçãos para a filha. Quase chorou quando recusei categoricamente voltar à noite, a não ser que sobreviessem complicações inesperadas. Não vi o marido. Como não pregara olho durante toda a noite, queixando-se de uma violenta dor de cabeça e de calafrios, dormia naquela altura no seu gabinete.

Natascha esperava-me também desde pela manhã; passeava no quarto, de braços cruzados e mergulhada nas suas reflexões.

Sem interromper o passeio, perguntou-me com doçura porque chegava tão tarde; contei-lhe rapidamente os acontecimentos do dia. Estava no entanto tão preocupada que não me ouviu.

— O que há de novo? — perguntei-lhe.

— Nada — respondeu ela.

O seu aspeto porém fez-me logo compreender que havia qualquer coisa. Não mo queria todavia contar e apenas mo diria, segundo o seu hábito, no momento da despedida. Conhecia este manejo, prestava-me mesmo a esperar a devida ocasião.

Falámos sobre os acontecimentos da véspera. Estávamos de acordo sobre a impressão produzida pelo próprio príncipe; desagradava-nos cada vez mais. Enquanto recordávamos todos os detalhes da visita, Natascha anotou:

— Quando alguém desagrada à primeira vista, é sinal, quase sempre, segundo tenho observado, de se tornar simpático depois.

— Deus queira que assim seja! E o importante, depois de tudo analisado e considerado, é o príncipe, embora pareça talvez ter fingido, consentir no casamento.

Natascha estacou no meio do aposento e fitou-me com um olhar severo. A fisionomia estava alterada e os lábios tremiam-lhe.

— Teria podido enganar e mentir num assunto tão sério? — perguntou ela com um misto de altivez e de perplexidade.

— É justamente o que pergunto a mim mesmo.

— Não posso admitir que tenha mentido. Não tens a mínima razão para isso, o que seria eu aos seus olhos, se se permitisse zombar de mim até esse ponto? Um homem não faz semelhante afronta!

— Pois não. Sem dúvida! — retorqui.

E comigo mesmo, pensei: «Não pensas noutra coisa, minha pobre amiga, passeando no quarto, e talvez tenhas mesmo mais dúvidas do que eu».

— Oh, como desejo vê-lo voltar depressa! — exclamou ela. — Queria passar uma noite inteira comigo... É preciso ser um negócio muito importante para abandonar tudo assim e partir. Não sabes o que seja!

— Juro-te que não! Talvez questões de dinheiro. Fala-se numa empresa da qual ele faz parte. Nada entendemos de negócios, Natascha.

— Absolutamente nada. Alyosha falou-me de uma carta recebida ontem pelo pai.

— Alyosha veio, então?

— Sim, veio... ao meio-dia. Levantou-se tarde. Esteve apenas um instante. Mandei-o depois a casa de Catarina. Não podia deixar de lá ir...

— O quê? Não tinha a intenção de lá ir?

— Sim, estava disposto…

Não acabou. O rosto estava triste. Bem desejava interrogá-la, mas tinha momentos em que não gostava que se lhe fizessem perguntas.

— Que estranho rapaz! — disse por fim, mordiscando os lábios e evitando o meu olhar.

— Zangastes-vos?

— Não... Estava até muito gentil. Apenas…

— Ei-lo no fim de todos os aborrecimentos e de todos os cuidados! — acrescentei.

Olhou-me fixamente. Talvez pensasse em dizer que os aborrecimentos e os cuidados de Alyosha nunca tinham sido muito sérios; porém acreditou achar talvez a mesma ideia nas minhas palavras e pôs-se a resmungar.

Todavia não tardou a tornar-se de uma amabilidade inacostumada. Passei mais de uma hora na sua companhia. Estava muito inquieta. O príncipe causara-lhe medo. Desejava saber a impressão que lhe causara, se tomara a atitude mais conveniente, se não dera uma liberdade demasiada à sua alegria, se fora muito indulgente ou muito suscetível. Não teria zombado dela? Não sentiria apenas desprezo? Todas estas perguntas punham-na numa violenta agitação.

— Porque te preocupas assim com a impressão que um homem nada agradável tenha de ti? Que pense o que quiser!

— E porque queres que ele seja desagradável?

Estava desconfiada, mas nessa alma de eleição a desconfiança nascia de uma fonte ingénua. O seu orgulho não podia ouvir que Alyosha, aquele que ela venerava acima de tudo, fosse ridicularizado. Responderia apenas com o desprezo ao desprezo de qualquer atrevido; mas, apesar disso, o coração sofreria ao ouvir alguém zombar do seu amado, fosse quem fosse o autor da zombaria. Isto provinha da falta de conhecimento do mundo, das poucas relações com a sociedade e porque vivera toda a vida encerrada no seu canto, sem nunca sair.

Possuía em alto grau uma qualidade, apanágio dos corações bem formados e herdada talvez de seu pai: elogiar excessivamente as pessoas, exagerar as suas qualidades e supô-las melhores do que são de facto.

Levantei-me para sair. Natascha pareceu surpreendida e vi-a a ponto de chorar, embora me tivesse demonstrado uma maior frieza do que era habitual. Abraçou-me com efusão e fitou-me por momentos.

— Alyosha estava hoje muito alegre, demasiadamente gentil e tinha um aspeto satisfeito; saltitava como uma borboleta... Passou o tempo todo a ver-se ao espelho. Portou-se um tanto sem modos e não esteve quieto durante muito tempo... Imagina que trouxe bombons.

— Bombons! É delicado e ingénuo. Oh, como sois alegres e excêntricos! Observais-vos, espionais-vos, procurais ler os pensamentos um do outro e não vos compreendeis! Ele, ainda vá... É alegre como noutros tempos. Mas tu!

Todas as vezes que se queixava de Alyosha ou queria apresentar-me algum problema sério, ou confiar-me algum segredo que eu tinha de compreender por meias palavras, olhava-me, mostrando-me os seus pequeninos dentes e esperava uma resposta. Esta devia logo aliviar-lhe o coração. Nessas ocasiões falava sempre num tom decidido e severo, como se repreendesse alguém. Fazia porém isso, sem pensar em tal. A minha severidade vinha sempre a propósito e tinha por isso uma força maior. Os homens, muitas vezes, sentem um desejo irresistível de serem censurados. Natascha ficava em geral consolada e aliviada depois de uma cena deste género.

— Vês, Ivan? — recomeçou ela, pousando a mão no meu ombro, enquanto com um olhar carinhoso parecia querer dispor-me a seu favor. — Parece-me pouco compenetrado, dá-se ares de *marido*... Dava a impressão de querer representar o papel de homem casado há seis anos e ainda amável. Ria, brincava, levantava-se, sentava-se. Tinha pressa em ir a casa de Catarina. Não ouvia o que eu lhe dizia e falava de coisas diferentes... Sabes? É o péssimo hábito da alta sociedade. Precisamos corrigi-lo disso. Em resumo, estava tão... como dizer?... tão indiferente... Mas como exagero! Ah, somos bem exigentes... Que déspotas representamos... Só agora me apercebo disso. Não perdoamos uma simples mudança de fisionomia e só Deus sabe donde ela provém na maioria das vezes... Tinhas muita razão em me censurar. O erro era meu. Criamos desgostos a nós próprias e queixamo-nos depois. Obrigada, Ivan, reconfortaste-me. Ah, se ele pudesse vir hoje... Mas qual! Naturalmente zangou-se, talvez pelo mesmo motivo de pela manhã.

— Como?! Vocês já se zangaram hoje? — exclamei eu, surpreendido,

— Já... Apenas eu fiquei um pouco triste, pois ele estava deveras alegre. A princípio tornou-se mesmo sonhador... Pareceu-me despedir-se de mim friamente... Mas mandarei procurá-lo. Podias vir também.

— Se for possível, virei.

— Porque não vens?

— Um negócio a resolver. Farei os possíveis por vir.

Capítulo 7

Às sete horas em ponto estava em casa de Masloboiev. Este habitava um compartimento com três divisões muito exíguas, mas bem mobiladas. Reinava ali um certo luxo e a mais completa ausência de economia.

Uma moça, tendo dezanove ou vinte anos, abriu-me a porta; era bonita, com uns olhos exprimindo bondade e alegria. O vestido era simples, mas decente e gracioso. Adivinhei logo ser a tal Alexandra Simonovna de que me falara. Quando disse quem era, informou-me que Masloboiev dormia ainda, mas estava à minha espera. Levou-me para junto dele. Este, deitado sobre um magnífico sofá, estava coberto com um imundo capote. A cabeça repousava sobre uma almofada de couro liso. De sono muito leve, acordou logo à minha entrada.

— Olá! — exclamou. — Acabo de te ver em sonhos. É sinal de que não temos tempo a perder. A caminho!

— Onde vamos?

— A casa de uma senhora.

— A casa de uma senhora? Porquê?

— A casa da senhora Boubnov. É uma bonita mulher — prosseguiu, dirigindo-se a Alexandra.

E fez um gesto, como se mandasse com os dedos um beijo à lembrança da Boubnov.

— Ei-lo animado! Sempre as suas eternas invenções! — disse Alexandra, julgando-se na obrigação de se zangar um pouco.

— Não vos conheceis? Alexandra, apresento-te um dos generais da literatura. Veem-se gratuitamente, a estes generais, apenas uma vez por ano; o resto do tempo... só pagando.

— Agora quer-me enganar. Não lhe dê ouvidos, peço-lhe. Não faz outra coisa senão zombar de mim. Em que generais falas?

— Sim, são generais, mas de uma categoria à parte. E Sua Excelência não te toma por uma tola... Tens mais espírito do que parece.

— Não lhe dê ouvidos! Zomba sempre de mim na presença de pessoas distintas, este sem vergonha!... Era bem melhor se me levasses ao menos

uma vez ao teatro.

— Alexandra, ama os teus... Já esqueceste o que deves amar?! Esqueceste essa pequenina palavra que te ensinei?

— Não, não a esqueci... É um absurdo qualquer!

— Muito bem. Então qual é essa palavrinha?

— Quer obrigar-me a corar na presença de estranhos. Refere-se talvez a qualquer coisa horrível. A minha língua seque, porém, antes de a pronunciar.

— Isso quer dizer que já a esqueceste.

— Talvez... Não! Não a esqueci... É «penates». *Ama os teus penates!* Que ideias ele tem. Naturalmente nunca houve penates. Porque hei de ser forçada a amá-los? Mente a mais não poder!

— Agora... vamos a casa da senhora Boubnov!

— Vai para o diabo mais a tua Boubnov!

E Alexandra, indignada, saiu.

— Está na hora. Vamos! Alexandra, até à vista,

Saímos.

— Primeiro, tomemos este carro... É assim mesmo!... Depois de nos separarmos colhi algumas informações. Nada de conjeturas, mas sim factos concretos. Esse barrigudo é um temível canalha, um ser vil, asqueroso, cheio de manias e de gostos infames, e a Boubnov é conhecida há muito tempo por certas manobras do mesmo género. Quase foi presa ultimamente a propósito de uma pequena pertencente a uma família honesta. Já antes essa megera me inquietou por certos factos chegados ao meu conhecimento. Há pouco tive, por acaso, algumas informações que me parecem seguras. Que idade tem a pequena?

— Pode ter treze anos, a julgar pelo rosto.

— E talvez menos, a julgar pelo talhe. Procede sempre assim. Segundo a necessidade, diz onze ou quinze. E como a pobre criança não tem família e não se pode defender, ela...

— Será possível?

— Pois que pensavas? Supunhas ter tomado conta da órfã por simples comiseração? E se o barrigudo anda por lá, é coisa certa! Viram-se esta manhã e prometeram a esse estúpido do Sisobrioukhov a esposa de um funcionário que trabalha no estado-maior, como coronel... Os filhos dos negociantes de fancaria fazem questão de hierarquia. É como na gramática latina: a significação reside na terminação. Por Deus... Creio estar ainda

bêbado! Mas é indiferente! Ah, senhora Boubnov, hei de ensinar-te como se fazem coisas semelhantes... Quer iludir a polícia. A mim, porém, receia-me. Temos uma questão a regularizar... compreendes?

Estava preocupado e tinha apenas um receio: o de chegar tarde demais. Ordenei ao cocheiro para acelerar o passo.

— Está tranquilo porque as providências estão tomadas. Mitrockha está lá: Sisobrioukhov pagará com dinheiro e o barrigudo, esse canalha, com pancada. Decidimos isso há pouco. Quanto à Boubnov... é comigo! Eu lhe ensinarei...

Parámos na hospedaria. Mitrockha não estava. Depois de ordenarmos ao cocheiro para nos esperar, dirigimo-nos para a casa da Boubnov. Mitrockha estava postado perto da porta dos carros. Uma luz intensa iluminava as janelas e ouvia-se o riso avinhado de Sisobrioukhov.

— Estão lá há um quarto de hora — disse Mitrochka. — É agora o melhor momento.

— Como entraremos?

— Enquanto visitas — replicou Masloboiev. — Conhece-me e ao Mitrochka também. Está tudo fechado, mas não para nós.

Bateu ao de leve. A porta da cocheira abriu-se logo. O criado trocou um olhar de inteligência com Mitrochka e deixou-nos passar. Conduziu-nos sem ruído até uma pequena escada, bateu a uma porta, dizendo, ao mesmo tempo, estar sozinho. Abriram e entrámos todos juntos, enquanto ele desapareceu.

— Olá! Quem são vocês? — exclamou a Boubnov, embriagada, com as vestes em desalinho, de pé, na antecâmara e tendo uma lâmpada na mão.

— Então não nos conheces, Ana Trifonovna? Não conheces os teus estimáveis hóspedes? Quem poderia ser senão nós? Filipe Filipovitch e dois amigos...

— Ah, é o senhor? Como pôde... eu... não… entre por aqui.

Estava atemorizada.

— Por onde? Por aqui? Atrás deste tabique? Não! Vais receber-nos em lugar mais conveniente. Beberemos uns gelados. Tens por aí algumas pequenas adoráveis?

Num momento, ela voltou a si:

— Para visitas tão preciosas fá-las-ia sair da terra. Importá-las-ia da China.

— Querida Ana Trifonovna! Duas palavras: o Sisobrioukhov está cá?

— Está.

— Preciso dele. Como se atreveu o maroto a fazer uma festa sem mim?

— Naturalmente esqueceu-se... Espera alguém... É o senhor, com certeza.

Masloboiev empurrou uma porta e encontrámo-nos num quarto de grandeza regular, com duas janelas guarnecidas de vasos de gerânios. Entre outros móveis havia um péssimo piano. Mitrochka desaparecera enquanto conversávamos na antecâmara. Soube mais tarde que não entrara, ficando de sentinela atrás da porta, para a abrir a alguém. A mulher pintada que vira naquela manhã por sobre o ombro da Boubnov parecia ser a cúmplice de Mitrochka.

Sisobrioukhov estava sentado num estreito sofá, imitando acaju, diante de uma mesa redonda sobre a qual estavam duas garrafas de champanhe e uma garrafa de rum, pratos com bombons, pão de centeio e nozes. Ao lado dele estava sentada uma horrorosa criatura, talvez de quarenta anos, marcada pela varíola, vestida de tafetá preto, ornada com braceletes e um broche de cobre dourado. Era a mulher do coronel — fingida, evidentemente. Sisobrioukhov estava ébrio e muito alegre. Pelo contrário, o barrigudo, seu companheiro, não estava assim.

— Será o destino? — gritou Masloboiev. — Convida-nos para o Dussaux e vem embebedar-se para aqui!

— Filipe Filipovitch, estou contente por te ver! — balbuciou Sisobrioukhov levantando-se para vir ao nosso encontro.

— E bebes sozinho?

— Peço perdão!

— Vamos, não peças desculpa! Enche antes um copo. Viemos aqui para nos divertirmos contigo e trouxe um amigo — disse ele, designando-me.

— Encantado!... Queria dizer antes, honrado... Hi!

— E chamam a isto champanhe! — disse Masloboiev. — É *kilistchi*.

— Isso é uma ofensa!

— Se não tens coragem para ir a casa de Dussaux, porque nos convidaste?

— Acaba de me contar que esteve em Paris — disse a mulher do coronel. — Talvez seja falso.

— Fedocia Titichna, não me desmintas! Estivemos lá, sim.

— E que iria fazer a Paris um tal mujique?

— Fomos e aprendemos muita coisa. Fui eu e o Karpe Vassilitch... Conhece-lo?

— Preciso lá conhecê-lo!

Neste momento ouviu-se um grito agudo, um grito terrível, num quarto próximo daquele onde nos encontrávamos. Estremeci e não pude reprimir um grito também: reconhecera a voz de Elena. Outros gritos se sucederam, acompanhados de pragas, e um barulho surdo, ao qual se seguiu o ruído claro e sonoro de um par de bofetadas.

Devia ser Mitrochka.

De súbito, abriram a porta e Elena, muito pálida, com os olhos esgazeados e o vestido de musselina branca amarfanhado e rasgado, como quem acaba de lutar, precipitou-se na sala. Veio logo para mim e enlaçou-me com os braços.

Levantaram-se todos bruscamente cheios de medo. Logo depois Mitrochka apareceu à porta, arrastando pelos cabelos o seu gordo inimigo. Achava-se no estado mais lastimável que se possa imaginar. Arrastou-o até à porta e atirou-o para a sala.

— Pronto, cá está — gritou Mitrochka radiante.

— Meu caro — disse Masloboiev pondo-me a mão no ombro — toma um carro e leva a garota. Não precisamos mais de ti. Veremos amanhã o que temos a fazer.

Não esperei por mais palavra.

Conduzi Elena para fora daquele antro e não sei o que se passou depois. A Boubnov ficou como fulminada. A coisa foi feita tão rapidamente que não teve tempo para se opor. Ninguém pôs obstáculos à minha saída. Encontrei logo o carro que me esperava e vinte minutos depois estava em minha casa.

Elena parecia morta. Desabotoei-lhe o vestido, borrifei-lhe o rosto com água e deitei-a sobre o sofá.

Examinando o pequenino rosto pálido, os lábios sem cor, os cabelos negros desfeitos, mas com sinais de haverem sido penteados com cuidado, e o vestido roto, compreendi toda a sua horrível história.

Pobre criança! A febre aumentava.

Resolvi não ir a casa da Natascha para não a deixar.

Por vezes levantava os compridos cílios e olhava-me fixamente.

Só muito depois da meia-noite conseguiu dormir. Encostei-me numa cadeira a seu lado.

Capítulo 8

Acordei cedo. O meu sono tinha sido interrompido a cada meia hora. Aproximei-me da minha pequena enferma. Tinha bastante febre e delirava um pouco: pela manhã, porém, acalmou e dormiu profundamente.

«Bom sinal», pensei eu.

Aproveitei o seu sono para correr a casa de um médico meu conhecido, um velho celibatário, bondoso, de uma bondade suprema.

Vivia na companhia de uma velha governante alemã. Cheguei lá às oito e prometeu-me vir às dez.

Tive muita vontade de passar pela casa de Masloboiev, mas lembrei-me de que não se devia ter levantado ainda depois das canseiras da véspera, e se Elena acordasse na minha ausência ficaria assustada por se encontrar em minha casa. No seu estado, não sabia talvez como teria chegado ali.

Acordou quando entrei no quarto. Perguntei como se sentia. Os seus olhos negros, cheios de expressão, fixaram-me longo tempo. Pareceu-me recordar-se de tudo; não responder era o seu costume. Nos dias anteriores também não tinha respondido às minhas perguntas e olhara-me com esse olhar fixo e obstinado que exprimia a um tempo perplexidade, altivez e curiosidade. Agora tinha também qualquer coisa de duro e desconfiado.

Pus-lhe a mão na fronte; afastou-a docemente com a sua mãozita magra e virou-se para a parede, sem falar.

Como se tivesse de novo voltado para mim e seguisse todos os meus movimentos, ofereci-lhe chá; por única resposta virou-se de novo para a parede.

Parecia zangada comigo! Singular criança...

O velho doutor veio, como prometera, às dez horas. Examinou a doente com uma atenção toda alemã e deu-me as melhores esperanças; embora tivesse febre, nada havia a temer. Acrescentou que a pequena devia ter qualquer outra moléstia anterior, palpitações do coração, e talvez por isso seria preciso observá-la mais tarde; no momento, porém, não corria perigo.

Receitou uma poção e uns pós, talvez mais por hábito do que por necessidade, e pôs-se a fazer perguntas sobre a forma como viera ter a minha casa enquanto examinava o meu quarto com curiosidade. Disse-lhe apenas que era uma longa história.

O velho era um terrível palrador.

Elena admirou-se muito; retirou bruscamente a mão quando lhe procurou o pulso e não quis mostrar a língua.

Não respondeu a uma só das suas perguntas e esteve todo o tempo com os olhos fitos numa grande cruz de Santo Estanislau que ele tinha ao pescoço.

— Se precisar de mim, previna — disse ele ao partir. — Creio porém que não será preciso.

Resolvi não sair e deixar a minha doente o menos possível até à sua cura completa. Escrevi a Natascha prevenindo-a de não poder ir vê-la e deitei a carta na caixa do correio quando fui à farmácia.

Elena tornara a adormecer. Durante o sono gemia e agitava-se muito. O seu corpo tremia todo.

Quando acordava, olhava-me irritada, como se a minha atenção a incomodasse. Isto magoava-me.

Cerca das onze horas chegou Masloboiev. Estava preocupado e viera apenas por uns momentos.

— Supunha que estavas mal alojado — disse ele — mas nunca pensei encontrar-te num caixão destes. Sim, porque isto é um caixão e não um compartimento... Não tem importância, dirás tu, mas tudo isto deve prejudicar o teu trabalho. Pensei nisso quando fomos a casa da Boubnov. Sabes muito bem, meu velho, que pertenço, por feitio e por posição social, a uma classe de gente que nada faz de sensato e prega moral aos outros. Venho ver-te amanhã ou depois, e espero-te em minha casa domingo cedo; até lá o caso da garota deve estar solucionado e falaremos seriamente a teu respeito. Não podes viver assim. Ontem contentei-me com uma alusão; hoje falarei diretamente no assunto, pois é mais lógico. Julgas desairoso aceitar dinheiro meu por algum tempo?

— Não te incomodes — interrompi eu. — Conta-me como acabou aquilo ontem...

— Da maneira mais simples. Saiu tudo como se esperava, entendes? Bem, tenho pressa. Entrei apenas para te dizer que tenho muito a fazer e

para saber se pretendes colocá-la nalgum lugar ou guardá-la contigo. Precisas ver isso.

— Não sei ainda. Não decidi coisa nenhuma. Que achas? Como poderia ficar aqui?

— Como criada.

— Mais baixo, poderá ouvir. Estremeceu quando entraste e lembra-se de tudo quanto sucedeu ontem.

Expliquei-lhe o caráter da pequena e falei-lhe em a entregar aos cuidados de uns velhos amigos, os Ikhmeniev. Mostrou-se intrigado e pareceu-me notar, não sem surpresa, que conhecia alguma coisa da história de Natascha.

— Ouvi falar nisso há muito, por acaso, a propósito de outro negócio. Sabes que conheço muito bem o príncipe Valkovsky. É uma excelente ideia levar a pequena para casa dos velhos. Aqui seria um transtorno. É verdade... será preciso uma licença, mas eu encarrego-me disso. Adeus. Não deixes de ir a minha casa. Que está ela a fazer? Dorme?

— Creio que sim.

Mal saiu, Elena chamou-me.

— Quem era? — perguntou numa voz trémula, mas mantendo a mesma fixidez de olhar.

Disse-lhe quem era e que fora com a sua ajuda que conseguira arrancá-la da casa da Boubnov. Corou muito, talvez lembrando-se do que se tinha passado.

— Ela não virá aqui? — perguntou com um ar inquieto.

Sosseguei-a. Ficou silenciosa. Pegou-me na mão com os seus deditos escaldantes da febre, mas largou-a logo, como se se tivesse arrependido.

Provavelmente a pobre criança tinha sofrido tanto que já não confiava em ninguém.

Voltando à farmácia, passei por uma hospedaria e levei-lhe um caldo; não o quis, porém. Deixei-lhe o remédio e pus-me a trabalhar.

Julguei que tivesse adormecido, mas voltando-me de súbito vi-a de cabeça levantada e seguindo atentamente o que eu fazia. Fingi nada ter notado.

Por fim, adormeceu calmamente, sem delírio e sem gemidos.

Estava num grande embaraço; Natascha, ignorando o motivo por que não aparecia, devia estar aborrecida por não a ir ver como prometera, deixando-a só quando mais precisava de mim.

Também não sabia como me desculpar com Ana. Resolvi ir vê-las. A minha ausência não duraria mais de duas horas; Elena dormia e não me sentiria sair.

Levantei-me, vesti o casaco, peguei no chapéu e ia sair quando ela me chamou. Fiquei surpreendido. Estaria a fingir que dormia?

— Para onde me quer mandar? — perguntou.

Como não esperava esta pergunta assim à queima-roupa, não respondi logo.

— Ainda agora o disse ao seu amigo... Não quero ir para parte nenhuma.

Curvei-me sobre ela; a febre voltara. Tranquilizei-a, dizendo-lhe que ficaria comigo enquanto quisesse. Tirei o casaco e o chapéu; não podia deixá-la só.

— Vá — disse ela, percebendo que eu queria ficar. — Estou com sono... Vou dormir.

— Mas não podes ficar só...

— Vá. Se ficasse doente o ano inteiro, seria obrigado a ficar em casa esse tempo todo? — disse ela, tentando sorrir e olhando-me de um modo estranho; parecia lutar contra um bom sentimento que lhe falava ao coração. Pobrezinha! O seu bom e terno coraçãozinho transparecia, apesar da sua aparente insensibilidade.

Fui primeiro a casa de Ana. Esperava-me impaciente e acolheu-me com grandes queixas. Achava-se numa inquietação terrível. O marido tinha saído. Percebi que a velha não se pudera conter e com as suas costumadas *alusões* contara tudo.

Confessou-me não se ter podido calar sem repartir a sua alegria com o marido, mas ele tornara-se sombrio como uma nuvem e, sem dizer palavra, saíra depois do jantar.

Tremia de medo. Suplicou-me para esperar pela volta do velho.

Recusei-me, dizendo-lhe não poder vir também no dia seguinte.

Quase nos zangámos: pôs-se a chorar e a queixar-se amargamente.

Quando, porém, eu ia a sair, atirou-se-me ao pescoço e suplicou-me para não me zangar com a sua pobre *órfã* e esquecesse o que ela dissera.

Natascha estava só e pareceu-me ficar menos contente em me ver do que na véspera. A minha presença parecia incomodá-la. Perguntei-lhe se Alyosha tinha vindo.

— Sim — respondeu — mas demorou-se pouco... Prometeu voltar esta noite.

— E ontem?

— Não... Não pôde — disse ela com volubilidade. — E tu que fazes?

Percebi que queria mudar de conversa. Devia ter algum novo aborrecimento que não queria confessar.

Contei-lhe a história de Elena.

Mostrou-se muito interessada.

— Como pudeste deixá-la só? — exclamou quando acabei.

— Tive receio de que te zangasses ou precisasses de mim.

— Realmente — disse, como se falasse sozinha — realmente preciso de ti. Mas deixemos isso para outra vez. Estiveste em casa deles?

Contei-lhe como decorrera a visita feita à mãe.

— Estive. Deus sabe como meu pai receberá tudo isto. E afinal de contas... que há a recear?

— Como? Que há? Uma tal mudança...

— É certo. Onde teria ele ido? Se pudesses voltar amanhã... Talvez tenha alguma coisa a contar-te. Agora volta para junto da tua doente. Deixaste-a há duas horas.

— Tens razão. Adeus, Natascha. Como estava hoje o Alyosha?

— Como de costume.

— Até breve, minha amiga.

— Até breve.

Estendeu-me a mão negligentemente, evitando no entanto o meu olhar.

Isto impressionou-me. Para o fazer, devia ter muitas coisas em mente, coisas que deviam aborrecê-la e contrariá-la bastante. «Dir-me-á tudo amanhã», pensei.

Voltei triste para casa. Já estava escuro quando cheguei.

Encontrei Elena sentada no sofá, de cabeça baixa, como pensando profundamente. Parecia adormecida. Aproximei-me. Murmurava palavras ininteligíveis. Julguei que estivesse delirando outra vez.

— Elena, minha filha, que tens? — perguntei-lhe, sentando-me junto dela e pegando-lhe nas mãozitas.

— Quero-me ir embora daqui... Prefiro ir para casa dela — respondeu sem levantar a cabeça.

— Para casa de quem queres ir? — perguntei, espantado.

— Dela... da Boubnov... Segundo diz, devo-lhe muito dinheiro, pois enterrou a minha mãe à sua custa! Não quero que a insulte. Quero trabalhar para ela, pagar-lhe com o meu trabalho... Depois fujo de lá... Mas agora quero voltar.

— Calma, Elena! Não podes ir — respondi. — Atormentava-te, perdia-te...

— Que tem que me perca? Que me atormente? — disse com calor. — Uma mendiga já mo disse. Sou pobre, quero ser pobre e serei pobre toda a minha vida. Trabalharei... Não quero este vestido.

— Compro-te amanhã outro e trago-te uns livros. Ficarás comigo. Não te mando para casa dos outros a não ser que queiras.

— Emprego-me como operária...

— Sim, sim, mas tranquiliza-te, deita-te... e dorme

Começou a soluçar. Não sabia como fazer. Fui buscar água e molhei-lhe o rosto.

Por fim caiu sem forças no sofá e o tremor da febre apoderou-se dela. Cobri-a com tudo quanto encontrei à mão e adormeceu, porém com um sono agitado e frequentemente interrompido.

Embora não tivesse andado muito durante o dia, estava bastante cansado. Por isso deitei-me também.

Negros presságios turbilhavam no meu espírito e pressentia que esta criança me ia causar grandes tristezas e tormentos.

Natascha, porém, inquietava-me ainda mais.

Poucas vezes dormi com ideias tão lúgubres como nessa noite.

Capítulo 9

No dia seguinte acordei às nove horas. Sentia-me doente. A cabeça andava-me à roda e doía-me atrozmente.

Olhei para a cama de Elena; estava vazia.

Ouvi um ruído qualquer na divisão à direita do meu quarto; levantei-me e vi-a com uma vassoura na mão. Vi também a lenha preparada para o fogão, arrumada a um canto; sobre a mesa, bem limpa, estava já a chaleira muito limpa e areada; e agora andava a varrer.

— Elena — gritei — quem te mandou varrer a casa? Não consinto... Estás doente... Não te trouxe para minha casa para seres minha criada!

— E quem há de varrer a casa? — perguntou ela, fitando-me. — Já não estou doente.

— Não te trouxe para trabalhares. Agora não estás em casa da Boubnov. Onde arranjaste essa vassoura?

— É minha. Trouxe-a para varrer quando o avô vivia aqui. Estava escondida no forro.

Voltei pensativo para o quarto, julgando perceber que não queria ficar ali sem de algum modo me pagar, que não queria por forma alguma ser-me pesada.

Que altivez de caráter! Pouco depois entrou também no quarto e sentou-se calada ao pé de mim. Olhava-me como se tivesse alguma pergunta a fazer-me.

Durante este tempo eu tinha preparado o chá; servi-lhe uma chávena com ele e um pedaço de pão.

Aceitou sem falar. Não comia desde a véspera.

— Vês? Já sujaste o teu lindo vestido — disse eu, mostrando-lhe uma grande mancha na saia.

Olhou para a mancha e pousou a chávena. Friamente, com calma, pegou com as duas mãos na saia de musselina e com um movimento brusco rasgou-a de alto a baixo. Depois, sem nada dizer, levantou para mim os olhos parados e brilhantes.

— Que fizeste, Elena? — exclamei, convencido de que estivesse louca.

— Este vestido é horrível — disse ela, quase sufocada de comoção. — Porque lhe chamou um lindo vestido? Não o quero usar — exclamou, levantando-se de repente. — Quero rasgá-lo! Não pedi para me tornarem bonita. Foi ela quem quis, à força. Já rasguei um, rasgo este também! Rasgo, rasgo!

Num abrir e fechar de olhos o pobre vestido ficou em pedaços.

Quando acabou, não se podia ter de pé.

Por mim estava deveras surpreendido com esta exasperação. Lançou-me um olhar provocador, como se também eu lhe tivesse feito mal. Aliás o vestido não tinha grande importância. Pensava comprar-lhe um novo naquele mesmo dia. Só a doçura e a bondade poderiam conquistar esta pobre criança, que a desgraça fizera desconfiada e selvagem.

Parecia nunca ter encontrado uma pessoa amiga.

Se ela, apesar da ameaça de um castigo cruel, pusera em farrapos o primeiro vestido, com que exasperação não devia fazer o mesmo a este, que lhe recordava um momento tão próximo e tão horrível!

Era fácil comprar barato, em segunda mão, um vestidinho bonito e simples; porém estava quase sem dinheiro naquele momento.

Já tinha no entanto pensado no modo de o arranjar.

Peguei no chapéu. Elena seguia todos os meus movimentos, como esperando alguma coisa.

— Vai-me deixar fechada, como ontem? — perguntou, vendo-me a chave na mão.

— Minha pequena — disse eu, aproximando-me — não te zangues. Deixo-te fechada porque pode vir alguém e tu estás doente. Quem sabe se a Boubnov não se lembrará de aparecer?

Não era este o motivo. Fechava-a porque desconfiava dela; podia vir-lhe a ideia de fugir e resolvi tomar as minhas precauções até nova ordem.

Calou-se e eu deixei-a fechada ainda desta vez.

Conhecia um editor que publicava um grande número de obras e para quem costumava trabalhar quando precisava de dinheiro.

Adiantou-me 25 *rublos* por um artigo que me comprometi a entregar-lhe no prazo de oito dias.

Fui ao mercado e encontrei logo um vendedor de vestidos em segunda mão ao qual dei, mais ou menos, as medidas da pequena. Em poucos

momentos arranjou-me um vestidinho de chita clara, muito barato e que só fora lavado uma vez. Lembrei-me que precisaria também de uma capa ou de um casaco, ou qualquer coisa nesse género, pois começava a fazer frio e não tinha nenhum agasalho; deixei, contudo, isso para outro dia.

Era tão altiva e sensível que não sabia como iria receber o vestido. Já o comprara por isso o mais simples possível.

Comprei ainda dois pares de meias de algodão e um de lã; poderia dar-lhos sob o pretexto de estar doente e o quarto ser frio. Precisava também de roupa branca, mas deixei isso para quando nos conhecêssemos melhor.

Por fim comprei uma cortina velha para colocar em volta da cama, coisa indispensável e que devia alegrá-la muito.

A uma hora estava de volta com as minhas compras.

Abri a porta quase sem ruído. Não me ouviu por isso entrar. Estava junto da mesa, folheando os meus papéis. Vendo-me, afastou-se logo, muito corada. Olhei para o livro que deixara; era o meu primeiro romance e tinha o meu nome na capa.

— Porque me deixou fechada? — disse ela num tom malicioso. — Bateram à porta.

— Talvez fosse o médico. Não respondeste?

— Não.

Desfiz o embrulho e tirei dele as roupas.

— Minha amiguinha, não podes andar assim esfarrapada. Comprei-te um vestido para todos os dias e muito barato. Não deves, pois, ter escrúpulos. Custou-me apenas um *rublo* e vinte e cinco *kopeks*.

Deixei o vestido sobre o sofá. Corou e olhou-me espantada e confusa. Havia, no entanto, no seu olhar uma doce expressão de ternura. Vendo que nada dizia, aproximei-me da minha mesa. A minha conduta causava-lhe evidentemente uma grande surpresa. Esforçava-se contudo por a dominar e continuava sentada, de olhos baixos.

Sentia-me ainda tonto e com dores de cabeça; o ar fresco não me tinha aliviado. Entretanto precisava ir a casa da Natascha, cuja situação me inquietava muitíssimo.

Elena chamou-me.

— Quando sair, não me feche mais — disse ela, alisando com os dedos a franja do sofá e sem me olhar, como que absorvida por essa ocupação. — Não fujo...

— Muito bem, Elena, está dito. Mas se vier alguém? Sabe Deus quem pode vir...

— Deixe a chave comigo, fechar-me-ei por dentro. Se baterem, digo que o senhor saiu.

Olhava-me com um ar malicioso, como a dizer: «Não é assim tão complicado».

— Quem lhe lava a roupa? — perguntou sem esperar pela resposta. — Também sei lavar roupa. E onde comprou o jantar de ontem?

— Na hospedaria.

— Eu sei cozinhar. Posso-lhe fazer a sua comida.

— Ora, Elena! Estás gracejando. Que sabes tu cozinhar?

Calou-se e baixou os olhos.

A minha resposta tinha-a magoado. Ficámos em silêncio alguns minutos.

— Sopa — disse de repente, sem levantar a cabeça.

— Como? — perguntei, espantado.

— Sei fazer sopa. Fazia-a para a minha mãe, quando estava doente. Ia ao mercado, também.

— Vês, Elena, vês como és orgulhosa?! — disse eu, sentando-me junto dela. — Trato-te como o meu coração me manda; és órfã, só, infeliz e quero ajudar-te. Também me socorrerias se me visses infeliz. No entanto, não queres pensar assim e achas penoso aceitar uma insignificância. Queres-me pagar, trabalhando para mim, como se eu fosse a Boubnov, como se eu cobrasse alguma coisa.

Os lábios agitaram-se-lhe como para falar; todavia nada disse.

Levantei-me para ir a casa de Natascha. Entreguei-lhe a chave, recomendando-lhe:

— Se alguém bater, pergunta primeiro quem é.

Receava que tivesse acontecido algum mal a Natascha e mo quisesse ocultar. Não queria porém demorar-me lá para não a importunar.

Acolheu-me com um olhar duro e descontente. Quis sair logo, mas não tive coragem.

— Venho pedir-te um conselho — disse eu. — Que devo fazer da pequena?

E contei-lhe o que se tinha passado. Ouviu-me em silêncio.

— Não sei o que te deva aconselhar — respondeu. — O que acabas de contar indica ser uma criaturinha estranha e tendo sem dúvida sofrido

muito. Espera pelo seu restabelecimento. Tencionas levá-la para casa de meus pais?

— Não me quer deixar e Deus sabe como eles a receberiam. Estou extremamente embaraçado. E tu, minha amiga, como vais? Não me pareceste bem, ontem — acrescentei, hesitante.

— Sim, e não me sinto bem hoje — respondeu. — Estiveste *lá*?

— Não. Irei amanhã... Amanhã é sábado?

— Porque perguntas?

— Amanhã deve vir cá o príncipe...

— Deve. Pensavas que eu tinha esquecido?

— Não... Falei sem essa intenção.

Manteve-se por muito tempo de pé diante de mim, olhando-me com um olhar fixo e febril.

— Ivan, deixa-me só... Peço-te!

Levantei-me e olhei-a com surpresa.

— Que tens, minha amiga? Aconteceu alguma coisa? — inquiri assustado.

— Nada. Amanhã saberás tudo. Agora deixa-me. Preciso estar só... É tão penoso... tão penoso para mim ver-te agora...

— Mas diz-me ao menos...

— Amanhã saberás tudo. Oh, meu Deus! Não me queres deixar?

Saí estupefacto, sem compreender coisa alguma. Mavra acompanhou-me até à porta.

— Está furiosa — disse ela.

— Mas que tem ela?

— O *tal* não aparece há três dias.

— Como?! Há três dias sem vir?! — exclamei. — Mas ela disse-me ter cá estado ontem e que voltava hoje à noite.

— Nem ontem, nem hoje. Estou em dizer que não apareceu nestes três dias... Como pôde dizer uma coisa dessas?!

— Disse-mo ainda há pouco.

— Olha... — murmurou Mavra. — É porque tem vergonha de contar a verdade. Que traste de rapaz!

— Que queres dizer com isso?

— Quero dizer que não sei o que hei de fazer — replicou Mavra, levantando os braços. — Ontem à noite mandou-me duas vezes a casa dele

e duas vezes me chamou para não ir. Hoje ainda nem falou. Podias lá ir tu. Não tenho coragem de a deixar só.

Desci a escada, correndo.

— Voltas à noite? — gritou Mavra.

— Talvez — respondi, sem parar. — É provável que venha saber notícias...

Capítulo 10

Corri a casa de Alyosha.

Residia na Pequena Morskaia com o pai, num belo palacete, sua propriedade. Alyosha ocupava dois ótimos quartos.

Tinha lá estado uma única vez. Quanto a ele, fora com frequência a minha casa no começo da sua ligação com Natascha.

Não estava em casa. Fui ao seu escritório e deixei-lhe este bilhete:

Alyosha,

Enlouqueceste? Quando teu pai pediu à Natascha para lhe dar a honra de ser tua mulher, fui testemunha da tua grande alegria. A tua maneira de agir desde então tem sido muito pouco digna. Sabes bem quanto mal lhe fazes. Escrevo-te estas linhas apenas para te lembrar que a tua conduta para com a tua futura esposa é indigna de um homem de bem. Não tenho o direito de te aconselhar, bem o sei, mas tal não me preocupa.

P. S.: Ela nada sabe desta carta e nem sequer me falou em ti.

Fechei o bilhete e deixei-o sobre a mesa.

O criado informou-me que Alyosha quase nunca estava em casa e talvez só voltasse tarde.

Regressei ao meu quarto com dificuldade; estava tonto e as pernas dobravam-se-me.

Encontrei o velho Ikhmeniev à minha espera, admiradíssimo com Elena.

Esta olhava-o com igual surpresa e mantinha-se num silêncio obstinado.

— Espero-te há mais de uma hora — disse ele — e, confesso, não esperava encontrar-te assim — acrescentou, examinando o quarto e indicando Elena com um ligeiro sinal.

Estava mais triste e mais agitado do que de costume.

— Senta-te — continuou —, preciso falar-te. Mas que tens tu? Que cara é essa? Estás doente?

— Não me sinto bem. Dói-me a cabeça.

— Toma cuidado, não convém abusar. Resfriaste-te, talvez.

— Não... É um simples acesso nervoso. Tenho isto muitas vezes. Mas também parece não estar muito bom...

— Não tenho nada. Aborrecimentos. Senta-te.

Sentei-me diante dele. Inclinou-se para mim e disse baixo:

— Não olhes para ela. Finge que falamos de outra coisa. Quem é?

— Depois lhe conto. É uma órfã, neta do Smith que morou aqui antes de mim, o que morreu.

— Ah! Ele tinha uma neta? É muito esquisita, sabes? Tem um modo de olhar as pessoas... Se demorasses mais um pouco não a suportava. Não queria abrir e até agora não disse uma palavra. Como veio parar aqui? Veio talvez visitar o avô sem saber que tinha morrido?

— Veio... É muito infeliz. O velho falou nela ao morrer.

— Hem! Tal avô, tal neta. Depois hás de contar-me isso. Talvez possa ajudá-la, visto ser tão infeliz. Não poderíamos ficar sós um momento? Preciso falar-te de coisas sérias.

— Para onde há de ir? Vive aqui...

Pu-lo ao corrente de tudo em poucas palavras, acrescentando que podíamos falar diante dela, pois era uma criança.

— Sim, sim, tens razão. Estou admirado. Então ficou a viver definitivamente contigo?

A pequena estava calada, de cabeça baixa, brincando com a franja do sofá. Percebia que falávamos a seu respeito.

Usava o vestido novo; estava-lhe muito bem. Penteara-se com cuidado e se não fosse a expressão selvagem do olhar era uma pequena encantadora.

— Para ser breve e positivo — começou o velho —, principio por te dizer que é excessivamente grave o que aqui me traz.

Curvara-se sobre a mesa, com o semblante preocupado e sombrio, e embora tivesse prometido ser breve e positivo, não sabia como iniciar a conversa.

«Onde quererá ele chegar?», pensei eu.

— Vim para te pedir um serviço — continuou. — Antes, preciso falar-te de coisas... muito delicadas.

Tossiu, corou e depois, irritado com a sua pouca presença de espírito, começou:

— Mas para que precisamos de explicações? Compreendeste já, pois não há nada mais simples: quero bater-me com o príncipe e preciso de ti como testemunha.

Fitei-o, estupefacto.

— Porque me olhas assim? Pensas que estou louco?

— Mas... diga-me, Nicolai, com que motivo, com que fim?

— Um motivo! Um fim! Essa é boa.

— Sim, sim, já sei o que me vai dizer... Mas que vantagem haverá? Que arranjará com isso? Francamente, não compreendo.

— Ouve. Terminou o nosso processo, ou termina por estes dias. É apenas uma questão de formalidades sem importância. Perdi e fui condenado a pagar dez mil *rublos*... É esta a sentença. A minha propriedade de Ikhmenievskoé está penhorada. O infame tem o dinheiro garantido e eu perco tudo quanto possuo. Por isso agora nada mais há entre nós. É a minha hora de erguer a cabeça. «Meu nobre príncipe, durante dois anos fui ultrajado e o meu nome arrastado pela lama sem que pudesse falar! Não tinha o direito de vos provocar, pois ter-me-íeis respondido: *Ah, canalha, queres matar-me para não desembolsar o dinheiro que mais tarde ou mais cedo hás de ser condenado a pagar! Não! Primeiro esperemos como termina o processo.* Agora, nobilíssimo príncipe, o processo terminou. Ganhaste a causa. Já não há a mais pequena dúvida. Intimo-vos a vir ter comigo fora da cidade». Ou achas que não tenho o direito de me vingar de tudo, de tudo?

Os seus olhos faiscavam. Olhei-o muito tempo em silêncio, procurando penetrar o seu pensamento.

— Nicolai — disse eu, decidido a pôr bem clara a situação, sem o que não nos poderíamos entender — quer ser inteiramente franco?

— Quero — respondeu com firmeza.

— Diga-me, sem hesitar, se é apenas um sentimento de vingança que o leva a provocar o príncipe ou se tem outro fim.

— Ivan, não admito que me falem em certas coisas, sabe-lo bem... Façamos uma exceção por esta vez. Sim, tenho um outro fim: o de salvar a minha filha, que caso contrário se perderá.

— E com esse duelo salvá-la-á?

— Deitando por terra tudo quanto planeiam. Não creias que fale em mim o amor paterno ou qualquer fraqueza desse género. Isso é um absurdo. Não mostro a ninguém aquilo que se passa no fundo da minha

alma. A minha filha abandonou-me, fugiu de casa com o amante e eu arranquei-a do meu coração; arranquei-a para sempre, naquela mesma noite, lembras-te? Viste-me soluçar diante do seu retrato; isso não quer dizer que lhe queira perdoar. Não perdoo. Não chorava por ela; chorava a minha felicidade perdida, as minhas ilusões desfeitas. Choro muitas vezes, não me envergonho de o confessar, como não me envergonho de confessar que amei esta filha mais do que tudo no mundo. Isto parece uma contradição... Dirás tu: se é assim, se não a considera como filha, porque quer intervir no que se está preparando? Respondo-te: é porque não quero que este homem vil e astucioso triunfe, é apenas um simples e vulgar sentimento de filantropia. Embora já não seja minha filha, é sempre um ser fraco e sem defesa a quem enganam e a quem enganarão mais ainda, para a perderem por completo. Não posso intervir nisso pessoalmente, mas sim indiretamente, batendo-me. Se me matar, se o meu sangue correr, não passará talvez sobre o meu cadáver para se unir ao filho do meu assassino, como a filha daquele rei (lembras-te daquele livro onde aprendeste a ler?) que fez passar o carro sobre o corpo do pai. Aliás, se aceitar bater-se, o próprio príncipe não quererá o casamento. Em poucas palavras: não quero essa união e farei tudo para a impedir. Compreendes?

— Não. Se quer o bem da Natascha, como quer pôr empecilhos a esse casamento? Não vê que é a única coisa que a pode reabilitar?

— Pisar aos pés a opinião dos outros é aquilo que tem a fazer. É preciso levá-la a reconhecer que este casamento, esta união com gente vil e cobarde, com gente de uma sociedade sem caráter, é o cúmulo da ignomínia. Um nobre orgulho, deve ser a sua resposta a todos. Talvez lhe estenda então a minha mão e depois veremos quem se atreve a difamá-la!

Estava pasmado diante deste idealista tão desesperado; o velho estava fora de si e era a cólera quem falava.

— É um grande idealista — respondi —, e ao mesmo tempo é demasiado cruel. Exige dela um sacrifício demasiado superior à sua própria vida. Julga-a capaz de querer casar para se tornar princesa? Bem sabe que é o amor, a paixão, a fatalidade. Exige dela que despreze a opinião dos outros e é o primeiro a curvar-se ante tal opinião. O príncipe ofendeu-o, acusou-o em público de querer, de um modo vil, forçar a aliança com uma casa principesca. Se ela recusar um pedido em forma será a refutação mais manifesta e mais completa de todas as calúnias. É o que obtém. Obriga o príncipe a confessar a sua falta, torna-o ridículo,

vinga-se, mas sacrifica a felicidade da sua filha. Não é isto uma pura questão de egoísmo?

Conservou-se durante muito tempo sem responder.

— És injusto comigo — disse ele por fim e uma lágrima lhe correu pela face. — Juro-te que és injusto. Não te posso mostrar o meu coração — continuou, levantando-se e pegando no chapéu. — Ouve, porém: falavas há pouco da felicidade da minha filha; pois bem, não creio nessa felicidade! Isto sem ter em conta que esse casamento nunca se fará, mesmo sem a minha intervenção.

— Como! De onde lhe veio essa ideia?! Sabe alguma coisa?

— Nada sei; mas essa raposa maldita não consentirá em tal. Tudo isso é um absurdo... é uma simples cilada! Estou convencido disto e lembra-te das minhas palavras. Se este casamento se fizesse, é porque o miserável tinha algum plano secreto e tudo redundaria em seu benefício. Não me parece este o caso. Basta pensar um pouco... Acreditas que ela pudesse ser feliz com esta união? As queixas e as humilhações não tardariam; seria a companheira de um rapazelho a quem já agora o seu amor é pesado e a quem desprezaria e encheria de ofensas quando fosse sua mulher. A paixão há de crescer de um lado e diminuir do outro. Depois, chegará a vez do ciúme, dos tormentos, o inferno, a separação, o crime talvez... Ivan! Se é isto o que se prepara e se concorres para tal, prestarás contas a Deus. Então, já será muito tarde. Adeus.

Segurei-o.

— Escute: vamos raciocinar um pouco. Esteja certo de que não é o único a observar este caso e é possível que se resolva tudo pelo melhor, sem ser preciso recorrer a meios extremos. O tempo é o melhor fabricante de desenlaces. Aliás, o seu plano é impossível. Julga o príncipe capaz de aceitar o desafio?

— Pois poderá recusar?! Estás louco!

— Não se bate, juro-lhe. Encontrará um meio, o mais honroso possível, de se escusar e o senhor tornar-se-á ridículo perante todos.

— Por Deus, meu caro! Dessa forma tenho de me considerar vencido... Mas como poderá recusar? Bem se vê que és poeta... Achas que seja desairoso bater-se comigo? Vale tanto como eu. Sou um velho, um pai ultrajado, e tenho por testemunha um literato russo... logo, um homem de honra. Na verdade, não compreendo porque será preciso...

— Verá. Apresentará tais razões que o senhor será o primeiro a considerar o duelo impossível.

— Está bem, meu amigo, fico esperando. Veremos o que o tempo traz. Dá-me porém a tua palavra de honra de nada dizeres a tal respeito, nem *lá,* nem à minha mulher.

— Dou-lhe a minha palavra.

— E agora, Ivan, faz-me o favor de nunca mais tocar neste assunto.

— Prometo.

— Ainda um pedido, para terminar: vai ver-nos muitas vezes. Aborreces-te em minha casa, bem o sei, mas a minha pobre Ana gosta tanto de ti... e... e fica tão triste... Estás-me a compreender, não?

E apertou-me fortemente a mão. Prometi-lhe fazer tudo quanto me pediu.

— Agora, Ivan, ainda uma questão importante: tens dinheiro?

— Dinheiro? — repeti espantado.

— Sim... — corou e baixou os olhos. — As circunstâncias… podes ter despesas imprevistas... principalmente agora... Olha, pega lá cento e cinquenta *rublos* para no caso de precisares... Caso venhas a precisar...

— Cento e cinquenta *rublos* e ainda «para no caso de precisares?» E agora que acaba de perder o processo...

— Não me compreendes! Pode-se dar um caso «extraordinário». Há ocasiões em que o dinheiro nos permite tomarmos livremente certas deliberações. Talvez não precises agora, mas podes precisar depois. Seja como for, deixo-te o dinheiro. Se não o gastares, entregas-mo depois. E até breve... Meu Deus, como estás pálido! Estás na verdade doente...

Recebi o dinheiro, compreendendo o fim para que mo deixava.

— Mal me posso ter em pé — disse eu.

— Toma cuidado, não saias mais hoje. Direi à Ana como te encontras. Não seria bom chamar um médico? Virei ver-te amanhã se as minhas pernas o permitirem. Porque não te deitas? Adeus. Adeus pequena... Porque foges? Olha — disse-me ele ao ouvido —, toma ainda estes cinco *rublos* para a pequena. Não lhe digas que fui eu. Compra-lhe uns sapatos e roupa branca... Deve precisar. Adeus, meu caro.

Acompanhei-o até à porta da rua e pedi ao porteiro que me mandasse buscar o jantar, pois Elena ainda não tinha comido.

Capítulo 11

Apenas regressei ao meu quarto senti tudo a girar à minha volta e caí estendido no chão. Elena deu um grito e precipitou-se para me amparar. É de tudo quanto me lembro.

Quando voltei a mim, estava deitado. Elena contou-me depois como me tinha transportado para o sofá, auxiliada pelo porteiro, quando veio com o jantar. Acordei várias vezes. Vi-a sempre curvada sobre mim, de rosto compassivo e atento. A sua imagem parecia-me como uma visão celestial.

Arranjava-me a cama, dava-me água, ou então, sentada ao pé de mim, triste e assustada, alisava-me os cabelos. Uma vez lembro-me ter sentido os seus lábios no meu rosto.

De outra vez, acordando de repente, à luz mortiça do candeeiro, morrendo sobre a mesa, vi a sua cabecita adormecida sobre o meu travesseiro.

Tinha os lábios entreabertos e a mãozita magra sobre a minha face escaldante. O candeeiro apagou-se e os raios claros e róseos do sol nascente puseram-se a brincar pela parede.

Elena dormia profundamente.

Observei este rostozinho de criança, revelando, mesmo no sono, uma expressão de tristeza precoce. Era de uma beleza estranha e doentia; uma grande palidez e as faces magras e enquadradas de cabelos negros como ébano que, negligentemente presos, lhe caíam espessos e pesados sobre os ombros.

Beijei docemente aquela mãozita magra e a pobre não acordou; pareceu-me, porém, ver um sorriso pairar nos seus lábios pálidos. Estive muito tempo a olhar para ela, até que adormeci com um sono calmo e reparador.

Dormi até ao meio-dia e quando acordei, senti-me quase curado.

Uma fraqueza e um grande peso nos ombros era quanto restava da minha doença. Não era a primeira vez que tinha aquilo. O mal durava apenas um dia, sem que contudo deixasse de ser violento.

A primeira coisa que vi, ao acordar, foi a cortina, comprada na véspera, suspensa de um cordão a um canto do quarto. Elena estava sentada junto do fogão e preparava o chá.

Quando me viu acordado, sorriu e aproximou-se, muito alegre.

— Minha amiguinha — disse eu, pegando-lhe nas mãos — cuidaste de mim toda a noite. Não sabia como eras tão boa...

— Como sabe que velei? Dormi talvez toda a noite! — disse ela, enrubescendo e olhando-me com um ar malicioso e tímido.

— Bem vi! Só dormiste pela madrugada.

— Quer tomar chá? — perguntou para mudar de assunto.

— Sim, dá-me chá... Não jantaste ontem?

— Não, mas ceei. Não se mexa muito. Esteja quieto. Ainda está doente — acrescentou, trazendo-me uma chávena com chá e sentando-se na minha cama.

— Não posso estar mais tempo deitado. Preciso sair hoje. Já são horas de me levantar.

— Precisa assim tanto sair? A casa de quem quer ir? A casa do sujeito que veio vê-lo ontem?

— Não.

— Fico contente com isso. Foi ele quem o fez adoecer. Irá a casa da filha?

— Como sabes da filha?

— Ouvi tudo — disse ela, baixando os olhos. — É um mau velhote — acrescentou ao cabo de um minuto de hesitação.

— Não o conheces. Pelo contrário, é um excelente homem.

— Não creio! É mau... Ouvi tudo! — retorquiu com animação.

— E que ouviste?

— Não quer perdoar à filha...

— Mas estima-a, apesar disso. Tem muitas culpas para com o pai e no entanto interessa-se por ela, inquieta-se com o que lhe possa acontecer e preocupa-se com a sua situação.

— Porque não lhe perdoa? Agora mesmo, se lhe perdoasse, a filha não devia procurá-lo.

— Porquê?

— Porque não merece a estima dela! — exclamou com veemência. — Fará melhor não voltar para casa e ir mendigar, para que o pai a veja miserável, pedindo esmola.

Os olhos faiscavam-lhe e as faces estavam afogueadas. Não compreendi a razão daquela irritação.

— Quer-me colocar em casa dele? — perguntou ao cabo de um momento de silêncio.

— Sim, Elena.

— Prefiro empregar-me como criada.

— Oh, fazes mal falando assim, Lenotchka! Quem te aceitará? É um absurdo.

— O primeiro mujique que aparecer — respondeu ela impaciente e irritada, baixando sempre os olhos.

— Um mujique não tem serviço para uma criada como tu! — retorqui, sorrindo.

— Irei então para a casa de algum nobre.

— Com o teu génio, como poderias servir em casa de um nobre?

— Que tem o meu génio?

E quanto mais se exaltava, mais bruscas eram as suas respostas.

— Não farás isso.

— Farei. Censurar-me-ão e calar-me-ei; bater-me-ão e calar-me-ei... Calar-me-ei sempre. E se me baterem, por nada deste mundo, chorarei! Compenetrar-se-ão da sua maldade, se forem maus, quando me não virem chorar.

— Mas que tens tu, Elena? Porque estás tão irritada e tão altiva? Tens sido, sem dúvida, muito infeliz.

Levantei-me e fui sentar-me à mesa. Elena, mergulhada nos seus pensamentos, sacudia em silêncio as borlas do sofá.

Desempacotei maquinalmente os livros que trouxera na véspera para o meu artigo e pus-me a folheá-los e a escrever.

— Que escreve aí? — perguntou-me, com um sorriso tímido e aproximando-se da mesa.

— Uma porção de coisas, Lenotchka. Ganho a vida escrevendo.

Expliquei-lhe que escrevia histórias sobre diversos assuntos e, reunindo-as, formava um livro chamado novela ou romance. Escutava-me com curiosidade.

— É verdade aquilo que escreve?

— Não. Invento.

— Porque não escreve coisas verdadeiras?

— Olha — disse-lhe eu, sem responder à sua pergunta — podes ler aquele livro que examinavas ainda há pouco. Sabes ler, não?

— Sei.

— Pois então lê esse livro. Escrevi-o eu.

— O senhor? Oh, hei de lê-lo...

Tinha vontade de dizer qualquer coisa, mas estava perturbada e com vergonha, segundo percebi; estava agitada e as suas perguntas ocultavam qualquer pensamento que não se atrevia a formular.

— Ganha muito dinheiro com o que escreve? — perguntou, por fim.

— Depende... Algumas vezes muito e algumas vezes nada, porque o trabalho não rende... Ou é demorado. É difícil escrever.

— Então não é rico?

— Não.

— Nesse caso quero trabalhar também.

Olhou-me, mas enrubesceu e baixou de novo os olhos. De repente precipitou-se para mim, beijou-me e apertou o rosto contra o meu peito, com força. Fiquei admirado.

— Amo-o! Não sou orgulhosa, não! — disse ela. — Supõe-me orgulhosa?... Não, não!... não sou orgulhosa. Amo-o, pois é a única pessoa no mundo que me estima.

Sufocava e pôs-se a soluçar, tal como durante o ataque da véspera. Caiu de joelhos na minha frente e beijou-me as mãos.

— É a única pessoa a estimar-me! — repetiu, apertando-me convulsivamente os joelhos com os braços.

Os seus sentimentos, contidos durante tanto tempo, encontraram de súbito uma saída e escaparam-se num caudal impossível de deter. Compreendi então a estranha obstinação deste coraçãozito escondido até ali, e com tanta mais severidade e rigor quanto o desejo de se manifestar, de trasbordar, era mais violento nesta explosão, tornada inevitável no momento em que todo o seu ser, esquecendo-se de si mesmo, se abandonava à necessidade de amar, de mostrar o seu reconhecimento, de prodigalizar as suas carícias e de se aliviar em lágrimas. Pouco a pouco acalmou-se, mas evitava voltar o rosto para mim; uma ou duas vezes lançou-me um olhar rápido, doce e tímido. Por fim corou e começou a rir.

— Estás melhor, minha sensível Lenotchka, minha querida doentinha? — perguntei-lhe.

— Lenotchka, não! — murmurou ela, continuando a ocultar o seu rosto.

— Não queres que te chame Lenotchka? Como queres então?

— Nelly.

— Nelly... É de facto um lindo nome... Se assim queres, chamar-te-ei então Nelly.

— Era assim que a minha mãe me chamava... Ninguém mais me chamou por esse nome... Não queria que qualquer um me chamasse dessa maneira. Porém quero que o senhor me chame assim. Quero... e hei de estimá-lo sempre, sempre!

— Escuta, Nelly — disse-lhe eu quando se acalmou um pouco. — Dizes que só a tua mãe te estimava! E o teu avô? Não gostava de ti?

— Não, não me estimava sempre.

— E apesar disso choraste quando soubeste da sua morte!... Lembras-te, ali na escada?

Refletiu um momento.

— Não, não me estimava... Era mau! — disse, enquanto uma expressão de sofrimento lhe aflorava ao rosto.

— É porque estava mais ou menos enfraquecido do cérebro. Morreu como um homem que não tem juízo... Já o sabes, pois contei-te como ele morreu.

— Sim, mas foi apenas no último mês que ficou assim e que esqueceu tudo. Ficava sentado aqui no quarto todo o dia e se eu não viesse era capaz de ficar assim dois, três dias, sem beber, sem comer. Porém, antes da morte da minha mãe, não era assim.

— Então eras tu quem lhe trazia a comida?

— Sim.

— E onde a conseguias? Em casa da Boubnov?

— Nunca trouxe nada de casa da Boubnov! — objetou com firmeza.

— Donde te vinha então o que lhe trazias? Não tinhas nada de teu.

Hesitou um momento.

— Pedia esmola nas ruas — murmurou por fim, com voz surda. — Quando reunia cinco *kopeks,* comprava pão e tabaco de mascar.

— E ele consentia?! Oh, Nelly, querida Nelly!

— No princípio nada lhe disse. Quando soube, foi ele mesmo que me mandou mendigar. Colocava-me à entrada da ponte e esperava-me a alguma distância. Mal me davam alguns *kopeks,* corria para mim e tirava-

mos... como se os tivesse mendigado para ele — acrescentou ela, com um sorriso cheio de amargura. — Isto passou-se logo após a morte da minha mãe... Estava como louco...

— Estimava então a tua mãe? Porque não vivia com ela?

— Não a estimava. Era mau e não lhe quis perdoar, como esse velhote de ontem! — disse, baixando a voz.

Estremeci. A intriga de todo um romance surgiu clara na minha imaginação. Essa desgraçada, morrendo numa loja da casa de um fabricante de caixões mortuários, essa órfã indo ver de quando em quando o avô que lhe renegara a mãe, esse estranho ancião sem juízo que, após a morte do seu Azor, fora morrer no canto de uma rua...

— O Azor pertenceu primeiro à minha mãe — volveu de repente a pequena. — O avô, antes, estimava muito a minha mãe, e quando ela o deixou, o Azor ficou em sua casa. Afeiçoou-se-lhe muito... Não quis perdoar à minha mãe e quando o Azor morreu, ele morreu também! — acrescentou com voz rouca.

— Que profissão tinha então o teu avô?

— Não sei... Sei que era rico e que tinha uma fábrica... A minha mãe disse-mo. Falava-me poucas vezes nessas coisas, julgando-me ainda muito criança. Apertava-me nos seus braços e repetia sem cessar: «hás de saber tudo um dia, minha desgraçada filha!» Chamava-me pobre e desgraçada. À noite, algumas vezes, quando me supunha adormecida (eu não estava a dormir, mas fingia...), chorava, beijava-me e repetia: «Pobre e desgraçada filhinha!»

— De que morreu ela?

— Tuberculose. Há uns dois meses mais ou menos.

— Lembras-te do tempo em que o teu avô era rico?

— Não, ainda não era nascida. A minha mãe já tinha saído da casa dele quando eu nasci.

— Com quem partiu ela?

— Não sei — respondeu baixinho. — Foi para o estrangeiro e foi lá que eu nasci.

— Onde nasceste?

— Na Suíça. Estive também em Itália, em Paris e em muitos outros lugares.

— E lembras-te de tudo quanto viste?

— De tudo não, mas de muitas coisas.

— E como se explica que fales tão bem o russo?

— A minha mãe ensinou-mo no estrangeiro. Ela era russa, como sua mãe também era russa. O avô, embora fosse inglês, cresceu aqui, de maneira que era, por assim dizer, russo também. Quando voltámos, a minha mãe e eu, há um ano e meio, habituei-me depressa a falar. Ela já estava doente e éramos extremamente pobres. Vivia sempre a chorar... Procurámos o avô durante muito tempo. A minha mãe dizia-me ser a culpada para com ele e chorava sempre! Sempre... Quando soube que o avô estava pobre, chorou ainda mais... Escreveu-lhe muitas vezes, mas nunca obteve resposta.

— Porque voltou a tua mãe para cá? Só para voltar para casa do pai?

— Não sei... Onde estávamos a vida era linda! A mãe vivia sozinha comigo; tinha um amigo, bom como senhor... Conhecera-o aqui, antes da partida. Morreu e foi então que viemos.

— Foi com ele que a tua mãe partiu quando deixou o avô?

— Não, não foi com ele. Saiu da casa do avô com um outro e foi esse que a abandonou...

— Com quem?

Olhou-me sem responder. Via-se que sabia com quem a mãe partira e não ignorava quem era o pai; era-lhe penoso dizer-me o nome.

Não quis continuar a importuná-la com as minhas perguntas. Tinha um caráter estranho e ardente, dominando os seus entusiasmos; era simpática, mas fechada num círculo de altivez inacessível.

Era uma estranha história a desta mulher abandonada, sobrevivendo à sua infelicidade, doente, atormentada e abandonada de todos, repelida pelo único ser em quem poderia confiar, pelo pai, a quem ofendera outrora e que, por seu lado, sobreviveu à perda da razão após humilhações e sofrimentos intoleráveis. Era a história de uma mulher reduzida ao desespero, peregrinando com a filha, que permanecera para ela sempre uma criança, a pedir esmola pelas ruas frias e sujas de S. Petersburgo; de uma mulher que lutara contra a morte meses inteiros, numa loja húmida e a quem o pai recusara o perdão até ao último minuto da vida. Esperou esse derradeiro momento para perdoar, mas não achou mais do que um cadáver, em lugar daquela a quem amara acima de tudo. Era o relato das relações misteriosas, quase incompreensíveis, de um velho, vivendo, ainda depois da morte da sua razão, com a neta que já compreendia, apesar de ser ainda muito criança, muitas coisas não atingidas pela inteligência das outras

crianças de vida calma e descuidada. Era uma sombria história, uma dessas histórias tenebrosas e pungentes que se desenrolam a miúdo, desapercebidas e misteriosas, sob o céu pesado de S. Petersburgo, nas ruas escuras, tortuosas e escusas dessa grande cidade, no meio do movimento e do ruído ensurdecedor da vida, dos egoístas estúpidos, dos interesses que se chocam, no meio das depravações e dos crimes, no centro desse inferno de uma vida absurda.

Mas, repito, esta história de que falo está ainda no princípio e o seu fim está distante, muito distante...

Parte 3

Capítulo 1

Já era noite quando saí do meu pesadelo e volvi à realidade.

— Nelly — disse eu à minha pequena companheira — estás nervosa e doente, e todavia tenho de te deixar por momentos com a tua comoção e as tuas lágrimas. Perdoa, minha amiguinha, mas perto daqui há também um ser amado a quem não perdoaram, uma infeliz, uma ultrajada, uma abandonada. Espera-me. A tua história perturbou-me de tal modo que preciso vê-la o mais breve possível.

Não sei se compreendeu as minhas palavras. A sua história e a minha última indisposição excitaram-me muitíssimo. Corri a casa de Natascha. Eram nove horas quando lá cheguei.

Parado à porta vi um carro que me pareceu o do príncipe.

Na escada vi um homem. Ia já no andar superior e subia tateando, como quem não conhece o local. Pensei que fosse o príncipe, mas deduzi logo que não podia ser. O desconhecido praguejava, maldizendo a escada. O tom de voz aumentava à medida que ia subindo.

Na verdade a escada era estreita, suja, íngreme e escura. Não supunha, todavia, que fosse o príncipe quem ia proferindo as pragas, como as que me chegaram aos ouvidos, quando alcancei o terceiro andar. Ia subindo e praguejando como um cocheiro embriagado.

Felizmente o último lance de escada era iluminado; havia uma lâmpada à porta de Natascha. Só aí alcancei o desconhecido e não se pode calcular o meu espanto quando vi na minha frente o príncipe.

Pareceu-me primeiro bastante contrariado com este encontro, mas foi apenas um relâmpago; o seu olhar colérico e mau tornou-se sorridente e afável, e estendeu-me as mãos alegremente.

— Ah, é o senhor? Quase caí de joelhos, pedindo a Deus para me salvar a vida. Não me ouviu praguejar?

Ria o mais naturalmente possível; de súbito, porém, a sua fisionomia tornou-se grave e preocupada.

— E pensar como Alyosha pôde alojar Natascha nesta casa! — disse ele, abanando a cabeça. — Veja! Estas coisas, à primeira vista

insignificantes, caracterizam o homem. Receio os acontecimentos. Tem um coração nobre e bom, mas repare neste facto; está loucamente apaixonado e consente que a sua mais querida viva em tal pardieiro. Talvez até já tenha faltado aqui o pão! — murmurou, procurando a campainha. — Apavoro-me quando penso no futuro e mais ainda no futuro de Ana Nicolaievna quando for sua mulher.

Trocava o nome sem dar por isso e não conseguia encontrar a campainha, que aliás não existia.

Bati no trinco da porta.

Mavra veio abrir e recebeu-nos com um ar assustado.

Na antecâmara notámos logo grandes preparativos para a receção. Estava tudo lavado, polido e esfregado. A própria louça era nova. Aguardavam a nossa chegada. Mavra ajudou-nos a tirar os sobretudos.

— O Alyosha está? — perguntei.

— Ainda não apareceu — disse ela com um ar de mistério.

Entrámos. Nada fora modificado no quarto de Natascha, que estava, como sempre, arrumado com muito gosto.

Esperava-nos à porta e fiquei impressionado com a palidez doentia das feições e o rosto excessivamente magro. Estendeu a mão ao príncipe e ficou silenciosa, visivelmente perturbada e constrangida.

Nem ao menos olhou para mim. Esperei, sem nada dizer.

— Eis-me de volta — disse o príncipe, num tom alegre e amistoso. — Cheguei há poucas horas e desde a partida tenho pensado sempre em si. — E beijou-lhe a mão cortesmente. — Precisamos conversar muito... Mas temos tempo. Antes de mais nada, pelo que vejo, o meu estouvado ainda não chegou.

— Perdão, príncipe — disse Natascha, corando. — Permita-me que diga aqui umas palavras ao Ivan.

Agarrou-me nas mãos e levou-me para a antecâmara.

— Ivan, perdoa-me!

— Ora essa...

— Não, não, Ivan, tens-me perdoado muitas vezes, mas toda a paciência tem o seu termo. Posso contar, bem sei, com a tua amizade, mas hás de julgar-me uma ingrata. Ontem e anteontem fui ingrata, egoísta, cruel...

E encostando-se ao meu ombro desatou a chorar.

— Calma, Natascha. Não apareci porque estive doente... Não penses que fiquei zangado. Minha boa amiga, sei bem o teu sofrimento, o martírio da tua alma...

— Obrigada... Perdoas sempre — disse ela, sorrindo, com os olhos cheios de lágrimas e apertando-me a mão com força. — O mais fica para depois. Tenho muito a contar-te. Agora vamos ter com ele.

— Vamos. Não o podemos deixar só.

— Vais assistir à cena... — disse ela. — Sei tudo. Adivinhei tudo. A culpa é toda dele e esta noite será decisiva. Vem...

Nada entendia, mas o momento não era próprio para pedir explicações. Com um aspeto sereno, aproximou-se do príncipe, que permanecia ainda de pé, com o chapéu na mão. Desculpou-se, pegou-lhe no chapéu, ofereceu-lhe uma cadeira e sentámo-nos.

— Tinha começado a falar do meu estouvado — continuou o príncipe. — Estive com ele na rua uns rápidos momentos. Ia para casa da condessa, e tão apressado que mal parou a conversar comigo, isto após quatro dias de separação. Porém, se agora vem atrasado, a culpa é minha; como não podia ir a casa da condessa, encarreguei-o de um recado. Mas não deve tardar.

— Prometeu-lhe vir hoje? — perguntou Natascha, olhando o príncipe com um ar o mais ingénuo possível.

— Não importa se não vier... Mas acho estranha a maneira como perguntou! — exclamou, olhando-a com surpresa. — Compreendo a sua arrelia, pois é desagradável ser sempre o último a chegar; mas a culpa é minha, repito. É leviano, estouvado e não pretendo defendê-lo; circunstâncias particulares exigem entretanto que, pelo menos agora, não deixe de ir a casa da condessa e tente tornar cada vez mais íntimas umas certas relações. E como sai pouco, provavelmente, de sua casa e esqueceu o resto do mundo, peço-lhe me permita roubar-lho algumas vezes, por uma hora ou duas, para os meus negócios. Estou convencido de que não voltou mais a casa da princesa K... desde certo dia e contrariou-me o ter-me esquecido de lhe pedir isso...

Natascha escutava-o com um sorriso um tanto irónico. Ele, porém, falava com tanta franqueza e naturalidade que parecia impossível houvesse alguém capaz de duvidar da sua sinceridade.

— Ignora, de facto, que não me veio ver uma única vez durante a sua ausência? — perguntou Natascha com voz calma e suave, como se falasse

da coisa mais simples do mundo.

— Como?! Não a veio ver uma única vez? O que diz? — exclamou o príncipe, parecendo estupefacto.

— O senhor esteve aqui quarta-feira à noite... No dia seguinte pela manhã veio de passagem e esteve apenas meia hora. Depois disso, nunca mais o vi.

— Mas é incrível! — A sua surpresa aumentava cada vez mais. — E eu a pensar que estava constantemente em sua casa! Peço-lhe perdão, mas... isso é tão estranho... e tão incrível!

— E no entanto é verdade! É uma tragédia. Esperava justamente a sua chegada para saber onde está.

— Ah, meu Deus, mas não deve tardar! É de espantar... Podia esperar tudo dele, mas nunca isso, confesso-o!

— Espanta-me a sua surpresa! Pensei que o senhor soubesse de tudo.

— Eu? Que eu soubesse? Asseguro-lhe, Natascha, que vi meu filho apenas muito de fugida e nada perguntei a ninguém a seu respeito. Surpreende-me que duvide de mim — acrescentou, olhando-nos simultaneamente.

— Deus me livre! — exclamou Natascha. — Estou certa da sua sinceridade! — E soltou uma gargalhada.

— Explique-se, por favor! — disse o príncipe, embaraçado,

— Nada há a explicar. Falei muito naturalmente... O senhor bem sabe como ele é esquecido e extravagante. Tão depressa se sentiu livre como se deixou arrastar...

— Mas não é razoável que se tenha deixado arrastar dessa maneira. Há qualquer coisa obscura nisto e, mal chegue, trataremos de pôr tudo a claro. O que me surpreende mais é parecer lançar a culpa sobre os meus ombros, sabendo que estava ausente de S. Petersburgo. De resto, Natascha, reconheço que tem razão para estar irritada e compreendo-o. É justo e... Se calhar sou eu o principal culpado, apenas porque cheguei primeiro, não? — continuou ele, voltando-se para mim com um sorriso provocante.

Natascha tornou-se escarlate.

— Permita-me, continue — volveu ele com dignidade. — Confesso a minha falta... mas o meu único erro foi o de ter partido na manhã do dia em que nos conhecemos, por isso, como tem um caráter um pouco sensível, teve tempo, ajudada pelas circunstâncias, de mudar de opinião a meu respeito. Se não tivesse ido para fora, ter-me-ia conhecido melhor e

Alyosha, achando-se sob a minha vigilância, não teria fugido... há de ver como lhe vou falar daqui a pouco!

— Quer dizer, vai-lhe dar a conhecer e tentar fazer-lhe sentir as minhas queixas? É impossível que um cavalheiro com o seu espírito creia ser útil, agindo dessa maneira.

— Acusar-me-á de tentar proceder com esse fim, Natascha? Está a ofender-me!

— Esforcei-me sempre por evitar alusões e por dizer em voz alta quanto penso — retorquiu Natascha. — Terá talvez ainda hoje a oportunidade de se convencer desta minha afirmação. Não quero por nada magoá-lo e não tenho mesmo razão para tal fazer, pois sei que não se ofenderá com as minhas palavras, quaisquer que elas sejam. Tenho esta persuasão, porque compreendo muito bem as nossas mútuas relações: o senhor não as toma a sério, não é assim? Mas se, apesar disso, o ofendi, estou pronta a pedir-lhe perdão a fim de lhe provar o meu desejo de cumprir para com o senhor todos os meus deveres de... hospitalidade.

Embora tivesse dito estas palavras num tom jovial, embora o tivesse feito com um sorriso nos lábios, nunca a vira tão irritada como naquele momento, e só então compreendi como o seu coração sentira durante estes três dias. As palavras enigmáticas que me dissera um momento antes, de que sabia tudo e adivinhara tudo, deixaram-me deveras admirado, pois se referiam ao príncipe. Mudara de opinião a seu respeito e considerava-o como um inimigo. Atribuía à sua influência, era evidente, a conduta de Alyosha e talvez tivesse algumas razões para tal. Receava por isso uma cena violenta. O tom jocoso empregado disfarçara-o tão pouco, as últimas palavras pronunciadas, acusando o príncipe de não levar muito a sério as suas mútuas relações, a frase colocando as desculpas na conta de deveres de hospitalidade, a sua promessa, em forma de ameaça, de lhe provar, naquela mesma noite, como sabia falar com franqueza, tudo isto era tão claro, tão significativo que era impossível que o príncipe não compreendesse. Vi-o mudar de fisionomia. Sabia porém dominar-se. Fingiu não ter entendido as suas palavras, não ter notado o seu verdadeiro sentido e furtou-se a tais embaraços com uma graçola.

— Deus me livre de querer desculpas! — exclamou ele, rindo. — Nunca tal me passou pelo pensamento, nem... está dentro dos meus hábitos. Aquando da nossa primeira entrevista, preveni-a do meu caráter. Espero por isso não me tornar odioso se faço uma observação, tanto mais

que falo na generalidade e refiro-me a todas as mulheres... O senhor com certeza é da minha opinião! — acrescentou, voltando-se para mim com amabilidade. — Tenho observado que é um traço característico das mulheres, o seguinte: quando erram, estão mais depressa prontas a fazer esquecer o seu erro com mil carícias do que a confessá-lo e a pedir perdão. Assim, supondo que eu tenha sido ofendido por si, recuso qualquer desculpa, pois vou lucrar dentro em pouco. Quando reconhecer a sua injustiça, há de querer que eu a esqueça... com mil carícias. E se antes já é tão boa, tão pura e tão franca, quando chegar o arrependimento será encantadora! Porém estimo mais que me diga como lhe poderei provar hoje que sou muito mais sincero do que imagina.

Natascha enrubesceu. Pareceu-me também haver no tom de voz do príncipe uma leviandade, uma jovialidade e uma negligência quase impertinentes.

— Quer dar-me uma prova disso? — perguntou Natascha, em ar de desafio.

— Quero.

— Se é assim, só vai fazer o que lhe pedir.

— Prometo-o antecipadamente.

— É isso o meu desejo. Hoje e amanhã não dirá a Alyosha uma só palavra a meu respeito. Não lhe fará nenhuma alusão, nenhuma censura, nenhuma advertência. Irei ao seu encontro, como se nada tivesse havido entre nós. Tenho necessidade que seja assim. Dá-me a sua palavra?

— Com o máximo prazer — respondeu o príncipe — e permita-me acrescentar que raras vezes tenho encontrado um pedido tão razoável, tão inteligente... Mas, se não me engano, o Alyosha está a chegar.

Com efeito, ouvimos ruído na antecâmara. Natascha estremeceu. O príncipe, que não a desfitava, tomou uma atitude estudada, mas própria do momento. Abriram a porta e Alyosha entrou.

Capítulo 2

Entrou de fisionomia radiante; tinha passado agradavelmente, como se via, esses quatro dias.

— Sou eu! — exclamou. — Eu, que devia ter chegado em primeiro lugar. Ides já saber tudo. Desde o nosso encontro de há pouco, mal tiveste tempo de lhe falar, apesar de teres muitas coisas para lhe dizer. Só nestes bons momentos consente que o trate por tu — disse, voltando-se para nós. — Proíbe-mo em certas ocasiões, empregando uma tática especial! Começa, ele próprio, por me tratar cerimoniosamente. Porém, doravante, intimo-o a estar sempre nos seus bons momentos. Aliás, nestes quatro dias mudei por completo: explicar-vos-ei isso daqui a pouco. Agora só penso nela! Ei-la, ei-la de novo, a minha Natascha, a minha pomba, o meu anjo! Causei-te bastantes aborrecimentos nestes dias — acrescentou, sentando-se ao seu lado e cobrindo-lhe as mãos de beijos. — Mas que queres tu? Não pude agir de outra forma. Parece-me que emagreceste! Estás pálida...

Recomeçou a beijar-lhe as mãos com frenesim e olhava-a como se não se fartasse de a ver. Eu olhava-a também e compreendi que tínhamos o mesmo pensamento: Alyosha era um inocente. Mas até onde poderia ir a sua inocência?

Um vivo rubor cobriu de repente as faces de Natascha, como se todo o sangue lhe tivesse subido à cabeça. Os olhos fulguravam-lhe e fitou altivamente o príncipe.

— Onde... estiveste... tanto tempo? — perguntou, com voz trémula de comoção.

A respiração era penosa e desigual. Meu Deus, como o amava!

— Está nesse ponto a razão por que pareço ter procedido mal para contigo, e quando digo *pareço* não é porque suponha não merecer as tuas censuras, como dizia a mim mesmo enquanto me dirigia para aqui. A Katia disse-me ontem e hoje que uma mulher a quem abandonam, como eu te abandonei, não saberia perdoar. Afirmei o contrário e declarei-lhe que ninguém sabia perdoar como tu e que não havia no mundo outra que te fosse comparável a não ser ela. E vim, certo do teu perdão, meu anjo! Tens

a certeza de que se não viesse isso não provava que te esquecera, que deixara de te amar! Esquecer-te?! Como poderia tal? O meu coração sofreria se o afastassem de ti. Não sou por isso menos culpado. Mas quando souberes tudo, desculpar-me-ás, estou certo! Vou-te contar. Tenho necessidade de expandir tudo quanto sinto, junto de vós, e foi para isso que vim. Quis esta manhã aproveitar um instante de liberdade e vir junto de ti dar-te um beijo. Não pude, a Katia mandou-me procurar. Foi antes da tua chegada, pai. Quando nos encontrámos, regressava eu da casa dela, conforme me pedira num bilhete, pois temos correios trabalhando a qualquer hora. Apenas ontem, Ivan, tive tempo de ler o seu bilhete. Tem muita razão... mas o que quer? Foi um caso de impossibilidade material! Então disse a mim mesmo: «Amanhã à noite justificar-me-ei por todo o sucedido.» Sim, pois já pensava vir esta noite!

— De que bilhete falas? — perguntou ela.

— O Ivan passou pela minha casa. Não me encontrou, como é natural, e deixou-me um bilhete repreendendo-me por te ter abandonado. Tinha toda a razão.

Natascha olhou-me.

— Naturalmente, visto teres tempo de estar de manhã à noite em casa da Catarina! — objetou o príncipe.

— Bem sei, bem sei o que vais dizer: «Se podias ir a casa da Katia, com mais uma razão podias ter vindo aqui!» Inteiramente de acordo, e acrescentarei mesmo: tinha não só uma, mas um milhão de razões mais para vir aqui! Contudo há na vida acontecimentos singulares, imprevistos, que tudo perturbam e tudo complicam. Pois bem... aconteceu-me um facto desse género. No decorrer destes três dias, disse-lhes já, mudei por completo, visto ter-me encontrado em circunstâncias bem graves.

— Ah, meu Deus! Não me faças enlouquecer! — exclamou Natascha. — Conta depressa o que te aconteceu.

— Lá vamos! Não vim aqui para outra coisa — replicou ele. — Ah, meus amigos... O que eu vi... O que eu fiz... e que relações travei! Antes de mais nada, Katia é a perfeição suprema. Até aqui não a conhecia bem e embora te tenha falado dela, na quarta-feira passada (lembras-te, Natascha?) com tanta animação, conhecia-a apenas muito superficialmente. Ainda não tinha falado abertamente comigo; ocultara-se, por assim dizer. Agora conhecemo-nos intimamente. Não temos segredos. Se ouvisses como falou de ti, Natascha, quando, quinta-feira última, lhe

contei o que acontecera na véspera... A propósito, fiz uma estúpida figura nessa quinta-feira, quando passei por tua casa, pela manhã. Recebeste-me com efusão. Toda compenetrada do sentimento da nossa nova situação sentias desejo de falar nela, mas estavas ao mesmo tempo triste e jovial, e eu fazia de homem sério. Que grande tolo! É que, juro-te!, queria ensaiar de homem prestes a casar-se e não achei melhor ocasião para representar esse papel na tua frente. Deves-te ter rido muito de mim e de facto era isso que eu merecia.

O príncipe não dizia palavra. Olhava para o filho com um ar astucioso e parecia contente por o ver tão leviano e tão ridículo. Observei-o toda a noite com atenção e adquiri a certeza de que, apesar dos seus protestos de amor paternal, não o estimava.

— Saindo daqui — continuou Alyosha — fui a casa da Katia. Aprendi a conhecê-la nesse dia e num relance; bastaram umas palavras apaixonadas, uma troca de meia dúzia de ideias e estávamos entendidos para toda a vida. É preciso que a conheças, Natascha! Se a ouvisses a descrever-me a tua pessoa... a dizer-me que representas um tesouro para mim... Depois expôs-me a sua maneira de encarar a vida, falou-me com entusiasmo dos nossos deveres, da nossa missão, da obrigação que todos temos de servir a causa da humanidade. Ao cabo de algumas horas de palestra, tomávamos o compromisso de trabalhar na mesma obra toda a nossa vida.

— E qual será o raio de ação a desenvolver? — perguntou o príncipe.

— Estou mudado a tal ponto, meu pai, que compreendo a tua surpresa — respondeu Alyosha com um ar solene. — Sois pessoas práticas, tendes os vossos princípios matemáticos, severos, experimentados; desconfiais de tudo quanto é novo, prático, moderno, e estais sempre prontos a levar tudo para o ridículo. Já não sou aquele que conheceste há alguns dias: sou muito diferente e olho com audácia e bem de frente os homens e as coisas. Alcançada a certeza de que esta minha convicção é justa, afirmá-la-ei sempre e se não me desviar do meu caminho, serei um homem honesto... Mas basta de falar de mim... Podeis dizer o que quiserdes... Estou convencido.

— Oh! Oh! — exclamou o príncipe ironicamente.

Natascha olhava-nos inquieta. Receava por Alyosha. Não gostava que se tornasse ridículo na nossa frente e sobretudo diante do pai.

— Isso é filosofia! — disse ele. — Doutrinaram-te. Era bem melhor se nos dissesses o que te aconteceu.

— Mas é isso o que faço — replicou ele. — A Katia tem dois primos: Levinka e Borinka. São uns rapazes notáveis. Nunca vão a casa da condessa, por princípio. Quando conversávamos, Katia e eu, sobre a missão do homem e de toda a espécie de coisas desse género, falou-me dos primos e deu-me uma carta de apresentação e recomendação. Apressei-me a ir conhecê-los. Desde o primeiro encontro compreendemo-nos logo. Estavam lá em casa uma dúzia de pessoas de diversas condições: estudantes, oficiais, artistas e até um escritor... Todos conhecem Ivan, isto é, leram as suas obras e esperam muito do seu talento. Disse-lhes que nos conhecíamos e comprometi-me a apresentar-lhos. Acolheram-me de braços abertos, como a um irmão. Transmiti-lhes que me ia casar. Moram num quinto andar. Reúnem-se todas as vezes que podem, mas em especial às quartas-feiras, em casa do Levinka ou do Borinka. É uma juventude exuberante de seiva, inflamada pelo amor à humanidade. Falámos da situação atual, do futuro, e abordámos assuntos científicos, literários... Há também um colegial que frequenta estas assembleias. Nunca vi criaturas semelhantes. Precisas conhecê-las, Natascha. A Katia conhece-os a todos e eles falam dela quase com veneração. Prometeu doar um milhão à sociedade, quando tiver o direito de dispor da sua fortuna.

— E o Levinka e o Borinka, e todo o resto da malta, serão os encarregados de regularizar o emprego desse milhão, não é? — disse o príncipe.

— Não, não! Faz mal em falar assim, meu pai! — exclamou Alyosha, arrebatado. — Está resolvido empregar-se esse dinheiro em propaganda de instrução...

— Tens razão. Conheço muito mal a Catarina — murmurou o príncipe, como que alheado e sempre com o seu sorriso irónico.

— Porque ninguém — exclamou Alyosha — sacrificou ainda um milhão em benefício do bem público, surpreende-te que ela o faça? Mas se ela não quer viver a expensas de outrem? Sim, porque viver desses milhões é viver a expensas de outrem! Só agora aprendi a compreender estas coisas. Quer ser útil à humanidade, dar o seu óbolo a favor do bem geral. Porque me olhas assim? Dir-se-ia que pensas ter na tua frente um louco ou um lobo. Não importa. Queria apenas que tu e a Natascha ouvísseis a Katia falar a tal respeito: «O espírito não é o principal, mas

sim aquilo que o dirige, aquilo que o faz agir: o caráter, o coração.» Porém, superior a isto, é o pensamento original de um dos amigos do Levinka e do Borinka, Bezumiguine, o nosso chefe, a nossa cabeça, um génio! Proferiu-o ontem mesmo na nossa reunião: «Um tolo, tendo consciência de que é tolo, deixou de o ser!» Que grande verdade! E encontra a cada momento pensamentos da grandeza deste!

— Simplesmente genial — observou o príncipe.

— Zomba quanto queiras. Nunca disseste qualquer coisa de semelhante, nem tu, nem nenhum dos nossos. Pelo contrário, só quereis confundir tudo, rebaixar tudo, e não refletis que isso é mil vezes mais difícil do que tudo aquilo que dizemos e pensamos. Depois, alcunham-nos de utopistas. Se ouvisses tudo quanto me disseram ontem...

— Até agora, confesso-te, não compreendo bem do que é que falais — disse Natascha.

— Falamos de tudo o que pode conduzir ao amor pelo progresso, pela humanidade e pelo próximo; discutimos as questões do dia; ocupamo-nos das últimas reformas decretadas; falamos sobre os homens de ação, nossos contemporâneos, lendo e analisando os seus atos. Mas antes de tudo, juramos ser francos uns com os outros, de confessarmos, sem cerimónia e sem mentira, tudo quanto pessoalmente nos diz respeito. Somente a franqueza e a retidão podem permitir que alcancemos o nosso fim. Juramos também agir com lisura e honestidade toda a nossa vida, sob a direção do nosso chefe, e, digam o que disserem de nós, seja qual for o juízo que façam a nosso respeito, não nos desconcertaremos, não nos envergonharemos das nossas aspirações, dos nossos arrebatamentos, das nossas imperfeições e caminharemos sempre pelo caminho direito. «Para se ser estimado, é preciso que pela estima de si mesmo se force a estima dos outros». Isto é também um pensamento de Bezumiguine, e Katia pensa de igual maneira.

— Oh, meu Deus, que aranzel! — exclamou o príncipe, inquieto. — Quem é esse Bezumiguine? Não será melhor guardar isso para outra ocasião?

— Porque há de ser melhor guardá-lo para outra ocasião? — perguntou Alyosha. — Escuta... Sabes porque estou falando nisto agora, aproveitando a tua presença? É porque desejo e espero trazer-te para o nosso círculo. Comprometi-me mesmo a conseguir a tua adesão. Ris?! Mas escuta até ao fim e compreenderás. Não os conheces, nunca os viste,

nunca os ouviste, nunca privaste com eles; não podes, por consequência, julgá-los de ânimo leve. Quando estiveres junto deles, quando os ouvires, juro-te, hás de ser dos nossos e eu farei tudo quanto estiver ao meu alcance para te salvar, para impedir que te percas na sociedade,

O príncipe escutara em silêncio este rápido palratório, o seu sorriso irónico e maldoso causava a Natascha uma impressão de desgosto que ele fingia não perceber.

Recostou-se ao espaldar da cadeira e pôs-se a rir, mas com um riso forçado, unicamente para desgostar a Alyosha. O rapaz sentiu-se ofendido e o rosto manifestou uma expressão de tristeza. Esperou que o acesso de hilaridade do pai passasse.

— Pai — disse então, com desgosto —, porque zombas de mim? Falei com toda a retidão e com toda a franqueza; se, na tua opinião, digo asneiras, prova-mas em lugar de te rires. De que zombas? Pode ser que esteja errado, que tudo isto seja falso, que não passe de um tolo, como tens dito tantas vezes... Mas se erro, é na boa fé, honestamente. Deixo-me arrastar por nobres e elevadas ideias; pode ser, sejam mentirosas, mas na sua essência têm uma certa razão de ser.

O príncipe mudou imediatamente de tom.

— Não te quero ofender, meu caro! — replicou. — Lamento-te... Preparas-te para um ato tão sério da tua vida, que era tempo de pôr termo a essas tuas loucuras. Eis o que penso. Ri, mau grado meu, mas não na intenção de te ofender.

— Sabes porque assim pensei? — volveu Alyosha, com amargura. — Porque tenho a impressão, há muito, que me olhas como um inimigo, sempre disposto a zombar, e não como um pai deve olhar por um filho! Porque penso que se estivesse no teu lugar, não zombaria assim do meu filho nem o trataria dessa maneira. Expliquemo-nos com franqueza, uma vez por todas, a fim de não surgir mais nenhum mal-entendido. Quando entrei, não os encontrei como esperava... Havia no ar uma certa inquietação... Enganei-me? Se não me enganei, não será muito melhor cada um de nós dizer o que pensa? Quantos males se podem evitar usando da franqueza.

— Fala, Alyosha — disse o príncipe. — Propões uma coisa bastante sensata. Talvez devêssemos ter começado por aí — acrescentou, olhando para Natascha.

— Pedes-me para ser franco — replicou Alyosha — e sê-lo-ei. Todavia não te irrites com a minha franqueza. Deste-me o teu consentimento para desposar Natascha, deste-nos a felicidade, apesar de ser contra a tua vontade. Foste generoso e apreciámos a tua conduta para connosco, digna, na verdade... Mas porque me fazes sentir continuamente, com um prazer malicioso, que não passo de um ridículo rapazinho? Dir-se-á, pretendes humilhar-me, deprimir-me aos olhos de Natascha. Sentes satisfação sempre que podes apresentar-me sob um aspeto ridículo, e não é de hoje que noto isso. Pareces esforçar-te por provar que a nossa união é absurda, que faremos um par desigual. Dir-se-á não acreditares na realização do nosso casamento... Não o consideras mais que uma brincadeira, um divertimento, uma comédia... E não infiro esta conclusão apenas das tuas palavras de hoje. Quarta-feira última, quando, saindo daqui, fui ao teu encontro, falaste-me de uma forma tão singular que fiquei surpreendido e aflito. No dia seguinte, fazendo alusão à nossa situação, falaste da Natascha não de uma maneira ofensiva, oh! não!, mas levianamente, sem amizade nem estima, muito diferente do que eu desejaria... Acusas-me de estar em erro, tiras-me a coragem e... a ela também... porque tu ofendeste-a... Vi-o logo, quando entrei.

Falara com calor e firmeza. Natascha ouvira-o, séria e com as faces rubras de comoção. Duas vezes murmurara: «Sim, é verdade!»

O príncipe estava perturbado.

— Caro amigo — respondeu ele — não me posso lembrar de tudo quanto te disse; mas dás às minhas palavras uma estranha interpretação e estou pronto a fazer o que depender de mim para te mostrar que estás em erro. Se ainda há pouco ri, foi unicamente para ocultar o sentimento de amargura que me assaltou. Quando penso que te vais casar, parece-me um absurdo, parece-me impossível e... peço perdão!... ridículo mesmo. A culpa é talvez minha, pelo menos em parte. Observei-te talvez pouco de há um tempo a esta parte; de contrário teria compreendido mais cedo de quanto és capaz. Tremo, pensando no futuro... Apressei-me demais... Há muita diferença, segundo vejo, entre vós... O amor passa e a diferença permanece. Pondo de lado a tua própria sorte, e sem esquecer que as tuas intenções são as mais honestas, corres para uma ruína certa, arrastando contigo Natascha! Falas há uma hora de amor pela humanidade, de convicções nobres, de generosidade... Ora bem... pergunta a Ivan pelo que lhe disse há momentos, quando, depois de termos subido até este quarto

andar, por uma horrorosa escada, parámos diante da porta, rendendo graças ao céu por nos ter salvo a vida e as pernas. Subitamente, sem querer, perguntei a mim mesmo como podias consentir que a Natascha estivesse tão mal alojada! Então não sentes que se não estás à altura do teu dever, muito menos tens o direito de ser marido, tens o direito de assumir o menor compromisso!? Não basta apenas amar! É preciso provar esse amor por atos. Mas tu dizes: «Seja embora desgraçada, quero que partilhe a minha vida». Isso, porém, é desumano e ignóbil! Falar em amor ao próximo, ser paladino de problemas humanitários e cometer ao mesmo tempo, embora inconscientemente, um crime contra o seu amor!? Não me interrompa, Natascha! Deixe-me acabar... Tenho o coração cheio de mais para me poder conter. Durante estes últimos dias, segundo dizes, foste atraído para tudo quanto é nobre, belo e honesto, e lamentas que a nossa sociedade não se curve a semelhantes entusiasmos e nada mais conheça além do que a sua fria razão permite conhecer. Considera agora a tua conduta: entusiasmas-te por tudo aquilo que é belo e grandioso e, apesar dos acontecimentos de quarta-feira última, não tens a mais pequena atenção para com ela que, parece-me, devia constituir o que de mais querido possuis no mundo! Vens contar-nos a tua discussão com a Catarina, a quem afirmaste: «A Natascha ama-me tanto e é de tal forma generosa que não poderá deixar de perdoar o meu procedimento». Contavas com esse perdão e tinhas a certeza de o obter... Com que direito? Não te passaram pela mente, uma só vez, as torturas, as ideias amargas, as dúvidas, as suspeitas originadas pela tua ausência durante estes quatro dias?! Pelo facto de te deixares atrair por meia dúzia de ideias novas, supões estar no direito de desprezar o primeiro dos teus deveres? Perdoe-me, Natascha, por não manter a minha promessa: a questão é demasiadamente séria, como deve compreender. Fica sabendo, Alyosha: encontrei a Natascha dominada por tão terríveis sofrimentos morais que compreendi logo que tinhas transformado num inferno estes momentos que deveriam ser para ela os mais belos de toda a sua vida. De um lado, ações como estas e do outro... palavras, palavras, sempre palavras! E após tudo isto julgas-te no direito de me acusar, tu, o culpado máximo?

Parou, satisfeito e triunfante, após esta manifestação de eloquência. Quando falou nos sofrimentos de Natascha, Alyosha olhou-a com uma expressão de mágoa indizível.

Natascha tinha tomado já a sua resolução.

— Não te desesperes, Alyosha! O grande culpado, o maior, não és tu. Continua sentado e ouve-me com atenção. É tempo de pôr termo a isto!

— Explique-se, Natascha — replicou o príncipe. — Peço-lhe! Está fazendo alusões há mais de duas horas, que são outros tantos enigmas para mim. Isso é intolerável e, confesso, não esperava tal coisa ao vir aqui.

— É possível... Pensava talvez levar-nos, com o encanto das suas palavras, a não duvidarmos dos seus secretos desejos. O que deseja que lhe explique? Alyosha tem razão. O senhor compreendeu tudo. Sabia de antemão o que iria acontecer depois dessa noite de quarta-feira; tinha tudo calculado, ponto por ponto. Repito: não me considera a sério, nem ao pedido de casamento que fez. Zomba de nós. Tem uma cartada só conhecida do senhor e por isso a joga com segurança. Alyosha tem razão em considerar tudo isto como uma comédia. Em lugar de o acusar, o senhor devia alegrar-se, pois, sem duvidar de coisa alguma, fez tudo quanto o senhor esperava dele e talvez mesmo um pouco mais!

Fiquei admirado. Esperava de facto uma catástrofe, mas a franqueza mais que incisiva da Natascha e o tom de desprezo mal dissimulado com que falava surpreenderam-me ao máximo. Pensei comigo mesmo que devia ter qualquer fundamento sólido, ou resolvera irrevogavelmente romper ou talvez tivesse esperado o príncipe para lhe dizer tudo, na cara, de uma só vez. O príncipe empalideceu ligeiramente e o rosto de Alyosha tomou uma expressão de estúpido terror e de ansiosa espectativa.

— Lembre-se da acusação que acaba de formular — exclamou o príncipe. — Pense um pouco nas suas palavras.... pois não compreendo...

— Ah! Não quer compreender por meias palavras? — perguntou Natascha. — Alyosha compreendeu-o tão bem como eu, e no entanto nada combinámos, nem mesmo nos vimos! Pareceu-lhe também que o senhor jogava uma cartada indigna, e todavia adora-o e tem fé no senhor, como um deus, o senhor julgou inútil qualquer disfarce com ele, convencido que de nada duvidaria. Mas ele tem um coração sensível, terno e impressionável, e as suas palavras, o *seu tom*, para empregar a sua expressão, chocaram-lhe o coração.

— Continuo a nada compreender — repetiu o príncipe, voltando-se para mim, com um ar de absoluta surpresa e como a tomar-me por testemunha da sua inocência.

Estava furioso.

— É desconfiada e irrequieta — volveu, dirigindo-se a Natascha. — Tem ciúmes da Catarina e portanto está pronta a acusar o mundo inteiro e a mim em primeiro lugar... Mas permita que lhe diga: arrisca-se a dar-me uma estranha ideia do seu caráter... Não estou habituado a cenas deste género e não ficaria aqui nem mais um minuto se não fossem os interesses do meu filho.

— Então, embora saiba tudo, teima em não compreender aquilo que resumi em duas palavras? Seja! Quer que diga tudo, sem rodeios?

— É esse o meu desejo...

— Muito bem. Escute-me, então! — exclamou ela, com os olhos brilhantes de cólera. — Direi tudo!

Capítulo 3

Natascha levantou-se e começou com uma voz comovida. O príncipe levantara-se também e a cena tornara-se extremamente solene.

— Lembra-se do que me disse na passada quarta-feira? — perguntou Natascha. — «Precisava de dinheiro, de relações influentes, de honrarias». Lembra-se?

— Lembro.

— Ora bem! Foi para obter esse dinheiro, para reconquistar essas relações influentes e essas honrarias que acabavam de lhe escorregar por entre os dedos que veio aqui quarta-feira e fez o pedido de casamento, calculando com essa farsa reconquistar aquilo que lhe escapava.

— Natascha! — exclamei. — Pensa bem no que dizes!

— Farsa! Cálculo! — repetiu o príncipe, num tom de dignidade ferida.

Alyosha, admiradíssimo, olhava sem nada ver.

— Sim, sim! Não me interrompam! Jurei dizer tudo — replicou Natascha, cada vez mais indignada. — Resumamos: como Alyosha não lhe obedeceu durante seis meses, fez todo o possível para o afastar de mim, mas não o conseguiu. O momento decisivo aproximava-se. Se o deixava passar, a noiva, o dinheiro... o dinheiro sobretudo (três milhões de dote!) fugiam-lhe por entre os dedos. Restava um último recurso: se Alyosha se aproximasse da noiva que o senhor lhe destinava, afastar-se-ia talvez de mim... Observou que o seu filho começava a estar fatigado da sua antiga ligação, por isso andava triste, ficava cinco dias sem me ver, e disse a si mesmo, como homem esperto e ladino: acabará por se cansar e abandoná-la-á. Mas, de repente, quarta-feira última, tomou uma atitude enérgica, resolvendo apressar a realização dos seus projetos... O que tinha a fazer?

— Permita que lhe observe uma coisa — exclamou o príncipe. — Pelo contrário, esse facto...

— Deixe-me falar — continuou Natascha, interrompendo-o. — Nessa noite, analisando a situação, decidiu dar o seu consentimento à nossa união, não de verdade, mas mentindo com o fim único de tranquilizar seu filho. Entretanto o casamento ir-se-á adiando à sua vontade, até dar tempo

que uma outra paixão surja. E neste cálculo, tentando prever todos os obstáculos, baseou todas as suas operações futuras...

— Oh, sonhos da solidão! — murmurou o príncipe. — Oh, leituras! Oh, romances!

— Ou antes baseou tudo nesse amor nascente — continuou Natascha, sem ligar atenção às exclamações do príncipe e exaltando-se cada vez mais. — E quais as possibilidades desse amor? Começou a surgir ainda antes de Alyosha conhecer bem todos os nobres sentimentos dessa pequena! Foi certa tarde, quando lhe declarou não a poder amar, porque o dever e um outro amor o impediam. Nessa altura revelou tanta nobreza, tanta simpatia por ele, tanta grandeza de alma para com a sua rival que ele, embora admirasse a sua beleza, nunca imaginara fosse tão nobre. Não fala em outra coisa, tão profunda foi a impressão sentida. No dia seguinte devia sentir necessariamente o desejo imperioso de tornar a ver essa criatura tão perfeita, quando mais não fosse, ao menos por reconhecimento. Porque não havia de ir até junto dela? A outra, a antiga, nada sofrerá com isso; o seu futuro está garantido. Pertence-lhe toda a eternidade, ao passo que à nova apenas um instante... Será muito ingrata se tiver ciúmes por tão pouco. E, sem querer, roubam-lho a essa Natascha, em lugar de um instante, um dia, dois, três... e durante todo esse tempo a outra toma ante Alyosha uma feição nova, inesperada; é toda nobreza e entusiasmo e, ao mesmo tempo, permanece uma ingénua criatura em tudo semelhante a ele pelo caráter. Juram-se uma amizade eterna; serão como irmão e irmã e não mais poderão passar um sem o outro. «Ao fim de algumas horas de palestra, surgiram sensações desconhecidas na sua alma e o seu coração entregou-se por completo...» o momento chegou, enfim!, disse então o senhor a si mesmo. Comparará: de um lado, tudo é já conhecido, normal, severo, cheio de exigências e de censuras. Há lágrimas e... se se graceja é como se fosse uma criança... Nada de novidade, tudo é já velho e sabido... enquanto a outra.... e aqui está o importante...

As lágrimas sufocaram-na por momentos, mas prosseguiu com igual energia:

— E depois o tempo tudo fará; a data do casamento não está ainda fixada e o tempo modifica muito as coisas, altera tudo. Restavam-lhe ainda as suas alusões, os seus raciocínios e a sua eloquência. Poder-se-ia também caluniar um pouco esta desagradável Natascha, mostrá-la sob um aspeto nada favorável... Não podia prever como isto acabaria, mas tinha a

esperança de que a vitória seria sua. Alyosha! Não me queiras mal, meu amigo. Sei que me amas e neste momento não achas explicação para as minhas queixas. Talvez faça mal, confessando o que me vai no coração. Porém, que hei de fazer? Compreendo assim as coisas e amo-te cada vez mais... com todas as forças da minha alma!

Escondeu o rosto entre as mãos, caiu sobre uma cadeira e pôs-se a soluçar como uma criança. Alyosha deu um grito e correu para ela; não podia ver chorar sem chorar também.

Estes soluços foram um grande auxílio para o príncipe; o arrebatamento de Natascha durante esta longa explicação, o cerco das suas acusações com as quais ele devia mostrar-se ofendido, quando mais não fosse por mera formalidade, tudo isto podia ser atribuído a um acesso de ciúme, de amor ofendido, a um estado doentio. Convinha-lhe testemunhar-lhe alguma simpatia.

— Acalme-se, Natascha! — disse ele. — Isto é um efeito da sua solidão, não passam de visões... A leviandade de Alyosha produziu-lhe essa irritação. Contudo sabe muito bem que isto não passa de um estouvamento da sua parte e a sua conduta de quarta-feira mostrou-lhe bem quanto ele a estima...

— Oh, não me fale, não me atormente, ao menos agora! — exclamou Natascha, desfeita em lágrimas. — Pressentia tudo isto há muito tempo. Acredita que não sinto que o seu antigo amor não existe? Porque me hei de enganar? Por outro lado acredita que não me tenha tentado enganar? Quantas vezes o fiz, meu Deus!... Acreditava ouvir a sua voz no mais ligeiro ruido. Mais tarde aprendi a ler no seu rosto e nos seus olhos... Agora está tudo perdido, tudo acabado, tudo!... Ah, como sou desgraçada!

Alyosha ajoelhou-se diante dela.

— Perdoa! Sou o único culpado... Sou eu apenas a causa de tudo — dizia ele, soluçando.

— Não, não te acuses, Alyosha! Há mais alguém. Temos inimigos... São eles... eles...

— Enfim — exclamou o príncipe com impaciência — permita-me que lhe pergunte no que se baseia para me atribuir todos esses... crimes. Não passam de suposições... É preciso provar...

— Provar! — exclamou Natascha, levantando-se bruscamente da cadeira. — O senhor quer provas! Quando veio fazer o pedido podia agir de outro modo? Não precisava tranquilizar o seu filho, apaziguar-lhe a

consciência, para que livre e sem inquietações se poder entregar todo a Katia? Caso contrário, não se lembraria ele sempre de mim? Ter-se-ia submetido à sua vontade?

— Confesso — respondeu o príncipe, com um sorriso sarcástico — que se tivesse querido enganá-la faria esse mesmo cálculo. A senhora é muito sagaz. Quando, porém, se acusa uma pessoa dessa maneira, é preciso provar.

— É preciso provar! A sua conduta anterior, esforçando-se por o afastar de mim, não prova? Ensinar seu filho a colocar o dinheiro e os interesses mundanos acima das obrigações, não é depravá-lo? Há pouco falou do estado da escada e deste horrível compartimento. Então não diminuiu a mesada, para nos obrigar pela fome a separarmo-nos! Este compartimento e essa escada são obra sua e pretende lançar-lhe isto em rosto, hipocritamente! Donde vieram naquela noite esse ardor e essas convicções que o senhor nunca teve? Para que precisou de mim? Durante quatro dias andei passeando neste quarto, refletindo a seu respeito, pesando tudo, cada palavra sua, cada expressão da sua fisionomia, e cheguei à conclusão de que tudo isto era uma falsidade, uma comédia inqualificável. Já o conheço; conheço-o há muito tempo. Cada vez que o Alyosha vinha de sua casa, adivinhava-lhe no semblante tudo quanto o senhor lhe tinha dito ou sugerido. Via a sua influência. Não! A mim não me enganam assim! Pode ser que o senhor tenha ainda outros projetos. É mesmo possível que me tenha escapado o fim principal. Pouco importa... Enganava-me, eis o principal, o que precisava de lhe dizer cara a cara.

— E é tudo... São essas as provas que tem? Reflita um pouco, seu espírito exaltado, pois pela proposta de quarta-feira comprometia-me demais...

— Comprometia-se de que modo? Que importa a seus olhos ofender uma pobre moça desamparada, repelida pelo pai, uma criatura *perdida, sem moral,* sem proteção? O senhor não faz cerimónia disso, o principal é tirar daí algum proveito, seja ele qual for.

— Veja o que diz, Natascha! Pense um pouco. Quer julgar as minhas palavras como uma ofensa? Mas a ofensa de que me acusa é tão grave, tão aviltante… que por mais que procure não sei onde está a gravidade do aviltamento. É preciso estar familiarizada com ações muito baixas para imaginar semelhante coisa, permita que lhe diga. Tenho o direito de me

defender, pois tenta predispor o meu filho contra mim, e embora ele nada tenha dito, o seu coração não me é menos hostil.

— Não, não, meu pai! — exclamou Alyosha. — Se nada disse, foi por não acreditar que a quisesse ofender. Isso seria impossível.

— Ouve? — disse o príncipe.

— Natascha, sou eu o culpado de tudo. Não o acuses! Serias injusta e cruel.

— Vê? Já ele está contra mim! — exclamou Natascha.

— Basta! — tornou o príncipe. — É tempo de pôr termo a uma cena tão deplorável. Esse cego e furioso transporte de ciúme, sem limites, revela-me o seu caráter sob um ponto de vista todo novo para mim. Prevenir-me-ei. Tentei ir depressa demais. A senhora não calcula quão profundamente me feriu... É-lhe indiferente, bem sei... Houve muita precipitação... muita... A minha palavra é sagrada, no entanto... sou pai e quero a felicidade do meu filho.

— Retira a sua palavra!? — exclamou Natascha fora de si. — Com que prazer o faz! Pois bem, fique sabendo que já tinha tomado a resolução de o desligar dela. Digo-o aqui agora na presença de todos.

— Quer dizer que pretende talvez reavivar nele as suas antigas inquietações, «o sentimento do dever, as angústias causadas pelas obrigações», para me servir das suas palavras! Quer prendê-lo da mesma forma como fez antes. É essa a sua teoria e por isso me fala assim. Basta! O tempo decidirá. Esperarei um momento de mais calma para me explicar com a senhora e desejo que as nossas relações não fiquem ainda definitivamente cortadas. Era minha intenção expor-lhe hoje os meus projetos com relação a seus pais e poderia então julgar-me melhor. Mas basta por hoje... Ivan — acrescentou ele, dirigindo-se a mim — agora mais do que nunca pretendo travar um conhecimento mais íntimo com o senhor. Autoriza-me a ir a sua casa um destes dias?

Fiz um sinal de assentimento.

Teria sido impossível evitá-lo.

Apertou-me a mão, inclinou-se em silêncio diante de Natascha e saiu com um ar de dignidade ofendida.

Capítulo 4

Estivemos alguns minutos calados. Natascha estava triste e caída; toda a sua energia a abandonara de súbito; olhava fixamente diante de si, sem ver, como se tivesse esquecido tudo quanto a cercava.

Tinha entre as suas mãos a de Alyosha, o qual lhe lançava de quando em quando um olhar tímido e curioso. Depois tentou consolá-la, pedindo-lhe para não se zangar e acusando-se como o único causador de todo o mal. Começou várias vezes a justificar o pai, mas calava-se, temendo excitar a cólera de Natascha. Jurou-lhe um amor eterno, inalterável e assegurou-lhe amar Katia como a uma irmã. Não a podia agora abandonar, pois seria uma grosseria da sua parte. Declarou-lhe que se a conhecesse, tornar-se-iam amigas e não se separariam mais.

O pobre rapaz era sincero; não compreendia o temor de Natascha, como não entendera o que ela dissera ao príncipe momentos antes. Para ele não passava de um simples arrufamento; no entanto pesava-lhe no coração como chumbo.

— Julgas que procedi mal para com teu pai? — perguntou Natascha.

— Como podia julgá-lo? — respondeu ele amargamente. — A culpa é toda minha... Acusaste-o para me justificar, como fazes sempre, embora não o mereça. Alguém havia de ter a culpa e acusaste-o a ele! Mas estás enganada. Juro-te que te enganas. Ele é bom, tu bem o sabes!

Vendo, porém, o olhar triste e magoado de Natascha, sentiu de novo faltar-lhe a coragem.

— Perdoa-me... Não falo mais — disse ele. — A culpa é toda minha.

— Alyosha — disse ela com amargura — teu pai meteu-se entre nós e destruiu toda a nossa felicidade, toda a nossa vida. Sempre tiveste confiança absoluta em mim; agora conseguiu introduzir a dúvida no teu coração. Já não me dás razão... Usurpou metade da tua alma.

— Não digas isso, Natascha.

— Conquistou-te com uma falsa bondade, com uma generosidade fingida — continuou Natascha. — E há de chegar a afastar-te por completo de mim.

— Juro-te que não — disse ele com ênfase. — Foi a exaltação que o levou a dizer que se tinha *precipitado.* Amanhã arrepender-se-á do que disse. Contudo, se chegasse ao ponto de querer impedir o nosso casamento, desobedeceria à sua vontade. Serei forte... e Katia ajudar-nos-á! — exclamou de súbito, encantado com a sua ideia. — Verás se ela pretende ser tua rival! Foste injusta ao dizeres que sou daqueles que deixam de amar com o casamento. Como me doeu ouvir-te falar assim... Não! Não sou desses! E olha, se tenho ido sempre a casa da Katia...

— Basta, Alyosha. Irás lá sempre que queiras. Não me referia a isso, não me compreendeste. Procura a felicidade onde pensares encontrá-la; não exijo do teu coração mais do que ele me pode dar.

Mavra entrou.

— Então!? Posso servir o chá? Está muito divertido isto... Duas horas com o samovar a ferver. Já é quase meia-noite.

Mavra estava de mau humor e tinha as suas razões para tal.

Desde aquela memorável quarta-feira vivia radiante com a ideia do casamento da sua senhora, a quem adorava; já anunciara o acontecimento a todos os inquilinos do prédio, à vizinhança, ao vendeiro, ao porteiro. E agora, lá se ia tudo por água abaixo.

O príncipe tinha saído furioso, não se servira o chá, e de quem era a culpa senão da senhora?

Mavra ouvira-a falar ao príncipe sem a mínima consideração.

— Sim, podes servir o chá.

— Sirvo a ceia toda?

— Naturalmente — respondeu Natascha, confusa.

— Faz-nos preparar tudo — rosnou Mavra. — Desde ontem a trabalhar... E corre para um lado e corre para o outro, e compra vinho, e... e... e agora...

Furiosa, saiu, batendo com a porta.

Natascha corou. Mavra serviu o chá e a ceia: caça, peixe, vinho, etc. «Porque preparou ela tudo isto?», pensei.

— Vês como sou, Ivan? — disse ela um tanto confusa. — Tinha o pressentimento de que tudo ia correr mal, e no entanto não perdi a esperança de que tudo acabasse bem. Alyosha chegava, fazíamos as pazes, provava-se que as minhas suspeitas eram injustas e... na espectativa, preparei alguma coisa. Poderíamos ficar até tarde...

Pobre Natascha! Como estava envergonhada! Alyosha estava encantado.

— Vês? Tu mesmo não acreditavas nisto — exclamou ele. — É preciso arranjar tudo. A culpa é minha. Só eu devo conciliar as coisas. Deixa-me ir procurar meu pai. Preciso falar-lhe. Está ofendido e é preciso que eu o acalme. Dir-lhe-ei tudo. Falo em meu nome. Tu não entrarás nisto. Virá pedir-te desculpa. Olha, amanhã venho cedo e fico o dia todo. Não vou a casa de Katia.

Não o reteve. Pediu-lhe apenas para nada dizer ao príncipe em seu nome. Esforçava-se por sorrir. No momento de a deixar, Alyosha pegou-lhe nas duas mãos, sentou-se a seu lado e fitou-a com inexprimível ternura.

— Natascha, minha amiga, meu anjo, meu amor! Não te zangues comigo. Nunca mais nos zangaremos. Dá-me a tua palavra de que acreditarás sempre em mim; eu hei de também acreditar sempre em ti. Ouve, meu amor, o que te vou contar. Um dia zangámo-nos, não sei bem porquê. Não tinha razão, mas não queria dar o braço a torcer... Andava desolado pelas ruas, ia a casa dos amigos... A certa altura fiz a mim mesmo esta pergunta: «Que seria de mim se ela agora morresse?» Tomou-me um desespero súbito e violento, como se de facto te tivesse perdido. Sucediam-se os pensamentos, sempre cada vez mais dolorosos. Pareceu-me estar depois junto do teu túmulo, caído sem sentidos sobre a pedra da campa, aniquilado pela dor. Cobria de beijos o túmulo frio; pedia a Deus, fizesse um milagre, restituindo-te a vida. Como me teria lançado nos teus braços! Como te apertaria ao coração! Creio que morreria de felicidade se te pudesse estreitar nos meus braços um momento apenas. E pensei: «Agora peço a Deus!... E durante seis meses que passámos juntos, quantas vezes nos zangámos!... Quantas vezes estivemos sem falar dias inteiros! E agora imploro-te para saíres um momento do túmulo, momento esse que, se for preciso, pagarei com a própria vida». Então não pude mais. Corri para junto de ti... Não! Nunca mais nos zangaremos. Se soubesses como isso me entristece! Oh! Deus! Será possível que nos possamos separar um dia?!

Natascha chorava.

Alyosha beijou-a e jurou mais uma vez nunca a abandonar. Depois saiu em procura do pai, confiado em conseguir arranjar tudo.

— Está tudo acabado! — disse Natascha, apertando convulsivamente as mãos. — Ama-me e não me esquecerá, é certo; porém ama a Katia também e em breve gostará mais dela do que de mim. Ah, essa víbora do príncipe trabalha...

— Também não creio que proceda de boa fé, mas...

— Mas não crês, também, que eu tenha inteira razão! Bem vi... Esperemos... Depois verás. Falei sob um ponto de vista geral, mas Deus sabe quais os planos deste homem abominável! Adivinhei os seus projetos; era preciso aliviar o coração de Alyosha da tristeza que o oprimia, destruir as suas obrigações morais para comigo. Ivan, Ivan, és tu a minha única esperança! Confio em ti. O príncipe quer ir ver-te, tornar-se teu íntimo; não recuses, peço-te, meu amigo, e trata de chegar até junto da condessa. Trava conhecimento com a Katia e observa-a; quero a tua opinião sobre elas. Verás até que ponto Katia e Alyosha são amigos e o que se passa entre eles. Meu bom amigo, dá-me mais esta nova prova da tua amizade. É a minha única e a minha última esperança...

Já passava de meia-noite quando cheguei a casa.

Nelly veio abrir, tonta de sono; olhou-me com um ar contente e sorriu. Tinha querido esperar por mim, mas pouco antes da minha chegada o cansaço fora mais forte do que ela.

Disse-me ter vindo um desconhecido à minha procura, esperara um pouco e deixara um bilhete sobre a mesa.

Era Masloboiev. Pedia-me para passar por sua casa no dia seguinte, à uma hora da tarde.

Bem quis interrogar Nelly, mas a pobre criança estava a cair de sono. Obriguei-a a ir-se deitar e deixei as perguntas para o dia seguinte.

Capítulo 5

Na manhã seguinte Nelly contou-me coisas singulares a propósito da visita da véspera.

De resto, era já de estranhar a visita de Masloboiev naquela noite, sabendo que eu não estava em casa.

Nelly não quisera abrir. Eram oito horas da noite e tivera medo. Masloboiev insistira, assegurando precisar deixar-me um bilhete, pois caso contrário podia acontecer-me uma desgraça.

Abriu então. Entrou e, depois de ter escrito o bilhete, sentou-se no sofá a conversar.

— Não queria responder — disse Nelly. — Tinha medo dele. Falou-me da Boubnov, dizendo-me estar muito zangada, mas que nunca se atreveria a vir-me buscar. Depois fez-lhe muitos elogios e disse-me que era seu amigo desde os tempos do colégio. Então conversei com ele. Ofereceu-me bombons, mas não aceitei. Afirmou-me que não era mau, que sabia canções e que dançava. De repente levantou-se e começou a dançar. Era tão engraçado... Pediu-me depois para não ter medo e para me sentar ao seu lado, enquanto esperava por si. Sentei-me. Contou-me então que tinha conhecido a minha mãe e o avô... Conversámos muito. Esteve aqui muito tempo.

— Do que conversastes?

— Da minha mãe... da Boubnov... do avô...

Como nada mais parecia querer dizer, não continuei a interrogá-la, esperando que Masloboiev me contasse tudo. Era evidente que viera com a intenção de a encontrar só. Não calculava o motivo.

Mostrou-me, rindo, os bombons que ele lhe dera; pedaços de açúcar-cândi embrulhados em papel vermelho e verde, comprados com certeza no vendeiro da esquina.

— Porque não os comeste?

— Não quero — respondeu ela muito séria e franzindo a testa. — Nem os aceitei... Deixou-os aí ficar.

Despedi-me dela, pois ia sair.

— Ficas aborrecida, sozinha?

— Sim e não. Aborreço-me quando se demora muito.

Olhou-me com um ar doce e terno, como o fizera toda a manhã. Mostrava-se alegre e carinhosa, e ao mesmo tempo tímida, como se receasse importunar-me ou se sentisse envergonhada de ter sido tão comunicativa.

— Sim e não... — repeti, sorrindo. — Só não te aborreces quando?

— Ah, já sei porque pergunta isso — disse, corando.

Estávamos nessa altura junto da porta.

Nelly, diante de mim, com os olhos baixos, segurava-me com uma das mãos por um braço e com a outra alisava a manga do meu casaco.

— Não podes dizer? É segredo?

— Não. É que... comecei a ler o seu livro — respondeu em voz baixa, levantando ao mesmo tempo para mim os olhos ternos e penetrantes.

— Ah, sim? E tens gostado? — perguntei com o embaraço próprio do autor que ouve elogiar a sua obra.

Tive ímpetos de a beijar, mas não me atrevi.

— Porque morre ele? — perguntou ela, deveras aflita. E lançou-me um olhar rápido, baixando logo os olhos.

— Quem?

— O rapaz, o tuberculoso... do seu livro.

— Porque a história é assim.

— Nada disso — objetou ela bruscamente, quase irritada e com um ar de zangada. E pouco depois: — E ela? E os outros?... A pequena e o velho ficam juntos? E ficam sempre pobres?

— Não. A pequena vai para longe, muito longe; casa-se com um capitalista. O pai fica só — respondi, desolado, por nada poder dizer de mais consolador.

— É assim? Oh, como o senhor é... Não leio mais.

Largou-me a mão, virou as costas e afastou-se pesarosa.

Tinha as faces rubras e a respiração opressa e desigual.

— Porque te zangas, Nelly? — disse eu, aproximando-me. — É uma simples invenção, bem sabes, não é real... Não há razão para te zangares, pequena sensível!

— Não estou zangada — objetou ela timidamente e fitando-me com um ar de terna serenidade. Voltou a pegar-me na mão, ocultou o rosto no meu peito e pôs-se a chorar. Momentos depois ria por entre as lágrimas.

Quis obrigá-la a mostrar-me o rosto, porém, rindo sempre, achegou-se mais fortemente.

Mas eu tinha pressa. Era preciso pôr termo a esta cena sentimental. Despedi-me.

Muito corada, os olhos brilhantes e toda confusa, correu até à escada e pediu-me para voltar em breve. Prometi estar de volta antes do jantar.

Fui primeiro a casa dos velhos e encontrei-os doentes.

Ana estava mesmo seriamente doente. Nicolai estava junto dela quando cheguei; no entanto, segundo o seu costume, deixou-nos sós para conversarmos à vontade.

Como a não queria entristecer, contei-lhe muito por alto o que se passara na véspera. Ficou deveras aflita, porém menos surpreendida do que esperava.

— Já sabia que esse casamento se não realizava — disse tristemente. — Não merecíamos essa graça de Deus. Depois, esse homem é bastante vil para nada de bom se poder esperar dele. Rouba-nos dez mil *rublos* (essa bagatela!) sem direito nenhum. Tira-nos o último pedaço de pão. Somos forçados a vender a nossa terra... A minha Natascha tem razão em não confiar nele. E sabes? — disse ela, baixando a voz. — O Nicolai é contra este casamento. Pensei a princípio que havia de lhe perdoar; contudo agora estou convencida do contrário... Que vai ser dela? Que vai ser da minha pombinha?

Fez-me, como de costume, um verdadeiro interrogatório, gemendo e suspirando a cada resposta minha.

Cada informação era um golpe para a pobre velha, e o sofrimento ia-lhe minando o coração e a saúde.

O velho entrou de roupão e chinelas: disse-me ter febre. Fitou a mulher com uma grande ternura e emoção, e enquanto lá estive foi todo atenções e delicadezas com ela. Estava assustado por a ver doente. Se a perdesse, perderia tudo.

Estive quase uma hora com eles. Nicolai acompanhou-me até à antecâmara e falou-me de Nelly. Pensava em a trazer para casa como filha adotiva e pediu-me para obter o consentimento de sua mulher. Fez-me uma série de perguntas sobre ela. Contei-lhe por alto a sua história, a qual o deixou impressionado.

— Combinaremos tudo depois — disse ele num tom resoluto. — Quando estiver melhor passarei por lá e arranjaremos tudo.

Ao meio-dia cheguei a casa de Masloboiev e grande foi o meu espanto quando, ao entrar na antecâmara, encontrei o príncipe a vestir o sobretudo.

Masloboiev auxiliava-o atenciosamente. Embora o meu antigo condiscípulo já me tivesse dito que o conhecia, estava muito longe de esperar este encontro.

O príncipe pareceu-me embaraçado.

— Ah, é o senhor! — disse ele com um entusiasmo exagerado. — Veja como a gente se encontra! Aliás, o senhor Masloboiev acaba de me falar em si, dizendo-me ser seu amigo. Tenho muito prazer com isso. Desejava mesmo procurá-lo e hei de passar por sua casa muito em breve, se mo permite. Quero pedir-lhe um favor: preciso do seu auxílio para esclarecer a situação. Sabe ao que me refiro... O senhor está ligado por amizade aos dois, seguiu a marcha dos acontecimentos, tem influência... Lastimo não podermos conversar agora. Mas que quer? Os negócios! Um destes dias mais próximos terei muito prazer em lhe fazer uma visita. Até breve.

Apertou-me a mão com uma cordialidade talvez exagerada, trocou um olhar com Masloboiev e saiu.

— Conta-me, por favor... — comecei eu.

— Conto-te apenas que tenho muita pressa — disse Masloboiev interrompendo-me, agarrando no chapéu e dirigindo-se para a porta. — Tenho muito que fazer, meu velho, e estou com um atraso grande!

— Mas deixaste escrito...

— E que há de extraordinário nisso? Escrevi-te ontem e escreveram-me hoje. É um caso importantíssimo. Nem calculas! Estão à minha espera... Mil perdões, Ivan. Tenho pressa. Mal calculas...

— Está bem, vai. Ninguém pode prever... Apenas...

— Desculpa-me — replicou ele, vestindo o sobretudo enquanto eu fazia o mesmo. — Tenho um negócio importante a tratar contigo; muito importante mesmo e que te interessa diretamente. Por isso te pedi. Mas não é coisa que se conte em poucas palavras. Assim, promete vir esta noite às sete horas em ponto... Nem antes, nem depois... Estarei em casa.

— Mas esta noite queria ir...

— Pois vai agora onde querias ir esta noite e à noite vem cá. Se soubesses o que te quero contar...

— Diz ao menos qualquer coisa. Estou com curiosidade.

Tínhamos saído já e falávamos na rua.

— Vens? — insistiu ele.

— Já te disse que sim.

— Isso não basta. Promete!

— Tem graça!... Está bem, prometo.

— Ora muito bem. E agora, para que lado vais?

— Por aqui — respondi, apontando para a direita.

— E eu por aqui — disse ele, apontando para a esquerda. — Adeus, Ivan. Não esqueças a tua promessa; esta noite às sete horas.

E deixou-me só.

Pretendia ir à noite a casa de Natascha; resolvi pois ir naquela altura. Tinha a certeza de encontrar Alyosha. Estava lá de facto e mostrou-se muito alegre com a minha chegada.

Natascha fazia o possível por parecer alegre e corresponder às gentilezas e amabilidades do amante. Isto era todavia superior às suas forças, como se lhe notava no rosto.

Estava pálida e visivelmente enferma. Não dormira toda a noite. Apesar do cansaço, cumulava Alyosha de carícias.

Este falava muito, esforçando-se por a distrair e fazer rir. Evitava falar no príncipe e em Katia, Provavelmente a tentativa de reconciliação da véspera tinha fracassado.

— Está ansioso por sair — disse-me Natascha num momento em que ele foi dar uma ordem à criada —, mas não sabe como há de fazer. Tenho receio de lhe dizer para ir, porque então julgar-se-á obrigado a ficar. Por outro lado, e talvez o pior, tenho medo que se aborreça, ficando... Que me aconselhas?

— Meu Deus! Só criais situações falsas! Sois desconfiados e viveis observando-vos mutuamente. É tão fácil ser franco! Uma tal situação é insustentável.

— Que queres que eu faça?

— Espera... Eu falo-lhe.

— Toma cuidado...

Mal fechara a porta do quarto, Alyosha correu para mim, como se me esperasse.

— Meu caro Ivan, livre-me de um embaraço. Prometi ir a casa de Katia. Já lá devia estar. É-me impossível deixar de ir. Amo a Natascha loucamente, lançar-me-ei ao fogo por ela, mas há de convir que não posso deixar de repente de ir a casa da condessa.

— Pois vá...

— Mas isso vai entristecer a Natascha... Ajude-me, Ivan!

— Acho melhor ir. Sabe como é a Natascha; vê-lo-á aborrecer-se a seu lado e isso entristecê-la-á ainda mais. Venha... Ajudá-lo-ei.

— Como é bondoso, Ivan!

Voltámos ao quarto.

— Acabo de encontrar o seu pai — disse eu a Alyosha, momentos depois.

— Onde?

— Na rua... Fez-me muita festa e perguntou-me se sabia onde estava. Anda à sua procura.

— Vai procurá-lo então — disse Natascha, compreendendo a minha intenção.

— Mas... Onde o irei encontrar agora? Em casa?

— Não. Disse-me que ia a casa da condessa.

— Ah, então... que fazer? — perguntou ingenuamente, fitando Natascha.

— Grande dúvida! — disse esta. — Pretendes por acaso deixar de lá ir para me tranquilizar? Criancice! Primeiro, isso não é possível e depois seria uma ingratidão para com a Katia. Amigos como sois, seria uma incorreção da tua parte. Não me suponhas ciumenta até esse ponto. Vai, meu querido, vai sem demora, peço-te. Isso irá sossegar teu pai.

— Natascha, és um anjo! Não sou digno do teu amor! — exclamou Alyosha extasiado, embora parecendo arrependido. — És tão boa e eu... eu... Olha, é melhor ficares a sabê-lo: pedi a Ivan para me arranjar um pretexto para sair... Perdoa, meu anjo adorado! Não me julgues culpado; amo-te mais que tudo na vida. Tive uma ideia: contarei a Katia tudo quanto se passou ontem aqui e a nossa situação atual. Encontrará um meio de nos salvar, pois é-nos dedicada de todo o coração.

— Então vai — disse Natascha, sorrindo. — Desejo muito conhecê-la... Como se poderá arranjar isso?

Este pedido encheu-o de alegria e começou logo a arquitetar planos. Nada mais fácil: bastava confiar em Katia. Ficou entusiasmado com a ideia. Prometeu trazer a resposta poucas horas depois e passar a noite com Natascha.

— Virás, com certeza? — perguntou esta, acompanhando-o.

— Duvidas? Adeus, Natascha! Adeus, meu amor, minha paixão, minha vida! Adeus, Ivan! Oh, desculpe! Chamei-o Ivan, assim, sem cerimónia...

Ivan... simpatizo muito consigo. Porque não nos havemos de tratar por *tu?* Quer?

— Com todo o prazer.

— Já tinha pensado nisto, mas não me atrevia a propor-lho... Mau! Lá saiu um senhor. É difícil acostumar-me... Há uma bonita cena, numa obra do conde Tolstoi: duas pessoas resolvem tratar-se por *tu,* mas nem uma nem outra quer começar e evitam o emprego dos pronomes. Natascha, havemos de tornar a ler isso juntos, sim?

— Sim, mas despacha-te — disse ela, empurrando-o, a rir.

— Até já. Daqui a duas horas estarei de volta.

Beijou-lhe a mão e saiu apressado.

— Estás vendo, Ivan? — disse Natascha, desatando a chorar.

Estive duas horas com ela, fazendo o possível por a consolar. Infelizmente as suas apreensões eram bem fundadas e por mim sentia o coração angustiado quando pensava na sua situação.

Temia tudo por ela, mas o mal era sem remédio.

Alyosha amava-a como noutros tempos, mais talvez ainda, mas com um sentimento pungente, onde havia muito de remorso e reconhecimento. Ao mesmo tempo um novo amor lhe nascera no coração. Era difícil prever como acabaria tudo isto.

Tinha uma grande curiosidade em ver Katia e Natascha tornou-me a pedir para me esforçar por travar esse conhecimento.

Por fim, tornou-se um pouco mais alegre. Falei-lhe em Nelly, em Masloboiev, na Boubnov, no meu encontro com o príncipe em casa de Masloboiev e por fim na visita prometida a este para as sete da noite.

Ficou também muito admirada ao saber das relações de amizade entre o príncipe e Masloboiev, e no interesse manifestado em travar relações comigo, embora a situação naquela altura justificasse um tanto esse desejo.

Capítulo 6

À hora marcada cheguei a casa de Masloboiev. Recebeu-me com grande alegria e abraçou-me com efusão. Estava meio embriagado.

Surpreenderam-me os preparativos feitos em minha intenção, pois era de facto esperado.

Um samovar de cobre amarelo fervia em cima de uma mesa redonda, coberta com uma toalha magnífica, onde faiscava um serviço para chá, em cristal, porcelana e prata. Uma outra mesa, igualmente coberta com uma toalha não menos rica, era um verdadeiro mostruário de bombons apetitosos, doces, confeitos, xaropes de Kiev, geleias, frutas secas, laranjas, maçãs, nozes, figos, tâmaras, ameixas, em suma, uma grande variedade de gulodices. Sobre uma terceira mesa achavam-se os mais variados petiscos: caviar, queijos, carnes frias, peixe frio, etc,; a um lado viam-se garrafas e botijas do mais belo cristal, dispostas em linha e cheias de diversas espécies de aguardente, das mais bonitas cores: escuras, verdes, luzentes como rubis ou brilhantes como o ouro. Por último viam-se, sobre um pequeno guarda-pratas, duas garrafas de champanhe metidas em gelo, e numa mesinha atrás do sofá estavam três garrafas dos melhores vinhos da adega de Elisseiev: uma de Sauterne, outra de Laffite e a terceira de conhaque.

Alexandra estava sentada à mesa do chá; o seu vestido, apesar de simples, era encantador. Sabia-o e orgulhava-se com isso. Quando se levantou para me receber, a satisfação e a alegria brilhavam-lhe nas faces um tanto rosadas.

Masloboiev vestia um soberbo roupão e tinha nos pés umas ricas sandálias chinesas.

O peito e os punhos da camisa apertavam com uns botões da última moda. Tinha o cabelo muito penteado, untado com óleo e dividido ao meio, segundo também as imposições da moda.

Fiquei tão surpreendido, que parei no meio do quarto a olhar ora para Masloboiev, ora para Alexandra, cujo contentamento atingia a beatitude.

— Que significa isto, Masloboiev? É dia de festa? — perguntei, inquieto.

— Não. Estaremos sós — respondeu com majestade.

— Então para que é isto? — perguntei, indicando as mesas preparadas. — Há aqui comida para um regimento.

— E principalmente bebidas...

— E tudo isto por minha causa?

— Foi a Alexandra.

— Ah, já adivinhava — exclamou Alexandra, corando, mas conservando o seu ar alegre. — Não posso receber decentemente um convidado. Tem sempre alguma coisa a criticar.

— Esta manhã, imagina tu, mal soube da tua vinda, não parou um momento...

— E há algum mal em receber as pessoas decentemente? Estamos sempre sós e não temos visitas, apesar de não nos faltar com que as obsequiar... Tem alguma coisa de extraordinário que os outros vejam como nós também sabemos viver?

— E principalmente que saibam como és uma excelente dona de casa — acrescentou Masloboiev. — Não fazes ideia, meu caro, quanto me martirizou. Engomou-me uma camisa nova, apertou-me com botões por todos os lados, descobriu este roupão e estas sandálias, encheu-me de óleo de bergamota, e ainda me queria pôr uns cremes e deitar-me umas águas perfumadas! Foi preciso revoltar-me e apelar para a minha autoridade de marido!

— Nada de bergamota! É uma excelente pomada francesa que vendem nuns boiões de porcelana, com uma coroazinha na tampa — replicou Alexandra tornando-se escarlate. — Ouça, Ivan, — continuou ela — não me deixa ir aos bailes nem ao teatro, e só vive satisfeito dando-me vestidos... Que devo fazer? Preparo-me toda e passeio pelo quarto. Outro dia prometeu levar-me ao teatro. Estávamos já prontos... Pois foi só o tempo de ir buscar um colar; abriu o guarda-louça, pegou num copo e num segundo embriagou-se. Ficámos em casa. Ninguém nos procura, ninguém... E temos um ótimo samovar, um bonito serviço de chá, lindas taças... Presentes que nos deram. Estou sempre a dizer: quando vierem visitas, havemos de lhe mostrar tudo quanto possuímos e recebê-las-emos tão bem que ficarão deveras satisfeitas. Mas qual! Ninguém vem... E este idiota fala! Veja esse roupão... foi um presente. Não o merece, creia.

Beber! Beber! É só o que sabe fazer. Vai ver como quer aguardente antes do chá.

— Olha, é uma ideia! Vamos beber, Ivan. Beber um copo dessa douradinha. Depois seguiremos a lista.

— Eu não disse?

— Calma, Sachinka! Havemos de beber também do teu chá... com conhaque e à tua saúde!

— Que disparate — exclamou ela, erguendo os braços. — Um chá imperial, de seis *rublos*, presente de um rico comerciante, e quer tomá-lo com conhaque! Não faça caso, Ivan! Vou-lho servir e dir-me-á se já tomou coisa igual.

Pretendiam fazer-me demorar. Alexandra esperava sempre por visitas que não vinham e a minha presença satisfazia-lhe os desejos. Eu, porém, não estava de acordo.

— Masloboiev, não vim fazer uma visita! — disse eu, sentando-me. — Lembra-te...

— Lembro, mas ainda que negócios sejam negócios, isso não impede de conversarmos um pouco com os amigos.

— Não, meu caro, não contes comigo hoje. Às oito e meia vou-me embora. Prometi e...

— Não creio. Não queiras dar-me um desgosto procedendo assim, e muito em especial à Alexandra. Repara como ela está, coitada! Andou a pôr-me todo bonito... Até óleo de bergamota me deitou, hem?!

— Estás sempre a brincar, Masloboiev. Prometo à Alexandra vir jantar na próxima semana ou talvez mesmo antes. Hoje, porém, meu caro, prometi e devo ir. Estão à minha espera. Que tinhas para me contar?

— Mas fica só até às oito e meia? — perguntou Alexandra com voz tímida e magoada, dando-me uma chávena do seu famoso chá e prestes a chorar.

— Tranquiliza-te, Sachinka... Ele fica. Era melhor dizeres-me, Ivan, porque tens uma vida tanto no ar... Que negócios tens tu, se não é indiscrição? Vives na rua...

— Isso interessa-te? Contar-te-ei depois. Porque foste ontem à noite a minha casa sabendo da minha saída?

— Não me lembrei... Queria falar contigo e tranquilizar Alexandra. Não deixava de me dizer: «Encontraste um amigo e não o convidas porquê?» Todos os dias me tem besuntado com bergamota em tua

intenção. Recorri então a um expediente: deixei-te o bilhete, dizendo tratar-se de um caso grave para te obrigar a vir.

— E porque fugiste quando te vi no outro dia?

— Tinha uns negócios a tratar, podes crer.

— Com o príncipe, talvez?

— Que me diz do nosso chá? — perguntou Alexandra.

Esperava que lhe elogiasse o chá e ainda o não tinha feito.

— Excelente, Alexandra! Delicioso! Nunca tomei coisa igual!

Corou de prazer e serviu-me logo outra chávena.

— O príncipe — exclamou Masloboiev — o príncipe, meu caro, é um patife, sabes? Um patife! Não sou santo; no entanto, palavra de honra, não me troco por ele. Mas chega por hoje. Não te posso dizer mais a tal respeito.

— E eu vim especialmente para me dares informações sobre ele... Mas deixemos isso para depois. Explica-me porque foste ontem, na minha ausência, levar bombons à Elena e dançar diante dela. Sobre o que conversastes durante mais de uma hora?

— A Elena é uma pequena de onze para doze anos que vive agora com o Ivan — disse Masloboiev à guisa de explicação e dirigindo-se a Alexandra. — Cuidado, Ivan, cuidado — continuou ele, indicando a mulher. — Não vês como ficou quando te ouviu dizer que levei bombons a uma pequena desconhecida? Olha como está pálida e trémula! Os olhos parecem punhais! Confessa, Alexandra, confessa que és ciumenta. Se não tivesse explicado tratar-se de uma pequena de onze anos, ai de mim!... Nem a bergamota me salvava!

— Espera. Já te dou a bergamota! — gritou Alexandra. Deu um salto até junto de nós e, antes que Masloboiev se pudesse defender, agarrou-lhe os cabelos e puxou-lhos com força. — Toma, toma! É para aprenderes a não dizer que sou ciumenta diante de gente. Toma!

Estava coradíssima e, embora o fizesse com ar de troça, abanou Masloboiev a valer.

— Estás vendo? — disse Masloboiev. — O que me vale é a aguardente.

E agitando os cabelos, estendeu o copo. Alexandra serviu-o, batendo-lhe carinhosamente no rosto. Masloboiev, todo ufano com essa carícia, piscou-me o olho, estalou a língua e esvaziou gravemente o copo.

— Quanto aos bombons — disse ele, sentando-se a meu lado no sofá —, é difícil dar a explicação. Comprei-os na véspera, quando estava embriagado, se não me engano... Talvez fosse com o único fim de auxiliar a indústria nacional... a indústria e o comércio... E só me lembrei de os ter metido no bolso quando me sentei sobre eles, no teu sofá. Quanto à dança, é resultante do estado em que me encontrava. Estava muito tonto e nessas ocasiões, por pouco alegre que esteja, danço. Foi por isso. A não ser que fosse por a pequena me fazer pena e eu tentar distraí-la.

— Não seria antes para saberes alguma coisa a seu respeito? Confessa com franqueza: foste de propósito, como eu não estava, para obteres dela alguma informação que te interessava. Estiveste hora e meia com ela, disseste-lhe que conhecias a mãe, fizeste-lhe perguntas...

Masloboiev piscou o olho e teve um sorriso canalha.

— A ideia não era má — respondeu ele —, mas estás enganado. Além disso não há mal em fazer perguntas. Mas não se trata disso. Ouve, meu velho: apesar de estar bastante bêbado, como de costume, fica sabendo que Filipe Filipovitch nunca te enganará com intenção maldosa. Estás a compreender?

— E sem qualquer outra intenção?

— Também não, é claro. Mas manda-me para o diabo tudo isso! Vamos beber e tratar dos nossos assuntos. Sabes? A Boubnov não tem o menor direito em ficar com a pequena. Já me informei. Não há adoção nem coisa parecida. Embora seja canalha e celerada, é tola, como em geral as mulheres daquela laia. A falecida tinha o passaporte em ordem e isso simplificou muito a situação. A Elena pode ficar em tua casa, porém seria uma sorte se aparecesse alguma alma caridosa a querer educá-la. Enquanto tal não se der, pode ficar contigo. Eu tratarei de arranjar as coisas. A Boubnov não se atreverá a incomodar-te. Agora — continuou ele, com certa solenidade — vais-me contar com todos os detalhes possíveis em que te ocupas, o que fazes, onde vais e onde passas os dias. Sei alguma coisa, mas preciso saber tudo.

O tom solene destas últimas palavras deixou-me surpreendido e inquieto.

— Para que te interessa isso e porque falas nesse tom solene?

— Escuta, Ivan! Pretendo prestar-te um serviço. Se não quisesse ser leal, saberia tudo sem tu teres conhecimento disso. Estás a desconfiar de mim. Pois bem: quando falo neste tom sério, solene, como tu dizes, é

porque penso nos teus interesses e não nos meus. Por isso não desconfies de mim e fala com franqueza.

— Que serviços me queres prestar e porque não me falas do príncipe? Preciso de certas informações... Peço-te esse favor...

— Informações sobre o príncipe? Pois faço-te estas perguntas justamente por causa dele...

— Como?

— É simples. Preocupa-se muito com a tua vida, segundo notei, e interrogou-me a teu respeito. Como e porquê, não te interessa saber. Basta que estejas prevenido. É um traidor e pior que Judas. Quando percebi que se preocupava contigo, fiquei assustado. Aliás, eu nada sei e por isso te peço para me contares o que há entre vós a fim de formar uma opinião. Foi essa a razão por que te pedi para vires hoje...

— E de onde vêm todos esses teus receios? Explica-me.

— Muito bem. Eu trato de diversos negócios íntimos. Se confiam em mim, deves concordar, é porque sou discreto. Não leves pois a mal se te falar de um modo geral, mesmo muito geral, talvez. É só para ficares a saber o canalha que ele é. Conta-me pois toda essa história da Natascha.

Refleti que não precisava dissimular com Masloboiev. A história de Natascha não era segredo e podia tirar algum partido desta entrevista com um meu antigo condiscípulo.

Contei-lhe então tudo. Ouviu-me com grande atenção e fez-me mesmo várias perguntas.

— Essa moça é inteligente! — exclamou Masloboiev quando acabei de falar. — Se não adivinhou tudo, compreendeu ao menos, desde logo, com quem tratava e cortou as relações. É correta! À saúde da Natascha! Não obstante, coitada, a sua causa está perdida. É evidente. O príncipe persistirá na sua ideia e o Alyosha acabará por abandoná-la. Quem me causa dó é o Ikhmeniev: ser obrigado a pagar a esse miserável dez mil *rublos*... Quem tratou da questão? Quem dirigiu o processo? Talvez ele mesmo! Ha, ha, ha! São sempre assim, os homens leais! Não devia ter feito isso. Arranjar-lhe-ia um advogado...

— E que me contas do príncipe?

— É só no que pensas! Arre... Que queres que te diga? Estou arrependido de me ter metido nisto. Queria apenas prevenir-te contra esse canalha, pôr-te em guarda contra a sua influência. Quem quer que mantenha relações com ele está em perigo. Cuidado, pois, é o que tenho a

dizer-te. Deus sabe que «mistérios de Paris» esperava ouvir... És um romancista. Que queres que te diga de um canalha, se não que é um canalha! Vou-te contar uma das suas aventuras, como exemplo. Não esperes naturalmente uma precisão de calendário: não citarei o país, nem a cidade, nem as personagens. Na sua mocidade, como sabes, obrigado a viver do seu ordenado de modesto empregado, casou com a filha de um rico negociante. Não a tratou lá muito bem. Este caso porém não nos interessa e vou dar-te um segundo exemplo, queres? Partiu para o estrangeiro. Lá...

— Que viagem foi essa? Em que ano?

— Foi precisamente há nove anos e três meses. No estrangeiro travou conhecimento com um industrial ou negociante, não sei bem, pois conheço apenas uns factos gerais. O príncipe achou maneira de se meter nos negócios desse homem e de lhe pedir dinheiro emprestado. O velho tinha, é claro, os recibos. Todavia o príncipe pedira emprestado na intenção de não pagar nunca ou, mais simplesmente, de roubar. O industrial tinha uma filha, linda como um anjo, a qual amava perdidamente um idealista de um rapaz, um irmão de Schiller, poeta e negociante ao mesmo tempo, um sonhador, um alemão em toda a aceção da palavra, um certo Pfefferkuchen.

— Pfefferkuchen?

— Talvez fosse outro nome, isso pouco importa, pois não se trata dele. Entretanto o príncipe conseguiu insinuar-se de tal modo nas boas graças da pequena que esta se apaixonou. Ora, como todas as chaves do velho estavam em poder da filha, resolveu o patife aproveitar-se dessa circunstância. Conquistar primeiro a pequena e depois os recibos. O negociante tinha pela filha um amor louco; a tal ponto que não podia ouvir falar em casamento. Expulsou de casa, por tal motivo, o inglês sonhador, o Pfefferkuchen...

— Inglês?! Então onde foi isso?

— Disse inglês por acaso. Não repares. Isto passou-se em Santa Fé de Bogotá ou então em Cracóvia, ou talvez ainda, é o mais provável, no ducado de Nassau... Nunca leste os letreiros das garrafas de água de Seltz?! Pois foi lá, no ducado de Nassau. Estás satisfeito? Raptou a pequena, persuadindo-a a levar certos papéis das gavetas do pai. Onde pode chegar o amor! E dizer-se que era uma moça honesta... Só tinha medo de uma coisa: a maldição paterna. O príncipe não se atrapalhou por

tão pouco: assinou um compromisso de casamento e fez-lhe crer que iam dar uma pequena viagem, um passeio. Quando serenasse a cólera do velho, voltariam casados para junto dele e viveriam sempre juntos, os três, felizes e honestos até à consumação dos séculos. Fugiu pois com ele. O velho amaldiçoou-a e, para completar, faliu. Frauenmilch amava de tal modo a pequena que liquidou os seus negócios e correu atrás dela para Paris...

— Mas quem é esse Frauenmilch?

— Como disse eu?! Feuerbach... Não... Ah? Pfefferkuchen... É isso. Quanto ao casamento, nunca o príncipe pensou em tal. Que teria dito a condessa X! Qual seria a opinião do barão Z! E começou a tratá-la mal, a bater-lhe... Depois convidou Pfefferkuchen a ir vê-la. Este passava muito tempo junto dela, confortando-a. O príncipe porém fizera isto de caso pensado. Uma noite surpreendeu-os juntos, como estavam muitas vezes. Afirmou que tinham relações íntimas, fez escândalo: «Vi-os! Vi-os com os meus próprios olhos!» Para encurtar razões, pô-los na rua e foi para Londres. Entretanto ela dava à luz uma menina... quero dizer, um menino. Batizaram-no, dando-lhe o nome de Volodka. Pfefferkuchen foi o padrinho. Como ele ainda tinha um pequeno pecúlio, partiram juntos, percorrendo a Suíça, a Itália, o país do sol e da poesia. Ela chorava sempre e Pfefferkuchen lamentava-se junto dela. Assim passaram alguns anos, durante os quais a menina foi crescendo. Quanto ao príncipe, tudo lhe correra bem, exceto uma coisa: não conseguira reaver a promessa de casamento por ele assinada. «Patife», dissera ela quando se separaram, «roubaste-me o dinheiro e a honra e agora abandonas-me. Podes ir, mas guardarei o compromisso que assinaste. Não porque pretenda ainda casar contigo, mas porque tens medo deste papel. Ficarei com ele para sempre». São ingénuos, estes tão nobres corações! É sempre fácil enganá-los. Terminam por se refugiarem num altivo e soberbo desdém, em vez de procurarem a polícia... quando a polícia pode intervir no caso. Esta pequena é um exemplo: separou-se do príncipe com desprezo, e embora conserve esse papel comprometedor, ele está tranquilo, pois sabe que ela não se utilizará dele. Que seria do pequeno Volodka se ela morresse? Nem pensava nisso. Bruderschaft encorajava-a e sonhavam juntos. Liam Schiller... Por fim, uma manhã, Bruderschaft morreu…

— Queres dizer Pfefferkuchen?

— É isso mesmo. E ela...

— Quanto tempo viajaram?

— Bastantes anos. Depois voltou para Cracóvia. O pai não a quis receber. Passado pouco tempo morreu e o príncipe dançou de alegria. Estive nessa festa. Serviram-me hidromel; no entanto escorria-me só pelos bigodes, sem que me chegasse uma gota à boca. No final, montei numa vassoura e saí pela janela. Bebamos, meu caro, bebamos...

— Desconfio que tomaste parte nessa história.

— Sim?

— Não vejo, porém, no que lhe pudesses ser útil.

— Ah, sim... Fui encarregado, quando, depois de dez anos de ausência, voltou a... Madrid, de conseguir uma série de informações sobre o Bruderschaft, sobre o velho, sobre ela, sobre a pequena... Saber se na verdade estava de volta, se ela morreu, se deixou papéis, e mais isto e mais aquilo, e mais uma porção de coisas. Digo-te apenas: toma cuidado, Ivan! Quanto a Masloboiev, não o julgues um canalha, embora o seja (quem o não é neste mundo?) mas nunca contigo. Ih!... Estou bastante embriagado... Ouve: se alguma vez, seja quando for, hoje, amanhã ou para o ano, se disser que o Masloboiev usou de esperteza para contigo... (repara bem: emprego apenas a palavra *esperteza,* hem?), podes ter a certeza de que não foi com má intenção. O Masloboiev é teu amigo. Podes confiar nele. Podes usar de toda a franqueza, como se fosse um irmão. Queres tomar alguma coisa?

— Não.

— Come um pouco...

— Não, meu caro, obrigado.

— Então vai embora. São nove menos um quarto... Vai embora.

— Como? Que é isso?! Estás como uma esponja e mandas os outros embora?! Isso é uma vergonha! — exclamou Alexandra, quase chorando.

— Alexandra, vamos ficar sós, juntinhos como dois pardais amorosos. Ele é um general... Não, Ivan! Mentira... Não és general... Eu é que sou um patife. Olha lá: que te pareço? És tão bom... Perdoa, Ivan, não me atires a primeira pedra... Perdoa...

Abraçou-me, chorando. Levantei-me.

— Ah, meu Deus! — exclamou Alexandra. — Preparei uma ceia... Mas volta sexta-feira, não volta?

— Volto. Prometo.

— Talvez não goste de vir... porque... porque ele bebe muito... Não o despreze, Ivan. Tem um bom coração e é muito seu amigo. Está sempre a falar a seu respeito e comprou o seu livro. Não o li ainda. Vou começá-lo amanhã. Ficarei muito contente se voltar! Nunca recebo visitas... Temos tudo quanto é preciso e estamos sempre sós. Hoje foi um dia feliz para mim. Venha sexta-feira, sim?

Capítulo 7

Voltei para casa apressado e impressionado com a história de Masloboiev. As ideias baralhavam-se-me na cabeça e, como de propósito, esperava-me em casa uma forte comoção.

Mal dera dois passos no pátio quando um vulto se afastou do muro, aterrorizado, trémulo, nervoso e, atirando-se a mim com um grito, agarrou-me por um braço. Olhei-o assustado: era a Nelly.

— Nelly! Que tens? Que aconteceu?

— Lá... lá em casa... está lá...

— Quem? Vem daí... Vamos juntos...

— Não, não quero! Não vou... Espero que ele saia... Espero na escada... Não quero ir!

Um singular pressentimento se apoderou de mim. Subi, abri a porta, e... encontrei o príncipe.

Estava sentado à minha mesa e lia, ou pelo menos tinha um livro aberto diante dele.

— Ivan Petrovitch! — exclamou muito alegre. — Até que enfim! Já ia a sair, depois de ter esperado mais de uma hora. Prometi à condessa levá-lo a casa dela; deseja tanto conhecê-lo e pediu-me com tanta insistência para o levar que resolvi passar por aqui. Imagine o meu desapontamento quando a sua criada me disse que o senhor tinha saído. Que fazer? Tinha prometido à condessa. Resolvi esperá-lo um quarto de hora. Abri o seu romance, comecei a ler e o quarto de hora já vai longe! É um encanto, Ivan! É perfeito! Arrancou-me lágrimas, o que não é fácil...

— Sinto muito não poder ir a casa da condessa, mas hoje...

— Pelo amor de Deus, venha! Ia deixar-me numa situação... Esperei-o hora e meia. Além disso, preciso tanto, tanto de conversar com o senhor... Compreende, não? Talvez se chegue a uma solução... Por favor, venha.

Lembrei-me de que Natascha precisava do meu auxílio e me tinha pedido para procurar conhecer Katia o mais cedo possível. Resolvi ir.

— Um momento — disse eu ao príncipe, e saí do quarto. Nelly estava escondida no canto mais escuro da escada. — Porque não queres entrar,

Nelly? Que te fez ele? Que te disse?

— Nada... Não quero... Tenho medo...

E por mais que lhe pedisse, não se moveu. Combinámos ir-se fechar no quarto mal eu saísse com o príncipe.

— E não deixes entrar ninguém... Seja quem for, ouviste?

— Sim, sim. E o senhor... vai com ele?

— Vou. Sairemos juntos.

Estremeceu e teve um gesto como para me deter. Nada disse, porém, e eu reservei as perguntas a fazer para o dia seguinte.

Pedi desculpas ao príncipe e vesti-me apressadamente.

Saímos. Deixei-o na escada e voltei ao quarto para me despedir da Nelly, pois já tinha entrado. Estava muito pálida, agitada, e muitíssimo preocupada.

— Que criada esquisita a sua — disse o príncipe enquanto descíamos. — A pequena é sua criada, não?

— Não. Vive comigo por uns dias.

— É singular! Deu-me a impressão de uma louca. A princípio, imagine, respondeu-me razoavelmente. Mas depois fitou-me, agarrou-se-me aos braços; pôs-se a tremer e a gritar sem se desprender de mim. Parecia ter alguma coisa a dizer. Fiquei assustado, sem saber como fazer, quando fugiu. Não posso explicar isto. Que me diz?

— É doente. Tem uns ataques epiléticos.

— Ah! Nesse caso está tudo explicado.

Lembrei-me da visita de Masloboiev na véspera, da sua conversa, apesar do seu estado de meia embriaguez, dos seus esforços para me convencer das suas boas intenções a meu respeito, da visita do príncipe, esperando-me durante duas horas, quando talvez soubesse que estava em casa de Masloboiev, e por fim de Nelly, fugindo apavorada. Lembrei-me, repito, de tudo isso, e terminei por relacionar até certo ponto estes acontecimentos.

Era preciso pensar no caso.

O carro do príncipe esperava-nos à porta. Subimos e partimos.

Capítulo 8

Não fomos longe.

Mantivemo-nos calados por momentos. Pensava porém num meio de entabular conversa quando ele abordou diretamente o assunto.

— Há uma coisa que me inquieta bastante e sobre a qual desejo ouvir a sua opinião — disse, para começar. — Resolvi desistir do meu processo e renunciar aos dez mil *rublos* do Ikhmeniev. Como devo proceder?

«É impossível que não saibas como deves proceder», pensei comigo. «Queres, sem dúvida, zombar de mim!»

E por isso respondi tão ingenuamente quanto possível:

— Não sei, príncipe. Sobre a questão da Natascha posso dar-lhe todas as informações... Agora nesse assunto, o senhor sabe melhor do que eu como deve agir.

— Pelo contrário! Sei muito menos. O senhor está em ligação com eles e conhece talvez a opinião da Natascha. Pretendia orientar-me pela opinião dela. O senhor pode ajudar-me a resolver esta questão, pois é para mim bastante embaraçosa. Estou pronto a desistir, seja qual for o rumo que as coisas referentes a outros assuntos tomem, compreende? Mas como levar a efeito essa desistência? É para isto que preciso do seu auxílio. O velhote é orgulhoso e capaz de me fazer uma afronta qualquer, ou até de me lançar mesmo o dinheiro em rosto.

— Permita-me que lhe pergunte se considera esse dinheiro como seu ou como pertencendo ao Ikhmeniev...

— Ganhei a questão. Por consequência o dinheiro é meu.

— Segundo o resultado do processo é. Mas segundo a consciência?

— Considero-o também como meu, sendo desnecessárias explicações! — respondeu ele, um tanto agastado com a minha sem-cerimónia, — De resto, segundo suponho, o senhor não conhece a origem desta questão. Não acuso o velho de conscientemente me ter enganado. Foi por sua livre vontade que levou as minhas palavras à conta de ultraje. Era culpado apenas de negligência, de falta de interesse na solução dos negócios confiados ao seu cuidado e pelos quais, segundo o nosso contrato, era o

responsável. Todavia, o mais grave, foram as chicanas, as afrontas que fizemos um ao outro, o nosso amor-próprio ferido. Talvez não tivesse ligado importância a esses miseráveis milhares de *rublos,* mas o senhor sabe como esta história começou... Confesso a minha culpa em desconfiar; mas ofendido com as suas grosserias, não quis deixar passar a ocasião e instaurei-lhe o processo. O senhor supõe talvez que podia e devia proceder com mais nobreza. Sem procurar justificar-me, observar-lhe-ei: a cólera, e sobretudo, o amor-próprio ferido, não primam muito pela nobreza. Não conhecia Ikhmeniev e acreditei nos rumores chegados até mim sobre a filha e o Alyosha, e fui mesmo levado a supor que mo tivesse roubado conscientemente. O importante porém é saber como devo fazer agora. Recusar o dinheiro, mas provar o meu direito, é como fazer-lhe presente dele. Por outro lado temos a juntar a isto a posição delicada em que nos encontramos por causa da Natascha. É pois quase uma certeza de que me lançará o dinheiro em rosto.

— Se está persuadido disso, considera-o um homem honesto e, por consequência, tem a certeza de que não o roubou. Nesse caso, por que não vai ter com ele e lhe declara francamente quanto era injusta a perseguição que lhe moveu? Este procedimento seria verdadeiramente digno e Ikhmeniev não se envergonharia de pegar no dinheiro que lhe pertence.

— Hem?! Que lhe pertence? Pois está nisso a dificuldade. Quer que lhe vá confessar que considero injusta a perseguição? «E porque a intentou?», perguntar-me-ão. Não mereço essa censura. O direito está do meu lado. Nunca disse a ninguém, nem nunca o acusei de me ter roubado, mas estou convencido, pelo menos até hoje, de que não exerceu uma fiscalização ativa como devia, pois não tinha o devido conhecimento do negócio. Esse dinheiro é positivamente meu e custar-me-á muito deixar que me imputem uma acusação, mais a mais quando foi o próprio velho a querer julgar-se ofendido! E o senhor quer que lhe peça perdão por essa ofensa? É difícil!

— Parece-me que quando dois homens se querem reconciliar...

— Pensa que é fácil?

— Evidentemente.

— Não. É talvez extremamente difícil, tanto mais…

— Tanto mais que há outras circunstâncias a atender. Neste ponto sou da sua opinião. A questão relativa à Natascha e ao seu filho deve ser resolvida em todos os seus detalhes pelo senhor, pois só do senhor

dependem, de maneira a dar inteira satisfação ao Ikhmeniev. Só então poderá ter uma leal explicação com ele sobre tudo quanto se refere ao processo. Até lá, tem apenas um caminho a seguir: confessar franca e publicamente, se for preciso, o erro das suas acusações. É esta a minha opinião. Falo-lhe com o coração aberto e porque o senhor me pediu o meu parecer, pois não creio deseje ver-me representar um papel de manhoso. Porque se preocupa tanto com esse dinheiro? Se acredita ter consigo a justiça, porque o restitui? Sou talvez indiscreto... mas parece-me que influem nessa decisão outras circunstâncias.

— Mas, afinal, qual é o seu pensamento? — perguntou ele de repente, como se não tivesse ouvido as minhas perguntas. — Está persuadido que o Ikhmeniev recusará os dez mil *rublos,* se lhe forem restituídos sem nenhuma desculpa... e sem nenhuma contemplação?

— Duvida disso? — perguntei com indignação.

A sua pergunta era de um ceticismo tão insolente que não me teria ofendido mais se me tivesse cuspido no rosto. Ofendia-me ainda aquela maneira altiva e desdenhosa de responder com uma pergunta à minha pergunta, como se não tivesse ouvido e quisesse fazer-me sentir que me excedera, que ultrapassara os limites da boa delicadeza. Tinha uma certa aversão por este costume da alta sociedade e esforçava-me por corrigir esse defeito em Alyosha.

— O quê? O senhor é um pouco precipitado! Há muitas coisas neste mundo que se fazem de maneira muito diversa daquela que imagina — disse ele friamente, para responder à minha pergunta. — Além disso espero que a Natascha resolva o assunto e peço para lho transmitir. Ela poderá aconselhar-nos...

— Nada farei do que pede — repliquei num tom rude. — A Natascha compreenderá muito bem que, se o senhor restitui o dinheiro sem sinceridade e sem isso a que chama de «benevolência», quer apenas comprá-la com esse dinheiro da questão!

— Que está a dizer? É assim que me compreende, excelente Ivan?

E explodiu numa gargalhada, continuando:

— Temos ainda muitas, muitas coisas a dizer! No entanto não é agora o momento próprio. Peço-lhe apenas para compreender bem uma *coisa*: este negócio afeta diretamente a Natascha e o seu futuro depende em grande parte do que nós decidirmos. O seu concurso é indispensável, verá. E depois, se a estima, tem a obrigação de se explicar comigo por pouca

que seja a simpatia sentida pela minha pessoa... Estamos entendidos. Até breve.

Capítulo 9

A condessa encontrava-se muito bem instalada. A sua casa estava mobilada com conforto e com gosto, embora sem luxo excessivo: tudo no entanto lembrava uma instalação temporária. Era uma casa a convir apenas por um certo tempo e não a habitação permanente, consagrada, de uma família rica, com umas instalações de luxo senhorial, cuidada até aos mínimos caprichos.

Dizia-se que a condessa ia passar a estação calmosa numa sua propriedade, sobrecarregada com numerosas hipotecas e situada na província de Simhirsk. O príncipe acompanhá-la-ia. Pensava com angústia no que iria fazer Alyosha quando Katia partisse. Nada dissera por isso mesmo a Natascha; aliás, talvez já soubesse, mas calava-se e sofria em silêncio. A condessa fez-me um acolhimento encantador e assegurou-me que há muito sentia vontade de me conhecer. Estava sentada diante de um samovar de prata e preparava o chá para nos servir por suas próprias mãos. Além do príncipe e da minha pessoa, havia também um cavalheiro pertencente à alta aristocracia. Era um homem já idoso, condecorado e tendo as maneiras de um diplomata. Parecia ser objeto de uma consideração muito particular.

Procurei com os olhos Catarina. Estava com Alyosha no aposento vizinho, mas ao saber da nossa chegada veio logo ter connosco. O príncipe beijou-lhe a mão com amabilidade e apresentou-me. Era uma delicada loura de olhos azuis. O seu rosto, em forma de oval bem desenhada, tinha uma expressão doce e plácida; os traços eram regulares e a cabeleira espessa. Esperava ir ver um conjunto de todas as perfeições e no final era uma beleza como tantas outras. Estendeu-me a mão sem dizer palavra e pôs-se a observar-me com uma atenção ingénua, cândida, persistente, sentindo-me por isso bastante impressionado. Notei estar em presença de uma alma de eleição.

Após ter-me apertado a mão, largou-ma com uma certa precipitação para ir ao encontro de Alyosha. Este veio saudar-me e disse-me baixinho:

— Demoro-me apenas um momento e vou já para junto dela.

Ofereceram-me uma chávena com chá e não se preocuparam mais comigo. Isto encantou-me deveras. Dediquei-me a observar a condessa. A primeira impressão foi-lhe favorável: agradou-me, mas contra a minha vontade. Não era jovem, porém só se lhe dava também um máximo de quarenta e oito anos. O rosto tinha ainda uma certa frescura e devia ter sido bonita. Os cabelos castanhos eram abundantes e o seu olhar, que exprimia uma grande bondade, tinha ao mesmo tempo qualquer coisa de volúvel e de astucioso que se esforçava por dissimular naquele momento. O caráter pareceu-me um tanto leviano, dado ao amor e aos prazeres, e dotado de uma boa dose de suave egoísmo. Estava por completo submetida à influência do príncipe.

Tinham tido uma ligação íntima, segundo sabia, e ouvira mesmo falar do príncipe como tendo sido um amante afável durante a sua estadia no estrangeiro. Pareceu-me porém que, além disso, devia haver entre eles qualquer outro laço misterioso, uma obrigação recíproca, um cálculo secreto... Ela detestava-o e, apesar disso, continuavam de boas relações. Talvez fossem os projetos e a vigilância exercida em torno de Katia, o único traço de união entre eles. A iniciativa deste assunto devia pertencer, sem contestação, ao príncipe. Baseara nesse ponto a sua recusa em casar com ela e por isso começara a ser exigente, persuadindo-a a consentir no casamento de Alyosha.

Permanecia sentado, ouvindo e imaginando a maneira de obter uma palestra com Catarina. O diplomata falava da situação e das reformas recentemente postas em prática; a condessa perguntava-lhe se, segundo a sua opinião, havia receio para temer as consequências. Digno e grave, desenvolvera com finura e habilidade uma ideia que na sua própria essência era revoltante; tomara como causa o facto do espírito da reforma e do progresso não trazer senão frutos prematuros, cuja qualidade era fácil prever e que, em presença desses resultados, tornar-nos-íamos mais razoáveis e a sociedade — certas classes, conforme acentuou — compreendendo o erro cometido, repeliria esse espírito e voltaria com um redobramento de energias ao antigo estado de coisas. Esta experiência, embora um pouco triste, não seria por outro lado menos proveitosa, pois provocaria a necessidade de manter o antigo e tão salutar regime e traria novos elementos de estudo. Dever-se-ia pois desejar que os reformadores fossem o mais depressa possível até ao último grau da imprevidência.

— Sem *nós* — disse como conclusão — sem nós nada se fará, sem nós não poderá existir a sociedade. Nada perderemos com isto... Pelo contrário, só temos a lucrar. Sobrepor-nos-emos sempre e a nossa divisa atual deve ser: *Quanto pior isto andar, melhor se há de tornar.*

Desgostou-me o sorriso de simpatia do príncipe pelo orador. Quanto a mim, senti o coração pulsar-me com violência e cometeria a tolice de replicar se o olhar do príncipe me não contivesse. O seu olhar incidiu sobre mim como uma flecha envenenada. Percebi logo que esperava da minha parte uma resposta cheia de revolta e de entusiasmo, e de antemão gozava o ridículo com que me ouviriam. Por meu lado estava também persuadido de que o diplomata não daria a mínima atenção à minha pessoa. Começava pois a sentir-me muitíssimo mal colocado quando Alyosha veio tirar-me dessa situação, tocando-me ao de leve no ombro e segredando-me ao ouvido de que tinha duas palavras a dizer-me. Katia tinha-o mandado prevenir-me, conforme compreendi depois. Passado um instante estava junto dela. Estivemos um minuto sem encontrar uma palavra com que iniciar a conversa. Intimamente estava convencido de que uma vez quebrada a cerimónia, não pararíamos mais.

Alyosha aguardava com impaciência a nossa conversa.

— Porque ficaram calados? — perguntou ele, rindo. — Quiseram conhecer-se para ficarem a olhar um para o outro em silêncio?

— Na verdade, Alyosha, és deveras singular! — disse Katia. — Espera um pouco. Temos necessidade de trocar impressões sobre tanta coisa — exclamou ela, dirigindo-se a mim — que nem sei por onde começar! Lamento não nos termos encontrado mais cedo. De nome conheço-o há muito. Sentia um grande desejo de o conhecer e estive quase para lhe escrever...

— A propósito de quê? — perguntei.

— O assunto não faltava — disse ela com um ar sério. — Quanto mais não fosse, ao menos para lhe perguntar se é verdade a Natascha não se zangar quando o Alyosha a deixa sozinha, sobretudo agora... Acha lógico o seu procedimento? Vai-te embora, Alyosha. Precisamos ficar sós.

— Ah, meu Deus! Vou já! Fico só mais um minuto, como te disse, para vos admirar, para ver como iniciais a vossa conversa... Vou já.

— É sempre assim — disse Katia, enrubescendo. — *Apenas um minuto,* e quando se dá por ela ficou até à meia-noite. «Não se zanga! É

muito bondosa!» são as suas desculpas. Isto é muito mal feito, muito mal feito!

— Vou já — disse Alyosha, tristemente —, mas estimaria muito ficar agora junto de vós.

— Nada podemos dizer contigo aqui. Não podemos conversar. Porém não fiques aborrecido.

— Vou-me, visto assim ser preciso. Passarei por casa do Levinka e depois irei ter com a Natascha. A propósito, Ivan, sabe que o meu pai não quer aceitar o dinheiro ganho no processo contra o Ikhmeniev?

— Sei. Ele mesmo mo disse.

— Que nobreza de caráter! A Katia não vê nisso nada de extraordinário. Fale com ela sobre o assunto. Adeus, Katia, e não duvides do meu amor pela Natascha, peço-te! Porque me impões tantas condições, porque me fazes tantas censuras, porque me persegues tanto como se estivesse sob a tua vigilância? A Natascha conhece o meu grande amor, tem confiança em mim, e no entanto pergunta isso ao Ivan, ele te dirá, é muitíssimo ciumenta e egoísta.

— Como? — perguntei eu, julgando ter ouvido mal.

— Que dizes, Alyosha? — exclamou Katia, levantando os braços, surpreendida.

— O Ivan bem o sabe... Só deseja ter-me sempre a seu lado. Custa-lhe muito deixar-me sair e, quando me manda embora, fá-lo, como se quisesse segurar-me. Se me estimasse tanto como eu a estimo, sacrificaria o seu prazer ao meu.

— Essa linguagem não é tua, pois falta-lhe a simplicidade e a franqueza —replicou Katia, irritada. — O teu pai ensinou-te muito bem, doutrinou-te perfeitamente. É inútil fingires... Já te conheço bastante. Adivinhei?

— De facto, conversámos! — respondeu embaraçado. — É bastante afável e elogiou-a muito, embora ela o tenha ofendido.

— Como pudeste deixar-te convencer tão facilmente, tu, a quem ela tudo sacrificou? — disse eu. — Até há pouco ainda só tinha uma preocupação: evitar que te aborrecesses a seu lado e levar-te a aproveitares todas as possibilidades de veres Catarina. Fui testemunha disso!

— Ingrato! — exclamou Katia, fazendo um gesto de desespero.

— Que motivos vos dei para me censurardes? — replicou com voz lamentosa. — Não falo do Ivan, mas tu, Katia, estás sempre pronta a

considerar todas as minhas coisas como mal feitas... Amo a Natascha e acusando-a de egoísta quero apenas dizer que me estima demasiado e que o seu amor me manieta. O meu pai não me fará agir contra a minha vontade e nunca lhe passou pela cabeça que ela fosse egoísta, na aceção má do termo... Pensa apenas que me estima demais, que o seu amor se torna um fardo para ela e para mim. Ora isto é perfeitamente justo e nada deprimente para a Natascha.

Katia interrompeu-o e censurou-o vivamente. Fez-lhe ver que o príncipe começou pelo elogio de Natascha apenas para o enganar, para lhe dar uma aparência de bondade, quando o seu propósito era o de romper com aquela ligação. Demonstrou-lhe o grande amor de Natascha e como a sua conduta para com ela era bastante culposa. O egoísta era ele. Triste e arrependido, Alyosha baixou a cabeça sem responder. Examinava esta estranha pequena com curiosidade. Era uma criança, mas uma singular criança, uma criança com *convicções,* tendo uns sólidos princípios e uma grande paixão por tudo quanto fosse bom e justo. Pertencia à categoria das *crianças sonhadoras,* muito frequentes nas famílias russas.

Durante essa noite e noutras depois aprendi a conhecê-la muito bem. Era um coração ardente e impressionável. Parecia, em certos momentos, desdenhar a arte de se dominar. Pondo a verdade acima de tudo, considerava toda a obrigação como um postulado de convenção e, como muitos carateres ardentes, parecia orgulhosa de pensar assim. Gostava de meditar e de procurar a verdade. Fazia-o, todavia, com tão pouca afetação, tinha saídas tão infantis que terminávamos por achar adoráveis as suas excentricidades. Lembrei-me de Levinka e de Borinka, e não precisei pensar muito para compreender as suas relações. O seu rosto, no qual nada achara de particular à primeira vista, tornava-se, à medida que o observava, mais belo e mais ardente. Essa ingénua dualidade de criança e de mulher pensante, essa sede infantil e sincera de verdade e de justiça, a fé inquebrantável das suas aspirações, tudo isso dava-lhe ao rosto uma expressão serena e uma beleza sublime, toda espiritual. Compreendi a razão por que Alyosha devia estar apaixonadamente ligado a ela. Incapaz de raciocinar e de julgar, adorava aqueles que pensavam e em especial os que resolviam por ele. Katia tomara-o sob a sua tutela. Deixava-se subjugar por tudo quanto fosse honesto e belo, e Katia surgira-lhe com toda a sua sinceridade de criança e toda a sua simpatia. Não tendo a menor vontade, só poderia ligar-se a alguém que o dominasse e conduzisse; por

outro lado, as duas tinham uma vontade forte, inflamada, perseverante, e essa fora a origem da sua amizade, primeiro por Natascha e depois por Katia. Mas esta tinha uma grande vantagem sobre a rival: era criança e parecia continuar a sê-lo ainda por muito tempo. Esta qualidade, unida à vivacidade de espírito, tornavam-na de qualquer maneira o ideal de Alyosha. Sentia-o e isso prendia-o cada vez mais. Estou certo de que, quando conversavam sozinhos, as sérias palavras de *propaganda* de Katia não impediam qualquer gracejo, nem o tom alegre de uma frase ou outra. E embora Katia o censurasse quase sempre, embora lhe desse quase constantes e severas admoestações, sentia-se evidentemente mais à vontade junto dela do que de Natascha. Eram mais iguais na idade, mais semelhantes na maneira de ser e isso tinha uma grande influência.

Alyosha levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Basta, Katia, basta! — disse ele. — Tens sempre razão e eu nunca a tenho. Vou já direito a casa da Natascha. Já não vou à do Levinka...

— Nada lá tens a fazer e és mais delicado seguindo o meu conselho.

— E tu és mil vezes mais delicada do que qualquer outra — acrescentou ele num tom triste. — Ivan, ela quer-lhe dizer duas palavras, segundo me disse ao ouvido.

E baixando a voz, acrescentou:

— Comportei-me hoje de uma forma vergonhosa. Depois do jantar, o meu pai apresentou-me a Alexandrina, uma encantadora francesa. Deixei-me arrebatar... e foi horrível... Adeus, Ivan.

— Comecemos por fazer as nossas confidências com a máxima franqueza — disse-me Katia mal Alyosha partiu. — O que pensa do príncipe?

— Creio ser muitíssimo perverso.

— Também eu. Eis-nos já de acordo num ponto. Teremos pois mais facilidade em julgar a seguir. Agora falemos da Natascha... Sobre ela nada sei e esperava-o para me esclarecer. Conte-me pois tudo quanto sabe, a fim de ficar devidamente informada e não ser obrigada a julgá-la, em muitos pontos, apenas por conjeturas ou pelo que ele me conta. Diga-me primeiro tudo quanto pensa do Alyosha e da Natascha. Acredita que sejam felizes juntos?

— Não creio.

— Porquê?

— Porque não se entendem nem podem entender-se...

— Pensava isso mesmo — disse ela com tristeza. — Desejava muito conhecer a Natascha. Algumas vezes penso nela. Deve ser espiritual, severa, reta de caráter e, além disso, bonita. É isso?

— Exatamente.

— Tinha quase a certeza. Agora explique-me como pôde ela amar uma criança como Alyosha... Muitas vezes tenho perguntado isto a mim mesmo.

— Há coisas difíceis de explicar. Porque e como nos apaixonamos? O Alyosha é uma criança, tem razão, mas sabe também quanto se pode amar uma criança… — Fitava-me com uma atenção concentrada e impaciente, e eu sentia-me enternecido. — O Alyosha é correto, franco, horrivelmente ingénuo, mas algumas vezes com certa graça. Talvez o tenha amado... como dizer?... por uma espécie de piedade. Os corações amorosos podem amar por piedade... Aliás, a senhora mesmo também o ama?

Fizera-lhe esta pergunta de uma forma um tanto atrevida, mas, por outro lado, a audácia nela contida não ia perturbar a pureza daquela alma cândida.

— Meu Deus, ainda não sei! — respondeu baixinho e fitando-me com o seu olhar sereno. — Parece-me amá-lo...

— Vê? E poderá explicar-me porquê?

— É todo franqueza, todo sinceridade... — respondeu depois de ter refletido um pouco. Quando me olhava bem de frente e falava, experimentava um verdadeiro prazer. — Estou porém dizendo coisas pouco próprias para mim... Acha que procedo bem ou não?

— Que mal haverá nisso?

— Com efeito... que mal haverá? Mas *eles* — indicou com o olhar no grupo sentado em volta da mesa — *eles* diriam que não ando bem, com certeza. Teriam razão?

— Alguma. Sente, no seu íntimo, que procede mal? Isso prova...

— Quando tenho qualquer dúvida — disse ela, interrompendo-me —, consulto sempre o meu íntimo. Parece-me que devemos agir sempre assim. Se lhe falo com tanta franqueza é, como primeira razão, porque sei que é uma excelente pessoa e porque conheço a sua história e a da Natascha, antes da sua ligação com o Alyosha. Chorei quando ma contaram.

— Quem lha contou?

— O Alyosha! Quem havia de ser? Chorou também ao contar-ma. Estima-o bastante... A segunda razão da minha franqueza é ser um bom conselheiro e portanto em condições de me poder ajudar. Tratemos pois, antes de mais nada, do mais importante. Sou a rival da Natascha, sei-o e sinto-o! O que me aconselha? Foi esse o motivo por que lhe perguntei se os supunha capaz de serem felizes juntos. Esse pensamento atormenta-me. A posição da Natascha é horrível. É evidente que o Alyosha deixou por completo de a amar e ama-me cada vez mais. Não é da mesma opinião?

— Parece-me ser assim.

— E entretanto não a engana, pois ignora ainda que não a ama. Oh, quanto ela deve sofrer!

— E que pensa fazer, Catarina?

— Tenho uma intimidade de projetos — respondeu. — Perturbo-me e esperava-o com impaciência para me ajudar a tomar uma resolução. Conhece a situação melhor do que eu e dirijo-me a si como a um salvador. A minha primeira ideia foi esta: se se amam, é preciso torná-los felizes e o meu dever é sacrificar-me, ajudando-os. Não era justo?

— Disseram-me que estava pronta a fazer todos os sacrifícios.

— A princípio, estive... Depois, quando passou a visitar-me mais amiúde e passou a estimar-me cada vez mais, refleti e perguntei a mim mesmo se devia persistir ou não no sacrifício. Era proceder mal, não?

— Era natural! — respondi. — Não se pode censurar por isso.

— Não sou bem da sua opinião. A sua extrema bondade é que o faz falar assim. Quanto a mim, atribuo estas hesitações ao facto de não ter a consciência tranquila; se não fosse isso, saberia como proceder. Melhor informada depois sobre as suas relações, por intermédio do príncipe, da minha mãe e do próprio Alyosha, refleti que não eram dignos um do outro, o que o senhor acaba de confirmar. Então as minhas dúvidas aumentaram. «Se de facto vão ser infelizes, não será melhor separá-los já?», pensei eu. Foi devido a isso que resolvi pedir-lhe informações mais detalhadas e ir ver a Natascha para tudo decidir de acordo com ela.

— Como procederá?

— Dir-lhe-ei: apesar de o amar acima de tudo deve colocar a sua felicidade acima de qualquer outra coisa... Por consequência deve separar-se dele.

— Muito bem! Mas como acolherá ela essa proposta? E supondo que está de acordo, terá forças para tomar uma resolução tão heroica?

— Penso nisso dia e noite... e... e...

Uma lágrima lhe rolou pelas faces.

— Nunca poderá calcular o quanto eu a lamento — murmurou.

Que poderia eu acrescentar? Tinha também quase vontade de chorar e por isso calei-me. Que encantadora criança! Nem tive coragem para lhe perguntar qual a razão porque se supunha capaz de fazer a felicidade de Alyosha.

— Não se arrependerá de a conhecer! — disse-lhe. — Ela também deseja muito conhecê-la e parece-me indispensável tal encontro. Não se apoquente tanto. O tempo se encarregará da solução. Vai passar o verão no campo? E o Alyosha acompanha-a?

— Sim, acompanha-nos... Tenho também pensado nisso. Grande Deus, como acabará tudo isto? Meu caro Ivan, permita-me que lhe escreva. De resto, comecei já a importuná-lo. Virá visitar-me com frequência?

— Não sei. Talvez não volte mais.

— Porquê?

— Por diferentes razões... Isso depende, sobretudo, da natureza das minhas relações com o príncipe.

— Oh, é um homem desonesto! — disse Katia num tom de convencida. — Se eu fosse visitar o meu amigo, faria mal?

— Que lhe diz a sua consciência?

— Penso que não haveria nisso o menor mal. Irei pois vê-lo! — acrescentou, sorrindo. — Não o estimo apenas, mas sim que o estimo *muito*... Quantas coisas poderei aprender! E depois... sinto uma sincera amizade por si... Não é ridículo dizer isto assim?

— Nada disso! Tornou-se tão querida para mim como se fossemos parentes.

— Quer ser meu amigo?

— Oh, sim! — respondi radiante.

Recordei-me nesse momento de que o príncipe nos deixara a sós, de propósito, a fim de podermos falar à vontade.

— Bem sei — volveu Katia — que o príncipe quer apenas o meu dinheiro. Consideram-me como sendo ainda uma criança e dizem mesmo isso. Porém não sou dessa opinião. Divertem-me, estas criaturas! Eles é que parecem crianças!

— É capaz de me dizer, por favor, quem são esse Levinka e esse Borinka a casa de quem o Alyosha vai tantas vezes?

— Meus parentes um pouco afastados. São rapazes honestos e inteligentes, mas... falando um pouco mais do que convém — acrescentou, sorrindo.

— Será verdade que tenha a intenção de mais tarde os presentear com um milhão?

— Não sei! Têm falado tanto nesse assunto que estão já a aborrecer-me. Estou pronta a fazer sacrifícios por tudo quanto seja útil; mas porque estabeleceram uma quantia tão grande? Só Deus sabe quando poderei dar qualquer coisa, e já andam a fazer projetos e a discutir sobre o emprego a dar ao dinheiro... É na verdade singular! Têm muito palavreado, mas são por isso menos sinceros e... inteligentes. Estudam e isso vale na verdade mais do que se nada fizessem, como acontece com muitos outros, não é assim?

Conversámos ainda durante muito tempo. Contou-me a sua história e escutou com avidez tudo quanto lhe disse sobre Natascha e Alyosha, fazendo-me diversas perguntas. Era meia-noite quando o príncipe se aproximou de mim e me fez compreender que era tempo de nos retirarmos. Despedi-me. Katia apertou-me a mão com força e a condessa convidou-me a repetir a visita.

Não me posso esquivar a fazer uma observação, apesar de não estar diretamente ligada à minha narrativa; trouxe da minha longa conversa com Katia a convicção de que era ainda criança, até ao ponto de ignorar as relações íntimas que existem entre o homem e a mulher. Isto dava qualquer coisa de cómico a alguns dos seus raciocínios e ao tom cheio de gravidade com que falava de muitas coisas sérias.

Capítulo 10

— Se fôssemos cear? — perguntou o príncipe enquanto subíamos para o carro. — Que diz?

— Não sei, príncipe — respondi com hesitação. — Nunca ceio.

— Vamos! decida... *Conversaremos* durante a ceia — acrescentou, olhando-me fixamente e com certa malícia nos olhos.

Como não compreender? Queria-me explicar a sua maneira de ver, pensei eu, e era isso justamente o que eu precisava. Aceitei, pois.

— Vamos, acompanha-me, não é assim? Grande-Marskaia, ao Borel! — ordenou ao cocheiro.

— Vamos aí? — perguntei, meio embaraçado.

— Vamos! Surpreende-se? Raras vezes ceio em casa. Consentirá, portanto, que o convide.

— Como já lhe disse, nunca ceio.

— Uma vez não é hábito. E, além disso, sou eu quem convida.

Isto queria dizer «sou eu quem vai pagar!» Estava porém resolvido a não consentir em tal coisa.

Chegámos. Pediu um gabinete, escolheu dois ou três pratos, como bom conhecedor, e encomendou uma garrafa de vinho do Porto. Isto tudo era superior às posses da minha bolsa. Pedi a lista e encomendei meia perdiz e um copo de «Laffitte». O príncipe não se conteve:

— Sempre não quer cear comigo! É ridículo, asseguro-lhe. Peço-lhe perdão, meu amigo, mas isso é de uma suscetibilidade ofensiva, de um amor-próprio mesquinho. Apostaria em como esconde sob esse pensamento preocupações de casta... Com franqueza, procedendo assim, ofende-me!

Nem por isso fiquei menos inflexível na minha maneira de agir.

— Como queira — acrescentou por fim. — Não quero forçá-lo. Permite-me que lhe fale como amigo?

— Peço-lhe isso mesmo.

— Ora bem! Na minha opinião essa suscetibilidade serve apenas para o prejudicar, e o senhor e os seus confrades erram, procedendo assim. Os

senhores literatos deviam conhecer a sociedade. Contudo não vão a parte nenhuma. Não é por causa da perdiz que digo isto. Mas a verdade é que não tem nenhumas relações no nosso meio e isso prejudica-o muito... Perde muito com isso... Perde, a bem dizer, o que se chama uma carreira! Além disso, há ainda outra razão a justificar as minhas palavras: a necessidade de conhecer, de observar por si mesmo tudo quanto descreve e relata nas suas novelas, relativamente aos príncipes, aos condes e às nossas reuniões... Mas para que falarei eu nisto? Atualmente o senhor nada quer saber, além da miséria.

— Com respeito à minha pessoa, engana-se. Se não frequento aquilo a que chama a «sua sociedade», é porque a sua convivência me aborrece e, sobretudo, porque nada tenho lá que fazer. No entanto, frequento-a às vezes...

— Eu sei... Em casa do príncipe R... uma vez por ano... Encontrei-o lá. Porém o resto da vida sepulta-se na sua altivez democrática e gasta-se na sua água-furtada. Entre os senhores há muito poucos que não procedem assim.

— Agradecia-lhe muito se mudasse de assunto e deixasse em paz as nossas águas-furtadas.

— Ah, meu Deus, zangou-se! Autorizou-me a falar-lhe como um amigo. Queira pois desculpar-me. Ainda nada consegui fazer de forma a merecer a sua amizade. Este vinho não é mau... Prove um pouco.

E encheu-me um copo.

— Beba, meu caro Ivan — continuou. — Não se pode, nem é conveniente impor a amizade, compreendo muito bem. Somos muito indelicados e insolentes para com os senhores, segundo imaginam. Aliás, sei bem que não está aqui apenas por simpatia para com a minha pessoa, mas sim porque lhe prometi *conversarmos*. Não é assim?

E explodiu numa gargalhada.

— E como vela pelos interesses de uma certa pessoa, deseja ouvir-me... Não é assim? — repetiu, com um sorriso perverso.

— Não se enganou — repliquei. — Vim expressamente para isso, pois de contrário não estaria aqui... até esta hora.

Tive vontade de dizer «Com o senhor!» Contudo não o fiz, não por medo, mas por causa da minha maldita apatia e da minha delicadeza. Como, com efeito, dizer-lhe frente a frente as grosserias que merecia e pretendia justamente dizer-lhe? Compreendeu e gozou, segundo creio, a

minha pusilanimidade. Lançou-me um olhar zombeteiro e provocador, parecendo querer dizer-me: «Hem, não te atreves! Estás vencido, meu caro!» Deu uma gargalhada e bateu-me com familiaridade numa das pernas,

«Divertes-me!», dizia claramente o seu olhar.

«Paciência!», dizia eu a mim mesmo.

— Sinto-me alegre — exclamou ele — e não sei lá muito bem porquê. Sim, meu amigo, desejava justamente falar-lhe dessa pessoa. Precisamos, afinal, esvaziar o saco e entrar num acordo. Espero, desta vez, que me compreenda por completo. Falei-lhe, não há muito, desse dinheiro e desse ridículo velhote, desse bebé sexagenário... Não vale a pena tornar ao assunto. Foi apenas uma graçola. Ah, ah, ah! E o senhor como autor de romances devia ter duvidado...

Estava estupefacto. Aquilo não podia ser já bebedeira!

— Quanto à pequena, sinto na verdade uma certa estima por ela, amizade mesmo, garanto-lhe. É um pouco caprichosa... Mas o que quer? Não há rosas sem espinhos; os espinhos picam e não têm por isso atração. Embora o meu Alexis seja um palerma, perdoei-lhe metade porque teve bom gosto. Estas pequenas assim agradam-me — disse ele, apertando os lábios de uma maneira que queria dizer muita coisa — e tenho a minha opinião a seu respeito... Mas deixemos isso.

— Príncipe! — exclamei. — Não compreendo essas suas meias palavras, contudo... peço-lhe para mudar de assunto.

— Já está outra vez zangado! Seja! Mudemos de assunto... Queria perguntar-lhe, meu bom amigo, se a estima.

— Passemos por alto nesse ponto — respondi impaciente.

— Muito bem. E ama-a? — continuou ele, mostrando os dentes e piscando os olhos de uma maneira nojenta.

— O senhor excede-se! — exclamei.

— Está bem! Acalme-se! Estou hoje muitíssimo bem disposto. Há muito que não me sinto tão alegre. Se bebêssemos uma taça de champanhe? Que acha o meu poeta?

— Não quero.

— É tolice... Faça-me companhia. Estou de muito bom humor e com uma grande tendência para o sentimentalismo. Gosto de ter um companheiro quando estou contente. Quem sabe se bebendo juntos não chegaremos a tratar-nos por tu? Ah, ah, ah! Não, meu jovem amigo, o

senhor não me conhece ainda. Tenho a certeza de que seremos amigos. Alegrias, tristezas, risos ou lágrimas, tudo quero repartir hoje com o senhor, se bem não pretenda chorar. Que diz? Veja lá. Olhe que a minha inspiração evapora-se, desaparece, e o senhor nada ouvirá de mim. O senhor, que veio propositadamente para me ouvir... Não é justo? Escolha.

A ameaça fez-me refletir de novo. Acedi. «Quererá talvez embriagar-me?», pensei.

Sabia coisas esquisitas a seu respeito; diziam que, apesar da sua elegância e distinção na sociedade, costumava por vezes embriagar-se como um bêbado vulgar, entregando-se então, muito às escondidas, aos mais baixos e repelentes deboches. Não tinha querido acreditar; agora porém aguardava os acontecimentos.

Trouxeram champanhe e encheu as duas taças.

— Na verdade, ela é interessante, embora esteja um pouco maltratada — continuou, saboreando o champanhe. — Mas é justamente nessas ocasiões que as criaturas encantadoras ficam ainda mais encantadoras. Naquela noite, lembra-se, pensou ter-me vencido? Ah, ah, ah! E como o rubor lhe ficava bem! O senhor é conhecedor de mulheres? Um rubor súbito fica muito bem nas faces pálidas de uma mulher... Já notou? Ah, meu Deus! Aí está o senhor zangado outra vez!

— Sem dúvida — exclamei eu, sem me poder conter. — Não quero que fale da Natascha... não quero que fale no nome dela nesse tom. Proíbo-lho.

— Oh, oh, muito bem! Seja. Dar-lhe-ei o prazer de mudar de assunto. Sou muito fácil de convencer. Falemos do senhor. Sou muito seu amigo, Ivan. Interesso-me muito por...

— Não seria melhor falarmos de negócios?

— Quer dizer, do *nosso negócio,* não é? Compreendo, meu amigo... Não obstante o senhor sabe que falando a seu respeito aproximamo-nos muito do assunto... Peço-lhe para não me interromper. Dizia eu, pois, meu caro Ivan, que viver como o senhor vive é dar cabo da saúde e do futuro. Dê-me licença em abordar esta delicada questão; é por amizade que o faço. O senhor é pobre. O seu editor adianta-lhe algum dinheiro, com parte do qual o senhor paga as suas pequenas dívidas. Com o restante alimenta-se de chá durante seis meses e morre de frio no seu pardieiro, esperando que lhe imprimam o romance. Não é isto?

— Admitamos que seja. E...

— É mais honesto que roubar, bajular, fazer chantagem, caluniar, etc., etc. Bem sei, bem sei. O que quer dizer... São coisas que até já andam impressas.

— O senhor nada tem com a minha vida. Será preciso que o ensine a ser delicado?

— Desculpe, meu caro amigo, no entanto não é possível deixarmos de falar neste assunto desagradável. Mas se assim quer, deixemos o pardieiro em paz. Não é local que agrade, salvo em certas ocasiões... — E pôs-se a rir sarcasticamente. — O que me surpreende é o senhor encontrar prazer num papel de comparsa. É certo que um escritor disse já, se não me falha a memória, que o maior heroísmo está em sabermos limitar-nos a um papel secundário. Se não é bem isto, é coisa parecida. Voltemos todavia ao nosso caso: o Alyosha roubou-lhe a noiva (eu sei de tudo!) e o senhor, como um Schiller qualquer, torna-se magnânimo, sacrifica-se por eles. Peço-lhe mil perdões, meu caro, mas é sujeitar a generosidade a um papel bem triste. É espantoso que isto o não canse. Não suportava uma situação dessas...

— Trouxe-me aqui para me insultar? — exclamei, fora de mim.

— Oh, não, meu caro, não creia nisso. Sou apenas um homem prático, desejando o seu bem, e teria um grande prazer em arranjar tudo pelo melhor. Deixe-me porém acabar e conserve a calma ainda uns minutos mais. E se o senhor se casasse? Que diria a isso? Como está vendo, não se trata do nosso negócio. Porque me olha com tanta surpresa?

— Espero que termine — respondi, olhando-o na verdade com grande pasmo.

— Por Deus! Pouco tenho a acrescentar... Queria saber a sua opinião: se um dos seus amigos, que quisesse na verdade e sinceramente torná-lo feliz, de uma felicidade não efémera, mas durável, lhe viesse propor um casamento com uma moça bonita, mas... tendo já alguma experiência... Falo num sentido figurado, percebe? Olhe, assim no género da Natascha... Note que estou falando de um assunto inteiramente estranho ao *nosso.* Então, não tem nada a dizer a isto?

— Digo que... o senhor está louco!

— Ah, ah, ah! Dir-se-ia pretender saltar-me ao pescoço.

De facto estava prestes a isso. Já não podia mais. Parecia-me estar em presença de um animal asqueroso, de uma enorme aranha que devia ser esmagada. Divertia-se comigo, como o gato com o rato, julgando-me inteiramente à sua mercê. Parecia encontrar um grande prazer, uma

estranha volúpia, na insolência, no descaro, no cinismo com que acabava de tirar a máscara. Gozava com a minha surpresa. Como no íntimo este homem devia desprezar-me!

Tudo isto fora premeditado, preparado com um fim qualquer. A minha posição, contudo, obrigava-me a ouvir tudo até ao fim, embora me custasse muito. Era no interesse de Natascha. Devia suportar tudo, pois podíamos chegar a uma solução de um momento para o outro.

Mas como ouvir a sangue-frio estas zombarias cínicas e infames sobre Natascha? Como era obrigado a ouvi-lo até ao final — ele sabia-o — o insulto ia-se tornando cada vez mais cruel. Porém também precisava de mim.

E comecei a responder-lhe num tom arrogante e injurioso. Compreendeu a minha intenção.

— Ouça, meu amigo — disse com ar sério — não podemos continuar neste tom. Façamos um acordo, pois será melhor... Tenho a intenção de ser sincero com o senhor; todavia é preciso estar disposto a ouvir tudo. Quero falar com absoluta liberdade. Nas circunstâncias atuais, é indispensável. Assim, meu amigo, quer ter paciência?

Dominei-me e guardei silêncio, embora o meu olhar sarcástico e zombeteiro parecesse querer provocar o mais violento protesto.

Compreendeu-me: tinha resolvido ficar calado.

— Não se zangue, meu amigo — continuou ele. — Porque havia de se zangar? Unicamente devido à minha linguagem? Veja a minha dose de ingenuidade, de franqueza e de bonomia! Desvendo-lhe até os meus mais infantis caprichos. Na verdade, meu caro, se quisesse ouvir-me com um pouco de boa vontade chegaríamos com facilidade a um acordo. Não se admire ante as minhas palavras: todas essas inocências, todos esses idílios do Alyosha, toda essa poesia à Schiller, todas as coisas sublimes dessa maldita ligação com a Natascha (aliás, uma moça encantadora), tudo isso me aborrece a tal ponto que, por assim dizer, sinto prazer em poder ridicularizar um pouco essa história. Aproveito a ocasião, tanto mais que desejo muito ser franco consigo... Ah, ah, ah!

— Estou admirado. Não o reconheço. O seu tom é o de um Polichinelo. Esta franqueza inesperada...

— Ah, ah, ah! Não deixa de ter razão! A comparação é deliciosa! Ah, ah, ah! Meu caro, estou muito alegre, muito contente... Preciso, meu poeta, que me conceda toda a indulgência de que é capaz. Mas bebamos —

acrescentou, enchendo a taça. — Olhe, meu amigo, aquela noite absurda (lembra-se?) em casa da Natascha deixou-me extenuado. A Natascha foi muito gentil, confesso, mas saí de lá com uma animosidade terrível. Detesto estas ingenuidades, estes idílios banais. Um dos meus maiores prazeres foi sempre o de me meter em casos como este, lisonjear um Schiller qualquer, em especial os que se julgam sempre jovens, e depois, bruscamente, desconcertá-lo, levantando a máscara no momento em que menos o espera. Não compreende uma sensação dessas? Parece-lhe perversa, absurda, ignóbil, talvez?

— É claro.

— Não resta dúvida, o senhor é franco. Mas que hei de fazer, se isso não me aborrece? Também sou idiotamente franco... Que quer? É feitio meu. Além disso desejo contar-lhe algumas passagens da minha vida. Compreender-me-á melhor e será interessante para o senhor. É possível que me pareça de facto com o Polichinelo! Mas o Polichinelo é franco, não é?

— Ouça, príncipe; é tarde e...

— Meu Deus, como o senhor é impaciente! Que pressa é essa? Fiquemos mais um pouco. Conversemos como bons amigos, sincera e cordialmente, bebendo mais qualquer coisa. Julga-me bêbado? Não se impressione. Ah, ah, ah! Na verdade estes momentos passados assim entre amigos ficam gravados na memória e deixam recordações agradáveis. O senhor é mau, Ivan. Não tem um bocadinho de sentimentalismo e sensibilidade. Que lhe custa passar uma hora ou duas com um amigo, como eu? E depois isto relaciona-se, como sabe, com a nossa questão. O senhor, um literato, não compreende? Devia agradecer uma tal ocasião... Posso servir-lhe de modelo... Ah, ah, ah! Sou adorável de franqueza...

Os traços do rosto tinham uma expressão maldosa: lia-se neles o desejo de ferir, de picar, de maltratar, de morder. «É melhor deixá-lo embriagar-se», pensei. «Os embriagados traem por vezes os seus pensamentos». Ele conservava ainda a razão.

— Meu amigo — continuou ele, visivelmente satisfeito — fiz-lhe há pouco uma confissão um tanto ousada, talvez... Tenho por vezes um desejo irresistível de tirar a máscara. Para me recompensar desta ingénua franqueza o senhor comparou-me ao Polichinelo, o que me divertiu bastante. Não me acuse, portanto, de ser mal-educado, atrevido mesmo. Em certas ocasiões, creia, seria injusto. Em primeiro lugar agrada-me ser

assim e em segundo não estou em minha casa, mas sim com o senhor. Divertimo-nos juntos, como bons amigos. Terceiro, dou a vida por um capricho... Por um capricho, fique sabendo, já fui metafísico e filantropo, escapando por pouco de cair nas mesmas ideias do senhor! Foi há muito tempo, é certo, nos dias dourados da minha mocidade. Tinha ido para as minhas propriedades, disposto a pôr em prática uns certos princípios. Encontrava-me dominado por um aborrecimento quase mortal... Pois bem, sabe o que me aconteceu? O aborrecimento fez-me conhecer algumas moças bonitas... Mas que é isso?! Já se está a zangar outra vez?! Oh, meu jovem amigo! Mas quando havemos de falar nessas coisas se não em momentos como este? Sou um verdadeiro russo e entendo que é preciso saber aproveitar as situações e a vida. Pus-me então a conquistar as campónias. Lembro-me ainda de uma pastora que tinha um jovem e bonito mujique, ao qual apliquei uma boa correção e pensei fazê-lo soldado. Como vai longe esse tempo louco, meu poeta! Por fim veio a morrer no hospital, um hospital instalado por mim, na minha propriedade, com vinte leitos e magnificamente montado... Acabei por o fechar. Naquele tempo porém era o meu orgulho. Era então um filantropo... Pouco faltou para o jovem mujique morrer debaixo do meu chicote por causa da mulher. Ai, ai, já está outra vez de fronte anuviada! Isto enoja-o!? Revolta os seus nobres sentimentos? Acalme-se... É uma história antiga. Data da época do meu romantismo, quando sonhava ser um benfeitor da humanidade e queria fundar uma sociedade filantrópica. Era a minha mania. Naquele tempo mandava-os chicotear... Agora não. Os tempos mudam e é preciso seguir a moda. Mas o mais divertido de tudo isto é o louco do Ikhmeniev. Soube toda a história do mujique, tenho a certeza, mas na bondade da sua alma, feita segundo parece de melaço, cheio de amores por mim e entoando hinos em meu louvor, como fazia então, resolveu não acreditar nela e não acreditou. Durante vinte anos defendeu-me com o maior calor, firme como uma rocha, enquanto isso não lhe disse respeito. Ah, ah, ah! Mas tudo isto é absurdo. Bebamos, meu caro amigo. A propósito, gosta de mulheres?

Não respondi.

Refletiu um pouco, levantou a cabeça bruscamente e fitou-me com uma expressão singular.

— Ouça, meu poeta, é preciso que lhe revele um segredo da natureza do qual provavelmente nunca ouviu falar. Neste momento, estou certo, o senhor considera-me como um homem perverso. Talvez me considere

mesmo um infame, um monstro, um homem cheio de vícios. Se fosse possível (sabemos ser impossível, dada a natureza humana), se fosse possível, repito, cada um de nós revelar todos os seus pensamentos íntimos e o fizesse sem o receio de exibir não só o que tem medo de confessar, e por coisa alguma do mundo confessaria publicamente, não só o que receia dizer ao seu melhor amigo, mas ainda o que *não ousa confessar a si próprio...* se fosse possível, meu caro, passaria sobre a terra uma tal onda de podridão que seríamos asfixiados. Reside nisto o valor das convenções e das conveniências mundanas. Contêm um pensamento profundo, não direi moral, mas preservador, cómodo, confortável, e tanto melhor, pois a moralidade no fundo é apenas um conforto. Foi inventada unicamente com esse fim. Mais adiante, porém, falaremos das conveniências. Eis a minha conclusão: o senhor acusa-me de viciado, de debochado, de imoral, e eu sou apenas condenável por ser mais sincero que os outros, por confessar o que os outros ocultam a si próprios, como dizia há pouco. Faço mal? Pouco importa... isso não me apoquenta — acrescentou ele, com um sorriso zombeteiro —, e se me confesso culpado, não quer dizer que implore perdão.

— Zomba, simplesmente — disse eu, olhando-o com desprezo.

— Zombo! Ah, ah, ah! Quer que lhe diga o que o senhor pensa neste momento? Pergunta a si mesmo porque o trouxe aqui e porque comecei, sem motivo aparente, a ser franco. É certo ou não?

— É certo.

— Pois só o saberá mais tarde.

— A explicação mais simples é o senhor ter esvaziado duas garrafas e estar... tonto.

— Quer dizer, embriagado... *Tonto* é mais gentil! Oh, homem cheio de delicadezas... É possível. Mas... parece-me, vamos voltar de novo a zangar-nos, quando falávamos de coisas tão interessantes... Sim, meu poeta. Se ainda há algo de bom e doce no mundo são as mulheres. Quer ir comigo, depois da ceia, a casa da senhora Filiberte?

— Não compreendo por que motivo me escolheu para confidente dos seus segredos e dos seus desejos.

— Sabê-lo-á depois... já lhe disse! Não se apoquente. É possível que tudo tenha surgido naturalmente; o senhor é poeta e pode compreender-me. Depois, já lhe disse, há uma volúpia muito especial neste brusco arrancar de máscara. Vou-lhe contar uma anedota: houve em Paris um

homem que enlouqueceu e terminou os seus dias num hospício. Quando, porém, a razão lhe começou a enfraquecer, antes de lhe notarem a loucura, imaginou a seguinte distração: punha-se nu, como Adão, conservando-se apenas calçado. Embrulhava-se depois num amplo manto, que o envolvia por completo, enterrava um chapéu até aos olhos e ia passear pela rua com uma gravidade majestosa. Para quem o via, ao passar, era um homem como qualquer outro, só gostando de andar agasalhado. Quando encontrava porém um transeunte isolado, dirigia-se silenciosamente para ele, muito sério e como que absorvido nos mais profundos pensamentos. Em seguida parava bruscamente diante do desconhecido, abria o manto e mostrava-se em toda a sua... nudez. Isto durava apenas um segundo... Cobria-se de novo, sem dizer palavra, sem se lhe contrair um músculo, e prosseguia como o espectro do Hamlet. Fazia isto com qualquer pessoa, sem se preocupar com o sexo ou com a idade. Consistia nisto todo o seu prazer. Por mim, também encontro interessante desconsertar um Schiller qualquer, mostrando-lhe a língua quando ele menos o espera.

— Mas o homem da história era um louco, ao passo que o senhor...

— Ao passo que eu estou no meu perfeito juízo.

— Parece.

Deu uma grande gargalhada.

— Tem razão, meu caro amigo — disse ele com a expressão mais cínica possível.

— Príncipe — exclamei, irritado com aquela impudência — o senhor odeia-nos a todos e quer vingar-se em mim. O seu amor-próprio é mesquinho. Os acontecimentos daquela noite irritam-no. Não se poderia vingar mais cruelmente de mim, confesso, do que tratando-me com esse desprezo. O senhor não se dá mesmo ao trabalho de ser delicado. Nem sequer se digna corar, arrancando na minha frente, tão inopinadamente, essa máscara nojenta e fazendo uma perversa exibição de cinismo.

— Porque diz isso? Quer provar a sua penetração? Excelente ideia, meu caro... Não me faça contudo perder o fio. Vamos beber mais um pouco... Queria contar-lhe justamente uma deliciosa aventura e bastante curiosa. Conheci há tempos — continuou ele, depois de esvaziar a taça — uma dama que já não era criança; podia ter 27 ou 29 anos, mas era dotada de uma rara beleza. Que colo... que cintura!, que andar!... O seu olhar, um olhar de águia, era sempre severo. Era uma criatura altiva e inabordável. Diziam-na fria como o mês de janeiro e todos respeitavam a sua

inacessibilidade. Era temível, muito temível. Não havia julgamento mais impiedoso que o seu. Fustigava não só os vícios das outras mulheres, nas suas mínimas fraquezas, como as suas sentenças irrevogáveis e impiedosas tinham a força de lei entre as pessoas das suas relações. As matronas mais severas e de virtude mais reconhecida estimavam-na e procuravam a sua amizade. Olhava o mundo com a cruel impassibilidade de uma abadessa da idade-média. As jovens temiam a sua opinião. Uma frase sua bastava para perder uma reputação, tal o poder por ela exercido na sociedade. Os próprios homens respeitaram-na. Entretanto não havia mulher mais depravada e mais livre do que ela; tive a sorte de merecer a sua confiança e de me tornar seu amante. As nossas entrevistas eram combinadas com uma habilidade tão grande que nem mesmo em casa desconfiavam. Conhecedora do segredo, havia apenas uma encantadora criadita francesa, na qual podíamos confiar, por motivos que depois lhe direi. O que havia de mais voluptuoso nesta ligação era a sua impudência e o mistério que a envolvia. Zombar de tudo quanto classificava publicamente como sublime, inacessível e inviolável, rir interiormente de tudo isso com um riso diabólico, pisar aos pés, por gosto, tudo quanto merecesse respeito, era no que consistia o seu mais intenso prazer. Ao fim de um ano arranjou-me um substituto. Se por qualquer motivo lhe quisesse fazer mal, ninguém acreditaria. Que me diz de um tal caráter, meu amigo?

— É repugnante — disse eu enojado.

— O senhor não seria o meu jovem amigo se respondesse de outro modo. Já sabia qual seria a sua resposta... Ah, ah, ah! Paciência, meu amigo... Viva e compreenderá. Por enquanto, o senhor nem parece poeta. Esta mulher compreendia a vida e sabia tirar partido dela.

— Mas porque descer até à bestialidade?

— Bestialidade?!

— Pois que era isso?

— Ah... O senhor chama a isso bestialidade? Decididamente o senhor é uma criança. Confesse antes que era um absurdo...

— E há alguma coisa que não seja um absurdo para o senhor?

— A minha personalidade não o é... Tudo está em mim e o mundo foi criado para mim, meu amigo; creio poder-se ainda gozar alegremente a vida, e reputo essa crença a melhor de todas. Sem ela, restaria apenas o suicídio. Dizem que certo louco fez assim. Embrenhou-se na filosofia até à negação de tudo; e quando tudo estava destruído, quando nada mais

restava, nem obrigações, nem princípios, nem deveres, quando se viu em face do total (*zero*), proclamou o ácido prússico como a melhor coisa que havia na vida. Dirá o senhor: foi um forte desespero, qualquer coisa de tão profundo que nunca o compreenderemos, nem mesmo em sonho. Mas o senhor é um poeta e eu um simples mortal; daí a razão porque garanto ser preciso encarar as coisas debaixo de um ponto de vista prático. Liberteime há muito de qualquer entrave, de qualquer obrigação. Para mim o dever só existe quando me pode trazer algum proveito. Bem sei que o senhor não pode considerar as coisas assim; o senhor tem os pés algemados e a gosto doente... Fala em ideal, em virtude... Pois, meu amigo, gostaria muito de lhe dar razão, creia; mas que hei de fazer, se estou sinceramente convencido de que o egoísmo é a base de qualquer virtude humana? Quanto mais virtuosa é uma ação, tanto mais egoísmo ela contém. A vida é uma transação comercial: não atire com o dinheiro pela janela. Pague, se tal lhe agrada, o prazer que lhe oferecem, e terá cumprido o seu dever para com o próximo. Entretanto, confesso: mais vale não pagar e obrigar o próximo a trabalhar de graça. Não tenho, não quero ter ideal... O ácido prússico não me interessa. Leio no seu rosto o desprezo que lhe inspiro.

— Não se engana.

— Pois, admitamos que o senhor tenha razão. Seja como for, mais vale isso do que o ácido prússico.

— Não me parece.

— Pois, meu amigo, se o senhor fosse um sincero filantropo só podia desejar que todo o homem de bom senso pensasse como eu. Não sendo assim, os homens de espírito nada terão a fazer no mundo e este tornar-se-á o paraíso dos tolos. Aliás, há um provérbio prometendo a felicidade: «É muito agradável e muito vantajoso viver com os tolos e dar-lhes razão». Não se impressione se dou valor aos preconceitos, se respeito as convenções e se procuro a consideração geral; vivo, sei bem, numa sociedade vã e frívola, mas é mais cómodo viver em paz com ela... E olhe, os que pensam como eu são a grande legião e vivem muitíssimo bem. Tudo o mais passa; nós, nunca. Nós vivemos desde o princípio do mundo. Pode o universo todo submergir-se; nós voltaremos à tona, sobrenadando sempre. E temos vida longa, hem! Vivemos excecionalmente, fenomenalmente... Chegamos aos 80 e aos 90 anos com facilidade. Isto quer dizer que a própria natureza nos protege. Ah, ah! Por mim, espero

chegar aos 90. Há uma coisa que não me agrada: a morte. Tenho muito medo dela, pois só o diabo sabe como ela virá. Mas para que falar nisso? Vá para o diabo a filosofia! Bebamos, meu caro! Onde vai?

— Já é tarde.

— Nada disso. Fique mais um pouco. Acabo, por assim dizer, de lhe mostrar o meu íntimo e o senhor recebe friamente uma tal prova de amizade? Ah, ah, ah! Não é gentil, meu poeta. Espere um pouco. Quero esvaziar ainda uma garrafa.

— Como? Uma terceira?

— Sim, uma terceira. Quanto maior é a virtude, meu jovem discípulo... Consinta em que o trate por este nome. Quem sabe? Talvez os meus ensinamentos lhe venham a ser úteis... Dizia eu, quanto maior é a virtude, maior é a dose de egoísmo que ela contém. Vou-lhe contar a esse respeito uma anedota encantadora. Amei há tempos uma moça, quase sinceramente. Fez por mim os maiores sacrifícios e…

— E o senhor roubou-a — disse eu com grosseria, sem me poder conter.

Estremeceu, contraíram-se-lhe as feições, exprimindo surpresa e raiva, enquanto o seu olhar parecia querer fulminar-me.

— Espere, espere, deixe-me refletir um pouco. Preciso aclarar as ideias. — E pôs-se a fitar-me com um olhar atrevido e perscrutador, segurando-me pelas mãos, como se receasse ver-me ir embora. Procurava com certeza adivinhar a maneira como eu soubera o que julgava ignorado de todos. Isto durou apenas um minuto e o seu semblante retomou a expressão zombeteira e alegre de momentos antes. — Ah, ah, ah! Que grande Talleyrand o senhor é! Estava na verdade diante dela como um cão batido quando me lançou em rosto a acusação de a ter roubado. Que série de injúrias, de uivos! Estava furiosa essa tal mulher e desconsertara-se por completo. Fique contudo sabendo que não roubei coisa nenhuma, o dinheiro era meu; tinha-me dado ela. Suponha que o senhor me fez presente da sua melhor roupa — e olhou disfarçadamente para o meu fato, velho e gasto, feito três anos antes num alfaiate barato. — Aceito-o com reconhecimento e visto-o. Ao fim de um ano zangamo-nos e o senhor vem reclamar a referida roupa, apesar de já gasta... É admissível isso? Então para que ma deu? Se bem que no meu caso não me interessasse restituir ou não o dinheiro; no entanto, naquele momento não podia. Além disso detesto os idílios choramingas, à moda de Schiller. Se visse a maneira

como se pôs a gritar... que podia ficar com dinheiro... que ele era de facto meu, etc. As minhas reflexões são rápidas. Refleti pois que restituir esse dinheiro era fazer a sua desgraça. Ia privá-la do prazer de ser infeliz *por minha causa* e de me amaldiçoar para sempre. Creia, meu amigo, nas desgraças deste género há sempre uma espécie de volúpia que tem o seu encanto: o de nos sentirmos inocentes generosos e podermos chamar infames e covardes a quem nos ofendeu. Encontra-se muito disto nos temperamentos à Schiller; essa mulher é possível que tenha passado fome, mas garanto-lhe que se sentiu feliz com isso. Não quis perturbar a sua felicidade, por isso não lhe devolvi o dinheiro. Justifica-se plenamente deste modo o meu preceito de que, quanto maior é a generosidade, maior soma de egoísmo ela contém... Ah, ah, ah! Compreende, Talleyrand?

— Adeus — disse eu, levantando-me.

— Duas palavras apenas, para terminar — exclamou ele num tom mais sério. — Ouça a última coisa que tenho a dizer-lhe. Do que acaba de ouvir, resulta claramente que não renuncio a tudo quanto me possa trazer vantagens, sejam de que natureza for. Gosto do dinheiro. Catarina tem muito. Herdou-o do pai, um vendedor de aguardente, São três milhões e esses três milhões serão de grande utilidade para mim. O Alyosha e a Katia dão-se bem. São dois tolos, dos quais farei o que me aprouver. É preciso casá-los o mais breve possível. Dentro de duas ou três semanas a condessa e Katia partem para o campo e o Alyosha vai com elas. Previna a Natascha para lhe evitar quaisquer ataques ou outras coisas idênticas. Não quero ser contrariado; sou vingativo e mau, e sei defender-me. Não a temo e tudo terminará conforme a minha vontade... Se o previno é no interesse dela. Consiga convencê-la a portar-se bem, pois de contrário será pior. Lembre-se que não recorri à lei, como já o podia ter feito. Não ignora, meu poeta, que as leis preservam a tranquilidade das famílias, garantem ao pai a obediência filial e são implacáveis para quem quer que desvie um rapaz das suas obrigações para com a família. Tenho relações e ela não as tem. Se nada fiz contra ela até hoje foi porque a sua conduta tem sido razoável. Durante estes seis meses, olhos atentos observaram a vida dos dois; conheço-a nos seus mínimos detalhes. Esperei pelo cansaço do Alyosha, o que não está longe. No fim de contas foi para ele uma agradável distração. Aos seus olhos sou o mais humano dos pais e esta opinião é-me proveitosa... Ah, ah, ah! Lembro-me de quase a ter felicitado naquela noite por ter sido generosa e desinteressada, não forçando o casamento. Como se

isso fosse possível! Quanto à minha visita, era apenas para pôr termo à ligação. Queria, antes, ver as coisas de perto. Basta-lhe isto? Ou quer saber porque o trouxe aqui, porque me dei ao trabalho de fazer todas estas confidências quando seria mais simples dizer isto, sem nada confessar? Quer saber?

— Quero.

— Foi apenas, meu caro, porque notei no senhor uma certa compreensão e uma maneira mais racional de ver as coisas. O senhor podia fazer suposições, imaginar coisas, e eu quis evitar-lhe esse trabalho, mostrando-lhe claramente com quem estava lidando. Uma impressão verdadeira é de grande valor, o senhor compreender-me-á. Sabe agora quem sou... Ama essa pequena e por isso deverá usar de toda a sua influência, que é grande, para impedir uma asneira, a qual pode ter graves consequências para ela. Por fim, como última razão, e o senhor já presenciou isso, pretendi lançar o meu mais vil desprezo sobre essa história e fiz questão de o fazer na sua presença.

— E conseguiu-o bem — respondi, fremente de cólera. — Não poderia mostrar melhor quão grande é o desprezo que tem por todos nós. Não só não receou comprometer-se com estas confidências, como quis provar-me que a vergonha não existe para o senhor. Agiu como o louco do manto de que falou há pouco... Despiu-se...

— Adivinhou, meu jovem amigo — disse ele, levantando-se. — Compreendeu-me. Vê-se que é um homem inteligente e dado às letras. Separamo-nos como bons amigos, não é assim? Quer que bebamos ainda a taça da fraternidade?

— O senhor está embriagado. Por esse motivo não lhe dou a resposta que merece.

— Ainda uma reticência... Ah, ah, ah! Deixa-me pagar-lhe a sua conta?

— Não. Pagá-la-ei eu.

— Já esperava isso... Saímos juntos?

— Nunca.

— Nesse caso, adeus, meu poeta! Espero que me tenha compreendido.

Saiu, cambaleando. O criado ajudou-o a entrar para o carro.

Segui, o meu caminho. Eram duas horas. Chovia e a noite estava escuríssima.

Parte 4

Capítulo 1

Não tentarei descrever a minha exasperação. Esperava tudo deste homem, mas estava admiradíssimo com a forma inopinada como se me revelou em toda a sua deformação.

As minhas ideias embrulhavam-se e o meu coração sangrava. Temia por Natascha, prevendo os grandes sofrimentos que o futuro lhe reservava, e procurava com angústia o meio de os evitar, de lhe suavizar os momentos que precederiam o desenlace. Este era inevitável; aproximava-se e não era difícil prever como seria. Cheguei a casa sem saber como, encharcado pela chuva torrencial que não deixara de cair.

Eram três horas da madrugada.

Ia bater quando ouvi um gemido e a porta abriu-se de súbito, como se Nelly estivesse à minha espera. A lâmpada estava acesa. Assustei-me, vendo a minha amiguinha. Tinha as feições contraídas e os olhos brilhavam-lhe de febre, tendo mesmo uma expressão estranha.

— Nelly! Estás doente? — perguntei, abraçando-a.

Toda trémula, agarrou-se a mim, murmurando palavras sem nexo; delirava.

Levei-a para a cama. Continuava agarrada a mim, como se buscasse uma defesa. Quando a deitei, agarrou-se à minha mão para não me afastar.

Por mim também estava doente; os meus nervos achavam-se tão agitados que, ao encontrá-la assim, pus-me a chorar. Ao ver as minhas lágrimas, fitou-me de uma forma penetrante, como a querer compreender. Era visível o quanto este esforço a fatigava. Estendeu-me as mãozitas, enxugou-me as lágrimas, passou-me o braço pelo pescoço e beijou-me.

Tivera um ataque na minha ausência, num momento em que se achava perto da porta. Quando o acesso passou — esteve sem dúvida muito tempo sem voltar a si —, a realidade confundiu-se-lhe com as visões do delírio e isto amedrontou-a. Tendo uma vaga consciência de me sentir chegar, foi abrir a porta na ocasião em que eu ia bater.

A certa altura notei que vestira o casaco que lhe tinha comprado na véspera. Pretendera portanto sair, quando se sentiu mal. Onde iria ela?

Seria já o delírio?

Entretanto a febre continuava.

Era o terceiro acesso desde a sua estada em minha casa e o mais violento. Os dois primeiros duraram apenas alguns momentos. Estive bastante tempo ao lado dela; depois, aproximando uma cadeira da cama, arranjei uma espécie de sofá e deitei-me vestido, para me poder levantar ao menor ruído.

Deixei a lâmpada acesa.

Estava muito pálida. Os lábios secos pela febre que a consumia estavam ainda manchados de sangue. Ferira-se talvez ao cair. O rosto tinha uma expressão de medo e sofrimento.

Se não estivesse melhor no dia seguinte, iria cedo chamar o médico, pois receava fosse um caso grave. «O príncipe assustou-a», pensei eu.

E a história da mulher que lhe atirara com o dinheiro à cara veio-me à lembrança.

Capítulo 2

Passaram-se quinze dias.

Estivera muito doente. Pouco a pouco foi entrando em convalescença. Começou a levantar-se um pouco. Era em fins de abril, durante a semana santa. Os dias, muito claros, eram já bastante mais compridos.

Pobre pequena! Não tenho coragem para continuar esta narrativa tal como decorreu.

Já se passou muito tempo sobre esses acontecimentos e ainda hoje recordo com uma dor profunda o seu semblante pálido e magro, e os seus olhos negros, olhando-me fixamente durante muito e muito tempo, como querendo levar-me a adivinhar o seu pensamento. Depois, vendo que não adivinhava, sorria com doçura, e com um gesto cheio de ternura estendia para mim as mãozitas magras e escaldantes. E mesmo agora que tudo passou, que sei tudo, não consigo penetrar no íntimo desse pequenino coração dolorido.

Bem sei que fujo ao fio da história, mas não quero por momentos pensar senão na minha pobre Nelly. E, coisa estranha, agora que estou só, numa cama do hospital, abandonado de todos quantos amei, ao recordar o passado, um detalhe então insignificante e quase tendo passado desapercebido me volta à memória com uma importância não suspeitada, explicando-me coisas que não compreendera antes.

No quinto dia da doença da Nelly o médico declarou passado o perigo. Era o mesmo médico de que já falei, um solteirão bom e original. Tinha cuidado de Nelly durante a sua primeira enfermidade e a fita de Santo Estanislau que ele usava ao pescoço havia-a impressionado vivamente.

— Então não há perigo? — disse eu.

— Por enquanto não. Porém não viverá muito tempo.

— Porquê? — perguntei, atónito.

— Tem uma lesão e qualquer coisa pode ocasionar uma recaída. É possível que se restabeleça, mas por pouco tempo.

— E não há possibilidades de a salvar? É incurável?

— Infelizmente não. Se passar uma vida distraída e absolutamente calma, o desenlace fatal poderá ser retardado. Há mesmo casos estranhos, anormais, inesperados... enfim, o concurso de diversas circunstâncias favoráveis pode salvá-la. A cura radical, porém, é impossível.

— Meu Deus! E que fazer, então?

— Seguir as minhas prescrições. É preciso uma vida calma e que tome regularmente os pós. Já notei que tem uma maneira de ser muito volúvel.

— Tem razão, doutor; é uma criança singular. Ontem esteve muito obediente; hoje, quando lhe fui dar o remédio, deu com a mão na colher, como por acaso, e atirou com ele. Depois, ao ver-me preparar outra dose, tirou-me a caixa das mãos e atirou também com ela violentamente ao chão. Em seguida desatou a chorar.

— Essa irritação é natural, depois do que sofreu... Esta doença provém disso tudo.

Deixámos a cozinha onde estivéramos conversando e, entrando no quarto, o doutor aproximou-se da cama da doente. Penso que ouviu a nossa conversa, pois quando abri a porta, tinha a cabeça levantada do travesseiro e parecia escutar ainda.

Cobriu-se toda até aos olhos e fitou-me com um ar malicioso. A pobrezinha estava mais magra com a doença e a febre persistia. Assim, a expressão garota que sabia dar ao rosto parecia ainda mais estranha.

O velho doutor começou, com um ar muito sério, mas num tom terno e carinhoso, a explicar a necessidade e o efeito salutar dos seus abençoados pós, e concluiu dizendo que era um dever tomá-los.

Durante esta conversa foi preparando uma dose. Nelly levantou a cabeça e com um brusco movimento de mão, aparentemente por acaso, bateu na colher e espalhou o remédio pelo soalho.

— Lamentável acidente — disse tranquilamente o médico. — Penso fez isto de propósito, o que não é para elogiar. Mas o mal não é irreparável. Vou preparar outra dose.

Nelly riu. O doutor abanou a cabeça gravemente.

— É muito feio isso — disse, continuando a sua operação. — É bem pouco elogiável.

— Não se zangue — disse Nelly, esforçando-se por conter o riso. — Agora prometo tomá-lo. Mas diga-me se gosta de mim.

— Gostarei, se fores boazinha.

— E agora, não gosta?

— Gosto...

— E se lhe pedisse um beijo?

— Só quando o mereceres.

Nelly deu uma gargalhada.

— Está alegre, a nossa doente, embora tudo isto sejam nervos — disse-me o médico a meia voz.

— Tomo o pó — continuou a Nelly — se prometer casar comigo quando eu crescer. — E os seus olhos riam.

— Muito bem — disse o velho, sorrindo com esta nova fantasia. — Mas promete ser boa, bem-educada, obediente e tomar…

— E tomar os pós —interrompeu ela.

— Isso mesmo; tomar os pós.

E apresentou-lhe o remédio.

Desta vez não se deu mesmo ao trabalho de disfarçar; deu muito simplesmente com a mão na colher e o remédio foi contra o rosto e o peito do pobre velho. Depois soltou uma gargalhada sonora, mas já não era o riso franco de momentos antes. O rosto tinha agora uma expressão dura e má. Evitava o meu olhar, fitava fixamente o velho e, com um ar zombeteiro e um tanto inquieto, aguardava o que ele fizesse.

— Outra vez! Que pena... Mas não quer dizer nada — disse o velho calmamente, limpando o rosto com o lenço.

Esta calma deixou Nelly impressionada. Esperava um movimento de cólera, desejava-o, talvez inconscientemente, para ter um pretexto para chorar, gritar, atirar outra vez ao chão com a caixa dos pós, quebrar qualquer coisa, tudo, enfim, para acalmar o seu pobre coração enfermo e ferido.

Caprichos deste género não são só apanágio dos doentes ou de seres estranhos como Nelly. Quantas vezes passeei eu pelo meu quarto, sentindo o desejo confuso de ser insultado ou de ouvir uma palavra má que me permitisse desabafar o meu sofrimento ou o meu mau humor! As mulheres, quando sentem essa necessidade, choram e mesmo as mais impressionáveis chegam a ter crises nervosas.

Tocada pela bondade evangélica do velho que ofendera e pela paciência com que começara a preparar uma nova dose, sem uma queixa, acalmou-se. O sorriso zombeteiro fugiu-lhe dos lábios, o rubor cobriu-lhe as faces e os olhos humedeceram-se-lhe. Bruscamente voltou-se para a parede.

O doutor deu-lhe o remédio. Tomou-o com a maior docilidade. Depois, agarrou a mão vermelha e grossa do velho e, olhando para ele, disse-lhe:

— O senhor está zangado... porque sou má...

Mas não acabou a frase. Escondeu a cabeça debaixo da coberta e pôs-se a chorar.

— Que é isso? Não chores... — disse o doutor. — Isso são nervos. Bebe um pouco de água.

Nelly não o ouvia.

— Calma. Não chores — continuou o bom velho, quase chorando também. — Ouve! Casar-nos-emos quando cresceres, mas é preciso que não chores e que sejas boazinha.

— E que tome os pós! — interrompeu Nelly.

Pôs-se a rir, com um riso nervoso, entrecortado de soluços.

A partir deste momento estabeleceu-se entre eles uma estranha simpatia, enquanto comigo se tornava cada vez mais sombria, nervosa e irritável. Não sabia a que atribuir esta mudança, tanto mais de surpreender, quanto fora súbita e inesperada.

Durante os primeiros dias da sua doença fora terna e carinhosa, não permitindo que me afastasse, apertando-me as mãos com as suas mãozinhas quentes e obrigando-me por vezes a sentar-me junto dela. Quando me via triste ou agitado, esforçava-se por me distrair, brincando comigo e sorrindo, embora sofresse muito.

Não me deixava trabalhar à noite, nem mesmo que estivesse acordado por sua causa, e entristecia-se por eu não dormir.

Outras vezes mostrava-se preocupada, interrogava-me, queria saber porque estava triste e quais eram os meus pensamentos.

E, coisa espantosa!, desde que lhe falasse em Natascha, calava-se ou mudava de conversa.

Alegrava-se quando eu voltava e entristecia-se quando me via preparar para sair, fitando-me então com um ar de queixume.

No quarto dia da sua enfermidade estive em casa de Natascha até à meia-noite. Prometera voltar cedo e pensava fazê-lo, visto Alexandra ter ficado com ela. Masloboiev tinha-lhe dito que a pequena estava doente e que eu estava só, sem saber como fazer. Deus do céu!... foi um martírio para a boa Alexandra!

— Então não vem jantar?! — dissera ela. — Ah, meu Deus! E o pobre rapaz está lá sem uma pessoa que o ajude... É a ocasião de lhe provarmos a

nossa amizade. É preciso ajudá-lo.

E veio logo com um embrulho enorme. Declarou vir ajudar-me. Instalou-se em minha casa. No embrulho trouxe doces, xaropes, confeitos, frangos, para o caso de a doente já estar convalescente e o médico autorizar, maçãs para assar, laranjas, frutas secas de Kiev, roupa de cama, toalhas, camisas, compressas, ligaduras... uma enfermaria completa.

— Temos tudo em casa — dizia ela com volubilidade. — Solteiro como é, onde havia de ir arranjar estas coisas? Consente que o ajude, não? Aliás, foi o Filipe quem me mandou. Bem... agora, depressa! Que é preciso fazer? Como vai ela? Não está mal deitada, assim? Vou-lhe arranjar o travesseiro, pois está muito alto. Como acha? Não era melhor uma almofada de couro? É mais fresca... Ah, que tola eu sou. Não me lembrei de trazer uma... Mas vou buscá-la. Quer que lhe acenda o lume? Vou-lhe mandar uma velha muito boa, minha conhecida, para o servir. Não pode por maneira nenhuma ficar só. Quer que lhe faça alguma coisa, agora? Isso que é? Uma erva! Foi receita do médico? É para fazer chá? Eu acendo o fogão.

Esforcei-me por a acalmar. Ficou admirada e ao mesmo tempo triste, pois encontrou muito menos trabalho do que esperava.

Mas não desanimou. Tornou-se logo muito amiga de Nelly e foi uma grande auxiliar durante a sua doença. Vinha quase todos os dias. Chegava sempre apressada, como se procurasse alguma coisa ou quisesse recuperar o tempo perdido. Não tardou em cair nas boas graças da pequena e passaram a estimar-se como duas irmãs. Em muitos pontos era criança como Nelly; contava-lhe histórias, divertia-a, fazia-lhe momices, de modo tal que a pequena entristecia quando ela não estava.

Entretanto a sua primeira aparição surpreendeu-a muito. Interrogou-me depois, com o seu ar pouco amável e reservado.

— Porque veio cá esta mulher? — perguntou ela descontente, apenas Alexandra saiu.

— Veio tratar de ti.

— Porquê? Nunca lhe fiz nada...

— As pessoas de bom coração não esperam um benefício para ajudar a pessoa que lho prestou. Tranquiliza-te, Nelly. Ainda há muita gente boa no mundo. Infelizmente não as encontraste quando precisavas.

Nada respondeu. Afastei-me. Pouco depois chamou-me com voz fraca e pediu-me água. Em seguida, passou o braço pelo meu pescoço, encostou

a cabeça ao meu peito e esteve assim muito tempo.

No dia seguinte, quando Alexandra chegou, recebeu-a com um sorriso alegre; entretanto manteve sempre um certo acanhamento na sua presença.

Capítulo 3

Ao voltar da casa da Natascha encontrei a Nelly a dormir e a Alexandra, esperando-me junto dela. A pequena estivera a princípio muito alegre; porém, vendo que eu não voltava tão cedo, como prometera, foi entristecendo e ficou silenciosa.

— Queixou-se de dores de cabeça — sussurrou Alexandra. — Depois começou a chorar tanto, tanto que não sabia como fazer. Interrogou-me sobre a Natascha e, como nada lhe soubesse dizer, voltou a chorar e chorou até adormecer. Agora está mais tranquila... Mas preciso ir, pois o Filipe recomendou-me para voltar cedo. Só me deixou vir por duas horas e fui ficando sem sua ordem. Não se inquiete. Não o deixarei zangar-se. É possível talvez... Ah, Ivan, como devo fazer? Não passa um único dia que não se embriague. Anda preocupado, não me diz a causa, mas reconheço que há qualquer coisa. Todas as noites volta para casa no mesmo estado. Adeus, Ivan! Adeus, preciso ir.

No dia seguinte Nelly acordou triste e de mau humor. Não queria falar nem responder às minhas perguntas e parecia zangada comigo. Apenas de tempos a tempos me lançava disfarçadamente um olhar terno e melancólico.

Desde esse dia tornou-se outra para mim; as suas singularidades, os seus caprichos, por vezes mesmo um sentimento que parecia ódio, tudo isso se manteve até à catástrofe que forma o desenlace desta história. Mas não nos antecipemos.

De quando em vez voltava a ser, por uma ou duas horas, a menina carinhosa dos dias passados.

Parecia querer redobrar as carícias durante esses instantes e muitas vezes chegava a chorar.

Todavia esses momentos eram rápidos. Tornava-se outra vez triste, olhava-me com inimizade ou então, quando percebia que a sua atitude me afligia, rompia num acesso de riso que acabava quase sempre em lágrimas.

Uma vez mesmo zangou-se com Alexandra, declarando-lhe nada querer dela; e como eu a repreendesse na sua frente, encolerizou-se e

respondeu-me irritada. Depois disso esteve dois dias sem pronunciar uma só palavra, sem querer tomar o remédio, sem beber, sem comer e só o bom doutor conseguiu apaziguá-la com as suas exortações.

Nelly acolhia-o com viva simpatia e enfeitiçara-o de tal modo que ele próprio não passava um só dia sem a vir ver, ouvir-lhe o seu riso e as brincadeiras por ela inventadas. Trazia-lhe livros com gravuras, tendo o cuidado de escolher os mais instrutivos ou edificantes, e outras vezes dava-lhe bombons. Pelo ar satisfeito com que entrava, Nelly adivinhava logo que lhe trazia um presente. Ele no entanto ria com malícia, sentava-se ao lado dela e dizia-lhe ou dava-lhe a entender: «Se certa menina bonita for muito boazinha durante a visita, essa menina bonita terá uma recompensa». Dizendo isso olhava para ela com tanta bondade e franqueza que ela, rindo com um riso o mais terno e o mais franco, deixava transparecer no olhar uma meiga e sincera amizade. Por fim o velho levantava-se com solenidade, tirava do bolso a caixa dos bombons e, entregando-lha, não se esquecia de dizer:

— Isto é para a minha querida e futura mulherzinha.

E punham-se os dois a conversar.

— É preciso cuidar seriamente da saúde — dizia ele em tom dogmático. — Em primeiro lugar para continuar entre os vivos, e em segundo para ser feliz no mundo. É preciso não pensar em coisas más, minha filha. Se alguma coisa a entristece, procure pensar num prazer, em coisas alegres, divertidas...

— E que devo fazer para pensar nessas coisas divertidas?

— Ora essa... Lembre-se de brinquedos... próprios para a sua idade....

— Não gosto de brincar — respondia Nelly. — Posso gostar de vestidos bonitos.

— Vestidos bonitos! Hum... Já não é tão bom. Precisamos ser modestos, contentar-nos com a nossa sorte, a que nos couber no mundo. Entretanto... pode-se também gostar de vestidos bonitos.

— E terei muitos vestidos bonitos quando for sua mulher?

— Que ideia! — dizia o doutor, franzindo as sobrancelhas.

Nelly sorria, zombeteira.

— Com certeza! Comprar-lhos-ei se a sua conduta for muito boa — continuou ele.

— E será preciso tomar os pós todos os dias?

— Não, porque estará então já boa.

Nelly punha termo à conversa com uma gargalhada. O velho, muito feliz por a ver alegre, ria também.

— Que espírito estranho — dizia-me ele. — Resta-lhe ainda um humor caprichoso e uma certa irritabilidade.

Não se enganava. Por mim não podia compreender o que se passara. Não me dirigia uma palavra, parecendo ter alguma queixa minha. Isto penalizava-me muito. Um dia fingi-me zangado e não lhe falei uma única vez.

No dia seguinte senti-me arrependido. Chorou muito e cheguei quase a não saber como fazer para a consolar.

Um dia rompeu o seu obstinado silêncio. Entrei em casa ao anoitecer e vi-a esconder um livro debaixo do travesseiro. Era o meu romance. Apanhara-o de cima da mesa e estava-o lendo na minha ausência. Ficou muito atrapalhada e eu fingi não perceber. Depois, como me demorasse um momento na cozinha, aproveitou-o para saltar da cama e colocar o livro no seu lugar.

Em seguida chamou-me com voz emocionada. Estivera quatro dias sem me falar.

— Vai hoje a casa da Natascha? — perguntou ela.

— Vou, Nelly. Preciso lá ir.

— Gosta muito... dela? — acrescentou com voz fraca.

— Muito, Nelly!

— Eu também gosto dela — murmurou. Calou-se por momentos, olhando-me com um ar tímido. — Quero ir viver com ela.

— Não estás bem em minha casa? — perguntei eu, surpreendido. — Não podes ir viver com ela.

— Porque não? — perguntou-me, corando. — O senhor quer mandar-me para casa do pai dela, mas eu não quero. Ela tem criada?

— Tem.

— Despede-a e fica comigo. Não quero ordenado e faço quanto ela quiser. Gostarei muito dela. Sei cozinhar. Fale com ela hoje a tal respeito.

— Mas que ideia é essa, Nelly? Que imaginas tu? Nunca te quereria para cozinhar. Se ficasse contigo, estimar-te-ia como uma irmã.

— Não quero que me considere como irmã. Se não for assim, não quero.

— E porque não?

Novo silêncio. Os lábios tremiam-lhe e os olhos estavam cheios de lágrimas.

— O homem de quem gosta vai-se embora e ficará sozinha, não? — perguntou ela por fim.

— Como sabes isso?!

— Quando o marido da Alexandra cá esteve anteontem, durante o dia, contou-me tudo.

— O Masloboiev veio aqui anteontem?

— Veio — disse ela, baixando os olhos.

— Porque não mo contaste?

— Porque não...

Fiquei pensativo. Que significavam estas manobras misteriosas de Masloboiev? Que pretendia ele?

— Que te importa que ele a deixe?

— O senhor gosta dela — respondeu a pequena, baixando os olhos. — Casa com ela quando ele partir.

— Não, Nelly, não caso. Não me ama como eu a amo e depois... Não, Nelly, não é possível!

— Seria criada dos dois quando vivessem juntos. Seriam felizes — disse ela, sem levantar os olhos para mim e falando tão baixo que mal a ouvia.

Não pude perceber o que tinha, nem o significado das suas palavras.

Tornou a cair no mutismo habitual. Nada mais disse. Começou a chorar mal eu saí e disse-me Alexandra que chorou muito tempo ainda. Dormiu um sono agitado, gemendo, dizendo coisas incoerentes, como delirando. Desde esta noite ficou ainda mais taciturna e deixou por assim dizer de me falar. É certo que lhe surpreendia por vezes um olhar disfarçado. Quanta afeição havia nesse olhar!

Contudo esse momento de ternura passava rápido e, parecendo resistir a esse impulso, tornava-se cada vez mais sombria, mesmo para o doutor. Este não chegava a compreender esta mudança de caráter. Entretanto, já estava quase restabelecida e o médico permitiu por fim que se levantasse para tomar um pouco de ar.

O tempo estava bom e a temperatura doce e agradável. Saí pela manhã com a intenção de voltar cedo e ir dar um passeio com ela. Deixei-a só.

Não se pode calcular a violência do choque que me esperava ao voltar. A chave estava na fechadura, mas pelo lado de fora.

Abri a porta e entrei. O quarto estava vazio. Senti-me gelado. Vi sobre a mesa uma folha de papel. Apanhei-a, trémulo, e li estas palavras escritas a lápis, com uma letra desigual:

Vou-me embora e não voltarei mais. Gosto muito do senhor.
Sua sincera
Nelly.

Dei um grito e precipitei-me para a escada.

Capítulo 4

No momento em que cheguei à rua, antes mesmo de poder pensar sobre o que ia fazer, um carro parou à porta da minha casa. Alexandra desceu com a minha querida fugitiva pela mão. Segurava-a com força, como se temesse que ela lhe fugisse. Corri ao seu encontro.

— Nelly, que houve? Porque fugiste?

— Espere, temos tempo. Vamos subir e saberá já tudo — disse vivamente Alexandra. — Deita-te um pouco, Nelly — disse ela à pequena mal entrámos no quarto. — Deves estar fatigada. Não é brincadeira andar como tu andaste e principalmente depois de uma doença tão grave. Deita-te, meu anjo, deita-te um pouco. Vamos deixar-te sozinha para poderes dormir — acrescentou ela, piscando-me o olho e fazendo-me sinal para eu ir para a cozinha.

Nelly não se quis deitar. Sentou-se no sofá e escondeu o rosto entre as mãos.

Deixámo-la sozinha. Alexandra contou-me logo com uma grande volubilidade tudo quanto sabia. Só depois conheci certos detalhes. Eis como as coisas se passaram: após ter escrito o bilhete correu para casa do velho doutor, cujo endereço conseguira encontrar. O velhote contou-me mais tarde que ficara horrorizado ao vê-la. Durante todo o tempo que a teve em sua casa, supôs estar sonhando. «Ainda agora mesmo me custa a acreditar», disse-me ele, como conclusão. E no entanto tinha sido mais que verdade. Estava no seu gabinete, em roupão, e tomava tranquilamente o seu café quando Nelly entrou bruscamente e se lhe lançou ao pescoço antes mesmo de ele ter tempo de a reconhecer. Depois começou a chorar, a abraçá-lo, a beijar-lhe as mãos, suplicando-lhe com insistência e com palavras entrecortadas para a deixar ficar na sua companhia. Dissera-lhe não poder, nem querer viver na minha casa, e por isso fugira. Prometera-lhe não zombar mais dele, não falar mais de bonitas rosas e comportar-se bem. Aprenderia a lavar e a engomar-lhe as camisas — provavelmente preparara o discurso com antecedência. Jurou ser submissa e obediente, e tomar todos os dias os pós que ele muito bem entendesse. Se falara antes

em se tornar sua mulher, fora apenas por brincadeira, pois nunca pensara nisso. O velho alemão ficou por tal forma surpreendido que esteve durante um certo tempo boquiaberto e a agitar os braços. Deixara mesmo apagar o cigarro.

— Pequena! — retorquira-lhe, mal recobrara um pouco de sangue-frio. — Pequena!... Então vens-me pedir para te receber na minha casa? Isso é impossível... Como vez a minha casa é pequena e os meus rendimentos não são muito... grandes... E depois, assim de repente, sem se refletir primeiro... é um absurdo! Então fugiste da tua casa? É deplorável e não se faz uma coisa dessas. Além disso, permiti-te apenas um ligeiro passeio quando o tempo estivesse bom e sob a vigilância do teu benfeitor. Em lugar disso fugiste e vieste ter à minha casa quando devias ter cuidado com a tua saúde... e... e... tomar os pós receitados. Enfim... enfim... não compreendo nada.

Nelly não o deixara acabar. Chorara, suplicara, mas nada conseguira. A surpresa do velhote aumentava cada vez mais e compreendia cada vez menos. Por fim, deixou-o, exclamando: «Oh, meu Deus, meu Deus!» e correu porta fora. O velho doutor sentiu-se doente todo o dia e foi obrigado a tomar uma poção calmante para adormecer.

A pequena correu a casa dos Masloboiev, tendo tido dificuldade em os encontrar. Estes estavam em casa. Alexandra levantou os braços para o céu quando Nelly lhe pediu para a aceitar em sua casa. Perguntaram-lhe porque procedia assim e se estava zangada comigo. Em vez de responder, sentou-se desfalecida numa cadeira e começou a chorar. Soluçou tão fortemente, informou-me Alexandra, que receou sufocasse. Ofereceu-se para criada, copeira ou cozinheira. Lavaria o soalho e aprenderia a lavar a roupa branca. Fundava, segundo parece, todas as suas esperanças particulares nessa lavagem de roupa branca, vendo nisso a mais sedutora causa para a aceitarem.

Alexandra era de opinião que ela ficasse até que se esclarecessem as coisas e me prevenissem. Filipe opôs-se categoricamente e ordenou-lhe para a acompanhar sem demora a minha casa. Pelo caminho Alexandra apertou-a nos braços e cobriu-a de beijos. Nelly chorara por isso com mais vontade. Por seu lado Alexandra, ao ver isso, não pudera conter também as lágrimas, de forma que as duas não fizeram outra coisa senão chorar durante todo o percurso.

— Diz-me porque não queres ficar em casa dele. É mau para contigo? — perguntara-lhe.

— Não, não é mau.

— Então porque fugiste?

— Não quero... não quero... viver em casa dele. Sou sempre muito má... e ele é muito bom... Na sua casa não seria má e trabalharia.

— E porque és má para ele, Nelly?

— Porque...

E não houve meio de conseguir dela outra coisa além desse «porque...», disse-me Alexandra ao terminar o relato dos acontecimentos e enxugando os olhos.

— Porque é tão desgraçada? Talvez seja a enfermidade! Que me diz, Ivan?

Voltámos ao quarto. Estava deitada e chorava, com o rosto mergulhado no travesseiro. Ajoelhei-me ao seu lado, peguei-lhe nas mãos e cobri-lhas de beijos. Retirou-as rápida e soluçou ainda com mais força. Não sabia o que dizer. Neste momento entrou o velho Ikhmeniev.

— Vim para tratar de uns negócios. Bom dia, Ivan! — disse ele, surpreendido por me ver ajoelhado.

Estava doente, pálido e havia emagrecido. Fingia-se, porém, saudável. Chamava à sua enfermidade uma bagatela e continuava a sair, apesar das exortações e das súplicas de sua mulher.

— Até à vista — disse Alexandra, olhando fixamente o velho. — O Filipe recomendou-me que voltasse o mais depressa possível. Tenho que fazer em casa. Voltarei à noite, por uma ou duas horas.

— Quem é? — perguntou-me o velho a meia voz, mas pensando noutra coisa.

Disse-lho e abstrato, resmungou:

— Hum! Vim para falar contigo.

Sabia bem o motivo porque vinha e esperava a sua visita. Vinha falar-nos, a Nelly e a mim, a fim de me resolver a deixá-la ir viver com eles. Ana consentira afinal em encarregar-se da órfã, em virtude de umas palestras que tivera muito em segredo com ela. Conseguira vencer a sua resistência, dizendo-lhe que a presença dessa órfã, cuja mãe tinha sido também amaldiçoada pelo pai, conquistaria talvez o coração do velhote e levá-lo-ia a mudar de sentimentos. Fora ela depois que instigara o marido

a vir buscar a pequena. O velho acedera com todo o prazer, pois queria, acima de tudo, agradar à mulher.

Por outro lado não agradara, como sabemos, a Nelly aquando da sua primeira entrevista e depois disso a fisionomia da pequena tomava sempre uma expressão de ódio mal ouvia pronunciar o nome dele. O velho começou logo a falar no motivo da sua visita. Foi depois direito a Nelly, que continuava a esconder o rosto no travesseiro, pegou-lhe nas mãos e perguntou-lhe se queria ir com ele e fazer as vezes da sua filha.

— Tive uma filha a quem estimei acima de tudo no mundo — disse ele, para concluir. — Não a tenho agora... morreu. Queres substituí-la na minha casa e... no meu coração?

E uma lágrima brilhou nos seus olhos ressequidos e rubros de febre.

— Não, não quero! — respondeu Nelly sem levantar a cabeça.

— E porquê, minha filha? Não tens ninguém no mundo e não podes viver eternamente com o Ivan. Na minha casa estarás como em casa de teus pais.

— Não, não, não quero, porque o senhor é mau! Sim, mau, mau! — acrescentou, levantando a cabeça e olhando-o de frente. — Também sou má, sou a pior de todos, mas o senhor ainda é pior do que eu!

Os olhos faiscavam-lhe, os lábios estavam brancos e contraía-os sob a violência da emoção. O velho olhava-a, cheio de espanto.

— Sim, pior do que eu, pois não quer perdoar à sua filha, quer até esquecê-la, adotando uma outra! Poder-se-á esquecer uma filha? O senhor será capaz de me estimar? Será capaz de olhar para mim e não se lembrar de que não sou sua filha e que teve uma a quem esqueceu, seu homem cruel? Não, não quero viver com pessoas perversas, não quero, não quero... Os outros estendem as mãos, perdoam, reconciliam-se, beijam-se... sei bem... mas o senhor... O senhor só... Oh, homem cruel! Vá-se embora!

E as lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Ikhmeniev estava como que fulminado.

— Porque é que toda a gente se inquieta assim comigo? Não quero, não quero! — exclamou a Nelly de repente, com uma exaltação que tocava o delírio. — Irei mendigar!

— Acalma-te, minha querida Nelly! — exclamei eu.

As minhas palavras porém serviram apenas para a exasperar mais.

— Sim! Irei mais depressa mendigar uma esmola pelas ruas... Não quero ficar aqui! — exclamou ela através dos soluços. — A minha mãe

também pediu esmola e quando morreu disse-me: «Sê pobre e pede antes esmola a...» Não é vergonha mendigar. Não é a um homem que eu peço; é a toda a gente e toda a gente é ninguém. É vergonhoso pedir a um só, mas nunca a todos, foi o que me disse uma velha mendiga. Sou criança e nada tenho. Irei pedir a toda a gente. Não quero, não quero!... Sou má, sou a pior de todos... Veem como sou má?

E pegando na chávena que estava sobre a mesa atirou-a violentamente ao chão.

— Agora está quebrada! — exclamou triunfante e com um ar de desafio. — Havia apenas duas e eu era capaz de quebrar a outra. Como tomariam chá, depois disso?

Estava como que alucinada e parecia achar um certo prazer nesse furor. Dir-se-ia, enquanto confessava a si mesma que esta conduta era perversa e que devia envergonhar-se, que sentia o desejo de se excitar e de praticar qualquer nova excentricidade.

— Está doente, Ivan? — perguntou o velho. — Ou então... Ou então... não compreendo bem esta criança. Adeus!

Pegou na boina e apertou-me a mão. Estava aniquilado.

Nelly ofendera-o horrivelmente. Eu estava também fora de mim.

— Não tiveste piedade dele, Nelly! — exclamei, mal ficámos sós. — Que vergonha agir assim! És na verdade uma pequena perversa!

Corri atrás de Ikhmeniev.

Pretendi ao menos acompanhá-lo até à porta da rua e pedir-lhe desculpa, dizendo-lhe algumas palavras de consolo. Ante as minhas censuras, Nelly tornara-se pálida como um cadáver. Ao descer as escadas quatro a quatro, via ainda a sua imagem diante dos meus olhos, tanto me impressionara. Depressa alcancei o velho.

— A pobre criança tem o coração martirizado — disse-me ele, com um sorriso cheio de amargura — e eu pus-me a contar-lhe as minhas desgraças... Não fiz mais do que aumentar-lhe a ferida! Adeus, Ivan!

Tentei falar-lhe noutro assunto, mas impediu-mo com um gesto de desalento.

— Não vale a pena consolar-me. Toma cuidado para que não fuja de novo, pois tem o aspeto de quem pensa outra vez fazer isso.

Falou-me com uma certa irritação e afastou-se a passos largos, batendo com a bengala nas pedras do passeio.

Talvez não imaginasse que o seu pressentimento estava tão próximo da verdade. Não tentarei descrever o meu espanto, a minha estupefação, ao verificar que desaparecera outra vez. Corri ao patamar, procurei na escada, chamei, bati às portas de todos os vizinhos a perguntar se a tinham visto. Não podia e não queria acreditar que novamente tivesse fugido. Como pôde fazê-lo? A casa tinha apenas uma porta e devia ter passado por mim enquanto conversava com Ikhmeniev. Mas por muito lamentável que fosse esse pensamento, fui forçado a supor que Nelly devia ter-se ocultado na escada e esperado pela minha subida para se afastar. Não podia porém estar muito longe.

Comecei, cheio de inquietação, à sua procura, deixando, para o que desse e viesse, a porta aberta.

Corri primeiro a casa dos Masloboiev; tinham saído. Deixei-lhes um bilhete comunicando-lhes a nova fuga de Nelly e pedindo-lhes para me informarem sem demora no caso de ela se refugiar em casa deles. Depois dirigi-me a casa do doutor. Também não estava e a criada disse-me que não recebera outra visita além da visita da pequena pela manhã. Não sabendo mais para onde me dirigir, fui a casa da Boubnov e soube pela mulher do fabricante de caixões mortuários que a dona da casa estava detida desde a véspera no posto policial e que há muito tempo não se via por ali a pequena. Extenuado de fadiga voltei a casa dos Masloboiev. Não tinham chegado ainda e o meu bilhete continuava sobre a mesa. Fiquei desesperado.

A noite aproximava-se. Retomei, numa angústia mortal, o caminho de casa. Devia ir nessa mesma noite a casa de Natascha. Não comera durante todo o dia e mesmo as inquietações motivadas por Nelly não me tinham dado tempo para pensar nisso. Obcecado pelos mais sombrios pensamentos, resolvi continuar a minha desesperada peregrinação. «Onde devo procurá-la, Deus meu? Onde estará neste momento?», pensava eu. «Não terá enlouquecido?»

Mal tinha formulado esta hipótese, avistei-a a alguns passos de distância. Estava encostada a um lampião e não me vira. O meu primeiro movimento foi correr para ela, mas contive-me. «O que fará ali?», perguntei a mim mesmo, perplexo. E certo de que não me escaparia, resolvi esperar e observar. Passaram-se dez minutos; continuava no mesmo lugar, imóvel, a olhar para os transeuntes. A certa altura passou um velhote bem posto. Aproximou-se dele. Este, sem parar, tirou qualquer

coisa do bolso e deu-lho. Ela agradeceu com uma inclinação. Não posso descrever o que então senti; deu-me a impressão que qualquer coisa que me era querida, que acariciara e tratara com amor tinha nesse momento ruído e mergulhado no lodo. Não pude conter as lágrimas.

Sim, chorava pela minha pobre Nelly, e no entanto estava indignado com a sua conduta; não era a necessidade que a forçava a mendigar; não estava abandonada, entregue à mercê da sorte; não fugira das mãos de opressores cruéis, mas sim das mãos de amigos que a estimavam e viviam preocupados em conseguirem cercá-la de todos os cuidados e carícias. Parecia querer conhecer ou sentir esta experiência para dela tirar ensinamentos. Qualquer coisa de misterioso se ocultava na sua alma. Sim! O velho Ikhmeniev tinha razão: era um coração martirizado e a ferida era tanto mais funda quanto maior era a sua concentração consigo mesma e a sua desconfiança para com todos. Parecia comprazer-se na dor, no *egoísmo dos seus sofrimentos,* se me é permitida esta expressão. Esta necessidade de envenenar a própria dor e o prazer que se pode achar nisso eram coisas compreensíveis para mim; é o prazer de muitos corações humilhados e ofendidos ao sentirem-se vítimas do destino, mas tendo consciência da injustiça desse destino. De que injustiça minha poderia ela queixar-se? Quereria causar-me surpresa ou provocar-me espanto com esta espécie de heroísmo, ou antes, bizarria das suas ações? Seria arrastada por uma espécie de orgulho, para se revelar assim diante de mim? Mas não! Estava sozinha neste momento e ninguém a via pedir esmola. Seria por prazer? Que iria fazer do que esmolasse? Porque teria necessidade desse dinheiro?

Afastou-se do lampião e dirigiu-se para junto das montras vivamente iluminadas de uma loja e pôs-se a contar o que recebera. Eu estava a uma dezena de passos. Tinha as mãos cheias de moedas; naturalmente mendigara durante toda a tarde. Fechou as mãos, atravessou a rua e entrou numa loja. Aproximei-me da porta, que estava completamente aberta, para ver o que ia fazer.

Pôs todo o dinheiro sobre o balcão e deram-lhe uma chávena muito simples, a custar, quando muito, uns quinze *kopeks* e parecia um tanto com a que quebrara horas antes, para mostrar a Ikhmeniev e a mim o quanto era má. O lojista embrulhou-a numa folha de papel, apertou-a com um pedaço de barbante e entregou-a a Nelly, que saiu da loja com um ar satisfeito.

— Nelly! — exclamei ao vê-la aproximar-se de mim. — Nelly!

Estremeceu, olhou-me admirada e a chávena escapou-se-lhe das mãos, quebrando-se nas pedras do passeio. Quando compreendeu que eu tinha visto e que sabia tudo, um súbito rubor lhe cobriu as faces. Agarrei-a pela mão e levei-a para casa. Não era muito longe. Durante o caminho não trocámos uma só palavra. Chegado a casa, sentei-me. Ela ficou de pé na minha frente, pensativa e perturbada, pálida como antes e de cabeça baixa. Não ousava levantar os olhos para mim.

— Nelly, andavas a mendigar? — perguntei-lhe eu.

— Andava — respondeu-me ela com voz fraca e baixando ainda mais os olhos.

— Querias ter dinheiro para comprar uma chávena igual à que quebraste hoje pela manhã, não é verdade?

— Sim...

— Censurei-te, por acaso? Disse-te alguma palavra de repreensão? Não reconheces, Nelly, a grande maldade (maldade que parece comprazer-te!) revelada na tua maneira de agir? Pensas que procedes bem? Não te envergonhas?

— Envergonho! Envergonho! — murmurou, ela numa voz tão fraca que mal a ouvi, enquanto grossas lágrimas lhe corriam ao longo das faces,

— Envergonhas-te... — repeti eu. — Nelly, querida Nelly, se te aborreci, se cometi qualquer falta contigo, perdoa-me e façamos as pazes.

Fitou-me e lançou-se nos meus braços, desfeita em lágrimas. Alexandra entrou neste momento.

— Como? — exclamou. — Já de volta? Ah, Nelly! Nelly! Que aconteceu? Fico satisfeita por teres sido encontrada! Onde estava ela, Ivan?

Fiz-lhe compreender que devia transferir as suas perguntas para mais tarde e pedir-lhe para lhe fazer companhia até eu voltar. Despedi-me dela muito ternamente, pois continuava a chorar.

A toda a pressa dirigi-me a casa de Natascha. Já ia bastante atrasado.

Tinha muita coisa a dizer-lhe. Principiei por lhe falar da pequena e contar-lhe os acontecimentos do dia. A minha narrativa interessou-a e surpreendeu-a muito.

— Queres saber a minha ideia? — perguntou-me, depois de ter refletido um instante. — Creio que te ama.

— Que dizes? — perguntei, surpreendido.

— Sim, é o começo de um amor, de um amor feminino...

— Que ideia, Natascha! É uma criança, ainda!

— Que vai fazer catorze anos. A sua irritação provém de não compreenderes o seu amor e talvez nem ela mesma se compreenda. Embora seja infantil em muitas coisas, a sua dor não é menos séria e cruel. Tem ciúmes de mim. Estimas-me tanto que não tens, mesmo junto dela, outros cuidados que não sejam comigo, não falas senão em mim, não pensas senão em mim, e quase não te ocupas com ela. Percebeu isso e está magoada. Talvez queira falar-te a seu respeito, abrir-te o seu coração, porém não sabe como fazer. Espera impaciente o momento propício e tu, em vez de provocares esse momento, afastas-te, vens para perto de mim e deixa-la, mesmo doente, dias inteiros. É esta a razão por que chora. Fazes-lhes falta e, o que é mais doloroso para ela, não supões tal. Agora mesmo deixaste-a... e deixaste-a para vires aqui. Amanhã estará doente por causa disso. Como pudeste deixá-la? Vai, vai depressa para junto dela...

— Não a teria deixado se...

— Sim, compreendo. Pedi-te para vires. Contudo, vai depressa para junto dela.

— Irei, mas não acredito que tenhas razão.

— Sim, isto parece-te estranho... Recorda a sua história, analisa os factos e mudarás de opinião. A sua infância não foi como a nossa.

Voltei muito tarde. Alexandra contou-me que ela chorava muito, como na véspera.

— Está a dormir — acrescentou. — Agora vou-me, pois são horas. O Filipe está à minha espera. O pobre está sozinho!

Agradeci-lhe e sentei-me à cabeceira da cama da Nelly. Estava contristado por a ter abandonado num momento tão crítico. Fiquei muito tempo absorvido nos meus pensamentos. Foi bem triste essa época a que me reporto. Depois da noite da conversa com o príncipe na hospedaria, noite tão memorável para mim, fiquei seriamente preocupado com a sorte de Natascha.

«Porque a ameaçou esse maldito príncipe e como se vingará?», perguntava a mim mesmo a cada momento e perdia-me em conjeturas. Estava persuadido de que as suas ameaças não eram simples fanfarronadas e poderiam causar sérios desgostos a Natascha, enquanto mantivesse relações com o filho. Era um caráter vingativo, mau, premeditando tudo. Com muita dificuldade esqueceria a ofensa sofrida e aproveitar-se-ia da primeira oportunidade para se vingar. Além disso definira já claramente

um ponto; esperava e exigia de mim que preparasse Natascha para um corte de relações, mas de modo a não haver motivo «para cenas, nem idílios à Schiller». O seu primeiro cuidado fora, naturalmente, proceder de maneira a que o filho continuasse a estimá-lo e a julgá-lo o mais carinhoso dos pais. Sem isso não poderia prosseguir no seu plano de se apoderar do dinheiro de Katia.

Natascha porém mudara muito. Não tinha confiança em mim. As minhas consolações exasperavam-na e as minhas perguntas aborreciam-na e chegavam mesmo a irritá-la. Muitas vezes estive, por longos momentos, a vê-la andar, no quarto, de um lado para o outro, de braços cruzados e de olhar sombrio e preocupado. Parecia esquecida de tudo quanto a cercava. No entanto, quando por acaso os seus olhos encaravam comigo, o seu rosto tomava uma expressão de desprezo e impaciência. Chegou a voltar-me as costas bruscamente. Compreendi, então, que pensava no modo como havia de agir ante a rutura iminente.

Apesar da inquietação e do tormento que me causavam a sua frieza aparente e a sua reserva, confiava no seu coração. Observava o seu sofrimento e sabia que toda e qualquer intervenção de um estranho mais iria aumentar o seu desprezo e animosidade. Em tais circunstâncias a intervenção dos amigos mais queridos, conhecedores dos nossos segredos, é-nos sempre desagradável.

Por outro lado sabia também que havia de chegar o dia de vir ter comigo e procurar o conforto do meu coração.

Nada lhe havia dito da minha conversa com o príncipe, para a não agitar e atormentar mais ainda. Contara-lhe apenas que estivera em casa da condessa, bem como estava convencido de que o príncipe era um grande canalha. Nada me perguntou a tal respeito, o que me regozijou imenso, mas em compensação o relato da minha entrevista com Katia, interessou-a vivamente.

Enquanto me ouviu, o seu rosto, sempre pálido, cobriu-se de um certo rubor. Relatei-lhe a impressão que a pequena me causara. Para quê proceder de outro modo? Perceberia que lhe estava escondendo alguma coisa e irritar-se-ia. Descrevi-lha com todos os detalhes possíveis, porque entendi que na sua situação deveria ser-lhe penoso interrogar-me acerca das perfeições da sua rival.

Supunha que ignorasse ainda que Alyosha devia partir com a condessa e Katia. Estudava por isso a forma de lhe dar essa notícia sem a magoar

muito. Contudo, com grande espanto meu, às minhas primeiras palavras fez-me calar, dizendo-me já saber de tudo há uns dias.

— Meu Deus! — exclamei. — Quem to disse?

— O Alyosha.

— Como? Ele?

— Sim... E eu resigno-me a tudo — continuou num tom que indicava bem o quanto desejava mudar de assunto.

Alyosha visitava-a amiudadas vezes, mas demorara-se pouco. Uma vez só passou algumas horas com ela. Estava triste e olhava-me com ternura e timidez; Natascha era porém tão meiga, tão afável, que em breve se alegrou. Vinha também ver-me quase todos os dias. Andava bastante preocupado e não podia sentir-se só com a sua tristeza. Visitando-me, procurava consolar-se.

Que poderia eu dizer-lhe? Acusava-me de frieza, indiferença, e animosidade mesmo. Mortificava-se, chorava e terminava por ir para casa de Katia, onde conseguia um certo conforto.

No dia em que Natascha me disse ser sabedora da partida — haviam decorrido oito dias desde a minha conversa com o príncipe —, Alyosha chegou a minha casa desesperado, lançou-se nos meus braços, escondeu a cabeça no meu peito e começou a chorar. Fiquei quieto e calado, esperando que falasse.

— Sou um homem vil e infame, Ivan — exclamou. — Salva-me de mim mesmo... Não choro por ser vil ou infame, mas porque sou a causa da infelicidade da Natascha... Voltei-a ao infortúnio. Ivan, meu amigo, resolve por mim, diz-me a quem amo mais. A Katia ou a Natascha?

— Deves sabê-lo melhor do que eu — respondi-lhe.

— Não, Ivan, não sei. Interrogo-me e não sei responder. Tu, que és imparcial, podes julgar melhor do que eu. Diz-me o que pensas.

— Parece-me que amas mais a Katia.

— De verdade?! Pois não, não e não! Enganas-te. Amo a Natascha com um amor que não conhece limites! Nada no mundo conseguirá separar-nos! Disse-o à Katia e ela é da minha opinião. Calas-te e sorris... Ah! Ivan, nunca me consolaste em momentos como este, quando estou prostrado de desgosto...

Mal acabou de dizer isto saiu, ou melhor, fugiu.

A nossa conversa impressionou vivamente Nelly, que ainda estava doente e de cama. Durante as suas visitas nunca lhe disse uma palavra e

quase não lhe ligou importância.

Duas horas depois voltou, de olhar radiante. De novo se lançou aos meus braços, beijando-me.

— Pronto! Acabou! Terminaram todas as irresoluções. Saindo daqui, fui a casa da Natascha. Estava desolado e por isso não podia passar sem a ver. Deitei-me a seus pés. Beijou-me e começou a chorar, em silêncio. Disse-lhe então que era a Katia aquela a quem mais eu amava...

— E ela?

— Não respondeu e acariciou-me, como para me consolar... a mim, que acabava de lhe fazer uma tal confissão! Oh! Chorei junto dela toda a minha infelicidade, abri-lhe o meu coração. Disse-lhe que, apesar de todo o meu amor pela Katia, não poderia viver sem ela, morreria mesmo. Não, Ivan, não me é possível viver um dia sem ela, sinto-o! E por isso resolvemos casar-nos impreterivelmente. Antes da minha partida é impossível, porque estamos na quaresma. Adiámos então para o meu regresso no mês de junho. O meu pai dará o seu consentimento sem ter que titubear. Pelo que respeita à Katia, é pior um pouco! Não posso viver longe da Natascha... Depois de casados iremos ao encontro da Katia.

Pobre Natascha! Como devia ter sofrido ao consolar esta criança, ao ouvir as suas confissões e ao ter de imaginar, para consolar este ingénuo egoísta, a fábula de um próximo casamento.

Capítulo 5

Alyosha ficou calmo durante alguns dias. Só fora ver Natascha porque o seu fraco coração tinha de compartilhar com alguém a sua tristeza. Entretanto, quando se aproximou o momento da separação, tornou-se inquieto, recomeçou a chorar e veio a minha casa lamentar a sua desdita. A sua afeição por Natascha aumentava cada vez mais e até ao último momento esteve persuadido de que não a podia abandonar por muito tempo e que o casamento se realizaria mal regressasse. Quanto a Natascha, compreendeu perfeitamente qual seria o seu futuro: Alyosha nunca mais voltaria para junto dela.

O dia da separação chegou. Natascha estava nervosa. Pálida, o olhar incendiado e os lábios escaldando de febre, pensava em voz alta e lançava-me de quando em quando um olhar penetrante. Os olhos estavam secos, não respondia às minhas perguntas e começou a tremer como uma folha quando ouviu a voz de Alyosha. Avançou para ele, rubra de emoção, apertou-o convulsivamente de encontro ao peito, beijou-o e principiou a rir. Alyosha olhava-a fixamente, perguntava-lhe pela sua saúde, tentava consolá-la, dizendo-lhe que pouco tempo se demoraria e que o casamento teria lugar logo após o seu regresso. Fazia esforços inauditos para se dominar e sufocar as lágrimas; não chorou diante dele.

A Alyosha, o pai prometera-lhe uma soma considerável para a viagem e garantira-lhe que podia estar descansado durante todo o tempo que durasse a sua ausência. A fisionomia de Natascha revelou a grande mágoa causada por esta comunicação. Quando ficámos sozinhos, avisei-a de que tinha *cento e cinquenta rublos* para ela. Perguntou-me de onde viera esse dinheiro. Isto passou-se dois dias antes da partida de Alyosha, e na véspera da primeira e última entrevista que ela devia ter com Katia. Esta última mandara-lhe um bilhete por Alyosha, pedindo autorização para a ir ver, e escrevera-me a pedir para assistir à entrevista.

Resolvi aceder, apesar dos obstáculos e embaraços que poderiam aparecer, pois havia razões de sobra para eles surgirem. Sem falar de Nelly, os Ikhmeniev preocupavam-me muito, havia mais ou menos uma

semana. Certa manhã Ana mandara-me procurar, suplicando-me para deixar tudo e ir a sua casa, por causa de um assunto da mais alta importância e que não podia sofrer o menor atraso. Encontrei-a mais comovida e apavorada do que nunca, esperando na maior ansiedade a volta do marido. Embora o tempo fosse precioso, estive muito tempo, como de costume, sem saber do que se tratava. Censurou-me primeiro por a deixar entregue à sua desventura e disse-me por fim que Nicolai se encontrava, havia três dias, numa tal agitação que era impossível descrevê-la.

— Desconheço-o — disse-me ela. — Levanta-se de noite e vai ajoelhar-se diante do oratório a rezar. Divaga durante o sono e quando acorda, parece meio louco; pergunto-lhe uma coisa e responde outra. Sai a cada momento, para negócios. Algumas vezes diz-me que vai ao advogado. Esta manhã fechou-se no gabinete e disse-me que ia escrever um relato para o seu processo... «Que relato poderá escrever», pensei eu, «se nem ao menos vê a colher ao lado do prato?» Espreitei pelo buraco da fechadura. Estava sentado e escrevia, porém com os olhos cheios de lágrimas. «O que estará a escrever?», perguntava eu a mim mesma. «Será por causa da nossa propriedade?... Se assim é, está definitivamente perdida». Enquanto fazia estas reflexões atirou com a pena e levantou-se de repente. Tinha as faces em fogo e os olhos pareciam lançar faíscas. Pegou no boné e saiu do gabinete. «Voltarei já!», disse-me ele. Apenas saiu, fui examinar a mesa; estava coberta de uma montanha de documentos relativos ao nosso processo. Procurei aquele onde tinha estado a escrever. Sabia que o não tinha levado, pois vira-lho esconder entre os outros papéis... Encontrei-o... Olha!...

Era uma folha de papel de carta, meia coberta de uma caligrafia horrível e indecifrável em certos pontos.

Pobre velho... Logo desde as primeiras linhas se adivinhava a quem estivera escrevendo! Era uma carta para Natascha, a sua bem-amada Natascha. Começava com calor e ternura por lhe perdoar e chamá-la para junto de si; depois viam-se umas frases ou outras truncadas, mas a maior parte ilegíveis. Pelas primeiras palavras avaliava-se a grandeza do sentimento que o levara a traçar essas primeiras linhas, tão cheias de efusão e de carinho. Nas restantes, esse sentimento esfriara de repente e dera lugar a um outro sentimento bem diverso: cumulava a filha de censuras, lembrava-lhe com indignação o seu egoísmo, acusava-a de perversa, de não ter talvez pensado uma só vez no sofrimento dos seus

velhos pais. Ameaçava-a com os mais severos castigos e com a sua maldição, e acabava por exigir que voltasse imediatamente e toda humildosa para a casa paterna. Então, e só então, podia ser que os pais, ao reconhecerem a sua vida exemplar *no seio da família,* lhe concedessem o perdão.

A boa velhota mantinha-se na minha frente, de mãos juntas, e esperava com angústia a minha opinião sobre a carta do velho.

Disse-lhe francamente o que pensava: Nicolai não se sentia mais com forças para viver longe da filha e a sua próxima reconciliação podia ser considerada como um fruto da necessidade de a ver. No entanto, dependeria tudo das circunstâncias, o resultado desfavorável do processo constituirá sem dúvida um rude golpe. Magoara e ao mesmo tempo indignara vivamente o velho, ferido no seu amor-próprio pelo triunfo do príncipe. Nestes momentos a alma humana é forçada a procurar uma outra que compartilhe da sua dor; foi então que se lembrou daquela a quem amava acima de tudo. Soubera — visto estar ao corrente da vida de Natascha — que Alyosha estava resolvido a abandoná-la, compreendera o horror da situação e sentira o quanto ela necessitava de consolo. Mas apesar disso não tivera forças para se curvar, porque se considerava um homem humilhado e ofendido por sua filha. E disse, sem dúvida, a si mesmo: «Não virá de moto-próprio, nem talvez sequer pensou nos seus, nem sentiu o mínimo desejo de se reconciliar». «Deve ter sido este o seu raciocínio!», disse eu à pobre mulher ao concluir a minha exposição. Por isso não acabou a carta, e além de tudo isto poder ser a causa de novas ofensas, mais humilhantes ainda do que as anteriores, só Deus pode saber se a reconciliação não será adiada por muito tempo.

A boa velha chorava, ouvindo-me. Quando lhe disse que me comprometera a ir a casa de Natascha e que estava já atrasado, saiu do seu entorpecimento e falou-me do assunto que mais a preocupava: tivera a infelicidade de virar o tinteiro sobre a carta. Com efeito, um dos cantos do papel estava coberto de tinta e receava que o marido descobrisse por essa mancha que lhe mexera nos papéis e lera aquela carta. O seu receio tinha uma grande razão de ser: podia, envergonhado, pela simples razão de saber que conhecíamos o seu segredo, redobrar de animosidade e obstinar-se em não perdoar. Porém, após ter refletido um momento, tentei tranquilizá-la. O marido estava dominado por uma tão violenta agitação quando escreveu

a carta que não se lembraria com certeza dos detalhes e pensaria ter sido ele próprio o causador da mancha.

Colocámos cuidadosamente o papel no lugar onde estava. Resolvi-me depois a falar de Nelly. Parecia-me que a pobre órfã, cuja mãe sofrera também o golpe da maldição paterna, poderia, pela narrativa triste e pungente da sua história e da morte da sua mãe, comover o coração dos velhos e despertar-lhes os mais generosos sentimentos. Bastaria apenas um impulso, uma ocasião favorável, e essa ocasião poderia ser proporcionada por Nelly. A boa velha escutou-me com uma fervorosa atenção e um raio de esperança lhe brilhou nos olhos. Pôs-se logo a perguntar-me porque não lhe falara nisso mais cedo, interrogou-me sobre Nelly e prometeu-me solenemente ser ela a primeira a pedir a adoção da órfã. Estimava-a já sinceramente. Apiedou-se da sua enfermidade e correu a buscar uns brinquedos para ela. Quis dar-me mesmo uns cinco *rublos*, na previsão de que talvez não tivesse meios para pagar ao médico. Ante a minha recusa em aceitar o dinheiro, dominou-a uma tal emoção e agitação que só com muita dificuldade consegui acalmá-la, e isso só quando lhe disse que Nelly precisava de roupa branca e de vestidos e, por consequência, podia-lhe ser útil de uma outra maneira. Foi logo remexer numa enorme arca e examinar os seus vestidos a fim de escolher um para a pequena. Deixei-a para ir a casa de Natascha. Subindo o último lance da escada que, como já disse, era em espiral, distingui alguém diante da porta. O desconhecido ia bater, mas parou ao ouvir os meus passos; depois, após um instante de hesitação, renunciou de súbito ao seu propósito e desceu. Encontrámo-nos no último degrau e com enorme surpresa reconheci Ikhmeniev. A escada estava quase às escuras, O velho colou-se à parede para me deixar passar e parece-me estar vendo ainda o brilho singular dos seus olhos, olhando-me fixamente.

Deu-me a impressão, apesar da obscuridade, que enrubesceu e ao mesmo tempo ficou extremamente embaraçado.

— Olá!... és tu, Ivan! — disse ele, com uma voz mal segura. — Vim aqui procurar um indivíduo de quem... tenho necessidade... Sempre o meu processo... Uma rábula... Mudou-se, não há muito tempo... mas creio não ser aqui... Enganei-me... Até à vista.

E desceu rapidamente.

Resolvi nada dizer a Natascha sobre este encontro, pelo menos nesse dia, ou enquanto Alyosha a não deixasse. Esperei dois dias antes de ir ver

Ikhmeniev. Estava triste e recebeu-me como se nada se houvesse passado.

— Onde ias no outro dia, lembras-te? Quando nos encontrámos? Quando foi? Penso que foi anteontem, não? — perguntou-me com uma certa negligência, evitando o meu olhar.

— Tenho um amigo que mora naquela casa — respondi eu, da mesma forma da sua pergunta.

— Ah... Eu andava à procura do meu escrivão, o Astaliev. Haviam-me indicado aquela casa... Estava porém enganado. Não era lá. Já te disse que a questão terminou? O Senado aprovou a sentença.

Fizera-se rubro mal começara a falar da questão. Quando nos deixou a sós, contei tudo a Ana, mas supliquei-lhe que evitasse olhá-lo de uma maneira diferente da do costume, que não suspirasse nem fizesse alusões, numa palavra, que não desse a perceber o que eu lhe tinha dito. A boa velha estava tão maravilhada que a princípio não quis acreditar em mim. Contou-me, por sua vez, que numa conversa já aludira à órfã, mas que Ikhmeniev fingira não compreender. Combinámos para no dia seguinte lhe falar e fazer-lhe, sem preâmbulos, o pedido formal. Contudo no dia seguinte veio encontrar-nos, aos dois, num espanto e numa inquietação mortais.

Durante a manhã Ikhmeniev tivera uma entrevista com o empregado que lhe tratava do processo. Este falara-lhe de um encontro com o príncipe, o qual por sua vez lhe transmitira que, embora quisesse reservar para si a propriedade de Ikhmeniev, tinha resolvido, *em virtude de questões de família,* indemnizá-lo com dez mil *rublos.* O velho correra a minha casa. Chamou-me, não sei porquê, para a escada e intimou-me a ir imediatamente a casa do príncipe desafiá-lo. Fiquei tão surpreendido que estive durante bastante tempo sem saber como proceder. Tentei fazê-lo raciocinar, porém dominou-o uma tal cólera que se sentiu mal de repente. Corri a buscar um copo com água, mas quando voltei havia desaparecido. Fui a casa dele no dia seguinte. Tinha já saído e esteve ausente três dias.

Apenas ao terceiro dia soubemos o que lhe havia acontecido. Da minha casa correra a casa do príncipe e, não o tendo encontrado, deixara-lhe um bilhete. Transmitia-lhe que considerava as palavras ditas ao empregado como uma injúria mortal e por isso classificava-o como o último dos miseráveis. Desafiava-o pois para um duelo, prevenindo-o de que se tivesse a audácia de recusar, devia esperar ser insultado na via pública.

Voltara a casa num estado de agitação e de abatimento tal que fora obrigado a deitar-se. Embora fosse terno e afetuoso para com a sua companheira, mal respondeu às perguntas que ela lhe fez. Notava-se apenas que esperava qualquer coisa com uma impaciência febril. No dia seguinte chegara uma carta pelo correio. Depois de a ter lido, começara a gritar, apertando a cabeça entre as mãos. Logo depois pegou no chapéu e na bengala e saiu porta fora.

A carta era do príncipe. Avisava-o num tom seco e breve, mas delicado, de que não tinha contas a prestar a ninguém das palavras ditas ao empregado. Lamentava muito a condenação, mas não podia, com grande desgosto, achar justo que o condenado numa causa tivesse o direito, para se vingar, de forçar o seu adversário a bater-se. Quanto ao aviso de um insulto público, aconselhava-o a não se dar a tal trabalho, visto ser irrealizável e incompreensível mesmo o mínimo insulto, pois a carta na qual o ameaçava ia ser imediatamente entregue a quem de direito e a polícia preventiva saberia tomar as medidas necessárias. O velho correu logo, com a carta na mão, a casa do príncipe, mas também o não encontrou. O criado disse-lhe que devia estar naquele momento em casa do conde N. e Ikhmeniev, sem refletir muito, dirigiu-se para lá. O porteiro impediu-lhe a entrada. Furioso, exasperado, bateu-lhe com a bengala. Foi preso, arrastado e entregue a um polícia, que o levou ao comissariado. A questão foi imediatamente contada ao conde e quando o príncipe, que se encontrava exatamente lá naquele momento, lhe explicou tratar-se do pai da pequena de quem já lhe falara — o príncipe havia já mais de uma vez prestado ao conde uns certos serviços —, o velho senhor começou a rir e, passando da cólera à clemência, ordenou que pusessem o velho em liberdade. Não o soltaram porém se não ao terceiro dia, dizendo-lhe — sob instruções do príncipe — ter sido ele que intercedera em seu favor. Quando voltou a casa estava como um louco. Meteu-se na cama e permaneceu deitado uma hora inteira sem fazer o menor movimento. Por fim levantou-se e com enorme espanto de Ana declarou solenemente que amaldiçoava a filha e privava-a para sempre da bênção paterna.

Ana, aterrorizada, tratou do velho quase instintivamente. Todo o dia e toda a noite tratou dele, aplicando-lhe compressas de água fresca e vinagre nas têmporas e na testa. Quando o deixei, às duas horas da manhã, o pobre velho delirava. No entanto, no dia seguinte, levantou-se e foi ver Nelly para a levar definitivamente para sua casa. Contei já a cena que teve lugar

entre os dois; esta cena fora uma rude prova, de sorte que mal regressou a casa foi obrigado a meter-se de novo na cama. Estes acontecimentos haviam-se desenrolado na quinta-feira santa, no mesmo dia fixado para a entrevista entre Katia e Natascha, e na véspera da partida de Alyosha.

Assisti a essa entrevista, levada a efeito pela manhã, muito cedo, antes da chegada de Ikhmeniev a minha casa e antes da primeira fuga de Nelly.

Capítulo 6

Alyosha prevenira Natascha uma hora antes. Quanto a mim, cheguei na mesma altura em que uma carruagem, conduzindo Katia e a velha dama de companhia, parava à porta. Após inúmeras súplicas de um lado e hesitações do outro, a dama acedera em acompanhar Katia e até mesmo em a deixar subir sozinha aos aposentos de Natascha, enquanto ela esperaria na carruagem. Katia chamou-me e pediu-me para lhe mandar Alyosha. Subi e encontrei Natascha em lágrimas e Alyosha chorando com ela. Quando soube da chegada de Katia, levantou-se, enxugou as lágrimas e, tremendo de emoção, colocou-se de pé defronte da porta. Estava vestida de branco. Os cabelos castanhos estavam penteados para trás e presos com um grande laço sobre a nuca. Gostava bastante de a ver assim penteada. Quando percebeu que ficava ao seu lado, pediu-me para ir também ao encontro da visitante.

— Quantas dificuldades tive que vencer! — disse-me Katia, subindo a escada. — Era uma espionagem contínua. Foram-me precisos quinze dias para conquistar a senhora Albert. Porque não me foi ver? Não pude escrever-lhe. Aliás, o que se pode explicar numa carta? Ah... como eu tinha necessidade de o ver, Ivan! Meu Deus, não faz uma ideia como o meu coração pulsa neste momento.

— A escada é muito fatigante — disse-lhe eu.

— Bastante... É pela escada e por outra coisa também. Mas diga-me, crê que a Natascha está zangada comigo?

— Por que motivo?

— É verdade! Porquê? Eu próprio observarei isso... Foi tolice perguntar-lho a si.

Os braços tremiam-lhe. Parámos para tomar fôlego, antes de começarmos o último lance. Em seguida fitou-me e começou resolutamente a subir.

Diante da porta parou de novo e disse-me, quase sussurrando:

— Entrarei com simplicidade e dir-lhe-ei: «Tinha tanta confiança em si que vim sem a mínima apreensão.» Mas porquê falar tanto? Como se

não soubesse que a Natascha é a mais pobre das criaturas... Não é verdade?

Entrou, tímida como uma culpada. Natascha recebeu-a com um sorriso. Avançou para ela de olhos baixos, agarrou-a pelas mãos e beijou-a na boca. Depois voltou-se para Alyosha e pediu-lhe para nos deixar a sós durante meia hora.

— Não te zangas com isso, Alyosha? — perguntou ela. — Temos de falar de coisas que não deves ouvir. Sê razoável e deixa-nos sós. Quanto a si, Ivan, deve assistir à nossa conversa e peço-lhe mesmo para ficar. Sentemo-nos — disse ela para Natascha logo que Alyosha se afastou. — Ficarei assim de frente a fim de começar por a olhar bem.

Sentou-se frente a Natascha e olhou-a fixamente. Esta esforçava-se por sorrir.

— Já vi uma fotografia sua — murmurou Katia.

— E acha-me parecida com o retrato?

— O original é ainda mais bonito — respondeu Katia, sorrindo. — Por mim também estava persuadida disso.

— De facto? Olho para si e acho-a também muito bonita...

— Que ideia! Como pode dizer isso... querida amiga?! — acrescentou, apertando nas suas mãos trémulas as de Natascha.

Olharam-se um momento em silêncio.

— Querida amiga — volveu Katia — temos apenas meia hora para estarmos juntas. Foi tudo quanto pude obter da senhora Albert e temos muitas coisas a dizer. Eu queria... é preciso... ah!... diga-me primeiro se ama muito o Alyosha.

— Sim, amo-o muito!

— Se é assim... se o ama muito... deve... querer a sua felicidade... — disse ela timidamente, em voz baixa.

— Sim, desejo que seja feliz.

— Muito bem. Trata-se agora de saber o que constitui a sua felicidade. Parece-lhe (e é o que temos a decidir), parece-lhe que deve ser feliz comigo, nesse caso?

— Está tudo resolvido, bem vê — respondeu Natascha baixinho, de olhos no chão.

Sofria horrivelmente, prolongando a conversa.

Katia preparava-se, creio, para dar uma longa explicação sobre a questão de saber qual das duas devia ceder o lugar à outra. Porém, após esta resposta, compreendeu que a resolução de Natascha estava tomada e

que era inútil continuar. Olhava com tristeza para ela, cuja mão continuava a apertar.

— E a senhora também o... ama muito? — perguntou-lhe Natascha.

— Sim, amo-o muito e queria-lhe pedir para me dizer porque o ama tanto.

— Não sei — respondeu Natascha com amargura.

— Será porque o acha espirituoso?

— Não! Amo-o simplesmente porque... o amo.

— E eu também. Além disso inspira-me também um sentimento que poderá ser classificado de piedade.

— A mim igualmente — retorquiu Natascha.

— Que fazer agora? Como pôde abandoná-la para se apaixonar por mim? Não o compreendo, sobretudo depois que a vi.

Natascha não respondeu e continuou de olhos baixos. Katia olhava-a em silêncio. De repente levantou-se e abraçou-a com ternura. Abraçadas, puseram-se a chorar. Katia sentara-se na poltrona de Natascha e apertava-a nos braços.

— Se soubesse quanto a estimo! — disse, chorando. — Porque não havemos de nos tratar como irmãs? Escrever-nos-emos... e eu estimá-la-ei sempre... estimá-la-ei tanto... tanto...

— Falou-lhe no nosso casamento, em junho? — perguntou Natascha.

— Falou. Disse-me que dera o seu consentimento. Compreendi que o fez para o acalmar. Escrever-lhe-ei... Voltará... para casa de seus pais, não?

Por única resposta, Natascha abraçou-a com efusão.

— Seja feliz! — disse ela por fim.

— E a senhora... também! — disse Katia.

Neste momento Alyosha abriu a porta e entrou.

Vendo-as assim abraçadas e a chorar, pôs-se a chorar também e caiu de joelhos junto delas.

— Porque choras? — perguntou Natascha. — Não nos separamos por muito tempo... Estarás de volta dentro de um mês...

— E casar-se-ão então — apressou-se Katia a acrescentar.

— Não poderei viver um só dia longe de ti. Que irei fazer sem estares a meu lado? Não imaginas o quanto te amo...

— Arranjarás tudo muito bem — disse Natascha, animando-se. — A senhora fica alguns dias em Moscovo?

— Fico. Oito dias, mais ou menos.

— Oito dias. Perfeitamente! Partes amanhã e acompanharás a Katia a Moscovo. Isto não te levará mais de um dia. Voltas imediatamente e dentro de oito dias despedimo-nos por um mês.

— Isso, isso. Assim podereis passar ainda alguns dias juntos! — exclamou triunfante Katia, trocando um olhar de inteligência com Natascha.

É impossível de descrever a alegria de Alyosha ante esta inesperada proposta. Sentiu-se como que aliviado: de fisionomia radiante, lançou-se ao pescoço de Natascha, cobriu de beijos as mãos de Katia e abraçou-me até a mim. Natascha olhava-o com um sorriso amargo. Katia porém não pôde suportar esta cena e, presa da mais violenta emoção, abraçou fortemente Natascha e levantou-se para sair. Nesta mesma altura o criado veio anunciar da parte da dama de companhia que terminara o tempo combinado.

Natascha ergueu-se e as duas ficaram um momento de pé, frente a frente, de mãos dadas; dir-se-ia quererem transmitir com os olhos, uma à outra, todos os sentimentos que lhes enchiam as almas.

— Nunca mais nos veremos! — murmurou Katia.

— Nunca mais! — repetiu Natascha.

Abraçaram-se.

— Não me maldiga — disse Katia baixinho. — Eu... sempre... fique certa... será feliz... Vem comigo, Alyosha! — acrescentou, tomando-lhe o braço.

— Ivan! — disse-me Natascha, vencida pela emoção mal eles saíram. — Vai com ela e... não voltes tão cedo. O Alyosha ficará comigo até às oito horas... Depois ficarei só. Volta às nove, peço-te!

Quando a essa hora — depois da história da chávena quebrada e de ter deixado Nelly em companhia de Alexandra — cheguei a casa de Natascha, estava sozinha e esperava-me com impaciência. O chá estava quente e encheu-me uma chávena, fazendo-me sentar ao seu lado.

— Agora tudo acabou — disse, fixando em mim um olhar que nunca esquecerei. — O nosso amor findou. Em seis meses uma vida inteira! — acrescentou, apertando a minha mão nas suas mãos escaldantes. — Estou aniquilada... Amanhã vê-lo-ei *pela última vez!* Há uma hora que saiu e que estou à tua espera, pensando... sabes em quê, Ivan? Sabes a pergunta que fazia a mim mesma? Perguntava-me se o amei de facto e o que foi o nosso

amor! Não achas interessante, Ivan, que tenha esperado até agora para cogitar nisso?

— Acalma-te, Natascha!

— Pois bem, Ivan... cheguei à conclusão que não o amava como a um igual, como se ama um amante. Amava-o... quase como mãe!

A sua comoção tornava-se cada vez maior, mas febril; sentia a necessidade de falar, no entanto as palavras eram desconexas e meio desarticuladas. A minha inquietação aumentava.

— Era meu — continuou. — Desde a primeira vez que o vi, senti nascer em mim um indizível desejo de que me pertencesse, de que só a mim estimasse. Amava-o tanto que tinha a impressão de que me inspirava piedade... Quando ficava só, devorava-me constantemente o desejo de o ver mais feliz do que ninguém no mundo, e este desejo chegava algumas vezes a ser tormento. Era-me impossível fitá-lo sem emoção. O seu rosto tinha expressões (sabe-lo bem, Ivan) como nenhum outro pode ter! Quando ria, percorria-me o corpo todo um estremecimento...

— Natascha, escuta...

— Diziam frequentemente — recomeçou ela, interrompendo-me —, e tu também, que ele não tinha caráter... que o seu espírito era acanhado como o de uma criança. Pois era o que eu mais estimava nele, acreditas? Nem mesmo sei se era isso apenas o que eu estimava. Amei-o tal como ele era, e se não fosse assim, talvez não o tivesse amado. Lembras-te, quando discutimos, há três meses, na altura em que foi a casa de uma certa Minna... Vigiei-o... e imagina lá!... sofria com isso, mas ao mesmo tempo experimentava um sentimento doce, agradável... não sei porquê... talvez pela simples ideia de que se divertia... que fazia como os outros homens, que tinha também as suas aventuras! Quanta delícia achava nessa história... Depois veio a reconciliação... Ah, querido...

Olhou para mim e começou a rir, num riso estranho: depois recaiu no seu mutismo, parecendo pôr em ordem as suas lembranças. Durante muito tempo permaneceu sentada, com um sorriso nos lábios, perdida, a recordar o passado.

— Gostava sobretudo de lhe perdoar — continuou. — Quando me abandonava, passeava no meu quarto e, na minha desolação, entre as minhas lágrimas, dizia a mim mesma que quantas mais culpas tivesse para comigo melhor seria. Sim, na verdade... considero-o como uma criancinha. Sentava-me ali e ele deitava a cabeça nos meus joelhos e adormecia.

Acariciava-o então, passando-lhe as mãos pelos cabelos. Era assim que o imaginava, quando não estava junto de mim.

Calou-se um instante e de repente murmurou:

— É encantadora esta Katia!

Ela mesma, porém, empregava todos os esforços por tornar maior a ferida aberta. Sentia a necessidade de se despertar, de sofrer... como acontece frequentemente quando o coração foi ferido da forma mais rude.

— Creio que há de fazê-lo feliz — prosseguiu. — Tem firmeza de caráter, fala com convicção e é grave e severa com ele. Só conversa em coisas razoáveis. Parece uma pessoa de uma certa idade e não passa de uma criança! Oxalá possam ser felizes! Sim, sim, oxalá sejam felizes!

As lágrimas e os soluços escaparam-se-lhe de súbito do peito opresso. Durante meia hora esteve sem encontrar um pouco de calma. Pobre anjo! Essa noite ainda, não obstante a sua grande desventura, quis partilhar dos meus desgostos quando, ao vê-la mais tranquila, ou melhor, mais fatigada, e para a distrair um pouco, lhe contei as angústias devidas a Nelly. Não a deixei senão muito tarde, depois de ter adormecido e após ter recomendado a Mavra que passasse a noite a seu lado.

No dia seguinte, às nove horas da manhã, voltei a casa de Natascha. Alyosha chegou ao mesmo tempo que eu para se despedir dela. Nada direi dessa entrevista, nem mesmo quero reavivar a lembrança dessa cena. Natascha tinha, sem dúvida, resolvido abafar a sua dor, parecer indiferente, alegre mesmo, todavia as suas forças traíram-na. Apertou convulsivamente o amante nos braços, olhou-o longamente em silêncio com um olhar desvairado, bebendo as suas palavras, mas sem as ouvir, segundo creio. Alyosha pediu-lhe para lhe perdoar todo o mal que lhe causara, todas as suas traições, os seus amores por Katia, a sua partida, mas tudo dito por frases entrecortadas e desconexas. As lágrimas sufocavam-no.

Entretanto, em saltos bruscos, consolava-a, lembrava-lhe que iria apenas por quatro ou cinco semanas, que voltaria, que casariam, ou ainda que estaria de volta de Moscovo dois dias depois, que passariam ainda juntos quatro dias e portanto a sua separação por agora não seria superior a um dia.

Coisa estranha... falava perfeitamente convencido de que dizia a verdade: a de ver Natascha um dia depois. Por que motivo havia de se atormentar e chorar tanto?

O relógio bateu por fim as onze horas. Com dificuldade o convenci a ir embora, lembrando-lhe que o comboio partia ao meio-dia. À porta, Natascha fez-lhe o sinal da cruz na fronte, abraçou-o, tapou o rosto com as mãos e fugiu para dentro do quarto. Fui obrigado a acompanhar Alyosha até ao carro, pois de contrário voltaria outra vez.

— Toda a minha esperança está em ti — disse-me ao descer as escadas. — Embora tenha cometido muitas faltas para contigo e seja indigno da tua amizade, sê até final, para mim, um irmão: ama-a muito, não a abandones e dá-me sempre notícias suas- Estarei de volta depois de amanhã, de certeza, de absoluta certeza, mas depois, quando voltar a partir, escrever-me-ás, não?

Fi-lo subir para o carro.

— Depois de amanhã! — exclamou, ao partir. — Depois de amanhã sem falta!

Subi de novo a casa de Natascha com o desespero na alma. Estava de pé no meio da sala, com os braços cruzados, os olhos espavoridos, parecendo não me reconhecer, os cabelos despenteados e um olhar medonho. Mavra estava à porta, louca de medo.

— Ah, és tu, és tu! — exclamou Natascha de súbito. — Eis-te sozinho, agora. Odiava-lo! Nunca lhe pudeste perdoar o meu amor. Que vens fazer junto de mim? Consolar-me? Exortar-me a que volte para casa de meus pais... de meus pais... de meu pai, que me abandonou e maldisse? Já esperava isso, já o sabia... há muito! Não quero voltar! Não quero... não quero! Também o amaldiçoo! Vai-te! Ver-te é para mim um suplício! Vai-te... Vai-te!

No estado de superexcitação em que se encontrava, a minha presença punha-a fora de si. Entendi ser melhor afastar-me. Sentei-me no último degrau da escada e esperei. De tempos a tempos entreabria a porta para interrogar Mavra. Esta não fazia outra coisa senão chorar.

Permaneci assim mais de uma hora, dominado pela mais violenta tortura. A certa altura a porta abriu-se e Natascha correu para a escada. Tinha o aspeto de uma louca. Pusera o chapéu e vestira o casaco. Mais tarde disse-me não saber para onde ia, nem o que ia fazer. Não tive tempo de me levantar e de me esconder. Avistou-me e parou, como que petrificada, na minha frente. «Lembrei-me», disse-me também mais tarde, «como pudera, mesmo num acesso de loucura, correr-te de minha casa, a ti, meu amigo, meu irmão e meu salvador! E quando te vi, pobre amigo, a

quem tão cruelmente ofendera, sentado na escada, diante da minha porta, aguardando o momento do meu arrependimento e de voltar a chamar-te... Grande Deus! Se soubesses o que senti então: pareceu que me enterravam um punhal no coração!»

— Ivan! Ivan! — exclamou ela, estendendo os braços para mim. — És tu?!

E caiu desmaiada.

Corri a ampará-la e levei-a para o quarto. Quando vi que não voltava a si, e receando que estivesse seriamente enferma, resolvi ir procurar o meu velho doutor. Regra geral estava em casa pelas duas horas. Ordenei a Mavra para não a deixar sozinha, um minuto sequer, e parti a toda a pressa. Deus ajudou-me! Um minuto de atraso e eu não teria encontrado o velho doutor. Estava à porta de casa. Fi-lo subir para o meu carro e só deu conta de si quando já tínhamos andado metade do caminho.

Sim! Deus ajudava-me... Durante a meia hora da minha ausência passara-se em casa de Natascha um acontecimento tão extraordinário que poderia ter terminado por a matar se me demorasse a chegar.

Um instante após a minha partida chegou o príncipe. Vinha diretamente da estação. Foi sem dúvida uma visita resolvida muito antes e refletida maduramente. Natascha contou-me que, devido ao seu estado de excitação, a chegada do príncipe não lhe causara a mínima surpresa. Sentara-se diante dela e pusera-se a olhá-la com um ar afável e complacente.

— Querida amiga — dissera-lhe, suspirando —, compreendo a sua dor e calculava já quanto este momento lhe seria penoso. Por isso considerei como um dever vir visitá-la. Console-se tanto quanto possível, e muito em especial pensando que com a sua renúncia fez a felicidade do Alyosha. Sabe-o melhor do que eu, pois foi por sua livre vontade que decidiu fazer esse generoso sacrifício.

Natascha ouvia-o sem compreender e fitava-o com olhos de espanto. Pegara-lhe nas mãos e parecia experimentar um certo prazer em lhas apertar. Natascha estava num estado de insensibilidade tão grande que nem mesmo teve a ideia de retirar as mãos.

— Compreendeu — prosseguiu ele — que se o Alyosha tivesse casado consigo, poderia odiá-la mais tarde. Teve um nobre orgulho em confessar isto a si mesma e em tomar esta resolução heroica... mas não vim aqui para a elogiar. Vim apenas dizer-lhe que nunca terá um amigo melhor do

que eu. Compartilho a sua dor e lamento-a. Meti-me neste assunto bastante contrafeito, ainda que não acredite. Fiz o meu dever. O seu excelente e nobre coração compreenderá tudo isto e perdoar-me-á... Sofri mais do que a senhora, talvez...

— Basta, príncipe! — disse Natascha. — Por favor, deixe-me!

— Não a aborrecerei muito — replicou ele. — Estimo-a como se fosse minha filha e espero que me permita vir vê-la amiúde. Queira considerar-me desde já como um pai e fique persuadida de que serei feliz se lhe puder ser útil, caso consinta.

— De nada preciso! Deixe-me! — disse Natascha, interrompendo-o.

— É altiva... sei bem... Falo-lhe porém com o coração nas mãos. Quais são os seus intuitos? O que pretende fazer agora? Reconciliar-se com a sua família? Era o que de melhor tinha a fazer, mas seu pai é injusto consigo. É orgulhoso, despótico (peço-lhe perdão da minha franqueza, todavia é a pura verdade). Não encontrará na casa paterna senão censuras e tormentos. É preciso manter-se livre e independente, e é para mim o mais sagrado dos deveres cuidar de si e ajudá-la. O Alyosha recomendou-me para a não abandonar, para não deixar de ser seu amigo, bem como outras pessoas que lhe são sinceramente dedicadas. Apresentar-lhe-ei, se mo permite, o conde N... um parente e o benfeitor da minha família. Fez muito pelo Alyosha, o qual sempre o estimou e respeitou bastante. É um homem de uma grande influência e, dada a sua idade, poderá perfeitamente, embora não seja casada, recebê-lo em sua casa. Talvez lhe possa arranjar uma excelente colocação... junto de uma das suas parentas. Expliquei-lhe já há muito o nosso negócio. Ficou impressionado com a sua conduta nobre e pediu-me para lho apresentar o mais depressa possível. É um coração de ouro, sensível a tudo quanto é belo, pode crer, além de ser um velho respeitável, generoso e sabendo apreciar o mérito. Ainda muito recentemente, numa certa circunstância, agiu muitíssimo bem em relação a seu pai.

Natascha levantou-se, como se tivesse sido mordida por uma víbora. Compreendera.

— Deixe-me, deixe-me imediatamente — disse ela.

— Mas, minha querida amiga, esquece-se de que o conde pode ser útil a seu pai...

— Meu pai nada quer do senhor. Deixe-me!

— Oh, meu Deus! Que impaciente... Que desconfiada... Como tornar-me agradável? — disse, lançando em volta um olhar inquieto e tirando ao mesmo tempo um pacote do bolso. — Permita-me que lhe deixe uma prova do meu interesse e do conde N... meu conselheiro. Este pacote contém dez mil *rublos*. Espere, minha querida — acrescentou, vendo Natascha levantar-se encolerizada —, escute até ao fim e depois dirá. Seu pai perdeu o processo; estes dez mil *rublos* serão uma indemnização...

— Fora daqui! — gritou Natascha. — Fora daqui, o senhor e mais o seu dinheiro! Estou a conhecê-lo cada vez melhor... seu covarde, seu canalha!

O príncipe levantou-se pálido de raiva. Viera talvez sondar o terreno, convencido de que os dez mil *rublos* a seduziriam, pois achava-se pobre e abandonada de todos.

O miserável fora já, muitas vezes, encarregado de missões análogas pelo conde N... um velho libertino. Odiava Natascha e, ao ver que nada conseguia, mudou de tom.

— Enraivece-se, minha querida, e não faz bem, nada bem mesmo. Venho oferecer-lhe auxílio e proteção! Esquece-se de que deve ter por mim a mais viva gratidão. Já há muito a poderia ter internado numa casa de correção, na qualidade de pai de um rapaz que a senhora depravou, que a senhora roubou! E nada fiz até agora!

Tínhamos entrado, eu e o doutor, um pouco antes, na antecâmara. Ao ouvir uma voz estranha, segurei o doutor um segundo e escutei. A última frase do príncipe, seguida de uma gargalhada horrível e através da qual ouvi um grito desesperado, chegou aos meus ouvidos. Abri a porta e atirei-me sobre o príncipe.

Esbofeteei-o e cuspi-lhe na cara.

Quis responder-me, mas vendo que não estava só, fugiu depois de ter apanhado o livro dos cheques.

Corri atrás dele, brandindo o primeiro objeto que apanhei ao atravessar a cozinha.

Quando voltei ao quarto encontrei o médico tentando segurar Natascha, a qual se debatia com uma forte crise nervosa.

Levámos muito tempo a acalmá-la. Por fim conseguimos deitá-la na cama. Delirava.

— É grave o seu estado, doutor? — perguntei, assustadíssimo.

— Espere — respondeu ele —, deixe-me refletir um pouco... É um caso grave. Isto poderá acarretar complicações. Vamos, porém, tomar as nossas precauções.

Surgiu-me entretanto uma ideia. Pedi ao médico para ficar junto da doente durante duas ou três horas. Mal me prometeu não a abandonar, corri a casa.

Nelly estava sentada a um canto, de aspeto sombrio e agitada. Olhou-me surpreendida e na verdade a minha expressão devia ser bem estranha.

Sentei-me no sofá, puxei-a para mim e beijei-a com efusão. Corou.

— Minha querida filha — disse-lhe —, queres ser a nossa salvadora? Queres salvar-nos a todos?

Olhou-me, ansiosa.

— És tu a nossa única esperança! Há um pai, já o viste, já o conheces, que amaldiçoou a filha. Ontem veio pedir-te para ires para sua casa fazer-lhe companhia. Agora essa filha (já me disseste que a estimavas) foi abandonada por aquele que a levou a deixar o pai. Foi abandonada pelo filho do príncipe, desse homem que esteve aqui uma noite e de quem fugiste. Não o esqueceste, pois não? Ficaste doente nesse dia e no outro... Conheces, portanto, esse homem mau?

— Conheço — respondeu ela, estremecendo e fazendo-se muito pálida.

— Esse homem mau odeia a Natascha porque o filho quis desposá-la. O Alyosha embarcou hoje e, uma hora depois, o pai foi a casa dela. Insultou-a, ameaçou-a com a prisão, riu-se e zombou dela. Compreendes?

— Compreendo — respondeu, tão baixo que eu mal ouvi.

— A Natascha está só e doente. Deixei-a com o nosso médico e corri para junto de ti. Vem, Nelly, iremos a casa do pai dela. Não gostas dele, recusaste ir lá, mas agora iremos os dois. Entraremos e eu dir-lhe-ei que vais para ser sua filha. O pobre velho está doente porque amaldiçoou a Natascha e porque o pai do Alyosha o ofendeu muito. Não quer ouvir falar na filha e, entretanto, ama-la e quer reconciliar-se com ela, tenho a certeza disso! Ouves, Nelly?

— Ouço — respondeu-me, sempre em voz baixa.

Enquanto eu falava, não pôde conter as lágrimas.

— Acreditas que te estou dizendo a verdade?

— Acredito.

— Bem... Vou acompanhar-te a casa deles. Serás bem recebida e acarinhada. Encaminharei a conversa de modo a que te interroguem sobre o teu passado, a tua mãe e o teu avô. Contar-lhe-ás tudo, como fizeste a mim. Contarás como a tua mãe foi abandonada por um homem mau, como morreu no sótão da casa Boubnov, como tu e ela íeis, juntas, esmolar pelas ruas, o que ela te dizia e o que te pediu para fazeres, depois da sua morte... Falarás também do teu avô. Contarás como não quis perdoar à tua mãe, como ela te mandou a sua casa implorar o seu perdão, como ele recusou... e como a filha morreu... Contar-lhe-ás tudo. E à medida que fores contando, o velho irá sentindo o coração estalar. Sabe como a filha dele está só, humilhada, ofendida, sem recursos, sem defesa, exposta aos insultos do inimigo. Sabe tudo isto... Nelly! Vem salvá-lo! Queres?

— Quero.

A sua respiração era curta. Fitou-me de um modo estranho, fixo e penetrante, sentindo-lhe nos olhos um pensamento de reprovação.

Agarrei-a pela mão e saímos. Eram duas horas da tarde. O céu estava encoberto e a atmosfera quente e pesada.

Ouviam-se ao longe os primeiros trovões da primavera e o vento levantava a poeira das ruas.

Tomámos um carro. A pequena não falou durante toda a viagem. Olhava-me apenas de quando em quando, com o mesmo olhar estranho e perscrutador. Tinha o peito agitado e ouvia-lhe o coraçãozito bater tão fortemente, que parecia querer fugir.

Capítulo 7

Os Ikhmeniev estavam sós, como de costume. O velho, excitado e doente, dormitava num sofá, com um lenço amarrado na testa. A companheira, sentada ao lado, molhava-lhe as têmporas com vinagre. O seu olhar ansioso e cheio de dor não deixava um instante de observar o velho, a quem esta solicitude parecia inquietar e aborrecer, pois fechava-se no mais obstinado mutismo. A nossa chegada causou-lhe surpresa e Ana pareceu mesmo amedrontada, como se tivesse sido apanhada numa falha.

— Trago-lhes a minha Nelly — disse ao entrar. — Mudou de opinião e deseja viver com os dois. Peço-lhes para a receberem e estimarem...

O Ikhmeniev olhou-me desconfiado. Pela expressão do rosto adivinhei logo que estava ao corrente de tudo: já sabia de Natascha estar só, abandonada, desamparada, e talvez também dos insultos.

Olhou-nos, a um por cada vez, com um olhar investigador, procurando penetrar o secreto motivo da nossa chegada. Nelly, toda trémula, baixou a cabeça e só de relance deitou um olhar receoso em volta; era como pássaro aprisionado há pouco.

Ana não demorou muito a voltar ao seu natural. Correu para Nelly, beijou-a e prodigalizou-lhe toda a espécie de meiguices e carinhos. Depois, emocionada até às lágrimas, sentou-a ao pé de si e manteve-a carinhosamente apertada nos braços. A pequena olhava-a de relance, curiosa e surpreendida.

Depois de a abraçar muito e não sabendo mais como fazer, virou-se para mim numa ingénua espectativa. Nicolai, todo concentrado, parecia compreender a razão porque levara Nelly. Vendo-me porém reparar na sua expressão de descontentamento e na sua testa enrugada pelo mau humor, levou a mão à cabeça, dizendo-me:

— Dói-me a cabeça, Ivan.

Ficámos um momento sentados, sem nada dizer. Por mim procurava uma palavra para quebrar aquela cena quando uma nuvem negra escureceu o pedaço de céu que se via das janelas e ficámos numa meia penumbra. Ouviu-se um trovão.

— Começa a trovejar cedo este ano — disse Ikhmeniev. — É raro acontecer isto. Só me lembro de em 37 termos tido uma tempestade ainda mais cedo.

Ana suspirou a esta reminiscência.

— Será bom preparar a chaleira? — perguntou.

Ninguém lhe respondeu. Virou-se por isso para Nelly.

— Como te chamas, minha pequena?

— Nelly — respondeu ela sem levantar os olhos.

O velho não deixava de a olhar.

— Isso quer dizer Elena, não é?

— Quer.

— A minha irmã Prascovia tinha uma sobrinha Elena — disse Ikhmeniev —e nós chamávamos-lhe também Nelly.

— Então, pequena, não tens pai nem mãe, nem ninguém? — continuou Ana.

— Ninguém.

— Foi isso que me disseram. Quando morreu a tua mãe?

— Há pouco tempo.

— Pobre pequena! Não tens então ninguém? — continuou a boa senhora, olhando Nelly com piedade enquanto o marido tamborilava com os dedos sobre a mesa. — A mãe era estrangeira, não era, Ivan? — perguntou-me, hesitante.

Nelly olhou-me. A sua respiração era difícil e desigual.

— A mãe — disse eu como introdução — era filha de um inglês e de uma russa. A Nelly nasceu no estrangeiro.

Ante o rubor que tingiu subitamente as faces da pequena, a boa velha compreendeu ter tocado num assunto delicado.

O marido lançou-lhe um ar severo que a fez estremecer.

— A mãe foi enganada por um homem mau e cobarde — disse ele de súbito, dirigindo-se à esposa. — Fugiu com ele da casa paterna, levando todo o dinheiro que o pai tinha. O amante, depois de ter conseguido levá-la a tirar esse dinheiro, astuciosamente e de má fé, levou-a para o estrangeiro, onde a espoliou e abandonou. Um homem de coração socorreu-a e não a desamparou até morrer, isto há dois anos. A pobre infeliz quis então voltar para casa do pai. Não foi assim que me contaste, Ivan?

Nelly, dominada por uma forte emoção, levantou-se e deu alguns passos em direção à porta.

— Vem para junto de mim, Nelly — disse o velho, estendendo-lhe as mãos. — Senta-te aqui ao meu lado.

Baixou-se para ela, beijou-a na testa e pôs-se a passar-lhe a mão pelos cabelos. Ela tremia toda, mas fez-se de forte.

Ana, cheia de alegria e esperança, olhou para o marido, que se deixara por fim comover, e acariciou também a órfã.

— Sei, Nelly, que esse homem mau e pervertido perdeu a tua mãe e sei também que ela respeitava e amava seu pai — disse ele muito emocionado.

E continuava a ameigar a criança enquanto dizia estas palavras, dirigidas a nós como uma espécie de desafio. Um ligeiro rubor lhe coloriu o rosto, até então pálido, e evitou o nosso olhar.

— A mãezinha amava mais o avô do que o avô a ela — disse a pequena com voz surda.

— Que sabes tu disso? — perguntou vivamente o velho, não se dominando tanto como a pequena.

— Sei. Não quis tornar a ver a minha mãe! Expulsou-a — continuou Nelly.

Nicolai quis replicar. Ia dizer, sem dúvida, que o avô tinha tido as suas razões para não receber a filha, mas olhou-nos e calou-se.

— Onde vivíeis quando o avô recusou receber-vos? — perguntou Ana, que pretendia que a conversa continuasse.

— Quando chegámos, levámos muito tempo a procurar o avô, sem o encontrarmos — respondeu ela. — Fora muito rico e pretendera mesmo montar uma fábrica; contudo, nessa ocasião, estava pobre porque esse com quem a mãe fugira tirara-lhe o dinheiro todo e não lho tornara a entregar. Foi a minha mãe mesmo quem mo contou...

— Hem — fez o velho.

— Contou-me também — continuou a pequena, animando-se cada vez mais e dirigindo-se a Ana, mas parecendo querer responder a Nicolai — que o avô estava muitíssimo zangado com ela, pois cabiam-lhe todas as culpas, visto ter procedido muito mal para com ele, a única pessoa amiga que tinha no mundo. E enquanto me dizia isto, não cessava de chorar... «Não me perdoará», dizia ela quando regressámos do estrangeiro, «porém, talvez ao ver-te te ame e me perdoe por tua causa». A minha mãe era

muito minha amiga e não parava de me beijar enquanto me dizia isto. Tinha um medo horrível de ir para casa do avô. Rezava por ele e ensinou-me a fazer o mesmo. Contava-me muitas coisas da sua mocidade, da sua vida junto do avô. Nesse tempo era ela o seu maior amor. Tocava piano, lia-lhe sempre qualquer coisa à noite, e então o avô beijava-a e dava-lhe presentes... Gostava muito de lhe fazer surpresas. Uma vez tiveram um amuo, porque a minha mãe soubera antes o presente que ia receber. Desejava muito uns brincos e o avô divertia-se, dizendo-lhe: «Só te dou um alfinete». Quando trouxe os brincos e percebeu que a minha mãe já o sabia, aborreceu-se e não lhe falou até ao jantar. Depois, porém, foi ele próprio que a foi abraçar e pedir-lhe perdão...

Nelly deixou-se empolgar com este seu relato; as faces magras estavam rubras e ardentes.

A pobre mãe devia ter falado muitas vezes a Nelly nesse tempo feliz, nesses dias de ventura... e quando estava sentada, no sótão negro e infeto que lhe servia de morada, mantinha-se abraçada à filha, cobrindo-a de beijos — o único consolo que lhe restava. Por outro lado, quando chorava sobre a sua cabeça, não duvidava que um grande número de narrativas achavam eco no coração impressionável e precocemente desenvolvido da enferma filhita.

De repente Nelly pareceu perceber que se deixara arrastar pelas suas lembranças; olhou em volta com inquietação e calou-se. O velhote franziu as sobrancelhas e continuou a tamborilar sobre a mesa. Uma lágrima brilhava nos olhos de Ana.

— Após a nossa chegada aqui, a mãe esteve muito tempo doente — recomeçou Nelly com voz surda. — Tinha dores no peito... Já tínhamos alugado um outro canto, num sótão.

— Meu Deus! Doente como ela estava?! — exclamou Ana.

— A minha mãe era muito pobre — prosseguiu ela, animando-se cada vez mais. — Dizia-me: «Não é pecado ser pobre, mas é pecado ser rico e fazer mal aos outros.»

— Era em Vassili-Ostrow, em casa da Boubnov, que moravam? — perguntou o velho, voltando-se para mim e afetando um tom indiferente.

— Não. Vivemos primeiro na Mestchanskaia, num sótão húmido e sombrio, e a mãezinha caiu gravemente doente; podia, no entanto, levantar-se ainda. Vivia também connosco uma velha mulher, a viúva de um capitão, e depois um antigo funcionário, um velho que estava sempre

embriagado e fazia grande algazarra todas as noites. Tinha-lhe um medo horrível, por isso a mãezinha levava-me para a sua cama, apertando-me nos seus braços. Punha-me a tremer sempre que ele gritava ou blasfemava. Uma vez quis bater na viúva do capitão. Era já tão velhinha que só andava agarrada a uma bengala. A mãezinha tomou a sua defesa. O bêbado bateu-lhe e eu atirei-me a ele.

Nesta altura parou, sufocada pela comoção.

— Senhor meu Deus! — exclamou Ana, que não deixara de observar a pequena e seguira a narrativa com um vivo interesse.

— A minha mãe agarrou-me pela mão — prosseguiu Nelly — e saímos. Andámos pelas ruas até à noite. A minha mãe não cessava de chorar. Nada tínhamos comido e eu estava bastante cansada. Dizia-me, como se falasse consigo mesma: «Sê pobre, Nelly, e quando eu morrer não atendas a ninguém, não queiras ouvir coisa alguma. Não frequentes a casa de quem quer que seja; fica sozinha e trabalha. Se não achares trabalho, pede esmola, mas não vás a casa *deles».* Ao cair da noite, quando atravessávamos uma rua principal, a minha mãe começou de repente a gritar: «Azor! Azor!» e um grande cão, todo pelado, correu para nós, saltando e ladrando. A mãezinha soltou um grito e caiu de joelhos diante de um velho alto, que caminhava, apoiando-se a uma bengala e bastante curvado. Era o avô... Estava extremamente magro e o fato velho e usado. Era a primeira vez que o via. Ficou tão surpreendido como a minha mãe ao vê-la ajoelhada diante dele. Repeliu-a, bateu com a bengala nas pedras da rua e afastou-se precipitadamente. O pobre cão costumava latir e lamber as mãos e o rosto da minha mãe. Nessa altura, ao ver o avô afastar-se, puxou-o pela aba do casaco para o obrigar a voltar atrás. Ele porém deu-lhe uma pancada com a bengala. O Azor voltou ainda uma vez, mas o avô chamou-o. Afastou-se, ladrando e uivando. A minha mãe, prostrada na rua, deu-me a impressão de estar morta. O povo havia-se agrupado à nossa volta e apareceram mesmo uns polícias. Ajudaram-me a levantá-la. Uma vez em pé, olhou em volta e deixou que a levasse para casa. Dos que se juntaram, uns viram-nos partir e outros afastaram-se meneando a cabeça.

Parou para respirar. Estava da cor da cera, mas havia qualquer coisa de resoluto no seu olhar; estava decidida a ir até ao fim, a contar tudo, o rosto tomara-lhe uma expressão de desconfiança.

— Nada há de extraordinário nisso — resmungou Nicolai, com uma voz surda e irritada. — A tua mãe ofendera-o muitíssimo e ele tinha o

direito de...

— A minha mãe dizia-me o mesmo — replicou Nelly com vivacidade. — Enquanto voltávamos para casa, foi-me dizendo: «Nelly, é teu avô e eu procedi muito mal para com ele. Amaldiçoou-me e agora Deus castiga-me!» Toda a noite e nos dias seguintes não fez mais do que repetir esta frase. Ao falar, dava-me a impressão de ter perdido o seu bom senso...

— Mudaram então de casa? — perguntou Ana, enxugando os olhos.

— Durante a noite a minha mãe passou muito mal. A viúva do capitão conseguiu alojar-nos em casa da Boubnov e por isso, no dia seguinte, mudámos as três. Esteve três semanas de cama e era eu quem tratava dela. Como não tínhamos dinheiro, a viúva do capitão ajudava-nos e Ivan Alexandrovitch também.

— É o fabricante de caixões mortuários — expliquei eu.

— Quando melhorou e pôde passear um pouco pelo quarto, começou a falar no Azor.

Ikhmeniev pareceu satisfeito ao ver a conversa mudar para Azor.

— Que te disse ela do Azor? — perguntou ele, curvando-se um pouco.

— Enquanto esteve doente, mesmo durante o delírio, não deixava de falar no avô. Quando melhorou, começou a contar-me a sua vida... Só então falou no Azor. Tinha-o comprado certo dia a uns pequenos, quando tentavam atirá-lo ao rio. Deu-lhes dinheiro e ficou com o cão. O avô achou graça ao cachorro e riu-se muito quando o viu. Algum tempo depois o Azor fugiu e a minha mãe chorou tanto que o avô, assustado, prometeu cem *rublos* de recompensa a quem o achasse. Trouxeram-no ao fim de três dias e o avô deu os cem *rublos*. O Azor pertencera a uns palhaços ambulantes. Tinham-lhe ensinado uma série de coisas: corria com um macaco no dorso, fazia exercícios com uma arma e sabia fazer uma série de piruetas. Quando a minha mãe fugiu da casa do avô, o cão ficou com ele e levava-o sempre quando saía. Por isso, quando viu o cão na rua, deduziu logo que o avô devia andar perto.

Ikhmeniev, que contava com Azor para mudar de conversa, recaiu no seu mutismo.

— E não viste mais o teu avô? — perguntou Ana.

— Oh, sim! Quando ela melhorou, encontrei-o outra vez. Tinha ido comprar pão quando vi o cão; reparei no homem que o seguia e reconheci o avô. Encostei-me à parede para o deixar passar; olhou para mim muito tempo, muito tempo mesmo, que cheguei a ter medo. Foi-se porém

embora, sem dizer nada... O Azor reconheceu-me e começou a saltar, muito contente, lambendo-me as mãos. Corri para casa. À esquina da rua olhei para trás e vi o avô entrar numa loja. Pensei tivesse ido pedir informações e fiquei ainda mais inquieta. Não contei isto à minha mãe para a não assustar. No dia seguinte queixei-me de dores de cabeça e por isso não saí de casa; no outro dia fui às compras a correr e não o encontrei. No quarto dia, ao dobrar uma esquina, encontrei-me com eles. Fugi apressada por uma viela e entrei numa loja pela porta do fundo. Ao sair, porém, esbarrei com ele, e dessa vez fiquei tão assustada que parei, incapaz de dar um passo. Ficou outra vez muito tempo a olhar para mim. Passou-me depois a mão pela cabeça, carinhosamente, e agarrando-me pela mão levou-me com ele. O Azor seguiu-nos, sacudindo a cauda. O avô caminhava todo curvado, apoiando-se a uma bengala. As mãos tremiam-lhe. Levou-me a um estabelecimento e comprou-me um galo e um peixe feito de pão doce, alguns bombons e uma maçã. Quando abriu a carteira, as mãos tremiam-lhe tanto que deixou cair uma moeda de cinco *kopeks*. Apanhei-a e entreguei-lha. Fez-me presente dela. Entregou-me depois o embrulho das compras, passou-me de novo a mão pelos cabelos e afastou-se, sempre sem me falar. Contei isto à minha mãe. Duvidou a princípio, mas terminou por acreditar. Alegrou-se muito e fez-me umas poucas de perguntas. Beijava-me e chorava. Quando acabei de lhe contar tudo, aconselhou-me a não ter mais medo dele, visto ter gostado de mim, e provavelmente ter vindo por minha causa. Recomendou-me ainda para ser muito boa e carinhosa com ele. No dia seguinte choveu. A mãe fez-me sair várias vezes pela manhã, embora lhe dissesse que o avô só vinha à tarde; ela seguia-me de longe, escondendo-se nos portais das casas. No outro dia fez a mesma coisa, mas o avô não apareceu. Continuava a chover; resfriou-se e foi obrigada a ir para a cama. Só o encontrei no oitavo dia. Comprou-me outro peixe de pão e outra maçã, mas ainda desta vez não me falou. Quando me deixou, segui-o, pois queria saber onde ele vivia para o dizer à minha mãe. Fui atrás dele, do outro lado da rua. Morava longe, não na casa onde morreu, mas noutra rua, numa casa muito grande, num quarto andar. Já era tarde quando voltei para casa. A minha mãe não sabia o que acontecera e por isso estava muito inquieta. Quando lhe contei tudo, ficou satisfeita e disse-me que iria a casa do avô na manhã seguinte. Ao aproximar-se a hora de partir, refletiu, teve medo de ir e esteve assim indecisa durante três dias... Por fim renunciou a essa ideia. Chamou-me e

disse-me: «Nelly, estou muito doente para ir a casa do teu avô. Escrevi-lhe uma carta e vais levar-lha. Olharás para ele enquanto a estiver lendo e prestarás atenção ao que disser ou fizer. Depois ajoelha-te na sua frente e pede-lhe perdão para a tua mãe». Chorava ao fazer-me estas recomendações. Em seguida ajoelhámos diante da imagem da Virgem, rezámos, fez-me o sinal da cruz e abençoou-me. Embora doente, veio comigo até à porta da rua, onde esteve muito tempo, seguindo-me com os olhos. Encontrei a porta aberta. O avô estava sentado à mesa a comer um pedaço de pão seco. O cão olhava para ele, agitando a cauda. As janelas do quarto eram muito pequenas e por móveis tinha apenas uma mesa e uma cadeira. Quando me viu, assustou-se e começou a tremer. Cheia de medo, sem poder falar, aproximei-me da mesa e coloquei a carta na sua frente. Mal a viu, encolerizou-se, levantou-se bruscamente, pegou na bengala e levantou-a sobre a minha cabeça, como quem me ia bater. Não se atreveu porém a tal. Agarrou-me pela mão e levou-me até à porta, empurrando-me para a escada. Ainda não tinha descido os primeiros degraus quando voltou a abrir a porta e atirou-me a carta, ainda fechada. Voltei para casa e contei tudo à minha mãe, que teve outra recaída.

Capítulo 8

Nesta altura a narrativa da Nelly foi interrompida por um violento trovão e grossas gotas de chuva vieram fustigar os vidros das janelas. Ficámos numa completa obscuridade e Ana persignou-se, toda assustada. Houve um momento de profundo silêncio.

— Isto passa já — disse Ikhmeniev, aproximando-se da janela.

Depois começou a andar pela sala. A pequena, muito agitada, seguia todos os seus movimentos ao mesmo tempo que evitava olhar para mim.

— Continua — disse o velho, sentando-se.

— Sim, sim! Continua, meu anjo! — disse Ana.

Nelly olhou-nos, muito tímida.

— Não o viste mais? — perguntou Ikhmeniev.

— Durante três semanas, não! — exclamou Nelly, continuando o relato. — Viera o inverno e nevava. Tornei a encontrá-lo e fiquei muito contente, pois a mãezinha chorava muito por ele não ter aparecido mais. Mal o vi, corri para o outro lado da rua, fugindo dele. Voltei-me e vi-o apressar o passo. Corria atrás de mim, chamando: «Nelly! Nelly!» O Azor corria também. Tive pena dele e parei. Aproximou-se, agarrou-me pela mão e levou-me consigo. Contudo, quando me viu chorar, parou, curvou-se e beijou-me. Então viu os meus sapatos rotos e perguntou-me se não tinha outros. Disse-lhe que a mãezinha não tinha dinheiro e que o dono da casa onde vivíamos deixava-nos lá estar por caridade. Não respondeu. Levou-me a uma loja e comprou-me uns sapatos; depois levou-me para casa dele e no caminho comprou-me um bolo e bombons. Quando chegámos, ficou a ver-me comer. O Azor pôs uma pata na mesa, como para pedir um pedaço de bolo e eu dei-lho. Isto divertiu muito o avô. Abraçou-me e perguntou-me se tinha aprendido alguma coisa. Disse-lhe o que sabia. Pediu-me para o procurar todos os dias às três horas a fim de me ensinar. Depois disse-me para me voltar para a janela e só olhar quando ele dissesse. Obedeci. Virei porém a cabeça devagarinho e vi-o descoser uma ponta do travesseiro e tirar dinheiro. Deu-me quatro *rublos,* dizendo: «Isto é para ti, só». Peguei nele, mas depois de refletir um pouco,

disse: «Se é só para mim, não o quero». Zangou-se e respondeu: «Leva-o e faz o que quiseres». E deixou-me sair sem me beijar. A minha mãe estava cada vez pior; um estudante, que ia lá às vezes, tratava dela e receitava-lhe uns remédios. Por ordem da minha mãe comecei a procurar mais o avô. Comprou-me um Novo Testamento e uma Geografia, e ensinava-me. Dava-me explicações sobre os países e os seus habitantes, sobre os mares e os tempos antigos. Falava-me de Jesus Cristo, da forma como ele perdoou e ainda do bom Deus. Ficava muito contente quando lhe perguntava alguma coisa, como por vezes, contava-me também histórias. Outros dias não me dava lição; entretinha-me então a brincar com o Azor, que gostava muito de mim. Punha uma bengala encostada à mesa e fazia-o saltar por cima. O avô ria e acariciava-me. Porém isto era raro, Muitas vezes calava-se de repente e ficava imóvel, como se estivesse dormindo, mas com os olhos abertos. Era capaz de estar assim até ao anoitecer. Nessas ocasiões tinha medo de o ver. Parecia tão velho, tão velho... Outras vezes encontrava-o sentado numa cadeira, meditando, sem ouvir o que se lhe dizia, com o Azor deitado aos pés. Esperava, esperava, tossia mesmo, mas ele não olhava para mim e eu ia-me embora. Quando chegava a casa, sentava-me junto da cama da minha mãe e contava-lhe o sucedido. Esperava-me sempre com ansiedade e conversávamos até ao anoitecer, pretendendo saber tudo, até aos mais pequenos pormenores: o que fazia, as histórias que contava, as lições que me dava... Relatava-lhe as habilidades do Azor e as gargalhadas do avô. Ela ficava então muito contente, ria também e no final punha-se a rezar, enquanto eu perguntava sempre a mim mesma: «Como é que a mãe gosta tanto do avô e ele não gosta dela?» Uma vez disse-lhe que a minha mãe gostava muito dele. Ouviu-me até ao fim, mas pareceu-me ficar zangado. Perguntei-lhe a razão por que a minha mãe gostava tanto dele e me pedia sempre notícias suas, ao passo que ele nem falava no nome dela. Encolerizou-se e mandou-me embora. Fiquei um momento atrás da porta. Minutos depois abriu-a e chamou-me; estava ainda zangado e não falava. Fomos ler juntos o Novo Testamento. Perguntei-lhe então, porque tendo Cristo dito que devíamos amar-nos uns aos outros e perdoar o mal que nos faziam, não queria perdoar à minha mãe. Levantou-se bruscamente, gritando: «Foi ela que te ensinou isso» e pôs-me fora outra vez, proibindo-me de voltar. Respondi-lhe que eu mesma não queria mais pôr ali os pés e fui para casa. Na manhã seguinte mudou de residência.

— Bem disse eu que a chuva passava logo — exclamou Nicolai, voltando-se para mim. — Olha, Ivan, aí está o Sol.

Ana olhou para o marido, perplexa; de súbito, uma grande indignação brilhou nos olhos da boa velhota, até então calma e resignada. Pegou nas mãos de Nelly e fê-la sentar nos seus joelhos.

— Continua, meu anjinho — disse ela. — Escutar-te-ei eu... Que esses cujo coração é duro e cruel...

As lágrimas não a deixaram acabar. Por sua vez Nelly interrogou-me com o olhar, pois, assustada, não sabia como fazer. O velho olhou para mim e encolheu os ombros.

— Continua — disse eu a Nelly.

— Estive três dias sem ver o avô — continuou. — A minha mãe continuava a piorar e não tínhamos dinheiro para os remédios, nem para a alimentação e a gente da casa onde vivíamos também nada tinha, e ninguém nos socorria. Na manhã do terceiro dia levantei-me e vesti-me. A minha mãe perguntou-me onde ia. Respondi-lhe: «Pedir dinheiro ao avô». Ficou muito contente, pois tinha jurado não ir lá mais, apesar de ela me ter pedido. Fui, e sabendo que se mudara, procurei a sua nova residência. Quando me viu, levantou-se de um salto e pareceu muito irritado. Sem perder tempo, disse-lhe: «A minha mãe está muito doente e precisa de cinquenta *kopeks* para os remédios, além de não termos que comer». Começou a gritar, empurrou-me para fora do quarto e fechou a porta à chave. Gritei-lhe: «Fico aqui diante da porta, sentada na escada, e só sairei daqui quando me der o dinheiro». Pouco depois abriu a porta, viu-me e fechou-a de novo. Passado muito tempo abriu-a outra vez, mas mal encarou comigo voltou a fechá-la. Isto repetiu-se várias vezes. Por fim saiu com o Azor, fechou a porta, passou ao meu lado e partiu sem me falar. Eu também nada disse e continuei sempre na escada. Estive lá até ao anoitecer.

— Minha pobrezinha! — exclamou Ana. — Devia fazer muito frio na escada... Coitadinha... Como sofreste! E o teu avô?

Um tremor nervoso agitou os lábios de Nelly. Fez porém um esforço sobre-humano e conseguiu dominar as lágrimas.

— Já era noite quando voltou. Deu-me um encontrão, ao subir as escadas, e gritou: «Quem está aí?» Respondi-lhe. Como supunha que eu tivesse ido embora há muito, ficou um momento indeciso e pensativo. Depois começou a bater com a bengala, correu a abrir a porta e passado

um minuto trouxe o dinheiro, em moedas de cobre de cinco *kopeks,* atirando-me com ele. «Toma», gritou ele, «é quanto me resta, e diz à tua mãe que a amaldiçoo». Logo em seguida fechou a porta. As moedas tinham rolado pela escada. Comecei pois a procurá-las. Arrependendo-se da forma como me tinha atirado com o dinheiro e compreendendo que não o encontraria no escuro, veio ajudar-me, trazendo um candeeiro. Consegui apanhá-lo todo, num total de setenta *kopeks,* segundo me disse. Quando cheguei a casa, dei o dinheiro à minha mãe e contei-lhe o acontecido. Piorou muito e eu também estive doente aquela noite e o dia seguinte. Pensava apenas numa coisa; estava zangada com ele, por isso, mal a mãezinha adormeceu, saí de casa e dirigi-me para o lado da casa dele. Antes de lá chegar, parei à entrada da ponte; foi então que passou *aquele...*

— É um tal Archipov, de que já lhe falei, Nicolai; o mesmo que estava em casa da Boubnov com o negociante e que levou a tunda... Ela viu-o então pela primeira vez. Continua, Nelly.

— Detive-o e pedi-lhe um *rublo.* Olhou para mim, fez-me repetir o pedido, pôs-se a rir e disse-me para o seguir, Não sabia se devia ir ou não quando um senhor idoso, com lunetas de ouro, me convidou... Resolvi ir. Perguntou-me para que queria justamente um *rublo.* Respondi-lhe que a minha mãe estava doente e que esse dinheiro era para lhe comprar uns remédios. Tomou nota do nosso endereço e deu-me o *rublo.* Entrei numa loja e troquei o dinheiro. Embrulhei trinta *kopeks* num papel, guardei os outros setenta na mão e fui a casa do avô. Chegando lá, abri a porta e da soleira atirei-lhe com toda a força com as moedas de cobre, que rolaram pelo soalho. «Aqui está o seu dinheiro!», disse eu. «Pode guardá-lo! A minha mãe não quer esmolas de quem a amaldiçoa!» Fechei a porta com violência e saí, correndo.

Os olhos da pequena faiscavam. Lançou ao velho Ikhmeniev um olhar ingenuamente provocador.

— Fizeste bem! — disse Ana, sem olhar para o marido e abraçando Nelly com força. — Merecia tudo isso, o teu avô... Era mau e cruel.

— Hem? — gritou Nicolai.

— E depois? Que aconteceu depois? — perguntou Ana, impaciente.

— Não voltei mais a casa do avô e ele também não apareceu mais.

— E como vivíeis então, tu e a tua mãe? Ah, coitadas...

— A mãezinha estava cada vez pior. Pouco se levantava — continuou Nelly, comovida. — Como não tínhamos dinheiro, fui pedir esmola com a

viúva do capitão. Íamos de casa em casa e pedíamos também a quem passava. Essa mulher dizia que não era mendiga, pois tinha os documentos comprovando que o marido tinha sido capitão e que estava pobre. Mostrava esses papéis e todos lhe davam dinheiro. Dizia-me que não era vergonha pedir a toda a gente, e vivíamos assim do que nos davam. A mãezinha soube isso pelos donos da casa, que a acusaram de mendiga. A Boubnov propôs então à minha mãe levar-me para casa dela, em vez de me deixar andar a pedir esmola. Já uma vez trouxera dinheiro, mas como a mãezinha recusasse, chamou-a orgulhosa. Dias depois mandou-nos comida. Quando propôs ficar comigo, a mãezinha começou a chorar e ficou muito nervosa. Então a Boubnov, que estava embriagada, proferiu uma série de insultos, gritou, chamando-me mendiga, e nessa mesma noite pôs na rua a viúva do capitão. Depois de ter chorado muito, a mãezinha levantou-se, vestiu-se, agarrou-me pela mão e levou-me com ela. O proprietário não queria que saíssemos, mas ela não lhe deu atenção. A pobrezinha mal podia andar. Éramos obrigadas a parar a cada instante. Disse-me para a levar a casa do avô. Já era tarde e a noite estava escuríssima. Passámos por uma rua muito larga e muito bonita, onde havia uma casa, à porta da qual estacionavam uma porção de carros. As janelas estavam iluminadas e ouvia-se música. A mãezinha parou e, segurando-me com força, disse: «Nelly, sê pobre toda a tua vida. Nunca vás a casa de cavalheiros como estes. Seja quem for que te chame ou que te venha buscar, não queiras ir. Também tinhas o direito de ali estar, de ser rica e ter lindos vestidos; mas não quero, porque são maus. Não esqueças o que te digo: sê pobre, trabalha, pede esmola! Se te vierem buscar, responde: *Não quero ir!*» Foi isto que a mãezinha me aconselhou quando estava doente e a que hei de obedecer enquanto viva — acrescentou ela, fremente de emoção, com o rosto congestionado. — Obedecerei à minha mãe: quero servir e trabalhar, e foi para trabalhar e servir que vim ao mundo, e não para ser tratada como filha rica.

— Basta, basta, meu anjinho, basta! — exclamou a boa velha, estreitando-a nos braços.

Quando falava assim, é porque estava doente.

— Estava doida — disse rudemente o velho.

— Doida ou não — replicou Nelly, voltando-se vivamente para ele —, assim mo ordenou e assim o tentarei fazer toda a vida. Acabou de mo dizer e desmaiou...

— Senhor, meu Deus! — exclamou Ana. — Doente assim, na rua, em pleno inverno...

— Quiseram levar-nos para a polícia, mas um senhor perguntou-me onde morávamos, deu-me dez *rublos* e ordenou ao seu cocheiro para nos levar. Desde então a mãezinha não se levantou mais e morreu três semanas depois.

— E o teu avô... não perdoou?! — perguntou Ana.

— Não, não perdoou — respondeu a criança dolorosamente. — Oito dias antes de morrer, disse-me: «Nelly, vai pela última vez a casa do avô e pede-lhe para vir ou para me perdoar. Diz-lhe que vou morrer e que te deixo só no mundo. Diz-lhe que não quero morrer assim...» Fui, bati e abriu a porta. Ao ver-me, quis fechá-la, mas agarrei-me a ele e gritei: «A mãezinha está a morrer e mandou-o chamar. Venha!» Empurrou-me para fora e fechou a porta. Voltei para casa e deitei-me junto dela. Abraçou-me, sem me perguntar coisa alguma.

Nesta altura Nicolai apoiou pesadamente a mão sobre a mesa e levantou-se. Depois fitou-nos com um olhar inquieto, um olhar estranho e indeciso, e caiu inerte e sem forças na poltrona. Ana não olhava para ele e estreitava Nelly nos braços, soluçando.

— No dia da sua morte chamou-me outra vez. «Nelly», disse ela, «Nelly, vou morrer.» Quis ainda dizer mais qualquer coisa, mas não teve forças. Olhei-a; parecia já não me ver. Apenas se mantinha agarrada à minha mão e apertava-a com força. Deixei-a só e corri a casa do avô. Quando me viu, levantou-se bruscamente da cadeira, pálido e trémulo. Agarrei-me às suas mãos e apenas lhe pude dizer: «Está a morrer». Ficou muito agitado, pegou na bengala e correu atrás de mim. Nem se lembrou do chapéu, apesar do muito frio que fazia. Pedi-lhe para irmos de carro, mas só tinha sete *kopeks.* Ainda regateámos com alguns cocheiros. Riram-se de nós e do Azor, que viera também. Pusemo-nos a correr. O avô estava já sem forças, mas corria sempre. De repente caiu e a bengala rolou pelo chão. Ajudei-o a levantar-se, apanhei-lhe a bengala e continuámos a correr. Quando conseguimos chegar, a mãezinha estava morta. Mal encarou com ela, juntou as mãos, começou a tremer e curvou-se sobre a cama sem poder falar. Aproximei-me dele, deitei-lhe a mão a um braço e, na minha exaltação, gritei-lhe: «Olha, homem mau! Homem cruel! Olha! Olha!» Deu um grito e caiu como morto no soalho.

Nelly desembaraçara-se bruscamente dos braços de Ana. Levantara-se e estava diante de nós, pálida e trémula de emoção. Ana porém agarrou-se a ela, abraçou-a outra vez e gritou-lhe, como inspirada:

— Serei tua mãe, Nelly, e tu serás minha filha! Vem, vem! Deixemos esta gente má e cruel! Deus julgar-nos-á um dia a todos nós... Vem, Nelly, vem! Vamos embora.

Nunca a vira em tal estado e não a julgava capaz de uma tão violenta comoção. Nicolai levantou-se da poltrona e perguntou-lhe com voz trémula:

— Onde queres ir? Onde vais tu?

— Vou para junto da minha filha... para casa da Natascha! — exclamou ela, arrastando Nelly consigo.

— Para! Espera um pouco! Espera...

— Que queres que espere, coração de pedra?! Há muito tempo que espero e ela também já esperou muito... Adeus!

Chegada à porta, voltou-se ainda uma vez e parou, estupefacta; Nicolai pegara no chapéu e, com as mãos trémulas e sem forças, procurava vestir o sobretudo.

— Tu também... tu também queres vir comigo? — bradou ela, juntando as mãos e olhando-o com um ar de dúvida, sem poder crer em tamanha felicidade.

— Natascha? Onde está a minha Natascha? Onde está a minha filha? Onde está ela? Quero a minha Natascha! Onde está ela?

E dizendo estas palavras, pegou na bengala que lhe dei e correu para a porta.

— Ele perdoou! Ele perdoou! — exclamou Ana.

Mas não chegou até à porta.

Esta abriu-se e Natascha, pálida, de olhos faiscantes de febre, precipitou-se no quarto. Trazia os vestidos amarrotados e molhados da chuva; o lenço que pusera na cabeça caíra-lhe para os ombros e grandes gotas de chuva lhe brilhavam nos cabelos quase desfeitos.

Entrou correndo. Ao ver o pai, deu um grito, e correu para ele de mãos estendidas, tentando ajoelhar-se.

Capítulo 9

O velho estreitou-a nos braços.

Sem a deixar ajoelhar-se, levou-a, como a uma criança, para a poltrona e ajoelhou-se diante dela. Beijou-lhe as mãos e abraçou-a. Depois fitou-a, como para se convencer de que a tinha ali, de que era ela, a sua filha, a sua Natascha.

Ana, sufocada pelos soluços, abraçou-a também. Como que esgotada por esse abraço, parecia não ter forças para falar.

— Meu amor... Minha vida... Minha alegria! — exclamava o velho, com a voz entrecortada de soluços.

E segurando-lhe as mãos, examinava aquele rostinho pálido, emagrecido, mas sempre formoso, e aqueles olhos nos quais brilhavam lágrimas.

— Minha vida! Minha filha querida! — repetia ele. Depois calava-se, olhando encantado para ela. — E disseste-me que estava magra! — continuou ele, com um sorriso tímido e sempre ajoelhado a seu lado. — Emagreceu, é certo, mas continua linda! Mais bonita que antes! Sim, mais bonita...

Calou-se, sentindo na alma uma dor intensa, uma dor cheia de alegria, que lhe fazia estalar o coração.

— Calma, meu pai — disse Natascha. — Não fique assim. Dê-me um beijo! Eu também o quero beijar...

— Que linda... Ouviste, Ana, como ela falou?

E estreitava-a nos braços convulsivamente.

— Não, Natascha. Ficarei a teus pés, até o meu coração sentir que me perdoaste, embora não mereça o teu perdão. Repeli-te... amaldiçoei-te... Ouves, Natascha? Amaldiçoei-te! E tu, minha Natascha, acreditaste nisso? Não devias ter acreditado... Coraçãozinho cruel! Porque não me procuraste? Bem sabias como te recebia. Oh, minha Natascha! Lembras-te como eu te amava? Pois bem... durante este tempo amei-te ainda mais... mil vezes mais! Amei-te, e com toda a minha alma teria arrancado o coração do peito, se quisesses... Oh, minha filha!

— Sim, beije-me! No rosto, na boca, como a mãe! — exclamou Natascha, emocionada.

— E nos olhos também... nos olhos, como antigamente, lembras-te? — continuou o velho. — Oh, Natascha! Nunca me viste nos teus sonhos? Sonhava contigo todas as noites. Uma vez, vi-te pequena ainda; tinhas dez anos e começavas então a estudar piano. Estavas tão linda... um vestidinho curto, sapatinhos pretos e as mãozinhas muito rosadas. Porque as tuas mãozinhas eram rosadas, não eram Ana? Sentaste-te nos meus joelhos e enlaçaste-me com os teus bracitos. E pudeste pensar... minha marota... e pudeste acreditar que te tivesse amaldiçoado e te repelisse... Natascha! Quantas vezes te procurei às escondidas! Nem a tua mãe sabia. Ficava horas inteiras debaixo da tua janela. Pensava que talvez saísses e pudesse assim ver-te de longe. E à noite, muitas vezes, havia luz na tua janela. Quantas vezes lá fui, para ver ao menos a tua janela iluminada, para ver passar a tua sombra na cortina e para te abençoar antes de principiares a dormir. E tu? Lembravas-te de mim nas tuas orações? Pensavas em mim? O teu coraçãozito sentia que estava lá, junto da tua janela? E nas noites de inverno, quantas vezes subi a escada da tua casa, e me deixei estar no escuro, escutando à tua porta, a ver se ouvia a tua vozita querida ou o teu riso argentino! Podia lá amaldiçoar-te... Na tarde em que encontrei o Ivan, era lá que eu ia. Só resolvi voltar quando já estava diante da tua porta. Natascha, minha Natascha!

Ergueu-se, tomou-a nos braços e apertou-a contra o peito com força.

— Tenho-te de novo junto de mim! — exclamou. — Obrigado, meu Deus! Agradeço-te por tudo quanto fizeste… pela tua cólera e pela tua clemência... e pelo sol que brilha sobre nós, depois da tempestade. Agradeço-te pela felicidade de agora! Oh, podem humilhar-me e ofender-me! Estamos juntos outra vez. Que os orgulhosos e arrogantes que nos ofenderam e humilharam triunfem, ou nos apedrejem, pouco importa! Nada temas, Natascha. Iremos de mãos dadas e dir-lhes-ei: «Esta é a minha filha bem-amada, a quem ofenderam e humilharam, mas a quem eu amo e abençoo para sempre».

— Ivan! Ivan! — disse Natascha com voz fraca, estendendo-me as mãos enquanto o pai continuava a abraçá-la.

Oh, nunca esquecerei o ter-se lembrado de mim nesse momento.

— Onde está a Nelly? — perguntou o velho, olhando em volta.

— Sim, onde está o meu anjinho? — exclamou a boa velhota. — Esquecemo-la!

Já ali não estava. Esgueirara-se para o quarto sem darmos por isso.

Ao ver-nos radiantes, escondera-se, assustada, atrás da porta.

— Nelly, que tens, minha filha? — perguntou o velho, carinhoso.

— A mãezinha? Onde está a minha mãe? — gritou ela, como num delírio. — Onde está a minha mãe?! — repetia, estendendo para nós as mãozitas trémulas.

De repente um grito pavoroso e terrível se lhe escapou do peito. Uma convulsão crispou-lhe o semblante e caiu no chão, presa de uma crise horrível.

Epílogo — Últimas Recordações

Estávamos em fins de junho. O calor era sufocante e quase impossível a permanência na cidade. A atmosfera achava-se carregada de poeira e de caliça proveniente das ruas e das casas em construção. As pedras da rua queimavam. Felizmente um trovão estalou ao longe. Pouco a pouco o céu escureceu-se, desencadeou-se o vento, levantou-se um turbilhão de pó e grandes pingos de chuva caíram pesadamente sobre os telhados. Minutos depois era um dilúvio, caindo sobre a cidade.

Ao fim de meia hora o sol brilhava de novo. Abri a janela do meu quarto e respirei largamente. Inebriado, estive a ponto de largar a pena e, esquecendo o meu editor, correr a visitar os meus amigos de Vassili-Ostrow. Contudo, ainda que a tentação fosse grande, resisti e atirei-me ao trabalho.

Precisava acabar, pois já estava sem dinheiro. Esperavam por mim. Era preferível trabalhar agora para ter a noite livre. Bem merecia alguma liberdade, depois de duas noites de trabalho intenso.

Finalmente, acabei!

Corri a vê-los. Logo que me viu, Ana fez-me sinal com a mão, recomendando-me que não fizesse ruido.

— A Nelly está a dormir! — sussurrou ela. — Não a acordes. Está tão fraca, coitadinha, que estamos inquietos. O médico diz que não há perigo, por enquanto, mas eu não tenho confiança nele. Estivemos à tua espera para jantar. Porque não vieste? És mauzinho!

— Preveni-a de que tinha muito trabalho. Não me foi possível...

— Mas prometeste jantar aqui. A Nelly levantou-se para te esperar, coitadinha... Trouxemo-la para a poltrona. «Quero esperar também pelo Ivan», disse ela. E o Ivan não veio. Por onde andaste, meu tratante? A pobrezinha ficou tão agitada que não sabia como fazer para a tranquilizar. Felizmente, adormeceu, o anjinho... O meu marido saiu. Deve voltar para o chá. Ofereceram-lhe um lugar, mas só a ideia de que é em Perm fez-me gelar.

— E a Natascha?

— Está no jardim. Vai ter com ela, anda. Também não anda como eu queria; tem qualquer coisa que não entendo. Como vivo inquieta! Mostra-se contente e feliz, mas não creio nessa felicidade. Talvez possas saber o que ela tem, queres?

Fui procurar Natascha. O jardim que rodeava a casa era um verdadeiro ninho de verdura e frescura. Ikhmeniev era louco por ele.

Natascha veio toda alegre ao meu encontro. Também estivera doente.

— Acabaste o teu trabalho? — perguntou-me.

— Acabei e já o entreguei, de modo que agora estou livre.

— Graças a Deus! Mas não escreveste muito à pressa? Não teria saído mal?

— Não creio. Quando tenho um trabalho que exige uma grande tensão de espírito, fico numa irritação nervosa muito especial; as imagens tornam-se mais claras, sinto com mais vivacidade e a própria forma e estilo tornam-se melhores à medida que a tensão aumenta. Tudo há de correr bem...

Suspirou.

Ultimamente Natascha tornara-se muito ciosa dos meus sucessos literários. Fazia a conta das minhas publicações, questionava sobre os meus planos futuros, lia com interesse a crítica às minhas obras, zangava-se com algumas e só desejava ver-me ocupar, nas letras, um posto no primeiro plano.

— Esgotas-te, Ivan — disse ela. — Dás cabo da tua saúde. Olha por exemplo o S... levou dois anos a escrever uma novela e o N... produziu apenas um romance em dez anos! É porém uma obra bem delineada. Não há nada a dizer, nem a menor negligência.

— Sim, mas eles têm a existência garantida, não são obrigados a produzir dentro de um prazo determinado, enquanto eu sou cavalo de praça. Mas deixemos isso, minha cara amiga. Que há de novo?

— Muita coisa. Primeiro uma carta *dele.*

— Uma carta?!

— Sim.

E entregou-me uma carta de Alyosha, a terceira desde que partira. Escrevera a primeira logo ao chegar a Moscovo, após uma espécie de crise nervosa. Dizia que as circunstâncias se tinham modificado muito, por isso encontrava-se impossibilitado de cumprir o projeto de viagem

estabelecido ao partir. Na segunda anunciava a sua própria chegada, a qual seria seguida imediatamente do casamento com Natascha. Estava resolvido e nenhuma força humana o poderia impedir. Entretanto, via-se claramente que estava desesperado, que o ambiente lhe pesava e que ele mesmo não tinha confiança em si. Chamava a Katia o seu conforto, o seu amparo, a sua providência.

A última carta tinha oito páginas, num estilo desconexo e sem ordem, escritas à pressa, ilegíveis, manchadas de tinta e de lágrimas. Logo nas primeiras linhas renunciava ao seu amor por Natascha e pedia-lhe para o esquecer. Esforçava-se por provar a impossibilidade dessa união, pois dominavam-no influências estranhas e inimigas, e por fim declarava que seriam infelizes juntos, visto não serem feitos um para o outro. A certa altura abandonava de súbito esta dialética e, em vez de rasgar a carta e começar outra, acrescentava que era um criminoso, um homem perdido, muito fraco para se revoltar contra a vontade paterna. Sofria, sentia-se capaz de fazer Natascha feliz e provava terem nascido um para o outro. Refutava com animosidade os argumentos do pai e fazia com desespero a descrição da felicidade que os esperava, a Natascha e a ele, se pudessem viver juntos. No fim maldizia a sua cobardia e dizia-lhe adeus para sempre.

Natascha entregou-me depois uma carta de Katia, que viera junta com a de Alyosha.

Comunicava-lhe que este estava desolado, chorava muito e chegava a desesperar-se. Desde há uns dias andava mesmo adoentado, porém como estava ao pé dele conseguiria fazê-lo feliz. Para isso seria apenas preciso esperar muito, pois a sua afeição por Natascha fora grande. «Não a esquecerá nunca», acrescentava ela. «Ama-a e se algum dia deixar de a amar e ficar indiferente ao passado, nem por isso o amarei mais».

Entreguei as cartas a Natascha e ficámos calados. Evitávamos falar do passado.

O seu sofrimento era grande, eu sabia-o, mas procurava ocultá-lo a todos, até mesmo a mim.

Depois de ter voltado à casa paterna, esteve três semanas doentes. Também não falávamos na mudança de situação que nos esperava; o pai arranjara um emprego e era forçoso separarmo-nos. Andava terna e atenciosa, e tomava um vivo interesse por tudo quanto me dizia respeito; parecia querer recompensar-me do sofrimento passado. Entretanto esse

sentimento penoso dissipou-se rápido e não tardei a perceber que o seu coração nutria outro, que era *muito simplesmente* amor, um amor apaixonado. Compreendi que não podia viver sem mim, bem como nunca uma irmã amara um irmão com o ardor com que ela me amava. A ideia da nossa próxima separação atormentava-a. Por outro lado sabia também que eu não podia viver sem ela, mas dominávamos estes sentimentos, mesmo quando falávamos de acontecimentos iminentes.

— O pai não tarda — disse ela. — Prometeu vir para o chá.

— Foi tratar do emprego?

— Foi. Penso ser negócio decidido e suponho que nada o obrigava hoje a sair. Podia muito bem ir amanhã! Coitado. Saiu porque recebi esta carta. Sou a *sua doença.* Ama-me a tal ponto que me faz pena; só pensa em mim, no que me possa acontecer, no que penso, no que faço... Cada tristeza minha acha eco no seu coração. Vejo quanto lhe custa às vezes fingir-se alegre para nos confortar. A minha pobre mãe também percebe isso e põe-se a suspirar. Não sabe dissimular, esta pobre alma cheia de retidão... Quando a carta chegou, precisou logo de ir não sei onde para fugir ao meu olhar. Amo-o mais do que tudo no mundo, mais do que a ti... Ivan — acrescentou ela, baixando a cabeça e apertando-me a mão.

Continuámos a passear pelo jardim.

— O Masloboiev veio cá ontem e deve voltar hoje — disse ela, depois de um curto silêncio.

— Vem por cá muito, agora...

— Não sabes porquê. A minha mãe tem uma confiança cega nele. Supõe-no a par das leis e acha que pode resolver qualquer questão. Não imaginas qual é a sua ideia agora, coitada! Sente que não me tenha tornado princesa. Esta ideia não a deixa e creio ter já falado a tal respeito com o Masloboiev, para ver se é possível fazer alguma coisa pela justiça. Não a desiludiu, segundo parece, e ela... vai-lhe dando aguardente — acrescentou, sorrindo.

— O farsante soube conquistá-la. Mas como soubeste isso?

— Pela minha mãe mesmo. Não pode passar sem fazer umas certas alusões...

— E a Nelly como vai?

— És tremendo! Só agora te lembras dela! — disse Natascha, queixosa.

Nelly era o ídolo da casa. Natascha amava-a com paixão e a pequena acabara por se deixar prender. Pobre criança... Nunca esperou encontrar gente assim, nem ser amada de tal modo, por isso eu reconhecia com alegria que o seu coraçãozito irritável ia-se deixando enternecer. Correspondia à afeição geral que a cercava com um ardor doentio, diametralmente oposto à desconfiança e animosidade de outros tempos. Tinha resistido bastante. Por muito tempo dominara a ternura nascente, mas acabara por ceder. Ligou-se primeiro a Natascha e depois a Ikhmeniev. Quanto a mim, tornava-se tão necessária a minha presença que piorava quando passava alguns dias sem me ver. Da última vez, para me deixar ir embora, foi preciso empregar toda a espécie de desculpas e subterfúgios. Entretanto ainda se sentia um tanto acanhada em revelar de um modo livre e direto os seus sentimentos.

Inquietava-nos a todos. Sem nada termos falado a tal respeito, estava no entanto resolvido que ficaria sempre vivendo com os Ikhmeniev. O dia da partida aproximava-se e ela estava cada vez pior. Continuava doente desde o dia em que a trouxe para ali, desde o dia do regresso de Natascha. Mas que digo eu? Foi sempre uma doente e a doença foi ganhando terreno gradualmente. Nos últimos tempos, então, o mal progrediu de um modo assustador; os acessos tornaram-se mais frequentes, as forças foram-lhe diminuindo dia a dia e a febre manteve-a numa tensão nervosa constante. E — coisa surpreendente — à medida que o mal a dominava, mais se tornava meiga, carinhosa e confiante. Na minha última visita, como passasse junto da sua cama, agarrou-me pelas mãos. Estávamos sós. As faces ardiam-lhe e os olhos brilhavam-lhe como chamas. Como me curvasse, passou pelo meu pescoço as mãozitas emagrecidas e abraçou-me longamente. Depois perguntou por Natascha. Chamei-a e Nelly fê-la sentar na cama, junto dela.

— Deixe-me olhar para si — disse-lhe ela. — Vi-a em sonho e vou tornar a vê-la hoje... Vejo-a sempre todas as noites.

Queria evidentemente dar expansão a um sentimento que não cheguei a compreender bem.

Depois de mim, era a Nicolai quem mais estimava, e este por sua vez gostava dela quase tanto como de Natascha. Sabia como ninguém distraí-la, e mal entrava no quarto o riso e as brincadeiras começavam. A doentinha sentia-se então feliz, brincava com ele, ria-se, contava-lhe coisas que tinha sonhado e imaginava continuamente coisas novas. O

velho por sua vez alegrava-se muito como a *sua filha Nelly*, a quem, cada dia, queria mais.

— Deus mandou-no-la para nos compensar do que sofremos — dizia ele.

Habitualmente passávamos as tardes juntos. Masloboiev vinha quase todos os dias e o velho doutor, que ficara amigo de Ikhmeniev, costumava vir também passar algumas horas na nossa companhia. Sentava-se Nelly numa poltrona e nós ficávamos em redor da mesa, conversando. A porta da varanda mantinha-se aberta e víamos assim, diante de nós, o pequeno jardim todo cheio de verdura, iluminado pelos raios do sol poente. Um perfume doce vinha da folhagem verde e dos lilases em flor. Nelly ouvia a nossa conversa e às vezes animava-se e falava também. Nós, no entanto, ouvíamo-la com uma certa inquietação. A pobre pequena tinha no pensamento certos factos que não convinha lembrar, pois para martírio bastou o dia em que, palpitante de emoção, nos contou a história da sua vida. O velho doutor era contra essas reminiscências e, desde que a conversa tomava esse rumo, todos procuravam mudar de assunto. Ela fingia não perceber a nossa intenção e brincava e ria com o doutor, ou com Nicolai.

Apesar de tudo piorava sempre. Tornara-se excessivamente impressionável. O coração batia com grande irregularidade e o médico prevenira-me de que podia morrer de um momento para o outro. Nada disse aos Ikhmeniev para não os assustar. Nicolai estava mesmo persuadido de que havia de melhorar aquando da partida.

— Aí está o pai — disse Natascha ao ouvir a voz do velho. — Vamos entrar.

Nicolai entrou, falando alto, como de costume, mas moderou a voz quando viu a mulher gesticular, indicando-lhe que Nelly dormia. Contou-nos o que soubera: tinha o emprego garantido e por isso estava contentíssimo.

— Podemos partir daqui a quinze dias — disse ele, esfregando as mãos e olhando disfarçadamente para Natascha.

Esta porém respondeu-lhe com um sorriso e beijou-o, o que dissipou as suas dúvidas.

— Partamos, meus amigos, partamos — exclamou, muito alegre. — És o único que sinto em deixar — acrescentou, dirigindo-se a mim. É certo que não me propôs para o acompanhar, o que teria feito, creio eu, noutra

situação... isto é, se não tivesse notado os meus sentimentos para com Natascha. — É pena, meu amigo, mas que fazer? Esta mudança vai-nos fazer bem. Novas terras, nova vida! — acrescentou, olhando para a filha.

Ele pensava assim e era feliz.

— E a Nelly? — perguntou Ana.

— A Nelly? há de ficar boa, a minha filhinha! Já está melhor, não achas, Ivan? — disse ele, olhando-me com inquietação, como se o pudesse tranquilizar. — Houve alguma coisa na minha ausência? Vamos levar a mesa para a varanda, tu preparas o samovar, os nossos amigos hão de vir e levaremos a Nelly também. Já teria acordado? Vou ver. Não te assustes, pois não faço barulho. Vou só ver... Podes estar descansada — acrescentou, vendo Ana gesticular.

Nelly estava acordada. Trouxemo-la por isso para a poltrona. Logo em seguida chegou o doutor e pouco depois Masloboiev, com um grande ramo de lilases. Parecia estar de mau humor.

Como já disse, vinha quase todas as noites e todos o estimavam, principalmente Ana. Nunca se falava, pelo menos abertamente, em Alexandra, e Masloboiev não aludia a ela. Ana, sabendo que ainda não era esposa legítima, achou não ser possível recebê-la ou falar nela. Disto resultou, sem que ninguém falasse a tal respeito, uma espécie de convenção que todos respeitavam. Aliás, se não fosse Natascha, é bem possível que fossem menos exigentes.

Nelly parecia particularmente triste e preocupada; dava a impressão de ter tido um sonho mau e que este a atormentava. Entretanto o ramo de Masloboiev alegrou-a muito. Ficou-se a olhar encantada para as flores que estavam num jarro, diante dela.

— Gostas muito de flores, Nelly? — perguntou o velho. — Espera amanhã... e eu... tu verás.

— Gosto muito — respondeu ela —, e lembro-me de uma surpresa que fizemos a minha mãe. Quando ainda vivíamos *lá* — este *lá* significava no estrangeiro —, a mãezinha esteve doente várias semanas. O Henrique e eu decidimos enfeitar-lhe o quarto com flores quando ficasse boa. Uma noite disse-nos que se levantaria no dia seguinte. Muito cedo, já eu e o Henrique estávamos a pé. Foi buscar uma porção grande de flores. Enchemos-lhe o quarto delas, de folhas e de ramos. Tinha umas flores azuis, já não sei como se chamam, narcisos, de que gosto muito, rosas, umas rosas muito bonitas e muitas, muitas outras flores. Espalhámos

algumas pelos móveis, de outras fizemos grinaldas e outras dispusemo-las em jarros. Nos cantos do quarto e junto à poltrona colocou o Henrique umas plantas, grandes como árvores. A mãezinha quando entrou gostou muito. O Henrique também gostou e estava contentíssimo...

Nelly estava mais fraca e mais agitada que de costume. No entanto quis continuar a falar, apesar das recomendações do médico. Até ao anoitecer falou das suas viagens, da sua vida no estrangeiro, junto da mãe e do Henrique. O passado conservava-se-lhe fiel na memória. Falava com uma certa emoção do céu azul, das altas montanhas cobertas de neve, das torrentes e das cascatas, dos lagos e dos vales da Itália, das flores e das árvores, dos habitantes e das aldeias, dos seus trajes, dos seus olhos negros e da sua tez morena. Recordava também as grandes cidades, com os seus magníficos palácios e as igrejas com as suas altas torres. No final falou-nos de uma cidade que vira mais para o sul, sob um céu muito azul, diante de um mar também muito azul. Nunca nos contou a sua vida de um modo tão detalhado, por isso estávamos todos suspensos dos seus lábios. Até aqui conhecíamos apenas o outro lado da sua vida, na cidade sombria, de atmosfera sufocante e embrutecedora, ar empestado, palácios eternamente sujos de lama, sob um céu pálido e uns habitantes cruéis que a fizeram sofrer muito. Via-as sós, sentadas num leito duro, abraçadas, recordando a vida passada nessas regiões longínquas. Depois via Nelly rememorando tudo isto, desta vez só, pois a mãe tinha morrido já, enquanto a Boubnov, à força de pancada e de uma crueldade sem limites, queria entregá-la ao vício.

No final sentiu-se mal e foi preciso levá-la para o quarto. O velho Ikhmeniev, todo assustado, arrependeu-se de ter consentido que falasse tanto. Depois de um novo acesso, desmaiou. Quando recuperou os sentidos, chamou por mim. Quis falar a sós comigo e insistiu tanto que o doutor foi de opinião que era melhor atendê-la. Deixaram-nos a sós.

— Ivan — disse ela, depois de todos terem saído — pensam que vou com eles, eu sei, mas estão enganados; não posso ir e quero ficar contigo... Era tudo quanto queria dizer-te.

Tentei convencê-la, dizendo-lhe que os Ikhmeniev a amavam como filha e sentiriam muito se ela não fosse. Expliquei-lhe que seria difícil ficar comigo e, embora eu a estimasse muito, devíamos separar-nos.

— Não é possível — disse ela com firmeza — não é possível! Vejo sempre a minha mãe em sonhos e ela ordena-me que fique, que não vá

com eles. Chora e diz-me que cometi um grande pecado, deixando o avô sozinho. Fico para cuidar do avô.

— Mas ele morreu, tu bem sabes! — objetei-lhe, estupefacto.

Refletiu um pouco, olhando-me fixamente.

— Conta-me outra vez como ele morreu.

Embora reconhecesse que o acesso não tinha passado e que ainda não recobrara a sua lucidez de espírito, acedi ao pedido. Anoitecera e o quarto estava escuro.

— Não, não morreu! — exclamou ela com convicção quando acabei de falar. — A minha mãezinha fala-me sempre nele e ontem, quando lhe disse ter morrido, começou a chorar e afirmou-me que vive ainda, que me andais a enganar e que anda a pedir esmola como nós andámos.

— Isso foi um sonho, Nelly. Estás doente...

— Também pensei que fosse um sonho e por isso não o quis contar aos outros. Hoje, porém, enquanto te esperava, adormeci e vi o avô também. Estava sentado no quarto dele, à minha espera. Tinha um aspeto tão estranho... e estava tão magro… «Não como há dois dias», disse-me ele, «nem o Azor». Estava zangado comigo porque não ia vê-lo. Já há uns dias que não tinha tabaco. Quando a mãezinha morreu e estive em casa dele, falou-me da mesma forma. Pensei, por isso: «Vou pedir esmola para a entrada da ponte e compro-lhe depois pão e tabaco». Logo após viu-me à entrada da ponte a pedir esmola. Veio ter comigo, viu quanto eu tinha e tirou-mo. «Isto já chega para o pão», disse ele, «agora preciso para o tabaco». Voltou por isso passado uns momentos a buscar mais dinheiro. Embora lhe dissesse que era todo para ele, respondeu-me: «Tu roubas-me... A Boubnov disse que és uma ladra e por isso não te quero em minha casa. Escondeste uma moeda de cinco *kopeks*! Onde está ela?» Comecei a chorar, mas ele continuou a gritar: «Roubaste-me cinco *kopeks*!» Bateu-me muito... e eu chorei. Vês?! Por isso suponho que está vivo e à minha espera.

Procurei serená-la. Tinha medo de dormir, segundo disse, porque sabia que ia tornar a ver o avô. Agarrou-se a mim, passou-me o braço pelo pescoço e beijou-me na testa.

— Não quero abandonar-te, Ivan — disse ela, encostando o seu rostozinho ao meu. — Se não fosse o avô, ficaria sempre contigo.

Contei ao doutor os sonhos que assediavam a pobre criança e perguntei-lhe o que pensava de positivo sobre a doença.

— Nada posso dizer de positivo — respondeu. — Procuro, reflito, observo... mas nada sei ao certo. Não se pode esperar uma cura. Não viverá. Nada lhe disse ainda a eles, porque o senhor mo pediu, mas para mim é um caso perdido. Pobre criança... Sinto como se fosse minha filha, mas…

Nicolai entrou extremamente agitado.

— Ivan — disse ele —, ela gosta muito de flores. Vamos preparar-lhe para amanhã uma surpresa, como a que ela e o Henrique prepararam para a mãe, e que nos contou com tanta emoção. Que dizes?

— É justamente o que é preciso evitar... Nada de emoções.

— De acordo, mas esta é uma emoção agradável. Não há perigo, podes crer. Pelo contrário, pode ter uma influência benéfica e apressar a cura.

Estava tão encantado com a ideia que não tive coragem para o contradizer. Quis falar ao doutor, porém Ikhmeniev corria já a arranjar as coisas.

— Perto daqui há um vendedor de flores, muito barateiro. Explica à minha mulher, para não se zangar com a despesa. Está entendido? Ah, escuta... Onde vais agora? O teu trabalho acabou, estás livre e por isso não deves ter pressa de voltar para casa. Fica hoje aqui. Dormirás no quarto de cima, como antigamente. Tens lá a tua cama como a deixaste. Dormirás como um rei. Queres? Fica! Levantamo-nos cedo, colocamos as flores e às oito horas e um quarto estará tudo arranjado. A Natascha ajuda-nos. Tem mais gosto do que nós os dois juntos. Então, está decidido? Ficas ou não?

Resolvi ficar. O velho foi comprar as flores, e o doutor e Masloboiev despediram-se e saíram. Deitavam-se cedo em casa dos Ikhmeniev. Masloboiev estava preocupado; parecia querer dizer-me alguma coisa, mas não se atreveu. Quando entrei no meu quarto fiquei surpreendido por o encontrar, folheando um livro, à minha espera.

— Voltei, Ivan, porque preciso falar contigo, e quanto antes melhor. Senta-te. É uma tolice, mas…

— De que se trata?

— Desse canalha do príncipe. Há quinze dias que estou furioso com ele.

— Como! Ainda tens relações com ele?

— Já começas com os teus: «Como?» Até parece que houve alguma coisa... Fazes-me lembrar a Alexandra e as mulheres em geral... De tudo querem explicações... e discutem...

— Não te zangues.

— Não me zango. Mas é preciso ver as coisas como elas são e não viver aumentando tudo.

Calou-se um pouco, aborrecido. Esperei, também calado.

— Sabes? Descobri uma pista... Ou antes, estou seguindo uma pista. Quer dizer, não há pista nenhuma... porém... eu... Para encurtar razões: cheguei à conclusão de que a Nelly... é filha legítima do príncipe.

— Que dizes?!

— Bom... Aí estás outra vez com os teus: «Que dizes?» Vá lá a gente conversar assim? Disse porventura que era uma coisa certa? Não disse...

— Mas escuta, meu caro — interrompi eu. — Pelo amor de Deus explica-te mais claramente e não grites assim. Deves concordar que é um assunto deveras importante.

— Que importante? Em primeiro lugar, onde estão as provas? Não é assim que se tratam as coisas, meu velho, e só te falo se me prometes segredo. Depois te explicarei tudo, claramente. Agora não posso. Faz o favor de me ouvir e, em especial, de ser discreto. A coisa é esta: durante o inverno anterior à morte do Smith, o príncipe começou a investigar este assunto, ou antes, há um ano já que tratava disso, mas perdera o fio da meada. Treze anos tinham passado desde que abandonara em Paris a filha do Smith, e durante parte desses treze anos estivera sempre informado da sua vida; sabia que estava com esse Henrique de que fala a Nelly, que tinha uma filha e que estava doente. Quando o Henrique morreu e, segundo creio, voltou para cá, deixou de saber dela. Em S. Petersburgo tê-la-ia encontrado logo, se os seus agentes do estrangeiro não tivessem dado uma informação falsa: disseram viver numa aldeiazinha da Alemanha meridional. Confundiram-na com outra. Isto durou cerca de um ano. Nessa altura teve umas certas suspeitas. Chegando à conclusão de que não era ela, a tal mulher, calculou logo que estivesse em S. Petersburgo. Sem deixar as pesquisas no estrangeiro, iniciou outras aqui. Como, porém, não queria fazer as coisas às claras e lhe tinham falado em mim, como um amador hábil, etc., procurou travar conhecimento comigo. Então esse filho do diabo explicou-me de que se tratava, mas muito vagamente, de um modo obscuro e equívoco. Contava-me a um tempo a mesma coisa sob diferentes aspetos, repetindo os factos. No entanto, apesar da sua esperteza, não conseguia esconder completamente o jogo. Principiei a averiguar com toda a boa vontade possível, mas de acordo com uma regra

que impus a mim mesmo. Examinei a questão: primeiro, se me tinham dito tudo quanto era preciso, e segundo, se não me teriam dito só metade nalgumas coisas. Neste último caso, como bem podes compreender, meu cérebro de poeta, era enganado. Supõe que a coisa que me contaram vale um *rublo* e a que me ocultaram quatro vezes mais; seria bem tolo se entregasse por um *rublo* aquilo que vale quatro. Comecei a investigar e encontrei logo várias pistas: a primeira graças a ele, a segunda foi-me indicada por pessoas alheias ao caso, e a terceira devo-a ao meu próprio mérito... Queres saber porque me meti nisto? É simples: mostrava-se muito inquieto e assustado, para que a questão não tivesse uma segunda importância. Que fizera ele, afinal? Raptara uma moça e abandonara-a grávida. Que havia de grave nisto? Uma brincadeira de rapaz e nada mais. Um homem como o príncipe não teme por tão pouco. E, no entanto, estava com medo. Isto fez-me suspeitar. Consegui alguns indícios bem significativos por intermédio da mulher de um padeiro alemão que vive aqui e era prima do Henrique. Amara-o em tempos passados e o seu amor não diminuíra, apesar do gordo marido com o qual, para se distrair, procriou oito filhos em dez anos. Henrique morrera, mas descobri que mantivera correspondência com ela e enviara-lhe o seu diário, à moda alemã. Pouco antes mesmo de morrer enviara-lhe ainda vários papéis. A idiota não compreendeu a importância desses papéis e só dava valor às passagens onde falava da *«lune de mon cher Augustin*» e do poeta Wiedland... Descobri nesse diário as informações de que precisava. Soube uma porção de coisas sobre o Smith, sobre o dinheiro tirado pela filha, sobre o príncipe que se apoderou desse capital e, por fim, entre alegorias e imagens, a verdade apareceu em toda a clareza. Quer dizer... compreendes, não? Nada de positivo... Esse parlapatão do Henrique encheu tudo de alusões e meias palavras; todavia, de todas essas alusões cheguei a uma conclusão formidável: o príncipe casara com a filha do Smith. Onde? Como? Quando? Aqui ou no estrangeiro? Existe algum documento? Noite e mistério! Isto quer dizer, meu velho, que arranquei os cabelos de desespero e procurei, procurei como um louco, dia e noite! Consegui descobrir o Smith, mas por infelicidade no dia em que morreu de repente. Não o pude ver vivo! Soube por acaso que morrera, por informação de uma mulher de Vassili-Ostrow, uma mulher de quem suspeitava alguma coisa. Corri a Vassili-Ostrow (lembras-te?) justamente no dia em que nos

encontrámos. Soube então uma porção de coisas e a Nelly serviu-me de muito...

— Julgas que a Nelly sabe...

— O quê?

— Que é filha do príncipe?

— Se tu também o sabes — respondeu ele, com um olhar malicioso —, porque fazes perguntas supérfluas? Meu homem fútil! Aliás, o importante, não é o ser sua filha, mas sim sua filha *legítima*, entendes?

— Não é possível! — exclamei.

— Também disse que não era possível e por vezes ainda penso assim. Porém o caso talvez tenha sido *possível* e, segundo todas as probabilidades, deve ter sido.

— Não, Masloboiev, não pode ser verdade. Enganas-te. Se assim fosse, a mãe da Nelly teria suportado as privações que suportou ao voltar e teria deixado a filha num tal abandono? É inadmissível...

— Também pensei assim, ou antes, ainda hoje tenho as minhas dúvidas. Contudo é preciso não esquecer que essa Smith era a mulher mais esquisita e mais insensata que houve no mundo, com a mania do romantismo e das situações trágicas. Era uma exaltada e uma sonhadora. Basta estudá-la um pouco: começou por imaginar uma espécie de céu na terra e por ver em todos os seres umas almas angélicas; entregou-se sem reservas ao seu amor e estou certo que se perdeu depois a razão, não foi porque o amante a abandonasse, mas sim porque a sua ilusão se desfez. Não suportou a ideia de ver o seu ideal desfeito em lama, o seu anjo com as asas sujas. A sua alma romântica e mal equilibrada não pôde suportar essa metamorfose. Horrorizada, e, principalmente, cheia de altivez, afastou-se desse homem com um desprezo tremendo. Cortou os laços que os uniam, rasgou todos os papéis, atirou-lhe com o dinheiro à cara, esquecendo-se de que esse dinheiro não era dele, e renunciou a tudo, unicamente para o esmagar com a sua grandeza de alma, para o poder considerar um ladrão e ter para sempre o direito de o desprezar. Ter-lhe-á dito mesmo que considerava uma vergonha o ter sido sua mulher. O divórcio não existe entre nós, mas eles estavam virtualmente divorciados... Como poderia por isso recorrer a ele? Lembra-te de que no seu delírio dizia à Nelly: «Não vás para casa deles! Trabalha, sucumbe, mas não vás, *seja quem for que te chame*.» Presumia que podiam *vir a chamar-lhe* a filha e por consequência predispunha-a para desprezar aqueles *que a*

viessem buscar. Em resumo, vivia forjando estas fantasias. A tuberculose torna as pessoas extremamente irritáveis. Soube, no entanto, por uma comadre minha, que escreveu ao príncipe...

— Escreveu-lhe e ele recebeu a carta!? — exclamei, impaciente.

— Ignoro... Um dia pediu isso a essa minha comadre... Lembras-te daquela moça muito pintada que estava em casa da Boubnov? Está presa, agora... Combinou com ela para lhe levar uma carta ao príncipe, mas depois tornou-lha a tirar, isto três semanas antes de morrer. O facto é significativo. Embora lhe tenha tirado a carta, pode tê-la mandado depois por outra pessoa. Mandou-a? Não sei... Creio que não, pois o príncipe só teve a certeza da sua estada em S. Petersburgo depois de ela ter morrido. Imagina como devia ter ficado satisfeito... Quanto a mim tenho a convicção absoluta, mas não tenho nenhuma prova positiva. Era preciso fazer pesquisas no estrangeiro. Onde? Não sei... Vi que podia amedrontá-lo com alusões, fingindo saber mais do que realmente sabia.

— E o resultado?

— Assustou-se tanto que ainda agora treme, mas não caiu no laço. Tivemos várias entrevistas, nas quais tomava uma expressão trágica de Lázaro. Um dia, julgando que eu sabia tudo, começou a contar-me espontaneamente toda a história, como a um amigo. Mentia porém de um modo tão descarado que calculei então o quanto ele me temia. Fiz-me passar por um ingénuo que pretende ser esperto. Assustei-o muitíssimo. Depois passei às grosserias e ameaças, tudo para ver se conseguia fazer-lhe perder a calma e se, tomando-me por um idiota, se atraiçoava, o patife, parece, desconfiou. Outra vez fingi estar embriagado, mas também não deu resultado... É um finório!

— E como acabou tudo isso?

— Não acabou. Precisava de provas que não tenho. O que ele compreendeu é que podia fazer escândalo e isso é a única coisa que receia, tanto mais que está para casar. Já sabias?

— Não.

— Casa-se no princípio do ano que vem. Arranjou uma noiva com catorze anos feitos há pouco. Coitada... É uma pobre criança. Já vês o interesse que tinha na morte da mulher... A noiva é filha de boa família e rica, imensamente rica. Porém, não lhe perdoarei — exclamou, dando com o punho na mesa — que tenha feito de mim tolo, como fez há quinze dias. Canalha!

— Como assim?

— É simples. Como havia de acabar por perceber que eu nada sabia de positivo, consenti em aceitar dois mil *rublos*. Recebi-os humildemente. «Masloboiev», disse-me ele, «ainda não lhe paguei como devia». Já tinha recebido os cinquenta *rublos* combinados. «Como vou viajar, aqui tem os dois mil *rublos* e espero que *todos* os nossos negócios estejam terminados». Respondi-lhe: «Inteiramente terminados, príncipe». Não me recordo como saí da casa dele.

— Mas isso foi uma garotice para com a Nelly, Masloboiev!

— Foi garotice, foi canalhice, foi... foi... não há uma palavra para bem qualificar uma ação destas.

— Devia ao menos garantir o futuro da Nelly.

— Devia. Mas como forçá-lo? Amedrontando-o? Não tem medo e já recebi dinheiro dele. Todo o medo que lhe podia inspirar chegou apenas a dois mil *rublos*. Contentei-me com tão pequena importância… Como assustá-lo ainda?

— Será possível que a causa da Nelly esteja totalmente perdida?! — exclamei, desesperado.

— Isso nunca — replicou Masloboiev com entusiasmo. — Não sou assim tão cobarde, Ivan, e resolvi encetar uma nova campanha. Pouco importa que tenha recebido os dois mil *rublos*. Recebi-os pela afronta que me fizeram, porque zombou de mim e me enganou miseravelmente. Não admito que zombem de mim! Quanto ao caso da Nelly, começa agora. Tenho a convicção de que sabe tudo. A mãe contou-lho, num momento de angústia, quando não tinha mais ninguém a compreendê-la... Talvez haja algum documento. Entendes agora porque ando sempre por aqui? É porque sou teu amigo e também para observar a Nelly. É preciso que me ajudes, visto teres tanta influência sobre ela.

— Estou pronto a ajudar-te e espero que trabalhes para o bem dessa pobre órfã, e que não te deixes levar apenas pelo teu interesse pessoal.

— Que te importa, ó alma bem-aventurada, que trabalhe por ela ou por mim? O importante é vencer. Em primeiro lugar, está claro, estão os interesses da órfã, assim o quer a filantropia... Mas não me condenes se procuro ao mesmo tempo tirar partido desta situação. Que queres? Sou um pobre diabo, e os pobres diabos também têm direito à vida. Pois um canalha daqueles engana-me miseravelmente, não me paga o que de facto

me deve e achas que devo ainda tratá-lo com gentilezas?! Ora, deixa-me em paz!

***

A nossa «festa das flores» não deu resultado. Nelly amanheceu pior e não foi possível levá-la para fora do quarto. Coitada! Já de lá não sairia viva...

Morreu quinze dias depois e durante esses quinze dias de agonia nunca mais readquiriu totalmente a razão, e as visões forjadas pelo seu espírito não a deixaram mais. Até ao último suspiro permaneceu persuadida de que o avô a chamava e que, aborrecido por ela não ir ao seu encontro, batia com a bengala na calçada e ordenava-lhe que fosse pedir esmola. Outras vezes chorava a dormir e ao acordar dizia ter visto a mãe.

Só muito raras vezes tinha uns momentos de lucidez. Um dia, quando estava só, junto dela, as suas mãozitas muito magras e escaldantes de febre procuraram as minhas. Depois pediu-me:

— Ivan, quando eu morrer casa com a Natascha.

Esta ideia preocupava-a. Sorri, sem responder. Sorriu também, ameaçou-me com o dedo, brejeiramente, e depois beijou-me.

No dia anterior àquele em que morreu, numa linda tarde de verão, pediu-me para lhe levantar a cortina e abrir a janela que dava para o jardim. Olhou muito tempo para o céu, onde morriam os últimos raios do sol, e terminou por pedir para nos deixarem a sós.

— Ivan — disse ela, com uma voz tão fraca que mal a ouvia —, vou morrer e quero-te pedir para não te esqueceres de mim. Deixo-te isto como lembrança — continuou, mostrando um saquinho que tinha ao pescoço e uma cruz. — Foi a minha mãe que mo deu antes de morrer. Quando estiver morta abre-o e lê o que está dentro. Dirás a todos que isto é teu e só teu. Quando acabares de ler, vai a casa *dele* e diz-lhe que morri sem lhe perdoar. Dir-lhe-ás que li no Evangelho: «Devemos perdoar aos nossos inimigos». Porém, apesar de ter lido isso, não lhe perdoei. As últimas palavras que ouvi da minha mãe foram: «Amaldiçoo-o!» Eu amaldiçoo-o também, não por mim, mas pelo que fez à minha mãe. Conta-lhe como ela morreu, deixando-me só; conta-lhe em que estado me viste na casa da Boubnov; conta-lhe tudo, tudo, e diz-lhe ainda que preferia ficar em casa da Boubnov do que ir com ele.

Enquanto falava, o coração batia-lhe com violência; depois deixou cair a cabeça no travesseiro e esteve algum tempo sem poder continuar.

— Chama-os, Ivan — disse ela por fim, com voz fraca —, quero despedir-me deles. Adeus, Ivan.

Apertou-me muito com os seus bracitos pela última vez. Os outros entraram. O velho não podia acreditar na sua morte, não podia admitir essa ideia, e até ao fim esperou que ficasse boa. Passou dias e noites junto do seu leito. E ultimamente, então, não dormia um instante que fosse.

Esforçava-se por satisfazer os seus mínimos desejos, os seus enormes caprichos, e quando saía do quarto punha-se a chorar, embora momentos depois se enchesse de esperança, garantindo-nos que se restabeleceria. Trazia-lhe flores. Um dia fez quase uma viagem para trazer um ramo de rosas brancas e vermelhas para a sua querida Nelly. Ela não sabia como corresponder ao amor e carinho de que era objeto por parte de todos.

O velho não podia acreditar nessa separação para sempre. Nelly olhava-o sorridente, e toda a tarde se esforçou por estar alegre. Brincou com ele e riu mesmo um pouco. Quando a deixámos, estávamos um pouco mais esperançados; porém na manhã seguinte já não pôde falar e no outro dia estava morta.

Vejo ainda o velho cobrir de flores o caixãozinho; vejo o seu desespero ante aquele rostinho magro e sem vida, no qual pairava ainda um sorriso; vejo ainda aquelas mãozitas postas em cruz sobre o peito. Chorou-a como se fosse sua filha. Natascha e todos nós fizemos o possível para o consolar, porém devido ao seu desespero caiu gravemente doente depois do enterro de Nelly.

Ana entregou-me o saquinho tirado do pescoço da morta. Continha uma carta da mãe da pequena para o príncipe. Li-a no mesmo dia do falecimento. Amaldiçoava-o e dizia-lhe que não lhe podia perdoar. Descrevia-lhe todo o último período da sua vida, a sorte horrível à qual abandonava Nelly e intimava-o a fazer alguma coisa por ela. «É tua filha», dizia ela. «Bem sabes que é *verdadeiramente tua filha.* Disse-lhe para te procurar depois da minha morte e para te entregar esta carta. Se não a repelires, é possível que te perdoe do *além* e que no dia do julgamento me prosterne diante do trono de Deus, suplicando ao Juiz Supremo para te perdoar os teus crimes. A Nelly conhece o conteúdo desta carta, pois li-lha e expliquei-lhe *tudo;* ela sabe *tudo*».

Todavia Nelly não executou a última vontade da sua mãe. Sabia de tudo, mas não foi a casa do príncipe e morreu sem lhe perdoar.

De volta do enterro, eu e Natascha fomos para o jardim. Era um dia lindo, quente e cheio de luz.

A partida seria dentro de dois dias.

— Ivan — disse ela de repente —, foi um sonho, não foi?

— Um sonho?

— Sim. Tudo isto, todo este ano... Ah, Ivan, porque destruí eu a tua felicidade?

E li nos seus olhos este pensamento: «Poderíamos ter sido tão felizes... juntos para sempre!»

O SONHO DO TIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Capítulo 1

Maria Alexandrovna Moskalev é a senhora mais importante de Mordasov. Esta afirmação não admite discussões. Conduz-se com inteira independência, como se todo o mundo lhe obedecesse. É verdade que quase ninguém gosta dela e que muitos a odeiam sinceramente, mas não é menos certo que todos a temem e é isto o que ela deseja, revelando com isso os seus altos dotes diplomáticos. Só assim se compreende que, perante o seu majestoso porte, a ninguém ocorra considerá-la a maior mexeriqueira do mundo, ou pelo menos de Mordasov, uma mulher que morre por intrigas e que não pode dormir tranquila no dia em que se deita sem saber qualquer novidade.

Dir-se-ia, pelo contrário, que toda a mexeriquice cessa na sua presença, que as mulheres mais desbocadas coram e tremem, como colegiais apanhadas em travessura flagrante pelo professor, e desviam a conversa para assuntos mais elevados. Sabe coisas tão graves e escandalosas de alguns vizinhos que, se algum dia se decidisse a contá-las, a torná-las públicas, como só ela o sabe fazer, produziriam em Mordasov um terramoto como o de Lisboa; mas mantém-se sempre muito reservada sobre tais segredos e só em casos extremos os confia às suas mais íntimas amigas. Habitualmente, contenta-se com amedrontar as pessoas, aludindo ao que sabe, e prefere conservar um homem ou uma mulher em contínua ansiedade a aniquilá-los com um golpe decisivo.

Aquilo é que é inteligência e diplomacia! Maria Alexandrovna distinguiu-se sempre entre nós pelo seu inatacável *comme il faut,* que todos procurávamos imitar. Nesse particular não tem rival em Mordasov. Pode, por exemplo, matar, destroçar, aniquilar um adversário com uma só palavra, façanha de que todos temos sido testemunhas, e, no entanto, dir-se-ia que a pronunciou sem dar conta disso. Como é sabido, esta habilidade é um elemento característico da mais alta fidalguia.

As suas relações são inumeráveis. Muitos personagens que visitaram Mordasov e gozaram as delícias da sua hospitalidade continuam a

corresponder-se com ela. Houve até quem lhe fizesse versos que Maria Alexandrovna nos recitava com orgulho. Um literato dedicou-lhe uma novela que lhe ia lendo durante os serões, o que produziu uma impressão enternecedora. Um sábio alemão, que veio de Karlsruhe com o fim exclusivo de estudar uma espécie rara de vermes cornúpetos que vivem na nossa terra e sobre os quais escreveu quatro volumes *in-quarto,* ficou tão encantado com a amável hospitalidade de Maria Alexandrovna que ainda hoje mantém com ela correspondência num tom elevada mente moral e respeitoso.

Chegou até a comparar-se, sob um certo aspeto, Maria Alexandrovna com Napoleão. Claro que se trata de uma brincadeira dos seus inimigos, posta a correr mais por sarcasmo do que por amor à verdade. Admitindo a inexatidão da comparação, quero permitir-me uma pergunta ingénua: por que é que Napoleão sentiu vertigens quando atingiu o ponto mais alto da sua carreira? Os partidários da antiga dinastia costumam atribuir isso ao facto de Napoleão não ser de sangue real nem sequer de elevada nobreza. Daí — diziam eles — o ter-se alarmado ao ver-se em posição tão elevada. Apesar de tão engenhosa explicação, digna da época em que a corte de França brilhava em lodo o seu esplendor, aventuro-me a acrescentar por conta própria: por que é que Maria Alexandrovna não perdeu a cabeça em nenhuma circunstância e continuou a ser sempre a dama mais importante de Mordasov? Houve ocasiões em que dizíamos a nós próprios: «Vamos a ver o que faz Maria Alexandrovna em tão difíceis circunstâncias». Mas, quando a situação complicada aparecia, era vencida e superada sem que nada se desse; tudo continuava na mesma ou melhor do que antes. Toda a gente se recorda como seu marido, Afanasy Matveich, perdeu o seu lugar por causa da sua inépcia e imbecilidade, o que provocou as iras de um inspetor da capital, e todos esperavam que sua mulher se mostraria abatida, humilhada, suplicante; mas, longe disso e compreendendo que nada conseguiria com súplicas, manteve a sua altivez tão sabiamente que aquele episódio em nada diminuiu o seu prestígio social, e a sua casa continuou a ser a mais importante de Mordasov. Ana Nicolaevna Antipov, mulher do delegado e sua inimiga declarada, apesar da sua aparente amizade, já cantava vitória; mas, quando vimos que não era fácil confundir Maria Alexandrovna, verificámos que eram muito mais profundas do que supúnhamos as raízes da sua dignidade e supremacia.

Digamos de passagem, já que nos referimos a ele, quatro palavras sobre seu marido, Afanasy Matveich. É um homem de maneiras irrepreensíveis e de bons princípios; mas, em casos difíceis, desconcerta-se facilmente como um cordeiro diante da porta de um redil que nunca viu. Tem um porte majestoso, sobretudo quando põe a sua gravata branca nos jantares de cerimónia; mas todo o seu ar de dignidade e a sua compostura se desvanecem quando começa a falar. Então não há como a gente tapar os ouvidos com algodão. Realmente não é digno de Maria Alexandrovna e, segundo a opinião geral, conserva a sua posição graças aos raros méritos da mulher que, em minha opinião, já o devia ter posto como espantalho numa horta. Ali, e só ali, poderia ser de alguma utilidade para os camponeses. Maria Alexandrovna procedeu admiravelmente em mandá-lo para a aldeia de cento e vinte servos, que possuíam a duas milhas e meia da cidade, e que era o único património, a única fortuna com que ela mantinha o esplendor da sua casa. Todos compreenderam que tinha suportado o marido em atenção ao seu cargo e ao ordenado que recebia do governo... além de outros emolumentos. Agora que já não ganhava nem sabia angariar outros lucros, desfazia-se dele, afastando-o e arrumando-o como um traste inútil. Toda a gente louvava a clara inteligência e o temperamento decisivo de tal dama.

Afanasy Matveich vivia na abundância. Fui vê-lo ao campo e passei com ele uma hora deliciosa. Prova constantemente as suas gravatas brancas, engraxa as botas ele próprio, não por necessidade mas por amor à arte e por gostar de as ver luzidias, toma chá três vezes por dia, adora os banhos e está encantado com a vida.

Recordam-se do formidável escândalo que se armou em redor de Zinaida Afanasyevna, filha única de Maria Alexandrovna e de Afanasy Matveich? Zinaida é de uma formosura indiscutível e de esmerada educação, embora tenha chegado solteira aos vinte e três anos. Entre as razões aduzidas para explicar este facto, avulta poderosamente o vago rumor sobre certas relações misteriosas que manteve há cerca de ano e meio com um pobre mestre de escola — rumor que ainda corre. Fala-se também de uma carta amorosa, escrita por Zina, que andou de mão em mão; mas eu gostava de saber quem viu essa carta. Se andou de mão em mão, onde é que para? Todos ouviram falar dela mas ninguém a viu. Pelo menos, nunca encontrei ninguém que a tivesse visto com os seus próprios olhos. Se se faz alguma alusão a essa carta na presença de Maria

Alexandrovna, ela não se dá por achada. Mas suponhamos que tenha havido alguma coisa, que Zina escreveu a carta amorosa, como eu próprio admito que o tenha feito. Como se destaca em tudo isso o talento de Maria Alexandrovna! Com que destreza se conduziu ela neste assunto escandaloso, para afastar o perigo e vencê-lo! Sem deixar vestígios, nem o menor indício! Maria Alexandrovna finge ignorar essa baixa calúnia e, não obstante, só Deus sabe quanto lhe custou a salvar a honra da filha da mais leve beliscadura. Quanto ao facto de Zina não se ter casado, é perfeitamente natural: não há para ela um partido decente. Zina só pode contrair matrimónio com um príncipe reinante. Já viram, por acaso, mais bela mulher? É certo que é demasiado orgulhosa. Diz-se que Mozglyakov pediu a sua mão, mas é muito pouco provável que chegue a obtê-la. Quem é Mozglyakov? É jovem, na verdade, bem parecido, elegante, proprietário de cento e cinquenta servos, não tem nada hipotecado e foi educado em S. Petersburgo. Mas, como sabem, não tem a cabeça muito no seu lugar; é atordoado, fala pelos cotovelos e mostra simpatia pelas ideias avançadas. Agora digam-me o que vale uma fortuna de cento e cinquenta almas, especialmente quando se tem ideias avançadas. O casamento não se realizará.

***

Tudo o que o amável leitor acaba de ler escrevi-o há cinco meses, unicamente por capricho, ainda que — apresso-me a confessá-lo, — levado por uma certa admiração por Maria Alexandrovna, desejasse fazer o elogio de tão magnífica dama, em forma de carta a um amigo, no estilo das que são publicadas pelo *Northern Bell* e outras revistas dessa idade de ouro que, graças a Deus, não voltará. Mas, como não tenho quem me apadrinhe, e me domina, em assuntos literários, uma timidez inata, deixei o escrito numa gaveta da minha mesa, como primeira tentativa literária e agradável recordação de horas de ócio e bem-estar.

Tinham-se passado cinco meses quando, repentinamente, se deu em Mordasov um acontecimento extraordinário. Um dia, de manhã cedo, chegou o Príncipe K. e hospedou-se em casa de Maria Alexandrovna. As consequências desta visita iam ser incalculáveis. Só três dias permaneceu o Príncipe em Mordasov, mas esses três dias deixaram graves e indeléveis recordações. Direi mais: o Príncipe produziu na nossa cidade uma

revolução, ou pouco menos, e o relato desta revolução constitui um dos mais interessantes capítulos dos anais de Mordasov. São essas páginas que, depois de grandes hesitações, me decidi a juntar, dando-lhes forma literária para as submeter ao julgamento do respeitável público. Conterão a completa e maravilhosa história da exaltação, glória e decadência de Maria Alexandrovna e de sua família — digno e sedutor assunto para um escritor. Mas, para descrever a maneira admirável como o Príncipe K. chegou à nossa cidade e se hospedou em casa de Maria Alexandrovna, vejo-me obrigado, antes, a dizer algumas palavras a respeito do próprio Príncipe. Além disso a biografia deste personagem é absolutamente indispensável para o lógico desenvolvimento da nossa história. Começo, portanto, por aí.

Capítulo 2

Tenho que dizer antes de mais nada que o Príncipe K. não era extraordinariamente velho, mas estava tão decrépito, tão gasto, que, ao vê-lo, pensar-se-ia que cairia aos pedaços quando menos se esperasse. Em Mordasov corriam de boca em boca as coisas mais fantásticas acerca do Príncipe, chegando a dizer-se que não tinha o juízo todo. Ninguém compreendia que o dono de uma propriedade com quatro mil servos, membro de uma família distinta, que podia ter, se quisesse, grande influência na província, vivesse retirado nas suas propriedades como um ermitão. Muitos que conheciam o Príncipe, quando esteve em Mordasov, há seis ou sete anos, asseguravam que não podia estar sozinho um momento, nem se parecia, em nada, com um eremita.

Eis os dados que consegui obter de pessoas autorizadas:

Na sua juventude, já longínqua, o Príncipe teve na sociedade um acolhimento brilhante, divertiu-se muito, namoriscou, viajou pelo estrangeiro, cantou romanças, contou anedotas e nunca se distinguiu pelos dotes brilhantes da inteligência. Não é preciso dizer, portanto, que dissipou toda a sua fortuna e foi surpreendido pela velhice sem um chavo. Alguém o aconselhou então a visitar a sua propriedade, que tinha começado a vender em hasta pública. Fez a viagem e chegou a Mordasov, onde passou seis meses. A vida de província agradou-lhe muito, e nesses seis meses gastou o que lhe restava até ao último centavo, empregando o tempo a jogar e em intrigas com as damas da província. Era, além disso, de um feitio excelente, não isento de certo ar principesco, o que em Mordasov se considerava o sinal da mais alta aristocracia, e de que todos gostavam em vez de se molestarem. As senhoras, sobretudo, não saíam do êxtase que lhes provocava um hóspede tão encantador.

A esse respeito conservam-se em Mordasov curiosas recordações. Dizia-se, entre outras coisas, que passava a maior parte do dia em frente do toucador e que o seu corpo se compunha de várias peças, ou pelo menos

assim parecia, e ninguém percebia como ele tinha chegado àquela ruína física.

Usava cabeleira, bigode, suíças e pera, tudo postiço, até ao último pelo, e de um negro magnífico. Pintava-se e punha pó de arroz todos os dias. Dizia-se também que escondia as rugas da cara, por meio de pequenas molas, escondidas com uma arte especial debaixo dos pelos. Assegurava-se além disso que usava espartilho, por ter perdido uma costela ao saltar, com pouca destreza, de uma janela, numa das aventuras amorosas que tivera em Itália. Coxeava da perna esquerda e havia quem afirmasse que essa perna era postiça, uma perna de cortiça de modelo especial, que substituía uma que partiu em Paris, numa aventura do mesmo género. Mas o que é que o mundo não é capaz de dizer? O certo é que o seu olho direito era de vidro, embora maravilhosamente imitado, usava dentadura postiça e passava o dia a lavar-se com águas medicinais, perfumando-se e pondo pomadas.

É preciso prevenir que, nessa altura, o Príncipe começou a enfraquecer a olhos vistos e se tornou insuportavelmente loquaz. Parecia ter chegado ao fim da sua carreira. Toda a gente o sabia arruinado. De súbito, inesperadamente, um dos seus mais próximos parentes, uma velha que passara muitos anos em Paris e de quem ele não esperava nada, morreu um mês após o falecimento do seu único herdeiro. O Príncipe encontrou-se, inesperadamente, na posse de uma grande fortuna, herdando uma propriedade magnífica de quatro mil servos, a quarenta milhas de Mordasov. Imediatamente se dirigiu a S. Petersburgo para arrumar os seus assuntos.

As senhoras ofereceram-lhe, por subscrição, um banquete de despedida, no qual o Príncipe se mostrou jovial e sedutor como nunca, fazendo rir toda a gente com os seus ditos de espírito e anedotas extraordinárias, prometendo voltar, logo que pudesse, a Dukanovo — a sua nova propriedade — e dar no seu regresso uma série interminável de festas, jantares, bailes e fogos de artifício.

Durante um ano inteiro, falaram as damas destas promessas, esperando impacientemente o velho e encantador amigo. E, para enganar a sua expectativa, organizaram excursões a Dukanovo, onde puderam admirar uma casa solarenga antiquíssima, um jardim com acácias cuja folhagem imitava leões, colinas artificiais, lagos por onde deslizavam

barquinhos com estátuas na proa, a imitar turcos tocando flautas, caramanchões, pavilhões, canteiros e outras maravilhas.

Por fim, o Príncipe voltou; mas, com geral assombro e desencanto, passou sem parar em Mordasov e encerrou-se em Dukanovo para viver como um ermitão. Começaram a circular estranhos rumores e, a partir dessa altura, a história do Príncipe torna-se obscura e fantástica. Afirmou-se desde o primeiro momento que não tinha tido muita sorte em S. Petersburgo e que alguns parentes e herdeiros tentaram obter vantagens da sua fraqueza mental, constituindo-lhe um curador, receosos de que dissipasse outra vez os seus bens. Mais ainda: afirmavam alguns que tinham querido interná-lo numa casa de loucos; mas que um dos seus parentes, homem de grande influência, o tinha defendido, demonstrando com toda a clareza que o pobre Príncipe, meio morto e já reduzido a um manequim, depressa morreria, e assim herdariam sem necessidade do manicómio. Mas o que é que as pessoas não são capazes de dizer e, sobretudo, as de Mordasov?

Tudo isto, afirmava-se, aterrorizou o Príncipe enormemente, ao ponto de lhe mudar o caráter e convertê-lo num ermitão. Algumas pessoas da classe média foram visitá-lo por curiosidade, mas não as recebeu ou ficaram surpreendidas com o seu acolhimento. Nem sequer reconheceu os seus velhos amigos e estes asseguravam que não quis reconhecê-los. O governador, que também lhe fez uma visita, voltou dizendo que o Príncipe estava louco, e desde então punha-se de mau humor quando alguém aludia à sua visita a Dukanovo. As senhoras ferviam de indignação.

Por fim, descobriu-se uma coisa muito interessante. O Príncipe estava inteiramente dominado por uma mulher chamada Stepanida Matveyevna, de quem ninguém sabia outra coisa senão que chegou com ele de Petersburgo, que era gorda e velha, sempre vestida de percal e com as chaves na mão; que o Príncipe lhe obedecia em tudo como um menino e não se atrevia a dar um passo sem sua licença; que o lavava com as suas próprias mãos, o desnudava, o amimava e o consolava como a uma criança e que afastava dele as visitas, especialmente as dos parentes que se arriscavam a ir até Dukanovo, para ver como iam as coisas. Em Mordasov discutiu-se longamente acerca destas incompreensíveis relações, principalmente entre as senhoras. Acrescentava-se que Stepanida Matveyevna manejava com inteira liberdade toda a fortuna do Príncipe; substituía os mordomos, os administradores e os criados, e recebia as

rendas; mas sabia administrar tão bem que era abençoada pelos camponeses.

Quanto ao Príncipe, parece que passa lodo o dia no seu toucador provando cabeleiras e trajes, e, quando não faz isto, entretém-se com a governanta a jogar às cartas. Só raras vezes dá um passeio a cavalo numa égua inglesa muito mansa, seguido sempre por Stepanida em carro fechado, receosa de um desastre, visto que o Príncipe monta a cavalo apenas por vaidade e mal se sustém no selim. Às vezes sai a pé, de capa e chapéu de palha, protegendo o pescoço com uma manta, de monóculo e com uma cestinha para apanhar cardos, cogumelos e flores silvestres. Stepanida Matveyevna acompanha-o sempre, seguida por dois robustos lacaios, e de carro para o que der e vier. Quando se encontra com um camponês, que se afasta para o lado, se descobre e o saúda com o tradicional: «Bons dias, Príncipe, sua excelência o nosso sol», o Príncipe volve para ele o monóculo, faz uma graciosa inclinação de cabeça e responde afavelmente:

— *Bonjour, mon ami*, *bonjour!*

Tudo isto se dizia em Mordasov, que não esquecia o Príncipe. E como era possível, estando ele tão perto? Mas qual não seria o assombro geral quando, um belo dia, rebentou a notícia de que o Príncipe, aquele original ermitão, tinha chegado a Mordasov em pessoa e se hospedara em casa de Maria Alexandrovna! Tudo era alvoroço e agitação! Todos davam mil explicações e perguntavam o que significava aquilo. Alguns preparavam-se para visitar Maria Alexandrovna. A chegada do Príncipe surpreendera toda a gente como um fenómeno maravilhoso. As senhoras escreviam-se, visitavam-se e enviavam as criadas aos maridos em busca de notícias. Não podiam conformar-se com a ideia do Príncipe se ter alojado precisamente em casa de Maria Alexandrovna. Aquilo era surpreendente e inexplicável. Ana Nikolaevna mostrava-se mais ressentida que todas, porque o Príncipe era seu parente afastado. Para sair desta confusão geral, é necessário que visitemos Maria Alexandrovna, para cuja casa convidamos cordialmente o amável leitor. Não são com certeza mais que dez da manhã, mas não creio que se negue a receber um amigo íntimo. A nós, pelo menos, não nos fechará a porta.

Capítulo 3

Dez da manhã. Encontramo-nos em casa de Maria Alexandrovna, na rua principal da cidade, e no próprio aposento a que a dona da casa chama o salão, nas ocasiões solenes, para o distinguir da saleta familiar onde habitualmente passa o tempo. O salão está soalhado com engenhosa arte e as paredes cobertas com papel do melhor gosto. Nos móveis, mais ou menos toscos, predomina o vermelho berrante. Há uma chaminé que sustém um grande espelho em que se reflete um relógio de bronze com um detestável Cupido. Entre as janelas, outros dois espelhos sem molduras e em frente deles mais dois relógios. Quase num canto, encostado à parede, brilha um piano que foi preciso comprar para Zina, porque Zina é amante de música. Junto da chaminé acesa, uma mesita rodeada por cadeiras dispostas ao acaso. No canto oposto ao do piano, ferve um *samovar* de prata sobre uma mesa com uma toalha de imaculada brancura, onde luz um bonito serviço de chá — que está ao cuidado de Nastasya Petrovna Zyablov, uma senhora que vive com Maria Alexandrovna na qualidade de parenta afastada.

Duas palavras a respeito desta mulher. É viúva, de trinta anos, morena, fresca, com uns olhos negros e um olhar muito vivo, toda ela de agradável aspeto. É muito dada ao riso, divertida e dissimulada, além disso amiga de mexeriquices e com certa disposição para fazer pequenos negócios. Tem dois filhos em não sei que colégio e faz uma vida muito independente. No entanto gostaria de tornar a casar-se. O marido dela era oficial do exército.

Maria Alexandrovna está nas suas sete quintas, sentada junto do lume, com o seu vestido azul celeste, que a favorece tanto, radiante de prazer com a chegada do Príncipe, que neste momento se encontra no andar de cima a cuidar da sua pessoa. É tal a sua alegria que nem sequer pensa na necessidade de dissimulá-la.

De pé, em frente dela, está um rapaz que conta qualquer coisa calorosamente; na expressão do seu rosto vê-se a satisfação de se sentir escutado com agrado. Tem vinte e cinco anos e as suas maneiras seriam

corretas, sem os frequentes arrebatamentos a que se deixa levar e se não pretendesse ser gracioso e interessante. Veste com elegância e cuidado e é quase bonito. Já tínhamos falado dele: é o Sr. Mozglyakov, de quem se esperam grandes coisas. Maria Alexandrovna, no seu foro íntimo, considera-o um cabeça de vento, mas dispensa-lhe um cordialíssimo acolhimento. É um pretendente à mão de sua filha Zina, de quem o jovem se confessa loucamente enamorado. Volta-se, a cada momento, para ela, tentando arrancar-lhe um sorriso com as suas graçolas e ditos de espírito, mas Zina conserva-se a distância, fria e indiferente, folheando um almanaque, junto do piano.

Zina é uma dessas mulheres que, ao aparecer numa sala, provocam um sentimento geral de admiração. É uma beleza prodigiosa: alta, morena, com olhos quase negros de feiticeira, feições encantadoras e porte esbelto e airoso. Os ombros e os braços são os de uma estátua antiga e os pés fascinam com o seu andar de rainha. Hoje está bastante pálida, mas os seus lábios vermelhos, esquisitamente cinzelados, entre os quais brilha o fio de pérolas dos seus dentes regulares e miudinhos, tirar-vos-iam o sono durante três dias seguidos se os fitásseis uma vez.

O Sr. Mozglyakov parece que teme o seu olhar penetrante, pois mostra um embaraçado retraimento quando se volta para ela, que o fita com altiva indiferença. Traz um vestido simples de musselina branca, que lhe cai com muita graça, o que lhe acontece com todos os vestidos. Na mão usa um anel de cabelos entrançados, que pela cor não são de sua mãe. Mozglyakov nunca se atreveu a perguntar-lhe de quem são. Esta manhã, Zina está melancólica e taciturna como se alguma coisa a preocupasse; sua mãe, ao contrário, parece decidida a não se calar nunca, embora dirija de vez em quando um olhar de receio, que procura dissimular, a sua filha, como se ela também temesse a rapariga.

— Estou tão contente, tão contente, Pavel Alexandrovich, que de boa vontade me poria a gritar a minha alegria, da janela, a quem passa na rua! Não falo da deliciosa surpresa que o senhor nos deu, a Zina e a mim, chegando quinze dias antes da data que tinha anunciado; isso já se sabe! O que me enche de regozijo é que nos tenha trazido o Príncipe. Se soubesse como adoro esse velhito sedutor! Mas não, não; o senhor não pode compreender! Vocês, os jovens, são incapazes de compreender o meu entusiasmo, por mais explicações que lhes dê! O senhor não sabe o que ele foi para mim, noutros tempos, há seis anos... Recordas-te, Zina? Desculpa,

esquecia que estavas em casa de tua tia! O senhor não acreditará, Pavel Alexandrovich, mas eu fui o seu guia, a sua irmã, a sua mãe! Obedecia-me como um menino! A nossa amizade era ingénua, terna, nobre e digna! Realmente não sei como defini-la! Por isso, por gratidão, só pensou na minha casa *ce pauvre prince!* Sabe, Pavel Alexandrovich, que talvez o tenha salvado, trazendo-o? Durante os últimos seis anos tenho estado em constante angústia, pensando nele. Quer crer que não me deixava dormir? Dizem que essa harpia o embruxou, arruinando-o; mas por fim o senhor conseguiu arrancá-lo das garras dela. Sim; havemos de aproveitar a ocasião para o salvar completamente. Mas conte-me outra vez como se arranjou o senhor, para o conseguir. Descreva-me o seu encontro tão minuciosamente quanto possa. Há pouco estava tão excitada que só tomei atenção ao principal; mas o que dá, por assim dizer, sabor às coisas são os pormenores. A mim encantam-me sempre, por insignificantes que pareçam, e às vezes o que primeiro me chama a atenção são as coisas mais diminutas... e enquanto ele se está preparando...

— Mas se já lhe contei tudo, Maria Alexandrovna — apressou-se a responder o jovem, pronto a contar, complacentemente, o sucedido pela décima vez. — Tinha viajado durante toda a noite sem dormir. A senhora pode imaginar a pressa que eu tinha — acrescentou voltando-se para Zina. — Tive que gritar, praguejar, fazer barulho para arranjar cavalos; nas mudas armava escândalo e discutia com os estalajadeiros. Se o escrevesse dava uma novela do género picaresco. Mas não vem ao caso. Adiante! Às seis da manhã cheguei à última paragem: Ygiskevo. Estava gelado, mas não desejava aquecer-me, e pus-me a gritar pedindo cavalos. A mulher do cocheiro, que dava o peito a uma criança, até se assustou e creio que lhe deve ter secado o leite... O nascer do sol era um espetáculo magnífico! A geada era um manto de prata e carmesim! Mas não dei atenção a nada: estava cego, embriagado pelo desejo de chegar quanto antes! Apoderei-me dos cavalos, de assalto, tirando-os a um conselheiro a quem estive quase para desafiar em duelo. Disseram-me que um quarto de hora antes tinha partido um Príncipe que viajava com cavalos seus, depois de passar ali a noite. Mal ouvi. Saltei para o trenó e parti voando como quem escapa do presídio. Qualquer coisa de semelhante conta Fet numa das suas elegias. A umas seis léguas dali, num cruzamento com a estrada que se dirige para o mosteiro de Svyetozersky, vi que tinha sucedido qualquer coisa de estranho. Um carro enorme tinha-se voltado; o cocheiro e dois lacaios não

sabiam o que haviam de fazer, enquanto do carro saíam gritos e lamentos de cortarem a alma. Pensei passar de largo: «Que se arranjem; não é da minha conta!» disse de mim para mim. Mas dominou-me o sentimento de humanidade que, como diz Heine, nos faz meter o nariz em tudo. Detive-me. Com o meu criado e o meu cocheiro (verdadeira alma russa) apressei-me a oferecer-lhe os meus serviços e os seis pusemos o carro sobre as rodas. Alguns camponeses, carregados de lenha, que ali passavam, também nos ajudaram. A estes dei-lhes umas moedas. Eu pensava se seria o carro do Príncipe... Olhei e... santo Deus! O próprio! O Príncipe Gavrila! Que encontro! «Príncipe! Tio!», exclamei gritando. A princípio quase me não reconheceu, mas quase me conheceu... ao fitar-me bem. Embora, para dizer a verdade, só com muito trabalho veio a saber quem sou e até suponho que me toma por outro e que não se recorda do nosso parentesco. Vi-o haverá uns seis anos em S. Petersburgo... Mas, claro, eu era então um rapazinho. Lembro-me dele porque me impressionou... «Mas como há de ele recordar-se?», pensei e apresentei-me a mim próprio. Ficou encantado e abraçou-me tremendo de medo e chorando a valer. Vi-o com os meus próprios olhos! Abraçava-me e chorava ao mesmo tempo. Consegui persuadi-lo a que subisse para o meu trenó e que viesse descansar um dia, pelo menos, em Mordasov. Aceitou sem vacilar... Disse-me que ia ao mosteiro de Svyetozersky visitar o monge Misail a quem estima e respeita; que Stepanida Matveyevna... (qual dos nossos parentes não ouviu falar de Stepanida Matveyevna, que me pôs fora de Dukanovo o ano passado?) que Stepanida Matveyevna tinha recebido uma carta comunicando-lhe que alguém da sua família estava a morrer em Moscovo, o pai ou a filha, não me recordo bem, nem me faz falta, talvez o pai e a filha ao mesmo tempo, ou quem sabe se também um sobrinho, moço de taberna... Enfim, ficou tão transtornada, que teve que decidir-se a abandonar o Príncipe por dez dias e partiu precipitadamente para honrar a capital com a sua presença. O Príncipe passou um dia sem se mexer, outro provando cabeleiras e pondo pomadas e pinturas; experimentou a fortuna com as cartas, jogando a feijões, mas não conseguiu distrair-se sem Stepanida Matveyevna. Mandou então atrelar o carro e partiu para o mosteiro de Svyetozersky. Um dos seus criados, com medo de Stepanida, quis dissuadi-lo, mas o Príncipe teimou em fazer a viagem e partiu ontem depois do jantar. Passou a noite em Ygiskevo e prosseguiu na viagem ao romper da manhã. Ao tomar a estrada que conduz à residência do padre

Misail, por um triz não se precipitou, com carruagem e tudo, num barranco. Salvei-o e persuadi-o a vir comigo, visitar a nossa comum e respeitabilíssima amiga Maria Alexandrovna. Disse-me que a senhora era a mulher mais encantadora que tinha visto... e aqui o tem. Agora está a arranjar-se com a ajuda do criado, de quem não quis separar-se e de quem por nada deste mundo prescindiria, pois preferiria morrer a consentir em apresentar-se perante uma senhora sem certos ingredientes de toucador que o tornam uma verdadeira obra-prima... Aqui tem a senhora a história completa.

— Mas que gracioso que é, Zina! — exclamou Maria Alexandrovna depois de o escutar em silêncio. — Que bem que sabe contar as coisas! Ouça, *Paul,* uma pergunta: Explique-me com exatidão o seu parentesco com o Príncipe. O senhor não lhe chama tio?

— Essa é boa, Maria Alexandrovna! Nem eu próprio sei como nem por que parte sou parente dele. Creio que estou pelo menos em sétimo grau ou talvez no septuagésimo multiplicado por sete. Mas não tenho culpa nenhuma... Quem a tem é minha tia Aglaya Mikalovna, que não faz outra coisa senão as contas da parentela, embora as faça pelos dedos. Foi ela que me obrigou a ir vê-lo o verão passado a Dukanovo. Antes tivesse ido ela! Chamo-lhe tio e ele responde. Por agora é todo o nosso parentesco...

— De qualquer forma teve uma inspiração do céu em trazê-lo cá para casa. Tremo só de pensar no que poderia acontecer ao pobrezito se tem caído noutras mãos. Ter-se-iam atirado a ele, tê-lo-iam despedaçado, comido! Cairiam sobre ele como sobre uma mina de ouro. Atrevo-me a afirmar que o despojariam! Não pode imaginar que gente vil e astuta há por aqui, Pavel Alexandrovich!...

— Por Deus! Que está dizendo, Maria Alexandrovna? Para onde poderia ele vir senão para esta casa? — interveio a viúva Nastasya Petrovna enquanto servia o chá. — Decerto não vai supor que ele podia ter ido para casa de Ana Nikolaevna!

— Mas, por que demorará tanto? É estranho — disse Maria Alexandrovna levantando-se impacientada.

— A senhora fala do tio? Pois eu creio que tem ainda para cinco horas. Além disso, como perdeu por completo a memória, talvez tenha esquecido que está de visita em sua casa! Já sabe que ele é um personagem extraordinário, Maria Alexandrovna!

— Vamos, deixe-se de tolices!

— É verdade, Maria Alexandrovna! Não é um homem, mas um boneco com corda! Há seis anos que o não vê, mas eu acabo de vê-lo. É a sombra de um homem, um cadáver que se esqueceram de enterrar. Os olhos são artificiais, as pernas de cortiça, todo ele é um conjunto de molas; até fala por meio de um mecanismo especial.

— Por Deus! Que má língua a sua! E eu a ouvi-lo! — exclamou Maria Alexandrovna com severidade. — Não se envergonha, sendo tão novo e além disso seu parente, de falar assim de um respeitável ancião? Pondo de lado a sua inesgotável bondade — e a sua voz tomou uma entoação comovedora — lembre-se de que é uma relíquia, um produto, por assim dizer, da nossa aristocracia. Meu amigo, *mon ami.* Estou a ver que essa ligeireza é o fruto das ideias modernas de que estão sempre a falar. Mas, por quem é!, eu também sigo essas ideias. Compreendo que, no fundo, o seu modo de pensar é generoso e digno de respeito; compreendo que haja qualquer coisa de elevado e sublime nessas ideias novas; mas isso não me impede de ver o lado prático, por assim dizer, o aspeto real das coisas. Vi alguma coisa do mundo, vi mais que o senhor e, além de tudo, sou mãe, e o senhor é ainda muito novo. Por isso esse velho parece ridículo aos seus olhos! Mais ainda: a última vez que nos vimos, o senhor disse que queria manumitir os seus servos, que queria fazer alguma coisa pelo bem público, e isso vem-lhe de ler o Shakespeare e outros como ele. Creia-me, Pavel Alexandrovich, o seu Shakespeare passou à história e, se ressuscitasse, com todo o seu talento, não entenderia nada da nossa vida. Se há alguma coisa de cavalheiresco e majestoso na nossa sociedade contemporânea, encontra-se só na alta aristocracia. Um Príncipe metido num saco será sempre um Príncipe; até numa cabana será tão Príncipe como num palácio. Aí tem o senhor o marido de Natália Dmitryevna, que construiu uma casa como um palácio... pois é o marido de Natália Dmitryevna e nada mais. E, por mais que ela faça, não deixará de ser a mesma Natália Dmitryevna. O senhor também representa de certa maneira a velha aristocracia, porque dela descende. Eu própria não me considero afastada da aristocracia, e é um malnascido quem rebaixa o seu próprio berço. Mas o senhor há de vê-lo por si próprio, *mon cher Paul,* melhor do que eu lhe posso dizer, e então esquecerá o seu Shakespeare... Eu lho prognostico. Estou convencida de que mesmo agora não sente nenhum entusiasmo por essas ideias e fala assim por ser *chic.* Mas já falei demasiado. Espere aqui, *mon cher Paul,*

que vou ver o que o Príncipe está a fazer. Talvez precise de alguma coisa, e com os imbecis dos meus criados...

E Maria Alexandrovna saiu correndo, a pensar nos seus criados imbecis.

— Maria Alexandrovna parece muito satisfeita por essa lambisgoia da Ana Nikolaevna não ter merecido a honra da visita do Príncipe, apesar de pretender ser parente dele. Deve estar morta de raiva! — observou Nastasya Petrovna; mas, vendo que não faziam caso dela e percebendo que era de mais em face da atitude de Zina e de Pavel Alexandrovich, deixou o salão como se fosse buscar alguma coisa.

No entanto, para se compensar da sua discrição, ficou a escutar atrás da porta.

Pavel Alexandrovich voltou-se logo para Zina muito agitado.

— Não está aborrecida comigo, Zinaida Afanasyevna? — perguntou-lhe timidamente, com ar de súplica e voz trémula.

— Consigo? Porquê? — respondeu erguendo os seus admiráveis olhos que brilhavam como duas estrelas.

— Por ter vindo tão depressa, Zinaida Afanasyevna! Não podia resistir, não aguentava quinze dias mais de separação... Sonhava consigo. Vim para conhecer o meu destino... Mas está a mostrar má cara... parece enfadada! Negar-se-á a dizer-me qualquer coisa de decisivo?

Zinaida estava de facto séria.

— Já esperava que me falasse nisso — respondeu baixando os olhos e numa voz firme em que vibrava uma intenção humilhante. — E como esta situação é muito aborrecida, quanto mais depressa acabar, melhor... O senhor insiste por que lhe dê uma resposta. Pois bem; repetir-lhe-ei que não tenho outra resposta a dar-lhe senão esta: espere! Volto a dizer-lhe: ainda me não decidi a nada e não posso prometer-lhe que serei sua esposa. Isso não se consegue à força, Pavel Alexandrovich. Mas, para o tranquilizar, acrescentarei que não o repilo definitivamente. Fica entendido que, se lhe permito esperar um resultado favorável, não o faço por consideração à sua inquietação e à sua impaciência. Repito-lhe que quero tomar a minha resolução com inteira liberdade e que, se acabar por lhe dizer que não consinto, não deve culpar-me por lhe ter dado esperanças. Ficamos entendidos!

— E que alcance têm as suas palavras? — suplicou Mozglyakov. — São uma esperança? Posso fundar nelas alguma esperança, Zinaida

Afanasyevna?

— Tenha presente o que lhe digo e funde o que quiser... O senhor verá, e não lhe quero dizer mais nada. Não o repilo ainda e limito-me a dizer-lhe que espere. Repito-lhe que me reservo o direito de o repelir, se me apetecer. Tenho que fazer-lhe ainda outra advertência, Pavel Alexandrovich: se veio antes do dia fixado com o fim de proceder por caminhos indiretos, conquistando a influência de minha mãe, ou recorrendo a outros meios que possam influir na minha decisão, os seus cálculos são errados. Se assim fosse, agora mesmo o repeliria, percebeu? E por agora basta: peço-lhe que não volte a dizer-me uma palavra sobre este assunto antes do tempo devido.

Tudo isto ela lhe disse, seca, firmemente e sem vacilações como um discurso aprendido de cor. *Monsieur Paul* sentiu que tinha feito um papel ridículo. Naquele momento Maria Alexandrovna tornou a entrar e, quase atrás dela, a Sra. Zyablov.

— Creio que vai descer já, Zina! Nastasya Petrovna, depressa, serve o chá! — gritou ela um pouco transtornada.

— Ana Nikolaevna já mandou pedir notícias. Anyutka entrou a correr na cozinha, e atordoou-me com perguntas. Apostava em como está furiosa! — disse a viúva enquanto mexia no *samovar*.

— E a mim que me importa! — replicou Maria Alexandrovna, pronunciando as palavras por cima do ombro. — Como se me interessasse o que possa pensar Ana Nikolaevna! Não há perigo que eu mande alguém à cozinha dela. E surpreende-me, realmente surpreende-me, o teu empenho em considerar-me inimiga da pobre Ana Nikolaevna, e não só tu mas também toda a cidade! Julgue o senhor, Pavel Alexandrovich! O senhor conhece-nos a ambas. Ora vejamos. Por que hei de eu ser inimiga dela? Para sobressair? Mas isso a mim não me dá cuidado! Que seja ela, que seja ela a primeira; eu, primeiro que ninguém, estou disposta a ir felicitá-la. Acresce que isso é falso. Defendê-la-ei, sou obrigada a defendê-la! Caluniam-na. Por que é que se ocupam dela? Por ser nova e gostar de vestir bem... Não terá razão nisso? Em minha opinião, é preferível a afeição aos bons vestidos que a outras coisas... como aquelas que Natália Dmitryevna aprecia... e das quais não se pode falar. É por andar sempre a passear e não poder parar em casa? Mas, Deus meu! Que há de ela fazer, se não tem instrução e é incapaz de abrir um livro sem adormecer e de ocupar-se dois minutos seguidos da mesma coisa? Que é faceira e aparece

à janela olhando para todos os que passam pela rua; mas por que é que toda a gente diz que é tão formosa, quando é pálida como uma defunta? Faz rir quando dança? Mas, então, por que lhe dizem que dança maravilhosamente a polca? Usa chapéus e penteados impossíveis? Mas terá culpa de que Deus lhe não tenha dado bom gosto e a tivesse feito tão ingénua que, se lhe disserem que lhe fica bem um cartucho de cor, seria capaz de o pôr na cabeça? É mexeriqueira... mas isso é corrente aqui; não há ninguém na cidade que não murmure. Sushilov, com os seus bigodes, passa lá a manhã, a tarde, e quase a noite... Mas, valha-me Deus! Isso não é de admirar, se o marido joga até às cinco da manhã. Além disso, abundam tanto os maus exemplos! No entanto, é possível que tudo isto sejam calúnias. Enfim, tomarei sempre a sua defesa, sempre! Mas, céus! Vem aí o Príncipe! É ele, é ele! Reconhecê-lo-ia entre mil! Até que enfim veio, *mon Prince* — gritou, correndo para o receber à porta.

Capítulo 4

À primeira vista ninguém tomaria o Príncipe por um velho. Só examinando-o de perto e atentamente mostrava que era um boneco movido à força de mecanismos. Recorrera-se a todos os artifícios para disfarçar de jovem aquela múmia. Uma cabeleira assombrosa, suíças, bigode e pera, tudo de um negro exagerado, cobriam quase por completo o seu rosto arranjado com tantas pomadas e habilidade que não ficara o menor vestígio do que era. Que tinham feito das rugas? Ninguém o sabia. Vestido à última moda, parecia um figurino acabado de sair de um escaparate. Trazia um casaco próprio para visitas, ou qualquer coisa de parecido — palavra de honra que o não sei ao certo — que era a última novidade, desconhecida até àquela data, e criada precisamente para visitas matinais. As luvas, a gravata, o colete, a camisa, era tudo de uma brancura deslumbrante e de um gosto refinado. O Príncipe coxeava um pouco, mas, com tal elegância que isso parecia prescrito pela moda. Trazia monóculo num olho, precisamente no de vidro, e estava saturado de perfumes. Ao falar, arrastava certos vocábulos de maneira especial, talvez por debilidade senil, talvez porque a dentadura era toda postiça, ou então por motivos de dignidade. Pronunciava certas sílabas com extraordinária doçura, acentuando de maneira especial certas vogais. *Si,* por exemplo, convertia-se nos seus lábios em *si-i.* Na sua apresentação havia um certo descuido e à vontade, restos talvez da vida elegante que conservava inconscientemente como uma vaga reminiscência, como vestígios de além-túmulo, que ruem cosméticos, nem alfaiates, nem perfumistas, nem barbeiros podiam — ai! — ressuscitar. De forma que faremos bem, confessando, ao começar, que, se não perdera o juízo, havia tempo que tinha perdido a memória e se atrapalhava continuamente, repetindo-se e falando sem nexo nem lógica. Para falar com ele era preciso um dom especial. Mas Maria Alexandrovna podia confiar em si própria; e, na presença do Príncipe, deixou-se arrebatar pelo entusiasmo.

— Mas não mudou! O senhor não mudou nada! — exclamou agarrando nas duas mãos do Príncipe e fazendo-o sentar numa cadeira. — Sente-se, Príncipe, sente-se! São seis anos, seis anos completos sem nos vermos, e nem uma carta, nem uma linha, em todo esse tempo! Que mal se portou comigo, Príncipe! Que zangada estava consigo, *mon cher Prince!* Mas, o chá! O chá! Por Deus, Nastasya Petrovna! O chá!

— Obrigado, obrigado, sinto muito — gaguejou o Príncipe (tínhamo-nos esquecido de dizer que tartamudeava um pouco, mas fazia-o como se fosse moda). — *Sin...in...to!* Imagine a senhora que o ano passado pensava *vi...ir* sem falta — acrescentou, passeando a vista pelo salão — mas assustaram-me; disseram-me que havia o *có...ólera* aqui...

— Não, Príncipe; não houve cólera — disse Maria Alexandrovna.

— Foi peste que atacou o gado, tio! — interrompeu Mozglyakov para fazer figura.

Maria Alexandrovna olhou-o de cima abaixo com severidade.

— É verdade! Peste no gado ou qualquer coisa assim... Por isso fiquei em casa. Mas como está seu marido, minha querida Ana Nikolaevna? Continua ainda tão zeloso na magistratura?

— Não, Príncipe — respondeu a dona da casa, bastante desconcertada — o meu marido não é magistrado...

— Aposto que o tio a confunde, tomando-a por Ana Nikolaevna Antipov! — exclamou o leviano Mozglyakov, mas imediatamente se retraiu, vendo o efeito que as suas palavras causaram na dona da casa.

— Ah, sim, sim, Ana Nikolaevna e... e... já me recordo. Ah, sim! Antipov, Antipov, é isso — confirmou o Príncipe.

— Não, Príncipe! O senhor está enganado! — corrigiu Maria Alexandrovna com um sorriso amargo. — Eu não sou Ana Nikolaevna, e confesso-lhe que não esperava que me tivesse esquecido. Deixa-me admirada, Príncipe! Eu sou a sua velha amiga, Maria Alexandrovna Moskalev. O senhor recorda-se, Príncipe, de Maria Alexandrovna?

— Maria A-lex-andro-ovna! Quem diria! E eu que supunha que a senhora era... como se chama?... ah, sim, Ana Vassilyevna... *C'est delicieux.* Isso quer dizer que não acertei com a casa. E eu que pensava, querido amigo, que o senhor me levava para junto de Ana Matveyevna! *C'est charmant.* Isto sucede-me com frequência... Encontro-me sempre onde não esperava! Estou contente, sempre contente, seja como for. Com que então não é Nastasya Vassilyevna? É interessante.

— Maria Alexandrovna, Príncipe, Maria Alexandrovna! Oh! Que mal se comportou comigo! Esquecer-se da sua melhor... da sua melhor amiga!

— Sim, a minha melhor amiga... perdão, perdão — balbuciou o Príncipe, reparando em Zina.

— É Zina, minha filha. O senhor não a conhece, Príncipe. Estava fora quando cá veio pela última vez em 18... Recorda-se?

— É sua filha? *Charmante, charmante!* — murmurou o Príncipe contemplando a rapariga. — *Mais quelle beauté!* — acrescentou visivelmente comovido.

— O chá, Príncipe! — disse Maria Alexandrovna desviando a atenção do velho para um criado que se aproximava com uma bandeja. O Príncipe pegou numa xícara, e olhando fixamente para o criado, que era um rapaz corado e gordo, disse:

— A...ah! É seu filho? Lindo rapaz! E então, está bom de saúde?

— Mas, Príncipe — apressou-se a interromper Maria Alexandrovna — contaram-me o seu terrível desastre! Confesso-lhe que me horrorizou até à loucura... Não se magoou? Diga-me a verdade! Não é prudente descuidar essas coisas.

— Foi ele que me tirou. Foi o cocheiro que me tirou! — exclamou o príncipe com extraordinária animação. — Supus que tinha chegado o fim do mundo, ou qualquer coisa de parecido, e tenho que confessar que tive medo... Que os santos do céu me perdoem, mas eu não sabia se estava de cabeça para cima ou para baixo! Não o esperava! Não o esperava! Não o esperava de maneira alguma. E tudo por culpa do Teófilo, do meu cocheiro! Em ti confio completamente, amigo; faz o que for necessário para pôr as coisas a claro. Estou persuadido de que foi um atentado contra a minha vida.

— Muito bem, tio, muito bem — respondeu Pavel Alexandrovich. — Farei as investigações oportunas. Mas ouça, tio: perdoe-lhe por esta vez, quer? Que lhe parece?

— Por nada deste mundo lhe perdoarei. Estou certo de que pretendia matar-me. Ele e Lavrenty, que ficou em casa. Imaginem que se deixou influenciar por certas ideias modernas! Defende um certo ceticismo... enfim é um comunista em toda a extensão da palavra! Tenho medo de me encontrar com ele.

— Ah, como é verdade o que diz, Príncipe! — exclamou Maria Alexandrovna. — Se soubesse o que sofro por causa desses pândegos!

Imagine: arranjei dois criados novos e confesso-lhe que são tão estúpidos que ando às voltas com eles todo o santo dia. Não pode supor como são estúpidos!

— Sim, sim. Mas previno-a de que prefiro um lacaio um pouco imbecil — disse o Príncipe, a quem, como a todos os velhos, agradava que o escutassem com respeito. — A estupidez, de certa maneira, fica muito bem a um criado, e às vezes quando está unida à ingenuidade transforma-se numa virtude. Torna-os mais imponentes, dá mais solenidade à sua apresentação, dá-lhes um ar de boa educação; e o que eu mais aprecio neles é a *bo...oa edu…cação.* Aí tem a senhora o meu Terenty! Recorda-se do bom do Terenty? Não? Apenas o vi, compreendi que o céu o destinava para porteiro. O cúmulo da estupidez! Mas que imponente majestade! Que ar tão solene! Com uma gravata branca, que lhe sobe sempre, produz um destes efeitos... Fico entusiasmado! Às vezes contemplo-o em êxtase. Dá a impressão que está a defender uma tese. Que porte tão solene! Olha para as pessoas como um carneiro que mata a sede. Parece um filósofo alemão... um verdadeiro Kant, ou melhor: um peru de ceva. Perfeitamente *comme il faut* para um criado.

Maria Alexandrovna riu entusiasmada e até bateu as palmas. Pavel Alexandrovich imitou-a espontaneamente; o tio divertia-o a valer. Nastasya Petrovna também soltou uma gargalhada e a própria Zina sorriu.

— Mas que humorismo, que alegria, que espírito tão vivo o senhor tem, Príncipe! — exclamou a dona da casa. — Que preciosa faculdade para descobrir a nota mais subtil e pitoresca!... E desaparecer da sociedade, e isolar-se durante cinco anos seguidos! Com esse talento! Mas o senhor poderia escrever, Príncipe! Poderia ser outro Von Vizin, outro Griboyedov, outro Gogol!...

— Oh! Sim! Oh! Sim! — concordou o Príncipe radiante de prazer. — Eu creio que poderia. A senhora sabe lá a graça que eu tinha noutro tempo! Até escrevi um *vaudeville* para o teatro. Tinha trechos esquisitos... embora não se chegasse nunca a estrear...

— Seria encantador lê-lo, e sabes tu, Zina, que viria mesmo a calhar? Estamos justamente agora a organizar representações teatrais com fins patrióticos, Príncipe... em benefício dos feridos... O seu *vaudeville* seria o êxito dos êxitos!

— Pois claro! Estou disposto a escrevê-lo de novo... Pois claro! Embora o tenha esquecido por completo. No entanto, lembro-me de que

havia duas ou três cenas assim — e o Príncipe beijou as pontas dos dedos — e em geral quando viajava pelo estrangeiro fazia furor. Lembro-me de Lord Byron. Éramos muito amigos. Dançava maravilhosamente a cracoviana no Congresso de Viena.

— Lord Byron, tio? Por todos os santos! O que quer dizer?

— Pois sim, Lord Byron. E daí talvez não fosse Lord Byron, mas outro qualquer... É isso mesmo: não era Lord Byron, mas um polaco. Agora me recordo perfeitamente, um polaco que se fazia passar por conde, mas que se descobriu que era cozinheiro ou coisa parecida... Mas bailava a cracoviana deliciosamente e acabou por partir uma perna. Eu escrevi uns versos nessa ocasião:

Vamos ver o polaco pequenino
Fazendo o seu papel de dançarino.

E o que é que vem a seguir? Não me recordo.

Quando por fim a perna se quebrou,
Também a cracoviana terminou.

— Isso deve ter continuação, tio — opinou Mozglyakov, fazendo troça.

— Creio que era isto, querido amigo, ou qualquer coisa parecida. Mas, ainda que o não seja, o certo é que os versos tiveram grande êxito. Acontece-me esquecer certas coisas. Isso é devido às minhas muitas ocupações.

— Mas conte-nos, Príncipe: que fez durante todo este tempo na solidão? — perguntou Maria Alexandrovna com muito interesse. — Pensei tanto em si, meu caro Príncipe, que ardo em desejos de saber tudo.

— O que fazia? Pois de uma maneira geral já sabe que tenho muitas ocupações. Às vezes descanso, outras saio a passear e outras ainda fico a pensar em coisas inimagináveis...

— O senhor deve ter um grande poder de imaginação, tio!

— Um poder extraordinário, querido. Às vezes imagino tais coisas que eu próprio fico pasmado. Quando estava em Kaduev... A propósito: tu não eras governador de Kaduev!

— Eu, tio? Por favor! O que está a dizer? — exclamou Pavel Alexandrovich.

— Imagina, meu querido amigo, que te tomava pelo governador. Bem dizia eu que não podias ter mudado tão rapidamente de fisionomia!... Porque o outro tinha uma cara respeitável e inteligente... era um homem de uma inteligência excecional. Estava sempre a compor versos sobre qualquer assunto... De perfil parecia-se com o rei de ouros...

— Não, Príncipe — interveio Maria Alexandrovna. — Eu juro-lhe que essa vida seria a sua perdição. Encerrar-se durante cinco anos na solidão sem ver nem ouvir ninguém! Mas o senhor é um homem perdido, Príncipe. Pregunte aos amigos que lhe querem de verdade e todos lhe dirão que é um homem perdido.

— Realmente! — exclamou o Príncipe.

— Asseguro-lhe; falo-lhe como uma amiga, como uma irmã. Falo-lhe assim, porque lhe quero, porque a recordação da nossa velha amizade me é sagrada. Que ganharia em enganá-lo? Não; deve mudar radicalmente de vida ou ficará doente, consumir-se-á e morrerá...

— Valha-me Deus! Vou assim morrer tão depressa? — exclamou o Príncipe tremendo de pavor. — E a senhora adivinha-o? As hemorroidas já me trazem morto de medo... e quando me atacam apresento uns sintomas... Vou enumerá-los... Em primeiro lugar...

— Para outra vez falará disso — atalhou Pavel Alexandrovich —; agora talvez fosse melhor sairmos.

— É verdade! Para outra vez, se quiserem. Agora lembro-me de que não seja interessante para as senhoras que eu fale nisto... Por outro lado é uma enfermidade muito curiosa. Tem episódios muito variados... Lembra-mo esta noite, querido; contar-lhes-ei ponto por ponto uma coisa que me aconteceu...

— Ouça, Príncipe — interrompeu de novo Maria Alexandrovna — o senhor devia ir ao estrangeiro tratar-se.

— Ao estrangeiro? Sim, sim. Irei ao estrangeiro com certeza. Recordo-me que era muito divertido quando tinha vinte anos e ia para o estrangeiro. Estive quase para casar com uma viscondessa francesa. Enamorei-me perdidamente dela e queria consagrar-lhe a minha vida. Mas não me casei; casou-se outro. Passou-se uma coisa extraordinária: ausentei-me duas horas de ao pé dela e um barão alemão roubou-ma. Depois tiveram que o meter num manicómio.

— Mas, caro Príncipe, o que quero dizer-lhe é que o senhor devia pensar seriamente na sua saúde. Há muito bons médicos no estrangeiro... além de que uma mudança de vida convinha-lhe muito.

— Na verdade! Há muito tempo que tomei esta decisão e, sabe a senhora?, penso experimentar a hidroterapia.

— A hidroterapia?

— A hidroterapia. Já experimentei uma vez a hidroterapia. Estava numas termas. Ali conheci uma senhora de Moscovo... não me lembro como se chamava, mas apenas que apreciava a poesia e que tinha uns setenta anos. Tinha uma filha de cinquenta anos, viúva, com muita expressão nos olhos. Falava quase sempre em verso. Depois teve uma grande desgraça: matou uma das suas criadas e foi processada. E, reparem, elas fizeram o possível para que eu fizesse uma cura de águas. Asseguro-lhes que não tinha nada de importante nessa ocasião, mas elas insistiram: «Trate-se, trate-se». Por mera cortesia, comecei a beber as águas pensando que me poria melhor. E bebi, bebi, bebi... numa tal quantidade que formaria uma cascata. Como a senhora sabe a hidroterapia é uma coisa muito boa e faz-me muito bem, tanto que, se não tivesse caído doente, asseguro-lhes que estaria perfeitamente...

— É uma verdade de La Palice, tio. Diga, tio, estudou lógica?

— Olha que pergunta! — interveio Maria Alexandrovna, mostrando-se severa e escandalizada.

— Sim, querido, estudei; mas há muitos anos. Estudei também filosofia na Alemanha. Um curso inteiro, mas não posso recordar-me quando foi. Mas... devo confessar... assustaram-me com essa doença; estou transtornado. Volto já.

— Aonde vai, Príncipe?— gritou alarmada Maria Alexandrovna.

— Volto já, já... Vou só anotar uma ideia nova... *au revoir.*

— Que tipo tão cómico! — exclamou Pavel Alexandrovich, soltando uma gargalhada.

Maria Alexandrovna perdeu a paciência.

— Não compreendo, não compreendo *absolutamente* por que se ri — disse com calor. — Rir-se de um ancião venerável, de um parente! Abusar da sua bondade angélica e ridicularizar cada uma das suas frases! Envergonha-me, Pavel Alexandrovich. É capaz de me dizer o que acha ridículo nele? Nada observei que faça rir.

— Mas se não conhece ninguém e só diz tolices!

— Isso é o resultado da horrível vida que leva, de ter estado cinco anos sequestrado sob a severa vigilância dessa mulher diabólica. É razão para a gente se compadecer e não para se rir. Nem sequer a mim me reconheceu. O senhor mesmo é testemunha. É um exemplo palpável. Temos que o salvar a todo o transe. Se o aconselhei a partir para o estrangeiro foi só para o libertar das garras dessa... mulher ordinária.

— Sabe uma coisa? Temos que lhe arranjar uma mulher, Maria Alexandrovna — gritou Pavel Alexandrovich.

— E continua! O senhor é incorrigível, Sr. Mozglyakov.

— Não, Maria Alexandrovna, não. Agora falo a sério. Por que não havemos de casá-lo? É uma ideia, uma ideia como qualquer outra. Que mal lhe podia fazer, tenha a bondade de me dizer? Pelo contrário: no estado em que se encontra só uma coisa dessas o poderia salvar. Ainda é legalmente apto para o matrimónio. Em primeiro lugar libertá-lo-íamos dessa «barata», perdoe-me a expressão. E, além disso, imagine que escolhe uma rapariga, ou ainda melhor, uma viúva bonita, inteligente, terna e, é claro, pobre que o trate como um pai, olhando-o como o seu benfeitor, agradecida pelo favor que lhe fez dando-lhe o título de esposa. Que melhor para ele que uma mulher de coração nobre e generoso, que lhe pertença e esteja sempre a seu lado, em vez dessa... megera? É claro que tinha que ser bonita porque o tio ainda rende culto à beleza. A senhora reparou como ele olhava para Zinaida Afanasyevna?

— Mas onde encontrará o senhor essa noiva? — perguntou Nastasya Petrovna, que ouvia atentamente.

— Ah, isso é fácil. Em si própria, se quiser! Permita-me uma pergunta: a senhora não é um excelente partido para o Príncipe? Em primeiro lugar, é bonita; segundo, é viúva; terceiro, é uma senhora a valer; quarto, é pobre, pois suponho que não nada em dinheiro; quinto, é uma alma sensível e por conseguinte estimá-lo-ia e tratá-lo-ia como um objeto precioso e frágil que se envolve em algodão... Poria na rua essa mulher, acompanharia o Príncipe ao estrangeiro, dar-lhe-ia pudins e doces até que o Príncipe deixasse este mundo transitório, o que dentro de um ano e provavelmente dentro de dois ou três meses se viria a dar. Então a senhora seria uma princesa, uma viúva rica e, como prémio da sua abnegação, voltaria a casar-se com um marquês ou com um general. *C'est joli,* não é verdade?

— Mas, Deus meu! Julgo que me apaixonaria por esse amável Príncipe, sem ter em conta a gratidão, se ele manifestasse a menor pretensão a esse respeito — exclamou a Sra. Zyablov com os olhos brilhantes. — Mas é loucura pensar nisso.

— Como? Loucura? Se a senhora quiser não será loucura. Diga uma palavra e deixo cortar um dedo se não for noiva do Príncipe hoje mesmo! Não há nada tão fácil como persuadi-lo de qualquer coisa! Casá-lo-emos sem que ele dê conta de nada. Casá-lo-emos enganando-o, mas será feliz graças a nós. Vista o melhor que tiver e esteja disposta a tudo, Nastasya Petrovna.

O entusiasmo do Sr. Mozglyakov não conhecia limites. À Sra. Zyablov crescia-lhe a água na boca.

— Já sei que estou muilo mal vestida, sem que o senhor mo diga — replicou — e que nunca tive gosto para isso. Nunca tive ambições também. Mas pareço assim tão mal?

Maria Alexandrovna permanecia sentada com uma estranha expressão nos olhos. Posso afirmar, sem me enganar, que ouviu a proposta de Pavel Alexandrovich com desalento e que ficou desconcertada... Por fim voltou a si e disse com mordacidade:

— Tudo isso está muito bem, reconheço-o; mas é uma ridícula insensatez, e além disso... uma impertinência.

— Mas, minha querida Maria Alexandrovna, por que há de ser ridículo e impertinente? — replicou Mozglyakov a quem a insinuação era dirigida.

— Por muitas razões e principalmente porque o senhor está em minha casa e o Príncipe é meu hóspede, e porque não permito a ninguém que se exceda em minha casa. Não posso considerar as suas palavras senão como uma brincadeira, Pavel Alexandrovich. Mas graças a Deus que o Príncipe está de volta.

— Cá estou — gritou este, entrando. — É assombroso, meu caro amigo, como estou hoje fecundo em ideias. Às vezes (os senhores não acreditam?) parece que não tenho nada na cabeça. Nem uma ideia.

— Isso deve ser a queda que lhe alterou os nervos, tio, e aí está a razão...

— É o que eu pensava, amigo, e, como o acidente deu resultados tão proveitosos, estou resolvido a perdoar ao Teófilo. Sabem que afinal já não acredito que tenha querido atentar contra a minha vida? Que lhes parece? Por outro lado já o castiguei bastante cortando-lhe a barba.

— Cortando-lhe a barba, tio? Como, se usa umas barbas tão grandes como o império alemão?

— Ah, sim! Tão grandes como o império alemão! As tuas comparações são sempre acertadíssimas, rapaz. Mas são postiças. E agora ouçam como isso sucedeu. Mandaram-me um catálogo com amostras: as mais estupendas barbas para lacaios e cavalheiros, importadas recentemente do estrangeiro. Havia, além disso, suíças, bigodes, peras, tudo a preços ínfimos. Por curiosidade, pedi uma barba de cocheiro e mandaram-me uma, magnífica! Mas aconteceu que a de Teófilo era o dobro em tamanho, e, claro, ficámos perplexos sem saber o que havíamos de fazer: se rapar Teófilo, se deixar-lhe a barba, devolvendo a postiça. Depois de muitas reflexões cheguei à conclusão de que lhe convinha mais a barba artificial.

— Por que é que pensou que a arte é melhor do que a natureza, tio?

— Por isso precisamente. Que pena o pobre rapaz teve quando o raparam! Como se com a barba tivesse perdido uma carreira brilhante! Mas não são horas de sairmos, querido?

— Como quiser, tio.

— Príncipe, espero que irá somente ver o governador — exclamou emocionadíssima Maria Alexandrovna. — O senhor é meu, Príncipe; pertence à minha família durante todo o dia. A sociedade daqui não é de aconselhar. Talvez o senhor queira visitar Ana Nikolaevna e eu não tenho o direito de dissuadi-lo disso; por outro lado estou convencida de que a sua experiência lhe ensinará o que eu lhe poderia dizer. Mas não esqueça que sou sua hospedeira, sua irmã, sua servidora, durante todo o dia, e que estarei a tremer por si, Príncipe. O senhor não conhece essa gente, não a conhece bem.

— Confie em mim, Maria Alexandrovna. Tudo se passará como lhe prometi — disse Mozglyakov.

— Com uma cabeça tão louca, confiar em si! Espero-o para jantar, Príncipe. Jantaremos cedo. E quanto sinto que meu marido esteja no campo. Que feliz se sentiria, vendo-o! Com o respeito que lhe tem! Quer-lhe com toda a alma.

— Seu marido? A senhora tem marido?

— Deus meu! Que esquecido que o senhor é, Príncipe. Mas esqueceu por completo, por completo, o passado! O meu marido, sim, Afanasy

Matveich. Não pode tê-lo olvidado. Agora está no campo, mas antes viu-o mais de cem vezes. Lembra-se, Príncipe, de Afanasy Matveich?

— Afanasy Matveich? No campo, está a dizer? Mas é delicioso! Com que então também tem marido? Que coisa extraordinária! É como num *vaudeville:* «O meu marido está à porta, enquanto ela foi...» Perdão, mas esqueci o resto. A mulher saiu para qualquer parte, para Tula, ou para Jaroslav, mas, fosse para onde fosse, é muito cómico.

— «O marido está à porta, enquanto ela foi para a horta», tio — disse Mozglyakov servindo de ponto.

— Isso, isso! Obrigado, querido, para a horta. Encantador, encantador! Assim rima bem. Tu fazes tudo em verso, querido! Não me lembrava se tinha ido para Jaroslav ou para Kostroma, mas sim que ela tinha ido para qualquer parte. Encantador! Encantador! Não me recordo bem do que ia a dizer... Ah, sim, vamo-nos, amigo. *Au revoir, Madame. Adieu, ma charmante demoiselle* — acrescentou voltado para Zina e beijando-lhe as pontas dos dedos.

— O jantar, o jantar, Príncipe! Não se esqueça de voltar depressa — gritou Maria Alexandrovna, acompanhando-o até à porta.

Capítulo 5

— Podias dar uma volta pela cozinha, Nastasya Petrovna — disse quando o Príncipe saiu. — Tenho o pressentimento de que esse monstro do Nikita nos deixa queimar o jantar. Já deve estar bêbado a estas horas...

Nastasya Petrovna obedeceu, mas ao sair olhou para ela e notando a sua extraordinária agitação, em vez de ir vigiar o monstro do Nikita, deslizou pelo corredor para os seus aposentos e entrou num quarto escuro, cheio de malas, vestidos velhos e roupa suja amontoada em grandes fardos. Em pontas dos pés, aproximou-se de uma porta fechada e pôs-se a escutar pelo buraco da fechadura. Era uma das três portas que davam acesso à sala onde Maria Alexandrovna e Zina tinham ficado e a única que estava sempre fechada e fora de uso.

Bem conhecia Maria Alexandrovna a astúcia e a excessiva curiosidade de Nastasya Petrovna e, sem dúvida, considerava-a capaz de espreitar pelos buracos das fechaduras; mas naquele momento estava demasiado excitada para tomar certas precauções. Sentou-se, pois, numa cómoda cadeira e dirigiu a Zina um olhar significativo que produziu na rapariga um efeito desagradável e deprimente.

— Zina!

Zina voltou para a mãe o rosto pálido e ergueu os olhos negros e sonhadores.

— Queria falar-te num assunto de grande importância, Zina.

Zina pôs-se em frente da mãe e com os braços cruzados esperou, tentando em vão ocultar certa expressão humilhante e sarcástica.

— Queria perguntar-te o que te pareceu hoje esse Mozglyakov.

— Já há muito tempo que sabes a minha opinião sobre ele — respondeu Zina de mau modo.

— Sim, *mon enfant;* mas parece-me que se está a tornar muito impertinente com as suas atenções.

— Como disse que gostava de mim, pode perdoar-se-lhe a insistência.

— É estranho! Não costumavas antigamente... perdoar-lhe com tanta facilidade; pelo contrário, punhas-te sempre contra, quando eu me referia a ele.

— Também é extravagante que tu agora o condenes, tu que o defendias como um bom partido para mim.

— Tens quase razão. Não o nego, Zina: desejava casar-te com Mozglyakov. Fazia-me sofrer a tua tristeza, a tua desdita, que sou muito capaz de compreender (embora penses outra coisa) e que me tirava o sono. Convenci-me de que só uma mudança radical de vida podia salvar-te, e essa mudança tem que ser... o matrimónio. Não somos ricas e não podemos, portanto, ir para o estrangeiro. Os asnos que abundam por aqui surpreendem-se por te verem solteira, aos vinte e três anos, e para o explicarem inventam calúnias. Mas por acaso estaria bem que te desse por marido um pobre conselheiro ou um Ivan Ivanovich, como o nosso procurador? Há aqui algum homem digno de ti? Mozglyakov apesar de ter a cabeça cheia de serradura é o mais aceitável de todos. Pertence a uma família distinta, tem boas relações, possui cento e cinquenta servos e mais vale isso do que viver de fraudes e subornos, ou Deus sabe de que maquinações. Por isso me fixei nele. Mas juro-te que nunca me foi simpático e estou convencida de que isto foi uma advertência da Providência. Se Deus se dignasse enviar-te um partido melhor, era uma sorte que não estivesses comprometida com ninguém. Suponho que não lhe prometeste nada hoje, não é verdade, Zina?

— Para quê esse discurso, mamã, se tudo se diria em duas palavras? — replicou Zina, irritada.

— Discurso, Zina, discurso! Como podes falar assim à tua mãe! Bem digo eu: há já tempo que desconfias de mim. Há muito que me consideras mais como inimiga do que como tua mãe.

— Deixa-te de coisas, mamã! Não vamos guerrear por palavras! Não nos conhecemos bem? Parece que já é tempo de nos deixarmos disso!

— Estás a ofender-me, filha! Não compreendes que estou disposta a tudo, absolutamente a tudo, para te fazer feliz?

Zina olhou para a mãe com desgosto e replicou numa voz incisiva:

— Desejas casar-me com o Príncipe para ver-me feliz?

— Não te disse nada disso; mas, já que a isso te referes, dir-te-ei que, se se oferecesse ocasião, seria uma felicidade incomparável para ti e estaria muito longe de o considerar uma insensatez.

— Uma insensatez é o que a mim me parece! — gritou Zina indignadamente. — Uma insensatez, uma insensatez! Também creio que tens uma imaginação muito romântica; és uma poetisa no mais completo sentido da palavra; é o que pensa toda a gente. Estás sempre cheia de projetos. Não te deténs nem perante as coisas absurdas e impossíveis. Quando estava aqui o Príncipe adivinhei que te passou isso pela cabeça. Quando Mozglyakov começou a fazer de parvo dizendo que era preciso arranjar uma mulher para o velho, li nos teus olhos o teu pensamento. Apostava em como não pensavas noutra coisa e por isso me fizeste falar. Mas os teus planos de grandeza enfastiam-me, torturam-me e acabarão por me matar... Suplico-te que não me fales mais nisso, ouves, mãe? Nem uma palavra mais. Agradecer-te-ei que não esqueças o que te digo.

— És uma criança, Zina, uma criança doente e colérica — insistiu Maria Alexandrovna com voz lacrimosa e comovida. — Faltas-me ao respeito e ofendes-me. Nenhuma mãe suportaria o que eu todos os dias te suporto! Mas és nervosa, estás doente, sofres, e eu sou tua mãe, e, além de tudo, sou cristã. Tenho que suportar e perdoar. Uma palavra, Zina: se realmente tivesse pensado nesse casamento, por que o havias de considerar uma insensatez? Em minha opinião Mozglyakov nunca falou melhor do que quando demonstrava a necessidade que o Príncipe tinha de se casar... mas não com essa suja da Nastasya. Com isso não concordo.

— Ouve, mamã, diz-me francamente se me falas assim por falar ou com algum fim determinado.

— Só te pregunto por que é que te havia de parecer insensato.

— Que aborrecimento! Que vida a minha! — exclamou a rapariga batendo com o pé no chão. — Dir-te-ei, se o não sabes: aproveitar-se da circunstância de esse velho ser imbecil, para não falar de outras coisas, para o enganar, para casar com ele (uma ruína) apenas para lhe subtrair dinheiro e depois desejar, hora a hora, dia a dia, a sua morte é, em meu entender, não só uma insensatez mas uma baixeza que não posso admitir. Não te felicito por essa ideia, mamã.

Houve um momento de silêncio.

— Lembras-te, Zina, do que se passou há dois anos? — perguntou a mãe, de repente.

Zina estremeceu e disse com severidade:

— Mamã! Prometeste-me solenemente não falar mais nisso.

— E eu suplico-te que me libertes, por uma só vez, da minha promessa a que não faltei até agora, Zina! Chegou o momento de uma franca explicação. Foram horríveis estes dois anos de silêncio! Não posso permitir que se prolonguem... Estou disposta a suplicar-te de joelhos que me deixes falar, ouves, Zina? É a tua mãe quem to pede de joelhos! E ao mesmo tempo dou-te a minha palavra solene, palavra de mãe desgraçada que adora a filha, de que nunca mais, sob nenhum pretexto, e ainda que me custasse a vida, te voltarei a falar nisto. É a última vez, mas agora é absolutamente necessário.

Maria Alexandrovna calculava que estas palavras produzissem um efeito favorável.

— Fala — disse Zina empalidecendo.

— Obrigada, Zina. Há dois anos, o teu pobre irmão, Mitya, tinha um precetor...

— Mas, mamã, a que vem um preâmbulo tão solene? Para quê tanta eloquência, tantos pormenores escusados, penosos, e que já conhecemos demasiado? — atalhou a rapariga apressada e amarguradamente.

— Porque, minha filha, eu, que sou tua mãe, devo justificar-me perante ti. Porque desejo expor-te tudo sob um ponto de vista muito diferente do que tu costumas vê-lo. Tenho que começar pelo princípio para que vejas claramente o que se segue. Não penses que jogo com os teus sentimentos, filha. Não, Zina; sempre encontrarás em mim uma verdadeira mãe, e talvez prostrada a meus pés, aos pés desta mulher a quem chamaste vil, me implorarás uma reconciliação que durante tanto tempo e tão orgulhosamente tens repelido; aqui tens por que tenho de dizer-te toda a verdade, Zina, começando pelo princípio. De outra forma seria preferível calar-me.

— Fala — repetiu Zina, maldizendo, de todo o coração, a eloquência da mãe.

— Continuarei, Zina. Nunca pude compreender como esse mestre-escola chegou a impressionar-te, um rapazito ainda! Confiava no teu bom senso, no teu honesto orgulho e sobretudo na sua completa insignificância (porque é preciso dizer toda a verdade) e por isso não suspeitava de que houvesse alguma coisa entre os dois. E de repente chegas junto de mim e dizes-me que queres casar-te com ele. Zina! Foi uma punhalada no coração! Soltei um grito e caí sem sentidos. Mas... lembras-te de tudo? Não preciso de dizer-te que tive de usar de toda a minha autoridade... a que

chamaste tirania. Pensa bem: um rapaz, filho de um sacristão, com um ordenado de doze rublos por mês, um autor de versos detestáveis, publicados por favor na «Biblioteca de boas leituras», um rapaz que não sabe falar noutra coisa senão nesse maldito Shakespeare, um rapaz assim, teu marido, marido de Zinaida Moskalev! Perdoa, Zina, mas só pensar nisso me põe frenética! Neguei o meu consentimento, mas nada te desviou da tua ideia. O teu pai não fazia mais que piscar os olhos, sem entender palavra, por mais que eu lhe explicasse. Mantiveste relações com esse rapaz, encontravas-te com ele e, o que é pior, atreveste-te a escrever-lhe. Espalharam-se certos rumores pela cidade, os vizinhos começaram a mortificar-me com alusões: a satisfação é grande, o som das trombetas vibra estridente e depressa todas as minhas predições se cumprem ao pé da letra. Zangaram-se por qualquer ninharia e mostrou-se indigno de ti esse belo rapaz (não posso chamar-lhe homem) ameaçando-te de que exibiria as tuas cartas. Foi então que, cheia de indignação, lhe deste uma bofetada. Sim, Zina, também conheço esse pormenor! Sei tudo! Nesse mesmo dia o miserável mostrou uma das tuas cartas ao canalha do Zanshin e a carta não tardou uma hora a chegar às mãos de Natália Dmitryevna, minha figadal inimiga. Na mesma noite o tresloucado, desesperado de remorsos, tentou envenenar-se. Enfim, foi um escândalo formidável. Essa porca da Nastasya veio a correr dar-me a notícia: havia uma hora que Natália Dmitryevna tinha em seu poder a carta. Uma hora mais e toda a cidade ficaria inteirada da tua vergonha. Não perdi a calma, não desmaiei, mas que grande golpe foi aquele, Zina! Essa sem-vergonha, essa porca da Nastasya pediu duzentos rublos, jurando que por essa soma se apoderaria da carta. Eu própria corri em chinelas e sobre a neve a casa do judeu Burnstein e empenhei o meu guarda-joias, recordação de minha santa mãe! Antes de duas horas tinha a carta nas minhas mãos: Nastasya tinha-a roubado. Arrombou um cofrezito, e a tua honra ficou salva (ninguém poderia provar nada). Mas que angústia me fizeste passar naquele dia! No dia seguinte, pela primeira vez na minha vida, apareceram os meus primeiros cabelos brancos, Zina! Tu tinhas formado a tua opinião sobre a conduta desse rapaz, e concordarás, embora sorrindo amargamente, que teria sido o cúmulo da loucura confiar-lhe o teu futuro. Mas desde então tens vivido inquieta, atormentando-te, minha filha; não tens podido esquecê-lo, não a ele precisamente, que sempre foi indigno de ti, mas ao sonho do teu primeiro amor. Esse desgraçado está agora deitado no seu

leito de morte, tísico, e tu, anjo de bondade, não queres casar-te enquanto ele for vivo para lhe evitar esse sofrimento, porque ainda agora está devorado pelos ciúmes, embora eu esteja persuadida de que nunca te teve um amor puro e elevado. Consta-me até que, desde que Mozglyakov começou a pensar em ti, nunca mais deixou de te espionar, de indagar e de querer saber notícias. Tu perdoaste-lhe, minha filha. Adivinhei o teu segredo e Deus sabe com que lágrimas amargas eu tenho molhado a minha almofada!

— Por Deus, mamã! Deixa lá isso — interrompeu Zina com indizível desgosto. — Não sei o que a tua almofada tem que ver com isto. Não podes falar sem retórica e sem declamar?

— Tu não me acreditas, Zina! Não compreendo por que me tratas tão mal! Durante estes dois anos os meus olhos nunca secaram, embora ocultasse as minhas lágrimas; e posso jurar-te que sofri muito durante estes dois anos. Sempre compreendi os teus sentimentos mas só agora dei conta da profundidade da tua mágoa. Podes, por acaso, culpar-me, por ter considerado o teu carinho como uma loucura romântica inspirada por esse maldito Shakespeare, que se mete sempre aonde não é chamado? Que mãe me censuraria o medo que tenho, as precauções que tomo ou o rigor das minhas decisões? Mas agora, agora que vejo quanto tens sofrido estes dois anos, compreendo e aprecio os teus sentimentos. Acredita-me: compreendo-te melhor que tu própria, e estou convencida de que não amas esse rapaz pervertido mas apenas os teus dourados sonhos, a tua felicidade perdida, as tuas elevadas ilusões. Eu também amei e talvez com mais amor que tu; também sofri, e também tive as minhas ilusões. E ninguém pode recriminar-me, agora! E principalmente, podes tu condenar-me, se considero um casamento com o Príncipe como o recurso mais agradável para salvar-te e o mais necessário na tua atual situação?

Zina ouviu com assombro esta discursata, adivinhando que sua mãe não mantinha aquele tom sem algum desígnio, mas a conclusão a que chegou deixou-a confusa.

— Podes propor-me a sério o casamento com o Príncipe? — gritou olhando para a mãe, com espanto e vim certo receio. — De maneira que não é mera fantasia, uma simples experiência, mas um propósito firme? E... e... que relação tem o que acabas de dizer... com toda essa história? Realmente, mamã, não te compreendo.

— E eu admiro-me que haja quem deixe de compreender, meu anjo! — exclamou Maria Alexandrovna, animando-se por sua vez. — Em primeiro lugar, passarias a viver noutra esfera e noutra sociedade! Deixarias para sempre esta aldeia detestável, cheia de recordações terríveis para ti e onde não tens amigos nem afetos; onde foste caluniada, onde todas estas gralhas te odeiam por causa da tua beleza. Já nesta primavera poderias ir para o estrangeiro, para Itália, para a Suíça, para a Espanha; a Espanha, Zina, a Espanha, onde está a Alhambra e o Guadalquivir e não este imundo regato que tem um nome ridículo!...

— Mas perdoa, mamã; tu falas como se eu já estivesse casada, ou, pelo menos, como se o Príncipe se me tivesse declarado.

— Não te preocupes com isso, meu anjo; eu sei o que digo. Mas deixa-me continuar. Referi-me ao primeiro ponto; vamos agora ao segundo. Compreendo, minha filha, a repugnância com que te casarias com Mozglyakov.

— Eu sei, sem que mo digas, que nunca serei sua mulher! — respondeu Zina com animosidade e com os olhos a brilhar.

— E se soubesses, querida, como compreendo a tua repulsa! É terrível jurar amor perante o altar a uma pessoa a quem não se pode amar e também pertencer a alguém a quem nem sequer se tem respeito! E ele pretende o teu amor; por isso quer casar contigo. Reparei bem nos olhares que te lançava quando voltavas o rosto! É horrível simular um amor que não se sente. Durante vinte e cinco anos tive que suportar essa provação. Teu pai destruiu a minha vida, envenenou a minha juventude, e quantas vezes não viste tu correr as minhas lágrimas!

— O papá está no campo. Deixa-o em paz.

— Tu defende-lo sempre, já sei. Ah, Zina! Como o meu coração sangrava quando, por prudência, eu desejava o teu casamento com Mozglyakov! Mas com o Príncipe não teria razões para dissimular. É ocioso dizer que o não poderias amar... o que se chama amar; além disso ele também não exigirá o teu amor...

— Quanta loucura! Afirmo-te que te enganas por completo sobre o mais importante, e permite-me que te diga que eu não estou disposta a sacrificar-me seja pelo que for; que não desejo casar-me com ninguém e que ficarei solteira. Há dois anos que me fazes sermões por eu não me casar. Pois bem, conforma-te com saber o que te vou dizer. Não me caso porque não quero. Nem mais, nem menos.

— Mas Zinotcha, filhinha, pelo amor de Deus, não te irrites com o que eu te vou dizer. Que depressa te exaltas! Deixa-me expor-te a questão debaixo do meu ponto de vista e imediatamente concordarás comigo. O Príncipe viverá no máximo um ou dois anos, e, em minha opinião, é preferível ser viúva jovem que velha solteirona, sem contar que a sua morte te tornaria, além de princesa, livre, rica e independente. Talvez, minha filha, estes cálculos te inspirem desprezo... os cálculos fundados sobre a morte desse homem. Mas eu sou mãe, e que mãe condenaria a minha previsão? Finalmente, se, como um anjo de bondade que és, ainda sentes compaixão por esse rapazito até ao ponto de recusares casar-te enquanto ele viver (e é isso o que eu suspeito) pensa que lhe darás coragem e confiança casando-te com o Príncipe. Se ainda lhe resta uma migalha de bom senso, compreenderá o que haveria de absurdo e ridículo em ter ciúmes do Príncipe, e que te casaste por prudência e necessidade. Compreenderá sem dúvida (eu creio que é perfeitamente compreensível) que te poderias voltar a casar quando o Príncipe morresse.

— O que isto mais claramente significa: casar-me com o Príncipe, despojá-lo e esperar pela sua morte para me casar depois com o bem-amado... Que contas tão bem feitas! Tentas seduzir-me oferecendo-me... Compreendo-te, mamã, compreendo-te, perfeitamente! Não podes prescindir dos teus nobres sentimentos nem sequer nos assuntos mais rasteiros. Valia-te mais dizer, nua e francamente: «Zina, isto é mau, mas é conveniente: aceita-o». Pelo menos seria mais nobre.

— Mas, minha filha, por que te obstinas em considerar o assunto sob o ponto de vista do engano, da astúcia e do interesse? Supões que os meus cálculos se baseiam numa baixa hipocrisia; mas, por todos os santos! Que há nisto de hipocrisia? Que há nisto de baixeza? Olha para o espelho. És tão formosa que qualquer homem daria um reino pelo teu amor! E tu, tão formosa, sacrificas os teus melhores anos a um velho! Como uma estrela magnífica alumias o ocaso da sua vida; como a hera verde enlaças a sua velhice, tu, e não essa urtiga, essa abominável velha que o embruxou e está acabando com a sua pouca seiva. Crês, por acaso, que o seu principado e o seu dinheiro valem mais do que tu? Onde está a hipocrisia, onde está a baixeza? Tu não sabes o que dizes, Zina!

— Devem valer tanto como eu, se por sua causa me ligo a um homem decrépito. A hipocrisia será sempre hipocrisia seja qual for o fim que com ela se pretende.

— Pelo contrário, minha filha, pelo contrário. Podes até ver o caso sob um ponto de vista muito elevado e até cristão. Disseste-me um dia, num momento de entusiasmo, que gostarias de ser irmã de caridade. O teu coração tinha sofrido, tinha passado por provas cruéis e supunhas que já não podias amar. Se não crês no amor, põe o teu coração num objeto mais elevado, recolhe-te na oração com a pureza de uma criança, com toda a tua fé e todo o teu fervor... e Deus te abençoará. Esse velho também sofreu, é desgraçado, é perseguido; conheço-o há muitos anos e sempre me inspirou uma simpatia inexplicável, semelhante ao amor, como se pressentisse já qualquer coisa. Sê sua amiga, sua filha, seu brinquedo, se se pode falar em brinquedos; mas reconforta o seu coração e farás uma obra de caridade e de virtude. Que é ridículo? Não penses nisso. Que já não é um homem? Tem piedade dele, que para alguma coisa és cristã. Vence-te a ti mesma; tais atos requerem o domínio de nós próprios. Custa tratar feridas num hospital; repugna respirar o ar infetado das salas de operações; mas há anjos de caridade que o fazem e ainda dão graças a Deus pela sua vocação. Aí tens um bálsamo para o teu coração dorido. A abnegação e o sacrifício curarão as tuas feridas. Onde está o egoísmo, aonde está a baixeza? Mas não me crês. Supões talvez que estou fingindo quando te falo de dever e de abnegação. Não concebes que uma mulher frívola e mundana possa ter coração, sentimentos e princípios. Pois bem; não me creias e insulta a tua mãe, mas reconhece, ao menos, que as suas palavras são prudentes e salutares. Imagina que não sou eu, mas qualquer outra pessoa que te fala; fecha os olhos, vira a cara para a parede e supõe que uma voz misteriosa te está falando... O que te aborrece sobretudo é a questão de dinheiro como se se tratasse de um negócio sujo. Pois bem, renuncia ao dinheiro se te é tão odioso. Toma para ti o estritamente indispensável e dá o resto aos pobres. Ajuda, por exemplo, esse desgraçado rapaz que está a morrer...

— Não aceitará nada — disse Zina docemente, como se falasse consigo própria.

— Ele não aceitará, mas aceitará a mãe dele — replicou Maria Alexandrovna, com ar de triunfo. — Ela aceitará sem que ele o saiba. Vendeste os teus brincos, presente da tua tia, para o socorrer há seis meses, sei-o. E sei que sua velha mãe tem que lavar roupa para poder cuidar do pobre filho...

— Em breve não precisará de ajudas.

— Sei o que queres dizer também — disse Maria Alexandrovna, agarrando-se à frase para a utilizar de maneira inesperada. Sei ao que aludes. Dizem que está tísico e que não deve viver muito. Mas quem o diz? Há dias interroguei a esse respeito Kalist Stanislavich. Estava preocupada com esse rapaz porque eu também tenho coração, Zina. Kalist Stanislavich respondeu-me que a doença era grave, que não se tratava de tuberculose, mas de outra afeção do peito. Pergunta-lho tu própria. Disse-me que em Espanha (já o sabia e até já o li), que em Espanha há uma ilha extraordinária (creio que se chama Málaga, como certo vinho) onde não só os fracos de peito mas até os tísicos se curam graças ao clima. De toda a parte vão ali para se curar pessoas de posição, grandes personagens e até comerciantes, desde que sejam ricos. A maravilhosa Alhambra, os mirtos, os limoeiros, os espanhóis montados em mulas! Só isto basta para exercer uma ação salvadora sobre um temperamento poético. Supões que recusará o teu dinheiro, a tua ajuda, para a viagem! Se tens pena engana-o. O engano pode perdoar-se quando se trata de salvar uma vida humana. Dá-lhe esperanças, promete-lhe o teu amor, diz-lhe que casarás com ele quando enviuvares. Tudo se pode dizer quando se diz honradamente. Tua mãe não te ensinará nada de desonesto, Zina. Se o fizeres para salvar a vida dele, tudo te é permitido. Com a esperança lhe infundirás coragem e começará a preocupar-se com a saúde, tratar-se-á, e obedecerá ao médico. Se se curar, embora não te cases com ele, sempre lhe terás dado a saúde, sempre o terás salvo e chamado à vida. É preciso tratá-lo com simpatia; talvez a desgraça tenha sido para ele uma lição, e mude de conduta. Se for digno de ti, casa com ele quando enviuvares. Serás rica e independente. Devolvendo-lhe a saúde poderás dar-lhe uma posição e uma carreira. O teu casamento seria então mais desculpável; agora nem seria bom falar nisso! Que seria de vós se vos aventurásseis a semelhante loucura? O desprezo de todos, a miséria, ele a consumir-se em Mordasov, a puxar as orelhas à garotada, que é a sua profissão, os dois a ler Shakespeare, e por fim a sua morte precoce e inevitável! Ao passo que, restituindo-lhe a saúde, conquista-lo para uma vida útil e virtuosa. Perdoa-lhe e adorar-te-á. A sua abominável ação amedrontou-o, mas, se lhe abres uma nova vida e lhe perdoas, dar-lhe-ás esperança e reconciliá-lo-ás consigo próprio. Pode fazer-se oficial, pode subir e, ainda que não se restabeleça, morrerá satisfeito, em paz, nos teus braços (porque poderás estar a seu lado nesse transe), certo do teu amor, do teu perdão, à sombra dos mirtos, dos

limoeiros, sob o azul do céu estrangeiro. Oh, Zina! Tudo isso está nas tuas mãos! Tudo podes conseguir mediante o teu casamento com o Príncipe.

Maria Alexandrovna tinha terminado. Seguiu-se um longo silêncio. Era indiscutível o estado de agitação de Zina.

Em vão tentaríamos explicar os seus sentimentos e nem sequer nos aventuraremos a conjeturas; mas parecia que Maria Alexandrovna tocara a fibra sensível do seu coração. Sem saber ao certo que espécie de sentimentos dominavam a filha, pôs-se a divagar em todas as direções até se sentir em caminho direito e seguro. Então atacou sem precauções o ponto mais vulnerável da ferida, exibindo, por inveterado costume, todo o arsenal de um nobre sentimentalismo que de outra forma não podia enganar Zina. «Que importa que não me acredite — pensava a mãe — se a semente não cair sobre pedras, se compreender o que lhe não posso dizer francamente?» E a mãe porfiou e conseguiu o seu fim. As suas palavras tinham produzido o desejado efeito. Zina ouvia com ansiedade, as faces ardiam-lhe, o seio arquejava violentamente.

— Ouve, mamã — disse por fim resoluta, embora a súbita palidez que lhe cobria o rosto revelasse o esforço da sua decisão. — Ouve, mamã!

Mas naquele momento, um ruído que vinha do vestíbulo e uma voz destemperada que perguntava pela dona da casa fizeram Maria Alexandrovna saltar da cadeira.

— Meu Deus! Que diabo nos traz essa gralha da coronela se ainda não há quinze dias a pus fora da nossa casa — acrescentou desesperada. — Mas agora é-me impossível não a receber! Impossível! Traz notícias, sem dúvida, senão não teria coragem de cá vir. Isto é grave, Zina... Tenho que saber... Não me convém deixar nada ao acaso!... Ah! Quanto lhe agradeço a sua visita — gritou precipitando-se ao encontro da recém-vinda. — A que se deve o ter pensado em mim, querida Sofia Petrovna? Que encantadora surpresa.

Zina fugiu da sala.

Capítulo 6

A «coronela» Sofia Pelrovna Karpukin só tinha com a gralha uma semelhança moral; no físico parecia-se mais com o pardal. Era miúda, com os olhitos penetrantes e a cara cheia de sardas amarelas. Tinha perto de cinquenta anos e o seu corpo seco, envolto num vestido de seda que rangia sempre, porque a coronela não estava um momento quieta, aguentava-se sobre as pernas mirradas e fortes como patas de pardal. Era rancorosa e desbocada. O ser «coronela» enlouquecera-a. Guerreava com o marido e dava-lhe bofetadas com frequência. Além disso bebia quatro copos de *vodka* pela manhã, outros tantos à tarde e odiava, até ao delírio, Ana Nikolaevna Antipov, que a tinha posto fora de casa na semana anterior, e Natália Dmitryevna Paskudin, que presenciara o facto.

— Venho por um momento, minha querida — gorjeou. — Nem devia ter-me sentado. Vim só inteirá-la dos estranhos acontecimentos que se estão passando. Toda a cidade anda à volta do Príncipe. Essas velhacas, *vous comprenez,* perseguem-no, atraem-no, arrebatam-no umas às outras e enchem-no de champanhe... não faz ideia! Como consentiu que ele saísse daqui? Sabe que ele está agora em casa de Natália Dmitryevna?

— Em casa de Natália Dmitryevna? — exclamou Maria Alexandrovna preocupada. — Mas se saiu só para cumprimentar o Governador, e talvez Ana Nikolaevna, mas essa mesma só por um momento, sem se demorar!

— Só por um momento! Não lhe digo nada! Arranque-o de lá se pode! Não encontrou o Governador e foi ver Ana Nikolaevna prometendo-lhe jantar com ela; mas Natália Dmitryevna, que está sempre lá, levou-o para casa. Ora aí está o que fez o seu Príncipe!

— Mas, e... e Mozglyakov? Ele prometeu-me...

— Sim, o seu Mozglyakov! Boa vai ela! Foi com ele. Só falta que se ponham a jogar às cartas e a perder todo o dinheiro como da outra vez! O Príncipe também o deixaram limpo como um prato! E as coisas que essa Natália anda a propalar! Diz em voz alta que você anda a tentar intrujar o Príncipe, com determinado fim... compreende? Está a dizê-lo a ele

próprio. É claro que o Príncipe não percebe nada. Está como um gato molhado e responde a tudo: «Ah, sim! Ah, sim!» Além disso apresentou-o a Sonka, imagine, uma menina de quinze anos com saias pelos joelhos; pense bem... Até mandaram buscar Maska, essa órfã que também usa ainda as saias curtas... vi-o eu com os meus óculos. Puseram-lhe um chapelito vermelho, enfeitado com plumas, na cabeça, eu cá não sei para quê!, e fizeram-nas dançar a dança cossaca ao piano, na presença do Príncipe. Já conhece a fraqueza dele: caía-lhe a baba, de gozo! «Que contornos, que contornos», murmurava. Contemplava-as embevecido, que elas marcavam bem a dança! Estavam encarnadas, levantavam as pernas e exibiam-se com tal descaramento que me envergonhei e acabei por não olhar. Uf! E chamam àquilo uma dança! Eu também bailei a dança do xaile, numa festa realizada no colégio de Madame Jarnés e aquilo, sim, que foi um espetáculo sério. Até senhores, que lá estavam, me aplaudiram! Nesse colégio educavam-se as filhas de muitos príncipes e condes. Mas isto é um *can-can* e nada mais. Morreria de vergonha, morreria com certeza! Não pude resistir!...

— Mas... você estava em casa de Natália Dmitryevna? Porque, você...

— Sim, insultou-me a semana passada e eu digo-o sinceramente a toda a gente. Mas, minha querida, eu queria ver o Príncipe, ainda que fosse apenas através da fenda de uma porta, e fui. De que outra maneira o poderia ver? Se não fosse por causa desse extraordinário Príncipe não teria ido lá tão cedo. Imagine que ofereceu chocolate a toda a gente menos a mim; não me deram os bons dias e nem sequer me dirigiram a palavra durante todo o tempo. Fez isso para me mortificar, a grande porca! Mas há de pagar-mas! E agora, adeus minha querida. Tenho pressa, muita pressa. Vou ver Akulina Panfilovna, para lhe contar... Ah! Pode rezar pela alma do Príncipe que ele não voltará. Já sabe que não tem memória e que Ana Nikolaevna o levará para casa. Temem que você... compreende? Por Zina.

— *Quelle horreur!*

— Asseguro-lhe que toda a cidade fala do mesmo! Ana Nikolaevna está empenhada em fazê-lo jantar em casa dela e em retê-lo a seu lado. E tudo para a humilhar a si, minha querida! Dei uma vista de olhos pelo pavilhão dos criados... que desordem ali reina! Que barulho de pratos e travessas! Até encomendaram champanhe! Vá depressa e agarre-o na rua quando ele se dirigir para lá. Não é seu hóspede e não prometeu jantar cá? Porque é que lho hão de tirar? Não consinta que essa pécora, essa cadela se

ria de si! Não vale nem as solas dos meus sapatos, embora seja mulher do delegado! Eu também sou a «coronela» e fui educada no pensionato aristocrático de Madame Jarnés. Não faltava mais nada! Adeus, meu anjo! Se o meu trenó não estivesse à minha espera, acompanhá-la-ia...

O diário ambulante (era conhecida por esse nome) desapareceu.

Maria Alexandrovna tremia toda, mas o conselho da «coronela» era prático e claro em extremo. Não havia tempo a perder, mas ainda restava a maior dificuldade. Maria Alexandrovna correu ao quarto de Zina.

Zina passeava cabisbaixa e presa de funda perturbação. Através das lágrimas que lhe velavam os olhos, fitou a mãe resolutamente, esforçando-se por conter o pranto e cerrando os lábios com um sorriso irónico.

— Mamã — disse antecipando-se — puseste muita eloquência nas tuas palavras, demasiada até, mas não me deslumbraste: não sou uma menina. Animar-me a que me sacrifique como uma irmã de caridade para o que nunca senti vocação; justificar, com nobres motivos, baixos egoísmos é mera casuística, que não pode enganar-me. Entendes? Que não pode enganar-me! E interessa-me que o saibas!

— Mas, meu amor! — exclamou Maria Alexandrovna abatida.

— Cala-te, mamã. Ouve com paciência até que eu acabe. Embora reconheça perfeitamente que é tudo puro embuste, embora me dê conta da baixeza desse procedimento, aceito a tua proposta, entendes? *Em absoluto!* Estou disposta a casar-me com o Príncipe e a secundar todos os teus esforços para o decidir ao matrimónio. Não precisas de saber qual o motivo da minha resolução; basta-te saber que a tomei e que estou decidida a tudo: a calçá-lo, a servi-lo, a bailar para o contentar, a humilhar-me perante ele. Farei o impossível para que não se arrependa de ter casado comigo. Mas, em troca, insisto em que me digas como te vais arranjar para o lograr. Conheço-te bem; não terias porfiado tanto sem ter um plano determinado. Sê franca, uma vez na vida. A sinceridade é condição indispensável. Não darei um passo sem saber exatamente como pensas resolver tudo.

Foi tão grande o assombro de Maria Alexandrovna que ficou por momentos petrificada, com os olhos fixos nos da filha e dominada por um medo singular. Ia preparada para lutar com o obstinado romantismo de sua filha, cuja retidão de consciência a preocupava, e, misteriosamente, encontrava-a de acordo e decidida a tudo contra as suas próprias convicções. O assunto estava simplificado e isto enchia-a de alegria.

— Zinotcka! — exclamou com entusiasmo. — És a carne da minha carne, o sangue do meu sangue!

E, sem poder continuar, apertou a jovem contra o peito.

— Deus meu! Não te peço abraços, mamã! — gritou Zina impaciente e desgostosa. — Não quero esses arrebatamentos. Quero que respondas à minha pergunta e nada mais.

— Mas, Zina, se eu te amo! Adoro-te e tu repeles-me... Bem sabes que faço o que posso para que sejas feliz.

E lágrimas sinceras corriam-lhe pelo rosto, porque amava a filha, *à sua maneira,* e, perante aquele êxito, o seu coração derretia-se de terna emoção. Zina, apesar de certa dureza de expressão, confessava a si própria que sua mãe a adorava, e aceitava esse amor como um fardo.

— Bem, mamã, não te desgostes. Estou tão atordoada! — disse para a tranquilizar.

— Sim, não me desgosto, minha querida, não me desgosto — replicou Maria Alexandrovna recuperando coragem. — Compreendo que estejas aturdida. Bem, filha, insistes em que seja franca... e eu vou ser completamente franca, garanto-te. E para começar confesso-te que não tenho plano definitivo, quer dizer, concreto, o que, aliás, não me convém, como uma rapariga inteligente como tu compreenderá imediatamente... Prevejo certos obstáculos... Essa gralha acaba de encher-me a cabeça com a sua conversa idiota... Céus! Devo apressar-me. Já vês como sou franca! Mas juro-te que conseguirei o meu intuito — acrescentou com entusiasmo. — A minha confiança não é mera fantasia como tu dizias há pouco, meu anjo; baseia-se na realidade, na absoluta imbecilidade do Príncipe, que é a talagarça onde bordarei a meu gosto. O principal é que não me estorvem! Mas seriam capazes de pensar que essas parvas me atemorizam! — afirmou dando uma pancada na mesa, com os olhos brilhantes. — Deixem-nas comigo! O que é preciso é começar quanto antes e deixar tudo resolvido, hoje até, se for possível.

— Perfeitamente, mamã; mas escuta... uma franqueza a mais: sabes por que me interessa tanto conhecer o teu plano e pôr nele toda a minha confiança? É porque não tenho confiança em mim própria. Já te disse que estou decidida a cometer essa baixeza; mas, se os pormenores do teu plano forem demasiado repugnantes, participo-te que deitarei tudo a perder. Confesso-te que estou resolvida a cometer uma vileza; e fazer cara feia às

porcarias com que se elabora é prova de maior ruindade; mas não o posso remediar. Será inevitável!

— Mas, Zinotcha, que há de vil nisto tudo, minha querida? — protestou a mãe com timidez. — Não se trata senão de um casamento vantajoso e toda a gente procura fazê-lo. Olha-o sob este ponto de vista e tudo terá um aspeto nobre...

— Mamã, por Deus, peço-te: não tentes enganar-me! Já vês que concordo com tudo; com tudo! Que mais queres? Mas não te alarmes se chamo às coisas pelo seu nome. Talvez eu faça disso, agora, a minha única consolação.

E os seus lábios abriram-se num amargo sorriso.

— Perfeitamente, perfeitamente, minha querida; podemos não ser da mesma opinião e respeitarmo-nos mutuamente. Quanto ao meu plano, asseguro-te que nem uma gota de lodo salpicará a tua alma. Crês-me capaz de te comprometer aos olhos dos outros? Confia em mim e tudo se resolverá com absoluta dignidade. Acima de tudo, a dignidade! Não haverá o menor escândalo, mas mesmo que houvesse um bocadinho, coisas que, às vezes, não se podem evitar, que importa? Afastar-nos-íamos daqui! Supões que íamos ficar? Que murmurem o que quiserem; pouco nos importará! É claro que há de haver invejosos, mas não merecem senão desprezo. Parece mentira, Zinotcha... não te aborreças... por que é que os temes, com o teu orgulho?

— Mamã, eu não temo ninguém! Não me compreendeste — respondeu Zina, irritada.

— Vamos, vamos, meu amor, não te aborreças! Queria dizer que esses velhacos todos os dias fazem porcarias, e se nós uma vez na vida... Mas sou tonta! Que estou a dizer? O que nós vamos fazer não é sujo. Que há nisto de sujo? Pelo contrário, é perfeitamente digno! Provar-to-ei, Zina. Digo e repito que tudo depende do teu ponto de vista...

— Basta, mamã, não quero mais provas!'— gritou Zina acaloradamente, batendo com um pé no chão.

Seguiu-se um curto silêncio. Maria Alexandrovna esperou timidamente que sua filha falasse, olhando-a nos olhos como um cãozito que teme a reprimenda do dono.

— Não sei como te vais arranjar — insistiu Zina com repugnância. — Estou certa de que vais conseguir uma afronta. A mim pouco me importa o que disserem, mas isto será para ti uma vergonha.

— Se é isso que te inquieta, tranquiliza-te, meu anjo. Peço-te, suplico-te. Desde que estejamos de acordo não te deves preocupar comigo. Se soubesses as tormentas que tenho vencido! Os perigos em que me vi metida e as dificuldades que tive de afrontar! Não; deixa-me tentar. Em todo o caso é preciso não perder tempo e trazer o Príncipe para aqui. É por aí que se tem de começar. O resto não o posso prever. Levantar-se-ão em armas, mas... não importa. Contê-los-ei em respeito. Quem me assusta é Mozglyakov, que...

— Mozglyakov! — repetiu Zina com desprezo.

— Sim, Mozglyakov; mas não receies nada, Zinotcha. Pô-lo-ei em tais apertos que ele próprio nos ajudará. Não me conheces, Zinotcha! Não sabes do que sou capaz quando se trata de sair de um apuro. Ah, Zinotcha querida! Mal soube que o Príncipe tinha vindo, logo a ideia me passou pela cabeça. Foi como uma revelação, como um raio de sol que me iluminasse a cabeça. E quem pensaria que ele se hospedaria em minha casa? Nem em mil anos se nos apresentaria uma oportunidade como esta! Zinotcha, meu anjo, não é nenhuma desonra casar-se com um velho decrépito, como seria aceitar um homem que não pudesses suportar e a quem te visses ligada como mulher. Não serás de facto a mulher do Príncipe. Não te vais casar, propriamente falando, mas firmar um contrato doméstico que, no final de contas, redundará em benefício para esse imbecil a quem vais conceder uma felicidade inapreciável. Ah, que formosa estás hoje, Zinotcha! Formosa! Bem mais: és uma rainha de beleza! Se eu fosse homem dar-te-ia a metade de um reino que me pedisses! São todos uns parvos! Quem pode resistir a beijar a tua mão? — e a mãe beijou gulosamente a mão da filha. — És a carne da minha carne! Casaremos à força esse velho louco! E como nós viveremos as duas, Zinotcha! Não te separarás da tua mãe, quando fores feliz? Embora a gente guerreie, nunca encontrarias uma mãe que te quisesse tanto como eu, nunca...

— Mamã, se estás decidida, talvez sejam horas... de fazeres alguma coisa. Estás perdendo o tempo! — opinou Zina, com impaciência.

— São horas, Zina, são horas! E eu aqui a tagarelar! Tentam seduzir o Príncipe para o reter. Irei num trenó e chegarei lá num momento. Chamarei Mozglyakov e depois... Trá-lo-ei à força se for necessário! Adeus, Zinotcha, adeus, querida; não te aflijas, não temas nada, nem fiques triste... sobretudo não fiques triste. Tudo se resolverá

perfeitamente; tudo se levará a cabo com dignidade e decoro. Nisto consiste a diferença do nosso modo de ver o assunto... Bem, adeus, adeus.

Maria Alexandrovna abençoou Zina com o sinal da cruz, mirou-se, e compôs-se em frente do espelho do seu quarto; e dez minutos depois deslizava pelas ruas de Mordasov no trenó que àquela hora esperava sempre para a levar às visitas. Maria Alexandrovna vivia *à grande.*

Não!, pensava ao subir para o trenó, *não me afastarão. Zina consente e isso significa para mim metade do caminho andado. Eu deixar-me vencer! Tolices! Vamos! Zina finalmente concordou! É uma alma sentimental e comoveu-a a ideia do futuro pintado com cores tão vivas. Mas que formosa estava hoje! Com a sua beleza eu arrastaria atrás de mim toda a Europa. Quem viver, verá!... Quando ela começar a sua vida de princesa e tiver visto duas ou três coisas... adeus Shakespeare! O que é que conhece agora? Mordasov e o tal mestre-escola... Bah! E que princesa vai ser! Eu admiro o seu orgulho, a sua altivez; não há ninguém que se lhe compare. Quando fita alguém parece uma rainha. Como podia deixar de compreender as vantagens que isto lhe trará. Por fim, viu e ainda há de ver o resto... Eu ficarei ao pé dela e acabará por me acreditar em tudo. Eu própria serei uma princesa. Conhecer-me-ão em S. Petersburgo. Adeus, horrenda cidade de Mordasov! O velho morre e eu então casá-la-ei com um príncipe reinante. Só receio uma coisa: não terei confiado demasiado nela? Não terei sido excessivamente franca? Não me terei deixado levar longe de mais pelos meus sentimentos? Esta rapariga faz-me medo, medo!*

E Maria Alexandrovna abismou-se nos seus pensamentos, que, não é preciso dizer, se cruzavam em tropel na cabeça.

Zina, só, passeou muito tempo pelo seu quarto, de braços cruzados, pensativa. Inconscientemente repetia: «Já são horas, já são horas, demasiado o sei!» Que significava essa lacónica exclamação? Por mais de uma vez as lágrimas brilharam nas suas longas e finas pestanas e nada fez para as reter ou para as enxugar. Mas sua mãe não tinha necessidade de inquietar-se nem de se esforçar para penetrar os pensamentos da filha. Zina tinha tomado uma resolução e estava disposta a arrostar com todas as consequências.

Ora esta!, pensava Nastasya Petrovna ao sair do quarto escuro quando a coronela se despediu. *E eu que pensava pôr um laço encarnado para receber esse infeliz Príncipe e era tão parva que supunha que se ia casar comigo! Ah, Maria Alexandrovna! Com que então sou uma porca, uma*

pedinte que exige duzentos rublos como suborno? É-me bem feito por não te ter deixado só e não ter aceitado nem um rublo de uma mulher tão soberba como tu. Peguei no dinheiro honradamente para os gastos que o trabalho requeria... Podia ter ficado com uma comissão! Supõe ela por acaso que arrombei a fechadura com as minhas mãos? Está bem! Enquanto eu estava realizando essa porcaria em seu benefício, ela permanecia tranquilamente sentada com os braços cruzados. Borda, borda à tua vontade nesta talagarça. Já vos demonstrarei às duas se sou uma porca. Ides aprender a abusar de Nastasya Petrovna e da sua bondade!

Capítulo 7

Mas dir-se-ia que um génio protetor guiava Maria Alexandrovna. O seu projeto era grande e audacioso: casar a filha com um homem opulento, com um Príncipe, com um cadáver ambulante, e casá-la sem que ninguém o soubesse, aproveitando a imbecilidade e, omnímoda resignação do seu hóspede, roubando-o como mais tarde os outros diriam. Não se pode negar que era um projeto audaz e temerário que, se oferecia as suas vantagens, ocasionaria também ao autor a maior das vergonhas se fracassasse. Maria Alexandrovna sabia-o muito bem, mas não desesperava. «Não sabes tu de que tormentas saí indemne» tinha dito a Zina, e era verdade. De outra forma não seria considerada uma heroína.

Sem dúvida que tudo aquilo parecia coisa de bandoleiros, mas a dama não prestava muita atenção a isso, escudando-se numa frase admirável que não tinha réplica: «Uma vez casada, já não pode descasar-se». Ideia sensata, mas que lhe excitava a imaginação ao ponto de a fazer estremecer, só com o pensamento das suas proveitosas consequências. Agitada e nervosa lá ia no trenó, como se a arrastassem sobre brasas. Como mulher de inspiração, dotada de verdadeira faculdade criadora, tinha o seu plano traçado de antemão; mas a traços largos e de uma forma confusa. Esperava uma série de circunstâncias imprevistas, mas confiava em si própria e a sua agitação não era provocada pelo medo do fracasso, mas pelo afã de começar a refrega quanto antes. A sua impaciência, muito compreensível, causava-lhe febre, só de pensar nas demoras e obstáculos. E, já que falamos de obstáculos, permitam-nos que nos expliquemos mais claramente.

Maria Alexandrovna esperava as maiores dificuldades das suas concidadãs, e sobretudo das mais categorizadas senhoras de Mordasov, cujo implacável ódio contra ela demasiado conhecia. Estava completamente certa, por exemplo, de que naquele momento todos sabiam já quais eram as suas intenções, embora ninguém lhes tivesse dito nada. Uma triste experiência ensinava-lhe que o menor incidente ocorrido em

sua casa, de manhã, ainda o mais secreto, era conhecido à tarde, até pela mais humilde vendedeira da praça, ou pelo mais modesto empregado de comércio. É claro que ela não fazia mais que pressentir o perigo, mas os seus pressentimentos nunca a tinham enganado e também a não enganariam agora. O que sucedera então, e ela ignorava, era isto: pelo meio-dia, umas três horas depois da chegada do Príncipe, começaram a circular por Mordasov estranhos rumores. Ninguém sabia donde provinham, mas o caso é que se propagaram rapidamente. Toda a gente afirmava que Maria Alexandrovna tinha concedido ao Príncipe a mão de sua filha Zina, sem dote e com vinte e três anos; que Mozglyakov fora corrido e tudo estava assente e combinado. Em que se fundavam semelhantes rumores? Pretenderiam, por acaso, conhecer tão a fundo Maria Alexandrovna que penetrassem os seus mais secretos pensamentos e propósitos? Nem a inverosimilhança de tais rumores, dentro da ordem estabelecida das coisas (pois um assunto assim não se resolve numa hora), nem a impossibilidade de descobrir a origem da notícia poderiam dissuadir a gente de Mordasov. O rumor difundiu-se e arreigou-se com extraordinária obstinação. E o mais notável é que começou a circular no momento preciso em que Maria Alexandrovna e Zina começaram a falar sobre o mesmo tema.

Que olfato tão fino têm os provincianos! A intuição desses boateiros chega às vezes a ser milagrosa e explica-se perfeitamente. É baseada na maneira interessada com que se estudam uns aos outros muito de perto, e durante anos e anos. Todo o provinciano se mostra como se vivesse numa casa de cristal, sem que seja possível ocultar nada da vista dos seus honrados vizinhos. Conhecem os outros de memória, e sabem dos outros certas coisas que até eles próprios ignoram. O provinciano devia ser, por sua própria natureza, um psicólogo, um especialista da natureza humana. Daqui o meu constante assombro, por não encontrar na província psicólogos, mas, pelo contrário, tão grande quantidade de palermas. Mas isto é um aparte, uma digressão supérflua.

A notícia difundiu-se com a rapidez de um relâmpago. O casamento com o Príncipe parecia a toda a gente tão vantajoso, tão brilhante que a ninguém ocorreu pensar o que nele haveria de estranho. Mas havia outra circunstância ainda: Zina quase que era mais odiada do que Maria Alexandrovna. Por que razão? Não sei. Talvez seja preciso pensar na beleza de Zina e no facto de sua mãe, ao fim e ao cabo, se parecer com

todas as senhoras de Mordasov, e ser por elas considerada da sua igualha. É possível até que, se um dia desaparecesse da cidade, para cuja animação tanto contribuía com os seus atos, lhe sentissem a falta. Talvez, sem ela, a cidade se tornasse mais aborrecida. Zina, ao contrário, vivia mais nas nuvens do que em Mordasov; não estava ao nível daquela gente nem parecia sua igual. E, talvez, sem se dar conta, se conduzisse com demasiada altivez para que a suportassem com agrado. Além disso, Zina, da qual se contava uma história escandalosa, a orgulhosa, a altiva Zina ia converter-se em milionária e princesa, e ingressar assim na mais alta aristocracia. Em poucos anos enviuvaria para se casar com um duque ou um general, e talvez quem sabe se com um Governador (o de Mordasov era precisamente viúvo e sentia grande fraqueza pelo belo sexo). Tornar-se-ia então a mulher mais poderosa da província, o que era uma coisa intolerável e explicava que nenhuma notícia pudesse produzir tanta indignação em Mordasov como a do seu casamento com o Príncipe.

Houve um clamor unânime de protesto. Dizia-se que era uma indignidade, uma vileza, e que o Príncipe estava doido; que tinham enganado o velho valendo-se da sua imbecilidade; que era um assalto, um ato de bandoleirismo, uma imoralidade, que era preciso salvá-lo da rapacidade da mãe e da filha, e que outras jovens valiam tanto como Zina e tinham igual direito a casar-se com o Príncipe.

Tudo isto era simples suposição, mas era o suficiente para ela, que estava certa da guerra sem quartel que todas, absolutamente todas, lhe declarariam para a fazer fracassar. E começavam por disputar-lhe o Príncipe, de tal maneira que se via obrigada a arrebatá-lo à viva força. E, se o conseguisse, não poderia retê-lo sempre a seu lado.

Quem lhe assegurava que naquele mesmo dia, dentro de duas horas, não teria todas as mulheres de Mordasov reunidas em solene conclave no seu próprio salão? Quem impediria que a fossem visitar com um pretexto que tornasse impossível o deixar de as receber? E, se lhes fechasse a porta, entrariam pela janela... proeza quase impossível, mas não sem precedentes em Mordasov. Em todo o caso, tinha que aproveitar o tempo, pois tudo estava por fazer.

De súbito, uma ideia genial nasceu e amadureceu num momento no espírito de Maria Alexandrovna. Mas já falaremos dessa ideia em seu devido tempo. Por agora só diremos que a nossa heroína voava a toda a velocidade pelas ruas de Mordasov, com as sobrancelhas unidas, inspirada,

decidida a dar batalha para reconquistar o Príncipe. Não sabia ainda como proceder nem onde o encontraria, mas estava certa de que primeiro derrocaria Mordasov do que fracassasse um só pormenor do seu projeto. O seu primeiro passo não podia ser mais feliz. Teve a sorte de encontrar o Príncipe na rua e levá-lo a jantar. Se me perguntarem como conseguiu triunfar nisto, apesar das ciladas dos seus inimigos, como se Ana Nikolaevna fosse uma estúpida, ver-me-ei obrigado a dizer que considero a pergunta uma ofensa para Maria Alexandrovna. Quem era Ana Nikolaevna para lutar com ela? Deteve singelamente o Príncipe que se dirigia para casa da sua rival, e apesar de tudo — inclusive dos protestos de Mozglyakov, que temia um escândalo — fê-lo subir para o trenó. Era isto precisamente o que distinguia Maria Alexandrovna de todas as suas rivais: no momento crítico não se detinha com medo ao escândalo, respeitando o seu lema de que o êxito justifica tudo. É escusado dizer que o Príncipe opôs fraca resistência e que, esquecendo tudo imediatamente, como sempre, se mostrou encantado. No jantar nunca deixou de conversar, animado como nunca, divertindo-os a todos com as suas graças e ditos de espírito, contando anedotas que não acabavam, e passando de um tema a outro sem dar por isso.

Em casa de Natália Dmitrievna tinha bebido três taças de champanhe, durante o jantar bebeu mais e ficou completamente embriagado. A própria dona da casa tratava de lhe encher a taça. Os acepipes eram bons porque o monstro do Niquita não se lembrou de queimar o jantar. Maria Alexandrovna alegrava a mesa com as suas graças admiráveis, mas os outros pareciam ter-se posto de acordo para se manterem graves. Zina guardava um silêncio majestoso. Mozglyakov comia pouco, estava pensativo, taciturno, e isto, que era nele muito raro, preocupava a dona da casa. Nastasya Petrovna, tristonha, fazia sinais a Mozglyakov, que não reparava nela. Sem a vivacidade do hóspede, o jantar leria parecido um banquete fúnebre.

Maria Alexandrovna esforçava-se por esconder a sua profunda excitação. Zina assustava-a com o seu ar triste e os seus olhos chorosos. Tinha que se apressar e pôr mãos à obra, e aquele maldito do Mozglyakov estava ali como um cabeçudo, imperturbável, atravessado no caminho! Impossível ir para a frente se ele não se afastasse. Presa de viva inquietação, Maria Alexandrovna levantou-se da mesa, e qual não seria o seu assombro, o seu agradável espanto, se nos é permitida a expressão,

quando o rapaz se aproximou dela para lhe anunciar inesperadamente que, com grande pesar seu, se via obrigado a despedir-se.

— Onde vai o senhor? — perguntou-lhe a dona da casa mostrando-se aborrecida.

— Ora ouça, Maria Alexandrovna — começou Mozglyakov com certo embaraço, — aconteceu-me uma coisa muito aborrecida. Realmente não sei como lhe explicar... Por Deus! Dê-me um conselho.

— Mas o que há?

— Meu padrinho Boroduev, o comerciante que conhece, encontrou-me hoje. Está muito irritado comigo e disse-mo, chamando-me orgulhoso. Já é a terceira vez que venho cá sem que ele me veja. «Vem hoje tomar o chá comigo», disse-me. São já quatro horas e ele toma o chá, segundo o costume antigo, depois da sesta. Que hei de fazer? É um contratempo. Maria Alexandrovna diga-me lá... Foi ele quem salvou o meu pai da forca quando jogou o dinheiro do Estado, e a isto se deve que fosse meu padrinho. Se me couber a felicidade de me casar com Zina Afanasyevna, não terei mais que cento e cinquenta servos. Ora ele é milionário, não tem filhos e já passa dos sessenta anos, repare bem! Se estiver em boas relações com ele pode deixar-me cem mil rublos em testamento.

— Santo Deus! Que faz o senhor aqui? Porque perde tempo? — gritou Maria Alexandrovna com mal dissimulado alívio. — Vá vê-lo, vá vê-lo! Não deixe escapar a ocasião! Afirmo-lhe que durante o jantar percebi a sua preocupação. Vá, meu amigo, vá! Já lhe devia ter feito uma visita esta manhã para lhe demonstrar que aprecia a sua bondade. Ah, estes rapazes, estes rapazes!

— Mas se até a senhora, Maria Alexandrovna, me deitava em cara essas relações! — exclamou Mozglyakov assombrado. — Dizia a senhora que era um camponês barbudo, parente de estalajadeiros e de gente de ínfima classe.

— Oh, *mon ami!* Quantas coisas se dizem sem refletir. Eu também me posso enganar como qualquer outra... não sou uma santa. Não me recordo, mas é possível, em certo estado de espírito... Além disso, nessa altura, o senhor não cortejava Zina... Claro que é egoísmo da minha parte, mas vejo-me obrigada a olhar as coisas sob outro ponto de vista, e que mãe me poderia criticar? Vá, não perca um momento! Passe com ele a tarde... e ouça: dê-lhe lembranças da minha parte. Diga-lhe quanto o aprecio, quanto o estimo, quanto o respeito; mas diga-lho com muito tato, com muita

delicadeza! Deus meu! Como o pude esquecer! Se eu própria devia ter-lho aconselhado!

— A senhora tranquiliza-me por completo, Maria Alexandrovna — disse Mozglyakov encantado. Agora obedecer-lhe-ei em tudo. É que... envergonhava-me dizer-lho! Bem, adeus! Vou-me... Desculpe-me perante Zina Afanasyevna, embora depressa...

— Dou-lhe a minha bênção, meu amigo. Não deixe de lhe falar de mim. É um velho amabilíssimo. De há um tempo para cá mudei a opinião que tinha a respeito dele. Embora, para dizer a verdade, sempre apreciasse nele os antigos costumes russos. Até à vista, meu amigo, até à vista!

Graças ao diabo que o leva! Mas não; vejo nisto a mão de Deus que nos ajuda, pensava sufocada de alegria.

Pavel Alexandrovich estava já no vestíbulo pondo o sobretudo quando lhe apareceu Nastasya Petrovna, vinda não se sabe donde.

— Onde vai o senhor? — perguntou-lhe agarrando-lhe num braço.

— Ver Boroduev, que teve a bondade de me apadrinhar. É um homem rico e velho que me deixará alguma coisa e a quem devo ir ver.

Pavel Alexandrovich estava radiante de satisfação.

— Vai ver Boroduev? Pois bem, pode despedir-se da sua noiva — disse Nastasya Petrovna, rudemente.

— Que quer dizer? Despedir-me?

— Como lhe digo. Supõe que ainda é sua quando pensam em casá-la com o Príncipe! Eu própria o ouvi!

— Com o Príncipe! Por piedade, Nastasya Petrovna!

— Sim, por piedade! Quer ver com os seus próprios olhos? Tire o sobretudo e siga-me.

Pavel Alexandrovich tirou o sobretudo e, como um autómato, deixou-se conduzir ao quarto escuro, onde ela estivera escutando de manhã.

— Meu Deus! Nastasya Petrovna, não compreendo!

— Compreenderá quando ouvir. Não tarda em começar a farsa.

— Qual farsa?

— Não fale tão alto! A farsa desta vez é contra si. Esta manhã, quando o senhor saiu, Maria Alexandrovna esteve mais de uma hora a persuadir Zina a casar-se com o Príncipe declarando que não havia nada mais fácil do que enganá-lo e alegando tais razões que senti náuseas. Ouvi tudo daqui. Zina consentiu. O que as duas disseram de si! Chamaram-lhe parvo

e Zina afirmou que por nada deste mundo se casaria consigo. Eu também sou uma parva! Pois não pensava pôr um laço encarnado! Ouça! Ouça!

— Mas isso seria uma felonia! — murmurou Pavel Alexandrovich olhando para Nastasya Petrovna com uma expressão idiota.

— Ouça e convencer-se-á.

— Mas como hei de ouvir?

— Aplicando o ouvido ao buraco da fechadura.

— Nastasya Petrovna... eu não costumo escutar às portas.

— Não há tempo para pensar nisso. Guarde a honra no bolso para melhor ocasião e, já que veio, escute.

— Mas...

— Se se considera incapaz disso, não se faça de parvo. Tive pena da sua situação e agora o senhor aparece-me com esses escrúpulos. A mim que me importa? Nem me aquece nem me arrefece. Esta mesma noite me irei embora daqui.

Pavel Alexandrovich, dominando os seus escrúpulos, baixou-se até pôr o ouvido no buraco da fechadura. O coração batia-lhe apressado, doíam-lhe as fontes e mal dava conta do que lhe sucedia.

Capítulo 8

— Divertiu-se muito em casa de Natália Dmitryevna, Príncipe? — perguntou Maria Alexandrovna, examinando o campo de batalha com os olhos de ave de rapina e esforçando-se por começar a conversa da forma mais inocente, embora o seu coração batesse de emoção e de impaciência.

Depois do jantar conduziu o Príncipe ao salão, onde o recebera pela manhã e onde tinham lugar todos os atos solenes da casa. Maria Alexandrovna estava orgulhosa daquele aposento. O velho, que bebera seis taças de champanhe, mal se podia suster. Mas não deixava de falar e a sua conversa era mais seguida e animada.

Maria Alexandrovna compreendeu que aquela excitação não podia durar muito e que em breve o seu hóspede ficaria amodorrado pelo efeito das libações. Tinha que aproveitar o momento. Examinando o campo de batalha, notou com alegria que o libidinoso ancião olhava para Zina com olhos de desejo e o seu coração maternal regozijou-se.

— Mui…tí…ssimo! — respondeu o Príncipe. — Bem sabe que Natália Dmitryevna é uma mulher incomparável... in…com…parável!

Apesar de preocupada com o seu plano, aquele elogio da sua rival sobressaltou Maria Alexandrovna e arrancou-lhe um protesto.

— Ora Príncipe! Não sei o que hei de dizer-lhe a propósito da opinião de Natália Dmitryevna ser uma mulher incomparável! O senhor diz isso porque não conhece a nossa sociedade, nem sabe nada a esse respeito. É tudo uma exibição de artificiosas qualidades e de enganosos sentimentos, apenas uma farsa: percalina e ouropel. Afaste as aparências e encontrará um verdadeiro inferno, e um ninho de víboras que o comeriam a si até aos ossos!

— Será possível?! — exclamou o Príncipe. — Deixa-me assombrado!

— Juro-lhe que é assim! Ah, *mon Prince!* Sabes, Zina, que me creio no dever de contar ao Príncipe aquele ridículo e indigno incidente que aconteceu com Natália Dmitryevna a semana passada? Recordas-te? Sim, Príncipe, trata-se de Natália Dmitryevna a quem admira tanto. Oh, querido

Príncipe! Asseguro-lhe que não aprecio a bisbilhotice, mas tenho que lhe contar isto para o divertir e para que veja de um modo vivo, como se o estivesse contemplando num espelho, o que é a nossa gente. Há quinze dias Natália Dmitryevna veio ver-me. Serviu-se café e eu tive que sair da sala por algum tempo. Recordo-me perfeitamente do muito açúcar que havia no açucareiro de prata: estava cheio. Quando voltei e olhei, restavam apenas no fundo três torrões. Natália Dmitryevna tinha ficado só. Que lhe parece? É proprietária de uma casa e tem dinheiro em abundância! Isto é cómico e ridículo; mas o senhor não pode avaliar o nível da nossa sociedade.

— Será possí…vel? — repetiu o Príncipe sinceramente surpreendido. — Que gulosa! Comeu-o ela todo?

—Já vê que mulher tão *incomparável,* Príncipe! Não lhe parece um incidente vergonhoso? Eu creio que preferia cometer um assassinato a praticar um ato tão repugnante.

— Com certeza, com certeza... Mas é uma tão *belle femme.*

— Natália Dmitryevna! Pelo amor de Deus, Príncipe, com aquela barriga! Ah, Príncipe, Príncipe! O que o senhor está a dizer! Supunha que tinha melhor gosto.

— É verdade, com aquela barriga... mas tão engraçada... e a rapariga que dançava é também... tão engraçada...

— Sonitchka? Mas é uma criança! Não tem mais de catorze anos.

— Uma criança... mas é tão ágil e possui uns contornos... que desenvolvimento o dessas rapariguitas encantadoras! E a outra que bailava com ela também está desenvolvida...

— Ah, é uma pobre órfã, Príncipe. Está sempre lá.

— Uma órfã! É uma rapariga suja que bem podia lavar as mãos... Embora também seja sedutora...

E, enquanto falava, o Príncipe contemplava Zina com crescente avidez.

— Zina, toca-nos, ou melhor, canta-nos alguma coisa! Vai ver como ela canta, Príncipe! É uma artista, uma artista! E se o senhor soubesse, Príncipe — e Maria Alexandrovna prosseguiu em voz baixa, enquanto Zina se aproximava do piano com aquele seu andar lento e cadenciado que comovia o velho. — Se o senhor soubesse como é boa filha! Que boa alma que ela tem e como é terna comigo! Que coração! Que sentimentos!

— É isso... sentimentos... e a senhora sabe que só conheci na minha vida uma mulher que se lhe podia comparar em beleza? — interrompeu o Príncipe com a boca cheia de água. — Era a condessa Naiusky que morreu há trinta anos. Uma mulher fas…ci…nan…te, um prodígio de beleza... Depois casou com o cozinheiro...

— O cozinheiro dela, Príncipe?

— Sim, cozinheiro dela... um francês, um estrangeiro. Arranjou depois um título de conde. Era um homem muito bem parecido, de grande ilustração, com uns bigodes curtos como os meus.

— E... e como é que se davam, Príncipe?

— Davam-se muito bem, mas não levaram muito tempo a separar-se. Ele roubou-a e fugiu. Zangaram-se por causa de um guisado.

— Que toco, mamã? — perguntou Zina.

— Será melhor que nos cantes alguma coisa, Zina. Que bem que ela canta, Príncipe! O senhor gosta de música?

— Oh, sim. *Charmant, charmant!* Gosto muito. Dava-me com Beethoven no estrangeiro.

— Beethoven! Ouves, Zina? O Príncipe era amigo de Beethoven — exclamou Maria Alexandrovna cheia de alegria. — Deveras, Príncipe, o senhor conheceu Beethoven?

— Creio-o bem... éramos amigos; tinha sempre o nariz metido na caixa do rapé. Era um tipo divertido!

— Beethoven?

— Sim, Beethoven; e daí talvez não fosse Beethoven, mas algum outro alemão. Havia lá tantos! Creio que os confundi.

— O que canto, mamã?

— Ah, Zina! Canta essa *romanza* tão cavalheiresca, aquela da castelhana e do trovador... Oh, Príncipe! Como eu gosto dos tempos da cavalaria! Aqueles castelos, aqueles castelos! Aquela vida da Idade Média! Aqueles trovadores, arautos e torneios!... Eu acompanho-te, Zina. Sente-se mais perto, Príncipe! Ah, os castelos, os castelos!

— Decerto, os castelos. A mim também me agradam os castelos — tartamudeou o Príncipe com entusiasmo, fixando em Zina o seu único olho. — Mas... eu conheço essa canção. Ouvi há muito tempo essa canção. Evoca-me tais recordações... Ah! bons tempos!

Não me atrevo a descrever o que aconteceu ao Príncipe quando Zina começou a cantar. Cantava uma velha *romanza* francesa que estivera muito

em voga e cantava-a maravilhosamente. A sua pura voz de contralto ia direito ao coração: o seu formoso rosto, os olhos magníficos, os dedos finos que passavam as páginas, os cabelos abundantes e negros, o seio forte, toda a sua pessoa, altiva e bela, fascinava o pobre velho. Não tirou os olhos de Zina enquanto ela cantou. O seu coração decrépito, aquecido pelo champanhe, a música e as recordações, palpitava cada vez mais forte, como não tinha palpitado há muito tempo e quando Zina acabou, o pobre velho estava quase a chorar.

— Oh, *ma charmante enfant*! — exclamou beijando-lhe os dedos. — *Vous me ravissez!* Agora, agora me lembro... Mas... mas... Oh! *ma charmante enfant!...*

E o Príncipe não pôde continuar. Maria Alexandrovna supôs que era chegado o momento.

— Está a deitar-se a perder, Príncipe! — exclamou solenemente. — Quanto sentimento! Quanta energia! Quanta riqueza moral! E pensar que se enterrou vivo na sua solidão! Que foge do mundo e dos seus amigos! É imperdoável! Reflita, Príncipe! Olhe para a vida, por assim dizer, com novos olhos. Evoque as recordações do seu coração... os seus tempos juvenis, aqueles tempos dourados da sua liberdade sem preocupações. Volte a vivê-los, reintegre-se na sociedade. Volte à vida e para o seio dos seus amigos! Vá ao estrangeiro, a Itália, a Espanha... a Espanha, Príncipe! O senhor precisa de um guia, de um coração que o ame, que o aprecie, que o compreenda. Mas o senhor tem amigos! Chame-os e eles acudirão em tropel para junto de si! Eu serei a primeira a abandonar tudo para acudir, correndo, a um simples sinal. Não esqueci a nossa amizade, Príncipe. Abandonaria meu marido para o seguir... e, se fosse mais nova, se fosse tão bonita e atraente como minha filha, seria sua companheira de viagem, sua amiga, sua esposa, se assim o desejasse...

— Estou certo de que, no seu tempo, a senhora foi uma pessoa encantadora — disse o Príncipe assoando-se e com as lágrimas nos olhos.

— Voltamos a viver nos nossos filhos, Príncipe — respondeu Maria Alexandrovna, efusivamente. — Eu também tenho o meu anjo da guarda que é a minha filha, a amiga da minha alma, que compartilha dos meus pensamentos, Príncipe. Já recusou sete pretendentes para não se separar de mim.

— Dessa forma virá connosco quando a senhora me acompanhar ao estrangeiro? Nesse caso não deixarei de ir ao estrangeiro — exclamou o

Príncipe animando-se, por momentos. — Irei com certeza. E se pudesse conceber a esperança... Mas é uma rapariga encantadora, encan…ta… dora! Ah, minha encantadora menina!... — E o Príncipe pôs-se a beijar a mão da jovem. O pobre homem queria cair de joelhos a seus pés.

— Mas... mas, Príncipe, por que é que diz «se eu pudesse conceber a esperança»? — replicou Maria Alexandrovna sentindo a inspiração do momento. — Que complicado o senhor é, Príncipe! Considerar-se-á, por acaso, indigno das atenções de uma mulher? Não é a juventude que nos torna agradáveis. Lembre-se de que o senhor é, por assim dizer, uma relíquia da antiga aristocracia. O senhor é o protótipo do homem que possui os mais refinados e cavalheirescos sentimentos. Recordo-me de ter lido que Lauzun, aquele elegante marquês da corte de Luís... não me lembro qual dos *Luíses,* no ocaso, sendo já velho, conquistou o coração de uma das belezas da Corte... E quem lhe disse ao senhor que era velho? Quem lhe inculcou essa ideia? Os homens como o senhor não envelhecem. O senhor, tão rico de sentimentos, de alegria, de engenho, de vitalidade! Apresente-se em quaisquer termas do estrangeiro com uma mulher nova, tão bela como Zina, e verá o efeito sensacional que faz! O senhor, uma sobrevivência da aristocracia; ela, uma rainha de beleza! Se o senhor a levar pelo braço, em triunfo; se ela cantar numa sociedade aristocrática, enquanto o senhor, pela sua parte, fizer fulgurar o seu talento, todas as termas se agruparão ao vosso lado. Por toda a Europa ressoaria o seu nome, por todos os periódicos, todas as gazetas das termas falariam do mesmo...

— As gazetas... Oh, sim! Nos periódicos... — balbuciou o Príncipe, sem compreender nem a metade do discurso de Maria Alexandrovna e enlanguescendo, por momentos. — Mas... minha filha, se não está cansada, repita a canção que acaba de cantar...

— Ah, Príncipe! Ela sabe outras mais bonitas! Lembra-se o senhor de *L'Hirondelle,* Príncipe? Conhece-a?

— Sim, já me recordo, ou antes, esqueci-a. Não, não, a mesma de há pouco; essa que acaba de cantar. Não quero a *L'Hirondelle,* desejo ouvir a mesma canção — teimou o Príncipe como um menino.

Zina tornou a cantar. O Príncipe, sem poder conter-se, caiu de joelhos diante dela.

— Oh, *ma belle châtelaine!* — exclamou com voz trémula de emoção e de velhice. — Minha doce menina! Que remotas recordações fizeste

acudir à minha memória... Supunha então que eram aqueles os melhores tempos... Nesses dias cantava eu a duo... com a viscondessa... essa mesma canção... e agora, agora não sei que...

Falava, perturbado de comoção, e a língua entaramelava-se-lhe; algumas palavras eram ininteligíveis. Era evidente que estava transtornado. Maria Alexandrovna apressou-se a deitar lenha na fogueira.

— Príncipe! O senhor está a enamorar-se da minha Zina!

— Amo-a com loucura — gritou o velho num repto, tremendo todo de comoção. — Estou pronto a sacrificar a minha vida e, se pudesse esperar... Mas levanto-me, que estou cansado... Se... se pudesse esperar que aceitasse o meu coração, então... cantar-me-ia todos os dias e eu contemplá-la-ia sem cessar... contemplá-la-ia sem cessar...

— Príncipe! Príncipe! Olhe que lhe está a oferecer a sua mão! Quer roubar a minha Zina, o meu amor, o meu anjo? Não te deixarei partir, Zina! Terá que arrebatar-ma, que arrancá-la dos meus braços, dos braços de sua mãe!

Maria Alexandrovna lançou-se sobre a filha, estreitando-a nos braços, embora se expusesse a ser repelida com violência. A mãe exagerava e Zina via-o com desgosto, mas aceitava a farsa sem dizer nada, que era o que a mãe desejava.

— Já recusou nove partidos, para não se separar de mim! — exclamou. — Mas agora o meu coração pressente a separação. Esta manhã reparei como ela o olhava. O senhor impressionou-a com as suas maneiras aristocráticas, Príncipe, com a sua distinção. Oh! O senhor vai-nos separar. Tenho um vivo pressentimento...

— Adoro-a! — murmurou o Príncipe, tremendo ainda como uma folha.

— Abandonas a tua mãe? — exclamou Maria Alexandrovna, lançando-se outra vez ao pescoço da filha.

Zina, que ansiava por terminar a cena, estendeu a sua mão adorável ao Príncipe e esforçou-se por sorrir. O Príncipe apoderou-se da mão branca e cobriu-a de beijos.

— Agora começo a viver — murmurou, desfalecendo de amor.

— Zina! — exclamou a mãe solenemente. — Olha para este homem! É o mais nobre, o mais honrado dos homens! É um cavaleiro medieval! Ela já o sabe, Príncipe; já o sabe, por desgraça minha... Oh! Por que é que o senhor veio? Confio-lhe o meu tesouro, o meu anjo! Cuide dela,

Príncipe! É a mais ardente súplica de uma mãe. E que mãe poderia estranhar a minha mágoa?

— Já basta, mamã — murmurou Zina.

— O senhor a defenderá, Príncipe! A sua espada brilhará à vista de qualquer desbocado ou caluniador que intente difamar a minha Zina!

— Basta, mamã, ou...

— Sim, sim, brilhará — balbuciou o Príncipe. — Agora começo a viver... Quero celebrar a boda imediatamente, agora mesmo... Quero enviar alguém a Dukanovo, já... Tenho lá brilhantes... Quero pô-los a seus pés.

— Que ardor, que entusiasmo! Que nobreza de alma! — exclamou Maria Alexandrovna. — E é possível ter feito até agora vida de ermitão? Digo-o e repeti-lo-ei mil vezes! Fico fora de mim ao pensar nessa diabólica...

— Que podia eu fazer? Tinha tanto medo! — tartamudeou o Príncipe, assustado. — Queriam meter-me num manicómio... Tinha medo.

— Num manicómio! Os infames! Miseráveis! Abortos do inferno! Tinha-o ouvido dizer, Príncipe! Mas essa gente estava louca? E porquê? Porquê?

— Eu próprio não sei! — respondeu o velho, deixando-se cair numa cadeira, morto de fadiga. — Estava num baile e contei uma anedota que lhes não agradou e por isso armaram uma contenda.

— Só por isso, Príncipe?

— Não. Depois joguei às cartas com o Príncipe Pyotr Dementiich e não tive sorte. Tinha dois reis e três damas... ou talvez três damas e dois reis... Não, um rei! Depois vieram-me as damas...

— E por isso? Por isso? Oh, malvada humanidade! Não chore, Príncipe! Isso não lhe tornará a suceder mais! Agora ficarei a seu lado, porque não abandonarei Zina, e veremos quem se atreve a dizer uma palavra!... E com certeza, Príncipe, o seu casamento dará que falar. Enchê-los-á de vergonha ver que o senhor ainda está apto... Compreenderão que esta beldade não se casaria com um louco! Pode andar com a cabeça bem alta e arrostar com os seus olhares!

— Oh, sim! Arrostarei com os seus olhares — balbuciou o Príncipe, cerrando os olhos.

Está dormindo, pensou Maria Alexandrovna, *e estamos perdendo o tempo*.

— Príncipe, vejo que está fatigado; precisa de quietação, de descanso, depois de tanta agitação — disse-lhe inclinando-se para ele maternalmente.

— Oh, sim! Deitar-me-ia um pouquito.

— Sim, sim! Acalme-se, Príncipe!... Estas emoções... Espere, eu o acompanho... eu o deito, se for preciso. Está a olhar para este retrato, Príncipe? É o retrato de minha mãe; um anjo, mais do que uma mulher. Se ela estivesse agora connosco… Era uma santa, Príncipe, uma santa! Não posso dar-lhe outro nome.

— Uma santa? *C'est joli.* Eu também tinha uma mãe... princesa, mas repare, era extraordinariamente gorda... Bem, não é isso que eu queria dizer... Estou um pouco cansado. *Adieu, ma charmante enfant...* Agradou-me... Hoje... Amanhã... Mas não importa. *Au revoir, au revoir!* — Tentou enviar-lhe um beijo, mas escorregou junto da porta e esteve prestes a cair.

— Cuidado, Príncipe! Ampare-se ao meu braço! — gritou Maria Alexandrovna.

— *Charmant, charmant* — murmurou o velho, enquanto se afastava. — Comecei hoje a viver!

Zina ficou só com o coração cheio de amargura, enojada e desprezando-se a si própria. Ardiam-lhe as faces. Imóvel, com os punhos cerrados e cabisbaixa, começou a chorar lágrimas de vergonha... Naquele momento abriu-se a porta e Mozglyakov apareceu na sala.

Capítulo 9

Tinha ouvido tudo, tudo. Não se atreveu a irromper no salão durante a farsa, mas entrava agora, pálido de emoção e de fúria. Zina olhou para ele, espantada.

— Afinal já sei quem você é — proferiu com voz entrecortada.

— Quem sou eu? — replicou Zina, olhando-o como a um louco com os olhos brilhantes de cólera. — Como se atreve a falar-me assim? — acrescentou aproximando-se.

— Ouvi tudo! — replicou Mozglyakov, retrocedendo um passo.

— Ouviu? Quere dizer que estava a escutar? — disse Zina lançando-lhe um olhar de desprezo.

— Pois estava! Sim, cometi essa baixeza; mas assim soube que você é a mais... não encontro palavras para qualificar a sua conduta! — respondeu ele sentindo-se cada vez mais encolhido sob o olhar de Zina.

— Embora tenha ouvido, de que pode acusar-me? Com que direito me acusaria? Com que direito me fala tão grosseiramente?

— Eu? Com que direito? É a senhora que mo pergunta? Vai casar-se com o Príncipe e não terei eu o direito... Como se não me tivesse dado a sua palavra!

— Quando?

— Quando?

— Esta manhã, quando o senhor me importunava, respondi-lhe sinceramente que não podia dizer-lhe nada de positivo.

— Mas não me repeliu, nem me disse que não. Tinha-me de reserva para o caso de...

Uma expressão de pena, de íntima dor, transformou o semblante de Zina; mas soube dominar o seu sentimento.

— Se o não repeli — respondeu com voz grave e medida, na qual havia um tremor impercetível — foi por pena de si. O senhor próprio me rogava que esperasse e não lhe dissesse que não, até que o conhecesse melhor e «então», disse-me o senhor, «quando se convencer de que sou um

homem digno de respeito, talvez me não repila». Foram estas as suas próprias palavras no começo das nossas relações; não pode negá-lo. E agora atreve-se a dizer que lhe dei esperanças? Bem pôde observar o desgosto que me produziu o seu regresso, quinze dias antes do que esperava. Não tentei dissimulá-lo. Pelo contrário: manifestei-o bem e o senhor o frisou ao perguntar-me se estava aborrecida por ter vindo mais cedo. Não sei que esperanças dá quem não pode nem procura dissimular a sua aversão. E tem o senhor a insolência de afirmar que o tinha de reserva? Pois saiba que pensava de si que, se não era muito inteligente, seria um bom rapaz com quem me poderia casar. Mas agora convenceu-me, com grande alívio para mim, de que não passa de um néscio e, o que é pior, de um néscio maldoso a quem só me resta desejar muita sorte e boa viagem. Adeus.

E, dizendo isto, Zina voltou-lhe as costas para se dirigir para a porta. Vendo tudo perdido, Mozglyakov fervia de raiva.

— Com que então sou um néscio!? Concluiu então que sou um néscio! Está bem, adeus! Mas, antes, quero dizer-lhe que toda a cidade há de saber como a senhora e a sua mãe seduziram o Príncipe depois de o emborrachar. Toda a gente o saberá! hão de lembrar-se de Mozglyakov!

Zina deteve-se, abalada, e com o propósito de replicar; mas, pensando bem, encolheu os ombros e fechou a porta atrás dela.

Nesse instante apareceu Maria Alexandrovna. Tinha ouvido as últimas palavras de Mozglyakov e, adivinhando o seu alcance, tremeu de medo. Mozglyakov não tinha partido ainda, estava perto do Príncipe, contaria tudo, e o *segredo* era necessário por algum tempo, pelo menos. Maria Alexandrovna deitou os seus cálculos e, num momento, dominou a situação e concebeu um plano para acalmar o rapaz.

— Que se passa, *mon ami*? — perguntou avançando para ele e estendendo-lhe a mão, afetuosamente.

— Que é isso de *mon ami*!? — gritou furioso. — Depois do que maquinou ainda me chama seu amigo? Quer passar-me a mão no pelo! Supõe que me vou deixar enganar outra vez?

— Lamento muito vê-lo em semelhante estado de espírito, Pavel Alexandrovich. Que linguagem é essa? Nem diante de uma senhora mede as suas palavras?

— Diante de uma senhora! Você... você será tudo o que quiser menos uma senhora!

Não sei o que quis exprimir com isto, mas suspeito que qualquer coisa tremenda. Maria Alexandrovna dirigiu-lhe um olhar penalizado e, indicando-lhe a cadeira em que, momentos antes, estivera sentado o Príncipe, disse-lhe tristemente:

— Sente-se.

— Mas ouça, Maria Alexandrovna — disse Mozglyakov, perplexo. — A senhora trata-me como se não tivesse nada de que se culpar e eu a tivesse ofendido. Não vá por esse caminho! Deixe-se de vaidades! Isto é intolerável, sabe?

— Meu amigo! — respondeu a dama. — Há de permitir-me que lhe chame assim porque não tem melhor amiga do que eu. Amigo! O senhor é infeliz, sofre e sente o coração ferido... e não é de admirar que me fale nesse tom. Mas vou-lhe explicar tudo; vou-lhe abrir o coração, tanto mais que, de certo modo, me considero culpada para consigo. Sente-se e falemos.

A sua voz era dorida e ela parecia sofrer. Mozglyakov sentou-se atordoado a seu lado.

— Ficou a escutar? — perguntou-lhe com ar de censura.

— Sim, escutei. Se o não tivesse feito estaria ainda iludido. Agora, ao menos, sei o que maquinam contra mim — respondeu Mozglyakov, áspero e apaixonado na sua cólera.

— E o senhor, o senhor com a sua educação, com os seus princípios deixou-se arrastar a coisa tão indigna? Pelo amor de Deus!

Mozglyakov levantou-se de um salto.

— Isto é intolerável, Maria Alexandrovna! Pense no que a senhora fez dos seus princípios e então poderá julgar os outros!

— Outra pergunta — disse ela iludindo a resposta. — Quem o induziu a escutar, quem lhe falou, quem espia em minha casa? É o que eu quero saber.

— Perdoe, mas isso não lhe direi.

— Muito bem, eu o saberei. Confesso-lhe, Pavel, que o tratei mal, mas, se tem presentes todas as circunstâncias, verá que, se sou culpada, é apenas pelo desejo de conseguir o seu bem.

— O meu bem? O meu bem? Isto passa das marcas! Previno-a de que não troçará assim de mim. Não sou tão ingénuo como supõe!

E Mozglyakov mexia-se na cadeira até a fazer estalar.

— Acalme-se, meu amigo, peço-lhe. Ouça-me com atenção e concordará comigo em tudo. Queria dizer-lho de começo, pô-lo ao corrente de todos os pormenores deste assunto, e o senhor teria sabido tudo, sem necessidade de se rebaixar escutando atrás das portas. Se lho não expliquei antes foi porque não passava de um projeto e podia fracassar. Já vê que não posso ser mais franca. Não culpe minha filha, que o ama até à loucura e que me custou esforços inauditos a convencer, para o sacrificar a si e aceitar o Príncipe.

— Acabo de receber uma prova convincente do *louco* amor que me tem —replicou Mozglyakov, com ironia.

— Está bem. Mas como a tratou o senhor? É essa a linguagem de um namorado? É assim que se exprime um homem bem-nascido? O que é que esperava, se começou por ofendê-la, por irritá-la?

— Não se trata aqui de boa educação, Maria Alexandrovna. Esta manhã, quando saí com o Príncipe, depois de ter recebido de ambas o mais afetuoso tratamento, puseram-me como um esfregão. Não se cansaram de me insultar... Diga-se a verdade. Sei tudo, sei.

— E, decerto, pela mesma pérfida via! — disse Maria Alexandrovna com um sorriso de desprezo. — Sim, Pavel Alexandrovich, desacreditei-o, falei mal de si e devo confessar que bom trabalho me custou. Mas o facto de ter tido que o injuriar e de o caluniar perante ela, prova quanto me foi difícil conseguir que Zina renunciasse a si. O senhor não vê um palmo adiante do nariz! Se Zina o não amasse, que necessidade tinha eu de depreciar o seu caráter, de o meter a ridículo e de o rebaixar? Para que havia eu de recorrer a tais extremos? E ainda não sabe tudo. Tive que valer-me de toda a minha autoridade de mãe para o desenraizar do seu coração, e, depois de incríveis esforços, não consegui obter dela mais que uma aparência de consentimento. Se o senhor esteve à escuta, devia ter observado que não lhe pude arrancar nem uma palavra, nem um gesto de ajuda perante o Príncipe. Não pronunciou uma só frase durante todo o tempo e cantou como uma autómata. A sua alma sofria desesperadamente e tive tanta pena dela que fiz sair o Príncipe. Estou certa de que chorou quando se viu só; o senhor deve ter notado as suas lágrimas quando entrou...

Mozglyakov lembrou-se de que, com efeito, Zina chorava quando ele entrou.

— Mas a senhora, a senhora, Maria Alexandrovna, por que se põe contra mim? Por que deprecia o meu caráter e me calunia, como a senhora própria confessa?

— Ah! Isso já é outra coisa e, se mo tivesse perguntado de começo, ter-lhe-ia dado já uma resposta adequada. Sim, o senhor tem razão! Foi tudo coisa minha, exclusivamente minha! Por que o fiz? Respondo-lhe que, em primeiro lugar, por Zina. O Príncipe é rico, aristocrata, com boas relações e, com ele, Zina fará um esplêndido casamento. Além disso, quando ele morrer, talvez dentro de pouco tempo, pois todos somos mais ou menos mortais, Zina será uma viúva jovem, uma Princesa da mais alta sociedade e, possivelmente, muito rica. Poderá então casar com quem quiser, tornando-se um partido vantajoso. Mas, claro, casará com o homem a quem antes amava e cujo coração lacerou ao casar-se com o Príncipe. O remorso levá-la-á a reparar a falta cometida para com quem amava.

— Hum! — grunhiu Mozglyakov, contemplando pensativamente as botas...

— Em segundo lugar... Serei breve, porque talvez o senhor o não compreenda. O senhor lê Shakespeare e põe nele os seus mais nobres ideais, mas, na vida real, embora o senhor seja *muito bom,* é demasiado jovem e eu sou mãe, Pavel Alexandrovich. Escute: caso Zina com o Príncipe, em parte por ele próprio, para o salvar com o casamento. Há muito tempo que sou amiga desse ancião nobre, bondosíssimo, cavalheiresco. É um desgraçado nas garras dessa mulher infernal que o levará à cova. Deus é testemunha de ter obtido o consentimento de Zina mostrando-lhe toda a grandeza do seu sacrifício e da sua heroica abnegação; deixou-se levar pela nobreza dos seus sentimentos, pelo encanto irresistível de um ato de sacrifício. Há também nela muito de cavalheiresco. Apresentei-lhe como uma ação do mais elevado cristianismo o facto de se tornar em amparo, em consolação, em amiga, em filha, em ídolo de um homem a quem resta apenas um ano de vida e que precisa, nos seus últimos dias, de quem o anime, lhe dê afeto e calor, em vez de o odiar, aturdindo-o e desanimando-o. Os seus últimos dias parecer-lhe-ão um paraíso. Onde está nisto o egoísmo? Diga-me! Não é isto tão nobre como a conduta de uma irmã de caridade?

— Então fá-lo somente pelo Príncipe, como o sacrifício de uma irmã de caridade? — perguntou Mozglyakov em tom irónico.

— Compreendo a sua pergunta, Pavel Alexandrovich; é bastante clara. Supõe o senhor, por acaso, que o interesse que tomo pelo Príncipe se inspira na vantagem que pode trazer-me? Pois bem: pode ser que essa consideração tenha influído, mas de um modo inconsciente. Compreendo que o deixará assombrado uma confissão tão sincera, mas só lhe peço uma coisa, Pavel Alexandrovich, não meta Zina neste assunto: ela não faz cálculos, é pura como uma pomba e é incapaz de outra coisa além de amar, a pobrezita! Se alguém calculou, fui eu, eu só. Mas consulte a sua consciência e diga-me quem, no meu caso, deixaria de calcular. Todos olhamos para os nossos interesses, até nos atos mais generosos, mais elevados, inevitavelmente, sem darmos conta. Enganamo-nos a nós próprios quando afirmamos que procedemos só por nobreza de alma. Eu não quero enganar-me; por mais puros que sejam os motivos, confesso que calculei. Mas, diga-me: procuro o meu interesse pessoal? Eu, Pavel Alexandrovich, de nada preciso; já tenho o meu modo de vida. Pensei nela, no meu anjo, na minha filha e que mãe me poderia censurar?

Brilharam as lágrimas nas faces da dama e o rapaz ouvia, meio atordoado, a ingénua confissão, fazendo gestos de incredulidade.

— Bem, sim, que mãe? — pôde dizer por fim. — A senhora fala muito bem, Maria Alexandrovna; mas... tinha-me dado a sua palavra! Tinha-me feito conceber esperanças... E eu, como fico? Veja! Colocou-me numa situação ridícula!

— Mas não dirá que me esqueci de si, meu querido Pavel. As suas vantagens, neste caso, são tão grandes que posso dizer que foi principalmente por si que meti mãos à obra.

— Vantagens para mim? — exclamou Mozglyakov, inteiramente desconcertado. — Quais?

— Apre! Será possível que haja homens tão ingénuos e curtos de vista? — lamentou Maria Alexandrovna erguendo os olhos para o teto. — Oh, juventude, juventude! Ora aqui está o resultado de se deixar deslumbrar por Shakespeare: criar a ilusão de que se pensa por conta própria, quando, afinal, se vive só de ideias emprestadas! Pergunta-me, meu bom Pavel Alexandrovich, onde está o seu interesse no assunto? Permita-me, para melhor compreensão, uma breve digressão. Zina ama-o a si; isso é indubitável. Mas notei que, apesar do seu amor evidente, desconfia um pouco dos seus bons sentimentos, das suas inclinações;

reparei que, às vezes, se porta com certa frieza estudada, que denota falta de confiança. O senhor não reparou, Pavel Alexandrovich?

— Sim, hoje mesmo o notei... mas que pretende dizer com isso, Maria Alexandrovna?

— Ora aí está: o senhor também reparou. De forma que não me enganava. Falta-lhe confiança na firmeza do seu caráter. Eu, que sou mãe dela, não posso desconhecer o coração de minha filha. Imagine o senhor agora que, em vez de se lhe apresentar com queixas de mau gosto e até com injúrias, irritando-a, ofendendo a sua pureza, a sua formosura e o seu orgulho, confirmando assim as suspeitas que ela já tinha das suas más inclinações... imagine que tinha recebido esta surpresa, com doçura, com lágrimas de pena e até de desespero, mas com nobreza de sentimentos e elevação de vistas...

— Hum!

— Não, não me interrompa, Pavel Alexandrovich. Quero pintar-lhe um quadro que fique bem marcado na sua imaginação. Suponha que se tinha aproximado dela e lhe dizia: «Zina, amo-te mais do que a minha vida; mas razões de família nos separam. Trata-se da tua felicidade e eu não me atrevo a opor-me, Zina. Perdoo-te. Sê feliz, se podes». E então o senhor lançar-lhe-ia um olhar, um olhar de cordeiro que marcha para o sacrifício, se posso exprimir-me assim. Imagine o efeito que estas palavras produziriam no seu coração!

— Sim, Maria Alexandrovna, suponhamos tudo isso; compreendo tudo... Mas que teria eu conseguido?

— Não, não, não, querido! Não me interrompa. Deixe que lhe pinte com todas as cores este quadro que tão boa impressão lhe há de produzir. Suponha o senhor que a encontra mais tarde na alta sociedade, nalgum baile, num salão esplendidamente iluminado, entre os acordes de uma embriagadora música e o revolutear de elegantes mulheres, e que, no mais animado da festa, o senhor está triste, melancólico, pálido, apoiando-se a uma coluna (de modo que todos possam vê-lo) contemplando-a no redemoinho vertiginoso do baile. Porque ela dança, enquanto em volta pairam os perturbadores acordes de Strauss e as frases brilhantes da mais alta sociedade... e o senhor continua só, pálido, devorado pelo seu amor apaixonado. Que supõe o senhor que Zina pensará? Com que olhos olhará para si! «E eu», dirá ela consigo, «duvidei deste homem que sacrificou

tudo por mim, tudo! e que pelo seu amor calcou o coração!» E o seu antigo amor reviverá com uma força irresistível.

Maria Alexandrovna deteve-se para tomar fôlego. Mozglyakov mexeu-se na cadeira até de novo a fazer estalar. A dama continuou:

— Por conveniência da saúde do Príncipe, Zina irá ao estrangeiro, a Itália, a Espanha... a Espanha, o país dos mirtos, dos limoeiros, do céu azul, onde corre o Guadalquivir, a terra do amor em que se não pode viver sem amar; o país das rosas, onde os beijos, por assim dizer, flutuam no ar. O senhor acompanhá-la-á, sacrificando a sua carreira, as suas amizades, tudo. Ali começará para si um amor novo, irresistível; amor, juventude! Espanha, Deus meu! O vosso amor é puro e santo, bem o sei, embora enlanguesçam quando mutuamente se olham. O senhor compreende-me, meu amigo! Eu sei: não faltará gente vil, malvada e infame que diga que não foi a consideração por um parente velho, necessitado de tratamento, que o levou ao estrangeiro. Refiro-me à pureza do seu amor, precisamente porque haverá quem lhe dê outro significado. Mas eu sou mãe, Pavel Alexandrovich, por que é que havia de gostar de o perverter? Claro que o Príncipe não estará em condições de os vigiar, mas não importa. há de a gente fazer caso de uma calúnia tão baixa? Por fim, ele morrerá abençoando o seu destino. E diga-me: com quem casará Zina senão consigo? O seu parentesco com o Príncipe é muito longínquo e não servirá de obstáculo ao matrimónio... Quando se casarem ela será jovem, rica, distinta e, imagine, em circunstâncias em que os elementos mais elevados da nossa nobreza teriam orgulho em casar com ela. Por ela alcançará o senhor honras nos círculos mais aristocráticos; por ela conquistará uma elevada posição. Agora tem o senhor cento e cinquenta servos, mas então será um potentado; o Príncipe regulará no seu testamento. Eu farei com que assim seja. E, finalmente, o mais importante: ela recobrará a confiança em si, no seu coração, nos seus sentimentos e, a seus olhos, o senhor aparecerá como um herói de bondade e de abnegação... E ainda pergunta onde estão as suas vantagens? É preciso estar cego para não ver as vantagens que estão a dois passos de si, que o olham e lhe sorriem, gritando-lhe: aqui nos tens, aceita-nos!

— Maria Alexandrovna! — exclamou o rapaz com indescritível emoção. — Agora compreendo tudo. Conduzi-me grosseiramente, como um vilão, como um mentecapto.

E levantou-se, puxando pelos cabelos.

— Como quem não reflete — acrescentou Maria Alexandrovna — sobretudo como quem não reflete.

— Sou um asno, Maria Alexandrovna! — gritou cheio de desespero. — Agora está tudo perdido, porque a amava com loucura.

— Talvez não tudo! — disse a Sra. Moskalev com doçura, como se de súbito lhe tivesse ocorrido uma ideia.

— Oh, se fosse possível! Ajude-me, aconselhe-me, salve-me!

E Mozglyakov desatou a chorar.

— Querido — disse Maria Alexandrovna com voz magoada e estendendo-lhe a mão. — O senhor procedeu com excessivo ardor deixando-se levar pela sua paixão; quere dizer, pelo seu amor por ela. No seu estado de desespero não sabia o que fazia. É preciso que ela o compreenda...

— Amo-a até à loucura e estou pronto a sacrificar tudo — gritou Mozglyakov.

— Eu lhe digo; arranjarei tudo com ela justificando a sua conduta.

— Maria Alexandrovna!

— Sim, eu me encarrego disso. Farei com que os dois se vejam. O senhor deve dizer-lhe tudo, como eu acabo de lho dizer.

— Meu Deus! Que boa a senhora é, Maria Alexandrovna! Mas... não seria possível falar-lhe imediatamente?

— Deus nos livre! Que inábil é o senhor, meu amigo! Orgulhosa como ela é tomaria isso como um novo insulto, como uma insolência. Amanhã resolverá tudo; por agora vá ver, por exemplo, esse comerciante... e volte à noite, se lhe parecer, mas não lho aconselharia.

— Vou... vou… Deus meu! Restitui-me a vida! Uma pergunta só: e se o Príncipe não morre tão depressa?

— Ah, Deus meu! Que cândido que é, *mon cher Paul!* Pelo contrário, deve rogar pela sua saúde. Temos que desejar de todo o coração que esse velho querido, amável, cavalheiresco, viva muito. Eu serei a primeira a rogar, dia e noite, com lágrimas nos olhos, pela felicidade da minha filha. Mas, ai! Temo que seja um caso desesperado. Além disso terá que visitar S. Petersburgo para fazer a apresentação de Zina na sociedade, e receio, oh, receio que isto seja demasiado para ele. Mas rogaremos, querido Pavel, pelo que mais convenha e deixaremos o resto... nas mãos de Deus... Vai-se embora? A minha bênção o acompanhe, meu amigo! Espere, tenha paciência e seja homem. Nunca duvidei da nobreza dos seus sentimentos...

Apertou-lhe calorosamente a mão e o rapaz saiu em bicos dos pés.

— Sempre me consegui livrar deste imbecil! — murmurou Maria Alexandrovna. — Ainda restam os outros...

Abriu-se a porta e entrou Zina, mais branca que de costume e com os olhos brilhantes.

— Mamã, ou acabas depressa ou não posso suportar mais. É tudo tão vil e tão repugnante que me dá vontade de fugir de casa. Não me atormentes, não me irrites! Estou doente, percebes? Doente de tanta porcaria.

— Zina! Que tens, meu anjo? Tu também... também estiveste a escutar à porta? — exclamou Maria Alexandrovna olhando fixa e inquietamente para a rapariga.

— Sim, estive a escutar e não me envergonharás como a esse imbecil. Ouve, juro-te que se continuas a atormentar-me desta maneira, dando-me, nesta farsa vil, os mais humilhantes papéis, deitarei tudo a perder e acabará tudo num momento. Já basta eu ter-me resolvido a desempenhar o papel mais importante. Mas... nem eu própria me conhecia! Ficarei afogada em tanta imundície.

E saiu atirando com a porta. Maria Alexandrovna seguiu-a, pensativa, com o olhar.

— Pronto, pronto! — exclamou levantando-se. — Ela é a minha preocupação, o maior perigo; e se esses canalhas não nos deixam sós e começam a espalhar a notícia pela cidade, como decerto já o fizeram a estas horas, está tudo perdido. Zina não poderá suportar as murmurações e negar-se-á. Custe o que custar, tenho que levar o Príncipe para o campo sem perder um momento. Vou eu primeiro, voando, e trago o palerma do meu marido. Para alguma coisa há de servir. Entretanto, o velho terá dormido e, quando acordar, partiremos.

Tocou uma campainha.

— Os cavalos? — perguntou quando o criado apareceu.

— Já estão à espera há muito tempo — respondeu.

Maria Alexandrovna tinha dado ordem para atrelar quando acompanhara o Príncipe aos seus aposentos. Depois de se vestir correu ao quarto de Zina a pô-la em breves palavras ao corrente do seu plano e a dar-lhe instruções. Mas Zina não quis ouvi-la. Estava deitada na cama, de cara na almofada, com os braços nus, chorando desesperadamente e com a abundante e linda cabeleira despenteada. Só de vez em quando era

sacudida por um estremecimento, como se um calafrio lhe percorresse os membros. Maria Alexandrovna falou-lhe atabalhoadamente, mas a filha nem voltou a cabeça. Depois de estar um bocado ao lado de Zina, Maria Alexandrovna saiu preocupada e, para afugentar as suas inquietações, subiu para a carruagem e ordenou ao cocheiro que conduzisse os cavalos a toda a velocidade.

— O pior foi Zina ler ouvido a minha conversa com Mozglyakov. Convenci-o com as mesmas razões que usei para a convencer a ela. É orgulhosa e ficou ofendida... Ora! O que importa é agir com rapidez, para que tudo fique resolvido antes que esta gente o possa farejar. Que pena! Só faltava que esse imbecil não estivesse em casa!

Ao pensar nisto foi acometida por um acesso de fúria que nada de bom pressagiava para Afanasy Matveich. Não se continha de impaciência. Os cavalos seguiam a galope.

Capítulo 10

O carro voava. Já dissemos que tinha ocorrido a Maria Alexandrovna uma ideia genial quando, naquela manhã, percorria a cidade em busca do Príncipe, e prometemos referi-la em seu devido tempo; mas o leitor conhece-a já. Não consistia noutra coisa senão em apoderar-se do Príncipe e levá-lo precipitadamente para as suas propriedades do campo, onde vegetava o seu venturoso marido. Não temos que ocultar a inexplicável intranquilidade que se apoderava por momentos do ânimo de Maria Alexandrovna, como sucede, por vezes, aos próprios heróis no momento de alcançar o triunfo. Um instinto especial de que era dotada advertia-a do perigo de permanecer em Mordasov. *Uma vez no campo,* pensava ela, *pouco me importa que toda a cidade se alvoroce*.

Mas nem no campo tinha tempo a perder. Podia aparecer qualquer dificuldade, e ela previa tudo; mas não acreditemos no que mais tarde fizeram circular acerca da nossa heroína os seus inimigos, apresentando-a, naqueles momentos, dominada pelo medo da polícia. Ela só pensava que se devia celebrar a boda de Zina com o Príncipe o mais depressa possível e, para isso, tinha os meios ao seu alcance. O padre da aldeia os casaria na sua própria casa de campo. A cerimónia podia marcar-se para daí a dois dias e, se fosse necessário, até para o dia seguinte. Existiam precedentes de casamentos realizados poucas horas após o noivado. Apresentariam ao Príncipe como uma necessidade de bom gosto a urgência, a falta de festas, de esponsais e de padrinhos; seria uma coisa *comme il faut;* impressioná-lo-iam apresentando-lhe o caso como mais elegante e aristocrático; far-lhe-iam ver o aspeto de aventura romântica que oferecia, tocando-lhe assim as fibras mais sensíveis do coração. Se tudo isto não bastasse, embriagá-lo-iam ou, melhor, mantê-lo-iam em estado de contínua embriaguez. Depois, sucedesse o que sucedesse, Zina seria Princesa. E ainda que depois da boda fosse inevitável o escândalo, que podia surgir em S. Petersburgo ou em Moscovo onde o Príncipe tinha parentes, para tudo se encontraria solução. Em primeiro lugar, isso viria depois, além de que

Maria Alexandrovna estava persuadida de que nas altas esferas sociais nada sucedia sem escândalo, sobretudo em assuntos matrimoniais, e tudo aquilo era *chic,* embora imaginasse que os escândalos da alta sociedade tinham um cunho especial pela sua grandeza e pela sua índole, qualquer coisa no estilo do *Conde de Monte Cristo* e das *Memórias do Diabo.* Quanto a Zina, bastar-lhe-ia apresentar-se em sociedade, com sua mãe ao lado como aia e conselheira, e todos, absolutamente todos, ficariam conquistados sem que nenhuma daquelas condessas ou princesas fosse capaz de resistir à sedução com que Maria Alexandrovna era capaz de as dominar a todas e a cada uma de per si, como dominava as suas conterrâneas de Mordasov.

Com estas ideias corria a dama para as suas propriedades de campo à busca de Afanasy Matveich, cuja presença, segundo os seus planos, era necessária na cidade. Com efeito, levar o Príncipe para o campo era como levá-lo a ver Afanasy Matveich a quem talvez não quisesse conhecer. Se Afanasy Matveich o convidasse, já o caso mudaria de aspeto. A chegada de um respeitável pai de família, com gravata branca, fraque e chapéu na mão, que vem de longe precipitadamente por saber que o Príncipe está, podia produzir um grande efeito e excitar o amor-próprio deste. Ser-lhe-ia difícil recusar um convite tão afetuoso. Por fim, depois de correr duas milhas e meia, Sofron, o cocheiro, parou em frente de um grande edifício de madeira gasta e enegrecida pelo tempo, com uma fila de janelas no andar único e rodeado de tílias. Era a casa de campo e a residência de verão de Maria Alexandrovna. Já estavam acesas as luzes.

— Onde está esse estúpido? — gritou Maria Alexandrovna atravessando as salas como um furacão. — Que faz aqui esta toalha? Ah! Está a enxugar? Já voltou à mania dos banhos? Com que então a tomar chá? Por que olhais assim para mim, imbecis? Eh! Por que não lhe cortaram o cabelo? Grichka! Grichka! Por que não cortaste o cabelo ao teu patrão, como te ordenei na semana passada?

Maria Alexandrovna propunha-se tratar o esposo com mais amabilidade, mas, ao ver que acabava de sair do banho e estava sorvendo o chá com a sua pachorra de bem-aventurado, não pôde refrear a indignação. O contraste dos seus cuidados e ansiedades, com a pasmosa tranquilidade daquele inútil, pô-la fora de si. O estúpido, ou, para falar com mais respeito, o que assim era chamado, permanecia com a mandíbula caída e com os olhos escancarados, olhando com espanto, quase petrificado de

terror, aquela que acabava de aparecer, empurrando, desde a porta, como um boneco de palha, o desajeitado Grichka.

— Não lho cortei porque não me deixou — respondeu o criado com voz enfadonha e rouca. — Aproximei-me dele mais de dez vezes com as tesouras, dizendo: «A senhora vai aparecer de um momento para o outro e nós os dois é que temos de aguentar; verá o que sucede então». «Não», respondia-me, «espera um pouco. Tenho que o frisar no domingo e preciso dele comprido».

— Como!? Frisar o cabelo!? Quer dizer que te frisas na minha ausência? Que moda é essa? Mas que efeito farão os caracóis na tua cabeça de cortiça? Meu Deus! Quanta porcaria há nesta casa! Que cheiro é este? Ouves, bruto? Donde vem este cheiro insuportável? — vociferou a dama, increpando cada vez mais furiosa o pobre imbecil do marido.

— M... mãe! — tartamudeou a inocente vítima, olhando com olhos suplicantes para a sua despótica senhora e tão morto de medo que nem se atrevia a levantar-se da cadeira. — M... mãe!

— Quando te meterei nessa cabeça de burro que não quero que me chames «mãe»? Eu, tua mãe, meu insignificante? Como ousas dirigir-te nesse tom a uma dama distinta, cujo lugar apropriado é entre a melhor sociedade e não ao lado de um asno como tu!

— Mas... tu sabes, Maria Alexandrovna, que és minha esposa legítima e que eu te trato como... minha mulher — protestou Afanasy Matveich, não sem levantar as mãos para proteger os cabelos.

— Asqueroso! Cobarde! Não tens outra resposta mais estúpida! Com que então, esposa legítima! Bonita coisa nos nossos dias! Ninguém na boa sociedade põe nos seus lábios essas palavras néscias, clericais, repelentes: *Mulher legítima!* E como te atreves a recordar-me que sou tua mulher quando eu faço tudo para o esquecer? Por que pões as mãos na cabeça? Mas como estão os teus cabelos! Para quê tão molhados? Nem em três horas secam! Como o hei de levar assim? Como posso consentir que os outros o vejam? Que hei de fazer agora? Vamos ver...

E Maria Alexandrovna levantava os braços como uma fúria dando voltas pelo aposento, não porque o contratempo fosse grave ou difícil de remediar, mas porque ela não podia dominar o seu caráter imperioso e arrebatado. Sentia um irresistível impulso de descarregar a sua ira contra o infeliz marido, porque a tirania gera sempre a violência, e todos sabemos

de que cenas são capazes no seio das famílias até as senhoras de certa educação; tal é o contraste que me proponho expor aqui.

Afanasy Matveich, que observava, tremendo, os movimentos de sua mulher, começou a suar copiosamente.

— Grichka! — gritou por fim a dama. — Veste imediatamente o teu patrão; fraque, calças, gravata, colete. Pronto! Onde está o pente? Onde está a escova?

— Mãe! É que... acabo de sair do banho e apanho uma constipação se vou à cidade...

— Não tenhas medo!

— Tenho a cabeça molhada...

— Vamos já secá-la. Grichka, traz a escova da cabeça e esfrega-a até que seque. Mais forte, mais forte, mais forte! Assim, assim!

O fiel e obediente Grichka esfregava o amo com todas as suas forças, depois de o ter deitado no sofá para que a tarefa resultasse mais eficaz. O pobre homem contraía as feições e quase chorava.

— Agora vem cá! Levanta-o, Grichka! Onde está a pomada? Agacha-te, agacha-te, papa-açorda, agacha-te, mandrião.

E Maria Alexandrovna untou com as suas próprias mãos a cabeça do marido, esfregando-o cruelmente, dando-lhe puxões nos caracóis que, por sua desgraça, o mísero deixara crescer. Afanasy suportou a operação com caretas e suspiros de dor, submissamente, reprimindo qualquer queixa.

— Estás a dar-me cabo da saúde, porco! — disse a mulher. — Curva-te mais, curva-te!

— Como é possível que eu te dê cabo da saúde, mãe? — murmurou o pobre, inclinando a cabeça o mais que podia.

— Pedaço de cortiça! Não és capaz de entender uma metáfora. Agora penteia-te; e tu veste-o, mas depressa.

Ela acomodou-se numa cadeira e esteve fiscalizando a realização daquela obra de asseio corporal. Afanasy Matveich respirou e pôde serenar, até ao ponto de ousar emitir uma opinião sobre a elegância e formosura do nó da gravata quando, após muitos esforços, conseguiu pô-la a seu gosto. E quando por fim vestiu o fraque, reconquistou o seu aprumo e bom humor, e viu-se ao espelho com certo respeito.

— Onde me levas, Maria Alexandrovna? — perguntou pavoneando-se em frente do espelho.

Maria Alexandrovna não queria dar crédito aos seus ouvidos.

— Como? Ouviram este espantalho? Ainda te atreves a perguntar onde te levo?

— É que, mãe... uma pessoa deve saber...

— Cala-te! E lembra-te que se tornas a chamar-me mãe, especialmente no lugar onde vamos, passas um mês sem chá!

O marido calou-se, aterrorizado.

— Uf! Nem uma condecoração conseguiu ganhar este estafermo — prosseguiu ela, contemplando-o com desprezo.

O marido ofendeu-se, por fim.

— As condecorações concede-as o Governo, mãe, e eu sou um conselheiro e não um estafermo — replicou com uma indignação de bom-tom.

— Quê? O quê? De maneira que aprendeste aqui a replicar? Olhem o grosseirão, o ranhoso! A tua sorte é não poder perder tempo; senão ensinava-te... Mas não o esquecerei... Dá-lhe o sobretudo, Grichka! E tu, durante a minha ausência, arruma estes três aposentos e a sala verde. Tudo bem varrido! Tira as capas aos espelhos e aos relógios; quero tudo limpo numa hora. Depois vestes-te de fraque e dás as luvas aos criados. Ouves, Grichka, ouves?

Subiram para o carro. O marido, perplexo e admirado; a mulher, pensativa, estudando a forma de meter na cabeça daquele homem certas advertências indispensáveis em tão crítica situação. Ele antecipou-se rompendo inesperadamente o silêncio em que se mantinham.

— Sabes uma coisa, Maria Alexandrovna? Esta manhã tive um sonho peregrino.

— Olha que palermice! Deus sabe o que pensava que me ias dizer! E sais-me com o teu sonho estúpido que o diabo leve. Como ousas distrair-me com os teus sonhos de ignorante! Peregrino! Como se tu soubesses o que significa peregrino! Ouve-me: pela última vez te digo que, se te atreves a pronunciar hoje uma só palavra do teu sonho ou qualquer outra estupidez nesse género, não sei o que será de ti, não sei! Ouve bem: o Príncipe K. hospedou-se em minha casa. Recordas-te do Príncipe K.?

— Recordo-me, mãe, recordo-me. Que veio fazer?

— Acalma-te que isso não é contigo. Como dono da casa deves convidá-lo com muita cortesia a vir para o campo connosco. Por isso te venho buscar. Hoje mesmo devemos tratar disso. Mas se te atreves a dizer uma palavra em toda a tarde, ou amanhã, ou depois, ou qualquer outro dia,

ponho-te a guardar gansos um ano inteiro. Não digas nada, nem uma palavra. É tudo quanto tens a fazer. Compreendes?

— E se me fazem perguntas?

— Não importa, cala-te.

— Mas tu sabes que não é possível estar sempre calado, Maria Alexandrovna.

— Nesse caso responde com monossílabos como «hum» ou qualquer coisa parecida, com o que provarás que és um homem de senso, que pensa antes de falar.

— Hum!

— Entende bem o que te digo: levo-te porque tiveste notícias do Príncipe e, encantado com a sua visita, te apressas a apresentar-lhe os teus cumprimentos e a convidá-lo para o campo. Compreendes?

— Hum!

— Nada de grunhidos, agora, idiota! Responde-me!

— Perfeitamente, mãe, far-se-á como tu dizes. Mas por que hei de eu convidar o Príncipe?

— Como, como? Continuas? Que te importa a ti isso? E ainda te atreves a perguntar-me?

— É que, mãe... não sei como o hei de convidar, se tenho que estar calado.

— Eu falarei por ti. Tu só tens que cumprimentar, ouves, cumprimentar com o chapéu na mão. Compreendes?

— Compreendo, Maria Alexandrovna.

— O Príncipe é dotado de um grande talento. A tudo quanto diga, ainda que se não dirija a ti, deves responder-lhe com um sorriso alegre e bondoso. Compreendes?

— Hum!

— E lá voltas tu! Deixa-te de «hum» comigo e responde sensatamente ao que te pregunto. Ouves?

— Ouço, Maria Alexandrovna, claro que ouço. E se respondo «hum» é para me exercitar a fazer como disseste. Mas ainda estou pensando no mesmo, mãe: vamos a ver. Quando o Príncipe falar dizes-me que o olhe e que sorria. Muito bem. Mas se ele me perguntar alguma coisa?

— És parvo. Já te disse: cala-te. Eu responderei por ti; tu não tens mais que olhar e sorrir.

— O caso é que suporá que sou mudo — grunhiu o marido.

— Como se isso te importasse! Deixa-o pensar! Assim, ao menos, não te tomará por louco.

— Hum!... E o que farei se outro qualquer me fizer uma pergunta?

— Ninguém te perguntará nada, porque não haverá ninguém. E se houver alguém (do que Deus nos livre!) e te fizerem alguma pergunta ou te disserem alguma coisa responde logo com um sorriso sarcástico. Tu sabes o que significa um sorriso sarcástico?

— Significa ter espírito, não é verdade, mãe?

— Eu já te ensinarei a ter espírito, papalvo! — murmurou entre dentes. — Este homem resolveu consumir-me. No final de contas tinha sido melhor deixá-lo no campo.

Absorta nas suas reflexões e presa de viva agitação, Maria Alexandrovna deitava, com frequência, a cabeça fora do carro, dando pressa ao cocheiro. Os cavalos iam a toda a velocidade, mas qualquer marcha lhe parecia lenta. Afanasy Matveich permanecia encolhido a um canto como quem rumina uma lição. O carro chegou por fim à cidade e deteve-se em frente da casa dos donos. Logo que desceu, Maria Alexandrovna viu um trenó de dois lugares que se aproximava de sua casa e, pela capota, reconheceu o veículo em que Ana Nikolaevna costumava passear. Quando se certificou de que dentro iam a própria Ana Nikolaevna e a sua amiga e companheira inseparável Natália Dmitryevna, desfaleceu-lhe o ânimo.

Ainda não refeita, viu que outro veículo se aproximava: um trenó que lhe trazia sem dúvida novas visitas. Houve uma algaraviada de jubilosas exclamações.

— Maria Alexandrovna! E com Afanasy Matveich! Acabais de chegar? Donde vindes? Que sorte! Vínhamos precisamente passar aqui a tarde! Que surpresa!

As visitas juntaram-se à porta, falando como periquitos. Maria Alexandrovna não dava crédito aos seus sentidos.

Lá as vamos ter, pensou. *Isto apresenta todos os sintomas de uma intriga. Muito olho! Mas... não vos tenho medo, gralhas... Esperem um pouco...*

Capítulo 11

Mozglyakov separou-se de Maria Alexandrovna num estado feliz de consolação. De tal forma ela exaltara a sua fantasia que desdenhou a visita a Boroduev pelo prazer de estar só. Um caudal de romantismo e de desejos heroicos inundavam toda a sua vida. Imaginava uma explicação solene com Zina durante a qual correriam lágrimas generosas de perdão; a sua palidez de desesperado no esplêndido baile de S. Petersburgo; Espanha e o Guadalquivir; o amor correspondido e o Príncipe unindo as mãos dos jovens no seu leito de morte. Então a amável viúva consagrar-se-ia a ele por completo, rendida de admiração perante o seu heroísmo e ternos sentimentos, e, de vez em quando, na paz do matrimónio, os favores de alguma condessa da mais alta sociedade na qual o introduziria sua mulher Zina, viúva do Príncipe K.; um cargo de vice-governador; dinheiro, tudo, enfim, quanto lhe descrevera Maria Alexandrovna com tanta eloquência passou, como uma cálida carícia, pela sua alma agradecida, lisonjeando-lhe a vaidade.

E não sei como explicar a reviravolta súbita que se passou no seu espírito quando estava no melhor destes sonhos. Talvez o cansaço de tanta felicidade o levasse à mais humilhante das reflexões: tudo aquilo pertencia ao futuro, e agora acabava de ser repelido como um tolo. Quando lhe ocorreu isto, ia caminhando por um bairro afastado e solitário de Mordasov. Anoitecia. Pelas ruas de casitas pobres e térreas, ladravam cães, que nas cidades de província se reúnem em matilhas alarmantes, precisamente nos bairros em que não há nada que guardar nem roubar. Começava a nevar e a neve fundia-se ao cair; cruzava a cada momento com um operário de passo lento ou uma camponesa de botas altas. Tudo aquilo lhe produzia uma aflição inexplicável: mau sintoma, pois, quando as coisas marcham bem encontramos em tudo um atraente encanto.

Pavel Alexandrovich recordava-se agora do posto proeminente que até então ocupara na opinião de Mordasov. Tinha sentido sempre a profunda satisfação de ser considerado em todas as casas como um bom partido, e

como tal o distinguiam. A sua juventude e a grande aceitação que tinha entre as raparigas casadoiras enchiam-no de orgulho e agora aparecia diante de todos derrotado e numa situação humilhante. Rir-se-iam dele e, claro, não poderia dar uma explicação satisfatória. Não podia contar a história do baile de S. Petersburgo em salões com colunas ou a do Guadalquivir! E, pensando nisto, confundido e atordoado, chegou à conclusão que já pressentia como causa do entorpecimento da sua marcha. «Aquilo seria verdade? Sucederia tudo como Maria Alexandrovna o tinha pintado?» E, ao chegar a este ponto, lembrou-se de que aquela senhora era uma imaginativa incorrigível, que, embora digna de respeito, não cessava de murmurar e de mentir durante todo o dia, que alguma razão teria para o afastar aquelas horas e que pintar o futuro com as mais agradáveis cores estava ao alcance de qualquer pessoa. Pensou em Zina, recordando-se do seu olhar de despedida, que exprimia tudo, menos uma paixão refreada, e isso sem contar que uma hora antes o tratara de néscio. A tal recordação, Pavel Alexandrovich deteve-se como se os pés se lhe tivessem enterrado e corou de vergonha até lhe chegarem as lágrimas aos olhos.

Como um sarcasmo da sorte, pouco depois ocorreu-lhe um incidente desagradável; resvalou no pavimento de madeira e caiu sobre um montão de neve. Ainda fazia esforços para se levantar quando se viu acometido por cães que o seguiam ladrando; um deles, o mais pequeno e mais agressivo, fincou-lhe os dentes no sobretudo de peles. Fugindo aos cães, praguejando em voz alta e maldizendo a sua sorte, com o sobretudo rasgado, uma tristeza imensa na alma, Pavel Alexandrovich tomou pela primeira esquina e só então deu conta de que estava perdido. Todos sabemos que quem se encontra desorientado num bairro que não conhece, especialmente de noite, jamais se decide a seguir a direito por uma rua; uma força desconhecida leva-o a voltar por todas as que encontra. Seguindo este impulso, Pavel Alexandrovich viu-se de repente inteiramente perdido. *Que o diabo carregue todas estas quimeras!*, dizia cuspindo de raiva. *Que o diabo leve os nobres sentimentos e o Guadalquivir!*

Não afirmaremos que Mozglyakov estivesse simpático naquele momento. Depois de andar duas horas perdido pelas ruas, chegou cansado, extenuado à porta de Maria Alexandrovna, ficando surpreendido por ver tantos carros parados. *Serão visitas? Haverá alguma festa?*, pensava. *Com que fim?* Interrogou o primeiro criado que encontrou e soube que Maria

Alexandrovna trouxera do campo Afanasy Matveich e que o Príncipe estava acordado, mas ainda não tinha descido para cumprimentar as visitas.

Sem dizer nada a ninguém, Pavel Alexandrovich precipitou-se pela escada acima para o quarto de seu «tio», nesse estado de espírito em que um homem de caráter débil é capaz de cometer por vingança a mais horrível e a mais estupenda das ações, sem considerar um momento que terá de arrepender-se durante toda a vida.

Encontrou o Príncipe sentado numa poltrona diante da mala, ostentando suíças e pera sob uma calva completa. O seu velho criado de quarto e favorito Ivan Pahomich, tinha nas mãos a cabeleira e estava a moldá-la com um ar reflexivo e quase de veneração. O Príncipe, que ainda se não tinha refeito das suas recentes libações, oferecia um triste espetáculo: prostrado, pestanejante, encolhido e macilento, olhou para Mozglyakov como se não o reconhecesse.

— Como está o senhor, tio? — perguntou o rapaz.

— O quê?... Ah... és tu? — disse o «tio» ao fim de alguns momentos. — Acabo de fazer uma sestazinha, rapaz. Caramba! — exclamou subitamente como quem desperta. — Sim... sim, não pus a minha cabeleira!

— Não se inquiete, tio. Eu... eu próprio o ajudarei a pô-la, se quer.

— Mas agora já sabes o meu segredo. Devíamos fechar a porta. Ouve, querido: tens que me dar a tua palavra de honra de que não descobrirás o meu segredo e não dirás a ninguém que a minha cabeleira é postiça.

— Palavra de honra, tio! Como pode supor-me capaz de uma coisa tão ruim? — perguntou Mozglyakov desejando captar-lhe a confiança para servir os seus desígnios.

— É verdade, é verdade! E como vejo que és um homem honrado... seja; vou fazer-te uma surpresa... e descobrir-te todos os meus segredos. Que te parecem os meus bigodes, querido?

— Magníficos, tio! Maravilhosos! Como pôde conservá-los tanto tempo?

— Estás em erro, querido; são ar…ti…fi…ciais — confessou o Príncipe dirigindo um olhar de triunfo ao seu interlocutor.

— É possível? Não parecem. E as suíças? Confesse, tio, que as pinta.

— Pintá-las? Não é preciso: são artificiais.

— Artificiais? Não, tio; o senhor pode dizer o que quiser, mas não acredito. Está a troçar de mim.

— *Parole d'honneur, mon ami!* — exclamou o Príncipe com ar triunfal. — Calcula que todos se enganam como tu. A própria Stepanida Matveyevna não se resolve a acreditar, embora ela, às vezes, mas ponha. Mas estou certo, filho, que guardarás segredo. Dá-me a tua palavra de honra...

— Palavra de honra, tio, que o guardarei. Considera-me capaz de tal vileza?

— Ah, querido! Que queda eu dei hoje, enquanto estavas fora! Teófilo voltou a atirar-me do carro abaixo.

— Atirou-o outra vez? Quando?

— Quando íamos para o mosteiro...

— Já sei, tio, esta manhã...

— Não, não; há duas horas. Íamos para o mosteiro e atirou-me do carro abaixo. Oh, que susto! Ainda não se me acalmou o coração.

— Mas se o senhor dormiu, tio! — disse Mozglyakov perplexo.

— Ah, sim. Dormi... e depois saímos de carro ainda que certamente... ainda que talvez... Quem percebe isto?

— Asseguro-lhe, tio, que sonhou! Depois de comer, o senhor não fez outra coisa senão dormir.

— Deveras? — perguntou o Príncipe pensativo. — Ah! Sim, talvez tenha sido um sonho, embora me recorde de tudo o que sonhei. Primeiro foi um terrível touro e depois um procurador que também parecia que tinha cornos...

— Não seria Nikolay Vassilich Antipov, tio?

— Ah, sim, talvez fosse ele; e então sonhei com Napoleão Bonaparte. Sabes, querido? Todos dizem que me pareço com Napoleão e que, de perfil, pareço mesmo um *pope* velho. Que dizes tu, querido? Parecer-me-ei com um *pope?*

— Eu creio que se parece mais com Napoleão, tio.

— Ah, sim, na cara. Isso penso eu também, querido. Pois sonhei com ele quando estava na ilha. Era tão comunicativo, tão fantástico, um companheiro tão jovial! Aquilo é que era divertir-se!

— O senhor fala de Napoleão, tio? — perguntou o jovem contemplando o velho pensativamente. Começava a germinar no seu cérebro uma ideia que não podia definir com clareza.

— Sim, sim; de Napoleão. Discutimos os dois sobre filosofia. Dói-me a alma, querido, que os ingleses o tratassem com tanta dureza. Claro que, se o não tivessem acorrentado, ter-se-ia lançado outra vez contra nós. Era um temerário e ainda o sinto por ele. Eu não o teria tratado assim. Levá-lo-ia para uma ilha deserta...

— Por quê, para uma ilha deserta? — perguntou Mozglyakov distraído.

— Bem, talvez para uma habitada; mas habitada por pessoas decentes. E ter-lhe-ia dado toda a espécie de divertimentos; teatros, concertos, bailes; tudo a expensas do Governo. Permitir-lhe-ia que passeasse, sob custódia, porque senão fugiria logo. Gostava muito de pastéis. Pois bem; eu dar-lhe-ia pastéis todos os dias. Tratá-lo-ia como um pai, por assim dizer, e, em vista das minhas atenções, arrepender-se-ia...

Mozglyakov escutava, como quem ouve chover, a tagarelice do velho, ainda não desperto de todo, e cerrava os punhos de impaciência, porque desejava levar a conversa para o assunto do casamento e, como não sabia ao certo para quê, consumia-se de insatisfação. De repente o velho gritou surpreendido:

— Oh, meu amigo! Esquecia-me de te dizer uma coisa. Imagina que me declarei hoje.

— Que se declarou, tio? — exclamou Mozglyakov saindo da sua distração.

— Sim; fiz uma declaração em regra. Vai-te embora, Pahomich! Perfeitamente. *C'est une charmante personne.* Mas, confesso, querido, procedi levianamente. Só agora o compreendo. Valha-me Deus!

— Perdoe-me, tio. Quando é que o senhor fez essa declaração?

— Confesso-te, querido, que não sei precisamente quando. Não o terei sonhado, por acaso? Que coisa tão extraordinária!

Mozglyakov estremeceu de prazer. Por fim acudiu-lhe a ideia.

— Mas a quem se declarou o senhor e quando foi isso, tio? — disse impaciente.

— À filha da casa, meu amigo... *cette belle personne...* Embora lhe tenha esquecido o nome. Mas tu compreendes, querido!... Eu realmente não me posso casar... O que hei de fazer agora?

— Sim, esse casamento seria a sua ruína. Mas permita-me que lhe pregunte uma coisa, tio: está convencido de que fez realmente essa declaração?

— Oh, sim... disso estou certo.

— E se o sonhou apenas, como sonhou ter caído outra vez do carro?

— Ah, Deus meu! Talvez tenha sido também um sonho! Agora não sei como hei de conduzir-me com elas. Como é, querido, que poderemos saber ao certo se a pedi em casamento, ou não? Imagina tu em que situação me encontro.

— Parece-me que não há necessidade de o averiguar.

— Porquê?

— Porque tenho a certeza de que o sonhou.

— Isso creio eu, querido, e sobretudo porque esses sonhos são em mim muito frequentes.

— Já o senhor vê, tio. Pense que ao almoço bebeu um bocado, outro bocado ao jantar, e no final...

— Sim, sim, querido; deve ser isso, sem dúvida.

— Além disso, tio, ainda que estivesse animado, o senhor em nenhumas circunstâncias podia fazer tão louca proposta de um modo formal. Conheço-o bastante, tio, e tenho-o por uma pessoa das mais sensatas, e...

— Decerto, decerto!

— Pense o senhor só o que sucederia se os seus parentes, que são tão seus inimigos, se inteirassem disso.

— Deus do céu! — exclamou o Príncipe alarmado. — Que sucederia então?

— Ah, pode estar certo! Começariam a gritar que o senhor não estava bom da cabeça quando fez tal disparate, que estava doido, que tinha sido enganado, e talvez o encerrassem em alguma parte, bem vigiado.

Mozglyakov bem sabia o que assustava mais o Príncipe.

— Meu Deus! — exclamou o velho, tremendo como uma folha. — Achas que me internariam?

— Mas será possível, tio, que o senhor tenha feito tão insensata proposta, estando acordado? Pense nos seus interesses. Asseguro-lhe solenemente que foi tudo um sonho.

— Certamente que deve ter sido um sonho, certamente! — repetiu o Príncipe, tomado de pânico. — Querido, fico-te sinceramente agradecido por me teres feito entrar na razão.

— Estou contentíssimo por ter voltado hoje. Imagine se eu não estou aqui! Podia ter-se visto envolvido numa trapalhada supondo-se noivo e

apresentando-se em baixo como tal! Veja que perigo! Lembre-se de que essa rapariga tem vinte e três anos, ninguém se quer casar com ela e, de repente, o senhor rico e nobre pretende-a! Aceitariam imediatamente a ideia, comprometê-lo-iam e obrigá-lo-iam a casar-se, calculando que o senhor morreria depressa.

— Deveras?

— E compreenda, tio, que um homem com as suas qualidades...

— Ah! Sim, com as minhas qualidades...

— Com a sua inteligência e a sua amabilidade...

— Sim, sim, com a minha inteligência, sim!

— E, além disso, o senhor é um Príncipe. Seria um excelente partido se, por qualquer razão, desejasse contrair matrimónio. Imagine o que diriam os seus parentes!

— Oh, querido! Matar-me-iam! Fui vítima de tantas maldades, de tantas ignomínias... Queres crer que pretendiam meter-me numa casa de doidos? Já viste, querido, alguma coisa mais absurda? O que é... o que é que eu faria numa casa de doidos?

— Por isso mesmo, tio, eu não quero abandoná-lo quando descer. Há visitas.

— Visitas! Deus meu!

— Não tenha medo, tio, eu descerei consigo.

— Quanto te agradeço, querido! És o meu salvador! Sabes que gostaria mais de me ir embora?

— Amanhã, tio, às sete da manhã. Hoje pode o senhor despedir-se de todos, anunciando-lhes a partida.

— Com certeza... partirei a ver o padre Misail... Mas, filho, e se elas tomaram a sério o noivado?

— Não tenha medo, tio, eu estarei a seu lado e, digam e façam o que quiserem, o senhor responda sempre que sonhou... e essa é a pura verdade...

— Oh, sim, deve ter sido um sonho. Mas se tu soubesses que sonho tão encantador! Ela é uma delícia, e que cara!

— Bem, tio, até logo. Vou para baixo, e o senhor...

— Como! Vais deixar-me sozinho? — exclamou o Príncipe alarmado.

— Não, tio; desceremos os dois, mas não juntos. Eu primeiro e depois o senhor. Assim será melhor.

— Ah, muito bem. Tinha precisamente que apontar uma ideia.

— É isso, tio; aponte a ideia e depois desça logo. Amanhã de manhã cedo...

— Amanhã de manhã cedo vou ver o Padre Misail, sim, o Padre Misail! Mas sabes, querido, que é uma rapariga de…li…ci…osa? Que contornos! E se eu tivesse de me casar...

— Deus o livre, tio.

— Ah, sim! Deus me livre!... Adeus, querido; desço já... é só apontar... A propósito, há muito tempo que to queria perguntar: leste as memórias de Casanova?

— Sim, tio, li; porquê?

— Porquê, porquê? Já me não lembro do que queria dizer...

— Recordar-se-á mais tarde, tio. Agora, adeus!

— Adeus, querido, adeus! No entanto era um sonho delicioso, um sonho de…li…cio…so!

Capítulo 12

— Viemos todas, todas! Praskovya Ilyinitchna também vem e Luísa Karlovna pensa vir — gorjeava Ana Nikolaevna, entrando no salão e examinando-o com curiosidade.

Era uma mulher pequena, quase bonita, que trazia um vestido caro, mas de cores berrantes, e muito vaidosa da sua formosura. Suspeitava que o Príncipe estivesse escondido com Zina nalgum canto.

— Catalina Petrovna também virá e Felisa Mihalovna prometeu-nos que viria logo que pudesse — acrescentou Natália Dmitryevna, mulher de enorme corpulência, o que lhe dava o aspeto de um granadeiro e tanto divertira o Príncipe.

Trazia preso à nuca uma amostra de chapéu. Há três semanas que era a amiga predileta de Ana Nikolaevna, cuja amizade tinha conquistado depois de um longo cerco e a quem podia engolir de uma vez, com ossos e tudo.

— Não sei exprimir a satisfação que tenho ao vê-las em minha casa esta noite — declarou Maria Alexandrovna, já refeita da sua perturbação. — Mas, digam-me, que milagre as trouxe cá, quando eu já duvidava que me fosse concedida tão elevada honra?

— Meu Deus, que desmemoriada a senhora é, Maria Alexandrovna! — disse Natália Dmitryevna com um acento melífluo e voz mimada e presumida, que oferecia um curioso contraste com o seu aspeto.

— *Mais, ma charmante* — cacarejou Ana Nikolaevna — é preciso, já sabe, é preciso que deixemos ultimado o assunto do teatro. Ainda hoje mesmo Pyotr Mihalovich dizia a Kalist Stanislavich que estava enfadado, que isto não caminhava bem, e que nós não fazemos outra coisa senão discutir. Por isso reunimos esta tarde e dissemos: vamos a casa de Maria Alexandrovna e pôr-nos-emos de acordo definitivamente. Natália Dmitryevna preveniu as outras e virão todas. De forma que assim poderemos falar do caso, e tudo se resolverá em bem. Não consentiremos

que nos digam que só sabemos discutir. Não é verdade, *mon ange?* — acrescentou buliçosa e beijando a dona da casa.

— Meu Deus! Zinaida Afanasvevna! Está cada vez mais formosa!

Ana Nikolaevna correu a encher Zina de beijos.

— Como não tem mais nada que fazer senão tornar-se mais formosa! — explicou Natália Dmitryevna com afetada amabilidade, esfregando as mãos enormes.

— Que vão para o diabo! Que me importa a mim o teatro delas? Que bico afiado trazem estas gralhas! — murmurou Maria Alexandrovna fora de si.

— Além disso, meu anjo, esse amável Príncipe está em sua casa e a senhora deve lembrar-se de que os antigos proprietários de Dukanovo tinham um teatro. Informámo-nos e sabemos que conserva tudo muito bem guardado em determinado lugar: pano, bastidores e até a indumentária. O Príncipe esteve hoje em minha casa; mas a visita dele deixou-me tão surpreendida que nem lhe falei nisso. Agora falar-lhe-emos do teatro, com a sua ajuda e o Príncipe dará ordem para que nos tragam todo o material. Quem seria capaz de nos fazer aqui uma decoração? E, além disso, desejamos que o Príncipe se interesse pela nossa empresa. Deve subscrever; a senhora já sabe que é para fins de beneficência. Talvez até aceite um papel... É tão condescendente e prestável! Seria um êxito retumbante!

— Eu creio que aceitará! Pode-se-lhe fazer representar qualquer papel — acrescentou Natália Dmitryevna com intenção.

Ana Nikolaevna tinha informado bem Maria Alexandrovna. Sem cessar iam chegando mais senhoras. Maria Alexandrovna mal tinha tempo de as receber a todas com as exclamações que exigem em tais circunstâncias as conveniências e as regras da etiqueta.

Não vou descrever cada uma das visitas: só direi que em todos os semblantes se notava uma expressão de refinada astúcia; todos atraiçoavam um desejo bárbaro e uma impaciência de animais famélicos; algumas senhoras vinham com o único fito de presenciarem um escândalo extraordinário e ficariam aflitas e indignadas se não se produzisse. Todas procuravam pôr a máscara de uma excessiva amabilidade, mas Maria Alexandrovna mantinha-se em guarda para qualquer arremetida. Choviam as perguntas sobre o Príncipe como a coisa mais natural; mas em todas transparecia a ponta de uma alusão ou de um gracejo.

Serviu-se o chá e sentaram-se todas. Um grupo encostou-se ao piano convidando Zina a tocar, mas a rapariga negou-se, declarando-se indisposta. A palidez do seu rosto confirmava as suas palavras e as senhoras começaram a fazer perguntas solícitas, mas sem perder a oportunidade de motejar. As perguntas dirigidas a Zina eram referentes a Mozglyakov. Maria Alexandrovna desenvolvia naquele momento uma energia espantosa. Estava ao mesmo tempo nos quatro cantos da sala e não lhe escapava uma palavra do que cada uma das mulheres (cerca de uma dúzia que lá estavam) dizia, respondendo às perguntas imediatamente, sem hesitar numa palavra. Tremia por Zina, surpreendida de ela não se retirar, como costumava fazer em tais ocasiões, e não perdia de vista Afanasy Matveich de quem todas troçavam, para ferir, na pessoa dele, Maria Alexandrovna. Mas naquela tarde queriam tirar alguma coisa do ingénuo e incauto marido, e sua mulher estava em contínuo alarme vendo como o assediavam. Às perguntas que lhe faziam respondia: «Hum!», mas com um ar tão infeliz e de maneira tão pouco natural que Maria Alexandrovna temia perder a linha.

— Maria Alexandrovna: o que tem seu marido que não nos quer falar — queixou-se uma descarada de olhinhos vivos que não temia ninguém e não se afastava por nada. — Diga-lhe que se mostre mais cortês com as senhoras.

— Realmente não sei o que ele tem hoje — respondeu, sorridente, Maria Alexandrovna, interrompendo a sua conversa com Ana Nikolaevna e Natália Dmitryevna. — Está muito pouco comunicativo. Mal me disse uma palavra. Por que não respondes a Feliseta Mihalovna, Atanásio? O que é que lhe perguntava?

— Mas... mas, não foste tu própria que me disseste, mãe?... — pôs-se a tartamudear Afanasy Matveich, cheio de surpresa e confusão.

Estava de pé junto do fogão, com as mãos no colete, numa atitude pitoresca que lhe agradava, e bebia o chá a pequenos sorvos. As perguntas das damas atordoavam-no e corava como uma menina. E, quando começava a justificar-se, tropeçou num olhar tão furioso da mulher que por pouco não desmaiou de terror. Na sua atrapalhação, não sabendo o que fazer, e para que a sua dignidade e os seus direitos não fossem por água abaixo, agarrou na chávena e bebeu-a de um trago, mas o chá estava muito quente e queimou-lhe a boca. O pobre homem atirou com a chávena,

engasgou-se, gritou e fugiu para fora da sala, com grande surpresa de todos os presentes, para ocultar a sua vergonha.

Tudo estava esclarecido. Maria Alexandrovna já não duvidava de que as suas visitas sabiam o que se passava e se tinham reunido com as piores intenções. A situação era perigosa. Podiam engazupar o marido e embrulhá-lo ali na sua presença; e até podiam enganar o Príncipe inimizando-o com ela e conquistá-lo e seduzi-lo. Podia esperar tudo. Mas a sorte reservava-lhe uma nova provação: a porta abriu-se e apareceu Mozglyakov, a quem supunha em casa de Boroduev, e cuja visita era a que menos esperava naquela tarde.

A dama estremeceu como se lhe tivessem partido o coração.

Mozglyakov deteve-se à porta, olhando-as a todas, um pouco confuso, sem poder dominar a comoção que lhe aparecia no rosto.

— Ah, Pavel Alexandrovich! — exclamaram várias vozes ao mesmo tempo.

— Sim, é Pavel Alexandrovich! Não nos tinha dito, Maria Alexandrovna, que ele tinha ido a casa de Boroduev? Nós supúnhamos que se tinha escondido em casa de Boroduev, Pavel Alexandrovich! — gritou Natália Dmitryevna.

— Escondido? — repetiu Mozglyakov com um sorriso forçado. — Que maneira de dizer! Perdoe-me, Natália Dmitryevna, mas eu não me escondo de ninguém... nem quero encobrir ninguém! — acrescentou, dirigindo um olhar significativo a Maria Alexandrovna.

Esta tremia dos pés à cabeça.

Este bruto também se sublevará?, pensava perscrutando os desígnios de Mozglyakov. *Não, isso seria o fim.*

— É verdade, Pavel Alexandrovich, que lhe deram para trás?... Quero dizer... na sua repartição... — perguntou com todo o descaramento a insolente Feliseta Mihalovna, dirigindo-lhe um olhar sarcástico.

— Para trás? Fui transferido, simplesmente. Tenho agora um destino: S. Petersburgo — respondeu o rapaz com frieza.

— Sendo assim, felicito-o. Quando pensei que pretendia um lugar em Mordasov, tive medo por si. Os empregos aqui não são de confiança, Pavel Alexandrovich; não são seguros.

— Em todo o caso o senhor podia encontrar aqui uma vaga: a de mestre-escola do distrito — observou Natália Dmitryevna.

A *indireta* era tão clara e tão grosseira que Ana Nikolaevna se envergonhou e tocou com o pé na sua maliciosa amiga.

— Mas então imagina que Pavel Alexandrovich ocuparia com gosto o lugar de um infeliz mestre-escola? — interveio Feliseta Mihalovna.

Pavel Alexandrovich não soube o que responder e voltou-se dando uma cotovelada em Afanasy Matveich que entrara novamente e lhe estendia a mão. Em vez de a apertar, inclinou-se com uma ironia de idiota e para desafogar a sua má disposição dirigiu-se para Zina e disse-lhe, olhando-a aborrecido:

— Tu tens a culpa de tudo. Espera um pouco e verás se sou parvo.

— Não é preciso demonstrá-lo, porque bem se vê agora — replicou Zina em voz alta e medindo dos pés à cabeça o seu primeiro pretendente, com um olhar de aversão.

Mozglyakov afastou-se imediatamente, com medo que a ouvissem.

— Viu Boroduev? — arriscou-se por fim a perguntar Maria Alexandrovna.

— Não; vi o tio.

— O tio! Mas estava agora com o Príncipe?

— Então o Príncipe não está a dormir? E tinham-nos dito que descansava! — exclamou Natália Dmitryevna dirigindo a Maria Alexandrovna um olhar maligno.

— Não se preocupe com o Príncipe, Natália Dmitryevna — respondeu Mozglyakov — está acordado e agora, graças a Deus, está de posse de todas as suas faculdades. Esta manhã bebeu demais, primeiro na sua casa e depois aqui e, como já não tem a cabeça muito forte, acabou por a perder. Mas agora, graças a Deus, conversámos um bocado e recobrou o senso comum. Vai descer imediatamente para se despedir de si, Maria Alexandrovna, e para lhe agradecer a sua hospitalidade. Amanhã, ao nascer do sol, partiremos os dois para o mosteiro e eu próprio o acompanharei a Dukanovo para evitar outro acidente como o de hoje. Ali o deixarei ao cuidado de Stepanida Matveyevna (que já deve ter regressado de Moscovo) e que lhe não permitirá expor-se de novo aos perigos de uma viagem... Eu respondo por isso.

Dizendo isto, Mozglyakov olhava com desprezo para Maria Alexandrovna, que permanecia na sua cadeira, petrificada de medo. Confesso que pela primeira vez na sua vida se sentia acobardada.

— Mas vai-se embora amanhã? Como assim? — perguntou Natália Dmitryevna, dirigindo-se à dona da casa.

— Como é possível? — perguntaram em coro várias vozes com um tom ingénuo. — Mas não diziam... mas é muito estranho...

A dona da casa não atinava com a resposta.

De súbito, todas as atenções se voltaram para o mais extraordinário dos episódios. Do compartimento contíguo chegou um ruído estranho, de roucas exclamações, e a seguir, de um modo inesperado, apareceu na sala a própria Sofia Petrovna Karpukin. Era indiscutivelmente a mulher mais extravagante de Mordasov; de tal forma que lhe estavam fechadas quase todas as portas. Todas as tardes, às sete, com uma regularidade matemática, bebia um gole de não sei quê — para aquecer o estômago, conforme dizia — e depois ficava num estado de completa emancipação mental, seja dito com indulgência. E nesse estado apareceu na reunião.

— É essa, Maria Alexandrovna — gritou para que todos a ouvissem — é essa a maneira de tratar-me? Não, não te incomodes; venho só por um momento e não quero sentar-me. Só venho saber se é verdade o que me disseram. Com que então dás bailes, banquetes, festas de esponsais, e Sofia Petrovna há de ficar em casa a fazer meia? Convidaste toda a cidade menos a mim! E fazes isso a quem esta manhã era a «tua melhor amiga» e *«mon ange»* quando te veio contar o que estavam a fazer com o Príncipe em casa de Natália Dmitryevna! E agora cá está a visitar-te Natália Dmitryevna a quem punhas como um esfregão, como ela te punha a ti. Não te incomodes, Natália Dmitryevna; não quero o teu chocolate... Tenho em casa melhores bebidas! Bah!

— Bem se vê! — observou Natália Dmitryevna.

— Mas, por Deus, Sofia Petrovna! — exclamou Maria Alexandrovna, corando de vergonha. — O que é que tem? Acalme-se.

— Não te preocupes, Maria Alexandrovna; sei tudo, tudo! — chiou, esganiçando-se, Sofia Petrovna, a quem já todas as visitas rodeavam, encantadas com tão divertida cena. — Descobri tudo. Nastasya veio a correr inteirar-me de tudo. Agarraste no Príncipe, que é um imbecil, fizeste-o beber e obrigaste-o a oferecer a mão a tua filha, com quem já ninguém se quer casar, e imaginas por isso que és uma águia, uma duquesa de sangue real! Bah! Não te incomodes que eu sou uma coronela e os teus esponsais não me preocupam. Estou relacionada com gente mais distinta

que tu. Jantei com a condessa de Zalikvalsky. O comissário geral quis dar-se comigo. Como se me fizesse falta o teu convite!

— Ouça, Sofia Petrovna — respondeu Maria Alexandrovna, perdendo a paciência — previno-a de que não é essa a maneira de entrar em casa de uma senhora e ainda menos no estado em que se encontra; e se não me livra da sua presença e dos seus eloquentes queixumes, tomarei as necessárias medidas para isso.

— Já sei. Darás ordens aos teus criados, que são uns porcos, para me porem fora. Não te irrites, que eu encontrarei a porta sem a ajuda de ninguém. Adeus! Por mim, casa a tua filha com quem quiseres. E tu, Natália Dmitryevna, faz o favor de não troçares de mim; o teu chocolate não me faz falta! Embora não seja convidada, não danço para divertir o Príncipe. De que te ris, Ana Nikolaevna? Sushilov partiu uma perna; acabam agora de o levar para casa. E tu, Feliseta Mihalovna, se não ordenas ao cambaio do teu Matryoshka que meta a tua vaca no estábulo sem perder tempo, de forma que não muja todos os dias debaixo da minha janela, partir-lhe-ei as pernas. Adeus, Maria Alexandrovna, felicidades!

Sofia Petrovna desapareceu. Todos riram e Maria Alexandrovna agitava-se na maior das atrapalhações.

— Parece-me que bebeu demais — observou com doçura Natália Dmitryevna.

— Mas que insolência!

— Que mulher abominável!

— No entanto, torna-se divertida.

— Ah, e disse coisas tão chocantes!

— O que é que ela disse de uma festa de esponsais? — perguntou com sarcasmo Feliseta Mihalovna.

— É horrível — proferiu por fim Maria Alexandrovna — que existam monstros que espalhem às mãos cheias as calúnias mais absurdas! Mas não é de admirar, Feliseta Mihalovna, que essas senhoras estejam entre nós; o que é mais surpreendente é que as procurem, que as escutem, que as animem, que as acreditem, que...

— O Príncipe! O Príncipe! — gritaram subitamente todas as vozes.

— Deus meu! *Le cher Prince!*

— Graças a Deus! Agora saberemos tudo — murmurou Feliseta Mihalovna ao ouvido da sua vizinha.

Capítulo 13

Entrou o Príncipe com um doce sorriso nos lábios desvanecendo-se-lhe, como por encanto, à vista das damas, o medo que lhe tinha infundido Mozglyakov. Derretia-se num momento como um bombom. As damas tratavam-no como a um avô e faziam sempre dele o que queriam. Feliseta Mihalovna dizia nessa mesma manhã — embora seja de supor que não fosse a sério — que estava disposta a sentar-se-lhe nos joelhos, se com isso o alegrasse, porque «era um velhito amabilíssimo, incomparavelmente amável!»

Maria Alexandrovna atravessava-o com os olhos, tentando descobrir naquele rosto qualquer coisa que lhe desse a medida da sua difícil situação, pois era evidente que Mozglyakov lhe tinha dito coisas horríveis comprometendo o êxito dos seus planos. Mas no rosto do Príncipe não se lia nada: era o mesmo que de manhã e que sempre.

— Bondade divina! Cá está o Príncipe! Há tanto tempo que estamos à sua espera! — exclamaram várias senhoras.

— Com impaciência, Príncipe, com impaciência! — acrescentaram outras.

— Isso é muito lisonjeiro — balbuciou o Príncipe, sentando-se junto da mesa em que fervia o «samovar».

Foi imediatamente rodeado por todas as senhoras, menos por Ana Nikolaevna e Natália Dmitryevna, que ficaram ao lado de Maria Alexandrovna. Afanasy Matveich sorria respeitosamente. Mozglyakov também sorria, olhando com ar de desafio para Zina, a qual, sem fazer caso dele, foi sentar-se junto ao fogão, ao lado de seu pai.

— É verdade que nos vai deixar? — perguntou Feliseta Mihalovna.

— Sim, *mesdames,* vou partir, quero ir imediatamente para o estrangeiro.

— Para o estrangeiro, Príncipe? Para o estrangeiro? — exclamaram todas à uma. — Que ideia!

— Para o estrangeiro — repetiu o Príncipe alardeando. — Sim, desejo ir para o estrangeiro sob o impulso das ideias novas.

— Que quer o senhor dizer «sob o impulso das ideias novas?» Que novas ideias? — perguntaram as senhoras trocando olhares irónicos.

— É isso; pelas ideias novas — repetiu o Príncipe com ar de profunda convicção. — Todos vão agora para o estrangeiro em busca de novas ideias e eu também quero tê-las.

— Deseja por acaso entrar numa loja maçónica, tio? — perguntou Mozglyakov dando-se ares de rapaz sabido e desembaraçado.

— Sim, querido; tens razão — respondeu o velho inesperadamente. — Nos meus bons tempos pertencia a uma loja maçónica estrangeira; eu já tinha então ideias nobres em grande abundância. Nessa altura tentei grandes coisas para a cultura do povo e decidi manumitir em Frankfurt o meu servo Sidor, que tinha levado da Rússia. Mas, com grande surpresa minha, ele próprio fugiu. Era um homem fantástico. Depois encontrei-o em Paris cheio de orgulho com as suas suíças, num *boulevard,* de braço dado com uma *mademoiselle.* Olhou-me e baixou a cabeça, e a *mademoiselle* que ia com ele era de uma vivacidade... um lince!... Que mulherzita sedutora!...

— Ouça, tio! Se agora vai para o estrangeiro é capaz de emancipar todos os camponeses — gritou Mozglyakov rindo.

— Adivinhaste exatamente o meu desejo, querido — respondeu o Príncipe sem vacilar. — Quero emancipá-los a todos.

— Por amor de Deus, Príncipe! Não vê que depois fugiam todos? Aonde iria então buscar o dinheiro? — disse Feliseta Mihalovna.

— A senhora supõe que fugiriam? — exclamou o Príncipe atónito.

— Fugiriam; fugiriam imediatamente, abandonando-o — confirmou Natália Dmitryevna.

— Livra! Assim já não lhes concedo a liberdade. Mas eu não queria dizer isso.

— Mais vale assim, tio — aprovou Mozglyakov.

Maria Alexandrovna ouviu em silêncio, até que se convenceu que o Príncipe a tinha esquecido por completo e decidiu remediar tão lamentável distração.

— Permita-me, Príncipe — gritou com toda a dignidade — permita-me que lhe apresente meu marido, Afanasy Matveich, que veio da nossa casa de campo logo que soube que o senhor era nosso hóspede.

Afanasy Matveich sorriu vaidoso e satisfeito, como se ouvisse uma amabilidade.

— Ah! Encantado, Afanasy Matveich! — disse o Príncipe. — Realmente creio lembrar-me de alguma coisa. Afanasy Matveich, sim, é o cavalheiro do campo. *Charmant, charmant,* encantado. Querido! — exclamou de súbito voltando-se para Mozglyakov. — É o mesmo, recordas-te? O mesmo desta manhã... Como é que eu disse? «O marido está à porta, enquanto ela foi...» Ah! sim! A mulher foi fazer não sei quê à cidade.

— Sim, Príncipe: «O marido está à porta e a mulher foi para a horta». Sim é do *vaudeville* que se representou aqui o ano passado — afirmou Feliseta Mihalovna.

— É isso: para a horta, esquece-me sempre. *Charmant, charmantl*! Com que então o senhor é o tal homem? Estou encantado por o conhecer — disse o Príncipe estendendo a mão a Afanasy Matveich sem se levantar da cadeira. — Como está?

— Hum...

— Está perfeitamente, Príncipe, perfeitamente — apressou-se a responder Maria Alexandrovna.

— Oh! Sim, vê-se que está perfeitamente. E vive sempre no campo? Mas que faces tão coradas, e como se ri!

Afanasy Matveich continuava sorrindo, inclinando-se e esfregando os pés; mas ao ouvir a última observação do Príncipe não pôde conter-se e, da maneira mais inoportuna, como um louco, desatou à gargalhada. Todos riram. As senhoras chiaram de prazer. Zina corou e com os olhos fulgurantes contemplou sua mãe, que rebentava de raiva. Já era tempo de mudar de conversa.

— Dormiu bem, Príncipe? — perguntou com voz melíflua enquanto lançava um olhar ameaçador ao marido, ordenando-lhe quietação e silêncio.

— Dormi muito bem. E sabem que tive um sonho encantador? Um sonho en…can…ta…dor!

— Um sonho! Gosto tanto que me contem sonhos!— exclamou Feliseta Mihalovna.

— Também eu! — exclamou Natália Dmitryevna.

— Um sonho encantador! — repetiu o Príncipe com um sorriso contrafeito. — Mas é um segredo mortal.

— Como, Príncipe! Não no-lo conta? Deve ter sido um sonho admirável — opinou Ana Nikolaevna.

— Um segredo mortal! — repetiu o Príncipe, gozando em provocar a curiosidade das mulheres.

— Que interessante que deve ser! — disseram elas.

— Aposto que sonhou que caiu de joelhos diante de uma formosa rapariga e que lhe fez uma declaração amorosa! — gritou Feliseta Mihalovna. — Vamos, Príncipe! É ou não verdade? Confesse, querido Príncipe!

— Confesse, Príncipe, confesse — disseram as outras em coro.

O Príncipe escutava em êxtase e com ar de triunfo aqueles gritos. A suposição das damas lisonjeava a sua vaidade.

— Embora tenha dito que o meu sonho é um segredo de morte — respondeu por fim, depois de hesitar — tenho de admitir, senhoras, que, com grande surpresa minha, adivinharam quase completamente.

— Adivinhado! — gritou Feliseta Mihalovna batendo as palmas. — Agora, Príncipe, é indispensável que nos diga quem é a formosa rapariga!

— Tem que nos dizer!

— Ouça, querido Príncipe! É necessário que no-lo diga, suceda o que suceder! — gritaram de todos os lados.

— *Mesdames, mesdames!* Por mais que insistam só lhes posso dizer uma coisa: que é a mais se…du…to…ra e posso acrescentar a mais vir…tu…osa rapariga que conheço — balbuciou o Príncipe derretendo-se como cera.

— A mais sedutora e... vive aqui! Quem será? — perguntaram as damas trocando olhares significativos e piscando os olhos umas às outras.

— Pois está claro! A que aqui goza fama de mais bela... — disse Natália Dmitryevna, esfregando as mãozorras vermelhas e fitando Zina com os seus olhos felinos.

Todas olharam para Zina.

— Se o senhor tem desses sonhos, Príncipe, por que não se casa? — perguntou Feliseta Mihalovna, dirigindo às outras um olhar significativo.

— O senhor seria um partido excelente — opinou uma.

— Case-se, querido Príncipe — sugeriu outra.

— Case-se, case-se! — repetiram várias. — Por que não se há de casar?

— Sim! Por que não me hei de casar? — concordou o Príncipe atordoado com o alarido.

— Tio! — exclamou Mozglyakov.

— Sim, querido; compreendo. Queria dizer-lhes, *mesdames,* que não posso casar-me e que, depois de passar um serão delicioso com os meus hospedeiros, partirei amanhã para visitar o padre Misail no mosteiro e depois partirei para o estrangeiro, a embeber-me de cultura europeia.

Zina empalideceu e olhou para a mãe com indizível amargura. Mas Maria Alexandrovna havia tomado uma resolução. Até ali tinha esperado, observando tudo e dando por malogrado o seu projeto perante as grandes vantagens das suas inimigas. Por fim, dominando com um olhar a situação, decidiu-se a decepar de um só golpe todas as cabeças da hidra. Levantou-se majestosamente e, aproximando-se com passo resoluto da mesa, olhou dos pés à cabeça, com um olhar altivo, o seu cobarde adversário. Nos seus olhos brilhava a luz da inspiração. Ia desconcertar e reduzir a nada todas aquelas comadres, confundir Mozglyakov como a um caçapo e reconquistar, num supremo esforço, a sua influência perdida sobre o idiota do Príncipe.

Era preciso para isso uma audácia extraordinária; mas a Maria Alexandrovna não lhe faltava audácia.

— *Mesdames* — começou num tom solene e digno, porque a Maria Alexandrovna agradava muito o solene — *mesdames:* há já um pedaço que ouço a vossa conversa cheia de alegre e espirituoso bom humor e suponho que é tempo de eu tomar a palavra. As senhoras sabem que nos encontramos aqui reunidas esta noite... quase por casualidade, com a qual estou muito satisfeita, muito satisfeita... Nunca me teria decidido eu própria a revelar-lhes um importante segredo de família, nem até a fazê-lo em público antes de me ter sido exigido pelo mais elementar sentimento de decoro. Tenho que pedir perdão, especialmente ao meu querido hóspede; mas inclino-me a crer que ele próprio, com as suas alusões indiretas a esta circunstância, me deu a compreender que não lhe será desagradável a revelação formal e amistosa do segredo da nossa família e que, de facto, a deseja... Não é assim, Príncipe? Acertei?

— Oh! Sim! Acertou... e eu estou encantado! — respondeu o Príncipe sem fazer a mais pequena ideia do que se tratava.

Para produzir mais efeito, Maria Alexandrovna fez uma pausa, respirou fundo e olhou para as pessoas presentes.

Todas a escutavam com maligna e impaciente curiosidade. Mozglyakov tremia. Zina levantou-se para ocultar a vermelhidão que lhe inundava o rosto. Afanasy Matveich, na previsão de qualquer coisa de extraordinário, assoou-se ruidosamente.

— Sim, *mesdames;* estou disposta a confiar-lhes gostosamente o segredo da família. Hoje, depois do jantar, o Príncipe, rendido pela formosura e... pelas virtudes de minha filha, deu-lhe a honra de lhe oferecer a sua mão. Príncipe — terminou, com lágrimas e a voz trémula de comoção — querido Príncipe, não deve, não, não pode enfadar-se com a minha indiscrição! Só a minha imensa alegria de mãe pôde arrancar do meu coração, antes de tempo, tão precioso segredo... e que mãe mo deitaria em rosto?

Não tenho palavras para descrever o efeito que produziu tão inesperada confissão. Todos pareciam petrificados de surpresa. As pérfidas senhoras que pensavam assustar Maria Alexandrovna, mostrando-se conhecedoras do seu segredo, e atormentá-la com alusões ficaram estupefactas perante uma franqueza tão audaciosa. Aquela valentia era sinal de domínio e de triunfo. «Isso indica que o Príncipe se casa com Zina por sua própria vontade; que não o tentaram, não o fizeram beber, não o enganaram; que não o obrigam a casar-se valendo-se de enredos e por meios desonestos. Isso indica que Maria Alexandrovna não teme ninguém e que será impossível impedir o casamento». Houve um murmúrio de vozes que se transformou numa gritaria de júbilo. Natália Dmitryevna foi a primeira a abraçar Maria Alexandrovna; Ana Nikolaevna imitou-a e logo a seguiu Feliseta Mihalovna. Todas se levantaram tumultuosamente; algumas senhoras estavam pálidas de despeito. Felicitavam Zina e até abraçavam Afanasy Matveich. Maria Alexandrovna estendeu os braços em atitude dramática e quase à força atraiu a si a filha para a estreitar contra o peito. O Príncipe contemplava a cena com surpresa sem deixar o seu costumado sorriso. Aquilo agradava-lhe pelo seu aspeto sentimental. Ao ver unidas a mãe e a filha num abraço, tirou o lenço e enxugou uma lágrima que lhe brilhava nos olhos. Também ele recebeu parabéns.

— Em boa hora, Príncipe! Em boa hora! — exclamaram as senhoras de todos os lados.

— De forma que o senhor vai-se casar!

— Com que então é verdade casar-se?

— Querido Príncipe! Então vai-se casar deveras?

— Deveras, deveras! — respondeu o Príncipe cheio de prazer por tanto entusiasmo e felicitações. — E confesso que nada me agrada tanto como a simpatia que as senhoras me demonstram e que nunca esquecerei. *Charmant! Charmant!* Até me fazem chorar.

— Venha um beijo, Príncipe! — gritou Feliseta Mihalovna, elevando a sua voz acima das outras.

— E tenho que confessar — prosseguiu o Príncipe a quem todas interrompiam — que sobremaneira me surpreende que Maria Ivanovna, minha respeitável hospedeira, tenha adivinhado o meu sonho com tão extraordinária perspicácia! Ex…tra…ordi…ná…ria perspicácia!

— Então ainda fala em sonho, Príncipe?

— Vamos, Príncipe, confesse, confesse lá! — gritaram todas rodeando-o.

— Sim, Príncipe; não é preciso ocultar nada; chegou a hora de revelar o nosso segredo! — disse Maria Alexandrovna, formal e resolutamente. — Compreendi a sua fina alegoria, a esquisita delicadeza com que me mostrou o seu desejo de que tornasse público o seu oferecimento. Sim, *mesdames,* é verdade; esta tarde o Príncipe caiu de joelhos perante minha filha e não em sonhos, mas na realidade, fez-lhe uma proposta de casamento em regra.

— Exatamente como na realidade e com as mesmas circunstâncias — repetiu o Príncipe. — *Mademoiselle* — acrescentou voltando-se com acentuada cortesia para Zina que não tinha saído ainda do seu assombro. — *Mademoiselle,* juro-lhe que nunca teria ousado pronunciar o seu nome se os outros o não tivessem repetido antes. Foi um sonho encantador, um sonho en…can…ta…dor, e sinto-me duplamente feliz que me seja permitido contá-lo. *Charmant! Charmant!*

— Mas valha-me Deus! Como é isso? Continua a falar de sonho! — murmurou Ana Nikolaevna aproximando-se de Maria Alexandrovna que estava inquieta e um pouco pálida. Aquelas palavras quebravam-lhe o coração e faziam-lhe vacilar a energia.

— Como é isso? — murmuravam as damas, olhando umas para as outras.

— Por Deus, Príncipe! — protestou Maria Alexandrovna com um contrafeito e amargo sorriso. — Deixa-me assombrada! Que história é essa do sonho? Até agora pensava que era brincadeira, mas... se é

brincadeira, começa a tornar-se demasiado pesada... Eu queria atribuí-la a uma distração, mas...

— Talvez se deva a uma distração — insinuou Natália Dmitryevna.

— Ah, sim! Talvez seja uma distração — afirmou o Príncipe sem compreender claramente o que pretendiam dele. — E a propósito quero contar-lhes uma anedota. Em S. Petersburgo convidaram-me para um funeral numa casa, *maison bourgeoise, mais honnête;* fiz confusão e pensei que se tratava de uma festa onomástica. Ora esta festa tinha sido na semana anterior. Comprei pois um ramo de flores para a senhora que festejava o santo e quando entrei vi um homem respeitável, de corpo presente, deitado no caixão. Fiquei surpreendido e, claro, sem saber o que havia de fazer de mim e do ramo das flores.

— Vamos, Príncipe; não é momento para histórias! — interrompeu Maria Alexandrovna despeitada. — A minha filha não tem necessidade de andar à procura de noivos, mas esta tarde junto deste piano o senhor fez-lhe uma proposta. Eu não o convidei a dar esse passo... que me deixou, posso dizê-lo, atónita. A seguir ocorreu-me uma ideia triste, mas não quis expor-lha até que o senhor despertasse. Não se esqueça de que sou mãe e ela é minha filha... O senhor acaba de falar de um sonho e eu supus que, em forma alegórica, se quisesse referir ao seu compromisso. Bem sei que procuraram dissuadi-lo... e eu suspeito quem... mas explique-se, Príncipe, imediata e convenientemente. Não se brinca assim com uma família respeitável.

— Oh! Não se brinca assim com uma família respeitável — concordou o Príncipe como um fonógrafo, embora começasse a sentir um certo mal-estar.

— Isso não é responder à minha pergunta, Príncipe. Peço-lhe uma resposta categórica: confirme imediatamente, confirme perante todos o oferecimento que fez esta tarde a minha filha.

— Ah, sim! Estou pronto a confirmá-lo, embora já tenha contado tudo e Feliseta Mihalovna tenha adivinhado exatamente o meu sonho.

— Não foi sonho, não foi sonho! — gritou Maria Alexandrovna num paroxismo de raiva. — Não foi sonho, foi realidade, Príncipe. Realidade, ouve o senhor? Realidade!

— Realidade! — exclamou o Príncipe surpreendido, levantando-se de um salto. — Bem, amigo; tudo se passa como me preveniste lá em cima! — acrescentou voltando-se para Mozglyakov. — Mas asseguro-lhe,

respeitável Maria Alexandrovna, que está em erro. Estou completamente convencido de que não foi mais que um sonho.

— Deus misericordioso! — exclamou Maria Alexandrovna.

— Não se aflija, Maria Alexandrovna — interveio Natália Dmitryevna. — Talvez o Príncipe tenha esquecido. Ele se recordará.

— A senhora não me faça rir, Natália Dmitryevna — replicou indignada a dona da casa. — Podem, por acaso, esquecer-se coisas destas? Como é que alguém o pode esquecer? Vamos, Príncipe! Está a troçar de nós ou quer representar o papel de galã libertino do tempo da Regência, descrito por Dumas... um certo *Faire-la-Cour* ou um tal Lauzun? Mas, além de que esse papel não é próprio para a sua idade, juro-lhe que não terá êxito. A minha filha não é uma viscondessa. Aqui mesmo, esta tarde, ela lhe cantou uma *romanza* e, transportado pela sua voz, o senhor caiu de joelhos oferecendo-lhe casamento. Estou agora a sonhar também? Estou a dormir? Fale, Príncipe: durmo ou estou acordada?

— Oh, sim!... embora, talvez, não... — respondeu o Príncipe atordoado. — Quero dizer, creio que não sonho agora. A senhora bem vê, eu esta tarde dormi e enquanto dormia tive um sonho...

— Valha-me o céu! Mas que trapalhada é esta? Que sim, que não, que sonho, que não sonho... Que o diabo o decifre. O senhor delira, Príncipe?

— Oh, sim, que o diabo o decifre... embora eu creia que... já não sei onde ando — disse o homem tornando a olhar para todos os lados com inquietação.

— Mas como pode tê-lo sonhado — insistiu Maria Alexandrovna com angústia — se lhe estou dando todos os pormenores do sonho antes que no-lo tenha contado?

— É possível que o Príncipe o tenha contado a alguém... — disse Natália Dmitryevna.

— Sim, talvez o tenha contado a alguém — repetiu o Príncipe completamente transtornado.

— Isto é uma farsa — murmurou Feliseta Mihalovna à sua vizinha.

— Santo Deus! Isto é superior a toda a paciência! — exclamou Maria Alexandrovna torcendo as mãos em atitude de desespero. — Zina cantava-lhe, cantava-lhe uma *romanza!* Também o sonhou?

— Oh, sim! Com efeito; creio que cantava uma *romanza* — murmurou o Príncipe pensativo.

E, de súbito, uma recordação animou o seu semblante.

— Querido! — exclamou dirigindo-se a Mozglyakov. — Esqueci-me de te dizer que, com efeito, havia uma *romanza* e que apareciam constantemente castelos nessa *romanza,* de forma que parece que havia ali uma grande abundância de castelos, e depois vinha um trovador. Sim, recordo-me de tudo... Até derramei lágrimas... E agora estou em dúvida. Parece-me que sucedeu realmente e que não foi um sonho.

— Tenho que lhe dizer, tio — interveio Mozglyakov com tanta calma quanta lhe foi possível, sem poder evitar que a voz lhe tremesse de comoção — tenho que lhe dizer que me parece fácil explicar isso de um modo satisfatório. Suponho que efetivamente o senhor ouviu cantar Zinaida Afanasyevna, que, na verdade, canta deliciosamente. Depois de jantar vieram para aqui e Zinaida Afanasyevna cantou-lhe uma ro*manza.* Eu não estava presente para observar o efeito, mas com certeza o comoveu ao senhor a recordação dos tempos antigos, a recordação daquela viscondessa com quem o senhor cantava *romanzas* e de quem nos falou esta manhã. E depois, quando se deitou, impressionado por tão agradáveis recordações, sonhou que estava enamorado e que a pediu em casamento.

Maria Alexandrovna ficou petrificada perante tanta audácia.

— Ah, querido! Foi assim precisamente! — gritou o Príncipe cheio de alegria. — Consequência de tão agradáveis recordações. Lembro-me com efeito que me cantaram uma *romanza,* e por isso, depois, quando sonhava, desejei casar-me. E isso da viscondessa também é verdade... Com que penetração esclareceste tudo, querido. Bem, agora estou certo de que sonhei! Maria Vassilyevna! Asseguro-lhe que está confundida! Foi um sonho! De outra forma nunca me permitiria brincar com os seus estimáveis sentimentos...

— Agora, agora vejo claramente quem é o autor de tudo isto! — gritou fora de si Maria Alexandrovna, dirigindo-se a Mozglyakov. — Foi o senhor; o senhor, patife. Isto é obra sua. O senhor enganou este pobre homem para se vingar de ter sido corrido. Mas há de pagar-mas, seu patife! há de pagar-mas! há de pagar-mas!

— Maria Alexandrovna! — gritou Mozglyakov, vermelho como um caranguejo. — As suas palavras são tão... não sei como qualificá-las... Nenhuma senhora bem-nascida se permitiria… E, além disso, eu defendo o meu parente. Confesse que enganar assim...

— É isso; enganar assim... — repetiu o Príncipe tentando ocultar-se por detrás de Mozglyakov.

— Afanasy Matveich! — chiou Maria Alexandrovna esganiçando-se. — Não vês como nos ultrajam e desonram? Ou perdeste todo o sentimento do dever? És o chefe da família ou um pau podre? Outro marido já teria lavado com sangue, há muito tempo, este ultraje à sua família!

— Mulher! — respondeu Afanasy Matveich com dignidade, orgulhoso por ser finalmente necessário. — Mulher! Não terás sonhado tudo isso e depois, ao despertar, não terás confundido tudo, com o teu desejo?

Mas Deus não quis que o marido acabasse a sua engenhosa interpretação. As visitas que até ali se tinham refreado, adotando um ar de hipócrita cortesia, não puderam mais e romperam numa gargalhada que encheu toda a sala. Perdendo a compostura, Maria Alexandrovna atirou-se contra o marido, sem dúvida na intenção de lhe arrancar os olhos. Contiveram-na à força e Natália Dmitryevna aproveitou aquela circunstância para acrescentar outra mordidela venenosa.

— Maria Alexandrovna! Talvez seu marido tenha razão e está a irritar-se sem motivo — disse com a mais melíflua das vozes.

— Como! Que diz? — gritou Maria Alexandrovna sem perceber bem.

— Já sabe, Maria Alexandrovna, que às vezes sucede isso.

— Que sucede? Quer fazer-me doida?

— Talvez o tenha sonhado, efetivamente.

— Sonhá-lo, eu? Sonhá-lo! E atreve-se a dizer-me isso na minha cara?

— Sim, talvez tenha sido assim — repetiu Feliseta Mihalovna.

— Oh, sim! Talvez tenha sido assim — murmurou o Príncipe.

— Ele também, ele também! Deus me valha! — exclamou Maria Alexandrovna, juntando as mãos.

— Não se aflija, Maria Alexandrovna! Lembre-se de que os sonhos nos vêm do céu. Se é a vontade de Deus, ninguém pode opor-se-lhe; todos estamos nas suas mãos. É inútil aborrecer-se por uma coisa destas.

— Oh, sim! Não é bom aborrecer-se por uma coisa assim — repetiu o Príncipe.

— Os senhores tomam-me por louca? — perguntou Maria Alexandrovna debilmente e sem alento.

E como aquilo era superior às forças humanas, procurou precipitadamente uma cadeira e caiu desmaiada. Produziu-se uma confusão na sala.

— Isto é que é saber desmaiar oportunamente — sussurrou Natália Dmitryevna ao ouvido de Ana Nikolaevna.

Mas naquele momento, quando era maior a confusão geral e a situação mais crítica, adiantou-se uma pessoa que até aí tinha permanecido calada... e imediatamente se mudou o aspeto da cena.

Capítulo 14

De Zinaida Afanasyevna pode dizer-se que tinha um caráter exageradamente romântico. Eu não sei se era devido, como o sustentava Maria Alexandrovna, a uma excessiva leitura «desse louco do Shakespeare» com o «seu infeliz mestre-escola». O certo é que nunca, no decorrer da sua vida em Mordasov, Zina se tinha permitido um ato de tão extraordinário romantismo, ou melhor, de heroísmo como o que vamos agora descrever.

Pálida, com os olhos brilhantes de resolução, trémula, admiravelmente bela na sua cólera, avançou, dirigiu a todos os presentes um olhar lento e provocador e voltou-se para a mãe, que ao primeiro movimento da filha tinha voltado a si e aberto os olhos.

— Mamã — disse — para quê continuar fingindo? Para que nos havemos de sujar mais na mentira? Enlameou-se tanto o assunto que não vale a pena usar de vis recursos para dissimular!

— Zina, Zina! O que tens? Repara no que estás a dizer! — gritou a mãe saltando da cadeira.

— Eu preveni-te, eu preveni-te, mamã, de que não poderia suportar esta vergonha — prosseguiu Zina. — É preciso que nos envileçamos ainda mais, que continuemos a enlamear-nos? Mas eu já te disse, mamã, que assumia a responsabilidade, porque sou a mais culpada por ter consentido que esta baixa intriga fosse por diante! Tu és mãe, tu amas-me, tu procuravas a minha felicidade à tua maneira, de acordo com as tuas ideias. A ti podem perdoar-te, mas a mim nunca.

— Mas ousas falar, Zina?... Deus meu! Bem pressentia eu que esta espada de dor me havia de atravessar o coração!

— Sim, mamã; falarei claro. Estou desonrada... as duas estamos cobertas de vergonha!

— Exageras, Zina! Estás transtornada e não sabes o que dizes! E para quê contá-lo? Sim, é absurdo... A desonra não é nossa. Vou-te provar imediatamente que a desonra não é nossa.

— Não, mamã; não me quero calar mais perante esta gente a quem desprezo e que veio aqui fazer pouco de nós — gritou Zina tremendo de ira. — Não tolero que estas mulheres me insultem. Nenhuma delas tem o direito de me atirar com lama, porque todas estão dispostas a proceder cem vezes pior do que tu ou eu! Como se atreveriam, como poderiam ser nossos juízes?

— Lindíssimo! Mas não a ouvem? O que significa esta linguagem? Está a injuriar-nos! — comentaram várias vozes.

— A menina não sabe o que diz! Ora esta! — acrescentou Natália Dmitryevna.

E tenho que concordar que ela tinha razão; porque se Zina não considerava aquelas senhoras dignas de a julgar a que vinha a sua pública confissão perante elas? Zinaida Afanasyevna procedeu precipitadamente. Tal foi a opinião das pessoas mais sensatas de Mordasov. Tudo se poderia compor, tudo se poderia justificar. É verdade que Maria Alexandrovna também tinha comprometido o caso pela sua impaciência e presunção. Ter-lhe-ia bastado meter a ridículo o velho imbecil e mandá-lo passear. Zina, porém, propositadamente e em oposição ao bom senso e à prudência de toda a população, dirigiu-se ao Príncipe.

— Príncipe — disse ao velho, tão comovido pela sua presença e linguagem que se levantou imediatamente dando provas de respeito. — Perdoe-me, Príncipe, perdoe-nos. Enganámo-lo! Induzimo-lo...

— Calas-te ou não, desgraçada? — gritou Maria Alexandrovna delirante.

— *Madame, madame! Ma charmante enfant...* — murmurou o Príncipe profundamente impressionado.

O caráter orgulhoso, impulsivo e romântico de Zina arrastou-a naquele momento para além de toda a prudência que a situação exigia, esquecendo-se até de sua mãe que, ao ouvi-la, sofria angústias mortais.

— Sim; as duas enganámo-lo, Príncipe; minha mãe decidindo casá-lo comigo e eu consentindo. O senhor bebeu muito e eu prestei-me a cantar e a representar um papel perante si. Como o exprimiu Pavel Alexandrovich, nós intrujámo-lo, valendo-nos da sua debilidade e abandono, porque pretendíamos a sua fortuna e o seu título. Confesso que é uma ação digna de vilãos e arrependo-me disso. Mas juro-lhe, Príncipe, que não me levou a essa vileza o menor impulso ignóbil. Eu queria... mas que vou dizer se ainda é mais vil justificar um ato como este? Juro-lhe, Príncipe, que se

tivesse aceitado alguma coisa de si, lho pagaria com excesso, convertendo-me em seu joguete, sua criada, em sua bailarina, em sua escrava... Tinha-o prometido a mim própria e cumpriria a minha promessa.

Um nó na garganta impediu-a de continuar. Todas as visitas, imóveis como estátuas, escutavam-na com os olhos desorbitados. A estranha saída de Zina, que para eles era inteiramente incompreensível, deixou-os perplexos. Só o Príncipe ficou comovido até às lágrimas embora não compreendesse metade do que ela dizia.

— Casar-me-ei contigo, *ma belle enfant,* se assim o desejares — murmurou — e será uma grande honra para mim. Embora te garanta que me parecia um sonho realmente... É que eu sonho tudo o que se passa neste mundo... Para que se hão de afligir tanto? Não chego a perceber, *mon ami* — acrescentou voltando-se para Mozglyakov. — Anda, explica-mo...

— E o senhor, Pavel Alexandrovich — disse Zina voltando-se também para Mozglyakov. — O senhor a quem eu cheguei um dia a considerar como meu futuro esposo; o senhor que tão cruelmente se vingou de mim, como se pode unir a esta gente para me atormentar, para me encher de ignomínia? E o senhor jurava que me queria? Mas eu não sou a pessoa indicada para o censurar, porque sou mais culpada que o senhor. Eu enganei-o; animava-o com promessas e todas as minhas palavras eram mentiras; um tecido de falsidades. Nunca o amei e, se tivesse consentido em casar-me consigo, teria sido apenas para fugir desta maldita cidade, para livrar-me desta cidade corrompida... Mas juro-lhe também que teria encontrado em mim uma esposa boa e fiel... O senhor vingou-se cruelmente e, se isto satisfaz o seu orgulho...

— Zinaida Afanasyevna! — gritou Mozglyakov.

— Se ainda lhe inspiro um sentimento de ódio...

— Zinaida Afanasyevna!

— Se ainda me guarda — prosseguiu Zina retendo as lágrimas — se ainda me guarda um pouco de amor!!!

— Zinaida Afanasyevna!!!

— Zina, Zina, minha filha — gemeu Maria Alexandrovna.

— Sou um canalha, Zinaida Afanasyevna; sou um canalha e não mereço outro nome — declarou Mozglyakov, produzindo grande agitação nos circunstantes que soltaram exclamações de surpresa e de protesto. Mozglyakov ficou paralisado, incapaz de pensar e de falar.

Para os caráteres débeis e superficiais, acostumados a constante submissão, que um dia se atrevem a desafogar-se em protestos, a ser resolutos e firmes, há sempre um limite em que se pulveriza a sua consistência, um limite a que chegam depressa. O seu protesto é de começo vigoroso, a sua energia leva-os ao arrebatamento; lançam-se contra um obstáculo de olhos fechados e aceitam sempre tarefas superiores às suas forças. Mas chega o momento em que o arrebatamento se detém, com grande surpresa para eles próprios, e em que perguntam atordoados: que fiz eu? Depois sentem-se fracos, choram, dão explicações, caem de joelhos, pedem perdão, suplicam que tudo fique como estava, mas que seja depressa, o mais depressa possível. Foi isto o que aconteceu com Mozglyakov. Depois de se ter deixado arrebatar pela cólera, de ter provocado aquela cena cuja causa se atribuiu depois, por inteiro, de ter satisfeito a vaidade e desafogado a indignação, sem deixar de se odiar a si próprio, deteve-se alarmado, ferido na sua consciência, pelas queixas de Zina cujas últimas palavras acabaram de o aniquilar. Passar de um extremo a outro era para ele coisa de um momento.

— Sou um burro, Zinaida Afanasyevna! — gritou num arranco de sincero arrependimento. — Um burro? Isso não é nada. Sou incomparavelmente pior do que um burro! Mas quero demonstrar-te, Zinaida Afanasyevna, quero demonstrar-te que até um burro pode ser uma pessoa honrada! Tio! Eu enganei-o; fui eu quem o enganou! O senhor não dormia; o senhor fez, realmente, um pedido de casamento e eu, eu, como um canalha, como vingança de ter sido repelido, persuadi-o de que tudo tinha sido um sonho.

— Magnífico! Estamos ouvindo coisas surpreendentes! — murmurou Natália Dmitryevna ao ouvido de Ana Nikolaevna.

— Querido — respondeu o Príncipe — acalma-te, por Deus! Assustas-me com os teus gritos. Asseguro-te que estás em erro. Estou disposto a casar-me de qualquer maneira; mas tu próprio me asseguraste que era tudo um sonho.

— Oh, como poderei desenganá-lo agora? Digam-me, como há de ser? Tio! Tio! O senhor compreende que se trata de um assunto de grande importância, que envolve a honra de uma família. Reflita. Considere!

— Sim, querido; vou refletir. Espera, deixa-me ordenar as minhas recordações. Primeiro sonhei com o meu criado Te…ó…fi…lo...

— Mas agora não se trata de Teófilo, tio.

— Bem; suponho que não se trata dele. Depois vem Napoleão e depois estamos tomando chá e chegou uma senhora que roubou o açúcar todo.

— Mas, tio — gritou Mozglyakov, com a cabeça completamente perdida — isso foi o que nos contou esta manhã Maria Alexandrovna de Natália Dmitryevna! Eu estava aqui e ouvi. Quer dizer, estava escondido e via-o ao senhor pelo buraco da fechadura...

— Como, Maria Alexandrovna! — interveio Natália Dmitryevna. — Com que então também disse ao Príncipe que lhe tirei o açúcar do açucareiro? Quer dizer que venho aqui roubar-lhe o açúcar, não é verdade?

— Saia-me da frente! — gritou Maria Alexandrovna num arrebatamento de desespero.

— Não, não saio, Maria Alexandrovna. Como se atreve a tratar-me assim? Com que então eu roubo-lhe o açúcar? Há muito tempo que você se entretém a contar de mim coisas indecentes. Sofia Petrovna pôs-me ao facto de tudo... Roubo-lhe então o açúcar, não é verdade?

— Mas, *mesdames* — gritou o Príncipe — se não foi mais que um sonho! Não veem que eu sonho tudo o que se passa neste mundo?

— Maldita cuba! — murmurou Maria Alexandrovna em voz baixa.

— Sou então uma cuba? — chiou Natália Dmitryevna. — E você o que é? Há muito tempo que sei que você me chama sempre «a cuba». Eu, pelo menos, tenho um marido e você não tem mais que um bobo...

— Ah, sim; agora me lembro que também havia uma cuba — murmurou o Príncipe aludindo inconscientemente à sua conversa com Maria Alexandrovna nessa manhã.

— O senhor também insulta uma dama? Como se atreve, Príncipe, a insultar uma senhora? Se eu sou uma cuba, a si faltam-lhe as pernas.

— Como? Faltam-me as pernas?

— Sim, as pernas e também os dentes. O senhor é um boneco partido.

— E um olho — acrescentou Maria Alexandrovna.

— Usa espartilho em vez de costelas — disse Natália Dmitryevna.

— A sua cara aguenta-se com alfinetes.

— O senhor é calvo.

— O grande idiota usa bigode postiço!

— Deixe-me ao menos o nariz, Maria Stepanovna — gritou o Príncipe, vexado por tão súbita franqueza. — Querido! Tira-me daqui! Porque lhes disseste que eu usava cabelos postiços?

— Tio!

— Não, querido; não posso ficar aqui nem mais um momento. Leva-me... que sociedade! Por que me trouxeste para aqui, Deus meu?

— Imbecil! Canalha! — gritou Maria Alexandrovna.

— Querido! — prosseguiu o pobre Príncipe. — De momento esqueci-me do que vim cá fazer, mas depois me recordarei. Leva-me, querido, senão fazem-me em pedaços! Entretanto... tenho que apontar uma ideia...

— Vamos, tio; ainda não é demasiado tarde. Levá-lo-ei para um hotel e ficarei junto de si.

— Sim, a um hotel. *Adieu, ma charmante enfant*... Só tu... só tu... és boa e virtuosa. És uma rapariga honesta. Vamos, rapaz; vamos, querido, querido!

Não descreverei a cena desagradável que se seguiu à saída do Príncipe. As senhoras foram desaparecendo no meio de um escândalo de gritos e insultos. Maria Alexandrovna ficou só entre as ruínas da sua passada glória. Ah! Poder, fama, importância... tudo se desvaneceu naquela tarde. Maria Alexandrovna considerava-se caída para sempre do seu pedestal. Ali acabava o período da sua tirania, exercida durante tanto tempo sobre a sociedade de Mordasov. Que lhe restava agora? Entregar-se à filosofia? Mas não era filósofa. Passou uma noite infernal. Zina ficava desonrada e as murmurações e o escândalo não teriam fim! Um horror!

Como fiel historiador, devo consignar aqui que foi Afanasy Matveich quem pagou as consequências daquele aborrecimento. Refugiou-se no quarto de arrumações e ali ficou tremendo de frio até à manhã seguinte, que não trouxe nada de bom. Uma desgraça nunca vem só.

Capítulo 15

Quando alguém é perseguido pela desgraça nunca mais acaba de receber golpes. Isto há muito tempo que está dito. A Maria Alexandrovna não tinham bastado a vergonha e a contrariedade sofridas na véspera: o destino ainda lhe reservava coisa pior. Antes das dez da manhã já se tinha espalhado por toda a cidade um boato estranho e incrível mas que todos acolhiam com mostras de desprezo e de malévola alegria, como era acolhido sempre qualquer escândalo que dissesse respeito aos vizinhos.

— Isso chama-se perder todos os escrúpulos e toda a vergonha! — ouvia-se dizer por todos os lados. — Descer ao que há de mais ínfimo; não ter nem uma migalha de decoro, atropelar todas as conveniências, etc., etc.

Eis o que sucedeu. De manhã cedo, um pouco antes das seis, uma pobre velha de aspeto lamentável, olhos de pranto e olhar de desespero, subiu a casa de Maria Alexandrovna e suplicou à criada que acordasse a menina, mas só a menina e em segredo, de forma que a mãe o não soubesse. Zina, pálida e atribulada, correu imediatamente ao encontro da velhinha. Esta caiu-lhe aos pés, beijou-os, banhou-os com as suas lágrimas e suplicou-lhe que fosse com ela para junto de seu filho Vasya que passara a noite tão mal, tão mal, que talvez na acabasse o dia. Entre soluços, a pobre velha dizia que Vasya lhe rogava que fosse para se despedir dela, pela última vez, antes de morrer; suplicava-lho pelos anjos do céu, por tudo o que se tinha passado entre eles, e, se recusasse, morreria desesperado. Embora soubesse que aceder a tal súplica seria confirmar tudo o que se murmurava acerca da carta intercetada e do seu escandaloso procedimento, Zina resolveu ir. Sem avisar a mãe, deitou uma capa por cima dos ombros e acompanhou a velhota, através da cidade, até um dos bairros mais pobres de Mordasov, no qual, numa das ruas mais escuras, havia uma casinha arruinada, sem outras janelas além dumas fendas, com as paredes inclinadas, como se se estivesse a desmoronar, e quase enterrada sob grandes montões de neve.

Num quarto pequeno e tétrico, sobre uma cama de madeira tosca que, com o grande fogão, ocupava quase todo o espaço, jazia um rapaz, tapado com um velho capote que deixava ver um colchão delgadíssimo. Tinha o rosto pálido e chupado, os olhos com um brilho de febre, as mãos débeis como vimes e a respiração fatigada e ruidosa. Podia ver-se que tinha sido belo, embora a doença tivesse desfigurado as delicadas linhas do seu rosto que inspirava piedade como o de todos os tísicos, ou melhor, o de todos os agonizantes. Sua velha mãe, que tinha vivido todo aquele ano com a esperança de o salvar, acabara por se convencer de que seu filho já não era deste mundo e permanecia a seu lado, transida de dor, com os olhos secos e as mãos torcidas, olhando-o, como se nunca o olhasse bastante, sem poder afazer-se à ideia de que daí a poucos dias Vasya, a menina dos seus olhos, estaria coberto pela terra gelada do velho cemitério que desaparecia agora sob a neve espessa.

Mas Vasya não a via naquele momento. Seu rosto consumido e sulcado de sofrimento resplandecia. Via, enfim, na sua frente aquela com quem, a dormir ou acordado, sonhara durante ano e meio nas suas longas noites de doente. Compreendia que fora perdoado, visto que ela acudia, como o anjo do Senhor quando o chamam das portas da morte, e lhe apertava as mãos, chorava com ele, sorria-lhe e voltava a fitá-lo com os seus olhos adoráveis, e... e todo o passado ressuscitava na alma do moribundo. A vida alumiava-lhe de novo o coração como para que o desgraçado visse como é triste a despedida.

— Zina, Zinotchka! Não chores por mim, não te aflijas, não tenhas pena, não te lembres de mim, que vou morrer em breve. Deixa-me olhar-te como te estou olhando agora para sentir, outra vez, as nossas almas unidas e me sentir perdoado. Deixa-me beijar-te as mãos como nos bons dias e morrerei sem dar por isso. Emagreceste, Zinotchka! Com que bondade olhas para mim, anjo meu! Recordas-te como te rias dantes? Recordas-te?... Ah, Zina! Não quero implorar o teu perdão; não quero recordar o passado, Zina, porque se tu me perdoaste eu jamais me perdoarei. Que noites tão longas eu tenho passado, Zina! Noites de insónia, noites horrorosas! E durante essas noites e nesta cama tenho pensado em muitas coisas e reconheci que vale mais morrer; sim, por Deus, é melhor! Não sou apto para a vida, Zinotchka!

Zina chorava em silêncio apertando as mãos do enfermo, como se quisesse prendê-las para sempre.

— Por que choras, meu anjo? Porque eu morro? Só por isso? Fica sabendo que a minha vida tem sido uma contínua morte e que a enterrei há muito tempo! Tu és mais inteligente que eu, mais pura, e por isso sabes, há muito tempo, que sou um homem indigno. Amas-me ainda? Quanto tenho sofrido por saber que tu conhecias a minha maldade e as minhas fraquezas! E quanto orgulho havia nisto, talvez um nobre orgulho... nem eu sei! Oh, minha amada! Toda a minha vida tem sido um sonho. Sonhava, sonhava sempre, mas não vivia. Era orgulhoso e desprezava os demais. Em que era eu superior aos outros? Não sei. Talvez na pureza do coração, na nobreza de sentimentos? Quanto líamos juntos Shakespeare, Zina, era tudo sonho; mas, na prática, eu devia provar a minha pureza e a minha retidão de sentimentos.

— Basta! — interrompeu Zina. — Basta! Não fales assim; é inútil e estás a matar-te!

— Por que me mandas calar, Zina? Sei que me perdoas e talvez me tenhas perdoado há muito tempo; mas estudaste-me e compreendeste que homem eu era; é isso que me atormenta. Sou indigno do teu amor, Zina! Tu foste sempre honesta e magnânima até na prática; disseste a tua mãe que te casarias comigo e com mais ninguém, e terias cumprido a tua palavra, porque em ti as palavras não são desmentidas pelos factos. Ao passo que eu, eu!... na prática... Sabes, Zina, que não teria compreendido o sacrifício que farias casando comigo? Nem sequer compreendia que podias morrer de fome. Nem isso me ocorreu; não pensava senão que te casarias com um grande poeta, poeta em embrião. Não queria atender às razões que alegavas para me dissuadir do nosso casamento; martirizava-te, recriminava-te, amedrontava-te e desprezava-te, para acabar ameaçando-te com aquela carta. Naquele momento não fui apenas um canalha, mas um verme da terra! Oh, como devias desprezar-me! Sim; é justo que morra e é justo que não tivesses casado comigo. Não teria compreendido o grande sacrifício que fazias. Ter-te-ia atormentado, ter-te-ia amargurado a vida com a nossa pobreza; teriam passado os anos e... (quem sabe?) talvez tivesse chegado a odiar-te como um obstáculo para o meu futuro. Assim é melhor. Ao menos agora sinto o coração purificado pelas lágrimas. Oh, Zinotchka! Ama-me um pouco como noutros tempos... ao menos nesta última hora... já sei que não mereço o teu amor; mas... mas... Ah, anjo meu!

Muitas vezes quis Zina interrompê-lo, entre soluços; mas ele não a atendia, devorado pela sede insaciável de falar e continuava com a voz quebrada pelo esforço:

— Se não me tivesses conhecido, se não me tivesses amado, estarias bom — disse Zina. — Deus meu! Para que foi que nos conhecemos?

— Não, minha amada; não te culpes da minha morte — prosseguiu o enfermo. — Eu tenho culpa de tudo. Quanta vaidade há no que te vou contar! Que romantismo tão louco! Não conheces o meu caso, Zina? Há dois anos havia aqui um preso, um miserável assassino que, ao aproximar-se o dia do castigo, se converteu no ser mais cobarde. Sabendo que não se bate nos doentes, arranjou um pouco de aguardente, deitou-lhe tabaco dentro e bebeu. Declarou-se-lhe uma enfermidade com vómitos de sangue tão repetidos que os pulmões foram atacados. Foi levado para o hospital onde morreu, ao cabo de poucos meses, com uma tuberculose galopante. Pois bem, meu anjo; eu recordei-me desse preso naquele mesmo dia... depois daquela carta, e resolvi matar-me do mesmo modo. E por que supões que escolhi a tísica? Por que não me enforquei ou me afoguei? Porque tive medo de uma morte repentina? Talvez, sim; mas suponho que ainda nisto se revelou o meu louco romantismo. Nesse tempo, pelo menos, agradava-me sonhar com um quadro pitoresco: eu estendido moribundo na cama, enquanto tu te sentisses desgraçada e atormentada com remorsos por me teres conduzido a tal estado. Virias confessar-te culpada; cairias de joelhos perante mim... eu perdoar-te-ia e morreria nos teus braços. Uma loucura, Zinotchka, uma loucura! Não é verdade?

— Não fales disso! — pediu Zina. — Não o digas! Tu não és assim. Falemos doutras coisas: dos momentos felizes que passámos.

— Falo disto, porque é mais amargo, querida. Há ano e meio que te não vejo e queria abrir-te o meu coração. Todo esse tempo o passei completamente só, e nem um momento deixei de pensar em ti, meu tesouro. Se tu soubesses, Zinotchka, como desejava fazer alguma coisa, para recobrar a tua amizade! Até há pouco não acreditava na minha morte. Vivi muito tempo sem ir à cama, passeando, até que a gravidade da doença me prostrou. Que projetos ridículos eu fazia! Sonhava, por exemplo, que era um grande poeta e que publicava nas *Memórias da Pátria* um poema superior a tudo o que se conhecia no mundo. Pensava pôr nele todos os meus sentimentos, a minha alma inteira, e assim chegaria a ti, onde quer que te encontrasses. O meu poema servir-te-ia de incessante recordação, e

o melhor do meu sonho era que te convencerias, por fim, acabando por dizer: «Não; não é tão mau como eu supunha!» Que loucura! Não é verdade, Zina?

— Não, não, Vasya! — disse Zina e, inclinando a cabeça sobre o peito do doente, beijou-lhe as mãos.

— Como me atormentaram os ciúmes durante todo este tempo! Se tivesse ouvido falar do teu casamento ter-me-ia matado. Indagava, vigiava, espiava... Minha mãe andava sempre à procura de notícias. É verdade que não amas Mozglyakov, não é assim? Anjo meu! Lembrar-te-ás de mim, depois de morto? Eu sei que te lembrarás; mas passarão os anos, endurecer-se-á o coração, esfriarás, sentirás o inverno na tua alma e esquecer-me-ás, Zinotchka!

— Não, não, nunca! Não me casarei... Tu és o meu primeiro amor... e serás o último.

— Tudo morre, Zinotchka, até a recordação... Morrem os nobres sentimentos e são substituídos pelo senso-comum. Goza a vida, Zina. Vive e sê muito feliz. Ama outro se puderes amar. Para que hás de amar um morto? Basta que te recordes de mim, de vez em quando, mas esquece o que eu tenho de mau, em nome do que há de bom no nosso amor, Zinotchka. Ai! Dias de luz que não voltarão mais! Ouve, meu anjo: sempre gostei do pôr do sol. Pensa em mim a essas horas! Oh, não, não! Morrer, para quê? Ah, como desejo voltar à vida! Recorda-te, querida, recorda-te; lembra-te daquele tempo: era na primavera, brilhava um sol tão lindo, os campos cobriam-se de flores, era tudo uma festa à nossa volta, e agora, olha, olha!

E apontou com a mão esquelética os vidros da janela, cheios de geada. Depois agarrou nas mãos de Zina e, apertando-as contra os seus olhos, chorou, chorou amargamente. Os soluços rebentavam-lhe o peito enfraquecido.

Todo o dia gemeu de angústia e de desventura. Zina esforçava-se por o consolar, sem conseguir outra coisa senão aumentar a sua mágoa. Disse-lhe que nunca o esqueceria, que nunca amaria outro como o amava a ele. Ele acreditava-a, sorria, beijava-lhe as mãos, mas as tristes recordações do passado vertiam novo fel na sua alma aflita. Assim decorreu todo o dia.

Entretanto, Maria Alexandrovna, que estava em grande desassossego, mandava, pela décima vez, buscar Zina, pedindo-lhe que voltasse se não queria acabar com o pouco prestígio que lhe restava e, quando começou a

anoitecer, louca de horror, decidiu ela própria ir buscar Zina. Chamou a filha ao compartimento contíguo e implorou-lhe, quase de joelhos, «que lhe evitasse aquela última espada de dor». Zina ouviu a mãe, sem perceber o que ela dizia, e voltou para junto do enfermo. Ardia-lhe a cabeça.

Maria Alexandrovna teve que partir, com manifestações de desespero, porque Zina estava disposta a ficar ao lado do moribundo. Durante toda a noite não abandonou a sua cabeceira. O enfermo piorava a olhos vistos e ao amanhecer já não restava esperança de que passasse o dia. A mãe andava de um lado para o outro como louca, dando-lhe remédios que ele não queria tomar. A agonia foi longa. O enfermo não podia falar; da sua garganta saiam sons frouxos e inarticulados. Até ao último momento olhou para Zina, como se lhe falasse com os olhos, e quando se lhe obscureceu o olhar, procurou-lhe a mão para a prender nas suas. Aquele dia de inverno passou rapidamente e quando deixou de se refletir nos vidros gelados o último raio de sol, e o quarto ficou mergulhado numa triste penumbra, a alma do rapaz abandonou o seu corpo para se lançar em perseguição da luz que fugia. A velha mãe, vendo morto na sua frente o filho adorado, juntou as mãos, soltou uma exclamação e lançou-se sobre o cadáver.

— Tu, víbora, foste a sua perdição! Tu, maldita, separaste-nos com as tuas malas-artes; mataste-o!

Mas Zina não ouvia. Estava junto do morto como inconsciente. Por fim, inclinou-se, fez sobre ele o sinal da cruz, beijou-o, e saiu do quarto como uma autómata. Ardiam-lhe os olhos, a cabeça andava-lhe à roda. As angústias sofridas e as duas noites de vela privaram-na quase do uso das suas faculdades, e sentia, de um modo vago, uma renovação na sua alma. Desaparecia o passado e encetava uma nova vida, triste e escabrosa.

Não tinha dado dez passos quando, como que saído da terra, lhe apareceu Mozglyakov, que parecia estar à sua espera.

— Zinaida Afanasyevna — disse em voz baixa e tímida, olhando para ela com receio. — Zinaida Afanasyevna, sim, sou um animal. Mas, se tu quiseres, já o não sou, porque, como vês, procedo nobremente, no final de contas. Porém conservo ainda o sentimento de ter sido um burro... Perdoa o meu atordoamento, devido a tantas coisas...

Zina olhou-o como a um estranho e continuou andando em silêncio. Como não podiam ir juntos pelo passeio e Zina não lhe deixava lugar,

Pavel Alexandrovich desceu para a rua e continuou a andar com a cara voltada para ela.

— Zinaida Afanasyevna, refleti, e se isso não te desgosta, estou disposto a renovar o meu oferecimento, a esquecer tudo, Zinaida Afanasyevna, toda a vergonha, a perdoar tudo, mas com a condição de que tudo fique em segredo enquanto permaneceres aqui. Sairás desta cidade o mais depressa possível e eu seguir-te-ei sem dizer nada a ninguém; casar-nos-emos em qualquer parte, sem testemunhas, e partiremos para S. Petersburgo, viajando em diligência, de modo que só poderás levar a bagagem mais indispensável. Sim? Concordas, Zinaida Afanasyevna? Vamos, responde-me. Não posso esperar, porque nos poderiam ver juntos.

Zina não respondeu. Limitou-se a olhar para Mozglyakov de tal maneira que ele compreendeu-a imediatamente. Tirou o chapéu, inclinou-se cumprimentando e perdeu-se na sombra de uma travessa.

Como se explica isto?, pensava. *Anteontem era toda doçura e sentimento, e atribuía-se a culpa de tudo. Muda todos os dias!*

Entretanto, em Mordasov, os acontecimentos precipitavam-se. O Príncipe, a quem Mozglyakov tinha levado para um hotel, caiu gravemente doente naquela noite. No dia seguinte espalhou-se por Mordasov a notícia. Calixto Stanislavich — o médico — não abandonava o doente. De tarde houve conferência entre os médicos da cidade. Os convites para a reunião foram escritos em latim; mas, apesar do latim, o Príncipe não recobrou a razão, que havia perdido. Delirava e deu-lhe para pedir a Calixto Stanislavich que lhe cantasse uma *romanza* e lhe falasse de cabeleiras. Às vezes, acometido de terror, gritava. Os médicos foram de opinião que a hospitalidade de Mordasov lhe produzira uma inflamação estomacal que depois — provavelmente naquele mesmo dia — lhe passara para o cérebro. Admitiram também a possibilidade de uma comoção moral. Estiveram de acordo em afirmar que o Príncipe estava já há muilo predisposto a uma morte certa e que irremediavelmente morreria. E acertaram, porque o pobre velho morreu no hotel, três dias depois.

Tão fatal desenlace deixou a cidade consternada. Ninguém esperava que os acontecimentos tivessem tão sérias consequências. Aos grupos, acudiram ao hotel onde jazia o Príncipe, em corpo presente; comentavam, discutiam, sacudiam a cabeça e acabavam por condenar severamente «os assassinos do desgraçado Príncipe», designando assim Maria Alexandrovna e a filha. Todos concordavam em que aquele assunto, dado o

seu caráter escandaloso, alcançaria grande publicidade e teria consequências terríveis, fazendo acerca disto os mais fantásticos vaticínios.

Mozglyakov andava de um lado para outro, sem saber o que fazer. A sua cabeça era um remoinho. Assim estava ele quando encontrou Zina. E a sua situação era difícil, com efeito. Tinha trazido o Príncipe para a cidade, levara-o para o hotel e agora não sabia o que havia de fazer do morto, nem aonde o enterrar, nem a quem prevenir da sua morte. Hesitava em transportá-lo para Dukanovo. Além disso, passava por sobrinho e tremia ao pensar que podiam acusá-lo da morte do venerável ancião. *Provavelmente falar-se-á disto na alta sociedade de S. Petersburgo*, dizia consigo, cheio de medo. Era-lhe impossível obter um conselho, uma advertência dos seus amigos em Mordasov; todos estavam abatidos por tão rude golpe e afastavam-se do cadáver, deixando Mozglyakov no mais triste abandono.

Mas, de súbito, tudo mudou. No dia seguinte, de manhã, chegou à cidade uma nova visita de quem Mordasov falou a seguir; mas falou discreta e misteriosamente, espreitando-a por todas as fendas, por todas as janelas, quando passou no seu carro pela rua principal em direção à casa do Governador. O próprio Pyotr Mihalovich parecia intimidado, sem saber que atitude adotar perante tal personagem, que não era outro senão o famoso Príncipe Shtchepetilov, parente do defunto Príncipe, jovem ainda, de uns trinta e cinco anos, com dragonas e galões de coronel e cuja simples presença semeava o terror entre a oficialidade subordinada. O chefe da polícia perdeu por completo a cabeça — no sentido moral, é claro — pois exteriormente adotou um porte demasiado rígido e rude. Soube-se, por fim, que o Príncipe Shtchepetilov vinha de S. Petersburgo e, não encontrando ninguém em Dukanovo, procurou seu tio em Mordasov, onde o surpreendeu a notícia da sua morte e os rumores referentes às circunstâncias em que tinha ocorrido. Pyotr Mihalovich não pôde reprimir o nervosismo que o dominava ao dar-lhe as necessárias explicações, ao mesmo tempo que todos os habitantes de Mordasov traziam cara de réu. O personagem tinha um aspeto tão severo, tão pesaroso que se tornava incompreensível tendo de herdar uma tão grande fortuna. Imediatamente assumiu a direção de tudo e Mozglyakov, reduzido a nada perante o verdadeiro sobrinho, desapareceu sem deixar rasto. Decidiu-se a trasladar o cadáver para o mosteiro, onde se celebraria uma missa de *requiem.*

O parente do velho Príncipe dispunha tudo, dando ordens breves, secas e severas, mas com grande tato e dignidade. No dia seguinte toda a cidade se reuniu no mosteiro para assistir à missa de *requiem.* Entre as senhoras espalhou-se o boato de que Maria Alexandrovna se apresentaria na igreja para pedir perdão, em voz alta, ajoelhada perante o caixão, como a lei prescrevia. Mas aquele boato era uma parvoíce. Maria Alexandrovna não foi à igreja. Esquecemo-nos de dizer que logo que Zina voltou para casa, a mãe decidiu mudar-se nessa mesma noite para a casa de campo, julgando insuportável a sua permanência na cidade. Do seu retiro escutava ansiosamente os rumores de Mordasov. Mandou colher notícias acerca do recém-chegado e vivia num estado de excitação febril. O caminho do mosteiro para Dukanovo passava a menos de três quartos de milha da sua propriedade; e Maria Alexandrovna pôde ver da janela a passagem do longo cortejo, depois do ofício fúnebre. O ataúde ia sobre um grande carro, seguido por uma interminável fila de veículos que o escoltaram até onde a estrada se bifurca em direção à cidade. Depois, destacando-se na brancura da neve que cobria a planície, podia ver-se avançar triste e lentamente o carro fúnebre, com melancólica majestade. Mas Maria Alexandrovna, não podendo suportar mais aquela visão, retirou-se da janela.

Uma semana depois partiu para Moscovo com a filha e Afanasy Matveich, e, ao cabo de um mês, correu a notícia de que a sua casa de campo e a da cidade estavam à venda. Assim se perdeu para Mordasov esta senhora *comme-il-faut!* Mas até isto foi objeto de maledicência. Afirmavam que Afanasy Matveich linha sido posto à venda com as propriedades... Passaram um, dois anos, e Maria Alexandrovna foi quase esquecida. Coisas da vida! Dizia-se, no entanto, que tinha adquirido outra casa de campo e se instalara noutra cidade da província, onde, é claro, dominava toda a gente; que Zina continuava solteira, que Afanasy Matveich... Mas não vale a pena transcrever boatos tão pouco dignos de crédito.

***

Três anos passaram desde que acabei a primeira parte da minha crónica de Mordasov. Quem havia de pensar que teria algum dia ocasião de abrir o manuscrito para acrescentar uma página interessante ao meu relato? Pois bem: ei-la.

Começarei por Pavel Alexandrovich. Ao abandonar Mordasov, foi diretamente para S. Petersburgo, onde conseguiu ocupar o cargo que há muito lhe tinham prometido. Foi apanhado pelo remoinho da vida mundana, esquecendo rapidamente os incidentes de Mordasov. Divertiu-se, dissipou o tempo em frívolos galanteios, enamorou-se e, como foi repelido e não pôde suportar que tivessem recusado a sua proposta, decidiu, aconselhado pela fraqueza do seu caráter versátil, juntar-se a uma expedição que se dirigia a um dos mais remotos confins do nosso vasto país, para fazer uma inspeção ou talvez para outro fim qualquer. Não o sei ao certo. Os que a compunham atravessaram sem incidentes bosques e desertos, e depois de uma longa jornada chegaram à capital dessa distante região e foram visitar o Governador-Geral. Era um homem alto, débil, um respeitável general, um veterano que tinha sido ferido duas vezes no campo de batalha e ostentava no peito duas estrelas e uma cruz branca. Recebeu os expedicionários com dignidade e cortesia, e convidou os oficiais para o baile com que naquela mesma noite se celebrava o dia onomástico da sua esposa. Pavel Alexandrovich estava muito satisfeito. Vestido como competia a um elegante de S. Petersburgo, entrou na espaçosa sala de baile, certo de produzir um efeito deslumbrante, com o seu ar ágil e desenvolto; mas, ante o esplendor dos numerosos convidados que ostentavam condecorações, galões e dragonas, nos seus uniformes militares ou civis, sentiu-se diminuído e acobardado. Devia apresentar os seus cumprimentos à Governadora, jovem e formosa, segundo lhe tinham dito, e aproximou-se com cortesão aprumo. Mas, de súbito, ficou paralisado de assombro. Perante ele estava Zina que, deslumbrante de sedas e de joias, orgulhosa da sua posição, não se dignou reconhecê-lo e desviou o olhar para outro lado. Confundido com tal receção, Pavel Alexandrovich desviou-se e, atravessando pelo meio dos convidados, procurou a companhia de um oficial que parecia amedrontado com tanta elegância.

Pavel Alexandrovich interrogou-o e soube por ele as coisas mais interessantes. O Governador tinha casado, havia dois anos, durante uma visita a Moscovo, com uma rapariga riquíssima, de uma família muito distinta. A Governadora era uma «linda mulher, uma beleza de primeira ordem, mas muito orgulhosa; tanto que só queria dançar com generais», que naquele baile eram nove. «A Governadora tinha mãe que vivia com ela e era uma dama da mais alta sociedade e muito inteligente», embora a

filha a dominasse por completo, como submetia também o general a todos os seus caprichos. Mozglyakov arriscou uma pergunta sobre Afanasy Matveich, mas naquela longínqua região não faziam a menor ideia da sua existência. Mozglyakov arranjou coragem para passar de uma sala a outra e viu logo Maria Alexandrovna, que ostentava um luxuoso vestido e se abanava com um leque de plumas enquanto falava animadamente com um convidado, rodeada por várias damas, ansiosas por lhe agradarem. Maria Alexandrovna mostrava-se muito atenciosa com todos, e quando Mozglyakov se atreveu a apresentar-se, dominou imediatamente a sua ligeira perturbação e dignou-se amavelmente reconhecê-lo, perguntando pelas suas relações de S. Petersburgo e dizendo-lhe que o supunha no estrangeiro. Nem sequer aludiu a Mordasov, como se essa cidade nunca tivesse existido no mapa. Por fim, depois de fazer referência a um ilustre príncipe de S. Petersburgo a quem Mozglyakov não conhecia nem de retrato, voltou-se de maneira quase impercetível para um grande personagem que se aproximava no meio de uma onda de perfume e imediatamente Pavel Alexandrovich foi esquecido.

Pavel Alexandrovich ficou um momento imóvel em frente dela até que, com um sorriso mortificado e o chapéu na mão, voltou ao salão de baile. Humilhado, ferido no fundo da sua alma sem saber porquê, resolveu não dançar. Durante toda a noite teve estereotipado no rosto um sorriso de mefistofélica e íntima abstração. Apoiado, numa atitude espetacular, contra uma coluna — porque se deu o caso de haver colunas no salão — permaneceu todo o baile, que durou muitas horas, imóvel, contemplando Zina. Mas, ai!, como a ideia que outrora fazia das coisas, e todas as suas recônditas ilusões deviam ficar postergadas! Zina nem sequer reparou nele. Por fim, com a alma saturada de amargura, as penas doridas por tão longas horas de plantão e o estômago vazio, porque, como amante desprezado, não se compreendia que ceasse, voltou para a hospedaria, cansado e moído, como se lhe tivessem dado uma carga de pancada. Não se deitou logo e pôs-se a recordar o passado que durante tanto tempo esquecera. Na manhã seguinte os expedicionários receberam novas instruções e Mozglyakov teve a consolação de que lhe confiassem o seu cumprimento. Quando saiu da cidade, respirou com alívio. Caía neve, como branca mortalha, na deserta e ilimitada planura e, nos limites do horizonte, aparecia a negra franja de um bosque.

Os valentes cavalos avançavam rapidamente levantando neve com os cascos. A campainha do trenó tocava sonolentamente, e Pavel Alexandrovich deixou-se embalar pelos seus pensamentos que em breve se transformaram em sonhos, e, por fim, adormeceu docemente. Despertou na terceira paragem, descansado, rejuvenescido e com pensamentos muito diferentes.

O JOGADOR

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17

Capítulo 1

Enfim, eis-me de regresso após quinze dias de ausência. Há já três dias que os nossos chegaram a Roletemburgo. Pensava que me esperavam com a maior impaciência, mas enganei-me. O general exibia um ar extremamente desenvolto; falou-me com arrogância e remeteu-me para a irmã. É claro que conseguiram o dinheiro. Pareceu-me mesmo que o general se sentia perturbado na minha presença. Maria Filipovna estava toda agitada; não me disse mais que algumas palavras, mas pegou no dinheiro, contou-o e ouviu até ao fim a minha exposição. Esperava-se para jantar Mezentzov, o francesito e um inglês; como sempre, desde que há dinheiro, convidam-se as pessoas para jantar: à moscovita. Paulina Alexandrovna, quando me viu, perguntou-me por que estivera eu tanto tempo ausente e foi-se sem esperar pela resposta. Fê-lo de propósito, evidentemente. Mas precisamos de ter uma explicação. Sinto o coração oprimido.

Deram-me um pequeno quarto no 4º andar do hotel. Sabe-se aqui que faço parte do *séquito do general*. Conseguiram fazer-se notar, é evidente. Todos julgam aqui que o general é um riquíssimo fidalgo russo. Antes do jantar, entre outros encargos, deu-me duas notas de mil francos para trocar. Troquei-as no escritório do hotel. Agora vão olhar-nos, pelo menos durante oito dias, como a milionários. Fui procurar Micha e Nádia para as levar a passear, mas como estava na escada o general mandou-me chamar; achou bem preocupar-se com o sítio para onde eu ia levar as crianças. Decididamente, este homem não pode fitar-me cara a cara; gostaria, mas de cada vez respondo-lhe com um olhar de tal modo insistente, quero dizer, insolente, que ele parece perder o sangue-frio.

Num discurso enfático, recheado de considerandos, no qual acabou por se enredar completamente, deu-me a entender que eu devia passear as crianças no parque, a razoável distância do casino. Em conclusão, encrespou-se e disse-me num tom brusco:

— Senão talvez as levasse à roleta. Desculpe-me — acrescentou —, mas sei que está ainda muito desorientado e que poderia deixar-se atrair pelo jogo. De qualquer modo, ainda que eu não seja seu mentor e não tenha a mínima intenção de assumir esse papel, tenho pelo menos o direito de desejar que não me comprometa mais, se ouso exprimir-me assim...

— Mas sabe muito bem que não tenho dinheiro — respondi calmamente —; é preciso tê-lo para perder ao jogo.

— Vou dar-lho imediatamente — respondeu o general, que corou levemente; pesquisou na escrivaninha, consultou uma agenda: acontecia que me devia cerca de cento e vinte rublos.

— Como vamos regularizar isto? — continuou. — Façamos a conversão em *thalers*. Aqui tem, leve cem *thalers*, assim arredondam-se as contas; o resto fica para mais tarde.

Peguei no dinheiro sem dizer nada.

— Não se ofenda com as minhas palavras — peço-lhe —, é tão suscetível... Se lhe fiz esta observação é, por assim dizer, para que esteja precavido; assiste-me nisto certo direito...

Como voltasse com as crianças, um pouco antes do jantar, cruzei-me com um grupo em caleches. Os nossos iam visitar já não sei que ruínas. Duas magníficas equipagens, esplêndidos cavalos! *Mademoiselle Blanche* seguia numa das caleches com Maria Filipovna e Paulina; o francesito, o inglês e o nosso general escoltavam-nas a cavalo. Os viandantes paravam para os olhar; eles fizeram certo efeito; mas isto vai acabar mal para o general. Calculei que com os quatro mil francos que eu trouxe mais os que visivelmente conseguiram de empréstimo, têm agora uns sete ou oito mil francos; é muito pouco para Mademoiselle Blanche.

Mademoiselle Blanche alojou-se, com a mãe, no mesmo hotel que nós; o nosso francesito também nele está. Os criados chamam-lhe *Monsieur le Comte*; a mãe de Mademoiselle Blanche faz-se tratar por *Madame la Comtesse*. No fim de contas, talvez sejam realmente *comte* e *comtesse*.

Estava certo de que *Monsieur le Comte* não me reconheceria quando nos encontrássemos para jantar. É claro que o general nem sonhava em relacionar-nos, ou pelo menos em apresentar-me a ele; *Monsieur le Comte* viveu na Rússia, sabe que um *utchitel* é uma pessoa insignificante, como eles dizem. De resto, conhece-me muito bem. Mas a verdade é que não me esperavam para jantar; o general esquecera-se, com certeza, de dar as suas

ordens, senão mandava-me seguramente para a mesa redonda. Vim por minha própria iniciativa e atraí um olhar descontente do general. A boa Maria Filipovna apontou-me imediatamente um lugar; mas o meu encontro com Mr. Astley tirou-me de embaraços e, pela força das coisas, vi-me a fazer parte do seu grupo.

Foi na Prússia que pela primeira vez encontrei este original; estávamos sentados em frente um do outro num compartimento, eu ia ter com os nossos amigos; depois voltei a encontrá-lo na fronteira francesa e por fim na Suíça; quero dizer, duas vezes em quinze dias, e agora deparo outra vez com ele, em Roletemburgo! Em toda a minha vida nunca vi homem tão tímido; é-o até à asneira, e sabe-o muito bem, porque é tudo menos idiota. Tem, de resto, um caráter plácido e encantador. Fi-lo falar quando do nosso primeiro encontro na Prússia. Disse-me que nesse verão visitara o cabo Norte e que desejava imenso ver a feira de Nijni-Novgorod. Ignoro como entrou ele em contacto com o general; parece-me que está fortemente apaixonado por Paulina. Quando ela entrou, fez-se vermelho como um pimentão. Ficou muito contente de estar ao meu lado na mesa e penso que me considera já como um amigo íntimo.

Durante o jantar, o francesito exagerou a presunção; trata toda a gente com desdém e sem cerimónias. Lembro-me de que em Moscovo gostava de deitar poeira nos olhos. Discorreu interminavelmente sobre as finanças e a política russa. O general permitiu-se contradizê-lo uma ou duas vezes, mas discretamente, o bastante para não perder definitivamente o prestígio.

Eu achei-me num estranho estado de espírito. É escusado dizer que ainda o jantar não tinha chegado a meio e já fazia a mim mesmo a costumada, a eterna pergunta: «Por que me arrasto atrás deste general? Há muito que devia tê-lo deixado!» Uma vez por outra, olhava de relance para Paulina Alexandrovna; não me prestava a mínima atenção. Por fim, a mostarda subiu-me ao nariz e resolvi cometer uma impertinência.

Para começar, meti-me bruscamente na conversa, sem ser solicitado, falando em voz alta. Procurava sobretudo pegar-me com o francesito. Falei com voz ríspida (parece-me que cheguei até a interrompê-lo), fiz-lhe notar que este verão os russos se achavam quase impossibilitados de comer à mesa redonda. O general fitou-me espantado.

— Se cultivais o respeito pela vossa própria pessoa — continuei eu —, ficareis exposto infalivelmente a afrontas e à mercê de impertinências. Em Paris, no Reno e mesmo na Suíça, as mesas redondas são tão bem tomadas

de assalto pelos polacos e pelos seus iguais, os francesotes, que, se sois russo, não podeis dizer uma palavra que seja.

Disse isto em francês. O general olhou-me, perplexo, sem saber se devia zangar-se ou simplesmente admirar-se de eu me mostrar a tal ponto inconveniente.

— Não há dúvida de que alguém lhe deu uma lição! — disse-me o francesito num tom desdenhoso e desatento.

— Em Paris, travei-me primeiro de razões com um polaco — volvi eu —, e em seguida com um oficial francês que tomava o partido do polaco. Depois, uma parte dos franceses pôs-se do meu lado, quando lhes contei que quase tinha cuspido no café de um *monsignor*.

— Cuspir? — perguntou o general com sobranceira admiração; e percorreu mesmo toda a sala com o olhar. O francesito encarou-me, desconfiado.

— Exatamente — respondi. — Durante quarenta e oito horas cheguei a acreditar que teria de dar um salto a Roma para tratar do nosso assunto, e assim dirigi-me à nunciatura de Paris para que me visassem o passaporte. Fui recebido, lá, por um padreco que andava pelos cinquenta, magro e de aspeto glacial; depois de me ouvir, pediu-me que esperasse, com modos polidos mas extremamente secos. Estava com pressa, mas como é natural sentei-me, tirei do bolso a *Opinion Nationale* e pus-me a ler uma violenta diatribe contra a Rússia. Entretanto, ouvi alguém passar pela sala ao lado até à presença de *monsignor*; vi o nosso abade a fazer-lhe reverências. Renovei o meu pedido; solicitou-me, ainda mais secamente, que tivesse a gentileza de esperar. Passados momentos, entra um visitante e dá-se o caso de ser austríaco; depois de o ouvirem, fizeram-no subir logo. Então comecei a enervar-me; levantei-me, dirigi-me ao padre e disse-lhe, num tom que não admitia réplica, que se *monsignor* recebia, também podia dar despacho ao meu assunto. O padre voltou-se, então, com ar de extrema surpresa. Não conseguia perceber, assim à primeira, como é que um insignificante russo ousava comparar-se às visitas de *monsignor*. Com o ar mais insolente, e como se se deleitasse em poder ofender-me, mediu-me da cabeça aos pés e exclamou: «Não pensa, com certeza, que *monsignor* vai renunciar ao café por sua causa?» Então, por minha vez, exclamei, e mais alto que ele: «Fique sabendo que cuspo no café do seu *monsignor*! Dou-o ao desprezo! Se não trata imediatamente do meu passaporte, vou procurá-lo em pessoa!»

— O quê!? No momento em que ele recebe um cardeal! — ganiu apavorado o padre, afastando-se de mim; correu para a porta e abriu os braços em cruz para me fazer compreender que preferia perecer a deixar-me passar. Repliquei-lhe, então, que era um herético e um bárbaro e que não me preocupavam nada todos esses arcebispos, cardeais, monsenhores, etc., etc. Numa palavra, mostrei que não cedia. O padre lançou-me um olhar de insondável ódio, arrancou-me o passaporte e levou-o lá acima. Um minuto depois, conseguia o meu visto. Está aqui, querem vê-lo?

Puxei do passaporte e mostrei o visto pontifical.

— No entanto... — começou o general.

— O que o salvou foi ter-se declarado herético e bárbaro — atalhou o francesito com um risinho. — *Cela n'est pas si bête.*

— Mas eu não posso fazer como os nossos russos que ficam para ali, sem coragem para piar e prontos, se for necessário, a renegar a sua pátria. Pelo menos, em Paris, as pessoas do meu hotel testemunharam mais consideração por mim quando lhes contei a minha altercação com o padre. E a que se mostrava mais desagradável comigo à mesa redonda, um gordo fidalgo polaco, permaneceu em segundo plano. Os franceses nem sequer protestaram quando lhes contei que há dois anos conhecera um homem que um soldado francês atingiu, em 1812, só para descarregar a arma. Esse homem era, na época, uma criança de dez anos. A sua família não tivera tempo de deixar Moscovo.

— Impossível! — explodiu o francesito —; um soldado francês não atiraria numa criança.

— No entanto aconteceu — respondi —, foi um honrado capitão reformado quem mo contou, e eu mesmo vi a cicatriz que ele tinha no rosto.

O francês pôs-se a falar com volubilidade. O general quis dar-lhe apoio, mas aconselhei-o a ler, como exemplo, as *Memórias* do general Perovski, feito prisioneiro pelos franceses em 1812. Por fim, Maria Filipovna abordou outro assunto para desviar o rumo da conversa. O general estava muito descontente comigo porque o francês e eu começávamos quase a gritar um com o outro. Pelo contrário, a nossa disputa parecia agradar muito ao senhor Astley; ao levantar-se da mesa convidou-me a tomar com ele uma aguardente.

À noite, consegui falar, durante um quarto de hora, com Paulina Alexandrovna, como desejava. A nossa conversa foi durante o passeio.

Dirigiam-se todos para o casino através do parque. Paulina sentou-se num banco, frente a um repuxo, e deixou Nádia ir brincar um pouco mais longe com outras crianças. Também mandei Micha para ao pé do lago e ficámos, por fim, sós.

De início, é claro que falámos de negócios. E Paulina mostrou-se um pouco contrariada quando não lhe entreguei mais que setecentos florins. Estava convencida de que em Paris eu conseguiria, sobre os seus diamantes, um empréstimo de pelo menos dois mil florins.

— Preciso de dinheiro custe o que custar — disse-me —, é necessário procurá-lo, senão estou perdida.

Perguntei-lhe o que se passara na minha ausência.

— Nada, a não ser duas notícias que recebemos de Sampetersburgo: primeiro, que a avó estava muito mal e, dois dias depois, que talvez tenha falecido. Esta soubemo-la de Timóteo Petrovitch — acrescentou Paulina —, que é um homem escrupuloso. Estamos à espera da confirmação.

— Então toda a gente está aqui à espera, não? — perguntei.

— Sim, tudo e todos. Há seis meses que não esperamos outra coisa.

— E você, também espera? — interroguei.

— Oh, eu não sou parente dela, não passo de enteada do general. Mas estou certa de que não vai esquecer-se de mim no testamento.

— Suponho que vai receber uma bonita quantia — disse eu afirmativamente.

— Sim, ela gostava muito de mim. Mas de onde lhe vem essa certeza?

— Diga-me — volvi eu, interrogando-a —, não estará o nosso marquês, como me parece, iniciado em todos os vossos segredos de família?

— Isso interessa-lhe? — perguntou Paulina fria e severamente.

— Penso que sim. Se não me engano, o general já arranjou maneira de lhe pedir dinheiro emprestado.

— São exatas as suas conjeturas.

— Acha que lhe teria emprestado se ignorasse a história da avó? Não reparou que à mesa, ao falar da avó, lhe chamou três vezes *babulinka*? Que tocante intimidade!

— Sim, tem razão. Quando ele souber que também vou herdar, vai pedir a minha mão. Era isso que queria saber, não é verdade?

— Ainda vai pedir-lhe a mão? E eu que pensava que já há muito ele se considerava pretendente!

— Sabe perfeitamente que não! — replicou Paulina, colérica. — Onde encontrou esse inglês? — tornou ela após um minuto de silêncio.

— Tinha a certeza de que me ia fazer essa pergunta.

Contei-lhe os meus anteriores encontros, em viagem, com o senhor Astley.

— É tímido e sentimental e já está, naturalmente, apaixonado por si.

— Sim, está apaixonado por mim — respondeu Paulina.

— É dez vezes mais rico do que o francês. Terá realmente fortuna, o francês? É coisa certa?

— Absolutamente certa. Tem um *château*. Ainda ontem o general mo confirmou. Então, acha suficiente?

— No seu lugar, casaria com o inglês.

— Porquê? — quis saber Paulina.

— O francês é mais bonito, mas é um patife, ao passo que o inglês é honesto e, ainda por cima, dez vezes mais rico — disse eu cortantemente.

— É verdade, mas o francês é marquês e é mais inteligente — respondeu ela com toda a calma.

— Será assim? — continuei no mesmo tom.

— É mesmo assim.

As minhas perguntas desagradaram terrivelmente a Paulina, e percebi que queria fazer-me perder a cabeça com respostas estranhas. Disse-lho imediatamente.

— Tem razão, diverte-me irritá-lo. E teve uma compensação pelo simples facto de se permitir todas essas perguntas e suposições.

— Reconheço precisamente a mim próprio o direito de lhe fazer as perguntas que quero — respondi tranquilamente —, porque estou pronto a pagá-las pelo preço que fixar e porque a vida não me importa para nada.

Paulina desatou a rir:

— Disse-me, outro dia, no Schlangenberg, que estava pronto, a uma palavra minha, a atirar-se de cabeça no abismo, e a altura era de uns mil pés. Direi essa palavra um dia, só para ver se cumpre, e esteja certo de que me mostrarei firme. Detesto-o exatamente porque lhe dei demasiada confiança, e detesto-o ainda mais por precisar ainda tanto de si. Mas por enquanto faz-me falta. Assim, tenho de o poupar.

Levantou-se. Parecia exasperada. Nos últimos tempos, acabava sempre exasperada com as nossas conversas e em nada fingia o rancor que tinha.

— Dá-me licença que lhe pergunte quem é Mademoiselle Blanche? — perguntei, desejoso de não a deixar partir sem uma explicação.

— Sabe-o muito bem. Não aconteceu nada de novo. Mademoiselle Blanche tornar-se-á com certeza generala se, como é natural, a morte da avó for confirmada, pois Mademoiselle Blanche, a mãe, e seu primo, o marquês, não ignoram que estamos arruinados.

— E o general está loucamente enamorado?

— Não é disso que se trata agora. Ouça-me e preste atenção: pegue nestes setecentos florins e vá jogar. Ganhe à roleta o mais que puder. Preciso imediatamente de dinheiro, custe o que custar.

Ditas estas palavras, chamou Nádia e foi para o casino juntar-se aos nossos. Quanto a mim, meti-me pelo primeiro atalho à esquerda. Pensativo, não conseguia refazer-me da surpresa. A ordem de ir jogar à roleta produzira-me o efeito de uma paulada. E o que é estranho é que, tendo eu, então, tantos motivos de meditação, me deixasse absorver completamente na análise dos meus sentimentos para com Paulina. A verdade é que nesses quinze dias de ausência me sentira menos oprimido do que agora, dia do meu regresso. E contudo, durante a viagem, sofrera como um insensato: corria de um lado para o outro como se tivesse o diabo aos pés, e, mesmo em sonhos, não podia deixar de a ver constantemente à minha frente. Uma ocasião (foi na Suíça), tendo adormecido na carruagem, dirigi a palavra em voz alta a Paulina para grande troça dos que viajavam comigo. E hoje, mais uma vez, pergunto a mim mesmo: «Será que a amo?» E uma vez mais não pude achar resposta, ou melhor, pela centésima vez respondi que a odiava, sim, que a odiava. Houve momentos, sobretudo ao acabarmos cada uma das nossas conversas, em que eu daria metade da vida para a estrangular! Juro que se me fosse possível mergulhar lentamente um punhal afiado no peito dela o faria com prazer! Mas se no pico mais visitado do Schlangenberg — juro-o pelo que haja de mais sagrado! — se me tivesse realmente dito para me lançar no abismo, eu lançar-me-ia, e até com volúpia. Já o sabia. Era preciso que as coisas se resolvessem de uma maneira ou de outra. Ela compreende admiravelmente tudo isto e, ao pensar que estou plenamente consciente da sua intangibilidade, plenamente consciente da inutilidade dos meus desejos, experimenta, sei-o muito bem, um extraordinário prazer. Se assim não fosse, como podia, inteligente e reservada como é, tratar-me com tanta familiaridade e franqueza? Estou convencido de que

até agora me encarou tal como essa antiga imperatriz que se despiu diante do escravo por não o considerar um homem...

Apesar de tudo, confiou-me uma missão: ganhar à roleta custe o que custar. Eu não tinha tempo de saber porquê, nem em que prazo era preciso ganhar, nem que cálculos novos haviam germinado naquela mente sempre em atividade. Além disso, durante esses quinze dias, inúmeros factos novos sucederam, certamente, e que eu ainda ignorava. Precisava de pôr tudo a claro, de esclarecer tudo e o mais depressa possível. Mas, de momento, tinha outra coisa a fazer: era necessário ir à roleta.

Capítulo 2

Para falar verdade, isso não me agradava. Decidira jogar, mas não esperava começar a fazê-lo por conta de outrem. Sentia-me até um pouco desconcertado e foi de mau humor que penetrei nas salas de jogo. Tudo aí me desagradou ao primeiro relance. É-me impossível suportar o servilismo das crónicas mundanas do mundo inteiro e, principalmente, dos nossos jornais russos, nos quais os nossos cronistas tratam de dois assuntos: primeiro, da magnificência e do luxo das salas de jogo das estâncias termais do Reno, e, depois, como querem fazer crer, das pilhas de ouro que se amontoam nas mesas. E o certo é que não lhes pagam para dizer isto: revelam simplesmente uma desinteressada complacência. Estas tristes salas não têm qualquer esplendor e não só o ouro não se amontoa nas mesas, como é, até, difícil vê-lo. É claro que, de quando em quando, ao longo da época, surge um novato, um inglês ou um asiático — um turco, como aconteceu neste verão — que em pouco tempo ganha ou perde somas fabulosas. Mas os outros não arriscam senão magras quantias e, de um modo geral, pouco dinheiro aparece no pano verde.

Quando entrei numa sala de jogo (pela primeira vez na minha vida), fiquei algum tempo sem me decidir a jogar. Além do mais, muita gente paralisava-me. Mas, ainda que estivesse sozinho, creio que me teria ido embora em vez de começar a jogar. O coração batia-me, confesso, e perdera o sangue-frio. Estava certo e havia decidido que não partiria de Roletemburgo tal como lá chegara. Um acontecimento fatal e decisivo interviria infalivelmente no meu destino. É preciso que assim aconteça — e assim acontecerá. Por ridícula que seja a esperança que pus na roleta, acho ainda mais ridícula a opinião geralmente aceite de que é absurdo esperar seja o que for do jogo. Por que havia de ser o jogo pior do que qualquer outro meio de arranjar dinheiro, do que o comércio, por exemplo? É certo que um jogador em cada cem é que consegue ganhar. Mas será que isso me preocupa?

Fosse como fosse, resolvera ficar primeiro a observar e não tentar nada de grande nessa noite. Se algo acontecesse, não podia ser senão devido a um acaso e de passagem, como eu esperava. Precisava também de estudar o próprio jogo, pois, apesar das inúmeras descrições da roleta que eu sempre lera com grande avidez, o seu funcionamento estava-me vedado antes de a ter visto em movimento com os meus próprios olhos.

No primeiro contacto, tudo me pareceu sujo, moralmente sujo e abjeto. Não pretendo referir-me aos rostos ávidos e inquietos que, às dezenas, às centenas mesmo, assaltam as mesas de jogo. Não vejo, decididamente, nada de indecente no desejo de ganhar depressa e o mais que for possível. Sempre achei inepta a ideia desse bem alimentado e refastelado moralista que, ao alegarem-lhe serem pouco vultuosas as quantias que se jogavam, respondeu: «É ainda pior, porque se trata de cupidez mesquinha.» Como se a cupidez mesquinha ou a cupidez perdulária não fossem uma e a mesma coisa! É uma questão de proporções. O que é mesquinho aos olhos de Rothschild é a própria opulência aos meus olhos, e quanto a ganhos e perdas, as pessoas, na roleta e em todas as outras coisas, só têm um objetivo: ganhar ou roubar seja o que for a outrem. Serão o lucro e o proveito sórdidos em si mesmos? Isso é outra questão. Não é aqui que a vou resolver. Como eu próprio estava, no mais alto grau, possuído pelo desejo de ganhar, toda essa cupidez, toda essa infâmia da cupidez, se assim o quereis, era-me, desde a minha entrada na sala, mais próxima, mais familiar, por assim dizer. Não há nada mais agradável do que não ter perturbações diante dos outros e agir abertamente e sem comedimentos. E para quê enganarmo-nos? É a mais vã e a mais considerada das ocupações. O que me desagradava, à primeira vista, em toda aquela gentalha, era a gravidade, a austeridade, o respeito, até, com que as pessoas cercavam as mesas de jogo. Eis o motivo da distinção que se faz aqui entre o jogo de *mauvais genre* e o que se permite um verdadeiro senhor. Há duas espécies de jogo: a das pessoas de condição e a da plebe, jogo ganancioso e bom para a gente ordinária. A fronteira aqui é muito nítida e, no fundo, como é vil! Um senhor pode, por exemplo, arriscar cinco ou dez luíses de ouro, raramente mais. Pode ir até mil francos se for muito rico, mas só pelo jogo, para se divertir, só para seguir o curso do ganho ou da perda. É-lhe absolutamente indiferente o próprio facto de ganhar. Se ganhou, pode, por exemplo, rir em voz alta, trocar impressões com quem esteja a seu lado ou jogar ainda outra vez e dobrar a

parada, mas só por curiosidade, para explorar as possibilidades, para fazer cálculos e não por um vulgar desejo de ganhar. Numa palavra, ele não considera as mesas de jogo, quer se trate da roleta ou do *trente et quarante*, senão como um divertimento organizado para seu único prazer. Não deve sequer tentar adivinhar em que arranjos e planos funciona a banca da mesa de jogo. Seria mesmo muito lisonjeiro da sua parte se imaginasse que os outros jogadores, essas pessoas insignificantes que tremem por um florim, são ricos senhores como ele e que jogam unicamente para matar o tempo. Uma tão completa ignorância da realidade e tanta ingenuidade no modo de avaliar os homens seriam, evidentemente, das mais aristocráticas.

Vi mães empurrarem para a frente as filhas frágeis, inocentes crianças de quinze ou dezasseis anos, darem-lhes algumas moedas de ouro e industriarem-nas no desenrolar do jogo. A menina ganhava ou perdia, retirava-se encantada, sempre a sorrir. O nosso general aproximou-se da mesa com sólidas certezas. Um criado precipitou-se para lhe chegar uma cadeira, mas ele não prestou atenção. Puxou lentamente da bolsa, lentamente tirou dela trezentos francos em moedas de ouro que pôs no preto e ganhou. Não recolheu o que ganhara, deixou-o na mesa. O preto saiu de novo. Ainda dessa vez não arrecadou o ganho e, quando da terceira saiu o vermelho, perdeu num só lance mil e duzentos francos. Retirou-se sorrindo, muito senhor de si. Estou certo de que sentia o coração apertado e de que se a parada tivesse sido dupla ou tripla não conseguiria aguentar-se e deixaria ver a sua perturbação. De resto, ao meu lado, um francês ganhou e depois perdeu cerca de trinta mil francos, impassível, sem o mais pequeno sinal de emoção. Um verdadeiro senhor não deve emocionar-se, mesmo se perde toda a fortuna. O dinheiro deve estar tão abaixo do senhor que este se esqueça até de se preocupar com ele. Evidentemente, é muito aristocrático fingir que se ignora o lodo e o ambiente em que toda esta canalha evoluciona. No entanto, a atitude contrária é às vezes da mesma natureza: notar, quero dizer, olhar e até observar, nem que seja através de binóculos, essa podridão, mas considerando as gentes e o lodo como uma espécie de divertimento, uma representação organizada para distração dos senhores. Pode uma pessoa misturar-se a esta multidão, mas para olhar em volta com a absoluta convicção de que procede neste meio como espectador e de que não entra para nada na sua composição. De resto, também não é conveniente observar com demasiada curiosidade: seria

igualmente uma atitude indigna de um senhor, porque tal espetáculo não merece, apesar de tudo, grande atenção. E, em geral, há poucos espetáculos dignos, da parte de um senhor, de grande atenção. Ora eu tinha a impressão de que, pelo contrário, tudo isto merecia muita atenção, sobretudo para quem não viesse só observar mas juntar-se, sinceramente e de boa-fé, a toda esta canalha. Quanto às minhas mais secretas convicções morais, é evidente que não têm cabimento nas considerações presentes. Seja: digo-o para aliviar a consciência. Mas farei notar que, nestes últimos tempos, tenho experimentado verdadeira repugnância em conciliar os meus pensamentos e os meus atos com qualquer critério moral. Sinto-me arrastado noutra direção...

A gentalha joga realmente de maneira muito sórdida. Não me custa mesmo pensar que os latrocínios mais baixos se cometem aqui, frequentemente, à volta da mesa do jogo. Os «croupiers», que estão sentados nos extremos da mesa, vigiam as jogadas e fazem as contas. Têm um trabalho esgotante. Grandes tratantes, também eles! Quase todos são franceses. De resto, se faço estas observações, não é de modo algum para dar uma descrição da roleta. Estou é a adaptar-me para aprender a conduzir-me de futuro. Notei, por exemplo, que não há nada tão vulgar como ver uma mão estender-se bruscamente por cima da mesa e apropriar-se do que acabais de ganhar. Segue-se uma altercação, não raro gritos e... desafio-vos a provar, invocando testemunhas, que a entrada era vossa!

Ao princípio, toda esta comédia era indecifrável para mim. Percebi mais ou menos que se apostava nos números, no par e no ímpar e nas cores. Decidi arriscar, nessa noite, cem florins do dinheiro de Paulina Alexandrovna. A ideia de que abordava o jogo não por mim mas por outrem desorientava-me. Era uma sensação extremamente penosa de que queria desembaraçar-me o mais depressa possível. Tinha continuamente a impressão de que começando por Paulina estava a minar a minha própria sorte. Será realmente impossível aproximarmo-nos da mesa de jogo sem sofrermos imediatamente o contágio da superstição?

Para começar, peguei em cinco fredericos, quero dizer, em cinquenta florins, e pu-los no par. O disco girou e foi o treze que saiu... e perdi. Preso de dolorosa sensação, com o único intuito de acabar com aquilo e de me ir embora, pus ainda cinco fredericos no vermelho. O vermelho saiu. Ponho os dez fredericos... o vermelho voltou a sair. Deixei todo o dinheiro... E foi de novo o vermelho. Recebi quarenta fredericos. Desses pus vinte nos doze

números do centro, sem saber o que ia resultar. Pagaram-me o triplo. Os meus dez fredericos transformaram-se subitamente em oitenta. Mas sofri então uma sensação estranha, tão intolerável que resolvi abandonar a sala. Parecia-me que não teria jogado assim se estivesse a jogar para mim. Mas pus ainda os meus oitenta fredericos no par. Dessa vez foi o quatro que saiu: contaram-me mais oitenta fredericos, embolsei os cento e sessenta fredericos e parti à procura de Paulina Alexandrovna.

Passeavam todos no parque e só a vi à ceia. Nessa altura, o francês não estava e o general pôde, assim, ganhar todo o à-vontade, que aproveitou para me fazer notar mais uma vez que não desejava ver-me à mesa do jogo. Era de opinião que se eu perdesse muito ele ficaria gravemente comprometido.

— E se ganhasse muito, também eu ficaria comprometido — acrescentou com ar importante. — Claro que não tenho o direito de dispor dos seus atos, mas seja o primeiro a reconhecer... — Deixou a frase em suspenso, como era seu hábito.

Respondi-lhe secamente que tinha muito pouco dinheiro e que portanto não podia perder de maneira muito ostensiva, mesmo se começasse a jogar. Subindo para o meu quarto, achei meio de entregar a Paulina o dinheiro ganho e declarei-lhe que não voltaria a jogar para ela outra vez.

— Então porquê? — perguntou-me, inquieta.

— Porque quero jogar para mim — respondi fitando-a surpreendido —, e isso perturba-me.

— Persiste assim em acreditar que a roleta é a sua única saída, a sua única possibilidade de salvação? — perguntou-me com ar trocista.

Respondi-lhe muito seriamente que era verdade. Quanto à minha certeza de ganhar infalivelmente, admiti que parecia ridícula, «mas que me deixem em paz!»

Paulina Alexandrovna insistiu em dividir comigo o que ganhara nesse dia e ofereceu-me oitenta fredericos, propondo-me que eu continuasse a jogar nessa condição. Recusei categoricamente e assegurei-lhe que se não podia jogar pelos outros não era porque não quisesse, mas porque estava certo de que ia perder.

— Contudo, também eu, por estúpido que seja, quase só tenho esperança na roleta — disse-me ela, pensativa. — É por isso que é

absolutamente necessário que continue a jogar, a meias comigo, e vai fazê-lo, evidentemente.

Ditas estas palavras, deixou-me, sem ouvir os meus protestos.

Capítulo 3

Entretanto, ontem, nem uma só vez ela me falou do jogo. E quase sempre evita falar comigo. Não alterou o modo como me trata. A mesma imperturbabilidade absoluta quando nos encontramos, com um não-sei-quê de desdenhoso e rancoroso. Em suma, nem sequer procura disfarçar a aversão por mim — compreendo-o muito bem. Apesar disto, também não esconde que precisa de mim e que me tem de reserva para um fim que ignoro. Estabeleceram-se entre nós estranhas relações que em grande parte me são incompreensíveis se se considerar o orgulho e o desdém que ela demonstra a toda a gente. Sabe, por exemplo, que a amo loucamente; chega a consentir-me que lhe dê conta da minha paixão; autoriza-me a falar-lhe do meu amor livremente e sem obstáculos, não poderia manifestar-me melhor o seu desprezo. «Faço tão pouco caso dos teus sentimentos,» parece dizer, «que tudo o que tu possas afirmar-me, tudo o que possas experimentar por mim me é perfeitamente indiferente.» Antigamente, falava-me já frequentemente dos seus assuntos, mas nunca era inteiramente sincera. Ainda mais, no seu desdém por mim fazia entrar requintes deste género: sabia, por exemplo, que eu estava ao corrente de um dado facto da sua vida ou de uma situação que lhe inspirava sérios receios; contava-me ela própria parte desses sucessos, se tinha precisão de me utilizar para alcançar os seus fins, como escravo ou moço de recados, mas só me revelava o que seria estritamente necessário que um empregado soubesse e, se o encadeamento dos factos me era ainda desconhecido, se ela percebia que eu me atormentava e inquietava com as suas angústias e inquietações, nunca se dignava tranquilizar-me completamente com amigável franqueza; porém, se me encarregava frequentemente de missões delicadas e até perigosas, devia, julgo eu, ser franca comigo. Mas ia lá preocupar-se com os meus sentimentos, com a maneira como eu vivia os seus medos, com angústias, três vezes piores do que as suas, talvez, que me provocavam os seus cuidados e reveses!

Há já três semanas que eu sabia da sua intenção de jogar na roleta. Chegara a prevenir-me de que era bom que eu jogasse em vez dela por não ser conveniente fazê-lo ela mesma. Pelo tom com que falou, percebi que era presa de uma séria preocupação e não do simples desejo de jogar. Não lhe interessa o dinheiro pelo dinheiro. Há nisto um objetivo, em circunstâncias que ignoro ainda, mas que adivinho. É claro, a humilhação e a escravidão em que ela me mantém dar-me-iam (e dão-me muitas vezes) a possibilidade de a interrogar sem rodeios e sem cerimónias. Se não passo de um escravo, se, aos olhos dela, não chego a ter existência, não pode ofender-se com a minha falta de cortesia nem com a minha curiosidade. Mas o facto é que se me consente perguntas não lhes responde. Chega mesmo a não lhes prestar a mínima atenção! E são estas as nossas relações!

Ontem, falou-se muito de um telegrama expedido para Sampetersburgo há quatro dias e que não teve resposta. O general está visivelmente agitado e preocupado. É com certeza por causa da avó. Também o francês anda agitado. Ontem, por exemplo, depois do jantar, falaram largo tempo muito a sério. O francês permite-se tratar-nos altiva e desdenhosamente. Como diz o provérbio: «Viu-se o demónio de chinelas e quis pisar os outros.» Até com Paulina o seu à-vontade chega à grosseria. No entanto, acompanha de bom grado os passeios da família pelo parque do casino e as excursões a cavalo aos arredores. De há muito que estou a par de algumas das circunstâncias que puseram o francês em contacto com o general: na Rússia, tiveram a intenção de montar juntos uma fábrica. Ignoro se tal projeto foi abandonado ou se ainda falam nele. Além disso, surpreendi por acaso uma parte de um segredo de família: o francês tirou realmente o general de apertos o ano passado, emprestando-lhe trinta mil rublos para complementar a quantia que o general devia ainda ao Estado quando se demitiu das suas funções. E o general está-lhe nas mãos. Mas agora é Mademoiselle Blanche que desempenha o principal papel nesta comédia toda e estou certo de não me enganar ao afirmá-lo.

Quem é Mademoiselle Blanche? Diz-se por aqui que é uma francesa distinta que viaja com a mãe e possui colossal fortuna. Sabe-se também que é parente afastada do nosso marquês, qualquer coisa como prima em terceiro grau. Corre que antes da minha viagem a Paris o francês e Mademoiselle Blanche tinham relações mais cerimoniosas e distantes. Agora, a sua amizade e o seu parentesco mostram-se de maneira mais

direta e como que mais íntima. Talvez que a nossa situação se lhes afigure em tão mau estado que eles julguem já desnecessário dissimular e testemunhar-nos respeito. Anteontem, reparei no modo como o senhor Astley fitava Mademoiselle Blanche e a mãe. Pareceu-me que as conhecia. Julguei mesmo perceber que também o nosso francês encontrara antes o senhor Astley. De resto, o senhor Astley é tão tímido, pudibundo e taciturno que nenhuma esperança se pode depositar nele: a roupa suja continuará a ser lavada em família. Em todo o caso, o francês mal o cumprimenta e quase não lhe presta atenção. Quer dizer que não o teme. Isso ainda se compreende, mas por que será que Mademoiselle Blanche também parece ignorá-lo? Tanto mais que o marquês ontem deixou-se trair: declarou subitamente, no decurso da conversa e já não sei a que propósito, que o senhor Astley era fabulosamente rico e que ele, marquês, o sabia. Era o momento indicado para que Mademoiselle Blanche olhasse para o senhor Astley! Abreviando, o general anda inquieto. Percebe-se a importância que pode ter para ele um telegrama que lhe anuncie a morte da tia!

Ainda que eu estivesse convencido de que Paulina evitava intencionalmente uma conversa comigo, tomei um ar frio e indiferente: pensava que se decidiria bruscamente a vir procurar-me. Em contrapartida, ontem e hoje dediquei toda a minha atenção a Mademoiselle Blanche. Pobre general! Decididamente está perdido... Apaixonar-se com tal violência aos cinquenta anos é, não resta dúvida, uma desgraça. Juntai a isto a viuvez, os filhos, a ruína, as dívidas, e, para acabar, a mulher de quem se enamorou. Mademoiselle Blanche é bela. Mas não sei se me faço compreender se disser que ela tem uma cara dessas que metem medo. Pelo menos, sempre tive medo deste género de mulheres. Anda pelos vinte e cinco anos. É alta, tem belos ombros, peito opulento, pele bronzeada, cabelos negros como ébano e abundantes (davam para dois penteados). Olhos negros de córnea amarelada, o olhar sobranceiro, alvíssimos dentes, os lábios sempre pintados — e rescende a almíscar. Veste-se com brilho, luxuosamente, com requinte, mas com muito gosto. Os pés e as mãos são admiráveis. A voz, de contralto, velada. Ri por vezes às gargalhadas e mostra os dentes, todos, mas habitualmente mantém-se calada e com ar insolente, pelo menos na presença de Paulina e de Maria Filipovna. (Corre um estranho boato: Maria Filipovna volta para a Rússia.) Parece-me que Mademoiselle Blanche não tem qualquer instrução, talvez seja mesmo de

inteligência limitada, mas, em compensação, desconfiada e astuta. Creio que a vida não lhe correu sem aventuras. Para falar claro, é muito possível que nem de longe o marquês seja seu primo, nem a mãe a sua verdadeira mãe. Mas parece que em Berlim, onde as encontrámos, ela e a mãe tinham boas relações sociais. Quanto ao marquês, embora até hoje eu duvide que seja marquês, parece não haver dúvida de que pertence à melhor sociedade, tanto em Moscovo como na Alemanha. Ignoro o que é ele em França. Afirma-se que é proprietário de um castelo. Eu julgava que nestes quinze dias muita água havia de correr e, no entanto, continuo a não saber de certeza se Mademoiselle Blanche e o general trocaram palavras decisivas. Em suma, tudo depende agora da nossa situação, quero dizer, da quantidade de dinheiro que o general puder fazer brilhar diante deles. Se, por exemplo, se tivesse a notícia de que a avó continuava viva, estou seguro de que Mademoiselle Blanche desapareceria imediatamente. Eu próprio acho espantoso e ridículo ter-me tornado tão tagarela. Oh, como tudo isto me enoja! Com que alegria deixaria tudo e todos! Mas poderei afastar-me de Paulina, poderei deixar de tudo espiar à sua volta? A espionagem é realmente uma coisa abjeta, mas não me importa!

Ontem e hoje, também o senhor Astley me pareceu estranho. Sim, acho que está apaixonado por Paulina! Que curioso e que cómico tudo o que pode exprimir, às vezes, o olhar de um homem amoroso, tímido e de uma pudicícia doentia, no momento preciso em que tal homem preferiria desaparecer pelo chão abaixo, a trair-se por um olhar ou uma palavra! Cruzamo-nos frequentemente com o senhor Astley no passeio público. Saúda e segue o seu caminho, morto, com toda a certeza, por se juntar a nós. E se o convidamos a fazê-lo, declina imediatamente o convite. Nos lugares onde nos sentamos, no casino, na sala de concertos, frente ao repuxo, ele para sempre nas proximidades do nosso banco. Onde quer que estejamos, no parque, no bosque, no Schlangenberg, basta olhar em volta para ver aparecer inevitavelmente, no atalho vizinho ou por detrás de uma moita, a silhueta do senhor Astley! Tenho a impressão de que procura uma ocasião para me falar em particular. Esta manhã, encontrámo-nos e trocámos algumas palavras. Fala, por vezes, com frases entrecortadas. Antes mesmo de me dar o bom dia, exclamou:

— Ah, Mademoiselle Blanche!... Vi muitas mulheres como Mademoiselle Blanche!

Calou-se e fitou-me significativamente. Que queria dizer com aquilo, ignoro, porque à minha pergunta: «Que pretende dizer?», meneou a cabeça sorrindo maliciosamente e acrescentou:

— Isso mesmo. Será que Mademoiselle Paulina gosta de flores?

— Não sei — respondi.

— Como!? Nem isso sabe? — exclamou, no cúmulo da estupefação.

— Não, não sei de todo em todo, nunca reparei nisso — repeti, rindo.

— Hum! Deu-me uma ideia...

E com estas palavras, baixou-me a cabeça e seguiu o seu caminho. De resto, parecia contente. Falávamos os dois num execrável francês.

Capítulo 4

O dia foi ridículo, escandaloso, absurdo. São onze horas da noite. Sentado no meu pequeno quarto, tento pôr em ordem aquilo de que me lembro. A coisa começou de manhã: tive de ir jogar à roleta para Paulina Alexandrovna. Peguei nos seus cento e sessenta fredericos, mas sob duas condições: a primeira, não aceitar eu jogar a meias e, assim, se ganhasse nada retiraria para mim; a segunda, que, à noite, Paulina me explicaria por que tinha tanta necessidade de ganhar e de que quantia precisava ao certo. Não podia imaginar que fosse só por causa do dinheiro. Tem, visivelmente urgente necessidade dele, ignorava para quê. Prometeu-me que me diria e fui-me embora.

Havia confusão nas salas de jogo. Que insolentes que eles são todos e que ávidos! Furei através de toda aquela gente e pus-me ao lado do «croupier». Comecei depois, timidamente, a arriscar só duas ou três moedas de cada vez. Entretanto, fazia as minhas observações e tirava as minhas notas. Penso que todos esses cálculos não têm grande significado e que estão longe da importância que muitos jogadores lhes atribuem. Sentado por ali, com papéis cobertos de números, registam os lances, contam, medem as possibilidades, fazem um último cálculo, jogam finalmente... e perdem, tal como os pobres mortais que jogam sem calcular. Todavia, tirei uma conclusão que parece justa: de facto, na sucessão das possibilidades fortuitas há, se não um sistema, pelo menos uma espécie de ordem. É evidentemente muito estranho. Acontece, por exemplo, que depois de saírem os doze números do centro saem os doze últimos números. Duas vezes, digamos, a «sorte» incide nesses doze números e volta aos doze do centro. Três, quatro vezes de seguida saem os números do centro, depois é de novo a vez dos doze últimos. Dois lances após, volta-se aos primeiros, que só saem uma vez, e os números do centro saem três vezes de seguida. E assim sucede durante hora e meia, duas horas. Um, três e dois. Um, três e dois. É deveras estranho! Numa tarde ou numa dada manhã, o negro alterna com o vermelho, quase sem ordem e

continuamente. Cada cor só sai duas ou três vezes de seguida. No dia seguinte ou à noite, só o vermelho sai, por exemplo, vinte e duas vezes de seguida e a coisa continua assim muito tempo, às vezes um dia inteiro. Devo uma boa parte destas verificações ao senhor Astley, que passa a manhã inteira junto das mesas de jogo mas sem nunca apostar.

Voltando a falar de mim: perdi tudo até à última moeda e num curtíssimo espaço de tempo. Comecei por pôr vinte fredericos no par e ganhei. Pu-los de novo e voltei a ganhar. Assim sucedeu duas vezes ou três vezes. Julgo que a quantia que tinha em mão subiu a quatrocentos fredericos nuns cinco minutos. Era nessa altura que me devia ter ido embora, mas uma estranha sensação nasceu em mim: uma tentação de provocar o destino, de lhe dar um piparote, de lhe deitar a língua de fora. Arrisquei o maior lance autorizado: quatro mil florins, e perdi. Depois, excitando-me, puxei de tudo o que me restava, joguei-o como no lance precedente e de novo perdi. Então deixei a mesa, atordoado. Não percebia sequer o que me tinha sucedido e só contei a Paulina Alexandrovna da minha pouca sorte mesmo antes do jantar. Até essa altura andei a vaguear pelo parque.

Durante o jantar, senti-me de novo excitado como três dias antes. O francês e Mademoiselle Blanche ainda jantavam connosco. Aconteceu que Mademoiselle Blanche estivera de manhã no casino e assistira às minhas proezas. Desta vez, dirigiu-me a palavra com mais consideração. O francês agiu mais francamente e perguntou-me sem rodeios se eu perdera o meu próprio dinheiro. Parece-me que suspeita de Paulina. Numa palavra, há qualquer coisa por detrás de tudo isto. Improvisei uma mentira e disse que o dinheiro era meu.

O general estava extremamente admirado: onde conseguira eu uma quantia daquelas? Expliquei que começara com dez fredericos, que dobrando a parada seis ou sete vezes seguidas, ganhara cinco ou seis mil florins e que perdera tudo em dois lances.

Claro que isso era verosímil. Ao dar esta explicação, olhei para Paulina, mas nada pude perceber no rosto dela. Deixou-me falar sem me dirigir qualquer reprimenda, donde concluí que era preciso mentir e ocultar que estivera a jogar para ela. Seja como for, disse com os meus botões, deve-me a explicação que me prometeu esta manhã.

Pensava que o general me chamaria a atenção, mas ficou calado. Percebi, no entanto, que a inquietação se lhe estampava no rosto. Talvez

que nas dificuldades em que está metido lhe seja penoso saber que tanto ouro passou, num quarto de hora, pelas mãos de um idiota tão imprudente como eu.

Creio que teve ontem com o francês uma viva altercação. Falaram muito e animadamente; fecharam a porta à chave. O francês saiu furioso; voltou muito cedo à procura do general... sem dúvida para retomar a conversa de ontem.

Ao saber que eu perdera, o francês fez-me notar sarcasticamente e com uma pontinha de maldade que era necessário ser mais prudente. E acrescentou, não sei porquê, que embora os russos fossem jogadores não lhe pareciam capazes de jogar.

— Quanto a mim, a roleta não foi inventada senão para os russos — repliquei eu; e como o francês disparasse um risinho de troça, insisti dizendo que a verdade estava com certeza do meu lado porque, ao afirmar que os russos eram jogadores, censurava-os mais do que os louvava, e assim era digno de crédito.

— Em que apoia a sua opinião? — perguntou-me o francês.

— No facto de que, no decurso da história, a faculdade de aforrar capitais entrou no catecismo das virtudes e dos méritos do homem ocidental civilizado, tornando-se talvez o principal ponto de fé. Ao passo que o russo não só é incapaz de aforrar capitais, mas até os gasta a torto e a direito sem o menor sentido das conveniências. Seja como for, nós, russos, também temos necessidade de dinheiro — continuei. — Por isso recorremos sofregamente a processos como a roleta, com as quais se pode ganhar uma fortuna em duas horas, sem trabalhar. Isso fascina-nos, e como jogamos à toa, sem nos constrangermos, acabamos por perder!

— Em parte é verdade — concordou o francês com ar convencido.

— Não, é falso, e você devia ter vergonha de falar assim do seu próprio país — atalhou o general, severo e sentencioso.

— Desculpe — disse eu —, mas qual será mais abjeto: a extravagância russa ou o sistema alemão, que consiste em juntar dinheiro graças a um trabalho honesto?

— Que ideia tão chocante! — exclamou o general.

— Que ideia tão russa! — volveu, divertido, o francês.

Pus-me a rir, morto por espicaçá-los o mais que pudesse.

— Antes queria passar a vida toda numa tenda de quirguizes do que adorar o ídolo alemão — tornei eu.

— Que ídolo? — gritou o general já seriamente aborrecido.

— O processo alemão de enriquecer. Estou aqui há pouco tempo, mas o que pude ver e verificar revolta a minha natureza tártara. Palavra que dispenso tais virtudes! Ontem, andei umas léguas pelos arredores. É exatamente como esses livrinhos de moral alemães recheados de ilustrações: aqui, cada casa tem o seu *Vater* horrivelmente virtuoso e extraordinariamente honesto. Tão honesto que até dá medo chegar ao pé dele. Não suporto as pessoas honestas que metem medo. Cada *Vater* tem uma família e, à noite, leem todos em voz alta livros edificantes. Por cima da casinha, rumorejam ulmeiros e castanheiros. O pôr do sol, uma cegonha no telhado... é tudo extremamente poético e tocante... Não se aborreça, general, e consinta-me que fale neste jeito enternecedor. Lembro-me de que o meu defunto pai nos lia, a mim e a minha mãe, livros iguais, à noite, sob as tílias do nosso jardinzinho. Estou, pois, em condições de saber do que falo. Aqui, cada família está integralmente submetida ao *Vater*. Trabalham todos como bois e poupam como judeus. Admitamos que o pai já amealhou certa quantia e tenciona legar ao filho mais velho o ofício ou a terra: não dotará a filha, que não casará. Venderão o filho mais novo como criado ou soldado e aumentarão com esse dinheiro o património. Isto é verdade, isto passa-se aqui, como tive ocasião de me informar. E tudo resulta da honestidade, duma honestidade levada ao extremo e tão habilmente que o filho mais novo, que venderam, julga que foi vendido por honestidade. Eis o ideal: a própria vítima regozijar-se de ser levada ao sacrifício! E depois? Pois muito bem, o filho mais velho não é mais feliz: algures, lá longe, espera-o uma Almachen, a eleita do seu coração, mas não pode casar com ela porque não amealharam ainda bastantes florins. Também eles aguardam, virtuosamente, sinceramente, e caminham para o sacrifício de sorriso nos lábios. As faces de Almachen vão ficando cavadas, a pobre moça estiola. Finalmente, ao cabo de vinte anos, a fortuna cresceu, os florins foram honrada e virtuosamente juntos. O *Vater* abençoa a união do filho maior de quarenta anos com Almachen, jovem de trinta e cinco anos, de peito murcho e nariz vermelhusco... Nessa ocasião, verte lágrimas, prega ainda uma lição de moral e entrega a alma ao criador. O filho mais velho transforma-se, por sua vez, num *Vater* virtuoso e a história recomeça. Cinquenta ou sessenta anos volvidos, o neto do primeiro *Vater* realiza, efetivamente, um capital importante e lega-o ao filho, este ao filho, e, após cinco ou seis gerações, surge o barão de

Rothschild em pessoa ou Hoppe & C.ª, ou sabe o diabo quem. É ou não é um espetáculo grandioso? Eis o coroamento de um ou dois séculos de trabalho, de perseverança, de inteligência, de honestidade, de energia, de firmeza, de previdência, de cegonha sobre o telhado! Que mais desejais? Nada há tão sublime. É desse ponto de vista que começam a julgar o mundo e a castigar os culpados, quero dizer, os que diferem deles por um pouco que seja. É por isso que prefiro afundar-me numa vertigem à russa ou tentar a fortuna à roleta! Não quero ser Hoppe & C.ª ao fim de cinco gerações! Preciso de dinheiro para mim próprio e não me sinto a viver em função do capital. Sei que disse muito disparate, mas tanto pior. São estas as minhas convicções.

— Não sei se há alguma verdade no que disse — insinuou, pensativo, o general —, o que sei é que é de uma presunção insuportável quando o deixam à rédea solta...

Conforme o hábito adquirido, não concluiu. Quando o nosso general aborda um tema um pouco mais vasto do que os das conversas corriqueiras nunca conclui as frases. O francês esteve a ouvir tranquilamente, de olhos muito abertos. Paulina arvorava altaneira indiferença. Parecia nada ter apercebido da conversa que transcorrera à mesa.

Capítulo 5

Mostrava-se mais absorta do que era costume; mas mal nos levantámos da mesa, pediu-me que a acompanhasse ao passeio público. Pegámos nas crianças e fomos para o parque, para os lados do repuxo.

Como me sentia especialmente agitado, perguntei-lhe estúpida e grosseiramente, à queima-roupa, por que razão o marquês Des Grieux, o francesito, não a acompanhava quando ela saía e passava dias inteiros sem lhe dirigir a palavra.

— Porque é um traste — respondeu com voz alterada.

Nunca a ouvira falar assim de Des Grieux e calei-me, temendo compreender aquela irritação.

— Não reparou que hoje ele não está de acordo com o general?

— Quer saber do que se trata? — respondeu Paulina, seca e exasperada. — Sabe que ele emprestou dinheiro ao general contra a hipoteca de todos os bens? Se a avó não morre, o francês entra imediatamente na posse da caução.

— Então sempre é verdade que está tudo hipotecado? Tinha ouvido dizer que sim, mas não o sabia ao certo.

— É certo, é!

— Então adeus, Mademoiselle Blanche! — insinuei. — Já não será generala! Sabe, o general parece-me de tal modo apaixonado que é capaz de se suicidar se Mademoiselle Blanche o abandona. Naquela idade torna-se perigosa uma paixão assim tão violenta.

— Também me parece que lhe vai acontecer alguma coisa — confessou Paulina Alexandrovna, pensativa.

— Perfeito! — exclamei. — Não se pode mostrar mais brutalmente que ela casava só pelo dinheiro. Nem se respeitaram as aparências, nem se tentou um arremedo de pudor. Maravilhoso! E quanto à avó, há lá coisa mais cómica e mais baixa do que enviar telegrama após telegrama para perguntar: «Ela já morreu? Já morreu mesmo?» Então, Paulina Alexandrovna, que pensa de tudo isto?

— Não são senão tolices — respondeu com enfado, interrompendo-me. — O que me admira é vê-lo de tão bom humor. De onde lhe vem essa alegria? Talvez de ter perdido o meu dinheiro, não?

— Por que mo deu para o perder? Disse-lhe que não podia jogar para os outros, e ainda com mais razão para si. Faço seja o que for que me mande fazer, mas o resultado não depende de mim. Preveni-a, contudo, de que não ia resultar nada de bom. Diga, custa-lhe muito ter perdido tanto dinheiro? Para que precisa dele?

— A que vêm essas perguntas?

— Mas, prometeu-me explicações... Ouça: estou convencido de que quando começar a jogar para mim mesmo (e tenho doze fredericos), hei de ganhar. Dou-lhe, então, o dinheiro que quiser.

Teve um esgar de desdém.

— Não se zangue comigo — continuei —, se lhe faço este oferecimento. Estou tão convencido de não passar de um zero aos seus olhos, que de mim pode aceitar até dinheiro. Não deve ofender-se por eu lhe dar um presente. Além disso, perdi o dinheiro que era seu.

Lançou-me um olhar rápido e, percebendo que eu estava a falar com irritação e sarcasmo, mais uma vez mudou o tom da conversa.

— Nos meus assuntos não há nada que possa interessá-lo. Se insiste em saber, tenho dívidas. Pedi dinheiro emprestado e quero pagá-lo. Nasceu-me a ideia louca e bizarra de que aqui ganharia ao jogo. Porquê? Sei lá! Acreditava que sim... Quem sabe, talvez a esperança me viesse de não ter outra alternativa e arriscar a última possibilidade...

— Ou então por ser *preciso* ganhar a todo o custo. Exatamente como um homem que se afoga e se agarra a uma palha. há de concordar que se o homem não estivesse a afogar-se não tomava a palha por um tronco.

Paulina mostrou-se admirada:

— Como é possível — disse —, não tem esperança igual? Há quinze dias explicou-me minuciosamente que estava seguro de ganhar aqui à roleta e pediu-me que não o olhasse como a um louco. Brincava, então? Lembro-me, no entanto, de que falava tão a sério que não podia tomar-se por brincadeira o que dizia.

— É certo — respondi pensativamente. — Continuo absolutamente convencido de que hei de ganhar. Confesso-lhe até que me leva agora a fazer a mim mesmo uma pergunta: como é que a estúpida e escandalosa perda que provoquei hoje não me lançou a dúvida na alma? Mantenho a

convicção de com certeza ganhar quando começar a jogar por minha própria conta.

— Por que está tão seguro disso?

— Não sei como explicar-lhe. Só sei que *preciso* de ganhar, que também não tenho outra saída. Daí, talvez, a impressão de que infalivelmente vou ganhar.

— Assim também *precisa* de ganhar a todo o custo, visto que acredita fanaticamente que vai ganhar!

— Aposto que me julga incapaz de experimentar uma necessidade séria, não?

— É-me indiferente — respondeu Paulina, calma e alheada. — Já que mo pergunta, SIM, creio que não há nada que possa preocupá-lo seriamente. É capaz de se preocupar, mas não seriamente. O seu comportamento é desordenado e instável. Precisa de dinheiro? Para quê? Nas razões que me deu outro dia não havia uma sequer que fosse concludente.

— É verdade — interrompi —, disse-me que tinha necessidade de pagar uma dívida. Uma dívida grande, parece-me! Não é ao francês?

— Que vem a ser isso?! Está muito desenvolto, hoje! Teria bebido?

— Sabe muito bem que tenho por hábito dizer tudo e fazer, às vezes, perguntas muito diretas. Repito: sou seu escravo, um escravo não pode envergonhá-la nem ofendê-la.

— Que absurdo! Não suporto a sua teoria da «escravidão».

— Repare que não falo da minha escravidão por querer ser seu escravo; falo, simplesmente, como de um facto inteiramente alheio à minha vontade.

— Diga-me francamente: por que precisa de dinheiro?

— E por que deseja sabê-lo?

— Como quiser — respondeu com um altivo movimento de cabeça.

— Não suporta a teoria da escravidão, mas exige do escravo: «Responda sem discutir!» Muitíssimo bem, seja. Pergunta-me por que preciso de dinheiro? Que pergunta! O dinheiro... é tudo!

— Compreendo, mas, ao desejá-lo, não se deve cair numa loucura dessas! Porque você chega ao delírio, ao fatalismo. Há nisso qualquer coisa, um objetivo preciso. Fale sem rodeios. Exijo!

Dir-se-ia que começava a exaltar-se. Encantava-me que continuasse a fazer-me perguntas, excitada.

— É verdade que tenho um fito — disse —, mas não saberia dizer-lhe qual. Simplificando: com dinheiro tornar-me-ia outro homem, mesmo aos seus olhos, e deixaria de ser um escravo.

— O quê?! E como o conseguiria?

— Como o conseguiria? Nem concebe que eu possa ser olhado por si sem ser como um escravo! É isso precisamente que eu não quero, não quero esse espanto e essa incompreensão.

— Disse-me que esta escravidão era deliciosa. Eu também o julgava.

— Também o julgava — exclamei com estranha volúpia. — Que tocante ingenuidade essa! É verdade, sim, a escravidão a que me submete é um prazer para mim. Até no último degrau da baixeza e da humilhação pode haver prazer! — continuei, delirante. — Quem sabe, até, se não haverá prazer sob o chicote, quando se abate sobre as costas e dilacera as carnes?... Mas vou ter, com certeza, outra espécie de prazer. Mesmo agora, à mesa, o general ralhou-me, diante de si, porque me paga setecentos rublos por ano, que se calhar nunca receberei. O marquês Des Grieux franziu as sobrancelhas, encarou-me e fingiu ao mesmo tempo ignorar a minha presença. E eu, pela minha parte, é muito provável que arda de desejo de pegar no marquês pelo nariz, diante de si.

— Tiradas de fedelho! Uma pessoa pode comportar-se sempre com dignidade, seja qual for a situação. A luta enobrece, não rebaixa.

— Fala por sentenças! Julga nem mais nem menos que não sou capaz de comportar-me com dignidade, que, embora digno, não sei conduzir-me dignamente. Acha que pode ser assim? Mas todos os russos são assim, e sabe porquê? Porque os russos são de natureza demasiado rica e variada para poderem encontrar rapidamente uma forma que lhes convenha. Aqui, o que importa é a forma. Nós, russos, somos tão ricamente dotados, quase sempre, que precisamos de génio para encontrar uma forma conveniente. E a maior parte das vezes falta-nos génio porque, de um modo geral, é raríssimo. Nos franceses, e talvez noutros europeus, a forma está tão bem fixada que se pode ter um ar extremamente digno sendo-se o mais indigno dos homens. É por isso que a forma tem tanta importância para eles. O francês aguenta sem pestanejar uma ofensa, uma ofensa profunda, verdadeira, mas não aguentará um piparote no nariz porque é uma violação das convenções adotadas e da forma tradicional. Se os franceses têm tanto sucesso com as nossas mulheres é por possuírem uma bela forma. Por mim, de resto, não vejo nisso qualquer forma, mas só um galo, o *coq*

gaulois. Mas que posso perceber disso, afinal, se não sou mulher? Talvez os galos tenham algo de bom. Mas estou a dizer asneiras e não me detém. Interrompa-me mais vezes; quando falo consigo, apetece-me dizer tudo o que guardo no coração, tudo, tudo. Perco por completo a forma. Reconheço, até, que não só não tenho forma, como me falta completamente o mérito. É o que lhe digo. Nem me preocupa ter qualquer mérito. Agora tudo parou em mim. Sabe muito bem porquê. Não consigo formar uma ideia que seja. Há muito que já não sei o que se passa no mundo, nem na Rússia nem aqui. Olhe, atravessei Dresden e esqueci com que é que se parecia a cidade. Bem sabe o que me mantinha absorto. Como não me resta qualquer esperança e não passo de um zero aos seus olhos, falo com toda a franqueza: não vejo senão a si em todo o lado e o resto é-me indiferente. Ignoro por que a amo e como a amo. Sabe, talvez não seja mesmo nada bela. Imagine que nem sei se é bela ou não, até de rosto. O seu coração é mau, com certeza, e os seus sentimentos não são muito nobres.

— É por não acreditar na nobreza dos meus sentimentos que projeta comprar-me com dinheiro?

— Quando pensei eu em comprá-la? — gritei.

— Desvairou e perdeu o fio da meada. Se não é a mim, é a minha consideração que espera comprar.

— Não, nada disso. Avisei-a de que tinha dificuldade em me explicar. Esmaga-me! Não se aborreça com o meu falatório. Bem sabe, não pode aborrecer-se comigo: estou louco, muito simplesmente. É-me indiferente, de resto; zangue-se se quiser. No meu pequeno quarto, lá em cima, basta-me lembrar ou imaginar o frufru do seu vestido para quase morder os dedos. Por que se zangou comigo? Por eu me declarar seu escravo? Aproveite, aproveite a minha escravidão! Sabe que um dia hei de matá-la? Não por ciúme, não por deixar de a amar; não, hei de matá-la só porque há dias em que me apetece devorá-la. Ri-se...

— Não estou a rir — disse asperamente. — Ordeno-lhe que se cale.

Deteve-se, sufocada de cólera. Deus é testemunha de que eu não sei se ela é bonita, mas gosto de a contemplar quando fica assim suspensa diante de mim, e por isso sinto prazer em provocar-lhe cólera. Talvez percebesse e se zangasse de propósito. Disse-lho.

— Que infâmia! — exclamou enojada.

— Tanto faz — continuei. — Fique sabendo, também, que é perigoso passearmos juntos; assalta-me, muitas vezes, um desejo irreprimível de lhe bater, de a desfigurar, de a estrangular. Pensa que as coisas não hão de chegar a esse ponto? Põe-me fora de mim. Julga que teria medo do escândalo? Do seu ódio? Dou ao desprezo o seu ódio! Amo-a sem esperança e sei que depois disso a amarei mil vezes mais. Se a matar, um dia, terei de matar-me também. Pois muito bem, hei de matar-me o mais tarde possível, para sentir sem si essa dor insuportável! Quer saber uma coisa incrível? Amo-a cada dia *mais*, e é quase impossível. E se isso acontecer, não ficarei fatalista! Lembre-se: anteontem, no Schlangenberg, respondi-lhe baixinho, quando me provocou: «A uma palavra sua saltarei no abismo.» Se a tivesse dito, eu teria saltado. Não duvida, pois não?

— Que estúpida conversa! — exclamou.

— Pouco me importa que seja estúpida ou não! Só sei que quando está ao pé de mim preciso de falar, falar, falar... e falo. A seu lado, perco todo o amor-próprio e tanto me faz!

— Por que havia eu de obrigá-lo a saltar do alto do Schlangenberg? — replicou-me secamente e no tom mais ofensivo possível. — É perfeitamente inútil.

— Admirável! — gritei eu. — Empregou esse admirável «inútil» de propósito para me humilhar. Leio-lhe na alma. Inútil, diz você? Mas o prazer é sempre útil e um poder absoluto, sem limites, nem que seja sobre uma mosca, é também uma espécie de prazer. O homem é, por natureza, um déspota: gosta de fazer sofrer. A si, não há nada que mais lhe agrade.

Lembro-me de que ela me examinava com especial atenção. O meu rosto devia exprimir, então, com certeza, todas as sensações absurdas e extravagantes que eu experimentava. Recordo-me agora de que a nossa conversa se travou quase nos mesmos termos em que a relato aqui. Os meus olhos estavam injetados de sangue. A saliva subia-me aos lábios. E no que respeita ao Schlangenberg, juro-o pela minha honra, ainda neste momento: se ela me tivesse ordenado que me atirasse para o abismo, tê-lo-ia feito! Mesmo se ela o dissesse a brincar, com desprezo, cuspindo-me em cima, eu teria saltado de igual modo!

— Não, por que não? Acredito em si — volveu, mas num tom que só ela sabia empregar, com tanto desprezo e malícia, tanta arrogância que, por Deus, teria sido capaz de a matar nesse instante. Ela corria esse risco. E eu não mentira ao confessar-lho.

— Não é cobarde? A perguntou-me de chofre.

— Não sei, talvez seja. Não sei... Há muito que não faço a mim mesmo tal pergunta.

— Se eu lhe dissesse: «Mate aquele homem»... matá-lo-ia?

— Quem?

— Quem eu quisesse.

— O francês?

— Não me faça perguntas, responda só. Quem eu designasse. Quero saber se há bocado estava a falar a sério.

Esperava a minha resposta com tanta gravidade e impaciência que senti a estranheza da atitude.

— Mas será capaz de me dizer, de uma vez por todas, o que está a passar-se aqui!? — gritei. — Será que tem medo de mim? Vejo muito bem as complicações em que se debate aqui. É a enteada de um homem arruinado e louco, dilacerado pela paixão por esse demónio... Blanche; depois há o francês, com a sua influência secreta sobre si; por fim, há instantes, acaba de me fazer... essa pergunta. Que eu saiba o que se passa, pelo menos, senão enlouqueço já e chego a qualquer extremo. Ou será que tem vergonha de se dignar ser franca? Bem sabe que não pode ter vergonha diante de mim.

— Não é nada disso. Fiz-lhe uma pergunta e espero a resposta.

— Evidentemente — explodi —, matarei quem você me apontar, mas poderia... ordenar-me-ia que fizesse tal coisa?

— Não pensa, com certeza, que eu iria poupá-lo, não? Dar-lhe-ia uma ordem e eu ficaria de parte. Era capaz de suportar isto? Claro que não, pois falta-lhe estatura! Talvez matasse a uma ordem minha, mas depois havia de voltar e matar-me por eu ter ousado mandá-lo cometer um crime.

Senti-me como que espancado por essas palavras. Eu considerara, é claro, a pergunta, meio brincadeira, meio provocação; mas a verdade é que ela falara muito a sério. Fiquei estupefacto de a ouvir exprimir-se assim, afirmar tal direito sobre a minha pessoa, reconhecer a si mesma semelhante poder e dizer abertamente: «Corre a perder-te, por mim fico de parte.» Havia nessas palavras um cinismo tal, uma franqueza tal que, parecia-me, ela estava a ultrapassar as medidas. E como se comportaria comigo depois disso? Era o máximo de escravidão e de aviltamento. O papel que me destinava convertia-me em seu igual. Por absurda e incrível que fosse a nossa conversa, o meu coração fraquejou.

Subitamente, rompeu a rir. Estávamos sentados num banco, perto das crianças que brincavam, precisamente em frente do lugar em que as viaturas paravam para que saíssem os passageiros na álea que leva ao casino.

— Vê aquela gorda baronesa? — exclamou. — É a baronesa Wurmerhelm. Está aqui há três dias. Repare no marido: é aquele prussiano magro e desengonçado de bengala na mão. Lembra-se como ele nos olhou anteontem? Vá imediatamente ter com a baronesa, tire-lhe o chapéu e diga-lhe qualquer coisa em francês.

— Porquê?

— Jurou-me que se lançaria do alto do Schlangenberg; jura-me que está pronto a matar se eu lhe mandar Em vez de todas essas matanças e tragédias, só quero agora divertir-me um pouco. Obedeça sem discutir. Quero ver o barão dar-lhe uma bengalada.

— Está a provocar-me; julga que não sou capaz de o fazer?

— Sim, estou a provocá-lo. Vá, vá, sou eu que quero!

— Pois bem, aí vou eu, mas é um capricho bem bizarro. Oxalá que isto não vá trazer aborrecimentos ao general, e a si indiretamente. Juro que não me preocupo comigo, mas consigo... e com o general. Que ideia, ir insultar uma mulher!

— Bom, você não passa de um parlapatão, pelo que estou a ver — disse-me ela com desprezo. — Há momentos, tinha os olhos injetados de sangue... Se calhar foi por ter bebido demasiado ao jantar... Sei muito bem que é uma coisa absurda e vulgar e que o general vai ficar furioso. Não quero senão divertir-me. Eis tudo. Não precisará de insultar uma mulher. hão de bater-lhe primeiro.

Levantei-me e parti a executar a minha missão sem dizer palavra. Era, evidentemente, uma coisa absurda e eu não soubera descartar-me, mas, ao aproximar-me da baronesa, lembro-me de que me senti levado pelo desejo de cometer uma infantilidade. Aliás, sentia-me tão excitado como se estivesse ébrio.

Capítulo 6

Passaram dois dias sobre aquilo. Que dia tão estúpido! Que gritos, barulho, agitação e comentários! E sou eu a causa de todo este rebuliço, de toda esta desordem, de toda esta mesquinhez e vulgaridade! De resto, às vezes é cómico, pelo menos para mim. Não consigo perceber o que me aconteceu: estou num período de exaltação ou simplesmente desatinei e estou outra vez em vias de praticar mais incongruências, enquanto não me internam? Em certos momentos, sinto que perco a razão. Noutros, parece-me que acabei de sair da infância, da escola, e que me entrego a brincadeiras de colegial.

A culpa é de Paulina, tudo por sua culpa! Talvez eu nunca tivesse pensado em fazer criancices, se ela lá não estivesse. Quem sabe, talvez tenha feito tudo por desespero (se bem que seja estúpido pensar assim) e não compreenda, sim, não compreenda o que essa mulher tem de bom. É linda, pelo menos para mim. E não sou o primeiro que ela põe louco. É alta, bem feita. Mas muito magra. Tenho a impressão de que se podia fazer um nó com ela ou dobrá-la em dois. O desenho do pé é longo e estreito... torturante. Torturante é a palavra. Tem reflexos ruivos nos cabelos. Verdadeiros olhos de gata, e como ela sabe dar-lhes uma expressão de orgulho e arrogância! Há cerca de quatro meses, quando comecei as minhas funções, uma noite, no salão, ela teve uma longa conversa com Des Grieux; estavam animados. E fitava-o de uma maneira... que quando subi, mais tarde, para me deitar, imaginei que o esbofeteava, que acabara de o esbofetear e o encarava frente a frente... Foi nessa noite que me apaixonei por ela.

Mas voltemos aos factos.

Tomei por um caminho que ia dar à álea, parei a meio da álea e esperei o barão e a baronesa. A cinco passos de distância, tirei o chapéu e cumprimentei-os.

Recordo-me de que a baronesa trazia um vestido de seda cinzento-claro, espantosamente largo, enfeitado de folhos, com uma crinolina e uma

cauda. Ela é baixa, muito forte, de queixo largo e recuado que se confunde com as faces. Tem a cara vermelha, pequenos olhos maus e impudentes. Ostenta um ar condescendente. O barão é seco e alto, de rosto oblíquo e sulcado de pequenas rugas; como é costume na Alemanha, usa óculos; tem quarenta e cinco anos. As pernas quase que lhe começam no peito: sinal da raça. É vaidoso como um pavão. Um pouco pesado. Algo de carneiro na expressão faz as vezes de profundidade.

Apercebi-me de tudo isso em segundos.

A minha saudação e o chapéu na mão mal lhes despertaram, primeiro, a atenção. O barão contentou-se com um leve franzir de sobrolho. A baronesa veio direita a mim com um passo majestoso.

— *Madame la baronne* — disse eu em alta e inteligível voz, marcando cada sílaba —, *j'ai l'honneur d'être votre esclave*.

Em seguida inclinei-me, voltei a pôr o chapéu e passei ao lado do barão olhando-o com um sorriso afável.

Paulina mandara que eu me descobrisse, mas as curvaturas e os trejeitos de garoto eram da minha própria iniciativa. Sabe Deus o que me levava a isso. Parecia-me que estava a despenhar-me de uma montanha.

— *Hein!* — gritou, ou antes, guinchou o barão voltando-se para mim com irritado espanto.

Voltei-me e imobilizei-me numa expectativa respeitosa, continuando a olhá-lo sorridentemente. Estava visivelmente perplexo e franzia o sobrolho até ao *nec plus ultra*. O rosto tornava-se-lhe cada vez mais sombrio. A baronesa também se voltou com ar de indignado espanto. Das pessoas que passavam, começaram algumas a reparar em nós e a parar.

— *Hein?* — guinchou de novo o barão com voz sempre mais gritante e mais irritada.

— *Ja wohl* — disse eu arrastando as palavras e olhando-o fixamente nos olhos.

— *Sind Sie rasend*? — gritou brandindo a bengala. Parecia tremer. Talvez fosse o meu fato que o perturbava. Eu estava impecavelmente vestido, mesmo com certa elegância, como um homem que pertence à melhor sociedade.

— *Ja wo-o-ohl!* — gritei de repente com todas as forças carregando no «o», como fazem os berlinenses que empregam a cada momento *ja wohl* na conversa, prolongando mais ou menos a letra *o* conforme as cambiantes de pensamento ou sentimento que pretendem exprimir.

O barão e a baronesa voltaram-se bruscamente e afastaram-se quase a correr. Estavam com muito medo. De entre o público, alguns começaram a falar, outros olhavam-me com espanto. De resto, não me lembro muito bem. Dei meia volta e dirigi-me com o passo habitual para Paulina Alexandrovna. Mas mal tinha chegado a cem passos do banco em que ela estava sentada, vi-a levantar-se e encaminhar-se para o hotel com as crianças.

Consegui alcançá-la à entrada.

— Levei a cabo... este absurdo — disse-lhe logo que cheguei ao degrau em que ela se encontrava.

— Ah! Muito bem, agora desenvencilhe-se — respondeu-me. E, sem me olhar sequer, subiu os restantes degraus.

Ao fim da tarde fui passear para o parque. Atravessei o parque, depois a floresta e cheguei a passar para o outro principado. Comi uma omeleta e bebi vinho em casa duns camponeses: esse idílio custou-me *thaler* e meio.

Só voltei às onze da noite. Disseram-me para ir ter imediatamente com o general.

Os nossos amigos ocupam no hotel duas «suites»; dispõem de quatro divisões. A primeira é o salão: um grande quarto ornamentado com um piano de cauda, que comunica com outro também grande: o gabinete do general. Era aí que ele me esperava, de pé no centro do quarto, numa atitude extremamente majestosa. Des Grieux estava molemente estendido num divã.

— Caro senhor, dá-me licença que lhe pergunte o que fez? — começou o general.

— Gostaria que abordasse diretamente os factos, general — respondi. — Quer, sem dúvida, falar do meu encontro de há bocado com um alemão?

— Com um alemão! Esse alemão é o barão de Wurmerhelm, uma pessoa de categoria! O senhor foi grosseiro com ele e com a baronesa.

— De modo nenhum.

— Deixou-os assustados, caro senhor — gritou o general.

— Nem coisa que se pareça. Em Berlim, eu ouvia a propósito de tudo e de nada, esse *ja wohl* que as pessoas dizem sempre após cada tirada, e que pronunciam arrastadamente, de maneira tão exasperante. Quando me cruzei com ele na álea, esse *ja wohl*, não sei porquê, saltou-me bruscamente à memória e isso irritou-me... Além do mais, já é a terceira

vez que a baronesa, ao encontrar-me, marcha direita a mim como se eu fosse um bicho de conta que se pode esmagar. há de concordar que tenho direito a ter o meu amor-próprio. Tirei o chapéu e, polidamente (asseguro-lhe que fui polido), disse-lhe: «*Madame, j'ai l'honneur d'être votre esclave*.» Quando o barão se voltou e gritou: «*Hein?*», tive vontade de lhe gritar por minha vez: «*Ja wohl!*» E disse-o duas vezes. A primeira de maneira habitual, a segunda arrastando as palavras o mais possível. E foi tudo.

Confesso que esta explicação me deixava encantado, esta explicação em tudo digna dum garoto. Eu morria de desejo de tecer muitas considerações sobre esta história, da maneira mais absurda.

E quanto mais a coisa avançava, mais gosto eu sentia nisso.

— Parece-me que está a fazer pouco de mim — gritou o general.

Voltou-se para o marquês e explicou-lhe em francês que decididamente eu estava a tentar provocar um incidente. Des Grieux teve um sorriso de desprezo e encolheu os ombros.

— Oh! Não julgue semelhante coisa, de modo algum — gritei. — O meu ato foi desastrado, reconheço-o sinceramente. Pode dizer-se que é um absurdo, que é uma infantilidade indecente e estúpida, mas... mais nada. E fique sabendo, general, que estou muito arrependido. Mas há uma circunstância que a meus olhos me dispensa quase de me arrepender. Nestes últimos tempos, há quinze dias, há três semanas talvez, não me sinto bem: estou doente, nervoso, irritável, caprichoso e, em certos momentos, perco inteiramente o domínio de mim mesmo. É verdade, várias vezes me aconteceu sentir uma terrível tentação de me dirigir bruscamente ao marquês Des Grieux e de... De resto, é inútil concluir: talvez ele se ofendesse. Numa palavra, tudo isso são sintomas de doença. Não sei se a baronesa Wurmerhelm tomará esta circunstância em consideração quando eu lhe apresentar desculpas (porque tenho a intenção de lhe apresentar desculpas). Penso que não, tanto mais que, segundo julgo, se começou a abusar desta circunstância nos últimos tempos, no meio jurídico: os advogados, nos processos-crime, dedicam-se a justificar os clientes pretendendo fazer supor que eles estavam inconscientes no momento do crime e isso por doença. «Ele bateu,» dizem os advogados, «e não se recorda de mais nada.» Imagine, general, que a medicina faz coro com os advogados... Sustenta a todo o transe que existe uma doença desse género, uma loucura momentânea, durante a qual o homem não se lembra

de nada ou só se lembra vagamente. Mas o barão e a baronesa são pessoas da velha geração. Além disso, são *Junkers* prussianos. Esta evolução que sofreu a medicina legal não lhes deve ser ainda conhecida, portanto não aceitariam as minhas explicações. Que acha, general?

— Basta, senhor — disse bruscamente o general com indignação mal contida —, basta! Vou tentar, de uma vez para sempre, pôr-me a coberto das suas garotices. Não tem que apresentar desculpas ao barão ou à baronesa. Qualquer contacto consigo, mesmo que fosse só para lhes pedir desculpa, seria para eles muito vexatório. O barão, quando soube que o senhor fazia parte dos meus acompanhantes, teve comigo uma explicação no casino e, devo confessá-lo, pouco faltou para que me pedisse satisfações. Mede bem aquilo a que me expôs, caro senhor? Tive de apresentar desculpas ao barão e dar-lhe a minha palavra de honra de que, a partir de hoje mesmo, deixaria o senhor de fazer parte da minha casa...

— Desculpe, desculpe, general. Foi ele quem exigiu que eu deixasse de fazer parte da sua casa, segundo a sua própria expressão?

— Não, mas senti-me obrigado a conceder-lhe esta reparação, e, naturalmente, o barão mostrou-se muito satisfeito com ela. Vamos separar-nos, meu caro senhor. Tem a receber quatro fredericos e três florins. Aqui está o seu dinheiro e a correspondente conta: pode verificá-la. Adeus. Daqui em diante somos estranhos um para o outro. Só mereci da sua parte aborrecimentos e complicações. Vou chamar o criado e dizer-lhe que a partir de amanhã deixo de ser responsável pelas suas despesas no hotel. Às suas ordens.

Peguei no dinheiro, no papel onde as contas tinham sido feitas a lápis, cumprimentei o general e disse-lhe muito seriamente:

— General, isto não pode acabar assim. Sinto-me desolado por o senhor ter ouvido desagradáveis observações por parte do barão, mas, desculpe-me, foi por culpa sua. Por que tomou o senhor o encargo de me substituir na resposta ao barão? Que significa a expressão «eu pertenço à sua casa...»? Eu sou precetor dos seus filhos, nada mais. Não sou nem seu filho nem estou sob a sua tutela e não tem que responder pelos meus atos. Eu tenho por mim mesmo uma personalidade jurídica. Tenho vinte e cinco anos, sou bacharel formado pela Universidade, sou nobre, sou-lhe perfeitamente estranho. Só o infinito respeito que nutro pelos seus méritos me impede de lhe exigir uma reparação por se ter arrogado o direito de responder no meu lugar.

O general ficou de tal modo estupefacto que caiu das nuvens. Depois, bruscamente, voltou-se para o francês e explicou-lhe em poucas palavras que eu acabara de quase o provocar para um duelo. O francês desatou a rir às gargalhadas.

— Mas não considero o barão quite só por isso — voltei a dizer com inteiro sangue-frio, sem me deixar absolutamente perturbar pela hilaridade de M. Des Grieux — e visto que, ao consentir hoje em ouvir as queixas do barão e ao entrar nos seus interesses, se imiscuiu de certo modo neste assunto, tenho a honra de o informar, general, que amanhã, nem mais um dia depois, exigirei do barão, em meu nome, uma explicação formal das razões que o levaram, sendo o caso comigo, a ignorar-me e a dirigir-se a um terceiro, como se eu fosse incapaz ou indigno de responder pelos meus atos.

O que eu previra aconteceu. O general foi invadido pelo medo ao ouvir este novo absurdo.

— Não me diga que tem o intuito de levar por diante esta maldita questão! — gritou. — Vai meter-me em bons lençóis. Ah! Meu Deus! Não faça isso, não faça isso, meu caro senhor, senão dou-lhe a minha palavra que... Aqui também há autoridades, e eu... eu... tive respeito pela minha própria condição... e o barão também... mas... o senhor será preso e expulso pela Polícia para nos poupar ao escândalo! Garanto-lhe que isso acontece!

Se bem que a cólera o dominasse, percebia-se que estava com um medo horrível.

— General — respondi com uma calma exasperante —, não se pode prender ninguém por escândalo antes de o escândalo ser cometido. Eu ainda não tive uma explicação com o barão e o senhor ignora ainda totalmente sob que aspeto e em que bases tenciono abordar o assunto. Só desejo dissipar a suposição injuriosa para mim, de que me encontro sob a tutela de uma pessoa qualificada para fazer pressão no meu livre-arbítrio. Está a alarmar-se e a inquietar-se inutilmente.

— Pelos céus, pelos céus, Alexis Ivanovitch, abandone esse projeto absurdo! — balbuciou o general que, bruscamente, substituiu a altivez do seu ar por um tom suplicante e chegou mesmo a pegar-me nas mãos. — Vejamos, já pensou no que resultaria disso? Novos contratempos! Repare que eu devo manter aqui um comportamento especial, sobretudo agora!... Sobretudo agora! O senhor não conhece inteiramente a situação! Estou

pronto a admiti-lo outra vez ao meu serviço quando sairmos daqui. Hoje é simplesmente por uma questão formal, enfim, resumindo... compreende com certeza as razões que me levam a isso! — exclamou o general com desespero. — Alexis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch!

Ao retirar-me, pedi-lhe mais uma vez, instantemente, que não se inquietasse, prometi-lhe que tudo correria bem e apressei-me a sair do quarto.

Quando no estrangeiro, os russos são por vezes exageradamente poltrões. Têm um medo terrível do que vão dizer deles, do modo como vão olhá-los, e temem não respeitar as conveniências! Numa palavra, dir-se-ia que trazem um colete de forças, sobretudo os que pretendem passar por importantes. Empenham-se em adotar servilmente, nos hotéis, durante um passeio, nas reuniões, em viagem, uma forma pré-concebida e estabelecida de uma vez para sempre... Mas o general deixara entender que certas circunstâncias o obrigavam «a manter um comportamento especial». Por isso ele ficou bruscamente com medo e mudou de tom em relação a mim. Não deixei de tomar nota do facto. Ele era bastante tolo e podia chamar as autoridades: eu tinha de agir com prudência.

De resto, não era de meu interesse aborrecer o general. Paulina, sim, gostaria eu de ter irritado. Ela tratara-me tão cruelmente e lançara-me num caminho tão absurdo que desejava levá-la a que me pedisse, a que fosse ela mesma a pedir-me, que eu não persistisse nessa atitude. As minhas infantilidades podiam, por fim, comprometê-la também. Além disso, sensações, desejos novos nasciam em mim: se, por exemplo, eu me aniquilasse voluntariamente diante dela, isso não significaria de modo algum que eu fosse um galispo perante os outros, e não caberia com certeza ao barão «dar-me bengaladas». O que queria era divertir-me à custa de toda essa gente e sair do divertimento com todas as honras. Iam ver quem eu era. Nada a temer! Ela vai ter medo do escândalo e há de chamar-me. E mesmo que ela não me chame, acabará por perceber que não sou um galarote...

Uma notícia espantosa: acabo de saber pela criada que toma conta das crianças e que encontrei na escada, que Maria Filipovna partiu hoje sozinha para Carlsbad, pelo comboio da noite, a visitar a prima. Que quererá isso dizer? A criada afirma que Maria Filipovna tinha esse projeto há muito tempo. Como é que ninguém sabia de nada? Se calhar, era só eu quem o ignorava. A criada deixou-me perceber que Maria Filipovna tivera

uma violenta briga com o general anteontem. Compreendi perfeitamente. Foi com certeza... Mademoiselle Blanche. Sim, está a preparar-se algo de decisivo.

Capítulo 7

Esta manhã, chamei o criado e pedi-lhe que me tirasse a conta à parte. O meu quarto não era tão caro que me levasse a ter medo e a deixar definitivamente o hotel. Eu tinha dezasseis fredericos, e lá em baixo... lá em baixo, quem sabe, a fortuna! Coisa estranha, ainda não ganhei, mas procedo, sinto, penso como se fosse um homem rico e não posso ver-me doutra maneira.

Formava o projeto, apesar da hora matinal, de ir imediatamente ter com Mr. Astley, ao Hotel de Inglaterra, mesmo ao lado do nosso, quando Des Grieux entrou subitamente no meu quarto. Isso nunca acontecera e, além do mais, nesses últimos tempos, mantive com esse senhor relações extremamente distantes e extremamente tensas. Não só ele não ocultava o desdém que sentia por mim, como fazia todos os esforços para o demonstrar abertamente. E eu... tinha as minhas razões para não gostar dele. Numa palavra, odiava-o. A sua chegada espantava-me muito. Percebi imediatamente que qualquer coisa muito singular estava a passar-se.

Mostrou-se muito amável e declarou-se encantado com o meu quarto. Ao ver que eu tinha o chapéu na mão, admirou-se que eu fosse passear tão cedo. Quando lhe disse que ia ver Mr. Astley para tratar de negócios, ficou um momento a refletir e o seu rosto ganhou uma expressão muito preocupada.

Des Grieux era como todos os franceses, quero dizer, afável e alegre quando era preciso e quando isso lhe era de utilidade, e insuportavelmente desagradável quando a necessidade de ser afável e alegre desaparecia. É raro que um francês seja amável logo de princípio. Dir-se-ia que é amável por ordem de alguém, por cálculo. Se, por exemplo, ele vê a necessidade de ser, ao contrário do que é costume, fantasista, original, a fantasia mais absurda e mais artificial reveste nele formas de antemão admitidas e há muito tempo classificadas como banalidades. No estado natural, o francês alimenta-se do positivismo mais burguês, mais mesquinho, mais baixo. É, em resumo, o ser mais aborrecido que há no mundo. É minha opinião que

só as jovens e sobretudo as jovens russas podem ser vítimas do «charme» dos franceses; qualquer homem normal percebe imediatamente e ganha aversão a essa repetição em série de formas fixas, de uma vez para sempre, da amabilidade de salão, da desenvoltura e da alegre complacência.

— Venho vê-lo para tratar de uma questão — começou com grande à-vontade, mas polidamente. — Não lhe oculto que o procuro da parte do general, na qualidade de embaixador ou, melhor, medianeiro. Como sei muito mal o russo, quase nada compreendi ontem. Mas o general explicou-me tudo em pormenor, e confesso que...

— Ouça, senhor Des Grieux — interrompi-o eu —, será que também neste assunto o senhor desempenha o papel de medianeiro? Sou evidentemente um precetor e nunca quis a honra de ser um amigo da casa nem de manter relações de grande intimidade, por isso há circunstâncias que ignoro; mas explique-me uma coisa: será que o senhor faz agora parte integrante da família? Porque, enfim, o senhor dedica a tudo tal interesse, apresenta-se sempre como medianeiro...

A minha pergunta desagradou-lhe. Era demasiado transparente e ele não queria trair-se.

— Estou ligado ao general, em parte por negócios, em parte por *certas circunstâncias especiais* — disse-me secamente. — O general encarregou-me de lhe pedir que renunciasse aos seus intuitos de ontem. Tudo o que imaginou é, realmente, muito espiritual, mas ele pede-me que lhe faça notar que não chegará a conseguir nada; mais ainda... o barão não o vai receber com certeza, e o que é verdade é que dispõe de todos os meios para evitar aborrecimentos que ulteriormente possam vir-lhe da sua pessoa. Concorde comigo. E para quê teimar, diga-me? O general promete readmiti-lo ao seu serviço logo que as circunstâncias o permitam e pagar-lhe até essa altura os salários, *vos appointements*. Proposta bastante vantajosa, não acha?

Repliquei-lhe com toda a calma que se enganava um pouco, que talvez o barão não me expulsasse mas, pelo contrário, me ouvisse; pedi-lhe que confessasse que viera ter comigo para saber exatamente quais eram as minhas intenções atuais.

— Meu Deus, pois se o general se interessa de tal modo pelo assunto, é-lhe com certeza agradável saber o que projeta fazer o senhor. É perfeitamente natural!

Pus-me a dar explicações; ouvia-me, enterrado na cadeira, a cabeça levemente inclinada para o meu lado, uma certa ironia não dissimulada nos olhos. Em suma, tratava-me com bastante altivez. Esforcei-me o melhor que me foi possível por fingir que considerava o assunto com toda a seriedade. Expliquei-lhe que o barão, ao queixar-se de mim ao general, como se eu fosse criado dele, conseguira: primeiro, fazer-me perder o lugar; segundo, tratar-me como um indivíduo incapaz de responder pelos seus atos, a quem nem sequer se dirige uma palavra. Eu sentia-me, pois, justamente ofendido; no entanto, levando em conta a diferença de idades, a situação social, etc., etc. (foi-me difícil conter o riso nesta passagem), não tinha a intenção de tomar a iniciativa de um novo despropósito, quero dizer, de exigir francamente do barão, ou mesmo só oferecer-lhe uma reparação. Fosse como fosse, eu achava que tinha todo o direito de apresentar (e sobretudo à baronesa) as minhas desculpas, tanto mais que, realmente, nos últimos tempos, me sentia mal, deprimido, e, por assim dizer, de humor caprichoso, etc., etc. Contudo, o próprio barão, ao fazer essa diligência tão injuriosa para mim e ao insistir com o general para que me despedisse, colocara-me numa tal situação que me era doravante impossível apresentar-lhe as minhas desculpas e à baronesa, porque ele, a baronesa e toda a gente pensariam sem dúvida que eu ia apresentar-lhe desculpas movido pelo medo e para reaver o emprego. Resultava de tudo isso que eu me sentia agora obrigado a pedir ao barão que me apresentasse primeiro as suas desculpas, nos termos mais moderados, dizendo, por exemplo, que de modo algum quisera ofender-me, e quando o barão satisfizesse o meu pedido, então, já de mãos livres, eu apresentar-lhe-ia as minhas sinceras desculpas do fundo do coração. Resumindo, concluí eu, tudo o que peço é que o barão me solte as mãos.

— Ih! Que suscetibilidade e que requinte! E para quê pedir desculpas? Vá, confesse, *monsieur... monsieur...* que engendrou toda esta intriga só com o objetivo de indispor o general... talvez até com intenções pessoais... *Mon cher monsieur... pardon, j'ai oublié votre nom, monsieur Alexis, n'est-ce pas?*

— Mas, dê-me licença, *mon cher marquis*, que tem o senhor a ver com isto?

— *Mais le général...*

— Como pode isto atingir o general? Ele disse-me ontem que era obrigado a ter um comportamento especial... disse-mo com ar bastante

inquieto... mas garanto-lhe que não compreendi absolutamente nada.

— Ora é aqui precisamente que surge uma circunstância particular — replicou Des Grieux com ar implorativo mas que deixava perceber um crescente despeito. — *Vous connaissez Mademoiselle de Cominges?*

— Quer dizer Mademoiselle Blanche?

— Sim, sim, *Mademoiselle Blanche de Cominges...* e *madame sa mère*. há de concordar que o general... numa palavra, o general está apaixonado e mesmo... mesmo... o casamento deve realizar-se aqui. Imagine, numa ocasião destas, os escândalos, as histórias...

— Não vejo que haja escândalo ou histórias que possam relacionar-se com esse casamento.

— *Mais le baron est si irascible, un caractère prussien, vous savez, enfin il fera une querelle d'Allemand.*

— Não há de ser comigo, e consigo também não, visto que já não faço parte da casa. (Estava a tentar parecer tão estúpido quanto fosse possível.) Mas, desculpe, está então decidido, Mademoiselle Blanche casa com o general? Então por que esperam eles, isto é, por que se escondem de nós?

— Não posso... De resto, não está ainda absolutamente... Entretanto... o senhor sabe que esperam notícias da Rússia; o general tem uma série de assuntos pessoais a resolver...

— Ah, ah! *La baboulinka!*

Des Grieux lançou-me um olhar furioso.

— Numa palavra — interrompeu-me —, conto firmemente com a sua inata delicadeza, com o seu espírito, com o seu tato... Não deixará de agir assim em atenção a esta família que o recebeu como um parente, que o acarinhou, que lhe demonstrou consideração...

— Desculpe, mas despediram-me! Diz-me agora que é pelas aparências, mas há de concordar que se lhe dissessem: «É claro, não quero puxar-te as orelhas, mas dás-me licença para as puxar por causa das aparências...» é ou não é a mesma coisa?

— Se quer que seja assim, se nenhum rogo pode demovê-lo — começou ele com tom arrogante —, permita-me que lhe assegure que se hão de tomar medidas. Aqui há autoridades, o senhor será expulso hoje mesmo... *que diable! Un blanc-bec comme vous* a querer provocar para duelo uma pessoa tão importante como o barão! E julga que o vão deixar agir tranquilamente! Fique certo de que aqui ninguém tem medo de si! Se lhe fiz este pedido, foi mais por minha iniciativa, porque o senhor deixou

o general apreensivo. Como pode o senhor acreditar que o barão não o mande expulsar muito simplesmente por um lacaio?

— Mas, não vou ter com ele pessoalmente — respondi, perfeitamente calmo. — Engana-se, Monsieur Des Grieux, tudo se passará de maneira muito mais decente do que imagina. Olhe, vou imediatamente ter com Mr. Astley para lhe pedir que seja meu intermediário, em conclusão, que seja o meu *second*. Esse homem demonstra afeição por mim; não vai com certeza recusar-se. Procurará o barão e o barão recebê-lo-á. Se sou um precetor e tenho a aparência de um *subalterne*, de um ser sem defesa, Mr. Astley, pelo seu lado, é sobrinho dum lorde, dum verdadeiro lorde, toda a gente o sabe, de lorde Peabroke, e esse lorde está aqui. Fique tranquilo, o barão usará de muita polidez para com Mr. Astley e ouvi-lo-á. E se não o ouvir, Mr. Astley tomará isso como ofensa pessoal (o senhor sabe como os ingleses são obstinados); mandará um dos seus amigos ter com o barão, e conta com bons amigos. Já pode ver que o desenlace será talvez diverso daquele que imagina.

O francês ficou positivamente espavorido; de facto, tudo estava muito próximo da verdade, e assim eu parecia realmente em condições de provocar um escândalo.

— Peço-lhe — voltou a dizer em tom suplicante —, abandone todos esses projetos! Dir-se-ia que lhe dá prazer provocar um escândalo! Não é uma reparação que pede, mas um escândalo! Eu disse-lhe que tudo isso seria divertido e mesmo espiritual e que talvez atingisse o seu objetivo, mas... resumindo — terminou ele ao ver que eu me levantava e pegava no chapéu —, vim trazer-lhe duas palavras duma pessoa... leia... pediram-me que esperasse pela resposta.

E logo tirou da algibeira e estendeu-me um bilhetinho dobrado e fechado.

A mão de Paulina escrevera nele:

> *Parece que tem a intenção de dar sequência a toda esta história. Está irritado e começa a fazer infantilidades. Mas há circunstâncias especiais, que um dia talvez lhe explique; peço-lhe por tudo que não prossiga e seja razoável. Que estupidez tudo isto! Preciso de si e você prometeu-me que me obedecia. Não esqueça o Schlangenberg. Peço-lhe que seja dócil e, se for preciso, ordeno-lhe que seja dócil.*

Sua,

Paulina.

P.S. — Se está zangado comigo pelo que se passou ontem, perdoe-me.

Tudo começou a dançar-me diante dos olhos quando li estas linhas. Os meus lábios descoraram e entrei num tremor contínuo. O maldito francês fingia um ar discreto e olhava para outro lado como para não ver a minha perturbação. Teria preferido que se risse na minha cara.

— Muito bem — exclamei —, diga a *mademoiselle* que esteja tranquila. Deixe-me no entanto que lhe pergunte — continuei bruscamente —, por que esperou tanto para me entregar esse bilhete? Em vez de dizer asneiras, deveria ter começado por me entregar o bilhete, parece-me... no caso de ter vindo expressamente para se livrar desse encargo...

— Oh! Eu queria... em suma, é tudo tão estranho que espero desculpe a minha natural impaciência. Desejava saber pessoalmente, o mais depressa possível, quais eram as suas intenções. Ignoro, de resto, o que está escrito no bilhete e pensava que a todo o tempo podia entregá-lo.

— Percebo muito bem, disseram-lhe simplesmente que não me entregasse o bilhete senão em último extremo e que não o utilizasse se pudesse arranjar as coisas de viva voz. Foi isso, não? Diga-me francamente, Monsieur Des Grieux.

— *Peut-être* — disse ele fingindo extrema reserva e encarando-me com expressão bizarra.

Peguei no chapéu; fez-me um sinal com a cabeça e saiu. Julguei perceber nos seus lábios um sorriso mordaz. Como não havia de ser assim?

— Ainda temos contas a ajustar, meu galarote, havemos de medir forças — resmungava eu descendo as escadas. Não me sentia ainda capaz de coordenar ideias, parecia-me que tinha apanhado uma mocada. O ar fresco fez-me bem.

Dois minutos mais tarde, logo que comecei a poder pensar, duas ideias se me apresentaram com toda a nitidez: a primeira era que um divertimento pueril, meia dúzia de ameaças inverosímeis lançadas ontem ao ar por um garoto, tinham provocado um alarme *universal*! A segunda era: que influência terá este francês sobre Paulina? Uma palavra dele... e

ela faz tudo o que lhe é necessário, escreve um bilhete, chega ao ponto de me *pedir*. Evidentemente, as relações de um com outro sempre foram para mim um enigma, desde que os conheci; mas no entanto, nos últimos dias notei nela verdadeira repulsa, mesmo desprezo por ele; quanto ao francês, nem sequer a olhava e mostrava-se as mais das vezes bastante grosseiro com ela. De tudo isso me apercebi. A própria Paulina me confessara a sua repulsa, deixara escapar afirmações extremamente significativas... Logo, ele tem-na nas mãos, comprometida no seu jogo...

Capítulo 8

No «passeio», como se diz aqui, isto é, na álea dos castanheiros, encontrei o meu inglês.

— Oh! Oh! — exclamou ele ao avistar-me —, vem ter comigo e eu vou ter consigo! Então deixou os seus amigos?

— Diga-me, primeiro, como é que está ao corrente de tudo — perguntei-lhe, admirado. — Então toda a gente já sabe?

— Oh! Não! Nem toda a gente, não vale a pena, ninguém fala disso.

— Se assim é, como o sabe?

— Sei-o, ou antes, tive ocasião de ser informado. Para onde vai agora? Sou seu amigo e é a razão por que ia falar consigo.

— O senhor é um homem como poucos, Mr. Astley — disse-lhe (eu estava espantado: como teria sido informado?). — E como ainda não tomei café e o senhor almoçou mal com certeza, vamos ao casino: contar-lhe-ei tudo e... também terá qualquer coisa para me contar.

O café distava cem passos. Atenderam-nos, instalámo-nos confortavelmente, acendi um cigarro. Mr. Astley não fumava e, de olhos postos em mim, preparou-se para me ouvir.

— Não vou para parte nenhuma, fico aqui — comecei.

— Estava convencido de que ficaria — disse Mr. Astley com ar aprovador.

Ao procurar Mr. Astley, não tinha a mínima intenção de lhe falar do meu amor por Paulina. Queria mesmo evitar este assunto. Nos últimos dias, não lhe dissera palavra a esse respeito. De resto, ele era muito tímido. Percebi logo que Paulina o impressionava bastante, mas nunca o ouvi pronunciar o nome dela. Coisa estranha, mal se sentou e fixou em mim o olhar calmo e insistente, veio-me a tentação, Deus sabe porquê, de lhe contar tudo, quero dizer, de lhe dar conta de todo o meu amor com todos os matizes. Falei durante meia hora e isso fez-me bastante bem; era a primeira vez que me abria com alguém a tal respeito! Ao verificar que se perturbava com as passagens mais vivas, aumentei intencionalmente o

ardor da minha narração. De uma coisa me arrependo: falei talvez de mais do francês...

Mr. Astley ouvia-me, sentado diante de mim, imóvel, sem dizer palavra ou emitir um som, de olhos fitos nos meus; mas logo que aludi ao francês fez-me parar bruscamente e perguntou-me severamente se eu tinha o direito de mencionar essa circunstância acidental. Mr. Astley tem sempre um modo muito estranho de abordar as questões.

— Tem razão; receio que não — respondi.

— Sobre o marquês e Miss Paulina não poderá dizer algo de preciso, fora de simples suposições?

— Não, nada de preciso, é claro — respondi.

— Se assim é, fez mal não só em falar-me nisso, como até em pensá-lo.

— Bom, bom! Concordo; mas não é disso que se trata agora — atalhei, muito admirado no meu foro íntimo. Contei-lhe, então, com todos os pormenores, a história da véspera, a extravagância de Paulina, a minha aventura com o barão, o despedimento que me atingira, a extraordinária velhacaria do general e, finalmente, relatei-lhe miudamente a visita de Des Grieux, mostrando-lhe, para terminar, o bilhete.

— Que conclui disto? — perguntei. — Ia ter consigo precisamente para saber a sua opinião. Por mim, mataria de bom grado esse galarote francês e talvez o faça.

— Eu também — disse Mr. Astley. — No que respeita a Miss Paulina... sabe que entramos mesmo em relações com pessoas que detestamos se a necessidade a isso nos leva. Pode haver ligações que ignora, dependendo de circunstâncias acessórias. Acho que pode estar tranquilo... em parte, é claro. Quanto à atitude que ela teve ontem, é evidentemente estranha, não porque tenha querido desembaraçar-se de si pondo-o em risco de apanhar bengaladas do barão (de resto não compreendo por que não utilizou ele a bengala, se a trazia), mas porque um despropósito tal é indecente para... uma mulher tão notável. Evidentemente, ela não poderia adivinhar que o senhor ia executar à letra esse malicioso capricho...

— Sabe? — exclamei subitamente, olhando com atenção Mr. Astley. — Tenho a impressão de que o senhor já ouviu falar de tudo isto, e sabe por quem?... por Miss Paulina em pessoa!

Mr. Astley olhou-me muito admirado.

— Os seus olhos cintilam e leio neles a suspeita — retorquiu o inglês, recuperando imediatamente a calma. — O senhor não tem o direito de revelar as suas suspeitas. Não posso reconhecer-lhe esse direito e recuso-me formalmente a responder à sua pergunta.

— Bem, passemos adiante! De resto, é inútil! — exclamei, singularmente agitado e não compreendendo por que isso me viera ao espírito. E quando, onde, como teria Mr. Astley sido escolhido por Paulina para confidente? Nos últimos tempos, de resto, eu perdera bastante de vista Mr. Astley; quanto a Paulina, sempre foi para mim um enigma; a tal ponto que agora, por exemplo, decidido a contar a Mr. Astley toda a história do meu amor, fui surpreendido, no momento de iniciar o relato, pela impossibilidade de dizer algo de preciso e positivo sobre as minhas relações com ela. Bem pelo contrário, tudo era fantástico, estranho, inconsistente e inverosímil.

— Muito bem, muito bem; perdi o fio à meada e ainda há muitas coisas em que não posso pensar — respondi quase ofegante. — De resto, o senhor é um homem a valer. Passemos a outro assunto: vou pedir-lhe não um conselho mas a sua opinião.

Calei-me por momentos e depois continuei:

— Que lhe parece o facto de o general ter tido tanto medo? Por que fizeram eles um drama da minha ridícula garotice? A tal ponto que o próprio Des Grieux julgou indispensável intervir pessoalmente (e ele só intervém nas circunstâncias mais graves); veio ter comigo (veio, sim!), rogou-me, dirigiu-me súplicas, ele, Des Grieux! Enfim, não deixe de o notar, veio um pouco antes das nove e o bilhete de Miss Paulina já lhe estava confiado. Quando teria sido escrito? É uma pergunta que se pode fazer? Será que acordaram Miss Paulina de propósito? Além da conclusão que tiro de que Miss Paulina é dele escrava (visto que me pede perdão a mim!), além disso, que faz ela em tudo isto, ela, pessoalmente? Por que tiveram eles medo do primeiro barão que lhes apareceu? E que adianta ou atrasa que o general case com Mademoiselle Blanche de Cominges? Eles afirmam que é preciso ter um *comportamento especial*, por causa dessa circunstância, mas é demasiado especial, há de concordar! Que pensa disto? Vejo pela sua expressão que também aqui o senhor sabe mais do que eu.

Mr. Astley sorriu e sacudiu a cabeça.

— Sim, acho realmente que, sobre este aspeto também, sei muito mais que o senhor — disse-me ele. — A questão só diz respeito a Mademoiselle Blanche e é minha convicção que aí reside a inteira verdade.

— Mas que vem fazer em tudo isto Mademoiselle Blanche? — exclamei impaciente (eu tinha subitamente esperado descobrir qualquer coisa sobre Mademoiselle Paulina).

— Julgo que Mademoiselle Blanche tem neste momento especial interesse em evitar de qualquer modo um encontro com o barão e a baronesa; ainda com mais razão um encontro desagradável e, o que é pior, escandaloso.

— Oh! Oh!

— Mademoiselle Blanche já esteve aqui em Roletemburgo, há dois anos, durante a «saison». Também me encontrava aqui nessa altura. Ela não se chamava então *Mademoiselle de Cominges*, nem a mãe, *madame veuve Cominges*, existia ainda. Pelo menos não se falava nela. Des Grieux também cá não estava. Desconfio de que não só eles não são parentes, como também de que não se conhecem senão há muito pouco tempo. Des Grieux é marquês de fresca data, uma circunstância há que me dá essa certeza. Pode até supor-se que só há pouco dá pelo nome de Des Grieux. Conheço alguém aqui que já o encontrou usando outro nome.

— No entanto, ele possui realmente um círculo de sólidas relações.

— Sim, pode ser que sim. Mademoiselle Blanche também pode ter boas relações. Mas há dois anos, Mademoiselle Blanche, por queixa desta mesma baronesa, foi convidada pela Polícia a deixar a cidade, o que fez.

— Como assim?

— Ela apareceu aqui primeiro na companhia dum italiano, um príncipe de nome histórico, Barberini ou qualquer coisa do género, um homem coberto de anéis e de diamantes verdadeiros. Passeavam num carro mirífico. *Mademoiselle* jogava ao *trinte et quarante*; primeiro ganhou, depois a sorte mudou, se a memória não me atraiçoa. Lembro-me de que uma noite ela perdeu uma soma fabulosa. Mas o pior foi que *un beau matin* o seu príncipe desapareceu não se sabe para onde; os cavalos, o trem, tudo desapareceu. Ela devia somas enormes no hotel. Mademoiselle Zelma (de Barberini, transformara-se bruscamente em Mademoiselle Zelma), estava no auge do desespero. Soluçava, gritava por todo o hotel e em estado de fúria rasgava o vestido. Havia nessa altura no hotel um conde polaco (todos os polacos, quando viajam, são condes), e Mademoiselle

Zelma, rasgando as vestes e arranhando a cara como uma gata com as suas lindas, brancas e perfumadas mãos, causou nele uma certa impressão. Tiveram uma longa conversa e ao jantar ela já estava consolada. À noite apareceu pelo braço dele no casino. Mademoiselle Zelma ria muito alto, conforme era seu hábito, e mostrava um pouco mais de liberalidade nas maneiras. Enfileirou imediatamente nessa categoria de mulheres frequentadoras da roleta que, ao abrirem caminho para a mesa, afastam à cotovelada um jogador para arranjar lugar. É uma especialidade das senhoras daqui. Não notou isso, não?

— Oh! Sim!

— Isso nem merece atenção. Para desagrado do público decente, suportam-nas aqui, pelo menos acho que trocam diariamente notas de mil francos. Mas logo que deixam de trocar notas de mil francos, pedem-lhes que se vão embora. Mademoiselle Zelma continuou a trocá-las, mas foi ainda mais infeliz ao jogo. Repare que não é raro que tais senhoras tenham sorte ao jogo; dispõem de um extraordinário domínio sobre si mesmas. De resto, a minha história está a acabar. Um dia, o conde desapareceu, tal como o príncipe. Mademoiselle Zelma foi jogar sozinha à noite. Ninguém dessa vez se apresentou para lhe oferecer o braço. Em dois dias perdeu tudo o que possuía. Quando jogou e perdeu a última moeda de ouro, olhou em volta e reparou que ao seu lado estava o barão Wurmerhelm que a olhava atentamente e com ar de profunda indignação. Mas Mademoiselle Zelma não percebeu a indignação e, dirigindo-se ao barão com um sorriso inequívoco, pediu-lhe que pusesse por ela dez luíses de ouro no vermelho. Ocorrido isto, a uma queixa da baronesa ela foi convidada a não mais aparecer no casino. Se se admira de eu conhecer tantos pormenores mesquinhos perfeitamente inconvenientes, fique sabendo que os obtive de Mr. Fieder, meu parente, que, na mesma noite, levou Mademoiselle Zelma na sua caleche para Spa. Compreenda agora: Mademoiselle Blanche quer tornar-se generala, sem dúvida, para não mais receber de futuro semelhantes convites. Já não joga, mas isso porque tem agora, segundo todos os indícios, um capital que empresta a juros aos jogadores daqui. É muito mais prudente. Suspeito mesmo que o desgraçado general faz parte do número dos seus devedores. Talvez também Des Grieux lhe deva dinheiro. A não ser que seja seu associado. Tem de perceber agora que, pelo menos até ao casamento, ela não quer atrair sobre a sua pessoa a atenção do barão e da baronesa. Numa palavra, é um escândalo que pode

prejudicá-la muito, na situação em que se encontra. O senhor está ligado a eles e os seus atos podem provocar um escândalo, tanto mais que ela mostra-se diariamente em público pelo braço do general ou de Miss Paulina. Percebeu agora?

— Não, não percebi! — gritei batendo tão violentamente na mesa que o criado acorreu espavorido. — Diga-me, Mr. Astley — continuei, num transporte de fúria —, se é verdade que conhecia já toda essa história e sabia, assim, perfeitamente, quem era Mademoiselle Blanche de Cominges, como é possível que não nos tenha avisado, a mim, ao general, e, sobretudo, a Miss Paulina que se mostra aqui no casino, em público, de braço dado com Mademoiselle Blanche? Como é possível?

— Eu não podia avisá-los, porque nada podiam fazer — respondeu tranquilamente Mr. Astley. — E de resto, avisá-los contra quem? O general sabe provavelmente muito mais do que eu sobre Mademoiselle Blanche e isso não o impede de passear com ela e com Miss Paulina. O general é um homem desafortunado. Vi ontem Mademoiselle Blanche galopar num magnífico cavalo em companhia de Des Grieux e desse principezinho russo, e o general seguia-os num alazão. De manhã, queixara-se de dores nas pernas, e no entanto mostrava-se agora muito direito na sela. Nesse momento preciso, veio-me bruscamente à ideia que ele era um homem definitivamente perdido; de resto, nada disto me diz respeito e só há pouco tempo tive a honra de conhecer Miss Paulina. Além do mais — continuou Mr. Astley —, já lhe disse que não posso reconhecer-lhe o direito de me fazer certas perguntas, apesar de ter por si uma sincera amizade.

— Basta — disse eu levantando-me. — Agora vejo claramente que também Miss Paulina sabe com o que pode contar em relação a Mademoiselle Blanche, mas que não pode separar-se do seu francês e é por isso que passeia com ela. Acredito que nenhuma outra influência a forçaria a passear com Mademoiselle Blanche e a suplicar-me num bilhete que não tocasse no barão. É aqui precisamente que intervém a tal influência diante da qual tudo se inclina! E a verdade é que foi ela quem me empurrou para o barão! Diacho, é de quebrar a cabeça!

— Está a esquecer, primeiro, que essa Mademoiselle de Cominges é noiva do general e, segundo, que Miss Paulina, enteada do general, tem um irmão e uma irmã mais novos, filhos do general, completamente abandonados por esse insensato e sem dúvida arruinados.

— Sim, sim, é exato, deixar os filhos equivale a abandoná-los completamente; ficar, é defender os interesses deles e talvez salvar algumas migalhas da fortuna. Sim, sim, tudo isso é verdade, mas contudo, contudo! Oh! Compreendo porque todos se interessam tanto agora pela avó!

— Por quem? — perguntou Mr. Astley.

— Por essa velha bruxa de Moscovo que não se decide a morrer; eles esperam o telegrama que comunique a sua morte.

— Evidentemente, o interesse está todo concentrado nela. Tudo depende da herança. Garantida a herança, o general casa-se; Miss Paulina fica também com o pulso livre e Des Grieux...

— Des Grieux, o quê?

— Des Grieux será reembolsado; é tudo o que ele espera.

— Acha que é tudo o que ele espera?

— Nada mais sei — disse Mr. Astley que se fechou num silêncio teimoso.

— Pois sei eu, sei! — repeti furibundo. — Ele espera também a herança, porque Paulina receberá um dote e, mal o receba, saltar-lhe-á ao pescoço. As mulheres são todas iguais! As mais altivas tornam-se escravas dos mais vis! Paulina só pode amar apaixonadamente, eis a verdade! Esta é a minha convicção! Observe-a, principalmente quando está sentada, só e pensativa: parece predestinada, condenada, amaldiçoada, votada a todos os horrores da vida e da paixão!... Ela... ela... Mas quem está a chamar-me? — exclamei subitamente. — Quem está a gritar? Eu ouvi gritar em russo: «Alexis Ivanovitch!» É uma voz de mulher! Ouça, ouça!

Aproximámo-nos, nesse momento, do nosso hotel. Há muito que tínhamos deixado o café, quase sem nos apercebermos.

— Ouvi uma mulher gritar, mas não sei por quem chamava ela; falava russo. Agora, sim, percebo de onde veio a voz — disse Mr. Astley estendendo o braço. — É essa mulher, sentada numa grande cadeira e que todos os criados acabam de transportar para o terraço. Atrás dela vêm muitas malas, quer dizer que acaba de chegar.

— Mas por que está a chamar-me? Está a gritar de novo: veja, faz-me sinais.

— Estou a ver — disse Mr. Astley.

— Alexis Ivanovitch! Alexis Ivanovitch! Oh, meu Deus, que imbecil! — Tais exclamações, pronunciadas em voz cortante, chegavam-nos do

terraço do hotel.

Corremos quase até à escada. Subi os degraus... deixei cair os braços, de tão surpreendido, e os pés ficaram-me como que presos ao chão.

Capítulo 9

No patamar superior da larga escadaria para onde tinham transportado a sua cadeira, cercada de criados, de criadas e do inumerável pessoal obsequioso do hotel, na presença do próprio *maître* de hotel, que viera ao encontro dessa distinta visitante que desembarcava de maneira tão ruidosa, com gente e um grande número de malas e de baús, reinava... a *avó*! Sim, era bem ela, a terrível e rica Antonina Vassilievna Tarassevitch, de 75 anos de idade, proprietária e grande senhora de Moscovo, a *baboulinka*, objeto de todas essas idas e vindas de telegramas, moribunda e sempre viva, e que, bruscamente, surgia entre nós, em pessoa, sem dizer água vai. Privada do uso das pernas, era transportada numa cadeira, como sempre acontecia já há cinco anos, mas mostrava-se, como era seu hábito, bem alerta, agressiva, satisfeita com a sua própria pessoa, muito direita, falando alto e gritando com voz de comando, ralhando com toda a gente. Em resumo, exatamente igual ao que era nas duas vezes que tive a honra de a ver, na época em que entrei como precetor para casa do general. Era natural que ficasse diante dela petrificado de surpresa. Vira-me a cem passos com os seus olhos de lince, enquanto a faziam subir a escada, sentada na cadeira, reconhecera-me e chamara-me pelo nome e pelo apelido que gravou de uma vez para sempre como habitualmente. «E é uma mulher destas que eles esperavam ver no túmulo e com a herança da qual contavam?», pensei eu comigo mesmo. «Mas ela é que nos vai enterrar a todos, incluindo a gente do hotel! Meu Deus, que vai acontecer aos outros, que vai fazer agora o general? A velha revolverá tudo!»

— Então, meu caro, porque é que ficas aí a revirar os olhos? — gritava a avó. — Não sabes cumprimentar, dar os bons-dias, não? Ou é o orgulho que te impede? Ou será que já não me conheces? Estás a ver, Potapytch? — disse voltando-se para um velhinho de cabelos brancos, de fato e gravata brancos, de calva rósea, seu mordomo, que a acompanhava na viagem. — Estás a ver, não nos conhece! Eles já me tinham enterrado! Mandavam telegrama sobre telegrama: «Ela já morreu? Não morreu

ainda?» Sim, porque eu sei tudo! E como vês, ainda tenho sangue na guelra!

— Perdão, Antonina Vassilievna, por que havia eu de querer-lhe mal? — respondi alegremente, mal recobrei o domínio de mim mesmo... — Só fiquei surpreendido... E como não ficar surpreendido: foi tão inesperado.

— De que te admiras? Subi para o comboio e vim por aí fora. Viaja-se muito bem, não há solavancos. Foste passear?

— Sim, dei uma volta pelo casino.

— Está-se bem aqui — disse a avó olhando em volta. — Está calor e as árvores são magníficas. Exatamente como eu gosto! Os nossos estão em casa? O general?

— Sim, a estas horas todos devem estar em casa.

— Ah! Também aqui acertam os relógios, dão-se ares. Têm um carro, se é verdade o que me disseram, *les seigneurs russes!* Esbanjada a fortuna, fogem para o estrangeiro! Prascóvia também está com eles?

— Paulina Alexandrovna está aqui também.

— E o francesito? Mas vou vê-los em pessoa. Aléxis Ivanovitch, leva-me ao general. E tu, sentes-te bem aqui?

— Razoavelmente, Antonina Vassilievna.

— Tu, Potapytch, diz a esse pasmado criado que me deem um apartamento confortável, agradável, no primeiro andar, e que levem para lá imediatamente as bagagens. Mas por que se precipitam todos para me levar? Para quê tanta pressa? Que servilismo! Quem está contigo? — perguntou-me voltando-se mais uma vez para mim.

— É Mr. Astley — respondi.

— Que Mr. Astley?

— Um viajante, um bom amigo; ele também conhece o general.

— Um inglês. Por isso é que me olha fixamente sem descerrar os dentes. De resto, gosto dos ingleses. Vá, levem-me para cima, levem-me já para o apartamento deles. Onde é que se instalaram?

Transportou-se a avó: eu fui à frente e subi a larga escadaria do hotel. O nosso cortejo causou sensação. Todos os que encontrávamos paravam e olhavam-nos de olhos muito abertos. O nosso hotel passa por ser o mais belo, o mais caro e o mais aristocrático da cidade. Na escada, nos corredores, cruzámo-nos sempre com belas mulheres e imponentes ingleses. Muitos foram informar-se lá abaixo, ao *maître* de hotel que, por seu lado, estava muito impressionado. Respondia simplesmente a quem

lhe fazia perguntas, que era uma estrangeira de distinção, *une russe, une comtesse, grande dame*, e que ia ocupar o apartamento que oito dias antes ocupara *la grande duchesse de N...* O ar imperioso e dominador da avó sentada na cadeira fazia grande efeito. Sempre que nos cruzávamos com alguém, ela olhava com curiosidade e fazia-me em voz alta perguntas sobre toda a gente. A avó tinha um temperamento forte e, embora nunca deixasse a cadeira, via-se que era de grande estatura. Mantinha-se sempre direita como um «I» e nunca se encostava à cadeira. Levantava a larga cabeça de cabelos brancos, de traços grossos mas acentuados; olhava para tudo com um ar altivo e até provocador; percebia-se que o seu olhar e os seus gestos eram absolutamente naturais. Apesar dos 75 anos, o rosto apresentava-se bastante fresco e os dentes não pareciam muito estragados. Trazia um vestido de seda negra e um gorro branco.

— Ela interessa-me muitíssimo — murmurou-me Mr. Astley, que subia a meu lado.

«A avó está ao corrente dos telegramas» — pensei —, «conhece Des Grieux mas parece desconhecer ainda Mademoiselle Blanche». Dei logo parte destas reflexões a Mr. Astley.

Para vergonha minha, confesso que logo que a surpresa passou me senti muito contente pela partida que nesse preciso momento íamos fazer ao general. Tal sentimento estimulava-me e eu caminhava à frente, bastante eufórico.

Os nossos haviam reservado compartimentos no terceiro andar; sem prevenir nem sequer bater, abri a porta e a avó fez uma entrada triunfal. Estavam todos, como se fosse expressamente, reunidos no gabinete do general. Era meio-dia e projetavam, parecia, uma excursão em comum, uns de caleche, outros a cavalo; também havia convidados. Além do general, de Paulina, das crianças e da criada, encontravam-se no gabinete: Des Grieux, Mademoiselle Blanche, de novo vestida de amazona, a mãe, *madame veuve Cominges*, o principezinho e um sábio alemão que eu já vira com eles.

Empurrou-se a cadeira da avó para o meio da sala, a três passos do general. Meu Deus, nunca esquecerei essa impressionante cena! Quando da nossa entrada, o general contava qualquer coisa e Des Grieux secundava-o. Note-se que Mademoiselle Blanche e Des Grieux há dois ou três dias se mostravam muito diligentes para com o principezito, *à la barbe du pauvre général*, e a companhia adotara um tom talvez fictício

mas cordial e íntimo. Ao ver a avó, o general ficou de boca aberta e parou a meio duma palavra. Olhava para ela, de olhos fora das órbitas, como fascinado por uma serpente. A avó também o contemplava sem dizer palavra, imóvel, mas com um olhar triunfante, provocante e severo! Ficaram assim a observar-se por uns dez segundos no meio do geral silêncio. Des Grieux ficou, primeiro, como que estupidificado, mas depressa uma extrema inquietação se revelou no seu rosto. Mademoiselle Blanche franzia as sobrancelhas, a boca entreaberta, e encarava a avó com ar estúpido. O príncipe e o sábio contemplavam a cena muito intrigados. No olhar de Paulina percebia-se um espanto e uma perplexidade extremos, depois, repentinamente, ficou branca como linho; momentos volvidos, o sangue subiu-lhe ao rosto e avermelhou-lhe as faces... Sim, era um desastre para toda a gente! Eu não deixava de olhar ora a avó ora para os assistentes. Mr. Astley, como era seu hábito, mantinha-se à parte, digno e calmo.

— Pois muito bem, aqui estou eu! Venho em substituição do telegrama! — disse finalmente a avó quebrando o silêncio. — Não me esperavam, não é verdade?

— Antonina Vassilievna... minha boa tia... por que acaso... — balbuciou o desgraçado general. Se a avó se tivesse mantido em silêncio mais tempo, talvez ele caísse com um ataque.

— Como? Por que acaso? Subi para o comboio e a caminho! Para que servem os caminhos de ferro? Julgavam talvez que eu ia sair de casa de pés para a frente e deixar-vos a herança, não? Sim, porque eu sei que tu mandaste telegramas. Devem ter-te custado caro. Daqui, não sai muito barato. Mas enchi-me de coragem, e aqui estou. É o francês, não é? Monsieur Des Grieux, creio?

— *Oui, madame* — ripostou Des Grieux —, *et croyez que je suis si enchanté... votre santé... c'est un miracle... vous voir ici... une surprise charmante...*

— Sim, *charmante* não há dúvida que é; como eu te conheço, farsante, não acredito em ti nem isto (e mostrou-lhe o dedo mínimo). Quem é esta? — continuou a avó apontando para Mademoiselle Blanche. A francesa, que dava nas vistas, vestida de amazona, de chicote na mão, surpreendera-a visivelmente. — É daqui?

— É Mademoiselle Blanche de Cominges, e esta é sua mãe, Madame de Cominges; vieram para este hotel — expliquei.

— É casada? — perguntou a velha sem mais cerimónias.

— Não, não é — respondi o mais respeitosamente que pude, baixando intencionalmente a voz.

— É alegre?

Não compreendi a pergunta.

— Estar com ela é aborrecido? Sabe russo? Em Moscovo, Des Grieux engrolava algumas palavras.

Expliquei-lhe que Mademoiselle de Cominges nunca fora à Rússia.

— *Bonjour* — disse a avó bruscamente, dirigindo-se sem mais preâmbulos a Mademoiselle Blanche.

— *Bonjour, madame* — respondeu Mademoiselle Blanche, mergulhando numa reverência cerimoniosa e estudada, deixando entrever, sob a capa de uma extrema polidez, pela expressão do rosto e de toda a pessoa, o espanto que sentia perante uma pergunta e uma conduta tão estranhas.

— Oh! Baixa os olhos, faz momices: já vejo com que pássaro tenho de haver-me: atriz ou qualquer coisa do género. Vim para este hotel, alojei-me lá em baixo — disse a velha senhora voltando-se bruscamente para o general. — Vamos ser vizinhos. Estás contente ou não?

— Oh! E a tia, creia nos meus sinceros sentimentos... de satisfação — replicou o general. Já se recompusera um pouco, e como sabia encontrar no momento próprio os termos graves que se harmonizam com certa pretensão de efeito, pôs-se a perorar. — Ficámos tão alarmados, tão em sobressalto com as notícias da indisposição de que foi vítima... Recebíamos telegramas tão desesperados, e de repente...

— Mentes, mentes — interrompeu-o imediatamente a avó.

— Mas como — interrompeu-a por sua vez o general, levantando a voz e fingindo não ter ouvido —, como se resolveu a empreender uma viagem destas? Tem de concordar que na sua idade e no seu estado de saúde... pelo menos, tudo isto é tão inesperado que o nosso espanto é compreensível. Mas sinto-me tão contente... vamos todos fazer o possível (aqui, ele começou a sorrir com uma expressão de enternecido júbilo) por tornar a sua estadia o mais agradável que puder ser...

— Vá, basta, essa conversa é inútil; como é teu hábito não dizes senão petas; sei muito bem como hei de ocupar o meu tempo. Aliás, não tenho nada contra vocês, não sou rancorosa. Perguntas-me como me decidi a

fazer a viagem? Mas da maneira mais simples. Por que se espantam tanto? Bom dia, Prascóvia, que fazes por aqui?

— Bom dia, avó — disse Paulina, aproximando-se. — Começou a viagem há muito tempo?

— Aqui está, pelo menos, uma pergunta inteligente, em vez de todos esses oh!, e ah! Pois muito bem, vou contar-te: estive uma eternidade de cama, a tratar-me; então, despachei todos os médicos e mandei chamar o sacristão de São Nicolau. Ele já curou uma mulher da mesma doença com pó de feno. Também a mim conseguiu melhorar-me: dois dias depois, transpirei por todos os poros e levantei-me. Então, os meus alemães reuniram-se outra vez, puseram as lunetas e deliberaram: «Se for agora fazer uma cura de águas ao estrangeiro,» disseram-me, «a obstrução desaparecerá completamente.» «Por que não?» pensei eu. Os Dur-Zajiguine gritaram: «É uma loucura ir para tão longe!» Ora, ora! Em vinte e quatro horas, a bagagem estava pronta, e, na semana passada, peguei numa criada de quarto e em Potapytch, depois em Fiodor, que acabei por mandar para Berlim, porque vi que não precisava dele e que podia muito bem viajar sozinha... Reservei um compartimento especial; há carregadores em todas as estações que por vinte copeques nos levam onde queremos. Vocês têm um belo apartamento! — concluiu a velha senhora, olhando à sua volta. — Onde vais buscar dinheiro, meu caro? Se não me engano hipotecaste tudo: só aqui ao francesito, deves os olhos da cara! Sei tudo, desculpa, mas sei tudo!

— Minha tia — começou o general no auge da confusão —, surpreende-me que... parece-me que posso, sem controlo de ninguém... de resto, as minhas despesas não ultrapassam as minhas possibilidades monetárias e aqui, nós...

— Não ultrapassam as tuas possibilidades, isso é que é audácia! A verdade é que privaste os teus filhos das últimas migalhas, tu, que és o tutor!

— Depois disso, depois dessas palavras... — disse o general indignado... —, não sei se...

— Não sabes o quê? Imagino que não deixas a roleta! Estás nas últimas!

O general ficou tão aterrado que por pouco sufocava sob o império da emoção.

— A roleta, eu? Um homem da minha categoria!... Caia em si, minha tia, ainda não está completamente restabelecida...

— Tudo isso não passa de mentira! Aposto que não te conseguem arrancar da roleta! Tu não fazes senão loucuras! Ainda hoje hei de ir ver o que é a roleta. Prascóvia, hás de dizer-me o que há aqui para ver. Alexis Ivanovitch acompanhar-me-á; tu, Potapytch, toma nota dos sítios que se devem ir visitar. Que se pode ver aqui? — voltou ela a perguntar dirigindo-se a Paulina.

— Nos arredores, há um castelo em ruínas, e também o Schlangenberg.

— Que é o Schlangenberg? Uma floresta?

— Não, é um monte; lá longe há uma *pointe*...

— Que *pointe*?

— A parte mais elevada do monte. Fizeram lá um miradouro. A vista é incomparável.

— Será preciso levar a minha cadeira até lá acima? Será possível?

— Oh, é fácil arranjar carregadores — respondi.

A certa altura, Fédossia, a criada, veio cumprimentar a avó; trazia-lhe os filhos do general.

— Ah! Nada de beijos! Não gosto de beijar as crianças, são todas ranhosas. Como te sentes aqui, Fédossia?

— Aqui está-se muito bem, minha boa senhora — respondeu Fédossia. — E a senhora, como vai agora a minha querida senhora? Grande cuidado nos causou!

— Sei muito bem; tu, pelo menos, és uma alma simples. Todos estes são vossos convidados? — disse a velha dirigindo-se novamente a Paulina. — Quem é este magricela de óculos?

— É o príncipe Nilski, avó — disse-lhe Paulina em voz baixa.

— Ah, um russo? E eu que pensava que ele não estava a perceber! Talvez não tenha ouvido! Já vi Mr. Astley. Mas aqui está ele outra vez — exclamou a avó ao avistá-lo. — Bom dia! — disse-lhe ela à queima-roupa.

Mr. Astley inclinou-se sem dizer palavra.

— Então, não me diz nada de agradável? Diga qualquer coisa! Traduz-lhe o que acabo de dizer, Paulina.

Paulina traduziu.

— Direi que estou a contemplá-la com grande prazer e que me sinto feliz de a encontrar de boa saúde — respondeu Mr. Astley em tom sério,

mas com extrema solicitude.

Traduziram estas palavras à avó e elas agradaram-lhe visivelmente.

— Como estes ingleses têm sempre resposta para tudo! — disse. — Não sei porquê, mas gostei sempre dos ingleses; não se comparam com os franceses! Venha visitar-me — disse ainda a Mr. Astley. — Procurarei não o aborrecer muito. Traduz-lhe o que acabo de dizer e informa-o de que habito aqui, no primeiro andar. No primeiro andar, compreende? Lá em baixo — repetiu ela a Mr. Astley apontando para o chão com o dedo.

Mr. Astley ficou encantado com o convite.

A velha senhora envolveu Paulina dos pés à cabeça num olhar atento e satisfeito.

— Quero-te muito, Prascóvia — disse-lhe de repente. — És boa moça, a melhor de todas, mas tens um destes feitios!... De resto, também eu... Volta-te um pouco; isso que trazes são cabelos postiços?

— Não, avó, são os meus.

— Felizmente! Acho horrível essa estúpida moda. És muito bonita. Se fosse homem ficava apaixonado por ti. Por que não te casas? Mas já é tempo de me ir embora. Apetece-me passear, depois de tanto tempo passado no comboio... Então, continuas aborrecido? — perguntou ela ao general.

— Por Deus, minha tia, não prossiga! — respondeu o general, já calmo. — Compreendo muito bem, na sua idade...

— *Cette vieille est tombée en enfance* — murmurou-me Des Grieux.

— Quero ver tudo o que há aqui. Emprestas-me Alexis Ivanovitch? — perguntou a avó ao general.

— Oh! Pelo tempo que quiser, mas eu... e Paulina, o senhor Des Grieux, gostaríamos de a acompanhar.

— *Mais, madame, cela sera un plaisir...* — insinuou Des Grieux com um sorriso cativante.

— Hum, um prazer! Dás-me vontade de rir, meu caro. Claro que não te darei dinheiro — disse ela de repente, dirigindo-se ao general. — Levem-me para o meu apartamento: vou dar-lhe uma vista de olhos, depois visitaremos tudo. Carreguem-me.

Carregou-se de novo a avó e descemos a escadaria em procissão atrás da sua cadeira. O general caminhava como que atordoado por uma cacetada. Des Grieux parecia refletir. Mademoiselle Blanche primeiro quis

ficar, depois julgou preferível vir connosco. O príncipe vinha logo atrás; só o alemão e Madame Cominges ficaram no apartamento do general.

Capítulo 10

Nas termas, e verosimilmente também em toda a Europa, os gerentes e *maîtres* de hotel, quando reservam alojamento para um cliente, inspiram-se menos nas suas exigências ou desejos do que na opinião que formam dele; e forçoso é reconhecer que raramente se enganam. Mas deram à avó, Deus sabe porquê, alojamento tão faustoso que desta vez passaram os limites: quatro divisões magnificamente mobiladas, com quarto de banho, dependências para os criados, quarto separado para a camareira, etc., etc. Uma *grande-duchesse* ocupara efetivamente o alojamento até oito dias antes e houve pressa, é claro, de comunicar o facto aos novos ocupantes, para valorizar ainda mais o preço da habitação. Transportou-se, ou melhor, fez-se rodar a avó por todos os quartos e ela submeteu-os a severo e atento exame. O *maître*, homem de certa idade, de crânio calvo, acompanhou-a cortesmente durante essa volta de proprietária.

Não sei por quem tomavam eles a avó. Sem dúvida por pessoa de grande distinção e, principalmente, rica. No registo, inscreveram imediatamente: *Madame la générale, princesse de Tarassevitcheva*, apesar de a avó nunca ter sido princesa. Os criados, o compartimento reservado, o monte de inúteis embrulhos, de malas e de arcas que haviam sido desembarcados juntamente com a velha senhora serviram sem dúvida de pedestal ao seu prestígio. E a cadeira, o ar cortante e a voz da avó, as impertinentes perguntas que fazia com total desenvoltura e sem admitir a mais pequena réplica, em resumo, toda a sua personalidade, direita, brusca, autoritária, acabaram por granjear-lhe veneração universal. Enquanto passava o alojamento em revista, a velha senhora fazia parar bruscamente a cadeira, apontava para qualquer peça do mobiliário e fazia perguntas inesperadas ao *maître*, que sorria respeitosamente mas começava já a tremer. Interrogava-o em francês, língua que falava bastante mal, de modo que eu tinha de estar quase sempre a traduzir. As respostas do *maître* de hotel desagradavam-lhe quase todas e pareciam-lhe insuficientes. De resto, ela fazia perguntas destituídas de sentido e

inspiradas pela mais alta fantasia. Por exemplo, parava bruscamente diante de um quadro, cópia bastante fraca de um original célebre, de tema mitológico.

— É o retrato de quem?

O *maître* explicou que era possivelmente de uma condessa.

— O quê! Não sabes? Vives aqui e não sabes! Por que está este quadro aqui? Será possível que ela entorte os olhos?

A todas estas perguntas não pôde o *maître* responder de modo satisfatório e acabou mesmo por ficar aturdido.

— Que imbecil! — declarou a avó em russo.

Levaram-na mais para diante. O mesmo incidente se reproduziu com uma estatueta de Saxe que a velha contemplou longamente e mandou em seguida retirar, sem que se saiba porquê. Enfim, ela afogou o *maître* com perguntas: quanto custaram os tapetes do quarto da cama, onde se fabricavam. O *maître* prometeu informar-se.

— Que asnos! — resmungou a velha, e concentrou toda a sua atenção na cama.

— Aqui está um magnífico baldaquino! Desfaçam-no.

Desfez-se a cama.

— Mais, mais, desfaçam tudo. Tirem os travesseiros, as fronhas, o *édredon*.

A roupa da cama ficou na maior confusão. A avó examinou tudo atentamente.

— Felizmente que não há percevejos. Levem a roupa. Põem-se os meus lençóis e os meus travesseiros. De resto, tudo isto é luxuoso demais. Para que preciso eu, na minha idade, de um alojamento assim? Morre-se de tédio sozinha. Alexis Ivanovitch, vem ver-me amiudadas vezes, quando acabares de dar as lições às crianças.

— Deixei de estar, a partir de ontem, ao serviço do general, e vivo no hotel à minha custa.

— E porquê?

— Chegou há dias de Berlim, com a mulher, um alemão de marca, um barão. Ontem, durante o passeio, dirigi-lhe a palavra em alemão, sem observar a pronúncia berlinense.

— E então?

— Tomou isso como impertinência e queixou-se ao general. Este despediu-me imediatamente.

— Mas quê, insultaste esse barão? Mesmo que o tivesses feito, não havia grande mal nisso!

— Oh, não! Pelo contrário, ele é que levantou a bengala contra mim.

— E tu, rapazola, deixaste que o barão tratasse assim o precetor dos teus filhos? — disse bruscamente a velha ao general. — E ainda por cima o despediste! Vocês todos não passam duns maricas, pelo que vejo.

— Não se amofine, tia — respondeu o general com uma pontinha de altiva familiaridade —, sei muito bem tratar dos assuntos que me dizem respeito. Alexis Ivanovitch, ainda por cima, não lhe fez um relato inteiramente exato do que se passou.

— E como pudeste tu aguentar tudo? — perguntou-me ela.

— Eu queria provocar o barão para um duelo — respondi com a maior modéstia e a maior calma —, mas o general opôs-se.

— Porquê? — volveu a avó. — Tu, meu caro, vai-te embora; voltarás quando te chamarem — disse ela ao *maître*. — Não suporto esta carantonha de Nuremberga!

O homem inclinou-se e saiu, sem compreender, é claro, o «cumprimento» da avó.

— Desculpe, minha tia, mas são possíveis os duelos? — respondeu o general soltando um risinho.

— E por que não? Os homens não passam de pequenos galos. Batiam-se, e pronto! Franganotes, é o que sois, franganotes incapazes de defender a honra do vosso país. Vá, levem-me! Potapytch, dá ordens para que estejam sempre à minha disposição dois carregadores. Contrata-os e fixa as condições. Dois bastam. Só nas escadas é que preciso que me carreguem. Em terreno plano, na rua, fazem-me rodar, explica-lhes isso, e dá-lhes um adiantamento, serão mais solícitos. Tu vais ficar sempre ao pé de mim, e tu, Alexis Ivanovitch, hás de mostrar-me, durante o passeio, esse barão: que eu veja, ao menos, quem vem a ser esse tal «von Baron». Vamos, onde é que é a roleta?

Expliquei-lhe que as roletas estavam instaladas nas salas do casino. Logo vieram as perguntas: «Há muitas? Há muita gente a jogar? Joga-se durante todo o dia? Como é organizado o jogo?» Respondi que o melhor era ver tudo isso com os próprios olhos e que era muito difícil fazer uma descrição assim.

— Muito bem, então levem-me lá imediatamente! Vai à frente, Alexis Ivanovitch!

— Então, minha tia, não descansa sequer um bocadinho? — perguntou o general com solicitude.

Parecia um pouco agitado. De resto, estavam todos embaraçados e trocavam olhadelas. Provavelmente sentiam-se perturbados e até envergonhados por acompanharem a avó ao casino, onde ela daria curso, evidentemente, a algumas das suas excentricidades, e desta vez em público. No entanto, ofereceram-se para a escoltar.

— Por que havia eu de descansar? Não estou cansada. Há cinco dias que não me mexo. Depois vamos ver as nascentes, as águas termais. E depois... essa... como foi que disseste, Prascóvia? Essa *pointe*, não é assim?

— Sim, avó.

— Voto na *pointe*. E que há mais aqui?

— Muitas coisas, avó — disse Paulina embaraçada.

— Bom, tu não sabes nada! Marta, vem também comigo — disse a velha à camareira.

— Por que quer levá-la, minha tia? — perguntou o general subitamente inquieto — É impossível. Duvido mesmo que deixem entrar Potapytch no casino.

— Parvoíces! Então havia de ficar cá fora só porque é uma criada?! Ou não será filha de Deus, como qualquer? Há oito dias que andamos pelas estradas: também lhe apetece a ela ver qualquer coisa. Quem havia de levá-la senão eu? Não ousa sequer dar um passeio sozinha na rua.

— Mas, avó...

— Se calhar tens vergonha de vir comigo, não? Então fica em casa, que ninguém te pede nada. Um general, coisa de peso! Também eu sou generala. Além disso não preciso de arrastar comigo toda esta procissão! Vou ver tudo com Alexis Ivanovitch...

Mas Des Grieux insistiu para que todos fizessem parte da expedição e prodigalizou frases amáveis sobre o prazer de a acompanhar, etc. Puseram-se todos a caminho.

— *Elle est tombée en enfance* — repetiu Des Grieux ao general. — Sozinha, fará asneiras...

Não ouvi mais nada, mas ele embalava com certeza qualquer projeto e talvez até lhe tivesse voltado a esperança.

O trajeto até ao casino era aproximadamente de quinhentos metros. Seguimos pela álea dos castanheiros até ao jardim da praça, demos-lhe a

volta e entrámos diretamente no casino. O general parecia um pouco mais sossegado, pois ao nosso cortejo, se bem que bastante excêntrico, não faltava dignidade. E nada havia de espantoso no facto de uma pessoa doente e fraca, privada do uso das pernas, vir às termas. Mas era visível que o general temia o casino. Que ia fazer uma doente, e ainda por cima velha, à roleta? Paulina e Mademoiselle Blanche caminhavam uma de cada lado da cadeira de rodas. Mademoiselle Blanche ria, mostrava uma alegria discreta e, uma vez por outra, trocava comentários irónicos com a avó, a tal ponto que esta acabou por felicitá-la. Paulina, do outro lado, era obrigada a responder às inúmeras e incessantes perguntas da velha senhora, perguntas deste género: «Quem foi que passou agora por nós? Que mulher é essa que vai de carruagem? A cidade é grande? O jardim é vasto? Que árvores são estas? Como se chamam estas montanhas? Há águias por aqui? Que telhado mais estranho!» Mr. Astley, que caminhava ao meu lado, disse-me em voz baixa que esperava muito dessa manhã.

Potapytch e Marta vinham atrás, logo a seguir à cadeira: Potapytch de fato e gravata brancos, mas trazendo gorro, e Marta, mulher de quarenta anos, de bochechas vermelhas e cabelos já grisalhos, usava touca e vestido de indiana e calçava sapatos de pele de cabrito, que rangiam. A avó voltava-se frequentemente para eles para lhes dirigir a palavra. Des Grieux e o general haviam ficado um pouco mais para a retaguarda e conversavam com animação. O general estava muito abatido. Des Grieux falava com ar decidido. Talvez estivesse a tentar levantar o moral do companheiro. Era visível que lhe dava conselhos. Mas a avó já dissera a frase fatal: «Não te darei dinheiro.» Podia ser que esta novidade parecesse inverosímil a Des Grieux, mas o general conhecia muito bem a tia. Eu notara que Des Grieux e Mademoiselle Blanche continuavam a trocar piscadelas de olho. Vi o príncipe e o alemão no extremo da álea. Deixaram-nos seguir à frente e partiram noutra direção.

Fizemos uma entrada triunfal no casino. O porteiro e os criados mostraram solicitude idêntica à da criadagem do hotel. Olhavam-nos, todavia, com curiosidade. A avó ordenou, logo de início, que a levassem a dar uma volta por todas as salas. Ora louvava o que via ora se mostrava indiferente, mas de tudo se informava. Chegámos, por fim, às salas de jogo. O criado postado de sentinela junto à porta fechada, logo a abriu de par em par, como que fulminado pela surpresa.

O aparecimento da avó na roleta causou profunda impressão no público. Nas mesas da roleta e na outra extremidade da sala, onde se encontrava a mesa do *trente et quarante*, acotovelavam-se cerca de cento e cinquenta ou duzentos jogadores, formando várias filas. Os que haviam conseguido furar até junto da mesa aguentavam-se firmemente nas suas posições, como habitualmente, e não cediam o lugar senão quando perdiam todo o dinheiro, pois não é permitido ocupar tal posição como simples espectador e desfrutar gratuitamente do lugar de um jogador. Muito embora houvesse cadeiras em redor da mesa, poucos se sentavam nelas, sobretudo quando a multidão era compacta, porque ficando de pé ocupa-se menos espaço e está-se mais à vontade para fazer e distribuir as paradas. As pessoas da segunda e terceira filas amontoavam-se atrás das da primeira, à espera de vez, mas não raro, impacientes, enfiavam a mão por entre os jogadores para também apostarem. Na terceira fila igualmente se esforçavam por fazer chegar fichas até ao pano verde. Por isso, de dez em dez ou de cinco em cinco minutos havia contestação num dos extremos da mesa. A Polícia do casino está de resto muito bem organizada. Não podem, evidentemente, evitar a balbúrdia; pelo contrário, ficam contentes quando há afluência, porque ganham com isso; mas oito «croupiers» sentados à volta da mesa seguem atentamente as apostas; eles é que pagam, e se um diferendo surge eles é que o resolvem. Nos casos extremos, chama-se a Polícia e a questão é regulada instantaneamente. Os agentes trajam civilmente e estão espalhados pela sala, entre os espectadores, de modo que não se pode reconhecê-los. Vigiam de preferência os larápios e os escroques profissionais, que aparecem em grande número na roleta, onde é especialmente simples o exercício da sua indústria. Na verdade, em qualquer outro lado, é preciso revolver algibeiras ou fazer saltar fechaduras e, em caso de insucesso, esperam-vos fortíssimos aborrecimentos, ao passo que aqui basta chegar ao pé da roleta, começar a jogar e, súbita, ostensivamente, sob o nariz ou nas barbas de todos, fazer mão baixa do ganho de outrem e metê-lo na algibeira. Em caso de altercação, o ladrão proclama em alta e nítida voz que essa entrada é dele e de mais ninguém. Se o golpe é executado com habilidade e as testemunhas hesitam, o ladrão consegue, não raro, ficar com o dinheiro, quando, é claro, a quantia é pouco elevada, pois caso contrário já os «croupiers» ou um outro jogador a teriam notado. Se a quantia é pequena, o legítimo proprietário renuncia, por vezes, de sua própria iniciativa, a

continuar a disputa e retira-se, receoso do escândalo. Mas se se consegue desmascarar o ladrão, corre-se com ele sem mais contemplações.

A avó observou tudo isso de longe, com ávida curiosidade. Ficava encantada cada vez que expulsavam um ladrão. O *trente et quarante* pouco lhe espicaçou a curiosidade. A roleta é que lhe agradava, principalmente quando a esfera começava a girar. Quis, finalmente, ver o jogo mais de perto. Não sei como isso se conseguiu, mas os criados e alguns indivíduos pressurosos (a maior parte das vezes polacos que se arruinaram ao jogo e impõem os seus empréstimos aos jogadores felizes e a todos os estrangeiros) arranjaram-lhe imediatamente lugar perto do centro da mesa, ao lado do «croupier» principal, e, apesar dos encontrões, empurraram até aí a cadeira. Um grande contingente de visitantes, que não jogavam mas se limitavam a observar (principalmente ingleses acompanhados das famílias), refluiu logo para a mesa para ver a avó. Os «croupiers» conceberam esperanças: uma jogadora tão excêntrica prometia realmente algo de extraordinário. Uma mulher de setenta anos, enferma, que desejava jogar... Eis uma circunstância pouco comum. Consegui também furar até à mesa e instalei-me ao lado da avó. Potapytch e Marta ficaram à parte, entre a multidão. O general, Paulina, Des Grieux e Mademoiselle Blanche juntaram-se aos espectadores.

A avó, primeiro, olhou os jogadores que a cercavam. Fazia-me, a meia-voz, rápidas perguntas: «Quem é este? Quem é aquela?» Mostrou-se sobretudo interessada por um jovem instalado no extremo da mesa e que jogava forte, apostava aos milhares de francos e ganhara já, murmuravam os vizinhos, quarenta mil francos, que se amontoavam à sua frente em moedas de ouro e em notas. Estava pálido, de olhos brilhantes e de mãos trémulas. Fazia as entradas sem contar, pegando no dinheiro aos punhados, e no entanto não deixava de ganhar e o ouro crescia diante dele. Os criados multiplicavam-se em cuidados, traziam-lhe uma cadeira, não deixavam que as pessoas se amontoassem sobre ele, para que se sentisse à vontade, e tudo isso, é claro, na esperança de uma rica gorjeta, pois jogadores há, dos felizes, que lhes dão uma mão-cheia de dinheiro que tiram do bolso e nem sequer contam. Ao lado do jovem instalara-se já um polaco, que não estava parado um momento e lhe falava continuamente ao ouvido, respeitosamente, sem dúvida para o aconselhar e lhe dirigir o jogo e, bem entendido, à espera de uma remuneração. Mas o jogador quase não lhe

prestava atenção, fazia o jogo como calhava e continuava a amontoar. Era evidente que perdera a cabeça.

A avó esteve a observá-lo durante alguns minutos.

— Diz-lhe — pediu-me ela, subitamente preocupada e acotovelando-me —, diz-lhe que abandone o jogo, recolha já o dinheiro e se ponha a andar. Vai perder, vai perder tudo de um momento para o outro — volveu ela inquieta, quase ansiosa de tanta emoção. — Onde para Potapytch? Mandem ir ter com ele Potapytch! Mas diz-lhe, então — tornava ela dando-me pequenos socos. — Onde se meteu Potapytch? *Sortez! Sortez!* — começou a velha a gritar para o jovem.

Inclinei-me e disse-lhe ao ouvido, mas firmemente, que não era permitido gritar assim naquele lugar, que era mesmo proibido falar, a não ser em voz baixa, porque de outro modo perturbavam-se os cálculos, e que iam obrigar-nos a sair.

— Que pena! Esse homem está perdido! Mas se calhar é porque ele próprio assim o quer... Não consigo olhá-lo, sinto-me como se estivesse do avesso. Que tolo!

E a avó virou-se logo para o outro lado.

Aí, à esquerda, via-se uma jovem senhora acompanhada por uma espécie de anão. Ignoro quem era aquele anão: seria um parente? Tê-lo-ia a senhora levado só para dar nas vistas? Eu havia notado já essa jovem senhora. Vinha todos os dias ao casino à uma hora da tarde e retirava-se pontualmente às duas.

Não jogava mais do que uma hora por dia. Já a conheciam e puseram logo uma cadeira à sua disposição. Tirou do bolso algumas moedas de ouro e algumas notas de mil francos e começou a apostar paulatinamente, friamente, registando os números numa folha de papel e esforçando-se por descobrir o sistema segundo o qual as possibilidades se agrupavam num momento dado. Arriscava muito. Ganhava todos os dias mil, dois mil, três mil francos no máximo, não mais, e, mal os ganhava, retirava-se imediatamente. A avó observou-a um bom momento.

— Pois muito bem, aquela não há de perder! Aquela não há de perder! Quem é? Sabes?

— Uma francesa, provavelmente uma dessas senhoras... — murmurei eu.

— Ah, pelo voo se conhece o pássaro! Vê-se que tem garras afiadas. E agora explica-me o que significa cada volta e como é que se deve apostar.

Expliquei o melhor que pude à avó o sentido das inúmeras combinações de apostas: o *rouge et noir*, *pair et impair*, *manque et passe* e, por fim, os diversos matizes no sistema dos números. A velha senhora ouvia-me com atenção, fazia-me novas perguntas e ia-se instruindo. Era fácil dar-lhe um exemplo imediato de cada sistema de apostas, de modo que a lição era aprendida com facilidade. A avó ficou muito contente.

— E que significa «zero»? O «croupier» principal acaba de gritar «zero»! Por que recolheu ele tudo o que estava na mesa? Ficou com todo esse montão! Que significa isto?

— «Zero», avó, é o lucro da banca. Se a esfera calha no zero, tudo o que está na mesa, sem distinção, pertence à banca. Para ser mais exato, é concedida mais uma volta para desforra, mas a banca não paga nada.

— Essa agora! Então não recebo nada!

— Não. Se apostou antes no zero e o zero sai, pagam-lhe trinta e cinco vezes a entrada que fez.

— O quê? Trinta e cinco vezes?! E sai com frequência? Porque é que estes imbecis não cobrem o zero?

— Porque há trinta e seis possibilidades contra, avó.

— Que absurdo! Potapytch! Potapytch! Espera, tenho dinheiro comigo... aqui está! — Tirou da algibeira uma bolsa pejada e extraiu dela um frederico. — Pega, põe-no já a cobrir o zero.

— Avó, o zero saiu mesmo agora — disse-lhe eu —, portanto não voltará a sair senão daqui a muito tempo. Arrisca demasiado: espere um pouco.

— Não, estás a dizer tolices, põe onde te disse!

— Desculpe, mas muito provavelmente só voltará a sair à noite, mesmo que aposte mil vezes; já se viu isso muito.

— Tolices, tolices, quem tem medo compra um cão. Quê? Perdeste? Volta a pôr!

Perdemos assim o segundo frederico; pusemos um terceiro. A avó não estava quieta; acariciava com o olhar a esfera que saltava entre as casas do prato giratório. Perdemos o terceiro frederico. A avó estava fora de si! Não podia ficar tranquila e bateu com o punho na mesa quando o «croupier» anunciou «trinta e seis» em vez do zero esperado.

— Então! — exclamou a avó já furiosa —, esse maldito zero sai ou não? Que me enforquem se eu não jogar até o zero sair! A culpa é desse «croupier» de cabelinho ondulado: com ele nunca sai! Alexis Ivanovitch,

põe duas moedas de uma vez! Apostas tão pouco que se o zero sair não ganharemos nada.

— Avó!

— Joga, joga! O dinheiro não é teu.

Pus dois fredericos. A esfera rolou um bom bocado no prato e, finalmente, começou a saltar por cima das casas. A avó desfaleceu e apertou-me o braço e, de repente, zás!

— Zero! — proclamou o «croupier».

— Vês, vês! — disse a avó voltando-se vivamente para mim. — Eu bem te disse, eu bem te disse! Foi Deus que me sugeriu que pusesse duas moedas de ouro! Quanto vou receber agora? Por que não me pagam? Potapytch, Marta, onde é que eles param? E os nossos, para onde foram? Potapytch, Potapytch!

— Imediatamente, avó — murmurei-lhe eu. — Potapytch está à porta, não o deixarão entrar aqui. Olhe, avó, estão a pagar-lhe, recolha o dinheiro!

Lançaram à avó um pesado rolo de cinquenta fredericos embrulhados em papel azul-escuro, e contaram-lhe ainda vinte fredericos não embrulhados. Puxei tudo para a frente da avó.

— *Faites le jeu, messieurs! Faites le jeu, messieurs!* — gritou o «croupier» convidando os jogadores a apostar e preparando-se para lançar a esfera.

— Meu Deus, estamos atrasados! Vão já começar! Joga, joga! — disse a avó, agitada. — Depressa, não percas tempo — volveu ela completamente fora de si e dando-me fortes cotoveladas.

— Mas onde, avó?

— No zero! No zero! Sempre no zero! Põe o mais que puderes! Quanto temos ao todo? Setenta fredericos? É inútil estar a poupar, põe vinte duma vez!

— Avó, seja razoável! Às vezes está duzentas vezes sem sair! Por Deus, vai cá deixar todo o seu dinheiro!

— Tolices, tolices, joga depressa! Olha que o martelo já está a bater! Sei muito bem o que faço — disse a avó a tremer nervosamente.

— O regulamento proíbe que se ponham mais de doze fredericos no zero. Pronto, já lá estão.

— Como assim? Isso é verdade? *Moussié! Moussié!* — disse ela empurrando com o cotovelo o «croupier» que se sentava à sua esquerda e

que se preparava para lançar a esfera: — *Combien zéro? Douze?*

Apressei-me a explicar-lhe a pergunta em francês.

— *Oui, madame* — respondeu polidamente o «croupier» —, assim como nenhuma aposta deve ultrapassar quatro mil florins; é o regulamento — ajuntou à guisa de esclarecimento.

— Bem, nada a fazer. Põe doze, então.

— *Le jeu est fait!* — gritou o «croupier». O prato girou, e foi o treze que saiu. Tínhamos perdido!

— Outra vez! Outra vez! Joga outra vez! — gritou a avó.

Dessa vez não lhe opus mais resistência, encolhi os ombros e voltei a cobrir o zero com doze fredericos. O prato girou longamente. A avó tremia seguindo-o com os olhos. «Será que ela pensa realmente que o zero vai voltar a sair?», perguntei a mim mesmo olhando-a com espanto. No rosto brilhava-lhe a convicção absoluta de que ia ganhar, a esperança firme de ouvir nesse momento gritar: «Zero!» A esfera saltou para uma casa.

— Zero! — gritou o «croupier».

— E então?! — disse a avó voltando-se para mim com ar triunfante e agressivo.

Eu era um jogador: senti-o nesse preciso momento. Os braços e as pernas tremiam-me, as têmporas batiam-me. Evidentemente, era raro que numa dezena de lances o zero saísse três vezes, mas não havia nisso nada de particularmente espantoso. Eu próprio, na antevéspera, vira o zero sair três vezes *seguidas* e, nessa ocasião, um dos jogadores que assentara aplicadamente os lances num papel fizera notar em voz alta que, no dia anterior, esse mesmo zero não saíra senão uma vez em vinte e quatro horas.

Entregaram o dinheiro à avó com a deferência e a atenção particulares devidas à pessoa que conseguira o maior ganho. Ela recebeu exatamente quatrocentos e vinte fredericos, ou seja, quatro mil florins e vinte fredericos. Deram-lhe os vinte fredericos em moedas de ouro e os quatro mil florins em notas.

Mas, dessa vez, a avó já não chamou por Potapytch: tinha outros planos em mente! Já não parecia agitada nem tremia exteriormente. Mas tremia interiormente, se assim se pode dizer. Toda a atenção se lhe concentrava num ponto, como se ela estivesse a atirar ao alvo:

— Alexis Ivanovitch, ele disse que não se podia apostar mais de quatro mil florins de uma só vez, não foi? Olha, pega, põe esses quatro mil

florins no vermelho — decidiu ela.

Era inútil procurar dissuadi-la. O prato começou a girar.

— *Rouge!* — proclamou o «croupier».

Novo ganho de quatro mil florins, o que dava oito mil ao todo.

— Deixa-me quatro mil e volta a pôr o resto no vermelho — ordenou-me a avó.

Voltei a arriscar mais uma vez quatro mil florins.

— *Rouge!* — anunciou de novo o «croupier».

— Doze, no total! Dá-me tudo. Guarda-me o ouro na bolsa e apanha as notas. É quanto basta! Vamos embora! Empurrem-me a cadeira.

Capítulo 11

Fez-se rodar a cadeira para a porta, na outra extremidade da sala. A avó estava radiante. Os nossos formaram círculo em torno dela para a felicitar. Por excêntrica que tivesse sido a conduta da avó, o triunfo que alcançara fazia esquecer muita coisa e o general já não receava comprometer-se publicamente pelo seu parentesco com uma mulher tão original. Cumprimentou a avó com um sorriso condescendente e um ar familiar e divertido, como se faz com uma criança que se quer distrair. De resto, estava visivelmente impressionado, como todos os outros espectadores. Comentava-se o caso, apontava-se para a avó. Muitos passavam-lhe ao lado para a verem mais de perto. Mr. Astley falava dela, um pouco afastado, com dois dos seus amigos ingleses. Damas imponentes contemplavam-na com majestoso espanto, como se se tratasse de um fenómeno. Des Grieux multiplicava-se em felicitações e em sorrisos.

— *Quelle victoire!* — disse ele.

— *Mais, madame, c'était du feu!* — ajuntou Mademoiselle Blanche com um sedutor sorriso.

— Pois é, do pé para a mão ganhei doze mil florins! Que digo eu? Doze mil florins? E as moedas de ouro? Ao todo, ao todo são perto de treze mil. Quanto é que isto dá em rublos? Seis mil?

Expliquei-lhe que tal soma dava mais de sete, talvez mesmo oito, segundo a atual cotação.

— Oito mil, uma ninharia! Que estão aí a fazer pasmados? Potapytch, Marta, vocês viram?

— Minha boa senhora, como é que conseguiu? Oito mil rublos! — exclamava Marta, obsequiosa.

— Olhem, aqui têm cinco moedas de ouro para cada um, peguem! — Potapytch e Marta precipitaram-se para lhe beijar as mãos.

— E deem também um frederico a cada um dos carregadores. Dá uma moeda a cada um, Alexis Ivanovitch. Por que está este rapaz a fazer

curvaturas, e também o outro? Para me felicitar? Dá-lhes também um frederico.

— *Madame la princesse... un pauvre expatrié... malheur continuel... les princes russes sont si généreux...* — suplicava junto da cadeira um sujeito de sobrecasaca já no fio, de colete pintalgado, que ostentava bigode e segurava o gorro enquanto sorria servilmente.

— Dá-lhe também um frederico. Não, dá-lhe dois. Pronto, basta! Senão nunca mais acabamos. Levantem-me, levem-me! Prascóvia — disse ela a Paulina Alexandrovna —, amanhã compro-te um vestido, e à Mademoiselle... como é que ela se chama, Mademoiselle Blanche, não é?, dou-lhe também qualquer coisa para que compre um vestido. Traduz-lhe o que eu disse, Prascóvia!

— *Merci, madame* — disse Mademoiselle Blanche mergulhando numa reverência e esboçando um irónico sorriso na direção de Des Grieux e do general. Este parecia um pouco perturbado e experimentou grande alívio quando chegámos à álea.

— E Fédossia, Fédossia! Nem vai acreditar no que ouvir! — disse a avó pensando na criada que tomava conta das crianças. — Que se lhe dê também qualquer coisa para comprar um vestido. Eh, Alexis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch, dá esmola a este mendigo!

Passava pelo caminho um miserável esfarrapado, de costas curvadas, que nos olhava.

— Se calhar não é um mendigo, mas um farsante, avó.

— Dá, dá! Dá-lhe um florim!

Aproximei-me e estendi-lhe a moeda. Olhou-me estupefacto, mas pegou na moeda sem dizer nada. Cheirava a vinho.

— E tu, Alexis Ivanovitch, ainda não tentaste a sorte?

— Ainda não, avó.

— Brilhavam-te os olhos, vi muito bem.

— Hei de tentar com certeza, mas mais tarde.

— E não hesites, joga no zero! hás de ver! Quanto dinheiro tens?

— Vinte fredericos, avó.

— Não é muito. Empresto-te cinquenta fredericos, se quiseres. Olha, pega nesse rolo... Quanto a ti, meu caro, não alimentes ilusões, não te darei nada! — disse ela bruscamente ao general.

Este pareceu perturbado, mas calou-se. Des Grieux franziu o sobrolho.

— *Que diable, c'est une terrible vieille!* — disse ele ao general por entre dentes.

— Um mendigo, um mendigo, outra vez um mendigo! — gritou a avó. — Alexis Ivanovitch, dá também um florim a esse homem.

Dessa vez vinha ao nosso encontro um velho de cabelos brancos, com uma perna de pau, vestido com uma espécie de manto azul-escuro e segurando um cajado na mão. Parecia um velho soldado. Mas mal lhe estendi o florim, deu um passo para trás e encarou-me ameaçadoramente.

— *Was ist's der Teufel?* — gritou ele, fazendo acompanhar a exclamação de uma dúzia de insultos!

— Que imbecil! — exclamou a avó enquanto desenhava com a mão um gesto de desprezo. — Vamos embora! Estou morta de fome! Janto já, descanso um pouco e volto outra vez.

— Quer jogar ainda mais, avó? — perguntei eu, admirado.

— Que julgavas tu? Que eu ia ficar a olhar para vocês, a vê-los criar bolor?

— *Mais, Madame!* — disse Des Grieux aproximando-se —, *les chances peuvent tourner, une seule mauvaise chance et vous perdrez tout, surtout avec votre jeu... c'était terrible!*

— *Vous perdrez absolument* — murmurou Mademoiselle Blanche.

— E que vos importa a vocês? Não era o vosso dinheiro que eu perdia, era o meu! Mas onde para Mr. Astley? — perguntou-me ela.

— Ficou no casino, avó.

— Que pena! É tão bom rapaz!

De regresso a casa, a avó, cruzando-se com o *maître* de hotel na escada, chamou-o e gabou-se do ganho que tivera. Depois chamou Fédossia, deu-lhe três fredericos e ordenou-lhe que servisse o jantar. Fédossia e Marta expandiram-se em exclamações durante o jantar.

— Fiquei a vê-la, minha querida senhora — gralhava Marta —, e disse a Potapytch: «Que vai fazer a nossa patroa?» E que quantidade de dinheiro na mesa! Santos do céu! Nunca vi tanto dinheiro junto na minha vida! E em volta só senhores, só senhores! «De onde virão todos estes senhores, Potapytch?», disse eu. Não fazia senão pensar: «Que a mãe de Deus a ajude!» Rezei por si, minha boa senhora; sentia o coração falhar, parar, e tremia toda. «Ajudai-a, Senhor!», roguei e o Senhor protegeu-a! Ainda tremo só de pensar nisso, tremo da cabeça aos pés!

— Alexis Ivanovitch, depois do jantar vai arranjar-te. Às quatro voltamos lá. Entretanto, adeus, e não te esqueças de me mandar um desses médicos, um desses sacripantas: também preciso de tomar as águas. Podias esquecer-te.

Deixei a avó meio aturdido. Tentava adivinhar o que ia acontecer com os nossos e que volta levariam os casos de cada um. Via claramente que nenhum deles se recompusera ainda da primeira impressão (sobretudo o general). O aparecimento da avó em vez do telegrama, esperado hora a hora, que devia anunciar a sua morte (e, consequentemente, a abertura da herança) destruíra tão completamente o castelo de projetos e de decisões que cada um havia erguido, que eles seguiam com verdadeira perplexidade e uma espécie de estupefação as ulteriores proezas da velha senhora na roleta. E, no entanto, este último facto era talvez mais importante do que o primeiro porque, apesar de a avó ter declarado por duas vezes que não dava dinheiro ao general, quem sabe, talvez não fosse de perder ainda toda a esperança. Des Grieux, ligado aos assuntos do general, não estava disposto, com certeza, a renunciar. Tinha a certeza de que Mademoiselle Blanche, também muito interessada (qualquer estaria por menos: generala, uma bela herança!), não perderia a coragem e empregaria todos os recursos da «coquetterie» para agir sobre o ânimo da avó, ao contrário da orgulhosa Paulina, que não sabia ceder nem tornar-se amável. Mas agora, agora que a avó realizara tais proezas à roleta, agora que a sua personalidade se afirmara perante eles tão nitidamente (velha senhora obstinada, autoritária e *tombée en enfance*), agora, talvez tudo estivesse perdido: pois ela sentia-se tão feliz como um estudante em férias e iria fatalmente deixar-se depenar ao jogo. Meu Deus!, pensava (com alegria má, Deus me perdoe!), meu Deus!, cada frederico de ouro arriscado ainda há pouco pela avó trespassava o coração do general, fazia perder a cabeça a Des Grieux e deixava furiosa Mademoiselle de Cominges que via passar a colher sob o nariz! Outra coisa: mesmo quando, com a alegria do ganho, a avó distribuíra dinheiro por todos e tomara o primeiro que passava por mendigo, mesmo nessa altura não deixara de dizer ao general: «Mas a ti não darei nada!» O que fazia crer que a avó tinha essa ideia fixa, se agarrava a ela, não desistia de tal resolução; era perigoso, muito perigoso!

Estas reflexões bailavam-me na mente quando, pela escada principal, subia do apartamento da avó para o pequeno quarto que ocupava no último andar. Tudo aquilo me interessava prodigiosamente; se é verdade que

podia adivinhar antecipadamente os fios mais fortes que ligavam os atores que atuavam sob os meus olhos, desconhecia, contudo, as molas e os segredos desse jogo. Paulina nunca me demonstrara inteira confiança. É certo que, por vezes, e como que contra vontade, me abrira o coração, mas eu notara que, frequentemente, quase sempre, depois de tais confidências, ela ridicularizava o que dissera ou modificava tudo sob uma falsa luz. Oh! Muita coisa me escondia! Em todo o caso, eu pressentia que o fim dessa misteriosa e tensa situação estava próximo. Mais outro lance, e tudo acabaria e seria descoberto. Quanto ao meu destino, empenhado igualmente em tudo aquilo, quase não me preocupava.

Estranho estado de espírito o meu! Só tenho vinte fredericos no bolso; estou longe do meu país, sem uma situação, sem meios de existência, sem esperança, sem projetos, e... não me sinto absolutamente nada inquieto! Se não pensasse em Paulina, abandonar-me-ia muito simplesmente ao interesse cómico do próximo desenlace e riria a bandeiras despregadas. Mas Paulina perturba-me. A sorte dela vai decidir-se, sinto-o, confesso no entanto que não é isso que me preocupa. Gostaria de penetrar os seus segredos, gostaria que se me dirigisse e dissesse: «Bem sabes que te amo», mas se tal loucura é irrealizável, então... que desejar? Será que sei o que desejo? Estou como que perdido; o que quero é ficar ao pé dela, na sua auréola, na sua irradiação, para sempre, durante toda a vida. Nada mais sei! Será que posso afastar-me dela?

No terceiro andar, no corredor, senti uma espécie de choque. Voltei-me e, a vinte passos, vi Paulina que saía para o corredor. Parecia que me espiava, e logo me fez sinal para me aproximar.

— Paulina Alexandrovna...

— Mais baixo! — recomendou-me...

— Imagine — disse-lhe em voz baixa —, que acabo de sentir como que uma pancada nas costas: volto-me, era você! Como se um fluido saísse de si!

— Pegue nesta carta — disse-me Paulina com ar sombrio e preocupado (não ouvira com certeza o que eu acabara de lhe dizer) —, e entregue-a imediatamente e pessoalmente a Mr. Astley. Peço-lhe que aja depressa. Não tem resposta. Ele...

Não concluiu.

— A Mr. Astley? — repeti, espantado. Mas Paulina já desaparecera.

Com que então mantêm correspondência um com o outro! Bem entendido, fui imediatamente à procura de Mr. Astley, primeiro ao hotel, onde ele não estava, depois ao casino, de que percorri todas as salas e, por fim, voltava a casa, quase desesperado, quando o encontrei por acaso, na companhia de cavaleiros e cavaleiras ingleses. Fiz-lhe sinal: parou, e entreguei-lhe a carta. Nem sequer tivemos tempo de trocar um olhar. Mas creio que Mr. Astley chibatou o cavalo intencionalmente.

Era o ciúme que me torturava? Realmente sentia-me abatido. Não me preocupava sequer inteirar-me do motivo da correspondência que os dois trocavam. Com que então ele era o seu homem de confiança! Amigo é, evidentemente (e desde quando?). Mas terá o amor alguma intervenção nisto? «Com certeza que não», segredava-me a razão. Mas a razão por si só tem pouca importância em semelhante ocorrência. Em todo o caso, precisava de tirar isso a claro. A questão complicava-se desagradavelmente.

Mal entrara no hotel e já o porteiro e o *maître* corriam ao meu encontro, informando-me de que estavam a chamar-me, de que me procuravam, de que já por três vezes haviam tentado informar-me do sítio onde eu estaria e que me pediam fosse o mais depressa possível ao apartamento do general. Eu estava de humor execrável. Encontrei o general no gabinete, em companhia de Des Grieux e de Mademoiselle Blanche, sozinha, sem a mãe. Decididamente essa mãe era usada só quando se tornava preciso, principalmente para ser mostrada; quando se tratava de um verdadeiro *negócio*, Mademoiselle Blanche operava só. Duvido mesmo que tal personagem estivesse ao corrente dos assuntos da pretensa filha.

Discutiam os três com muita animação e a porta do gabinete estava fechada à chave, o que nunca acontecia. Ao aproximar-me, percebi o vozear, o tom impertinente e sarcástico de Des Grieux, a vociferação furiosa e grosseira de Mademoiselle Blanche e a voz lacrimosa do general que, visivelmente, tentava justificar-se. Quando entrei, dominaram-se e corrigiram as respetivas atitudes. Des Grieux ajeitou o penteado e arvorou um sorriso: o sorriso francês, cortês e oficial, que tanto detesto. O general, abatido, perdido, levantou-se, mas quase maquinalmente. Só Mademoiselle Blanche não mudou praticamente a expressão de grande aborrecimento e calou-se, olhando-me com impaciência. Faço notar que

até então ela me tratava com uma sem-cerimónia incrível, nem sequer correspondia aos meus cumprimentos, ignorando-me pura e simplesmente.

— Alexis Ivanovitch — começou o general em tom de afetuosa censura —, consinta que lhe faça notar que é estranho, extremamente estranho... resumindo, que a sua conduta em relação a mim e à minha família... numa palavra, é estranha no mais alto grau.

— Eh! *Ce n'est pas ça* — interrompeu-o Des Grieux com irritação e desprezo (não havia dúvida: ele intervinha em tudo!). *Mon cher Monsieur, notre cher général se trompe* ao tomar esta atitude (continuou o discurso em russo), eu quero dizer-lhe... isto é, pô-lo de sobreaviso, ou melhor, pedir-lhe instantemente que não o deite a perder, sim, que não o deite a perder! Emprego precisamente esta expressão...

— Mas como, como? — interrompi eu.

— Desculpe, o senhor fez-se o guia (ou como dizer?) dessa velha senhora *cette pauvre terrible vieille* — confessou Des Grieux —, pois ela vai perder, vai perder até à última moeda! O senhor viu com os seus próprios olhos como ela joga, foi testemunha! Se começa a perder, não mais deixará a mesa de jogo, por obstinação, por despeito, jogará tudo, jogará tudo! Nesses casos, nunca é possível reconquistar o perdido, e então... então...

— E então — sublinhou o general —, então o senhor deitará a perder toda a família! Eu e a minha família somos seus herdeiros, ela não tem parentes mais próximos. Confesso-lhe francamente: os meus assuntos vão mal, extremamente mal. Está em parte informado... Se ela perder uma quantia importante ou, quem sabe?, toda a fortuna (Deus do céu!), que aconteceria aos meus filhos (e o general olhou para Des Grieux), à minha própria pessoa! (olhou para Mademoiselle Blanche que se virou desdenhosamente). Alexis Ivanovitch, salve-nos!

— Mas como, general, diga-me como posso... Que espécie de crédito tenho eu junto dela?

— Recuse, recuse, deixe-a sozinha!

— Nesse caso, aparecerá outro! — gritei.

— *Ce n'est pas ça, ce n'est pas ça, que diable!* — interrompeu de novo Des Grieux. — Não, não a abandone, mas, pelo menos, exorte-a, aconselhe-a, desvie-a... Enfim, não a deixe perder demasiado, distraia-a de uma maneira ou de outra.

— Mas como hei de fazer? E se se encarregasse disso pessoalmente, senhor Des Grieux? — ajuntei com o ar mais ingénuo.

Nesse momento cacei um olhar rápido, ardente, interrogador, de Mademoiselle Blanche a Des Grieux. O rosto deste último foi tomado, pelo espaço de um segundo, por expressão singular, sincera, que ele não pôde dissimular.

— Ela não me aceitaria agora, eis a triste verdade! — exclamou Des Grieux fazendo com a mão um gesto de impotência. — Se... mais tarde...

Des Grieux lançou um olhar significativo para Mademoiselle Blanche.

— *Oh, mon cher monsieur Alexis, soyez si bon* — disse Mademoiselle Blanche em pessoa aproximando-se de mim com um encantador sorriso; pegou-me nas mãos e apertou-as nas suas.

Que diabo! Aquele rosto diabólico sabia transformar-se instantaneamente. Nesse momento, arvorou um ar tão suplicante, tão gracioso, com um sorriso infantil, travesso mesmo; ao acabar a frase, lançou-me, às escondidas, um piscar de olhos brejeiro: será que ela queria conquistar-me imediatamente? Parecia muito interessada nisso, mas o processo era demasiado grosseiro!

O general surgiu (surgiu é a palavra) atrás dela:

— Alexis Ivanovitch, desculpe-me por me ter expressado assim há bocado, não era exatamente o que eu queria dizer... Peço-lhe, suplico-lhe, inclino-me diante de si até ao chão, à maneira russa; só o senhor, só o senhor nos pode salvar! Eu e Mademoiselle de Cominges suplicamos-lhe, espero que compreenda, compreende, não é verdade? — implorava, apontando-me com o olhar Mademoiselle Blanche. Provocava realmente piedade.

Nesse momento, três leves e respeitosas pancadas soaram na porta. Foram abrir: era o criado de serviço ao andar; atrás dele, a alguns passos, vinha Potapytch. Tinham sido mandados pela avó. Ela ordenara-lhes que me procurassem e me levassem imediatamente.

— Está quase a zangar-se — informou-me Potapytch.

— Mas são só três e meia!

— Não conseguiu dormir, passou o tempo a voltar-se, depois, de repente, levantou-se, pediu a cadeira e ordenou que o chamassem. Já está na escada da entrada.

— *Quelle mégère!* — gritou Des Grieux.

Efetivamente, encontrei a avó na escada, já irritada com a minha ausência. Não conseguira esperar até às quatro horas.

— Vá, leva-me! — gritou, e voltámos para a roleta.

Capítulo 12

A avó estava nervosa, irritada; via-se que a roleta a obcecava. Já não prestava atenção a mais nada e mostrava-se quase sempre muito distraída. Por exemplo, não fez perguntas durante o caminho como fizera de manhã. Vendo uma sumptuosa caleche que passava a toda a velocidade à nossa frente, esboçou um gesto e perguntou-me quem era o proprietário da caleche, mas duvido que tenha prestado atenção à minha resposta; o seu devaneio era constantemente interrompido por gestos sacudidos, impacientes, por bruscas manifestações. Quando lhe mostrei de longe, ao aproximarmo-nos do casino, o barão e a baronesa Wurmerhelm, olhou-os com ar distraído e totalmente indiferente, dizendo: «Ah!» e voltando-se vivamente para Potapytch e Marta, que a seguiam, lançou-lhes:

— Ora bem, por que se agarram vocês a mim? Não vou levá-los sempre comigo! Voltem para trás! Basta que venhas tu — acrescentou ela quando os outros, depois de a terem cumprimentado à pressa, deram meia volta.

No casino, já esperavam a avó. Reservaram-lhe imediatamente o mesmo lugar, ao lado do «croupier». Tenho a impressão de que estes «croupiers» sempre tão corretos, com o ar de simples funcionários a quem é indiferente que a banca ganhe ou perca, não são de modo algum indiferentes à sorte da banca; têm com certeza instruções para atrair os jogadores e defender os interesses do fisco, o que lhes vale bónus e gratificações. Pelo menos, já olhavam para a avó como para uma vítima.

Decididamente, o que os nossos tinham previsto aconteceu. Foi assim:

A avó fixou imediatamente a sua atenção no zero e ordenou-me que arriscasse doze fredericos num só lance. Apostámos uma vez, duas vezes, três vezes o *zéro* não saía. «Continua! Continua!», repetia a avó dando-me impacientes cotoveladas. Eu obedecia.

— Quantas vezes já jogámos? — perguntou-me por fim, rangendo os dentes furiosamente.

— Doze vezes, avó. Perdemos 144 fredericos. Repito-lhe que, talvez que até à noite.

— Cala-te! — disse-me. — Aposta no zero e põe imediatamente mil florins no vermelho. Pega, aqui está uma nota.

O vermelho saiu, mas o zero também dessa vez não apareceu: eu recolhi mil florins.

— Estás a ver, estás a ver! — disse-me em voz baixa a avó —, já recuperámos quase tudo. Aposta outra vez no zero... mais dez lances e vamos embora.

Mas ao quinto lance a velha senhora já achava que era de mais.

— Para o diabo esse maldito zero! Olha, põe quatro mil florins no vermelho A comandou ela.

— Avó! É muito, e se o vermelho não sai? — implorava eu; mas pouco faltou para que me batesse (de resto, as suas cotoveladas eram verdadeiras pancadas). Nada a fazer. Pus no vermelho os quatro mil florins ganhos de manhã. O prato começou a girar. A avó estava calma e endireitava-se com ar altivo, convencida de que ia ganhar.

— *Zéro!* — gritou o «croupier».

A avó, primeiro, não percebeu, mas quando viu o «croupier» recolher os seus quatro mil florins com tudo o que se encontrava sobre a mesa e soube que o zero, que estivera tanto tempo sem sair e no qual apostáramos duzentos fredericos, saíra dessa vez, como que de propósito, no preciso momento em que ela acabava de o insultar e de o abandonar, lançou uma exclamação e bateu ruidosamente com as mãos uma na outra. Em redor, puseram-se a rir.

— Santos do paraíso! Aí está ele a sair agora, o tratante! — gemia a avó. — Ah! Miserável! A culpa é tua! A culpa é tua! — disse atirando-se a mim, furiosa, e dando-me socos. — Foste tu que me dissuadiste de jogar nele.

— Avó, eu queria fazer-lhe ver as coisas, não posso ser responsável pela sorte do jogo.

— A sorte dou-ta eu — resmungou ameaçadoramente —, vai-te embora!

— Adeus, avó — disse, e afastei-me como para me ir embora.

— Alexis Ivanovitch, Alexis Ivanovitch, deixa-te estar! Onde vais tu? Vamos, vamos! Olha para ele a aborrecer-se, Imbecil! Fica, fica ainda um

pouco, não te zangues, eu é que sou burra! Diz-me agora o que é preciso fazer, sim?

— Não quero dar-lhe mais conselhos, avó, depois pedia-me contas. Jogue por si mesma, dê as suas ordens que eu aposto.

— Está bem, está bem: põe quatro mil florins no vermelho! Pega, aqui tens a minha carteira. — Tirou a carteira do bolso e estendeu-ma. — Despacha-te, estão aí vinte mil rublos.

— Avó — balbuciei —, apostas destas...

— Que me enforquem se não recuperar tudo. Joga! — Jogámos e perdemos.

— Outra vez, outra vez! Põe oito mil numa só parada!

— Impossível, avó, a aposta mais elevada é de quatro mil!

— Então quatro mil! — Dessa vez ganhámos. A avó recobrou coragem.

— Vês, vês! — disse dando-me uma cotovelada. — Põe ainda quatro mil!

Apostámos... e perdemos; voltámos a apostar... e voltámos a perder.

— Avó, os doze mil florins já se foram — comuniquei-lhe.

— Sei muito bem que se foram — respondeu-me com uma espécie de raiva impassível, se assim se pode dizer. — Sei muito bem, meu caro, sei muito bem — resmungou, de olhar fixo e parecendo refletir. — Eh! Vou deixar aqui a pele, mas tanto pior! Aposta ainda quatro mil florins!

— Já não temos dinheiro, avó; na sua carteira só há obrigações russas a cinco por cento e algumas letras, mas dinheiro não.

— E na minha bolsa?

— Trocos, avó.

— Há cambistas aqui? Disseram-me que se podiam cambiar todos os nossos valores — perguntou-me a avó com ar decidido.

— Oh, à vontade! Mas vai perder no câmbio... Até um judeu tremeria!

— Tolices! Vou recuperar o meu dinheiro! Leva-me. Chama-me esses patifes!

Eu empurrava a cadeira, os carregadores vieram ao nosso encontro e deixámos o casino.

— Mais depressa, mais depressa, mais depressa! — ordenava a avó. — Mostra-me o caminho, Alexis Ivanovitch, e vai ao que estiver mais perto... É longe?

— A dois passos, avó.

Mas à esquina, ao deixar a avenida para entrar na álea, encontrámos a nossa companhia: o general, Des Grieux, Mademoiselle Blanche e a sua mãezinha. Paulina Alexandrovna não estava com eles, Mr. Astley também não.

— Vamos, vamos! Nada de parar! — gritava a avó. — O que é que vocês querem? Não tenho tempo de os aturar!

Eu caminhava atrás. Des Grieux veio ter comigo.

— Ela perdeu tudo o que ganhou esta manhã, mais doze mil florins. Vamos cambiar obrigações a cinco por cento — disse-lhe em voz baixa, precipitadamente.

Des Grieux bateu com o pé no chão e correu a comunicar a notícia ao general. Nós continuávamos a empurrar a cadeira da avó.

— Segurem-na! Segurem-na! — murmurou o general, furibundo.

— Experimente o senhor! — disse-lhe eu.

— Minha tia — disse o general aproximando-se —, minha boa tia... nós vamos... nós vamos... (a voz tremia-lhe e quebrava-se) alugar cavalos e dar um passeio ao campo... uma vista maravilhosa... a *pointe*... vínhamos convidá-la!

— Vai para o diabo mais a tua *pointe!* — disse a avó com um gesto impaciente para o repelir.

— Lá no fundo, há uma aldeia... tomaremos chá... — continuou o general, desta vez sem a menor esperança.

— *Nous boirons du lait sur l'herbe fraîche* — ajuntou Des Grieux com feroz hostilidade.

Du lait, de l'herbe fraîche, é o que há de mais idealmente pastoril para um burguês de Paris; nisso reside, como se sabe, toda a sua conceção *de la nature et de la vérité*.

— Dou ao desprezo o teu leite. Aleita-te por ti mesmo, a mim faz-me mal ao estômago. Por que teimam? Já lhes disse que não tinha tempo!

— Já chegámos, avó! — gritei. — É aqui!

Empurrámo-la até à casa onde estava instalado o cambista. Fui fazer o câmbio: a avó ficou à entrada à minha espera; Des Grieux, o general e Blanche mantinham-se à parte, não sabendo que fazer. A avó olhou-os com hostilidade e eles afastaram-se em direção ao casino.

Ofereceram-me um câmbio tão desvantajoso que hesitei e voltei para pedir instruções à avó.

— Ah, bandidos! — exclamou a velha senhora batendo com as mãos uma na outra. — Tanto pior, aceita! — disse-me perentoriamente. — Espera, chama cá o cambista!

— Talvez um dos empregados, avó!

— Pode ser um empregado, é-me indiferente. Ah, bandidos!

O empregado consentiu em sair quando soube que era uma velha condessa, fraca e impossibilitada, quem o chamava. A avó fez-lhe um longo discurso, censurando-o colericamente por ser um gatuno, e tentando negociar; isto tudo numa mistura de russo, de inglês e de alemão, de que eu fazia de intérprete. O empregado, de cara fechada, olhava para nós dois e sacudia a cabeça sem dizer nada. Encarava mesmo a avó com uma curiosidade insistente muito próxima da indelicadeza; por fim, começou a sorrir.

— Está bem, põe-te andar! — gritou a avó. — E que o meu dinheiro te afogue! Troca mesmo aí, Alexis Ivanovitch, não temos tempo; se tivéssemos, íamos a outro...

— Ele diz que os outros ainda dão menos.

Já não me lembro da taxa exata da operação, mas era desastrosa. Obtive doze mil florins em moedas de ouro e notas, peguei na conta e trouxe-a à avó.

— Muito bem, muito bem! É inútil verificar! — disse agitando os braços. — Depressa, depressa! Nunca mais volto a apostar nem nesse maldito zero, nem no vermelho — resmungou enquanto nos encaminhávamos para o casino.

Dessa vez, empreguei todas as minhas forças para a convencer a apostar o menos possível, assegurando-lhe que se a sorte mudasse seria sempre tempo de fazer paradas altas. Mas ela estava muito impaciente e, embora tivesse cedido inicialmente às minhas razões, não pude segurá-la durante o jogo. Mal começou a ganhar dez, vinte fredericos, pôs-se a dar-me cotoveladas.

— Vês, vês! Ganhámos. Se tivéssemos posto quatro mil florins em vez de dez, teríamos ganho quatro mil, ao passo que agora... A culpa é tua, sempre tua!

Apesar da indignação que me ganhava ao vê-la jogar, decidi por fim calar-me e não lhe dar mais conselhos.

De repente, apareceu Des Grieux. Os três encontravam-se nas proximidades. Notei que Mademoiselle Blanche ficava de parte, em

companhia da mãe, fingia de amável com o principezinho. Era visível que o general caíra em desgraça, quase em exílio. Blanche não se dignava sequer olhá-lo, embora ele se multiplicasse em cuidados à volta dela. Pobre general! Empalidecia, corava, tremia e já nem sequer seguia o jogo da avó. Blanche e o principezinho saíram por fim; o general correu atrás deles.

— *Madame, madame* — sussurrou Des Grieux com voz melosa ao ouvido da avó. — *Madame*, esse jogo, não... Não, não, impossível... — dizia em mau russo — não!

— Então como? Diz-me o que devo fazer! — disse a avó.

Des Grieux pôs-se a falar francês com volubilidade; dava conselhos, gesticulava, dizia que era preciso esperar a sorte, chegou mesmo a fazer cálculos... A avó nada compreendia. Ele voltava-se a todo o momento para mim para que eu traduzisse; espetava o dedo em direção à mesa para lhe mostrar; finalmente, pegou num lápis e lançou números no papel. A avó perdeu a paciência.

— Basta, vai-te, vai-te. Estás a dizer tolices. «*Madame, madame!*» E tu próprio não percebes nada disto. Vai-te embora!

— *Mais, madame* — gaguejou Des Grieux que recomeçou a fazer demonstrações e a dar explicações. Estava muito agastado.

— Está bem, joga uma vez como ele diz — ordenou-me a avó —, talvez dê resultado.

Des Grieux só queria impedi-la de fazer jogo forte: sugeriu-lhe que apostasse nos números separadamente e por série. A conselho dele, pus um frederico numa sequência de números ímpares dos doze primeiros, e cinco fredericos em grupos de números de 12 a 18 e de 18 a 24: ao todo, arriscávamos dezasseis fredericos. O prato começou a girar.

— *Zéro!* — gritou o «croupier». Tínhamos perdido tudo.

— Que pateta! — exclamou voltando-se para Des Grieux. — Francesito velhaco! Vem esse aborto dar-me conselhos! Vai-te embora, vai-te embora! Não percebe nada disto e mete o nariz em tudo!

Atrozmente vexado, Des Grieux encolheu os ombros, lançou à avó um olhar de desprezo e retirou-se. Sentia-se envergonhado de se ter comprometido com ela, mas não pudera conter-se.

Ao fim de uma hora, apesar de esforços desesperados, tínhamos perdido tudo.

— Vamos embora! — gritou a avó.

Não lhe disse palavra até chegarmos à álea. Aí, já perto do hotel, deixou escapar algumas exclamações.

— Estúpida galinha! Parva! Grande parva é o que és!

Mal chegámos ao seu alojamento, ela disparou:

— Chá! E preparemo-nos logo! Vamos partir!

— Para onde quer ir, minha boa senhora? — arriscou-se Marta a perguntar.

— Será que isso te diz respeito? Trata da tua vida! Potapytch, prepara as bagagens todas. Voltamos a Moscovo! Perdi quinze mil rublos em dinheiro!

— Quinze mil, minha querida senhora! Deus do céu! — exclamou Potapytch batendo com as mãos uma na outra com ar consternado, julgando sem dúvida que estava a ser agradável para com a patroa.

— Vá, vá, imbecil! Agora põe-se a choramingar! Cala-te! Trata mas é de preparar as coisas! Que me deem a conta o mais depressa possível!

— O próximo comboio parte às nove e meia, avó — disse eu para acalmar-lhe a fúria.

— E que horas são agora?

— Sete e meia.

— Que maçada! Tanto pior! Alexis Ivanovitch, estou sem dinheiro. Olha, aqui estão duas notas, vai trocar-mas a correr. Senão, não terei sequer possibilidade de partir.

Saí. Quando voltei, meia hora depois, encontrei os nossos amigos junto da avó. Pareciam ainda mais atingidos pela notícia da partida definitiva da avó para Moscovo do que pelas perdas que ela tivera ao jogo. Admitindo que esta partida lhes salvasse a fortuna, que ia acontecer ao general? Quem ia reembolsar Des Grieux? Mademoiselle Blanche não esperaria pela morte da avó e safar-se-ia sem dúvida com o principezinho ou com qualquer outro. Ali estavam diante dela, tentando consolá-la e torná-la razoável. Paulina continuava ausente. A avó apostrofava-os sem cerimónia.

— Ponham-se ao fresco, diabos! Que têm a ver com isto? Porque é que esta barba de chibo se esfrega em mim? — gritou para Des Grieux. — E tu, periquito, que queres tu? — disse, invetivando Mademoiselle Blanche. — Por que te saracoteias tanto?

— *Diantre!* — murmurou Mademoiselle Blanche com olhos faiscantes de ódio; mas de repente estoirou numa gargalhada e deixou o

quarto.

— *Elle vivra cent ans!* — gritou Blanche para o general do limiar da porta.

— Ah! Então estás a contar com a minha morte? — perguntou a avó com voz esganiçada ao general. — Põe-te a andar! Corre com todos, Alexis Ivanovitch! Que têm vocês a ver com isto? Foi o meu dinheiro que perdi, não foi o vosso!

O general encolheu os ombros, curvou-se e saiu. Des Grieux seguiu-o.

— Chama Prascóvia — ordenou a avó a Marta. Cinco minutos mais tarde, Marta voltou com Paulina. Paulina, que ficara, todo esse tempo, no seu quarto com as crianças (sem dúvida decidira não sair propositadamente durante todo o dia). Tinha aspeto triste e preocupado.

— Prascóvia — começou a avó —, é verdade o que eu acabei de saber há bocado indiretamente: o teu imbecil padrasto quer casar com essa cabeça de vento, essa francesa, atriz ou pior ainda? Diz-me, é verdade?

— Não sei nada de certo, avó — respondeu Paulina —, mas, segundo as declarações de Mademoiselle Blanche, que nem sequer se dá ao cuidado de dissimular, concluo que...

— Basta! — interrompeu a avó energicamente —, percebo tudo! Sempre pensei que ele acabaria assim e sempre o considerei o homem mais vácuo e mais frívolo que pode haver. Exibe a sua categoria de general (que lhe foi concedida quando se reformou como coronel) e dá-se ares. Mas sei tudo, minha cara. Sei que vocês mandaram telegramas sobre telegramas para Moscovo. «Será que a velha avó vai esticar depressa o pernil?» E que queria dizer isso? Que vocês esperavam a minha herança; sem o dinheiro, essa criatura (como é que ela se chama: De Cominges, não é?) nem para lacaio a queria, com os dentes artificiais que tem. Dizem que ela empresta dinheiro a juros e que juntou um bom pé-de-meia. Não estou a acusar-te, Prascóvia, não foste tu quem me mandou os telegramas, e não quero pisar no pisado. Sei que tens mau feitio... uma vespa! Quando picas, provocas inchaços! Mas tenho pena de ti porque era muito amiga da tua falecida mãe Catarina. Ouve, se quiseres, deixa tudo isto e vem comigo. Não tens para onde ir e não é muito conveniente para ti ficar agora com eles. Espera! — gritou a avó para Paulina que ia responder-lhe —, ainda não acabei. Não te pedirei nada. Conheces a minha casa de Moscovo: é um palácio. Instalas-te num andar inteiro se quiseres e ficas semanas sem me visitar se a minha maneira de ser te desagrada. Aceitas ou não?

— Dê-me licença que lhe faça primeiro uma pergunta: quer de facto partir imediatamente?

— Ó pequena, estou com o ar de quem brinca? Disse que me ia embora, vou-me. Perdi hoje quinze mil rublos em dinheiro na vossa três vezes maldita roleta! Fiz a promessa, há cinco anos, de reconstruir em pedra a igreja de madeira da minha propriedade dos arredores de Moscovo e, em vez disso, arruinei-me aqui ao jogo. Agora, minha querida, vou construir a igreja.

— E as águas, avó? Veio para tomar as águas!

— Deixa-me em paz com as tuas águas! Não me obrigues a zangar-me, Prascóvia; será que o fazes de propósito? Então, vens ou não?

— Estou-lhe muito, muito reconhecida, avó — começou Paulina com emoção —, pelo refúgio que me oferece. Adivinhou em parte a minha situação. Estou-lhe tão reconhecida por isso que, acredite-me, provavelmente irei ter consigo bem depressa; mas, de momento, tenho razões... sérias... não posso tomar essa decisão imediatamente. Se ficasse, nem que fossem só quinze dias...

— Então não queres, não?

— Não posso. Além disso, não posso deixar o meu irmão e a minha irmã, e como... como é possível que eles fiquem sozinhos... Se me levasse com as crianças, avó, eu ia com certeza viver consigo, e acredite que saberia merecê-lo! — acrescentou acaloradamente. — Mas sem as crianças, não posso, avó.

— Está bem, não choramingues! (Paulina não pensava sequer em choramingar, e de resto nunca deitava uma lágrima que fosse.) há de arranjar-se também um lugar para os pintainhos: o galinheiro é bastante grande. De resto, é tempo de começarem a ir à escola. Então, não partes assim? Toma cuidado, Prascóvia! Eu quero-te bem e sei por que não partes! Sei tudo, Prascóvia! Não tens nada a esperar de bom desse velhaco francesito.

Paulina ficou de faces em fogo. Eu estremeci. (Todos sabiam! Só eu não!)

— Vá, vá, não faças beicinho. Não vou insistir no mesmo assunto. Mas tem cuidado, poupa-te a desgraças... Compreendes o que eu quero dizer? És uma moça inteligente; eu teria muita pena. Ponto final. Que eu não vos veja mais! Adeus!

— Eu vou consigo, avó — disse Paulina.

— É inútil, aborrecer-me-ias e estou farta de vocês todos até à ponta dos cabelos.

Paulina beijou a mão da avó, mas esta retirou a mão e beijou a moça na cara.

Ao passar na minha frente, Paulina lançou-me um olhar rápido e desviou imediatamente os olhos.

— Também te digo adeus, Alexis Ivanovitch! Falta só uma hora para partir o comboio. Penso que estás cansado de mim. Olha, fica com esses cinquenta fredericos.

— Agradeço-lhe muitíssimo, avó, mas não ouso...

— Bem, bem! — gritou a avó tão enérgica e ameaçadoramente que eu não pude recusar e tive de pegar no dinheiro. — Se te vires sem emprego em Moscovo, procura-me. Dar-te-ei cartas de recomendação. Vá, vá!

Dirigi-me para o meu quarto e estendi-me na cama. Fiquei cerca de meia hora deitado de costas, de braços cruzados sob a cabeça. A catástrofe estoirara, havia muito que pensar. Decidi falar seriamente no dia seguinte a Paulina. Eh, o francesito! Então sempre era verdade? Mas que poderia ter-se passado? Paulina e Des Grieux! Deus meu, que aproximação!

Tudo aquilo era absolutamente incrível. Levantei-me bruscamente, fora de mim, para ir procurar imediatamente Mr. Astley e fazê-lo falar, custasse o que custasse. Também sobre isso ele deveria saber mais do que Mr. Astley! Outro enigma!

Mas, subitamente, bateram à porta. Fui abrir: era Potapytch.

— Alexis Ivanovitch, meu bom senhor, a senhora chama-o.

— Que se passa? Já se vai? Ainda faltam vinte minutos para o comboio.

— Está muito agitada, meu caro senhor, muito impaciente: «Depressa! Depressa!» É o senhor quem ela quer ver. Por amor de Deus, não demore!

Decidi imediatamente. Já haviam transportado a avó para o corredor. Ela segurava a carteira na mão.

— Alexis Ivanovitch, segue à frente, vamos lá abaixo!

— Onde, avó?

— Recuperarei o meu dinheiro, nem que tenha de morrer! Vamos, caminha, nada de perguntas! Joga-se até à meia-noite, não é?

Fiquei petrificado, pensei um momento, mas tomei imediatamente uma decisão.

— Como quiser, Antonina Vassilievna, mas eu não vou.

— Porquê? Que se passa ainda? Que mosca mordeu a todos?

— Como quiser. Mais tarde havia de censurar-me a mim mesmo, não quero! Não quero ser testemunha, nem participante; peço que me dispense, Antonina Vassilievna. Aqui tem os seus cinquenta fredericos, adeus! — E, depositando o rolo de moedas de ouro numa mesinha ao lado da cadeira da avó, cumprimentei e saí.

— Que estupidez! — gritou-me a avó —, muito bem, não venhas, hei de encontrar o caminho sozinha. Potapytch, fazes-me companhia? Vamos, levai-me!

Não encontrei Mr. Astley e voltei para o hotel. Tarde, por volta da uma hora da manhã, soube por Potapytch como terminara o dia da avó. Perdera tudo o que eu lhe tinha trocado, quero dizer, dez mil rublos a mais. O polaco a quem ela dera dois fredericos transformara-se em sua sombra e dirigira-lhe o jogo durante todo o tempo. De princípio, ela recorreu a Potapytch, mas bem depressa o mandou embora; foi nesse momento que surgiu o polaco. Nem por encomenda: ele compreendia o russo e palrava mais ou menos bem uma mistura de três línguas, de modo que podiam chegar a compreender-se. A avó não deixara de o maltratar sem piedade apesar do outro «rastejar aos pés da *pani*».

— Nenhuma comparação consigo, Alexis Ivanovitch — contava Potapytch. — A si, ela tratava-o *como um senhor*, ao passo que o outro (vi com estes olhos, que Deus me fulmine se não é verdade!) lhe roubava o dinheiro debaixo do nariz. Uma ou duas vezes, aconteceu mesmo que ela o surpreendeu e o insultou, chamando-lhe todos os nomes; chegou a puxar-lhe os cabelos. É verdade, não minto. A cena provocou risos nos outros. Perdeu tudo, meu bom senhor: tudo o que tinha, tudo o que o senhor lhe tinha trocado. Trouxemo-la para aqui, à pobre senhora; pediu um copo de água, fez o sinal da cruz e foi-se deitar. Devia estar esgotada, porque adormeceu logo. Que Deus lhe dê sonhos celestiais! Oh! O estrangeiro — concluiu Potapytch —, eu bem lhe disse que isto não ia dar nada de bom! Que a gente volte depressa à nossa Moscovo! Que é que falta lá longe, na nossa terra? O jardim, flores como não há aqui, ar, macieiras que crescem a olhos vistos, espaço... Não; era preciso ir para o estrangeiro! Oh! Oh! Oh!

Capítulo 13

Há quase um mês que não mexo nestas notas, começadas sob a influência de impressões desordenadas, mas violentas. A catástrofe de que senti a aproximação, sobreveio, mas cem vezes mais brutal e mais inesperada do que eu pensava. Foi tudo estranho, escandaloso, e mesmo trágico, pelo menos no que me diz respeito. Aconteceram-me várias aventuras miraculosas; assim as considero, ainda, pelo menos, embora sob outro ponto de vista e a avaliar pelo turbilhão que me envolveu, tais aventuras sejam mesmo excecionais. Mas o milagre, para mim, foi a maneira como me comportei no meio de todos esses acontecimentos. Ainda não compreendo! E tudo passou como um sonho, até a minha paixão; no entanto, era forte e sincera mas... em que se tornou agora? É verdade que, por vezes, um pensamento me assalta bruscamente: «Não estaria eu louco nessa altura, e não teria passado todo este tempo num manicómio? Talvez que lá esteja ainda, talvez tudo isto *não fosse e não seja ainda senão uma aparência*...

Juntei e reli as minhas notas, quem sabe, talvez para me convencer de que não as escrevi num manicómio? Agora, estou só no mundo. O outono aproxima-se, as folhas amarelecem. Estou nesta cidadezinha vagarosa (oh!, que tristes podem ser as cidadezinhas alemãs!) e, em vez de pensar no futuro, vivo sob o efeito de sensações quase desvanecidas, sob o efeito de recordações recentes, de toda a tempestade ainda próxima que me arrastou por algum tempo no seu turbilhão e que me atirou longe. Momentos há em que tenho a impressão de que volto a ser tomado por esse turbilhão, que o furacão vai desencadear-se, apanhar-me à passagem com a sua asa e que, perdido o equilíbrio no sentido da medida, vou começar a girar, a girar, a girar...

De resto, vou talvez fixar-me e deixar de girar, se fizer a recapitulação tão exata quanto possível de tudo o que aconteceu este mês. Assalta-me de novo a vontade de pegar na pena; e por vezes não tenho absolutamente nada para fazer à noite. Coisa estranha, para ocupar o tempo, levo da medíocre sala de leitura daqui os romances de Paulo de Kock (traduzidos

em alemão) que não suporto; mas leio-os e fico admirado: dir-se-ia que temo, por uma leitura ou por uma ocupação séria, romper o encantamento que acaba de se dissipar. Dir-se-ia que este sonho incoerente e as impressões que ele me deixou me são tão queridas que temo qualquer novo contacto, com medo que eles se dissipem em fumo! Será, portanto, que tudo isto me interessa ainda muito? Sim, é mais que certo; hei de recordar tudo talvez ainda durante quarenta anos...

Assim, pego de novo na pena. De resto, tudo isto pode agora contar-se resumidamente: as minhas impressões já não são precisamente as mesmas...

Para já, acabemos com a avó. No dia seguinte, perdera tudo. Não podia ser de outro modo: quem se mete, como ela, em tal caminho, desce cada vez mais depressa, como se deslizasse de trenó do alto de uma montanha nevada. A avó jogou durante todo o dia até às oito horas da noite; não assisti e o que sei foi por ouvir dizer.

Potapytch esteve de guarda junto dela, no casino, durante todo o dia. Os polacos que dirigiam a avó revezavam-se várias vezes. Começou por expulsar o polaco da véspera, ao qual puxara os cabelos, e aceitou os serviços de outro, mas o segundo mostrou-se talvez ainda pior. Depois de ter despachado este, e chamado novamente o primeiro, que ficara por ali e que, durante todo o tempo da má sorte, vagueara atrás da cadeira da avó, passando a cada momento a cabeça por cima do seu ombro, a velha senhora caiu por fim num verdadeiro desespero. O segundo polaco também não quis por nada do mundo deixar o lugar: um instalou-se à direita da velha, outro à esquerda. Passaram o tempo a questionar e a insultar-se mutuamente por causa das apostas e da marcha do jogo, chamando-se gatunos, ou outras gentilezas polacas, depois reconciliavam-se e lançavam o dinheiro ao acaso. Enquanto discutiram, cada um apostava por seu lado, um no vermelho, por exemplo, e outro no preto. Em conclusão, acabaram por fazer perder a cabeça à avó que pediu, quase com lágrimas nos olhos, a um velho «croupier» que a defendesse e expulsasse os polacos. O que se fez imediatamente, apesar dos gritos e protestos deles. Vociferavam os dois ao mesmo tempo, afirmando que a avó lhes devia dinheiro, que os enganara, que agira desonestamente com eles. O infeliz Potapytch contava-me estas coisas chorando, nessa mesma noite, e recobrava a sua indignação, ao relatar que os polacos tinham enchido as algibeiras, que os vira roubar o dinheiro descaradamente e metê-lo nos

bolsos. Um deles, por exemplo, pedia cinco fredericos à avó pela sua colaboração e punha-os ao lado das apostas da velha senhora. Se ela ganhava, gritava que ele é que tinha ganho e que ela perdera. Quando os expulsaram, Potapytch interveio e declarou que tinham as algibeiras cheias de ouro. A avó pediu logo ao «croupier» que tomasse disposições e, apesar dos gritos de pavão dos polacos, a Polícia acorreu e os bolsos deles foram esvaziados imediatamente em proveito da avó. Enquanto teve dinheiro, a velha beneficiou de um prestígio manifesto junto dos «croupiers» e da direção do casino. Pouco a pouco, a sua fama espalhou-se por toda a cidade. Os veraneantes de todos os países, dos mais simples aos mais ilustres, acorriam para ver «*une vieille comtesse russe tombée en enfance*» que já perdera «vários milhões».

Mas a avó ganhou pouco, muito pouco, em desembaraçar-se dos polacos. Para os substituir, um terceiro veio imediatamente propor-lhe os seus serviços: esse falava perfeitamente russo e estava vestido como um *gentleman*, embora parecesse um lacaio; tinha um enorme bigode e muito amor-próprio. Também ele «beijava o rasto dos passos» da *pani* e «rastejava a seus pés», mas tratava os circunstantes com arrogância e comandava como um déspota; numa palavra, mostrava-se não como servidor, mas como patrão da avó. A todo o momento, a cada lance, virava-se para ela e jurava-lhe com as mais horríveis expressões, que era um *pan* honrado e que não lhe ficaria nem com um cêntimo. Repetiu tão insistentemente tais afirmações que ela acabou por ganhar realmente medo. Mas como o *pan* ao princípio pareceu retificar o jogo da velha senhora e começou a ganhar, a avó não pôde resolver-se a correr com ele. Uma hora depois, os dois primeiros polacos expulsos do casino apareceram de novo atrás da cadeira da avó, a oferecer-lhe outra vez os seus serviços e prontos até a fazer recados. Potapytch garantiu-me que o *pan* honrado trocou olhares de inteligência com eles e chegou mesmo a passar lhes qualquer coisa para a mão. Como a avó não jantara e não deixava a cadeira, um dos polacos pôde efetivamente tornar-se útil: correu ao bufete do casino para lhe trazer uma tigela de caldo, e depois chá. De resto, foram os dois ao bufete. Mas, no fim do dia, quando toda a gente podia ver que ela perdia a última nota, havia atrás da sua cadeira seis polacos que ninguém vira antes. E quando a avó perdeu as últimas fichas, não só eles não a ouviam, mas nem sequer lhe prestavam atenção, inclinando-se sobre a mesa por cima do ombro dela, apanhando o dinheiro,

dando ordens, apostando, questionando, interpelando com familiaridade o «*pan* honrado»; quanto a este, já esquecera quase a existência da avó. E quando a avó, totalmente arruinada, voltou cerca das oito horas para o hotel, três ou quatro polacos não podiam ainda decidir-se a deixá-la; corriam ao lado da cadeira, gritando em voz muito alta e demonstrando com volubilidade que a avó os enganara e lhes devia dinheiro. Foi assim que chegaram ao hotel, onde acabaram por ser expulsos a pontapé.

Segundo os cálculos de Potapytch, a avó perdera nesse dia, além do dinheiro que perdera na véspera, perto de oitenta e seis mil rublos. Todas as obrigações de cinco por cento, rendas do Estado, ações que possuía, trocou-as uma a uma. Admirei-me que ela pudesse ter-se aguentado durante seis ou sete horas de seguida, sentada na cadeira, e não deixando a mesa, mas Potapytch contou-me que, por duas ou três vezes, a avó começara realmente a conseguir grandes ganhos; arrastada de novo pela esperança, não tivera coragem de se ir embora. De resto, os jogadores bem sabem que um homem pode ficar vinte e quatro horas no mesmo lugar, de cartas na mão, sem volver os olhos para a direita ou para a esquerda.

Entretanto, no mesmo dia, acontecimentos decisivos deram-se também no nosso hotel. De manhã, antes das onze, estando a avó ainda no seu alojamento, os nossos, isto é, o general e Des Grieux, resolveram-se a empreender uma derradeira diligência. Tendo sabido que a avó, em vez de pensar em ir-se embora, voltava para o casino, eles vieram em conclave (com exceção de Paulina), conferenciar com ela definitivamente e mesmo *sinceramente*. O general, tremendo e desfalecendo à ideia das terríveis consequências que daí resultariam para ele, forçou mesmo a dose: após meia hora de rogos e de súplicas, depois de chegar até a confessar a sua paixão por Mademoiselle Blanche (perdera completamente a cabeça), o general mostrou subitamente um ar ameaçador e chegou a gritar e a bater com o pé; ele berrava que a velha senhora desonrava a família, era objeto de escândalo para a cidade e enfim... enfim: «emporcalha o nome russo, *madame!*» — gritou o general —, «há uma Polícia para isso!» A avó, para acabar, pô-lo fora às bengaladas (no sentido exato da palavra).

O general e Des Grieux ainda trocaram impressões uma ou duas vezes nessa manhã; procuravam sobretudo saber se não poderiam realmente chamar a Polícia. Dizendo que uma infeliz mas respeitável velha, já tonta, ia perder todo o seu dinheiro ao jogo, etc., não poderiam eles, de uma maneira ou de outra, obter uma vigilância ou uma interdição? Mas Des

Grieux encolheu os ombros e riu na cara do general que, já sem argumentos, passeava de cá para lá no seu gabinete. Enfim, Des Grieux fez um gesto desdenhoso com a mão e não foi mais visto. noite, soube-se que ele deixara definitivamente o hotel, depois de ter tido uma conversa decisiva e misteriosa com Mademoiselle Blanche. Quanto a esta última, logo de manhã tomara medidas enérgicas e categóricas: correu com o general e não tolerou mais a sua presença. Quando o general foi atrás dela no casino e a encontrou pelo braço do principezinho, nem ela nem *madame veuve de Cominges* o reconheceram. O principezinho também não o cumprimentou. Durante todo o dia, Mademoiselle Blanche sondou e manobrou o príncipe para que ele se declarasse enfim categoricamente. Mas, ai!, ela enganava-se cruelmente nos seus cálculos! Essa pequena catástrofe só à noite se desencadeou; descobriu-se subitamente que o príncipe era pobre como Job e que contava mesmo pedir-lhe dinheiro emprestado contra uma promissória, para jogar na roleta. Blanche expulsou-o com indignação e fechou-se no seu quarto.

Na manhã do mesmo dia, fui ter com Mr. Astley, ou melhor, procurei-o por toda a parte sem conseguir encontrá-lo. Não estava em casa, não estava no casino, nem no parque. Não jantara dessa vez no hotel. s cinco horas, vi-o de repente. Saía da estação e dirigia-se ao Hotel de Inglaterra. Estava com pressa e parecia muito preocupado, embora fosse difícil perceber a preocupação ou qualquer confusão no seu rosto. Estendeu-me a mão cordialmente, com a exclamação habitual: «Ah!» Mas sem se deter e caminhando sempre com passo rápido. Acompanhei-o, mas ele respondeu-me de tal modo que não tive tempo de perguntar-lhe fosse o que fosse. Além disso, eu não podia sem grande embaraço começar a falar de Paulina; também não se mostrou inquieto com a sorte dela. Contei-lhe o que acontecera à avó: ouviu-me com gravidade e atenção, depois encolheu os ombros.

— Ela vai perder tudo! — fiz-lhe notar.

— Oh! Sim! — respondeu. — Já fora para o jogo quando eu parti e eu estava certo de que ela ia perder tudo. Se tiver tempo, passo ainda pelo casino para ver isso, porque deve ser interessante...

— Onde é que foi? — perguntei, admirando-me de não me ter ainda lembrado de lhe fazer essa pergunta.

— A Frankfurt.

— Tratar de negócios?

— Sim.

Que podia eu perguntar-lhe mais? Caminhava a seu lado, mas ele virou bruscamente em direção ao Hotel das Quatro Nações, que era a caminho, fez-me um sinal com a cabeça e desapareceu. Ao voltar, formei pouco a pouco a seguinte certeza: mesmo que eu tivesse falado com ele duas horas, nada teria sabido, porque... não tinha nada a perguntar-lhe! Sim, era assim com certeza! Não teria podido, em caso algum, abordar o assunto que me preocupava.

Durante o dia, Paulina passeou no parque com as crianças e a criada ou ficou em casa. Há muito que ela evitava o general e quase não lhe falava, pelo menos de coisas sérias. Eu notara isso já há algum tempo.

Mas, sabendo eu em que situação se encontrava o general agora, pensei que ele não pudera evitar a jovem, isto é, que devia ter havido com certeza entre eles, em família, explicações importantes. Contudo, quando cheguei de novo ao hotel depois da minha conversa com Mr. Astley, encontrei Paulina e as crianças; o seu rosto refletia a mais calma serenidade, como se só a ela as tempestades familiares tivessem poupado. Correspondeu à minha saudação com um movimento de cabeça. Subi para o meu quarto muito irritado.

Evitava falar-lhe e não voltara a procurá-la uma só vez desde o incidente dos Wurmerhelm. Fazia disso ponto de honra; mas, quanto mais o tempo passava, mais a indignação crescia em mim. Mesmo que não gostasse nada de mim, ela não podia calcar assim aos pés os meus sentimentos e receber as minhas manifestações com tal desprezo. Ela sabia que eu a amava realmente; tolerara, consentira que eu lhe falasse assim! É certo que isso começara de modo estranho entre nós. Há tempos (já há muito, dois meses!) notei que queria tornar-me um amigo, um confidente e que fazia mesmo tentativas nesse sentido. Mas nada resultou; em vez disso, conservámos estas bizarras relações; por isso comecei a falar-lhe assim. Mas se o meu amor lhe desagradava, por que não proibia ela muito simplesmente que lhe falasse nele?

Ora ela não fazia nada; às vezes até chegava a incitar-me a falar... para fazer pouco, é claro. Estou certo disso, porque o senti: era-lhe agradável, depois de me ter ouvido e exasperado até ao sofrimento, desconcertar-me bruscamente com qualquer manifestação inequívoca de desprezo ou de indiferença. E, no entanto, sabe que eu não posso viver sem ela. Por isso é que, três dias passados sobre a história do barão, já não posso suportar

mais a nossa *separação*. Quando a encontrei há bocado perto do casino, o coração bateu-me tão depressa que fiquei branco. E ela também não pode viver sem mim! Sou-lhe necessário... Será possível que seja só como bobo?

Tem um segredo... é evidente! A conversa que teve com a avó partiu-me o coração. Porque eu pedi-lhe mil vezes que fosse sincera comigo e ela sabe que estou realmente pronto a dar a vida por ela. Mas sempre me afastou com desdém ou, em vez do sacrifício da minha vida que eu lhe oferecia, exigia de mim atos extravagantes, como no outro dia com o barão. Não é revoltante? Poderá ser que o francês seja tudo para ela? E Mr. Astley? Aqui, a história torna-se decididamente incompreensível, e no entanto... Meu Deus, que tormento sofria eu!

Ao voltar para o meu quarto, num acesso de fúria, peguei na pena e garatujei o que segue.

> *Paulina Alexandrovna, vejo claramente que o desenlace se aproxima; é claro que também vai atingi-la. Repito-lhe pela última vez: precisa da minha vida? Se lhe posso ser útil* seja no que for*, disponha de mim: passo agora a maior parte do tempo no quarto; não vou a lado nenhum. Se for preciso, escreva-me ou mande-me chamar.*

Lacrei o bilhete e entreguei-o ao groom de serviço ao andar com a ordem de o fazer chegar a Paulina por mão própria. Não esperava resposta, mas três minutos depois o «groom» voltou, comunicando que ela «me enviava cumprimentos».

Cerca das sete, chamaram-me da parte do general.

Estava no gabinete, vestido como se fosse para sair. O chapéu e a bengala pousados no divã. Quando entrei, pareceu-me vê-lo no centro do quarto, de pernas afastadas, cabeça baixa, e falando sozinho. Mal percebeu que eu entrara, lançou-se sobre mim quase gritando; dei, sem querer, um passo para trás e tentei sair, mas agarrou-me com as duas mãos e puxou-me para o divã; sentou-se nele, fez-me instalar numa cadeira que estava mesmo na sua frente e, sem me largar as mãos, de lábios trémulos, disse-me com voz implorativa com os olhos rasos de água:

— Alexis Ivanovitch, salve-me, salve-me, tenha pena de mim!

Durante um bom bocado fiquei sem perceber nada; o general falava sem cessar e repetia a cada momento: «Tenha pena de mim!» Percebi finalmente que ele esperava da minha pessoa qualquer coisa como um conselho ou que, talvez, abandonado por todos, presa da angústia e do desespero, se lembrara de mim e me convocara só para falar, falar, falar...

Não estava no seu juízo ou pelo menos perdera completamente a cabeça. Juntava as mãos e parecia prestes a lançar-se a meus pés para que eu (poderiam adivinhá-lo?) fosse imediatamente ter com Mademoiselle Blanche e lhe suplicasse, a exortasse a voltar para ele e a desposá-lo.

— Desculpe, general — exclamei —, mas Mademoiselle Blanche provavelmente nem sequer reparou em mim! Que posso eu fazer?

Era inútil protestar, ele não ouvia o que lhe dizia. Começou a discorrer sobre a avó, manifestando opiniões incoerentes; não renunciava à ideia de recorrer à Polícia.

— No nosso país, no nosso país — irrompeu ele fervendo de súbita indignação —, numa palavra... no nosso país, num Estado bem organizado em que há autoridades, velhas assim seriam imediatamente postas sob tutela. Sim, meu caro senhor, sim — continuou o general, adotando inesperadamente um tom doutoral, levantando-se bruscamente e andando de um lado para o outro —, ainda não sabia isto, caro senhor — dizia, dirigindo-se a um interlocutor imaginário que estava a um canto —, fique pois sabendo que... sim... no nosso país velhas assim são dobradas, subjugadas, sim, caro senhor... Oh!... Que desgraçado sou!

Atirou-se sobre o divã e, momentos depois, prestes a soluçar, contou-me apressadamente, quase esbaforido, que Mademoiselle Blanche não queria casar com ele porque a avó chegara em vez do telegrama e que agora era evidente que ele não receberia a herança. O general pensava que eu não sabia ainda de nada. Quis falar de Des Grieux, mas deteve-me com um gesto.

— Foi-se embora! Tem todos os meus bens como penhor, estou nu como um verme! O dinheiro que o senhor trouxe... esse dinheiro... não sei ao certo quanto é, talvez setecentos francos, creio, é tudo o que me resta, é tudo, e agora, não sei, não sei...

— Como vai pagar a conta do hotel? — exclamei aterrado. — E... depois?

Olhou-me pensativamente, mas era visível que não compreendera nada e nem sequer me ouvira bem. Tentei desviar a conversa para Paulina

Alexandrovna, para as crianças, respondeu-me precipitadamente: «Sim, sim!», e voltou logo a seguir a falar do príncipe que ia partir com Mademoiselle Blanche e então... e então...

— Que vai ser de mim, Alexis Ivanovitch? — disse bruscamente para onde eu estava. — Por Deus! Que vai ser de mim? Diga, é ingratidão, é ingratidão, não acha?

Para acabar, pôs-se a chorar lágrimas em fio.

Nada a fazer com um homem naquele estado. Deixá-lo sozinho também era perigoso: podia acontecer-lhe qualquer coisa. Desembaracei-me dele como pude, mas disse à criada que viesse ver de tempos a tempos como se encontrava ele; além disso falei ao «groom» de serviço ao andar, rapaz muito inteligente, que me prometeu também vigiar o general.

Mal deixara o general, Potapytch veio pedir-me que fosse ter com a avó. Eram oito horas e a velha senhora acabara de voltar do casino onde perdera o último cêntimo. Desci: a avó estava sentada na sua cadeira, fatigada e visivelmente doente. Marta deu-lhe uma chávena de chá e obrigou-a a bebê-la quase com emprego da força. E a voz e o ar da avó tinham mudado nitidamente.

— Boa noite, Alexis Ivanovitch, meu caro — disse-me lentamente e inclinando a cabeça com ar grave. — Desculpe incomodá-lo ainda uma vez mais, mas perdoará a esta velha. Ficou-me lá tudo, meu amigo, cerca de cem mil rublos. Tiveste razão de não vir comigo ontem. Agora já não tenho nada, estou sem dinheiro. Não quero demorar-me nem um momento mais, parto às nove e meia. Chamei o teu inglês Astley, parece-me; queria pedir-lhe emprestados três mil francos por oito dias. Diz-lhe que não tenha apreensões e que não me recuse o que lhe peço. Ainda sou bastante rica, meu caro, tenho três aldeias e duas casas e algum dinheiro, pois não trouxe todo. Digo isto para que ele não se inquiete... Ah! Aí está ele! Vê-se que é um homem decente.

Mr. Astley acudira ao primeiro chamamento da avó. Sem hesitação e sem inúteis discursos, contou logo três mil francos aceitando em troca um recibo que a avó assinou. Quando a operação terminou, o inglês cumprimentou e retirou-se.

— Agora deixa-me, Alexis Ivanovitch. Ainda tenho cerca de uma hora: vou estender-me um pedaço, doem-me os ossos. Não te preocupes comigo, não passo de uma velha tonta. Agora, não acusarei mais os jovens de leviandade. Hesito mesmo em censurar o vosso infeliz general. Mas

não lhe darei dinheiro, queira ele ou não, porque acho que é parvo demais, e eu, galinha velha, não sou mais inteligente do que ele. A verdade é que Deus castiga tarde ou cedo a presunção. Vamos, adeus. Marta, levanta-me!

Eu formara no entanto a intenção de acompanhar a avó. Além disso, estava à espera; parecia-me que de um momento para o outro qualquer coisa iria acontecer! Não pude ficar no meu quarto. Saí para o corredor, fui passear durante uns momentos pela álea. A minha carta a Paulina era clara e categórica, e a catástrofe presente com certeza definitiva. No hotel, ouvi falar da partida de Des Grieux. Em suma, se ela me repelia como amigo, talvez me aceitasse como criado. Porque eu sou-lhe necessário, mesmo que não seja senão para lhe fazer os recados! Sim, precisa de mim, é evidente!

No momento da partida, corri à estação e instalei a avó no comboio. Haviam tomado lugar num compartimento reservado.

— Obrigada pela tua ajuda desinteressada, meu amigo — disse-me a velha senhora despedindo-se de mim. — E torna a dizer a Prascóvia o que eu lhe disse ontem. Fico à espera dela.

Voltei ao hotel. Ao passar pelos alojamentos do general, encontrei a criada, informei-me do estado do patrão.

— Vai indo, meu bom senhor — respondeu-me ela tristemente.

Entrei, apesar de tudo, mas parei à porta do gabinete, estupefacto. Mademoiselle Blanche e o general riam às gargalhadas. A viúva Cominges também lá estava, sentada no divã. O general, visivelmente louco de alegria, dizia toda a espécie de absurdidades e tinha acessos de hilaridade nervosos e prolongados que lhe marcavam o rosto com inúmeras rugas e lhe faziam desaparecer os olhos.

Soube mais tarde, pela própria Mademoiselle Blanche, que depois de ter corrido com o príncipe e sabido do desespero do general, quisera consolá-lo e viera fazer uma visitinha. Mas o pobre general não sabia que nesse mesmo minuto a sua sorte já estava decidida e que Mademoiselle Blanche começara a preparar as malas para partir no dia seguinte para Paris no primeiro comboio da manhã.

Parado uns momentos à porta do gabinete, renunciei a entrar e retirei-me sem que se apercebessem de mim. Subi para o meu quarto. Ao abrir a porta, distingui na semiobscuridade uma silhueta sentada numa cadeira a um canto, perto da janela. Levantou-se quando eu entrei. Aproximei-me rapidamente, olhei, e... faltou-me a respiração: era Paulina!

Capítulo 14

Soltei um grito.

— Então, que é que tem? — perguntou-me com voz estranha.

Estava pálida e parecia de humor sombrio.

— Que tenho? Você! Aqui, no meu quarto!

— Quando venho, venho *inteira*. É meu hábito. Vai ver já; acenda uma vela. — Obedeci. Ela levantou-se, aproximou-se da mesa e pousou diante de mim uma carta já aberta. — Leia — ordenou-me.

— É a letra de Des Grieux — gritei, pegando na carta. As mãos tremiam-me e as linhas dançavam diante dos meus olhos. Já não me lembro dos termos exatos da carta, mas aqui deixo, se não palavra por palavra, pelo menos ideia por ideia.

> *Mademoiselle, desagradáveis circunstâncias obrigam-me a partir sem uma palavra. Notou certamente que eu evitei de propósito uma explicação definitiva consigo antes de tudo estar esclarecido. A chegada da* vieille dame*, sua parente, e a conduta absurda que ela teve puseram termo às minhas hesitações. A desordem dos meus próprios assuntos proíbe-me decididamente de alimentar as doces esperanças que consenti me embalassem algum tempo. Lamento o que se passou, mas espero que não encontre nada na minha conduta que seja indigno dum* gentilhomme *e de um* honnête homme*. Tendo perdido quase todo o meu dinheiro no pagamento das dívidas de seu padrasto, encontro-me reduzido à necessidade de utilizar o que me resta. Já comuniquei aos meus amigos de Sampetersburgo que deviam proceder sem demora à venda dos bens que tenho como penhor; sabendo, no entanto, que o seu leviano padrasto desbaratou toda a fortuna de* mademoiselle*, decidi fazer-lhe dom de cinquenta mil francos e dar lhe até ao montante desta soma uma parte das declarações de dívida; tem, pois, agora, a possibilidade de reaver tudo o que*

perdeu, exigindo a restituição dos seus bens por via judicial. Espero, mademoiselle*, que, no estado atual das suas coisas, a minha iniciativa lhe seja proveitosa. Espero também, com este gesto, preencher os deveres de um homem de honra. Garanto-lhe que a sua lembrança ficará para sempre gravada no meu coração.*

— Muito bem, é evidente — disse voltando-me para Paulina. — Esperava realmente outra coisa? — continuei com indignação.

— Não esperava nada — respondeu-me com aparente calma, mas havia uma tremura na sua voz. — A Há muito tempo que formei a minha opinião: li-a nos pensamentos dele. Julgava que o procurava... que eu insistiria... (a meio da frase parou, mordeu os lábios e calou-se). Propositadamente dupliquei as manifestações de desprezo para com ele — continuou Paulina —, a ver qual seria a sua reação. Se o telegrama tivesse chegado, eu atirar-lhe-ia à cabeça o dinheiro que lhe deve esse idiota (o meu padrasto), e correria com ele! Há muito, há muito já que não posso suportá-lo. Oh! Dantes era um homem diferente, um homem muito diferente! E agora, agora!... Com que alegria lhe atiraria eu agora os cinquenta mil francos cuspindo-lhe na cara!

— Mas esse papel, essa declaração de dívida de cinquenta mil francos que ele lhe deu, está nas mãos do general? Pegue nela e devolva-a a Des Grieux.

— Oh! Não é a mesma coisa! Não é a mesma coisa!

— Sim, é verdade! Para que serve o general agora? E a avó? — exclamei subitamente.

Paulina olhou-me com ar distraído e impaciente.

— A avó? — perguntou ironicamente. — Não posso ir para casa dela... e não quero pedir perdão a ninguém — ajuntou exasperada.

— Que fazer? — exclamei. — Mas como, como pôde amar Des Grieux?! É um velhaco, um velhaco! Quer que o mate em duelo? Onde está ele agora?

— Em Frankfurt, fica lá três dias.

— Uma palavra sua e parto para lá amanhã no primeiro comboio! — disse eu com uma exaltação idiota.

Ela começou a rir.

— Sim, e ele ia dizer-lhe talvez: «Devolva-me primeiro os cinquenta mil francos.» E por que havia ele de bater-se? Que estupidez!

— Mas então onde ir buscar, onde ir buscar esses cinquenta mil francos — teimava eu rangendo os dentes —, como se fosse possível subitamente apanhar esse dinheiro do chão. Ouça, e Mr. Astley? — perguntei-lhe, enquanto uma estranha ideia me assaltava.

Os olhos dela começaram a brilhar.

— Então, *queres que te deixe por esse inglês*? — disse fixando em mim um olhar penetrante e sorrindo amargamente. Era a primeira vez que me tratava por tu.

Sem dúvida, nesse momento, a cabeça andava-lhe à roda de emoção: sentou-se bruscamente no divã. Parecia ter chegado ao limite das forças.

Fiquei assombrado como por um relâmpago; ali, de pé, sem acreditar no que os meus olhos viam, no que os meus ouvidos ouviam!

Então era verdade: ela amava-me! Viera ter *comigo* e não com Mr. Astley! Ela, uma moça, viera sozinha ao meu quarto, num hotel! Comprometia-se assim aos olhos de todos, e eu continuava para ali, parado diante dela, sem compreender!

Um pensamento louco cintilou-me no espírito.

— Paulina! Dá-me só uma hora! Espera aqui uma hora que eu... volto já! É... é indispensável! Vais ver! Fica aí, fica aí!

E saí do quarto a correr, sem responder ao seu olhar interrogador. Gritou qualquer coisa, mas não voltei atrás.

Sim, às vezes o pensamento mais louco, aparentemente mais impossível, enraíza-se tão fortemente no nosso espírito, que acabamos por acreditar que é realizável... Mais ainda: se essa ideia está ligada a um desejo violento, apaixonado, acolhemo-la finalmente como algo de fatal, de necessário, de predestinado, como algo que não pode deixar de ser e de acontecer! Talvez haja nisto qualquer coisa mais: uma combinação de pressentimentos, um esforço extraordinário da vontade, uma autointoxicação pela imaginação, ou outra coisa ainda... Não sei, mas nessa noite (que jamais esquecerei) aconteceu-me uma aventura miraculosa. Embora possa explicar-se perfeitamente com a aritmética, não é por isso menos miraculosa a meus olhos. E por que, por que essa certeza estava tão profundamente, tão solidamente enraizada em mim, e há tanto tempo? Porque pensava nisso, permitam-me que volte a dizê-lo, não como numa eventualidade possível (e consequentemente incerta), mas como em qualquer coisa que não podia deixar de acontecer!

Eram dez e um quarto; entrei no casino com uma esperança firme e ao mesmo tempo uma emoção que jamais sentira. Ainda havia gente nas salas de jogo. Mas duas vezes menos do que de manhã.

Às onze só ficam à volta das mesas os verdadeiros jogadores, os jogadores inveterados, para os quais, nas termas, não existe senão a roleta; só vieram por causa da roleta, mal percebem o que se passa à volta deles e não se interessam por mais nada durante a época inteira; não fazem outra coisa senão jogar de manhã à noite e estariam com certeza prontos a jogar durante toda a noite até de madrugada se fosse possível. É sempre contra vontade que se dispersam quando à meia-noite fecha o casino. E quando o mais antigo dos «croupiers», antes do encerramento, um pouco antes da meia-noite, anuncia: «*Les trois derniers coups, messieurs!*», os jogadores inveterados estão prontos, frequentemente, a apostar tudo o que têm nos bolsos nestes três lances, e é, com efeito, a essa hora que se perdem as maiores quantias. Dirigi-me para a mesa onde estivera sentada a avó. Não havia grande aperto, pude assim ocupar rapidamente um lugar de pé junto à mesa. Precisamente à minha frente, no pano verde, estava escrita a palavra: *passe*.

Passe é uma sequência de números de 19 a 36. A primeira série, de 1 a 18, chama-se *manque*; mas que me importava? Não fazia cálculos e nem sequer ouvira o último número saído; não procurei informar-me ao começar, como teria feito o jogador menos precavido. Tirei os meus vinte fredericos e pu-los no *passe*.

— *Vingt-deux!* — gritou o «croupier».

Ganhara. Arrisquei novamente tudo: a minha primeira aposta e o ganho.

— *Trente et un!* — proclamou o «croupier».

Novo ganho! Dava ao todo oitenta fredericos! Pus tudo nos doze números do centro (ganho triplo mas duas possibilidades contra); o prato começou a girar e o 24 saiu. Deram-me três rolos de cinquenta fredericos e dez moedas de ouro; tinha agora ao todo duzentos fredericos.

Numa espécie de transe febril, empurrei todo esse dinheiro para o vermelho... e de repente, tomei consciência! Foi a única vez no decurso da noite que o medo me ganhou, revelando-se por um tremor das mãos e dos pés. Senti com horror, num relâmpago de consciência, o que tal perda significaria para mim nesse momento! Era a minha vida inteira que estava em jogo!

— *Rouge!* — gritou o «croupier». Respirei de novo: formigas ardentes corriam-me pelo corpo. Pagaram-me em notas: o ganho subia a quatro mil florins e oitenta fredericos (ainda estava em condições de fazer as contas).

Depois, lembro-me de que pus dois mil florins sobre os números do centro e perdi; joguei as moedas de ouro e os oitenta fredericos e perdi. A fúria apossou-se de mim: peguei nos dois mil florins que me restavam e pu-los nos doze primeiros números... assim, ao acaso, às cegas, sem calcular. Houve, de resto, um momento de suspensão, uma emoção semelhante, talvez, à que experimentou Madame Blanchard quando em Paris foi precipitada do seu balão para o solo.

— *Quatre!* — gritou o «croupier».

Com a aposta precedente, isso dava-me de novo seis mil florins. Eu já tomava ares triunfantes e deixara de ter medo fosse do que fosse. Lancei quatro mil florins no preto. Uma dezena de pessoas precipitou-se e apostou como eu no preto. Os «croupiers» trocavam olhares e falavam uns com os outros em redor; falavam e estavam à espera.

O preto saiu. A partir desse momento, não me lembro mais nem do montante, nem da série de jogadas. Lembro-me só, como num sonho, de que já estava a ganhar cerca de dezasseis mil florins. De repente, três lances infelizes fizeram-me perder doze mil; então pus os últimos quatro mil florins no *passe* (mas não senti nada de especial no momento; esperava maquinalmente, sem pensar em nada). Ganhei de novo, depois ganhei ainda quatro lances de seguida. Só me lembro de apanhar florins aos milhares; lembro-me também que foram os números do centro, nos quais insisti, que saíram com mais frequência. Saíam regularmente, sempre três ou quatro vezes de seguida. Depois desapareciam durante dois lances e voltavam outra vez em três ou quatro lances consecutivos. Esta espantosa regularidade acha-se por períodos e é precisamente isto que despista os jogadores profissionais que fazem cálculos, de lápis na mão. Que terríveis ironias do destino não se manifestam aqui?

Penso que não tinha ainda decorrido meia hora desde a minha chegada. Subitamente, o «croupier» comunicou-me que eu ganhara já trinta mil florins, que a banca não podia responder numa só sessão por quantia superior e que iam fechar a roleta até à manhã seguinte. Peguei no meu ouro, meti-o nas algibeiras, apanhei as notas todas e passei logo para outra sala onde havia outra roleta; todos se precipitaram atrás de mim; nessa

roleta deram-me logo lugar e recomecei a jogar à toa, sem calcular. Não sei o que me salvou!

De tempos a tempos, de resto, a ideia de fazer cálculos passava-me pela cabeça. Prendia-me a certos números, a certas possibilidades, mas depressa os abandonava e recomeçava a jogar quase inconscientemente. Eu devia estar muito distraído; lembro-me de que os croupiers corrigiram várias vezes o meu jogo. Cometia erros grosseiros. As têmporas latejavam-me, as mãos tremiam-me. Polacos acorreram a oferecer-me os seus serviços, mas eu não ouvia ninguém. A sorte não me abandonava! Inesperadamente, soaram à minha volta vozes, risos. «Bravo, bravo!», gritavam as pessoas; alguns chegaram a aplaudir. Eu arrebatara de novo trinta mil florins e iam fechar a banca até ao dia seguinte.

— Vá-se embora, vá-se embora! — murmurou alguém à minha direita. Era um judeu de Frankfurt; estivera sempre a meu lado e ajudara-me, penso, uma ou duas vezes.

— Por amor de Deus vá-se embora! — segredou outra voz ao meu ouvido esquerdo. Lancei uma olhadela. Era uma senhora duns trinta anos, bem vestida mas com modéstia, de rosto fatigado, de uma palidez doentia, mas que deixava perceber que fora maravilhosamente bela. Nessa altura, eu enchia as algibeiras de notas que amarrotava, e recolhia o ouro que ainda ficara na mesa. Peguei no último rolo de cinquenta fredericos e consegui, sem me fazer notar, metê-lo na mão da senhora pálida; sentia um terrível desejo de fazer isto e lembro-me de que os seus finos e esguios dedos me apertaram a mão em sinal de vivo reconhecimento. Isto não demorou mais que um segundo.

Depois de ter apanhado tudo, dirigi-me imediatamente para o *trente et quarante*.

O *trente et quarante* é frequentado por um público aristocrático. Já não é a roleta, mas um jogo de cartas. Nesse jogo, a banca responde por cem mil *thalers*. A maior aposta é também de quatro mil florins. Eu ignorava totalmente a marcha do jogo e não conheceria quase nenhuma jogada, se não fosse o vermelho e o preto também se encontrarem lá. Dediquei-me pois a eles. Todo o casino se juntava à minha volta. Não me lembro de ter pensado uma só vez em Paulina durante essa noite. Eu experimentava um prazer irresistível em apanhar e recolher as notas que se amontoavam à minha frente.

Dir-se-ia realmente que o destino me empurrava. Dessa vez, como que propositadamente, deu-se uma circunstância que se reproduz de resto com bastante frequência no jogo. A sorte agarra-se, por exemplo, ao vermelho e não o deixa durante dez ou mesmo quinze lances. Eu ouvira dizer na antevéspera que o vermelho saíra vinte e duas vezes seguidas na semana anterior; ninguém na roleta se lembrava de semelhante caso e falava-se dele com vivo espanto. É claro, toda a gente abandona logo o vermelho e passados dez lances, por exemplo, ninguém ousa apostar nele. Mas nenhum jogador experimentado jogará no preto, oposto ao vermelho. Um jogador exercitado sabe o que significa o «capricho do acaso». Por exemplo, podia julgar-se que após o décimo sexto lance, o décimo sétimo deve cair infalivelmente no preto. Os novatos lançam-se em bando sobre essa possibilidade, duplicam e triplicam as paradas e sofrem perdas terríveis.

Ao contrário, por uma fantasia bizarra, tendo notado que o vermelho saíra sete vezes seguidas, foi nele que insisti. Estou convencido de que o amor-próprio foi em boa parte responsável por esta atitude; eu queria espantar os espectadores correndo um risco insensato e (estranha sensação!) lembro-me nitidamente que, de súbito, sem ser de modo algum espicaçado pelo amor-próprio, fui possuído pela sede do risco. Talvez que, depois de ter passado por tão grande número de sensações, a alma não possa saciar-se mas só irritar-se e exija sensações novas, mais e mais violentas, até ao esgotamento total. E, verdadeiramente, não estou a mentir, se o regulamento me permitisse apostar cinquenta mil florins de uma só vez, tê-los-ia arriscado. À minha volta gritavam que era insensato, que era a décima quarta vez que o vermelho saía!

— *Monsieur a déjà gagné cent mil florins* — disse alguém a meu lado.

Acordei de repente. Como? Eu ganhara nessa noite cem mil florins! Mas não precisava de mais! Lancei-me sobre as notas, meti-as desordenadamente na algibeira, sem contar, recolhi o ouro, os rolos todos, e saí precipitadamente do casino. Toda a gente ria vendo-me atravessar as salas, de algibeiras esbeiçadas e de andar incerto por causa do peso do ouro. Julgo que trazia mais de meio «pound». Mãos estenderam-se para mim; eu distribuía dinheiro às mãos cheias, tanto quanto na mão podia caber. Dois judeus detiveram-me próximo da porta.

— É audacioso, muito audacioso! — disseram-me. — Mas vá-se embora amanhã de manhã, logo que possa, senão perderá tudo...

Eu não os ouvia. A álea estava tão escura que eu não podia ver as próprias mãos. Tinha de percorrer cerca de meia *versta* até ao hotel. Nunca tive medo de ladrões nem de rufiões, mesmo quando era criança; também nesse momento não me preocupei com eles. Não me lembro de resto em que ia a pensar durante o caminho; tinha a cabeça vazia. Experimentava só um prazer violento, o do sucesso, da vitória, do poder; não sei como exprimir-me. A imagem de Paulina passava-me diante dos olhos, não deixava de perceber que ia ter com ela, que ia encontrá-la, contar-lhe o que se passara, mostrar-lhe o meu dinheiro... Mas mal me lembrava do que ela me dissera ainda há pouco, da razão que me levara ao casino, e todas essas sensações recentes, experimentadas hora e meia antes, pareciam-me agora pertencer a um passado longínquo, abolido, ao qual nem sequer faríamos alusão, porque tudo ia recomeçar de novo. Só no fim da álea é que o medo me invadiu: «E se agora me matassem e me roubassem o dinheiro?» A cada passo que dava, o terror duplicava. Quase corria. De repente, no fim da álea, a fachada do hotel apareceu, brilhante de mil luzes. Graças a Deus, chegara!

Subi quatro a quatro os degraus até ao meu andar e abri bruscamente a porta. Paulina lá estava, sentada no meu divã, diante de uma vela acesa, as mãos juntas. Olhou-me com estupefação: eu tinha com certeza nesse momento um estranho aspeto. Parei diante dela e atirei todo o dinheiro para cima da mesa.

Capítulo 15

Ela olhava-me fixamente, sem se mexer, sem sequer mudar de atitude.

— Ganhei duzentos mil francos! — gritei-lhe tirando do bolso o último rolo. Um grande monte de notas e de moedas de ouro cobria a mesa. Eu não podia tirar dele os olhos; por momentos, esqueci completamente Paulina. Ora começava a pôr as notas por ordem, juntando-as em maços, ora amontoava o ouro à parte, ora espalhava tudo e punha-me a andar de um lado para o outro rapidamente, absorvido nos meus pensamentos; ou então, subitamente, voltava para junto da mesa e recomeçava a contar o meu dinheiro. De repente, retomando a consciência, precipitei-me para a porta e fechei-a com duas voltas. Depois, parei, irresoluto, diante da minha pequena mala.

— Será preciso pô-lo na mala até amanhã? — perguntei virando-me bruscamente para Paulina e lembrando-me então da sua presença.

Continuava sentada no mesmo lugar, sem se mexer, mas não tirava os olhos de mim. Tinha uma expressão estranha que me desagradou. Não me engano se disser que era de ódio.

Aproximei-me dela rapidamente.

— Paulina, aqui estão vinte e cinco mil florins, o que dá cinquenta mil francos, talvez mais. Pegue neles e vá deitar-lhos à cara amanhã.

Não respondeu.

— Se quiser, eu mesmo os levo amanhã de manhã. Sim?

Inesperadamente começou a rir. Riu durante bastante tempo.

Encarei-a com dolorosa surpresa. Aquele riso era muito semelhante ao riso trocista com que ela recebia frequentemente (e recentemente ainda) as minhas declarações mais apaixonadas. Por fim, parou e franziu as sobrancelhas. Olhou-me, sem levantar os olhos, com ar severo.

— Não quero o seu dinheiro — disse-me com desprezo.

— Como? Que se passa? — exclamei. — Paulina, porquê isso?

— Não aceito dinheiro por nada.

— Ofereço-lho na qualidade de amigo, ofereço-lhe a minha vida.

Deixou cair sobre mim um longo olhar inquisidor, como se quisesse penetrar na minha alma.

— Está a ser generoso — disse com um risinho. — A amante de Des Grieux não vale cinquenta mil francos.

— Paulina, como pode falar-me assim! — disse eu em tom de censura. — Não sou Des Grieux.

— Odeio-o! Sim... sim! Amo-o tanto como amo Des Grieux! — gritou, e os seus olhos começaram a cintilar.

Escondeu a cara nas mãos e teve uma crise nervosa. Corri para ela.

Percebi que lhe devia ter acontecido qualquer coisa durante a minha ausência. Parecia não estar senhora de si.

— Compra-me, não queres? Não queres? Por cinquenta mil francos como Des Grieux? — exclamou por entre convulsivos soluços.

Tomei-a nos braços, beijei-lhe as mãos, os pés, caí de joelhos diante dela.

A crise passara. Ela pôs as mãos nos meus ombros e contemplou-me com atenção. Dir-se-ia que queria ler algo no meu rosto. Ouvia-me, mas era visível que não percebia o que eu estava a dizer-lhe. Uma expressão preocupada, sonhadora, inscreveu-se-lhe no rosto. Sentia-me inquieto; tinha decididamente a impressão de que ela estava a ficar louca. Puxou-me suavemente para si; um sorriso confiante perpassava-lhe nos lábios; depois, de repente, repeliu-me e voltou a encarar-me com ar sombrio.

Bruscamente, abraçou-me.

— Amas-me, não é verdade? Amas-me? — dizia. — Porque... porque... querias bater-te por mim com o barão! — e disparou numa gargalhada, como se estivesse a evocar uma lembrança cómica e divertida. Ria e chorava ao mesmo tempo.

Que podia eu fazer? Também estava febril. Lembro-me de que ela começou a falar-me... mas quase nada percebi, pois era uma espécie de delírio: balbuciava como se quisesse contar-me apressadamente qualquer coisa; o delírio era interrompido volta e meia por uma gargalhada alegre que começava a assustar-me.

— Não, não, tu és gentil, gentil! — repetia. — És o meu amigo fiel! — E punha de novo as mãos nos meus ombros, voltava a contemplar-me e repetia: — Tu amas-me... tu amas-me... amas-me mesmo?

Não deixava de a observar; nunca a vira nesses transportes de ternura e de amor; é verdade que se tratava de delírio, mas... notando a minha

expressão apaixonada, teve subitamente um sorriso malicioso; inconsideradamente, começou a falar de Mr. Astley.

De resto, desviava frequentemente a conversa para Mr. Astley (sobretudo momentos antes, quando tentara contar-me qualquer coisa), mas eu não podia perceber exatamente o que significava isso. Julgo mesmo que troçava de mim; ela repetia a todo o instante que ele estava à espera... e que eu ignorava talvez que ele estava à espera sob a minha janela.

— Sim, sim, sob a janela, abre, olha, olha, ele está lá!

Empurrava-me para a janela, mas mal eu fazia um movimento nessa direção, desatava a rir loucamente e eu ficava junto dela; então, lançava-se para mim e abraçava-me.

— Vamos embora? Amanhã, vamos embora?...

Esta ideia parecia deixá-la subitamente inquieta.

— E nós (tornava-se sonhadora) iremos ter com a avó, que achas? Julgo que conseguiremos apanhá-la ainda em Berlim. Que pensas que ela vai dizer quando nos vir? E Mr. Astley? Esse não se lançaria do alto do Schlangenberg, não é? (desatava a rir). Ouve: sabes onde é que ele vai no próximo verão? Quer ir ao Pólo Norte para fazer pesquisas científicas e convidou-me... Ah! Ah! Ah! Diz que nós, os russos, nada saberíamos sem a ajuda dos europeus e que não prestamos para nada... Mas é bom, também é bom! Sabes, consegue desculpar o general. Diz que Blanche... que a paixão... enfim, não sei, não sei — continuou como se estivesse desorientada e sem palavras. — Pobrezinhos, como os lamento, e à avó também... Ouve, ouve, como poderias tu matar Des Grieux? Mas nem matarias sequer o barão! — acrescentou começando a rir. — Como estavas engraçado, outro dia, com o barão; fiquei a observar-vos sentada no meu banco; e como te contrariava ir falar com ele, quando te mandei! O que eu ri, o que eu ri! — ajuntou Paulina explodindo de riso.

E de repente começou a beijar-me, a apertar-me, a encostar a minha cara à sua com apaixonada ternura. Eu já não conseguia pensar em nada, já não ouvia nada, a cabeça andava-me à roda...

Eram cerca das sete horas da manhã quando consegui recobrar o domínio de mim mesmo; o sol entrava no quarto. Paulina estava sentada a meu lado e passeava o olhar em redor com estranha expressão, como se estivesse a sair da escuridão e tentasse coordenar as suas recordações. Acabava também de acordar e olhava fixamente para a mesa e para o

dinheiro. A cabeça pesava-me e doía-me. Tentei pegar na mão de Paulina: repeliu-me e levantou-se bruscamente do divã. O dia que começava parecia sombrio; chovera pouco antes da madrugada. Aproximou-se da janela, abriu-a, debruçou se e, com os cotovelos no peitoril, ficou assim alguns minutos, sem se voltar para mim e sem prestar atenção ao que eu lhe dizia. Assaltou-me uma ideia terrível: que ia acontecer agora e como acabaria tudo isto? De repente, deixou a janela, caminhou para a mesa, e, encarando-me com uma expressão de infinito ódio, os lábios trémulos de fúria, disse-me:

— Muito bem, dá-me agora os meus cinquenta mil francos!

— Paulina, voltas à mesma! — disse.

— A não ser que tenhas mudado de ideias! Ah! Ah! Ah! Se calhar até lamentas?

Os vinte e cinco mil florins contados na véspera estavam sobre a mesa: peguei neles e entreguei-lhos.

— Então são meus agora? São? São? — perguntou-me com irritação, segurando o dinheiro.

— Sempre foram teus — respondi-lhe.

— Bem, muito bem, aqui estão os teus cinquenta mil francos! — ergueu o braço e atirou-mos à cara. O maço bateu-me em cheio na cara e desfez-se no chão. Depois disto, Paulina saiu do quarto a correr. Sei que nesse minuto ela não estava no seu juízo, embora eu não compreenda essa loucura passageira. É verdade que está ainda doente, e já passou um mês sobre a cena. Qual foi, no entanto, a causa desse estado, e sobretudo dessa saída? Sentia-se ofendida na sua dignidade? Seria o desespero que a levara a procurar-me? Não teria eu tido o ar de me envaidecer com a minha felicidade e de querer, tal como Des Grieux, desembaraçar-me dela dando-lhe cinquenta mil francos? No entanto, em perfeita consciência não fora assim. Julgo que a culpa se deve em parte ao seu orgulho; foi o orgulho que a levou a não me dar a sua confiança e a insultar-me, embora tudo isto lhe aparecesse, sem dúvida, muito confusamente. Se assim é, paguei com certeza por Des Grieux e achei-me na situação de culpado, talvez sem ter nisso muita culpa. A verdade é que tudo isto não passou de delírio; a verdade é que eu sabia que ela estava a delirar e... não prestei atenção a esta circunstância. Poderá ela perdoar-me agora? Sim, mas será agora, ao passo que no outro dia, no outro dia? O delírio e a doença seriam tão

violentos que lhe fizessem esquecer o que vinha fazer ao procurar-me com a carta de Des Grieux? Logo, ela sabia o que estava a fazer!

Enfiei de qualquer maneira, às pressas, as notas e o ouro na minha cama, puxei a coberta e saí, mais ou menos dez minutos depois de Paulina. Estava certo de que fugira para os seus aposentos e quis entrar silenciosamente neles e informar-me na antecâmara, junto da criada, da saúde dela. Qual não foi o meu espanto quando a criada, que encontrei na escada, me disse que Paulina não voltara ainda e que vinha procurá-la ao meu quarto.

— Saiu de lá mesmo agora — disse-lhe —, talvez há dez minutos. Onde teria ela ido?

A criada olhou-me com ar de censura.

No entanto, a história já corria no hotel. Contava-se a meia-voz no cubículo do porteiro e no gabinete do *maître* que a *Fräulein* saíra a correr, às seis horas da manhã, sob a chuva e se dirigira para o Hotel de Inglaterra. Pelo que eles diziam e insinuavam, compreendi que sabiam já que Paulina passara toda a noite no meu quarto. Já se falava, aliás, da família do general; sabia-se que na véspera ele perdera a cabeça e soluçara tão alto que se ouviu em todo o hotel. Corria já que a avó era mãe dele, que viera expressamente da Rússia para proibir ao filho o casamento com Mademoiselle de Cominges e o deserdar se desobedecesse. Como ele se recusara a submeter-se, a condessa arruinara-se na roleta, aos olhos dele e deliberadamente, para não lhe deixar nada. «*Diese Russen!*», repetia o *maître* com indignação sacudindo a cabeça. Os outros riam. O *maître* preparava a conta. Já se sabia que eu ganhara: Karl, o «groom» do meu andar, foi o primeiro a felicitar-me. Mas eu pensava noutra coisa. Corri para o hotel de Inglaterra.

Era ainda cedo; Mr. Astley não recebia ninguém. Tendo sabido no entanto que era eu, veio ao meu encontro no corredor e ficou plantado diante de mim, fixando-me com o seu olhar apagado, e à espera do que eu lhe fosse dizer. Pedi-lhe logo notícias de Paulina.

— Está doente — respondeu Mr. Astley, sem me desfitar.

— Então sempre é verdade que está aqui?

— Sim, está aqui.

— E o senhor... tem a intenção de a conservar aqui?

— Sim.

— Mr. Astley, isso vai dar escândalo; é impossível. Além disso, está muito doente; já viu bem?

— Oh! Sim, eu mesmo lhe disse que ela estava doente. Se não estivesse doente não teria passado a noite no seu quarto.

— Ah, também sabia disso?

— Sim. Ela devia vir ontem para que eu a levasse para casa de uma das minhas parentes, mas como estava doente enganou-se e foi ter consigo.

— Ora veja! Muito bem, Mr. Astley, permita-me que o felicite. A propósito, tenho uma ideia; o senhor não passou a noite sob a minha janela? Miss Paulina disse-me incessantemente que abrisse a janela e que olhasse para ver se o senhor estava lá em baixo: isso dava-lhe muita vontade de rir.

— Será possível? Não, eu não estava debaixo da janela; esperava no corredor e andava pelas proximidades.

— É preciso tratar dela, Mr. Astley.

— Sim, já chamei um médico; se ela morrer, você tem que me prestar contas da sua morte.

Fiquei atónito.

— Por Deus, Mr. Astley, que pretende dizer?

— É verdade que ganhou ontem duzentos mil *thalers*?

— Cem mil florins somente.

— Ora aí está! E vai partir já para Paris.

— Porquê?

— Não há russo que, logo que tenha dinheiro, não vá a Paris — explicou-me Mr. Astley, dizendo estas palavras como se as tivesse lido num livro.

— Que vou eu fazer para Paris, no verão? Amo-a, Mr. Astley, bem o sabe!

— Realmente? Estou persuadido do contrário. Além disso, se fica aqui, vai perder com certeza tudo o que tem e deixará de ter possibilidade de ir a Paris. Bem, adeus, estou absolutamente convencido de que o senhor vai partir hoje mesmo.

— Está bem, adeus, mas não partirei. Pense, Mr. Astley, no que vai acontecer!... Resumindo, o general... e agora, este incidente com Miss Paulina... vai saber-se em toda a cidade.

— Sim, em toda a cidade: penso que o general é indiferente a isso, tem muito em que pensar. De resto, Miss Paulina tem absolutamente o direito de habitar onde lhe agrade. No que respeita à sua família, pode dizer-se com toda a propriedade que já não existe.

Quando me fui embora, ri da estranha segurança desse inglês, que pretendia que eu ia partir para Paris. No entanto, querem matar-me em duelo se Mademoiselle Paulina morrer, pensava eu, o que ainda é agradável. Juro que tinha pena de Paulina, mas, coisa estranha, desde o preciso momento em que me aproximara ontem da mesa de jogo e começara a juntar maços de notas, o meu amor passara de certo modo para segundo plano. Confesso-o agora; no momento, não tive perfeita consciência disso. Era eu então um verdadeiro jogador? Amava então Paulina de maneira tão... bizarra? Não. Deus é testemunha de que a amo ainda! E quando saí de falar com Mr. Astley, sofria sinceramente e censurava-me asperamente no caminho para o hotel. Mas... aconteceu-me uma estranha e estúpida aventura.

Dirigia-me apressadamente aos aposentos do general, quando, de repente, já perto deles, uma porta se abriu e alguém me chamou. Era a viúva Cominges: chamara-me por ordem de Mademoiselle Blanche. Entrei no apartamento da mulher.

Tinha uma pequena «suite» de dois quartos. Ouvia-se o riso e a voz de Mademoiselle Blanche no quarto de cama. Estava a levantar-se.

— *Ah, c'est lui! Viens donc, bête! Est-ce vrai que tu as gagné une montagne d'or et d'argent? J'aimerais mieux l'or.*

— Sim, ganhei — respondi rindo.

— Quanto?

— Cem mil florins.

— *Bibi, comme tu es bête!* Vá, entra, não ouço nada. *Nous ferons bombance, n'est-ce pas?*

Entrei. Estava deitada sob uma coberta de cetim cor-de-rosa que deixava a nu ombros morenos, redondos, admiráveis: ombros como só em sonho se vê, desleixadamente recobertos por uma camisa de cambraia guarnecida de rendas.de deslumbrante brancura que realçavam extraordinariamente o bronzeado da pele.

— *Mon fils, as-tu du coeur?* — exclamou quando me viu, e desatou a rir. Ria sempre com muita disposição e, por vezes, com todo o à-vontade.

— *Tout autre...* — disse eu para começar, parafraseando Corneille.

— Olha, olha — começou ela a chilrear; — primeiro, vai buscar as minhas meias e ajuda-me a enfiá-las; e depois, *si tu n'es pas trop bête, je te prends à Paris*. Como deves saber, parto imediatamente.

— Imediatamente?

— Dentro de meia hora.

Com efeito, estava tudo arrumado. As bagagens já prontas. O café fora servido há muito.

— *Eh bien*, se quiseres, *tu verras Paris. Dis donc, qu'est-ce que c'est qu'un outchitel? Tu étais bien bête, quand tu étais un outchitel!* Onde param as minhas meias? Vá, enfia-mas!

Mostrou um pezinho realmente adorável: moreno, pequeno, nada deformado como acontece com os pés que de tão graciosos parecem botinas. Pus-me a rir e a esticar sobre a sua perna a meia de seda. Mademoiselle Blanche, sentada na cama, palrava.

— *Eh bien, que feras-tu, si je te prends avec?* Primeiro, *je veux cinquante mille francs*. Podes dar-mos em Frankfurt. *Nous allons à Paris*; lá viveremos juntos e *je te ferai voir des étoiles en plein jour*. Verás mulheres como nunca viste. Ouve...

— Espera! Se te dou cinquenta mil francos, com quanto ficarei?

— *Et cent cinquante mille francs* que esqueceste? Além disso, consinto em viver contigo um mês, dois, *que sais je!* É claro que gastaremos em dois meses esses cento e cinquenta mil francos. Como vês, *je suis bonne enfant*, previno-te; *mais tu verras des étoiles!*

— Como? Tudo em dois meses?

— Quê? Isso assusta-te? *Ah! vil esclave!* Mas serás capaz de perceber que um mês dessa vida vale mais que toda a tua existência? Um mês... *et après, le déluge! Mais tu ne peux comprendre, va!* Vai-te, vai-te, não mereces isso! Ai, *que fais-tu?*

Estava a enfiar-lhe a outra meia, mas não me sustive e beijei-lhe o pé. Puxou-o para si e começou a dar-me na cara com a ponta do pé. Depois, mandou-me embora.

— *Eh bien, mon outchitel, je t'attends, si tu veux*; parto dentro de um quarto de hora! — gritou-me.

Ao voltar para o meu quarto, já estava como que preso da vertigem. Não era culpa minha se Mademoiselle Paulina me atirara à cara o maço de notas e preferira, a partir dessa noite, Mr. Astley à minha pessoa! Algumas notas estavam ainda no chão: apanhei-as. Nesse momento, a porta abriu-se

e o *maître* (que anteriormente nem sequer me olhava) entrou e convidou-me a ir ocupar um apartamento no andar de baixo, o apartamento que acabara de deixar o conde V...

Estive uns momentos a pensar:

— A conta! — gritei —, parto para Paris dentro de dez minutos. Seja para Paris! — disse com os meus botões. Já estava escrito!

Um quarto de hora mais tarde, estávamos efetivamente sentados os três num compartimento reservado: Mademoiselle Blanche, a viúva Cominges e eu. Mademoiselle Blanche ria até às lágrimas quando olhava para mim. Madame Cominges acompanhava-a; quanto a mim, não posso dizer que estivesse alegre. A minha vida partia-se em dois, mas desde a véspera que eu me habituara a apostar numa carta só. Talvez não pudesse suportar o dinheiro, talvez tivesse perdido a cabeça. *Peut-être, je ne demandais pas mieux*. Parecia-me que o cenário ia mudar por algum tempo, mas só por algum tempo. «Mas dentro de um mês estarei de volta e então... e então ainda teremos contas a ajustar, eu e Mr. Astley!» Sim, tanto quanto me lembro, sentia-me terrivelmente triste ao rir às gargalhadas com essa idiota da Blanche.

— Mas que queres tu? Que tolo és! Oh, que tolo és! — gritava Blanche parando de rir e ralhando-me já a sério. — Sim, sim, gastaremos os cento e cinquenta mil francos *mais tu seras heureux comme un petit roi*; eu mesma hei de fazer-te o nó da gravata e apresentar-te a Hortense. E quando tivermos gasto todo o nosso dinheiro, voltarás aqui e levarás de novo a banca à glória. Que te disseram os judeus? O essencial é a audácia, tu tens audácia e hás de voltar mais de uma vez a Paris com dinheiro para mim. *Quant à moi, je veux cinquante mille francs de rente, et alors...*

— E o general? — perguntei.

— O general? Sabes muito bem que todos os dias, a esta hora, me vai comprar um ramo de flores. Desta vez disse-lhe propositadamente que me procurasse as flores mais raras. Quando o pobre voltar, já o pássaro terá voado! há de correr atrás de nós, vais ver. Ah! Ah! Ah! Que contente vou ficar! Em Paris ser-me-á útil; Mr. Astley pagará por ele aqui...

E foi assim que parti para Paris...

Capítulo 16

De Paris que direi eu? Tudo isso não passou de delírio, de extravagância. Não fiquei lá senão três semanas e, decorridas estas, gastara cem mil francos. Digo só cem mil francos; os outros cem mil paguei-os a Mademoiselle Blanche: cinquenta mil em Frankfurt e, três dias depois, em Paris, dei-lhe mais cinquenta mil por cheque, que, aliás, ela descontou ao fim de uma semana.

— *Et les cent mille francs qui nous restent, tu les mangeras avec moi, mon outchitel!* — Era assim que me chamava sempre.

É difícil conceber algo de mais desconfiado, de mais avarento, de mais mesquinho, no que respeita a dinheiro, do que as criaturas da laia de Mademoiselle Blanche. Quanto aos meus cem mil francos, declarou-me logo, com toda a franqueza, que precisava deles para a sua instalação em Paris.

— Pois agora estou numa boa situação e ninguém poderá desalojar-me dela por muito tempo; pelo menos tomei as medidas necessárias para que isso não aconteça — ajuntou.

Mal vi a cor a esses cem mil francos: ela é que guardava o dinheiro e, no meu porta-moedas, que inspecionava diariamente, nunca trouxe mais de cem francos, e quase sempre menos.

— Para que precisas de dinheiro? — perguntava-me com o ar mais inocente, e eu não discutia.

Em contrapartida, com esse dinheiro montou um apartamento muito bonito e, quando me levou a visitar o seu novo domicílio, disse-me, ao fazer-me percorrê-lo todo:

— Ora aqui está o que a economia e o bom gosto podem fazer com os recursos mais miseráveis.

Aquela miséria custava, no entanto, cinquenta mil francos. Com os cinquenta mil francos que restavam, comprou uma carruagem e cavalos; depois demos dois bailes, isto é, dois saraus, a que assistiram Hortense e Lisette e Cléopâtre, mulheres notáveis sob muitos aspetos e boas moças

ainda por cima. Nesses saraus, tive de desempenhar o papel absurdo de dono da casa, tive de receber e entreter mulheres de comerciantes que haviam feito fortuna recentemente, mulheres extraordinariamente limitadas, oficiais de ignorância e grosseria insuportáveis, lamentáveis garatujadores, mesquinhos jornalistas, que vieram de traje a rigor, de luvas de camurça, exibindo uma toleima e uma arrogância de que não temos ideia em Sampetersburgo, e já é dizer muito. Chegaram a tentar troçar de mim, mas embebedei-me com champanhe e fui dormir para a sala do lado. Tudo aquilo me enjoava a mais não poder ser.

— *C'est un outchitel* — dizia Mademoiselle Blanche —, *il a gagné deux cent mille francs*, e sem mim não saberia como gastá-los. Voltará depois à sua profissão; alguém sabe de um lugar? Temos de fazer qualquer coisa por ele.

Eu recorria frequentemente ao champanhe, pois sentia-me muito triste e aborrecia-me terrivelmente. Vivia no meio mais burguês e mercantilista, meio onde cada cêntimo era contado e sopesado. Blanche não podia suportar-me nos primeiros dias, percebi perfeitamente; é verdade que me vestia elegantemente, que me fazia todos os dias o nó da gravata, mas no fundo desprezava-me cordialmente. Não prestei ao caso a menor atenção. Fatigado e melancólico, comecei a sair; a maior parte das vezes ia ao Château des Fleurs, onde me embebedava regularmente todas as noites e aprendia o «cancan» (que dançam lá de maneira absolutamente indecente) e com a continuação cheguei mesmo a adquirir certa celebridade neste género. Por fim, Blanche compreendeu com quem estava a lidar: imaginara primeiro que durante todo o tempo da nossa ligação eu iria andar atrás dela, de lápis e papel na mão, a registar o que ela gastava, o que me roubava, o que gastaria ou me roubaria ainda; e estava persuadida de que só por meio de luta tenaz poderia arrancar-me cada moeda de dez francos. Para cada um dos meus supostos ataques preparara uma resposta; como eu não atacasse, pretendeu tomar a dianteira. Por vezes, começava, arvorava um ar sobranceiro, mas, vendo que eu me calava, estendido quase sempre na «chaise-longue» e a fitar o teto, acabou por se admirar da minha atitude. Primeiro, julgou que eu era pura e simplesmente um imbecil, *un outchitel*, e contentava-se em interromper as suas explicações, pensando sem dúvida: «É um imbecil, não vale a pena dar-lhe confiança, já que não é capaz de compreender as coisas por si mesmo.» Às vezes saía, voltava dez minutos depois (o que acontecia sempre que fazia as mais loucas

despesas, que os nossos meios não comportavam: quando, por exemplo, trocou os cavalos por uma parelha que custou dezasseis mil francos).

— *Alors, bibi, tu n'est pas fâché?* — disse, aproximando-se de mim.

— Nãão! Maças-me! — disse, afastando-a com a mão, mas aquilo pareceu-lhe tão curioso que se sentou logo a meu lado.

— Sabes, se resolvi pagá-los tão caro, foi para aproveitar a ocasião. Podemos revendê-los por vinte mil francos.

— Acredito, acredito; são belos cavalos e ficas agora com uma bela equipagem, o que é útil para ti. Não falemos mais nisso.

— Então não ficas aborrecido?

— Aborrecido, porquê? Acho que fazes bem em arranjar o que te for indispensável. Mais tarde ser-te-á útil. Compreendo perfeitamente que precisas de viver num alto nível; doutro modo não chegarás ao milhão. Os nossos cem mil francos não são senão um começo, uma gota de água no oceano.

Blanche, que podia esperar tudo, gritos e censuras, menos considerações daquelas, parecia ter caído das nuvens.

— Não sabia... não sabia que eras assim! *Mais tu as l'esprit pour comprendre! Sais-tu, mon garçon,* apesar de seres *un outchitel*, devias ter nascido príncipe! Não lamentas, então, que o dinheiro nos desapareça tão depressa?

— Claro que não, que leve o diabo esse dinheiro, que o leve depressa!

— *Mais... sais-tu... mais dis donc*, sabes que podias ser rico? *Mais, sais-tu*, desprezas demasiado o dinheiro. *Qu'est-ce que tu feras après, dis donc?*

— Depois irei a Homburgo e lá voltarei a ganhar outros cem mil francos.

— *Oui, oui, c'est ça, c'est magnifique!* E tenho a certeza de que vais ganhar e de que hás de trazer-me o dinheiro aqui. *Dis donc*, vais fazê-la tão bem feita que acabo por te amar deveras! *Eh bien*, visto que és assim, amar-te-ei todo este tempo e sem a mais pequena infidelidade. Sabes, nestes últimos tempos não te amava, *parce que je croyais que tu n'étais qu'un outchitel (quelque chose comme um laquais n'est-ce pas?)* e apesar disso fui-te sempre fiel, *parce que je suis bonne fille*.

— Conta essa a outro! E com Alberto, esse oficial moreno, pensas que não vi da última vez?

— *Oh! Oh! mais tu es...*

— Mentes, mentes, mas não imagines que isso me aborreça. É-me indiferente; *il faut que jeunesse se passe*. Espero que não tenhas o mau gosto de o pôr a andar, pois já existia antes de mim e tu gostas dele, somente não lhe dês dinheiro, estás a perceber-me?

— Então também isso não te aborrece? *Mais tu es un vrai philosophe, sais-tu? Un vrai philosophe!* — exclamou com sincero entusiasmo. — *Eh bien, je t'aimerai, je t'aimerai... tu verras, tu seras content!*

E, de facto, desde esse dia, ligou-se de certo modo a mim, chegou mesmo a testemunhar-me amizade; assim passaram os nossos dez últimos dias. Não vi as «estrelas» prometidas, mas, sob alguns aspetos, cumpriu a sua palavra. Além do mais, apresentou-me a Hortense, mulher extremamente notável no seu género e a quem no nosso círculo chamavam *Thérèse philosophe*.

Quanto ao restante, não é ocasião para longas tiradas; tudo isso podia ser o tema de uma outra narrativa, com o colorido particular que não quero dar a esta novela. A verdade é que desejava com todas as minhas forças que as coisas terminassem o mais depressa possível. Mas, como já o disse, os nossos cem mil francos duraram quase um mês, o que sinceramente muito me admirou; Blanche deve ter feito cerca de oitenta mil francos de compras, nós dois não gastámos, ao todo, mais de vinte mil francos e... já chegou. Blanche, que para o fim já era quase franca comigo (ou pelo menos não me mentia sistematicamente), reconheceu que eu não era, em todo o caso, responsável pelas dívidas que ela fora obrigada a contrair.

— Não te dei faturas nem declarações de dívida a assinar — disse —, porque tive pena de ti; outra qualquer tê-lo-ia feito com certeza e mandar-te-ia para a prisão. Vês, vês como te amei e como sou boa! Só esse desgraçado casamento vai custar-me os olhos da cara!

Houve realmente um casamento. Teve lugar precisamente no fim do nosso mês e é de crer que as últimas migalhas dos meus cem mil francos lhe foram dedicadas. Foi assim que acabou a história, quero dizer, o nosso mês de vida em comum; depois do que me reformei oficialmente.

Eis como as coisas se passaram: oito dias depois de nos instalarmos em Paris, o general chegou. Foi logo diretamente visitar Blanche e, desde essa primeira visita, por pouco não ficou connosco.

Para dizer a verdade, tinha algures um pequeno apartamento só para si. Blanche acolheu-o com alegria, com exclamações e risos, e chegou mesmo a atirar-se-lhe ao pescoço; as coisas correram de tal maneira que foi ela

que o prendeu. O general teve de a acompanhar a toda a parte: pelas ruas, a passear, ao teatro, a casa de amigos. O general ainda estava à altura dessa função; imponente, mantendo a melhor linha, de boa estatura, bigode e patilhas pintados (servira no corpo de couraceiros), exibindo um belo rosto, embora um pouco murcho. Os seus modos eram excelentes. Vestia a rigor e com à-vontade. Em Paris, começou a exibir as condecorações. Era não só possível, mas, se assim se pode dizer, recomendável passear pelos «boulevards» na companhia de tal homem.

O bravo e estúpido general subira às nuvens; não esperara tanto quando se apresentara em nossa casa, à sua chegada a Paris. Nessa altura quase tremia de medo, julgando que Blanche o expulsaria em alta gritaria. A evolução que tomavam os acontecimentos deixou-o encantado e ele passou todo esse mês numa espécie de êxtase beatífico; conseguia manter-se no mesmo estado quando o deixei. Só nessa altura eu soube que, depois da nossa súbita partida de Roletemburgo, o general sofrera, nessa manhã, qualquer coisa como um ataque. Caíra ao chão sem sentidos; durante uma semana, estivera como louco, falando incoerentemente. Tratavam-no, mas de repente deixou tudo, tomou o comboio e disparou até Paris. Escusado será dizer que o acolhimento de Blanche foi para ele o melhor dos remédios; mas os sintomas da doença subsistiram por muito tempo, apesar da sua boa disposição. Era agora incapaz de refletir ou mesmo de seguir uma conversa um pouco séria. Nesses casos, contentava-se em acrescentar: «Hum!» a cada palavra e em sacudir a cabeça; era assim que conseguia sair-se bem. Ria frequentemente, mas com riso casquinado, nervoso, doentio. s vezes ficava horas inteiras sombrio como a noite, franzindo as espessas sobrancelhas. Havia muitas coisas que esquecera completamente. Tornou-se distraído até aos limites da decência, e ganhou o hábito de falar sozinho. Só Blanche podia reanimá-lo; os seus acessos de mau humor, quando estava metido num canto, revelavam apenas que não vira Blanche há muito tempo, ou que Blanche saíra e não o levara, ou que ela se esquecera de lhe fazer festas antes de sair. Não poderia o general dizer então o que desejava, pois chegava ele próprio a ignorar que estava sombrio e melancólico. Quando ficava parado uma hora ou duas (notei-o várias vezes, quando Blanche se ausentou durante todo o dia, sem dúvida para se encontrar com Alberto), começava subitamente a olhar em torno, a ficar agitado, a virar-se para um lado e para outro, como que a tentar lembrar-se de qualquer coisa e encontrar alguém; mas, não vendo ninguém

e não se lembrando do que queria perguntar, caía na mesma prostração até que Blanche voltasse, alegre, viva, composta, a rir às gargalhadas; ela corria para ele, batia-lhe carinhosamente, chegava mesmo a beijá-lo, embora só raramente lhe concedesse tal favor. Uma vez, o general ficou tão feliz quando a viu que se esbulhou em lágrimas; isso surpreendeu-me.
Blanche, mal o general chegou, começou a manobrar a seu favor. Lançou-se mesmo em grandes discursos, lembrou que o enganara por minha culpa, que era quase noiva dele, que lhe dera a sua palavra, que fora por causa dela que o general abandonara a família, que, enfim, eu estivera ao serviço dele e tinha obrigação de compreender... se não tivesse estúpidos escrúpulos... Eu não dizia nada, enquanto ela debitava um chorrilho de palavras. Acabei por começar a rir e as coisas ficaram por aí, quer dizer que ela tomou-me primeiro por um imbecil, depois apegou-se à ideia de que eu era um bom rapaz, dotado de uma maneira de ser amável. Resumindo, tive a sorte de merecer no final a total benevolência dessa digna jovem (pois Blanche era realmente uma excelente jovem... no seu género, é claro! E eu não soubera, ao princípio, apreciá-la pelo justo valor).
— Tu és bom e inteligente — dizia-me no final — e, e... é pena que sejas tão tolo! Nunca, nunca ganharás nada! *Un vrai russe, un kalmouk!*

Várias vezes me mandou sair com o general a passeio, como poderia ter ordenado a um lacaio que fosse passear o galgo. Levei-o ao teatro, ao Bal Mabille e aos restaurantes. Blanche dava-me dinheiro para essas saídas, embora o general estivesse prevenido e gostasse muito de mostrar a carteira em público. Um dia, tive quase de empregar a força para impedir que ele comprasse uma pregadeira de setecentos francos que vira no Palais-Royal e que queria oferecer, custasse o que custasse, a Blanche. Que era para ela uma pregadeira de setecentos francos? O general não tinha mais de mil francos. Nunca pude saber de onde lhe vieram eles. Suponho que os recebera de Mr. Astley, tanto mais que este lhes pagara as contas do hotel.

Quanto à atenção que ele me dedicou durante todo esse período, parece-me que o general nem sequer suspeitou das minhas relações com Blanche. Ouvira dizer confusamente que eu ganhara uma fortuna, mas supunha sem dúvida que eu vivia com Blanche a título de secretário particular ou até talvez de criado. Pelo menos, continuava a falar-me de alto, em ar de comando, e permitia-se mesmo repreender-me às vezes.

Uma manhã, enquanto tomávamos café, ele divertiu-nos muito, a Blanche e a mim. Não era muito suscetível; por que se teria então ofendido subitamente com a minha presença? Ainda estou para saber. Ele próprio não devia saber bem porquê. Encurtando razões, começou um discurso sem pés nem cabeça, *à batons rompus*, gritou que eu era um garoto, que havia de ensinar-me a viver... que havia de fazer-me compreender... etc., etc. Mas ninguém pôde compreender o que ele queria dizer. Blanche torcia-se de riso; por fim, conseguimos acalmá-lo o melhor que foi possível e levámo-lo a passear. Notei várias vezes que tinha acessos de tristeza, lamentava algo ou alguém, que alguém lhe faltava, apesar da presença de Blanche. Fez-me duas ou três vezes confidências, mas nunca consegui extrair-lhe nada de preciso: falava do serviço, da sua defunta mulher, do seu domínio, da fortuna. Caía numa palavra de que parecia gostar e repetia-a cem vezes por dia, embora ela não exprimisse nem os seus sentimentos nem os seus pensamentos. Tentava eu desviar a conversa para os seus filhos; mas o general começava então a falar com volubilidade, como outrora, e passava a outro assunto.

— Sim, sim, as crianças, tem razão, as crianças!

Só uma vez o vi enternecer-se quando saímos para o teatro:

— São crianças infelizes — começou de repente a dizer —, sim senhor, sim, são crianças infelizes! — E várias vezes, durante a noite, repetiu: — Crianças infelizes!

Quando tentei falar-lhe de Paulina, enfureceu-se logo.

— É uma ingrata! — exclamou. — É má e ingrata! Desonrou a família! Se houvesse leis aqui, eu ensinava-lhe! Sim, sim!

Quanto a Des Grieux, não podia sequer ouvir falar no nome dele:

— Perdeu-me — dizia —, roubou-me, estrangulou-me! Foi o meu pesadelo durante dois anos! Sonhei com ele meses inteiros! É... é... Oh! Não voltem a falar-me dele!

Eu percebia que um acordo estava em vias de se fazer entre eles, mas calava-me, como é meu hábito. Blanche foi a primeira a revelar-mo: precisamente oito dias antes de nos separarmos.

— *Il a des chances* — descaiu-se ela. — Babouchka está mesmo doente e pode morrer de um momento para o outro. Mr. Astley mandou-nos um telegrama; apesar de tudo ele continua a ser o herdeiro, tens de concordar. E mesmo que não fosse, não me prejudicaria em nada. Primeiro, tem a pensão, e depois ocupará o quarto do fundo, onde se

sentirá perfeitamente feliz. Eu serei «Madame la Générale». Poderei entrar na alta sociedade (era o sonho de Blanche), depois, acabarei por ser uma proprietária russa, *j'aurais un château, des moujiks, et puis j'aurais toujours mon million*.

— E se ele começa a ficar ciumento, a exigir... Deus sabe o quê... compreendes o que quero dizer?

— Oh! Isso não, não! Não teria coragem para tanto! Tomei as minhas disposições, está tranquilo! Já lhe dei a assinar várias declarações de dívida em nome de Alberto. À menor tentativa... seria imediatamente castigado... mas não terá coragem para tanto!

— Então, casa com ele...

O casamento realizou-se sem nenhuma cerimónia especial, mas em família, com toda a simplicidade. Alberto e alguns íntimos foram convidados. Hortense, Cleópatra e as outras foram decididamente afastadas. O noivo tomava muito a sério a situação. Foi a própria Blanche que lhe fez o nó da gravata e o perfumou; de fato e colete branco, tinha um aspeto *très comme il faut*.

— *Il est pourtant très comme il faut* — declarou-me Blanche ao sair do quarto do general, como se a ideia a impressionasse.

Como não entrei em todos os pormenores e não tomei parte nisso senão como espectador inexperiente, esqueci quase tudo o que então se passou. Lembro-me só de que se descobriu que Blanche nunca se chamara de Cominges (nem a mãe *madame veuve Cominges*), mas Du Placet. Por que teriam as duas usado o apelido de Cominges até esse dia... ignoro completamente. Mas o general ficou encantado, e Du Placet agradou-lhe mesmo mais que de Cominges. Na manhã do dia do casamento, já todo vestido, o general andava de um lado para o outro no salão e repetia sem cessar, com ar extremamente sério: «*Mademoiselle Blanche Du Placet! Blanche Du Placet! Du Placet! Mademouazelle Blanca diou Placette!...*» e uma certa suficiência brilhava-lhe no rosto. Na igreja, no registo e em casa e durante o copo-de-água, parecia não só feliz, mas vaidoso. Acontecera qualquer coisa aos dois. Blanche, por seu lado, começou também a ostentar atitudes dignas.

— Daqui em diante tenho que me portar de outra maneira — disse-me ela com toda a seriedade —, *mais, vois-tu*, há uma coisa muito desagradável na qual nem sequer pensei: imagina que não consigo lembrar-me do meu nome de família! *Zagorianski, Zagortanski, madame*

la générale de Sago... Sago... ces diables de noms russes! Enfin, madame la générale a quatorze consonnes! Comme c'est agréable n'est-ce pas?

Enfim, separámo-nos, e Blanche, essa tola Blanche, deitou mesmo algumas lágrimas ao dizer-me adeus.

— *Tu étais bon enfant* — disse-me, choramingando. — *Je te croyais bête et tu en avais l'air*, mas fica-te bem.

Depois de me apertar a mão pela última vez, gritou de repente: «Espera!» Precipitou-se para o seu «boudoir» e voltou momentos depois com duas notas de mil francos. Jamais poderia esperar uma coisa assim!

— Pega, vais precisar; talvez sejas muito instruído como *outchitel*, mas como homem és estúpido. Não te darei mais, porque de qualquer maneira perderias tudo. Vá, adeus! *Nous serons toujours bons amis*; se voltares a ganhar, vem ver-me sem falta, *et tu seras heureux!*

Restavam-me ainda perto de quinhentos francos; tenho além disso um belo relógio que vale um milhar de francos e botões de punho com brilhantes; posso pois viver bastante tempo sem me preocupar. Instalei-me nesta cidadezinha para coordenar as minhas ideias e, principalmente, para esperar Mr. Astley. Sei de fonte segura que ele deve passar por aqui, em negócios, umas vinte e quatro horas. Saberei tudo... e depois... depois, irei diretamente para Homburgo. Não voltarei a Roletemburgo, pelo menos antes do ano que vem. Dizem que é mau cálculo tentar duas vezes a sorte na mesma mesa, e, em Homburgo, joga-se a sério.

Capítulo 17

Há vinte meses que não olho para estas notas; só hoje, para me distrair da minha angústia e da minha dor, me veio à ideia relê-las. Fiquei na minha partida para Homburgo. Deus do céu! Com que leveza de ânimo, comparativamente falando, escrevi essas últimas linhas! Ou se não foi com leveza de ânimo, pelo menos com que suficiência, com que inabalável esperança. Duvidava eu das minhas próprias possibilidades? Mais de dezoito meses já passaram, e estou, parece-me, numa situação bem pior do que a de um mendigo! E porquê um mendigo? Desprezo a mendicidade! Perdi-me por minha conta e risco! De resto, esta situação não pode comparar-se a nenhuma outra e não vou agora armar em moralista! Nada de mais absurdo do que a moral num momento destes! Oh! As pessoas satisfeitas consigo mesmas! Com que suficiência vaidosa estão dispostas a ditar as suas próprias opiniões! Se soubessem como estou consciente do abominável da minha situação presente, não achariam palavras para me dar conselhos. E que podem dizer-me de novo que eu não saiba já? É disso mesmo que se trata! O que há de certo é... que numa só volta da roda tudo pode mudar, e esses mesmos moralistas serão os primeiros então (disso estou certo) a felicitar-me gracejando amigavelmente. Não se afastarão de mim como o fazem agora. Mas eu cuspo em toda essa gente! Que sou agora? Um zero. Que vou ser amanhã? Posso ressuscitar de entre os mortos e recomeçar a viver! Posso descobrir o homem em mim, antes que ele esteja perdido!

Parti realmente para Homburgo, mas... estive depois em Roletemburgo e em Spa, e até em Baden, onde acompanhei como criado de quarto o conselheiro Hinze, um patife que foi meu patrão antigo. Sim, fui criado durante cinco meses! Isso aconteceu logo a seguir à prisão. (Porque estive na prisão por dívidas em Roletemburgo. Um desconhecido pagou por mim. Quem será? Mr. Astley? Paulina? Ignoro-o, mas a minha dívida foi paga: duzentos *thalers* ao todo, e voltaram a pôr-me em liberdade.) Para onde podia eu ir? Foi então que entrei ao serviço de Hinze. É um jovem estroina

que gosta de vagabundear, e eu sei falar e escrever em três línguas. Ao princípio, era qualquer coisa como seu secretário, por trinta florins mensais; mas, por fim, acabei realmente como seu criado: ele não tinha meios para manter um secretário e diminuiu o meu salário; eu não tinha para onde ir, de modo que resolvi ficar e transformei-me, assim, eu mesmo, em criado. Nunca comi nem bebi o suficiente enquanto estive ao serviço dele, mas, em contrapartida, juntei setenta florins em cinco meses. Uma noite, em Baden, comuniquei-lhe que queria deixar de estar ao seu serviço; nessa mesma noite, fui jogar à roleta. Oh! Como o coração me batia! Não, não era o dinheiro que me preocupava! Eu só queria que a partir do dia seguinte todos esses Hinze, todos esses *maîtres* de hotel, essas belas damas de Baden falassem de mim, contassem a minha história, me admirassem, me cumprimentassem e se inclinassem perante a minha nova sorte ao jogo. Eram sonhos e preocupações de criança... Mas... quem sabe?, talvez voltasse também a encontrar Paulina, talvez lhe contasse as minhas aventuras, e ela veria que estou acima das absurdas viragens da sorte... Oh! Não!... Não era o dinheiro que me interessava! Estou certo de que mais uma vez o teria dado a uma Blanche qualquer para que o desbaratasse, estou certo de que me teria de novo exibido durante três semanas em Paris, puxado por uma parelha de cavalos comprada por dezasseis mil francos. Sei muito bem que não sou avarento; julgo até que sou pródigo... e contudo, com que emoção, com que aperto do coração aguço o ouvido para a voz do «croupier»: *trente et un, rouge, impair et passe* ou: *quatre, noir, pair et manque!* Com que avidez olho para a mesa de jogo, onde estão espalhados luíses de ouro, fredericos e *thalers*, moedas de ouro empilhadas que se desmoronam sob o ancinho do «croupier» em montes fulgurantes como brasas, ou os longos rolos de moedas de prata em volta do prato. Antes mesmo de chegar à sala de jogo, mal ouço tinir as moedas, sinto-me prestes a desfalecer.

A noite em que levei os meus setenta florins para a mesa de jogo foi prodigiosa. Comecei com dez florins que pus no *passe*. Tenho um preconceito favorável pelo *passe*. Perdi. Ficavam-me sessenta florins em moedas de prata; refleti... e lancei o que me restava no zero. Apostei cinco florins ao mesmo tempo no zero; ao terceiro lance, o zero saiu; julguei morrer de alegria ao receber cento e setenta e cinco florins; nunca me sentira tão feliz, nem mesmo quando ganhei cem mil. Pus imediatamente cem florins no *rouge*... e ganhei; duzentos no *rouge*... ganhei; quatrocentos

no *noir*... ganhei; oitocentos no *manque*... ganhei ainda; já tinha ao todo mil e setecentos florins... isso no espaço de cinco minutos! Em tais momentos, esquecem-se todos os falhanços passados! Porque eu conseguira isso arriscando mais que a vida, ousara correr um risco e... achava-me de novo no número dos homens!

Aluguei um quarto de hotel, fechei-me nele à chave, fiquei até às três horas a contar o meu dinheiro. Quando acordei, já não era um criado. Decidi partir nesse mesmo dia para Homburgo: nunca estivera aí a prestar serviço como criado nem passara pela prisão. Meia hora antes do comboio, voltei a jogar, duas vezes, não mais, e perdi mil e quinhentos florins. Parti apesar de tudo para Homburgo, onde já estou há dois meses.

Vivo numa angústia contínua; pouco jogo de uma vez e espero, faço cálculos; fico dias inteiros perto da mesa de jogo, a *observar*, chego a sonhar com o jogo... mas julgo contudo que amoleci; que me atasquei na lama. Deduzo isso da impressão que me fez o encontro com Mr. Astley. Não voltáramos a ver-nos e encontrámo-nos por acaso. Eis como a coisa se passou: eu passeava no jardim e calculava estar quase sem dinheiro, mas que ainda tinha cinquenta florins e que além disso pagara na antevéspera a minha conta no hotel onde tenho um quartinho. Ficava-me, pois, a possibilidade de ir jogar uma única vez à roleta; se ganhasse, pouco que fosse, podia continuar a jogar; se perdesse... teria de empregar-me novamente como criado, no caso de não encontrar imediatamente uma família russa que precisasse de um precetor... Ocupado por este pensamento, dispunha-me a partir para o meu passeio quotidiano, pelo parque e pela floresta, no vizinho principado. Acontecia-me assim caminhar quatro horas seguidas e voltar a Homburgo fatigado e esfomeado. Mal acabara de entrar no parque, vi de repente Mr. Astley sentado num banco. Ele viu-me primeiro e chamou-me. Sentei-me a seu lado. Notando a sua expressão bastante grave, moderei logo a minha alegria; estava encantado por vê-lo.

— Com que então está aqui? Sempre pensei que ia encontrá-lo — disse-me. — Não se dê ao trabalho de me contar; eu sei, eu sei tudo. A sua vida nestes vinte meses é-me conhecida.

— Ah! Bah! Com que então anda a vigiar os velhos amigos! — respondi-lhe. — Isso honra-o, prova que não é esquecido... Espere, tenho uma ideia: não foi o senhor que me tirou da prisão de Roletemburgo onde

eu estava por causa de uma dívida de duzentos florins? Um desconhecido pagou por mim.

— Não, não, não fui eu, mas sei que esteve na prisão por dívidas em Roletemburgo.

— Então sabe quem fez com que me libertassem?

— Não, não posso dizer que sei.

— É estranho; não conheço nenhum dos russos daqui e, de resto, não é certo que me tenham prestado esse serviço; só entre nós, na Rússia, é que os ortodoxos resgatam os irmãos. Assim, fui levado a pensar que tivesse sido qualquer inglês original, por excentricidade.

Mr. Astley ouvia-me com certo espanto. Pensava sem dúvida que ia encontrar-me triste e abatido.

— Seja como for, sinto-me feliz por tê-lo encontrado com toda a sua independência de espírito e até a sua alegria — disse-me num tom bastante áspero.

— Quer dizer que interiormente o senhor sente-se irritado por não me ver abatido e exasperado — disse-lhe eu rindo.

Não percebeu imediatamente o sentido da minha frase, mas quando o compreendeu começou a sorrir.

— Gosto das suas observações. Reconheço nelas o meu velho amigo de outrora, entusiasta, inteligente e ao mesmo tempo cínico; só os russos podem abrigar tantas contradições. É verdade que o homem gosta de ver o seu melhor amigo humilhado diante dele: é sobre a humilhação que assenta a maior parte das vezes a amizade; eis uma velha verdade, que todas as pessoas inteligentes conhecem. Mas, no caso presente, asseguro-lhe que me sinto sinceramente feliz de não o encontrar abatido. Diga-me, não tem a intenção de renunciar ao jogo?

— Oh! Para o diabo o jogo! Renunciaria a ele imediatamente se...

— Se recuperasse agora o seu dinheiro? Era exatamente o que eu pensava, não diga mais... eu sei... disse isso sem refletir... logo, disse a verdade. Seja franco, fora o jogo não se dedica a mais nada?

— Não...

Interrogou-me como se estivéssemos num exame. Eu nada sabia, mal olhara para os jornais e não abrira um livro durante todo esse tempo.

— Estagnou — disse —, não só desviou os olhos da vida, dos seus próprios interesses, dos da sociedade, dos seus deveres de homem e de cidadão, dos seus amigos (porque fez amigos), não só deixou de ter

qualquer objetivo a não ser o do ganho, mas desligou-se mesmo das suas recordações... Lembro-me de si numa época apaixonada e intensa da sua vida, mas estou certo de que esqueceu as melhores impressões desse período; os seus sonhos, os seus desejos quotidianos não têm agora maior alcance senão o de *pair* e *impair*, *rouge*, *noir*, os doze números do centro, etc., etc., estou certo disso.

— Mas, Mr. Astley, por quem é, por quem é, não me fale mais do passado! — exclamei com humor, quase com cólera. — Fique sabendo que não esqueci nada; mas expulsei tudo isso do meu espírito por uns tempos, até as minhas recordações... à espera de restabelecer completamente a minha situação; então... então, verá, ressuscitarei dos mortos!

— Dentro de dez anos ainda estará aqui — disse-me. — Aposto que lhe hei de lembrar isto neste mesmo banco, se eu ainda estiver vivo.

— Bom, basta — interrompi-o com impaciência. — E para lhe provar que não sou tão esquecido assim, permita-me que lhe pergunte onde está agora Miss Paulina. Se não foi o senhor que pagou as minhas dívidas foi ela com certeza. Nunca mais tive notícias dela.

— Não, oh, não! Penso que não foi Miss Paulina quem pagou as suas dívidas. Está agora na Suíça, e dava-me muito prazer se não me fizesse mais perguntas sobre essa pessoa — disse com um tom perentório e quase irritado.

— Então, também o feriu profundamente a si? — disse eu desatando a rir contra vontade.

— Miss Paulina é a melhor das melhores pessoas, mas, repito-lhe, dava-me grande prazer se não me fizesse mais perguntas sobre ela. Nunca chegou a conhecê-la, e eu considero que o nome de Paulina na sua boca é uma ofensa ao meu senso moral.

— Realmente? Faz mal, de resto; pois de que havia eu de falar consigo senão dela? Todas as nossas recordações a ela se ligam. Não tenha receio, não preciso de conhecer as vossas histórias íntimas. Só me interesso, se assim se pode dizer, pela situação exterior de Miss Paulina, pelas condições externas em que se encontra agora. Isso pode ser contado em duas palavras.

— Seja; com a condição de que depois dessas duas palavras, ficaremos por aí. Miss Paulina esteve doente muito tempo, e ainda está. Viveu algum tempo com a minha mãe e a minha irmã no Norte de Inglaterra. Há seis meses, a sua avó (deve lembrar-se, aquela mulher completamente louca)

morreu deixando-lhe, a ela pessoalmente, sete mil libras. Agora Miss Paulina anda a viajar com a família da minha irmã que casou. O testamento da avó assegura igualmente o destino do irmãozinho e da irmãzinha que estão a estudar em Londres. O general, seu padrasto, morreu há um mês em Paris num ataque de apoplexia. Mademoiselle Blanche tratou-o bem, mas conseguiu que o general pusesse em nome dela tudo o que herdara da avó. E parece-me que é tudo.

— E Des Grieux? Não anda pela Suíça?

— Não. Des Grieux não anda também pela Suíça, não sei onde é que para; além disso aconselho-o de uma vez para sempre a evitar esse género de alusões e de analogias descabidas, senão tem que haver-se comigo.

— O quê? Apesar da nossa antiga amizade?

— Sim...

— Peço-lhe mil desculpas, Mr. Astley. Mas dê-me licença: não vejo nisto nada de ofensivo nem de descabido. Não acuso de nada Miss Paulina. E como sabe... um francês e uma jovem russa, falando de um modo geral, é uma aproximação que nem eu nem o senhor podemos esclarecer ou compreender completamente.

— Se não associasse o nome de Des Grieux a outro nome, eu pedia-lhe que me explicasse o que entende com a expressão «um francês e uma jovem russa». Que «aproximação» é essa? Porquê exatamente um francês e uma menina russa?

— Vê, a coisa interessa-lhe. Mas é uma longa história, Mr. Astley. Muitas coisas teriam de se saber primeiro. De resto, é um problema grave, por mais cómico que possa parecer à primeira vista. O francês, Mr. Astley; é uma forma acabada e elegante. Na qualidade de britânico, provavelmente não é da minha opinião; eu, como russo, também não sou da mesma opinião, quanto mais não seja por inveja; mas as nossas meninas pensam talvez diferentemente. Pode o senhor achar Racine arredondado, amaneirado, perfumado; provavelmente nem o lerá. Eu também o acho arredondado, amaneirado, perfumado e até ridículo sob certos aspetos; mas é «charmant», Mr. Astley, e, principalmente, é um grande poeta, quer o queiramos quer não. A forma nacional do francês, isto é, do parisiense, foi moldada numa forma elegante, quando nós éramos ainda ursos. A Revolução herdou da nobreza. Hoje, o mais insignificante dos francesitos pode ter maneiras, atitudes, expressões e até ideias de uma forma perfeitamente elegante, sem que a sua iniciativa, a sua alma ou o seu

coração tenham qualquer parte nisso; tudo lhe foi transmitido por herança. Considerados em si mesmos, podem ser as criaturas mais vazias e mais vis. Assim, digo-lhe agora, Mr. Astley, não há ser no mundo mais confiante e mais aberto do que uma jovem mulher russa, boa, inteligente e não muito amaneirada. Um Des Grieux, aparecendo não interessa em que papel, sob uma máscara, pode conquistar o coração de uma jovem assim com incrível facilidade; tem uma forma elegante, Mr. Astley, e a mulher toma essa forma pela sua alma, pela forma natural da sua alma e do seu coração, e não como o vestido que lhe foi transmitido por herança. Para seu maior desgosto, devo confessar que os ingleses são quase sempre moderados e desprovidos de elegância; ora os russos sabem instintivamente discernir a beleza, de que são ávidos. Mas, para distinguir a beleza da alma e a originalidade da personalidade, são precisas muito mais independência e liberdade do que as que têm as nossas mulheres, com mais razão as nossas jovens, e, em qualquer caso, muito mais experiência. Miss Paulina (perdão, o nome escapou-me) levará muito tempo a resolver-se a dar-lhe a si a preferência em vez de a dar a um tratante como Des Grieux. Ela estima-o, será sua amiga, abrir-lhe-á o coração; mas nesse coração reinará o patife, o vil, o mesquinho aventureiro usurário que dá pelo nome de Des Grieux. Quanto mais não seja só por teimosia, por assim dizer, por amor-próprio, porque esse mesmo Des Grieux lhe apareceu um dia sob a auréola de um marquês elegante, de um liberal desiludido, pretensamente arruinado, por ter querido socorrer-lhe a família e esse tonto general. Os manejos do francês foram descobertos finalmente. Mas isso não importa: dê-lhe o Des Grieux de outrora, é o que ela deseja! E quanto mais detestar o Des Grieux de hoje mais saudades terá do antigo, ainda que esse não tenha existido senão na sua imaginação. É proprietário de uma refinaria, Mr. Astley?

— Sim, sou sócio numa grande refinaria, Lowel & Companhia.

— Ah, vê, Mr. Astley!? De um lado, o dono de uma refinaria, do outro... o Apolo de Belvedere; não se concilia uma coisa com a outra. E eu, nem sequer sou dono de uma refinaria: não passo de um pequeno jogador de roleta, cheguei mesmo a servir como criado, o que Miss Paulina já sabe com certeza, porque parece ter uma polícia bem montada.

— Está azedo, e é por isso que diz todas essas tolices — disse Mr. Astley com frieza, depois de ter refletido uns momentos. — Acresce ainda que falta originalidade às suas palavras.

— Concordo! E precisamente o que há de atroz, meu nobre amigo, é que todas as minhas acusações, por gastas, vulgares e teatrais que sejam, são no entanto verdadeiras! De qualquer modo, não obtivemos nada, nem eu nem o senhor!

— É uma afirmação abominável e uma asneira... porque... porque... fique sabendo — gritou Mr. Astley, a voz trémula e os olhos coruscantes —, fique sabendo, homem ingrato, indigno, mesquinho e desgraçado, que vim a Homburgo por encargo dela, para o ver, falar-lhe longamente, francamente, e relatar-lhe a ela, depois... os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas esperanças e... as suas recordações!

— Será possível? Será possível?! — exclamei, e lágrimas pejadas saltaram-me dos olhos. Não conseguira contê-las e creio que foi a primeira vez que isso me aconteceu na vida.

— Sim, desgraçado, ela gostava de si, posso revelar-lho, porque é um homem perdido! Mais, digo-lhe que ela ainda o ama, mas o senhor... ficará sempre aqui! Sim, perdeu-se como pessoa. Tinha certas aptidões, um caráter vivo, e não era mau; poderia mesmo ter sido útil ao seu país que tanto precisa de homens, mas... ficará aqui e a sua vida está liquidada. Não o acuso. É minha opinião que todos os russos são assim, ou levados a ser assim. Se não fosse a roleta, seria outra coisa parecida. As exceções são muito raras. O senhor não é o primeiro a desprezar o trabalho (não estou a falar do seu povo). A roleta é um jogo russo por excelência. Até agora foi honesto e preferiu ser criado a ser ladrão... mas tremo ao pensar no que pode acontecer-lhe de futuro. Basta, adeus! É claro que precisa de dinheiro, não? Aqui tem dez luíses de ouro; não lhe dou mais porque perderia de qualquer maneira. Leve-os e adeus! Leve-os!

— Não, Mr. Astley, depois de tudo o que dissemos...

— Leve-os! — gritou. — Estou convencido de que o senhor ainda é uma alma nobre e dou-lhe este dinheiro como um amigo pode dar a um verdadeiro amigo. Se eu pudesse ter a certeza de que o senhor renunciaria desde já a jogar em Homburgo e voltaria para o seu país, estaria pronto a dar-lhe imediatamente mil libras para que começasse uma nova vida. Mas se lhe dou só dez luíses de ouro em vez de mil libras, é porque, para si, atualmente, mil libras ou dez luíses de ouro são a mesma coisa: vai perdê-los. Aceite e adeus.

— Aceito, se me permitir que o beije.

— Com muito prazer!

Beijámo-nos cordialmente e Mr. Astley foi-se embora.

Não, ele não tem razão! Se fui azedo e estúpido em relação a Paulina e a Des Grieux, ele, ele foi azedo e estúpido em relação aos russos. No que me respeita, não digo nada.

Aliás... aliás, de momento, não é precisamente disso que se trata: tudo são palavras, palavras, e o que é preciso é atos! O essencial, agora, é a Suíça! Amanhã... Oh! Se eu pudesse partir amanhã... renascer, ressuscitar! Preciso de lhes demonstrar... que Paulina saiba que posso ainda ser um homem. Bastaria... aliás agora, é muito tarde, mas amanhã... Oh Tenho um pressentimento e não pode ser de outro modo! Tenho agora quinze luíses de ouro e comecei com quinze florins! Se se começa com cautela... será possível que eu seja uma criancinha? Será possível que eu não compreenda que sou um homem perdido? Sim! Bastaria, uma vez na vida, ser prudente, paciente e... eis tudo! Bastaria, uma só vez, ter caráter e, numa hora, podia mudar o meu destino. O essencial é o caráter. Basta que me lembre do que me aconteceu há sete meses em Roletemburgo, antes de me arruinar definitivamente. Oh! Foi um notável exemplo de resolução: tinha perdido tudo, tudo... Saio do casino, olho... um florim repousava ainda na algibeira do meu colete: «Ah! Ainda tenho com que jantar!», disse eu, mas depois de ter andado uns cem passos, mudei de opinião e voltei atrás. Pus esse florim no *manque* (dessa vez foi no *manque*) e, realmente, experimenta-se uma sensação especial quando, sozinho, num país estrangeiro, longe da pátria, dos amigos, não sabendo o que se vai comer nesse mesmo dia, se arrisca o último florim, o último, o último ! Ganhei, e, vinte minutos mais tarde, saí do casino com cento e setenta florins no bolso. É um facto! Eis o que pode por vezes significar o último florim! E se me tivesse deixado ir abaixo, se não tivesse tido a coragem de me decidir?...

Amanhã, amanhã, tudo estará acabado!...

O PEQUENO HERÓI

Naqueles tempos, ainda eu não tinha feito os onze anos. Em julho, mandaram-me para uma quinta dos arredores de Moscovo, onde vivia um parente nosso chamado T...ov. Encontravam-se, nessa ocasião, reunidos na sua casa uns cinquenta convidados, ou talvez mais... À certa, não posso dizer quantos fossem pois não os contei um por um. A festa estava no seu apogeu e cada qual divertia-se como queria e podia. Quase parecia uma festa que nunca mais acabava por o dono da casa haver jurado dissipar, quanto antes, a sua colossal fortuna — objetivo que, felizmente, logrou dentro de pouco, pois, de facto, dissipou até à última polegada das suas herdades.

A cada instante chegavam novos convidados. Moscovo ficava tão próximo que, da quinta, podia ver-se a cidade. Deste modo os convidados cansados não faziam mais que ceder o lugar aos recém-vindos para que a festa se prolongasse interminavelmente. Divertimentos de toda a espécie sucediam-se sem cessar e sem que se chegasse a prever o final da série. Tão depressa eram passeios a cavalo pelas imediações, como passeios nas margens do rio ou nas clareiras do bosque. As merendas e as jantaradas ao ar livre estavam sempre na ordem do dia.

Nas noites formosas ceávamos no terraço da senhorial residência, profusamente adornada com flores raras. Com essa plenitude florida aliada à radiante iluminação da mesa, as nossas damas — jovens e atraentes todas elas —, tornavam-se ainda mais bonitas. Com as frescas cores que traziam das excursões diurnas, com os semblantes animados e com os olhos brilhantes e alegres, sentavam-se à mesa e conversavam, alegremente, com uns e com outros, sempre graciosas e discretas. Entre sorrisos, vibravam gargalhadas de cristal.

Bailava-se, tocava-se música, cantava-se. Quando o tempo era mau, fazíamos quadros vivos, jogávamos os jogos de sociedade, e, naturalmente, também representávamos obras de teatro. Além disso, havia muitas vezes conferências, descrições dos acontecimentos mais notáveis, anedotas, etc., etc.

Por entre o tropel de convidados, apareciam alguns de personalidade muito destacada. Também ali não faltavam as invejas e a má-língua, nem as consabidas pequenas calúnias. Sem este lixo social, não pode haver Humanidade. Milhões de pessoas morreriam de aborrecimento, por falta de imaginação, como sucede às moscas no outono, se as privassem do oxigénio viciado da mentira.

Mas eu, naqueles tempos, não tinha mais que onze anos. Faltava-me, portanto, compreensão para essa espécie de gente. Além disso, tinha o pensamento totalmente absorvido por coisas diferentes. Só me ficavam na memória vagas reminiscências do que escutara aqui ou acolá. Mais tarde recordei algo do que então ouvi de fugida, sem ter chegado a fixá-lo de modo completo. Quanto ao resto, a minha infantil retina somente gravava de maneira duradoura o brilhante aspeto exterior do espetáculo. E a geral animação festiva, a jovialidade despreocupada, aquela vida alegre e radiante, tudo isso que eu, até então, nunca vira nem ouvira, deve ter produzido em mim tal impressão que, durante os primeiros dias, estive completamente aturdido. A minha jovem cabeça sentia vertigens.

Eu era, todavia, um rapazinho, nada mais que um rapazinho, e aquelas lindas senhoras que me acariciavam não despertavam em mim qualquer sensação — tão poucos anos contava. Porém... há coisas esquisitas! A despeito dos meus onze anos, às vezes apoderava-se de mim uma estranha sensação, que eu próprio, naquele tempo, não podia decifrar. Era como se algo me roçasse o coração com muita suavidade e ternura, algo desconhecido e não imaginado sequer, e que fazia que o meu coração começasse a arder e a palpitar como após um grande susto. Isto, mais de uma vez, era causa de que, num golpe, em labareda, o sangue me subisse à cara.

Momentos havia em que eu me envergonhava dos diversos privilégios infantis que desfrutava; envergonhava-me, repito, e quase os interpretava como uma ofensa pessoal. Às vezes, porém, sentia-me possesso como que de assombro, e escondia-me em qualquer sítio onde ninguém me pudesse ver, apenas com o objetivo de tomar alento e recordar alguma coisa que, segundo eu presumia, acabava de estar ali mas que, imediatamente e de modo completamente inopinado, se havia derretido na minha memória, sem deixar o menor vestígio... e sem o que eu não poderia viver, embora a ninguém me fosse possível dizê-lo.

Finalmente, pareceu-me que ocultava algo a todas as criaturas, algo acerca do qual por nada do mundo teria dito uma só palavra a ninguém, pois eu, um rapazinho como era, sentia ante as pessoas um embaraço que me envergonhava. De repente, comecei a sentir, no meio da algazarra que me rodeava, certo isolamento. Havia ali, na verdade, outros rapazes; mas eram maiores ou mais pequenos que eu, e a mim, além disso, não me dava prazer brincar com eles. Seguramente, nada me teria acontecido de particular, se não tivesse adotado, naquela sociedade, a posição excecional que adotei.

Aos olhos de todas aquelas damas encantadoras eu era, todavia, aquele ser pequenino e indeterminado que elas acariciavam, e com o qual se criam com o direito de brincar como se fosse uma boneca. De entre todas, uma delas, uma jovem loura, sedutora, com os mais formosos e copiosos cabelos que até aí vira, ou veria jamais, parecia ter-se deliberadamente proposto não me deixar tranquilo um instante. E ao passo que me faziam perder a cabeça e revoltavam os nervos as risadas que provocava entre os convidados com as suas desenfadadas brincadeiras, a ela, pelo contrário, pareciam diverti-la ao máximo. Às vezes, conduzia-se como uma verdadeira colegial. Mas era sempre encantadora e, na sua beleza, alguma coisa havia que logo saltava à vista e transtornava os convidados.

É claro que nada tinha de profundamente semelhante a essas atrevidas louras que, de tão tenras e tão brancas, fazem lembrar ratinhos, ou tão pesadas de pés como certas criadas de quarto... Nem era muito alta nem muito gorda. O seu rosto contornava-se de suaves e delicadas feições, duma distinção encantadora. Irradiava eletricidade aquele rosto; e era assim que podia iluminar-se, às vezes, como um relâmpago... A dona desse rosto era toda fogo — como costuma dizer-se: vivaz, impulsiva, veemente. Os seus deslumbrantes olhos lançavam autênticos raios como se fossem pedras preciosas. Jamais trocaria eu os seus olhos, azuis e irradiantes, pelos negros olhos das mulheres do Sul, embora fossem mais negros que as mais negras pupilas andaluzas. É que, verdadeiramente, a minha loura era o par daquela sua irmã de olhos negros que um célebre poeta cantara em tão belas estrofes, dizendo, sob juramento, que estava disposto a dar a vida, comprazer, sempre que lhe permitissem tocar, apenas com a ponta do dedo, a mantilha da sua dama. Acrescentarei, no entanto, que a minha loura era a mais alegre de todas as louras e, ao mesmo tempo, a mais turbulenta, buliçosa e alvorotadora das mulheres —

e tudo isto apesar de levar já cinco anos de casada. Quase nunca os seus lábios paravam de sorrir — esses seus lábios tão frescos e juvenis como as tenras pétalas de uma rosa, quando os raios do Sol matinal começam a abrir o seu fragrante cálice e o calor não sorveu, todavia, as reluzentes e frias gotas do orvalho.

Ainda recordo que, no segundo dia de eu ali estar, houve representação teatral. O salão encontrava-se literalmente cheio. E como não ficara livre nenhum lugar, e eu, por casualidade, me atrasara um pouco, tive que presenciar de pé o espetáculo. Mas a divertida comédia que representavam agradou-me tanto que, insensivelmente, fui deslizando para diante, encontrando-me, pouco depois, nas primeiras filas. Aí, tive que me deter, apoiando-me nas costas da cadeira que uma dama ocupava, que não era outra senão a minha linda loura. Devo acrescentar, porém, que então ainda nos não conhecíamos. E eis que, de repente — não sei como foi aquilo... — me pus a contemplar os seus ombros, de uma beleza fabulosa, tão suaves e tão brancos como espuma de leite, embora, nessa época, me fosse tão indiferente contemplar os mais formosos ombros femininos como o chapelinho com fitas cor de fogo que cobriam os cabelos grisalhos de uma respeitável senhora da primeira fila.

Ao lado, porém, da beldade ruiva, estava sentada uma solteirona, uma dessas mulheres que, como depois tive ocasião de observar, procuram estar sempre o mais próximas que lhes é possível das senhoras jovens e lindas, escolhendo geralmente aquelas que não costumam espantar os frangainhos da minha idade. Dito seja isto só de passagem; e menciono-o unicamente porque a velha solteirona fixou em mim o seu contemplativo olhar, inclinou-se, a seguir, para a sua formosa vizinha e, com malicioso sorriso, murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido. Ela fitou-me prontamente, e os seus olhos chamejantes feriram-me na penumbra, de tal modo que eu, encontrando-me desprevenido, estremeci intimidado. Ela riu-se a mais não poder.

— Gostas da comédia? — perguntou-me: e fitava-me ironicamente em plenos olhos, piscando os seus.

— Sim, sim! — respondi; e continuei a contemplá-la com certa admiração, que pareceu ser do seu agrado.

— Porque estás aí de pé? Deves estar cansado. Estão ocupados todos os assentos?

— Sim, senhora. Foram todos apanhados. Não há um lugar livre! — respondi, mais preocupado agora com o meu desejo de encontrar um assento que com os cintilantes olhos dela. Além disso, muito me agradava que houvesse uma alma boa que de mim se apiedasse. Olhei a sala de novo e concluí: — Tenho procurado um assento desocupado, mas não há nenhum.

— Pois chega-te aqui! — disse-me ela, resoluta, com aquela decisão que punha sempre em tudo e com a rapidez de um relâmpago, desde que pensasse em fazer uma coisa. — Vem cá, sentar-te-ei nos meus joelhos.

— Nos seus joelhos?... — repeti eu, maravilhado, sem saber ao certo que fazer.

Como antes disse, começavam a envergonhar-me e a ofender-me as minhas prerrogativas de menino. De resto, aquela senhora loura era mais arrogante que nenhuma outra. E eu, que já então era um rapazola, embora bastante tímido e envergonhado, começava a ter um medo especial às mulheres, devido ao que tal convite me punha na maior perplexidade.

— Sim, filho, sim, nos meus joelhos! Pois não quererás sentar-te nos meus joelhos? — E pôs-se a rir, como se ria sempre, com muita vontade, sabe-se lá porquê... quiçá pela estranha ideia que teve ou, talvez, de gozo, por ver a confusão que me tinha causado.

É que eu ficara muito corado e cheio de perturbação, olhando furtivamente à volta de mim como se procurasse alguma ocasião para escapar-me. Mas ela veio, pegou-me na mão, puxou por mim com toda a força e, de modo completamente inesperado e com grande assombro da minha parte, apertou-me o punho, entre os seus ardentes dedos, como se fosse num torniquete. Aquele apertão doeu-me muito e tive de apelar para todas as minhas forças a fim de conter um grito. Não é de estranhar, portanto, que eu fizesse uma cara muito esquisita. Acrescente-se a isto que eu não só estava cheio de assombro e de susto, mas, também, de asco. Este último sentimento brotou da minha própria experiência: de que uma senhora tão linda pudesse ser tão má e tratar daquele modo um pequeno que não lhe havia feito nenhum dano e, para mais, diante de tanta gente. E provável que no meu semblante desgostado refletisse todas as emoções da minha alma, pois a maliciosa loura ria-se imenso e continuava a apertar-me os dedos como se os quisesse partir. Dir-se-ia que sentia um prazer estranho em realizar aquela loucura de atormentar um pobre garoto até o pôr em transe de desesperação. Eu, efetivamente, estava a ponto de

desesperar-me. Em primeiro lugar, morria de vergonha. Todos os convidados que se encontravam próximos de nós nos miravam de soslaio, surpreendidos e admirados uns, irónicos outros, porque não tardaram em compreender que a linda ruiva me estava a fazer alguma das suas. Além disso, eu não queria soltar nenhum queixume, pois a bela mulher parecia pôr todo o seu orgulho em apertar-me os dedos com todas as forças, precisamente porque eu não gritava. Resistia, porém, como um espartano e não gritei. Temia assustar com os meus gritos o público e chamar sobre mim a atenção geral; na verdade, nem podia imaginar o que ia ser de mim. Na minha desesperação, comecei a travar uma luta encarniçada com a dama a fim de libertar os meus dedos da sua mão. Mas a cruel mulher tinha muito mais força do que eu! Por fim, não me foi possível aguentar por mais tempo a dor e soltei um grito... que era precisamente o que ela aguardava. Soltou-me logo a mão e ficou tão quieta como se nada se tivesse passado, como se fosse a criatura mais inocente desse mundo e nada soubesse das maldades alheias. Em suma, procedeu como um colegial maldoso que, mal o professor volta as costas, começa a dar bofetadas em algum companheiro mais fraco ou a fazer qualquer outra diabrura; mas que, num abrir e fechar de olhos, se põe muito tranquilo e ajuizado, debruçado sobre a carteira, lendo ou escrevendo com a mais concentrada atenção, deixando deste modo com um nariz de dois palmos o professor que se voltou ao ouvir ruído e no desordeiro fixou o seu olhar de gavião.

Mas, felizmente para mim, naquele preciso momento a atenção de todos concentrava-se na magistral arte histriónica do nosso anfitrião, que desempenhava na obra o papel de protagonista. Ressoaram tempestuosos aplausos, e apressei-me a aproveitar aquela aberta para evadir-me. Abri passagem por entre a gente que de pé aclamava, e corri para o recanto oposto. Ali, meio escondido atrás de uma coluna, fitei o sítio ocupado pelo meu lindo verdugo. Muito tempo esteve ela a olhar, a ver se me encontrava, mas sem me descobrir. Ria-se com tal gana que tinha de afogar o riso com o lencinho. Pelos vistos, produzia-lhe grande pesar que a nossa pequena luta tivesse terminado tão depressa e talvez já estivesse a projetar uma nova partida.

Assim começou, pois, o nosso conhecimento, e, desde aquela tarde, nunca mais me livrei dela. Perseguia-me sem medida nem consciência. Acabou por se converter no meu pesadelo. O cómico das cenas ridículas

com que me vitimava consistia, principalmente, em fingir que estava louca de amor por mim... e em dizê-lo assim, sem a menor reserva, diante de todo o mundo. Naturalmente, para mim, que era então um rapazinho envergonhado e nada mais, tornava-se aquela brincadeira o mais aflitiva que se pudesse imaginar e causava-me uma raiva vizinha do pranto; um par de vezes, pelo menos, colocou-me em situações tão aborrecidas e desairosas que estive a ponto de correr a soco aquela terrível perseguidora. Mas a minha ingénua perturbação, o meu desespero, a minha raiva, somente pareciam ser outros tantos acicates que a incitavam a perseguir-me. Não tinha pena de mim; e eu não sabia onde esconder-me dela. Para cúmulo da desdita, os risos que com as suas picardias sabia arrancar de todos animavam-na mais ainda, de sorte que chegou, finalmente, a exceder-se demasiado. Também devo reconhecer — e isto penso-o hoje, pois naquela época ainda não era capaz de tal juízo — que ela se permitia liberdades excessivas com uma criança como eu era então.

Não obstante, ela era assim por temperamento, sem que isto queira dizer que fosse má. Tratava-se, também, de uma verdadeira menina de mimos. Conforme depois soube, quem mais a amimava era o próprio marido: um senhor rechonchudo com uma carantonha muito fresca, muito dinheiro e muitas ocupações. Estas últimas, a julgar pelo seu género de vida eram: ter constantemente que fazer e não estar duas horas no mesmo sítio; todos os dias se transportava da quinta a Moscovo e, por vezes, fazia duas viagens à cidade no mesmo dia, e sempre, conforme solenemente advertia, por motivo dos seus negócios. Dificilmente se poderia encontrar nada de mais alegre e divertido que a sua cara e as suas atitudes, cómicas e, ao mesmo tempo, graves. Amava sua mulher não só com ternura: pode até dizer-se que a adorava como a uma deusa.

Já terão compreendido que nada lhe negava e que não omitia coisa alguma que lhe pudesse ser agradável. Ela tinha grande número de amigas e de amigos. E que, além de se tornar simpática a todos, não era muito exigente na escolha das suas amizades, embora no fundo, apesar dos pormenores que tenho referido, fosse mais séria do que se possa imaginar. De todas as suas amigas, porém, a única que verdadeiramente lhe merecia afeto, era uma senhora, sua parente afastada, que também se encontrava agora na quinta como convidada.

Existia entre elas uma amizade autenticamente íntima. Uma dessas amizades estranhamente temas e refinadamente espirituais, que costumam

surgir do encontro de dois caracteres totalmente diferentes, inclusivamente opostos, um dos quais mais grave e profundo que o outro, que, pelo contrário, com o fino tato da estima e do carinho, se lhe subordina com abnegação, reconhecendo a sua superioridade e guardando a sua amizade no coração como o mais precioso dos tesouros. Produz-se, então, essa ligação mútua, tema e interiormente graduada, na qual um põe bondade e condescendência e o outro amor e respeito pelo superior, um respeito muito parecido com o temor: esse temor de perder, por algum conceito, aos olhos de quem em tanta estima temos, aquilo que ao mesmo tempo nos inspira o anseio de entrarmos mais no seu coração graças ao merecimento das nossas ações.

Madame M. era também muito linda, mas a sua beleza tinha qualquer coisa de particular que, ao primeiro golpe de vista, a diferenciava daquele rebanho de mulheres formosas. E esse algo, dificilmente explicável, exercia uma irresistível força de atração nas pessoas, melhor dito, despertava em todos quantos a viam um sentimento bom e puro que, em seguida, os impelia para ela com uma secreta e poderosa simpatia. Há fisionomias assim. Próximos delas, sentimo-nos melhores, mais livres e efusivos. E, no entanto, no caso de madame M., a expressão dos seus grandes olhos tristes, que denunciavam energia e espírito, era tímida e inquieta, como se fugisse sempre de algo hostil, espantoso e ameaçador. Esse receio estranho difundia, às vezes, uma tristeza tão profunda nas suas plácidas feições que fazia pensar nos sagrados rostos das madonas italianas, e quase me punha triste também, como se eu próprio tivesse uma pena semelhante à dela, cujas dores tão claramente podiam adivinhar-se.

No seu semblante pálido e alongado, apesar da bela regularidade das suas feições puras e da dolorosa gravidade de uma dor vaga e oculta, transparecia, ainda, o original semblante infantil, o rosto dos anos inolvidáveis e felizes, dos anos de uma felicidade talvez inconsciente. E a isso vinha acrescentar-se, todavia, aquele seu sorriso, tão plácido, algo esquivo, indeterminado mesmo. Todo este conjunto inspirava tão inexprimível simpatia por aquela mulher que todos sentiam no fundo do seu coração uma doce e íntima inquietação por ela, uma inquietação que anulava a seu favor a própria distância e a acompanhava sempre através do tempo e do espaço. Talvez fosse taciturna e reservada em demasia, não obstante ser uma criatura que dificilmente teria podido ser ultrapassada em atenções e amabilidades sempre que alguém necessitasse de afetos. Há

mulheres que passam pela vida desempenhando o ofício de Irmãs de Caridade. A elas não há que ocultar nem dissimular nada, pelo menos quanto as nossas almas têm de enfermo e ulcerado. Quem sofre, pode ir até elas confiado, sem temor de molestá-las, pois somente raras vezes sabemos quanto amor infinitamente paciente, quanta piedade e quanta capacidade de perdão podem encontrar-se nos corações de algumas mulheres. Tesouros completos de compenetração, consolo e esperança se guardam nesses corações que também estão, frequentemente, eles próprios, ulcerados... Corações que sofrem e amam mais do que os outros, mas que ocultam as suas chagas com sumo cuidado aos olhares indiscretos, pois o amor profundo é calado e recatado.

A essas mulheres não as arreda nem a profundidade das feridas, nem a sua gravidade; quem a elas vai com a sua dor é já digno delas. Nasceram para prestar ajuda aos demais.

Madame M. era alta, airosa e esbelta, mas um bocadinho magra. Os seus movimentos eram algo desequilibrados, pois tão depressa eram lentos e suaves, revestidos de certa dignidade, como animados de infantil ligeireza. Também os seus gestos deixavam transparecer algo de pesar, de abandono, mas a ninguém pedia proteção nem reclamava apoio.

Disse já que as maliciosas observações da teimosa loura produziam em mim vergonha, dor e raiva, que faziam sangrar o meu coração. Havia, porém, outra causa, mas muito estranha e néscia, que eu conservava secreta para todos, pela qual tremia como o avaro pelo seu tesouro. E bastava-me esse oculto pensamento, embora escondido no mais recôndito do meu transtornado espírito, e estar bem certo de não ser alcançado pelo sarcástico sorriso do meu verdugo, para que o coração se me paralisasse de emoção, vergonha e medo. Em suma: eu estava enamorado de Madame M. E, no entanto, devo convencer-me de que disse o maior dos disparates, pois que, em absoluto, não havia que pensar nisso. Mas... porque razão, de quantos rostos eu via, somente aquele era capaz de me impressionar de tal maneira? Porque razão os meus olhos somente a seguiam a ela, onde quer que estivesse? Porque sentia eu aquela complacência em contemplá-la, apesar de os meus sentidos ainda não estarem capacitados para descobrir mulheres e aproximar-se delas? Sucedia-me isto particularmente, durante as noites, quando todos os convidados se congregavam no salão e eu, escondido nalgum recanto me punha a olhar sem objetivo para todos os lados... onde queriam fixar-se os meus olhos, posto que eu tinha outra

missão especial a confiar-lhes. Aparte a minha perseguidora, rara era a pessoa que me dirigia a palavra; de modo que tais serões causavam-me profundo aborrecimento. Para me distrair, passava em revista os presentes, e punha-me de ouvido atento ao falarem de coisas que eu, em absoluto, não entendia.

Aconteceu, portanto, muito naturalmente que os tristes olhos e o plácido sorriso de Madame M. cativassem a minha atenção, sem que me fosse possível, daí por diante, enganar o estranho, vago e imponderável enfeitiçamento que em mim exerciam. Com frequência matava eu o tempo contemplando-a, sem dela poder apartar os olhos.

Cada gesto seu, cada movimento, cada palavra sua, gravavam-se-me na memória, e eu espiava a mais ligeira mudança na sua voz, que não era aguda, mas sim de um timbre profundo, obscuro, algo velado, e — coisa estranha —, dessas minhas observações e dessas indefiníveis e doces impressões, nasceu em mim uma curiosidade absolutamente inexplicável. Era como se nela adivinhasse um segredo que não havia mais remédio senão decifrar prontamente.

O que mais me atormentava, por consequência, era a minha situação na sua presença. Porque as brincadeiras e graças pesadas de que era vítima rebaixavam-me a seus olhos, e representavam, para o meu sentimento, o mais terrível dos agravos. E quando Madame M., uma ou outra vez, fazia coro, involuntariamente, com as risadas gerais que eu inspirava, a minha desesperação chegava ao cúmulo; a dor e a vergonha desorientavam-me por completo, e, com a raiva de um possesso, safava-me das mãos da minha perseguidora, e ia, corrido, lá para cima, para o segundo andar, onde passava o resto da noite sem atrever-me a regressar ao salão.

Além disso, naquele tempo eu não conseguia discernir claramente a índole da minha vergonha nem da minha excitação; todo o *processus* se desenvolvia, por completo, no subconsciente. Ainda não tinha trocado com Madame M. duas palavras seguidas, e por nada deste mundo me atreveria a travar com ela a mais ligeira conversa. Uma noite, porém, após um dia bastante desagradável para mim, fiquei atrás, durante um passeio. Como me sentia absolutamente esgotado, voltei a casa atravessando a direito pelo jardim. Escolhi o caminho mais curto, uma alameda retirada e, de pronto, eis que diviso num banco Madame M. Estava ali sentada, completamente só, como se tivesse procurado aquela solidão. Tinha deitado para trás o corpo e baixara a cabeça, e os seus dedos contorciam

maquinalmente o lencinho de baile. Tão absorta estava nos seus pensamentos que nem sentiu que eu me aproximava.

Ao reparar em mim levantou-se do banco, pressurosa, voltou para outro lado a cabeça, e eu pude ver como levava o lenço aos olhos a fim de enxugar o vestígio de lágrimas. Estava a chorar. Depois, como se nada lhe tivesse acontecido, dirigiu-me um sorriso e fez-me companhia até casa. Olvidei já do que falámos. Durante o trajeto ela só procurava separar-me da sua pessoa com diversos pretextos: tão pronto me rogava que lhe cortasse uma flor como me perguntava quem pela avenida próxima passava a cavalo. Porém, tão depressa eu me afastava dela, levava rapidamente o lenço aos olhos, pois as lágrimas, rebeldes, não queriam conter-se; antes, pelo contrário, voltavam sempre a afluir-lhe do coração, dolorido e combalido, aos seus pobres olhos. Eu compreendi muito bem que se lhe tornava aborrecida a minha companhia, quando tanto procurava afastar-me.

Mas ela advertiu-me do contrário, e, no entanto, a custo podia dominar-se... o que mais aumentava a minha pena por ela. Aborrecia-me comigo mesmo até atingir o desespero, afligia-me a minha infelicidade e a minha estupidez, que não me permitiam encontrar um pretexto para me retirar sem o dar a entender, apesar de estar ao corrente do desgosto dela.

De maneira que eu saía de seu lado, contrariado, com o coração partido, e não atinava, a despeito dos meus esforços, com uma só palavra que tivesse podido animar a nossa monossilábica conversa.

Tão profunda impressão me cansou esse encontro, que passei todo o serão a olhar Madame M., disfarçadamente.

A despeito, porém, das minhas precauções, sucedeu encontrarem-se, um par de vezes, os nossos olhos. À segunda vez, ela começou a rir. E foi essa a única vez, no decorrer do serão, que a vi rir. Mas a melancolia não se havia dissipado no seu rosto e estava mais pálida que nunca. Levou todo o tempo a falar com uma senhora de idade, que a todos se tornara antipática devido às suas constantes intrigas e má-língua. Inspirava certo temor, pelo que todos, no trato com ela, se viam obrigados a mostrar-se amáveis e atentos, embora contra vontade...

Por volta das dez, apresentou-se inesperadamente o marido de Madame M. Eu pude ver como ela estremecia perante a inopinada aparição do marido e como o seu rosto já pálido empalidecia ainda mais, até um extremo inquietante. Foi aquilo tão estranho que também as outras

pessoas o notaram. Pelo menos, cerca de mim, travou-se uma conversa em voz baixa, da qual se concluía que a pobre Madame M. levava uma vida pouco invejável. O seu marido era, conforme todo o mundo sabia, ciumento como um mouro — não, todavia, pelo amor que lhe tinha, mas sim por amor a si próprio.

Aquele homem era, em primeiro lugar, um... «europeu», e, além disso, um dos contagiados pelas flamantes ideias modernas, que tinha na mais alta estima. Quanto ao seu aspeto exterior, era um homem moreno, alto e muito forte, com uma barbinha recortada à europeia e uma cara fresca e redonda, com uns dentes brancos como açúcar. Tinha todo o aspeto de um perfeito cavalheiro e consideravam-no «um homem de talento». Assim chamam, em certos círculos, ao tipo especial de homens, engordados à custa de outros, que nada fazem nem querem fazer e que, pela sua eterna vadiagem, trazem no peito, em vez de coração, um pedaço de toucinho, como costuma dizer-se. Mas é, precisamente, a esses tipos, que sempre ouvimos dizer que, se nada fazem, é por efeito de certas circunstâncias adversas e hostis que lhes contrariam o génio, sendo por isto muito triste que nada possam fazer. É esse o seu eufemismo, o *mot d'ordre* que por toda a parte vão soltando esses comilões... e com o qual nos aborrecem, para não empregar outro termo, há muito tempo. Nem mais nem menos que toda a hipocrisia compreendida em toda a palavra oca e vã.

Quanto ao resto, alguns desses vermes que dizem não haver ocupação para eles — sobretudo quando não a procuram seriamente... — parecem aspirar a convencer todo o mundo de que no lugar do coração têm, não o tal pedaço de toucinho, mas sim algo de sumamente consistente. O que isso seja, concretamente, e em resumidas contas, não o poderia dizer o melhor anatomista... Não o poderia dizer, entenda-se bem, só por cortesia. A vida que esses cavalheiros levam é a causa de que todas as suas faculdades se reduzam à ironia barata, à critica míope e à afirmação de uma presunção desmedida. Não têm outra coisa a fazer senão pôr a descoberto os erros e as faltas do próximo. Nestas condições, não é muito difícil a essa gente viver usando de alguma precaução e cautela. E de tal se gabam com o maior atrevimento. Estão, por exemplo, convencidos de que todos lhes devem prestar vassalagem e olham o mundo como se fosse uma despensa. Somente veem néscios nos que os rodeiam, e estão certos de poder espremê-los até à última gota, como se fossem laranjas ou limões, quando o desejem. Têm-se, de certo modo, por senhores do mundo, e,

personagens tão espertos quanto importantes, parecem estar persuadidos de que esta sábia ordem de coisas lhes pertence.

Na sua vaidade incomensurável, jamais reconhecem qualquer falta própria, antes se declaram, em todas as ocasiões e sentidos, infalíveis.

Assemelham-se a esse tipo de homens que têm por antepassados Tartufo e Falstaff, aos desavergonhados que conseguem enganar os outros tantas e tão variadas vezes, que eles próprios chegam a acreditar que tudo aquilo, que dizem, fazem ou deixam de fazer, tem a sua razão de ser. Devido ao que têm por muito certo que eles vivam como vivem e enganem os outros. Têm-se ouvido tantas vezes a si mesmos apregoar a sua honradez e generosidade que, por último, acabam por crer em si próprios, e os seus enganos dão fé da honradez mais sincera.

Autocríticos e autoconhecedores imparciais, de si mesmos nunca o desejam ser. São demasiado tolos para conceber muitas ideias. Muito antes de todas as coisas e de todos os acontecimentos colocam o seu próprio «Eu». É a este Moloch que tudo sacrificam: o seu magnífico EU. A natureza toda, o mundo inteiro, não é para eles mais que um grande e formoso espelho, criado, na aparência, com o único fim de que esses pequenos deuses possam admirar-se continuamente nele, sem que deva refletir nada nem ninguém, exceto as suas próprias imagens soberanas.

Não é, portanto, nenhuma maravilha que, em tais circunstâncias, vejam sempre algo desfigurados todos os outros fenómenos deste mundo, e nunca como realmente são. Para tudo têm sempre reservada uma frase feita, e por certo — o que, seja dito de passagem, os acredita de sumamente hábeis — moderníssima. Sim, pode afirmar-se que são eles, principalmente, quem se encarrega de difundir as frases cujo êxito sabem preparar a tempo. Nisso, têm faro... Eis a única coisa que se lhes pode elogiar. Para tudo que a isso se refira, têm excelente nariz; pelo menos, bastante bom para apanhar no ar esses ditos modernos e apropriarem-se deles a tempo, de forma a apresentarem-se, depois, como se fossem os seus autênticos criadores. Fornecem-se, em especial, daquelas frases que exprimem grande amor à Humanidade, e representam, aparentemente, a única, verdadeira e razoável amizade entre os homens. Além disto, arremetem sem consideração alguma contra os antiquados românticos, condenando neles tudo o que de belo e elevado existe, sem compreenderem que o mais pequeno sentimento de tais românticos vale mais que toda a sua existência de moluscos. O seu tosco espírito não é

capaz de reconhecer a verdade numa forma ainda não madura, divergente da que é notória para todos e numa fase de transição. Assim, eliminam tudo quanto se possa encontrar ainda em gérmen, em busca da sua forma, e que, por isso mesmo, não cristalizou de todo. Esses homens, bem nutridos e cevados, levam, em geral, uma vida muito alegre, de perpétua embriaguez. Tudo lhes é feito pelos outros; eles nunca fizeram coisa alguma, nem sabem, naturalmente, quanto é difícil levar qualquer coisa a bom termo. Mas ai daquele que, com alguma rudeza, toque sequer os seus gordurentos sentimentos! Não será perdoado nem jamais esquecido... Vingar-se-ão; e, para mais, com prazer... Em resumo: um herói semelhante não passa, no fim de contas, duma bola colossal, inchada ao máximo, cheia de sentenças, frases em moda e provérbios.

Quanto ao resto, era o senhor de M. um homem notável. Possuía, especialmente, uma condição que, em qualquer parte o caracterizava com certa particularidade: era um bom cavaqueador, engenhoso e eloquente, devido ao que, em sociedade, se reunia sempre à volta dele um excelente grupo. Naquela noite, estava especialmente animado. Assim que açambarcou a conversa, esteve feliz de palavra, quase espirituoso, de bom humor, e conseguiu que todos lhe prestassem ouvidos e tivessem os olhos fixos nele. Madame M., pelo contrário, manteve-se todo aquele tempo silenciosa, e era evidente que sofria. Parecia tão triste que eu temia, a cada instante, ver as lágrimas brilharem de novo nas suas pestanas. Tudo isto, na verdade, me causava profunda impressão. Eu estava transtornado e maravilhado, e uma estranha curiosidade se apoderou de mim. Passei toda a noite a sonhar com Madame M. Até então, só em ocasiões raríssimas tivera pesadelos tão penosos e emocionantes.

No outro dia, chamaram-me muito cedo ao salão. Estavam a ensaiar-se os quadros vivos, em que eu também havia de tomar parte. Os referidos quadros vivos, bem como uma representação teatral e um grande baile, destinavam-se a festejar o aniversário natalício da filha mais nova do nosso pródigo hóspede. Somente tínhamos uns quinze dias à nossa frente. Para essa festa haviam sido convidadas umas cem pessoas de Moscovo e de entre os grandes proprietários vizinhos, devido ao que havíamos de levar a cabo grandes preparativos, os quais, como é natural, aumentavam o barulho. Os ensaios ou, melhor dito, o exame dos trajes, fez-se com grande atraso porque o conhecido artista R., amigo e hóspede do nosso anfitrião, se oferecera, por mero prazer, para a montagem dos quadros, empenhando-

se, depois, em ir a Moscovo para comprar as coisas que faltavam. Assim, pois, tínhamos de andar depressa. A mim haviam-me designado para atuar com Madame Aí., num quadro vivo. Representaria uma cena da Idade Média que se intitulava «A castelã e o seu pajem».

Eu ficava terrivelmente perturbado quando me juntava com Madame M. nos ensaios. Inútil é dizer que andava convencido de que ela havia de adivinhar, imediatamente, nos meus olhos, todos os pensamentos, dúvidas e pressentimentos que, na última noite, se cruzaram na minha imaginação. E algo me oprimia também, como um sentimento de culpabilidade para com ela, por a ter surpreendido no seu pesar e notado as suas lágrimas. Quem sabe? Talvez estivesse aborrecida comigo... Graças a Deus, porém, saiu tudo o melhor possível e sem nenhum incidente desagradável. Aconteceu, simplesmente, que nem sequer reparou em mim. Era evidente que pusera o seu pensamento noutra parte. E não parecia ver-me nem inteirar-se dos ensaios. Dava a impressão de estar absorvida por uma preocupação grande e dolorosa. Terminados os ensaios escapei-me, à pressa, e vesti-me. Uns dez minutos depois atravessei o terraço, de passagem para o jardim. No mesmo instante saía pela outra porta Madame M., e, ao mesmo tempo, encontrámo-nos os dois na presença do seu presunçoso marido, o qual vinha do jardim, onde fora acompanhar um tropel de lindas raparigas. Aquele encontro com sua esposa apanhou-o completamente desprevenido. Madame M. pôs-se de repente congestionada e, nos seus gestos, deixava transparecer profundo desgosto. O marido, que vinha muito despreocupado, a cantarolar uma ária, e, com cara muito séria, a ajeitar a sua formosa barba, franziu um pouco as sobrancelhas ao encontrar-se com a esposa e ficou-se a olhá-la, conforme agora recordo, com uma expressão decididamente inquisitorial.

— Vais ao jardim? — perguntou-lhe, ao notar que levava nas mãos a sombrinha e um livro.

— Não, ao bosque — disse ela, ruborizando-se levemente.

— Só?

— Não, com ele... — e apontou para mim. — Costumo sair todas as manhãs, sozinha, a dar um passeio — acrescentou, a modo de explicação, mas com voz pouco segura, voz chamada a soar indiferentemente, mas vibrando tão rouca como quando pela primeira vez na vida mentimos conscientes da mentira.

— Ah!... Venho precisamente de acompanhar até lá uma verdadeira quadrilha. Vão reunir-se todos no rosal, para se despedirem de N. Deixa-nos, como suponho que já sabes... Aconteceu-lhe não sei que desgraça, lá longe, em Odessa... A prima dele (a tal prima era a minha loura perseguidora) está chorando e rindo ao mesmo tempo, de sorte que não se lhe pode sacar nada de claro. Porém, disse-me que tu, não sei porque razão, estás enfadada com N. e, por esse motivo, não aparecerias... Suponho que será um boato...

— Uma graça das suas... — disse Madame M., e começou a descer os degraus do terraço.

— De maneira que este é o teu *cavalier servant* de todos os dias? — perguntou ele ainda, com um escarninho franzir de lábios, apontando-me o seu monóculo.

— Sim, senhor, o seu pajem! — exclamei eu, furioso com aquele desdenhoso olhar e com aquela «piada». A seguir, ri-me às gargalhadas na sua própria cara e saltei, de uma só vez, três degraus.

— Bem... pois... muito gosto! — rosnou o senhor de M., que seguiu o seu caminho.

Eu, naturalmente, aproximara-me de Madame M. logo que esta mo indicou, e procedia como se estivéssemos combinados há uma hora. Ficou entendido que todas as manhãs, de há um mês para cá, íamos juntos ao bosque... O que eu não podia compreender era o facto daquele encontro com o marido a emocionar tanto e, ainda menos, o que ela se propunha fazer com a sua pequena mentira.

Porque não havia dito, simplesmente, que ia só? Não sabia o que pensar de tudo aquilo.

Pouco a pouco, porém, a despeito da minha falta de segurança e dos meus receios, comecei a observá-la de lado, com ingénua curiosidade; como sucedera uma hora antes, nos ensaios, não fez o menor reparo, nem nos meus olhares nem na minha tácita pergunta. Somente a anterior preocupação torturante continuava a refletir-se, ainda mais clara e profundamente, nas suas agitadas feições e transparecia em cada um dos seus movimentos, sobretudo na rapidez do andar. Devia ter pressa, pois acelerou o passo, e fitava inquieta todas as avenidas e todas as clareiras do bosque, e sempre o fazia para os lados do jardim. Também comecei a experimentar certa ansiedade. Nisto, sentimos o ruído de cascos de cavalos pelas nossas costas. Voltámo-nos. Era uma cavalgata de senhoras e de

cavalheiros, montados em esplêndidos corcéis, que iam acompanhar o tal senhor N., que de modo tão inesperado nos deixava.

Entre as amazonas divisei logo a minha ruiva, da qual o senhor de M. nos falara, dizendo que havia chorado e rido ao mesmo tempo. Conforme costumava, ria-se agora com tanta bondade como uma criança e mostrava-se tão alegre e regozijada como nunca. Montava um magnífico cavalo branco. Ao chegar o grupo junto a nós, o senhor de N. saudou com o chapéu, mas não conteve com as rédeas a montada nem disse uma palavra a Madame M. Não tardaram em desaparecer, todos, numa volta do caminho. Lancei um olhar a Madame M. e... estive quase a lançar um grito de assombro. Havia empalidecido como uma morta e não se movia; dos olhos, caíam-lhe grossas lágrimas. Os nossos olhares encontraram-se. Madame M. pôs-se muito corada, afastou por um momento a vista e eu li nas suas pupilas a inquietação e o pesar. No entanto, ela refez-se prontamente, apelando para todas as suas forças. Eu tornava-me desnecessário e até mais incómodo que no dia anterior. Não podia duvidar disso. Mas, como afastar-me? Com que pretexto deixá-la?

— Ah!... mas este é o segundo volume!... Enganei-me... Queres fazer-me o favor de ir buscar o primeiro?

Não havia dúvida possível. Eu já cumprira a minha missão, e de modo mais explícito não podia despedir-me.

Deitei a correr, portanto, com o livro e não voltei. O primeiro volume, naquela manhã, ficou abandonado em cima da mesa.

Desde aquele dia, porém, sofri uma tal mudança que quase me tornei desconhecido a mim próprio. O coração palpitava-me numa contínua angústia. Eu tinha o maior cuidado em não me encontrar, em parte alguma, com Madame M. Em troca, comecei a contemplar com uma curiosidade quase selvagem o satisfeito marido, a ver se descobria nele qualquer coisa de particular. Decorridos tantos anos, não compreendo, agora, porque senti, então, aquela ridícula curiosidade, mas recordo que tudo o que me sucedeu naquela manhã me causou um assombro inteiramente novo. E, no entanto, aquilo somente representara o começo de um dia em cujo decurso haviam de suceder-me outros acontecimentos muito variados e de muito maior transcendência.

Almoçámos, nesse dia, por exceção, mais cedo que de costume. Ao princípio da tarde havíamos de fazer uma excursão a uma aldeia vizinha

para presenciar uma festa rústica que ali se celebrava, e esse era o motivo por que se antecipava a hora do nosso almoço.

Há três dias que eu me regozijava só com a ideia dessa festa — e só Deus sabia o que nela me esperava! Tomámos o café no terraço. Segui os outros convivas prudentemente à saída da casa de jantar e ocultei-me atrás de uns cadeirões. A minha curiosidade é que me inspirou aquele ardil, e tão grande era que, para satisfazê-la, me expus ao perigo de que Madame M. pudesse surpreender-me. A casualidade, porém, dispôs as coisas de outro modo: eu tinha ido cair nas proximidades da minha ruiva perseguidora. Naquele dia acontecera-lhe algo de maravilhoso, quase inconcebível... Como e por que fosse aquilo, não o posso dizer, mas com as mulheres é frequente ocorrerem tais prodígios. Encontrava-se, entre nós, um novo hóspede, um jovem alto, ruivo, que chegara expressamente de Moscovo para encher o vazio que deixara N. aquela manhã. Corria o boato de que o novo conviva estava mortalmente enamorado da nossa alegre loura. O novo hóspede, porém, havia já muito tempo que se encontrava em relação a ela como o galã e Beatriz na obra de Shakespeare «Tanto Barulho por Nada»... Em resumo: a nossa loura obteve naquele almoço um grande êxito. As suas brincadeiras e trocadilhos eram tão encantadores, tão desenfastiadamente ingénuos, tão compreensivelmente indiscretos; usava ela, para mais, com tão graciosa arrogância, do geral aplauso, que durante todo o tempo os convidados não fizeram outra coisa senão admirá-la. À volta dela formou-se uma tríplice fila de admiradores, surpreendidos, maravilhados e encantados, pois nunca lhes havia aparecido tão sedutora. Cada palavra sua era acolhida como algo prodigioso, e repetido com admiração; e cada um dos seus ditos, cada uma das suas oportunas réplicas, despertavam entusiasmo. Parecia até que ninguém a julgara capaz de tanto gosto, engenho e inteligência. As suas diárias loucuras infantis, que às vezes degeneravam quase em verdadeiras grosserias, ficavam agora em segundo plano, e só uma ou outra pessoa as criticava. As suas prendas..., para aqueles que supunham tê-las descoberto entre tantas puerilidades, faziam com que, embora as atribuíssem a pura casualidade, o seu repentino triunfo fosse acolhido com um geral murmúrio admirativo.

Entretanto, para esse enorme êxito contribuiu, também, uma circunstância especial, algo picante. Picante, pelo menos, tendo em conta o papel que nela desempenhou o marido de Madame M. O recém-chegado

tinha-se proposto — e devo fazer constar que com o beneplácito de todos, em especial da juventude dourada — tomar a ofensiva contra o senhor de M. de um modo verdadeiramente desapiedado. Por sua vez, a ruiva descarregava contra ele um verdadeiro fogo de alusões, de indiretas zombarias e de sangrentos sarcasmos. E eram estes tão certeiros e insidiosos, que se acumulavam como metralha pesada e espessa que ninguém tinha força para devolver contra tão amável atiradora. Contra tais sarcasmos a vítima quase se encontrava indefesa e, apesar de sempre atingirem o alvo, nunca a tocavam profundamente, talvez porque o senhor de M. excogitasse, espremendo os miolos, réplicas de efeito nem sempre felizes. Exaltava-se, por isso, num estado da mais violenta cólera e da mais cómica desesperação.

Não o sei, na verdade, exatamente; porém, creio poder afirmar que aquele duelo não era obra da casualidade, mas sim que ela o iniciara com toda a intenção. Verdadeiramente, já à mesa, começara o desesperado desafio. Chamo-o desesperado porque o senhor de M. não depunha tão facilmente as armas. Necessitava, apelando para toda a sua presença de espírito, afinar a sua perspicácia e a sua habilidade, na realidade quase nulas, a fim de não cair devido a alguma rasteira e ver-se obrigado a abandonar o campo, coberto de desprezo e de vergonha. Desenvolveu-se a luta entre os risos, por assim dizer incessantes, de todos os presentes. Para o senhor de M. a sorte tornara-se completamente adversa naquele segundo dia, e o êxito que na véspera saudara a sua chegada tocava o seu fim. Segundo outras pessoas e eu notámos, Madame M. esteve mais de uma vez a ponto de cortar a palavra à sua indiscreta amiga. Esta, porém, parecia absolutamente empenhada em colocar ao seu vaidoso marido uma barretina de bobo, ou, pelo menos, fazê-lo desempenhar um papel ridículo...; algo assim como um Barba Azul, pelo menos, segundo o que ainda recordo, e conforme, também, com o papel casual que tive de desempenhar naquela farsa.

Isto aconteceu de um modo completamente súbito e inesperado, que apenas mal recordo. Eu estava de pé, ouvindo o que um e outra diziam, sem suspeitar nada de mau, e até havia esquecido a minha habitual cautela. De repente, vi-me metido na refrega, porque a ruiva designou-me como inimigo mortal e natural adversário do senhor de M., como pretenso enamorado de sua esposa até à loucura. A terrível mulher deu a sua palavra de honra de que apenas dizia a pura verdade, e afirmou em voz alta

e solene apresentar provas terminantes, como, por exemplo, que tinha visto no bosque aquela mesma manhã...

Não pôde, porém, terminar a frase. Apressei-me a cortá-la no momento para mim decisivo. Mas ela soube ladear tão habilmente a sua ousadia, a sua esgrima era tão genial, e tão bem preparada tinha a solução cómica, e, além disso, remediava tudo de um modo tão inimitável, que uma estrepitosa salva de gargalhadas acolheu aquela última zombaria. E embora eu sentisse, de seguida, que o papel mais grotesco não era o que a mim me correspondia, senti tal agitação, transtorno e susto, que, com lágrimas nos olhos, com toda a dor e pânico do desespero e da vergonha, me meti, de improviso, por entre as cadeiras, até me colocar a meio do grupo que rodeava a ruiva e, com voz colérica, gritei até enrouquecer à minha inimiga:

— Como não se envergonha, senhora... de dizer... assim, em voz alta... e diante de tantas outras senhoras... semelhantes inexatidões?... A senhora conduz-se como uma rapariga estouvada... e, além disso, diante de homens! Que pode, senhora, responder a isto?... A senhora, porém, é já uma senhora maior e... para mais, uma senhora casada...

Atroadores aplausos interromperam as minhas ingénuas repreensões. O meu pequeno discurso fez furor. Não se riam, porém, dos meus gestos, nem das minhas lágrimas, mas sim de eu aparecer quase como o defensor de Madame M., sendo isso o que suscitava uma hilaridade irresistível. Agora, ao recordá-lo, também eu me sorrio. Naquele tempo, porém, fiquei petrificado e quase excedi o sentimento de mera repugnância para com aquela gente... Comecei a tremer, tapei a cara com as mãos e deitei a correr, fugindo dali... Tropecei, à porta, com um criado que trazia nas mãos o serviço de chá numa salva de prata, e, como um vendaval, subi as escadas até me precipitar no meu quarto. Tirei a chave, que estava posta de fora, e fechei-me por dentro. Aquilo salvou-me. já me perseguia uma verdadeira montaria. Meio minuto depois despenhou-se contra a minha porta todo um tropel impetuoso. Formavam-no todas as senhoras da casa. Ouvi-as rir e falar. Era uma confusão de mil vozes que se atropelavam, umas mais rápidas que outras... Assemelhavam-se a um bando de andorinhas, piando todas ao mesmo tempo. Todas, todas, sem exceção, suplicavam-me e conjuravam-me a que abrisse a porta, pelo menos um segundo. Protestavam que não me fariam nada de mau, pois só queriam

comer-me com beijos, conforme elas diziam. Que ameaça poderia amedrontar-me mais?

Eu sentia-me morrer de vergonha e apertei o rosto contra a almofada da cama. Por nada deste mundo teria aberto a porta nem respondido uma sílaba. Elas estiveram, todavia, largo espaço de tempo alvoroçando e implorando do outro lado da porta. Mas eu mantive-me insensível e surdo, como somente o pode estar um rapazinho de onze anos.

Que devia fazer eu agora? Tudo estava descoberto, tudo o que eu tinha tão ciosamente ocultado e recatado de todos os olhares! Ficaria para sempre coberto de vergonha e opróbrio... Certo é que, na realidade, eu não poderia acertar em definir o que tão angustiosamente havia escondido; não obstante, o descobrimento de aquele algo oculto fazia-me tremer como folha de uma árvore. Por então, nem sequer era claro para mim se essa coisa oculta era boa ou má, gloriosa ou desprezível.

O caso é que, de repente, agora me inteirava, para meu grande tormento e suplício, que tudo aquilo era ridículo e vergonhoso. O meu instinto dizia-me, ao mesmo tempo, que semelhante ideia era falsa, antinatural, primitiva. O certo, porém, era que aquele golpe me esmagava, aniquilava. A faculdade de pensar ou, melhor dito, de conhecer, ficara em mim como que paralisada, parecendo, até, sob certos aspetos, ter-se emaranhado e revoltado. Não era possível sublevar-me contra esse juízo e nem sequer tratava de o examinar a fundo. Estava aparvalhado e somente sentia que me haviam dilacerado o coração de um modo desumano e vergonhoso.

Derramara lágrimas de impotência. Mas estava, ao mesmo tempo, excitado. Uma impotente raiva fervia-me no peito e cheguei a sentir um ódio que nunca sentira até então, uma dor séria, um rancor verdadeiro. Uma mão rude havia lacerado em mim, menino inconsciente, as fibras do amor imaculado ainda ignorado de mim próprio, e pusera a nu esse inicial sentimento de donzel, temo e arisco, profanando-o e amesquinhando a minha primeira e, quiçá, mais honesta sensação estética. Podia ser, porém, que os zombadores não soubessem, tão pouco, muito bem o que faziam, e fossem até incapazes de imaginar os meus sofrimentos. Acrescentava-se a tudo isto uma circunstância especial, que eu próprio não tenho podido explicar-me muito bem, ou, melhor dito, que até agora não me tenho atrevido a explorar. Em meio da minha pena e da minha desesperação, fiquei estendido na cama, ocultando o rosto com almofadas. Corriam-me

por todo o corpo calafrios e tinha febre. Atormentavam-me duas questões: Que teria visto aquela atrevida ruiva no bosque entre mim e Madame M.? Que teria podido ver? E a segunda questão: Como, de que maneira, com que olhos me atreveria eu, de ali para diante, a olhar de frente Madame M., sem ficar morto nesse momento, fulminado pela vergonha e pelo desespero?

Um alvoroço extraordinário no vestíbulo obrigou-me a despertar daquela sonolência semi-inconsciente, mas palpitante em que me encontrava. Levantei-me e espreitei da janela. O pátio estava cheio de carruagens, cavalos, palafreneiros e cocheiros. Parecia que todos os convidados nos deixavam. Um par de cavaleiros estava já nos seus corcéis, e os restantes tomavam assento nas carruagens. Então, lembrei-me da combinada excursão à aldeia vizinha, e uma certa inquietação apoderou-se de mim. Comecei a buscar com a vista o meu potro, mas não consegui divisá-lo... Sem dúvida que se haviam esquecido de mim. Não foi possível conter-me. Deixei, voando, as escadarias, sem pensar nas consequências desagradáveis nem em nenhuma outra coisa...

Quando cheguei abaixo, aguardava-me uma notícia fatal: não ficara disponível para mim nem um cavalo nem um assento nas carruagens. Tudo estava tomado e eu tinha que renunciar ao prazer da excursão.

Ferido com este novo pesar, fiquei parado junto à escadaria, contemplando tristemente a larga fileira de carruagens, e as amazonas e cavaleiros, cujos corcéis pateavam impacientes.

Somente aguardavam um dos cavaleiros, que se havia atrasado um pouco. Ao pó da escadaria tinham preparado um cavalo, o qual enchia de espuma o seu açaimo; pateava no solo e, ao menor ruído, encabritava-se, mostrando assim as suas ânsias por empreender a marcha. Dois palafreneiros tinham-no seguro pelas rédeas, ao mesmo tempo que procuravam manter-se à maior distância possível do alcance dos seus cascos.

Existia, na verdade, sua razão, e por certo muito desagradável, para que eu não fosse da partida, Além de que tinham chegado novos hóspedes, os quais ocuparam todos os lugares disponíveis nas carruagens, quis a desgraça que adoecessem dois cavalos, um dos quais era o meu. Não era eu o único, porém, a quem afligia aquele contratempo: tão pouco ficara livre cavalo algum para o nosso novo hóspede, aquele jovem pálido e correto de quem já fiz menção, em vista do que o nosso anfitrião se vira

obrigado a oferecer ao hóspede um potro indómito e ainda não domesticado, embora fazendo-o sabedor, para descargo de consciência, de que era impossível montar aquele animal, devido ao que pensara, tempos atrás, em vendê-lo. Só não o fizera por ser muito arisco, pelo que não encontrara comprador.

No entanto, a despeito desta advertência, o jovem declarou-lhe que se sentia completamente seguro na sela e que, pondo de parte a prudência, estava disposto a cavalgar qualquer montada, para poder participar da excursão. Ouvindo isto, calou-se o anfitrião... embora a mim me parecesse que aos seus lábios assomava um sorriso ambíguo. Pensamentos análogos aos do seu amo pareciam abrigar os dois palafreneiros, que tinham colhido as rédeas do potro, mostrando-se muito ufanos de que tantos espectadores os contemplassem como domadores de um animal selvagem que, a cada momento, podia matar um homem com um coice. Nos seus olhos, porém, eu julgava perceber a mesma sarcástica inflexão do amo, e assim fitavam continuamente a porta por onde devia aparecer o atrevido cavaleiro. Quanto ao resto, portava-se o animalzinho como se tivesse feito um trato com seu amo e os dois palafreneiros. Ali estava, muito orgulhoso, e, na aparência, tranquilo, com a cabeça levantada, como se desse conta de que algumas dezenas de olhares curiosos estavam fixos nele e como se precisamente se envaidecesse da sua má reputação, à semelhança de certos bandoleiros que, incorrigíveis, se jactam das suas malfeitorias. Parecia, pois, que só o animal estava a provocar o temerário suficientemente ousado para intentar privá-lo da sua liberdade.

O tal temerário apareceu por fim. Sentia muito — disse — haver feito esperar a assistência. Entretanto, enfiava à pressa as luvas e subia os degraus da pequena escada de montar. E preparava-se, num ágil salto, para montar quando, ao estender a mão para a sela, o desconcertou um selvagem relincho do potro, acompanhado de um clamor admonitório dos espectadores. Retrocedeu o jovem um passo e contemplou, assombrado, o corcel, ao qual todo o corpo tremia, enquanto as narinas e a boca sopravam fogo, e os olhos, sanguinolentos, olhavam, desvairados, para todos os lados. Por fim, alçou as patas dianteiras, como se quisesse tomar as de Vila-Diogo de um momento ao outro, e afastar-se dali com saltos descomunais, deixando impotentes os palafreneiros. O jovem contemplou a fera com desconfiança; depois, pôs-se levemente encarnado, um pouco

confuso, talvez... levantou a vista, olhou em torno de si, e observou o susto das damas...

— Formoso animal! — disse, como falando consigo mesmo. — E creio que deve dar prazer montá-lo... Mas sabem os senhores uma coisa?... Não serei eu quem o tente! — concluiu com um sorriso sereno e jovial, que ficava muito bem na sua cara bondosa e inteligente, dirigindo-se ao dono da quinta.

— No entanto, eu tenho-o por um cavaleiro modelar, palavra! — repôs aquele, visivelmente satisfeito. E apertou a mão, agradecido, ao seu hóspede, precisamente por haver reconhecido ao primeiro olhar a qualidade do animal. E acrescentou, ufano: — Quererá o senhor crer que, tendo sido «hussard» durante vinte e três anos, tive já o gosto, graças a este cavalicoque, de rodar por terra três vezes, quer dizer, as mesmas que montei neste... diabo inútil?... Tancredo, meu amigo, nós pouco somos para ti. Quem te montar, deverá ser um segundo Elias Muromets, que por agora estará muito quieto na sua aldeia de Karascharovo, que nós não conhecemos, esperando que te saiam os dentes. Vamos, rapazes, levai daqui esse bicho. Estamos fartos de vê-lo! Haveis perdido tempo em tirá-lo da estrebaria! — exclamou, dirigindo-se aos palafreneiros, e esfregando as mãos muito satisfeito de si próprio.

Devo fazer constar que Tancredo não tinha para o seu dono nenhuma utilidade e ainda comia de graça o seu penso. Para mais, ao comprar aquele animal, tornara o velho «hussard» suspeita a sua fama de conhecedor de cavalos, pois que por aquele potro que, aparte a sua boa estampa, não tinha nenhum valor, pagara uma soma fabulosa... Não obstante, estava muito satisfeito do seu indómito corcel, que tão bem justificava a sua má reputação e atraía, pelo menos, certa notoriedade, embora fosse da pior espécie.

— Mas, como?! O senhor não vem na nossa excursão? — exclamou a ruiva que, pelo visto, tinha empenho em que a acompanhasse, daquela vez, o seu *cavalier servant*. — Pois não se atreve, deveras?

— Não! Desta vez, não! — retorquiu, rindo, o jovem.

— E diz o senhor isso a sério?

— Mas tem vontade, senhora, de que eu rache a cabeça?

— Pois monte o senhor, imediatamente, no meu cavalo. Não tenha nenhum receio. É manso como um cordeirinho. Não esperemos mais. Tem

já sela para cavaleiro. Eu vou experimentar o seu potro. Não é possível que Tancredo seja tão descortês.

Dito e feito. A ruiva saltou da sua sela e, antes de acabar a frase, já estava em terra, diante de nós.

— Oh! Não conhece a senhora o meu Tancredo quando imagina que o vai montar uma dama! Além de que eu nem mesmo posso consentir, que a senhora esmague a cabeça... o que seria deveras lamentável! — respondeu o nosso anfitrião, com a sua afetada galantearia habitual, que ele julgava ser, unida à sua rudeza, quando não a certa irritante bruteza de «casca-grossa», a característica do velho soldado simultaneamente «bom-rapaz», preocupado em agradar às senhoras como ele supunha agradar-lhes. Era esta uma das suas manias, que ninguém ignorava.

— Vamos, homem; e tu, meu tagarela... não te atreves? Com as ganas que tinhas de vir connosco!... — exclamou de repente a ruiva, encarando comigo e indicando-me Tancredo.

É claro que não pensava fazer-me a sério a sua proposta. Falava assim para não voltar à sua dócil montada. Depois de ter-se apeado inutilmente, da sua cavalgadura, queria «castigar-me» por haver tido a ousadia de comparecer na sua presença. E prosseguiu:

— Tu não és, com certeza, como... Bom! Para quê citar nomes? Como um herói que todos conhecemos... e terás vergonha de mostrar pouco valor, sobretudo diante de tanta gente, lindo pajem! — concluiu, escarninha, lançando um ligeiro olhar a Madame M., cuja carruagem estava parada junto à escadaria.

Eu tinha o coração cheio de ódio e de desejos de vingança desde que ela, com a intenção de trocar a sua montada por Tancredo, se aproximara de nós... Porém, como poderia eu exprimir o que, ante aquele súbito convite, senti? Turvou-se-me a vista ao reparar no olhar dirigido pela ruiva a Madame M. Como um relâmpago, cruzou-me pela imaginação a ideia... Sim, num segundo, numa fração de segundo, já a ideia se convertera em vontade... Aquela olhadela de desdenhosa malícia fez em mim o efeito de uma faísca num paiol... Pode ser, também, que a medida estivesse tão cheia que aquela última gota, como um golpe, me fez voltar a ser o que era. Tudo se sublevou em mim, fazendo que, com uma só façanha, quisesse esmagar todos os meus inimigos e vingar-me deles, diante dos presentes, demonstrando-lhes que espécie de herói eu era! Não sei, realmente, se naquele instante delirei na ânsia da glória ou se, como

creio, não pensei nem senti naquela ocasião outra coisa a não ser que a minha última hora havia soado. Deixou de latejar-me o coração, e depois retrocedi um bom pedaço, baixei de um salto a escadaria e fui colocar-me junto ao potro...

— Ah! Julga, por acaso, que tenho medo? — exclamei, cheio de brios e orgulho, preso de uma emoção que me transtornava os sentidos e fazia afluir o sangue ao rosto. — Pois vai a senhora ver!...

E antes que alguém pudesse deter-me, já eu tinha uma mão nas crinas de Tancredo e um pé no estribo. Tancredo encabritou-se, respingou selvaticamente a cabeça, desprendeu-se com brusco ímpeto dos palafreneiros, e afastou-se, precipitadamente, do pátio... Um grito de horror escapou-se, unânime, dos espectadores.

Deus sabe como eu pude atinar, em meio daquela carreira louca, com o outro estribo, nem tão pouco compreendo como não soltei as rédeas. Tancredo voou *só* comigo pela cancela aberta e torceu à direita. Com o pescoço estendido e alto, marchou às cegas pela orla da quinta. Naquele instante, ouvi pelas minhas costas o clamor de cinquenta vozes, e essa gritaria despertou no meu coração tanta alegria e tanto orgulho que nunca, desde então, me foi possível esquecer o heroísmo insensato da minha infância. O sangue subiu-me à cabeça e atordoou-me, sufocando a minha angústia. Eu não tinha consciência de mim mesmo. Quanto ao resto, quando o recordo, convenço-me de que tinha verdadeiramente algo de cavalheiresco.

Mas as minhas cavalarias começaram e terminaram no espaço de um minuto escasso... De outra sorte, eu teria terminado ali mesmo como cavaleiro. E, ainda assim, devo a minha salvação a um milagre. Eu sabia montar, sim, mas a minha égua, habitual assemelhava-se mais a um cordeiro do que a outra coisa. Inútil é dizer que Tancredo me haveria cuspido da sela se houvesse tido tempo para tal. Mas no fim da cerca do pátio assustou-o uma grande pedra atravessada no caminho. Encabritou-se, e deu um salto tão tremendo que ainda é para mim um mistério como não caí da sela e rodei como uma bola durante umas três braças, para finalmente ficar ali despedaçado. Tão pouco compreendo como Tancredo não partiu, muito simplesmente, o espinhaço, naquela brusca volta. Dirigiu-se, porém, violentamente, para a cerca, num rude retrocesso, moveu, com impetuosidade selvagem, a cabeça, alçou as patas dianteiras e pareceu dar a entender, com os seus saltos e curvetas, não desejar outra

coisa que cuspir-me da sela, como se eu fosse um tigre que lhe tivesse saltado aos lombos e cravado na carne as garras e os dentes.

Um momento mais e eu voaria pelos ares... Mas já vários cavaleiros acudiam em meu auxílio. Dois deles cortaram o passo ao cavalo, enquanto outros dois o apertaram tanto com as suas montadas que quase me quebraram as pernas. Tancredo, porém, ficou fortemente colhido pelas rédeas. Poucos instantes depois, já estávamos novamente junto da escadaria do palácio.

Desmontaram-me da sela, pálido e com todo o corpo a tremer. Tancredo ficou imóvel, com as pernas trementes, o focinho palpitante e sangrento, e a respiração arfante. Tremiam-lhe, também, todos os nervos, de raiva e rebeldia ante a insolência impune de um menino que tamanha afronta lhe infligira. Em torno de mim, continuavam a ouvir-se vozes de angústia e espanto, ao mesmo tempo que de admiração.

Naquele momento, encontrou-se o meu olhar com o de Madame M., que estava pálida e comovida, e — nunca olvidarei aquele instante — senti-me escarlate como a papoila. Não sei o que passou por mim; porém, transtornado e intimidado por uma sensação nova, fixei, envergonhado, os olhos no solo. Mas todos colheram aquele meu olhar, e apanharam-no, e roubaram-no também. Todos os olhares se voltaram para Madame M., e ao ver-se esta, de repente, objeto da curiosidade geral, alvoroçou-se também e ruborizou-se como uma criança, por efeito, quiçá, de uma sensação que contra sua vontade a subjugava, apesar de se sentir plenamente inocente. E, no meio do seu alvoroço, esforçou-se por sorrir... O que não serviu para ocultar-lhe a vergonha.

Tudo isto deveria, naturalmente, parecer muito grotesco a um observador imparcial. A mim, porém, produziu-me um novo ataque, sumamente ingénuo e inesperado, de timidez ante as risadas gerais que me mostravam sob uma luz estranha a todo o episódio. A ruiva, que me havia convidado a realizar aquele ato temerário, e que, até então, fora sempre minha irreconciliável inimiga, correu de repente para mim, apertou-me nos braços e cobriu-me de beijos. Não acreditara no que ouvira quando aceitei o seu repto e recolhi a luva que ela me arrojara para atingir Madame M. E, ao ver-me abalar em cima do Tancredo, pouco faltara para desmaiar, assustada e arrependida. Agora, porém, que tudo havia passado, ao notar, como os outros, o meu olhar para Madame M., e ao reparar, simultaneamente, na minha emoção e rubor súbitos — agora que podia dar

ao incidente uma significação romântica em outro sentido — acometia-a tal entusiasmo pela minha «cavalheiresca proeza», que correu para mim e estreitou-me nos seus braços, comovida, orgulhosa e entusiasmada. Um momento depois, voltou-se, rápida, encarou com os demais que nos rodeavam, e, com semblante muito sério, mas que deixava transluzir não pouco de ingénua ufania, com duas cristalinas lágrimas pendentes das pestanas e com uma voz tão grave e sufocada como eu nunca lhe ouvira, exclamou:

— Mas, isto é muito sério, senhores! Não deveis rir mais!

E apontou para mim, sem reparar em que todos estavam enfeitiçados diante dela e que somente a ela contemplavam. Aquele seu rápido e inesperado arranque, o seu rosto sério e amoroso, a sua ingenuidade cordial, e as suas lágrimas sinceras naqueles olhos eternamente risonhos... tudo aquilo pareceu a todos os presentes um tão inesperado prodígio que a olhavam de cima a baixo, como paralisados pelo sortilégio da sua apaixonada ternura, do seu olhar e da sua voz. Ninguém podia afastar dela os olhos, tão formosa estava com a sua emoção e o seu entusiasmo. Até o nosso velho anfitrião se pôs encarnado como uma melancia. E, conforme se afirmava mais tarde, parece ter dito que, para vergonha sua, confessava que, pelo menos durante momentos, estivera enamorada do seu lindo hóspede. É que eu, agora, era um cavaleiro antigo, um herói!

Muitos aplaudiram.

— Para que se veja o que é a nova geração! — observou o dono da casa.

— Agora, porém, tem que vir connosco. Não há outro remédio! — apressou-se a exclamar a ruiva — Temos que dar-lhe lugar. Ou, se não o há, que monte comigo no meu cavalo. Vai no meu regaço!... Ah! Não! Não! Isso não está bem — interrompeu-se, rindo, sem poder conter as gargalhadas, ante a recordação de nosso primeiro conhecimento. Mas, enquanto ria acariciava-me ternamente a mão, visivelmente desejosa de ganhar a minha amizade e de me fazer esquecer a sua ofensa.

— É verdade! Não há outro remédio! Conquistou um lugar! — exclamaram várias vozes.

Num instante, tudo ficou arranjado. Aquela mesma solteirona, que me fizera conhecer a sua linda amiguinha, viu-se tão assediada com rogos por vários jovens, para que me cedesse o seu lugar na carruagem, que ficou ela em casa, a substituir-me. A despeito da sua contrariedade, não restava à

pobre outro remédio que aceder a esses pedidos. E, com um azedo sorriso, apeou-se do trem, embora por dentro se consumisse de raiva. A sua protetora, minha inimiga de antes e minha grande amiga de agora, gritou-lhe, ao passar a seu lado, e sorrindo como uma garota, que tinha inveja por ela ficar em casa, porque o céu ameaçava muita chuva e não tardaríamos a voltar feitos numa sopa.

A sua profecia cumpriu-se, efetivamente. Uma hora decorrida, surpreendeu-nos um aguaceiro e tivemos de abrigar-nos nas casas de uns lavradores, onde nos mantivemos durante algumas horas. Aí pelas dez horas pudemos já iniciar o regresso, com um ar húmido e fresco. Pouco antes disso, Madame M. acercou-se de mim e perguntou-me porque não vestira para a excursão nada mais que a minha ligeira blusa de marinheiro. Eu respondi-lhe que não tivera tempo para pôr a capa. Ela, então, com um alfinete prendeu-me o colarinho para cima, tirou o lenço de seda e deu-lhe um rápido nó. Foi tão rápida, que nem sequer tive tempo de lhe agradecer.

Logo que chegámos a casa, procurei-a e encontrei-a, finalmente, num pequeno salão, a conversar com a ruiva e com o amável jovem que comprometera, naquele dia, a sua reputação de bom cavaleiro, não se atrevendo a montar Tancredo. Aproximei-me de Madame M., agradeci-lhe e devolvi o lencinho. Em seguida, senti vergonha do que passara durante a tarde, e quis deitar a correr, subir ao meu quarto e ali, deitado no meu leito, com toda a tranquilidade e calma, refletir sobre um sentimento que, naquele momento, nem eu mesmo sabia o que fosse, e formar desse sentimento uma ideia clara. Tão cheio estava de novas impressões que, ao devolver-lhe o lencinho, senti, naturalmente, que me punha vermelho até às orelhas.

— Aposto qualquer coisa em como o frangainho quereria conservá-lo como recordação! — observou o jovem sorridente. — Nos olhos nota-se a dor que lhe custa separar-se dele...

— Claro! É claro — interrompeu a ruiva. — Ora o fedelho!... O meio-homem!... — disse, ainda a fingir-se muito zangada comigo e movendo repreensivamente a loura cabecinha. Mas imediatamente se calou ao ver Madame Aí., cujo grave olhar lhe rogava que não renovasse as suas loucas brincadeiras comigo.

Eu retirei-me, mas a ruiva logo me seguiu:

— Aonde vais a correr dessa maneira? Isso não é maneira de te despedires! — e, enquanto falava, apanhou-me no quarto contíguo,

agarrando-me afetuosamente as mãos. — Se tanto empenho tinhas em conservar o lencinho, não devias devolvê-lo. Terias dito que o havias perdido em qualquer sítio e tudo terminaria. Não compreendes? És um parvalhote!...

Deu-me um ligeiro piparote com os dedos e pôs-se a rir de novo, ao notar o meu rubor.

— Bem. Agora, já somos bons amigos, não é verdade? Terminou a nossa guerra! Diz: «sim» ou «não»...

Eu não pude deixar de rir e, sem dizer palavra, apertei-lhe a mão.

— Está bem assim? Mas... porque te pões tão pálido e porque tremes? Apanhaste algum resfriamento?

— Sim. Não me sinto muito bem.

— Ah! Pobrezinho! Isso é efeito da emoção! Sabes uma coisa? Vais meter-te, agora mesmo, na cama. Não venhas cear. E, se puderes dormir bem a noite, verás como te passa tudo. Anda, marcha!

Conduziu-me para cima, e tudo lhe parecia pouco para me demonstrar o seu carinho. Enquanto me deixou um momento para me despir, foi a baixo, à cozinha, e trouxe-me uma chávena de chá quente que eu bebi já metido na cama. Baixou outra vez e trouxe-me outro cobertor quente e, com ele, cobriu-me carinhosamente. As suas maternais atenções espantavam-me e comoviam-me bastante... embora, talvez, sucedesse que os meus nervos, excitados por tantas peripécias, se tivessem tornado mais sensíveis com a febre. De repente, apertei-a, nos meus braços, como à mulher e à mais querida das amiguinhas; e, de um só golpe, caíram sobre o meu cansado coração todas as impressões daquela tarde.

Quase desafoguei em pranto e apertei-me fortemente contra o seu peito. Ela adivinhou a minha avassaladora emoção e creio mesmo que se comoveu.

— És um bom rapazinho... — murmurou aos meus ouvidos. — De maneira que não me deves guardar rancor. Não é verdade que já não estás zangado comigo? — concluiu, fitando-me com plácidos olhos.

Em suma: a partir desse dia, uniu-nos a mais fiel e terna amizade.

No dia seguinte, pela manhã, acordei muito cedo, mas o sol enchia já o meu quarto com a sua dourada luz. Saltei feliz e contente da cama, sem sentir os menores vestígios do resfriamento da véspera. Em vez do peso que sempre deixa esse terrível mal-estar, senti uma alegria infinita, inexplicável. Pensei nos acontecimentos do dia e da noite anteriores; e não

sei quanto teria dado para, naquele mesmo instante, ter ali a minha nova amiguinha, a linda ruiva, para me apertar de novo nos seus braços.

Mas ainda era muito cedo. Todos estavam a dormir, certamente. Vesti-me, no entanto, à pressa, baixei ao jardim e, dali, cortei direito ao bosque. Segui a direção em que o nevoeiro era mais denso, mais resinosos os fortes troncos ressumantes de seiva, e mais dificilmente conseguiam os raios do sol romper a luxuriante e sombria folhagem. A manhã estava encantadora!

Caminhei sempre, internando-me cada vez mais no bosque, até sair, finalmente, no ponto oposto, junto à ravina por onde bordejava o rio. O Moskova, ali, não está separado duzentos passos da orla do bosque. Na outra margem do rio, segavam feno. Eu parei. De longe, contemplei a rústica tarefa. Regressei ao bosque e, poucos passos andados, ouvi vozes que ecoavam, baixas, mas nítidas, no silêncio. Acerquei-me mais, apartei os últimos ramos de arbustos e... retrocedi assustado. Por entre a ramagem, vira reluzir um trajo branco; e uma suave voz de mulher ferira os meus ouvidos e fizera palpitar o meu coração. Era Madame M. Estava junto a um cavaleiro, que lhe falava do alto da sua montada e que, com grande assombro meu, na antevéspera nos deixara acompanhado de todas as senhoras e, também, do senhor de M. Correra, porém, a notícia, de ter ido para muito longe dali, lá para os confins do sul da Rússia. Tornava-se, pois, muito natural e muito explicável a minha estupefação ao vê-lo, de novo, ali mesmo, tão cedo, e sozinho com Madame M.!

Ela parecia muito chorosa e excitada; eu porém, jamais a vira tão formosa. O jovem erguera-lhe a mão e, debruçando-se da sela, beijara-a, respeitosamente. Julgo que os surpreendi, involuntariamente, ao despedirem-se. Creio que tinham pressa. Por último, ele tirou da algibeira do casaco uma carta, entregou-a a Madame M., apertou-a pelo pescoço com um braço, voltou a inclinar-se na sela e deu-lhe um beijo forte e demorado. Um momento depois, fez estalar o chicote e afastou-se a galope. Ela permaneceu, todavia, um momento a segui-lo com o olhar, depois voltou-se e empreendeu, lentamente, o regresso à quinta. Poucos passos dera e, de repente, pareceu despertar de um sonho... Afastou rapidamente os arbustos junto à guarita do guarda-caça e começou a andar pelo centro do bosque.

Eu seguia-a, surpreendido e transtornado pelo que acabara de ver. Palpitava-me, fortemente, o coração, como depois de um grande susto. E,

no entanto, sentia-me entontecido, aparvalhado. Os meus pensamentos dispersavam-se sem que os pudesse reencontrar; mas recordo que estava profundamente triste. De quando em quando via rebrilhar o seu trajo branco por entre a verdura. Eu seguia-a completamente sem vontade, de um modo quase maquinal e somente tinha um pensamento: não a perder de vista e procurar que ela não me visse. Por fim, saltou do caminho que do bosque conduzia ao jardim. Aguardei um momento e, pouco depois, com a maior naturalidade, reentrei no jardim. No mesmo instante, divisei, sobre a greda amarelenta da vereda, uma carta que reconheci ao primeiro olhar: era a que N. entregara a Madame M. dez minutos antes.

Recolhia-a do solo. Contemplei-a por todos os lados: era um vulgar sobrescrito branco, sem direção, sem nada escrito, de tamanho não muito grande, mas grosso e volumoso. Devia pelo menos conter três folhas de papel de carta.

Que haveria naquele sobrescrito? Talvez um grave segredo! Por ventura, na carta que ia dentro, explicaria N. a Madame M. quanto não se atrevera a dizer-lhe, minutos antes, no decorrer da sua breve conversa. Pelo visto, nem sequer chegara a apear-se do cavalo... Ou não teve tempo para mais, ou temeu, possivelmente, não poder manter-se fiel à sua palavra prolongando, a despedida... Sabe-se lá!...

Detive-me, coloquei a carta no solo, no sítio mais visível, e escondi-me detrás de uma árvore. Dali poderia vê-la muito bem, pois pensava que Madame M. não tardaria em notar a sua perda, voltando então para pesquisar o caminho percorrido até ao bosque. Mas não me foi possível aguentar muito tempo à espera; voltei a recolher do chão a missiva, guardei-a na algibeira e corri atrás da dama. Esta havia chegado já ao jardim e ia pela grande avenida que conduzia diretamente à quinta, caminhando com passo rápido, mas com a cabeça baixa. Eu não sabia que fazer. Alcançá-la e entregar-lhe a carta? Isso seria tanto como dar-lhe a entender que tudo sabia e tudo havia visto. Como, depois disso, poderia voltar a fitar-lhe o rosto? E que pensaria ela de mim?

Continuava a esperar que ela saísse da sua concentração, se recordasse da carta e notasse que a perdera. Nesse caso, deixá-la-ia cair discretamente no chão a fim de a encontrar. Mas não. Ela, pelo visto, em tudo pensava menos na carta. Estava já a dois passos da quinta, e do terraço tinham-na visto. Aquela manhã haviam madrugado todos, pois na véspera, depois de

malograda a excursão, combinara-se um novo passeio — o que eu naturalmente ignorava.

De maneira que todos estavam preparados para a partida, e tomavam o pequeno-almoço, no terraço. Esperei dez largos minutos, para que me não vissem chegar do jardim com Madame M.; dei uma volta e cheguei a casa pelo lado oposto. Vi, então, que ela ia e vinha pelo terraço, inquieta, pálida e excitada; tudo indicava claramente que se continha ao máximo para não denunciar a sua agitação e angústia; porém, apesar de tantos esforços, deixavam transluzir os seus olhos, bem como o seu cambaleante ir e vir, ou qualquer dos seus movimentos, tanta dor e tanta pena, que não podiam deixar de chocar quem a observasse. Voltou a descer a escadaria e andou alguns passos pelo jardim. Os seus olhos buscavam afanosamente o caminho percorrido minutos antes, e até, sem cautela nem discrição alguma, na greda e no pavimento do terraço. Finalmente, dera-se conta da perda da carta e temia que essa perda se tivesse dado nas imediações da casa. Sim, estava convencida de que assim acontecera.

Alguém a observou, e logo todos repetiram que parecia pálida e nervosa. Seguiram-se perguntas sobre a sua saúde e conselhos aborrecidos. Devia serenar-se, brincar, rir, fazer uma cara mais alegre. De quando em quando, ela fixava o olhar no marido, que estava no outro extremo do terraço, conversando com duas senhoras, e logo a pobre voltava a estremecer estrangulando-a o mesmo grande abatimento da tarde, em que, inesperadamente, se apresentou o marido. Eu estava de pé, com a carta na algibeira, e tinha-a convulsivamente apertado entre os dedos. Apartara-me um pouco dos outros convivas e pedia a Deus que ela reparasse, finalmente, em mim. Desejava tranquilizá-la, consolá-la, embora somente com um olhar e, a ser possível, dizer-lhe duas palavras ao ouvido. Mas quando, casualmente, se fixou em mim, eu estremeci e baixei o olhar.

Presenciava a sua tortura e não me enganava na minha suposição. Ainda hoje estou tão inteirado como então do seu segredo, do qual só sei o que acabo de dizer. É possível, porém, que as suas relações com N. não fossem da índole que à primeira vista se possa pensar. Talvez aquele beijo fosse um último beijo de despedida, galardão devido por um sacrifício que ele fizesse em favor da sua tranquilidade e da sua honra.

Ele abandonava-a. Ia-se, não se sabe para onde, expatriava-se, talvez por toda a vida, para a não ver mais. E, por último, aquela carta que eu apertava convulsivamente... quem sabe o que conteria?... Quem poderia

julgar o assunto? Indubitavelmente, a súbita revelação do seu mistério teria sido para ela um golpe terrível, fatal. Ainda vejo diante de mim o seu rosto, conforme ia e vinha pelo terraço. Não, não podia sofrer mais! Sentir, saber, estar convencida e aguardar como que a sua execução; que dali a um quarto de hora, ou talvez dentro de um minuto apenas, seria pasto da curiosidade pública... porque, a cada momento, alguém podia encontrar a carta! Esta não tinha direção. Qualquer pessoa podia abri-la e, então... que se passaria?... Poderia aguardá-la suplício mais terrível?... Ia e vinha, agora, por entre os seus futuros juízes. Dentro de um minuto, todas aquelas caras risonhas e lisonjeadoras, tornar-se-iam severas e de aspeto implacável: zombaria, indignação e frio desdém, ler-se-iam, nelas; e, para mais, uma sombra eterna e sem esperança abater-se-ia sobre a sua vida...

É certo que, então, eu não me dava tão clara conta de tudo isto como agora. Somente podia pressenti-lo e sentir compaixão, uma piedade profunda, indefinível, por aquela sua angústia, que nem sequer compreendia plenamente.

Quem, todavia, tivesse podido conhecer o seu segredo... naquela hora atribulada, da qual fui única testemunha e que jamais olvidarei, veria que ela espiara bastante, se é que tinha algo a espiar...

De repente, soou a alegre chamada que nos convidava a partir. Respondeu a ela uma alegre algaraviada e, entre risos e brincadeiras, levantaram-se todos. Poucos minutos depois, já não estava ninguém no terraço. Madame M. negou-se a tomar parte na excursão e acabou por confessar que não se sentia bem. Graças a Deus, porém, todos tiveram pressa em ir-se e ninguém pensou em voltar a importuná-la com perguntas ou conselhos. Tinham o tempo marcado. Somente alguns convidados ficaram em casa. O marido aproximou-se dela e disse-lhe não sei que banalidades. Ela respondeu que não tardaria em passar-lhe a indisposição, que não se inquietasse. Não queria ir para a cama. Preferia dar um passeio pelo jardim. Ela, sozinha, ou... comigo! Ao dizer isto, olhou-me. Eu fiquei escarlate de alegria. Era aquela a melhor ocasião que se poderia oferecer-me. Um momento depois, íamos os dois pelo caminho adiante.

Seguia ela o mesmo caminho por onde viera. Involuntariamente, esquadrinhava cada avenida do jardim, cada volta, cada vereda; caminhava sem levantar os olhos do chão, sem fazer caso de mim... É possível que se tivesse esquecido de que eu ia em sua companhia.

Ao chegar à orla do bosque, onde eu encontrara a carta e onde acabava o caminho de greda, parou, de repente, cansada, e disse, com uma voz que me partiu a alma, tão triste e desesperada soava, que se sentia mal e queria voltar. Mas ainda mal tínhamos chegado de novo ao jardim, quando voltou a parar e ficou com o olhar perdido no vazio. Triste e doloroso sorriso lhe crispou os lábios, e, como fatigada por um esgotamento completo, disposta a tudo quanto pudesse cair sobre ela, encaminhou-se, outra vez silenciosamente, para o bosque, sem me dirigir uma só palavra nem reparar tão pouco na minha presença...

Tive, de repente, uma feliz ideia; havia encontrado o meio de a salvar sem ela perceber.

— Vou cortar-lhe umas flores... Não gosta delas? — perguntei-lhe com uma voz tão alegre que ela levantou os olhos e fitou-me.

Rapidamente fiz um grande ramo, que rodeei de ervas finas e cheirosas, pondo, entre as melhores a carta. Mas ela olhou tão distraída as flores que até parecia esquecida de que eu as reunira para sua exclusiva homenagem. Levantou maquinalmente a mão, tomou o ramo e colocou-o ao lado. E voltou a ler o livro que a acompanhava nos seus passeios. Fingi dormir. Apareceu uma borboleta e um besouro. Eu continuava a dormir como um selvagem. Então, Madame M. agitou o ramo para me defender e, com grande assombro seu, saltou a carta que logo reconheceu e abriu. Leu e releu. Por fim, dissimuladamente, abri os olhos. Ela lia a carta, e as suas róseas faces e brilhantes olhos estavam húmidos de lágrimas; finalmente, ao concluir, na doce harmonia do seu semblante vi que regressava à vida.

De repente, ouvi chamar. E, não longe de nós, soaram vozes:

— Madame M.! Natália! Natália!

Ela não respondeu. Aproximou-se de mim, porém, e senti lágrimas ardentes e um beijo de doce gratidão na minha mão. Depois, beijou-a novamente.

— Natália! Natália! Onde estás?

— Já vou! — respondeu Madame M., com a voz suave, que o pranto tanto quebrantara, e que só eu ouvi.

Deixara o seu lencinho de seda sobre o meu rosto. Beijos sem conta lhe dei, louco de alegria. Naquele instante, terminou a minha infância.

Quando, duas horas depois, voltei a casa, já Madame M. não estava entre os convidados. Acompanhada do marido, partira para Moscovo, onde

os chamara, segundo diziam, uma notícia inesperada. Desde então, nunca mais voltei a vê-la.